5 CRUZEIROS
Nº ZERO

REPORTER

AUTONOMO INDEPENDENTE
Rio de Janeiro, novembro de 77

563/3

A ANISTIA CHEGOU AO BRASIL

THOMAS HAMMARBERG

REPÓRTER DA RÁDIO SUECA E PRESIDENTE REELEITO DO COMITE-EXECUTIVO DA ANISTIA INTERNACIONAL, FALOU COM EXCLUSIVIDADE PARA O REPÓRTER: "DURANTE MUITOS ANOS O GOVERNO BRASILEIRO RECUSOU NOSSAS MISSÕES OFICIAIS. EU ACHO QUE AGORA ELE NÃO PODE MAIS RECUSAR." PÁGINAS 5, 6 E 7

E MAIS:

O último adotado da Anistia está solto. Página 7

A greve de fome dos presos políticos. Página central

Dr Augusto Thompson e a versão oficial. Página central.

Teca e Ricardo, a "nova canção do exílio". Página 14

TRISTÃO DE ATHAYDE: "Estruturar uma Constituinte na base da prorrogação de mandatos é legalizar por meios indecentes e imorais a ilegalidade". Para o Dr. Alceu é preciso primeiro resolver o problema da greve de fome dos presos políticos, suspender a censura e convocar eleições livres.

Páginas 10 e 11

REPORTER

Lauda

A GERAÇÃO DO MEDO

Nós somos uma geração de jornalistas [redacted] formados no AI-5, na paranóia. Nós somos o medo. Ele [redacted] escorre por cada linha que escrevemos. E mancha o papel de / vergonha. Nosso jeito de escrever foi moldado pela grande imprensa - pela autocensura. Nosso trabalho raras vezes tinha um sentido social. Tinha apenas um sentido / prático: sobreviver, de medo. Não [redacted] devemos acusar ninguém [redacted] pelo que não dissemos: com raras exceções, devemos acusar nós mesmos.

Esse número zero do REPORTER poderia ter sido muito melhor. Muito mais verdadeiro. Mas não foi possível: tivemos medo. E só por isso compreendemos aqueles que se recusaram a colaborar. Ou até mesmo falar. São nossos companheiros no medo que sufoca este país.

REPÓRTER

REPÓRTER — autônomo independente
Uma publicação independente da Grafe Editora e Propaganda Ltda.
Administração e Redação
Rua Dezenove de Fevereiro, 65
Botafogo — Rio — Tel.: 286-5099

EDITORES: Chico Júnior, João Sant'anna, Luiz Augusto Gollo, Toninho Martins Vaz

REDAÇÃO E COLABORAÇÃO:
Marcia Capella,
Cleber Cruz,
Sérgio Sbragia,
Elvira Vigna,
Helio Paixão,
Pedro Motta,
Edgar do Lago,
Cláudia Moniz Freire,
Valber Martins dos Santos (composição).

Os textos assinados não refletem necessariamente a opinião do jornal, sendo de responsabilidade dos autores

Composto na Grafe Editora e Propaganda Ltda.
Impresso na Gráfica Editora Jornal do Comércio
Rua do Livramento, 189 — Rio de Janeiro (RJ).

AMNESTY

amnesty international

1977 Année du Prisonnier d'Opinion
Campagne mondiale pour les Droits de l'Homme, contre la répression politique, contre la torture

A sede francesa da Anistia Internacional está instalada no quarto aindar de um pequeno prédio em obras, bem perto de Saint Germain de Prés.

Não tem elevador, como muitos edifícios antigos de Paris. Alguns dias depois da notícia que a Anistia tinha recebido o seu segundo prêmio Nobel da Paz, fui lá bater um papo, ver de perto o pessoal que tanto batalha pelos Direitos Humanos no mundo.

A senhora que me recebeu, porém, não pôde falar muito. Não que ela não quisesse, mas é que naqueles dias o movimento na Anistia era grande e de cinco em cinco minutos chegava uma pessoa querendo informações, perguntando como é que podia se tornar membro da organização ou, simplesmente, ajudá-la.

Enquanto ela falava com um e com outro eu olhava com carinho a grande estante com os vários relatórios sobre o que acontece em muitos países: Uruguai, Argentina, União Soviética, Brasil, Chile, Somália, Indonésia, Síria, Tanzânia, Rodésia, África do Sul, por aí.

Mas na rápida conversa que tive com a irriquieta senhora, deu para entender os pontos básicos e o que pretende a Anistia.

— Nós temos três metas básicas — disse. Libertação incondicional de todos os prisioneiros de opinião;
abolição da tortura; abolição da pena de morte.

Utopia? Sartre, uma vez, recusou o Prêmio Nobel de Literatura, dizendo que não significava absolutamente nada. É possível que a Anistia jamais consiga acabar com a tortura e a pena de morte no mundo, mas a verdade é que ela vem conseguindo coisas incríveis, liberando presos em todo o mundo, denunciando, "picando os governos devagarinho", como informou a senhora francesa. E, no caso da Anistia, não podemos dizer que o reconhecimento da Academia Sueca não tenha nenhum valor. Com vocês, a Anistia Internacional, quem é ela, o que ela faz.

A História

A origem da Anistia Internacional é conseqüência direta da publicação de um artigo no jornal inglês **The Observer**, de 28 de maio de 1961, que dava um panorama sobre o número crescente de pessoas presas, em muitos lugares do mundo, unicamente devido às suas idéias, raça ou crença. O simples fato de os governos acusarem essas pessoas de cometerem delitos criminais, camuflando suas motivações políticas, mostrava bem que os sistemas eram sensíveis à opinião pública. Apesar da existência da Organização das Nações Unidas e da Declaração Universal dos Direitos do Homem, não se fazia muita coisa pelos prisioneiros, em virtude da impossibilidade de intervenção, ignorância completa dos casos ou apenas falta de informação.

Considerando tudo isto, uma dezena de pessoas, lideradas pelos advogados Peter Benenson e Sean Mac Bride (1), decidiram fazer alguma coisa em favor dos presos políticos do mundo ou, como prefere a Anistia, pelos Prisioneiros de Opinião. E naquele mesmo ano foi criado um escritório em Londres com a finalidade de recolher o maior número possível de informações sobre os prisioneiros de opinião.

Atualmente, a Anistia conta com mais de 100 mil membros em 78 países. É reconhecida e serve como fonte de consultas da ONU, UNESCO, Conselho da Europa, Comissão Inter-americana dos Direitos do Homem, Organização dos Estados Americanos e Organização de Unidade Africana. A sede do Secretariado Internacional é em Londres, mas a Anistia é dividida em Seções Nacionais, cada uma com uma Comissão Executiva. Além disso, existem os grupos filiados, associações membros e membros individuais. Além dos 100 mil membros individuais, a Anistia tem como filiados 1 mil 665 grupos em 30 países.

Em 16 anos, a Anistia já conseguiu libertar cerca de nove mil presos políticos, com uma média de campanha anual de quatro mil casos. Nem em todos os casos, porém, as campanhas são de libertação, processo considerado muito delicado, mas de melhora nas condições de prisão, obtenção de processos legais, etc. Além disso, o movimento se preocupa em ajudar as famílias dos presos e apoiar, de diversas maneiras, os inúmeros refugiados e exilados.

Agradecimentos à Anistia são inúmeros, principalmente dos prisioneiros adotados e que são liberados. Gente de todo lugar. Recentemente, a Anistia publicou um jornal de quatro páginas, onde explica seus objetivos, sua ação e publica as fotos e um pequeno dossier de oito casos importantes de adoção: a espanhola Maria Angeles Barroso Pena, o tcheco Dr. Jaroslav Studeny (padre e teólogo), o tanzanês Ali Barnani, o chileno Daniel Vergara Bustos (Secretário de Estado no Governo de Salvador Allende e membro do Partido Comunista do Chile), a indonésia Nurtjahja Murad (professora), o russo Dr. Myoka Griogorjewitsch Plakhotnjuk, o rodesiano Dr. Edson Sithole, e o brasileiro Manoel da Conceição.

Conceição, líder sindical agrário, foi preso pela primeira vez em 1968 e depois em 1972. Adotado pela Anistia, foi libertado em abril de 1975 e hoje vive exilado na Europa. Nem todos os adotados, porém, ainda foram libertados.

Os objetivos da Anistia

1. Deixando de lado toda e qualquer consideração política, agir para conseguir a liberação e para assistir às pessoas encarceradas simplesmentes pelas suas convicções políticas ou religiosas ou ainda devido à sua origem étnica ou cor, desde que elas não tenham sido autores ou instigadores de atos de violência.
2. Opor-se, utilizando de todos os meios apropriados e legais, ao fato de que os prisioneiros de consciência sejam detidos depois de um procedimento que não represente todas as garantias exigidas por um processo legal.
3. Opor-se, por todos os meios legais e apropriados, à aplicação da tortura e de outras penas e tratamentos crueis, inumanos ou degradantes a todos os prisioneiros, tenham eles usado ou não a violência. Para isto, a Anistia Internacional se apóia num texto internacional adotado: as Regras Mínimas, que devem ser observadas no tratamento de qualquer presidiário.
4. A abolição da Pena de Morte em todos os países onde ela ainda está em vigor.

Princípios de ação

1. **A Estrita Legalidade:** A Anistia Internacional emprega apenas meios legais.
2. **A Estrita Imparcialidade:** A Anistia Internacional não faz nenhum julgamento a qualquer sistema político, econômico ou social.
3. **O Internacionalismo:** A Anistia Internacional é essencialmente um movimento internacional. É dentro deste princípio e o da imparcialidade que se desenvolve o princípio de que os grupos da AI de um país não adota jamais prisioneiros dos seus próprios países.
4. **Personalização da ação:** é a originalidade maior do movimento e o que faz a sua força. Ela não luta no abstrato. Trata-se de uma associação de pessoas que lutam para tirar prisão determinadas pessoas.

(1) Irlandês, ex-prisioneiro de opinião, ex-Ministro das Relações Exteriores do seu país, ex-Secretário Geral da Comissão Internacional dos Juristas, Presidente do Comitê Executivo da Anistia Internacional até 1974, Prêmio Nobel da Paz em 1974 devido "aos seus longos anos de esforços para instaurar e proteger os Direitos do Homem no mundo inteiro",

"Com eterna gratidão ao grupo berlinense da Anistia Internacional, pelas atenções que me dedicou, desde que a notícia da prisão foi divulgada por Le Monde. Aos seus abnegados componentes, que tudo fizeram para amenizar o impacto da adaptação forçada à realidade do exílio, dedico o presente trabalho" (Jornalista Artur José Poerner, na abertura do seu artigo-depoimento "Passagem de Ida e Volta", no livro Memórias do Exílio, publicado pela Editora Arcádia, de Lisboa).

COMO SE TORNAR MEMBRO DA ANISTIA INTERNACIONAL

Para se tornar membro da Anistia Internacional, as pessoas podem contribuir com uma "Cotização Normal," no valor de 100 francos (no caso da Seção Francesa, onde conseguimos as informações sobre adesões) ou com a "Cotização Reduzida", no valor de 25 francos. Existe, ainda, a "Cotização Doador", a partir de 125 francos. Além disso, você deve pagar 25 por ano para receber o Boletim Mensal da Anistia (editado na língua da Seção Nacional para a qual mandou-se o pedido de adesão).

Mande uma carta (pode ser em português) para uma das seções da Anistia, dando seu nome, endereço, telefone e profissão. Depois, vá a um banco e faça uma ordem de pagamento em favor da Anistia Internacional. Pode ser, também, um cheque bancário ou cheque postal.

Os endereços que temos da Anistia são os seguintes:

Amnesty International
10 Southampton Street
London WC2 E7 HF
England

Amnesty International
Section Française
18, rue de Varenne
75007 Paris

Os direitos do homem. Uma causa perdida?

"Cada dia em que você abre o seu jornal, você toma conhecimento que em alguma parte do mundo seres humanos são jogados na prisão, torturados ou mortos porque suas opiniões políticas ou religiosas não são as mesmas do seu governo.

Diante desta realidade, você pode ter um sentimento de mal estar e de impotência. E se a repugnância e a reprovação podem se transformar em uma ação comum, qualquer coisa de eficaz poderá ser feita".

Estes termos são hoje em dia de uma ação ardente... Há mais de 15 anos, o advogado britânico Peter Benenson lançava, pela primeira vez, este apelo. A Anistia Internacional estava fundada.

15 anos já e, no entanto, a Declaração Universal dos Direitos do Homem foi adotada há 30 anos, sem objeções, pela Assembléia Plena das Nações Unidas.

Três decênios depois da Declaração, 15 anos depois do apelo de Peter Benenson, façamos as contas: milhões de pessoas foram perseguidas, as vítimas das injustiças e de crueldades às vezes indiscritíveis não se conta e, hoje mesmo, a repressão política de diversos países é o método de governar.

A causa do Direitos do Homem é realmente uma causa perdida?

(ANISTIA INTERNACIONAL)

O ÚLTIMO ADOTADO

Cada Seção Nacional da Anistia "adota" mensalmente três prisioneiros de opinião, a partir do estudo de seus dossiers, fornecidos pelo Secretariado Internacional. Neste estudo, são levados em consideração as condições em que o preso vive atualmente, seu estado de saúde, o tempo de prisão, as alegações da prisão, as condições de vida da sua família, etc. Normalmente, são escolhidos um prisioneiro do Mundo Ocidental, um dos países do Leste e um do Terceiro mundo, regra que, nem sempre, é seguida à risca.

A partir do momento da adoção, a Anistia inicia um movimento que só terminará com a libertação do prisioneiro. Este movimento consiste em mandar cartas seguidas às embaixadas e aos presidentes das Repúblicas em questão, interferir diretamente junto aos governos, denunciar os acontecimentos através dos jornais do mundo inteiro, protestar junto aos representantes dos governos no exterior, pagar advogados, dar ajuda material e moral às famílias, manter contatos com a Igreja, os sindicatos, etc.

O último brasileiro adotado pela Seção Francesa da Anistia é Alércio Verzola, cujo dossier traduzimos do boletim mensal francês.

"Alércio Verzola, homem de negócios de 27 anos, originário de Florianópolis, no sul do Brasil, foi preso no dia 4 de novembro de 1975 por membros das forças de segurança. Durante o tempo que se seguiu à sua prisão, ele foi interrogado, torturado e obrigado a assinar um documento, já redigido, no qual reconhecia ter tentado organizar o Partido Comunista Brasileiro, organismo prosoviético proibido, que não apregoa a revolução pela violência.

Sabe-se que, entre outras torturas, Verzola foi submetido a choques elétricos e ao pau-de-arara (perchoir du perroquet), que consiste em suspender a vítima em uma barra de ferro pelos joelhos e cotovelos.

Depois de interrogado, Verzola foi transferido ao estabelecimento penitenciário do Estado de Santa Catarina, onde atualmente se encontra ainda em prisão preventiva, após mais de dois anos e meio, sem ter sido julgado.

Em razão das tentativas feitas pelo Movimento Democrático Brasileiro, único partido de oposição autorizado, para pedir reformas depois das vitórias que conseguiu nas eleições municipais de 1974, os militares da "linha dura", passaram a considerar que este organismo trabalhava de comum acordo com o PCB.

Verzola estava entre as mais de 35 pessoas presas em Santa Catarina no final de 1975 porque era suspeito de tentar a reorganização do PCB. Durante uma campanha intensiva contra este partido, mais de 1.500 pessoas foram presas no Brasil.

Um grande número de pessoas presas não ficaram detidas durante muito tempo. Outras foram julgadas ou liberadas. Algumas estão ainda em prisão preventiva, sem conseguir, porém, se apresentar diante de um tribunal, o que vai de encontro às disposições do código militar de procedimento penal, que fixa o tempo em que se deve desenrolar uma ação judiciária.

Para tentar obter uma melhora na sua situação jurídica, Verzola e dois outros prisioneiros políticos — Marcos Cardoso Filho e Roberto Coligni — fizeram uma greve de fome que começou em 18 de abril de 1977. Dez dias depois, quando seus estados de saúde eram considerados bastante graves, eles foram transferidos para o hospital militar ligado à prisão. Parlamentares e membros do MDB foram vê-los e constataram que recebiam um tratamento médico apropriado. Ao mesmo tempo, receberam dos prisioneiros a informação de que tinham sido torturados e que os procedimentos legais não tinham sido respeitados.

Os prisioneiros concordaram em terminar a greve de fome a partir do momento em que as autoridades lhes asseguraram que as reivindicações seriam estudadas.

O resultado da enquete oficial efetuada depois da greve de fome ainda não é conhecida, mas a situação de Verzola continua a mesma."

Campagne pour les prisonniers du mois

Il est rappelé aux participants à la campagne que les appels ne doivent être adressés qu'aux personnes nommées à la fin de l'exposé de chaque cas. Il ne faut en aucun cas adresser de communication à un prisonnier. Il importe, dans l'intérêt du prisonnier, que les messages adressés aux autorités soient rédigés avec soin et en termes courtois et qu'ils ne procèdent jamais d'un parti pris.

Mohammed Abshir MUSSE - *Somalie*

Mohammed Abshir MUSSE est détenu en Somalie depuis le 2 juin 1973 sans avoir jamais été inculpé ni jugé.

Au début de 1969, il avait démissionné de son poste de général de brigade commandant la police somalie pour protester contre les irrégularités électorales qui s'étaient produites, selon lui, à l'instigation du gouvernement civil du premier ministre Ibrahim Egal. Deux jours après la chute de ce gouvernement, renversé le 21 octobre 1969 par l'armée à l'issue d'un coup d'Etat sans effusion de sang, Mohammed Abshir Musse était arrêté, puis assigné à résidence pendant 4 ans sans jamais être inculpé d'aucun délit.

Après une courte période de liberté d'avril à juin 1973, il a été arrêté à nouveau et emprisonné en vertu de la loi de 1970 régissant la détention préventive. Son maintien en détention semble devoir être attribué au fait qu'il préférait notoirement un gouvernement démocratique à un gouvernement militaire. On ne peut lui imputer aucune participation à des activités politiques contre le régime militaire.

En mars 1977, d'après les renseignements disponibles, Mohammed Abshir Musse était détenu à la prison de Lanta Bur, à environ 50 km à l'ouest de la capitale, Mogadishu. Il n'est pratiquement autorisé à recevoir ni visites de sa famille ni correspondance. Les prisonniers politiques détenus à Lanta Bur ne sont pas soumis à des traitements brutaux, et il est rare que l'on signale des cas de torture en Somalie. Mais d'après des sources dignes de foi, les prisonniers sont virtuellement tenus au secret en réclusion, et il leur est interdit de parler entre eux. Il leur est permis de prier et de lire le Coran, mais aucune autre étude ni aucune activité récréative n'est autorisée. Les soins médicaux sont inadéquats et la santé de Mohammed Abshir Musse a commencé à se détériorer.

AI a appris récemment qu'il avait été emmené de la prison de Lanta Bur, mais on ne sait pas où il est actuellement détenu.

Ecrire en termes courtois à l'adresse suivante pour demander la libération de Mohammed Abshir Musse: Son Excellence Challe Mohammed Siyad Barre, Président de la République Démocratique Somalie et Monsieur le Secrétaire général du Parti socialiste révolutionnaire somali, Mogadishu, Somalie.

Alercio VERZOLA - *Brésil*

Alercio VERZOLA, homme d'affaires âgé de 27 ans, originaire de Florianopolis, dans le sud du Brésil, a été arrêté le 4 novembre 1975 par des membres des forces de sécurité. Pendant la période qui a suivi son arrestation, il a été interrogé, torturé et contraint de signer une déclaration rédigée à l'avance dans laquelle il reconnaissait avoir essayé de réorganiser le Partido Communista Brasileira (PCB, parti communiste brésilien), organisme prosoviétique interdit, qui ne préconise pas la révolution par la violence.

On sait qu'entre autres tortures, M. Verzola a été soumis à des chocs électriques et au *pau de arara* (perchoir du perroquet), qui consiste à suspendre la victime à une barre de fer par les genoux et les coudes.

Après interrogatoire, M. Verzola a été transféré à l'établissement pénitentiaire de l'Etat de Santa Catarina, où il se trouve toujours en détention préventive à l'heure actuelle, depuis plus de 2 ans et demi, sans avoir été traduit en jugement.

En raison des tentatives faites par le Movimento Democratico Brasileiro (MDB - Mouvement démocratique brésilien), seul parti d'opposition autorisé, pour amorcer des réformes après les victoires qu'il avait remportées aux élections municipales de 1974, les militaires de la «tendance dure» se sont mis à soupçonner cet organisme de travailler en collusion avec le PCB.

M. Verzola était parmi plus de 35 personnes arrêtées dans l'Etat de Santa Catarina vers la fin de 1975 parce que soupçonnées de chercher à réorganiser le PCB. Au cours d'une campagne intensive menée contre ce parti par les forces de sécurité, plus de 1 500 personnes ont été arrêtées au Brésil. Jusque-là, le PCB avait relativement peu souffert de harcèlement de la part des autorités.

Un grand nombre de personnes arrêtées n'ont été gardées en détention que peu de temps. D'autres ont été jugées ou libérées. Certaines sont encore gardées en détention préventive sans pouvoir obtenir d'être présentées devant un tribunal, ce qui est contraire aux dispositions du code militaire de procédure pénale fixant les délais dans lesquels doit se dérouler une action judiciaire.

Pour essayer d'obtenir une amélioration de leur situation juridique, M. Verzola et deux autres prisonniers politiques - Marcos Cardoso Filho et Roberto Coligni - ont entamé une grève de la faim le 18 avril 1977. Dix jours plus tard, alors que leur santé s'était gravement détériorée, ils ont été transférés à l'hôpital militaire attenant à la prison.

Des parlementaires et des membres du MDB sont allés les voir et ont confirmé que les prisonniers recevaient un traitement médical approprié. Ils ont d'autre part entendu les affirmations des prisonniers selon lesquelles ces derniers avaient été torturés et les procédures légales n'avaient pas été respectées.

Les prisonniers ont accepté de cesser leur grève de la faim lorsque les autorités leur ont donné l'assurance que leurs revendications seraient étudiées.

Le résultat de l'enquête officielle effectuée à la suite de la grève de la faim n'est pas encore connu, mais la situation de M. Verzola reste inchangée.

Ecrire en termes courtois à l'adresse suivante, pour demander la libération d'Alercio Verzola: Presidente Ernesto Geisel, Palacio Presidencial, Brasilia (DF), Brésil.

Prisonniers libérés et cas nouveaux

Le Secrétariat international a appris en juin la libération de 168 prisonniers adoptés ou dont le cas était à l'enquête et a pris en charge 180 cas nouveaux.

Mme WASIRAH - *Indonésie*

Mme WASIRAH n'avait que 18 ans lorsqu'elle a été arrêtée en Indonésie vers la fin de 1965. Peu après avoir quitté l'école, elle avait épousé un membre de l'organisation de jeunesse de gauche Pemuda Rakyat et était allée s'installer à Djakarta.

C'est peu après son installation dans cette ville que se produisit le coup d'Etat manqué d'octobre 1965.

Cette tentative, qui visait les grands chefs de l'armée, était organisée par plusieurs officiers de l'armée de grade intermédiaire, qui utilisaient comme base un terrain servant à la formation paramilitaire à Lubang Buya, dans les environs de Djakarta. Ce terrain était utilisé à l'époque par diverses organisations de gauche et nationalistes, et un certain nombre de femmes et de jeunes filles s'entraînaient dans le cadre de la politique de confrontation avec la Malaisie suivie par le président Sukarno.

Pendant la tentative du coup d'Etat, on a trouvé à Lubang Buya les corps de six des principaux généraux. Les journaux ont annoncé que ces corps avaient été mutilés, et l'armée prétendit que les femmes du camp étaient responsables de ces atrocités. Toutes les indications dont on dispose donnent néanmoins à penser que cette affirmation n'était absolument pas fondée.

Les nouveaux chefs de l'armée sous la direction du général Suharto ont accusé le parti communiste indonésien (PKI) et les autres organisations de gauche d'être responsables de la tentative de coup d'Etat. Une purge organisée conte le PKI et les organisations qui lui étaient associées aboutit à l'arrestation de centaines de milliers de personnes et un grand nombre y perdirent la vie.

Après avoir été arrêtée avec son mari en octobre 1965, Mme Wasirah a été accusée d'avoir été présente à Lubang Buya au moment de la tentative de coup d'Etat. Elle a nié cette accusation et la nie toujours, quand bien même son mari a été obligé de dire qu'elle s'y trouvait effectivement. Au cours de son interrogatoire, Mme Wasirah a été torturée à maintes reprises au moyen de cigarettes allumées.

Mme Wasirah est actuellement détenue depuis près de 12 ans dans la prison de Bukit Duri. Pendant tout ce temps-là, ni elle ni les autres personnes accusées des mêmes crimes n'ont été l'objet d'un procès public qui aurait confirmé les allégations des autorités indonésiennes. Une vingtaine de femmes ont été libérées de Bukit Duri en 1975, mais une cinquantaine d'autres, dont Mme Wasirah, sont toujours en prison.

Ecrire en termes courtois aux adresses suivantes pour demander la libération de Mme Wasirah: Son Excellence le Président Suharto, Istana Negara, Jalan Veterah, Djakarta, Indonésie, *et:* Monsieur l'Amiral Sudomo, Kepala Staf KOPKAMTIB, KOPKAMTIB, Jalan Merdeka Barat, Djakarta, Indonésie.

Nouvelles de campagnes précédentes

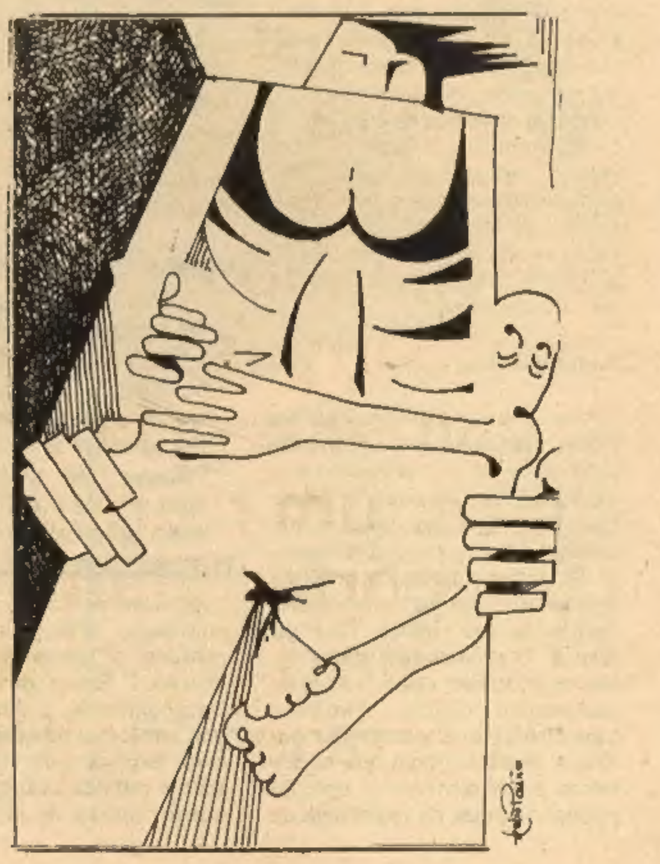
Joseph Henry MENSAH, qui purge une peine de huit ans de travaux forcés pour sédition, pour avoir rédigé un tract en 1975, a été transféré d'une prison de Krechi, dans la région voltaïque du Ghana (où il était arrivé au début de 1977, venant de la prison de Nsawam), au pénitencier de Fort Ussher à Accra, capitale du Ghana. La date de son procès en appel serait fixée prochainement. *(Campagne pour les prisonniers du mois,* janvier et juillet 1977).

STM libera presos políticos

Brasília — Os três acusados de tentativa de reorganização do partido comunista em Santa Catarina em 1975, Alécio Verzola, Roberto Cologni e Marcos Cardoso Filho — ainda sob prisão preventiva, enquanto os outros 39 acusados no mesmo inquérito já estavam em liberdade — foram soltos ontem por ordem do Superior Tribunal Militar.

O relator do recurso dos acusados, Ministro Gualter Godinho, propôs a revogação da prisão preventiva por entender que o tempo decorrido desde a detenção deles já ultrapassou o mínimo da pena que cumpririam, no caso de condenação.

Outro argumento do Ministro foi o de que preenchem as condições previstas na lei processual penal militar para que possam responder ao processo em liberdade, como ocorreu com os demais acusados, que foram favorecidos com o relaxamento da prisão preventiva.



Quem visita o Brasil: um repórter sueco ou o homem da Anistia Internacional?

— Eu gostaria que você publicasse que eu estou aqui em condições particulares. Não como membro da Anistia, mas como jornalista.

Nossa forma viciada de trabalhar voltou a confundir as coisas, após 15 minutos de çonversa:

— Eu gostaria que você eliminasse todas as perguntas que dizem respeito ao jornalismo. Eu lhe interesso como membro da Anistia. Há centenas de jornalistas pelo mundo. Você não está me fazendo um favor em não confundir as coisas. É melhor ser mais direto.

Antes, quase uma hora de argumentação para tentar convencê-lo a dar uma entrevista para um jornal que ainda nem existia. Quase um impasse. Depois, alguns sorrisos e um compromisso:

— Publicamos a entrevista quando você tiver acabado seu trabalho. No sábado.

Thomas Hammarberg é presidente do comitê-executivo da Anistia Internacional — o que significa que ele é a primeira pessoa na hierarquia da organização. O comitê, encarregado de formular a política da Anistia em todo o mundo e de definir métodos específicos de atuação em cada país, é eleito por um período de dois anos, sendo que seus membros elegem, então, um presidente para exercer um mandato de um ano.

O repórter Thomas Hammarberg foi eleito pela primeira vez em 1976 e reeleito em 1977 — é com ele a primeira reportagem do Reporter.

Thomas Hammarberg

Repórter — O que você está fazendo aqui no Brasil?
Thomas Hammarberg — Eu estou aqui tentando avaliar a situação política e econômica para fazer uma reportagem para o povo sueco. Eu sou correspondente da Rádio Sueca (estatal) e estou aqui por conta própria e, nessas condições, quero tomar conhecimento da situação política do Brasil hoje.
Repórter — Por que a Rádio Sueca tem interesse especial sobre o Brasil?
Thomas — Em primeiro lugar, o Brasil é interessante porque é o líder potencial na América Latina: 110 milhões de habitantes. Na Suécia, ele é visto como uma superpotência subdesenvolvida (sub super power). Nós pensamos que o Brasil, além disso, é uma potência econômica na América Latina. E nós sentimos que o Brasil, hoje em dia, é especialmente interessante, pois parece haver um novo impulso nas correntes democráticas dentro da sociedade — o que pode representar um desafio a ser enfrentado pelo governo. Sentimos que as implicações da nova política, em Washington, podem ser de interesse, especialmente no Brasil. Desta forma, o Brasil nos interessa como um teste para o sucesso ou fracasso da nova política de Carter.
Repórter — Então você acha que a nova política norte-americana de Jimmy Carter pode mudar alguma coisa no Brasil ou na América Latina ou no Chile?
Thomas — Isto se verá. Mas, certamente, mudou a situação. Os efeitos nós não podemos ver ainda. E, evidentemente, dependem da resposta em Brasília, por exemplo. O que eu estou certo é que o interesse do público sueco pelo Brasil, hoje, reside no futuro do país: democracia ou continuidade do regime atual? Esta é a questão principal no momento.
Repórter — Que tipo de trabalho você está fazendo aqui para a Anistia Internacional?
Thomas — Como já disse, estou aqui para fazer uma reportagem sobre a situação brasileira para os ouvintes da Rádio Sueca. Eu não estou elaborando um relatório (report) para a Anistia Internacional. Certamente que, na medida em que eu trabalho ativamente para a Anistia, o conhecimento que recolher aqui terá muita importância para o trabalho da Anistia no Brasil, no futuro.
Repórter — O que você faz na Anistia Internacional?
Thomas — Eu sou presidente do Comitê Executivo Internacional. É um cargo eletivo. O Comitê Executivo existe para representar a organização como um todo. Nós somos eleitos e uma de nossas tarefas é orientar e coordenar a seção internacional, a sede internacional, que está localizada em Londres. Em geral, este Comitê é o corpo responsável pelo que a Anistia faz, pela sua política.
Repórter — No momento, o que a Anistia pensa sobre o Brasil?
Thomas — Nós temos trabalhado no Brasil há muitos anos, desde o golpe militar, em 1964. Nós trabalhamos intensamente em 68, 69, 70 — quando a tortura se tornou mais séria. Nós publimos relatórios (reports) há alguns anos atrás — um estudo baseado principalmente em testemunhos de refugiados. Desde então, temos tentado acompanhar a situação e temos concentrados nossos esforços em ações rápidas em relação a cada prisão pois o quadro que tínhamos do Brasil era que cada indivíduo preso por razões políticas corre o risco de ser seriamente torturado. E, desta forma, não era suficiente estudar e encaminhar relatórios: o problema era agir rapidamente para tentar, pelo menos, deter a tortura. Então, nós criamos uma espécie de sistema de alarme que envolvia nossos próprios membros mas trabalhávamos também com parlamentares e outras, pessoas para agir rápido junto às autoridades para, pelo menos, notificá-las que nós tínhamos tomado conhecimento das prisões e do risco da tortura. Nós também trabalhamos para prisioneiros políticos que são condenados. Nesse sentido, grupos individuais da Anistia, em diferentes países — incluindo nosso próprio país — estão, como nós chamamos, adotando prisioneiros. Isto significa que eles assumem o caso e tentam de todos os modos possíveis libertar aqueles prisioneiros. O trabalho inclui também alguma assistência, caso necessário. Agora, a nossa maior preocupação é que a tortura contínua. Talvez as técnicas sejam mais sofisticadas mas o problemas de maior gravidade é que os cidadãos da tortura continuam lá. Nós também sentimos que as investigações tem sido bastante insatisfatórias no que diz respeito à morte de algumas pessoas: certamente a Anistia trabalhou muito no caso de Herzog, jornalista que morreu na prisão. No geral, a principal preocupação da Anistia desde o começo dos anos 70, se mantém.
Repórter — Como você vê a greve de fome dos presos políticos?
Thomas — Isto é certamente um assunto que diz respeito a Anistia. A Anistia tem uma opinião sobre isso e nós pensamos que é bastante irresponsável não tomar iniciativa, quando há reivindicações sérias sobre condições de prisioneiros — tão sérias que as pessoas estão arriscando suas próprias vidas. Numa greve de fome um procedimento responsável seria não ignorar tais reivindicações.
Repórter — Você poderia explicar como funciona a Anistia Internacional?
Thomas — Em primeiro lugar, nós precisamos de muita informação — esta é a base de nosso trabalho. Por isto, nós fundamos em Londres um departamento de pesquisa. No momento, nós temos entre 40 e 50 funcionários trabalhando só neste departamento. Em relação a América Latina, nós temos 4 ou 5 pessoas — o que eles fazem é colher informações: lêem todos os jornais, têm contato direto com pessoas, como padres, bispos, correspondentes estrangeiros, líderes sindicais, advogados, movimentos políticos, etc. Eles colhem as informações e tentam juntar os pedaços para ter uma noção da situação do país. Em seguida, eles começam a cristalizar os casos em cima dos quais eles vão trabalhar. Eles trabalham em cima de torturas, execuções, pena de morte, em geral, e em caso individuais (oficiais ou não) e trabalham também para a libertação de pessoas, individualmente. Atualmente, nós temos seções nacionais da Anistia em 35 países e estas seções apoiam a rede internacional com ações, campanhas e coisas do tipo. Dentro de cada país onde a Anistia se estabelece, há uma série de pequenos grupos locais (mais ou menos 275 só na Suécia, por exemplo) e eles adotam presos, participam de campanhas, trabalham. Além da adoção nós temos também, em relação à tortura, o que chamamos de atividades de ação urgente: no mínimo de tempo possível procuramos mobilizar o máximo de pessoas no mundo para protestar contra as prisões e as torturas. Em seguida, nós enviamos advogados para observar os julgamentos — algumas vezes a mera presença de um advogado pode levar a corte a respeitar as regras do Direito mais do que eles fazem usualmente. Estas observações são colocadas num relatório que é publicado. Quando nós enviamos uma missão a um país ela é, geralmente, uma combinação de um advogado de alto nível e de um pesquisador — para fazer um trabalho abrangente que inclue conversações com o governo. Eles, por sua vez, publicam depois seus relatórios. Nós fazemos também um trabalho de assistência: nós arrecadamos dinheiro para as famílias do pessoas e pra os próprios presos, caso eles possam receber. Essas são as técnicas.
Repórter — E como vocês arrecadam dinheiro?
Thomas — Nas ruas, simplesmente. Pedindo às pessoas. Grande parte do dinheiro, entretanto, é conseguido dentro do próprio movimento, através dos membros da Anistia.
Repórter — Vocês têm pessoas trabalhando no Brasil?

Thomas — Nós temos contatos no Brasil.
Repórter — Oficiais?
Thomas — Não. Talvez nós tenhamos algumas pessoas — eu não verifiquei. Mas nós não temos nada organizado no Brasil. Nós somos muito cautelosos antes de estabelecer departamentos nacionais porque não queremos que falhem, nós não queremos que as pessoas sejam presas.
Repórter — Nós sabemos que advogados franceses elaboraram um relatório sobre o Brasil, para a organização católica "Pax Romana". Você conhece este relatório?
Thomas — Sim. Dois advogados católicos vieram aqui, há um ano. Eles vieram em nome deles mesmos e foram financiados pela seção holandesa e alemã da Anistia Internacional. Foi uma operação conjunta (joint operation). Eu acho que o relatório deles mostra uma coisa bastante peculiar: o quadro que não mudou muito desde o período 68, 69,70, 71.
Repórter — Como e porque você começou a trabalhar para a Anistia?
Thomas — Eu comecei em 1965 — a Anistia foi fundada em 1961. Em primeiro lugar, eu sempre me interessei por política externa, pelos Direitos Humanos. Eu achei que a Anistia Internacional era a única organização que havia obtido algum resultado. Uma das explicações para isto era uma combinação de um trabalho muito concreto de solidariedade (ajuda financeira, cartas, campanhas, passeatas, protestos) com o trabalho mais geral das Nações Unidas em defesa dos Direitos Humanos (por exemplo, conseguir que governos se comprometessem através de resoluções, a não praticar torturas, a ser contra as torturas). Esta combinação de um trabalho político mais geral dentro de alguns princípios básicos e um trabalho bem completo em relação aos indivíduos já deu alguns resultados.
Repórter — Como o órgão de imprensa para o qual você trabalha aceita seu trabalho na Anistia Internacional?
Thomas — Eu trabalho para a Rádio, que na Suécia pertence ao Estado. O princípio básico da Rádio Sueca é imparcialidade. E, por acaso, este também é a regra básica da Anistia Internacional:

imparcialidade e informações muito factuais. Portanto, não há problemas. Eu, pessoalmente, quero fazer uma distinção entre as duas funções: quando eu trabalho para a Anistia, eu trabalho para a Anistia; quando eu trabalho para a Rádio, eu trabalho para a Rádio.

Repórter — Quais os países onde os direitos humanos são mais desrespeitados?

Thomas — Nós não fazemos um "ranking", uma lista dos 10 melhores ou piores. Isto porque, se você estudar o problema a fundo, é impossível comparar. Em alguns países, as condições das pessoas são muito ruins. Entretanto, eles não torturam prisioneiros. Em outros, a tortura é muito sistemática e enraizada — como em muitos países latino-americanos. Como comparar isso? Em alguns países, se mata em vez de prender. Desta forma, nós nos recusamos a fazer comparações, porque seria alguma coisa simplesmente teórica. A Anistia Internacional trabalha em quase todos os países do mundo porque há problemas em todos os lugares.

Repórter — Como a Anistia Internacional encara o problema dos Direitos Humanos na União Soviética?

Thomas — Na União Soviética, há pessoas na prisão por causa de suas opiniões políticas. E nós achamos isto errado. Isto é uma violação da declaração Universal dos Direitos Humanos, adotada em 1948 pela União Soviética e todos os governos representados nas Nações Unidas. E nós trabalhamos em cima disso.

Repórter — Nós temos informações de pessoas que são internadas em hospitais psiquiátricos na União Soviética por discordarem politicamente. Como a Anistia Internacional vê esse problema?

Thomas — Eu acho que há algum engano aqui. A maioria dos detidos e presos na União Soviética não é internada em hospitais psiquiátricos — só uma muito pequena minoria. A maioria é posta em campos de trabalho. Mas há pessoas que são postas em hospitais psiquiátricos e nossas pesquisas nos tem levado a pensar que eles, na realidade, são detidos em hospitais por suas opiniões políticas ou religiosas — e isto foi, de uma certa forma, admitido pelas autoridades soviéticas. Foi declarado que opiniões políticas estranhas ou polêmicas podem ser vistas como comportamento anormal. É esta, se você quiser, a explicação ideológica. Quando nós nos certificamos que alguém é detido em hospitais psiquiátricos por razões políticas, trabalhamos por ele: nós o definimos como prisioneiro político.

Repórter — Como a Anistia "adota" um preso político?

Thomas — A sede internacional em Londres obtém todas as informações disponíveis em relação ao prisioneiro e as registra. Quando o processo é concluído ele é enviado a um dos pequenos grupos locais, que começa a trabalhar para o prisioneiro. Há um requisito para os adotados: os prisioneiros que utilizaram meios violentos — bombas, por exemplo, — não podem entrar na categoria de adotados.

Repórter — Parece que há um brasileiro adotado.

Thomas — Eu não conheço os nomes, mas há vários brasileiros adotados.

Repórter — A Anistia tem acompanhado o caso dos prisioneiros alemães, especialmente da organização de Baader?

Thomas — Nós temos acompanhado as condições dos prisioneiros na Alemanha Ocidental, incluindo as condições dos prisioneiros desse grupo. Constatamos que estas condições não são satisfatórias — as condições das prisões, o grau de isolamento, principalmente o grau de isolamento. Nós tivemos várias conversações com as autoridades alemãs sobre este fato.

Reporter — E em relação ao alegado suicídio desses jovens?

Thomas — Quando foi anunciado que quatro membros da organização tentaram o suicídio — três deles com sucesso — a Anistia Internacional foi convidada pelo governo alemão ocidental para participar da autópsia. Mas nós não participamos: nós queríamos discutir as condições de participação e as autoridades alemãs não estavam preparadas para discutir essas condições. Portanto, nós não tomamos parte. Depois que a autópsia foi feita — foi feita no mesmo dia, na mesma noite — a Anistia Internacional solicitou uma comissão internacional de inquérito em relação às condições da morte desses três prisioneiros. Isso porque nós sentimos que — na muito quente situação política alemã, naquele momento — somente com uma comissão internacional a imparcialidade da investigação poderia ser mantida. Havia uma preocupação internacional para que os fatos fossem esclarecidos. Mas, até agora, as autoridades da Alemanha Ocidental não responderam a isso.

Repórter — Quais são as relações das autoridades brasileiras com relação à Anistia Internacional? Como o governo vê a atuação da Anistia aqui?

Thomas — Nós não tivemos uma boa receptividade por parte do Brasil. As autoridades brasileiras foram muito pouco positivas. As respostas foram muito negativas — quase insultosas. Por um período muito grande, nós não tivemos resposta, nenhuma carta. O governo brasileiro recusou que mandássemos missões oficiais por muitos anos. Eu acho que agora eles não podem mais recusar.

Repórter — E nos últimos anos, não houve alguma resposta?

Thomas — Tem havido alguma resposta, especialmente por parte de algumas embaixadas, nos últimos anos.

Repórter — Mas não pelo governo brasileiro?

Thomas — Pelo que sei, não.

Repórter — Nos meios europeus — entre analistas políticos, estrategistas, jornalistas, políticos — se vê alguma possibilidade de o Brasil conceder anistia aos presos políticos?

Thomas — Por que não? Sim. Em muitos países houve anistia — algumas bastante surpreendentes. É simplesmente uma questão de os governos reavaliarem e verem que não ganham nada em prender pessoas. Pelo contrário, perdem muito em reputação internacional. E, cada vez mais, a reputação internacional tem consequências econômicas. Do ponto de vista da reputação interna, isto significa que os governos perdem a confiança de seus próprios cidadãos. E é básico para o sucesso ou fracasso de um governo que ele tenha ou não a confiança do povo. E, cada vez mais, os Direitos Humanos — nacional e internacionalmente — estão sendo o foco de atenção e as pessoas estão cada vez mais julgando seus próprios governos de acordo com o respeito aos Direitos Humanos. Cada vez mais, os governos, incluindo este, sabem que já não podem se permitir torturar as pessoas nas prisões.

Repórter — Você gostaria de dizer mais alguma coisa?

Thomas — O que eu gostaria de esclarecer é que a Anistia Internacional não é um movimento político porque nós não tomamos partido em relação a ideologias políticas — nós não apoiamos partidos políticos. A finalidade geral da Anistia é trabalhar por algumas regras básicas que todos os partidos, todas as ideologias, todas as religiões respeitem. E isso quer dizer: que ninguém corra o risco de ser posto numa prisão porque tem opinião política; que ninguém corra o risco de ser torturado; que ninguém corra o risco de ser executado. Todas essas coisas são aceitas em outro nível pelas Nações Unidas — onde todos os governos do mundo estão representados. Mas a tortura ainda continua pelo mundo: em cerca de 50 ou 60 países ainda se tortura hoje em dia. Em mais de 100 países existem presos políticos e execuções são feitas em cerca de 100. Em 130 países existe a pena de morte. Aqui, na América Latina, aboliram a pena de morte, mas fazem execuções por meios ilegais. Isso mostra que há a necessidade de algum tipo de movimento que seria, para mim, um "cão de guarda" — um vigia dos governos em relação as estas regras básicas. Estas regras básicas estão no centro da luta política em quase todos os países. A questão da anistia, a questão de anistia, a questão da tortura, são as questões politicamente mais importantes. Por causa disso — e não é só no Brasil, é no Paquistão, em muitos outros países — a Anistia Internacional é vista como um movimento político. Em muitos países, nós somos vistos como alguém que interfere nas questões políticas internas. E nós não faremos nosso trabalho porque somos acusados de interferir? Paramos? Se os Direitos Humanos básicos são vistos como interferência — ok — então nós somos políticos, nós interferimos. Mas nós interferimos com apoio na Declaração Universal dos Direitos Humanos — há algum tempo reconhecida por todos os governos do mundo.

Parece claro que a visita de Hammarberg se prende ao trabalho de montagem de uma representação da Anistia Internacional no Brasil.

Segundo suas próprias declarações, entretanto, a criação de um comitê-nacional, neste caso o brasileiro, "é um trabalho lento e cuidadoso para que possa criar bases sólidas".

Hammarberg explica o que quer dizer com isso: "Antes de formarmos um comitê que represente oficialmente a organização em qualquer país, fazemos contatos com pessoas que, individualmente, tenham uma reconhecida atividade na defesa dos direitos humanos e que, portanto, se identifiquem com os nossos proprositos. portanto, se identifiquem com os nossos propósitos. Com estas pessoas mantemos os contatos iniciais, trocamos correspondência permitindo que elas mesmas possam ampliar a base do trabalho, ligando-se a outras pessoas. Quando o grupo formado pelo trabalho comum tiver fixado algumas raízes e já tiver algum tempo de atuação, parte-se então para a montagem de um comitê nacional."

Com isso Hammarberg deixou entender que qualquer associação que, no Brasil, queira se filiar à Anistia no momento, poderá fazê-lo mas não será reconhecida como um canal de atuação da organização no país. A vantagem da associação, por enquanto, será apenas a receber o material informativo que dá conta das atividades da Anistia em todas as partes do mundo.

GREVE

Dona Iza nos recebeu em seu apartamento em Copacabana. Magra, agitada e decidida foi logo me oferecendo café e cigarros. No meio da conversa resolvemos beber mais café e só havia uma colher. Dona Iza, percebendo minha hesitação, disse: "Não faz mal não. Micróbio maior é a repressão".

Dona Iza é mãe de Paulo Roberto Jabur, preso político atualmente em greve de fome na Frei Caneca. Como mãe, tem acompanhado toda a trajetória dos rapazes pelos diversos presídios do Rio de Janeiro. Já viu muitas greves de fome: "Antes eles proibiam as visitas. Na greve da Ilha Grande houve a primeira autorização. Eu acho que as autoridades pensavam que as mães chegariam e demoveriam seus filhos da greve de fome. Mas nós não fizemos isso, pelo contrário, acreditamos sempre neles".

As presas explicam o movimento

Durante todo esse ano nós, as presas políticas de Bangu, procuramos por todos os meios divulgavas razões que nos levariam a reivindicar nossa transferência para o Presidio Político da Rua Frei Caneca. Recentemente enviamos um extenso documento ao Congresso Nacional, Assembléia Legislativa e demais entidades representativas da sociedade civil onde expusemos detalhadamente os motivos de nossa luta. Nossa justa reivindicação não foi atendida até hoje e nos vemos portanto forçadas a apelar novamente para aqueles que se compreendem responsáveis pela defesa dos direitos humanos no país.

Em 1975, quando nossos companheiros, anteriormente presos na Ilha Grande, conquistaram através de uma greve de fome de 16 dias, a instalação de um Presídio Político na Frei Caneca, vislumbramos nossa transferência para lá como única forma de atenuar as condições carcerárias que as presas políticas enfrentam na penitenciária de Bangu desde 1970. Foi nessa época que o Instituto Penal Talavera Bruce recebeu as primeiras presas políticas, cuja presença representou desde então um fator de desequilíbrio num presídio com estrutura administrativa e corpo de guardas dirigido especificamente para o tratamento com as presas comuns. Nesse contexto, a situação das presas políticas tem sido precária e instável: tudo o que se refere a nós exige um tratamento a parte, e como a administração do presídio não tem condições de manter um corpo de normas específico, temos vivido a mercê dos critérios dos carcereiros do momento. A falta de garantia em relação a nossa segurança física e a preservação de nossos direitos, comprovada em momentos de crise e de arbitrariedade policial, são a decorrência mais grave de nossa situação neste presídio. Mas, há outras consequências, que pesam no dia-a-dia de nossa vida carcerária. As exigências especiais no trato com as presas políticas provoca uma morosidade administrativa que afeta desde a nossa correspondência até a assistência médica e o acesso às visitas. E isso tudo contribui para que as mulheres presas — que são internamente um conjunto reduzido — sofram de forma mais acentuada o isolamento imposto a todos os presos políticos: Consideramos que a criação de uma ala feminina no presídio político do Rio De Janeiro, é a única forma de minorar esses problemas. Vivendo sob a mesma administração carcerária junto aos nossos companheiros presos teríamos mais condições para preservar nossa segurança física e tratamento carcerário condigno.

Há um ano e meio que pleiteamos essa transferência, há um ano e meio ouvimos promessas, adiamentos e evasivas. Agora a própria Auditoria Militar já deu parecer favorável à nossa reivindicação e mesmo assim o DESIP insiste em protelar sua resposta, alegando novos e contraditórios empecilhos.

Depender do DESIP é ficar indefinidamente nessa situação. E se as gestões encaminhadas em todo esse período, com interferência de parlamentares do MDB, não foram suficientes, se nem mesmo a autorização da Auditoria Militar pode convencer o DESIP da necessidade de nossa transferência, só nos resta, o último recurso: a Greve de Fome. Estamos a partir de hoje em greve de fome e assim permaneceremos até que seja definida nossa transferência.

Dona Iza fala da greve

Repórter — Por que os presos políticos entraram em greve de fome?

IZA JABUR — **Pelo que eu sei, o motivo da greve de fome é, inicialmente, dar uma solidariedade às presas políticas de Bangu, pois o que elas estão reivindicando é justo. Realmente, elas não podem ficar tão isoladas assim. Agora, a greve de fome dos presos políticos tem também um outro sentido. Eles estão protestando pela maneira com que as autoridades estão encarando o problema. Quer dizer, é também uma greve de protesto, porque as presas podem morrer e parece que ninguém está se preocupando muito com isso. É uma arbitrariedade. O problema podia ser resolvido sem chegar a esse ponto. Bastava uma solução administrativa: fazer algumas obras no presídio da Frei Caneca. Por isso os presos políticos entendem o problema da greve ligado à questões mais gerais: as torturas, as violações dos direitos humanos, a falta de liberdade, etc. Você não viu essa reportagem que saiu no** Jornal do Brasil **em que alguns presos denunciam os métodos de tortura empregados para obter confissões? Pois então nesse mesmo dia ou alguns dias antes, o Coronel Toledo Camargo afirmou que não há presos políticos no Brasil. Isso é um absurdo se pensarmos que atualmente existem três presídios políticos em greve de fome.**

Repórter — Por que os presos políticos escolheram a greve de fome como instrumentos de luta?

IZA — **Eles são levados a greve de fome como instrumento de luta quando vêem vedadas todas as outras formas de obter alguma conquista material ou política que seja importante para eles. Assim foi em 1970 na Ilha das Flores, quando entrarám em greve de fome em protesto pelo seqüestro, por parte dos Órgãos de Segurança, de suas companheiras presas no Instituto Talavera Bruce, depois de libertadas pelo Supremo Tribunal Militar. Em 1971, quando exigiram a separação dos presos comuns e melhores condições carcerárias. Isso foi uma conquista política muito importante, pois nessa época o governo insistia em misturar e tentar caracterizar os presos políticos como assaltantes comuns de banco. Em 1974, na Fortaleza de Santa Cruz, em protesto contra o espancamento de vários presos. Em 1975, quando conseguiram a transferência da Ilha Grande para a Frei Caneca, sem contar com inúmeras outras greves de fome nos presídios e quartéis da Vila Militar, para manter a sobrevivência física e a dignidade. A mecânica de uma greve de fome é simples e sempre foi usada em todas as partes do mundo, sendo inclusive regulamentada pela Convenção de Genebra: joga-se o risco da própria vida contra o ônus político das autoridade de deixar os prisioneiros morrerem. Daí a gravidade de uma Greve de Fome e o fato dela só ser usada em último recurso.**

Repórter — Como fica um presídio em greve de fome?

A rotina da vida dos presos sofre algumas modificações dependendo, é claro, das medidas que as autoridades tomam ou não. Há casos de isolamento em solitária, corte de visita e outras pressões de todo tipo. Agora mesmo em Bangu, as visitas foram suspensas por um tempo. Às vezes, as autoridades não tomam nenhuma medida ostensiva de repressão, mas a demora das negociações já é uma violência, pois pode levar à morte os presos mais debilitados. O estado físico vai se agravando a partir da segunda semana de greve de fome, quando os presos e suas famílias já começam a se preocupar mais. De qualquer modo, o ambiente fica muito tenso e todos aguardam o resultado das negociações.

Repórter — A senhora gostaria de dizer mais alguma coisa?

IZA — **Sim. Eu até hoje não me conformo com o tratamento que os presos políticos tiveram na Fortaleza de Santa Cruz, por ocasião da transferência para a Ilha Grande. Eles foram espancados com correntes, queimados com ampolas de gás lacrimogêneo e jogados numa cela onde cabiam, no máximo, cinco — eles eram 12 ou 15 — e lá ficaram a noite toda sem assistência médica. Isso eu vi e pasmo ao saber que acontece em pleno século XX.**

GREVE

A palavra do doutor Thompson

Como é possível uma autoridade lidar com uma greve de fome de presos políticos sob sua responsabilidade direta? Que idéia esta pessoa faz do movimento e como busca solucioná-lo? A partir de que momento a repercussão de uma greve deste tipo escapa das mãos da autoridade inicial e nas mãos de quem vai parar?

O doutor Augusto Frederico Gaffré Thompson é "o homem" do Departamento de Sistema Penitenciário (Desipe), responsável pelo complexo penitenciário do Estado. Na ampla sala do sexto andar, só entra quem ele deseja — e mesmo repórteres têm de deixar uma identificação qualquer à chegada e esperar autorização. No caminho de corredores com lambris como jacarandá e ar de repartição pública, espalham-se personagens dignas da crônica policial carioca. São funcionários da justiça, quase todos com a aparência dos processos arquivados, transferidos de funções mais atuantes para gabinetes burocráticos por causa de problemas tão variados que nem eles próprios podem especificar.

"Quem pensa que a prisão pode recuperar alguém está sonhando", diz Thompson. Na parede que lhe serve de fundo, abaixo do retrato oficial do presidente da república, há vários posters que mostram os pavilhões sob controle do Desipe. Vistos à distância nas fotos aéreas lembram imensos controle do Desipe. Vistos à distância nas fotos aéreas lembram imensos condomínios cujo único síndico está diante de nós — repórter e fotógrafo — explicando como são tratados os diferentes tipos de "moradores".

"Quando o homem é preso", vai explicando Thompson, "ele se vê privado de toda a vontade própria. Na rua ele tinha de lutar para conseguir tudo, tinha voz ativa e se locomovia como bem entendesse. Dentro da cadeia, sua primeira constatação é a de que qualquer coisa que por acaso venha a ter terá vindo de cima, dada pelo Estado, seu tutor. O controle sobre seus atos é permanente, ostensivo, há chamadas nominais diárias, contagens. E o sistema é mudado cada vez que muda o diretor."

Thompson cita Bernard Shaw, psicólogos estrangeiros e outras autoridades para embasar o que diz. Concorda que é impossível recuperar alguém que é metido numa penitenciária, mas argumenta que é igualmente impossívelalterar o sistema. "Sempre se leva em conta a periculosidade dos presos. Se o diretor é brando, há mais possibilidade de fuga; se é rigoroso, pode levar o contingente carcerário ao desespero. Você imagina o homem que é tratado à base da violência extrema, sem ser dono de seus atos, daí você compreende a revolta dentro das penitenciárias, as fugas em massa, a promiscuidade e a violência entre os próprios presos".

Mas, por maior que seja o controle, o sistema não tem como saber a verdade das celas, dos cubículos e das histórias que correm nos corredores fechados. Thompson admite que não se punem os excessos dos guardas, também autoridades dentro dos presídios. "Os funcionários são todos selecionados sem maior preparação. Não têm cultura para compreender detalhes. São encarregados de lidar com pessoas como os presos, cuja situação já está bem clara, e acabam se submetendo à engrenagem. Pode acontecer de um preso fazer alguma provocação e ele responder à altura, ou seja, na base da violência."

Neste caso, conforme ele explica, há uma denúncia e é aberto um inquérito administrativo. Ouve-se a história do preso e a do guarda, aparentemente ambas com o mesmo peso. Thompson sabe que as penitenciárias todas têm maconha, armas brancas etc.

Por isto há revistas aos presos tão rigorosas que alcançam ânus e vaginas à procura de coisas proibidas. Por dedução, a maconha entra na penitenciária com a cumplicidade da própria segurança interna. Assim, nada mais natural que as duas versões de uma agressão tenham o mesmo valor para o promotor ou qualquer que seja a autoridade designada ou encarregada do inquérito. Só existe um porém: se o preso é considerado culpado pela agressão, seu castigo é a solitária ou privações mais radicais ainda. Já se o culpado comprovado é o guarda, ele é transferido para outra repartição, retirado do contato com os presos ou, como também acontece, demitido e processado. Thompson é, antes de tudo, um profissional de notória habilidade no Desipe. Eficiente, ele tem mantido contato quase diário com os presos políticos em greve de fome. Prudente, não admite que seja atribuída a ele a expressão "preso político", preferindo a denominação "preso subversivo". E antes de qualquer argumento, diz que o conceito de preso político pode variar conforme a cabeça de cada um. "O Baader", alemão que morreu na cadeia há pouco tempo em função do sequestro do industrial "se tivesse fugido para o Brasil e o governo de seu país houvesse solicitado extradição, como o caso teria sido resolvido?"

O próprio doutor Thompson, autor da pergunta, não sabe como respondê-la. Baader teria sido apenas um bandido que praticava assaltos armados (e neste caso poderia ter sido extraditado) ou era um homem movido por um ideal (e neste caso a extradição teria de ser negada, pois tratar-se-ia de um preso político)? Mas teria sido a morte de Baader uma represália das autoridades?

"Ontem mesmo (segunda-feira, 7 de novembro) estive com todos os presos subversivos em greve de fome, inclusive as moças que estão agora no Hospital Central Penitenciário (na rua Frei Caneca), e posso garantir que não houve nem está havendo nenhum ato de revanche pelo movimento do qual participam".

O governador Faria Lima havia determinado naquela mesma segunda-feira a construção de portaria e administração especial para o local onde estão confinadas as presas políticas e o próprio diretor do Desipe foi dar a notícia, não apenas a elas, no hospital, mas aos 22 — do total de 28 — presos políticos que acompanharam a greve de fome, em solidariedade às moças. Não ouviu queixas, segunda garantiu, nem percebeu descontentamento algum o sistema penitenciário. "Os rapazes", disse Thompson, "me disseram apenas que entraram na greve em solidariedade e que achavam justa a reivindicação das moças".

Sete dias o início da greve, a Desipe determinou a internação de três moças, do total de seis que haviam entrado no movimento, no hospital, onde são alimentadas por soro. As outras três foram postas em liberdade e com isto resolveu-se o problema, ou antes, esvaziou-se a questão. "A falta de unanimidade (duas moças não entraram em greve) enfraquecem o movimento," explica o superintendente do Desipe. "Em 75 houve um caso de greve de fome na Ilha Grande, também envolvendo presos subversivos, e tudo foi solucionado na maior rapidez. Eles pediam transferência para o continente e foi uma reivindicação unânime, o que mostrou que havia realmente necessidade de eles se mudarem. Esta greve agora está sendo marcada pela desproporção entre a essência do pedido e a forma como está sendo feito. A greve de fome é uma forma drástica de sentar uma solução".

Não seria a única, em se tratando de presos políticos? Thompson não vê a questão assim. Explica as regalias que todos os presos dessa categoria têm, em relação aos detentos comuns. Não precisam usar uniforme, não trabalham se não quiserem, têm maior mobilidade dentro de seu pavilhão, têm comida de melhor qualidade e "até leite diário". Não são forçados a cortar cabelo e barba e, sobretudo, são os presos que menos dão trabalho na parte disciplinar.

"Não dão nenhum trabalho em termos de disciplina. Ontem (7 de novembro), por exemplo, mandei reuní-los e conversei com eles sem guardas por perto e na certeza de que nada aconteceria".

Na verdade, os presos políticos aparecem como pessoas inofensivas e até certo ponto temerosas do que lhes possa acontecer. Thompson diz que a maior reivindicação das das moças neste episódio é justamente que possam receber o tratamento que é determinado aos condenados pela Lei de Segurança Nacional. Os atentados que ocorreram no Rio de Janeiro há algum tempo, como a bomba que explodiu no depósito da Editora Civilização Brasileira, o sequestro do bispo Dom Adriano Hipólito e seu sobrinho em Nova Iguaçu e a explosão de outra bomba na Associação Brasileira de Imprensa — todos atos tidos como terroristas de direita — assustaram as prisioneiras políticas em Bangu, no presídio Talavera Bruce. As moças temiam a mistura com mais de 170 presas comuns e principalmente a presença de polícia feminina na parte do prédio destinada a elas. Um decreto do ano passado sobre c assunto garante às presas políticas (ou da Lei de Segurança Nacional) uma condição especial que Thompson resume numa expressão: o não rigor penitenciário. Neste conceito inclui-se a inexistência de guardas nos locais onde estejam recolhidas, o que não é observado no presídio de Bangu.

"O governador Faria Lima", continua o superintendente do Desipe, "não aceitou a idéia da transferência, basicamente porque elas pretendiam ir para a rua Frei Caneca, onde não existe acomodação para mulheres. Assim, o governador determinou a realização das obras que isolarão as presas subversivas. Dentro de um mês no máximo já estará pronta a portaria exclusiva delas e uma parte para a administração apenas daquela parte do presídio. Em breve, como acontece em todos os outros locais onde se encontram presos subversivos, os guardas dificilmente serão vistos na área reservada aos condenados pela Lei de Segurança Nacional."

O doutor Thompson certamente conhece associações e organismos nacionais e internacionais de defesa dos direitos humanos, mas o único órgão com o qual mantém contato permanente e a Pastoral Penal da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), que trabalha diretamente com os presos sob sua guarda. Os casos apresentados pela Pastoral Penal são analisados e resolvidos no Âmbito da própria Desipe, sem conhecimento público. Sobre tortura, apesar de reconhecer que ela existe em quase todas as partes do mundo, Thompson não fala por considerar assunto fora de sua alçada.

SERGIO SBRAGIA

TRISTÃO

"Anistia não dá nem comentário nem discussão" — esta a opinião que o coronel Erasmo Dias, secretário de Segurança do Estado de São Paulo, manifestou ao Reporter, na quinta-feira passada, na capital paulistata. Certamente, não é a nossa nem a do doutor Alceu. Muito menos a de milhões de brasileiros. Mas, por uma questão de princípio, é uma opinião que respeitamos.

Don Evaristo Arns, também ouvido em São Paulo, não quis falar sobre a anistia, embora tenha afirmado que "tudo que for favorável a um entendimento maior na comunidade" conta com seu apoio. Disse que já havia feito um artigo grande sobre o problema político e prometeu enviá-lo para o Reporter.

Já o ex-ministro da Indústria e do Comércio, Severo Fagundes Gomes, considera como prioritária a democracia: "O resto é consequência" — disse ao Repórter, também na capital paulista.

De todos os brasileiros que procuramos, o doutor Alceu foi o que melhor nos recebeu: ouviu com atenção o que dissemos sobre o Repórter, sobre nossas dificuldades e o nosso medo. Com gestos carinhosos e um sorriso nos lábios nos convidou a sentar em sua sala de trabalho, forrada de livros, num apartamento no Flamengo. Acabara de chegar de Teresópolis, tinha muitos compromissos, mas não vacilou em falar sobre um tema que vem abordando desde o Natal de 1964: a anistia.

Repórter — O que o senhor acha da anistia?

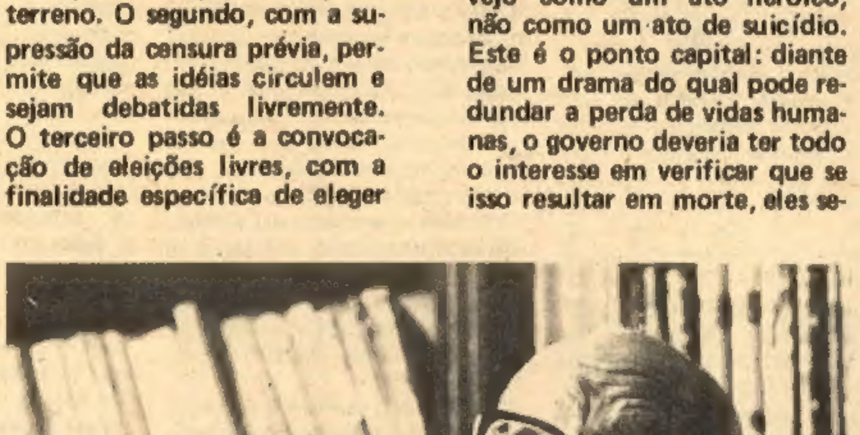
Alceu de Amoroso Lima — É um passo absolutamente preliminar para recompor jurídica e politicamente a nação e permitir a passagem da situação atual para uma situação normal. A anistia representa para o Brasil o que representa para a arquitetura a preparação de um terreno: se nós queremos passar de um estado de arbítrio para um estado de legalidade devemos buscar a anistia. Para construir um prédio a primeira coisa que se prepara é o terreno. A anistia passará uma esponja sobre o passado: começaremos de novo, sem ressentimentos nem discordâncias fundamentais entre os brasileiros. Reconheço que uma parte substancial da mocidade, e de todos aqueles que tomaram partido, está à margem do processo.

A etapa fundamental, a coisa mais drámatica, mais imediata, o problema mais trágico, porque coloca em jogo vidas humanas, é a questão da greve de fome dessas moças e desses rapazes. Uma vez resolvido isso poderemos partir para a anistia: recompor psicologicamente a nação e permitir a volta dessa gente. O segundo ponto é a liberdade de imprensa. O terceiro, a liberdade para a convocação de eleições livres. Finalmente, então, a eleição de uma Assembléia Constituinte, como o resultado de uma preparação prévia. São esses os pontos fundamentais para a reorganização do Brasil.

O primeiro passo limpa o terreno. O segundo, com a supressão da censura prévia, permite que as idéias circulem e sejam debatidas livremente. O terceiro passo é a convocação de eleições livres, com a finalidade específica de eleger uma Assembléia Constituinte. "Quem pretende construir uma torre e não estuda o terreno é vão e leviano" — isto está escrito no Antigo Testamento.

Reporter — Como o senhor vê a greve de fome dos presos políticos?

Alceu de Amoroso Lima — Eu vejo como um ato heróico, não como um ato de suicídio. Este é o ponto capital: diante de um drama do qual pode redundar a perda de vidas humanas, o governo deveria ter todo o interesse em verificar que se isso resultar em morte, eles se-



rão mártires; serão heróis. Quando a perda de vidas é um ato construtivo, é o sangue de verdadeiros mártires que está correndo. Isto vai reforçar o espírito de resistência.

Já que a revolução fracassou — essa sim, se suicidou — há um fato imediato a ser resolvido. Assim como o Cristianismo nasceu do sangue dos mártires, o governo deveria ter todo interesse, do ponto de vista pragmático, em resolver esse assunto. Senão o governo vai sair muito mal disso. Já a anistia é um ato muito maior.

Reporter — Desde quando o senhor defende a anistia?

Alceu de Amoroso Lima — Meu primeiro discurso a favor da anistia foi feito na Rádio Tupi, no Natal de 1964. Um golpe militar se justifica. Temporariamente. O próprio presidente Castelo Branco, quando instituiu os IPMs (Inquérito policial militar) dava um prazo de seis meses para que eles fossem concluídos. Esgotados os métodos de execução o país deveria voltar à normalidade. A anistia deveria vir na base da tradição brasileira, que é um mal mas é um bem: a falta de memória nacional: no dia seguinte estava encerrado o assunto. Como em outubro de 1930: no dia 25, ninguém se

dizia mais partidário da República Velha.

Pelo que estou pressentindo, a volta de Darcy Ribeiro e Thiago de Mello, por exemplo, já é uma tentativa de fazer a anistia. E está certo. Creio que esse meio indireto resulta do insucesso de fazer aquilo que está na conciência nacional e deve ser feito abertamente: convocar as forças que têm uma missão de construção.

Reporter — Dentro das tradições brasileiras...

Alceu de Amoroso Lima — Na base da tradição brasileira: a partir de Duque de Caxias, que patrocinou a anistia. Aliás há um caso curioso: o professor Américo Lacombe me mostrou, outro dia, um bilhete do Imperador D. Pedro II ao Duque de Caxias. Caxias havia proposto a anistia para os bispos. O Imperador foi contra e escreveu um bilhete — à lápis mesmo — dando conta de sua opinião. A anistia foi dada contra a opinião do próprio Imperador.

Reporter — E a Constituinte?

Alceu de Amoroso Lima — A Constituinte tem que vir de baixo para cima. Não ao contrário. Há o processo de Pedro I, de cima para baixo — que não tem organicidade. Tudo o que é orgânico na natureza vem de baixo para cima. A casa vem de baixo para cima. As feridas cicatrizam de baixo para cima. Assim também é uma Constituinte. Na base da prorrogação de mandatos, como muitos estão propondo, é um sofisma. A verdadeira Assembléia Constituinte é aquela que for convocada para este fim. Do contrário, é pior a emenda: seria legalizar por meios indecentes e imorais a ilegalidade. Ao se recobrir uma ferida, cria-se uma fístula. Por fora dá a impressão de cura. Mas, por baixo, está corroendo o tecido vivo. A cicatrização deve vir de baixo para cima — isso foi meu médico que me explicou. É um problema que

eu vivi na minha carne. A Constituinte, através dessas negociações que estão por aí, feitas por cima, pela cúpula, é um desvirtuamento: elitista, dedutivista. Buscam um consenso em minorias oligárquicas. Se queremos uma casa com piscina no último andar, não podemos começar pela piscina.

Reporter — Há muito tempo o senhor vem se manifestando...

Alceu de Amoroso Lima — A primeira vez que eu me manifestei contra foi em 6 de maio

de 1964, através de um artigo intitulado "Terrorismo Cultural". Era contra a censura. Eu já escrevi quatro livros que formam uma unidade: "Crônicas da Revolução" ou "Crônicas do Movimento de 1964".

Repórter — Que livros são esses?

Alceu de Amoroso Lima — "Revolução, Reação ou Reforma" (1965); "Pelo Humanismo Ameaçado"; "A Experiência Reacionária"; e "Revolução Suicida".

O que eles querem é voltar

Paris, Milão, Colônia, Bonn, Londres, Nova Iorque, Madri, Genebra Auto-exilados, exilados, asilados, banidos. Uma grande comunidade à espera de uma palavra mágia que vai reabrir as portas do país, que vai tornar sem sentido o "Ame-o ou Deixe-o": anistia.

"Talvez se encerre aqui (Berlim) a viagem de ida. Pouco importa, o meu bilhete é de ida e volta. Pois se há algo de que nunca duvido, nem mesmo durante as mais insidiosas crises de banzo, é de que ninguém pode me cassar um direito que adquiri há 35 anos, no bairro carioca de Rio Comprido, por nascimento, e confirmei, daí em diante, por sentimento. Não há autoridade no mundo para isso (...) Sou um estrangeiro na Alemanha Federal e continuarei a sê-lo, aqui ou em qualquer outra pátria que não seja a minha. Minha, agora, mais do que nunca, pois aprendi a amá-la ainda mais, de longe, em silêncio. Com a única — e fundamental — diferença de que, neste caso, tenho a tranqüilidade de saber, pelas demonstrações recebidas, que ela também me ama." (Jornalista Artur José Poerner in "Passagem de Ida e Volta", no livro Memórias do Exílio).

OS DIREITOS DO HOMEM UMA CAUSA PERDIDA?

Poerner, autor do livro proibido **O Poder Jovem,** ex-redator do **Correio da Manhã,** fala ainda do **Pasquim,** de Caetano Veloso, da Coluna do Castello, dos artigos de Tristão de Atahyde e do Barbosa Lima Sobrinho, do Rio, do samba, do feijão, da cachaça, do Brasil, da volta, da volta, da volta.

Poerner, o Zé, o João, a Maria, a Teresa, o que eles querem mesmo é voltar. Os anos de exílio têm sido duros, agressivos, problemáticos. A adaptação forçada sempre cria problemas morais e psicológicos grandiosos. Uma barra pesada e pesada, pois nem sempre a interação é perfeita. Do asfalto do Rio Branco para o llème de Paris a distância é muito maior do que os simples nove mil quilômetros que separam as duas cidades.

— Qualquer dia desses a gente junta um pessoal, entra no primeiro avião e parte para o Galeão, pra ver no que vai dar.

Zé ou João ou Maria falam com um brilho intenso nos olhos. O sol no sol. Alguns já estão até fazendo isso, de uma maneira ou de outra. Taí o Darcy, taí o Thiago, taí o Gullar, outros vão chegar, devagarinho, mas chegam.

No dia da saída do General Frota do Ministério do Exército, para alguns o momento foi de euforia, a partir da extrapolação da conversa para a abertura, daí para a anistia, a palavra de ordem dos exilados.

Um arroz carreteiro em Milão, (com carne seca mesmo, viu)! As coisas do país estão presentes e cada vez mais. A saudade, a vontade de chorar.

— Eu vou comprar um terreno ao lado do seu, em Itatiaia, muito mais cedo do que você pensa.

A esperança, essa está sempre ali.

— Eu só não quero é ter que voltar para o Brasil com 70 anos. Aí eu não preciso nem voltar

A dúvida, nem todos esperam grandes mudanças.

— E por que não voltar? Afinal, não devo nada para eles. Nunca fiz nada.

O medo, a paranóia, aqui e lá.

— Olha, a minha grande diferença com a Europa é esse frio constante.

E aí vem o Rio na cabeça, o sol, a praia, mesmo poluída, "porque as daqui estão até mais poluídas".

— Você vai para o Brasil é? Me faz um favor e leva uma carta para a minha filha.

Vou nessa, rapaz, bota fé que as coisas vão mudar, vão melhorar, tudo mostra a tal da abertura. O pessoal já está falando de anistia.

— É, mas até eles me darem a anistia vai demorar muito.

Depoimento: Heloneida Studart

Não foi por acaso que uma organização denominada **Anistia Internacional,** com sede em Londres, ganhou, em 1977, o Prêmio Nobel da Paz. A anistia se tornou, nos últimos tempos, uma palavra popular, repetida, necessária. Isso porque num grande número de países as prisões se encheram de presos políticos, quando não o próprio país se transformou num vasto campo de concentração. No Brasil, temos prisioneiros político, alguns condenados por terem organizado ou tentado organizar partidos que em outros países funcionam de sede aberta e carteirinha com foto no bolso dos seus partidários. Outros, por crime de pensamento. Alguns, por terem em certos momentos apelado para a violência contra uma sociedade que consideram ser não só a depositária de todos os crimes, mas o próprio crime instituído. Há anos se fala — baixo — em anistia em nosso país. Coube a uma mulher, Terezinha Zerbini, gritar alto esta palavra. Mãe e cristã, ela tinha todos os direitos de proclamá-la abertamente. Agora, o apelo pela anistia começa a virar reinvindicação coletiva. O país está enfrentando muitas pressões, principalmente de fora, de todos os que querem impedir o que se chama afirmação nacional. Para suportá-las, é indispensável unir o povo e acreditar nele. Sem povo unido em torno de um projeto nacional, como suportar um simples peteleco das multinacionais? E como ter povo unido se uns são punidos e outros castigadores, uns tratados como culpados, outros como donos da verdade? Se os rancores viram ressentimentos eternos? Anistia quer dizer esquecimento do passado. Quem está dentro das grades, precisa muito dela. Quem está fora, às vezes precisa muito mais.

QUEM É CONTRA

Só é contra a anistia — ampla, absoluta e irrestrita — quem não deseja uma paz nas mesmas condições para o Brasil. Só é contra a anistia quem cultiva radicalismos beligerantes. Só é contra a anistia quem esconde uma fraqueza funda (e afinal evidente) por trás da pose de forte que já não convence ninguém.

Rompida a legalidade jurídico-institucional em 1964, era natural que se seguisse um período de convulsões, que, como todo período convulso, conheceu fases de reação mais violenta. Já faz tempo, porém, que as coisas se estabilizaram. Dentro do atual mandato presidencial, pelo menos, não se conhecem reações violentas contra o governo.

Exilados começaram a voltar, a censura começou a ser levantada em alguns jornais. Mas são migalhas, ainda, pelo menos para quem deseja ver o país todo com todos os direitos iguais para todos. Aonde houver um mínimo de repressão que seja, aonde houver olhares voltados apenas para o passado, aonde houver um gesto ou um simples pensamento de vingança, aí estará a semente do ódio pronta a germinar, crescer, explodir.

Pois anistia, hoje, no Brasil, é sinônimo de Amor, porque anistia é caridade cristã — e a verdadeira Caridade é Amor. Como Cristo morreu

por todos os homens, a anistia não terá nenhum sentido de grandeza se não abranger a todos, literalmente todos os atingidos. Se um único, mas um único homem mesmo, fosse excluído do Seu Amor, Cristo já não seria o Cristo filho de Deus feito homem, por isso mesmo irmão de **todos** os homens.

Assim, se um único, um só homem ficasse fora dos benefícios de uma anistia que viesse a ser concedida — e é claro que ela virá, mais cedo ou mais tarde —, ela deixaria de ser a verdadeira anistia que todos desejam. Exceto os que não querem paz para o Brasil. Exceto os que preferem cultivar seu radicalismo egoísta. Exceto os que buscam esconder — mas não conseguem — sua fraqueza por trás de uma força que na verdade se chama covardia.

MARCOS DE CASTRO

CANÇÃO DO EXÍLIO

O que faz a cultura brasileira no exterior? Ela estuda, canta, dança, faz conferências, pesquisa, analisa, ensina. Ela se manifesta, em suma. Sempre, porém, ligada aos problemas brasileiros, ligada à realidade do país. Não perde nada, tá sempre em cima. Muitos, eram simples estudantes quando resolveram ou tiveram que sair do Brasil. Hoje, participam ativamente das vidas cultural e intelectual dos paises onde estão vivendo. Com vocês, Têca e Ricardo, músicos, inéditos no país, três discos gravados na França, há quase cinco anos vivendo de música brasileira, e só disso, em Paris.

Reporter — O que significa em termos promocion-'s, profissionais e comerciais a gravação de três discos na França, ou seja, o que significa penetrar num mercado, como o Francês, que, ao que parece, não permite uma entrada fácil?

Teca — Do ponto de vista artístico, pra mim significa muito porque você bota em prática aquilo que você faz, A sua arte, aquilo que você quer, grava ali e tá registrado. Agora, no ponto de vista profissional, no nosso caso, aí já entram outras considerações: a máquina, como é que está sendo produzido, como é que está sendo feito, como o disco é feito, quem produz, aí entra numa máquina. No nosso caso, a gente teve sorte porque teve condições de fazer esses três discos como a gente queria, vendo o ponto de vista artístico. Mas no ponto de vista comercial, de produto, existiu um certo bloqueio. Porque esse negócio de gravar três discos na Europa, aí todo mundo diz: ah, fez sucesso. Não não é bem assim. Nós gravamos três discos na Europa, colocamos em prática o que a gente queria fazer, botamos pra fora tudo que a gente tinha...

Ricarco — Atingimos uma determinada faixa de público, um determinado número de discos vendidos...

Teca — Sim, mas acho que muito pequeno.

Ricardo — Sim, muito pequeno, mas o bastante para nos permitir gravar outros. E continuar gravando. Tanto que já estamos começando a trabalhar no quarto. O problema mais importante é que foi um cartão de visitas.

Teca — Eu acho importante fazer um disco, sabe, mas acho importante trabalhar também e viver disso, vender a tua transa e ver que isso funciona. Isso é a parte mais difícil.

Reporter — Esse ponto é interessante. Como é viver, considerando os problemas e limitações de um artista estrangeiro, dentro de uma máquina como a francesa?

Teca — Marginalizado. Se você não está disposto a fazer determinadas concessões, a cantar em francês, fazer uma concessãozinha e produzir um som que eles gostem, fica um pouco marginalizado, principalmente aqui na França é essa caretice. É o folclore e fica nisso.

Reporter — Vocês estão aqui há quanto tempo?

Ricardo — Trabalhando em música, há quatro anos.

Reporter — Bem, quatro anos vivendo de música brasileira em Paris. Eu ouvi o primeiro e o terceiro disco de vocês e reparei que existe toda uma preocupação de defesa da música brasileira e também uma preocupação folclórica, isso me chamou muito a atenção. Não qu seja uma música folclórica, mas acho que existe uma preocupação, inconsciente ou não, com as raizes da música brasileira. Assim, acho muito louvável o trabalho de vocês durante esse tempo todo, vivendo exclusivamente de música brasileira. Então queria que vocês fizessem um restrospecto e dissessem o que foram esses quatro anos.

Teca — Não foi difícil sobreviver. Coincidiu que, na época em que a gente começou, a música brasileira estava na moda. Não foi uma batalha, isso não foi. Pode ser que daqui para diante a coisa mude, mas até agora não é que podemos dizer que foi uma batalha.

Ricardo — Inclusive, em relação a um artista francês que comece, nós temos as portas abertas em primeiro nível. Apenas existe o fato de que um artista francês com três discos gravados, quatro anos de trabalho e o volume de músicas que a gente fez, ele estaria em uma outra posição em relação ao show-business, seria um artista dentro do esquema musical francês. Mas no início nós temos mais abertura do que ele.

Teca — Mas continuando aquele papo da sobrevivência, nós conseguimos uma série de coisas que outros artistas brasileiros, do ponto de vista artístico, não conseguiram. Quando eles iam gravar, os produtores é que davam as ordens: vai ter que gravar isso, Garota de Ipanema, isso no primeiro disco, depois a gente vê como é que fica. Com a gente não aconteceu isso. Nós impusemos o nosso repertório e gravamos realmente o que a gente quis. Botamos pé firme e pronto. A gente faz isso ou então não faz. Mas o grande problema da França, musicalmente falando, é que a França pra som é difícil mesmo. O negócio do francês é literatura mesmo. Eles gostam é da chanson. E a chanson o que é? É um poema contando alguma coisa, acompanhado de um som muito pobre, dois ou quatro acordes, mas o importante é o que ele diz. Em toda a França é isso. É o poeta, o autor, o que que conta a história dele e vai batendo na guitarrinha, tom-tom-tom. Fora isso, o pessoal está acostumado ao pop que vem da Inglaterra, ao jazz. Aí o problema fica um pouco difícil porque a gente não tem um texto pra eles, ficamos um pouco limitados. E como eles não curtem o som, a gente continua marginal, pegando um público aqui e ali. Nos Estados Unidos, acho que já não acontece isso.

Reporter — Dá para definir a dupla Teca e Ricardo? Ou seja, quais são as preocupações musicais? Pelo que eu vi, pelo menos 90 por cento das composições é de autoria de vocês.

Ricardo — Do que é gravado, é cem por cento.

Teca — Com algumas adaptações folclóricas do Norte. Mas o importante é continuar fazer um trabalho com raizes brasileiras e a partir daí você criar um som, que as pessoas curtam, o que é difícil em termos universais.

Ricardo — Tem aí uma coisa muito importante. A gente faz cultura. Somos representante da cultura brasileira, que se exprime fora do país. É um fenômeno que, de qualquer forma, a cultura brasileira está vivendo hoje em dia, como decorrência da situação política, desse transação toda. E não é só na música. Já houve no cinema, com um certo êxodo dos cineastas, sendo que alguns voltaram depois. Existe no campo musical um êxodo importante que houve, por exemplo, com a bossa nova a partir do sucesso, ~~mas~~ posteriormente com uma qualidade um pouco diferente. Um êxodo provoca, por um lado, pela situação política, censura, etcétera, e por outro lado pela falta de abertura no mercado de trabalho interno. Mas a maioria da emigração brasileira é uma maioria que, de qualquer forma, faz arte, faz cultura, faz literatura, são professores. Então existe no exterior um movimento cultural com a preocupação de estar ligado com o Brasil, mas que realmente se exprime no exterior. Até hoje esse movimento está marginalizado e que não tem acesso aos meios de informação no Brasil. Por exemplo, os nossos discos até hoje não foram apresentados no Brasil, mas nenhum deles foi apresentado à censura, nenhum foi proibido e nem tem elementos para isso. Quer dizer, acho que não tem, não sou censor.

Reporter — Vamos agora para a biografia. Como é que começou Teca e Ricardo, essas coisas?

Ricardo — Eu tinha minha carreira profissional no Rio, cantava, tinha um grupo, o Momento Quatro, fizemos uma série de festivais, cantamos com Edu Lobo, com Milton Nascimento, fomos contratados da Record, contratados da Philips, fizemos dois discos na Philips, isso aí. Então conheci a Teca, que também tinha a carreira dela.

Teca — Eu participava do movimento cultural do Recife. Quando cheguei no Rio de Janeiro fui convidada a fazer uma peça no Opinião, uma peça do Plínio Marcos, em 68: "Jornada do Imbecil antes do entendimento". Em 70 viemos para a França. Ficamos dois anos sem fazer nada, até que começamos a trabalhar com música aqui também.

Ricardo — No começo ainda não era um trabalho de grupo. Era a Teca sozinha trabalhando porque eu estava um pouco afastado da música. A partir dos contratos que a Teca estava arranjando para cantar, começou a pintar coisas e eu fui entrando. Começamos a compor músicas junto. Foi indo.

Teca — Coincidiu que na época existia uma procura muito grande de música brasileira, em 71 e 72.

Ricardo — Depois, alguns produtores nos convidaram a fazer um disco, mas um deles deu as condições que a gente queria. O primeiro disco saiu em 74. Em 75 saiu o segundo e no ano passado o terceiro. Em 74 nós tínhamos um nível de trabalho bastante regular, aqui, na Itália na Suiça. E também foi o ano que o Claude Nogaro convidou a gente para fazer o Olympia com ele. Fizemos e foi um sucesso muito grande. Ficamos dois meses no Olympia com a sala cheia todo dia. De novembro de 74 até agosto de 75 a gente esteve constantemente em tournée pela França. Aí nadamos em dinheiro, mas isso é um detalhe. O importante é que tocamos muito; em toda cidade, na França inteira.

Reporter — Parece que vocês tocaram com o Baden também, né?

— Ricardo — Ele participou de alguns shows do Olympia e naquela tournée ele também participou dos shows mais importantes e a gente tocava junto. Mas a presença do Baden tornava o show muito caro porque tinha ele, o Nogaro e a gente. Além da França fomos na Argélia, e na Bélgica também. Abrimos um certo campo, se bem que ligado ao Nogaro, que ajudou a nos lançar no meio profissional francês. Quer dizer, no meio profissional do show-business a gente é bastante conhecido. Tem uma cotação no mercado, o que significa dizer que tem um tanto de público, essas coisas. Vende tantos discos. Mas a nossa perspectiva não é ter uma carreira profissional só na França; não justifica. A perspectiva é conseguir o lançamento dos discos no Brasil e, por outro lado, mas prioritariamente, continuar a carreira internacional.

Reporter — Quando ouvi o primeiro disco de vocês, estava no Brasil e me surpreendi com o trabalho que vocês fizeram. As composições e arranjos do Ricardo, a voz da Teca, um tipo de voz não encontrável atualmente no Brasil, um timbre original. E a qualidade do disco em geral me surpreendeu e a todos que escutaram o disco.

— Ricardo — Eu gosto muito dos três discos. Acho bastante originais e acho que a partir do momento em que houver uma abertura maior dentro do mercado brasileiro os discos vão agradar bastante. Eles representam o momento que a gente estava vivendo aqui, que, de qualquer forma, representa um momento brasileiro, mesmo no exterior. Não são coisas desligadas, nem do que está acontecendo no Brasil nem do resto do mundo. Acho, inclusive, que uma das qualidades do nosso trabalho é não ser um trabalho frio. Não é um trabalho intelectual, fechado, de pesquisa entre aspas, dirigido a um público de elite. Não é isso. Nossa ambição é fazer uma música popular, bem aberta e acho que a gente tem conseguido isso. Tem muita gente que trabalha aqui para fazer música de animação, para animar festas, festivais, standard Brasil, folheto publicitário, que não é a música que a gente faz. A música "Visite Brasil" seria a imagem mais facilmente vendável, que não é o esquema que a gente está. De vez em quando a gente tem que entrar porque precisamos ganhar dinheiro, mas em geral não é essa a nossa música.

Reporter — Atualmente no Brasil, o pessoal está cobrando determinadas coisas, em termos políticos, em se tratando de assumir algo, a determinados artistas, como os baianos. Vocês acham que esse tipo de cobrança deve existir. O artista deve ter uma participação com a realidade brasileira ou apenas fazer música?

Ricardo — Foram cobrar alguma coisa ao Milton ou ao Chico? Não, acho que não.

Ricardo — Então acho que isso já responderia. Mas esse tipo de cobrança tem que existir mesmo e as pessoas têm que dar uma resposta. O artista não pode deixar de querer participar da realidade, do que está acontecendo.

O depoimento de Ziraldo

REPORTER

Rio de Janeiro, dezembro de 1977 – Número 1 – Cr$ 7,00

Autônomo Independente

ERASMO

"Derrubar o regime eu não aceito, não aceito, não aceito."

•

E mais: assassinato, sequestro, bomba, tortura, polícia, justiça, conspiração, censura...

•

D. HIPÓLITO

"Nosso grito incomoda. Temos de usar a palavra."

VIOLÊNCIA

As ameaças verdadeiras à segurança são a miséria do povo, a falta de saúde, a ignorância, o conformismo, a falta de liberdade. O poder autoritário, alienado do povo, se torna portanto p paranóide, discriminatório, violento. Passa a servir à injustiça, não ao povo. Um regime próximo do povo não precisa oprimí-lo nem reprimí-lo. Um regime próximo do povo não teme o povo. Um regime próximo do povo não precisa temer a subversão. O povo não vai subverter uma situação que o favorece.Não me parece existir por acaso o recrudescimento da violência em nosso país,em todos os níveis sociais. A delinquência campeia. A droga. A busca egoística dos paraísos artificiais. Um dos motivos de tudo isso bem pode ser o fato de que, ao povo, lhe foram roubadas as ruas, as praças públicas, onde os grandes problemas deveriam ser debatidos.

Hélio Pellegrino

Muitos anos de medo

Entrevista a Elias Fajardo da Fonseca

Repórter – O que você acha da atual situação política brasileira? Você crê que vá haver mesmo uma diminuição da repressão?

Hélio – Usando o conceito de relatividade, que anda na moda, devo confessar-me relativa e modestamente otimista. O fechamento autoritário chegou a um ponto que a nação brasileira sentiu-lhe os perigos. O próprio Governo sentiu-lhe os perigos. É preciso abrir ou a nação sufoca a o modelo neocapitalista vigente corre riscos graves. O mérito do do governo Geisel consiste em ter conseguido manter, apesar do isolamento a que se condenou, um mínimo de sensibilidade para perceber que uma nação não é uma casta, ou uma corporação, ou uma classe, mas todo o povo. É preciso dar um mínimo de lugar à voz do povo, aos interesses das massas. A partir desse mínimo , na medida que a massa compareça ao cenário político, então será possível ampliar, reformular, progredir para a democracia. Ninguém pode governar o Brasil do alto de exclusivas tamancas privilegiantes, que isolam e minorizam o povo. O povo brasileiro constrói, com o seu trabalho, o crescimento nacional. Este povo, se consegue fazer isto com suas mãos, não é ifante, nem menor de idade. Não é beletrismo que testemunha a fundamental maturidade de um povo. É o trabalho. É o Brasil tem crescido e se modernizado, o que significa que o povo tem o direito de influir decisivamente na construção dessa obra que é sua.

Repórter – Uma das criticas que se faz hoje à Psiquiatria é de que ela é mais um instrumento de repressão social atuando sobre os desvios do comportamento do que uma maneira efetiva de ajudar o doente. O que você acha disso?

Hélio – Todo saber produzido num sistema social e político tem seu recorte ditado pela estrutura desse sistema. A psiquiatria , obviamente, não escapa a esta regra. O psiquiatra recebe do sistema a tarefa gravíssima de determinar o que seja a normalidade psíquica, quais são os parâmetros que a configuram, o que é aceitável ou não do ponto de vista conceito de saúde ou doença mental. Normalidade psíquica, nessa linha de pensamento, é toda conduta que se coaduna com os interesses dominantes de um determinado sistema. Num sistema autoritário, por exemplo, a docilidade, a subserviência, a obediência cega, a falta de senso crítico são considerados traços normais, ao passo que a rebeldia, a independência, a originalidade, o destemor, a coragem de desafiar a autoridade podem vir a ser avaliados como sintomas de perturbação emocional ou mental. Isto ocorre em diferentes planos: no plano familiar, educacional, profissional, existencial e político. Veja-se por exemplo, o que se passa na União Soviética: lá pratica-se o internamento de dissidentes políticos em estabelecimentos psiquiátricos. O Estado, em nome de seus interesses políticos, decreta o que seja a normalidade psíquica e os psiquiatras, a serviço do Estado, adotam esse critério. Entre nós, os dissidentes – ou subversivos – não sofrem este tipo de internamento. Costumam ser internados noutro tipo de estabelecimento.

É preciso que o psiquiatra, pela função social que lhe é atribuída possa fazer uma crítica severa e permanente de suas próprias premissas ideológicas e da ideologia dominante, para que o seu trabalho venha a servir realmente, à saúde e a criatividade de quem o procura.

Repórter – Até que ponto o campo de atuação de um psiquiatra-psicanalista no Brasil está livre da repressão?

Hélio – A psicanálise clínica, em nosso país, não está sujeita a qualquer restrição. Pode-se analisar, em consultório, neuroses, psicoses, perversões, distúrbios de caráter, inibições, sintomas e angústias, tudo na santa paz de Deus. Mas se se resolve desenvolver todas as consequências revolucionárias contidas no pensamento psicanalítico, aí é provável que as coisas mudem.

A ciência psicanalítica constitui o mais poderoso instrumento de desmistificação que o homem contemporâneo possui.

Através dela, é possível compreender até que ponto o exercício autoritário do poder é capaz de lesar os direitos que o ser humano tem ao prazer, à felicidade e à liberdade. A psicanálise do fascismo (vide Reich) leva a uma implacável desocultação da verdade. Não sei se um movimento da psicanálise neste sentido seria tolerado nas condições vigentes de temperatura e (re)pressão.

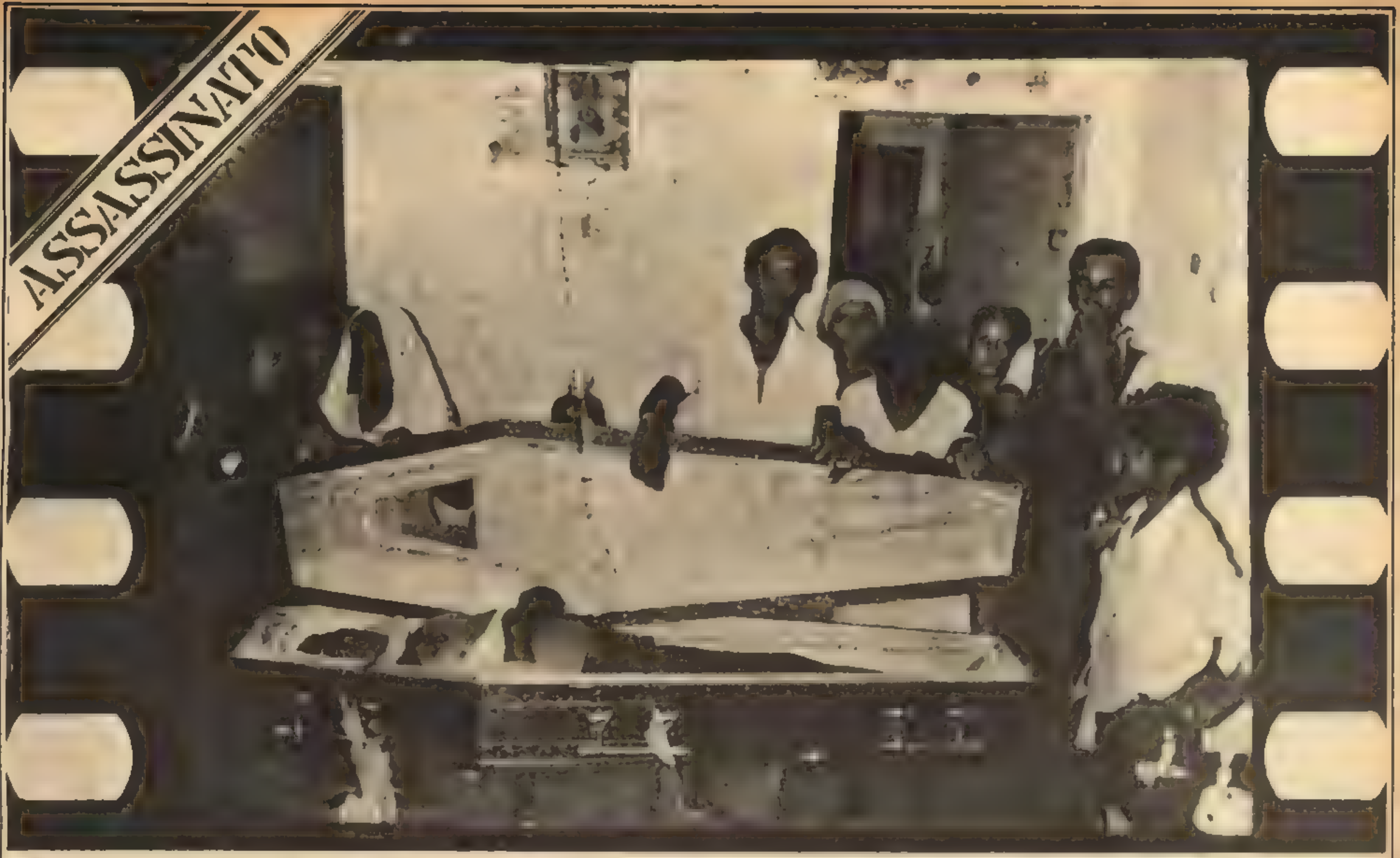
REPÓRTERES/EDITORES – **João Sant'Anna, Luiz Augusto Gollo, Luiz Alberto Bettencourt, Paulo Adário, Chico Júnior, Toninho Martins Vaz, Elias Fajardo da Fonseca, Lúcia Murat, Miguel Ribeiro Furtado, Eduardo Homem, Ricardo Noblat, Flávio Deckes, José Trajano, Márcia Capella, Pedro Motta, Sérgio Sbragia, Cléber Cruz, Daniel Remy, Ivan Maurício, Elvira Vigna, Tim Lopes, Renée Castelo Branco, Bernardo Pellegrini, Chico Vianna, Mário Augusto Jacobskind, César Arruda Castanho.**

ARTE – **Ruth Freihof.**

Os textos assinados não refletem necessariamente a opinião do jornal, sendo da responsabilidade dos autores.

REPÓRTER – Autônomo independente. Uma publicação da Margem Editoria e Programação Gráfica Limitada. Rua Miguel Couto, 134, 1.101/1.104.

Distribuidores exclusivos para todo o Brasil: Fernando Chinaglia Distribuidora S.A. – Rua Teodoro da Silva, 907, fone: 268-9112 – Rio de Janeiro. Composto e impresso nas oficinas da PAT – Publicações e Assistência Técnica Limitada. Rua Doutor Virgílio de Carvalho Pinto, 412, Pinheiros, São Paulo, fone 282-2523.



José foi morto. A família ganhou uma casa

Texto de Ricardo Noblat

Um pesado clima de medo soterra Juazeiro do Norte, a 580 quilômetros de Fortaleza, encravada no Cariri cearense. Sem cadeia pública desde 1974, sem promotores titulares e com apenas um juiz acumulando três varas criminais, a cidade fundada pelo padre Cícero Romão Batista assiste, de janeiro passado para cá, a uma média de 15 assassinatos mensais. O mais trágico deles ocorreu em novembro passado, quando um coronel da Polícia Militar cearense e dois soldados torturaram e mataram com dois tiros José Teófilo da Silva. José, 42 anos, pais de cinco filhos, 1.400 cruzeiros de ordenado era vigia da usina de algodão José Bezerra, de propriedade de três irmãos: o governador do Ceará, Adauto Bezerra, o deputado federal, Humberto e o deputado estadual Orlando Bezerra.

Na raiz da situação de insegurança em que vivem os 120 mil habitantes de Juazeiro está, justamente, o notável poderio político e econômico da família Bezerra. Nas eleições de 1974, por exemplo, somente com votos do Cariri, os Bezerra "fizeram" cinco deputados estaduais e dois federais. Na mesma região elegeram nas eleições municipais do ano passado, cerca de 13 prefeitos - ora aliando-se com remanescentes do ex-PSD, ora com núcleos da ex-UDN, ora com as duas facções ao mesmo tempo. Em Juazeiro, os Bezerra possuem quatro usinas de beneficiamento de algodão, um lote de fazendas, uma sortida de imóveis localizados nos pontos mais valorizados da cidade, a sede de um banco e uma das duas emissoras de rádio. Um formidável culto à personalidade faz com que Adauto seja nome de colégio, de grupo escolar, de mercado público e de um edifício; Humberto empreste seu nome a uma praça e a uma avenida; Orlando seja nome de prédio, do edifício da estação rodoviária e apareça gravado em todas as chaves dos apartamentos do Hotel Municipal; Leandro, outro irmão de Adauto, encime a fachada de um grupo escolar; Amélia e Júlio velhos chefes do clã, estejam imortalizados no frontispício de duas escolas; e, por falta de nomes de parentes mais ilustres, a data de nascimento de Adauto e Humberto, 3 de junho, tenha sido dada a uma escola primária. Além disso, Ivan Bezerra - administrador da usina José Bezerra - preside a Associação dos Profissionais Liberais de Juazeiro; Alacoque, outra irmã, é a diretora regional de educação e Leandro preside, ao mesmo tempo, os sindicatos dos fotógrafos, carroceiros e motoristas - ele, que é um industrial.

Contra tamanho poderio quem haveria de se levantar? Os juizes Reguenoberto Duarte e Miguel Alencar Furtado bem que tentaram, não cedendo a pressões da família. Em vão. Duarte foi transferido e Furtado posto em disponibilidade. Por isso, foi com muito espanto, acostumados que estão a não serem contestados, que os Bezerra encontraram em outubro passado, no escritório da usina José Bezerra, o primeiro de uma série de quatro bilhetes anônimos pedindo dois mil cruzeiros sob a ameaça do parque industrial ser incendidado. Quando surgiu o terceiro bilhete e como seus garranchos parecessem vagamente com os do vigia José Teófilo da Silva, este foi preso, no dia 28 de outubro. Solto no dia seguinte à noite, porque na manhã daquele dia surgira um quarto bilhete que o inocentava, Teófilo contou à sua mulher e aos seus filhos que ouvira severas ameaças de tortura se não confessasse ser o autor da chantagem. Iraídes, grávida de três meses, comentou que enquanto ele estivera preso, procurara Humberto Bezerra e dele ouvira: "Vamos apertar seu marido aé descobrir tudo".

No dia 1º de novembro, novamente Teófilo foi preso - dessa vez por ordens do coronel Antônio Onofre Pinheiro Filho (assessor de confiança do governador Adauto Bezerra), enviado de Fortaleza a Juazeiro para dirigir as investigações. No dia 3, por volta das 23 horas, algemado, num corcel dirigido pelo sargento reformado José Gomes, o vigia saiu do quartel da PM em Juazeiro escoltado pelo coronel e pelos soldados Oliveirinha e Paraíba - este, notório pistoleiro. Supostamente a caminho de Fortaleza, entre os municípios de Farias Brito e Várzea Alegre, José foi morto com dois tiros. A Polícia informou, em nota oficial, que ele se revoltara, tomara o revólver de um dos soldados e por isso fora morto. Na verdade - e isso foi confidenciado a amigos pelo sargento José Gomes -, num trecho deserto da estrada, a pretexto de que um pneu do carro teria baixado, todos desceram e o coronel Onofre deu a ordem: "Baixem o pau". Oliveirinha e Paraíba espancaram o vigia até deixá-lo prostrado no chão. E como se excederam na surra e não poderiam apresentá-lo daquela foram em parte alguma, decidiram matá-lo. Oliveirinha deu o tiro que perturou o peito do vigia e Paraíba, o que lhe penetrou a cabeça.

Levado o corpo para a cidade de Iguatu, lá ele foi metido num luxuoso caixão que custou 7 mil cruzeiros - pagos pelo escritório de representação dos negócios dos Bezerra. O coronel Onofre ainda consultou, por telefone, Ivan Bezerra para saber se enterrava o vigia por lá mesmo, mas recebeu a ordem de devolvê-lo à família em Juazeiro. O corpo ainda apresentava nitidamente todas asmarcas da tortura: cabeça e braços enegrecidos das pancadas, mão esquerda retalhada a faca, cortes de peixeira em cima do peito. Os órgãos genitais estavam tão inchados que a cueca não pode ser abotuada. Várias pessoas testemunharam o estado deplorável do corpo, e pelo menos 12 fotos coloridas foram batidas. Três delas estavam na semana passada, com a Polícia Federal, acionada para investigar o crime depois que o filho do vigia denunciou-o em carta ao Presidente Geisel.

Os Bezerra deram uma casa de 40 mil cruzeiros de presente à família do vigia. Como, depois, a família reclamasse ser a casa pequena, nos primeiros dias deste mês Ivan Bezerra autorizou-a a procurar uma outra que custasse até 80 mil. Enquanto isso, o juiz Miguel Alencar Furtado reune documentos para impetrar um mandato de segurança contra a decisão do Tribunal de Justiça do Ceará que o colocou em disponibilidade. Furtado tentará provar que essa foi uma decisão política e que o tribunal cedeu às pressões dos Bezerra. Para isso, tem testemunhos de duas conversas entre o presidente do tribunal e o governador Adauto Bezerra, que pedia sua transferência de Juazeiro. Possui, também, cartas de Adauto intercedendo por criminosos e uma onde ele, ainda deputado em 1972, lhe afirmava: "Miguel, você precisa chegar a desembargador".

SEQUESTRO

O bispo é comunista?

Dom Adriano Hipólito, o Bispo de Nova Iguaçú, responsável por uma diocese de dois milhões de fiéis, foi sequestrado há um ano e dois meses por uma organização de direita, acusado de "comunista". Foi xingado, surrado, humilhado. Na polícia, foi interrogado como um réu. Seu inquérito está arquivado por falta de provas. Dom Hipólito até hoje sorri constrangido ao relembrar a violência de que foi vítima.

DEPOIMENTO

– No dia 22 de outubro de 1976, eu saí da Cúria Diocesanã às 7 e 15 mais ou menos com meu sobrinho e a noiva dele e ia para casa no meu Volkswagen. Os sequestradores tentaram cortar nosso carro duas vezes e falharam. Diante da casa da moça, fizeram a terceira tentativa: Eram três carros. Me tiraram do meu carro, me botaram num corcel ou Chevette me encapuçaram e me algemaram. Procurei dialogar, mas não aceitaram diálogo nenhum, só diziam palavrões. Diziam: "filho desta", esse negócio vai nos render quatro milhões. Eu estava no banco de trás e havia dois elementos no banco da frente. Antes de me encapuçarem, vi a cara dos dois durante uns trinta segundos. Mais tarde, fiz o retrato falado dos dois para o Exército e para o Dops.

Seguimos por uma rua que me parecia ser a Via Dutra e depois por uma rua de paralelepipedos. Depois eu me perdi. Eles pararam uma duas vezes durante 45 minutos de viagem. Me esvaziaram os bolsos, me deram umas pancadas. Diziam que era para eu me comportar direito e continuavam dizendo palavrões. O do volante parecia ter um nível mais elevado que o outro elemento da direita, que me batia, me dava pancadas na cabeça, no corpo. Aí paramos num lugar, eles me puxaram, tiraram minha roupa toda e tentaram me dar cachaça por baixo do capuz. Eu resisti e eles derramaram cachaça no capuz. Me derrubaram e eu caí, asfixiado pelo álcool. Me deram pontapés. Essa parte de violência física não foi muito exagerada não! Era mais para me desmoralizar, em amedrontar do que para me causar dor. Diziam:

"Diga que é comunista, seu filho desta..."

Eu digo: nunca fui comunista, não sou e nem serei.

E eles: "Bispo vermelho, chegou a tua hora, denuncia logo esse maldito de Volta Redonda e outros bispos vermelhos. Chegou a hora da vingança, traidor da pátria.

Me jogaram um líquido frio no corpo. Eu estava deitado no capim, havia umas pedrinhas miúdas e quando eles chegavam perto eu sentia eles pisando gravetos. Era um lugar ermo, descampado e eu ouvia passar carros numa distância de 50 a 100 metros. Eles diziam assim: "Vamos cortar". Eu eu pensava: "o que vai acontecer? Como vou morrer?"

Eu não sabia o que tinha acontecido ao meu sobrinho nem à moça. Eles revistaram minha pasta que tinha apenas documentos da paróquia e uma coisa que talvez eles não gostassem: um caderno da Diocese sobre democracia e eleições, com um discurso daquele General do 4º Exército onde ele dizia que a deocracia era outorgada pelo Estado e essas barbaridades todas que se dizia naquela ocasião. Excutei a voz do meu sobrinho: "Não façam isso comigo, eu não tenho culpa nenhuma. " Aí tomei a defesa dele: "Deixem o rapaz em paz, ele é apenas um empregado e não tem nada a ver com o que vocês me acusam"

" – Quem ajuda comunista é comunista".

Me deram uns pontapés. Uns dez minutos mais tarde, chegou um deles e diz: "O chefe deu ordem de não ter matar dessa vez. Isso é para você deixar de ser comunista. Tiraram minhas algemas e me amarraram as mãos e os pés com a cordas. Depois de meia hora, pararam e disseram: "Sai" Me puxaram do carro, me deram uma pancada na cabeça, me tiraram o capuz mas não me deixaram olhar. Me deram um safanão e eu fiquei estirado no passeio. Quando me virei, sódeu pra ver que era um carro vermelho.

Eu estava nu, eles tinham cortado minha batina com a tesoura, a rua estava meio escura, sem ninguém. Passou um carro e eu fiz sinal com as mãos. Eu só podia ficar meio de cocóras amarrado como um quadrupede. Pasou um segundo carro, passaram duas ou três mulheres do outro lado da rua, que também não me viram. Depois passou um rapaz a quem eu pedi que me desamarasse. Um senhor que estava no volante e me ajudou a cortar a corda com uma gilete perguntou: "O que o senhor quer?" Eu disse: "me dá uma calça". Meu maior desejo era uma calça. Então fiquei sabendo que estava em Jacarepaguá. Ele disse: "Mas o senhor está sangrando. Aí eu olhei e vi melhor o líquido vermelho que jogaram no meu corpo, para me caracterizar como comunista. "Bispo vermelho", como eles diziam.

Passamos antes pela paróquia de Jacarepaguá, perto da Praça Seca, e fomos para a 29ª Delegacia. O delegado me ouviu e a primeira coisa que fez foi tirar umas algemas da gaveta e perguntar: "Era assim?" Eu digo: Bom, de fato, era uma alegama, mas se era exatamente assim, não sei. O delegado falou de um jeito que mostrou que pra ele era uma coisa já de rotina o encapuçar e o alegamar. (Rindo) Infelizmente, não deixaram a algema comingo: "Isso é um crime político disse o delegado. Então, fomos para o Dops. Lá, na sala do Delegado Borges Fortes, começou aquele interrogatório. A tese de Borges Fortes é que deveria ser um grupo comunista disfarçado em anti-comunista. Para mim isto não faz sentido Mas me trataram bem, com aquelas perguntas todas, naquela situação. Nesse dia, eu tinha acordado às 3 da manhã e sucedeu também a filmagem com o Joaquim Pedro de um especial para a TV Globo sobre vocações sacerdotais. Depois tetaram relacionar o sequestro com minha participação no filme, mas eu acho isso uma bobagem.

No interrpgatório, me perguntaram seu eu tinha ofendido, provocado ou desafiado grupos como a polícia, empresários, etc. E isto tudo ficou a gravado no DPPS (Departamento de Polícia Pol1yica e Social): Deus queira que conservem mesmo o que eu dfisse, porque eu disse umas coisas muito boas., Por exemplo, eles queriam saber sobre a Pastoral. Eu procurei explicar que era um trabalho da Igreja. etc. Eles diziam: "Mas o senhor não acha que essa pastoral não é um trabalho da Igreja? "Eu digo:" Não é nada disso. Uma coisa que eu insisto muito é que o cristão deve ser cristão também em sua profissão. Por exemplo, se o senhor é cristão, não deveria estar me tratando como está agora. Eu sou uma pessoa de responsabilidade, que está cansada, o senhor deveria dizer: "Vá para casa , descanse, vamos conversar amanhã. Não tem sentido começar este interrogatório sem fim depois de ter acontecido tudo isto. Ele disse: "Eu também não estou aqui por prazer. Fui acordado pelo Secretário de Segurança para tomar esse depoimento."

O telefone tocou, era o Núncio, que queria falar comigo. Mandaram esperar. Eu falei: Olha, acho melhor atender, porque afinal de contas se trata de um representante diplomático do Vaticano. O Núncio foi lá, entrou, invadiu a sala, me abraçou e disse: "Eu estou solidário com o senhor. Espero aqui até o senhor terminar: Ficamos no Dops até mais ou menos quatro horas. Eu tinha a impressão de que não era a vlima, mas sim o réu.

REPÓRTER – O senhor disse que a versão do Delegado era de que os sequestradores eram um grupo de esquerda disfarçado em direita. Mas também tem muita gente que acha qeu é um grupo de direita que conta com o respaldo ou, no mínimo, com a benevolência do Estado. O que acha disso?

DOM HIPÓLITO – Os sequestradores disseram: Nós somos da Ação (ou Aliança) Anti-Comunista Brasileira. Para mim fica claro, se eles quisessem pegar um comunista não podiam ser comunistas. Comunista não sequestra comunista. Também não acho que seja coisa pessoal contra mim. Eles queriam atingir a CNBB, do contrário não teriam explodido meu carro em frente à CNBB. E o que complicava mais a coisa era a bomba logo depois na casa do Roberto Marinho. O mesmo grupo que levou meu carro assumiu a responsabilidade da bomba.

O General Reynaldo me perguntou se eu concordaria em que o Exército fizesse um inquérito paralelo ao Dops, e que seria secreto. De setembro a janeiro, o inquérito correu secreto, até que Veja furou e publicou.

Na Sexta-feira seguinte, fomos fazer a reconstrução. Um detetive do Exército, que veio de Brasília, um ou dois oficiais, eu e o meu sobrinho. Fomos pela Dutra, entramos no Café Pimpinela, pegamos Mesquita, Nilópolis, Avenida Brasil. Meu sobrinho, que não tinha sido encapuçado, reconheceu a Vila Militar. Agora, quando eu penso nisso, fico refletindo: Porque me levaram em direção à Vila Militar? Que negócio é esse? Nós devemos ter passado na Vila Militar um pouco antes das 9 hotas. Depois das nove tudo lá é e fiscalizado.Como é que os sequestradores se aventuram por lá duas vezes, sem saber o que podia acontecer no caminho?

Na época do inquérito do Exército, foi distribuída uma carta em nome da Ação Anti-Comunista Brasileira. Nesta carta, (com centenas de exemplares), me chamavam de corrupto, subversivo, imoral, diziam que eu tinha oferecido 500 mil cruzeiros para eles me pouparem a vida. Não me passou pela cabeça um só segundo pedir misericórdia a essa gente. Eu estava disposto a morrer tranquilamente e feliz. Por amor ao Evangelho. Eu estava acima disso. A gente sempre sabe o que está fazendo e isso exige um preço alto. Esse preço eu aceito, mesmo que seja a morte.

Noutro ponto da carta, dizia-se que a CNBB é infestada de comunistas, que Roberto Marinho é protetor de comunista, que a TV Globo é um ninho de comunista e que o Governo Geisel é corrupto, covarde e protetor de comunistas. "Agora tomamos a frente da defesa da Revolução", diziam eles, "e não daremos mais lições como a que demos neste bispo corrupto, comunista. Daí para frente executaremos os inimigos da Pátria".

REPÓRTER – Em que pé está esta investigação?

➔

Não, o sequestrador é fascista.

"Qualquer coisa que destoe do estabelecido é tida como comunista. Há ainda uma psicose coletiva: basta dizer você é comunista e não precisa provar nada. Tudo isto explica um caso como o meu"

Foto de Miguel Furtado

DOM HIPOLITO – Em março deste ano, li no JB que a Auditoria da Marinha mandou arquivar o processo por falta de provas.

REPÓRTER – Qual a sua reflexão sobre a atuação das autoridades no episódio? Que lições o senhor tira disto?

DOM HIPOLITO – É evidente que, minha atividade pastoral, sendo uma missão profética, implica sempre em área de conflito. Não que a gente procure brigas por aí, mas a missão profética tem a finalidade de desmascarar o que está errado, numa perspectiva de esperança. Eu considero uma consequência natural que muitos não se conformem com esta missão profética do trabalho da Igreja e procurem fazer coisas contra mim ou qualquer outro que age desta maneira.

REPÓRTER – Em que medida este seu trabalho se torna perigoso?

DOM HIPÓLITO – Você imagina o seguinte: – Você é um empresário cristão, mas explora seu empregado. Eu digo que está errado, que você não pode comungar. Pra comungar tem de emendar e você quer comungar e não quer emendar. Está criado o conflito. Não é possível que um sujeito que se diz cristão, que participa da missa, da Eucaristia, etc, explore seus empregados. Ou que passe aí todos os anos com carros modernos, importados, pagando salário de fome e explorando a comunidade proletária. Não é possível ser cristão. Mas não se pode dizer isto, pois isto é comunismo.

Existe também a insegurança de quem vive na obsessão anti-comunista. Qualquer coisa que destoe do estabelecido é tida como comunista. Há ainda uma psicose coletiva: basta dizer "você é um comunista" e não precisa mais provar nada. Tudo isto explica um caso como o meu.

O aspecto positivo é que, dentro desta atmosfera de insegurança total em que o povo vive, eu participo desta insegurança. Porque eu não me sinto absolutamente um privilegiado dentro da sociedade. Me sinto um membro desta comunidade do povo que está aí sofrendo coisas horrorosas. Então acho que foi muito bom para mim que eu sofresse indiretamente essa insegurança do povo. Muitas vezes, em reuniões de operários e estudantes, alguém me perguntou: – Meu irmão, se amanhã eu for preso, o que o senhor faz?

Eu digo: Não sei. Não conheço nenhum filho de general, não sou amigo de empresários, políticos, gente de poder a quem eu pudesse recorrer. Na hora que acontecer é que eu iria pensar com vocês no que fazer.

REPÓRTER – Como foi a reação da população ao seu sequestro?

DOM HIPÓLITO – Milhares de pessoas passaram por aqui para saber de mim. Cinco mil pessoas vieram à missa comunitária. Eu nunca vi uma igreja tão cheia, tão viva. As pessoas participaram intensamente.

O REPÓRTER – Houve alguma tentativa de limitar a participação das pessoas na manifestação de solidariedade ao senhor?

DOM HIPÓLITO – No dia da missa, o SNI e o Dops estavam aí. Mas eu não tenho nada a temer. Me sinto acima dessa coisas todas.

REPÓRTER – O senhor não acha perigoso deixar que um sequestro aconteça impunemente?

DOM HIPÓLITO – A coisa mais grave é realmente a impunidade. Que aconteçam atos de violência, eu acho que já vem do próprio ânimo da comunidade. Agora, que essas violências não sejam apuradas e nem seja punidos os responsáveis, eu acho que não está certo. Isto provoca a repetição do fato. Quando há impunidade, é porque alguma coisa não funciona bem, seja da parte da polícia ou da justiça.

REPÓRTER – Como seu sequestro repercutiu a nível do Vaticano? Pois ele representou um ataque à Igreja enquanto instituição, num país como o Brasil, que se diz católico...

DOM HIPÓLITO – A gente não deve exagerar. A igreja sempre sofreu perseguições. Não sou o primeiro nem o último padre atingido. Há uma atmosfera de hostilidade para com a Igreja porque ela assumiu um papel diferente do que assumia antigamente. A Igreja não se conforma mais com o estabelecimento, sobretudo nos países do Terceiro Mundo. Não aceitamos que a Igreja seja hoje um sustentáculo do poder civil. Ela não é mais caudatária do sistema de poder, mas alguém que contesta, a partir do Evangelho, os abusos do poder. A verdade é que toda a imprensa católica e até o Papa pessoalmente comentaram o caso, mas não como uma exceção.

Foi um caso excepcional no Brasil. Foi a primeira vez, desde Dom Macedo Costa e Dom Vital, há cem anos, que um bispo sofre perseguição de tal nível. (Na década de 70 do século passada, uma Irmandade católica de Recife aceitou membros maçons. Na época, havia grandes divergências entre a Igreja e a Maçonaria. O bispo de Recife proibiu os maçons na Irmandade e suspendeu o padre que os aceitou. A Irmandade recorrer ao Imperador, que deu ganho de causa a ela. O bispo do Pará apoiou o bispo de Recife e os dois foram condenados a dois anos de trabalhaos forçados no Rio. Quando o Duque de Caxias foi convidado para o Ministério da Guerra, impôs como condição a libertação dos dois. O Imperador foi contra e prevaleceu a opinião de Caxias).

– Mas foi diferente, pois os dois foram enquadrados numa lei objetiva. Comigo, o caso foi diferente. Tratou-se de um sequestro, uma violação de leis existentes.

REPÓRTER – Que tipo de conselho o senhor daria a alguém que tivesse sofrido as mesmas violências que o senhor sofreu?

DOM HIPÓLITO – Nós defendemos uma convivência pacífica, somos partidários da não violência. Não somos partidários da passividade, mas sim de uma resistência passiva. Uma resistência não-violenta. Devemos protestar e conservar este protesto. Devemos lutar para eliminar esses abusos, essas deformações, e violações da dignidade da pessoa humana. Este é outro aspecto importande da missão da Igreja. Devemos denunciar essas coisas.

Tem muita gente que diz que não adianta nada. Mas eu acho que, se não adiantasse, não haveria esse medo da palavra frágil que a Igreja diz. Nosso grito incomoda. Os instalados não querem ser perturbados na sua tranquilidade. Esses que exploram, que violam os direitos humanos. Nós temos de continuar usando a palavra, que é a nossa maior força.

BOMBA

Enio Silveira

"Fui tratado como cidadão de 2ª classe"

Entrevista a João Sant'Anna

Em 1966, a Editora Civilização Brasileira recebeu a primeira bomba, em sua antiga sede, na rua Sete de Setembro, no Rio de Janeiro. Dez anos depois, em dezembro de 1976, explodiu a segunda, desta vez no depósito da empresa. Em ambos os casos, apenas danos materiais. Nas duas ocasiões a polícia foi chamada mas nada esclareceu. Segundo o editor Enio Silveira, as garantias que o Estado deve oferecer a todo o cidadão lhe foram negadas:

– O Estado me virou as costas. De acordo com a visão de certos setores, parece haver cidadãos de primeira e segunda classe. Estou convencido que sob a ótica do governo eu sou um cidadão de segunda classe.

"A polícia compareceu ao depósito da empresa onde a bomba explodiu. O sub-delegado me intimou a comparecer à delegacia do bairro. Achei estranho que, de vítima real que eu era, como diretor da empresa, passasse imediatamente a suspeito. O comissário me disse logo que aquilo lhe parecia o resultado de uma divergência entre grupos de oposição ao governo. Acrescentou que a Civilização Brasileira já era sua velha conhecida por publicar livros de autores esquerdistas.

Daí, passei para o Dops. O Dr. Borges Fortes prosseguiu na mesma linha e eu me senti de tal maneira transformado em acusado que protestei veementemente, perguntando ao delegado que providências ele iria tomar. Ele respondeu que não tomaria providência alguma porque esses atentados eram mesmo misteriosos e não deixavam pistas. E, além do mais, ele não estava interessado em perder tempo com divergências internas da esquerda.

Diante do meu espanto ele esclareceu que, na sua opinião, eu figurava na linha liberal das esquerdas e que os duros não estavam de acordo com essa posição. Sem querer parecer arrogante, esclareci que sequer comentaria essa linha de raciocínio, tão absurda me parecia. Mas sugeriria, – embora jamais tenha sido policial, e jamais pretenda ser policial – algumas linhas de possível investigação:

– Análise química dos explosivos;

– Impressões digitais na lata que continha o explosivo, da qual vários fragmentos estavam no local, alguns bem grandes;

– Percorrer os fichários policiais para estabelecer uma sintonia entre forma de ação e oportunidade dos atentados para chegar, por eliminação a grupos de pessoas que pudessem ter motivos para odiar a Civilização Brasileira, a Ordem dos Advogados do Brasil ou outras empresas e entidades que haviam sofridos atentados semelhantes.

Novamente ele respondeu que não estava disposto a perder tempo com incidentes como aquele e acrescentou que eu me desse por muito feliz por não ter havido vítimas.

Dias depois, às três horas da madrugada o telefone de minha casa toca e uma voz não identificada afirmava que eu demonstrava não ter apreendido a lição e que brevemente eu ou pessoas da minha família seríamos eliminados em defesa dos princípios cristãos e democráticos.

Não mudei nem mudou a Civilização Brasileira, no curso de suas atividades, uma vez que estou convencido, como diretor da empresa, que nós exercemos ao máximo possível, dentro das limitações atuais, o nosso compromisso auto-imposto com a causa da efetiva emancipação nacional e da redemocratização da nossa sociedade".

Repórter – O Sr. acredita que exista alguma relação entre a bomba colocada no depósito de sua empresa e o fato de ser ela a editora do livro "A. Ditadura dos Cartéis", de Kurt Mirow?

Ênio – Acredito que sim. Mesmo porque o autor me disse ter recebido posteriormente ameaças de que lhe aconteceria a mesma forma de punição já imposta a nós.

Repórter – Kurt Mirow parece sugerir na entrevista que nos concedeu que um cidadão de nome Robert Lenz Plassing poderia estar vinculado a esses atentados a bomba. O Sr. também tem esta impressão?

Ênio – Não tive contato com esse cidadão. Mas, conversando com alguns amigos que realizaram sondagens em áreas que se ocupam profissionalmente do controle da segurança nacional, tive notícia de que esse cidadão já tem seu nome fichado como suspeito de atividades terroristas. Suspeitava-se apenas, pois suponho que se houvesse alguma coisa de concreto ele já teria sido processado. Eu considero o terrorismo improdutivo e frequentemente contra-producente: não acredito que a causa dos palestinos seja ajudado pelo assassinato de pessoas inocentes. Como não acredito que a causa da democracia seja beneficiada se pessoas ou empresas que lutam por ela sofram violências desse tipo. Esses atentados só mostram a indigência mental de seus autores, além de ressaltar sua covardia. São aqueles que agem no anonimato, protegidos pelas horas neutras da madrugada.

Bomba na

Os panfletos assinados pela Aliança Anticomunista Brasileira e deixados no depósito da Editora Civilização Brasileira, em Bonsucesso, onde uma bomba explodiu às 23h55m de domingo, foram escritos pelos mesmos autores dos atentados contra a OAB, a ABI, a redação do semanário Opinião e o carro do Bispo Dom Adriano Hipólito. A máquina de escrever e o papel de seda são os mesmos.

Além dessa conclusão, os técnicos do Departamento de Polícia Política e Social determinaram que a bomba, de alto teor explosivo (destruiu uma porta de madeira, danificou dois veículos, rachou paredes e quebrou vidraças), era de fabricação caseira, mas montada por um perito, com bananas de dinamite e uma lata vazia de óleo. (JB, 9/12/76)

...aquela madrugada disseram aos três rapazes para casa e meteram-nos rumo aos subúrbios de No... çu. No banco da frente o m... e um soldado alto e preto; trás os três rapazes e um s... mulato e baixo. Num descam... ainda com o carro em marc... soldado ao lado dos rapazes t... o revólver e disparou um tiro testa de Luís Silva, outro na ... de Arilson e um terceiro era d... nado a Daniel, que teve tempo ... se desviar e a bala ficou alojad... um pouco abaixo da orelha. O soldado que ia à frente comentou: *Não é assim que se faz, rapaz.* Os três foram depois jogados ao chão levaram mais tiros Daniel sobreveu e foi contar tudo.

Os dois PMs implicados foram presos e indiciados e o Boletim Interno da PM do Rio conclui assim: ... é o sucinto relato da repulsi... ocorrência que tanto sensibili... u a opinião pública, ampla e mi...

LEIA NO BEIJO:

A invenção do homossexual

A estratégia da medicina

No dia 23 nas bancas

"O Braço Clandestino da Repressão"

Em 1º de outubro de 1975, Affonso Celso Nogueira Monteiro, advogado, foi sequestrado em São Paulo por três homens não identificados. Encapuzado, foi levado primeiro para uma casa onde sofreu torturas durante 15 dias, ouvindo gritos de outros sequestrados. Seus torturadores se auto-denominaram "braço clandestino da repressão do governo".

Após 15 dias de torturas, os sequestradores comunicaram a Affonso Celso que teriam de libertá-lo devido à agitação provocada pela denúncia do sequestro realizada por sua família e amigos. Foi transferido para uma outra casa, onde foi alimentado e medicado para ser solto no dia 22 de outubro.

Uma semana mais tarde, Affonso Celso realizava um relatório para a OAB (Ordem dos Advogados do Brasil), no qual detalhava tudo que ocorrera durante os 22 dias do sequestro. Anexou ao relatório fotografias que mostravam marcas generalizadas de torturas no seu corpo.

O advogado finalizou seu depoimento dizendo ter clareza dos riscos que passaria a correr por denunciar tais fatos. "Mas sei que, se cada um assumir seu dever de denunciar, protestar e combater tais crimes, deixará de haver lugar para eles. O silêncio será tolerância e conivência". O depoimento nunca foi publicado na imprensa.

Estes são os fatos, segundo o relatório da OAB, feito em cima do depoimento de Affonso Celso.

(Assim que chega a casa é conduzido para um local que chamam de "buraco")

"Imediatamente, desnudam-no, descalçam-no, amarram-lhe as mãos, seguram-no e lhe aplicam choques elétricos, iniciando-se o processo de tortura, que continua suspendendo-o no pau de arara, aplicando simultaneamente choques elétricos em todo o corpo e pancadas nas partes musculares expostas, principalmente nádegas, dorso, coxas, espáduas e braços."

(após certo tempo de tortura ele desmaia e é levado para uma sala de interrogatório. Posteriormente, retorna à tortura)

"É submetido a sessão de choques elétricos, desta vez com mais violência e intensidade, seguida de novo pau de arara, acompanhado de choques e repetidas asfixias por tamponamento da boca e narinas".

(novamente desmaia e retorna à sala de interrogatório)

"Retornando, sempre nú e vendado, ao quarto de interrogatório este é reiniciado ainda com perguntas sobre pessoas e lugares de São Paulo, Santos e São Bernardo, além de hipotéticas ligações com parlamentares e eclesiásticos, cujos nomes e endereços reitera não conhecer".

"Interrompido o interrogatório, permanece deitado no chão sobre jornais, sentindo-se sangar nos membros, nádegas e dorso, com dores por todo o corpo, com frio, fome e sede."

(supõe ter desmaiado novamente)

"Reiniciou-se o interrogatório sobre os mesmos assuntos e, face às novas frustações das respostas, é mais uma vez levado à tortura, agora ao ar livre, sem "apu de arara". Mas com um novo método que consiste em pendurar a vítima pelos pés, mantendo os braços suspensos, posição em que socam a altura do estômago e dos rins. Também nessa ocasião e nessa posição, lhe são aplicados choques elétricos. Outras vezes, na mesma posição, a vítimna é abraçada pela caixa toráxica, fortemente apertada e puxada para baixo. Terminada a sessão de "treinamento de boxe" em saco de areia humano, é derramado sobre o corpo, a partir dos pés, água que entra pelas narinas, e ao final, um líquido que provoca intensa sensação de ardência e calor, cuja natureza não identificou.

Descido deste instrumento, perguntaram-lhe se sabe nadar e informaram-no de que tomaria banho de cachoeira e a seguir de rio. O primeiro banho consistia em ser deitado e mantido nessa posição no leito pedregoso de um riacho pouco profundo, cujas águas repentinamente crescem de volume e ímpeto, determinando desequilíbrio e revolvimento de seu corpo nas pedras, aumentando os ferimentos e as dores.

No banho do rio, a vítima é amarrada pela cintura, empurrada para um poço ou pequena piscina cimentada, com fundo limoso, onde vários homens se divertiam com risadas e comentários "espirituosos" impondo-lhe sucessivos afogamentos, até ao presumido limite da resistência.

Terminado o último banho, é carregado para dependência próxima, onde lançam sobre uma cama, cobrindo-o com uma lona áspera, sob a qual, impossibilitado de respirar por violentas dores no peito e nas costelas, permaneceu por longo tempo a tremer de frio. Antes de conseguir dormir, pela primeira vez desde o sequestro, comeu alguma coisa: uma sopa rala que lhe trouxeram e bebeu água".

(perde a noção de tempo. É transferido para o quarto de interrogatório, onde é instalado em uma cama coberta de jornais e algemado na beira

"Trazem-lhe café com leite e pão, deixando-o sozinho por largo tempo, em que descansado, e mais atento, pode deduzir, pelos ruídos e sons que distinguia, inclusive gritos, que além dele outras pessoas estavam sendo torturadas no imóvel em que se encontrava.

Com o tempo, e recordando a própria experiência, passou a relacionar o ruído das chegadas de carros com a subsequente tortura de novos sequestrados, geralmente com um intervalo de dez minutos entre a chegada do carro e os primeiros gritos dos supliciados."

(Apesar de submetido ainda a interrogatórios e pressões, inicia-se um tratamento pela sua recuperação física. Passados alguns dias, é transferido para um outro local)

"No mesmo dia da entrada nesse posto de recuperação intensiva, foi informado que, face à movimentação promovida por sua mãe e outras pessoas, a sua situação de "sequestrado" já era de domínio público. Tal fato causava aos sequestradores alguns embaraços, pois as autoridades de segurança do governo lhes estava cobrando a sua apresentação. Mas esta não podia ser feita no momento, porque embora o andamento fosse satisfatório, a sua recuperação orgânica ainda não se completara, sendo muito numerosas e extensas as feridas e equimoses existentes.

Ñesta oportunidade lhe foi dito ainda que algumas hipóteses existiam para a solução de seu caso:

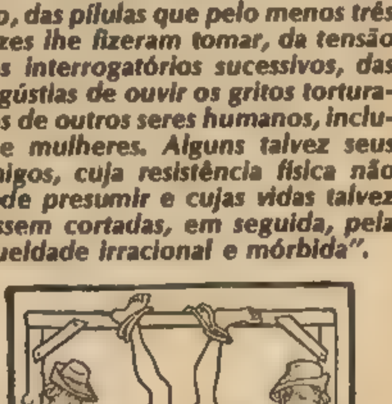
1 – eliminação física, o que nas atuais circunstâncias não estava sendo cogitado;

2 – ser levado a Argentina, com a ajuda da AAA deste país onde poderia até mesmo ligar-se a companheiros políticos seus;

3 – ser liberado em local distante"

(Após cerca de sete dias de recuperação, foi colocado dentro de um carro para ser liberado, recebendo instruções de como deveria se comportar para evitar que o "setor de repressão clandestino adotasse medidas de auto-preservação")

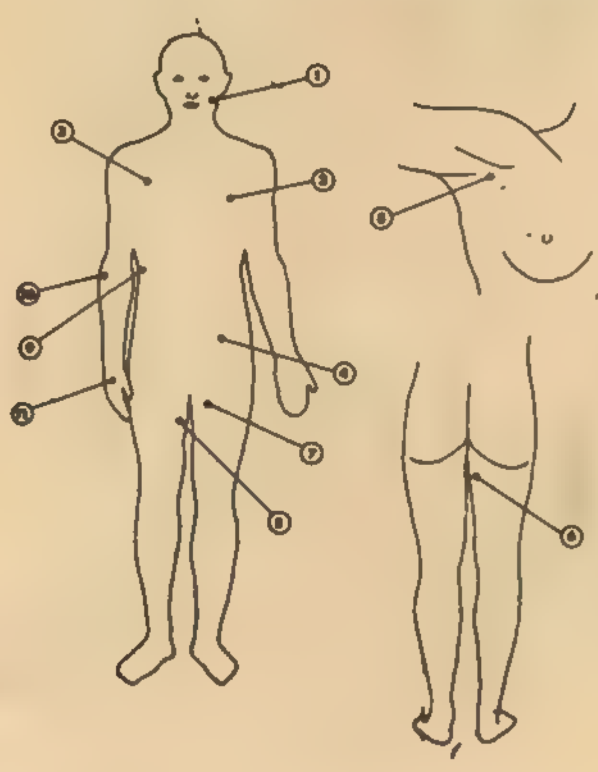
"Eram 2 horas da madrugada do dia 22 de outubro de 1975 e o sequestro se dera a 1º de outubro. Foi possível então averiguar com surpresa, que, no local de tortura, havia permanecido cerca de 14 ou 15 dias. Deles, tivera vaga consciência do transcurso de 6 ou 7. O resto deste tempo estava inconsciente, por efeito das torturas, da debilitação, das pílulas que pelo menos três vezes lhe fizeram tomar, da tensão dos interrogatórios sucessivos, das angústias de ouvir os gritos torturados de outros seres humanos, inclusive mulheres. Alguns talvez seus amigos, cuja resistência física não pôde presumir e cujas vidas talvez fossem cortadas, em seguida, pela crueldade irracional e mórbida".



POLÍCIA

Chico levantou os braços. E a Rota lhe deu 11 tiros.

Em março de 1978, finalmente, deverá ir à júri o processo que envolve a morte de três rapazes paulistas pela Rota, ocorrido em 1975. No início de dezembro realizou-se a última audiência na 1ª Vara Auxiliar do Júri de São Paulo, quando foi ouvida a última testemunha da defesa (os três policiais são qualificados como vítimas no processo). O Repórter refaz toda a história de um processo que foi, antes de tudo, tumultuado pelas versões e inversões apresentadas pelos pociais.



O exame mostrou que, quando Chico foi metralhado, estava de costas e com os braços levantados

Texto de Flávio Deckes

Eram três: os estudantes Francisco Nogueira de Noronha, 17 anos, o **Chico**; Carlos Inácio Rodrigues de Medeiros, 22 anos, o **Pancho**, e João Augusto Diniz Junqueira, 19 anos, o **Gugu**. Eles cruzaram com a Rota 66. Tudo começou com uma simples suspeita, um palpite dos policiais. Depois veio a perseguição (Francisco dirigia sem habilitação e não parou): ao final da correria os três estavam metralhados, os corpos dilacerados por dezenas de balas.

Apesar de as rádios transmitirem por quase todo o dia 24 de abril de 75 que a polícia "colocou fora de circulação de madrugada mais três bandidos marginais metralhados na esquina das ruas Argentina e Alaska, no bairro **chic** do Jardim América", ao final da tarde veio a confirmação: "'os marginais" eram gente de bem. A Rota 66 se dera mal: das centenas de tiros disparados pelo sargento José Felício Soares, 27 anos, casado, 2 filhos, (responsável pela patrulha 66), pelo soldado Cláudio Cândido, 29 anos, casado, 2 filhos (motorista), e cabo Martinez, 23 balas foram fatais e mataram os rapazes instantaneamente.

Eles não tiveram chance, conta o advogado Idel Aronis, cotratado pelas famílias Noronha, Junqueira e Medeiros: foram metralhados após perseguição, incialmente pela Rota 13, que começou na avenida Nove de Julho, já sob fogo cerrado, conforme documentos e laudos periciais em seu poder. O mais taxativo é o resultado do "Exame Necroscópico" ("Laudo de Exame de Corpo de Delito"), assinado pelo Instituto Médico Legal, que apontou a trajetória das balas. Dos onze tiros recebidos por Francisco, um deles penetrou "sobre a linha axilar média, direita, saiu pela região dorso lombar", como descreve o laudo. Quer dizer, **Chico** estava de pé, fora do carro, com as mãos para cima e de frente para os policiais quando recebeu a rajada de tiros.

A tragédia do dia 23 de abril de dois anos atrás continua presente na vida das famílias de **Chico, Gugu** e **Pancho**. O pai de **Chico**, que é diretor do Banco Itaú, passou desde então a frequentar assiduamente missas não sai da Igreja. O sr. Diniz Junqueira, pai de **Gugu**, recolheu-se mais ainda à sua fazenda com a família no interior de São Paulo (o rapaz ia seguir para lá na manhã seguinte ao crime). Dona Consuelo Medeiros de Pierre, viúva, mãe de Carlos Inácio **(Pancho)**, retornou à Espanha, onde nasceu. Vendeu a charutaria de sua propriedade na rua São Bento, mas é mantida pela aposentadoria que o marido lhe deixou e pelo salário do filho mais velho.

Os policiais da Rota 66 em nenhum momento foram afastados do serviço e continuam participando das rondas pelas ruas de São Paulo, com autorização do Secretário de Segurança, Coronel Erasmo Dias. A versão dos PMs para os acontecimentos da madrugada de 23 de abril de 1975 é detalhada, mas mudou bastante daquela apresentada após o crime. Os rapazes, dizem os policiais, alvejaram a Rota 66 e a resposta ao fogo foi em cumprimento do dever legal; não praticaram delito algum, pois tentavam parar um carro suspeito, em cujo interior havia três indivíduos atirando.

Versão bem diferente sustenta o advogado Idel Aronis, assessorado pelo prof. Paulo José da Costa. De acordo com as provas que colheu, os garotos não pararam porque **Chico** era ex-menor e não tinha habilitação. Foram perseguidos sob fogo cerrado mas não deram nenhum tiro, pois não tinham armas. Bom volante, **Chico** se livrou da perseguição por uma vez, mas acabou derrapando na esquina da rua Alaska com a Estados Unidos. Após o choque com um poste, atordoados, os garotos iam saindo do Volks azul El 6501, com as mãos na cabeça, e foram abatidos.

A reconstituição da cena do crime não foi possível. Ferdinando Magnani Neto, 28 anos, que comandava a Rota 17 e que chegou ao local do crime em seguida, levou os garotos ao Hospital das Clínicas. Disse no depoimento que embora estivessem mortalmente feridos, procurou socorrê-los rapidamente. Mas 10 minutos depois que os três deram entrada no hospital ele entrou para saber e informaram que estavam mortos.

Os rapazes estavam mortos quando chegaram ao HC, segundo declarações X da direção do hospital. Os cadáveres foram colocados à força pelos policiais em macas encostadas no corredor do pronto socorro, infringindo seus próprios regulamentos.

Conta ainda o advogado Aronis que todo o quarteirão da rua Groelândia, onde ficam também o 15º DP, foi logo isolado, por ordem das autoridades lá presentes (o **staff** do secretário de Segurança e diretores do CIOP – Coordenadoria de Informações e Operações da Polícia). Enquanto isso, procuravam-se formas de embaralhar evidências. Aronis mostra como tem derrubado pacientemente todas as provas forjadas. A principal delas era a arma pela qual a guarnição da Rota 66 diz ter sido alvejada. A partir da numeração, que felizmente se encontrava na arma, o advogado encontrou seu dono: ele perdera o revólver no dia anterior depois de uma batida da própria Rota. A ausência de armas com os rapazes, além do metralhamento sumário de Francisco, com os braços para o ar, e a comprovação de que a arma encontrada no Volks azul era da própria polícia, permitirão provar, segundo Aronis, em março, quando o processso poderá ir a Júri, que houve excessos.

Carros cinzas, boinas negras e muitas mortes

O fuzilamento dos três jovens no Jardim América é apenas um caso entre os muitos das Rondas Ostensivas Tobias de Aguiar em São Paulo. Abaixo, alguns deles que não ganharam o mesmo destaque da imprensa.

ROTA 06

Adirson Veríssimo, 29 anos, solteiro, mecânico, morto por engano por policiais da Rota 06 no dia 1º de julho de 1972 na estrada de Mutinga, em Osasco, município da Grande São Paulo. Adirson dirigia a serviço sua Kombi junto com o mecânico Augusto Lima e o técnico em telecomunicações Laércio Antonio Birischi quando foram perseguidos e metralhados pela Rota 06, integrada pelos PMs Getúlio Matsumoto (comandante), Milton Filó, Antonio Valdir Jaime, Luís Olindo de Abrei e Luís Carlos Noguelra Barbosa.

Os PMs foram indicados por homicídio e dupla tentativa de morte pela promotoria da 1ª Vara do Júri da Comarca de Osasco. Os pais de Veríssimo impetraram ação de indenização contra a Fazenda do Estado de São Paulo e ainda esperam a decisão.

ROTA 75

Tramita no Forum de São Paulo inquérito sobre a morte de Claudio Valério e Gilberto de Sousa Andrade, alvejados a 29 de setembro de 75 pelos integrantes da Rota 75. De acordo com os soldados, os dois responderam com tiros de revólver quando foram intimados a apresentarem documentos, num terreno baldio do Jardim Ondina, na periferia.

Testemunhas do caso desmentem a história dos policiais, afirmando que Gilberto e Cláudio não resistiram aos PMs, sendo por eles transportados para o terreno baldio. Gilberto e Cláudio foram acusados pela Rota 75 de terem na manhã daquele dia, assaltado um supermercado e baleado dois policiais.

Investigações realizadas pelo 28º DP provaram que Gilberto estava trabalhando na hora do assalto, e que Cláudio, manco de uma perna, não tinha condições de participar do roubo.

ROTA 113

Um passeio turístico que Antônio Severino da Silva, 22 anos, solteiro resolveu oferecer no dia 19 de março do ano passado a três conterrâneos recém-chegados de Pernambuco foi interrompido bruscamente pela Rota comando 113. Uma rajada de metralhadora, disparada contra o carro em que viajavam, ferindo gravemente dois rapazes. Motivo: Severino não entendeu o sinal que os PMs lhe fizeram para parar.

Ao apresentarem a ocorrência ao 23º DP, os policiais entregaram uma pistola automática calibre 6.35, que disseram ter sido utilizada pelos componenetes do Opala contra o carro policial. Mais tarde constatou-se que a arma não disparara nenhuma vez.

JUSTIÇA

"Todo brasileiro passou a ser suspeito

Entrevista a João Sant'Anna Foto Sérgio Sbragia

de subversão, de ser infiel à democracia, etc". Raymundo Faoro, presidente da Ordem dos Advogados do Brasil, fala do advogado - "um burocrata, sem o estado de direito". Do jornalista: "um escriba oficial, sem a liberdade de imprensa". E até do Ministro da Justiça, "que não gosta muito de responder cartas".

Repórter – Enquanto instituição, a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) representa o conjunto dos advogados brasileiros. O advogado é aquela pessoa a quem o cidadão recorre quando se sente ameaçado em seus direitos. A Ordem seria o repositório do direito brasileiro, onde estão reunidas suas tradições? Ela tem este aspecto também?

Raymundo Faoro – Sim, ela tem este aspecto em função da sua natureza profissional. Nós somos obrigados, no momento em que defendemos alguém, exercendo a profissão de advogado, a zelar pela ordem jurídica, pelo direito, pelo estado constitucional. É inerente à profissão de advogado a defesa da ordem jurídica. Isto nos leva a não dissociar a atividade profissional da fidelidade ao estado de direito. Mas sempre sob a perspectiva profissional. Da perspectiva profissional surge o fato político. O fato de a OAB zelar pela ordem jurídica não significa que ela aceite toda a ordem jurídica e entenda que só é ordem jurídica aquela da lei. Dentro da ordem jurídica ela procura estabelcer o estado de direito e a sua legitimidade. Por isso é que nos temos sido, em certos momentos, críticos dos regimes políticos. Nunca pelo lado político, pelo lado partidário. Sempre partindo do fato profissional Há um compromisso social e um compromisso com a própria profissão O advogado tem que defender esses princípios.

Repórter – Quando se entra aqui na OAB, a primeira coisa que se vê é a Declaração Universal dos Direitos do Homem, no painel do saguão. Isso significa que a Declaração Universal dos Direitos do Homem norteia a atuação da OAB?

Faoro – Nós entendemos que o estado de direito existe justamente para consagrar os direitos humanos - em toda sua perspectiva e não só no seu aspecto formal, mas como participação social, participação econômica e participação política. A nossa história está sempre ligada a uma vinculação da advocacia com o povo. Entendemos que a ordem jurídica é aquela deliberada e manifestada pelo povo. O **Habeas-corpus,** para nós, é um instrumento com as garantias constitucionais. O advogado não pode ser advogado se não contar com esses recursos.

Repórter – Nesse sentido, a profisão de advogado é semelhante à profissão de jornalista.

Faoro – Exatamente. Você não pode conceber um jornalista sem a liberdade de imprensa. Quando um jornalista reclama pela liberdade de imprensa ele está reclamando porque sua profissão não pode ser exercida sem ela. Se não houver a liberdade de imprensa existe o escriba oficial, não o jornalista. Da mesma maneira o advogado: sem o estado de direito ele é um burocrata, que comparece para fazer número numa constalação legal não vinculada ao estado de direito.

Repórter – No nosso entender, nos últimos anos, o Estado não tem cumprido para algumas pessoas, pelo menos, sua função de garantia e proteção. Como o sr. vê este problema?

Faoro – Realmente, nós assistimos - sobretudo de 1968 para cá - a uma hipertrofia do Estado - que entendeu que a missão principal dele era a segurança nacional, esquecido que a segurança nacional é feita em benefício das liberdades da pessoa, dos direitos da pessoa. Isto é uma distorção e o estado de direito há de corrigí-la. O Estado se colocou como se fosse uma entidade que prescindisse da sociedade como se fosse uma formação social composta de elementos abstratos. Na verdade, isso significou que o Estado se isolou da sociedade civil. Esse encontro do Estado com o que eu chamaria de sociedade política, sociedade civil, é exatamente o problema que hoje ocupa não só os cidadãos, como ocupa também os poderes da República. Quando se fala que se quer por fim ao arbítrio não se quer dizer outra coisa senão que se quer estruturar uma sociedade de onde a sociedade política reflita fielmente a sociedade civil.

Repórter – Nas estatuetas de barro, muito comuns no Nordeste, o jornalista é representado como uma figura a qual as pessoas vem fazer suas queixas. O canal de expressão de uma sociedade seria a imprensa, o canal pelo qual esta sociedade se queixa, se manifesta. A nós tem chegado de alguns cidadãos queixas de que seus direitos estão sendo desrespeitados - às vezes de maneira brutal. Nós ouvimos alguns casos dramáticos. Um exemplo concreto: o caso de um editor chamado Ênio Silveira, que se considera, hoje, um cidadão de segunda classe. Ele foi vítima de um atentado e é recebido pela polícia como se fosse um acusado. Existem cidadãos de segunda classe?

Faoro – Com esse misticismo em torno da segurança nacional, houve uma perspectiva um tanto fantasmagórica, nesses últimos anos e daí, talvez, derive a queixa do editor. Todos nós passamos a ser suspeitos, até provar em contrário. Passamos a ser suspeitos de alguma coisa: de subversão, de sermos infiéis à democracia. Todo o cidadão brasileiro passou a ser suspeito e o ônus da prova passou a competir a nós e não a quem suspeitava de nós ou nos acusava. Só quem vai corrigir esta ótica é o próprio novo brasileiro, participando politicamente. Não há outra maneira.

Repórter – De repente, alguns setores policiais, algumas autoridades, são os donos do poder: eles resolvem tudo, eles torturam, eles batem eles matam e nada acontece em relação a isto. Como a OAB vê esta crescente onda de violência que tem caracterizado a atividade policial, especialmente em alguns Estados brasileiros?

Faoro – Nós somos a entidade que mais tem protestado contra isto. Os advogados têm ido sistematicamente ao tribunal denunciando estes fatos: o desvio da autoridade diante da lei. Em geral, não somos bem sucedidos. Isto não depende só de nós. Quando havia censura a imprensa nós contávamos com muito pouco: não havia a participação da opinião pública para repelir estas práticas. No momento em que parte da imprensa passou a ser liberada da censura, nós passamos a contar com a opinião pública que manifestou indignação diante disso. Esta indignação acabou chegando aos juizes também. E hoje a luta é bem mais fácil. O presidente da OAB - no caso eu - participa de um Conselho que há muito tempo não se reúne: o Conselho de Defesa dos Direitos Humanos. Mas, apesar de não se reunir, qualquer queixa que chegue a mim eu encaminho ao Ministro da Justiça, e dou publicidade. É verdade que o Ministro da Justiça não é muito de responder cartas, mas isso não é o realmente. O relevante é que a opinião pública tome conhecimento do problema, que se situe diante dele.

JUIZ AMEAÇADO

O juiz Paulo César Panza – ex-titular da 4ª Vara Criminal e atualmente titular da 3ª Vara Cível de São Paulo – passou uma semana recebendo ameaças pelo telefone, depois de dar sua opinião à imprensa sobre tóxicos e envolvimento de policiais com o crime organizado.

"As ameaças não dizem respeito á minha integridade física e sim à de meus familiares. Falavam coisas assim como "sua filha é muito bonita" ou "O Doutor ainda tem uma grande carreira pela frente". Confesso que cheguei a ficar um pouco preocupado. Mas qual a opção? Andar armado? Acho que não é uma atitude própria de um juiz. Ainda mais que, na hora de correr, o revólver atrapalha um pouco", disse Paulo César Panza.

PAU-DE-ARARA

Não pode ser pendurado separadamente.

Preso manda brasa em carta ao ministro

Ao Meretíssimo

Juiz do Superior Tribunal Militar
Ministro Gen. Rodrigo Otávio Jordão

Meu nome é Gildásio Westin Cosenza, brasileiro, 29 anos, radiotécnico, ex-estudante de Agronomia na Universidade Federal de Viçosa, ex-Secretário Geral do Diretório Acadêmico "Artur Bernardes", da Escola Superior de Agricultura, exmembro da União Estadual dos Estudantes de Minas Gerais, ex-assessor da União Nacional dos Estudantes (UNE), Atualmente encontro-me no Anexo dos Internos da Lei de Segurança Nacional do Presídio "Esmeraldino Bandeira", Bangú, Rio de Janeiro, condenado que fui pelo Auditório da 11ª CJM a dois anos e seis meses de prisão.

Dois fatos levam-me a dirigir-me a V. Excia: o apelo do Sr. Eurico Resende, líder do Governo no Senado, para que todos os que possam apontar casos de desrespeito aos Direitos Humanos o façam, e, principalmente, a declaração de V. Excia a respeito de torturas contra indiciados em Inquéritos Policiais Militares.

No dia quatro de setembro de 1975, em Jacarepaguá, Rio de Janeiro, nas proximidades do Largo do Campinho, fui sequestrado. Por volta de 19 horas, um bando de indivíduos, armados, e ocupando vários veiculos, avançou sobre mim, encapuzando-me, algemando-me e atirando-me dentro de um sedan Volkswagen. Entre murros e ameaças de eliminação física fui levado a um local, que depois vim a saber ser o DOI-CODI do Iº Exército (Quartel da PE – Rua Barão de Mesquita).

Durante cerca de um mês fui mantido sob sequestro. Nenhuma comunicação havia a qualquer Auditoria Militar sobre minha prisão.

Enquanto isto eu era torturado primeiramente, entre quatro de setembro de 1975 e vinte de setembro de 1975, noDOI-CODI do Iº Exército, e depois a partir de vinte de setembro de 1975 até princípios de outubro de 1975 no DOI-CODI do IIº Exército.

Finalmente, cerca de quarenta dias após meu sequestro, eu saia daquele inferno dantesco que são os DOI-CODI, onde não se sabe o que é pior: se as torturas diretamente sofridas, se a tortura de se passar 24 horas por dia ouvindo os gritos e gemidos dos torturados.

Éramos mais de oitenta pessoas amontoadas nas velhas celas do DEOPS – SP Os que haviam ficado um tempo maior sob tortura estavam apenas pelo e osso. Hematomas e equimoses, fraturas e ferimentos ainda abertos eram a realidade de cada um.

No corpo do engenheiro José Milton Ferreira de Almeida ainda se podiam ver as chagas abertas pelas cordas da "cadeira do dragão", as marcas e queimaduras das pancadas e choques elétricos. O jornalista Sérgio Gomes da Silva, da Folha de São Paulo, com várias costelas fraturadas e equimoses em todo o corpo, encontrava-se em estado lastimável. Emílio Bonfante Demaria, Comandante da Marinha Mercante, tinha ainda as marcas das violências sofridas.

Meu estado não era diferente dos demais. No início da 2ª quinzena de outubro de 1975, quando foi, finalmente, quebrada a ilegal incomunicabilidade em que encontrava, minha mãe, Simone Westin Cosenza, minha irmã Gilda Westin Cosenza e a advogada Regina Pasquale, puderam testemunhar o estado lastimável em que me encontrava – meu peso não passava de cinquenta quilos e as equimoses e feridas provocadas pelas torturas ainda eram visíveis.

Minha sobrevivência era uma surpresa mesmo para mim, que no citado período vira-me várias vezes incapacitado de erguer-me e ouvi inúmeras vezes as afirmativas, dos próprios torturadores de que eu não sairia vivo do DOI-CODI, pois eles não queriam "testemunhas incômodas" e eu era um dos poucos que havia visto, no DOI-CODI do Rio de Janeiro, Armando Teixeira Frutuoso, ex-líder sindical, exPresidente do Sindicato dos Trabalhadores da "Light" do Rio. E tal era a certeza dos torturadores de que eu não sairia vivo que a pártir de determinado momento passaram a torturarme sem capuz, "pois eu ia morrer mesmo"

Tudo isto narrei-denunciei no dia nove de março de 1975, na 1ª Auditoria da 2ª CJM, ao Juiz Auditor José Paulo Paiva e aos membros do Conselho Permantente de Justiça do Exército. Descevi também os torturadores que pude ver após retirarem-me o capuz.

Falei do **"Dr. Ramiro"**, o torturador com a âncora tatuada no antebraço, que se vangloriava de ter no DOI-CODI de São Paulo, torturado até à morte a José Carlos Godoy da Mata Machado; do **"Dr. Ponilo"** de origem asiática, que dizia ter como maior aspiração poder um dia pendurar no "pau-de-arara" e torturar a freira Madre Cristina, ex-diretora do estabelecimento de ensino (ilegível) do **Dr. Noburo"**, também de origem asiática, torturador especialmente violento; do **Capitão Galvão"**, que enquanto torturava gritava que fazia aquilo por gostar, e não por cumprir um dever.

Sr. Ministro, declarei, no dia nove de março de 1976, acreditar não serem o juiz Auditor José Paulo Paiva e o Conselho Permanente de Justiça do Exército da 1ª Auditoria do 2º CJM extensão é cúmplices dos criminosos que me sequestraram e me torturaram.

Infelizmente, a própria vida foime fazendo mudar de opinião. Nem uma só medida foi tomada contra os que cometeram todas as ilegalidades por mim denunciadas. Nenhuma manifestação houve quanto à minha atitude de colocarme à disposição da Justiça Militar para identificar os torturadores.

E o que é ainda mais grave, Senhor Ministro: no dia nove de março de 1976, perante o Juiz Auditor da 1ª Auditoria da 2ª CJM, José Paulo Paiva, denunciei a presença no DOI-CODOI do 1º Exército, entre os dias quatro e sete de setembro de 1975, de Armando Teixeira Frutuoso, das torturas que sofria. De seus gritos e gemidos, e de seus desesperados pedidos por água, que não nos era fornecida.

Pois bem, Excelência, no dia trinta de junho de 1977 "O Globo" noticiava a condenação, a cinco anos de prisão, de Armando Teixeira Frutuoso, à revelia.

O Juiz Auditor da 1ª Auditoria da 2ª CJM não poderá alegar desconhecimento pois escutou, no dia nove de março de 1976 um depoimento prestado por mim, Gildásio Westin Cosenza, a informação, a denúncia da presença e das torturas que Armando Teixeira Frutuoso sofria no DOI-CODI do 1º Exército (Quartel da PE-Rua Barão de Meesquita, Rio de Janeiro).

A conclusão é clara: a triste conclusão de que um mebro da Justiça Militar de nosso País presta-se à montagem de uma farsa em que os "órgãos de segurança" não precisam prestar contas sobre o que ocorreu a Armando Teixeira Frutuoso; a triste conclusão de que Armando Teixeira Frutuoso foi assassinado no DOI-CODI do 1º Exército, em setembro de 1975 após ser sequestrado no dia trinta de agosto de 1975, e que sua condenação como revel não passa de uma vergonha farsa.

Sr. Ministro, só me resta expressar aqui minha inteira convicção de que não tardará o dia em que a justiça imperará em nosso País. Então não ficarão impunes os crimes contra todos aqueles que tiveram espezinhados seus mais elementares Direitos Humanos.

Gildásio Westin Cosenza

Denunciou o doutor: morreu

Talvez fosse apenas um garoto valente. Talvez não tenha sido prudente como essa gente do interior que se cala à aproximação do primeiro estranho. Ou, quem sabe, tenha decidido que as pressões haviam atingido um limite a partir do qual, só mesmo de peito aberto. Sabendo não estar só,nem na dor,nem na denúncia da dor.

Ivo Alves, 22 anos. Nascido no meio do trabalho da roça, perto de Silva Jardim, cidadezinha do interior fluminense. Dessas fora de mão e fora de propósito. Dessas que quando chove ninguém sabe onde fica.

Ivo Alves, filho de Belmiro que era amigo do Gusto, do Tonho, do Mané, gente que só tem de seu um pedaço de terra, sem registro em cartório nem nada. Mas que todo mundo sabe de quem é, basta perguntar.

Gente que hoje está aterrorizada. E Ivo está morto.

Há algum tempo, quatro homens vestindo fardas de cor cáqui executaram um verdadeiro serviço de intimidação coletiva sobre eles, posseiros implantados de longa data na região. Seguiam um plano bem determinado: violência crescente, pra dar exemplo.

Jovílio Gomes estava cuidando da plantação quando os quatro chegaram, se dizendo da polícia e dando ordens de sair da terra. Antonio Jasmim Queiroz vinha a pé pela estrada, achou que ia dar uma informação para o carro que parou ao seu lado. Recebeu foi um aviso de sumir da região. No mesmo dia foi Manuel Antunes, que teve sua casa invadida. Os "policiais" estabeleceram um prazo de dez dias para que ele se mudasse e deixaram, como argumento, uma garrafa de gasolina na porta. A ameaça se concretizou com Feliciano Pereira Lima, que teve sua roça incendiada e sua casa destruída.

Ivo não podia entender que a terra não fosse dele. Ele nasceu nela, seu pai morou oitenta anos na região. Ivo resistiu. E foi amarrado, espancado com revólver e preso no porta-malas do carro. Seus sequestradores terminaram por abandoná-lo longe de casa.

Desde então, o processo intimidatório não arrefeceu. Só na **Conceição,** uma das grandes fazendas de Silva Jardim, dez casas foram incendidas.

"Quem anda queimando barracos é o **Rádio,** a mando do **Doutor,** diz um posseiro. "Ele quer que a gente saia do mundo. Mas sair pra onde?" (Rádio é o apelido de Austelinho Martins, lugar-tenente de Espídio Peçanha, grande fazendeiro da região, conhecido por todo mundo como Doutor).

Alguns dos posseiros resolveram procurar o sindicato de Silva Jardim e denunciar as pressões. O sindicato entrou em contato com a Federação dos Trabalhadores na Agricultura, em Niterói.

No dia 19 de Novembro, um sábado, um dos jornais da cidade, **O Fluminense,** fez uma reportagem com os posseiros. Ivo Alves foi um dos que mais falou.

"Minha lavoura foi totalmente destruída. Não queimaram minha casa porque resisti, mesmo apanhando que nem cachorro ladrão. Quem destruiu tudo que era meu foi o "capitão" Délcio Teixeira Borges. E o "Doutor" é o culpado do sofrimento de Antonio Jasmim e do Feliciano".

Na terça-feira, diz 22, Ivo Alves, um garoto que acreditou poder enfrentar a violência de peito aberto apareceu morto.

Assassinado.

Texto de Paulo Adário

Imobiliária bota favelados na rua

Os moradores da favela do Vidigal, no Rio, estão ameaçados de sofrer uma ação policial de despejo e remoção que lhes foi imposta pela Fundação Leão XIII; ÓRGÃO SUBORDINADO À Secretaria de Governo do Estado. No total são 306 barracos e cerca de 2.000 moradores, que deverão ser transferidos para o Conjunto Residencial Antares, localizado a 70 quilômetros do Rio, na localidade de Santa uz. A ação se baseia num laudo técnico "fantasma" que teria sido emitido pelo Departamento de Geotécnica do Rio, acusando um perigo de deslizamento na encosta da Niemeyer, entre o Hotel Sheraton e o Vip's Motel, hoje um dos pontos mais cobiçados pela especulação imobiliária. O Diretor do Departamento de Geotécnica, Dr. Paulo P. de Abreu, em depoimento prestado à C.P.I. das favelas do Grande Rio, desmentiu a existência de qualquer laudo, afirmando que estas obras já foram realizadas em 1976 e 1977. Acontece que está em jogo a soma de 30 milhões de cruzeiros, valor estipulado no contrato de venda entre a proprietária do terreno, sra. Yvette Palumbo, e os compradores, Rio Towers Hotéis Ltda. SINCORPA S.A e sr. Aron Tandetnik. O contrato reza que, caso os moradores do vidigal não sejam removidos até janeiro de 78, caberá à proprietária efetuar a devolução dos 6 milhões já pagos a título de sinal.

Estudante diz que não é Réu

"...E, de vítimas da repressão que fomos, somos transformados em réus. As chamdas para depor se sucedem na Polícia Federal e no Dops. O direito destes novos interrogatórios serem assistidos por nossos advogados nos tem sido negado. Somos intimados a depor como se a nós, coubesse dar explicações pela violenta repressão que se abateu sobre o movimento. Porque lutamos por liberdades democráticas, porque defendemos o direito de se organizar livre e independentemente, porque lutamos por melhores condições de vida e trabalho para toda a população. Réus não somos nós, estudantes; réus não é somente o sr. Secretário da Segurança Pública, cel. Erasmo Dias – réu é este regime que oprime a todos e que coloca a necessidade de liberdade de expressão e organização para todos os oprimidos, à margem de qualquer processo político oficial" (de um documento dos estudantes da USP).

Foto de Sérgio Sbragia

Em trajes civis ou uniforme de gala, a PM comandou a festa.

A repressão começou cedo este ano. Em janeiro, durante os vestibulares da Fuvest, os estudantes que denunciavam a detenção de seis universitários foram detidos na PUC-Rio, levados para o Dops, onde foram interrogados e fichados.

Em maio, a situação tornou-se mais difícil, com a prisão de operários e estudantes no Rio e em São Paulo. Uma manifestação pública de protesto com dez mil pessoas, ocupou o Largo de São Francisco (SP), mas não pôde realizar uma passeata devido ao bloqueio policial. No mesmo mês, por ocasião do Dia Nacional de Luta pelas Liberdades Democráticas, mais três estudantes foram presos. Causa: estavam pregando cartazes perto de um ponto de ônibus no campus da USP.

Em junho, o III Encontro Nacional de Estudantes em Belo Horizonte não pôde ser realizados. A polícia deteve mais de mil estudantes na entrada da cidade, na Faculdade de Medicina e nas ruas. Resultado: mais de cem estudantes enquadrados na Lei de Segurança Nacional. Houve também espancamentos e uma invasão da Universidade de Belo Horizonte, na qual centenas de estudantes foram encurralados com bombas de gás lacrimogeneo.

Nas férias estudantis, a invasão da Universidade de Brasília originou vários movimentos de protesto em São Paulo, , Rio, Pernambuco, Porto Alegre, Maranhão, Ceará e Salvador. Em outubro, a Universidade de Brasília foi ocupada pela quarta vez neste ano. Desta vez, o reitor José Carlos Azevedo garantiu que não foi ele quem chamou. Segundo o reitor, a ocupação policial não representa fato excepcional, mas apenas atividade de rotina.

Em agosto, só em São Paulo, foram gastos mais de Cr$ 1 milhao na compra de bombas para reprimir os movimentos de protesto contra a invasão da UNB.

Em setembro, quando os estudantes resolveram realizar o proibido terceiro encontro em São Paulo, a USP foi novamente cercada pela PM, a Faculdade de Medicina invadida e mais de cem estudantes prewsos. Destes, 42 foram enquadrados na Lei de Segurança Nacional. Ainda em setembro, a polícia invadiu a PUC-SP, atingndo alunos, professores e inclusive mulheres grávidas

Bournier não gostava de leis

No mês de setembro de 1968, o Brigadeiro Eduardo Gomes telefonou-me dizendo que precisava falar comigo. Coloquei-me à sua disposição, prontificando-me a ir ao local que ele designasse.

Na palestra que mantivemos depois no Palácio Monroe, narrou-me um fato de suma gravidade ocorrido na Aeronáutica. O Brigadeiro Bournier convocara elementos do Parasar e deles exigira, em nome da Revolução, o juramento de executarem missões infringentes das leis penais. O capitão Sergio Ribeiro Miranda de Carvalho negou-se a prestar o compomisso exigido, levando o fato ao conhecimento do Brigadeiro Itamar Rocha, recebendo deste aprovação e apoio.

O Ministro Marcio de Sousa e Melo, a seu turno, prestigiou o seu auxiliar direto (Burnier) As discordâncias se extremaram e o Brigadeiro Itamar Rocha demitiu-se do comando das Rotas Aéreas.

Apreensivo com a situação criada, Eduardo Gomes solicitou-me desse conhecimento do fato ao Presidente da República. Acentuou que interferira no sentido de que a ocorrência não fosse divulgada, tendo, nesse sentido, falado com o Capitão Sérgio, pois julgava a sua difusão prejudicial à disciplina e às tradições da Força Aérea...

Em Brasília, transmiti ao Marechal Costa e Silva o relato que me fizera o Brigadeiro. O presidente prometeu adotar as medidas exigidas.

Mais tarde, o Brigadeiro Eduardo Gomes notificou-me de que nenhuma providência fora tomada pelo Governo no caso Parasar...

*...Voltei, mais uma vez, ao Presidente, que me respondeu: "– Não te preocupe. Trata-se, apenas, de uma questão disciplinar. A insistência do Eduardo decorre de que ele, tal qual o Denys, não quer **desencarnar."***

– Presidente, se o seu governo for atacado no Senado por esse episódio, ficará sem defesa, pois entre a palavra do seu ministro e a do Brigadeiro, eu fico sempre com a deste.

O Presidente, compreensivo e generoso, respeitou a minha posição.

No Senado não houve debate. Na Câmara houve alguns pronunciamentos.

Ao Capitão Sergio Ribeiro Miranda de Carvalho foi aplicado, posteriormente, o Ato Institucional nº 5.

A punição, às vezes, é o prêmio conferido aos que observam a lei e respeitam a dignidade da pessoa humana.

*Ficou-lhe, porém, a suprema recompensa que o poder humano não destrói: a paz de consciência. (Extraído do livro **Desde as Missões... saudades, lutas, esperanças,** de Daniel Krieger,*

CARTAS "ANÔNIMAS"

Uma carta-ameaça vem sendo mandada às casas dos responsáveis pelo convite à missa do ex-presidente João Goulart. São mais de 150 pessoas acusadas de comunistas e de simpatizantes numa lista que inclui desde ex-ministros até o ator Grande Otelo. A ameaça: todos serão "visitados" para uma "conversa". As pessoas da lista estão apreensivas, muitas já tomam precauções. Temem sobretudo que lhes aconteça o mesmo que a outras pessoas, também acusdadas de comunistas, vítimas de atentados e sequestros.

ERASMO

Vigio o virus do comunismo 24 horas por dia

Por duas vezes durante a longa entrevista que concedeu ao Repórter, o coronel Erasmo Dias, secretário de segurança de São Paulo, prometeu "sair de arma na mão": quando se manifestou contra a anistia ampla e irrestrita e, depois, quando reagiu contra uma possível legalização do partido comunista. Para Erasmo, o comunismo é, "como o câncer, um vírus que destrói o corpo social".

Entrevista a Luiz Alberto Bettencourt
Fotos de Paulo Adário

Reporter – O senhor foi acusado por uma comissão especial de inquérito de abuso de poder durante a invasão da PUC em São Paulo pela polícia, mas disse depois, num programa de televisão, que só aceitaria um juízo sobre seu procedimento se ele fosse referendado por um plebiscio. O senhor acha que já chegou a hora de fazer plebiscitos no país?

Erasmo – Falar em plesbicito foi força de expressão. Aliás, sobre este assunto da invasão da PUC eu não gostaria de falar porque tudo o que tinha à dizer na Assembléia Legislativa durante meu depoimento de seis ou nove horas, já dei todas as explicações necessárias. Podia apenas reafirmar que, no cumprimento das leis e normas vigentes, no princípio de respeito à autoridade, na manutenção da ordem, eu como autoridade serei sempre chamado a tomar decisões e as tomarei como tenho tomado, perfeitamente dentro da lei. Em caráter preventivo, como tenho feito ou repressivo, quando o caso exige.. A população, temos certeza que entende e compreende que algumas medidas hão de ser tomadas sempre que tendo em vista o bem comum, a segurança coletiva de modo geral, que é a nossa obrigação. Foi dentro desse contexto que cheguei a entender que a análise pura e simpls de qualquer fato de modo unilateral, de modo apaixonado e de modoradical, não corresponde a realidade do fato e a opinião pública é realmente muito ciosa, muito consciente do que representa o respeito à autoridade, à ordem e às leis. É isso.

Repórter – O senhor acha, então, que o julgamento da comissão foi um jugamento apaixonado?

Erasmo – Não digo apaixonado, mas político. E toda análise política, respeitada a posição política ou não, em princípio poderíamos dizer que é apaixonada porque tem atrás de so o respaldo de certas posições que, independente de qualquer outra análise, realmente, podíamos usar assim o adjetivo, são apaixonadas. Desde o começo, independente de qualquer outra avaliação do problema, se procurou enquadrar a mim, titular da pasta, no exercício de uma orbigação que eu tenho por dispositivo legal de coibir um ilícito penal ou vários ilícitos penais, como criminoso por abuso de autoridade. Eu tenho às vezes usado uma expressão um pouco jocosa para explicar isso: qualquer que seja o regime, budista, maoísta, fetichista, comunista, fascista, assim numa força de expressão, a autoridade tem que ser respeitada... as leis tem que ser obedecidas. O confronto da polícia com a população ou uma face dela não é desejável a ninguém, mas chega um certo ponto, quando a autoridade é desrespeitada a ordem fica prestes a ser conturbada a anarquia fica quase a um passo e o ilícito penal se caracteriza, eu pergunto: qual é a função da autoridade? O que é que o senhor faria no meu lugar? É um problema de inércia da função.

Repórter – O senhor acha que o movimento estudantil é um ilícito penal?

Erasmo – O movimento estudantil, como qualquer tipo de movimento, você não pode dizer que é um ilícito penal mas as características de comportamento de uma parcela desse movimento estudantil eu provo, em gênero, número e grau que é de inspiração comunista. Provei isto na Assembléia, que em seu livre arbítrio, não tomou conhecimento em absoluto de todas as provas que eu apresentei.

Repórter – Quais foram estas provas?

Erasmo – Mosrar isso demandaria não uma entrevista mas algumas horas **(Erasmo levanta-se da cadeira e retira um grosso dossiê de documentos xerocados de uma estante e os coloca em cima da mesa)** Isso é pra entender a nossa posição, não precisa nem gravar. Eu sempre costumo dizer o seguinte: é preciso ver o estado de espírito de cada um, da autoridades, as circunstancias em que ele vive, enfim o negócio é muito complexo pra ser julgado a partir de um ato apenas. É a mesma coisa que julgar alguém no momento em que morre; quando ele morre tem uma expeiência anterior. Mas é o seguinte: a medicina preventiva se mostra como a unica forma de manter o corpo humano mais vivente, ñao é isso? Como é que a gente faz? Faz medicina preventiva, exame de fezes, exame de sangue e é o medico que pode detectar, no corpo humano, um estado de degenerescência fruto de condições ecológicas ou biológicas, não é isso? E a tal história: no corpo social, eu, como secretário de segurança, sou uma espécie de médico preventivo; eu tenho, pela minha função, capacidade e obrigação de acompanhar o que acontece. **Exemplo, pra dar uma idéia: durante uma ou duas horas do meu dia, eu só leio panfletos, só leio panfletos. A grande massa da opinião pública não lê panfletos, mas eu leio, eu leio.** É como se fosse um vírus deteriorando o corpo social e o germe desse malfadado partido comunista – apesar de uma grande massa não acreditar nele – é pra mim como câncer. Da mesma forma como no corpo humano o vírus do câncer tende a levá-lo à destruição, esse malfadado germe comunista existe em estado latente e eu o conheço e acompanho profundamente. De modo que a capacidade de análise da conturbação social causada por uma minoria extremamente ativa, maquiavélica, sutil, mas de objetivos bem definidos, eu acompanho vinte e quatro horas por dia e, acompanhando, tenho obrigação de detectar as possibilidades e probabilidades que existem de tudo isso levar a consequêmcias desastrosas de conturbação social. Eu tenho acompanhado isso a vida inteira, eu sou partícipe de todo o movimento que tem havidoem São Paulo de 1962 até aqui de modo que conheço os fatos e circunstâncias envolvidos, a técnica, a metodologia, o modo de agir dessa gente toda e tenho por obrigação detectá-lo. Infelizmente, quando a gente aponta todos esses fatos determinados setores da sociedade têm por bem não tomar comhecimento, como se fosse uma espécie de vírus natural. Pra mim não é natural não; vírus do comunismo no corpo social é a mesma coisa do vírus do câncer no corpo humano. Eu tenho detectado uma evolução disso tudo desde 1974 e tenho provado que todos esses episódios estão ligados. Prater uma idéaia, isso aqui é prova de infiltração comunista estudantil **(Erasmo abre o dossie que pusera sobre a mesa)**, isso aqui eu apresentei à comissão especial de inquérito, está sendo objeto de um inquérito policial em andamento a cargo da polícia federal e da polícia estadual. Verifique-se que este fato não tem causado sensibilidade ou emotividade a quem quer que seja. O episódio da PUC tem sido usado para mascarar tudo isso e transformar quem determina o crime e os indiciados, que sou eu, em indiciado e criminoso. Isso é uma técnica que faz parte de toda a dinâmica. É a coisa mais comum por exemplo que num crime comum, a polícia diga: você é o criminoso e a primeira coisa que ele (o criminoso) faz é dizer que criminosa é a polícia e ele é

uma vítima da polícia. É uma técnica de autodefesa mas que, com o tempo, a própria justiça, na sua sábia interpretação, e a própria opinião pública, põem nos seus devidos termos. É isso.

Repórter – O senhor diz que a infiltração comunista vem crescendo. O senhor diria então que o movimento de março de 64 não foi bem sucedido no combate ao comunismo?

Erasmo – Nunca será bem sucedido no combate ao comunismo porque o comunismo tem uma capacidade de sobrevivência e autopreservação pela sua clandestinidade, pelo seu mascaramento, que por mais que se queira combatê-lo, ele sempre existirá em estado potencial. Inclusive porque é muito difícil combater o comunismo porque as armas que ele usa são armas extremamente sutis, extremamente maquiavélicas e que têm provado à sociedade sua capacidade de durar ao longo do tempo; é o único movimento que não perde de vista sua tentativa de derrubar o regime e de instalar o que eles pretendem, que é essa famigerada ditadura do proletariado. Eles não abdicam dos seus propósitos e eu tenho provas aqui insofismáveis de que isso continua em estado latente. Qual é a minha obrigação? É prevenir, prevenir como? Evitar que isso tome determinadas proporções que a própria pátria brasileira já foi testemunha nos idos de 68 a 72.

Repórter – O senhor acha que todas pessoas que combatem o AI-5, o 477, que defendem a liberdade de expressão são comunistas?

Erasmo – Não em absoluto, em absoluto, em absoluto. Também está aí um dos pontos difíceis porque há determinadas bandeiras que são defensáveis e que pode se entender que são válidas. O próprio presidente da República há alguns dias, ele mesmo, pessoalmente, aceitou que, em havendo alguma coisa que deva ser extinta, não seria anormal (extinguir), é lógico. São modos de autopreservação do próprio corpo social da mesma forma que por trás dessas bandeiras, totalmente desvirtuadas, é que justamente se infiltra o movimento comunista. Dou dois ou três exemplos: **alguém pode ser contra a anistia? Não, todos nós somos favoráveis à anistia e o próprio presidente da República todo ano, de uma forma ou de outra, faz a sua anistia.** Agora, anistia dentro de um consenso geral, de diálogo, de entendimento, de modo que possa alguém ser anistiado de um crime, de um ilícito que tenha feito. Agora você há de compreender que, entre anistia e anistia irrestrita e ampla a todos os presos políticos, não tem nexo. Esta bandeira da anistia ampla e irrestrita se for desfraldada por alguém abre um fosso, um precipício irreversível entre quem a pretende e a revolução de março de 1964. E eu, como um dos seus meros soldados, digo a você: eu não aceito isso e combato isso de arma na mão porque não tem cabimento um troço desses. **Aqueles que nos assassinaram pura e simplesmente dentro da ética comunista de que matam por um direito que têm de fazer justiça, roubam porque não estão roubando, estão expropriando, gente que tem como ética esse comportamento e praticou crimes dentro desse moral, não pode ter a complacência de qualquer ser humano e cristão. É isso.**

Repórter – O senhor se considera um democrata, coronel?

Erasmo – Completamente, completamente.

Repórter – O que é a democracia pro senhor?

Erasmo – Democracia é um conceito muito relativo. É a busca, digamos, assim, na expressão mais simples, da igualdade, da fraternidade, certo? E da própria liberdade. São conceitos que hão, no entanto, que ser postos, entre homens de bom senso, entre homens racionais, entre homens humanos e cristão.

Repórter – O comportamento policial é também às vezes abusivo, não só no caso da PUC mas em dezenas de outras ocasiões. O senhor não acha que este é um tipo de violência que deve ser contida?

Erasmo – Mas é lógico e não temos feito outra coisa. Eu desafio quem quer que seja a me apontar dentro da política de São Paulo um ato de violência, de prepotência, de abuso, de corrupção que não tenha recebido, de nossa parte, repúdio total, inclusive com a entrega dos seus responsáveis à justiça. Me aponte um, aponte um, que eu largo esta cadeira agora.

Repórter – Por falar em largar a cadeira, coronel, se o senhor fosse censurado pelo seu procedimento durante a invasão da PUC, o senhor renunciaria ao seu cargo?

Erasmo – Se eu fosse censurado? Eu não posso ser censurado e não vou ser censurado, não vou ser censurado porque cumpri minha obrigação, agi dentro dos preceitos que tenho por norma agir. **Eu agi legitimamente dentro do uso do poder de polícia que me compete e a que me obriga a lei. Minha ação está livre do juízo, no meu entendimento.**

Repórter – O senhor acha que é a lei que limita e define o poder da polícia ou é a polícia que, de acordo com as circunstâncias, pode descrever a lei a seu modo?

Erasmo – Não, ao contrário, a lei determina inclusive que, em certos casos, no exercício do poder de polícia, se possa praticar algum ato no sentido de quebra da violência por parte de quem pratica o ilícito penal, por estado de necessidade, na legítima defesa ou no estrito cumprimento do dever legal. O estrito cumprimento do dever legal garante à polícia um determinado tipo de comportamento. Agora, policial deve estar sempre em condições de pagar pelos excessos durante o cumprimento da lei ainda que ele sempre, quando aja, aja por um dever e por uma obrigação – é o ônus de ser polícia que às vêzes é até mal compreendido pela população.

Repórter – Por hipótese, se se fizesse um plebiscito para analisar a invasão da PUC e este plebiscito concluísse que a polícia realmente cometeu excesso de violências, o que faria o senhor?

Erasmo – Bem, há plebiscitos e plebiscitos. Naturalmente o plebiscito não poderia ser feito ao livre arbítrio de quem o faz – e eu evoco inclusive o que aconteceu na comissão especial de inquérito que não chamou uma testemunha que pudesse ser minha testemunha de defesa. Ela foi de objetivos políticos e unilaterais..

Repórter – Mas ela tinha membros da Arena também...

Erasmo – O problema dos membros da Arena, se o senhor não sabe, é bom que saiba, os membros da Arena não foram indicados pela Arena, foram indicados pela mesa e, além do mais, sendo maioria o MDB na Assembléia Legislativa, o problema político sempre ficará ao sabor dos determinismos políticos do MDB...**Erasmo dá uma risada)** e eles foram maioria, eram três contra dois (da Arena) politicamente o MDB sempre tomará, em qualquer circunstância, decisões fruto de sua posição política. E digo mais: o líder, o líder do mdb na Assembléia, um dos integrantes da mesa, me disse, em alto e bom som: coronel, se o movimento estudantil quer derrubar o regime e o senhor acha que ele praticou o ilícito penal, eu quero dizer, em alto e bom som, que eu, como líder do MDB, também quero derrubar o regime. Ora, meu amigo, se derrubar o regime é uma atitude lícita para o MDB, eu disse pra ele: se o senhor quer derrubar o regime, eu quero resguardá-lo, então já se vê que são posições inteiramente diversas: o MDB quer derrubar o regime, eu tenho por obrigação defendê-lo e o defendo à luz da lei. Agora, o problema da lei não comete a mim julgar.

Repórter – O senhor acha então que existe alguma relação entre o MDB e o movimento estudantil?

Erasmo – Não vou chegar a tanto e identificar o MDB com o movimento estudantil. Eu estou identificando é a comissão especial de inquérito que quando se instituiu teve como objetivo proposto por ela mesma adquirir elementos pra me enquadrar como indiciado por abuso de autoridade. Já foi predeterminado isso. Agora, por que? Sei lá mas é o que eu digo sempre, em nenhum momento sequer a comissão tomou conhecimento de todos os ilícitos penais e de todas as irregularidades administrativas existentes à luz do decreto 228, do decreto 477 e da lei de segurança nacional que, bem ou mal, pra mim estão em vigor. E me causa estranheza que diante dos ilícitos praticados por elementos que foram incursos nos dispositivos destas três leis fossem arrumar uma outra pra me incriminar. É esta unilateralidade que eu estranho... me julgar criminoso diante de uma série de crimes praticados por outros, isso, sinceramente, é radicalismo.

Repórter – Como é que se pode compatibilizar o cumprimento das leis (atuais) com o direito democrático à livre manifestação?

Erasmo – Livre manifestação de que?

Repórter – De idéias políticas.

Erasmo – Derrubar o regime eu não aceito, eu não aceito, eu não aceito.

Repórter – O senhor acha então que os estudantes te-m poder pra derrubar o regime?

Erasmo – Poder pra derrubar o regime ninguém tem e ninguém tem porque, da mesma forma que alguém possa estar ciente e consciente de que deva derrubar o regime **(Erasmo dá uma risada)**, nós estamos cientes e conscientes de que devemos defendê-lo e vamos defendê-lo e nessa causa é ponto pacífico que seremos vitoriosos. Quando eu fui à Assembléia eu perguntei aos deputados: vocês acham que a Constituinte que vocês querem é a mesma que eles (os estudantes) querem? Se acham estão completamente enganados, é só ler os panfletos deles, eles não querem dialogar, querem é desafiar, contestar o governo e isso não podemos aceitar. É claro que eles não vão derrubar o governo, não vão conseguir isso mas perturbam a ordem, intranquilizam, eles não querem conversa, diálogo, veja isso aqui **(Erasmo mostra um dossiê de jornais estudantis com alguns trechos sublinhados), veja só as expressões que eles usam", ditadura, burguesia, a' abertura não será feita por generais", assim não é possível, quem é que pode aceitar uma coisa dessas.** Diálogo, abertura, Constituinte, ninguém pode ser contra essas coisas mas é preciso ver que existem nuances que alguns estão usando essas coisas pra fazer agitação e nós, que temos a missão de proteger o regime, não podemos tolerar isso.

Repórter – E como então, coronel, compatibilizar a abertura com esse estado permanente de alerta?

Erasmo – Aí é que está o grande problema, nós temos que encontrar os meios para combater o terrorismo comunista, para ter possibilidade de proteger a sociedade contra

ele, essa é a nossa tarefa.

Repórter – O senhor não acha que a sociedade como um todo devia ser consultada sobre os meios que ela acha convenientes para se proteger?

Erasmo – **A sociedade como um todo? toda a sociedade? Como assim? Isso é impossível, você não pode consultar toda a sociedade, isso é trabalho específico, exige que as pessoas saibam o que estão fazendo, que meios você teria para consultar toda a sociedade?**

Repórter – Votação direta e universal.

Erasmo – Isso é demagogia, é utopia; quando você tem uma doença, quem é que você chama, um médico ou um pintor? Um médico é claro, ele sabe como proteger o seu organismo, é especializado no assunto.

Repórter – As salvaguardas então deveriam ser escolhidas pelo poder policial, que é encarregado de pô-las em prática?

Erasmo – **Lá vem você com a polícia outra vez. Polícia, polícia, vocês vivem falando da polícia como se ela fosse culpada de tudo, como se ela exorbitasse sempre de suas funções e por isso estivesse sempre no banco dos réus.** Essa tática é conhecida, transformar o acusador em acusado para denegrí-lo diante da opinião pública. A polícia não tem nada a ver como este assunto. Eu digo é que apenas uma parcela qualificada da população esta preparada para falar, decidir sobre este assunto, não adianta encher a boca e dizer que toda a população devia escolher as salvaguardas.

Repórter – Que parcela da população está qualificada então?

Erasmo – Ué, não tem lá um congresso que bem ou mal foi escolhido pelo povo não são eles os representantes do povo?

Repórter – O senhor acha que o Congresso deve escolher as salvaguardas?

Erasmo – **Claro, é ele que pode fazer isso.**

Repórter – O senhor é a favor ou contra torturas, coronel?

Eramos – **Nenhum ser humano pode ser a favor de torturar, pelo amor de Deus, isso até é pergunta que eu não aceito, como é que alguém pode ser a favor de torturas?**

Repórter – Como meio pra obter um tipo de informação valiosa em determinado momento.

Erasmo – Tortura é sinônimo de burrice, de despreparo, de estupidez de quem acha que, através da tortura, possa tirar de um ser humano alguma coisa que seja válida e digo até em termos jurídicos: a prova confessional que possa ser obtida através de tortura não tem valor absolutamente nenhum perante a justiça. De modo que eu tenho cansado de falar: é burrice, quem tortura alguém - eu digo tortura até uma simples bofetada - pra tirar de um pretenso indiciado alguma confissão, mostra que é burro e além do mais mostra que é despreparado e prepotente porque nós temos condições necessárias e suficientes para, através de investigações, de pertinácia, de persistência e de uso de tudo aquilo que a capacidade humana dá pelo seu intelecto, de detectar quem seja ou não seja criminoso.

Repórter – O que o senhor acha da abertura democrática, da distensão?

Erasmo – Eu acho que isso é natural. A nossa revolução surgiu, fruto de circunstâncias, estabeleceu algumas restrições, isso é fato notório, temos a impressão de que, a cada dia que passa, desde que hava diálogo entre homens racionais, entre elementos dos mesmos princípios - quando eu digo princípios, eu digo princípios humanos, cristãos, boa vontade pra acertar - nós melhoraremos isso. Mas com radicalismo, com posições extremadas, particularmente daqueles que, não sei porque cargas d'água, resolveram contestar tendo como objetivo capital derrubar o regime que eles jamais vão conseguir e vão estabelecer cada dia mais fossos intransponíveis entre aqueles bem intencionados que realmente entendem que tudo no futuro pode ser aprimorado na busca da justiça e da paz social.

Repórter – O senhor tem alguma proposta para acabar com os comunistas?

Erasmo – Não tenho porque isso não se acaba. Se alguém um dia descobrir como acabar com o vírus do câncer no corpo humano, acredito que possa ter descoberto alguma coisa que acabe com o vírus do comunismo no corpo social. Mas enquanto o corpo humano não tiver armas necessárias e suficientes para evitar as causas do câncer, o corpo social não terá armas suficientes para evitar o malfadado vírus comunista.

Repórter – Há algum tempo, soube-se de uma reunião sua com empresários paulistas na Federação do Comércio durante a qual o senhor teria feito ver a necessidade de que eles continuassem a contribuir com recursos para manutenção do aparelho policial, especificamente da Operação Bandeirantes. O senhor confirma esta reunião? Houve ou está havendo alguma iniciativa nesse sentido?

Erasmo – Olha essa pergunta, desculpe aí o jornalista, mereceria até que eu mandasse processá-lo. Esta pergunta além de descabida, é deslavada, é uma mentira, é uma falsidade por vários motivos: primeiro porque eu não tenho absolutamente nada a ver com a Operação Bandeirantes, eu sou secretário da segurança pública. Doi-Codi (Departamento de Operação Internas e Comando de Defesa Interna) e Operação Bandeirantes são órgãos do II Exército a quem cabe responder por eles. Já se tem aí, portanto, um posicionamento falso e mentiroso – e além do mais não tem nexo uma coisa desse tipo.

Repórter – O senhor desmente que, em algum momento, tenha havido uma reunião como essa?

Erasmo – É lógico. Eu participei de uma reunião na Federação do Comércio, presidida pelo Papa (José Papa Júnior) no sentido de nós, a polícia e os comerciantes, estudarmos algum modo de nos darmos as mãos para combater o crime de modo geral. Inclusive nessa reunião jamais foi tratado o problema comunista ou coisa que o valha...

Repórter – E não houve nenhuma menção à necessidade de os empresários contribuírem para a manutenção do esquema?

Erasmo – Pelo amor de Deus, isso não tem nexo, não tem nexo.

Repórter – Nos últimos tempos tem se dado muita ênfase à necessidade de aumentar a segurança nacional em detrimento mesmo da segurança dos cidadãos. O senhor não acha que está na hora de se pensar mais na segurança dos cidadãos do que na segurança nacional?

Erasmo – A lei de segurança nacional, em que pesem alguns aspectos que podem ser postos em dúvida – e eu aceito que possam ser - ela tem o primeiro artigo, que pra mim é sábio: todo cidadão é responsável pela segurança nacional no âmbito de suas atribuições. **A segurança do cidadão é alguma coisa colocada no contexto da segurança interna, da segurança nacional.** Qualquer cidadão de bom senso há de entender que até sua segurança física, da sua pessoa, do seu patrimônio, dependerá muito mais dele do que da polícia. Da mesma forma, o equilíbrio social para fazer frente ao vírus comunista depende de comportamento ideológico, de humanismo, de espiritualismo, de cristandade e de democracia social que cada indivíduo tenha que ter.

Repórter – o "habeas corpus" não é o instrumento (jurídico) fundamental de segurança do cidadão?

Erasmo – Acho que sim, acho que sim. Colocado nos devidos termos, acho que é extremamente válido, desde que seja colocado nos seus devidos termos.

Repórter – Quais são os "devidos termos"?

Erasmo – Todo aquele que pratica um crime dentro do moral comunista pra mim não tem direito nem a "habeas corpus" nem a coisa nenhuma. É preciso, eu repito, que nós tenhamos no nosso meio social regras de comportamento lógicas, racionais, humanas e cristãs, uma espécie de denominador comum de comportamento. Aquelas que têm como comportamento, repito, esse dois **slogans**, matar é fazer justiça, roubar é expropriar, sinceramente este cidadão não tem nem o direito de viver no meio social ao qual ele pertence, quanto mais ao "habeas corpus".

Repórter – Coronel, quando a polícia é violenta, abusiva, ela não é também nesse momento um vírus?

Erasmo – A violência é nata na sociedade. Agora, há que entender o seguinte: é a polícia, por dever de lei, o órgão que a sociedade descobriu, ou instituiu, para fazer frente aos atritos sociais. aos atos anti-sociais, aos ilícitos penais. Então pro senhor ter uma idéia, vamos usar números: na Grande São Paulo diariamente a polícia atende cerca de mil ocorrências das quais 50 ou 60% independem da ação policial, mas a polícia é chamada a intervir por solicitação da própria população. A polícia então trabalha diariamente com o que a sociedade tem de mais agressivo, de mais atritante. Então a violência policial nasce muitas vezes da própria natureza da ação policial enfrentando esses atritos sociais. Eu até costumo usar um exemplo muito simples: todos nós, todo cidadão, todo ser humano, ele tem dentro de si certas qualidades de caráter, digamos assim, de personalidade, de formação do seu ego, fruto do berço de onde ele vem, não é isso? Cinquenta porcento é. O policial vai pra academia de polícia e adquire ali 20 a 30% de qualidades intrínsecas da profissão que ele abraçou. O resto, 20 ou 30% ele desenvolve na praticidade diuturna, no enfrentar esse mundo cão do ilícito social. **O que ocorre, às vezes, é que na prática social de enfrentar o atrito social, que é violento por natureza, o policial, fruto do berço em que nasceu, tem, digamos assim, qualidades, aliás, desqualidades não é! de prepotência, de um arbítrio desmesurado e vai fazendo a lei com estas desqualidades** e se torna então um elemento pernicioso, praticando certos atos que nos obrigam a botá-lo pra fora. Pra você ter uma idéia, desde que eu sou secretário de segurança, nesses quatro anos, já botamos na rua, ou já botamos pra fora, só na Polícia Militar, 3 mil policiais, na média de três pôr dia. Nós, portanto, depuramos o nosso próprio corpo social por existir dentro dele elementos despreparados, que é natural que existam numa corporação de 70 mil homens aqueles que, fruto do berço, não tem condições de serem policiais. Querer generalizar que a polícia é violenta pelo ato violento de um ou outro policial, sinceramente é perder a noção do essencial e ficar com o supérfluo.

Repórter – O senhor acha então que deve haver um poder superior à polícia que fiscalize a ação policial?

Erasmo – Mas tem a Justiça, meu Deus do céu. É a obrigação dela...

Repórter – E o legislativo?

Erasmo – Não. Não quero discutir o mérito do legislativo, mas o legislativo, queira ou não queira, sempre será político e a política não é uma boa justiça.

Repórter – Mas o senhor, como secretário de Estado, ocupa um posto político e o juízo sobre seu procedimento será sempre um juízo político, ou não?

Erasmo – Quem julga a minha ação de polícia, fruto das leis de que eu tenho que ser servo, é única e exclusivamente a justiça

Repórter – Na sua opinião, já chegou a hora de os militares voltarem aos quartéis?

Erasmo – Pra mim militar nunca terá que voltar ao quartel porque nunca saiu dele...

Repórter – Voltar no sentido de se afastarem do exercício do poder político direto.

Erasmo – Aí eu não seria o homem indicado pra responder isso, mas dentro do contexto geral de estarmos numa revolução - há que se entender, isso é o óbvio ululante que pouca gente entende: osatos que aí estão são taxativos em caracterizar que, de 1964 pelo menos até o dia de hoje, nós estamos numa fase revolucionária e uma revolução até relativamente tranquila; diante das revoluções que o mundo tem assistido, a nossa tem sido tranquila. Mas parece que tem gente que não entende isso, que nós estamos numa fase revolucionária e se ela existe é porque, pelo julgamento dos responsáveis pelo próprio governo, há que se ter determinados tipos de instituições para manter esta revolução até que ela consiga atingir seus objetivos.

Repórter – O senhor acha então que os instrumentos de exceção devem ser mantidos?

Erasmo – Enquanto existirem as causas que podem gerar dentro do corpo social fatores de intranquilidade, eu sou daqueles que sem discutir a forma, não discuto o método particularmente, discuto o mérito, o mérito - acha que o mérito é que nós estamos diante de uma revolução latente e ela deve ser continuada, deve ser preservada, deve se auto-garantir na defesa do que nós entendemos como sendo ordem e tranquilidade. E eu já disse: nós é que temos a capacidade de detectar quais são os vírus que existem. **Na medida em que esses vírus forem eliminados, em que eles se transformarem em (doenças mais simples) artrite, bronquite, não precisará haver instrumento nenhum de exceção.** Mas enquanto o vírus existente for tipo câncer, infelizmente, de forma ou de outra, a nossa sociedade, o nosso regime, deverá ter mecanismos para se autodefender. O método, sinceramente eu não sou legislador, não entendo disso, não sei se deva ser dessa ou daquela forma. Eu discuto o mérito: deve haver

sim (instrumentos de exceção).

Repórter – O senhor discorda então do presidente Geisel quando ele diz que a nação está apaziguada que desapareceram os fatores de intranquilidade, e que, portanto, os instrumentos de exceção podem ser abandonados?

Erasmo – Quem sou eu pra discutir o mérito do que diga o presidente da República. Eu sou apenas um soldado e quando digo que estou detectando aqui, em mãos a existência de um vírus naturalmente que eu tenho que defender que deva existir um modo de enfrentar esse vírus. De modo geral nós temos paulatinamente, desde 1964, avançado no sentido de os fatores de intranquilidade irem desaparecendo – e acredito que estejam desaparecendo. Mas eu acho também que o repórter leu errado. O presidente da República tem dito e repetido que a revolução deve se munir dos instrumentos de salvaguarda necessários à manutenção do equilíbrio social. No mérito eu tenho certeza absoluta que eu e o presidente estamos de acordo em gênero número e grau, isso é ponto pacífico.

Repórter – Se o presidente revogasse o AI-5, o 477, concedesse liberdade para organização partidária, fizesse retornar o "habeas corpus", o senhor consideraria isso uma porta aberta ao comunismo ou garantia efetiva de democracia?

Erasmo – A decisão do meu Presidente eu não discuto, eu sou um soldado leal, sincero, se um dia ele, por acaso, tomasse essas decisões é porque ele teria elementos necessários e suficientes pra tomar essas decisões. Eu apenas acataria, isso é ponto pacífico.

Repórter – O que é melhor pro Brasil, hoje: distensão ou manutenção dos instrumentos revolucionários?

Erasmo – Eu acho que um passo a frente nisso tudo no sentido de mostrar que a nossa revolução pretende chegar a objetivos mais democratizantes, é válido, nós não podemos retroagir, nós temos sempre que evoluir; eu acho que é válido mas com as devidas cautelas, eu sou do tipo papagaio, só dou um pé depois que estiver bem sentado. O meu campo de ação é muito pequeno para avaliar os fatores todos envolvidos. Mas não vejo maiores problemas em tentar o que chamam aí de abertura, distensão desde que seja feita com os devidos cuidados pra evitar que, amanhã ou depois, nós tenhamos que fazer outra revolução – e faremos tantas quantas forem necessárias, isso é ponto pacífico, certo? – porque nós estamos cientes e conscientes de onde viemos e prá onde vamos.

Repórter – Os estudantes seriam uma camada com maus propósitos?

Erasmo – Eu vou dar um exemplo: se o estudante procurasse ele próprio arregimentar forças democráticas nesse sentido humano, cristão, de darmos esse exemplo ao mundo, de que nós já estamos em condições de nós mesmos decidirmos nosso destino, nós seríamos os primeiros a dar as mãos à ele. **Mas é o que eu disse a você, quando alguém me vem com "liberdade democrática" e com a bandeira da anistia irrestrita e ampla para os presos políticos, nós não podemos conversar, não há condições de conversar, com esta bandeira não converso com ninguém.**

Repórter – Quem poderia ser anistiado?

Erasmo – Alguém poderia ser anistiado, é lógico, alguém poderia ser anistiado eu também concordo, concordo, muita gente poderia ser anistiada, muita gente poderia ser anistiada. Aí, bom, eu não vou responder... quem tenha praticado crimes como se praticou de 68 a 72, tirando vidas, assassinando, esses não são presos políticos coisa nenhuma, pô, são assaltantes, terroristas, mataram gente aí de um modo cruel, desumano, como é que nós podemos compactuar com gente desse tipo? Seria uma luta ingrata você enfrentar alguém que usa certas regras de comportamento que fogem à ética e à moral. Eu não posso enfrentar essa gente. Você concorda que alguém pode fazer justiça pelas próprias mãos, dizendo que tem direito de fazer justiça, meu Deus do céu? Esses rapazes que estão presos aqui no Barro Branco (em São Paulo) mataram desse jeito. Eu posso concordar com gente desse tipo? Enquanto essa gente existir, não for repudiada pela sociedade inteira, a sociedade não está vacinada, a sociedade precisa se vacinar e eu falo isso vinte e quatro horas por dia. Eu aceito até o crime comum que possa ser praticado por um desajustado, um complexado, um frustrado, um subdesenvolvido, que na sua inconsciência, na sua ignorância, no seu estado de necessidade possa praticar um crime fruto da sua alienação de condições físicas e morais. Mas a alienação comunista eu não posso aceitar, não posso aceitar e não aceito. O dia em que eles (os comunistas) não forem mais perigo para nossa sociedade, não precisa revolução, não precisa coisa nenhuma; nós podemos instituir nesse país a democracia social mais linda do mundo.

Repórter – A ênfase dada ao combate ao comunismo para garantir a segurança nacional tem produzido algumas formas ilegais de violência, como seqüestros, que partem do próprio aparelho policial por meios clandestinos. Tem-se notícia de pessoas, no Rio e em São Paulo que foram seqüestradas por grupos que se denominavam braços clandestinos da repressão. Não será este também um vírus canceroso?

Erasmo – Câncer por câncer, todos são câncer...

Repórter – O senhor concorda com a existência desses grupos? Admite que eles existam?

Erasmo – Vamos deixar claro: cada um de nós tem capacidade de responder. Eu respondo pela minha pasta e posso falar de tudo isso desde que assumi a pasta; não posso responder pelo que tenha acontecido fora de minha gestão. Eu me excuso então porque é um assunto que eu desconheço. Em termos gerais, uma coisa não justifica a outra mas é preciso entender também que a guerra, no seu lato senso, tem regras e alguem discutir regras de guerra, pelo amor de Deus, pelo amor de Deus. Então, de 68 a 72, do qual eu fui apenas um soldado, eu assisti, tomiu parte em muitos atos desse tipo. Agora querer dentro desse comportamento genérico...

Repórter – **O senhor tomou parte em atos de que tipo?**

Erasmo – **Eu tô dizendo a você, meu amigo, vou te contar um exemplo: eu vi assassinar um tenente, certo? A poucos metros de mim, em que amassaram a cabeça de um tenente depois que um juri de três pessoas, seu Carlos Lamarca entre eles, resolveu fazer justiça. Amassaram a cabeça dele como uma folha de papel e um cabo de fuzil...**

Repórter – **O senhor nunca viu o contrário, quer dizer, a polícia matando um prisioneiro político?**

Erasmo – **Eu não vi, eu não vi, me aponte um, esse eu vi porque fui testemunha...**

Repórter – **Herzog...**

Erasmo – **É uma mentira deslavada...**

Repórter – **Manuel Fiel Filho...**

Erasmo – **Isso é uma mentira deslavada. A morte deles não ocorreu em dependências minhas mas eu sou testemunha porque assisti a necrópsia de todos eles; eles se suicidaram. Apontar eles como tendo sido assassinados é uma afirmação caluniosa, insidiosa, mentirosa e malévola.**

Repórter – Coronel, o senhor tem sido considerado como uma personalidade autoritária. Na sua família é o senhor também autoritário, do ponto de vista político? O senhor coibiria que seu filho, como estudante, tivesse idéias de esquerda, por exemplo?

Erasmo – Eu já disse claramente: não coloco idéias de esquerda e de direita como posicionamento político. Eu sou visceralmente contra todo aquele que tenha usado da ética e do moral comunista. Meus inimigos são os comunistas, certo? Querer caracterizar todo aquele que tem posições discordantes de mim, em absoluto, em absoluto. Podem discordar de mim, podem tomar essa ou aquela decisão política, que eu aceito e acho perfeitamente válido. O que eu não aceito é a posição ideológica do comunista ou daqueles que, de uma forma ou de outra, direta ou indireta, alimentam diuturnamente os mesmos objetivos.

Repórter – Quando o senhor fala em comunistas, o senhor estabelece algumas diferenças entre eles? Para os chineses, por exemplo, o principal inimigo é a União Soviética, coisas desse tipo. Para o senhor existem diferentes facções de comunismo no Brasil?

Erasmo – Olha, comunista da China da Rússia, comunista de quem quer que seja eu até aceito, até concordo com eles; o que eu não aceito é comunista aqui na minha terra, isso eu não aceito, eles falam diariamente que isso é ditadura, não é democracia e não fazem outra coisa senão querer derrubá-la, isso eu não aceito. Por que não se mudam? Vão para Cuba e deixam a gente viver em paz, certo? É isso, o dia em que a gente meter na cabeça que eles não vão conseguir coisa alguma, quando a própria população entender que não pode alimentar essa meia dúzia de ignorantes, entendeu? De esquizofrênicos, sejam fascistas disfarçados ou comunistas transviados, eles é que conturbam. Temos de colocá-los nos devidos termos pra que possamos realmente dar um, dois ou três passos adiante.

Repórter – Em família o senhor admite e estimula o debate de idéias políticas.?

Erasmo – **Não só em família como em qualquer lugar, eu estimulo, gosto de debater. Apenas não dialogo com comunista porque com comunistas não se pode dialogar, pô. É isso.**

Repórter – **Coronel, se o partido comunista fosse legalizado, o que...**Erasmo (exaltado) – **Eu saía de arma na mão, de arma na mão, de arma na mão...**

Repórter – **Mas, coronel, se a iniciativa partisse...**

Erasmo – **Não quero saber, não quero saber, se o partido fosse legalizado eu saía de arma na mão...**

Repórter – **E se a iniciativa partisse do governo?**

Erasmo – **Já disse que isso eu não discuto: eu saía de arma na mão e pronto, acabou. É isso, saía de arma na mão.**

CONSPIRAÇÃO

Matança de Estado

"Matança de Estado" é um livro feito por um grupo de jornalistas italianos independentes. É um exemplo de como os profissionais da informação, "com a ajuda de advogados, operários e diversos companheiros", podem influir decisivamente na vida política do País, contestando com dados a verdade oficial.

Em 1975, os anarquistas italianos foram acusados de um atentado que matou 16 pessoas em Piazza Fontana. Dois meses depois, esta versão oficial foi negada pela publicação do livro Matança de Estado, que responsabilizava os facistas, garantidos pelos serviços secretos e com o apoio de políticos e até homens de governo. Atualmente, os verdadeiros envolvidos estão sendo processados. Entre eles, Mariano Rumor, então presidente do Conselho de Ministros, também processado por suborno da Lockheed.

Gabrielle Inverzzini, repórter do semanário L'Expresso, foi um dos que participou da realização do livro. Em depoimento ao Repórter contou como os jornalistas se organizaram para desvendar o caso.

Depoimento a Chico Junior

"No dia 12 de dezembro de 1969, na Piazza Fontana de Milão, explodiu uma bomba no Banco Nacional da Agricultura, matando 16 pessoas e ferindo várias outras. Ao mesmo tempo, explodem outras cinco ou seis bombas. Duas ainda em Milão e três ou quatro em Roma. Esta não matam ninguém, mas fazem alguns feridos. Imediatamente, e quando digo imediatamente digo uma hora depois, já existe a verdade oficial sobre quem executou esses atentados. Os anarquistas, segundo a Polícia de Milão.

No dia seguinte, começou a caça aos anarquistas. O primeiro a ser preso em Milão foi um ferroviário que se chamava Giuseppe Pinelli. Foi preso em 13 de dezembro e dois dias depois, à noite, Pinelli morre na Polícia Central de Milão, caindo de uma janela. Segundo a versão oficial, Pinelli, se suicidou, mas as investigações que foram feitas depois não afirmavam que Pinelli tinha se suicidado. Parece que Pinelli foi jogado pela janela.

Neste clima, um clima próprio de caça às bruxas, participou desde o Governo até o órgão oficial do Partido Comunista Italiano, o **L'Unità**, que naqueles dias sairia com manchetes do tipo "Foram os anarquistas". Um outro anarquista, Pietro Valpreda, foi apontado como o autor do atentado, passando a ser tratado como um monstro.

Mas 12 horas depois, reune-se um grupo de jornalistas de esquerda, evidentemente, que escreve um manifesto, no qual diz que não aceita a versão oficial, não acredita que Pinelli tenha se suicidado e assim por diante. Era bastante evidente que a verdade era outra.

Aquele era o momento máximo da conhecida "Estratégia da Tensão", na Itália. Que coisa era a "Estratégia da Tensão?" Era uma estratégia feita segundos os critérios de guerra psicológica, que tinha vários pontos de referência:

1. Os serviços secretos, em particular, a CIA.

2. Na base principal da CIA na Europa, que, naquele momento era a Grécia dos coronéis.

3. Uma série de forças e homens políticos italianos que estavam interessados em provocar uma volta à direita no país – não esqueçamos que estávamos no inverno de 1969, isto é, o momento em que a grande massa do movimento estudantil se liga à oposição e às lutas operárias, tendo produzido o chamado "Outono Quente".

A bomba explodiu quando se deveria assinar o maior contrato nacional de trabalho, que era o dos metalúrgicos. Um momento social de tensão, de luta de classe.

O primeiro movimento dos jornalistas foi redigir aquele manifesto, que contou com a assinatura não só de jornalistas, mas também de outros intelectuais. Esse manifesto foi publicado nos jornais. O segundo movimento foi um pouco mais articulado e complexo, pois, a partir da bomba da Piazza Fontana, começa em todo o país um aparato repressivo que envolve, não só os anarquistas, mas o movimento estudantil, os sindicatos, os intelectuais, os homens políticos, os militares. Uma verdadeira caça à esquerda. Dou um exemplo: em Gênova, foram presos companheiros marxistas-leninistas e no mandato de prisão estava escrito que em suas casas foram encontradas obras de Mao-Tsé-Tung. Assim se vê qual era o nível de histerismo.

Ora, diante desse clima, a saída para os jornalistas democráticos foi a formação de um grupo compacto que conseguiu coordenar tudo. Em primeiro lugar era preciso obter as informações que existiam para que fosse possível entender a política dessa repressão. Em segundo lugar, de posse destas informações, se iniciou a contra-informação, ou seja, as informações não oficiais.

A conta-informação tem muitos aspectos. Quando se prendia um companheiro de Parma, investigávamos e informávamos porque ele foi preso realmente. Se colocavam na prisão um intelectual, íamos ver o que havia por baixo disto. Assim, nasceu em Milão e Roma um movimento de jornalistas democráticos disposto a lutar pela liberdade de imprensa e contra a repressão. Naturalmente, o objetivo era descobrir a verdade sobre a "Matança da Piazza Fontana". A contra-pesquisa que deveria ser feita era muito difícil, muito complexa. Mas acredito que, pela primeira vez na Itália, conseguiu-se montar um mecanismo em que a contra-informação não era feita apenas pelos profissionais da informação, os jornalistas. Ao lado do jornalista estava uma série de companheiros, de militantes, de amigos, de intelectuais, de operários. E foi com esse tipo de organização que nasceu a contra-investigação sobre a matança da Piazza Fontana. No espaço de dois meses de trabalho, esse grupo apresentou o livro que levou o título de "Matança de Estado".

O livro saiu no final de abril e em poucas semanas chegou a vender mais de 120 mil exemplares. Foi a primeira resposta orgânica à verdade oficial. O que ficou demonstrado nesse livro?

1. Que os anarquistas não tinham nada a ver com a história.

2. Que foram em cima dos anarquistas implesmente porque eram a parte mais exposta, mais débil de toda a esquerda italiana.

3. E, finalmente, se abriu uma pista diferente, que mostrava que o negócio estava com os fascistas, envolvidos com os serviços secretos. Não só o Serviço Secreto Italiano, mas também a CIA e os políticos da Democracia Cristã e do Partido Social Democrático.

O fato é que o livro aproximou-se bastante da verdade. Esta verdade que hoje todo mundo está conhecendo e que envolve membros do governo italiano. O livro, inclusive, ajudou em muito todos os inquéritos que passaram a ser feitos sobre a Matança da Piazza Fontana.

A partir do momento em que o grupo de jornalistas começou a investigar sobre o atentado da Piazza Fontana, aconteceram alguns problemas (não com todos), em relação aos jornais onde trabalhavam. Mas o fato é que esta tomada de posição pública, a nível de grupo de opinião, da parte de um grupo de jornalista significava, também, para cada um dos jornalistas, levar o caso a seus jornais e publicar as reportagens. O resultado é que conseguimos, de maneira geral, influir na própria linha do jornal.

Alguns jornais foram aceitando aos poucos essa realidade, inclusive o **L'Unità**, órgão do Partido Comunista, que defendia a versão oficial do governo. Sobre a chamada imprensa burguesa, ela entrou na verdade com um atraso de pelo menos um ano. O **Corriere della Sera**, por exemplo, foi durante muito tempo o porta-voz da linha filo-governista.

Em 1969, a situação da imprensa italiana era muito deprimente. O **Corriere della Sera**, o maior jornal, era órgão da burguesia lombarda, milanesa. O Sindicato dos Jornalistas era um órgão apenas burocrático, que tinha como única finalidade salvaguardar os privilégios da classe. Para se ter uma idéia, a condição do jornalista na Itália é uma das posições mais privilegiadas do mundo.

O Movimento dos Jornalistas Democráticos nasceu com o apoio de uma série de homens políticos e ignorando completamente o Sindicato. Então, por uma série de razões, era importante a criação do movimento. Nos reunimos num restaurante, em quatro ou cinco, e, depois, o Partido Socialista nos emprestou uma sala para que pudéssemos trabalhar. E na primeira reunião do movimento compareceram 150 jornalistas.

Mas uma das nossas preocupações foi abrir as portas do movimento a todas as pessoas ligadas, de alguma maneira, com a informação: os advogados democráticos, os magistrados democráticos, os sindicalistas, intelectuais, professores universitários.

Bem, a partir daí iniciou-se a coleta de informações e a realização do livro "Matança de Estado", que foi escrito por um jornalista profissional, mas que, no fundo, não fez mais do que transcrever todas as informações conseguidas por uma série de pessoas não jornalistas. E até hoje o Serviço Secreto Italiano não soube quem escreveu o livro. Mas por que o título "Matança de Estado"? Porque, a partir das análises feitas, chegamos a conclusão de que foi uma matança feita pelo Estado.

A partir do momento em que nós começamos a nos preocupar com a bomba da Piazza Fontana, o serviço secreto passou a nos seguir 24 horas por dia. Oficialmente, fomos saber disso alguns meses atrás, quando a imprensa publicou uma lista dos jornalistas vigiados pelo serviço secreto. Mas, além de um ou outro telefonema ameaçador, tudo que o serviço secreto fez foi perder seu tempo. Se você chegar a um deles e perguntar quem escreveu o livro ele não vai saber responder. Mas é claro que, muito antes disso, nós sabíamos que estávamos sendo seguidos e vigiados e, por isso, tomávamos certos cuidados. Estes cuidados foram suficientes para nos deixarem muito tranquilos porque a experiência de trabalho clandestino na Itália é muito grande. Afinal, debaixo do fascismo não se fazia outra coisa e isso é uma escola. Na Itália, a capacidade de realizar um trabalho clandestino é automática.

Com o livro publicado, a magistratura italiana, que era muito independente, começou a investigar o caso. A primeir conclusão oficial foi de que os anarquistas eram absolutamente inocentes. Que os responsáveis pelo atentado foram os fascistas, aliados ao Serviço Secreto Italiano. Em um trabalho de provocação feito com a garantia, com a cobertura de um órgão do governo, além do apoio dos partidos fascista (Movimento Social Italiano), Democrata Cristão e Social Democrata.

Os dois responsáveis diretos pelo atentado foram os fascistas Freda e Ventura. O elo entre eles e o serviço secreto era um jornalista fascista, que trabalhava no serviço secreto, Guido Gianettini, que está preso. E conforme foram caminhando as investigações, descobriu-se que estavam envolvidos o então Ministro do Interior, o então Presidente do Conselho de Ministro, Mariano Rumor, e vários homens políticos e homens do governo.

O importante, para os jornalistas, no momento do atentado, foi que houve uma resposta de classe imediata à verdade oficial. Tanto que, no enterro das vítimas, conseguiu-se a mobilização de cem mil pessoas em Milão, entre às quais estavam os operários com os seus macacões azuis, sua roupa de trabalho. E nós temos que considerar que o Partido Comunista ainda insistia na "versão" anarquista. Mas comparecendo em massa, os operários mostraram ao partido que não estavam de acordo com a verdade oficial.

A HISTÓRIA SECRETA DA DITADURA DOS CARTÉIS

O que acontece a um industrial de um país subdesenvolvido que resolve lutar pelo seu negócio, pelo direito de vender e comprar livremente, e que nunca exigiu nada mais que o respeito as regras elementares do capitalismo?

Durante mais de três horas Rudolf Kurt Mirow – diretor da Codima e autor do livro "A Ditadura dos Cartéis" – contou sobre suborno, intimidação, roubo, violência, má fé, prepotências. E nós ouvimos, perplexos, uma história digna de uma série de espionagem para tv. Com um agravante: os personagens são reais.

Passeiam pelas ruas do Rio e São Paulo. Frequentam os gabinetes atapetados de respeitosas multinacionais. Falam de ministros com intimidade. São capazes mesmo de façanhas prodigiosas: parcelar o pagamento de uma dívida com o INPS até o ano 2.170.

Um livro foi censurado antes de ser editado. Um cidadão processado pelo que não disse. Essas coisas aconteceram e quisemos saber por que? Perguntamos e a resposta foi muito além do que imaginávamos.

...ETARIA DE ESTADO
...TE. DO MINISTRO
... MJ-GS 540/76

25 FEV 1977

1433 Com fundamento no Art. 54 do Decreto-lei nº 898, de 29 de setembro de 1969, determino a apreensão do livro " A DITADURA DOS CARTÉIS", de KURT ULRICH MIROW, Ed. Civilização Brasileira, bem como a suspensão de sua impressão, circulação, distribuição ou venda, no território brasileiro.

Dê-se ciência do presente despacho ao Exmo. Sr. Procurador-Geral junto à Justiça Militar, para as providências legais cabíveis.

Publique-se. —

Brasília 24 de ~~[illegible]~~ fevereiro de 1977.

A. Falcão

ARMANDO FALCÃO
Ministro da Justiça

Reporter — Em dezembro de 1971, você entrou com uma representação contra a Indústria Elétrica Brown Boveri no Conselho Administrativo de Defesa Econômica, órgão do Ministério da Justiça encarregado de reprimir o abuso de poder econômico. Ao que parece, aí começa a história da apreensão do teu livro.

Mirow — Sim. Nós tivemos um oficial da Marinha que se candidatou a trabalhar em nossa empresa. Era um ex-comandante aposentado do Corpo de Fuzileiros Navais. Ele se propôs a vender equipamentos à Embratel. Ele se dizia, ele mesmo, ex-funcionário do Conselho de Segurança Nacional e começou a trabalhar e nós ficamos bem satisfeitos, inicialmente, porque, conseguimos vender para a Embratel.

Reporter — Foi ele que te apresentou a um cidadão chamado Robert Lentz Plassing?

Mirow — Sim. Disse que eu deveria conhecê-lo. Que nos recomendava muito — inclusive para serviços de relações públicas especiais. Como, por exemplo, reescalonar nossas dívidas para com o INPS.

Reporter — Você procuraram então este cidadão...

Mirow — Ele se propôs a reescalonar a dívida em 200 anos — uma proposta que aceitamos. E assinamos o acordo com o INPS. Para este fim, o Passing, tinha nos imposto uma condição: viajar a Europa, visitar Roberto Campos, pedir uma carta de apresentação ao Roberto Campos e com esta carta de apresentação do Roberto Campos, reescalonar a nossa dívida.

Reporter — Vocês pagaram a viagem dele?

Mirow — Pagamos.

Reporter — Vocês tem esta carta?

Mirow — Tenho. Foi para o Jefferson — da Assessoria Econômica de Simonsen. Do próprio punho do Roberto Campos. Tenho a passagem, a hora do vôo. Tenho tudo: foi num dia que havia lá em Londres uma corrida de Fittipaldi, no circuito de Silverstone.

Reporter — Teu contato com o Plassing parou por aí?

Mirow — Não. Antes tinha havido no CADE — em 7 de julho de 1973, às 15 horas — uma tentativa de suborno de peritos do Cade feita por um senhor de nome Guilherme Ribas. Houve esta tentativa de suborno que me foi relatada na ocasião, imediatamente, pelos peritos. Em outubro houve uma alteração de uma perícia do CADE — uma perícia adicional, flagrantemente manipulada, que nós conseguimos saber depois que o Raja Gabaglia foi afastado do CADE por causa desta perícia. O SNI teria verificado que houve pagamentos ilícitos.

Reporter — Estes pagamentos teriam sido efetuados por quem? Você sabe?

Mirow — Não; por quem, não. Eu sei que foram pagos na agência Catete do Banco do Brasil. Essa mesma história me foi confirmada, agora, por uma pessoa totalmente desvinculada, que eu nem conhecia.

Reporter — O suborno era em função de que?

Mirow — Da alteração da perícia para conseguir a absolvição da Brown Boveri

Repórter - o sr. Plassing alguma vez se referiu a este suborno?

Mirow — Explicou ao João Stoltz e a mim como ele teria feito este suborno. Como ele teria, inclusive, se utilizado dos bons ofícios de ministros brasileiros para que este processo fosse arquivado.

Repórter — Ele falou isto para você?

Mirow — Falou para nós, em repetidas ocasiões, sem ser perguntado. Em 1975, quando ele estava se oferecendo a realizar para nós o serviço de reescalonamento da dívida com o INPS.

Reporter — Bem, em 1974 você viaja para os Estados Unidos. que acontece nesta viagem?

Mirow — A Siemmens sabendo que eu iria aos Estados Unidos fez uma carta — em 11 de abril de 1974 — ao Departamento Federal de Cartéis da Alemanha, dando instruções para o caso de eu ser ouvido pelo senador norte-americano Philip Hart. As instruções eram para o presidente do Departamento de Cartéis que deveria depor também nesta comissão do Senado norte-americano.

Reporter — Bem, como foi a viagem a Europa?

Mirow — Me roubaram o passaporte na Alemanha. Quiseram me inutilizar: o normal é quando alguém não tem passaporte não consegue viajar e reaver um passaporte brasileiro é uma complicação fantástica, leva meses. Só que o Consulado brasileiro em Hamburgo me deu um passaporte em questão de meia hora. Depois, eu viajei de maneira muito errática: sem avisar a ninguém do que eu estava fazendo. No dia 21 de maio eu estive na França, em Paris, e no dia 23 de maio, Frederico Heller, no Estado de São Paulo, publica meu roteiro de viagem.

Reporter — Um roteiro que nem tua família conhecia?

Mirow — Um roteiro arbitrário. Ninguém conhecia.

Reporter — Mas o Frederico Heller do Estado de São Paulo conhecia?

Mirow — Conhecia.

Reporter — Como?

Mirow — Isso é o que eu quero saber. Ele nunca me respondeu. Aliás, eu tentei, diversas vezes, falar com ele. Ele nunca me recebeu.

Reporter — Você não tem nenhuma idéia de como ele possa ter conseguido esse teu roteiro?

Mirow — Bem, sabe, eu tenho diversas matérias que ele escreveu sobre o nosso caso, me comparando inclusive com Lenine. O Plassing em certa ocasião — ele é muito aberto, fala com todo mundo — nos explicou, claramente, que o Frederico Heller era assalariado da Nestle, da Brown Boveri, da Siemens, da Sambra e mais algumas outras companhias, e que ele prestava serviços a elas e isso depois foi confirmado pelo Júlio Mesquita quee tirou

→

ele de lá, considerando o problema do flagrante suborno do Frederico Heller.

Reporter — De lá onde?

Mirow — Do Estado de São Paulo. Aqui está um editorial do Heller: "Numa linguagem que lembra o cediço fraseado de autores como Lenine e Bukanine, insinua Mirow por exemplo que o Ministro das Minas e Energia nada entende de problemas energéticos, nem de comercialização de minérios. Até mesmo a Companhia Siderúrgica Nacional estaria submetida ao férreo controle das organizações (multinacionais). Se a campanha sustentada por Mirow fosse coroada de êxito..." e por ai vai. Bom ele publicou o meu roteiro de viagem. Depois, em 1976, o chefe de segurança da Siemens, na Europa, me confirmou que, de fato, por alguns anos eles fizeram o que eles chamam, discretamente, de uma "observação" para ver se os documentos que eu estava utilizando e que estavam em minhas mãos provinham de embaixadas orientais. Eles queriam verificar nas viagens, se eu estava visitando países orientais ou embaixadas orientais. Verificaram que eu não estava visitando essas embaixadas e ai ele me recomendou que eu fosse voluntariamente ao serviço de informação da Alemanha. Verlassungschutz, em Colônia, para que eles lá verificassem seu eu era comunista ou não Foi um quartel, todo envolvido em arame farpado, espécie de fortaleza, não é fácil entrar: uma porta, uma outra porta, te levam para uma sala separa-■...

Repórter — Como foi? Você chegou lá e disse: "Eu sou o Kurt Mirow"?

Mirow — Exatamente: "Eu queria me apresentar aqui por recomendação de fulano de tal; queria que vocês verificassem a minha vida toda e que a registrassem aqui, porque eu estou sendo acusado de ser comunista, conforme conceitos de editoriais de jornais brasileiros".

Reporter — E como eles reagiram?

Mirow — Muito gentilmente: parece que já tinham recebido instruções que eu não era comunista: Estive lá por uma meia hora. "Está tudo verificado, registrado. "Não tem porblemas nenhum, muito obrigado".

Repórter — Bem, enquanto isso o processo no CADE continuava correndo, pessoas sendo afastadas, etc?

Mirow — Ah, sim: são as coisas de praxe, normais. O conselheiro Olímpio de Abreu que também foi o relator do processo de averiguações preliminares contra a Brown Boveri - e que na ocasião recebeu telefonemas anônimos as duas horas da madrugada, até se queixou - não foi reConduzido ao CADE. Houve um assalto ao CADE...

Repórter — Aí esse processo foi julgado.

Mirow — Foi julgado. A Borwn Boveri foi absolvida. O processo foi arquivado por falta de definição do conceito de "dumping", no Brasil. Embora eu tenha processado a Brown Boveri não por "dumping", mas por oscilação artificial de preços em detrimento da concorrência. Isto está prevista na lei. Eu cometi um erro, ao mencionar a palavra "dumping", uma vez, entre parêntesis, no processo. Valeu o parêntesis. Então, em 1975, março, entrei com uma representação contra o cartel todo e o CADE abriu novo processo. Agora, no dia seis, eles publicaram um edital na Europa chamando o pessoal que fugiu do Brasil: O Ameridian, da GE, o Jean Pierre Grether, da Brown Boveri, tem outro fulano da ASEA... Em seguida fui depor na CPI das Multinacionais, o Herbert Levi todo entusiasmado, deu declarações à imprensa que devia ser apurado aquilo. Fui lá, depus. Cinco horas e tanto. Numa sala no Congresso Nacional, em Brasília. Estava cheio: úmas 50 ou 60 pessoas. O Alencar Furtado era o presidente, o Herbert Levi o relator. De volta ao Rio eu fui logo alertado: o Plassing, na ocasião, já teria acertado com o Herbert Levy que nada seria apurado numa CPI. Não ia dar em nada e, de fato, não deu. O relatório da CPI é conhecido: há dois relatórios contrastantes. O da Arena diz que não há abuso (de poder econômico) esta tudo muito bem. E o do MDB que conclue que há motivos para preocupações no país. O Plassing disse que ele havia sido um dos coordenadores do movimento para que aquilo não desse em nada. Aliás o que me foi confirmado por outras pessoas. O Plassing prestava serviços a Brown Boveri, Nestlé, Siemens e GE. A Brown Boveri confirmou isso em depoimento no CADE. Quer dizer, o Oswaldo Balarin confirmou em depoimento no CADE, mas ninguém mais da Browm Boveri sabia, mesmo o departamento jurídico não sabia.

Repórter — Em seguida, você menciona que o Plassing havia recorrido ao Ministro da Justiça, para arquivar o processo contra a Borwn Boveri.

Mirow — Exatamente. Esta história, o Plassing contou por três ou quatro vezes para o João Stoltz e para mim sem nós termos perguntado nada. Ele disse que, pouco antes do julgamento do CADE, ele teria feito uma reunião com o sr. Armando Falcão e conselheiros do CADE, no apartamento do sr. Armando Falcão, na Praia de Botafogo, visando arquivar esse processo que era considerado um processo subversivo, no CADE. Agora, eu não tenho provas disso.

Repórter — O Plassing também se dizia secretário do Ministro Golbery?

Mirow — Se dizia. Eles nos mostrou diversas vezes correspondência para o Ministro Golbery. Que ele Plassing estava enviando por malote especial ao Ministro Golbery.

Repórter — Isto podia ser forjado?

Mirow — Podia. Eu não tenho nenhuma prova dis-■

Repórter — O Plassing mencionava também o coronel Álvaro Galvão?

Mirow — Esse eu conheci: ele veio nos visitar uma vez em companhia do Plassing e se apresentou como coordenador da agência central do SNI em Brasília e elemtno de ligação com o Palácio do Planalto, no governo Medici. Seria um coronel da arma de Cavalaria.

Repórter — Aí, entra nessa historia, o teu livro, "A Ditadura dos Cartéis".

Mirow — Eu já estava fazendo o livro.O Hélio Vianna tinha, contra a nossa vontade, entregue ao Plassing um dos originais do livro. Bem o Plassing me chamou — eu tinha voltado da Europa — e me deu uma impressada meio violenta dizendo que eu teria feito um erro muito grande ao fazer em conjunto com o Moniz Bandeira o livro "Cartéis e Desnacionalização". Ele já tinha assinalado com uma esferográfica vermelha todos os pontos principais que ele achava que eu deveria retirar do livro. Inclusive eu gravei esse encontro e devo ter a fita.

Reporter — Bem ele mostrou os originais que tinham sido entregues a ele pelo Hélio Vianna. Você conhecia esses originais porque eles não tinham o nome da editora e porque eles tinham uma marca, da tua "Xerox"?, Esse original é o mesmo que instaura o processo, ou melhor, informou o processo na 2ª Auditoria de Aeronáutica?

Mirow — Exatamente. É fácil de verificar porque eu fui alterando o livro no decorrer mesmo da composição, as páginas não conferem, nada confere.

Reporter — Isso foi quando? O que voce respondeu a ele?

Mirow — Junho de 1976.Eu disse a ele também que eu já tinha assinado um contrato com as Nações Unidas, para publicar grande parte desse livro e já tinha recebido o dinheiro, já tinha entregue o texto e que eu não veria incoveniente nenhum em publicar o livro no Brasil. Eu publico. Quem quiser contestar que conteste.

Reporter — Houve alguma ameaça além da exigência?

→

Rio de Janeiro, 06 de julho de 1977.

Exmo. Sr.
WALTER DA COSTA PORTO
M.D. Chefe de Gabinete do
Exmo. Sr. Ministro da Justiça
Ministério da Justiça
BRASÍLIA-DF.

Ref.: MJ 63.540-76
Livro "A DITADURA DOS CARTÉIS",
apreendido em 24/02/1977.

Prezado Senhor,

Referindo-me ao livro supramencionado, de minha autoria, apreendido em 24 de fevereiro 1977, desejo comunicar que, analisando os autos públicos de denúncia apresentada pelo Exmo. Sr. Procurador Militar, Dr. Milton Menezes à 2a. Auditoria da Aeronáutica, constatei os seguintes fatos:

1. DENÚNCIA DO EXMO. SR. PROCURADOR MILITAR, DR. MILTON MENEZES

A denúncia apresentada contra mim, autor do livro "A DITADURA DOS CARTÉIS" se baseia em uma minuta inicial do livro, que, inclusive possui outro título. A versão final do livro, editada após longos debates procedidos com os mais renomados especialistas internacionais em questões de abuso do poder econômico, apresenta-se bastante diferente da minuta inicial, na qual se baseou o Exmo. Sr. Procurador Militar, Dr. Milton Menezes, para enquadrar-me em dispositivos da Lei de Segurança Nacional.

2. ROUBO DE MANUSCRITO

A minuta do livro devidamente caracterizada, na qual se baseou a apreensão e o pedido de enquadramento de minha pessoa em dispositivos diversos da Lei de Segurança Nacional, fora em junho de 1976, roubada de meu escritório por um cidadão de nome Robert Lentz Plassing, assistido por um Coronel reformado, de nome Alvaro Galvão, ambos da Empresa Consultores Industriais Associados, do Rio de Janeiro, sito à Av. Passos 122, sala/1606 - Rio de Janeiro, Telefone: 243-0242.

3. ASSESSORIA DE RELAÇÕES PÚBLICAS ESPECIAIS

As empresas Consultores Industriais Associados e Intelligence Service Agency prestam serviços de relações públicas especiais a empresas multinacionais como Indústria Elétrica Brown Boveri S.A. e Nestle Produtos Alimentícios S.A., tudo de acordo com depoimento prestado pelo Sr. Oswaldo Ballarin, Presidente de ambas as empresas, ao CADE-Conselho Administrativo de Defesa Econômica, Orgão

Mirow — Bem, as ameaças foram constantes. Ele sugeriu que poderia haver explosões de bombas e outras coisas nos nossos escritórios e apartamentos. Ele disse — em tom de conselho — que essas coisas "desagradáveis" poderiam acontecer. Ele disse que as companhias não teriam escrúpulos, para agir com violência. Que elas estariam acostumadas a isso. E, em 15 de outubro de 1976, houve então, numa sexta feira,às quatro e meia da tarde uma tentativa de apreeensão dos manuscritos originais na Editora Civilização Brasileira por um choque armado da Polícia Federal. O Enio Silveira me telefonou— agora, o que o Enio Silveira não sabia é que embora o livro já estivesse na gràfica, para compor, às 15 horas daquele dia eu tinha me acertado com a agráfica e tinha retirado de lá os originais, contra a orientação geral da editora que não permite que os livros sejam retirados sob qualquer pretexto. Eu havia voltado da Alemanha e havia trazido uma série de documentos que eu queria acrescentar no livro. Guardei num lugar seguro e, de manhã, fui para a fábrica e tirei mais seis jogos. Na segunda-feira, era um feriado, eu fui com os originais na polícia, ao Wilson Queiroz e o coronel Luchsinger. O pessoal foi muito gentil lá. Eu disse: "está aqui". "Não" — disseram eles — "não era para apreender os originais, era só para comprar um livro"

Reporter — Bem, entre uma coisa e outra, houve uma bomba na Civilização Brasileira.

Mirow — Ah, sim. O Plassing tinha nos explicado antes, em abril, como é que funcionariam essas bombas: jamais causariam vítimas, só danos materiais mais intimidação. Ele disse que tiha forte experiência nesse setor porque foi ele que, em conjunto com o Boilesen, teria organizado a OBAN particular em São Paulo.

Reporter — Ele diz isso?

Mirow — Sim. Ele diz, claramente. Isso me foi confirmado agora em Brasilia.

Reporter — Quais são as outras coisas parecidas com estas que ele diz?

Mirow — Ele diz que tem "know-how" e nos propos colocar uma bomo na General Eletric.

Repórter — Além de ter sido o elemento de ligação entre vocês e o Plassing, parece que o Hélio Viana já foi para a tua empresa para te prejudicar?

Mirow — Foi. E, ao mesmo tempo, nós tínhamos uma encomenda muito grande da Embratel, que até hoje não foi paga e cuja venda foi realizada por ele. Isso quase nos leva à falência: oito milhões de cruzeiros, hoje em dia. E praticamente todas as empresas nacionais que, por intermédio dele conseguiram encomendas,não foram pagas. A Transmatic, agora, teve que ser entregue a Standard Elétrica. A Induco teve um prejuízo de 16 milhões de cruzeiros, foi publicado em balanço.

Repórter — Tudo com a Embratel?

Mirow — Tudo com a Embratel. Bem, aí eu entrei com um mandado de segurança contra a apreensão do livro - em março de 1977. Bem, antes, a Siemens me escreve uma carta da Alemanha exigindo que eu não publicasse o livro (lendo a carta): "A sua maneira de relatar nos deu a impressão que não lhe interessa apresentar o problema de maneira objetiva mas sim de criar emoções... Nós acrditamos que um leitor crítico encontrará falsos todas as suas conclusões... Mas exigimos de V.Sa. com esta carta agora de desistir da publicação do manuscrito.. Bem, no dia do julgamento do mandado de segurança, contra a apareensão do livro, me foi comunicado em Brasília que eu estava sendo processado como incurso na Lei de Segurança Nacional, em função do livro, por indispor a opinião pública contra as autoridades constituídas. Então nos perguntaram se nós concordaríamos em aguardar o julgamento militar. Como ainda não havia sido concedido nenhum mandado de segurança em livro, nós ficamos na dúvida. Tivemos 10 segundos para decidir. Nós concordamos. O que foi um erro: nós teríamos ganho o mandado de segurança. Conforme soubemos depois.

Exmo. Sr. Walter da Costa Porto
M.D. Chefe de Gabinete do Exmo.Sr. Ministro da Justiça

do Ministério da Justiça.

4. ATOS VIOLENTOS

Por diversas vezes o Sr. Robert Lentz Plassing ameaçou membros da diretoria das empresas KURT STOLTZ S.A. e "CODIMA" Máquinas e Acessórios S.A., ambas de capitais nacionais, com atos violentos, caso prosseguissem os nossos trabalhos de tornar público procedimentos predatórios praticados por empresas multinacionais, sócias da IEA-International Electrical Association, Cartel Internacional da Indústria Elétrica. Considerando a gravidade das ameaças, as registramos em orgãos brasileiros, bem como apresentamos protestos oficiais às casas matrizes e aos respectivos governos dos países de origem das companhias envolvidas.

5. USO INDEVIDO DE NOME DE MINISTROS DE ESTADO

Desejo ainda comunicar à V.Excia. que os Srs. Robert Lentz Plassing e Alvaro Galvão, utilizam-se constantemente do nome de diversos Ministros de Estado a fim de tentar conferir credibilidade às suas atividades.

Considerando basear-se a apreensão do livro em minuta roubada, não publicada, desejo pleitear desde já, seja liberado o livro para circulação pública, poupando-se assim o constrangimento de como brasileiro, ver um livro de minha autoria proibido no Brasil, circular livremente em outros países.

Sem mais, firmo-me,

Atenciosamente

KURT RUDOLF MIROW
Av. Presidente Vargas, 409 - 229-RJ.

Repórter — Vocês concordaram em suspender o julgamento do mandado até que fosse resolvida a questão do teu enquadramento na Lei de Segurança?

Mirow — Exatamente. Porque não havia crime, não havia processo, não havia nada, nós ganharíamos. Eles falaram abertamente sobre isso. Em seguido nosso advogado viajou para a Bahia e morreu. Mas isso não tem nada a ver com o processo. Comeu um queijo e pegou leptospirose e morreu. Nós contratamos outro advogado: Técio Lins eSilva - muito bom. Aí, a denúncia para o meu enquadramento na Lei de Segurança Nacional veio para o Rio: o primeiro procurador se negou a enquadrar foi afastado. O segundo procurador se negou a enquadrar: entrou em férias. E aí, veio uma denúncia pronta de Brasília para que o terceiro e último procurador enquadrasse: o procurador assinou e entrou em férias.

Repórter — O que instrumentava essa denúncia era o mesmo manuscrito que o Plassing havia te mostrado e assinalado com caneta esferográfica vermelha?

Mirow — Era o mesmo.

Repórter — Porque o processo foi instaurado baseado no manuscrito e não no próprio livro?

Mirow — Burrice. É que, como os procuradores aqui, se negaram a abrir o processo, veio a denúncia pronta de Brasilia. E, lá, eles só tinham uma cópia do manuscrito e não o livro. E como foram preguiçosos não tiveram o trabalho de mandar vir o livro para verificar. Estavam com pressa. Bem, depois houve mais uma dessas coincidências: o livro que foi para a Auditoria, foi errado. Os livros tem sempre esses cadernos, mas nesse caso, tem um caderno duplo e falta um.

Repórter — Falta o que?

Mirow — Justamente aqueles trechos pelos quais eu fui enquadrado! Ninguém se deu ao trabalho de olhar!

Repórter — Como foi o teu comparecimento à 2ª Auditoria da Aeronautica?

Mirow — Fui chamado para o interrogatório e a TV alemã quis filmar aquilo. O juiz pela primeira vez em muitos anos colocou uma toga. E eu cheguei lá com quatro carregadores portugueses e 200 quilos de documentos e livros. Para discutir na hora, lá, os trechos do livro. Eu estava disposto a discutir nota por nota de pé de página com documentação em mão. Mas eles só pediram que eu fizesse a prova da verdade de uns poucos trechos. Eles me enquadraram por eu ter transcrito no livro os trechos de confissão de corrupção feitos pela General Electric no Security Exchange Comission e no CADE, sobre o problema das locomotivas. E eu nada mais fiz do que entregar os originais para eles: a confissão do suborno. Então eles queriam saber **quem** foi subornado. Bem, pera aí, o livro diz que pagou. Perguntem a quem pagou. Não é minha função dizer quem recebeu. Por todos os trechos pelos quais eu fui enquadrado eu juntei lá umas 400 folhas de "Xerox". E, aí, surgiu um fato muito curioso: entre os dias 5 e 10 de setembro o Manoel da Costa Santos fez uma visita ao Carlos Frias Rocha, da **Folha de São Paulo**, em São Paulo e exige dele que nada mais fosse publicado pela Folha sobre meu nome, processo no CADE e apreensão do livro. Parece que o Frias se negou a acatar essa sugestão do Manoel da Costa Santos. Bem, como o Manoel da Costa Santos, por intermédio do Bonfiglioli, tinha intercedido uma vez junto a TV Bandeirantes (durante um ano e meio eu fui vetado lá) para que nada mais fosse noticiado sobre o cartel da indústria elétrica, eu fiz uma carta ao sr. Manoel da Costa Santos, em São Paulo, agradecendo a interferência dele visando ao cerceamento da liberdade de pensamento e expressão no Brasil. No fim, desta pequena carta, eu mencionava que, já que não estava bem elucidada a questão do roubo do manuscrito eu tomava a liberdade de juntar esta carta ao meu processo na Auditoria.

Bem a decisão foi por quatro votos dos militares contra o do juiz auditor (civil).

Repórter — Isso é um fato inédito.

Mirow — E. E o juiz entrou em férias e aposentadoria no dia 20 de outubro. O meu foi o último processo dele. Depois, o novo Conselho - que teve que apreciar novamente o processo, chegou à mesma conclusão. O Conselho muda a cada três meses e eles tem que fazer nova sessão para remeter o processo de volta à Brasília.

Repórter — Como está tua situação jurídica frente a este processo?

Mirow — Minha situação jurídica é que eu fui absolvido. E a procuradora está tentando me enquadrar novamente. No decorrer da decisão ele acha que nós criamos um precedente jurídico muito perigoso: um pedido de incompetência, aceito, pode funcionar como um habeas cor pus. Podemos, assim instituir um habeas corpus pela porta dos fundos. O Superior Tribunal Militar deve julgar isto, esperamos que antes do Natal. Parece que não estão interessados que o livro alemão saia com bandeirolas: "Leitura proibida para brasileiros, portaria número tal do Ministro da Justiça, Armando Falcão, datada de 24 de fevereiro de 1977"

Texto e fotos de Miguel Furtado

Durante o inverno, no pampa gaúcho, os animais que se deitam à noite não conseguem mais levantar-se. É que pelo frio suas pernas ficam dormentes e enrijecidas. Estão vivos e presos pelo seu próprio peso. Se o peão gaúcho não localiza rapidamente este animal, ele é morto pelas aves de rapina que o comem vivo.

Rio de Janeiro, dezembro de 1977. Confluência das ruas México com Araújo Porto Alegre, centro da cidade. Um senhor de terno e gravata viu que, do outro lado da rua, cinco ou seis pessoas abatiam um jovem negro. Outras pessoas, neste final de tarde, paravam para assistir à cena.

O senhor de terno atravessa a rua em direção ao crioulo que estava abaixado, quase de joelhos. O senhor apura o passo. O rosto do crioulo estava voltado para o chão, fugindo de uma maleta 007 que lhe batia furiosamente. O senhor apura ainda o passo. O rosto está a meia altura. Perfeito. O senhor corre e dá uma joelhada nesse rosto desconhecido e sem proteção. O crioulo rodopiou e caiu no chão. As pessoas que olhavam a cena correram e caíram em cima do crioulo. Mata. Lincha. Porrada.

– O que foi que ele fez? – perguntou o fotógrafo.

– Não sei – respondeu alguém que disputava um lugar para dar a sua.

O crioulo levantou e correu para qualquer lugar. Entrou no estacionamento do Ministério da Justiça. O estacionamento é fechado. Dezenas de carros aí fazem do ambiente um labirinto com estreitas e incômodas passagens. Estava acuado.

As pessoas surgiam por todos os lados. Os cinco ou seis transformaram-se em cem ou duzentos. Infiltraram-se rapidamente por entre os carros. Cercaram o crioulo. Estava ali preso só. Imensamente desamparado. Apanhou, gritou, chorou, rolou pelo chão, sangrou gemeu. Uma mulher o abraçou e o protegeu. Foi afastada violentamente e uma cotovelada na cara marcou o reinício da operação.

Alguns guardas de segurança tentam agora agarrá-lo. Apanham junto. Um guarda puxa o revólver e a multidão se dispersa. Carregam o crioulo para dentro do prédio. Tomaram da multidão a presa preciosa.

O negro culpado. Culpado de todas as frustrações e medo dessa multidão que agora se dispersa e procura a condução para a casa.

– O povo brasileiro é adverso à violência por índole.

REPORTER

Rio, janeiro de 1978 – Número 2 – Cr$ 7,00

AUTONOMO INDEPENDENTE

As pessoas falam muito sobre eleição

NINA

"Falta pão, sexo e liberdade" (página 15)

PAGAMOS PRA VER MAGALHÃES NO MDB

Páginas 4, 5 e 6

- Você sabe como é escolhido o Presidente? (P. 18 e 19)
- Jânio: "Eu não aceitaria ser indicado à presidência" (P. 7)

Sr. Presidente:

Que bela foto aquela sua que saiu no jornal, ontem. Quanta alegria transmite aquela gargalhada. Que saúde. Quanta ternura.

Foi ali, naquele momento, olhando aquela foto, que eu compreendi o quanto amo este país. Esta terra querida onde meus antepassados plantaram raízes. E como são profundas estas raízes. Tão profundas que ainda permanecemos aqui. Comendo deliciosos sanduíches de mortadela e assistindo ao Sílvio na TV. Dançando com o Coríntians Campeão e sofrendo com o conflito polícia-estudantes. Mas ainda continuamos aqui, Sr. Presidente, no solo da Pátria amada, em nosso solo.

E foi vendo aquela risada tão franca, tão saudável, que eu pensei que o sr. pudesse me explicar:

Por que com o que ganho não posso ter meus filhos na escola?

Por que somos tão ladrões e desalmados?

Por que tenho tanto medo, se nada fiz?

Por que meus filhos têm de roubar seus presentes de Natal?

Por que, há tanto tempo, não tomamos café lá em casa?

Por que nos tratamos como bestas e somos tão mal educados?

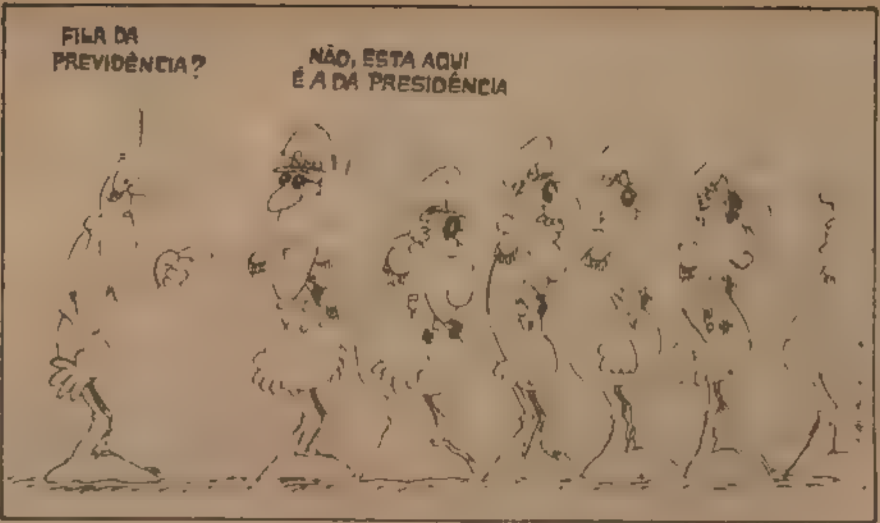
Por que meu patrão é assim?

Por que não sou feliz?

Sei que seu tempo é muito pequeno para responder a todas estas perguntas, mas, para terminar, gostaria de saber só mais uma coisa: ri de que, Sr. Presidente? De que?

BIRA SANTOS SOUSA

BIRA SANTOS SOUZA
(de Curitiba)



CANTE CONOSCO

Samba de plataforma

Não põe corda no meu bloco
nem vem com teu carro-chefe
não dá ordem ao pessoal
Não traz lema nem divisa
que a gente não precisa
que organizem nosso carnaval
Não sou candidato a nada,
meu negócio é batucada
mas meu coração
não se conforma
O meu peito é do contra
e por isso mete bronca
nesse samba-plataforma
por um bloco
que derrube esse coreto,
por passistas à vontade
que não dancem o minueto
por um bloco
sem bandeira ou fingimento
que balance e abagunce
o desfile e o julgamento
por um bloco
que aumente o movimento
que sacuda e arrebente
o cordão de isolamento
não põe no meu.
(Aldir Blanc e João Bosco)

Não tem mais eleição

Bons tempos aqueles
em que a gente votava
na Rainha do Rádio
Havia concurso e
se penduravam
as faixas nas ruas
Com voto secreto,
direto, secreto
mostrava-se a predileção
Hoje não tem mais concurso
não se faz mais eleição.
Como é que a Revista do Rádio
vai publicar a coroação?
(música de Hermínio Bello de Carvalho, parte de uma revista musical a ser dirigida por Fauzi Arap)

REPÓRTERES/EDITORES – João Sant'Anna, Luiz Augusto Gollo, Luiz Alberto Bettencourt, Paulo Adário, Toninho Martins Vaz, Elias Fajardo da Fonseca, Lúcia Murat, Miguel Ribeiro Furtado, Pedro Motta, Tim Lopes, Sérgio Sbragia, Marco Antonio Morais, Eduardo Homem.

COLABORADORES – Chico Júnior, Flávio Deckes, Ivan Maurício, Marcos Dantas, Bernardo Pellegrini, César Arruda Castanho, Fábio Júlio, Xirumba, Bruno Liberatti, Petchó, Daniel Remi, Alex Solnik, Marcus Vinicius Bettencourt, Luzia Rodrigues, Irede Cardoso, Angeli, João Bittar, Eliane Pastore, Jesus Carlos Lucena, Luís Alberto Pontes de Carvalho, Cláudia Moniz Freire, Paulo Venceslau, Jaime Leão, Márcia de Almeida, Ramayana Vargens, Maurício Veneza, L. C. Rettamoso, Solda e Ricardo Gontijo.

ARTE – Andrei Bastos, Analuce Estrella, Maurício Leite, Ruth Freihof João Leite e Washington Lessa.

REPORTER – Autônomo independente. Uma publicação da Margem Editoria e Programação Gráfica Ltda. Rua Miguel Couto, 134 - 11º andar - Tel.: 253-5038 - Rio de Janeiro. Distribuidores exclusivos para todo o Brasil: Fernando Chinaglia Distribuidora S.A. - Rua Teodoro da Silva, 907, Fone.: 268-9112 - Rio de Janeiro. Composto e impresso nas oficinas da PAT - Publicações e Assistência Técnica Limitada, rua Doutor Virgílio de Carvalho Pinto, 412 - Pinheiros - São Paulo. Fones: 282-2423 e 853-7461.

REPÓRTER integra o

Foto de Regina Duarte da capa: Agência Globo

O plano: Magalhães racha Arena e MDB e derrota Figueiredo

Magalhães Pinto pode ser candidato à presidência da República pelo MDB, na eleição do Colégio Eleitoral.

REPÓRTER pode informar que já existem negociações nesse sentido com o partido da oposição, na figura de alguns de seus senadores, como Leite Chaves, do Paraná.

O candidato Magalhães Pinto contaria com os votos dos descontentes da Arena (e são muitos, como ele mesmo afirma) e certamente tem apelo e chances de rachar o MDB. Com as duas metades, estaria eleito Presidente do Brasil. E aí estariam também as bases de um novo partido, pois, se ganhar a presidência, Magalhães afirma que dissolverá a Arena e o MDB e formará pelo menos mais quatro partidos.

Esta é uma hipótese a qual ele mesmo nos conduziu, nos dois encontros que tivemos com ele.

Durante a entrevista, com o gravador ligado, ele se recusou a responder o que fará caso não seja indicado pela convenção da Arena. Mas falou com o gravador desligado: "Eu não posso falar isso porque é muito contestatório, mas me candidato direto no Colégio Eleitoral e ganho com os votos de parte da Arena e do MDB. Não estou me importando com a fidelidade partidária, mesmo porque depois que eu ganhar ninguém estará ligando prá isso".

O senador só não disse **por qual partido** ele se apresentará no Colégio Eleitoral (sem partido é impossível).

No dia seguinte, quando voltávamos com ele da rua - onde, por nossa sugestão, ele respondera a algumas perguntas, voltamos à carga:

– Senador, sobre o que o Senhor nos disse ontem, de disputar a eleição direto no Colégio Eleitoral, o senhor seria candidato pelo MDB?

– Sobre isso eu já disse a vocês que não posso falar.

– Mas não precisa falar. Estamos apenas raciocinando com a sua hipótese.

– Sobre esse assunto eu não quero conversar agora. Por que vocês não esperam um pouco?

– E quando podemos conversar?

– Na quinta-feira (dia 15).

– Mas, senador, nosso jornal já está nas bancas nesse dia. Não podíamos conversar cinco minutinhos?

– Já disse que sobre isso não falo.

Pela primeira vez, Magalhães Pinto até então muito amável e interessado em ganhar a simpatia de todos, foi ríspido. Agradecemos e saímos com uma certeza: "esse cara vai se candidatar pelo MDB".

FOTO DE SÉRGIO SBRAGIA

REPÓRTER: – Vamos descer? MAGALHÃES: – Vamos.

Avenida Rio Branco esquina com Ouvidor, Rio de Janeiro, quatro horas da tarde. O candidato à Presidência do Brasil, José de Magalhães Pinto, atendendo ao pedido da equipe do REPÓRTER, aparece na porta da sede do Banco Nacional e é imediatamente cercado pelos jornalistas que o esperavam na calçada. As pessoas passam apressadas, olhando a cena sem parar. Uma cena que não acontecia desde a campanha eleitoral de Jânio Quadros em 1959.

Repórter – O sr. não tem nada para perguntar ao candidato à Presidência da República?

Homem – O sr. acredita que a Arena acatará um candidato civil?

Magalhães – A convenção é livre para escolher um civil ou um militar. Eu vou disputar lá dentro prá ver.

O mesmo Homem – Qual a receptividade que o sr. sente no Congresso pelo seu nome?

Magalhães – A receptividade foi sempre boa. Agora, eu acho que, a medida que vá tendo o apoio popular, isso vai influindo mais dentro dos convencionais e do corpo que vai eleger: do Colégio Eleitoral.

Um outro Homem – Excelência, e sobre o convite honroso que o governo fez pro sr?

Magalhães – Qual convite?

2º Homem – De retirar sua candidatura? Pelo menos é o que o Globo noticiou hoje...

Magalhães – Eu não recebi nenhum convite.

2º Homem – Mas saiu publicado no Globo hoje.

Magalhães – Saiu, eu vi, mas eu não tenho nenhum convite para retirar minha candidatura. Pode ser até que ainda venha. Mas eu não vejo motivo para retirá-la porque eu sou um representante do povo. Eu acho que o processo que nós temos, numa eleição indireta, é ir ouvir o povo, conversar como o povo e depois me apresentar na convenção como candidato que tem a opinião pública a seu lado.

Rapaz – Escuta, eu sou casado, tenho uma filha, entendeu, que tem um problema, ela precisou do INPS, levei minha filha pro INPS, fez operação, depois constou que tinha problema nos rins, de germes nos rins. O INPS não tinha nenhum remédio lá pra dar. Cada remédio custa trinta cruzeiros, entendeu? Então eu corri à Santa Casa, corri tudo quanto é hospital aí. Ganho salário mínimo. Remédio caro os hospitais não dão. Agora eu quero saber o seguinte: será que nós vamos ter condição, o pessoal que não tem condições? Porque eu acho o seguinte: quem não

FOTOS DE SERGIO SBRAGIA

tem condições, morre. É o caso da minha filha, se eu não pedisse ajuda, ela morria. Eu não sou orgulhoso, eu pedi mesmo ajuda.

Magalhães – Fez muito bem em salvar...

Rapaz – Salvei. Custou dois mil e tantos cruzeiros, mas salvei. Eu quero saber o que o senhor acha desse negócio?

Magalhães – Eu acho que o INPS deve melhorar as condições de atendimento. Precisamos estudar uma maneira...

Rapaz – O pessoal que não tem condições, morre. Atualmente, né, porque ninguém sabe disso. Só eu agora que tou dizendo.

Moça – Eu gostaria de saber: o senhor é candidato a Presidente?

Magalhães – É, sou candidato.

Moça – É só isso.

Magalhães – Ah, bom.

Folha de São Paulo – Senador, o senhor tem chances no colégio eleitoral, disputando com o general Figueiredo? Se a eleição fosse pelo colégio eleitoral?

Magalhães – Bom, primeiro, a eleição é na convenção. Tem que haver disputa. Pela legislação atual.

Mulher – Escuta, eu queria saber o seguinte: já que o senhor é Presidente,...

Magalhães – Candidato.

Mulher – Então o senhor podia me dizer por acaso esse caso das escolas? Entendeu? A minha filha, por exemplo, tem 15 anos. Passou pro segundo grau e se matriculou na "Sucrofe" essa escola federal. Ela passou com 360 pontos que ela fez e não foi **eleita.** Eu queria saber porque que ela não passou, se tem crianças com duzentos pontos, com cento e poucos pontos que foi **eleita** e passaram.

Magalhães – O problema da educação é um problema grave no Brasil.

Mulher – Porque? Tem assim alguma pretensão de distorção lá dentro?

Magalhães – Não, houve uma discriminação que não é justa...

Mulher – Mas todas as escolas são iguais, porque na outra ela fez 360 pontos e também não passou, na Mauá, que faz parte com a "Sucrofe".

Magalhães – E não passou por que?

Mulher – Também não passou. Dizem que é por causa de, de, de, como é? Esse negócio de **clarência.** Só porque o pai é militar? E tem isso? Se o pai é só um sargento, ganha um salário mínimo, uma coisa mais que um salário mínimo.

Um Senhor de terno – Senador, ainda ontem, o deputado José Bonifácio dizia na televisão que não acredita na candidatura civil. O que Vossa Excelência responde a isso?

Magalhães – É que as coisas acontecem sem o José Bonifácio acreditar. (riso)

O do terno – Realmente, eu faço sérias restrições às declarações dele também. Muito obrigado. Prazer, hem?

Outro homem de terno – Eu gostaria de saber se nós vamos perder mesmo a grande oportunidade de termos o senhor como Presidente da República. Parece que está havendo uma. .

Magalhães – Pelo meu esforço, nós não perderemos não. Se vocês me ajudarem, não é?

2º de terno – Então muito bem, muito bem.

Rapaz – Senador Magalhães, eu, durante o seu governo, eu nasci em Minas, vivi lá. Agora eu queria perguntar pro senhor se há chance de o senhor ir à Presidência da República.

Magalhães – Há. Por isto mesmo que eu estou...

Rapaz – Eu espero que sim, porque durante o seu governo o senhor fez de Minas um grande Estado.

Magalhães – Pois é, muito obrigado.

Mulher – Eu queria perguntar porque a passagem de Portugal ficou tão cara que eu não posso ir ver os meus país?

Magalahes – Ah, é?

Mulher – Já estou aqui há vinte anos.

Magalhães – Então precisava haver uma revisão nisso.

Moça – O senhor, se for eleito Presidente, qual é o seu programa?

Magalhães – O meu programa eu breve estou discutindo ele nas ruas, nos comícios, auditórios, a hora que puder. Eu vou fazer um programa o mais perto do povo possível.

Homem – O senhor acredita que a sua auto-candidatura representa uma abertura política?

Magalhães – Acho que sim. Porque hoje o povo já pode conversar sobre o assunto, já pode se interessar. E no Brasil inteiro se fala no problema.

Homem – Eu não digo tão somente em termos de povo, eu digo em termos de cúpula.

Magalães – Também, eu acho que de cúpula também, porque foi graças a liberdade de imprensa que o meu nome pode ser divulgado no país todo. Já é uma abertura.

Homem – Senador, que o senhor alcance todos os seus objetivos em 1978. O senhor merece.

Magalhães – Os meus objetivos são os objetivos do povo.

Homem – Exatamente. Eu sou sobrinho do Godolfredo de Luna, grande amigo seu.

Rapaz – Em termos de regularização de profissão neste país, ainda tem muitas profissões a serem regularizadas. Eu não sei o motivo, que é a profissão de sociólogo no Brasil.

Magalhães – Eu já tenho cuidado, como senador, dos sociólogos. Mas vai ser regulamentada. Pode estar tranquilo.

Homem – Sendo candidato e sendo eleito, o que o senhor pretende fazer em benefício da classe pobre? Em benefício principalmente daqueles que não têm a sua residência.

Magalhães – Essa é minha preocupação, meu filho.

Homem – O plano que está aí no BNH acho que não tá atendendo à maioria dos pobres. O que o sr. pretende fazer?

Magalhães – Uma das preocupações que eu tenho é elevar o nível de vida do povo, dar condições para que todos possam viver mais tranquilos.

Rapaz – Acontece o seguinte: o meu negócio, eu fui embora da Petrobrás sem justa causa, eu estava até de férias, entendeu? Já fiz isso prá ver se volta e até hoje ainda não voltei. Sem justificação nenhuma, fui embora sem justificação nenhuma.

Magalhães – Mas o sr. não reclamou?

Rapaz – Reclamei, fui, mandei uma carta ao presidente e tudo. Recebi uma resposta, não adiantou nada, ficou por isso. Foi em 75.

Magalhães – Mas insista.

Rapaz – É.

Magalhães – Quando a gente postula uma coisa tem que insistir.

Rapaz – É, certo.

Rapaz – A anistia sai?

Magalhães – Temos que fazer, pelo menos, imediatamente um corte para a revisão das punições.

Rapaz – Eu acho.

Magalhães – Acredito que faremos um regime democrático pleno...

Homem – É o candidato? É o candidato?

Velhinho – Eu queria fazer uma pergunta.., Eu fiquei muito triste... Ainda posso ter esperança?

Magalhães – Pode ter.

Velhinho – Posso ter esperança?

Rapaz – Eu perguntei prá ele se ele por acaso for eleito presidente se ele acredita no regime de democracia. Ele disse que acredita sim.

Homem – O sr. acredita que o sr. será candidato à presidência? No atual sistema?

Magalhães – Esse é o meu esforço.

Homem – Com o anúncio de Figueiredo já como presidente?

Magalhães – Ele é um candidato, eu também sou outro.

Homem – Como sua candidatura vai ser?

Magalhaes – Eu vou ser o candidato...

Mulher – Péra aí, deixa eu só cumprimentá-lo: como vai o senhor, vai bem? Felicidades.

Senhor – Eu sou do tempo do senhor, lá no Banco, do começo do Banco, do Banco Hipotecário, do Banco da Lavoura...

Magalhães – Como é seu nome?

Homem – Morato.

Magalhães – Lembro muito de você..

Homem – Morato, é.

Magalhães – Está aqui no Rio, agora?

Homem – Estou, sou médico aqui no Rio.

Magalhães – Ah, bom.

Homem – O sr. ainda é candidato a candidato ou já é candidato?

Magalhães – Não. Sou candidato.

Homem – Já é candidato? Então, parabéns.

Magalhães – Vou me registrar prá isso.

"Tá na hora de acabar com o militarismo"

Enquanto o candidato Magalhães Pinto respondia as perguntas dos populares, REPÓRTER ouvia alguns outros sobre o que estavam achando de toda a movimentação. Eram três perguntas: o senhor conhece aquele homem ali. O senhor sabe que ele é candidato "à Presidência do Brasil? O senhor votaria nele?

Estas são as respostas:

José Silva, 28 anos, trabalha num escritório de contabilidade, mora em Campo Grande:

– Votaria nele só pra mudar, só porque é civil. Chega desse negócio de militar.

– Você não acha perigoso ficar falando isso na rua?

– Acho que não é mais não, até os jornais estão dizendo coisas assim. É isso aí, tá na hora de mudar, senão como é que ele ia ser candidato?

Jorge Sérgio de Melo, 23 anos, morador em Santa Teresa, trabalha em uma distribuidora de títulos

– Conhece aquele senhor ali?

– Claro, é o Marcos Tamoio.

Jorge Coelho da Silva, 44 anos, bombeiro hidráulico, mora em Cascadura:

– Votaria no Magalhães?

– Pra que o senhor está perguntando? (sai rápido da roda que cerca o senador). Não tenho nada pra dizer não, é melhor riscar meu nome daí, olha moço não quero complicação pra cima de mim por causa de política. Vê lá...

Sebastião Junior, 22 anos, contínuo de escritório, morador no Méier:

– Conhece aquele senhor?

– Não.

(alguém fala "é o Magalhães Pinto")

– Já ouviu falar nele?

– Acho que não. Quem é ele? Parece ser muito velho, pra que que ele serve?

Soldado PM que controla o trânsito na esquina de Ouvidor com Rio Branco:

– Conhece aquele senhor ali?

– Conheço de vista, tá sempre aí (aponta para o edifício do Banco Nacional), sei que é gente muito importante.

– Sabe o nome dele?

(faz que não com a cabeça)

– Sabia que é candidato à Presidência da República?
– É?!
– Qual é o seu nome?
– Não complica!
Eduardo Vileia, 25 anos, estudante de economia; motociclista:
– Votaria nele só porque é civil. Se houvesse eleições livres, acho que ele ganharia tranquilamente, apesar de não ser um candidato popular. Mas para o povo é a melhor alternativa que apareceu até agora. Se fosse perguntar alguma coisa a ele, gostaria de saber como é que iria resolver o problema dos metalúrgicos, sabe como é, nesse negócio de salário é que pra gente ver, realmente, quais as intenções verdadeiras do político.

Antônio Francisco das Neves, 20 anos, terceiro ano científico, morador em Parada de Lucas:
– Acho que está na hora de acabar com esse militarismo todo. Em tudo quanto é lugar só tem militar governando. Por causa disso, acho que votaria nele. Agora, não sei muito bem o que ele poderia ou estaria disposto a fazer. Será que melhoraria o regime de vida da gente?

Valdomiro Batista de Souza, 45 anos, operário da FIAT, morador em Duque de Caxias:
– Votaria no Magalhães porque estamos numa hora em que a gente precisa de pessoal com experiência, e ele tem muita experiência política.

Senhor gordo, aproximadamente 40 anos, sorridente, bem vestido e brincalhão. Ao ver o senador atravessando a rua, sai correndo para vê-lo de perto. Comenta entusiasmado para um amigo:
– Olha só que simplicidade, sozinho no meio da rua, sem aparato nenhum, quem olha ele assim nem pensa que é o dono do Banco Nacional.
– Votaria nele?
– Há muito tempo já voto no dinheiro dele – tira um talão de cheques do Nacional e exibe entusiasmaticamente.
– Seu nome?
– Que é isso meu filho? Eu também sou mineiro, nada de me comprometer por coisa boba.
Puxa o amigo pelo braço, agora já não ri e parece mais cauteloso:
– Isso deve ser alguma jogada do velho. Tem muita gente querendo saber o que a gente pensa.

"Ninguém se conforma com a situação

Homem de terno azul e camisa branca: – É claro que eu votaria nele. Ninguém se conforma com a situação em que vive o país há 14 anos. Isso aqui é uma ditadura, então qualquer coisa que venha mudar eu acho bom. O senhor por exemplo, quantas vezes já votou para Presidente da República?

REPÓRTER – Nenhuma, mas eu tenho 30 anos...

Homem – Pois é. Eu tenho 60 anos e só votei duas vezes...

FOTO DE MIGUEL FURTADO

O camburão parou, olhou e foi embora

Texto de Gollo

Repórter – O senhor conhece aquele homem ali? É o senador Magalhães Pinto, candidato à presidência. O senhor tem alguma pergunta a lhe fazer?

– Eu sei quem ele é, mas não tenho pergunta. O que eu vou perguntar a ele? Nada.

Repórter – Ei, você, sabe quem é aquele senhor ali parado? É candidato à presidência. Você não tem pergunta nenhuma que gostaria de fazer a ele?

– Eu,que nada, cara. Vou perguntar o que pra ele?

Rpórter – Sei lá, o preço do feijão, alguma coisa. Amanhã o homem pode estar lá no palácio.

– Aí ele nem vai se lembrar da minha pergunta, né?

Repórter – Mas o homem pode até ser eleito lá em Brasília e você não quer fazer pergunta nenhuma?

– Eleição? Ah, para com isso. (sai rindo).

O sinal de trânsito fica vermelho, os carros param. O primeiro deles, junto ao meio-fio, é um Mercedes-Benz que transporta uma senhora no banco traseiro. O motorista fardado é negro.

Repórter – A senhora sabe quem está ali? É o senador Magalhães Pinto. A senhora não tem pergunta a fazer a ele?

– O Magalhães Pinto? Não, pergunta não tenho, mas torço por ele. Pelo menos não é militar. Chega de militar, né?

Repórter – O senhor sabe quem é aquele ali? É o candidato a presidente, o Magalhães Pinto. O senhor não quer fazer uma pergunta a ele? Olha que esta pode ser sua última chance (o entrevistado aparenta a mesma idade do senador).

– É verdade, mas eu não tenho nada a perguntar a ele. Não vai ser eleito mesmo, de que adianta?

O candidato Magalhães Pinto atravessa a avenida, a pedido dos repórteres que querem fotografá-lo junto à estátua do pequeno jornaleiro, do outro lado. O camburão da Política Militar, número 520071, para junto à aglomeração em torno do candidato. Os policiais olham pelas janelas do carro por alguns segundos, sem saber se descem ou não. O guarda de trânsito de serviço naquele cruzamento faz com a mão um sinal de que não e nada, que está tudo bem, e o camburão segue pela Rio Branco.

Repórter – O senhor sabe quem é aquele homem? É o candidato à presidência, o Magalhães Pinto. Não quer fazer uma pergunta a ele? É só chegar e perguntar. Olha que só tem esta chance.

– Eu fazer pergunta? Não, estou sempre com ele.

O candidato Magalhães Pinto volta à porta do Banco Nacional, sempre com um grupo de repórteres e populares cercando-o. Próximo, três homens conversam. O que está no centro é padre.

Repórter – Com licença, o clero não teria uma pergunta a fazer ao candidato Magalhães Pinto?

– A quem? Ao Magalhães? Não. Mas tenho uma pergunta para o senhor. Posso fazê-la?

Repórter – Só se for agora.

– Por que o senhor não está trabalhando?

Repórter – Mas eu estou (mostra as laudas anotadas e o padre sorri um tanto sem graça).

– E onde o senhor trabalha?

Repórter – No **REPÓRTER**, o senhor conhece?

– Ouvi falar.

Repórter – Vejo que o senhor está habituado a boas leituras (o padre traz uma revista **Isto é** na mão). Não deixe de comprar também o **REPÓRTER.** Mas sobre o candidato, o senhor não tem pergunta nenhuma a lhe fazer?

– Ah, não, eu não conheço muito o senador. Aliás, na última **Veja** saiu uma foto de nós dois aqui mesmo nesta esquina.

Repórter – O senhor não acha que é muita coragem do senador sair para a rua com as pressões todas em Brasília contra ele?

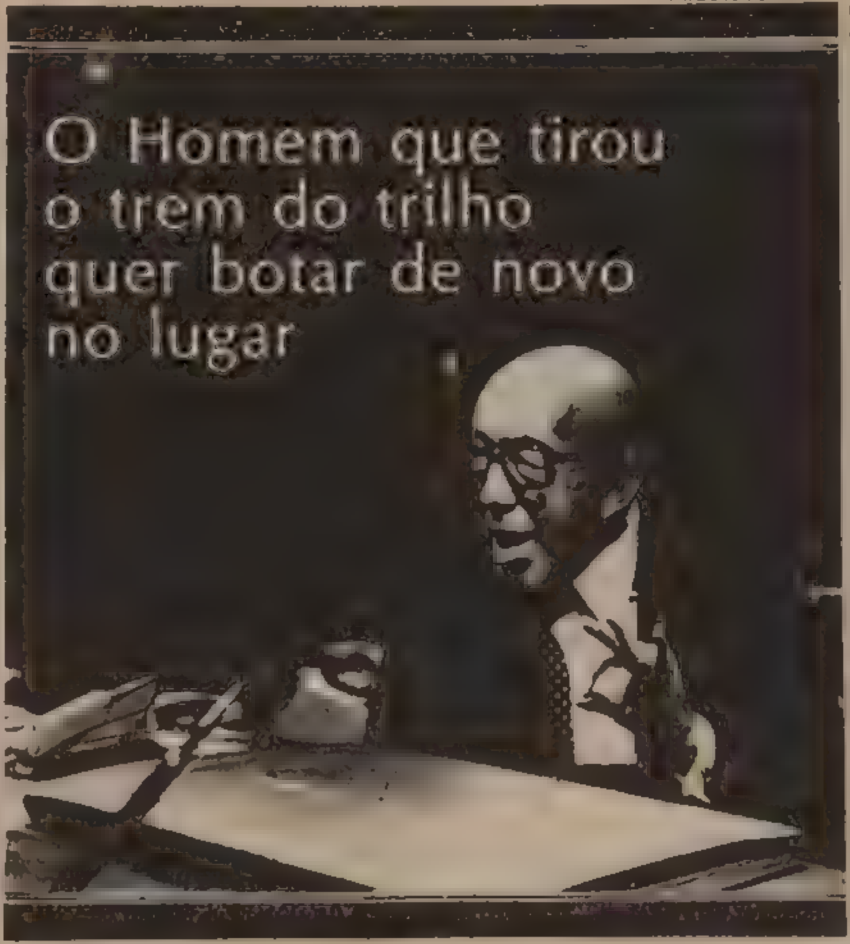
– O senador sempre foi um homem corajoso. Aliás, você sabe que os melhores atiradores do Brasil são mineiros?

Reporter – ? ? ? !!!

(Ao final do **passeio,** o candidato Magalhães Pinto volta à sede do banco. No elevador, o padre e os dois homens que conversavam na esquina. Todos sobem.)

MIGUEL FURTADO

O Homem que tirou o trem do trilho quer botar de novo no lugar



REPÓRTER – Senador, o sr. foi um dos líderes civis do movimento de 1964 e, como tal, conspirou para derrubar um governo legalmente eleito e um regime escolhido num plebiscito, com voto secreto e direto. O novo regime que o sr. ajudou a implantar acabou com os partidos, cassou mandatos, baixou o AI-5, censurou a imprensa – sempre com o seu apoio. Hoje, o sr. está contra tudo isso: quer liberdade de organização partidária, quer ver reconhecido seu direito de candidatar-se à presidência da república, é contra o AI-5 e sua campanha ganha as ruas graças a uma maior liberdade de imprensa. Em 1964, quando os militares tomaram o poder, o sr. se juntou a eles. Em 1977, quando aumentam as pressões para que os militares se afastem do poder, o sr. se apresenta como candidato civil. Para algumas pessoas isso caracteriza uma oposição oportunista. Como o sr. vê isso?

Magalhães Pinto – Todos os que conhecem minha vida não julgariam que eu viesse a tomar uma atitude oportunista. Em 1964, como governador de Estado, eu senti que não estávamos apenas diante de um governo eleito pelo voto e referendado pelo plebiscito. Estávamos diante de um governo que facilitava a anarquia e o caos. **Foi para deter isso que eu chefiei a revolução.** Agora, tendo passado 14 anos, praticamente, no momento em que todos nós desejamos uma volta ao regime democrático e ao estado de direito, eu julguei que era o meu dever pleitear a presidência – inclusive porque **quem ajudou a descarrilar o trem tem a obrigação de ajudar e repô-lo no seu leito normal.** Não é por oportunismo nem por ambição. Estou fazendo isso como um dever que eu tenho porque, na verdade, para o governo ir para um político – ou vir para um político – é importante que esse político tenha ligações profundas com a Revolução. Eu, examinando o quadro, cheguei à conclusão que era esta não a minha oportunidade: era esse o meu dever.

Repórter – De que maneira o sr. vê esse "descarrilamento do trem"?

Magalhães Pinto – Na verdade, em 1964, para evitar o caos e anarquia, tivemos que tirar o Presidente da República. Tivemos que fazer um governo forte, um governo com ato institucional que, inclusive, cassou mandatos, censurou a imprensa, pôs congresso em recesso etc. **Isso, na verdade, não é uma situação para ficar permanente num país que foi sempre democrático.**

Repórter – Hoje o povo não elege mais os governadores, os prefeitos dos municípios mais importantes, um terço do Senado Federal, o Vice-Presidente e o Presidente da República. Mesmo assim, o sr. se diz candidato do povo. Em vez de barganhar em nome do povo, numa eleição indireta, onde o povo não vota, não seria mais coerente com os princípios democráticos lutar para que as eleições presidenciais e todas as outras fossem diretas, secretas, através do voto universal?

Magalhães Pinto – Esse seria o meu desejo, mas vejo que as regras do jogo não são estas. Então, para disputar uma eleição indireta e ficar coerente com o meu passado de homem público que sempre disputou eleição pelo voto direto, eu qu[illegible] meiro ir ao povo, buscar o [illegible] apoio.

Repórter – O senhor está disposto a aceitar as regras universais do jogo democrático: liberdade para os sindicatos, direito de greve, habeas corpus, liberdade de organização para os partidos de esquerda, liberdade para o movimento estudantil, liberdade de imprensa, fim da censura prévia ao rádio e tv, filmes, livros, fim das prisões arbitrárias e da tortura?

Magalhães Pinto – Na verdade, algumas dessas coisas já estão ultrapassadas. Mas, na verdade, eu sou a favor da liberdade de imprensa. Eu sou a favor da liberdade sindical. Acho que devemos fazer novo pacto social diferente do que é feito atualmente.

Repórter – O sr. é a favor também do direito de greve?

Magalhães Pinto – Durante a minha vida, numa parte eu fui patrão, noutra eu fui empregado e sempre achei que o direito de greve é legítimo para o empregado conseguir as suas reivindicações.

Repórter – O Sr. não acha que se o Presidente abre debate sucessório já indicando o candidato que ele quer ele não está de uma certa forma fechando esse debate?

Magalhães Pinto – Eu estou pleiteando uma coisa muito simples: o direito de disputar na convenção. De modo que acredito que este direito não me vai ser negado.

Repórter – O Sr. é a favor da anistia?

Magalhães Pinto – Eu sou a favor da criação de uma corte para a revisão das punições.

Repórter – Então, o sr. é contra a anistia?

Magalhães Pinto – Eu não sou contra a anistia. É que eu acho que se pedir demais nós não conseguiremos, ao passo que se formos fazendo uma revisão com um tribunal criado para este fim, nós em breve estaremos praticamente com a anistia.

Repórter – O sr. esteve com o Presidente Geisel. O sr. falou claramente com ele sobre sua candidatura?

Magalhães Pinto – Eu não estive recentemente com o Presidente a não ser em reuniões públicas.

Repórter – Então o sr. nunca comentou com o Presidente Geisel sua candidatura?

Magalhães Pinto – Já comentei uma vez com ele.

Repórter – Qual foi a reação dele?

Magalhães Pinto – Ele só disse que queria adiar o problema. Eu disse a ele que estava de acordo. Apenas que a minha posição era uma posição difícil porque eu era um homem que andava, que não tinha gabinete militar como os outros dois candidatos na época – que eram o general Figueiredo e o general Sylvio Frota. De modo que eu estava na rua, nas praças, nos aeroportos... Em toda parte eu tinha que conversar sobre o assunto sucessório, de modo que eu esperava que ele não visse nisso uma posição contrária à posição dele e sim como decorrência da minha posição de ser um político civil.

Repórter – O que ele lhe disse?

Magalhães Pinto – Ele disse que compreendia.

Repórter – Além deste apoio político que o sr. disse que tem – e que talvez tenha, já que o senhor é senador eleito com voto direto – que outras forças políticas sustentam sua candidatura?

Magalhães Pinto – A minha candidatura não foi posta por mim. Ela foi posta pelos meus colegas do Senado quando eu ainda era presidente da Casa, quando eu fui eleito "Homem de Visão". Todos os deputados presentes se manifestaram sobre a proposta de um deles. De modo que eu não sou um candidato de mim mesmo. Mas aos poucos eu fui examinando a situação e cheguei à conclusão – pondo de lado qualquer ambição, vaidade ou desejo de mando – que eu tinha o dever de, nesta hora em que caminhamos para a democracia, também trabalhar firmemente para colocar o Brasil no estado de direito democrático. E para isto eu tinha que colocar então minha candidatura e vejo que ela já tem prestado alguns serviços: o debate sucessório está se fazendo no Brasil inteiro, em todos os jornais, até no interior, porque na verdade um político colocou-se à frente disso.

Repórter – Ao que parece, o governo permitirá que sua candidtura chegue à convenção da Arena. Quais são as suas chances de vitória na convenção?

Magalhães Pinto – Eu vou trabalhar para isso. Mas, **quando a gente está lutanto, não pode olhar percentual,** porque digamos que tenha hoje 30 por cento, amanhã posso ter 60 por cento. De modo que eu vou trabalhar.

Repórter – O governador de Minas Gerais, Aureliano Chaves, será o Vice-Presidente da chapa do general Figueiredo. Dentro de seu próprio Estado já existe um civil apoiando a candidatura de um militar. O sr. não acha que isso dividiria a convenção?

Magalhães Pinto – Eu não sei o que isso pode significar.

Repórter – Foi colocado que isso seria um tentativa de esvaziar a sua candidatura.

Magalhães Pinto – Se é uma tentativa de esvaziar, isto não cola bem em Minas Gerais, porque todos lá sabem do meu esforço para que Minas possa ter um presidente.

Repórter – Então o maior apoio político seu estaria em Minas Gerais?

Magalhães Pinto – Não, eu tenho apoio político em vários Estados. E como você sabe, o problema de apoio de candidato na convenção depende muito da hora, hoje é de um modo, na ocasião da convenção é de outro. Por exemplo, nós temos os problemas estaduais: a escolha dos candidatos etc. Esta escolha pode fortalecer muito o candidato oficial. Mas pode, também, dar chances a mim – que sou também do partido – com elementos que virão formar também a meu lado.

Repórter – Pelos pontos que o sr. enumerou aqui, seu problema é claramente um programa de oposição: um programa muito mais perto do MDB do que da Arena. O sr. não vê uma contradição em colocar esse programa dentro da convenção da Arena que é, enfim, o partido do governo?

Magalhães Pinto – Sim. Mas no momento que o governo está fazendo um diálogo para obter justamente isto, eu não vejo nenhuma contradição. Este é o pensamento atual. Pode não ter sido o do passado, mas o atual é esse. Tanto que o governo mandou fazer um diálogo com os vários representantes da sociedade, justamente para favorecer um entendimento.

Repórter – E se o governo não permitir que sua candidatura chegue à convenção?

Magalhães Pinto – Não quero dar esta hipótese.

Repórter – O sr. se coloca como o candidato do povo e da democracia. Se o sr. perde na convenção isto significa uma derrota do povo e da democracia?

Magalhães Pinto – Por que você não pergunta se eu ganhar?

Repórter – Se o sr. ganhar?

Magalhães Pinto – Acho que o povo estará contente, eu tomarei posse tranquilamente e irei fazer a pacificação do país, inclusive procurando o MDB.

Repórter – E se o sr. perde na convenção?

Magalhães Pinto – Não faz esta pergunta. (risos).

Repórter – Mas eu tenho que fazer, está escrito aqui, senador...

Magalhães Pinto – Você tira fora que esta depois eu te digo.

Repóter – Depois que passar a convenção?

Magalhães Pinto – Não, depois que desligar o gravador.

João Sant'Anna e Elias Fonseca

JÂNIO

Eu não aceitaria ser presidente indicado

Em depoimento ao **REPÓRTER,** o ex-presidente Jânio Quadros enumera os problemas que o presidente indicado – João Figueiredo terá que enfrentar e os objetivos que ele deve se propor. Como são muitos os imperativos a que deve atender o presidente Jânio Quadros conclui:
– Se eu fosse Presidente **(Geisel),** não indicaria o Presidente (Figueiredo). Se eu fosse o presidente indicado **(Figueiredo),** não aceitaria ser Presidente
Este é o seu depoimento.

"Contochão * dos imperativos categóricos"

O Presidente parece ter indicado o Presidente o que, sendo importante, não é fundamental. O Comandante de um dos Exércitos poderia tê-lo feito, ou o Cardeal Primaz. O que importa mesmo são os imperativos categóricos. As exigências intransferíveis, fundamentais e imediatas da nacionalidade e do mundo exterior.

O Presidente indicado representará o "consenso". Isto é, ele congraçará os militares, incluindo os da Marinha e Aeronáutica que, há tempos, não andam felizes e, coincidentemente, congraçará militares e civis, estes infelizes há muito tempo.

Ou estará desatendendo a um dos imperativos categóricos

O presidente indicado promoverá reformas, o que quer dizer uma nova Constituição,forte, substantiva, com partidos políticos definidos, com representação eleitoral autêntica, com pleitos diretos, com anistia.

Ou estará desatendendo a um dos imperativos categóricos.

O Presidente indicado lutará contra a inflação, mas, não sufocará o trabalhador a quem restituirá os salários escamoteados, porque eram o suor do rosto e o pão da me[illegible]

Ou estará desatendendo a um dos imperativos categóricos.

O Presidente indicado permitirá a atividade política nas escolas, sem prejuízo da escola e da escolaridade.

Ou estará desatendendo a um dos imperativos categóricos.

O Presidente indicado defenderá a empresa nacional, sem expulsar, xenófobo, a estrangeira, multinacional ou não.

Ou estará desatendendo a um dos imperativos categóricos.

O Presidente indicado protegerá a agricultura, a pecuária e o homem do campo, sem que o crédito e os preços excluam a produção dos mercados mundiais ou do bolso citadino.

Ou estará desatendendo a um dos imperativos categóricos.

O Presidente indicado manterá ou reverá o pacote nuclear, tranqüilizando os anglo-americanos e afastando dúvidas que afligem nossos técnicos ou cientistas, patriotas, também.

Agência Globo

Ou estará desatendendo a um dos imperativos categóricos.

O Presidente indicado conservará independente nosso Itamaraty, sem irritar Washington, Moscou ou Pekim. Ao mesmo tempo sustentará que a América Latina e a África são o nosso berço e o nosso futuro.

Ou estará desatendendo a um dos imperativos categóricos.

O Presidente indicado não tomará novos empréstimos, exceto para destinação rigorosamente prioritária, e que se pague por si própria.

Ou estará desatendendo a um dos imperativos categóricos.

O Presidente indicado punirá a corrupção e a desídia administrativa em todos os planos, inclusive e, particularmente, no familiar.

Ou estará desatendendo a um dos imperativos categóricos.

O Presidente indicado não confundirá a Autoridade, que manterá, com o arbítrio, que evitará.

Ou estará desatendendo a um dos imperativos categóricos.

O presidente indicado se sujeitará ao Supremo e ao Congresso, sem que se sujeite aos excessos de ambos.

Ou estará desatendendo a um dos imperativos categóricos.

O Presidente indicado terá a Imprensa livre, mas, responsável, os Sindicatos livres, proscritos os criminosos vermelhos, a magistratura, o magistério e as profissões livres, somente limitadas pelo Direito, pela Ordem e pelo Trabalho.

Ou estará desatendendo a um dos imperativos categóricos.

O Presidente indicado devolverá as capitais ao povo, o que irá humanizá-las e politizá-las, e enfrentará as endemias, a fome e a crescente e escandalosa mortalidade infantil.

Ou estará desatendendo a um dos imperativos categóricos.

Além desses,são tantos os imperativos categóricos que, se eu fosse Presidente, não indicaria o Presidente.

E, se eu fosse o Presidente indicado, não aceitaria ser Presidente.

A menos que pudesse respeitar os imperativos categóricos. Ou estaria sempre pronto para ir embora.

Creio que uma nação pode viver sem Presidente, mas, não creio que possa sobreviver com maus Presidentes.

Jânio Quadros

* Cantochão – Canto litúrgico da Igreja Católica do Ocidente essencialmente monódico, e cujo ritmo, ou ausência de ritmo, se baseia apenas na acentuação e nas divisões do fraseado.

Índio não quer presidente índio quer cacique

Bom mesmo seria o cacique Mário Juruna ser recebido pelo presidente Geisel. Mas acontece que Juruna, o índio do gravador, se considera muito mais um pobre do que um índio. E pobre não é recebido por presidente; "recebe" presidente quando ele vai inaugurar algum viaduto.

Daí Juruna foi ao gabinete do candidato Magalhães Pinto no Banco Nacional e conversou longamente. O senador deve ter achado muito engraçada aquela figura, acompanhada de um suplente de verador pelo MDB paranaense, Mozarte Quadros, dentro de seu escritório, e com toda a razão. Juruna não sabe exatamente quem é o cidadão José de Magalhães Pinto nem o que ele representa no momento político brasileiro. Coloca-o no mesmo nível do general Ismarth, da Funai, e do ex-ministro Severo Gomes - que lhe deu 200 cobertores para o rígido inverno matogrossense. E tem algumas idéias ótimas:

1 – O presidente do Brasil tem de ter sangue índio nas veias. Jamais poderia ser uma pessoa com o sobrenome Geisel, por exemplo, que é estrangeiro. Juruna acha que Geisel é mais estrangeiro do que brasileiro e quando soube da candidatura do Magalhães achou muito boa porque Pinto é nome de brasileiro.

2 - O problema do índio só será resolvido depois que se resolver o problema do branco. Daí Juruna se identificar mais com o pobre das zonas urbanas do que com o índio em Mato Grosso.

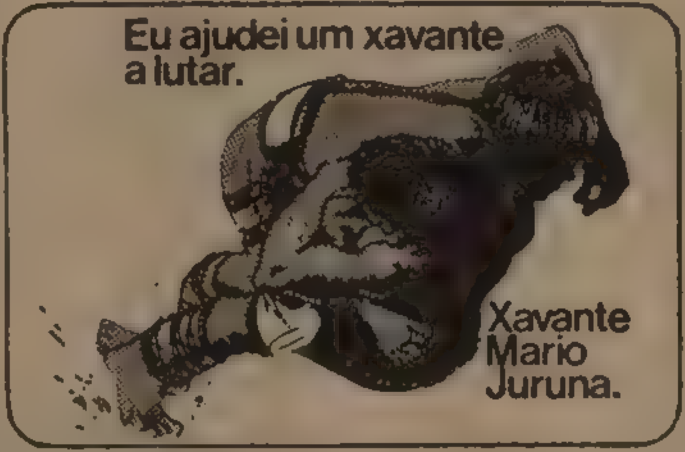
3 – O presidente do Brasil tem de se preocupar com a pobreza antes de qualquer outra coisa.

4 – As empresas estrangeiras podem trabalhar no Brasil enquanto estiverem ajudando o nosso desenvolvimento - só isso.

5 - O presidente do Brasil tem de ser um nacionalista autêntico não apenas no no[illegible]

Sobre eleições presidenciais, Mário Juruna não tem opinião. Inclusive porque índio não vota. E além disso, na sua tribo, a dos xavantes, a sucessão é hereditária (que nem no Haiti).

(Gollo)



O decalque: idéia da imprensa independente de São Paulo.

Repórter detido na FNM

"Identidade, por favor". Alto, de camisa azul clara, calças escuras, uniforme não identificado, o tenente Maurício, de revólver na cintura, interrompeu as entrevistas que o Repórter fazia com os operários no portão da antiga Fábrica Nacional de Motores. * Depois, foi uma hora e meia na sala de segurança da empresa, à espera de uma decisão.

Faltavam cinco minutos para a saída dos operários – 17 horas – quando chegamos em frente ao portão de saída da FNM. Os gravadores e máquinas fotográficas pareciam um pouco estranhos para o grupo de pessoas que esperavam em frente ao portão. Mas entre os "olha aí, um sorriso, ô artista" e um "vai falar com a rádio globo, hem", o clima estava tranquilo. Para quem esperava há mais de uma hora debaixo do sol, a nossa chegada não deixou de ser uma brincadeira.

O clima de brincadeira terminou com a primeira pergunta – o que você achou das eleições do sindicato? "Vamos mudar de assunto, hem gente" – foi a primeira resposta.

Poucos continuavam a rir. Até que alguém falou:

"Não, não votei nada. E se tivesse votado, estava era revoltado com essa coisa aqui da firma. Todo mundo querendo receber o pagamento. A família em casa esperando e eles não pagam. Marcam para às 4 horas. A gente chega e nada". Uma voz gritou um ' sai às cinco e meia".

"Então, está certo. Está esclarecido. Eles não esclarecem, entende? A gente é que tem que ficar esperando". Era um operário mais velho. Um dos fundadores do Sindicato dos Metalúrgicos. "A gente contribuía com uma parte para a construção do prédio e ganhava um diploma. Depois, vi tanta gente que me afastei".

A chegada do tenente Maurício interrompeu a entrevista. Um homem forte, sem uniforme, cara carrancuda, que rondava o grupo há algum tempo, apontou: "Este aqui também".

A apresentação das carteiras da Associação Brasileira de Imprensa não foi suficiente. E enquanto se dirigia à sala de segurança, o tenente falava. O gravador ligado. "Esta é uma área de segurança nacional, controlada inclusive, pelo Exército. Fui informado então que os senhores estavam fazendo entrevistas com os operários. Longe de mim qualquer interferência. Mas eu tenho de fazer o meu trabalho... Esta entrevista é comigo?"

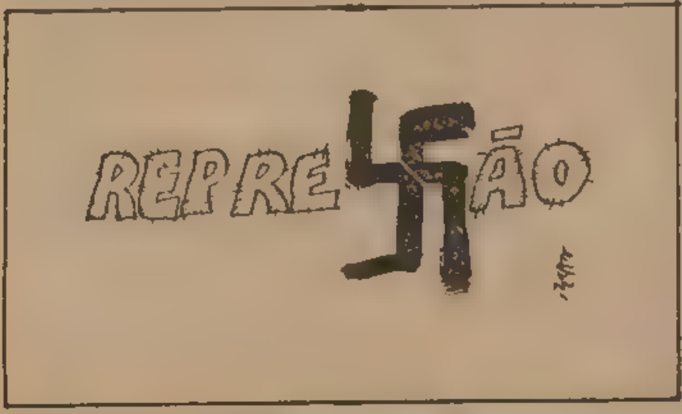
Gravador desligado, chegamos à sala. Pequena, uma escrivaninha com um 38 jogado em cima da mesa. O tenente um sorriso irônico, pedia desculpas pelas condições da sala. "O nosso trabalho é diferente do de vocês... Como sub-chefe do sistema de segurança interna da FNM, contratado pela própria empresa, o tenente Maurício pediu o telefone e o endereço do **REPORTER**. Pediu, em seguida, a uma outra pessoa que telefonasse para "aquele lugar", dando o endereço e o telefone do jornal.

A preocupação do tenente Maurício tinha pouco a ver com a segurança da empresa. Esclareceu que, caso a gravação não fosse ouvida, os nomes e o gravador seriam apreeendidos e encaminhados ao Serviço Secreto do Exército. Insistia em falar na 2ª Seção do Ministério do Exército com grande familiaridade, citando os nomes dos comandos.

Às 18 horas, o tenente retirou-se levando as carteiras da ABI. Meia hora depois, retorna com um novo tom de voz, afirmando que não pretendia impedir o trabalho da imprensa. Pediu de novo compreensão para a difícil função da segurança. "São 8 mil funcionários e nós temos apenas 60 guardas".

Não foi possível esclarecer o caso do guarda, cuja arma caiu, disparou e feriu um operário no refeitório da FNM. Nem porque o guarda de segurança da empresa foi o responsável por impedir que se distribuísse na fábrica o jornal da oposição sindical durante a campanha eleitoral. Eram 18h30. Todos os operários haviam saído.

* A FNM foi comprada pela empresa Italiana Fiat



"O operário é oprimido"

Dos 60 mil metalúrgicos existentes no Rio, apenas 15 mil são sindicalizados. Destes, 9 mil votaram nas eleições sindicais. No Sindicato dos Metalúrgicos, João Ferreira, metalúrgico, 25 anos, fala ao REPÓRTER sobre a falta de participação dos operários. Sorriso largo, muita confiança, João dá um recado para toda gente que pensa no operário "como o sujeito que bate sorvete na testa".

"A falta de participação do operário está escrita na própria gestão do Adalberto de Oliveira (atual presidente do sindicato). Ele nunca fez amplas convocações de massa. Nunca levou a contento uma campanha salarial. E a classe operária quer ver é o salário dela. É o dia a dia. Não se fazendo isto, ela não reconhece o sindicato como dela.

Quando acontecia um caso como o da FNM, que teve até tiro (um guarda estava almoçando, a arma caiu, disparou e feriu um operário), o Adalberto nem de longe tomava conhecimento. E ainda dizia que não admitia que se denunciasse. São estes tipos de coisas que afastam o operário de dentro do sindicato.

Para muita gente o operário é aquele sujeito que toma sorvete pela testa. Mas não é não. Ele sabe agir. Está é oprimido. É outra coisa. Mas quando tiver condições de se expressar, ele se expressa.

O pessoal diz assim. É possível se fazer isto hoje? E muita gente diz não. Mas não por que? O não é muito relativo. Nenhuma diretoria vai fazer qualquer coisa sozinha. Mas convoque o pessoal para fazer um trabalho, como o Lula fez em São Paulo, e vai ver como as coisas mudam.

Eu pergunto uma coisa: há dois anos atrás seria possível reunir 5 mil operários numa assembléia para reivindicar os 34%, como aconteceu em São Paulo? Se reinvindicasse, era todo mundo preso. E se aqui no Rio a gente fizer alguma coisa assim, a classe também vem para o sindicato".

Cartas marcadas

A chapa 1, da situação, encabeçada por Adalberto de Oliveira, falava de justiça e trabalho. Contra ela concorreu uma chapa de oposição, com Osvaldo Pimentel na cabeça, centrada na liberdade sindical e na luta por melhores salários. Mas as eleições no sindicato dos metalúrgicos do Rio não ficaram aí. Teve mais: ameaças de impugnações, boatos de que Osvaldo Pimentel estaria preso, e um jogo de ganha mas não leva para a oposição, que vencendo por 800 votos na primeira eleição, foi obrigada, pela Delegacia Regional do Trabalho a concorrer uma segunda vez.

Pela lei, caso a chapa vitoriosa ganhe por maioria simples deve haver uma segunda eleição. Mas no caso dos metalúrgicos antes da votação, as duas chapas fizeram um acordo de que aceitariam a decisão mesmo que a vencedora ganhasse por maioria simples. Feito o acordo e entregue a DRT, esperava-se, no final da apuração, que as eleições deste ano estivessem encerradas. Mas não foi assim que aconteceu. A Delegacia do Trabalho, que geralmente aceita estes acordos, exigiu uma segunda votação.

A pressão aumentou. Um ofício da DRT falando da impugnação de seis candidatos, inclusive o presidente da chapa de oposição, foi amplamente usado pela situação durante a segunda campanha. O Delegado do Trabalho, por sua vez, dizia que não era responsável por qualquer impugnação. "Esta questão pertence a órgãos superiores". Na segunda eleição, no final de dezembro a oposição continuou ganhando. Mas as pressões valeram. A diferença desta vez foi de apenas 50 votos. E um dos membros da chapa de oposição, por pressão da empresa onde trabalha acabou se retirando da diretoria.

A posse está marcada para março. E até lá, a oposição espera, receosa. Segundo um dos diretores da chapa, "teve muita carta marcada neste jogo. E sempre pode vir mais".

O povo não vota mas pensa e fala

NA VILA MILITAR

Um cabo: tem muita gente que não está satisfeita.

Texto de Luiz Alberto Bettencourt
Fotos de Sérgio Sbragia

Davi

Hilton

Elomi

Em seis bairros do Rio de Janeiro e no centro de São Paulo, o REPÓRTER escolheu um ponto de grande movimentação e fêz seis perguntas às pessoas que iam passando. As perguntas foram as seguintes: Você sabe que em 1978 tem eleição pra presidente do Brasil? Você sabe como o presidente é escolhido atualmente? Você conhece os candidatos, o senador Magalhães Pinto e o general João Batista Figueiredo? Você sabia que eles eram candidatos? Quem você acha que vai ganhar, o civil ou o militar? Pra que serve o presidente do Brasil? Isso e mais nome, idade e profissão.

Elomi, soldado, 20 anos – Sei que tem eleição sim. Como é escolhido o presidente? Agora você me deixou naquela né, tô em dúvida, sei lá, mas é o seguinte: a gente adapta um presidente que achamos que é o melhor e damos os votos pra ele.

Repórter – A eleição é direta ou indireta?

Elomi – Pra presidente é direta

Repórter – Você conheçe os candidatos?

Elomi – Hi rapaz, agora essa. É o seguinte, no ano passado eu sabia um montão mas agora, a vida aqui dentro (no quartel) é fogo, eu nem tenho o título (de eleitor).

Repórter – Você conhece o senador Magalhães Pinto e general João Batista de Figueiredo?

Elomi – Ah, conheço, esses dois tão numa boa. Se eu tirar meu título, vôto no general. Ele esteve no meu quartel.

Repórter – Quem esteve no seu quartel?

Elomi – O general Pinto. (Elomi referiu-se ao general Pinto Rabelo, comandante do I Exército, e que não é candidato à presidência da República).

Repórter – Quem você acha que vai ganhar, o candidato civil ou o candidato militar?

Elomi – Ah, ó militar, tranquilo.

Para. Elomi, o presidente da República serve pra muita coisa: "ele é a alma do nosso Estado"

Davi, soldado, 19 anos – Não sei que tem eleição, não. Acho que o presidente é escolhido como era antigamente!

Repórter – E como era antigamente!

Davi – Antigamente era assim ele [illegible] militar, seguia os postos todo de carreira e se passava pro último posto depois [illegible] pra reser[illegible] era escolhido de um jeito que eu não sei explicar

Repórter – E agora ainda é assim?

Davi – Agora não sei não.

Repórter – Você conhece os candidatos pra presidente da República?

Davi – Não, não sei quem são os candidatos.

Repórter – Você conhece o senador Magalhães Pinto e o general João Batista Figueiredo?

Davi – Não. Não sabia que eles eram candidatos.

Repórter – Quem você acha que vai ganhar, o civil ou o militar?

Davi – O militar. Acho que tem mais possibilidade.

Repórter – Por que?

Davi – Acho que a preferência vai ser como antigamente, acho que ele vai ser eleito como antigamente e o pessoal vai ter muita crítica porque não é uma eleição pra todo mundo votar, é uma eleição pra alta sociedade. Mas vai ser o militar

Repórter – Pra que serve o presidente da República?

Davi – Eh, eh, essa agora é fora de série, como é que eu vou responder? É o seguinte, tudo passa por ele né? Essa é fogo, é que eu sou meio ruim de conversa ... é como num clube, tem um cara que manda né?

Hilton, soldado, 20 anos – Se eu sei que tem eleição, sei não. Não sei como é escolhido o homem. Não conheço os candidatos também não.

Repórter – Quem você acha que vai ganhar, o civil ou o militar?

Hilton – Acho que quem tem mais capacidade de ganhar é o militar.

Repórter – Por quê?

Hilton – Por que? Porque é milico, porque é militar, sei lá, tá nas mãos deles mesmo

Repórter – Pra que serve o presidente do Brasil?

Hilton – Serve pra tudo.

Benedito, soldado, 23 anos – Sei que tem eleições. Atualmente não sei como o presidente é escolhido. Antes era através da Câmara dos senadores, se é que não mudou nada, continua a mesma coisa: junta o senado com a Câmara e escolhe. Não sei quem são os atuais candidatos. Já ouvi falar neles (referindo-se ao senador Magalhães Pinto e general João Batista Figueiredo) mas não sabia que eram candidatos. Acho que o presidente vai continuar militar.

Repórter – Por quê?

Benedito – Desde 1969 que é, quem tá no comando é militar e tudo indica que vai continuar.

Segundo Benedito, o presidente serve "pra coordenar o modo de dirigir o país".

Antonio, já desengajado, serviu o Exército no ano passado – Sei que tem eleição este ano, sei

Repórter – Como é escolhido o presidente atualmente?

Antonio – Se eu me lembro bem é por votação

Repórter – Que tipo de votação?

Antonio – Votação indireta e secreta

Repórter – E quem vota nessa eleição?

Antonio – Os eleitores.

Repórter – Mas todo mundo vota?

Antonio – Não, depende da idade; os maiores votam, os outros não.

Antonio não ouviu falar dos candidatos à presidência e acha que o próximo presidente "vai ser militar".

Repórter – Por quê?

Antonio – Por que é mais forte, não sei.

Pra Antonio, o "presidente do Brasil serve pra organização das leis do país".

João Maria, soldado, 20 anos – Não sei que vai ter eleições não senhor

Repórter – Você sabe como é escolhido o presidente atualmente?

João – Não sei não senhor.

Repórter – Você sabe quem são os candidatos?

João Maria – Não sei não senhor.

Repórter – Você conhece o senador Magalhães Pinto e o general João Batista Figueiredo?

João Maria – Não senhor.

Repórter – Quem você acha que vai ganhar, o civil ou o militar?

João Maria – Militar.

Repórter – Por quê?

João Maria – Eu acho que deve ser militar.

Repórter – Mas por quê?

João Maria – Tem que ser militar, só isso.

Repórter – Mas você tem alguma razão?

João Maria – Não, eu acho.

Repórter – Mas por que você acha?

João Maria – Hi, olha lá, perdi um ônibus vizinho, como é a pergunta?

Repórter – Por que você acha o militar melhor?

João Maria – Por que é mais preparado, tem mais nível cultural, mais conhecimento.

Repórter – Na sua opinião, pra que serve o presidente do Brasil?

João Maria – O presidente é um líder, certo? Ele ... ah não sei mais o que falar. Agora me diga pra que essas perguntas todas?

Um cabo, bem falante, educado, estatura baixa, cabelos castanhos, que se disse graduado com cursos, e que não quis responder às perguntas, nem dar seu nome, nem se deixou fotografar – Por favor, sobre que são estas perguntas?

Repórter – Sobre eleições. Nós estamos fazendo uma reportagem sobre eleições e estamos pegando vários depoimentos, em muitos bairros do Rio e em outros Estados também

Cabo – Então não posso responder

Repórter – Por quê?

Cabo – Porque vou me prejudicar. Eu posso informar a vocês, eu já trabalhei na segurança, eu sei dessas coisas. Não posso responder nada

Repórter – Mas se prejudicar como?

Cabo – Amigos, não me levem a mal, mas eu sei que não posso, o pessoal do Exército é muito caxias, muito caxias; o pessoal da Marinha, da Aeronáutica é mais liberal, mas aqui não.

Repórter – Mas nós já fizemos as perguntas à muita gente.

Cabo – E elas podem se prejudicar.

Repórter – Mas deixa a gente ler as perguntas, você responde se quiser

Cabo – Eu preferia que nem lesse, por favor

Repórter – Tá legal, mas nem ler só?

Cabo – Eu preferia que não, eu não posso dar as razões pra vocês, mas não dá mesmo, por favor, não me levem a mal.

Repórter – Tá legal, obrigado, então

Cabo – Eu só posso adiantar uma coisa pra vocês: tem muita gente que não está satisfeita, muita gente não está satisfeita. Até logo

O povo não vota mas pensa e fala

Jonas Ovidio

EM MADUREIRA, BRÁS DE PINA E IPANEMA

Um vendedor: sou brasileiro, comunista e tô com fome

Texto e fotos de Márcia de Almeida

Paulo Roberto Moreira (25 anos, trocador de ônibus – Bras de Pina)

– Eleição pra presidente eu não sei, não. Já votei pra deputado e pra vereador, no MDB. Não sei quem são os candidatos, só vi o tal de Magalhães e o tal de Figueiredo pelos jornais. Sei que um é civil e o outro é general. Não sei quem vài ganhar. Nunca votei pra presidente. Aqui não tem disso não, né?

Zé Carlos (42 anos, comerciário – Brás de Pina)

– O Presidente da República é o Geisel. Figueredo não sei quem é, mas já vi no jornal. **Magalhães é um careca que quer ser eleito. Eu não sei de nada, e duvido que a gente vote pra presidente. Isso foi há muito tempo.**

Jesus da Silva Pinto (34 anos, escriturário – Brás de Pina)

– Figueredo é um militar que usa óculos escuros. Já vi a cara dele nas revistas. Ouvi dizer que vai ser o novo presidente. Se eu sei como vão ser as eleições? Sei lá, não entendo disso. Mas acho que a gente é que devia escolher o presidente. Esses militares já cansaram

Célio (26 anos, estudante – Madureira)

– Eleição? isso é palhaçada. Figueredo é o candidato do governo, vai ganhar ele, a gente já sabe. Magalhães é um otário, achando qu vai conseguir forçar a barra. No fim, os milicos mexem mesmo os pauzinhos como bem entendem e ganham firme. Tem sido sempre assim e dessa vez, é claro, a eleição vai ser indireta. Porque na direta, ah, nessa eles dançam!

Álvaro Sousa e Silva (67 anos, aposewntado – Madureira)

– Você quer mesmo saber o que eu acho dessas "eleições", entre aspas? Uma pouca vergonha Candidatos como, se não tem nem partido? ARENA e MDB não contam. Vai ganhar quem os militares quiserem. Se abrissem eleições seria que nem essa vergonheira de plebiscito chileno, tudo roubado Não tira fotografia, não, que o tal de Figueredo é do SNI e depois vem atrás da gente. Não sei nem se devia ter dado essa declaração, mas deixa pra lá. E, é claro, que essas... "eleições" vão ser indiretas, a gente já sabe. O Geisel devia só indicar e mais nada Pra que tanto teatro?

Maridalva Cândida (Vendedora – Madureira)

– O Presidente é Geisel. Tem eleição em novembro, não tem? Já ouvi falar em muitos candidatos. Não faço a menor idéia de quem vai ganhar e não sei como se elege um presidente. Nunca votei pra isso. Meus pais votaram, mas há muitos anos atrás. Tenho 27 anos

Osvaldo

Porciúncula Matos Souza (estudante de Direito, 25 anos – Madureira)

– Não acho nada dessas eleições. Vou achar o que? Não acredito nisso. Vai ser o Figueredo mesmo, com aquela cara de pedra. Magalhães tá gozando a cara de todo mundo, não tem chance, mas é importante insistir. Como é que é feita essa eleição? do jeito que o Diabo gosta. Não quero fotos, não, deixa isso pra lá. Depois dá bode. O homem pode não gostar que eu chamei ele de feio.

Jonas Ovídio (19 anos, arquivista, residente em N. Iguaçú)

– Não tô sabendo de eleição, não. Já vi os nomes do Figueredo e do Magalhães escritos por aí. Acho que ganha um civil. Não faço idéia de como vai ser essa eleição

Maria das Graças (32 anos, Madureira – dona-de-casa)

– Olha, moça, ouvi dizer, mas num sei. Tenho 5 filhos e tou sabendo é que cada dia tá mais impossivi di sustentá. Lavo pra fora, e num dá. Meu marido trabalha o dia todo e num dá. Cumé que vai sê isso? ninguém vévi di vento Achu bão esse tal de novo prisidenti dá um jeito, sinão... é, num sei, não

Fagundes Sousa (sorveteiro, evangelista)

REPÓRTER – – O senhor sabe que vamos ter eleições para presidente?

– Olha, eu sei, mas também sei que eleição hoje é coisa de Congresso que é uma determinação interna, não é? Já ouvi falar em candidatos, mas quem determina não é a gente mesmo Conheço Figueredo e Magalhães, de nome. Se eu acho que ganha um civil ou militar? Acho que... não é bom falar muito, não, né? mas os militares tão por cima, é mais provável que ganhe um militar.

REPORTER – E o senhor acha que a gente vai votar nessas eleições?

– Ah, isso eu sei que a gente não vota mesmo, mas digo uma coisa: eu sou evangelista e rezo sempre pelas autoridades constituídas, pra que Deus as ilumine. Portanto, participo indiretamente nisso tudo, porque Deus usa as pessoas mais diversas, da maneira que ele acha e quer.

Mario Luiz

José Manuel Garcia (português, comerciante)

– Eu acho que vai ficar tudo na mesma, não muda nada. Sai um e entra outro e é tudo igual. Foto eu não quero, não. Quando quero me ver, me olho no espelho. Além do mais, não quero ir parar na cadeia. Vou acreditar nisso, nessa baboseira toda, quando acontecer o que é de direito: ELEIÇÕES LIVRES.

REPÓRTER – O senhor tá sabendo que vai ter eleições?

Eduardo Téo (biscateiro)

– Indiretamente, estou. Tem até dois candidatos, não tem? O governador de São Paulo e o general... como é que chama, meu Deus? Você sabe o nome dele...: Figueredo, não é isso? Vai ganhar qualquer um do governo, sei lá! Foto, não, que não quero ver o sol nascendo quadrado, não, já basta as coisas como estão, Mas a gente não vai votar, não, né?

Osvaldo (motorista)

– Eu não sabia que ia ter eleições, não. Já ouvi falar nesses dois caras aqui mesmo no Rio, por aí. Magalhães Pinto? O careca civil, né? Se jogarem eleição pra gente, militar não ganha, não, mas também eu sei que não vai ser a gente que vai escolher mesmo.

Edmaura Nascimento (doméstica)

– Ouvi falar lá na casa que eu trabalho. Eu nunca votei. Não, minto, já pus cruzinha uma vez, tem uns três anos, acho. Figueiredo? não faço a menor idéia de quem seja Magalhães? é um velho feio pra caramba o povo lá de onde eu trabalho torce por ele Eu, não sei. Tá tudo de militar em militar, deve ser um deles que vai ganhar. Ih, meu Deus! vou ter que enfrentar aquela chatice de votar outra vez? é tão complicado!

Eduardo (jornaleiro)

– Sei que vai ter eleições em novembro. Já tou cheio de tanto ver Figueredo e Magalhães. Por mim, bem, por mim eu voto mesmo no civil. Não tira foto, não, que o patrão pode não gostar A eleição vai ser indireta, né? isso quer dizer que a gente não vota, né? pois é, veja você...

Wilson (entregador de jornais)

Não tou sabendo de eleição, não. Já ouvi falar no nome desses dois aí, acho que pelos jornais. Ganha o civil, pela sua própria condição.

REPORTER – E você sabe como vão ser essas eleições?

– A gente pode votar, não é?

Mario Luiz (vigia noturno)

– Por enquanto eu não sei de nada, não. Já ouvi Figueredo e Magalhães, na televisão. Ganha o militar, porque eles é que tão por cima, né? Não tou sabendo se a gente vai votar. Vai?

Braz da Silva (vendedor)

– Sei, politicamente, que haverá uma eleição em novembro, sim. Candidatos? ontem eu escutei o nome de um. João Batista não sei de que... como é mesmo? Figueredo, é isso. João Batista Figueredo. O Magalhães eu conheço muito, de Minas. Ganha o civil.

REPORTER – Por que?

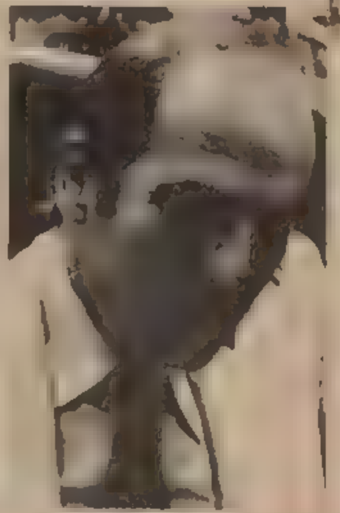
– Porque? ora, porque chega de militarismo, né? automaticamente eu não sei como será essa eleição, mas eu desejo que seja direta. E, olha, tem mais uma coisa: sou brasileiro comunista e tou com fome. Me dê um cheque aí (ri)...

Amparo Sanchez (dona-de-casa, [illegible]

– Em novembro vai ter eleição, né? Vai ganhar o general, tá na cara. Desde quando a gente não manda mais aqui? o queijo tá com eles, a faca e o prato também. Pra gente fica a diarrèia... eleições indiretas, de que forma seria? se jogar uma direta na rua, dá civil na cabeça.

Pedro de Almeida

Everalondi


Odin Albuquerque Lima

Valter Alves

NO CENTRO

Um camelô: antes o povo escolhia; agora eles escolhem

Fotos de Maurício Leite

Antonio Adelino da Rosa, predreiro-estucador, 53 anos – Sei que vai ter eleição sim. Pra mim quem escolhe o presidente é o presidente da Arena, ele é que escolhe o candidato dele Por enquanto não conheço os candidatos, esses que você falou, o Magalhães e o João Batista de Figueiredo, eu conheço através do rádio e da TV.

Repórter – E quem vai ganhar?

Antonio – O que vai ganhar é o presidente da Arena

Repórter – O próximo presidente então será civil? Ou será um militar?

Antonio – É militar, quem vai ganhar é militar.

Antonio Adelino acha que o presidente do Brasil serve "pra defender a pátria, os direitos dos trabalhadores, dos militares".

Valteir Alves, motorista, 28 anos com intenção de largar a profissão – Sei que vai ter eleição. No momento não sei como é escolhido o presidente, também não sei quem e candidato. Os dois que você falou conheço por jornal e TV.

Repórter – E quem vai ganhar, civil ou militar?

Valteir – Ah é militarismo mesmo

Repórter – Pra que serve, na sua opinião, o presidente do Brasil?

Valteir – Hi rapaz, pra diversas coisas. Quem comanda tudo é ele. O sistema militar é que domina.

Leomoro Assis de Oliveira, PM, guarda de trânsito, 34 anos não quis ser fotografado: "eu moro em Areia Branca, na Baixada, saio cedo de casa e a paisana, o pessoal lá não pode ver farda, pelo amor de Deus, livra minha cara, falo tudo que vocês quiserem, é sobre os carros rebocados aqui, não é? Tira essa máquina daqui, não bate fotografia de mim assim não, é muito perigoso, se a moçada sabe que eu sou PM, a barra pesa pro meu lado". Se eu sei que vai ter eleição? não sei. Até agora não tive informação nenhuma. Também não sei como o presidente é escolhido.

Repórter – Você sabe quem são os candidatos?

Leomoro – Num sei não. E assunto muito sigiloso esse.

Repórter – Você conhece o senador Magalhaes Pinto e o general João Batista Figueiredo?

Lemoro – Conheço de nome mas ñao sabia que eles eram candidatos, fiquei sabendo agora.

Repórter – E quem acha que vai ganhar?

Leomoro – Não tenho a mínima idéia sobre essa questão, é coisa muito complexa mas na mão dos militares tá bem entregue, isso sem desmerecer ninguém nem ir contra ninguém.

Para Leomoro, o presidente do Brasil "serve pra tudo, é o pivô de tudo, representa o nosso verde-amarelo".

Everalondi Lopes, camelô e músico, 20 anos.

Repórter – Você sabe que em 78, tem eleição pra presidente do Brasil?

Everalondi – Tem que ter, de 4 em 4 anos tem.

Repórter – Você sabe como o presidente é escolhido atualmente?

Everalondi – É, ultimamente é o seguinte: escolheu tem que ser aquele. Antes o povo escolhia, agora não escolhe mais, são **eles** que escolhem.

Reporter – Eles quem?

Everalondi – (correndo pra apanha um calhambeque de brinquedo que estava vendendo e que rodopiava no chão da rua Sete de Setembro) – Tu já tá querendo saber demais, meu chapa, eles, os homi, tu num sabe quem? O negócio é o seguinte, escreve aí: meu negócio é música, tô aqui, dando uma de camelô pra descolar um troco.

Repórter – Você sabe quem são os candidatos pra presidente?

Everalondi – **(rindo do reporter que pulava pra ñao ser "atropelado" pelo carrinho que continuava a circular entre os pés de entrevistado, entrevistador e fotógrafo)** – Eu não conheço nenhum, não me amarro nisso.

A essas alturas, o papo foi interrompido porque um sujeito de terno que passou soprou no ouvido de Everalondi que "os homi" iam pintar logo. Mas foi só um susto, os camelôs não precisaram nem catar os carrinhos. "Tá tudo em casa", disse Evaralondi e se dispôs a continuar.

Repórter – Você conhece o senador Magalhães Pinto ou o general João Batista Figueiredo?

Everalondi – Conheço mas não sabia que eles eram candidatos.

Repórter – E quem você acha que vai ganhar?

Everalondi – O mais cotado é o Magalhães. Seria bom se fosse o Magalhães. Acho que será um militar, a tendência é eles subirem.

Repórter – Pra que serve, na sua opinião, o presidente do Brasil?

Everalondi – Pra dar as coordenadas. Ele falou, temos simplesmente que concordar. Se não, ele mete bronca em cima.

Pedro de Almeida, relojoeiro, 60 anos. (Pedro saiu correndo quando foi abordado pelo repórter, mas depois, quando soube o que era, se acalmou e até gostou de ser fotografado) – Não sei que tem eleição não, por que?

Repórter – Por nada, é só uma pesquisa. Você sabe como o presidente é escolhido?

Pedro – Não.

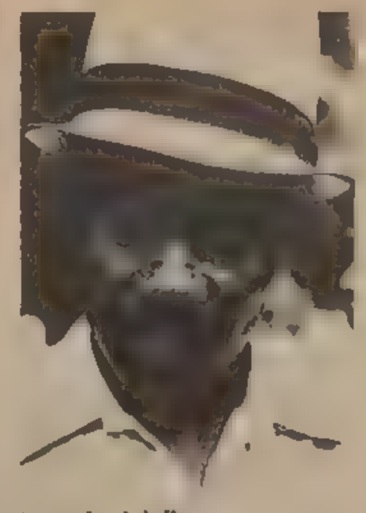
Repórter – Você sabe quem são os candidatos?

Pedro – Eu escutei falar, não sei o que, um tal de Maga, Mata..., como é? (o repórter completa o nome: Magalhães). Pois é, esse aí fez um discurso e disse que era candidato. Mas tem um outro lá, esqueci o nome dele, acho que é militar.

Repórter – Você conhece o senador Magalhães Pinto e o general João Batista de Figueiredo?

Pedro – O Magalhães eu conheço. Nesse outro (Figueiredo) eu escutei falar, o que ele vai ser?

Repórter – Quem você acha que vai ganhar?


Antonio Adelino

Pedro – Eu acho que é esse aí que você falou, o general.

Segundo Pedro, o presidente do Brasil, "serve pra governar, botar o país melhor, acabar com a carestia".

Odim de Albuquerque Lima, tenente-coronel da reserva, 52 anos – Repórter – O senhor sabe que vai ter eleiçao pra presidente do Brasil em 78?

Odin – Sei, vai haver eleição indireta.

Repórter – Você sabe como é escolhido o presidente atualmente?

Odin – É escolhido pelos deputados e senadores eleitos pelo povo no colégio eleitoral. É um regime muito parecido com o de outros países.

Repórter – O senhor sabe quem são os candidatos?

Odin – Nisso só se pode falar em janeiro, quando o presidente vai tratar do assunto (a entrevista foi feita nos últimos dias de dezembro).

Repórter – Você conhece o senador Magalhães Pinto e o general João Batista Figueiredo?

Odin – Não só conheço o general como sou muito amigo dele. Você deu azar guri, eu sou militar (a identificação dos entrevistados era feita no final das perguntas e portanto até esse momento o reporter não sabia com quem estava falando), sou sobrinho do general Afonso de Albuquerque Lima mas continua tuas perguntas, vai lá.

Repórter – Então não dei azar, dei sorte

Odin – (rindo) – Não, deu azar.

Repórter – Você acha que dei azar porque estamos fazendo perguntas pra obter respostas que comprometam o governo e como você é militar vai defender o governo?

Odin – É claro, tá na cara.

Repórter – Mas você nem ouviu as perguntas, como pode dizer que elas são contra o governo?

Odin – Então continua.

Repórter – Quem você acha que vai ganhar, o Magalhães ou o seu amigo?

Odin – Eu quero que seja eleito um homem que represente o movimento de 31 de março, que evite a volta do comunismo. Acho que este homem deve ser militar.

Repórter – Na sua opinião pra que serve o presidente do Brasil?

Odin – Qual é a finalidade desta pergunta?

Repórter – Obter uma resposta.

Odin – Guri, você tá brincando mas vá lá, gosto de dialogar com a juventude. O nosso povo ainda não está em condições de votar...

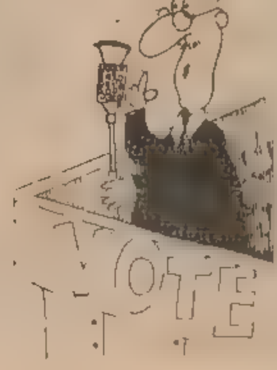
Reporter – Você concorda com Pelé então, ele já disse a mesma coisa.

Odin – E tava certo. O nosso povo ainda não está em condições de votar, vota por parentesco, no pai do fulaninho, no tio de não sei que, no compadre, e assim por diante

Repórter – Mas pra que serve o presidente?

Odin – Eu estava querendo dizer que, como o povo não sabe votar, é correto que a eleição seja indireta Pode-se escolher melhor o homem que vai gerir o país de acordo com as nossas leis.

L.A.B



EM SÃO PAULO

Um pedreiro: não se pode falar nada que os militares prendem

Texto de Bernardo Pellegrini

Sabia. Ouvi falar dos candidatos, mas acho que o Magalhães não tem condições, pois não é militar. Só militar entra, não é? O presidente é eleito por um colégio eleitoral. Não é?

(Paulo Nilo Righi, 23 anos, engenheiro eletrônico recém-formado)...

3) Sou diabético, não moro aqui e tenho 75 anos. Com essa idade, vou me meter em política prá quê? Podem eleger quem quiserem.

(Alfredo de Tal, 75, diabético).

4). Não tava sabendo de nada. Quando votei no Jânio Quadros, o negócio era na urna. Agora não sei. Acho que é o Senado quem escolhe.

(Ruth Crementi, 45 anos, prendas domésticas).

– Pra essa eleição eu não tenho candidato. Quem ganha hoje em dia eu não sei, mas antigamente, se é eleição livre como era antigamente, ganha o que tiver mais votos, o que cai na simpatia geral. Mas agora não se sabe nada, não se pode falar que os militares prendem

(Antonio Domingues, 73 anos, pedreiro do bairro de Pedreira).

– Eleição em 78 para presidente? Não estou a par. O meu tempo é escasso e por isso eu não sei quem é candidato para presidente Como é escolhido eu não vou dizer por que não sei. Tem dois partidos e o MDB eu sei que só vota para senador. Quem escolhe para presidente eu acho que é a Arena, não é?

(José de Lima, 25 anos, motorista da viação São Luis, residente em Cidade Dutra).

– Eu ainda não escolhi o meu candidato para presidente porque ainda não pensei nisso, ainda não começou também a eleição O ultimo presidente que eu votei foi no presidente Geisel mas eu não lembro quando foi

(Maria Teixeira, 41 anos, funcionária pública (posto de saúde), residente na Liberdade.

O povo não vota mas pensa e fala

Wilson Gonçalves

José Xavier

Nelson, jornaleiro

EM NOVA IGUAÇU

Um contador: quando o povo se revoltar isso fica pior que Bogotá

Fotos de Miguel Furtado

Emanuel Mota. Vendedor, 36 anos – Eu sei que tem eleição e, infelizmente, é indireta. Não sei quem são os candidatos não, sei que o Magalhães tá querendo, mas ele não chega lá não. Quem vai ganhar? Na minha opinião quem ganha é o **Gasel** ou o candidato dele.

Repórter – Pra que serve, na sua opinião, o presidente do Brasil?

Emanuel – Sinceramente?

Repórter – Sinceramente.

Emanuel – Serve pra complicar mais as coisas. O presidente devia ser eu, você (dirigindo-se ao repórter), qualquer um.

Uma professora, de 17 anos, que não quis dar seu nome – Tem eleição pra presidente do Brasil? Não sabia que tinha quanto mais quem é candidato. Não sei como o presidente é escolhido, não. Ah, o Magalhães eu conheço, ele é sócio do Joel, não é (a professora fêz a pergunta a uma amiga que a acompanhava)? O outro (general João Batista de Figueiredo) não conheço

Repórter – Quem vai ganhar, o militar ou o civil?

Professora – O militar, o militar ganha sempre tudo, civil nunca mais vai ter vez... mas não escreve isso aí não que vão dizer que eu sou comunista.

Antônio Carlos, militar da infantaria, 19 anos – Tem eleição? Eu não sabia. O presidente é escolhido por unanimidade. Eu deveria saber como ele age, tudo o que ele faz, devíamos ter um bom presidente. Não conheço os candidatos, já ouvi falar nesses aí (Magalhães Pinto e Batista Figueiredo) mas em política eu não me aprofundo. Acho que o militar vai ganhar

Repórter – Pra que serve, na sua opinião, o presidente da República?

Antonio Carlos – Ih, rapaz você agora me pegou despreparado... ele é o manda-chuva de cada país, certo?

Nelson, jornaleiro, 20 anos – Vai ter eleição? Não sei não, vai ter mesmo ou é cascata?

Repórter – Você sabe como é escolhido o presidente atualmente?

Nélson – A dedo, né? É só perguntar quem quer ser, né?

Repórter – Você conhece os candidatos! O senador Magalhães Pinto e o general João Batista Figueiredo?

Nélson – De vista, esse aí que você falou como é o nome dele? O Magalhães.

Repórter – Quem você acha que vai ganhar?

Nélson – Minha preferência é [illegible]

Repórter – Pra que serve o presidente do Brasil?

Nélson – Aí é que são elas. Ele administra uma porrada de coisas.

Alice, doméstica, 59 anos, respondeu às perguntas, foi fotografada depois procurou os repórteres pedindo que nada fosse publicado. Ficou nervosa, quis ver o repórter rabiscar as anotações que tinha feito, exigiu que o fotógrafo "apagasse" suas fotos sempre dizendo que tinha medo que as opiniões que tinha dado "dessem rabo" pra ela – Não sei que tem eleição não sinhô

Repórter – Você sabe como é escolhido o presidente atualmente?

Alice – Por votos né?

Repórter – Votos de quem?

Alice – Do pessoal lá.

Repórter – Que pessoal?

Alice – O pessoal que escolhe.

Repórter – A senhora, por exemplo, vota nessa eleição?

Alice – Eu voto, eu voto pra presidente do Brasil.

Alice não sabia quem eram os candidatos, nem sabia que havia candidatos

Repórter – Quem você acha que vai ganhar, o civil ou o militar?

Alice – A maioria é mais militar

Repórter – Na sua opinião pra que serve o presidente do Brasil?

Alice – Eu pouco tenho entrevista com isso

Genival, vigia, 52 anos – Já ouvi falar na eleição sim. Vai ser por voto, voto secreto do pessoal lá da Câmara, pelo que vejo falar, nós não votamos. Não conheço os candidatos. Não tenho base nessas coisas.

Repórter – E quem você acha que ganha, o civil ou o militar?

Genival – Na minha opinião o militar.

Segundo Genival, o presidente do Brasil serve "pra comandar a nação".

Jorge Luiz, vendedor de bolas, 17 anos – Sei que tem eleição. Não conheço candidato, não sei como é escolhido o homem. Conheço o senador de nome, o Batista Figueiredo ouvi no rádio, esses negócios. Acho que o militar leva, a força dele é maior. O presidente serve pra dar palpite, pra modificar as coisas.

Maria Aparecida, professora e comerciante, 30 anos – Sei que tem eleição, o presidente é votado na Câmara. O Magalhães Pinto eu conheço, o Batista Figueiredo, já ouvi falar.

Repórter – Quem você acha que vai ganhar?

Aparecida – Magalhães ganha, eu queria que ele ganhasse mas ele tem menos chance. O Batista Figueiredo ganha porque a maioria lá é dele, ele tem mais força.

Repórter – Pra que serve o presidente do Brasil?

Aparecida – Pra tanta coisa, ele não vai resolver o problema de tudo mas alguma coisa ele resolve. Consertar tudo, ele não vai, também tanto fazia que fosse Arena ou MDB, qualquer coisa que fosse ia ser muito difícil mudar. O povo quer tudo em pouco tempo.

Uma amiga – Hi, Aparecida, não diz isso menina!

Aparecida – O que foi? Não falei nada de mais

Antonio Carlos

José Xavier, comerciante, 29 anos – Da maneira como estamos vivendo, não existe eleição pra presidente

Repórter – Voce sabe como é escolhido o presidente?

José – É escolhido pela Câmara, através de votos lá entre eles mesmos

Repórter – Você conhece os candidatos?

José – Não tem jeito de conhecer, conhecer como, se ninguém fala nada?

Repórter – Você conhece os candidatos, o senador Magalhães Pinto e o general João Batista de Figueiredo?

José – Simplesmente de nome.

Repórter – Quem você acha que vai ganhar?

José – Não sei.

Repórter – Pra que serve o presidente do Brasil?

José – Serve pra tudo, estamos nas mãos dele, estamos aí pra acatar o que ele disser.

Wilson Gonçalves - contador, 38 anos – Vai ter eleição mesmo? Tô até admirado mas acredito que não vai ter, tô até apostando

Repórter – Você sabe como é escolhido o presidente atualmente?

Wilson – Pela câmara constituinte, pelo voto dos deputados federais e senadores no colégio eleitoral. Mas isso aí não é honesto, quem devia governador é o povo. Mas não posso dizer nada em especial

Repórter – Você conhece os candidatos, o senador Magalhães Pinto e o General João Batista de Figueiredo?

Wilson – Já ouvi falar no Figueiredo mas pra mim o melhor é o Magalhães, porque é civil, pra ver se muda o esquema porque a situaçao ta critica já

Repórter – Quem você acha que vai ganhar?

Wilson – A gente vê muita badalação já na coluna do Castello parece até que tem alguém influenciando. Acho que não vamos sair assim de um regime militar para um civil. O Magalhães fala mais pro povo, foi eleito pelo povo. Bota os dois pra disputar que eu quero ver. Todo mundo já conhece o Magalhães, ele foi governador, embaixador, senador; o Figueiredo ninguém conhece, só militar votavá nele, é exclusivamente militar. A gente não pode dizer muito do poder militar.

Repórter – Mas o que a gente pode dizer?

Wilson – Acho que só quem tem segurança é o Estado. Eu posso te dar um tiro aqui, nesta hora. com o sol forte e muita gente passando que ninguém me prende. O dia em que o povo se revoltar, isso aqui vai ficar pior que Bogotá. Se o povo participa mais, ele fica mais satisfeito; a insatisfação é não ver objetivo em nada. Entra na massa pra você ver, todo mundo é tratado como gado, o governo fica de braço cruzado. Ele devia ver o problema de transporte, água, esgoto, coisas assim. Vai lá na praça Mauá na hora do pega pra capar! Que conforto tem o povo? O operário, que já é mal alimentado, não pode nem voltar pra casa

Repórter – Pra que serve, na sua opinião o presidente do Brasil?

Wilson – Ele tem o poder e a responsabilidade de representar o povo. É como o presidente de uma empresa, busca o melhor negócio pra ela. Ele ábrange toda a nação, tem que tomar a decisão que convém.

Armando, bombeiro, 40 anos – Não sabia que tinha eleição quanto mais que já tem candidato. Pra mim isso tudo já tinha terminado. Dos homi, eu só conheço o atual, o **Gasel**. Se houver eleição, acredito que ganha o civil, militar já tá lá há muito tempo. O presidente, pra que serve? Pra isso aqui, pra olhar pelo país, não é isso? (Texto de **L.A.B.**)

O povo não quer sair de Brasília (a Teimosa)

Moacir L. Gomes Filho

Este é um exemplo de exercício do voto democrático. Brasília Teimosa. Há mais de 20 anos famílias vindas do interior pernambucano começaram a se instalar numa extensa área do começo da praia de Boa Viagem, no Recife. Quando o local passou a ser símbolo de status para a classe média (depois que os usineiros o abandonaram), começaram os problemas dos moradores de Brasília. Boa Viagem virou Copacabana com uma favela na Atlântica. Hoje são mais de 20 mil pessoas ameaçadas constantemente de remoção, sem saber nem quem quer tirá-las dali. Daí se organizaram e formaram um conselho de moradores. Seu presidente, Moacir Luiz Gomes Filho, universitário, eleito pelo voto direto, representa a comunidade. Já foi procurado pela polícia, acusado de comunista, mas continua defendendo os interesses de Brasília, a teimosia de quem sabe que está com a razão.

Brasilia Teimosa, bairro famoso por seu nome, mais uma vez se vê nas colunas de jornais e na televisão pernambucana. Sua batalha começou com a invasão de populares que descobriram um terreno desocupado entre o centro da cidade e Boa Viagem. Deu-se o nome de Brasília ao terreno invadido porque estava sendo construída a Brasília (DF) e Teimosa porque no início foram derrubadas várias casas e à noite eram reconstruídas, sendo provada a força e a teimosia do povo. Até hoje é chamada Brasilia Teimosa.

Durante todos esses anos, os moradores deste bairro com mais de 23 mil habitantes e 1,5 km² de extensão se preocupam com a sorte, pois é corriqueiro ouvir-se, principalmente em época de eleição, que Brasilia vai ser removida. Trata-se de um local mais populoso que muitas cidades de Pernambuco. Pesquisas e mais pesquisas são feitas (já estamos de saco cheio), mas melhoramentos que é bom, "necas".

Há mais de 20 anos se espera que seja calçada a via principal do bairro, mas a única coisa que fazem é colocar **metralha**, barro e areia, causando prejuizos aos moradores, pois aumenta o nível das ruas e não o das casas. Quando chove, como o terreno já está bastante solidificado, não absorve a água, criando poças e lama. Apesar do local ser cercado de água por todos os lados, nem sequer há galerias ou esgotos para estuar estas águas para a maré – e convém lembrar que 90% dos moradores pagam imposto predial.

Sempre que sai notícia de remoção, a população fica preocupadissima (e quem não ficaria?) e quem "paga o pato" é a diretoria do Conselho de Moradores, pois não se sabe se é verdade ou não. Falta de interesse é que não é, porque essas informações são pedidas. Em 1974, foi enviado ao Presidente Ernesto Geisel um abaixo-assinado pedindo o aforamento da área para os moradores. A resposta: depende do governo federal. Até agora, nada.

Sempre são feitos planos urbanísticos com edifícios, hotéis, isso e aquilo, e quando se pergunta "e os moradores"?, a resposta é "irão para uma área ainda a ser estudada. Se morando ali mesmo, com ônibus a Cr$ 1,70, os bairros próximos para os biscates e o mar fornecendo alimentação de graça o povo já vive do jeito que vive, como será se ele for afastado da cidade?

Moacir Luiz Gomes Filho

foto de Xirumba

A polícia acha que conselho de moradores já era

Moacir Luiz Gomes Filho tem 23 anos, estuda na Faculdade de Educação Física. Em abril do ano passado, foi eleito presidente do Conselho de moradores de Brasília Teimosa.

Você foi eleito por voto direto?

– Sim. Pela primeira vez, até os analfabetos puderam votar. E foi a eleição que teve mais gente votando, chegou a mais de 1.500 pessoas. Antes, nunca tinha passado de 800.

O que tem feito o conselho?

– A gente faz tudo para Brasília não ser removida. Orientamos as pessoas a fazerem as escrituras de suas casas, lutamos pra conseguir luz, água, calçamento.

Conte aí uma luta de vocês.

– Logo depois que a gente foi eleito, deu uma chuvarada grande aqui e as ruas encheram. A única empresa que entra aqui é a Recifense. Mas quando chove e fica muita lama, o dono da empresa manda os ônibus pararem na entrada, lá no asfalto. A gente, que estava vendo o problema, pensou: "vamos ver se o povo está enxergando também. "E fomos conversar com as pessoas. Aí era um que reclamava, dois, chegou em dezena, passou pra centena. Fizemos uns cartazes: "Valorize a si mesmo-a Recifense nos desvaloriza, onde diziamos pro pessoal tomar outro ônibus. Olha, rapaz, foi o maior sucesso. Todo mundo começou a boicotar a Recifense. À noite, quando eu estava aí tomando umas cervejas, vieram uns amigos me avisar: "Te manda, Moacir, que o dono da Recifense está aí te procurando com dois "uauuau" (carros da polícia, assim chamados por causa da sirene). E ele também está armado". Bom, aí eu me mandei, que a fama do homem era de dar em cobrador com chicote de boi, dentro do escritório dele.

No dia seguinte, recebi uma intimação para comparecer na delegacia de Boa Viagem. Aí, chamei o pessoal do conselho e fomos todos juntos. Eu entrei com o resto da diretoria e fomos atendidos por um moço, advogado, que não era o delegado. Ele disse que o dono da Recifense tinha feito uma queixa de que os comunistas estavam botando cartaz pra ninguém tomar os ônibus dele. Nesse dia já tinha até saído no Diário de Pernambuco –: "Estudante incita povo a depredar ônibus" na manchete. Eu expliquei que não tinha nada disso, que eu era presidente do conselho de moradores. Sabe o que o rapaz disse: "– Meu filho, esse negócio de conselho acabou, isso era antes de 64, hoje não existe mais".

Entrevista a
Eduardo Homem

Foto de João Bittar

Manoel Messias Bacco

Entendidos no Poder

"No dia em que as bichas tomarem conta do mundo não haverá bombas. As guerras serão de flores!"

Manoel Messias Bacco, paulista, 50 anos, gordo e alegre, três filhos, militar da reserva remunerada, psicanalista de homossexuais, guru do movimento gay, traz no nome a marca do salvador (Messias) e o deus pagão do prazer e da bebida (Bacco). Por isso mesmo, nem sempre se segura:

– Em outra época ensinei o homem a beber e a gozar. Agora, voltei para ensinar à sociedade como ela deve se comportar. Deus não tem sexo. Portanto, deve ser andrógino.

Mas também fala sério, em defesa das minorias:

– Só se tivermos um candidato gay teremos idéia da força que temos e saberemos quantos somos. Se meu partido, o MDB, me permitir, sairei como candidato a uma cadeira na Câmara Municipal, defendendo os mesmos pontos que defendo há 25 anos: educação sexual nas escolas, em todos os níveis; luta pela erradicação das doenças venéreas; estudo em profundidade da prostituição; defesa dos homossexuais.

A idéia da candidatura surgiu depois que os homossexuais elegeram Edward Roch, também homossexual, prefeito de Nova Iorque, nas últimas eleições. E foi reforçada com um episídio semelhante ocorrido numa cidade do interior de São Paulo, em 1976.

Em 1975, irritado com as determinações da censura que acabaram retirando de cartaz filmes como "Sacco e Vanzetti" (anarquistas norte-americanos condenados e executados por um crime que não cometeram), Messias Bacco escreveu uma carta aberta às autoridades repudiando este tipo de atitude. Na época, o chefe da censura era o general Antonio Bandeira (recentemente promovido a general de exército). A resposta das autoridades foi imediata: Bacco foi punido com prisão disciplinar de 10 dias:

– Saí da prisão direto para me filiar ao MDB!

Seu consultório, uma sala espremida e escura no oitavo andar de um dos mais antigos prédios de São Paulo, a poucos passos do Correio Central, é uma espécie de "UPI" gay. Lá, ele recebe publicações homossexuais de todas as partes do mundo e as distribui para os dois jornais gay de São Paulo - cada um com 10 mil exemplares de tiragem. Em um deles - "Entender" - Bacco tem uma coluna fixa, uma espécie de consultório psicanalítico-sentimental, por onde passam "Bichona Arrependida", "Possível Homossexual", "Filho de Apolo", "Abelha Rainha", "Mimi da Galeria", "Musa da República" e outros.

A pequena sala é dominada por um retrato da filha de Freud, Ana Freud, aos 92 anos. O divã é cinza claro, de curvin. As janelas estão semifechadas, o ventilador parado. A irmã de Bacco entra oferecendo suco de uva, num copo com decalque de gatinho. Recuso. Bacco aproveita:

– Pode tomar sem medo. Não vira bicha, não.

Para ele, o machão deve muito ao homossexual:

– Os homossexuais sempre foram os homens mais viris. Veja o caso de Aníbal, o Conquistador, Imperador da Macedônia. Veja os espartanos. O guerreiro espartano sempre teve seu efebo **(jovem que atingia a puberdade, na Grécia antiga)**. Aliás, os gregos... Dizem que Sócrates dormiu com 20 meninos numa só noite.

Cita também a história recente:

– O cravo vermelho é a flor dos amantes. E foram os homossexuais portugueses que começaram a colocar cravos vermelhos nas espingardas dos soldados, transformando o gesto no símbolo da Revolução Portuguesa, do 25 de Abril.

E os tempos negros da ditadura nazista:

– No Reichstag **(alto-comando do III Reich, a república de Hitler)**, havia homossexuais, mas esses eram privilegiados. As bichas que não eram do Reich eram obrigadas a andar com uma camisa cor-de-rosa, marcadas, como os judeus. Daí, a cor-de-rosa ter se tornado a cor da bandeira gay: fundo cor-de-rosa e um círculo branco com a letra grega "lambda".

Não lhe escapa, também, uma ironia histórica: o Brasil, país aparentemente machista, tem sua constituição baseada no "Contrato Social", obra do filósofo e político francês Jean-Jacque Rousseau, escrita na época da Revolução Francesa, onde ele discute as relações do cidadão com o Estado:

– Rousseau era homossexual... nossa constituição portanto tem resquícios... nossa constituição não considera o homossexualismo um crime. No Brasil, o maior problema para o homossexual é a própria marginalização da sociedade, não das leis. Na Argentina, é pior. Em alguns países da África se mata bicha.

Bacco mostra que os homossexuais estão em toda parte: na polícia, no futebol, no exército, nos bancos, nas escolas, nos jornais, na política. E em todos os países do mundo - socialistas ou capitalistas. Mas são minoria e marginalizados:

– O homossexual tem o grande problema de se assumir, sair do armário, principalmente numa sociedade como a nossa: uma sociedade que oculta o sexo. O pai não fala nisso, a mãe, muito menos. O menino tem que apreender na rua e, aí, começam os problemas. Depois, vira bicha. A família grita. Todo mundo goza. E daí?

Quando alguém pergunta a Bacco como é que ele pode aceitar uma bicha, ele responde:

– O bumbum é teu? Não. É dele. Então deixa ele fazer como o bumbum dele o que ele quiser.

Bacco não esconde sua repulsa ao feminismo. Acha as mulheres complicadas e as homossexuais (a maioria de seus clientes) quando imitam os homens se tornam grosseiras. Enquanto o homem, ao imitar a mulher, se torna gracioso:

– Quer saber de uma coisa? Mulher só vai ser igual a homem quando fizer xixi em pé.

Mas foi a partir do feminismo que ele elaborou uma teoria muito simples, que pretende desenvolver num livro. E ele tem certeza que o livro vai chocar a sociedade brasileira:

– O corpo humano tem muitas zonas erógenas. Conheço mulheres que sentem mais prazer no ânus que na vagina. Se as mulheres podem ter prazer no ânus, por que os homens não podem?

A.S.

Qual é o seu candidato?

● **Marlene,** cantora: Meu candidato? Quem sou eu para ter um candidato? Já que não vai ter eleição direta, que adianta gastar saliva falando nisso? O que eu sei é que o Magalhães mostrou ser um bom administrador e talvez seja um bom nome para a presidência. Agora, do Figueiredo eu não sei absolutamente nada. E não se pode dar um voto apenas pela simpatia pessoal do candidato – é necessário ouvir e sentir as pretensões de cada um, para poder cobrar mais tarde. Mas em princípio eu sou pelo civil, ainda que acredite que o Figueiredo possa ser um bom presidente. Afinal, o Geisel não está tendo um governo equilibrado?

● Ziraldo: **Na atual conjuntura, evidente que é o careca.**

Rosa Maria Murtinho, atriz: Que será que será, que andam murmurando pelas alcovas ..

● Aguinaldo Silva, **jornalista: Se eu tivesse que escolher alguém eu ficaria com Paulo Brossard, que pelo menos faz discursos inflamados e nada melhor do que um bom discurso. Agora, posso adiantar que, como aficcionado do turfe, eu gostei muito do cavalo do Figueiredo, o** Complexo **Em termos de cavalo, a filiação é muito importante. Aliás, outro bom candidato seria o Euclides, pai do Figueiredo, que se estivesse no páreo mereceria o meu voto.**

● **Flávio Rangel,** diretor de teatro Eu sou favorável à eleição direta e acho que só a partir do pluripartidarismo, com todas as correntes de opinião se manifestando, poderia surgir um candidato. Entre os que estão por aí, políticos ativos, eu votaria tranquilamente no Paulo Brossard ou Teotônio Vilela. Afinal, numa pessoa que acreditasse que o melhor regime é o regime do povo, pelo povo e para o povo. Um candidato que fosse eleito livre e diretamente.

● **Paulo Sérgio Valle,** publicitário. Se eu tivesse os poderes do Geisel, eu nem indicaria um candidato, se eu tivesse os poderes dele **(risos)** eu tentaria restabelecer a democracia, em primeiro lugar. Alias, seria **estabelcer** a democracia, porque na minha opinião nunca houve democracia no Brasil. E, evidentemente, entregaria a escolha do candidato ao povo. Eu acho que um militar, a essa altura dos acontecimentos, vai agravar ainda mais a situação da nação. E se a gente fizer um retrospecto da história do país, vamos ver que a proclamação da República trouxe de imediato uma constituição mais rígida, mais forte do que aquela do tempo do Império. Os dois marechais, Deodoro e Floriano tinham mais poderes que os imperadores D. Pedro I e D Pedro II.

Carlinhos Maracanã, **presidente da Portela: Nada a declarar. Primeiro porque eu não sou eleitor, já que minha nacionalidade é portuguesa; e segundo porque não vai haver eleição.**

Fauzi Arap, diretor de Teatro:

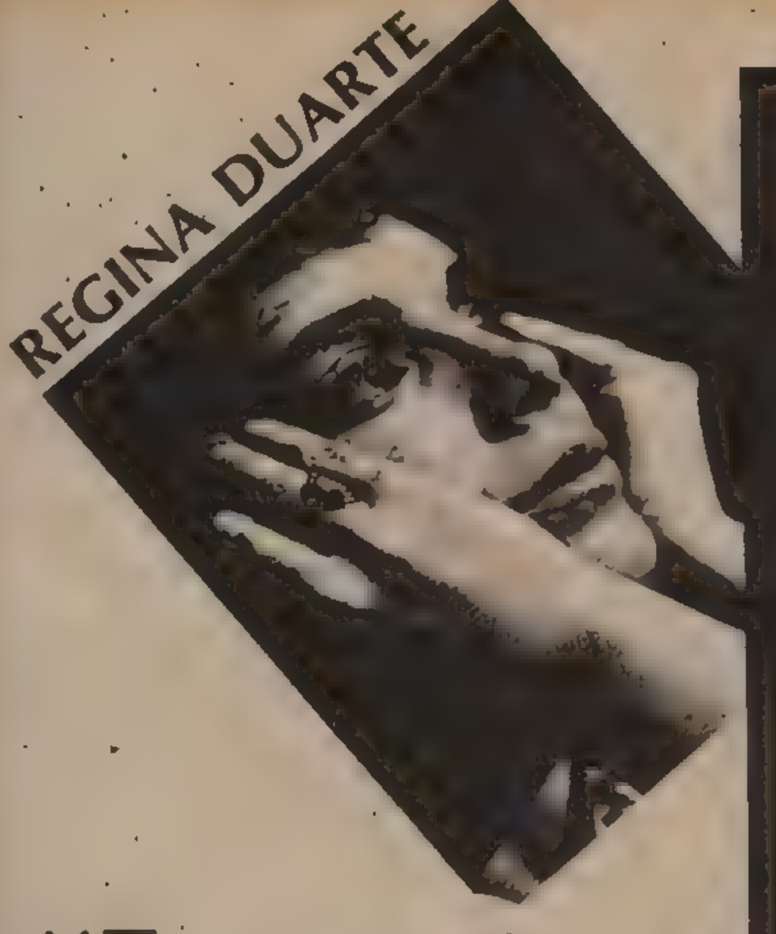
● Candidato à presidência? Eu não tenho. Eu não posso votar, como poderia ter um candidato? A gente fica acompanhando as coisas à distância, pela imprensa, e ouve falar em Figueiredo e Magalhães Pinto. Eu acho que a queda do Frota foi boa, não é? Mas é um **achar** à distância. Eu gostaria que o presidente fosse um poeta, assim como Vinícius de Morais

● Paulo José, **ator: Eu não tenho candidato. Só vou poder escolher quando houver eleições democráticas. Na situação que estamos hoje eu não posso me manifestar. A escolha de um nome à presidência só poderia acontecer dentro de um processo político vivo e democrático.**

● **Otavio Augusto,** ator e presidente sindical: Meu candidato? Realmente não sei, faz tanto tempo que a gente não pensa em eleger presidente da república... mas eu já votei. Espera aí, pra presidente? Acho que nunca, eu tenho 32 anos, nunca votei pra presidente da república, olha que loucura, nunca elegi ninguém. Quando eu era garoto, ajudava meu tio a preparar palanque pra comício, distribuía vassourinha do Jânio, isso lá em São Manuel, terra do Ademar de Barros. A praça cheia de gente, todo mundo discutindo, e o Jânio ganhou por 154 votos, nunca me esqueci, o nosso comitê ficou em polvorosa. Eu acho que tinha votado, veja só, e era uma criança

● **Ibrahim Sued** (colunista social): Ora, o candidato da Arena é o Figueiredo. O Magalhães não tem chance alguma e vai perder na Convenção. Não se pode apostar em quem vai perder.

REGINA DUARTE



FOTOS DE ELIANA PASTORE

"Eu curto a democracia"

1. Regina Duarte - a doce Nina - é figura obrigatória em 10 milhões de aparelhos de tevê todas as noites. Luta pela liberdade, contra a discriminação da mulher. É uma mulher ativa, sempre disposta a engrentar os obstáculos no seu caminho.

2. Regina Duarte, 30 anos, 14 de televisão, está magra e cansada. No corpo, a túnica simples de Branca Dias, sua personagem na peça "O Santo Inquérito". Desce do táxi na porta do teatro e está atrasada. O pública espera já nas cadeiras, a "namoradinha do Brasil".

Repórter - Você toparia uma entrevista sobre política?

Ela pensa um pouco para responder.

- Só sobre política, não. Sobre política, teatro, tv...: afinal, tudo é política, não é?

3. Regina está no camarim do teatro, um dia depois da queda do ministro Sílvio Frota. Comenta pronunciamentos governamentais, com certa ironia

- Dizem que não aconteceu nada, tudo tranquilo...

Se penteia e se maquia para filmar

- Acho que tudo, quanto mais barato, melhor... pois a vida está muito cara.

4. À tarde, na lanchonete do teatro, Regina vestida "à la cigana", uma grande saia rodada. Passo-lhe as perguntas rabiscadas numa lauda. Ela coloca óculos e lê a primeira pergunta em voz alta:

- Onde estava em março de 64 e como entendeu os acontecimentos?

Deixa para responder depois. Olha as outras. A algumas responde no ato:

- Tem votado na Arena ou no MDB?

- No MDB. Anular não acho legal. Votar na Arena também não.

- Gostaria de votar para presidente da República?

- Que tentação... votar é bom demais... eu curto a democracia, sabe?

5. Dois fotógrafos começam a trabalhar. Regina acha divertido se deixar fotografar sem maquiagem, o rosto bem branco.

- Como atriz principal da novela você tem muito poder? Poderia abandonar uma personagem no meio por algum motivo?

- Me aconteceu uma coisa muito parecida, na novela que estou fazendo, "Nina". A gente estava gravando o capítulo 80 e no ar estava o 70. **Durante a gravação, correu um boato: a censura tinha mandado regravar os 10 últimos capítulos. Na hora falei: eu não regravo! O que gravei, eu assumo! Que é isso, brincadeira? Eu não reformulo. Saio da novela. Matem a Nina! Escrevam assim: no capítulo 70, Nina morreu.**

Moças e crianças se aproximam de Regina, pedem autógrafos

6. Descemos ao teatro, vazio, onde todas as noites Regina faz o único papel feminino, a moça paraibana do século XVII julgada herege pela inquisição.

Sentamos no meio do cenário

- Onde você estava em [illegible]

- Em março de 64 eu estava em Campinas, na casa de meus pais. Meu pai, tentente da reserva, e meu mentor político, contou o que tinha acontecido. No dia 1º de abril lembro que almoçamos e jantamos tranquilos. "O país está a salvo do comunismo, o exército tomou conta" disse meu pai. Alguns dias depois percebi que as coisas não eram tão simples. Tinha havido um golpe e havia pessoas descontentes...

Em 68, a cabeça de Regina estava dominada por idéias hollywwodianas de sucesso:

- Não encarei 68, fugi. Quando começaram as greves e as manifestações de rua, tranquei matrícula na escola de teatro, casei com o homem que amava e mudei para o Rio, contratada pela Globo.

7. De 68 pra cá, como a maioria dos brasileiros, ela não falou em política:

- Em 77 é que se começou a falar nisso, antes ninguém falava. Por isso não conheço direito meus anseios ideológicos, estou tateando, como uma criança que aprende a engatinhar.

8. Depois de se ver no espelho, Regina traz uma preocupação aos fotógrafos: não sairia feia demais sem maquiagem?

- Tenho uma imagem, sempre tiro fotografias maquiada, é dessa maneira que meu rosto é aceito nas revistas e na tv

Os fotógrafos garantem que o rosto está bem. Ela sossega.

9. **- Como se sente em ganhar centenas de vezes mais que o salário mínimo do país?**

Regina ri bastante, balançando o tronco.

- Meu analista ia gostar tanto dessa pergunta! (Ele é Flávio Gikovate.) Me sinto bem. Muito bem. Já tive uma cul-pa... daquelas de andar olhando pro chão! Para o trabalho que faço acho que sou até mal paga. Estão é me devendo! Quer saber como me sinto? Roubada! Porque eu vendo sabonete... eu vendo tudo! E tenho que estar sempre atenta, a cabeça tinindo. Enquanto o assalariado - mal pago! - leva sua vidinha, faz seu sexo, não tem as preocupações que tenho

- Já fez propaganda pro governo?

Já, para o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)

- Faria de novo?

- No futuro, não sei. Hoje não faria

- Pensou alguma vez num cargo político?

Regina se planta de quatro, bate as mãos espalmadas no chão:

- É aqui que faço minha política! No palco!

10 - O que é totalitarismo segundo Regina Duarte?

- Eu acho que as bases da sociedade são comida e sexo. Se todo mundo come e faz sexo normalmente, a sociedade caminha. Se eu tiro pão e sexo das pessoas, elas ficam confusas, fracas. Elas estarão na minha mão. Eu acho que isso está acontecendo no mundo todo, a falta de pão e sexo. Muito no Brasil.

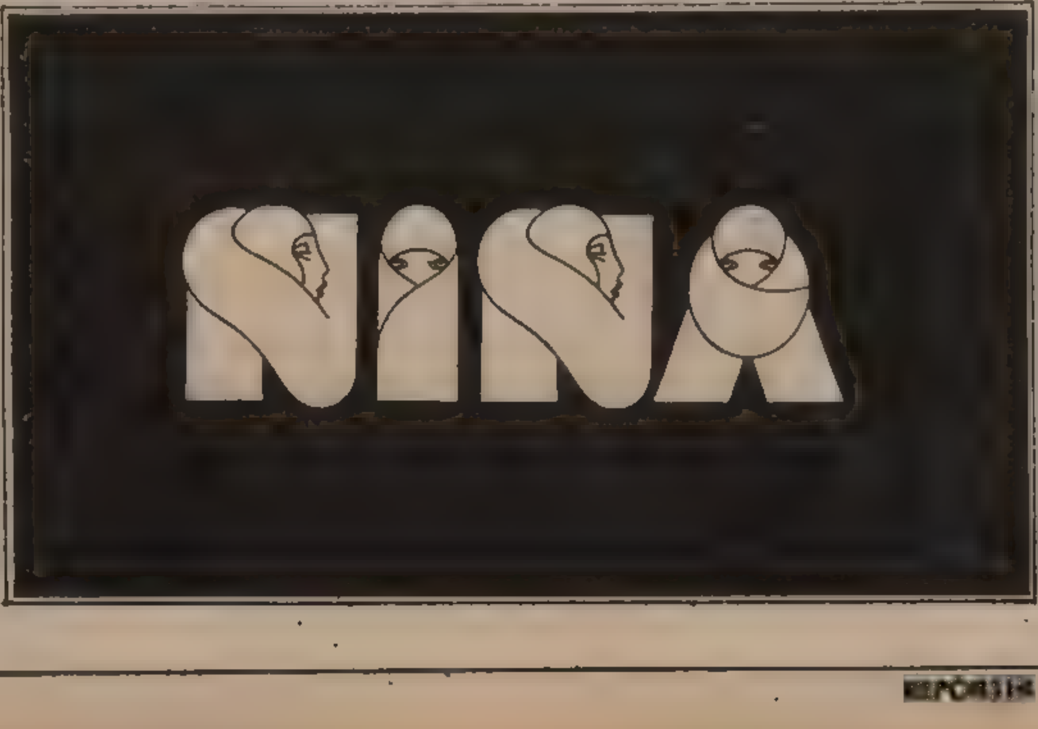
- Caminhamos para o totalitarismo?

- Eu sou otimista. Acho que está havendo já uma vontade irrefreável de liberdade, crescendo em todo o mundo.

11. - Pelo último filme que fez - **Daniel, Capanga de Deus** - recebeu o maior salário do cinema brasileiro: 150 mil cruzeiros por 15 dias de filmagem, mais 10% sobre a bilheteria. O recorde anterior era de Sonia Braga: 50 mil cruzeiros por **Dona Flor e Seus Dois Maridos**. O diretor e produtor do filme, João Batista Reimão, proprietário de 9 estabelecimentos de ensino em São Paulo, era cliente do mesmo analista de Regina Duarte. Agora, ela processa Reimão, na Justiça: ele usou como material de propaganda do filme fotos em que ela aparece quase nua.

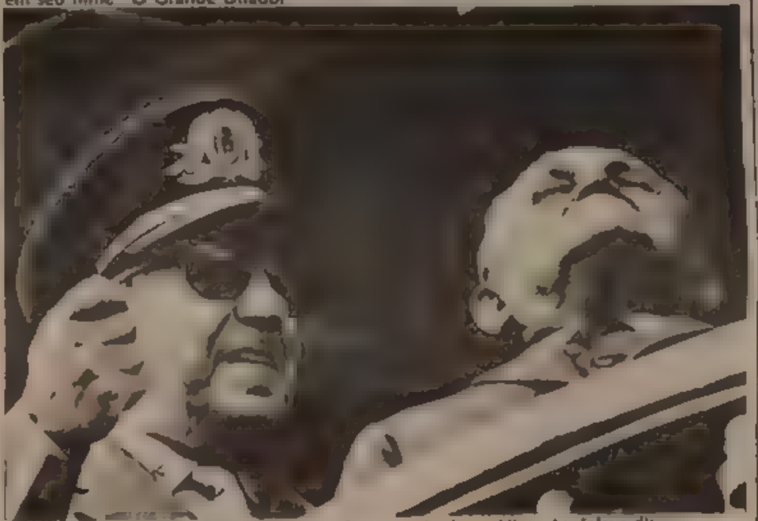
- Em primeiro lugar, tocou nos meus sentimentos de moça do interior, que sou. Ainda não estou liberada sexualmente. Na hora de filmar nunca fiquei nua, os efeitos de nudez foram conseguidos pelo câmara, um ótimo profissional. E também estou levando esse processo à frente porque é a primeira vez que uma atriz faz isso, não deixa pra lá. Eu vou lutar para vencer na Justiça, quero abrir esse precedente pra minha classe, pra minhas colegas.

Alex Solnik



Em 1965, a foto premiada: "Como subir na vida fazendo força"

Na máquina de Luiz Pinto, a mesma ironia de Chaplin, quando criticava Hitler em seu filme "O Grande Ditador"



Costa e Silva e Castelo Branco nunca se deram muito bem. Ninguém falava disso. Mas Luiz Pinto mostrava.

O fotógrafo (clic) Luiz Pinto (clic) nunca deu sossego ao Presidente (clic).

"Um batedor do Costa e Silva jogou a moto em cima de mim. O capitão Infantini, da segurança do Médici, só tratava a gente na base do palavrão."

Um dia, num almoço na Belém-Brasília, o fotógrafo percebeu que o presidente Juscelino saiu do galpão meio às escondidas. Foi atrás dele e o surpreendeu fazendo xixi atrás da parede. Juscelino só percebeu sua presença quando ouviu o clic da máquina. Aí já era tarde. O presidente sorriu e disse: "só quero ver o seu jornal publicar". E voltou para o galpão.

Em outra ocasião, o então Ministro do Exército Artur da Costa e Silva chamou o fotógrafo num canto, numa solenidade na Vila Militar, e insultou-o com palavrões que ele engoliu sem reclamar.

Mas por que um Ministro se daria ao trabalho de xingar um fotógrafo profissional? Luiz Pinto, 44 anos, fotógrafo desde os 16, é bastante conhecido na área militar, pelo menos desde 1964. Ele viajou com Juscelino, Médici e Geisel à Europa e, toda vez que um Presidente da República vem ao Rio, lá está ele driblando a segurança e fotografando o que os leitores verão no jornal no dia seguinte. Ele foi o responsável pelas fotos mais esdrúxulas de Castelo Branco publicadas na imprensa diária. Repetiu a dose com Costa e Silva e teria continuado na fórmula, mas duas coisas o impediram: a segurança e a própria indiferença dos jornais.

– De que adianta eu fazer a foto do presidente com o dedo no nariz, se o jornal não vai publicar? pergunta o fotógrafo. Realmente, hoje é muito difícil um jornal publicar uma foto do presidente diferente da versão quadrada oficial. Nem é preciso haver censura, como na **Tribuna da Imprensa** onde um zeloso funcionário do governo aprova ou desaprova fotos; os próprios jornalistas que dirigem os jornais evitam a divulgação de fotos que julgam "problemáticas". É a auto-censura dentro das redações e dos laboratórios. Luiz Pinto diz que na própria revelação dos negativos o pessoal da fotografia já vê o que deve copiar ou não, o que vai agradar ou desagradar ao chefe da redação, ao editor, ao diretor.

Mas o maior obstáculo ao trabalho de Luiz Pinto é a segurança que o segue por toda a parte, que atrapalha sua foto. Muitas vezes, ele já teve filmes confiscados pela segurança, já levou puxão de paletó, empurrão, cotovelada na barriga quando se aproximava da "grande área". E o pior é que a autoridade máxima – no caso o presidente – nunca apita pênalti: continua distribuindo sorrisos sem saber o que se passa ao seu redor.

– No tempo do Juscelino – lembra o fotógrafo – a gente tinha de ficar num lugar determinado pela segurnça, como acontece até hoje. Aí o presidente vinha andando e a gente não podia trabalhar direito. Então a gente reclamava, o presidente parava, sorria, mandava um assessor saber o que era e liberava a área. Era outro papo. Hoje é diferente. Num lance como esse do Juscelino, eu seria levado preso. Os presidentes de agora não são eleitos pelo povo, então precisam estar cercados o tempo todo.

Luiz Pinto já foi preso e levou alguns safanões trabalhando para jornais, "mas o patrão não quer nem saber disso", ou seja: o risco é todo dele.

– Uma vez, o Castelo estava numa cerimônia no IBC, se não me engano, quando um contínuo ofereceu um café. Ele ia aceitar, mas me viu de máquina na mão e recusou. Aí percebeu que não ficava bem recusar café no Instituto Brasileiro do Café e pegou na xícara. Quando ele levantou a xícara ou levantei a máquina. Ele baixou a xícara. Lentamente, foi virando as costas para mim, mas eu dei a volta e fiquei numa posição em que poderia fotografar. Ele percebeu, mas já era tarde. A foto ficou curiosa mas ele também não gostou.

De outra vez, Pinto fotografou Castelo subindo num jipão do Exército. A foto foi publicada com o título: "como subir na vida fazendo força". Castelo, obviamente, não gostou e Luiz Pinto ficou marcado para o resto dos dias do ex-presidente. Tanto que teve a credencial cassada no Palácio Laranjeiras e não pôde mais cobrir a presidência no governo de Castelo.

– Mesmo assim, o Castelo, de todos os presidentes da revolução, foi o que eu mais gostei.

Foi o único que sempre respeitou o trabalho da imprensa. Se você for no meu armário lá no **Globo** vai ver que tenho uma foto colorida do Castelo pregada na parte de dentro. Até hoje, tenho a maior admiração por ele. Os que vieram depois foram todos violentos, principalmente depois do AI-5, quando a barra ficou pesada para nós da imprensa. Uma vez, um batedor do Costa e Silva jogou a moto em cima de mim. Me pegou de raspão na perna, mas poderia ter me atropelado.

Aliás, Pinto acha que a segurança mais difícil para os fotógrafos foi a do Costa e Silva. Foi o presidente que mais maltratou a imprensa. Mas o recorde de violência ficou com a guarda presidencial do Médici, por causa do capitão Infantini. Esse era um osso duro de roer. Luiz Pinto tem dele as piores lembranças. Só tratava a imprensa na base do palavrão e xingamento, reclamava de todo mundo e fazia o possível para atrapalhar as coberturas das cerimônias em que o presidente comparecia.

– Esse negócio é curioso, porque tem sempre três polícias cuidando da segurança: a segurança pessoal do palácio, a polícia estadual – Dops – e a polícia Federal. Já imaginou o que é driblar toda essa gente? Por isso é que eu digo que já fui repórter-fotográfico de imprensa. Hoje sou fotógrafo de empresa.

Tanto faz trabalhar no **Globo** como no BNDE. Só faço o que me permitem. Não há a mínima liberdade de imprensa. Se eu fizer como no tempo do JK e gritar "presidente" para o Geisel, tenho certeza que a segurança vai enfiar a mão na minha cara e ninguém vai fazer nada. Eu acho até que, se o Geisel soubesse o que a segurança dele faz com os fotógrafos, ele mandava parar.

Gollo

GENERAL PERY BEVILACQUA:

"O SNI não é escola de democracia pra ninguém."

Entrevista a Lucia Murat e Paulo Adario

– Nasci no antigo Distrito Federal, Rio de Janeiro, no dia 9 de julho de 1889. Eu sou ainda do século passado. Estou com mais de 78 anos. Sou general do Exército e Ministro aposentado do Superior Tribunal Militar. Aposentado, aliás, pelo AI-5, quando faltavam poucos meses para completar a idade limite de 70 anos e ser aposentado normalmente. Mas, a antipatia ou o ódio político não sabem esperar.

O General Pery Bevilacqua falou ao **REPÓRTER** sobre Figueiredo – "o SNI não é escola de democracia para ninguém", de Magalhães Pinto – "sua candidatura é uma forma de arrependimento por ter assinado o AI-5", e do seu candidato, caso houvesse voto direto: o Senador Paulo Brossard.

Repórter – O que o senhor acha da indicação do General João Batista Figueiredo para Presidência da República?

P. Bevilacqua – O povo brasileiro não precisa de tutores. Discordo do modo como está sendo encaminhado o processo sucessório, pois discordo da essência deste regime. Quem deve escolher seu governante é o povo, em voto direto e secreto. O Figueiredo? Não sei. Pode ser que realmente conduza o País ao estado de direito, se realmente saiu ao pai. Um democrata que se bateu contra a ditadura do Getúlio, sendo preso e exilado por ter participado da Revolução Constitucionalista de 32.

Mas o mais importante é a imanência da história. É inútil tentar segurar a marcha de um povo. E o povo brasileiro aspira por liberdade. Basta ver que uma pequena liberdade de imprensa – consentida – abriu campo a tanta discordância. Mostrou que a opinião pública está contra o regime de exceção em que vivemos. Pode ser que o Figueiredo perceba tudo isto. Mas o problema é que o SNI não é escola de democracia para ninguém.

Repórter – O que o senhor acha da candidatura do Senador Magalhães Pinto?

P. Bevilacqua – Acho que ele tem o direito de ser candidato. E, aliás, acho que se encontra em uma situação muito especial. Penso que está com contrições de arrependimento por ter sido um dos signatários do AI-5. Errou. Mas todos nós somos humanos.

Acho que Magalhães tem qualidades para levar o país ao estado de direito. E assim estaria corrigindo erros para os quais contribuiu. Embora ele declare que quando assinou o AI-5 pensava que fosse de curta duração. Foi iludido, naturalmente. O mais provável é que esteja cumprindo um dever de consciência.

Repórter – Caso houvesse voto direto para a presidência, qual seria o seu candidato?

P. Bevilacqua – Você está me surpreendendo com uma pergunta que eu não meditei. Mas, vejamos. Em princípio, eu escolheria um homem dotado de verdadeiro amor à liberdade, de verdadeira integridade aos princípios republicanos e democráticos. E este homem eu iria procurar no MDB. Assim de momento, eu diria que o meu candidato é o Senador Paulo Brossard.

Repórter – Qual o problema mais grave que o senhor vê na atual situação política do país?

P. Bevilacqua – O que me assusta mais é ver toda essa juventude, que cresceu abaixo desse regime e desaprendeu o significado da liberdade. Aqueles que se revoltaram contra esse estado de coisas foram perseguidos como criminosos. Acusados de comunistas, banidos e presos. Desenvolveu-se como nunca a indústria do anti-comunismo. Me pergunto que fortuna deve gastar o país para sustentar tanta polícia secreta. Tanta repressão.

Repórter – Em 1964, o senhor era Chefe do Estado Maior das Forças Armadas. Como o senhor analisa hoje aqueles acontecimentos e suas consequências?

P. Bevilacqua – Em 64, eu não conspirei. Moralmente estava impedido, pois exercia um cargo de confiança da Presidência da República. Mas a revolução foi feita para restaurar a democracia no país. Como em 1930. Mas depois vimos as coisas como se passaram. E como se passam hoje.

Então, estes fatos me levam, na altura da vida em que me encontro a uma conclusão definitiva. Que será sempre preferível suportar um mau governo do que fazer uma boa revolução. Porque as revoluções políticas, quando vitoriosas, somente a princípio cumprem alguns dos compromissos. Em seguida, degeneram, se desviam, e vem a praticar os mesmos erros que apontavam nos adversários.

PELA ANISTIA

"Ninguém poderá negar a evidência de que constitui hoje um anseio generalizado, uma legítima aspiração nacional, a volta do País ao estado de direito. Mas para tanto são indispensáveis três medidas.

A primeira: **anistia política ampla.** Pois este é o problema político número um do Brasil. Anistia é o perdão, é o esquecimento, é o eterno silêncio. Ela tem a virtude de desarmar os espíritos, de extinguir a sementeira de ódio que as injustiças e as violências provocam. Assim, no Brasil, se tivesse havido anistia aos revolucionários de 1922, também não teria ocorrido exatamente dois anos depois o segundo 5 de julho com os seus desdobramentos posteriores. A anistia é uma medida de alta sabedoria política. Não é uma medida sentimental, como erroneamente alguns consideram. Caxias, que se projeta na História como o pacificador, dela sempre lançou mão para coroar de êxito suas vitórias militares.

A segunda medida é a **revogação do AI-5.** A sua existência, incrustado na constituição e dominando-a completamente, torna impossível a democracia. O estado de direito é incompatível com o AI-5. O ato é igualmente inconciliável com a Declaração Universal dos Direitos Humanos de 10 de dezembro de 1948, de que o Brasil é signitário, pois que atenta frontalmente vários de seus postulados. Só este fato justifica a urgente revogação deste abominável ato institucional. Um tumor maligno que compromete irremediavelmente a saúde do regime político vigorante no Brasil.

Finalmente, para que se possa voltar à posse de si mesmo e à dignidade de um estado de direito, é necessário a revogação das reformas discricionárias de abril de 77. O chamado pacote de abril.

Lembro Benjamin Constant: "Se na democracia é condenável o domínio de qualquer classe, mais condenação deve haver ao predomínio da espada, que tem sempre mais formas e melhores meios de executar os abusos e prepotências". Esta frase continuará sempre atual e só não sentirão assim aqueles que tiverem alma de subservientes no de prepotentes.

Assim, reintegrados na plena vigência da constituição, haverá a mais ampla liberdade de ser espírita, católico, ateu, monarquista, republicano, anarquista, comunista, etc. Todos temos o direito legal de ser qualquer dessas coisas e divulgar livremente nossas idéias. E nos reunirmos, sem armas, para discuti-las e combinar ações visando a sua divulgação e proselitismo. Os comunistas, por exemplo, tem o direito de ser comunistas e nós temos de respeitar este direito". **Pery Constant Bevilacqua**

Pery, Castelo e os tenentes de 1024. Nos porões do navio Belmonte: todos presos.

ANTES

Dutra, Ademar e a Igreja

Getulio

Fotos Agência Globo

FOTO DE ERNO SCHNEIDER

Juscelino, o general Vernon Walters (da CIA) e o presidente Eisenhower

Jango no comício do Automóvel Clube (março de 64)

Jânio deixa a presidência (1961)

Como se faz um presidente

Há 14 anos, um seleto grupo de personalidade "elege" o presidente de 100 milhões de brasileiros.

A nomeação dos presidentes da República como resultado de articulações de bastidores foi reintroduzida na história do Brasil no dia seguinte ao movimento militar de 1964. Nesses últimos 14 anos, de Castelo Branco a João Baptista Figueiredo, todas as sucessões foram disputadas em gabinetes fechados - cada vez mais fechados. As primeiras, ainda incluíam no roteiro de negociações alguns apartamentos particulares. A última não precisou nem disso: podia ser feita num único prédio deste Brasil onde se concentram os principais poderes da República: o Palácio do Planalto.

Mas não se pense que, por isso, as sucessões estiveram desprovidas de lances emocionantes, de momentos de angústia, de horas de tensão. Nada disso. Só que, no lugar do povo delirando em praças públicas ao ouvir seus candidatos, do cidadão comum acompanhando ao rádio minuto a minuto a marcha das apurações, dos partidários dos vencedores assustando-se diante das ameaças dos vencidos de virar a mesa, o que se teve ao longo de quatro espinhosas sucessões foram jogadas **cujos êxitos eram saudados por grupos pequenos em volta de mesas de reunião,** contatos **cujos resultados levavam dias para aparecer,** momentos decisivos **que precediam à adesão do presidente em exercício ao postulante da sucessão.**

Ou seja, há 14 anos que um seleto grupo de personalidades privilegiadas "elege" em sui generis **eleições o presidente de 100 milhões de brasileiros. Estes na sua esmagadora maioria só vêm a conhecer o homem depois de ungido o que, afinal, não muda muita coisa, exceto se desde logo o futuro presidente revela suas preferências pelo Flamengo.**

Lacerda ganha (e não vai levar)

O primeiro presidente "revolucionário", Humberto de Alencar Castelo Branco foi eleito exatamente por sete personalidades: os governadores Carlos Lacerda (Guanabara), Ademar de Barros (São Paulo), Magalhães Pinto (Minas Gerais), Ildo Meneghetti (Rio Grande do Sul), Mauro Borges (Goiás), Ney Braga (Paraná) e Fernando Correa da Costa (Mato Grosso).

Tudo se passou em reuniões realizadas no Rio, organizadas por Lacerda que, num **rush** de articulações na área civil e militar, já tinha obtido todos os apoios necessários a Castelo Branco. O general, todos sabiam, era um **lacerdista** e o governador carioca esperava que ele ficasse esquentando lugar até as próximas eleições presidenciais quando Lacerda, em pessoa, desejaya chegar ao trono.

Em articulação, é preciso saber argumentar. E Lacerda tinha bons argumentos para mostrar a necessidade de se "eleger" rapidamente o novo presidente e de que ele fosse um militar de prestígio. Assim, de cara, afastava as pretensões do governador de Minas, Magalhães Pinto que, como "líder civil da revolução" já sugeria a possibilidade de vir a ocupar o lugar deixado por João Goulart.

Haviam duas resistências. Uma era a do governador de São Paulo, Ademar de Barros que preferia ver o comandante do II Exército, general Amauri Kruel, na Presidência. Kruel seria para Ademar o que Castelo poderia ter sido para Lacerda. A outra resistência era do ministro da Guerra, general Artur da Costa e Silva que, como "comandante em chefe das Forças Revolucionárias", também se julgava no direito de ser eleito presidente.

Entretanto, nem um nem outro conseguiu reunir forças suficientes para se impor a Castelo Branco. Mesmo porque, o chefe do Estado Maior das Forças Armadas era um nome de prestígio e respeito contra o qual ficava muito difícil fazer objeções.

Um dos segredos da boa articulação é saber escolher o nome certo (cidadão acima de qualquer suspeita) já que idéias ninguém discute. Todos têm as mesmas, o problema é sobre quem vai executá-las e colher os louros da função.

A vez dos coronéis

Os políticos pensaram que poderiam controlar o movimento militar e usá-lo em seu próprio benefício. Lêdo engano. Em menos de um ano, tanto Lacerda, quanto Ademar, como Magalhães Pinto já eram carta fora do baralho. Novos poderes surgiam, como o dos coronéis que chefiavam IPMs pelo Brasil a fora e estavam sabendo de tudo sobre a vida de todo o mundo. Também Castelo Branco preferia cercar-se de velhos companheiros de farda, militares há muito tempo acostumados a exercer funções administrativas civis, como os marechais Ademar de Queirós e Cordeiro de Farias, os generais Golbery do Couto e Silva e Ernesto Geisel, etc.

Os políticos não souberam ganhar as eleições de 1965 e a **linha dura** dos coronéis se impôs. Castelo Branco, mesmo contra a vontade, teve que assinar o Ato Institucional nº 2 que acabou de vez com os últimos resquícios de legalidade constitucional.

Com os políticos em franca debandada depois do AI-2, só restava uma força com organização suficiente para fazer o sucessor de Castelo: os militares. Entre estes, os todo-poderosos coronéis de IPM (Montagna, Fontoura, etc) começaram a articular o nome do ministro do Exército, Costa e Silva. Da articulação fazia parte, também, o chefe de Gabinete do ministro, general Jaime Portela, que conquistou a adesão do líder da Arena no Senado, Daniel Krieger e, com ele, de todos os políticos governistas. Outro importante articulador (aliás, o principal deles), era o coronel Mario David Andreazza encarregado dos contatos entre cada uma das personalidades envolvidas: uma espécie de embaixador itinerante de Costa e Silva.

Quando o negócio já ia longe, Costa e Silva encomendou a dois deputados – Anísio Rocha do MDB e o coronel Costa Cavalcanti, da Arena – que lançassem seu nome, o que foi feito. Castelo Branco tentou reagir, le-

DEPOIS

foto Luiz Pinto

Castelo Branco

Costa e Silva

Medici, Andreazza e Figueiredo (no banco da frente)

Geisel

vou um ano para se dobrar à situação tentando fazer seu sucessor entre os marechais Cordeiro de Farias e Ademar de Queirós e os deputados Nei Braga e Bilac Pinto, mas nada conseguiu. Uma última jogada, com apoio de Golbery e Geisel, foi convidar Daniel Krieger para sucedê-lo, numa tentativa de rachar a frente "cotista". Não deu certo: Krieger recusou.

Um documento do próprio Castelo Branco e divulgado por Daniel Krieger em seu livro de memórias **Desde as missões...** dá bem uma idéia de como se fazem "campanhas" nesses ambientes. Diz Castelo: "É lamentável que oficiais, na propaganda precipitada da candidatura de Costa e Silva, assoalhem mentiras de humilhações do presidente face a atitudes dominadoras do ministro da Guerra, desfigurem a lealdade do Chefe do Exército como um favor ao Chefe da Nação, criem a chantagem de que já houve um levante na guarnição do Rio, procurem amesquinhar as ações corajosas e leais do ministro Juracy Magalhães, inimizando-o com o Exército, lancem dentro do Exército desconfianças sobre o ministro Cordeiro de Farias, atribuam maldosamente intrigas ao correto e irrepreensível trabalho do SNI (leia-se Golbery), espalhem mentirosas notícias sobre a conduta honrada do Gabinete Militar da Presidência (leia-se Geisel) etc".

Depois dos rituais de praxe (convenção, eleições no Congresso, etc), Costa e Silva tomou posse no dia 13 de março de 1967.

A derrota dos nacionalistas

Durante o governo Costa e Silva consolida-se aquilo que passou a ser conhecido como "o sistema". São seus componentes:

– os **esquemas** da tecnoburocracia, ou seja redes de técnicos e executivos de empresas estatais e órgãos da administração, ligados por laços pessoais, desprovidos de maiores definições políticas e estreitamente relacionadas com grandes grupos econômicos e financeiros. O esquema de Delfim Netto (ministro da Fazenda) liga-se ao mundo financeiro, especialmente ao banqueiro Amador Aguiar. O esquema de Andreazza (ministro dos Transportes) liga-se às grandes construtoras, especialmente à Camargo Corrêa.

– as **Forças Armadas**, guardiãs do **sistema**, dentro das quais vai-se tornando cada vez mais forte a chamada "comunidade de informações"; organismos de segurança que a crescente atividade da guerrilha urbana torna maiores e mais poderosos, inclusive com ilimitado apoio financeiro público e privado.

O **sistema** quer fechar mais ainda o regime. Arranja um pretexto através de obscuro discurso do deputado Marcio Moreira Alves, conseguindo arrancar de Costa e Silva o Ato Institucional nº 5.

Com ele, os políticos são definitivamente marginalizados e os partidos só sobrevivem para manter as aparências. Já que o povo estava de fora, tudo podia ser resolvido dentro dos **esquemas**.

Mas morre Costa e Silva e assume a Junta Militar, uma forte corrente militar quer fazer o general Albuquerque Lima presidente. Essa candidatura vinha sendo articulada por capitães e majores nacionalistas, absolutamente descontentes com o entreguismo de Roberto Campos e seu sucessor na direção da política econômica, Delfim Netto. Esses oficiais chegaram até a promover uma consulta nas unidades militares que revelou absoluta preferência por Albuquerque Lima. Tivesse sido ele o sucessor de Costa e Silva, certamente seria o que mais próximo andou de uma escolha democrática. Mas não foi. Liderado pelo chefe do Estado Maior das Forças Armadas, general Orlando Geisel, o Alto Comando achou que o apoio de capitães a Albuquerque Lima poderia começar romper com a hierarquia.

E impôs o nome do genral Emílio Garrastazú Medici, chefe do SNI (isto é, da "comunidade de informações) para a Presidência. Orlando Geisel ganhou o Ministério do Exército.

A volta dos Castelistas

Durante o governo Costa e Silva e também no governo Medici, o grupo castelista foi mantido à margem do centro das decisões do **sistema.**

Quando Médici chegou ao poder (e com ele Orlando Geisel), o grupo (Golbery Cordeiro de Farias, Ademar de Queiros, etc.), resolveu trabalhar para voltar e, em 1969, por sugestão do general Idálio Sardemberg, promoveu a candidatura de Ernesto Geisel.

Esta era uma candidatura que tinha de ser muito bem trabalhada pois tratava-se de conquistar posições dentro de um **sistema** já bem estruturado. Por isso, ela terá estabelecido as primeiras regras sobre como ganhar **eleições**, hoje em dia, no Brasil. O negócio é criar fatos cujo real significado apenas um reduzido grupo de iniciados possa entender. Não se trata de fazer campanha para ganhar votos, mas de ocupar posições para conquistar **esquemas**.

Assim, a translação do corpo de Castelo Branco para o Rio, além de uma manifestação de homenagem ao ex-presidente, era também o anúncio da reaglutinação do grupo. Quando Eduardo Gomes mostra-se indignado com as torturas na Aeronáutica e provoca a queda do ministro Márcio Souza Melo e o afastamento de diversos brigadeiros, estava de fato levando ao poder o grupo liderado pelo brigadeiro Délio Jardim de Matos, ligado a Geisel. Quando o general Rodrigo Otávio consegue obter do Alto Comando do Exército uma resolução segundo a qual esse órgão se absteria de discutir a sucessão, estava realmente transmitindo a todos os interessados que nenhum general de quatro estrelas no exercício de funções militares postularia a sucessão.

Quando Médici viu, a candidatura de Geisel já ia longe, inclusive com largo respaldo nos deserdados meios políticos, bem articulada nos escalões intermediários da tecnoburocracia (daí a grande renovação havida no seu governo) e bem plantada nas posições militares chaves. O presidente ainda tentou ganhar tempo anunciando a abertura do debate sucessório para o segundo semestre de 1973, na esperança de poder fazer sucessor um desses generais – Antonio Jorge Corrêa, Adalberto Pereira da Silva, Candal da Fonseca – ou um desses civis – Leitão de Abreu ou Delfim Netto.

Um episódio precipitou tudo. No dia 22 de junho desse ano, um coronel se apresenta no Palácio do Planalto para tentar articular a candidatura do comandante do II Exército, general Humberto de Melo. O chefe da Casa Militar de Médici, o hoje sucessor João Baptista de Figueredo, metido nas articulações "geiselistas" desde os seus primórdios, detém o oficial e avisa ao ministro do Exército, Orlando Geisel.

Geisel vai incontinente ao palácio, reúne-se com Médici e apresenta fortes argumentos para forçar a decisão. Sai da reunião, já sabendo que o mano Ernesto será o sucessor.

Cumpridos os rituais, Ernesto Geisel toma posse. E seu grupo, para não ser surpreendido como na época de Castelo Branco, não perde tempo. Escolhe o futuro sucessor e passa imediatamente a trabalhar para ele. Figueiredo já estava "eleito" há quatro anos.

Marcos Dantas

Cédula Eleitoral

- [ ] Figueiredo
- [ ] Magalhães
- [ ] Frota
- [ ] ____________________

Leitor: esta é a sua chance de exercer o direito do voto direto, secreto e livre. Mais que isso, é a eleição mais livre de que você poderia participar, pois qualquer eleitor pode acrescentar à cédula o nome de seu próprio candidato. Aproveite: vote, recorte a cédula e envie para o endereço no expediente (veja na página 2). Nós cuidaremos de apurar e indicar o vencedor (ou eleito). Garantimos que ninguém será empossado.

Jaime Leão

ESCOLHA SEU CANDIDATO

REPORTER

Rio, fevereiro de 1978 - Número 3 - Cr$ 7

AUTONOMO INDEPENDENTE

REPRESSÃO ATÉ NA CAMA

Pag. 10 a 16

ELE ABRIU O JOGO

É PRECISO ELEIÇÕES DIRETAS.

(P. 3)

[illegible], filha do presidente Geisel

ARENA GANHOU A TAÇA BRASIL

João Saldanha

na pag. 4

Procuramos interlocutores, não admiradores; oferecemos diálogo, não espetáculo. Escrevemos a partir de uma tentativa de encontro, para que o leitor comungue com palavras que nos vêm dele e que voltam a ele com alento e profecia. A gente escreve, em realidade, para aqueles com cuja sorte (ou má sorte) a gente se sente identificado, os mal-dormidos, os mal-comidos, os rebeldes e os humilhados desta terra, e a maioria deles não sabe ler.

(Eduardo Galeano, jornalista uruguaio exilado na Espanha)

No número passado, colocamos na última página uma cédula eleitoral, para que o leitor-eleitor escolhesse o seu candidato. Então, temos a declarar que 60 leitores de REPÓRTER escolheram como seu candidato o senador gaúcho Paulo Brossard, que teve uma vantagem eleitoral de 50% sobre Magalhães Pinto. Outros nomes votados foram Lisâneas Maciel, Marcos Freire, Euler Bentes e Alencar Furtado, nesta ordem.

CARTAS

OLHAÍ A ANISTIA

Tive agora a satisfação de receber o exemplar número dois de **REPÓRTER**, já tendo recebido o número Zero, com entrevista de Thomas Hammarberg, logo após sua publicação. Pedimos, agora, que nos mandem uma cópia do número 1 de seu jornal, **sobre a violência**, que é essencial ao nosso trabalho. Falo, também, sobre a oferta de mandar algumas de nossas publicações, a pedido. Acredito que os senhores já tenham recebido o relatório anual. **(Gerald Thomas, Anistia Internacional, Departamento de Pesquisa da América Latina, Anistia Internacional, Londres).**

Para a Anistia Internacional, a primeira resposta do REPÓRTER. Afinal, o número Zero do jornal foi totalmente dedicado a ela. Ainda não recebemos o Relatório Anual e gostaríamos que nos fosse enviado o mais rápido possível. Sobre as outras publicações, é importante dizer que todo o trabalho feito pela Anistia Internacional interessa muito ao REPÓRTER. Por favor, mande coordenadas de como consegui-las.

O IPALMO, LÁ DE ROMA

Nosso instituto, o IPALMO (Instituto para as relações entre a Itália e países da África, América Latina e Oriente Médio), que publica a revista mensal **Politica Internazionale**, segue com particular atenção os problemas da América Latina. Relativamente a este tema, nos interessa de modo particular o Brasil, não só pela sua importância objetiva, mas fundamentalmente pelas peculiaridades da atual fase sócio-política. Por estas razões, lhes pedimos o estabelecimento de uma permuta entre vossa publicação e nossa **Politica Internazionale. (Tulio Vigevani, Roma)**

Claro, já está feita.

CHAPADA DO CORISCO, DO PIAUÍ

Nós também transamos imprensa independente, fazemos (sabe deus sabe como), no Piauí, o jornalim **Chapada do Corisco**. Conheci em São Paulo o jornal **REPÓRTER** e, sem qualquer frescura, gostaria de dizer: é um dos jornais mais sérios (no melhor sentido) dos que existem no ramo. Temos o maior interesse em participar dessa briga de vocês, que também é nossa. **(Cineas Santos, Piauí)**

Tudo bem, Cineas. Estamos aí. Quanto à transa da livraria, estamos em cima, vamos acertar algo nesse sentido.

ASSINATURA, AINDA NÃO

Queiram, por favor, informar-me como poderia obter uma assinatura deste excelente jornal. **(Paulo Sérgio Machado, Brasília)**

Por enquanto, esse negócio de assinatura é muito enrolado. Deixa a gente se organizar mais um pouquinho e logo partimos pra essa.

CONSCIÊNCIA E VERGONHA

Foi bom ver **REPÓRTER** dando destaque ao cacique Mário Juruna. Esse ilustre brasileiro, com seu gravador, sua ousadia e sua inteligência, está chamando a atenção para os problemas de seu povo. Só tem um detalhe: na matéria, a legenda do decalque "Eu ajudei um xavante a lutar" atribui a idéia à imprensa independente de São Paulo. E, na verdade, o decalque é uma iniciativa de Paulo Ernesto Luters Nesti, diretor de arte da Spot Agência de Propaganda Ltda. Uma agência que também já se manifestou quando da expulsão dos farofeiros pelo prefeito de Santos e já fez anúncios variados em defesa da regulamentação da profissão e contra a proliferação de **house-agencies**. Como vocês vêem, não é só na imprensa independente que existem pessoas com consciência e vergonha na cara. No mais, espero que vocês continuem botando o **REPÓRTER** na rua. **(Ulisses Tavares, São Paulo)**

Trata-se, pois, de uma agência nanica. Ah, ela bem que podia programar a gente. Pense nisso, pense nisso.

O ZERO E O UM

Solicito-lhes, se possível, que me enviem os números Zero e Um deste jornal. Esclareço que os referidos exemplares estão esgotados nas bancas e, por isso, recorro aos senhores nesta tentativa de acompanhar a verdadeira Imprensa Brasileira. **(Albano Guiaro, São Paulo)**

Os números estão seguindo. Favor mandar um cheque no valor de doze cruzeiros. Obrigado.

REPORTER

REPÓRTERES/EDITORES — Luiz Alberto Bettencourt, Luiz Augusto Gollo, Elias Fajardo da Fonseca, Chico Júnior, Paulo Adario, Eduardo Homem (Recife), Alex Solnik (São Paulo).
COLABORADORES — Lúcia Murat, Miguel Furtado, Maurício Leite, Aguinaldo Silva, Celeste Cintra, Nícia Maria, Gilson Barreto, Telmo Luís Wambier, Alcyr Cavalcanti, Paulo Bustamante, Tim Lopes, Marcos de Castro, Daniel Remi, Ivan Maurício, Palmério Dória de Vasconcelos, Vincent Carelli, Ayrton de Magalhães, João de Barros, Lula Feijó, Eliana Pastore, Cosmo Juvelo, Edson Meirelles, Fábio Júlio, Márcia de Almeida, Elvira Vigna.
ARTE — Andrei Bastos, Analuce Estrella Ruth Freihof, João Milque.
REPÓRTER-Autônomo Independente. Uma publicação da Margem Editora e Programação Gráfica Ltda — rua Miguel Couto 134, 11° andar — telefone 253-5038 — Rio de Janeiro. **São Paulo** — Rua Jaguaribe 25/3° andar-conjunto 31-CEP 01224-tel. 284-0393. **Diretor** — César Arruda Castanho. **Recife** — Representante: Editora Alternativa — Rua Conde de Boa Vista 50 sala 330.
Distribuidores exclusivos para todo o Brasil: Fernando Chinaglia Distribuidora S.A — rua Teodoro da Silva 907.
Composto e impresso na gráfica de O **Fluminense** à rua Visconde de Itaboraí 184. Niterói.

Fotos da capa
do sósia: Lula Feijó
mulher: Alcyr Cavalcanti

REPÓRTER
integra o
Comitê da Imprensa
Independente

Fotos Lela Feijó

-Democracia não pode ser relativa

Tem cara de presidente, pinta de presidente, mas é Avelino Battaiola, filho de italianos, ex-técnico e juiz de futebol. Dois anos mais velho que o sósia famoso.

Sempre foi a favor de qualquer governo, como todo bom funcionário público. Não esconde uma admiração por Jânio e revela opiniões opostas às do atual presidente: acha que é preciso uma Assembléia Constituinte, eleições diretas e defende a volta do Partido Comunista. E conclui: o ministro do Exército demitido, Sílvio Frota, está certo.

Tem alergia a sangue: pegou da mãe

Avelino tem uma história de muitas idas e vindas e por isso sua formação profissional se deu ao sabor das oportunidades. Filho de abastado imigrante italiano do comércio e da pecuária, nasceu em Barra Bonita, no interior do Estado de São Paulo Formou-se em Ciências e Letras em Jaboticabal, aos 17 anos. Aí já havia sofrido a primeira decepção: uma tentativa frustrada de entrar para a Escola Militar. Seu pai não era militar e, obedecendo ao marechal Setembrino de Carvalho, ministro da guerra, proibiram-no de tornar-se (quem sabe) também um general, como seu sósia Ernesto.

Persistente, Avelino obteve mais um diploma superior: do Direito, em Niterói, mas não chegou a freqüentar as aulas. Era um "curso livre" e ele só tinha de aparecer nas provas de junho e dezembro. Ainda conseguiu passar para a Faculdade de Medicina da Praia Vermelha, no Rio porém desistiu devido à alergia a sangue "que herdei de minha mãe".

De volta à Barra Bonita, meteu-se no futebol. Foi juiz e técnico do Ferroviário de Dourados e do 15 de Jaú. Foi a época em que ganhou mais dinheiro, vendendo lâmpadas para a Companhia Luz e Força de Jaú em Dourados. Então recebeu um convite e mudou-se para Bauru como técnico do Ismarth F.C. e juiz da federação local.

Não vem a São Paulo: teme um atentado

Ele não queria ir ao Automóvel Clube de Bauru, S/A naquele dia. Chegou a dizer à mulher que seria confundido e que isso o chateava. Mas acabou indo. Aí quatro homens "desse tamanho" o cercaram. Intimaram-no a acompanhá-los e levaram-no à presença do comandante do II Exército, Dilermando Gomes Monteiro. O general o abraçou e os dois caminharam até o presidente Geisel, que descia a escada. Era cara de um focinho do outro.

— Olha — disse o presidente — eu preciso muito de um sósia porque meu serviço é demais.

Avelino Battaiola, 72 anos, não vai à capital há três anos com medo de sofrer um atentado. Ele é um senhor calmo, pacato, que gosta de chope, ler jornais diariamente e ver tevê.

— Pelos jornais, Frota era dedo-duro — diz Avelino, referindo-se à queda do ex-ministro do Exército. Ele era contra o comunismo. Não admitiu acordos entre o Brasil e a China, Angola e os países comunistas. Ele era radicalmente contra os comunistas. Dedo-duro. Para mim, ele está certo.

Mas como, Avelino?! Está certo?

— Está. O comunismo não deve imperar. Quem é comunista aqui?

E numa democracia deve haver partido comunista?

— Deve. Se brecar o partido comunista, já não é democrata.

Então não vivemos numa democracia?

— Não vivemos numa democracia — diz. Para redemocratizar é preciso haver eleições diretas para presidente, governador, senador, deputado, prefeito. E precisa uma nova Constituinte para elaborar uma Constituição nova, de acordo com a democracia.

— Democracia pode ser relativa?

— Não, não pode.

— O senhor apóia Magalhães Pinto para presidente?

Não. Ele foi o cabeça da revolução de 64 mas está muito velho. Não agüenta.

Cidadão consciente de seus compromissos com o futuro do país, Avelino se lembra perfeitamente de que votou pela última vez para presidente da República em Jânio Quadros.

— O Jânio Quadros ia muito bem. Tabelou o arroz e o feijão. Mas depois ele largou. Diz ele que largou por causa das forças ocultas. Fiquei penalizado quando pediu renúncia. Dizem que fez isso para promover um golpe, pois foi eleito com 6 milhões de votos. Eu não acredito.

Pera Avelino, o que se seguiu a Jânio Quadros foi um desastre:

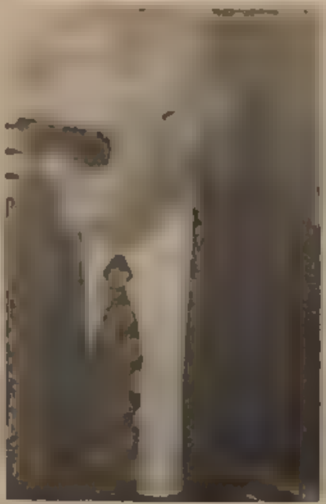
— Depois entrou o Jango. Ele quis implantar a república sincalilista. Aliou-se com a pior espécie de gente e iam fazer arruaças em Belo Horizonte, levavam capangas com metralhadoras — em São Paulo mesmo. Foi o que motivou a revolução de 64.

Avelino é um geiselista não apenas na estampa. Cultiva a semelhança com o presidente, apesar de ela lhe causar alguns disabores. Usa terno e gravata nas entrevistas (uma das coisas de que mais gosta), comprou uns óculos com armação idêntica à do presidente Geisel e adotou o nome provisório de Uri Geisel, mas conhecido dentro de casa como "presidente". Fora tudo isso, ele também apóia a escolha do general Figueiredo para a presidência da república.

O que você espera do candidato Figueiredo?

— Espero que ele ponha nos eixos isso aí.

João de Barros



— O Frota era dedo-duro. Mas ele está certo.

— Se não tiver Partido Comunista já não é democracia.

— Espero que o Figueiredo ponha nos eixos isso aí.

FOTOS: MAURICIO LEITE

Ponte Preta fez uma aliança com a Arena

JOÃO SALDANHA

"O que segura governo não é futebol. É tanque!"

Técnico da seleção brasileira na fase de preparação da Copa de 70 — "me puseram para fora porque eu era irreverente" — já tentou ser político. Ia candidatar-se em 1950 mas o Tribunal Regional Eleitoral não aceitou a candidatura: "fiquei no atestado ideológico". Hoje ele não poderia ser eleito (nem seria candidato): "fui dos primeiros a serem cassados".

Mais irreverente e desbocado do que nunca, João Saldanha denuncia: o futebol só perde ao se aliar com a política.

Em torno da CBD e na própria CBD há uma intervenção da Arena, aberta e escandalosamente. Vocês podem entrevistar o Heleno Nunes e ele vai dizer "não, eu tomei conta disso aqui e tal". Ele é um sujeito franco e diz: "eu protejo os interesses do meu partido". Ele é interventor.

Eu não vejo mal no Heleno Nunes ser presidente da CBD para cabalar votos para o partido dele. Não vejo mal nisso desde que permitissem à gente também usar dos veículos. O fato de os homens se aproximarem das massas não faz mal nenhum. Tomara que permitissem que a gente se aproximasse das massas em todos os sentidos e não apenas através de carnaval, futebol.

Há uma tendência a eleger pessoas ligadas ao futebol que vem muito do Estado Novo. É que nós aspiramos muito pouca democracia aqui. Nesse meio século eu me lembro de termos tido democracia entre 8 de maio de 1945 e 29 de dezembro do mesmo ano.

10 a 0 para o MDB

Tudo indica que a escolha dos clubes do Campeonato Nacional está feita em bases político-partidárias além dos aspectos esportivos. Agora, o resultado disso eu acho que é duvidoso. Talvez, face aos resultados eleitorais, a Arena mude de idéia e deixe o Campeonato Nacional em paz.

Posso dar um exemplo: a Ponte Preta. Fizeram a Ponte entrar no Nacional e já tinha o Guarani de Campinas também. Os dois clubes têm méritos para entrar no Nacional, não é favor nenhum colocar clubes desse quilate porque são clubes de primeira grandeza de uma cidade rica, com torcida, estádios, vida própria.

Nas últimas eleições, um dos candidatos a prefeito da Arena — eram 4 ou 5 da Arena e um do MDB — era o presidente da Ponte Preta. Então eles fizeram o último dia da classificação no dia 14 de novembro, com a Ponte jogando em Campinas. No dia seguinte seria a eleição.

A Ponte ganhou, como era natural e normal. Agarraram o presidente, levaram até a porta da prefeitura, aquele negócio de "já ganhou", viva o prefeito". O MDB, que estava cindido, sem organização nenhuma, tinha o candidato que era quase que ele, a mulher e os filhos pregando umas faixas vagabundas pela cidade. Veio a eleição e esse cara deu de 10 a 0 em todos os candidatos da Arena.

Depois a Ponte se deu mal com essa aliança. Por ser arenista, aceitou jogar a final do campeonato paulista com o Corinthians no Morumbi. Eu não juro que foi o Paulo Egidio que forçou, mas ele estando lá com a camisa do Corinthians, o calção do Corinthians — ele era Flamengo, de repente virou corinthiano — é de se supor que ele tenha influído. Como é que a Ponte Preta aceita um negócio desses? Porque ela podia fazer dinheiro do mesmo jeito, vendendo transmissões de rádio e tv. Nesse caso, a Arena prejudicou.

A forma de comunicação do político era o comício

Gol das Forças Armadas

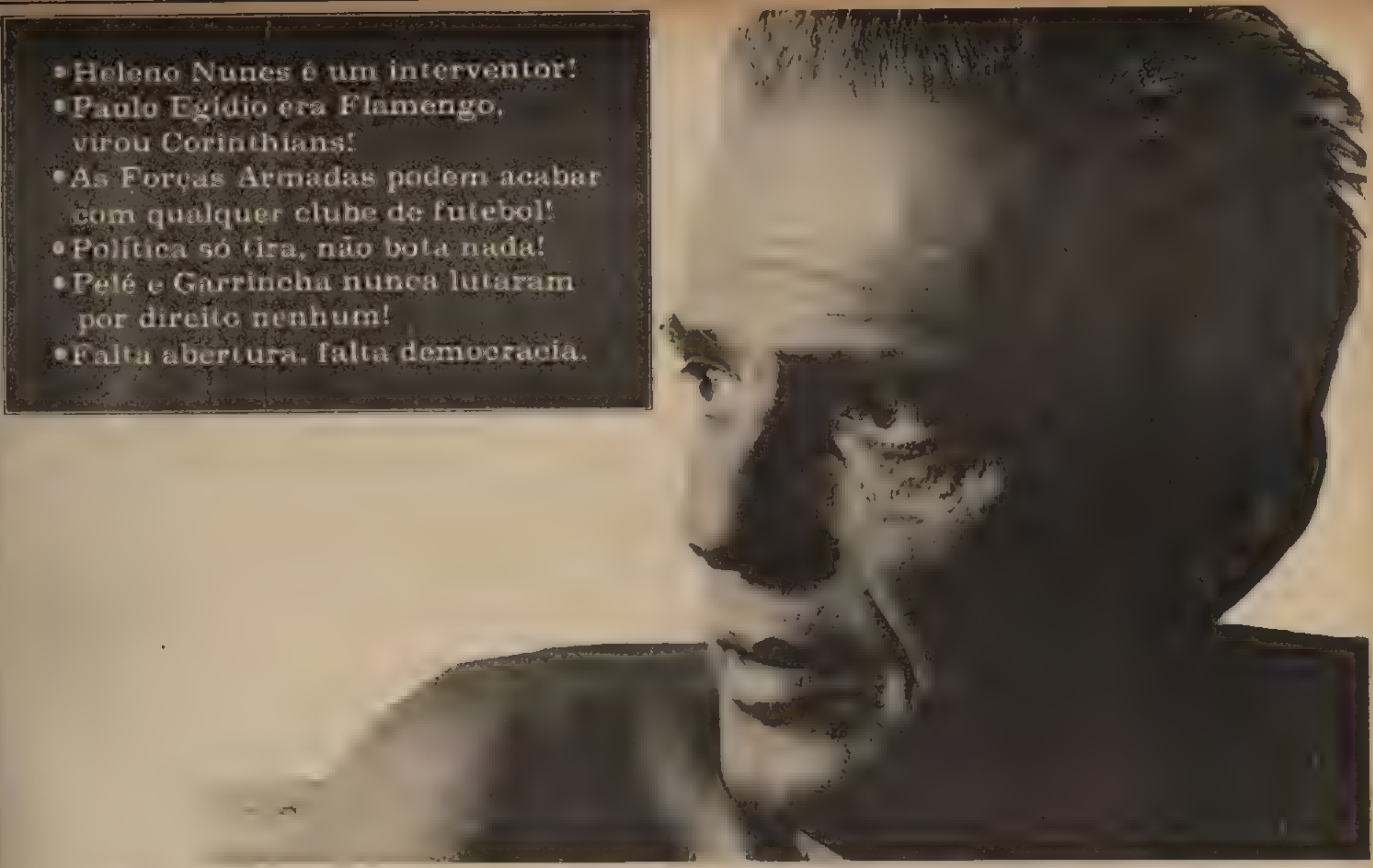
Os fatos históricos desmentem que futebol sirva para escorar governos. O que escora governo é tanque.

Agora, a ligação entre futebol e governo é muito estreita. As normas do Conselho Nacional de Desportos são as do decreto 3149 ou 3199. O parágrafo 2 do artigo 2.º dessa lei diz que o ministro da Educação é o responsável pelos esportes e tal, e tal, e tal, uma vez submetido à anuência das Forças Armadas.

Se eles quiserem acabar com um clube acabam no mesmo momento. E a política partidária oficial está fazendo exatamente isso. Eles não estão percebendo, porque isso não tem resultado imediato, mas a longo prazo os craques vão desaparecer. Os craques surgem das multidões que praticam o futebol.

O clube de futebol, como entidade, está definhando. Todos os clubes, sem exceção, estão alienando patrimônio para poder melhorar, aguentar, embora esse patrimônio tenha sido um patrimônio doado, emprestado, cedido, porque sempre no início pertenceram ao poder público. Em todas as partes do mundo o poder público cedeu e cede cada vez em escala maior.

Por exemplo: na Holanda hoje existem mais campos de futebol que no Brasil, e a Holanda cabe dentro de um espaço de Alagoas e Sergipe somados.



Estamos caminhando num terreno muito perigoso,está definhando o negócio porque a política está que nem chupim (o passarinho que bota ovo no ninho do tico-tico e se manda). Só tira, não bota nada. Quando o tico-tico acorda, bica o ovo, sai um chupim lá de dentro. Ele não tem nenhum lucro. Não reproduz a espécie.

Vou dar outro exemplo, na Bahia. Os dois clubes principais de lá, o Bahia e o Vitória, não queriam jogar lá a classificação pelo Campeonato Nacional. Lá é enjoado jogar. Aí o Feira de Santana topou jogar lá, para prestigiar a Arena.

O primeiro jogo que teve em Feira de um time grande foi com o Flamengo. Na hora, o Flamengo não queria entrar em campo, porque não tinha luz isso e aquilo. Quer dizer, tinha, mas não era das melhores.

Aí foram até o prefeito, que era do MDB, eleito pelo Chico Pinto (deputado cassado) com 80% dos votos. O prefeito disse: "Eu não tenho nada que ver com isso, que se dane o estádio. Não pedi, não botei time em Campeonato Nacional. Isso não é comigo. Eu tenho pouco dinheiro na prefeitura e o dinheiro é para obras prioritárias, esgoto e saneamento que eu tenho que fazer em dois bairros. Vocês vão lá ver os dois bairros e vão me dar razão. Tem esgoto correndo pelo meio da rua e eu não vou gastar dinheiro em fanfarronada de futebol."

Mais escandaloso foi o caso de Otávio Pinto Guimarães (presidente da Federação Carioca de Futebol há mais de uma década). Lembra que na loteria esportiva tinha o Torneio OPG? Era ele. Otávio Pinto Guimarães. Fez um torneio para ser candidato pelo MDB. Perdeu, perdeu feio.

Depois, para continuar na presidência da Federação, virou Arena. O mesmo aconteceu com Rubens Hoffmeister, presidente da Federação gaúcha, e com Rubem Moreira, da Federação pernambucana.

Faltam comícios

Eu acho que o torcedor, o torcedor não, o eleitor prefere que o político seja político partidário. Porque políticos todos somos desde quando escovamos os dentes. Política é a vida. O fato de o político se meter no futebol não é mal nenhum. Ele vai onde está a massa porque afinal de contas ele é o representate das massas.

A forma de comunicação de um deputado antigamente, que eu me lembro — tenho uma excelente memória, pois já faz tanto tempo — era o comício. Era a forma direta de protesto. Quando tinha um galho, o político ia lá e fazia um discurso. Podia ser demagógico ou não. A forma de comunicação de um deputado era o comício, era o jornal.

O que acontece hoje é a falta de abertura, falta de democracia no Brasil. Por isso os políticos estão se dirigindo para o setor do futebol, das escolas de samba. Um dia, escola de samba vem "piriri piriri eu sou o Figueiredo, piriri piriri eu sou o Magalhães". Escola de samba canta o que encher a bola.

Como a Mangueira num desses anos saiu puxando a bola aí de um ministério - ah, da aviação. O Juvenal, diretor da escola chorava, entrou em quinto ou sexto lugar na classificação. Aí eu disse para o Juvenal: também, você queria o que? As baianas de avião na cabeça, levantando vôo. Ele dava risada e dizia que estavam precisando de uma "erva" e eles ajudaram, coisa e tal, "estávamos devendo muito a eles".

Pelé não era míope

Leônidas da Silva, Garrincha, Pelé foram todos expoentes de suas gerações. São raros, como é raro todo expoente. Como é raro um Cassius Clay, sem comparar esses três caras ao Cassius Clay, homem que luta pelos direitos humanos. O Leônidas da Silva também, mas os outros não eram muito de lutar por direito nenhum.

Esses expoentes surgem, inevitavelmente, porque são o ponto máximo de uma atividade. Mas, em matéria de qualidade, é óbvio que a Europa nos últimos dez anos avançou muito.

A África tem todas as condições étnicas e etnológicas para se desenvolver no futebol. A agilidade de uma raça, que lutou mais tempo num meio primitivo e que tinha como meios de defesa apenas a agilidade das pernas e dos braços. Não é por acaso que os crioulos são recordistas de atletismo, os melhores jogadores de futebol e quando se dedicam ao tênis também são os melhores, quando deixam eles entrarem. Como acontece também nas piscinas: branco pode, crioulo não. Como no golfe também. O cobrão era um crioulo: acabaram com os torneios só para ele não aparecer. Você não vê crioulo com um taco de golfe. Quando vê, pensa que ele roubou o taco.

Eu nunca disse que o Pelé era míope. Não sou burro nem idiota nem oftalmologista. Depois quiseram jogar o Pelé para cima de mim. Eu encontrei com ele e disse: o que que há negão? E ele disse "não tem nada, estou por fora disso, não tenho nada a ver com isso." Eu ainda disse: mas você está aceitando. Ele disse: "não, isso é coisa desses caras aí, não tenho nada com isso."

Esses caras contavam com a ajuda de alguns coleguinhas insatisfeitos que falavam nas colunas. Essas colunas de jornal que são cheias de anúncio, sabe como é? Esses caras são do tipo que não reivindicam aumento de salário nem precisam. Não mexem no dinheiro do jornal.

O POVO VOTA NO MARACANÃ

Quem fala quer mudanças no regime

É dia de jogo no Maracanã. Vasco e Flamengo reabrem o Campeonato Nacional, depois das férias dos jogadores de futebol. Nos dois principais portões do estádio, o do Belini e o do Esqueleto, a equipe do Repórter fazia uma pergunta às pessoas que entravam pra ver o jogo e às que estavam ali batalhando uns trocados (pipoqueiros, sorveteiros, vendedores de bandeiras): se houvesse eleição direta neste país em quem você votaria para presidente da República? A maioria das pessoas se absteve de votar, muitas delas deram votos de oposição ao atual regime político e outras apoiaram o governo militar.

Perto do portão da antiga favela do Esqueleto (no seu lugar hoje está a Universidade do Estado do Rio de Janeiro), o sinal fechado faz o trem dar meia trava na estação de Mangueira. Os oito vagões estão superlotados e quem está na plataforma percebe o colorido das bandeiras enroladas no peito, prontas pra serem desfraldadas no **front**. Por trás dos vidros das janelas e portas, o riso de quem ainda não perdeu a alegria de um domingo de futebol e os radinhos de pilha colados aos ouvidos de quem não escuta nada além do grito repetido de gooool e fica feliz com a glória de ser chamado **torcedor tricampeão do mundo.** Uma glória do passado.

O trem aos poucos retoma velocidade até que, mais adiante, pára na estação do Derby Clube. Uma multidão aos atropelos desembarca mal se abrem as portas dos vagões, e as escadarias que dão acesso à passarela que atravessa a avenida Radial Oeste ficam apinhadas de torcedores. Agitados, eles correm em direção às bilheterias empunhando bandeiras e gritando os nomes de seus ídolos: Roberto, Zico, Mazaropi, Cantarele, Dirceu, Cláudio Adão e até o nome do massagista Santana, do Vasco, que pode dar uma força acendendo umas velinhas.

Vendendo laranjas em cima de um caixote do lado da linha férrea, Leopoldo, um homem com 40 anos, aproximadamente, está revoltado. Sem querer se identificar por completo, ele diz:

— Tá a fim de me ver levando choque? Eles estão por aí. Quando a gente começa a vender aparecem uns três PMs e dizem que não pode trabalhar ali. Chegam a ameaçar. Depois se afastam e, de longe, fazem um sinal pra gente guardar umas laranjinhas.

Leopoldo lembra também que leu no jornal que um capitão da PM foi preso por ser chefe de uma quadrilha de ladrões de carros. Ele se refere ao capitão De Paula, que está preso no 6.º Batalhão da Polícia Militar, acusado também de chefiar uma quadrilha de traficantes de cocaína. O militar há três anos foi afastado da chefia de segurança do Maracanã e Maracanãzinho por ter agredido um oficial do exército e um delegado e mais tarde terem descoberto que guardava duas carrocinhas de refrigerantes e cachorro quente dentro do estádio. Nos dias de jogos, as carrocinhas eram protegidas por soldados da PM pra evitar assalto.

— Meu partido é o MDB e não abro. Tenho um tio que é vereador lá em Minas que reza por este partido e tô com ele.

— E os candidatos à presidência?

— Não sei não. Tem alguns do MDB? Se tiver pode contar com o meu apoio.

Em quem você votaria pra presidente do Brasil?

Na votação que o Reporter **promoveu antes do Jogo Vasco e Flamengo, cerca de 300 pessoas foram ouvidas. Para efeito de contagem e avaliação, as respostas foram agrupadas de acordo com o seu sentido político.**

A votação mostra basicamente três atitudes: 1.º — Não entendo de política, não quero me meter nisso, não quero votar; 2.º — Apóio o atual regime político do país (votos dados a Figueiredo, Geisel, militares, etc.); 3.º — Quero que o regime político do país seja mais democrático (votos dados a Magalhães, recusas a dar voto "porque não existe ninguém", votos pra Dom Helder Câmara, etc.).

Agrupando os vários tipos de votos nesses três grandes grupos, o resultado final seria o seguinte:

Votos contra o regime — 80

Votos pró-regime — 62

Abstenções — 95

Numa eleição direta, em quem você votaria pra presidente da República?

Tô por fora / tô desligado / não entendo isso / não me ligo nessa transação — 95

Figueiredo — 46 Magalhães Pinto — 45

Não tem ninguém / ninguém merece / tô desacostumado / que adianta se eles é que mandam — 24

Eu mesmo — 8 Pelé — 6

Silvio Frota (ministro do Exército demitido pelo presidente Geisel em outubro de 77) — 5

Geisel — 5 Não quero / não posso opinar / nem sei quem está aí — 4

Francisco Horta — 4 Juscelino Kubitschek — 3

Só pode ser militar (é o que interessa) — 2 O que o presidente Médici indicou — 2

Jeremias Fontes (ex-governador do Estado do Rio) — 1

Desde que não seja militar, qualquer um — 1 Pra mim não deve ter ministro do Exército — 1

Brizola — 1 Marcos Tamoio ("não entendo nada de política") — 1

Carlos Chagas (o "eleitor" quis dizer Chagas Freitas) — 1 Qualquer um — 1

Um bom motorista ("manda o Juça ressuscitar") — 1

Deixo o expediente pra quem tá por dentro do metiê — 1 Dom Hélder Câmara — 1

Lazaro de Carvalho (deputado estadual) — 1 Saturnino Braga (senador pelo MDB do Rio de Janeiro) — 1

Irapuã Costa Junior (deputado estadual) — 1 Um do MDB — 1

Severo Gomes (ex-ministro da Indústria e do Comércio do governo Geisel) — 1

Paulo Egydio (governador de São Paulo) — 1

Luis Carlos Prestes (secretário-geral do Partido Comunista Brasileiro) — 1

Roberto (jogador do Vasco) — 1 Vasco da Gama — 1

Marcio Braga (presidente do Flamengo) — 1

Paulo Brossard (senador pelo MDB do Rio Grande do Sul) — 1

Coutinho (técnico da seleção brasileira de futebol) — 1

Garrastazu Médici — 1 Eleições diretas — 1

Diomedes Gonzaga (deputado estadual) — 1 Fidel Castro ("eu falei sério mesmo") — 1

"NÃO TEM NINGUÉM PRA SER VOTADO"

Devia ser uma e meia da tarde. Em frente ao portão principal do Maracanã, na avenida Maracanã, cerca de 200 torcedores, sentados nas escadas, no chão e nos corrimões de ferro que dividem as roletas, esperavam que as arquibancadas abrissem.

A maioria deles pertencia às torcidas organizadas, que chegam mais cedo ao estádio e assim já se dividiam: os do Vasco se amontoavam do lado direito de quem sobe a rampa, os do Flamengo do lado esquerdo.

Era muito cedo ainda e o movimento era pequeno. Debaixo da estátua do Belini, um senhor se escondia no único metro de sombra disponível.

— Dá-lhe garoooooto. O Brasil inteiro vibra com você. No radinho de pilha de um garoto que ajudava o pai a descascar as laranjas, Jorge Curi, da Rádio Globo, anunciava que Emerson Fittipaldi completara mais uma volta do Grande Prêmio Brasil que estava se realizando no autódromo do Rio de Janeiro, em Jacarepaguá. Era como se Emerson marcasse um gol de dois em dois minutos, o garoto arregalava os olhos e o pai fazia um ar de quem sabia tudo que ia acontecendo com aqueles nomes todos, James Hunt, Brahbam, Niki Lauda, Ferrari, Reutemann.

Bem em frente ao portão, nas árvores no meio da avenida, três torcedores que atravessaram a pista correndo param pra dar uma mijadinha. O fotógrafo do **Reporter** se prepara rapidamente e os outros repórteres se preocupam em não deixar que a cena se desfaça:

— Balança, balança, balança — gritamos todos enquanto os três homens, vendo-se observados, abrem-se em três risos e ficam balançando mesmo mais alguns instantes à espera do clic da máquina.

— Como é, gente boa! nós somos jornalistas. Tamos fazendo uma reportagem aqui, é só uma perguntinha: se tivesse eleição direta hoje no Brasil, em quem você votava pra ser presidente da República?

— Não tem ninguém pra ser votado — responde o mulato que tinha resolvido livrar a cara da cueca e ainda tava balançando — de militar tá todo mundo cheio, eles acham que são donos disso aqui, assim não dá. Tá tudo caro, até o chuchu, a vida tá horrível, o povo não aguenta mais.

— Mas se você pudesse votar, em quem você votaria? — insiste o repórter.

— No careca, no Magalhães, pelo menos não é militar.

— E vocês dois, em quem votariam? A pergunta é pros dois amigos do mulato.

— No Magalhães.

— No Magalhães.

— Aí, num disse? O mulato ri satisfeito.

A essas alturas a bilheteria já tava fervilhando. Depois de tomar alguns refrigerantes, ver a carrocinha de churros pegar fogo e um PM pedir água ao vendedor de limonada pra esfriar suas botas, o repórter aborda um crioulo, alto, forte, de seus cinqüenta anos.

— Se houvesse votação direta pra presidente da República, hoje, em quem o senhor votaria?

— Dos candidatos que tão aí?

— Não, não, alguém que o senhor considera, alguém que, na sua opinião, pudesse ser um bom presidente?

— Ah, então eu votaria nalguém lá do sul.

— Quem?

— Alguém da parte do Rio Grande.

— Quem? Alguém que o senhor conhece, seu amigo?

— Não, não, alguém lá da parte do Rio Grande.

— Alguém que já morreu?

— Não, tá vivo ainda.

— Quem é ele?

— É lá do Rio Grande.

— o senhor é gaúcho?

— Sou.

O senhor votaria no Brizola?

O crioulo se abriu num riso aliviado e disse: "se eu pudesse votar, era nele mesmo. Mas ele num pode voltar, né?"

Um sorveteiro que passeia no fosso da geral, um torcedor que posa pra fotografia, um outro que a polícia segura no meio de um buchincho; acontece de tudo antes de um jogo no Maracanã.

PALHINHA

‘Futebol é válvula de escape’

Vanderley Estáquio da Silva, o Palhinha, no começo da carreira jogava na ponta-direita. Ou em qualquer posição que conseguisse no ataque do Cruzeiro de Belo Horizonte. Da ponta, deslocou-se para o centro. Hoje, no Corinthians, a pedido do técnico Oswaldo Brandão, recuou um pouco. Joga com a 10, indo e voltando, fazendo a ligação entre o meio de campo e o ataque.

“No Brasil se joga demais. Oitenta, noventa partidas por ano. Às vezes, chega na metade do ano, a gente entra em campo, olha, e não tem vontade... Às vezes, tem vontade, mas o cansaço mental é tão grande que não tem forças pra correr. O jogador no Brasil parece que é de aço”.

“Jogador de futebol no Brasil se cansa demais.”

REPORTER: Palhinha, você concorda com Pelé? O brasileiro não está preparado para votar?

Palhinha ri, afunda mais no sofá. Abre as pernas e os braços.

“Essa foi dose”, resmunga bem-humorado, minutos depois de ter dito que não se interessava nada por política.

“Pelé disse isso?” continua rindo.

Fica sério:

“Respeito seu ponto de vista. Cada pessoa tem uma opinião formada”.

REPORTER: Você acha que o brasileiro não tem condições de votar?

Palhinha baixa a cabeça, procura uma resposta:

“Honestamente não sei... nunca perguntei às pessoas “você tem condições de votar?”

REPORTER: Você tem condições de votar?

Palhinha: Não, sou superficial em política... não acompanho pé por pé, letra por letra. Acho que o Brasil tá muito bem servido.

REPORTER: Você não quer votar para presidente?

Palhinha: Não. Honestamente, eu acho... quem tá é o Geisel, não é? O Brasil tá muito bem servido.

Em 1964, Palhinha estava com 14 anos. Desde os oito jogava num time juvenil presidido por seu pai, comerciante e atacadista. Pequeno, jogava entre pirulões de 18 anos. Era bom desde os cinco anos.

Entrou para o Cruzeiro, um dos dois grandes times de Minas Gerais. De 1968 a 1972 ficou na reserva e quase desiste do futebol. Em 72, o Cruzeiro vende Tostão. Palhinha entra para o titular e passa a ser o melhor jogador do time. É convocado pela seleção. Cresce de fama e valor, e é vendido pelo maior preço até então pago por um jogador de futebol no Brasil: Sete milhões de cruzeiros.

REPORTER: Como se sente podendo ser comprado, vendido ou alugado?

Palhinha: Quando você fala vendido, soa uma coisa tão ruim, como se falasse de um escravo. Infelizmente no Brasil o passe é preso. O jogador de futebol, na minha opinião, é um escravo. É leiloado, vendido como se fosse um objeto. Já que o governo tá olhando pro nosso lado, o CND (Conselho Nacional de Desportos) podia ter essa liberdade de mudar essa lei e dar condições ao jogador de ter o passe livre depois de dois anos de clube, como na Europa.

REPORTER: A lei do passe favorece a quem?

Palhinha: Ao clube, que ganha uma nota, vendendo, comprando ou prendendo o jogador. Dono do jogador para toda a vida, até que outro time o compre. Quem perde sempre é o jogador. Seu passe alcança um preço absurdo e ele fica parado, esperando que o comprem.

REPORTER: Qual a posição do sindicato?

Palhinha: O sindicato começou sério mesmo este ano. O jogador, hoje, é mais consciente da necessidade do sindicato.

Palhinha é entrevistado no salão de visitas do prédio onde mora, o luxuoso edifício Marquês de Paranaguá, doze andares no alto da Rua João Moura, Pinheiros. Está de sandálias e uniforme da **seleção brasileira:** calção branco e camiseta amarela Adidas. Pergunto se é obrigado a aparecer em entrevistas com a camiseta Adidas. Diz que não. Apenas assinou contrato por dois anos com a fábrica alemã que vai produzir meias e chuteiras marca Palhinha. Não quer dizer quanto vai ganhar por esse contrato.

REPORTER: Por que o futebol é tão popular?

Palhinha: O futebol é uma válvula de escape. Principalmente nos grandes centros. A tensão que um chefe de família acumula durante a semana, os problemas que ele tem dentro do lar, inclusive os financeiros, são descarregados no estádio. Aí ele tem oportunidade de xingar o juiz, o jogador do seu time, o jogador e o torcedor do outro time. Ele sai do estádio completamente descontraído.

A gente vê o torcedor de perto, dentro do campo, a gente sente... é uma paixão muito grande que o torcedor toma do lado do clube. O torcedor participa, ele sente os problemas do jogador. Se o jogador se machuca, ele é capaz de fazer tudo pro jogador, “tem uma mãe de santo ali”, “tem uma dona que benze que vai te ajudar”.

REPORTER: As coisas, em geral, estão caras?

Palhinha: O custo de vida tem que subir mesmo porque todas as coisas se tornaram mais difíceis. A terra, pra dar alguma coisa de útil, tem que limpar, dar um tratamento, tem que molhar. Se não vier chuva, tem que passar caminhãozinho jogando água. Então, a dificuldade é muito grande... Então, isso é normal, dentro dos preços das coisas. A pessoa reclama do custo de vida, mas é capaz de pagar 50 cruzeiros pela cerveja; se o feijão é 10, a pessoa chia.

REPORTER: Você já foi pobre?

Palhinha: Não, mas vou te falar o seguinte: dentro do nosso país, não trabalha quem não quer. Grande parte da nossa população é pobre. Mas ela come, ela veste, se precisar de ajuda, tenho certeza que não falta. Em qualquer casa que você vai, não falta nada. Cada um tem arroz, feijão e carne, que é isso que comem 90% dos brasileiros...

REPORTER: 90% de brasileiros comem carne?

Palhinha: Acho que come... aqui o boi não é um deus. A gente precisa mais de carinho, de calor humano, não essa frieza que têm no exterior. Lá, eles não tem amor paterno, amor materno, só ligam pro trabalho. Os americanos só viajam quando estão velhos. Já viu turista americano? Tudo velho. Já viajei muito. Já estive em Moscou. Vi o sacrifício das pessoas pra sobreviver. A pessoa chegar e falar que não quer ter filho porque não agüenta criar. Vi o trabalho braçal das mulheres. A alienação. A seleção estava, em 1973, em Moscou. Às vezes, a gente queria repetir um pãozinho, pedia pra intérprete e ela ia pedir para uma pessoa na embaixada, que dava a maior bronca: não tem mais! Você comia arroz, um ovo e pronto. Pensa que tinha café à tarde, lanche? Tinha nada...

REPORTER: Quer dizer que os russos são pão-duros?

Palhinha: Não, isso é o regime deles. Respeito eles dentro do regime deles.

REPORTER: Você prefere Arena ou MDB?

Palhinha: É uma parte que não toco, a política.

REPORTER: Em que partido votou nas últimas eleições?

Palhinha: Votei no meu amigo Piazza, com quem convivi no Cruzeiro durante seis anos. Faz oito anos ele é vereador em Belo Horizonte.

REPORTER: Você é instruído para não dar declarações políticas?

Palhinha: Não, acho que no Brasil a pessoa tem liberdade de falar, de pensar...

REPORTER: Jogador de futebol não fala de política?

Palhinha: Política não toca o jogador, é campo completamente oposto ao nosso.

REPORTER: Tua opinião política pode influenciar os torcedores?

Palhinha: Se eu dissesse pras pessoas “votem nisso ou naquilo” eu tenho certeza que as pessoas iam atender. Mas não acho certo me usarem dessa forma, eu não ia aceitar nunca. Quem tem que escolher é o povo.

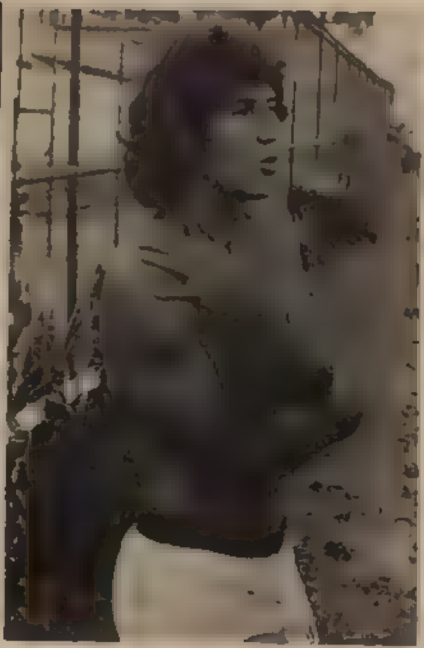
Alex Solnik (texto)
Eliana Pastore (fotos)

NEM TUDO ESTA PERDIDO

Zico é bom de bola, de cama e quer votar

Dia seguinte do empate entre Flamengo e Vasco. No campo do Flamengo, apesar do resultado, o clima é de festa e de verão. Marcada para as 4 horas da tarde, a entrevista não sai e a cerveja desce. O calor é de matar. Lá pelas tantas, entra daii e daqui, os jogadores chegam ao campo e, com eles, a grande estrela do time: Zico, paixão das garotinhas e das multidões.

Artur Antunes Coimbra, o Zico, tem 24 anos e cabeça boa. Mais de Cr$ 200 mil por mês. Desmitifica logo o clichê de que pra jogar futebol tem-se que ser burro e/ou alienado. Zico sabe mais do que jogar boa bola. É, segundo ele mesmo, bom de bola, de cama e acha que deveria haver eleição direta — na qual votaria mas sem abrir o jogo. É pelo voto secreto: "tem certas coisas que você tem que guardar pra você mesmo"...



REPÓRTER — Quando você tá ali no Maracanã, onde as pessoas pagam 30 cruzeiros, você se dá conta da diferença entre seu padrão de vida e o da torcida?

Zico — Quando eu entro em campo, entro pensando que eu gosto da bola. E se pudesse ficava 10 dias seguidos com ela nos pés. Você não joga pensando em nada, joga porque gosta; logicamente com o maior respeito pelo público, pelo mais humilde que vai lá. Você tem que ir e desenvolver o seu melhor futebol, embora nem sempre isso seja possível.

REPÓRTER — Você, no futebol atual, é um caso à parte, né? E como é com os jogadores que têm uma vida profissional curta? Há uma solidariedade entre vocês?

Zico — O problema é que os que ganham menos procuram manter um nível de vida muito superior ao que ganham. Uns quando param não têm nada, viram motorista, como já aconteceu muito. Ganham 2 mil e ficam malucos, porque acostumaram a viver com 10...

REPÓRTER — Que, além disso, não dá...

Zico — É só um exemplo. O salário mínimo hoje deve estar quase isso, né?

REPÓRTER — Você lê jornais?

Zico — Leio, mas não tenho lido. Vejo muita televisão.

REPÓRTER — Na sua cabeça, como é saber que você ganha quase 123 vezes mais do que um operário?

Zico — Acho que a gente ganha o que a gente representa, não é? Na propaganda, você não pode pegar qualquer 10 mil cruzeiros pra anunciar qualquer coisa, tem que preservar a sua imagem. Eu faço restrições, só faço depois de ver o anúncio. Se não, não dá. Fiz uma propaganda agora, pra nego não ficar dizendo que fulano fez e sicrano não fez. Da seleção, pra Coca-Cola. Mas pro governo nunca fiz. Vai pintar agora um de caderneta de poupança. Essas coisas têm que ser estudadas, sabe? eu não sei se faria restrições políticas...

REPÓRTER — Mas se o governo pedir a você?

Zico — Eu acho que há condições de dizer não. Tudo é estudo, né? Assim não dá pra fazer, mas pelo meu próprio modo de ser, eu não faria uma coisa que fosse contra a minha vontade. Quando a gente não sabe de nada, não passa por nenhum exemplo, não pode dizer nada, né? Até agora não me forçaram a nada. O governo só tem me dado apoio, conheço o Presidente Geisel, e o Ministro Nei Braga, já conversei com ele... Já entreguei diploma a ele em Volta Redonda, já dei a ele a minha camisa... E eu falo isso com o maior orgulho, são pessoas importantes, que eu admiro — porque são importantes.

REPÓRTER — E quanto à sucessão? Você acha certo um sucessor nomeado?

Zico — Eu acho que a gente deveria votar. Não tenho candidato, mas acho que a gente poderia votar. Mas esse governo fez muita coisa pela minha classe, pelo jogador de futebol. Regulamentou a profissão, o Nei Braga deu autorização para a nossa associação aqui no Rio... Aposentadoria, férias de 30 dias. E eu fui um dos pioneiros desse negócio, fui lá pra essa coisa do sindicato. Eu acho que se o jogador apoiar, dá certo. Atraso de pagamento, essas coisas todas, isso aí você pode brigar através do sindicato.

REPÓRTER — Ele é importante pra acabar com a lei-do-passe, né?

Zico — Claro! o jogador estará amparado, com um sindicato forte. Na Argentina, quando tem alguma coisa errada, o sindicato faz logo uma greve, ninguém vai lá e pronto. E ninguém fura. Aqui, se convocarem outro, o cara vai na hora.

REPÓRTER — Mas aqui não se pode fazer greve, você sabia?

Zico — Tou falando da Argentina, aqui é outra coisa... A lei-do-passe? Eu acho que isso aí tem que ser estudado, depende, é um problema danado. Na Europa o jogador acaba o contrato e é dono da vida. Aqui, não. Mas os jogadores aqui não se mentalizam, ficam acusando os de mais nome. Dizendo que é um sindicato de estrelas, quando a gente vai lá pra dar uma força pra um interesse que é mais deles, dos jogadores menores, eles não dão força mesmo. Eu tenho duas pernas e dois braços, posso parar um ano, se acontecer alguma coisa. Tenho minha família que ajuda, que é muito unida. Eu tenho dado todo apoio ao sindicato, assim como o Zé Mario, o Ubirajara Mota e muitos outros. Mas hoje a gente discute entre a gente, discute e conversa muito, sem que as coisas saiam pra fora. Antes você abria a boca, e levava ferro. Talvez por isso o Pelé não tenha encarado essa briga, né? — Como vocês acusam.

REPÓRTER — Essa coisa de treinar, concentrar todo dia, atrapalha a sua vida sexual?

Zico — Atrapalha, desregula, né? Passar 3 meses sem uma relação é dose, né? Você tem que fugir. Sou casado há dois anos.

REPÓRTER — Vocês são tratados feito uns bois, comem pra burro e depois, nada?

Zico — Com um mês de casado, fiquei concentrado trinta dias. A gente fica tenso. É dose. Você viaja por um mês. Pra arranjar uma transação numa única folga, é o diabo, entende? Daí tem que ver o lado profissional. Pra seleção, tem que ficar 3 meses concentrado. Pode? E os caras não resolvem esse teu lado, não.

REPÓRTER — São muitos que fogem da concentração?

Zico — Ah, isso eu já não sei, é problema de cada um. Os solteiros? Ah, solteiro arruma qualquer negócio! Ele pode aguentar mais tempo sem uma relação do que o casado, que tem uma vida sexual regular.

REPÓRTER — E qual e a sua média, heim? o Anchieta diz que dá nove por semana.

Zico — Jogando quarta e domingo, não dá pra essa media. Nove? assim, nunca. E também não basta só você querer dar. E se a mulher não tá num dia bom? a mulher é que sofre muito mais com as concentrações, né?

REPÓRTER — Você é bom de cama?

Zico — Pergunta a ela. Mas eu acho que sou. Pelo menos, me considero. Agora, eu também durmo pra caramba (ri). Não tenho problemas na cama, não. Na hora que você vê que não vai dar no couro, tem que escapulir: ah, tou muito cansado, etc., né? mas eu tenho uma boa performance de lençol.

REPÓRTER — Na sua cabeça, o que é o orgasmo?

Zico — Ah, sei lá! tem que sentir, né? não tem que pensar, é o momento.

REPÓRTER — Não é meio barra pesada essa coisa de viagens, não?

Zico — Hoje tá mais equilibrado esse Campeonato Nacional que tá aí. Não é o ideal ainda, mas melhorou muito.

REPÓRTER — A Arena tem capitalizado em cima desses jogos no interior. Você não tem nada a dizer sobre isso?

Zico — Não tenho nada a dizer, não sei disso. Esse negócio de política... Tou por fora.

REPÓRTER — E sobre as propagandas que os clubes vendem para camisetas, por exemplo, você?

Zico — Eu não recebo, mas eu quero ser dono disso. Eu acho que o jogador tem que ter uma participação nisso, se o clube recebe pra essa propaganda. Eu tenho um contrato pessoal, que fiz logo no início da seleção, com a Adidas, que dá uma grana variável.

REPÓRTER — Como é que você se sente, aos 24 anos, disputando uma Copa pelo Brasil?

Zico — Ainda não disputei, né? Você fica ansioso pra chegar logo, mas se acostuma. Na primeira vez que entrei no Maracanã cheio, num jogo do juvenil, eu tremia. Fiz um gol, fiquei com as pernas tremendo. Gol de pênalti. Depois você já entra como se não tivesse ninguém lá. Você escuta tudinho, mas não tá mais nem aí.

REPÓRTER — Você sabe que esse ano vão mudar o presidente aqui, que haverá eleições?

Zico — Tenho lido aí e tal. Em 79 é que muda, né? os candidatos? sei, não. O mais falado aí é esse tal de Figueiredo, né? Tem o Magalhães, também.

A UMA DONA DE CASA

VOCÊ JÁ SENTIU PRAZER?

Durante o carnaval, REPORTER foi pras ruas perguntar às pessoas (prostitutas, donas de casa, maridos, fregueses etc) o que era o gozo no sexo pra elas, se elas o sentiam. A dificuldade pra se ter orgasmo pleno foi a tônica das respostas.

Encostada debaixo da placa do hotel na esquina das ruas Moncorvo Filho com Frei Caneca, na Lapa carioca, Fabiana faz charme para o rapaz que passa de cabeça baixa, fingindo que não olhou para suas pernas torneadas e morenas.

Repórter — Sou repórter de um jornal novo que está saindo aí. Quer me dar uma entrevista?

Fabiana — Você está muito enrolado. São duzentos pra mim e oitenta pro hotel.

Repórter — Você não entendeu. Eu quero fazer uma entrevista, mesmo. Quero botar você no jornal...

Fabiana — Eu, hein. Agora sou artista pra ficar dando entrevista por aí? Sobre o que que é?

Repórter — Qual é a sua idade?

Fabiana — 19 anos, estudante, casada, brasileira, baiana e sou prostituta porque preciso. Minha vida é um livro aberto.

Repórter — Você estuda o quê?

Fabiana — Tenho o colegial completo e estou me preparando para fazer o vestibular de Direito. Quero ser uma coroa culta, sair dessa numa boa, levar um canudo pra minha mãe, que me expulsou de casa dizendo que eu só servia pra essa vida. Faço datilografia também.

Repórter — Você sabe o que é o orgasmo?

Fabiana — Claro que sei. É o maior barato. É o que dá sentido à união de dois seres.

Repórter — Você atinge o orgasmo com os seus fregueses?

Fabiana — Com nenhum. Eu finjo, isso sim. Em quatro anos de batalha, só cheguei ao orgasmo duas vezes. Com freguês, claro. Com meu marido é diferente. Ele me ama e eu o amo. Com ele, chego lá todas as vezes que a gente se ama.

Repórter — Seu marido trabalha?

Fabiana — Claro que trabalha. Ele é apontador do Metrô. Mas o que ele ganha não dá. Tenho dois filhos, a gente paga aluguel, tô nessa porque preciso de dinheiro. Se eu não fizer isso, como é que vou viver? Ele ganha mil e 600 cruzeiros. Só de aluguel eu pago mais do que isso. Moro na Riachuelo 428.

Repórter — Você sempre trabalhou aqui nessa rua?

Fabiana — Não. Eu trabalhei dois anos na Vieira Souto, mas lá a polícia dá em cima, fica perseguindo a gente. Depois dizem aí que a gente é mulher de vida fácil. Vida fácil? Vida fácil é de madame, que escolhe com quem vai.

> "Não acredito que as mulheres sintam essas coisas. Eu não".

Paletó numa das mãos, uma mulata na outra, Altino entrava no restaurante Nova Capela, no centro carioca, quando foi abordado.

Repórter — Sua esposa?

Altino — Por que a pergunta?

Repórter — Sou repórter e estou fazendo uma pesquisa sobre o comportamento sexual do brasileiro.

Altino — Ah, bom. Diga aí no seu jornal que o homem brasileiro é o mais quente do mundo. Né, bem? (abraçando maliciosamente a mulata, que faz um ar de desprezo).

Repórter — Tá bem. Mas e você, o que acha?

Altino — Eu acho que sou quente. O resto não sei.

Repórter — (para a mulata) E você?

A mulata. — Acho que o homem brasileiro é apressado, isso sim. Só pensa nele, a mulher que se dane.

Repórter — Você é casado?

Altino — Sou.

Repórter — Como é que você explica, sendo casado, estar rodando pela Lapa a essa hora da madrugada?

Altino — Sou casado, mas sou homem, né? Tenho 15 anos de casado. Se você tivesse esse tempo todo ia me entender. A gente tem que variar um pouco. Depois de 15 anos, a mulher do pobre vive cansada. Agora você vai me perguntar se eu gasto dinheiro que devia levar pra casa. Gasto dinheiro com esta mulherada porque não quero ir para o hospício, entendeu?

Repórter — Pra você, o que é o orgasmo?

Altino — É a felicidade, é o coroamento do amor.

Repórter — Toda vez que você mantém relação sexual você chega ao orgasmo?

Altino — Toda vez.

Repórter — Com sua mulher também?

Altino — Também. Mas aí é outra coisa, é uma satisfação física.

Repórter — Mas não é o coroamento do amor?

Altino — É, mas é do amor sexual.

Repórter — (para a mulata) Ele está dizendo a verdade?

A mulata — Isso a gente vai ver agora.

Maria de Lourdes, 32 anos, três filhos, moradora de uma favela de Botafogo, lavadeira, dona de casa, esposa, diarista, infeliz.

Repórter — Lourdes, você é casada há quantos anos?

Lourdes — Catorze.

Repórter — Você acha que a atividade sexual é fundamental para a sobrevivência do casamento?

Lourdes — Acho.

Repórter — Você se sente sexualmente realizada como mulher?

Lourdes — Não.

Repórter — Acha que um bom relacionamento sexual é indispensável para uma pessoa ser feliz?

Lourdes — Acho.

Repórter — O que é mais importante: a afinidade sexual ou a afinidade de idéias, o companheirismo, os gostos, a compreensão, etc?

Lourdes — Ah, o sexo, não é?

Repórter — Você sabe o que é o orgasmo?

Lourdes — Não senhor.

Repórter — É o momento em que o relacionamento sexual chega ao máximo, é o gozo. O que é o gozo, na sua opinião?

> "O importante é a participação, são as sensações, não o orgasmo".

Lourdes — É quando a pessoa se sente bem, sente feliz. É um prazer que a gente não esquece nunca.

Repórter — Você acha a mulher brasileira muito complicada?

Lourdes — Ah, ainda tem muita mulher atrasada. Tem muita mulher aí que não sabe nem o que é sexo. Eu conheço mulher que não fica despida na frente do marido até hoje porque acha que não está certo. Meu marido, por exemplo, ele não fica. Eu nunca vi ele se despir na minha frente.

Repórter — Nem quando você faz amor com ele?

Lourdes — Não. Se eu olhar de repente, assim, ele se ajeita e não fica.

Repórter — Mas você, quando mantém relação com ele, se despe, não?

Lourdes — Eu não, só de camisola.

Repórter — Como assim?

Lourdes — E as crianças? Eu tenho três filhos. Então, sempre foi assim. Quando eu casei eu tinha o meu cunhado que morava junto, também. Então não dava. Então isso já vem desde o início. Eu acostumei. Quem tem filho, como é que vai fazer? Lá tem família que mora o pai, a mãe e a filha e dorme na cama de casal os três, por falta de lugar.

Repórter — Você é feliz?

Lourdes — Eu não.

Uma dona-de-casa de Copacabana, casada há 12 anos, mãe de um filho, acha que o sexo é conversa para homem. Na saída da padaria ela reluta um pouco. Depois aceita o desafio da entrevista.

Repórter — Pra senhora, o que é o amor?

Senhora — É a mola do mundo, a vida, a fraternidade, o olhar o próximo como a si mesmo, tudo é amor.

Repórter — O sexo também?

Senhora — Isso é conversa pra homem.

Repórter — A senhora acha que a mulher não deve se preocupar com esse tipo de questão?

Senhora — Que entrevista avançada, hein?!!

Repórter — A senhora disse que tudo é amor. Então, sexo também é amor, não?

Senhora — É, de certa forma também é.

Repórter — A senhora se sente sexualmente realizada?

Senhora — sim.

Repórter — O que é o orgasmo para a senhora?

Senhora — Não sei. Não acredito que as mulheres sintam essas coisas como os homens. Nunca senti isso.

Iracema ("bota aí 39 anos") é a prostituta mais antiga no ponto da esquina da avenida Mem de Sá com rua Tenente Possolo e uma das mais antigas da Lapa. Cabelo acaju, short branco, unhas grandes e vermelhas, bem pintada, extremamente simpática.

NÃO, NUNCA SENTI.

Repórter — Há quantos anos você trabalha aqui?

Iracema — Acho que há uns 23 anos.

Repórter — O que você fazia antes de vir para cá?

Iracema — Eu era professora primária, formada bonitinha de azul e branco ali no Instituto de Educação, na Tijuca. Sabe onde é? Hoje eu vivo sozinha. Não amo ninguém. O homem que vive com mulher da vida só pensa em explorar e eu tenho um filho de 17 anos que já me explora bastante.

Repórter — Você já amou alguém?

Iracema — Já. Tive uma decepção muito grande. Decepção, vergonha, humilhação, mau-trato. Essa infelicidade foi há uns oito anos. Também não quero mais ter amor por ninguém. Isso é uma ilusão. Dar lucro a homem? Jamais, em tempo algum.

"Sabe o que é a pororoca? Faz assim: tchibum, tchuá. É isso".

Repórter — E como você faz para se satisfazer como mulher?

Iracema — O freguês é o interesse monetário. Com a grande maioria eu não sinto absolutamente nada além de desprezo. Quando tem alguma simpatia, a gente se realiza.

Repórter — O que é o orgasmo para você?

Iracema — É uma coisa muito séria e gostosa ao mesmo tempo. É a dedicação de um ao outro. No meu caso é pura necessidade.

Rosa, universitária, 23 anos ("só isso")

Repórter — O que é o orgasmo pra você?

Rosa — É a paz.

Repórter — O que você pensa nessa hora?

Rosa — É o vazio, não penso.

Repórter — O que você sente então?

Rosa — Sabe o que é uma pororoca? É assim: faz tchibum, tchuá. É isso, eu acho.

Repórter — Toda vez?

Rosa — Não.

Repórter — É fundamental?

Rosa — Não. Mas se eu nunca tivesse um orgasmo, acho que seria muito ruim.

Repórter — Quantas vezes, durante uma relação?

Rosa — De zero a quatro, eu acho, se isso tem importância.

Repórter — Acha que o amor é fundamental numa relação sexual?

Rosa — Não. Mas acho que com amor é muito mais satisfatório. Para um homem, acho que a coisa se passa de maneira diferente. Se ele não chega ao orgasmo toda vez, entra em pânico, por causa do machismo que há por trás dele. É um fardo que a mulher não carrega.

Repórter — Você acha que a mulher brasileira tem alguma dificuldade?

Rosa — Eu não sou "a mulher brasileira", mas uma mulher brasileira. Mas acho que quem mais sofre, quem tem mais dificuldades para o orgasmo, é a mulher de classe média. Ela vive em constante contradição, entre dois mundos.

Um casal de classe média, 26 a 24 anos, recém-separado, recém-voltando a viver junto. Moram na Ilha do Governador.

Repórter — Vocês acham que a atividade sexual é fundamental para a sobrevivência do casamento?

Ela — É. É importante, mas às vezes tem aquelas coisinhas, né? Mas é importante.

Repórter — O que você quer dizer com "aquelas coisinhas"?

Ela — Aqueles períodos em que a gente fica parada, desinteressada.

Ele — É claro. Sem dúvida nenhuma.

Repórter — Vocês se sentem sexualmente rea-[redacted]

Ambos — Sinto.

Repórter — O que é mais importante: o bom entendimento sexual ou o de idéias, o espiritual, por assim dizer?

Ele — Os dois em comum.

Ela — Também acho os dois.

Repórter — O que é o orgasmo?

Ela — Olha, eu não...pra começar, o sexo, pra mim, não precisa... eu posso manter uma relação e não chegar ao orgasmo, sabe, e ficar satisfeita. O orgasmo pra mim é a plenitude a que você chega.

Ele — O orgasmo seria o prêmio, o máximo, por uma pessoa dar tanto de si.

Repórter — Na sua opinião, atingir o orgasmo é fundamental?

Ele — É.

Ela — Não.

Repórter — Você tem dificuldade para atingir o orgasmo normalmente?

Ela — Não uma dificuldade porque, eu não sei, já disse pra você, não é tão importante pra mim. O importante é a participação, são as sensações. Se você não tem o orgasmo, não é dizer que não foi legal. Claro que foi.

"E as crianças? Tenho 3 filhos. Quem tem filho, como vai fazer?"

Elvira Vigna

Márcia tem 19 anos, tem um filho. Seu marido trabalha e ganha salário mínimo. Mora na Avenida Mem de Sá e prostituiu-se há dois anos. Trabalha na esquina da Rua Frei Caneca com Mem de Sá.

Repórter — Seu marido não liga para o fato de você trabalhar na rua assim?

Márcia — Não. Foi ele quem me botou na rua pra fazer a vida. O dinheiro não dava, aí eu disse que ia fazer a vida. Ele não queria, mas depois aceitou.

Repórter — E como é que ele ficou depois que você voltou pra casa no primeiro dia?

Márcia — Ficou satisfeito. Eu levei dois mil e duzentos cruzeiros. A gente nunca tinha visto tanto dinheiro junto.

Repórter — Você sabe o que é o orgasmo?

Márcia — Não. (depois da explicação) Ah, sei.

Repórter — Você chega a ele com os seus fregueses?

Márcia — Não, só com o meu marido.

Repórter — Por quê?

Márcia — Ah, a gente só goza com quem gosta. Com freguês a gente quer é dinheiro.

Zélia Rodrigues Viana, 46 anos, costureira durante o dia. À noite faz ponto na esquina da Rua Tenente Possolo com Mem de Sá.

Repórter — Você tem alguma profissão fora essa?

Zélia — Sou costureira. Mas como o dinheiro não dá eu venho pra cá. Costurando, eu tiro três ou quatro mil cruzeiros por mês, mas eu pago aluguel, mil e 600, tenho um filho de 17 anos que trabalha mas ganha pouco, 700 cruzeiros, então não dá.

Repórter — Você sempre complementou assim o seu dinheiro?

Zélia — Eu fazia a vida. Depois eu saí, casei. Depois me separei. Depois eu voltei. Somando tudo, há uns seis anos nessa vida.

Repórter — O que é o orgasmo, pra você?

Zélia — É a coisa mais maravilhosa do mundo. Nessa hora eu acabo sempre chorando. Chorando por estar gozando sempre com o homem errado, com o homem que não amo. Eu queria estar com o homem que eu amo, mas não posso. Por isso, eu choro. Nem sei se é de prazer ou é de revolta. Depois dá uma tristeza sem fim. Tristeza de ter que sujeitar a todo tipo de homem. É um dinheiro chorado, amaldiçoado. Se deus quiser, em 79 eu não faço mais a vida porque vou me aposentar como costureira.

Telmo Luís Wambier

São só quatro dias de histeria

Para a grande imprensa, o carnaval é "a maior festa pagã do mundo". Para os puristas, um espetáculo subvencionado pelo Estado para atrair turistas. Mas, quem observar atentamente o comportamento das pessoas nos grandes bailes, verá que o carnaval é um intervalo de histeria num cotidiano reprimido. Ou seja, um grito de quatro dias no meio de um ano de silêncio. É isto que aparece nestas "fotos proibidas", fotos que nenhum jornal quis publicar.

A. Cavalcanti

Prêmio ofi(: o camaroto [illegible] Faria Li.

A. Cavalcanti

Prêmio de fantasia para casais. Baile da Cidade, no Canecão

Gilson Barreto

Primeiro prêmio na categoria [illegible] Baile do Monte Líbano

Gilson Barreto

Prêmio umbigo de ouro

ALCYR CAVALCANTI

As ruas fedem,
a polícia faz chantagem,
o Estado bota fogo,
as prostitutas reclamam:

É UMA ZONA

O Mangue está no fim. A maior parte da sua área foi demolida e incendiada, a mando do governo do Estado, para dar lugar ao Centro Administrativo do Rio de Janeiro. Para onde vão as mulheres? Nem elas mesmas sabem. Acostumadas a suportar a violência dos policiais, a concorrência dos belos travestis e o apetite dos fregueses, elas reivindicam o direito de continuar batalhando. Suas denúncias, acusando mais de 200 policiais civis e militares de suborno formaram o "projeto Mangue", um inquérito sigiloso onde disseram que eram obrigadas a pagar 10 mil cruzeiros por mês aos policiais para manterem as casas abertas. Pagando impostos como manicuras e cabeleireiras, elas se dizem dispostas a fazerem valer seus direitos como cidadãs e dizem até que gostariam de ser recebidas pelo governador Faria Lima.

O céu escurece de repente. O calor desaparece. Um temporal desaba na zona e dura pouco, mas é suficiente para refrescar o ambiente. Uma mulata de biquini florido e sapato alto dá um pulo para a calçada e outro dentro da casa. No meio do movimento do corpo ela fala alto, alertando:

— Olha o São Pedro! Olha o São Pedro!

São cerca de mil mulheres se espremendo nas casas não atingidas, procurando abrigos em quartos improvisados, aumentando a promiscuidade.

Muitas delas tiveram seu local de trabalho destruído pelo fogo e foram ganhar a vida nos 39 prostíbulos que sobraram na Rua Júlio do Carmo e parte da Machado Coelho. As demolições se sucedem e o medo cresce.

— Nós queremos um lugar que não seja vergonha pra eles. Nós compramos. Eles não precisavam botar fogo nas nossas, casas, Agora, o jeito vai ser todo mundo baixar na Cinelândia e Vieira Souto.

Sentada no sofá remendado, de bobes na cabeça e ar bonachão, quem fala é "Leda", Léia Ferreira Santos, ruiva, 35 anos, mãe do terceiro filho nascido há um mês. Ela perdeu 570 mil cruzeiros no fogo que destruiu as suas sete casas onde trabalhavam mais de 300 mulheres. Nos fins de semana, esse número aumenta consideravelmente: são as balconistas, empregadas domésticas, cabeleireiras e manicures que vão se vender para aumentar a renda de seus salários mínimos.

O inevitável fim do Mangue é acompanhado com interesse pelos seus marginalizados habitantes. O rádio ligado está num canto da sala, ao lado de uma televisão grande, das antigas. Nas paredes, fotos de artistas de novela e imagens de São Jorge e São Sebastião, protetores do lugar. Mulheres semi-nuas fazem fila desde a rua até uma cortina de fitinhas de plástico coloridas que divide a sala dos quartos. Os encontros duram de dez a quinze minutos de um amor fabricado num espaço que mal dá para a cama de solteiro, uma cadeira e a cesta pra jogar papel higiênico.

— Se o mangue acabar, todo este povo daqui vai sair assaltando.

— É de estarrecer que nesta cidade do Rio de Janeiro, tida como um dos centros culturais do país, fatos como este aconteçam impunemente, em flagrante violação a um dos direitos fundamentais do ser humano: o direito de moradia.

Este é um trecho da carta levada por uma comissão do Centro Brasileiro da Mulher ao governador Faria Lima. Uma cópia da carta chegou às mãos de Léia, que disse: — "Nós também temos direito de morar. Se precisar, eu vou lá no palácio. Quero ver o governador me receber".

O despejo trouxe como conseqüência a violência. São quase 200 homens que vivem marginalizados dentro da zona e disfarçam esta condição fazendo pequenos serviços de carpinteiro, pedreiro, lavando o chão, vendendo café, churrasquinho, desodorantes, perfumes, perucas e roupas.

— Já pensou esses homens todos sem saber onde arranjar dinheiro, o que eles vão fazer?

O Mangue já foi nobre. Ficava no caminho por onde passava D. João VI rumo à sua casa na Quinta da Boa Vista. Com os aterros, ganhou novas ruas e moradores ilustres, como o Barão de Capanema, Visconde de Belfort e Baronesa de Gurupi. Nas primeiras décadas deste século virou zona de baixo meretrício. No fim da Segunda Guerra, chegou a ter quase 10 mil mulheres entre russas, polonesas, argentinas, paraguaias e francesas legítimas ou falsificadas. No ano passado, o Metrô demoliu uma área de 120 hectares abrangendo todo o Mangue e parte do bairro do Catumbi, além de faixas adjacentes à Avenida Presidente Vargas e o trecho que fica entre as praças Onze e da Bandeira. Ali surgirá brevemente a Cidade Nova, o Centro Administrativo do Rio de Janeiro, onde se localizarão todas as repartições estaduais, áreas habitacionais, núcleos de comércio, ensino, saúde, esportes e 3.780 metros de galerias e três estações do Metrô. A área receberá cerca de 60 mil habitantes.

— Hoje, o que estraga a zona é a concorrência das bichas. Tem umas que são bonitas mesmo. E outras são as tendinhas aqui dentro. Os homens vêm para cá e bebem todo o dinheiro de cachaça. Depois ficam pechinchando.

Quem fala é Maria José Saturnino, de 25 anos, a "Diva".

Debruçadas nas janelas, as mulheres mais velhas, lambuzadas de talco, pó de arroz, ruge e batom, têm o seu lugar assegurado pela antiguidade. São as que conseguiram um **status** maior como dona de "casa" ou "gerente". No quadrado das janelas, parecem saídas de um filme de Fellini. O colorido dos cosméticos não esconde as rugas e deformações do corpo gasto e suado.

"Sílvia", 55 anos, "gerente", trabalha para "Leda". Tem três filhos, todos estudantes. Ela diz que os filhos acreditam que ela trabalha numa boate como cozinheira. Está na vida desde os 14 anos. Morena, gorda, avental

branco com um bolo de dinheiro amassado nos bolsos, é chamada de "Tia Sílvia" pelas "meninas".

— Se a gente for expulsa daqui, como é que o operário do Metrô vai poder pagar a mulher e mais o hotel?

Os preços variam entre 40 e 60 cruzeiros, podendo aumentar quando o "freguês" é exigente. Só as mais antigas lembram o tempo em que o amor era feito por cinco mil réis. Havia até uma pratinha que ficou famosa nos anos trinta com o nome de "voando para o Mangue".

A cada entrada nos quartos de lençóis manchados, encardidos e fedidos, a mulher acompanhada avisa a "gerente". Depois, sai enrolada numa toalha e deixa 10 cruzeiros para a a cafetina.

A chuva diminuiu e, com ela, o ritmo dos passos cambaleantes, angustiados de uma mulher que dança no cruzamento da Rua Júlio do Carmo com Machado Coelho. Pelo rosto suado de Maria Pelé escorrem restos de maquilagem que se confundem com a pintura das casas desbotadas. Esta é a fronteira do baixo meretrício que, no ano passado, tentou se fixar do outro lado da Avenida Presidente Vargas, em outras casas arrendadas na época por preços que variavam entre 40 e 70 mil cruzeiros. O Metrô chegou, ameaçador, e a alternativa foi atravessar de volta a Avenida e se espalhar pelas ruas que ainda existiam antes de chegarem as pás e britadeiras.

— Tive um prejuízo de 40 mil com o fogo e fiquei sujeito a entrar em cana por vadiagem. Hoje, mesmo, um polícia quis me botar no camburão. Implorei para não entrar. Quando eu tinha aqui o meu negócio, uma barraca, eles vinham até do inferno pedir dinheiro. Foi só acabar com a a "boca" pra eles apelarem.

O medo e a desconfiança na autoridade desacreditada fazem com que o homem se esconda atrás de sua identidade. Tem 40 anos, 25 dos quais passados na zona, tirando os oito que esteve internado no Pinel.

— Dei muito trabalho à polícia. Me dava uma coisa na cabeça, ficava nervoso e quebrava tudo. Precisava de seis homens pra me segurar. Agora estou bem. Tem mulher por aí que me viu rastejando e se orgulha de me ver hoje bom da cabeça.

Ele lembra a denúncia que Marta Bernardino e Rita dos Santos, ambas "donas de casas" fizeram no ano passado, acusando mais de 200 policiais civis e militares de suborno e corrupção. As duas disseram que eram obrigadas a pagar 10 mil cruzeiros aos policiais da 6.ª Delegacia Policial, das delegacias de Vigilância e Homicídios, a patrulhas e rondas da PM para manter as casas abertas. O nome dos beneficiados e a quantia paga a cada um estão anotados num caderno escolar entregue ao delegado.

No seu livro "Prostituição — uma visão global", o delegado Armando dos Santos Pereira, bacharel em Jornalismo, Direito e Sociologia descreve a época iluminada do bairro nos anos 30:

— Ao longo das ruas Júlio do Carmo, Afonso Cavalcante e Benedito Hipólito, havia uma feira de línguas e dialetos, um entrecruzar de serviços, caftens a espreita, malandros na tocaia, policiais sonolentos e aborrecidos, marinheiros em aventuras, fregueses que entram e saem aliviados ou não, gritos de femeas, insultos e convites obscenos, corpos semi-nus assomando à porta, invertidos que agarram indecisos, mulheres levando-os quase arrastados para a alcova. No ar impregnado de odores desinfetantes, de comida rançosa, éter e álcool, algo assim como uma atmosfera de pré-temporal, elétrica e desconfortante, mas sumamente excitante".

Apesar da descrição empolgada, o delegado

O amor é comprado a 40 cr

Armando Pereira diz que não permitirá de maneira nenhuma a permanência das mulheres que ameaçaram invadir a cidade, sobretudo a Cinelândia, que está sob controle da sua delegacia. Tendo trabalhado de 1967 a 1972 na 6.ª Delegacia Policial, na área do Mangue, o delegado colheu material para o livro: "Mulheres Deitadas", onde conta as histórias de Beatriz, Nilza, Suely, Dolores, Deise e Maria Goiaba.

Perto da zona o clima muda: ruas cheias de buracos e cheiros que provocam náuseas. No meio do lixo retirado por um trator do 1.º Distrito de Obras cujo responsável só dá entrevista mediante pagamento, duas meninas e um menino vasculham o monturo procurando algo de valor. São pedaços de ferros, e outros objetos que o fogo não conseguiu destruir por completo.

O relógio da Central marca 18 horas. Os operários do Metrô vão deixando o canteiro de obras e enchem a zona de capacetes. A rua Júlio do Carmo é uma feira de luzes e gente. Os alto-falantes espalham as vozes de Nelson Gonçalves, Evaldo Braga, Jamelão, Carlos Alberto, Altemar Dutra, Paulo Sérgio (o que imitava Roberto Carlos) e do próprio Roberto. Odair José continua ídolo das que têm esperança de sair dali: E "Eu vou tirar você desse lugar/ não importa o que os outros vão pensar". Atualmente, desponta nas paradas da zona a música de César Sampaio: "Secretária da beira do cais".

— Sempre dizem que a zona vai acabar. Mas desta vez eu estou acreditando. Pra onde as mulheres forem eu vou, pra segurar meu ponto.

A enorme cicatriz no pescoço de Maranhão (vendedor de refrigerante e cachorro quente) deixa qualquer um constrangido. Um homem alto, forte e calvo dirige um camburão que passa pela Júlio do Carmo. Dá uma parada. Atendendo o chamado, vem de dentro da casa n.º 479, uma moça de calcinha e sutiã que se debruça sorridente no carro da polícia.

Com os cabelos oxigenados armados em caracóis, "Leda" assiste a novela na casa do travesti "Mavi". Nos intervalos, a conversa gira em torno das desapropriações. As luzes coloridas aumentam o clima falso e exótico da sala. Com uma saia preta rendada e uma blusa vermelho álacre, "Leda" diz que não come há três dias, preocupada com a situação:

— Passei 15 anos cozinhando dia e noite para o pessoal da zona. Juntei dinheiro e, quando começou a demolição, fiz da minha casa um negócio. Dei azar, perdi um dinheiro. Mas eu me viro bem. Pra onde for mulher, homem vai atrás.

Silhuetas de mulheres aparecem no meio da escuridão. Elas trabalham por conta própria e muitas vezes servem de iscas para os assaltantes. Quem aceitar o convite corre o risco de sofrer um "suadouro". A mulher leva o freguês para um lugar onde um ou dois homens o assaltam. Segundo um policial da 6.ª Delegacia, esta prática tem aumentado bastante. "Com o desalojamento, a mulher tem de se virar de qualquer maneira, em qualquer lugar. Não tem pra onde correr. Elas vivem disso, têm de faturar".

As luzes cintilam dentro das casas, as músicas passeiam no ar. Maria Pelé, com as roupas ainda úmidas de chuva, pede que alguém lhe pague uma cachaça. Os homens de olhares ternos, agressivos, sensuais, brilhantes, comprometedores, sacanas, disputam a mercadoria de carne e osso.

— Cafetão já era. Se tá difícil da gente se arrumar sozinha, ainda vamos dar pra homem? De jeito nenhum. Tem "mulhas" aí que são otárias, ficam querendo se mostrar com os seus machos e enchem os caras de camisinha, sapatinho pra ficar bonito e tirar uma onda aqui dentro...

Gesticulando muito, quem diz isto é Suely Ferreira Gonzaga, 30 anos e aparencia de 40. Seus olhos estão muito vermelhos e ela continua falando sem parar, zangada.

— Pode por meu nome todo aí. Não tenho medo de nada e tem mais, vou coçar e "arrepiar". Com três filhos pra sustentar tenho de me virar de qualquer jeito.

TIM LOPES

"Pobres, trágicas mulheres
Multidimensionais
Ponto-morto dos choferes
Passadiços de navais
Louras, mulatas francesas
Vestidas de carnaval:
viveis a festa das flores
Pelo convés dessas ruas
Ancoradas no canal?
Para onde irão vossos cantos
para onde irá vossa nau?"

Vinicius de Moraes, "Balada do Mangue".

Eles sentem mais prazer?

Ser homossexual é enfrentar os preconceitos e a repressão social. Ou ele se expõe abertamente ou se esconde como pode. Como se sente ele em relação a isto e ao orgasmo? Eis aqui 3 depoimentos e um artigo de Aguinaldo Silva, jornalista e escritor.

Marcelo C., guarda ferroviário: não tem a sensibilidade no trato com os passageiros dos trens suburbanos da Central do Brasil, que sua história parece revelar. Ao contrário, ele adota, em relação às pessoas a quem geralmente espanca ou detém, a atitude que lhe foi ditada pelo sistema: acha que a culpa é sempre dos passageiros, que insistem em andar pendurados nas portas e janelas e em cometer outras irregularidades. Rechaça, indignado, a insinuação de que é homossexual ("ainda que ativo"); na verdade, só fala de sua experiência após uma apresentação especial, feita por um velho amigo:

— Hoje em dia eu me pergunto como é que pode, como foi que eu pude descer tanto, mas o fato é que quando eu tinha 19 anos me apaixonei por uma bicha. Se não fosse meu irmão, que era mais velho que eu e descobriu tudo, eu estava perdido. Acontece que tudo começou como uma simples aventura, eu era um garotão, mas depois a gente ficou se encontrando, ia para o hotel, depois ele alugou um quarto e eu passei a dormir lá sempre que podia. Minha família soube de tudo, meu irmão contou, foi um inferno. A gente ficava fazendo planos, de fugir, ir pra São Paulo, a gente ficava na cama todo o tempo. (...) E é isso o que eu procuro até hoje nas pessoas, nas mulheres, aquela sensação, acho que é porque eu tinha 19 anos e nessa idade deve ser tudo diferente, vai ver que (...) Ele foi embora sozinho pra São Paulo, meu irmão deu uma surra nele, minha mãe teve que ser hospitalizada, aí eu voltei pra casa, hoje parece até ridículo dizer isso, mas naquela época eu queria morrer. Jurei a mim mesmo, nunca mais, porém é como se eu tivesse secado, sabe como é? Nunca mais senti a mesma coisa de quando a gente ia pra cama, acho que era isso: amor. (...) Mulher? Pra mim é apenas objeto sexual. Mulher é burra. Naquela época a gente conversava a noite inteira, atravessava a madrugada, tinha sempre assunto. Com mulher isso não é possível. (...) Minha mãe sempre pergunta: "quando é que você vai constituir família?" Um dia eu me caso.

Roberta F., 31 anos, "artista". Submeteu-se a duas operações nos Estados Unidos, e agora está tentando alterar os documentos, na parte relativa ao sexo (um despachante prometeu fazer isso em troca de Cr$30 mil). Nota-se nela uma preocupação quase histérica em deixar bem claro que é feliz, e em lembrar a perseguição que sofria em casa e na rua, quando era "apenas uma boneca louca".

— Meu pai me disse: "eu não aprovo o que você fez, mas compreendo". Quando eu era bicha ele não saía na rua comigo nunca, tinha vergonha. Agora a gente vai almoçar fora, ele me apresenta aos amigos, diz, "essa é Roberta, minha filha, ela estuda artes plásticas em Paris". E os homens que me paqueram na rua? É divertido, eles pagam as contas, eles dizem "gostosa, boazuda", e eu faço exatamente como as mulheres nessas situações: baixo a cabeça, apresso o passo, finjo que estou envergonhada. (...) Para uma boneca não pode haver sensação maior: sentir que está sendo penetrada por um homem, e que aquele homem imagina que aquela carne, aquela textura é uma mulher. Gozo mil vezes só de sentir isso, só de ler isso nos olhos do homem enquanto ele me penetra (Uma pergunta que Roberta F. repudia indignada: "**você não está confundindo orgasmo com agonia?**") (...) E depois, esse negócio de você ser tratada como gente: a mulher é superior, consegue tudo o que quer.

César B., 33 anos, economista. Vive há quatro anos com **Francisco C.A.S.**, 35 anos, bancário. Declaram-se "amantes fiéis, com algumas traições eventuais", todas sem nenhuma importância e sempre confessadas ao parceiro. Dividem, na casa, as despesas e a cama de casal. Levam uma vida metódica que inclui o amor praticado religiosamente aos sábados ("o improviso durante a semana é cada vez mais raro", César se queixa. E Francisco lembra que não há paixão que resista a quatro anos de vida em comum). É César quem fala:

— Quando conheci Francisco eu já estava noutra. Mas no começo eu fazia como todo homossexual, ia pra rua, pegava garotos, pagava. Depois vi que isso não fazia sentido: o amor era mal feito e depois a única coisa que ficava era o sentimento de culpa. Eu queria algo mais: queria amizade, companhia. (...) Às vezes eu pergunto se a nossa vida não é **normal** demais, muito **papai-com-mamãe**, isso me assusta um pouco. De vez em quando me dá vontade de ir à caça, isso de ser caçador está no sangue, a gente nunca esquece. Mas é aqui em casa, é na nossa cama que a gente se realiza pra valer. (...) Essa história de ativo e passivo é meio problemática, mas a gente troca de posição com frequência, no começo a gente experimentou muito, a gente ficava se descobrindo, a gente curtia.

O orgasmo antes da revolução

Para começo de conversa, em se tratando de orgasmo, é preciso pôr as coisas no lugar: as pessoas devem ser informadas, primeiro, de que o homossexualismo, na verdade, é uma disposição **emocional** (atenção: não é uma doença, nem uma perversão, isso já ficou estabelecido pelos especialistas) que leva ao contato próximo e íntimo entre pessoas do mesmo sexo, contato esse que pode ou não ser expresso sexualmente. Portanto, a idéia de que os homossexuais só pensam em sexo deve ser de saída afastada, e isso nos levará imediatamente a um conceito muito mais amplo do que seja homossexualismo: ele abrange, inclusive, algumas formas bastante viris de amizade masculina.

Dito o que, é bom lembrar que o orgasmo homossexual está diretamente relacionado com o orgasmo do sexo a que o homossexual pertence, já que só existem dois sexos, e o homossexual obrigatoriamente pertence a um deles, quando é homem, ou quando é mulher. E então se pergunta: o que se sabe sobre o orgasmo masculino? Para a maioria das pessoas, e principalmente para o bem-estar e a tranquilidade da sociedade machista em que vivemos, ele é uma coisa que começa e termina na ejaculação, e é o momento culminante de um ataque (o pênis é uma arma) cujo único objetivo é a vitória, ou seja, o gozo e a consequente humilhação daquela que se deixa possuir, a dominada, a mulher. E esta? O que se sabe sobre o seu gozo? Até hoje não se chegou a uma conclusão sobre a forma através da qual a mulher chega ao orgasmo. Tanto se disse que um dos elementos essenciais de sua natureza é o recato, que à mulher não coube outra saída senão estabelecer em torno de si uma zona de sombra em cujo ponto mais obscuro está a sua forma de prazer.

E como ficam os homossexuais de ambos os sexos, se a sociedade machista, nesse sistema todo, também lhes impõe um lugar? A eles cabe, ainda que grosseiramente, parodiar o sistema, participar de uma farsa grotesca cujo objetivo maior é barrar o caminho que os levaria à liberdade individual: sobre o orgasmo eles sabem apenas os dogmas que a sociedade machista impôs, ou seja, eles aprendem desde cedo — como a mulher — que o sexo é uma batalha da qual forçosamente sairão derrotados. O que pode salvá-los, talvez, é o fato de que seu mundo emotivo tem uma intensidade especialmente grande, e por vários motivos. Um deles: a constatação de que eles são uns excluídos e, segundo critérios superados mas ainda válidos, uns párias.

Chega-se assim a uma conclusão: como caricatura da caricatura do que seria um ser humano, o homossexual goza mal; o mesmo ocorre com os machões, que renegam todo o longo caminho que leva ao detalhe da ejaculação; e pior ainda com a mulher, cuja sexualidade foi sempre observada a partir de um ponto de vista estritamente masculino (Charlotte Wolff, da Associação Britânica de Psicologia: "A mulher, tal como hoje a conhecemos, é essencialmente um artifício, a não ser nas regiões onde a civilização mal roçou a superfície da vida. O senso de propriedade, que atinge o auge no capitalismo, amoldou o aspecto e o comportamento feminino no mundo ocidental").

A moral da história é que todos nós estamos muito longe do orgasmo redentor. Uma senda para se chegar até lá? Talvez seja o fato de que a única maneira de obter a igualdade e o progresso nos relacionamentos humanos e através da expressão franca da natureza bissexual de todo homem e mulher. O erro do homem foi que até hoje ele não levou em conta que essa deveria ser, obrigatoriamente, a base de toda e qualquer revolução.

Aguinaldo Silva

OTTO MARIA CARPEAUX

O discurso mais violento

Quem teria a coragem de fazer este discurso em pleno 1968? É a pergunta que faz Marcos de Castro, que nos trouxe esta conferência do professor Otto Maria Carpeaux feita no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais do Rio de Janeiro, no começo de 68. O ministro da Educação a que ele se refere é Tarso Dutra e o coronel é Meira Matos.

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO — 17 DE JANEIRO DE 1968

Formandos de Filosofia, História e Ciências Sociais.

Numa solenidade como esta, de formatura de estudiosos de filosofia, de história e das ciências sociais, em presença dos pais e parentes dos formandos e dos seus colegas e amigos, costuma-se observar certo ritual cerimonioso: o paraninfo e o orador da turma, dirigindo-se aos presentes, tem de apostrofar, em primeira linha, as altas autoridades. Hoje, o orador deveria iniciar mais ou menos assim o discurso: "Sr. Ministro da Educação e Cultura! Magnífico Reitor da Universidade Federal do Rio de Janeiro! Excelentíssimo Sr. Diretor da Faculdade de Filosofia!"

Assim se pensa. A presença dessas altas autoridades responsáveis pela cultura e pelo ensino superior no país seria presumível. Pois o sr. ministro da Educação e Cultura é titular de uma pasta cujo próprio nome impõe ao detentor dela certo interesse pelos estudos de filosofia, de história e das ciências sociais no país. E o magnífico Reitor da Universidade Federal do Rio de Janeiro deveria estar presente porque foi nomeado para cuidar inclusive dos estudos filosóficos, históricos e sociológicos na instituição a ele confiada. E deveria estar presente o excelentíssimo sr. diretor da Faculdade de Filosofia, chefe do estabelecimento de ensino superior no qual dedicastes anos ao estudo daquelas disciplinas, formados, agora, sob os auspícios do diretor, do reitor e do ministro.

O eminente sr. ministro da Educação e Cultura está ausente porque a filosofia não lhe fornece subsídios para seus trabalhos de cabo eleitoral no Rio Grande do Sul. O magnífico Reitor da Universidade Federal do Rio de Janeiro está ausente porque não lhe importa a história do passado e, sim, apenas, o futuro de sua carreira. E a ausência do excelentíssimo sr. diretor da Faculdade de Filosofia explica-se porque as ciências sociais lhe inspiram bem conhecida repugnância. O pretexto fútil da ausência desses três digníssimos dignitários é o desmembramento da Faculdade de Filosofia, da qual hoje os estudos de filosofia, história e ciências sociais representam apenas um fragmento. Ausentando-se da solenidade de hoje, o ministro, o reitor e o diretor desmentem a velha lenda de que o criminoso costuma voltar ao lugar do crime. Porque o ministro, o reitor e o diretor foram cúmplices daquele desmembramento, daquele ato de mesquinha vingança contra os estudantes mais corajosos e mais altivos deste país. Ato de vingança, digo. Pois não ouso aventurar a hipótese de que o ministro, o reitor e o diretor se ausentaram desta reunião porque a presença de tantos estudantes lhes mete mêdo.

Em todo caso: já que o eminente ministro, o magnífico reitor e o ilustre diretor têm poucas oportunidades ou poucas possibilidades de brilhar pela sua educação e sua cultura, êles abrilhantam nossa reunião de hoje pela sua ausência. Em vez de reverenciar o futuro da Filosofia, da História e das Ciências Sociais no Brasil, preferiram reverenciar a fôrça bruta que defende e impõe a êste desgraçado país as obsoletas estruturas sociais do passado. O ministro, o reitor e o diretor estão, no dizer do poeta, "profundamente deitados", porque, em vez de usar as armas do espírito, manejam as escovas e a flanela.

Tanto melhor. Estamos entre nós. Não nos constrange a presença desses títeres da ditadura militar que acaba de instalar-se nas Universidades brasileiras. Vamos falar com franqueza.

Formandos! Acumulastes, durante anos de estudo, vasto cabedal de conhecimentos. Mas acredito não errar, afirmando que parte considerável do vosso esforço foi trabalho de autodidatas. Pois a Universidade brasileira, assim como ela hoje é, não é capaz de satisfazer a vossas justas exigências nem às necessidades da vida cultural brasileira. Todo mundo sabe disso. Que fazer? Por mais estranho que pareça, estou nesse ponto de acôrdo com o falecido ministro Flávio Suplicy de Lacerda, que declarou desnecessária a reforma universitária. Realmente, as Universidades brasileiras não precisam de uma reforma, mas de uma revolução.

A revolução universitária brasileira teria principalmente quatro problemas para resolver. Primeiro, estimular a pesquisa científica e a transmissão dos seus resultados, selecionando com métodos novos os professores e dando-lhes o prestígio que merecem em todos os países civilizados e garantindo-lhes a independência material, pelo pagamento de ordenados condignos. Segundo, abrir largamente as portas das Universidades, aumentando o número de estudantes até aquela dimensão que o desenvolvimento do país exige. Terceiro, integrar na vida acional a Universidade brasileira, hoje alienada por uma rotina escolástica que não sabe e não quer saber dos problemas e das necessidades do Brasil. Quarto, conferir à Universidade brasileira uma verdadeira autonomia, que não deve limitar-se a mesquinhos assuntos administrativos, mas tem de garantir a liberdade da cátedra e a liberdade de estudar, respeitando o corpo docente e respeitando os estudantes, que são cidadãos em pleno gozo dos seus direitos políticos.

Eis o que deveria realizar no Brasil a necessária e inadiável revolução. Mas o movimento militar que no Brasil usurpou o nome de revolução fez e está fazendo o contrário de tudo aquilo.

Em vez de abrir as Universidades aos filhos do povo, nossos governantes pretendem transformá-las em instituições fechadas, só acessíveis aos grupos privilegiados que têm a ousadia de chamar-se elites. Exige-se o pagamento de anuidades crescentes, começo da transformação das Universidades em fundações autofinanciadas, idéia bem própria da mentalidade de quem se chama grande economista e não passa de contabilista a serviço dos trustes estrangeiros; mas é significativo o fato de que não se pensa em transformar em fundações autofinanciadas os colégios militares.

Em vez de integrar na vida nacional a Universidade brasileira, o Convênio MEC-USAID a coloca sob a tutela de professôres estrangeiros, agentes da CIA, que, assessorados por um aventureiro internacional, nos querem impor os currículos e a mentalidade de Texas e Wisconsin, transformando os estudantes brasileiros em "cowboys" domesticados e amestrando-os como se fossem recrutas — mas recrutas de um exército estrangeiro, do exército norte-americano.

Enfim, em vez de dar autonomia à Universidade e liberdade aos estudantes, acaba-se de entregá-los a um coronel, cuja vida pregressa inclui a façanha heróica de arrombar as portas do Congresso Nacional e que já serviu — como disse o senador Mário Martins — como "capanga dos Estados Unidos na República Dominicana".

Como filósofos, ensinareis à mocidade o pensamento libertador de grandes espíritos como Cartésio, Spinoza, Hegel e Marx, e não esquecereis de dizer aos jovens que na filosofia de São Tomás de Aquino está consagrado o direito dos povos de resistir com todos os meios a leis injustas e às tiranias dominadoras. E lembrar-vos-eis que ainda está vivo o pensamento milenar dos gregos Platão e Aristóteles, ao passo que não se pode apostar um tostão pela vida do coronel grego Papadópulos.

Como sociólogos, analisareis as contradições intrínsecas da sociedade brasileira, contradições que, um dia, farão estourar as estruturas obsoletas. Sabereis explicar que ataques combinados de infantaria, marinha e aeronáutica não podem contra crises econômicas, geradas pelo feudalismo agricultural, aproveitadas por exploradores estrangeiros e nacionais e agravadas pela incompetência sorridente de tecnocratas e financistas improvisados.

E os historiadores entre vós lembrarão que nossa triste situação atual não é sem analogias no passado de outros países. Certo dia, um czar da Rússia resolveu nomear coronéis para curadores das Universidades — mas onde estão hoje os czares e que fim encontraram seus coronéis?

E bom, afinal, que não ouviram nada disso o eminente ministro nem o magnífico reitor, nem o excelentíssimo diretor. Assim se poupou a êles o pressentimento do chôro e ranger de dentes que os espera. Mas ouviram-no vocês.

Dou os parabéns a Vocês que terminaram com sucesso os estudos. Dou os parabéns aos vossos colegas que resistem, como vós, a pressões brutais. Dou os parabéns aos vossos pais que podem sentir orgulho de seus filhos. Dou os parabéns a mim próprio porque mereci vossa confiança. Elegeste-me vosso paraninfo porque estou identificado convosco, na mesma luta e na mesma esperança. Não quero fechar os olhos para sempre antes de ter visto o Brasil novo que construireis: o Brasil do futuro, democrático e socialista.

Com um sorriso malicioso e os olhinhos brilhando atrás das sobrancelhas espessas, Darcy Ribeiro — ex-ministro da Educação do governo Jango e um intelectual respeitado no mundo inteiro — acusou o *Reporter* de fazer uma edição sobre educação sem entender nada do assunto, e acusou o sistema educacional brasileiro de fabricar analfabetos. Segundo ele, a nossa máquina educacional é uma das maiores e mais ineficientes do mundo.

MIGUEL FURTADO

DARCY RIBEIRO

Escola no Brasil é uma máquina de fazer analfabetos

Educação é um troço muito complicado. Mas no Brasil, todo mundo se acha no direito de dar palpites na educação. Você, por exemplo, acha que pode mandar um reporter pras escolas com base nas suas idéias gerais, dizendo a ele que o mal da educação primária é a evasão dos alunos. Qualquer professora primária dirá que o mal é a evasão: eu diria que o mal é ela, o mal é que ela está preparada para obrigar os alunos a se evadirem. O mal é que o Estado tem uma política que conduz à evasão, o Estado não assume seu papel na educação. Em qualquer lugar do mundo a educação primária ocupa um espaço de oito horas por dia. Aqui ocupa três. Em qualquer lugar do mundo a escola primária é igualitária, o Estado a oferece aos seus cidadãos brancos e pretos, pobres e ricos.

Os burgueses europeus preferem mandar seus filhos pra escola pública, porque sabem que ela é boa. Aqui, se decidiu que quem nasce em favela deve freqüentar escolas de favelas, em péssimas condições.

A orientação de Carlos Lacerda, que era a orientação da Igreja naquele tempo e que virou a orientação educacional brasileira, foi uma orientação privatista, elitista. O dinheiro público passou a ser dado para escolas privadas: o Estado deixou de cumprir o seu papel com relação à educação popular. Com a Lei de Diretrizes e Bases, passou a vigorar a visão de que pobre que vive em barracos pode estudar em barracos. Desapareceu a escola pública comum. O ginásio em que eu estudei, no interior de Minas, era a melhor casa da cidade. Durante muitos anos foi assim. No Rio, as escolas feitas por Anísio Teixeira na década de 30, (escolas Guatemala, México, Estados Unidos), são modelos das escolas que deviam ser multiplicadas. Ao invés de multiplicar estas escolas pela favelas e doá-las à população, o Estado passou a gastar o seu dinheiro em outras coisas. Ninguém imagina que o Estado não tenha recursos para fazer viadutos. E se concebe, criminosamente, que os viadutos para os automóveis tenham uma prioridade maior do que a construção de escolas para o povo. Então a obrigação mínima de um Estado democrático, de proporcionar educação, não se cumpre. Isto tudo leva a uma visão errada da educação, a história do leigo que dá uma olhadinha de fora, vai perguntar à professora e chega à evasão. Então, a evasão fica sendo culpa do pobre. Pobre é tão burro tão desgraçado que nem ir à escola sabe.

Se há uma reivindicação não atendidada da população brasileira é a escola. O povo está exigindo escolas. O grau de aspiração à educação no Brasil sempre foi muito mais alto do que o grau de atendimento do Estado. O povo não tem a capacidade de definir as políticas e as prioridades, mas ele quer se educar. Por isso é que eu creio que não dá pé de reinventar a educação, dá pé de resolver a partir da realidade que está aí.

Um dos maiores debates sobre educação no Brasil, nos tempos modernos, se deram na época da Lei de Diretrizes e Bases, em 1960. Naquele momento, a opinião pública se dividiu em duas correntes. Uma delas, liderada pelo Lacerda, era de que os recursos do Estado para a Educação deveriam ser dados **também** às escolas privadas. Este **também** acabou virando **principalmente** e o resultado é que se privatizou o ensino. A outra corrente favorecia mais o ensino público, mas não era contra o privado. A gente achava que as pessoas que queriam a escola privada, elitizada, católica, etc, deveriam pagar por ela e que se deveria aplicar os dinheiros públicos nas escolas públicas. Prevaleceu na lei o espírito oposto. Todas as outras questões da

AGÊNCIA GLOBO

educação foram discutidas na época, mas tiveram soluções elitistas.

Até hoje o Brasil não tomou a educação como uma coisa séria. Se tomasse, teria dado certo. Se temos competência para fazer esta bobagem, que é a Ponte Rio-Niterói, também devemos ter para resolver os problemas da educação. A educação popular nunca chegou a se cristalizar aqui, como se cristalizou no século passado na Argentina, no México, no Uruguai. Aqui o Estado nunca assumiu inteiramente o seu papel.

Você pode até dizer que há uma certa conveniência das classes dominantres, que as classes dominantes não estão muito interessadas em educação. Pode ser. Mas eu acho também que é radical dizer isto. O problema é mais complexo, vem da cultura e da mentalidade brasileira. Classes dominantes de outros países capitalistas fizeram a educação primária. Porque aqui não se fez?

Há duas formas gerais de se tratar a educação primária no mundo. Uma delas é a religiosa, que começou com Lutero. Lutero, traduzindo a Bíblia do latim para o alemão, criou a primeira língua moderna e, conseqüentemente, criou condições para a educação. Até Lutero, educava-se ensinando o menino a ler uma língua que ele não falava, que era o latim. Depois dele, o menino passou a ser alfabetizado na língua que ele falava. A alfabetização passou a ser praticável. É com Lutero começou uma linha de educação que teve o maior êxito no mundo: ler para rezar. Ler é a forma suprema de rezar e para rezar só lendo a Bíblia. Então, para rezar, tinha de saber ler. Todas as comunidades norte-americanas começam fazendo igrejinhas. Em lugar das belas barrocas igrejas brasileiras, que são lindas, mas são boas mesmo é para brigar escravos que iam lá receber água-benta, as igrejas protestantes eram de tábuas, vagabundas, mas as pessoas iam lá pra aprender a ler e rezar. Então, nos países de colonização protestante, a educação primária se aprofundou e generalizou a educação como um ato de fé.

A outra linha eu chamo de napoleônica, a linha cívica, em que o Estado deve educar as pessoas porque precisa armar seus cidadãos de mínimas condições para o exercício de sua cidadania. Para votar, o sujeito precisa aprender a ler. Esta é a linha que o Brasil deveria ter tomado e nunca tomou. Não aconteceu aqui o que aconteceu na Argentina e Chile, em que o Estado, em determinado momento, assume a educação. Aqui, o governo federal lança a educação nas mãos do município e dos Estados, que nunca tiveram interesse em alfabetizar ninguém. Se o governo federal já tem pouco interesse, o municipal tem muito menos.

Hoje, temos o seguinte panorama: a massa educacional brasileira é das

maiores do mundo. Deve haver, em torno da educação, 30 milhões de pessoas, somando alunos e professores primários, secundários e universitários. A massa de gente que se educa só é comparável à massa de gente que trabalha e é muito maior do que a massa de funcionários públicos, de forças armadas ou de qualquer outra. Isso porque o país tem 120 milhões de habitantes. A máquina educacional brasileira é das mais ineficientes do mundo. Quando você pega o rendimento disto, vai ver que, para cada 100 meninos que entram na escola primária no Rio de Janeiro, metade não consegue completar o segundo ano primário. Portanto, não se está dando nem o início da educação primária. Essa gente está saindo não para ir para o trabalho, mas, sim, está sendo expelida da escola sem escolaridade nenhuma. Estamos produzindo hoje um número fantástico de analfabetos e sub-educados. A produção brasileira anual de analfabetos se aproxima de meio milhão. Daí, eu dizer que não adianta nada querer catar velhinhos para educá-los no Mobral e fazer propaganda do governo em cima disto. O mais grave são os meninos analfabetos, que vão ser adultos e velhos analfabetos no ano 2.000.

Como o grau de educação é proporcional ao desenvolvimento civilizatório e o grau de exigência de educação na sociedade moderna é muito mais alto do que no século passado, vai ser mais alto ainda no ano 2.000. E se o nosso grau de escolaridade já é insatisfatório hoje, será mais gritantemente insatisfatório no ano 2.000. O problema da educação brasileira é de uma imensa gravidade e exigiria medidas de salvação nacional, pois estamos criando o maior bloco de analfabetos da América Latina. Na América Latina, a nossa situação só é comparável à da Bolívia porque lá a maior parte da população fala língua indígena. Então, deve-se primeiro ensinar a falar espanhol pra depois alfabetizar. Na verdade, nem da Bolívia ganhamos.

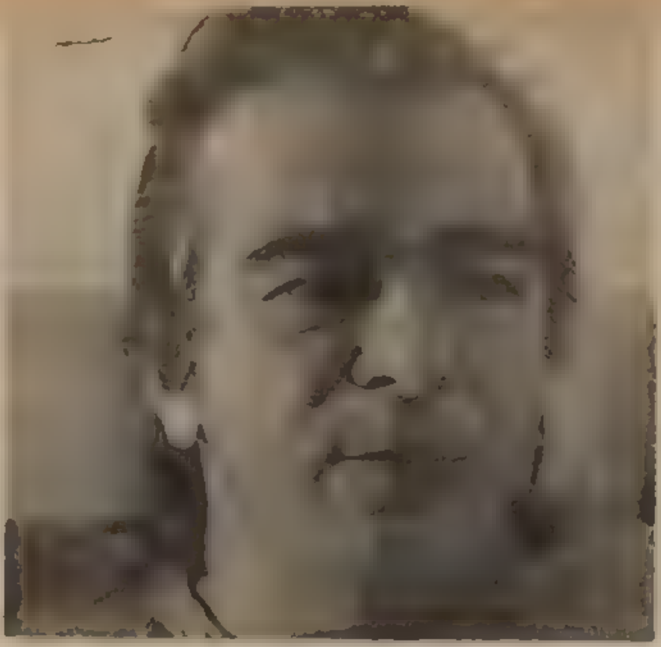
O POBRE COMPRA CARO UMA EDUCAÇÃO RUIM

A escola média é paga, cara e ineficiente. São milhões os pais de família brasileiros que fazem um sacrifício enorme para comprar uma educação secundária pro filho, com vistas à Universidade. Só que esta educação secundária não tem valor nenhum. Há uma máquina montada, que faria vergonha a qualquer país do mundo, que é a máquina da comercialização da educação. Ela vende ilusões a milhões de famílias operárias e de classe média, que não tiveram elas próprias uma educação secundária e que são incapazes de julgar o que estão comprando. Esta máquina, que o Estado permite que se instale aí, é uma mentira, é um escândalo.

A Universidade brasileira cresceu assustadoramente nos últimos anos. Este crescimento é normal, quando comparado ao dos outros países do mundo, onde a Universidade também cresceu. Este aumento de matrículas é uma coisa muito positiva. O que eu não gosto é de ver as pessoas tentarem reter este crescimento, reprimí-lo. Este crescimento também se deve muito à invasão das mulheres. Mulher quase não ia à Universidade antes. Hoje, qualquer menina de classe média entende que, aos 18 anos, deve ir para a Universidade, que é uma agência matrimonial. Não existem mais os cursinhos de famílias, e a Universidade é, para ela, um lugar de encontrar os seus iguais, os menininhos com que ela vai se exercer como mulher e como gente. Além disto, a mulher começou a entrar também no mercado de trabalho. A educação não é mais de prendas domésticas, e sim de preparação para o trabalho. Só a entrada das mulheres nas faculdades dobrou o número de matrículas.

UNIVERSIDADE: UMA VACA ENJAULADA

Dizem que a educação superior do Brasil está em crise de crescimento. Eu acho que não é. Uma vez eu disse que dizer que a educação universitária no Brasil está em crise de crescimento era como dizer que uma vaca que foi presa numa jaula desde bezerra está em crise de crescimento. A bezerra nasceu e cresceu, mas a crise é a jaula que a deformou totalmente. Então, a educação superior no Brasil cresceu dentro de uma jaula, em que os melhores professores, que podiam multiplicar seus conhecimentos aqui, foram afastados e excluídos da Universidade (no campo da economia, você encontra um Celso Furtado; da sociologia, Florestan Fernandes; da física, um Leite Lopes): outro lado, foi o aumento e incremento dos cursos de pós-graduação, de mestrado e doutorado. Mas isto ainda não é suficiente para suprir o número de bons professores universitários.



"Se temos competência para fazer uma bobagem como a ponte Rio-Niterói, por que não resolvemos o problema da educação?

Então, o problema não é o crescimento em si, que existe, mas sim as condições em que este crescimento se está dando. O desejado é que se cresça e continue a crescer. Há muita queixa contra a universidade, os alunos dizem que ela é muito ruim. Eu acho que as queixas são razoáveis. Mas é preciso considerar que a Universidade é a matriz em que a sociedade se reproduz. Então, você não pode pedir à Universidade que mude; você deve pedir isto à sociedade, atraves de uma revolução.

Eles fazem uma certa agitação enquanto estudantes. Há na juventude uma generosidade que se manifesta na Universidade, como em todos os lugares. Na juventude operária se manifesta menos porque o cara é pressionado pela fome e tem de trabalhar muito mais cedo. O jovem universitário, tendo postergada a sua obrigação de trabalhar e, tendo mais energia porque pode comer mais do que o operário, tem oportunidade de protestar contra uma sociedade que amanhã, quando ele se casar, vai obrigá-lo a entrar numa suja competição pela vida. Então, ele vai ser um dentista não para cuidar da dor de dente do Brasil, mas sim pra ganhar dinheiro. O Brasil é um país com dor de dentes. Cem milhões de brasileiros sentem dor de dente. Então se você juntar e puser um microfone na boca de todas as pessoas que têm dor de dente neste país, vai sair um gemido que pode ser ouvido até na lua, um gemido dos dentes podres, da boca caindo, que a gente vê quando vai a Madureira ou no interior. Porque os dentistas que a universidade forma vão tratar da boca dos bonitinhos. O dentista é aquele que se forma com o propósito de colocar uma pedra de ouro no dente do freguês e outra no próprio bolso. O jovem gostaria que a sua profissão, qualquer que seja ela, fosse uma coisa que ajudasse a sociedade a viver melhor. Como não é assim, ele reclama. A classe dominante, por sua vez, não tem nada a reclamar: a universidade é eficiente para formar quadros enquadrados e bonitinhos.

Hoje, no momento em que há uma abertura para a imprensa, essa abertura se estende também à Universidade. Não se pode abrir um setor e fechar outro. E a tendência dos alunos é debater e questionar. A questão é saber se o sistema vai suportar esta Universidade questionante.

Hoje, o grande educador brasileiro é a televisão, que tem muito mais efeito educacional do que a escola. Milhões de pessoas estão sendo educadas pela televisão. Muita gente diz que a TV brasileira é melhor do que a européia. De fato segundo os critérios da Globo, a TV francesa seria detestável, já que dedica três horas por semana à discussão sobre literatura e tem programas diários de discussão de temas políticos. Pra muita gente isto é chatíssimo, é melhor um programa do Sílvio Santos. Pra mim, é melhor três horas de discussão literária chatíssima do que horas de bobagens do Sílvio Santos.

ELIAS FAJARDO

PRIMEIRO GRAU

Muito mais repetência do que no vestibular

— Ei, menina, você sabe de alguma escola aqui por perto?

— Sei, fica naquela [redacted]

— É lá que você estuda?

— Eu não estudo, minha mãe não tem dinheiro.

O diálogo foi travado entre o repórter e uma menina de 11 anos, Laura, de Maricá, e reflete toda uma realidade educacional do Estado do Rio (onde há aproximadamente 800 mil crianças sem estudar, metade das quais na Baixada) e do Brasil (onde ultrapassa a 2,5 milhões o total de crianças sem escola).

Este é um dos problemas do ensino de Primeiro Grau, obrigatório apenas no texto da lei da Reforma de Ensino - que o estendeu a oito séries (quatro de primário e quatro de ginásio) para crianças de 7 a 14 anos - e das constituições estaduais.

Aos 12 anos Manoel chegou, pela primeira vez, a uma escola em Campos. Antes trabalhava apenas na lavoura ajudando o pai a cortar cana. Pés no chão, sujos de barro, roupa curta e remendada, sem agasalho, apesar de estar frio na ocasião, cabeça cheia de piolho, ele não sabia nem o que estudava. E na época da safra de cana não teve outra solução: "desapareceu" da escola para ajudar, de novo, o pai.

A evasão escolar foi considerada "trágica" pela Secretaria de Educação do Estado do Rio, Myrthes Wentzel.

Aqui, Estado considerado privilegiado, de cada 100 crianças que entram para a primeira série de Primeiro Grau apenas oito terminam o curso, sendo a evasão de 92% (a maior taxa se registra de 1ª para a 2.ª série — 87%.

Parte dessa evasão é justificada pelo fato da escola não apresentar maiores atrativos para prender a criança que é necessária como fonte de recursos para a família. Além disso, estruturada dentro dos padrões da classe média, a escola de primeiro grau apresenta uma linguagem impossível de ser entendida por aproximadamente 80% de seus alunos, que acabam repetindo a série.

Forma-se então uma escola clandestina que não existe nos manuais pedagógicos, mas na realidade: um grupo de crianças que passa os dias rabiscando sem sair da 1ª série. No segundo ano de repetência a criança é, normalmente, retirada da escola pelo pai que acha "ela não dá para nada" e a colocada na força do trabalho, na lavoura (no interior), vendendo balas e doces (nas cidades).

E mais uma vez os números são assustadores: a repetência chegou no município do Rio a 62% em apenas um ano. Esta situação levou a própria diretora de ensino fundamental do MEC, professora Ana Bernardes, a exclamar que "estamos assistindo no país a um ensino de Primeiro Grau que é universal e que, apesar disso, é mais seletivo que o de Segundo Grau e o Superior.

— Em termos relativos — diz a diretora do MEC — há menos reprovação no vestibular do que na 1.ª série de Primeiro Grau.

Todos os educadores são unânimes em apontar que os problemas educacionais refletem apenas os problemas econômico-sociais que o povo enfrenta. E, empurrando a "bola para a frente" dizem que é preciso fazer alguma coisa no âmbito social, lavam as mãos e é só.

Enquanto isso, desnutrida, a criança continua tendo que atravessar caminhos longos para chegar a escola onde, se tiver sorte, poderá, ao menos, comer.

— Não gosto de domingos nem de feriados e muito menos de férias porque fico sem merenda da escola (Paulo, dez anos, Maricá).

Em muitas escolas, como a merenda recebida não dá para o ano todo, os professores recolhem dos pais Cr$0,50 para, junto com as suas contribuições, comprar alguma coisa. Se não fizerem isto, a evasão se acentua muito mais.

— Escola? Na casa de quem ela mora? (esta resposta foi dada ao repórter por um menino de 12 anos presumíveis que capinava à porta de sua casa em São Fidélis).

A triste realidade do ensino de Primeiro Grau levou o secretário de Educação da Bahia a um desabafo numa reunião de educadores:

— Tudo o que se fala sobre reforma é muito lindo, mas eu trago receios e indagações de uma população à margem do rio São Francisco. De quem tem a maioria das escolas apenas com a 1ª série primária não podendo o aluno ir além nos seus estudos.

Este é um outro problema sério enfrentando pelo ensino de Primeiro Grau que foi instituído sem qualquer preocupação de preparar uma infra-estrutura: 71% das escolas do Brasil só têm uma sala de aula, e 30 porcento do professorado é leigo.

Assim, não é de estranhar que apenas 1/4 da população infantil de 7 a 14 anos consiga ter os oito anos de escolarização de Primeiro Grau.

SEGUNDO GRAU

Pobre ganha escola mas paga caro por ela

"Meu filho estuda no Colégio João Alfredo de segundo grau (Vila Isabel). Quando fiz a matrícula mandaram-me pagar Cr$ 50 no banco. Depois o diretor cobrou mais Cr$ 150 para pagamento da Associação de Assistência ao Educando. Não fui notificada antes de que era obrigada a contribuir. Meu filho me ajuda com um sacrificado salário e não podemos pagar as exigências do diretor. Os que não podem pagar estão receosos de não passarem de ano. Não sei como agir. Mãe desorientada".

Desde que a reforma de ensino determinou como obrigatório apenas o ensino de primeiro grau, o de segundo grau tornou-se um acessório supérfluo, destinado apenas aos que possuem melhores condições sociais.

Esta afirmativa fica bem definida quando se observa que há três anos, apesar de proibido pela lei, voltou a ser realizado um exame de admissão para ingresso na 1.ª série de segundo grau, disfarçado sob a denominação de exame de acesso.

Os critérios para a escolha dos que ocuparão as 20 mil e poucas vagas entre os mais de cem mil concorrentes são curiosos: em primeiro lugar predomina a carência de recursos financeiros, determinada através de fórmula matemática, instituída pelo MEC em que se multiplica números variados pela renda bruta de toda a família e se divide pelo número de dependentes. O resultado obtido neste cálculo é multiplicado por três e somado ao de uma prova de conhecimentos gerais que previamente foi multiplicado por dois.

Assim, dá-se escola, no entender das autoridades oficiais, para os mais pobres e deixa-se outros "excedentes" (a maioria abandona o estudo).

A ironia é maior ainda quando se verifica que o ensino de segundo grau oficial é pago por taxas variáveis, de acordo com diretores, professores e pais. Assim, a fórmula matemática empregada para a resolução é ainda mais incorreta: dá-se escolas aos pobres para que eles paguem...

— O ensino de Segundo Grau pago é uma medida ruim porque já pagamos muito ao Governo sob a forma de imposto. Além disso eles não melhoraram nada as escolas. (Luís Fernando Assunção, Escola Visconde de Mauá).

A deficiência do ensino profissional levou o governo a pensar em alterá-lo. As mudanças, assim como a sua implantação, continuam a nível de papel. Na realidade, por falta de professores especializados, equipamentos e currículos eficientes, o ensino profissional de segundo grau é uma grande mentira. A situação chega a um ponto que mais de 80% dos que se formam fizeram profissionalização de técnico de laboratório, mas segundo disse um enfermeiro do Hospital de Ipanema, do INPS, para o **Repórter**, "é um perigo se deixarmos eles entrarem num laboratório, pois desconhecem até um tubo de ensaio".

A falta de vagas — o funil do primeiro para o segundo grau é maior do que o vestibular — e a deficiência do ensino levam também a uma acentuada evasão: de cada 100 alunos que entram numa escola de nível médio, apenas 40 chegam ao final do curso.

Nesta situação é bem compreensível o desespero de uma senhora, mãe de aluno da rede oficial: **"minha filha cursa a 2.ª série do segundo grau do colégio Infante D. Henrique e ano que vem vai enfrentar um cursinho. Mas minha filha e o colégio todo está sendo ameaçado pelo diretor de não receber o certificado e nem renovar a matrícula se não efetuar o pagamento de Cr$ 229,50, que ele diz ser obrigatório pelo governo. Gostaria de saber se é certo ou não o pagamento".**

Celeste Cintra

O prédio moderno da escola contrasta com a pobreza de Cavalo de Aço

Quebra-quebra nas escolas: ninguém sabe, ninguém viu

"Assaltantes voltaram a depredar ontem a Escola Municipal Luís Carlos da Fonseca — defecaram sobre os arquivos e roubaram o crucifixo". Quebra-quebra. A palavra vem aterrorizando a Secretaria de Educação do Rio de Janeiro. Mas as notícias pararam de ser publicadas. Só que os fatos continuam. As estimativas são de mais de 50 escolas invadidas por ano, geralmente por grupos de 5 a 10 garotos, de média de idade 14

A diretora da escola fechou o portão. O garoto abriu. Ela voltou a fechar. Ele voltou a abrir. "Aí chamaram a patrulhinha. "Os **homens** levaram o garoto pra dentro da escola e encheram ele de porrada. Depois largaram ele lá adiante".

Cavalo de Aço. Cerca de 50 quilômetros do centro do Rio, na beira da estrada que vai para Santa Cruz. 400 casas idênticas, coladas uma à outra e dispostas em fileiras paralelas à estrada. As ruas são na verdade corredores estreitos e, como o calor é sufocante, todo mundo vive de portas e janelas abertas. Pra quem gosta de aldeia global, Cavalo de Aço é prato feito: não há nada a fazer, a não ser viver a vida do vizinho.

Cavalo de Aço é um conjunto residencial da Cohab considerado modelo de solução para a população pobre do Rio. Foi criado há 6 anos, para abrigar favelados da zona sul da cidade, que insistem em viver encarapitados nos melhores bairros da cidade, com vista para o mar, acesso rápido ao trabalho, prejudicando o **boom** imobiliário. Fechado sobre si mesmo, Cavalo de Aço é um gueto como tantos outros, unido ao mundo pelo cordão umbilical da televisão.

Em 1976, o conjunto residencial ganhou uma escola, construção moderna de concreto aparente e enormes grades de ferro, destoante da pobreza das casas. E desde sua fundação a Escola Fernando Maximiliano já teve três diretoras. "Conta muito ponto vir para escola de subúrbio", explica a secretária. "A gente, depois, tem maior chance de pegar um cargo melhor lá embaixo, na cidade". No entanto, a rotatividade das diretoras não parece estar ligada apenas a pontos acumulados na hierarquia do ensino. A penúltima delas — Eunice Valongo — foi demitida por "excessos", segundo comentários ouvidos na Secretaria de Educação. Eunice não quis falar ao REPORTER.

Os habitantes do Cavalo de Aço não se preocupam muito com as diretoras que entram e saem. Na semana anterior ao carnaval o problema era a falta d'água. "A gente já reclamou e nada. Quem sabe vocês, que são da televisão, conseguem dizer pras autoridades...", observa um homem que saiu do bar ao ver os repórteres. Os "excessos" já fazem parte do cotidiano, as pessoas se acostumaram, quase nem chegam a perceber. Para eles, a escola é boa. E a polícia? "Ah, a polícia **tava** aqui todos os dias". E nunca prendeu ninguém? "Uma vez pegaram meu irmão, o Tião, o Paulão..."

Tião, chamado por uma das dezenas de crianças que se aglomeravam em volta dos repórteres, contou o caso da prisão. "A gente **tava** com atiradeiras, mas era só pra matar passarinho. Quando a patrulha chegou, quebraram as atiradeiras e levaram a gente. Largaram lá onde tinham deixado o garoto que gozou a diretora. Mas não bateram". Tião não sabe quem deu parte. Acha que foi a diretora, mas não se incomoda nem se lembra dos nomes. O pessoal da escola estava com medo, porque uma turma de garotos tinha assaltado e depredado a escola.

"Malandro. Não tinha aluno não. Era tudo moleque de 15 anos, uns daqui, junto com a turma do Jacaré. Vieram de noite e quebraram tudo".

Para um jovem casal, filha pequena (três anos), a escola quebrou um galho. "Antes as crianças tinham que ir longe. Agora não precisam nem atravessar a rua". Eles acham que a polícia tem que bater mesmo. "Os moleques não respeitam", dizem. "Agora a situação está mais calma, porque vários caras que faziam bandalheira estão em cana".

Um garoto da quinta série, 14 anos, acha que a solução é botar um posto policial na favela (toda a população continua a chamar o conjunto habitacional de "favela"). Um senhor de 40 anos — reformado pela Marinha ao quebrar a perna na queda de um barco — tomando sua pinga no bar, explicou que a molecada queria apenas quebrar. "Não tem nada pra roubar. Eles querem é atirar pedra. Que nem fizeram naquele armazém grande da esquina. É despeito. Ou então revolta".

O seminarista e comerciante Manuel Correia acha que para as diretoras a barra não tem sido fácil, "porque a molecada aqui é braba". Para ele a situação começa a melhorar: "a nova diretora está tendo mais ligação com a religião. Eu mesmo tenho levado alguns grupos, tentando influenciar eles".

Um aluno da quinta série lembra de outra tentativa de assalto. "Foi na mesma época, lá por Outubro. Era de noitinha e a gente tava saindo quando eles chegaram. A diretora mandou a gente ficar, porque a patrulha também chegou, e os caras queriam fugir pra dentro da escola. Teve até um que quis se atirar da janela, mas foi apanhado".

Os depoimentos são sempre no mesmo tom. Basta insistir e alguém se lembra de um novo caso.

Para a secretária da escola, nova no cargo, nada do que dizem os habitantes do Cavalo de Aço é verdadeiro. "Ninguém apanhou da polícia aqui dentro. E a patrulha escolar tem em todo lugar, em todas as escolas de população favelada. É pra manter a ordem".

PAULO ADÁRIO e LÚCIA MURAT

JOVENS CONTRA A FAMÍLIA E A ESCOLA

'Eles não querem que a gente aprenda a pensar'

Como os adolescentes encaram a escola, a família, o sexo, a política? Pra discutir os problemas da escola e mostrar a opinião deles sobre a educação no país, REPORTER reuniu cinco adolescentes, estudantes do segundo grau. Numa linguagem cheia de gíria, muitas vezes truncada, eles falaram sobre a opressão que sentem na escola e até na família. Eles acham que estas instituições tentam "moldar os jovens pra fazerem o que elas querem e reclamam dos pais (principalmente do pai), que não mostram nenhum interesse pelas atividades e idéias dos filhos.

Cinco jovens entre 17 e 18 anos. Uma moça e quatro rapazes. Ela, Laura, estuda em colégio particular e mora em Santa Teresa. Os rapazes estudam em colégio estadual, moram em Santa Teresa, Laranjeiras e Copacabana. A faixa de renda da família de todos eles não supera os Cr$ 15 mil, sendo que Paulo é filho de cozinheira com renda mensal de Cr$ 1.600. O pai de Gelson é sargento da reserva, o de Ricardo, funcionário público e o de Jorge, médico aposentado.

Jorge, com a palavra, para definir o "problema do jovem":

— O problema do jovem é falta de crença nele, sabe. De tentar ao máximo embutir ele, castrar ele, sabe. Botar ele alienado. Deixar ele incapaz de fazer. Pelo menos eu sinto isso. Escola, família, sabe. Eles tentam ao máximo botar a gente bem direitinho, moldar. Então eles moldam a gente pra gente fazer aquilo que eles querem.

— Um bonequinho — diz Ricardo

— Acho que todos nós somos oprimidos à bessa, na escola, em casa, seja onde for (diz Gelson). Nós não temos muito direito de participar.

Jorge fala em "botar o jovem numa moldura".

— Defina essa moldura.

— Ela vem da escola e da família.

Como age a escola?

— Hoje, em dia, ela tenta botar o cara cada vez mais superindividual, sabe. Cortando sempre os lances dele em grupo. Ele sempre ele, sabe, sem resultado, o cara chegar, o cara fazer o negócio e tá vendo, pôooo, esse ano mesmo eu desisti, cara, de estudar. Não tava vendo porra nenhuma pra mim, não tava vendo nada, sabe. E a gente não pode falar porra nenhuma.

Jorge fala de sua experiência com professores. Já no terceiro ano primário, levou um puxão de orelha de um professor e reagiu: **"A senhora não faça mais isso"**. A professora deu-lhe outro puxão de orelha e Jorge revidou com um pontapé. Foi expulso da Escola. No primeiro ginásio, com outros dois colegas, tentou mostrar a uma professora de inglês que suas aulas eram desinteressantes e que ele gostaria de as ver interessantes para poder aprender. **"Ela deu o maior esporro. Não gostou da idéia, nos botou pra fora de sala... Eles usam um poder assim..."**

Mas tem professor bom. **"É minoria"** mas suficiente para encorajar Jorge a fazer professorado:

— Não sei de quê, mas eu vou. Eu acho um negócio demais, sabe, que a gente pode abrir cuca de gente. Professor eu acho uma arte, cara, acho um negócio que quando o cara faz, o cara faz até por amor, porque eu acho um negócio superinteressante...

"Eles acham que muito aluno junto é perigoso"

— Mas e a condição de vida do professor, o salário baixo, você não acha que isso também influi no comportamento do professor?

— Eu acho que o cara que vai transar essa de professor, eu acho que ele vai cheio de boa vontade, sabe. Mas a boa vontade dele pára de ser boa vontade: vai ter que trabalhar numa porrada de escolas pra poder ganhar legal... Vê uma porrada de operário que passa aí, o cara tá trabalhando com amor? Num tá. A maioria das pessoas nunca trabalha com amor, tá a fim mais é de ganhar o dinehrio e se mandar pra casa porque é pouco mesmo. Então com o professor acontece a mesma coisa: aquele amor dele, aquela coisa poética que pelo menos pra mim ainda tem, acaba logo por causa da grana, porque não tem grana pra eles.

Jorge critica o método de aula. Quer outra **"embalagem"** mais interessante: trabalhos em grupo, alunos sendo convocados para também dar aulas, entrevistas... Ricardo contesta, diz que tem tudo isso... Jorge quer mais "**transação**" na escola: **"É só estudo mesmo"...** Reclama que os professores não prestigiam atividades e iniciativas dos alunos como um festival de teatro que eles fizeram no colégio... Ricardo acha que muitas vezes, a solução do problema depende da iniciativa dos alunos... Jorge tenta mostrar como é difícil, lembrando um trabalho que se tentou fazer em grupo, só que seus colegas moravam em lugares muito distantes uns outros, de Copacabana a Jacarepaguá, da Penha à Piedade, e a melhor solução seria obter da escola, por algumas horas, duas ou três carteiras numa sala de aula para o pessoal se reunir... não conseguiu porque a escola, segundo ele, não quer ver o poessoal reunido: **"Eles acham que é perigoso ficar muito aluno junto. Aluno junto pensa e aí vai dar grilo pra eles".**

— Você transa uma boa com a sua família?

— Não considero não.

— A família não interfere na tua vida?

— Não.

— Não te cobra nada?

— O que ela me cobra é o que eu acho que eu devo fazer e o que eu espero fazer também. Por exemplo, eu tenho 18 anos na cara, espero daqui pra frente ser alguma coisa algum dia e é só isso.

A pergunta vem de Jorge: **"Ela só te cobra isso?"**

— Ela só me cobra isso.

— E você vai fazer isso

— E eu espero fazer isso.

"E o que você espera ser na vida?" Paulo, Jorge e Ricardo gostam de teatro. Mas o pai de Ricardo diz "seja médico, meu filho. Médico é que dá dinheiro" e quando soube do interesse do filho por teatro, exclamou "Vai morrer de fome"... O pai de Paulo o apóia... O pai de Jorge nem fala sobre o assunto... Os pais, de qualquer forma, mostram que estão preocupados, mas um tipo de preocupação que para Jorge não é suficiente, como, por exemplo, quando diz a seu pai que vai acampar com uns amigos e o único interesse do pai pela atividade do filho é saber se ele quer dinheiro: **"Me senti a pessoa mais desprezada do mundo".**

Certa vez sua mãe o chamou para uma conversa séria, o que o deixou animado. A sós, ela disse, preocupada: "Você está comendo muito queijo".

Gelson tem uma história diferente:

— Apesar de meus pais não terem assim uma grande instrução escolar, meu pai, por exemplo, é um cara que é radical à bessa, um cara que nunca te dá razão, não te entende... agora, minha mãe não, minha mãe é bem diferente... ela procura sempre te deixar bem, sabe, mãe eu acho que já é aquele troço mesmo, ela procura sempre te deixar legal, numa boa sei lá, pra mim minha

mãe é como uma santa, tudo pra ela é conformado à bessa, sabe... eu tive grilos dentro de casa, houve uma época que eu nem conversava com meu pai, não podia nem olhar pra ele, a gente não se cruzava mesmo, justamente devido aos problemas dele com minha mãe, eles brigavam à bessa, discutiam e tudo aquilo já tava me deixando louco... eu não tinha o direito de falar nada, sabe, aí de nós se fôssemos dizer que ele tava errado... até que um dia, um sábado, onze horas da noite, chovendo à bessa, sabe, aí eu resolvi, eu tinha 16 anos e resolvi e explodi com meu pai, eu fiquei fora de mim e quase agredi meu pai... aí, ele disse "nessa casa, não dá pra nós dois ficarmos juntos agora". Eu falei: "Eu gostei que senhor tivesse coragem de dizer pelo menos isso pra mim.". Eu saio porque sei que com meus 16 anos, lá fora eu vou ter muito mais possibilidades que o senhor". E saí.

Gelson voltou mais tarde, procurado pelo pai. E desde então seu entendimento com ele foi de igual para igual.

Segundo Laura, **"Tá todo mundo comendo comendo todo mundo".** Jorge discorda: **"É raro você ir pra cama. Só pra lá dos 18".**

Todos os rapazes acham que o tabu da virgindade ainda existe. **"Elas acham que é uma babaquice mas têm".** E Jorge dá um exemplo de discriminação através de uma garota de 16 anos, marginalizada pelas outras meninas e que os rapazes **"transam e se mandam".**

A orientação que o pai dá é levar o filho pra zona

Eu acho que o sexo entre os jovens (diz Paulo) **tem um troço, o jovem tem que aprender muito... eu, muita gente tem que aprender sobre sexo porque não entende mesmo bulhufas... tem muitos que não entendem, que tão lá em baixo mesmo, sabe... tem outros que pensam que sexo é uma coisa de se matar na parede, não sei o quê, aí contam "que maravilha, esmaguei ela na parede, que sensação"... não é nada disso, acho que não tem nada a ver.**

— E não tem nenhuma orientação dos pais.

— Não, não.

— A orientação que o homem tem do pai é quando chega aos dez anos, "vamos pra zona, que eu vou te pagar..." o negócio é esse...

— Cabia aos pais, sabe... o que eles deveriam fazer, os pais não fazem... a escola também, sabe... (Jorge).

E os tóxicos, como tá o tóxico?

Paulo: **"Tá mal, cara. Tá mal".**

Laura: **"Comecei a fumar maconha aos 12 anos. Muda alguma coisa. Não sei.. maconha mexe e com alguma coisa que só maconha mesmo mexe.. não sei o que é... fumo todo dia".**

Paulo vê a coisa de outro ângulo:

— Esse negócio aí eu acho que é muito importante aqui no Brasil. Nós somos muito à la Estados Unidos, à la França, à la não sei o que. Nós não estamos preparados pra isso. Existe essa transação de tóxicos essa transação de sexo, essa transação de tudo.. aqui o jovem tem essa mania, pintou... dizem que fumo é uma maravilha, tem que queimar fumo, todo mundo queima fumo... aí diz que a transação é meter, aí todo mundo tem que meter porque dizem que isso é bom paca... eu acho que eles já tão tão preparados pra isso, nós não tamos preparados pra essas coisas que eles botam aqui dentro... coisas importantes não chegam até nós...

A última pergunta foi mais abrangente: "Qual é sua idéia do Brasil?

Paulo: **"Não é democrático... é um país que é grande mas pode crescer muito mais, mas muito mais mesmo, o grande que eu digo é mínimo, entende... é tão mínimo que a gente ainda vê coisa como no Norte do país a gente vê gente, aquele negócio de televisão, aquela reportagem linda de morrer, os ossos caindo no chão, gente passando fome, mais não sei o que... portanto eu acho que o Brasil não é nada, quer dizer, é grande em tamanho mas de cuca mesmo nós não somos nada. Realmente não dá orgulho".**

Gelson: **Eu também não tenho informações, realmente não entendo muita coisa... o que a gente vê, o que as pessoas comentam,... primeiramente a democracia, pô, é uma democracia fascista paca... aliás eu acho que todo mundo aí, todos esses políticos são fascistas pampa... então, o Brasil é grande, tem grande a extensão, mas ele não é porcaria nenhuma, sabe... eu acho que de Brasil mesmo aqui, existe muito pouco, porque tudo aqui é americano, tudo aqui é alemão, tudo de fora... eu acho que o Brasil oprime demais as pessoas... o governo eu acho que não pensa muito direito... desenvolvimento mental, cuca, eu acho que ninguém aqui no Brasil tem legal, não... esse negócio de miséria: miséria aqui no Brasil tem demais, tem demais mesmo, enquanto tem pessoas aí, sabe, com mansões de extensão, de quilômetros... eu acho isso erradíssimo, que nem esse Monteiro de Carvalho (*), cara que tem uma residência fora do comum, um troço que não dá nem pra entender enquanto que tem pessoas aí morrendo de fome...**

Ricardo: **"Eu acho o Brasil uma m...".**

(*) família tradicional do Rio de Janeiro que mora numa luxuosa mansão, no meio de um bosque, em Santa Teresa.

CURTAS e GROSSAS

TEM BARATA NA MERENDA

No ano passado, a Secretaria Municipal de Educação e Cultura distribuiu diariamente cerca de 650 mil merendas nas escolas primárias. Nestas merendas, constatou-se a presença de ratos, baratas, fios de cabelo e de vassouras, conforme o laudo abaixo:

INSTITUTO DE NUTRIÇÃO ANNES DIAS
ASSESSORIA DE ANÁLISES BROMATOLÓGICAS
(Laboratório)

Produtos: Mistura láctea
Fornecedor: Toddy
Procedência: Escola Dr. José Antonio Ciraudo (18-19-16) — 18.º [redacted]

RESULTADO DOS EXAMES

1.ª Amostra — Sabor baunilha

Caracteres organoléticos: **Produto em pó apresentando cheiro impróprio.**
A preparação do produto, segundo as normas indicadas pelo fabricante, revelou a presença de inúmeros insetos na massa.
Observações: **A amostra examinada era constituída por uma porção do produto e estava contida em saco plástico, aberto.**
Conclusão: Produto impróprio para o consumo.

MANOEL JOSÉ DE SOUZA DANTAS

Professores : a hora é de luta

O salário médio de um professor de primeiro grau nos grandes centros urbanos varia entre Cr$ 1.300,00 e Cr$ 1.500,00 por mês. (O salário mínimo no Rio é Cr$ 1.106,00 e o aluguel de um apartamento mínimo na Zona Sul é Cr$ 2.000,00). A 35 quilômetros de Manaus, um professor ganha Cr$ 35,00 por mês; no centro do país, Cr$ 87,50 e, no interior do Ceará, entre Cr$ 40,00 e Cr$ 70,00.

Cansados da exploração demagógica que autoridades educacionais fazem em torno de suas figuras, apontando-os como mártires que ganham pouco e devem ganhar mais, porém sem melhorar nunca as suas condições de trabalho, os professores de vários estados, inclusive do Rio, resolveram se unir e partir para a luta.

No dia 15 de outubro, tradicionalmente Dia do Mestre, a Sociedade Estadual de Professores, que reúne educadores de Primeiro e Segundo Graus municipais, estaduais e particulares lançou uma nota afirmando que "deixava patente a disposição do professorado em lutar por melhores condições de trabalho. E afirmava: "esta é uma data de reivindicação tanto ou mais do que de comemoração".

Depois de um abaixo assinado que recolheu 6 mil assinaturas da classe, os professores da Sociedade tentaram se avistar com o Governador Faria Lima para levar as reivindicações. Tentativa inútil, pois sempre havia um segurança barrando-os. Mesmo assim conseguiram que nivelassem os professores do antigo Estado do Rio com os do antigo Estado da Guanabara (que recebiam mais) e que professores contratados fossem efetivados.

A luta não parou, diz seu presidente Ricardo Coelho. Ela continua num novo abaixo-assinado solicitando aumento de 65% para a classe e na palavra de ordem de que todos se sindicalizem.

Celeste Cintra

Até macaco passa no Vestibular

O ensino de Matemática e Física talvez seja o problema educacional mais grave do Estado do Rio de Janeiro, segundo técnicos do Cesgranrio, órgão responsável pelo vestibular unificado na área do Grande Rio. No Vestibular-77 (os dados de 78 ainda não não foram divulgados), a média da prova de Matemática dos candidatos inscritos foi 2,3, o que demonstra que seu desempenho nessa prova foi quase idêntico ao de macacos que marcassem aleatoriamente os cartões (estatisticamente, numa prova de múltipla escolha com cinco alternativas, as chances de acerto no "chute" são de 20%, implicando uma nota em torno de dois).O desempenho dos candidatos na prova de Física foi bem parecido — média 2,6.

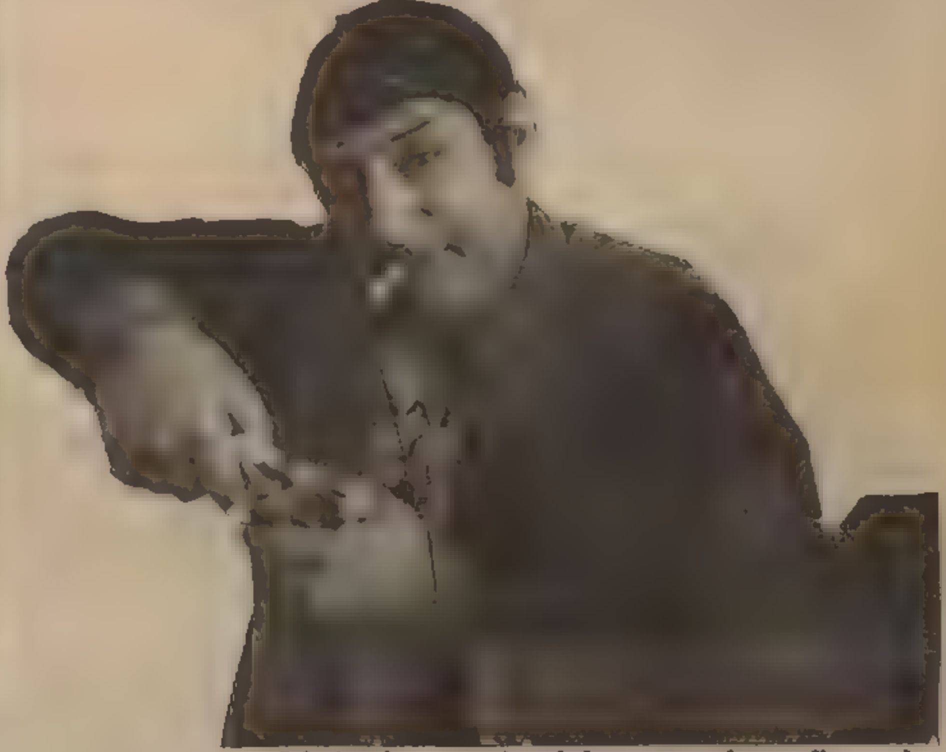
Nicia Maria

HOMEM-CAVALO

VINCENT CARELLI

Homem-cavalo tenta fugir, mas é fotografado.

Ele também quer entrar no páreo



O fotógrafo se aproxima do homem-cavalo sem dizer nada.

O espírito de um cavalo entrou no meu filho quando ele tinha 15 anos. Agora tem 35, usa rabo, arreios e relincha.

A senhora de 60 anos moradora da periferia de São Paulo procurou o Centro de Pesquisas Espirituais e Cabalísticas para ver se o filho melhorava.

— E melhorou?

— Bem, ele pelo menos já deixou de usar ferradura, — disse a mulher.

Não é verdade.

O fotógrafo Ayrton de Magalhães conseguiu fotografar o homem-cavalo num bar perto do Jockey Clube: ele estava usando rabo, revólver e ferradura. Tentou de todas as maneiras fugir das fotos, chegou a ameaçar Ayrton e depois ainda chutou e amassou a porta direita do carro do fotógrafo.

O homem-cavalo circula no bairro da Lapa, gosta de passear em Osasco, cidade-satélite de São Paulo e frequenta as vizinhanças do Jockey Clube. Um de seus grandes amigos é Ramon, dono de uma banca de jornais. O homem-cavalo pode ser visto lá, comentando com Ramon resultados dos páreos. Ou lendo, calmamente, a bula de um remédio para animais. A obsessão do homem-cavalo é tão grande que ele diz que se um dia quebrar a perna, terá de ser sacrificado, como um cavalo.

AYRTON DE MAGALHÃES

Homem-cavalo ameaça bater no fotógrafo.

— Ele é louco para correr no Jockey, — disse Ramon. Por isso os porteiros têm ordem de não deixar ele entrar.

Ramon conhece o homem-cavalo há 15 anos. Até hoje não sabe o nome dele nem onde mora.

— Só ouvi falar que era filho de general.

Outro ponto do homem-cavalo é um terminal de ônibus na Lapa. Ele tem passagem grátis, é amigo de motoristas e cobradores. O dono da empresa um dia parou o mercedes ao seu lado e lhe deu uma nota de 500 cruzeiros.

Nesse terminal o repórter Palmério Dória de Vasconcelos conheceu-o. Luis, inspetor do terminal, apresentou Palmério como inspetor, para ficar mais fácil. O homem-cavalo apertou firme a mão de Palmério, deu um riso aberto e simpático que neutralizou um pouco seu forte cheiro, de cavalo suado.

— Ônibus é comigo mesmo, — disse o homem-cavalo e saiu andando na direção de um buteco.

Ele pediu guaraná enquanto continuava brincando com cobradores e motoristas. A brincadeira era passar a mão no queixo e rir.

Aí entrou num ônibus, pela porta da frente, onde ficou em pé. O motorista ria, os passageiros também.

Passou a viagem toda "atirando" pela porta com seu revólver de brinquedo de cano longo, prateado, o cabo todo remendado com durex. Uivava, relinchava, imitava sirene da polícia.

Ao passar por um grupo de trabalhadores gritou:

— Trabalhadores do Brasil!

Sempre que o ônibus emparelhava com outro, ele dizia ao motorista:

— Olha o teu parente.

O repórter já sabia que não adiantava nada fazer perguntas ao homem-cavalo. Ele só fala o que quer.

Na entrada de Osasco, o homem-cavalo percebeu um gesto do fotógrafo Vicenti Carelli que estava com o repórter Palmério. Vincent tentou fotografá-lo pelas costas, ele percebeu e na mesma hora pulou fora do ônibus.

Atravessou a avenida no meio de grande trânsito, atirando para o ar e gritando:

— Tá-tá-tá-tá, uuuuuuuu! Sou o terrorista da praça!

P.S. esta reportagem é uma homenagem ao "Complexus Equinuus".

REPORTER

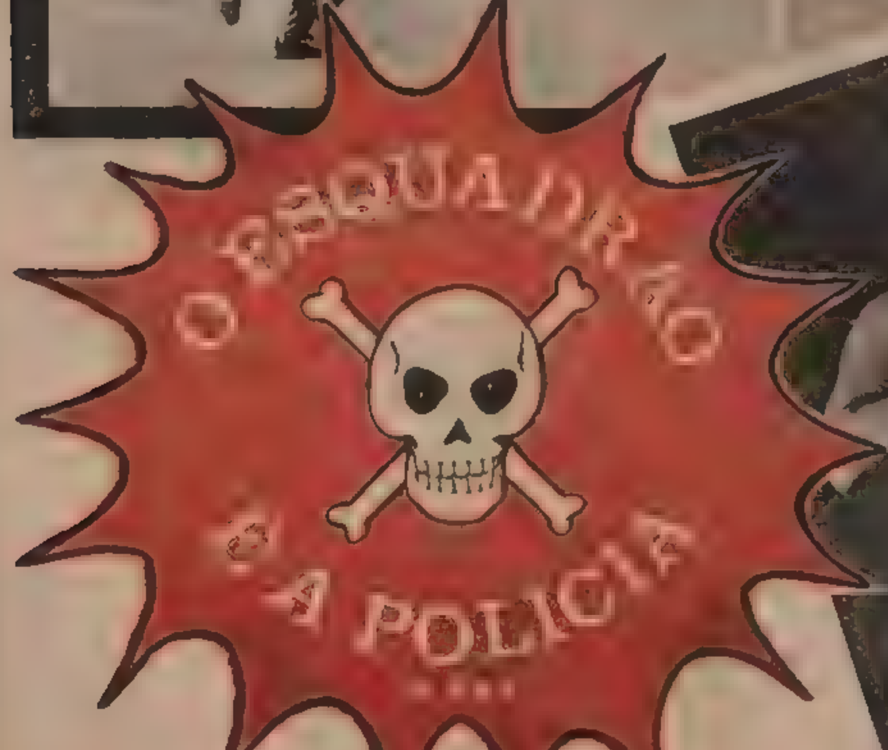
Rio, março de 1978 — Número 4 — Cr$ 7

AUTONOMO INDEPENDENTE

1968 A REVOLTA CIVIL

O POVO NA RUA CONTRA O GOVERNO

P. 13 a 23



A PETROBRAS NÃO GOSTA DA SUA MULHER

P. 8 e 9

LEITORES

Agradamos em Realengo

Rio de Janeiro, 8 de março de 1978
Ilm. Sr. Editor do Jornal Reporter

Venho parabenizá-lo de ter a coragem, a audácia, de editar este jornal que nos orienta, além de instruir.

Parabenizo-o pela coragem de imprimir reportagens que nenhum outro jornal colocaria, temendo o fechamento dos jornais. Mas, o senhor, teve e foi muito bem recebido pelo povo, que é a grande força deste país.

Gostaria de saber como devo proceder, em suma: o que devo fazer para adquirir as edições deste jornal que antecedeu o n.º 3; todos eles. Enfim, com tão grande gama de reportagens sensacionais que quero passar a colecionar esse prestigioso jornal.

Senhor editor: este jornal é utilíssimo para todos, pois diz a verdade! Não inventa reportagens e não falsifica as palavras ditas. Enfim, coloca tudo assim como foi falado.

Espero ser atendido o quanto antes na minha recomendação sobre os números atrasados e digo mais ainda: fiquei felicíssimo ao ler este jornal.

Desejando que continue a prestigiar a nossa sociedade, o nosso povo, o meu muito obrigado, e parabéns.

Obs: Adorei as reportagens do n.º 3; principalmente o "Volta às aulas".

Waldecir Faria da Cruz
Rua Progresso, n.º 62
Realengo — RJ

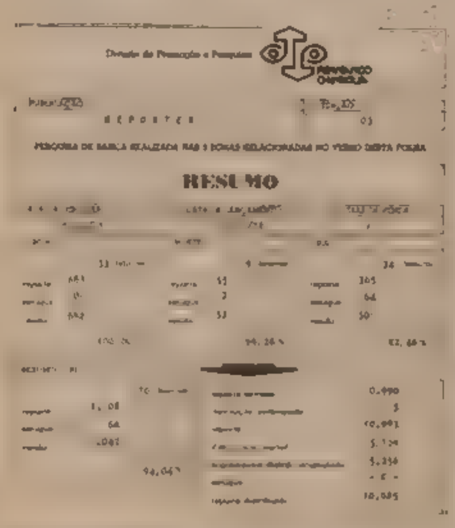
História?

Havia um certo país situado num continente imaginário. Era uma nação extensa, onde vivia um povo bom, pacífico, ordeiro, cujas forças armadas foram obrigadas a intervir e derrubar o governo civil eleito pelo povo, evitando, assim, que o país chegasse ao caos. Instalada que foi uma sucessão de vários governantes militares, mas como militar não foi feito pra política, passados alguns anos foi crescendo a insatisfação, foi crescendo mesmo com os atos de opressão e arbítrio, tornando-se quase que impossível calar alguns setores da sociedade, chegando-se a uma situação delicada diante da insatisfação geral e o fracasso dos intocáveis governantes, que entre o deixar o poder e reconhecer o fracasso e entregar o governo a quem de direito, não sabiam como agir. Mas eis que surge um gênio com uma idéia diabólica, depois de solicitado pelo poder para que encontrasse uma saída. Depois de pensar e raciocinar sobre a situação, disse:

— Façamos o seguinte: continuemos, deixemos as coisas como estão. Na época certa, peguemos alguém civil que seja conhecido e lance por conta própria sua candidatura à presidência, que seja dos nossos e de inteira confiança, e que tenha um compromisso conosco de que ele é o eleito, mas nós os governantes, nada mudará, e agora vejam bem meu plano: esta candidatura deverá parecer uma atitude pessoal e contrária à nossa vontade. Ficaremos contra ela, condenaremos sua posição e deverá ficar patente que houve um rompimento entre o poder e o candidato. Então marcaremos uma data para o lançamento do nome que surgirá como nome oficial do poder.

Faremos desenrolar o processo com o máximo de cautela, pois se tudo correr bem isso soará positivo na mente do povo e, fatalmente, todos acabarão torcendo pelo candidato civil. Chegando então o dia da eleição, os eleitores do colégio eleitoral elegerão, para surpresa geral, o candidato civil, acalmando assim a impaciência dos insatisfeitos. Muitos perguntarão como pôde isso ocorrer. **(Almir Guerra, Prado, Ba)**

LEVARAM TUDO — A edição nº. 3 de **REPORTER** foi às ruas com 15 mil exemplares. Dois dias depois os 6 mil distribuídos no Rio haviam esgotado. Nova tiragem foi rodada e o resultado está abaixo: em 21 dias, tinham sido vendidos 94,04% do total. Em São Paulo, a venda superou a casa dos 50%. Agora **REPORTER** sai com mais 4 páginas



REPORTER

REPÓRTERES/EDITORES — Luiz Alberto Bettencourt, Luiz Augusto Gollo, Chico Júnior, Alex Solnik (São Paulo)

COLABORADORES — Eduardo Homem (Recife), Miguel Furtado, Celeste Cintra, Alcyr Cavalcanti, Gilson Barreto, Daniel Remi, Ivan Maurício, Maurício Leite, Lula Feijó, Eliana Pastore, Fábio Júlio, Márcia de Almeida, Ruth Martins, Yacy Nunes Soares, Marcos Dantas, Lilian Newlands, Jair Cataldi, Maria Teresa Bustamante, Sérgio Dantas, Hélio Campos Mello, Maria Helena Passos, Angeli, Jayme Leão, Licínio de Azevedo, Tânia Celidônio, Wagner Avancini, Raquel Moreno, João Bittar, João de Barros, Airton de Magalhães, Gisela Bisardi, Telmo Wambier, Tim Lopes, Toninho Martins Vaz.

ARTE — Andrei Bastos, Analuce Estrela, Maurício Veneza, Ruth Freihof, Glória Jean, Petchó, Daniel Senise

REPORTER — Autônomo Independente. Uma publicação da Margem Editoria e Programação Gráfica Ltda. — Rua Miguel Couto, 134, 11º andar — telefone: 253-5038 — Rio de Janeiro. **São Paulo** — Rua Jaguaribe, 25/3º andar, conjunto 31. CEP 01224. Telefone: 284-0393. Diretor — César Arruda Castanho.

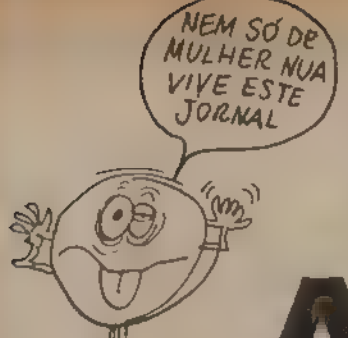
Recife — Representante Editora Alternativa — Rua Conde de Boa Vista, 50, sala 330

Distribuidores exclusivos para todo o Brasil. Fernando Chinaglia Distribuidores S.A. — Rua Teodoro da Silva, 907. Rio de Janeiro.

Composto e Impresso na Editora Mory (BRAZIL HERALD). Rua do Resende, 65 — Tel. 263-7002 (PABX) — Rio de Janeiro — RJ.

REPORTER integra o Comitê da Imprensa Independente

RECADO PARA O HENFIL: se lembra desses desenhos que você fez há muito tempo para o Correio da Manhã? Pois nós tomamos emprestado, Henfil. Esperamos que você não se aborreça com isto. (REPORTER) Fotos da capa e do Jornal de 1968 Agência Globo



FLEURY EM AÇÃO

TORTURADA A PROFESSORA

10 ANOS

PROFESSORA PRESA E TORTURADA OFENDE FLEURY DURANTE INTERROGATÓRIO — BISPO VAI VISITÁ-LA E É ACUSADO DE SER SEU AMANTE — PRESO É POSTO EM SUA CELA PARA VIOLENTÁ-LA — QUATRO DIAS NA SOLITÁRIA SEM COMER — TORTURADORES RECEBIAM BILHETES EM INGLÊS E TOMAVAM PICO NA VEIA.

18 de janeiro de 1974. Me lembro bem porque era aniversário do meu irmão. De manhã tinha um volks parado na porta do escritório. Mas com isso já estávamos acostumados. Lá pelas três da tarde, pára uma C-14 e descem oito homens. Invadem o escritório, revistam tudo, naquele festival de ignorância. Pegam papéis, abrem gavetas, sobem no telhado. Eu tentava perguntar o que era isso mas eles me deram voz de prisão e disseram que depois eu ia saber.

Nos puseram na C-14, eu, a datilógrafa e o office-boy. Ele se chama Roque. Quando chegamos ao DOPS, Roque foi o primeiro a ser interrogado, e pelo próprio Fleury.

Fleury perguntou o que ele fazia no escritório. Ele disse que entregava correspondência. Fleury quis saber se tinha correspondência para outros países. O menino disse que como eu era uma pessoa importante mandava cartas para muitos países. Fleury perguntou se eu mandava cartas para Cuba. O menino não sabia mas disse que achava que sim, pois eu me correspondia com muitos países!

Depois foi a minha vez.

Fleury foi dizendo logo que lá o pau era pra valer, que não adiantava eu manter minha pose, que sem tortura ninguém fala mesmo e 60 dias me fariam bem ali. O nível da conversa foi baixando. Ele falava as piores coisas da moral de Dom Paulo Evaristo e de padres a Zona Sul. Eu disse que não admitia que ele falasse assim de pessoas que eu respeitava e gostava muito. Mas ele disse que eu não deveria ser tão arrogante pois dependia dele e ele podia fazer de mim o que quisesse.

Insistiu com perguntas sobre a Igreja. Uma hora estourei e disse (hoje não diria).

— Não admito ser interrogada por um criminoso, chefe do Esquadrão da Morte!

A mesa dele estava cheia de coisas. Capacetes, carabinas, revólvers, algemas. Ele abriu a porta e chamou um tal Marquinhos.

— Vê se disciplina a professora — ele disse a Marquinhos.

Marquinhos me deu uma bofetada. A mão dele édesse tamanho. Eu sabia que não podai dar uma tapa nele. Respondi falando:

— A única força que vocês têm é essa mesmo, porque força moral não têm nenhuma!

Levei mais dois bofetões.

Este interrogatório acabou pelas 9 da noite. Me levaram pra cela, que se chama Fundão: não é coletiva, mas não chega a ser solitária. Porta de madeira com um buraco, de onde só dava pra ver uma parede, cela muito suja, minha cama era uma laje de cimento coberta por um colchão de espuma fino.

Segunda-feira começaram os interrogatórios. Oito policiais me interrogando ao mesmo tempo. Choques elétricos. Fleury só entrava na sala para dar ordens. Dizia que perguntas tinham que me fazer e como deveriam me torturar.

O olho direito, do qual fiquei cega dois anos depois, comecei a perder numa sala acústica onde ficava amarrada numa cadeira e eles ligavam luzes de todas as cores, intermitantemente. A sala era quentíssima — ainda mais era janeiro — eu suava muito, mas não me davam água.

Fleury fazia cenas. Entrava no meio do interrogatório com óculos na mão dizendo que era o óculos de um amigo meu que estava apanhando muito.

Eles queriam me enquadrar em alguma organização, mas eu não era de nenhuma. Berravam que eu tinha de confessar que era da AP, do PC do B, da VAR-Palmares. Entre eles tinha um especialista em AP que disse que os meus textos lembravam muito posições de AP. Alguns policiais me chamavam de você, outros de senhora, outros de vaca.

Fotos de Juca Martins

A professora Maria Nilde Mascelanni, 46 anos, é velha conhecida nos órgãos de segurança de São Paulo e Brasília. Em 1962 foi a principal criadora de um método de ensino logo utilizado em escolas paulistas que educava cerca de 5 mil alunos. O trabalho de Maria Nilde despertou atenções e agitou os serviços de informação que, em 1969, prendera todos os professores que usavam seu métodos. Em 1970 Maria Nilde foi aposentada pelo AI-5. Em 74, foi presa em seu escritório e só foi solta 64 dias depois. Ainda hoje a professora é vigiada até nas aulas de psicologia que ele dá na PUC-SP.

Eu me negava a responder os interrogatórios. Então resolveram me colocar na solitária. Fiquei quatro dias sem comer, sem medicação pra minha artrite, fechada na solitária. Não adiantava bater na porta, me esgoelar, que não vinha ninguém.

Acho que eles estavam treinando essa equipe comandada pelo Fleury em tortura psicológica. Comigo foi assim. Fizeram muitas cenas pra me impressionr enquanto eu estava na solitária. Encenaram que minha mãe tinha morrido; que iam me levar e matar na represa de Guarapiranga; que um padre amigo meu estava moribundo, em frente à minha cela.

Um dia colocaram um criminoso comum na minha sala, com intenção que ele me violantasse. Em vez disso, eu conversei muito com ele, orientei como uma orientadora social e quando ele saiu os policiais gritaram com ele, chamaram de bicha e me chamaram de homem!

As vezes me levavam para uma sala, responder uma "sabatina". Entre os investigadores na sala, percebi um com cara de estrangeiro que passava bilhetinhos para os outros. Não parecia policial, parecia mais fino. Só sei que passava perguntas em inglês.

Fiquei 34 dias incomunicável no DOPS. Dom Paulo (Cardeal Arcebispo de S. Paulo) conseguiu quebrar a incomunicabilidade. Me visitou. Conta: No caminho até minha cela, Dom Paulo ouvia a voz de Fleury dizendo os maioes impropérios: que eu era amante dele; que meu primeiro homem vinha me visitar.

Só aí — um mês depois de ser presa — eles começaram a me interrogar sobre o trabalho pelo qual fui presa, "Educação Moral e Cívica e a Escalada Fascista no Brasil", que fiz para o Conselho Mundial das Igrejas, sediado na Suíça.

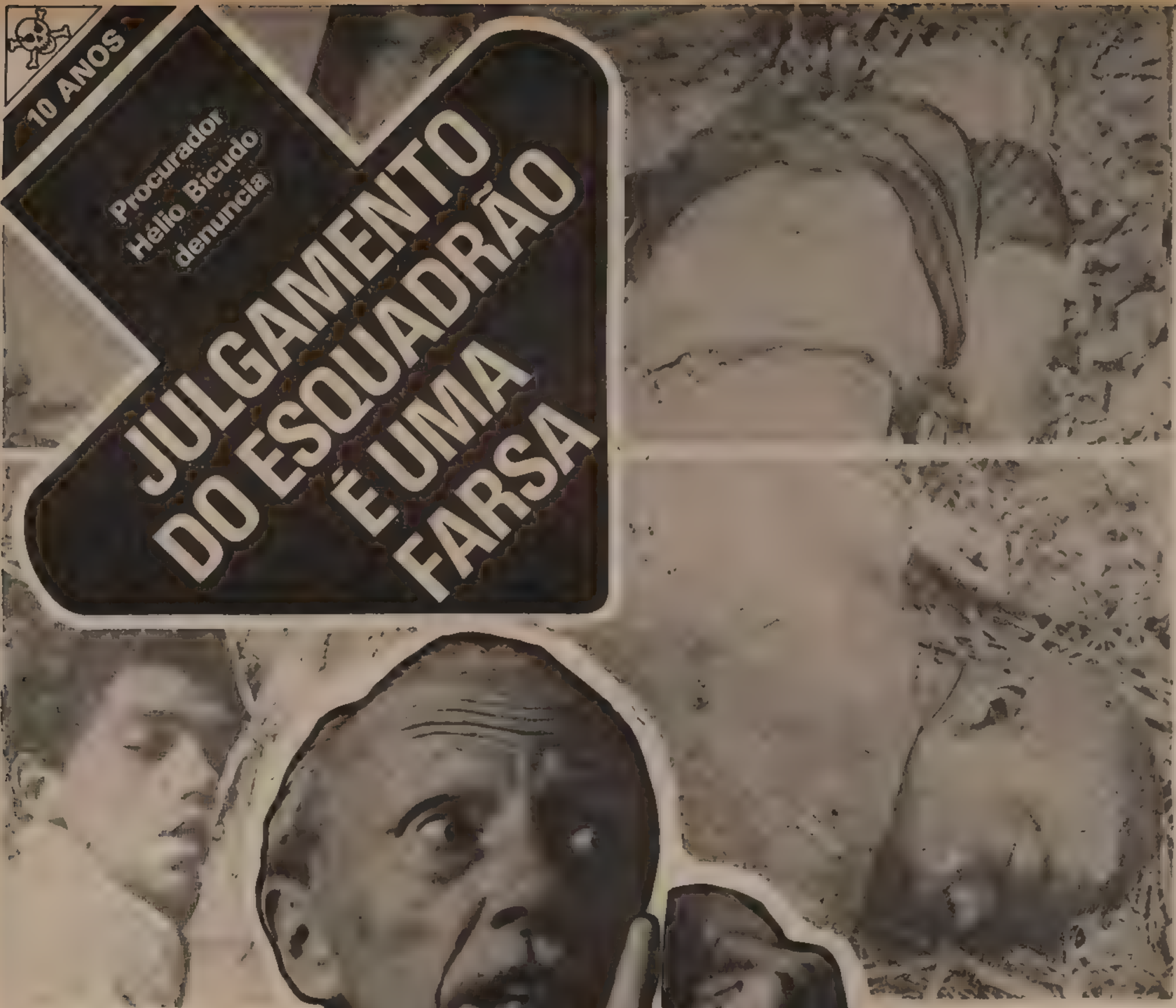
Não fui torturada pessoalmente pelo Fleury. Sei que ele tortura, o Tácito (Tácito Pinheiro Machado — Delegado Geral da Polícia, na época no DOPS) também. Vi coisas incríveis. Vi torturadores tomando picada na sala de interrogatório. Porque para torturar pessoas acho que só agüentam drogados. E uma coisa bem comercial. Eles ganham horas/tortura, unidades/devassa, não podem perder tempo.

Essa operação em que fui presa Fleury chamava de "Rapa da Igreja".

10 ANOS

Procurador Hélio Bicudo denuncia

JULGAMENTO DO ESQUADRÃO É UMA FARSA



"Estou convencido de que existem autoridades superiores responsáveis pelo Esquadrão"

"Todo o esquema de combate à subversão é uma fábrica de subversivos"

Temos hoje um herói entronizado no panteão dos heróis nacionais que é impossível de ser tocado e qualquer atitude nes, sentido a prevalecer o esquema existente redundará na desmoralização da Justiça."

O herói é o delegado Sérgio Paranhos Fleury, diretor do Departamento de Investigações Criminais, e quem fala assim é o Procurador da Justiça do Estado Hélio Pereira Bicudo, em seu escritório no centro de São Paulo.

Fleury, ex-informante do DOPS, ex-segurança de Roberto Carlos, notabilizou-se na repressão à "subversão" pós-68, tendo sido elogiado não só por autoridades federais brasileiras, como pelo presidente do MSI, partido fascista italiano. Numa entrevista ao Jornal do Brasil, em 1977, o político afirma:

— Fleury deveria fazer um estágio na Itália para mostrar como se acaba com os comunistas.

Depois de matar o dissidente Carlos Marighela em São Paulo (1969), o policial ganhou tanta fama que nem mesmo as provas contundentes de que seria ele o principal membro do Esquadrão da Morte em São Paulo conseguem abalar seu prestígio.

O procurador Helio Bicudo, ao investigar as atividades do Esquadrão da Morte constatou:

— Numa certa altura das investigações comecei a sentir resistência dos órgãos de segurança. Recebi, inclusive, avisos pelo chefe do Serviço Nacional de Informações em São Paulo de que a prisão de Fleury seria um incremento ao movimento subversivo.

Bicudo não acredita nos julgamentos de membros do oesquadrão:

— O último episódio (prisão e soltura de Fleury) foi a pá de cal nos processos do Esquadrão. Com ele, o esquema que se montou para preservar a impunidade do Esquadrão se mostrou como fator determinante de qualquer outra decisão que se venha a tomar. Para decoro da Justiça seria melhor que os processo contra o Esquadrão dormissem nas prateleiras dos cartórios. Melhor do que montar novas farsas de julgamento. A Justiça não tem força para se opor à polícia que é o poder que conta no sistema político vigente.

O sistema Bicudo define como um "estado policial" que começou em 1964 e se tornou mais visível depois de 1968. O Esquadrão da Morte teve papel decisivo nessa escalada:

— O Esquadrão foi um degrau na escalada da violência policial. A tortura hoje é uma rotina. A violência é uma tônica da atividade policial. O povo se acostumou a conviver com a violência policial e a polícia não está preparada para não ser violenta. E praticando violência, ela pratica e estimula o crime.

Quer dizer que a polícia trabalha contra ela mesma?

— Ela vive da violência. A polícia é uma fabrica de bandidos. Como todo o esquema de combate à subversão é uma fabrica de subversivos.

— O senhor acredita então na idéia de que a polícia "precisa" de bandidos para poder existir?

"Homens como Fleury são conhecedores de problemas e situações que não devem ser reveladas e só uma proteção dada a eles preserva os segredos".

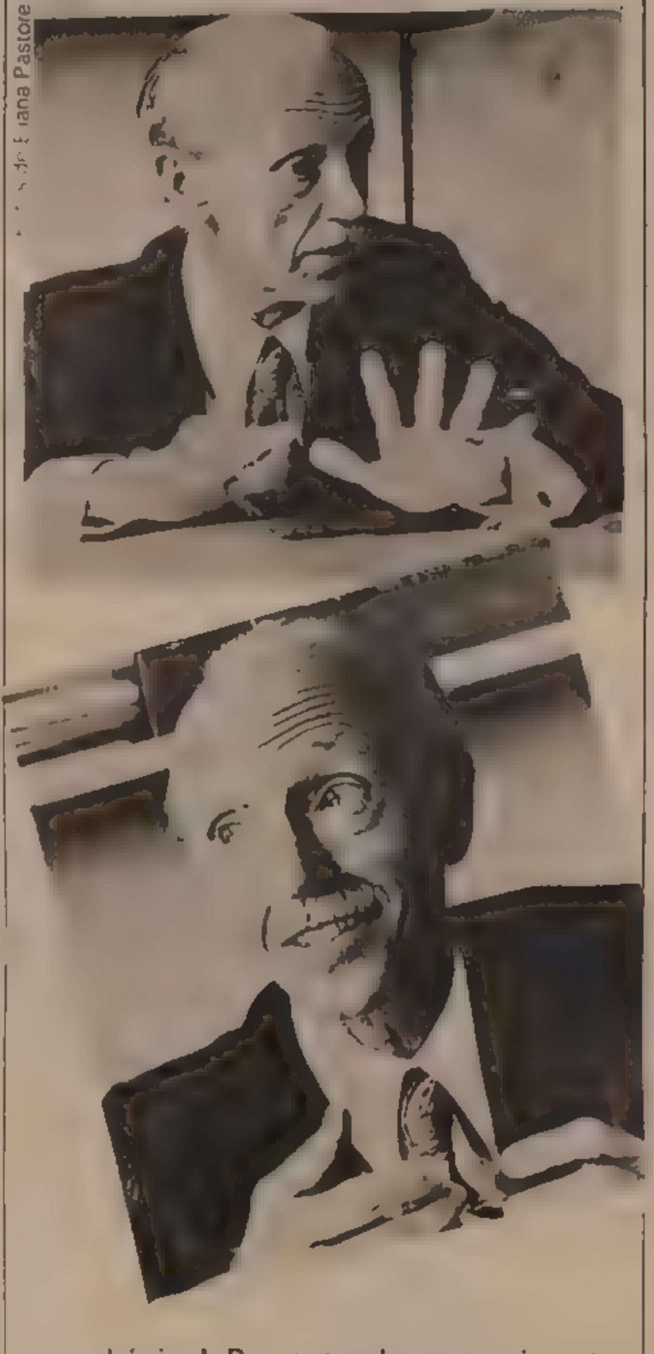


Foto: Liana Pastore

— Lógico! Por exemplo, o movimento estudantil, que é um movimento legítimo em que a classe estudantil despertou para a luta em prol das franquias democráticas é considerado subversivo pelo aparato que visa a combater a subversão. Para que ele exista, é preciso que haja subversão ainda que não haja subversão.

Esse aparato de combate à subversão pode ser chamado de "poder paralelo"?

— O poder paralelo é da polícia como tal — que é o poder. Acima, até, do Judiciário. O Esquadrão da Morte foi a semente que permitiu o aparecimento desse poder.

Nos dois anos de investigação, Bicudo concluiu que o Esquadrão da Morte de São Paulo era composto por 35 policiais, "o mais atuante deles, Fleury". Dos 35 "apenas os pés-de-chinelo estão presos."

Quando o senhor começou a investigar, até onde queria chegar?

— O Esquadrão foi organizado com respaldo das cúpulas não só da polícia, mas do governador do Estado, Abreu Sodré, e do Secretário de Seguranca, Eli Lopes Meireles. Comecei a investigar de baixo para cima começando pelos casos mais simples. Quando já estava na altura de investigar a participação intelectual de autoridades além da polícia, fui exonerado de minhas funções.

Além do extermínio brutal de criminosos, o Esquadrão praticava a corrupção em vários níveis: tráfico de tóxicos, exploracão do lenocínio, venda de "proteção."

— Num regime de exceção há estímulo para esse tipo de atividade — diz o Procurador Bicudo. Num regime de franquias democráticas há fiscalizacão muito mais efetiva dos atos do poder público através das câmaras de Vereadores, Assembléias Legislativas e Congresso Nacional. Isso hoje não existe mais porque o Poder Legislativo é um prolongamento do Poder Executivo: faz o que o Executivo quer. O Poder Judiciário não tem garantias para tomar decisões com autonomia. Vivemos um estado policial em que a Justiça está dobrada à vontade da polícia.

Em outro regime o delegado Fleury seria o chefe do (DEIC)?

Não tenho nada pessoal contra qualquer membro do Esquadrão ou contra o Secretário da Segurança, Erasmo Dias. Mas acho que é uma incoerência e, mais que isso, um acinte à sociedade, elevar um homem sub-júdice, com processos de homicidios nas costas à direção de um órgão importante como no DEIC.

Considera que o Esquadrão acabou?

— Depois de 1970 não se teve mais notícia de "presuntos" em São Paulo.

O Esquadrão foi desmantelado?

— A equipe do Fleury continua a mesma da época do Esquadrão. Os outros membros foram espalhados pelas delegacias da cidade, longe uns dos outros.

Quer dizer que o Esquadrão pode surgir de novo?

— Pode, e um problema de decisão interna da polícia. No regime em que vivemos, tudo é possível.

O regime tem condições de durar?

— Só sendo adivinho para saber. Não vejo perspectivas de mudança. Acho que vai durar mais uns 40 anos...

Por que Fleury tem respaldo até de autoridades federais?

— Solidariedade. Necessidade de se encontrar um homem-símbolo para luta contra a subversão. Desde que o homem foi crismado, se tornou intocável. Além disso, homens como Fleury são conhecedores de problemas e situações que não devem ser reveladas e só uma proteção dada a eles preserva os segredos. Estou convencido de que existem autoridades superiores responsáveis pelas atividades do Esquadrão.

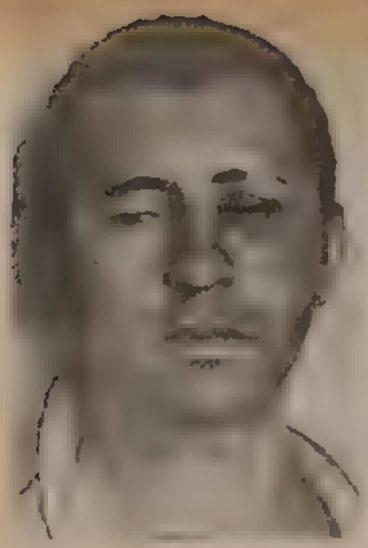
E o senhor nunca temeu o Esquadrão?

Bicudo sorri:

— Não, nunca tive medo pela minha pessoa. Só temi pela minha família.

É verdade que Fleury é um torturador?

— Basta falar com as pessoas que passaram pelas suas mãos. Como a pedagoga Maria Nilde Mascelanni. O metalúrgico Valdemar Rossi. E tantos outros.



"Qual o motivo? Vingança."

"A polícia está podre" ele disse à rádio Jovem Pan de São Paulo, ao receber alta um dia depois de ser internado com suspeita de traumatismo craniano. "A polícia quer esconder o que faz, mas a imprensa é a defensora do povo", disse também à rádio. Ainda sentindo muitas dores, Milton Soares revelou a *REPÓRTER* detalhes macabros das torturas que sofreu na delegacia de Guarulhos:

"ELES QUERIAM ME MATAR!"

Ele não demorou para descobrir: "Vão me jogar na jaula das feras". Mas não pôde fazer nada. Apenas acompanhar o carcereiro que o segurava firme pelo braço direito, caminhando ao seu lado. "Será que vou conseguir convencê-los a não me tocarem"? A porta foi aberta e ele empurrado para dentro.

Caiu na entrada da cela no meio dos nove presos mais perigosos da cadeia: as feras. Ouviu comentários ameaçadores: "Ah! você é o que encrencou com o delegado? Você é o famoso Milton Soares (alguns diziam Souza, não sabiam o nome certo), o repórter que nos escracha no jornal"? Ainda tentou, fez de tudo para evitar o ataque. Negou a identidade, perguntou, fingindo que não sabia:

— Vocês são 155 (furto)?

— Somos 157 e 121, xará (latrocínio e homicídio).

— O meu negócio é 331 (desacato) e foi forjado. Meu advogado está aí, vou embora em seguida.

— Que nada, você vai pagar pelo que fez.

O primeiro murro pegou no supercílio esquerdo. As feras enlouqueceram e começaram a bater por todos os lados, alguns com cassetetes de madeira. "Sangrei como água. E eles espalharam borra de café pelos ferimentos para estancar o sangue. Enquanto davam socos no meu estômago".

Na noite de quinta-feira, dois de março, Milton Soares, correspondente da *Folha de São Paulo* em Guarulhos — a 30 quilômetros do centro da capital — ficou sendo jogado durante duas horas de um lado para outro numa cela de três metros por quatro. "Um judas malhado na cadeia da cidade".

Encheram a boca do repórter com um pedaço de espuma, amordaçaram com um pano sujo. Amarraram os pés e as mãos e arrastaram-no pelo chão. Jogaram embaixo do chuveiro quando desmaiou. Isso aconteceu várias vezes. Com um fio elétrico de dois metros ligado a uma tomada colocada estrategicamente sob o chuveiro, se encarregaram de reproduzir no corpo despido as sessões de tortura pelas quais certamente já haviam passado. Ele notou: "O cara que segurava o fio — fornecido pela própria polícia — tinha medo de levar um choque. Via-se pelo jeito de olhar, de encostar a ponta descapada em mim".

Milton Soares pensou: "Estou morto". Pensou três vezes. Vibrava no chão molhado ("impressão de que estava sendo torrado"), não enxergava nada apesar dos olhos abertos. Nos piores momentos, mesmo com as mãos amarradas, agarrou com toda a força a perna do que estava mais próximo, transmitindo a descarga elétrica. Um deles caiu de bunda no chão, se contorcendo.

A reação aumentava a raiva dos torturadores. O repórter, agachado num canto, conseguiu desviar o corpo quando outro quis lhe dar uma cabeçada. O preso foi direto na parede, urrou de dor e voltou querendo bater até matar.

Falavam o mínimo necessário, muito baixo. Se comunicavam mais por sinais e Milton conseguia perceber que pretendiam assassiná-lo. De madrugada, quando a cadeia estivesse tranquila e ele quase sem forças. Diziam: "Para que pressa, vamos devagar, temos tempo".

Algumas vezes quiseram obrigá-lo a ficar em pé. Não conseguia, tentava se apoiar nos beliches e então era pior:

- Sai daí, vai sujar a minha cama com sangue, seu merda.

Durante todo o tempo a tática do repórter foi a de um boxer que se refugia nas cordas, encolhe o corpo e deixa a defesa fechada, só as partes menos sensíveis desprotegidas. Com a diferença que não largaria nenhum *jab* destruidor no momento oportuno. Todos os *rounds* seriam contra ele, estaria sempre nas cordas, esperando a morte. "Mais meia hora e...sei que não aguento mais meia hora".

Mudaram de idéia por um motivo qualquer. O delegado Benedito Wilson Carris, que não

FOTOS: WAGNER AVANCINI

No corpo do repórter, a marca registrada da polícia.

havia participado da prisão, o retirou da cela e deixou jogado durante quarenta minutos numa poltrona velha, pedindo socorro. Outro, José Geraldo Pacheco, o levou por uma porta dos fundos da delegacia. Colocou-o num volkscom placa particular e seguiu para o hospital por um portão que jamais fora aberto. O repórter gritou o mais alto que pode, tem certeza de que outros jornalistas ouviram: "Covardes, por que não me tiram pela frente, para que meus colegas vejam o que fizeram"?

Outros três delegados — e assim há cinco envolvidos — são os principais acusados: Fausto Ramiere e Inácio Ferreira Dercídio — contra os quais pesa a maioria das denúncias —, Antônio Carlos Silva, que lavrou o flagrante de desacato depois de terem provocado o jornalista dentro da delegacia. Mesmo com a fiança paga, negaram-se a pô-lo em liberdade. Preferiram a alternativa da jaula.

Milton: "Fausto e Dercídio queriam se vingar. Três dias antes divulguei o enforcamento de um menino de 14 anos dentro do xadrez. Percebi que me colocaram na cela das feras pensando que, se eu morresse, seria apenas um homicídio simples. Não imaginavam a repercussão."

A notícia do assassinato do menor saiu na *Folha Metropolitana* de Guarulhos, onde ele também trabalhava. Assinaram o texto, coisa que nunca faziam e que não é muito saudável numa situação dessas. Foi o suficiente. No dia seguinte o demitiram, alegando que o jornal era pequeno demais para resistir às pressões da polícia.

No domingo posterior à prisão e tortura, mães e mulheres dos nove presos envolvidos estavam tão revoltadas, que se negaram a visitá-los, conforme costumavam. E eles começaram a se abrir: "Fomos obrigados a fazer isso". Até os presos da cela dois, na frente da deles, ficaram indignados. Disseram que não teriam permitido aquilo se fosse com eles.

Até então os culpados haviam sido apenas afastados das suas funções por trinta dias: "Precisam ser punidos pelo que fizeram". E, dia seis, o escrivão Capovilla, que participou do flagrante, esteve em sua casa. Foi junto com o promotor Carlos João Senger e o delegado Francisco Camargo Lima, encarregados de ouvir seu depoimento. Milton protestou: "Não recebo mais polícia aqui".

À noite o repórter ainda não conseguia dormir. Ficava se revolvendo na cama, com muita dor, sem encontrar uma posição cômoda. A barriga e o rosto inchados. Os braços, coxas e costas totalmente roxos. Dia sete estavam mais disposto. Chegou à porta (vive numa casa simples, de tijolos, numa rua enlameada, distante do centro de Guarulhos) para se despedir de jornalistas. Abraçado à mulher Nazira, falou sobre a profissão: "Na reportagem policial é preciso cuidado. A polícia não é amiga de ninguém, muito menos da imprensa". E, quase conformado: "Com a divulgação do meu caso estão surgindo muitos outros. As vítimas estão perdendo o medo de falar".

Algumas horas depois da entrevista e de planejar um churrasco para a imprensa, Milton voltou ao noticiário da televisão. Apareceu numa maca, com um vidro de soro ao lado e uma expressão de cansaço no rosto. Precisou ser internado com urgência, sentia muitas dores.

Licínio Azevedo

SÉRGIO FLEURY

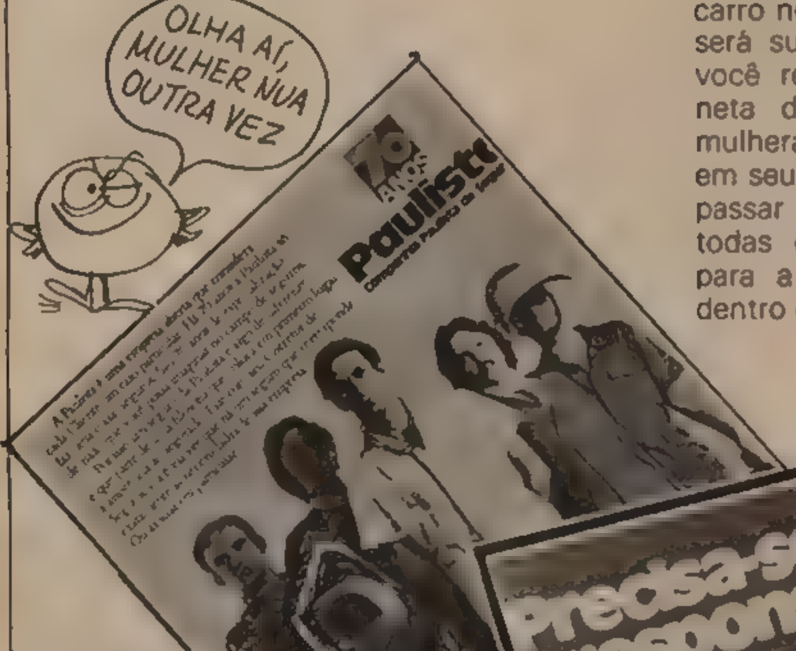
UM "HERÓI NACIONAL"

PRECONCEITO NA PUBLICIDADE

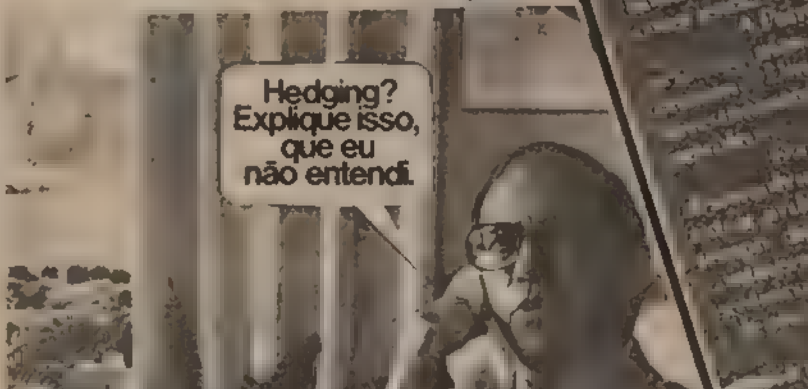
ELE É SÉRIO E ELEGANTE ELA É FÚTIL E ESTÁ NUA

Você já deu uma olhada na loura que vai se atirar a seus pés assim que você comprar um carro novo? Já viu a mulata que será sua e espera apenas que você resolva aplicar na caderneta de poupança? E aquele mulheraço que vai se enrolar em seu pescoço assim que você passar a fumar? Examine bem todas elas. Agora olhe bem para a mulher que você tem dentro de casa.

Petrobrás (para mulheres): O modelo despindo o macacão da empresa vale mais que qualquer contrato de risco. Mas ela é só outro objeto.



O competente executivo e o grupo de homens que fizeram seguro. Todos têm expressão séria e não permitem brincadeiras com seus corpos.

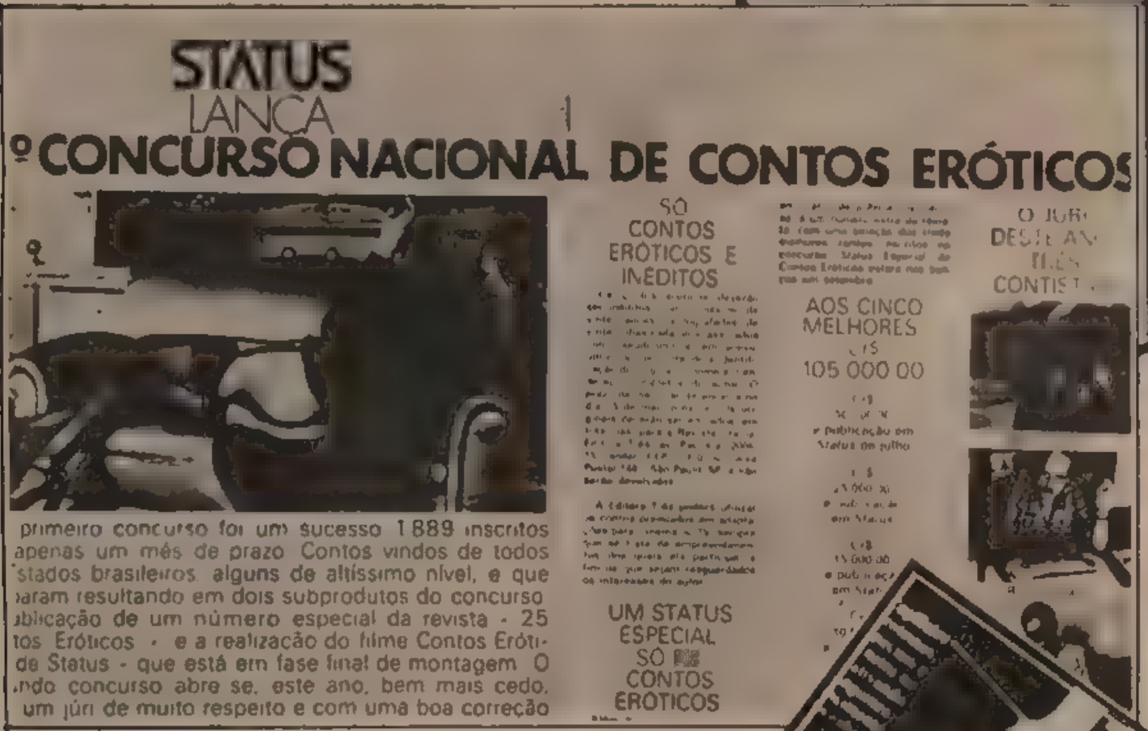


Petrobrás (para homens): Ele é decidido, firme, seguro em suas decisões de executivo responsavel. Um homem de responsabilidade e de bom senso.

Você já reparou como fica diferente nos anúncios da tevê? Você é sempre tão esbelto, tão sério, tão bonito e másculo. Já reparou como a gravata lhe cai bem na gerência do banco? E como você é inteligente, convincente, corajoso? Veja bem como é sua imagem na publicidade e avalie todos os predicados que lhe são atribuídos. Agora, olhe-se no espelho.

O importante é ter Charm, aquele cigarro longo e gostoso. Graças a ele você poderá até desfilar com o modelo de olhos ingênuos. Será?

Lafer LL: Você compra o carro e ganha de brinde o provocante modelo, em embalagem para presente. Oferta das mais comuns no mercado publicitário



STATUS LANÇA

1º CONCURSO NACIONAL DE CONTOS ERÓTICOS

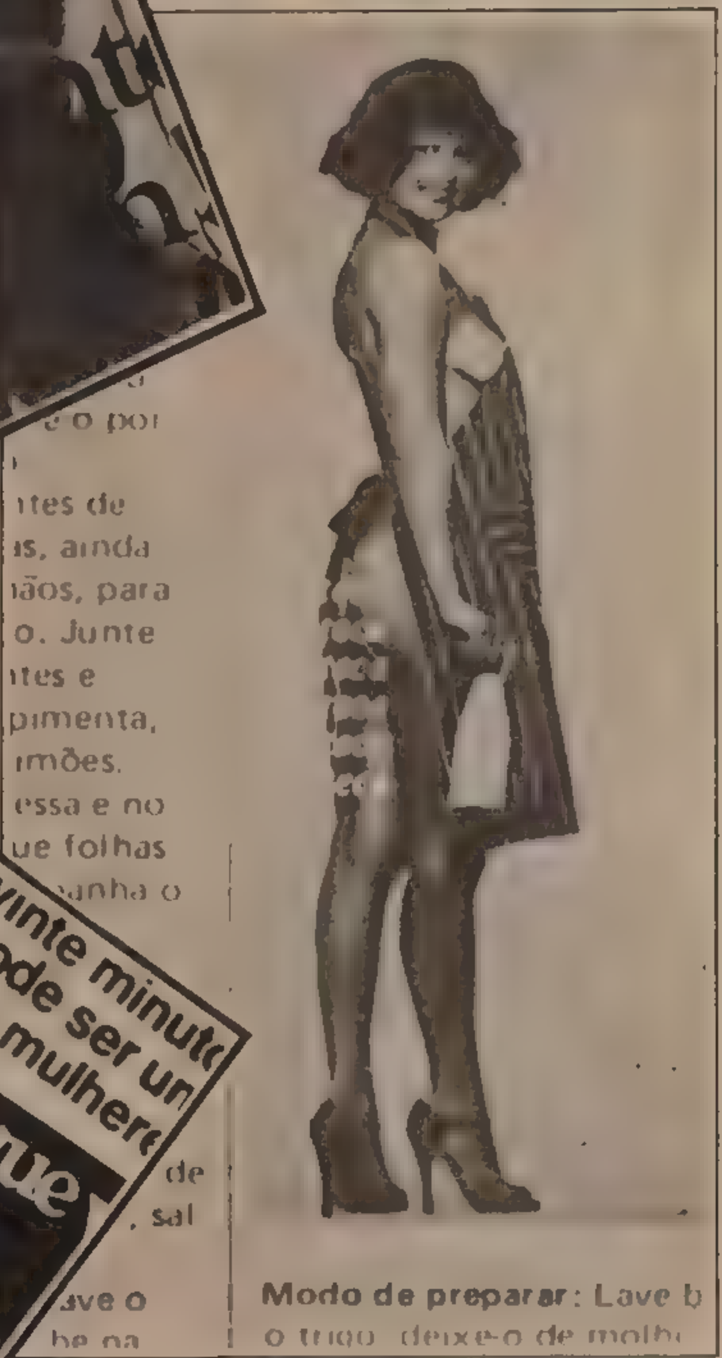
SÓ CONTOS ERÓTICOS E INÉDITOS

AOS CINCO MELHORES Cr$ 105 000,00

UM STATUS ESPECIAL SÓ CONTOS ERÓTICOS

primeiro concurso foi um sucesso 1889 inscritos apenas um mês de prazo. Contos vindos de todos stados brasileiros, alguns de altíssimo nível, e que aram resultando em dois subprodutos do concurso blicação de um número especial da revista - 25 tos Eróticos - e a realização do filme Contos Eróticos de Status - que está em fase final de montagem. O ndo concurso abre se, este ano, bem mais cedo. um júri de muito respeito e com uma boa correção

Concurso de contos eróticos: a mulher é o objeto erótico, enquanto os homens (nas fotos pequenas) são profissionais competentes julgando



Receitas preparadas pela mulher no uniforme especial. Nesta roupa, ela prepara coisinhas saborosas para o marido: ela mesma e seus quitutes.

Sutil tratamento à pele. O ABC da beleza: não há um milímetro do corpo que escape ao modelo rígido e imposto.

Na compra das rodas para o carro, o consumidor leva a esportiva (veja as meias) modelo de bunda de fora? É o que sugere a propaganda.

Fúlvia de Barros Mott Rosemberg é psicóloga e trabalha na Fundação Carlos Chagas, em São Paulo. Inconformada com a visão machista da publicidade, ela estudou os anúncios e fez um trabalho (apresentado na CPI da mulher, em Brasília) sobre os homens bonitos e inteligentes que convivem com mulheres burras mas belas nos **outdoors**, na tevê, nas revistas. O que apresentamos é parte deste trabalho

Raquel Moreno

Da trágica situação dos que

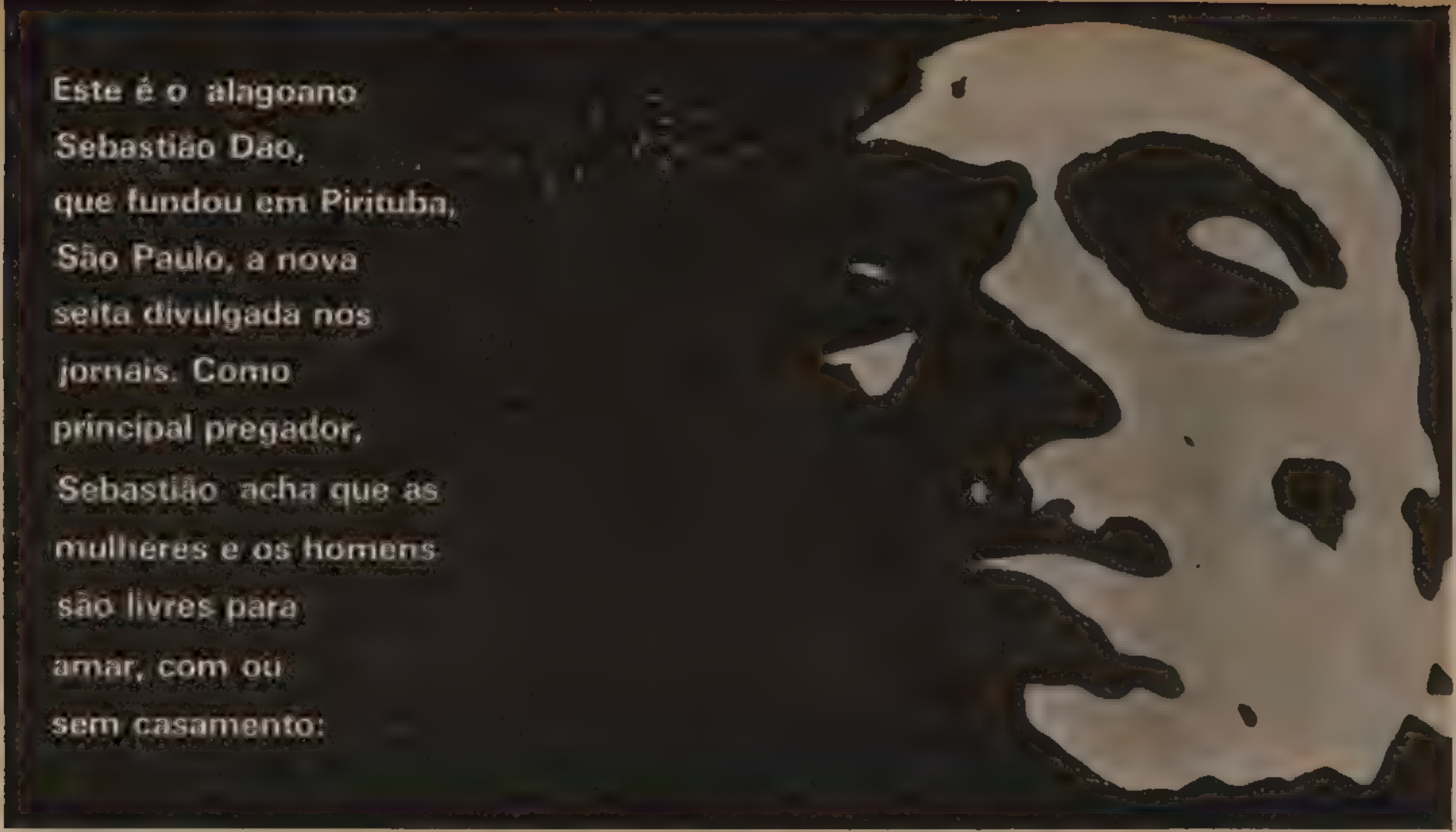
vivem de esmola nas ruas,

à comicidade das brigas sem

consequência, ao patético

do amor feito nas calçadas.

FOTOS DE ALCYR CAVALCANTI



Este é o alagoano Sebastião Dão, que fundou em Pirituba, São Paulo, a nova seita divulgada nos jornais. Como principal pregador, Sebastião acha que as mulheres e os homens são livres para amar, com ou sem casamento:

"Está tudo lá na Bíblia"

Jesus morreu para acabar com o nono mandamento: "não adulterarás".

A revelação de Sebastião Dão, alagoano miúdo, analfabeto, o surpreendeu quatro anos atrás. Ele trabalhava na roça, em Macaubal, interior de São Paulo. Nas paradas para o café, embaixo das árvores, os trabalhadores costumavam ler a bíblia. Sebastião só ouvia. Um dia teve um transe e viu que o que atrapalhava as pessoas é o ciúme. Quantas mortes acontecem entre marido e mulher? Quantos matam por suspeita de traição?

O transe, a inteligência, a maneira como interpretava a bíblia deram a Sebastião muitos seguidores.

Do interior, Sebastião seguiu para São Paulo, acompanhado de seus fiéis. Fixaram residência em Pirituba, bairro periférico à via Anhanguera, habitado por operários. Instalaram-se numa só casa, formando uma família. No quintal montaram uma pequena fábrica de tijolos de cimento, hoje produzindo 500 unidades por dia.

Nos fundos, as famílias construíram seus quartos. A cozinha é coletiva. Separada por uma parede fica a igreja, onde, segundo os vizinhos, acontecem coisas incríveis: mulheres de camisola rolam pelo chão; entregam-se ao líder Sebastião ali mesmo.

Na primeira semana de março deste ano, os comentários chegaram à delegacia do bairro, que abriu inquérito contra Sebastião Dão "por sedução de menores".

Depois disso, os rituais da igreja foram suspensos. Uma enxurrada de repórteres invadiu a tranquila comunidade. E, para todos eles, Sebastião e família se esforçam em explicar o que realmente fazem, sentem e pensam. Quando REPÓRTER esteve com eles, a loira Maria, bonita mulher de 30 anos quase, entrou em transe. Tentando explicar o que é a igreja e como surgiu, ela tanto falou em Deus, em Cristo, em sangue, que seu coração disparou. Parecia que estava pregando no alto da montanha. Toda a comunidade, reunida no corredor, acompanhou a cena com orações. Pela face de Sebastião deslizou uma lágrima.

Fotos? Nem pensar. Depois que a comunidade virou notícia policial, seus membros começaram a ter problemas no emprego e na escola. Os colegas perguntam, fazem comentários maldosos. O professor de uma sobrinha de Sebastião chegou a perguntar se o que eles fazem não seria comunismo. Ela disse que não, de maneira nenhuma.

"Você sabe o que é comunismo?" perguntei.

A menina de 15 anos disse:

"Pelo que a gente vê nos livros, é quando o governo manda nas pessoas..."

Sebastião entrou na conversa:

"A Rússia não é aquele país todo cercado por um muro?"

"Não", respondeu Teófilo de Farias, outro fiel. "Esse é a China."

Sebastião fala sobre qualquer assunto, mas fica doente se passa um tempo sem falar nada da bíblia. Não gosta de se divertir em festas ou viajando:

"Diversão pra mim é ver a natureza, os pássaros, as árvores."

Segundo sua igreja, fundada por ele, nada é proibido nem condenado. O mais importante é perdoar.

"E se a sua mulher for com outro?"

"Não tem problema. Eu não posso proibir. Se ela quer fazer isso e eu não deixo, vou prejudicar ela. O espírito da vida vem de Deus e começa no sexo. No ato sexual, carne e espírito estão ligados."

"A vida do homem inteira é sexo... 99%", diz Teófilo de Farias. "Se não, pra que a gente ia trabalhar?"

"A bíblia afirma que o povo se revolta por não ter liberdade sexual", completa Sebastião.

Cada casal mora no seu quarto, dorme junto, tem filhos. Agora, se um deles for atraído por alguém, tudo bem.

"Sou a favor e tudo bem", diz Maria, a que teve o transe "porque é uma coisa que veio do céu".

Eles se chamam crentes. Mas não proíbem ninguém de fumar, beber ou fazer qualquer coisa. Desde que não se mate o semelhante, pois a liberdade foi Deus que deu aos homens.

"Ninguém vive sem sexo", assegura Sebastião.

"E os padres?"

"Não creio nessa que vivem sem sexo..."

"Tenho uma colega que casou com um padre", conta a sobrinha dele.

Na bíblia, Sebastião descobriu muitas coisas que o catolicismo (sua religião anterior) explica diferente. A mãe de Jesus, por exemplo. Para Sebastião, ela não era virgem. Teve relações sexuais com o anjo Gabriel. Quando casou com José, estava grávida. Nessa época, era caso de o marido largar a mulher. Quase José fez isso, mas recebeu um aviso e não largou. Mais tarde, Jesus já grande, quando os judeus queriam ofendê-lo, lembravam como ele nasceu e até o chamavam de "f... da p..."

Sebastião é o único da comunidade que mora numa outra casa, perto da sede. Uma casa térrea, tipicamente de classe média, com entrada para carro. Não aparenta os 46 anos que tem. Casado há 25 anos, 7 filhos, encara com naturalidade a sua visão de mundo, tão diferente de outros.

"Por que você acha que as pessoas escondem o sexo?"

"Não sei nem dizer, acham algo vergonhoso", diz Sebastião. "Nessa parte, os pais são inimigos dos filhos. Deviam ser amigos dos filhos. Só entre amigos podem contar segredos."

"Seus filhos você educa diferente?"

Muitas crianças correm pelo corredor, alegres. Ninguém repreende.

"Eu não bato nos meus filhos. Não proíbo nada."

"Tanta liberdade não acaba destruindo a família?"

"Se fazemos tudo com temor a Deus, não. Quem tem amor a Deus não faz isso. Como está na bíblia, só quem for como criança ganha o reino do céu, ganha a salvação. Criança também brinca de sexo e não tem nenhuma maldade. Por que o adulto não pode ser assim?"

Adultos, jovens, crianças, ao todo são 40 pessoas. Não parecem fanáticos. Vestem-se bem, os quartos são limpos, comida é pouca, mas não falta. Alguns trabalham na fábrica de tijolos, outros em escritórios, outros costuram. As crianças vão à escola.

A igreja, chamada Universal Assembléia dos Santos — apenas o nome herdado de uma igreja que havia no mesmo local — não tem planos para aumentar o número de fiéis. A própria família, ao crescer, irá fornecê-los. Pois em volta deles há muita gente "com inveja", interessada em acabar com a igreja. Os outros crentes, por exemplo, não gostam deles "porque fumam".

Na delegacia de Pirituba, o caso de Sebastião é comentado com malícia pelos policiais.

"Só podia acontecer nesse bairro", comenta o escrivão Américo Liverano. "Aqui acontece cada coisa que não tá em nenhuma bíblia. Casos de sedução aqui são corriqueiros."

"Mas um acontecimento com essa gravidade é a primeira vez", diz a secretária. "É uma coisa terrível o que eles fazem, uma sem-vergonhice. Ficam tocando tambores, aquele ritmo embriagador, as mulheres seminuas..."

"É... o jeito é também fazer a nossa seita", diz o escrivão.

"Que é isso, seu Américo?", repreende a secretária.

O boletim de ocorrências do dia 25 de fevereiro registra:

"Alega o indiciado (Sebastião Dão) que há 3 anos fundou a Igreja Universal Assembléia dos Santos, cuja orientação entre os fiéis era completa liberdade sexual, não negando as partes envolvidas o contínuo coito praticado numa dependência da igreja, adrede preparada para tal fim."

Fotos de Eliana Pastore

Sebastião: o único que pode ser fotografado

10 ANOS DEPOIS

JORNAL DE 68

Rio Branco esquina com Presidente Vargas: a multidão [illegible] sobre o capô

CEM MIL PELA LIBERDADE!

ASSASSINATO DE ESTUDANTE COMOVE O PAÍS

Página 16

Centro do Rio, junho de 68

- VERDADE SOBRE A UNE: DEDO-DURO ACABOU COM CONGRESSO (p. 20)
- ARROCHO CAUSOU REVOLTA (p. 22 e 23)
- "INDOLE DO BRASILEIRO EVITOU DESASTRE" (p. 14)

Foi tudo normal, o povo brasileiro é maravilhoso — Contra estudante eu não ficava, mas não se tinha mais sossego — O que mudou mesmo foi a Cinelândia — Hoje tem muito mais liberdade de trânsito

General diz que governo deve ser duro

JANEIRO

• É assinado, pelo presidente Costa e Silva, o decreto-lei 348, que reformula o Conselho de Segurança Nacional

• Falando em nome da Frente Ampla, o governador Carlos Lacerda ataca violentamente a "tutela militar"

• O Coronel Meira Mattos é nomeado para a comissão criada pelo governo para atender às reivindicações dos estudantes

MARÇO

• Costa e Silva nomeia o General Siseno Sarmento para o Comando do I Exército e o General Manuel Rodrigues Lisboa para o II Exército

• Em nota oficial, o Ministro do Interior acusa a imprensa nacional e internacional de sensacionalismo na divulgação do inquérito que apura a matança de índios no Brasil

• O estudante Edson Luis de Lima Souto é morto com um tiro, durante o ataque que a Polícia Militar do Rio de Janeiro fez ao restaurante dos estudantes no Calabouço Os estudantes entram em greve nacional e realizam manifestações de rua no Rio de Janeiro, Salvador, Belo Horizonte e Porto Alegre

• O General Jayme Portela, chefe do Gabinete Militar da presidência, diz que o governo deve ser duro para manter a ordem pública, no caso das manifestações estudantis

ABRIL

• A Universidade de Brasília é cercada pela polícia

O engraxate, o policial e o jornaleiro falam o que sabem sobre 1968

Um policial da Câmara dos Vereadores (trabalha há uma semana na Cinelândia) falou assim do movimento:

"A movimentação aqui na Cinelândia é fora de série. São tudo gente boa, boa de coração."

E os acontecimentos de março de 68, você lembra?

"Aqui mesmo na Câmara dos Vereadores e Deputados, aqui era o antigo Museu de Arte Moderna. Eu lembro como era em 68, mas cada ano que passa a Cinelândia fica mais bonita ainda.

Mas sobre a movimentação?

"Eu não vou lhe dizer direito porque eu não tô a par. Eu não cheguei a ver. Eu soube o que houve pela televisão. A movimentação foi assim geral do público, dos estudantes. Mas foi tudo calmo, que o povo brasileiro é um povo muito calmo, muito bacana. Eu não sei se deu resultado, vou lhe dizer sinceramente, eu tenho pouco estudo e não entendo nada de política. Mas eu acho que esta política não teve problema nenhum. Foi tudo normal, tudo correu bem, graças a Deus. Não houve nada marcante, não houve problema, assim, dificuldades. É uma coisa que acontece, né? Foi de repente. O povo brasileiro, como sempre, é um povo maravilhoso, um povo calmo, respeitador, muito educado, e não teve problema."

Sobre anistia:

"Não sei o que é anistia, não. Você me explica? É liberdade aos presos políticos? Eu acho que ela deve vir. Eu digo assim; os presos políticos que tiverem uma conduta boa merecem a liberdade... Eu, graças a Deus, nunca tive problema com negócio de prisão, tenho minha vida honesta, sou sincero. Agora, preso que tem capacidade de andar no meio social, eles merecem a liberdade. Essa capacidade seria a de arrumar um trabalho, de viver honestamente no meio social, de viver a vida dele em paz, procurar uma família que isso é muito bom. A sua integração no meio social seria se ele se comprometer perante a justiça que vai vir, a liberdade para ele trabalhar, para viver a vida dele honestamente, de pessoa, assim como homem, gente que possa se viver no meio do povo brasileiro, que é um povo muito bacana."

(José Carlos Carmo da Costa 33 anos)

Dessa vez o Exército saiu mesmo dos quartéis Barra pesada

Ele se escondia embaixo da banca para não levar bala

Um jornaleiro na esquina da México com Araújo Porto Alegre, Centro do Rio

Sobre 68:

"O ano de 68 foi uma coisa que a gente não podia nem trabalhar e, como se diz, o pessoal fazia aquelas reuniões todas, até tiros deram aqui e tal Minha banca levou uma porção de tiros A gente tinha que se esconder debaixo da banca pra não receber bala Eles vinham de repente, né?, os estudantes Contra os estudantes eu não ficava porque se eles faziam aquilo é porque tinham um motivo, né? Mas nós, trabalhadores éramos prejudicados, né? A gente não trabalhava assim, sossegado, tranquilo Os próprios restaurantes, de manhã, naquela época já ficavam com a porta meio fechada, que eles não sabiam o que ia acontecer durante o dia. A gente tinha que ficar prevenido, né?

Sobre o comportamento da polícia.

A gente já formou opinião a respeito disso Mas, cada um — como é que se diz? cada um tá no seu governo "

Sobre os dias de hoje:

'Hoje é mais tranquilo Tem mais estabilidade pra todos nós Eu acho que da maneira que estava não podia continuar

Sobre as consequências:

Eu acho que serviu porque tudo que aconteceu tem sempre uma iniciativa, entendeu? Então, o que as pessoas não viam, hoje estão abrindo os olhos, vendo e t... o que tava acontecendo e que não tava acontecendo, o que estava certo e o que estava errado. Quer dizer, sempre que acontece uma coisa é sempre pra melhoria "

Sobre a situação geral:

"Eu acho que melhorou em tudo, não só a banca de jornal, tudo melhorou. Hoje há mais tranquilidade, assim no modo geral, as pessoas tão mais tranquilas, o aspecto de trabalho

Sobre a abertura:

"É como se diz, acreditar agora ainda é meio difícil "

(Carmelo, só — 36 anos)

Os gladiadores (nomezinho apropriado esse!) não queriam saber rabinos, velhas, senhores de gravata, apanhavam todos

"Pra se revoltar, a gente tem que se revoltar contra tudo"

Um engraxate da Cinelândia (trabalha há 25 anos no local)

Sobre a Cinelândia em 68:

"Lembro que ficou muita coisa, mas o que mudou mesmo foi a praça. Sobre tiros e tudo isso, eu não posso falar porque isso eu não vi aqui. O que eu vi é o que vem ocorrendo até a data presente de hoje. Sobre a morte do estudante eu lembro. Até que teve aquela greve com os estudantes e a polícia. Aquele movimento todo me atrapalhou porque eu não pude trabalhar, né? Devido a muita correria, de polícia pra um lado e esse negócio de soltar bomba de gás lacrimogênio, né? Quer dizer, foi uma coisa que me atrapalhou o meu serviço, foi isso. Eu não pude trabalhar e fui obrigado até a fechar minha cadeira. Eu não me revoltava porque geralmente quando você vai se revoltar, pra se revoltar você tem que se revoltar contra todos, né? Então, pra se revoltar contra uma parte, então não se revolta contra ninguém. Agora, eu achei um negócio assim, foi devido à morte do estudante que eu, na época, eu tinha muito conhecido que era estudante, ali na Filosofia, então eu me senti um pouquinho acanhado, não só eu como vários companheiros que trabalhavam aqui também, inclusive muitos deles tão bem de vida que conseguiram. O único que continua como engraxate sou eu mesmo.

Não mudou nada de dez anos pra cá. É o caso que eu venho falando, o que mudou aqui foi a diferença da praça, né? Que ainda tinha aquela praça assim, passava bonde aqui, passava ônibus, tinha ponto de táxi, e tinha a praça dividindo. E hoje não, fizeram tudo aí, taparam tudinho, a praça ficou maior. Melhorou um pouco o aspecto do movimento, que já não tem aquele tumulto que tinha antigamente. O pessoal já transita mais, tem mais liberdade de trânsito." (Valdeci de Oliveira — 38 anos)

Maria Teresa Bustamante

Governo não admite mais a Frente Ampla

• Pela portaria n.º 177 o ministro Gama e Silva, da Justiça, resolve proibir as atividades da Frente Ampla Além disso, determina que as autoridades policiais prendam em flagrante os que violarem a proibição. Manda apreender livros, jornais, revistas e todo tipo de publicação que divulgue material de natureza política. Aos infratores, inquéritos policiais, inclusive os responsáveis por órgãos de divulgação

• Costa e Silva diz a uma comissão de deputados arenistas que deseja um governo civil, com base na Constituição, mas que existem vozes que pedem medidas fortes para acabar com as crises

• O Congresso recebe o projeto de lei que enquadra 68 municípios na Lei de Segurança Nacional. Nestes municípios, não deverá haver mais eleições para prefeito, que será indicado pelo governo

• 1.400 metalúrgicos de Minas Gerais entram em greve, pedindo aumento salarial. Quatro dias depois, os grevistas já somam 15 mil operários, que paralisam 19 empresas da Cidade Industrial de Belo Horizonte. O ministro do Trabalho, coronel Jarbas Passarinho, resolve intervir pessoalmente e quando chega ao sindicato, é vaiado demoradamente. Faz promessas e ameaças. Depois de violenta repressão policial, o presidente do sindicato é preso e 27 trabalhadores são demitidos A greve parou

• Arena divulga documento manifestando-se contra o projeto de lei que enquadra 68 municípios na Área de Segurança Nacional, o que iria aumentar o poder de ação do Executivo

O movimento atinge o ponto alto. Estudante é morto e seu corpo levado à Assembléia Legislativa. A juventude de hoje sabe disso?

General apela em favor dos estudantes

MAIO

• O general Meira Mattos apresenta ao Ministério da Educação o se[illegible] relatório sobre as atividades e reivindicações estudantis. Diz que deve haver maior liberalidade nos movimentos estudant[illegible] atender às reivindicações sobre as deficiências d[illegible] ensino, p[illegible] ação dos idere[illegible] [illegible]nsformar a univer[illegible] [illegible] fundações

• Aprovada a Lei n.[illegible] [illegible]idade de menores [illegible] pela prática de delitos, inclusive os crimes considerados contra a Segurança Nacional

JUNHO

• Costa e Silva sanciona a lei que enquadra os 68 municípios em Área de Segurança Nacional

• Denunciando o cerco do governo contra a oposição, o MDB divulga um manifesto à nação, dizendo que o Executivo "implantou como dogma o mito de que a segurança nacional é incompatível com a soberania popular" e que "uma minoria militar procura tutelar a nação brasileira com o apoio de um grupamento político que dia a dia se aliena da realidade brasileira"

• Considerando a continuidade das manifestações estudantis no Rio de Janeiro, o Exército entra em rigorosa prontidão

• O Conselho Universitário da UFRJ resolve suspender as aulas por tempo indeterminado. Para tentar desarticular os estudantes, o governador Negrão de Lima antecipa as férias escolares

Ela se lembra de que foi um ano "louco"

— Você sabe o que aconteceu em 68?

A pergunta foi feita a uma jovem de 17 anos.

— Foi um ano muito louco, né? Woodstock, Jimi Hendrix, muito som...

— E no Brasil?

— No Brasil não aconteceu nada.

Há dez anos esta jovem tinha sete anos, e os que tinham 17 hoje têm 27. Ela cresceu ouvindo falar de Jimi Hendrix, sem saber de Geraldo Vandré; de Woodstock, sem saber da Passeata dos Cem Mil; de "muito som", sem saber dos gritos lançados pelo Brasil todo.

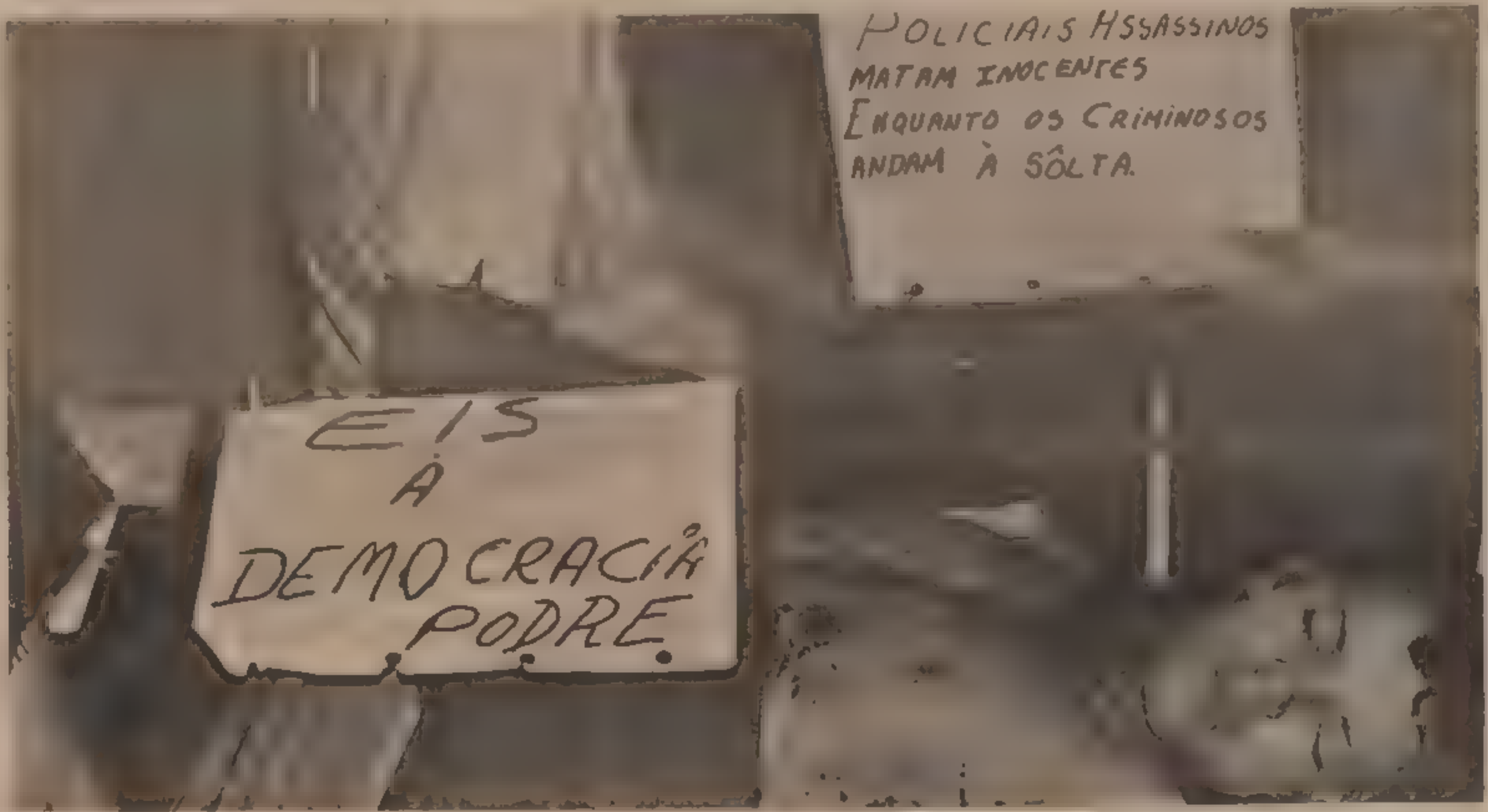
Sessenta e oito foi um ano muito louco no Brasil, no México, na França, na Itália, na Tchecoslováquia, na Iugoslávia, até na China. Em todo o mundo.

Um ano muito louco não só na música. Não deu só Jimi Hendrix. Havia um Stockley Carmichael, estudante negro, nos Estados Unidos. Um Daniel Cohn Bendit na França. Um Vladimir Palmeira no Brasil

Vladimir Palmeira, Luis Travassos, José Dirceu — no Brasil aconteceu muita coisa em 68. No Rio, São Paulo, Porto Alegre, Belo Horizonte, Salvador, Recife, Curitiba, de março a dezembro os estudantes ocuparam as ruas das cidades e o noticiário dos jornais. Foi um ano de grande revolta estudantil contra o regime militar. Um verdadeira rebelião, que teve inclusive mortos nas batalhas que puseram frente nas grandes capitais uma polícia truculenta e bem aparelhada. E os estudantes (apoiados pelo povo) aprendendo com paus, pedras e material de escritório a enfrentar e ganhar da repressão.

68 não deu só estudantes. Foi um ano muito louco na música, com Caetano Veloso, Gilberto Gil, Milton Nascimento, Chico Buarque, e Geraldo Vandré aparecendo pela primeira vez. Foi o ano do Teatro Oficina de José Celso Martinez e da **Roda Viva**, montagem teatral alvo de um bárbaro ataque por parte de um comando CCC.

68 foi um ano nacional de muita luta para mudar tudo. Que resultou nesses dez anos de AI-5.



Estudante morto: comoção nacional. Perguntavam as mulheres nas ruas "e se fosse seu filho?

Edson leva tiro no peito e morre

A morte de Edson Luiz foi um momento de comoção nacional. Às pedradas, a PM passava a reagir a bala. Só que bala mata. Edson Luiz teve o corpo velado toda a noite na Assembléia Legislativa e foi enterrado às oito da noite do dia seguinte.

Durante a noite e a manhã os estudantes mantiveram a Cinelândia ocupada. Saíram após o meio-dia. Uma massa de 20 mil pessoas arrastou-se serpenteando pelas ruas do Flamengo e Botafogo até o Cemitério de São João Batista. Estudantes subiam nos postes pedindo adesão dos populares nas calçadas. Outros entravam nos ônibus denunciando a morte do colega. Todos eram tribunos naquele ano agitado. Os secundaristas cunharam um slogan que gritavam de dedo em riste diante das mulheres que viam passar a manifestação: "Mataram um estudante, e se fosse um filho seu... Mataram um estudante, e se fosse um filho seu..."

Chega a noite. A Light apaga as luzes em Botafogo. Boicote. Na escuridão, o povo acende archotes com jornais e entra aquela multidão toscamente iluminada pela rua General Polidoro, assoviando baixo, bem baixo, o Hino Nacional. O caixão de Edson baixa à tumba.

A palavra sob as cabeças dos soldados e do estudante é "[illegible]

Vladimir e Travassos eram líderes de duas correntes estudantis que se encontram e desencontram durante todo o ano de 68

Vladimir, Av. Rio Branco: "pessoal, a gente sabe..."

Travassos sem sucessor: "Caiu" todo mundo em Ibiuna

Universidade discute tudo e põe regime em questão

As faculdades estão acesas. Luta contra anuidades. Greves. Eleições nos diretórios acadêmicos sufragando sempre os candidatos da esquerda. Discussão. Muita discussão. Debate-se a natureza do regime, o caráter da Universidade, as táticas de repressão. "Burguesia", "capital monopolista", "ditadura" são palavras que não faltam no "contexto" do discurso. As assembléias são concorridas, os oradores sucedem-se a cada cinco minutos cronometrados pela "mesa", as "questões de ordem" são armas políticas para "embananar" a discussão.

Todo mundo é contra a ditadura, mas cada um tem sua maneira própria de combatê-la. Aos poucos vai despontando a liderança de Vladimir Palmeira, orador inflamado, de forte timbre nordestino (é filho de um senador da Arena de Alagoas), marcado pela fórmula de abrir seus discursos: "Pessoal, a gente sabe..." Isso acabou virando jingle do Ponto Frio.

Outro era Luiz Travassos. Rapaz magro e sério, não tanto orador, mas totalmente dedicado à luta em que se empenhara. Não tinha a influência de Vladimir no Rio ou de Dirceu (cujo charme encantava as moças) em São Paulo. Mas podia falar por vários outros centros do movimento estudantil.

"Vladimiristas" e "travassistas" vão se encontrar e se desencontrar durante todo o ano de 68. Numa disputa que deveria concluir-se no 30º Congresso da UNE, em Ibiúna. A repressão não deixou que houvesse vencedores.

"Abaixo" a ditadura de qualquer maneira, com x ou ch

Estudantes botam 100 mil na rua

• É realizada no Rio de Janeiro, pacificamente e com permissão do governo estadual, a "Passeata dos Cem Mil", organizada pelos estudantes, professores, padres. A manifestação tinha como propósito denunciar as violências policiais e o estado de força implantado no país

JULHO

• Costa e Silva resolve rejeitar os pedidos feitos pela comissão constituída a partir da "Passeata dos Cem Mil": libertação dos presos, reabertura do restaurante do Calabouço, fim da repressão policial e da censura artística

• O ministro da Justiça, Gama e Silva, diz que é a favor de medidas enérgicas contra os estudantes

• Três mil estudantes participam da passeata promovida, em São Paulo, pela União Estadual dos Estudantes

• Gama e Silva manda comunicado oficial a todos os governadores, proibindo qualquer manifestação estudantil. Os governadores são autorizados a adotar as medidas preventivas necessárias

• O ministro do Trabalho Jarbas Passarinho, diz à imprensa que a atitude paternalista de Costa e Silva com os estudantes tem provocado um desgaste da imagem do presidente na área militar

• Depois de ouvir o Conselho de Segurança Nacional, o presidente a República decide ratificar a proibição a passeatas e incumbir os ministros militares e da Justiça a tomarem providências necessárias a impedir "um estado contra-revolucionário"

Faixas por todo o centro da cidade, carregadas por pessoas firmes no seu protesto. Contra as passeatas só uma arma: a violência.

Preso Vladimir. Supremo nega "habeas-corpus"

• A [illegible] A[illegible] [illegible] Nacional [illegible] Bispos do Brasil [illegible] documento onde [illegible] violencia e denun[illegible] a falta de liberdade no pais

• Cinco mil operários das industrias Cobrasma Braseixos, Barreto e Keller Fósforo Gra[illegible] e Lonaflex entram em greve em Osasco São Paulo A greve dura apenas um dia [illegible] violentamente invadido [illegible] policia e as fabricas são ocupadas

• A imprensa come[illegible] divulgar as divergências existentes no movimento estudantil. Na briga, Vladimir Palmeira (presidente da União Metropolitana dos Estudantes) e Luis Travassos presidente da União Nacional dos Estudantes

• O teatro Ruth Escobar em São Paulo e invadido pelo Comando de Caca aos Comunistas órgão da repressão clandestina, e o elenco da peça "Roda Viva" é agredido Marilia Pera, a atriz principal, foi despida e obrigada a sair correndo pela rua

AGOSTO

• E preso o líder estudantil Vladimir Palmeira O Supremo Tribunal Federal recusa, por 11 votos contra um, o pedido de **habeas-corpus** em seu favor

• E apresentado ao Congresso o projeto Paulo Macarini que pede a anistia aos estudantes e trabalhadores presos e processados por envolvimento em manifestacões contra a morte do estudante Edson Luis O [illegible] aprovado pela [illegible] de [illegible] da [illegible] foi rejeitado pela Comissão de Segurança, [illegible] de pedido feito pessoalmente por Costa e Silva atraves do lider do governo Ernani S[illegible]

A passeata era saudada com uma chuva de papel picado

"Abaixo a ditadura" era o grito nas ruas

A passeata era um instante de aventura, de inocência, ao mesmo tempo de muita disposição e consciência.

Algumas vezes eram 200, 300, 500 estudantes. Noutras vezes eles eram mil, dois mil, cinco mil. Havia cerca de 20 mil pessoas entre estudantes e populares no enterro de Edson Luiz. Cem mil pessoas ocuparam a avenida Rio Branco durante todo um dia, da Cinelândia à praça Mauá, na famosa Passeata dos Cem Mil. E, uma semana depois, outras 50 mil pessoas repetiram o fato.

Andando no meio do trânsito da avenida Rio Branco, os estudantes iam aplaudidos pelos passageiros dos ônibus apinhados e pacientemente admirados pelos motoristas dos carros, que evitavam usar buzinas, gritando "Abaixo a ditadura", "Abaixo anuidades", "Abaixo a repressão" e, numa tentativa de ganhar o apoio da repressão, "Polícia também é povo".

Então a repressão resolveu desviar o trânsito e esvaziar as ruas. Mas os estudantes já estavam bem melhor organizados. Usavam bolinhas de gude contra as cargas de cavalaria, provocando hilaridade no público, que via cavalos e cavaleiros rolarem grotescamente no asfalto da avenida. Carregavam baldes de pedra e punham grupos inteiros de policiais a correr debaixo de uma saraivada de pedradas. "Vambora, vambora," e a massa ia atrás, perseguindo os policiais em retirada por vários quarteirões, sem deixar de mandar pedra. "Abaixo a repressão", "Abaixo a ditadura". O povo aplaudia, jogava papel picado das janelas e vaiava quando alguns policiais punham a mão num estudante e davam início ao habitual festival de brutalidades.

Prisões, sim. Mas inconsequentes. Tudo filho de advogado, de médico, de militar, consciente da impunidade após rápida conversa entre o papai e o delegado do DOPS. "É, doutor, esses nossos filhos só dão preocupação." E o conselho paternal do delegado ao estudante que ia sendo liberado: "Cuidado. Você é jovem, os comunistas tão querendo te envolver. Espero não te ver mais aqui."

Sangue na sexta-feira

Quarta-feira, dia 19 de junho. Os estudantes resolvem que não vão mais apenas se defender da repressão. Vão para cima dela. O objetivo é ocupar o pátio do Ministério da Educação, no Rio. Vão para a cidade levando paus e pedras, bodoques, discos de acetato, rojões, tudo que for preciso. Não deu para tomar o Ministério, mas por toda a manhã foram donos absolutos de uma Avenida Rio Branco sem carros, campo de batalha perfeito para atacar a PM a pedradas.

Quinta-feira. Assembléia Geral de 5 mil estudantes cariocas no Teatro de Arena da Faculdade de Economia. Cerco policial. Na hora de sair, a decisão no discurso final de Vladimir: "Pessoal, a gente tem agora um compromisso com os operários/ A gente tem agora um compromisso com o povo brasileiro/ A gente tem agora um compromisso com nós mesmos/ Que é de sair daqui de qualquer forma, dá porrada na polícia, romper o cerco a pedrada..." O cerco foi rompido no meio a uma cortina assombrosa de gás lacrimogêneo, que fez muita gente entrar no campo do Botafogo, onde acabou presa.

Sexta-feira sangrenta, dia 21. Terceiro dia consecutivo de luta. Os estudantes voltam ao Centro. A polícia está possessa. Começam os tiros. A população do Centro adere aos estudantes. Participa da briga de pedras. Do alto dos edifícios atira de tudo: pesos de papel, copos, garrafas, máquinas de escrever, jarros de planta, etc. Um policial morre, atingido no alto do capacete. A polícia atira nas janelas. Invade os prédios para prender secretárias e contínuos. Na esquina da rua da Assembléia com Rio Branco, o povo monta uma barricada que resistirá o dia todo às investidas da PM. No final do dia, os tanques da Vila Militar ocupam o Centro. Nos hospitais, os corpos de 28 pessoas.

Passeata dos Cem Mil. Advogados, artistas, padres, operários, mães de família, professores, políticos, todos estão na manifestação programada pelos estudantes. Até o último minuto ainda se pergunta: a polícia virá ou não? Se viesse, pela primeira vez, os estudantes teriam usado coquetéis molotov. Se viesse, as consequências seriam imprevisíveis. Não veio.

A passeata saiu ordeira da antiga Esplanada do Castelo, onde hoje está o edifício-garagem Menezes Cortes, veio até a Cinelândia, subiu a Rio Branco, encerrou na Uruguaiana. Todo o Centro era uma passeata, coberta por chuva de papéis picados. Cartazes, faixas, bandeiras, e as palavras de ordem contra a ditadura, contra a repressão. No final de um dia de festa, monta-se uma comissão para falar com o presidente.

Passeata dos Cinquenta Mil. Seria uma repetição, em menor escala. Não foi, pela palavra de ordem nova: "Só a luta armada derruba a ditadura." A comissão não dera em nada. E os estudantes, de mãos dadas, ficaram a dar voltas pelo Centro, pedindo a luta armada, apelando para os trabalhadores ("você, que é bancário, exija mais salário"), sem saber como ir além da Central do Brasil, em cujas vizinhanças, ironicamente à frente do prédio dos tribunais militares na Praça da República, encerraram a manifestação.

Provocador de peruca acendeu estopim da luta que acabou em morte. Líder desconfiou da espiã que sabia tudo sobre armas.

Polícia e CCC depredam faculdade do Estado

"Companheiros, temos de reagir à altura diante da agressão dos gorilas mackenzistas contra os companheiros secundaristas. Vamos invadir esse ninho de reacionários!"

Quase rouco de tanto gritar, falando de uma tribuna improvisada nas escadas da Faculdade de Filosofia, vestido como estudante pobre, ele era o mais "radical" nos momentos de confronto

Chamava-se Brasil

Moreno, [illegible] estatura média, conhecido como secundarista da Zona Norte de São Paulo. Cabelos alisados por fixadores químicos, mini peruca que lhe escondia o começo de calvície Por sua participação chegou a ser indicado candidato à presidência da União Paulista de Estudantes Secundários Perdeu, para um moderado

Brasil foi o "estudante" que lançou os primeiros grupos de jovens secundaristas contra o Mackenzie. Provocou a trágica batalha campal de dois dias que resultou na morte do secundarista José Guimarães a tiros

Foi na primeira semana de outubro de 1968

A rua Maria Antonio exibia as últimas barricadas da ocupação da Filosofia pelos estudantes. Não havia mais clima para resistir, depois de três meses de ocupação José Dirceu, presidente da UEE, pedia o fim do cerco e da ocupação. Aproximava-se o 30° Congresso da UNE

Um pequeno atrito com alunos do Mackenzie foi o estopim da luta, acendido por Brasil, no fim da qual a Filosofia e a Economia (a um quarteirão) foram invadidos e destruídos pela polícia e pelo Comando de Caça aos Comunistas

Aproveitando-se da ausência dos líderes, ocupados em preparar o 30° Congresso, Brasil lançou-se à frente das primeiras investidas contra o Mackenzie Os estudantes foram rechaçados com ácido e bombas de São João, durante um dia inteiro

No segundo dia, a luta mudou de qualidade. O Mackenzie respondia com armas de fogo Os atiradores no alto de um prédio em construção Transmissores e receptores de rádio, bombas de efeito moral, os mackenzistas tinham material que só era usado pela polícia. A proteção da polícia ficou mais evidente quando ela cercou o prédio do Mackenzie, particular, e não a Filosofia, do Estado

Por volta das 4 da tarde um estudante secundarista, que procurava posição para soltar rojões contra o Mackenzie, foi alvejado pelos tiros que vinham do prédio em construção. Segundo voz corrente na época [illegible] dos tiros teria sido o mackenzista Osny Ricardo

Brasil só foi identificado como espião depois do incidente

Sem peruca, de terno e gravata, revólver na cintura interrogou os estudantes presos na [illegible] exibiam à população a camisa ensanguentada de José Guimarães

NOME:
Heloísa Helena Magalhães

ALCUNHA:
Maçã Dourada

NACIONALIDADE:
Brasileira

ESTADO CIVIL:
Solteira

NATURAL DE: Araçatuba, São Paulo

LOTADA: 8a Divisão Policial

MATRÍCULA: 130. 714

CATEGORIA: Investigador padrão M-36

FUNÇÃO: Infiltrada nos meios estudantis paulistas. Grande prática no manejo de pistolas e revólveres.

(Ficha do DOPS, 1968)

Espiã ri do revólver de Dirceu: — Isso não é arma, é brinquedo...

Fazia-se passar por estudante de Letras da USP Prestativa para fazer qualquer trabalho, de preferência o mais próximo possível dos líderes estudantis

Insinuante, conseguiu ficar a sós com José Dirceu, presidente da União Estadual dos Estudantes, hoje exilado Na sala de Grego da ocupa da Faculdade de Filosofia, Heloísa enlaçou a cintura de Dirceu e sentiu uma saliência metálica Ele explicou que era um revólver calibre 32 para se defender, em caso de ataque do Comando de Caça aos Comunistas, grupo de direita nascido na Faculdade Mackenzie, em frente à Filosofia. Naqueles dias de 68, duas faculdades inimigas

Heloísa pediu para examinar a arma Desmontou a toda

Começou a rir e dizer que aquilo não era mais que um brinquedo: o tambor estava completamente solto, o cano não tinha raias, o cão estava defeituoso e provavelmente não picotaria o cartucho

Dirceu assustou-se Procurou os estudantes da comissão da segurança para contar Estava atrasado Acabara de chegar um grupo que havia se apossado das chaves do apartamento de Heloísa Lá encontraram sua carteira policial, manuais da polícia, anotações de chapas de carros de líderes estudantis e de roteiros de passeatas

Interrogada pelos estudantes confessou ser informante d[illegible] OPS com o qual se comunicava diariamente pelo telefone 34 6813. Seu superior era o delegado Sidney De Mori. Também transmitia informações para as funcionárias Valderez Coutinho e Nilzette. Trabalhou, também, para o Ponto 4, entidade norte-americana que financiava desde pesquisas até atividades policiais No Uruguai, um dos homens da organização era Dan Mitrione, sequestrado e morto por guerrilheiros tupamaros No Brasil era um tal de sr Mullings, com quem Heloísa tinha ligações

Sem sofrer ameaças físicas, só com uma venda [illegible] olhos, a espiã desfiou nomes e tarefas e assinou a confissão

Os estudantes apresentaram-na à imprensa e a [illegible]taram Ela sumiu Durante muito tempo foi vista nos restaurantes boêmios da cidade

Ministros vão contra Márcio Moreira Alves

• A Universidade de Brasília é invadida pela Polícia Estudantes, professores e deputados são espancados e feridos Costa e Silva manda abrir inquérito para apurar os acontecimentos O inquérito fica a cargo do chefe do Serv[illegible] Nacional de Infor[illegible] General Garrastazu Médici

• E desbaratada em São Paulo uma quadrilha de assaltantes de bancos, cujo líder é Sabado Dinotos Dizendo-se um visionário, Dinotos declara que o plano terrorista que comandava foi organizado por ordem direta da Casa Militar da Presidência da República, "como parte de uma ação contra revolucionária"

• Os três ministros militares se manifestam contra os discursos pronunciados pelo deputado Márcio Moreira Alves, que responsabiliza os militares pela violência contra os estudantes

• A Comissão Parlamentar de Inquérito que investigou as violências contra os estudantes e deputados da Universidade de Brasília responsabiliza a Polícia Federal pela agressão e o uso indevido de armas de fogo. Segundo a CPI, a violência foi premeditada, como demonstração de for[illegible]

• E libertado o líder estudantil Vladimir Palmeira Pouco depois, é decretada sua prisão preven[illegible]

OUTUBRO

• [illegible]

A verdade sobre o fim da UNE: tudo começou na briga de um estudante com um bêbado. Depois veio o resto

Corpos começam a aparecer. É o Esquadrão

• Começam a aparecer, principalmente na Baixada Fluminense, corpos de pessoas acusadas de serem marginais. O Esquadrão da Morte começa a ficar famoso.

• A peça "Roda Viva," de Chico Buarque, é proibida em todo o território nacional. Em Porto Alegre, onde estava sendo apresentada, os atores foram sequestrados e espancados.

• A atriz Norma Bengell é sequestrada em São Paulo. No dia seguinte, descobre-se que foi levada para o Rio, mais exatamente para o Quartel da Polícia do Exército, onde foi interrogada. Depois de considerada inocente e liberada, recebeu pedidos de desculpas da PE, que disse foi um lamentável engano político.

• Na Câmara Federal, um grupo de jovens deputados começa a criticar duramente o governo e os militares. São eles os jornalistas Márcio Moreira Alves e Hermano Alves, do Rio de Janeiro, e David Lerer, Hélio Navarro e Gastone Righi, de São Paulo.

• O procurador-geral da República pede ao Supremo Tribunal Federal a cassação dos direitos políticos do deputado Márcio Moreira Alves, acusado de difamar as Forças Armadas.

• Os principais líderes estudantis e mais de mil estudantes são presos na cidade paulista de Itabira, durante a realização do congresso clandestino da UNE. Todo mundo foi enquadrado na Lei de Segurança Nacional.

• Começam a circular rumores de que o governo está na iminência de decretar o estado de sítio e um novo ato institucional.

• A Censura Federal proíbe a música "Pra não dizer que não falei de flores", de Geraldo Vandré.

No primeiro dia de Congresso, uma surpresa. No total foram 700 presos.

REPORTER publica o que não saiu em nenhum jornal — Pela primeira vez, um estudante da "segurança" de 1968 conta como a polícia acabou com o XXX Congresso da UNE, em Ibiúna. — A lama, um revólver, a desconfiança e principalmente um bêbado dedo-duro foram os motivos — presos os principais líderes, a UNE deixou de existir.

O que os jornais da época falaram da queda de Ibiúna não é verdade. Essa história de que nos pegaram porque íamos comprar comida na cidade mais próxima do local do congresso — Ibiúna — é papo furado. A gente tinha um esquema bem armado. A comida vinha de São Paulo, trazida em kombis e jipes. Nunca nenhum carro nosso passou sequer por Ibiúna. A gente usava uma estrada secundária, quase um caminho de roça, que contornava a cidade.

O local do congresso, a 25 quilômetros de Ibiúna, era um sítio. Para se chegar lá precisava passar por outro sítio, onde se fazia a "triagem". Só prosseguia quem tivesse a senha. Essa senha foi levada pessoalmente de São Paulo para todos os estados.

Os colegas de outros estados não passavam por São Paulo para irem ao congresso. Iam para uma cidade do interior, perto de São Paulo. Carros de São Paulo iam até essas cidades e os traziam. Mas esses carros não sabiam onde ia ser o Congresso. Deixavam os colegas num quilômetro x do tal caminho da roça. Nesse km x (cada carro deixava sua leva num certo quilômetro), os estudantes eram apanhados por um caminhão, entravam debaixo de lona (era como um caminhão de carga), ou então por um jipão fechado.

Uma semana antes do dia 9 de outubro, data marcada para o início do congresso, já tinha gente preparando tudo e escolhendo lugares para as assembléias, por exemplo. Eram esperados 800 estudantes. E no sítio só tinha uma casa pequena, um depósito e uma pocilga. Onde dormir? Esse pessoal pegou em enxada e escavou numa encosta de morro um auditório natural. Era todo coberto de lona e o chão forrado de plástico. O auditório-dormitório ficou pronto a tempo. O que atrasou tudo foi a chuva.

O caminho entre a "triagem" e o congresso era transposto a duras penas, a lameira era terrível. Caminhão só passava com corrente nos pneus. Levava duas horas para vencer os 20km. Isso foi atrasando a chegada do pessoal ao congresso. Na quarta-feira marcada — quando já sabíamos que o congresso só ia começar no sábado — houve um incidente no sítio de "triagem" que levou tudo a perder.

Dias antes tinha aparecido no sítio um bêbado que se dizia ex-empregado e queria um dinheiro emprestado do dono do sítio, ou coisa parecida. Enfim, ficou lá rondando e o pessoal da segurança fazendo de tudo para não deixar o cara se aproximar da casa da "triagem" onde, nessa altura, tinha 350 pessoas esperando transporte para ir ao congresso. Pelos cálculos da gente, não mais de 100 pessoas deveriam permanecer nessa casa de cada vez.

O bêbado perturbou tanto que, nessa quarta-feira, um dos estudantes da segurança, irritado — estávamos 3 noites sem dormir — expulsou o bêbado apontando um revólver. Tínhamos que estar armados, pois o CCC tinha ameaçado invadir o congresso.

O bêbado foi embora. No dia seguinte, contou ao delegado de Ibiúna. Este comunicou São Paulo. Mas até sexta-feira à tarde a repressão não sabia o local do congresso.

Sexta-feira à noite, numa reunião no DOPS, as cúpulas da PM, DOPS, II Exército e representantes do governador decidiram invadir o congresso na manhã seguinte. Ainda não tinham o local. Imediatamente estudantes que tinham ficado em São Paulo — para cuidar de comida, entre outras coisas — ficaram sabendo da decisão.

Pouco depois da reunião, uma kombi do congresso chegava em São Paulo para buscar comida. Ela voltou com a comida e com um estudante que levava a notícia da reunião do DOPS. Lá pela 1 da manhã, já perto do congresso, eles viram um volks atolado na estrada. Um deles desceu, de lanterna na mão. Chovia, fazia frio. O estudante estava de japona e naquela situação foi confundido pelos ocupantes do volks. Estes perguntaram:

— Cadê a tropa?

O estudante logo entendeu e entrou na deles:

— Vem vindo aí.

A kombi continuou. Chegando ao sítio, o estudante de São Paulo procurou a liderança de seu estado, José Dirceu. Ele imediatamente convocou as lideranças de outros estados e colocou a situação.

Os líderes alegaram que podia ser golpe essa história do Dirceu. As eleições da UNE — ponto culminante do congresso — não seriam realizadas se a retirada fosse feita naquele momento. Não aceitaram a idéia da retirada. Disseram que isso deveria ser discutido em assembléia-geral na manhã seguinte.

Nessa altura eram 3 da manhã. Se a retirada começasse, até as 7 — quando a repressão chegou — daria para levar umas 300 pessoas.

Às 7, todos levantando para o café, primeiro dia do congresso. Ouvimos várias rajadas de metralhadora. Muitos conseguiram fugir pelos fundos do sítio, onde havia uma estradinha totalmente encoberta por mato. A grande maioria pôs as mãos na cabeça, foi presa e processada. 12 de outubro.

Com ajuda dos tanques governo pôde conter situação na cidade.

Personalidades envolvidas vêem tudo como passado distante

Flavío Rangel se segura e não diz nada

Flávio Rangel, diretor de teatro, teve participação marcante em 68 e lembra uma prisão durante passeata:

— 1968 foi um ano muito confuso, com radicalismo muito grande de parte a parte.

— Que "parte a parte" você quer dizer?

— Tanto do governo como da classe estudantil. O AI-5, por exemplo, é uma violência muito grande. Houve também muito desentendimento na liderança estudantil... Eu fui preso, rasparam minha cabeça, fiquei na Marinha por cinco dias. Fui pego no meio de uma passeata. É meio difícil dizer. É preciso fazer uma análise mais profunda. Talvez este tenha sido o pior ano da República aqui no Brasil.

La Benguel dá uma de PSD mineiro

Integrante do Comitê dos Artistas, Norma Bengell esteve à frente de todas as manifestações de intelectuais e de artistas realizadas em 1968. Faixa na mão, escadarias do Municipal, falando, discutindo, berrando. Depois, um exílio na Europa. O recesso. Convidada a falar sobre aquele ano e sua participação no movimento, pediu tempo "para pensar".

Na segunda tentativa, ela falou:

-1968 foi um ano muito difícil para o teatro e o cinema brasileiros. Muita censura para a arte brasileira em geral. Nós todos da classe artística pedimos muito pela clemência dos censores. Daqui para a frente temos que melhorar, trabalhar muito, pensar em coisas mais livres e numa anistia ampla para fazer jus à redemocratização, certo?

Ao encerrar, Norma riu muito e disse que estava falando como o Magalhães Pinto. Pediu também para que lhe fosse lido o que tinha sido anotado. Concordou com tudo, mas insistiu para que não fosse publicado seu comentário a respeito do senador mineiro, candidato à Presidência.

Noite da sexta-feira sangrenta: o tanque não é promoção do filme

Passarinho relembra greve em Pernambuco

Como ministro do Trabalho em 1968, o senador Jarbas Passarinho enfrentou greves em Osasco, Contagem, Cabo e outras cidades operárias do Brasil. Seu depoimento:

— A minha melhor lembrança de 68 foi a greve rural na Cidade do Cabo, em Pernambuco, que me coube resolver. Em 48 horas, tínhamos a greve pacificamente resolvida, após contatos feitos com os grevistas, com as classes patronais e com o governador Nilo Coelho. Estive também com Dom Hélder Câmara e o Padre Crespo, ligados ao sindicato rural. Considero o resultado daquele plano de emergência a semente da previdência rural.

— E quanto ao 477, houve alguma participação sua?

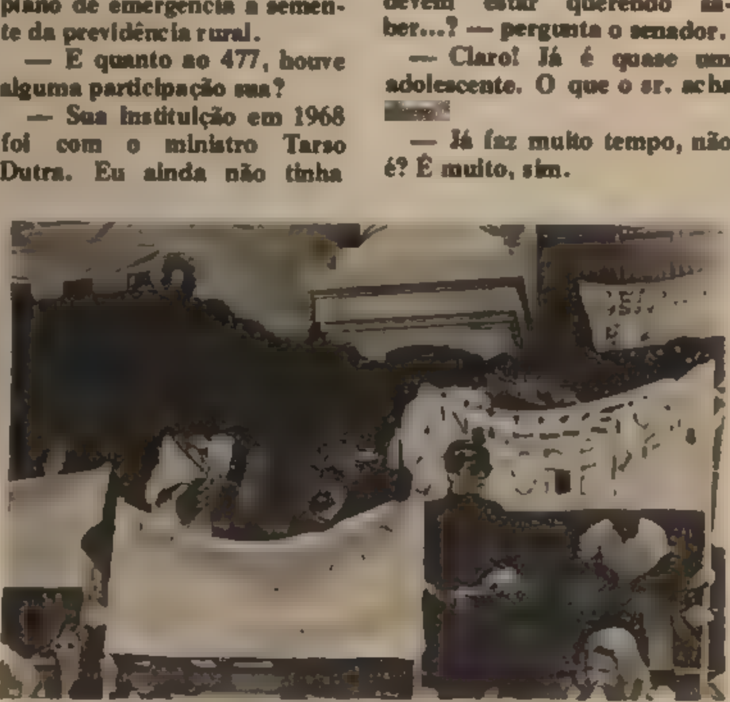
— Sua instituição em 1968 foi com o ministro Tarso Dutra. Eu ainda não tinha deixado o Ministério do Trabalho. Quando assumi o Ministério da Educação em 69, já no final do ano, muitas medidas punitivas já haviam sido tomadas. Propus ao presidente Médici sua primeira reformulação para que houvesse recursos: em sindicâncias e depois em recurso de ofício. O punido deveria recorrer ao próprio ministro, que sempre, em segunda instância, confirmava ou absolvia o estudante atingido.

Em quatro anos, absolvemos ou anulamos mais de 100 e 38 foram os punidos.

— Quanto ao AI-5, vocês devem estar querendo saber...? — pergunta o senador.

— Claro! Já é quase um adolescente. O que o sr. acha disso?

— Já faz muito tempo, não é? É muito, sim.


Paulo José fala, Norma Bengell vigia. Artistas se revoltam

Mãe diz que foi tudo coisa de criança

Numa das várias prisões que sofreu em 68, o líder estudantil Vladimir Palmeira estava acompanhado de um garoto de 15 anos que integrava sua equipe de segurança. Dez anos depois **REPORTER** localizou d. Ana Tereza Brandão, a mãe do rapaz:

— Não tenho nada a dizer... O que poderia falar?... Já tem tanto tempo, não dá nem para lembrar.

— O seu filho não foi preso junto com Vladimir?

— Sim, sim... Ele era muito garoto, tinha 15 anos na época. Coisa de menino, passa. Agora ele já casou, está formado, muito bem. Só isso.

Diretor de Cultura não pode falar

Em 1968, Paulo Afonso Grizoli era diretor de teatro, lutou com os artistas para reduzir os rigores da censura. Em 1978, Grizoli é diretor do Departamento de Cultura da Secretaria de Educação do Estado do Rio e foi um dos 97 nomes relacionados pelo ex-ministro Sylvio Frota na lista que dedura as infiltrações comunistas (a critério de Frota, claro) no atual governo.

Grizoli foi contatado por telefone. Após uma apresentação a sua secretária e alguns segundos de espera, ele atendeu e perguntou: "Quem me indicou para este depoimento?"

"Ah, os editores do REPORTER." E lhe foi lido o expediente do jornal. Sua resposta:

— Olha,estou lhe atendendo porque também sou jornalista, mas está ruço, muita coisa por fazer.

— Nem algumas palavras, Dr. Grizoli?

— Não, sobre 68 não dá para falar assim. Prefiro que você me procure semana que vem.

Nova investida, após o fim de semana:

— Dr. Grizoli, tendo todo o tempo do mundo, o Sr. falaria para a gente, agora, alguma coisa sobre 68?

— Ah! Não vai ser possível. Estou jantando e saindo.

Para-Sar acusado de repressão

NOVEMBRO

• Costa e Silva diz que existe no país uma ação radical de esquerdistas, com o objetivo de provocar o endurecimento do regime. Mas o governo, segundo o presidente, está capacitado para manter uma posição de equilíbrio

• O caso Márcio Moreira Alves continua circulando nos meios militar e parlamentar. A 1.ª Auditoria de Marinha quer processá-lo pelos artigos que escreveu no Correio da Manhã

• É criado o Conselho Superior de Censura

• Nove representantes da Arena na Comissão de Justiça da Câmara, contrários à aprovação do pedido de licença para processar Márcio Moreira Alves, são substituídos pela direção do partido

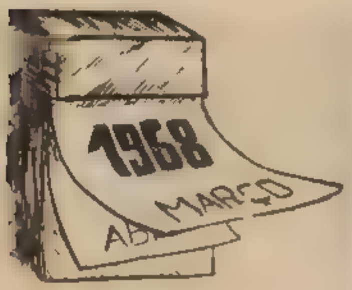
• Embora não apareça com muita ênfase na imprensa, o caso **Para-Sar** — órgão da Força Aérea Brasileira acusado de ser utilizado em repressão política — preocupa os militares

DEZEMBRO

• Nas beiras das estradas, no meio do mato, em lugares ermos, continuam aparecendo corpos de pessoas, com marcas de algemas nos pulsos, muitos tiros e a marca registrada do Esquadrão: a caveira com dois ossos em xis. O Esquadrão da Morte está cada vez mais impune e atuante. A média de mortos, no Rio e em São Paulo, é de cinco por semana

• Lyra Tavares, ministro do Exército, diz que a Câmara dos Deputados é soberana mas que o Exército unido aguarda a decisão sobre o pedido de processo contra Márcio Moreira Alves. Diz, ainda, que o Exército não acredita que a lei democrática acoberte a impunidade de quem dela abuse e ofenda uma instituição que tem o direito de ser respeitada

Tem gente que não consegue trabalhar em certos departamentos do governo só porque foi fotografada em alguma passeata de 68



Governo assina o AI-5

• O Congresso Nacional é onvocado extraordinariamente pelo governo para tratar de problemas de interesse nacional Entre as razoes principais está a decisao sobre a licença para processar Márcio Moreira Alves e Hermano Alves

• A Câmara dos Deputados constitui CPI para investigar dos terroristas em todo o país

• A Comissão de Justica da Câmara concede licença para processar Márcio Moreira Alves. Em sinal de protesto todos os representantes do MDB pedem demissão da comissão

• Mas a Câmara dos Deputados rejeita o pedido de licença para processá-lo. O governo é derrotado

• Costa e Silva se reúne com os ministros militares e comandantes dos Exércitos As Forças Armadas e a Polícia Federal entram em prontidão

• O Conselho Nacional de Telecomunicacões diz que as emissoras de rádio e televisão estao proibidas de divulgar qualquer noticia em relação ao caso Márcio Moreira Alves

• Costa e Silva assina o Ato Institucional nº 5 e diz que a revolucão é irreversivel O Congresso entra em recesso

• No dia 13, quando é divulgado o AI-5, a edicão do **Correio da Manhã** é apreendida No dia seguinte, as edições de **O Estado de São Paulo** e **Jornal da Tarde** são parcialmente apreendidas. Os censores estão presentes em todas as redações. No dia 15, o **Jornal do Brasil** não circulou, depois de uma edicão que causou uma grande discussão

Todo mundo correndo De quem?

Classe média vai atrás de estudante mas volta pra casa na hora do Ato

Mil novecentos e sessenta e oito. Por quê?

Dez anos depois, o que aconteceu naqueles meses agitados capaz de hoje mobilizarmo-nos todos para relembrar e analisar seus fatos?

A grande imprensa e a imprensa nanica preparam-lhe edições especiais. Ora, 68 não foi o único ano de manifestações estudantis em nossa história

Os estudantes preparam [illegible] homenagem a Edson Luiz de Lima Souto Ora, antes de Edson, foram muitos os estudantes brasileiros mortos pela policia

E existem mesmo aqueles que, procurados para falar sobre o assunto preferem se omitir Ao contrário dos **trintões** de 68, que são os **quarentões** e **cinquentões** de hoje e que até falam com orgulho de seu passado estudantil na década de 40 e 50, da UNE integrada ao aparelho corporativo do Estado

O fio da meada de nossa análise talvez possa partir daí Sessenta e oito foi a primeira tentativa de organização de um segmento da sociedade independentemente do aparelho estatal. E, vice-versa, foi a primeira manifestação clara da incapacidade do regime instalado em 1964 para absorver todas as tensões da sociedade brasileira. Foi a primeira vez que ficou claro o caráter excludente, monopolista (no sentido politico) e autoritário do "modelo". A ponto de, por uma simples fotografia de passeata, ter gente que não consegue trabalhar em certas repartições do governo por não ter uma ficha policial "limpa"

UMA ORGANIZAÇÃO INDEPENDENTE

Os jovens teóricos estudantis da época tinham uma análise para esse fenômeno Acusavam as multinacionais de terem oligopolizado o mercado de trabalho, estreitando os caminhos de ascensão social da classe média. Essa concepção impediu-os depois de enxergar o "milagre brasileiro" que se avizinhava

Mas sem dúvida o processo de adequação da sociedade aos ditames da aliança entre a tecnoburocracia estatal e as multinacionais que então se formava ainda não permitira definir o espaço que caberia à classe média (e que ela tão bem soube ocupar nos anos do "Ninguém segura esse país" e "Brasil, ame-o ou deixe-o"). A classe média, inicialmente, viu-se frustrada Sua ideologia ainda se externava através dos Carlos Lacerda, Juscelino Kubitschek, Janio Quadros: a nocão da democracia confusa e liberal capaz de conter os muitos fragmentos dessa classe social. A democracia dos monopólios é muito mais relativa

Nesse contexto, a politica econômica de Roberto Campos era implacável. Protegia apenas os lucros das grandes empresas (geralmente estrangeiras) e atingia indiscriminadamente os rendimentos de todos os que viviam do trabalho, fossem operários, fossem profissionais liberais Uma política **dura** para cujo êxito era fundamental não haver contestações. E a classe média contestou em 65 nas eleições diretas para governador, votando no partido de oposição para os governos da Guanabara e Minas Gerais Lacerda culpou com toda a razão o governo de Castello Branco pela sua derrota no Rio: apesar de estar assumindo posições antigovernistas, não tivera tempo de desvincular seu nome do movimento de 64, perdendo suas bases eleitorais por isso

EDSON MOSTRA ENGANO DA CLASSE MEDIA

Em 66, a classe média votou nulo. O que até serviu ao regime, conseguindo montar uma dócil base política nos canais legislativos

Em 68, veio a explosão. É interessante lembrar como, apesar da simpatia com que a população acompanhava as manifestações estudantis, delas não participava. Os estudantes mesmo, naquele

Para conseguir maior adesão popular, os estudantes gritavam:

"Você é explorado, não fique aí parado" ou "O povo no poder"

A Igreja protege o povo na saída da missa por Edson

Na missa Por Edson, uma heróica carga de cavalaria

Jornalista: "Me dá o endereço pra avisar teu pai"

começo de 68, estavam sem saber como conduzir o movimento, que rumos tomar. Suas reivindicações não tinham eco na sociedade, causando inclusive um desânimo interno

O governo, incapaz de se movimentar num jogo político aberto, ajudou: matou um estudante. Nesse momento acabaram-se as ilusões, dividiram-se as águas, ficou claro para a classe média ter servido de canhão em 64 Sua revolta foi espontânea E sua importância revelou-se no dia seguinte à Passeata dos Cinquenta Mil, quando o governo baixou um decreto simplesmente proibindo as passeatas

FALTOU MOVIMENTO POPULAR

Em toda essa história, os estudantes entraram primeiro e saíram por último Diziam os jovens teóricos estudantis da época que a mobilização estudantil era maior por ser um setor desvinculado das obrigações profissionais e já naturalmente organizado nas salas de aula. Essas condições certamente ajudaram os estudantes a entenderem a crise universitária e o tipo de reforma que o regime pretendia A discutir a falta de verbas, a implantação de taxas e emolumentos que disfarçavam as anuidades. E a criar os Diretórios Acadêmicos Livres (DA-Livres) para conduzir toda a luta

Entretanto, os estudantes não souberam como transformar o seu movimento em algo que pudesse somar os esforços de luta dos assalariados, da insatisfação das donas de casa com a carestia, da perplexidade dos políticos democráticos diante do rumo dos acontecimentos. Até que os estudantes gritaram slogans para essa gente "Você é explorado, não fique aí parado" ou, o mais abrangente de todos, "O povo no poder" Mas suas formas de organização não podiam conter outros setores. E não sabiam como se integrar à organização dos outros setores. Como tornar o movimento estudantil — que era um movimento também orgânico — um movimento organicamente popular

É claro, querer dos estudantes respostas para isso seria admitir que os estudantes eram realmente a vanguarda de todo o movimento (vanguardismo estudantil) Exatamente porque as respostas ainda não existiam (existirão hoje?) e a pretensão de ser vanguarda seria sempre utópica é que os estudantes ficaram num vazio. Eles estavam, de fato, na frente Seus líderes eram líderes nacionais e poderiam ter sido líderes populares se tivessem trocado o discurso estudantil pelo discurso popular. E o calendário político da nação era condicionado ao calendário que os estudantes, e só eles, montavam. Mas eram, sempre, líderes estudantis, calendário estudantil

A tudo isso some-se, por fim a própria separação entre a classe média e os trabalhadores nas fábricas e nos campos. Aqui, a repressão de 1964 fora devastadora e se a classe média já conta seus mortos (inclusive os de 68 a 70), os trabalhadores ainda não apresentaram seu obituário. Sessenta e oito somente deu para alguma luta em Osasco e Contagem Rápida e rasteiramente reprimida

Quer dizer, toda a agitação de 68 não atingiu as fábricas, não saiu do Centro do Rio para Del Castilho, do Anhangabaú, em São Paulo para o Brás. O regime continuou gerando seus lucros para reproduzir o capital e ampliar a repressão. Quando a classe média chegou com 100 mil pessoas à frente do Palácio Tiradentes, após passar todo um dia em festa pelas ruas centrais do Rio, não sabia mais o que fazer. Além de enviar pessoas a uma conversa sem sentido e sem futuro com o presidente da República

Aos estudantes poderia restar recuar com a classe média. Objetivamente, a massa estudantil fez isso. As lideranças e sub-lideranças, contudo, embriagadas pela vontade sincera de mudar o país, lançaram-se sozinhas numa tarefa que é de toda a sociedade

Imolavam-se por suas idéias

MARCOS DANTAS

Prisões.
Força.
Cassações.

• Após a assinatura do AI-5 foram imediatamente presos. o ex-presidente Juscelino Kubistchek, o ex-governador Carlos Lacerda, o marechal Cordeiro de Farias, os deputados federais Hélio Navarro (MDB), Renato Archer (MDB), Rafael de Almeida Magalhães (Arena), os deputados estaduais pela Guanabara Ciro Kurtz e Salvador Mandim, o professor Darcy Ribeiro, o ex-deputado federal e diretor do jornal Luta Democrática Tenório Cavalcanti, os jornalistas Osvaldo Peralva (Correio da Manhã), Francisco Pinto (Correio da Manhã), Hélio Fernandes (Tribuna da Imprensa), Joel Silveira (O País), Carlos Heitor Cony e o radialista Mário Lago. Os deputados Márcio Moreira Alves, Hermano Alves, Gastone Righi e David Lerer não foram localizados pela polícia

• O ministro do Exército, Lyra Tavares, diz que dá todo o apoio ao AI-5, que deu à nação um clima de tranquilidade e o fortalecimento da autoridade, permitindo o combate sem tréguas à subversão

• Costa e Silva explica as suas últimas iniciativas: "o governo tentou o caminho da tolerância, experimentou a magnanimidade e passou por fraco; procurou o apoio político e viu-se traído pelo impatriotismo de não-poucos".

• Em 30 de dezembro, sai a primeira lista de cassados pelo AI-5: Hermano Alves, Márcio Moreira Alves, Renato Archer, José Carlos Guerra, Henrique Henkin, Carlos Lacerda, David Lerer, Maurício Ferreira Lima, Hélio Navarro, Gastone Righi, Lurtz Sabiá, Matheus Schimidt, Desembargador Joaquim de Souza e Neto

Ex-cantor não fala sobre seu passado: diz que já morreu!

Fotos de Luiz Feijó

O mistério continua, dez nos depois. "Pra não dizer que não falei de flores" foi sua última música de grande ucesso no Brasil. Não só o ucesso banal de vender discos tocar nas rádios. A música se ransformou quase no hino dos studantes em 1968. Até hoje lembrada em qualquer odinha de violão. A primeira palavra da letra, "caminhando", deu o nome a uma facção studantil de universitários.

Como vive o autor, hoje?

De dez anos pra cá ninguém sabe direito o que houve com ele. Em 69 começou a viajar pela América Latina, pelos Estados Unidos e pela Europa. Morou um tempo no Chile, onde ainda cantava. Ganhou um festival no Peru com "Pátria Amada Salve Salve." De volta ao Brasil, em 1973, não cantou mais em público.

Não fala sobre Geraldo Vandré à imprensa. Hoje ele é Geraldo Pedrosa de Araújo Dias, advogado de 42 anos: Vandré morreu, não existe mais para público. Geraldo só fala de Vandré com os amigos. Por isso aceita, sorrindo, qualquer versão sobre o desaparecimento de Vandré. Todos os boatos em torno de Vandré ele admite, com ironia. Que Vandré sofreu uma operação no cérebro. Que foi morto pela imprensa (aquela famosa entrevista à TV Globo, quando voltou ao Brasil). Mas não admite ter elogiado o regime brasileiro nessa entrevista nem tê-lo criticado, antes, no exterior.

Segundo sua versão dos fatos, saiu do Brasil porque quis e voltou porque não aguentava mais. Viveu o problema dos exilados, por isso tem uma opinião radical a respeito:

— O problema dos exilados é uma grande paranóia de ambas as partes! Eles vivem correndo lá fora atrás de embaixadores e cônsules, que, por sua vez, estão interessados em que os exilados fiquem por lá, se não, não terão o que fazer. Passei um tempo fazendo isso. Depois me convênci que o negócio era vir e resolver tudo aqui. Lá fora não se resolve nada.

Quanto aos banidos, ele afirma, como advogado:

— O banimento não existe na nossa Constituição.

Direito Constitucional é sua especialidade. Estuda a matéria com afinco, embora esteja formado há tempos. Desse estudo tirou algumas conclusões. Sobre o AI-5, por exemplo:

— É um delito, um crime contra a cidadania.

Baseado nos seus estudos, redigiu, no fim do ano passado, um mandado de segurança contra a SUNAB, que o demitiu em 1969 sem nenhuma explicação, depois que foi fiscal de indústria e comércio durante 10 anos. O mandado de segurança não obteve resposta. Ele redigiu então um "Agravo de Instrumento em Mandado de Segurança", que deverá ser julgado, não se sabe quando, pelo Tribunal Federal de Recursos.

Vive num apartamento de três quartos no centro de São Paulo. A sala comprida, que dá numa pequena varanda, tem uma escrivaninha no fundo e uma estante cheia de livros de Direito. Sobre a escrivaninha estão espalhados muitos papéis com anotações de assuntos que lhe interessam: Economia, Administração e Direito.

O violão está escondido. Só para amigos ele vai apanhar o violão no quarto, contente como um menino. Sua voz está mais bonita que antes, mais comovida. Canta como se estivesse no alto de uma montanha. Mas não tem nenhum plano de comercializar suas canções. Ou diz que já cantou tudo que tinha para cantar. Ou que só volta a cantar quando puder ter controle sobre os discos, quando houver "administração".

Recebe convites para gravar? A Censura não deixa?

Não responde.

Vai à cozinha, prepara um café forte. Para contar o que aconteceu com ele, diz que seria preciso alguma coisa maior do que uma entrevista: um livro. Também precisa conhecer melhor o repórter, pede tempo. Quer ser entrevistado sobre política, sobre finanças, para responder como advogado. As formalidades jurídicas parece que o fascinam: recado para os amigos, escreve com máquina e assina embaixo.

Diz estar "ausente".

Não vê televisão, não ouve rádio, não lê jornal. Não tem emprego, não paga imposto. Diz que não trabalha há 10 anos e que vive do dinheiro do pai. Acha as pessoas preocupadas demais com dinheiro, o que as está levando à loucura.

Mantém estranhos diálogos nas ruas e nos lugares onde vai.

Ano passado, por exemplo, época das passeatas. Uma estudante o reconheceu andando na praça Roosevelt. Quis conversar. Explicou o que os estudantes estavam fazendo nas ruas, protestando contra o governo. Geraldo lhe disse:

— Eu sou representante do Poder Judiciário. Pode protestar pra mim. Mas se juntar mais de cinco pessoas, eu vou embora...

Numa reunião da Ordem dos Advogados. O presidente da Mesa lia um documento que a certa altura mencionava o presidente do Brasil.

— Questão de ordem!, pediu Geraldo. "Qual é o nome do presidente do Brasil?"

O outro respondeu, constrangido. Geraldo retorquiu:

— Foi pouco, mas por hoje basta.

E retirou-se do recinto.

Os diálogos podem parecer estranhos. Geraldo relata-os com muito humor. Está bem humorado hoje, ao contrário de quando retornou do exterior. Faz ginástica em casa, sozinho. Freqüenta um teatro ou outro. Vai num estúdio de tv "para ver o trabalho dos amigos". As 7 da noite está sempre em casa, atrás da escrivaninha, a porta destrancada.

Alex Solnik

Pra não dizer que não falei das flores (caminhando...)

Geraldo Vandré

Caminhando e cantando
e seguindo a canção
Somos todos iguais, braços
dados ou não
Caminhando e cantando e
seguindo a canção

Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer

Pelos campos, a fome em
grandes plantações
Pelas ruas marchando in-
decisos cordões
Ainda fazem da flor seu mais
forte refrão
E acreditam nas flores ven-
cendo o canhão

Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer

Há soldados armados, amados
ou não
Quase todos perdidos de arma
na mão
Nos quartéis lhes ensinam
uma antiga lição
De morrer pela pátria e viver
sem razão

Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera contecer

Nas escolas, nas ruas, campos,
construções
Somos todos soldados, ar-
mados ou não

Caminhando e cantando e
seguindo a canção
Somos todos iguais, braços
dados ou não
Os amores na mente, as flores
no chão
A certeza na frente, a história
na mão
Caminhando e cantando e
seguindo a canção
Aprendendo e ensinando uma
nova lição

Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer

Coronel tirou no peito a terra do tenente

Usou a Aeronáutica e a polícia para expulsar o posseiro

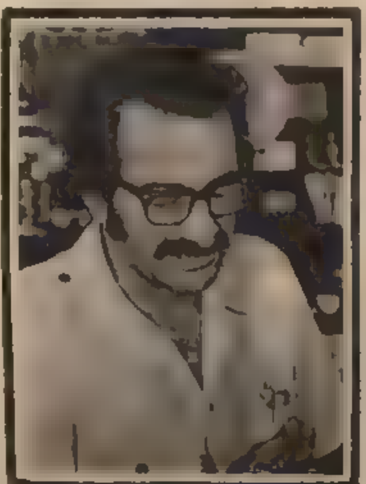
No bairro carioca de Jacarepaguá o coronel da Aeronáutica, Hélio Livio Ilha, usando de seu prestígio como militar, arregimentou policiais da delegacia do bairro e até membros do Serviço de Informações e Segurança da Aeronáutica para resolver uma disputa de terras com o primeiro-tenente reformado da Aeronáutica, Milton Mascaro.

Desde que Ilha comprou um lote ao lado do seu, Mascaro não teve mais sossego. Para se tornar proprietário de toda a área, o coronel, sempre com apoio de soldados e policiais, invadiu dezenas de vezes a casa do tenente e simulou ser vítima de um atentado para comprovar o caráter "louco e perigoso" de Mascaro.

Fotos de Sérgio Dantas

Maria Madalena, mulher de Mascaro

A família de Mascaro



Milton Mascaro, primeiro-tenente reformado da Aeronáutica, está bastante arrependido de ter participado da Revolução de 1964. Ex-participante do episódio do Clube Militar, no Rio, dia 31 de março, ele deu 67 tiros e viu morrer mais de 10 pessoas na sua frente, em defesa do que acreditava serem os interesses democráticos. Hoje ele é um homem perseguido, humilhado até pela Aeronáutica a que serviu.

Milton tem 47 anos, é casado com Maria Madalena, 42, e tem 11 filhos, entre 22 e os 2 anos de idade. É posseiro na Freguesia, no bairro carioca de Jacarepaguá, num terreno que antes de 1975 tinha 2470 metros quadrados e que hoje está reduzido a menos da metade, graças essencialmente ao coronel Hélio Lívio Ilha, oficial da ativa no Ministério da Aeronáutica. Eis a história de Milton:

Em 1975, o coronel Ilha comprou um lote no terreno onde vive Mascaro. Procurou-o e avisou que cercaria sua parte, com o que o tenente concordou, embora temendo que o coronel fosse se apropriar de tudo. E foi o que aconteceu. Ilha chamou-o a sua casa uma noite e simulou com isto um atentado a sua vida. Espalhou na Aeronáutica e na 32ª delegacia policial, situada em Jacarepaguá, que Milton Mascaro era louco e perigoso porque tinha caráter violento. Daí arregimentava policiais da delegacia, que o acompanhavam sempre que pedia uma operação de intimidação do tenente.

Uma noite, a casa de Milton Mascaro foi invadida por soldados da Aeronáutica armados de metralhadoras e revólveres. Um deles carregava um aparelho de medir a pressão sanguínea e uma seringa cheia de insulina que deveria ser injetada na veia de Milton. Ele brigou o quanto pôde mas acabou sendo removido para o Hospital Central da Aeronáutica, no Rio Comprido. Ali ficou preso no xadrez n.º 326 por oito dias, de onde foi removido para o Campo dos Afonsos. Ao fim de 30 dias foi posto em liberdade, sem qualquer explicação.

Milton ficou bastante atemorizado, mas não deixou de lutar pelo que julgava ser seu direito. Sua casa voltou a ser invadida, às vezes por policiais civis, outras por membros do Serviço de Informações e Segurança da Aeronáutica (Sisa), conforme pôde observar pelas inscrições que os invasores deixaram, a tinta, nas paredes internas de sua casa.

Revolucionário convicto, Milton escreveu ao marechal Magessi, que lutara a seu lado em março/abril de 64 e para o deputado oposicionista Florim Coutinho (também general) pedindo auxílio. Tanto um quanto o outro se manifestaram publicamente contra o que vinha acontecendo ao oficial da reserva Milton Mascaro, mas isto não mudou muito a situação. Milton acha que os dois foram importantes, mas que ele só não foi assassinado porque os médicos do Hospital Central da Aeronáutica se recusaram a colaborar no plano do coronel Ilha, que, diga-se de passagem, é psicólogo, advogado, ex-professor da Escola Superior de Guerra e se vangloria junto a Milton de ser autor dos discursos do ex-ministro Marcio Mello e Souza, da Aeronáutica.

Durante o tempo em que o coronel Ilha pretendeu incriminar Milton Mascaro como louco violento, tratava de humilhá-lo, submetendo-o à força a exames psiquiátricos e de junta médica. No final de 1976, conseguiu reter o pagamento do tenente reformado, no total de 9 mil cruzeiros líquidos, mesmo sabendo que Maria Madalena estava grávida pela décima segunda vez. Mascaro passou, então, por momentos difíceis, teve a casa invadida mais vezes e tanto ele quanto a mulher acham que por isto seu 12º filho nasceu morto.

O coronel Ilha voltou a usar uma tática nova. Para ele, Milton Mascaro passou a ser um subversivo, e, como tal, não merecia tratamento de oficial das Forças Armadas. Mandou, segundo Mascaro, invadir novamente a sua casa e a violência passou a ser uma constante em sua vida. Os filhos menores do casal Mascaro, principalmente a menina Marta, de 5 anos, se lembram dos disparos de metralhadoras dados à porta da casa altas horas, das entradas bruscas por todos os lados, dos insultos e das ameaças de morte que faziam a seu pai toda vez que apareciam os homens a mando do coronel Ilha. Nesta época, Milton Mascaro sobrevivia da compra e venda de carros usados e acessórios e do soldo da Aeronáutica. Sobrevivia muito mal e ainda por cima três dos seus filhos tiveram sarampo ao mesmo tempo e um quarto pegou meningite.

Aí ele resolveu abrir na garagem da casa um negócio para atender os vizinhos, sem comércio perto de casa.

Isto também foi usado contra ele. Primeiro porque não podia ter uma "vendinha," segundo porque por uma questão de ética, não ficava bem um oficial da reserva manter aquele tipo de negócio.

Hoje a situação de Milton Mascaro não mudou muito, mas ele tem esperanças de que tudo se resolva, pois vem recebendo apoio nos altos escalões da política e da Aeronáutica. Quando esteve preso no Campo dos Afonsos, recebeu visitas de oficiais de vários Estados que queriam saber o que lhe estava acontecendo. E mesmo o coronel Fiúza, na época comandante da base aérea dos Afonsos, foi ao cassino dos oficiais, onde estava detido sob guarda do Para-Sar, confortá-lo e dizer que um dia a punição seria revogada. Outro fato que deu novo ânimo a Mascaro foi a discussão no Congresso Nacional sobre seu caso. No dia que ele foi preso, o deputado Marcondes Ferraz (MDB-PB), atendendo a pedido de seu colega Florim Coutinho, denunciou a arbitrariedade, e tudo foi registrado no Diário do Congresso Nacional, edição de 23 de março do ano passado. Mascaro garante que também o presidente Geisel está inteirado do que lhe aconteceu.

Até o MDB protestou

Diário do Congresso Nacional, 23 de março de 1977

Sr. Marcondes Gadelha (MDB — Paraíba): (...) Esta liderança comunica à Casa que foi preso hoje, em condições irregulares e estranhas, o primeiro-tenente reformado da Aeronáutica, Milton Mascaro. Encontrava-se ele no recesso do seu lar quando foi surpreendido por forças policiais, o que deixou a sua família atônita, preocupada e desinformada.

Sr. Cantidio Sampaio (Arena — SP) (...) Todos ***sabem que está em vigor o Ato Institucional nº 5 e que podem ocorrer prisões políticas da natureza que acaba de ser apontada pelo eminente Líder da Maioria (...) Executam-se diariamente no país centenas de prisões, muitas delas até ilegais, que são objeto de habeas-corpus nos tribunais competentes, as quais não causam estranheza a ninguém. (...) A Liderança da Maioria (...) pode informar que não há nada de estranho na prisão do tenente da Aeronáutica Milton Mascaro, se é que ocorreu realmente.***

RAINHA DO MINHOCÃO

Rainha de nada, de ninguém. Sônia do Minhocão, da janela do primeiro andar, onde os carros estão praticamente ao alcance da mão. Há uma década Sônia, a Rainha, se debruca no parapeito e chama os homens. Prazeres inesquecíveis? Só pagando pra ver. Os homens pagam e Sônia, 58 anos, vai fazendo seu pé-de-meia. Ano que vem não estará mais na janela do primeiro andar. Vai se aposentar e morar na chácara que comprou fora do centro de São Paulo. Longe do Minhocão que viu nascer e que hoje lhe rende 25 mil cruzeiros mensais.

Os homens vão subir ansiosos por aquele elevador escuro do prédio mais escuro ainda — e triste — da avenida São João, em São Paulo. O elevador vai parar no primeiro andar, eles vão sair e tocar a campainha forte, como, atualmente, recomenda o recado escrito em letras tortas. Só que Sônia não vai estar lá para abrir a porta, com o rosto redondo, sorridente e cheio de maquilagem. E o cheiro de alfazema?

— Cadê você, rainha?

Sônia vai ficar na janela do primeiro andar do edifício (ela e o inseparável travesseiro, para não machucar os cotovelos) só mais este ano. Ano que vem se aposenta, depois de 10 anos no apartamento. Vai para a chácara que comprou lá para os lados de Santo Amaro. O apartamento, vai alugar e viver da renda de rainha.

— Rainha sem rei, é isso o que eu sou — diz a exuberante mulher da janela. E nem sou abacaxi pra ter coroa.

Sônia viu os operários erguerem a obra, há oito anos, os prédios próximos se deteriorarem, as famílias se mudarem. E Sônia lá, risonha, acenando a cabeça maliciosamente. Ela é louca pelo elevado.

— Olha a rainha do Minhocão! — exclamam os motoristas que passam zunindo pelo elevado Costa e Silva e que não podem deixar de reparar na figura debruçada na janela.

— Gosto deste Minhocão. Passam as crianças, as famílias e me dão um adeuzinho. Aí me sinto gente. O Minhocão também me dá alguma coisa: passa um homem, eu balanço a cabeça, ele entende, dá a volta e sobe aqui pro apartamento.

Mas nem todos os que entram no prédio de dez andares — "todinho de viração", comentam os vizinhos — querem se perder nos lençóis estampados e nas carnes fartas de Sônia. Muitos tocam a campainha e desistem.

— Você tá velha, vó, não dá mais não.

Sônia não quer mais ouvir este tipo de comentário. Mas aqueles fregueses antigos, "programinhas de 20, 30 anos", certamente vão subir pelo elevador sem luz e no primeiro andar lamentarão a ausência da parceira.

— Eles gostam é de uma boa sacanagem e eu faço isso como ninguém.

Os olhos da mulher que veio de Florianópolis para tentar a vida em 1943 — ano em que, decididamente, caiu na vida, "porque empregada doméstica não dava pé" — não guardam melancolia ou rancor por aqueles que a chamam de velha.

— Estou velha mesmo. O que eu sou é realista. Com o tempo, os homens não querem mais saber da gente. É como um vestido: você usa, usa, e quando enjoa joga fora. E eu não estou aqui para ser desprezada. - Também estou cansada desta vida. A gente se atola nisso e vai até o fim. Se ganha 200, logo quer 300 e assim vai. Não se iluda com as roupas bonitas, não. A mulher é explorada pelo cafetão e pode acabar numa sarjeta.

Faturando 25 mil cruzeiros por mês, Sônia tem 58 anos e um filho de 38, que pensa que a mãe vive com um homem que a sustenta. Quatro netas.

— Não sou mulher esculachada de andar em zona, fazendo bagunça. Eu, hein! Antes, eu dava minhas bandinhas de leve pela cidade, mas não andava em bloco. Homem vê muita mulher junto e fica acanhado, gosta de coisas discretas.

Quase todos que sobem são casados.

— Eles chegam em casa, a mulher tá vendo televisão, tomando chá com as amigas, e o marido fica mesmo jogando. Chega de noite, na cama, elas dizem que estão cansadas. Aí o marido dorme, descansa com ela e, no dia seguinte, vem aqui.

Sônia sensual, provocante, deliciosa, fica na janela de três da tarde até uma da madrugada, quando já está cansada e empoeirada. Se enche de maquilagem, bota enormes cílios postiços e peruca.

Se querem ficar, vão entrando logo, se não, dizem que acabaram de comer e vão embora (quando Sônia acabou de falar nisso, um senhor tocou a campainha e inventou a mesma desculpa. Mais tarde, foi visto na porta do prédio, apanhando da esposa).

Se acertam um programa, Sônia primeiro examina as roupas do parceiro. Constata se não tem nenhuma doença. Depois, lava-o no bidê, da cintura para baixo.

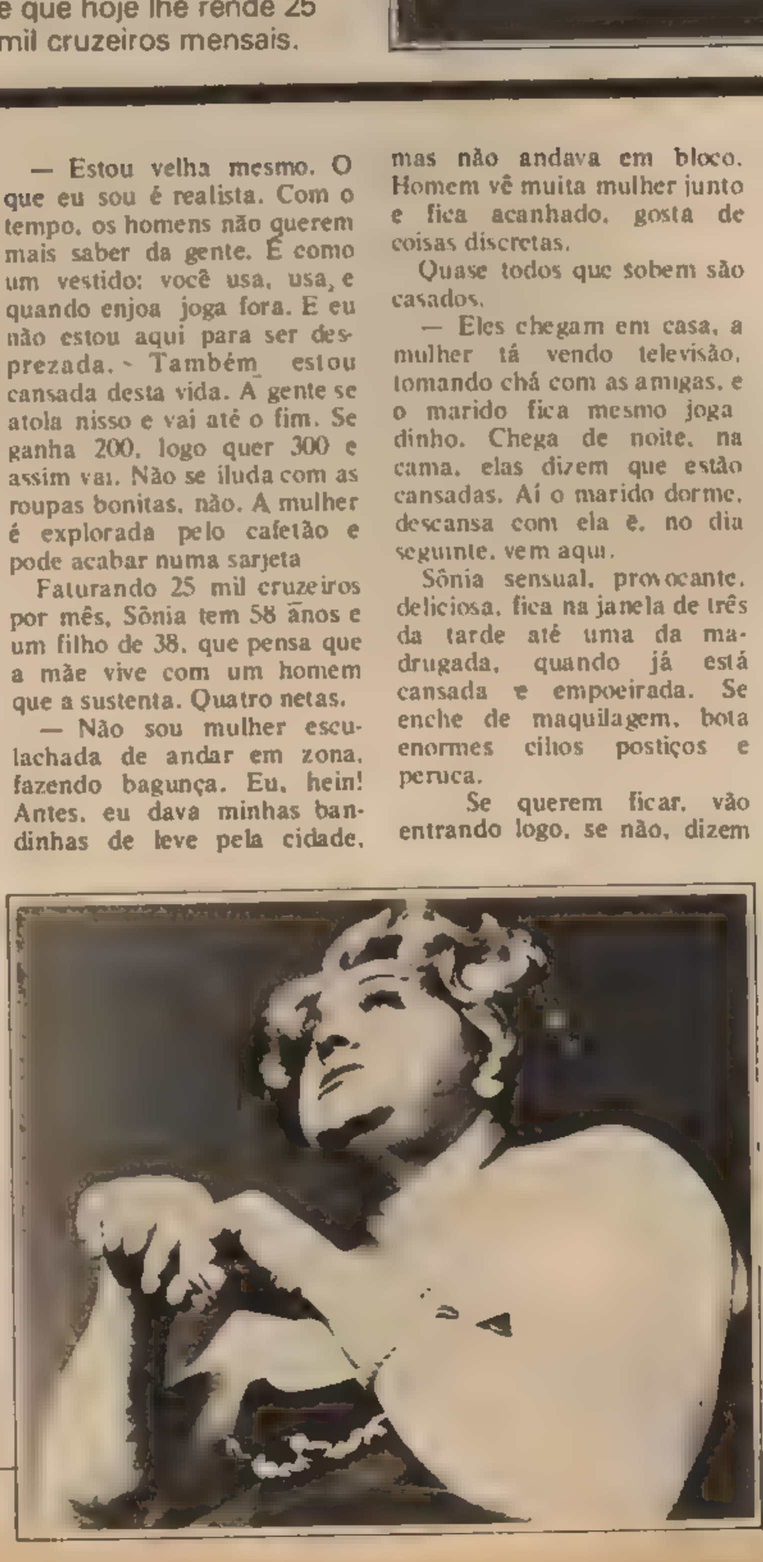
— Sou limpa. Meu apartamento é limpo e homem de respeito gosta é disso. Nunca peguei uma doença. Também não vou com preto. Não sou racista, tenho uma empregada preta há 23 anos e gosto dela. Mas vê lá se neta de alemã gosta de preto!

Lavado o parceiro, vão para o quarto. A cama, enorme, estilo Luiz XV, bege, laqueada de dourado. Cortina de renda. Destoando do conjunto, um espelho amarelão, "para os homens verem o que Sônia faz com eles". Tudo não demora mais de 40 minutos.

Quando arruma uma amiga para uma festinha, o programa é mais caro do que os 200 cruzeiros que, normalmente, cobra.

— Cobro 200, mas os homens finos, advogados, gerentes de bancos, dão até 700 cruzeiros. Mas se tem só 100, eu aceito.

Gisela Bisardi



"Rainha sem rei
E isso o que eu sou

LEITORES

No Recife, tudo bem

Li o número 3 do **Repórter**. Boa, rapazes. O jornal tá tendo ótima aceitação aqui no Recife. Gostei muito da linha que vocês se propõem a seguir. Acho que é bem objetiva. Já havia sentido nos números anteriores, mas esse último tá mais acentuado. Sensacional a entrevista com o Darcy Ribeiro e também o discurso do professor Otto Maria Carpeaux. Uma bem feita homenagem póstuma. Pena vocês ainda não terem um departamento de assinaturas. Mas assim que puderem organizar, avisem porque tem muita gente querendo assinar o **Repórter**. Não creio que eu possa prestar grande ajuda, mas se precisarem da gente, podem contar. Espero que as "forças ocultas" não caguem sobre vossas cabeças. **(Márcio Capelini, Recife)**

Racismo

Pelo que tenho lido, a imprensa nanica não se interessa em focalizar os problemas raciais no Brasil. Por que isso? Será que falar em negro é comunismo? Ou ninguém se preocupa com eles? Acho que ninguém melhor do que o negro para falar de suas dificuldades. Pensem nisso, tá? Quero parabenizá-los pelo trabalho que vêm desenvolvendo, pois é difícil que pinte uma manifestação em prol dos direitos humanos, anistia, abertura democrática, esses baratos todos que estão ligados ao povo e que, infelizmente, por conveniência de uns poucos, torna-se perigoso comentar, quanto mais agir.

Mas até mesmo essa minoria elitista tem que entender que essa realidade, aos poucos, vem se firmando na mente de todos os brasileiros e isso eu notei em seu jornal, que, no terceiro número, esgotou. Isto é ao mesmo tempo bom para vocês e para o povo, que, a cada dia, toma consciência de assuntos não só ligados ao futebol, como também aplicados a um plano geral. Esse é o meu ponto de vista e o que consegui alcançar em 16 anos de vida. **(Rosenildo Ferreira, Rio de Janeiro)**

A sorte dos trinadeiros

O problema dos moradores de Trindade, vila de pescadores próxima a Parati e ao empreendimento Parati-Laranjeiras Turismo, semelhante ao problema dos moradores do Vidigal, tem tido maior divulgação por parte da imprensa, desde que o pessoal que lá ia acampar começou a se inquietar, diante da gravidade dos fatos. Soube que as denúncias chegaram ao escritório do Dr. Sobral Pinto (advogado e meu conterrâneo), donde se esperam providências mais honestas. Porque de Angra dos Reis a Ubatuba, a justiça já está mancomunada.

Entretanto, eu, que lá estive acampado em fevereiro de 1976 e 1978, tomado de paixão pela causa, pela minha vizinha, e de algumas cervejas, acabei de fazer este texto que aí está, em disponibilidade, e em defesa das minorias oprimidas, pelos oprimidos em maioria, pelos que não têm com quê, etc.

Em tempo: a reportagem sobre o caso de Trindade, na Veja nº 493, 15 de fevereiro de 1978, a segunda sobre o caso publicado pela revista, está uma droga, não tem veemência nenhuma. A reportagem do JB de domingo, 26 de fevereiro de 1978, está muito melhor, inclusive com todas as informações necessárias precisas. O fato é que estes dois órgãos publicam propaganda do empreendimento Parati-Laranjeiras, cujas firmas multinacionais são as mesmas que assolam Trindade, e as reportagens não têm sequência. Acho que seria o caso de se investigar o assunto.

A Vila da Trindade fica junto a três praias brancas e um mar azul. As casas de barro se espalham entre jaqueiras, sem cercas, juntando todos os meninos e a criação num terreiro comum. Os pescadores possuem barcos de-meia e instrumentos de pesca indispensáveis, e plantam na encosta de montanhas férteis há mais de 200 anos. Das encostas, entre árvores enormes e blocos de pedra rosa e verde, desce rolando a água doce.

Quando ali chegaram, vindos por mar, de Santos, cinco famílias encontraram índios no local. Hoje, a gente vê nos traços dos trinadeiros mais antigos uma boca larga e rasgada como seus olhos, negros, os dentes fortes e o cabelo escorrido, uma cara limpa queimada de sol, de gente boa que fala com os braços e sorri.

À tarde, sol já se pondo, os trinadeiros nadam no mar. As mulheres, de roupa, se deitam nas ondas e vêm dar à praia. De noite, costumam rezar. Quando chove, cresce o mato, é preciso capinar. Fora a subsistência, é preciso folgar e viver enterrando os mortos nesta mesma terra que a todos sustenta, desde os bisavós.

E como, agora, os ricos querem entrar no paraíso, os pescadores têm que sair. Vão construir piscinas, mansões, cassinos e hotéis onde possam beber, fumar e se drogar. Já está tudo pronto. Precisam de cenário maravilhoso para seus adultérios escandalosos serem publicados na crônica internacional mundana; precisam de piscinas cintilantes para os afogados da dor, um campo de golfe à beira-mar onde se possa dar um tiro com ódio e atingir o olho do inimigo. O dinheiro corre nas roletas pondo em jogo as mulheres do sexo dourado e outras profissionais do amor. Panteras estão à solta, acionando ataques cardíacos, divórcios e estelionatos. O balneário, privadíssimo, ficará famoso como um passo da civilização. Lá, num novo conceito de paraíso encachoeirado e solar, irão se refugiar todos os turistas omissos, mentirosos, ladrões e corruptos desta vida, com a máxima segurança e **fair-play**.

Este é o destino da Trindade, como foi o de Macondo, em Búzios, e se repete por aí na cruenta história americana. O povo trinadeiro está desamparado ante as forças estrangeiras do mal; perigam de serem exterminados. Mas o que eles não podem é continuar lá, caso venha a invasão de tanta tecnologia. **(Eduardo Tollendal, Rio de Janeiro)**

NORDESTE TRUSTES & CARTÉIS

(Quatro histórias exemplares)

2ª edição

Delmiro Gouveia e a Machine Cotton

Agamenon Magalhães e a Lei Antitruste

O caso da Fosforita Olinda e a Philips Petroleum

Herberto Ramos e a Fiat-Allis Chalmers

cadernos do nordeste 1

A assinatura dos Cadernos do Nordeste custa cem cruzeiros (quatro números). Os pedidos devem ser remetidos para a Editora Alternativa Ltda. Caixa Postal 1539 — 50.000 — Recife, PE.

MENININHA PRESA NO AEROPORTO

TINHA CHUPETA NA BAGAGEM

Foto de Luiz P. Carvalho

VINHA PASSAR AS FÉRIAS NO RIO — POLICIAIS REVISTARAM TODA A BAGAGEM — NENHUM DEPOIMENTO — PASSAPORTE RETIDO PARA INSPEÇÃO — QUISERAM RASGAR AS BONECAS — LIBERADA SEM NENHUMA PERGUNTA

REPORTER

Existe no aeroporto internacional do Rio um moderno equipamento computadorizado capaz de detectar em segundos qualquer uma das 60 mil pessoas consideradas de alguma forma perigosas para as autoridades do país. Por este sofisticado equipamento foi possível com rapidez a detenção do jornalista e escritor Antônio Callado, regressando de Nova Iorque após uma visita a Cuba.

Foi o mesmo equipamento que também deteve Kadi Moreno (4 anos), filha do baterista Tuti Moreno, e que estava nos braços de Callado. A menina ficou detida, apesar de o pai a estar esperando, sua bagagem foi toda revistada e só depois de duas horas ela pôde seguir para casa, liberada pela polícia. Antônio Callado e Ana Arruda, sua mulher, haviam conhecido a menina em Nova Iorque pouco antes e trouxeram-na para o Rio a pedido da família. Callado até hoje não entendeu por que detiveram Kadi (4 anos). Ela tampouco entende por que os policiais "brincaram" tanto com seus brinquedos.

"Eu gostei da viagem, claro. Só foi um pouquinho chata porque tive que ficar esperando um tempão naquela sala, com a Ana e o Caladão e com uns homens estranhos que brincaram muito com meus brinquedos"

Ana e Caladão são "uns amigos" que trouxeram Kadi Moreno (4 anos) de Nova Iorque ao encontro do pai, Tuti. A sala a que ela se refere é o lugar onde teve de esperar por mais de duas horas para ser liberada pela Polícia Alfandegária do aeroporto internacional do Rio. Os homens estranhos que Kadi (4 anos) menciona são os cinco policiais que não a deixaram ver o pai na sala de espera.

("Eles alegaram que aquilo ali era área de segurança nacional" — Tuti Moreno).

Kadi (4 anos) diz que não se sentiu muito cansada de ficar na sala da polícia porque já havia dormido no avião.

("Ela realmente estava muito tranquila com tudo aquilo, tomou água gelada, de vez em quando sentava-se no tapete, nem pediu para ir ao banheiro. Ela só ficou um pouco apreensiva quando os policiais, ao vasculharem sua pequena bagagem, abriram a malinha cor-de-rosa" — Callado).

("Nessa malinha ela carrega sua chupeta e seus tesourinhos particulares" — Joyce, mulher de Tuti).

Para Kadi Moreno (4 anos), a sala onde passou sua primeira experiência policial parecia mais com o consulado brasileiro do que com uma sala de interrogatórios e revistas.

("Ela deve ter associado o ambiente com o do consulado em Nova Iorque, onde esteve com sua mãe para tirar os papéis da viagem" — Tuti Moreno).

Até agora Kadi (4 anos) não sabe por que os homens daquela sala atrasaram tanto seu encontro com o pai. Kadi (4 anos) nem imaginava que o motivo da longa demora era o exame minucioso que faziam em seu passaporte.

("Quando me entregaram Kadi, eu percebi que estava faltando o passaporte, mas não sabia que ele tinha ficado com a polícia, achei que estava com o Callado. Voltei para pedir o passaporte, e depois de meia hora eles me entregaram, junto com uma declaração que assinei, dizendo que o tinha recebido" — Tuti Moreno).

Livre novamente, Kadi (4 anos) pôde circular pela cidade Gostou muito da praia, que frequentou nas últimas semanas de férias. A única coisa que ficou na sua lembrança, e que sempre pergunta a Joyce a a Tuti, é por que os homens brincaram tanto com suas bonecas. E com a pequena mala cor-de-rosa. Kadi 4 (anos) pula a janela do primeiro andar onde está morando com Tuti, Joyce e suas duas filhas, e vai andar de velocípede no parque.

Yacy Nunes Suarez

REPORTER

Rio, abril de 1978 — Número 5 — Cr$ 10

AUTONOMO INDEPENDENTE

TRABALHADORES DO BRASIL:

TODO MUNDO CONTRA O ARROCHO

P. 11 a 26

A CENSURA É UMA LOUCURA

P. 4 e 5

Censura inventa meio de matar o REPORTER

Censores querem ler o jornal 48 horas antes de ele ir pra banca

Dois agentes do Departamento de Polícia Federal estiveram na Distribuidora Fernando Chinaglia no dia 30 de março para exigir daquela empresa o envio de dois exemplares do jornal REPORTER — 5ª edição — para exame prévio e comunicaram que a distribuição do jornal estaria sujeita à aprovação de seu conteúdo pela Polícia Federal.

Representantes da distribuidora, responsável pela circulação do **REPORTER** há quatro meses, informaram os editores por telefone e se recusaram a cumprir a determinação policial. Por telefone, confirmaram à direção do jornal o pedido que a empresa já havia feito de que a tiragem do **REPORTER**, em sua quinta edição, fosse de 40 mil exemplares.

Delegado confirma proibição só de boca

Os editores do jornal mensal **REPORTER** estiveram na delegacia regional do Departamento de Polícia Federal no Rio no dia 31 de março último para saber das autoridades policiais o que havia contra o jornal. O Sr. Augusto Nunes, responsável pela censura a espetáculos de diversões, informou ser o assunto da competência de outro departamento e os encaminhou ao chefe do Serviço de Comunicação Social da delegacia, Sr. Clarício de Almeida Santos. Este, por sua vez, negou qualquer intenção de censurar o jornal **REPORTER** e encaminhou os editores ao delegado interino, Dr. Edyr Carvalho. No gabinete do delegado, os editores, acompanhados do advogado Modesto da Silveira, obtiveram a confirmação da censura prévia ao jornal.

Prejuízo pode levar jornal à bancarrota

Brasília (sucursal) — Os editores do jornal REPORTER, do Rio de Janeiro, denunciaram em entrevista na noite do dia 5 de abril uma nova forma de censura prévia à imprensa. O novo método visa a tornar economicamente inviável qualquer órgão de imprensa mediante a exigência de exemplares impressos para verificação na censura 48 horas antes da circulação.

Os jornalistas estimaram em 80 mil cruzeiros o prejuízo que a ação policial da censura causaria ao **REPORTER** no caso de ser apreendida sua edição de 40 mil exemplares, distribuídos em todo o país. Disseram que esta nova forma de censura prévia poderá levar ao fracasso qualquer jornal alternativo em apenas uma edição, e lamentaram o fato de a Polícia Federal estar agindo contra o momento político nacional, que é de distensão lenta e gradual. Lembraram os pronunciamentos do general Toledo de Camargo e do coronel Ludwig, assessores de imprensa do presidente Geisel.

Polícia diz que ordem foi dada por Falcão

Brasília (sucursal) — Os responsáveis pelo jornal carioca REPORTER tiveram dois encontros com o Dr. Paulo Leite, assessor do diretor da Polícia Federal, dia 5 de abril, tentando obter dele ofício daquele Departamento determinando a "leitura" prévia da quinta edição do jornal, conforme comunicação feita pela Polícia Federal do Rio de Janeiro à Distribuidora Fernando Chinaglia

O Dr. Leite explicou não haver intenção de apreender o jornal por parte do DPF e disse estar cumprindo ordens diretas do gabinete do Ministro da Justiça, Dr. Armando Falcão. Contou aos editores — acompanhados em ambas visitas por seu advogado, Dr. Modesto da Silveira — que o motivo do exame prévio do REPORTER eram fotos de bailes de carnaval publicadas na edição de fevereiro Segundo Dr. Leite, o jornal havia atentado à moral e aos bons costumes, crime previsto no Decreto Lei 1077, de janeiro de 1970, que garantem ao Ministro da Justiça a exigência de qualquer publicação para exame prévio 48 horas antes da circulação

Ministro não ordenou nenhum "exame prévio"

Brasília (sucursal) — O Ministro Armando Falcão, da Justiça, negou no dia 6 de abril, em entrevista à imprensa, que tivesse partido de seu gabinete qualquer ordem para a censura ao jornal **REPORTER**, publicado no Rio de Janeiro.

Os editores explicaram que o Dr. Paulo Leite, assessor do diretor da Polícia Federal, lhes havia informado na véspera tratar-se de ordem ministerial a "leitura" prévia da 5ª edição do jornal. Segundo eles, Dr. Leite afirmou ser o Departamento de Polícia Federal uma autarquia do Ministério da Justiça "mero cumpridor das determinações ministeriais". O próprio Dr. Leite havia se comprometido a enviar ao Ministério da Justiça o requerimento protocolado no DPF, no qual os editores solicitavam uma comunicação oficial da censura ao jornal, após historiar fatos que comprovavam pressão da Polícia Federal sobre o **REPORTER**.

Na ocasião o Dr. Leite informou aos editores que a determinação só poderia partir mesmo do ministro Falcão uma vez que o decreto 1077, com base no qual era feita a exigência, faculta ao ministro da Justiça — e apenas a ele — a verificação prévia de periódicos que ele julgue contenham matérias atentatórias à moral e aos bons costumes.

Qualquer pedido de esclarecimento, portanto, disse Paulo Leite, teria que ser dirigido ao ministro da Justiça.

E quem vai assinar embaixo?

Os responsáveis pelo jornal **REPORTER** afirmaram na noite de 6 de abril, em entrevista à imprensa, que nenhum órgão do governo aceita assumir a responsabilidade sobre a censura que vem sofrendo a publicação. Disseram que por duas vezes obtiveram confirmação com os responsáveis pela Polícia Federal no Rio e em Brasília, mas em nenhuma ocasião as autoridades aceitaram dar por escrito a ordem de que o jornal seja censurado previamente.

Os editores souberam de repetidas visitas de agentes da Polícia Federal à gráfica onde é impresso o **REPORTER** entre os dias 3 e 6 de abril, sem que eles se identificassem.

Jornalistas estão solidários

O presidente da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), Fernando Segismundo, enviou dia 7 de abril carta ao Ministro da Justiça, Dr. Armando Falcão, pedindo especial atenção no sentido de sustar a censura imposta ao jornal **REPORTER**. A ABI fez questão de enviar a carta no dia de seu 70º aniversário na defesa da liberdade de imprensa no país.

Fernando Segismundo baseou o envio da carta do Ministro da Justiça com o argumento de que a própria Polícia Federal havia informado ter partido dele a censura. A carta diz ainda que a ABI tem esperanças de que a censura à imprensa venha a ser abolida na política de distensão lenta e gradual efetuada pelo governo Geisel.

REPORTER

REPORTERES/EDITORES — Luiz Alberto Bettencourt, Luiz Augusto Gollo, Chico Júnior, Alex Solnik (São Paulo)
SECRETÁRIO DE REDAÇÃO — Toninho Martins Vaz
REPORTAGEM — Eduardo Homem (Recife), Tim Lopes, Marcos Dantas, Telmo Wambier, Ivan Murício, Maria Teresa Bustamante, Yacy Nunes Suares, Clarice Niskier, Ruth Martins, Licínio Azevedo, Tânia Celidônio, Maria Helena Passos, Clodoaldo Lobo, Paulo Roberto Marins, Gisela Bisordi, Raquel Moreno, João de Barros, Carlos João, Daniel A.M. de Carvalho, Ronaldo Herdy, Fabíola de Oliveira, Eduardo Serra, Tari Costa.
FOTOGRAFIA — Alcyr Cavalcanti, Maurício Leite, Gilson Barreto, Hélio Campos Mello, Camila Butcher, Jesus Carlos, Cristina Villares, Armando Rosário, Juca Martins, Eliane Pastore, João Bittar, Wagner Avancini, Airton Magalhães, Lula Feijó, Walter Ghelmann.
ILUSTRAÇÃO: Luscar, Elvira Vigna, Lapi, Jaime Leão, Angeli, Jota
ARTE — Analuce Estrella, Maurício Veneza, Glória Jean, Lúcia Maria Carvalho e Zunguinha Bezerra
REPORTER — Autônomo Independente — Uma publicação da Margem Editoria e Programação Gráfica Ltda. Rua Miguel Couto, 134, 11º andar — telefone: 253-5038 — Rio de Janeiro.
São Paulo — Rua Jaguaribe, 25, 3º andar, conjunto 31. CEP 01224 — telefone: 222-3103.
Diretor — César Arruda Castanho
Recife — Representante: **Editora Alternativa** — Rua Conde de Boa Vista, 50, sala 330.
Distribuidores exclusivos para todo o Brasil: **Fernando Chinaglia S.A.** Rua Teodoro da Silva, 907 — Rio de Janeiro.
Composto e Impresso na **Editora Mory**, Rua do Resende, 65 — telefone: 263-7002 — Rio de Janeiro.

ATENÇÃO Despesas operacionais causadas pela retenção do jornal na gráfica, por motivos alheios à nossa vontade, nos forçam a aumentar, neste número, o preço do jornal.

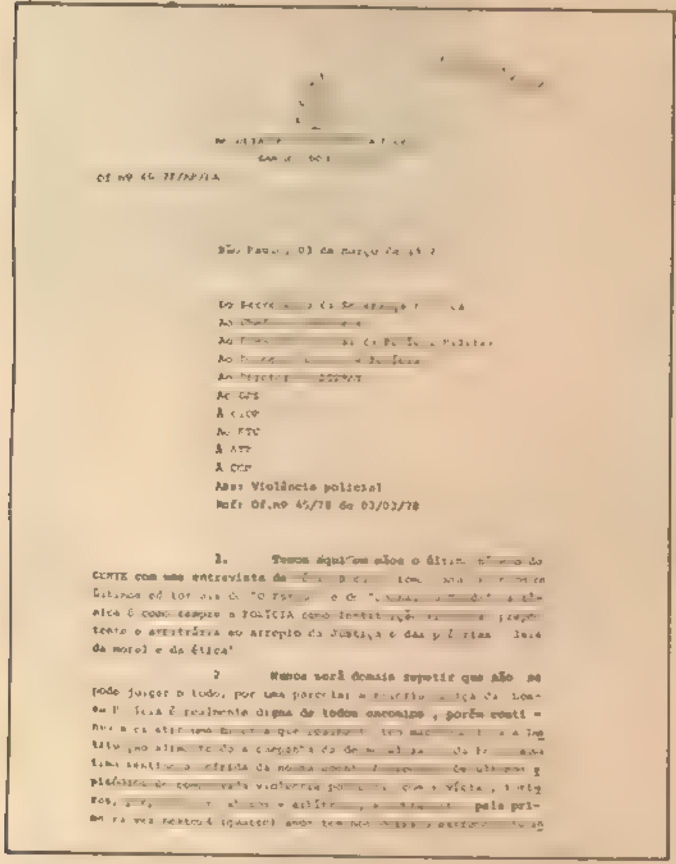
REPORTER integra o Comitê da Imprensa Independente

Vara de Registro Público — Aut. 4456

A CONFISSÃO DO CORONEL ERASMO

RESERVADO

"Já estamos temerosos de que a violência policial esteja ultrapassando os próprios limites da violência social!"



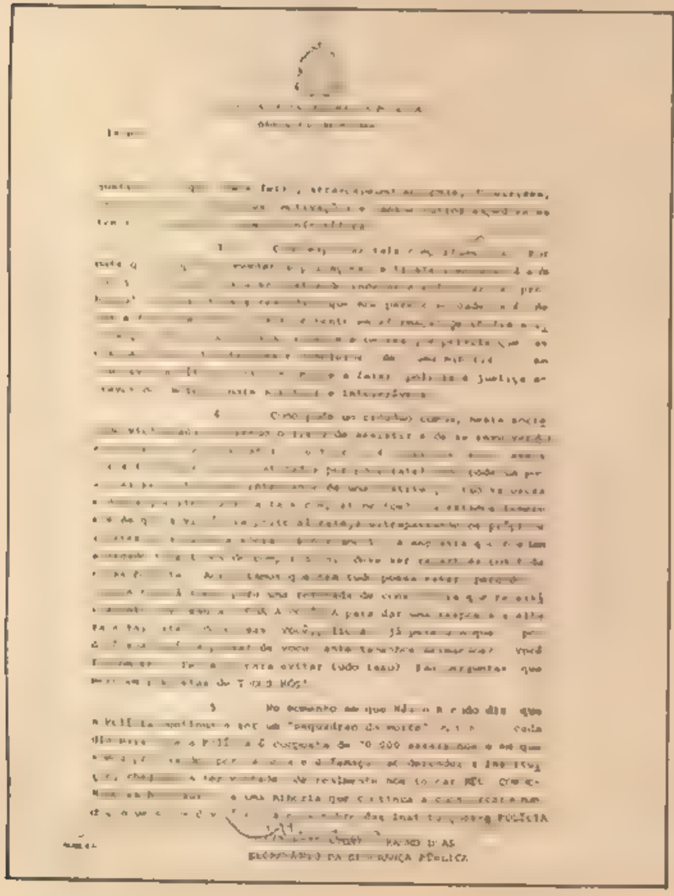


FOTO PAULO ADARIO

Este documento que tem o carimbo "reservado" foi escrito na época em que o fotógrafo Milton Soares foi torturado na delegacia de Guarulhos. Só as cúpulas policiais tinham ciência dele. Pela primeira vez sai na imprensa:

[redacted]

Secretaria de Segurança Pública
Gabinete do Secretário

Of nº 30/78/AP/LA

São Paulo, 03 de março de 1978

Do Secretário de Segurança Pública

Ao Chefe de Gabinete
Ao Comandante Geral da Polícia Militar
Ao Delegado Geral de Polícia
Ao Diretor do DETRAN
Ao GPS
A CIOP
Ao STC
A ATP
A CGP

Ass. Violência policial
Ref. Of. nº 45/78 de 03/03/78

1. Temos aqui em mãos o último número de GENTE com uma entrevista de Hélio Bicudo, temos aqui em mãos os últimos editoriais do "O Estado e do "Jornal da Tarde": a tônica é como sempre a polícia como Instituição violenta e arbitrária ao arrepio da justiça e das próprias leis da moral e da ética

2. Nuca será demais repetir que não se pode julgar o todo, por uma parcela a maioria maciça de Nossa Polícia é realmente digna de todos encomios, porém continua existir uma minoria que realmente tem maculado toda a Instituição alimentando a campanha de desmoralização da Polícia, ultima sentinela sofrida da nossa doente Sociedade. Os últimos episódios de comprovada violência policial, com sevícias, torturas, prepotências, abusos e arbítrios, sinceramente, pela primeira vez nestes 4 (quatro) anos tem-nos deixado extremamente angustiado. O que temos feito, através de palavras, normas, diretrizes, recomendações, emulações, motivações e tantos outros expedientes tem-se mostrado de maneira infrutífera

3. Como explicar tais comportamentos? Por mais que se queira levantar explicações, a triste conclusão é de que a Instituição está se mostrando incapaz de enfrentar tal problema. E outra triste realidade que nos parece verdadeira é de que falência recai inexoravelmente em afirmação de chefia e liderança, amorfa, acomodada, ausente e omissa que permite que as desqualidades, frustrações e complexos de uma minoria, ao seu livre arbítrio, continue impune a fazer polícia e justiça através dos métodos mais absurdos e intoleráveis

4. Como pode um cidadão comum, nesta sociedade violenta, correndo o risco de assistir e de se envolver diariamente em 3 assassinatos 2 estupros, 40 assaltos, etc, assistir a idênticas cenas praticadas por policiais? Como pode um policial se sentir como integrante de uma Instituição tão valorosa e digna que ainda abriga tais comportamentos? Já estamos temerosos de que a violência policial esteja ultrapassando os próprios limites da violência social. Sinceramente, a angústia que nos tem amargado tais tipos de comportamento devo ser repartida com toda nossa polícia. Acreditamos que nem tudo possa estar perdido. Sempre haverá tempo para uma retomada de consciência à altura a tal estado de coisas. Você, policial, já pensou o que poderá sua família pensar de você ante tamanhos desmandos? Você foi omisso? Fez algo para evitar tudo isso? São perguntas que merecem respostas de TODOS NÓS

5. No momento em que Hélio Bicudo diz que a polícia continua a ser um "esquadrão da morte" matando cada ia mais, que a Polícia é composta de 70.000 assassinos e em que somos processados por calúnia e difamação ao defender a Instituição, chegamos a ter vontade de realmente nos tornar RÉU CONDENADO em holocausto a uma minoria que continua a conspurcar e manchar aquela que deverá ser a mais nobre das Instituições — a POLÍCIA

TELEFONES CENSURADOS

DOPS INVESTIGA CASO INÉDITO: ESPIÃO × ESPIÃO

FOTO DE JESUS CARLOS

"ELE ROUBOU MEU INVENTO", DIZ O PATRÃO—"ELE É CASCATEIRO", DIZ O EX-EMPREGADO. -ESTE É MAIS UM CASO PARA O DOPS.

FOTO DE CAMILA BUTCHER

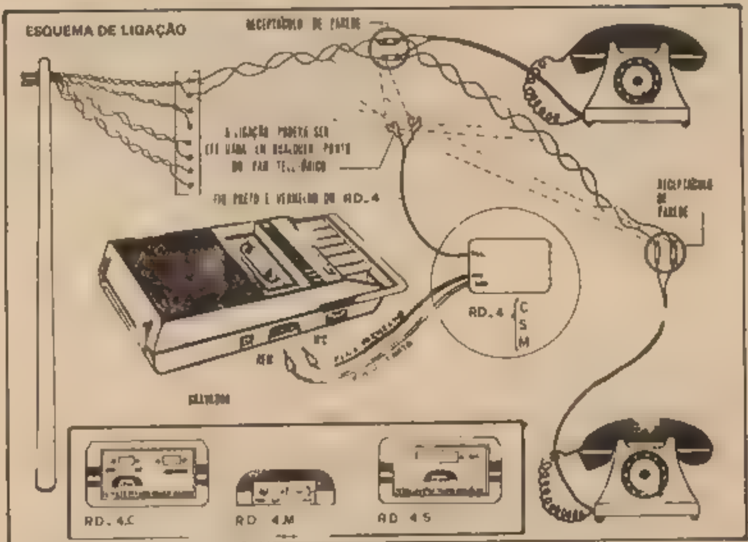
"É claro que a polícia pode vigiar qualquer telefone da cidade com o meu aparelho."

"Eu vendo meu aparelho para qualquer um. Se a polícia quiser, também vendo."

Quando chegou ao Brasil, em julho de 1953, o grego George Sellinas, depois de ter trabalhado algum tempo na base dos radares do exército da Grécia, e ter se formado pela Universidade Nacional em Engenharia Industrial, nem sonhava conhecer Douglas Éden Ferrari que, nessa época, tinha nove anos de idade e ainda morava em São José do Rio Preto, onde nasceu. Mas, seguramente, o grego Sellinas já havia lido alguns livros sobre espionagem e já pensava dar "segurança aos industriais."

Foi pensando assim que Sellinas começou a trabalhar em algumas pequenas indústrias, passando depois a gerente da Willys Overlland do Brasil e, posteriormente para a General Motors. Durante todo esse tempo foi alicerçando suas convicções que, ainda hoje, expressa assim: "Se a indústria fracassar, nós fracassaremos; todos os empresários devem acompanhar os movimentos de seus operários; a pessoa que não desconfia, não pode confiar; é preciso confiar desconfiando."

Em 73: quando resolveu montar sua própria indústria de telecomunicações, a Ibranovi do Brasil, Sellinas já era totalmente obcecado pela idéia de espionagem. Bastava alguma coisa acontecer de anormal na rotina, para que ele já julgasse estar sendo espionado. Resolveu tomar algumas medidas "preventivas." Enquanto isso, ainda em São José do Rio Preto, Douglas Éden Ferrari frequentava as aulas do curso de Eletrotécnica e, nas horas de folga, não perdia a chance de ver filmes como "Moscou contra 007."



O aparelho pode ser ligado em qualquer ponto do fio telefônico

Entre as "medidas preventivas" de Sellinas constavam algumas para a segurança de sua própria empresa contra a espionagem dos concorrentes. Como a indústria estava apenas fabricando secretárias-eletrônicas, a preocupação de Sellinas não era tão grande.

Até que, há pouco menos de um ano , o grego Sellinas teve "uma idéia brilhante:" — resolveu bolar um aparelho que gravasse as conversações telefônicas, para que os empresários pudessem exercer absoluto contrôle sobre os papos dos empregados, evitando, assim, a espionagem industrial. Fascinado ainda com o caso que culminou com a renúncia do presidente Nixon, Sellinas, muito engenhoso, resolveu batizar o aparelho com o nome de NIX-WATERGATE.

O aparelhinho, pouco maior que um rádio de pilhas, funciona assim: sem que a pessoa que está do outro lado do telefone saiba, toda conversa pode ser gravada através de um dispositivo automático cuja função é fazer com que o "tirar-colocar" do telefone no gancho acione o mecanismo de gravação. Um fio de cumprimento desejado sai do terminal de parede do telefone — aquela caixinha redonda — e é ligado ao NIX-WATERGATE. Dele saem outros dois fios que são ligados a um gravador mini-cassete.

Quando percebeu que sua obra-prima poderia ser comercializada por um preço pequeno para os empresários — atualmente o aparelho mais caro custa 3.380 cruzeiros — Sellinas resolveu redobrar as salvaguardas de sua empresa, para que "ninguém descobrisse sua fórmula mágica." Começou assim: embutir vários microfones super-sensíveis pelas paredes da indústria "para saber tudo o que as pessoas conversam;" instalou um dispositivo automático na empresa que solicita a identificação dos clientes, proibiu o acesso de qualquer pessoa às dependências da indústria e, por fim, fez absoluta questão de trabalhar na última fase de montagem do aparelho "para que ninguém descubra seus segredos." Para o futuro pretende instalar dez câmeras de circuito interno de TV para ter controle maior sobre os seus treze operários." Sabe como é, quando os gatos faltam, os ratos fazem festa."

Com o relativo sucesso do aparelho, Sellinas anunciou nos jornais, em agosto de 77, que a IBRANOVI DO BRASIL estava precisando de um gerente-comercial. Dentre as muitas pessoas que se apresentaram, estava o técnico Douglas Éden Ferrari que, pelo currículo apresentado foi considerado "um profissional categorizado."

Logo, no entanto, Sellinas começou a desconfiar de seu novo empregado. E o demitiu depois de 30 dias.

— "Durante o mes que esteve no cargo, diz o inventor, ele desrespeitou todos os regulamentos internos da firma, inclusive ordens anteriores na proibição de seu trânsito por áreas confidenciais e setores secretos de pesquisas como também "conversas" com o pessoal técnico."

A surpresa maior de Sellinas foi quando descobriu que Douglas Éden Ferrari havia montado uma empresa — a I.T.M. — e estava fabricando aparelhos idênticos aos seus, por preço mais baixo. Douglas assegura que seus aparelhos são bem diferentes dos "absoletos fabricados por um concorrente desleal;" Sellinas garante que houve um caso de espionagem industrial e já pediu providências ao DOPS que está investigando o caso.

Embora faça absoluto sigilo sobre seus clientes, Éden garante que o aparelho que vende pode ser utilizado pelos órgãos de segurança para censurar qualquer conversa telefônica. "É claro que a polícia tem condições de vigiar qualquer telefone da cidade com o meu aparelho, mas acho que a polícia age assim em último caso."

Sellinas concorda com a afirmação de Éden e conclui: "Eu vendo meu aparelho prá qualquer um. Se a polícia quiser, também vendo. Ainda mais pro Coronel Erasmo que é um homem enérgico, excelente policial.

Nunca descuidando de seu aparato de segurança, Sellinas, depois de mais de uma hora de conversa, resolve confessar que gravou toda a entrevista através de um microfone super-sensível estratégicamente colocado no assento de sua cadeira. Satisfeito com sua própria esperteza, o "grego cascateiro," como o qualifica Éden Ferrari, alerta — "A espionagem não é assunto de filmes, seriados de TV ou romances policiais. É uma realidade que a cada dia se aperfeiçoa em seus métodos e ardis, visando a coleta de informações baseados nas falhas e fraquezas humanas."

JOÃO DE BARROS

CENSURADA NA COZINHA

• "A censura atrapalha o desenvolvimento natural das coisas. Fica tudo censurado e os jovens ficam fazendo sexo e dizendo as coisas escondidos. Na América do Norte é melhro porque não há censura nos costumes. O que devia ser censurado é "que vontade de meter" e não as coisas bem ditas". (Valéria, cantora.)

• "Nada posso dizer com a patroa fora." (Maria Fernandes, 40 anos, empregada doméstica.)

• "Acho a censura válida sem que nos fira. E principalmente para censurar coisas imorais. Você na sua casa às vezes não precisa censurar alguma coisa?". (Dilha de Albuquerque Figueiredo, "prima do general João Baptista Figueiredo.")

• "Acho a censura boa porque dá mais vida às coisas." (Carmina Moraes, 17 anos, trabalha num supermercado)

• "Acho muito boa a censura, aqui todo mundo vê a Globo." (Maria da Luz, 29 anos, empregada doméstica.)

• — Ah, eu quase não vejo novela. (Violeta Abdala, 45 anos, dona de casa.)

REPÓRTER: O que você acha da censura?

"O que é a censura?"

REPÓRTER: É um órgão de segurança que libera ou não qualquer tipo de comunicação para um público.

"Ah, é isso? Eu sofro muito disso pela minha patroa"

Maria Luiza, 35 anos, empregada doméstica

• — Acho que não precisa haver censura. Cada um aprende por si só. Por exemplo, não gosto de ver mulher pelada na televisão mas não precisa censurar porque eu não gosto. (Raimunda Rodrigo da Silva, dona de casa.)

• — Acho que deve haver censura. Muitas coisas as crianças não podem ver. Mas a gente o que não vê nos filmes vê nas ruas. (Maria de Fátima Araújo, 18 anos, empregada doméstica.)

• Acho que não deveria haver proibição. Acho a censura podre e desonesta. (Cinira Pereira, 28 anos, trabalha na INTELCO.)

• — Acho a censura uma porcaria. Não devia existir. Em termos morais não adianta nada. (Leila Jaguaribe, 49 anos, dona de casa.)

• — A censura não interfere em nada. (Cecília de Abreu de Souza, 30 anos, dona de casa, analfabeta.)

• Acho os beijos da televisão muito fortes. Não precisa fingir tanto. Pô, mulheres casadas, o marido, às vezes não trabalha na televisão, eu fico abismada. (Maria Janda Pereira de Medeiros, dona de casa.)

•— Acho a censura ótima e reajo muito bem diante de algo censurado, novela, por exemplo. (Maria Machado, 40 anos, empregada doméstica.)

Entrevistado sobre censura, tenente não diz o que sabe sobre o assassinato de Castello:

VIVO QUIETO!

No décimo andar de um prédio grande no Flamengo, um senhor, de bermuda, sem camisa, de cor clara, 42 anos, abre a porta de seu apartamento para responder sobre o que ele pensa da censura.

"A censura não deveria existir. Não tem um sentido lógico. Teria que ter meios de salvaguardar a individualidade de cada um através da liberdade de imprensa. Mas tem muita coisa que não tem lógica por aí.

Sou tenente da Marinha, tenho 10 anos de serviço e vejo muita coisa sem lógica. O que os homens do poder fazem é porque não têm força nenhuma. São todos uns incompetentes. Se não fosse a gente eles não saberiam como sair de casa.

No quartel é um clima de desconfiança horrível. Você não pensa nem em falar. Se fala o assunto corre e volta diretamente na fonte. E você tá roubado. Mas é um serviço como outro qualquer. Você está subordinado como estaria em outro. O que não me arrependo é de ter feito um curso superior. Sou bacharel em direito. E agora tô querendo fazer um curso na Fundação Getúlio Vargas pra preencher o tempo à noite. O que ganho não dá pra eu sustentar uma esposa. Ganho dez mil cruzeiros. Sou respeitado lá dentro porque sou organizado. Fui convidado a fazer parte do CENIMAR.

Recusei porque não sei dedurar. Eles torturam. É o pior entre os serviços de informação. O que eles não fazem mesmo é fumar maconha.

No caso Para-Sar jogaram muita gente no meio do mar. É dificílimo derrubar eles. Porque é uma corja de incompetentes que tem um exército. E exercem uma força muito grande sobre eles. Sei de muita coisa, mas você é jornalista eu não vou te contar. Sei de cada coisa... O acidente do Castello, não foi acidente não, eles mataram o marechal. Acidente de avião nada.

A CIA está aqui em todo litoral. Eles protegem, cercam o regime que está aí. Os americanos são donos do Brasil, donos do exército.

Vivo quieto.

Te peço pra não voltar aqui.

entrevistas a CLARICE NISKIER

ACUSADOS DE SUBVERSÃO PROCESSAM A POLÍCIA

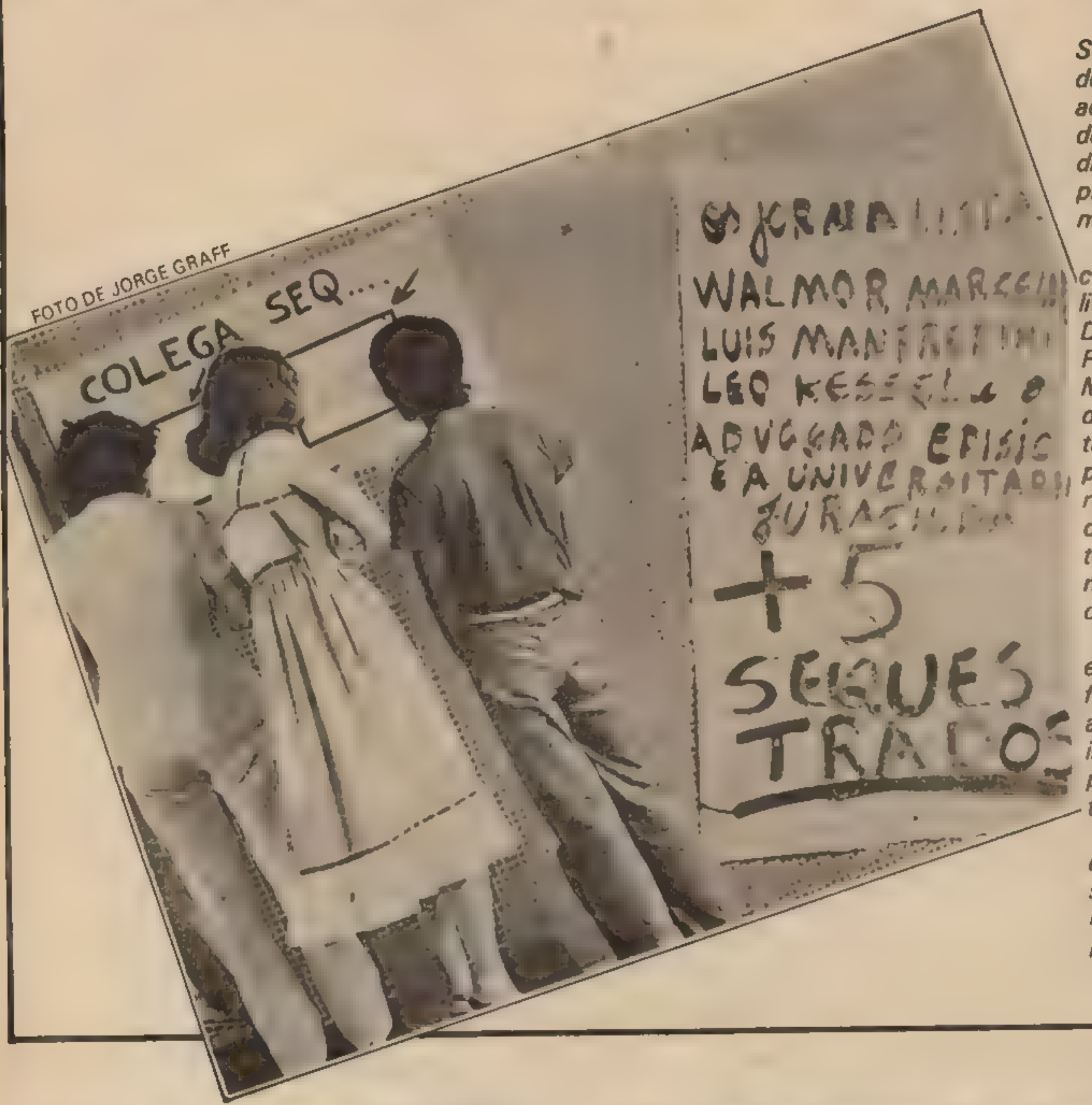


FOTO DE JORGE GRAFF

A Ordem dos Advogados do Brasil — Seção do Paraná recebeu, no último dia 3 de abril, uma petição original: a do advogado Edésio Franco Passos, solicitando providências para responsabilizar judicialmente a Polícia Federal, por 11 prisões políticas feitas no último dia 18 de março.

As acusações são de invadir residências, prender pessoas, apreender cartas e livros, violando a Declaração Universal dos Direitos do Homem, a Constituição Federal e o Código de Processo Penal Militar, além de violar: o direito de liberdade política, o direito de livre manifestação do pensamento relativo a convicção política e filosófica, o direito de crença religiosa, o direito de sigilo de correspondência e comunicações telegráficas e telefônicas, o direito à integridade física e moral do detento, e o direito de liberdade de associação.

Já no primeiro dia das prisões, 35 entidades protestaram no Paraná contra o fato. Nunca houve tamanha solidariedade a presos políticos em Curitiba, fato que, inclusive, em virtude de clamor da opinião pública, obrigou a Polícia Federal a soltar todos num prazo de oito dias

A acusação contra os 11 era ridícula: ensinar marxismo para crianças de três a seis anos de idade. Da Igreja, da imprensa brasileira, de todas as partes, vieram protestos contra o arbítrio.

PAULO ROBERTO MARINS

17/março, sexta-feira — A estudante de jornalismo e professora primária Juracilda Veiga, 21 anos, é sequestrada às 17 horas.

Defronte à sua casa, no Bairro Alto, em Curitiba, quando voltava da Escola Cônego Camargo, Juracilda encontra três indivíduos numa Veraneio de cor azul escura. Dois deles descem do carro, dizendo: "É você mesmo. É da Polícia. Fique quietinha que é a Polícia." E antes que tenha tempo de fazer qualquer coisa, é agarrada e levada para o carro, tomando o rumo da BR-116

• **18/março, sábado, ao amanhecer** — Em Curitiba, são retirados de suas residências por agentes da Polícia Federal e levadas para a sua sede, à rua Ubaldino do Amaral, as seguintes pessoas o advogado Edésio Franco Passos, os jornalistas Walmor Marcelino e Luiz Alberto Manfredini; o escritor Reinoldo Atem e sua esposa, a economista Sueli Atem; as sociólogas Ana Maria Lange, Lígia Aparecida Candieri Mendonça e Maria Bernadete Sá Brito, o professor Léo Kessel e a pedagoga Sílvia Regina Pires de Mendonça Em Maringá, o mesmo acontece com o engenheiro eletricista Paulo de Sá Brito, totalizando 11 pessoas. A notícia se espalha rapidamente

Ainda 18/março, sábado — A superintendência da Polícia Federal do Paraná distribui uma nota oficial às 16 horas, sem informar o número dos detidos e nem os nomes, informando o que se segue "Chegou ao conhecimento da Polícia Federal que membros das organizações auto-intituladas "Associacão de Estudos Educacionais (AED/Oficina)" e "Centro de Estudos e Avaliações Educacionais (Cepaed/Oca)", situadas em Curitiba, vêm desenvolvendo atividades contrárias à segurança nacional. As duas entidades são responsáveis pelo funcionamento de duas escolas primárias, nas quais as crianças são doutrinadas dentro de principios marxistas, desenvolvendo-se-lhes uma visão materialista e dialética do mundo, na pretensão de realizar "transformacões sociais," incutindo nas crianças a negação de valores como a Religião, a Família e a Tradição Histórica. Serviam as escolas — prossegue a nota — também, para reuniões e encontros de pessoas ligadas a organizacões subversivas. Os principais responsáveis pelo funcionamento dos estabelecimentos encontram-se, no interesse das investigações policiais, presos conforme faculta a Lei de Segurança Nacional. As prisões foram comunicadas ao Exmo Sr. Juiz Auditor da 5ª Circunscrição Judiciária Militar."

Ainda 18/março, sábado — Cerca de 500 pessoas, representando 35 entidades de diferentes categorias sociais, órgãos estudantis, religiosos políticos e educacionais, reúnem-se na sede da Cúria Metropolitana de Curitiba para protestar contra as 11 prisões e o sequestro. À noite, divulgam uma "Carta Aberta ao Povo," em que denunciam que, "há alguns meses várias pessoas, entre elas, estudantes, políticos, parlamentares, jornalistas, sociólogos, professores, advógados, religiosos e outras, passaram a receber ameaças, pressões e intimidações de uma organização clandestina que se auto-denomina Comando de Caça aos Comunistas — CCC." Relata a seguir os seqüestros de um estudante da Universidade Federal do Paraná (há meses), do professor Paulo Antônio de Oliveira Gomes (há quase dois meses), da estudante Juracilda Veiga (no dia anterior), dizendo que nos três casos "nenhuma autoridade se responsabilizou pelo ocorrido," e fala das prisões feitas naquele dia Chama a atenção para o fato de que, em maio de 1977, 15 estudantes foram presos pela Polícia Federal, acusados de atos subversivos, tendo sofrido torturas psicológicas e, após sua soltura, seguidos em todos os seus passos

"Seus processos — diz mais — foram arquivados por ausência de provas. No entanto, nenhum deles consegue até hoje obter atestados de antecedentes, emprego em qualquer instituição ou ausentar-se do país."

• 19/março, domingo — Juracilda Veiga é abandonada às duas horas da madrugada, por seus seqüestradores perto de Registro (na divisa Paraná/São Paulo) e às 7 horas da manhã, embarca para Curitiba, onde, em quase todas as missas rezadas naquele dia, é lida a "Carta Aberta ao Povo." É hospitalizada e mais tarde fala dos interrogatórios e torturas a que foi submetida e que, antes de ser abandonada em Registro, seus sequestradores afirmaram que ela "iria bater um papo com o Fleury."

• 20/março, segunda-feira — O superintendente da Polícia Federal no Paraná, delegado João Reginaldo Felipe Villaça, confirma as 11 detenções políticas, em entrevista à imprensa, quando afirma "as prisões, são legais, de acordo com a Lei de Segurança Nacional." Já o Secretário da Segurança Pública do Paraná, general Alcindo Gonçalves nega qualquer relação das prisões políticas com o seqüestro de Juracilda Veiga, mas afirma que "em casos graves de subversão, comandaria um seqüestro para o bem da segurança nacional."

• 21/março, terça-feira — Patrícia Feeney da Anistia Internacional e membros da Ordem dos Advogados do Brasil vão à Polícia Federal para tentar quebrar a incomunicabilidade dos presos, mas em vão. O mesmo acontece com uma comissão de deputados. Em Brasília, o Ministério da Justiça divulga nota, considerando as prisões legais. Há novos protestos da Associação Brasileira de Imprensa e de várias entidades de diversos Estados brasileiros

• 22/março, quarta-feira — À noite, são liberados pela Polícia Federal o professor Léo Kessel e a socióloga Ana Maria Lange

• 23/março, quinta-feira — São libertadas a economista Sueli Atem, a socióloga Maria Bernadete Sá Brito e a pedagoga Sílvia Regina Pires de Mendonça

• 24/março, sexta-feira — São libertados o escritor Reinoldo Atem, o engenheiro eletricista Paulo de Sá Brito e a socióloga Lígia Aparecida Mendonça

• 26/março, domingo — São libertados os três últimos presos políticos: os jornalistas Walmor Marcelino e Luiz Alberto Manfredini, e o advogado Edésio Passos

Paulo Brito: "Poderemos ser presos a qualquer instante, indiciados, novamente absolvidos."

FOTOS DE JORGE GRAFF, RENATO DE SOUZA E ANTÔNIO FIALLA

• **Paulo de Sá Brito,** 28 anos, engenheiro eletricista: "A acusação sobre a escola foi um pretexto. Esse processo é uma farsa. Estamos sendo acusados por ideologia e não por atividades subversivas. Seremos processados e novamente absolvidos. E continuamos vivendo sob este regime, onde poderemos ser presos a qualquer instante, novamente indiciados e novamente absolvidos. Possivelmente, alguns dos presos perderão seus empregos, a exemplo do que aconteceu em outras ocasiões. Por causa de outros processos que respondi, fui demitido da Eletrosul."

• **Walmor Marcelino,** 48 anos, jornalista: "Eles faziam perguntas como: por que não comemoram o dia das mães? Qual a razão de não ter aulas de boas maneiras no currículo ou por que não era ministrada a matéria de educação moral e cívica? A inexistência de aulas de religião, expliquei, é pelo fato de haver tendências diversificadas, não cabendo, então, no currículo, tal orientação. É uma escola democrática, construída com dificuldade, que estimula as discussões sobre as mais diversas coisas. É o caso do dia das mães, que é uma instituição comercial. Os meninos são levados a tratar as meninas sem prepotência e procuramos um novo método de ensino. Um prontuário estava em jogo. Eles queriam esclarecimentos e aulas sobre pedagogia. Queriam saber quem é Piaget. Isso tornou-se enfadonho e ridículo. No aspecto ideológico, as indagações eram as mais incríveis e iam desde o que eu achava do desenvolvimento do mundo até o desenvolvimento brasileiro.

• **Maria Bernadete Sá Brito,** 28 anos, socióloga: "Eles queriam provar aquilo que não existia. Estavam muito preocupados com marxismo. Diziam que a escola era apenas fachada e nós estávamos, mesmo, é tentando nos organizar politicamente. Os policiais revistaram minha casa e levaram muitos livros, dentre eles, um de história, escrito por um autor russo. Algumas vezes ouvi ameaça de que seria mandada para São Paulo."

• **Ana Lange,** 28 anos, socióloga, mãe de dois filhos: "O interrogatório se limitou a assuntos atinentes à Escola Oficina. Os métodos inovadores geraram as prisões."

• **Sueli Atem,** 26 anos, economista, mãe de duas filhas e grávida de dois meses: "Eles batiam nas portas das celas e diziam em altas vozes: "A turma da pesada vai chegar." Eles queriam dizer que a escola era subversiva, que ensinava teorias marxistas, o que considero, junto com as prisões, um verdadeiro absurdo. Dentre as muitas perguntas, uma delas era porque a escola Oficina não dava aulas de religião?"

• **Lígia Aparecida Candieri Mendonça,** 31 anos, socióloga, mãe de duas filhas: "Eu já vinha sendo seguida há muito tempo, desde que cheguei a Curitiba. Recebi ameaças do Comando de Caça aos Comunista. Estava preparando um documento pedindo providências ao secretário de Segurança. Senti medo quando presa. Sempre fiz questão de afirmar que considerava as prisões um arbítrio. Da minha casa eles levaram 187 livros, muitos de estudo que me farão falta, além de cartas e recortes de jornais. Só levavam aqueles que pudessem confirmar o que eles pensavam, sem qualquer critério. Assim carregaram "Os Pequenos Burgueses" de Gorki e um sobre educação de massa. Além disso, carregaram três fotos minhas, grávida e nua, que estavam na parede de meu quarto. Perguntaram-me se eu as mostrava a minhas filhas. Respondi que sim. Disseram se eu não considerava isso pernicioso. Contestei, com veemência. É pernicioso agora que já não estão no meu quarto."

• **Sílvia Regina Pires de Mendonça,** 23 anos, pedagoga: "As perguntas eram sempre sobre a escola. No intervalo dos interrogatórios, ouvia ameaças. Uma das frases citadas por eles foi assim: "Vamos ver se na base da paulada, você fala." Procuravam envolver as pessoas que estavam presas ("você falou isso, mas fulano falou aquilo."). Tentavam caracterizar a escola como uma fachada, para a reunião de pessoas que queriam formar um partido clandestino, derrubar o Governo."

• **Léo Kessel,** 32 anos, pós-graduado em educação pela Universidade de Campinas: "Fiquei humilhado e indignado com a prisão. Insistiam em taxar os ensinamentos da escola de marxistas. Isso foi arduamente combatido. Acredito que essas questões são de responsabilidade exclusiva da família. Os ensinamentos ministrados têm base nas necessidades reais das crianças, visando, principalmente, à sua integração ao meio. Expliquei que a escola servirá como modelo para reestruturação do ensino. Defenderei isso em minha tese de mestrado e doutoramento. Levaremos as bases do projeto até o Ministério da Educação para que estudem, pois pode ser a solução para a educação nacional."

• **Reinoldo Atem,** 28 anos, escritor, chefe da sucursal do jornal "Em Tempo": As prisões foram absurdas, ridículas e um abuso de poder. As acusações ridículas a que fomos expostos vai permitir que este processo seja bom para os acusados e muito ruim para a Polícia Federal. A mentalidade paranóica da direita vê reuniões subversivas em tudo. Eles não conseguem sequer admitir que pessoas se reúnam para desenvolver atividades inovadoras com fins culturais ou pedagógicos. Querem perseguir tudo que escapa à rotina. Seu objetivo: o marasmo e a apatia, que foram rompidos agora pelos diversos organismos de classe e outros setores, sem cujo apoio estaríamos lá e, sem o que, outras prisões teriam ocorrido."

"Não nos preocupamos em alfabetizar as crianças dos 3 aos 6 anos, o que é uma das preocupações fundamentais dos pais."

• **Luiz Alberto Manfredini**, 28 anos, jornalista: "Não me considero um delinqüente para sair algemado de casa. O fato de não se poder distinguir entre uma ação policial e um seqüestro provoca uma grande insegurança. A maior parte das perguntas ficou dividida entre considerações pessoais, ideologias e minha vida privada. As prisões, acho, foram parte de um inquérito ideológico e de revisão do passado. A inexistência de provas é tão ridícula, que nenhum juiz, em sã-consciência, vai condenar alguém. Pessoas sem condições e sem competência falavam de métodos pedagógicos e maneiras de ensinar, o que caracterizou este inquérito como inconstitucional, arbitrário e violento."

• **Edésio Franco Passos**, 38 anos, advogado. "As prisões foram feitas por interesse político para intimidar, principalmente, jornalistas, advogados, religiosos, dirigentes sindicais, artistas e outras pessoas, porque há uma necessidade política de se criar insegurança e inibição. É incrível que uma organização que diz defender a segurança do cidadão faça isso. Não só foram expostos ao ridículo, como esmagados politicamente. Iam nos prender por 30 dias e soltaram em oito. Eu tirei uma lição: a gente tem que resistir a estas ilegalidades. Preso ou fora da prisão esta resistência é fundamental. Como algo profundo, o povo manifestou-se em assembléias, igrejas e instituições. Sem isto, eles continuariam o arbítrio. Com a manifestação cessa."

Com as 11 prisões políticas no Paraná, nunca o ensino pré-escolar esteve em tanta evidência, como se os adultos pudessem transmitir para as crianças coisas que nem eles conhecem direito. Vale aí a pergunta inicial de Henri Wallon, diretor da Escola de Altos Estudos da França, no livro "A Evolução Psicológica da Criança: "A criança sabe apenas viver a sua infância. Conhecê-la pertence ao adulto. Mas, é o ponto de vista do adulto ou o da criança que o vai guiar nesse conhecimento?"

Para esclarecer alguns pontos, REPORTER assistiu a uma das reuniões do Centro de Pesquisas e Avaliações Educacionais-Cepaed, uma das "subversivas" entidades segundo a Polícia Federal — que estaria ensinando Marx para as criancinhas. Da reunião, realizada sábado, dia 1º de abril, participaram membros da entidade, com o objetivo de apresentar um trabalho na semana de psicologia, a ser promovida pela Universidade Federal do Paraná.

Estavam presentes à reunião os seguintes estudiosos: Denise de Camargo, Fábio Campana, Rolando Schwants, Sônia Kessel, Sílvia Regina Pires de Mendonça e Walmor Marcelino, os últimos dois dos 11 detidos pela Polícia Federal e, depois, liberados. Walmor Marcelino, embora jornalista, tem já um razoável currículo no campo educacional. E sua uma obra chamada "Um Teatro Pedagógico," editada pela Fundação Cultural de Curitiba. Sem preocupações, a não ser a de esclarecer, eles forneceram ao REPORTER algumas informações sobre educação pré-escolar.

Que é ensino pré-escolar?

Walmor Marcelino — Nós preferimos o termo "primeira escola". Em todo o caso, o ensino pré-escolar abrange a idade que vai dos três aos seis anos.

E por que aos três anos?

Denise de Camargo — Aos três anos, a criança já tem consciência de si. Começa a fazer parte de um mundo maior. Vê que o mundo é maior que, por exemplo, sua família.

Walmor Marcelino — Na realidade, a educação começa com os pais. É preferível lidar num estágio em que as crianças já tenham uma certa independência.

Fábio Campana — É que nessa idade ocorre um conjunto de transformações muito importante na vida do homem. É justamente aí que a criança adquire, por exemplo, a postura em pé. E transformações que abrangem já o seu desenvolvimento neurológico. É nesse período que estão as bases da formação do caráter.

Walmor Marcelino - Praticamente a metade do homem está pronta nessa idade.

Qual o aprendizado dado a criança nessa idade?

Fábio Campana — Não é o aprendizado no sentido que se tem, mas o de potencializar a criança.

Walmor Marcelino — A preocupação principal é criar condições para que a criança possa se desenvolver globalmente. Nada de fragmentado. Não nos preocupamos nessa fase, por exemplo, em alfabetizar a criança, que é uma das preocupações fundamentais dos pais. Nem com desempenhos físicos, como ensinar a nadar. Não é nada programado. A preocupação é de ordem global, como já disse, com o desenvolvimento harmônico da criança.

Atividades lúdicas, por exemplo?

Walmor Marcelino — Sim, a atividade lúdica, mas não o conceito que o adulto tem do lúdico. Não é a mesma coisa. O jogo, para a criança, é algo muito sério. É a maneira da criança fazer coisas sérias. Não no sentido de disciplinar, de ordenar, mas de dar condições de liberdade para que ela veja o mundo como um todo.

Sílvio Mendonça — São os grandes temas do universo da criança, coisas como seus amigos, a família, o ar, a chuva. Há uma grande variedade de propostas. Há sempre atividades propostas, combinadas com as que as crianças engendram por si mesmas, sobre coisas simples de seu mundo.

Sônia Kessel — De repente, a professora olha, com disfarçada admiração para o chão que a criança pisa todo o dia. E provoca curiosidade. Aí elas passam a olhar, com novos olhos, uma coisa tão simples como o chão que vêem todo o dia. E nós aprendemos também com as crianças.

E Piaget, o que a ver com tudo isso?

Fábio Campana — A nossa escola não se baseia em Piaget. Mas num predecessor seu, chamado Henri Wallon, médico, psicólogo, pedagogo, um dos responsáveis pela reforma da escola francesa, entre as duas guerras mundiais, com o Projeto Langevin Wallon. Wallon é crítico de Piaget. Enquanto Piaget se preocupava apenas com a inteligência, Wallon se preocupava com tudo. Punha o caráter no centro de tudo. Mas também as observações de Aurélien Fabre, Louis Legrand e o venezuelano Alberto Merani orientam nosso trabalho. O que há de comum em todos eles é justamente uma preocupação global, com todos os aspectos da criança. O desenvolvimento da criança é visto como um desenvolvimento dialético, no sentido de que há uma sucessão de fases, que encerram contradições. Em suma, enquanto Piaget vê as coisas num círculo, eles vêem em espiral. Por ser dialético, não há um conformismo, não há nenhum método. Eles informam para chegar a um método experimental, que é nossa hipótese de trabalho, e um método que é reavaliado e aprofundado.

Processados professores: queriam ganhar mais!

FOTO DE JUCA MARTINS

Nelson, Paulo, Gumercindo e Heloísa não são subversivos

Os professores da foto foram acusados pelo presidente de sua associação de classe — Associação dos Professores de Ensino Oficial do Estado de São Paulo — como subversivos. A escola onde lecionavam — e um deles era dono — foi invadida pela polícia em maio do ano passado. Durante um ano passaram por um processo militar que pode marcá-los, e no qual foram absolvidos, por absoluta falta de provas, em abril de 1978.

Rubens Bernardo, presidente da associação de professores desde 1969 (40 mil associados) disse em depoimento prestado espontaneamente ao DOPS em 5 e 21 de maio de 1977 que esses quatro professores e outros formaram um grupo que surgiu em 1968 "junto com as manifestações estudantis" e ressurgiu em 1975 "tentando perturbar" seu mandato tendo com o pano de fundo uma pretensa insatisfação salarial."

ESTAVAM NO BAR TOMANDO CERVEJA—
DE REPENTE, COMEÇOU O TIROTEIO
— PRINCIPAL ACUSADO ALEGA
INOCÊNCIA – A CIDADE DESCONFIA
DA PODEROSA FAMÍLIA BEZERRA!

Policial que sabia demais é fuzilado com tiro no coração!

Dia 6 de março, segunda feira— o Paraíba, um tira gordo de 38 anos tomava uma cerveja junto com seu velho amigo e compadre Amâncio, comerciante de fumo em Arapiraca, Alagoas, mais a amante Maria das Graças, de 22 anos. De repente, como num filme do velho oeste, o Paraíba se levanta, saca do berro, dá dois tiros, e em meio à maior fuzilaria, cai morto por uma bala no coração. Quando a fumaça do tiroteio se dissipa, *seu* Manoel, o dono do boteco, se levanta detrás do balcão e dá com Maria das Graças gritando com um balaço nas pernas. Amâncio, ferido no abdomem, era conduzido por seu motorista ao hospital Santo Inácio.

A polícia chegou e prontamente acusou Amâncio Ferreira dos Santos de ter assassinado Manoel Vicente de Souza, o Paraíba, baseado no depoimento de Maria das Graças: "Tudo foi muito rápido: Paraíba, que estava bebendo, levantou-se sem mais nem menos e deu dois tiros pra cima Amâncio correu para a rua, e lá fora, foi uma fuzilaria enorme. Só vi isso, porque acabei ferida na perna e caí."

Tudo poderia não passar de mais um assassinato, quanto mais que em Juazeiro do Norte há quinze por mês (média mensal de 1977). Acontece que Paraíba não era um comum entre os mortais na terra dos Bezerra. Em novembro do ano passado, junto com o soldado Francisco de Oliveira e na presença do coronel da PM Antônio Onofre Pinheiro Filho, assassinou José Teófilo da Silva, vigia de uma usina de algodão do ex-governador cearense Adauto Bezerra (veja repor tagem no REPORTER nº 1, pág. 3)

E também não foi por acaso que, durante o enterro de Paraíba acompanhado por mais de 500 pessoas e pelo comando da PM na região, ouvia-se murmúrios que sentenciavam: "o próximo será o Oliveirinha."

Na Assembléia Legislativa do Estado, em Fortaleza, nas esquinas onde as pessoas se juntam para fuchicar em Juazeiro do Norte e até entre soldados na delegacia da cidade, o comentário mais frequente era: "Queimaram um arquivo."

O "arquivo" Paraíba, assim como Oliveirinha, guardava a estória da morte de José Teófilo da Silva, o vigia dos Bezerra. Apesar de todas as evidências de que José foi seviciado barbaramente antes de ser morto, o inquérito policial concluiu que sua morte se deu em legítima defesa da vida do coronel Antônio Onofre.

A história oficial diz que durante a viagem para Fortaleza onde José iria depor sobre presumíveis bilhetes anônimos que escrevera aos Bezerra ameaçando tocar fogo na usina, o pneu do carro furou. Durante a troca José teria conseguido se apoderar de uma arma e atirado contra o coronel, sendo por isso morto por Paraíba e Oliveirinha

Assim, o recente assassinato de Paraíba nada teria a ver com a morte do vigia dos Bezerra. Mas Antônio, acusado pelo assassinato do policial, quando ainda estava semi-inconsciente no hospital, baubuciava que "não tenho um pingo de ódio do Paraíba, não fui eu que o matei, houve tiros, fui ferido, corri e pronto."

Nem mesmo o pai de Paraíba acredita ter sido Antônio o assassino de seu filho. Em depoimento ao REPORTER, ele afirmou: "não sei quem matou meu filho, mas digo apenas que quem matou que corra." E o velho Lima, 67 anos, mãos calejadas do arado, conta também que um dia depois do crime foi visitado por um soldado, seu amigo e antigo empregado, que lhe confidenciou saber da participação de "um pistoleiro alto, negro, que fugiu num Corcel vermelho.

Ora, nem Amâncio nem seu motorista são negros, e o carro no qual deixaram o boteco era um Maverick cinza

Então se não foi Amâncio, quem andará correndo do velho Lima? Provavelmente ninguém pois aí os Bezerra estarão enfiados no meio desse crime. Aliás, eles nem se furtam a aparecer. Dois dias após o assassinato de Paraíba Leandro Bezerra, um dos irmãos do ex-governador, foi ao hospital visitar Amâncio, a quem ofereceu seus préstimos, prontamente aceitos, pois segundo declarações da esposa do presumível assassino, prestadas ao REPORTER, "já estamos entrosados com o dr. Leandro e meu filho já esteve com ele." Resultado: o advogado que vai defender Amâncio é companheiro de escritório de um filho de Leandro Bezerra

Amâncio, que está vivo, ganhou um advogado. A família do vigia José, morto em novembro, ganhou uma casa

E Juazeiro do Norte, continua sob o berro dos Bezerra

Ricardo Noblat

No hospital, Amâncio defende-se e diz que não matou Manoel Vicente, o Paraíba.

• Nota: O MDB cearense imprimiu 20 mil cópias da reportagem do REPORTER nº 1, que contava a morte do vigia José, e enviou de Brasília pra Juazeiro do Norte, via correio. Abaixo, um resumo da matéria publicada em dezembro último.

DEPOIS DO CRIME, FAMILÍA DO MORTO GANHA CASA DE PRESENTE

Juazeiro do Norte, a 580 quilômetros de Fortaleza, encravada no Cariri cearense. Um coronel da Polícia Militar e dois soldados torturaram e mataram com dois tiros José Teófilo da Silva. José, 42 anos, pai de cinco filhos, 1.400 cruzeiros de ordenado era vigia da usina de algodão José Bezerra, de propriedade de três irmãos: o governador do Ceará, Adauto Bezerra, o deputado federal Humberto e o deputado estadual Orlando Bezerra. Uma família de notável poder político e econômico de Juazeiro.

Acostumados que estão a não serem contestados os Bezerra encontraram em outubro o primeiro de uma série de bilhetes anonimos pedindo dois mil cruzeiros sob a ameaça do parque industrial ser incendiado. No terceiro bilhete como os garranchos parecessem vagamente com os do vigia José Teófilo da Silva, este foi preso, no dia 28 de outubro de 1977. Solto no dia seguinte à noite, porque na manhã daquele dia surgiria um quarto bilhete que o inocentava.

Dia 2º de novembro, Teófilo foi preso novamente, por ordens do coronel Antônio Onofre Pinheiro Filho (assessor de confiança do governador Adauto Bezerra), enviado de Fortaleza a Juazeiro para dirigir as investigações. A caminho de Fortaleza, dois soldados, Oliveirinha e Paraíba, na presença do coronel, espancaram o vigia até deixá-lo prostrado no chão. Não poderiam apresentá-lo daquela forma em parte alguma, decidiram matá-lo.

O escritório de representação dos negócios Bezerra, comprou um luxuoso caixão por sete mil cruzeiros. Os Bezerra deram uma casa de 40 mil cruzeiros de presente à família do vigia. Como, depois, a família reclamasse ser a casa pequena, Ivan Bezerra autorizou-a a procurar uma outra que custasse até 80 mil.

1. POUCOS PADRES E GENERAIS SÃO PRETOS.

2. QUANDO ENTRO NO RESTAURANTE SOU SUSPEITO.

3. ATÉ O FILHO DO PELÉ É BRANCO

4. PRETO GANHA MENOS

5. NA CARTILHA, PRETO É SACI-PERERÊ

Sebastião conheceu um barbeiro só para brancos

"TODO MUNDO FALA EM ANISTIA, DIREITOS HUMANOS, MAS NINGUÉM FALA NOS DIREITOS DO NEGRO."

"A primeira vez que senti o preconceito na carne foi aos 18 anos, quando estava no Exército, em Piracicaba." Sebastião Santos, alto e magro, 23 anos, mora na Cidade Ademar, em São Paulo. Trabalha como garçom na revista Isto É, às vezes consegue um trabalho de manequim e ainda acha tempo para ser corredor no Clube Pinheiros.

"Dentro do Exército não senti preconceito, mas pelo que sei muito poucos generais são pretos. O que aconteceu foi o seguinte: nessa época fui num barbeiro, em Piracicaba. Fiquei, esperando ser atendido. Outras pessoas passavam na minha frente, e eu nada. Até que não aguentei mais e falei ao barbeiro:

"— O senhor não vai me atender?

"— Não, — ele disse. Aqui não cortamos cabelo de gente de cor. Se quiser, vá no barbeiro da outra esquina, esse corta.

"Eu disse que ia quebrar a cara dele, mas ele mostrou a marca de um tiro no espelho:

"— Tá vendo? Isso foi um policial que reclamou. E mesmo assim eu não cortei o cabelo dele."

Sebastião desistiu de reclamar.

Nos anos seguintes, em São Paulo, de novo sofreu preconceito.

"Eu tinha feito curso de garçom. Na hora de procurar emprego, cada restaurante dava uma desculpa. Volte amanhã. Eu sentia que tinha condições, mas eles sempre davam preferência para brancos."

Freguês preto também é discriminando nos restaurantes, diz Sebastião:

"Se eu entro num restaurante fino, todo mundo olha. Já sou suspeito. Não existe igualdade, mesmo quando o preto tem dinheiro."

— Por que isso acontece?

"O negro brasileiro vive de folclore: futebol, samba, carnaval. Quero ver o negro subir no apoio cultural. Ele é mantido na mão-de-obra barata. Só dão serviço pesado. Difícil ver negro em cargo de confiança, em chefia. E não é falta de condições. Negro é um cara em que se pode ter confiança. Mas vive marginalizado pelo branco."

— Em qualquer setor?

"Olha, tem até clube que não aceita negro como sócio. Claro que não dizem isso abertamente. Se for pra ser atleta, o negro serve, para ser sócio, não serve. Isso acontece no clube Pinheiros, no Paulistano..."

Acho que é pura ignorância. O negro deu sangue pro país, foi escravo, lutou. Hoje pagam ele com a violência. Ele devia ter apoio, chance de ganhar salário mais digno, trabalhar não só no serviço doméstico..."

Quando conseguiu seu primeiro emprego de garçom, em 1973, Sebastião viu outro tipo de discriminação:

"Trabalhava no Anhembi, salão de exposições. Entrei de copeiro, 1250 por mês; passei para barman, 2500; depois cheguei a garçom, salário de 3 mil. Em dois anos de emprego, nunca me deixaram ser garçom no restaurante dos expositores, só no dos funcionários. Como se eu não pudesse chegar perto dessas pessoas."

FOTOS DE ELIANA PASTORE

13 de maio: comemorar para quê?

Nessa época, começou a praticar esportes, conseguiu bons resultados.

"Se tu é atleta, tudo bem. O clube até arranja emprego. Mas pro clube o atleta só interessa na pista. Fora disso não lhe dão o mínimo valor como pessoa."

Na profissão de manequim Sebastião não encontrou discriminação racial até agora. Já notou, porém, que a minoria dos manequins é negra. E também percebe que a propaganda trata o preto diferente.

"Nos out-dours raramente aparece negro. Tá certo que o negro não faz parte do poder econômico, mas é consumidor também. Quando tem negro em propaganda é empregada doméstica, operário; como se ele só servisse pra ser empregado. Já recusei fazer propaganda e até novela onde negro aparece como escravo ou marginal."

E o dia 13 de maio significa o que?

"Devia significar muita coisa mas não significa nada. Não houve evolução na liberdade, até hoje ele é escravizado. Muita gente comemora o 13 de maio, mas comemorar o que? Nunca vi nada a favor do negro. No Brasil, então é o pior racismo. Primeiro porque 90% dos brasileiros têm negro na família. Nos Estados Unidos a gente sabe que tem racismo em alguns estados, em outros não, então onde a gente sabe que tem, não vai. Aqui a gente não sabe e vai. Rio Grande do Sul é um dos piores lugares. Eu não sei quem mantém o racismo, se é o poder econômico ou o que, mas cada vez aparece mais. O governo devia dar apoio, devia investigar com seriedade por que o negro só vai pra frente no futebol e na música... Vê no Exército: negro quando passa a major vai pra reserva... não é possível que não tenha negro capaz de chegar lá... Reivindicar direitos iguais sem apoio não dá. Até na Igreja — que posso dizer que me criou, os padres sempre me apoiaram, confio muito na Igreja — mas vê: quantos padres e freiras pretas tem? Todo mundo fala em anistia, direitos humanos, mas ninguém fala nos direitos do negro! Os negros que viram importantes não falam nada. Pelé diz que não existe racismo no Brasil. Com esse não se pode contar. O próprio filho ele registrou como sendo branco! Até na imprensa a gente vê: poucos repórteres negros, poucos fotógrafos negros. E a situação vai ficar cada vez pior porque ninguém tá se incomodando com o racismo. Até nas cartilhas do primário tá o preconceito: desenho de pessoas é tudo branco, único preto que aparece é saci-pererê."

ALEX SOLNIK

TRABALHADORES DO BRASIL

As fotos distribuídas pelo serviço de relações públicas de empresas mostram os operários bem protegidos do calor. Mas não revelam que eles saem do forno e vão tomar banho gelado.

ACIDENTADO UM DE CADA TRÊS OPERÁRIOS — REFEITÓRIO É CHAMADO DE "VENENÃO" — MÉDICO OBRIGA DOENTES A TRABALHAR — ARROCHO SALARIAL

A Cosipa é um campo de concentração

Imagine uma indústria siderúrgica com 6 milhões de metros quadrados, 13 mil funcionários, onde somente no ano passado aconteceram 4.396 acidentes de trabalho, ou seja, uma para cada três trabalhadores. Imagine uma indústria siderúrgica que não aceita atestado médico de ninguém, nem do INPS, e onde os trabalhadores são obrigados a tomar banho de água gelada depois de uma jornada de outo horas e meia à beira do fogo.

Imagine também que — por não poderem deixar o trabalho — os operários são obrigados a fazer cocô e xixi dentro dos carrinhos que transportam a matéria prima da indústria, o carvão.

Imagine ainda que, nessa indústria, um engenheiro obriga um trabalhador idoso, com problema na espinha, carregar tijolos para obter transferência de setor.

Também não custa nada imaginar que tal indústria não paga adicional deinsalubridade a dezenas de seus funcionários; que as dependências da fábrica são pessimamente iluminadas; que a sujeira é uma constante; que a comida do refeitório dos operários é conhecida como "venenão"; que os médicos do ambulatório ordenam a volta ao trabalho de empregados doentes; que o salário médio de um ajudante geral é 2.500 cruzeiros; que os operários reclamam contra à desumanidade dos chefes; que a sua poluição pode ser vista de cidades localizadas a dez quilômetros de distância; que quando acontece uma chuva forte a usina suspende a produção porque fica alagada; e, com cautela, a empresa vai dispensando empregados com algum tempo de trabalho para admissão de outros com salários mais baixos.

Para terminar, imagine que uma nova diretoria, empossada em setembro do ano passado, tem os seguintes objetivos básicos: dar lucro em 1978; atingir um ritmo de produção de dois milhões de toneladas mensais de aço; aumentar suas dependências; não ter burocracia; acabar com os acidentes de trabalho e mudar a imagem da empresa.

A usina existe, fica em Cubatão, na baixada santista, só faz aços planos, seu principal dono é o Governo Federal e seu nome é COSIPA — Companhia Siderúrgica Paulista.

Recém-saída de uma crise financiera — a Cosipa continua sendo um verdadeiro inferno para os que, sem maiores opções, são obrigados a enfrentar, durante oito horas e meia diárias, o risco de morte.

Os exemplos de mau atendimento no pronto-socorro médico são frequentes e fazem lembrar um campo de concentração. Uma funcionária do Centro de Processamento de Dados procurou certa vez o ambulatório da empresa queixando-se de forte dor de dente. Sem o cuidado de fazê-la ao menos abrir a boca, o dentista receitou uma dose cavalar de analgésico e ordenou que voltasse ao trabalho; para quem sofre de dor de ouvidos, um leve puxão de orelhas é suficiente para que o empregado seja considerado curado.

No primeiro caso, a funcionária quase morreu porque sofria de problemas cardíacos; no segundo, inconformado com o puxão de orelhas, o operário resolveu ir à Santa Casa de Santos, onde os médicos aconselharam uma operação.

"Preocupada" com o grande número de casos médicos, a empresa resolveu não mais aceitar atestados que não sejam os fornecidos pelo ambulatório médico local, ou pelos duzentos e cinquenta médicos "credenciados" na Baixada". A medida, diz o Superintendente da Administração, Rui Mazzei de Alencar, ex-assessor do prefeito Miguel Colassuono, visa, exclusivamente, a evitar os atestados médicos de procedência incorreta que recebíamos no ambulatório muitas vezes expedidos pelo INPS. O próprio sindicato dos trabalhadores aplaudiu nossa determinação."

Para os operários, a medida beneficiou ainda mais os desmandos da Cosipa já que o ambulatório pode considerar um trabalhador — sem lesões visíveis — apto para o serviço. "O que eles querem mesmo, diz o operário José Ferreira, é colocar a gente depressa na dureza para evitar que "horas-produção" sejam perdidas.

No ano passado, os 4.396 acidentes resultaram na perda de 39.915 horas de trabalho, que representam 1.663 dias perdidos, dado muito importante para quem coloca como objetivo básico da usina o aumento de produção.

Diante das denúncias, o Superintendente da Administração esforça-se em responder às questões, ressaltando que "a situação já foi muito pior", referindo-se claramente ao reinado do ex-presidente da Cosipa, Mario Lopes Leão.

— Realmente, o problema do não pagamento do adicional de insalubridade existe, porque a usina é muito grande e, às vezes, um operário é transferido de um local salúbre para um insalúbre. O problema da poluição também existe, mas deve terminar em outubro, com a entrada em funcionamento de um novo conversor, que custará 10 milhões de dólares. Posso garantir que o fumacão não é prejudicial à saúde. Existem outras fábricas por aqui que soltam fumaça branca e inodora que mata. Nós, não!"

E os acidentes, Dr. Rui?

— Só terminam se a usina deixar de funcionar. É complicado compatibilizar maior produção com menor número de acidentes. A maioria deles, cerca de 52 por cento, acontece por culpa do operário. Por isso, quando alguém se acidenta, é obrigada a passar por um curso de dois dias sobre segurança de trabalho.

E os outros 48 por cento?

— Bem, aí realmente ocorrem por condições inseguras da própria usina. Estamos atacando o problema também. Tenho certeza que tudo vai melhorar. O pessoal que trabalha aqui tem orgulho da camisa que veste.

Dos chefes, o mais odiado é o engenheiro Paulo Galupi que, entre outras coisas, obrigou o operário Antonio C que tem desvio da coluna, a limpar todo o pó de uma área dificílima de trabalho, em troca de uma transferência de setor. Como a tarefa era impossível, Antonio Cunha recusou-se a trabalhar, sendo ameaçado pelo engenheiro de dispensa com justa causa.

O "caso Antonio Cunha" foi tão comentado dentro da usina que o Supervisor Geral da área, engenheiro Paulo Righini, já está procurando outro local de trabalho para o operário.

João de Barros

SINDICATOS

COM A PALAVRA OS PELEGOS

1 *"O governo nunca criou obstáculos."*

2 *"Nossos ministros são muito qualificados."*

3 *"Política é pra estudante, não para trabalhador."*

4 Waldemar frequenta banquetes oficiais e gabinetes

1

Desde a entrada, o edifício onde funciona o Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Químicas e Farmacêuticas de São Paulo exibe cartazes convocando para vários cursos e um Congresso da Mulher. Pelos corredores, em todos os andares, mais cartazes afixados, numa insistente campanha para a sindicalização dos trabalhadores, estimulados através de um sorteio, que inclui jogos de canetas Shaffer a bicicletas Caloi.

Alcides Chaves, secretário-geral do Sindicato, a princípio prefere não nada falar sobre a atuação do órgão, e, quando o faz, não confirma o aparente clima de reivindicação (ou fortalecimento da entidade) espalhado nas paredes dos corredores.

— Esses cursos — sobre sindicalismo, fundo de garantia, segurança, leis auxiliares, INPS — se devem à rotatividade da mão de obra, que é muito intensa. Muitos nem sabem o que é sindicalização. A maioria só procura o sindicato quando é demitido. Nos casos de dissídio levados à instâncias superiores, o resultado é favorável ao trabalhador se for realmente justa a causa.

Segundo Alcides, o Sindicato das Indústrias Químicas e Farmacêuticas detém alguns privilégios.

— Somos o sindicato pioneiro em dissídio coletivo. Lutamos pela estabilidade de emprego. Em 72, 73 isso era sonho, hoje é lei. Quanto à parte assistencial, este é o único sindicato, no mundo, que dá assistência a acidentes.

— Reivindicações dos metalúrgicos? Maior mobilização? Mas sempre temos lutado por melhorias. Não, não há diferença entre antes de 64 ou 68 e agora. O Governo nunca nos criou obstáculos em sentido algum. A série de cursos rápidos que estamos promovendo e o congresso da Mulher foi motivado, em parte, pela modificação na legislação sobre o trabalho da mulher e do menor. Como nossa intenção não é paternalista, as mulheres é que vão dirigir. Uma questão que será debatida é a do trabalho à noite.

A palavra mais empregada pelo secretário geral do sindicato é "democracia". O tom com que responde a todas as perguntas chega a dar tontura de tão monocórdio. Tem resposta pra tudo, sem lugar para dúvidas. Disserta de um modo mais que fluente — mecânico.

— Já há dez anos que estou neste cargo. Claro que a eleição é feita pelos próprios sindicalizados, que participam democraticamente das assembléias. E não acho que o fato de eu ser técnico eletrônico e formado em Direito me distancie da maioria dos trabalhadores. Afinal, todos nós falamos a mesma linguagem.

2

Ladislau Knonkowsky, 1º secretário do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Civil de São Paulo. 57 anos, olhos azuis, roupa colorida, um pouco mais desembaraçado ao falar, embora contraditório. Avalia melhor o que vai dizer e sempre pensa um pouco antes.

— Devido à situação política, a mobilização dos operários só está existindo em relação ao pedido de aumentos salariais. Aqui a gente tem cuidado muito da parte assistencial. Adiantou alguma coisa a mobilização dos metalúrgicos? Eles conseguiram alguma coisa de concreto? Você viu resultados? Realmente o custo de vida está muito caro, mas se pudesse ter sido feito alguma coisa, o governo já teria providenciado. Afinal o país esta nas mãos de homens competentes, capazes de fazer tudo que estiver em seu alcance. Nossos ministros são muito qualificados.

Um mestre de obras, Adécio Alvarenga, esta na sala. Apesar dos 54 anos, parece ter bem mais que o Konkowsky. Rosto enrugado, conversa morosamente sobre qualquer assunto que seja colocado, sempre perdendo de vista a questão inicial.

Estou aqui vendo se arranjo emprego. Há dois meses estou sem trabalho. Já rodei por aí tudo e não tenho conseguido nada. É que o governo só tá fazendo essas grandes obras e precisam mais de outros operários e não de mestre de obras. Mas é isso mesmo. É essas coisas que tem prejudicado, como a seca do Paraná. Essas coisas dão prejuízo e o governo não pode fazer nada. A situação já foi melhor, mas é que antes havia mais dinheiro no Brasil. E quando existe dinheiro tudo fica mais fácil. Quando não tem, as obras só podem ficar paralisadas.

Konkowsky, constrangido enquanto o mestre de obras fala, concorda com ele à sua maneira —:

— É que o país é muito grande. A gente tem de utilizar o dinheiro de fora. Mas se fosse possível haver melhor distribuição, isso já teria sido feito. Os homens que estão à testa do país são de uma competência extraordinária. Por isso as coisas se complicam.

3

Antônio Nascimento, secretário geral do Sindicato dos Empregados da Indústria Civil de São Paulo, cerca de 40 anos, simples, risonho; meio perplexo ante cada pergunda, mas parecendo acreditar no que fala.

REPORTER — Quais as principais reivindicações que têm sido feitas pelo Sindicato ultimamente?

— Bem, só posso falar por este aqui. Cada sindicato é autônomo. Mas ultimamente a gente tem se limitado às reivindicações normais: aumento de salário, maior assistência médica, mais conforto ao trabalhador, mais garantia e estabilidade. Temos cuidado bastante, da parte assistência. O trabalhador aqui tem tido todas as garantias de assistência.

REPORTER — Quanto à parte salarial, como é feita a reivindicação?

— Através de dissídio coletivo. A reivindicação é encaminhada à Justiça e, havendo julgamento, pode ser acatada. A política atual restringiu a força dos sindicatos, mas tem beneficiado mais quanto à parte assistencial. Temos desenvolvido bastante a assistência médica e o setor higiene do trabalho. Agora, é claro que o sindicato não existe para tumultuar.

Faltas são abonadas, no caso de doença comprovada, e tudo o mais. Os dissídios são marcados a cada mês pelo governo. O trabalhador não pode se comportar como estudante, badernando.

REPORTER — Há quanto tempo o senhor está neste cargo?

— Há oito anos. De lá pra cá as coisas têm melhorado, o patrimônio só tem aumentado. Antes, isso aqui era o maior comunismo, uma bagunça muita politicagem.

REPORTER — Como assim? Mais ou menos por essa época, não havia maior número de reuniões, mais debates, a situação não era mais favorável aos trabalhadores?

— Isso de política é mesmo pra estudante, não pra trabalhador. Intelectual é que sabe dizer o que quer. Você quer comparar um sujeito que nunca estudou, que não sabe falar, com um intelectual? Você acha que ele pode ter um diálogo correto e dizer o que quer?

Clodoaldo Lobo

4

Waldemar Lustosa é o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Barra Mansa, Resende, Barra do Piraí e Volta Redonda, que representa 24 mil operários espalhados por todos esses municípios. Waldemar foi eleito entre sete chapas concorrentes e parecia ser a grande esperança dos empregados da Companhia Siderúrgica Nacional, hoje com 12 mil metalúrgicos. Mas logo essa esperança se tornou uma decepção. Waldemar passou a freqüentar banquetes oficiais, gabinetes de ministros e fez até o discurso de saudação ao presidente Ernesto Geisel quando ele visitou a cidade em 1976, no Primeiro de Maio. Hoje Waldemar, 8 filhos, vive tranqüilo numa casa branca e tem um Caravan também branco.

METALÚRGICOS DE SÃO PAULO

"A OPOSIÇÃO TEM QUE VENCER"

O auditório do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo superlotou na noite de 5 de abril: todos os 450 lugares tomados, faixas desfraldadas. Era o lançamento oficial da chapa de oposição às próximas eleições. A diretoria atual, reeleita há 14 anos e chamada de pelega pela oposição, fez de tudo para dificultar a realização da reunião: não deixou usar o equipamento de som, não forneceu a lista de associados, não permitiu a inclusão de mesários da oposição na apuração. Na mesma hora da reunião, a um quarteirão do sindicato, o ministro do Trabalho Arnaldo Prieto estava inaugurando o restaurante do Sesc. Perdeu, assim, a oportunidade de ouvir alguns discursos denúncias dos representantes de 300 mil metalúrgicos de São Paulo.

• WALDEMAR ROSSI

"Comecei no sindicalismo em 1963 e sentia naquela época, entre os operários, uma forte disposição de luta pelos seus direitos, uma luta que partia de dentro das fábricas. É verdade que havia muita queixa, muito erro. Infelizmente, nem naquele tempo se cuidava tanto quanto o necessário da organização sindical do trabalhador. Havia di'sos núcleos de sindicai 'dos organizados em várias empresas mas não se chegava a uma estrutura necessária para agüentar o tranco da luta operária, que é violento no Brasil. Depois disso, a coisa piorou

O movimento sindical foi entrando num recesso cada vez maior. A classe, operária se renovou, com quase todos desconhecendo a história da classe operária. Então, a coisa foi passando, foi havendo renovações e fomos caindo num vazio. Vazio que chega ao ponto de metalúrgicos de um estado inteirinho, como São Paulo (mais de 20 milhões de habitantes, o maior centro industrial da América Latina) não ter capacidade de enfrentar patrões e governo numa luta séria pela conquista de seus direitos Fiz muitas pesquisas nas fábricas. Pesquisa não é negócio teórico. Procurando conversar, ver o que os companheiros entendiam por sindicato. E a grande decepção, à medida que o tempo foi passando, era cada vez maior o número de companheiros que dizia: "Mas o que é sindicato? Pra que serve?"

A verdade é que os companheiros sentem a ausência do movimento sindical dentro das empresas. O que pude sentir este ano, em contato com companheiros, é uma grande ansiedade para que novos trabalhadores, elementos com sangue novo, com uma visão nova do mundo operário, topem a parada. E parece que este momento é extremamente importante."

FOTO JESUS CARLOS

• SANTOS DIAS

"Um dos pontos da chapa 3 é reajuste salarial de três em três meses. Porque nós vemos que nosso salário é aumentado uma vez por ano e o custo de vida sobe todo o dia, todo mês. É uma forma de evitar que o salário seja deteriorado pela inflação, pois já sabemos que não é o salário que causa a inflação. Quem perde mais com isso é o trabalhador de baixa renda, o trabalhador menos qualificado. Porque, segundo dados do DIEESE, os salários de menos poder aquisitivo foram os que mais perderam nesses últimos anos."

• UBIRACI

"Antes de 1964 o salário mínino dava pra comprar 300 pães; hoje o salário mínimo em termos de comparação não dá para comprar nem 30 pães. Então a política salarial coloca o trabalhador num estado de miséria obriga a tirar os filhos das escolas para poder trabalhar".

• CARLINHOS

"Essa estrutura sindical que herdamos de Getúlio Vargas é um veraderio câncer! Em 63 e 64 perdemos a defasagem salarial, defasagem essa que está no bolso dos patrões Defasagem admitida até pelo governo. Esse sindicato, no entanto, na hora da luta pela reposição salarial, entrou com ação contra a União, que reconhece a defasagem, dessa maneira, com intenção única e exclusivamente para esbarrar a luta dos trabalhadores, é que se .começavam a organizar dentro das fábricas pela reposição desses salários perdidos. Essa diretoria, em 14 anos não conseguiu nenhuma vitória para a classe operária. Só favoreceu as multinacionais! Vitória vai ser o dia em que arrebentarmos com a lei do arrocho salariall em 1974, junto com Waldemar Rossi, nós fomos denunciados pelo dr. Sérgio Paranhos Fleury como subversivos. Depois de fazer essa proposta, depois da gente passar por umas "massagens" veja o que ocorreu: fomos absolvidos por um tribunal militar, pois não tínhamos nada de subversivos. A única coisa que defendíamos e continuamos defendendo é o direito dos trabalhadores. É o direito de greve, é o direito de se organizar dentro da empresa."

• SOFIA

"Eu só queria fazer uma comparação com o feirante. O que aconteceria se cada um chegasse e desse um preço para o tomate, para o feijão, o arroz. Coitado, ele ia acabar na cova. E o mesmo que está acontecendo com nós, os trabalhadores. Estão dando um preço do nosso trabalho São os tubarões, os patrões que dão o preço, dão o valor, a dignidade que eles querem A nossa luta é para nós determinarmos o nosso valor, o nosso preço, a nossa dignidade. É por isso que nós, metalúrgicas, apoiamos a chapa 3, apontando a presença de duas mulheres na chapa e a criação de departamento feminino. Que o departamento feminino seja um instrumento de luta para as mulheres participarem da mesma luta dos homens porque é a nossa luta também."

• FRANCISCO

"Se fala muito em reposição salarial, já se fala em alguns jornais desssa tal de reposição salarial, quando fomos roubados em 1973 por uma porcentagem bem grande. Mas, salvo raras excessões, os trabalhadores estão alheios a esse problema Porque os dirigentes sindicais não estão indo até o local de trabalho, a fábrica, para dialogar com os trabalhadores e ver qual a saída para esse problema. Não está convocando trabalhadores ao sindicato para discutir esse problema. Alguns sindicatos estão tomando providências, mas são providências isoladas Para citar um exemplo, nosso sindicato tentou processar a União. O Procurador da República disse não e fim de papo, acabou Estou dizendo isso baseado em jornais, porque através do sindicato não tenho notícias O sindicato até agora não convocou os trabalhadores para discutir esse problema."

• JOSE PEDRO

"Dentro do meio operário, no Brasil inteiro, está surgindo o movimento de oposições Por que? Porque a classe operária brasileira está sofrendo angústias e dificuldade que o trabalhador enfrente, ele tem uma alternativa e essa alternativa criada pelos trabalhadores brasileiros hoje em dia é a oposição sindical. Nós, lá de Osasco, acabamos de sair de uma eleição. Perdemos nas urnas mas não perdemos o ânimo e o espírito de luta porque esse espírito de luta tem de continuar no meio da classe trabalhadora. Perdemos as eleições, não por causa do pensamento do pessoal da categoria, mas por causa de manobras pelas quais toda a classe operária sofre com a estrutura sindical podre que temos no Brasil. Com essas portarias que temos na CLT, que dá todo o direito aos presidentes de sindicato continuar como umas verdadeiras ostras grudadas no sindicato e não faz nada para o trabalhador. Vivemos debaixo de uma estrutura sindical que só permite aos pelegos dirigir os sindicatos, mas as oposições sindicais têm que enfrentar, não podem ficar de cabeça baixa. Só com os trabalhadores organizados dentro das fábricas vamos romper com essa estrutura sindical. A oposição sindical precisa contar com o apoio do trabalhador para lutar contra o arrocho salarial, que tira o pão da nossa mesa tem que lutar pelo direito de greve que é a arma mais importante que o trabalhador tem para fazer suas conquistas

• MARTA

"A marginalização da mulher na luta da classe operária e um fator de divisão e bom para os patrões, que colocam a mulher trabalhadora fora do campo de batalha. Isso porque a mão de obra feminina é altamente explorada pelos patrões, o que possibilita ainda mais a divisão da classe operária."

"É impossível o governo atender nossas reivindicações sem mexer no lucro dos patrões. Se não como distribuir a riqueza?"

1º DE MAIO
«FALA O TRABALHADOR»

AURÉLIO:

No Brasil o salário é de fome

AQUI E NAS 11 PÁGINAS SEGUINTES, TRABALHADORES CONTAM SUAS LUTAS. AURÉLIO, POR EXEMPLO, SÓ DORME CINCO HORAS

Operário Aurélio Peres: A questão dos ministros dizerem que nós não entendemos de economia, bom, realmente eu por exemplo nunca frequentei uma universidade, agora se o ministro ou o economista quiser discutir comigo em termos do que se gasta e do que se precisa, isso aí a gente sabe.

Aurélio é ferramenteiro da fábrica Caloi, ganha seis mil por mês, dorme 5 horas por noite, casado, dois filhos, 37 anos. É um dos coordenadores da campanha do custo de vida. Essa campanha começou em 1976 na periferia de São Paulo, nas reuniões dos clubes de mães. Por meio de um abaixo assinado de um milhão e duzentas mil pessoas a campanha vai pedir ao presidente da República, dentro de três meses, o congelamento de preços dos gêneros de primeira necessidade, aumento de salários e um abono salarial.

Aurélio: Os ministros dizem que essas reivindicações são impossíveis. Acho que não. Por exemplo, a questão dos salários desde 64 está mais do que provado que salário não inflaciona, porque se a causa da inflação fosse o salário, não haveria mais inflação. Desde 64 os salários estão baixos e a inflação continua mais galopante agora do que em algumas épocas antes de 64. Congelar preço o governo também pode. Se ele dá todo tipo de incentivo e joga recursos de um lado para outro para facilitar as grandes empresas, mesmo os latifundiários, porque não poderia dar um incentivo ao consumidor? Ele poderia congelar sem prejudicar o produtor que também é um sofredor como nós; quem planta ganha tão pouco quanto nós. O próprio governo hoje vem admitindo que é necessário distribuir a riqueza. Então se o ministro for atender nossas reinvidicações sem mexer no lucro dos patrões seria impossível. Como

FOTO CRISTINA VILLARES

A periferia sonha com o partido dos trabalhadores. Mas pode ter seu candidato nas próximas eleições

é que o governo está pensando em distribuir riquezas? Não é dessa forma, tirando um pouco do lucro para passar ao consumidor?

Os abaixo assinados da campanha do custo de vida estão espalhados pela periferia de São Paulo, a maioria. Algumas entidades do centro da cidade também estão passando listas, como os médicos, economistas, arquitetos, professores, estudantes.

A classe média também participa da campanha?

Aurélio: O problema do custo de vida é sentido pelo pessoal da periferia e pelo pessoal do centro. Na periferia é um problema de sobrevivência e para o pessoal do centro é talvez um arrocho na maneira de viver, ele vai ter que cortar uma série de gastos para poder organizar o essencial. Mas há um certo medo de algumas pessoas da periferia em levar a campanha até as camadas do centro.

O pessoal da periferia de São Paulo, reunido nos clubes de mães, na campanha do custo de vida, nas comunidades de base, nas igrejas, discute a possibilidade de ter candidatos próprios nas próximas eleições. O pessoal acha que, se houver união, dá para a periferia eleger dois deputados federais e dois estaduais. Aurélio é um possível candidato.

Aurélio: Eu não tenho muitas ilusões quanto ao trabalho que um deputado possa fazer. Acho que ele tem que marcar uma posição que tenha um certo peso à medida em que ele falar em nome de uma classe. Mas mais importante seria o trabalho de um deputado federal fazer a ligação dos operários de São Paulo, Rio, Bahia, Porto Alegre, ele servir como um elo de ligação, isso seria muito importante para a classe operária.

REPORTER: Está se discutindo no periferia a criação de novos partidos?

Aurélio. Não, o pessoal da periferia não está discutindo o problema de novos partidos, inclusive porque isso que está acontecendo aí não está dizendo quase nada para o pessoal da periferia. O que se fala mais hoje aí é o tal PS (Partido Socialista) e nós não temos assim grande simpatia pelo PS. Que PS você vai formar dentro de um sistema desses? O pessoal sonha com o partido dos trabalhadores, mas sabemos que no momento não há condições, inclusive porque não há abertura para criação de partidos trabalhadores, que não seriam partidos trabalhistas e nem seriam PS.

REPORTER: O que o pessoal da periferia pensa dos estudantes?

Aurelio: O pessoal tem um conceito que é mais ou menos a linha do que o estudante tem feito. O pessoal tem muito na cabeça 68, passeatas, quebra-quebra, então pessoal generaliza, diz que estudante é isso mesmo, só faz bagunça. Muita gente acha que eles não deveriam participar da campanha do custo de vida. Agora, outros já começam entender que nem todo estudante é assim. Mas ainda eles tem medo de estudantes porque o estudante provoca a repressão e a repressão vem em cima deles também. O pessoal da periferia está muito bem informado da agressão da polícia tanto da polícia politica quanto da polícia civil, eles não fazem muita distinção. Eles sabem, por exemplo, que caiu na mão da polícia é cacete.

REPORTER: A campanha está sofrendo algum tipo de pressões?

Aurelio: Olha por enquanto nós não fomos molestados, embora a gente perceba assim uma.. alguns elementos que estão sendo vigiados mas coisa assim muito simples. A gente nota a presença por exemplo de tiras, já não se disfarçam mais, já aparecem claramente em algumas áreas de bairro. Por exemplo, nas comemorações da Semana Santa, eles estavam presentes, assim descaradamente, abertos, sem disfarçar.

A campanha do custo de vida tem suas despesas. Dinheiro para isso é arrecadado por meio de rifas, passeios comunitários, peças de teatro. "João Feijão" peça escrita montada e representada pelo pessoal da periferia reverte seus ingressos que custam Cr$3.00 para a campanha.

Aurélio: Isso talvez seja uma das provas de que o que falta é dar chance para o povo criar as coisas. **"João Feijão"** é uma peça que não deveria se envergonhar de se apresentar em qualquer lugar, acho que é uma peça que vale a pena ser vista inclusive pelos intelectuais. Então o movimento veio também estimular a criação. Quantas músicas o pessoal compôs para o movimento do custo de vida! Acho que esse despertar do pessoal é um ponto muito forte da campanha.

REPORTER: Mas a jornada de oito horas não foi uma conquista que é comemorada no 1º de Maio? Você não comemora?

Aurélio: Acontece que nós temos uma série de conquistas aí que nós perdemos. A jornada de oito horas, o problema do salário. O salário mínimo a gente perdeu porque nós não temos salário mínimo e sim um salário de fome. Acho que o trabalhador hoje tem que comemorar o 1º de Maio em forma de luta e não em forma de comemoração.

LICINIO AZEVEDO

Marcolino afirma que a pátria e o governo não protegem os trabalhadores. O dinheiro de Gildo só dá pra uma refeição

"A gente não tem opção e a saída é roubar."

Engraxate diz que trabalhador come vento

Marcolino Rodrigues da Silva, engraxate, 74 anos, mora em Morro Agudo e vai todo dia a Copacabana.

REPORTER: Como é o seu trabalho?

Aqui eu faço o que posso pelo pisante da rapaziada, engraxo, ponho salto, conserto, faço reformas, o que o freguês quiser.

REPORTER: Quanto o senhor ganha?

Não dá pra dizer direito, só sei que completa minha pensão do INPS que é de Cr$992,00

REPORTER: Você sustenta alguém?

Minha mulher e quatro filhos menores. Os maiores, que eu não sei ao certo quantos são, já estão casados

REPORTER: O que você acha do sindicato?

O que é sindicato?

REPORTER: É uma associação para defesa e coordenação dos trabalhadores.

Ah, minha filha, não sei nada sobre isso. Só sei que a minha marmita tem feijão, arroz e legumes e que a carne não está no regulamento lá de casa

REPORTER: Esse dinheiro que você recebe é suficiente?

Não dá pra nada

REPORTER: Você acha que o governo protege o trabalhador?

O governo dá uma proteção sem vergonha. Você vê, eu sou aposentado por invalidez, somos os últimos a receber Mas a pátria e o governo não vêem isso. Deixam a gente bebendo água e comendo vento. Afinal, o da ativa não come, pois, é o aposentado também

REPORTER: O que você fazia antes de ser aposentado?

Eu era ajudante de caminhão

REPORTER: O que você acha do 1º de Maio?

Nada a dizer, pois, na verdade, o governo não se preocupa com os trabalhadores. A gente só vê promoção de Marechal, General e outros als. Agora, a promoção do povo é a seguinte na feira, o tomate deve ser vendido numa banca a dez o quilo e numa outra a doze. A minha situação é uma desmoralização para a nossa capital, lá na minha terra, a Bahia, o cara que faz biscate na rua tem que ter licença Aqui não precisa ter, sabe pra que? Pra o rapa poder passar e pegar toda a nossa mercadoria. E não adianta molhar a mão porque aí um avisa por outro e a gente não fica livre deles nunca. Então a pessoa fica sem opção e começa a roubar. Rouba a primeira vez, rouba a segunda, dá tudo certo e aí fica roubando a vida inteira. O mal da gente é não ter diploma. Você pode pôr tudo isso no jornal, porque pra mim não faz a menor diferença, pra quem lê tudo é refresco

Servente passa fome depois do dia 15

Gildo dos Santos, 26 anos, solteiro, servente de pedreiro, tira Cr$ 1.500 cruzeiros por mês. Mora num bairro da periferia de São Paulo, Jardim Grimaldi. Foi acidentado e atualmente recebe auxílio doença da Caixa Econômica para completar o salário. Trabalha como faxineiro, não hesita em ser entrevistado na hora do almoço: "pobre não almoça, come, pode falar moço" disse ao repórter.

As leis do trabalho nunca me ajudaram, ajudam a morrer isso sim. Quanto ao INPS, eu ainda não tive problemas. Em 1976, caiu uma caixa de reboque no meu queixo e eu estou até hoje pela Caixa, ganhando Cr$830,00. Mas como não dá para viver, sou obrigado a fazer uns bicos."

Título de Eleitor não tenho não. Sou analfabeto. Já tive oportunidades de estudar, mas não tenho a coluna muito boa e não agüento ficar sentado muito tempo. Machuquei minha coluna carregando um saco de cimento. Eu já não tinha mais forças para carregar depois de levar 33 sacos nas costas. Dei um mau jeito e me estrepei.

Uma vez, fui ao dentista do INPS e ele me disse: "você reclama da boca mais dá para trabalhar, não dá" Eu respondi: "o senhor diz isso porque não é na sua boca que dói. Olha para mim doutor e depois olhá para o senhor."

Na obra em que eu trabalhava tinha muito acidente de trabalho e nenhuma segurança. Quando a gente reclamava, o patrão dizia: "quem quer segurança fica em casa". Quando terminava a obra, o patrão se entendia com o advogado e a gente não entendia nada. Só ficava quieto e era despedido. E recebia o pagamento que o patrão queria dar.

Do jeito que as coisas vão, dá a impressão de que nunca vão melhorar. Eu sou trabalhador, mas moro numa favela. Meu trabalho é sempre pesado. Sempre ouvindo queixa do patrão para depois comer jiló, viver na favela e vestir [illegible]a dada pelos que têm di[illegible]eiro. Quando faltam 15 dias para receber eu já começo a passar fome. Nem consigo comer a marmita porque ela vem sem carne. Férias? Eu não conheço o mar, não. Minha condição não deixa. Todo dia tomo um ônibus que parece uma lata de sardinha, quando chego no emprego, já estou cansado pacas. Assim não dá não.

"Assim não dá pra casar"

Ednaldo Cardoso Silva, 25 anos, solteiro, Cr$1400, servente de pedreiro, mora na obra, baiano (veio pra São Paulo porque na Bahia "o custo de vida é pior")

Acho que as leis do trabalho ajudam. Se não for registrado, a polícia prende. O INPS demora muito, é uma amolação. Só alguns médicos atendem bem. Agora vou extrair três dentes, mas vou pagar do meu bolso. Se almoço e janto acaba o dinheiro, só como uma vez por dia. O governo deveria dar mais apoio pra esse povo trabalhador. Veja: só de transporte gasto Cr$12 por dia. O dinheiro que ganho não dá pra casar. Estou há dois anos louco pra realizar esse plano. Pelo gosto de nós dois eu já tinha casado. Mas sem filhos. Porque o dinheiro não dá.

Eu quero que você me dê uma foto, se for possível, porque vou mandar pra Bahia pra mostrar que aqui não é moleza não.

"O presidente é o Médici"

Alencar. 30 anos. Encanador. Cr$3.200 mensais.

O custo de vida tá péssimo. Já deu pra viver melhor. Há uns cinco anos atrás era mais fácil. O aluguel tá muito caro. Por que tá assim? Sei lá, não dá pra explicar. Não leio jornal.

— Sou sindicalizado, mas acho que não ajuda. Só dá dor de cabeça. E perda de tempo. Tenho carteira assinada, tudo em ordem. Queixa das pessoas pra quem trabalho, não tenho. Nunca encontrei gente muito mal educada. Sou bem tratado pela firma. Só o dinheiro mesmo que é pouco. Tenho mulher e filho. No fim do mês não sobra nada, até falta, às vezes.

O presidente? Claro que sei. É Médici, pô.

Jornaleiro se acha excluído da sociedade

Na Zona Sul do Rio de Janeiro, quatro jornaleiros. Dos quatros, a vida só está boa para um, que, junto com o irmão, é dono de três bancas.

Na banca da rua Prado Júnior com Barata Ribeiro, em frente ao Cervantes, uma pilha de Jornal do Brasil espera seus leitores. Ao lado, O Globo, que nem mais pilha tem, vende adoidado.

REPORTER: Como é? O JB não vende?

Ele vende, mas é que hoje a manchete é a chegada do Carter, e o JB picha né, mas o Globo elogia...

REPORTER: Quanto você ganha?

Olha, não dá pra dizer ao certo porque eu ganho comissão, mas dá mais ou menos uns Cr$3 mil.

REPORTER: E isso é suficiente?

Tanto não é, que eu tenho outro emprego. Eu trabalho aqui só durante a manhã, de tarde eu vendo imóveis. Compro um terreno por cem mil, vendo por cento e vinte.

REPORTER: Você é sindicalizado?

Sou, o sindicato já fez alguma coisa por mim, mas agora ele viu que não adianta querer fazer alguma coisa. Então pra mim não serve mais.

REPORTER: Você sustenta alguém?

Eu moro com o meu irmão e às vezes dou uma ajuda pra minha mãe, ela é italiana e mora por lá mesmo.

REPORTER: O que você acha do 1º de Maio?

Não é nada. Nós não temos feriado nenhum, nem carnaval a gente tem.

Eu estou completamente excluído da sociedade.

Na rua Toneleros.

REPORTER: Quanto você ganha?

Não posso dizer quanto eu ganho porque varia muito, depende de quanto eu vendo.

REPORTER: Você sustenta alguém?

Minha mulher e dois filhos.

REPORTER: O dinheiro é suficiente?

Não, sempre falta.

REPORTER: Você faz parte do Sindicato?

Faço sim.

REPORTER: Acha que ele funciona?

Acho bom.

"Joaquim Aquino" quer sindicato mais ativo pra proteger os profissionais. Para José, governo não liga pro custo de vida.

FOTO DE CLARICE NISKIER

Vendendor denuncia violação das leis

Vendedor da Casa Garçon da rua Raimundo Correa, em Copacabana, disse chamar-se Joaquim Aquino, mas em seguida falou que era brincadeira. Preferiu não dar o nome.

REPORTER — Você acha que o governo protege o trabalhador?

Protege. Principalmente nosso sindicato, cujo presidente, Luiz Matarroma, fez muito pela classe. Hoje está totalmente decrépito e inoperante. Não fiscaliza o que as grandes firmas, como é o caso desta casa e as demais do comércio, fazem conosco. Por exemplo, nós não temos garantias nenhuma. São violadas todas as leis que nos protegem pelo Ministério e, no entanto, nada podemos reclamar, nada podemos fazer, porque vamos nos sentir preteridos ou simplesmente demitidos por uma desculpa qualquer dentro da lei. Por isso, eu acho que o nosso sindicato tinha que ser mais ativo. Tinha que ter uma pessoa jovem no comando, entendeu? Uma série de prerrogativas que poderiam ser sustentadas em favor da nossa classe. Eu acho que é necessário haver uma padronização de comissão. É um termo um tanto brusco o que eu vou usar, mas isso prostitui a classe. A falta do controle rígido sobre o repouso remunerado. Uma série de prerrogativas que nos foram esquecidas. Por isso, nos violentamos. Um emprego que seria, a **priori**, um emprego muito bom, um bom relacionamento com pessoas de determinados níveis sociais, se tornou um emprego prostituído.

Por exemplo, hoje eu ganho cinco salários mínimos, a partir de maio vou ganhar três salários mínimos. O custo de vida aumenta e eles alegam que o comissionado tem seu ordenado sempre aumentado, o que não é verdade. Há dois anos eu ganhava dez, doze salários mínimos. Não é que nós vendedores queremos agitar, queremos nos colocar contrários a determinações sindicais que emanam do governo. Nós queríamos simplesmente que fôssemos respeitados como profissionais. Você veja só até os guardadores de carro, hoje em dia, ganham mais do que a gente. A nossa comissão, que chegou há algum tempo ser 3%, hoje ela é um variável de 0,5% a 1,5%, quer seja na Ultralar, quer seja na Tele-Rio (o maior centro de prostituição do nosso comércio) quer seja na Brastel, que considero uma sub-loja do comércio de eletrodomésticos, com uma estrutura falha, apesar de ter um grande diretor.

Ainda faço bastante restrições a respeito dos desrespeitos que nós sofremos. O Ministério do Trabalho, através dos seus fiscais, nunca vem interrogar o vendedor. Ele sempre se dirige à pessoa responsável pela loja, que, por sua vez, jamais vai dizer o que o vendedor pensa. Você sabia que nós não temos vias, nem guias, nem xerox de quanto nós vendemos. Você sabia que no final do mês estamos a mercê do balancete da empresa. Nós não sabemos quanto nós vendemos, que cálculo incidiu sobre qual produto que vendemos. Qual o resultado do nosso repouso remunerado.

Isso é um desabafo de alguém que sofre. Porque é o tal negócio, aquele que enxerga um pouquinho, sofre. O ignorante a tudo assiste passivamente, ele tá satisfeito. Ele quer saber se o Flamengo vai jogar domingo. Ele não quer saber se o custo de vida aumentou, se a inflação aumentou e se as desculpas que apresentam nosso sindicato realmente vão reverter em benefício da nossa classe. Existem muitas coisas. Aliás, é um ramo que vocês deviam explorar porque os rádios não vão noticiar, as grandes empresas fazem jingle neles. A televisão nunca vai se propor a fazer uma reportagem a respeito porque os grandes anunciantes são as lojas de eletrodomésticos. Então o Jornal do Brasil que me parece ser ainda a última esperança do povo brasileiro, que é o único jornal íntegro, acima de tudo íntegro, talvez o último marco da independência democrática, é que faz alguma coisa.

Camelô tem saudade do tempo de Getúlio

José Sales, 65 anos, vendedor ambulante. Nas praças, vende de tudo um pouco. Sonrisal, lâminas, pilhas de rádio. Faz de Cr$ 2 mil a Cr$2.500 mensais.

– Esse serviço é bom porque sempre tô viajando, dinheiro dá apertado porque sou solteiro, nunca quis casar. Antes, já trabalhei em bar, boate, restaurante. O custo de vida é que não tá dando pra aguentar. O governo diz que é o petróleo, o aumento do petróleo por aí tudo, mas essa desculpa já tá muito velha, só arranjando outra. O presidente Geisel é bom, mas Médici foi melhor. No tempo de Getúlio se vivia melhor. O pior de minha profissão é suportar esses malandros e as bichas que ficam pelas praças. O pior de tudo, que o Governo devia olhar mesmo, são as bichas e o custo de vida.

FOTO DE CAMILA BUTCHER

O governo não tem culpa da situação

Dário Martins, ambulante, 57 anos, mais ou menos Cr$2.500 por mês, mora num barraco de um terreno que toma conta há cinco anos.

Acho melhor trabalhar catando papelão, madeira, ferro-velho por aí do que ganhar salário mínimo. Graças a Deus, nunca fiquei doente porque não faço nenhuma extravagância. Não tomo pinga, tomo Caracu, que sustenta mais. Como só uma vez por dia, na hora do almoço. Pago Cr$15 no bar do Português. De noite, engano o estômago com alguma coisinha. Aposentadoria? Nem penso. Enquanto os braços derem pra trabalhar tá tudo bom. O governo não tem culpa dessa situação, é o povo que é culpado. O fiscal vai lá pros homem e diz que tá tudo certinho. Porque o dono do armazém já deu os Cr$200 pra ele. Sabe como é que é, Cr$200 aqui Cr$100 ali.. Há uns tempos atrás, a coisa era muito melhor, o dinheiro era mais forte. Eu ganhava 10 mil réis por dia, dava pra viver e ainda guardar um pouco. Hoje, Cr$100 não dá pra nada. A vida toda trabalhei atrás de balcão. Agora, não me aceitam mais.

FOTO LULA FELIO

José Maria quer tabelamento dos preços. Mohamed Ali passa o Dia do Trabalho bebendo. Francisco reclama dos "bandidos."

Fruteiro acha que o país deve muito aos Estados Unidos

José Maria Olivença, 54 anos Vendedor de frutas. Cerca de Cr$1.500 por mês. Trabalha 12 horas por dia e paga o INPS.

A minha idade e os problemas no coração me fizeram largar a antiga profissão de que eu gostava mais. Escolhi ser vendedor e não outra profissão porque aqui posso trabalhar com autonomia. Não tenho ninguém me mandando.

Esse dinheiro dá pra viver apertado porque completo com o que recebo como vigia de uma casa: moro lá, não pago aluguel.

Agora, o nível do custo de vida realmente tá incrível. Já estivemos bem melhor, sim. No mínimo, se devia ganhar Cr$2.500, e olhe lá. Na época de 50 a 55 a situação era melhor. Na época de Getúlio e João Goulart. Passava por ditadura, mas não era.

Por que estamos assim? Estamos devendo muito. Se o país continuar devendo muito aos Estados Unidos, iremos ao caos. Dessa visita de Carter ao Brasil, acho que a vantagem vai ser pra eles. Democraticamente, são bem intencionados, estão dando cobertura aos países subdesenvolvidos, mas tirando suas vantagens. Precisamos acabar com este vínculo. Leio jornais, sim. Mas isso não vai me complicar? Responder essas coisas? Olhe lá. Política hoje é um negócio muito sério.

A solução mais imediata pra o custo de vida seria o tabelamento dos preços. Por que não fazem isso? Já seria um meio de combater a inflação.

CAMILA BUTCHER

JOAO CUNHA

Bilheteiro que vive apertado: "governo faz o que pode"

João Cunha, 54 anos. Vende bilhetes de loteria na frente do portão de saída da Volkswagen, em São Bernardo do Campo, São paulo. Faz de Cr$ 2 a 3.500 por mês.

É muito pouco. A maioria dos que trabalham nessa área são aposentados. Levamos uma vida muito apertada, temos família. vive-se porque tem de se viver, mas uma vida muito precária. O custo de vida é exagerado. Atinge a convivência das pessoas, mas não vai me prejudicar dizer isso? Se for pra prejudicar... Ainda mais que vai sair no jornal. O nome da gente é coisa muito fina, não é pra ficar saindo assim por aí.

O Governo não pode fazer mais nada do que já fez. Acontece que a população é muito grande. Não tem condições de dar emprego pra todo mundo.

Sindicato, não atende bem. No emprego que eu tinha, meu direito era de duas aposentadorias. Uma pensão boa. Não tive esse direito por causa do finado Castelo Branco, que foi quem mudou a lei.

FOTO LULA FEIJÓ

FRANCISCO JERÔNIMO

"Não entendo de custo de vida"

Eli, mais conhecido como Billy Paul. Alto, jeito tímido, argolas e alguns penduricalhos. Vende pulseiras, argolas, bolas na praça da República, São Paulo.

Sou de Piracicaba. Escolhi essa profissão porque gosto de arte. Só atrapalha mesmo quando chove. A Prefeitura aparece pouco por aqui. Os guardas nunca impedem o serviço. O que eu ganho varia. Geralmente de Cr$ 200 a 300 por dia. Trabalho o tempo que quero. Sindicato? Nem sei o que é.

Custo de vida? Não entendo dessas coisas. Claro que sei o nome do presidente. agora me esqueci... Ontem mesmo tava lendo a entrevista daquele cara que chegou aí. Achei bonito o que ele disse, teve entrega de flores.

Leonildes, 21 anos, sentada na calçada, da Pinheiro de Carvalho, em São Paulo, junto com o marido, vende colares, pulseiras e anéis. Simpática, ri muito, mostrando um dente estragado bem na frente.

Eu só vendo, meu marido é quem faz. Ele não gosta de conversar. Dá pra fazer até Cr$ 300 ou Cr$ 400 por dia. Mas, às vezes, acontece de só se fazer até mesmo uns Cr$ 50. Polícia quase nunca atrapalha. A gente não tem sindicato, não existe uma carteirinha pra quem trabalha nisso, de artesão. Tamos pra ir buscar. Com a poeira da rua, já acostumamos. Quem trabalha nesse ramo é porque gosta muito e não se incomoda tanto com essas coisas. A carteira federal que tamos precisando, vamos buscar na agência de turismo e aí fica tudo em ordem. O tempo de trabalho nós mesmo decidimos. Sou de Campinas, saí de casa um monte de vezes. Fugia. Só quero um trabalho desses.

Itaroã, o marido, diz que desde pequeno gostava de "transar isso".

Já se nasce artista. Não dou pra outro emprego. Não me importo que me chamem de **hippie**. Quem acha que é xingamento não compreende o que quer dizer. **Hippie** era um grupo que tinha lá nos Estados Unidos e morava como se fosse uma família. Custo de vida, não sei falar muito, a gente vive como é possível. Já li muito jornal e não acho que a política adiante. De vez em quando, leio, mas é livro. Filosofia do Oriente, Lin Yutang, já ouviu falar? A gente não deve tá aí pra muitas coisas.

Francisco Jerônimo, fruteiro, 59 anos, Cr$ 300 por [redacted]

O homem aqui não registra ninguém. Não paga 13º nem férias. Se quiser trabalhar, é assim e tá acabado. O que ele quer é tomar a cervejinha dele e andar com essas vagabundas... aquela ali passou a noite aqui na barraca. A situação tá igual ao tempo do Getúlio.

Hoje, o pessoal que vem fica reclamando dos preços. Para mim, pra melhorar essas situação teria que cortar umas cabeças por aí. De bandido, por exemplo, que rouba e mata a gente. E também desses bandidos que nunca são presos. Bandidos bacana, sabe como é que é. É lógico que eles não são presos. Eles comem na mesma mesa da polícia.

Eleição? Ninguém deveria votar. Ou vota pra tudo, presidente, prefeito ou ninguém vota.

Vendedor de frutas e legumes numa barraca na rua Santa Clara, em Copacabana.

REPORTER: Você acha que o governo protege o trabalhador?

— Hã? O que é? Não entendo...

REPORTER: O que é pra você o Dia do Trabalho?

É o dia do trabalho. Descanso, bebo.

REPORTER: Qual o seu nome?

Mohamed Ali.

REPORTER: Tem família?

Na minha terra.

REPORTER: Onde é sua terra?

Na Síria.

"Quando chove, tiro férias"

Vendedor de túnicas nas areias de Copacabana. Autônomo, paga o INPS. Não sabe dizer quanto ganha: "nesse serviço, a gente não tem lucro certo, não tem nada certo."

REPORTER: Cansado?

Muito calor, né. Andando nessa areia...

REPORTER: Quando chove, você trabalha?

Faço de conta que são as férias. A gente vai levando a vida.

REPORTER: O senhor vende essas túnicas por quanto?

— Depende, varia de preço. Depende da gente. Mas quer saber de uma coisa: pra dizer a verdade; é muito melhor trabalhar com gente brasileira, nossa, gaúcho, paulista, carioca, do que com estrangeiro. Eu nunca me dei bem com estrangeiro. A gente diz um preço normal a eles enrolam, põe dois dólares e já acham que tá bom. O carioca é o seguinte: tando com dinheiro e gostando da mercadoria, ele leva. Não pechincha não.

REPORTER: Como é que está a vida?

Esse negócio de aumentar salário quase não adianta porque, enquanto eles estão aumentando o salário de cada um, o pobre, que é do rico e do pobre, que é a alimentação aumenta também. Sobe tudo demais.

REPORTER: O governo protege o trabalhador?

Eu acho que já tem uma parte que tá sendo protegida, os agricultores, camponeses. Diz que foi no governo Médici que fez isso e protegeu muita gente. Gente do campo, que não tinha esse amparo, essas leis de aposentadoria. No Sul, não sei, mas no Nordeste eu sei disso. Pelo menos eu tenho meu pai, que mora lá ainda, velhinho, ele trabalha num pedaço de cemitério, se mantém, tem uma vaquinha e recebe uma ajuda. Você sabe que quando aqueles velhinhos do Norte, principalmente da área pecuária, chega naquela idade, ia tudo pedir esmola. Mas porque não tinha ajuda do governo. É pouquinho mas ajuda. É açúcar, um querosene, um sabão...

Carlos diz que já viu muita gente morrer asfixiada na linha de produção. Zé da Silva abre buracos e não ganha pra viver.

«FALA O TRABALHADOR»

Operário da Comgás acha que CLT não foi feita pro trabalhador

José da Silva, trabalha na Comgás, 30 anos, Cr$ 2 mil por mês, solteiro.

Nós trabalhamos à noite e só ganhamos 20% de acréscimo por isso. Acho que a CLT (Consolidação das Leis do Trabalho) não é feita para o trabalhador. O engenheiro da firma ganha por volta de Cr$ 30 mil. Nós, que fazemos esse trabalho que você tá vendo (abrindo buraco na rua), ganhamos só Cr$ 2 mil. Somos obrigados a fazer um bico durante o dia, ao invés de descansar, senão não dá. A gente entra no supermercado e vê que as coisas aumentam 100%. E o nosso aumento é 40%. Será que o governo não vê isso? Meu trabalho é super-pesado, abrir buraco a noite toda e ganhar uma porcaria. Não dá não, falou

FOTO DE LULA FEIJÓ

O engenheiro ganha Cr$ 32 mil, eu ganho Cr$ 2 mil

FOTOS DE CAMILA BUTCHER

Porta da Volks, São Bernardo, muita correria e poluição

POLUIÇÃO NA VULCAN MATA OPERÁRIOS

Carlos Cruz, 22 anos, Cr$ 12,80 por hora. Está começando a trabalhar na Volks agora. Borracheiro (coloca borracha em pára-brisas).

Acha que está tudo bem, as condições de trabalho são "ótimas", salário é bom, mas conta que saiu de onde trabalhava, na Vulcan, porque "não aguentava a poluição".

Lá o pó entra no nariz, no trabalho que eu fazia, onde eu cuidava de bateria. Aí a gente falava que nego deu chumbo, uma gíria que foi inventada; a gente dizia assim quando o empregado caía em conseqüência disso: fulano chumbou. Até hoje tá acontecendo isso por lá e ninguém faz nada, os caras ignoram isso, não tomam nenhuma providência.

Já presenciei isso várias vezes. Comigo mesmo já aconteceu. Eu passei mesmo mal. Fiquei todo fraco, fracão, uma moleza. Aí tirei exame de sangue, tomei comprimidos do estrangeiro. Em 15 dias fiquei bom, sou um cara forte. Já vi gente morrer por isso. Um rapaz novo, morreu há pouco tempo. E quando saí de lá, vi muitos ficar doentes

Na Volks, reclamam da perseguição das chefias

Não quis se identificar. Alto, forte, fala ríspida. Cr$ 4 mil por mês

Olha, o salário até que acho razoável. O que estraga é a chefia. Muita hora extra, muita perseguição, perseguição mesmo. E tratam a gente muito mal, são grosseiros, principalmente o tal do "capa amarela," o encarregado do setor.

Não se pode fazer nada porque senão a gente é demitido. Ninguém tá afim disso.

Rubens Nunes, 38 anos, mais de Cr$ 5 mil mensais.

Acho que se ganha pouco, sim. Principalmente porque o trabalho é muito puxado. Tem gente aí em condições bem piores. É duro mesmo. Muita poluição e muita correria. E a tendência é piorar. Não acredito em sindicato, em nada disso. Que foi que eles fizeram até agora?

Problemas de hora extra, eu não tenho. Faço três horários. Quero vir a trabalhar por conta própria, mas não agora. Vou me aposentar daqui a 9 anos. Vamos ver se dá pra ficar.

José Ferreira, 25 anos. Mecânico de álcool. Trabalha há dois anos na Volks. Diz que está satisfeito com o salário: Cr$ 5.200 a 5.500.

REPORTER: Você ouviu falar em pedidos de aumento, leu alguma coisa nos jornais sobre o movimento dos metalúrgicos?

Não sei nada, não sei do que se trata.

REPORTER: Você não é do sindicato?

Não, nunca fui chamado, nunca me pediram pra entrar.

REPORTER: Mas o interesse não deveria ser seu? O sindicato não fortalece o operário?

Eu nunca achei que fosse preciso. Não tenho necessidade. Aqui tem tudo que se queira. A turma não precisa de sindicato. Tem advogado, médico .

REPORTER: Mas você nunca quis se aproximar, ao menos por curiosidade? Pra ter uma idéia melhor do que se trata?

Em outra firma fui sócio de sindicato, entende? Mas não me adiantou de nada. Fui mandado embora, o sindicato ia fazer a relação do FGTS, mas me enrolaram. Recebi o dinheiro, mas não estava certo

Açúcar Pérola: proibido pra menores de 12 horas

A fábrica do Açúcar Pérola, na Rua Pedro I, em frente à estação da Leopoldina, obriga seus operários, inclusive os de menor idade, a fazerem horas extras diariamente

Aqui o menor — informa José de tal, 17 anos, entra às 7 horas e só sai às 9 da noite Quem é de maior pode até virar todo o dia: não pára de trabalhar 48 ou 72 horas

Mas e se vocês não quiserem fazer a hora extra?

Aqui não tem essa meu chapa; quem não faz é suspenso até por 5 dias e, se insistir, não tem conversa é despedido e mesmo que não seja, não é mole aguentar um desconto de Cr$ 70 por dia Eu mesmo já fui suspenso por 12 dia

Quer dizer que vocês são obrigados a trabalhar mais de 10 horas por dia?

E isso ai gente boa E não dá nem pra reclamar Eu tô a fim de sair da fábrica, quero estudar

Marisa quer lançar o feminismo operário: lutar ao lado do homem mas contra a super-exploração e a submissão da mulher

Pro tratorista, sindicato é muito longe de casa

Sebastião Batista de Oliveira, 49 anos, Cr$3.500 por mês, tratorista, mora no Parque São Lucas, periferia de São Paulo.

Consegui fazer economia e comprar um terreno. Depois, através de mutirão construí uma casinha. O que eu ganho dá mais ou menos. Mas tenho que fazer muita economia. O que eu acho, é que esse trabalho com tratores deveria ser mais bem pago. O sindicato é muito longe. Pra gente ir até lá, tem que perder quase um dia de serviço. Muitas vezes, mando minha mulher até lá para pagar a mensalidade. Precisar do sindicato, eu já precisei algum tempo atrás e eles fizeram as contas certas, eu recebi di reitinho. Se as pessoas ficas sem sabendo o que aconteceu com a gente, eu acharia bom Assim como você tá fazendo, divulgando

FOTOS DE LULA FEIJÓ

Sebastião fez economia e comprou um terreno

Clécio condena as leis arbitrárias equem se submete a elas

Clécio Baroni, 24 anos, 2º ano técnico.

— Como anda a luta dos metalúrgicos pelo aumento salarial?

— A situação é péssima. O sindicato já devia ter dado o dissídio. Inicialmente haviam marcado uma resposta, uma possível solução para o dia 1º, mas até agora não foi decidido nada. Não sei quanto entra aí de deficiência do sindicato ou se são realmente outras circunstâncias, falta de interesse do Governo.

— Além da reivindicação salarial, você tem outras queixas a fazer sobre as condições de trabalho?

— A Volks tem leis internas, arbitrárias, que não existem em outras empresas, que aí fora não vigoram. Obriga o trabalhador a fazer muita hora extra, pricipalmente durante as férias coletivas. Caso desobedeça, o operário é suspenso ou despedido. Embora façam pagamento, pagam abaixo do que deveriam, do que é pago em outros lugares. Dia de sábado, por exemplo, só pagam 25% dia de domingo, só 50%.

— Muitos dos trabalhadores se mostram desinteressados por essas questões, ignoram o sindicato, acham que não vale a pena reivindicar. A que você atribui essa atitude?

— Ah, isso só é muito ruim. São uns carneiros, não têm senso crítico né, baixam a cabeça pra tudo, se submetem. Acho isso triste, me irrita.

— Você tem outra perspectiva de vida, além de trabalhar aqui?

— Pretendo voltar a estudar. Eu fiz só até o 2º técnico, mas tenho muita vontade de prosseguir. Vou prosseguir.

— Ocorreram mudanças ultimamente na situação dos trabalhadores? Em relação ao governo, há mais condições de dialogar?

— Pra melhor, não. Pra melhor, nada. Tem gente, rapaz, que até deixou de trabalhar aí dentro e veio vender coisas aqui fora. Conheço um rapaz que tá vendendo churrasquinho aqui em frente ao portão, e tá ganhando bem mais, muito mais.

METALÚRGICAS ACHAM QUE SÃO MAIS EXPLORADAS QUE OS HOMEMS DENTRO DAS FÁBRICAS

Este problema de trabalho noturno da mulher já foi parcialmente ganho. Eu soube que foram mandadas cartas de vários sindicatos, e que este projeto foi retirado do congresso para reestudo Então, foi uma vitória parcial Parece que não esperavam reação. Acho que eles estão com medo, não do que a gente é, mas do que pode vir a ser ''

Marisa, operária metalúrgica de Diadema, São Paulo está falando não só das duas reuniões de mulheres que o seu sindicato promoveu, para se posicionar em relação às modificações sugeridas na parte da CLT referente ao trabalho da mulher, como também fala do grupo que agora se reúne em Santo André. São pouco mais de trinta mulheres: operárias metalúrgicas de São Bernardo do Campo, Santo André, Diadema, São Paulo. Têxteis, borracheiras, gráficas, operárias da indústria química, auxiliares de enfermagem, jornalistas, donas de casa da periferia e empregadas domésticas

Em seu último encontro, discutiram o projeto de lei e concluíram que a maior parte das modificações introduzidas visavam mais o benefício dos patrões do que das trabalhadoras

"Por exemplo, a qualquer hora o governo ou a Delegacia Regional do Trabalho pode autorizar o trabalho noturno da mulher. Depois, muito sindicatos já tinham conseguido em dissídio prazo maior de licença-maternidade Tem também a hora extra, que tá mais aberta pro patrão Se bem que eles sempre obrigaram a gente a fazer hora extra, mesmo quando era proibido por lei. Aliás, a lei também já falava de creche, e de salário igual para trabalho igual, mas isso nunca aconteceu. Esse projeto agora diz a mesma coisa, sem acrescentar nada Acho que todas as mudanças foram a favor do patrão. O resto ficou igual." **(Sônia, uma das gráficas do grupo).**

Por isso tudo, as mulheres decidiram se reunir e combater esse projeto. E acharam por bem fazer isso dentro e fora de seus sindicatos, numa tentativa de uma união mais ampla do que a legislação permite aos sindicatos

"Precisamos nos unir também fora do sindicato" diz Marisa "porque esta é uma luta de mulheres. É feminista, sim, mas de classe. Da classe trabalhadora. A maioria tem medo dessas coisas, mas eu acho que nós temos que começar um movimento feminista de direção operária A mulher precisa levar uma luta ao lado do homem, como trabalhadora, mas precisa lutar contra a sua situação de mulher submissa, subordinada, dentro dessa sociedade que tem ela como um objeto a mais

Ela é mão de obra mais explorada que os outros, na fábrica, e além disso ela é responsável pela reprodução, pela produção de condições de sobrevivência — limpeza, higiene, alimentação, vestiário, cuidado dos filhos."

Esta já tinha sido uma das conclusões a que chegou o 1º Congresso da Mulher Metalúrgica de São Bernardo do Campo e Diadema, do qual Marisa também participou Mas esta, e demais conclusões não chegaram a ter maior continuidade

"As congressistas tão sendo despedidas e o sindicato não está tomando medidas enérgicas. A culpa disso aí foi já no congresso, do jeito como ele foi organizado: de cima para baixo, dirigido por homens. Isso foi um erro porque se a gente tivesse sido chamada para organizar, mesmo que saísse pior, a gente já estaria mais forte, melhor organizadas

Ana, outra metalúrgica, de São Bernardo, intervém: "Mas eu acho que o congresso ajudou a gente a se unir na fábrica. As mulheres não se reuniam nunca, e de repente, na Arteb, 20 mulheres juntas na hora do almoço; 13 no sindicato

Assumindo luta contra as fichinhas para ir no banheiro, tentando afastar o capataz, não fazendo mais hora extra. O patrão não é bobo, mandou embora as cabeças. E o papel do delegado sindical foi esfriar esse grupo."

A preocupação maior de todo o grupo, é a união. E, principalmente três decisões básicas: o encaminhamento de dois abaixo-assinados reivindicando a retirada e abandono definitivo do projeto de lei do trabalho da mulher (um, a ser assinado por mulheres; e o outro, por homens que apoiem a iniciativa); o estudo das condições para se debater a situação da mulher em mobilizações amplas, que já foram antecedidas por reuniões amplas preparando uma assembléia na periferia, e ampliar o grupo e o leque de problemas levantados

Para o tecnocrata do CIP, o dinheiro sobra no fim do mês.

Dalva é secretária, filha de pedreiro e gosta de moreninho

"FALA O TRABALHADOR"

Mexe com os preços e acha salário ruim

No Conselho Interministerial de Preço, fala a analista de custos que nunca foi promovida, a chefe que pediu para que seu nome não seja publicado e o tecnocrata que ganha Cr$30 mil.

REPORTER: Qual a sua função aqui?

Sou analista de custos, me chamo Irene Maria da Fonseca. Trabalho aqui há quatro anos. Sabe, nunca fui promovida porque aqui eu sou o tipo da pessoa diferente para eles. Recebo Cr$8 mil, incluindo todos os descontos.

REPORTER: É pouco pra você?

Sou casada e meu maido trabalha na IBM. Em empresa privada, se trabalha mais, mas eles remuneram bem. Ele ganha Cr$46 mil. Temos casa própria, dois carros, não passo necessidade. Trabalho de teimosa. Mas sempre achei o salário ruim. Trabalho das 9 às 18 horas. Ganho pelo SERPRO também, quer dizer, quando fiquei grávida o CIP me arrumou uns papéis para não parar de receber. E recebo por uma folha aqui do Ministério que nunca pode aumentar. Aumenta a do SERPRO.

REPORTER: Você tem carteira assinada?

Não porque é profissão de serviços prestados. Tenho carteira assinada pelo SERPRO.

REPORTER: Sua profissão tem sindicato?

Para funcionária pública não existe sindicato. Nem para advogado.

REPORTER: Você acha que o governo protege o trabalhador?

Não

REPORTER: O dia 1º de Maio, o que significa para você?

Não sou indiferente ao dia. Antes da revolução de 64, havia reunião dos trabalhadores no campo de São Cristovão. Hoje, o dia está mais disciplinado.

Chefe de um setor de coordenação do CIP, responde mais tranquilo ao REPORTER depois de pedir para não ser indentificada.

REPORTER: O que você acha do salário hoje?

O salário, antigamente, era mais valorizado. A faixa de abertura era sensacional. Eu ganhava Cr$2.400 há cinco anos atrás aqui no CIP. Através de um empréstimo na Caixa Economica Federal, sem pistolões sem nada, apenas com minha documentação, comprei um apartamento em Botafogo por Cr$72 mil. cruzeiros. Eu tinha uma poupança de Cr$14 mil e pude iniciar a compra. Mas hoje, ganhando Cr$26 mil chefe deste setor, não daria para efetuar esta compra. Aliás, a Caixa esta fechada para financiamento. Segundo o Simonsen porque não tem dinheiro. Acho que vai abrir em abril, mas não sei em que condições. Mas fora isso, hoje não há mobilidade quase nenhuma. Estou acabando de pagar agora o apartamento. Pagava Cr$411 por mês e hoje estou pagando quase Cr$2 mil. E vivo num sistema de não-consumo. Não se pode comprar as coisas novas no supermercado. Vou casar e vou mudar de apartamento, vou mudar para subir de **status**. Amanhã estou com filhos e não tem espaço para eles. Vou vender o carro para ter um espaço maior.

REPORTER: Você faz hora extra?

Faço, mas não recebo. Faço por amor ao trabalho.

REPORTER: Qual o critério para folga?

Tenho direito a férias todos os anos. Mas estou há quatro anos com férias vencidas. O problema todo é que eu deveria ter 27 funcionárias e só tenho 12.

REPORTER: Você mora sozinha?

Não. Mora eu, minha sobrinha e minha empregada.

REPORTER: Você sustenta a casa sozinha?

É. A empregada é como um membro da família. Quando eu casar ela vem comigo.

REPORTER: Você tem garantias do governo?

Olha, com a Revolução veio uma maior estabilidade, tranqüilidade. Antes você saiá na rua para ir ao trabalho, podia ser apedrejada na rua e ser desempregado. Benefícios do governo é que você não tem nenhum. O INPS você paga, paga, paga, só faz pagar. É um absurdo.

REPORTER: O que significa o 1º de Maio para você?

O 1º de Maio pra mim não é nada especial.

Mário Sobral Pereira, tecnocrata do segundo escalão, ocupando cargo indicado diretamente pela presidência da República, 32 anos, coordena o Setor Farmacêutico. É responsável pelos preços fixados na indústria farmacêutica, formada por 98% de multinacionais.

REPORTER: Há quanto tempo trabalha aqui?

Há onze anos. Entrei em 66 como secretário. Estava no primeiro ano da faculdade de economia.

REPORTER: E sobre o 1º de maio?

É aniversário da minha mãe.

Duas secretárias e um secretário. Cr$8.500 pra uma. Cr$3.200 pra outra. Cr$2.500 pra ele. A que ganha mais acha que o importante é ser simpática e bonita. E bota o dinheiro na caderneta de poupança. A outra acha o emprego super bacana. Ele acha que o trabalhador vive mal.

Dia do Trabalho é igual ao Natal. Só que sem presente

Priscila é secretária de divisão do SENAI (Serviço Nacional de Indústria). Trabalha há três anos, e ganha um total de Cr$8.569 com ajuda de custo e tudo mais. Mora em Copacabana com um companheiro e tem 28 anos. Simpática, bonita e, como ela mesma diz, não prcisa de muito mais que isso para ser secretária. Seu dinheiro sobra no fim do mês, e vai, religiosamente, para a caderneta de poupança. Acha que ganha bem, para sua posição, mas gostaria de ter um aumento devido ao alto custo de vida. Ela acha que o salário mínimo é ridículo.

O Dia do Trabalho para mim é feriado. É igual no Natal, Ano Novo, só que a gente não ganha presente Olha, não põe isto aí não. Acho que esta resposta não está bem no meu nível. Mas é que hoje em dia, no Brasil, o Dia do Trabalho é só isto mesmo, não?

REPORTER — Você é sindicalizada?

A gente tem sindicato, mas eu não sou sindicalizada

REPORTER — E o governo, ajuda o trabalhador?

Sabe, eu acho que o governo está para o trabalhador assim como a polícia está para o cidadão, o Detran está para o trânsito, o INPS está para o segurado e daí por diante

Dalva Maria das Neves. Secretária do Banco do Brasil da Avenida São João, São Paulo, Mais de 8 horas por dia. 19 anos. Salário Cr$3.200.

— Meu emprego é super bacana Posso dizer por que gosto mesmo de lá? É que lá eu tenho vida fácil. O trabalho não é puxado. Meu chefe é muito legal. Antes, eu era ascenssorista no mesmo prédio. Mexiam comigo algumas vezes. Muitas. Mas eu não me importava Dependia do tipo, não é? Gosto de um moreninho

Já fui enfermeira de criança também. Ajudo minha família, meu pai é pedreiro, ajudo ele bastante, mas ainda sobra uns Cr$500 no fim do mês. O povo se queixa do custo de vida Eu não entendo bem. Não sei o nome do presidente, são tantos nomes que a gente confunde

Ricardo Kignel, secretário de uma escola de fotografia, Cr$2.500 por mês, 25 anos, solteiro.

Vivo com meus pais. Por isso esse dinheiro dá pra viver Acho que o trabalhador vive mal. Não ganha o suficiente para as prioridades Dentro de uma indústria, o trabalhador só dá, não recebe nada Não tem assistência médica satisfatória, não trabalha dentro do limite aceitável de segurança, o ambiente não é salutar nem higiênico e ainda paga por uma alimentação deficiente Quanto aos acertos salariais eles deveriam partir de uma reivindicação do trabalhador junto a um sindicato atuante E não de uma dádiva da classe empresarial Hoje, no Brasil, existe uma minoria que luta com o autoritarismo para manter seus privilégios. As multinacionais só usufruem de mão de obra barata e seus lucros não são revertidos em benefício do trabalhador

Galdino tem 61 anos e tá firme: ainda gosta de mulher.

Maria José não culpa ninguém. Deus é quem quis assim.

FOTO DE LULA FEIJÓ

Em casa, a empregada toma banho de bacia

Maria José de Lira, 18 anos, casada, grávida, empregada doméstica, Cr$1.500 por mês, mora na periferia de São Paulo.

É muito difícil viver com o que ganho. As coisas estão sempre aumentando. Pago aluguel por um cômodo, que, por ser do meu concunhado, me cobra só Cr$400. A luz é de lampião, a água de poço. E não tem esgoto, é fossa. Lá em casa não tem geladeira, nem tv, nem liquidificador. Não é porque não tem eletricidade, é porque o dinheiro não dá. A eletricidade vai chegar daqui a um mês. Tomo banho de bacia com água morna, que esquento no fogão, mas o João, meu marido, toma banho frio mesmo. O João é encanador e às vezes tem que tomar três conduções para ir trabalhar. Eu tomo uma só, que demora uma hora e vem muito cheia. Essa linha tem poucos ônibus. De alimentação, a gente gasta mais ou menos Cr$700 por mês.

Quando perdi meu primeiro filho, precisei do INPS. Pra fazer a ficha, tive que sair de casa às três da madrugada. Cheguei lá as 4 e saí às 8 e meia. No outro dia eles me atenderam mas tive que esperar mais duas horas. E o médico só me examinou dez minutos. O médico me deu uma receita para comprar uns remédios que custaram Cr$200. Agora, o INPS da prefeitura está melhor. Estou grávida de três meses e todo dia 20 vou ao hospital. Chego lá às 9 e meia, mas o médico não tem hora certa pra chegar. Acabo saindo de lá às duas da tarde. Nem tenho tempo de falar com a assistente social. Roupa, só compro quando estou precisando muito. Compro bem dividido, um pouco por mês. Já trabalhei registrada em carteira, mas agora tenho que tirar todos os documentos outra vez porque um rato roeu tudo, comeu até as fotografias. Lá onde tira carteira de trabalho eles atendiam até às quatro da tarde, mas ontem eu faltei no emprego para ir lá e perdi a viagem porque agora só atendem às 9 e meia e cheguei às 10. Quem tem culpa da vida difícil que eu levo, eu não sei não. Meus pais eram pobres, eu não tive nenhum estudo. Filho de pobre não tem futuro. Mas não culpo ninguém. Deus é quem quis assim. Na minha família tem gente que melhorou de vida. Por exemplo, quando eu cheguei de Pernambuco com minha irmã, ela ganhou na loterial federal e conseguiu voltar pro Norte. Mas nunca mais escreveu. Aqui em São Paulo tenho muitos primos e tias, que eu nunca vejo. Eles são muitos e estão espalhados por aí. É... pra pessoa ter dinheiro é preciso ter muita sorte e vontade. Você não vê o programa do Silvio Santos, a história do baú? E a minha irmã, com a loteria?

O zelador de 60 anos trabalha 12 horas por dia

Francisco Galdino da Silva, 61 anos, paraibano, é zelador de uma vila no bairro do Campuci. Ganha Cr$ 1.600, para sustentar mulher e quatro filhos.

Eu ganho muito pouco, mas meus filhos me ajudam. Todos trabalham desde os seis anos de idade, mas eu fiz eles aprenderem uma profissão: um é eletricista e tem outro que é encanador."

Eu peguei duro toda vida, quando limpava fossa e ficava com m.... até o peito o dia todo. E tou aqui, vivinho. Hoje em dia, o pessoal já não quer saber de pegar pesado, de trabalho duro. Eu já passei muita dificuldade. Comia farinha com aquele feijãozinho pequeno que meus filhos chamam de feijão de mendigo. Pegava os punhados com os dedos e dava aqueles tapas na boca, sabe como é que é não? Antes eu trabalhava e tirava 400 reis por dia. Dava para comprar muita coisa. E ainda juntar.

Com tudo o que eu passei, tenho 61 anos e tou firme: ainda gosto muito de mulher. Sei de muito cabra frouxo com a minha idade. Nesta vida, fiz um pouco de cada coisa, trabalhava na colheita, no plantio, vaquejava, até preso já fui.

Hoje em dia, o governo só dá apoio para quem trabalha na cidade. O pessoal que trabalha na roça tá esquecido. Não adianta nada ter todas essas máquinas na cidade e o trabalhador não ter o que comer. Deviam dar apoio pro plantio para baratear a comida e ter mais fartura. Eu falo mesmo porque é verdade.

Antônio Gil de Souza, 60 anos, zelador de prédio, Cr$ 1.500; casado, com quatro filhos.

O dinheiro dá porque tenho quatro filhos que me ajudam. Só com meu ordenado não era possível. De aluguel, vão Cr$ 2.500. Trabalho 12 horas por dia, com a minha idade. Não acho que as leis do trabalho protejam o trabalhador. Existe dinheiro atrás disso. Por exemplo, seu Ângelo, o antigo faxineiro do prédio, tinha cinco anos de casa e foi posto na rua com 52 anos, 11 filhos e só Cr$5 mil. Na última eleição votei no MDB. Tenho mais esperanças em quem tá contra isso que tá acontecendo. Depois que não voto mais para presidente, não me interesso mais por política. O Direito e a Justiça estão com os "afilhados," para nós sobra um osso duro. Do jeito que vão as coisas, eu só espero a ajuda de Deus. No tempo do Getúlio, apesar da ditadura, tinha fartura. Hoje em dia, se fulano tem uma visão das coisas, ele não pode falar. Aqui na cidade a ciência foi aumentando, aumentando e prejudicando as outras coisas. Há uns tempos atrás tinha mais humanidade. Hoje, tem muito assalto, muita miséria. Eu não era contra o Esquadrão, mas agora sou contra. Eles não matam as pessoas certas. Não fazem justiça. É, meu chapa, a polícia tá fazendo o que quer.

Gonçalves Pereira do Nascimento, mora na Tijuca, Rio de Janeiro, dois filhos que estão fazendo o ginásio. Trabalha há 16 anos como porteiro de edifício.

Em minha casa, só eu trabalho para o sustento de minha família. Ganho Cr$ 1.800, mais o que consigo por fora fazendo uns biscates. Mantenho um bom relacionamento com o pessoal do meu trabalho e acredito no livre funcionamento da Justiça Trabalhista.

Em minha casa só sobra dinheiro para comprar livro e mais nada. A vida está muito cara, se eu pagasse aluguel, estava ferrado. O salário agora não dá pra nada, rapaz. Você vai comprar um quilo de carne, Cr$60. Aí, vai embora. No supermercado, cem cruzeiros não compra nada. Quando eles anunciam o aumento no salário, os preços sobem. quando a gente bota a mão nele, eles aumentam tudo de novo. No final você não tem nada. Veja só: eu que, saio pouco, gasto 200 cruzeiros de passagem, fazendo trabalho para o pessoal na rua. No final do mês, eles me dão 100 cruzeiros por isso. Não compensa. Se o salário fosse cobrir as responsabilidades, o porteiro tinha que ganhar uns Cr$ 5 mil por mês.

Já vivi melhor com o salário. Quando cheguei aqui no Rio, não lembro ao certo quanto ganhava, mas passava a semana com 20 mil réis. Hoje, mal pego o salário e ele vai todo embora. Aí o jeito é pegar vale.

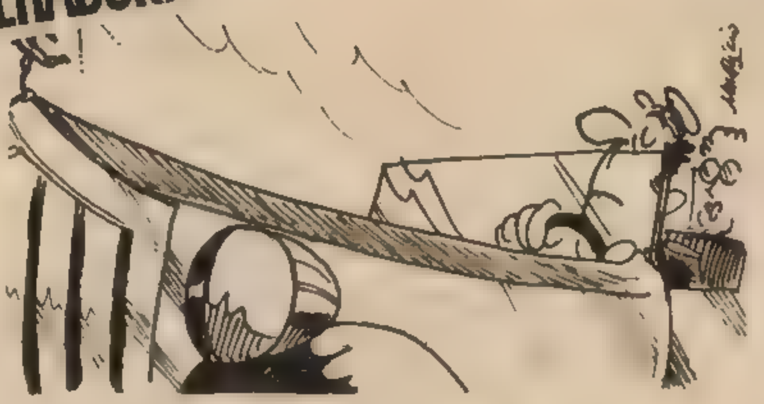
Sempre trabalhei no dia do Trabalho. Nesse serviço, nossas folgas são poucas. Teve um tempo aí que nesse dia o Maracanã abria de graça. Hoje, é tudo pago, o trabalhador paga tudo. Trabalhador hoje é igual a cachimbo: só toma fumo.

FOTO DE LULA FEIJÓ

Anda de Rolls-Royce e diz que a elite social é decadente.

No carrinho de mão, Zé Francisco diz que a vida é triste.

"FALA O TRABALHADOR"



Os carros são os mais modernos e os mais caros possíveis. As madames bebem e chamam os outros de bêbados, não trabalham e chamam os outros de vagabundos. O motorista escuta tudo, ganha pouco e diz que essa história de transar com a patroa não existe.

Motorista tá cansado de mesquinharias da madame

Nossa elite social é decadente e quem diz isso não é nenhum político, sociólogo ou coisa parecida, mas o assim chamado motorista particular, ou **chauffeur** (diga, como fazem algumas madames, **chofér**).

Veja que carro bonito, é um Rolls-Royce do corpo diplomático. Atrás está o príncipe Charles, que é de Gales e herdeiro do trono inglês. No volante, o baiano Armando Costa, motorista há 20 anos, ganhando 3 mil por mês. Digo: "Armando, quero uma entrevista contigo." Ele responde: "depois a gente conversa."

Porta do Hippopotamus, Ipanema, duas horas da manhã, muito movimento de carrões importados e nacionais, Galaxies, TLDs, Landaus. Nas proximidades, em grupos, com ar de censados, os motoristas. Sai uma mulher, quarentona, embriagada. O motorista, uniformizado, ágil, entra a postos, abre a porta traseira, fecha, dá a volta e embarca. Vão para casa? Não. Vão para o "eixo" Concorde-Special.

A informação é de Jairo, 39 anos, casado, 12 de motorista particular. Ele conta como é a vida de chofer: às 6h30 se apresenta no serviço para levar as crianças ao colégio, volta para apanhar o patrão e levá-lo ao trabalho; no Centro, e volta à casa para levar a patroa ou as empregadas as compras do dia.

Faz as compras, vai buscar as crianças na escola, deixa em casa, vai apanhar o patrão para o almoço em casa. Limpa o carro e recomeça: o patrão para o trabalho e, à tarde, dedicação quase que exclusiva à madame, exceção para as visitas das crianças às casas de amigos ou esportes (tênis e equitação, na Hípica).

"Com a madame, todo dia é fazer a mesma coisa, tem que ir ao "shopping" (compras) nas butiques e lojas chiques, e depois ao chá na casa da amiga. Chá tem todo dia e às vezes tenho que levar outras madames em casa, mas só quando há tempo porque buscar o patrão no escritório dele é sagrado".

Aí acaba?, pergunto. Ele responde "não, aí é que começa o mais difícil, o período da noite, quando eu já estou cansado, com sono, eu nunca consigo dormir mais de 3 horas por noite. Eu tenho que levar aos jantares, às vezes é um teatro ou cinema, mas sempre tem uma esticadinha num clube ou boate. Nos fins de semana é até o sol raiar. Agora o patrão ficou sócio deste clube (Hippopotamus) e tem vindo muito aqui."

Trabalhar tanto assim deve dar um bom salário, não?

Vamos mudar de marcha e de motoristas. Em portas de restaurantes, boates, clubes e afins recolhemos os nomes curiosos que os motoristas particulares se tratam a si mesmos

Aquele ali é um robô, dizem, porque tem horário todo marcadinho. O outro é "escravo de madame", a madame encarna muito nele. Este aqui é um "fecha boate-abre igreja" pois dorme tarde e levanta cedo. Tem, ainda, o "cogumelo de porta de restaurante", que fica horas em pé e, por último, o "compra-tempero." Este é o motorista que a patroa manda comprar arroz no mercado.

Acho melhor conversar com o motorista do Príncipe, que abre logo o jogo numa conversa franca. Vou encontrá-lo dias depois, a bordo de um Galaxie. Ele é casado, sem filhos, mora num quarto alugado em Botafogo. Vou direto ao assunto.

É verdade, seu Armando, esta história contada em prosa, e cinema, de que o motorista particular come a madame e etc?

"Isto é a mais pura mentira. As madames não suportam, é raro a madame que dá bom dia ao motorista, ele está abaixo da empregada. As madames detestam trabalhadores, elas passam de carro, eu estou cansado de ouvir, e dizem, quando veem um operário, um biscateiro: "são todos uns vagabundos." Esses ricos todos são uns decadentes."

Decadente é uma palavra impressionante, por isso durante o passeio que faço com seu Armando quero saber tudo sobre isto. Ele diz:

"Eu sei o que digo, estou há 20 anos nisso, nas boas casas da cidade. Decadente é um patrão seu pagar 5 mil por um almoço, dar 500 de gorgeta e na hora de pagar o meu almoço me dar 20 cruzeiros. Decadência é o que eles fazem, o que eles jogam de comida fora num dia dá para você, me desculpe, mas dá para você comer um mês."

"Decadente é o que eles dizem no carro, as tramóias que eles aprontam, como enganam o governo. Eles estão pouco se ligando para o Brasil e para os brasileiros, eles se importam mais com os ricos estrangeiros. Eles vivem em jogatinas. Eu cansei de levar uma patroa minha, de porre, para casa, mas a danada vê alguém e diz: "é um bêbado".

"Tem mais: nunca vi um ricaço falar coisa que desse fruto, que demonstrasse moral, que fosse edificante. Neste banco traseiro o que mais ouço é mesquinharia, acusação, palavrão, falta de vergonha."

O burro sem rabo sabe ler e escrever "graças a Deus"

José Francisco da Conceição, **burro sem rabo**, tem 40 anos e mais de 30 de profissão. Não tem carteira assinada, "que é pra chegar tarde." Alguns processos, de vez em quando um problema com a Polícia por falta de documentos. Sabe ler e escrever, "graças a Deus".

REPORTER — O custo de vida, como tá pra você?

Eu, como carregador, vou dizer o custo de vida está subindo cada vez mais. Nesta semana, só fiz dois serviços, quer dizer, tem minha mãe que é idosa, tem meu irmão que é pertubado, minha irmã que é pertubada, então é o seguinte, tô batalhando aqui pra ve se dá alguma coisa boa.

REPORTER: Quanto você ganha?

Depende. Ganho Cr$60,00 cruzeiros por cada serviço. Trabalho meio a meio. Ganhei Cr$120,00, Cr$60,00 é pra mim e Cr$60,00 pro dono do carro. Quer dizer, é melhor trabalhar assim do que ter carteira assinada. Tem dias que a gente tá muito cansado do trabalho e é o seguinte. Aqui, a gente chegando tarde, não tem que dar satisfação nem pra A, nem B e C. Com carteira assinada, a gente já tem que dar, né?

Eu tô tirando um certo documento, que é como autonomo. Minha mãe não sabe ler nem escrever, não entende quase nada. Então, quando eu começar a pagar o INPS, eles me pagam com o nome da minha avó, porque os documentos são dela. Aí eu recebo por ela. É mutreta, entendeu?

REPORTER – Como é a sua vida?

É uma vida muito triste. Eu fui preso enganado um bocado de vezes. E o problema é o seguinte, quando eu era garoto, eu tive um problema, era muito brigão. Saí do colégio por isso. São coisas da vida. Porque quando se é garoto nunca pensa nas coisas como agora eu tenho pensado. Só em 1959, é que comecei a tirar minha documentação.

REPORTER: Você tem ficha limpa?

É o seguinte, vou dizer à sua pesssoa: já vai fazer uns 20 e poucos anos que eu não tenho nada com a polícia, a não ser por falta de documentos, mais isso não tem mais problemas.

Tenho processos, mas não tenho dinheiro pra gastar com advogados. Sou pobre, entendeu?

A vida da gente, que trabalha em carrinho de mão, é muito chata. A gente não tem salário fixo, a não ser quem é dono do carro.

REPORTER: O que você acha do dia do trabalhador?

É um direito que nos assiste.

REPORTER: O que você faz nesse dia?

Muitas das vezes, quando não faço minha higiene mental, vou assistir uma amiga, um parente, se não, vou numa praia.

Corretor: marginalização é forma de vida

O corretor tem 25 anos, é casado e não sabe dizer se, depois de 1964, as coisas melhoraram para o trabalhador. Não tem carteira assinada, pois "os corretores são profissionais autônomos".

REPORTER: Você acha que tem assistência do governo?

Bom, uma pergunta dessa você deveria fazer pra ela (a secretária) porque eu sou empregado de forma diferente. Ela tem carteira assinada, eu não tenho. Ela tem a proteção da C.L.T., eu não tenho. Sabe o que é C.L.T.? Consolidação das Leis Trabalhísticas. Eu não tenho, entendeu?

REPORTER: Você acha justo serem marginalizados assim?

Não, nós não somos marginalizados. Quer dizer, nós realmente somos marginalizados, mas é uma forma de vida, uma forma de trabalho que puxa a gente.

REPORTER: É Justo?

Não sei se é justo, sei que é um meio de vida que a gente tem que se submeter. Você acha que é justo uma série de coisas que acontecem no nosso país hoje? Em 1978? E porque você aceita tudo isso? Porque você é obrigado a aceitar, não é?

Juraci, cozinheiro do Lloyd, queria que 1º de maio fosse um dia alegre mas não é: Dá até vergonha confessar a profissão.

FOTO DE CAMILA BUTCHER

Guardas reclamam: falta apoio até da Prefeitura

Antônio Pires Andrade, guarda. Carteira assinada. Faz policiamento na Praça da República, São Paulo. Jamilton Ferreira Sena, 25 anos. Os dois trabalham de 7 horas da manhã às 7 da noite. Gostam da profissão, mas se queixam da falta de instruções, de desamparo.

A gente não tem apoio de firma nenhuma nem da pópria Prefeitura. Quase nenhum de nós recebe uma orientação para o serviço que vai fazer. Jogam tudo na nossa mão, mas não explicam o que é pra fazer. Tem turmas que são comandadas por um capitão, tenente, coronel. mas essa não tá com nada. Nem é que seja muito difícil o serviço. A ordem é não deixar botarem os pés nos bancos, não sentar nas grades nem ficar em cima das pontes: podem se machucar e cair. Os mais civilizados não dão trabalho. Mas aqui tem muito malandro. O jeito é a gente ficar amigo deles pra ficar numa boa. Hoje mesmo fomos chamar uma ambulância pra uma senhora que passava mal. Um vagabundo de óculos escuros ficou implicando, dando regras. Depois subiu em cima do banco pra chatear. E eles todos são muito unidos. Nós somos poucos. Eu mesmo (Antônio) não gosto de usar de violência.

O salário é muito, muito pouco. Uma micharia: Cr$ 1.400. E tem de dar hora extra, não tem folga pra almoço. Foga, só aos domingos. Nem nos feriados tem folga.

Não ensinam a gente nem como manejar uma arma. E se os malandros pegam a gente? Não ensinam defesa pessoal. Os trombadinhas têm que ser levados em banho-maria. Se não, a gente é quem dança. E tudo isso pra passar apertado.

O custo de vida tá assim, o salário baixo porque o Governo não pode mesmo sustentar todo mundo. Tem muito vagabundo por aí. Aí diminui o dinheiro dos homens de bem. Já pensou sustentar esses vagabundos todos? O governo devia fazer um cercado na Amazônia e mandar para lá todos os vagabundos que existem no Brasil, principalmente os trombadinhas.

Luiz Augusto de Souza é guarda de trânsito há 7 anos e tem 42. Ganha salário mínimo na carteira, mas tem ajuda de custo pelo tempo de serviço, auxílio para moradia e família. Faz hora extra e não ganha nada. Mora em Jacarepaguá e tem 7 filhos, dois já trabalhando. O dinheiro, naturalmente, não sobra no fim do mês. Trabalha na esquina da rua Jardim Botânico, com a rua Pacheco Leão.

Sabe moça, é que o material humano hoje, está muito escasso, por causa do salário, que é muito baixo. Se pudesse ganhar bem, todo mundo ganharia. Imagina que uma professora ganha tanto como um polícia e um tem estudo e o outro não. A balança está muito descontrolada.

REPÓRTER — O que é o Dia do Trabalho para o senhor?

Eu acho que é um respeito ao trabalhador.

REPÓRTER — E vocês têm sindicato?

Existem associações para sargentos e sub-tenentes e daí prá cima. Soldado não tem sindicato. Acho que o governo ajuda o trabalhador através do sindicato, não é? Mas esses sindicatos oscilam muito. É como o advogado que vai prá defender e acaba condenando.

O exemplo da felicidade! Sente-se importante por aquilo que faz, diz que vive apertado, mas não reclama das horas extras que faz de graça, sente-se totalmente protegido e protetor ao mesmo tempo. Cabo da Polícia Militar, à disposição do 1º Tribunal do Júri, onde é responsável pela segurança, Cícero Nóbrega Salles, 49 anos, pernambucano, vive com a mulher, três filhos e a mãe, no Engenho de Dentro.

Você gosta do que faz?

"Adoro! parece que nasci para isso."

Ele recebe Cr$ 4 mil 392 por mês, trabalha no 1º Tribunal há 12 anos e tem 30 de tempo de serviço na PM, onde só recebe o salário e tem a assistência médica que precisar.

"Já passei até 72 horas sem ir em casa. Constantemente saio daqui três ou quatro horas da manhã."

Dá prá viver bem com salário? Já foi melhor anteriormente?

"O dinheiro dá pra me manter apertado até o fim do mês. Isso **varia**. Tem mês que você passa bem, outro fica mais duro. É sempre a mesma coisa, nem apertado nem folgado demais. Eu queria ganhar mais prá dar mais conforto à família mas está bom assim mesmo."

E o 1º de maio, é importante prá você?

"É um dia como outro qualquer. O militar, se acontecer de estar de folga, está, se não é um dia comum de serviço. Eu mantenho a ordem e dou segurança à sociedade. Desde que estou cooperando com ela, ela coopera comigo. E tem mais: Dou segurança ao plenário e aos jurados. Quando acaba o julgamento eu os acompanho até sua residência no carro do Tribunal, depois vou para casa de carro também."

Marítimo acha que sindicato só favorece patrões

Flávio Maquinista.

REPORTER: O que você acha do sindicato?

Pura bobagem ele nunca fez nada por mim.

REPORTER: Você sustenta alguém?

Não, por enquanto não, mas daqui a pouco vou sustentar minha mulher. Sabe, eu estou noivo, pra casar, e aí vou ter até que largar a profissão no mar.

REPORTER: Por que?

Porque aí tem o Ricardão...

REPORTER: Quem é o Ricardão?

O moça, você não sabe quem é o Ricardão? É aquele cara que toma conta da casa da gente enquanto a gente está viajando...

Entra outro na conversa.

Olha, vou te dar um conselho: apaga tudo que você escreveu desse cara. Ele é louco. Está aqui pra ir no psiquiatra, tudo que ele disse é loucura da cabeça dele, ele nunca trabalhou aqui.

REPORTER: E o senhor o que faz aqui?

Sou maquinista.

REPORTER: Quanto ganha?

Cr$ 3.182,00

REPORTER: Você acha suficiente esse salário?

Acho pouquíssimo.

REPORTER: Quanto gostaria de ganhar?

Em se falando de dinheiro, quanto mais melhor.

REPORTER: E o sindicato?

Faço parte, mas eu tenho até medo de ficar doente porque eles descontam 20% do vencimento. Eu fiquei doente, um negócio tipo úlcera, não fui no médico do instituto, fui num outro e ele me mandou comprar um remédio que custa Cr$376,00. Eu, graças a Deus, posso comprar, mas você já imaginou quem não pode?

REPORTER: O que você pensa do 1º de Maio?

É o dia que vem as melhorias, devia ser um dia feliz para o trabalhador, mas, ao invés disso, é um dia de tristeza. É isso aí, pode escrever, é um dia de tristeza. Eu queria ver nesse dia os trablahadores vibrarem, mas não dá pra ninguém vibrar não. eu trabalho nisso há treze anos e posso te dizer que nós somos o trabalhador desconhecido. Enquanto a gente viaja, acontece muita coisa e a gente não fica sabendo de nada. Nós somos sofridos. A gente tinha que ter direitos só pelo sofrimento que a gente passa.

Olha, eu tenho vergonha de dizer que sou marítimo brasileiro. Eu não tenho estudo, viu, só tenho primário mas é que a gente viaja e vê o nível dos outros marítimos. E então a gente percebe a realidade que a gente vive. É triste. O patrão divide a gente por classes. Dentro do navio são cinco ou seis classes e aí divide tudo né, até os sindicatos. Agora com os oficiais é outra conversa. Eles têm 25% a mais, e eles não não fazem nada, ou quase nada. Ou melhor: o trabalho deles é apertar a gente.

REPORTER: E sobre o sindicato?

Sou sindicalizado, mas a gente precisa é de formar um órgão, uma unidade que realmente beneficiasse a gente, porque esse órgão do sindicato foi formado pra favorecer o patrão e não o associado. Sabe, isso que eu estou falando, são coisas ocultas, que a gente fala quando se está em desespero. O caso não é pichar o governo mas fazer críticas construtivas. Agora, chega de falar de coisas sérias, vamos falar de novela? Olha eu estou adorando o Astro... Ei põe meu nome aí! é Juraci.

Um oficial de máquinas.

REPORTER: Quando ganha?

Cr$ 15.000,00

REPORTER: Isso é suficiente para sua vida?

Acho muito bom.

REPORTER: Você é sindicalizado?

Sou. Eu quase não faço uso dele , do sindicato, mas acho que está tudo legal.

Um estagiário.

REPORTER: O que você faz dentro do navio?

Sou praticante, assim tipo estagiário.

REPORTER: Então você trabalha de graça?

Que isso minha filha, de graça nem meu relógio. Ganho Cr$ 5.090.

REPORTER: É suficiente esse salário?

Não eu acho isso muito pouco. Queria ganhar Cr$ 7 mil ou Cr$ 8 mil.

REPORTER: Você faz parte do sindicato?

Eu não pretendo me sindicalizar.

Vendedora se recusa a usar marido cego para pedir esmolas.

Adilson tem medo de fazer críticas. Raimundo confia no futuro.

«FALA O TRABALHADOR»

FOTOS DE MAURÍCIO LEITE

"Se o governo protegesse trabalhador, não tinha tanta miséria."

Eletricista lamenta "falta de diálogo"

Quase meio-dia de uma segunda-feira, Adilson Barros de Souza, 31 anos, passa sua hora de almoço lendo um jornal, na parte de esportes. Ele improvisou uma cama, cômoda dentro das possibilidades. Em uma espécie de barraca feito com uma lona suja, mistura-se com os apetrechos que utiliza na colocação de uma rede subterrânea da Light. A marmita trazida de casa com arroz, feijão e angu já tinha sido devorada: "carne é difícil, nê? Leite a gente tem em casa até o dia 20 mais ou menos."

Adilson mora com a mulher e dois filhos em São Gonçalo: "Eu trabalho 8 horas normalmente e, se houver algum problema fico até a companhia liberar."

Meio desconfiado, sempre segurando o jornal que estava lendo, Adilson quer saber para que a gente está fazendo esta pesquisa: "Olha, eu tenho dois filhinhos prá criar. Não vá mudar o que eu disse."

O que você pensa sobre o dia do Trabalho? É importante, tem um significado especial prá você?

"Esse dia foi criado para a confraternização das classes, mas normalmente todos passam assim, sem nenhuma movimentação..."

Você acha que o governo tem ajudado o trabalhador?

"É, a vida tá difícil. O mercado de trabalho no Brasil é escasso e pelo que sei fazer está ótimo. Se eu sair da Light sei que não arranjo outro emprego. Quem sou eu para fazer críticas? Sei que não há diálogo."

Feirante não tem mais dinheiro pro sustento

No colorido das feiras, um movimento diferente nas esquinas: os carrinhos remendados esperam as freguesas que passam, olham e perguntam o preço. Os meninos sempre riem: pra eles a feira é todo dia, uns até trabalham para fugir do estudo.

REPORTER: Quanto você ganha?

Cr$100 por dia.

REPORTER: Isso é suficiente?

Não, é pouco.

REPORTER: Você sustenta alguém?

Ajudo minha mãe a criar três irmãos meus.

REPORTER: O que você acha do 1° de Maio?

Nada.

REPORTER: Você acha que o governo protege o trabalhador?

Acho que sim.

A vendedora de saco de farinha:

REPORTER: O que você faz aqui na feira?

Vendo saco de farinha, aquele que a madame usa pra limpar o chão.

REPORTER: Quanto você ganha?

Uns Cr$50 por dia. Eu trabalho na feira de terça a domingo. Meu marido também trabalha aqui. Ele é cego e fica vendendo limão.

REPORTER: Esse dinheiro é suficiente?

Não, esse dinheiro não dá pra nada. Eu tenho duas filhas, eu gastei com uma, só de roupa pro colégio, quatrocentos cruzeiros. A outra arrumou um emprego no banco pra servir café e aí ajuda um pouco a gente. Eu boto a mão pra cima quando lembro que meu marido ainda tem a pensão do instituto, que são 800 e pouco cruzeiros. Mas hoje a gente não ganha nada pra sustentar a vida.

REPORTER: Quanto a senhora acha que deveria ganhar?

Pelo menos, Cr$2 mil. Mas eu sei que não adianta reclamar, porque o que os homens dão é só isso aí mesmo.

REPORTER: O que significa para você o dia do trabalhador?

Acho importante porque é o nosso dia. Sabe, tem muita gente que diz que é pra eu aproveitar que meu marido é cego e começar a pedir esmolas. Mas eu não consigo usar dele assim e, depois, eu sou do interior e aprendi que o nosso pão deve ser ganho com nosso suor.

REPORTER: Você acha que o governo protege o trabalhador?

Acho que não, senão não teria tanta gente pedindo esmola por aí.

O vendedor de Sardinha:

REPORTER: Quanto o senhor ganha aqui na feira?

Olha eu vendo sardinha de terça a domingo e só consigo tirar Cr$ 3.500

Garçom espera que Brasil seja país de "seguro cívico"

Raimundo, garçon de um restaurante em Copacabana há cinco anos. Tem carteira assinada

REPORTER: O que você acha do salário hoje?

Eu acho que o salário não resolve nada.

REPORTER Quanto ganha, pela carteira?

Eu sou assalariado. Na carteira eu tenho salário mínimo, mas o garçon realmente não vive de salário.

REPORTER: Quanto ganha por fora?

Numa casa como essa, que é uma casa muito boa, ganho uma base de Cr$ 6 mil. Às vezes sete, oito mil cruzeiros. E mesmo assim eu vivo muito apertado, com sacrifício. E olha que minha família não é grande. Sou casado, dois filhos, uma está casada e o rapaz mora comigo. E no fim, ele me ajuda. Sou eu, a patroa, ele, e pago um aluguel que não é caro. O aluguel é Cr$ 500. É aluguel de 24 anos atrás, em Olaria.

REPORTER: Faz hora extra?

Não, não faço. Não precisa, porque nosso horário é intercalado. Nós trabalhamos em dois turnos. Entramos às 12 e saímos às 15 horas. Descansamos até às 19 horas depois vai do jantar até uma da manhã.

REPORTER: Já viveu melhor com o salário?

Agora vivendo com mais sacrifício, a gente tem mais conforto. O país tá desenvolvendo, então eu acho que essa dificuldade que a gente tem acarreta referente o desenvolvimento do país. Antigamente, a gente não tinha o conforto que a gente tem hoje. Embora o dinheiro valesse mais. Hoje você ganha o triplo ou mais e vale o triplo menos. Então, é essa a razão que deixa a gente descontrolado.

REPORTER: O que é o dia 1° de Maio pra você?

Sempre achei um dia bacana demais. Porque é um dia que é comemorado o Dia do Trabalho, embora eu trabalhe nesse dia e muito. Na nossa profissão, a gente tem que gostar é desses dias que a gente ganha mais. É o dia das mães, 1° de Maio, que acarretam nosso orçamento melhor.

REPORTER: O governo protege o trabalhador?

Mais tarde eu acho que a gente vai estar protegido. Ele não pode fazer tudo ao mesmo tempo. Antigamente não tinha PIS, PASEP, FUNRURAL, não tinha tudo isso. Ele tá procurando por esse meio dar segurança ao trabalhador. Não pode ser de um dia pro outro. Eu acredito que mais tarde o Brasil será um país de seguro cívico.

Na multinacional japonesa, um-dois, um-dois, um-dois. É a ginástica militar. Outra multinacional defende a greve.

Operários têm que fazer ginástica antes de trabalhar

Operários de uma multinacional de capital japones, com sede em Campo Grande (zona rural do Rio), são obrigados a fazer ginástica todos os dias antes da jornada de trabalho, recebendo ordem unida militar, dada por exsargentos do Exército.

O fato foi contado a um grupo de repórteres, durante visita a fábrica

O assunto é complexo, pois envolve um trabalho duro em calderaria, que exige muita atenção do operário.

"Apenas imitamos o que as Forças Armadas e as organizações militares fazem há milhares de anos com excelentes resultados", afirmou o diretor da fábrica

A obrigatoriedade da prática de exercício físicos antes do expediente (e sem remuneração) é escondida pela empresa na seguinte filosofia: "a ginástica é opcional entre aspas e obrigatória também entre aspas", isto é, os operários são induzidos, através de pressão, a praticá-la. Quem faz ginástica tem direito a uma média e um pão com manteiga,

O recrutamento do pessoal da fábrica é feito nos quartéis da Vila Militar, em Deodoro. Não ficou esclarecido se existe algum acordo neste sentido, mas parece que a seleção dos operários é feita na base da influência mesmo, escolhendo-se para operários os soldados que dão baixa.

Segundo o diretor, os soldados já vêm mais disciplinados, com conhecimento de hierarquia e uma de suas primeiras aprendizagens é o regulamento da empresa. Eles têm que praticar ginástica "porque senão ficam mal perante os colegas, perdem conceito junto aos chefes a para nós é ótimo o sistema porque permite descobrir com maior rapidez problemas de produção,

Foi o psicólogo Francisco Coelho que introduziu na Ishikawajima este sistema de seleção e recrutamento de pessoal. Outros detalhes interessantes: nos primeiros meses de trabalho, enquanto são "treinados", os operários ganham o salário mínimo, mas não é a multinacional que paga e sim o Departamento Nacional de Mão de Obra, do Ministério do Trabalho.

Apesar da forte vigilância na fábrica, feita por uma equipe especial de segurança, um operário não se queixou muito de ter que fazer ginástica. Também pudera, ele trabalhou em outra fábrica onde os operários tinham que cantar o Hino Nacional todo dia de manhã.

CARLOS JOAO

Salva-vidas gosta é de maré-mansa

REPÓRTER: Quanto você ganha?

Cr$2.109.

REPÓRTER: Isso é suficiente para você?

Não, eu acho que é pouco. Para o que a gente faz é pouco. Tá certo que quando o mar tá manso a gente não faz muita coisa, mas também quando o mar está bravo a gente arrisca a própria vida.

REPÓRTER: Você sustenta alguém?

Sustento, uma filha. Mas eu tenho outros empregos. Trabalho em piscina particular e também pesco. Pesco lá onde eu moro em Barra de Guaratiba. Aliás eu quero trabalhar lá na Barra justamente porque é mais perto de onde eu moro e os dias de trabalho também são melhores.

REPÓRTER: Você tem carteira assinada?

Tenho, pela Secretaria de Segurança Pública.

REPÓRTER: O que você acha do 1º de Maio?

Acho um dia bacana, um dia que todo mundo feteja.

REPÓRTER: Você acha que o governo protege o trabalhador?

Protege.

REPÓRTER: Quantas horas você trabalha?

De seis às seis

REPÓRTER: Quanto você gostaria de ganhar?

Cr$5 mil, olha eu estou indo lá pro posto, lá você conversa com um amigo meu que está há mais tempo no serviço e pode te dar maiores explicações. Eu sou novo nesse posto.

REPÓRTER: Você poderia me dar uma entrevista?

Nós somos proibidos de dar entrevistas, você tem que pedir autorização lá no posto encarregado.....

Censor não fala

Fomos à procura de um censor e conseguimos falar com o dr. Augusto da Costa (que foi muito gentil), chefe da Censura de Diversões Públicas do Rio de Janeiro. Pediu que fôssemos ao dr. Clarício, chefe da Comunicação Social. O dr. Clarício disse que não podia falr como censor e sugeriu ao dr. Augusto que respondesse o questionário por escrito. Ele concordou. Dois dias mais tarde, voltamos para pegar as respostas. Dr. Augusto não estava, mas deixou um recado: o questionário foi submetido à Superintendência Regional da Censura Federal, que negou a permissão.

Alto funcionário de uma das maiores multinacionais do Brasil afirmou que no máximo até o ano que vem os operários terão direito de greve. E ele não vê a hora de chegar esse dia: "Estamos sentados em cima de uma panela de pressão, nós os empresários. Sabemos muito bem que a massa oprimida radicaliza: quanto antes houver direito de greve, melhor pra nós."

A empresa dele, porém, está se preparando muito para esse dia, sabedora de que quando operários e patrões se sentarem na mesa de negociações haverá "radicalização de parte a parte". Por isso, a empresa está "treinando" há 3 anos, um grupo de operários cuja tarefa será servir de intermediários entre empregados e patrões.

Duas professoras vivem bem mas sabem que a classe vai mal

Moradora da zona sul carioca, casada com um profissional liberal, dois filhos, Coordenadora Pedagógica em duas escolas particulares, uma na Tijuca e outra em Laranjeiras, a "especialista em educação" não quis se identificar "porque o cargo é muito visado. É... é medo mesmo." Mas se prontificou a responder o que a gente queria e falou muito mais.

Em uma escola, ela orienta 16 ou 17 professores que dão aula a 290 alunos da 5ª a 8ª séries e na outra, 70 professores do 1º e 2º grau, com 1600 alunos. Os salários são parecidos. Na primeira, ganha por volta de Cr$2.900, trabalhando 15 horas semanalmente. Nas outra, trabalha 10hs e recebe mais ou menos Cr$2 mil 800.

"Você vai dizer que reclamo de barriga cheia, já que não é este meu meio de subsistência, mas grito em nome de toda a classe. O salário é ridículo e é claro que o ensino tem que ser fraco, pois o professor tem que dar aula em diversos estabelecimentos, não tendo tempo de preparar aulas ou aplicar métodos que conhece, e seriam eficientes, mas não há condições".

O que é o Dia do Trabalho prá você?

"É uma piada. O único dia que, se não cair no sábado e domingo, ganho sem trabalhar. Em se tratando de professor, isto é estupidificante. Se a gente diluir este dia por todos os outros em que se trabalha, em casa, se ainda conseguir rir, é de hiena".

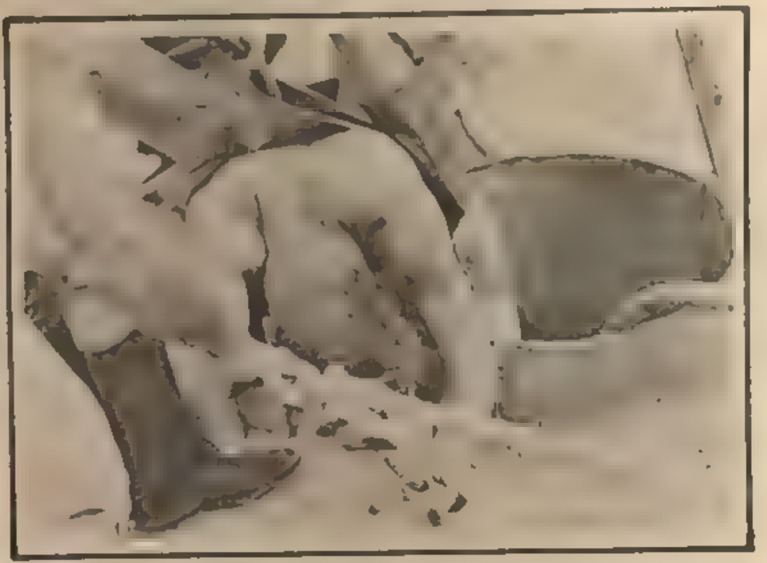
Maria José Favaran tem 24 anos, é professora de 2.º grau, dá 24 aulas por semana, ganha Cr$9 mil por mês.

O que ganho dá pra viver mas devo considerar que vivo só, sem família e o preço da aula na escola onde leciono, particular, é bastante superior ao que paga o Estado e a maioria das escolas particulares. A maioria dos professores precisa trabalhar no mínimo dois períodos para ter um rendimento razoável, suficiente par morar, comer e vestir.

A CLT surge a partir de iniciativa governamental e portanto protege seus interesses e os daqueles que, da uma forma ou outra são realmente acobertados pelo governo. Os sindicatos são os panos quentes entre os trabalhadores e os patrões. Quando o trabalhador vai procurá-los, ou é dissuadido de suas intenções, ou enganado, ou amedrontadó. O bom seria que os sindicatos não tivessem representantes dos patrões, fossem dirigidos pelos trabalhadores.

Depoimentos do "Fala o Trabalhador" a Clarice Niskier, Clodoaldo Lobo, Lula Feijó, Ronaldo Herdy, Ruth Martins, Tan Costa, Rachel Moreno, Tania Celidonio.

FOTOS DE JESUS CARLOS



MANUEL BISPO SAIU DE ALAGOAS PARA SÃO PAULO PENSANDO ENCONTRAR TRABALHO E BOM SALÁRIO. FOI PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL E LOGO ESTAVA TRABALHANDO NA COMPANHIA ESTACAS FRANKI. SUA MULHER ESPERAVA UM FILHO.

NUMA TARDE DE JUNHO ELE FOI SOTERRADO POR 10 TONELADAS DE CONCRETO E SÓ FOI RETIRADO 24HS DEPOIS POR SEUS COLEGAS. A EMPRESA DISSE QUE HOUVE UMA FALHA DA ENGENHARIA DE SOLO.

BRASÍLIA, URGENTE

LEITORES

A censura não tem caráter

"Tenho neste canto do Brasil, onde a injustiça não é menor, onde o homem vive no **rat race** pelo ouro, lido o **REPORTER**. Bravo pela linha editorial, pelas matérias quentes e cheias de verdade.

Nest'ora que tanta gente se "acadela," se acovarda, há mister que meia dúzia de pai d'éguas se levante e diga a verdade, mostre-na ao povão, esse mesmo que nunca leu João Antônio, nem Pirolli, nem Louzeiro, mas que sofre na pele os dramas, os anseios e opressões de todos os sistemas.

Muito boa a reportagem sobre 68, marco histórico da luta estudantil contra a opressão, o amordaçamento. Só o tempo, como ocorre sempre, saberá colocar a Revolta civil-estudantil de 1968 como uma das grandes marchas brasileiras contra a oligarquia opressora! Desgraçadamente, os muitos covardes desta pocilga política, não aceitam aquele movimento como uma das mais belas-trágicas páginas da vida pública brasileira. E, se a não aceitam, é porque os estudantes, até hoje, os fatos no-lo-provam, foram tratados como "cachorros." Só lhes resta (aos estudantes) estudar para aburguesarem-se depois do diploma (sinônimo de desemprego, amiúde). Parabéns pela matéria sobre a prostituta, a santa de São Paulo. Digo como o pe. Franz Kinz, que conheci no sertão do Ceará entre santas mulheres **que vendiam sua carne seca para comprar a outra, a de boi, muito mais cara.** Ser prostituta no Brasil, antes de ser nódoa, é reflexo do mundo cão em que vivem milhares de mulheres.

Lamentei que o Vandré tenha se acovardado frente à realidade nacional e concluo com o Vandré de outrora: **Vem, vamos embora/que esperar não é saber/quem sabe faz a hora/Não espera acontecer.**

Sejam felizes, amigos! Que a censura, essa madame sem nenhum caráter, não lhes incomode a vida!

Sou colecionador de nanicos; recebo muitos jornais estrangeiros; escrevo para vários jornais do Paraná e RS, gostaria, pois de corresponder-me com gente de todo o Brasil, trocar jornais, livros. Acho que a turma que lê o **REPORTER** deve ser altamente interessada em tudo que se relacione ao nosso índio, aos dramas dos nossos operários.

Oxalá o **REPORTER** continue destemido, voraz, cheio de Brasil. **(Jorge Baleeiro de Lacerda, Francisco Beltrão, PR)**

O nº 4 ajudou o leitor a falar

"É incrível a nossa fraqueza e o hábito de transferir as responsabilidades para outros.

É a atitude passiva mais comum à maioria dos leitores. Achar que os jornais devem dizer e zangar quando não dizem, principalmente sem se expor. E, assim, venho me safando há um bom tempo. Entretanto, não sei o que me deu diante do número 4 do REPORTER, que resolvi escrever para dizer também algumas coisas.

Gostei de ver vocês fazerem um jornal preocupados com a nossa realidade e não em ter uma boa equipe de jornalistas. Ou seja, se me pareceu que vocês estão muito preocupados em mostrar como nasceu esse monstro, filho gerado do capitalismo (mas que ele tenta negar), chamado nazi-fascismo. Como eu dizia, me parece que vocês estão mais preocupados em mostrar o que e quem tortura, oprime, toma terra, violenta, mata, censura. Vejo vocês comprometidos com a minha liberdade. É bom não estar só.

Quando tem gente com medo de falar de 1968 (como vocês mostraram), vocês falam de hoje. De Sérgio Paranhos Fleury e o cancro que ele e a Polícia desse estado de coisas representa para a sociedade humana. Didática a seqüência dos fatos de 68. Dá uma compreensão do todo de um momento que vivenciamos parte." (João Campello Neto, Rio de Janeiro).

Ressuscita, Vandré!

"Preparei meu coração pras coisas que "ele" ia contar

Mas ele diz que está morto, ausente, que ainda é Geraldo mas que não é mais Vandreé

Será? Será mesmo verdade? Não. Não foi bem isso que percebi. As fotos e as suas palavras impressas no REPORTER desmentiram tudo.

Dez, vinte, trinta anos acumulados serão, ainda, insuficientes para apagar a sua imagem e o tudo que fez em nome de uma época e situação do homem brasileiro

E por que isso? Por que ele é um mito? Por que é um ídolo?

Não. Para alguns mais fanáticos talvez obtenha-se o sim mas para mim, não. Geraldo Pedrosa de Araújo - Dias Vandré é simplesmente um homem. Um homem consciente que, entre as cordas vocais e as do seu violão — ferramenta de expressão de seu trabalho — fez ecoar o sêmen para uma condição melhor do ser humano. Este sêmen, tenho certeza, está ainda por ser melhor cultivado: é que faltam-lhe ferramentas apropriadas, faltam-lhe novas cordas, novos violões ou até mesmo o ressuscitar do Vandré que insiste em se considerar morto. Por isso, quando ele diz que está morto é difícil de acreditar. Não acredito. Não acredito e em revide, respondo-lhe

— Isso que você disse, Vandré, foi muito. Foi muito e por hoje basta. Até amanhã

(Antônio Luís Lauriello Filho, São Paulo)

Emprego ruim explora boa-fé

Venho por meio desta denunciar um fato que vem ocorrendo nos últimos meses em nossa cidade maravilhosa. Uma série de firmas, com rótulo de firmas comerciais ou industriais, vem oferecendo empregos com as seguintes vantagens: "Universitários para coordenador (não explica coordenar o quê), meio expediente, turnos manhã, tarde e noite, escritório na Zona Sul, Centro ou Norte, a critério dos candidatos, e outras milongas mais."

Mas logo vem o detalhe mais importante. Para que o indivíduo faça parte deste Eldorado (as somas oferecidas para "elementos inexperientes" variam de Cr$6 mil, no período de estágio, de dois meses, a Cr$10 mil, quando o elemento passa a coordenador) é preciso que o candidato recrute elementos para uma "Associação Nacional de Comércio e Indústria." Para associar-se a esta entidade é preciso comprar carnês do tipo Sílvio Santos, com direito a serviço médico hospitalar, seguro de vida, etc., etc. O preço deste carnê varia de Cr$1 mil 200 a Cr$2 mil. O dinheiro arrecadado pela venda é para manutenção da dita associação, isto é, impressões de malas diretas, com fotografias a cores e outros bichos mais.

Sendo o *Repórter* um jornal de denúncia, achei por bem que o mesmo tomasse conhecimento desta deprimência que vem assolando nossa cidade maravilhosa, explorando a boa fé de jovens, que no dia a dia cada vez mais conflitante, procuram meios descentes para lutar pelas suas sobrevivências. Espero não ter batido em porta errada. *(Bonifácio Mattos, Rio de Janeiro, RJ)*

De Paris, o banido

"Chegou-me às mãos uma carta assinada pelo Sr. Márcio Moreira Alves, dirigida ao jornalista Carlos Castello Branco, o qual publicou grande parte em sua coluna no **Jornal do Brasil** de 7 de março. O autor da carta toma a liberdade de citar meu nome como exemplo de um banido que teria se recusado a deixar o país juntamente com Gregório Bezerra e Madre Maurina Borges da Silveira.

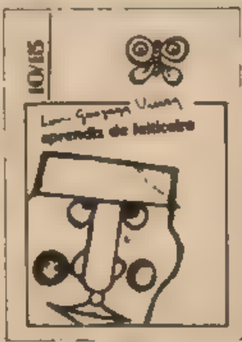
A razão pela qual escrevo esta carta não é apenas a necessidade de desmentir formalmente o ex-deputado Márcio Moreira Alves no que me diz respeito. Este último abusa da realidade, quando diz que meu caso é um dos que ele pôde pessoalmente comprovar. Jamais expressei tal opinião, tal recusa, nem ao senhor Márcio Moreira Alves, nem ao DOPS, onde estive preso na ocasião, nem a quem quer que seja. E nem mesmo ao jornal **O Globo**, que intitulou, a 6 de setembro de 1969: "Dois não querem ir — Ricardo e Maria Augusta."

Mas isto não é o mais importante, ainda que, para mim, este registro o seja. O que me parece mais absurdo é o seguinte trecho da carta do ex-deputado: proibi-los (aos banidos) de invocar a nacionalidade brasileira e voltar ao país é aceitar como definitiva e legal a decisão dos grupos armados, que o próprio governo considera como fora da lei, que os elegeram como moeda de troca pela liberdade dos embaixadores seqüestrados.

O que se pode concluir é que, segundo o sr. Márcio Moreira Alves, o banimento seria um ato de decisão dos "grupos armados fora da lei" e não das autoridades que nos governam há 14 anos, desprezando as regras mais elementares da democracia

O que realmente conta hoje é, isto sim, defender uma anistia ampla e irrestrita **(Ricardo Villas Boas de Sá Rego, banido a 6 de setembro de 1969, Paris)**

Vamos parar com essa mania de só ler autor consagrado?



APRENDIZ DE FEITICEIRO
Luís Gonzaga Vieira

O autor, reconhecido como um dos mais importantes de sua geração, tem oito livros de ficção escritos e apenas este publicado. Ao invés de comprar outro best-seller, compre APRENDIZ DE FEITICEIRO (314 pp.) e ajude mais um escritor brasileiro a enfrentar com dignidade a luta pelo direito de ser editado, divulgado e lido

Pedidos ao autor, Luís Gonzaga Vieira, rua Anchieta, 19/401, Leme, Rio de Janeiro, RJ, por vale postal ou ordem de pagamento ao Banco Nacional (Agência Princesa Isabel), no valor de Cr$ 25,00.

ZOVOS
Sebastião Nunes

Quarto livro de um poeta que insiste em remar contra a corrente Intrigante, provocante, irônico, ZOVOS mistura texto, fotografia e desenho, buscando atingir a gema de nossa miséria sócio/cultural. Uma poesia de crise/crítica feita para ser vista num país onde ninguém lê poesia.

sebastião nunes
ZOVOS

Pedidos ao autor, Sebastião Geraldo Nunes, rua Cândido Mendes, 263/302 Glória, Rio de Janeiro, RJ, por vale postal ou ordem de pagamento ao Banco Itaú (Agência 380, Glória), no valor de Cr$ 25,00.

"Talvez vocês já tenham ouvido falar de nós, mas pode ser que não. E preciso, então, dizer que somos dois escritores brasileiros que buscam furar o trágico e obsceno bloqueio imposto pelas grandes editoras e pela sede de [illegible] dos empresários [illegible] deste país

A solução que encontramos foi esta: criar um anúncio, vendendo nossos livros e pedir a todos os jornais e revistas não comprometidos com o sistema que nos ajudem, publicando. Não podemos pagar, pelo menos por enquanto. Se o anúncio der certo, abriremos caminho a dezenas de outros bons e autênticos escritores desconhecidos.

Se não der, será uma pena, mas teremos cumprido nossa obrigação de lutar pela dignidade do escritor desta terra. **(Luiz Gonzaga Vieira e Sebastião Geraldo Nunes, Rio de Janeiro, RJ).**

JORNAL O VALE

"Viemos por meio desta comunicá-lo que na página 10 de **O Vale** publicamos assunto copilado do **REPORTER**. Cumprimentamos pela ótima apresentação do Jornal e nos colocamos a seu inteiro dispor." (**Rogério Antônio Santos, V., SC**)

em quem você votaria prá presidente do Brasil !

Quem não o conhece, não pode deixar de conhecê lo. Trata-se do jornal independente que tem o nome bem sugestivo:'REPORTER. Editado em off-set no Rio de Janeiro, elabora por uma estirpe de alta linhagem do jornalismo brasileiro. Integrante do Comitê da Imprensa Independente, tem trabalhado muito para a divulgação dos direitos e da liberdade de imprensa

Neste seu terceiro número, traz uma amostragem do pensamento do "povão", num dia de festa : Vasco x Flamengo.

Começaram perguntando: 'Em quem você votaria prá Presidente do Brasil ?

As respostas foram as mais variadas possível: Um amontoado de besteiras e outro tanto de coisas sérias. Uma coisa deixou claro: Se espremer a reportagem não dá "dois por cento" de tese política. Mas, valeu o intento. Abaixo publicamos o resultado da pesquisa, que em resumo mostrou que a maioria das pessoas absteve-se de voltar, muitas delas deram votos de oposição ao atual regime político, e outras apoiaram o governo militar.

Em quem você votaria pra presidente do Brasil?

Na votação que o Reporter promoveu antes do jogo Vasco e Flamengo, cerca de 300 pessoas foram ouvidas. Para efeito de contagem e avaliação, as respostas foram agrupadas de acordo com o seu sentido político.

A votação mostra basicamente três atitudes: 1.° — Não entendo de política, não quero me meter nisso, não quero votar; 2.° — Apóio o atual regime político do país (votos dados a Figueiredo, Geisel, militares, etc.); 3.° — Quero que o regime político do país seja mais democrático (votos dados a Magalhães, recusas a dar voto "porque não existe ninguém", votos pra Dom Helder Câmara, etc.).

Agrupando os vários tipos de votos nesses três grandes grupos, o resultado final seria o seguinte:

Votos contra o regime — 80

Votos pró-regime — 62

Abstenções — 95

Numa eleição direta, em quem você votaria pra presidente da República?

Tô por fora / tô desligado / não entendo isso / não me ligo nessa transação — 95
Figueiredo — 46 Magalhães Pinto — 45
Não tem ninguém / ninguém merece / tô desacostumado / que adianta se eles é que mandam — 24
Eu mesmo — 8 Pelé — 6
Sílvio Frota (ministro do Exército demitido pelo presidente Geisel em outubro de 77) — 5
Geisel — 5 Não quero / não posso opinar / nem sei quem está aí — 4
Francisco Horta — 4 Juscelino Kubitschek — 3
Só pode ser militar (é o que interessa) — 2 O que o presidente Médici indicou — 2
Jeremias Fontes (ex-governador do Estado do Rio) — 1
Desde que não seja militar, qualquer um — 1 Pra mim não deve ter ministro do Exército — 1
Brizola — 1 Marcos Tamoio ("não entendo nada de política") — 1
Carlos Chagas (o "eleitor" quis dizer Chagas Freitas) — 1 Qualquer um — 1
Um bom motorista ("manda o Juça ressuscitar") — 1
Deixo o expediente pra quem tá por dentro do metiê — 1 Dom Hélder Câmara — 1
Lazard de Carvalho (deputado estadual) — 1 Saturnino Braga (senador pelo MDB do Rio de Janeiro) — 1
Irapuã Costa Junior (deputado estadual) — 1 Um do MDB — 1
Severo Gomes (ex-ministro da Indústria e do Comércio do governo Geisel) — 1
Paulo Egydio (governador de São Paulo) — 1
Luis Carlos Prestes (secretário-geral do Partido Comunista Brasileiro) — 1
Roberto (jogador do Vasco) — 1 Vasco da Gama — 1
Marcio Braga (presidente do Flamengo) — 1
Paulo Brossard (senador pelo MDB do Rio Grande do Sul) — 1
Coutinho (técnico da seleção brasileira de futebol) — 1
Garrastazu Médici — 1 Eleições diretas — 1
Diomedes Gonzaga (deputado estadual) — 1 Fidel Castro ("eu falei sério mesmo") — 1

A intenção do REPORTER não foi fazer tese política

Livraria Corisco pede o jornal

"A livraria Corisco virou realidade. Já incomoda os bens sucedidos daqui. Temos recebido publicações (independentes) de todo o Brasil, mas o **REPORTER** ainda não pintou. O pessoal reclama e a gente tem que inventar uma desculpa qualquer. Se possível, mandem dizer se o jornal vai ou não pintar por aqui, certo? De nossa parte, continuamos dispostos a vender/divulgar o jornal aqui." **(Cineas Santos, Teresina, PI)**

Repórter vai pintar.

Mutirão sofre pressões da Polícia Federal

"O jornal **Mutirão**, órgão da imprensa alternativa do Ceará, vem comunicando através de ofícios, as pressões que sofre desde fevereiro do corrente ano, por parte da Polícia Federal

1. No dia 31 de janeiro do ano em curso foi enviado ofício à Diretoria da **Palma Publicações e Promoções Ltda.**, empresa responsável pela edição do jornal **Mutirão**, solicitando comparecimento à Superintendência Regional da Polícia Federal, a fim de tratar de assunto de seu interesse. Na ocasião do comparecimento foi lavrado termo de declarações Alegando a ilegalidade do jornal, o Delegado da Polícia Fazendária, João Antônio Desidério de Oliveira, interrogou os diretores sobre questões ligadas à distribuição do jornal, aos colaboradores e assinantes,

2. No dia 13 de fevereiro, através de ofício dirigido a um dos Diretores, Maria Célia de Araújo Guabiraba, solicitou, com brevidade: nomes e endereços de todos os assinantes do jornal; nomes e endereços de todos os colaboradores, nomes e endereços dos representantes no interior do Estado e em outras Capitais,

3. Considerando se melhante pedido sem respaldo legal e uma intromissão nos assuntos internos da empresa, a Diretoria da **Palma Publicações e Promoções Ltda.**, não atendeu à solicitação e providenciou através de sua Assessoria Jurídica, um Mandado de Segurança,

4. No dia 1º de março o mesmo Delegado remete Notificação dirigida a Silas José de Paula, que, também na qualidade de Diretor da empresa, deveria comparecer no dia 2 de março à Superintendência da Polícia Federal, ocasião em que foi instado a entregar as listas solicitadas anteriormente Acompanhado pelo Advogado, o mesmo comprometeu-se a enviar ofício negando as listas pedidas,

5. No dia 3 de março foi entregue ao Delegado ofício negando as referidas listas "por entendermos ser desprovida de qualquer embasamento legal" a solicitação feita,

6. No dia 10 de março mais um ofício, que caracteriza o jornal como clandestino e insiste nas mesmas exigências anteriores, intimando Silas José de Paula a comparecer para prestar novos esclarecimentos

Um poema para o Edson Luis

"Aí vai o poema que falei na quarta-feira. Custou, mas chegou. Foi feito em cima da matéria do Edson, no número 4 do REPORTER. A minha vontade era de ir aí, conhecer vocês e a redação. Mas já que não posso, no momento, envio o poema pelo menino da firma." (*Sônia Aguiar, Rio de Janeiro, RJ*)

SEM TÍTULO

Um dia, uma noite,
um ano
de agonia.

Um filho que é morto
por um polícia.

Várias mães que choram
com medo das camas
vazias.
Lá fora,
a bala passa rente.

Pastas, fichários, malas
passam à minha frente.

Patas, rifles, capacetes
desfilam no dia 7 de setembro.

Uma porrada que
estala
agacho,
mas não posso evitar o
sangue,
não estala mas mancha,
e fica mais forte
quando terminam num
velório
em que todos assoviam um
canto
baixo e triste.

sar/78

LEITORES

Uma pesquisa na Zona Norte do Rio

O leitor Rosenildo Ferreira resolveu fazer uma mini-pesquisa sobre o REPORTER em dois bairros da Zona Norte do Rio de Janeiro. Ei-la.

EM MADUREIRA

• UM JORNALEIRO

Qual a vendagem do REPORTER em Madureira?

Bem, esse último número saiu mais do que os outros, devido a algumas reportagens de destaque.

Por exemplo

Isso eu não sei. Sei que tem vendido bem aqui em minha banca. Da sociedade de Madureira, talvez quem mais vendeu fui eu.

Qual o tipo de pessoa que compra o REPORTER?

São as que gostam de política e a maioria é jovem.

• OUTRO JORNALEIRO

O que o senhor acha do Repórter?

É um jornal que chama muito a atenção, né. Fala muito de política e tem as manchetes jóias, que chamam mais a atenção do público.

Quem compra o jornal?

O pessoal jovem, na faixa de 18 a 30 anos.

• UM COMERCIARIO DE 26 ANOS

Qual sua opinião sobre o REPORTER?

E muito bom, né. Diz o que os outros não têm coragem de dizer. Retrata a vida do brasileiro. Pô, só vive tudo na miséria. Nego tenta disfarçar, mas não consegue. E ele mete o pau mesmo.

Qual o tipo de pessoa que você acha que compra o REPORTER?

Eu acho que todo tipo, sabe. Talvez não tenha ninguém satisfeito com a nossa nova política. Eu, por exemplo, comprei usse número dos estudantes porque não tive o prazer de participar de passeata. Então, estou participando através da leitura do jornal. Em 68, eu tinha 13 anos.

• UM BANCARIO DE 27 ANOS

O que você pôde observar no REPORTER?

O jornal me chamou a atenção muito profundamente. Prá mim, foi chocante. Mas eu gostaria de ler os números anteriores, pois esse foi o meu primeiro contato com o jornal. Deve ter coisa boa prá gente ler, reler e dizer alguma coisa a outros que não tiveram chance de ler.

• UMA SECRETARIA (E UNIVERSITARIA) DE 24 ANOS

O que o REPORTER transmite pra você?

Eu achei que, pelo menos, ele tá mostrando a verdade que a gente tá vendo aí nesse mundo. Ele tem a coragem de falar o que pensa. Nós, universitários, não podemos dizer o que pensamos. Eu, por exemplo, estudo Economia e se for falar tudo que penso, vou ser taxada de quê? Então, às vezes, é melhor você ficar calado, sabe.

NO MEIER

• UM ADVOGADO DE 35 ANOS

O que você acha do trabalho do REPORTER?

E válido, pois expressa a realidade brasileira

Em que sentido?

Político e Social. Na última edição, é apresentada uma reportagem sobre a mendicância, que, inclusive, termina num coito entre um mendigo e uma mendiga. Ali seria o extremo da sociedade brasileira, o miserável, o indigente. O que vocês mostram é uma realidade, é o que está acontecendo, não tenha dúvida nenhuma. Mostra, como no último número, uma repressão contra os estudantes, de um certo modo nociva. E uma realidade, é o que está existindo.

• UM DETETIVE DE 24 ANOS

O que você acha do REPORTER?

Eu acho legal. Tanto que eu tenho uma amiga que não viveu 1968 e através do trabalho de vocês está tomando conhecimento do que aconteceu. Quer dizer, fiz a cabeça dela. Na época, eu tinha 14 anos, estudava no Senac, e participei das passeatas.

Você tem vontade de participar de uma passeata?

Agora sou policial e não participaria. Mas sou a favor de qualquer jogada assim, legal. Prá classe operária, prá todo mundo.

• UM ESTUDANTE DE 20 ANOS

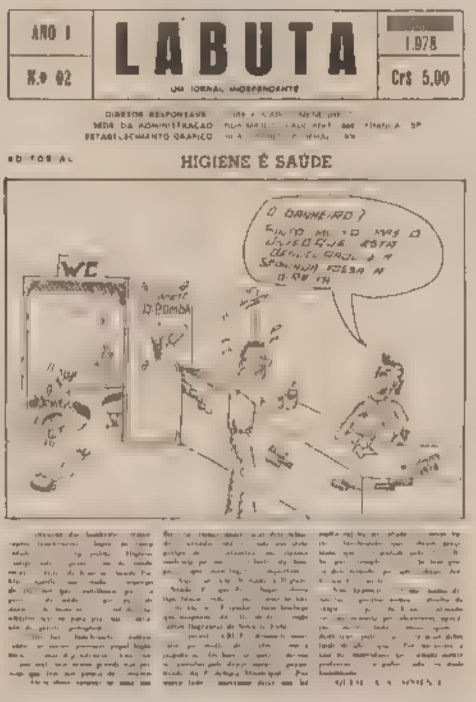
O que você acha que o REPORTER tenta mostrar?

As nossas dificuldades sociais. Tenta mostrar nossas dificuldades, de certa forma monetárias. A necessidade que o povo está passando dentro de um caráter econômico da nação.

• UMA COMERCIARIA DE 47 ANOS, COM SETE FILHOS

O que a senhora acha do REPORTER?

Eu acho um jornal formidável porque ele fala a verdade, choque ou não. Esse número sobre o sexo nas ruas, eu fiquei estarrecida com aquelas fotografias. Coisas que eu não entendia. Mas te digo uma coisa: é um jornal formidável porque eu gosto da verdade. Mas tenho a impressão de que ele vai ficar pouco tempo nas bancas, sinceramente. Quando ele começar a botar todas as verdades pra fora, você acha que ele vai poder continuar saindo?



"Foi lançado na cidade de Franca, no mês de janeiro, o jornal *Labuta* (um jornal independente). Somos contra o sensacionalismo e a favor da preservação das riquezas brasileiras. Gostaríamos de registrar a bela iniciativa do REPORTER pelo excelente trabalho jornalístico.

***Labuta* também é imprensa nanica e, por isso, pedimos cobertura para qualquer contrasenso que vier ocorrer em nossa redação. Já pedimos vários apoios, mas até hoje ninguém ainda se solidarizou. Mas já temos apoio da ABI, API e Sindicato dos Jornalistas Profissionais de São Paulo". (José Eduardo Meneghetti, Franca, SP)**

Um jornal que é uma obra de arte

"Venho por meio desta também parabenizá-los por esta verdadeira obra de arte para o povo que é o **REPORTER**. Tenho visto jornais que publicam coisas importantes para o povo, mas nenhum tão direto, verdadeiro e objetivo quanto este. Este é um jornal que diz realmente a verdade a respeito dessas pessoas que se cobrem com mantos de mentiras, calúnias desrespeitos pelo povo. Adorei a reportagem com a professora Maria Nilde Mascellani. Gostei muito, também, da reportagem a respeito da morte do estudante Edson, pois eu já havia ouvido falar a respeito, mas ainda não tinha informações tão diretas e precisas. Resumindo: leve este jornal em frente, faça tudo por ele porque é de informativos assim que o povo precisa." **(Kleber Marques Garfunkell, Rio de Janeiro, RJ)**

O leitor de Guarani quer assinatura

Eu li de um leitor que vocês ainda não têm um departamento de assinaturas, mas eu poderia ajudá-los a inaugurá-lo. O meu problema é que na minha cidade não tem meio para comprar o jornal de vocês. O único meio de recebê-lo é através de assinaturas. Portanto...

Se ainda for impossível mesmo a assinatura, mandem, pelo menos, os outros jornais que já saíram. Uma sugestão: o diretório Vladimir Herzog, da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, distribui vários jornais da chamada imprensa alternativa (Movimento, Em Tempo, De Fato, Versus). Por que vocês não entram em contato com eles? Aí facilitaria pra gente. Se por um motivo qualquer acharem que isso deve partir deles, me digam que eu falo pra eles 'lhes escreverem". (Mário Luis Simões da Costa, Guarani, MG)

● Estamos entrando em contato com o diretório Vladimir Herzog. Inclusive para transar a remessa dos números anteriores.

Pedimos aos leitores que mandem suas cartas assinadas e com endereço.

LEITORES

Um poema de Clarice Niskier

Temos dentro de nós um potro
Um carneiro manso e dourado
Uma cruel humanidade
Uma estúpida vontade
Levamos dentro do corpo uma tonteira doida
Uma mistura de felicidade e maldade
Um raio torto e vago
Uma forte razão
Trancafiada no dente dos sorrisos
Trancafiada na pupila do sonho das crianças
Se debatendo entre quatro paredes
Levamos conosco uma gravidez colorida
E um suave suspiro de fim

Somos da geração de 60
Não vimos nada Não soubemos de nada
E nossos pais preferiram o mal-conhecido
A nos informar de um tempo novo que surgia
Nascemos sob o domínio da força
Sob a escuridão da cidade
Do país
E sob a alienação aos países vizinhos
Privilegiados aqueles que puderam ver Vandré
Que ainda puderam ver algo nas ruas
Que puderam saber, de alguma forma,
que existe união
E que é a partir desta que tudo cresce
Aos dezoito
Aos vinte ou dezessete anos
Sentimos a barra
E tivemos símbolos para poder sobreviver
E agora nos custa esquecer
O mar,
As dunas
A lua,
O amanhecer

Nos voltamos para a natureza como saída
Nos mistificamos através das coisas simples proibidas
Procuramos compreender
Aquilo que agora é muito mais explícito
Aquilo que agora nos obriga a enfrentar
Para passar tudo que estava em nosso interior
Para a realidade

É abrir mão,
O coração,
A mesma solidão

Mas de que maneira for
Vamos mudar

Porque sentimos a barra dos ventos
Das viagens cheias de pássaros livres
E principalmente da indiferença
E em nós está crescendo com força
Uma razão incalculável de razões
Levamos conosco a certeza do sonho
A humildade de um sofrer intenso
Uma verdade nossa
Muito nossa
Para romper os corações
Para escolher
Para ir à luta de nossos amores
nossas canções, nossas noites
Para que as garras das estrelas penetrem em nosso sangue
E a liberdade seja o fruto desta coragem
De colocar o coração em aberto
De se ferir e marcar
De se render ou morrer
De se levantar ou se esconder

Temos conosco o cheiro da terra fresca de nossas saídas
O calor do alimento puro
A razão vinda da mais pura água de rio

Levamos conosco o símbolo do coração de nossa geração
E um suave suspiro de amanhecer
As consequências dos anos de ditadura e desamor
Mas trouxemos dos campos e das flores cheias de luz
A pomba branca
E no coração aqueles que nos ajudaram a ter força
De saber trazer entre tantas dinamites
O diamante nas mãos

Matéria de leitor

[illegible] Bartos [illegible] mora na Vila [illegible] São [illegible]. A família [illegible] três [illegible] tem renda mensal de Cr$12 mil

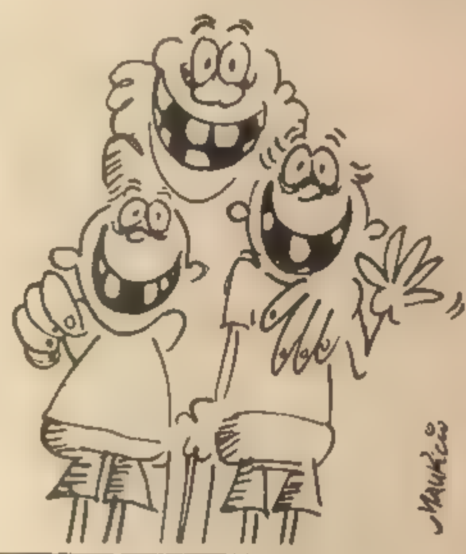
Há seis meses com uma certa quantia de dinheiro você comprava uma determinada quantidade de mantimentos. E hoje com o mesmo dinheiro, qual a quantidade de mantimentos que você compra?

[illegible] a metade. [illegible] seis cruzeiros hoje é dezoito, vinte [illegible] era sete cruzeiros agora é vinte e quatro.

Então como vocês estão se virando ?

Simplesmente acontece o seguinte [illegible] de fazer [illegible] [illegible] nova [illegible] os dentes este ano [illegible] não foi feita de espécie alguma inclusive [illegible] estão [illegible] ser trocadas [illegible] tudo [illegible] foi feito [illegible] não sobra [illegible]

MONALISA, GUARULHOS



Entrevistado o leitor

"[illegible] de todos vocês [illegible] gráficos, foto[illegible] jornaleiros, auxiliares [illegible] produzir um jorna[illegible] contradições do [illegible] 1968 [illegible] Europa [illegible] cidade de De Gaulle [illegible] tomar o poder francês. Através de REPORTER conheci a história dos movimentos estudantis brasileiros e [illegible] próximo livro as experiên[illegible] de todos vocês. Prometo distribuir em Paris os próximos números."

André Glucksman, escritor, entrevistado pelo REPORTER.

CAVEIRA, O MORTO-VIVO

SAIU DA COVA PRA DENUNCIAR MATADOR

- "OLHA, RAPAZ, VOCÊ JÁ DEU MUITO TRABALHO PRA GENTE..."
- LEVOU 6 CORONHADAS NA CABEÇA E NÃO DESMAIOU
- "VAI REZANDO QUE HOJE É TEU ÚLTIMO DIA..."
- A BALA ENTROU EM CIMA DO OLHO E SAIU PELO PESCOÇO

REPORTER

SANGUE, SUOR E LÁGRIMAS

FOTO DE CLARICE NISKIER

"Morto" durante três meses, vai processar delegado

No bairro carioca de Santa Teresa ele é mais conhecido como Caveira. Para alguns ele é "apenas um louco;" mas para aqueles que o conhecem mais de perto "de louco ele não tem nada." Características: fala em voz alta, gosta de dirigir galanteios às moças e passa boa parte do tempo dependurado no estribo dos bondinhos, criando situações embaraçosas aos passageiros. Evitado por alguns e querido pela maioria, o Caveira é, sobretudo, bem visto pelas donas de casa, que o têm na conta de "um rapaz bastante prestativo."

O fato: no dia 13 de dezembro último uma notícia correu rápida pelo bairro: mataram o Caveira. Os detalhes davam conta de que ele havia amanhecido com uma bala de 38 pregada na testa, pouco acima do olho esquerdo. Várias versões explicavam o fim do Caveira. Uma delas dizia que ele havia sido eliminado por uma gang de traficantes de maconha, "por saber demais." Outra versão dizia que o autor do disparo seria um policial encarregado de vigiar o setor administrativo de ST. A verdade, porém, ninguém sabia.

Três meses se passaram até que, numa manhã de março, os habituais passageiros do bondinho de ST tiveram uma surpresa. Como nos bons tempos ali estava ele, dependurado no estribo, falando para quem quizesse ouvir: "Diziam que o Caveira tinha morrido, mas olha ele aqui." "Voltei para denunciar aqueles que queriam me matar. Deus é grande meus amigos." E a notícia, igualmente correu rápida: o Caveira ressuscitou.

Semana passada, sentado num banco da pracinha do Curvelo (uma das estações intermediárias do bonde) ele saiu abrindo o verbo:

— Você quer saber a história verdadeira? Pois bem, fiquei três meses fora do ar, sendo dois no Souza Aguiar e um em casa. A primeira semana eu fiquei em estado de coma. As pessoas pensaram que eu tinha morrido porque os jornais noticiaram assim.

Enquanto fala vai respondendo aos acenos das pessoas que, mesmo à distância, o cumprimentam: "Ôi, Caveira." Na verdade, Augusto Ricardo Soares, 21 anos, fluminense de Caxias, orgulha-se de ser estimado pelas pessoas e diz que "tira de letra" os "xaropes" que não o entendem.

— Mas vamos lá. Como foi que aconteceu?

— Naquela manhã do dia 13 eu fui preso por dois policiais da 7ª Delegacia de Polícia, de Santa Teresa, que me levaram de carro pro Sumaré. Eles disseram: "Olha, rapaz, você já deu muito trabalho a gente. De hoje em diante você não vai mais dar." E me desfecharam meia dúzia de coronhadas na cabeça, mas que não foram suficientes para eu perder os sentidos. Então um deles perguntou: "Sabe rezar?" "Sei," respondi. "Então vai rezando que hoje é teu último dia." Eles queriam que eu desse um "serviço" que eu não poderia dar porque eu nunca fui traficante.

— E depois, o que aconteceu?

— Aconteceu que ele me deu um tiro em cima do olho esquerdo e a bala saiu no pescoço, do lado direito. Mas ainda assim eu não perdi os sentidos. Se eu tivesse perdido os sentidos naquela hora eu estava frito. Consegui chegar até a casa de um padre e depois devo ter entrado em coma.

— Você seria capaz de reconhecer quem atirou?

— Claro, foi o Mario Sergio, auxiliar do Delgado da 7ª DP.

— Quem era o segundo policial?

— Era o próprio Delegado.

—Você já os encontrou depois disso tudo?

— Oh! O Mario Sergio foi me visitar no hospital pedindo para eu arregiar. Eu lá no leito, passando mal, ele me deu um tapa na cara porque eu recusava as propostas dele. Agora nós vamos se acertar, porque quando eu dizia que o meu pai era oficial da Marinha ninguém acreditava. Pois o meu pai esteve aqui e está cuidando do caso na Justiça.

— Você acha que uma entrevista pode prejudicar o andamento do processo na Justiça?

— Bota pra quebrar, compadre! Tem que contar a verdade para o povo.

Dito isso, despediu-se rapidamente e, na corrida, subiu no estribo do bondinho que descia o morro. E foi falando em alto tom:

— Olha o Caveira dando entrevista para a nossa imprensa...

TONINHO MARTINS VAZ

REPORTER

Rio, maio de 1978 — NUMERO 6 — Cr$ 10

AUTONOMO INDEPENDENTE

TAMBEM FIZEMOS UM

DESPACHO

p. 24 Leia o do ministro na p. 2

CRIANÇAS REVOLTADAS

MARIEL

"MATEI MAIS DE 300"

P. 4 e 5

Nas últimas semanas, **REPORTER** recebeu uma tremenda descarga. Coisas feitas vindas de Brasília, do Rio. Críticas, demandas e desfeitas. Uma barra muito pesada. Vocês acompanharam, ou pelo rádio, ou pelos jornais, ou por ouvir dizer. Na verdade, tivemos muitas atribulações e andanças.

O fato é que não nos deixamos abater. Enfrentamos todos os contras e nos defendemos com as armas que dispomos. A principal delas, que guardamos com garra, é a nossa consciência livre.

Consciência de que estamos fazendo um jornal de crescente aceitação popular tanto pelo seu caráter, veracidade, dinamismo, quanto pela sua criatividade e linguagem. E, de maneira inseparável, a consciência de que somos responsáveis pelo jornal. Responsáveis diante do leitor, dos fatos, dos críticos, da Lei e da arbitrariedade.

Felizmente contamos com ajuda. Em nossa luta estão os que defendem a liberdade de expressão. Daí a apreensão do **REPORTER** ter alcançado tamanha ressonância. Todo mundo gritou e nós muito mais ainda. Mas, contra os pensamentos malignos que intentam dar vida curta ao nosso jornal, contra esta tremenda descarga, apelamos para poderosa defesa, fizemos nosso primeiro despacho.

O DESPACHO DO MINISTRO

DESPACHO DO MINISTRO

Proc. MJ — 16.735-78 — Confirmo a ordem verbal ao Diretor-Geral do Departamento de Polícia Federal e determino, com base no artigo 54 da Lei de Segurança Nacional (Decreto-lei número 898, de 29 de setembro de 1969), a apreensão dos exemplares do Jornal "Repórter", número 5 de abril de 1978 bem como a suspensão de sua impressão, circulação, distribuição e venda, no território brasileiro. Dê-se ciência do presente despacho ao Procurador-Geral junto à Justiça Militar, para as providências legais cabíveis.

Publique-se.

Brasília, 17 de abril de 1978. — *Armando Falcão*, Ministro da Justiça.

DESPACHE CONOSCO

Fiquei perplexo com a apreensão do número 5 do REPORTER e com as pressões que o jornal vem sofrendo. Por isso, despacho com vocês, na esperança de que ele possa circular livremente.

NOME...

IDADE....

PROFISSÃO..............................

CIDADE.................. ESTADO.......

Envie para REPORTER - r. Miguel Couto 134, 11º Rio de Janeiro - CEP 20000 - RJ

Em função da apreensão do número passado (32 páginas), somos forçados a manter o aumento do preço para 10 cruzeiros, o que explica mas não justifica

SÃO PAULO (REPORTER) - A REVISTA REPORTER TRES NÃO TEM NADA A VER COM A GENTE.

REPORTER

REPORTERES/EDITORES — Luiz Alberto Bettencourt, Luiz Augusto Gollo, Chico Júnior, Alex Solnik (São Paulo), Analuce Estrella (Arte).
SECRETÁRIO DE REDAÇÃO — Toninho Martins Vaz.
REPORTAGEM — Eduardo Homem (Recife), Tim Lopes, Marcos Dantas, Telmo Wambier, Ivan Maurício, Maria Teresa Bustamante, Yacy Nunes Soares, Clarice Niskier, Rita Costa, Licínio Azevedo, Tânia Celidônio, Maria Helena Passos, Clodoaldo Lobo, Gisela Bisordi, Raquel Moreno, João de Barros, Carlos João, Daniel de Carvalho, Ronaldo Herdy, Fabíola de Oliveira, Eduardo Serra, José Antônio Nonato, Edison Rezende Filho, José Louzeiro, Paulo Fortes, Ivone Parente, Clea Nudelman, Cristina Catalano
CORRESPONDENTE — Paulo D'Alcântara (Paris)
FOTOGRAFIA — Alcyr Cavalcanti, Maurício Leite, Gilson Barreto, Hélio Campos Mello, Camila Butcher, Jesus Carlos, Cristina Villares, Armando Rozano, Juca Martins, Eliane Pastore, João Bittar, Wagner Avancini, Lula Feijó, Túlio Lopes Mariante, Chiquito Chaves, Ricardo Malta, Ricardo Gonçales, Ricardo Giraldez, Amâncio Chiodi, Luz Bittar, Custódio Coimbra.
ILUSTRAÇÃO — Elvira Vigna, Lapi, Jaime Leão, Angeli, Jota.
ARTE — Maurício Veneza, Glória Jean, Dionísio Bezerra.
REPORTER Autônomo Independente — Uma publicação da Margem Editoria e Programação Gráfica Ltda. Rua Miguel Couto, 134/11º andar. Telefone: 253-5038. **Rio de Janeiro.**
São Paulo — Rua Jaguaribe, 25/3º andar, conjunto 31. CEP 01224. Diretor: César Arruda Castanho.

Recife — Representante — **Editora Alternativa** — Rua Conde de Boa Vista, 50/sala 330

Distribuição — Fernando Chinaglia S.A. Rua Teodoro da Silva, 907. Rio de Janeiro

Impressão e composição — Editora Mory. Rua do Resende, 65. Telefone: 263-7002 (PABX). Rio de Janeiro

REPORTER integra o Comitê da Imprensa Independente

Vara de Registro Público — Aut. 4456

Fotos Manel agência Globo Entrevista do Suplemento Infantil Clodoaldo Lobo Gisella Bisordi, Clea Nudelman

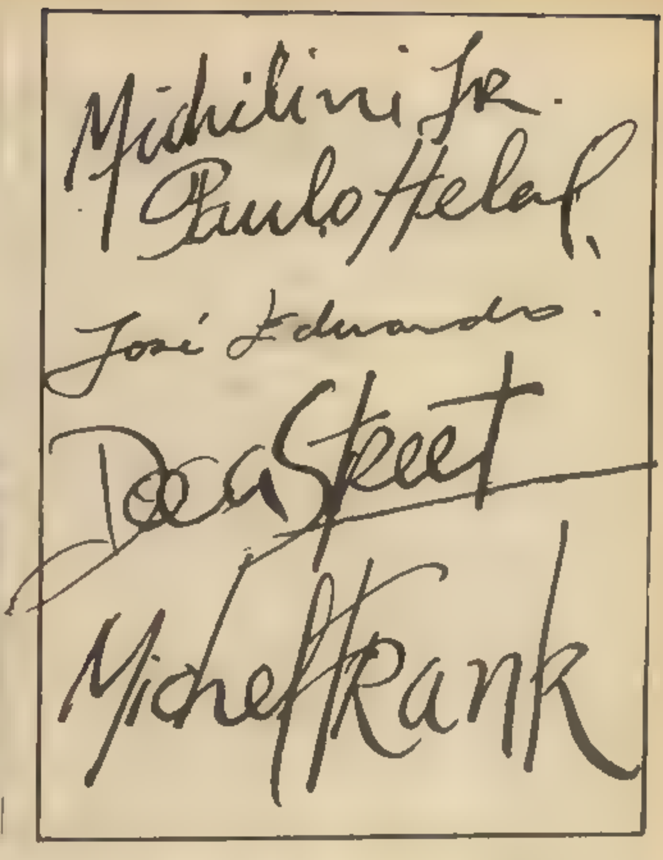


Ilustração de Lapi

VÍTIMAS PAGAM POR SEUS ALGOZES

AQUI COMEÇAMOS A SANGRAR: OS CRIMES NÃO SÃO RESOLVIDOS. SUSPEITOS FOGEM, NEGAM, ESCONDEM-SE OU DEIXAM PASSAR O TEMPO. MICHEL FRANK, DOCA STREET E OUTROS ESCAPARAM. SÓ PÉ INCHADO FICA MOFANDO NA CELA, VENDO O SOL QUADRADO.

Dia 18 de maio completou cinco anos que a menina Aracelli Cabrera Crespo foi morta por alguns maníacos, na cidade de Vitória, capital do Espírito Santo. Os principais acusados, que eram dois, agora seriam três: Paulo Helal, Dante Michelini Jr., José Eduardo. O primeiro implicado é filho do sr. Constanteen Helal e os dois últimos de Dante de Barros Michelini.

De tanto esperar por uma solução da justiça brasileira, as testemunhas já não sabem mais o que dizer. E cada vez que repetem uma história iniciada em maio de 1973, são praticamente ridicularizadas pelos advogados dos acusados, sob a alegação de que "sofrem de idéia fixa".

Verdadeiramente, chegou-se ao perigoso terreno da galhofa. A ironia no caso Aracelli funciona como autêntica cusparada na cara de todos os familiares da pobre menina, além de ser cusparada na cara de uma cidade, de um país inteiro. Matou-se a menina, como se têm praticado outros assassinatos, e vai tudo ficando por isso mesmo.

Gabriel Sanches, pai de Aracelli, não é rico. É técnico em eletricidade e luta com dificuldade. E tem bastante dignidade para não se queixar da sorte. Não tendo dinheiro, não consegue que se faça justiça para sua menina, brutalmente assassinada.

Depois de tantas mexidas, tantas afirmativas e negativas, eis que novamente o chamado "Caso Aracelli" encalhou. Os implicados estão tratando da vida, dona Lola (mãe de Aracelli) não quer muito comprometimento, o deputado Clério Vieira Falcão cansou de denunciar, o perito Asdrúbal de Lima Cabral terminou sózinho na arena.

Agora, pelos tantos anos que se passaram, e pelas tantas provas que sumiram dos autos do processo, a coisa está perto de transformar-se numa grotesca comédia. Se isso acontecer, seguindo o curso de toda comédia que se preza, os matadores de Aracelli serão facilmente identificáveis. Os advogados que funcionam na defesa dos acusados não terão dúvida em apontar como matadores o perito Asdrúbal de Lima Cabral, o sargento Homero Dias, assassinado em 1975, o jovem Fortunato Piccin, misteriosamente morto logo em seguida e Carlos de Melo Éboli, que morreu no Rio de Janeiro em 1976.

Isso daria matéria sensacional, os jornais concluiriam rapidamente pela alta periculosidade de Éboli e Asdrúbal de Lima Cabral, os pais dos inocentes Paulino Helal e Dantinho Jr. mandariam fazer outra festa e estaria tudo terminado.

Mas, ao que parece, nossa posição jurídica é tão cômoda, que ninguém está preocupado com nenhuma saída. Não se tem de dar satisfação alguma, a quem quer que seja. Os rapazes estavam querendo matar a menininha, mataram, e daí? Quem tem alguma coisa a ver com isso? Afinal, Ana Lídia não morreu da mesma forma em Brasília? O que foi que aconteceu com os envolvidos? Nada. Absolutamente nada.

Ora, e por que acusar o pobre do Paulinho e do Dantinho, se Michel fez o que fez e está tomando os bons ares da Suíça? Se Michelzinho pode matar uma garota, por que os play-boys de Vitória não poderiam? E, além de Michelzinho, por que Doca Street acabou com Ângela Diniz e os garotinhos de Vitória não poderiam fazer o mesmo?

A essa altura se tem de concordar que os rapazes capixabas estão certos. Afinal, nem mataram direito Aracelli. Ela que resolveu morrer no embalo. Já a Cláudia Rodrigues não. Morreu na base da porrada e, não satisfeitos com isso, os bandidões a arrebentaram com aquela garrafa de cerveja. Vejam só. Paulinho e Dantinho não fizeram isso. Não são chegados a garrafas. Se jogaram o ácido sobre o corpo, de Aracelli, isso foi depois. A menina já não sentia nada.

Não resta dúvida de que, entre a brutalidade do caso Aracelli e a brutalidade do caso Cláudia Rodrigues, Michelzinho está ganhando a dupla de Vitória de pelo menos 5 a 2. O caso Ana Lídia nem é bom falar. Aconteceu lá por dentro do cerrado, na distante Asa Norte, em Brasília. De mais a mais o caso é bem demais antigo que o de Aracelli, por que falar dele? Isso mesmo. Vamos deixar Ana Lídia de mão.

E, assim, nesse deixar de lado, deixar de mão, foi se criando, neste país, um profundo sentimento de injustiça. Os humilhados e ofendidos fazem filas de dobrar quarteirão, enquanto os trêfegos delinqüentes riem da sua cara de tristeza. Até quando podemos manter esse estado de total desrespeito à pessoa humana? E na hora "H" como reagiremos? Vamos chamar os vingadores de bandidos ou de terroristas, como está acontecendo na Itália; vamos achar que meia dúzia de marginais quer dominar a sociedade pela força, ou vamos nos lembrar dos desmandos, da justiça que não se fazia, da corrupção que florescia, da miséria que se institucionalizou?

Estou certo de que nesse dia não vamos ter muito tempo de recordar. A serpente que devora os filhos devorará a qualquer um. Ela está crescida, move-se com desenvoltura e repelência. Falta apenas que ganhe bastante força, a fim de romper as traves que a estão contendo. Quando isso acontecer, pobre dos manipuladores da Justiça, dos empulhadores, dos criminosos de toda espécie.

JOSÉ LOUZEIRO

QUEM DIRIA!

MARIEL NEM SABE QUEM É MORETTI

MARIEL MARISCOTT DE MATOS FALA PELA PRIMEIRA VEZ SOBRE "LUCIO FLÁVIO, O PASSAGEIRO DA AGONIA", E GARANTE QUE ELE NÃO É O POLICIAL CORRUPTO DO FILME. DIZ QUE JÁ MATOU MAIS DE 300 PESSOAS E ACHA A POLÍCIA DE SÃO PAULO MAIS SÉRIA QUE A CARIOCA, POIS ELE ESTÁ PRESO E O DELEGADO SÉRGIO FLEURY NÃO. AMBOS SÃO ACUSADOS DE HOMICÍDIOS DO FAMIGERADO ESQUADRÃO DA MORTE.

REPORTER — No filme "Lúcio Flávio," o policial Moretti protege Lúcio em troca de dinheiro. E dizem que esse Moretti é você. O que você acha do Moretti?

— Acho o Moretti um canalha, um crápula, um homem desmoralizado, que tem como intuito denegrir todo o nome da polícia carioca

REPORTER — Então não existe um policial como o Moretti?

— Que eu conheça, entre todos os policiais do Estado, não existe nenhum que se compare ao Moretti. Isso sem nenhuma pichação ao ator Peréio, que afinal de contas é um ator que eu admiro.

REPORTER — Quer dizer que não existe nem nunca existiu um Moretti na polícia?

— Não existiu este Moretti, de forma nenhuma. Vamos dizer o seguinte: o Moretti, pelo que eu sei do filme, conhece o Bechara (outro personagem do filme, que prende Lúcio Flávio). Então, se este Bechara prendeu o Flávio é só fazer um retrospecto dos policiais que prenderam o Flávio na vida real. Então vocês poderão identificar o Bechara. E o Bechara poderá identificar o Moretti. Então vamos ver

REPORTER — Quer dizer então que o Moretti existe?

Se ele existe, somente o cara que prendeu Lúcio Flávio, o Bechara do filme, pode identificá-lo

REPORTER — O Moretti é apenas o personagem de um filme. Na vida real não existiria mesmo um policial como ele?

— Pelas diversas reportagens que eu leio, eu chego à conclusão de que o Moretti seria a reunião de todas, vamos dizer assim, modalidades de corrupção, calcada em cima de um personagem, entende? Então escolheram um personagem e colocaram todas as irregularidades policiais, se é que elas existiam, e nomearam Moretti para representá-la

REPORTER — Mas o filme não denuncia apenas a corrupção do Moretti. Denuncia também o Esquadrão da Morte, certo?

— Sim, mas o Esquadrão não existe, na verdade

REPORTER — Mas e os corpos que aparecem todo dia na Baixada Fluminense?

— Sim, eles aparecem Mas até agora não se disse que é o Esquadrão. Isso é um modo de sensacionalismo, de vender jornais, de vender a notícia

REPORTER — Peraí, Mariel. Afinal, eles são mortos por quem?

— Por alguém... Imagine se eu, que sou acusado de três crimes de morte, fosse o autor de todos esses crimes. Depois que eu fui preso, já morreram mais de duzentas pessoas. Antes de eu entrar na Polícia, já havia morrido muito mais de duzentas

REPORTER — Alguns repórteres de polícia afirmam agora que não existe mais um Esquadrão, e sim que a Polícia seria hoje um imenso Esquadrão. Tá todo mundo matando

— **El Matador**... Bom, se isso acontecesse eu não seria contra não. Eu não seria contra porque eu acho um absurdo um marginal tirotear com a polícia a troco de nada Um absurdo, entende? Sinceramente, se existe o Esquadrão, é um mal necessário

REPORTER — Vamos falar agora de Lúcio Flávio. Você conheceu ele?

— Não, realmente não conheci o Lúcio. Conheci o Fernando C. O. (membro do bando de Lúcio e o único que sobreviveu. Atualmente está preso)

REPORTER — Depois do filme, o Lúcio virou uma espécie de herói nacional. O que você acha disso?

Um herói que só está fazendo espalhar o câncer na nossa sociedade. Fazendo com que os jovens ainda inexperientes, ainda sem personalidade formada, sigam o bom exemplo de um crápula, um canalha

REPORTER — Mas o Lúcio não era um bandido comum, um pé-de-chinelo

— Ele me pareceu um pé-de-chinelo. Então você vê um bandido que assalta, faz misérias, e depois entrega o dinheiro na mão de outro cara só porque esse cara é policial, pra mim ele é pé-de-chinelo. Pilantra, frouxo. Se ele fosse um bandido de verdade, ele não faria um negócio desse

REPORTER — Então quer dizer que esse tipo de trato com a polícia não existe

— Não existe, em absoluto. Dizem que o Moretti seria o Mariel, não é isso? Mas eu provo que não conheci o Lúcio. É o próprio Fernando C.O. quem diz num de seus depoimentos: "O

→

Lúcio me pediu uma vez que eu mostrasse o Mariel a ele, o Lúcio queria conhecê-lo. O Mariel estava em frente a uma boate e então o Flávio quis matá-lo com uma Winchester e eu não deixei porque não sou dado a assassinatos". Então você vê: por que o Flávio queria me matar? Por que eu o protegia? Não, era porque eu o combatia. E eu era conhecido como policial matador. Matador sim porque eu não deixava bandido atirar em mim sem atirar nele. Dei voz de prisão, atirou em mim, eu matava. Não tenha dúvida

REPORTER — Vamos esquecer que você foi acusado de ser o Moretti. Assim, sem nenhum envolvimento pessoal, o que você acha dele e do Lúcio Flávio do filme?

– Eu acho que o diretor do filme quis subverter a ordem do país. Eu me admiro muito, num país onde houve uma revolução para moralizar isso, que essas coisas venham acontecendo. Imagine que a Secretaria de Segurança cede viaturas, o precioso combustível da nação, metralhadoras, policiam os bancos a serem assaltados durante as filmagens, fornecem prisões para que eles completem o filme. E essa administração, que forneceu tudo isso, tem seu nome denegrido por um diretor que vem fazer uma tremenda baderna no nosso país. Quer saber de uma coisa? Os chefões da polícia carioca são todos uns bunda mole

A mulher do Liece tinha um amante da polícia

REPORTER — Quer dizer que a Polícia nunca pode ser denunciada?

– Não eu não digo que não possa haver maus policiais. Eu posso, inclusive, ser considerado um mau policial porque estou respondendo a um processo. Mas o que acontece comigo não pode ser extensivo aos outros policiais.

REPORTER — A frase fundamental do filme é quando o Moretti diz ao Lúcio Flávio que bandido e polícia é tudo a mesma coisa

– Eu acho que isso é uma forçação de barra, que jamais poderia acontecer. Vamos dizer que existisse esse Moretti. Poxa, ia chegar uma hora de acabar com a raça de um pilantra como o Lúcio Flávio. O desaforo seria os dois se entenderem tão bem, entende? O maior desaforo do filme é quando eles mostram o Lúcio peitando o Moretti, impondo à Polícia o que ele queria. Isso eu não entendo Se um bandido me peitasse 'daquele' jeito, eu teria acabado com ele. E te digo outra coisa. No filme, a mulher do Liece (membro do bando de

Mariel em juízo

Mariel na cadeia

Lúcio Flávio) é amante do Moretti. Na verdade, existiu um policial que depois passou a viver com a amante do Liece. Ele era da Delegacia de Roubos e Furtos

REPORTER — Quer dizer que tinha outro policial na jogada?

– Não, eu não sei se ele estava na jogada, mas com a mulher do cara ele estava

REPORTER — E quem é esse policial?

E o delegado Carlos Alberto. Não acredito também que ele seja o Moretti

REPORTER — Por que você reagiu tanto ao filme, se em nenhum momento o nome Mariel é citado?

– Eu tenho recortes do Babenco (diretor do filme) dizendo que Moretti é Mariel Eu tenho esses recortes desde 77. Você vê que esse negócio não é de agora. Eu não tomei pra mim o nome de Moretti, não. Houve uma entrevista, no dia 27 de fevereiro, na TV Globo, e eles covardemente incineraram o filme, entre outras e outras provas. A propaganda que eles estão fazendo com o meu nome é negativa. Por causa dela, eu já fui até convidado para fazer um filme italiano. Nesse filme eu deveria fazer o papel do Moretti, contando toda a história com relação a Lúcio Flávio e as outras pessoas que me cobriam.

REPORTER — E você vai aceitar esse filme?

– Não, não quero fazer porque a história não é verdadeira. Eu também já fui convidado pelo Lívio Bruni para fazer um filme, rebatendo todas essas acusações contra a polícia

REPORTER — E esse filme, você faria?

– Bom, não sei. Depois que tudo isso for esclarecido, aí sim, eu posso dizer toda a verdade, que é clara.

REPORTER — Você acha que denunciando o mau policial se está protegendo o bom policial?

– Denunciando os maus policiais, se estaria elogiando os bons policiais

REPORTER — Mas o filme não é uma denúncia do mau policial?

– É, mas eles não dizem quais são os bons policiais

REPORTER — Mas tem uma cena lá com a Polícia Federal, insinuando que ela é honesta, correta

– Por que você acha que eles não falaram mal da Polícia Federal? Porque a Polícia Federal é que censura o filme. Ora, isso é muito gozado Ou você acha que só tem honesto na Polícia Federal e só tem desonesto na Polícia Estadual?

REPORTER — Você está condenado e preso. O que você acha, por exemplo, da posição do delegado Fleury?

– Privilegiada, mas justa Não acho injusta não. É um homem que fez tudo o que eu fiz e está tendo a oportunidade de mostrar o quanto é útil à sociedade

Policial é o que vai pra luta; se mata é consequência

REPORTER — Mas, no caso, não seriam dois pesos e duas medidas?

– São dois pesos e duas medidas. Mas isso é porque em São Paulo existem homens com mais coragem do que no Rio

– REPORTER — Quais seriam esses homens?

– Aí eu falo de homens de cima mesmo, né? Homens que têm culhão roxo, que sabem que existe o mal necessário, homens que sabem que a polícia não pode viver apenas de burocratas

Bom policial é o que vai pra luta, que vai pra guerra, que troca tiro com bandido e que, se mata, é consequência

REPORTER — O que você acha da Lei Fleury, feita só para ele?

– Isso até pega mal para a Justiça. A lei entrou em vigor e beneficiou o Fleury e também o Doca Street. Todos nós deveríamos ser beneficiados por ela

Gostaria de estar solto que nem o Sérgio Fleury

REPORTER — E por que não foram?

– Porque existem dois pesos e duas medidas. Mas graças a Deus o Fleury não está preso. Gostaria de estar solto, na situação dele e, ainda mais, trabalhando com ele. Se me derem a chance de ficar solto e combater novamente a criminalidade, eu lutarei com o mesmo ímpeto que lutei dez anos atrás. Se tivesse que matar, mataria novamente

REPORTER — E o bandido que é morto depois de retirado da prisão?

– Aí, não... É covardia. Eu já matei diversos, mas não tirando alguém da prisão. Mato e fico no local. Tenho dois crimes assim e fiquei no local. Poderia muito bem ter abandonado os corpos em qualquer lugar. Mas os dois foram morrer no pronto-socorro. Já matei mais de 300. Mas só safado

REPORTER — E os presos políticos?

– Isso é questão de ideologia. Respeito a ideologia de cada um. Se eles acham direito combater o que eles acham que está errado, eu acho que eles estão certos

REPORTER — E a anistia?

Eu acho que deveria existir anistia para os presos políticos Porque é a ideologia Mas os terroristas, acho que era botando no pelotão e ir fuzilando Eu sou assim

REPORTER — Os defensores do Esquadrão afirmam que ele existe porque a Justiça é lenta Por isso, é preciso matar bandidos

Não, pera aí, ela é lenta pra me julgar também. Afinal, eu estou preso há sete anos e estou com três processos para serem julgados ainda. E não é porque a Justiça é lenta que devemos matar bandidos, ou a polícia deva matar bandidos Pelo contrário, eu acho que a nossa Justiça deve organizar um sistema penal que recupere os bandidos presos Você vê: atualmente, a cadeia é o único lugar onde esses caras podem comer e dormir sossegados

REPORTER — Você disse que está preso há sete anos

– Bem, há sete anos, mas eu andei tirando umas férias A última vez que entrei foi em abril de 76. Mas agora estou tranquilo, não estou mais no meio de marginais, estou tendo um tratamento condigno, que todos os presos deveriam ter. Estou com ex-policiais, com engenheiros, economistas, numa prisão especial onde cada um tem seu cubículo. Nos lugares onde eu estava, eu ficava junto com vinte, trinta homens na mesma cela, dos quais quatro ou cinco eu mesmo tinha prendido. Assim não era possível.

REPORTER — A **Última Hora** disse que você ia matar o Hector Babenco

– Isso é mentira. Eu estou preso, como é que eu vou fazer isso? Isso é interpretações do repórter. Eu disse o seguinte: se perdesse em todas as instâncias no processos que movo contra o filme e contra o Babenco eu deveria, **deveria**, eu frisei bem, agir como agiria o Moretti, criado pela mente vil e maldosa do Hector Babenco

REPORTER — E agir como?

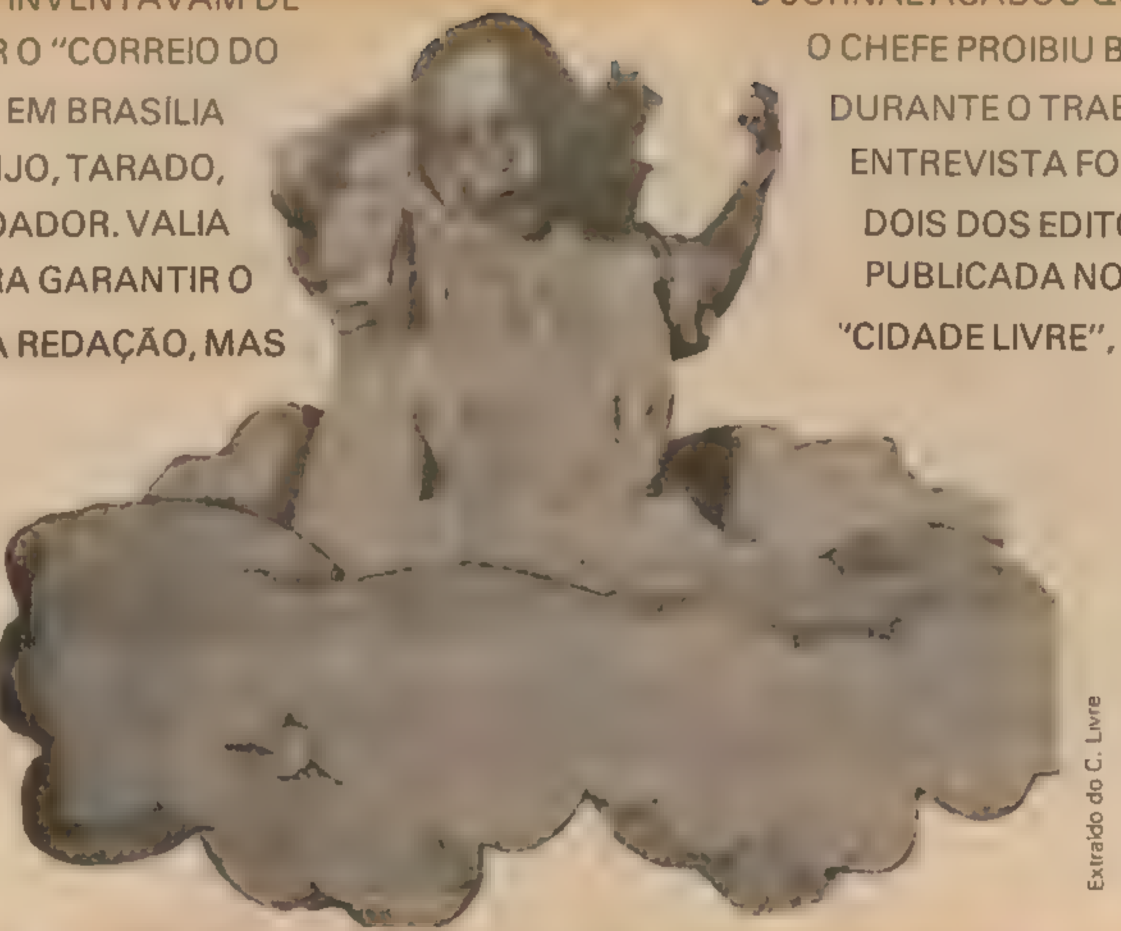
– Como é que o Moretti ganhava uma grana no filme? Tomando o dinheiro e não matando o cara. No filme ele não mata ninguém. Eu ia tomar uma nota do Babenco ou metia porrada nele, fazia uma coisa qualquer. Agora, se ele morresse, eu também não ia ficar muito triste, não

REPORTER — Morresse como?

– Atropelado, com uns tiros na cara

EDISON REZENDE FILHO

ELES INVENTAVAM DE TUDO PARA VENDER O "CORREIO DO PLANALTO" EM BRASÍLIA MENINA-ANJO, TARADO, CRIOULO-VOADOR. VALIA TUDO PARA GARANTIR O SUSTENTO DA REDAÇÃO, MAS O JORNAL ACABOU QUANDO O CHEFE PROIBIU BEBER DURANTE O TRABALHO. TA ENTREVISTA FOI FEITA COM DOIS DOS EDITORES E PUBLICADA NO NANICO "CIDADE LIVRE", DA CAPITAL.



Extraído do C. Livre

A tiragem voava com a menina anjo

TARADO ERA ANJO, MENINA VOAVA E CRIOULO NUNCA EXISTIU

Murilo Murça — O primeiro grande monstro que apareceu no **Correio do Planalto** foi o tarado do opala amarelo, em termos de prestígio e de venda A estória surgiu de uma menina do Gama (cidade satélite de Brasília), que era cantada todo dia, na saída da escola, por um sujeito que tinha um opala amarelo. Ela contou isso para o Teixeirinha, colega nosso do jornal, que chegou na redação, bêbado, contando o papo, e daí resolvemos criar o "Tarado do Opala Amarelo". Aliás o jornal foi bem até que resolveram tirar as garrafas de cachaça. Quando o velho Seabra, diretor de redação, resolveu acabar com a cachaça, o jornal afundou

— O "tarado" era um cara inofensivo. Na verdade, era uma simples ameaça. E como simples ameaça, podia crescer à vontade. A repercussão foi inesperada porque o espírito da coisa era de total esculhambação, de fazer esporro. Valia tudo. O CP não não tinha assinatura e todo dia havia uma aferição imediata da vendagem, o que era acompanhado por todo mundo Tudo que entrava era logo consumido em salário e vales

Pergunta — Mas como foi a criação do mito?

Murilo — Toda matéria nascia ou da imaginação ou de um fato real. Depois, era só tomar depoimentos na rua Quando saiu pela primeira vez, o Teixeirinha foi lá no Gama e mostrou o jornal para a menina. "Tá vendo, o tarado não vai mais de perturbar." E tirou também o retrato dela, para publicar no dia seguinte. Ele encontrou também uma bicha conhecidíssima no Gama, cabeleireiro, que "ainda não tinha encontrado o tarado, mas gostaria muito."

Mário Eugênio (Marão) — A bicha disse que tinha um grande desejo de manter relações sexuais com ele, e imaginava que o tarado do opala amarelo devia ser muito legal pra dar uma transada..

Murilo — Por sinal, o Gama era o nosso maior mercado, e o primeiro monstro nasceu lá. Isso nos ajudou muito. Inclusive pagávamos muitas meninas de lá para a foto de mulher pelada na primeira página. Toda edição saía com uma foto dessa, com recadinho para algum jornalista, ou um amigo, mais ou menos assim: "tô te esperando," "te amo". A estória teve uma boa repercussão e muitas meninas de lá ficaram preocupadíssimas com o tarado. As mulheres eram o nosso maior público, por incrível que pareça. Elas têm uma tara de ler crime.

Marão — A Secretaria de Segurança Pública chegou a baixar portaria para descobrir quem era o tarado do opala amarelo. O delegado do Gama mobilizou uma série de viaturas e vários policiais para capturar o cara. Todo opala dessa cor que circulava pelo Gama era vistoriado. Levavam o motorista pra Seção de Crimes, pra ver se ele tinha alguma característica de bicha. Para vocês terem uma idéia, no fundo da delegacia chegou a ter de dez a quinze opalas.

Murilo — E o tarado mudou para Taguatinga (cidade satélite), e depois pra Bahia, onde nós tínhamos um correspondente, o Moacir Ribeiro, irmão do Cleber Ribeiro, diretor do CP. Aliás, a dupla era conhecida como os "Irmãos Metralha". Bem, mas um dia chegou um cara na redação dizendo que o opala era dele e que tinha sido roubado. O Cleber deu um tremendo esporro no cidadão: "qual é a tua, cara? Você tá ameaçando a honra do tarado do opala amarelo?" O cara insistiu. No outro dia, a manchete: **AMEAÇADA HONRA DO TARADO DO OPALA ARARELO, DIZENDO QUE ELE É LADRÃO.** Quer dizer: o tarado podia fazer sacanagem e libidinagem à vontade, mas roubar não

Nessa altura, a estória já estava cansando um pouco As empregadas que trabalhavam no Plano já não voltavam à noite para casa, nem pra Ceilândia (outro satélite), nem pro Gama, nem pra Taguatinga, com medo. Então começamos a pensar em matar o tarado, e surgiu a menina-anjo, o segundo e maior monstro que nós criamos no **Correio do Planalto**. Quando lançamos a estória na primeira página, o jornal começou a vender terrivelmente.

Pergunta — Qual era a tiragem?

Murilo — Quando o tarado e a menina-anjo apareceram juntos, o jornal chegou a vender 8.500 exemplares Vendia mais que o **Jornal de Brasília** (5 500 exemplares), e chegou perto do **Correio Braziliense.** O CB vendia principalmente para a classe baixa e atingia também a média e a alta. O **JBr** ocupava a classe A, com noticiário político. E nós do **CP** apenas na classe baixa. O **JBr** estava comendo por cima e nós por baixo, o que começou a preocupar o CB. Nunca apareceu tanta manchete de polícia no **Correio Braziliense** como nessa época. Eles passaram a imitar nossos monstros. Quando criamos o "crioulo voador", eles lançaram o "crioulo-índio"

Pergunta — Quem era a menina-anjo?

Murilo — Ela se chamava Jaqueline. A mãe era lavadeira. O pai era motorista de táxi e saía todo dia às 5 horas da manhã pra voltar uma hora da madrugada. A casa tinha um banheiro, uma ameaça de cozinha, e a sala onde dormia a família: o casal e três filhas. Jaqueline apresentava nítidos sinais de debilidade mental. Tinha dez anos de idade e devia estar, na época, no primeiro ano da escola, porque repetia sempre. A mãe, mais pirada ainda, induzia a filha à religiosidade Mas era uma religiosidade muito estranha, muito espalhafatosa. Ela realmente tinha um problema na cuca e a mãe enfiando aquela espiritualidade na cabeça dela. Ela acabou pegando aquele negócio, aquele palavreado. Passou a falar bíblia, e a mãe a dizer que ela estava recebendo o anjo Gabriel

Marão — Uma vez você deu uma manchete em que dizia que o mundo estava perto de acabar, e que todo mundo ia morrer de fome

Murilo — A primeira manchete da menina-anjo foi justamente esta: **MENINA ANJO ANUNCIA O FIM DO MUNDO.** E, embaixo, o tarado do opala amarelo. Eu apelava, quer dizer: ela tava naquele lance místico, e eu incentivava: "Você tem uma missão a cumprir na vida, de difundir a visão de Deus." E ela rezava: "Aleluia, Aleluia" A mãe sempre comandava o espetáculo. Nessa altura, ela já havia incorporado o anjo Começou a aparecer uma multidão de crentes. A menina-anjo dizia que o mundo ia acabar muito breve, que tudo estava perdido. Daí a estória foi se desenvolvendo. Na segunda fase, ela começou a fazer milagre

Pergunta — Ia muita gente na casa da menina?

Murilo — A família parou. só faziam adorar Jaqueline Até o pessoal do bairro. E começou a chegar gente. Ela passou a usar uma túnica branca de cetim e a fazer curas por sugestão. Vinha gente de Minas Gerais, do interior de Goiás etc. Ela botava a mão na cabeça da pessoa, chacoalhava, aquele ritual crente de exorcismo, e curava um pequeno mal-estar, dor de cabeça etc. E a gente divulgava esses falsos milagres, através de depoimentos. A mãe de uma criança por exemplo, falava: "Ela curou a dor de cabeça da minha filha." Ou então: "eu estava muito mal e ela resolveu meu problema". Ou ainda: "Ela trouxe meu marido de volta."

O crioulo num original de Siroba

Pergunta — Como foi a procissão?

Murilo — Foi num dia muito ouriçado. Não me lembro quem convocou as pessoas, mas acho que foi o nosso motorista. A procissão foi num sábado. Era o dia sagrado, quando a menina-anjo ia mudar o mundo. Antes da saída eu distribuí umas coca-litro. Criança, anjo ou não, gosta muito de guaraná e coca-cola... e vai à peregrinação. Teve até batismo. Jaqueline já estava de anjo, quando teve vontade de mijar. Fizeram uma seleção para ver quem ia proteger o anjo mijando, eu fui. Não é qualquer um que pode ver anjo mijar. Mas, nessa altura, eu já estava matando a menina-anjo, já tinha um plano de acabar com ela. Estava de saco cheio de ir até Planaltina. Fiz então uma matéria com depoimentos de pessoas de outras religiões, todos contra ela. A menina anjo estava a caminho da extinção

Pergunta — Mas que tipo de mudança ocorria em Jaqueline quando o anjo baixava?

Murilo — Quase nada. Ela mudava as preocupações. Mas, voltando ao processo de extinção, procurei o juizado de menores, psicólogos, para ver se alguém tomava alguma providência. Foi quando fiz minha última reportagem sobre a menina-anjo. Mas o pessoal do jornal não queria acabar com a estória. Afinal, manchete de menina-anjo vendia três mil e quinhentos jornais a mais. Então, eles me promoveram de chefe de reportagem a editor de política. Nosso editor político na época estava fazendo tratamento de desintoxicação alcoólica.

Saltou do trampolim e voou assustando todo mundo na cidade

Pergunta — E então, o que vocês fizeram?

Murilo — Apareceu o crioulo-voador. Eu me lembro da criação dele. Nós estávamos olhando umas fotos de esporte quando apareceu uma de crioulo pulando de trampolim. O fotógrafo pegou o crioulo com uma tele-objetiva com um fundo de eucaliptos ao longe. Ele parecia no ar. A gente estava sem matéria e o Cléber falou: "Esse crioulo dá samba." Na mesma hora alguém batizou. "É o crioulo voador." Saiu primeiro numa página interna, depois foi para a primeira, e começou a crescer

Marão — Com essa foto, o Siroba, que é um excelente chargista, visualizou o crioulo. Nessa época o CP estava com uns problemas com a Secretaria de Segurança por causa de outra foto. Nós fomos cobrir um acidente, mas o presunto já tinha sido retirado. O jeito foi o nosso motorista deitar no chão no lugar do presunto. A polícia achou que era uma afronta. Ninguém tinha feito aquilo antes

Marão — Foi nessa época que a censura proibiu fotos de meninas peladas. Isso foi uma queda na circulação, e precisávamos dar um jeito de ressuscitar o jornal

Murilo — Aliás, a primeira vez que houve problema com a censura, foi por causa de uma história em quadrinhos do Siroba sobre o caso Ana Lídia, o crime que mais traumatizou Brasília. O título era **ANA LÍDIA SEGUNDO O POVO CONTA**. Tinha altas figuras da política brasileira envolvidas. No começo, eu também fui contra: achei violento demais. Mas, depois, passei a achar o maior barato. Foi quando a Secretaria de Segurança vetou os quadrinhos do Siroba.

Marão — O jornal precisava de um novo personagem. Um dia, eu estava na redação quando o Cleber falou para o editor de política inventar um crioulo bonito, brilhoso. Ele escreveu 45 linhas e o siroba ficou encarregado de visualizar o Crioulo Voador, com o nariz grande, saindo umas bolas de fumaça. Ele chegava na escuridão de vários pontos ao mesmo tempo, pelo alto.

Murilo — Uma das características do crioulo voador era roubar comida. Geralmente biscoito, bolinhos, coisa que criança faz e pode acontecer em qualquer casa.

Marão — Ao contrário do tarado do opala amarelo, ele não fazia mal a ninguém. Era só para assustar, para ouriçar o pessoal da Ceilândia. Ele entrava pelo telhado, roubava farinha, feijão, fazia caretas para as mulheres e ia embora fazendo a maior bagunça, gritando. Depois da terceira reportagem chegaram umas trinta cartas de gente que tinha visto o crioulo, falado com ele etc. E a coisa começou a pegar. Com as cartas, eu saí à rua pra colher depoimentos. Depoimentos incríveis: pessoas que tinham recebido visitas do crioulo, que tinham sido benzidas por ele. O Paulo Rosa, também repórter do jornal, macumbeiro, em vez de entrevistar o povo ia para os terreiros. Aí, surgiu o Crioulo Voador na versão de macumbeiro.

Marão — Mas, voltando à estória do crioulo, que começou a tomar grandes proporções, me lembro que em uma das minhas andanças pela Ceilândia uma menina de 18 anos me procurou e disse: "O crioulo voador passou lá em casa ontem e eu transei uma boa com ele, mantive relações sexuais com ele. É um crioulo gostoso, cheiroso e bonito. Se por acaso ele voltasse eu transaria com ele de novo." E ela jurava pela mãe dela. Então pedi seu endereço e tirei uma foto dela. Posou bonitinho

Marão — Depois de umas dez reportagens, o público começou a ficar desconfiado: não queriam mais dar declarações. "Isso é cascata do **Correio**", diziam. Mas isso depois do crioulo ter sido o assunto da cidade. Mas, quando não conseguia um depoimento verídico, eu criava. Uma vez, fiz o crioulo jogar pôquer num boteco e sair voando de lá

Marão — Um dia um dos nossos colegas do jornal entrou numa de fazer uma notícia surrealista com o crioulo voador. E botou ele descendo de disco voador na Ceilândia. Foi uma loucura total. O Siroba desenhou o pessoal da Ceilândia todo apavorado.

Murilo — O **Correio do Planalto** virou coluna social do baixo mundo. Bandido e policial.

Marão — Cada um queria sair no jornal para ser promovido. O bandido queria ser promover junto ao seu chefe, e o policial junto ao delegado.

Pergunta — Mas como é que desapareceu o crioulo?

Marão — Uma vez eu ia passando por uma mercearia e vi um porco estúpido, do tamanho de um boi. Achei que aquele porco podia dar alguma coisa e falei para o fotógrafo tirar uma foto, porque o crioulo voador poderia aparecer montado nele. Me inspirei na foto do porco e resolvi acabar logo com ele. A última vez, ele apareceu na Ceilândia, dando adeus para todo mundo e destruindo plantações de alface. Eu exagerei um pouco: disse que o porco tinha 3 metros de altura e cinco de comprimento. Realmente foi o exagero do cansaço...

Delegado perdeu o cargo porque estava torturando presos

Murilo — O que o Marão fez nenhum policial fez. Entrar na barra pesada do tóxico de Taguatinga e outros lances mais. Por exemplo, só um policial muito bom pode chegar a delegado de homicídios. Houve uma reportagem que provocou a remoção do delegado de homicídios, aliás um cara que havia resolvido em pouco tempo, uns oito casos de morte, na base da cuca

Marão — Soubemos do depoimento de três presos, suspeitos de terem assassinado o motorista de táxi, que ele batia nos presos. Fizemos uma vaquinha pra eles comerem quatro dias e eles contaram que sofreram mil tipos de violação, até cano de revólver no ânus. Isso quem fez foi o agente bicha que queria manter relações sexuais com ele. Depois disso, o delegado foi destituído

Pergunta — Quer dizer que se um jornal denunciar que um delegado está batendo nos presos, esse delegado é destituído?

Marão — Se for provado, sim. Se for um caso de muita badalação, ele é punido pelo secretário de segurança.

Murilo — Por exemplo: na época que nós denunciamos o jogo de bicho, a polícia foi lá e fechou a boca central, que

ficava na 410 sul, no subsolo de um boteco, mas...surgiram seis roletas de jogo. Aliás, Brasília é uma das cidades do Brasil onde mais se joga Roleta, corre solto, além de baralho, é claro. Inclusive, são usados apartamentos funcionais (para funcionários somente) ligados uns aos outros, servindo exclusivamente como antro de jogo. Tem cara que tem seis, oito apartamentos só para isto.

Pergunta — Tem endereço?

Murilo — Não dá pra dizer. Na 410 sul tem muita safadeza, funcionários do Senado e da Câmara que transam eles mesmos nos apartamentos, cozinhando inclusive. Altas Zonas: Nós conhecemos praticamente todos os bordéis da 410 sul. Têm apartamentos maravilhosos para encontros, como o de um funcionário da Câmara. Ele fornece tudo: mulher, mordomia, etc. E tem um funcionário do Senado que também é homossexual, que tem mais que isso: ele é dono de um e explora vários outros. Aconteceu inclusive o caso de uma mulher muito conhecida na alta sociedade local, que eu não posso dizer o nome, que estava numa mesa de jogo quando a polícia estourou a banca. Nunca noticiaram isso porque o **Correio do Planalto** não estava em ação.

Pergunta — E a barra pesada de Taguatinga?

Marão — Primeiro eu vou falar do Al Capone do Cerrado, que foi criação minha. Estavam acontecendo muitos assaltos em lojas da Asa sul e a primeira delegacia de polícia, que tem fama de atender mal os jornalistas, estava impedindo a imprensa de ter acesso ao livro de ocorrências. Então eu coloquei a culpa num tal de "Al Capone do Cerrado", que era um cara que chefiava uma gang com várias ramificações, e assaltava lojas da Asa sul. Inventei para ver se a polícia batalhava os bandidos. Realmente, eles ficaram malucos durante 3 meses mas não conseguiram pegar o Al Capone. Essa estória teve princípio mas não teve fim, está por aí até hoje, e se a gente quiser, pode botar a culpa de qualquer assalto em cima do Al Capone do Cerrado.

— Bom, a barra pesada de Taguatinga. Tinha um cana que me dava muita informação da barra pesada de lá. Ele me disse um dia para eu ir à praça do Cine Rex, que lá eu ia descobrir um mocó quente. Ele não iria comigo porque já tinha sido corrido de lá a tiro. Então eu fui sozinho. Eram três horas da tarde, num dia de sol quente.

Murilo — Deixa eu dar um aparte. Na época que o Marão fez isso, eu fui ao Gama fazer uma matéria sobre o menor abandonado. Lá, recebi propostas concretas: virgem de 9 anos de idade, não me lembro se por 50 ou 100 cruzeiros. E eram meninas de 10, 11 anos, que ofereciam no Gama, vendiam virgens com esta alegação: "A menina aí está a fim de fazer programa, de livrar a cara dela, de ganhar grana, mas não pode porque é virgem."

Marão — Isso foi publicado com destaque e vendeu muito, mas voltando à estória de Taguatinga, cheguei lá, entrei e não podia sair mais. Tinha vagabundo visivelmente drogado, com a máquina na mão. Aí comecei a entrevistar o pessoal. Falava com o vagabundo, ele tirava o corpo fora e me mandava falar com o cara do botequim. Entrei no bar do homem, que era a vítima. Estava sendo extorquido, como em toda aquela área acontecia, pela quadrilha de um tal de Isaías, no melhor estilo de Al Capone. Ele tinha que pagar cem cruzeiros por semana por "proteção". No início ele se negou e foi barbaramente espancado. Foi esse o motivo pelo qual o policial me mandou lá. Eu fui e publiquei o caso, matéria assinada. A manchete foi assim: CHEFE DE QUADRILHA ATERRORIZA TAGUATINGA. Foi em Vila Matias. Publiquei também as fotos dos bandidos. Eles começaram a telefonar e fazer ameaças. Aí eu cismei que o chefe tinha que ser preso. Todo dia fazia matéria, com foto. Em todo lugar que ele pintava, eu ia atrás. Ou então tinha um policial trabalhando pra me dar informação. Um dia, 11 horas da noite, a delegacia de roubos e furtos me telefonou dizendo: Marão, teu homem tá aqui. Eles me pediram para ir lá. "Por que vocês querem que eu vá aí?" E eles responderam: "Como você conhece o homem mais que nós, queremos que você faça uma 'entrevista' com ele." Eu fui.

Sempre andava de lupa escura, até à noite. Mas mesmo com a lupa, o cara me reconheceu, embora me chamasse de doutor, pensando que eu era o delegado.

Entrevistei o cara e ele deu o serviço todo. E no dia seguinte, estampei na primeira página, matéria de quatro laudas: PRESO CHEFE DE QUADRILHA. ELE ATERRORIZAVA TAGUATINGA. O cara foi preso e... bem, vou falar, passou 15 dias na prisão e, quando estava sendo levado no camburão, dizem, ele escapou e não foi mais preso.

A coisa ficou no ar. A polícia pediu para não publicar isso e eu não publiquei. Por quê? Principalmente aqui em Brasília, repórter-policial pra se dar bem tem que fazer o jogo da polícia.

Foto do C. Livre

O CORREIO DO PLANALTO

ASÍLIA, QUINTA-FEIRA, 12 DE JUNHO DE 1975 — ANO - 1 - Nº 623 - Preço Cr

TARADO
Agora em Taguatinga

Em Taguatinga, as mulheres já viram o "Tarado do Opala Amarelo", que resolveu deixar as moças do Gama em paz por alguns dias. A sua tática é a mesma de sempre, dirigindo com os faróis do carro apagados, de leve.

Depois do Gama, o Tarado passou a viajar

Menino era o chefe da gang que só roubava dodge-dart

Pergunta — Que outro caso vocês têm para contar?

Marão — Teve o caso do Fittipaldi. Todo dia que a gente chegava na segunda DP, tinha uma ocorrência de dodge-dart assaltado. E sempre dodge amarelo. Era um garotinho, um crioulinho. Ninguém sabia quem era esse cara. Na época, eu tinha muito contato com o delegado de menores. Eu me dava muito bem com ele. Ele me deu o toque de que esse menino era uma coisa louca, que quando ele pegava um carro, podia ter o diabo que ele passava por cima.

Murilo — Ele era tão pequeno que roubava a dois. Pegava um pivete menor que ele, botava embaixo, deitado no banco, e sentava em cima do garoto. Puxava o banco do carro pra frente e dirigia em cima das costas dele. O guri chegou a roubar o dart do delegado, na frente da delegacia.

MARÃO — Depois da prisão, ele ficou 20 dias na Delegacia de Roubos e Furtos, incomunicável. O juiz não deixava ninguém tirar fotos nem falar com ele. Através de vários "apertos," descobriram mais de 200 toca-fitas roubados no Plano Piloto, além de furtos de pneus, talas-largas etc, tudo feito por menores companheiros dele. No dia do seqüestro dele por policiais saiu a manchete FITTIPALDI SEQUESTRADO. Vendeu jornal que nem sobrou pra gente.

Pergunta — Vocês estavam vendendo ilusão como se fosse notícia?

Murilo — Não era bem o jornalismo que a gente queria.

Pergunta — Nós somos um país de futebol e samba. Dez por cento das pessoas deste país têm condições boas de vida. Os outros 90% não têm as mesmas condições. Que tipo de reação o CP causava nestes 90%?

Murilo — Acho que explicar fulano de tal está explorando tal boteco, assim como nós denunciamos a rede de tóxicos de Taguatinga, fazendo o que ninguém fazia, era dar ao leitor consciência dos problemas. A menina-anjo, por exemplo, dava um modelo ideal de sociedade perfeita.

Pergunta — Você reconhece que chegou a perder o respeito humano?

Marão — Sim.

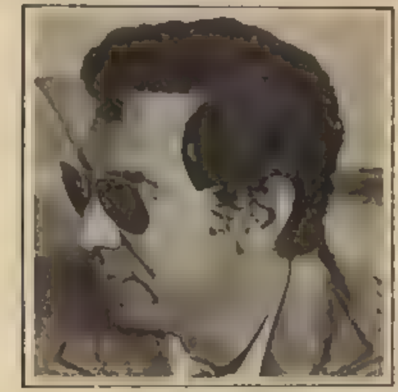
Pergunta — Por quê?

Marão — Aí é que tá o negócio. Ficar na redação sentado eu não fico. Eu gosto da coisa movimentada, maluca. Eu sento na máquina e vejo tudo na minha frente: um cara pulando, atirando, o outro caindo. Esse negócio todo me deixa alegre, eu fico alegre.

Murilo — Depois de cinco anos dentro da delegacia, meu filho, você dá porrada em preso. Dá, dá. Dá porque você tem uma proporção de 70% que levou porrada e falou. E outra coisa: a gente gostava do trabalho. Não havia assiduidade no pagamento do salário, então a gente vivia naquele processo criativo de sobrevivência, de fazer o negócio para vender. Você fica feliz quando vê no dia seguinte sua reportagem estampada na primeira página, vendendo 8.500 exemplares. Eu acho que não é tão fácil criticar os outros. Conheci mulheres que achavam que estavam exercendo a mais digna das profissões sendo prostitutas. Como você vai acusar essas mulheres se existem casas na Ceilândia com um único cômodo e seis ou oito beliches. A mesma coisa numa delegacia de menores. Um amontoado de garotos. O resultado é que os de 12 anos comem os de 8.

Marão — Eu já vi muitos casos de homossexualismo em delegacias de menores. Em Brasília teve um garoto que ficou com o ânus tão danificado que teve que fazer uma operação. Uma vez prenderam a empregadinha, menor, de um deputado, e que tinha roubado a casa do patrão. Duas horas depois, a mulher do deputado foi na delegacia soltar a menina e vomitou ao ver o estado em que ela se encontrava.

O NEGÓCIO DELE É MUITO SANGUE E MULHER NUA



O EDITOR DO JORNAL PAULISTA NOTÍCIAS POPULARES, IBRAHIM RAMADAN, NEM QUER SABER SE AS NOTÍCIAS SÃO VERDADEIRAS. ACHA QUE O MAIS IMPORTANTE É FALAR DE CRIMES, SOBRENATURAL, VIOLÊNCIA, POR AÍ.

REPORTER — Receita para um jornal popular

— Assuntos que interessam a determinadas camadas sociais: para a classe operária, população periférica, é o crime, a violência, o sobrenatural, o pitoresco, nada de especial. São os fatos que mais chamam a atenção da opinião pública

REPORTER — Que tipo de notícia vende mais o jornal?

— Depende do tipo de acontecimento. O dia-a-dia realmente é o crime. Por exemplo, existem determinados tipos de crime que não são comuns, que não acontecem todo dia, que vendem jornal. Na semana retrasada nós tivemos um caso, o do açougueiro que cortou a cabeça do colega e pendurou num prego. Nesse dia subiu muito a venda do jornal Agora na morte do Aldo Moro, na Itália, também se vendeu muito jornal

REPORTER — A história do "bebê-diabo" era verídica?

— Não, evidentemente que não era verídica. Houve um exagero nos títulos, nos preocupamos sempre em fazer títulos que provocassem maior impacto, maior agressão. Então, dadas as características da criança, que teria nascido com algumas deformações, no jornal nós colocamos com essa denominação de "bebê-diabo."

REPORTER — Mas isso não seria uma agressão até mesmo aos pais da criança, à própria criança, que nasceu deformada como pode acontecer com outras crianças?

— Não, porque nós não tínhamos qualquer informação de onde a criança tinha nascido, quem era o pai, quem era a mãe

REPORTER — Então, como a notícia chegou até o jornal?

— Foi dada pelo correspondente do ABC, dando o fato Mas não localizou a criança nem os seus familiares

REPORTER — E qual a prova de que o bebê existia mesmo?

— Não havia prova alguma

REPORTER — E vocês publicam uma notícia sem ter certeza se é verdade?

— Sim, o correspondente mandou então nós publicamos. E a partir da publicação da notícia do nascimento do "bebê-diabo" começaram a aparecer pessoas aqui no jornal, por incrível que pareça, que diziam que tinham visto o "bebê-diabo". Veja esse tipo de notícia o que provoca na população. E aí nós fomos obrigados a alimentar o caso durante 4 meses para satisfazer a curiosidade popular

REPORTER — Com isso vocês não estariam aproveitando da falta de cultura das pessoas?

— Essa daí é uma colocação muito absurda, muito imbecil, eu diria, pelo seguinte: a violência, as deformações, sempre chamaram a atenção, sempre estimularam o ser humano desde a época pré-histórica. A própria crucificação de Cristo foi um espetáculo para muita gente Os cristãos sendo devorados por feras na arena provocavam grande sucesso Então, eu acho que é besteira falar que nós aproveitamos da falta de cultura do povo

REPORTER — Mas vocês dão uma notícia como essa sem ao menos se preocuparem em saber se é ou não verdadeira

— Olha, essas agências de notícias internacionais que todos os jornais pagam para receber as reportagens do que acontece pelo mundo, mandam todo o dia coisas incríveis. E como nós vamos saber se é ou não verdade? E outros jornais, outras revistas usam coisas piores. Só que são colocadas em outros níveis, numa linguagem mais sofisticada, mais requintada

REPORTER — Mas uma notícia dessa não é dada só para vender jornal?

— Todo jornal é feito para ser vendido, o jornal é feito para o leitor comprar

REPORTER — Qual o maior público do **Notícias Populares?**

— A classe operária

REPORTER — Por que sempre vocês colocam uma mulher nua na primeira página?

— Olha isso é uma coisa que vem desde a fundação do **Notícias Populares** e que quando nós quisemos modificar recebemos centenas de reclamações dos jornaleiros, leitores. E, depois, as fotos de mulheres que nós usamos, em termos de erotismo, estão ultrapassadas se nós compararmos com as dessas revistas coloridas que saíram de dois anos para cá

REPORTER — A mulher tratada desse jeito não vira um objeto?

— Essa é uma pergunta que deveria ser feita para o pessoal que faz a revista **Status, Homem, Lui.**

Entrevista a Cristina Catalano

"VIOLADA NO AUDITÓRIO"

ELES GRITAM COISAS ASSIM

O repórter Ronaldo Oliveira Herdy foi conhecer as pessoas que vendem O Dia, na hora que elas vão ao jornal apanhar suas pilhas de "folhas" para vender através da cidade. Na fila à porta do prédio, ele viu trabalhadores que apenas "defendem um troco", privilegiados que têm vários garotos sob seu comando e até camelôs que buscam uma forma de aumentar a renda.

Quando o repórter ia entrevistar as pessoas, surgiu na esquina um camburão branco e preto, cheio de policiais. A fila se arrumou conforme cada um e dois garotos desapareceram na carreira logo na primeira esquina. Esperavam, como os demais, a edição do jornal que mais noticia crimes no Rio de Janeiro, "o jornal de maior público leitor"

São 22 horas e é grande o movimento tanto de jornaleiros (os que vendem o jornal na rua) como de caminhões que o distribuem nas bancas. Um pequeno grupo conversa num estacionamento próximo:

REPORTER — Poderia dar uma declaração a respeito do seu trabalho?

— Eu me chamo Jorge Costa, tenho 40 anos, moro no Estácio em casa alugada. Sustento 8 filhos e minha mãe de 80 anos. Trabalho desde 1951, das 23hs até 9hs, vendendo jornal. Daí em diante, sou camelô em Caxias. Saio de lá e vendo até o Dia, onde durmo

— Assim pego o jornal vou para a Marechal Floriano, de lá me mando para a Brahma e às 4 horas pego um ônibus e vou terminar de vender na Ilha do Governador. Já tenho muitos fregueses certos. A manchete que mais o pessoal gosta é a policial, eu anuncio dizendo quantos mortos e quantos feridos tem a primeira página.

— Pego 100 folhas fiado e no dia seguinte vendo e pago tudinho, mas tem muito malandro que apanha e não paga ou então quer roubar da gente. Mas comigo não tem vez não, se num tiver de fogo ninguém me pega nada, eu não tenho medo de morrer, já levei dois tiros e hoje estou aqui

— O que eu queria mesmo era subir em um palanque na hora de um comício e falar meia hora sobre o rapa, eles tem que ter maneiras, só sabem bater na gente e pegar nossas coisas

— Toda noite sai três jornais de graça, que eu dou para motoristas de ônibus. No domingo, em cada jornal eu ganho Cr$1,50 e nos outros dias Cr$0,90. Se sobrar, O DIA fica com os jornais e dá um novo. Isso é legal, ele é legal, já vendi o **Jornal do Brasil** e **O Globo** mas não quero nem saber mais eles só dão prejuízo. Eu só leio o **Dia** por alto, mas sei que ele é o melhor

Terminou dizendo que "a polícia só protege o ladrão, que todos os jornaleiros garotinhos são ladrões e safados e fumam maconha. O jornal só deveria ser entregue para gente honesta, eu passo fome mas não roubo. E ficou a conversar na porta mais um pouco".

Perto estava um menino que também quis falar.

— Eu me chamo Marcos, moro em Imbariê (no interior fluminense) tenho 14 anos e vendo **O Dia** há um ano, das 23hs às 7hs. De dia eu estudo. Meu ponto é na plataforma 42 da Central e quem mais compra são as casas comerciais

Pego de 60 a 80 jornais mas pago porque não tenho conhecimento com o pessoal lá dentro. Para chegar na Central, vou de carona na kombi, ou então pego um ônibus e pago a passagem dando um jornal para o motorista. Todas as manchetes eu grito, mas a que mais vende é aquela que traz o aumento de salário.

O terceiro entrevistado, apanha o jornal e distribui para garotos que deverão vendê-los em locais determinados e lhe prestarão contas no final. Durante a entrevista foi constante a necessidade de sua intervenção para acalmar o ânimo de dois de seus "empregados" que estavam bastante exaltados

— Meu nome é Romão, mas o pessoal me chama de Carecão. Tenho 30 anos, moro em Caxias e trabalho vendendo jornal desde os doze. O meu ponto de venda é na Lapa e durante o dia também vendo outros jornais em Cascadura.

— A notícia de grandes mortes e de aumento nos salários são as que mais vendem. Eu gosto muito do **Dia** porque é ele que me dá dinheiro, na minha casa só entra **O Dia**, é o jornal que mais vende no Brasil só eu vendo de 300 a 400 folhas, tenho muitos fregueses certos

— Toda noite pego duas mil folhas e dou a oito ou dez meninos para venderem. De dia, vendendo os outros jornais, não passo de 500 folhas. Por isso que à noite, ao anunciar a manchete, eu grito bem alto. OLHAAA O DIAAAA. "Assim presto uma homenagem a quem me sustenta"

Fotos de Custódio Coimbra

O da direita é "Carecão", chefe do grupo

Outro distribuidor:

— Eu tenho 37 anos, moro em Bonsucesso, me chamo Carlos Santos e vendo jornal há 25 anos. Toda noite pego, de acordo com a manchete, de 600 à 800 folhas. Hoje está boa e deve vender bem. Distribuo a seis ou sete pessoas e marco um encontro com elas depois na Central para nós acertamos as contas. O meu ponto de venda é em Caxias, Encantado e Méier.

— As manchetes que mais vendem são as pavorosas, até hoje ainda me lembro de muitas delas. **Pegaram Mineirinho, Grande Incêndio no Circo, Mataram Cara de Cavalo** etc. Essas não voltam mais, a coisa hoje está mais mansa. As coisas que envolvem a alta sociedade também vendo muito bem. Se nós vendemos bem dizemos que a manchete foi minério, se vende mal, é pedreira

— Paro de trabalhar às 10 horas e fico o resto do dia descansando e lendo gibi. No domingo eu leio **O Globo**, mas também gosto do **Dia** porque afinal é ele que me sustenta.

— O meu nome é João Batista, moro em Belfort Roxo, tenho 42 anos e há mais de 20 vendo **O Dia**. Vendo de 100 a 150 folhas na Praça da Cruz Vermelha. Paro de vender às 5 horas para trabalhar como pintor de parede. Quem mais compra o jornal são os motoristas de táxi. Leio o jornal todo e acho ele muito bom

— Apanho o jornal e pago na hora, durante o tempo em que estou vendendo ele, como um bolinho e tomo um café. Até chegar à praça eu vou pela Riachuelo vendendo A manchete de hoje vai dar bem

O último entrevistado é um rapaz muito quieto num canto e está muito bem vestido

— O meu nome é Paulo Roberto, moro em Madureira e além de vender o jornal lá ainda vendo em Parada de Lucas. Tenho já muitos fregueses certos. Pego todo dia 100 folhas, o que me dá no final do mês um lucro de Cr$2.700,00. Durante a hora em que estou vendendo o jornal não como nada. O dia que dá mais é quando o Flamengo ganha. Leio ele todo e acho muito bom.

Paulo sai correndo agora para buscar o suplemento que acaba de sair e entra na fila. Quanto mais rápido sair, melhor será a venda

Na parede já está colada a cabeça do jornal — parte principal — e Paulo, olhando a manchete que traz a morte de Aldo Moro, diz que "o governo foi incompetente".

À esquerda há a fila dos que apanha o jornal da própria empresa e à direita os distribuidores vão entregando rapidamente aos seus vendedores

Por último, seu João também consegue a cabeça, encaixa ela no suplemento e corre, inicialmente pela Riachuelo, entra na Henrique Valadares e lá vai ele desaparecendo.

Paulo Roberto ganha 2 700 por mês

DEPOIS DE 13 ANOS EM CANA

BANDIDO TROCOU DE MÁQUINA

Hiroito foi um dos bandidos mais procurados pela polícia de São Paulo nos anos 50 e 60: Era o rei da Boca do Lixo, onde chegou, depois de ter sido o acusado de matar o pai. Perdendo amizades e emprego, resolveu morar na Boca, bairro de Campos Elísios, habitado por bandidos e prostitutas.

Começou vendendo "proteção". Foi um dos primeiros a usar revólver de grosso calibre, na Boca. Andava com ele sempre dentro do bolso da calça, onde também mantinha a mão. E não tirava nem pra cumprimentar.

Treze anos preso, agora de novo em liberdade, Hiroito escreveu um livro — Boca do Lixo — que está em 2ª edição. Virou escritor. Está escrevendo dois roteiros para cinema: Boca do Lixo (que será filmado este ano) e Meneghetti, outro bandido famoso, seu conhecido. Seu segundo livro — sobre a vida na prisão — está quase pronto. Com os dez mil por mês que vai ganhar durante oito meses para fazer o roteiro de Meneghetti, os direitos do livro (Cr$ 70 mil) e a porcentagem que vai ter no filme, ele sobrevive dentro da lei.

Foto de Amâncio Chiodi

Hiroito escreveu o livro na cadeia, matando o tempo

"Eu já tentei outras vezes sair da vida de bandido: arrumei emprego, trabalhava, mas não fui aceito, não consegui formar um círculo de amizades. Dessa vez, por ter escrito o livro, mudou a minha imagem.

Já trabalhei um ano e cinco meses com o vereador Samir Achoa, escritório de advocacia. Eu arrazoava pra ele. As pessoas se acostumaram a passar no escritório pra conversar comigo. Quase que diariamente. Uns iam porque achavam interessante meu papo. Outros, pra dizer a seus amigos que conhecem Hiroito. Mas nunca me convidaram pra sair, pra casa deles, pra um teatro. Eu terminava meu serviço às 7 horas, 8 horas, e não tinha pra onde ir. Logicamente, voltei a andar com prostitutas, delinquentes, comecei a entrar em cana... isso foi mais de uma vez

Dessa vez, devido ao livro, mesmo aqueles que não me aceitavam passaram a me aceitar. Então pra mim é bastante estranho porque sei que não mudei nada. Eu sou o mesmo que era nas outras vezes

Mas não dá para viver só como escritor. Vendi a história para o cinema. Com esse dinheiro, mais a porcentagem que vou ganhar, dá pra ir levando. Também fui contratado para escrever um roteiro de um filme sobre o famoso Meneghetti, "o gentil ladrão." Disso, estou recebendo Cr$ 10 mil por mês, durante oito meses. Hoje, o tema da marginalidade está despertando mais atenção do que antigamente.

Por enquanto, reconheço que sou mais ex-delinqüente do que escritor.

Até há pouco tempo eu não me preocupava muito com as coisas do lado de cá, que eu chamo. Tô vendo agora que o problema maior não é bem a criminalidade. A criminalidade é apenas parte do problema. O problema maior é, em termos gerais a dissolução da sociedade. E reflexo disso, espelho disso, é a criminalidade. Haverá sempre uma relação entre o índice de criminalidade e a dissolução de uma sociedade. Hoje em dia, é difícil o sujeito ser honesto por convicção na sociedade altamente urbanizada. Vamos definir antes o que é crime e o que é desonestidade

Crime seria o fato previsto, punido por lei. Variável no tempo e no espaço. Desonestidade opera no campo do eterno e do absoluto, não na superfície das convenções. Hoje em dia, se vê em todos os ramos de atividade a desonestidade. Se pegar o Código Penal e comparar, você vai encontrar. Só que tem outros nomes: consórcio, empreendimento, investimento. À luz do real, é desonesto.

Então é meio difícil o sujeito ser amante da lei, da Justiça, e não ser por temor da espada da lei. A criminalidade é o termômetro de uma sociedade. Quanto mais corrompida estiver maior será o índice de criminalidade

Na minha vida do lado de lá eu era muito eclético, mas sempre tinha como fundo o lenocínio: explorador do lenocínio tem casas onde as mulheres pagam diárias, com direito de usar o local, além de ter alguma proteção contra outras mulheres, delinqüentes, policiais. Uma cobertura. Eu era muito bom pra elas...

Me liguei muito às minhas companheiras. De um modo que não era comum. Um afeto muito grande, reforçado pela amizade, carinho, lealdade. Foi assim com todas as mulheres que passaram pela minha vida. A mulher, pra mim, talvez representasse outras coisas: no mundo do crime, além de ser mulher, ela tem que ser companheira, no sentido da criminalidade. Uma lealdade maior, uma sinceridade maior que a comum. As mulheres com que acabei rompendo não agüentaram o trem de vida que eu levava. Estar sempre em alerta, em perigo... isso acabava minando o amor

Não passei toda a minha vida na prisão. As obrigações que tenho agora sempre tive. Sempre tive casa, automóvel. O máximo que eu fiquei preso, em seguida, foi sete anos, de 1963 a 70. Quando saí, saí abestalhado, não sabia conversar com uma mulher. Nem pra fazer mixê. Chegava numa prostituta, me encabulava. Fiquei todo o tempo de prisão na base de masturbação. Tinha pederastia também, mas nunca fui chegado nisso

A vida na prisão é bem diferente do que se fala por aí. Na prisão acontece o seguinte: 50 por cento das ocorrências policiais não chegam ao conhecimento da direção: as agressões, os estupros. Das que chegam ao conhecimento da diretoria, 90 por cento não chegam à crônica policial Então, às vezes, morrem quatro, cinco num dia e ninguém fica sabendo. Fala-se muito da detenção mas não se sabe ao certo o que é aquilo lá. É um negócio que choca até a mim, que fui delinqüente, um negócio que eu nunca pude aceitar

Existe o tipo de criminoso que se torna monstrinho. Ele vai sendo monstrificado, estuprado, leva quatro, cinco cacetes, quebra o braço, depois vai pro DEIC, então é choque, pau-de-arara e outras coisas mais. Então, ele vai se revoltando. É esse tipo aí que comete latrocínio. É muito comum, em São Paulo e no Rio, o sujeito assaltar e matar. Bestamente. Não por reação de quem é assaltado, mas por sadismo. Pra desabafar aquilo que sofreram.

Uma vez houve um morticínio na penitenciária. Uma psicose coletiva Tinha lá uma tal de Rupa. (O mesmo nome de um órgão policial especializado em prender bandidos, anos atrás.) A Rupa vinha a ser o seguinte: dois ou três caras combinavam de sair matando. Indiscriminadamente. Combinavam e começavam a matar Matava um, dois, três. Nessa matança mataram uns dezoito. Daí, uma das Rupas matou um guarda e acabaram com as Rupas. A Força Pública foi lá com os cachorros... isso foi em 72. Aí deram um pau geral no presídio, arrebentaram 500 presos

Minha mentalidade é apolítica. Não entendo nada de política. Mas sou a favor da anistia. Acho que todos merecem uma oportunidade

O nível da polícia melhorou muito depois de 1964. Não foi a Revolução que melhorou. Até 1960, o nível intelectual dos investigadores era terrível. A maioria era analfabeto. Hoje em dia não, se exige cursinho... melhorou muito.

A polícia também ficou mais refinada. Há novos métodos. Antigamente, o choque era elétrico — isso há muitos anos, eu não peguei esse tempo — depois criaram a maquininha de magneto. Agora, importaram uma espécie de piano: bate numas teclas e, conforme bate, aumenta a voltagem. Hoje, também existe o trono, que antigamente não existia. Uma cadeira de ferro, onde o sujeito fica amarrado Mas o mais que se usa é o pau-de-arara. Quando tem assim muita fila pro pau-de-arara, eles fazem uns treinamentos: tirar petróleo. O cara tem que encostar o dedo no chão e ficar girando em volta do dedo... até achar petróleo. Normalmente, o sujeito até chegar no DEIC já levou dois, três telefones, soco no estômago, escutou que a mãe dele é isso e aquilo, chega lá na carceragem é mais uns catiripapos."

RAQUEL MORENO

FAZIAM AMOR NA DELEGACIA

p 14

APANHOU NO XADREZ PORQUE NÃO QUIS LAVAR O BANHEIRO

Avião é sucessor do catavento

★

Bom foi não ter rolado sangue

p 16

— Familia? O que é familia?

O pai, a mãe, os irmãos

— Meu pai tava bebendo pinga, aí uma mulher bateu na boca dele. Ele tava armado e saiu matando umas mulheres por aí. Aí veio a polícia e matou meu pai.

O que você quer ser quando crescer?

— Não quero ser bandido. Nem polícia. Qualquer coisa, menos polícia. A polícia já judiou muito de mim. Um dia tava eu, o Gilberto — 8 anos — Amauri — 9 —, Adilson — 13 — e outros bagunçando num barzinho da avenida Consolação. Aí passou um *taticão* (Tático Movel, da Polícia) e o cara da boate mandou levar a gente. Na delegacia um homem falou pra mim limpar o banheiro, a sala e o pátio e ia me dar um maço de Kent. Eu falei que não. Aí o moço tirou a sandália, me levou para uma salinha e me bateu.

(Alemão, 9 anos)

Foto de Jesus Carlos

NA FUNDAÇÃO DO BEM ESTAR DO MENOR

PAULADA NO DOENTE

MENINO PASSA MAL — VÔMITO IRRITA SERVENTE — GRITOS E AGRESSÃO NO CORREDOR — ASSISTENTE PROTEGE O INDEFESO — TODO MUNDO NA BRIGA P. 15

REPORTER

Suplemento infantil

TROCOU 6 FILHOS POR AMANTE COM TAXI

Foto de [illegible] Carlos

— Lá em casa ninguém tem sorte mesmo. A mãe tá presa. Andou com mau elemento, aí o mau elemento roubou dois táxis e eles fugiram. A polícia pegou minha mãe, que está na detenção de mulheres. O carinha ainda não pegaram. O pai trabalha de vidraceiro, mas não liga pra gente. Seis irmãos estão na rua, o resto na casa dos parentes.

(Biriba, 15 anos)

Biriba

Foto de Ricardo Galdez

Cintia

Riu do policial e levou pontapé

Ivo, de 13 anos, há seis meses disse à mãe que ia sair de casa porque o irmão maior batia nele. A mãe disse que ele podia ir à vontade: era uma boca a menos. Ele arrumou emprego numa banca de frutas, onde dormia. Um [illegible] encontrou uma bicicleta toda arrebentada na porta de uma tinturaria. Consertou e saiu pedalando por aí. A polícia saiu atrás dele.

— Ninguém foge da polícia [illegible]hor que eu

A [illegible] persegue você ainda?

Um dia, a gente tava bagunçando e o tio de um carinha chamou os guardas. Veio um e disse que ia me levar, aí viu que eu tava sujo e me deixou. Aí, eu [illegible]sada. Ele viu e meteu o pé no meu traseiro.

VENDE DOCE E TEM RAIVA DE RICO

— Não gosto muito da vida que tenho. Sofro muito. Gosto de trabalhar, mas tenho que andar muito. Uma vez os trombadinhas me pegaram, levaram minha caixa de doce e ainda o dinheiro que eu tinha

— Não quero ser muito rico. Muito, muito não Rico é o que estraga a vida dos outros. Morre, perde tudo. Eu queria ser um cantor, como o Ronnie Von

Minha casa é pobre Eu queria que tivesse cortina e móveis. Lá só tem móveis velhos guarda-roupa, duas camas, guarda. comida, um fogão. Televisão eu também queria ter.

— Do trabalho eu só gosto porque tenho de ajudar meus pais. Não aprendi muito trabalhando

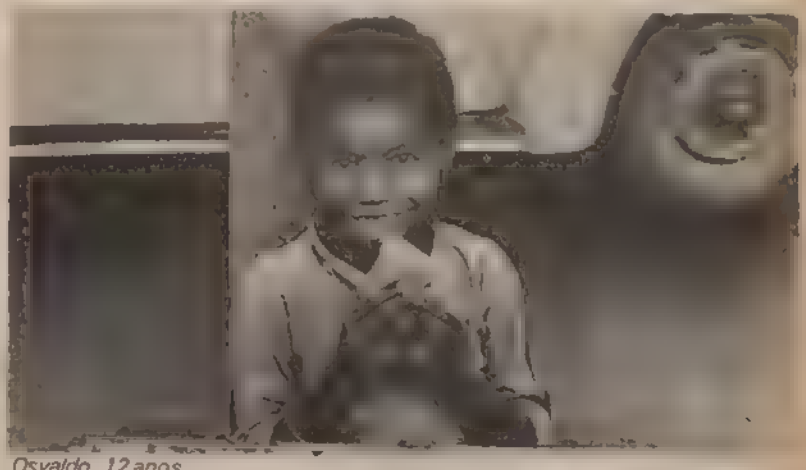


Foto de Amancio Chiodi

Osvaldo, 12 anos

Tomou Brasil no peito

— Escola é um lugar onde se vem pra aprender. Aprende como ser, modo de agir, falar português direitinho. Aprendo sobre História do Brasil

— O mais importante em História é quem descobriu o Brasil e como foi povoado. Tinha os Indios aqui e os portugueses estavam indo pras Indias. Aí erraram o caminho e vieram parar aqui por acaso. O rei de Portugal resolveu, então, pegar as terras pra ele

— Do Brasil de hoje eu aprendo quantas pessoas tem — não sei —, as indústrias que tem, quantas pessoas trabalham

— O Brasil é um país que vai ficar rico. Por enquanto não é

(Cintia, 13 anos, 6ª série)

EX-DOMÉSTICA ACHA PATROA MUITO EXIBIDA

Ana Aparecida tem 14 anos. Ela diz que "o Brasil é um país bom de se viver porque não tem guerra e a guerra mata as pessoas". Não sabe porque os estudantes saem nas ruas em passeata: "acho isso horrível, os polícia bater neles, não tá certo não, polícia é muito estúpido, já vai logo batendo... imagine que no meu grupo tem um polícia que fica lá o tempo todo pra não deixar a gente fazer bagunça."

— Você estuda. Já trabalhou alguma vez?

— "Já trabalhei de doméstica. Não gostei não, as patroas são muito ruins qualquer coisinha elas enchem, são muito exibidas, querem ser mais que os outros, só porque são ricas e a gente é pobre pensam que a gente pode aguentar tudo."

— E me diga, Ana, por que existe pobre e rico no mundo?

— "Ah, isso é que eu não sei mas gostaria muito de saber."

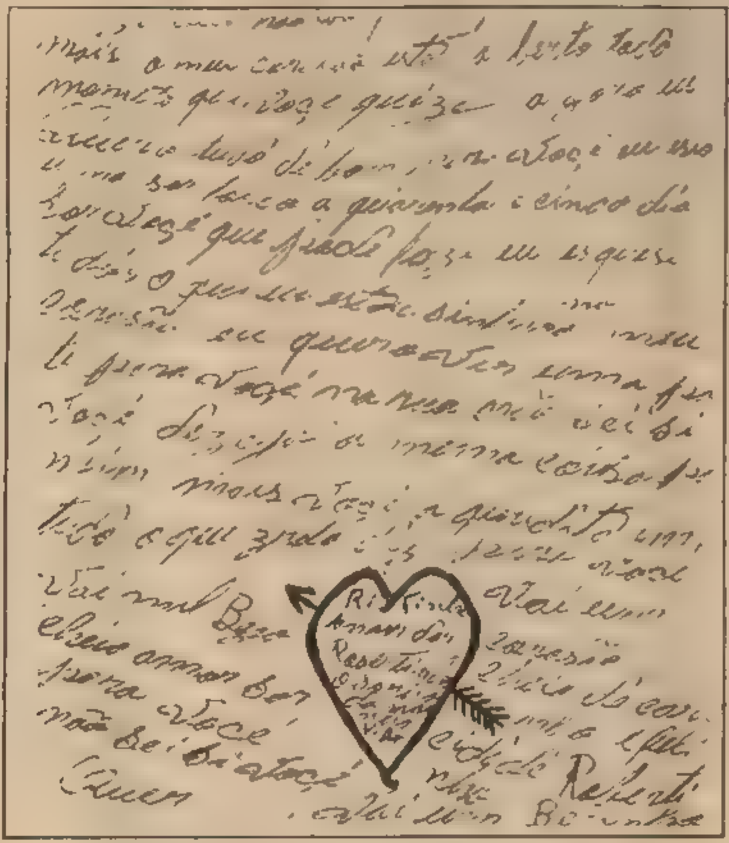
FUTURO ENGENHEIRO TEM MEDO QUE A MÃE MORRA

p.17

EXÉRCITO SÓ ANTES DA GUERRA

p.16

AMOR A TRÊS NA CELA



Três crianças (15 anos) foram presas numa delegacia de São Paulo. Por lei, a polícia não pode prender crianças por mais de algumas horas, mas eles ficaram vários dias. Flávio na cela em frente à da Rita. Robertinho na cela do lado. Bilhetes de amor que eles chamam "papagaios" começam a circular entre as celas, jogados de uma pra outra. Flávio ama Ritinha, Robertinho também. É a chibação.

Você fala que me ama mas é tudo chibação

Ai, Ritinha, não se trata de eu ficar na miguelagem. É que eu dou toque pra você não ficar chibando com os caras lá do lado, mas você não se acanha e depois vem contar história pra boi dormir pensando que eu sou loque. Você fala que gosta de mim, que me ama e o diabo a quatro mas eu sei que isso é tudo chibação de sua parte e quando você sair na rua nem vai se lembrar que eu existo. E eu não gosto de mina de duas caras. Quando eu quero uma coisa é só pra mim, não gosto de parceiro. Mas se você quiser continuar nessa aí, pode ficar chibando com os caras. Agora, a consciência é sua: qual dos dois você prefere? Se for amigo tem que proceder, senão adeus. Assinado Flávio.

Gosto de duas coisas estar na rua e ver você

Ritinha, já esqueci tudo o que você fez porque te amo com todo meu coração. Daria minha vida pra estar com você no mundão curtindo uma legal, mas o destino reservou para nós dois estar atrás das cortinas de ferro. Mas se Deus quiser nós vamos sair desse inferno que nem o diabo queria estar aqui. Mas é como você disse: a vida é essa, a gente tem que passar por todo o sofrimento da vida. E justo esse foi reservado para nós dois. Mas Deus é grande, talvez nós podemos cair nos laços matrimoniais. Espero que isso aconteça algum dia. Você mandou um beijo com sabor de morango, eu mando com sabor duplo de cereja. Flavio e Rita.

Cruzando com você no mundo, terei vida de rei

Ai, Ritinha, eu sonhava todos os dias que ia casar com uma morena linda como você. Eu acho que tu és a mina dos meus sonhos e estou feliz porque já encontrei e vou saborear esses lindos lábios de morango. Mas é pena que não seja todo dia, mas eu deito e fico pensando: por que será meu Deus que isso tinha que acontecer logo com nós dois e não resisto a solidão e minhas lágrimas logo começam a rolar pelo meu rosto afogando-me no vazio da escuridão. Mas espero que termine logo minha tristeza cruzando com você, meu amor, no mundo e ter uma vida de rei. Só assim poderei realizar meu sonho que demorou tanto. Um beijo duplo e um abraço do seu querido Flávio.

Não podemos nos amar atrás das cortinas de ferro

Ritinha, queria estar juntinho com você agora dando aqueles malhos mas isso não é possível porque o destino reservou para nós dois ficar atrás das cortinas de ferro e não podemos nos amar. Mas um dia, não sei quando, vamos nos cruzar na rua e vamos tirar todo tempo que estamos perdendo aqui. Ai, vou esquecer até do mundo, não vou querer nem morrer.

Flávio

Não vim pra cadeia pra passar por paspana

Ai, Ritinha, você está me levando pra grupo. Você acorda de manhã a primeira coisa que faz é chamar o Roberto. Se eu não dou toque fica aí na miguelagem Você não está agindo. Eu não sou parado nessas pilantragens, mas a cabeça é sua. Se você continuar nessa, tchau e bênção porque eu não vim pra cadeia pra passar por paspana. Agora, se você acha, tá muito enganada. Agora você vê o que pode fazer

Assinado Flávio

Meu sofrimento talvez pode se afogar em seus lábios

Ai, Ritinha, agora acabou minha alegria porque você vai embora. Mas em outra parte estou contente porque você vai pra rua, assim você sai desse sufoco. Minhas noites eram vazias com você tão perto de mim mas não podendo te ver. Agora que você vai, minha solidão vai aumentar mais ainda. Mas não faz mal porque tenho esperança de encontrar você na rua. Só assim meu sofrimento talvez pode se afogar em seus lábios.

Assinado Flávio.

Se você tem compromisso na rua, fala que é melhor

SP 23 8.75

Saudação. Minha querida Ritinha, eu estou mal. Eu fui pendurado ontem três vezes. Se você for embora, é para você ver aquela parte pra mim. Eles estão falando que vão me mandar pro DEIC. Aquela parte que você falou que ia ver, se eu não estiver aqui, estou no DEIC. Se você der uma mancada, eu nem sei que faço. Tudo que eu falei pra você é real. Eu vou acreditar em você, Ritinha. Você, ultimamente, está sendo a pessoa que eu quero. Se você tem compromisso na rua, você fala que eu fico sabendo. Mas falou ontem que não tem. Eu estou naquela, ontem eu fiquei o dia todo lá em cima. Ritinha, eu não penso em mais nada, só em você. Robertinho da sua vida.

Estou invocado com todos vocês

SP 22.8.75

Ai, Ritinha, você falou que não me trouxe pra cadeia. Eu não esperava que você dizia essa graça para mim. Ai, você disse que não tem filho barbado por causa de um cigarro. Eu pensava que você me considerava mais um pouco, Ritinha. Eu estava desgostando de ver você chibando com nego Flávio, mas eu não tô nem aí. Se quiser corresponder eu correspondo com você. Eu tô invocado com todos vocês. Se manda resposta, vai um beijinho. Robertinho

Fala pro juiz que está esperando nenê de mim

SP 21.8 75

Minha querida Ritinha. Você vai embora logo. Eu estou contando você fazer uma parte pra mim. Só tem um jeito de você me tirar daqui. Vai no Juiz você e fala que eu sou o seu marido, que você está passando fome e que você está esperando nenê de mim. Você vendo essa parte pra mim, logo em seguida eu vejo uma parte pra você Você vendo essa parte pra mim, eu faço o que você deseja da sua vida. Eu estou no sufoco. Ritinha, eu só penso em você. Você é tudo que eu quero. Vai beijinho de amor, tudo de bom pra você que tem no mundo. Vai um beijinho sabor de cereja. Roberto.

Você disse que está parando na minha

São Paulo 22 8.75

Minha querida Ritinha. Eles estão falando que vão mandar você pro DEIC (Departamento Estadual de Investigações Criminais — n.r.), mas você vai pra rua. Você disse que está parando na minha. Sei, pode ser verdade e pode ser mentira. Mas isso não importa. Com isso eu só quero que você não dê mais um furo comigo. No mundão, eu vejo uma parte pra você. Se você quiser a minha vida, eu dou. Vai um beijinho. O meu nome: José Soares da Silva Filho, Pai: José Soares da Silva. Mãe Benigna Ferreira Lima. Robertinho Ritinha

Não fica nervosa, isso é a cadeia

SP 24 8 75

Saudação. Minha querida Ritinha. Você mandou escrever um papagaio para você Eu quero o seu carinho e o seu coração para mim. Ai, Ritinha, te amo de coração. Eu quero ver você do meu lado para sempre perto da minha vida. Você está dizendo que eu não tenho atitude. Eu tenho sim. Não pode ficar discutindo amor. Você é muito nervosa, mas não pode ser assim. Eu também sou nervoso mas no mesmo tempo sei que é tudo porque isso é cadeia. Na rua é diferente. Eu quero que você dá uma certeza que não vai ficar naquela miguelagem. Mas o meu coração está aberto todo momento que você quiser. Eu quero tudo de bom pra você. Eu estou no sufoco há 45 dias. Só você pode fazer esquecer tudo o que estou sentindo no meu coração. Eu quero ver uma parte para você na rua, não sei se você deseja a mesma coisa para mim mas você acredita em mim. Vai mil beijos cheios de amor, não sei se você quer. Vai um coração cheio de carinho e felicidade. Robertinho.

VOMITOU? PAU NELE!

ACONTECEU NUM ORFANATO DO GOVERNO — NÃO FOI CASO ÚNICO — CRIANÇAS VÊEM TV A CORES MAS APANHAM DOS FUNCIONÁRIOS — CADEIRA HIPNÓTICA PRA CURAR DA MACONHA — MENINAS RECEBIAM PROPOSTAS E ERAM APALPADAS — VOLTAVAM DO SANATÓRIO GORDAS E COM DENTES RUINS

Clube, cinema, teatro, tv a cores. As crianças "carentes, abandonadas e infratoras" são bem tratadas pelo Estado? Doze crianças internadas na Febem (Fundação Estadual do Bem Estar do Menor) de São Paulo, com idades entre 7 e 14 anos disseram que já apanharam lá dentro ou já viram alguém apanhar por "desobedecer funcionários", "não se comportar" ou sem razão nenhuma. Perto de 40 mil crianças, distribuídas em 34 unidades próprias e 507 em regime de convênio estão sob os cuidados da Febem. Grande parte das 507 unidades são de propriedade do Sr. Oliveira Laet, ex-vereador. Dois ex-assistentes sociais da Febem falam a respeito dele.

– As meninas imploravam: "por favor, não me manda pro Laet"! E não tinha outro lugar pra mandar. O Laet era a única saída.

Para as unidades do Laet vão os casos de "desvio de conduta", só para meninas. Mas ele tem também sanatórios para doentes mentais, paraplégicos, meninos... ele cuida da miséria.

– Na unidade do Laet do Jaçanã (bairro de São Paulo) tem uma cadeira que é a primeira coisa que ele mostra pras visitas. Chama-se "cadeira hipnótica", importada dos Estados Unidos por um dinheirão. Essa cadeira é o seguinte: se a menina tem problema de drogas, por exemplo, ela vai sentar nessa cadeira todo dia por 40 minutos durante 30 dias. Ela senta, a cadeira começa a trepidar até a menina ficar mole... aí descem do teto dois fones de ouvido. Toca uma musiquinha suave, a menina está sonolenta...: aí começa uma gravação. A que eu ouvi, mostrada pelo Laet (eu sentei na cadeira) era assim: "você está com sono... você vai dormir"... Depois de uns cinco minutos desse papo, a fita começa a falar do problema dela mesmo: "você nunca mais vai fumar maconha na sua vida, cada vez que fumar um cigarro de maconha você vai vomitar, vai ter a sensação de estar morrendo" etc, etc. Depois de um mês a menina sai, dão um cigarro de maconha na saída. Ela fuma e é claro, vai ter aquelas sensações que estão na fita.

Foto de Amancio Chiodi

— Depois de um tempo a menina deixa a maconha e vai ter um desvio de personalidade: se não era homossexual, vira homossexual. Então é um tratamento que além de não curar o problema dela (porque não vai na causa) ainda dá outros tipos de desvios...

— Tem outro sanatório pior que o do Laet, que é o Vera Cruz. O inferno de Dante é paraíso perto dele.

— Você sabia que o dono se suicidou?

— Tinha que se suicidar, né?

— Foi no ano passado, ele era psiquiatra — Renato Teixeira Mendes.

— A parte dos fundos do Vera Cruz era reservado para as meninas da Febem. Era um pátio, em volta do pátio havia umas celas (as meninas dormiam em celas!). Ficava uma funcionária sentada na porta do pátio com um pedaço de pau e as meninas o dia inteiro no patio, sem nenhuma atividade. O pátio era menor que uma sala.

— As meninas saíam de lá obesas de tanto não fazer nada e tomar remédios, choque elétrico.

— Entravam com dentes bons e saíam com dentes ruins, com tique nervoso. Acompanhei vários casos que foram pra lá e depois voltaram, deu pra saber bem. Uma psicóloga testava o QI das meninas: depois de passarem no Vera Cruz o QI baixava.

— Voltando ao sr. Laet: ele tem sanatórios no interior também. Em Cabuçu era um sítio onde as meninas cuidavam de porcos. Tavam depositadas lá trabalhando pra ele. Não tinha tratamento nem ensino.

Esses funcionários estão fora da Febem há dois anos. Mas em dois anos a situação não deve ter mudado muito. Para se ter uma pequena idéia do que acontece lá dentro (ou acontecia) aí vão três relatos extraídos dos arquivos da entidade:

São Paulo, 30 de setembro de 1974
Ilmo Sr. Diretor
Comunicamos a V. S[a] que em 27 do corrente fomos procurados pelo encarregado do Plantão Masculino, Sr. Naur Rodrigues, o qual nos informou que as menores Márcia Maria Conceição, Sebastiana da Silva e Cirlei Dias lhe fizeram queixas de estarem recebendo propostas imorais por parte do funcionário Marcílio Stopa. a) assistente social.

São Paulo, 11 de junho de 1974
Sr. Diretor
O menor Antônio Carlos Rodrigues estava sentado no banco, em frente à sala da encarregada do pavilhão, visivelmente passando mal. Perguntamos o que tinha e ele respondeu que havia sofrido um ataque e em seguida vomitou no chão.
Neste momento, a funcionária Eunice Augusta Martins Gasparello, servente, avançou sobre o menor aos gritos, batendo com um pedaço de pau em suas pernas.
Presenciando tal cena, não poderíamos deixar de intervir em favor do menor e dissemos à funcionária que não iríamos admitir tal atitude. A funcionária avançou em nossa direção, ameaçando com o pau, dizendo que batia mesmo.
Sr. Diretor, nenhum acontecimento, seja qual for, justifica tal atitude. A própria situação do menor aqui internado já é lastimável e agressiva à sua condição humana. a) assistente social.

São Paulo, 1º de outubro de 1974.
Ilmo Sr. Diretor
Comunico a V. S[a] que na data de hoje fomos procurados pela menor Alvacir Rosa da Cunha, pt. 18235A, a qual nos informou o que segue:
O funcionário Agostinho Bustelli vem procurando-a, enquanto a menor presta serviços no pavilhão C, fazendo-lhe propostas imorais.
Disse ainda Alvacir que o referido funcionário costuma penetrar as mãos através do muro de tijolos vazados que dá para o pátio do pavilhão feminino, para pegar nas meninas, o que geralmente consegue. Por este mesmo muro faz suas propostas e diz palavrões às meninas, prometendo levá-las para sua casa a fim de viverem juntos.

Alexandre Cesário Rodrigues, 13 anos, internado na Febem pela terceira vez (preso com um menino que carregava maconha) acha que a coisa mais errada do mundo "é ficar preso. Tá louco só! Eu gosto é de liberdade. Nenhum passarinho devia ser preso. Preso aqui, o coração parece que fecha."

Das outras vezes você foi preso por quê?

— Ah, não sei, eu gostava de uma coisa, não tinha dinheiro pra comprar, queria muito. Aí me pegavam.

O que você acha da Febem?

— Não gosto de ficar preso, nem de apanhar, às vezes a gente não tá fazendo nada, leva tapa na cara, tudo uns ignorantes.

E sobre o Brasil, o que você pensa?

— O Brasil, não gosto muito, não. Muito prédio, muita poluição. Queria mais mato, selva pra gente poder nadar no rio, sem polícia, sem mortes.

Suplemento infantil

O bom da Independencia: nenhuma gota de sangue

"Escola é um caminho pra você se realizar na vida. Você vai adquirindo conhecimento pra subir na vida. A gente amplia a mente, consegue viver num grupo. Em casa' você é só um filho. Na escola são 30

"Só não gosto dos dias de prova! E tem dias que eu tô com raiva dos professores e tem dia que adoro eles

"A matéria que mais gosto é Artes Plásticas. De História a gente aprende História Universal

"Do Brasil, o que mais gostei foi da independência porque não teve derramamento de sangue. Aprendi o relevo, clima, todos aquelas serras. Sei mais ou menos de cor."

(Maria Marta, 12 anos, 5ª série)

Foto de Ricardo Giraldez

As vezes tem raiva dos professores

Foto de Ivone Parente

Na aula, elogios ao Brasil

Quer servir o Exército antes da guerra começar

Silvio Aparecido Lopes tem 12 anos, estuda na 4ª série e mora no Lar Infantil Português:

O que você vai ser quando crescer?

— Primeiro tenho que terminar meus estudos, depois servir o Exército e lutar pelo Brasil

Como assim, lutar pelo Brasil?

— Assim, quando tiver guerra eu já servi o Exército

O que você acha da guerra?

Acho que é ruim matar as pessoas, acho que não devia ter guerra

O que você acha mais certo?

— É trabalhar, repartir o que a gente tem de bastante com quem não tem

E o mais errado?

— Roubar das pessoas e ter inveja

Qual sua opinião sobre o Brasil?

É um país muito bom, progride muito

Onde você aprendeu isso?

Na escola, na aula de Estudos Sociais

Tem medo de alguma coisa?

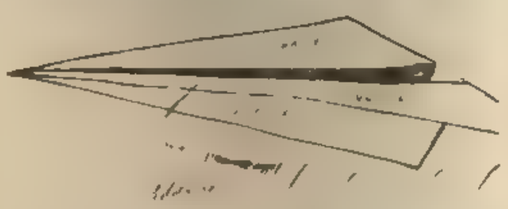
— De um dia a gente não poder trabalhar, ser raptado, uma pessoa obrigar a gente a matar, mas eu não tenho medo de morrer

O que acha dos adultos?

— O adulto pode obrigar as crianças a fazer o que eles querem porque são mais fortes, mas acho errado um adulto bater nas crianças

Aviãozinho de papel já rendeu Cr$24 mil

Convidado pela diretoria de sua escola — o Centro Educacional Benedito Fagundes Marques — a se inscrever no concurso de símbolos para a Semana da Pátria, o garoto resolveu por em prática as habilidades já festejadas no seu tempo de Juizado de Menores — passou seis anos internado, após a morte do pai — e aprimoradas num curso por correspondência feito ano passado — a Cr$ 150,00 por mês. Desenhou um avião verde e amarelo, o velho modelo de avião que, de tão famoso, não tem nome nem autor — é só aviãozinho



E o avião venceu eliminatórias municipais, colecionou medalhas e troféu na seleção estadual, viajou a Brasília para a grande peneira nacional e está perto de se tornar o símbolo da Semana da Pátria, autêntico sucessor do catavento na festa do próximo Sete de Setembro.

"Foi justamente o catavento" — explica Adalgicio Ribeiro de Paula, 16 anos — que meu a idéia. Pensei: no ano que vem vai ser um aviãozinho, um avião de papel, igual ao que a gente faz pra jogar da janela. Daí falaram do concurso, eu achei que podia contribuir dum jeito desses e fiz"

Adalgicio mora numa fazenda, a 45 quilômetros de São Paulo, a fazenda São Roque, propriedade da Secretaria do Bem-Estar Social, onde seu padastro trabalha.

Foto Ricardo Gonçalez

Adalgicio não sabe por que faz o avião

— Se eu sei pra que vai servir o aviãozinho que eu desenhei? Não, não sei não. Acho que é pra Semana da Pátria. Foi o jeito de participar. Agora, o que vão fazer com o aviãozinho eu não sei mesmo.

Os pais também não parecem saber. No momento estavam preocupados em ir até a cidade de Franco da Rocha receber os primeiros mil cruzeiros do prêmio total de vinte e quatro mil, juntados até agora pelo avião de papel do Adalgicio. Que vai permitir também uma viagem do Adalgicio e seu padastro a Brasília para receber o resto do prêmio.

— Eu não tô muito por dentro das coisas. Nem as outras pessoas. A maioria das pessoas ficam mais preocupadas com outras coisas, a única coisa que elas querem é se divertir, não ficar com problema. Acho que todos deviam discutir, falar, pra resolver todo mundo os problemas. Mas no Brasil é difícil, a gente vê no noticiário. O Brasil não é um país muito livre. É difícil participar, a gente tem vontade, participa como pode, mas é difícil.

— Quero ser engenheiro, mas vai ser difícil. Filho de pobre não tem condição de estudar, precisa ir logo pro trabalho.

Comunismo apavora criança

Wilson dos Santos Moreira, 9 anos, diz o que acha do Brasil

"É um país bom, livre, aqui não tem comunismo."

E o que é comunismo? É ruim?

"É ruim, sim, meu pai falou, no comunismo a gente tem que estar sempre do lado do governo, o governo manda fazer tudo o que ele quer, senão vai preso."

E no Brasil? Dá pra fazer o que se quer?

"Hum... Hum acho que dá, não dá?"

Você é quem sabe

"Ah, nem sei..."

Você sabe quem é o presidente do Brasil?

"Ernesto Geisel."

O que você acha dele?

"Ele faz todo mundo ter todas as coisas iguais."

Como assim? Quem tem coisas iguais a quem?

"Ah, não sei direito não, mas é que ouvi uma vez a professora dizer isso."

Engenheiro do ano 2000 sofre por causa da mãe

Cássio Augusto Rossi, 12 anos, estuda na 6ª série.

— Mas que tipo de pergunta você vai fazer? O que você tá querendo saber?

Bem, primeiro eu quero saber se você tem medo de alguma coisa. Você pode responder?

— Depois cê vai perguntar para outras crianças também?

Vou, mas agora me responda: de que você tem mais medo?

— Bom, tem uma coisa que sempre penso e não gosto, tenho mais medo que minha mãe morra, não vou gostar nada

Qual a coisa que você mais gosta de fazer?

— De jogar bola, de futebol.

Você tem acompanhado os jogos da Seleção Brasileira pela TV?

— Não perco quase nenhum.

Os adultos, qual a sua opinião sobre eles?

— Minha opinião? É que tem alguns que são chatos, vivem brigando com as crianças, que não podem fazer nada porque o adulto já vem implicando, isso é chato

O que você acha que o adulto faz de mais errado?

— Bom, acho que quando o adulto mata pra roubar, quando faz as guerras, bate nos mais fracos, quando ele é ruim é errado, né?

O que você acha da polícia?

— Acho que é pra defender, tomar conta

Você sabe quem é o presidente do Brasil?

— Geisel

E o que faz um presidente, você sabe dizer?

— O presidente é o que manda mais que todo mundo.

O que você vai ser quando crescer?

— Engenheiro.

O que você acha mais certo?

— Acho que é a pessoa ser honesta e não matar.

Costuma ler?

— Eu leio, gosto de gibi e dos livros da escola.

E qual o programa de TV que você mais gosta?

— Prefiro o Sítio do Pica-Pau Amarelo e o Silvio Santos.

CRIANÇA QUER AUMENTO

Foto Jesus Carlos

Severino, o de boné, quer entrar no sindicato quando crescer

Metalúrgico pede salários iguais pra todos

"Greve é justo, a depender da razão. Quando atrasa muito o salário e quando não tem segurança no trabalho. Principalmente. Para pedir aumento acho besteira, a não ser que a pessoa esteja ganhando muito, muito mal. Quando crescer, vou entrar num sindicato

"Se eu pudesse fazer um pedido aqui na fábrica, pedia para os garotos menores ter direito de trabalhar nas prensas, em vez de só escolher tubos ou trabalhar na maquininha. Nas prensas é mais gostoso, mas só botam os meninos maiores. Na maquininha cansa muito: a gente tem que por a peça e bater com a mão, por nas caixas. As peças são muito pequenas

"Acho que nenhum país é rico mesmo, nem os Estados Unidos. Eu entendo por rico quando um país só tiver uma classe social e todo mundo for igual. Um país rico dá tudo o que o povo quer: conforto, habitação. Os Estados Unidos tem alguma riqueza, mas lá também tem fome, deve ter menos que no Brasil, mas também tem muitos problemas.

"A Russia deve ser o maior país do mundo em tamanho, e pelo que já ouvi falar deve ser muito bacana porque os trabalhadores são mais bem tratados. Na Russia, pelo menos, não tem guerra. Os Estados Unidos só quer guerra nos países dos outros, bomba, só quer fazer mal para a humanidade.

"No Brasil deve ter fome, nessas favelas por aí. O Nordeste é uma região muito pobre e seca. O governo devia ajudar eles a vir pra São Paulo, muitos saem do Nordeste só com a roupa do corpo. Por isso nem arranjam emprego.

"Se eu fosse presidente eu pedia igualdade de salários pra todo mundo justiça, harmonia, direitos iguais para todas as pessoas, pra todo mundo ser igual mesmo, acabar o rico e o pobre, o preto ter os mesmos direitos que o branco e a mulher o mesmo direito que o homem."

(Severino Gomes da Silva, 13 anos, metalúrgico, Cr$ 1300 por mês)

Queria ser Jesus Cristo mas só ganha micharias

"No Brasil acho errado o salário. Não precisa ninguém comentar, eu mesmo reparo. A gente trabalha, trabalha, chega no fim do mês recebe micharia

"Eu queria conhecer todos os países mas se fosse escolher entre Estados Unidos e África eu preferia Africa, por causa dos pretos, árvores, folclore, tudo isso lá é muito rico. Eu ia conhecer a origem da minha raça. Na África os pretos são livres. No Brasil tem preconceito contra os pretos, mas muito, muito, não.

"Já sofri racismo. Em Jundial, SP, na primeira escola que estudei. Ninguém dava bola pra mim porque eu era o único preto. Eu sentia um negócio muito ruim, já pensou o que é isso? Queria entrar na brincadeira, não podia

"Nós negros, somos tão bonitos quanto os brancos. Não é todo mundo que reconhece isso mas ainda vamos ver esse dia, não acho que vai ser sempre assim, seria impossível.

"Eu queria ser mesmo sabe quem? Jesus Cristo. Mas não posso."

(Emerson, 14 anos, entregador)

Salário anda pra trás

"Existe gente pobre por uma espécie de egoísmo de nós mesmos. A gente é egoísta porque não dá um jeito de fazer os outros deixar de ser pobre. Um dia pode ser que não seja assim, se a humanidade melhorar não vai ter mais pobre.

"O Brasil é um país bom, aliás, mais ou menos: não tá ainda totalmente feito. Tinham de acabar com a poluição, ter mais árvores, como na Amazônia. O salário também tá ruim. Esse aumento que teve agora foi uma miséria: só 41%."

(Marcos, 14 anos, bói)

Órfão diz que greve tá certo

"Se não existisse operários a gente não tava aqui não existia casas. Eles ganham um salário que não dá pra nada, mas vão se virando, coitados

Aí acho que greve tá certo. No Brasil, o problema que tem é o salário. É muito baixo

"O Brasil é o país mais alegre que existe, a Alemanha é que impõe mais ordem e nos Estados Unidos é onde tem mais liberdade. Os Estados Unidos é o país que eu mais queria conhecer, por causa da propaganda. São muito ricos, mas não tão evoluídos quanto a China. O chinês é crânio. O americano inventa uma televisão de tamanho razoável, o chinês inventa uma de bolso.

"A Russia é que é um país muito ruim porque lá tem os alemães, como Hitler. Lá na Russia todos os homens são muito ruins, assassinos."

"Sei que em 1964 teve uma revolução no Brasil. Parece que o Brasil ganhou. Não sei contra quem. Revolução é quase igual a guerra só que na revolução um país se revolta contra outro. Na guerra, os dois países querem brigar. Guerra é um negócio muito chato, o mais ridículo que pode existir. Deus me livre de ir pra uma. O Brasil não gosta de guerra. Só entrou uma vez. Contra a Bolívia, se não me engano

Foto Amancio Chiodi

O Brasil é o país mais alegre que existe

"Quase sempre tô muito triste. Não gosto muito da vida que levo. Gostaria de viver em outro lugar, viver mais livre. Tira liberdade ter que ir pra firma trabalhar,

(Sérgio Ricardo Venâncio, 13 anos, bói desde que o pai morreu)

Engraxate adverte: bilhões vão acabar

"No Brasil não tem liberdade porque não podemos fazer o que a gente quer. Eu mesmo não posso ficar na rua depois de 10 da noite. E tem muitos de maior que não quer ficar na rua porque pedem logo os documentos

"No Brasil tem fome porque alguns são desocupados, outros vagabundos, podem trabalhar mas não trabalham. O governo só podia fazer pela fome era inventar um tipo de creche, primeiro para os menores, para quando crescerem já ir pensando num futuro melhor.

"Os mendigos também podiam se melhorar, tomar banho num rio, pedir roupa a alguém e ir procurar serviço

"Dos ricos não acho nada Aqueles que têm alguma coisa a mais que nós não adianta, mais cedo ou mais tarde podem ficar igual a nós. Não adianta eles darem uma de orgulhoso. A riqueza não vai durar, mesmo se tivessem uns bilhões

"Me contaram a história de um dono de cinema que ficou gastando o dinheiro com mulher, perdeu tudo, hoje tá mendigo. Acontece isso com todo rico. A pessoa deve ser humilde. Rico só arruma intriga, não tem amizade com os outros, nem com os pobres nem com os ricos."

(Fernando Luis dos Santos, 13 anos, engraxate)

Clodoaldo Lobo

IMOBILIÁRIA COMPROU TERRENO DE MÃO BEIJADA. GOVERNADOR FOI CORRETOR DA TRANSAÇÃO. TRANSFORMARAM LAGOA EM PROPRIEDADE PARTICULAR E FIZERAM LOTEAMENTO. PLANO QUE FERE CONSTITUIÇÃO FEDERAL APROVADO PELA PREFEITURA. SÓ RICO ENTRA NA PRAIA OCUPADA. PESCADORES DESPEJADOS DOS BARRACOS. PROJETO SOFISTICADO VAI POLUIR O MAR DE ITAIPU.

VENDERAM A LAGOA

Nos últimos meses tem aparecido com freqüência na grande imprensa matérias e reportagens sobre o Novo Paraíso, localizado (as matérias, por coincidência, sempre frisaram isto) a vinte minutos de Niterói, trinta do centro do Rio e 45 da congestionada Ipanema. Na verdade, estas matérias têm por função criar uma expectativa na opinião pública em relação a Itaipu, onde está sendo implantado um imenso projeto de urbanização que, em quinze anos, levará para lá 100 mil novos habitantes, pessoas cansadas da vida neurótica do Rio e Niterói.

Só que a implantação da Nova Itaipu está sendo feita às custas da destruição das reservas ecológicas, da desfiguração e ocupação ilegal de uma lagoa, da poluição (pelo lançamento de esgotos) de uma praia até hoje limpa. E o que é mais grave: com a urbanização virá a expulsão daqueles que melhor conhecem Itaipu, os pescadores, que estão, hoje, vivendo sob terror, esperando o momento de serem expulsos.

A abertura de Itaipu aos negócios das imobiliárias (Veplan-Residência) vem coroar um longo processo de ocupação cheio de lances até hoje pouco explicados, principalmente no que diz respeito à posse e propriedade dos terrenos, e aos sucessivos loteamentos ilegais. Só para dar uma idéia, até mesmo o meio da lagoa foi loteado.

Itaipu é um centro arqueológico riquíssimo. Antigo sítio dos índios Tamoio, antigo recolhimento dos jesuítas e freiras Carmelitas (lá existe uma igreja construída em 1716, hoje em ruínas). Um relato da época conta: "Esta é uma terra maravilhosa, habitada por garças brancas e vermelhas, repleta de animais silvestres e de caça, com matas, cachoeiras e um mar permanentemente azul."

Até meados deste século Itaipu era um pacato e próspero povoado de pescadores, que mantinha poucas ligações com o centro maior, Niterói. As coisas começam a mudar em 1945, quando por lá apareceu um senhor chamado Francisco Pizarro da Gama Lobo. Ele simplesmente se apossou — com a ajuda de duvidosos documentos de propriedade — de 9 milhões de metros quadrados de terra, ou seja, toda a baixada de Itaipu, Camboinhas, Fazendinha, Itacoatiara, as faixas de areia, a montanha em volta, a lagoa. Seus projetos de loteamento não foram aprovados pela Prefeitura, na época, por falta de embasamento legal. Mesmo assim, ele começou a vender lotes no local, nas caras da Prefeitura. Entre estes, 802 lotes "subaquáticos", situados dentro da lagoa de Itaipu. Em 1962, quando vários proprietários destes "lotes" vão à Justiça, Pizarro procura o então prefeito de Niterói, Dalmo Oberlaender: — "Ele fez a proposta ao meu pai no sentido de aterrar a lagoa para dar posse às escrituras pois os compradores já haviam caído no conto-do-vigário." Quem conta a história é Ricardo Oberlaender, filho do ex-prefeito, atual vereador pelo MDB niteroiense. "O Pizarro propôs ao meu pai, como último cartucho, que eles rateassem meio a meio os lucros da venda destes lotes."

Em 1973, com a Ponte Rio-Niterói deixando aos poucos de ser um sonho, a Veplan-Residência adquiriu por cerca de 400 milhões de cruzeiros os direitos de posse (até hoje duvidosos) que Pizarro tinha sobre Itaipu.

O corretor da transação foi o ex-governador Celso Pessanha. Em 1975, a Veplan apresentou à Prefeitura um projeto de urbanização da região (são exatamente 7 milhões e 234 mil metros quadrados, sete vezes o tamanho do Parque do Flamengo, a mesma área do município de Nilópolis). Os planos eram de autoria do arquiteto Harry Cole, que, em seu currículo, tem os projetos das atuais estações do bondinho do Pão de Açúcar, também conhecidas como "tartarugas roxas", e do Centro Cândido Mendes, um espigão de 44 andares sem garagens, que está sendo erguido na Praça XV, por detrás de um antigo convento colonial, tombado pelo Patrimônio.

O plano apresentado previa a privatização das margens e do interior da lagoa, o que vai contra o artigo 5º da Constituição Federal, segundo o qual as margens e o leito de rios, lagoas e praias são propriedade do povo e, como tal, não podem ser privativos. O "então" prefeito Ronaldo Fabrício não aceitou os planos da Veplan, e constituiu uma Coordenadoria de Planejamento Urbano para estudar futuros projetos para a região.

Segundo Ricardo Oberlaender, "no período antecendente às eleições do ano passado havia muita especulação na cidade, no sentido de que a Veplan iria investir em candidatos a prefeito e a vereador para que tivesse seus projetos aprovados pelo futuro prefeito, porque o de então, Ronaldo Fabrício, estava irredutível na sua negação."

Nessa época a Veplan construiu e deu de presente à "comunidade de Itaipu" um novo prédio para a delegacia de polícia. Doou à Prefeitura cinco áreas de 7 mil metros quadrados cada, para a construção de escolas. Finalmente, a cartada mais importante: a Veplan propôs pagar a instalação dos serviços de água, luz, esgotos, gás e telefone para toda a região que, não custa lembrar, é maior do que muito município por aí. Isto significaria — segundo os "press-releases" da Veplan publicados na época pelos jornais niteroienses — um investimento de 40 milhões de dólares, mais do dobro do atual orçamento de Niterói.

Mas a Prefeitura queria mais e exigiu também, no projeto final, a reserva de uma área de 108 mil metros quadrados para a construção de um hotel e demais "equipamentos turísticos."

Nessa época um dos membros da Coordenadoria de Planejamento Urbano dizia: "Nunca o governo exigiu tanto de uma instituição privada."

Os convênios para a implantação do Plano Estrutural de Itaipu (que dizia respeito à infra-estrutura de serviços) é assinado em 3 de novembro de 1976, e o Plano Veplan, em sua totalidade, é aprovado no dia 31 de janeiro de 1977, em pleno recesso parlamentar, último dia do governo Ronaldo Fabrício, e o primeiro do novo prefeito Moreira Franco.

As ilusões de que a natureza seria respeitada começam, já em outubro passado, a ficarem soterradas pelas esteiras dos grandes tratores. Em outubro de 77, começa o trabalho de derrubada de árvores e terraplanagem de grande parte da lagoa, onde serão construídas 123 marinas para a atracação de iates de luxo. Mais da metade das margens da lagoa será mesmo privatizada, entregue a quem possa comprar os lotes vendidos pela companhia imobiliária. (A privatização de metade de uma lagoa é tão ilegal e inconstitucional quanto a de uma lagoa inteira.)

As praias de Itaipu e Camboinhas (na verdade uma praia só) foram divididas por um largo canal de pedra.

"Constitui-se um fato inédito — diz Ricardo Oberlaender — pois uma praia foi dividida em duas, e o que é pior, sem ligação, pois do projeto não consta uma ponte sobre o canal. Não se permitirá à população passar de

A especulação imobiliária transformou Itaipu num lugar de negócios

"A Veplan é uma grileira com capital"

Joge de tal, funcionário da Veplan, não quis aparecer em foto nem dar seu nome todo mas falou com gosto sobre a obra da imobiliária na Lagoa:

—Vocês tão com cara de quem é de algum jornal importante, vocês são da Manchete, do Globo? Isso aqui vai ficar muito bonito quando tiver pronto.

— Mas eles tão aterrando a lagoa.

— Ah meu filho, mas isso é assim mesmo. A Veplan é uma grileira como os outros, só que cheia do capital, toda poderosa. Tá cheio de almirante, brigadeiro na transação, gente importante. Eu não sou comunista, não, sou revoltado porque tem muita terra por aqui e pouca gente tem ela (Jorge tem um pequeno terreno próximo das obras). Vocês não querem defender a gente, não?

— Como assim?

— Vocês se candidatam, a gente vota e vamos agitar lá na Câmara. Só não pode trair a gente.

uma praia a outra, a não ser que se dê uma volta quilométrica em torno da lagoa para atingir Camboinhas."

A praia de Camboinhas — a mais deserta, limpa e bela da região — está sendo expropriada, e ficará inacessível aos atuais moradores de Itaipu (pescadores e pessoas de classe média-baixa que lá construiram suas casas), sendo ocupada por pessoas que morarão em casas de alto luxo, farão suas compras em centros comerciais exclusivos, e frequentarão clubes sofisticados.

O gabarito de construção na região, que era de dois andares, foi alterado em função de uma "taxa de ocupação de terrenos", dispositivo jurídico conhecido por dar às imobiliárias condições para construir espigões.

Do projeto atual não consta a construção de interceptor oceânico, o que quer dizer que os dejetos serão despejados na praia mesmo, "in natura". As plantas do sistema de esgotos e águas não foram aprovadas pela CEDAE, órgão estadual encarregado do assunto. E, ao contrário do que foi divulgado na época da assinatura dos contratos, a SERLA — Superintendência de Rios e Lagoas — enviou mensagem à Câmara dos Vereadores afirmando que não deu licença para as obras de aterro e dragagem que estão sendo feitas na lagoa.

Para as pessoas que compraram terrenos em Itaipu, os problemas começaram, conforme explica Ricardo Oberlaender: "Discute-se ainda a posse destes terrenos, todos oriúndos do tempo do Pizarro. Acontece de muitos proprietários irem à Prefeitura pagar seus impostos, e os recibos vêm em nome da Veplan-Residência." Mas quem tem sofrido de forma mais intensa as pressões das imobiliárias são os pescadores que, há muito tempo, vivem e trabalham no mar de Itaipu.

"Existe um processo chamado de expulsão econômica, onde o pescador, não ciente das implicações dele sair do local, por desconhecer que ele está sendo expulso desta orla marítima, muitas vezes ele vende as instalações que ele tem."

Sentado na varanda da casinha onde funciona a colônia de pesca de Itaipu, Luiz Antônio fala dos pescadores com a convicção de que, como representante do Plano de Assistência à Pesca Artesanal da Secretaria de Agricultura, ele é o único intermediário entre os pescadores e as autoridades municipais e estaduais.

— "Nós fazemos um trabalho aqui todo voltado para a manutenção do pescador na região, porque se o pescador não puder viver junto à praia, na guarde e manutenção de seus equipamentos de captura, ele não pode continuar na atividade. A pesca depende da presença constante do pescador na praia, pois tudo depende do controle das variáveis de tempo, do vento, das marés, da temperatura da água. Então nossa atuação junto à Prefeitura de Niterói é no sentido de preservar a última área de Itaipú que resta, que é o Canto do Prato."

"— Itaipu já teve milhares de pescadores. Atualmente eles são 450, que vivem num eterno clima de terror, boatos, medo. O fantasma da remoção está sempre presente." É o que explica Gilberto, 18 anos, no mar desde os 10. "Eles vem com uma proposta, com dinheiro em cima, o pessoal que nunca viu dinheiro em quantidade, sai fácil, fácil." Gilberto aponta para uma extensa região deserta, além do canal de pedra que separa Itaipu de Camboinhas. "Vê aquela área ali? Tinha uma pá de barracos, pessoal nascido e criado ali. Eles davam cinco, seis mil, o pessoal ia saindo, se entregando à toa por dinheiro tão pouco."

Quando chega a madrugada e os pescadores se reúnem, esperando um bom sinal de cardume — garrafa de pinga rolando de mão em mão porque o frio da noite dói fundo nos ossos — o assunto da conversa é sempre o mesmo.

"Você conhece o Serginho, que morava logo ali, há mais de vinte anos? Despejaram, sem mais nem menos, dizendo que o terreno era deles".

"De vez em quando vai um homem do Stop (boate de "programa" construída em plena praia, em terrenos de Marinha) na casa do Zequinha, dizendo pra ele sair porque ali é deles, dos donos do Stop. Mas eles são testa-de-ferro, porque o tal cara foi visto no escritório da Veplan. Tá é rolando dinheiro."

"Eu sou o último pescador que continua morando pra riba do canal, em Camboinhas. Moro lá há mais de vinte anos e nunca fui perturbado. Tem uns seis meses foi um homem lá dizer que eu tinha que sair, porque ali era da Marinha. Eu não sei o que faço."

A lagoa, revolvida, aterrada e deformada, não dá mais peixe ("Ali tinha muito camarão, dava robalo, bagre, até tainha. Hoje não dá mais nada"). O futuro da pesca de arrastão da beira de praia também não é dos mais promissores ("Eles vão abrir a lagoa, e a água do mar que é limpa, vai se misturar com a da lagoa e ficar preta. Pra certos tipos de pesca, como a do polvo, não vai dar mais. Sem contar o esgoto da praia. O progresso chegou pra estragar").

Luis Antônio acredita que, mesmo com a rápida urbanização de Itaipu, a pesca artesanal ainda pode sobreviver na região, desde que sejam assegurados locais para moradia dos pescadores e guarda dos equipamentos, junto ao mar. Neste sentido, o Pescarte participou de vários seminários promovidos pela Prefeitura niteroiense: "Concretamente nós não sabemos de nenhum resultado prático disto. Não tivemos acesso ao documento final. Só sei que a gente não encontrou nenhuma solução, nenhum órgão oficial que legitime a permanência dos pescadores aqui."

Também ao nível de possíveis atuações parlamentares as coisas não andam bem. Em março do ano passado foi instituída na Câmara dos Vereadores uma CPI para averiguar as irregularidades da especulação imobiliária. Apesar das promessas iniciais de que todos os fatos apurados seriam prontamente divulgados, até hoje a CPI não divulgou nenhum relatório.

Há alguns meses, em palestra na Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra, o atual prefeito niteroiense, Moreira Franco, disse que o "Plano Veplan foi aprovado, é totalmente legal, e não será mais revisto."

Para os pescadores que ainda resistem às ofertas da Veplan, resta o medo e a certeza de que, mais dia menos dia, as táticas visando sua expulsão vão mudar para pior: "Se eles tentarem invadir a casa de alguém aqui eles vão se dar mal. Porque se eles invadirem um barraquinho ali, eles vão ter que aterrar o pessoal daquela casa lá, daquela lá de cima, daquela outra ali de baixo, a redondeza todinha.

PAULO FORTES

XEPEIROS

No final das feiras-livres, no lixo dos restaurantes, nos vazadouros da cidade. É, por aí que circula o xepeiro, buscando uma comida aqui e ali, um pedaço de papelão, garrafas ou qualquer outra coisa que puder vender aos garrafeiros ou donos de ferros-velhos. Atualmente com as proibições de acesso aos vazadouros, a atividade do xepeiro está praticamente restrita às feiras livres e restaurantes. Nos vazadouros, ainda se consegue alguma coisa, além da comida, mas é preciso burlar os guardas. A Comlurb cercou as áreas correspondentes aos aterros sanitários onde são despejados e reciclados cinco mil toneladas diárias de lixo da cidade. Os objetos, antes recolhidos pelos xepeiros, são agora da Companhia, que no ano passado teve um lucro de 190 milhões.

A gente não acha nem cebola podre. É umas verdurinhas só e mais nada. Hoje é tudo cão. No vazadouro eu nunca fui não. Sou xepeira de feira mesmo. Tem muita dona de casa que é também.

Agachada, embaixo de uma barraca de feira, na Rua Felipe Camarão, no bairro carioca de Vila Isabel, Josefina diz que desde que perdeu o marido, há mais de dez anos, se alimenta dos produtos que sobram da feira. Ela mora no morro do Salgueiro para onde sobe com tomates, vagens, couves e alfaces para dar o que comer aos seus filhos.

Um dos 3.100 garis que limpam as ruas da cidade varre a Felipe Camarão, depois da feira. Carrega uma laranja no bolso e traz no rosto um cansaço, uma seriedade que contrasta com o famoso gari que aparece na televisão sambando com a vassoura na mão, num anúncio de uma loja comercial.

— Nem todo mundo dá sorte. A gente, nessa batalha, sofre. Pra mim, é melhor retirar lixo de restaurante. O homem adianta um bolinho de carne e uma talagada de cachaça no fundo do balcão, para agüentar o fedor. Salário? É esse mesmo que não dá pra nada. Às vezes, dá vontade de sair me tendo bronca.

No vazadouro do Caju, próximo da avenida Brasil e da única favela da cidade erguida sobre palafitas, os guardas não deixam os xepeiros entrar. Ali funcionará, em 1979, o Centro de Pesquisas Aplicadas, onde a Companhia de Limpeza Urbana estuda o aproveitamento dos gases dos aterros sanitários na produção de gás de cozinha, para abastecer parte da cidade do Rio de Janeiro. Para a construção do Centro foi assinado, no dia 11 de janeiro passado, em Brasília, um contrato no valor de 21 milhões e 300 mil cruzeiros.

— O remédio é agora salvar o estômago no final das feiras, pedindo comida nos restaurantes ou nos quartéis. Acabaram com o nosso ganha pão.

Quem fala é Maria da Ajuda. Acha que tem uns 50 anos, é natural de Campina Grande, veio para o Rio quando era criança e viu quando os prédios da Ilha do Fundão começaram a se erguer. Mora na favela Nova Holanda, na Av. Brasil.

— Tinha esse pedaço aí, que era tudo lixo. Depois aterraram. Fiz o meu primeiro barraco na favela da Maré com pedaços de madeira que peguei no monturo. Quando chegava uma carreta de lixo, a gente saía correndo para ver o que tinha. Tudo servia. Era uma briga danada com os urubus.

À noite, na deserta Estrada dos Bandeirantes, apesar do silêncio e da escuridão, os moradores da favela do Marino, ali perto, desafiam os guardas de segurança. Com velas, vão procurando objetos: garrafas, plásticos e papelões que as máquinas não conseguiram esconder por completo.

— Conheço uma senhora aí da favela que no mês passado, quando começou as aulas, vinha aqui dentro. Ela me disse, envergonhada, que só estava fazendo aquilo para comprar cadernos para os filhos estudarem. Não me importei. Já fiz muito disso. Hoje está proibido.

Forte, de feições rudes, pai de 20 filhos, 32 netos, João José da Silva, de 59 anos, natural de Vassouras, trabalha na limpeza urbana há 30 anos. Cheio de disposição, como ele diz, João é do tempo em que a coleta de lixo era feita por carroça puxada a burro.

— Arranjei uns trocados catando coisa do lixo. Hoje, com essas áreas e toda essa química que fazem, o xepeiro vai mesmo acabar. Não vai sobrar nada.

Fotos Alcyr Cavalcanti

João trabalha sob as ordens do engenheiro Paulo de Castro Saldanha, verificando a balança onde são pesadas as carretas que, em quinze viagens diárias, derramam 500 toneladas de lixo da Zona Sul, das cinco mil toneladas diárias que são recolhidas em toda a cidade.

— O lixo da Zona Sul dá mais trabalho. É úmido. São restos de comida. O pessoal da Zona Norte não joga arroz e feijão fora, não é mesmo? O morador de Copacabana, Gávea, pode jogar um quarto de uma maçã no lixo. Um morador de um bairro distante só vai deixar a semente, certo?

Para Paulo de Castro, chefe do setor de acompanhamento de projetos da Comlurb, de cinco anos para cá a companhia melhorou muito os seus serviços, inclusive no tratamento do lixo. A Usina de Reciclagem, em Irajá, bateu recorde de produção, ao processar três mil toneladas de lixo em fevereiro, o que significa que foram retirados: 8.400 quilos de papelão, 5.850 de vidro escuro, 10.170 de vidro claro, 27 mil quilos de trapo, 7.130 de plástico duro, 12.600 de plástico fino, 52 mil quilos de metal ferroso (principalmente latas de cerveja e refrigerante), 900 quilos de metal não ferroso (chumbo, cobre e alumínio), e 2.892 quilos de lixo triturado que é vendido pela Comlurb.

TIM LOPES

LEITORES

UÉ?

TÁ DANDO PRA FALAR TUDO?

De repente, a gente começa a ver uns negócios aí pela imprensa e fica pensando: uns tempinhos atrás, coisas assim não deixavam publicar. E se publicasse, dava rolo.

O que é que está acontecendo com a pátria da democracia relativa?

O pessoal da máquina de escrever e o pessoal da caneta nanquim, mandando ver, esculachando, espinafrando, tirando sarro de tudo que era sagrado até ontem. Todo mundo dando nome aos bois. Chamando a ditadura de ditadura, a tortura de tortura. Endireitando a semântica retorcida do sistema.

Deduas, uma: ou o sistema está tão fraco que não consegue mais calar a boca de todo mundo. Ou está tão forte e seguro de si que não teme um cartum aqui ou um artigo ali.

Claro que a gente ouve falar de arbitrariedade e intervenções. Afinal, elas são a regra. Isto aqui continua sendo o país onde não dançou conforme a música, o pau comeu.

Mas e as coisas que a gente anda vendo e lendo por aí?

Tem cara escrevendo cada coisa que a gente diz, ele chegou ao limite máximo. Mais um passo e os homens caiam em cima dele. No outro dia, a gente vê o mesmo fulano ou um outro dar um passo. Fecha os olhos para não ver a judiação. Abre devagar. Nada. O cara continua lá, metendo bronca.

Afinal, o que é que está acontecendo com a repressão neste país? Mixou? Brochou? Ou está só descansando o braço?

Um amigo meu acha que estão dando corda pra deixar o pessoal se denunciar. Eles estão tomando nota. Quando chegar a hora, eles só têm o trabalho de recolher a rede. Diz que no Chile foi assim.

Meu otimismo se recusa a aceitar uma explicação tão paranóica.

O fato é que, pela primeira vez, o sistema está se sentindo olhado. Analisado. Acompanhado. Uma opinião pública mundial já deixou bem claro o que acha da ilha de prosperidade cercada de desenvolvimento e segurança por todos os lados. E a opinião do big boss lá de cima não é de desprezar.

O isolamento da cúpula dona do poder não é mais tão esplêndido como o da Inglaterra.

Quanto maior seu isolamento, mais descontentamentos se manifestam em todos os setores. Mais resistências. O consenso sobre o qual se apoiou o sistema vai se dissolvendo.

A gente sente qua ainda faltam muitas horas pra noite acabar.

Mas se ainda não se enxerga a luz no fim do túnel pelo menos tem uns caras aí riscando fósforos.

A paranóia planejada que se chama auto-censura ainda é responsável por muitos silêncios culposos e dolosos que a gente comete, isso é verdade.

Não, mas espera aí. Como é que você sabe que não dá pra falar, se você não fala? Cada um tem que começar a falar mais alto, dizendo tudo o que tem que ser dito.

É, mas a gente nunca sabe numa dessas...

Bobagem. O sistema está ligando-menos para essas coisas de liberdade de expressão. Eles devem estar preocupados com alguma outra coisa. Política, economia, sei lá. É isso que me dá medo. E quando eles pararem de se preocupar com essa outra coisa a gente não sabe que eles vão se preocupar de novo com o que a gente diz.

Um outro amigo meu acha que esse arzinho de permissividade é só pra deixar a gente mais cabreiro.

Gozado, só de dizer essas coisas todas eu já estou começando a ficar mais cabreiro. Grilado. Ouvindo passos no corredor. Vozes no quintal.

Preciso dar um jeito nos meus nervos. Por ordem nas idéias. Ficar frio.

Depois, esse negócio de liberdade de expressão é barato de jornalista e intelectual da classe média.

A liberdade que interessa mesmo é o direito de greve, o fim do arrocho salarial, o salário negociado, a autonomia dos sindicatos.

Pois é, mas como é que a gente vai falar dessas coisas sem liberdade de expressão? Falar não resolve nada. Você já viu liberdade dada na bandeja?

Pronto. Já estou esquizoneurótico de novo, a cabeça cheia de perguntas. A menos séria é:
— Onde fica a saída?

Paulo Leminski, Curitiba, PR

SOLIDARIEDADE

• "Venho com esta carta solidarizar-me e manifestar o meu repúdio completo à vergonheira que anda acontecendo. Li uma nota na Folha de São Paulo, onde o Comitê da Imprensa Independente denuncia ação contra os jornais. O Comitê deve continuar denunciando para que todos saibam e assumam essa luta, que deve ser de todos: pela imprensa mais livre e, sobretudo, mais respeitada.

É incrível que fiquemos quase sem jornais porque alguns sabidos que julgam eles serem prejudiciais à nossa "ordem", sem ao menos lerem, vetam os jornais, na maior cara dura.

E para todos os que clamam por direitos humanos respeitados, têm aí mais um dissabor, um fato que vem inflamar mais os que estão na luta. Não podemos nos desesperançar. Isso não vai poder ficar assim. Que vocês todos se unam e nós, os interlocutores, nos uniremos a vocês. E que a luta seja uma só. (*Rosemeire Teles de Souza, São Paulo, SP*).

• Companheiros Creio que não há maior violência que tirar do cidadão o direito de exercer, com dignidade, a profissão que escolheu. é o que a censura está fazendo com vocês (nós). Por falta de coisa melhor, nossa solidariedade (a vocês, é claro). (Cineas Santos, Livraria e *Editora Corisco, Teresina, PI*).

Coleção REPORTER

Tendo tomado conhecimento de sua difícil situação e com intenção de ajudá-lo da maneira que posso, gostaria de receber pelo reembolso postal os cinco primeiros números de seu excelente jornal, apesar de já possuir alguns deles. (*Marcos Rodrigues Isaias, Brasília, DF*)

• Vão seguir. Por falar nisso, é bom dizer que estamos vendendo os cinco primeiros números do *REPÓRTER* (do Zero ao 4) ao preço de 40 cruzeiros. Pedidos por reembolso postal.

Rosalice: vítima de trama política

A Sra. Rosalice Fernandes Parreiras, eleita por Volta Redonda, tendo na sua votação a participação maciça dos trabalhadores da Companhia Siderúrgica Nacional e do povo do Município de Volta Redonda, foi presa no dia 28 de março, quando saía de uma gráfica portando vários exemplares do Boletim do Departamento Trabalhista do MDB, de Volta Redonda. Presa, nessa ocasião, a Sra. Rosalice Fernandes viu-se então acusada de infringir a Lei de Segurança Nacional por portar um Boletim legal, de um Departamento legal, de um Partido legal criado pelo Movimento Militar de 1964 e, portanto, dentro das leis do próprio regime vigente no País. E, mesmo assim, pelo fato da Sra. Rosalice ter sido eleita numa campanha clara de defesa dos interesses dos trabalhadores e do povo, numa campanha claramente de oposição, a Sra. Rosalice se viu envolvida numa trama para impedir que ela assumisse o seu mandato como lhe era de direito. Segundo o voto do Ministro do Superior Tribunal Militar, General Rodrigo Otávio, contestando as acusações disse:

"A Sra. Rosalice Parreiras foi vítima de uma trama política para impedir que assumisse o mandato de Deputado Estadual, no Rio de Janeiro."

Num processo de fazer vergonha ao mais leigo dos Tribunais, a Sra. Rosalice Fernandes Parreiras será impedida de assumir o mandato a que tem direito e será impedida de concorrer às eleições de 1978 para qual não temos nenhuma dúvida já estaria eleita

Na acusação que lhe moveu a promotoria, não encontrando argumentos suficientes, examinado o folheto apreendido nas mãos da Sra Rosalice Fernandes, o Promotor da Justiça disse: "Aparentemente nada continha", acrescentou que nas entrelinhas estava uma ordem de sublevação, ou seja, a Sra. Rosalice Fernandes Parreiras foi condenada por suspeita; faltaram provas necessárias; foi uma condenação em clima de subjetividade, com ausência de provas, baseada em determinados pontos de vista políticos.

Vereador Antônio Carlos Carvalho. Discurso na Câmara Municipal do Rio de Janeiro.

"PARABENIZO-LHES PELA FIDELIDADE COM QUE VEEM SEGUINDO VOSSA LINHA DE PUBLICAÇÃO, APESAR DE TODOS TRONCOS E BARRANCOS"

Álvaro Lima Machado, Rio de Janeiro, RJ

LEITORES

A vida é legal e bem temperada

Em primeiro lugar quero dizer que estou contente por ter surgido um jornal assim tão forte, que, com apenas cinco edições, já fixou sua marca no jornalismo brasileiro.

REPORTER, apesar de muito jovem, já é forte, como demonstrou em sua recente luta com a censura, apesar de muita corrente contrária, seu barco vai subir Rio acima (ou Rio abaixo, pois seu itinerário é todo esse imenso país com 110 milhões de passageiros/leitores, tirando a percentagem dos que não sabem ler) com seu leme seguro.

Em segundo lugar, queria dar uma humilde sugestão: por que vocês não abrem um espaço no jornal para os chamados escritores marginais, esses que apesar de não terem acesso aos meios de divulgação, continuam com a vontade louca de escrever?

Se vocês acatarem minha idéia do leitor/escritor, sei que muita gente vai ficar feliz, inclusive eu, que, por vias das dúvidas, vai logo aí uma humilde contribuição (uma historieta anexa). *(Carlos Diunízio Peixe, Rio de Janeiro, RJ)*

"ERA UMA VEZ..."

Era uma vez uma menina muito meiga e doce chamada MARME L. ADA. Essa menina era tão doce, mas tão doce, . que, quando saia à chuva, virava garapa.

E a menina cresceu com o passar dos anos. Criou formas de mulher bonita, tinha até pinta de miss universo!

Um dia ela conhece um rapaz muito simpático com o nome, apesar de pouco comum, também belo. Chanava-se SONRISAL GADO. E foi amor à primeira vista. Num só dia eles namoraram, gostaram-se e foram para o casamento; depois de ter ficado noivos, é claro. Nove meses depois, vem a primeira e única filha, que logo batizaram com o nome de V. IDA.

V. IDA é uma menina que, pela lógica natural das coisas, é uma mistura do pai com a mãe.

Porisso acho a Vida legal e hoje entendo porque ela não é assim tão amarga, pois, com uma pitada de sal daqui, e uma colher de açúcar dali, a gente vai levando esse bolo do destino!

A "JORNALISTA" QUER PARTICIPAR E MANDA DOIS GRITOS

A luta, hoje, pela volta do estado de Direito, anistia, fim do arrocho salarial, carestia e por livre manifestação e organização é a luta da grande maioria dos brasileiros. Uns de uma forma bastante consciente, outros muitos, ainda, manipulados pelo obscurantismo das promessas de um milagre brasileiro.

O último número do **REPORTER** constatou essa validade. E cada vez mais hora de lutar, de gritar pelo o que vemos e do qual não queremos, não gostamos.

Eu também sou "jornalista" (ainda não me formei), não trabalho em órgão da imprensa alternativa por falta de oportunidade, de dinheiro ou quem sabe até, de coragem. Mas eu também sei que essa insegurança que nós sentimos é fruto do regime de insegurança que nós vivemos. Ao abrir suas manchetes para esse fato, **REPORTER** propõe uma alternativa de vida para os brasileiros. Isto é, propõe uma forma unida de luta, e luta, e luta contra o abuso da nossa realidade.

Mete bronca, rapaziada. Eu apoio e quero participar. Mando (ou envio?) dois gritos meus. Se ecoarem até aí, publique-os. Senão, não tem importância. Outros gritos certamente virão. E virão muito mais fortes, porque uníssonos. **(Verônica Garcia Cobas, Rio de Janeiro, RJ)**

1

Hoje,
olhar aturdido e
uma frequente
incerteza, proeza
de ser existente,
de existir doente,
de doer como gente
Sem,
sequer presente,
tornar-se ausente,
e então,
acuado,
pelo sopro contrário,
maleável e fluido
dispersante e radical,
à bandeira,
na mão,
no brazão,
plebeu como o céu
plebeu como o seu
Universal bastão,
de mão à mão,
unindo bocas,
unindo línguas,
unindo gritos,
foscos, rotos, roucos,
mas sempre mas sempre
paz sempre mas sempre
mais loucos do que
poucos.

2

Fustigando atrazes,
violar presentes,
romper cartazes,
lavar as caras,
sedentas
fedentas
Suar, suar, suar bastante
e escalar correntes,
descolar raízes,
arrancando e aterrando,
patrões
padrões
Rastejando fogos,
aquecer distâncias,
decepar alicerciando,
o monte humano,
molado
fadado
escrachado
catado
jogado
tão falado...
.. e brotando,
quão somente, calado.

OFERTA:
16%
DE DESCONTO

"Arte Popular e Dominação: O Caso de Pernambuco (1961-1977)" Abre um amplo debate sobre o que se faz com a arte popular em Pernambuco: do Movimento de Cultura Popular, durante a administração Miguel Arraes, até o Movimento Armorial, nos dias de hoje. 108 pgs. Cr$ 85,00.

+

=

Cr$ ~~185~~ por Cr$ 155

Os "Cadernos do Nordeste" têm por objetivo abordar temas e questões que venham a contribuir para o estudo da realidade nordestina. Já sairam os dois primeiros números. 44 pgs assinatura de quatro números Cr$ 100,00.

Um lançamento ALTERNATIVA

Fazendo uma assinatura dos **"Cadernos do Nordeste"** mais o livro **"Arte Popular e Dominação"** você tem um desconto de Cr$ 30,00 (16%). Peça diretamente a editora, enviando cheque ou vale postal a favor da Editora Alternativa Ltda. – Caixa Postal 1.539 – 50.000 – Recife –

LEITORES

O que fazem os nossos policiais?

Acabo de Ler a Confissão do Coronel Erasmo.

Realmente, o crime está crescendo em violência, na mesma velocidade em que cresce a violência dos métodos usados para combatê-lo. Os esquemas da violência têm tendência a se reproduzirem identicamente.

A violência é repetitiva porque provoca um fenômeno de hábito e de contágio, o volume e o grau de violência que toleramos hoje, são realmente assustadores.

O Rio é detentor do título de "A SEGUNDA CIDADE MAIS VIOLENTA DO MUNDO", perdendo apenas para Nova Iorque.

Qual seria a explicação para os 2.500 homicídios, 1.900 furtos, 2.300 assaltos, 12.600 agressões, 830 casos de violência sexual, 30 seqüestros e 4 mil carros roubados no ano de 1977?

O que fazem, os nossos **70 mil** policiais? (*Airton C. Medeiros, Rio de Janeiro, RJ*)

Emoções e incentivos neste grande deserto

"Parabéns, parabéns, parabéns mil vezes!

A coragem de vocês nos emociona e incentiva, neste deserto que é o serviço de informações, onde tudo que se lê é auto-censurado, deformado ou pasteurizado, para não chocar ou irritar o sistema, desde os interesses dos próprios donos de jornais, até o medo que se tem de ser enquadrado em qualquer das inúmeras medidas restritivas que florescem por aí.

O exemplar número 4 é exemplar mesmo. Vão em frente, que os leitores estão firmes, torcendo por vocês.

Agora, um pedido: que tal entrevistar o professor Camilo Viana, citado no recorte xerocado, em anexo? Acho que ele tem muita coisa a dizer, está sabendo das coisas, e não pode ser ignorado. (*Ana Maria de Andrade Marques, São Paulo, SP*)

• *O professor Camilo Viana, da Universidade do Pará, denunciou a utilização do napalm para eliminar a vegetação no Acre.*

Ninguém fala Ninguém vê Todos sofrem

"Alô rapaziada do REPORTER!

Vocês são quentes.

Venho parabenizá-los pelo grande trabalho que estão fazendo ao bem de todos. Há muitas injustiças por aqui. Ninguém fala, ninguém vê... e todos sofrem...

Vocês são bravos! Estão desmascarando tudo o que há de ser...

Que a força esteja sempre convosco."

NÃO SE PODE

Não se pode parar
Não se pode andar
Parar ninguém pode
Andar também não.

Não se pode cantar
Não se pode falar
Sorrir ninguém pode
Amar também não.

Não se pode viver
Não se pode morrer
Que há de se fazer?
Tá ruim prá valer!

Quem diz que tá bom?
Quem diz que tá ruim?
A coisa anda assim...
É triste... quase um fim.

Francisco Souza Teixeira, Rio de Janeiro, RJ

O Comitê sueco apóia a greve de fome

Neste momento a luta pela Anistia Ampla, Geral e Irrestrita para todas as vítimas do arbítrio ganha corpo como centro da luta política contra o vigente estado de exceção. Todas as formas de luta que visem o estabelecimento das liberdades democráticas devem ser utilizadas, mas, dentre elas, a luta por uma Anistia ampla, geral e irrestrita para todos os perseguidos políticos se sobressai por sua importância e oportunidade.

No passado ano, a greve de fome foi utilizada pelos presos políticos que se encontram nos presídios de Itamaracá e Bangu. Em tal oportunidade a greve tinha como objetivo a quebra do isolamento injusto sob o qual os presos eram coagidos a viverem. Esse movimento grevista então, recebeu o apoio imediato dos demais presos políticos brasileiros que se encontram em outras dependências carcerárias, mas, apesar de haverem estado mais de 20 dias em greve, o governo manteve-se insensível à reivindicação de nossos companheiros, agravando ainda mais a já insuportável situação dos companheiros de Itamaracá.

Hoje, uma vez mais utilizando a mais radical forma de luta ao alcance de um prisioneiro político, voltam à evidência todos os presos políticos do Brasil com a mesma pauta reivindicatória.

Os Comitês de apoio à luta do povo brasileiro na Suécia, agrupados na FORENADE BRASILIENGRUPPERNA (Federação dos Comitês Brasileiros na Suécia) denuncia o flagrante desrespeito ao direito da pessoa humana de que são vítimas os presos políticos. Outrossim, hipotecamos o nosso incondicional apoio à sua justa causa.

Conclamamos ao conjunto do povo brasileiro a dar o seu decisivo apoio e a mobilizarem-se por uma ANISTIA AMPLA, GERAL E IRRESTRITA. (*Forenade Brasiliengrupperna, Estocolmo, Suécia*)

A escola pobre quer a nanica no mural

O Colégio Bangu — situado em bairro de mesmo nome, na cidade do Rio de Janeiro trabalha com uma população estudantil, cujas condições econômicas se situam no nível de renda da classe operária brasileira e da classe média pobre.

A condição econômica da região de Bangu e adjacências por si só já justifica o baixo grau de informação acerca da realidade brasileira de que dispõe o corpo discente deste colégio, sendo inúmeras as dificuldades que poderíamos mencionar para que as grandes questões nacionais e internacionais — pertinentes mesmo ao cotidiano da maioria da população cheguem até os subúrbios dos grandes centros urbanos, sem que antes sofram uma sequência de perigosos processos de deformação dos fatos acontecidos.

E o papel que joga a informação — mais precisamente, a Imprensa - na sociedade contemporânea é por demais importante, vital, para que uma entidade de ensino responsável o ignore. O Colégio Bangu não ignora o papel da Imprensa e a riqueza da informação.

Nossa meta é a Educação, no seu sentido mais amplo e irrestrito. Voltado sobre o problema é que este educandário chegou à conclusão que poderia — senão solucionar — ao menos dar um encaminhamento novo a ele. Por intermédio de seu Departamento de Cultura e Arte — DeCA — estará lançando, ainda no decorrer deste mês, a sua Divisão de Murais: responsável pelo funcionamento dos nove primeiros murais instalados estrategicamente nos corredores do colégio, viabilizando assim a informação ao nosso contingente de alunos.

Contudo, os recursos econômicos de que dispõem as entidades que hoje trabalham no campo da Educação, são recursos mínimos e limitados, diante das inúmeras prioridades que o próprio âmbito do ensino determina. E o Colégio Bangu não possui condições econômicas que lhe permitam — no âmbito destas prioridades — arcar com um serviço de Jornais Murais que dê respostas às carências por nós detectadas.

Sendo assim, a alternativa viável que visualisamos foi, justamente, recorrer aos órgãos representativos da Imprensa brasileira, visando obter a cortesia de uma assinatura periódica para alimentar os trabalhos da Divisão de Murais do nosso Departamento de Cultura e Arte.

Desta forma, estamos formulando o pedido formalmente a este conceituado jornal. (*Arnaldo Luis Miranda e Maria Aparecida Bresciani, Rio de Janeiro, RJ*)

DESPACHO LEGAL

1
VÍTIMA DE DESPACHO, JORNAL APELA PARA O ASTRAL

2
IMPRENSA VIVE PROTEGIDA POR XANGÔ

3
TUDO PARA ACABAR COM O FEITIÇO E MAU-OLHADO

4
JAIR DE OGUM DÁ A RECEITA, ACREDITANDO NA "CORRENTE"

Para seu governo, um despacho é isso.

REPORTER
UM JORNAL DE CORPO FECHADO

REPORTER — Babalorixá Jair de Ogum, o que é um despacho?

JAIR — É um ritual que tem por finalidade, primeiramente, tirar ou desfazer outro despacho. Existem pessoas que fazem despachos para prejudicar, fazer o mal, o que já é uma outra história...

REPORTER — De quem e para quem se dirige um despacho?

Jair — O despacho parte de pessoas que estão necessitadas e se destina às entidades espirituais ou, mais precisamente, a Exu. Importante notar que existem vários tipos de despachos — um para cada situação. Por exemplo: para doenças, para olho-grande, para azar na vida, para demanda.

REPORTER — Como a pessoa deve proceder quando está sendo alvo de um despacho?

Jair — Nesses casos a minha orientação é no sentido de fazer um outro despacho para desfazer o primeiro. Se o autor do despacho for conhecido fica mais fácil, basta botar o nome dele e pedir proteção.

REPORTER — Quem é autoridade para receber ou interpretar um despacho?

JAIR — O despacho é endereçado apenas a uma entidade. Exu. Se alguém falar em despacho para outra entidade está errado. Despacho só se faz para Exu, que é uma entidade que trabalha em plano inferior ao Orixá, mas que não deixa de ser respeitado, de ter sua força. O despacho de hoje, por exemplo, foi endereçado a Exu Tiriri.

REPORTER — Como saber se um despacho foi bem recebido pelas entidades?

Jair — No final do despacho a confirmação é feita com uma cebola (que a nossa nação chama de lobassa) e então se confirma se os Exus receberam ou não as obrigações. No caso de hoje, graças a Ogum, os exus receberam porque na confirmação as partes da lobassa cairam para cima. Tudo depende também do cliente levar a sério, depois da obrigação, um certo período de resguardo.

REPORTER — Um despacho pode "fechar o corpo" de alguém?

Jair — Não. O despacho existe para abrir caminho, tirar o feitiço ou para ajudar as pessoas. Agora, existe o ritual para fechar o corpo, mas não é um ritual exposto e nem se dirige a Exu. Mas na hora em que a pessoa faz um despacho ela está automaticamente, fechando o corpo, adquirindo proteção.

REPORTER — Você já foi procurado por alguma personalidade com a intenção de realizar um despacho?

Jair — Muitas vezes. Minha casa é frequentada por diversas personalidades da vida pública brasileira, artistas, políticos etc.

REPORTER — Você já despachou com algum ministro de Estado?

Jair — Não, com ministro nunca despachei.

REPORTER — Um despacho pode proteger pessoas, por exemplo, da censura?

— Claro. É abrir caminhos, dar proteção, consertar aquilo que está errado. Xangô é a entidade protetora da imprensa porque a lenda diz que ela era a única entidade que sabia ler e escrever. Mas o despacho, mesmo nesse caso, se dirige sempre a Exu, que é a entidade que pode eliminar o mau agouro, a praga, enfim.

REPORTER — Ficar pertubado com a ação da censura seria um fricote?

Jair — Não. No caso de vocês é diferente. Vocês vieram a mim pedindo a proteção contra a censura. Então não é fricote, não. A sorte de vocês, agora, está nas mãos do Exu Tiriri.

Jair. "Eu não faço despacho para o mal."

REPORTER

RIO, JUNHO DE 1978 — NÚMERO 7 — Cr$ 10

AUTONOMO INDEPENDENTE

INFERNO NO METRÔ

P. 3 a 9

Loura nua no pau-de-arara confessa tudo e vira lésbica

Octavio Ribeiro

P. 16 a 20

Bomba da polícia aleija 4 estudantes

MATADOR RENEGA ESQUADRÃO

P. 25

FIM DA CENSURA, COMEÇO DE TUDO

Exu Tiriri, a entidade a quem apelamos no despacho publicado na edição passada, conseguiu bem mais do que imaginávamos a princípio: acabou com a censura prévia à imprensa escrita de todo o país. A partir do dia 8 de junho de 1978 todos os jornais brasileiros estão livres dos censores, inclusive **Movimento, Tribuna da Imprensa** e **O São Paulo**, as três últimas vítimas da ação castradora iniciada no dia seguinte à assinatura do Ato Institucional nº 5.

O fim da censura prévia marca a retomada do jornalismo escrito verdadeiro, sem camuflagem, livre de pressões ilegais nascidas do arbítrio das leis de exceção. O fim da censura aos jornais é uma conquista de toda a imprensa, nanica ou não. Resulta da resistência dos três jornais mencionados e dos que, como REPORTER, vinham sofrendo cerceamento na função de informar. Agora só falta total liberdade às revistas, emissoras de rádio e tevê, ainda sujeitas à censura prévia, mas por pouco tempo. Exu Tiriri não terminou seu trabalho. Os censores que se cuidem, porque nosso protetor não descansa.

COPA 78

LEITORES DESPACHAM CONOSCO

DESPACHE CONOSCO

Fiquei perplexo com a apreensão do número 5 do REPORTER e com as pressões que o jornal vem sofrendo. Por isso, despacho com vocês, na esperança de que ele possa circular livremente.

NOME... HAROLDO MARTOS COELHO
IDADE... 29 anos
PROFISSÃO... DESPACHANTE OFICIAL
CIDADE... GUARULHOS ESTADO... SP

Envie para REPORTER - r. Miguel Couto 134, 11º Rio de Janeiro - CEP 20000 - RJ

Do Oiapoque ao Chuí chegaram cartas e cupons de leitores solidários com **REPORTER** na luta contra a censura que determinou a apreensão da edição nº 5 do jornal. Estudantes secundários e universitários, bancários, auxiliares de escritório, secretárias, economistas, professores, farmacêuticos, representantes comerciais, assistentes sociais, comerciários, eletricistas, comerciantes, técnicos de laboratório, enfermeiros, médicos, dentistas e até um despachante policial, todos recortaram o cupom e enviaram, na esperança de que cessem as pressões sobre o jornal. Para dar uma idéia, aí vai a lista de cidades de onde chegaram apoio e solidariedade a nossa briga: Rio, São Paulo, Guarulhos, Curitiba, Itajaí, Chapecó, Belo Horizonte, Natal, Terezina e Belém. O total de cupons recebidos na redação ultrapassava os 50 quando fechávamos esta edição, mas continuaram a chegar enquanto o jornal era composto e impresso na gráfica. Obrigado, leitores, e vamos em frente que atrás vem gente (nem sempre com boas intenções).

REPORTER

REPÓRTERES/EDITORES — Luis Alberto Bettencourt, Luiz Augusto Gollo, Chico Júnior, Alex Solnik (São Paulo), Analuce Estrella (Arte)

SECRETARIO DE REDAÇÃO — Toninho Martins Vaz

REPORTAGEM — Tim Lopes, Eduardo Homem (Recife), Marcos Dantas, Maria Teresa Bustamante, Clarice Sakier, Rita Costa, Licínio [illegible], Gisela Bisordi, Raquel [illegible] de Barros, Daniel Car[illegible] Parente, Clea [illegible] Moreno, Martha [illegible]

CORRESPONDENTES — [illegible] D'Alcantara (Paris) e C[illegible]na Duarte (Milão).

FOTOGRAFIA — Walter [illegible] Barreto, Helio Campos Me[illegible] [illegible]

Ricardo Giraldez, Amâncio Chiodi, Luiz Britar, Custódio Coimbra, Peninha, Fred Mendes, Victor Workman, Antônio Scorza.

ILUSTRAÇÃO — Elvira Vigna, Lapi, Jaime Leão, Angeli, Jota, Alcy

ARTE — Maurício Veneza, Glória Jean, Pipa

REPORTER Autônomo Independente — Uma publicação da Margem Editoria e Programação Gráfica Ltda. Rua Miguel Couto, 134/11º andar Rio de Janeiro

São Paulo — Rua Jaguaribe, 25/3º andar, conjunto 31 CEP 01224 Tel 222-3103. Diretor Cesar Arruda Castanho

Recife (Representante) — **Editora Alternativa**, Rua Conde de Boa Vista, 50 sala 30

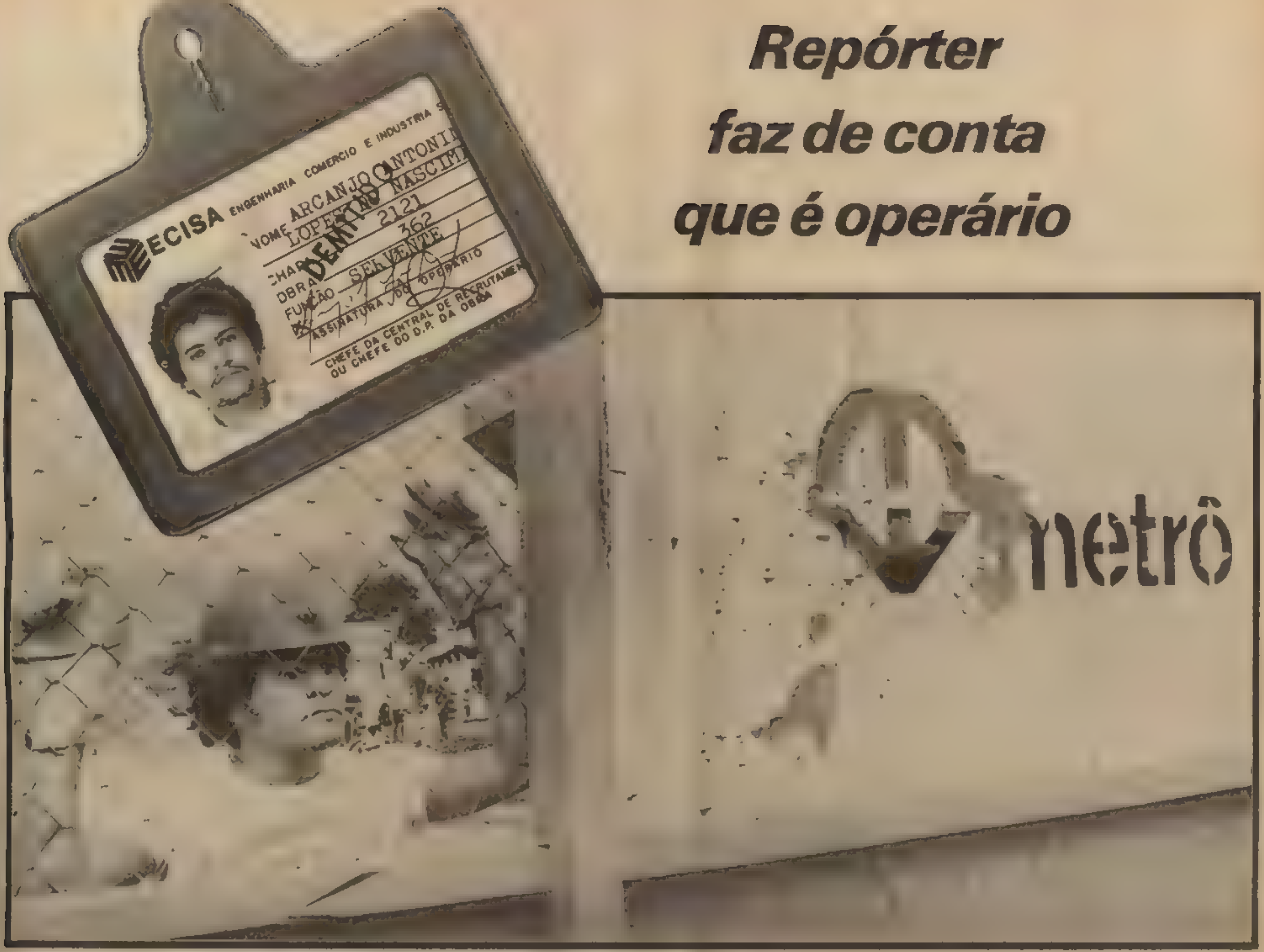
Distribuição — [illegible] Chinaglia S.A. Rua Teodoro da Silva 907 Rio de Janeiro

Impressão e composição — Editora Mory, Rua do Resende 65 Telefone 263-7002 (PABX) Rio de Jan.

REPORTER integra o Comitê da Imprensa Independente

Vara de Registro Público — Aut. 4456

Repórter faz de conta que é operário



PENOU PRA AGUENTAR 2 DIAS NO METRÔ

TIM LOPES ENTROU NA FILA DOS DESEMPREGADOS QUE QUEREM TRABALHAR NA OBRA DO METRÔ CARIOCA. TIROU CARTEIRA DE SAÚDE, TRÊS RETRATOS E EM POUCOS DIAS COMEÇOU A TRABALHAR NO CANTEIRO DA RUA ANA NERI, BEM EMBAIXO DO MORRO DA MANGUEIRA. DORMIU NO ALOJAMENTO, ACOMPANHOU O TRABALHO E AS DIVERSÕES DOS OPERÁRIOS. NAS PÁGINAS SEGUINTES, SEU RELATO, FOTOGRAFADO POR CUSTÓDIO COIMBRA E CHIQUITO CHAVES.

São 5 horas da manhã. Os alojamentos estão numa algazarra geral. Pelo corredor estreito que leva ao banheiro, os "peões", num vozerio, se esbarram apressados disputando torneiras e latrinas. Ninguém quer perder a hora do café. Os rádios ligados em programas sertanejos ou na Rádio Relógio se misturam com a rouquidão, a tosse, espirro, dores de dente, ouvido e cachumba dos operários que trabalham para não perder o dinheiro do dia. Médico? Só na avenida Presidente Vargas, na Central de Recrutamento de Pessoal da Ecisa (construtora), e prá chegar lá o "peão" gasta passagem e tempo.

— O doutor nem espera a gente dizer o que tem, vai dando logo uns comprimidos e manda entrar outro. O que adianta? (um pedreiro se queixando de dores no peito).

Para ser admitido na firma, apresenta-se a carteira de trabalho, carteira de saúde ou protocolo, título de eleitor e certificado de reservista. E 3 fotos 3×4. Depois espera-se o médico. Se o candidato insistir, mesmo sem documento pode arranjar algum servicinho, varrer chão, carregar embrulho. Numa sala os pretendentes tiram toda a roupa e são examinados quase ao mesmo tempo.

— Já teve dores nas costas? Na cabeça? Enxerga bem?... Nada? Então chega práli.

Serventes, pedreiros, carpinteiros, apontadores e encarregados, na entrada do alojamento A e B, na Rua Ana Néri — entre as estações de Mangueira e Triagem — vão entregando na guarita as chaves dos quartos e recebendo as plaquetas de identificação das mãos do segurança "Didi." São 56 quartos onde estão alojados 224 dos quase 800 homens que trabalham nas obras da linha 2 do Metrô que liga Triagem a Maria da Graça, na zona suburbana do Rio. Eles trabalham espalhados nos canteiros das centrais de concreto, forma e ferro.

Ainda está escuro e faz um frio que deixa a gente tremendo. A fila do café está grande e à medida que vão entregando as cartelas de refeição, os operários entram na cantina em grupos de 5. Já estão prontos pro batente: bermuda, calção, bota, capacete e cinturão. Nele ficam amarradas caixinhas com alicates, pregos, chaves que fazem barulho ao andar. A cantina fecha às 6 e 30 e quem não tomou café com leite (pouco açúcar) e um pão com gosto de manteiga, trabalha de estômago vazio e ainda aposta uma corrida para ser o primeiro da fila do almoço, às 11 horas.

Bill tem um irmão na cadeia e vive no Metrô

CHIQUITO ALVES

CUSTÓDIO COIMBRA

O jeito é ficar de fora do alojamento quando o tempo esquenta

"Tô aqui porque não quero mais meter bronca. A liberdade é boa"

(JAÍLTON, QUE VEIO DA LEMOS DE BRITO)

Um caminhão, a "gaiola" (tem cobertura de madeira) sai carregado de "peões" pra central de concreto, na Avenida Suburbana, a "Suburbana", em Bonsucesso. A avenida é perigósa, segundo o operário Jaílton, 22 anos, que puxou uma cana na Frei Caneca, hoje regenerado.

— Quando dá a hora do "rango" sai a paraibada correndo sem ver nada. Às vezes fica um estendido aí no asfalto atropelado.

Ele fala da vida, mostra um tiro na perna esquerda. Obra da polícia, no "Sessenta," no Morro da Providência, há três anos.

— Ô meu chapa, ninguém fica legal numa batalha dessas. Você acha que sou feliz? Não dá, não é? Tô aqui porque não quero mais meter bronca. Quero ficar na minha. A liberdade é boa.

No departamento pessoal em Triagem, às 8 horas da manhã, sete cearenses sem documento embarcam numa kombi para tirar certificados de reservista num quartel próximo. Foram todos mandados por policiais depois que apareceram nos jornais contando que vieram do sertão atrás de emprego.

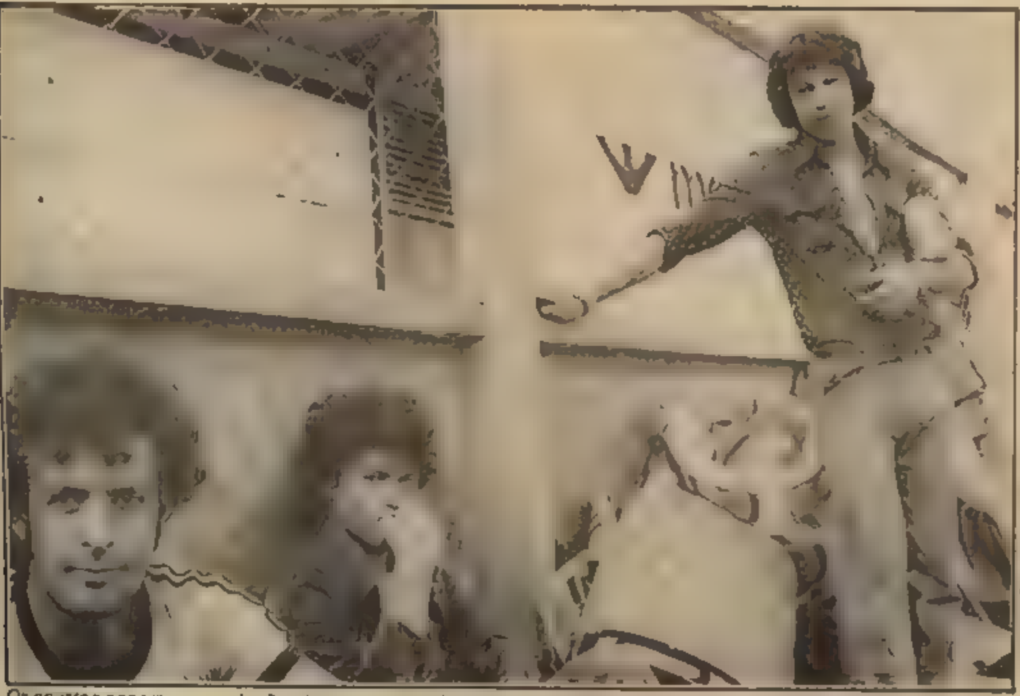
— Ô rapaz, larga essa de servente. Traz uma carteira de trabalho nova que eu "esquento". É só me dar na mão 300 mil (300 cruzeiros), Passo você para carpinteiro. Tudo assinado, bonitinho.

O funcionário faz o jogo, diz que está na pior e precisa levar um troco para o leite das crianças. Na janela do escritório se debruçam os operários reclamando. Gente pedindo emprego, desistindo, aceitando Cr$7,50 por hora de trabalho.

— Vou dar com a gata no paul

Chia um paranaense forte, de Apucarana. Ele quer ir embora e receber tudo que tem direito. Para se garantir diz que vai botar a Ecisa na Justiça. Em frente ao escritório passam operários carregando madeiras e telhas da "Ilha dos Ratos" ou "Sovaco da Irene" um galpão de madeira que serviu de dormitório até a construçao dos novos alojamentos.

A comida da cantina não engorda, incha



Os novatos esperam condução depois de receberem os colchões

CUSTODIO C...

Arroz, feijão, macarrão, galinha e olhar faminto.

CUSTÓDIO COIMBRA

Os três dividiram o mesmo quarto pequeno

"Meus companheiros voltaram ontem pro Norte. Medo de trabalhar no Rio"

(AGOSTINHO, QUE É ALÉRGICO ÀS BOTAS).

Às dez da manhã o ruído das britadeiras, máquinas, caminhões, bate-estacas e britadeiras obriga a falar alto. Aníbal, um "peão" conhecido como **Gaúcho** (apesar de curitibano) passa e dá um sorriso maroto pedindo cumplicidade para o "nó cego". É uma maneira de ficar zanzando pelos canteiros sem fazer nada. É questão de levar na conversa ou de dar uma decisão no encarregado. Isso pra quem tem peito. Tudo bem. Cada um trata de si.

— Não tô afim de carregar pedra. Vou ficar rodando.

Aníbal faz o "avião" da rapaziada que gosta de queimar um fuminho. Dá um pulo na Mangueira ou no Jacarezinho, onde vivem 100 mil pessoas. Usa guias de dente no peito e passa a maior parte do tempo no banheiro se olhando no espelho, cuidando do cabelo e fazendo poses. Tem vontade de ir para a Bahia

— Sou espírita. Queria conhecer Salvador, fazer a cabeça. Pensar nos meus antepassados

Aníbal toma comprimidos para os nervos, receitados pelo médico, e vitamina para fortalecer os músculos. Quando não tem jeito de escapar, enfrenta a batalha esperando o sábado, aí o dinheiro da semana sai. É dia de diversão no forró do "Zé Gonzaga", na Ilha do Governador ou ir para os pardieiros do Estácio, ainda por demolir, que viraram zona. Mas muitos ficam nos quartos escutando músicas economizando o dinheiro pontualmente mandado para a família no Norte.

— Não volto em branco pro norte, não. Já trabalhei no Metrô de São Paulo logo no início e vim para cá arranjar um dinheiro para mandar pra mulher e três filhos lá em Alagoas. Prá sair de casa é preciso ter coragem, os meus companheiros embarcaram ontem mesmo, não ficaram nem dois dias. Ficaram com medo de trabalhar aqui no Rio. Não tenho medo não. Só não conhece quem não vê.

Sentado num colchão, enrolado num cobertor e um lençol que é trocado todas as quinta-feiras, Agostinho pergunta se usam só bota de plástico.

— Não posso usar essas botas porque fico cheio de pirombeira. Meu corpo fica todo vermelho.

Os homens-cores são: azul-apontador, vermelho-servente, marrom- soldador...

(HIERARQUIA DE CAPACETES NA OBRA DO METRÔ)

O capitão Santos, chefe da segurança do canteiro 362, exibe entre os botões da camisa o cabo branco do revólver que não tira da cintura. Dá ordens ao segurança que fica na guarita. Num canto, dois cassetetes e um porrete, pra impor ordem no local. Os avisos de perigo, evitar acidentes, estão pregados nas paredes dos alojamentos e pelos canteiros

Os capacetes coloridos representam a divisão social dentro do canteiro de obras Os homens — cores são assim: vermelho – servente, azul apontador ou encarregado, amarelo — carpinteiro, marron — soldador; branco — engenheiro ou visitante. Ao entrar na obra cada operário, recebe um número que o acompanhará até se desligar da empreiteira — pode ocorrer em três meses, uma semana, ou mesmo um dia: diariamente são demitidos e admitidos dezenas de empregados.

Um nuvem de poeira levantada por um caminhão que passa aos solavancos sufoca o "peão" Esfrega os olhos, tosse e segue o caminho com decisão, levando uma sacola de plástico transparente com o capacete vermelho e as botas. Emprego assegurado. É hora do almoço e a qualidade da comida só é comentada depois. (São poucos os que não temem ser despedidos) Forma-se de novo a fila. Dentro da cantina, as cinco mesas estão repletas de operários. Já passaram com as bandeijas em frente a quatro panelões. Prato do dia: arroz, feijão, macarrão e galinha. O responsável pela cantina, Rui, entrega pessoalmente uma laranja de sobremesa para cada operário. Fala alto a todo momento

— Quero ver vocês bem alimentados.

De repente, a comida (descontada no salário) acaba. O pessoal fica agressivo, reclama, xinga. O segurança barrigudo, que controla a porta de entrada dos "peões" pede calma apenas para justificar a sua função. Ninguém escuta, a fome é mais forte. Meia hora depois chega a Kombi azul com mais comida e o comportamento muda. Jáilton ao meu lado destrincha com os dentes estragados uma coxa de galinha.

— Está melhor do que a comida de cadeia. Agora não vem mais naquelas marmitinhas de papel que estragavam àtoa.

Acontece de vir uma carne crua, arroz mal feito mas vai se levando. A certeza que eu tenho é que não engorda, incha.

Os últimos a almoçar foram os operários' da central de concreto que vieram de Bonsucesso a pé, por dentro da obra. São 12 horas e próximo ao alojamento alguns "peões" estão recostados nos tapumes azuis que indentificam o Metrô, a obra urbana que absorve o maior contingente de mão-de-obra da América Latina. Bill, irmão de Branco, (bandido do morro da Mangueira, que está cumprindo pena de 36 anos na Ilha Grande), diz para aparecer, ou assustar, que passou 6 anos lá na Ilha no tempo do lendário Madame Satã, época em que o compositor Carlos Imperial esteve por lá. Faz dois dias que está trabalhando nas obras se escondendo dos zome.

A diferença é que na cadeia não tem capacete

CUSTÓDIO COIMBRA

O único que disfarça a fome é o repórter

O repórter, integrado no trabalho

"Passei 12 anos na cadeia e não tô aqui pra aturar desaforo de capiau"

(DIDI, O SEGURANÇA DO CANTEIRO)

O movimento no canteiro começar a tomar vulto novamente. O barulho das máquinas funcionando é ensurdecedor. "Didi", o segurança, conversa, conta histórias do presídio da Ilha Grande. Atentos, os "peões" à espera do caminhão para irem ao almoxarifado da avenida Suburbana, ficam boquiabertos. No escritório perto, operários continuam pedindo emprego, reclamando pelos seus direitos.

— Me descontaram o imposto sindical duas vezes. Vão ter que me devolver 60 pratas.

Francisco bate com as mãos no balcão, Furioso.

— Se quiserem me dão as contas. Mas não pensam que vão me passar a perna.

Os funcionários ficam quietos, não perdem o ar de superioridade. Às três horas muitos já estão exaustos, outros diminuem o ritmo de trabalho guardando forças para encarar a batalha até às 22 horas. O "peão" Norato está ali em frente ao alojamento. Quando "Didi" para de contar histórias, ele aproveita e pede para entrar no alojamento. "Didi" sacaneia:

— Gosto desse garoto. Olha a cara dele. Lisinha.

Norato ri sem jeito, nervoso. Em volta, as gargalhadas, o riso debochado de dois

outros seguranças. Gaúcho passa, dá o toque: embaixo do viaduto de Benfica, por onde passa a linha do Metrô, o cigarro roda de boca em boca. Está quase na hora da janta. Um "peão" com feições de nordestino carrega três vergalhões no ombro. Na camisêta suja de pó de ferrugem, a inscrição "Brasil rumo ao tetra

Em frente da guarita, começam a chegar os primeiros operários. Norato não aguenta mais e manda "Didi" tomar dentro. O segurança sai do seu posto e dá uma bofetada seguida de pernadas e ofensas Norato levanta e cai mais de uma vez

Passei doze anos na cadeia e não tô aqui para aturar desaforo de capiau Dó pau nele pra parar de gracinha

O segurança se aproxima da guarita com andar de quem ganhou a briga. Lamenta, com raiva encenada, ter sujado a camisa de gola rolê e arrebentado a corrente do relógio Seiko. Os prejuízos que levou na porrada com o "peão" Norato. Atrás fica uma nuvem de poeira que, ao assentar, mostra olhares atônitos, tensos e medrosos dos "peões" que viram o pau comer no fim da tarde no canteiro de obras 362. Na guarita, o segurança começa a entregar as chaves, em troca das plaquetas de identificação. Todos só pensam no banho. São 17 horas. O clima de agitação provocado pela briga com misto de silêncio nervoso se estende até a noite

A briga na obra e seus protagonistas

"Aquela pedra que eu joguei era pra acertar a coluna dele"

(NORATO, O QUE LEVOU A BOFETADA)

Pelo corredor que leva ao banheiro, uma confusão mais animada, apesar do cheiro de suor insuportável. Os 11 chuveiros são disputados quase aos empurrões e ninguém deixa a toalha ou o sabonete dando sopa. Marcou, dança. Os que estão ainda nos quartos, depois de um dia de trabalho, ligam rádios, vitrolas, gravadores ou simplesmente cantam quando têm forças para segurar o violão. O repertório é de Roberto Carlos, Aguinaldo Timóteo, Rosemary, Altemar Dutra e Martinho da Vila. Do quarto 27 vem a voz arranhada da dupla "Tonico e Tinoco". O disco está empenado e roda com dificuldade na vitrola

Valdir chega, abre a pôrta devagar, capacete embaixo do braço. Cumprimenta e senta pesadamente na cama beliche: vai falando:

É o primeiro dia? Olha, aqui todo mundo é legal. Ninguém se mete com ninguém. Aí em cima dorme um carpinteiro: se pedirem pra falar, ele fala, senão fica quieto. Não perturba. Aqui na minha frente, um sujeito bom. Pedreiro, tem a vida dele

Valdir tem 45 anos e todos os sinais de velhice. Sempre trabalhou em obras, uma das últimas a Ponte Rio-Niterói. Está ali como servente há onze meses e às vezes chega cheio de "goró" (cachaça). Ocupa a cama 1 do quarto 25 com o pedreiro Francisco macacão e o carpinteiro Claudir. Faz força para tirar as botas de couro que custam no almoxarifado 90 cruzeiros descontados no salário. O ar fica impregnado de chulé. Sai caindo para os lados em direção ao banheiro. Na cabeceira de sua cama uma flâmula pregada na parede com a imagem de São Jorge

A fila da janta está grande. Os que vão até às 22 horas já estão esperando que a Kombi azul desponte no porão da rua Ana Néri. O segurança barrigudo está lá controlando a fila. Na cantina começa ser servido o jantar, o mesmo ritual, a televisão colorida ligada chama pouca atenção dos "peões". Não adianta, têm que comer depressa para dar lugar aos outros "Rosinha" e "Vanusa", dois "peões, bichas, passam com as bandejas, indiferentes aos galanteios. A partir das 22 horas, o movimento no alojamento toma a mesma proporção das 17 horas. Os chuveiros ocupados e as músicas saindo de quase todos os quartos. Norato, num grupo, comenta baixinho, com ódio

— Aquela pedra que eu atirei, você viu? Era pra acertar a coluna dele

As máquinas pararam, o som das músicas some à meia-noite. Tudo fica quieto Pelo corredor, uma voz ou outra de um operário. Norato tem o rosto vermelho do lado esquerdo, o tapa que levou de "Didi" Promete ir à forra

'Rosinha", debochada, larga o garfo e faz pose

ACIDENTADOS

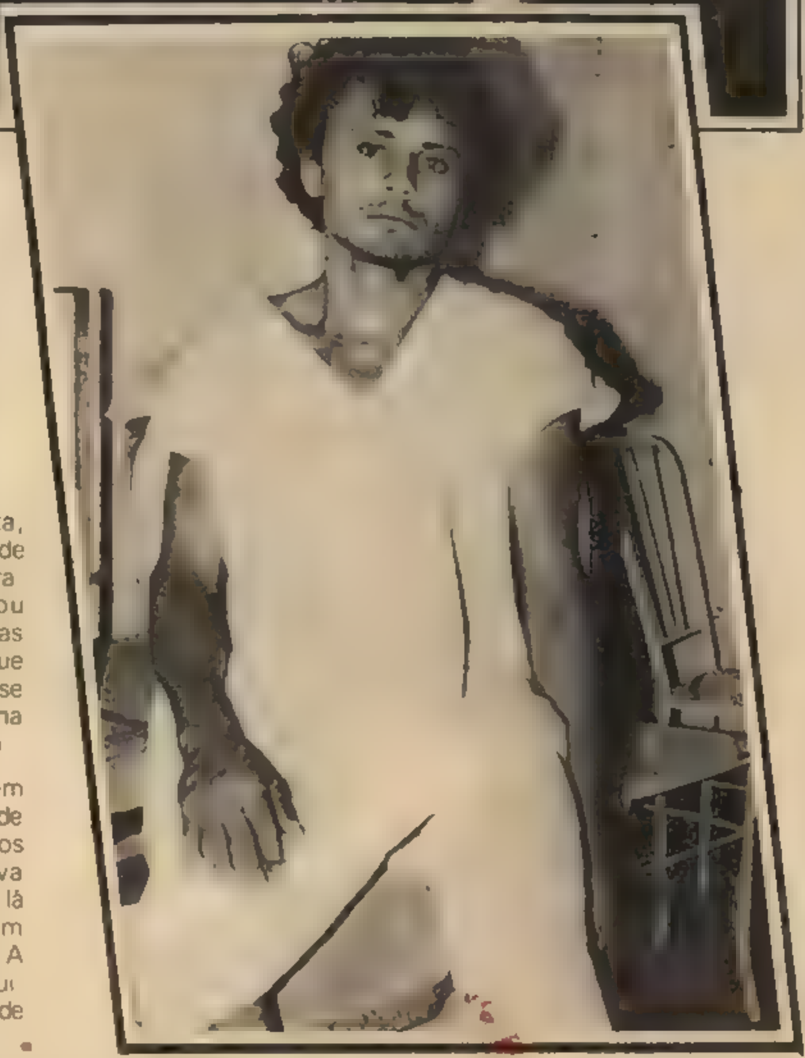
Jorge Antônio ganha perna mecânica e perde o emprego

Jorge Antônio Resende, 21 anos, veio de Itaúna, Minas, há 2 anos para trabalhar na construção do Metrô carioca. Conseguiu emprego de eletricista na construtora Mendes Júnior e passou a morar num galpão dentro do canteiro de obras. Em dezembro do ano passado, Jorge Antônio estava de plantão numa área descoberta do canteiro e sofreu um acidente de trabalho grave. Perdeu a perna direita e está até hoje no hospital da Ordem do Carmo. E reclama da Mendes Júnior, que não dá assistência nem sequer notícias.

- Eu estava fazendo um conserto quando chamaram o guindaste para ir ao Estácio. O motorista saiu correndo pra aproveitar um sinal verde e o guindaste arrastou duas barras de ferro daquelas grandes. Uma ficou em cima da minha perna. Gritei e os outros chamaram o guindaste de volta pra me ajudar. Ele levantou a barra de ferro mas o cabo arrebentou e ela caiu de novo na minha perna. Aí cortou mesmo a perna.

Jorge Antônio não entende até hoje por que os colegas, todos com certificado de primeiros socorros, não o retiraram do local enquanto a barra era suspensa nem por que não improvisaram um torniquete. E, apesar de não guardar rancor do motorista do guindaste, tampouco entende por que ele tinha tanta pressa, se é pago por hora e estava trabalhando. Jorge Antônio só sabe que vai ganhar uma perna mecânica e vai receber alta e voltar ao trabalho na construtora, que depois de 3 meses o demitirá. Ele já viu acontecer isto com colegas.

— O departamento de pessoal da firma me disse que eu tinha direito a 50 mil cruzeiros de indenização, mas nunca mais me falaram nada de dinheiro. Não existe seguro nenhum. Uma vez a firma quis arrumar um seguro de última hora, mas não existia seguro nenhum. Teve operário que entrou na justiça e ganhou. Quero saber se vou ter que virar marginal por causa do acidente ou se vou poder voltar a trabalhar.



Severino

SEVERINO AINDA NÃO TEVE NOTÍCIA DO QUE A FIRMA VAI FAZER

Severino Hipólito da Costa, 24 anos, deixou o Rio Grande do Norte em 1974 para trabalhar no Rio. Arrumou emprego em restaurantes mas ao fim de dois anos viu que poderia ganhar mais se fosse para o Metrô. O gesso na perna direita ainda está novo.

Meu acidente tem poucos dias, foi dia 18 de maio. Eu estava num buracos e um maçariqueiro tava cortando uma barra de ferro lá em cima. A barra caiu bem em cima da minha perna. A firma só veio me trazer aqui. Não recebi visita, não sei de nada, nem de pagamento.

> “As empresas só procuram saber dos acidentados quando são casos gravíssimos, como aquele desabamento no início do ano. As empresas não visitam o hospital”

Marilena, assistente social no Hospital Souza Aguiar

“Existem medidas de prevenção que tanto a empresa quanto o operário podem adotar. Sabe-se, porém, que um e outro falham”

doutor Osi Cunha, chefe do atendimento [illegible] Ordem do Carmo

Inaldo quer voltar ao trabalho mesmo paralítico

Inaldo Costa Oliveira, 35 anos, mora em Nova Iguaçu com mulher e filhos de 2 anos e 1 mês. Veio de Pernambuco em 1963 e começou a trabalhar no Metrô em 74, nos lotes da Central do Brasil e da rua Uruguaiana, ambos no centro da cidade. Trabalhava para a firma Sacon quando sofreu o acidente

– Eu estava num dos buracos e tinha mais outras pessoas. O sinaleiro lá em cima não prestou atenção ao sinal e a escavadeira desceu. Primeiro eu caí porque esbarrei na escavadeira, depois ela caiu por cima de mim. Fraturei a coluna e a clavícula e da bacia pra baixo estou paralítico

Inaldo foi levado para o Hospital Souza Aguiar, onde recebeu a visita do chefe do barraco na obra. Garantiu que nada lhe faltaria, inclusive a assistência da Sacon. Pouco depois, Inaldo foi transferido para a Ordem do Carmo. Ninguém mais apareceu

– Minha mulher tá tentando receber meu dinheiro, mas tá difícil porque eu tenho que passar procuração pra ela. Como não estou andando, há dois meses não recebo nem posso ir ao cartório. Eu estou comendo no hospital, mas meus filhos precisam comer

Inaldo tem muitas esperanças. Acredita que vai receber indenização e com ela pretende comprar uma casa. E acha que poderá voltar ao trabalho no Metrô mesmo. Só que agora quer ser operador de escavadeira

A escavadeira caiu em cima dele e fraturou a coluna e a clavícula

José saiu de madrugada e nunca mais voltou

No dia 22 de março último José da Silva Garcia, 52 anos, saiu de Piabetá, onde morava, no trem das 3 e 50 da madrugada, para o trabalho, no canteiro de obras do Metrô na avenida Presidente Vargas.

Tinha três cruzeiros no bolso e a marmita na mão. Até hoje a família, mulher e sete filhos, esperam seu regresso. A companhia que o empregava, a Esusa, não se mostra disposta a ajudar, e José passa a ser apenas mais um número no rol dos desaparecidos do Metrô

José Batista Neto, seu compadre, afirma que Jorge desapareceu no serviço. Segundo ele, num desabamento que houve e que sua família não soube de nada. "Querem deixar a viúva em palpos de aranha."

Na casa, em Piabetá, Laudicéia Noronha da Silva, a mãe dos sete filhos, explica o que sabe.

A companhia diz que ele foi trabalhar normalmente. Que saiu às 5 horas da tarde, como fazia sempre. Minha filha Leci falou com o Dr. Cláudio no escritório dele que fica na Avenida Paulo de Souza, 181. É o escritório central da firma. O Dr. Cláudio é que assina a carteira dos trabalhadores. E ele provou que nada aconteceu na obra, que ele gostava muito de Jorge. Mas eu só tenho direito a indenização se encontrar ele machucado ou morto. Mas para onde ele foi com três cruzeiros no bolso! Isso é que não me sai da cabeça

A senhora recebeu algum dinheiro da companhia?

Recebi o dia de trabalho dele, 22, quarta-feira, e os dois dias anteriores. Destes três dias recebi 190 cruzeiros. E da semana encerrada, anterior do dia do desaparecimento, recebi 412 cruzeiros

A senhora sabe alguma coisa sobre o desabamento que, segundo José Batista, foi a causa do desaparecimento do Jorge?

– Teve um desabamento, mas este o Jorge viu. O Jorge comprou um rádio e nós ouvimos aqui em casa o noticiário. Quando deu 8 horas ele chegou e me falou assim "Você soube, mulher?

Respondi que sim e ele falou: "Trabalho num lugar muito perigoso. Liga sempre o noticiário porque se acontecer alguma coisa comigo você já sabe onde eu estou morto. E vai até lá, porque lá na obra eles fazem isso, somem com as roupas, queimam os documentos pra não pagarem a indenização. Vale 35 mil cruzeiros a vida de uma pessoa lá". Estas foram as palavras dele 25 dias antes de sumir

Como a senhora está fazendo agora para sustentar os filhos?

Agora minhas filhas que iam se casar vão ter que esperar. Leci e Leni começaram a trabalhar como costureiras e ganham fixo 2 095 cruzeiros. No final do mês entra na casa 5 mil cruzeiros. A gente gasta 1 500 cruzeiros de compras, compra tudo, menos carne. Carne só quando tem extra. Jorge levava pra obra macarrão, arroz e feijão. Às vezes alguma carne ou uma verdura. Como ele estava velho, trabalhava recolhendo pedras, ajudando a juntar o material que saía na terra das escavações. Olha, a gente andou, andou, procuramos em todos os cantos onde poderia estar. A condução cara [illegible] que esta e a gente andando. Mas quando o dinheiro acabou a gente parou de procurar.

A família de José procurou por ele até o dinheiro acabar

MAIS DE MIL ACIDENTADOS SÓ NO SOUZA AGUIAR

O Hospital Souza Aguiar, para onde são enviados praticamente todos os operários do Metrô acidentados, não faz distinção entre trabalhadores do Metrô e de outras obras. No arquivo de 1977, um dado: 3221 acidentes de trabalho. Nos três primeiros meses deste ano o total foi de 1186, o que faz prever um aumento significativo no número de acidentes deste tipo até o fim do ano

O acidente de trabalho mais grave de 1978, até hoje, foi o desabamento na avenida Presidente Vargas, numa obra do Metrô, ocorrido dia 2 de fevereiro. Houve 28 feridos transportados para o HSA. 18 receberam alta após serem medicados. 2 morreram

Depoimentos a Ana Morena e Clarice Niskier
Fotos de Chiquito Chaves e Clarice Niskier

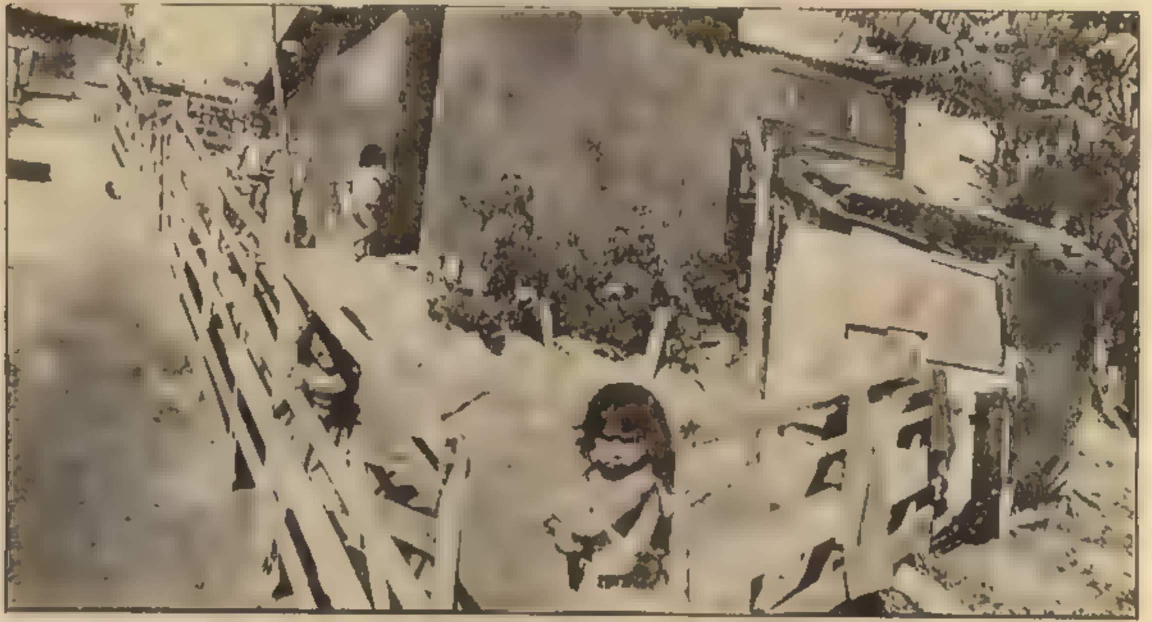
METALÚRGICO FAVELADO

OU PAGA ALUGUEL OU COMPRA COMIDA

Raquel Moreno
e Lula Feijó

LULA FEIJÓ

Favela Jardim da Represa, onde moram muitos metalúrgicos



O crescimento industrial mal-planejado provocou a formação de várias favelas na periferia de São Bernardo do Campo, em São Paulo. Favelas como a Ferrosópolis, atrás da Chrysler e de frente para a Volkswagen, e a Jardim da Represa, que, junto com as outras, abrigam cerca de 80 mil operários, a maioria metalúrgicos. Quase sempre, é o imigrante contratado por um baixo salário e que, por não ser especializado, não tem condições de pagar o aluguel de uma casa ou apartamento. É claro que, para o operário especializado, que pode ganhar até Cr$ 12 mil, é possível morar numa casinha, ter um carro, se alimentar normalmente.

Moça, aqui mora algum trabalhador da Chrysler?

Da Chrysler não tem não. Mas da Volks eu conheço três, o meu marido, o marido da Neusa, e o vizinho deste lado. Mas meu marido não tá aqui não. Foi na Cooperativa da Volks, gastar lá o dinheiro que recebeu da firma. Os outros também num tão. Volta mais tarde.

No início, as respostas eram as mais evasivas possíveis, cheias de medo, desconfiança. A razão, soubemos depois: chegamos num velho fusca, o que provocou uma suspeita. Será gente da Volks?

— Precisa mesmo sair essas coisas no jornal, moça? Prá que? Tá bom, eu não tenho nome e nada de foto.

O operário da Volks se abre um pouco e fala.

Eu trabalho com motor e sei o que se passou. Acho que todos nós, funcionários, precisamos desse aumento. No meu modo de pensar, nós tamos precisando. Agora, não sei se vai sair esse aumento ou não. Sabe que eu nem sei essa Volkswagen fala muita coisa. Tô lá faz quase um ano e é muita coisa que eu ouvi. Agora, o que vai dar, eu não sei não. A Volkswagem, pra mim, é uma firma muito legal. Cê vê? Já foi dizendo que ia dar o que as outras dariam. Vocês são da Volks? Não? Sei lá, né.

Se aproxima um rapaz. Fala rápido, dá o seu recado e vai embora.

— Onde eu moro? Me escondo por aí. É um barraco de um cômodo só. Moro sozinho porque mulher não aguenta. Pago 500 cruzeiros de aluguel, e o resto vai de comida. Ganho Cr$4 mil e acho que, do jeito que tá, 20% só não dava.

Sônia, vestidinho leve, sandálias havaianas, 22 anos. Casada com um operário da Volkswagen.

— Meu marido falou que é pra eu não falar com ninguém, não assinar papel, não deixar tirar retrato, não receber nem conta.

— Ele também não quer que eu trabalhe fora, mas o dinheiro quase não tá dando. Não sei quanto ele ganha, mas sei que fora o aluguel — a gente tá pagando Cr$500, por um cômodo — o resto do salário vai tudo na Cooperativa da Volks mesmo. Nem sei como a gente aguenta. Somos nós e dois filhos. A gente é ajuntado, não é casado não. E eu fico cuidando dos trabalhos dentro de casa, como todas as mulheres. Às vezes, quando eu acabo antes, ajudo as outras.

— Se eu sei se os operários da Volks fizeram greve?

Sei de nada, não. E meu marido não vai gostar d'eu tá aqui conversando.

E vai embora, cabreira.

Célia Regina, operária, 32 anos, é a dona da casa onde Sônia mora. Diante dos outros, tem uma boa situação. Casa com dois cômodos, limpa, máquina de costura. Mesmo assim, foi duro juntar o dinheiro para comprar o barraco, que custou Cr$25 mil.

— Eu acho que o pessoal da greve tá certo porque o pobre ganha muito pouco. Só a pobreza sabe o que passa. O custo de vida sobe cada dois, três meses. O salário, só uma vez por ano. O aumento não resolve porque o governo não olha muito os pobres. Então, o pessoal trabalha tudo contrariado.

Chegam os filhos de Célia. São três, de 9, 11 e 14 anos.

— Um custo por escola, ainda bem que não tem mais que pagar aluguel.

O barraco foi comprado por Cr$ 25 mil com o salário do casal. Atualmente, os dois ganham, juntos, Cr$5 mil.

— O barraco é muito pequeno. Os filhos dormem com a gente, tudo junto. Faz três anos que a casa é nossa, mas no final foi duro pagar.

Célia diz que o dinheiro só dá mesmo para a comida e o material de escola dos filhos.

— E só dá pra isso mesmo, moça. Chega no fim do mês, já estamos pedindo dinheiro emprestado aos vizinhos. Pobreza mesmo. Não vou mentir. Também, cinco mil cruzeiros, para uma família de cinco pessoas, dá pra que?

Célia já teve experiências anteriores, em se falando de reivindicações salarial. Trabalhava como faxineira, na Dulcora. Ficou lá seis anos e meio.

— A gente trabalhava três meses e recebia um. Fazia greve no começo, mas não adiantava. nada. Às vezes, ficava três; quatro dias parado, fazendo greve, e não pagavam nada. Outras vezes, levavam a gente na conversa e acabavam não pagando do mesmo jeito. Aí, o pessoal foi todo saindo. Agora, tô numa fábrica de plástico, fazendo pasta. Ganho Cr$ 1.669,00 por mês. Diz que agora vai para Cr$ 2.008,00, mas não sei, porque ainda não saiu o pagamento. É muito pouco. Por isso, tá certo o pessoal fazer greve. O pobre tá ganhando muito pouco. Lá na fábrica a gente não conversou disso. A gente não conversa com liberdade. Com o chefe em cima, não tem jeito da gente conversar muito.

Só compra roupa quando tem muita necessidade

Manoel, 22 anos, mineiro, prensador da Volkswagen. Casado,uma filha. Com o aumento, passou a ganhar Cr$ 21,00 por hora, trabalhando nove horas e meia por dia. Um trabalho rápido, de deixar qualquer um maluco.

— Às vezes, não dá nem tempo de ir ao banheiro. Então eu tenho que trabalhar mais rápido para poder fazer as necessidades. Ou então espero a hora do almoço.

Qual a sua maior despesa?

— Roupa e alimentação. A gente não pode comprar tudo que necessita. Roupa, eu só compro quando preciso muito. Também gasto muito com transporte. Pago o transporte da firma, mas nem sempre o horário dá certo. Então, tenho que pegar um ônibus e pago novamente

O pessoal da fábrica te trata bem?

— Trata, mas fica muito em cima da gente, exigindo mais rapidez. Além disso, faço o serviço de dois operários. Tem dia que eu chego em casa, janto e acabo dormindo na mesa mesmo.

Você não acha que teria sido melhor você ficar trabalhando em Minas?

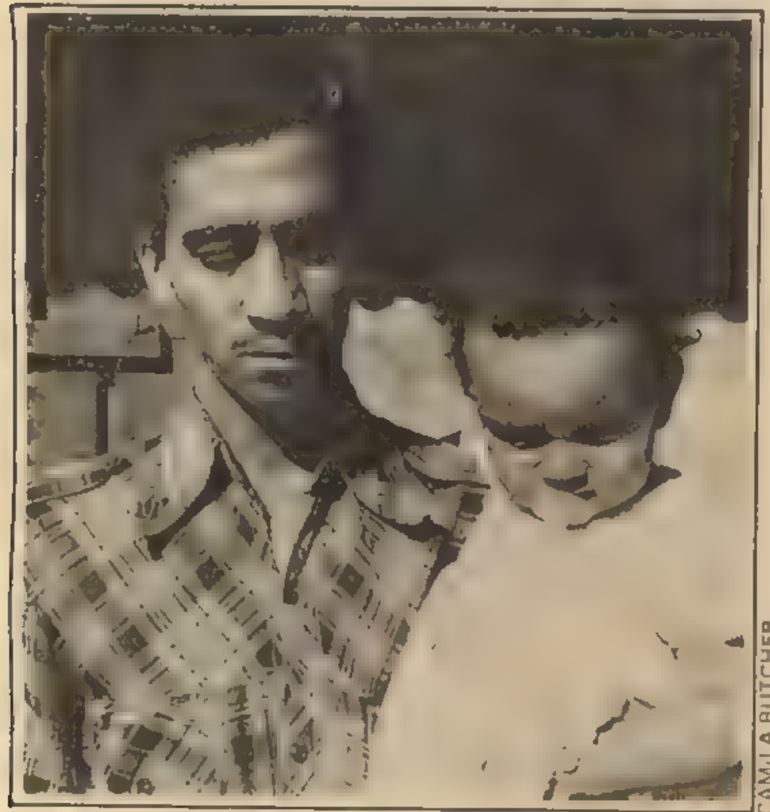
— Plantar em terra dos outros não dá não. A gente sempre fica devendo para os donos da terra.

O que você acha da greve?

— Não acho certo porque se você recebe, é para trabalhar. Deveríamos arrumar outro jeito de conseguir resolver os problemas.

Você paga aluguel?

— Não. É por isso mesmo que eu moro em favela. É para poder comer. Se tivesse que pagar aluguel, o dinheiro não dava para comer.



CAMILA BUTCHER

Manoel, operário da Volkswagen

LULA FEIJÓ

Antônio parou de trabalhar

Antônio parou de trabalhar : sistema nervoso abalado

Antônio Pereira Tavares, 32 anos ex-pontiadeiro da Volkswagen. Muito trabalho, muito barulho, pirou geral. Foi encostado e hoje ganha Cr$1.495,00, 70% do seu salário anterior. Casado, cinco filhos. Mora na favela.

— O serviço era demais. Eu não tinha sossego nem para beber água. Quando saía para alguma necessidade, tinha que ouvir bronca do feitor e do líder. Eu cheguei a reclamar para o supervisor e até desmaiei na sua frente. Depois deste incidente, me levaram para o ambulatório e foi constatado que meu sistema nervoso estava abalado. Aí, me encaminharam para a caixa (seguro para invalidez). Também, era muito serviço e rápido demais. No meu setor, eu trabalhava por dois. Eu vivia pedindo outra pessoa, mas eles não colocaram. Eu pregava sozinho o assoalho do Passat. No começo da semana, parecia que ia dar conta do trabalho. Mas quando chegava quarta ou quinta-feira, eu já estava todo moído

— Eu não dormia bem, encrencava com qualquer coisa, brigava à toa. Não podia ouvir barulho nenhum. Quando eu entrei, trabalhava com 60 assoalhos. Depois de um tempo, passou para 100. Quando fiquei doente, já eram 135 por dia. Uma correria. Sabe, na Volks tem caso de operários que fazem as necessidades ali mesmo, trabalhando, porque chega num momento que não dá.

Antônio é do interior de Minas, onde tem até uma casinha. Mas a família já se acostumou com São Paulo.

— Lá onde eu morava não tem escola e tudo é muito longe. Mas aqui eu tenho que morar na favela porque o dinheiro que eu ganho nunca deu para morar em lugar melhor. A situação tá tão ruim que a minha mulher teve que começar a trabalhar como faxineira, ganhando Cr$6,50 por hora

E a alimentação, Antônio?

— A gente se vira. Um parente dá alguma coisa que a gente não pode comprar. Mas o problema maior não é a comida, é o frio. Lá em Minas eu não precisava de agasalho, mas aqui o frio é demais e nós não temos agasalhos suficientes. Não tenho dinheiro nem para comprar sapatos

Quando você trabalhava, a vida era melhor?

— Nada, era a mesma coisa. O salário nunca dava. Eu vivia pedindo aumento, mas eles sempre embromavam.

Seus colegas de trabalho têm os mesmos problemas?

— Claro. 80% dos empregados da Chrysler e da Volks sofrem da coluna e do sistema nervoso. E a maioria mora em barraco, como eu.

O que você acha da greve?

— O pessoal tem razão porque o aumento que o governo dá não é suficiente. Mas é preciso muita união porque sem união não vem a força

Analfabeto, mulher analfabeta, filhos analfabetos?

— Nenhum deles sabe ler. A mudança de Minas para São Paulo atrapalhou muito

O terreno do barraco é seu?

— Uns dizem que é da prefeitura e outros dizem que é de um japonês. Dizem que a prefeitura tomou o terreno por falta de pagamento de impostos, mas o japonês esteve aqui e disse pra gente que vai pagar, para reaver o terreno. Depois, vai dar 90 dias para a gente sair

Ismael mora num barraco para ter vida melhor

Ismael, 37 anos, nordestino, operário metalúrgico da Brastemp há quase quatro anos. Nove horas e meia de trabalho por dia, que é para ter o sábado livre. Condições de trabalho: 45 graus e muito acidente com queimaduras. Ganha Cr$ 21,00 por hora. Tem seis filhos e três estudam. Mora na favela Jardim da Represa, em São Bernardo.

Porque você mora em favela?

— Para poder ter uma vida um pouco melhor, eu não posso pagar aluguel. É por isso que eu vim para a favela. A patroa trabalha para ajudar e deixa a menina de 13 anos cuidando da casa. Mas como você está vendo, isso aqui vive sujo, não temos condições de higiene. E no inverno é muito frio. Banho? Ah, a família toda toma banho na bacia.

O que você acha dos patrões?

— Eles deveriam se preocupar mais com o operário porque, dando melhores condições, o trabalhador fica satisfeito e produz muito mais.

Por que você veio para São Paulo?

— Ah, aqui tem mais recurso.

CAMILA BUTCHER

Ismael, operário da Brastemp

CASCAS DE BANANA AMEAÇAM OPERÁRIOS

GREVES

GREVE HOJE

JOÃO BITTAR

Ninguém viu a greve. Os operários entravam, batiam cartão e não ligavam as máquinas. Não houve líderes, nem a polícia apareceu. Foi uma vitória.

RICARDO MALTA

Ontem, das onze para o meio-dia, segundo nos informam os escravos do estabelecimento de Ponta da Areia (primeira fábrica instalada no Brasil, Indústria Mauá, propriedade do Barão de Mauá, localizada em Niterói) levantaram-se e recusaram-se a continuar no trabalho sem que fossem soltos três dos seus parceiros que haviam sido presos por desobediência às ordens do mesmo estabelecimento. Felizmente o levantamento não ganhou terreno, pois o Exmo. Sr. Dr. Paranaguá, apenas teve notícia, dirigiu-se ao local e fez conduzir para a casa de detenção, presos, os trinta e tantos amotinados. (Jornal A Pátria, edição do dia 26 de novembro de 1857, dando conta da primeira revolta dentro de uma fábrica no Brasil.)

No dia 8 de janeiro de 1858, depois de terem recusado o aumento de dez tostões diários em seus ordenados, os tipógrafos dos jornais Diário do Rio de Janeiro, Correio Mercantil e Jornal do Comércio, entram em greve. É a primeira greve decretada no Rio de Janeiro, possivelmente a primeira greve do Brasil. No dia seguinte, 10 de janeiro de 1858, os tipógrafos lançavam seu jornal — Jornal dos Tipógrafos — para defender seu movimento e responsabilizar os patrões. No número 14 do jornal eles escreveram: "Já é tempo de se guerrear por todos os meios legais toda exploração do homem pelo mesmo homem."

Dia 12 de maio, 2 mil operários da Scania Vabis pararam o trabalho; dia 13, 15 mil da Mercedes-Benz; nos dias seguintes, 9.500 da Ford, 3 mil da Volkswagen, 2.500 nas duas Villares, 800 na Panex, 3 mil da Brastemp, 250 da Sulzer-Weise. Durante quase um mês, o total de metalúrgicos grevistas no ABC (a maior concentração industrial da América do Sul) chegou a 50 mil. Juntaram-se aos metalúrgicos, operários de fábricas de pneus, de macarrão, de produtos de limpeza, de produtos químicos, elétricos, operários de São Paulo e de Osasco. Foram 90 mil operários que pararam em quase 50 grandes indústrias. Pararam por horas, dias — a greve maior foi de 7 dias seguidos, na Ford — pedindo 20% de aumento nos salários.

A greve pegou todo mundo de calças curtas. Afinal, ela é ilegal desde 1964, quando o governo disse, no Decreto-Lei 4330, que só atraso de salário era motivo justo de greve. Além disso, desde que foram criados em 1943 os sindicatos são tutelados pelo Ministério do Trabalho, que tem até o direito de mudar suas diretorias quando quer. Em 1975, 136 sindicatos eram dirigidos por interventores do governo.

Junte-se a isso a política salarial estabelecida pelo governo em 1964 no decreto 54018 que tornou os salários sempre descrescentes (veja quadro na página 14) e a criação do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço, que acabou com a estabilidade do tra-

GREVE, ONTEM

Julho de 1960 greve dos

balhador (decreto-lei 5107, de 13/9/66). E aumentou a rotatividade porque a empresa podia demitir sem explicações. Assim, em 1967, 2 milhões de operários foram admitidos e 1,6 milhões, demitidos; em 1968, admitidos 2,9 milhões e demitidos 2,2 milhões. É outra maneira de baixar os salários, pois o empregado demitido aceita salário menor em outra fábrica, pra não ficar parado.

Em 1969, o operário foi atingido pela Lei de Segurança Nacional: o artigo 38 estabeleceu pena de 4 a 10 anos de prisão para quem promovesse greves. Isso, depois de terem sido presos e espancados os grevistas de 1968, em Contagem (MG) e Osasco (SP).

A greve de 68 ficou na história mas não foi a única de 64 pra cá: em 64 mesmo houve operações tartaruga e pequenas greves reclamando atraso de salários, jornadas excessivas e não cumprimento de leis trabalhistas; em 66 fizeram greve os operários da Cia Tinsley e da Auto-Peças Resolit, em 67, funcionários municipais, professoras primárias e operários da Cia Siderúrgica Nacional (estes ficaram 45 dias em greve), em Minas Gerais; em 68, além das conhecidas, houve greves também no ABC, na Mercedes-Benz, Willys e Chrisler; em 70, 12 greves; em 74, greves de operários na construção civil e empresas de ônibus em Salvador; cobradores de ônibus, taxis e empregados da Light em São Paulo.

A greve de 78, sem líderes, piquetes, prisões, foi considerada vitoriosa pelo sindicato que foi, no mínimo, seu inspirador: o dos metalúrgicos de São Bernardo, que luta, desde o ano passado, pela reposição salarial (um erro de cálculo do governo tirou 34% do reajuste de 1973). A greve poderia ter começado aí. Este ano, em fevereiro, Lula, presidente do sindicato previu uma possibilidade de haver greve até junho, depois de seu encontro com o deputado Petronio Portella. E foi a orientação de Lula que garantiu a greve pacífica: ele pediu que os operários não depredassem as fábricas nem obrigassem seus colegas a parar. O principal era parar as máquinas e esperar dentro da fábrica em silêncio, à moda de uma das primeiras greves da Ford nos Estados Unidos em 1939.

Máquinas paradas, começou a negociação entre patrões e empregados, estes representados por Lula. Os patrões queriam dar 3% de aumento. Numa reunião de 20 horas, chegou-se ao acordo de 11% de aumento para 150 mil operários do ABC, 5,5% em junho e 5,5% em outubro. E pagamento integral de todas as horas de greve. Mas não é a vitória final, diz Lula: "a cada passo que a gente avançar a situação vai ficar mais difícil; cascas de banana começarão a ser jogadas na nossa frente, e vamos tentar nos desviar ...

"Carestia está matando", "Fora com os gringos da carne", "CMTC assalta o povo" diziam os cartazes da greve dos metalúrgicos de 1960, em SP.

Greve nos bananais do Itanhaém, SP

GREVES

GREVES

OS GREVISTAS

CUSTÓDIO COIMBRA

Ronaldo, o petroleiro

Petroleiros fazem mini-greve

No dia 19 de maio correu um boato no Rio de Janeiro. Os trabalhadores da produção de óleos lubrificantes tinham feito greve

— Não foi bem uma greve. É que, de repente, os trabalhadores resolveram, todos ao mesmo tempo, ir pedir aumento aos patrões Mas sabe como é que é. É muito difícil encontrar os patrões, os chefes. Então, o pessoal ficou uma tarde inteira atrás deles, para conversar

A explicação é do Sindicato dos Petroleiros do Rio de Janeiro

Uma mini-greve, diríamos. Ou, mais precisamente, uma paralização muito pouco divulgada

O fato é que, a partir dessa paralização, a Atlantic foi a primeira a se manifestar, porém, favoravelmente aos trabalhadores. E, segundo o sindicato, a multinacional concedeu um aumento de 20% Um a zero

No dia 9 de junho, um sábado, o Sindicato dos Patrões, em reunião com o pessoal do sindicato, surpreendeu: deu um aumento de 15% aos trabalhadores que ganham até dois salários mínimos e de 10% aos que ganham de dois a cinco salários. Os que ganham acima de Cr$ 10 mil também receberão um aumento de 10%. O aumento vigora a partir de julho.

O mais interessante é que os representantes da Shell, Esso, Ipiranga, Petrobrás Distribuidora e a todas as outras tinham um argumento e uma arma eficaz para não dar o aumento e, quem sabe, nem dialogar. Afinal, petróleo é protegido pela Segurança Nacional, área em que nem se pode pensar em greve. Dois a zero.

Ronaldo Magalhães é o líder sindical no Rio que está botando pra quebrar. Meio chegado ao gordinho, muito simpático, brigador.

— Não consigo pensar mais em nada, só em sindicato. É fogo

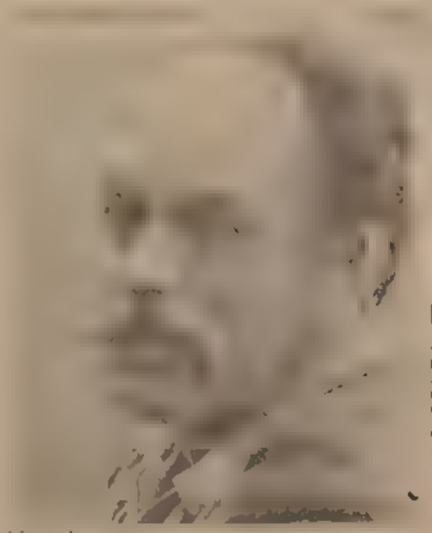
O que você acha de greve, Ronaldo?

— Nenhum líder sindical pode ser contra a greve. E qualquer abertura política tem que ter duas coisas direito de greve e diálogo direto entre os trabalhadores e as empresas. Mas o meu sindicato ainda não tem estrutura para fazer greve e os trabalhadores ainda não estão conscientizados. O trabalhador ainda tem medo, mas o nosso trabalho tem sido o de mostrar que ele não precisa ter medo. Ele tem que saber que deve ser responsável pelos seus atos Tem que lutar, lutar pela abertura sindical. E os trabalhadores estão provando que podem fazer isso

O que o seu sindicato quer, no momento?

— Melhores salários, mas que saiam dos lucros das empresas, sem onerar o povo, ou seja, sem aumentar o preço da gasolina e dos outros derivados de petróleo. O lucro das empresas é astronômico porque não trabalham com produtos tabelados

Chico Júnior


RICARDO GONZALEZ

Miguel, o veterano

Tudo combinado. Mas quem começa?

Miguel Dias, 42 anos, é veterano de greves no Brasil. Participou de duas

— Uma foi no tempo do Jango, quando eu ainda trabalhava no Cambuci. Era uma fábrica pequena, mas nós paramos acho que foi em 62, por aí. Também era problema de salário, igual agora. Outra foi na Scania. E olha que eu pensei: acho que nunca mais entro numa greve.

Não por ser contra as greves, e se Miguel faz questão de explicar:

— Contra? Claro que não. Que operário pode ser contra a greve se é o único jeito de respeitarem seu direito? Eu achava que não ia mais por causa da situação. Principalmente da situação do operário Veja bem, não é pra comparar mas naquele tempo o operário sabia muito mais da sua vida, era metido em entender de política, discutia. Hoje não. E tem outra coisa que eu acho importante: quando o operário sabe das coisas, tem dinheiro pra comprar um jornal, vê o repórter na televisão, pode ficar por dentro, então ele se acomoda e não quer nem saber. Ou outros que tem mais motivos pra fazer greve por exemplo, esses nem dinheiro pro jornal tem

— O que? Furar a greve? Não, nada disso, meu caro. O caso é que a greve precisa de gente pra liderar, pra organizar, comandar. Então, esse pessoal que resolve, decide, chama os outros é que é importante. Pra esse papel a gente não serve. Ninguém vai furar a greve não senhor. Operário é operário, patrão é patrão. A gente sabe o lugar da gente. Só não tem mais aquela força de vontade, aquela coisa de moço pra empurrar o pessoal, fazer piquete, falar com cada colega explicando porque é que deve parar, essas coisas

Como seus companheiros, Miguel Dias não gosta de contar como foi sua participação nessa greve

— Não é por desconfiança não, mas você entende, é chato. Sai o nome no jornal, as pessoas ficam falando, cai no ouvido de quem não deve e a gente se complica. Mas o principal foi quebrar o medo do pessoal e só o pessoal mais antigo podia fazer isso. Quem já enfrentou greve, sabe como é, sabe o que tem de agüentar, essas coisas todas, daí os colegas ouvem, acham que está certo, que é isso mesmo, e se todo mundo parar eles também param. Mas quem começa? Daí é outro problema: ninguém quer começar, fica todo mundo desconfiado de que vai parar sozinho e outros vão dar pra trás, evita chegar cedo, fala da família porque família é o problema maior Quem tem gente pra sustentar sempre pensa duas vezes, fica vai-não-vai, até que não dá mais pra recuar Quando chega nessa hora, ninguém segura

Luiz Fernando Rodriguez

RICARDO GONZALEZ

Joel não gosta, mas faz

Espiões na greve da Ford

Joel de Oliveira tem 24 anos, trabalha na prensa, tem uma cicatriz na mão que não explica, nem diz quanto ganha, nem gosta de greve

E quem é que gosta de greve, meu chapa? Só bagunceiro. Quem trabalha pra comer não pode gostar mesmo. Faz porque não tem mais remédio, tá na pior então faz

Também não tem boa impressão de sindicato, nem vontade de se meter em um. Nem paulista é o Joel, nem gostou do resultado da greve·

— Que é que adiantou? Prometeram pra não sei quando um tanto por cento e pronto. Daí conseguiram botar as máquinas pra funcionar de novo e não se fala mais nisso E só a coisa morrer e volta tudo. O negócio era esperar parado até sair a grana. Com dinheiro no bolso a gente voltava pra trabalhar e aí sim não se falava mais. Agora, do jeito que foi, fica parecendo que tá tudo bem Olha, como eu falei não gosto de greve A gente só faz por causa do desespero. Mas quando faz, é pra fazer direito, duma vez só. Para, pede quanto acha que é justo, discute e resolve: se eles dão, pronto. Se não, espera. Parado

Joel é casado, tem um filho de meses, mora em casa de cômodos que chama de barraco no Jardim Paulicéia

— Na Ford tinha muito bico nessa greve. Eu não sei como é nas outras, essa foi a primeira desde que eu cheguei do Norte. Mas de um dia pro outro começou a pintar uns caras meio diferentes, e o pessoal já ficava bicando, apontando e logo todo mundo desconfiava de todo mundo. Até conhecido de muito tempo ficou se estranhando, a maior zona. Eu fiquei na minha Chegava, botava os bagulhos no armário, ia pra máquina e só ali, olhando. Quando resolveram que iam voltar a trabalhar eu falei pros colegas: a gente vai fazer besteira, entrar no jogo dos caras. Mas tinham resolvido, que é que um sujeito só pode fazer?

E se eles realmente não cumprirem as promessas?

— Daí, meu chapa, eles vão perceber que não dá pra confiar em promessa. E a greve não acaba até a grana chegar no bolso

Luiz Fernando Rodriguez

SALÁRIO MÍNIMO EM DÓLARES

1959: 82, 87
1960: 75, 66
1961: 74, 25
1963: 73, 14
1964: 69, 89
1965: 57, 70
1966: 52, [redacted]
1967: 48, [redacted]
1968: 48, 71
1969: 47, 34
1970: 46, [redacted]

Fonte: revista "Visão", 21.11.1970

Na França, operários estão em greve há três anos

Em Paris, o repórter Paulo D'Alcantara *entrevistou os líderes da greve mais longa da Europa, a da gráfica de Chaix, que já vai fazer três anos. Petit Gerard — secretário do Comitê de Greve da CGT e Secretário da União local — e Jean Houssard — representante dos operários e da CGT — falam sobre a greve e apoiam os trabalhadores brasileiros*

PAULO D'ALCANTARA

A gráfica Chaix, ocupada há quase três anos: operários discutem

Como a CGT francesa consegue informações sobre as greves no Brasil?

Gerard — De muitas maneiras. Pelos jornais, nos próprios sindicatos e também diretamente, por pessoas que nos mandam informações. É importante que os operários brasileiros fiquem sabendo que nós estamos do lado deles e que apoiamos todas as suas reivindicações.

Conte como foi e está sendo a greve de Chaix. Por que vocês ocuparam a fábrica?

Houssard — Já em 1974 tinha acontecido uma greve de três semanas porque os donos da fábrica estavam querendo fechá-la. Achavam que não dava o lucro que eles pretendiam. Queriam mudá-la para o estrangeiro, onde a mão de obra é mais barata, por exemplo, o Brasil.

Gerard — Aqui, o salário mínimo está entre oito e dez mil cruzeiros. No Brasil, esse mesmo trabalhador ganha um ridículo salário de dois mil cruzeiros. Para os patrões, é muito mais lucrativo abrir uma empresa no Brasil. Em cima de cada operário eles ganham muito dinheiro. Mesmo assim, um carro no Brasil consegue sair mais caro do que os nossos. Deve haver alguma mágica.

Vocês tentaram negociar?

Gerard — Claro. O nosso interesse era manter os trabalhadores em seus empregos, mas a coisa chegou a tal ponto, que não existia mais condições de diálogo. Já dava para sentir que a greve ia durar muito tempo. Então, começamos a ocupar a fábrica, para colocar as máquinas funcionando e os operários trabalhando. O fechamento da empresa iria aumentar o desemprego e o material ia se estragar.

Houssard — Outro tipo de trabalho foi mobilizar a opinião pública, para que eles entendessem nossas reivindicações e ajudassem na luta. No início fomos obrigados a ocupar monumentos históricos, Biblioteca Nacional e até parar o trânsito numa das saídas da cidade. Paramos trens, fizemos colagens dentro dos trens, no metrô.

E qual foi o resultado?

Houssard — Através de tudo isso, conseguimos informar a opinião pública do porquê de nossas ações. Regularmente, distribuímos panfletos nos supermercados, explicando o nosso problema.

Existiu alguma tentativa da polícia de tirar os operários de lá?

Houssard — No dia em que descobrimos que o governo queria fazer uma invasão, com a polícia, fizemos uma mobilização muito rápida. Já tínhamos contatos com os operários das outras fábricas de Saint Ouen (St. Ouen é uma das maiores zonas industriais da França, localizada ao Norte deParis) e reunimos, rapidamente, um grande grupo composto de representantes de todas as fábricas da região. Fomos à Prefeitura para avisar que, se o governo mandasse a polícia invadir e expulsar os operários, todas as outras fábricas iriam reagir, de uma forma ou de outra. A polícia não invadiu.

E como vocês estão vivendo, atualmente?

Houssard — Recebemos 40% do nosso salário. É claro que fica mais fácil se existem dois assalariados em casa. Não se pode comer isto ou aquilo, mas tudo bem. Tivemos que cortar os passeios, as festas e até mesmo passar o fim de semana fora.

Gerard — É muito importante a participação da família nessa luta. Todos os que abandonaram a luta foi por razões familiares.

E o futuro?

Gerard — Nós continuamos a defender, não só os nossos direitos, mas também o de salvar uma empresa rentável, que não pode fechar. Porque, se partirmos desse princípio, de fechar uma hoje, outra amanhã, acabaremos por ter grandes problemas. O desaparecimento de empresas é um caminho que levará a própria cidade a morrer.

Operário italiano dá uma força

A repórter Cristina Duarte *ouviu, em Milão, o secretário-geral da* Câmara do Trabalho *e membro da secretaria nacional da união de três dos principais sindicatos italianos. Lúcio de Carlini falou sobre greves, Brasil, e como foi a participação do sindicalismo italiano na queda do fascismo.*

Aproveitando o momento atual brasileiro, de ressurreição do movimento operário, que tipo de solidariedade os sindicatos podem dar aos trabalhadores de outros países?

Carlini — Tanto a nível nacional, como a nível local, apoiamos plenamente as lutas da classe operária, em particular a dos países da América Latina. Fizemos, há pouco tempo, uma manifestação pela democracia no Uruguai. Temos relações com muitos exilados de vários países da América Latina. Portanto, nos congratulamos pela retomada de uma iniciativa sindical no Brasil, pois sabemos quais são os riscos que correm os trabalhadores brasileiros.

Que papel tiveram os sindicatos na queda do fascismo na Itália?

Carlini — Basta pensar no papel que tiveram as greves dos operários milaneses, de massa, de todos os setores industriais, em março de 1943 e março de 1944. Em 1943, antes da queda do fascismo, as greves dos trabalhadores milaneses estiveram na base da queda de Mussolini. Um ano depois, as greves foram o detonador para a popularização de massa da resistência armada. Em Milão, em Turim, em Gênova, nesse triângulo industrial, nessas duas ocasiões, no espaço de um ano o sindicato clandestino de então agiu como acelerador na queda de Mussolini.

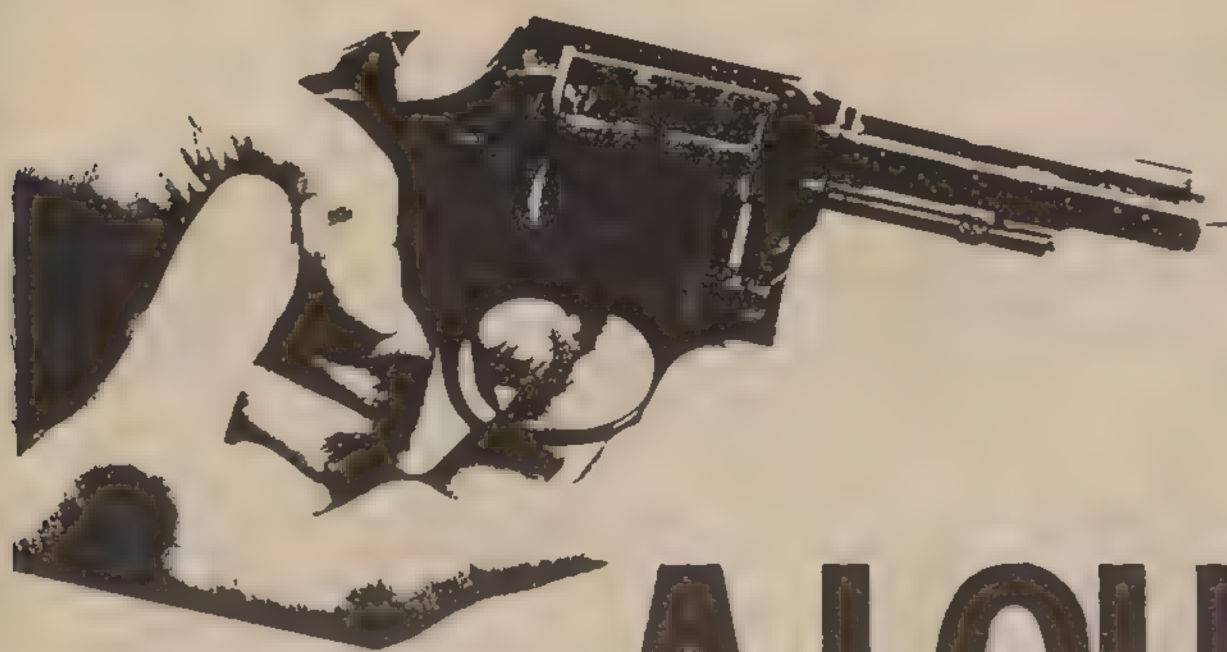
O que tornou o movimento operário tão forte na Itália?

Carlini — Posso dizer que houve uma prolongada derrota do sindicalismo de classe no nosso país, nos anos 60. Comemos o pão que o diabo amassou e a classe patronal esperava que essa situação pudesse continuar para sempre. No final, houve a explosão, a partir de 69. Deve-se levar em conta que a força do sindicato dependeu do fato de que houve uma direção. Não foi um fogo de palha que se extinguiu em um mês, mas uma longa luta que começou no início da década passada. O sindicato se manteve, resistiu, não se dividiu. Uma segunda característica é que o sindicato italiano é muito politizado.

Como você vê o surgimento, depois de tantos anos de repressão, de líderes sindicais que, às vezes, parecem ter saído do nada?

Carlini — Não, não saem do nada. A grande falha dos conservadores é justamente a de não compreender que anos e anos de super-exploração, de repressão, não podem ser contidos indefinidamente. Mais cedo ou mais tarde vem a explosão e a classe operária vai querer fazer as contas.

DA SÉRIE "GRANDES MITOS DO NOSSO TEMPO"



Octavio Ribeiro apresenta

A LOURA DA METRALHADORA

Fotos da "Loura" de Zeka Araújo

No dia 25 de agosto de 1972, três homens e uma mulher, de arma em punho, assaltaram a agência do Banco Bandeirantes do Comércio, em Parada de Lucas. Os jornais da época noticiaram o fato e, com ele, o aparecimento da Loura da Metralhadora nas paradas do crime. O assalto, a metralhadora e uma repercussão fantástica fizeram da mocinha de Goiânia uma personagem constante das páginas policiais. Seu companheiro, Luis Felipe Calado Sales, o Submarino, acusado de roubar 10 bancos, acabou assassinado em Belfort Roxo (respondem processo pela sua morte os detetives Ivônio de Andrade Viana Ferraz, o Vianinha e seu grupo). Submarino tinha ligações com Liece de Paula, Antonio Branco, Horroroso e outros assaltantes. Para o assalto do banco ele roubou, no Rio Comprido, o fuscão DJ-4242. Ao ser preso ele disse: "Marta foi aprovada no seu primeiro assalto a banco." Nessa entrevista concedida ao repórter Octávio Ribeiro, o Pena Branca, Marta fala dos dramas, aventuras e desventuras da sua vida de assaltante, enquadrada na Lei de Segurança Nacional.

Dançarina era do trio que assaltou o banco em Lucas

Uma dançarina da Boate Charleston, na Praça Mauá, e dois maconheiros compunham o trio que assaltou ante ontem a agê[...] rada [...]

Trio exótico leva 36 mil do banco e deixa má impressão

Tres figuras aparentemente novas no ramo dos assaltos a bancos — um branco baixinho e magro, um preto magérrimo e muito alto e uma loura de calça Lee — sem maiores atrativos — levaram ontem à tarde Cr$ 36.515 do Banco Bandeirantes do Comércio em Parada de Lucas, [...] algumas impr[...]

to alto, riscando um fósforo [...] acender-lhe o cigarro. Foi aí que ele entendeu que era um assalto. Empunhando seu revólver, o preto tirou o 38 do guarda.

Simultaneamente, o baixinho, perdendo a aparência inofensiva, agia nos fundos da agência, desarmando o outro vigilante, que ainda fez menção de sacar o revólver, mas achou mais prudente entregá-lo. A essa altura a loura [...] do terreno [...] triunfalmente [...] do con-

REPORTER — Qual é o seu nome, sua idade, seu signo? Você trabalha, estuda?

Marta — Me chamo Marta Filomena Passos Mourão, tenho 25 anos, nasci em Goiânia no dia 22 de agosto de 1953, meu signo é Leão. Estudo o científico, 2º grau, isto é, estudo às vezes. Também às vezes faço almofadas e serviços de escritórios, vou fazendo aquilo que sei pra me sustentar, entende?

REPORTER — Como foi a sua infância?

Marta — A minha infância em Goiânia não foi ruim, foi razoável. Meu pai sempre me deu carinho e custeou as minhas necessidades embora não possuísse grandes recursos. Eu o adorava, amava, mesmo depois da separação dele com a minha mãe. Na época eu tinha apenas dois anos de idade e só depois de grande eu tive certeza de que quem me criava não era a minha mãe e sim uma madrasta. Mas isso nunca foi problema porque apesar de não ser criada com minha mãe, sempre tive educação, meu pai sempre pagou bons colégios. Enfim, eu acho que tive uma infância normal, uma vida normal até os meus quinze anos. Aí eu me perdi com um camarada

REPORTER — Conta como foi o pagode...

Marta — Aconteceu numa festa de aniversário do colégio, então eu não tinha costume de beber e neste dia bebi muito, fiquei um pouco embriagada. Aí o cara me levou pra trás de uma igreja e me deflorou. Eu nem sabia que tava sendo deflorada, palavra de honra, porque eu não tinha conhecimento nenhum de sexo, não sabia de nada. Quando meu pai me levou no médico, eu tinha certeza de que ainda era virgem...

REPORTER — Mas você não sentiu o homem?

Marta — Claro que senti, saiu sangue, claro, tudo. Mas eu não sabia, não tinha menstruação, eu não sabia de nada, não tinha a mínima orientação sobre sexo, nem sabia de que forma a gente poderia perder a virgindade, sempre naquela vida de roça, né? Minha mãe nunca explicou nada, eu era completamente uma criança inocente. Mais tarde, em Goiânia, conheci um camarada, alugamos uma casinha, morei ali uns 20 dias e engravidei. Falei pra ele "olha, estou grávida". Ele se desesperou: "eu não tenho condições de manter um filho e você fica grávida logo agora?". Ele falou e sumiu sem me dar nenhuma satisfação. Aí voltei pra casa de minha mãe e depois fui morar com uma irmã até o nascimento de minha filha Andréa

REPORTER — Hoje você vive do quê?

Marta — Eu faço almofadas, vou fazendo o que dá. Alguns serviços em escritório

REPORTER — Você aprendeu a fazer almofadas com sua mãe?

Marta — Não. Aprendi na penitenciária feminina Talavera Bruce, em Bangu. Passei um tempão lá, tudo porque ajudei a assaltar uma agência do Banco Bandeirantes do Comércio, em Parada de Lucas. Isto aconteceu em 1972, época que eu trabalhava de doméstica prum casal que tinha dois filhos, eles moravam em Cachambi. Eu não tinha ordenado, era tratada como uma filha. Então conheci um rapaz que morava perto de mim, chamava-se Luís Felipe Calado Sales, tinha o apelido de "Submarino", era um camarada bonitão, um tipão alto, branco, forte, cabelos lisos... Contei-lhe todo o meu drama com as dificuldades surgidas na casa daquela família e ele respondeu assim: "Olha Marta, a única coisa que posso fazer é tentar arranjar algo pra você conseguir um bom dinheiro." Nesta época eu pensava em ser prostituta mas não em assaltar. Um dia fui ao apartamento, ele estava acompanhado com dois caras conhecidos por Paulo e "Play-Boy". Fomos de carro até a porta do banco, aí ele falou pra mim "olha, Marta, o problema é o seguinte: este banco tá escoltado, tá na maior limpeza, nós precisamos da sua cobertura, o dinheiro que falei que você podia ganhar é este, vai resolver a sua vida"

REPORTER — Qual foi sua reação?

Marta — Fiquei nervosa, aflita. Falei que era inexperiente, pedi pra ele não fazer isto comigo, mas ninguém quis conversa. O meu amigo decidiu "isto é um caso de vida e mórte. Você entra, assalta e faz o nosso jogo senão morrerá." Ele ensinou-me a mexer com uma arma, disse que caso alguém reagisse eu tinha que apertar o gatilho dando um pulo pra trás. Ele entregou-me um revólver com o cão puxado pra trás, era só apertar o gatilho. Meu nervosismo aumentou só em pensar que eu poderia ferir ou matar alguém dentro do banco, entrei em pânico, foi uma coisa horrorosa

REPORTER — Péra. aí, Marta. Cumequié que o "Submarino" topou arriscar um possível fracasso confiando a você a cobertura do assalto?

Marta — Sei lá, é um pouco impossível isto, eu às vezes penso muito nisto. O que houve é que um dos amigos dele faltou o apontamento e então fui escolhida pra substituí-lo. Não pude replicar nada, fiquei quietinha, não podia reagir diante de três bandidos, três feras, entende? Eu tinha quase 20 anos, não queria morrer com aquela idade. Na porta do banco, do lado da rua, havia um guarda de segurança, aí o "submarino" falou pra ele "olha, é um assalto, entregue sua arma, vá lá pra dentro com a gente." O guarda assustou-se, não reagiu, entregou logo o revólver ..

REPORTER — Diga o esquema do assalto.

Marta — O "Submarino", o Paulo e eu entramos armados no banco, o "Play-Boy" ficou esperando no carro pronto pra fuga. O meu amigo ordenou pro pessoal deitar no chão e pro guarda indicar quem era o gerente, que foi logo avisando: "ó, eu não tenho a chave do cofre!" O "Submarino" retrucou "como é que você é gerente do banco e não tem a chave do cofre? Você sabe que não posso perder tempo, abra logo o cofre senão vai morrer." O gerente abriu o cofre, fiquei vigiando a porta, procurei me manter fria, o mais fria possível, porque os três bandidos me disseram "olha, não pode tremer, não tem problema de tiroteio, eles ficam logo intimidados." Mas na hora eu senti a maior tremedeira, mal conseguia segurar o revólver, as minhas pernas tremiam muito. Aí pensei: "meu Deus, que horror, como é que vou me controlar agora..." é um momento tão aflito que a gente não deve pensar em Deus, mas sei lá, no meu pensamento só vinha forças, Deus, minha filha que tinha apenas oito meses, tudo. Eu me controlei ao máximo mas o meu nervosismo aumentou quando uma moça olhou pra mim e gritou, um grito de pânico. Fiquei chocada, me achei assim bruta um pouco animal diante daquelas pessoas deitadas no chão. Um rapaz olhou fixo nos meus olhos, fiquei envergonhada, não queria acreditar que naquele momento eu tava representando uma assaltante de banco. Aí ordenei pra este tal rapaz deitar no chão, ele me obedeceu mas sempre com o olhar pra cima de mim, como o da moca também

REPORTER — Por que você correu no banco?

Marta — Foi quando o "Submarino" tava dentro do cofre e o "Play-Boy" saiu do carro gritando pra nós "Luís, Luís, vamos embora, sujou, sujou!" Larguei tudo, corri pro interior do carro. O "Play-Boy" se estourou "vacilona, você deixou os caras lá dentro sem cobertura?" voltei correndo pra porta do banco, tinha que cobrir os meus dois companheiros lá dentro. Acho que o "Play-Boy" gritou que a barra tava suja porque ele tava muito nervoso, era seu primeiro assalto, era primário como eu. O "Submarino" entrou no carro irritado comigo, falou "cretina! você tem mais é que morrer, como é que você vai gritar o meu verdadeiro nome lá dentro do banco?" Eu disse apavorada "não, não fui eu". O "Play-Boy" ficou calado, não se acusou, não disse que tinha sido ele que gritara "Luís, Luís". Foi uma guerra tremenda, sabe? Fugimos no carro roubado pela Avenida Brasil, fiquei numa praça aguardando o meu amigo ir num local dividir o dinheiro do assalto. Ele regressou dirigindo seu próprio carro abriu o porta-luvas e me mostrou um monte de pacotes de notas de 50 e 100 cruzeiros, disse que ali tinha uns 23 mil cruzeiros mas não explicou quanto seria a minha parte. Ele falou "você não gostou? tá com dinheiro, vai começar a comprar suas coisas, vai ter o que você quer, dinheiro nas mãos, tudo bem." Eu disse que não tava disposta a participar de outro assalto, ele irritou-se "olha, você deixa de ser covarde, tem que participar, você começou e agora não pode parar mais, não pense em fazer bobagens, agora você é

minha mulher." Eu disse apenas "tá bom", fingi concordar, queria apenas que surgisse a primeira oportunidade pra eu fugir pra longe dele...

REPORTER — Você não gostava dele?

Marta — Quando conheci o "Submarino", ele era muito amável, romântico. Eu era tão carente de pai, de mãe, de amor, de tudo. E ele me chamava de nenén. Eu me sentia a rainha junto dele, só com aquelas palavras de carinho, de amor. Depois tudo mudou, ele afundou a minha vida, completamente. Se não fosse o assalto eu poderia estar bem melhor. Li nos jornais que ele tinha morrido durante um tiroteio com a Polícia. Não sei bem como foi o negócio porque não me interessei em saber, entende?

REPORTER — Quanto rendeu o assalto?

Marta — Um total de 36 mil e pouco. O "Submarino" dividiu o dinheiro com o Paulo e o "Play-Boy" e disse que tinha ficado com uns 23 mil. Mas a Polícia afirmou que tinha encontrado apenas 17 mil no porta-luvas. Então não sei de mais nada, né?

Este é Submarino (que segundo Marta, afundou a sua vida) e a própria, bem mais loura, na época do assalto

"Pega o fio e dá choque nele e ele vai dar choque em você"

REPORTER — Como você foi presa?

Marta — Naquele mesmo dia, ele resolveu procurar o cara que não compareceu ao apontamento do assalto. Fomos pro Jacarézinho, não podíamos imaginar que este sujeito havia nos denunciado à Polícia. O "Submarino" entrou num botequim, fiquei no carro. Aí um mendigo aproximou-se do carro, tava com uma roupa muito esquisita, blusa suja e calça rasgada, tudo muito ruim. Fiquei com pena dele, perguntei-lhe se ele queria uma esmola, o cara me deu um susto "você tá presa, bota as mãos na cabeça". Eu falei "o que é isto? o que significa isto?" ele respondeu "significa que você assaltou um banco e agora tá presa, dê os braços pra eu botar as algemas." Obedeci, no momento que o "Submarino" chegou perto de mim algemado.

REPORTER — O pau cantou ali?

Marta — Os policiais chutaram o corpo de meu amigo, falaram "há quanto tempo que nós lhe queremos, vivo ou morto, ah... e você caiu em nossas mãos, hein?" chegamos no 23º distrito policial, no Méier, o "Submarino" desceu da viatura levando chutes e socos. Fiquei apavorada, subi correndo as escadas, gritei no cartório "pelo amor de Deus, não me batam, não me batam!" aí o gerente e o pessoal do banco chegaram, eles disseram "é ele, é ela, foram eles que assaltaram o banco!." Ficamos em salas separadas. Dois dias depois, o meu amigo ficou com muito ódio de mim, um policial disse a ele "você não é valente, não é assaltante de banco? pois bem, andei com sua mulher, fiz isto, fiz aquilo, ela é muito gostosa, muito boa". Ele se irritou, foi até a porta de minha cela e falou "sua cretina, safada" me xingou de todos os nomes, disse que na primeira oportunidade iria espetar minha cabeça num bambu e daria machadadas nela porque eu era uma pilantra. Eu ponderei "calma, não houve nada disto, não fiz nada com ninguém, é mentira da Polícial..." Ele não acreditou em mim e então os policiais evitaram que nós se encontrássemos nos corredores

REPORTER — Você apanhou na 23ª Delegacia?

Marta — Claro que apanhei, né? Um camarada me bateu com um cassetete, com um livro, me deu uns tapas. Outro me chutou, me jogou no chão, puxou os meus cabelos, gritou "cadê a peruca, cadê a peruca?" eu chorava, dizia "não usei nenhuma peruca no assalto" mas o gerente do banco se confundiu, achou que eu entrei no banco disfarçada com uma peruca loura. Não houve nada disto, naquela época eu tinha cabelos louros, compridos (agora usa cabelos curtos, pretos) e expliquei pra eles que o único disfarce que usei foi um óculos escuro. Foi terrível, fiquei ali uns 15 dias e pelo menos apanhei durante uns dois dias...

REPORTER — Sem parar?

Marta — Não, eles me davam descanso, alimentação, e diziam que "esta comida é pra você suportar o pau, pra você abrir o jogo das coisas." Olha, algumas vezes fiquei nua nos interrogatórios, os policiais comentavam assim "ela é boazuda" "ela não é boazuda" "é uma merda" "o corpo dela não tá com nada" "ela tem uma vagina bonita" "tem que levar pau aqui, ali", uma porção de coisas feias...

REPORTER — Você viu o "Submarino" ser torturado?

Marta — Meu amigo apanhou muito, sabe? Deram inúmeros papéis pra ser assinado, ele não concordou e o pau continuou, só parou quando o "Submarino" resolveu assinar um monte de inquéritos.

REPORTER — Quais os nomes destes torturadores?

Marta — Isto não vou falar, não vou revelar nenhum nome de policial nesta entrevista. Aí fomos transferidos pra Delegacia de Roubos e Furtos, na rua Marechal Floriano. Chegando lá fomos recebidos por um delegado de cor branca, ele falou pro "Submarino" "olha, rapaz, você já sabe o que tem pra assumir?" Ele falou "sei, sim senhor" "Então você vai confessando mais coisas que eu tenho certeza que não foi só isto que você fez, vai falando porque o pau aqui não é mole não!" Aí entramos numa sala, vimos um sujeito ser torturado, tava com os braços e as pernas amarrados e dependurados num pau horizontal...

REPORTER — O desgraçado do pau-de-arara, né?

Marta — É isto mesmo, sabe? O delegado mostrou o rapaz machucado e disse "olha, você vai ficar como este cara aqui", nisso um policial me apanhou pelo braço e falou "você vai abrir o jogo porque vai sambar também, porque aqui mulher ou homem apanha do mesmo jeito." Aí fiquei apavorada vendo aquele rapaz todo machucado, ele tinha uma sunga, eles jogavam água nele, pegavam um cacete e batiam nele... eu falei "não vou suportar este espancamento, eu tenho certeza que não vou aguentar, prefiro morrer, mesmo porque vocês vão me bater injustamente, eu não tenho nada que falar." Foi uma guerra tremenda, eles me davam um descanso, daqui a pouco vinham novamente, faziam inúmeras perguntas, eles não me bateram não, só um policial que veio com uma máquina do tamanho deste gravador e disse "olha, você vai ser torturada agora, este fio aqui vai lhe deixar entorpecida." Eu falei, "é, tá bom", ele retrucou "pega este fio e vai dar choque no "Submarino" e ele vai dar choque em você." O meu amigo gritou "não vou dar choque nela!" Eu falei "também não vou dar choque nele, não sei como fazer isto." Aí o policial prendeu o fio nas pontas dos meus dedos, nos meus seios. Depois ele rodou uma manivela da máquina, recebi vários choques. Gritei, pedi pelo amor de Deus pra que eles não fizessem aquilo comigo, dei gritos histéricos, falei "eu vou morrer, tô quase morta, estou a ponto da loucura, vou me suicidar", o choque doía muito, estremecia todo meu corpo, sabe, mexe com todas as células da gente. Outro delegado pediu que parassem, que ele próprio iria me interrogar, que ia tomar conta do meu caso. Aí eles pararam, não mexeram mais comigo...

REPORTER — Você não recebeu nenhuma cantada de algum policial ou de um bandido?

Marta — Claro que levei, homem é homem, tanto faz ser policial ou bandido. Ah... teve uns caras lá que diziam que meus lábios eram sensuais, que eu tinha uma forma de falar gostosa, que meus olhos diziam muita coisa, uma porção de bobagens. Mas a cantada mais séria que levei foi do bandido e falecido "Marta Rocha", ele chegou a oferecer a um delegado uma nota de 5 mil cruzeiros pra o cara deixar eu ter relação com ele. O delegado não aceitou aquela proposta e aí eu soube e dei uma gozação no bandido "Olha, Marta Rocha, vai ser muito engraçado eu ter uma relação sexual com você, Marta amando Marta, um pouco esquisito, né?" Foi aquela encarnação.

"Tirou uma gilete da boca e passou no rosto da outra"

REPORTER — E o que a imprensa deu sobre você?

Marta — Ah, muita coisa, disse que eu tinha assaltado vários bancos, que eu era uma fria, uma calculista, falou também que eu tinha roubado carro, coisa que não aconteceu, que eu era a loura da metralhadora, a loura da pistola, a loura sinistra, que eu tinha vindo de Goiás há pouco tempo pra vir tentar ganhar a vida aqui através de assaltos, que eu era mulher de inferninhos, enfim, tudo mentira. Eu via meu rosto nos jornais como se eu fosse uma tremenda bandida, os repórteres não quiseram ver também o meu direito, embora eu tenha me negado a conceder entrevistas, sabe, é uma coisa assim horrível, você fica sem condições de falar, eu não podia dizer que tinha sido vítima dos três bandidos, que tinha sido coagida, porque sempre estava junto deles quando os repórteres me procuravam, entende? É duro você falar diante duma pessoa que quer lhe devorar, né?

REPORTER — Existe mordomia na Delegacia de Roubos e Furtos, isto é, como é a bóia lá?

Marta — A princípio eu fiquei sem alimentação porque tava sem dinheiro, eu só tinha 100 cruzeiros mas os policiais apanharam de mim alegando que era dinheiro roubado no banco. Passei dois dias só tomando café ou guaraná, eu não tinha fome. Depois quando ela apertou falei com um delegado "olha, tô dois dias sem comer nada, sinto-me fraca e desnutrida e o senhor não faz nada por mim?" Ele falou: "você não tem dinheiro?" "Não, senhor, não tenho dinheiro." Aí ele me emprestou uma importância pra eu comprar comida numa cantina. Devorei um prato cheio de chuchu com camarão, arroz, salada e feijoada. Repeti a dose, matei a minha fome, entende?

REPORTER — Conta aí como foi o período, depois desse, em que você foi pro presídio S. Judas Tadeu.

Marta — O presídio fica no pátio da Polícia Central, na rua dos Inválidos. Naquele tempo o diretor era o Dr. Carneiro, mais pai do que diretor. Ele tentou acabar com aquelas guerrinhas e conflitos que haviam lá dentro...

REPORTER — Diga lá estas guerrinhas...

Marta — Eram brigas de mulher disputando mulher, uma briga tremenda, uma queria devorar ou cortar a outra. Algumas preparavam estoques com o cabo da colher, com pedaços de caneca, com cacos de vidros. Quem comprava giletes ficava com seu nome registrado num livro, elas tinham que devolver, sabe?, mas muitas davam golpes e não devolviam, escondiam as giletes dentro da boca. Eu descobri esse esconderijo quando vi duas mulheres brigando. Uma falou assim: "Você tá muito enganada comigo, eu não sou nenhuma fanchona pra sustentar ou curtir guria dentro da cadeia, não". A outra desafiou "repete isto se tem coragem", houve a repetição e aí a segunda mulher tirou uma gilete de dentro da boca e passou no rosto, peito, pescoço da outra. Eu achava impossível esconder uma gilete no interior da boca mas lá muita delas acham isto fácil.

REPORTER — Cumequié esta cadeia?

Marta — São dois alojamentos com um monte de beliches espalhados. O alojamento A é pras internas mais antigas e de bom comportamento e no B ficavam as de mau comportamento e as novatas. Além destes dois salões tem a cozinha, biblioteca, banheiro e sala de passar roupa. A comida era razoável, as vezes eram boas e outras vezes ruim. Havia

★★★★★★★★★★

uma funcionária que vigiava a cozinha, era pra evitar que alguma mulher colocasse veneno nas panelas pra matar outra mulher

REPORTER — Explique melhor este amor com ódio entre as mulheres de lá.

Marta — Tem dois tipos de mulher, a ativa e a passiva. A ativa é a fanchona, a que roça por cima da passiva. Por exemplo: uma ativa escolhe uma presa pra amá-la. Começa mandando bilhetinhos, uma piscadinha, enfim um namorinho, entende?, as mulheres na prisão ficam carentes de amor sexual, sem um homem, sem uma visita, sem nada. Aí ela encontra uma mulher que lhe oferece uma fruta, um cigarro, paga o tratamento de suas unhas, e aí uma se apega a outra.

REPORTER — Qual a função de cada uma?

Marta — A mulher ativa prepara a roupa da passiva, engoma, dá tudo arrumadinho, tudo direitinho, dinheiro, paga advogado, etc. A fanchona fala assim pra guria: "olha sou fanchona, sou isto, sou aquilo, e comigo guria tem que ficar no seu lugar, por baixo de mim, pra isso eu dou tudo, deixo até o leitinho preparado." Quando a passiva tenta reagir, a fanchona reprime: "olha, você tem que lavar minhas roupas, tratar de mim muito bem. Eu faço almofadas e outras coisas pra arranjar dinheiro e lhe dar."

REPORTER — E os bilhetinhos, como eram?

Marta — Tem de vários tipos, mas sempre dizem estas frases: "eu te amo desde a primeira vez que te vi", "gostei de você, gostaria de manter um amor com você", "gostaria de te beijar, de te apertar, de falar pertinho de você". Enfim, o que uma mulher pode dizer de palavras amorosas pra outra, ela diz.

REPORTER — Você recebeu algum bilhetinho?

Marta — No princípio as presas me encaravam normalmente porque lá dava muito entrada de subversivas, eu também tava no rol das detidas pela Lei de Segurança Nacional, eu acho que fui a primeira assaltante de banco que entrou naquele presídio, isto é, sem ter cometido crime político. Uma vez uma moça de lá gostou de mim, não sei qual era a pretensão dela, se era ativa ou passiva. Só sei que no início ela ficou muito minha amiga. Eu era inexperiente numa cadeia, acreditei nela, me arrependi. Depois de mais ou menos um mês, ela começou a me tratar mal, ser grosseira comigo, tentou me prejudicar várias vêzes, tentou me remover pra penitenciária de Bangu, mas não conseguiu nada

"Tem uma tábua um vaso imundo, a boca de boi, ratos e baratas"

REPORTER — Vem cá, como é que a fanchona fazia pra transar com a passiva? Ninguém via?

Marta — É um amor muito difícil de ser feito, algumas arrumavam os travesseiros nas camas, prendiam perucas nas cobertas, como se fosse uma pessoa que estivesse dormindo naquele beliche. Depois saía escondida pra se encontrar com a outra na biblioteca, no banheiro ou na rouparia que ficavam com as portas abertas. Nunca vi uma roçar com a outra, apenas presenciei casos de abraços, apertões, beijos na boca e outras coisas. Vi nascer e morrer muitos amores revoltados, cheios de desejos, e daquelas uniões, aquele amor cego

REPORTER — Aonde você estava quando foi condenada?

Marta — Fiquei um ano no São Judas Tadeu, só fui transferida pra penitenciária Talavera Bruce, em Bangu, depois que fui condenada na Auditoria Militar a 10 anos de prisão.

REPORTER — Como é a penitenciária Talavera Bruce, em Bangu?

Marta — Uma pessoa que teve uma criação aqui fora, uma boa educação, nunca aceita o ambiente de uma cadeia, principalmente a penitenciária de Bangu. Ali tem muito castigo, perseguição de guardas, traição das internas. Por uma bobagem qualquer a guarda cria um problema, cria uma confusão e a gente não tem o direito de se defender. Lá em Bangu existe muito espaço, mas o que mais existe são as guardas pra impedir a gente de transitar nesse espaço.

REPORTER — Vamos por partes, diga como foi seu primeiro dia naquela penitenciária?

Marta — Você já foi alguma vez na Talavera Bruze?

REPORTER — Fui uma vez...

Marta — Talvez você como repórter não possa ver aquilo como é, sei lá, não sentiu aquele choque, aquele aperto no coração quando a presa entra lá. Quando cheguei lá me encaminharam pra sala de visitas das internas subversivas, me revistaram toda. Sai da sala e me deparei com um corredor enorme, tão frio, tão carente. Entrei nele com a guarda segurando meu braço, falando pra eu não conversar com ninguém. De repente entrei noutro corredor lá na frente e vi uma porção de mulheres com aqueles uniformes listrados e sapatos preto. Elas puxavam assunto comigo: "você é que é a assaltante de banco?" "Tá condenada a 10 anos?" A guarda não deixou eu responder, me puxou grosseiramente pelo braço, fui levada pra sala da Segurança. O chefe perguntou pra mim: "prefere ficar vivendo com as subversivas?" Respondi: "tanto faz." Ele então aconselhou que na coletividade de crime comuns seria mais fácil pra eu viver pois no pavilhão das subversivas eu passaria o dia trancada na cela, com horários diferentes e tudo mais. No final ele acabou me mandando pro pavilhão dos crimes políticos, passei cinco dias trancada num cubículo sem falar com ninguém, era o tal do teste do silêncio pra ver se a interna tem bom comportamento. Um dia o Superintendente estava visitando aquele pavilhão e pediu que abrissem a minha cela. A diretora que acompanhava ele falou: "Já conversei com esta moça, acho que ela poderia conviver com a coletividade, não acredito que ela tenha capacidade pra colocar nas mentes das presas comuns a ideologia marxista." Assim fui pro convívio, pra galeria..

REPORTER — A disciplina lá é muito rígida?

Marta — Lá é fogo, é uma prisão enorme e quase não tem cadeado, tem muita é vigilância ostensiva das guardas, elas gostam de enviar a gente pra cela surda

REPORTER — Como é esse pedaço?

Marta — É uma cela com uma tábua como cama e um vaso imundo apelidado de "boca de boi". Tem ratos e baratas pra burro, a gente quase não consegue dormir e noite porque os ratos ameaçam subir na pessoa, é um horror, pavoroso, sabe? É completamente escuro

"Me apaixonei por uma loura argentina de pele lisa"

REPORTER — Você enfrentou esta surda?

Marta — Passei lá um mês, parecia que eu tava enfrentando um inferno, passei a maioria do tempo dependurada na grade da porta com medo das baratas e dos ratos

REPORTER — Por que você foi castigada?

Marta — Começei a nomorar uma garota de lá, não sei se foi bem um namoro, entende? Ela ficou minha amiga e começamos uma sólida amizade. Ela era desprezada pelas outras e eu achei aquilo injusto e me liguei nela, sabe? Um dia ela desviou a atenção de mim e passou a dar atenção a outra garota. Não aguentei, falei com ela: "Tô gostando de você, quero você, preciso de você, quero que fique comigo."

REPORTER — Qual o nome dela e que crime cometeu?

Marta — Ela chamava-se Diana, era toda mulher, toda bonita, tinha a minha altura, 1,67 metros, olhos e cabelos castanhos, cílios grandes, uma boca bem feita, um sorriso atraente, um corpo bem feito, bonito, uma pela lisa, branca. Ela era argentina, veio de Buenos Aires, chegou dura com o marido. Os dois estavam famintos e resolveram assaltar um motorista de bandeira dois, ele reagiu e conseguiu dominar os dois. A Diana foi presa e seu marido fugiu, abandonando-a na cadeia. Foi condenada a quatro anos e já cumpriu dois. Mas como eu tava dizendo, declarei meu amor por Diana, disse inclusive que gostaria de beijá-la. Ela respondeu. "tá legal." Um dia eu falei pra ela: "olha, tal hora você vem aqui na zeladoria que o chefe não tá e a gente dá um beijo." No horário marcado a Diana foi lá. Távamos se beijando quando a guarda deu o flagrante e já saiu na decisão. "todas as duas serão recolhidas na surda, por causa do lesbianismo". Minha amiga foi espancada e depois fomos recolhidas em celas separadas

REPORTER — Mas depois você não transou com a Diana?

Marta — Um dia falei com ela: "puxa, será que hoje vai ter condições de praticarmos

um sexo e tal, esta guarda dorme muito e a gente pode deixar uma aqui vigiando." Diana respondeu: "Tá bom, o seu cubículo tá aberto?" Aí ela falou com uma guarda e pediu para ir no pavilhão tal. "Pode ir mas não demore" e fomos rápidas pra galeria C e se trancamos no meu cubículo..

REPORTER — O que vocês fizeram?

Marta — Eu suspendi meu vestido e abaixei minha calcinha, deixei uma parte dela presa na perna pra poder vesti-la rapidamente caso houvesse alguma bronca. Depois tirei o meu sutian, ela não quis tirar o seu. Eu beijei-a, ela me beijou na boca me apertou os peitos, alisou minhas pernas, a bunda, e disse que eu era gostosa, que continuasse beijando-a, que naquele momento a gente devia esquecer que tava na cadeia e se ligar só naquele momento, no sexo, que nós não poderíamos esquecer mais aquele dia. Aí ela ficou por cima de mim, me roçou...

"Vai fazer o que? Tem mais é que transar com mulher"

REPORTER — O que você sentiu?

Marta — Não sei explicar direito esta sensação que senti, sei lá, não é um sexo normal, é um sexo de desejo, um sexo que a gente tá em falta, que de uma forma ou de outra a gente consegue se realizar mesmo não se tendo um homem. É uma diferença muito grande mas que naquela hora a gente não percebe direito. Primeiro que a mulher não tem pênis, segundo que a gente sente uma mulher por cima de nós, com aqueles seios e a voz fina. Mas naquela agonia, a gente só pensa em ser beijada, ser acariciada. Roçamos clitórios com clitórios, gozamos muito. Eu senti uma sensação muito gostosa, não sei se é porque fiquei muito tempo sem carinho, sem aconchego de ninguém, que eu me senti rainha naquele momento

REPORTER — Transaram mais vezes?

Marta — Transamos algumas vezes mas tinha que ser uma coisa bem estudada, tinha que se escoltar muito as guardas, tinha que pagar uns 50 ou 100 cruzeiros pruma interna ficar vigiando...

REPORTER — Tem muitas fanchonas em Bangu?

Marta — Tem sim, sabe? O que mais existe lá é lesbianismo, também pudera, tem pessoas condenadas a 20, 30, 50 anos de cadeia e não recebe nenhuma visita

íntima. Agora pergunto, ela vai fazer o que? Tem mesmo é que transar, roçar com mulher mesmo

REPORTER — Além da Diana você curtiu com outra mulher na prisão?

Marta — Depois que saí do castigo, todo mundo ficou sabendo que eu tinha tido um caso com uma mulher lésbica, que eu estava gostando da Diana. Aí elas encarnavam, diziam pra mim "puxa, como você tem uma bunda bonita" "você tem olhos lindos "você tem um andar bonito, deve ser muito gostosa" "queria dar uma roçada contigo" "tenho vontade de lhe dar uma chupada", enfim, estas coisas todas. Mas lá dentro a gente cede se quiser, se não quiser, não tem problema. Mas a gente não querendo, elas passam a perseguir, levantam calúnias, tentam flagrar pra nos entregar as guardas, um inferno. Eu sofri muito, fui muito perseguida pelas lésbicas, mas consegui superar este problema, não me entreguei a mais ninguém, passei a levar tudo na brincadeira, e elas perderam a batalha.

REPORTER — Você não foi ameaçada por nenhuma delas?

Marta — Pra escapar das perseguições das lésbicas eu mudei de serviço, trabalhei na administração, zeladoria e na cozinha. Uma vez uma fanchona pediu que eu amasse ela, eu falei: "Não tenho condições de lhe dar meu amor, não gosto de você", ela ponderou "mas tenho certeza de que você é guria, parei na sua, fiz as suas unhas e não cobrei nada. Porque você não quer nada comigo?" Aí ela pegou um caco de vidro e se retalhou toda, se cortava e dizia "Marta, diz que me ama, diz que me ama". Eu respondi: "não vou lhe iludir, não vou lhe amar." Eu continuei negando, as guardas chegaram, levaram-na pro pronto socorro.

REPORTER — Você conheceu outro presídio?

Marta — Antes de ser transferida pra detenção de Niterói, eu morava na galeria D, plaqueta ouro e verde, que representa comportamento excepcional. Voltei a trabalhar com o mesmo chefe, ele gostava de mim e me pediu que eu voltasse. A pressão das lésbicas foi terrível. Como o serviço na cozinha a pessoa ficava isolada, pedi pra ir pra lá. Só tem uma guarda cuidando das internas, uma trabalha na copa, outra na seção de legumes, outras cortam tempero, catam arroz, descascam batatas. Fui transferida pra galeria C. Cansei daquele serviço e retornei ao serviço de administração, retornei pra galeria D. Aí escrevi pro Presidente da República, pro Conselho Penitenciário, pra vários lugares, sabe, que podia me socorrer. Daí eu arrumei uma confusão, me liguei a um camarada, passei a ter romance com um homem, um soldado da PM que já tinha sido escolta minha pro Forum...

REPORTER — Vamos lá, conte esta transa...

Marta — Nós íamos ficar noivos lá mesmo dentro da prisão, pretendíamos casar breve. Uma vez, na visita, eu tava com ele no pátio. Recebi um beijo na boca. Aí o cara me pediu que eu mostrasse meus seios a ele, eu fiquei meio deitada, encostada um pouquinho no ombro dele, puxei o soutien e mostrei, sabe? O chefe da segurança tava no gabinete do diretor, viu a cena, mandou me chamar. "Olha, a sua visita tá cortada, você vai ser transferida". Perguntei irritada "Por que?" "Porque você tá atentando ao pudor. Aí eles resolveram me mandar pra Niterói e eu tentei me suicidar...

REPORTER — Como?

Marta — Tomei 20 comprimidos de Quetasin, fiquei desacordada, a interna que zelava pela galeria começou a gritar". A Marta tá passando mal, a Marta vai morrer!" Sobe guardas, sobe funcionários, todo mundo tentando me despertar, colocaram éter no meu nariz, aplicaram soro nas minhas veias. Aí melhorei, o diretor me transferiu quando soube que eu tinha sido negada pelo Conselho Penitenciário. Mais maluca, mais desesperada fiquei. Fui pra outra penitenciária, cujo nome não me lembro, fiquei poucos dias, a diretora de lá não queria ficar responsável por mim. O diretor de Bangu falou pra ela "olha, esta moça não tem condições de ficar comigo porque está acontecendo um problema com ela." A diretora falou: "só vou ficar com ela por poucos dias e o senhor procure ver aonde esta moça possa ficar, nós não temos segurança pra estas internas que respondem por assaltos de bancos, é Lei de Segurança Nacional". Pouco depois fui enviada pra psiquiatria da penitenciária Lemos de Brito ou Milton Dias Moreira, não me recordo bem.

"As loucas rasgavam a gente e a roupa de cama"

REPORTER — É o chamado Pinel das encarceradas, né?

Marta — É passei lá três meses, eles me botaram com as loucas, eu fiquei quase igual a elas. Ali é um alojamento enorme, com banheiro, uma mesa grande e um banco. Não pode ter garfo, não pode ter colher, nem copo de vidro. Vivi no meio daquela loucura, as loucas vinham, rasgavam a gente, queimavam a roupa de cama, rasgavam os lençóis, machucava a outra, a pessoa tava dormindo no chão e uma delas aparecia e agredia a dorminhoca, um horror. Todo dia eu pedia ao dr. Aluísio, um médico muito bom, uma homem padrão, um cara maravilhoso, pra que me tirasse diariamente daquele alojamento. Pelo menos eu ficava meia hora aliviada longe das loucas. Eu pedia também pro Dr. Aluísio aumentar a dose de remédios pra elas ficarem mais calmas Lá também se encontrava outra assaltante de bancos, a Maria Inês. Eu e ela éramos as únicas normais, o restante era pura loucura. Aí consegui me comunicar com o advogado de cartório da Auditoria, expliquei a minha situação, falei que preferia morrer do que continuar neste hospício. Ele soube que eu já tinha tomado 20 comprimidos e aí conversou com o Juiz sobre a minha vida carcerária e talvez o juiz sensibilizado com tudo que tava me acontecendo, resolveu me perdoar concedendo-me a liberdade condicional. Ganhei a liberdade em 1976, saí com 23 anos.

REPORTER — Você acha que cadeia regenera ou não?

Marta — Olha, não sei. Acho que não regenera, sabe. As pessoas que tem um pouco de sentimento, que tem um pouco de consciência da vida, elas não voltam a praticar mais, porque é muito difícil aceitar a regra lá de dentro, as exigências. Mas uma pessoa que não tem amparo, que não tem conhecimento de nada, que não sabe fazer nada, ela volta lá pra dentro, é onde ela tem ambiente, aceita as condições das guardas, cumpre a pena tirando de letra. Mas são pessoas já relapsas, reincidentes, acostumadas a ir e voltar, acostumadas a só escutarem estupidez.

REPORTER — Você que puxou quatro anos, como deveria ser a cadeia de mulheres?

Marta — Olha, eu não sei não sabe? Só mesmo uma pessoa superior, bem entendida no assunto pra oferecer uma boa condição de vida pro preso. Eu acho este problema de visitas muito sério, muita gente é barrada nas portas das prisões. Isto não devia acontecer. A presa precisa dum cigarro, duma roupa íntima, de uma pasta de dentes, de um sabonete, entende? Então neste sentido, eles deveriam voltar as visitas. Acho que quem quizesse namorar uma pessoa, manter uma relação sexual, eles deveriam dar condições pra isto.

REPORTER — Você já pensou em assaltar novamente?

Marta — Não, isto não, nunca mais terei esta coragem. Olha, eu tô fazendo tudo pra não voltar, tudo, entende? Também sofro com as minhas psicoses, tenho medo das pessoas e de ficar trancada num lugar qualquer. Também sinto medo de perseguições, de conversar com algum estranho, acho que todo mundo tá querendo me agredir, me reprimir ou fazer outra bobagem. Às vezes suporto ficar trancada na minha casa, e às vêzes não suporto a idéia da solidão.

REPORTER — Você continua apolítica?

Marta — Eu não torço pra política, não sou um lado nem outro. Não torço pra nada, sou completamente neutra

TRIM, BLIP, CRAQUE, TOIM, CLIC, POIM, POIM...

Um avião? um desastre? Não, é o seu telefone

Siga a trilha da nossa repórter. Ela checou, por telefone, o funcionamento dos aparelhos. Ligou para assinantes , diretores da Telerj a maior companhia telefônica do Rio , vendedores de telefones, polícia, pronto-socorro, bombeiros e chegou até a visitar o prédio onde os 140 telefones ficaram mudos por dois meses inteiros

A repórter Martha Baptista abriu o catálago de telefones do Rio no sobrenome Carvalho e ligou para vários assinantes Os entrevistados responderam cinco perguntas básicas Seu telefone funciona regularmente? Ele fica mudo quando chove? Suas contas mensais são corretas? Você já reclamou à Telerj de mau funcionamento ou de acréscimos inexplicáveis em sua conta? Acha que vale a pena ter telefone em casa?

As reações das pessoas no outro lado da linha e suas respostas foram estas

Elisabeth S.L. (assinante) 256 0032 Copacabana
Entrevistado Júlio César Costa

Meu telefone funciona mas tenho minhas desconfianças de que seja regularmente Não posso dizer que ele tem um bom desempenho porque nem sempre a ligação é completada. Ultimamente ele não tem ficado mudo, mas sempre fica mais complicado para ligar para bairros como Tijuca, e centro, quando chove

Não tenho como conferir minhas contas Sou empresario, faco muitos interurbanos Vem sempre muito altas, mas acredito que venham corretas Como todo carioca, já liguei uma porção de vezes pra Telerj pra reclamar do mau funcionamento do aparelho , Tantas que já deu até para eu perder a conta Mas acho que vale a pena ter telefone em casa, principalmente no meu caso, em que o telefone é comercial

Elma: 224 2298 – Centro
Entrevistado Simão

Este telefone é comercial, não tenho problemas com ele, mas o da minha casa em Copacabana fica sempre mudo por algumas horas ou por uma noite inteira quando chove, e depois volta a funcionar. Eu nem ligo pra Telerj porque não adianta e eu já conheço o defeito: ele me pega sempre nas horas certas, à noite, quando não preciso do aparelho

Quanto às contas altas, nem adianta reclamar porque eles sempre respondem que as chamadas foram computadas Antigamente, quando não existia computador, valia a pena reclamar, éramos atendidos

Gilberto C.: 266-7398 – Botafogo
Entrevistada Leonora Carvalho

Meu telefone funciona bem quando quer (Ri) Ele não costuma ficar muito tempo mudo, mas às vezes fico meses sem conseguir ligar para certas estações, como 225 e 206

– De vez em quando dá pra duvidar das contas que chegam com interurbanos errados. Já reclamei diversas vezes e numa delas meu marido conseguiu provar que já tínhamos pago umas ligações que minha irmã tinha feito dos Estados Unidos e que foram cobradas outras vezes

Getúlio P.: 286-5359 – Botafogo
Entrevistada: Maria da Penha Carvalho

– Ah, já faz muito tempo que este telefone não anda católico. É muito difícil ele ficar mudo, mas às vezes as pessoas ligam pra cá e dizem que o telefone chama, chama e ninguém atende (e a gente estava em casa e não escutou nada). De 15 em 15 dias a gente telefona pra Telerj pra reclamar. Aí eles fazem uns testes e o telefone melhora ▶

Geraldo: 285 1011 — Flamengo
Entrevistada Lúcia Carvalho

Nosso telefone enguiça um pouquinho. Às vezes ele fica completamente mudo e isso não acontece só quando chove. A gente enche o saco do pessoal da Telerj e damos a desculpa de que aqui é casa de médico. E é mesmo, mas a gente diz isso pra ver se eles consertam mais rápido

Geovanina S.: 236-6724 — Copacabana
Entrevistada a própria

— Bem, meu telefone não funciona regularmente. De vez em quando ele fica mudo e não é só chuva, ele emudece com o sol também. Hoje é terça-feira? Sexta-feira ele estava mudo. Os funcionários da Telerj dizem que o defeito é no fio (espiralado), que pode esticar até 2 metros, e só este ano já trocaram o fio três vezes. Cada fio custa Cr$174 e pago ainda Cr$ 2 de taxa. Estou com as 3 notas em cima da mesa e na próxima vez que vierem me dizer que o problema é no fio, telefono pra polícia

Geny A.B.: 284 4009 — São Cristovão
Entrevistada a própria

— Meu telefone funciona bem e, por enquanto, ainda não aconteceu de ficar mudo por causa de chuva. Houve um tempo em que chegaram umas contas muito altas, mas agora estão normais. Nunca reclamei para a Telerj

Geni Maria de Carvalho: 245-5180 — Laranjeiras
Entrevistada. a própria

— Agora meu telefone está bom Antes do carnaval ele estragou, depois voltou a funcionar, ficou mudo de novo e em abril ficou 28 dias parado. Eu não sei qual é a causa Quem ligava pra cá dizia que ouvia o telefone tocar, mas aqui em casa não se escutava nada. Durante esse tempo, pedi pra duas amigas e pro meu irmão telefonarem pra companhia reclamando e eles me disseram que telefonaram. Eu mesma não telefonei

Francisco O. : 227-4066 — Ipanema
Entrevistado: o próprio

— De vez em quando meu aparelho enguiça, mas é só quando estão mexendo no cabo Minhas contas são corretas e nunca cheguei a ligar pra Telerj reclamando de alguma coisa

"Floripes": 258-4370 — Tijuca
Entrevistado o proprietário

— Meu telefone funciona regularmente e não fica mudo por causa de chuva. Minhas contas vêm corretas Aqui falamos muito no telefone e por isto as contas são procedentes

Flávio O.: 248-7576 — Tijuca
(Uma mulher atendeu, disse "alô" e depois não conseguiu mais me escutar e ficou repetindo "alô, alô")

Flávio L.: 248 0124 — Tijuca
Entrevistada: uma mulher que não se identificou

— Este telefone funciona mais ou menos. Como tudo na vida, ele estraga, fica bom. Quanto às contas, nem tomo conhecimento disso. Já telefonei algumas vezes pra Telerj pra reclamar e sempre fui bem atendida Se eu acho que vale a pena ter telefone em casa? Ó minha filha, você está brincando comigo? Você sabe que o telefone é tudo numa casa de família É o mesmo que eu te perguntar se vale a pena você ter mãe. **(E desligou o telefone na minha cara).**

Elisabete F.: 284 0775 — Maracanã
Entrevistada: a própria

— Meu telefone não funciona regularmente. Todo mundo deve responder a mesma coisa, não? (Ri) Quando chove, principalmente, ele fica logo mudo. Com qualquer chuvinha — menos garoa, é claro Normalmente as contas vêm certas

— Já telefonei pra Telerj muitas vezes por causa de defeito. Ficamos dois meses sem telefone, de fevereiro a final de abril Eles disseram que era pra troca de cabo

Elias G.: 274-6588 — Gávea
Entrevistada uma mulher não identificada

— Minha casa é na Gávea e com qualquer chuva o telefone fica mudo Depois da última chuva ele está falando excepcionalmente. É raro eu telefonar pra Telerj pra reclamar

Eleonora B.: 258-9592 — Grajaú
Entrevistada a própria

Não, meu telefone não funciona bem. ele está com defeito. A senhora não está notando a linha cruzada? Eu não consigo ligar pra fora, só recebo Já reclamei pra Telerj mas não adianta. Só telefonei pra eles uma vez, não gosto de insistir

Élcio A.: 268-3123 — Grajaú
Entrevistada Enéa Carvalho

— Ah, foi até bom você telefonar. Minha empregada acabou de me mostrar a conta deste mês Cr$440 Eu normalmente pago Cr$176, Cr$ 156 . Se tivesse vindo um aumento pequeno, uns Cr$50 a mais.., mas o dobro! Amanhã já sei que vou perder meu dia, mas vou lá na Telerj reclamar

Edward (vva): 228-8574 — Tijuca
Entrevistado: a própria viúva

— Meu telefone funciona mais ou menos. Um dia fala, outro dia não fala e ninguém sabe o porquê. Reclamo todas as vezes pra Telerj mas não adianta nada. Na hora deles cobrarem, vem tudo certinho, o computador sempre acerta O aparelho fica 20 dias, 30 dias sem funcionar, mas eles cobram. Pode botar isso no jornal

Ercília C.: 264-9838 — Tijuca
Entrevistada. uma criança

— Alô?... Espera um pouquinho Alô? Funciona, só que às vezes chama, chama e ninguém atende e quanto atende, desliga igual eu vou fazer agora. **(E desligou)**

Edgar P.P.: 225-1954 — Flamengo
Entrevistada uma mulher que não se identificou

— Meu telefone é de lua: às vezes funciona, outras não. Meu número tem verdadeira alergia por números da Cetel (a segunda companhia telefônica do Estado do Rio) e de São Conrado. É o caos! O que cai de engano aqui..., e enquanto isso, as pessoas estão pagando. Eu não reclamo pra Telerj porque quando chove meu telefone costumar ficar mudo e depois volta a funcionar sozinho. Por isto só fico esperando. Não adianta reclamar

ALÔ, ALÔ, EMERGÊNCIA ......1.........1

Na lista de telefones de emergência do catálogo, todos os números foram testados. Onde não há nome do entrevistado, normas internas proíbem entrevistas e por isto as pessoas não se identificaram

Salvamar (Marinha) — 253-2233
Entrevistado: Aylton

— Aqui, felizmente, o telefone funciona bem. Só quando chove muito é que ele enguiça. Mas isso é em todo lugar

Corpo de Bombeiros: Quartel Central, na praça da Bandeira — 232-1234
Entrevistado: o bombeiro Gérson e o rádio-telegrafista Silva

— Positivo! O telefone aqui sempre funciona bem. Às vezes ele deixa de funcionar por questão de minutos Mas aqui é tudo normal

— É muito relativo. A única diferença aqui é que se um dos telefones deixa de funcionar, a ligação cai automaticamente no outro

Mas ele chega a ficar mudo?

— Ah! Isso acontece. Em razão do mau tempo Mas não fica mudo muito tempo porque eles dão prioridade para consertar. Inclusive, nós estamos com o telefone do Posto de Santa Tereza mudo há dois dias. O contato com eles só pode ser feito por rádio."

Rádio-Patrulha (Socorro Urgente) — 221-0202

— Na Telerj nós não podemos confiar, certo? Ocorrem problemas com o telefone, é claro! Se o problema for interno, nossos técnicos podem consertar, mas se o problema é de fora (na rede externa), a Telerj arca com a responsabilidade. E, normalmente, o atendimento é rapidinho. Ocorre do telefone ficar mudo. Temos seis troncos ocupando um telefone e se um deles fica com defeito, é claro que dificulta Mas desde que estou aqui, há mais ou menos dois anos, nunca aconteceu dos seis troncos ficarem mudos ao mesmo tempo

Hospital Getúlio Vargas — 230-2121

— Alô? Espera um pouquinho que estou atendendo dois telefones ao mesmo tempo. Ué! Você está falando ao mesmo tempo nos dois telefones! Bem que eu estava achando a voz parecida. Olhe, eu não vou dizer à senhora se este telefone funciona bem, pois a mesa antiga trocou na semana passada. Esses daqui, que dão socorro, funcionam bem. Se eles dão defeito, temos que telefonar para a Telefônica e eles consertam logo. O outro telefone (270-7772) serve a todos os ramais do hospital e se a senhora quiser saber, ligue.

Hospital Miguel Couto — 274-2121

— Eu acho que esse telefone dá defeito todo dia. Olha, minha filha, você vem aqui falar pessoalmente com o chefe da seção. Pelo telefone nós não damos informação

Pinel (Pronto-socorro psiquiátrico) — 226-8891

— Este telefone funciona como todo telefone do Rio. Por telefone fica muito ruço pra falar. A gente realmente não sabe com quem está falando.

INPS: Ramos (Subúrbio) — 230-5300
Entrevistado: Paulo, operador de radiofonia

— Este telefone funciona bem. Mas o outro (230-0849) quase toda semana dá defeito, não dá sinal nem recebe de fora. Quando reclamamos, eles vêem rápido e consertam, mas passa uns tempos e o defeito volta

INPS: Praça da Bandeira — 254-1676
Entrevistado. Floriano, operador de rádio-telefone

— Ele costuma funcionar bem quando não está enguiçado. Enguiça geralmente quando chove. Tem vezes que o telefone fica mudo. A Companhia tenta consertar rápido, mas às vezes fica uns dois dias sem telefone. Aí fica funcionando só o serviço de rádio.

Diretor da Telerj acha curioso seu aparelho não enguiçar

Agora a repórter procura saber como estão os telefones particulares de dois diretores da Telerj. Liga para a casa de cada um e fala com quem está.

Casa do coronel Paulo Alves Lourenço Ramos, diretor de operações da Telerj. Sua tia Maria foi quem atendeu ao telefone:

— Ele (o coronel) não está, trabalha sábado, feriado. A Telerj não dá folga. Mas este telefone funciona como todos os outros: um dia está bom, no outro não está...é da Cetel. E tem a chuva. Qualquer dia melhora, estão tentando melhorar.

A senhora acha que vale a pena ter telefone, apesar dos problemas?

— Ah, minha filha, o que não tem problema no Brasil? É problema de médico, de polícia, de lei. É que agora a turma resolveu botar a Telerj na berlinda. Existem 800 mil telefones na cidade. O que não funciona é muito pouco em relação a este número.

— Tem tanto rapto, assalto por aí. Falta de operário, falta de empregada, falta de cebola... a gente está vivendo uma crise geral. É reclamar para quem? A gente vai num hospital, não há médico, cliente morre, o médico não atende se não paga. De fato, há muito telefone mudo, mas estão tentanto melhorar. Nós, cariocas, temos que ter muita calma. Se não tiver calma, não dá pra viver. Vamos dar um crédito de confiança... a sorte é que existe esperança.

Na casa do diretor econômico-financeiro da Telerj, Joaquim Fernandes Guimarães Pinheiro, a empregada Eunice atendeu:

— Às vezes o telefone fica mudo, ou quando está falando cai a ligação. E custa a dar linha aqui (Ipanema). Agora ele tem andado bem. A gente reclama pra Telerj de vez em quando. Ele só fica mudo quando estragam os outros da rua.

(Neste momento, Joaquim Pinheiro chega em casa e passa a falar comigo.)

— Este telefone funciona bem. Houve um tempo, há cerca de 2 meses, em que ele costumava ficar mudo. Agora está bastante bom.

Suas contas chegam sempre certas?

— Especialmente comigo nunca houve exagero. Sou muito suspeito para falar porque sou da Telerj. Outro dia mesmo eu estava conversando com uma moça da diretoria e nós estávamos estranhando o fato disso nunca ter acontecido conosco.

Prédio ficou 2 meses isolado de todo mundo

Estamos no elegante bairro de Laranjeiras, no Rio, em frente ao edifício Alpino, na principal rua do lugar. Os moradores deste prédio, o de número 430, têm uma história interessante para contar sobre súbito mal que emudeceu todos os telefones dos 114 apartamentos — alguns, mais chiques, têm dois aparelhos. Uma história desesperada porém com final feliz Vamos a ela

Os telefones começaram a ficar mudos aos poucos, a partir do dia 5 de abril passado. O que a princípio parecia defeito passageiro transformou-se em pesadelo coletivo Quando todos os telefones pifaram, os moradores e comerciantes do térreo partiram para a ação: fizeram uma **vaquinha** na base de dez cruzeiros cada um, compraram pano branco e tinta preta e estenderam uma faixa na porta do Alpino: "Estamos sem telefone há dois meses". Isso foi no dia 24 de maio. Menos de 48 horas depois, quando os jornais diários divulgavam o protesto pacífico, os aparelhos começaram a falar. Uma vitória que para alguns custou muito caro

— Não tinha complicação nenhuma. Se de um dia para o outro tantos telefones voltaram a funcionar, a gente chega à conclusão de que é molecagem mesmo

Edgar Costa Maia, autor da declaração acima, é proprietário de um borracheiro e uma loja de acessórios para automóveis. Seus dois telefones emudeceram ao mesmo tempo, no dia 16 de abril, o que acarretou um prejuízo verdadeiramente incalculável, já que é impossível ele saber quantos fregueses o procuraram por telefone durante todo esse tempo

Os comerciantes do prédio, mais prejudicados do que moradores, foram os mais veementes nos protestos. Mas o que perdeu mais com o silêncio do telefone foi o morador do 1403, Péricles Modolo, técnico autônomo de tevê. O telefone, contato imediato com a freguesia, emudeceu justamente no começo da Copa do Mundo, quando ninguém admite defeito na tevê

Já escrevemos uma carta pro diretor da Telerj — diz Leda, mulher de Péricles — e falou do prejuízo que a falta do telefone estava nos trazendo Depois, mandamos um telegrama pra ele, mas não tivemos nem resposta nem telefone funcionando

Tanto a carta quanto o telegrama foram enviados quase um mês depois de o telefone ficar mudo. E até quase um mês depois deste dia, não havia chegado resposta. Quase todos os moradores reclamaram mas nunca obtiveram palavra da Telerj. O dono da Tinturaria Fless, numa das lojas do térreo, conta em duas frases como estava a situação com o silêncio prolongado dos 140 telefones do prédio

— Aqui ninguém mais se cumprimentava de manhã. A primeira coisa que todo mundo perguntava era se já tinha telefone

E os moradores e comerciantes do edifício Alpino tiveram, nessa época, uma surpresa para somar ao descontentamento geral; as contas chegaram, apesar dos pesares. É bem verdade que durante poucos dias os telefones funcionaram, mas a maior parte dos moradores do prédio acusou impulsos excedentes (ligações inexistentes) em suas contas. O Edgar Costa Maia dono da borracharia, por exemplo, constatou 64 chamadas que ele não fez. Sônia, do apartamento 2003, descobriu 107 impulsos a mais na sua conta Pagou mas reclamou

A mocinha — diz ela — alegou linha cruzada. Aqui é área do Metrô e eles não tomam providência porque têm uma desculpa

Edgar, do borracheiro

Leda, a mulher do técnico

O NEGÓCIO VAI DE VENTO EM POPA

Apesar de proibido, o comércio de aparelhos de telefone no Rio é até anunciado nos jornais, na parte de classificados. Aqui, a repórter fingiu ser vendedora de alguns tipos de telefones. E procurou, por telefone, compradores que publicam anúncios.

221-3919 (entrevistado: Barbosa)

Alô? Eu estava interessada em vender meu telefone.

— Ah, pois não. Por quanto a senhora queria vender?

Bom, eu não sei. Estou meio por fora. O senhor não podia me dar um preço?

— A senhora é que é a vendedora e a senhora que sabe por quanto é que deve vender

Bom, digamos Cr$ 20 mil.

— Um momentinho, deixa eu consultar aqui... É, a senhora está por fora mesmo. O preço é Cr$ 29 mil. Era Cr$ 28 mil antes do feriado.

Mas muda de preço assim?

— Muda Era 25, depois passou para 26, 27, 28 e agora está por 29

Ah, então se eu deixar para amanhã vendo por [illegible]?

— Também não é assim. Além do mais, essa estação não é muito procurada Tem mais duas linhas no Flamengo que são mais procuradas Dizem que o 225 é o melhor. A senhora mora em que rua? Qual é o seu nome? É senhora ou senhorita? Qualquer coisa, a senhorita tem o nosso endereço completo, né?

201-7124 (entrevistado: sr. Orlando)

Bom dia Eu estava interessada em vender meu telefone. O problema é que eu estou com uma certa pressa, porque estou de viagem. Se nós chegássemos a um acordo logo, dava para resolver tudo hoje?

— Dá para resolver tudo às 2 horas Você tem que levar identidade, CPF e a última conta paga. Temos que ir no Posto da Senador Vergueiro. É coisa de uns 30 minutos."

Bom, eu estava querendo uns Cr$ 32 mil

— Só pago Cr$ 29

Digamos, uns Cr$ 30?

— Não. Pago 29 mil

280-0404 (entrevistado: Evaristo)

Eu estou interessada em vender um telefone, mas o problema é que ele está desligado há uns dois meses

— Por falta de pagamento de carnê ou da conta?

Eu parei de pagar o carnê.

— Quantas prestações a senhora deixou de pagar? De quanto era a prestação?

Ah, tem uns quatro meses

Então, você tem que ir urgente à avenida Rio Branco, 156, 4º andar, no Edifício Central, para saber se já não está cancelado

Mas vai urgente, senão está arriscado a senhora perder tudo. Se não estiver cancelado, nós compramos; se estiver, fica mais difícil. Pagamos uns Cr$ 26 mil. Todo débito que a senhora tiver com a Companhia, a gente desconta do preço

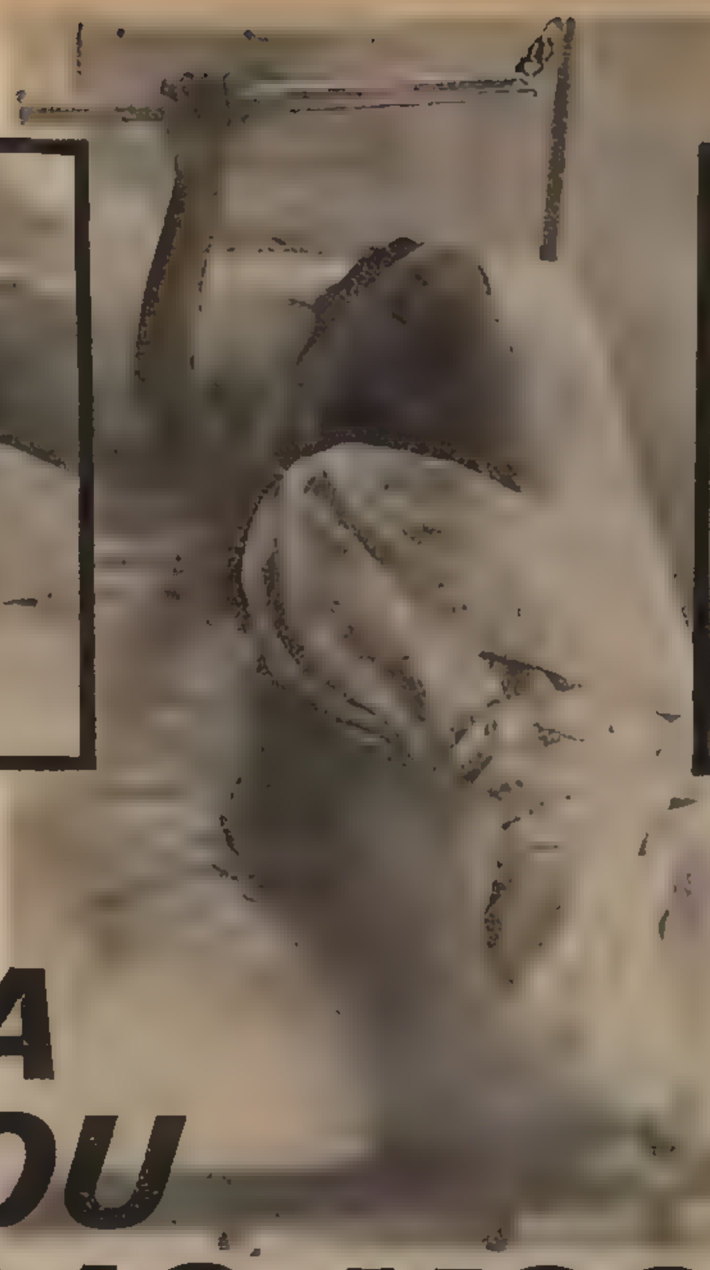
236 6677 (entrevistado: Medeiros)

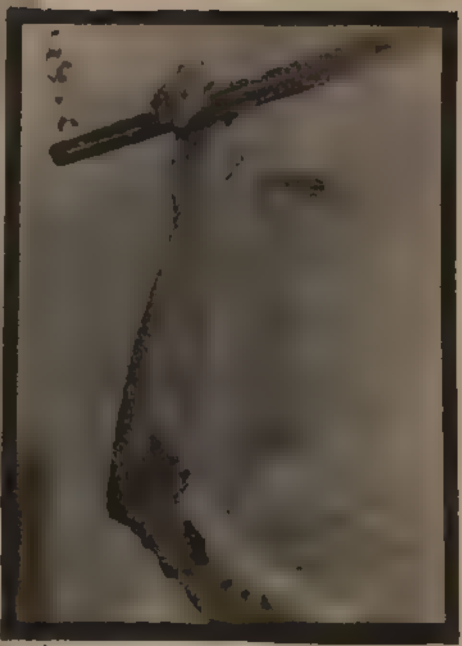
— Qual é a linha que a senhora quer vender?

É 399, em São Conrado (a mais valorizada do Rio)

— A senhora quer fazer isso quando? Hoje não dá mais porque a Cetel fecha cedo. Se a senhora puder esperar até segunda-feira... Marcamos um encontro na Avenida Rio Branco, 37, 3º andar. Pago Cr$55 mil à vista, na hora e em dinheiro.

CASO ARQUIVADO





As estudantes atingidas pelo gás, que se parece com um produto químico proibido em quase todo o mundo, já fizeram várias operações e até hoje fazem enxertos para tentar recompor os tecidos destruídos.

FUMAÇA COLORIDA ARRANCOU A PELE DAS MOÇAS

O fato aconteceu no dia 22 de setembro passado e teve como palco as dependências da PUC paulista, quando os estudantes tentavam realizar o III Encontro Nacional de Estudantes (III ENE). O ato público estava programado para as 20 horas, em frente às escadarias do Teatro Universitário (TUCA) e tinha por objetivo protestar contra as prisões ocorridas na véspera e contra a tentativa (por parte das forças policiais) de reprimir a realização do Encontro

Mais tarde, em depoimento prestado à Comissão da Assembléia Legislativa que investigou os acontecimentos, um estudante declarou: "O primeiro sinal da polícia foi com o fechamento da esquina das ruas Monte Alegre com João Ramalho por camburões. Foi quando se desencadeou a invasão, de baixo de uma chuva de bombas, de gritos e cassetadas dos policiais. As bombas, que expeliam fumaças de cores variadas — laranja, branca, preta, etc. — faziam-nos chorar e o nosso corpo arder, impedindo qualquer reação que não fosse o sofrimento da dor."

Consideradas pelo Coronel Erasmo Dias, na época Secretário de Segurança de São Paulo, como "bombas de efeito moral" ou mesmo como "um produto inofensivo destinado a fazer barulho e dispersar multidões", o gás lacrimogênio em spray é um velho conhecido das forças de segurança dos Estados Unidos. Ele foi utilizado em 1971 para dispersar uma manifestação de trabalhadores em San Diego, Califórnia e, logo depois, devido à gravidade das lesões causadas nas vítimas, teve o seu uso proibido nos Estados Unidos e Europa. Embora não se tenha provas conclusivas sobre o material utilizado na invasão da PUC, sabe-se que no começo de 1976 o Exército brasileiro comprou 1.326 invólucros (canisters) do produto **Chemical Mace**, com o qual são fabricados as bombas, pela Smith and Wesson, indústria de material bélico. Os testes realizados com o **Chemical Mace** concluíram que: o produto irrita os olhos e a pele; provoca opacidade ou arranhadura na superfície da córnea, causa prejuízo à traquéia bem como lesões na pele.

Os distúrbios de setembro, na PUC, deixaram como vítimas das "bombas de efeito moral", as estudantes Iria Vizone, Maria Cristina Raduan, Graziela Eugênio Augusto e Virgínia Maria Finzetto. No relatório apurado pela Comissão Pontifícia Justiça e Paz, Maria Cristina, de 22 anos, declarou que durante a confusão, depois de aspirar grande quantidade de gás, ficou desacordada por tempo que ela calcula tenha sido bem longo. Ao acordar percebeu que, sobre a perna da calça, uma bomba preta que ainda solta faíscas, estava queimando sua roupa. Cristina foi medicada em hospital e mandada de volta para casa. Só depois de 12 dias, como não melhorasse, foi levada de volta ao hospital. Internada para as operações (curativos e enxertos) já sofreu 5 intervenções

A estudante Iria Visone foi igualmente internada no Hospital de Clínicas com queimaduras de 1°, 2° e 3° grau. Ela foi ferida por uma bomba que lhe queimou o joelho e o pé direito. A maior dificuldade que os médicos encontraram para o primeiro atendimento foi o cheiro das suas roupas, que os faziam chorar com as emanações de gases. Ela recebeu vários enxertos e ainda hoje continua sob cuidados médicos. No final, ficou confirmado que do quebra-quebra da PUC resultaram 9 pessoas cegadas (incluindo dois policiais) e mais de 20 internadas em diversos hospitais com queimaduras que, segundo o relatório médico, são virtualmente incuráveis.

Nos Estados Unidos, o jornalista Michael Klare, do Los Angeles Times e da Transnational Corporation, está à frente das investigações que estuda a utilização de produtos como o **Chemical Mace** em bombas de efeito repressivo. Além do Brasil, também o Chile e Israel são compradores do produto junto a Smith and Wesson

A quem interessar possa a justiça brasileira, depois de confirmar através da Comissão Especial de Inquérito, que a invasão da PUC havia sido premeditada, decidiu arquivar o caso

Até a TV inglesa protestou

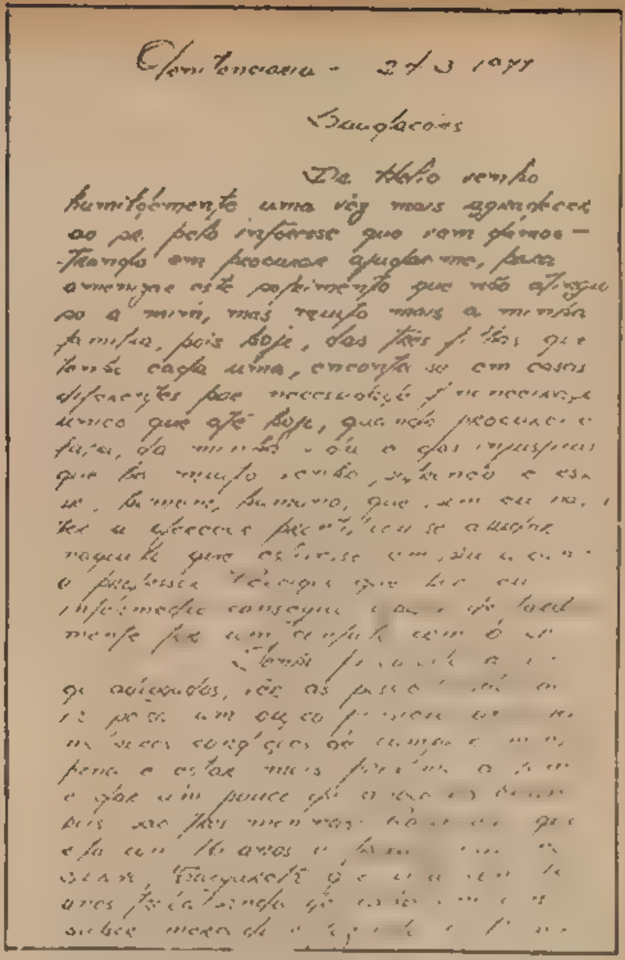
Trecho do telegrama enviado por Tricia e Gerald Sievers, da Anistia Internacional da Inglaterra, em dezembro de 1977, para Thomas Hammarberg, do Comitê da Anistia na Suiça.

"(...) Outras fontes afirmam que as "bombas de efeito moral" são de fato chamadas "litros" e causaram danos severos durante uma manifestação nos Estados Unidos, em 1971. Temos mantido contato com Michael Klare e Samdy Close, nos Estados Unidos, que ainda estão pesquisando o assunto e logo nos darão notícias. Por favor, remeta-nos uma cópia da análise química das roupas que você mencionou. Um abraço Tricia e Gerald".

A resposta de Thomas Hammarberg:

"Vejo que vocês estão acompanhando o caso das estudantes que sofreram queimaduras (na mini-invasão da PUC) em São Paulo. O que fizeram a respeito? Pedi a um especialista em química que analizasse o pedaço de roupa dela e mostrei as fotos a um médico. Enviamos a história para a televisão (BBC) aqui e o programa mostrou que não se tratava de gás lacrimogênio, mas de algo mais sério. Uma das teorias era de que se tratava de fósforo branco ou amarelo". Thomas Hammarberg, Presidente do Comitê Internacional pela Anistia.

Estas cartas foram destinadas ao procurador Hélio Bicudo, escrita por um ex-policial, condenado por pertencer ao Esquadrão da Morte e expulso da polícia pelo AI-5. Seu nome não pode ser publicado, a pedido do próprio Bicudo. Nas cartas, o pedido patético para que se consiga sua transferência da prisão onde está atualmente, pois acha que pode ser assassinado. Como também pode morrer se resolver abrir a boca, o que gostaria de fazer.


Penitenciária - 24 3 1977
Saudações
Dr. Hélio venho humildemente uma vez mais agradecer ao sr. pelo interesse que vem demonstrando em procurar ajudar-me, para amenizar este sofrimento que não atinge só a mim, mas muito mais a minha família

Policial preso renega Esquadrão e confessa crime

São Paulo, 10-3-1977
Dr. Hélio

Muito comoveu-me ao receber a resposta de minha carta quando o sr. diz que fará por mim aquilo que estiver em seu alcance. Isso faz renascer novas esperanças em mim que a justiça será feita. Eu como é de seu conhecimento fiquei marcado tanto na justiça como na Secretaria de Segurança Pública.

Na justiça por várias razões fui obrigado a declarar de acordo com as acusações que vinham de marginais e não tinham fundamento, quanto à minha pessoa, porém jamais deram-me oportunidade de conversar a sós com qualquer membro da comissão na época que apuravam as execuções de marginais, pois se isso tivesse acontecido, eu hoje não estaria aqui, e sim os verdadeiros culpados, que muitos nem siquer foram indiciados em inquéritos outros hoje são heróis nacional. Eu hoje sei muito mais e tenho aprendido através do sofrimento durante estes sete anos, de presídio para presídio. Fugi do presídio Militar mas trinta dias depois apresentei-me ao Dr. Nelson que enviou-me direto a Penitenciária, depois fui para o DEIC e em seguida para o DOPS de onde não fugi. Mandaram-me ir embora e eu com falta de experiência pensando que estavam fazendo-me bem, aceitei. Mal sabia que era um plano que eu servir de bode expiatório de toda polícia, pois o meu silêncio era a maior glória a muitos.

Hoje tenho que contentar-me com as migalhas que oferecem, pois sou e sempre fui pobre e nem dinheiro para pagar advogado eu tive, e os que defendem-me são advogados indicados e orientados pelo "sr. todo poderoso" Fleury, que só fazem o que ele acredita que não vá prejudicá-lo no futuro.

Dr. Hélio, o Dr. Percides sabe as condições que encontro-me são 22 horas trancado diariamente sem direito a nada, exceção a visitas. Tenho feito de tudo para ir para o presídio da polícia civil, onde ali tem vários ex-policiais, e até elementos que jamais foram policiais. Mas perdi, como perdi o pedido que fiz para ir para Detenção.

Dr. Hélio, venho humildemente suplicar ao sr, pois sei que mesmo afastado pela "Ditadura", o sr. poderá conseguir minha remoção para o presídio da polícia civil, onde não o decepcionarei, não pretendo fugir jamais. E poderei ainda ser útil a Justiça, sabedor do regime militar que vivemos, e não poderei declarar abertamente, mas tudo o que sei poderei orientar os promotores de sua confiança quando nos julgamentos desses elementos, inclusive no caso Guarulhos, pois estão fazendo planos para absolver o principal elemento.

Dr. Hélio, só espero que algum dia eu possa provar ao sr que eu não sou igual aos demais. Sinto estar-mos vivendo num regime de Ditadura, onde a qualquer momento poderemos ser eliminados, caso contrário eu provaria em público. Mas tenho que ter prudência, pois tenho mulher e três filhos

Dr. Hélio, tenha em mim um amigo, pois sei que jamais terá a mínima decepção comigo

Penitenciária, 24 3.1977
Saudações

Dr. Hélio, tenho procurado através de advogados ver as possibilidades de ir para um outro presídio, onde teria melhores condições de cumprir minha pena, e estar mais próximo da família e dar um pouco de apoio as crianças, pois são três meninas.

Também levei ao conhecimento do sr. diretor penal Dr. Etiene, que muito tem ajudado-me moralmente pois o excesso de confinamento, um ser humano tem um certo limite e eu já estava a beira de dar um fim na minha vida, pois estava até sob cuidados de um psiquiatra

Mas sou católico e creio muito em Deus, mais cedo ou mais tarde os verdadeiros criminosos terão que acertar suas contas com a Justiça, passe o tempo que passar. Cumprirei a minha pena e quando em liberdade quero escrever toda verdade, irei para um paiz distante, onde poderei em segurança, dizer toda a verdade

Não quero com isso dizer que estou inocente na cadeia, não! Eu involuntariamente tirei a vida daquele infeliz do barbeiro com uma canivetada na bunda. Poderia nos outros processos apontar os verdadeiros culpados, seria absolvido, mas não viveria para gozar da liberdade, pois seria assassinado.

Sem mais aguardarei sua amável resposta
São Paulo, 28.4.77
Saudações

Dr. Hélio, mais uma vez venho solicitar do sr. isto na medida do possível, no tocante a minha transferência para o presídio da polícia civil. Tenho lutado juridicamente para ser transferido daqui. Aqui o elemento que não está de castigo goza de todos os privilégios estabelecidos por lei para a possível recuperação. Joga voleibol, futebol de salão, jogos de dama, dominó etc. Aos sábados existe competição esportiva, jogo de futebol, ping-pong e no período da tarde sessão cinematográfica, enquanto eu permaneço as 24 horas isolado em uma cela

Dr Hélio, quanto ao sr vir aqui eu não temo nada, pois já tomei uma decisão, e nada importa-me o qual poderão falar ou suspeitar. E tão pouco tenho medo de ser assassinado aqui, mesmo sabendo que isso é o que muitos estão esperando, o que seria um alívio aos que se julgam impune pela justiça

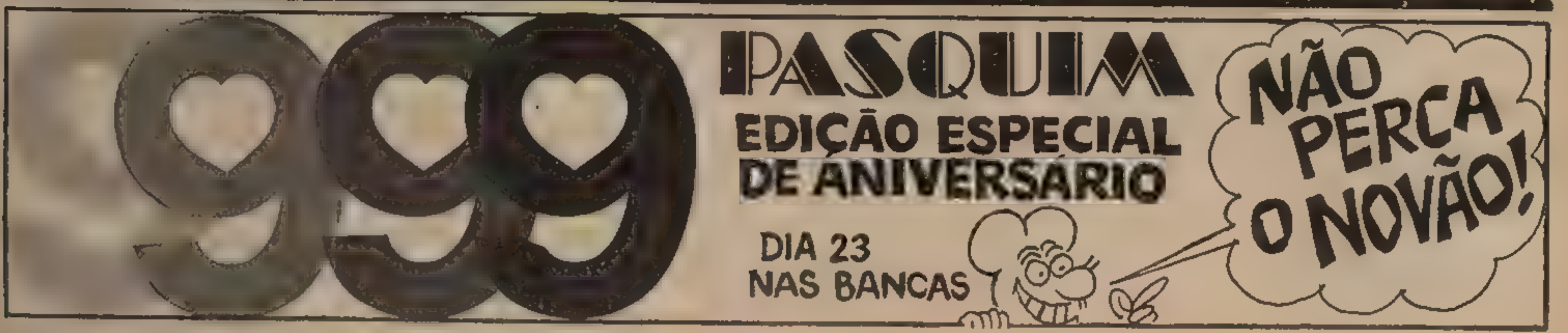
Aguardo sua resposta, atenciosamente
São Paulo, 12 5 77
Dr. Hélio

Quero através desta agradecer-lhe pela atenção e cavalherismo quando minha mulher esteve em seu escritório. Pois ela ficou surpreendida e foi taxativa ao dizer que de todas as pessoas que procuramos para ajudar a resolver este problema da minha transferência, o sr foi o único a prontificar a fazer aquilo que estivesse em seu alcance.

Mas existe outro assunto que acredito será de suma importância eu não posso por carta dizer. Espero que o sr encontre uma solução para eu expor, seria eu ser requisitado para uma Vara qualquer e ali falar com o sr ou a vinda do sr aqui com o Dr Percides, em um sábado. Dr. Hélio, nada tenho contra o Dr. Luiz, que é o atual Diretor Geral, porém não posso deixar de lembrar, é o Delegado de Polícia e está em contato permanente com os elementos da S.S.P. e tudo nesse caso poderá vir acontecer, isto porque é de conhecimento geral o interesse dessa Secretaria que, enquanto eu aqui estou representando todo o E.M. para satisfação da imprensa. Que na verdade nós conhecemos, que a política e a maioria dos elementos ligados à Justiça, justificam com isso a "realidade."

Dr. Hélio qualquer que seja a sua opção naquilo que poderei ajudá-lo, e a mim também e acatarei suas ordens

Atenciosamente



PSIQUIATRA DE TORTURADOR DÁ A FICHA

SÃO TODOS UNS ANORMAIS

A entrevista foi feita com um médico anônimo. Haverá quem duvide se ele realmente existe. Não será mais uma invenção da imprensa para sabotar a opinião pública? O médico acha importante denunciar o perfil do torturador, no qual se vê que é uma pessoa que depois de algum tempo começa a criar problemas dentro do órgão em que atua. Ou matando presos ou se revoltando com os chefes. Diz o médico que seu nome não importa, nem a nacionalidade. Os fatos que revela poderiam ter acontecido em qualquer país da América Latina. Nem acha importante seu nome ou de seus pacientes, acha mais importante mostrar como eles agem e como eles mesmos acabam sendo torturados, ao estimular todo dia uma tendência violenta que já têm..

Como são os torturadores?

— Bem, eles têm uma diminuição de sensibilidade. Sentem menos dor que os outros. Além disso, têm também analgesia moral, ou seja: a personalidade humana tem a afetividade, os seus instintos e sentimentos. Os instintos são individuais, egoístas. E os outros são os da sociabilidade, que fazem o indivíduo ter noção do outro. Então esses indivíduos não têm praticamente sociabilidade. Eles não sentem o outro.

Mas o que provoca isso?

— É genético. Não é ambiental.

Os caras não sentem dor?

— Eles têm pouca sensibilidade Tanto é, que você vê que eles gostam muito de fazer tatuagens em si mesmos. Você vai se submeter a uma tatuagem, negócio de agulha quente, mete tinta? Você não vai fazer um negócio desses! O tipo de brincadeira que gostam de fazer, sabe? Assim, grosseiras, agredir. São capazes de dizer: "é macho?" "sou, olha aqui" e se cortam, sabe? Coisas dessa ordem.

O cara nasce assim?

— Nasce sim.

Então ele é usado pra esse papel?

— Exatamente! Então por exemplo, diante de um conjunto de indivíduos, os que se revelarem com esta característica são justamente selecionados pra isso. Sem que o cara que seleciona saiba disso. Isso é intuitivo.

"Ele já nasce com instinto de destruição muito acentuado"

Inclusive eles acham assim: "não, é um cara quente.. dê-dê-dê," sabe? Ele não percebe que o cara justamente é defeituoso, porque ele também é Então o que acontece é o seguinte: eu peguei caso assim de que eles estimulam, estimulam, estimulam, entendeu? Como um cara, por exemplo: só foi retirado do serviço depois que matou cinco caras, um inclusive a queima-roupa, tirou o revólver e deu um tiro na cabeça do cara. Ele era soldado, revelou-se assim. Então engajaram ele. Passou a cabo, ganhava uma graninha, tinha uma casa, tinha comida. Daí ele matou um companheiro, um outro torturador. Discutiram, um matou o outro

O cara era totalmente desequilibrado?

— Exatamente! E agora acontece o seguinte: ele era um indivíduo com essas características. Porque por exemplo, você não ia se submeter a um papel daqueles! De jeito nenhum! Eu, por exemplo, nunca ia fazer um negócio daquele. Mas o cara já tem

essa disposição. É um cara que o instinto de destruição dele é muito acentuado. Ele não tem a visão do outro. E inclusive esse tipo de patologia o cara pode ser de baixa inteligência ou pode ser de inteligência normal.

Esse de inteligência normal age como?

– Ele manda no torturador. É conivente com ele. Tem o mesmo quadro patológico menos acentuado. E tem outras características: por exemplo, tem necessidade de aprovação. Então ele esconde essa conivência com o torturador. É um tipo intelectualmente normal mas na esfera afetiva tem graves alterações. O cara passa por normal e é completamente louco. Esse é de cúpula, é a cabeça. O torturador mesmo não sabe por que bate. "Porque é comunista, porque é filho da p..." Não é por ideologia que o cara bate, nem por dinheiro. E por alteração da personalidade.

Torturador fica deprimido?

Não, não dá depressão.

Pode se arrepender do que fez?

É difícil, mas pode chegar a isso. Mas quando desenvolve muito a religiosidade. Que justamente a religião serve pra dar essa idéia de comunhão.

Você pegou quantos caras desses?

Peguei uns quatro mais ou menos.

Todos eram parecidos?

Mais ou menos. A intensidade muda. O cabo, que inclusive enterrou a sogra viva, foi o mais intenso. Mas geralmente começam a bater nos filhos, na mulher.. é desse jeito. Qualquer coisinha, o cara agride. Vai estimulando .. "pode bater, bate".

"São indivíduos de porte atlético e de crânio pequeno"

O trabalho dele é 24 horas seguidas, não é, depois ele sai de lá.

– Bebe.

Mas tem família. A família sabe o que ele faz?

– Não. Pra mulher ele não conta diretamente o que faz. Mas ela sabe que ele trabalha com preso político, porque trabalhando lá o cara tinha regalias porque era um serviço secreto.

E bom salário. Em 73 se ouvia falar que eles ganhavam uns 15 mil por mês.

– Exatamente. A única coisa que exerce influência sobre eles é esse tipo de coisa: estimula. Porque inclusive se você for ver com que eles vão gastar é justamente os prazeres mais inferiores da humanidade: bebida, farra, torra tudo... é assim... vai entrando no círculo vicioso.

Tinha prazo certo de eles ficarem lá?

– Não ficava sempre o mesmo cara, depois de um tempo mudava. Então o que aconteceu foi o seguinte: eles saíram, começaram a ficar nervosos, bater na família.. teve um, por exemplo, que sabia que era por causa disso, que tinha ficado assim porque passou aquele tempo torturando todo dia. Os outros nem se tocavam.

Qual é o tipo físico do torturador?

– Geralmente são indivíduos de porte atlético. E de crânio pequeno. E se você tiver observação muito aguçada, você vai ver que – isso não tem precisão absoluta – a parte posterior do crânio deles não é arredondada mas reta. É a região onde estão os órgãos da afetividade, os instintos e os sentimentos. Pode acontecer por acidente de parto, traumatismo, pode nascer assim. então tem caso de uma pessoa que tinha vida normal, tudo, ela sofre um acidente e começa a ficar agressiva, isso é relativamente comum.

"Ele tortura e se sente bem. O pior é isso. E sem remorso"

Onde esta hoje aquele cabo?

Deve estar no Pavilhão Nacional de Psiquiatria, no Rio de Janeiro. Eles mandam pra lá.

E o Mariel?

Esse é daqueles, tem tudo isso, mas é intelectualmente dotado. Porque são esferas diferentes a afetividade, a conação e a inteligência. O inteligente explica tudo, justifica atitudes, pode ter até ideologia mas tem esse defeito.

O torturador tem alucinação?

Geralmente não, porque alterações da alucinação são alterações da percepção, não são alterações da personalidade. São dos núcleos da base do cérebro. E o deles é alteração da personalidade.

Quer dizer que ele tortura e se sente bem?

– Se sente bem. O pior é isso. Ele não tem remorso, nada.

O torturador não fica muito tempo no órgão por exigência da organização ou por que?

Porque começa a se tornar inconveniente. Fica muito agressivo, a hierarquia começa a quebrar, porque vai estimulando tanto que se por exemplo um superior tropeçar nele ele fala "ô, pô", porque a reação é imediata. Ele vai se desorientando.

"Acham o máximo aplicar nas esferas genitais a tortura"

Não dá pra treinar alguém pra ser torturador?

– Não dá. Quem não tem distúrbio afetivo não vai se prestar a fazer um negócio desses. Não dá pra criar um torturador, é uma coisa que não cria. É um problema de patologia mental.

O tipo de tortura revela alguma característica do torturador?

– Como é uma regressão da personalidade, existe mais a fixação na esfera sexual. Porque os instrumentos já estão aperfeiçoados, tudo, mas em termos de técnica. Daí entra o cara que pensa. Agora, onde o cara vai aplicar, apesar de já existirem regras? Por exemplo, o que eles acham o máximo é aplicar nas esferas genitais.

Eles têm tendência homossexual?

... também têm. Porque a ordem dos instintos hierarquicamente é o instinto nutritivo ou chamado instinto de sobrevivência, o segundo é o instinto sexual ou instinto de reprodução, o terceiro é o instinto de posse ou instinto materno – que é a ligação que o indivíduo tem, instintiva, com as coisas que ele cria –, o quarto instinto em força é o instinto de destruição ou demolição. Depois vem o instinto de construção ou organização, depois vêm os instintos da necessidade de aprovação, a necessidade de domínio, depois vem a ligação ao igual, a ligação ao superior e a ligação ao inferior. São todos os órgãos da afetividade. Então, por exemplo, esses eles têm o instinto sexual, o instinto de posse não têm muito, mas sempre existe, por exemplo mexer com filho, essas coisas, e o instinto de destruição. Esses são os que vão predominar.

O torturador de hoje é o mesmo da Idade Média?

Exatamente. E o mesmo tipo de personalidade. Na França, por exemplo, os carrascos são de pai pra filho. Você já imaginou ter como emprego cortar o pescoço de uma pessoa?

Quanto tempo dura um torturador?

Dos que eu peguei, chega a dois anos talvez.

"Prefere dar com a mão. No choque tem um objeto intermediário"

Torturador tem medo de represálias?

Ele não tem medo. Não tem medo de morrer. Ele brinca de roleta russa, a coisa mais estúpida que pode existir.

Ele tem idéia da realidade? Lê jornal?

Não. Se lê, é jornal sensacionalista, de crime, sangue. Essas notícias é que estimulam.

Torturador prefere usar objeto ou machucar com a mão?

– A preferência é com a mão. É o contato mais direto. Descarga direta. Prefere dar porrada. No choque tem um objeto intermediário.

Eles chegam a violentar presos?

– É corriqueiro, com homens e com mulheres.

Não dá pra dar anistia pra eles?

- Não dá, não adianta. Ele vai deixar de torturar preso político vai torturar outro qualquer. Vai exercer a ação maléfica dele. O cara que manda nele, e é conivente com ele, já é um cara que tem instinto de domínio instinto de aprovação. Porque o torturador não tem instinto de aprovação. Quem é que aprova um torturador? A mulher dele, se souber, não vai aprovar o que o cara faz, os filhos dele não vão aprovar, os vizinhos não vão aprovar. Isso, pra ele, não importa. O outro, como tem isso, ele faz escondido. Preserva a imagem.

Necessidade de aprovação leva a fazer o que?

– Como eles vão ter necessidade de ser aprovados, eles seguram. Em termos de imagem, seguram. Isso no plano mais geral você vai ver o governo começar a tomar atitude porque todo mundo começou a cair em cima. Ou seja: o mundo civilizado começou a desaprovar. Não foi porque eles se mancaram, "nós não podemos fazer isso", "porque é uma questão de humanidade", não. É porque começaram a pegar no pé. Daí que entra a importância da denúncia. Tanto é que você viu: a ordem depois do Herozg foi pra não deixar acontecer mais isso. E eles não conseguiram segurar o cara. E matou o Fiel (Manuel Fiel Filho). Daí você vê a influência da aprovação na esfera superior. Depois que aconteceu, saiu o Ednardo. Porque deixou que acontecesse. E não foi nem por vontade dele. Simplesmente não deu pra segurar o cara. Estimulou, estimulou, estimulou, o cara não vai parar mais.

Por que eles não têm psiquiatras pra orientar torturadores?

– Ah, mas aí que tá. Pra arranjar o tal do Shibata, alguém como ele, não é fácil. Porque de certa forma a atividade médica que é uma coisa pra você aliviar a dor e tudo por mais que o indivíduo seja filho da p... – porque tá cheio de médico filho da p... – é uma coisa de certa forma que contradiz. Eu tive um amigo meu preso lá que é médico e que ele chegou e deu uma dura no médico lá deles: "pô, você é médico como eu, você se prestar a um papel desse". Ele chegou lá, contou pros torturadores, mandou dar uma surra nele, quebraram duas costelas dele.

Fica na lembrança do torturador o que ele faz?

– Fica. Ele sonha. Sonha com as cenas. Sonho nada mais é do que uma diminuição, uma dormência das funções da observação, da inteligência e a imaginação criando imagens dos impulsos afetivos. Então os sonhos dele vão ser ou eróticos ou de violência.

Quando ele bate, sabe em que está batendo?

– Não, não sabe, pra você ver como é uma agressividade gratuita. Porque veja bem: o instinto de destruição, comum em todos, nele é exagerado.

"O que age mesmo é novo: menos de 30 anos, 22 por aí"

Qual é o objetivo dele na vida?

– Não consegue sistematizar. É de momento. A vida dele é de estímulos. Não tem, perspectivas. Nem esperança. Nunca pela cabeça dele vai passar: vou ganhar um dinheiro, vou comprar uma casa. Vai gastar em farra, com mulher na zona...

Por que existe torturador? Serve para alguma coisa?

– Não, não tem utilidade nenhuma. É um negócio completamente absurdo.

Por que um regime precisa usar a tortura?

– Porque todo regime que não se sustenta pelo consenso das idéias tem que se sustentar pela corrupção e pela repressão. Eles subornam quem quer ser conivente com o regime. E reprimem o resto.

Qual é a idade média do torturador?

– O que age mesmo geralmente é novo. Menos de 30 anos. Vinte e dois por aí.

E quando ele acaba vai fazer o que?

– Aposenta. Ou vai viver de pensão. Não faz nada.

ENTREVISTA A ALEX SOLNIK

AFINAL

A primeira crítica

Acho este jornal meio sensacionalista (e, portanto, meio comercial), daí não podermos, infelizmente, conferir-lhe total crédito.

Porém, acho-o útil nesta hora. Está revelando fatos que outros, por medo ou por comprometimento de várias ordens, não tiveram, ainda, coragem para denunciar. E até os camufla, esconde da gente.

Não escrevo para criticá-los. Pretendo apenas fazer uma sugestão.

É sobre a reportagem, ou melhor, as fotografias dos mendigos em ..."amor feito nas calçadas..."

Conheço alguns desses mendigos. Moravam (?) (moram?) na Ilha do Governador. O Índio é muito conhecido na Praia da Bica. Me chamava de "muchacha". Era tratorista. É muito inteligente, esperto, bom papo. Tinha (tem?) uma negra chamada Tereza. Ele é aleijado, vive doente.

Todos eles são alcóolatras, viciados em drogas. Vivem bêbados, maconhados, completamente loucos. Reparem na cara deles! Não são simples mendigos... São viciados. Ficam fora de si. Vivem completamente à margem de tudo.

Queria que vocês fossem um pouco mais além do "sensacionalismo patético" e esclarecessem este detalhe, que, acho, muda um pouco as coisas. Denunciem este aspecto, do álcool, da maconha. Mostrem no que dá, quando o álcool, a maconha, incidem sobre a miséria e a fraqueza humana. (Tem muita gente aí que pensa que a maconha é totalmente inofensiva...)

Em último lugar, quero protestar veementemente, pelo "amor" feito nas calçadas. Que absurdo!... A que nível chegou a deturpação do termo "amor"! Vamos ter que inventar outra palavra para expressar o sentimento verdadeiro... como vocês da Imprensa são culpados na propagação de certas deformações! PROTESTO!!!!!

Não me identifico, pois não me interessa que me conheçam. Faça de conta que sou: **Helena D. Lima, Brasília.**

• Tudo bem, mas seria mais interessante que você se identificasse. É mais honesto.

Brasileiro conta motim de presos na Argentina

Aí vai uma denúncia que poderá interessar a vocês. O assunto é a revolta que ocorreu aqui no "Instituto de Detencion Penintenciário de Devoto U2", onde me encontro detido no momento

Em meados de março deste ano, me recordo de haver lido no **Jornal do Brasil** um pequeno parágrafo sobre o ocorrido. Aqui, inteirei-me do ocorrido, tendo conversado com muitos ainda feridos na revolta.

Antes, porém, uma curta explicação do que é o presídio Devoto U2. É um cárcere com aproximadamente 4.500 internos ou detidos, divididos em plantas e pavilhões. Os internos ficam alojados em grandes pavilhões, que deveriam conter uma base de 80 presos, porém contêm o dobro, com a metade dos detentos dormindo no chão, mal podendo encontrar espaço para caminhar. Condições de higiene e outros essenciais são as piores possíveis. Mas isto é comum neste Terceiro Mundo

Mais importante seria mencionar que neste presídio estão detidas mulheres, por razão política. Assim como homens, mas estes misturados com criminosos comuns

Aqui, ao contrário do Brasil, não entra baseado, brizola, nada disso. Mas, ainda bem, as cartas não são censuradas.

Mas vamos ao assunto principal.

Em meados de março deste ano, uma revolta ocorreu no Pavilhão 7 (com aproximadamente 140 detidos) deste presídio. Motivo da revolta: excesso de repressão. Especificando. Enquanto os detidos assistiam a um programa de televisão, que, normalmente, fica ligada até meia-noite, um dos carcereiros desligou a televisão às dez da noite, em meio a um programa musical, alegando muito barulho. Um dos detentos perguntou se podia continuar assistindo ao programa, com a televisão ligada em baixo volume. A resposta do carcereiro foi que os presos deveriam ir dormir de imediato. O detento prosseguiu argumentando, quando o carcereiro o agrediu e o levou para a cela de punição, onde o pau come.

Na manhã seguinte, vários guardas entraram no pavilhão e passaram a despertar todos os detentos a cacetadas, por "mau comportamento coletivo" Os detentos, para se defenderem, pegaram as camas e o que mais podiam, e procuraram empurrar os guardas para fora do pavilhão. Tendo conseguido o intento, trancaram-se do lado de dentro, deixando os guardas no corredor, separados pela imensa porta de grades que constitui a entrada ao pavilhão. Nesse meio tempo, o alarma havia soado e mais guardas apareceram, armados com bazucas de gás lacrimogêneo e metralhadoras. Os detentos passaram a atirar latas e copos de alumínio contra os guardas, através das grades. Os guardas responderam com o gás e, pouco depois, com as metralhadoras.

Resultado: entre 60 a 90 mortos, dos quais, mais da metade abatidos a tiros. O resto, queimado, pois o gás lacrimogêneo provocou um incêndio nos colchões e a tragédia foi consumada. Todos os sobreviventes saíram feridos e conduzidos ao hospital. Alguns deles estão agora neste pavilhão e outros, após um mês no hospital, estão com braços, pernas e partes do corpo para sempre marcados pelo fogo. Alguns, aleijados. Estes sobreviventes constituem minha fonte de informação, baseada na qual está esta denúncia. Alguns ainda estão no hospital, entre a vida e a morte. Em cada pavilhão, os presos fazem coleta de nomes para conseguir doadores de sangue. O diretor do presídio, para contribuir, dá de presente, um maço de cigarros para cada doador.

É importante mencionar que os presos aqui detidos não são condenados. Este é um presídio para os que ainda não foram julgados.

Tudo bem comigo. Saio logo **(Hélio Dias Pinto, Planta 3, Pabellon 9, Instituto de Detencion Penitenciário de Devoto U2, Buenos Aires, Argentina)**

> "QUE EXU TIRIRI ESTEJA COM O REPORTER. NÓS, DO LADO DE CÁ, JÁ ESTAMOS"
>
> (Nei Marcos Tanaami, São Paulo, SP)

MOÇAMBIQUE: DIZEM QUE O REPORTER ROMPE CERCO

Recebemos aqui o nº 5 do Repórter. E do que mais gostamos foi das páginas consagradas ao levantamento das opiniões dos trabalhadores. A imprensa nanica, de forma geral, tem enfrentado o problema do "cerco" da classe média. Tradicionalmente, tem sido difícil fazer dos jornais da imprensa independente órgãos que vão além da classe média em geral, e, em especial, do movimento estudantil. É difícil mesmo superar este cerco. E vocês sabem melhor do que ninguém do peso dessas dificuldades.

Assim, a iniciativa de trazer a opinião de trabalhadores é bastante positiva. De um lado, e no mínimo, consegue-se trazer para a classe média intelectualizada a visão do horizonte em que se movem os trabalhadores. De outro lado, o que é mais importante ainda, há a possibilidade de que esse gênero de reportagens promova a divulgação do jornal no interior dos próprios trabalhadores. Estariam vocês, se isso for conseguido, rompendo o tal "cerco" social que continua ainda condicionando a dinâmica da imprensa independente.

Só faço uma sugestão: é que as entrevistas passem a ouvir principalmente gente que, de uma forma ou de outra, encontre-se engajada em iniciativa de caráter coletivo e organizado. Desde movimentos políticos organizados — movimento pela anistia, oposições sindicais, etc. — até iniciativas locais, do tipo times de futebol, escolas de samba não financiadas pelo Estado, clubes de mães, etc. Acho que a imprensa independente precisa valorizar este tipo de iniciativa — generalizar, divulgando, o esforço de organização, em qualquer nível. **(DARF, Maputo, Moçambique)**

Estamos nos dirigindo à Vossa Senhoria para pedir SOCORRO. Pode parecer grosseiro à primeira vista, mas pedimos que pelo menos leiam e analisem esta e os documentos anexos (cópias).

Em 1976, pagava-se, para estudar na Faculdade de Engenharia, de Cr$ 800,00 à Cr$ 1.200,00 por semestre, dependendo das matérias e cursos. A Faculdade de Engenharia, faz parte da UDESC (Universidade para o Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina), que possui sua sede em Florianópolis. Nesta universidade, onde o medo e o suborno impera, os alunos mais audaciosos conseguiram milagrosamente constituir fundos e impetrar um mandado de segurança contra os atos do Reitor desta entidade. Este mandado foi impetrado porque o Reitor, que acumula o cargo de diretor da FESC (Fundação Educacional de Santa Catarina) não respeitou a resolução do Conselho Federal de Educação nº 57/76, que dizia que as anuidades deveriam ser reajustadas em 35% para o ano de 1977.

O mandado de segurança resultou em favorável aos estudantes, mas o Reitor não acatou a ordem judicial e, quando estava se preparando o pedido de prisão do Reitor, o Secretário da Educação do Estado, que já foi diretor da Faculdade de Engenharia, tomou as responsabilidades pelas ações do Reitor. O juiz mandou o mandado para o Supremo Tribunal, em Brasília, onde espera a vez de ser julgado. Existem, aproximadamente, cinco mil processos na frente. **(Diretório Central dos Estudantes da Universidade para o Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina, Joinvile, SC)**

Jornalista é ameaçado pelo ex-embaixador

Nesta oportunidade, e através deste documento que fazemos chegar às mãos de V. Exa., após considerarmos a relevância dos fatos e sua importância para toda a classe jornalística brasileira, vimos relatar em caráter de DENÚNCIA, para o procedimento cabível, o que vem de ocorrer como o signatário deste, no desempenho de missão profissional

Jornalista profissional dos quadros da Sucursal-Rio da **Folha de São Paulo** e da revista **O Cruzeiro**, fui contratado pelo jornal semanário **Voz de Portugal**, em abril de 1977, para um trabalho jornalístico em torno de fatos que envolviam a Sociedade Financeira Portuguesa, entidade estatal do Governo Português;

Na execução do referido trabalho jornalístico de reportagem, iniciado em abril de 1977, reúni o material colhido em fontes acreditadas e que, aprovado pela direção do jornal **Voz de Portugal**, foi publicado na edição do dia 19 de maio do corrente ano de 1978, conforme exemplar anexo. Na mesma edição há editorial do mesmo jornal sobre o assunto.

Em decorrência da publicação do referido trabalho, nova missão jornalística me foi dada: a "suite", em termos de entrevistas com pessoas.

Foi no cumprimento desta nova missão de reportagem que procurei o ex-Embaixador de Portugal no Brasil, e licenciado no quadro diplomático português, o senhor José Manuel de Magalhães Pessoa e Fragoso.

No seu endereço, fomos bem recebidos pela Secretária do Sr. Manuel Fragoso. Após nos identificarmos como jornalista José Cabral Falcão, em missão do jornal.

Em dado momento, O Senhor Embaixador saiu de seu gabinete, acompanhado de outro cavalheiro, a quem levou até o elevador. No retorno, dirigiu-se a nós e indagou secamente se queríamos falar-lhe. Ante a resposta afirmativa, deu-nos acesso, mas ordenou-nos que deixássemos o gravador que portávamos com a Secretária, do lado de fora.

Dentro do gabinete, amplo e luxuoso, a portas fechadas, o Sr. Manuel Fragoso declarou:

"NÃO TENHO NADA A DIZER. DIGA AO DONO DA VOZ DE PORTUGAL, ESSE ANTÓNIO MEIRINHO, QUE, SE ESTIVER MUITO INTERESSADO EM INFORMAÇÕES MINHAS, VENHA ENTREVISTAR-*ME, SE TIVER CORAGEM*"

"NÃO QUERO SABER SE O SENHOR ESTÁ EM MISSÃO JORNALÍSTICA E NÃO QUERO SABER SE O SENHOR É JORNALISTA OU REPÓRTER DE QUALQUER JORNAL OU O QUE SEJA QUERO SABER É SE O SENHOR TEM FILHOS."

Respondido afirmativamente, disse

"ENTÃO, TOME CUIDADO COM A SUA VIDA. TOME CUIDADO COM A VIDA DOS SEUS FILHOS. EU TENHO FILHOS E AQUELA PESSOA QUE FUI LEVAR AO ELEVADOR É MEU FILHO. E ELE JÁ ESTÁ AVISADO SOBRE O SENHOR. PORTANTO, TOME MUITO CUIDADO COM A SUA VIDA E COM A VIDA DOS SEUS FILHOS EU NÃO SEI O QUE POSSA LHES ACONTECER NÃO ME RESPONSABILIZO PELO QUE VENHA A LHES ACONTECER DAQUI PARA A FRENTE"

Pondo-se de pé, punhos cerrados, S. Exa. o Senhor Embaixador apontou-nos a porta do seu gabinete, dizendo-nos:

PONHA-SE DAQUI PARA FORA! E NÃO BRINQUE COMIGO. TOME CUIDADO COM A SUA VIDA E A VIDA DOS SEUS FILHOS."

Dentro da nossa Pátria, pisando o nosso chão, o comportamento do Sr Manuel Fragoso não é só uma ameaça contra nossa vida e à vida de nossos filhos, mas um atrevido desafio à classe jornalística brasileira, à Associação Brasileira de Imprensa e demais entidades classistas

(resumo da carta aberta enviada pelo jornalista José Cabral Falcão ao presidente da Associação Brasileira de Imprensa. Sr. Barbosa Lima Sobrinho)

ATENÇÃO

O HOMEM DELA É MARAVILHOSO!

"Venho por meio desta incentivar o **REPORTER**. Meu nome é Maria Teresa, tenho 22 anos, casada com um homem maravilhoso. Gosto do jornal. Ele é bacana, sem falsidade, sem hipocrisia e um jornal verdadeiro. Enfim, é um ótimo jornal. Pra quem gosta da verdade e do realismo, só pode ler mesmo o **REPORTER**. Por isso, estou incentivando vocês. Que. sejam independentes e continuem mostrandó ao mundo o que acontece

(Maria Teresa, São Paulo, SP)

Recado de Varginha: Concurso de Contos

O primeiro "Concurso Nacional de Contos de Varginha" é uma promoção da Livraria do Estudante Ltda., sita à Travessa Mons. Leônidas, 23, (CEP. 37 100), Varginha, MG

As inscrições estarão abertas de 1°/06/78 a 31/08/78. Os trabalhos devem ser remetidos, com "AR" para a secretaria do concurso, na sede da Livraria do Estudante

Podem concorrer todas as pessoas, residentes no Brasil ou no exterior

Cada conto deve ser confeccionado em 10 vias, admitindo-se qualquer forma de reprodução espaço dois, datilografado em qualquer tipo, no máximo 10 laudas cada conto, sob pseudônimo e com envelope de identificação anexo

Cada autor poderá enviar quantos trabalhos desejar, desde que separadamente. e com pseudônimos diferentes

Os resultados serão divulgados a 7 de outubro de 1978, data de aniversário de Varginha

A premiação consistirá em se editar um livro, reunindo os 15 melhores contos, o que poderá ser feito em co-edição com uma editora. Haverá classificação dos contos do 1° ao 5° lugar, e menção honrosa para os outros 10

ASSINE

12 EDIÇÕES

Cr$ 100,00

ALI. DIRETO. EM CIMA.
REPORTER.
UM JORNAL DE
CAPA E ESPADA.

REPORTER

Cupom de Assinatura

— Assinatura por 12 edições: 100,00
— Envie cheque nominal ou vale postal para:
Rio: Rua Miguel Couto 134 — salas 1101 a 1104 — RJ — CEP 20.000
SP: Rua Barão de Jaguaribe 25 — conjunto 31 — SP — CEP 01224

Você pode assinar o REPORTER, a partir do n° 0
Indique a partir de que número você quer sua assinatura...........

Nome: ....
Profissão: ....
Endereço: ....
CEP: .... **Cidade:** .... **Estado:** ....

LEITORES

"Tenho visto o **REPORTER**, que eu diria nanicagem: mistura de nanica com linguagem afiada, em cima, no berro. Otimo. Na barra. No berro. Desterro. Lugar nenhum. Todas as partes. Nosso lugar. Envio meu novo (saiu agora) **Regis Hotel** e **Caspa**.

(Régis Bonvicino, São Paulo, SP)"

No mês de maio nasceu um novo jornal neste país. Nasceu de uma conscientização comum às pessoas que participaram da iniciativa: a consciência, ainda incipiente dos problemas do Vale do Jequitinhonha e do isolamento/ esquecimento da região, que aprofunda/ adia ainda mais a superação de seus problemas.

Somos um grupo de pessoas, todos do Vale, nele nascidos, nele morando ou em Belo Horizonte estudando, para depois ao Vale voltar. Pretendemos escrever reportagens, fazer entrevistas, sempre sobre questões do Vale, abordando as manifestações de cultura, os trabalhos que lá se desenvolvem com o objetivo de modificar a economia, a política e as condições sociais de vida da região.

Atenciosamente,
GERAES.

"VOCÊS NÃO MERECIAM PASSAR ESTA VERGONHA"

Desde que li o primeiro número de **REPÓRTER**, venho tentando escrever parabenizando-os por um jornal que fala de tudo, apoiado numa coisa, que muita gente não parece conhecer, a LIBERDADE DE IMPRENSA. É vergonhoso o que um profissional tem que passar para satisfazer uma meia dúzia de desgostosos. Vocês formam uma formidável equipe e sei que o pessoal que lê o jornal de vocês está unido e torcendo, para que isso que aconteceu ao número cinco, não venha a acontecer novamente. Estamos com vocês para o que der e vier.

Gostaria de pedir a vocês, se não for encher o saco, de ajudar este iniciata a poeta publicando duas das cento e poucas que estão apodrecendo sem ter quem as publique.

João Carlos V. Saisse,
Rio de Janeiro, RJ

• *Publicamos uma, João.*

DELÍRIO DE UM DESABAFO

Não encontro água neste poço
Não encontro a fé nesta canção
Não encontro a luz que ilumine
meu desabafo fora de ocasião

Não retruco ao saber de toda impaciência
Não retruco em violar a lei dos meus costumes
Não retruco ao vomitar o que está preso,
meu desabafo para fora com legumes

Num delírio de um desabafo
Eu faço festa, eu me canso com quem me caça.
Num delírio de um desabafo
A longitude não pesa, eu falo e eu faço.

A cachaça que tomo é o café de todo o dia
A cachaça que tomo é o suor que desce
A cachaça que ferve quando digo o que sinto,
no meu desabafo nada diminui, nem nada cresce.

POIS É
O NÚMERO 6 FOI O PIOR

"Acompanhei pela chamada grande imprensa a corajosa luta de vocês contra a censura e, com alegria, vi de novo nas bancas o já nosso **REPORTER**.

O número 6 está ligeiramente inferior aos anteriores, mas, mesmo assim, está muito bom, principalmente considerando a situação enfrentada.

Foi uma grande sujeira da Editora Três o lançamento de uma revista, aproveitando-se do nome que vocês já conseguiram firmar. Meus pêsames a esta editora e minha solidariedade a vocês. **(Adilson José Pereira de Lima, São João de Meriti, RJ)**

GOSTOU E PEDIU BIS

"Fiquei muito contente, vendo, pela primeira vez, um poema meu publicado. Acho importante e muito bom que o público possa participar efetivamente no jornal. Mando, agora, mais dois poemas e também alguns dados pessoais: **Sônia Aguiar**, 28 anos de briga, secretária, 2º grau mal feito e incompleto. Um beijo.

• ***Sônia, resolvemos dar espaço para autoras de poemas que ainda não tinham sido publicados. Recebemos seus dois novos poemas e vamos publicá-los no próximo número.***

CLASSIFICADOS

• Com o desejo de colaborar com as jovens mães que estudam ou trabalham fora, passamos a seguir a falar sobre um novo esquema de trabalho de nosso Colégio — que há 28 anos se dedica à Educação.

O **Colégio Nossa Senhora das Vitórias** recebe crianças a partir de 3 meses, em regime de semi-internato, ou não. Não se trata propriamente de uma Creche. É nossa intenção oferecer às mães uma casa onde deixar seu filho por algum espaço de tempo.

Nossa Casa fica em Botafogo — rua Dona Mariana, 143/149, — com o telefone 266-3368. Temos uma área com mil metros quadrados, para recreação, ambiente e pessoal que favorecem o desenvolvimento nas áreas físico-motor, intelectual, emocional e pessoal-social.

Nosso Serviço inclui ou não alimentação, assistência médica e pedagógica e aulas de arte. Dispõe ainda de uma enfermeira e duas babás, para cada dez crianças.

A mamãe poderá ver seu filho em sua hora de almoço, ou mesmo, em qualquer hora que lhe seja possível.

Com esse esquema de trabalho, temos certeza que nossa Casa será vista pela mamãe e pela criança, como a casa da querida "titia"

"EI : VAMOS FALAR DE FOME E PRESSÕES"

"Fico entusiasmada quando vejo nas bancas o **REPÓRTER**. Isso mostra que vocês têm garra e persistência e estão lutando para cumprir a verdadeira função do jornalismo, que é a de formar opinião e contribuir assim para a formação de uma consciência de classe. Dentro do atual quadro da imprensa brasileira, com a maioria dos jornais vinculados e servindo aos interesses das empresas globais (multinacionais), o jornal **REPORTER** tem dado um exemplo de coerência e discernimento na escolha das matérias, por apresentar a realidade de 90% da população e não dos privilegiados 10% restantes.

Gostaria de sugerir que vocês entrevistem o pessoal que chega do Norte e Nordeste para tentar a vida nas metrópoles, os posseiros e os índios que estão sendo usados como massa de manobra pelos latifundiários em vários lugares do Brasil e o pessoal que está em greve lá na região do ABC paulista. É sempre bom informar sobre as fomes e tudo quanto é pressão, que este pessoal tem sofrido. Tudo isso serve para mostrar aos que estão por cima, que o pessoal oprimido não é tão passivo e burro quanto eles querem que eles sejam.

Como futura jornalista, coloco-me à disposição de vocês para qualquer colaboração que vocês precisem. Além disso, pretendo me iniciar na profissão num jornal como o de vocês, chamados de nanicos; eu prefiro sinceros.

Acho muito bom também este espaço enorme e destacado que vocês dão às cartas dos leitores. Por isso, à exemplo de um deles mando, para vocês um dos meus rabiscos. Se vocês publicarem, ficarei muito contente, pois será a primeira vez que algo escrito por mim é publicado.

Continuem em frente que há ainda muita coisa prá ser mudada. Estou com vocês e não abro!!!

Isabel Maria Furtado,
Rio de Janeiro, RJ.

MENDIGO

Mão estendida
Olhar suplicante
Rosto humilhado
Coração cheio de chagas
Seu apelo é sincero ou verdadeiro?
Nem ele mesmo sabe...
Usa sua mente ou seu corpo aleijado
Ferindo a consciência e despertando a falsa piedade
que em suas mãos despeja o dinheiro.
Ele quer abrigo,
dão-lhe um banco de praça.
Ele quer o amigo,
mas todos zombam e acham graça
por crerem ser muita a pretensão do mendigo.
Ele também é um ser humano
por mais que as pessoas queiram negar.
Ele está sujeito aos mesmos enganos
a beber sua taça de dor
e se amargurar
Foi condicionado, ajustado
ao seu modo de viver, ao seu status
pois uma virada de mesa pode incomodar.
Sua posição no mundo
seja ela qual fôr
interesseira, humilde ou pessimista
Quem se importa em lhe perguntar?
Ninguém se aproxima para saber a razão de sua dor
Todos temos a nossa a nos devorar
E na dos outros não queremos nem tocar

E a tal da Reporter 3?

Aqui em São Paulo apareceu uma revista com o mesmo nome deste tablóide. Mas, à primeira vista, percebe-se q[illegible]e há uma grande diferença entre rótulo e conte[illegible]o me perguntando se esse fato não é falta de [illegible] já que visivelmente, a tal revista tem esse no[illegible] [illegible] atrair os inúmeros leitores que se viram [illegible] momentâneamente d[illegible] Jornal, por mais u[illegible] depredatória da censur[illegible]. Envio o meu voto so[illegible] na expectativa de que o **REPORTER** (este) [illegible] sempre vivo e atuante. (**Antonio Jeová S[illegible]tos, São Paulo, SP**)

esse jeito
de meia-armador
(cerebral
distante)

é pra disfarçar
à vontade
de ser

goleador
poeta
centro-avante

Régis Bonvicino,
São Paulo, SP

DEPOIS DA QUEDA
OU
JOÃO JOSÉ

MEU NOME E'JOÃO
HERDEIRO DA TERRA.
MEU NOME É JOSÉ
PRESENTE NA GUERRA.
MEUS OLHOS MATÉRIA
DE CIRCO E JANELAS,
DORES PRISIONEIRAS
NO PEITO AQUECIDAS
EM DIAS DE LIDA
BATALHA E COMIDA;
MEU NOME É DE HOMEM,
DE FÉ TAL CRIANÇA,
MEU NOME É ESPERANÇA
FEITO MULHER.
SOU TODOS UM SÓ,
DO NADA EM PRANTOS,
SILENCIOSO E DOS CANTOS
SOU ATÉ FEITO SANTO
CRUCIFICADO E SÓ.
SOU FEITO O DIABO,
ENCARDIDO E SAFADO,
SOU FOGO SOU ÁGUA
SOU FEITO SEMENTE
NA SECA NASCENTE
SOU ATÉ FEITO GENTE

Ana Morena,
Rio de Janeiro, RJ

"HOJE EU ESTARIA COM OS ESTUDANTES"

"Vocês estão de parabéns pelo jornal. É isso aí. O negócio é ir em frente (como o nosso país). De minha parte estou torcendo para que as forças ocultas da natureza não dificultem mais a circulação e a escalada desse jornal, que se transformou na melhor opção dentro do seu estilo.

O n.º 4 do **REPORTER** me deu uma luz terrível sobre os idos de 68, pois naquela época ainda era guri e não sacava nada daquelas agitações. Só sei que hoje estaria com os estudantes.

Aproveitando a deixa, aqui vai o meu protesto contra os amados jogadores da seleção brasileira, que estão querendo um prêmio de um milhão de cruzeiros, caso eles levantem a Copa. Detalhe: essa grana seria para cada jogador. Agora, imaginem vocês, enquanto nós, 120 milhões de brasileiros, estamos enfeitando as ruas com bandeirinhas, foguetes e milongas mil, torcendo terrivelmente para eles ganharem essa fábula de dinheiro, enquanto os mesmos 120 milhões estão morrendo de fome. El Mas afinal o futebol é a coisa mais importante desse país.

E agora para aliviar a minha dor e aumentar o desespero de vocês, também vou mandar a minha colaboração poética."

CORAÇÕES DO SUL

Não chore amigo/Não chore amigo/Que teu desespero tem no meu peito um abrigo
Se for preciso dou a louca/Tiro a roupa/E enlouqueço
Vou para a praça/pago o preço e peço o milagre
Enxugo o suor/E contigo bebo o vinagre
Pra satisfazer os Marcianos/Que querem a todo pano nos fazer chorar lágrimas de sangue
Enquanto eles voam pelo ar em seus maravilhosos Mustang!
Não chore amigo/Não chore amigo/Que tua dor tem na minha um abrigo
E se mesmo assim/não for o fim/e a máscara não cair
E a força continuar/Como uma doença/Que não podemos curar
Chame o carrasco/ E lhe ofereça o pescoço
Até quebrar o último osso e depois voe tranquilo para o céu/Em um véu azul e para sempre esqueça/que perdeu a cabeça por causa desses corações do sul
E não chore nunca mais amigo/E não chore nunca mais
Pois Deus estará contigo/E comigo numa eterna paz.

César Evangelista Berilo
Rio de Janeiro, RJ

OLHAÍ O POETA DO POVO DANDO O RECADO

"Venho solidarizar-me a vocês na luta contra a arbitrariedade de certos elementos que pretendem assim calar a boca deste conceituado jornal que, dentro de pouco tempo, já se tornou o nanico mais popular do Rio.

Anexo algumas contribuições deste poeta do povo que muito quer a vocês"

Alfredo Rangel,
Rio de Janeiro, RJ.

GRITOS NA NOITE

Gemidos do homem na noite
Do homem que foi espancado
Gritos cortando o silêncio
Minha mente sangra

Quem sabe o motivo do crime?
O pelo homem cometido já não importa
Covardemente espancado
É um homem algemado que grita
Rompendo o silêncio da noite

E o sangue escorre vermelho
Como a [illegible]ndeira dos revoltosos !
Que calarão para sempre os grito
Os gritos que cortam as noites,
Que ferem as mentes sensíveis

VICTOR WORKMAN

Brasileiros torturados ao vivo e a cores, via Embratel

BRASIL NA COPA

A TORTURA CONTINUA

REPORTER

1º TEMPO

Presença de Amaral na entrada da grande área... Para Nelinho, inteiro no seu vídeo. É o Brasil procurando o ataque com Cerezo. Para Reinaldo livre na intermediária... Tenta o drible... Corta a defesa. Você viu Rivelino caído no grande círculo... O contra-ataque europeu é rápido... Lançamento nas costas de Edinho... Oscar na cobertura, boa intervenção. O Brasil se arruma na defesa. Agora Batista com a bola... Pra Dirceu ainda no campo do Brasil. Cerezo escorrega e não domina... É lateral.

O Coutinho faz tanta lavagem cerebral nos jogadores que eles acabaram esquecendo o futebol. Esse negócio de overlápide e de circo treinin, brasileiro não entende, não (Mário Paixão, técnico de TV).

Passou por Toninho... Ganha terreno pela ponta... Centro perigoso... Leão salva no susto... Corner na esquerda... O cruzamento... Falha Abel... CABEÇADA NA TRAVE... Observe no replay... A defesa brasileira parou pedindo impedimento... Eles se esqueceram que não tem impedimento em escanteio.

Coutinho disse que ia jogar com polivalente e está jogando com polimedroso. Não deram Vitasay pro jogador do Brasil, eles só tocam a bola pelas laterais. É melhor parar este jogo e fazer uma tourada (O mesmo Paixão, que no jogo Brasil e Suécia foi expulso da sala da TV por "ter quebrado a corrente").

35 da primeira. Movimento no banco do Brasil. Jorge Mendonça começa o aquecimento. Olha aí o ataque do Brasil... Gil ganha na dividida... Pode avançar mas para e atrasa a bola.

- Esse time não tá com nada. Na copa, o povo fica anestesiado e esquece seus verdadeiros problemas (Lucivaldo, corretor de imóveis).

O juiz já consultou o seu cronômetro. Zé Sérgio tem um boqueirão pela frente... Solta longo... Rodrigues Neto no overlapping... Muda o jogo pra direita... Nelinho... De fora da área... NA TRAVE... Rebote de Reinaldo... CHUTA EM CIMA DO GOLEIRO... Rivelino... Atirou... É GOOOOOOOOOOL GOOOOOOOOLL DO BRASIL.... Não, não, não valia mais nada. O juiz já tinha terminado o primeiro tempo.

2º TEMPO

Saída do Brasil. Vocês viram Jorge Mendonça ainda no aquecimento. O time voltou sem alteração. Bola com Cerezo... Dirceu... Mais atrás pra Oscar... A bola volta pra Leão.

- Eles não tão esquentando a cabeça porque têm comida de graça, hotel de graça, roupa de graça e câmera de televisão de graça pra focalizar eles pros otários aqui (um balconista de uma loja que conserta TV).

Você pode reparar as mudanças táticas no Brasil. Zico volta pra dar o primeiro combate... Reinaldo recuou e Edinho se planta na defesa. A bola está com Dirceu na intermediária do Brasil.

— Pode pegar o Coutinho, botar dentro de um quartel, que ele entende é de soldado. Acho que nem de soldado ele entende. Bota ele pra lavar cavalo (Mário Paixão, o técnico de TV).

O Brasil não tem a agressividade do primeiro tempo. Rivelino sendo atendido de fora do gramado, junto a Jorge Mendonça ainda se aquecendo.

— Eu não entendo nada. Tô correndo mas é pra ir ao festival do chope (faxineira do hospital Miguel Couto).

- Futebol é a maior distraição, é a maior divertição, aqui tá todo mundo na maior atividade que o Brasil ganha (doente do mesmo hospital).

O tempo está no fim. O Brasil avança pela direita, aliás como sempre. Não tem ninguém na esquerda. Reinaldo fica só no meio. Aí está ele no seu vídeo... Toque pra Toninho, QUE NÃO ENTENDEU. É lateral contra o Brasil.

— Todo mundo de cacete na mão/ Esperando Coutinho/ Lá no Galeão (Marchinha "Pra Frente Brasil" com letra do técnico Paixão).

REPORTER

RIO, JULHO DE 1978 - NUMERO 8 - Cr$ 10

AUTÔNOMO INDEPENDENTE

Já que ninguém aguenta mais

ABAIXO A DITADURA

Euler Bentes, Aldir Blanc, Pompeu de Sousa, Marcos Freire, Brossard D. Helder

P. 8 a 23

Tem feto em conserva no país do aborto

P. 24 a 28

JUIZ SEM MEDO DERRUBA FGTS

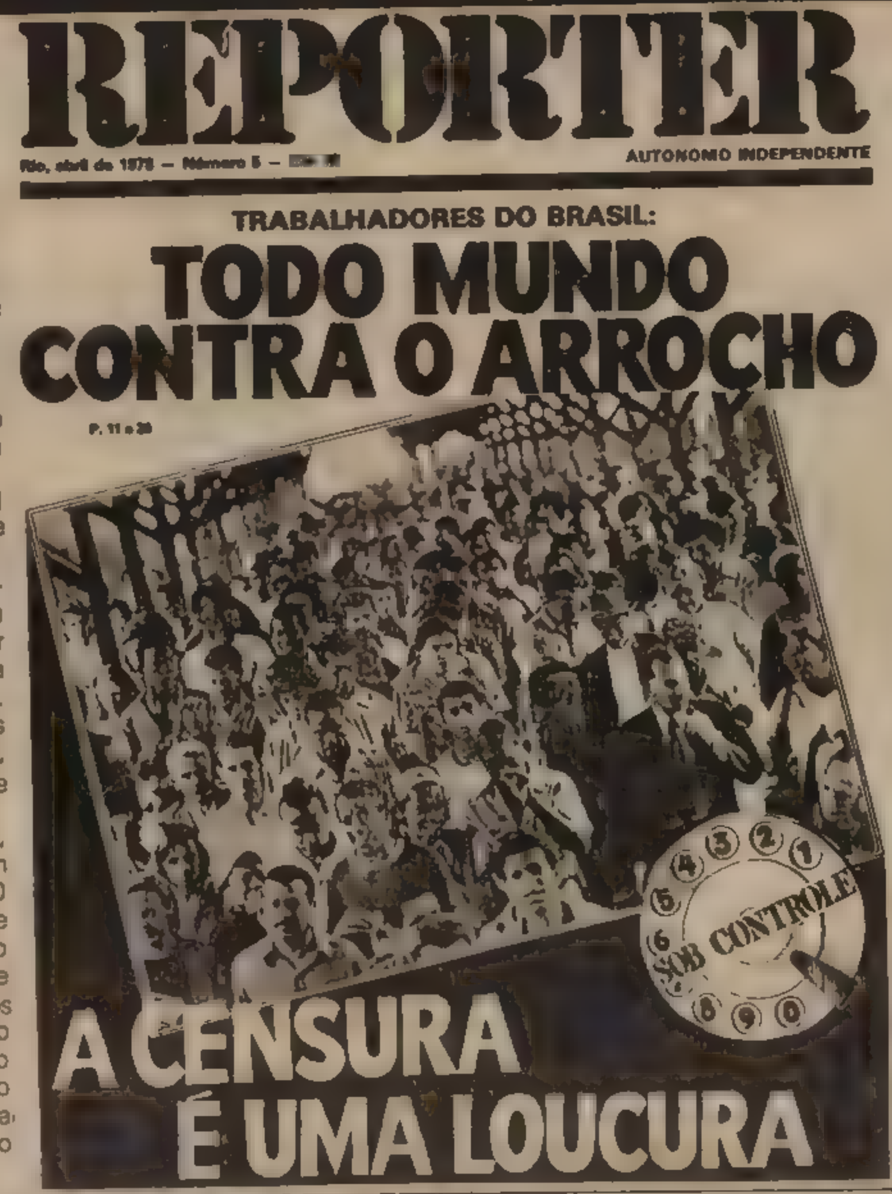
P. 29

LIBERDADE PARA O NÚMERO 5

Visitamos o velho número 5 no xadrez da Polícia Federal. Mais de 47 mil exemplares empilhados na cela fria, em greve de fome desde a segunda quinzena de abril. Da primeira vez que fomos, o chefe de polícia permitiu olhar o número 5 à distância, alegando que ele estava incomunicável. Da segunda e última vez, quando tudo indicava que ele fosse ser solto logo, pudemos conversar alguns minutos. Ele estava esperançoso de chegar às bancas, e mostrava tanta animação que chegou a afirmar: "Vou estourar na praça"

Dias depois, entretanto, a terrível notícia: o jornal é vítima de inquérito na mesma Polícia Federal, o que retarda toda ação em seu benefício na justiça. Combalido, **REPORTER** sofreu fichamento e interrogatório, ou qualificação e identificação, e ficou quase sem esperanças. Em carta que nos enviou por esta época, ele dizia acreditar na liberdade de existir e falar como necessidade fundamental de sua existência. E tinha esperança ainda de que o fim da censura aos jornais, o debate político revivido, o fim da ditadura, tudo isto fosse verdadeiro, e não conversa mole pra boi dormir. Estava romântico e sentimental.

Não recebemos mais notícias até o fim do mês, quando fomos procurados por policiais que queriam ouvir e identificar catorze amigos do **REPORTER.** O advogado, então, tranqüilizou todo mundo. Disse que não houvera base para abrir um processo contra o **REPORTER** e que por isto a polícia queria qualificar e identificar nossos amigos. Com este argumento, nos convenceu de que as autoridades estão buscando ouro onde não há nada. O velho número 5, de dentro do xadrez úmido, gemeu de tristeza ao saber da intimação a seus amigos. Mas não se convenceu com a conversa do advogado. E ele é a prova de que todo esse papo de liberalização ainda não chegou na calçada


REPORTER
AUTONOMO INDEPENDENTE
Rio, abril de 1978 — Número 5 —
TRABALHADORES DO BRASIL:
TODO MUNDO CONTRA O ARROCHO
P. 11 e 20

A CENSURA É UMA LOUCURA

O número 5 foi apreendido a partir do dia 15 de abril e está até hoje no xadrez da Polícia Federal carioca. Seus editores pedem na justiça a liberação dos 47 mil e poucos exemplares apreendidos para distribui-los às bancas de todo o país.

arte: Jota

Pusemos pelego pra correr

Os jornalistas do Rio não votaram em branco: nas eleições que se encerraram no dia 30 de junho, elegeram para dirigir o sindicato profissional a chapa de oposição encabeçada por Carlos Alberto Oliveira e Argemiro Ferreira. Acabaram, assim, com mais uma ditadura, a do pelego José Machado, que durante mais de 10 anos controlou o sindicato. O negócio agora é ir à luta e transformar a entidade numa representação profissional combativa e atuante que defenda os interesses da classe e lute pela redemocratização do país

Tiragem desta edição: 35 mil exemplares

REPORTER

REPORTERES/EDITORES — Luiz Alberto Bettencourt Luiz Augusto Gollo, Chico Júnior, Alex Solnik (São Paulo), Analluce Estrela (Arte)
SECRETÁRIO DE REDAÇÃO — Toninho Martins Vaz
REPORTAGEM — Tim Lopes, Eduardo Homem (Recife), Marcos Dantas, Maria Teresa Bustamante, Clarice Niskier, Rita Costa, Licínio Azevedo, Tânia Celidônio, Gisela Bisordi, Raquel Moreno, João de Barros, Eduardo Serra, Ana Morena, Martha Baptista, Marília Araújo, Luis Fernando Rodrigues, Donia Gracindo, Elizabeth Buarque, Regina Guerra, Maria Helena Allan, Rivaldo Chinen, Bernardo Pelegrini, Antônio Fava
CORRESPONDENTES — Paulo D'Alcântara (Paris) e Cristina Duarte (Milão)
FOTOGRAFIA — Hélio Campos Mello, Camila Butcher, Jesus Carlos, Juca Martins, Eliana Pastore, João Bittar, Wagner Avancini, Lula Feijó, Chiquito Chaves, Ricardo Malta, Ricardo Gonçalves, Ricardo Giraldez, Luiz Bittar, Custódio Coimbra, Fred Mendes, Victor Worcmann, Antônio Scorza, Leonardo Neri, Nair Benedicto.
ILUSTRAÇÃO — Jaime Leão, Angelll, Jota Alcy, Maurício Veneza
ARTE — Glória Jean, Pipa
REPORTER Autônomo Independente — Uma publicação da Margem Editora e Programação Gráfica Ltda. Rua Miguel Couto, 134/11° andar Rio de Janeiro
São Paulo. Rua Jaguaribe, 25/3° andar, conjunto 31 CEP 01224 Tel 222-3103
Diretor: César Arruda Castanho
Recife (Representante) — Editora Alternativa Rua Conde de Boa Vista, 50/sala 30.
Distribuição — Fernando Chinaglia S.A. Rua Teodoro da Silva, 907 Rio de Janeiro
Impressão e composição — Editora Mory, Rua do Resende, 65, Telefone: 263-7002 (PABX), Rio de Janeiro.

REPORTER integra o Comitê da Imprensa Independente

Vara de Registro Publico — Aut. 4456

TORTURAS POPULARES

Atualmente há 400 sindicâncias contra policias em andamento na **Corregedoria da Justiça da Polícia** de São Paulo — a polícia da polícia — e só contra o Departamento Estadual de Investigação Criminal (DEIC) são 44, de 1974 para cá. Neste ano, já são 14 casos, desde que a chefia do DEIC foi assumida pelo delegado Sérgio Paranhos Fleury.

O nome do investigador Oscar Matsuo é citado em sidicância de números 1231/76, a 30/11/76; 1166/77, de 29/12/77; e 513/78, de 15/6/77. Outros nomes bastantes conhecidos são "dr. Bento Cunha" e investigador Daniel, que fazem com que Matsuo seja quase um anjo perto deles.

O juiz corregedor Renato Laércio Talli acha que há uma "consciência policial viciada" e que a polícia tem hoje o poder nas mãos. E esse poder tem que ser vigiado.

Dr. Talli, existe mesmo o pau de arara?

— Seria uma infantilidade negar a existência do pau-de-arara pelas inúmeras denúncias recebidas todos os dias. Se você quiser; eu monto um pau-de-arara aqui, Essa mesa tem a dimensão daquela no fundo da sala, não é. Eu coloco um ferro no meio e está montado o pau-de-arara

Meritíssimo, vamos acabar com as torturas nos xadrezes?

— A gente está sempre fazendo correição, visitas de supresa. Mas essas prisões para averiguação são irregulares, não tenham dúvidas. Mas os policiais usam de certos artifícios que procuram esconder. Mesmo sabendo que com violência a polícia não oferece uma prova segura para a justiça.

Mas porquê se tortura?

— A tortura não condiz com a formação técnica e profissional de quem exerce o resguardo da sociedade. Mas tem de se levar em conta o outro peso da balança. Não vamos soltar marginais aí que colocam em risco a vida das pessoas, não é? Um erro vem em detrimento de toda uma instituição e, por isso, temos de evitar inconvenientes do passado. Passado constituído de maus policiais, gente despreparada, mas que está mudando, e essa mudança começa hoje na seleção mais rigorosa de pessoal.

RIVALDO CHINEN

Deram choque até na mãe

P 4

Foto: Juca Martins

Torturador reencontrou sua vítima nas eleições dos metalúrgicos. P. 7

A m... ...eus dedos assim

Denunciadas obras onde se tortura

P. 6

Delegado apela: cuidem das estupradas

P. 4

Apanharam no DEIC durante a greve

P. 6

Foto: João Bittar

Procurador Bicudo: "Só de ... acaba com tortura". P. 5

Depois de contar torturas, mães temem vingança

Fugiu de medo do repórter nisei

Dona Maria Leite da Silva, - pernambucana, residente no Jardim Botânico, Osasco, desde que foi vítima de brutalidade vive nervosa, "aperreada" como ela mesma diz, e não recebe repórter em casa. Atende no corredor mesmo, sob olhar das vizinhas que falam baixinho e têm olhar assustado.

— Quer saber alguma coisa de mim? Procure esse aqui (mostra um cartão com o logotipo da **Comissão de Justiça e Paz de São Paulo** e a assinatura do procurador Hélio Pereira Bicudo); quê isso, moça? Tá batendo foto? Sai de mim, rapaz. Você é polícia, eu te vi na polícia. Não tem história prá contar para repórter. Reportagem não adianta nada, nada mesmo, tá ouvindo? Dá licença.

Lá se foi Dona Maria para dentro de casa. Só apareceu na janela quando colocávamos os pés no portão. Camila ainda tentou tirar mais uma foto sua, mas ela percebeu e, rapidamente, se atirou no chão, fechou a cortina e não apareceu mais.

Na **Comissão de Justiça e Paz,** dona Maria contou que na madrugada de 19 de maio vários policiais chegaram em sua casa, chefiados por um japonês Estavam armados de revólver e de metralhadora. Invadiram a sua casa, revistaram tudo e levaram seu filho José Maria Leite, 26 anos, para que contasse onde estava Ione, seu irmão de 21 anos, suspeito de ter-se envolvido no assalto à fábrica Munck. O rapaz ficou preso dez dias no Deic, e foi solto através a interferência de um advogado de porta de cadeia

José Maria Leite contou para sua mãe que levou uns pé de ouvido dos policiais e que o japonês batia numa menina conhecida sua, Maria José Eugenio, de 21 anos, que ele vira peladinha numa sala. A moça também prestou depoimento perante a Comissão de Justiça e Paz.

Nove pessoas denunciaram, dia 6 de junho, terem sido vítimas de torturas no DEIC, em São Paulo. Não tinham antecedentes criminais, foram presas para contar onde se escondiam os suspeitos de um assalto à fábrica de tratores Munck, em Cotia: dia 10 de maio, quatro ou cinco homens roubaram Cr$ 700 mil e mataram um vigia. O diretor do DEIC, Fleury, dirigiu pessoalmente as investigações. Mães, irmãos e noivas dos suspeitos foram torturados, contaram tudo aos padres e assim o caso veio a público.

Fotos Camila Butcher

"Fico com tanto pavor do DEIC quando penso naquele prédio horroroso"

"É melhor a morte do que o choque"

— É ele de novo. Meu Deus, piedade!

Dona Guiomar da Silva, 52 anos, oito filhos com idades que variam entre 8 e 20 anos, não pode nem ver descendente de japonês pela frente. Justamente eu fui destacado para entrevistá-la, com essa cara que não nega as origens. Mas tudo bem, ela logo viu que eu não era o tal investigador (Saravá, Exu Tiriri) e, passado o susto, ela me deu essa entrevista.

O que é que tanto a apavora?

— Aquele japonês, ele fez coisas que não devia fazer. Não sou nem mãe do rapaz, o Luís Alexandre, que, dizem, está envolvido no assalto da fábrica Munck, ele mora ali ó (aponta para uma casinha no final da rua).

Minha filha Marilena era namorada dele, eles iam se casar. O japonês Matsuo invadiu minha casa e disse, você vai me contar onde está sua filha. Das 4 e meia até duas e meia da manhã ele me torturou, sob olhar de dois policiais que não fizeram nada, só presenciaram.

Ele berrava pra mim: **Me diz o endereço, onde é que eles estão?** Cheguei ao **DEIC** e ele me amarrou uns arames nesses dois dedos mínimos e me fez sentar no chão, descalça, e descarregou choque no meu corpo. Não agüentei por muito tempo e desmaiei. Aí, quando recobrei os sentidos vi que estava num chiqueirinho. Ele voltava e eu implorava, pelo amor de Deus, não me dê mais choque, me mata, mas choque não.

Como eram esses rituais?

— Pra você ter uma idéia: minha mãe está morta há 8 anos. Eu sou capaz de contar que ela é uma criminosa, que acaba de matar alguém. Conto até o que não fiz. É melhor a morte do que o choque. O policial vem com uma caixinha que tem uma manivela. Ele gira e sai faiscas. Não é ligado a luz elétrica, provavelmente é movida a pilha ou a bateria, sei lá. O inferno é dentro do Deic. Fico com tanto pavor do Deic quando penso naquele prédio grande, horroroso. E os palavrões do japonês? Nunca vi tantos palavrões como aqueles que ele dizia. Era muita sujeira. Sou pobre mas uma mulher direita. Isso tudo serviu pra devolver a minha filha? Ela está de volta? Cadê ela?

Por que se tortura?

— O Matsuo tortura porque alguma coisa ele tem. Não sei porque ou o quê, não tem cabimento uma coisa dessas. Se ele me aparece na frente eu juro: sou uma mulher morta.

Maria Leite, "aperreada" depois das torturas

Toma calmante e reza, quase não sai

*Dona Maria Isabel da Silva, sergipana, moradora da Vila Baronesa, Osasco, num chalé de fundo de quintal, onde há muitos pés de cana, um abacateiro e capim-limão. Atualmente toma calmante e vive ajoelhada, orando, na Igreja Assembléia de Deus. Ela denunciou na Comissão de Justiça e Paz que seu filho Bia (Jeremias da Silva, 15 anos) ficou detido dezesseis dias nos cárceres do **DEIC** Imaginem sob que condições. Ela soube mais tarde que Bia era amigo de uns rapazes suspeitos de terem se envolvido no assalto da multinacional Munck. Encontrou dinheiro no meio da roupa de Bia e entregou à polícia.*

Como seu filho foi preso?

*— Eram 6 policiais, todos de revólveres na mão, chefiados por um japonês, que foi logo largando a mão na cara do Pedro, meu marido. Só porque ele perguntou porque é que eles estavam entrando em casa sem pedir licença nem nada. Daí levaram meu filho para o **DEIC**. Muito mais tarde me trouxeram ele de volta, através do Forum novo de Osasco.*

A Sehora pode contar prá gente como é que é esse policial?

— Já está tudo resolvido Isso já passou. Se fosse prá ajudar ainda assim interessava uma entrevista. Mas não é. Nunca estive na polícia. Só saio de casa para pagar a conta de luz na Lapa, mais nada

A sra. tem medo?

— Medo de quê, meu Deus? Está tudo quieto. Prá que ficar mexendo em coisa que está quieto? Só ando dentro de casa, não sei nada. Dá licença, me dá licença que eu tenho mais o que fazer. Como? Tirar fotografia de mim? Não pode não. Vão tirar foto de gente bonita, de mim não, que conversa é essa?

Em caso de tortura, denuncie, diz o procurador

OUVIA GRITOS DA MÃE NA SALA AO LADO

Eduardo de Souza Borges, 34 anos, construtor de obras, é muito conhecido pelo pessoal da Vila Baronesa, Osasco, onde mora. Saía para o trabalho quando ouviu batidas na porta. Foi atender e dois homens que se diziam da polícia o prenderam. No camburão viu seus pais, Nicácio e Francisca Borges, que moram num sítio a alguns quilômetros de sua casa. Os tiras queriam saber onde estava Daniel, 23 anos, irmão de Eduardo. Foram levados para o Deic.

Conta o que fizeram contigo no Deic.

– Me puseram numa sala, e por uns 10 ou 15 minutos escutei os gritos de minha mãe. Me apavorei. Corri para a porta. O japonês me deu um murro no estômago. E dois ou três policiais me amarraram as mãos e me puseram no pau-de-arara. Botaram uma mesa num canto perto da outra, com um cano separando as duas. Amarraram as mãos nos joelhos e meu corpo começou a girar. Além dos choques nas mãos, batiam na sola dos pés com um pedaço de pau. Depois de uma hora e meia fui largado no chão. Não me agüentava de pé e me vesti com dificuldade.

E depois disso, o que aconteceu?

– Fiquei quatro dias numa cela do Deic, junto com marginais. Me levaram, em seguida, para o presídio do Hipódromo e voltei novamente para o Deic. Sou trabalhador, dou duro no serviço, não sou bandido.

Por que se tortura?

– No meu caso queriam saber onde meu irmão estava escondido. Mas não desejo o mal pra ninguém. O que fazer agora? Não sei, não entendo de lei.

(A mulher e a cunhada de Eduardo não param de chamá-lo. Insistem e ele embora meio receioso continua dando entrevista. Berram de dentro de casa. Ele continuou falando. Daí não agüentou mais a pressão das mulheres, pediu desculpas, entrou em casa e não saiu mais.)

Foto: Hélio Campos Mello

Em 1977, Erasmo Dias e Tácito (à esquerda) às voltas com estudantes

"Torturas? Desconheço"

Dr. Tácito Pinheiro Machado, delegado-geral de Polícia do Estado de São Paulo, por que a polícia tortura?

– Tortura? Desconheço. Poderia haver eventualmente um caso isolado de excesso por parte da polícia. Mas também nós temos que estar atentos, e as Comissões devem analisar o comportamento agressivo, inopinado, imprevisto e doentio dos marginais. A polícia na sua superior missão de resguardo e defesa da sociedade tem-se mantido, em termos gerais, dentro dos princípios normativos das nossas disposições penais. No momento nos preocupamos com o comportamento do marginal mostrado em latrocínio, assaltos, saqueando com imperdoáveis violências pessoais, moças menores e senhoras maiores nos assaltos a residências. Gostaria que o dispositivo da sociedade – e aqui vai nosso apelo, principalmente àqueles que especificamente se preocupam em endereçar acusações à polícia que por nós são recebidas e apuradas –, que também se preocupem em dar assistência a essas vítimas de estupros, procurando readaptá-las à vida social com seus médicos-psiquiatras com seus psicólogos, enfim, com todo o seu dispositivo de assistência social. Essa também não deixa de ser uma obra missionária de todos nós que somos cristãos.

Dr. Tácito, como é que o sr. recebeu essas denúncias de violências praticadas nos cárceres do *DEIC*, prédio no qual, por sinal, se situa seu gabinete?

O policial é um homem que deve estar preparado para toda e qualquer situação. Ele está acostumado a receber denúncias e ser denunciado por homens de bem e marginais. Há fatos que têm procedência. Todo e qualquer subsídio que chegue ao policial, principalmente sendo ele responsável por uma instituição, ele tem que constar de sua procedência ou improcedência. É o que se faz dentro da polícia civil. Mas, antes de qualquer julgamento, ou pré-entendimento ou ajuizamento, os fatos são argüidos neste ou naquele expediente e analisados. Imperativo se torna que tenham subsistência probatória.

Mas a verdade é que denúncias desse tipo demonstram que há falhas no sistema policial, não é?

– A instituição policial resiste a elogios, a homenagens carinhosas que recebemos da população protegida com sacrifício das próprias vidas por essa instituição. Como também recebe acusação e denúncias e a tudo isso resiste. Não nos envaidecemos, como também não nos acovardamos diante das denúncias recebidas. Nosso objetivo superior é o interesse pátrio.

Foto Camila Butcher

Eduardo foi torturado depois da mãe

"O povo tem medo de denunciar"

Procurador da Justiça Hélio Pereira Bicudo. Uma briga antiga contra o Esquadrão e o abuso de poder, de maneira geral.

Por que a tortura se tornou um costume da Polícia?

– A tortura, em maior ou menor medida, sempre houve na Polícia. Quer dizer, o espancamento não deixa de ser uma tortura. Eu acho que a única maneira de se chegar a uma ação positiva contra a tortura, no sentido mais amplo, seja a tortura psicológica, seja a tortura física, é que hoje ela é mais sofisticada do que era ontem. Antigamente, se batia em preso com relho, com palmatória, se privava de alimentos. Hoje as torturas são mais efetivas: se usa o choque elétrico, o pau-de-arara, e as combinações dos dois métodos. E tem uma série imensa de, vamos dizer assim, procedimentos para se obter confissões verdadeiras ou não. Mas eu acho que a única maneira de se impedir a tortura, como processo de rotina que ela existe nas polícias, não só do Brasil, mas do mundo em geral (quer dizer, podem existir países onde não há tortura; acredito que existam países onde a tortura não é utilizada como forma de se obter a prova penal), é com a fiscalização pelo Ministério Público e pelo Poder Judiciário. Pode não acabar com a tortura, mas pode, pelo menos, reduzi-la à expressão mais simples. Consegue-se a confiança do povo, denunciando os atos ilegais que a polícia comete, em geral contra as classes menos favorecidas – porque o policial que mete o pé na porta de um casebre da Periferia, toca campainha numa casa do jardim América – para que as pessoas não temam a vingança. Este é um dos maiores obstáculos pra você apurar a tortura: é o medo que o povo tem de denunciar a polícia. Esse caso, por exemplo a **Comissão de Justiça e Paz de São Paulo** denunciou recentemente ao Poder Judiciário (uma família presa e torturada para dizer onde estava um parente, suspeito de um assalto – n.r.) e à Secretaria de Segurança. É um caso em que essas pessoas – que são pessoas muito simples, que moram na periferia de São Paulo – e que só fizeram as denúncias porque as comunidades religiosas a que pertencem afiançaram que elas não teriam nada a temer.

RIVALDO CHINEN

Oito mil operários vivem num regime de terror

Espancaram e inventaram o furto pra impedir a greve

No começo de junho, o presidente do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Químicas de São Paulo, Waldomiro Macedo, denunciou que 13 operários da Química Industrial Paulista pertencente ao falido grupo Audi, foram presos e espancados no DEIC para confessarem desvio de tiner na fábrica. Mas não se abriu inquérito contra os torturadores. O caso foi esquecido. Em prosseguimento às investigações, mais 18 operários foram demitidos "por justa causa", e agora movem uma ação contra a fábrica.

Ao saber da prisão dos companheiros, os 180 operários da Química Industrial Paulista se dirigiram ao sindicato de classe e se recusaram a trabalhar.

A manobra estava muito clara: no auge do movimento grevista do operariado paulista armou-se um esquema para acabar com a greve, predendo os trabalhadores por algum motivo. E o motivo encontrado foi um suposto desvio de material. Como confessou um vigilante noturno que acabou preso a mando da própria direção da fábrica, dava a impressão de que os próprios donos da fábrica facilitaram o roubo do material.

Quem dirige a fábrica e Ricardo Audi, Ricardinho Audi para os colunistas sociais, um moço meio gordo e de gestos histéricos.

Vá embora, vá embora. — dizia aos repórteres.

A fábrica fica na Vila Carioca, no meio do Ipiranga e São Caetano, bairro caracterizado como uma espécie de campo minado, como se fosse constituído de chão falso, com uma bomba de tiner (material infiamável) encravada bem no meio.

O pai de Ricardinho, Nagib Audi, controlador do grupo Audi, tornou-se conhecido no meio empresarial em 74, após ter suas instituições financeiras (banco comercial, financeira, promotora de vendas, corretora de valores e distribuidora) tomadas pelo Banco Central, por emissão fraudulenta de letras de câmbio, manipulação da Bolsa, mediante famosos contratos de sustentação de preços das ações, concessão de créditos ilegais e promoções de aumentos artificiais de capital em suas empresas. Essas operações somadas provocaram prejuízos superiores a Cr$ 500 milhões ao Banco entral.

RIVALDO CHINEN

Quem chia, apanha feio no cubículo sinistro

Dois ônibus lotados chegam diariamente ao canteiro de obras do bairro de Taipas, em Pindamonhangaba, km 189 da velha São Paulo-Rio. Cinco mil pessoas vindas da Bahia, Minas, São Paulo e Rio constróem um dos maiores complexos da indústria de base em toda a América do Sul para a Villares Indústria de Base S/A. A construtora, Servix Engenharia, contratou, para vigiar esse monte de gente, uma firma de segurança de São José dos Campos. Cinqüenta guardas armados são o terror dos trabalhadores.

Segundo o carpinteiro José Maria da Silva, os guardas usam até balas "dum-dum", que estouram dentro do corpo. O operário Fernando Alves Pereira, 45 anos, diz que na obra existe um **chiqueirinho** *que pouca gente sabe onde fica e para onde são levados todos os que desrespeitam os guardas.*

Os coitados, lá no tal cubículo, são barbaramente espancados e jogados nos alojamentos

Godofredo Bitencourt Filho, delegado de Pindamonhangaba concorda que existe, realmente, muita violência naquelas obras", enquanto o titular da Delegacia de Polícia, Ernesto Vivona, sabe de operários que foram despedidos e não receberam nenhuma indenização "pelo simples fato de nos vir prestar queixa de ocòrrência"

Com muito medo — "se sàbem que estamos contando isso pra imprensa castigam a gente sem dó nem piedade" — os operários se queixam de quase tudo: do salário, muito menor que o prometido (chefe de seção, 4 mil por mês, operário 1.600), da comida "que chega a dar desinteria" e pela qual desembolsam 500 cruzeiros por mês; e da violência dos guardas

Um rapaz de 20 anos, natural de São Manoel, trabalhou nas obras durante um mês.

De certa feita vi um rapaz que discutiu com um dos guardas de segurança. Os guardas agarraram ele e levaram até a guarita, na entrada da obra. Aí, puseram ele numa perua. Só chegou de volta à noite, todo arrebentado.

Policiais de Pindamonhangaba contam que houve, há algum tempo, uma rebelião no alojamento, "tudo por causa da alimentação que é má e fornecida a preços exorbitantes."

A obra também é campeã em acidentes de trabalho, segundo informações do posto do INPS. De 1500 acidentes no setor de construção, este ano, em Pindamonhangaba, 800 foram na Villares. Funcionários do Instituto estão impressionados com tão grande número de acidentes de trabalho, muito maior que no ano passado (1200 acidentes). Este ano, informam, já houve três mortes e três pessoas ficaram aleijadas para sempre, não vão poder trabalhar nunca mais, em conseqüência de quedas de andaimes e falta de segurança nas obras.

CELSO SAVIO MEMBRIBES

O cacete come solto na Via Norte

O clima é de tensão entre os operários da construtora Mendes Júnior, (responsável pelas obras da Via Norte) principalmente no que se refere à alimentação servida nos vários acampamentos. Somente no setor de Campinas, da Via Norte, trabalham aproximadamente 3 mil operários, dos quais 60 por cento mora nos acampamentos próximos às obras, e os 40 por cento restantes, na cidade. A maioria é de fora, das regiões Norte e Nordeste do país, percebe um salário médio de 2.500 cruzeiros mensais e paga 570 cruzeiros por mês pela refeição ("comida simples") e Cr$ 780 a denominada *especial*.

Dezenas de operários entrevistados confirmam os constantes espancamentos (que são desmentidos por um encarregado de obras, Arnon Junqueira Silva, quintanista em administração de empresas). Um operário conta que no dia 20 de junho um de seus companheiros foi recolhido ao "xadrez" do acampamento por ter reclamado da qualidade da comida. Continua dizendo que o colega foi espancado pelos guardas de segurança das obras, que andam armados de revólveres e cassetete (alguns são funcionários da Mendes e outros da Guarda Noturna de Campinas). "Há uma sala especial para esse fim" — conta o operário, que prefere, como seus companheiros, não se identificar pra não se comprometer com as autoridades da empresa construtora.

— Ninguém é doido de reclamar de nada, da comida ou do serviço; nada. Eles dão pau mesmo e todo mundo vive com medo de apanhar.

Outro operário conta que, certa vez, um colega seu encontrou uma pedra no meio da comida, mas não levou ao conhecimento dos encarregados dos refeitórios, "apenas comentou entre os colegas" — já com medo de que alguma coisa ruim pudesse acontecer."

Encarregados e chefes de obras desmentem que haja espancamentos de op[illegible]rios da construtora Mendes Júnior, m[illegible] declaram que "nem mesmo nós podemos dar qualquer informação do que ocorre aqui, no nosso ambiente, como vivemos e o que comemos, pois se eles descobrem, somos mandados embora imediatamente".

Um dos operários da Mendes Júnior, que veio de Minas Gerais conta que o clima de trabalho, principalmente nos refeitórios, é de constante tensão. Esse operário, mostrando-se apavorado, com medo de dizer as coisas, trabalha na construtora há 6 meses. Mas revelou que os espancamentos e prisões numa sala especial assim como atritos entre os demais colegas são constantes.

Mas isso acontece em virtude do clima que a gente vive aqui na obra. E quando um operário fica preso, muitas vezes nas delegacias de polícia da cidade, ele fica lá detido por várias horas, até um ou dois dias e depois, quando volta para o trabalho normal, é despedido, recebendo todos os nossos vencimentos e baixa na carteira. Tudo bem normalizado, como manda a lei.

Outro operário confirma tais informações de seu colega, mas comenta:

— Será que soltam mesmo? Eu sei que vão pra lá (Distrito Policial) mas não sei se voltam, não. Uns que eu pude ver serem presos não voltaram mais.

ANTONIO FAVA

Torturador e vítima se encontram no sindicato

ACONTECEU DE TUDO NA ELEIÇÃO ROUBADA

Flores nos braços do povo, uma das vítimas de Joaquim

Foto Nair Benedicto

Joaquim já denunciou mais de 1800 colegas à polícia

Foto Juca Martins

Joaquim dos Santos Andrade, 51 anos, tido como um dos maiores pelegos de que a história do sindicalismo no Brasil já deu notícia, não se abala diante de nada que não lhe convenha.

Você é dedo-duro, Joaquim?

Uma pergunta dessa, por exemplo, não é capaz de mexer com seus nervos.

— Eu nunca dedurei ninguém,— responde com um sorriso. Respeito os trabalhadores, mesmo os que não pensam igual a mim.

Não é o que contam. O operário Antônio Flores, por exemplo. Ele foi preso em 1974, acusado de tentar reorganizar um movimento subversivo. Passou quatro meses no DOPS. Os dois primeiros dias foram de pancadarias. Flores ficou nove horas pendurado no pau-de-arara, levou tanta pancada que urinou sangue. Um dia, numa sessão de tortura, ouviu de seus interrogadores um nome conhecido.

— Confessa, temos provas do Joaquim contra você.

Joaquim, é claro, ele conhecia: em 1972, Flores já tomava parte da chapa de oposição nas eleições do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo. E Joaquim, claro, era o candidato à presidência da situação.

— Como o mundo gira, rapaz! — dizia o Flores no último dia 1º de julho, o dia da apuração das urnas na sede do Sindicato dos Metalúrgicos — cinco andares de um prédio plantado na rua do Carmo, centro de São Paulo.

Quando foi solto, saiu do DOPS feito um trapo. Precisou de médico, mas sobreviveu e é oposição outra vez, nessas novas eleições. No dia 1º ele estava lá na porta do Sindicato, junto com uma turma de trabalhadores, uns 200 deles, que ficaram todo o dia na rua do Carmo acompanhando a apuração e pedindo a anulação. Os operários se reuniam na porta do Sindicato, juntavam as forças e berravam: "Abaixo à pelegada". Repetiram a frase o dia todo, desde manhã cedo.

O Flores estava espantado porque nesse dia topou com um dos policiais que o torturaram no DOPS.

— Quanto tempo, hem rapaz! — o policial disse pra ele. Mudei de vida, casei. Você vai bem?

E foi aí que Flores fez aquele comentário acerca das rotações da terra.

— E seu amigo? Perguntaram para o Flores.

— Vê se sou amigo dessa laia! — Flores respondeu.

— Você não sente vontade de fazer nada?

— Que que eu posso fazer? Primeiro que se eu tentar bater nele, levo um pau que não sobra Flôres pra contar a história.

Encontrei, dias depois o Rossi, amigo dele, um dos operários presos com ele em 74. Waldemar Rossi encabeçava a chapa que concorreu com o Joaquim em 72. Também ganhou quatro meses de cana.

— Eu não posso falar pelo sentimento do Flôres. Mas por mim, eu digo que me revolto quando vejo esses caras na rua. Mas não sinto revanchismo. A política amadurece a gente.

Ele também continua fazendo política sindical.

— Aqueles dias no DOPS só serviram pra confirmar o que eu pensava. É claro que quem tem, tem medo. Mas isso não quer dizer covardia, ele acredita.

Naquele dia da apuração das urnas no Sindicato, o Rossi também passou por lá, para saber como iam indo as coisas. E da calçada que dá para a fachada do Sindicato, podia apontar com dedo alguns policiais postados na janela do 1º andar do prédio.

Lá dentro, as apurações das urnas prosseguiam. As duas chapas da oposição reclamando das irregularidades nas urnas o tempo todo. O procurador da Justiça do Trabalho quase entra em pânico. Das 160 urnas existentes, 118 haviam sido apontadas como irregulares pelos advogados da oposição.

Quando o Procurador da Justiça do Trabalho, Osvaldo Preuss, anunciou a anulação das eleições (serão feitas de novo daqui a 3 meses), usou uma frase bastante comprometedora:

— Lamento muito pelos meus amigos.

Só concordou em anular, depois de meter a mão numa das urnas, arrancar quatro votos e constatar que nenhum dos quatro estava na lista de votantes. Surpreendente. Mas Joaquim não se abalou. Presidente do sindicato desde 1965, candidato pela sexta vez, enfrentava sua eleição mais difícil: uma oposição forte e organizada disputou com ele a preferência de 45 mil eleitores. E Joaquim usou os mesmos métodos de há cinco eleições: as urnas não tinham lacre regular; os fiscais da oposição foram boicotados e a equipe de Joaquim de fiscais e mesários era composta por **profissionais**, pagos para trabalhar nas eleições.

Você é pelego, Joaquim?

— Nunca fui montado e nunca montei em ninguém — é uma frase que gosta de usar.

A primeira condição de um bom pelego — o entreguismo — ele parece manejar perfeitamente. Além dos operários presos em 1974 — mais de 70 pessoas da oposição acabaram detidos, por um motivo ou outro — Joaquim é acusado de ter se envolvido na prisão, em 1965, de 1800 operários da oposição; tanto em 65 como em 74, Joaquim concorreu sózinho às eleições do Sindicato.

Sua militância sindical começou em 57, quando dirigia uma comissão de trabalhadores das Indústrias Matarazzo, onde trabalhou 19 anos. Em 1963, quando concorria a uma eleição pela primeira vez, seus companheiros de chapa usavam os carros da Embaixada Americana em São Paulo na campanha, como contam operários mais antigos.

Você tem ligações com os americanos, Joaquim?

— Sempre fui contra qualquer interferência externa na vida sindical.

Joaquim já fez cursos no Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Automobilísticas dos Estados Unidos, como ele mesmo conta. Seu sindicato, atualmente, é ligado com a Federação Internacional dos Trabalhadores da Indústria Metalúrgica — FITIM.

E a vida sindical? Bem, o sindicato já foi acusado de cobrar porcentagem sobre a assistência jurídica dada a associados,; o que é proibido; e, pior, cobrar porcentagem acima do que um advogado normalmente cobra. Não é só isso: o Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, o maior da América Latina, com quase 70 mil associados (quase 27 por cento dos 250 mil metalúrgicos paulistas) é acusado de omissão diante das quase 50 greves ocorridas na Capital este ano. Dele, já foram publicadas declarações de apoio a patrões, de repúdio a greves. Dizem que já desviou dinheiro do Sindicato. Joaquim dos Santos Andrade tem resposta para tudo isso. Respostas seguras Joaquim não vacila.

Nesses últimos tempos, assumiu fachada nova. O golpe de 65?

— Foi uma quartelada — responde.

Joaquim foi interventor no sindicato dos metalúrgicos de Guarulhos em 64.

— Você preferiria que eu entregasse o sindicato a um policial qualquer? se defende.

Por que a omissão?

— Nunca compactuei com nada do que está aí. Talvez essas aberturas políticas sejam mesmo reflexo de nossos protestos contínuos durante todos esses anos de ditadura.

BERNARDO PELEGRINI

JÁ ENCHEU O SACO!

Todo mundo anda dizendo que a ditadura está caindo. Para saber se isto é mesmo o que pensam as pessoas, ouvimos trabalhadores, militares, profissionais liberais, estudantes e políticos. Conclusão: ninguém aguenta mais o regime.

1 **Maria de Lourdes Moreira, 24 anos, um filho falecido, trabalha 8 horas por dia como balconista de bar em São Paulo e ganha Cr$. 1600.**

— No momento nós estamos vivendo numa época que Deus o livre! Tá louco!

"Você acha que precisa mudar o governo pra mudar a situação?"

— Precisa mudar um pouco a situação porque nessa situação que nós estamos agora, não dá.

Se os militares saírem do governo você acha que melhora?

— Acho que sim.

Você acha que eles vão sair logo?

— Isso aí vai depender deles mesmo, né. Mas eu acho que vai sair logo. Talvez quem sabe saiam logo. Não sei, tá tudo muito difícil. Tem outro negócio também, esse negócio de presídio. Eu tenho um cunhado que está preso. Puxou 9 anos de cadeia. E ele tem 4 filhos pra criar. Agora, resultado: quem toma conta dos filhos é meu padrasto. Ele riscou um rapaz com uma faca, agora está preso e minha irmã tem dado um duro danado. Trabalhar ela não pode — quem é que vai tomar conta das quatro crianças pequenas?

Você tem esperança que vai melhorar?

— Enquanto eu tiver viva, tenho esperança de melhorar mas eu queria que melhorasse enquanto eu estivesse viva.

2 Aldir Blanc, compositor, produtor musical. Você acha que as reformas anunciadas pelo presidente Geisel representam, efetivamente, o fim da ditadura?

— Eu não acho nada disso. O que não posso deixar de reconhecer é que a gente vá respirar melhor. Mas esta abertura não é ditada por nenhum ideal libertário, já que o que existe é um sufoco nacional muito grande, um sufoco econômico. Um exemplo disso é a questão do mercado imobiliário: eles tanto fizeram que conseguiram com que ninguém mais compre imóveis. Então, essa propalada abertura vem de encontro à classe empresarial. Resumindo, eu diria que vejo nisso um Grande Negócio, aliás, outro grande negócio, já que a Revolução de 64 foi o primeiro.

3 **Ademar Fortunato, 35 anos "na cara", copeiro de um bar na São Clemente, Rio de Janeiro.**

— Ditadura é um regime de governo. O Hitler, dizem que era um cara de tascar mesmo, os filhos dele é que devem estar perguntando como que pode?

Você acha que o Brasil vive numa [redacted]

— Olha, não dá, não dá mesmo: Qual é meu irmão? Assim não dá.

Mas eu só estou perguntando...

— Eu vejo aí muito crime, mas tudo envolvendo marginal, bandido, né? Eles se duelam com a polícia, mas é tudo assaltante, mas deixa isso pra lá, meu irmão...

4 Mario Marcondes, engenheiro aposentado, 70 anos ganha Cr$ 15 mil por mês:

— Nós já estamos suficientemente amadurecidos. E a prova disso que há dois dias uma turma de estudantes do Rio de Janeiro, universitários, eles conseguiram dizer, esclarecer, que são capazes de votar. Então, nós devemos voltar ao Estado de Direito.

Está chegando o fim de um regime político?

— É uma transição

O senhor diria que está acabando a ditadura?

— Ah, está... nós vamos chegar lá, porque o próprio Magalhães Pinto e o Bento Monteiro já estão esclarecendo

Figueiredo será presidente?

— Ah, isso aí a gente não sabe

Essa parte política ainda não está resolvida

O Euler Bentes e o Magalhães têm chance?

— Ambos têm

Se Figueiredo entrar, acaba a ditadura?

— Não aí ela ainda continua, e nós não sabemos as consequências disso

A situação tá cada vez pior, o jeito é ir pra zona faturar. O governo devia aumentar os salários. As reformas são apenas pra iludir o povo.

POVÃO

Foto Jesus Carlos

Helena: escuta o que eu te digo, ainda vai ter uma bruta duma revolução e os militares vão sair fora.

PROSTITUTA NÃO ESTÁ VENDO NADA MELHORAR

Helena, 24 anos bem vividos, trabalha na boate My Love, na Boca do Luxo, em São Paulo.

Alta, jovem, prostituta, ela diz que não lê a parte política do jornal porque se começar a ler fica muito nervosa

Você acha que está mudando alguma coisa no país?

— Está mudando nada, tá cada vez pior E tá tendendo a cada vez ficar pior. Vai chegar uma época que não vai ter condições nem da gente sobreviver

— Ninguém quer fazer nada, tá todo mundo na boa vida... vai fazer o quê? Quem pasta é a gente. Você acha que tem condições o custo de vida pro assalariado? Que as mulheres têm que fazer? Essas que trabalham em firmas, têm família pra sustentar? Tem mais é que ir pra zona faturar, não é isso? Vamos ser sinceros! Eu trabalho em boate Se eu for trabalhar de dia eu não vou ter condições de sustentar minha família Na boate eu tiro 10 mil cruzeiros por mês, não é nada, mas já dá pra dar uma boa assistência pra minha família É o caso de todas nós Você entra numa boate tem 50 mulheres na boate, todas com o mesmo problema: ganhar dinheiro pra sustentar a família. Eu trabalhei muito tempo, sou costureira, sou manicure — trabalhei em vários salões de beleza, inclusive no Colonial, um salão fino à bessa — e não podia com o sustento cuidar da minha família. Por isso eu te digo: está tudo errado. Até favela que eles davam pro pessoal morar tão tirando No bairro da minha mãe tinha várias favelas, tão tirando tudo Então o que que acontece? É mil mendigos pela rua, quando os grandões vem pra São Paulo faz uma limpeza, tira todo mundo da rua, esconde, os grandões vai embora, joga todo mundo na rua outra vez Então você acha que isso é melhora? É melhora você ver uma pessoa passando fome? Dormindo na calçada? Morrendo de frio? Greve não adianta. Quanto mais greve faz, mais piora a situação, acho que já deu pra você perceber. A greve que teve no começo do ano dos estudantes... tenho uma irmã minha que é estudante, tava fazendo Engenharia, ela parou porque não tem condições de estudar. A única da família que a gente queria que tivesse alguma coisa, parou... tal como secretária-júnior, porque ou ela estuda ou trabalha, se ela for estudar não dá pra trabalhar e eu não posso sustentar ela porque já tenho minha mãe e um irmãozinho nas costas

Você acha que mudando o governo a situação pode mudar?

— Eu acho que se os militares saírem do governo vai mudar muita coisa. O maior erro foi os militares entrarem no governo. Você deve saber muito mais do que eu, eu não sigo, eu não compro jornal. Os militares saindo vai ter uma melhora tremenda

Os militares estão saindo?

— Ainda não, mas vão sair, pode ter certeza. Vão sair porque olha: se o mundo é mundo vai ter uma bruta duma revolução, escuta o que eu tô te falando. Até o dia que aqueles que tão com a barriga roncando reclamar Você já pensou · uma porrada de mendigos revoltados? Nossa Senhora! Cortado do governo!

Faxineira condena regime ruim para quem trabalha

Zequinha Soares da Silva, 32 anos, Geralda Ribeiro de Andrade, 42 anos, e Sebastiana da Silva, 48 anos, são faxineiros. Juntos, dão depoimentos sobre o regime brasileiro.

O que é a ditadura?

— Nós perguntamos isso a várias pessoas, e ninguém respondeu. A gente não sabe e queria saber.

Como vocês sentem o regime brasileiro?

Um regime muito ruim, principalmente para a classe dos trabalhadores. A nossa vida, a cada dia que passa, tá pior. Porque o salário que a gente ganha não tá dando pra nada, nem pra comer. Eu ganho três milhões e pouco como encarregada da faxina. Com o desconto, o INPS come o dinheiro todinho.

— A gente ganha muito pouco. Não dá mesmo pra gente criar a família da gente. Eu acho que eles devem achar que agente não merece. Se eles achassem que a gente merecesse, eles pagavam à gente mais um pouco. O presidente devia dar um ordenado maior pro trabalhador.

Vocês acham que está certo ou errado a gente não votar para presidente?

— Eu acho que a vida é livre. Cada um devia escolher aquilo que quer. Então, a massa do povo devia escolher aquilo que eles querem, que achassem de melhor, mesmo que errassem depois. Mas eu acho que a gente devia escolher.

Operário não prestou muita atenção a Figueiredo

Antenor, jovem operário, salário de Cr$ 16 a hora, mora com a mulher e a filha de meses na distante Vila Penteado, em São Paulo, bairro onde falta praticamente tudo.

Você tem acompanhado pelos jornais a situação política do país?... Figueiredo para presidência... o que está achando disso? — Ah, eu tô, né? Eu vejo ele... mas não presto muita atenção nele, não viu. **Você acha que alguma coisa está mudando na política?** — Acho que está mudando... **"Nosso regime político atual como é que você define?"** — Democracia...

LIVREIRO NÃO CRÊ QUE ELA ACABOU

Rui Campos, 24 anos, livreiro.

— Bom, acreditar que a ditadura acabou é o mesmo que achar que os Estados Unidos mudaram sua conduta em relação aos países colonizados, que ficou mais bonzinho. O que mudou foi a estratégia, a mesma estratégia que fez o Carter entrar no governo assumindo uma posição de defesa aos Direitos Humanos. Na verdade, a defesa aos Direitos Humanos continua sendo em função da defesa do sistema americano, você entende?

Essas mundanças, muitas vezes, apenas acabam piorando a situação porque o país se ilude e desvia a reação popular. A nossa história foi mais ou menos assim. Por outro lado, o que está acontecendo de bom é o movimento operário, o manifesto da OAB e a posição da igreja. Estas são manifestações autênticas de um povo.

Ditadura é como uma charrete com o povo de cavalo

Francisco Carlos Nunes Machado, 20 anos, auxiliar de mecânica.

O que é a ditadura pra você?

— Ditadura pra mim? É.. ditadura pra mim...bem pra te dizer eu não faço a menor idéia. Poxa, mas eu vejo assim, muitos falarem né Ditadura pra lá...., não sei o que, não sei mais o que

Você acha que existe ditadura no Brasil?

— Bem eu não estou interado nessas coisas, mas eu acho que existe. Pouquinho, pouquinho, mas existe

A ditadura já te atrapalhou?

— Bem, pra te dizer a verdade, se essa ditadura for essa coisa que eu estou pensando, então, poxa, eu posso falar que ela já me atrapalhou

Em que sentido?

— Há várias coisas que eu vejo, mas não posso falar Como por exemplo um setor onde a gente trabalha mas é... como se diz assim. oprimido, pôxa, a base assim dos olhares, ficam olhando, assim como crocodilo. Pôxa, isso não tem sentido, te atrapalha demais. Por isso, eu não posso falar, não posso dizer aquilo que eu sinto, pô. Aí o que que se pode fazer? Ficar calado Se falar tem que ser abafado, não pode ser abertamente

Você acha que a ditadura está caindo ou já caiu?

— Olha, mas como eu já disse, se for isso que eu estou pensando

Vem cá, o que é que você está pensando?

— Bem, eu estou pensando que essa ditadura seja um tipo assim, aonde tem assim um grupo de pessoas e essas pessoas querem expressar alguma coisa que esteja errado, mas não pode. Aí os alto vem e abafam. É alguma coisa que seja forte, sabe. Só eles é que podem e a gente, não

Poxa, isso é um tipo de regime pra gente. Agora, pra eles, é assim um tipo de charrete, onde o povo é o cavalo

Qualquer presidente serve, tá tudo perfeito. Vivemos numa democracia

mas abre a boca na rua pra você ver. A ditadura continua relativa.

POVÃO

Dentista dá valor ao que já pode ser dito

Arnaldo, velho dentista, nasceu na Romênia e estudou na Itália.

— Ditadura absoluta não existe, só relativa. Democracia absoluta não existe, só relativa O senhor sabe, tudo no mundo é relativo. Aplicar aqui no Brasil democracia absoluta é exagerado Por exemplo· na Itália tem democracia absoluta e errada Lá não deu certo. Veja o terrorismo. Também na França· tem democracia absoluta? Não, é relativa. Na Alemanha tem democracia absoluta? Não, é relativa

De 64 pra cá, no Brasil, há democracia ou ditadura?

— No momento em que os jornais podem escrever tudo que querem, não existe ditadura porque ditadura tem uma censura. Não tem mais censura. Tinha antes, mas agora não tem. Se **O Estado de São Paulo** permite criticar o regime, começando de Geisel, não é ditadura Não é grande ditadura Não é ditadura absoluta

Seria melhor se tivesse eleições pra presidente?

Acho que sim Mas não voltar aos tempos de Goulart Foi uma grande democracia E qual foi o resultado? Desordem, inflação e perigo de comunismo Eu sou contra o· comunismo Porque vivi no regime comunista, eu sei. O meu salário, como médico-chefe, foi ridículo Sou contra co-mu-nis-mo Lá é ditadura E mentira quando falam que comunismo é democracia Lá se formou uma nova classe — mas não a classe operária, é mentira — nova classe que você não pode aproximar deles Sai da Romenia há 50 anos e consegui· estou vivendo em liberdade... estou ganhando bastante bem .. tenho boa vida

ARRUMADOR PERGUNTA: ONDE ESTÁ A ABERTURA?

Foto Custódio Coimbra

Elias Santana reclama: não temos direito nem de sobreviver.

Para o presidente do Sindicato dos Arrumadores do Rio de Janeiro, Elias Cláudio Santana, eleito duas vezes por voto direto, a ditadura continua e ele espera ver na abertura o processo de democrátização.

- Onde está a abertura? Espero vê la, não como presidente do sindicato, mas como brasileiro Pra mim, a ditadura continua Quero ver as reformas na Portobrás, na Sunamam e nas Docas do Rio de Janeiro Existe um massacre na classe dos Arrumadores do Cais do Porto. Nós passamos por um sufoco que reflete até no judiciário Queremos trabalhar e não nos deixam As Docas do Rio de Janeiro, em conchavo com a Delegacia de Trabalho Marítimo, baixou uma resolução nº 355/77 contra a lei, no caso 2196 regulado pelo Decreto 36025 de 1954, em que o nosso representante foi proibido de participar O dr Arnaldo Prieto sabe disso. Nós, sindicalizados, perdemos o direito de trabalhar, de sobreviver O nosso trabalho que é de descarregar caminhões está nas mãos de pequenos grupos estranhos à classe

"O POVO AINDA ESTÁ VERDE"

Segundo Pedro Roxo, presidente da Associação Nacional dos Inquilinos, a democracia não pode ser feita porque o povo está verde.

— De que maneira e de que modo podemos implantar a democracia no país, quando o nosso povo está verde? No Brasil, faltam três coisas: educação, instrução e patriotismo. O brasileiro é um povo pobre em matéria de educação. Muitos só sabem desenhar o nome. Muitos dão seu voto por um prato de comida. O povo é dominado, vota atrás de um emprego, de uma promoção, de uma feijoada, de angu ou de uma cachaçada. O que os brasileiros deveriam conhecer, eles não conhecem, que é a constituição do país, as leis e suas obrigações para com a sociedade.

Foto Custódio Coimbra

Lourival o Figueiredo é ótimo

Porteiro é contra a opressão mas não gosta de muita liberdade

Na porta da biblioteca da PUC (RJ), o porteiro Igualter dos Santos Pereira, de 67 anos, quatro meses de trabalho, responde sobre a ditadura.

O que é a ditadura pro senhor?

— Olha, eu não defino essas coisas porque eu não me envolvo em política.

Mas a ditadura é uma coisa boa ou ruim?

— Eu acho que a ditadura tem seus bens e seus males. Os bens, pra mim, no meu pensar, bem... o mal é opressão, né? E o bem é o que tem liberdade. Porque evita o negócio de greves, de anarquias, como era antigamente no tempo de Getúlio Vargas, quando o comércio tava aberto e daqui a pouco fechava, as confusões — sem ofensas aos estudantes e civis — em geral. Era uma época bárbara pra nós. Quer dizer, não tinha liberdade nenhuma, era uma ditadura na época de Getúlio.

O senhor acha que a ditadura está caindo ou já caiu?

— Eu pra falar direito, prefiro ficar calado.

Ela já ajudou bastante ou atrapalhou na vida?

— Nem ajudou, nem atrapalhou. Eu vivo minha vida liberal...

COMERCIÁRIO É NEUTRO MAS PREFERE ELOGIAR SEMPRE

Lourival Lavoùr, 65 anos, comerciário.

— Bom, eu sou neutro, já vou avisando. Então, não adianta nem conversar

Mas ninguém está pedindo um pronunciamento contra ou a favor. Apenas a sua opinião.

— Bom, eu acho que todo presidente é bom. Todo ato do governo é bom e eu acompanho todos os atos porque, afinal, ele parte do meu presidente. Essas reformas que ele vem anunciando são boas. Eu acredito que ele tenha feito com boas intenções como acredito que o Figueiredo vai ser um substituto à altura, porque ele vem para seguir os atos do Geisel. Pra mim tá tudo perfeito

Motorista sente que Geisel está perdendo

Norisval Rodrigues, 68 anos, motorista de taxi, trabalha na praça ou dirige caminhão desde os 18.

O senhor acha que está mudando alguma coisa na política do país?

— Eu não entendo, mas acredito que a política está mudando: o senhor vê, o governo apresentou um candidato, o Laudo Natel... o Paulo Maluf pegou logo a frente

O governo está com menos força agora?

— Eu não sei como é que é o partido deles, mas se o presidente apresenta um candidato e derrubam

O governo está perdendo força?

- Eu acho que sim, pelo que tô vendo ou o Geisel está perdendo ou então quer fazer barulho

O regime político está mudando?

— Ah, tá

De 64 pra cá qual é o nosso regime?

— Falam em democracia... mas o senhor não tem direito de falar nada abre a boca aí na rua pra ver o que vai acontecer.. Eu não tenho nada contra o governo, mas fale do governo pra ver

Democracia é quando as pessoas podem falar livremente?

— E lógico... se é um pais democrático o senhor é um cidadão livre pra desabafar

Seria melhor assim?

— Eu não digo nada porque o senhor compreende, nosso brasileiro, a maioria não entende .. por exemplo, no meu tempo eu quase não tive chance pra estudar, porque não existia escola lá onde eu morava, Norte do Paraná, era tudo mato

A gente não sabe quem manda e quem desmanda. Reformas? Em 76, eu pintei minha casa. Eles tão lá há 14 anos e o povo ainda tem que pedir tudo.

Enfermeira: alguma coisa tem que mudar

Maria Aparecida Leite, enfermeira de 28 anos, ela se diz completamente desligada de política. Não presta atenção nas notícias de jornais, rádio ou tv.

Qual é o assunto que lhe interessa no jornal?

— Atualmente o que se fala, se discute mais, pelo menos eu sinto assim, é o custo de vida .. as coisas tão caras demais

Qual seria a solução?

— Ah... acho que mais... por exemplo, o preço da gasolina. Não ia subir, agora já vai subir. Se sobe a gasolina, vai subir tudo

Por que sobe o preço da gasolina?

— Não sei explicar

Quem é que faz os preços?

— Isso de quem manda, quem não manda, eu não sei .. o governo é que tinha que ver isso

Você acha que está mudando alguma coisa no governo?

— Atualmente eles falam em reformas, certo, muitas coisas eles estão reformando. Por enquanto... quer dizer, no que eu faço — eu trabalho na Santa Casa, hospital. Nós trabalhamos oito horas pra ganhar o quê? Um pouco mais do que o salário mínimo... os médicos estão em greve... eles têm razão... o médico ganha 1800 cruzeiros, dois mil apesar que está fazendo um estágio... mas assim mesmo ele deveria ganhar um pouco mais ele paga a faculdade. Faculdade não tá barato. Quem que estuda hoje? Só os ricos podem estudar, porque os pobres não têm condições

Com essas últimas greves você acha que está mudando alguma coisa no país?

— O Brasil era um país que não tinha greve... agora já está começando... alguma coisa mudou. Acho que mais pelo custo de vida. O pessoal faz mais greve, luta... tudo é o custo de vida. Agora, se a política influi nisso... deve influir, porque eles é que mandam em tudo

Sabe quem vai ser o próximo presidente do Brasil?

— Eu só sei que tenho que votar no dia 15 O resto não sei... Acho que devia ter gente pra explicar...

Sabe a diferença entre ditadura e democracia?

— Eu estudo no ginásio, mas a parte de política na escola não estudamos muito sobre isso

Você nunca ouviu a palavra ditadura?

— Sim, já ouvi

E qual é o seu significado?

— Quer dizer, é um tipo de governo diferente do nosso

O nosso é qual?

— Não sei, eu tô por fora. Eu sou brasileira, tô no Brasil e não entendo política do Brasil Não sei se aqui é ditadura, ou qual é... não sei o regime daqui... e não sei como é que vai ficar... é difícil pra uma pessoa dizer assim.. depende de um monte de gente pra resolver.

O regime político está mudando?

— Eu não sei, mas o que eu sinto é que vai mudar alguma coisa, não sei se o regime político mas alguma coisa na política acho que vai mudar. Alguma coisa tem que mudar, pra melhor.

Ataíde Custódio espera que a reforma alivie a barra do trabalhador

"Eu não tenho tempo pra isso"

Ataíde Custódio, 42 anos, funcionário da Bayer do Brasil.

— Bom, meu amigo, eu vou lhe contar que eu sou um trabalhador e não tenho tempo de pensar em outras coisas. Mas do que você está falando? As últimas reformas que eu fiz foi em 76, exato, as últimas foram em 76 eu pintei a casa, minha casa própria, em Nova Iguaçu, pintei e botei umas portas novas

Mas você conhece as reformas políticas que o Geisel está anunciando?

— Olha eu trabalho até domingo e não tenho condições de acompanhar isso Eu espero que sejam para melhorar as condições do trabalhador brasileiro que está necessitando, precisando mesmo de umas reformas Ha!, agora entendi.

Leiteiro chia: só dá pra pão com banana

Nicodemos Luzia, 46 anos, 7 filhos, "todos criados", tem três empregos: trabalha no Leite Paulista, na Prefeitura e de manhãzinha entrega jornais Diário Comércio e Indústria.

Você sabe mais ou menos o que está acontecendo no país?

— Bom, mais ou menos todo mundo sabe

Está por dentro das reformas? Acha que está havendo mudanças na política?

— Mudanças, sempre há mudanças, em ambas as partes .. há pra bem, há pra ruim, às vezes piora às vezes melhora

De um tempo pra cá mudou alguma coisa?

— Eu, principalmente, os 20% que o prefeito deu pra nós até agora, sinceramente eu te digo, o custo de vida já deve ter aumentado uma base de 300%. O operário está passando uma vida sacrificada, uma coisa que só nós mesmos sabemos. Quase que nem pão com banana tá dando mais pra comer. Pra quem paga o aluguel... o salário máximo na Prefeitura, 1 milhão e 500 e pouco. Eu ganho mais um pouquinho Mas o nível 3—B ganha 1 milhão e 500 e pouco. Se ele paga aluguel de um cômodo e uma cozinha vai o aluguel e vai tratar da família com quê?

Por que a situação está assim?

— Eu não sei, xará, eu não posso entender

É a política que não tá certa?

— De acordo, aí tinha que entrar uma pessoa que reconhecesse a classe operária.

O governo não liga pro operário?

— Não é que ele não liga, ele não tem condições. Não é ele a mandar sozinho

Quem é que manda?

— Ha, ha, ha... bom, até aí é uma parte, né, xará?

Não é o governo que manda?

— É o governo que manda né, mas tem que ser em conjunto. Sinceramente, chegamos a uma situação em que a gente não sabe quem manda e quem desmanda. Só, o governo não pode mandar, se governar sozinho, eles faz ele renunciar

Qual é o regime político do Brasil, hoje?

— Olha, xará, o trabalho é uma luta. Eu, graças a Deus, tenho saúde, eu enfrento três serviços, sou obrigado. Pra poder manter minha vida. Mas vai chegar uma situação que eu não vou agüentar mais fazer isso. Fui criado no interior, meu pai não pode me dar "aquele" estudo, mas não posso culpar ele. Agora, pra melhorar essa situação, então o que tem que fazer? Todos que vêm agora, essas crianças, tem que estudar, procurar estudar, que a maior profissão do mundo é o estudo... evoluir... agora, o que acontece? Você vai até a oitava série, quando quer continuar pra frente, tem que pagar...

SERVENTE ACHA QUE O POVO JÁ ENXERGA MAIS

Clemente Ferreira de Souza, servente de um grupo escolar em São Paulo.

Acho que a ditadura tá chegando ao fim. Já tá. O povo começou enxergar mais, acordar mais. Porque não é que eu sou contra o governo. Nem eu nem cidadão patriota nenhum nesse mundo é contra governo. Acontece que, se ainda não deu pro governo fazer o que o povo pretende há 14 anos, que eles estão com todo o poder na mão, de quem eles dependem? Tá com eles o poder na mão. Não tá na minha, nem na sua, nem de outros. Eles estão com tudo, com Forças Armadas e tudo. O presidente, a Câmara Federal, completamente são deles, vários senadores e tudo. E o povo fica pedindo o que é necessário para o povo. Merece. E eles não conseguem dar, há 14 anos. Em que época vão conseguir? O custo de vida, caro prá danado como está! Tô com 15 anos de serviço, servente de grupo. Olha o salário que o governo tá me dando: 1.988 cruzeiros, e 32 centavos. Pode revelar isso até na televisão. Sou um homem solteiro, estou com 45 anos. Se eu fosse casado e fosse pai de 2 ou 3 ou 4 ou 5 filhos, a minha família estaria passando até fome. Com o quilo do café como está, base de 50, 60 contos, um quilo de carne o preço que tá, um quilo de arroz e o feijão, o senhor acha que esse salário ia dar pra viver com uma família? Até os professores estão tudo queixando que é pouco salário. Um até falou comigo que ia vender o carro porque o salário não é suficiente pra comprar gasolina.

Em tupiniquin, *Heil Hitler* era *Alaô alguém*. Ditadura foi o que mais teve no Brasil. Aí todo mundo foi à luta e valorizou mais as coisas.

ESTUDANTES

Pra ele, é terrível um cara só mandar, morô?

Henrique quer poder dividido entre mais gente

Henrique Cardoso, estudante, 1º científico no Colégio Zacarias (RJ).

— Ditadura é um cara que quer o domínio só pra ele, morô. Um cara que quer tudo só pra ele. O poder central é so dele.

Você acha isso bom ou ruim?

— Eu acho terrível, morô. Porque eu acho que o poder tem que ser dividido entre várias pessoas, falou?

Ele teme ser preso a qualquer momento

Jorge Luiz de Souza e Silva, coordenador do colégio S. Vicente de Paula.

Eu não acho que deva se colocar uma definicão de ditadura. Ditadura seria usar do poder para melhor explorar o povo. Em outras palavras, [illegible] gime que as garantias e d[illegible] cidadãos estariam suspensos. Pessoalmente, vejo ditadura como uma violentacão do homem. Um regime que se caracteriza pela não participacão. Consequência [illegible] sempre uma juventude alienada, no [illegible] engajada, não [illegible] sa alguma, ou [illegible] ida em surf. É [illegible] la tortura do medo.

Existe ditadura no Brasil?

Bom, eu vivi dois periodos de ditaduras. Uma foi de 1937 a 1945, 8 anos exatamente, dos meus 10 aos 18 anos. Talvez a fase mais rica em termos de informacão, quando vividas embaixo de [illegible]tadura, é claro que a nos[illegible] infor[illegible]ca muito pre[illegible]judicada. Junto a isso, nesse periodo vivia uma ditadura escolar. Os padres eram ostensivamente simpatizantes do integralismo, que era o nazismo tupiniquim. Os padres passavam e os alunos tinham que responder o Alaô que é uma palavra que significa salve. Como não ficava bem dizer Heil, dizia se Alaô, tupiniquim legítimo. Por isso que não acredito em militar participando da vida política. Não é possível que, depois de passar pela escola militar, com aqueles valores todos, de repente ele põe uma quarta estrela no ombro e se torna um liberal. É uma contradicão fantástica.

Jorge Luiz Silva: todos estão em liberdade condicional

Bom, e no segundo período, já me pegou na categoria profissional, como educador. Mas para não ficarmos numa neurose coletiva, nós no São Vicente fizemos a opção de ignorar a ditadura. Quer dizer, fazer tudo aquilo que acreditávamos que podia ser feito sem levar em consideração o que estava fora do colégio.

Democracia é como um castelo de cartas: para que se mantenha de pé, é necessário que estejam na mesa todas as cartas. Na hora em que o Executivo faz as leis, decreta leis, acabou democracia. Na hora em que o Judiciário não garante seus direitos, pra quem você vai apelar? Sinto-me assim como em liberdade condicional, onde posso ser preso a qualquer momento.

Entre ditaduras, Ricardo prefere a da maioria

Ricardo Sabola Pinheiro Souza, 21 anos, estudante de engenharia eletrônica da PUC.

O que é a ditadura pra você?

— É um governo que trabalha no sentido de restringir as liberdades que a gente tem e que são inerentes a todo ser humano. Em termos de ditadura, seria preferível uma ditadura de esquerda. Porque, a princípio, uma ditadura de esquerda oprime uma minoria, se bem que isso não é o meu ponto de vista. Apenas tô comparando ditadura entre ditaduras. Mas eu não aceito nenhuma ditadura. Pra mim a ditadura fascista é bem pior, é bem mais degradante pra pessoa humana.

Existe ditadura no Brasil?

— Inegavelmente.

Você acha que ela está caindo ou já caiu?

— O governo está sentindo uma necessidade de mudança. Agora, ele está fazendo essa mudança nos moldes dele.

Como a ditadura interferiu na mentalidade do estudante?

— O estudante brasileiro foi totalmente tolhido de suas condições de se politizar. E uma coisa que todo mundo deve ser é político. A ditadura restringiu de todos os modos, atacou em todas as frentes, pra impedir os estudantes de se manifestarem. Ele não tem condições de ser um homem político da sociedade. Em termos de mentalidade está havendo um progresso, porque os próprios estudantes estão tentando alcançar os estudantes não politizados.

Marcos: povo deve se mobilizar mais

Marcos, 18 anos, estudante de Direito e membro da Juventude do MDB:

Você acha que está chegando o fim da ditadura?

— Eu acho que não estamos chegando ao fim da ditadura, não, eu acho que tem um percurso muito longo.

— Não sei se a ditadura vai cair. Eu acho que é necessário uma mobilização permanente do povo brasileiro pra lutar pela democracia. Agora, quando isso vai ocorrer, quando é que nós vamos ter liberdades democráticas no Brasil, a história é outra.

Você não sente que estamos chegando ao fim de um regime?

— Há indícios, né. Existe um quadro ainda muito indefinido pra gente assumir uma posição. Eu acho que ainda existem condições, por exemplo das forcas aí dominantes se recomporem e se manterem.

"TODO MUNDO FICOU BITOLADO"

Verônica Gomes, estudante, 1º ano de Comunicação na PUC (RJ).

O que o ensino sofreu com a ditadura?

— Acabou com o ensino. Bitolou cada vez mais, principalmente na parte de História. O que a ditadura mais fez foi deturpar a História. As pessoas no colégio são completamente alienadas. O colégio só faz você pensar no vestibular. Eles não dão incentivos a você para pensar em outros problemas.

"Sofremos boicote e prisões"

Marcelo Jasmim, vice-presidente do Diretório Central dos Estudantes da PUC, Rio de Janeiro.

A ditadura é uma situação de crise, onde determinadas forças da sociedade não comseguem manter seu projeto de uma forma social com liberdade. Ela é implantada no sentido de terminar com as liberdades, com todos os movimentos possíveis que vão de encontro a todos os projetos de uma classe dominante.

Diretamente, ele já lhe afetou?

— Diretamente, enquanto eu indivíduo, não. Enquanto eu estudante, enquanto eu indivíduo na sociedade, sim. Ela atinge a todo momento com os atos de exceção. Atinge pela própria repressão direta. Aqui no nosso diretório, sofremos boicote, prisões. Colegas torturados e banidos.

Você acha que a ditadura tá caindo ou já caiu?

Cair ela não caiu. Agora, eu acho que as bases sociais que ela ainda tinha, nas quais ela conseguiu se sustentar, hoje em dia estão cada vez menores. E o movimento democrático hoje em dia é irreversível.

Horácio: opressão não surte mais efeito

Horácio, 22 anos, estudante de Literatura na PUC, Rio de Janeiro.

— Ditadura é o que o Brasil mais teve até hoje. É o regime mais firme que teve até hoje no Brasil. Quando não teve ditadura, foram períodos muito pequenos, na minha maneira de ver.

Como você acha que a ditadura interferiu no ensino?

— Repressora. Aí todo mundo foi à luta, pra caramba. Batalhou tanto que todo mundo tá de saco cheio já. Batalhou no sentido de que as pessoas tiveram que ampliar mais a visão, para poder chegar num ponto de discussão. De poder sacar mais as coisas, pra poder valorizar mais tudo que tem no mundo.

Você acha que a ditadura está caindo ou já caiu?

— Não tem mais efeito. Pro povo não surte efeito, nem pra cabeça. Faz efeito só pra quem tá dentro, pra quem comanda.

Reitor pensa muito mas não diz nada

Ao ser solicitado a dar um depoimento sobre a ditadura, o reitor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, alegou que preferia não fazê-lo, temendo que seu depoimento pudesse ser confundido com o pensamento de toda a universidade.

Às repórteres que o procuraram deu a seguinte explicação, por escrito:

"Ao prometer dar-lhes quarta-feira uma resposta por escrito não me lembrei que nesse dia deveria viajar a Brasília. Deixo assim por escrito não a resposta pedida, mas uma explicação. Pensando melhor achei que não seria conveniente dar a entrevista, nem por escrito e sob a forma indireta proposta por vocês.

Continuem animadas com a missão de informar. "A verdade vos libertará" é uma frase do Evangelho de São João".

Padre João A. McDowell

Há uma repulsa nacional a todos os atos arbitrários mas a violência

dos que mandam ainda é possível. Pra ela cair, todos têm que se unir

POLÍTICOS

Brossard: regime fará mais vítimas

Senador Paulo Brossard, do Rio Grande do Sul

Estamos chegando ao fim de um regime? Podemos dizer que a ditadura está acabando?

Eu não tenho dúvida que estamos vivendo momentos decisivos da transformação de um regime de arbítrio. E não é apenas uma questão subjetiva; eu posso articular fatos. Há coisa de um ano, quando ao Congresso foi encaminhado o chamado projeto de reforma do Judiciário, que por sinal era um projeto muito mau, muito ruim, muito defeituoso, naquele tempo nós, da Oposição, reclamávamos, entre outras medidas tendentes a corrigir o projeto governamental, a restauração do habeas-corpus e a restauração das garantias institucionais da Magistratura.

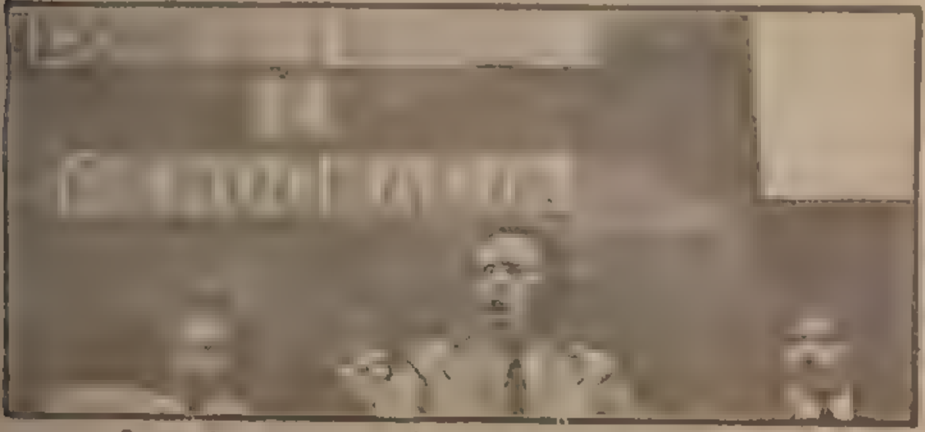
A maioria governamental foi inacessível a qualquer transigência em relação ao habeas-corpus, instituto que acompanha o Brasil desde 1832, desde a Regência e as prerrogativas da Magistratura que vem da Constituição de 1824. Tendo a [illegible] ... ICaden [illegible] ... ordem d[illegible] ... do rejeitad[illegible] ...jeto, fato que seria nor[illegible] qualquer lugar do [illegible] civilizado, foi o pretexto para o governo fechar o Congresso e editar o "pacote de abril".

Agora, um ano depois, é o mesmo governo que no seu projeto de reformas insere a restauração do habeas-corpus e restabelece as garantias da Magistratura. Bastou o decurso de um ano para que a consciência nacional, ferida com o golpe de abril, reagisse de forma tão intensa que forçasse o governo, que há um ano negava tudo, a conceder isto agora.

Eu já disse uma vez que o arbítrio não se sacia nunca. E que ainda fará suas vítimas. De modo que, em matéria de arbítrio, nada me surpreende. Mas as transformações havidas na sociedade brasileira limitam de fato, ainda que teoricamente, o poder [illegible] arbítrio. Vou lembrar um fato histórico: no Estado Novo, o chefe do governo também tinha todos os poderes. A Carta de 37 foi um ato pessoal. E depois da Carta foram expedidos vários atos que foram denominados leis constitucionais, como o "pacote de abril" é denominado como uma emenda constitucional. Nos últimos meses de 1944, o Estado Novo era todo-poderoso. No começo de 45, no período das férias escolares, se operou de forma rápida uma tal transformação no seio da sociedade brasileira que aquele governo arqui-poderoso resolveu também fazer concessões. E apresentou projetos de emenda constitucional abolindo a eleição do senador pelas Assembléias, restabelecendo a eleição direta do presidente da República e dos governadores. Mas aquelas medidas chegaram tarde e a nação não as aceitou mais, porque a repulsa nacional era a Carta de 1937, a Polaca! Como hoje a repulsa nacional é todo o Sistema, todos os AI-5, os pacotes de abril. Todos os atos ilícitos.

Foto Wagner Avancini

O senador gaúcho acha que sob pressão, os poderosos fizeram concessões.



Pro senador pernambucano, não há leis, tudo pode acontecer

Freire: só força já não chega

Senador Marcos Freire, MDB do Pernambuco.

Você crê que a ditadura está caindo?

— Um análise objetiva dos últimos acontecimentos políticos evidencia que se chegou a uma exaustão. O regime de exceção que aí está, está inclusive tentando fórmulas de sobrevivência. As próprias reformas enviadas pelo Executivo são uma demonstração de que o governo não teve mais condições de se manter apenas pela força e dentro da força.

Nós sabemos que enquanto existir a estrutura ditatorial de poder é sempre possível haver emanações de força. Até mesmo por desespero. Mas, evidentemente, há um anseio nacional mais acentuado do que nunca e, a esta altura, mais coordenado do que antes contra o status-quo. Qualquer ato de força, a esta altura, é uma tentativa de revigoramento de ditadura estará se contrapondo à tendência da sociedade brasileira. Agora enquanto não chegarmos efetivamente à redemocratização do país estamos no terreno do imprevisível. Exatamente por nos faltar o império da lei, por nos encontrarmos no domínio da vontade pessoal dos que governam. Mas acredito que os principais setores da opinião pública — e aí estão os trabalhadores, os estudantes, os artistas, os intelectuais — já estão bem conscientes de que já não é fácil ao Poder impor sua vontade contra a vontade da nação.

Cardoso: Vamos perder o medo

Foto Wagner Avancini

Fernando Henrique Cardoso: a Frente apressa a queda do regime

Fernando Henrique Cardoso, cientista político, professor universitário, candidato a senador pelo MDB de São Paulo.

Você diria que a ditadura está caindo?

— Imagino que esteja começando a cair. Agora, acontece que você pega a Espanha. Lá, a ditadura levou caindo dez anos. Nosso problema é acelerar essa queda.

De que maneira?

— Eu acho que de várias maneiras. Essa Frente Nacional de Redemocratização, o único sentido que eu vejo nela é esse: é que ela ajuda a acelerar. Mas acho que não é suficiente. Ela só cai mesmo quando o comportamento prático de todos nós não acreditarmos mais na ditadura. E quando nós perdermos o medo e quando tivermos força. Sem um esforço grande de união da sociedade civil, do povo, dos trabalhadores, da classe média, vai ser difícil fazer uma democracia mesmo. A Frente é uma organização de cúpula e dificilmente vai ser uma organização popular e eu não me assusto com isso: eu acho que pra derrubar o regime autoritário você tem que ter organizações na cúpula e na base.

Porque a Frente talvez seja até mais conservadora que o MDB. Então, eu acho melhor que a mobilização se faça, não a partir das cúpulas, mas na base mesmo. No mínimo, se deve atuar nos dois níveis.

Na capital, só a garotada tem pai e mãe. Os adultos são todos de fora, estranhos como o governo que tem sede na cidade do século 21.

BRASÍLIA

Comerciárias conversam após o almoço entre os blocos de concreto

"Democracia e Salários" tema do debate dos alunos da UNB

Fotos de Luiz Augusto Gollo

Deputado cassado Lysaneas Maciel no aeroporto. A coisa muda.

A DITADURA MORA AQUI

Brasília tem 18 anos e um milhão de habitantes. É a sede do poder, da burocracia, da política. O presidente mora aqui, os ministros moram ali, os funcionários da presidência da República, do Serviço Nacional de Informações moram na mesma super quadra. Naquele bloco vivem apenas sargentos, no setor lá adiante há bancos. É só bancos. Tudo foi planejado, traçado no papel, antes de virar realidade. Quase não existem cruzamentos perigosos em Brasília, embora haja muitos acidentes de trânsito de pouca gravidade. É que carro não é luxo para quem tem as mínimas condições de adquirir um; é necessidade, porque Brasília tem um serviço de transporte urbano ineficiente e caro. O plano, a maquete, tudo estava tomando outro rumo, a cidade foi ganhando habitantes muito rapidamente, criou uma alma feita às pressas. As pessoas, diz um professor, têm a idéia de viverem dentro de um monumento arquitetônico e, mesmo que não participem de nada no crescimento e desenvolvimento desse monumento, têm o orgulho de serem apenas testemunhas

Lembrando a população marginalizada das cidades satélites (11 no Distrito Federal), sua absoluta falta de recursos, um advogado diz que Brasília tem fome. E é fato. Gente de toda parte do país corre para lá, na esperança de trabalho certo, um pedaço de chão e uma casa cheia de crianças. E quebra a cara. Os homens vão parar na construção civil e se transformam nos "bóias-frias" da capital, trabalham meses e ficam meses desempregados. As mulheres se empregam em apartamentos do plano piloto e as crianças engraxam sapatos, vendem amendoim o, simplesmente esmolam. De toda forma, a família mora na Ceilândia e trabalha no plano. Os poucos coletivos são de duas linhas: Circular e Ceilândia, aos preços de 3 e 4,50 cruzeiros, respectivamente. Nisso os homens levam vantagem porque as construtoras os transportam para as obras, portanto têm menos despesa. As crianças, por outro lado, passaram por maus momentos há meses, quando foram proibidas de viajar desacompanhadas nos ônibus. É que a cidade estava cheia de meninos famintos catando moedas em todos os bolsos e isso não é bom para capital do país do PIS PASEP FUNRURAL, FGTS, CLT BNH

O advogado Luiz Carlos tem razão ao dizer que Brasília tem fome. Tem mais: tem fome e sede. É uma cidade ávida, devoradora. A Universidade de Brasília, planejada para ser o coração da capital, recomeça lentamente a assumir o papel que lhe foi tirado em 1965, enquanto não se livra do reitor José Carlos de Azevedo, mais conhecido entre os estudantes como "capitão" (ele é oficial reformado da Marinha). Estuda-se bastante em Brasília, e muito principalmente na UnB. O estacionamento da biblioteca está sempre cheio nas ensolaradas manhãs de domingo e isso não é fato recente. É como uma resistência estudantil passiva durante todos esses anos de obscurantismo na Universidade. Uma resistência que no caso de muitos começou dentro de casa, pois são filhos de altos funcionários do governo, até de ministros de chefes-de-gabinetes. Os estudantes da UnB retomaram agora o debate político interrompido há 13 anos, com a demissão dos professores Oscar Niemeyer, Luiz Carlos Barreto, Darci Ribeiro, Pompeu de Sousa e muitos outros

Agora os estudantes voltam a se organizar em várias tendências de movimento estudantil e a se recuperar de anos de paranóia, do medo, mesmo de serem fichados pela polícia, de serem presos e maltratados. A repressão em Brasília, pelo menos no meio estudantil, é hoje a mais fraca desde 1965. E por isto, como diz Pompeu de Sousa, os jovens procuram o passado que não viveram, a liberdade que só os mais velhos conheceram

Brasília é, ainda, a sede do arbítrio, já que é onde se instalou a cabeça do poder discriminatório e onde nunca se pode ter certeza de que o sujeito que bateu no seu carro não é uma pessoa importante ou influente. Há tempos, um médico dirigia seu fusca para o hospital quando um senhor de motocicleta quase o atropelou. O carro foi obrigado a parar no acostamento e o médico ouviu o maior esporro do senhor da moto. Dias depois soube que se tratava do oficial chefe da segurança do general Médici, na época presidente da República. Da mesma forma, outro médico ouviu da boca de um oficial das Forças Armadas a afirmação de que "civil não conta", quando ele passou à frente de três pessoas na sala de espera do diretor do hospital. Da mesma forma, o jornalista é obrigado a ser fichado para poder exercer seu ofício nos prédios governamentais e mesmo nas áreas ao ar livre vagamente consideradas "de segurança". Brasília é a sede do Serviço Nacional de Informações, é a cidade onde nunca se sabe se o cabeludo na cadeira ao lado é um policial em serviço. É a cidade que tem um ginásio de esportes com tribuna de honra à prova de bala e onde não se fala ao telefone coisa importante porque nunca se sabe se existe alguém na escuta

Brasília é também uma cidade de contrastes interessantes, a começar por ser a sede de um governo isolado da população. Da miséria da Ceilândia, de Guará, do Núcleo Bandeirante ao luxo das residências ministeriais é como girar o seletor de canais da tevê. Do funcionário público que é chefe de gabinete do ministro ao funcionário público que lhe serve o cafezinho é uma questão de classificação no serviço público, ambos trabalham no mesmo andar do prédio. Todos os contrastes estão em evidência agora mais que nunca. As pessoas começam a questionar em voz alta a falta de eleições em Brasília, a política salarial do governo e o sindicalismo já são debatidos em reuniões realizadas dentro dos próprios prédios ligados ao governo

Um jornalista carioca, recém chegado de uma visita à capital comentava o clima de agitação que vive Brasília. É o fim da ditadura, garantiu. As pessoas de Brasília também acreditam nisto

Luiz Augusto Gollo

Este é um país socialista porque o servente da obra ali em frente tem um Maverick e um garçom está estudando pra entrar na faculdade

Charles daria chance ao Magalhães desta vez

Charles Rabelo Pires, 21 anos, solteiro, nasceu em Cerro, Minas e vive em Brasília há 3 anos. É dono da "Fornalha-Pão de Queijo", loja numa superquadra da Asa Sul onde moram predominantemente profissionais liberais de boa renda.

A ditadura está acabando?

— Não acredito.

O próximo presidente poderá ser um civil?

— Bem, eu acho que o Figueiredo é o que eles querem, mas é um militar que nem os outros. Acho que deviam dar uma chance pro Magalhães. Já tá na hora de ter um governo civil, e a tendência agora é a situação melhorar, não piorar.

Você lê o noticiário político nos jornais todo dia?

— Eu dou uma olhada, mas não me interesso por esse negócio de MDB e Arena. Nós só vamos ter um presidente civil mesmo quando os militares se conscientizarem de que não devem ficar no poder.

Seu título de eleitor é de Brasília?

— De Belo Horizonte. Acho que devia ter eleição aqui mas não participo desse movimento porque vou voltar pra Minas mesmo.

Sua família está toda lá?

— Sou o único dos 7 filhos que saiu de lá. Vim tentar ganhar dinheiro mas isso aqui é cheio de burocracia, fiscalização demais. Sabe cumé, a sede do governo, os caras querem manter tudo muito arrumadinho.

Essa vigilância, esse cuidado, é com tudo? Tóxico também?

— Tóxico eu vejo muito no meio da garotada, mas não tem a repressão maior, entende?

Charles só pensa em voltar pra Minas

Garçom vive tentando resolver um problema

Líbio, 29 anos, piauiense de Luiz Correa, é garçom do bar "A Cigana", na Asa Norte, e não dá entrevistas por uma questão de princípios. Mas deixa escapar observações e até permite perguntas, à medida que o freguês toma uma cerveja.

A ditadura está acabando?

— A ditadura já acabou. Esse é um país socialista.

Como assim?

— Tem um pedreiro que trabalha na obra ali em frente que tem um Maverick. Você acha que pedreiro podia ter Maverick se o país não fosse socialista?

Minutos depois desta declaração, Líbio voltou de dentro do bar com uma prova de matemática do supletivo **Compacto**, curso de artigo 99, e pediu para resolver a primeira questão. Ei-la:

"PROF. QUERUBIM SERAFIM DE JESUS
especialista em assuntos celestes
SQS 173056
BLOCO: valor "X" da equação $AX - AB = A^2 + BX$
APTO: $6! - 5! + \frac{4!}{3!}$
TEL. 0

Vamos admitir que você deseje uma consulta com o professor Querubim Serafim de Jesus. De posse do "cartão de visita" acima, você terá o endereço de que precisa. Faça as operações indicadas e assinale abaixo o endereço do especialista. (nota: Não é possível comunicação telefônica, pois o telefone do mestre é um conjunto vazio).

( ) A — SQS 416 BLOCO A APTO 602
( ) B — SQS 414 BLOCO B APTO 604
( ) C — SQS 416 BLOCO B APTO 604
( ) D — SQS 414 BLOCO A APTO 602
( ) E — SQS 416 BLOCO A APTO 604

Miguel perdeu o título num órgão do governo

Miguel prefere um civil

Miguel Rodrigues de Souza tem 64 anos e 13 filhos. Veio do Crato, Ceará, em 1969, para viver na invasão do IAPI, uma favela ao lado do Núcleo Bandeirante, a cidade livre, primeiro satélite de Brasília. Em 1971 ele e a família foram removidos para a Ceilândia pelo governo e hoje Miguel é dono do Bar, Mercearia e Depósito Cariri.

A ditadura está acabando?

— Está acabando porque o povo vive lutando pela democracia.

Você prefere civil ou militar na presidência?

— Eu até que gosto do governo militar, mas no civil tem mais liberdade, não é? Militar é um regime muito duro.

Você tem título de eleitor daqui mesmo?

— Tenho mas não sei onde tá. Quando fizeram a remoção da gente lá da invasão do IAPI eu deixei o título numa repartição do governo lá em Taguatinga e nunca mais voltei pra pegar.

Já votou alguma vez?

— No Mário Benevides, do MDB. Votei aqui mesmo em Brasília. Isso foi da última vez que teve eleição, em 74, 76, não sei direito.

O que o pessoal compra mais aqui no bar?

— Compra muito é cigarro, bebida e cereais. Só isso porque dinheiro ninguém tem mesmo.

Você acha que deveria haver eleição em Brasília?

— Eu acho. E se tivesse eu votava.

A polícia daqui é violenta?

— Olha, de polícia eu não falo.

Funcionário quer é ganhar 8 mil

Em 1960, quando Brasília começava a tornar-se uma realidade, José Clemente Silva, hoje com 39 anos e dois filhos, deixou o município paraibano de Sumé e seguiu para o planalto em busca de aventura, como ele mesmo diz. Arrumou emprego no Departamento de Força e Luz com salário de 12 mil cruzeiros antigos. Pagava 3 mil de aluguel e vivia razoavelmente bem.

Em 1969, o Departamento de Força e Luz transformou-se na Companhia de Eletricidade de Brasília e muitos funcionários, como José Clemente, se recusaram a **optar** pela CLT e foram mandados embora pela nova empresa. Em 1970, José Clemente entrou para a Secretaria de Segurança Pública do Distrito Federal, onde hoje ocupa o cargo de chefe do posto de identificação. Ganha 10 mil cruzeiros mensais, mora em apartamento próprio, dentro do plano piloto, e é o presidente da União Nacional dos Servidores Públicos há alguns meses.

Qual o maior problema do funcionário público em Brasília?

— É o salário. O funcionário público recebe em média 2.500 cruzeiros por mês. Mas um dos problemas mais sérios aqui é a moradia. As prestações de um apartamento no plano piloto custam sempre mais de 4 mil cruzeiros e o funcionário público não tem como pagar.

José, o presidente da UNSP

Onde vai viver, então?

— Nas cidades satélites Sobradinho, Guará I e II.

Qual o salário mínimo de um funcionário público aqui?

— 2.100 cruzeiros, mas deveria ser no mínimo 8 mil para ele poder viver.

Esse baixo salário incentiva a corrupção do funcionário?

— Claro. Como disse, o salário é o maior problema. Não adianta o governo dar remédio de graça, fazer centro de abastecimento só para o funcionalismo público etc. A solução é aumentar o salário.

Não seria o caso de organizar o funcionário público na UNSP e partir para uma reivindicação coletiva?

Só a união pode melhorar a situação do funcionário público, mas o problema é que ele não tem consciência de sua força como coletivo.

O funcionário público sofre com o tráfico de influência tão comum em Brasília?

Posso dizer que ele não gosta disso. Eu não gosto. No posto de identificação da Secretaria de Segurança só deixo atender quem está na fila.

Este tráfico de influência é maior na área civil do que na militar ou é mais comum o coronel passar à frente de todo mundo?

— É a mesma coisa em todas as áreas. Você vê tanto militar quanto civil usando nomes influentes para ser atendido antes.

A ditadura está acabando?

— Em? Acho que o regime militar está desgastado. E o militar sabe disto.

As reformas políticas darão ao país a democracia?

— Com as reformas, eu acho, estamos caminhando para uma democracia relativa. (ri)

Só quando os militares juntarem os panos é que haverá condições para o Brasil ter um presidente civil e maior liberdade, como era antes.

Povo civilizado elege os seus presidentes

Eurípedes Alves Barbosa, 29 anos, 3 filhos, é delegado na 15ª Delegacia de Polícia, que atende a uma população estimada de 150 mil pessoas na Ceilândia e em parte de Taguatinga. Viveu em Goiânia até dois anos atrás, quando mudou-se para Ceilândia, em caráter provisório. Trabalha com 70 policiais lotado na delegacia.

A ditadura está acabando?

— O propósito do governo é voltar à eleição direta. Se voltar, acaba a ditadura.

Você prefere um militar ou um civil na presidência?

— Se o militar é bem preparado pode ser o presidente. Mas o ideal de toda nação civilizada é eleger seus presidentes.

Existem condições, hoje, de o povo eleger o presidente do país?

— O momento histórico determinou a ação revolucionária de 1964. Hoje acho que já há condições de eleger novamente um civil. Mas eu queria deixar bem claro que não considero ditadura o regime que pelo menos tem eleição indireta, rotatividade no poder. O Videla, presidente da Argentina, por exemplo, não sai do poder, não tem sucessor.

Quais são os problemas maiores da população daqui?

— Bem, o problema policial é de miséria. A maior parte do pessoal aqui é operário inconformado.

Qual a média de ocorrências nesta delegacia?

— Entre 18 e 20 por dia. Mas se a gente for atender a tudo que é chamado vai a 100 por dia.

Geralmente são ocorrências de que tipo?

— Bebedeira. O sujeito bebe, chega em casa, espanca a família, a mulher ou o vizinho chama a polícia e ele dorme aqui no xadrez.

Quantas pessoas estão hoje no xadrez daqui?

— Quatro, todo mundo bêbado de ontem de noite.

Você acha que Brasília deveria ter representação política?

— Acho que Brasília deveria ter representação política. É uma necessidade.

Seu título é de Goiânia?

— É. Não vou ficar pra sempre aqui, quero voltar pra Goiânia, que é onde nasci e vivi toda a vida. É lá que está minha família, meus amigos.

A polícia aqui bate muito?

— Eu não acho.

E sobre tortura? Pau-de-arara, choque etc?

— Que eu saiba não tem nada disso. Eu mesmo sou contra e não deixo baterem em preso.

É fácil para a polícia cuidar dessa área toda?

— Por um lado é, por outro não. Alguém mata alguém — isso é comum por aqui, principalmente entre bêbados. Daí a gente sabe quem foi, tem muita testemunha, mas fica difícil pegar o cara, a não ser quando ele está muito bêbado e não sabe o que fez. Então, volta ao local do crime com a maior naturalidade, sem saber que matou um companheiro. Se não aconteceu assim, é difícil pegar ele porque você vê essas ruas todas são ruins. Quando chove viram um lamaçal que nem o carro da polícia entra.

Qual a média de crimes com arma nesta área?

— Olha, quase todos são com faca, a arma preferida pelo nordestino, que é a maior parte da população daqui. Dá uma média de 12 crimes por semana.

Idelfonso acha que a situação piora, depois melhora

A SITUAÇÃO MELHORA DEPOIS DE MARÇO

Idelfonso Rocha de Oliveira, 42 anos e sozinho no mundo, garimpou em Gentil do Ouro, Bahia, até a inauguração de Brasília. Andou um tempo por Goiânia e foi trabalhar no escritório da Cinzano, morando no Núcleo Bandeirante (Cidade Livre). Hoje trabalha num bar no Mercado Diamantina, no núcleo, e mora num apartamento no plano piloto.

A ditadura está acabando?

— A ditadura tá mudando.

Quando vai acabar?

— Até março a situação vai piorar. Depois, os homens que estão aí juntam os panos e vão embora e aí vamos ver como vão agir os outros.

Você acha que podemos ter um presidente civil?

— Ah, eu acho, mas é só quando eles enjoarem é que vamos ter um presidente civil.

Você prefere um civil ou um militar na presidência?

— Eu prefiro um civil porque é melhor, mas pode entrar o João Figueiredo ou o Magalhães que a coisa não muda pra mim.

Deveria haver eleição em Brasília?

— Eu penso que sim. Meu título é daqui mas eu nunca votei aqui. Acho que a última vez que votei foi no Jânio.

Francisco teme uma bagunça nacional

Francisco José D'Oliveira, natural de Ibiapina, Ceará, tem 32 anos e está em Brasília há 14 anos precisamente. Trabalhou em firmas construtoras, sempre em escritório, até 1975, quando comprou um táxi. É casado há nove anos e tem uma filha de 7 anos, nascida no antigo hospital São Vicente, em Taguatinga.

A ditadura está acabando?

— Olha, eu acho que os militares estão certos porque se não segurar isso vira bagunça.

Você tem título de eleitor de onde?

— Daqui mesmo de Brasília. Nunca votei em nada na vida.

Você acha que devia ter eleição em Brasília?

— Acho.

Quando você chegou aqui a vida era mais fácil do que é agora?

— Era mais fácil, mas em compensação, Brasília hoje tem de tudo. Quando eu cheguei aqui não tinha nem comércio, nem luz, nem água encanada nem nada.

Você mora em casa própria?

— Comprei em 76. Já tinha outra lá mesmo em Guará antes, mas vendi porque esta é melhor.

Quantas horas você trabalha por dia?

— Normalmente trabalho de seis da manhã às sete da noite.

E sua mulher trabalha?

— Neusa é professora primária lá em Guará. Trabalha de oito às cinco com duas horas de almoço.

Francisco ganha 8 mil e acha que o governo deve ser militar

Fotos de Luiz Augusto Gollo

Qual a renda mensal da sua família?

— Oito mil mais ou menos.

A Neusa é do nordeste também?

— Não, ela é de Monlevade, em Minas.

E vocês pensam em passar o resto da vida em Brasília?

— Ah, eu penso sim. Já tenho até filha daqui.

Você tem família no Ceará?

— Tenho 23 irmãos, mas não estão todos lá. Aqui em Brasília tem quatro que vieram depois de mim. Todos independentes, bem de vida.

Qual o seu grau de instrução?

— Tenho até o ginásio completo. Tô pensando em fazer o artigo e tentar uma faculdade. A Neusa já está fazendo faculdade de Pedagogia.

A REVOLUÇÃO ESTÁ VELHA PARA A JUVENTUDE ATUAL

Genivaldo Piancó de Lima, 33 anos, é um dos donos da Sociedade Pernambucana de Móveis, modesta mas ampla loja na Ceilândia Norte, que vende fogões, armários, camas e mesas às famílias que se mudam pra Brasília e acabam morando nas cidades satélites. Ele chegou ao planalto há 3 anos e arrumou trabalho como motorista do Ministério das Comunicações. Depois de um ano ele abandonou o emprego porque não agüentou a rigidez da disciplina militar, segundo explica, e montou a loja onde a prestação mínima que o comprador pode pagar é 50 cruzeiros por quinzena.

A ditadura está acabando?

— A revolução está velha para os jovens. O fim da ditadura virá com o tempo, o envelhecimento dos jovens que hoje não se identificam com o que foi feito em 64.

O próximo presidente da República poderá ser um civil?

— Não importa que seja civil ou que seja militar. O que importa é que o livro que se chama constituição nacional seja perfeito.

Você tem título de eleitor de onde?

— Da minha terra, São José do Egito, em Pernambuco. Não mudo ele pra cá porque ainda não sei se vou ficar aqui ou se volto pra lá.

Brasília deveria ter eleição?

— Brasília está precisando de eleição.

Por que você montou a loja na Ceilândia?

— E onde mais ia montar? Isso aqui é o terminal do pessoal mais pobre que vem tentar a sorte. É o pessoal mais sincero também, mais matuto. A maioria é pessoal que larga a agricultura e vem melhorar de vida.

Qual o maior problema do pessoal que mora aqui?

— Tirando o dinheiro, o maior problema é a bebida. O pessoal se sente muito só, muito abandonado, longe de casa, aí bebe muito.

Todo mundo é fichado no serviço público, repórteres não trabalham se não têm credencial, telefones são censurados. E o SNI não fala nada.

Elefante branco mesmo é o edifício do SNI

O repórter Carlos Alberto Sardenberg, paulista de Botucatu, 32 anos, casado e com 2 filhos pequenos, trocou São Paulo pelo planalto porque considera fundamental na vida profissional de um paulista político passar um ou dois anos próximo ao centro do poder. Desde sua chegada à capital, em fins do ano passado, até hoje, Sardenberg desenvolveu um trabalho que resultou na primeira entrevista concedida por funcionários graduados do Serviço Nacional de Informações, o SNI

Por que você resolveu fazer a matéria sobre o SNI?

— Bem, a idéia inicial é de 1976, quando eu trabalhava no **Estado de São Paulo**. A intenção era definir quem decide quando o sistema toma atitudes. Os primeiros contatos com políticos e funcionários do governo em vários escalões mostraram a importância dos órgãos de informação, do SNI

Quais são estes órgãos?

— São o Centro de Informação do Exército (CIE), o Serviço de Informação e Segurança da Aeronáutica (SISA), o Centro de Informações da Marinha (CENIMAR), a Polícia Federal e os DOPS estaduais. Estes órgãos formam a comunidade de Segurança e Informação (DSI) nos ministérios e as Assessorias de Segurança e Informação (ASI) nas empresas públicas. Os DSI e as ASI têm em média entre 10 e 15 funcionários, chefiados por coronéis do Exército reformados ou oficiais correspondentes nas outras forças armadas

Com um contingente desses é possível o cidadão passar despercebido pelo SNI?

— Difícil né? A medida que eu fui fazendo contatos para a matéria, fui tomando conhecimento de fatos curiosos. Por exemplo, funcionários e assessores do primeiro escalão da presidência da república me recomendaram que não conversasse certas coisas pelo telefone. Eram pessoas que davam informações sem aparecer e temiam que eu me traísse numa conversa pelo telefone. Em Brasília ninguém fala coisas importantes pelo telefone

São todos controlados?

— Não há provas, ninguém jamais encontrou algum equipamento que provasse a escuta de um telefone, mas há indícios de que são censurados inúmeros telefones. Olha, até generais de quatro estrelas, da ativa, já reclamaram comigo que seus telefones particulares estavam censurados. Nem o governo nem o SNI desmentiram as denúncias de censura telefônica

O jeito é falar por código?

— O **Estado de São Paulo**, quando eu trabalhava lá, suspeitava de que seus telexes estavam sendo censurados e passou a usar um código zoológico nas matérias das sucursais. Não me lembro direito, mas era algo como Geisel-Boi, Golberi-Pavão etc. Então você pegava o telex em São Paulo e corrigia. Ele vinha assim. Boi esteve hoje durante duas horas com Pavão etc e tal

Esta operação de censura é fácil de ser executada?

— No caso dos telefones é bastante fácil. A expressão "telefone grampeado" que você ouve às vezes explica como funciona a censura. São dois grampos colocados no terminal da telefônica, no número que se deseja censurar. Em cada grampo há um fio que ou é ligado a um aparelho de escuta ou a um gravador que funciona automaticamente cada vez que toca o telefone ou que o retiram do gancho para fazer uma ligação. É uma operação tão simpes que todos os generais da ativa do país, num total de 140, têm seus telefones censurados eventualmente, só para que se saiba com quem andam conversando e o quê

A censura não tem de ser feita no próprio prédio da companhia telefônica?

— Pode ser feita lá, num poste de rua ou numa central telefônica especialmente montada para este fim. O prédio do Serviço Nacional de Informação, no Setor Policial Sul, (estrada para Taguatinga) pode perfeitamente ter uma central telefônica sem que ninguém o saiba. Por que veja bem: nos idos de 68/69, quando era de agitação o clima político, os DOPS estaduais designaram funcionários para ouvirem determinados aparelhos durante todo o dia. Mas o trabalho era feito dentro das próprias companhias telefônicas, o que criava um risco enorme de a informação sobre a censura vazar e a pessoa saber que seu telefone estava sendo vigiado

Você perguntou sobre a censura a telefone na sua entrevista com o SNI?

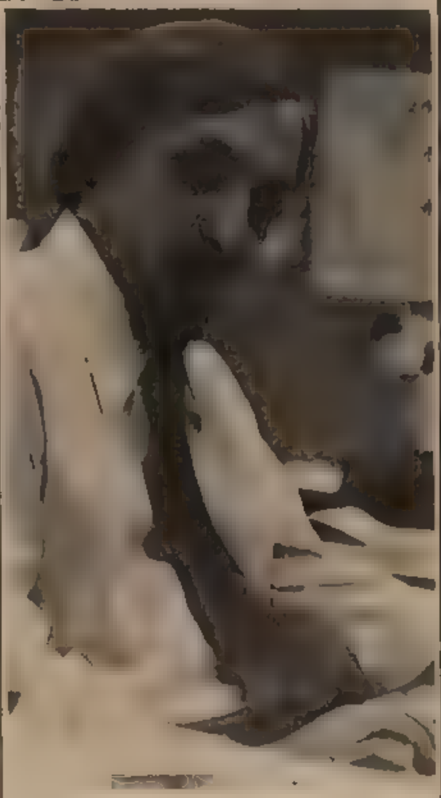
— Curioso é que a pergunta sobre a censura telefônica não foi respondida. Alegaram que não interessa ao SNI alimentar polêmica sobre o assunto

Como foi feita a entrevista?

— Depois de todos os contatos, depois que esperei um tempo pela permissão de lá de dentro, me chamaram e eu fui lá. Eram três oficiais sentados atrás de uma mesa enorme, com dois microfones instalados à esquerda e à direita, sobre a mesa.

Houve alguma exigência anterior à entrevista?

— Vários quesitos: a não identificação dos entrevistados, apresentação prévia dos ítens a serem abordados, leitura do texto final antes de sua publicação e a gravação da entrevista por ambas as partes



Sardenberg, o repórter, achou o SNI ineficiente e falho

Foto de Luiz Augusto Gollo

Como se desenrolou a conversa?

— Bem, eu fazia uma pergunta sobre um ítem que eles já conheciam pela cópia do roteiro. Aí eles desligavam o gravador, conversavam entre si um pouco, depois um deles respondia e eu gravava. Fazia outra pergunta, desligava o gravador e o que parecia ser o chefe indicava um dos dois para responder. Aí ele dizia: "Vou responder o seguinte, blá, blá, blá" e o gravador desligado. Quando ele acabava, eu ligava o gravador e ele repetia a resposta

Você teve de ser credenciado junto ao SNI para poder fazer a entrevista?

— Engraçado é que quando eu fiz a entrevista o SNI já havia negado credencial para eu cobrir a presidência da república. Todo repórter encarregado da cobertura de ministérios, órgãos públicos, presidência da república etc., tem de ser credenciado pelo respectivo órgão que vai cobrir. Este credenciamento é feito através do SNI. O nome do repórter é mandado pra lá e eles dizem "sim" ou "não" e você pode ou não cobrir o que o jornal mandou.

Você não foi credenciado por que?

— Ninguém sabe. É a maior sacanagem. Você é acusado do que você nem sabe e não pode se defender. Eu cobria a presidência em caráter provisório enquanto não chegava a credencial. Aí um dia o Camargo (general Toledo de Camargo, ex-assessor de imprensa do presidente Geisel) me chamou e disse: "Teu nome bateu no SNI". Daí eu quis saber por que e ele tentou me dissuadir da idéia. Disse que eu deveria saber o que tinha feito etc e tal. Eu insisti e ele disse que ia pedir uma explicação ao SNI, mas me avisou que a partir daquele dia eu não poderia mais cobrir a presidência. Esperei um tempão, e nada de ele me dar uma resposta. Um dia eu resolvi e fui lá no gabinete dele. Bati na porta e entrei e ele disse: "O Sardenberg, eu queria mesmo falar com você". E me disse que meu nome tinha "batido" no SNI por motivos políticos. Foi tudo o que consegui saber.

A negativa é definitiva? O repórter não poderá vir a ser credenciado mais tarde?

— Já houve caso até de repórter que recebeu credencial e depois ela foi cassada. Isto cria um problema profissional pro cara porque o chefe dele, o patrão, os colegas, todo mundo fica achando que ele é um cara marcado pelas autoridades, que ele não pode fazer isso ou aquilo. E ele fica cobrindo coisas que não exigem credenciamento, o que é difícil ocorrer em Brasília, a sede do poder. Há casos em que jornalista não consegue credenciamento e o patrão demite pra evitar problemas, pra não ter um cara sob seu serviço que não vai render o que poderia etc.

Se o SNI diz "não", o repórter não tem chance?

— Não é só jornalista não. Quando o cara vai ser contratado para o serviço público, por exemplo, o nome dele tem que passar pelo SNI para aprovação. Mas acontece que o SNI pode não ter a palavra final. O Simonsen, por exemplo, foi avisado de que dois de seus funcionários no Ministério da Fazenda não poderiam continuar trabalhando porque tinham envolvimento com alguma coisa de corrupção. E ele disse "não, os dois vão continuar". E continuaram.

Qual sua opinião pessoal sobre o SNI?

— Acho ele incompetente, seu serviço de informações é falho, os critérios são vagos, nada é preciso. Ele faz relatórios periódicos que eu acho que são de grande utilidade para o presidente Geisel. Seu trabalho é muito baseado nos relatórios do SNI, ele preza muito a informação.

Como são os relatórios?

— Ah, como são eu não sei, sei apenas que têm o enfoque baseado nos quatro campos da atividade nacional, segundo definição do próprio SNI: o político, o psicossocial (guerra psicológica adversa, essas coisas), o econômico e o de segurança propriamente dita

Você acha que a ditadura está acabando?

— Ah, ah, ah, acho sim.

Acha que teremos uma eleição pra presidente?

— Daqui a dois anos vamos votar pra presidente da república.

L.A.G.

Morar aqui é ver o sol nascer num horizonte e morrer no outro tódos os dias. Não tem morro, nem ladeira, nem casarão velho abandonado.

BRASÍLIA

Alexandre não sai mais de Brasília

Professor entendido tem título virgem

Alexandre Ribondi, 25 anos, nasceu em Cachoeiro de Itapemirim, Espírito Santo, e mudou-se para Brasília há 10 anos. É professor de inglês, tradutor, escritor de peças infantis e representa com marionetes de luvas. É também colaborador do jornal **Lampião**, a primeira publicação de homossexuais do Rio de Janeiro.

Você acha que a ditadura está acabando?

— Não, porque não vai mudar nada pela vontade do povo, mas sim pela ação do governo e ele não tem interesse em democratizar o país.

Você tem título de eleitor de Brasília ou do Espírito Santo?

— De Brasília. E é virgem.

Você acha que Brasília deveria ter representação política?

— Ah, eu acho. Brasília não tem defesa comunitária. É uma cidade sem tradição, pela própria idade, e por isto não tem força.

Existe uma ditadura moral na cidade?

— Bem, as pessoas que vieram pra cá nos primeiros 5 ou 6 anos de vida da cidade costumavam dizer que Brasília era uma nova Sodoma. Eu acho que é uma cidade de experiências, entende? Falta uma estrutura básica de repressão aos costumes porque a cidade é nova demais; não que seja liberal.

Como é a vida sexual de Brasília?

— Ah, é bem louquinha, sabe como? Não é louca não, porque é uma loucura bem irresponsável. É uma cidade cheia de festas da garrafa (os convidados sentam-se em círculo e giram uma garrafa no chão. Para quem ela apontar tem que tirar uma peça de roupa), festas do cabide (os convidados deixam a roupa toda no cabide ao entrar).

Por que a vida social da cidade é [illegible]?

— Bem, Brasília é uma cidade pequena, as pessoas se conhecem demais. Todo mundo tem a sensação de morar dentro de um monumento à arquitetura moderna e ninguém é daqui. Na maior parte dos casos, as pessoas nem têm família aqui, o que torna a vida social mais livre. E existem ainda outros fatores que alimentam esta loucura irresponsável: a vida social limitada, sem objetivos; o tédio da cidade (há pouquíssimas opções de lazer); o xeque em que cada um é posto constantemente pela ausência de espetáculos culturais, de pontos de aglomeração popular, como o Maracanã, tudo isto contribui.

E o fato de ser aqui a sede do poder?

— Isso também. Veja: a cidade é a sede do poder e, no entanto, todo mundo se sente muito distante do governo. Eu nunca vi, nos 10 anos em que vivo aqui, um Zezinho Bonifácio na rua, nunca cruzei na calçada com um senador. Fui duas vezes ao Congresso, mas apenas por curiosidade, nunca tive qualquer participação no que se debatia lá. Além disto, Brasília é uma cidade sem referências afetivas: não tem casarão antigo caindo aos pedaços, daqueles que você sabe que ninguém vai demolir nem reformar porque já fazem parte da alma das cidades. E além disso ainda tem a solidão cósmica do morador de Brasília. Não tem ladeira, não tem morro, rua com paralelepípedo, nada disto. O sol nasce ali daquele lado no horizonte e morre do outro, no horizonte. Isso ainda dá um sentimento de desespero nas pessoas. Elas não têm nenhuma participação no crescimento da cidade, mas se orgulham de estarem acompanhando o desenvolvimento de Brasília.

E como é a vida homossexual, de ambos sexos, em Brasília?

— Ela é bastante óbvia, por dois motivos: a ausência de repressão moral e a dimensão da cidade. Aquele negócio: todo mundo sabe da vida de todo mundo.

Existe repressão?

— Em Brasília ninguém chama ninguém de bicha na rua. Pode andar um travesti na rua que ninguém nem olha, existe uma discrição incrível. Só quando a polícia prende alguém, geralmente por tóxicos, é que você nota a repressão. Ela pergunta se você é bicha, se gosta de homem, por que você fala fino, e mesmo se você conhece alguém nestas condições. A polícia sempre quer chegar à conclusão de que todo comunista é toxicômano e homossexual.

E a discrição de que você falou?

— Ah, isso é em outro nível. Por exemplo: no bloco onde eu moro eu não conheço ninguém, e moro lá há muito tempo. Se encontrar a vizinha do apartamento ao lado do meu na entrada do bloco nem cumprimento porque não sei quem ela é, não conheço, entende? Mas sei que ela é alcoólatra, vive com um rapaz vinte anos mais novo do que ela e que o filho dela é muito triste por isto. Mas não sei a cara de nenhum deles.

Você pensa em viver o resto da vida aqui?

— Eu não viveria em nenhuma outra cidade. Aqui tem muito espaço, muito verde e muito silêncio. E, depois, tudo o que eu sou eu devo a Brasília. Vim pra cá com 15 anos, me formei aqui. As pessoas dizem que Brasília tem uma praga, e eu concordo: "quem vem pra Brasília não consegue mais sair". Às vezes você vê um avião no céu e dá uma vontade irrestível de sair daqui. Aí você pega um avião e vai embora. Depois de 20 dias você está louco pra voltar.

REGINA DEU SEU VOTO PRO EULER

Fotos de Luiz Augusto Gallo

A jovem acha que ditadura é bater injustamente

Regina Lúcia tem 10 anos, nasceu no Hospital do Gama, uma das cidades satélites do Distrito Federal, e sempre viveu em Brasília. É a caçula de sete filhos, todos, à exceção dela, naturais do Estado do Rio. Seu pai é profissional liberal radicado na capital federal desde agosto de 1964 e hoje possui uma casa no lago, um dos locais mais valorizados de Brasília

Regina cursa a 4ª série do Colégio Maria Imaculada e estuda balé moderno três vezes por semana no Jonas Jazz Band. Freqüenta o Country Clube, o Iate, a Hípica (o preferido do general João Baptista Figueiredo) e o Clube da Vizinhança mais próximo de sua casa. Como a maior parte das crianças do Plano Piloto, ela passa as férias escolares fora do Distrito Federal e já visitou o Rio, Niterói, São Paulo, Macaé, Rio das Ostras, Petrópolis, Nova Friburgo e Teresópolis

Regina, o que você faz nas horas de folga?

— Brinco com minhas amigas, falo no telefone, vejo televisão, leio fotonovela e revista em quadrinho

Você gosta mais daqui ou de outra cidade?

— Daqui mesmo, né? Mas gosto também do Rio. Vou lá sempre que tenho férias

Suas colegas também viajam nas férias?

— Ah, muitas viajam. Só um pouquinho é que fica aqui

Você sabe alguma coisa de política?

— Quarta-feira passada (final de junho) fui no aeroporto com meu pai e falei com o general Euler

Falou como?

— Cheguei perto dele e disse: "general eu queria falar uma coisa". Ele riu e me deu dois beijos. Disse "que belezinha"...

E o que você falou pra ele?

— Aí eu disse: "general, estou com o senhor e não abro". Aí ele riu e foi embora. Aí veio uma repórter da televisão e me perguntou o que eu disse pra ele e eu repeti pra ela.

Alguém mandou você falar com o general?

— Um amigo do papai me disse "vai lá e diz isso pro general que ele vai gostar". Mas depois fui eu quem quis falar com a repórter da televisão, ninguém mandou não

E por que você foi lá falar com o general Euler?

— Porque eu acho que ele está certo, o governo que está aí não presta

Não presta por que?

— Porque é ditadura.

Por que é ditadura?

— Porque bate nos presos injustamente, uê.

Você sabe o que é eleição?

— É quando o povo elege seu presidente, não é isso?

Já teve eleição no seu colégio alguma vez?

— Teve este ano pra rainha da festa junina. Eu vendi 80 votos pra uma colega minha.

E la ganhou?

— Ganhou.

O Figueiredo não está garantido. Se der Euler, nem o Geisel continua.

A repressão porém, está intacta. Só o clamor público pode derrubá-la.

ADVOGADOS

Foto Helio Campos Mello

"A tortura, peça essencial do sistema, continua."

Luiz Eduardo lembra que o DOI-CODI não acabou

Luiz Eduardo Greengalgh, advogado em Auditoria Militar há seis anos.

A ditadura tá caindo?

— Não, não diria que a ditadura tá caindo. Eu acho que existe uma crise dentro do poder, dentro do sistema fechado que dirigiu este país durante 14 anos. A crise econômica, política e social em que este governo colocou o país, faz com que, naturalmente, ele tenha que recuar. Tenha que fazer algumas concessões. Dentre essas concessões, ele as fará todas, menos a de sair do Poder. Eu acredito que a queda da ditadura só se dará quando o conteúdo da ditadura for derrubado. Mas sem organização, sem direção, não se derruba esse governo. Então, eu acho que o governo está em crise, está em refluxo, mas não significa a derrubada do governo.

Qual é a forma e o conteúdo da ditadura?

É uma ditadura militar, de tendência fascista. Esta é a verdade. O aparelho policial-repressivo-político deste país continua intacto. A tortura continua sendo peça essencial dentro do sistema. Os últimos acontecimentos de prisões demonstram que não acabaram com a tortura coisa nenhuma. Então, eles estão num recuo tático, pra manter a estratégia. Reaberturas partidárias, reformas, incorporações à Constituição, uma série de questões, são colocadas apenas pra mudar a forma, não o conteúdo.

Bicudo não leva fé nas reformas

Procurador da Justiça, Hélio Pereira Bicudo, o homem que vive brigando com o Esquadrão da Morte.

O senhor diria que a ditadura está caindo?

— Eu diria que sim, embora a queda da ditadura possa ainda ser procedida de uma reação daqueles que se encontram no Poder, no sentido de tentar ainda mantê-lo. Um dos motivos que levam a esta afirmação é o fato de que se fala em reformas, ainda que essas reformas sejam aceitas — eu não sei quais elas são — ainda que elas sejam aceitáveis, elas só vão vir a partir da gestão do próximo presidente da República. Quer dizer, durante esse tempo, o presidente atual tem a área limpa para limpar a área. Ele continua com as faculdades que o Ato-5 lhe dá. Acho que a única maneira de se acabar com a ditadura é agir-se de dentro pra fora. Como aconteceu em Portugal e na Espanha, porque é muito difícil você quebrar o segmento militar de fora pra dentro. Senão é impossível. Uma vez concretizada a hipótese Euler

Foto Eliane Pastore

"Até janeiro, o AI-5 ainda pode ser usado"

nós passaremos por um período de transição, tal qual houve em Portugal e está havendo na Espanha, no sentido da redemocratização do país e da entrega do país aos brasileiros. Eu não vejo nem condições para o Geisel continuar depois das eleições, se der Euler.

Eu tenho muitas vezes descrido das reais intenções do governo federal em proceder a redemocratização do país, ainda que numa programação lenta e permanente. O último projeto apresentado pelo governo federal para implantar a reforma do Poder Judiciário dá bem o sentido dessa atitude do governo. Ao mesmo tempo em que se fala na volta dos predicamentos dos magistrados e, portanto, na volta da autonomia do Poder Judiciário, envia-se ao Congresso um projeto de lei que é, na verdade, um Ato 5 contra os magistrados. Ali se dá corpo a um chamado Conselho Nacional da Magistratura, formado por ministros do Supremo Tribunal Federal e que pode punir qualquer juiz, de qualquer instância, em todo o território nacional. Pode, não só punir, como pode avocar processos para julgamento em instância única pelo Supremo Tribunal Federal. E, uma das coisas que eu também acho muito grave, institui para esses julgamentos o sigilo e o segredo. Que na prática democrática já se demonstrou contrário à formação das liberdades públicas.

Sigmaringa: até burguesia tá contra

Luiz Carlos Sigmaringa Seixas, 32 anos, é um dos advogados mais conhecidos do Distrito Federal por sua atuação em defesa dos presos políticos. Está desde 1969 em Brasília.

Você acha que a ditadura está acabando?

A ditadura está enfraquecendo, o regime já é contestado até pela burguesia que o apoiou.

O Figueiredo será mesmo o próximo presidente?

— O processo político está tão acelerado que é difícil até dizer se o Figueiredo será eleito no colégio eleitoral — aliás, não se pode garantir nem que ele chegará ao colégio.

O general Euler pode ser uma saída para o país?

— O Euler pode até ser uma saída porque não há como, a curto prazo, escapar do regime militar sem a participação dos setores menos comprometidos com a ditadura militar. Mas sua importância política está no contexto da Frente de Redemocratização.

Como é a repressão em Brasília?

— É dissimulada: telefone censurado, violação de correspondência. Mas quando a repressão passa à massa, como na Universidade de Brasília nos movimentos estudantis do ano passado, ela é mais violenta do que nos outros Estados.

Existe tortura em Brasília?

— Agora nem tanto, mas pode-se dizer que existiu tortura no período compreendido entre 1969 e 1975 — com mais intensidade nos 2 primeiros anos. Houve casos de médicos e advogados, acusados de subversão, que foram torturados no Pelotão de Investigação Criminal (PIC), no Setor Militar Urbano.

Não houve denúncia disto nem reação popular?

— Denúncia sempre houve, mas a reação popular aqui em Brasília nunca foi sensível. A população de Brasília é formada, em sua maioria, por funcionários públicos que, de maneira geral, não têm consciência política. E além disto, grande camada da população está à margem da realidade. São imigrantes de todas as partes que vêm atrás do Eldorado no planalto e se estrepam.

Por quê?

— Não há obras suficientes para todos os que vêm de fora. A população ociosa esmola nas ruas, embora não no centro do Plano Piloto, porque não têm dinheiro nem para vir ao Plano.

Não há como organizar esse pessoal da construção civil?

— Brasília não tem classe operária. Só existe empregado de construção civil que trabalha até acabar determinada obra e depois fica sem emprego. São como os bóias-frias, só que no planalto e na construção civil.

Brasília deveria ter representação política?

— A representação política é necessária. Brasília tem 1 milhão de habitantes, pessoas que jamais votaram porque têm título de eleitor daqui mesmo.

O seu título é daqui?

— É. E nunca votei pra presidente da República.

Você acredita que possa haver anistia ampla no país?

— A anistia virá, mas em razão do enfraquecimento da ditadura. Não virá como concessão, mas como conquista.

(L.A.G.)

Modesto só crê em abertura com anistia e eleição direta

Modesto da Silveira, advogado de briga, advogado do REPORTER, candidato a deputado federal pelo MDB.

Eu acho que a ditadura não acabou. Acho não, tenho certeza. Não acabou. Está definhando, isso sim. Está sendo acabada pelo clamor público, que está aumentando contra ela. Não acabou porque eles ainda se mantêm no poder e continuam detendo os atos de exceção ainda em vigor. Apenas prometem reformas para o próximo ano. Mas essas próprias reformas, quando em vigor, não acabarão com a ditadura. Terão apenas abrandado a ditadura porque continuarão em vigor muitos atos de exceção. Principalmente porque continuará em vigor o "atão" autorgado em 1969 pelos ministros militares que assumiram o poder e que eles apelidaram de "constituição".

Como você definiria essa ditadura?

Esta é uma ditadura muito dura. A que vem aí será apenas uma ditadura. Só deixará de haver ditadura neste país quando houver a convocação de uma Assembléia Nacional Constituinte, livremente eleita pelo povo, precedida de uma anistia a todos os atingidos políticos.

Para se conseguir superar a ditadura atual é preciso que haja uma ampla frente democrática, que acumule as forças suficientes para derrotá-la. Superada esta fase, abrem-se novas perspectivas de conquistas políticas e sociais.

Isso que dizer que você apóia a Frente do Euler e do Magalhães.

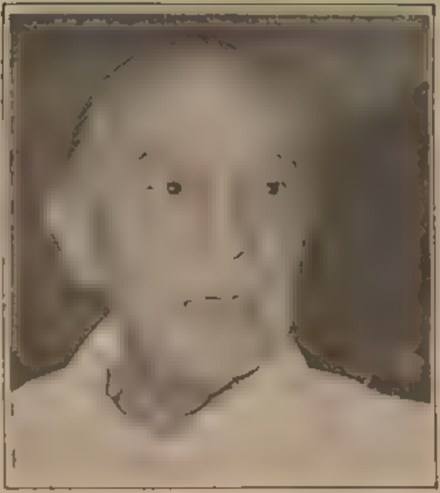
— Eu não disse isso. Existem várias frentes de trabalho, várias frentes políticas. Essa aí é mais uma frente e que, como luta pela redemocratização, deve ser respeitada.

Você já foi prejudicado pela ditadura?

— Inúmeras vezes. Meu escritório já foi invadido. Já fui seqüestrado. Sofri tentativas de outro seqüestro, no qual saí ferido por um golpe de baioneta. Isso sem contar as ameaças por telefone, por cartas, etc.

"Eu e inúmeros companheiros do Exército queríamos a volta do Estado de direito mas não podíamos agir porque quebraríamos a coesão militar"

MILITARES



Fotos de Custódio Coimbra

General da oposição afirma que Exército quer voltar ao quartel

O general Euler Bentes Monteiro, antes de passar para a reserva em abril de 1977 foi chefe do Departamento de Material Bélico do Exército e membro do Alto Comando da Corporação. Hoje ele se opõe ao governo, quer o fim do regime de exceção, participa da Frente Nacional de Redemocratização e pode ser candidato pelo MDB nas eleições indiretas para presidente da República.

— O senhor considera que a situação política que nós vivemos, os atos de exceção, o poder absoluto do governo, caracteriza uma ditadura?

Eu não classifico o regime como ditadura porque uma ditadura pressupõe que não exista, por exemplo, o legislativo. E nós temos, por assim dizer, um arcabouço de instituições democráticas; e eu falei apenas no legislativo pra não ser demasiado extenso. Eu acho que este regime é autoritário, é um regime de exceção baseado numa série de leis que atribuem ao executivo uma série de prerrogativas que, normalmente estariam distribuídas entre todos os outros poderes e que lhe dão a capacidade de agir sem o prévio consentimento e sem o controle dos outros poderes. Por conseqüência é um regime de exceção; agora, se é uma ditadura, esta gradação é difícil de se estabelecer.

— E na sua opinião como se dá a passagem deste regime de exceção para um regime democrático. O que se teria que fazer neste momento?

Se fosse responder teoricamente diria que, basicamente, é preciso que se institucionalize este regime democrático com a independência e a harmonia dos poderes. Mas é evidente que (pra acabar com o regime de exceção) tem que se fazer um levantamento de toda a legislação de exceção. Agora, o encaminhamento de um regime de exceção para um regime democrático inclui o restabelecimento das liberdades individuais e dos grupos para que haja a possibilidade de pensar e de agir livremente. Como a organização do nosso legislativo é fruto desta exceção, os dois partidos tendo sido impostos de cima para baixo, é lógico que eu vejo na reorganização partidária, estabelecida de baixo para cima através da consulta ao povo e da fixação pelas correntes de opinião de partidos que as representam, também o caminho para um legislativo que represente autenticamente a sociedade. Uma vez que haja esta delegação, a sociedade então cria, através da reforma da constituição ou de uma constituinte uma nova legislação que substituiria toda esta que estivesse ainda contra o desejo da sociedade em termos de política econômica, da ordem pessoal e de todos os setores que o Estado deve zelar, através da Lei Magna e das leis complementares, pela boa vivência democrática tal como a sociedade o deseja.

— O senhor não acha que o fato de o Exército ter exercido durante tantos anos o poder político é agora um fator de resistência para que a corporação abandone as suas prerrogativas adquiridas?

Certamente haverá uma inércia na retirada deste poder político que foi (e repetiu: foi) exercido principalmente pelo Exército. Tem que haver uma inércia, agora é preciso não confundir esta inércia com desejo. Eu já tenho declarado constantemente que, do meu ponto de vista, o Exército deseja se desengajar deste processo político. E faço, entretanto, um acréscimo: é de que, tendo o Exército sido o respaldo político do movimento de 64, tendo sido este movimento também um movimento de sociedade brasileira, que em sua maioria pedia que fosse impedida aquela subversão do regime democrático, de antes de 64, e tendo sido deposto um presidente e ocupado o poder pelo comando revolucionário militar, a partir de um determinado momento o governo não foi exercido pura e simplesmente como uma vontade militar; foi mantida uma exceção pra que ele permanecesse, segurando a ordem, mas, depois, o status quo dominante se associou ao poder militar e, na verdade, foi ele quem governou, criando inclusive esta tecnoburocracia, como é chamada para, administrativamente, cumprir o mesmo papel.

— O senhor, que foi participante da cúpula militar do país, considera que, dentro do Exército, teria havido possibilidade de o senhor apresentar sua posição liberal e se transformar numa opção política do próprio sistema militar?

Pra colocar opinião, sim (teria possibilidade). Eu e muitos outros companheiros militares tínhamos esta mesmo opinião que o senhor chamou de liberal, mas que, na verdade, é a opinião de que a exceção devia ser eliminada, até com respaldo político militar e o próprio presidente, com este respaldo, militar, faria a volta ao Estado de direito democrático. Inúmeros companheiros participavam e participam do mesmo ponto de vista e esta opinião era estendida livremente dentro do meio militar. Mas é diferente dar opinião e tentar galvanizar (foi esta a palavra que o senhor empregou — a Força Armada para impor isso. Eu já expliquei que qualquer ação deste tipo representaria a possibilidade de quebrar a coesão no meio militar, coisas que nós militares procuramos evitar pelo enorme perigo que representaria para a Nação — e também isso (a volta ao Estado de direito) teria que ser feito através de um comum acordo com o governo porque, se o resultado fosse contra o governo, ter-se-ia que dar um golpe no governo e dar um golpe no governo iria reproduzir o círculo vicioso de exceção.

— O senhor acha que quem ganhar as eleições, mesmo as indiretas, vai levar mesmo? As regras do jogo vão ser obedecidas?

Eu não tenho dúvida nenhuma porque, se não, estaria sendo incoerente com o ponto de vista que acabei de expor. Nós não estamos procedendo no sentido de uma contestação [illegible] não estamos procedendo e nunca o faremos no sentido de conquistarmos o governo pela força. O nosso procedimento [illegible] quadros legais, procuramos [illegible] da sociedade brasileira para um objetivo maior, que é ao que tenho me referido: prepará-la para a vida democrática. Mas se, por acaso, houver uma disputa eleitoral, desde que o procedimento seja inteiramente dentro dos quadros legais, não há porque por em dúvida de que quem ganhar a disputa presidencial leva mesmo.

— Mas não o preocupa o fato de que o governo vai dispor até janeiro do ano que vem de poderes que permitem que ele contorne uma derrota eleitoral com atos de exceção?

Não, não preocupa porque primeiro porque é intenção do governo [illegible] propósito [illegible] proceder [illegible] objetivo em médio ou longo prazo [illegible] mesmo objetivo que nós pretendemos. Ora, se o governo tem esse objetivo, não seria lógico que ele retrocedesse para fechar o regime novamente. E estou procedendo, como já disse, dentro dos quadros legais, não há porque considerar que esteja ferindo qualquer regra. A sociedade é que vai demonstrar sua preferência por um ou outro projeto

Almir diz que pra cada assunto há um especialista e se cala. Pra Chaves, reformas douram a pílula e Sardenberg admira originalidade do sistema.

SARGENTO JURA QUE NÃO PENSA

Coronel acha reforma do governo pior que o AI-5

Coronel Sebastião Chaves, secretário de segurança de São Paulo no governo Abreu Sodré, hoje ligado ao General Euler Bentes e à Frente de Redemocratização

Coronel, vivemos, ou não, numa ditadura?

— Eu não falaria em ditadura porque, numa ditadura, não há liberdade nenhuma e nós, no Brasil, temos uma pequena faixa de liberdade.

O senhor acha que as reformas políticas que o governo anunciou mudam alguma coisa?

— Não mudam nada, elas apenas douram a pílula, na sua essência o arbítrio (poder do governo de decidir tudo de acordo com a sua vontade) permanece, continua, não foi modificado. O poder constituído, que produziu essas reformas, não é legítimo porque não se baseia no apoio popular. As reformas em última análise são ainda pior que o AI-5 porque disfarçam o arbítrio e dão ao governo todos os poderes de que ele precisa.

General: só brasileiro inventa este regime

General Idálio Sardenberg, comandante do Estado Maior das Forças Armadas durante o governo do general Médici, hoje, na reserva, é presidente do Grupo Delfim (cadernetas de poupança).

General, o regime político em que nós vivemos é uma ditadura?

— Não, eu não acho que seja, nem que tenha sido. Um regime que tem as quatro coisas que nós temos, não pode ser chamado de ditadura. Primeiro, as restrições que constam até da Constituição sempre conviveram com certa dose de liberdade, que também consta da Constituição. Nunca foi um regime inteiramente fechado. Segundo, nunca uma pessoa deteve o poder sôzinha por um tempo demasiado; houve e há uma transitoriedade de pessoas na ocupação do cargo de presidente que não existiria numa ditadura. Terceiro, sempre existiram eleições diretas em muitos níveis, como deputados e vereadores, o que também não aconteceria num regime ditatorial. Em quarto lugar, a representação das minorias é garantida pelo governo. O MDB, por exemplo, é uma minoria e está representada no Senado, na Câmara etc. Você não pode chamar de ditadura um regime como esse. O que ele é, é ***sui generis***, especial, porque combinou a liberdade com certo tipo de restrição. Isso, só mesmo brasileiro podia inventar, mas é verdade.

E as reformas, general?

— Eu acho que o governo continua dentro do seu plano de abrir, na medida do possível, lenta e gradualmente. O presidente concedeu aquilo que achava que as circunstâncias permitiam. Ele não podia, no momento, ir além...

Por que?

— Porque muitos setores ainda não estão preparados para receber isso.

O sargento Almir Luciano Berderzilli, diretor-social do Clube dos Tenentes e Sargentos do Exército, começou dizendo que não pensava, que não sabia se o país vivia numa ditadura, ou não. Foi neste clube que, em março de 64, realizou-se a famosa reunião dos sargentos que, depois da vitória militar, tornou-se exemplo de subversão da hierarquia do Exército.

Você acha que nós vivemos numa ditadura?

Eu acho que cada um pensa no seu setor. Nessas coisas eu não penso, eu não penso individualmente, penso naquilo que representa benefício pra classe. Em muitas reuniões a gente fala sobre os problemas da classe, mas falar pra fora não traz benefício, não muda nada. Talvez pra você [illegible] publicar, conseguir o trabalho isso seja bom. Mas pra mim, pra classe, não muda nada.

Mas você manifesta sua opinião sobre as coisas que estão acontecendo. Isso não é bom?

E, mas eu manifesto, certo? Nos locais que nós temos, nós levamos nossa opinião.

A quem, por exemplo? Ao comandante do I Exército?

— E, a ele, a outros nas reuniões.

E o que vocês dizem?

— Nós vemos aquilo que representa benefício pra classe.

Mas também vivem a situação que o país vive. Você acha, por exemplo, que nós vivemos numa ditadura?

— Eu sinceramente não sei, eu não estudei isso, eu acho que há pessoas certas pra falar, pessoas que têm um planejamento de trabalho, que conhecem, que podem dar opinião. Tem os técnicos pra cada coisa, um especialista que entende desse assunto.

Mas esse não é um assunto sobre o qual todos podem falar, ele não afeta a vida de todo o mundo, a sua vida?

— Essa é a sua opinião, que eu aceito, cada um pode ter sua opinião. Eu tenho a minha, mas me reservo o direito de não falar.

Mas você não se interessa pelo que está acontecendo?

— Não, eu não vejo nada acontecendo.

Você se informa, lê jornais, revistas, vê televisão, vê o Jornal Nacional...

— Olha pra falar a verdade, eu só vejo mesmo o Painel, porque eu dou aulas, eu fiz curso de filosofia, de engenharia operacional e estou fazendo de advocacia, e chego tarde em [illegible]

Pois é, você vê o Painel, aquelas entrevistas, as notícias; o que você acha que está acontecendo na política do país?

— Eu não sei, não preciso saber, eu tenho o meu trabalho, minhas aulas, minha família, certo? que é a quem eu devo dar as horas que não estou trabalhando, eu me sinto realizado. Eu acho que a gente pode se sentir realizado quando trabalha bem dentro de uma coisa que quer fazer, sem se meter em nada.

Mas você não se sentiria mal em desconhecer o que acontece no seu país se, por exemplo, amanhã você encontra um estrangeiro que está de visita e ele te pergunta alguma coisa, pede a tua opinião. O que você diria?

— Nada, eu podia encaminhar ele pra quem pudesse dar uma informação, explicar tudo.

Já que você não quer falar, vou te fazer uma outra pergunta: o que você acha que seus colegas pensam sobre a situação política, nas conversas que vocês têm, nas reuniões, o que eles dizem?

— Nós não falamos sobre política, falamos sobre o trabalho, certo?

Mas, nos momentos de folga, no boteco, na casa do seu compadre, vocês conversam com mais liberdade, e aí?

— Olha eu não poderia dar a opinião de ninguém porque não tive autorização, eu não poderia... acho que dentro desse entendimento cordial que nós estamos dialogando, eu já falei até demais.

Não, ao contrário: você falou muito, pra não dizer nada...

— Não (rindo), já falei muito.

Vamos fazer uma coisa, e se você me convidasse prum baile, aí eu vinha e podia conversar com as pessoas, não é?

— Mas quando elas percebessem o que você estava querendo, elas não iam falar e aí você não estava dentro do objetivo da festa, que é proporcionar horas de lazer ao pessoal.

Mas não tem um baile no sábado?

— Tem, mas é o pessoal de um colégio que pediu o salão alugado. Hoje só tem a discoteca para os jovens. Eu ainda estou elaborando a programação social do clube, só tenho dois meses no cargo.

Depoimentos a
Luiz Alberto Bettencourt

Em eleição, o governo não ganha nem pra vereador. Custo de vida causou rebelião civil. Eles dão com a mão esquerda e tiram com a direita.

D. Helder: Igreja apóia luta do povo

D. Helder, o senhor acha que acabou a ditadura?

Se eu entendi bem, ainda estamos na fase de projetos a serem discutidos e votados. As reformas propostas ao Congresso me parecem bastante contraditórias. Aparência de largueza oferecida pela mão esquerda e ação rápida da mão direita tomando tudo o que parecia que ia ser dado.

"Pela liberdade, sem violência"

Se a ação do próprio governo não põe fim à ditadura, o que a seu ver, deverá ser feito para acabar com ela?

Creio profundamente na não-violência ativa e corajosa. De tal modo o país, pelas suas mais diferentes forças, se tem manifestado contra a ditadura e por um Estado de Direito, que eu não sei quando e não sei como, mas sei que o Estado de Direito virá.

A Igreja, hoje, pela ação social que desenvolve, baseada na Teologia da Libertação, exerce alguma influência para o fim da ditadura?

— A Igreja pensa sempre menos em termos de influência, ou de liderança, ou de prestígio. Aprendeu que Deus não lhe cobra êxitos. Exige, isto sim, o máximo de dedicação, sem medir sacrifício. Assim, ao lado de outras forças positivas, fará tudo que for razoável e justo para ajudar a levar o país a libertar-se de ditaduras e autoritarismos.

Por que se tortura? O torturador merece a mesma piedade que o torturado?

— A Igreja, ao falar em tortura, não pode esquecer o episódio tristíssimo da Inquisição. Tremendo é ver que, na aurora do século XXI, continuam a existir torturas, hoje agravadas terrivelmente pela bioquímica, que faz atingir o mais íntimo do íntimo, o que as torturas de ontem não conseguiram fazer. Tenho horror à tortura. A qualquer preço, faço tudo para denunciá-la. Quanto a castigo dos torturadores, que me perdoem os torturados, prefiro, como Cristo, pensar que o torturador é um infeliz que não mede o que faz.

Eduardo Homem

Pompeu: país vive revolta desarmada

Roberto Pompeu de Sousa Brasil, 62 anos, diretor da sucursal da Editora Abril e presidente da Associação Brasileira de Imprensa (ABI) no Distrito Federal, esteve pela primeira vez em Brasília entre 1961 e 1965, como professor da Universidade de Brasília, a UnB. Foi demitido junto com vários outros professores e voltou a São Paulo. Novamente na capital, agora há 10 anos, Pompeu integra o Comitê Brasileiro pela Anistia e foi um dos interlocutores do senador Petrônio Portella no diálogo que precedeu as anunciadas reformas políticas.

"A ditadura está acabando"

— A ditadura está acabando. Criou-se no país uma rebelião civil desarmada e não há como a ditadura subsistir.

Você acha possível eleger-se um presidente após o governo Figueiredo?

— É difícil fazer futurologia no país. Não se sabe nem se as reformas políticas serão mantidas até o 1º de janeiro, nem se o Figueiredo será eleito nem se será empossado. De qualquer forma, meu candidato é o Euler Bentes.

Não seria a continuação, de alguma forma, do regime militar?

— A tradição das intervenções militares na política brasileira mostra que elas sempre tiveram caráter restaurador. Grupos antagônicos, progressistas e reacionários, se alternam quando a situação política assim o exigia, e impunham sua vontade com base na disciplina militar.

O que mudou em 1964?

— A particularidade da revolução de 64 é que os adversários foram expurgados, nem em contato com a tropa ficaram, o que criou a unidade ideológica, o anticomunismo. Todos os cursos militares, após 1964, passaram a ter as mesmas diretrizes básicas, a Academia de Agulhas Negras, a Escola do Alto Comando, a Escola Superior de Guerra — esta, inclusive, estendendo aos civis esta identidade ideológica.

E como o país chegou à atual situação política, dada a unidade ideológica imposta pelos militares no poder?

— A sociedade civil tomou o lugar dos inconformados militares de antes.

Tendo sido diretor de cursos da UnB desde sua criação até o expurgo de 65, como você vê a cultura em Brasília hoje?

— Brasília era um plano muito bom em termos culturais. Ela foi culturalmente esmagada em 1965, mas a atividade estudantil nunca morreu. Há uma verdadeira revolta estudantil, que começou no próprio lar de cada um. A revolta civil começou na insatisfação com o estado de coisas a partir das despesas domésticas.

A maior parte dos estudantes universitários em Brasília, hoje, é formada por filhos de funcionários públicos, militares e profissionais liberais de outras partes do país. E todos os estudantes são jovens, não viveram outra realidade que não a atual. Como esses universitários se vêem diante da redemocratização iminente.

A política de distensão do presidente Geisel, neste caso, estaria atendendo a este interesse dos militares?

— O Geisel pode ser considerado um general do Exército da Salvação. É minoritário típico: filho de pai e mãe alemães, nascido numa colônia alemã, luterano e militar. Ele acha que vai salvar o país.

Debate na livraria: um fala da riqueza; outro lembra miséria

Na porta da livraria Entrelivros do Largo do Machado, **Pedro Pereira Lins**, 62 anos, funcionário aposentado, entrevistado sobre o regime político do país, discursou entusiasmado sobre o desenvolvimento brasileiro. Em meio às estatísticas que ele ia fornecendo, um homem pede a palavra. Pedro manda ele aguardar, e **José Monserrat Filho**, 38 anos, empresário de uma empresa de propaganda, que também queria dar sua opinião, espera para poder falar. O debate atraiu todos que estavam na livraria e até os que passavam na porta.

O que é ditadura para o senhor?

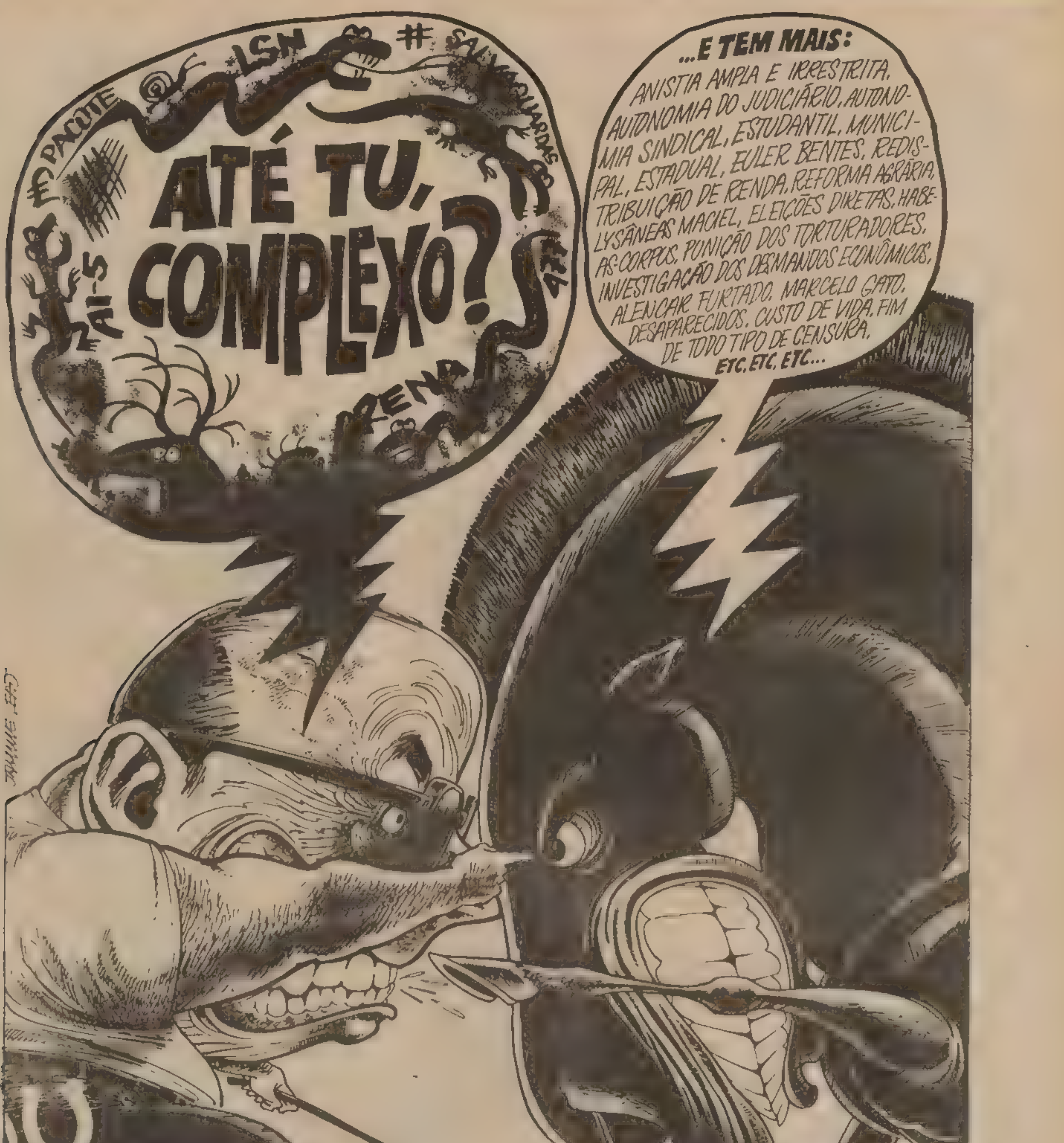
Pedro: — Esse negócio de ditadura... Eu não vejo ditadura... agora se o pessoal fica por aí fazendo arruaça, falando mal do governo, estão é bancando o bobo. Aí o governo tem mais é que agir. Agora você vê, os estudantes ficam por aí querendo de qualquer maneira fazer bagunça, trazer o comunismo pra cá, essa coisa toda, ficam aí teimando, achando que o governo é de ditadura. Porque eles não vão estudar? Depois que eles estiverem formados então eles dão suas idéias. Pra mim é o seguinte: pode ver, nós só tinhamos mais ou menos uns 80 a 100 estudantes, hoje somos 1 milhão e 200 mil estudantes. Pra mais de 15 milhões de secundaristas de um modo geral entre os 45 milhões de estudantes. Nós só tínhamos 14 mil km de estradas pavimentadas, hoje temos mais de 100 mil. Qualquer país ganhava do Brasil em estradas pavimentadas. Nós hoje ganhamos de todos eles. Estamos inaugurando quase todo dia hidrelétricas por aí. É realidade ou não é? Quero um regime que eu veja o progresso, seja ele qual for...

E a pobreza como o senhor explica?

Em 1964 éramos apenas 70 milhões, hoje nós somos quase 120 milhões. O que é isso? É alimentação farta, é saúde, principalmente no Nordeste. O Nordeste tinha 14 milhões de habitantes que viviam todos naufragados. Hoje somos 37 milhões de nordestinos, e eu fui lá há pouco tempo, e vou te dizer, hoje vejo Maceió, Sergipe, com um carro pra cada 10 habitantes. Isso é um progresso fantástico... Faço uma aposta com qualquer um que o país nesses 17 anos teve mais progresso do que em todos os governos juntos. Tudo antes da revolução crescia 0,5%, hoje a menor porcentagem é a do crescimento da população que é de 2,5%.

José: — Posso falar... Eu respeito os 62 anos do meu companheiro aqui, mas eu discordo dele em muita coisa. Acho que o desenvolvimento aumentou muito nesses últimos anos, mas também a concentração de renda aumentou brutalmente nos últimos anos. E a mortalidade infantil em São Paulo, que é a cidade mais importante do Brasil, que é a locomotiva brasileira, aumentou consideravelmente segundo os dados do ministério da Saúde. Ao mesmo tempo, o Delfim Netto, que foi o ministro da Fazenda não sei quantos anos no governo do golpe militar de 64, disse ontem mesmo que nós estamos devendo 39 bilhões de dólares. Então quer dizer que esse progresso que tivemos é um progresso que, sem dúvida, nos ajuda, formando uma infra-estrutura, mas que, outro regime que satisfaça mais as necessidades do povo brasileiro, saberá usar melhor. Não é que isso (a infra-estrutura) seja ruim, mas a gente deve aproveitar isso para melhorar o padrão de vida do brasileiro que na realidade não melhorou. Ele continua morrendo, mal alimentado, pessimamente mal alimentado. Nós estamos com problemas de emprego no Brasil, sempre houve, mas hoje nós temos especialmente, porque há mudança de muita gente do campo pra cidade. São Paulo cheio de gente. Rio de Janeiro tá cheio de gente. E não tem maneira de acolher todo mundo. Eu trabalho em propaganda, sou vice-presidente de uma empresa, e, no entanto, não tem colocação pro estudante. O estudante sai e a gente aproveita 5%. O estudante não tem lugar nesse modelo que está aí. Esse modelo é um modelo concentracionista, por isso mesmo está em crise. Por isso mesmo está violentamente em decomposição. Se tudo isso que o companheiro falou, que respeito muito, toda essa infra-estrutura fosse real, hoje nós não teríamos esse protesto público que taí. E não é só comunista que faz não. O Magalhães Pinto, que é um dos maiores banqueiros desse país, está contra, e ele foi um dos caras que propiciou o governo de 64. Tem coisas profundamente erradas nesse modelo. É um modelo exportador a serviço de interesses estrangeiros, principalmente. Hoje somos um país ocupado. Hoje nem cartaz de cinema é feito aqui. Tudo é feito por eles. As estradas são feitas para carregar riquezas pra eles. Realmente aumentou barbaramente o número de estradas, talvez nosso país seja o que constrói maior número de estradas, mas construiu para uma indústria que não é nossa. O preço do automóvel no Brasil é um absurdo. Não dá nem pra comparar. Se houvesse eleições livres no Brasil esse governo que taí não seria eleito, mas nem pra vereador. Tá na cara isso.

Depoimentos do *Já encheu o saco* a:
Alex Solnik, Chico Jr., Clarice Niskier, Rita Costa, Tim Lopes e Toninho Martins Vaz.


PACOTE
LSN
SALVAGUARDAS
AI-5
ATÉ TU, COMPLEXO?
...E TEM MAIS:
ANISTIA AMPLA E IRRESTRITA.
AUTONOMIA DO JUDICIÁRIO, AUTONO-
MIA SINDICAL, ESTUDANTIL, MUNICI-
PAL, ESTADUAL, EULER BENTES, REDIS-
TRIBUIÇÃO DE RENDA, REFORMA AGRÁRIA,
LYSÂNEAS MACIEL, ELEIÇÕES DIRETAS, HABE-
AS-CORPUS, PUNIÇÃO DOS TORTURADORES,
INVESTIGAÇÃO DOS DESMANDOS ECONÔMICOS,
ALENCAR FURTADO, MARCELO GATO,
DESAPARECIDOS, CUSTO DE VIDA, FIM
DE TODO TIPO DE CENSURA,
ETC, ETC, ETC...

ABORTO

Um problema pro Estado:

PEGA QUE O FILHO É TEU

É certo que a maioria do povo brasileiro não tem condições financeiras de manter um ou mais filhos. Partindo desse princípio, surge como necessidade um controle de natalidade e como quase obrigação, depois da coisa feita, o aborto.

A Igreja é contra, a lei é contra, mas o povo é a favor. Não fosse, não proliferavam pelo país as clínicas de luxo dos centros urbanos, onde um aborto custa entre Cr$ 2.500 e Cr$ 3.500, e os "curiosos" das favelas, subúrbios e periferia, onde se faz aborto até por 200 cruzeiros.

Como não é uma atividade legal, pelo menos dentro dos padrões normais de legalidade, não existem estatísticas, mas segundo o nosso levantamento, as quatro principais clínicas cariocas fazem, cada uma, mais de 50 abortos por dia, o que daria mais de 200 abortos por dia, apenas nessas clínicas. Um movimento financeiro diário, mínimo, de Cr$ 500 mil. Trabalhando cinco dias por semana, cada uma dessas clínicas têm um faturamento mensal em torno de Cr$ 2,5 milhões. Dos quais o Estado não vê um tostão, pois, sendo uma atividade clandestina, não precisa pagar imposto. É claro que o imposto é pago de outra maneira, dentro do processo mais simples de corrupção, condição essencial para que uma clínica especializada em aborto funcione sem problemas.

Em se falando pelo Estado, o pagamento de imposto poderia ser um problema. Em se falando pela população, a ilegalidade do aborto provoca a existência de verdadeiros carniceiros, aborteiros menores, que, impunes, não têm o menor pudor em utilizar qualquer tipo de método, perigoso ou não, para fazer um aborto. E mesmo quando cometem um acidente, continuam impunes, pois, sendo o aborto um crime, raramente a mulher tem coragem de denunciar o aborteiro, pelo simples fato de também correr o risco de ir para a cadeia.

Diante da evidência do fato, ou seja, o aborto existe e é praticado no país sem o menor problema, o Estado já poderia tê-lo legalizado, pelo menos para ter um controle médico-sanitário. Quando uma mulher está grávida e não tem condições de manter o filho, nem conversa, vai lá e faz o aborto. Muitas vezes, segundo mostram os depoimentos, dentro do maior constrangimento, sentimento de culpa, mas faz por não ter outra alternativa.

E é aí que o aborto surge, antes de mais nada, como uma das muitas conseqüências do sistema social, como uma imposição diante de um fato simples: não tenho condições, psicológicas e/ou econômicas, de ter um filho, e ponto final.

— A não ser que o Estado me prove que tem condições de sustentar o meu filho. Caso contrário, eu tiro mesmo e deixo os problemas morais de lado. Da minha cuca, eu cuido depois. **(Beatriz Carvalho, professora, 31 anos, casada)**

No pronto-socorro, só classe baixa

Eliane Maria Mesquita Correia trabalha no Hospital Souza Aguiar, na Praça da República (Rio de Janeiro) desde março, no serviço de ginecologia, onde os casos de abortos provocados acontecem todos os dias no Posto de Urgência do pronto-socorro

É coisa comum, sobretudo com o pessoal de baixo nível social. A classe alta não procura curioso, não vão se sujeitar. Aqui, acontece, em média, uns três casos por dia. As mulheres chegam e dizem que tomaram isso ou aquilo. A gente atende e remove para a maternidade Fernando Magalhães, que é mais perto e tem sempre lugar porque é muito grande

Segundo Eliane, normalmente os abortos são provocados pela introdução de sondas "espécie de borrachinhas que são enfiadas pelos **curiosos**, talos de mamona, aplicações de injeções cáusticas, coquetéis e chás caseiros (canela e limão bravo) ou medicamentos tomados em altas doses, como o Maturon. Mas o caso que mais impressionou a médica-residente foi a de uma paciente que introduziu permanganato de potássio no útero e ficou toda queimada por dentr.

Eliane: a culpa é sempre da vizinha

Foto de Leonardo Nen

— É uma loucura. No caso das injeções cáusticas, a seringa é introduzida no colo do útero e, aí, há queda do epitélio. Elas tomam chá de limão bravo, misturam medicamentos, tomam várias pílulas anticoncepcionais ao mesmo tempo, fazem milhões de coisas. Quando enfiam o talo de mamona, cutucam até provocar contrações e o feto ser expulso. Raramente, se arrependem e, interessante, a culpa, é sempre da vizinha

Segundo Eliane, a princípio as pacientes nunca dizem que tentaram provocar o aborto

— Só a gente forçando uma barra é que elas contam

Há casos em que dá para evitar o aborto, o que irrita profundamente a paciente

· Depois de feita a prescrição, elas perguntam se é para segurar o nenem e vão logo completando: "Nem adianta recertar porque eu não vou tomar o remédio. Eu vou è tomar um coquetel"

Na maioria dos casos, as mulheres que procuram o Pronto-Socorro são veteranas na matéria, com quatro ou cinco abortos anteriores

Martha Baptista

Foto de Custódio Coimbra

No jornal, o feto de seis meses começando a se decompor. No vidro de conserva, o que seria o filho de Laura, guardado como recordação dentro de um armário.

ABORTO DE POBRE

FETO NO PACOTE E NA CONSERVA

Entre os galhos, um embrulho de jornal. Dentro. um feto de seis meses, já em decomposição. O feto, ainda envolto no líquido placentário, emana um cheiro forte, quase insuportável. Estamos em Padre Miguel, subúrbio carioca e é Laura, mulher do médico aborteiro quem fala:

— Este pacote foi deixado aí, na árvore, para evitar que o cachorro coma. Se comer, vai se intoxicar.

— Como vocês fazem pra se ver live dos fetos?

— Ah! esse negócio das pessoas deixarem os fetos aqui é normal. Este que vocês estão fotografando era de seis meses e corcundinha. O Everaldo deixou aqui no quintal pra mais tarde jogar fora. Porque é uma dificuldade dispensar os "nenens" e nós fazemos isso geralmente na estrada Rio-Magé.

A "clínica" funcionava anteriormente na Zona Sul, mas uma série de problemas obrigou umaretirada estratégica para o subúrbio, onde a barra é mais leve. A "clínica" tem um método próprio de trabalho que consiste, antes de qualquer coisa, em matar o feto com um líquido especial (fabricação própria), injetado diretamente no útero. Alguns dias depois, a mulher começa a sentir as contrações, indicando que o aborto está próximo. Às vezes, o aborto acontece na casa da paciente, o que a obriga correr para um Pronto Socorro. Mas, na maioria das vezes, assim que a paciente começa a sentir dores, corre para o aborteiro, que termina o serviço.

Esse método traz alguns incovenientes, diz Laura, citando o exemplo de uma jovem que abortou um feto de sete meses, ainda vivo. Assim que a criança nasceu, a mãe passou a responsabilidade ao médico, não querendo nem saber o que ia acontecer daí pra frente.

Durante duas semanas, o médico ficou com a criança, sem saber o que fazer. Até que encontrou um casal disposto a ficar com o recém-nascido.

Laura conheceu o médico quando estava para abortar. Fez o aborto e nunca mais voltou para casa. Ela já está vivendo com ele há oito meses. E faz a revelação:

— Eu também tenho um feto guardado aí em casa, mas eu não gosto de ver; é meu, tem cinco meses e está num vidro de conservas.

E fala para uma criança que brinca distraidamente num canto do quintal:

— Ei, pega lá aquele nenen que tá guardado no armário.

Cleide já fez dois abortos com o médico de Padre Miguel

O médico trabalha alcoolizado

Segundo suas clientes, este médico não passa de um carniceiro e que trabalha alcoolizado. Por isso, uma delas — Cleide — defende a legalidade do aborto, para evitar problemas, médicos e para tirar a carga de marginalização que pesa em cima da mulher que aborta.

— Sou a favor porque realmente é o óbvio. Sua legalização vai diminuir a pressão que a mulher sofre. Por um lado, o médico trata a mulher como um bicho, numa hora em que ela fica mais carente. Quando você faz um aborto, sai de lá arrasada, moral e fisicamente. Pela própria negação moral que é imposta. Por outro lado, quando você fica grávida e o cara não quer assumir, tem toda uma pressão da família, da Igreja, etc. Então, não dá outra alternativa, mesmo quando ela poderia ter o filho. Já fiz dois abortos e agora espero o meu primeiro filho. (Cleide Gomes da Silva, 25 anos, solteira, professora).

CUSTÓDIO COIMBRA e
CHIQUITO CHAVES

"Pular não provoca aborto"

O dr. Roberto Carneiro Horta trabalha há nove anos no Hospital Getúlio Vargas, pronto-socorro localizado no subúrbio carioca da Penha. Segundo ele, a maior parte das pacientes que chegam com hemorragia vaginal, são devido a aborto provocado

— Num plantão de 24 horas, surgem, em média, uns quatro casos de aborto e a maioria deles são provocados, embora poucas pacientes afirmem que provocaram. Geralmente, elas dizem que caíram, que carregaram peso, lata d'água, e aí já dá pra desconfiar, porque isso não é normalmente motivo de aborto, a menos que a mulher já tenha pré-disposição pra abortar. Algumas contam a verdade com medo de não serem bem atendidas

Quando é certo que o aborto foi provocado, escrevemos isso na ficha da paciente, que fica no arquivo do hospital. São fichas sigilosas, que só um médico ou uma pessoa de direito pode olhar. Nós temos que estar prevenidos para complicações futuras, inclusive para uma futura terapêutica. Se uma paciente morrer, já vai pro Instituto Médico Legal com essa informacão.

Segundo ele, contrariando o depoimento de outros médicos e de várias mulheres que já fizeram aborto, "a única coisa que provoca aborto é a ação mecânica"

— Exceto doenças, é claro. Ou o uso de substâncias cáusticas, como permangamnato de potássio, e a introdução de corpos estranhos. Já houve, inclusive, casos de introdução de agulhas de tricô. Mas as injeções (associações hormonais) não são abortivas. Elas são usadas como testes de gravidez, mas se a pessoa estiver grávida, não aborta. Os chás caseiros também não são abortivos. Nem pular. Uma pessoa normal não aborta pulando. O pulo em si não provoca aborto em ninguém, a não ser que a pessoa já tenha alguma anomalia.

— No último plantão, apareceu uma que tinha colocado permanganato de potássio que tem uma ação corrosiva muito forte. Ela perdeu o filho. Quando apareceu no hospital, já tinha colocado há uns três dias. O permanganato é de uso antisséptico, desde que dissolvido numa solução de água. Mas elas colocam sem a solução e aí, ele corrói e dilacera a mucosa da vagina, provocando o deslocamento do óvulo. No caso, ou o feto descola ou nada acontece a ele. A paciente da semana passada, teve uma hemorragia muito forte e quase entrou em choque

— Um caso que me chamou atenção, pela gravidade, foi o de uma paciente que cutucou com um objeto e como não achava o orifício certo, machucou-se muito. A mucosa vaginal sangrava abundantemente

Foto de Leonardo Neri
Dr. Roberto Carneiro Horta

Foto de Custodio Coimbra
Regina Maria.

Pra abortar, Regina pulou da árvore

Regina Maria de Carvalho, solteira, 21 anos, não trabalha.

— Sou a favor, desde o momento em que a mulher não pode ter um filho, sabe que não dá prá ter um filho, realmente, acho que ela poderia decidir sobre tirar ou não a criança. Eu gostaria de ter um filho, mas não tenho condições. Agora, a legalização melhoraria, em termos de você decidir, como falei, e de ter acesso a fazer. Pelo fato dele ser clandestino, o custo é muito caro. Eu já fiz quatro abortos. Um em uma clínica e os outros três, pulei de uma árvore. Não, um eu caí mesmo. Dois, eu pulei. Mas também não ia ter. Nunca deu nada, mas eu sei que é uma merda, inclusive não sei se ficou alguma coisa. Foi o sufoco

"Até me lembro. Ela morava atrás de um botequim, em Marechal Hermes. Enfiou uma agulha de tricô. Furou a bolsa e morreu na hora. Uma loucura". (Cleide Gomes falando de uma mulher que conheceu)

"O maior problema é o social"

Edmundo da Cruz, acadêmico, trabalha no Hospital Grafée Guinle, Rio de Janeiro.

Você é contra ou a favor do aborto?

Eu sou contra o aborto em certas situações. Sou contra o aborto em mãos inexperientes, de curiosas. Eu sou contra a mulher que vai procurar um médico para fazer um aborto por simples comodidade, porque ela ia para Bariloche esquiar e o filho iria atrapalhar, mas eu não posso ser contra uma pessoa que não tenha a mínima condição de subsistência, com o salário mínimo que nós temos aí, vá procurar um médico para abortar porque é auto-defesa. Eu não posso ser contra uma menina, por mais rica que ela seja, que procura um médico para o aborto. Qual é a sociedade que pode condenar essa menina por isso se essa sociedade é a primeira a repudiá-la? A sociedade permite que essa menina tenha o filho?

Você seria a favor de uma legalização?

Eu sou a favor, sim. O sexo é uma necessidade fisiológica. Todo o animal faz sexo. O único que não pode fazer sexo livremente é o homem

Mas isso não é uma questão social?

O maior problema médico que nós temos atualmente é o problema social. Eu trabalhei em maternidade. Quantas e quantas vezes você interna uma mulher, você já está encarando essa mulher como mãe, e de repente ela te chama e diz "doutor, não tem mais nada pra ser feito? Não é que eu não queira ter esse filho, mas esse filho vai me dar tanta dor de cabeça..." A mulher com suspeita de gravidez parece que está sendo massacrada. Quando ela chega com o teste positivo nas mãos, chega na maior depressão do mundo. Filho é bom quando o cara casa na igreja, paga vinte mil para encher aquilo de rosas, todo mundo dando presente, Volkswagen, etc, mas quando chega a tia Maria, que vende pipoca na esquina, com o teste positivo na mão, isso pode significar que as cem gramas de arroz que ela tem para comer terão que ser divididos por dois. Eu não posso deixar de admitir que criança hoje em dia seja sinônimo de fome

Em que matéria da faculdade é ensinado o tratamento em casos de aborto?

Não existe faculdade no Brasil que ensine emergência médica. Não existe estágio obrigatório de emergência médica. Nenhum médico sai da faculdade sabendo, pelo menos, estancar uma hemorragia uterina. Nenhum médico sai da faculdade com a capacidade de não tremer diante de um doente grave.

A INFALÍVEL "CABACINHA DO NORTE"

Na Feira do Nordeste, no Campo de São Cristovão (Rio de Janeiro) todo mundo conhece a esponjinha ou cabacinha do Norte, produto importado do Nordeste e que, segundo os vendedores, é tiro e queda para dois "males": sinusite e gravidez. Como é muito procurado, não é encontrado com muita facilidade lá na feira. É chegar e acabar. Mas a cabacinha pode ser encontrada também em lojas que vendem artigos de umbanda.

— Sinusite ou...? — pergunda o vendedor.

— É aborto mesmo. Tá com dois meses.

— Olha, então faz o seguinte: corta ela no meio e depois cada metade em duas partes. Pega um desses pedaços, faz o chá e dá para a mulher. Se não der jeito, na segunda dose não falha. E assim que a mulher começar a sangrar, leva rápido para o Pronto-Socorro e diz que tá passando mal.

A cabacinha custa Cr$ 3,00.

Filho a gente só põe no mundo se puder sustentar"

Vera Lúcia Gomes Dias, 21 anos, solteira, estudante.

— Sou a favor do aborto, pelo simples fato de achar que filho a gente só põe no mundo quando pode sustentar. E também porque a sua proibição leva as pessoas a praticá-lo arriscadamente. Acho que, se essa prática fosse legalizada, não acarretaria um "risco para a família cristã", como afirma a igreja católica, e sim uma maior segurança para aqueles que, não podendo pagar "clínicas especializadas no assunto", se entregam às mãos de "curiosos", ou utilizam métodos "caseiros" e pouco seguros. No entanto, encaro o aborto como uma forma paliativa para a solução do problema de controle da natalidade, que só poderá ser realmente resolvido através do uso de preventivos. Acho que a questão do aborto não consiste em ser simplesmente contra ou a favor: Ao lado da sua legalização, tem que haver a conscientização da necessidade do uso de anticoncepcionais.

D. Laura sentou na brasa

Laura Gonçalves Gualberto, 50 anos, desquitada, empregada doméstica. Já fez seis abortos, mas é contra.

— Sou contra porque eu acho que, se Deus dá, não se pode tirar. Fui obrigada a fazer aborto porque eu era desquitada e o homem que eu vivia não queria filho. Quando eu falei que tava grávida, ele disse "Tá esperando neném? Então tá ruim. Eu não quero compromisso com criança".

Eu trabalhava vendendo carvão. Peguei um monte, botei fogo e quando estava em brasa, sentei em cima. Foi a quentura do fogo que cozinhou o meu filho. Os outros foram com erva de mato, que custa cinco cruzeiros por litro. Tomei cinco litros e fui parar no hospital, com hemorragia. No hospital, soube que uma mulher tinha morrido por causa de abortos. Eu tenho arrependimento porque se eu tivesse vida boa não tiraria nenhum porque acho que é pecado. Como fazem essas mocinhas que vão de véu e grinalda pra igreja, mas já tem um buraco que entra um caminhão e sai folgado. Isso é pecado, Igreja é sagrada. Hoje, já não tenho esse problema por causa da minha idade. Se bem que ainda tô muito viva e não deixo de pensar numa coisa quentinha. Tô velha, mas não estou morta, meu filho.

Fotos de Custódio Coimbra

"O homem que eu vivia não queria filho"

Minas Gerais e Goiás, sec. 18. Nestas regiões de mineração o trabalho era duro, 16 horas por dia. Vida média do escravo: 26 anos. Os exploradores das minas não deixavam que as escravas tivessem filhos, pois era mais barato importar negros adultos da África. Uma criança daria, no mínimo, 12 anos de despesas, até ter condições de trabalho. Quando uma escrava aparecia grávida, o aborto era provocado com golpes de pau no ventre e, logo após a "operação", a mulher voltava ao trabalho.

"ABORTO É IGUAL AO JOGO DO BICHO"

Dr. Jairo Pombo do Amaral, o presidente do Conselho Regional de Medicina.

O que o senhor acha da legalização do aborto?

— O problema envolve, antes de mais nada, a religião, porque a Igreja, dominante desde a época feudal, pressiona ainda hoje a nossa sociedade, sendo contra a legalização do aborto, filosoficamente, pelo fato de ser sagrada a vida humana. Outra parte envolvida seria a Polícia que, como a Igreja, é parte interessada, cúmplice e passiva de penalidades. Por ser o aborto um ato clandestino, ninguém quer assumir responsabilidade, seja por parte do atuante (médico) ou de atuado (paciente).

Segundo o Dr. Jairo, uma denúncia dada ao Conselho Regional de Medicina, para julgamento de ética profissional, é simultaneamente levada ao cartório da justiça comum e polícia, para julgamento do Código Penal. Acontece que o ato médico em si trata da parte ética e não jurídica. Ele compara o aborto ao jogo de bicho, que é um meio lucrativo irregular e ilegal, cuja estrutura é quase intocável.

— O grande obstáculo ao conhecimento de tais crimes médicos provem da absoluta falta de investigação.

O ABORTO NO MUNDO

Alemanha: A legislação é complexa. O aborto é básicamente proibido, a não ser por indicação médico-psicológica, num prazo de até 12 semanas de gravidez.

Egito: É proibido por lei e por religião. É um crime tão grave quanto o assassinato, sob o ponto de vista religioso.

França: O aborto voluntário é livre até a décima semana de gravidez. A mulher pode consultar um Centro de Informação Familiar, onde recebe um prospecto com todas as informações legais e médicas. Se é menor e solteira, é necessário o consentimento dos pais. O médico não mais é obrigado a fazer o aborto, mas deve comunicar a recusa na primeira consulta.

Japão: É legal e livre. A gestante deve ter, no entanto, permissão do marido e alegar uma razão para a decisão. Pode ser uma razão econômica. Há interesse do Governo em facilitar a operação, por motivos de super provoamento do país.

União Soviética: É legal. Há algumas exigências, mas é fácil conseguir a permissão. A taxa é barata. O governo porém, quer diminuir o número de abortos, pois há interesse em aumentar a taxa de natalidade, que tem decrescidos nos últimos anos.

Paraguai: Totalmente proibido.

Inglaterra: O aborto é legal, com algumas restrições. A mulher tem que alegar alguma razão física ou psicológica, mas o atendimento é gratuito, como todo o Serviço Médico.

Panamá: Proibido.

México: Proibido.

Argentina: Proibido.

Chile: Proibido.

Portugal: A lei em vigor considera o aborto um crime. Mas já está na Assembléia Nacional um projeto de lei que tornará legal a operação baseada em razões de apoio social. A nova lei representará uma abertura importante e já contava com a maioria dos votos do plenário no encerramento do último período legislativo, em junho.

Estados Unidos: Em 1973, a Suprema Corte Americana decidiu legalizar o aborto em todos os estados da União. Mas a aplicação da lei varia muito de estado para estado. No ano seguinte à aprovação, Nova Iorque liderava as estatísticas, com um total de 169.160 abortos durante o ano, seguido pela Califórnia com 159.520. Atualmente, há uma corrente cada vez maior de médicos que se opõe à operação e quer tornar mais difícil a obtenção da autorização necessária.

Alguns países onde o aborto também é legal, sem maiores implicações: Dinamarca, Suécia, Itália, China, Bulgária, Hungria, Iugoslávia, Alemanha Oriental, Polônia, Finlândia e Islândia.

Levantamento feito por Eduardo Serra.

Shirley acha que é uma assassina

Shirley Docone dos Santos, secretária, 27 anos, solteira.

— Sou contra. Já fiz um aborto e me acho plenamente assassina. Eu tenho consciência disso. É um ser sem defesa, você gera e vai decidir por ele, é uma tremenda sacanagem. Saí de lá arrasada, saí me sentindo o pior dos seres humanos, horrorizada com a humanidade.

Quando entrei na sala, comecei a tremer. Minha vontade era de sair correndo mas não podia, era a porta fatal — entra ali e sai já sem o estado de gestação. Loucura. Tinha uma enfermeira forte, com a calça arregaçada até o meio das pernas, uma machona. Quando eu tava numa de correr, na minha vez, aí não deu. A mulher me agarrou pelo braço e me puxou, uma coisa horrível!

Você deita na mesa e do lado tem um balde cheio de fetos vermelhos, assim de lado. Você olhando. Me deram anestesia e só vi o médico nessa hora, ele entrando e eu dormindo. Mas a minha cuca reagiu. Quando acordei, a enfermeira me deu um recado do médico que era prá mim não descuidar mais porque dei muito trabalho prá ele, porque eu fiquei tensa durante a operação. Nem prá dizer o risco de vida que eu passei, um carniceiro. O nome dele é Dr. Evangelista, que era assistente do Riça, que tem clínica em Botafogo, com porteiro uniformizado. Altas clínicas, vidro Ray-Ban e tal, alto estilo, o maior carniceiro.

"Curiosa" quase matou Célia

Célia Regina, 24 anos, estudante.

Apesar de já ter feito três abortos, eu sou contra porque acho que é um assassinato. Dois abortos eu fiz numa clínica em Madureira. Outro, com uma "curiosa", em Guadalupe, que quase me matou. Ela apertou minha barriga, pressionando para tirar a criança. A criança saiu e cheguei a ficar com os dedos dela marcados na barriga. Mas acontece que a placenta não saiu e fui parar no Hospital Carlos Chagas. Cheguei lá e disse para o médico que escorreguei numa casca de banana. Fiquei um tempão no hospital e nunca mais faço aborto.

Prostituta é contra

Na Zona do Mangue, Rio de Janeiro, foram ouvidas aproximadamente 20 prostitutas, a maioria com filhos e quase sempre mais de um. E quem pensa que prostituta é a favor de aborto, está muito enganado, pois 90% delas se manifestaram radicalmente contra, embora uma ou outra seja a favor. Mas é realmente a minoria.

Segundo Gilda Rocha, 38 anos, "o que é feito pela natureza a gente tem que deixar. Além do mais, é crime". E Heloísa, 23 anos, uma filha, diz que "ser mãe é a coisa mais maravilhosa e basta ter força de vontade para criar".

— Eu só estou aqui pra poder dar à minha filha a infância que eu não tive.

Até Maria da Glória, 19 anos, casada, seis abortos em dois anos se diz contra: "aborto prejudica a saúde".

Depoimentos a Custódio Coimbra, Eduardo Serra, Elizabeth Buarque, Sonia Gracindo, Maria Helena Allan, Maria Teresa Bustamente e Martha Baptista.

Dr. Mário Victor: o controle da natalidade é uma arma do imperialismo

"Temos que mudar a estrutura econômica"

O Dr. Mário Victor de Assis Pacheco é um dos médicos brasileiros que mais combatem a indústria dos remédios, "a máfia dos remédios" como ele gosta de dizer. Secretário-geral da Associação Médica do Rio de Janeiro, ele corre o país denunciando, sobretudo, a ação das empresas estrangeiras que aumentam seus lucros à custa da saúde dos brasileiros, aos quais impingem medicamentos muitas vezes proscritos nos seus países de origem.

Atualmente, o Dr. Mário Victor empenha-se em denunciar o que considera a campanha criminosa da Benfam, sociedade que, subvencionada por agências do governo americano, desenvolve campanhas de controle da natalidade em todo o país, principalmente nas áreas tidas como explosivas socialmente. Para ele, a Benfam, simplesmente, pratica o genocídio, com a permissão do governo brasileiro e através de convênios com governos estaduais e municipais.

O Dr. Mário Victor é coronel da reserva do Exército. Em 1964, era vice-diretor do Hospital Central do Exército, no Rio de Janeiro, quando foi reformado pelo Ato Institucional n.º 1, de 9 de abril daquele ano.

Qual a relação entre o aborto e os metodos anticoncepcionais?

— Quando se usa um produto anticonceptivo, ou quando se faz um aborto, está se fazendo um processo antinatalista, embora os processos abortivos não sejam anticoncepcionais. No aborto, a interrupção da gravidez se dá antes do feto se tornar viável. Na anticoncepção, evita-se o encontro do espermatozóide com o óvulo, impedindo-se, assim, que se constitua a gravidez.

Em muitos países o aborto tem sido liberado e não é mais tido como um crime. No Brasil, apesar de proibido por lei, é largamente praticado na cidade, no meio rural, por gente rica e pobre, sendo que os pobres freqüentemente se expõem a métodos abortivos altamente prejudiciais à saúde e freqüentemente fatais. Diante desse quadro, qual sua opinião sobre a liberação do aborto entre nós?

O aborto é uma prática que vem da mais longínqua antiguidade. Antigamente, ele era quase sempre terapêutico, isto é, praticado para evitar o nascimento de crianças defeituosas. Hoje, com o avanço da medicina e das técnicas do pré-natal, o aborto é, na maior parte das vezes, apenas para evitar o nascimento, E se nós perguntarmos às mulheres que fazem aborto porque elas o fazem, a maioria responderá que não têm condições de criar os filhos. Então, se a razão é econômica, problema não é liberar o aborto e sim modificar as estruturas econômicas, modificar o sistema de remuneração do trabalhador, o sistema de distribuição da riqueza.

Ainda assim, não é um direito da mulher querer ou não ter filhos?

— Há muitos anos eu defendo o direito da mulher em não ter filhos, ou de espaçar o nascimento dos filhos pelo tempo que bem desejar. Mas também sou sistematicamente contra o aborto. Eu luto, isso sim, para que o Estado crie as condições, invista capital na descoberta do verdadeiro e efetivo anticoncepcional. Anticoncepcional este que poderá servir tanto ao homem como à mulher, que não será prejudicial à saúde, não atrofiará os órgãos sexuais, não produzirá o câncer nem distúrbios no aparelho circulatório. Essa é uma tarefa da ciência. Ainda assim, descoberto esse anticoncepcional, eu continuaria contra a sua indicação por motivos econômicos, de controle demográfico ou políticos, mas eu o indicaria para aquelas mulheres ou homens que, livremente, não quisessem ter filhos.

E porque esse anticoncepcional ainda não foi descoberto?

— Cientificamente, tecnicamente, no mesmo dia em que foi descoberta a pílula feminina, foi descoberta a pílula masculina. Apenas, os testes feitos com a pílula masculina demonstraram que ela seria inviável economicamente. Eu vou contar uma história que ilustra isso. Os americanos, tempos atrás, promoveram uma experiência com detentos da prisão de Albany, Estado de Nova York. Selecionaram prisioneiros de sexo masculino e fizeram-nos injerir pílulas anticoncepcionais masculinas durante um certo tempo. Quando se foi investigar as conseqüências, verificou-se três tipos de problemas: um era a atrofia do tecido dos escrotos, com a conseqüente diminuição da produção de espermatozóides

em uns, a esterelidade em outros. Outro era a diminuição do órgão sexual masculino. Por fim, a diminuição do interesse sexual de uma porcentagem significativa dos prisoneiros submetidos ao teste. Ora, no homem, esses problemas são quase todos visíveis. Sobretudo a impotência, não é possível mascará-la. Por essas razões, a pílula masculina não está no mercado, nem estará nunca.

Porque o senhor é contra o controle da natalidade?

— Fisiologicamente, a mulher, nas duas primeiras semanas do ciclo menstrual, produz um hormônio chamado estrogênio, que circula pelo seu sangue. Na terceira semana, produz um outro hormônio, chamado progesterona. Quando a mulher toma pílula, desde o primeiro dia do ciclo menstrual, ela ingere os dois hormônios; estrogênio e progesterona. Nessas condições, a usuária da pílula tem em circulação no seu organismo um hormônio, a progesterona, que ela, normalmente, só produziria na terceira semana. Disso podem resultar duas coisas graves; uma é a masculinização da mulher, porque esse hormônio pode se transformar em testosterona, o hormônio masculino. A outra conseqüência possível é a ocorrência do câncer, pela acumulação da progesterona no organismo.

Além disso, o uso continuado das pílulas tem provocado enfermidades graves, como a menorréia, hemorragias, quistos nos seios, caléscie, diabetes, tromboses, embolias, enfartos do miocárdio, cegueira, aborto, parto prematuro, parto de crianças defeituosas. Aliás esse é um ponto importante, porque quando a mulher toma pílula e ocorre dela já estar grávida, a pílula pode ter sobre o feto o mesmo efeito da talidomida, deformando a criança que se forma.

A pior conseqüência da pílula, além do câncer do útero ou do seio, é a inevitável atrofia dos ovários, o que pode levar à esterilidade da mulher, mesmo ela parando de tomar a pílula.

Essas são as razões de ordem médica. Sob o ponto de vista demográfico, é um contracenso falar em controle de natalidade num país com 110 milhões de habitantes e 8,5 milhões de km2, o que nos dá uma das mais baixa densidades demográficas do mundo. A perspectiva de fome que muitos dizem existir no futuro do Brasil é conseqüência do predomínio do latifúndio, da apropriação da produção por uma minoria, e não da tal explosão demográfica.

Sob o ponto de vista político eu considero o problema do controle da natalidade como uma ação ostensiva do imperialismo, ao qual interessa apenas que nós limitemos o crescimento da população. O imperialismo que, com o aumento da nossa população, qualquer governo será compelido a satisfazer as necessidades dos cidadãos, aumentando o grau do nosso conflito com o imperialismo. Isso porque, para aquela satisfação, nós precisaremos reter para consumo próprio as matérias primas que exportamos sempre a preços aviltados.

Entretanto, juridicamente, o controle da natalidade constitui-se num crime entre nós, porque desde 1956 o Brasil é um dos signatários da Convenção e Prevenção ao Crime do Genocídio. Ora, essa Convenção declara crime qualquer campanha que vise evitar a natalidade em massa. Assim, a atividade da Benfam no Brasil é uma atividade indiscutivelmente criminosa porque é uma atividade de massa. Profundamente lamentável é que a Benfam tenha conseguido enrolar o governo, comprometer o governo brasileiro nessa atividade de massa. Porque ela já fez convênios com os governos do Rio Grande do Norte, da Paraíba, de Alagoas, do Espírito Santo e de Pernambuco, além de inúmeros outros com prefeituras do interior de muitos estados brasileiros. De modo que ela está cometendo, com o apoio e a proteção de governos estaduais, um crime de genocído previsto nas nossas leis.

Aliás, é justamente por isso se constituir num crime que o Ministério da Saúde, ao outorgar o que eu chamo de pacote de Prevenção da Gravidez de Alto Risco fez questão de frisar que o programa (de distribuição gratuita de pílulas anticoncepcionais) se destinava apenas e tão somente a um pequeno grupo de 12 mil mulheres, para as quais a gravidez é contra-indicada.

Ora, essas tais 12 mil mulheres, para as quais a gravidez significa um "alto risco" sofrem, segundo o Ministério da Saúde, de diversas doenças, entre as quais estão muitas provocadas pela própria pílula. Não seria melhor, então, investir na cura dessas mulheres?

Texto e foto de EDUARDO HOMEM

Atenção trabalhadores: uma brecha no FGTS

"Na qualidade de procurador do cidadão Sérgio Vidal Machado ingressei na Justiça do Trabalho contra a empresa estatal CEMIG — Centrais Elétricas de Minas Gerais — pleiteando que a Justiça Trabalhista declarasse a equivalência dos dois regimes de trabalho hoje existentes no país, quais sejam, o do FGTS e o da CLT.

Em judiciosa sentença, que inovou a matéria, pois que é inédita, o Meretíssimo Juiz de Direito da Comarca de Varginha, reconheceu a equivalência jurídica e monetária dos dois sobreditos regimes (o do FGTS e o da CLT).

Deste modo, a empregadora terá que completar, com dinheiro, os depósitos do FGTS até atingir a importância que o empregado, se não tivesse optado, receberia.

Sabe-se que, na realidade, o empregado optante, quando tem seu contrato de trabalho rescindido, recebe bem menos do que receberia se estivesse sob o regime de indenização previsto na CLT.

Para lograr êxito na questão, invoquei a norma constitucional consagrada no art. 165, inciso XIII, da Constituição Federal. Por conseguinte, cuida-se de decisão de grande alcance social, já que ampara sobremaneira a sacrificada classe operária" (Lauro Limborço, Varginha MG)

• Com a vitória do advogado Limborço, abre-se uma brecha no FGTS, em favor do trabalhador. Mandado embora da CEMIG, sem justa causa, Sérgio Vidal Machado teria direito a receber uma indenização de Cr$22.048,46. Mas de acordo com a decisão do juiz Reinaldo Ximenes Carneiro, Sérgio deverá receber a importância de Cr$44.417,52. Considerando que o trabalhador sai perdendo com o FGTS, o juiz deu ganho de causa ao ex-empregado da CEMIG. Entre outras coisas, disse o juiz:

• "A alegação de que a interpretação da norma constitucional iria trazer problemas econômicos, se adotasse a tese de equivalência de valores, não tem razão de ser, justamente porque a Constituição previu a garantia do trabalhador e não daquele que, em razão mesmo do ofício, arca com os riscos da atividade empresarial. No caso, o assunto se torna mais palpitante, pois é sabido, por declarações do Ministro Mário Henrique Simonsen, que no período de 1973 o índice inflacionário foi calculado a menos. E o sistema de cálculo de correção monetária do Fundo de Garantia se assemelha ou tem correlação com o cálculo da correção monetária."

E mais: "Condeno, ainda, a reclamada a pagar as custas do processo, calculando para efeito de recursos a condenação em Cr$ 20 mil."

PROTESTO CONTRA O CARTAZ

"Gostaria de utilizar seu veículo para um protesto: um protesto contra a campanha do Clube de Criação do Rio de Janeiro, que redundou no cartaz com o nome de Cláudia Lessin Rodrigues e com um apelo para os pais não esquecerem dele.

Protesto contra o sofisma a que o cartaz induz, ao apresentar como causa da morte dessa moça o uso de tóxicos, quando esse uso é um dos efeitos de uma série de outras causas. Nenhum problema social tem apenas uma causa para apenas um efeito; donde, a conseqüência imediata desta campanha tendenciosa é obscurecer os olhos da população para causas mais profundas, como a sua própria situação familiar (até que ponto a autorização dos pais para o cartaz não lhes "desculpa" da sua participação na alienação e morte da filha?) e a existência de "maus meninos ricos", entendiados e ávidos de "sensações" novas, acostumados a se utilizar de serem humanos conforme suas taras e mediocridades (tal qual esse Michel Frank). A campanha também contribui para mistificar Cláudia Lessin Rodrigues, estranhamente ajudando a impunidade dos seus algozes.

Protesto ainda contra as entrelinhas da mensagem: "vigiem seus filhos, reprimam seus filhos", que desencadeará nova onda policialesca nos lares — nova onda de terror. O medo é inimigo da inteligência e, portanto, dos homens. O clima policial favorece a alienação e/ou revolta do adolescente; o clima policial é o clima em que se sente bem o traficante. O tóxico e a repressão alienam os sem meta e sem destino — logo, são aliados.

Donde, aquele que reprime e condena acaba, em última análise, a ser aquele que vende. Ou ajuda a vender — dá no mesmo." **(Gustavo Krause, Niterói, RJ)**

"NA MINHA OPINIÃO, ACHO QUE A REALIDADE DEVE SER MOSTRADA, CUSTE O QUE CUSTAR PORQUE SOMENTE ASSIM ESTAREMOS PREPARADOS PARA ENFRENTAR O DIA A DIA DO NOSSO CONTEXTO SOCIAL"

(Manoel Ferreira da Silva Neto, Belo Horizonte, MG)

O METRÔ É TERRÍVEL

A mecânica de funcionamento do Metrô é terrível, inconcebível. A realidade, como foi apresentado o assunto, sufoca. Mas é aquilo mesmo. A máfia das construtoras não consegue esconder atrás dos tapumes e abaixo dos buracos o drama dos nordestinos, iludidos pela propaganda da construção civil.

(Jaime Jorge André, Rio de Janeiro, RJ)

"No último número, o repórter Tim Lopes conseguiu uma ótima reportagem a respeito dos operários do metrô carioca. Gostaria, se possível, que vocês fizessem uma outra reportagem sobre a Jari Florestal, uma "cidade" independente do resto do Brasil."

(Carlos José Ferreira Monteiro, Rio de Janeiro, RJ)

"Lendo a reportagem que brilhantemente foi feita pelo seu repórter infiltrado no meio do pessoal do metrô. Faço, aqui, uma pergunta: será que os responsáveis por tamanha exploração (desumana até) têm coragem de olhar suas esposas e seus filhos de frente, sem sentirem uma dor na consciência? Só se não tiverem coração".

(Luis Roberto Fernandes, Juiz de Fora, MG)

Ele diz que o texto é ruim

"Vocês prometem, embora ainda haja alguns senõezinhos, como o excesso de fotos em detrimento do texto e, ainda, a má qualidade deste, cheio de incorreções gramaticais e gafes de revisão. Claro que não falo em burilar os textos, pois vocês são uma imprensa dinâmica, que não pode perder tempo, mas a integridade do nosso idioma é justamente umas das coisas pelas quais devemos lutar para engrandecer este país. O texto daquela reportagem sobre a loura da metralhadora, caras, está uma droga. A reportagem é despropositada, isto por Marta, apesar de enquadrada na Lei de Segurança Nacional, tratar-se de presa comum. Além do mais, houve certo sensacionalismo e até lubricidade, quanto às perguntas do repórter sobre o lesbianismo da moça. Sobre a carta da suposta Helena D. Lima, realmente a que plenitude se degradou a palavra Amor, tornando-a indigna do sentimento a que corresponde. Qualquer relação animalesca, vocês aí do Sul rotulam de amor. Procurem aprimorar mais a linguagem, amigos".

(Nemésio Silva Filho, Fortaleza, CE)

LEITORES

COTIDIANO

Minha mulher lava vagarosamente as peças íntimas de nosso último coito.
Leio o jornal, na página de esportes,
achando, por outro lado, que o Brasil está entregue
aos trustes dos Estados Unidos da América do Norte.

Minha mulher tem a péssima mania de ficar calada
enquanto lava as minhas cuecas, as minhas camisas.
Parece magoada com alguma coisa.
Decerto tem razão.

Aliás, nossa vida em comum tem sido muito ruim.
As crianças, pequenas, esfomeadas.
Salário curto, televisão escangalhada.
Os amigos caíram fora depois da comilança.
Lar de duros nunca foi atração.

Sei que há falta minha em muitas coisas
Procuro contornar, faço horas extras.
Minha mulher não gosta, pensa que as amantes
vivem à minha volta.

Às vezes tenho muita vontade de dar porrada
na pobre da mulher, como se assim curasse
minha falta de ânimo,
e me estimulasse.
Sei que somos dois frágeis num círculo de esganados.
Abandonados do lucro. Suburbanos.

Só não dou tiro na cara por causa das crianças,
que nada têm com isso.
Sofrem em silêncio.

Sei que há um Deus porque me engano.
Eu não suportaria viver sem um Deus sequer profano,
pois sou um pobre de conhecimento, escriturário,
salário espúrio à espera de uma classificação.

JAIME JORGE ANDRÉ, Rio de Janeiro, RJ

Professores denunciam curso vestibular

CHAPA 2

Unidade E Renovação

MANIFESTO

Eleições no Sindicato dos Professores

DO MUNICIPIO DO RIO DE JANEIRO EM

20-21-22 DE JULHO DE 1978

ASSOCIADO EXERÇA O DIREITO DE VOTO
PROFESSOR
EXERÇA O DIREITO DE SINDICALIZAÇÃO

No dia 17 de junho último, o professor João Baptista de Andrade recebeu aviso prévio do curso GPI. O motivo alegado foi a liderança exercida pelo referido professor na condução de movimento reivindicatório baseado em quatro pontos: recuperação salarial de 20%; pagamento em dobro das aulas extras ou anotação legal do seu valor; remuneração dos tempos vagos ("janelas"); aceitação de atestado médico particular para justificativa de falta.

A par da ilegalidade da medida — o professor João Baptista é membro da chapa Unidade e Renovação, que concorre às eleições à diretoria do Sindicato dos Professores do Município do Rio de Janeiro e, portanto, amparado por garantias legais — ressalta a sua arbitrariedade. As reivindicações encaminhadas à diretoria do Curso GPI são, dentro da especificidade dos problemas da categoria, as mesmas de todos os trabalhadores brasileiros na sua luta por melhores condições de trabalho e sobrevivência. Do resto, o que os professores do curso GPI tentaram praticar — a livre negociação entre empregadores e empregados — é o caminho natural para a solução do impasse criado pela política de arrocho salarial, como bem o acabam de demonstrar empresários e trabalhadores de São Paulo.

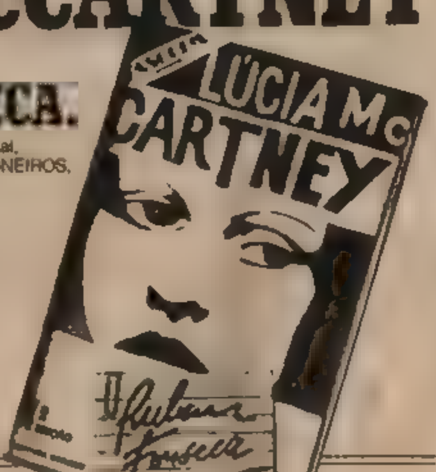
Lamentamos que a diretoria do Sindicado dos Professores do Município do Rio de Janeiro neste, e em tantos outros casos semelhantes, limite-se aos meros caminhos rotineiros na defesa de seus associados quando, ao contrário, deveria, além das vias judiciais, mobilizar toda a categoria em atitude de denúncia e solidariedade. (Jorge Luis de Souza e Silva, chapa Unidade e Renovação, Rio de Janeiro, RJ).

PASQUIM

4ª EDIÇÃO DE LÚCIA McCARTNEY DE RUBEM FONSECA.

Escritor brasileiro de sucesso internacional, autor de A COLEIRA DO CÃO, OS PRISIONEIROS, FELIZ ANO NOVO, O CASO MOREL LÚCIA McCARTNEY, após 8 anos esgotado novamente se encontra à sua disposição nas livrarias e bancas, editado pela CODECRI, que relançará também OS PRISIONEIROS e A COLEIRA DO CÃO

LÚCIA McCARTNEY — 190 p. Cr$ 50,00
Capa de Rubens Gerschmann



EM TODAS AS LIVRARIAS
OS NOVOS LANÇAMENTOS DA CODECRI

UM HOMEM ... CERVEJA NO BAR ... ODILON — Jeferson ... de Andrade — 96 p. Cr$ 50,00
AMÉRICA LATINA DOIS PONTOS — 208 p. Cr$ ...
O ÍNDIO COR DE ROSA — Evocação de Noel Nutels — 160 p. Cr$ ...
A REBELIÃO DOS MORTOS — Luiz Fernando Emediato — 148 p. Cr$ ...

PRÓXIMOS LANÇAMENTOS:

TERROR E ÊXTASE
Romance de José Carlos Oliveira
NOSSOS ÍNDIOS NOSSOS MORTOS
Reportagens de Edilson Martins
BEBEL QUE A CIDADE COMEU
Romance de Ignácio de Loyola Brandão
DICIONÁRIO DE COMUNICAÇÃO
C.A. Rabaça — Gustavo Barbosa
Colaboração de Muniz Sodré

OS LIVROS DO PASQUIM -UMA COLEÇÃO QUE CRESCE E MANTÉM A QUALIDADE.

Faça já seu pedido
EDITORA CODECRI LTDA.
Serviço de Reembolso Postal
Rua Saint Roman, 142 — Copacabana
22 071 — Rio de Janeiro — RJ

revolução constitucionalista

No dia 9 de julho, o Brasil relembrou um dos feitos mais gloriosos, que a nossa história política registra, a REVOLUÇÃO CONSTITUCIONALISTA. Esta efeméride, apesar de celebrizar feito que justamente representa uma contestação plena ao regime ora vigente, nem assim tendo sido possível, aos detentores do poder, mantê-la no esquecimento, como uma lembrança incômoda. Os Paulistas, como não poderia deixar de ser, fizeram dela data festiva, cuidando com um carinho todo especial desse transcurso.

Só o que não se tem feito nestas oportunidades, nas rememorações, é dar uma maior ênfase das razões pelas quais os paulistas, auxiliados por muitos outros brasileiros, foram obrigados a aceitar o desafio para luta armada, onde muitos deles ofereceram suas vidas, no Altar da Pátria, em holocausto, para que ela pudesse sobreviver com dignidade. Se assim se fizesse, poder-se-ia explicar a inconciabilidade do espírito da REVOLUÇÃO CONSTITUCIONALISTA, nos quadros da atual situação prepotente. Espírito constitucionalista, legalista, que sobreviveu, para derrotar os donos do arbítrio em 1974 e que prevalecerá em novembro próximo, para repetir os efeitos da Frente Única Paulista de 1933, infringindo ao governo militar, a mais contundente derrota eleitoral. (João Carlos Pereira de Mello).

RECADO DO PAPAI

"Transmito um recado do meu pai, Raimundo Guimarães, 68 anos, presentemente em Belém, nossa terra:

Pastor angustiado ou revolucionário, buscando a paz através de Deus ou da arma de luta. Que os homens da geração de vocês, meus filhos, não se intimidem, no desejo profundo de conduzir até aos extremos a crítica dos fundamentos da vida, principalmente esta, agora, a do nosso tempo. Tristes tempos." (Maria Elisa Guimarães e família, Rio de Janeiro — RJ).

"Mais da metade do século 20 passou e homens tentam de todas as formas calar a voz do povo. Não conseguirão. A luta deste e de outros formará uma corrente única, que colocará homens inteligentes e humildes em postos de comando. Homens duros e radicais em suas idéias serão devolvidos aos reformatórios de onde vieram". **(José Carlos dos Santos, Araraquara, SP.)**

LEITORES

A estrutura tá balançando

"Quando o governo tem medo que fale dos seus erros ou dos erros encobertos por ele é porque a estrutura já está balançando e para segurá-la ele amarra a boca daqueles que gritam a realidade. Não sou jornalista, nem vou ser. Faço Ciências Sociais, mas sinto as coisas piorando cada vez mais em Itararé. Os pobres sofrem, são humilhados e, se ficam doentes, aí perdem as esperanças, pois os médicos estão lá para ganhar dinheiro. A falta de ética profissional dos médicos de Itararé é inacreditável. Acho que eles não sabem que pobre também tem sentimento, amor aos filhos, gostam da vida e que, principalmente, gostam de viver". (Helena Santos, São Paulo, SP)

• Sobre o trabalho que você disse que vai fazer, Helena faça e mande. Será bem recebido.

E O NEGRO? CUMÉ QUE FICA?

"REPORTER nº 7 divulgou a carta de uma leitora, que se esconde sob o pseudônimo de Helena D. Lima, Brasília. Discordo dela, principalmente por acusá-los de "sensacionalistas e meio comercial". Por que ela não assinou sua crítica, se tem tanta certeza de que todos aqueles mendigos são viciados e alcoólatras. Esta pessoa não tem a mínima noção de psicologia e psiquiatria porque um débil mental seria capaz de coisas piores do que fazer amor na calçada.

Porque, ao invés de criticá-los, ela não envia material a este jornal sobre drogas, álcool, mostrando o mal que eles fazem?

Nós estamos vendo quase todos os dias nos jornais o problema do racismo: negro não entra aqui, acolá, negro não trabalha aqui, etc. Que tal uma reportagem sobre isto? Ou é proibido? Que mal os negros fizeram para sofrerem tanto assim? (José de Souza, Machado, MG)

A loura da Metralhadora impressionou

"Fiquei muito impressionado com a Loura da Metralhadora. Achei um trabalho de reportagem muito bem feito, mostrando a realidade da Marta e das pessoas que estão nesta condição. Sou estudante de Telecomunicações, mas tenho minhas quedas para o relacionamento de pessoa a pessoa. O que me tocou foi a realidade de uma delegacia, o desrespeito à pessoa humana e a situação das nossas presas. Por isso, gritemos bem alto para que toda a população fique a par.

Sei que é uma falta de ética, mas seria possível que vocês me dessem o endereço da Marta para que eu pudesse me comunicar com ela"? (Renato Ferreira Filho, Rio de Janeiro, RJ)

• Infelizmente, Renato, não podemos dar o endereço da Marta

Não estou contigo e ABRO A BOCA

Todo dia a mesma luta
ganhar espaço, festa de braços, bundas e suor
o eterno roçar, um sarro besta em plena velocidade
caras e cores, um mesmo olhar cru,
uma mesma fome antiga,
o trânsito, a fumaça, a buzina
A avenida crescendo, BRASIL, fedor — odor suor
um grande cansaço, o bafo, o sono, o laço
e a avenida crescendo, Brasil — fumaça
ENGARRAFA — CI — MENTO,
ENGARRAFA — TORMEnto
Sempre contido o ódio,
o medo vencendo, a boca fechada
o ônibus
o aperto
o parto
o ponto
o buraco — um tormento
o dia — o patrão — a fome
Depois é a volta
um novo aperto
um roça-roça na morena
o futebol, o beijo gasto
na família
e amanhã

Carmen Silvia Seixas, Rio de Janeiro, RJ

As cartas devem vir com assinatura, nome e endereço

AS CRIANÇAS SUMIDAS NA ARGENTINA

Meu grito de ódio, meu grito de dor
Meu grito lascinante de horror
Meu grito acuado de niños e niñas
Meu grito das crianças argentinas.

Meu grito de medo, pânico, pavor
Meu grito atordoado de amor
Meu grito violentado de menina
Meu grito das crianças argentinas.

Meu grito de um ano de terror
Meu grito de dois, quinze anos de temor
Meu grito abortado na latrina
Meu grito das crianças argentinas.

Meu grito de fome, de frio, estupor
Meu grito do animal torturador
Meu grito da picuña que me nina
Meu grito das crianças argentinas.

Meu grito errante, meu grito indolor
Meu grito abafado seja onde for
Meu grito em toda América Latina
Meu grito das crianças argentinas.

Marcos Dantas, Rio de Janeiro, RJ

ASSINE
12 Edições Cr$ 100,00 Ali. Direto. Em cima.
REPORTER
UM JORNAL DE CAPA E ESPADA

CUPOM DE ASSINATURA
Assinatura por 12 edições, 100,00
--Envie cheque nominal ou vale postal para:
Rua Miguel Couto, 134 - salas 1101 a 1104 - RJ - CEP 20.000
Você pode assinar o REPORTER, a partir do nº 0
Indique a partir de que número você quer sua assinatura . . . . .
Nome: . . . .
Profissão: . . . .
Endereço: . . . .
CEP. . . . . Cidade: . . . . Estado: . . . . . .

Falta de médico deixa louco maluco

CAOS NO HOSPÍCIO

É sabido que os hospícios do Rio de Janeiro e, é claro, de todo o Brasil, são o retrato vivo do caos psiquiátrico, onde as condições humanas e de atendimento são as piores possíveis, onde os loucos passam fome, apanham, trabalham como escravos nas colônias, vivem sujos de mijo e cocô.

— Os hospitais da DINSAM (Divisão Nacional de Saúde Mental) são completamente inadequados para prestar qualquer atendimento médico. Vivem cheios, as enfermarias estão sempre cheias e a falta de medicamento é um aspecto gritante. Quando há alguma medicação, esta é apenas psiquiátrica. Não existem os medicamentos básicos de urgência, como analgésicos, antiinflamatórios, antibióticos, soro, nada. Em caso de urgência, não existe ambulância. As enfermarias cheiram a fezes e urina. O cheiro de resto de comida podre também faz parte do ambiente dos hospitais. O hospital de Engenho de Dentro, por exemplo, é o depositário de abandonados da cidade, sendo eles loucos ou não.

A denúncia é do psiquiatra Paulo Duarte, um dos 80 bolsistas da DINSAM, órgão do Ministério da Saúde, que entraram em greve no dia 30 de junho, exigindo melhores condições de trabalho e regularização trabalhista, ou seja, passarem a ser contratados e gozar dos benefícios da CLT.

Tudo começou em maio, quando três médicos, como Paulo Duarte, resolveram denunciar publicamente o péssimo trabalho desenvolvido pela DINSAM. Botaram a boca no mundo e, por isso, foram demitidos. A partir daí, os bolsistas começaram a luta, que culminou com a greve, já que o Ministro da Saúde não deu nenhuma resposta às reivindicações. Ou melhor, através da própria DINSAM e de alguns diretores de hospitais, deixou entender que não precisava do trabalho dos bolsistas. Uma idiotice e uma incoerência, pois é só dar uma chegada nos números e ver que os bolsistas é que faziam o maior trabalho nos nove hospitais cariocas da DINSAM (ela é responsável pela quase totalidade do atendimento psiquiátrico no Estado, já que o INAMPS tem apenas um posto de atendimento), chegando, inclusive a ocupar cargos de chefia.

Com a paralização dos bolsistas, o atendimento, que já era caótico, passou a ser a zona geral. No hospital Odilon Galloti há cerca de 150 pacientes para seis médicos, sendo quatro deles, bolsistas. Agora, são 150 loucos para dois médicos, 75 para cada um. No Hosital Neuro-Psiquiátrico Infantil acontece mais ou menos a mesma coisa. São 130 pacientes atendidos, até antes da greve, por 13 médicos. Agora existem apenas cinco médicos. No Pinel, o pronto-socorro psiquiátrico da Zona Sul, a barra ficou tão pesada que os médicos propuseram o fechamento de vários divisões, para se dedicarem apenas aos atendimentos de urgência.

Isso porque o trabalho no pronto-socorro é, realmente, uma loucura, segundo o próprio Paulo Duarte, que trabalhava no PS da Zona Norte, o Hospital Gustavo Riedel.

— Os pacientes são levados, geralmente, pela polícia. São pessoas encontradas nas ruas, mendigos, bêbados. E a polícia parte do princípio que essa pessoa é louca e nos entrega. Então, somos obrigados a manter esse indivíduo para observação e por um tempo mínimo de 72 horas. O problema é que, como o mendigo está sempre desorientado em relação ao mundo em sua volta, ele é sempre um louco social. Constatado que ele não é doente mental, é mandado para uma enfermaria que, se estiver cheia, manda ele de volta para a rua. Aí, é apanhado pela polícia e começa tudo de novo.

Mesmo sabendo de tudo isso, o DINSAM não está nem aí para as reivindicações dos bolsistas, desnecessários segundo ela, mas, no que pode ser classificado de um real acesso de loucura, mandou chamar 40 aprovados em concurso realizado em 1976, para ocupar alguns dos lugares dos grevistas. E o que é pior (ou melhor): todos serão contratados, direitinho como manda o figurino. E claro que a medida foi claramente para esvaziar o movimento, mas, na verdade, foi uma vitória dos grevistas. De qualquer maneira conseguiriam o que queriam, que o Ministério da Saúde contratasse os médicos. Um jogo político bobo, ingênuo, uma espécie de retirada estratégica para quem está perdendo há muito tempo.

Num país de doidos, nada melhor do que instituições mais doidas ainda.

Chico Júnior

REPORTER

REPORTER

RIO, AGOSTO DE 1978 — NÚMERO 9 — Cr$ 10

AUTÔNOMO INDEPENDENTE

INÉDITO:

Policial confessa tortura

ESCÂNDALO: PREÇO REAL DA GASOLINA É Cr$5

TRANSPORTE SUFOCA E MATA TODO DIA

P. 9 a 23

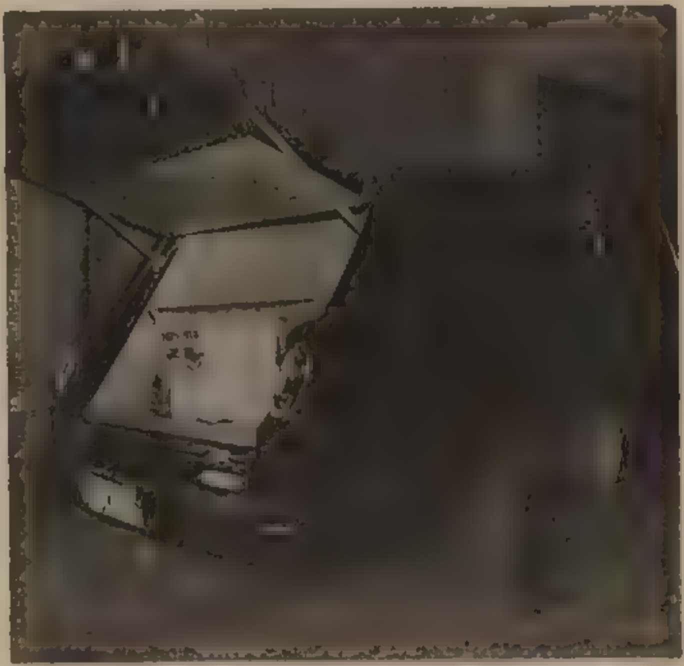
BRASILEIRO QUER BOTAR CHEFÃO DA IBM NA CADEIA

P. 25 a 27

Como os leitores devem saber, os editores do **REPORTER** poderão ser enquadrados na lei de Segurança Nacional. A razão, ainda não sabemos exatamente, mas um dia, quem sabe, descobriremos. Depois da apreensão do número 5, para o qual iniciaremos uma campanha de anistia geral, ampla e irrestrita, o Ministério da Justiça instaurou um inquérito, com a finalidade de processar os editores.

O inquérito foi iniciado apenas com os depoimentos de três deles: Luiz Alberto, Gollo e Chico Júnior . Da PF foi para a 2.ª Auditoria do Exército, onde seria transformado em processo. Só que o juiz-auditor achou que as informações contidas no inquérito não eram suficientes para transformá-lo em processo. A partir daí, a polícia começou a ouvir colaboradores, estagiários, os sócios da Margem e o editor paulista Alex Solnik que tinha conseguido ficar de fora na primeira apanhada.

No momento, continuamos sem saber de nada. Temos apenas uma informação — obtida extra-oficialmente em Brasília — de que existe ordem expressa do Ministério da Justiça para dar uma prensa na gente. Uma condenaçãozinha de leve. Sabemos também que uma das grandes preocupações deles era a de descobrir se havia ou não o famoso ouro de Moscou no **REPORTER**. Viram que não tinha.



O número 5 posa para o fotógrafo no momento de sua apreensão, em maio

Este jornal REPORTER Nº 8 foi remetido de São Paulo para Moçambique dia 14 de julho último. Duas semanas depois o jornal voltou pro remetente com o endereço de Moçambique arrancado e nenhuma outra explicação. Brasileiros que moram em Moçambique vêm comunicando a seus amigos que a correspondência chega violada nas mãos deles. Informam inclusive, que é possível que o governo proteste formalmente contra essa atitude do correio brasileiro. Tudo isso é muito estranho, pois o Brasil foi dos primeiros países a reconhecer a revolução moçambicana de Samora Machel

Terrorismo de direita deita e rola no país

Sempre que pinta no ar algum indício de mudança política no país, vem o pessoal da extrema direita, encabeçado pelo Comando de Caça aos Comunistas (CCC) e começa a realizar uma série de atentados, na maior impunidade. Foi assim com D. Hipólito, bispo de Nova Iguaçu (Estado do Rio de Janeiro) e, mais recentemente, com o jornal **Em Tempo**, cuja sucursal paranaense foi invadida por um comando do CCC. Tudo porque **Em Tempo** publicou a lista de 233 torturadores, no que fez muito bem. Dentro desse quadro de repressão paralela que vem acontecendo desde 1964, o que não dá para entender é como que o governo, tão eficaz no combate à subversão de esquerda, ainda não conseguiu identificar e acabar com os grupos de direita que usam e abusam da violência. Numa época em que todo mundo se une para tentar acabar com o terrorismo, esses grupos metem bronca impunemente Quer dizer, então, que terrorismo de direita pode?

ANISTIA ENTREGA PRÊMIOS

O Comitê Brasileiro pela Anistia, o Movimento Feminino pela Anistia e a Imprensa Nanica convidam para a inauguração. da exposição e entrega de prêmios aos cartazes vencedores do concurso "Um cartaz pela Anistia", na Associação Brasileira de Imprensa, às 20 horas do dia 21 de agosto.

REPORTER

REPORTERES/EDITORES — Luiz Alberto Bettencourt, Luiz Augusto Gollo, Chico Júnior, Alex Solnik (São Paulo), Analuce Estrela (Arte).
SECRETÁRIO DE REDAÇÃO — Toninho Martins Vaz.
REPORTAGEM — Tim Lopes, Eduardo Homem (Recife), Marcos Dantas, Maria Teresa Bustamante, Clarice Niskier, Tânia Celidônio, Raquel Moreno, João de Barros, Eduardo Serra, Martha Baptista, Luis Fernando Rodrigues, Elizabeth Buarque, Maria Helena Allan, Rivaldo Chinen, Bernardo Pelegrini, Vera Lúcia Dias, Maria Emília Alencar, Ronaldo Herdy, Mauro Ferreira, Ramona Ordoñez.
CORRESPONDENTES — Paulo D'Alcântara (Paris). Cristina Duarte (Milão).
FOTOGRAFIA — Hélio Campos Mello, Camila Butcher, Jesus Carlos, Juca Martins, Eliana Pastore, João Bittar, Wagner Avancini, Lula Feijó, Chiquito Chaves, Ricardo Malta, Ricardo Gonçales, Luiz Bittar, Custódio Coimbra, Leonardo Neri, Nair Benedicto.
ILUSTRAÇÃO — Jaime Leão, Angeli, Jota, Alcy, Guidacci.
ARTE — Pipsi, Maurício Veneza.

REPORTER Autônomo Independente — Uma publicação da Margem Editora e Programação Gráfica Ltda. Rua Miguel Couto, 134/11º andar, Rio de Janeiro.
São Paulo: Rua Jaguanbe, 25/3º andar, conjunto, 31, CEP 01224. Tel: 222-3103.
Diretor: César Arruda Castanho.
Recife: (Representante) — Editora Alternativa. Rua Conde de Boa Vista, 50/sala 30.
Distribuição — Fernando Chinaglia S.A. Rua Teodoro da Silva, 907. Rio de Janeiro.
Impressão e composição — Editora Mory. Rua do Resende, 65. Telefone 263-7002 (PABX) Rio de Janeiro.

REPORTER integra o Comitê da Imprensa Independente

Vara de Registro Público — Aut. 4456

REPORTER
revela o preço verdadeiro

GASOLINA SÓ CUSTA Cr$ 5

Em setembro de 1974, no Salão do Automóvel em São Paulo, o presidente Geisel fez uma advertência à indústria automobilística: "mudem suas linhas de montagem, produzam menos carros luxuosos e mais carros econômicos, aumentem a fabricação de caminhões e veículos utilitários".

Muito razoável. Enfim, o governo estava descobrindo que um país como o Brasil, que não tem grandes reservas de petróleo, não podia se dar ao luxo de produzir tantos automóveis, de tantas marcas diferentes, como acontece nos países capitalistas desenvolvidos. Era preciso conter a produção de novos automóveis porque os países árabes produtores de petróleo tinham aumentado o preço de sua mercadoria de 3 para 10 dólares.

Os empresários concordaram, todo mundo aplaudiu o discurso do presidente, algumas fábricas anunciaram que iam lançar veículos econômicos, mas, passado o susto inicial, não aconteceu nada realmente importante. Ou melhor: tudo continuou como estava, as indústrias se esqueceram das recomendações do governo, o governo fez vistas grossas e São Paulo continuou a lançar no mercado modelos novos. No total, cerca de um milhão de automóveis continuaram a ser produzidos por ano.

Como o governo tinha que fazer alguma coisa pra gastar menos dólares com o petróleo — e brigar contra a indústria automobilística é parada indigesta, mesmo numa ditadura — resolveu-se que, a partir de então, o preço da gasolina — e dos outros derivados de petróleo — ia aumentar numa proporção muito rápida, para desestimular o uso do automóvel. Um plano de emergência: o litro da gasolina comum, que em agosto de 74 já custava Cr$ 1,80, passou a Cr$ 2,00 em janeiro de 75, a Cr$ 2,30 em maio e em outubro já estava a Cr$ 3,21. Em um ano tinha aumentado 60%.

Com isso, o governo pensava que tinha conseguido conciliar o interesse da indústria, que não queria abrir mão de seus veículos luxuosos e potentes, com a necessidade de reduzir o consumo de gasolina. Mas será que tinha mesmo?

De início, é bom dizer que nem mesmo os técnicos da Petrobrás sabem em quanto os aumentos de preço contribuíram para diminuir o consumo de gasolina. Eles dizem que é inegável que o consumo por veículo caiu, que o consumo nacional aumentou apenas 0,5% entre 1973 e 77, mas eles mesmos classificam todas as estatísticas sobre o assunto "como muito pouco confiáveis".

— Em que, então, o ministro das Minas e Energia baseia seus cálculos? perguntou o repórter a um dos técnicos.

— Talvez o Conselho Nacional de Petróleo, que formula a política, tenha estatísticas melhores. Nós aqui só executamos uma orientação, respondeu ele.

Talvez. Mas, nós, pobres mortais, nunca fomos premiados com a revelação desse segredo. Não sabemos qual é o preço real da gasolina, se a política está dando certo — os jornais às vezes anunciam que o consumo está aumentando, a Petrobrás diz que não está — ou se está dando errado. Só sabemos de uma coisa: entre 1972 e 1978, o preço da gasolina aumentou mais de 1000% e antes que agosto acabe vai aumentar outra vez. O brasileiro, hoje, segundo a própria Petrobrás, está pagando a 15.ª gasolina mais cara do mundo. E a Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), a associação de classe da indústria automobilística, que atualmente é contra a política de aumento de preço, com medo que ela diminua suas vendas, põe lenha na fogueira: diz que a gasolina brasileira, custando Cr$ 7,30 o litro, já é a 3.ª mais cara, abaixo apenas de Portugal e Itália.

Interessada em aumentar mais ainda o fogo, a Anfavea dá outras informações: 1 — o preço real da gasolina comum no Brasil está entre Cr$ 4,20 e Cr$ 4,50; 2 — a Petrobrás produz no Brasil — por 4 ou 5 dólares o barril — quase 20% do petróleo que usa para fazer a gasolina; 3 — outros 20% são feitos à base de álcool, que custa Cr$ 5,68 o litro; 4 — enquanto o preço da gasolina subiu mais de 10 vezes, entre 72 e 78, o preço do barril de petróleo importado pela Petrobrás subiu apenas quatro vezes.

Quer dizer, segundo a indústria automobilística, 40% da gasolina vendida no país é produzida aqui mesmo e a matéria-prima que é importada também não encareceu tanto para justificar aumentos tão violentos no preço final.

Os técnicos da Petrobrás dizem que não sabem como a Anfavea chegou ao preço real de Cr$ 4,50, e que é muito difícil calcular quanto a mais do que o normal está pagando o consumidor porque esta diferença é estabelecida por critérios políticos do governo, mas sugerem o seguinte: "se você quer ter uma idéia do preço da gasolina se seu crescimento tivesse sido natural, pegue o preço de um ano qualquer e faça os reajustes até 1978, de acordo com a taxa de inflação; os preços assim, serão atualizados sem outros acréscimos."

Pois bem, nós fizemos as contas e chegamos ao seguinte resultado: **se o preço da gasolina desde janeiro de 75, portanto já com o aumento provocado pelos árabes, tivesse sido aumentado apenas para cobrir a inflação, um litro da comum custaria hoje Cr$ 5,05.**

Os efeitos sociais dessa diferença de Cr$ 2,25 é outra coisa sobre a qual ninguém dentro do governo tem muito interesse em falar. No Ministério da Fazenda ou na Fundação Getúlio Vargas, que calcula o custo de vida, não se sabe qual o impacto do preço exagerado da gasolina sobre as cotações das outras mercadorias. E todo mundo sabe que ela não afeta o bolso apenas na hora de encher o tanque do carro; ela é paga também quando os caminhões médios e leves, movidos a gasolina, transportam produtos para as feiras livres e carne para o açougue.

Não se sabe ainda como os Cr$ 7,30 pagos por cada litro de gasolina comum são divididos e porque, agora, a cota de contribuição à Previdência também está incluída aí. Sabe-se, e nisso todas as informações coincidem, que a Petrobrás fica com 51,9%; 3,1% são a remuneração das companhias distribuidoras; 7% vão para os revendedores e 38% pertencem à categoria **outros**, que é a mais concorrida. Abiscoitam parte dela o Imposto Unico sobre Combustíveis, o Pasep, Cota de Previdência, DNER, Fundo Nacional de Desenvolvimento Ferroviário, Departamento Nacional da Produção Mineral, Comissão Nacional de Energia Nuclear, Fundo de Pesquisas Nucleares, ministério da Aeronáutica, orçamento dos Estados, municípios e Distrito Federal e Transportes. Os que pagam são, portanto, sócios e contribuintes de todas essas siglas que certamente mal conhecem.

O ministro das Minas e Energia e o ministro da Fazenda, para justificar cada um dos muitos aumentos, costumam dizer que, com esse dinheiro, o governo está financiando o preço mais barato do óleo diesel e do óleo combustível, que são usados nas indústrias e no transporte. Mas os critérios de aumento já vieram prontos num decreto-lei, que ninguém discutiu, e os beneficiários dessa mina de ouro também são escolhidos sigilosamente. Pode ser até que o governo esteja aplicando bem a bela quantia, só que ninguém sabe disso. As informações "confidenciais" são conhecidas apenas de um restrito grupo de técnicos da Petrobrás, do Conselho Nacional de Petróleo, do Ministério das Minas e Energia e de um ou outro ministério da área econômica.

PREÇO EM JANEIRO/75 Cr$ 2	INFLAÇÃO (*) DO ANO 29,3%	PREÇO EM DEZEMBRO/75 2,58
JANEIRO/76 2,58	44,9%	DEZEMBRO/76 3,73
JANEIRO/77 3,73	35,5%	DEZEMBRO/77 5,05

(*) Inflação calculada pela evolução do Índice de Preços por Atacado (IPA).

Luiz Alberto Bettencourt

—Esta não é uma eleição que qualquer um pode participar. O cara que tá na fábrica ou tá na periferia que não tem dinheiro nenhum , resolve sozinho vamos de dizer : diz-se que todo cidadão teria direito de se candidatar, um fulano desse se dirige ao... fora a convenção passar por convenção... consegue chegar até o TRE, vai se inscrever como candidato, tira carteira de indentidade, tira tudo... 10 mil pau. Não tem? Não é candidato!

Foto de João Bittar

Geraldinho foi um dos líderes das passeatas de 1977

ELEIÇÕES

CANDIDATO DENUNCIA: MATARAM O OPERÁRIO

Foto de Amancio Chiodi

O futuro deputado pôde ser visto nas ruas de São Paulo em maio do ano passado, discursando para pequenas multidões e se escondendo da polícia. Este ano ele não se esconde mais: aparece com o número 1471 do MDB, mostra seu nome — Geraldo Augusto Sigueira Filho — e assim faz política longe da faculdade, formado há um ano em Geografia pela USP.

Mas não é geógrafo, é bancário. Há seis anos está nisso, hoje no Banco do Brasil, escriturário de uma às sete da noite. Os colegas do escritório brincam com ele. Passam o telefone dizendo: "É o Erasmo Dias, quer falar com você." Quando passa uma sirene lá fora, a gozação é geral: "Esconde o Geraldinho, vieram pegar ele." Mas não foi gozação as vezes em que encontrou a casa cercada de carros da polícia, as vezes que teve que ser interrogado.

Com 27 anos e rosto de muito menos passou por momentos muito especiais para quem teve educação como a sua, rígida, profundamente anti-comunista. A família de classe média, baixa mas remediada. Não faltava nada, a vida estava mais ou menos resolvida. O irmão foi secretário da União Estadual de Estudantes em 1966. Nesse ano foi preso. A prisão confundiu Geraldinho pois a polícia acusou seu irmão de comunista, e pelo que ouvira falar de comunistas, eram pessoas muito diferentes de seu irmão.

A diferença de idade entre os irmãos era grande. Quase nunca falaram de política. Geraldinho nunca leu nada até que em 1968, no meio daquele fervilhar todo, como ele mesmo diz, entrou na primeira greve de sua vida. Era secundarista do Fernão Dias Paes, um grande colégio estadual em Pinheiros. Por curiosidade, foi espiar o que estava acontecendo com os universitários. Conheceu o lugar onde moravam, o CRUSP, território livre deles. Gostou daquele clima de debates, um encaminhamento a favor, um contra, votação; estava fascinado por tudo aquilo e começou a acompanhar passeatas. A primeira em outubro de 68: passeata pala morte do secundarista José Guimarães, na rua Maria Antonia, atingido pelas balas do CCC.

Não houve enterro porque a polícia tinha enterrado o rapaz sozinho. Mas a passeata saiu, tendo à frente a camisa ensanguentada do estudante. Geraldinho vibrou demais na passeata e quando a polícia chegou se escondeu numa farmácia, onde ficou quase uma hora.

Dez anos depois era um dos comandantes das passeatas. Em política, foi voto nulo até 1976. Achava que não adiantava entrar no jogo "pra se sujar". Ainda hoje, muitos de seus colegas de faculdade pensam assim. Quando lhes diz que é candidato olham-no com cara de quem diz: "coitado, outro que vai se sujar na política." Outros colegas compreendem que ele não vai entrar no "jogo sujo". Sua política é diferente.

A campanha já é. Primeiro, sem dinheiro quase. Foi duro arranjar os Cr$ 10 mil de inscrição. Mas isso não é problema, pode ser até vantagem, como explica o assessor do candidato, Tonhão:

— Os cabos eleitorais trabalham para ele de graça. São muitos, espalhados pelos bairros de São Paulo. Lugares onde participamos de algum trabalho ou temos amigos que trabalham.

— A campanha será feita de mutirões — diz o candidato — grupos que vão a portas de fábrica, escolas, chamam as pessoas para discutir o programa que não é só meu, é feito pelas pessoas que participam da campanha.

— É uma candidatura que representa uma porção de gente — explica Tonhão.

— Enquanto outros fazem campanha com dinheiro nós fazemos de outra forma. Enquanto as escolas são dispensadas para receber Geisel, os estudantes reuniram multidões sem obrigar ninguém. E sem pagar um tostão. Imagine ter que pagar gente pra sair numa passeata!

DENÚNCIA

Em 1970, Geraldinho foi preso, durante panfletagem na Vila Maria, em São Paulo. Junto com ele foi também um operário experimentado em lutas sindicais, Olavo Hansen. Os dois passaram por vários órgãos policiais. O estado físico de Olavo piorava em cada mudança. Na última vez que o viu, Olavo estava estendido no chão. Na rua, Geraldinho viu no jornal notícia da morte de Olavo. Suicidado.

Geraldinho ainda se sente estranho como candidato. Nos dois anos que foi do Diretório Central dos Estudantes, sempre falava em nome da diretoria, nunca em nome próprio. Agora, na campanha, perdeu o anonimato, seu nome tem que ficar marcado. Uma situação oposta. Mas não pensa em "carreira política", muito menos abandonar o serviço no banco. Pelo contrário, pensa em se entrosar melhor na vida sindical dos bancários, da qual não participou porque não podia estar ali ao mesmo tempo que no Movimento Estudantil.

A ligação maior com operários surgiu por motivo mesmo da tradição do Movimento Estudantil. Já se sentia isso em 68. Estudantes foram às fábricas ocupadas de Osasco, talvez até com exagero. O líder dos operários, José Ibrahim, chegou a pedir, numa assembléia que os estudantes saíssem das fábricas ocupadas pois não havia espaço para eles e para os operários.

Essa afobação não se repetiu nas greves deste ano. Os estudantes não foram chamados, não apareceram. Respeitaram a decisão dos operários. Mas nem todos trabalhadores pensam como Lula: operários devem ficar de um lado, estudantes de outro, cada um fazendo o seu.

— Tem mesmo é que misturar!, — contesta Geraldinho. Os operários é que fazem o país, eles têm que puxar os outros na luta política, mas não podem ficar sozinhos. A ditadura é uma só. A separação entre grupos interessa a ela. Setores populares, estudantes, operários têm que se comunicar e atuar juntos. Você vê as greves deste ano: não foram feitas pelos sindicatos e sim pelas comissões de fábrica. Pequenas comissões formadas nas bases. É assim que vejo a democracia funcionando. Comissões de fábricas, comissões de bairros, pequenos grupos de base trazendo seus problemas à discussão. Tenho contatos com oposições sindicais, operários já foram discutir na USP, nós fomos discutir com eles. E eu sinto que eles respeitam nossas lutas do ano passado e nos recebem com amizade.

Experiência de campanha política ele não tem nenhuma. Tonhão, o assessor, já trabalhou na campanha de Marco Aurélio Ribeiro para a vereança. Nos dias de semana, de manhã e à noite, fazem visitas a grupos de médicos, trabalhadores, universitários; nos fins-de-semana, viagens para contatos no interior. Lá é sempre mais difícil porque ainda há poucos entidades do tipo Comitê Pela Anistia, Oposição Sindical, Comunidade de Base. Os esquemas políticos são tradicionais e com a política velha Geraldinho não transa. Entre os senadores da República, por exemplo, não destaca nenhum. Admira atuações de dois ou três deputados federais.

Além de querer eleições diretas no país, as quer nos DCE, nas comissões de fábrica, nos pequenos grupos:

— A interferência das bases tem que ser o tempo todo. Põe um cara, tira outro, dessa maneira é que se pode pensar numa sociedade mais justa. A população contando seu problema de transporte, habitação, creche, alimentação. Esses grupos, com organização própria é que farão a democracia. Tem nego querendo fazer democracia antes de que as massas façam. Há uma correria de democratas. Na história do Brasil foi sempre assim, desde a abolição. A Independência foi feita assim. O sindicalismo de Getúlio também. Mas de nenhum desses "democratas" que estão aí eu ouvi alguma coisa sobre direito de greve, sobre comissões de fábricas; durante as greves, eles se calaram. Nenhum deles fala como é que vai ficar o problema de transportes que está assim não por engano mas por uma política que favorece a indústria automobilística. Os empreiteiros. Favorece a construção de grandes viadutos em vez de fornecer casas populares. E os Lindenberg da vida continuam faturando o que querem com apartamentos de luxo.

Alex Solnik

ELEIÇÕES

FALTAM Cr$ 10 MIL PRA OPERÁRIO SER DEPUTADO

Foto de Wagner Avancini

Sobe num caixote, amparado por um companheiro também magro, também beirando os quarenta anos — ele tem trinta e nove — e começa a falar para os poucos operários que já saíram. Estamos em São Paulo, na porta de uma fábrica, em Santo Amaro, a poucos quarteirões da Fábrica de Bicicletas Caloi, onde Aurélio Peres trabalha há um ano e meio. Pede silêncio e começa a falar:

"Companheiros. Estamos nos apresentando a vocês como um igual. Como um operário também, que trabalha nas máquinas como vocês, que luta pra poder sobreviver. Estamos nessa campanha para deputado federal apoiados por 62 organizações de bairros, pelas oposições sindicais à pelegada que tá aí, e pelo MDB. Estamos vivendo um período em que o povo começa a tomar conhecimento de sua miséria, da situação em que esse governo nos colocou. A gente está descobrindo também que a nossa miséria é a riqueza de um grupo pequeno, que está no poder e usa o poder pra ficar cada vez mais rico. Quanto menos a gente ganha, mais eles ganham. Quanto mais baixos são nossos salários, mais alto é o lucro deles, quanto mais a gente sofre, as famílias do trabalhadores passam necessidade, mais eles vivem no conforto, na boa vida, no sossego. Então, a gente precisa buscar formas de mudar a situação, de dividir melhor o que nós todos produzimos. Eles não podem continuar levando a parte do leão e deixando as migalhas pra que a maioria fique disputando. Nós não temos que repartir nossa miséria, mas a riqueza deles. Por isso é que a gente aceitou levar essa luta, através do MDB, que ainda não é o nosso partido verdadeiro, mas o único que a lei deles permite para a gente protestar. Enquanto nós, operários, não temos um partido nosso, autêntico, criado e dirigido pela gente, o MDB serve para protestar, para chegar à união que vai permitir a criação do nosso partido. E por isso é que nós estamos aqui, para pedir o voto dos companheiros..."

O sujeito que ajudava Aurélio já está distribuindo os panfletos de propaganda, com os seis pontos da campanha do candidato número quatrocentos :

— Pra você ver como é difícil um operário entrar nessa campanha como essa, até os panfletos foram feitos em parceria. É uma dobradinha que a gente faz com outros candidatos que tem uma posição próxima à da gente, e dois candidatos fazem parte dum só volante. Então, nas zonas leste e sul da cidade, eu apareço junto com a Irmã Passoni, candidata a deputada estadual. Na Freguesia do Ó, com o Sérgio dos Santos e em Ribeirão Preto, com o Antonio Calixto.

Essa é apenas uma das dificuldades. Como fazer campanha, tendo que acordar às quatro e meia da manhã pra entrar ás seis no serviço, trabalhar até às duas da tarde, depois sair por aí de ônibus, ou até a pé, pedindo caixote de cerveja nos bares perto das fábricas para improvisar o palanque do comício, visitar as sociedades amigos de bairro, sindicatos, reuniões da oposições operárias?

"E agora, estou encontrando uma certa dificuldade até com o pessoal da Igreja, que não se liga muito nessas disputas partidárias. Eles preferem se distanciar dos partidos e isso complicou um pouco. E ainda tem o problema dos dez mil cruzeiros..."

Aurélio Peres não tem dez mil cruzeiros exigidos para se inscrever como candidato no Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo. O prazo está se encerrando e, caso não consiga o dinheiro, ficará fora da disputa de 15 de novembro:

"Mas eu tô me virando. Vamos ver se dá pra arranjar, nem que seja emprestado com o pessoal do partido."

Aurélio foi boia-fria, plantador de feijão desde moleque, ligado aos companheiros de roça pela vontade de sair da miséria do campo. Começou cedo no batente, ainda não tinha nem dez anos e já sabia da enxada e da colheita, para ajudar a casa de muito irmão e pouco dinheiro.

Eu sou mesmo é operário, operário ferramenteiro. Mas participo desde a roça nos movimentos de oposição. Quando eu morava em Santa Fé do Sul, onde fui criado — Aurélio nasceu em Bilac, cidadezinha do interior de São Paulo perdida no mapa — nós organizamos uma luta contra um despejo que pretendiam fazer na Fazenda Reserva. Aí eu já pertencia à Juventude Agrária Católica. O negócio deu certo, a gente ganhou a briga contra os que queriam tomar a terra do povo, isso deu mais força, mais fé no trabalho que a gente desenvolvia. Então, fui aprendendo o justo e o injusto na luta mesmo, com a prática da luta pela terra, contra a exploração dos que acham que são donos de tudo, até das pessoas."

A batalha pela posse da Fazenda Reserva permitiu ainda a criação de uma cooperativa para a região de Jales, com dinheiro do Governo. Mas

Foto de Cristina Villares

Aurélio é um dos organizadores do "Movimento Custo de Vida", lançado dia 15 de março deste ano no Colégio Arquidiocesano, São Paulo (foto acima)

as vitórias podem ser passageiras, quando o povo não está sempre mobilizado para defender o que conquistou, como explica Aurélio:

"Foi só a coisa amolecer um pouco, e eles já meteram a mão no que tinham ajudado a construir. Como era do povo, administrada por gente nossa, o Governo não demorou para acabar com a cooperativa dos trabalhadores, inundando as terras com a represa de Ilha Solteira. Ficou tudo como estava, até pior."

Em 1968, ano do AI-5 e das passeatas, Aurélio chegou em São Paulo. Vinha aprender uma profissão, casar, continuar a luta. Entrou no SENAI, virou ferramenteiro. Encontrou Maria Conceição, e já têm dois filhos. Até comprou casa, num fim-de-mundo da zona sul da cidade, bairro chamado Figueira Grande, onde as casas de tijolo se ligam por barracos, o esgoto e água encanada nunca chegaram, nem iluminação pública, nem asfalto, nem transporte decente. Só há muita vontade.

"E precisa muita mesmo. Quando cheguei, já fui juntando o pessoal, discutindo a vidinha de cada um, os problemas que a gente enfrentava. Fundamos uma associação dos moradores do bairro, encaramos a briga pela escola pros moleques, cascalho pra tapar um pouco a lama das ruas, condução que nem passava por lá. Era um desses loteamentos que eles fazem pra depois pensar em quem vai morar. Quer dizer, eles mesmos nunca pensam. Criam, vendem e vão embora, arrancar mais dinheiro dos coitados. E largam o problema. Então, aos pouquinhos, com muita luta, a gente foi se virando.

Aurélio virou presidente da Associação dos Amigos do Bairro de Figueira Grande. Comandou a luta pela criação de outras associações em loteamentos próximos que acabaram virando bairros. Filiou-se aos movimentos católicos e à oposição metalúrgica. Integrou um dos primeiros grupos organizados para combater o pelego Joaquim dos Santos no Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, um dos maiores da América.

"Passei esse tempo todo tentando mobilizar o pessoal, levar uma palavra de animo. Mas sempre na oposição. Isso é uma coisa que eu sempre falo e sempre deixo bem claro: esse governo que aí está, faz tanto tempo, é uma governo dos ricos, dos que já têm tudo. Então, há três anos, quando achei de escolher um partido, é claro que só podia escolher o MDB. Não porque seja realmente o partido certo, onde tudo corra bem. Claro que não. O MDB é cheio de limitações, eu sei disso. Mas como é que uma pessoa que sempre lutou na oposição, que é operário, pode entrar para o partido dos patrões, dos ricos, que é a Arena? Não dá."

O programa do candidato-operário está sendo decidido em suas reuniões com donas-de-casa, operários, gente da roça como ele:

"Eu vou e discuto. Tudo mundo fala, dá palpite, apresenta sugestões e então todos votam. Quer dizer, tem alguns pontos que já estão certos, como os direitos dos trabalhadores, das lutas sindicais, da anistia e da Constituinte.

Também estes foram tirados nas reuniões de Aurélio Peres com o povo da periferia de São Paulo. Numa reunião sua com donas-de-casa, esposas de operários, elas não entendiam o que era essa tal de Constituinte:

"Então eu expliquei. Do meu jeito, com as minhas palavras, igual eu falo com a minha mulher. Então, uma delas levantou a mão e falou:

Se é isso, eu acho que a nossa luta principal é pela constituinte. É pra fazer um Estatuto do Brasil. Daí eu percebi que ela tinha entendido o que eu queria dizer."

Luis Fernando Rodrigues

O torturador de pernas cruzadas aperta as teclas do *pianinho*, o choque elétrico mais moderno. Cada tecla corresponde a um aumento de voltagem. Tem na mão uma garrafa de pinga, bebe durante a sessão. Em cima da mesa, uma metralhadora. A máquina do outro torturador é mais antiga, a *maquininha*. O balde de água serve para molhar a vítima. Assim sentirá mais os choques. Serve também para por em baixo do preso, que geralmente defeca e urina durante a tortura.
Por trás da vítima, um torturador dá choque no ânus, com um cabo de vassoura enrolado de fios elétricos.
O guarda, de metralhadora, não fica o tempo todo parado. Pode, por exemplo (como foi com o artista), enfiar o cano da arma nas narinas do preso.
O artista Bruno Barbosa da Silva conhece prisões e torturas desde pequeno, ladrão por necessidade. Esculpe há 20 anos mas só em 69, ao conhecer presos políticos na cadeia, pensou em reproduzir cenas de violência policial. Este ano fez o "pau-de-arara" que há 10 anos queria fazer

Tortura do artista é sua obra - prima

Levou dez anos pra fazer um pau-de-arara

Bruno Barbosa da Silva, autor do "pau-de arara

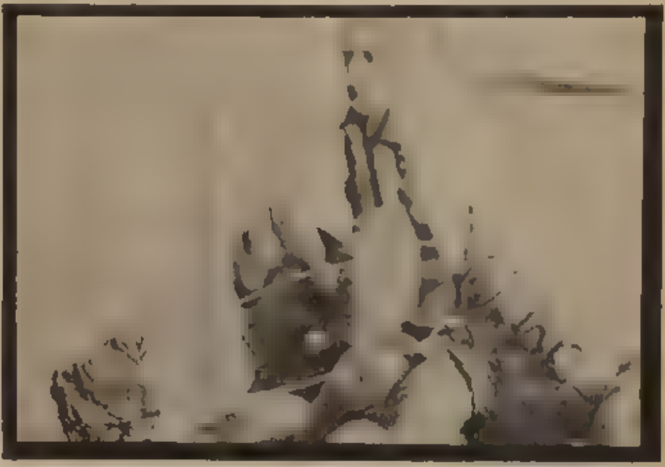
—Tira a roupa. Tem que tirar mesmo. Se não tirar, os caras rasgam. Aí o cara fala: dá o braço. Você tem que dar o braço, amarra, né, senta, você tem que sentar, amarra as pernas, amarra mesmo, com qualquer coisa. Quando você sai de lá... bom, quando você sai não consegue nem andar, nem mexer o braço, mão, nada... o braço fica todo preto. Se não sentar, senta na porrada, de qualquer jeito você vai ter que sentar. Amarra o pé, põe o braço pra baixo, enfia o cano, um de cada lado, suspendem, bota lá, você fica balançando, aí pegam outro fio e amarram as pernas no pé da mesa, fica bem esticado.

Aí outro já pega logo, vai esticando os fios. Primeira coisa assim é amarrar no pênis do cara. Amarra bem o fio no pênis. Quando é uma maquininha só, o cara fica com um fio solto na mão, amarra um no pênis e um fica solto, aí um cara fica girando a maquininha — quando era a maquininha, agora tão usando só o pianinho — aí o outro fica correndo com o fio pelo corpo todo. Enfia na boca. Quando dá na boca, você dá mais de 500 milhões de piscadas por segundo. Dá um troço esquisito. Os caras me quebraram os dentes da frente com choques.

Outras vezes, eles pegam um cabo de vassoura ou mesmo um cacetete, enrolam fios elétricos em torno, aí enfiam na bunda do cara. Em mulher também. Mulher é até pior. Deve ser mais sensível. Eles realmente esculhambam o cara. Choque na boca é horrível. Os caras falam "vou te capar" e dão porrada. Não capam não sei por que. Às vezes, até capam mesmo. Transação do fio que o cara amarra, eu até hoje tenho que ir de vez em quando no médico, passar pomada e tal... quase me cortaram o pau fora! Você vai fazer o que? Você vai gritar? Não dá nem pra chamar a mãe.

Tem cara que fica 20 horas no pau-de-arara, tem cara que morre, tá cheio de cara aí, todo dia. Têm cara que sai de lá e vai pro Juqueri, Manicômio Judiciário. Você vê esses caras na rua falando sozinhos, bobos, você fala: é bêbado. É nada, é cara que foi pendurado.

Bruno Barbosa da Silva



Bruno Barbosa da Silva já perdeu a conta de quantas vezes essa cena se deu com ele Trombadinha aos 12 anos, terror de seu bairro, delinqüente juvenil, passou boa parte da vida na cadeia Durante a infância, foi pedinte, um dos doze filhos da família que morera num quarto 4 × 4, com primos, tios e o avô. No total, 20 pessoas Ele saía com a irmã. No Moinho Primor, lhes davam fubá. Numa padaria, pão velho. Pediam nas barracas da feira, onde desse

O avô não comia miolo de pão. Jogado sobre a mesa, Bruno pegava os pedaços, brincava com eles na mão Antes de comer, fazia com o miolo de pão bonecos desengonçados. Também curtia fazer, com a irmã, bonecos preparados com a mistura de arroz e jornal

Na escola repetia todo ano. Era aluno da Caixa, sustentado pelo governo

— Eles davam sapatos, mas quando pisava na água a primeira vez, o sapato derretia. Não dava pra durar o ano todo

Se ia descalço na escola, não podia: direto pra diretoria Tinha a manha de arranjar um chinelo e amarrar com panos o outro pé, como se estivesse machucado

Aluno da Caixa, naquele tempo (há 20 anos), não podia fazer o que os outros faziam: era o último da fila a entrar na classe e também não tinha direito de sair no recreio. Bruno passava os recreios na sala de aula. Começou a curtir em naços de giz as pessoas desengoçadas que modelava com miolo de pão. Acabava com o giz, ir pra diretoria

Com 10 anos já tinha sapato

— Tanta loja em Pinheiros, eu não ia andar descalço...

Aí começou a roda-viva de seus anos seguintes, com idas e vindas de reformatórios para menores, cadeias, delegacias, salas de tortura, celas. Hoje, mora num barraco que construiu sozinho, um quartinho do tamanho do de sua infância, onde mora sozinho, com dois cachorros. O quarto de madeira tem poucos móveis. Uma mesa tosca, um fogão e a cama nos altos, sobre o mezanino. Nem luz elétrica, nem água encanada O chuveiro fica numa pequena cachoeira, perto da casa. A casa é cercada de floresta cerrada de pinheiros, quase sem vizinhança, numa rua de terra. No quintal, Bruno fez um forno de tijolos para seus trabalhos de barro

Estão junto às paredes do quarto alguns trabalhos e dentro de um caixote de papelão, outros. São figuras sofridas, quase sempre em choque com a polícia. Cenas que Bruno viu na rua ou viveu Cenas da infância. Um pedinte. As mãos de suas figuras são sempre enormes, os pés também. — As pessoas que faço são mais ligadas à terra, por isso os pés são grandes. As mãos são mãos de quem trabalha, têm que ser grandes.

Um lixeiro. Uma fábrica de dinheiro, onde o operário é triturado numa máquina que transforma seu corpo em moedas. Um caminhão de bóias-frias. Estudantes espancados pela polícia, durante as passeatas. Prisões. No tempo todo que faz escultura, desenha também, já pintou muitas paisagens em bares. Nunca teve professor, mas aprendeu mais, por mais absurdo que seja, na cadeia Em 1968, 69, conheceu os primeiros presos políticos, com quem conversava e lia os livros·

— Pra gente, eles eram ricos pra xuxu, tinham livros pra burro. Visita deles era banquete

Bruno não os entendia no começo

— O cara chegava e dizia que assaltava o banco mas não ficava com o dinheiro. Eu não entendia essa transação Pô, como são bobos, eu pensava

Foi lendo e diz que foi tomando consciência·

— Comecei a ver que não adiantava arrumar as coisas só pra mim. Roubar do outro e ficar com a grana não resolvia nada

Saiu livre em 1972, disposto a não roubar mais E começou a fazer trabalhos diferentes Antes, fazia coisas que os outros achavam "bonito" desta vez queria fazer trabalhos com conteúdo A dificuldade foi vender o trabalho. Eram cenas muito duras.

— Quem vai querer na sala uma cena de polícia batendo?

Quem gostava das peças não tinha dinheiro pra comprar. Ou levava, prometia pagar e não pagava. Recusado nos salões, Bruno arrumou trabalhos extras para garantir suas pequenas despesas, só comida, praticamente, e condução, fora o lazer. Faz trabalhos em portas para "os bacanas"

Ele é baixo e forte, braços grossos. Já fez muitas coisas em 31 anos de vida. Já foi baterista, aqui e no Paraguai e também trabalhou na roça, onde trabalhou muito com escultura, conheceu gente legal, aprendeu muito. Foi bóia-fria mesmo, contratado por um "gato" pra cortar pés de café. — A gente fazia no pau, eu e o meu colega que a gente anda junto desde pequeno, sempre foi preso junto e tudo. Fazia no pau e cansava logo, por que não dá mesmo. Ganhava por pé cortado, 20 centavos por pé O caipira fazia devagar mas fazia o dia todo

Desde 1968 tinha na cabeça a idéia de mostrar num trabalho como é a tortura que sofreu tantas vezes. Só este ano conseguiu fazer e expôs a peça na Universidade de São Paulo. Achava que os estudantes sabiam como era tortura, mas não sabiam: uma estudante lhe perguntou porque o torturado estava com o pênis duro. Todos os dias de exposição Bruno estava lá. De vez em quando, recebia bilhetes ameaçadores: "tira isso daí, senão eu quebro"

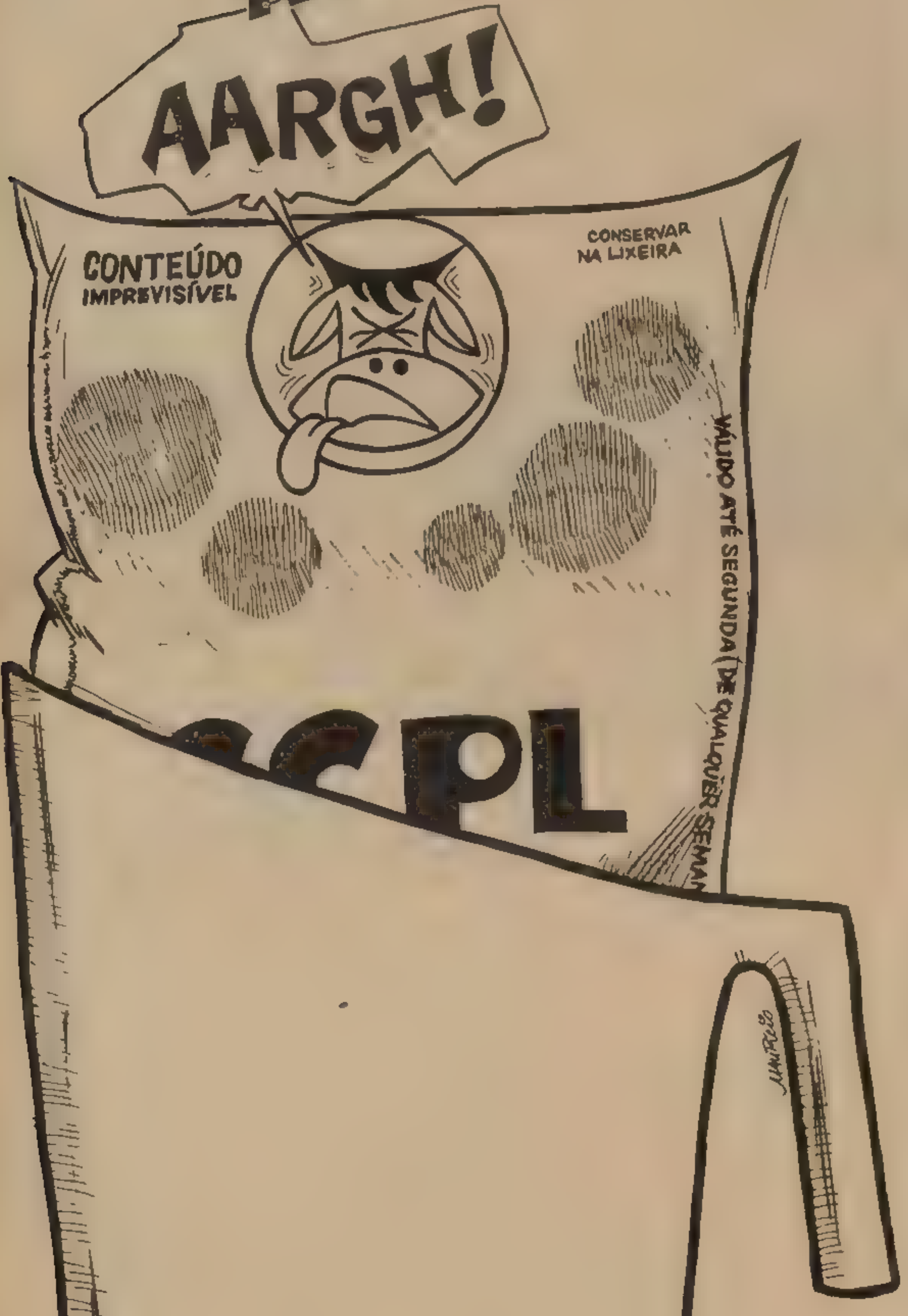
— A arte tem que marcar uma época. Não faz muito tempo eu penso assim. Se o artista não marcar o que ele vê, daqui a um determinado tempo ninguém vai saber mais nada. Vai pegar uma natureza morta que tá cheio por aí, que os caras pintam toda hora, de que época é? Ninguém vai entender mais nada. Você mostrando determinadas coisas, o cara vai ver: pô, naquele tempo também era fogo. Quer dizer, continua ainda, desde uma porrada de tempo até agora

Essas marcas nos braços são de tortura?

— São pontos que levei. Foi o seguinte: quando te penduram, você faz tudo pra não ser pendurado. Não dá pra levar os caras no papo Porque eles querem alguma coisa. "Me dá 40 carangas", o cara grita. Ele sabe que você não tem 40 carangas, mas exige. Ou então quer o "intrujão", ele que sustenta a polícia. É o receptador. A polícia quer saber quem é, pra ir lá e arrancar uma grana dele,ou ficar com o produto Nem querem saber de devolver pra vítima. Então, essa marca nos braços foi quando me tiraram do pau-de-arara e eu bolei me cortei todo com uma garrafa pra ser internado no hospital, pra descansar das torturas

Alex Solnik

LEITE É PISCINA DE MICRÓBIO



Água no leite. Cocô de vaca no leite. Bactérias outras. Várias análises já foram feitas no Rio de Janeiro e São Paulo, devidamente publicadas na imprensa e em todas a terrível descoberta: o leite que o brasileiro toma é da pior qualidade e pode, inclusive, provocar doenças. Mas o Ministério da Agricultura não fiscaliza? Fiscaliza, sim senhor. ¿E então?

Então que nessa transa toda, os fiscais do DIPOA (Departamento de Inspeção de Produtos de Origem Animal), órgão do Ministério da Agricultura, estão dormindo no ponto nos seus confortáveis postos instalados dentro do departamento de produção das fábricas de leite. Dormindo no ponto, ou, o que é pior, numa descarada cumplicidade com as fábricas, que, como não poderia deixar de ser, só querem ver o dinheirinho no final do mês. E segue o brasileiro tomando água e comendo cocô de vaca.

Existem atualmente no mercado, dois tipos de leite: B e C. Deveria, ainda, existir o A, que seria o melhor deles, mas que, devido ao seu alto custo, não está em circulação.

Para consumo, o B ainda vai, pois é feito do chamado leite **in natura**. No C, meus amigos, entra tudo, menos leite, por mais incrível que isso possa aparecer. Para que possa ser vendido por um preço que eles consideram baixo, é fabricado de acordo com uma estranha fórmula, sem contar o problema da falta de higiene e do cocô de vaca.

Para a fabricação do leite tipo C, as fábricas importam leite em pó desnatado do Norte da Europa, mais especificamente da França, Irlanda e Polônia, países que têm disponibilidade de leite em pó. Essa prática é permitida por lei e foi concedida a partir do momento em que produtores e Ministério da Agricultura chegaram à conclusão de que os meses de maio a outubro eram críticos para o abastecimento, em razão de pastagens ruins. Então foi permitida a importação do leite em pó para ser hidratado no Brasil. Pelo menos foi essa a solução que as pessoas interessadas no assunto encontraram para não deixar que o leite faltasse ao consumidor.

Mas aí os empresários do setor descobriram que nessa reidratação estava a mina de ouro. Para começar, conseguiram a hidratação do leite durante o ano inteiro. Depois, pediram ao governo que a taxa de gordura do leite C diminuisse de 3% para 2,5%. Por fim, de acordo com a informação de um funcionário da CCPL, passaram a trambicar na fórmula. Segundo o Ministério da Agricultura, para cada 90 sacos de 25 quilos de leite em pó desnatado, devem ser adicionados 25 mil litros de água. Só que, em vez de 90, são colocados 80 sacos.

E como é que se consegue o padrão de gordura exigido pelo governo? Simples. Além do leite em pó, importa-se, também, manteiga e creme de leite, que, invariavelmente, chegam no Brasil impróprios para o consumo. Pega-se essa manteiga rançosa, o creme de leite mais prá lá do que pra cá e adiciona-se ao leite. Uma fórmula mágica, mas que de nutritiva não tem nada. Além disso, ainda de acordo com o mesmo funcionário, nem sempre é atingido o padrão de gordura.

E para onde é que vai o leite **in natura** que chega de Minas Gerais, Espírito Santo e interior do Rio de Janeiro? Empresário não é bobo e usa o leite-leite nos produtos mais economicamente rentáveis, como leite B (Cr$ 10,00 o litro), queijos, manteiga, iogurte, creme de leite, doce de leite, leite longa vida, requeijão, produtos que estão longe do poder de aquisição do povo. O detalhe é que todos eles, com exceção do leite B, são considerados supérfluos na alimentação popular.

Além de bebermos um leite que é água pura, ingerimos algumas bactérias de praxe. O coli fecal, por exemplo. Quando o leite sai da vaca, sai com o coli fecal, que é produzido ao mesmo tempo pela vaca. Para eliminá-lo, só com boas fervuras e/ou a pasteurização. Só que a pasteurização deve ser feita a 80 graus, nem mais, nem menos. Se a temperatura for maior, o leite sai queimado. Se for menor, sai cru. E em ambos os casos o coli fecal continua firme. E pelas análises feitas e publicadas há algum tempo na Grande Imprensa, nota-se que não se respeita muito o sistema.

Outro foco de bactéria é o plástico do qual se faz os saquinhos. Evidentemente ele sai da fábrica cheio de bactérias, que são mortas através de uma lâmpada especial, pela qual passa o plástico. Só que, inúmeras vezes, essa lâmpada está queimada, deixando os germes passarem tranqüilos, até chegar, são e salvos, no nosso organismo. E o DIPOA ali, em cima, fiscalizando.

Chico Júnior

Foto de Custódio Coimbra

ENLATADOS VIVOS

Três horas para ir. Três horas para voltar. Às vezes, muito mais, dependendo do engarrafamento, do descarrilamento ou do atraso normal. Oito horas de trabalho diário, às vezes mais, dependendo da hora extra. Dez horas para viver e dormir. Às vezes menos, dependendo de tudo isso aí em cima, fora a doença da criança e a briga com a mulher.

O centro da cidade ficou caro, as favelas estão sendo destruídas e a solução imposta foi a saída para a periferia, para os bairros distantes. Antes, o trabalhador ainda poderia se dar ao luxo de morar perto do emprego. Uma compensação, considerando as péssimas condições de habitação. Mas foram mandados embora — e ainda estão sendo — e continuam morando da pior maneira possível. As favelas apenas se transformaram. Se as casas eram de madeira, agora são de alvenaria. Mas a bosta continua.

E isso é válido também para a classe média baixa, que não tem condições de pagar os aluguéis absurdos que a cidade pede. E a solução imposta, mais uma vez, é se afastar para os bairros distantes. E se afastar da cidade significa se afastar do local de trabalho. Significa gastar mais tempo e dinheiro em transporte. Significa ter que aturar um dos sistemas de transportes mais irracionais do mundo.

No final da década de 50, segundo o DIEESE, o operário paulista gastava 64,3% do que ganhava em alimentação e 14,3% em vestuário. Depois vinha a saúde, limpeza doméstica, equipamento doméstico e transporte, com 2,9%. Mas no início da década de 70, o transporte passou a ocupar o segundo lugar nos gastos do operário, jogando o vestuário para terceiro. A alimentação entrava com 51% e a contribuição do transporte era de 11,5% contra 10,6% do vestuário. E em 1977 o índice do transporte subia para 22,6%.

O pior de tudo é que se o preço do ônibus tivesse acompanhado o aumento do salário mínimo, a passagem, no final de 1977, deveria estar custando apenas 65 centavos.

O aumento gradativo do gasto em transporte é conseqüência direta do aumento do próprio transporte em si e do distanciamento entre o trabalho e a residência, que tem aumentado sempre e cada vez mais. Segundo o trabalho de Ana Valderez Amorim Batista ("Nordeste, capital São Paulo"), publicado na revista **Contraponto**, do Centro de Estudos Noel Nutels, nos últimos seis anos elevou-se em 30% o tempo médio de deslocamento. As filas, a superlotação, os atrasos e perdas do dia do trabalho, o que motiva as depredações, não são apenas conseqüência do trânsito difícil, como, muitas vezes, insiste o governo. A perda de seis horas diárias dentro dos transportes coletivos faz com que exista um prolongamento da jornada de trabalho, reduzindo o tempo livre do trabalhador e aumentando o seu desgaste físico e mental.

PRA PEGAR O ÔNIBUS TEM QUE DAR MUITA PORRADA

A partir das quatro horas da manhã começa o sufoco no ponto final do ônibus 394, em Vila Kennedy. De 15 em 15 minutos deveria sair um veículo para o Largo de São Francisco, mas nas duas horas em que estivemos lá, em nenhum momento o horário foi respeitado. Para pegar o ônibus de quatro da manhã e ir sentado, o passageiro tem que chegar por volta de 3h15 min na fila. Com o tumulto que vai se formando, quem chegar, por exemplo, às 4h30 min só vai conseguir embarcar às 5h30 min, uma hora depois. Lá dentro, sufoco maior: são, em média, 120 passageiros.

As reclamações são muitas. Desde as várias filas que se formam para os poucos ônibus, até o extorsivo preço que a Viação Oriental cobra: Cr$5,50. Realmente um absurdo, considerando que a Vila Kennedy foi formada por ex-favelados e de poder aquisitivo baixíssimo.

Em vez de resolver o problema do transporte dessa massa de trabalhadores, o governo do Estado coloca, a partir das quatro horas, vários soldados da Polícia Militar, a fim de "acalmar o pessoal". É gente entrando pelas janelas, se empurrando, brigando, discutindo. Vale tudo para conseguir um lugar. E a PM ali, para proteger os ônibus. Quando a polícia não vai, tem quebra-quebra ou pelo menos, ameaça de. Arranca-se portas, janelas, derruba-se a guarita do despachante. O culpado? Sempre o povo, é claro.

O percurso da linha 394 é de pouco mais de 40 quilômetros, sendo a maior parte pela Avenida Brasil. Normalmente, a viagem deveria durar uma hora. Mas com o engarrafamento e os atrasos normais, leva duas nas horas do rush.

Com a palavra, os passageiros.

Se o guarda vê, baixa o pau

Lauro Joaquim da Silva, logo depois de ter pulado a janela.

Nunca te pegaram pulando a janela?

— Às vezes os guardas vêm e baixam o pau. Se a gente não pega esse, tem que pegar o que vem de Campo Grande. Mas esse é caro, custa Cr$ 7,50. Ou então pegar o circular até Bangu e vir de trem. Mas aí, tu já sabe que vai chegar atrasado. Aquele fiscal lá (aponta para a cabine), já foi corrido para o posto duas vezes. Pediu socorro. Os caras fazem a bagunça e ele é quem paga o pato. É uma bagunça mesmo.

Será que isso melhora?

— Tem muitas linhas, como a 399, que querem fazer uma seção para concorrer com a Oriental. Aí melhora. Mas eles não deixam, querem ficar efetivos. Quando falta carro dessa linha, eles empurram para as outras. Mas tem muitos que só têm o dinheiro da passagem, saem daqui com Cr$ 11,00. Aí nego fica esperando. Tem muito marido aí que leva até pau da mulher. Ela pensa que o cara tá com outra.

Quem é o dono da empresa?

— É o tal do Ivo da Silva, vereador. Época de eleição, ele promete melhorar a linha, arruma emprego para uma caçambada de empregados. Aí nego vota e depois ele manda tudo embora e fica tudo a mesma porcaria.

Quando tem tumulto, alguém sai machucado?

Há uns dois meses o ônibus atrasou, teve tumulto, nego começou a quebrar o ônibus, tacar pedra. Um cara se agarrou na porta da frente, tentando abrir. Aí o motorista arrancou e imprensou o cara no poste. Parece que ele quebrou a clavícula, se ferrou todo.

Tomaram o ônibus no peito

Domingos Pobel, trabalha de 7 às 21 horas, no centro

— Isso aqui é uma loucura. Já viraram até aquela casinha do despachante duas vezes. A última vez foi há 15 dias. Já teve atropelamento, o diabo. O pessoal não é culpado. Culpada é a empresa, que não põe o carro adequado. A CTC disse que ia obrigar a ter carro de 10 em 10 minutos, senão tomava a linha. Eles botaram uma semana, mas agora já são quase 5 horas e o ônibus de 4,30 ainda não saiu.

No ano passado, nós tomamos um ônibus de assalto e fomos lá dentro da garagem reclamar. Depois mandaram o motorista e o cobrador embora.

— Pra entrar, nego pula a roleta, entra pela janela, é o jeito. Tem motorista que cisma que não vai levar, mas o despachante, às vezes, chega e diz: "Deixa o pessoal invadir. A empresa não tá botando carro no horário. Deixa o pessoal viajar". Outro, dia saiu um carro daqui atrasado e quando chegou no outro ponto um rapaz caiu e se machucou. Tava pendurado na porta.

Fotos de Custódio Coimbra
Depoimentos a Eduardo Serra

Pra poder ir sentado, tem que levantar às 3 da manhã

Jair Ferreira, motorista de entregas.

Quanto tempo o senhor leva para chegar ao trabalho?

— Eu trabalho no Catete e levo, mais ou menos, uma hora e 50, se o ônibus não atrasar. Mas eu levanto às três horas da manhã para pegar o carro de quatro e meia e poder ir sentado. Sempre fiz esse horário.

A que horas o senhor está de volta?

— Oito e meia, nove horas. É chegar em casa, tomar banho, jantar e dormir. Não dá nem para ver televisão.

Todo dia de manhã é a mesma confusão?

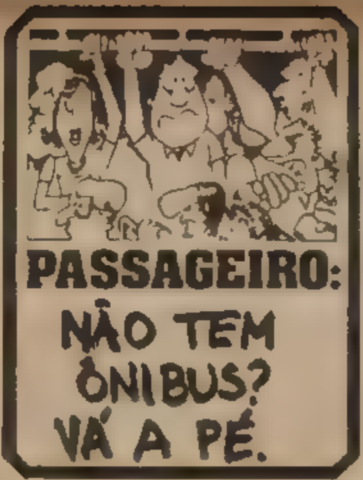
— Ah, não, tem dia que é pior. Quando os ônibus atrasam muito. Aí chega a ponto de virar bagunça, começa a virar tumulto. O pior dia é segunda-feira porque no meio da semana o pessoal dorme no trabalho. No fim de semana, todo mundo desce. Aí já viu como é que vai o ônibus na segunda-feira.

A Oriental é exploradora do povo da Zona Rural. Se alguém reclama, ainda entra no pau. Cada motorista ou cobrador numa viagem tem que faturar 1.500 cruzeiros para um bife de 40 ganhar. E com isso vai sofrendo o passageiro, que viaja imprensado sem poder reclamar.

Valter Pery, passageiro

"O importante é ir sentada porque em pé tem o problema dos sujeitos que se encostam na gente".

(Berta Nogueira)



Fotos de Custódio Coimbra

"Se o carro atrasa, aí todo mundo reclama e vem em cima da gente. Mas aí, se a coisa tá feia, a gente cai fora, fica na cabine e diz para o pessoal: pode botar fogo, virar o ônibus, mas não mexe com a gente não".

(Claudionor Pires da Silva, guarda de segurança da Oriental.)

Antônio só dormia uma hora por noite

Antônio Francisco de Paula é funcionário do Ministério da Aeronáutica. Morava na Penha, mas teve que se mudar para Senador Camará, subúrbio carioca, e enfrentou uma das barras mais pesadas de sua vida. Trabalhava em três empregos e conseguia dormir apenas uma hora por noite, dando cochilos constantes nas conduções. Mas, é claro, não agüentou por muito tempo.

— Agora tá tranqüilo. Eu levo só umas duas horas e meia de ônibus para chegar no emprego. De trem, demora mais, umas três horas. Saindo às cinco horas, eu chego aqui às 7,30min, bem em cima da hora.

E como é aquela história de dormir só uma hora por noite?

— Saindo às 5 horas da manhã eu chego às 7:30, em cima da hora. O trem vem cheio, nego não entra de jeito nenhum. No ônibus a mesma coisa. É gente se agarrando na porta, na janela, colada nas paredes, mas dá pra chegar lá.

Você só trabalha aqui?

— Até março eu trabalhava em três lugares. Era o maior sacrifício. Primeiro, eu morava na Penha e tinha um horário tranqüilo. Saía de casa às 6 horas e ia para o primeiro emprego, largava às 11:30 e pegava aqui ao meio-dia. Depois eu saía daqui às 18,30 pegava na UERJ às 19 horas, saía de lá meia noite e chegava em casa uma e meia da manhã. Aí dava para descançar bem, umas 4 horas e meia por noite. Mas quando eu mudei para Senador Camará, aí já não dava condição. Acordava às 4 horas, para sair às 4,30 de casa. Saía meia-noite e meia do último emprego e quando perdia o ônibus de uma hora chegava em casa às três, quatro horas da matina. Mas aí eu já estava trabalhando no Jóquei, de 19 às 24, em vez da UERJ. Quando eu perdia esse ônibus de uma hora, no Largo de São Francisco, eu pegava outro para Bangu e depois ia pra casa á pé mesmo, porque não tinha mais ônibus.

Foto de Leonardo Neri

Quanto tempo você andava a pé?

— Uns 45 minutos. A barra era pesada, eu arrisquei muito, mas nunca tive problemas de assalto. Às vezes, tinha pessoas suspeitas mas eu falava "como é quê, rapaziada", dava um cigarrinho e saía fora.

Quanto tempo você ficou nessa batida?

— Uns três meses. Dormindo uma hora por noite, viajando 7 horas por dia. Não deu para aguentar mais tempo.

Dá para dormir no ônibus?

— Vontade, bem que dá, mas a gente tem que ficar de olho aberto por causa do assalto. Não tem segurança nenhuma.

Por mês, dá uma média de 5,6 assaltos nessa linha (Largo de São Francisco-Senador Camará.

A que horas você comia, nessa época?

— Eu perdia o horário de almoço e jantar porque nessas horas eu estava indo de um emprego para o outro. Fazia um lanche, comia um sanduíche. Agora, quando eu chegava em casa, duas, três horas da manhã, aí eu sentava, botava o prato, comia com calma, fazia a digestão e ia dormir.

PASSAGEIRO:

VOCÊ AINDA ESTÁ VIVO?

ÔNIBUS MATA MUITO MAIS DO QUE TIRO

O maior responsável pelos acidentes de trânsito no Rio de Janeiro é o ônibus, seguido do carro particular. E não era para menos, considerando que o percentual maior de participação no tráfego da cidade é dele, com 68,9% (dado de 1975). E depois vem o carro particular, com 16,5%.

O número de acidentes com os ônibus deveria assustar a qualquer secretário de Transporte ou diretor de Detran: em abril deste ano, por exemplo, aconteceu uma média de 3,9 acidentes por dia. Em janeiro, 3,8. E a média no primeiro semestre de 1978 foi de 94,1 acidentes por mês, que dá a média diária de 3,1. Juntando-se os acidentes de carros particulares e taxis, vamos ter um total de 786 casos no primeiro semestre. São 131 por mês: 4,3 por dia.

Não é à toa que os acidentes de trânsito são responsáveis pelo maior número de mortos na cidade, entrando com aproximadamente 20 por cento do total e disputando com os "A esclarecer," onde possivelmente, entram os crimes do Esquadrão e os do tipo Cláudia Lessin Rodrigues. Em junho, o trânsito matou 149 pessoas, contra 114 "A esclarecer" e 70 mortes à bala.

Falando de ônibus não é muito difícil descobrir a causa de tantos acidentes. Basta olhar a vida de cada motorista, o seu meio de trabalho, as suas condições para exercê-lo, o baixo salário, a hora extra, o cansaço, o congestionamento, o ter que chegar na hora, a barra pesada.

Depois de 16 horas no rojão, carregando um veículo pesado com motor na dianteira, onde a temperatura às vezes supera os 60 graus, num trânsito como o do Rio de Janeiro, o motorista de ônibus não pode mais responder pela própria vida ou pelos milhares de homens que transporta no dia a dia.

A resposta para a causa de tantos acidentes não está na irresponsabilidade ou nos sinais avançados pelos motoristas. Mas no excesso de trabalho, na gratificação que o patrão oferece aos que conseguirem uma féria maior que a normal ou transportarem mais passageiros do que o estipulado. Quanto mais o empregado correr para completar suas quatro ou cinco viagens (ida e volta), mais vidas ele arriscará em função de mais um trocado. E assim os acidentes na cidade têm se tornado uma constante.

Além disso há também a parte do leão — a ganância da empresa que, por medida de economia, não tem se preocupado muito com a condição dos veículos: dos 6.300 ônibus existentes na cidade, 1500 circulam sem condições para isso, já que têm mais de 7 anos de uso, mil ficam parados na garagem, por falta de motoristas (a baixa remuneração não os convida) e se revisões são feitas num período espaçado de 45 em 45 dias.

No último grande acidente no Rio (pelo menos até a hora em que fechávamos a edição), quando dois ônibus se chocaram em São Cristovão, matando e ferindo gente, um dos motoristas declarou que trafegava em excesso de velocidade porque estava atrasado e tinha que chegar no horário no ponto final.

O que fazer para diminuir os acidentes e melhorar as condições de tráfego ninguem sabe. E quando sabe, parece que só sabe na teoria, pois medidas práticas quase nunca são utilizadas.

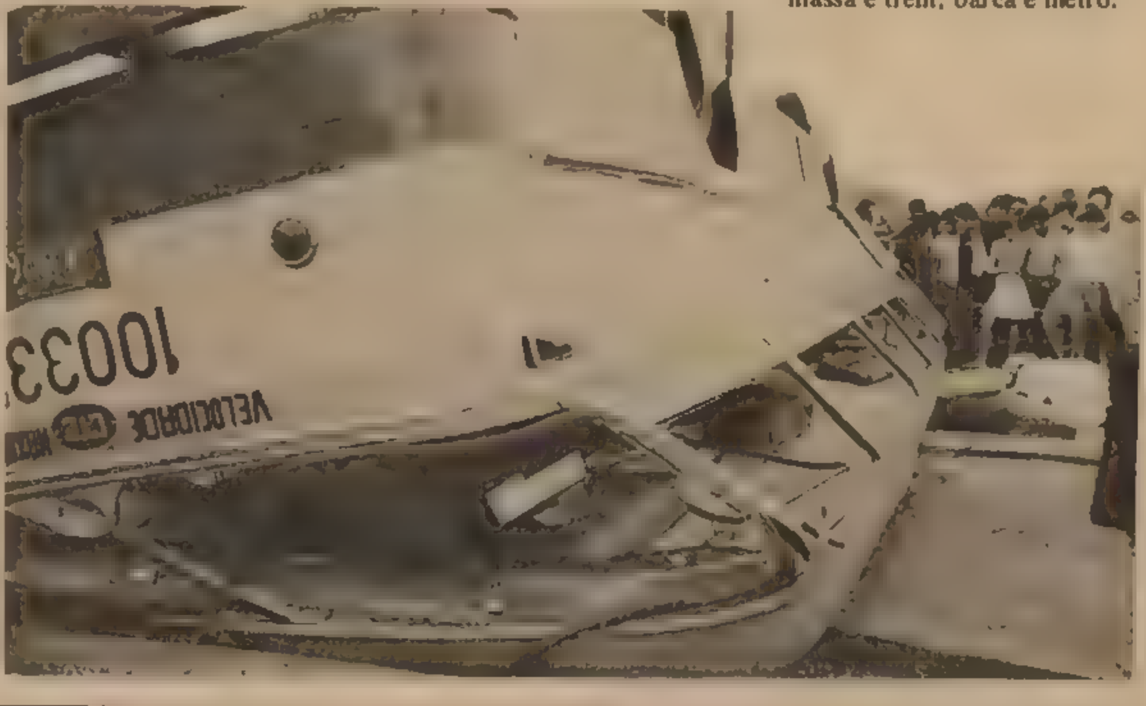
A preocupação da Secretaria de Transportes, atualmente, é a de diversificar os meios de transporte, diminuindo a taxa de participação do ônibus e acreditando que o metrô será a solução. No momento em que o metrô não está pronto e o verdadeiro transporte de massa, que é o trem, não é utilizado como tal, estamos num beco sem saída. Por mais incrível que possa parecer, o trem entra com pouco mais de seis por cento no tráfego total, enquanto o ônibus contribui com quase 70%.

O problema é que o número de passageiros vem aumentando cada vez mais. E aumentar a frota de ônibus não é uma solução, pois não adianta nada aumentar a frota, e termos uma diminuição na velocidade do tráfego. No momento, o município do Rio de Janeiro tem uma frota de 6300 ônibus e entre 200 e 300 novos emplacamentos por ano. Quer dizer, está aumentando, dentro da política lenta e gradual.

Mesmo assim, com todos esses problemas, Sérgio Âncora, diretor de Planejamento do Departamento Geral de Transporte Coletivo, declarou ao repórter Mauro Ferreira que o transporte feito pelos ônibus não é deficiente no Rio de Janeiro.

— Eu diria que é um transporte que opera muito bem e em termos de operação o transporte coletivo desempenha um papel importantíssimo no nosso sistema. Mas o ideal seria que o transporte de massa tivesse um peso maior que o transporte coletivo. Dando-se uma participação maior ao transporte de massa a participação dos transportes coletivos será menor.

O fato é que, no momento, não existem opções de transporte e todo mundo corre para o ônibus e o ônibus, convenhamos, não deve ser transporte de massa. Transporte de massa é trem, barca e metrô.



Confissão em coma pode levar inocente à prisão

No dia 28 de julho, dois ônibus se chocaram na rua São Luís Gonzaga, em São Cristóvão, Rio de Janeiro. No acidente, quatro pessoas morreram e 32 ficaram feridas, entre elas o motorista Antônio José de Souza, do ônibus 474 (Jacaré — Jardim de Alah), que foi socorido no Hospital Souza Aguiar e depois transferido para a Clínica Dr. Aluan, com a perna esquerda quebrada. Mas Antônio não quis falar nada sobre o acidente e justificou sua atitude:

— Olha moça, a senhora não leva a mal, mas é que já falaram tanta coisa que eu não disse, já deu tanta confusão, que eu não quero falar nada. Só falo na presença do meu advogado.

Os jornais noticiaram que você tinha fraturado as duas pernas, mas você só esta com uma engessada...

— E só a esquerda que tá quebrada, a outra só machucou um pouco.

Os amigos do motorista, cerca de 20 pessoas e, na maioria, colegas de trabalho, que chegam para visitá-lo, se revoltam quando tomam conhecimento de que "a moça é repórter". Dizem que aquela é a hora de visita e que não é momento de «estar fazendo reportagem.»

De mais a mais, já chega o que os jornais já mentiram — diz um deles.

— É já chega mesmo — desabafa outro. Disseram até que o Antônio é casado. E ele é noivo. Botaram a culpa toda nele, dizendo que ele tinha confessado. Como é que ele podia confessar alguma coisa, se ele entrou em coma no Souza Aguiar? Olha moça, só tem uma hora de visita, deixa ele ficar com os amigos.

Outros companheiros chegam à enfermaria. Um deles pergunta.

— Antônho, comé você foi admitir uma culpa daquela?

— Mas eu nem sei o que eu disse lá no hospital...

Outro começa a contar a história. Diz que Antônio foi desviar de um pedestre e que, por isso teve que ultrapassar o outro ônibus. Afirma que ele não vinha em alta velocidade e que ônibus que vinha em sentido contrário ultrapassou o sinal. Nesse instante é interrompido por outro companheiro.

— Num fala nada cara! Nós tamo aqui de visita. Tu num pode falá nada porque num tava lá. Só ele e os passageiros é que pode contá a história. Foi acidente de trabalho. fim de papo. Como aconteceu com ele, moça, podia tê acontedo com a senhora.

— Pera aí, a moça tá querendo ajudar. Ela disse que vai contar que o Antônio num confessou nada. Ela vai defender ele.

— Vai nada. Eles sempre falam a mesma coisa. Depois a corda rói pro mais fraco.

Um enfermeiro se aproxima e pergunta:

— A senhora é o quê?

— Reporter do jornal Reporter.

— Tenha paciência, mas ele não pode ficar nervoso.

Tumulto geral. Um outro colega de trabalho do motorista se aproxima e diz:

— Olha moça não leva a mal o pessoal aí, viu, ninguém aqui tá contra a senhora, eu sei que a senhora tá no seu trabalho. Mas a gente fica revoltado com que os jornais fizeram. Teve jornal que disse até que ele tinha morrido. A senhora sabe como é, a gente é amigo dele, sente essas coisas. Depois, o Antônio é o tipo do cara deitão. A senhora num conhece a profissão, num sabe o que é isso. Deitão é o cara que anda devagar até demais. E ele é assim. Até os passageiros brigam com ele por causa disso. Aí, vem os jornais e diz que ele tava em alta velocidade. A gente tem que ficar chateado, num tem? Eu reconheço que fui grosso com a senhora, mas sabe como é, depois de ver isso tudo, a gente chega aqui e encontra a senhora, ninguém acredita em mais nada. Todo mundo acha que é pra ferrar o Antônio.

Fotos de Custódio Coimbra

Quanto ganha um motorista dessa linha?

— Ganha Cr$ 122 por dia; dá 3 mil e pouco por mês, sem os extras. Agora, a senhora vê, um motorista ganha Cr$ 122 por dia e se ele faz uma infração, a multa dá mais que isso. Se ele pára fora do ponto, por exemplo, tem que pagar Cr$ 175 de multa. Ó moça, a senhora me desculpa tá, agora que a senhora puder fazer prá ajudar ele, eu lhe agradeço muito, viu.

Na cama, Antônio sorri para os amigos. À sua cabeceira a mãe e a noiva conversam um pouco. À sua esquerda um amigo assina o nome no gesso e diz que vai escrever o nome de todos que foram lhe visitar. São 15h 50 min e a visita está no fim. Antônio volta a cabeça e diz:

— Moça, não me leva a mal, tá.

Vera Lúcia Dias

CALENDÁRIO DOS ACIDENTES DE ÔNIBUS NO RIO (1978)

Do começo do ano até agora, estes foram os acidentes de ônibus mais graves:

1º de janeiro — Ônibus da linha 472 (Triagem-Leme) perde a direção na Praia do Flamengo, sobe a calçada, mata um casal e destrói três carros estacionados.

3 de Janeiro — Três ônibus (Campo Grande-Largo de São Francisco; Piabetá-Praça Mauá e Jardim Metrópole-Praça Mauá) chocam-se na avenida Brasil, ferindo cinco pessoas. Causa: defeitos no freio e pneus gastos.

7 de janeiro — Ônibus da linha Méier-Copacabana derruba trecho das arquibancadas do carnaval na Marquês de Sapucaí. Uma passageira ferida.

10 de janeiro — Apostando corrida com outro, um ônibus da linha 119 (Praça 15-Copacabana) derrapou e bateu em nove carros, na avenida Rui Barbosa.

25 de janeiro — Um ônibus da linha 393 (Bangu-Largo São Francisco) chocou-se com outro da linha 498 (Penha-Cosme Velho) na avenida Brasil, perto do Caju. Nove pessoas feridas. Ônibus Saracuruna-Praça Mauá bate num poste da avenida Brasil e o motorista garante que o carro estava sem freios. 12 pessoas feridas.

26 de janeiro — Ônibus da linha Tiradentes-Vaz Lobo incendeia-se na avenida Brasil. Causa: superaquecimento do motor.

31 de janeiro — Ônibus da linha 816 (Campo Grande-Guadalupe) trafegando com a porta aberta, projeta passageiro no asfalto.

2 de fevereiro — Ônibus da linha 154 (Praça 15-Ipanema) tomba na rua Real Grandeza, deixando sete passageiros feridos. Ônibus da linha 592 (Gávea-Leme) invade um prédio no Leblon: três pessoas feridas.

3 de fevereiro — Ônibus Freguesia-Caxias cai na linha férrea, perto da Estação de Cordovil, matando um passageiro, ferindo 57 e provocando a interrupção do tráfego de trens.

4 de fevereiro — Ônibus da linha Praça Mauá-Jardim de Alah, disputa corrida com outro no Aterro e acaba capotando.

10 de fevereiro — Ônibus da Viação Amigos Leopoldinenses bate num táxi e mata o motorista.

12 de fevereiro — Ônibus da Viação Cogel cai no Canal da Alameda, em Niterói.

18 de fevereiro — Ônibus da linha 913 (Portuguesa-Bonsucesso) invade uma padaria em Ramos. 10 pessoas feridas.

19 de fevereiro — Curto circuito fere motorista e destrói interamente um ônibus na avenida Brasil.

25 de fevereiro — 2 pessoas morrem e duas ficam feridas. Um fusca bate em dois ônibus em Bangu.

3 de março — Ônibus da linha 396 (Largo de São Francisco-Jabom) cai no viaduto de Bangu, de uma altura de 20 metros. Uma mulher morreu e 29 pessoas ficaram feridas.

10 de março — Ônibus da linha 413 (Muda-Copacabana) choca-se com outro da linha 474 (Jacaré-Jardim de Alah) deixando os dois motoristas feridos. Causa: os freios falharam. Ônibus Aeroporto-Santa Cruz bate em caminhão, matando uma pessoa e ferindo 12.

27 de março — Na Abolição, uma freada de ônibus lança um passageiro para fora, pela porta dianteira.

12 de abril — Dois ônibus se chocam em Rocha Miranda: Nova Iguaçu-Penha e Praça 15-Rocha Miranda. Duas pessoas feridas.

28 de maio — Ônibus da linha Cascadura-Vilar dos Teles choca-se com um Volks. matando uma pessoa e ferindo quatro, na avenida Automóvel Clube em Acari. Um operário morre num choque do ônibus Cascadura-Jardim Botânico contra pilastras de um abrigo, em Acari.

3 de junho — Ônibus Caxias-Praça Mauá tomba sobre uma das agulhas de trânsito na avenida Brasil, junto ao viaduto da Ilha do Governador. Doze passageiros feridos, sendo seis crianças.

7 de junho — Passageiros incendeiam um ônibus da linha Guaxindiba-Forum, dando uma surra no motorista. Causa: irritam-se com a precariedade da linha, única opção para chegar ao centro de São Gonçalo.

24 de junho — Motorista do ônibus Pavuna-Penha morre atropelado pelo seu próprio ônibus, quando este, ao ser atingido por outro, Bangu-Méier, o projeta pelo pára-brisa, passando-lhe por cima com as rodas dianteiras. O acidente foi provocado por um buraco na pista, em Acari. Duas pessoas morreram e várias ficaram feridas.

5 de julho — Quinze pessoas feridas foi o saldo do acidente ocorrido em Duas Pontes. O ônibus da Viação Satur que fazia a linha Nova Iguaçu-Campos, saiu da pista e caiu na ribanceira. Ônibus da Viação Oaçu atropela estudante em São Gonçalo.

6 de julho — Numa passagem de nivel em São Gonçalo, ônibus da linha Engenho Pequeno-Niterói é colhido pelo trem de prefixo UDI-3. O motorista morreu e treze pessoas ficaram feridas. Ônibus da Viação Magelli é atingido na passagem de nível em São João de Meriti, ferindo motorista, que declara "ser uma aventura atravessar as várias passagens de nível".

18 de julho — Ônibus da linha 574 (São Salvador-Leblon) choca-se com um Maverick, na rua Prudente de Morais, em Ipanema, e, desgovernado, arranca uma árvore na esquina e destrói parte de toldo do Bar Garota de Ipanema. O motorista do Maverick sofre traumatismo craniano, duas pessoas são atropeladas e dois passageiros do ônibus ficam feridos

22 de julho — Depois de avançar váris sinais luminosos em alta velocidade. o ônibus da linha 685 (Méier-Irajá) bate em outro ônibus em Cascadura, arrancando uma árvore e um poste. Uma pessoa morre e 12 pessoas ficam feridas Os bombeiros do Posto de Campinho tiveram de amputar no local mesmo a perna esquerda de um passageiro preso entre as ferragens

Levantamento feito por Maria Emília Alencar

Foto Amancio Chiodi

Reginaldo, motorista de taxi, mandou perguntar pro prefeito porque o preço do ônibus aumenta tanto

Revolução? Que revolução? Não deram nem um tiro

Num táxi, no centro de São Paulo, tarde, dia de semana. É um fusquinha. Para levar três pessoas, o motorista exigiu 30% a mais porque não lhe dão a bandeira 3, apesar de o carro ter o banco da frente.

O transporte coletivo é bom?

— Depende do bairro. Jardim América tem um transporte excelente, Jardim América tem, Jardim Paulistano tem. Mas o senhor vai pra Zona Norte, Zona Leste, não tem.

Por que?

— Porque o Jardim América é rico. Tá certo? Você vê: onde é que tem os troleibus (ônibus elétricos)? No Jardim América, Jardim Paulistano.

O senhor andou de ônibus antes de ter o táxi? Como era naquela época?

— Era na época da famigerada CMTC.

Famigerada por que?

— O Ademar de Barros fez tudo na vida, tudo, pra acabar com a CMTC e não conseguiu. Por isso chamo ela de famigerada. Parece que eu tô falando com a imprensa.

E está mesmo. Bom, então deixa prá lá... vamos deixar o transporte de lado, não vou mais nem cobrar os 30% de vocês, não vou mesmo. Vamos falar agora do Laudo. O Laudo tá brocha, viu moço? Não vou cobrar porque é a imprensa, não é, moço? Vamos dizer, se eu cobrasse os 30% estaria cobrando o justo, certo? O Laudo tá brocha, moço, o Laudo brochou na vida. O Laudo não quis disputar um cargo eletivo na vida. Ele queria tudo indicado, tudo de mão beijada. A primeira vez foi indicado pra completar o mandato de Adhemar de Barros. O segundo mandato dele também foi indicado. E agora ele queria a terceira vez. Tudo é demais, moço. Então o Laudo brochou na vida...

E o Senhor é laudista ou malufista?

— Eu sou dono do meu trabalho. O Laudo moço, queria tudo de mão beijada, veio o Maluf e passou a mão.

E o Maluf? O senhor acha que ele comprou votos?

— Pode ter comprado, mas ele usou a cabeça e trabalhou. E o Laudo queria o terceiro governo indicado. Daqui pra frente ele pode pendurar as chuteiras... E vou falar mais: eu posso estar me condenando, mas pra Revolução não tá sobrando mais nada, viu moço?

O senhor está bem lembrado da Revolução?

— Revolução, não, que não houve revolução; onde já se viu uma revolução sem um tiro? Só no Brasil.

Só deram tiro em preso...

— O último preso foi o Herzog, não foi? Mataram ele na... vão me prender, viu?... mataram ele no banheiro da Policia Federal...

Por que o transporte está caro?

— Por causa dos árabes.

E quando sobe aqui sem os árabes aumentarem o preço?

— Aí é outro problema, né moço? O senhor perguntou por que o transporte tá caro e eu joguei a culpa nos árabes, né...

O ônibus era Cr$1,80 ano passado; agora é Cr$ 2,80...

— Bom, isso aí você tem que perguntar lá pro Setúbal (o prefeito). De fato, faz um ano que a gasolina não sobe e o ônibus sobe. Aí tem a comilança... O João Batista Figueiredo já vai assumir o governo, derrotado... se assumir, hein! Que eu não sei se até a posse do Maluf a Revolução não vira a mesa.. dissolver o Congresso, a Câmara, não dando posse ao Maluf.

Você acha que o trânsito deixa o motorista louco?

— Não. Eu sou tranqüilo, alegre.. que idade o senhor me dá? Chuta.

Quarenta e dois.

(Ele mostra os documentos: Reginaldo Toscano de Brito, brasileiro, nascido em Pilar, Paraíba, 9 de agosto de 1925: 53 anos).

— Sou motorista há 20 anos.

Você votaria no Maluf?

— Votaria.

Ele não é ladrão?

— Bom, o senhor sabe que politico é sinônimo de semvergonha, né moço? O Laudo e o Maluf, sendo muito honestos, sabe quanto cada um irá ganhar por mês? Um bi.

Em quê?

— Ah, em que! Numa estrada... quanto é que o Paulo Egydio tá ganhando na Via Norte? Quanto é que o Maluf ganhou na Imigrantes? Sendo muito honesto, é um bi por mês.

Você acha que isso tá certo?

— Certo não está, mas... qualquer um rouba. Se eu entrar no supermercado e roubar um queijo, eu sou preso, vou apanhar na polícia. Mas se eu for numa joalheria, limpar tudo, a polícia não me prende... o senhor sabe o que é um investigador de polícia? E mais marginal que o ladrão. O senhor sabe o que é um fiscal de rendas? É um ladrão. O senhor sabe o que é um delegado de - polícia? É um advogado frustrado. O senhor sabe o que um motorista de viatura policial? O senhor sabe o que é um lançador da prefeitura? O senhor sabe o que é um oficial de Justiça? Um fiscal de rendas entra nessa drogaria aí, levanta 500 mil cruzeiros fácil.

Alex Solnik, João de Barros e Amancio Chiodi

TRANSPORTE NÃO É PRA DAR LUCRO; É DEVER DO ESTADO

Quem esclarece alguns dados nesse sentido é Sebastião Ataide, Presidente do Sindicato dos Condutores de Transportes Coletivos do Rio de Janeiro, que vem lutando por duas coisas básicas: redução da jornada de trabalho (de 8 para 6 horas) e melhores condições de trabalho para o motorista.

— O transporte sempre é (segundo me dizem, em muitos lugares é assim, embora eu nunca tivera o prazer de sair do Brasil) obrigação do Estado, não pode haver viso de lucro. O monopólio estatal seria a única solução para acabar com as irregulariedades existentes.

Tais irregularidades são sintetizadas por Sebastião em dois pontos:

1º) Pagar pouco ao funcionário.

2º) Não preverem a mão de obra necessária. Há um aumento da frota e não há um aumento de motoristas porque não há estímulo.

— O déficit de mais de cinco mil motoristas, por causa dos salários baixos, fazem com que o empregado não recuse a oportunidade de ganhar mais uns trocados e dobrar a jornada, para defender o leite das crianças. Além disso, há o chamado bife definido por Sebastião Ataide como uma "prática criminosa". O bife é usado por alguns empresários, para que o motorista ganhe mais, de acordo com o número de passageiros levados, acima de uma quantidade estipulado

Sebastião explica que os acidentes são conseqüências de um acúmulo de trabalho do dia a dia "mesmo que o companheiro so tenha trabalhado uma hora naquele dia".

— Não se tem como fazer perícia dos acidentes. Às vezes, o carro está com defeito, mas até que o Estado se interesse por isso a empresa já desmontou. Outra coisa: tem empresa aí que não muda os carros há anos, como a Viação Meier. Eu não acredito em empresa deficitária, existe é o trambique.

Dos 25 mil motoristas de ônibus no Rio, apenas 30% são sindicalizados. Sebastião Ataide atribui a isto o fato do movimento ser descentralizado pela própria prática de trabalho, pois cada um tem um horário diferente, o que enfraquece o sindicato.

— Onde poderia haver concentração era em dia de Assembléia, mas depois de 64 não pode acontecer. Como antes havia muita demagoria, o sindicato perdeu a credibilidade. Mas está havendo uma necessidade, por circunstância da profissão, do motorista entrar para sócio. Na indústria é muito mais fácil a concentração, todo mundo entra e sai na mesma hora.

E o princípio de greve dos motoristas, no ano passado?

— Houve uma paralização de pequeno número de pessoas, em decorrência de atraso de pagamento. Mas foi um negócio desordenado, espontâneo. Infelizmente o motorista só pensa numa coisa, comprar um carro e ficar dono de empresa e isso é regra geral. Não há conscientização de classe.

Foto de Chiquito Chaves

Foto de Eliana Pastore

TORTURARAM O MOTORISTA ACUSADO DE SER DO PC

Alcidio Boano foi eleito duas vezes presidente do Sindicato dos Motoristas e Cobradores de São Paulo (em 1965, só assumindo em 68 porque queriam impugná-lo; e em 1971). Em 1974 o derrubaram, acusado de corrupção, 250 motoristas foram presos. Alcidio foi preso também, agora acusado de ser do PC. Depois de torturado e encarcerado seis meses, o libertaram por falta de provas.

Ainda hoje Alcidio Boano é a mesma figura com bigodão parecendo aqueles velhos condutores de bonde. Tem o mesmo vigor de quando era presidente do Sindicato dos Motoristas e Cobradores de São Paulo, hoje sob intervenção federal. Trabalha como mecânico numa empresa paulista e procura unir o velho hábito de acordar cedo para levar o pessoal das empresas de transporte a se filiar no sindicato da classe, mais as lições que recebeu de brilhantes presos políticos nas celas do Doi-Codi. Cursa o supletivo, após enfrentar 10 horas de trabalho diário.

Mora no bairro de Itaberaba, zona norte de São Paulo, onde começou a militância política como líder da comunidade de bairro. Normalmente, Alcidio Boano está estudando em sua biblioteca. Pretende formar-se em Direito e, quando retornar à liderança do sindicato, se apresentar como advogado e conhecedor das leis do país.

Em 1974, Boano foi destituído do cargo de presidente do sindicato e em seu lugar botaram os suplentes. Posteriormente, interventores federais que estão lá até hoje. Nunca lhe deram direito de se defender, nem a ele nem aos outros quatro companheiros que encabeçavam a diretoria.

Boano ficou preso nos cárceres do Doi-Codi por seis meses, sob acusações de ter ligações com o Partido Comunista. O atual interventor Afonso Teixeira Filho, também presidente da Federação dos Trabalhadores em Transportes Rodoviários do Estado de São Paulo, o acusou de desvio de verba do sindicato, que resultou na prisão de 250 trabalhadores.

A acusação contra Boano foi parar no SNI e o diretor do órgão, na época, telefonou para o diretor do DRT em São Paulo que desmentiu as acusações formuladas contra Boano. O processo foi arquivado, até que houve troca de comando no SNI. O general que assumiu desarquivou a denúncia e nem checou nada, foi direto mandando o pessoal descer de Brasília e ir prendendo todo mundo em São Paulo.

Muitas das 250 pessoas não resistiram às torturas no Doi-Codi e acabaram confessando supostas ligações de Boano com o PC. Depois, perante os juízes do Supremo Tribunal Militar elas desmentiram tudo, e ainda contaram que foram colocadas no pau-de-arara, e que tinham sido torturadas muito para mentir. Todo mundo foi absolvido. Menos a diretoria, que ficou presa seis meses.

Passados seis meses de prisão Boano e a diretoria toda foram parar nos porões do Dops paulistas por 45 dias. Durante todo esse tempo ele ocupou suas horas com leitura e muitas teorias dadas por quem entendia mais do assunto. Só que sua família vivia apertada nesse tempo, com Cr$865,00 por mês, correspondente a 50 por cento da contribuição ao INPS, o chamado auxílio-reclusão. Seus dois filhos, que antes só estudavam, passaram também a trabalhar para ajudar a manutenção da casa.

No tempo do Boano o sindicato tinha cerca de 30 mil associados. Hoje, é possível que não tenha nem cinco mil.

Na verdade a destituição de Boano não foi a primeira jogada do pelego Afonso Teixeira Filho, que em 1964, aproveitando-se do golpe militar no País, destituiu o então presidente Quineu Dantas, que acabou tendo um enfarte e ficou paralítico.

Mas a situação dos motoristas de ônibus, se naquela época já era terrível, piorou ainda mais hoje, reconhece Boano:

— Os motoristas estão jogados às traças. Teve até greve em algumas empresas paulistas, recentemente, porque elas atrasaram os pagamentos. Houve casos em que o povo depredou os ônibus, como ocorreu na Zona Leste também. O motorista ganha, em média, Cr$14,00 a hora, e quem paga mais hoje é a CMTC, uma autarquia, a Cr$ 18,00 a hora. Veja se isso é possível. Teve esses casos de acidentes na Rio-Bahia, que provam que o motorista é um grande injustiçado porque acaba dormindo no volante, depois de enfrentar 14 horas de trabalho como uma rotina em sua vida.

Rivaldo Chinem

Encarar o volante é dose pra leão

Numa roda de motoristas e trocadores da Autoviação Novacap e da empresa Bangu, o papo corre solto. Chegamos e vamos conversar. De transporte e de união da classe, que, segundo eles, não existe. No ar, um certo clima de tristeza, de insatisfação. Falar? E adianta falar? — perguntam. De qualquer maneira, alguns falaram alguma coisa. Fomos embora e continuaram discutindo sobre a classe, coisa que não faziam há muito tempo.

— A empresa não é má, paga certo, paga o adicional, não tem muita bronca. Deveria é dar mais conforto, mais condições para agradar, tanto os passageiros quanto a quem trabalha. Mas pela responsabilidade, o salário é pouco. Tem a responsabilidade do veículo, dos passageiros, dos outros carros. Sindicato? Sindicato é dos patrões. Sindicato dos motoristas é o pior que existe. Negócio de greve, acho que resolve, mas se o cara tenta fazer greve, a polícia chega, nos ameaça e nos põe para trabalhar. Já aconteceu isso na Novacap e na São Silvestre. Agora, é bom saber que encarar o volante nas condições que encaramos é dose pra leão. Conheço muitos motoristas que até hoje estão no manicômio. Tem uma porção deles. E trocadores também. (Carlos Antônio dos Santos, 25 anos, motorista da Novacap)

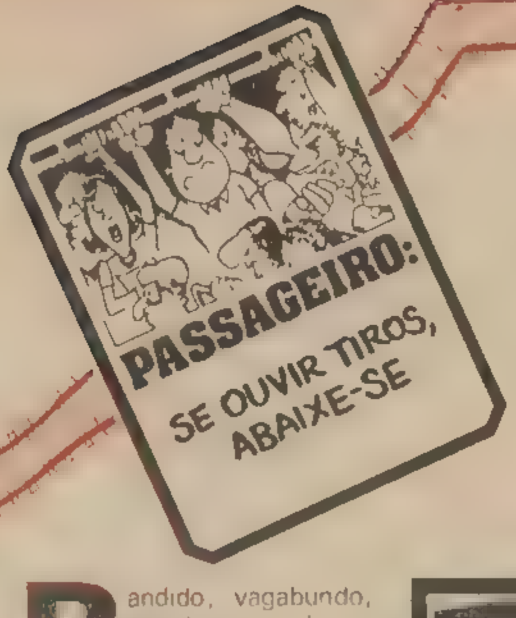
— A classe não tem união porque tem muitos indivíduos sem ideia predestinada. Tem muitos indivíduos mau caráter, que vivem exclusivamente a fim de prejudicar o próximo. A massa em peso é assim. O próprio companheiro é assim. Se houvesse união, a classe iria pra frente. A tendência é piorar. A nossa classe não presta, tem muito muquirana em cima disso. O próprio colega tá querendo engolir o outro. Na classe só tem medroso. E esses caras que trabalham de secreta é tudo polícia (José Raimundo Barbosa, cobrador da Autoviação Bangu)

Todas elas exploram, né. É muita responsabilidade pra gente só ganhar Cr$ 126 por dia. Os patrões alegam que eles não ganham pra pagar a gente. Mas só no meu horário, levo Cr$ 2 700 por dia. Fora os outros horários. Fora os impostos que eles não pagam. Eles sonegam muito ao governo. Ganho Cr$ 3 mil e pouco por mês e o normal é eu trabalhar oito horas, mas geralmente trabalho 10, 11 (Vicente Fiore de Castro, 43 anos, motorista da Autoviação Bangu)

Clarice Niskier

Foto de Leonardo Neri

Zé Raimundo: a classe não tem união.



REPRESSÃO NO TREM ALEIJA E MATA

Bandido, vagabundo, piranha e viado eu bato mesmo. Tudo é uma raça desgraçada

Trabalhador, ainda livro a cara, apesar de muitos trabalharem de dia para assaltar à noite. Não adianta a gente prender porque a Justiça aí fora, solta. Pra mim, passageiro é suíno. Tem muito abusadinho que nos desafiam, chamando de guardinha Nós não somos guardas não, somos polícia

As palavras são ditas furiosamente e a identidade fica escondida por trás da farda de cores verde e cáqui Branco, alto, mais gordo do que forte, ele gesticula com veemência e mais uma vez segura a braçadeira onde está a inscrição que, segundo ele, identifica a sua função, Polícia Ferroviária

Reflexo de um sistema político, corrupto, autoritário e, por isso mesmo violento, o corpo policial da Rede Ferroviária Federal apareceu com destaque nas últimas semanas ocupando espaços nos jornais da grande imprensa. A acusação é de abuso de poder, ameaças, agressões aos passageiros da Central do Brasil e até o assassinato de um operário. Os policiais, a maioria ex-soldados da Polícia do Exército e ex-pára-quedistas, se defendem, dizendo que estão no cumprimento do dever e rebatem as acusações, afirmando serem vítimas de estardalhaço da imprensa

Diabo Branco não aconteceu nada a menina só se assustou

— A minha filha ficou de 7 horas da noite até às 11 num cubículo, sendo chamada de piranha e safada pelos guardas Sendo maltratada Quem aguenta?

O ferroviário aposentado João Soares Coutinho, pai de Joceley Pereira Coutinho, não esconde a sua revolta Ela foi detida no mês passado pelos guardas de segurança da Rede, Florentino Meireles dos Santos, o Jamelão, e Sérgio Amaro da Silva, o Pelé, quando, em companhia de Luzinete e de outros passageiros, atravessava a linha férrea para apanhar um trem,

Jamelão esquece, meu chapa, é tudo invenção da imprensa

pois a composição em que viajava tinha enguiçado Joceley disse ter sido agredida pelos guardas, ficando com o braço e perna esquerda paralisados. Seu casamento, que estava marcado para semana seguinte até hoje não foi realizado Ela mal pode andar e freqüentemente sofre de ataques de nervos

Segundo os policiais, o senhor e sua filha sofrem de problemas mentais?

Isso é uma calúnia Manda ver a minha ficha na própria Rede onde trabalhei, até me aposentar, se tive algum problema nervoso. A minha filha é que ficou assim agora por causa deles. Está sem poder andar direito e completamente traumatizada

Jamelão, apesar de o coronel Hélio Vasconcelos ter dito que iria afastar ele e Pelé dos serviços até o término das sindicâncias, continua trabalhando normalmente Apenas foi transferido da estação de Nova Iguaçu, para a do Engenho de Dentro

Conta o que aconteceu no "Consolo da Irene", aquele cubículo da estação de Nova Iguaçu onde você prendeu os passageiros?

— Não ocorreu nada Tudo foi inventado. A imprensa é que aumenta, escancara Não gosto nem de falar nesse

Louco, eu? João, pai de Joceley, revoltado

caso. Tenho doze anos de serviço e sempre fui limpo Esquece

Ilton Cruz, 44 anos, 113 quilos, supervisor da guarda, ex-lutador de luta livre na televisão, época em que ficou conhecido como Diabo Branco, sai em defesa de Jamelão

— Existe a Lei que diz que é proibido atravessar a linha férrea. O artigo n.º 182 do Regimento Geral de Transporte não foi feito só para coibir os recalcitrantes do sexo masculino, mas também feminino. Essa semana eu mesmo já deti três moças

Carlos Alberto tem bronca dos guardas que levam suas balas

Os 630 mil passageiros diários formam uma multidão apressada que atravessa em segundos o espaçoso saguão e deixa prá trás as roletas que rangem com incrível rapidez É o medo de chegar atrasado no serviço e perder o emprego. Os passageiros chamam a Polícia Ferroviária (PF) de Porco Ferroviário ou Prato Feito, vingança da repressão que sofrem, além dos atrasos dos trens ultrapassados e quase sempre enguiçados. Ainda estão em circulação trens de 1937, hoje conhecidos como Cacareco;

A equipe de Jamelão pra eles, passageiro é "suíno"

de 1954 (o Marta Rocha) e o recente Vanderlei Cardoso, de 1965

Como reflexo da repressão, no primeiro semestre deste ano dois guardas da Rede foram mortos Odir Barcelos Macedo e Cláudio Ribeiro

Tenho bronca deles Já tive prejuízo três vezes com eles. A gente tem que ficar se escondendo

Quem diz isso é o menino Carlos Alberto, de 12 anos vendedor de balas nos trens que servem ao ramal de Japeri

— Três vezes eu tive que entregar a mercadoria pra eles

A Rede Ferroviária Federal pretende contratar mais 100 homens, além do seu efetivo de 300 que o guarda Josias acha bom apesar dos problemas que enfrenta

— Rapaz, bandido só anda de trem. A gente trabalha mais que a Polícia Militar Eles tem até uma "diferenca": a gente ganha aqui mais de Cr$ 4 mil, somos tropa de elite Aqui, prá entrar, precisa ter o ginasial O maior inimigo da Polícia Ferroviária é o soldado do Exército. Anda de gandola aberta nas portas dos trens Você chega prá dar um toque é logo xingado. Se você dá um tapa está dando no Exército, não é mesmo?

O promotor Rodolfo Avena, do 2º Tribunal do Júri, denunciou os guardas ferroviários Almir Alvarenga Goncalves, Liorcílio Dutra da Silva e Valter Soares, no dia 31 passado Os três, na noite do dia 22 de fevereiro de 1971, agrediram e mataram com um tiro nas costas, disparado por Almir, o operário Carlos Alberto da Silva, que, momentos antes tinha sido vítima de um assalto, dentro do trem parado no desvio de Deodoro Na denúncia, o promotor assinala que o "crime foi praticado mediante ataque de inopino, sem nenhuma chance de defesa para a vítima, modesto trabalhador e primário"

Há poucas semanas, o assessor da rede anunciou a demissão do guarda Luis Augusto Farinazzo, acusado de arrastar para dentro de um vagão e violentar Maria Vitória As testemunhas foram Mauricio Gomes Rodrigues, policial da 15º Batalhão da PM, e Antônio Oliveira Barbosa, que confirmaram na delegacia de Belfort Roxo a violência cometida pelo guarda

Tim Lopes

ACIDENTE DE TRABALHO

Operário morre de tiro nas costas

Depois de dez dias na geladeira do Instituto Médico Legal, sem que ninguém reclamasse, nem mesmo a firma em que trabalhava, o corpo do operário Raimundo de Jesus Ferreira, 33 anos, natural de Jequié, na Bahia, foi sepultado por conta do Estado no cemitério de Santa Cruz No livro de ocorrência do Instituto Médico Legal (IML), com registro n.º 133322, do dia 13 de julho, consta que Raimundo morreu vítima de acidente de trabalho no canteiro de obras do Metrô, na Avenida Presidente Vargas

A verdade é outra Raimundo, com sua carteira de trabalho n.º 86 752, série 523, assinada como servente pela firma Empreitec, localizada na Rua Petrocochino, n.º 45, em Vila Isabel trabalhava na construção do Village São Conrado, na Estrada da Gávea 655, em São Conrado Ele foi assassinado com um tiro nas costas na madrugada do dia 13, nas proximidades da Central do Brasil, por guardas da Rede Ferroviária Federal

Segundo o depoimento de João Pedro Delfino (companheiro de trabalho de Raimundo e testemunha do crime) no inquérito n.º 618 instaurado pela 4.ª Delegacia Policial, ele e Raimundo foram interceptados pelos guardas Carlos Henrique Peixoto Lima, n.º 629, e Elias Cezario de Lima, n.º 202, quando se aproximavam da estação de D Pedro II. Ao ser revistado, Raimundo, que estava há seis meses no Rio, criticou os guardas, sendo agredido. Reagiu, mas vendo que estava em desvantagem correu, sendo atingido por um tiro nas costas. A principal suspeita recai sobre o guarda ferroviário Carlos Henrique Peixoto de Lima que saiu em perseguição da vítima. Raimundo foi encontrado pelo guarda, segundos depois, empalado num vergalhão de ferro dentro do canteiro de obras do Metrô, de responsabilidade da Ecicel, na passagem que existe entre a Avenida Presidente Vargas e o prédio novo da Rede Ferroviária Federal

Raimundo foi resgatado do buraco do Metrô, ainda com vida. Chegou no Hospital Souza Aguiar à 1h15 min e morreu às 2h50min. Registro n.º 1555/78; guia de remoção 12/556. No livro de ocorrência do Hospital Souza Aguiar, consta que a vítima sofrera uma queda, mas a equipe chefiada pelo médico Hugo Batista verificou que o operário tinha levado um tiro nas costas

Os dois guardas foram ouvidos pela 4.ª Delegacia Policial e os revólveres Taurus calibre 38 intactos arrecadados no posto policial da Central, foram mandados para exames de balística. João Pedro Delfino, a testemunha que ouviu o tiro desferido pelo guarda, no dia seguinte não quis nem receber o pagamento Pediu as contas na firma Empreitec e se mandou para Minas Gerais

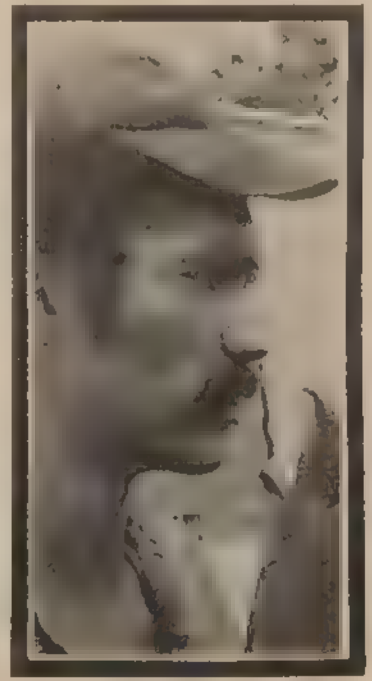
— Raimundo morreu? Tá brincando. Há quinze dias? Então, a família dele, lá em Jequié, nem sabe. Pobre, veio arriscar a vida aqui no Rio e se deu mal

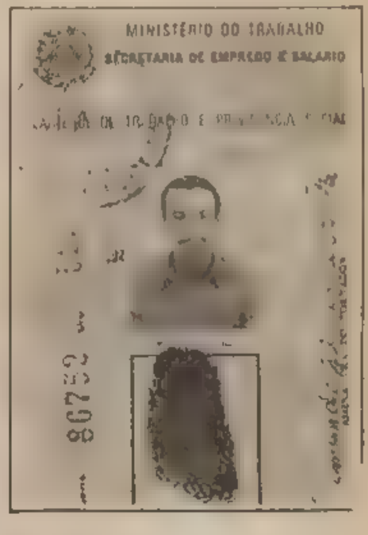
Na Estrada do Iguaçu, 530, em Miguel Couto, distrito de Nova Iguaçu, Basílio, um mecânico, foi o primeiro amigo que Raimundo arranjou no Rio de Janeiro. Triste com a notícia que acaba de receber, ele falou um pouco do baiano que chegou junto com outros cinco homens, para trabalhar numa obra alí no bairro

— Eles trabalhavam e moravam aí. Antes da obra ficar pronta os donos dispensaram os serviços deles. Fui eu mesmo que abri o **Dia** e indiquei o emprego lá na Barra da Tijuca. Fazia tempo que ele não aparecia por aqui. Ele sempre falava dos quatro filhos que tinha deixado em Jequié. Era sujeito bom, do tipo que não fazia mal a ninguém. Estragou o meu dia.

O assessor de imprensa da Divisão Especial dos Subúrbios do Grande Rio da Rede Ferroviária Federal, Fernando Abelha, disse que, caso fique comprovada a culpabilidade do guarda" a empresa tomará medidas cabíveis, punindo-o com demissão e entregando-os a polícia e à Justiça."

Tim Lopes





Raimundo, o morto, tinha carteira assinada como servente da firma Empreitec. Basílio soube do assassinato pelo reporter

Corrupção na Rede facilita desastres

Os trens batem, descarrilham, viram, matam. E como explicar tanto acidente? Ouvindo as pessoas que trabalham na Rede Ferroviária Federal, a causa maior é o erro humano. Pelo menos, é a explicação mais fácil, mais simples, a menos contestada. Joga-se um problema social em cima, o excesso de trabalho, a insatisfação e está tudo resolvido.

Mas existem explicações mais razoáveis, além do erro humano que, não resta dúvida, existe. A RFFSA é composta por uma miscelânea de equipamentos, em se tratando de trilhos, sinalização, vagões e locomotivas. Temos material do Japão, Inglaterra, Estados Unidos, Itália, Hungria e Alemanha Oriental. Alguma coisa do Brasil. Além do mais, o material é quase sempre de segunda mão e vive quebrando, como foi o caso dos famosos trens húngaros e os não menos famosos trens japoneses. Simples falta de planejamento ou um simples processo de corrupção?

Com essa miscelânea toda na mão, fica difícil uma padronização, manutenção e treinamento do pessoal. E, aí, surgem os acidentes, que é o mínimo que pode acontecer dentro deste quadro. Mas no final, arranja-se uma falha humana, um ônibus que atravessou a linha, e o maquinista sai como o triunfal culpado.

Trem encontra ônibus e provoca um dos maiores desastres da história da C[illegible]al do Brasil 19 pessoas morrem queimadas

Ex-diretor mostra o caminho do trambique

Para se executar serviços ou adquirir material nas empresas estatais, faz-se uma concorrência. Só que é sabido que, dentro do sistema corrupto que impera neste país, as concorrências, muitas vezes, são feitas apenas com um concorrente, ou seja, uma determinada firma solta uma grana e está tudo resolvido

A Rede Ferroviária Federal não poderia escapar à regra, considerando a carta que o ex-diretor de Administração e Finanças da empresa, Álvaro Gomes Barbosa, escreveu ao presidente da Rede, Stanley Fortes Batista, em 1976

"Havia um hábito — diz — de resultados por vezes desastrosos, de autoridades da RFFSA, de adjudicarem encomendas, contrariando os relatórios das comissões de julgamento, sem as providências que deveriam preceder a essas decisões".

Diante de uma série de irregularidades, o diretor começou a investigar e descobrir coisas, como a compra de 28 metros de passadeira, ao preço médio unitário de Cr$ 204,30. Foi feita uma coleta de preços no mercado e o mais caro foi de Cr$ 78,00. Inferior em mais de 60% ao preço pago pela RFFSA.

Embora sem poder caracterizar, através do exame dos processos, responsabilidades de funcionários, o conhecimento desse fato permitiu que se impedisse a realização de uma série de outras negociatas, como a contratação do revestimento, em mármore, dos halls do edifício sede. O preço oficial era de Cr$ 211 mil, mas uma nova coleta de preços mostrou que o serviço poderia ser executado com uma diferença de Cr$ 52 mil

O setor gráfico ia comprando a máquina "Multilith offset 1850" por cr$ 420 mil. Depois da sindicância, a mesma máquina foi comprada com uma diferença de Cr$ 42 mil

Dentro do mesmo espírito de "contensão", deixou-se de contratar a reforma do telhado sobre a cobertura do auditório da agência por Cr$ 30 mil, executando o serviço por Cr$ 7 mil

A compra de aparelhos de ar condicionados e a execução de serviços complementares das Instalações das oficinas gráficas, de acordo com a proposta vencedora, iria custar Cr$ 552 mil. Na carta, porém, o diretor diz o seguinte.

"O custo estimado obtido para os mesmos servicos devem atingir a Cr$ 200 mil, com uma economia superior a 60% do preço total proposto"

E vai por aí

A compra de rolamentos e retensores destinados aos ventiladores das torres de refrigeração da agência tinha um preço original de Cr$ 1.331,00. Depois de nova coleta de preços, baixou para Cr$ 683,00

A aquisição e instalação de uma tela cinematográfica no auditório da agência deveria custar Cr$ 41.198,00. Depois de nova coleta, o mesmo material foi comprado com uma diferença de Cr$ 13 248,00

Provas? É claro que ninguém tem. A coisa mais difícil é encontrar provas de que alguém corrompeu alguém. É tudo feito por baixo dos panos. É claro que se o governo quiser, acaba descobrindo, checando Imposto de Renda de funcionários envolvidos, fazendo auditorias sérias

Que existe corrupção, está na cara Graças a ela, compra-se uma máquina aqui, outra ali. Enquanto isso, todas as fábricas brasileiras de vagões estão com capacidade ociosa, como a Fábrica Nacional de Vagões, que tem uma capacidade ociosa de 75%. Enquanto isso, vamos continuar importando cerca de três mil vagões por ano, ao preço de duas vezes mais, como há um século. E diante desse quadro fica difícil a formação de uma indústria nacional do setor.

ACIDENTES DE TREM NO RIO EM 1978

26 fevereiro — Engavetamento de trens provoca ferimentos em 11 pessoas O trem prefixo LL-82 estava parado, quando o UL-86, aparentemente sem freios, chocou-se contra o outro. Os passageiros tentaram agredir o maquinista na Estação de Cordovil, por causa do acidente.

2 março — O choque entre o ônibus Duque de Caxias-Guapimirim e o trem prefixo UGH-13 causa uma morte e 17 passageiros feridos, na estação de Bangaba, na passagem de nível

17 março — Choque de trem em Anchieta destrói dois vagões no transpasse da Linha 2, que estava interditada para obras. 17 feridos

18 abril — Primeiro acidente com o trem japonês Parada num sinal da estação Lauro Muller, a composição UD-90 foi atingida por um velho trem, fabricado em 45. A linha 2 é exclusiva para o trem japonês e o trem DS-60 procedente de Santa Cruz pegou esta linha em São Cristóvão. 70 feridos

9 maio — Dois acidentes com trens suburbanos um trem, com o truque quebrado, descarrilha ao passar por Engenheiro Leal; outra composição descarrilha perto da estação de Parada de Lucas

12 maio — Três vagões tombam no pátio de manobras da estação D Pedro II. É o quarto acidente no mesmo local

17 maio — Composição que vinha de Japeri para estação D. Pedro II pegou fogo na estação de Olinda Causa: sobrecarga na rede elétrica.

— Ô rapaz, você costuma entrar no trem assim, pela janela? —Ô cara, é o seguinte. Se me pegarem, eu entro no flagrante porque é ilegal. E vou ter que passar uma noite preso. Mas é que estou tão cansado, que não dá paradisputar uma vaga na porta. É o arriscar. maior tumulto. Então, vale a pena Só que, nesse tumulto, é muito difícil eles me pegarem

PASSAGEIRO:

FAÇA COMO O PERCEVEJO: ENTRE PELAS JANELAS

A Central é uma grande fábrica de pingentes

Bianor morava em Santa Teresa, um dos bairros mais sofisticados do Rio de Janeiro. Casou e, para não pagar aluguel, foi morar numa casinha em Campo Grande, na zona rural do Rio de Janeiro. Continua, porém, trabalhando no centro da cidade e todo dia, com exceção do domingo, leva, pelo menos, uma hora e 20 minutos para chegar ao emprego.

— Isso, quando eu venho de trem e não pinta nenhum problema. Mas não pintar problema na linha é o mais difícil na Central. Tem dia que dá vontade de sair quebrando tudo. O trem para e fica horas ali. Você bota a cabeça do lado de fora e vê aquela fila de trem, tudo parado.

Acorda às 6 horas da manhã, para chegar, quando dá sorte, entre 8,30 e 9 horas.

— Mas tem dia que só dá para chegar mesmo por volta das 10 horas. Noutro dia, o trem parou em Piedade e ficou. Isso, depois de vir parando por aí. Às 9 e meia, o trem parado em Piedade. Ah, malandro, me deu uma agonia, fiquei pra morrer. Pô, eu entro às 9 horas, né. Aí, um camarada que tava do meu lado falou: "é, maninho, eu estou nesse trem há quatro horas: entrei nele era 5 e meia da manhã". Me deu vontade de chorar, mas tive que rir. Pulei do trem, atravessei a linha e peguei um ônibus para a cidade. Cheguei às 10.

Hoje, já tem o macete de fazer o tempo passar mais rápido.

— Ah, malandro, tou o operário perfeito. Marmita debaixo do braço e jogando sueca o tempo todo com um pessoal que eu conheci no trem. O maior barato, trunfo, essas coisas. Com a sueca, parece que a viagem dura uma seis horas. Sem sueca, o dia todo.

De vez em quando, usa o ônibus, que, dentro do sistema de transportes do Rio de Janeiro, consegue, muitas vezes, ser mais rápido do que o trem.

Quando tá tudo normal, o que é difícil, o trem 42 faz o trajeto Santa Cruz — D. Pedro II e o 41, Campo Grande — D. Pedro. Geralmente, cada um tem nove carros. Mas o que acontece realmente é o 42 vir com seis carros, fazendo todas as paradas do 41, que deixa de circular muitas vezes. Quer dizer, o pessoal fica esperando dois trens, mas acaba vendo um só. E esses seis carros não têm condições de transportar todos os passageiros.

— Então, é o maior sufoco e dessa maneira eles nunca vão acabar com os pingentes porque os pingentes são feitos pela própria Central. Quando o trem chega em Campo Grande, entre seis e sete horas da manhã, é a maior guerra para conseguir entrar. O trem já está superlotado. Mas o pior vem depois porque o trem vai parando em Vasconcelos, Santíssimo, Senador Camará, Bangu, Guilherme da Silveira, Padre Miguel, Realengo, Magalhães Bastos, Vila Militar, Deodoro, Madureira, Cascadura, Engenho de Dentro e São Francisco Xavier. Então, você imagina como é que esse trem chega em D. Pedro.

Brasileiro, 65 anos bota os podres pra fora: povo é bicho

"Sou brasileiro, tenho 65 anos e não tenho medo de falar. Falo mesmo. Vou botar os podres pra fora e todo mundo aqui nesse vagão sabe que é verdade. Só não fala porque não quer. Eu li no jornal que o presidente que vai entrar quer que o povo fale. Isso aqui é uma miséria, fazem o povo de bicho.

Rapaz, não fica só tirando fotografia, não. Você tem é que ver o que a gente passa aqui, é uma vergonha. Você é do **REPORTER?** Conheço esse jornal cem por cento. Diz o que nenhum jornal grande diz. Tem que escrever o que o pessoal faz com a gente. Depois que tiraram o quatro e dez de Nilópolis e passaram pra quatro e 45, é só atrasar 10 minutos que metade fica na plataforma, esperando o outro. E aí gente já chega atrasado no serviço.

Eu sou contra o quebra-quebra, mas só foi depois de um deles que a Central botou os trens japoneses. E tem mais: em Nilópolis, a roleta só abre quando o trem tá pra chegar. Fica todo mundo na ponte e tem que acordar os homens pra abrir. E ainda querem briga. Mandam a gente ir dormir em casa.

Na Central (Estação D. Pedro II) é aquele luxo e em Nilópolis nem a iluminação funciona.
(Augusto Miranda Santos, motorista)

"Meu filho, isso é uma miséria. Precisa ver os percevejos. Deixam a gente louca. Entram em nuvens pela janela e deixam o maior mau cheiro. Deus nos acuda!". (Dona Joana, mora em Nilópolis e é funcionária da RFFSA)

Depoimentos a Chico Júnior e Custódio Coimbra
Fotos de Custódio Coimbra

Maluf foge pra não falar do passado

Dr. Paulo, não como candidato a governador, mas como ex-secretário de Transportes, será que o senhor poderia dizer...

— 16 de novembro eu falo

O senhor não pode dizer que dificuldades teve...

Até 15 de março de 1979 o secretário dos Transportes é Tomás Magalhães

A minha pergunta é diferente: na sua época de secretário qual foi o principal problema que o senhor enfrentou?

— Fala com o Tomás Magalhães... sobre transportes é Tomás Magalhães .. eu não falo

Mas eu quero falar do seu período, Dr. Paulo...

— Pertence à História!

Então, é por isso!

Pertence à História

Paulo Salim Maluf sai andando, aperta a mão de todo mundo, abraça com força e sorriso forçado. O reporter espera uma nova oportunidade e insiste

Dr. Paulo, só uma confirmação: comenta-se que o senhor teria comprado trens franceses para correr nos subúrbios...

— Pergunta pro Tomás Magalhães! Ele te responde

Por que o senhor não responde nada sobre transportes?

— Não respondo sobre administração do governo do Estado, nada, só depois de 16 de novembro. Nada. A administração está bem entregue ao governador Paulo Egydio

A história dos trens franceses é de 1974. O contrato de compra, 360 milhões de dólares, foi assinado em dezembro, finzinho de gestão Contratos assinados assim na última hora dão do que desconfiar, pois é nessa hora que aparece a "comissão". E o problema passa para o governo seguinte. Comentou-se que o governo seguinte, de Paulo Egydio, tentou se livrar desses trens, não conseguindo, justamente porque a "comissão" já tinha sido embolsada. Mas por quem?

Foto de Amancio Chiodi

Maluf não confirma nem desmente se levou comissão

Hoje, na Fepasa (Ferrovias Paulistas S.A.) não se sabe a história secreta desse negócio. Sabe-se, porém, que os trens foram renegociados durante o governo Paulo Egydio, por serem sofisticados demais. Tinham até banheiros, o que é inconcebível no percurso que faz, parando de cinco em cinco minutos.

A "comissão" existe normalmente em qualquer negócio grande. As empresas do exterior tem seus representantes no Brasil, que tratam da papelada das concorrências. Esses representantes ganham a "comissão" sobre o negócio, de 6% a 8%. Agora, se esse representante divide o bolão com alguém depois, já é outra história porque ninguém vai contar nem assinar papéis.

A Fepasa espera que os novos trens — 90 em vez de 40 sofisticados — resolvam o problema dos subúrbios, chegando a transportar um milhão e 200 mil passageiros por dia. Mesmo assim o serviço para a companhia continuará deficitário.

João de Barros

Escândalo na CMTC: prejuízo deu lucro

No mês passado, o Tribunal de Contas rejeitou balanço da Companhia Municipal de Transportes Coletivos — CMTC — que acusou o lucro de Cr$65 milhões. Samir Achoa, vereador mais votado de São Paulo, advogado das companhias particulares achou esse balanço um absurdo:

— A CMTC dá Cr$500 milhões de prejuízo por ano e diz que deu lucro. Aconteceu que ela recebeu Cr$200 milhões de subvenção e mais Cr$100 milhões como aumento de capital. No cômputo, teria sobrado um dinheiro, que ela teve a falta de cuidado de oferecer como subvenção a empresários. Isso é um erro que comporta uma ação popular

Podemos chamar isso de corrupção?

— Corrupção não: incapacidade. E eu não sei se seria melhor os ineptos que lesassem o patrimônio público por incapacidade ou os corruptos que dessem o que o povo deseja.

A CMTC tem casos de corrupção?

— Muitos. Não estou falando da administração de agora. que eu considero incapaz. Sei que hoje existem perseguições a funcionários da CMTC existem contratações que não satisfazem. A CMTC foi cabide de emprego durante muito tempo, agora não sei se é. Mas até hoje tem muita gente ganhando mais de Cr$100 mil por mês. Eu sou muito odiado pela turma da CMTC — pelos diretores, graças a Deus, não pelos empregados. A mão-de-obra do transporte coletivo recebe, em geral, uma miséria. Com 12 horas de trabalho, o motorista ou o cobrador não consegue o necessário para a sobrevivência. Então, tem que trabalhar 14. A lei permite? Não. Mas ele, para sobreviver, só trabalha se lhe derem oportunidade de trabalhar 14 horas.

Os passageiros são bem servidos de transporte?

— O transporte é horroroso. A passagem de ônibus Cr$2,80, mas para o povo ela está custando uns Cr$6,00 porque todo o dinheiro que subvenciona a CMTC também sai do bolso do povo. E esse dinheiro poderia ter sido usado para escolas, saneamento. A mortalidade infantil

Foto de Eliana Pastore

Samir alerta o povão: "não peçam, exijam"

1. Crime no metrô para livrar a cara do governo

2. Motoristas trabalham fora da lei para sobreviver

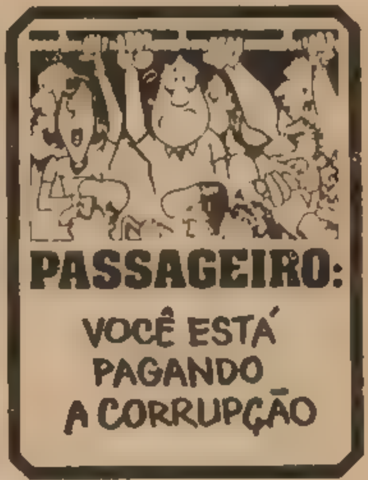
3. Salários de Cr$100 mil na empresa que dá prejuízo

4. Povo paga Cr$6,00 a passagem que custa Cr$2,80

aumenta cada ano. Não é demagogia. O dinheiro que a CMTC emprega mal poderia servir para salvar vidas. Estamos matando gente. A CMTC mantém 8,5 funcionários por ônibus e gasta 98% de seu dinheiro com folha de pagamento. Um dos maiores erros é que o presidente da CMTC, Olavo Cupertino, é também Secretário de Transportes do município. Ele é o juiz, o réu, o julgador de si mesmo. Um dos diretores da CMTC anda até armado perante os funcionários.

O metrô vai resolver o problema?

— O metrô é ridículo. Quando estudaram essa linha que está em funcionamento, os técnicos afirmaram que haveria um milhão de passageiros. Mas a verdade é que não chega a 200 mil. Em vez de aceitar o erro, os técnicos passaram a forçar a situação, integrando o metrô com ônibus, trens e carros. Alguns bairros só têm ônibus que levam ao metrô, obrigam o sujeito a viajar de metrô. Além de custar mais caro, Cr$3,80, essa "integração" é criminosa: você é obrigado a andar de metrô porque o governo quer por um número maior, porque senão o governo está falido moralmente, já que havia prometido transportar um milhão de pessoas. O que é correto é que nenhum governo faz favor ao povo. Ou estabelece prioridade válidas ou erradas. Ele acerta ou erra. Quando acerta, faz sua obrigação; quando erra, comete um crime. Infelizmente, o governo, na grande maioria das vezes, erra. E infelizmente o povo brasileiro ainda pede, não exige.



Alex Solnik

Foto de Leonardo Neri

RESPIRE FUNDO E ENTRE NA BARCA

— Puxa vida, que saco! Toda segunda-feira é esse tumulto, essa montoeira de gente impedindo até a passagem dos carros. O mais engraçado é que, se algum motorista reclamar, ainda leva bronca.

Na Praça Araribóia, em Niterói, sete da manhã, o movimento é dos mais intensos na entrada da estação das barcas que ligam a ex-capital do Estado do Rio de Janeiro à Praça 15, do outro lado da Baía de Guanabara. Nas roletas, formam-se filas duplas e as reclamações correm soltas.

— Como é que é? Olha a hora, filho da mãe. Assim não dá, é uma embolação, fila dupla para uma roleta, é uma droga. Droga, merda, vou chegar atrasado, cacete.

Antônio de Oliveira Ramos Filho, é técnico em eletricidade, ganha quase nove mil cruzeiros, mora em Niterói e reclama.

— Acho esse serviço deficiente, com lanchas velhas e poucas para o atual movimento. Mas são pontuais e o preço tá bom, diante da roubalheira que está por aí. Não são confortáveis, mas o mais importante é ter bastante lanchas, serem pontuais e limpas. Poderiam ser mais modernas e rápidas. E deveria ser proibido fumar. Quando chove, todo mundo fecha as janelas, fica tudo abafado. E também deveria ser proibido todo tipo de jogo de aposta, pois dificulta a entrada dos passageiros e provoca brigas. A fiscalização deve ser mais dura com eles do que com os vendedores ambulantes.

Mesmo com lugar para sentar, muitos ficam na proa. Do lado direito vai se formando a rodinha da purrinha, vício para alguns, mas na verdade um meio de se distrair nos 20 minutos da travessia. Os parceiros vão se acomodando nas escadas. Os que passam, reclamam. A lancha inicia sua lenta manobra para sair da estação.

Uma reclamação constante é a falta de ventilação, o abafamento e a preocupação de como sair, em caso de acidente.

— Essas lanchas deviam ter mais espaços para saída. Quando estão cheias é uma dificuldade para sair. Em caso de acidente, só se pular a janela. Além do mais, é um transporte muito lento para época atual. O que tem de bom é a pontualidade e o preço. Confortáveis? Não, não são, mas se fosse o povo ia destruir. **(Maria Teresa, securitária)**

Alguns viajam na proa, justamente por causa do abafo. Mas é proibido, pelo menos na teoria.

— Viajo sempre aqui. É mais rápido para entrar e para sair. Lá dentro é muito sufocado, todo mundo fumando. Sei que é proibido, mas nunca ninguém mandou eu sair daqui. **(Antônio José Andrade, bancário)**

— É proibido, mas quem tira aquele pssoal de lá? Só se tivesse um policial. O pessoal deveria ter maior respeito com a tripulação, muitos fazem bagunça, desrespeitam. Afinal, aqui viaja todo tipo de gente. **(Jorge Silva, marinheiro)**

O barco tem dois andares. Sem nenhuma razão aparente, os passageiros se dividem: no andar de cima acomodam-se os da classe média e os mais pobres ficam em baixo. Ninguém sabe explicar o porquê. Por costume, porque é mais rápido pra sair. Mas não é difícil ouvir, na entrada da lancha, o seguinte papo:

— Como é, vamos em cima ou em baixo?

— Em cima, né? Lá em baixo é o galinheiro.

Um velho passageiro, 20 anos de barca, ainda se lembra do tempo da Cantareira.

— Naquele tempo as barcas eram movidas a lenha ou óleo. Em 1961, teve um quebra geral por causa de um aumento de dez centavos. O pessoal incendiou a estação e um jipe que estava estacionado perto da estátua do Araribóia. E tinha dia que viajava gente até no teto das lanchas. Naquele tempo, o brasileiro não era tão bonzinho como é agora, metia o pau mesmo. Mas de um modo geral, hoje o transporte tá bom.

Na Baía de Guanabara, o número de acidentes é mínimo. Mesmo assim, de vez em quando acontece uma batida entre as barcas. A viagem não tem maiores mistérios, mas quando baixa o nevoeiro o trajeto fica perigoso, principalmente porque o radar da lancha só é ligado uma vez por dia, apenas para aquecer. Além disso, é um radar velho, com o qual a identificação de um outro navio fica difícil.

— Mas, sabe, o serviço, em geral, é bom. Com exceção dos banheiros, que são sujos demais. Mas isso também é culpa do povo, que é muito mal educado. **(Paulo Pinheiro Mendes, bancário)**

Ramona Ordoñez

ENFIM
Nossos primeiros anunciantes.
Faça como eles.
Anuncie no
REPORTER

O filme vem nascendo
e você já está vendo
CINEMATECA
em novo horário
quinta-feira às 22 hs. TVE
um programa da
Embrafilme

O curta metragem
brasileiro está em
COISAS NOSSAS
um programa
da Embrafilme
segunda-feira às 23 hs.
TVE

Favelado quer botar pra quebrar

Os moradores do bairro de Santa Teresa, que se dividem entre a burguesia motorizada e os favelados pingentes, são quase unânimes em considerar que o lugar sofre de um problema crônico com os meios de transportes. Para se ter uma idéia, os motoristas de táxis, que sempre recusam levar passageiros em Santa Teresa, temendo serem assaltados, agora passaram a chamar o bairro de Triângulo das Bermudas, dizendo que motorista que sobe lá, desaparece. Prá complicar a situação, as obras de restauração dos trilhos do bondinho passaram a ser responsáveis por grandes engarrafamentos em, pelo penos, três importantes trechos do seu percurso.

A respeito do assunto, fala o povo

— Olha, meu amigo, o negócio é tocar fogo em tudo, nos ônibus, nos bondes. Eu quando entro em fila de ônibus fico incitando o povo pra tocar fogo em tudo porque não dá pra agüentar. Você fica esperando, às vezes, até uma hora. (**Leocádio Bandeira Filho, 37 anos, morador na favela dos Prazeres.**)

A população de Santa Teresa, estimada em 70 mil habitantes, está distribuída num elevado que vai da Lapa (ou Glória) até o morro dos Prazeres ou, em outro sentido, o Silvestre. O lado de Paula Mattos, mesmo sendo mais tranqüilo, nem por isso é menos problemático. É o que diz a estudante Carmem Seixas, 22 anos, há três anos morando no bairro.

— É uma bosta. Espera-se horas por um bonde, horas por um ônibus e nada. Quando vem, tá tudo cheio. O bonde tá muito caro, treme tudo, tem goteira e é desconfortável. Mesmo assim, ainda é melhor que o ônibus. A melhor condução em Santa Teresa é a carona.

Um detalhe a respeito da linha do ônibus 206, que liga o Largo São Francisco ao Silvestre: nas horas de pique, saem lotados e não param nos pontos intermediários, começando a esvaziar já no alto do morro.

Sexta-feira, meio-dia, no ponto da rua Francisco Muratori com avenida Mém de Sá, uma senhora gorda, negra, com dois pacotes das Casas da Banha, sua e pragueja contra o ônibus que não parou:

— Isso é uma calamidade! A gente fica aqui esperando, com esse calor e esses pacotes, e o ônibus ainda não pára! Eu não vou pegar o bonde porque é bem mais longe e eu não vou me ajeitar com esses pacotes. Eu moro no morro dos Prazeres, meu filho. Por que tá querendo saber?

Mas há também aqueles que acham que está tudo bem, como o João Lucas dos Santos, 35 anos, vendedor, que saiu com essa:

— Olha, eu moro no Dois Irmãos e digo que o transporte aqui em Santa Teresa é dos melhores. Aqueles que reclamam são os da "pressa" que vivem apressadinhos e não querem obedecer os sinais. No começo, sim, a coisa ficou meio confusa, mas agora é só ter paciência pra esperar o sinal abrir.

Os sinais a que ele se refere são os pontos onde as obras do trilho estrangulam a rua e só dão passagem a um veículo. O trânsito funciona apenas em um sentido, o que ocasiona engarrafamentos que duram até meia hora.

— Isso aqui é um inferno, meu irmão. Eu sempre esqueço de desviar desse trajeto e quando vejo já é tarde, tenho que ficar aqui esperando. A gente perde 15, 20 minutos, quando tudo vai bem, e ainda perde a calma. O pior é que eles anunciam o final das obras apenas pro começo do próximo ano. Ainda bem que eu não moro aqui, venho só de vez em quando fazer uns serviços. (**Alexandre Magno, 29 anos, do comércio de tintas.**)

Toninho Martins Vaz

SANTA TEREZA: ÔNIBUS NÃO SOBE MORRO E BONDE CAI AOS PEDAÇOS

PASSAGEIRO:

ESPERE SENTADO. EM PÉ, CANSA.

Como uma série de coisas que acontecem no Brasil, o caos do transporte é conseqüência direta da falta de planejamento. Dentro desse esquema, o bairro carioca de Santa Teresa não poderia escapar à regra. É um morro, com saídas estratégicas para as três zonas da cidade e que foi criado no período crítico da febre amarela: o mosquito transmissor da doença não tinha autonomia de vôo suficiente para subir o morro. Com isso, as pessoas com dinheiro, que tinham condições de construir seus refúgios, começaram a subir.

Com o tempo, passou a abrigar basicamente a burguesia, artistas, intelectuais. Mesmo com a modificação gradativa do panorama habitacional, Santa Teresa ainda pode ser considerado um bairro tipicamente burguês, onde moram famílias riquíssimas e tradicionais do Rio de Janeiro, como os Monteiro Aranha e os Murtinho. Os Monteiro Aranha, por exemplo, têm um verdadeiro feudo no Largo do França.

Mas o crescimento desordenado da cidade fez com que surgissem as favelas em volta de praticamente todo o bairro. E hoje em dia são justamente os favelados que mais se utilizam do transporte coletivo, dividido em ônibus fumacentos e perigosos da CTC e os bondes caindo aos pedaços da mesma companhia.

Até há cerca de 15 anos, os bondinhos atendiam perfeitamente as exigências dos moradores. Eram muitos, eficientes e não chegavam a andar superlotados, pois muita gente usava o carro como principal meio de transporte. Mas há 15 anos o bairro tinha aproximadamente 30 mil pessoas. Hoje, incluindo as favelas, tem cerca de 60 mil, para um sistema de transporte que, em vez de melhorar, piorou muito.

Com a dificuldade de se estacionar no centro da cidade, também a classe média passou a usar mais o transporte coletivo, piorando ainda mais as coisas. Por essas e outras é que os bondes, na hora do aperto, andam sempre superlotados e os ônibus idem. O bondinho ainda é usado basicamente pela classe média, mas com os ônibus acontece. exatamente o contrário, ou seja, o usuário em potencial é o favelado. Isso porque o ônibus 206 vai até o Silvestre, passa por todos os pontos onde as favelas começam, transporta mais pessoas e, por incrível que pareça, é mais rápido do que o bonde, que deveria ser o único meio de transporte do bairro. Como consome eletricidade, é mais barato para o Estado e se movimenta melhor pelas estreitas ruas do morro.

Junte-se a tudo isso a incoerência do preço. O bonde, utilizado por quem tem maior poder aquisitivo, é um cruzeiro mais barato do que o ônibus, que custa Cr$ 3,50 e é o meio de transporte do povão.

Por isso é que o pessoal da juventude-povão, que tem condições de viajar pendurado nos estribos do bonde, se recusa a pagar passagem. Esse comportamento já virou instituição: quem viaja no estribo, raramente paga bonde. Uma espécie de compensação pelo risco que corre de ser colhido por um ônibus. De vez em quando um grande e ridículo ônibus pega um bonde pela proa, para felicidade geral.

CJ

SARRO NO TREM

TÁ QUENTE É GENTE

No final da tarde, no que o trem vai chegando devagar, cada um se vira como pode. E mesmo antes dele parar já tem gente dentro. O pessoal que acorda por volta das cinco da matina para pegar o atrasado das seis, não pode mosquear. Mosqueou, dançou, fica em pé. Por isso, a batalha é braba, tão braba quanto encarar a britadeira com o sol na moleira o dia todo. E vale tudo, até xingar a mãe, manifestação corriqueira dos que disputam um lugar sentado para poder dar uma morgada de leve até chegar ao destino, invariavelmente de Deodoro pra cima.

E tem que dormir acordado, que é para não levar um balão apagado. Tem gente que, quando acorda no fim da linha, fim de noite, tá só de cueca, quando dá sorte. Mas na Somália é pior, diz o mulato do lado, com o Dia aberto na Internacional.

— Diz aqui que os comunistas do Fidel tão até ajudando a Etiópia. Aí já viu, né, porque esse negócio de comunismo é fogo.

Mas nem todo mundo batalha por um lugar sentado. E têm os que batalham, mas quando vão ver, estão em pé mesmo, cheirando as nucas dos outros, levando mão, tirando o sarro do dia e muito cuidado com as carteiras, documentos. A lei do trem é outra e quem não estiver muito bem atento fica sem o trocado. Guerra é guerra, irmão.

A mulata estava no bolo do meio ali na plataforma e de vez em quando lançava uns olhares chegados ao charme pro boa pinta, cujo cabelo castanho claro se destacava no meio daquelas caras amarrotadas. Mas aí, o do cabelo castanho claro foi conferir e viu o maior mulato do lado da mulher, dando uma de guarda-costa da rainha, aquela pose de "olhaí, manera, a mulher é minha e muito minha". Era forte e tinha cara de mau, que é justamente para piorar as coisas.

Mas no embalo, empurra daqui, empurra dali, tudo muito difícil porque a desgraçada da porta só abriu uma metade. Consegue chegar na mulata.

"Que se dane o macho dela. Tá se jogando, vamos ver como é que fica".

Ela olhando de rabo de olho, rindo sozinha e escondido. E mesmo antes de chegarem à porta do trem ele já tinha palmeado, alisando de leve a nádega direita da moça. Muita cara de pau, mas não era a primeira vez, nem de um nem de outro. Ela gostou, sorriu e deu um jeito de colocar seu homem na frente, enquanto o outro ia se arrumando atrás.

O trem saiu, ele ali. Era preciso muita cara de pau, mas ele já tinha uma certa prática. O mulato grande, meio de lado, meio de frente, conferindo, cuidando. Mas querer que alguém não encostasse em sua mulher, com o trem cheio daquele jeito, era pedir demais. Se chiasse, estava arriscado a ter que soltar antes.

O primeiro tumulto foi quando um cara lá atrás gritou:

— Meu passaporte, roubaram meu passaporte.

Passaporte, no direto pra Santa Cruz?

— Joga esse cara pela janela.

Mas era tudo encarnação e o cara explicava.

— Passaporte que nada, é o meu salvo conduto para penetrar em terras da Baixada, Itaguaí, Belfort Roxo, isso aí. Sem ele, tá arriscado o Esquadrão te confundir e te botar dois na testa e um no relógio. Um amigo meu, que é tira, me deu. E agora vem um punga barato e me ganha o passaporte.

Mas lá na frente tá é bom. No balanço do trem, ainda melhor. O mulatão não tava nem aí. Meio acordado, meio dormindo, em pé que nem cavalo. Ninguém é de ferro. Mas a mulher se entregou. Lá pela altura de Engenho de Dentro deu um gemido, aquele gemido gostoso. E nisso o mulatão se ligou, abriu as asas, flagrou geral, a saia levantada, o branco de arma na mão. Rapidinho, todo mundo se compôs, quem tinha alguma coisa pra guardar, guardou e esperou pelo pior. Um acontecimento, risadas, encarnações, e o mulato falando alto.

— Que isso, ô meu, com a minha mulher não. Enfio-lhe a mão na cara.

O trem estava cheio, mas nem por isso deixou de abrir uma pequena clareira naquele multidão, o que gerou reclamações mis.

— Pô, quer brigar, salta em Madureira e briga lá, ora.

— Joga pela janela, joga pela janela.

— Não, deixa brigar, afinal o cara tava se assanhando com a mulher dele.

— Tem nada disso — berrou o mulatão — vou sambar esse cara aqui mesmo.

— Qualé, ô cara. Tô na minha. Ela deixou, tava gostando, cê quer que eu faça o quê.

Aí o dono do material olhou para a mulher e viu nela aquele olhar do "tava bom, sim senhor".

A mão subiu, mas paft, desceu no rosto da mulher, uma tremenda bifa, daquela estalada, ouvida até pelo maquinista do trem.

— Que qui é isso, não vai bater na mulher assim não.

— A mulher é minha e bato a hora que quiser.

Bate, não bate, nessa altura o mulatão já tava dando era decisão em todo mundo, querendo encaçapar alguém. Mas prevaleceu o bom senso geral e briga mesmo acabou não acontecendo. A mulher foi a única premiada e ficou nisso, com os comentários esparsos e jocosos acontecendo aqui e ali.

Foi indo assim até Bangu, quando o mulatão passou a mão no braço da mulher e disse.

— Vambora.

— Vou não, eu fico.

Ela olhou para cara do moço de cabelo castanho claro, pedindo consentimento. Ele sorriu e fez que sim com a cabeça. O trem já ia sair, o mulatão parado que nem um dois de paus, mas, afinal, decidiu.

— Você é quem sabe.

Virou as costas e foi embora.

Os dois prosseguiram viagem abraçadinhos.

CHICO JUNIOR

150 na rua depois das greves

Foto de João Bittar

É A VINGANÇA DOS PATRÕES

Mandaram o Alcides embora quatro dias depois da greve. Era uma sexta-feira, final de expediente, seis da tarde. Ele chegou no departamento de pessoal, entregaram a carta de demissão, ninguém falou mais nada. Só na segunda-feira, quando voltou na oficina prá receber a indenização, é que ele leu no Atestado de Afastamento e Salários do INPS que tinha sido mandado embora "por motivo de doença", conforme estava escrito. Mas o Alcides foi mandado embora, mesmo, por causa da greve.

Foi a menor greve que São Paulo viu. Era uma segunda-feira, dia de pagamento, hora do almoço, o pessoal conversando num boteco perto do trabalho, todo mundo reclamando do salário, que cada vez vale menos, que assim não dá, que não tá compensando as oito horas de serviço puxado. Já tinha trabalhador parado por todo o canto do ABC e de São Paulo. Aí resolveram parar também. Combinaram a greve prá depois do almoço.

A Samambaia Veículos é uma revendedora de automóveis usados que tem na rua da Consolação, quase centro de São Paulo. São quarenta empregados na produção, uma média de idade de 25 a 30 anos. Esse o pessoal que parou depois do almoço, lá pela uma hora da tarde. Não pararam os chefes de setor, mas o resto entrou em greve. O dono da Samambaia Veículos apareceu logo em seguida. Não ouviu o barulho das latas e desceu do escritório prá ver o que estava acontecendo. Disse que não dava prá conversar com todo mundo e pediu que os empregados escolhessem um representante de cada seção. Foi formada uma comissão. O Alcides ficou como representante do setor de funilaria e pintura. Subiu todo mundo e o pessoal se trancou com o patrão no escritório.

Alcides Domingues, 27 anos, o único metalúrgico sindicalizado naquela greve da Samambaia, mora ainda com a família. O pai, um marceneiro da Rede Ferroviária Federal, se mudou para São Paulo há sete anos, trazendo a família de Araçatuba. Atualmente, a família tem uma renda de 16 mil cruzeiros por mês. O pessoal da casa conversa pouco sobre política de sindicato. Alcides começou a conversar sobre o assunto com um ex-cunhado, um operário também, que vivia falando da necessidade do trabalhador se organizar, essas coisas. Daí, Alcides começou a freqüentar o Sindicato dos Metalúrgicos. Ia lá toda semana tomar uma cerveja em algum boteco, por perto, se reunia prá conversar. Há um ano e pouco, ele se sindicalizou.

Tinha entrado em fevereiro na Samambaia. Quando o pessoal da oficina decidiu que ia parar o serviço, procurou o Alcides. Ele topou. Na hora em que foram escolher os representantes das seções, chamaram o Alcides. Decidiram pedir 20 por cento de aumento.

Lá dentro do escritório, o cara começou com um papo que achava justa "a reivindicação de vocês, mas não é possível aumentar o salário apesar disso, o país tá em crise, a situação é difícil." Cozinhou a conversa uns 20 minutos, a comissão desceu, ia avisar que não ia ter aumento (como é que fica agora?). Quando chegou na oficina não tinha mais greve nenhuma. Eram quase duas horas. O pessoal tinha todo voltado para o serviço.

Os quatro trabalhadores da comissão resolveram continuar paralisados. Mais três outros empregados apoiaram, e ficaram os sete até o final da tarde de segunda-feira em greve. Na terça, voltaram ao trabalho. Alcides durou só até o final da semana. Os outros seis grevistas começaram a ser chamados nas semanas que se seguiram. O patrão é assim: primeiro ele espera a greve se apagar um pouco da memória; depois que o poeirão se assenta, ele dá um pé na bunda.

Na Toshiba, por exemplo, onde houve a primeira greve metalúrgica de São Paulo, no final de maio, só no fim do mês passado é que o pessoal começou a ser mandado embora. Foram demitidos 21 trabalhadores, gente que tinha participado da greve, mas a maior parte dos dispensados era da comissão de fábrica que foi negociar o aumento com o patrão. Lá, onde a coisa é mais organizada, os próprios trabalhadores já estão se articulando para reintegrar os companheiros no trabalho.

Anísio Batista, 36 anos, presidente da chapa da oposição que concorreu às eleições para renovação da diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos, em junho, é torneiro vertical da Toshiba. Ele lembra que lá, empresa grande, até policial os patrões contratam para descobrir nomes de gente que demonstrava descontentamento com o serviço.

— Nessas fábricas grandes, nas multinacionais principalmente, existem trabalhadores com cursos em deduragem, gente especializada nisso, fala Anísio.

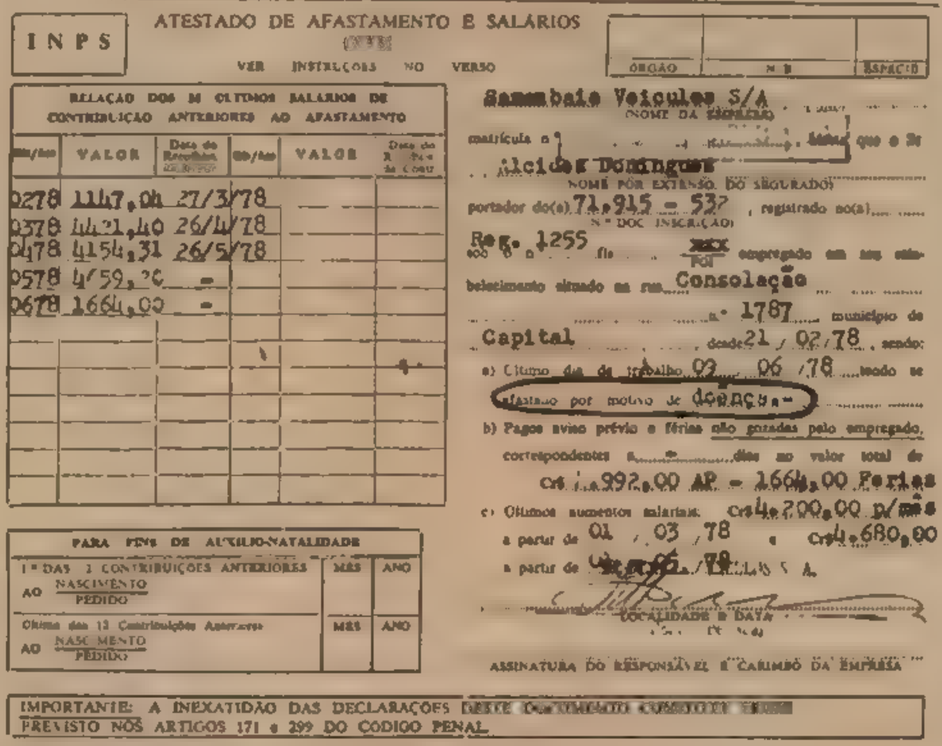
Ele mesmo, nas duas greves organizadas em que tomou parte, acabou demitido. A primeira vez, quando trabalhava na Villares, em 73, perdeu o emprego 15 dias depois de uma greve que durou quatro dias. Depois foi na Ford, mas aí só foi demitido alguns meses mais tarde.

Por isso é que não dá para dizer quantas demissões existem até agora. Algumas entidades operárias estão fazendo levantamentos que indicam que mais de 150 trabalhadores já foram mandados embora. São levantamentos parciais, no entanto. Só os casos onde o patrão não gostou e botou [redacted]

Alcjdes está procurando emprego desde aquela segunda-feira que esteve na Samambaia recebendo a indenização, não apareceu mais na ofina.

O problema mesmo é que Alcides não consegue arrumar serviço novo. Já esteve em sete firmas. O pessoal pede a carteira de trabalho, dá uma olhada na data de entrada e saída, exige estabilidade de seis meses a um ano no emprego anterior. Pergunta por que você entra e sai? O ambiente não era bom, o salário não tava dando, um cara lá encrencou comigo, o Alcides responde.

— Aí eu tenho que viver desbaratinando, né?



INPS

ATESTADO DE AFASTAMENTO E SALÁRIOS

VER INSTRUÇÕES NO VERSO

ÓRGÃO | Nº | ESPÉCIE

RELAÇÃO DOS 36 ÚLTIMOS SALÁRIOS DE CONTRIBUIÇÃO ANTERIORES AO AFASTAMENTO

Mês/Ano	VALOR	Data do Recolhim.	Mês/Ano	VALOR	Data do R.
0278	1147,04	27/3/78			
0378	4421,40	26/4/78			
0478	4154,31	26/5/78			
0578	4159,20	-			
0678	1664,00	-			

PARA FINS DE AUXILIO-NATALIDADE

1º DAS 12 CONTRIBUIÇÕES ANTERIORES AO NASCIMENTO / PEDIDO — MÊS — ANO

Última das 12 Contribuições Anteriores AO NASCIMENTO / PEDIDO — MÊS — ANO

Samambaia Veiculos S/A
(NOME DA EMPRESA)

matrícula nº ... que o Sr.

Alcides Domingues
NOME POR EXTENSO DO SEGURADO

portador do(a) 71.915 - 537, registrado no(a)
Nº DOC. INSCRIÇÃO

Reg. 1255 fls. ... foi empregado em seu estabelecimento situado na rua Consolação

nº 1787 município de

Capital, desde 21/02/78, sendo:

a) Último dia de trabalho 03/06/78 tendo se afastado por motivo de doença.-

b) Pagos aviso prévio e férias não gozadas pelo empregado, correspondentes a ... dias no valor total de Cr$ 1.992,00 AP - 1664,00 Ferias

c) Últimos aumentos salariais: Cr$ 4.200,00 p/mês a partir de 01/03/78 e Cr$ 4.680,00 a partir de ... 06/78

LOCALIDADE E DATA

ASSINATURA DO RESPONSÁVEL E CARIMBO DA EMPRESA

IMPORTANTE: A INEXATIDÃO DAS DECLARAÇÕES [redacted] PREVISTO NOS ARTIGOS 171 e 299 DO CÓDIGO PENAL

Quatro dias após a greve, mandaram Alcides embora por "doença"

Bernardo Pelegrini

EX-EMPREGADO ACUSA:

Presidente da IBM é corrupto e rouba o Brasil

Cristian Hansen, o acusador

Cristian Hansen, 33 anos, brasileiro, hoje professor de inglês, trabalhou na IBM do Brasil entre 1973 e 1976 e nesse curto tempo descobriu alguns dos truques que a empresa usava para sonegar impostos e remeter mais dólares para sua matriz. O culpado de tudo, diz ele, é Frank Cary, presidente da IBM mundial. A empresa é a 8ª do mundo em vendas e a 3ª em lucratividade

Frank Cary, o homem que Hansen quer na cadeia

MONOPOLIO DO MERCADO

1 Para reduzir os preços de serviço prestado a clientes importantes no mercado, a IBM usou as chamadas **notas de crédito**. Por esse expediente a IBM compra de um cliente que usa o seu computador algumas horas do seu trabalho supostamente para com ele realizar um trabalho para outro cliente e paga, pelo aluguel do equipamento durante algumas horas, com as notas de crédito. Depois, com essas notas, o cliente abate do preço que tem que pagar à IBM o crédito que a própria IBM lhe concedeu

Cristian Hansen explica

"Na realidade, trata-se de um desconto além do permitido, a um cliente favorecido. Esse comportamento viola a Lei Anti-Trust (que impede que uma empresa detenha o monopólio de vendas no seu setor) à qual a IBM, como empresa norte-americana, está submetida mesmo que opere fora dos Estados Unidos."

"Um caso típico de favorecimento ilegal de clientes aconteceu com a Universidade Federal do Rio de Janeiro cujas notas de crédito tinham a aprovação até de Ralph Pfeiffer, presidente da IBM das Américas e do Extremo Oriente e subordinado direto de Frank Cary, presidente do Conselho da IBM mundial."

"O mercado universitário é avidamente disputado pelas companhias de computador pois acredita-se que os alunos que lá se encontram formam suas preferências futuras por computadores a partir do equipamento que usam na sua época de estudos."

"Os descontos também são feitos para clientes privilegiados: em 1976, a Esso Brasileira (do grupo Rockefeller) recebia uma nota de crédito mensal por "faturamento excessivo" sendo este desconto aprovado em nível de gerente-geral da IBM do Brasil,. J.A. Guerra."

"Outra forma de tratamento preferencial a clientes é manter seus equipamentos em instalações da IBM. Alguns exemplos: Mecânica Pesada (São José dos Campos) e Montepar (Curitiba)."

SONEGAÇÃO DO IMPOSTO DE RENDA

2 A IBM ofereceu, como prêmio de trabalho, viagens de passeio ao exterior a funcionários e suas esposas (ou esposos) com todas as despesas pagas mas não contabilizou tais gastos como salário pago aos seus empregados e, portanto, não recolheu todos os tributos que sobre eles incidem. A empresa considerou o dinheiro das passagens e o adiantamento que deu para viagem como despesa operacional — que pode ser descontada do imposto de renda — embora os funcionários não estivessem viajando a serviço

Ao perceber a manobra, Hansen procurou o advogado Domingos Simplício Maltez de Barros para saber se havia realmente crime no que a IBM estava fazendo para reduzir o pagamento de impostos. Eis um trecho da conclusão do advogado: **"Para a empresa é indiferente que o prêmio seja pago em dinheiro ou sob a forma de custear viagens de lazer. Essas despesas poderiam ser lançadas como operacionais. O que torna o incentivo desaconselhável é no tocante ao mascaramento do caráter de pagamento, fazendo crer tratar-se de despesas realizadas em viagens de serviço, apenas com a finalidade de subtrair essas parcelas da tributação pelas pessoas físicas dos empregados com o agravante de sujeitar-se a empresa, ela própria, a sanções fiscais derivadas da legislação de imposto de renda, previdência (INPS) e trabalhista (FGTS)."**

Hansen começou então sua luta para mostrar o que estava acontecendo à direção da filial do Rio de Janeiro e, depois, à própria direção internacional da IBM em Nova Iorque. Ele, de início, supunha que os mais altos funcionários da empresa não sabiam das ilegalidades que estavam sendo praticadas

"No início de 76 decidiu-se não mais permitir viagens à Argentina por causa da situação política de lá, admitindo-se porém que as viagens de prêmio fossem feitas pelo Brasil, podendo os funcionários gastar o correspondente ao que gastariam se fossem à Argentina. Quando voltassem eles deveriam apresentar todos os comprovantes de suas despesas. Quando alguns desses comprovantes chegaram às minhas mãos, eu que, como gerente de serviços financeiros, deveria aprovar as contas, desconfiei que muitos deles eram recibos falsificados de despesas. Pedi então uma investigação interna para apurar a irregularidade. A partir desse momento desencadeou-se uma campanha contra mim dentro da empresa: a investigação foi constantemente adiada, o gerente imediatamente superior a mim tentou intimidar-me e diversas tentativas foram feitas para obter os comprovantes em meu poder.»

"A essas alturas, o que eu julgava ser uma irregularidade cometida por funcionários de menor expressão, já envolvia toda a direção da filial do Rio de Janeiro e membros da direção nacional da empresa. De uma forma ou de outra tentaram evitar que eu prosseguisse nas minhas investigações os senhores Frank Brascombe, gerente da auditoria interna, Nelson Paraguassu, gerente administrativo da filial Rio e meu supervisor imediato, Elias Kalas, diretor administrativo e superior de Paraguassu e Sami Goldstein, diretor-financeiro da IBM do Brasil. Tive então uma reunião com o gerente-geral da empresa no país, J.A. Guerra, que me intimou a entregar-lhe os comprovantes que possuía. Como eu neguei, insistindo em saber porque a investigação que eu pedira não havia sido feita (segundo a regulamentação interna da IBM qualquer gerente financeiro tem o direito de solicitar uma auditoria em caso de suspeita de fraude), ele teve um ataque de cólera e me demitiu. No mesmo dia deixei os comprovantes com José Bonifácio Amorim, presidente da IBM do Brasil, e peguei, com o meu dinheiro, um avião para Nova Iorque onde fui expor o ocorrido ao senhor Frank Cary, presidente do Conselho da IBM mundial."

"Em julho de 76 Cary recomendou que eu fosse readmitido na empresa mas omitiu qualquer referência às minhas acusações de sonegação. O pedido de investigação também continuou a ser negado. Soube então através de um funcionário da área financeira, Frank Mih, que depois de minha conversa com Frank Cary, a IBM havia pago os impostos e multas referentes aos prêmios de viagem concedidos em 1975 haviam feito uma lavagem das irregularidades para que o fato específico que eu denunciara não pudesse ser descoberto

"Em 26 de julho, por uma questão de princípios, solicitei, e recebi, rescisão do meu contrato de trabalho com a IBM."

IMPORTAÇÕES FRAUDULENTAS

3 A IBM importou computadores sem pagar os impostos devidos para clientes que só vão usá-los por 1 ou 2 anos quando, pela lei brasileira, só poderia importá-los com isenção das taxas caso o cliente fosse ficar com o equipamento por um prazo mínimo de 5 anos

Para evitar importações desnecessárias que prejudicariam a indústria nacional, o governo cobra um alto imposto sobre a importação de computador — ele chega a quase 85% do preço de compra. Como algumas indústrias "de interesse nacional" precisam de computadores e teriam que pagar muito caro por eles, criou-se **lei de importação consignada** pela qual o equipamento pode ser comprado no exterior e

→

entrar no país sem pagar as taxas

Segundo esta lei, o cliente importa o computador livre de impostos mas tem que se comprometer a ficar com ele por um prazo mínimo de 5 anos. E se ficar por menos tempo tem que pagar todos impostos de importação dos quais ficara livre na época da da compra. Nas importações consignadas, a IBM do Brasil atua como intermediária entre o cliente que quer comprar, ou alugar, o computador e a IBM mundial que o exporta

Como a IBM mundial realiza um alto lucro com a exportação de computadores, muitas vezes é interessante para a empresa vendê-lo à IBM do Brasil, faturando em dólares, mesmo sabendo que o cliente que o encomendou não quer por 5 anos. Para evitar pagar os impostos, a IBM do Brasil deixa o aparelho instalado depois do tempo em que o cliente o estava usando e não mais o inclui no faturamento. Do ponto de vista contábil, o computador desaparece porque, se o retirasse do lugar onde estava instalado, a IBM teria que pagar ao governo brasileiro o imposto correspondente

Ao realizar a importação fraudulenta, no entanto, a IBM do Brasil está favorecendo ilegalmente os interesses da IBM mundial — que fatura imediatamente a exportação — e sonegando o pagamento de impostos de importação ao Brasil

O caso das importações fraudulentas teve, segundo Cristian Hansen, desfecho semelhante ao da sonegação de imposto de renda: tão logo o crime foi descoberto, a IBM tratou de encobri-lo e afastar o funcionário que levantara o problema Este é o relato de Hansen:

"Em 1974, a IBM do Brasil foi auditada por sua matriz (auditar significa examinar a exatidão das contas e balanços de uma empresa) segundo critérios muitos rígidos Constatou-se então, durante a auditoria, que um computador de grande porte importado para a Petrobrás, sob o regime da consignação, não estava mais sendo usado pelo cliente e não era faturado pela IBM. Nessa situação, o regimento interno da IBM exigia que o aparelho fosse retirado e desmantelado caso não houvesse um outro cliente interessado. Tal regulamento refletia determinações do governo dos Estados Unidos para proteger os acionistas das empresas contra prática corruptas de suas gerências."

"As recomendações da auditoria foram devolvidas à matriz da IBM nos Estados Unidos seguindo-se à do caso Petrobrás — eram ao todo quase 300 — a palavra cumprida e a assinatura de J.A. Guerra gerente-geral da IBM do Brasil e da IBM América Latina"

"No começo de 1976 o senhor Norris Araújo é transferido para a IBM do Brasil com a missão de acompanhar o cumprimento das recomendações feitas pela auditoria da IBM mundial Seu antecessor no cargo recebe-o com a declaração:" ninguém jamais conseguiu executar este trabalho". Araújo é aconselhado a concentrar sua atenção no caso do computador da Petrobrás mas seu superior, o gerente local, Márcio Kaiser, comunica-lhe que o assunto já foi "resolvido" e que ele não precisa se preocupar mais. Por conta própria Norris Araujo continua a investigação e descobre dois fatos importantes

1 — Ao contrário do que Guerra declarara na resposta às recomendações da matriz, o computador da Petrobrás continuava desligado e sem ser faturado.

2 — Além deste computador, existiam cerca de mais 80 aparelhos nas mesmas condições: foram importados com isenção de impostos, usados por 1 ou 2 anos e, se fossem apresentados, a IBM teria que pagar todos os impostos

Araújo avalia então em aproximadamente 10 milhões de dólares o valor dos tributos que a IBM devia ao governo brasileiro pelas importações fraudulentas e em 5 milhões de dólares o prejuízo anual de faturamento da IBM do Brasil por fazer "desaparecer" os equipamentos. Por considerar tais fatos gravíssimos tenta levá-los aos funcionários superiores (Kaiser e o diretor-financeiro da IBM do Brasil, Sami Goldstein) mas é sabotado: suspeita que o telefone de sua casa está censurado — ele fora instalado por um setor chefiado por Goldstein —, sua correspondência é aberta sem o seu consentimento e ele, um funcionário enviado pela matriz, encontra dificuldade até para conseguir uma secretária

Depois de uma reunião em que procurou mostrar ao gerente-geral da IBM no Brasil, A.J Guerra, o que estava acontecendo (durante a qual Guerra alegou desconhecer os fatos), Araújo é convocado pelo gerente da IBM para as Américas e Extremo Oriente, senhor Langton, para expor o caso Sua permanência no Brasil, que deveria durar 2 anos, é interrompida sob o pretexto de ele ter-se "incompatibilizado" com a gerência da IBM do Brasil e ele é transferido para o serviço de auditoria da IBM dos Estados Unidos

Numa carta final a Langton, Araújo diz que a situação dos computadores desligados poderia ser interpretada como sonegação de impostos.

O que a IBM diz que faz	
1.	Respeito pelo indivíduo
2.	Serviço ao cliente
3.	A excelência tem que ser uma forma de vida
4.	O gerente tem que liderar eficazmente
5.	Obrigações ao acionista
6.	Negócio justo com o fornecedor
7.	O funcionário da IBM deve ser um bom cidadão corporativo

O que a IBM faz	
1.	Pressão psicológica e ideológica sobre os funcionários
2.	Exploração dos clientes
3.	Corrupção de homens do governo e da imprensa
4.	Atuação monopolística
5	Fraude nos acionistas
6.	Estímulo da inflação brasileira
7.	Importações fraudulentas

Hansen: a IBM não passa de uma fraude gigantesca

Qual é o ponto essencial das fraudes e sonegações de impostos que a IBM vem praticando no Brasil e em alguns países do mundo?

Hansen — O ponto essencial é comparar a imagem que a IBM projeta de si mesmo e a realidade de sua atuação. A imagem é benéfica em todos os sentidos — no trato com os funcionários, relacionamento com o governo, qualidade dos produtos — enquanto a realidade é um caso gigantesco de fraude através do qual a empresa engana funcionários, acionistas, clientes, corrompe governos e sonega impostos.

Qual é a vantagem para a IBM do Brasil de deixar computadores desligados em clientes que não mais os usam?

— Você tem que entender que a IBM como um todo, os interesses dela não se limitam à sua subsidiária no Brasil Quando a IBM apresenta suas contas a seus acionistas, ela leva em consideração o resultado final de suas operações em todo o mundo, a soma de matriz e filiais. No caso dos computadores desligados, a IBM do Brasil deixou de faturar alguma coisa mas, em compensação, a matriz dos Estados Unidos conseguiu exportar muitos aparelhos e realizou um bom lucro sobre cada unidade produzida. Agora, para a subsidiária brasileira o prejuízo é evidente: ela tem o maior percentual de aparelhos parados em estoque entre todas as subsidiárias IBM do mundo.

Para efeitos contábeis, o equipamento, quando o cliente não o quer mais, desaparece?

— Aí é que esta um outro negócio que se chama bagunça do inventário: na época em que estive na IBM fizeram três inventários do estoque de computadores e um não concordava com o outro. É como não se tivesse muito interesse em registrar a existência daqueles computadores

Se a Petrobrás sabe que só se pode importar computadores sem pagar impostos se o cliente — ela própria no caso — ficar com o equipamento durante 5 anos e ela não pagou impostos e ficou com ele apenas 1 ano, ela não é conivente com a sonegação de taxas feita pela IBM?

— Eu não tenho provas de que ela seja conivente mas, nas circunstâncias, acho legítimo supor que ela seja

O caso dos prêmios de viagem é o único meio usado pela IBM para lesar o Imposto de Renda ou ela tem outros expedientes?

— Eu diria que esse foi o único meio que eu tive conhecimento; há também um outro caso em que a empresa estendeu a máquinas de escrever e cartões de programação direito à isenção do Imposto sobre Serviços (ISS) que lhe havia sido concedido pelo antigo Estado da Guanabara para incentivar importações de computadores através do porto do Rio de Janeiro. Acontece que o incentivo era apenas para importação de computadores e a IBM o aplicou indevidamente a outros produtos. Quando percebi o caso, no segundo semestre de 1975, eu trabalhava na filial do Rio de Janeiro e uma das minhas tarefas era a contabilização do ISS realmente pago. Diante da visita de um fiscal do Estado, e com a ajuda de um funcionário, senhor Dermival Reis, eu estimei em cerca de Cr$ 5 milhões o valor que a IBM deveria pagar.

• Uma idéia do que é a IBM: em 1976, ela era, segundo a revista norte-american, Fortune, a 8.ª empresa do mundo em vendas (mais de 16 bilhões de dólares) e a 3.ª em lucratividade (renda líquida de 2.5 bilhões de dólares).

Há ainda o caso do senhor Alberto Lyrio do Valle que, em meados de 1974, foi contratado como conselheiro de assuntos fiscais do tesoureiro da IBM do Brasil, Ladislao Dzieciolowski e, com um ano de casa, tornou-se gerente do departamento legal. Pouco meses mais tarde ele deixou a IBM em circunstâncias misteriosas. Na época comentou-se na IBM que ele fizera chantagem contra a empresa e por isso havia saído recebendo, entretanto, uma função de consultoria pela qual recebia muito mais que o seu salário. Comentou-se também que ele já havia feito pressões semelhantes contra uma outra multinacional.

Você seria capaz de dizer quanto a IBM deixou de pagar de impostos durante o período que você trabalhou lá?

— Não, realmente essa ordem de grandeza eu não poderia dar porque nunca tive muito acesso à parte fiscal da empresa, nunca tive os números na mão. O que me foi possível observar foi a maneira pela qual alguns tipos de sonegação eram praticados e como isso envolvia até o escalão máximo da empresa.

Foi essa a parte do véu que você conseguiu levantar?

— Foi, mas eu acho isso um fato importantíssimo descobrir que as irregularidades são cometidas, não por funcionariozinhos de uma filial, mas constituem uma política que tem a clara participação do senhor Frank Cary, presidente do conselho da IBM mundial. Isso, a minha experiência pessoal demonstra o que me leva a crer que as fraudes não se limitam apenas aos casos que estou apresentando.

Que provas você tem para afirmar isso?

— A principal prova é o fato de que minhas denúncias foram totalmente ignoradas. Agora você nunca vai encontrar — se é isso que você quer saber se eu tenho — nenhum papel que prove que o senhor Cary mandou

→

*À esquerda, Hansen, de bigode, quando ainda era funcionário da IBM. A seu lado, Sami Goldstein, o diretor que ele hoje acusa de acobertar fraudes. Na primeira foto à direita, Patrícia Harris, que hoje é ministro do presidente Carter, com colegas de diretoria da IBM; na segunda foto, o primeiro à esquerda é Cyrus Vance, agora Secretário de Estado dos EUA, também quando era diretor da IBM; na terceira foto, o último à direita é Harold Brown, ex-diretor da empresa e atual Secretário de Defesa dos Estados Unidos. As fotos dos três foram publicadas no **Relatório Anual da IBM** em 1972*

sonegar impostos. Esse tipo de prova não existe numa companhia desse porte. O que você deve investigar para comprovar o que eu digo é o modo de operar da empresa. Toda companhia visa o lucro; se não consegue lucro, ela não funciona, não paga os funcionários, os fornecedores, os bancos. A pessoa ou o grupo de pessoas que dirigem uma empresa são então, responsáveis pela maneira como é formado o lucro da empresa. A Máfia também é uma organização que, através de muitas atividades como prostituição, tráfico de drogas etc., procura o lucro; só que o procura por métodos violentos. As grandes empresas, ao contrário, promovem uma imagem de respeitabilidade, de inocência, de negócios limpos que ao meu ver não corresponde à verdade. Não só no caso da IBM mas também em relação à grande parte das companhias multinacionais.

A IBM corrompe para garantir seu lucro? Você tem alguma indicação de como ela faz isso no Brasil?

— A meu ver existem dois tipos de corrupção: a corrupção evidente, que deixa provas óbvias e que se pode levar a um tribunal, pela qual se suborna alguém com o intuito de facilitar alguma coisa e a corrupção que não é evidente. Como a primeira envolve um risco muito grande, as empresas procuram evitá-la. A corrupção mais usada hoje em dia não visa um fim específico — tipo toma lá, dá cá — mas criar um clima psicologicamente favorável a que os interesses de uma empresa sejam bem recebidos. Faz-se isso garantindo emprego ou remuneração permanente às pessoas que podem facilitar certas coisas, como abrir portas dentro do governo para que as necessidades de uma empresa possam ser encaradas com simpatia. Algo que elimina o caráter de igualdade e indiferença que deveria orientar as relações de qualquer governo com qualquer empresa. Corrupção não evidente é, ao meu ver, o caso do senhor Henry Kissinger que antes de entrar no governo de Richard Nixon, nos Estados Unidos, era empregado remunerado do grupo Rockefeller — e foi lá que realmente começou a carreira dele. Como secretário de Estado de Nixon, teve responsabilidades pelas atividades da Central de Inteligência dos Estados Unidos, a CIA, serviço secreto de lá e, durante essa época, a CIA comprovadamente adotou políticas para desestabilizar o governo de Allende que resultaram na subida ao poder do general Pinochet. Pois bem, no governo Pinochet, as minas de cobre do Chile que haviam sido nacionalizadas pelo presidente Allende — elas, antes, eram propriedade da empresa norte-americana Anaconda e de outras mais —, foram compradas pelo grupo Rockefeller. Outro fato é que atualmente Kissinger é membro do Conselho do banco Chase Manhattan que faz grandes empréstimos para o governo de Pinochet. Agora mesmo no ministério do presidente Carter existem três membros do conselho da IBM: Cyrus Vance, secretário de Estado, Harold Brown, secretário de Defesa, e Patrícia Harris, secretaria de Habitação e Desenvolvimento urbano.

A IBM do Brasil vende equipamentos para os órgãos de repressão política do governo brasileiro?

— Vamos examinar bem essa questão porque eu não tenho dados concretos sobre ela. É fato que o computador simplifica tremendamente todo o processo criminal e por isso tem uma vantagem muito grande para a polícia — um guarda prende um suspeito, telefona, para a delegacia e recebe toda a ficha da pessoa na hora. Isso, entretanto, é motivo de discussão nos Estados Unidos porque se tem medo que a manipulação de informações sobre as pessoas resulte numa forma qualquer de limitação da liberdade dos indivíduos. É extremamente difícil saber até onde se usa o computador apenas para efeitos de cadastros e a partir de onde ele está sendo utilizado para controlar populações. A IBM procura evitar uma discussão desse tipo declarando sempre que os efeitos da utilização policial do computador não afetam as liberdades civis. Na IBM do Brasil, quando eu era encarregado da cobrança de pagamentos atrasados, descobri um acordo da empresa com o Instituto Félix Pacheco e procurei o contrato para saber os termos do pagamento. Normalmente os contratos estavam no arquivo, era fácil achá-los. Esse porém estava guardado confidencialmente e, depois de muito esforço, eu consegui apenas a xerox da parte do acordo que definia a questão do pagamento. Esse acordo nunca foi parcial ou totalmente divulgado embora representasse a maior fonte de renda da divisão de serviços a clientes da IBM — são cerca de 5 milhões de dólares por ano.

Na conversa que teve conosco, você fêz menção ao fato de a IBM ter ocultado a morte de um funcionário, ocorrida nas instalações da filial Rio. Em que circunstâncias ele morreu e por que a IBM ocultou sua morte?

— Porque a IBM ocultou a sua morte eu também gostaria de saber. O que eu sei é o seguinte: pelo relatório da polícia, este funcionário — que se chamava Paulo Pereira e era encarregado de acompanhar auditorias para ver se suas recomendações tinham sido cumpridas — se suicidou saltando de uma das escadas internas do prédio da IBM. Supunha-se na época que ele era uma pessoa que tinha problemas psicológicos e matrimoniais. Por recomendação do departamento de pessoal da IBM, ele chegou a fazer um tratamento psicológico na base de choques elétricos. Depois de sua morte, comentou-se que a IBM procurou sua família para oferecer um acordo financeiro. Ora, se a morte tivesse ocorrido de forma natural, para que oferecer um acordo financeiro.? Tudo isso, que são apenas dúvidas que eu levanto, não pôde ser investigado porque a IBM fechou suas portas e tapou o assunto completamente. Comenta-se, por exemplo, que um dia antes de morrer, Paulo havia tido uma discussão com o seu gerente, o Nelson Paraguassu, que o teria abalado muito.

Qual é a sua opinião sobre a morte dele que você levanta como suspeita?

— A minha teoria particular é que se trata de um caso de assassinato psicológico: as pressões que ele recebeu na empresa, o modo como foi tratado por seus superiores nas discussões sobre o seu trabalho, foram insuportáveis.

Quando eu estive em Nova Iorque para me encontrar com o senhor Cary, eu também tentei fazer lá uma série de denúncias sobre o procedimento das gerências da filial do Rio em relação aos funcionários mais baixos: arbitrariedades nas promoções, salários atrasados, educação inadequada etc. Eu soube, depois que saí da IBM, em julho de 76, que as condições dos funcionários haviam melhorado e que Nelson Paraguassu tinha sido afastado da gerência administrativa porque havia um grande descontentamento contra ele.

L. A. B

**“*Minha meta final (me ajudem, pelo amor de Deus) :*
que Frank Cary presidente da IBM, venha a cumprir pena de prisão no Brasil por todas as sacanagens que tem feito ao nosso país para que na história da humanidade jamais volte a ser dito, como foi na ocasião que Nixon abriu a sua mansão aos visitantes: o crime compensa”**

Cristian Hansen

PRA QUEM GOSTA DE REPRESSÃO ERASMO É A SOLUÇÃO

- **Pela liberdade de prender e bater doa a quem doer**
- ***Pelo direito de abrir o bico no pau de arara***
- **Pela livre arbitrariedade**
- ***Pela tortura ampla, geral e irrestrita***
- **Basta de demagogia e utopia. Abaixo a democracia**
- ***Chega de abertura. Queremos a ditadura***

Fleury e o Esquadrão. Toda a gang no Arenão

Erasmo Dias - ARENA SP

NÃO TEM CULTURA, MAS SABE DAS COISAS

"Eu gostaria muito de
estar sempre ajudando também mais o meu
problema e eu tenho meu marido e minha filha por
isto eu não que dançar minto de pesar eu tenho 24 anos
e minha filha tem 5 aninhos e também não tenho muita cuturar
eu nasci no interior da Paraíba ,do Norte uma cidadezinha chamada
(Areia) já moro aqui no Rio a 11 anos e desde da minha cidade sempre lutei
pelo os nossos direitos eu não tenho nem o primário todo mais a minha cabeça já tem
muita cutura bastante para eu saber que o nosso país é uma merda..."

(Fátima Maria Dantas, Rio de Janeiro, RJ)
As fotos lá de cima são da Fátima e foram tiradas no Rio

Ave rara não tem medo e sai dizendo

"Estou cansado de ouvir a pergunta: Você não tem medo de falar o que está falando?

Respondo invariavelmente: A História não é feita por homens medrosos e covardes, pois esta gente só entra na História pelas portas dos fundos!

Minha intenção não é construir mais uma frase de efeito. O que acontece é que, desde os idos de 1969, tenho sido uma **ave rara** no meu meio, o comércio, o turismo, etc., ou seja, um dos meios sociais mais alienados do país, por força do relacionamento contínuo do proletariado "aventureiro" e sedento de ascenção, com a pequena, média e alta burguesia, devidamente "intoxicadas" pela patologia fascista do sistema.

Tenho dúvidas, senhor Editor, de até quanto o senhor conseguiria dimensionar o meu desespero (sim, desespero) na convivência diária com este meio hipócrita e extremamente alienado! Nem o conhecimento profundo que tenho das razões desta alienação, é bastante para amenizar a minha tormenta.

Não quero que seja a base desta narrativa, mas gostaria de informar que sou o último Secretário Geral e Presidente, por circunstância (prisão de outros companheiros), da Confederação Goiana dos Estudantes (secundaristas). Como é de se esperar, foram também as "circunstâncias" que me expulsaram de lá, atirando-me para estas bandas, à procura de "um lugar ao sol". Isto, depois que a polícia,com a autorização do fiel jagunço da ditadura militar, ex-governador Otávio Lage Siqueira, invadiu nossa CGE, expulsando todos nós, estudantes pobres que lá residíamos. A ironia da História fez com que a nossa sede, outrora palco de discussões dos mais altos problemas nacionais, seja hoje, a sede de repressão, da mesma polícia que no passado nos expulsou.

Durante todos estes sombrios nove anos, tenho acompanhado minuciosamente os quase sempre estarrecedores fatos históricos deste país. E qual não tem sido o meu pesadelo! A partir do Ato fascista de dezembro de 1968, tenho visto o medo estampado na face de cada brasileiro; o desrespeito mais vil à Nação, pela suspensão "ad infinitum" dos poucos homens públicos que ainda não perderam a dignidade, suspensão esta que pode ser dos direitos políticos, cidadania, habeas-corpus, etc. Ora, sr. Editor, já houve e ainda há pessoas que se calam diante de tais catástrofes! Veja, por exemplo, como se calou a Grande Imprensa durante todos estes anos! Houve a censura, tudo bem; mas a censura não pode ser o limite da informação! O limite da informação começa onde termina o limite da dignidade. Porque o profissional da informação que aceita o papel de desinformar é, no mínimo, indigno de exercer a profissão.

Foram vocês, "nanicos", que deram alento à grande massa de leitores, enquanto a Grande Imprensa engordava suas contas bancárias durante os períodos áureos do "milagre" e outras mumunhas de triste lembrança. Vocês, nanicos, foram muitas vezes atirados nos porões da "besta fera" (DOI-CODI, OBAN, etc) pelo simples fato de exercerem com decência a vossa missão: informar. Não quero fazer um histórico dos "nanicos", porém, dentre todos, (alguns muito bons), gostaria de eleger vocês como sendo os melhores e, acima de tudo, diferentes, para melhor. **REPORTER** prova que não é preciso ser velho para ser consciente, culto, inteligente e, acima de tudo, honesto. Tenho todos os números do **REPORTER**, inclusive o 5, comprado na banca, antes que a Ditadura deles lançasse mãos (mãos?). Evidentemente, não diria que **REPORTER** era o jornal que estava faltando. Já tivemos **Opinião**, temos **Movimento, Pasquim, Em Tempo**, etc., mas o que faz vocês serem os melhores é o fato de serem atrevidos demais, muito diretos-no-assunto, sem aquelas longas e enfadonhas análises editoriais, que só servem para discussões masturbativas entre intelectuais de élite. Suas reportagens, mesmo as mais longas, proporcionam muito prazer a nós, leitores, pois são bastante variadas e bem esquematizadas. Por exemplo, a série "Já que ninguém agüenta mais, ABAIXO A DITADURA" está muito boa. **(João Felício de Oliveira Filho, Rio de Janeiro, RJ)**

"Vai aí o nosso n.º 7, produto de muito sangue e suor. Vocês sabem como é. O n.º 8 está na Censura, em Brasília, há uns 20 dias (duas cópias xerox de cada matéria). Recebemos hoje um comunicado, pedindo novas cópias. Haja estrutura

Enfim, a gente vai resistindo e cada número que sai é uma glória, uma festa, um carnaval. (Anna Lúcia Baptista, Editora de Inéditos, Belo Horizonte, MG)

● Neste número, Inéditos publica "Cordel em Desafio", ensaio de Eneida Maria de Souza, da FALE/UFMG, onde a professora propõe uma nova abordagem para a Literatura de Cordel. Publica, também, três importantes entrevistas: "Oswaldo França Jr., um brasileiro", "A Renovação do Poder Criador", com Alceu Amoroso Lima; "Da Lógica do Futebol à Lógica do Mundo Contemporâneo" com Renato Pompeu.

"Em primeiro lugar, uma sugestão. Eu, que abandonei os bancos de escola por haver me cansado de ouvir mentiras e coisas que não levavam a nada, gostaria de ver uma reportagem sobre o ensino brasileiro. Sei que já se fizeram reportagens sobre isso, mas creio que só vocês poderão fazê-lo com imparcialidade e sem compromisso E, aproveitando a ocasião, abordar também a questão da educação sexual nas escolas Vale, ainda, ouvir o nosso novo ministro da Educação, que, aliás, ao assumir o cargo, disse não ter interesse em dialogar com os estudantes

Em segundo lugar, quero colaborar com vocês porque vejo na imprensa o mais forte meio de participação indireta, quando as diretas nos são tolhidas. Sou cartunista, ilustrador, artefinalista, etc (José Barbosa de Aragão, Rio de Janeiro, RJ)

* Mande o material e a gente analisa. Ou, então, traz aqui.

Coojornal Passa o País a Limpo.

Edição especial. O melhor do Coojornal. São 52 páginas com os principais depoimentos, entrevistas, reportagens e cartuns publicados no Coojornal. Jango, Getúlio Vargas, Brizola, Mourão Filho, Ferreira Gullar, Caso Para-Sar, Darcy Ribeiro, Carlos Chagas, Os Cassados e outras matérias quentíssimas. Está na mesa verdadeiro prato com os acontecimentos que marcaram o País nos últimos anos para você debater, analisar, criticar. Uma edição histórica que deve ser guardada com muito carinho.

cooJORNAL® Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre Ltda. Rua Comendador Coruja, 372 Fones 21-8984 e 24-0951 — Telex (051)1605 Porto Alegre — RS

O MELHOR POEMA

Verte

di

Verte

sub

Verte

●

DITADURA

Democracia, mas

liberdade , porém

abertura, todavia

aumento, contudo

anistia, entretanto

basta , senão

●

GREVE

opera

espera

separa

repara

apara

para

pára

●

TERFOME

— to qun fómi

— ta qun fómi?

tamen to

Herculano Villas-Boas

Dentista romeno não sabe nada do seu país

"As reportagens e depoimentos do povão, políticos e outros torna o jornal mais atrativo e faz com que seja mais nosso. Mas é lamentável depoimentos como o do dentista Dr. Arnaldo, onde ele afirma que já está no Brasil há 50 anos e ter vivido na Romênia sob regime comunista e que seu salário lá, como médico chefe, era ridículo. Até o ano de 1938 a Romênia era governada por Carol II, ditadura fascista. De 1940 a 1945, o rei Carol é derrubado por um grupo militarista fascista, que foi derrubado pós-guerra. Então, entrou um governo de orientação comunista.

Nós (alguns), estudantes de odontologia, achamos que o senhor deveria estudar primeiro a História de sua pátria. Aí, então, dar opiniões do tipo "por favor, não me comprometa" sobre o Brasil. Sempre tem alguém envergonhando a classe odontológica". (**José André da Silva, Presidente Prudente, SP**)

Aborto é precaução elementar contra a miséria e poluição

"Sinceras felicitações pela reportagem publicada sobre o problema do aborto. É realmente esquisito que ainda se debata, em fins do século 20, medida tão simples e efetiva, precaução elementar contra a miséria, o desequilíbrio dentro da família e até mesmo contra o excesso populacional, a poluição, etc.

Os que combatem o aborto não oferecem, e nunca ofereceram, qualquer solução objetiva ou prática para o problema angustiante e vergonhoso da infância abandonada. Preferem, talvez sadicamente, um mundo superpovoado, faminto, neurótico e agressivo, no qual a antropofagia pode, inclusive surgir como conseqüencia. O movimento contra o aborto é, essencialmente, hipócrita. Os que estão engajados nele não movem uma palha para que se construam reformatórios para menores abandonados, escolas técnicas-profissionais para crianças e adolescentes favelados, ou mesmo penitenciárias agrícolas. Nada de efetivo ou construtivo. Apenas um blá-blá-blá de sentenças untuosas e pretensamente cristãs não levam a nada. O aborto é mil vezes preferível, ao abandono de uma pobre criança na soleira de uma porta, faminta e franzina, enquanto, indiferentes e apressados, os carolas passam, procurando não ver." (**Roberto Porto, Rio de Janeiro, RJ**)

Está faltando o pai do aborto

Senhores Homens,

Assim que abri o último número deste jornal, fui direto procurar a matéria sobre aborto porque tais assuntos me interessam particularmente. E tão logo a vi me enfureci.

Por isto, decidi discutir a matéria com outras mulheres, com um grupo que vem se reunindo pra pensar em conjunto nas coisas que dizem respeito às mulheres. Lancei a idéia, todo mundo gostou e o que se segue é o resultado de duas horas de conversa.

Em primeiro lugar, prá que servia a matéria nas intenções de vocês? Prá vender mais jornal? Prá deixar as pessoas com medo de abortar? Prá reforçar a culpabilidade das mulheres que já fizeram abortos? Se era, vocês decididamente conseguiram, com tanto fetinho morto, com a crueza "perversa" de alguns depoimentos (Laura, principalmente); com a hemorragia que suja a maior parte dos discursos, dos médicos inclusive; com a predominância das colocações femininas 'culpabilizadas'.

A veemência desta 'opção jornalística' é tão forte, que as posições mais lúcidas acabam soterradas por um desabamento de sangue e consciência culpada. No cômputo geral, pouco valem as palavras proferidas pelos editores na abertura (Aborto existe e é praticado... o Estado já deveria ter legalizado), por Cleide (sua legalização iria diminuir a pressão que a mulher sofre) e pelo próprio Dr. Mário Vitor, embora discordemos de algumas coisas que ele diz.

Sabemos muito bem que a escolha do **Reporter** é de se tornar um canal da expressão para o discurso das pessoas e principalmente do povo e que, com tal contexto, a matéria sobre o aborto tem o seguinte sentido "As mulheres do povo fazem aborto só por necessidade financeira e ainda se sentem culpadas, taí a realidade". Tudo bem, entretanto não é preciso repetir que o povo incorpora e veicula constantemente posições e idéias que têm origem em outras classes sociais, o que deve ser decifrado. E mais: tal "fenômeno" sociológico é muito freqüente entre as mulheres, exatamente porque, num quadro de marginalidade generalizada, elas são ainda mais marginais, sexual, social e politicamente. É muito difícil uma mulher expressar sua própria opinião, já que é mais fácil e menos perigoso reproduzir as posições de seus pais, maridos, companheiros, tutores, os quais são suas referências de identidade. Diante disto, como é que as mulheres poderiam não se sentir culpadas de abortar quando a lei é contra, a Igreja é contra, os pais são contras e, muitas vezes, também os maridos.

Não queremos, com isso, dizer que a matéria não veiculasse tais posições, nem, tampouco, que não denunciasse os riscos do aborto mal feito, ou mesmo a existência psicológica difícil na hora de abortar. Sabemos que tudo isso existe, mas esperávamos que vocês tivessem o discernimento de contrapor ao sangue e à culpabilidade uma outra coisa que não só o discurso técnico "economicista" dos médicos. Esperávamos que tivesse reforçado posições como a de Cleide (de longe, o mais lúcido dos depoimentos). Uma abordagem assim, evitaria que a matéria confirmasse o estereótipo corrente de que "o aborto é um assassinato e a mulher que o faz é uma assassina".

Achamos que vocês perderam uma boa oportunidade de colocar o aborto no seu devido lugar: ele pode até ser, em determinadas circunstâncias, uma questão **para o Estado,** mas ele é, antes e principalmente, uma problema **das mulheres.** Atribuindo a responsabilidade aos médicos e aos governantes, vocês conseguiram reforçar a culpa da mulher e escamotear um personagem da maior importância, o pai da criança. A única vez que este "agente fantasma" do aborto aparece é no depoimento de Dona Rosa e, assim, marginalmente. Isto quer dizer que feto não tem pai?

Haveriam muitas outras coisas a dizer, mas para economizar o espaço precioso de vocês, só queremos lembrar que é muito perigoso discriminar abortos, como faz o Dr. Edmundo ("só para as pobres e as menores") "ou por razões sanitárias", como sugerem os editores na abertura. Isto porque, se hoje o aborto é proibido (e por isto mesmo perigoso) em função da "cultura" e também da Economia, talvez um dia ele seja liberado por razões políticas (tá ficando perigoso este monte de gente passando fome). E em qualquer uma das situações, a mulher tem pouquíssimas possibilidades de interferir na decisão.

Liberar o aborto por razões econômicas, sem participação efetiva da metade feminina da sociedade, é a mesma coisa que construir um paraíso para o povo, sem perguntar a ele como é que gostaria que fosse esse paraíso". **(Alda, Ângela, Antonieta, Helena, Janete, Maria Aurea, Vileni e Sônia; Recife, PE)**

ASSINE

12 Edições Cr$ 100,00, Ali. Direto. Em cima.

REPORTER

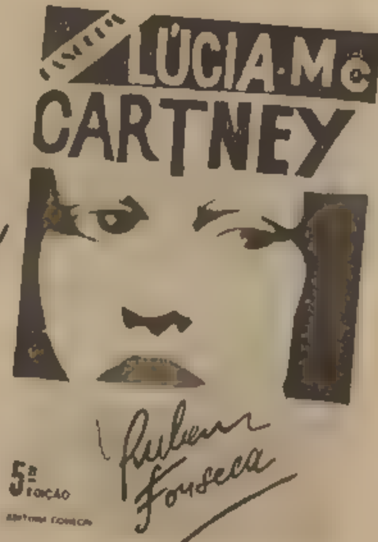
UM JORNAL DE CAPA E ESPADA

CUPOM DE ASSINATURA

–Assinatura por 12 edições: 100,00
–Envie cheque nominal ou vale postal para:
Rua Miguel Couto, 134 - salas 1101 a 1104 - RJ - CEP 20.000

Você pode assinar o REPORTER, a partir do nº 0
Indique a partir de que número você quer sua assinatura . . . . .
Nome: . . . .
Profissão: . . . .
Endereço: . . . .
CEP: . . . . Cidade: . . . . Estado: . . . . . .

Pra Lúcia McCartney não tem censura



A CODECRI lança este livro já em 5ª edição, de Rubem Fonseca

Em todas as livrarias CR$ 50,00

POLICIAL PREMIADO CONFESSA QUE TORTURA

Comunista é que gosta de denunciar tortura. Mas deixa estar, eu ainda pego eles.

O investigador Oscar Matsuo que foi condecorado por Fleury com o troféu "Stella Borges Morato" no dia 14 de julho, pelos "bons serviços prestados à polícia", depois de torturar mães e parentes de presos, foi quem declarou isso. Mesmo proibido pelos seus superiores de dar entrevista ele nos concedeu alguns minutos na ante-sala da Delegacia de Roubos e Extorsões, no 3º andar do Departamento Estadual de Investigações Criminais, em São Paulo.

Me apresentei como pastor da Seicho-No-Iê, seita japonesa muito seguida em São Paulo, que tem inúmeras sedes em diversos bairros. O porteiro da grade que dá entrada para o departamento onde Matsuo trabalha falou que ele não estava.

— Mas chega logo, o senhor pode aguardar-disse.

Duas da tarde, Matsuo sai de um dos elevadores do DEIC e o porteiro berra "o moço ali, um religioso, quer falar com você". Me aproximo dele:

— Pois não, o que você quer?

— Sou pastor da Seicho-No-Iê e gostaria de conversar com o senhor.

— E o que é que tem? Meus pais freqüentam a religião de vocês.

— Sim, nós estivemos reunidos e oramos por você, um torturador. Vimos as notícias nos jornais e nos preocupamos com o seu destino. Vamos sentar ali? — propus, indicando o banco de espera no corredor, para ganhar mais tempo. Ele concordou.

— Como você soube que eu trabalho nesse andar?

Oscar Matsuo tem aparência jovem, perto de 30 anos. É magro, um pouco mais alto que a maioria dos nisseis. 1m75cm. Cabelos pretos lisos, com ligeira entrada na testa. Seu aperto de mão é muito forte. Fala rápido num português fluente sem nenhum sotaque de japonês. Gesticula pouco.

Quase não olhou nos olhos do pastor durante a entrevista. Olhava para baixo ou para frente, como se estivesse mesmo se confessando. Vestia roupa esporte, de cores claras e segurava um suéter nas mãos. Solteiro. Mora com os pais.

— É que têm muitos policiais aqui do DEIC que são da nossa seita. Tem delegados também...

Citei o nome de um delegado que tinha entrevistado há poucos dias para um jornal. Na hora só me ocorreu aquele nome e Oscar Matsuo disse um "hã". Não me interrogou mais.

— Pois é, seu investigador, nós achamos que os jornais deram você como um cara terrível, torturador, como se fosse só você o torturador na polícia.

— Isso é coisa de comunista. Comunista é que gosta de denunciar tortura. Mas deixa estar, eu ainda pego eles.

— Eles quem, os comunistas?

— Sim, esses padres da Comissão de Justiça e Paz. Todos comunistas. Contrataram um advogado para defender bandido, assaltante, famílias de bandidos, que esconderam dinheiro no quintal da casa deles.

— Pelo que lemos nos jornais o advogado (Luis Eduardo Greehalg) foi contratado para defender famílias de suspeitos que foram torturadas por você, sem terem nada a ver com nada, não para defender esses presos.

— Ah, foi prá defender bandido sim.

— Diz agora uma coisa, Matsuo: você torturou [redacted] pessoas mesmo?

— Claro que sim. Você acha que eu não ia bater neles, autores de quatro latrocínios, que até atiraram, arriscando minha pele?

— Mas, Matsuo, você acha que violência se responde com violência?

— Claro. Se você me der um soco eu te dou outro soco. Dou o troco com a mesma moeda.

— Eu pergunto, como religioso que sou: você está arrependido de ter torturado mães, irmãos e parentes de presos?

— Não estou não. E vou dizer mais, os inquéritos contra mim caíram no vazio. Estão parados.

— Você não acha que seus irmãos, seus pais e amigos o olharão agora com desprezo, o verão como torturador?

— Deixa eles pensarem assim, ora. Cada um pensa o que quer. Só que não estão achando isso que você falou não.

— Você foi premiado agora com esse troféu. Vai continuar se empenhando assim para merecer troféus?

— Vou dizer uma coisa muito particular: eu já estou me acomodando. Se eu trabalhar na polícia eu ganho, e se não trabalhar também ganho, meu salário vem do mesmo jeito. Daqui a pouco vou deixar a carreira de investigador. Só dá dor de cabeça.

— Você sabe por que tortura?

— É um problema da política do País, sabe? Quando mudar isso tudo, não vamos ter mais tortura.

— Não entendi. Você poderia explicar isso direitinho?

— Vamos deixar pra lá.

Rivaldo Chinen

Troféu veio do DOPS

O troféu "Stella Borges Morato" foi instituído primeiramente no DOPS paulista, quando o delegado Sérgio Fleury dirigia um setor daquele departamento de polícia política. Foi criado por ele para homenagear uma investigadora do misterioso encontro entre o DOPS X Carlos Marighela, no ano de 1969, no aristocrático bairro do Jardim Paulista.

Quem era Stela Borges Morato? Pouco se sabe dessa moça de 23 anos, casada, que levou um tiro na cabeça e que estava num carro com o delegado Rubens Cardoso de Melo Tucunduva, simulando namoro na chamada "Operação Marighella". Fleury estava num Aero-Willys com outra investigadora, também fingindo namoro quando começou o tiroteio. Resultado: a investigadora Stela *Borges Morato foi morta com um tiro na cabeça e o delegado Tucunduva (hoje diretor do Departamento de Polícia da Grande São Paulo — Detran) levou um tiro na virilha.*

Stella, Carlos Marighella e um médico morto por desobedecer as instruções da polícia, de acordo com a versão oficial, foram autopsiados pelo médico Harry Shibata, encarregado de necropsiar os principais líderes políticos de oposição ao regime e que, hoje, ocupa o cargo de diretor do Instituto Médico Legal de São Paulo, órgão policial.

REPORTER

Rio, setembro de 1978 — NÚMERO 10 — Cr$ 10

AUTÔNOMO INDEPENDENTE

ultralar & Bonzão ROUBAM À PRESTAÇÃO

DELEGADO ACOBERTA ASSASSINO

SALÁRIO MÍNIMO É Cr$ 10.000,00

P. 3

Sumiu o ouro pro bem do Brasil

P. 12 a 15

LEIA

O Instituto Verificador de Circulação (IVC), que acompanha a distribuição de jornais e revistas em todo o país, mostrou com clareza os motivos do governo ao manter as emissoras de rádio e televisão sob censura. Como se sabe, apenas na imprensa escrita existem as greves dos trabalhadores, o movimento do custo de vida, a violência policial, a corrupção e outros assuntos terminantemente proibidos nos Jornais Nacionais da vida.

Segundo o IVC, uma notícia divulgada na televisão pode atingir 60 milhões de brasileiros. No rádio, a mesma notícia seria ouvida por 85 milhões. Impressa em revistas e jornais, entretanto, ela só atinge 20 milhões de pessoas. Tomando-se por base estes números, percebe-se que a imprensa escrita brasileira tem público muito reduzido, em comparação com a população do país. Para que um quinto do Brasil saiba determinada novidade, é preciso que todos os jornais e revistas a divulguem. Como isto é mais difícil de acontecer do que passar um camelo pelo buraco da agulha, o governo pode ficar tranqüilo na campanha de liberalização da imprensa escrita, pois não há muito que temer. Até pelo contrário, pois quando algum jornal, grande ou nanico, denuncia alguma arbitrariedade, é ele, e não a autoridade denunciada, quem tem de se preocupar. Exemplos claros são as invasões aos jornais nanicos, as bombas nas redações, as prisões de jornalistas, fatos que nunca são esclarecidos a contento pelas autoridades.

Daí achamos que se o governo descansa sobre o fim da censura prévia, devemos aproveitar este fato. Você que acompanhou até esta linha nosso raciocínio deve incentivar todas as pessoas que puder a lerem mais jornais e revistas, a se informarem melhor para poderem entender por que o governo não deixa o rádio e a televisão cumprirem sua missão primeira, que é a informação ao ouvinte e telespectador.

Dia 15 de novembro vote em quem quer democracia mesmo

Falam em golpes, contragolpes, eleições, reformas e democracia rápida e rasteira, já alardeada até pelo candidato-padrão, João Batista Figueiredo. De papo, estamos até o pescoço: ou a gente começa a pensar e agir com democracia mesmo na cabeça ou continuamos apenas a lembrar dela, tal qual vem sendo feito há 14 anos.

Falando nisso (aliás é por isso que estamos falando), é bom saber que vem eleição por aí. A primeira, de proveta, é no dia 15 de outubro, pra escolher o nosso novo presidente. Dos militares, o Euler é melhor que o Figueiredo mas, para escolher um dos dois, o povo não tem candidato, porque não vota.

Em 15 de novembro, sim, vamos ter oportunidade pra apoiar quem está a favor da democracia e botar pra correr quem só lembra dela em discurso. Aí, não se esqueça: vote nos candidatos da oposição que defendem o fim do arrocho salarial e liberdade de organização política e sindical pra todos os trabalhadores brasileiros.

ACIMA DE TUDO NAZISTA

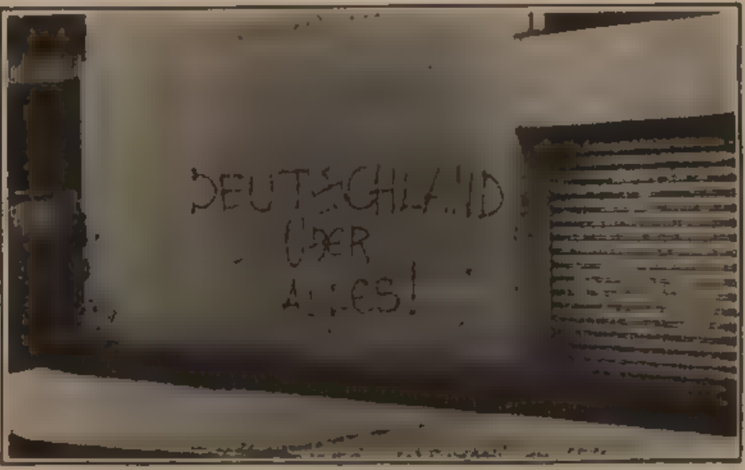


foto Coojornal

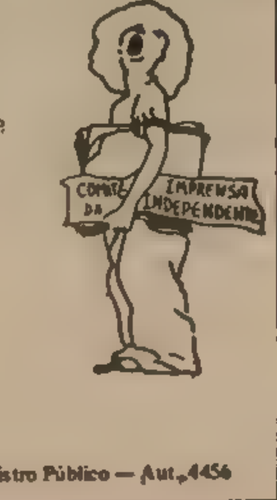
A pichação, que significa "Alemanha Acima de Tudo" (lema nazista) apareceu nos muros de Porto Alegre, motivando apreensão do ministro Armando Falcão, que mandou investigar. Já a frase "Acima de tudo brasileiro" não precisa de investigação. Pelo contrário, está em todo Brasil, via Embratel.

REPORTER

REPORTERES/EDITORES — Luiz Alberto Bettencourt, Luiz Augusto Gollo, Chico Júnior, Alex Solnik (São Paulo), Analuce Estrella (Arte).
SECRETÁRIO DE REDAÇÃO — Toninho Martins Vaz
REPORTAGEM — Tim Lopes, Eduardo Homem (Recife), Marcos Dantas, Maria Teresa Bustamante, Clarice Niskier, Tânia Celidônio, Raquel Moreno, João de Barros, Eduardo Serra, Martha Baptista, Luis Fernando Rodrigues, Elizabeth Buarque, Maria Helena Allan, Rivaldo Chinen, Bernardo Pelegrini, Vera Lúcia Dias, Maria Emília Alencar, Ronaldo Herdy, Mauro Ferreira, Ramona Ordoñez.
CORRESPONDENTES — Paulo D'Alcântara (Paris), Cristina Duarte (Milão).
FOTOGRAFIA — Hélio Campos Mello, Camila Butcher, Jesus Carlos, Juca Martins, Eliana Pastore, João Bittar, Wagner Avancini, Lula Feijó, Chiquito Chaves, Ricardo Malta, Ricardo Gonçales, Luiz Bittar, Custódio Coimbra, Leonardo Neri, Nair Benedicto.
ILUSTRAÇÃO — Jaime Leão, Angelli, Jota, Alcy, Guidacci.
ARTE — Pipsi, Maurício Veneza.

REPORTER Autônomo Independente — Un. publicação da Margem Editora e Programação Gráfica Ltda. Rua Miguel Couto, 134/11° andar Rio de Janeiro
São Paulo: Rua Jaguaribe, 25/3° andar, conjunto. 31. CEP 01224. Tel: 222-3103.
Diretor: César Arruda Castanho.
Recife: (Representante) — Editora Alternativa. Rua Conde de Boa Vista. 50/sala 30
Distribuição — Fernando Chinaglia S.A. Rua Teodoro da Silva, 907. Rio de Janeiro.
Impressão e composição — Editora Mory. Rua do Resende, 65. Telefone: 263-7002 (PABX). Rio de Janeiro.

REPORTER integra o Comitê da Imprensa Independente



Vara de Registro Público — Aut. 4456

ESTUDO DE SINDICATO DEMONSTRA

Mínimo tem que ser mais de 10 mil

A produção econômica do país cresceu mais de 3 vezes entre 1940 e 1977. Para acompanhar esse crescimento e ainda cobrir a inflação dos últimos 38 anos, o salário mínimo do trabalhador brasileiro deveria ser, hoje, Cr$ 10.051,12. Só pra acompanhar o custo de vida, sem receber sua parcela do desenvolvimento econômico das últimas décadas, o salário estaria hoje em Cr$ 3.544,10. As contas foram feitas pelo Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Sócio-econômicos (Dieese)

Seus cálculos mostram que os governos no Brasil, nunca protegeram o salário mínimo da inflação e muito menos lhe deram alguma parte dos aumentos de produção. Para poder comprar a ração mínima de comida prevista na lei que criou o salário mínimo, os 5 milhões de trabalhadores brasileiros que vivem apenas com ele, teriam que trabalhar 2 meses por mês. Para se vestir, morar e pagar transporte, eles teriam que trabalhar 4 meses em 1 só.

Como salário mínimo é referência para muitos preços e salários, as autoridades sempre tiveram interesse em mantê-lo baixo porque, assim, todos os outros não poderiam crescer muito. Nos Estados Unidos, por exemplo, o mínimo pago aos empregados é de Cr$ 12.720,00, coisa que, no Brasil só ganham alguns operários qualificados das indústrias mais modernas.

O salário mínimo do trabalhador brasileiro deveria ser de Cr$ 10.051,12. Isso, se ele tivesse sido reajustado de acordo com o custo de vida e com o desenvolvimento do país cuja economia cresceu 318 porcento entre 1940 e 1977.

O salário, entretanto, ficou parado (este ano em Cr$ 1.563,00 na região centro-sul) enquanto a produção da indústria e da agricultura e os resultados do comércio externo mais que triplicavam nos últimos 38 anos.

As contas do Dieese provam que o sistema econômico adotado no país e a política salarial prejudicaram o trabalhador e beneficiaram as empresas. A situação do salário mínimo piorou a partir de 1964 e tornou-se crítica a partir de 1974 quando ele podia comprar a metade das coisas que comprava há quase 40 anos.

Para o salário mínimo ter, hoje o poder aquisitivo que tinha em 1940, ele deveria ser igual a Cr$ 3.544,10. O Dieese mostra, entretanto, que o desenvolvimento não beneficiou o salário: **hoje o operário tem que trabalhar o dobro de horas que trabalhava em 1959 para poder adquirir uma ração alimentar indispensável à sua sobrevivência e prevista na lei que criou o salário mínimo em 1938.** Em 1959 ele trabalhava 66 horas e 5 minutos; em 1977, ele teve que trabalhar 141 horas e 49 minutos para comprar os mesmos produtos da ração básica, criada pelo próprio governo.

Para se ter uma idéia do absurdo que é o salário mínimo no Brasil, basta observar que uma família não pode e nunca pôde sobreviver apenas com ele. O estudo do Dieese lembra que a lei que instituiu o salário mínimo no Brasil fixou uma ração alimentar mínima par a sobrevivência da família do trabalhador. Acontece que a quantidade de alimentos da ração desta lei só dava para 1 pessoa e se alguém fosse comprá-la, na época, em feira ou mercado iria gastar Cr$ 678,75. O assalariado que tivesse mulher e 2 filhos teria que gastar, portanto, mais Cr$ 2.036,25.

Não dá pra nada desde 1940

O salário mínimo foi instituído no Brasil em 1940 como resultado de uma lei aprovada em 1938 Quando ele foi criado decidiu-se que teria vigência por 3 anos — a inflação na época crescia menos do que agora — mas seria corrigido antes, se o governo visse que o trabalhador estava perdendo poder aquisitivo. O primeiro aumento, porém, demorou 3 anos mesmo e quando veio em julho de 1943, a inflação já o tinha comido inteiramente: o salário foi aumentado em 25 por cento e o custo de vida já tinha encarecido mais de 45 por cento

Como o aumento era muito pequeno e insuficiente, os sindicatos iniciaram uma campanha para que o governo reajustasse de novo o salário para recompor seu poder de compra Em dezembro de 43, eles conseguiram mais 30 por cento. Com isso o salário mínimo, nesse ano, cresceu mais do que o custo de vida e até mesmo mais do que a produção da economia

A partir de 1944, a situação, entretanto, piorou. O salário mínimo foi congelado e voltou a ser reajustado somente em 1952, como presente de Natal do governo. Até 1962 ele foi reajustado quase que a cada 2 anos e meio

De 1960 em diante o salário passou a ser reajustado anualmente

A perda do poder do salário atingiu ponto mais alto em 74 levando o governo a medidas de emergência: deu um abono de 10%, pediu para não se usar mais o salário mínimo como referência para outros aumentos, como aluguéis, empréstimos, etc, e prometeu que, a partir daquele ano, o governo daria aumentos reais de salário, isto é, aumentaria o mínimo sempre acima da inflação.

A melhora foi pouca, porém. Em 1974, o salário mínimo tinha apenas 54 por cento do seu valor de 1940 e em 1977, 59 por cento

Cr$ 900 SÓ PRA 1 PESSOA COMER

A ração alimentar mínima pra uma família se alimentar durante 1 mês é a seguinte, segundo a lei que criou o salário mínimo em 1938: 6 quilos de carne, 7 litros e meio de leite,, 3 quilos de arroz, 4 quilos e meio de feijão, 1 quilo e meio de farinha de trigo, 6 quilos de batata, 9 quilos de tomate, 6 quilos de pão. 600 gramas de café em pó, 7 dúzias de bananas, 3 quilos de açúcar, 750 gramas de banha, 750 gramas de manteiga.

Pra comprar isso tudo, que na verdade só dá pra 1 pessoa por mês, o operário teria de gastar Cr$ 900.

DECISÃO É POLÍTICA

Não existe nenhuma fórmula para calcular o salário mínimo. Desde sua criação, em 1940, ele é reajustado de acordo com decisão exclusivamente política dos governos. Se eles querem agradar o trabalhador, aumentam acima da inflação do ano; se não querem, congelam o salário; reajustam abaixo do custo de vida e reduzem seu poder de compra.

A fórmula salarial que o governo usa desde 1966 vale para classes e categorias de trabalhadores que ganham acima do mínimo. Nessa fórmula entram o aumento de produtividade (quanto a economia produziu a mais num ano usando o mesmo número de trabalhadores, de máquinas e tendo o mesmo volume de investimentos) e uma média nacional de custo de vida fornecida pelo Ministério do Trabalho.

ECONOMIA CRESCEU MAS SALÀRIO DIMINUIU

Ano	[illegible] mínimo valor real	Crescimento [illegible] economia
1940	2 234,89	100,00
1941	2 037,20	102,57
1942	1 829,01	97 53
1943	1 796,30	103 30
1944	1 896 69	108 66
1945	1 528,24	109 38
1946	1 341,03	119,28
1947	1 024,64	119,38
1948	946,49	124,99
1949	961,78	130 47
1950	908,39	135,69
1951	838,95	139,60
1952	2 252,04	147,30
1953	1 854,78	146,65
1954	2 254,52	156,70
1955	2 531,73	162,56
1956	2 678,16	162 95
1957	2 796,50	170,92
1958	2 432,78	178,75
1959	2 723,41	183,18

Ano	Salário mínimo valor real	Crescimento da economia
1960	2 286,80	195,19
1961	2 542,74	209,27
1962	2 321,46(1)	214,10
1963	2 043,24	211,23
1964	2 108,78	211,36
1965	2 025,12	210,97
1966	1 733,4[illegible]	212,76
1967	1 642,8[illegible]	216,89
1968	1 605,01	234,36
1969	1 544,46	250,40
1970	1 571 63	264,83
1971	1 504,12	291,91
1972	1 477,12	317,26
1973	1 353,63	351,59
1974	1 242,22	375,56
1975	1 297,96	386,17
1976	1 289,01	410,30
1977	1 343,46	418,51
MARÇO/78	1.108,40	

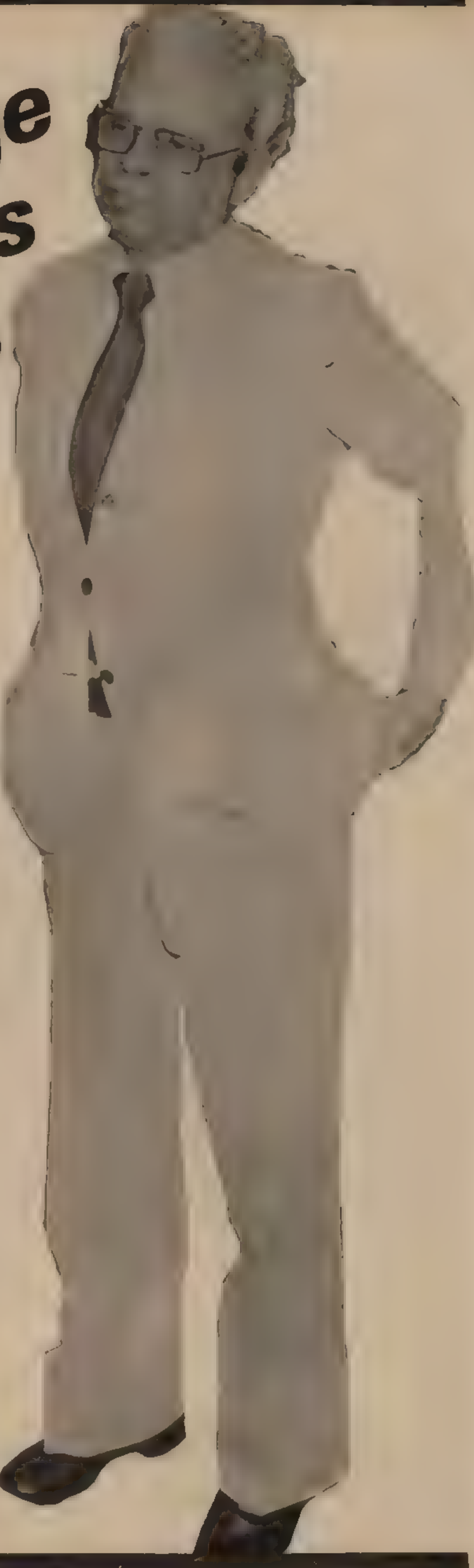
• O salário mínimo real é o salário mínimo descontada a inflação. Para calculá-lo, o Dieese usou o índice de custo de vida do município de São Paulo no período de 1940 a 1958 e o seu próprio índice de custo de vida entre 1959 e 1978. As duas séries foram encadeadas para abranger os 38 anos. O crescimento da economia foi medido por um índice que acompanha a evolução da renda do país por habitante ou seja: o volume de produção econômica no Brasil dividido pelo número total de seus habitantes cresceu 318,51% desde 1940.

(1) A partir de 1962, inclui o 13º salário;
(2) Dados preliminares.

Walter Diogo

Policiais que descobriram os envolvidos em dois dos principais crimes do Rio foram afastados pelo delegado que, quando estudante, assinou manifesto protestando contra a violência e arbitrariedade policial.

Delegado protege sequestradores e assassinos



Jamil Warwar descobriu em 48 horas quem foram os assassinos de Cláudia Lessin Rodrigues. Foi afastado do caso pelo delegado Mário César da Silva.

Mário Roberto de Oliveira teve que trabalhar três anos para descobrir os autores dos sequestros dos meninos Celso Eduardo de Carvalho Melchior, o Dudu, e Marcos Vinicius, ocorridos em 1975, em Copacabana. Foi afastado do caso pelo delegado Mário César da Silva.

Oficialmente, Jamil foi punido por ter dado uma entrevista ao **Jornal do Brasil**. Mário Roberto, por ter seu relatório confidencial sido divulgado no jornal **O Globo**. Na verdade, as versões extra-oficiais sobre ambos os casos de afastamento indicam a existência de larga corrupção dentro da polícia. Por exemplo: no afastamento do detetive Jamil Warwar o fator mais importante foram os milhões de cruzeiros distribuídos pelo Sr. Egon Frank para abafar o envolvimento de seu filho Michel na morte de Cláudia Lessin Rodrigues.

Uma figura estranha, o senhor Mário César. Diretor do Departamento Geral de Polícia, tem uma ficha no Departamento de Polícia Política e Social da Secretaria de Segurança , onde se lê que «o marginado ingressou no Partido Comunista Brasileiro em 1945». Ouvido a respeito, negou que seja comunista, embora tenha admitido ter assinado proposta de ingresso no Partido.

No dia 1º de setembro, o delegado viajou para a Europa, a fim de participar do 8º Congresso de Criminologia, a ser realizado em Lisboa. Depois, tem programado uma viagem à Espanha. Coincidentemente, o avião no qual embarcou tinha como destino final a cidade suiça de Zurique, onde estão Michel Frank e seu pai Egon.

No caso do Mário Roberto, o que realmente motivou seu afastamento foi o envolvimento de um dos sequestradores — José Gomes Ricoca, o Joca — com o delegado Jasimar de Oliveira Tostes, assessor direto de Mário e seu substituto no DGPC. Joca declarou a Mário Roberto que era amigo particular de Jasimar, a quem vendia carros, além de freqüentar o centro espírita do pai do delegado, na Estrada Rio-Petrópolis.

Depois de prestar diversos depoimentos José Gomes Ricoca foi posto em liberdade, «por falta de provas». Seu advogado, Augusto Ricardo, que trabalha com o criminalista Wilson Lopes dos Santos, defensor de Michel Frank, no processo em que é acusado da morte de Cláudia Lessin Rodrigues, levou-o à presença do delegado Jasimar. Este imediatamente chamou o diretor do DGPC, dizendo que Ricoca estava sendo apontado como um dos sequestradores de **Dudu** e Marcos Vinícios.

Mário César da Silva tomou o depoimento de José Gomes Ricoca e determinou o afastamento do inspetor Mário Roberto das investigações. Ao mesmo tempo, mandou abrir uma sindicância para punir o policial.

Mas não só Mário Roberto foi punido no caso dos sequestros. Em 1975 os detetives Juarez Lembo e Antônio de Barros, da Delegacia de Roubos e Furtos, foram detidos e tiveram suas armas e carteiras de polícia apreendidas por terem tentado investigar o fato.

Para chegar aos sequestradores de Dudu e Marcos Vinicius, Mário Roberto prendeu o travesti Luis Cláudio da Silva, mais conhecido na Lapa, onde faz ponto, pelo nome de Heloísa. E Heloísa entregou o ouro: os sequestradores dos meninos eram Igor, Rodolfo, Valdir e Joca.

O travesti reconheceu José Gomes Ricoca, gerente de uma concessionária Volkswagen, no Engenho Novo, como sendo o Joca, que, ao ser detido, foi logo dizendo que era amigo do delegado Jasimar. Mesmo assim, foi preso e apontado como um dos sequestradores, após ser reconhecido por uma testemunha. Só depois de liberado «por falta de provas» foi que Joca procurou o delegado Jasimar, que o levou à presença de Mário César.

A partir daí, foi determinado o imediato afastamento do inspetor Mário Roberto, que insistia em acusar Joca, detentor de um salário de Cr$65 mil.

O travesti, único pé-inchado envolvido no esquema, é, também, o único preso. Está recolhido a uma cela da Delegacia de Polícia Política e Social. Além de reconhecer Joca como sequestrador, levou Mário Roberto aos locais onde foram deixadas as mensagens aos pais dos meninos e à Rua Franz Post, em Jacarepaguá, onde foi pago o regaste de Cr$100 mil pela família de Marcos Vinícius, filho de um major médico do Exército e sobrinho de um coronel. Heloísa indicou, ainda, o local onde Dudu foi assassinado, nas matas da Estrada das Canoas, próximo a São Conrado. E disse mais: a idéia dos sequestros surgiu na boate Sótão, na Galeria Alaska (Copacabana), na frente da 13ª DP.

A. Machado

Foi erro da polícia que matou Dudu

Celso Eduardo de Carvalho Lima Melchior, o Dudu, 14 anos, foi seqüestrado, ao sair de sua casa, na Avenida Atlântica, com destino ao Colégio Zacarias, no dia 13 de maio de 1975. No dia 31 de julho, Marcus Vinícius de Matos, também de 14 anos, era seqüestrado, também em Copacabana, próximo à 13ª Delegacia Policial.

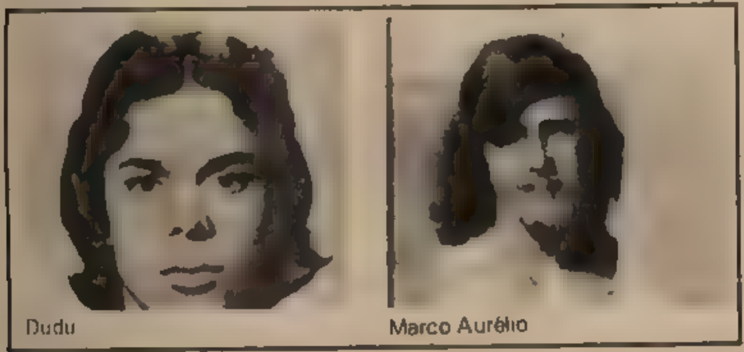
Os seqüestradores enviaram à família de Marcus Vinícius um bilhete indicando o local onde estava o corpo de Dudu, morto em virtude de uma falha no esquema montado pela polícia e a mãe do jovem, Leda Maria.

A polícia, completamente desaparelhada e despreparada para resolver essa espécie de crime, entregou um rádio-transmissor à dona Leda na esperança de seguir a gincana armada pelos seqüestradores. A gincana consiste em uma série de mensagens, deixadas em vários lugares, com a finalidade de levar as pessoas ao local final do pagamento do resgate. Dona Leda leria a mensagem em voz alta que seria captada no carro da polícia, estacionado perto do Maracanã, onde foi deixada a primeira mensagem. Só que o rádio pifou e a polícia se aproximou. No que se aproximou, foi vista por Joca, que, segundo declaração de Heloísa, estava num fusca azul, também ali por perto.

Resultado: o papo acabou e Dudu acabou sendo assassinado.

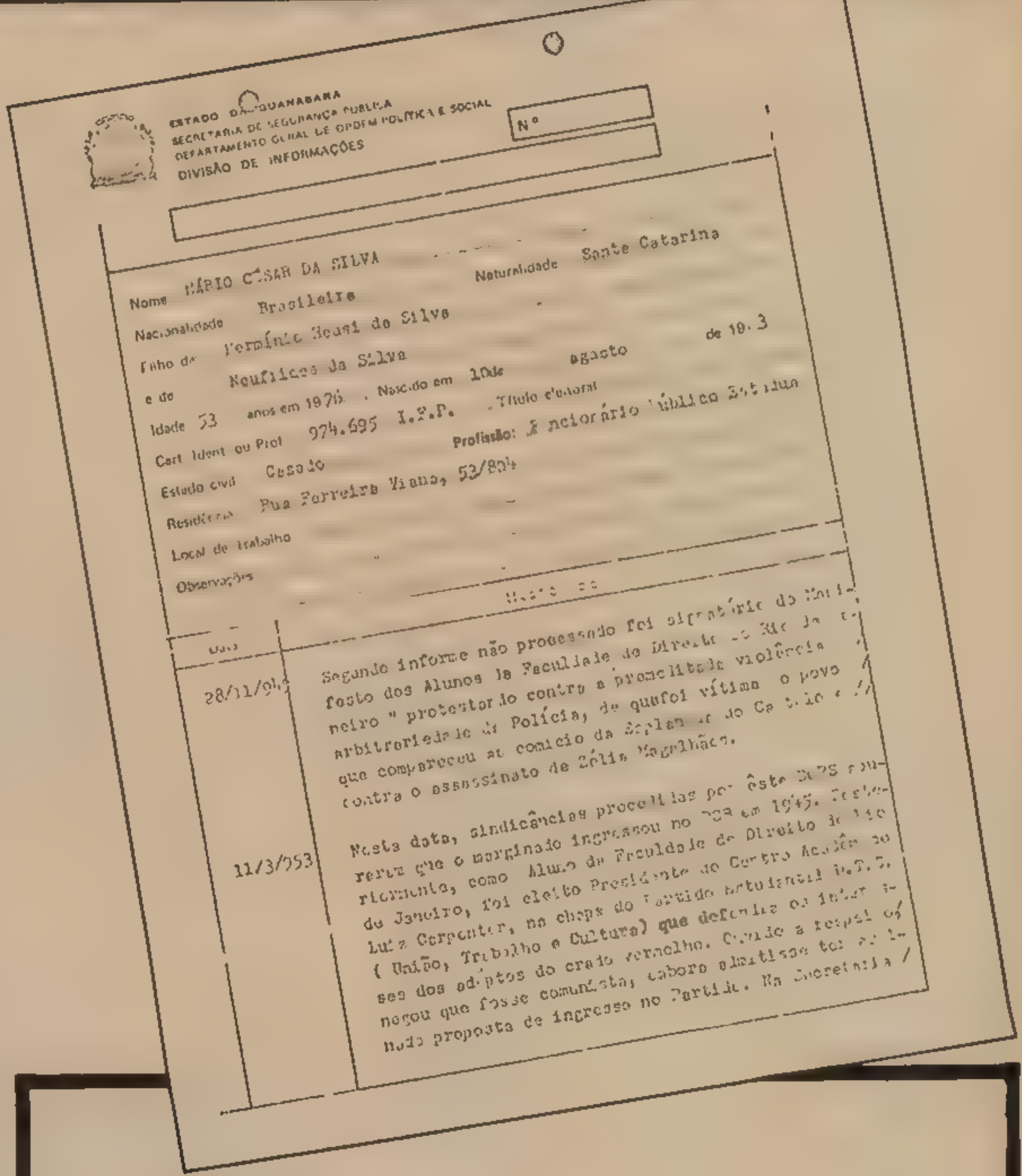
Diante da morte de Dudu, a família de Marcus Vinícius pagou o resgate pedido.

No momento, as investigações estão paralisadas, já que o delegado Mário César, ao analisar o relatório do detetive Mário Roberto, disse que "existiam 25 falhas"



Dudu

Marco Aurélio



ESTADO DA GUANABARA
SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA
DEPARTAMENTO GERAL DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL
DIVISÃO DE INFORMAÇÕES

Nº

Nome MÁRIO CÉSAR DA SILVA — Naturalidade Santa Catarina

Nacionalidade Brasileira

Filho de Ferminio Neusi da Silva

e de Neufilices da Silva

Idade 53 anos em 1976 . Nascido em 10 de agosto de 19 3

Cart Ident ou Prof 974.695 I.F.P. . Título eleitoral

Profissão: Funcionário Público Estadual

Estado civil Casado

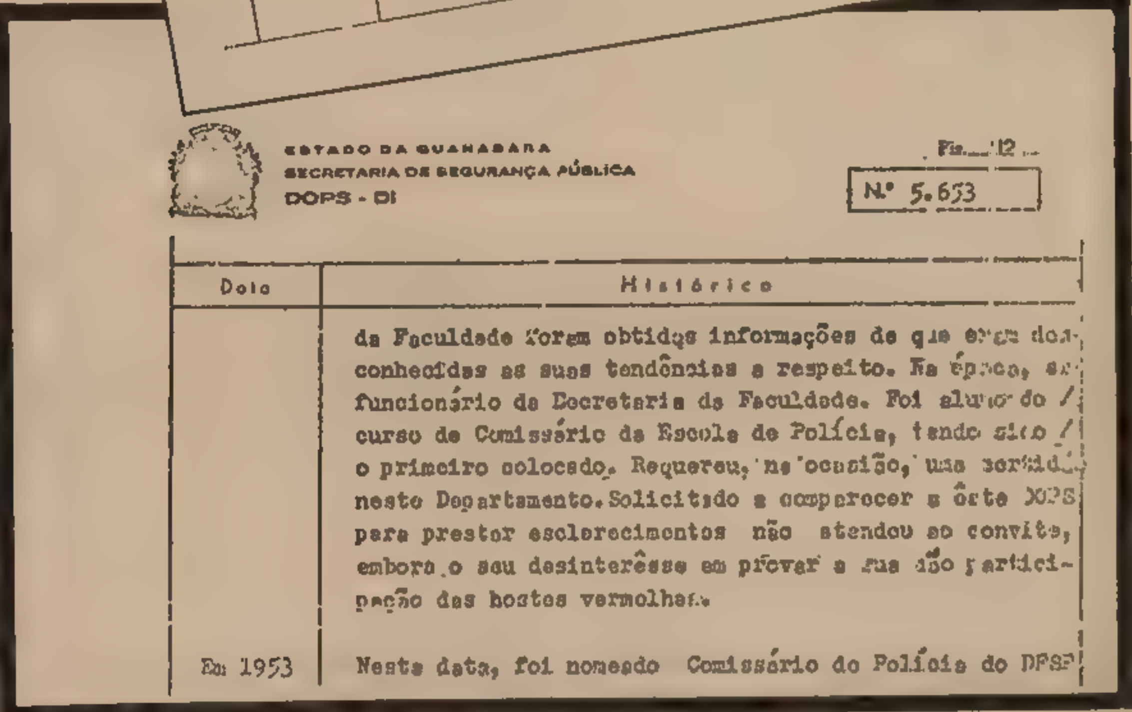
Residência Rua Ferreira Viana, 53/804

Local de trabalho

Observações

Histórico

Data	
28/11/945	Segundo informe não processado foi signatário do Manifesto dos Alunos da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro " protestando contra a prepotência e violência arbitrariedade da Polícia, de que foi vítima o povo que compareceu ao comício da Esplanada do Castelo contra o assassinato de Célia Magalhães.
11/3/953	Nesta data, sindicâncias procedidas por êste DOPS fazem crer que o marginado ingressou no PCB em 1945. Posteriormente, como Aluno da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, foi eleito Presidente do Centro Acadêmico Luiz Carpenter, na chapa do Partido Estudantil U.T.C. (União, Trabalho e Cultura) que defendia os interesses dos adeptos do credo vermelho. Ouvido a respeito nagou que fosse comunista, embora admitisse ter sido feita proposta de ingresso no Partido. Na Secretaria /



ESTADO DA GUANABARA
SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA
DOPS - DI

Fls. 12

Nº 5.653

Data	Histórico
	da Faculdade foram obtidas informações de que eram desconhecidas as suas tendências a respeito. Na época, era funcionário da Secretaria da Faculdade. Foi aluno do / curso de Comissário da Escola de Polícia, tendo sido / o primeiro colocado. Requereu, na ocasião, uma certidão neste Departamento. Solicitado a comparecer a êste DOPS para prestar esclarecimentos não atendeu ao convite, embora o seu desinterêsse em provar a sua não participação das hostes vermelhas.
Em 1953	Nesta data, foi nomeado Comissário de Polícia do DFSP

Na ficha da Divisão de Informações do Departamento Geral de Ordem Política e Social, o delegado ingressou no Partido Comunista Brasileiro em 1945. Foi eleito presidente do Centro Acadêmico Luiz Carpenter, representando a chapa do Partido Estudantil UTC (União, Trabalho e Cultura), "que defendia os interesses do credo vermelho".

Eleitor do Rio

O voto certo é para

MODESTO DA SILVEIRA

O candidato dos Direitos Humanos

MDB 319

Para deputado Federal

Advogado de presos políticos desde o dia 1º de abril de 1964, tem defendido operários, estudantes, lavradores, jornalistas e intelectuais de todo o país.

PINHEIROS VALEM 600 MILHÕES

Funai rouba floresta de índio

Dez mil índios vivem entre São Paulo e Rio Grande do Sul, em 24 reservas ricas em florestas. A FUNAI tem cinco serrarias aí, onde os índios trabalham quase de graça. Mas quer também pra ela a maior floresta de pinheiros do mundo.

— Qualquer funcionário da FUNAI (Fundação Nacional do Índio) de Brasília, mesmo o que serve o cafezinho, ganha mais do que nós que trabalhamos e suamos em seus projetos. A serraria dela aqui produz 1200 dúzias de tábuas por mês. Queremos saber para onde vai esse dinheiro.

— A serraria arrecadou Cr$ 3 milhões no ano passado e a FUNAI só nos deu, depois de muita briga, um trator de Cr$ 500 mil. Onde está o resto do dinheiro?

Paraguai, autor da primeira frase, é um índio **guarani**, braço direito de Kretã, autor da segunda, **caingangue** e cacique de Mangueirinha, reserva de 400 índios do centro-oeste do Paraná.

A serraria de Mangueirinha, a quinta da FUNAI no Sul do País, foi instalada ano passado. Como fez nas outras serrarias, a Fundação tentou usar dos serviços dos índios sem carteira de trabalho assinada e contratar mais brancos do que o necessário. Kretã e Paraguai não deixaram. Foram a Brasília de carona exigir do presidente da FUNAI seus direitos. E conseguiram:

— Hoje temos 15 índios na serraria ganhando salário mínimo e brancos são só os técnicos. Ganhamos também o direito de vender as ponteiras dos pinheiros.

Mas a FUNAI tem outros interesses nas terras de Mangueirinha. A reserva tem 15 mil hectares de terra, nove mil não demarcados. Nesses nove mil existe a maior floresta de pinheiros do mundo, avaliada em Cr$ 600 milhões. Há 20 anos a floresta é disputada entre a FUNAI e o grupo econômico Slaviero. O índio Paraguai acha, porém, que a floresta não é de nenhum dos dois:

— Isso é do índio. Queremos isso de volta.

No Sul, 24 reservas e 10 mil índios, a exploração de madeira é o grande negócio do DGPI— Departamento Geral do Patrimônio Indígena, órgão da FUNAI que executa projetos econômicos em áreas indígenas. E já deu problemas à Fundação: a serraria de Mangueirinha chegou a ser interditada por um outro órgão do governo, o IBDF — Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal, porque a FUNAI cortava árvores sem prestar contas a ninguém. (A interdição ocorreu quando Kretã e Paraguai foram a Brasília, ano passado e fizeram uma **zoeira** nos jornais, como dizem, a respeito da situação dos índios no Sul.)

Numa área vizinha a Mangueirinha, chamada Rio das Cobras, também havia exploração de madeira. O funcionário da FUNAI Leonardo Machado, chefe do Posto, vendia por conta própria pinheiros da área indígena. Ele foi demitido em dezembro de 1977, mas os problemas que criou continuaram existindo: os brancos que passaram a morar em terras índias durante sua gestão não quiseram saber de sair. Os próprios índios, então, resolveram expulsá-los.

O cacique de Rio das Cobras, Carai-Tupã, aconselhou-se com o cacique Kretã de Mangueirinha, e os dois fizeram o plano: reuniram 15 guerreiros, armados com arco, flexa e espingarda de caça que assustaram os brancos da área durante a noite, só com gritos. Assim conseguiram expulsar 150 famílias de colonos. Mas até expulsar os 2 mil invasores, Kretã teve de espalhar muitos boatos ameaçadores como "dois mil **botocudos** estão vindo de Mato Grosso para ajudar na revolta". A coisa ficou tão preta que o Exército mandou 100 soldados da PM, armados de metralhadora, para acalmar os ânimos. Os dois mil brancos, porém, foram expulsos mesmo, em fevereiro deste ano.

Em maio, os índios da reserva Nonoai, na fronteira de Santa Catarina com Rio Grande do Sul, também se revoltaram e expulsaram seis

Kretã (de chapéu) e Paraguai denunciam exploração

Fotos de Vincent Carelli

mil brancos habitantes de sua área. Os brancos ficaram sem ter aonde ir. Muitos ficaram morando em parques de exposição de animais, outros tantos invadiram uma fazenda para morar, a Sarandi, e outros ainda foram tentar a sorte no Mato Grosso.

O papel do cacique Kretã, nessas revoltas, é evidente. Não é à toa que ele, hoje, é quase uma lenda entre os índios do Sul, reconhecido pelo chapéu de palha com abas viradas para cima. Cacique desde 1974, foi eleito pelos 400 índios da área, na base do "levanta a mão". Havia dois outros candidatos.

A eleição só foi possível depois que o chefe de posto de Mangueirinha foi demitido. Era o tenente Florisval. Ele tinha uma roça particular onde os índios trabalhavam de graça e ainda por cima vigiados por uma guarda índia, masculina e feminina, e o tenente de relho (chicote) na mão. Dessa época os índios recordam a cerimônia que Florisval fazia uma vez por semana: botava sua farda, apanhava uma imagem de Nossa Senhora Aparecida e reunia os índios no galpão, dizendo:

Hoje voces não estão falando com o chefe de Posto; estão falando com o tenente Florisval.

E beijava a santa.

Nessa época Kretã não podia viver na sua tribo. Fazia parte do "grupo dos 12", de oposição ao tenente Florisval. Por isso passou vários anos exilado em outras áreas indígenas, refugiado. Aproveitou o tempo para viajar e "descobrir o Brasil, que não é tão branco como dizem". Conheceu muitos índios e muitos brancos nessas viagens. Ficou tão conhecido que em 1976 conseguiu se eleger vereador, pelo MDB da cidade 20 km distante da aldeia, vulgo "Chumbolândia". Conhecido no lugar como "peitudo" recebeu 170 votos.

Paraguai, seu braço direito, conviveu com brancos na infância, fez curso no SENAI — Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial, em São Paulo, estudou em Campinas e Rio de Janeiro. Mora numa casa de madeira azul com televisão, tem três filhos. A família de Kretã, dois filhos, também mora numa casa confortável. Ao contrário do que acontece com outros índios do país, a população de Mangueirinha vem crescendo. Por isso Kretã avisa:

— Precisamos de mais máquinas para nos modernizar. O índio deve olhar o futuro, pegar as boas coisas da civilização dos brancos e continuar sendo índio.

Palmério Dória de Vasconcelos

Tribos vão sofrer com Figueiredo

Foto Varadouro

Segundo o Padre Iasi, "os homens que prepararam a candidatura de Figueiredo, como Costa Cavalcanti e Mario Andreazza, foram os que mais atrapalharam a vida do índio durante o governo Médici."

"O futuro do índio brasileiro tende a piorar, caso seja eleito para presidente da República o general João Batista Figueiredo"

A afirmação é do padre Antônio Iasi Júnior, que até o final de 1977 foi secretário-executivo do Conselho Indigenista Missionário, de onde foi obrigado a sair em virtude de uma série de pressões.

"Os homens que ajudaram a preparar sua candidatura, como Costa Cavalcanti e Mário Andreazza, foram os que mais atrapalharam a vida do índio durante o governo Médici. Costa Cavalcanti, facilitando projetos agropecuários em áreas indígenas, de modo especial no vale do Guaporé, em Mato Grosso, e o corte do Parque do Xingu pela BR-080, que juntamente com outras estradas demagógicas do Sr. Mário Andreazza só levaram os índios ao vício do alcoolismo, à exploração e à prostituição."

Hoje, o padre é pesquisador do Museu Rondon, da Universidade Federal de Mato Grosso, em Cuiabá. Mas continua seu trabalho junto aos índios e, principalmente, fazendo denúncias contra a Funai.

"Essa história de emancipação do índio é blefe. Não passa mesmo de um problema pessoal do ministro Rangel Reis, do Interior. Além do mais, é sustentada e propalada por desajustados e interesseiros, que entendem ser o índio algum boneco ou outro brinquedo. O índio é gente e eles precisam se conscientizar disso. Creio que o ministro se sentiria frustrado, como ele mesmo declarou, caso não fossem emancipados alguns grupos indígenas durante o governo do qual ele participa. Como isso não foi possível, e esperamos que não o seja, pois seria um desastre calamitoso, é muito natural que até a última hora procure fazer algo para superar essa frustração."

A emancipação do índio, que, segundo sertanistas, antropólogos e sacerdotes é desaconselhável, não teria provocado no ministro o desejo de apresentar algum serviço positivo à FUNAI?

— Pra lhe dizer a verdade, a atuação do Sr. Rangel Reis com relação à FUNAI significou, pelo menos, dez anos de atraso na política indigenista e, conseqüentemente, na atuação do órgão executor da mesma. A FUNAI, em decorrência da intromissão do ministro do Interior, se desestruturou por mudanças e impasses. A própria administração do atual presidente (Ismarth de Oliveira) assemelhou-se mais a um parque de manobras de uma estrada de ferro, onde os vagões são empurrados de um lugar para outro, do que a composição em marcha.

Matérias publicadas no jornal *Varadouro*, do Acre

Assembléia ameaça apelar pra violência

Os seringalistas da região sudoeste da Amazônia estão explorando dezenas de tribos indígenas, comprando pela metade do preço mercadorias valiosas que eles produzem, como borracha e castanha do pará, proibindo-os até de pescar e impondo-lhes um regime de trabalho escravo.

As denúncias foram feitas pelos próprios índios, reunidos em julho deste ano numa assembléia promovida pelo Coordenador Regional do Conselho Indígena Missionário, Irmão Valladares e pelo padre Antônio Iasi Junior.

A importante reunião dos índios foi realizada em Juruquá, município de Lábrea, a 5 horas de barco a motor da cidade de Rio Branco, capital do Estado do Acre. Participaram dela 38 índios, representantes de 13 áreas da Amazônia, como os remanescentes das grandes nações jamadi, paumari, kanamari e apurinã. A assembléia durou 2 dias e foi vital para se entender os problemas de mais de 300 índios da região, mas a Funai não compareceu.

Segundo o Irmão Valladares, os escritórios da Funai no Acre e no território de Rondônia foram convidados, mas «não se interessaram». Ele não entende por que a Funai não visitou nem uma vez as tribos do Juruquá e diz que os índios não acreditam que ela seja um órgão de defesa de seus direitos: "eles são perseguidos e até mortos pelos patrões e a Funai nem sabe de nada. No mês passado, por exemplo, um índio apurinã foi preso pela polícia de Lábrea, a mando de um seringalista, pela simples razão de estar pescando no rio. Em toda essa região do médio Purus a Funai não tem nenhum posto indígena".

Valladares afirma ainda que, embora os índios morem perto do rio, até hoje não tiveram suas terras demarcadas como reserva. Isso levou a assembléia a tomar uma decisão: os índios querem as reservas demarcadas e estão dispostos a apelar até para a violência para garantir seus direitos. Durante a reunião, um índio apurinã disse: "nós queremos as terras porque sabemos trabalhar. Já estamos cansados de manter os filhos dos patrões".

4 seringalistas são acusados

Os principais acusados pelos índios são os seringalistas Osmar Faria, Moacir Canizio de Brito, o "Louro", Antônio Marques Pitomba e Preto Salgado.

Esse grupo impede que os índios pesquem e vende proteção às embarcações dos geleiros que vêm de Manaus para explorar a pesca comercialmente. Segundo Valladares, "vem se acentuando um criminoso protecionismo, sem que qualquer denúncia seja feita em defesa do índio."

Além disso, os marreteiros compram mercadorias dos índios pagando ninharias. A denúncia é do Padre Iasi: "desconhecendo a moeda nacional e sem receberem qualquer comprovante ou nota de mercadoria, eles entregam centenas de quilos de castanhas do pará, borracha, sorva (um tipo de látex), couros de onça e peles de lontra maracajá. Os produtos são oferecidos pela metade do seu preço real."

Trocaram as ervas por Melhoral moído

Melhoral moído está sendo usado pelos índios do Médio Purus para curar dor de dente e hemorróidas. Dizem que acalma a dor. Se têm uma simples dor de cabeça, gripe ou febre, tomam logo algum antibiótico, principalmente terramicina. Esses remédios foram trazidos à região por marreteiros de Lábrea, e são vendidos sem receita médica ou controle da FUNAI, em troca de borracha, castanha e peles

A denúncia da situação — "que está levando os índios ao suicídio lento" — é de Salvador Valladares, conselheiro do CIMI-Conselho Indigenista Missionário. Ele conta que o vício dos remédios está matando quase tanto quanto as doenças além de ter acabado com a tradicional farmácia indígena, de plantas e ervas. Vinte e cinco espécies delas já foram abandonadas até agora.

Antes, para curar dor de dente eles usavam formigas "tocantiras" e gripe "braba" combatiam com escamas de pirarucu. Para vermes e disenteria o remédio era leite de gameleira e pau de lombriga. Até a malária — que exige medicamentos mais eficazes como aralém e cloroquina — era curada pelos índios, à base do arbusto caferana, conhecido por "raiz amargosa" ou "fel-da-terra"

Hoje há uma verdadeira invasão de antibióticos, denuncia Valladares, o que enfraquece o organismo e a economia dos índios:

— Antigamente eles trocavam toda sua produção por comida e agora têm que usá-la também para trocar por remédios

O abandono dos índios é vergonhoso. Recentemente, segundo denúncias de índios apurinã, uma mulher grávida morreu à míngua pois seu "patrão" lhe negou auxílio. E uma criança morreu com sarampo, abandonada em sua maloca sem nenhuma assistência médica.

MÃE CORAGEM

Dona Sebastiana, de 50 anos, esposa de um faxineiro, deu a idéia: fazer uma greve de fome até o DOPS soltar 22 pessoas acusadas de reorganizar um partido clandestino, inclusive o filho dela de 20 anos de idade.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
REITORIA

São Paulo, 6 de setembro de 1978.

URGENTE

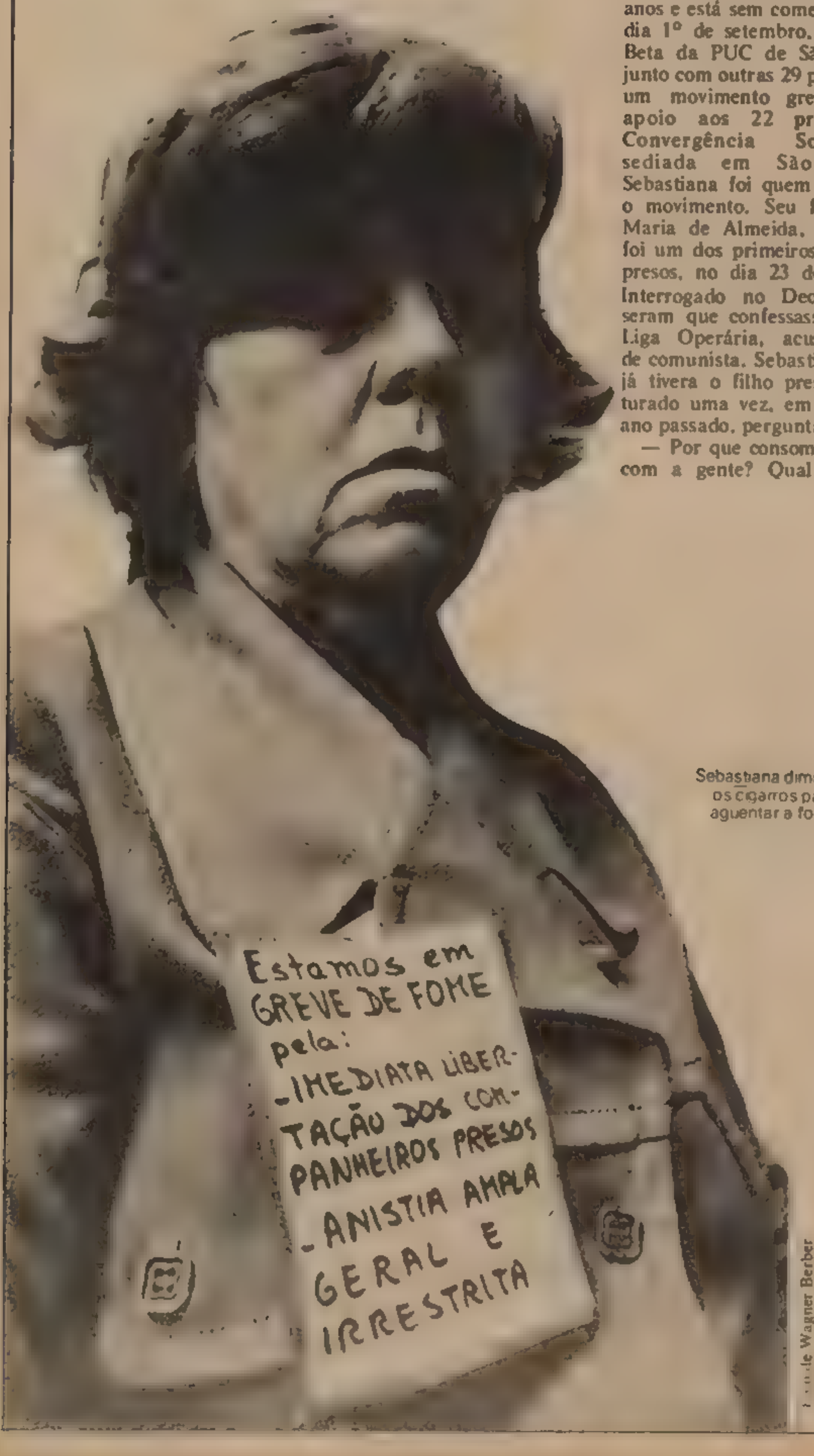
Aos Responsáveis pela "Convergência Socialista"

Com o feriado, a Universidade está fechada. Usando de nosso direito, vimos reiterar aos senhores o nosso apelo de que se retirem das dependências da PUC.

Solicitamos que o façam até às 16 horas de hoje.

Nadir Gouvêa Kfouri
Reitora

Parou de comer pra tirar o filho da prisão



Sebastiana diminuiu os cigarros para aguentar a fome

Foto de Wagner Berber

Sebastiana Pessopani Toledo de Almeida tem 50 anos e está sem comer desde o dia 1º de setembro, no salão Beta da PUC de São Paulo, junto com outras 29 pessoas. É um movimento grevista em apoio aos 22 presos da Convergência Socialista, sediada em São Paulo. Sebastiana foi quem começou o movimento. Seu filho José Maria de Almeida, 20 anos, foi um dos primeiros a serem presos, no dia 23 de agosto. Interrogado no Deops, quiseram que confessasse ser da Liga Operária, acusaram-no de comunista. Sebastiana, que já tivera o filho preso e torturado uma vez, em abril do ano passado, pergunta:

— Por que consomem tanto com a gente? Qual o crime dessas pessoas? Pensar que também os trabalhadores têm direito a comida, a uma vida decente? É por isto que eles vão presos, são torturados por aqueles macacos que dizem que este é seu trabalho? Por que uma mãe tem que viver nesse pesadelo, ver o filho sair de casa e não saber se ele volta?

Foi exatamente o que aconteceu com ela. Zé Maria saiu dia 23 de agosto para visitar uma amiga em São Caetano. No dia seguinte Sebastiana viu sua cama vazia e se preocupou. O filho dormia às vezes fora de casa, mas sempre avisava, e, além disto, sua primeira prisão permitia à mãe pensar logo no pior. Telefonou para o Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema, mas lá não sabiam o que acontecera com o frisador José Maria, que se filiou em 76. Mais preocupada ainda, Sebastiana saiu à cata do filho, e soube pelo advogado Idibal Piveta que o rapaz estava no Deops.

Dia 28 de agosto, famílias e amigos dos presos fizeram vigília numa igreja de Santo André, para protestar. Dona Sebastiana propôs greve de fome. Se ninguém aceitasse, falou, faria a greve sozinha. Dia 31 à tarde, 22 pessoas pararam de comer, reunidas numa velha quadra de futebol.

Os grevistas trouxeram colchões, cartas, dominó, livros, revistas, toca-discos. Organizaram-se em comissões de higiene, saúde e de imprensa. Enfermeiras e médicos voluntários se revezaram para acompanhar o estado de saúde daquelas pessoas alimentadas só com água e soro.

— Agora a gente não precisa mais brigar contra o custo de vida: estamos aprendendo a viver sem comer — brincava dona Sebastiana, com 72 horas de fome.

Vinte e quatro horas depois de dizer isto, dona Sebastiana viu o filho de volta. Foi solto (e em seguida despedido da Cofap, em Santo André, onde [illegible] na greve [illegible]).

— Minha mãe mudou bastante depois da minha primeira prisão. Antes, ela achava correto lutar pelo trabalhador, mas tinha aquele receio, pensava que o filho dela não tinha que se meter nessas coisas. Agora ela assume isso. Inclusive a diferença de tratamento que eu tive na primeira e na segunda prisão ela percebe que não foi um negócio dado, foi arrancado.

A primeira prisão foi em abril de 1977: 30 dias de terror no DOPS: choques elétricos nos dedos cobertos de pano, palmadas de madeira em todo o corpo, pancadas, ameaças de pendurar toda a família no pau-de-arara.

A família veio de Santa Albertina, divisa de Minas Gerais com São Paulo. O pai, faxineiro, ganha salário mínimo. São cinco filhos. Zé Maria trabalha e estuda desde cinco anos de idade:

— Que tempo um menino desse teve para se tornar terrorista ou comunista, como um delegado do DOPS disse pra mim no ano passado?

Nessa prisão, agora, Zé Maria não foi torturado, mas ficou incomunicável. Não foi fácil para a mãe achá-lo no Deops. Quando ela foi lá, informada pelo advogado, lhe disseram que não havia nenhum Zé Maria preso. Começou, então, a perambular por repartições, enfrentar burocracias. Até se confirmar a informação do advogado.

— Por que fazem isso com os meninos? Por que a polícia não se preocupa em caçar bandido? O que vai ser do Brasil se forem presos todos esses meninos que pensam e só por que eles pensam?

Dia 6 de setembro, a reitoria da PUC pediu aos grevistas que saíssem do salão Beta, mas eles não concordaram. Só no dia 13 de setembro, depois de uma conversa de duas horas com a Comissão de Justiça e Paz da Cúria Metropolitana, eles terminaram a greve, sem terem conseguido a liberação de todos os presos.

Bernardo Pelegrini

Chagásicos apóiam o Figueiredo

CONFUSÃO É TOTAL: AGORA ATÉ MEDICI ESTÁ COM EULER BENTES, O GENERAL DO MDB

CORRUPTO ESPERTO ESTÁ SOLTO

Porta-voz do governo já garantiu a posse de Chagas Freitas, no Rio, e de Paulo Maluf.

Ficou Rico Roubando Jornal

Chagas Freitas era advogado de Ademar de Barros — Político passou procuração e viajou para o exteior — Chagas pôs em seu nome o jornal A Notícia — Construiu império sobre sangue e bandalheira.

Dr. Chagas no governo:

MÚMIA VOLTA APÓS 5 ANOS

Fundador: CHAGAS FREITAS

O DIA

O JORNAL DE MAIOR CIRCULAÇÃO DO PAIS

Povo está cheio de Chagas

Cidade amanheceu triste após anúncio da designação do novo governador do Estado. Populares andaram de cabeça baixa pelas avenidas do centro, pensando em quando terminará seu sofrimento. Chagas promete governo austero e honesto, mas todo mundo sacode a cabeça desanimado. Lá vêm mais cinco anos de péssima administração.

Amaral Peixoto é rua em Niteroi

Senador biônico pelo Estado do Rio não teve opção, depois do massacre promovido por Chagas Freitas e seus Miros Teixeiras. Aceitou ser nome de rua na antiga capital fluminense só pra não passar por mal educado, já que a nova via pública ainda não tem luz, gás nem água encanada. Chagas promete inauguração para final do mandado (quando o senador já deve ter morrido).

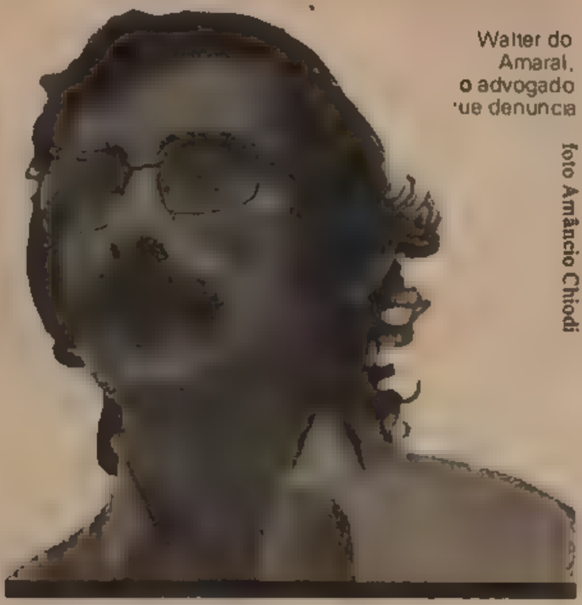
O monstro ressurgindo das catacumbas para ocupar o velho palácio

"AMIGO" DOS BARNABÉS TEM FORTUNA INCALCULÁVEL

DR. CHAGAS TEM MAIS DE 100 IMÓVEIS E MILHÕES EM VÁRIOS BANCOS

ADVOGADO CONTA OS PODRES DO GOVERNADOR DE PROVETA

Paulo Maluf tramou golpe da Lutfalla



Walter do Amaral, o advogado que denuncia

foto Amâncio Chiodi

Sílvia Lutfalla, sócia "falida" e mulher de Maluf

O governador-nomeado de São Paulo. Paulo Salim Maluf esteve diretamente envolvido nas fraudes cometidas pela empresa Fiação e Tecelagem Lutfalla para obter empréstimos do governo, dar trambiques em seus fornecedores e não pagar os impostos que devia. A Lutfalla, com a qual Maluf hoje diz não ter nada a ver, era de propriedade de seu sogro, Fuad Lutfalla, recentemente falecido. Sílvia Lutfalla, filha de Fuad e uma das acionistas da empresa, é casada com Paulo Maluf.

Walter do Amaral, advogado do Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico (BNDE) que, por ordem do governo federal emprestou muita grana à Lutfalla, acusa Maluf de ter bolado todo o golpe para tirar dinheiro dos bancos oficiais, transferir os bens dos acionistas de modo a que não fossem obrigados a pagar as dívidas da empresa e forjar, depois, a falência fraudulenta para não ter que pagar nem impostos nem fornecedores. No total, um rombo de CR$900 milhões atingindo, além do BNDE, o Banco do Brasil, o Banco do Estado de São Paulo, o antigo Banco do Estado da Guanabara e a Secretaria de Fazenda de São Paulo. E todo o mundo que paga imposto, é claro.

Em maio de 1975, quando usava seu prestígio junto ao governo para obter créditos irregulares para a Lutfalla, que já estava falindo, Paulo Maluf foi expulso do gabinete do presidente do BNDE, Marcos Vianna, por recusar-se a dar seu aval pessoal ou o de sua outra empresa, a Eucatex, para garantir o crédito que pedia. Vianna acusou Maluf de usar sua influência para corromper funcionários do Estado e negou-lhe definitivamente novos financiamentos.

Ma[illegible] [illegible] Reis Velloso

Até o mês passado, o advogado Walter do Amaral, paulista de Rincão, foi um dos funcionários do governo designados para intervenção na Fábrica Fiação e Tecelagem Lutfalla. Licenciou-se mês passado para se candidatar a deputado estadual. Ele examinou todos os documentos da empresa, garante que a falência foi fraudulenta e que quem mais ganhou no escândalo foi Sílvia Lutfalla Maluf, esposa de Paulo Maluf, filha do antigo presidente da empresa, Fuad Lutfalla (falecido há um mês, aos 85 anos).

Walter explica a manobra que transformou a falência em intervenção, do governo, por meio do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico. O BNDE já emprestara, em 1973, Cr$ 13 milhões à Lutfalla. Em 1974, emprestou mais Cr$ 26 milhões. No ano seguinte, sem ter pago nenhuma prestação, de qualquer empréstimo (palavras de Walter), a Lutfalla pediu novo empréstimo. O BNDE negou, depois de uma análise econômica e de concluir que a Lutfalla estava em situação pré-falimentar.

— O senhor Paulo Maluf — prossegue Walter — encontrou-se com o presidente do BNDE, Marcos Vianna, e lhe disse que a Lutfalla era uma empresa boa e não haveria razão para negativa do empréstimo. Marcos Vianna pediu o aval de Maluf como garantia para o empréstimo. Primeiro Maluf concordou, depois voltou atrás. O empréstimo não foi concedido.

Estávamos em 1975. A fábrica de tecidos, de quase dois mil operários, sediada em São Miguel Paulista (Grande São Paulo); continuava no caminho da falência, quando o BNDE recebeu ordem expressa do ministro do Planejamento, Reis Velloso: o banco deveria intervir na Lutfalla, assumir sua direção, assinar com os acionistas a opção de compra de ações, a um cruzeiro cada (valor simbólico).

Sobre isso, Walter diz que "assim mesmo houve resistência do BNDE em atender essa ordem. Então, veio nova ordem, dessa vez por telex, em que ficava muito claro que se tratava de decisão presidencial. Marcos Vianna diria mais tarde, textualmente, que a intervenção na Lutfalla, do jeito que foi feita, foi um prêmio a um empresário que não o mereceu."

Por que o governo insistiu na intervenção? Você acha que houve tráfico de influência? O governo sempre interferiu no BNDE?

— A atitude do governo é inexplicável — diz Walter. As autoridades disseram que a intenção era evitar um trauma social, uma falência em cadeias no setor têxtil. Tráfico de influência é sempre citado, muito discutido, mas nada se provou. Agora, interferência nas decisões do BNDE sempre houve, como em todos os órgãos de ministério de segundo escalão, que não têm nenhum poder de decisão.

Como a Lutfalla fez para merecer a intervenção?

— Bem, os diretores nomeados para intervenção encontraram na Lutfalla problemas de toda sorte: títulos em cartórios de protesto, ações ajuizadas, requerimento de falência já pedido. Só em cartório tinha mais de Cr$ 30 milhões. Era uma empresa insolvente que deveria ter falido há muito tempo. Não faliu porque os balanços eram "melhorados", porque a empresa era muito mimada e muito querida e recebia todos os favores de órgãos de financiamento oficiais ou particulares. Em 75, foi feito o primeiro balanço real da empresa: só nesse ano havia Cr$ 302 milhões de prejuízo. Esse balanço foi aprovado por unanimidade pelos acionistas, a família Lutfalla. Descobriu-se também que o

Pediu dinheiro para a família mas não quis ser fiador

Marcos Vianna achou estranho o pedido

foto Sérgio Sbragia

Paulo Salim Maluf foi acusado em 1975 pelo presidente do BNDE, Marcos Vianna, de usar o seu prestígio para defender de forma ilegal e ilegítima os interesses da Fiação e Tecelagem Lutfalla. Embora alegue agora que nada tem a ver com a empresa, além de ser casado com uma das acionistas, Sílvia Lutfalla, Maluf, na verdade, pediu empréstimos e favores para a Lutfalla em vários bancos oficiais muito antes de o assunto se tornar público.

Numa dessas ocasiões, entre fevereiro e maio de 1975, pouco antes de o governo decretar intervenção federal na Lutfallla, Paulo Maluf, que na época era presidente da Associação Comercial de São Paulo, visitou Marcos Vianna no BNDE pedindo-lhe novos empréstimos.

Marcos Vianna propôs então uma reunião entre os técnicos do banco e alguns administradores da Lutfalla para que fosse analisada a capacidade da empresa de pagar o empréstimo que pedia. Dois dias depois desse encontro, a reunião foi realizada e os economistas do BNDE provaram com números a Maluf e seus auxiliares que a Lutfalla não tinha condições financeiras para receber nenhum crédito adicional.

Na saída da tal reunião, Maluf procurou Marcos Vianna pedindo-lhe que, apesar de tudo, concedesse o financiamento "que salvaria a Lutfalla". A essas alturas, já era total o envolvimento do atual governador-biônico de São Paulo no caso: ele estava usando seu prestígio pessoal para obter favores para uma empresa quase falida num banco do governo. Vianna então propôs que a Eucatex, empresa de Paulo Maluf e de seu irmão Roberto, avalizasse o empréstimo para a Lutfalla. Maluf disse que a Eucatex era dirigida por seu irmão, ele estava afastado da administração e não poderia decidir nada. Pediu tempo para consultar o irmão e dar uma resposta.

Alguns dias mais tarde, Maluf voltou a Marcos Vianna dizendo que a Eucatex não podia avalizar nada. O presidente do BNDE sugeriu então a Maluf que, se ele confiava tanto na Lutfalla, desse seu aval pessoal ao financiamento. Maluf, entretanto, pôs uma série de dificuldades, explicou porque não podia fazer isso e, finalmente, também se negou a avalizar o crédito.

Marcos Vianna ficou irritadíssimo e passou a tratar Maluf asperamente, perguntando-lhe porque não arriscava o seu patrimônio já que dizia que a Lutfalla não teria dificuldade para pagar o novo crédito. Maluf assustou-se com o tom da conversa, balbuciou uma resposta pouco convincente e foi logo interrompido:

— Se o senhor não quer se envolver — continuou Marcos Vianna — com o empréstimo que me pede, ferindo todos os critérios de avaliação do banco, o senhor não passa de um intermediário da Lutfalla. O que o senhor está fazendo é advocacia administrativa e o presidente do BNDE não conversa com esse tipo de gente. E expulsou Maluf de seu gabinete.

---

patrimônio da empresa era de Cr$ 275 milhões negativos.

— Os diretores intervencionistas sugeriram ao ministro do Planejamento que a Lutfalla deveria ser liquidada, o que foi aprovado em assembléia geral, em 18 de agosto de 76, junto com a decisão de que todas as irregularidades dos antigos acionistas fossem apuradas. Naquela altura, já haviam sido detectadas irregularidades de toda ordem da Lutfalla desde caixa dois até crime de estelionato; de emissão de duplicatas simuladas até estouro de caixa; desde sonegação fiscal até exportação fictícia. Tudo que se possa fazer de irregular numa S/A, a Lutfalla fez.

De que maneira Paulo Maluf levou vantagem nisso?

— Ele foi o artífice intelectual de uma manobra interessante. Voltando a 8 de agosto de 75, quando o BNDE assinou o termo de compra de ações com os acionistas da Lutfalla, vamos ver que, nesse dia, duas pessoas venderam suas ações: Sílvia Lutfalla Maluf e sua irmã Vera. Passaram as ações ao irmão Fuad Lutfalla Jr. E não assinaram o compromisso com o banco. Os outros acionistas transferiram todos seus bens particulares (inclusive todo buraco que era aberto na Lutfalla) para empresas da senhora Sílvia, empresas de que o BNDE não sabia a existência: Lumaver (holding) e as subsidiárias Lumen S/A e Boa Vista Empreendimentos Agropecuários S/A. Então, foi se transformando o capital votante dessas empresas, principalmente na **holding**, em que os acionistas e signatários do termo de opção de compra transferiam essas ações para dona Sílvia e dona Vera, sua irmã, que não tinham assinado o termo de opção de compra. Não se tinham comprometido com o BNDE. Os acionistas que haviam se comprometido, misteriosamente passaram a empobrecer. A ponto de chegarem ao nível de insolvência, o que caracteriza a fraude contra credores. Então, isso prova que a falência foi preparada. Os prejuízos foram socializados, ao passo em que privatizaram todos os lucros para as mãos de dona Sílvia. Eles estavam preparados psicologicamente ou para receber socorro financeiro, via governo, ou falir pura e simplesmente. Ocorre que para o senhor Paulo Maluf talvez a falência não servisse. Ainda que tivesse vantagens para o grupo, traria enormes desvantagens morais para Paulo Maluf, que, naquela época, já tinha ambição de governar São Paulo. Ele fez de tudo para que fosse evitada a falência, que a via navegável fosse a de intervenção.

Mas qual o interesse de Paulo Maluf na Lutfalla, se as ações não eram dele?

— Sabe-se que, num casamento de comunhão de bens, a mulher não pode fazer nenhum negócio sem, pelo menos, o conhecimento do marido. E uma ação ao portador (como as de Sílvia) pertence ao casal e é declarada pelo cabeça do casal, como propriedade do cabeça do casal, no caso, o marido. Se ela foi a maior beneficiária de todo o escândalo — e temos provas disso — ele, por extensão, também foi. Então os maiores credores da Lutfalla foram fraudados; o BNDE em Cr$200 milhões, o Banco do Brasil em Cr$ 80 milhões, o Banespa em Cr$ 40 milhões, o Banco do Estado da Guanabara em 60 ou 70 e a Fazenda do Estado em 70.

Quanto o BNDE emprestou à Lutfalla, no total?

— Trinta e nove milhões. O restante foi por conta e risco do Tesouro Nacional, via BNDE. Deve ter atingido aproximadamente 140 ou 150 milhões. Esse dinheiro saiu das reservas monetárias, compostas pelo imposto de operações financeiras. Empresas privadas não podem ser liquidadas como recursos de impostos.

Qual é o total da dívida da Lutfalla?

— Feitas as devidas correções, o patrimônio líquido, que em 75 era de Cr$ 275 milhões negativos chega hoje a Cr$ 900 milhões. Vemos hoje o senhor Paulo Maluf ser beneficiário de uma transação de uma falência fraudulenta, dolosamente arquitetada, lesar o interesse público em mais de 900 milhões e ser premiado com o cargo de governador do Estado mais rico da Federação. Se dividirmos 900 milhões por 100 milhões de brasileiros, vemos que, para cada família de cinco pessoas, o escândalo custou 45 cruzeiros, que representa um dia de trabalho. Então, todo trabalhador brasileiro contribuiu com quase um dia de trabalho para enriquecer o pretenso futuro governador.

O caso Lutfalla está encerrado?

Está no começo. O último lance (confisco de bens da Lutfalla) tem implicações obscuras, tenebrosas e satisfaz em apenas 10% o resultado da CGI — Comissão Geral de Investigações, órgão criado para examinar casos de enriquecimento ilícito. A CGI da Lutfalla concluiu pelo enriquecimento ilícito e propôs ao ministro da Justiça e ao presidente da República o confisco de bens de pessoas e empresas. Mas o decreto de confisco baixado pelo presidente só se refere a bens da Lutfalla, cujo patrimônio é negativo. Como houve empobrecimento dos acionistas e enriquecimento de duas ex-acionistas, vê-se claramente que só há uma maneira de haver ressarcimento dos prejuízos da União: confiscando os bens das empresas de Sílvia Maluf. E se esses bens não bastarem, terá que haver confisco direto de bens do senhor Paulo Maluf.

João de Barros

Siglas e Termos Técnicos

BNDE — Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico é um banco do governo para financiar projetos na área industrial.

Holding — Gerúndio do verbo inglês **to hold**, que significa segurar, conter, manter. Uma empresa **holding** é a que detém o controle acionário de várias outras pertencentes a um mesmo grupo.

Concordata — Uma empresa pede concordata quando não pode mais pagar todas as dívidas e quer fazer um acordo, na Justiça, com o conjunto de seus credores.

Duplicatas simuladas — São títulos emitidos por alguma empresa sem corresponderem a uma venda de serviços ou mercadoria. A firma simula que fez uma transação comercial, emite a duplicata e a desconta em qualquer banco.

Estouro de caixa — O caixa de uma empresa "estoura" quando ela gasta mais do que recebe. (Não se pode gastar o que não se tem)

Ações ajuizadas — Ações que já estão na Justiça.

Exportações fictícias — Uma empresa simula vendas ao exterior, usando documentos falsos para eventualmente se beneficiar de estímulos fiscais concedidos pelo governo às firmas que realmente exportam.

Liquidação — Liquidar uma empresa significa acabar com ela, vendendo todo o seu patrimônio para pagar as dívidas. Se esse patrimônio não for suficiente para pagar os credores, os acionistas da empresa cobrem o que faltar com seus próprios recursos. A liquidação pode ser feita na Justiça ou por intervenção do governo, amparado no AI-5.

Intervenção do governo — O governo intervém numa empresa para regularizar suas atividades, passando a comandar os negócios como um administrador. A intervenção é feita pelo departamento do governo que atua na mesma área da empresa. Quando se trata de intervenção no mercado financeiro (no Grupo Halles, por exemplo), o interventor é um funcionário do Banco Central.

Falência fraudulenta — Quando uma empresa tem interesse em ver decretada sua falência, ela falsifica documentos, inventa despesas para reduzir os pagamentos que teria de fazer aos seus fornecedores e aos cofres públicos.

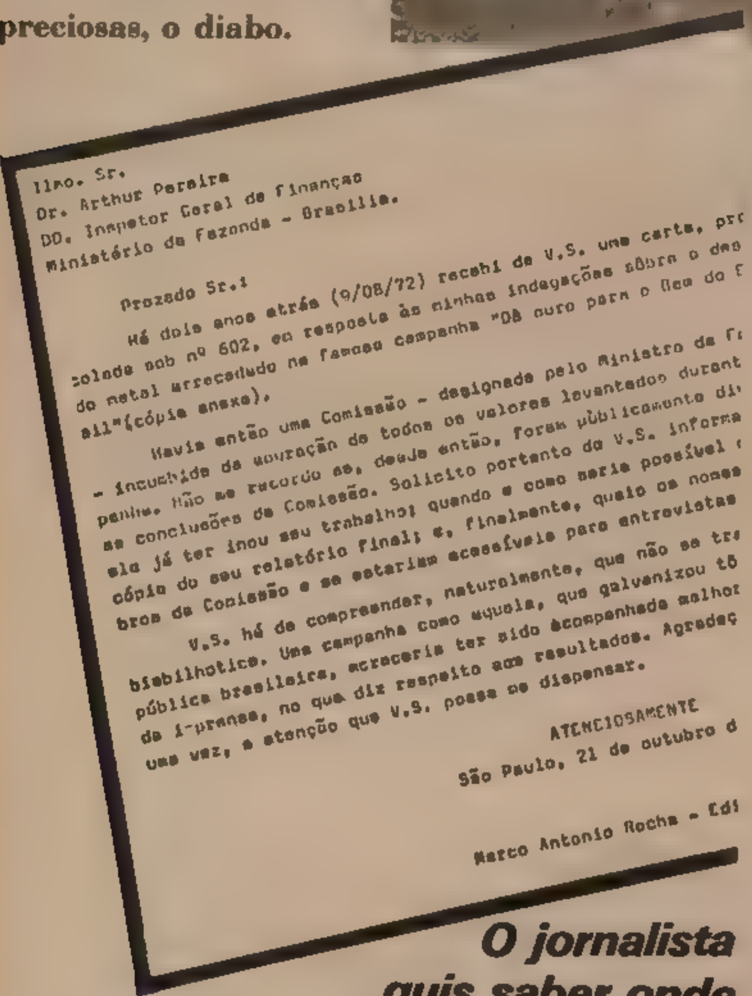
Insolvência — Uma empresa é insolvente quando a receita não cobre mais as despesas.

Você, que doou a aliança em 64:

ENTREGAMOS O OURO PROS BANDIDOS

Alguns meses depois do golpe militar de 1964, os Diários Associados promoveram uma campanha, logo endossada pelo governo, que visava à arrecadação de ouro,com a finalidade de pagar a dívida externa do Brasil (pelo menos foi o que foi dito). Treze Estados doaram ouro, dinheiro, pedras preciosas, o diabo.

Segundo a Casa da Moeda, foram arrecadados Cr$ 115 milhões. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, apenas dois quilos de ouro entraram para as nossas reservas. Mas as várias pessoas que poderiam esclarecer alguma coisa sobre o assunto, não sabem explicar o paradeiro do ouro.



Ilmo. Sr.
Dr. Arthur Pereira
DD. Inspetor Geral de Finanças
Ministério da Fazenda - Brasília.

Prezado Sr.:

Há dois anos atrás (9/08/72) recebi de V.S. uma carta, pro[...]colada sob nº 602, em resposta às minhas indagações sôbre o des[...] do metal arrecadado na famosa campanha "Dê ouro para o Bem do [...]sil"(cópia anexa).

Havia então uma Comissão - designada pelo Ministro da F[...] - incumbida da apuração de todos os valores levantados durant[...]panha. Não me recordo se, desde então, foram publicamente di[...] as conclusões da Comissão. Solicito portanto de V.S. informa[...] ela já terminou seu trabalho; quando e como seria possível [...] cópia do seu relatório final; e, finalmente, quais os nomes [...]bros da Comissão e se estariam acessíveis para entrevistas [...]

V.S. há de compreender, naturalmente, que não se tra[...] biebilhotice. Uma campanha como aquela, que galvanizou tô[...] pública brasileira, mereceria ter sido acompanhada melhor [...] da imprensa, no que diz respeito aos resultados. Agradeç[...] uma vez, a atenção que V.S. possa me dispensar.

ATENCIOSAMENTE

São Paulo, 21 de outubro d[...]

Marco Antonio Rocha - Edi[...]

O jornalista quis saber onde estava o ouro da campanha. Ficou dois anos tentando, até que resolveu desistir.

Dia 22 de junho de 1972, Marco Antônio Rocha, editor econômico da revista **Visão**, escreveu uma carta a Paulo Yakota, do Banco Central, Diretoria do Meio Circulante em Brasília. Trecho da carta:

"Ao preparar material para um artigo referente à situação do mercado internacional do ouro, fui compulsar as estatísticas das reservas-ouro do Brasil e constatei um fato que me intrigou. Na página 443 do último Anuário Estatístico do IBGE, tabela 3.10.12, consta, para o ano de 1967, a aquisição de 2 (dois) quilos de ouro "resultante da campanha Ouro Para o Bem do Brasil". Considerando ser uma quantidade sem dúvida inferior àquilo que foi presumivelmente recolhido na memorável campanha e, não desejando tirar nenhuma conclusão apressada ou leviana do surpreendente fato estatístico, pediria a V.Sª a gentileza de elucidar-me sobre o real destino daqueles valores doados pela população."

Dia 5 de julho. Celso de Lima e Silva, chefe da Gerência do Meio Circulante, respondeu. Trecho:

"Tratando-se de matéria no momento pertinente ao Banco do Brasil, encaminhamos o assunto ao Departamento de Tesouraria daquele Estabelecimento de Crédito, solicitando àquele Órgão respondesse diretamente a V.Sª."

Dia 14 de julho, José Carlos Lebéis Soares, chefe do Departamento de Tesouraria do Banco do Brasil, escreveu ao jornalista. Trecho:

"Cabe-nos informar, a propósito, que o Exmº Sr. Ministro de Estado da Fazenda nomeou uma comissão para proceder a um levantamento e à apuração geral a respeito, trabalhos esses que se acham em andamento. Estando os bens já apurados aqui depositados, sob custódia, à ordem do Tesouro Nacional, sugerimos a V. Sª entrar em contato com a Inspetoria Geral de Finanças do Ministério da Fazenda, que poderá, de forma oficial, prestar os esclarecimentos desejados."

Dia 25 de julho. O jornalista escreveu a Arthur Pereira, chefe da Inspetoria Geral de Finanças do Ministério da Fazenda, e no dia 9 de agosto o Inspetor-Geral de Finanças escreveu ao jornalista:

"Senhor Editor: em resposta à carta de 25 de julho último, informo a Vossa Senhoria que o ouro mencionado à página 443 da última edição do Anuário Estatístico do IBGE é o resultado parcial dos objetos na espécie arrecadados no decorrer da Campanha, já fundidos e transformados em barras e que esta Inspetoria-Geral somente poderá se manifestar definitivamente sobre o assunto após a conclusão dos trabalhos a cargo da comissão designada pelo Senhor Ministro da Fazenda, que vem procedendo à apuração geral de todos os valores arrecadados. Valho-me desta oportunidade para expressar a Vossa Senhoria o meu elevado apreço."

Dois anos depois, o jornalista escreveu nova carta ao Inspetor-Geral de Finanças, para saber se a comissão já tinha apurado o ouro, quem fazia parte da comissão e se essas pessoas estavam disponíveis para entrevistas. Mas não recebeu nenhuma resposta do Inspetor até hoje, nem nunca mais pediu quaisquer esclarecimentos.

DE UMA TONELADA DE OURO

Por favor você pode me ligar com o Dr. Enéas Assis.

Telefonista dos Diários — Você quer falar com o Dr Enéas ou com o coronel Enéas?

Com o Dr. Enéas, um dos coordenadores da campanha "Ouro para o Bem do Brasil."

Enéas — Pois não E Enéas Foi uma campanha belíssima Não é admissível que haja a menor dúvida sobre a campanha 42 entidades femininas tomaram conta

Mas é que, na época, muita gente falou e continua falando...

Enéas — O povo não sabe que nós não somos governo, não somos os dirigentes do país. Uma vez que entregamos o ouro arrecadado para a Casa da Moeda do Brasil, o responsável é o governo. É o presidente Porque a Casa da Moeda é governo

Vocês fizeram alguma sugestão para a utilização do ouro?

Enéas — Sim, fizemos três sugestões. A primeira, para que cunhassem moedas: O presidente da Casa da Moeda foi contra. Depois, pedimos que o governo construísse uma escola técnico-profis-

Foto de Amâncio Chiodi

Enéas Machado de Assis

sional para a juventude sem recursos O governo não fez Depois, sugerimos que fosse entregue à Escola Paulista de Medicina, que estava mergulhada numa crise muito grande, mas o governo não aceitou. Soubemos, depois, que o ouro tinha sido doado aos ex-combatentes, pelo presidente Costa e Silva, e nunca mais soubemos do ouro. Nós só promovemos a campanha. Foi uma iniciativa dos Diários, repetindo a campanha de 1932 — "Ouro para o Bem de São Paulo."

Durante a coleta dos metais, aí nos Diários, não havia a possibilidade de alguém se apropriar de parte dele?

Enéas — Eu sei porque vocês estão fazendo essa reportagem, pelo menos foi o que me disse uma colega sua É porque o Anuário Estatístico do IBGE, em 1967, fez constar apenas dois dois quilos de ouro como o montante arrecadado pela campanha Isso é um absurdo porque eu tenho um relatório da Casa da Moeda, de dezembro de 64, que afirma ter recebido mais de uma tonelada de metal. Portanto, o que foi feito com o ouro eu não saberia dizer Afirmo que, nos Diários, era impossível alguém botar as mãos nos cofres, pois eles eram policiados dia e noite por oficiais e soldados das três armas Só se alguém assaltasse os cofres e a guarda! Asseguro que a campanha foi limpa. Agora, eu estranho muito que o IBGE tenha chegado apenas a dois quilos, porque o relatório da Casa da Moeda vai a mais de uma tonelada. Alguém, então, ficou com o ouro Acho que você devia falar com o Nélson de Almeida Brum que, na época, era o diretor da Casa da Moeda e assinou um documento dizendo ter arrecadado mais de uma tonelada

Saguão dos Diários Associados, em São Paulo O começo da campanha

Revista da época conta a festa das doações

400 quilos de ouro e meio bilhão de cruzeiros, anunciava a revista **O Cruzeiro**, de 13/06/64, sobre o sucesso da primeira semana da campanha "Ouro para o Bem do Brasil."

E dizia mais:

"O saguão dos **Diários Associados de São Paulo** foi invadido no dia da inauguração da campanha dos "Legionários da Democracia", por centenas de pessoas, que ali estiveram a fim de doar ouro."

A campanha foi aberta por Auro de Moura Andrade, presidente do Congresso Nacional. No dia 15 de junho, iria acabar o prazo dado pelo primeiro Ato Institucional para todas as cassações e suspensões de mandatos.

Era o tempo em que o AI-1 não tinha número.

O então governador de São Paulo, Ademar de Barros, esteve na inauguração. Diz **O Cruzeiro**: "Ademar de Barros doou, de livre e espontânea vontade, os 400 mil cruzeiros de seu salário de abril."

O presidente Castello Branco também participou. **O Cruzeiro**, de 25/07/1964, tem uma matéria com a manchete: "Presidente também dá ouro para o bem do Brasil". Castello havia dado um chaveiro de ouro, presente da esposa pela passagem do 40º aniversário de casamento.

A cifra, nessa edição de **O Cruzeiro**, já muda: fala-se em 377 quilos de ouro arrecadados.

Doações de autoridades foram muitas. Ney Braga e esposa ofereceram alianças de casamento. Magalhães Pinto deu caneta de ouro e anel de formatura. Conceição da Costa Neves depositou dinheiro arrecadado entre deputados da Assembléia Legislativa paulista. Ela, Paulo Planet Buarque, Homero Silva, José Rosa da Silva e Blota Júnior estiveram nos **Diários Associados** para levar três milhões de cruzeiros dos deputados. Os funcionários da Assembléia Legislativa também colocaram à disposição um dia de salário.

A campanha correu o Brasil todo. No interior de São Paulo, era organizada pelos Rotary e Lions Clubes.

O **Diário de São Paulo**, de 18/6/64, traz o seguinte levantamento:

— 17 quilos de ouro, em Campinas.

— 12 quilos, de Araraquara.

— meio milhão de cruzeiros arrecadados em Marília, na primeira meia hora de Campanha.

— 48 quilos e meio de ouro, arrecadados no posto Odeon, do Rio de Janeiro, até às 17 horas do dia quinze de junho.

Jóias de grande valor não foram depositadas nos cofres. Ficaram expostas do dia 24 de junho, em diante, na Galeria Zarvos (centro de São Paulo). Foram avaliadas por Alfredo Carvalho Monteiro, Maurício Gobbai, Sílvio de Paula Ramos, Ivone Vieira de Faria, Adherbal Figueiredo e Odilon Melchior. Depois de avaliadas, foram a leilão.

A campanha também recebeu doações de várias bilheterias de teatro. John Herbert, Eva Wilma e Elizabeth Hartmann cederam uma noite do espetáculo "Boeing-Boeing". O maestro Souza Lima e a pianista Guiomar Novaes tocaram pela campanha, no Teatro Municipal dia 15 de junho.

Na frente da Casa da Moeda, as senhoras da Legião Democrática, que ajudaram na organização e arrecadação

Para o país a campanha não adiantou

– Vou te contar uma coisa, que é bom nem publicar por causa da maledicência que foi feita em torno da campanha "Ouro para o Bem do Brasil"

Ainda durante a campanha, eu vinha descendo a rua Marconi (centro de São Paulo), quando uma senhora me parou e perguntou: O senhor não guardou nem um anel no bolso? Guardei, minha senhora, respondi. Eu e o Tico-Tico pegamos um cofre daqueles, colocamos nas costas e saímos correndo com ele pela rua Sete de Abril."

Maurício Loureiro Gama, o homem de cabelos brancos que apresentava a Edição Extra, todo o meio-dia na TV Tupi, diz que não fez parte da campanha

Apenas trabalhei nela! – faz questão de dizer

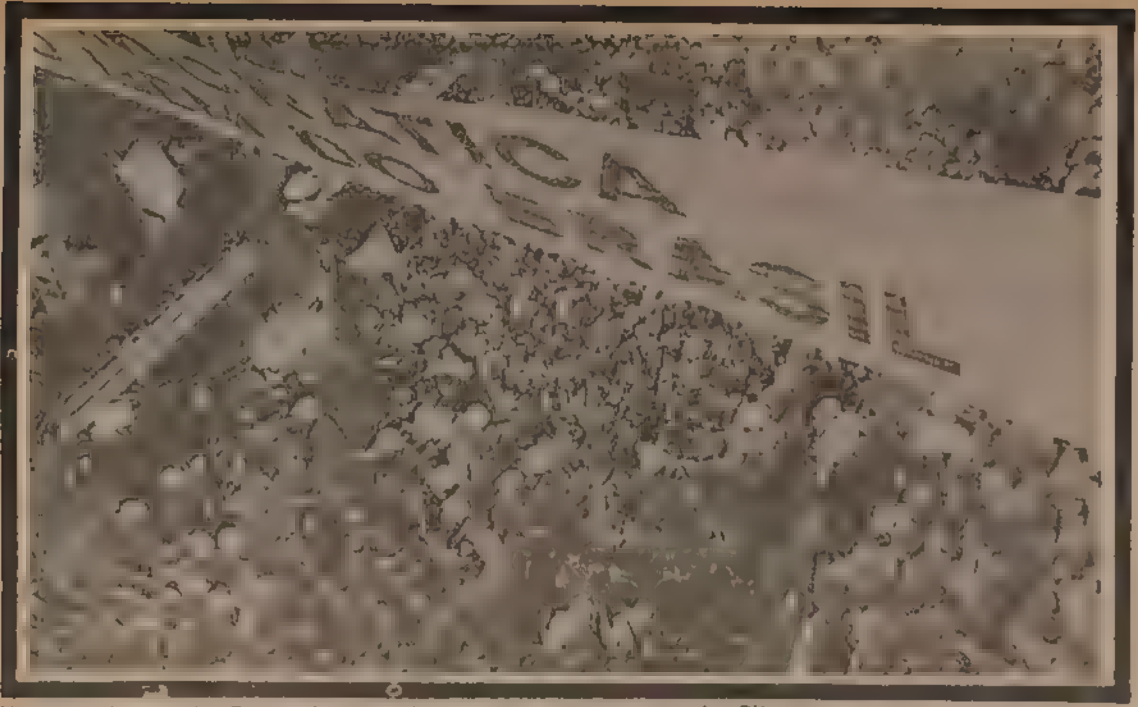
E como todos os entrevistados, Maurício Loureiro Gama se empenha em contar como os cofres eram bem guardados; o Exército mantinha soldados dentro do saguão e as senhoras democráticas faziam vigília ao lado deles

A campanha valeu a pena, Maurício?

– Para um jornalista, sempre é bom, é notícia Para o país, não adiantou nada. As pessoas, empolgadas, depositavam jóias e anéis, pensando que iriam ajudar o Brasil a pagar a dívida externa. A gente sabia que era um pouco de demagogia, que a dívida externa era muito grande. Tanto que todo o ouro e dinheiro arrecadados só serviram para dar uma inversão cambial. Em comparação com a dívida da Nação, o dinheiro se esvaiu em uma hora

Mas quanto foi arrecadado?

– Isso eu não sei. O Edmundo Monteiro é quem tem o relatório publicado pelo Ministério da Fazenda, mostrando tudo o que foi recebido



Na visita de (tello Branco à campanha, juntou gente na porta dos Diários

EDMUNDO PERGUNTA: "EM QUEM VAMOS CONFIAR?"

Edmundo Monteiro é da presidência dos Diários Associados há 32 anos. Tem 48 anos de **Diários**, onde começou como **office-boy**.

— A idéia da Campanha foi minha, não, foi do Assis Chateaubriand E minha e das senhoras pertencentes às entidades cívicas. Nós é que tínhamos de arcar com o ônus ou com o sucesso da campanha. A intenção era fazer um plebiscito popular sobre a Revolução. Uma reafirmação do sentimento do povo pela democracia, agora que se estava livre de um regime de esquerda Nós queríamos que o dinheiro fosse destinado à construção de escolas. Mas isso o Castello Branco não aceitou. Ele queria destinar o dinheiro à construção de um hospital no Rio de Janeiro. Eu e as senhoras das entidades cívicas fomos a ele, para dizer que hospital não. Então, o dinheiro ficou imobilizado Veio o Costa e Silva, que era meu amigo. Telefonei-lhe e informei da situação. Disse me que ia estudar o caso Ficou estudando até vir o general Médici. Com o Médici, nem falei. Depois soube, lendo o **Diário Oficial** que o dinheiro havia sido destinado à Associação dos Ex-Combatentes do Brasil O que também não deixa de ser meritório

E onde está o relatório do Ministério da Fazenda?

— Está com o Enéas Machado de Assis. Eu não tenho nenhum documento da campanha. O Enéas tem um arquivo próprio, com tudo.

A gente está errado, em pensar que pode ter havido desvio do ouro?

— Se pensar nisso, está-se pondo em dúvida as entidades cívicas paulistas, o Exército Brasileiro. Foi o Exército quem transportou o ouro dos **Diários Associados** até Santos, colocando-o no navio Tamandaré. E no Rio de Janeiro, foi o Exército quem o levou até a Casa da Moeda Se a gente não acreditar nas Forças Armadas, nem nas entidades cívicas, vamos acreditar em quem?

Foto de Eliana Pastore

Edmundo Monteiro, o dono da idéia

3.11.1.2 — Reservas-ouro — 1963-67

ANOS	RESERVAS (kg)					
	No início do ano	Compras			Vendas no exterior	No fim do ano
		Total	De minas nacionais	No exterior		
1963	244 754	11 353		11 353	2 529	253 608
1964	253 608	3 614		3 614	176 221	81 001
1965	81 001	5 029	595	4 434	30 235	55 795
1966	55 795	2 457		2 457	18 078	40 174
1967	40 174	745	(1) 2	743	765 (2)	40 154

FONTE — Banco Central do Brasil.

(1) Resultante da campanha "Ouro para o bem do Brasil" (2) Ouro do Tesouro Nacional depositado no Banco do Brasil, sendo 1 425 kg em seus próprios cofres, 38 711 kg no Federal Reserve Bank e 18 kg no Fundo Monetário Internacional.

Segundo o IBGE, o que entrou de ouro foram apenas dois quilos

Comissão da Fazenda apura total há 14 anos

É da Inspetoria Geral de Finanças, do Ministério da Fazenda em Brasília?

Telefonista — Sim

Eu gostaria de falar com o Dr. Arthur Pereira, inspetor geral de finanças.

Telefonista — Um momento, vou passar à secretária dele

Por favor, o Dr. Arthur Pereira.

Secretária — Ele está em reunião Qual é o assunto?

A reunião vai demorar?

Secretária — Acredito que sim Mais meia hora, pelo menos

Então, por favor, diga a ele que um jornalista precisa lhe falar com urgência. Anote meu telefone.

Vinte minutos depois o telefone da redação toca

Dr. Athur, em 1972, o senhor informou que os dois quilos de ouro assinalados no Anuário Estatístico do IBGE, da campanha Ouro para o Bem do Brasil, eram apenas o resultado parcial da campanha, que existia uma Comissão do Ministério apurando o total geral dos valores arrecadados. Como está o caso?

Arthur — Um momento Eu assinei uma carta? Não estou lembrado, faz muito tempo

O repórter lê a íntegra da Carta

Arthur — Ah, sim. Bem, a comissão que vem procedendo à apuração dos valores arrecadados continua, por ordem do Sr. Ministro da Fazenda, fazendo um levantamento.

Mas há tanto tempo...

Arthur — Eu não estou muito a par da situação. O Carlos Brandão sabe melhor. O que eu sei é que os pracinhas solicitaram e o presidente Geisel assinou uma Lei, no ano passado, doando parte dos recursos. Mas, como ainda está se fazendo um levantamento, o dinheiro não foi entregue

Mas já havia um relatório da Casa da Moeda, de 1964, onde tudo o que foi arrecadado estava relacionado...

Arthur — Sim, mas a Comissão apura o montante total, de tudo o que foi arrecadado

E onde está o ouro?

Arthur — Não tenho certeza, mas penso que no Banco do Brasil, no Rio

Como dois quilos foram parar no Banco Central?

Arthur Não sei. Talvez tenha ocorrido uma apropriação de dois quilos para as reservas. Para o exterior.

E os valores em dinheiro e cheques?

Arthur — Me parece que não se depositava dinheiro, cheques. Só metal. Não sei. Lembro que a campanha tinha o objetivo de pagar a dívida externa brasileira, o que não era possível com o montante arrecadado. Me recordo apenas de alguns fatos bizarros envolvendo um homem que todo mês depositava Cr$ 0,20 para a União, no Banco do Brasil, para o Tesouro Nacional, como forma de contribuição. Ocorre que só com o papel que o Banco gastava havia prejuízo. Então, é um fato bizarro. Você pode falar com o Brandão, ou com o Barrameda, que eles sabem como está toda a situação. Eu, confesso, lembro-me de fatos bizarros.

EX-COMBATENTES SÓ RECEBERAM Cr$ 1 MILHÃO

É o general Plínio Pitaluga, do Conselho Nacional dos Ex-Combatentes?

— Sim.

General, nós gostaríamos de saber se, realmente, a Associação dos Ex-Combatentes recebeu parte do ouro arrecadado em 1964, na campanha "Ouro para o Bem do Brasil"

— Não. Aconteceu o seguinte: no tempo do governo Médici, o ministro Delfim Netto fez uma série de estudos para viabilizar essa possibilidade. Ocorre que no governo Geisel fez-se um reestudo da matéria. Nesse reestudo verificou-se que havia outras implicações, pois necessitaria até da aprovação do Congresso para se efetivar a doação, que seria da ordem de 30 ou 40 milhões, não sei bem ao certo. Então, na impossibilidade, o presidente Geisel doou um milhão de cruzeiros ao Conselho Nacional de Veteranos e ao Conselho Nacional dos Ex-Combatentes — 500 mil para cada entidade — e o ouro continua no Banco do Brasil. Não recebemos nem vamos receber

Nós só queríamos essa confirmação, general. Muito Obrigado.

Para a segurança do ouro, a proteção das Forças Armadas

Relatório tem muita grana e um violino raro

A Casa da Moeda fez, e entregou dia 23 de dezembro de 1964, o relatório geral de todas as arrecadações dos 13 Estados que participaram da campanha "Ouro para o Bem do Brasil". Resultado final, em dinheiro: Cr$ 3.822 887 370,95, equivalente, hoje a Cr$ 115 502 896 01. Em ouro fino arrecadaram-se 585 quilos e mais 208 quilos de prata fina, totalizando 1,3 toneladas de metal bruto. Na Bolsa da época, isso valia Cr 1.046.442.236,70. Outros Cr$ 2.776.445.134,25 vieram de cheques, cédulas, títulos ou moedas

Foram arrecadados, ainda, pedras preciosas e semipreciosas (água marinha, pérola, ônix, safira, topázio, rubi, turmalina, ametista, brilhantes, diamantes, jade, jade coral, esmeralda, vidros brancos, granada, turqueza, cristal), um violino Stradivarius crucifixos de ouro, berloques, alfinetes de gravata, relógios, porta-termômetros de ouro, 115 francos africanos, 50 mil marcos alemães, dois mil dólares, 50 copeques russos, cinco yen chineses, uma libra libanesa, nove mil liras italianas, seis libras esterlinas, etcétera, etcétera

DIRETOR DO BANCO DO BRASIL CONFIRMA O QUE NEM DISSE

Alô. Eu gostaria de falar com o Dr. Carlos Brandão.

— Um momento que vou passar a ligação para o chefe de gabinete, Dr. Paulo Sérgio

Dr. Paulo, nós gostaríamos de alguns esclarecimentos do Dr. Brandão sobre a campanha "Ouro para o Bem do Brasil". Ele poderia nos atender?

— Olha, ele está em reunião Não posso retirá-lo da reunião. Mas posso te dizer que ele nada mais tem a acrescentar sobre o assunto

Mas, acrescentar o quê?

— Ele não tem mais nada a acrescentar ao que foi dito

Mas ele sequer nos atendeu?

— Sim, mas não posso retirá-lo da reunião. Falei com ele sobre o assunto e ele informou que nada mais tem a acrescentar

E você, saberia me dizer se existe alguma comissão do Ministério da Fazenda trabalhando no Banco do Brasil para a apuração do ouro?

— Não tem não, viu? A informação não é oficial, mas não tem

Comandante ocupado tira o seu da reta

Por favor, eu gostaria de falar com o Dr. Nelson de Almeida Brum, mas não sei se ele continua trabalhando aí. Ele era o diretor da Casa da Moeda, em 1964.

Telefonista da Casa da Moeda — Ele ainda é diretor. Um momento

Por favor eu gostaria de falar com o Dr. Nelson Brum.

Secretária do Dr. Nelson — Ele agora está numa reunião. Qual é o assunto?

Eu sou do jornal *REPORTER* e estou fazendo uma matéria sobre a campanha "Ouro Para o Bem do Brasil" e preciso falar com ele.

Secretária — Ah, o ouro está no Banco do Brasil

É que existem alguns fatos estranhos. Como dois quilos de ouro foram parar no Anuário do IBGE, tendo o Banco Central como fonte?

Secretária — Ah, está no Banco do Brasil, ou no Ministério da Fazenda. Fale com eles, tá? Aqui não temos nada e o Comandante Brum está em reunião e não pode atendê-lo

João de Barros e Márcia Guedes

TALVEZ O OURO ESTEJA NO COFRE DO BANCO OFICIAL

Dr. Roberto Colim, aqui é do jornal *REPORTER*. Eu gostaria de saber quais foram os resultados da campanha "Ouro Para o Bem do Brasil", de 1964.

Roberto — O ouro está todinho aqui no Banco do Brasil Pode ficar tranqüilo Está tudo aqui nos cofres O ouro foi doado para o Tesouro Nacional e está depositado aqui.

Como dois quilos do ouro foram parar no Banco Central?

Roberto — Isso eu não sei dizer

Mas o IBGE afirma que dois quilos foram para as reservas-ouro, em 1967.

Roberto — Olha, quem pode esclarecer tudo é o diretor financeiro do Banco, Dr. Carlos Brandão, em Brasília

Existe alguma comissão do Ministério da Fazenda fazendo um levantamento do ouro, aí no Banco?

Roberto — No Banco do Brasil, não creio

Mas o inspetor de finanças do Ministério da Fazenda, Dr. Arthur Pereira, disse que havia uma Comissão fazendo o levantamento do ouro há mais de seis anos...

Roberto — Sinceramente, não sei O ouro foi transformado em barras Talvez haja a Comissão Não posso te dar uma resposta definitiva se ela trabalha aqui ou não, na dita apuração. Fale com o Dr Carlos Brandão, em Brasília Ele sabe de tudo

Momento solene: o soldado entrega a aliança à senhora da Legião Democrática

JOGO DE EMPURRA

Foi lançado nos Estados Unidos, há pouco mais de um mês, o jogo chamado "Luta de Classes", com Karl Marx e Nelson Rockefeller disputando uma queda-de-braço na caixa. Pensando nisso, **REPORTER** lança agora seu Jogo do Empurra, mostrando o tortuoso caminho que o poder oferece ao país para chegar à democracia.

As regras do jogo são as mesmas usadas nos similares. Joga-se com apenas um dado e, de preferência, com cavalos representando peões no tabuleiro. Não há número limitado de participantes nem meta a alcançar; portanto, mãos à obra e boa sorte.

1

3

Parabéns! Você começou bem. O sindicato de sua classe incentiva uma greve para obter 10% de aumento salarial. Como não vai trabalhar, você joga o dado outra vez

4

5

Você acabou de comprar um fusca novinho e ouve no rádio que a gasolina passou para Cr$ 8,40 o litro. Um mau começo. Volte ao ponto de partida e acompanhe pelos jornais as falências de postos de gasolina durante três rodadas

6

Você começou na frente, mas seu candidato, além de banqueiro, não tem estrela. O pior é que você o apóia publicamente. Como castigo, fique nesta casa até tirar no dado o número um. Então anda uma casa, mas para trás

8

Seu patrão concede aumento sob pressão, mas você descobre logo que 10% é o que se dá ao garçom a título de gorjeta. Refaça seu orçamento doméstico e espere duas rodadas para sair do lugar

9 **10**

11

Um general a cavalo passa pela sua casa xingando todo mundo e ameaçando transformar o país numa democracia Você fica confuso e sente o perigo. Jogue outra vez rapidamente

13

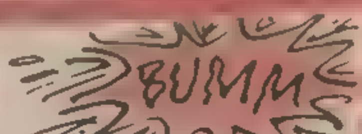
Um parente mais novo de sua mulher visita sua casa e lhe vende uma assinatura de um jornal nanico. Fila o almoço e conta histórias terríveis de tortura e corrupção. Indignado, você multiplica por três o número que tirou no dado e segue em frente

14

17

Dezenas de colegas de trabalho são demitidos por causa da greve que fizeram. O sindicato protesta e você tem que trabalhar dobrado para manter o ritmo de produção que o patrão impõe. Não tem tempo para jogar durante duas rodadas.

19



21

Uma organização de extrema-direita invade a sede do jornalzinho que você recebe e rouba a lista de assinantes Sua casa passa a ser vigiada e você diz à mulher que não quer mais saber de seus parentes subversivos. Mude-se imediatamente para a casa 25

23

24

Você está jogando no touro quando a PM estoura o ponto do jogo do bicho. Você é preso, espancado em plena rua e passa dois dias sem comer numa cela imunda, até que um tenente de nome Cornélio o libera, depois de fazê-lo assinar um papel comprometendo-se a jogar na loteria esportiva toda semana Deu macaco na cabeça, por isto fique uma rodada sem jogar

26

Você está muito mal de saúde e procura um posto do Inamps. Como não é atendido, seu estado piora e você morre. Como mortos não participam do jogo da democracia, peça para ser enterrado perto do Juscelino e boa sorte no além

27

28

A extrema-direita coloca uma bomba no carro de um advogado e ela explode na hora em que você está passando perto. Sorte madrasta: quatro rodadas internado, sem poder sequer jogar o dado

29

Um general muito simpático cruza seu caminho sorrindo e falando em Assembléia Constituinte. Você entra no bloco que vai atrás dele até que vê seu patrão lá no meio Confuso, volta para a casa nº 23 e joga o dado novamente

30

31

Você assina um papel a favor da anistia ampla, geral e irrestrita e é acusado pelos órgãos de segurança de comunista. Fique duas rodadas depondo e depois volte ao jogo.

33

O general a cavalo passa por você na rua e o cumprimenta com forte aperto de mão Você tem que usar gesso até o cotovelo durante três rodadas, o que, no entanto, não o impede de jogar o dado. Foi só uma advertência

35

Você acaba de receber um ano de salário de presente por ter ajudado a "andar depressa" um projeto de financiamento. Volte à casa nº 1 e vê se aprende o caminho certo

37

38 **39**

40

Falsos dados estatísticos oficiais deixam seu salário reduzido à metade em termos de poder aquisitivo. A solução é arrumar mais um emprego e, portanto, você não tem tempo para este jogo. Fique de fora até a situação melhorar

5

Os ex-participantes que foram eliminados nas casas anteriores, podem agora reingressar na casa nº 5 Informações na casa nº 29, fundos.

41

43

O governo reafirma que não há tortura no país e você sente fortes dores nos rins. O médico lhe recomenda três rodadas de repouso absoluto

45 **46**

47

Depois de longo esforço (delação, fofocas, intriga, pressões) você consegue que seu superior hierárquico no trabalho seja demitido e ocupa-lhe o cargo. O jogador mais próximo de você deve voltar à casa nº 1. Caso haja dois ou mais jogadores à mesma distância, todos voltam e você avança cinco casas

49 **50**

51

— O general simpático procura apoio em generais antipáticos demais. Seis pessoas são presas em Brasília e uma empresa multinacional aumenta em 50% a produção de tinta spray para a extrema-direita. Como você é assinante daquela jornalzinho, vá correndo para a casa nº 60, onde a situação deve melhorar

52

53

O presidente do seu sindicato convida o ministro do trabalho para uma comemoração muito aguardada pela classe. Você se sente enganado e volta à casa nº 52 para pensar um pouco. Uma rodada sem jogar

55

56

58

Se houver alguém na casa seguinte, vá para lá. Os dois deverão ler nos jornais todas as notícias políticas e regressar à casa 50, de onde retornarão somente depois de duas rodadas. Caso a casa 60 esteja vazia, retorne à casa nº 50

59

61

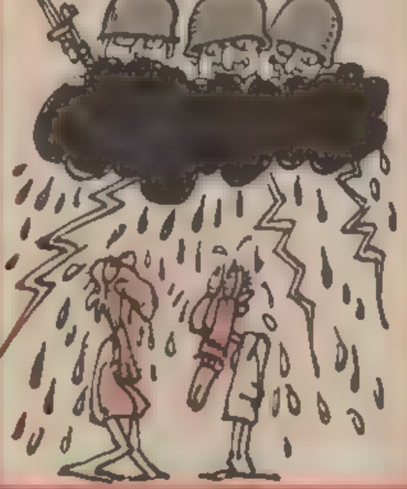
62

Não substime seus adversários. Dia benéfico para fechar bons negócios. Cuidado com uma dor de garganta, procure falar menos No amor, você poderá encontrar a pessoa que tanto procura. Cor — cinza escuro, número — 63. Avance até lá

63

64

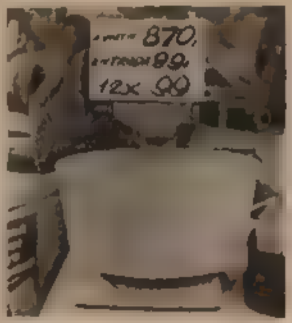
Dizem que nem tudo está perdido, mas não confie muito. Grossas nuvens cobrem o céu de abril e as tropas estão nas ruas. Como a situação é preta, você volta correndo à casa nº 1 e recomeça o jogo, na esperança de terminá-lo na casa nº 78



GUIDACCI

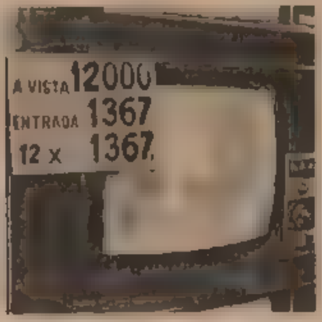
ULTRALAR DÁ

O MAIOR SHOW DE ECONOMIA



Batedeira na Casa Garson taxa de juros de 149,99% por [illegible]

Anúncio publicado no Globo, domingo 3 de setembro: conjunto Novo Horizonte na Ultralar custa 126% de juros por ano em 24 prestações



TV a cores, pequena entrada de Cr$ 1367 e juros de 150% em 12 prestações

No último dia 5 de setembro, a Casa Garson cobrava juros de 184% ao ano por este liquidificador Sunbeam

[illegible] em 12 vezes, nada menos que 150% de juros ao ano

Compre 1 aspirador no crediário e pague 4

As lojas de crediário estão cobrando juros entre 100 e 200% ao ano para venderem a prazo aparelhos eletrodomésticos, roupas e móveis. Tem loja cobrando até mais de 400% ao ano para financiar um aspirador de pó e 556% por uma cama dupla

Quem descobriu os números da verdadeira agiotagem que os comerciantes e as financeiras estão praticando contra os consumidores foram os economistas Daniel Ribeiro de Oliveira e Clovis de Faoro que fizeram um levantamento das taxas de juros do sistema de crediário em 270 planos de pagamento de 18 cadeias de lojas durante o último mês de julho, no Rio de Janeiro, para o Instituto dos Economistas do Estado.

Nas 18 cadeias de lojas examinadas pelo trabalho, 12 cobravam juros de até mais que 150% ao ano, 10 cobravam mais de 200% e 3 cobravam mais de 300%.

Nas tabelas preparadas pelos economistas são apresentados 50 planos de pagamento obtidos com visitas diretas às lojas ou através de anúncios publicados nos jornais de domingo. Esses planos foram considerados os mais típicos das lojas em questão ou os melhores para exemplificar as grandes variações das taxas cobradas por um mesmo estabelecimento.

Alguns jornais da grande imprensa publicaram resumos do trabalho mas omitiram o nome das lojas para não perderem os anunciantes. Em Brasília o ministro da Fazenda, Mario Henrique Simonsen, prometeu que o governo vai fixar taxas máximas de juros para os crediários e punir as lojas que cobrarem acima da tabela. A coisa, porém, ainda está em estudos.

GARSON: 414% POR UM ASPIRADOR

Loja	Artigo	Preço a Vista	Entrada	Prestações Mensais Número	Prestações Mensais Valor	Taxa Anual de Juros
BRASTEL	Geladeira Climax	3.720,00	—	24	335,00	134 74
	TV (Cor) Philco 26"	15.680,00		24	1.415,00	135,53
	TV (Cor) Telefunken 26"	19.965,00		5	4.751,00	103 28
	Grupo Estofado Esplêndido	7.860,00	—	12	997,00	128 78
BEMOREIRA	TV (Cor) SANYO 20"	14.430,00	1.565,00	17	1 565,00	200 75
	TV (Cor) SANYO 20"	14.430,00	3.000,00	18	1 277,00	171 22
CARREFOUR	TV (Cor) Philips K220 26"	16.251,00	—	12	1 918,00	96 93
	Gelad. Brastemp 360	6.153,00	—	12	726,00	97 71
GARSON	TV (Cor) Philips K220 26"	17 000,00	4.970,00	3	4 970,00	271 22
	TV (Cor) Philips K220 26"	17 000,00	2.900,00	10	2.260,00	202 07
	Gelad. Cônsul mod. Maxi	4.350,00	504,00	12	504,00	145 18
	Aspirador Arno	1 580,00	600 00	2	600,00	414 73
	Fogão Semper Aquarius	1 988,00	160,00	24	160,00	126 23

CAMA NO PONTO FRIO: 556% DE JURO

Loja	Artigo	Preço a Vista	Entrada	Prestações Mensais Número	Prestações Mensais Valor	Taxa Anual de Juros
GELLI	Cadeira	2.628,00	584,00	4	584,00	91,42
	Buffet	7.182,00	1.596,00	4	1 596,00	91,42
HELAL	Fogão Tropicana	1 520,00	226,00	9	226,00	219,02
INSINUANTE	TV (Cor) Telefunken 26"	15.450,00	2.000,00	12	2 019,00	229,96
	TV (Cor) Telefunken 26"	15 450,00	4 250,00	3	4 250,00	119 48
MÓVEIS PRÁTICOS	Mesa — Aço e Vidro	8.925,00	2 100,00	4	2 100,00	176,96
	Cadeira de aço	1.750,00	250,00	9	250,00	180,65
MESBLA	TV (Cor) Philips K220 26"	17.299,00	5.767,00	2	5 767,00	0
	TV (Cor) Philips K220 26"	17.299,00	—	12	2 206,00	131,36
	Máq. Lavar Brastemp	7.899,00	—	12	1 008,00	131,62
PONTO FRIO	TV (Cor) Philips K220 26"	15.770,00	1 998,00	11	1.998,00	173,02
	Refrig. Brastemp Duplex	9.770,00	1.350,00	9	1.350,00	152,94
	Estante Córdoba	11.440,00	1.002,00	23	1 002,00	150 42
	Cama Dupla Nina	2.480,00	—	3	1.122,00	556,66
	Cama Dupla Nina	2.480,00	—	24	219,00	129,04

Globo, domingo, 3 de setembro Ultralar anuncia conjunto de som Grundig em 12 vezes cobrando 135% de juros ao ano

Faça as contas e comprove o roubo

O cálculo das taxas de juros implícitas nos crediários normalmente requer conhecimentos de matemática financeira muito além do grau médio de instrução dos consumidores. Para complicar ainda mais a coisa, as lojas formulam os planos de crédito com o objetivo de iludir os compradores impondo-lhes formas de pagamento que, na verdade, lhes são inteiramente desfavoráveis.

Por exemplo: "planos de pagamento sem aumentos no preço a prazo mas com desconto no preço à vista podem levar uma pessoa menos avisada a supor que não estará pagando juros se escolher a compra pelo crediário. Nada mais errado já que o total de juros equivale exatamente ao desconto obtido. Um plano de pagamento de uma mercadoria de Cr$ 1000 com 15% de desconto para a compra à vista, ou a prazo em 5 prestações mensais "sem aumento", com a primeira prestação paga no ato da compra **implica a cobrança de uma taxa mensal de juros de 8,85% o que corresponde a uma taxa anual de 176,66%.**"

Os economistas explicam que, nesses casos de prestações periódicas e constantes, uma fórmula matemática, conhecida como **Fórmula de Evans,** permite que, usando apenas as quatro operações aritméticas, possamos descobrir a taxa de juros que os crediários estão cobrando.

Tomando o exemplo acima (mercadoria de Cr$ 1000,00 vendida à vista com 15% de desconto ou em 5 prestações "sem aumento"), os economistas sugerem que a taxa de juros seja calculada em 2 etapas:

1 — Na primeira etapa o importante é saber qual a proporção dos juros pagos no crediário em relação ao valor efetivamente financiado pela loja. Na verdade, tal valor é quase sempre muito menor do que alardeia o comerciante.

A parte do preço pago que realmente representa um financiamento é a diferença entre o preço à vista e o de uma possível entrada cobrada no ato da compra. No exemplo dado, como o preço à vista é Cr$ 850 e existe uma entrada de Cr$ 200, o valor realmente financiado é igual a Cr$ 650.

O total de juros pagos pelo consumidor é a diferença entre o total pago a prazo e o valor realmente financiado, já calculado. O total pago à prazo é igual ao número de prestações multiplicado por seu valor constante. No exemplo dado, como são 4 prestações de Cr$ 200 cada e o valor financiado é Cr$ 650,00, o total de juros pagos é igual a Cr$ 150.

Assim, para encontrar a proporção de juros pagos em relação ao valor realmente financiado, temos que dividir o total de juros pelo tal valor realmente financiado. No exemplo dado, temos que dividir 150 por 650. O resultado é igual a 0,2308.

Observe-se o fato que as prestações são 4 embora a compra seja financiada em 5 vezes. Isso porque a primeira prestação é, na verdade, paga a vista como entrada.

2 — Na segunda etapa, já com esses dados, pode-se aplicar a fórmula de Evans sob forma de percentagem, o valor aproximado dos juros que os crediários cobram será dado pela fórmula:

Taxa mensal de juros

$$= \frac{200a\,(3 + a)}{2na + 3n + 3}$$

a é a proporção de juros
n é o número de prestações

No exemplo que estamos usando, substituindo as letras pelos valores que elas estão representando, temos:

Taxa mensal de juros

$$= \frac{200 \times 0{,}2308 \times (3 + 0{,}2308)}{2 \times 4 \times 0{,}2308 + 3 \times 4 + 3} = 8{,}85\%$$

Para saber a taxa anual de juros, não basta multiplicar por 12. Como o saldo devedor muda na medida em que você vai pagando as prestações, os juros também mudam. É preciso aplicar ainda a fórmula de Evans:

Taxa anual de juros = 100 (1

$$= 100\left(\frac{1 + \text{taxa mensal de juros}}{100}\right)^{12} - 100 =$$

Preenchendo a fórmula com os valores do nosso exemplo, temos:

Taxa anual de juros =

$$100\left(1 + \frac{8{,}85}{100}\right)^{12} - 100 = 176{,}66\%$$

Se o comprador ainda determinar a taxa **real** de juros ao ano, basta descontar a inflação, usando a fórmula:

Taxa real de juros anuais

$$100 \times \left(\frac{100 + \text{taxa anual de juros}}{100 + \text{/anual de inflação}}\right) - 100$$

No nosso exemplo e como a inflação anual está em cerca de 40% ao ano:

Taxa real de juros anuais =

$$= \left(\frac{100\,(100 + 176{,}66}{100 + 40)}\right) - 100 = 97{,}61\%$$

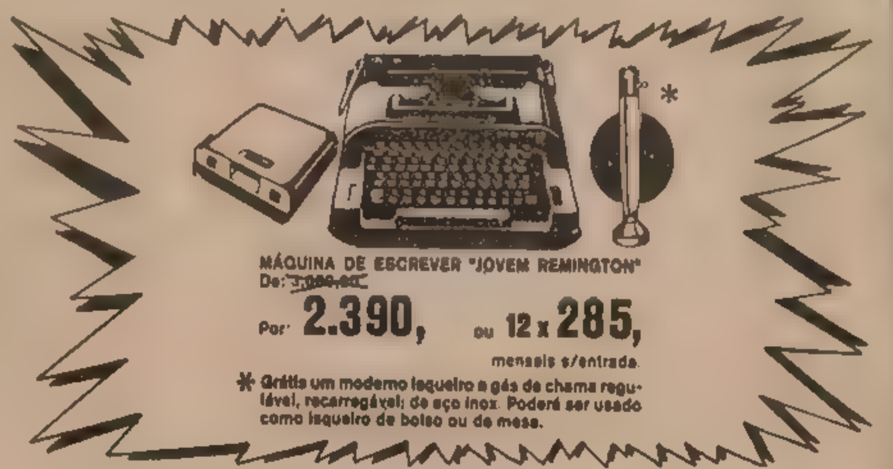
Como se vê, ao oferecer um plano de 5 prestações "sem aumento" para uma mercadoria que custaria Cr$ 850 à vista, a loja estava cobrando um juro real anual de quase 100%. O consumidor que pensava não estar pagando juros no crediário, estava pagando taxas muito superiores às que um agiota normalmente coora para emprestar dinheiro.

Na fórmula de Evans, a letra **a** representa a proporção de juros pagos em relação ao valor realmente financiado pelo crediário; a letra **n** representa o número de prestações em que o crédito foi dividido.

Mesmo dia, mesmo jornal Brastel tira 145% de juros na geladeira Consul e o Ponto Frio leva 158% no fogão Semer

Agiotagem atinge os mais pobres

Segundo os economistas Daniel e Clovis, as conseqüências sociais das elevadíssimas taxas dos crediários são sérias: elas ajudam a concentrar mais ainda a renda do país porque são as camadas pobres da população que usam, com mais freqüência, os planos de crédito pessoal. "Um cruzeiro na mão de um pobre vale substancialmente menos que o mesmo cruzeiro na mão de um rico se o primeiro precisa usar o sistema de crediário para comprar um produto que o segundo pode adquirir à vista. Por outro lado, mesmo quando não podem ou não querem comprar à vista, os mais ricos têm acesso a outras fontes de crédito substancialmente mais baratas. Os bons clientes podem obter crédito pessoal nos bancos pagando cerca de 50% ao ano — ou até menos."



338% NA GELADEIRA DA TAMAKAVY

Loja	Artigo	Preço a Vista	Entrada	Prestações Mensais: Numero	Prestações Mensais: Valor	Taxa Anual de Juros
SEARS	TV (Cor) Sharp 20"	14 880,00	—	36	1.038,00	105,13
	Geladeira Sears	8.599,00	—	36	600,00	105,13
TELE-RIO	TV (Cor) Philips K220 26"	15.900,00	6.996,00	6	2 119,79	259,42
	TV (Cor) Philips K220 26"	15.900,00	6.996,00	12	1 269,77	194,55
ULTRALAR	TV (Cor) Philco 26"	14.590,00	—	12	2 220,00	240,14
	Gelad. Cônsul mod. 17	4 190,00	—	12	680,00	294,21
TAMAXAVY	Gelad. Cônsul mod. Maxi	6.300,00	2.000,00	12	730,00	338,08
	Gelad. Cônsul mod. Maxi	6.300,00	2.000,00	18	550,00	240,88

5ª AVENIDA COBRA 283% NUM TERNO

Loja	Artigo	Preço a Vista	Entrada	Prestações Mensais: Numero	Prestações Mensais: Valor	Taxa Anual de Juros
SEARS	Terno	1.659,00	—	12	214,00	[illegible]
	Terno	[illegible]		18	166,00	119,23
JOSÉ SILVA	Terno	[illegible]	1 000,00	2	1 000,00	0
	Terno	[illegible]	840,00	3	840,00	155,20
5ª AVENIDA	Terno	3 000,00	1.200,00	2	900,00	0
	Terno	3.000,00	1 050,00	3	810,00	283,79
TAVARES	Terno	2 400,00	600,00	3	600,00	0
	Terno	2 400,00	504,00	5	504,00	[illegible]

O CONTO
DA CASA PRÓPRIA

O CONTO:
VOCÊ COMPRA O MONTEPIO CRENTE QUE TERÁ CASA PRÓPRIA POR Cr$ 200 AO MÊS. NÃO PERGUNTAM SUA RENDA MENSAL, NADA, NADA. COMO A CASA DEMORA A SAIR, VOCÊ RECLAMA. SÓ AÍ LHE DIZEM QUE NÃO É BEM ASSIM: VOCÊ COMPROU UMA APOSENTADORIA. PRA TER A CASA, PRECISA DE UMA BOA RENDA MENSAL E ESPERAR QUE SE FORME UM GRUPO DE COMPRADORES, SE NÃO, NADA FEITO.

Montepio fica rico vendendo só papel

O Montepio dos Trabalhadores na Indústria de Energia Elétrica (Montiene) é uma tremenda arapuca pra tirar o dinheiro do trabalhador, vendendo planos de aposentadoria como eles dessem direito imediato à casa própria. O **REPORTER** recebeu várias queixas de pessoas que já tinham entrado para o Montepio e foi ver como era a coisa. Fomos três vezes à sede do Montiene na avenida Marechal Floriano, no Rio de Janeiro. Na primeira, a repórter disse que se interessava pelos planos para a sua empregada e ouviu a recepcionista lhe dizer que o projeto de Campo Grande, o Jardim Maravilha, já estava chamando os interessados. Fomos a Campo Grande e descobrimos que a promotora de vendas do Montiene no bairro, a Moeda Assessoria Financeira e Técnica, fora despejada das salas que ocupava por não ter pago o aluguel. Além disso a dona do terreno do Jardim Maravilha, a empreiteira Obrasin, afirmou que o contrato com o Montiene tinha sido rescindido.

A segunda visita ao Montiene, foi feita pela empregada doméstica Maria José Lima que, a nosso pedido, pediu informações sobre o montepio e a casa própria. A recepcionista falou sobre o projeto de casas na Rua Camarista Méier, no Méier, sobre a pensão e mandou Maria se apressar porque as casas estavam quase todas vendidas. Fomos ao Méier e verificamos que não há nenhum projeto Montiene na tal rua. O montepio, na verdade, comprou um terreno numa encosta do morro do Jardim Boca do Mato, bem acima da rua Camarista, num local que não dá nem para ter água encanada. A Associação dos Moradores do bairro recomendou que ninguém comprasse os lotes.

Na terceira visita ao montepio, agora nos identificando como repórteres, pedimos para falar com o responsável pela carteira habitacional do montepio, a Chamont. Foi um Deus nos acuda, não tem ninguém, volta amanhã, o diretor não está, ninguém fala sem autorização do presidente, até que o superintendente do Montiene, General Antônio Barreto Lemos, nos atendeu para dizer entre outras coisas, que o montepio não faz propaganda da casa própria, nem corretor ou promotora de vendas. "Não vendemos casa própria nem fazemos propaganda disso para vender os carnês da aposentadoria," explicou ele, sem dizer porém porque até a marca do Montiene é o desenho de uma casa e porque eles continuavam a anunciar a obra em Campo Grande quando a dona do terreno tinha dito que não há contrato nenhum com o Montiene. O general reconheceu que "tem muito corretor desonesto e quem compra o montepio sem ler o regulamento, está sendo enganado porque quer."

Depois de 2 anos, Laura só tem a carteirinha

Empregada doméstica conta como foi enganada. Até agora, em vez das chaves da casa própria, só recebeu um diploma de sócia do montepio.

Qual o motivo que te levou a entrar de sócio da Montiene?

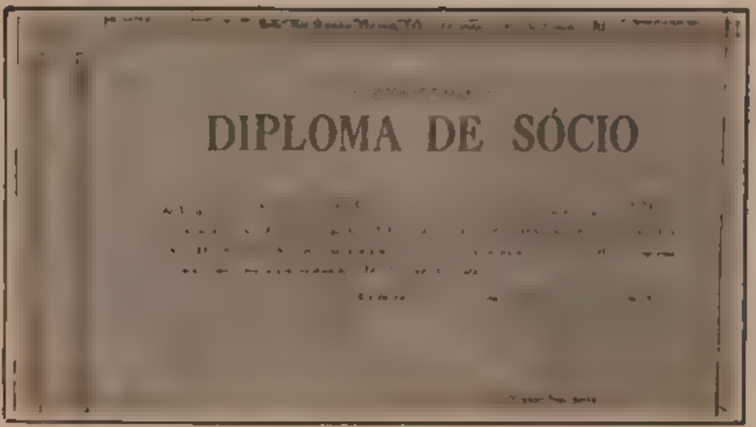
— Foi uma amiga minha, a Lidia, que tinha um irmão que havia feito a inscrição. Eles disseram que a gente fazia a inscrição pagando Cr$400,00 e no mês seguinte começava a mensalidade que era de Cr$ 208,00. As obras, eles diziam que começava depois de um ano e meio, dois anos. Então, quando a obra começasse a gente deveria pagar mais, dependendo do plano, o meu plano, era D, numa base de Cr$ 1.200,00.

Vamos por partes: eles disseram que o plano dava direito a adquirir uma casa?

— É, tudo isso é pra comprar uma casa. Eles diziam que a gente fazia aquela inscrição, ficava pagando e quando eles começarem a obra eles mandam carta pra gente avisando das reuniões.

Eles perguntaram em que lugar você queria a casa?

— Eles perguntaram mas não ofereceram muita escolha não. Disseram que tem na Penha, em Piedade, em Inhaúma e no Méier. Então a gente vai e escolhe.



O diploma manda consultar o estatuto que o montepio promete remeter ao sócio. Mas nenhum dos sócios entrevistados recebeu estatuto algum.

Você chegou a ver alguns desses terrenos?

— Eu não fui porque o Antônio, irmão da minha amiga Lidia, já tinha ido e ele falou que era tudo direitinho, que falou com gente que já tá morando, que recebeu casa da Montiene e já está morando. As pessoas que o Antônio falou disseram que foi tudo certinho, com um ano e meio receberam o apartamento.

Que dia você entrou de sócia?

— Foi no dia 16 de novembro de 76. Depois desse dia eles mandaram pra mim uma carta perguntando se eu preferia ficar naquele lugar onde havia marcado primeiro ou se queria mudar. A gente podia escolher, por exemplo, ou no Méier ou na Penha, e no lugar que sair primeiro a gente pode ficar.

E você chegou a voltar lá?

— Voltei. Até pra reclamar da carta que eu não tinha recebido, eles disseram que tinham mandado a minha carta — e me deram uma carteirinha dentro de um papel. Aí eu passei minha inscrição para essa tal casa da Camerista Méier.

Ainda era o Montiene ou já era a Chamont?

— Já era a Chamont.

E como eles justificaram a saída do Montiene?

— Bem, aí eles não falaram nada.

Eles explicaram o que é a Chamont, se é imobiliária, empresa de vendas?

— Eles disseram que é dos trabalhadores da energia

MONTIENE DIZ QUE PROJETO DE CAMPO GRANDE COMEÇA LOGO. MAS LÁ, ELE NÃO TEM MAIS NEM TERRENO PRÓPRIO.

elétrica. Disseram que é a mesma coisa que o Montiene, que ela passou pra esse Chamont, que também virou montepio.

E eles deram algum prazo pra entregar a casa?

— Não a última vez que eu fui lá eles não me deram prazo.

Mas já tinha passado um ano e meio.

— Não, ainda não tinha um ano, fez um ano em novembro passado. Mas agora já está fazendo dois anos, em novembro faz dois anos que eu fiz a inscrição.

Eles mandaram mais alguma comunicação?

— Não.

Sabem onde você mora?

— Sabem.

Você alguma vez leu o estatuto do montepio? É o regulamento, aquele regulamento onde eles estabelecem as exigências, obrigações e direitos que o sócio tem. Você viu isso?

— Não.

Alguma vez te falaram de outros benefícios que o montepio daria, como pensão pros filhos e aposentadoria?

— A única coisa, tá tudo escrito no carnê, é que a gente vai pagando e depois que receber o imóvel tem direito a esse dinheiro que estamos pagando. Que nós podemos ir lá reclamar, que nós temos direito a essa mensalidade que estamos pagando agora como sócio.

Em que casos você tem direito a receber isso?

— Depois que a gente receber o imóvel, que aí nós vamos pagar o imóvel. Que a gente agora não tá pagando o imóvel — é o que eles dizem — que nós tamos pagando uma mensalidade de sócio. Depois de receber o imóvel então aí sim a gente vai pagar o imóvel como se fosse um aluguel. Eles dão o exemplo da caderneta de poupança.

Você assinou algum documento?

— Assinei lá o meu nome, num papel que tá escrito as coisas que eles explicam pra gente.

Você tem cópia disso?

— Só tenho a carteirinha que tem o meu nome e o resto fica tudo lá.

E atrás dessa carteirinha, tem algum regimento?

— Não tem nada não. Só um papel que uma vez eles perguntaram se eu não queria ficar pagando mais que Cr$ 208, ou se eu preferia combinar depois, então ficou assim, a combinar. Saindo a minha casa eu combino com eles quanto eu vou pagar — eu só não queria ficar pagando Cr$ 600 ou Cr$ 800 desde agora.

O plá é sempre anunciar casa pro fim do ano

No escritório do Montiene a repórter pede informações sobre o montepio. Não se identifica como jornalista, diz apenas que está interessada em comprar um plano para sua empregada. A recepcionista fala sobre os benefícios recebidos pelos associados. Dá um destaque especial à carteira habitacional Chamont — Do Projeto à Realidade — afirma, repetindo o que está impresso no prospecto.

Dizendo isso, passa imediatamente para a carteira habitacional.

A carteira tem o objetivo de facilitar a aquisição da casa própria — mais uma vez repete o que está escrito no prospecto — e para isso elabora projetos. Exige somente que o associado tenha uma renda familiar acima de Cr$ 3 mil. Quando a pessoa se associa ao Montiene preenche uma ficha, que especifica suas preferências por bairro, tipo de moradia, tamanho do imóvel, etc. Fazendo isso ela está inscrita na Chamont, aí é só esperar por um projeto que esteja de acordo com sua renda.

E quanto tempo ela espera?

— Isso depende dos planos que a Chamont vai elaborar.

E como ela vai pagar o imóvel?

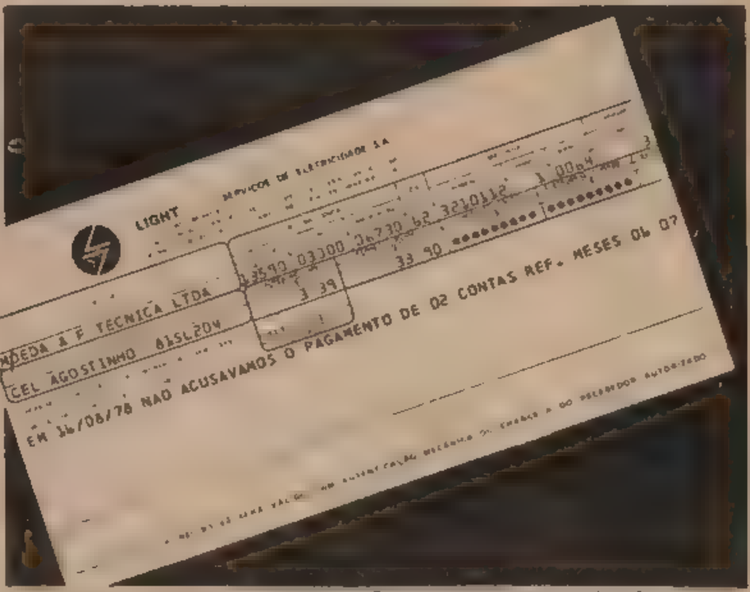
— A entrada da casa é paga durante os dois anos em que a Chamont leva para construí-la. Ao receber as chaves a entrada já estará paga e ela terá 18 anos para pagar o imóvel. Só que como ela é associada do Montiene, na verdade só vai pagar as prestações da casa durante oito anos, os outros dez o montepio paga para ela.

Como assim?

— Como ela fez um plano de aposentadoria, daqui há dez anos estará recebendo a pensão, essa pensão vai servir como complemento do pagamento da casa própria.

Vocês têm algum projeto sendo feito?

— Temos um de casas em Campo Grande para o que a carteira já está convocando nossos associados. Temos um no Méier, que vai ser entregue no final do ano, e o próximo será em Vila da Penha. Já entregamos um em Engenho de Dentro e um de apartamentos no Méier.



Antes de ser despejada, a Moeda não pagava mais nem a luz da sua sala

"VAI RÁPIDO DONA MARIA, SE NÃO ACABA"

As informações que são dadas a Maria José de Lima, empregada doméstica, são um pouco diferentes. A recepcionista limita-se a dizer que há um projeto de casas sendo construído em Camarista Méier, e que para ela poder comprar só precisa trazer CPF, Carteira de Identidade e pagar uma taxa de Cr$ 400.

— As prestações são de Cr$ 208.

A recepcionista diz ainda que depois de 10 anos ela vai receber uma espécie de aposentadoria, e que deve resolver logo, porque as casas já estão quase todas vendidas.

Em momento nenhum ela fala sobre os benefícios a que Maria terá direito. Limita-se a falar sobre a casa, já que foi sobre isso que ela pediu informações. Se Maria não tivesse sido avisada, sairia do Montiene achando que ia comprar uma casa própria e não um plano de aposentadoria.

Corretora sem venda foi até despejada

Em Campo Grande a sala onde seria o escritório do Montiene (Coronel Agostinho 81, sala 204) está vazia. No quadro de avisos encontram-se alguns prospectos do montepio, um mapa do Jardim Maravilha (que seria o projeto da carteira habitacional Chamont), e uma conta de luz que acusa o não recebimento do pagamento dos meses de junho e julho. O interessante é que essa conta está em nome de **Moeda Assessoria Financeira e Técnica Ltda.**, e uma das características do Montiene, que faz assegurar a aquisição de imóveis mais baratos, é o fato de não utilizar firmas intermediárias.

Perguntando na butique ao lado o que tinha acontecido com o escritório, a senhora respondeu:

— Há uns dois meses que a sala está vazia, eles fizeram mudança e levaram tudo.

A senhora sabe para onde eles mudaram?

— Olha, não me comprometa. Eu não sei de nada, o que o senhor perguntar eu nego.

É que nós estávamos interessados em comprar um plano do Montiene para uma moça que trabalha lá em casa, como estávamos passando por aqui...

— Olha moço, o senhor gosta dela? Então não faça isso. Eles foram despejados. Muita gente veio reclamar aí, parece que muitos perderam dinheiro. Onde o senhor pode se informar melhor é na Olímpica Imóveis, porque foram eles que alugaram a sala.

Dr. Luiz, advogado da Olímpica Imóveis, confirma a informação do despejo. Diz que foi a Moeda Assessoria a firma despejada, e explica que ela era representante do Montiene em Campo Grande.

O processo de número 95814 correu na 8ª Vara Cível e a ação foi distribuída em 30 de junho. O mandato foi junto no último dia 10 de agosto, e como até o dia 25 (prazo final), a firma não compareceu para pagar a dívida, fatalmente a ordem de despejo seria assinada. De acordo com os dados do processo, o contrato havia sido assinado com a Olímpia em 11 de abril deste ano, e já em maio a Moeda não pagou o aluguel.

No Jardim Maravilha, local onde seria construído o projeto da Chamont, (400 casas) encontramos um escritório da construtora OBRASIN. O Sr. Monteiro, gerente do empreendimento, afirmou que a obra não tem nada a ver com o Montiene. Disse ele:

— Eles nunca chegaram a fazer contrato, ficaram só em conversações. Como conversa não financia obra, nós desistimos.

Quanto tempo duraram essas conversações?

— Uns seis meses, mas sexta-feira passada, dia 25, ficou decidido que nós faríamos a obra por nossa conta.

Já o Sr. Fontoura, também da OBRASIN afirmou:

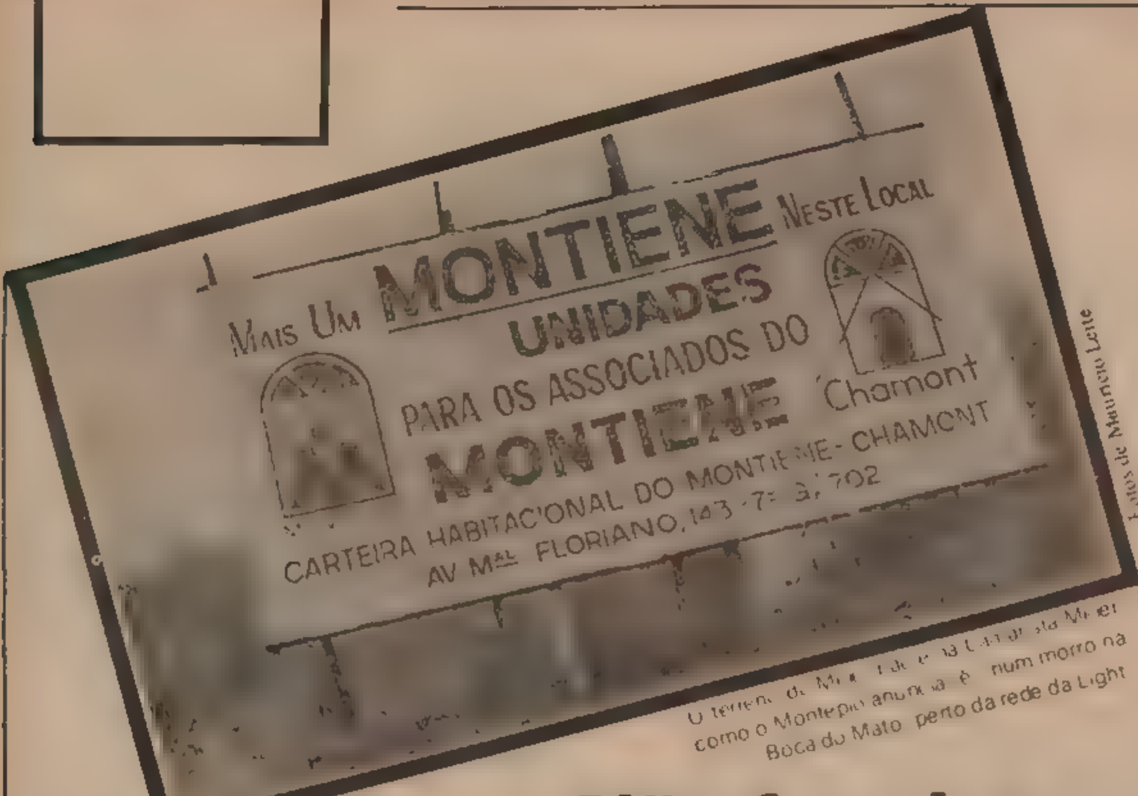
— Inicialmente tivemos um contrato com o Montiene, que foi rescindido porque não houve financiamento do BNH nem da Caixa Econômica para as obras.

Há quanto tempo esse contrato foi rescindido?

— Oficialmente, há um mês.

Apesar da resesão do contrato, o Montiene continua fazendo propaganda do Jardim Maravilha, e a qualquer pessoa que telefone perguntando quais os projetos que já estão em andamento, eles informam que Campo Grande já está em obras.

EM PIEDADE, A CONSTRUÇÃO IA COMEÇAR EM JANEIRO; NO MEIER, A PIRAMBEIRA NÃO PODE TER NEM ÁGUA.



Fotos de Maurício Leite

O terreno do Méier [illegible] Camarista Méier como o Montepio anuncia é num morro na Boca do Mato perto da rede da Light

Não faz obra e anuncia outro endereço

Na rua Camarista Meier, onde estaria em andamento um outro projeto de casas do Montiene, o que encontramos foi uma obra da Companhia CHOZIL." O Sr. José, funcionário dessa firma, declarou que chegou a haver aproximação com o Montiene

— Mas nada de contrato foi assinado. Porque não assinaram eu não sei, porque mesmo dessas aproximações eu soube extra-oficialmente.

O terreno onde foi encontrada a placa do montepio, fica bem mais acima, na rua Engenheiro Antônio de Souza Mendes, numa localização que de acordo com o Sr Augusto, morador do local, não dá para construir nem 50 casas:

— O problema de água por aqui é grave Os moradores desse bairro aí em baixo, Jardim Boca do Mato, têm que explorar as nascentes lá em cima e trazer com mangueiras a água para as caixas. No período do verão as caixas recebem água de quatro em quatro dias para cada rua; têm casas que ficam sem água até 15 dias. 'Agora imagina um loteamento de mais de 50 casas aí em cima, o que que não vai acontecer

Há quanto tempo essa placa está aí?

— Ela já está aí há um ano. Antes de ser colocada ali, ficou quatro meses no caminhão. Mas a notícia que o Montiene comprou isso aí, já corre há três anos. Agora, eu acho que eles não vão é construir nada aí; pra mim isso é o maior trambique, e o pior é que muita gente caiu. A Associação dos Moradores daqui do bairro fizeram até uma reunião para desaconselhar as pessoas a comprar esse plano.

Manoel, um outro morador do local, continua:

— A placa já taí há muito tempo, mas até agora eles não ameaçaram construir nada não.

Adilio desconfiou e parou de pagar

Na rua Cardoso Quintão, perto do subúrbio carioca de Tomaz Coelho está o terceiro projeto para construção de casa que o Montiene anuncia Lá aconteceu tudo igualzinho ao Méier e Campo Grande primeiro o montepio botou a placa num terreno, depois chegaram os corretores dizendo que em 1 ano e meio os apartamentos seriam entregues. Todo mundo nas vizinhanças quis entrar na boca. Adilio, um dos que comprou o plano, desconfiou logo porque, depois que pagou as primeiras prestações, os corretores começaram a perguntar se ele tinha renda familiar de 6 mil cruzeiros e que, se não tivesse, não podia entrar no plano Seu Antonio, português dono do boteco em frente ao terreno, também caiu no conto da casa própria e está até hoje pagando suas prestações em dia mas já suspeita que comprou gato por lebre porque até hoje ninguém lhe disse quando as obras iam começar

Qual é o seu nome?

— Adilio Vieira de Souza

Há quanto tempo você é sócio do Montiene?

— Desde dezembro, uns 7 ou 8 meses. Mas aconteceu que eu paguei só dois meses. Eles prometeram uma porção de coisas mas não houve nada daquilo. Mandaram uma carta pra mim perguntando se eu pagava aluguel, se na construção eu podia pagar mais um pouco... Eu achei que aquilo era chaveco, saí fora não quis pagar mais não

O que eles ofereceram pra você?

Eles disseram coisas dos apartamentos, que depois que tivesse terminado de pagar aquele carnê, aí eu recebia o apartamento e daí em diante eu ia pagar um milhão e pouco, de acordo como as coisas vão aumentando, né? Aí veio 18 prestações pra eu pagar, tanto é que em 18 meses eles entregavam o apartamento

Então eles ofereceram o montepio como um plano para adquirir casa própria.

— É, depois nós somos sócios, né?, faz aquele sorteio e perguntavam se a gente queria aqui ou em outro lugar Foi um vendedor que apareceu por aqui

E depois que você saiu eles não perguntaram a razão?

— Não. Eles mandaram uma carta perguntando se eu concordava em pagar mais um pouco quando estivessem construindo o prédio. Eles diziam que eu havia deixado de pagar, se era extravio do pagamento ou se era atraso mesmo, pra eu normalizar meu pagamento, né?

Por que você achou que era chaveco deles?

— Porque depois que eles mandaram esse negócio todo, veio com outras conversas, perguntando se podia aumentar mais o pagamento durante o mês

Ele não falou em aposentadoria, não?

— A aposentadoria também, aí tem direito a isso tudo né?

Apqsentadoria e casa por 208 cruzeiros mensais?

— Até construir o apartamento, depois de entregar a chave ia ser um milhão e pouco

Você comprou por causa da casa ou da aposentadoria?

— Comprei por causa do apartamento, porque tinha garagem para carro, área, aí comprei, né?, 'achei barato também... Primeiro eles colocaram uma placa aqui, só depois de 6 meses veio o vendedor. Aí minha mulher que trabalhava lá na cidade, telefonou pra eles, e o negócio foi ficando complicado, tinha que ter renda familiar de seis milhões, o negócio ia ser muito caro e aí minha mulher não resistiu. Depois que veio um cara com essa conversa fiada aí, dizendo que ia ser mais barato, saiu vendendo carnê pra todo mundo. Aqui quase todo mundo comprou — e depois veio a sacanagem. E de mais a mais, ele falou que ia construir em janeiro e nem começou ainda

Seu Antônio continua pagando, Adilio, o barbeiro, caiu fora porque estranhou o papo do corretor depois das primeiras prestações

CAPEMI SABE TAMBÉM ENGANAR O COMPRADOR

Políticos da Oposição estão interessados em denunciar os abusos praticados pelos florescentes montepios que agem de má fé na arregimentação de novos sócios ou mesmo no serviço que prestam. Um caso interessante e que vem se repetindo à margem da fiscalização que o Banco Central deveria executar é o da Caixa de Pecúlio dos Militares, o poderoso grupo Capemi. Numa prática que já se tornou rotina, em cada novo lançamento imobiliário, a Capemi anuncia em jornais de ampla circulação o prédio que pretende construir, informando apenas que as inscrições estarão abertas a partir de determinado dia.

Esse foi o caso, recente, do lançamento de um prédio com quase cem apartamentos na rua Conde de Irajá, em Botafogo, no Rio de Janeiro. No sábado, dia das inscrições, centenas de pessoas procuraram increver seus nomes para aquisição da sonhada casa própria financiada pela Caixa Econômica Federal.

Mas para se inscrever era necessário, antes, ser sócio da Capemi, mesmo sem saber o preço dos apartamentos, os planos de financiamento e, o que reprova a maioria dos pretendentes, a renda familiar necessária. Assim, na ilusão de que poderão adquirir um apartamento, as pessoas são atraídas para a Capemi para, depois de algumas semanas, serem informadas que não podem comprar nada neste prédio, mas que continuem pagando suas mensalidades em dia para tentarem o próximo lançamento.

Roxo recebe queixas e não pode ajudar

Segundo Pedro Roxo, presidente da Associação Nacional dos Inquilinos, são inúmeros os casos de pessoas que o procuram por causa de problemas com montepios

— O vendedor quando vende o carnê não fala em aposentadoria, só fala na casa própria. Preenche a ficha da pessoa, e diz para que ela vá buscar o carnê. Quando a pessoa começa a pagar as prestações, acha que está comprando a casa própria e não um plano de aposentadoria Como o meu assunto é inquilinato, não posso resolver o problema dessas pessoas que aparecem aqui. O que faço é encaminhá-las à Delegacia de Defraudações, onde o caso deve ser resolvido

"TEM CORRETOR DESONESTO MAS QUEM PENSA EM COMPRAR CASA COM Cr$ 200 MENSAIS, QUER SER MAIS VIVO AINDA"

General do montepio acha que só é enganado quem quer

O general Antonio Sá Barreto Lemos Filho, superintendente do Montiene, depois de muitas idas e vindas, recebeu os repórteres para conversar

Como vocês conseguem o dinheiro pra construir as casas que oferecem?

— É o Montiene que financia as casas oferecidas por sua carteira habitacional. Quando o associado vem para o nosso quadro, ele preenche uma ficha sócio-econômica em que indica sua preferência por uma casa no Meier, por exemplo; quando tivermos um projeto no Meier, nós o chamamos e se ele tiver uma renda familiar compatível com o preço do imóvel, ele pode ingressar naquele plano.

O negócio então não é vender os carnês do montepio oferecendo as casas?

— Exatamente, não é. A carteira habitacional faz o projeto de loteamento para alguém que já é associado. Depois ela adquire o terreno

Ela faz todas as fases do projeto?

— Faz e por isso os imóveis saem mais baratos porque nós não fazemos propaganda da carteira, não pagamos corretor, nós lidamos diretamente com o associado.

Quer dizer que vocês não têm promotor de venda do montepio, e da casa própria?

— Não tem nada porque quem é chamado para o projeto de construção do imóvel é quem já preencheu a ficha sócio-econômica, é associado. Se ele está enquadrado num projeto, ele é chamado por uma simples carta.

Vocês trabalhavam com promotora de vendas em Campo Grande?

— Nós só trabalhamos com promotora de vendas; nós contratamos empresas pra venderem nossos planos.

Mas o senhor não disse que não usa promotora de vendas nem corretor?

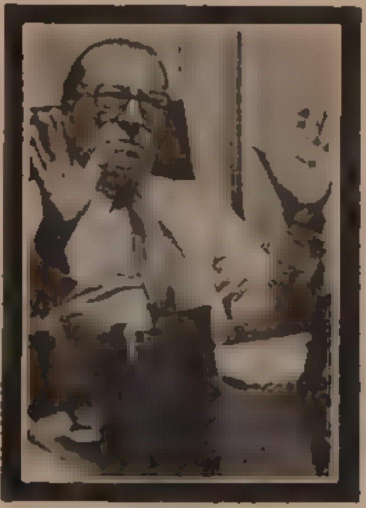
— Nós vendemos carnê do montepio; não vendemos casa própria

Vocês tiveram problemas com a promotora de vendas de Campo Grande. O que aconteceu?

— Há um ano atrás tínhamos um contrato com ela e tivemos problemas. Agora ele está subordinada diretamente ao Montiene

Esse escritório continua funcionando?

— Eu acho que sim mas não tenho certeza



Nós soubemos que não está mais porque a promotora de vendas do Montiene foi despejada da sala que ocupava.

— Pode ser, se ela não pagou o aluguel...mas não lhe posso dizer com certeza porque esta parte de venda não é comigo. Eu cuido da parte técnica

Então porque vocês insistem na propaganda desse escritório em Campo Grande se ele já deixou de funcionar?

— Mas nós não insistimos

Insistiram sim. Nós estivemos aqui e pegamos os prospectos de publicidade do Montepio falando do escritório em Campo Grande, e, além disso, ontem vocês puseram anúncio na Radio Nacional com a mesma propaganda.

— Bom mas o prospecto foi feito antes e não se vai jogar fora.

Quantas casas estão sendo construídas em Campo Grande?

— Inicialmente 400 casas

Nós estivemos com a empreiteira que fez acordo com vocês para construir as casas e eles nos disseram que o contrato foi rescindido.

— Isso então é outro problema lá da carteira habitacional

O senhor também não sabia disso?

Não, eu não tenho contato com a carteira habitacional; meu problema é montepio e previdência

Mas o loteamento em Campo Grande, chamado de *Jardim Maravilha*, continua a ser anunciado por vocês mesmo sem contrato com a dona do terreno.

— O contrato foi rescindido mas nós assinamos outro

— Mas os senhores querem saber dos nossos lançamentos, ou das nossas dificuldades?

Nós queremos saber de tudo.

— Mas não há interesse em divulgar que houve rompimento com uma empresa. Há interesse em divulgar que nosso escritório deixou de pagar? Não há. O que interessa é divulgar que nós temos a previdência, que já temos 40 beneficiários recebendo pensão

General, isso não é uma matéria de propaganda; nós queremos é discutir os métodos de venda do Montiene.

— Mas julgar uma empresa que tem escritórios em todo o Brasil por qualquer coisa que aconteceu em Campo Grande não é correto

Não estamos julgando nada, estamos fazendo perguntas sobre o fato de o Montiene vender o plano de aposentadoria como se ele fosse dar direito automático à casa própria.

— Mas nós não vendemos casa própria

Nos prospectos do Montiene o maior apelo de venda é esse.

— O maior problema do Brasil é a casa própria e não há nada que nos impeça de fazer um apelo nesse sentido

Quer dizer que um contrato foi rescindido, assinaram outro, a dona do terreno disse pra nós que não tem novo contrato nenhum e o Montiene não avisou nada aos associados?

— Como eu disse ao senhor, eu não sei nada da carteira habitacional. Eu não sei como eles fizeram para se comunicarem com os associados. Sei que alguns deles vieram aqui e foram encaminhados. Também não tinha muita gente, só uns 13

Quem é a pessoa encarregada da carteira habitacional?

— É lá no oitavo andar.

Mas nós estivemos lá e eles nos mandaram para cá.

— Mandaram porque, sem autorização, do presidente, não podem falar. O presidente daqui é o mesmo de lá.

Nós estivemos com muitos associados do Montiene e todos eles supõem que compraram um plano para adquirir a casa própria.

— Houve de fato certo exagero de alguns vendedores anteriormente mas agora isso não existe mais

Mas o senhor não acha que todos os corretores exageram?

— Pode ser, eu não discuto isso com o senhor, eu não vou atrás do vendedor pra saber o que ele está fazendo. Eu tenho feito intervenções, chamado corretores e se ele continua a proceder mal, é posto na rua.

Vocês têm então, um serviço de fiscalização?

— Eu tenho; está sob a minha responsabilidade

Quantas pessoas trabalham nesse serviço?

— Oito

Eles são corretores também?

— Não; um deles é ex-inspetor de polícia.

Nós visitamos 3 dos projetos do Montiene no Rio, em Campo Grande, Piedade e Meier, e conversamos com pessoas que moram nas vizinhanças dos terrenos: todos eles nos disseram que os corretores venderam os planos do montepio como se tivessem vendido uma proposta para aquisição da casa própria.

— Meu amigo, ninguém de boa fé pode pensar em comprar uma casa pagando Cr$ 200 mensais. Se faz isso, tá querendo ser mais esperto que o corretor

Se a política de vendas do montepio está baseada no apelo à casa própria, o senhor não acha isso desonesto?

— Já está o senhor voltando à mesma tecla, eu não discordo do senhor que houve alguns casos, pode ter havido.

Reportagem de **Vera Lúcia Dias** e **Luiz Albertó Bettencourt**

O general disse que o Montepio não faz propaganda da casa própria; acima está o prospecto de publicidade do Montiene prometendo uma casa pela metade do preço. O general admitiu que o contrato com a construtora em Campo Grande foi rescindido e que hoje existe apenas um contrato verbal com o Jardim Maravilha; o prospecto à direita, entretanto, continua a falar dele

MONTIENE

O Montepio da Previdência Total

Aposentadoria em 10 anos, Pensão Mensal, Pecúlio, Seguros, Carteira de Empréstimos, Serviços e Convênios,

CONVOCA

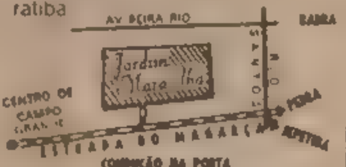
seus associados para mais um grande empreendimento da «CHAMONT» Carteira Habitacional do MONTIENE

Parque Residencial *Jardim Maravilha*

na **Estrada do Magarça**, à 10 minutos do centro de Campo Grande

a 20 minutos da Barra da Tijuca

a 10 minutos da Pedra de Guaratiba



CONDUÇÃO NA PORTA

ônibus Campo Grande - Santa Clara
» » - Pedra de Guaratiba
» » - Jardim Maravilha

em terreno de **225 m²** com **área construida de 62 m² Sala, 2 quartos, varanda, cozinha, banheiro, quintal área de serviço, e entrada para automóveis.**

Fino acabamento, azulejo até o teto, esquadrias de aluminio

Preço - cr$ 255.410,

equivalente a 1000 UPCs do 2.º Trimestre/78 — valor da UPC cr$ 255.41

Poupança parcelada

apenas 10%

cr$ 25.541,

Saldo em prestações mensais decrescente de **cr$ 2.400,00**

(PES SAC)

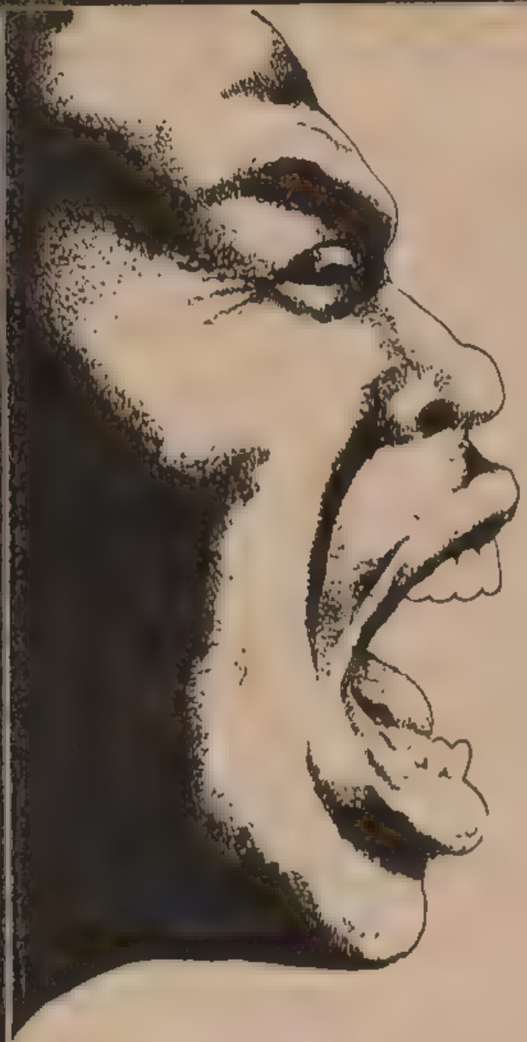
INFORMAÇÕES

no local à Rua Coronel Agostinho, 81 sala 204 - no centro de Campo Grande

e Av. Marechal Floriano, 143 7.º andar — Centro

ESTA CONVOCAÇÃO DESTINA SE AOS NOSSOS ASSOCIADOS

Chamont



BRASILEIRO É RACISTA

Branco correndo é atleta, preto correndo é ladrão. Preto, quando não caga na entrada, caga na saída. "Ih, queimei mais um", disse Deus ao fazer o segundo crioulo O negro conhece o seu lugar. É preto, mas é distinto. É um negro de alma branca. O rapaz é de cor. Olha lá, ele fazendo crioulice. Vê se não vai fazer um serviço de negro, hein. Isso é que é trabalho de branco.
As piadas e os rótulos são muitos, o que evidencia o racismo no Brasil. Além das brincadeiras, que, na maioria das vezes irrita o negro, os depoimentos dos vários negros mostram que o brasileiro é racista, por mais que tentem dizer o contrário. A situação geral, brincando ou não, vem revoltando cada vez mais os negros. Uma revolta presente em todas as classes sociais.

Psiquiatra foi discriminado no hospital

— Com uma profissão de branco e especialidade de branco (psiquiatria), fica difícil para mim participar diretamente do problema do negro, considerando que os meus colegas são brancos. Mas isso não quer dizer que eu não lute contra a discriminação racial. Só que eu vou um pouco mais além e dentro do meu posicionamento político eu não brigo só contra a discriminação racial. Estou englobado numa luta maior, que é contra toda injustiça social

Otelino de Souza, 27 anos, atuante na política de saúde e pretendendo melhores condições de atendimento para a população, trabalha no Posto de Saúde da Penha e divide um consultório em Copacabana

Para falar de racismo, ilustra o seu caso, acontecido quando estava no quinto ano da faculdade e fazia estágio na Terapia Ocupacional do Sanatório Botafogo. A partir do momento em que decidiu ir para o Pronto-Socorro, já como acadêmico, começaram os problemas. A princípio, não tinha vaga Mas, curiosamente, surgiam vagas para outros acadêmicos (brancos) que pleiteavam a mesma posição. O pior é que a primeira vaga tinha sido prometida a ele

Durante seis meses o blá-blá-blá continuou e nada da vaga aparecer Até que um dia, no refeitório, a chefe dos acadêmicos, Mariema Lessi, informou ao médico Ricardo Ribeiro que o problema de Otelino era sua cor. Em outras palavras, ele não ia para o Pronto-Socorro

Otelino de Souza, psiquiatra

porque o Dr. Ulisses Viana, um dos donos do hospital e presidente da Associação Psiquiátrica Brasileira, não gosta de preto

Otelino levou o caso ao diretor médico da casa, Dr. Pedro Campelo, que abriu o jogo e reconheceu que era isso mesmo. E disse mais: esse não era o primeiro caso Anteriormente um rapaz tinha sido mandado embora, por um motivo ridículo, enquanto o motivo real era a cor de sua pele. Malandramente, Otelino voltou a falar com o Dr. Campello, só que desta vez com um gravador escondido

Com a fita gravada e os testemunhos de colegas, entrou na Justiça, alegando racismo (Lei Afonso Arinos). Mas perdeu

— O Juiz José Lucas, da 25ª Vara Cível, disse que não podia registrar a fita e com outras alegações parecidas eu acabei perdendo. Mas é sempre assim. Sempre que pinta um movimento negro qualquer, pinta muita repressão em cima. Há muito tempo o governo brasileiro tenta mostrar que esse é um país de branco e que o negro deve reconhecer a bondade que existe aqui. E falam em democracia racial. Ora, "democracia racial" não existe e é parente do "milagre brasileiro" e do "oásis de tranqüilidade". Dizem que o negro brasileiro é passivo. Não é não, ele é intensamente reprimido.

Isso quer dizer que, com toda a repressão, a tendência é o negro desenvolver um processo de branqueamento, para conseguir uma posição de respeito dentro da sociedade?

— É mais ou menos isso porque a pressão existe sempre, de uma forma ou de outra. A classe baixa, e aí não entra apenas o negro, tem que negar todos os seus valores Com o negro ainda é pior, pois é o subproduto da classe baixa. É o que rouba, que mata, que é vagabundo, é o que segura todas as acusações. Quando ele quer trabalhar, estudar, ter um bom emprego, ir para a faculdade, a pressão é ainda maior. E ele tem que ser um negro bem comportado, o chamado negro de alma branca. Essa pressão existe, inclusive nos jogadores de futebol Muito da marginalização do Paulo César vem da discriminação porque ele não assume a posição do bom moço, como o Pelé

E você é um negro de alma branca?

— Olha, eu sou um negro privilegiado, fiz faculdade, tenho profissão e poderia ser muito bem enquadrado no negro de alma b[illegible]nca. Só que eu procuro não ser, [illegible]s sempre que eu tento botar a b[illegible]ca no mundo a repressão vem [illegible] cima

Família não deixou negra casar com negro

— Sou visceralmente contra, é um escárnio, a maior ofensa, esse Temos que lutar para nos impormos. Não acredito que o negro brasileiro só entenda de futebol e samba; ele entende do que quiser.

Paletó e gravata — como convém a um advogado — Jessé de Souza Marques, 44 anos, enfrentou o primeiro caso de racismo entre os próprios irmãos de cor. Ele namorava Maria Isabel, jovem cantora negra, com quem ia casar-se. Ia, pois a família da moça não permitiu que ela se casasse com um negro Mas o negro Jessé, sobrinho do ex-deputado e professor José de Souza Marques, não se perturbou com o fato. Estudava Direito (às custas do tio) e até freqüentava clubes, sem problemas.

— Fui sócio-atleta e artilheiro do time de Jacarepaguá Tênis Clube (meu tio era da diretoria). No começo eu só podia jogar futebol lá, mas depois me entrosei bem no ambiente. Me lembro, inclusive, de que no primeiro baile a que eu fui no clube, uma festa de gala, uma amiga minha (branca) que tinha sido eleita rainha da primavera, me convidou para dançar a valsa com ela. Foi aquele "zum-zum-zum" no salão, todo mundo cochichando nas mesas.

Jessé de Souza Marques, que foi diretor do Presídio Feminino de Bangú, é casado com uma loura de olhos azuis, o que, segundo ele, não significa nada.

"Penteia esse cabelo, negão"

Carlos Alberto Monteiro, 18 anos, negro, estudante. Uma vez levou uma geral da polícia, cheia de provocações

— Eu estava na frente da Escola Estadual José de Campos Camargo, com um grupo de amigos negros. Aí, apareceu a polícia, pedindo documentos a todo mundo e mandando dispersar. Como eu era o único que estava sem documentos, mandaram seguir um caminho, que não era o meu caminho de casa. Eu fingi que fui, mas não fui. Voltei para o mesmo lugar. Pouco depois, chega a polícia de novo: "Ainda tá aí, negão? Entra aqui na viatura". Lá dentro, começaram a me interrogar sobre um tal de Saraiva e onde ele podia ser achado. E a viatura andando por ruas escuras e vielas. Num certo momento, encontramos dois rapazes e um deles era o irmão do Saraiva. A viatura parou, desceram três PM e um ficou comigo na viatura. Os policiais voltaram e um deles pegou no meu cabelo e berrou no ouvido: "Penteia esse cabelo, negão. Você tem que dar valor à sua raça, andar como gente. Corta esse cabelo baixinho. Todo negro com cabelo grande a gente pega e bate mesmo". Então me soltaram

Black mete medo na mulher

O black Zilmar, dançarino e discotecário

"Tava passeando com o meu pastor alemão e a minha namorada, que por sinal, é branca. Ela adiantou o passo e uma senhora que passava achou que eu tava mal intencionado, segurou a carteira e entrou no primeiro prédio que apareceu."

O dançarino e discotecário Zilmar Souza da Silva, 25 anos, estudante do supletivo do 1º grau, diz que as neguinhas nunca ligavam pra ele. Agora que ele tá com uma branca, dizem que ele tem sorte.

— O pessoal black curte música e nem sabe que às vezes tá ofendendo eles mesmos.

Com presidente preto vai melhorar

Em uma loja de flores e plantas na rua Domingos Ferreira, em Copacabana, três empregados, pretos dão seus depoimentos

— Hoje em dia não se usa mais isso. Eu não troco minha pele preta pele preta de ninguém. Dou valor às louras, mas não corro atrás... só se eu tivesse um Puma, notas de quinhentos. Eu queria que perguntasse ao povo brasileiro se existe Deus. Meu amigo aqui mora no 12.º andar do Rajá, na praia de Botafogo, e tá sem elevador. Tem que melhorar a Avenida Brasil que eu não aguento. O país vai ser o melhor do mundo quando tiver um preto lá em cima. Porque no futebol nós já somos o melhor do mundo graças a um preto (Sebastião da Silva, 25 anos)

— Não existe racismo. Tá todo mundo é correndo atrás de dinheiro. Só que o branco leva vantagem. Mas é só não andar errado. Eu como domingo minha galinha e ele também, só que ele no castelo dele. Mas quando houver um preto na presidência, eu quero ver os pretos descerem e os brancos subirem pras favelas. (Paulo Ferreira, 29 anos)

— Você já viu filho de branco barrigudinho? Preto sofre demais. A gente leva a vida como ela leva a gente. Esse mundo é um teatro, cada um faz [illegible] [illegible]. É isso aí (Paulo Roberto Ramos, 29 anos)

Luana, o travesti

Você sabe o que é racismo?

— Não sei não, moço. Luana, 18 anos, se vira na calçada da Avenida Mem de Sá, junto com outros travestis bem mais apessoados do que ele. Faz charme e não diz o seu nome verdadeiro("se querem me conhecer tem que ser assim").

Por ser negro você sofre alguma discriminação das outras bichas?

— Olha, aqui todo o mundo quer ser loura, colocar jóias, sair chocando. Não tenho amigos, eles parecem que não gostam de mim. Não me importo com isso, não quero esquentar a cabeça.

Você tem preferência entre transar com negros ou brancos?

— Aparece mais branco por aqui. Mas eu gosto mesmo é de um mulatinho.

Porque você não deixa o cabelo natural?

— Ah, não dá, né. Tem que fazer uma arrumação pra ficar mais bonita. Tem que ter uma peruca.

A peruca de Luana não consegue esconder um defeito na cabeça que mostra uma desproporção do lado esquerdo. De vestido branco de alcinhas e uma camisa de gola rolê, Luana ao notar a aproximação do camburão, sai disfarçando.

Martinho diz que racismo é muito pouco

— Minha preocupação não é com o racismo e sim com as raças. No Brasil, principalmente no que diz respeito ao Rio de Janeiro, são poucas as discriminações raciais. Quando eventualmente ocorre, é por falta de imposições da vítima

Casado com uma loura, alta, bonita, tipo miss mundo, o cantor e compositor Martinho da Vila é cheio de imposições e posições. Por isso, diz que não sente na pele o problema do racismo, embora reconheça que a presença da Ruça (apelido da sua mulher) é da maior utilidade às vezes

— Em alguns países, principalmente na Europa, a Ruça já me facilitou as coisas. Quando me hospedei num hotel na França, fui muito bem recebido e notei que era tudo porque a Ruça estava do meu lado. Quando os caras vêm um crioulo com uma loura, imaginam logo que é uma figura importante

Confundindo o que significa racismo ("não sou racista porque vivo no meio de crioulos"), Martinho diz que nunca sofreu discriminação

— Sempre me coloquei superior a isto

Morador em uma rica mansão no Grajaú, Martinho está, realmente, muito longe dos problemas raciais, mas diz que é um conscientizador de sua raça e de seu povo, através das músicas. Volta e meia sobe o morro, para bater papo com os velhos amigos. Mas quando alguém chega no casal para pedir dinheiro emprestado, a resposta é sempre a mesma, brincando ou não: vá roubar pra ser preso

Até começar a fazer sucesso, era casado com uma negra, Lúcia Maria. Depois, casou com Ruça, mas faz questão de dizer que uma coisa não tem nada a ver com a outra

Não vivo com minha mulher porque não sentimos mais nada relacionado ao amor. A Ruça é a mulher que eu amo, independente de sua cor

Ruça entra em cena:

"Sou simples e sem preconceitos. O que vejo no Martinho não é o dinheiro e sim o homem que amo e vou amar sempre"

PERDEU O LUGAR PARA O BRANCO

Hoje, Olga Paulo tem curso universitário e trabalha no Serviço Social da Indústria, em São Paulo. Enquanto universitária, e no trabalho atual, diz que não sofria muito o problema da discriminação. Mas antes foi doméstica e operária e teve alguns proble[illegible]

— Na Philco, eu sofri um caso de discriminação. Estava estudando, fazendo o curso técnico em eletrônica. Com isso, poderia exercer um cargo melhor dentro da firma. Quando surgiu a vaga, colocaram um branco, com muito menos condições. Isso me magoou muito e nunca esqueço.

Foto Custodio Coimbra

Cy Manifold diz que racismo é mundial

"Não tenho vergonha daquilo que sou"

Testemunha de Jeová, pregando o amor e a união dos povos, independente de raça, cor ou credo, Cy Manifold acredita que no Brasil e no mundo existe racismo Só que no Brasil não existe conflito, como na África do Sul e nos Estados Unidos

"Aqui é um tipo de preconceito de classe. O brasileiro critica tudo Quando não é preto, alguma coisa tem que ser encontrada para discriminar e separar as classes."

Cyril, como foi registrado, nasceu na Guiana inglesa há 50 anos e há 20 anos veio para o Brasil, junto com outros artistas, para fazer apresentações. Mas logo que chegaram ao Amazonas, o empresário americano desapareceu. A maioria voltou e ele, seguiu viagem até o Rio, onde se apresentou em programas de rock de Carlos Imperial e Jair de Taumaturgo, depois de cantar em programas de televisão.

Canta há cinco anos na Churrascaria Rincão Gaúcho.

— Na Guiana, os pais que não botavam os filhos na escola eram processados. Aqui, é um país grande e pobre. Agora, de dez anos para cá, é que o negro está indo para os colégios. Mas é mais preconceito de classe. Têm pessoas que pensam assim: não gosto de preto, mas o Pelé pode sentar na cabeceira da minha mesa Quando o negro consegue dinheiro e status ele quer alcançar aquilo que prá ele antes era impossível. É um fato normal. Eu não tenho vergonha daquilo que sou. Eu olho prá mim e me sinto feliz.

Faz algumas considerações sobre a Bíblia e diz que não existe "preto de alma branca:"

— O espírito não tem cor

REPORTER DA TV GLOBO É EXEMPLO NA FAVELA

Nascida em Jacarepaguá, parte da infância e adolescência em Copacabana, um período na Zona Norte de onde voltou para a Zona Sul (Humaitá) em companhia da mãe, Glória Maria, repórter do Jornal Nacional, usa cabelos afro, tem pele reluzente, corpo esguio.

— Gratificante é você chegar num bairro ou numa favela da Zona Norte e ouvir aquela mãe gorda e preta dizer: a minha filha vai estudar para ser jornalista, como você.

Isso é agora, rosto conhecido graças à TV Globo. Mas no início da carreira sentiu pela primeira vez o racismo

— Na época do Festival da Canção, os artistas se hospedavam no Hotel Glória. Saí com o cinegrafista lá pro hotel. Estava esperando o elevador. Depois de alguns minutos o elevador parou no térreo. O cabineiro olhou pros lados e imediatamente fechou a porta Não entendi. Logo desceu o outro elevador, em que entrei meio boquiaberta. Num determinado andar os cabineiros se encontraram e o homem que tinha fechado a porta na minha cara perguntou para o seu colega:"Você leva crioulo em elevador?" Não consegui fazer nada o dia inteiro. Essa pergunta martelava a minha cabeça. Isso prova o racismo, que, afinal de contas partiu do cabineiro. Se eu estiver com uma amiga branca numa boate e tomarmos o maior porre, é aquilo - a branca ficou engraçadinha e, sempre, aparece alguém que diz: estuda, é repórter e fica fazendo crioulice

"Sinto o preconceito pelo cheiro. Não adianta vir com esse negócio de "Glorinha tudo bem?" E esse expressão de "negro de alma branca" acho muito escroto A culpa é da sociedade: ou você é branco ou tá fodido."

O negro também discrimina. Se eu estiver no Papagaio dançando sozinha e não me reconhecerem, só dançam com as brancas.

Ex-telefonista, 26 anos, não gosta dos movimentos negros que atuam no Brasil. Para ela, não têm nada a ver, nossa realidade.

— Martin Luther King, Eldridge Cleaver foram líderes lá nos Estados Unidos. O nosso negro nem sabe quem são esses homens. A Dona Maria, que mora em Nova Iguaçu, nunca ouviu falar na luta dos negros brasileiros.

Mas foi depois de ler os pensamentos dos líderes negros americanos que deixou de passar henê no cabelo e começou a se transar como negra, realmente.

— Quem me fez sentir, adorar a minha cor foi Márcia Mendes, minha amiga. Um dia ela me perguntou porque eu alisava o cabelo. Foi na época que entrei para a televisão. E só depois de três anos é que consegui botar a cara no vídeo. Fui a primeira mulher negra no vídeo e para conseguir isso tive que fazer mil vezes melhor do que as pessoas normais.

Fotógrafo quase apanha em Copacabana

Januário Garcia, 34 anos, fotógrafo mineiro, saiu do cinema em Copacabana em companhia de Ana, sua mulher, e foi cercado por alguns rapazes em plena Copacabana. Começaram a chamar o casal de botafogo e partiram para agressão. Januário, preto, e Ana, branca foram salvos por pessoas que acompanharam a cena à distância e os puseram num táxi, que apareceu na hora.

— De dentro do táxi ainda pude ver a porrada solta na calçada. Eram três caras. Pessoal dali mesmo, daqueles que comem carne seca e arrotam caviar.

Ele chegou aqui com dez anos, vindo de um bairro proletário de Belo Horizonte e conseguiu estudar até a quarta série ginasial. Diz que sempre soube que era negro. Conta que, quando era pequeno, tinha apelidos de orangotango, fundinho de panela e margina. Januário deu aulas de inglês para sobreviver e enquanto a mulher administrava a casa, ele se dedicava a fotografia. As capas dos discos de Fafá de Belém, Caetano Veloso, Fagner, Tom Jobim, Belchior, Tom Jobim ilustram seu trabalho, além de ser fotógrafo no Brasil da revista *Time*.

— Nunca me conformei em ser discriminado, não me acomodei. Não queria nascer, crescer e morrer na favela. Consegui de alguma maneira me impor. Os meus amigos hoje me chamam de Januário Garcia. E, à medida que seu trabalho é reconhecido, você passa a não ser mais negro, é visto como um cara diferente, criativo. Existe uma maneira das pessoas olharem para o negro nessa hora. Já devolvi trabalhos depois de muito prazer tal e coisa, por esta recomendação: "Faça um trabalho de branco". A imagem do Brasil é de um país branco e só se mostra o lado marginal do negro, reflexo da liberdade que ganhou em condições marginais. Arrancado de sua terra, de sua cultura e colocado dentro dos navios. Enquanto o negro não sair da cozinha e ocupar um lugar na sala vai haver preconceito.

Januário vive com Ana, formada em Filosofia, há nove anos e dessa união nasceram três filhos. Se conheceram na Rua Ernâni Contrim, na Tijuca, eram vizinhos. Quando ele se mudou para o bairro de Fátima ia de vez em quando visitar os amigos na Tijuca.

"Com a mudança do Januário e as vindas dele à Tijuca para visitar os amigos, nós começamos a sair. Sabe, aquela coisa: vamos ao cinema, tomar um chopinho. Eu não estava preocupada se era branco ou preto. Tenho uma amiga negra que morou comigo."

RESPONSABILIDADE DO NEGRO É MUITO MAIOR

Em 1970, Vera Lúcia Prudente, 24 anos, atualmente auxiliar de enfermagem, foi pedir emprego de caixa na Eletroradiobrás, em São Paulo. Fez os testes de português e matemática e foi entrevistada pelo Recrutamento do Pessoal. Quando foi saber o resultado, surpresa: tinha sido aprovada

— Mas quando fui falar com a dona Claem, subgerente geral das caixas, ela foi logo dizendo que a minha responsabilidade era muito grande, pelo fato de ser negra. Disse que era para eu não levar a mal a clareza da conversa. Eu seria a primeira caixa negra e não podia falhar porque a partir daquele momento estava aberto um campo para outras negras na função. Se eu falhasse, outras negras não entrariam. O branco pode falhar, o negro não. Tinha um senhor negro, porteiro da diretoria, que me disse estar muito contente por me ver exercendo aquela função, na época considerada de prestígio. Disse também que eu devia andar muito direitinho, para dar oportunidade a outras negras. Eu tinha que mostrar que negro tem capacidade para ser caixa

Vera trabalhou como 'manda o figurino e um tempo depois foi chamada por uma funcionária superior, a Eurides, que a tinha como uma caixa de alto conceito

— Ela me disse que ia me apresentar pro gerente financeiro, para ver se me colocava como subencarregada de tesouraria. Quando cheguei na sala do dr Charlom, ele disse que eu era uma negra de alma branca. Por isso, me apresentava para uma promoção. Fiz um treinamento de 15 dias, junto com os economistas que pleiteavam o cargo de gerente financeiro de filial. Passei e comecei a exercer o cargo na filial do Paraíso. Só que lá a tesoureira, Isabel, era muito racista e vivia me queimando, fazendo fofocas injustas junto ao gerente da loja, dr Orlando. Mas ele entendia a razão das fofocas e não dava atenção. Essa mulher fez tanta fofoca e ficou também com bronca do dr Orlando, que até se demitiu. Antes de ir embora, ele me chamou e falou: "olha, Vera, vou me demitir, mas vou te transferir para a loja da Penha. Já tive aborrecimento de sobra aqui porque vejo as coisas certas. E aqui eu acho que não tem mais campo para você." Na Penha, continuaram as perseguições e acabaram me mandando embora.

Polícia não acredita em favelado

Paulo Ramos trabalha na Companhia Telefônica Brasileira, tem 23 anos e sempre morou no morro da Mangueira, Rio de Janeiro. Cursa o segundo ano de Engenharia na Nuno Lisboa. Tem um Chevette e mora no Buraco Quente, uma barra meio sobre a pesada da Mangueira.

— Aqui no morro acontece uma coisa engraçada, quando a polícia vem me pedir documentos: sempre leva um susto quando vê que o carro é meu, quando sabe que sou estudante e quando digo que moro no morro mesmo. É difícil eles aceitarem.

O carteiro Amauri, mesma idade, trabalhando desde pequeno, se revolta quando fala sobre esse assunto.

— Para arranjar uma batalha é o maior sufoco. Primeiro, há o problema da gente ser preto. Depois, de morar no morro. Não é todo o mundo no asfalto que tem uma tia para dar como nosso endereço.

Agressivo, Amauri continua falando sem parar:

— Minha mãe morreu há seis meses. Nesse dia, no trabalho, pedi Cr$ 500,00 para fazer o sepultamento da velha. Não é que teve gente que duvidou do que eu estava falando? Quem adiantou o troco foi um cara da cor.

A RAÇA SOFRE PORQUE NASCEU PRIMEIRO

"Sabe por que preto é raça sofredora? — pergunta o compositor Onofre Firmino de Jesus. "É porque nasceu primeiro"

Com uma bela dentadura à mostra, um Maverick azul-marinho, placa ZZ-00100, tem sucesso com as mulheres brancas, mas disse que não abandona as raízes

A polícia já fez você parar por causa do carro?

— Não, né. Afinal de contas eu tô num carro que impõe. Seu eu tivesse num fusquinha, aí mudava

Proprietário de um imóvel no Estado do Rio, onde mora com a família, mas fiel as suas raízes no Catete. Onofre diz "lá em casa é tudo crioulo, até os cachorros".

Tem sucessos com mulheres brancas?

— Não vou lhe enganar não! Já tive mulher alemã, portuguesa, argentina. Mas a patroa é um compromisso moral. Não largo mesmo.

Sem aparentar os 48 anos, o compositor sentiu a união do negro com o pessoal do Cais do Porto, em Sepetiba.

Voltei às origens. Um branco ali se perdia. Pelé é um dedinho de Deus. Mas ninguém segue os dez mandamentos, porque Deus também deu seus pontapés

Depoimentos a Celso Prudente, Chico Júnior, Clarice Niskier, J Paulo e Tim Lopes

Carmen Costa quer ver preto na Marinha

Foto Leonardo Neri

— Eu tenho culpa de ser crioula e trazer a arte dentro de mim? Nunca vi formatura de preto nenhum na Marinha e no dia que acontecer esse evento faço questão de cantar na festa. Vou morrer sofrendo racismo, mas prá mim não existe cor.

De turbante na cabeça, sentada no bar Amarelinho, a cantora Carmem Costa, aos 59 anos, casou com preto e branco. Não esquece de contar que sofreu preconceito de pessoas da sua cor num navio brasileiro, nos Estados Unidos, onde morou mais de dez anos.

— Fui substituir um cantor numa orquestra, onde só tinha negro. Depois do show eles escolhi para dormir o quarto das camareiras, por serem brasileiras. Me discriminaram.

Você, que viveu nos Estados Unidos, pode dizer a diferença que há?

— Os negros de lá se valorizam, têm o seu lugar. É um país rico. Enquanto estivermos na miséria, sem dinheiro, o negro sofrerá racismo. E essa falta de forças, esse estado marginal, levará a ter inveja de gente da sua própria cor que melhora de vida.

Conta ainda que, na cidade de Trajano de Morais, Estado do Rio, onde nasceu, sentiu rejeição à cor da sua pele quando estava no primário.

— Foi numa festa, a primeira vez que eu ia cantar. Momentos antes, a professora tirou o papel de minha mão e deu para uma menina branca. Foi quando comecei a sofrer discriminação racial.

ASSINE
12 Edições Cr$ 100,00. Ali. Direto. Em cima.
REPORTER
UM JORNAL DE CAPA E ESPADA

CUPOM DE ASSINATURA
—Assinatura por 12 edições: 100,00
—Envie cheque nominal ou vale postal para:
Rua Miguel Couto, 134 - salas 1101 a 1104 - RJ - CEP 20.000
Você pode assinar o REPORTER, a partir do nº 0
Indique a partir de que número você quer sua assinatura . . . . .
Nome: . . . .
Profissão: . . . .
Endereço: . . . .
CEP: . . . . Cidade: . . . . Estado: . . . . . .

Foto de Luis Feijó

A classe média não entende nada de favela

Nos meios de classe média e alta, quando se comenta sobre favelas e favelados, encontramos freqüentemente como resposta que eles são o 'lixo social', que são um peso morto na sociedade foco de marginalidade. Parece que as autoridades do governo têm o mesmo ponto de vista e que para eles só existe a burguesia, pois em suas atitudes — às quais não me compete julgar corrupta — só tomam partido por aqueles que já têm o básico, e o melhor dos bens público, fazendo, assim, obras supérfluas nos bairros onde tudo desnecessário já se deu. Constroem parques imensos, calçadões e outras coisas caríssimas, constroem elevados que não passam coletivos e só servem aos bairros das zonas burguesas da cidade.

E estes mesmos governantes, que gastam fortunas incalculáveis com os privilegiados, se esquecem das favelas e seu povo. E estes, quase nunca, contam com abastecimento de água, instalações de esgoto sanitário, e se alguns têm luz no seu barraco, isto foi feito às suas custas, pois a light não instala postes nem relógios para os morros. Não vêem mulheres e crianças subindo com sufoco a dura encosta, carregando latas d'água e bacias com roupa, incessantemente, no dia-a-dia. Não vêem as precárias condições de higiene, que oriunda não só da desinformação, mas também dos meios de como ter esta higiene, já que o esgoto não há, como tudo no sentido do saneamento

Nem vamos considerar o lamaçal, quem mora no morro já o aceita como membro da família, e estão acostumados com a dura luta. Não vamos considerar que a polícia, quando caça marginais no morro, quebra as lâmpadas que os moradores colocam, para que possam enxergar, na volta da "batalha", o acidentado caminho dos becos e vielas. Nem que esta mesma polícia ainda depedra casas e tortura moradores honestos, caçando traficantes, que são protegidos por eles, por lhe trazerem segurança, lhes dispensarem atenção e carinho, além de fazer uma pequena distribuição de renda

Se não considerarmos isto tudo, veremos, então, que se o governo, por incapacidade administrativa, lealdade, justiça, corrupção ou seja lá o que for, nada faz, a não ser removê-los dos morros, para que não enfeiem a cidade, e colocá-los em conjuntos residenciais, que só servem para encaixotá-los e arrancar lhes os últimos centavos. Não só com a mensalidade do "BURACO PRÓPRIO", mas também com toda uma consumação que o nefasto marketing lhe impõe, devido ao contato direto com a burguesia e a ilusão de ascensão social. E então veremos que quem pode fazer alguma coisa pelos favelados são eles mesmos — sem que venha, com isto, agredir ou contestar o sistema, o que só traria mais repressão e violência — se unindo em comissões de moradores de um morro e, com fundos angariados entre eles, como pudessem (com bicheiros, traficantes, seja lá quem for) Com isto, conseguiriam melhorias para o seu morro, dando-lhes condições mínimas para um ser humano

E aqui fica o pedido, a quem isto ler, de não assumir a posição cômoda de criticar e falar à toa. Leve a idéia ao morro, já que o morador de lá nunca lerá nanicos porque seu dinheiro mal dá para o cafezinho

Eu sou um só ainda, mas estou em campo e aceito ajuda do lado de cá, mas para agir. Falar, eu também posso e acho válido porque esclarece, mas é preciso dar mais alcance popular a estes esclarecimentos. **(Firmo de Souza Araújo Júnior, Rio de Janeiro, RJ)**

"Quero parabenizar o Rivaldo Chinen, que arriscou sua pele para conseguir aquela declaração do monstruoso Oscar Matsuo. Ele é um insano mental, assim como todos os torturadores"

(Aroldo Pereira, Montes Claros, MG)

Quem perdeu o ônibus, pega agora: pau ainda no transporte

1 Desde que foi limitada a velocidade máxima, deveria o DNER, a Secretaria de Transportes o DETRAN ou a sigla competente, providenciar o limite mínimo Não que fosse pra ser respeitado – ora, isto não faz sentido Mas só pra fazer oposição a estes ônibus que decalcam no vidro traseiro 60 km e não respeitam nem a mãe, que dirá à velocidade

Ou se corre o risco de morrer de medo, por excesso de velocidade, ou de raiva, pela falta de excesso Porque, presta atenção Sempre que se está com hora marcada ou atrasado, o diabo do ônibus vai murrinhando, parando dentro do ponto e fora dele, não perdoa um sinal. Vai atravancando os outros carros, trafega com duas rodas numa faixa e duas na outra, e o pedestre que quiser atravessar que ... que não atravesse! Os que sofrem de velocidade compulsória trazem estampado sobre a porta dianteira: É PROIBIDO PARAR FORA DO PONTO e acatam com tanto rigor que nem mesmo no ponto param

Outros avisos são ou não respeitados, dependendo da empresa, da linha, do motorista, da mulher do motorista, do vizinho. Eu me sinto encabulada quando o "chauffer" puxa o maior papo com um conhecido e, acima de sua cabeça tá lá: FALE AO MOTORISTA SOMENTE O INDISPENSÁVEL. Pior que isso só a lotação, que varia de unidade pra unidade e jamais corresponde, pelo menos, pros que estão de pé. Não pega bem; 10 sentados, 60 em pé, 35 ajoelhados, 5 deitados (geralmente, mortos ou em estado grave) e, três, pelo menos, roubados. Agora que essa moda de passar-a-mão-na-carteira-alheia-na-roleta pegou, não escapa uma viagem sem um assaltozinho. Os rapazes fazem o serviço nas fuças do cobrador, que não dá um pio porque, de repente, lhe acomete uma caganeira, ou quase, de tão pálido fica. Justiça seja feita ao cobrador. Não é ele o único a ver e calar, não. Oitenta por cento dos passageiros viu, mas todos fizeram absoluta questão de fingir que não perceberam nada.

Onde chegamos: acabamos nos acostumando a ser indecentemente aviltados, vergonhosamente enganados e ainda calamos! Nós queremos mais é gritar alto e em bom som: ESTAMOS SENDO ROUBADOS!!!" **(Donia Gracindo, Rio de Janeiro, RJ)**

2 "Viajo semanalmente de ônibus e tenho observado tremendos abusos por parte das empresas, além de presenciar grandes misérias pelas rodoviárias. Engraçado que, nos ônibus, no Estado de São Paulo, por lei é proibido fumar e noto que essa lei é raramente cumprida, pois o aviso "é proibido fumar" está em letras relativamente pequenas e lá na frente, na cabine do motorista, onde é difícil os passageiros lerem. As poltronas possuem cinzeiros (por que não retirá-los?) e também por que não pôr aviso que é proibido fumar logo atrás da poltrona onde o passageiro senta e é fácil de ver? Nos dias de frio, os ônibus viajam geralmente lotados e fechados e, se vão acendendo cigarros, vai saturando o ar

Também por lei é proibido o transporte de passageiros em pé e sempre observo que a maioria das empresas transportam passageiros de pé. Se um ônibus carrega 40 passageiros e tem 55 passageiros para embarcar, a empresa é obrigada a colocar outro ônibus e é o que não acontece, principalmente se for à noite.

E têm muitas outras irregularidades que podem ser constatadas em flagrante, além da grande parcela da população passando frio e fome pelas rodoviárias, que cobram taxas de embarque e se a gente quiser dar uma mijada tem que pagar!

Escrevo isto sobre as empresas que fazem intermediário (de cidade a cidade, no interior) e não sobre os horários que ligam as capitais, que, pelo menos, aparentemente são mais confortáveis." **(Henrique de Souza Miranda, Alfenas, MG)**

Inflação é o dinheiro que governo desperdiça

Se algum tecnocrata tem dificuldade para conceituar o que seja inflação, dou-lhes a definição perfeita: inflação é o dinheiro que o Governo desperdiça com sua indiferença e incapacidade. E quem desperdiça o dinheiro do povo, é ladrão dele. Por isso, por conclusão lógica, o administrador é ladrão, pelo menos enquanto não acabar com a inflação, acabando com o ladrão.

É de assunto dessa natureza que o nosso povo felizmente começa a ouvir, através do **REPORTER**. O povo não quer saber de informes econômicos complicados, ou as notícias sobre as colônias judaicas, ou a ponte que caiu no Vietnam. O povo quer saber por que o dólar custa quase Cr$ 20,00. Por que se inicia uma construção de vulto e pára no meio. Por que tanto carro oficial na rua fora de hora e cheio de mulher. Por que tanto gabinete enfeitado e dentro dele tantos incompetentes, bajuladores e profissionais da política.

Por que não tem alimentos nas penitenciárias, enquanto a FEEMA distribui alimentos para donos de colégios, que os distribui pra seus familiares. Por que existe tanta corrupção nas concorrências públicas, tanto faz que seja para compra de madeiras ou feijão para hospitais. Por que os orçamentos de obras são sempre mais custosos para o poder público do que para os particulares. São tantas as interrogações, que só muitos números do **REPORTER** para esclarecer a opinião pública, vendida, entorpecida, vilipendiada, desprezada, em benefício de meia dúzia de mandões que denigrem a administração, ofendem os capazes, desonram a cultura e envergonham a pátria. Do mais miserável município, ao mais angustiado Estado.

Eram as palavras, que pretendia não serem longas, que envio ao **REPORTER**, satisfeito por saber que o meu país tem um jornal assim.

Darcy Felipe Cury, Niterói, RJ

Tudo se resolve com um pequeno extra

"É um absurdo, mas é verdade. Neste País feito por "nós", só conseguimos ultrapassar a barreira burocrática através de pequenas taxas extraordinárias. São extraordinárias porque não podem ser pagas através dos formulários "DARF" e "DARJ".

Estando interessada em me naturalizar, para poder trabalhar honestamente como uma cidadã brasileira, fui consultar uma pessoa, que trata desse tipo de serviço, e me informou que é um processo muito complicado e demorado, mas se estivesse disposta a desembolsar uma pequena quantia para ele, o mesmo se encarregaria de todo serviço. Fiquei satisfeita e perguntei quanto era:

— Na camaradagem, pra você faço por Cr$ 10 mil. Mas além disso, se quiser que o processo ande rápido, é só soltar uma "graninha" extra pro pessoal. Sabe como é!

Interessante como tudo é resolvido na base das "taxas" extras. É o tipo da coisa que todos fazem, mas ninguém sabe. Igual a jogo do bicho é proibido, mas funciona normalmente nas ruas da cidade. Começo a pensar que tem alguma coisa errada." **(Ramona Ordoñez, Rio de Janeiro, RJ)**

*Será lançado no dia 23 de setembro o livro de poesia **Inventário de Cicatrizes** de Alex Polari de Alverga. O poeta, com 27 anos de idade, é preso político cumprindo pena de 80 anos. O livro, editado pelo Comitê Brasileiro de Anistia, relata a experiência do autor, da militância até uma prisão e tortura.*

Zoológico Humano

O que somos
é algo distante
do que fomos
ou pensamos ser
Veja o mundo
ele se move
sem nossa interferência
veja a vida
ela prossegue
sem nossa licença
veja sua amiga
ela se comove
por outros corpos
que não sou eu

Somos simplesmente
o que é mais fácil ser
lembrança
sentimento fóssil
referência ética
apenas um belo ornamento
para a consciência dos outros

A quem interessar possa
Estamos abertos a visitação pública
sábados e domingos
das 8 às 17h

O jornal mais lido na cadeia

CARTA 1

"Já há algum tempo temos conhecimento da existência do jornal **REPORTER**. Alguns números chegaram até nós, aqui no Presídio Político de São Paulo. Os números que conhecemos deu-nos mostra da qualidade e, principalmente, da combatividade do jornal, o que nos animou a nos dirigirmos a vocês e solicitar que nos seja enviado regularmente. Inclusive, e na medida das possibilidades, gostaríamos de receber os números atrasados. Fazemos chegar até a combativa equipe do **REPORTER** o nosso abraço e desejo de sucesso no empreendimento de vocês, que já se tornou um baluarte na luta pelas liberdades democráticas em nosso país"

CARTA2

Recebi o "pacote de agosto", com os exemplares atrasados do **REPORTER**. A imprensa alternativa tem sido um termômetro da vitalidade do nosso povo, já saturado do arbítrio e de tantos "pacotes," palavra que já faz parte da terminologia jurídico-legislativa que se impôs pela força no país e, por conseguinte, do anedotário nacional, embora seja trágica por vezes

A prisão prolongada (sete anos, no meu caso) cria, necessariamente, uma defasagem com a prática social, daí a importância da informação para se entender e acompanhar o processo político. **REPORTER** desempenhará um grande papel aqui no Presídio, onde atualmente somos 18 companheiros." **(Altino Rodrigues Dantas Júnior, Presídio Político de São Paulo, Barro Branco)**

PESSOAL DO REPÓRTER:

VOCÊS ESTÃO DE PARABÉNS! APESAR DEU DISCORDAR DO MODO SENSASIONALISTA DE QUE VOCÊS TRATAM ALGUMAS MATÉRIAS, NÃO POSSO NEGAR QUE O JORNAL QUE VOCÊS FAZEM É TALVEZ O MAIS VERDADEIRO QUE EXISTE PELAÍ. GOSTO MUITO DA IDEIA DE ENTREVISTAR PESSOAS NAS RUAS SOBRE OS MAIS VARIADOS TEMAS. SÓ ACHO QUE VOCÊS DEVERIAM DAR MAIS ESPAÇO PARA AS ENTREVISTAS.

BÃO; TÔ MANDANDO PRÁ VOCÊS UNS CARTUNS QUE EU FIZ SOBRE O CUSTO DE VIDA; SE TIVER ESPAÇO, FICARIA MUITO FELIZ EM VÊ-LOS PUBLICADOS NESSE JORNAL JÓIA QUE É O REPÓRTER.

TCHAU.

NAHUM //

Raul Motta, Rio de Janeiro, RJ

Somos 110 milhões por fora do que acontece

O momento atual que estamos atravessando é de inteira indisposição de todas as bases e classes sociais do país, devido principalmente à maneira pela qual se escolheu cargos públicos tão notórios e importantes.

Não se admite impoderavelmente que 110 milhões de brasileiros fiquem mesclados de escolherem os seus mandatários através do direito universal de todos os povos, que é o voto.

Tal situação esmerou e entristeceu o país, da mesma forma que se viu atingido, em abril do ano passado, por um pacote de leis profundamente lastimáveis e com requintes autoritários, que impediram e acabaram com os sonhos populares, que já se preparavam com a devida conscientização de votarem em seus governadores e prefeitos, depois de 14 anos de indefinições e autoritarismo.

Tenho certeza que a maioria da população nacional não aceita, de modo algum, ser tratada atualmente, como vem sendo, com tanto desprezo e descomedimento, fazendo-nos retornar aos tempos das Capitanias Hereditárias.

São nestes acontecimentos e episódios que a pátria comprova e confirma a sua completa generalização de cerceamento da liberdade, para tirar aplicações e conclusões gerais de conceitos e condições de indivíduos públicos, através da manifestação de sua opinião e vontade, pelo solene sufrágio democrático. Somente com estas convicções incontestáveis é que um governo se torna e se converte em uma soberania popular, já que um sistema político só consegue ter fundamento e apoio se for regido por um governo do povo, pelo povo e para o povo". **(Nivaldo Rodrigues da Silva, São Paulo SP)**

Tenente perseguido escreve ao ministro ... da Aeronáutica

Milton Mascaro, 1º TEN REF., vem muito repeitosamente informar e esclarecer sobre reportagem contida no jornal Reporter Nº4, de 15 de março de 1978, e outros acontecimentos.

O Sr. Hélio Livi Ilha, Cel R/R, que foi alvo da reportagem, conseguiu novamente mobilizar autoridades da FAB, na tentativa de prejudicar-me. V. Excia poderá solicitar do III COMAR, o depoimento por mim assinado na sindicância, onde verificará que a maioria das perguntas formuladas pelo Cel. Muniz, encarregado da mesma, forma no sentido de humilhar e desmoralizar, quando não me foi dada a oportunidade de esclarecer que as irregularidades existentes na minha vida foram mesmo criadas pelo Cel. Ilha, que, sempre usando de seu prestígio de militar, levou para dentro da Aer. este seu problema particular e, tentando me desmoralizar perante as autoridades civis e militares, apresentava situações de minha vida privada. Que aplicou também seus conhecimentos de Psicólogo na pretensão de abalar-me moral e mentalmente. E ainda com sua astúcia de advogado conseguiu, em pouco tempo, me envolver com, polícia e a Justiça, fazendo queixas descabidas em Delegacias, com auxílio de um militar reformado e um civil assassino

O simples fato de ser eu um militar inativo e com patente bem inferior a de Cel., e ainda com uma família numerosa, parece suficiente para demonstrar que, logicamente, vivo sobre pressão desesperadora de mil e uma necessidades e que esse exíguo desnivelamento torna a luta desigual Mas nem por isso deixou o Cel. de trabalhar no sentido de que fosse reduzido meus proventos e ainda me colocar diante de Conselho de Justificação, como prometeu.

Em conseqüência desses acontecimentos e por medidas desonestas e desumanas impostas, minha família foi brutalmente atingida. Minha esposa se encontra gravemente enferma, necessitando, a conselho médico, de se internar ou se afastar imediatamente. Por ter sido privado do recebimento de auxílio invalidez, que por força de Lei já me era devido há mais de dez anos, portanto já fazia parte de suprimentos de minha necessidade, três de meus filhos tiveram que interromper seus estudos Enfim, com a denúncia vazia já a caminho e não resistindo mais tantas arbitrariedades, terei que me transferir obrigatoriamente para o interior do País, com a finalidade de recuperar a tranqüilidade e a paz de espírito que reinava em meu lar, até quando se iniciou este problema. Por ter sido minha posse fundamentada na mais pura e sã das intenções, portanto é uma posse de boa fé, e todos que a conhecem sabem que é uma posse física, que nunca possuí nenhum título de propriedade, mas com toda certeza foi mansa e pacífica, por isso jamais qualquer que fosse seu proprietário ou legítimo dono teria o direito de reavê-la usando de violência ou outros artifícios, como foi usado pelo Cel

Sr. Ministro, ninguém tem o poder de prever com exatidão a que extremo esta situação nos distanciará dos antigos padrões em torno dos quais giravam todos os nossos conceitos humanos e nem a que ponto essa conclusão modificará a impressão que se tinha de alguém

Do ponto de vista estritamente militar, atravesso um dos instantes mais dramáticos de minha vida. Depois de estar reformado por mais de 22 anos, vejo agora minha condição de reforma totalmente modificada. Fui preso e conduzido duas vezes por elementos à paisano, de barbas grandes e de posto inferior ao meu, quando me encontrava no recesso de meu lar. Recebi por diversas vezes ameaças por parte de militares de Aer., uniformizados, em minha residência. Venho sendo constantemente coagido por policiais 32ª DD. Enfim, vivo há 3 anos numa situação de insegurança.

Sr. Ministro, é lamentável dizer que a polícia dá força em que se fundamenta hoje o Cel. e aqueles que o ajudam conseguiu, neste três anos, mobilizar alguns militares da FAB e a polícia, como se fosse possível conter, pelo terror, que os atos de violência inspiram, a evolução da luta pelo direito.

Não será enfrentando situação como esta que terei condições de me conduzir como determina o regulamento. E muito menos ainda com a diminuição de meus proventos, no valor de 3.255,00, provocado pela retirada do auxílio invalidez que foi processada pelo TEN Gutemberg, o qual funcionou como escrivão da sindicância Nem tão pouco com o aluguel que terei que enfrentar logo seja decretado o despejo, pois como muitos brasileiros também serei vítima da Denúncia Vazia, só que, no meu caso, o proprietário do imóvel em que resido com meus familiares há quase quatro anos, foi contemplado com a ação do referido despejo pelo Sr. Cel. Hélio Livi Ilha.

Não consigo entender como é que um homem, que sempre trabalhou, enfrentando dificuldades de toda ordem e que se dispôs a lutar por aquilo que julgava ser de interese do País e da maioria dos brasileiros, arriscando sua própria vida, venho agora sofrer decepções, sendo atingido violentamente por elementos que, talvez iludibriando a boa fé das Autoridades constituídas, procuram aproveitar de suas posições para defenderem interesses particulares, próprio ou de outros, usando ate mesmo a Instituição.

Por ter sido sindicado até por militares acusados de torturadores, devo dizer ao Sr. Cel. que não se trata de saber qual de nós recebeu mais medalhas, muito menos de quem seja mais nobre, e muito menos ainda de quem tem seu nome no SPC, e ainda mais de quem esta sendo despejado com esposa e 11 filhos e outros dependentes pela denúncia vazia, ou então de quem tenha mais condição financeira

Torna-se necessário, portanto, que todos saibam que posso não ter méritos, na opinião de alguns, nem direito a receber medalhas, nem ser ouvido quando punido, e até ser submetido a exame médico a força, nem ter direito a defender-me em depoimento da sindicânciam nem ter os direitos e as regalias que a Carta Patente me confere e nem ao menos ser considerado Revolucionário por ter sido o estopim do episódio do Clube Militar. Mas, com certeza, tenho muitas qualidades e virtudes, que são prerrogativas de poucos e superam em muito meus defeitos. Tenho, também, como todos seres humanos, o dom da palavra, que é a mais pura expressão da natureza e a mensageira indivisível de nossas ideias e sentimentos. E, por nunca tê-a usado contra os direitos dos homens, tenho conseguido, através dela, me livrar de interesses expúrios.

Quero, nesse ensejo, aproveitá-la para deixar aqui bem patente o meu pedido de desculpa à V. Excia e à nossa Instituição, quanto a publicação no jornal REPORTER Nº4, afirmando, com toda a honestidade e dever de militar, que nunca houve de minha parte premeditação, intenção ou interesse em ferir o brio das digníssimas Autoridades, e muito menos ainda o bom conceito de que goza nossa Gloriosa FORÇA AÉREA BRASILEIRA.

E por considerar que este episódio já acarretou situações desagradáveis, não só a mim e meus familiares, aproveito nesta oportunidade firmar o compromisso de não mais usar veículo de comunicação, seja carta ou imprensa, com respeito a esse problema, considerando assim esgotado todos os recursos no sentido de pedido de providência que o caso requer, aguardando com tranqüilidade e confiança a solução que V. Excia determinar, fundamentada por certo na Justiça e nos direitos humanos.

Com o devido respeito.

[illegible] [illegible]

A SUNAB é uma vergonha

"O que faz a SUNAB? Aqui na Zona Sul, preços além das tabelas, consentidos por ela. Está uma vergonha. A dona SUNAB precisa tomar sérias providências a respeito disso. Principalmente nos bares, onde há maior exploração. Olha, meus amigos, eu que não vivo de salário mínimo, estou reclamando. Imaginem vocês a paraibada de obras. O carioca é bonzinho, nada reclama e o português mete a mão. Por isso é que 99,9% dos proprietários de bares deste grande Rio são portugueses. Isso é o maior negócio desta terra." (Francisco Souza Teixeira, Rio de Janeiro, RJ)

Sugestão Um: alimentação

"Quero fazer uma sugestão: uma matéria sobre alimentação, uma matéria construtiva, com informações de nutricionistas, macrobióticos, ovo-lacto, vegetarianos, naturistas, sobre o que é necessário para um dia ou uma vida sadia. Um levantamento da alimentação normal da classe média brasileira, do operário, levando-se em consideração o esforço de cada um, físico ou mental". (Pedro Tornaghi, Rio de Janeiro, RJ)

A situação política é um mistério total

"Quero que esclareçam a situação política atual, enfim, uma análise da nossa política atual. Assisti ao programa Pinga Fogo, da Rede Tupi, quando o presidente do Senado deu alguns esclarecimentos. Mas o mesmo estava tão eufórico quando dava suas respostas, que até me deu a impressão que tudo estava se beneficiando. Creio, também, que essas perguntas foram selecionadas pelo SNI, pois se não fosse assim, o mesmo não iria em cadeia nacional. Por que os organizadores não fazem um debate, ao invés de uma discussão entre si? Certo em ser atendido em seus propósitos, antecipo meus agradecimentos, com elevada estima e consideração". (Wilson Dias de Camargo, Osasco, SP)

● ***REPORTER*** **fala da situação política atual há dez meses, desde o nosso nº 0. Não é por outra razão, aliás, que o nº 5 foi apreendido. Porque você não escreve o que acha? Quem sabe a gente publica?**

Sugestão Dois: estudante pobre

"Eu vou pedir a vocês que façam uma reportagem mostrando o problema do estudante pobre, o cara que senta em um banco de uma universidade paga (ou até de uma estadual ou federal) com fome, gente que não come há dias, mas que é inteligente, enquanto que outros que têm dinheiro para pagar a universidade, mas não sabe porcaria nenhuma, consegue freqüentar e terminar um curso superior. Tudo isso eu vi e achei chocante". (Cenira Ventura da Silva, Rio de Janeiro, RJ)

DECLARAÇÃO

Declaro
por dever de consciência
e sob império
da revolta
que não conheci o cidadão
ALCIR DE OLIVEIRA PORCIÚNCULA
professor
da Escola Estadual (II Grau)
Antônio Raposo Tavares
de Osasco São Paulo Brasil.

Segundo essa notícia
[redacted]
da minha fome
e do meu sono,
morreu ele vítima de estafa
pois dera aulas demais
e não podia.

Ocorre que neste país
onde sou vivo
(segundo a Biologia)
[redacted]
(por decreto
do general do dia)
continuo a depor
e a declarar
por ser meu dever
que há os que não chegam à escola
sendo gente
e os que morrem de ensinar
além da conta.

Assim morreu
o professor de Osasco:
de estafa de lecionar
no país dos cansados de saber
que a escola de todos
é pra poucos
e que há algo de heroicamente doido
no magistério do país dos que não sabem.

Declaro, finalmente
torturado
pela dor de entender
do que morremos [redacted]
que o professor paulista
estava louco:
da lucidez dos puros
(e dos poucos)
que sonham de noite
com a Aurora.

Glênio Peres, vereador de Porto Alegre, cassado.

CANDIDATO—OPERÁRIO GANHA OS Cr$ 10 MIL

REPORTER n.º 9 publicou uma matéria com Aurélio Peres, candidato a deputado federal que não tinha Cr$10 mil para se inscrever no partido, o MDB. Cristian Hansen, também entrevistado nessa edição (fez a denúncia da IBM) leu a entrevista e deu o dinheiro a Aurélio. O candidato escreveu uma carta agradecendo

"Ao amigo Cristian Hansen

Recebemos vossa ajuda e nesta hora de dificuldades muito contribui São atitudes como essas que mostram os verdadeiros democratas Se a classe operária não tem seus representantes é porque, entre as muitas dificuldades que aparecem, a econômica tem um grande peso. Enquanto candidatos da Arena têm Cr$25 milhões para gastar, o operário não pode sequer pagar a inscrição. E o que dizer da propaganda? Seria muito mais simples se pudesse usar o rádio e a televisão, mas a Lei Falcão impede, favorecendo, assim, somente quem tem dinheiro Mas ainda existem pessoas que compreendem estas dificuldades e se colocam à disposição. Oxalá existam muitos outros Cristian que saiam em ajuda aos candidatos populares

Nosso muito obrigado Cristian Aurélio"

Aborto foi bom mas ainda tem tópicos

Sobre o tema Legalização do Aborto × Menores Abandonados, gostaria de abordar alguns tópicos, uma vez que, apesar das excelentes coberturas e réplicas publicadas , estes me parecem ainda pouco esclarecidos

1) O que produz o menor abandonado?

É um engano, no mínimo mal intencionado, acreditar-se que estes são frutos de um número aumentado de filhos em famílias tornadas pobres pelo grande número de bocas a alimentar. Ao contrário, a miséria (produto da superexploração) é que obriga ao casal ter um número maior de filhos! Pode parecer estranho, mas nós devemos nos lembrar que os pobres não têm empregadas domésticas e, como na maioria das vezes fica em casa apenas um reduzido número de horas, alguém precisa cuidar da jornada doméstica do trabalho que é absorvida, na classe média pela mulher (mesmo a que trabalha fora) e nas classes abastadas por empregados (ou subempregados). É importante lembrar que essas crianças não vão à escola (menos despesas), vestem-se de doações, se viram prá comer e ainda conseguem, às vezes, alguma graninha por fora. Em nossa sociedade de exploração, o oprimido tende a absorver a imagem do opressor e, assim, temos mulher e filhos, como verdadeiros proletários dos proletários. Tal situação pode se resolver com a fuga dos filhos para situação de menor exploração (cooperativas de subproletários, atualmente chamados bandos de pivetes) ou com o rompimento da frágil estrutura familiar

2) O aborto evitaria isso, uma vez que não se produziria mais subproletários?

Não, se nós atentarmos para o fato de que os filhos, por serem eventual fonte de renda ou eventual segurança para a velhice, nas famílias oprimidas não apenas consentidos ou tolerados, mas desejados. Além disso, em nosso país, teriam sido necessários, pelos menos, cinco milhões de abortos nos últimos 15 anos, o que não parece ter sido conseguido em nenhum país onde o aborto seja legal. É importante lembrar que se poderia cortar o mal pela raiz com uma estrutura científica (socialista) da sociedade

3) O aborto, uma vez legalizado, teria menos riscos?

Teria, se em nosso país existissem órgãos públicos encarregados de que se cumpram as leis. Porém, a lei é cumprida? A legislação trabalhista é cumprida? A constituição, que nos assegura eleger nossos governantes é cumprida? A indústria médica e farmacêutica cumpre a legislação?

4) É lógico que existem outras razões que podem levar um casal a praticar o aborto. Nestes casos, a legalização facilitaria as coisas prá pequena burguesia, mas as classes oprimidas não têm sequer INPS (muitos adultos nunca foram ao menos registrados ao nascerem), quanto mais grana prá clínica particular em Botafogo!

5) Lembremos que Menor (e maior) Abandonado (oprimido, explorado) é um problema ECONÔMICO E POLÍTICO! Exige, portanto, uma solução econômica e política! Senão, a gente cai no mesmo erro do almirante Faria Lima, interventor imposto ao Rio de Janeiro, que declarou que as escolas no Estado são em número suficiente.

Os pobres é que têm muitos filhos!

6) É claro que se deve atacar os pontos visíveis do problema, com uma estrutura de assistência eficaz, mas isso deve ser concomitante ao ataque à causa do problema, que é a estrutura piramidal de nossa sociedade, com tão poucos em cima esmagando tantos na base! Não vamos botar lenha na fogueira da Bemfam! Não se acaba com a pobreza acabando-se com os pobres! Enquanto eles forem necessários para manter a opulência, o fausto e o desperdício das classes dominantes, eles existirão em número sempre maior!

Apenas como sugestão, vocês não acham que seria melhor, ao invés de tornar extermínio preventivo dos pobres legal, tornar ILEGAL A EXPLORAÇÃO DO HOMEM PELO HOMEM?" **(Luiz Miguez, Rio de Janeiro, RJ)**

QUE PAÍS É ESTE?

que país é este aonde se diz
que o futuro a Deus pertence?
cheio de modelos milagres
e de homens-biônicos!
que país é este meus senhores?
aonde se diz que é preciso
valorizar o diálogo de gabinete
onde um ai-cinco perambula imponente
pela cabeça de cada um de nós.
que país é este?
aonde inteligência significa
saber usar o banheiro
e mostrar um sorriso mais branco
onde tudo é relativo e duvidoso e a
democracia tem o gosto de calcigenol irradiado.
que país é este meu Deus?!
aonde o povo assiste telenovela
enquanto se tomam as decisões
sem consultas prévias, pois de prévia mesmo
só existe a censura onisciente

não
este não é o país feito por nós
esse país — minha gente! — é ficção.

J.L. Rocha — Teresina (PI)

Solda

MATERIAL FOTOGRÁFICO

Em *Fortaleza*, tudo de fotografia (a manutenção do seu equipamento) é na "DP — Assistência Técnica Cine-foto," com o Durival Prata. Rua Pedro I, 233/204 Tel.: 226-6875

SINAL DE ALERTA

FÁBRICA DA TV É REAL, POLUI E MATA

ADULTOS PERDEM A VOZ — CRIANÇAS NÃO TÊM FOME — MANCHAS NO CORPO — CÓLICAS ATACAM TODO MUNDO — MORTES NÃO TÊM UMA EXPLICAÇÃO

Dona Ana é a maior inimiga da fumaça da Ceralit

Foto Jesus Carlos

REPORTER

É uma fábrica grande, ocupa todo um quarteirão de Veleiros, perto do autódromo na chamada periferia da capital paulista

Trabalham 500 operários, muito poucos sindicalizados. O Sindicato dos Químicos diz que a fábrica não deixa o sindicato entrar lá, dificulta o máximo.

O sindicato já recebeu reclamações de empregados dessa fábrica, mas nunca descobriu o que de certo se passa na Ceralit. Sabe apenas que a fábrica despede qualquer empregado com indício de doença e de três em três meses os operários fazem exame médico.

Um operário antigo contou que, dez anos depois de trabalhar com chumbo, sente dores de cabeça mas quando passa mal vai no Sesi — Serviço Social da Indústria — onde o médico receita uns comprimidos brancos que não se encontra em nenhum outro lugar, nenhuma farmácia.

A fábrica ficou marcada por uma passeata feita pelos vizinhos, há um ano, cansados de doenças. Passado esse tempo, os vizinhos da fábrica dizem que a poluição continua a mesma, como as doenças

A fábrica recebe a imprensa representada pelo advogado e engenheiro químico Geraldo Ferreira. Ele garante que os filtros contra poluição estão instalados, mas não quer mostrá-los. Diz que os vizinhos reclamam "para valorizar suas casas" ou que "poluição hoje é problema da moda, é um assunto que vende jornal". Mas confessa:

— Quando a caldeira liga, automaticamente, sai uma fumaça preta — um ou dois segundos.

Há 16 anos a Ceralit se instalou para produzir cera, tintas, plástico PVC Chumbo, ácidos, sais, são usados na fabricação. Os vizinhos também acusam a presença de um produto proibido, o agente laranja. (Usado pelos Estados Unidos na guerra do Vietnã.)

Ana Valtrudes Scharrenbreich, mora em frente à fábrica, na melhor casa do quarteirão. De sua casa vê um pátio da Ceralit cheio de tambores que contêm, diz ela, o perigoso agente químico

— Por um código internacional, o agente laranja tem que usar em tambores verdes com faixa alaranjada, que era como faziam aqui na Ceralit, antes. Depois do barulho todo, passaram a tirar a faixa do tambor e pintar a tampa. E os tambores agora só saem pelos fundos.

Ana Valtrudes, alemã rija, é considerada por todos a mais combativa das inimigas da Ceralit, tendo por isso sofrido acusações e até possíveis atentados:

— Quando eu comecei a abrir a boca o pessoal daqui dizia: "pelo amor de Deus, eles vão te matar." E de fato aconteceram coisas estranhas. Um dia quase fui atropelada por um caminhão deles. E outro dia um caminhão deles despencou da ladeira e veio bater na parede da casa. Quando foi no começo da campanha andavam uns caras de boné e casaco preto e diziam que eu era comunista. E até o doutor Nelson Nefussi, da Cetesb, me perguntou se eu era comunista. Eu disse: desde quando defender o direito de viver e respirar é ser comunista?

A Cetesb, órgão do Estado para controlar o meio-ambiente é muito atacada por dona Ana:

— Quando o pessoal daqui vê por acaso alguém da Cetesb já pergunta: como é, veio apreciar a paisagem ou veio receber seu cachê da Ceralit?

Até dinheiro foi usado para calar dona Ana:

— O dono da Ceralit mandou uma pessoa me perguntar quanto eu queria para calar a boca. E eu mandei dizer que dinheiro nenhum pagava a saúde do pessoal todo.

Casos de doença e de morte dona Ana contou ao escritor Dias Gomes, cuja novela **Sinal de Alerta** se baseia nos fatos havidos em Veleiros

— Aqui morrem muitas pessoas de repente. O diagnóstico é derrame. Mas eu sei que com derrame a pessoa tem paralisia parcial, o que não acontece aqui. E está todo mundo sempre doente. Meu marido foi internado duas vezes e eu, uma. Um vizinho está com a perna cheia de manchas vermelhas. Eu também. Um médico cardiovascular disse que são veias que estouram "e a sorte de vocês é que não estouram no cérebro"

As ruas próximas à Ceralit têm nomes de praias: rua Copacabana, rua Ipanema, rua Leblon, rua Guarujá São ruas pacatas, largas e asfaltadas. Além dos sobrados confortáveis misturados a casas modestas há um ou outro terreno baldio, um depósito de ferro-velho.

Diamantino, português de 40 anos, dono do depósito:

— Poluição e fumaça aqui é todo dia. Eu cá acho que todo o movimento que fizeram não deu resultado nenhum. Onde está o dinheiro, reclamação não adianta. E eles trabalham para o governo, ninguém vai fechar a fábrica não. E vai poluindo. Têm vezes que solta ácido, é ácido sulfúrico. Aí dói a cabeça e os olhos E tem mais a fumaça preta também. A fumaça tem muito cisco. Me dói a cabeça de vez em quando, me dá tontura.

Dona Assunção mora vizinha ao depósito

— As crianças às vezes acordam amarelas, não comem, ficam pálidas Dá essas manchas brancas na pele, olha no braço. Tem dia que o cheiro parece de bacalhau. Quando é cheiro de borracha queimada me dá uma cólica no fígado! E furúnculo. Minha filha tem uns quinze furúnculos, e não é só ela, é todo mundo por aqui. E a poluição tá pegando Veleiros todo. Tenho uma tia que mora do lado de lá e diz que é a mesma coisa

Dona Antônia é uma mulher decidida

— Primeiro o cheiro vinha até na cama e tinha que cobrir a cabeça pra poder respirar. E eu brigo com o meu marido porque pra ter um cheiro mais suportável só fechando muito bem todas as portas e janelas e forrar com pano grosso todas as frestas e ralos. Meu marido só consegue dormir de janela aberta, então é aquela briga toda noite

A doença de dona Antônia é nos olhos:

— De quê eu tô lacrimejando o tempo todo? Outro dia recolhemos um pouco de um pó que usam na Ceralit e mandamos fazer o exame pra ver o que dava. E deu isso: "composto de chumbo, apresentando também os efeitos tóxicos específicos do chumbo." A dona Maria, terceira porta ao lado, quase morreu esses dias

Dona Maria, já refeita, conta:

— Olha, o corpo ficou todo vermelho — agora ainda estou com o pescoço vermelho e coça e dói. Meu Deus, como dói.

O resultado do exame aponta as doenças que a população sofre: problemas renais, sangüíneos, no fígado e até no cérebro

Depois dos protestos do ano passado, diz dona Ana Valtrudes, a fábrica passou a soltar a fumaça só à noite, pra ninguém ver:

— Isso começou quando veio a Cetesb. Mas agora a Cetesb nem vem mais. E durante a madrugada eles usam um produto que não sei o que é mas isso aqui vira uma verdadeira caldeira do diabo. A poluição fecha a garganta, é uns cogumelos que dá De manhã a gente acorda sem voz

Dona Ana conta os mortos da vizinhança:

— Ali no 116, a mãe da moça morreu de parilisia nos rins. Um senhor que morava num córrego onde a Cerlit despeja restos morreu sufocado. Foi a Ceralit até que o internou e pagou todas as despesas de hospital. Uma empregada que trabalhou comigo teve casal de gêmeos. O médico perguntou se ela tinha tomado inseticida porque ninguém aguentava o cheiro na hora do parto. As crianças nasceram vivas, mas morreram. E demorou um mês pra sair a autópsia A mãe nunca viu as crianças mortas E a autópsia deu "causa indeterminada".

Raquel Moreno

REPORTER

Rio, outubro/novembro de 1978 — Número 11 — Cr$ 10

AUTÔNOMO INDEPENDENTE

Silvio Santos mete a mão no baú dos outros

SALVE-SE QUEM PUDE-R

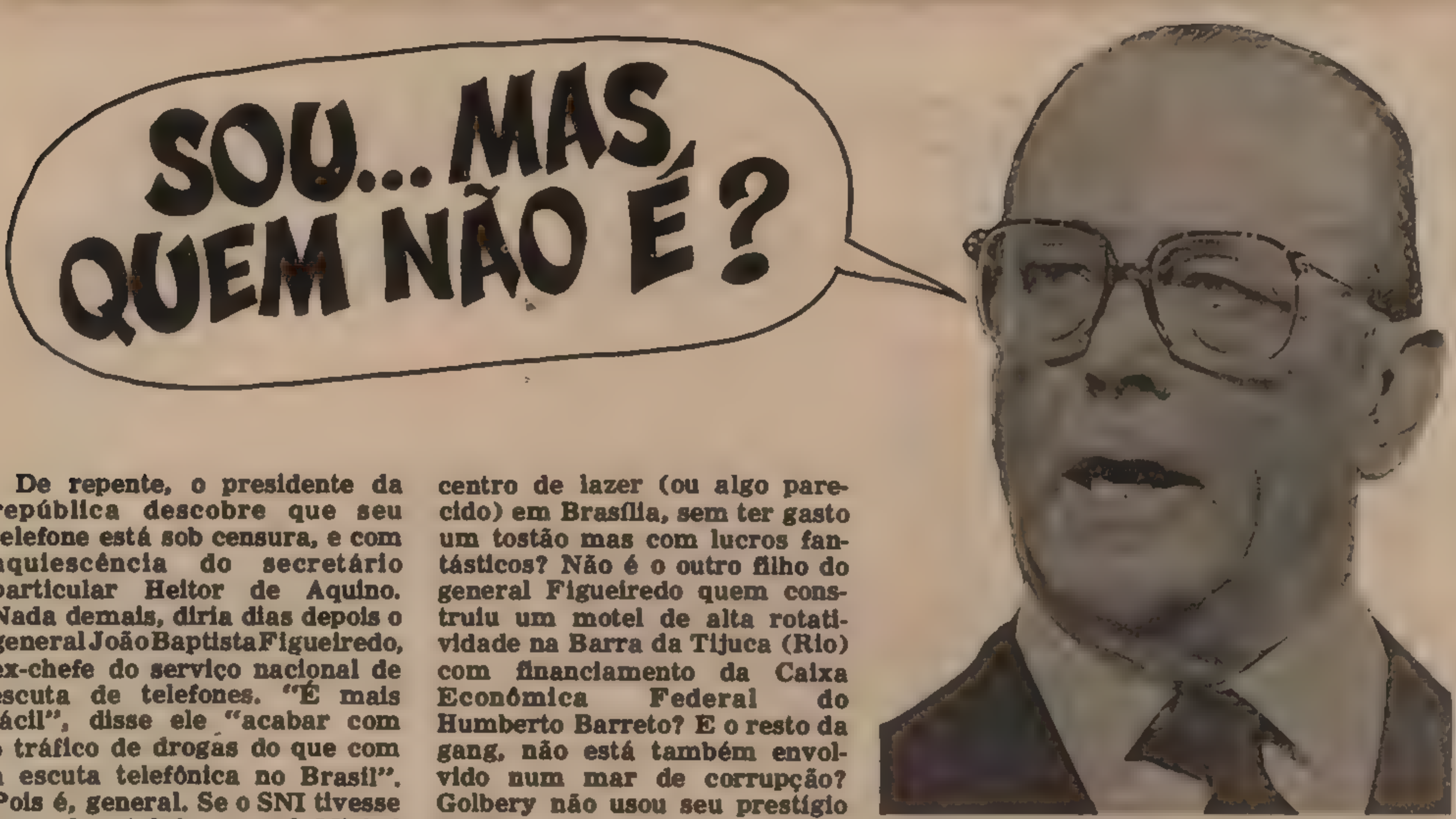
PÁGINAS 1 A 32 DESDE 1964

Descoberto policial que suicidou Herzog

P. 3 a 5

GOLBERY MENTIU NO CONGRESSO

P. 32



De repente, o presidente da república descobre que seu telefone está sob censura, e com aquiescência do secretário particular Heitor de Aquino. Nada demais, diria dias depois o general João Baptista Figueiredo, ex-chefe do serviço nacional de escuta de telefones. "É mais fácil", disse ele "acabar com o tráfico de drogas do que com a escuta telefônica no Brasil". Pois é, general. Se o SNI tivesse gravado os telefonemas de Michel Frank no ano passado, talvez soubesse hoje quem lhe vendia a cocaína que, de uma forma ou outra, acabou matando a Cláudia Lessin Rodrigues.

Mas isso são outros quinhentos milhões — aqueles que o pai do rapaz espalhou pela polícia e pela Justiça do Estado do Rio a troco da liberdade do "pobre" Michel. Mas como é que o general Figueiredo ia gravar o telefone de Michel ou do Egon Frank para descobrir quem levou a grana da cocaína e a que veio depois, distribuída entre autoridades? Não podia mesmo, porque em matéria de corrupção, quem tem telhado de vidro não fica jogando pedra pra cima. Não é o filho do general Figueiredo quem explora um centro de lazer (ou algo parecido) em Brasília, sem ter gasto um tostão mas com lucros fantásticos? Não é o outro filho do general Figueiredo quem construiu um motel de alta rotatividade na Barra da Tijuca (Rio) com financiamento da Caixa Econômica Federal do Humberto Barreto? E o resto da gang, não está também envolvido num mar de corrupção? Golbery não usou seu prestígio para beneficiar a Dow Química? Heitor de Aquino não favoreceu o Projeto Jari? E Francelino Pereira com suas sinopses? E Paulo Maluf e sua mulher Lutfalla falida?

É, general, as respostas cabem aos serviços que o senhor andou dirigindo uns tempos. Mas talvez o senhor tenha mesmo razão ao dizer que é mais fácil acabar com os tóxicos do que a censura telefônica. Talvez até mais fácil do que acabar com a tortura e as violências do regime agonizante. Só não é mais fácil, general, acabar com a corrupção, não é mesmo? Essa ninguém segura nem prova, pois, como já disse o coronel Rubem Ludwig, corrupto esperto não vai em cana.

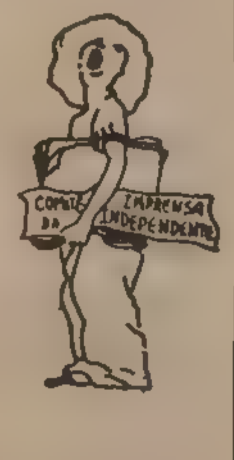
SEM DESTINO

Já estão ficando comuns as cartas endereçadas ao REPORTER trazendo reclamações dos assinantes pelo não recebimento dos seus exemplares. Algumas pessoas se dizem decepcionadas com o jornal, que prometeu e não está cumprindo o compromisso com os assinantes. Atenção, leitores: o erro não é nosso. No labirinto que nos separa de vocês existe um grande minotauro chamado Empresa Brasileira de Correios — embora haja suspeita de que outros obstáculos possam estar interceptando a nossa correspondência. Continuem reclamando porque essa é a única forma que temos de corrigir a falha existente. Às pessoas que já escreveram reclamando, estamos enviando novas remessas de jornais.

REPORTER

REPORTERES/EDITORES — Luiz Alberto Bettencourt, Luiz Augusto Gollo, Chico Júnior, Alex Solnik (São Paulo), Analuce Estrela (Arte)
SECRETÁRIO DE REDAÇÃO — Toninho Martins Vaz
REPORTAGEM — Tim Lopes, Eduardo Homem (Recife), Marcos Dantas, Clarice Niskier, Tânia Celidônio, Raquel Moreno, João de Barros, Rivaldo Chinen, Bernardo Pelegrini, Vera Lúcia Dias.
CORRESPONDENTES — Paulo D'Alcântara (Paris) e Cristina Duarte (Milão)
FOTOGRAFIA — Hélio Campos Mello, Camila Butcher, Jesus Carlos, Juca Martins, Eliana Pastore, João Bittar, Wagner Avancini, Lula Feijó, Chiquito Chaves, Luz Bittar, Custódio Coimbra, Leonardo Neri, Nair Benedicto.
ILUSTRAÇÃO — Jaime Leão, Angelli, Jota, Alcy, Guidacci, Maurício Veneza
ARTE — Pipsi, Maurício Veneza
PUBLICIDADE — Carlos Roberto Zanello de Aguiar
REPORTER Autônomo Independente — Uma publicação da Margem Editoria e Programação Gráfica Ltda. Rua Miguel Couto, 134/11º andar. Rio de Janeiro.
São Paulo: Rua Jaguaribe, 25/3º andar, conjunto 31. Telefone: 222-3103.
Distribuição — Fernando Chináglia S.A. Rua Teodoro da Silva, 907, Rio de Janeiro.
Impressão e composição — Editora Mory, Rua do Resende, 65. Telefone: 263-7002. Rio de Janeiro.

REPORTER integra o Comitê da Imprensa Independente



Registro Civil das Pessoas Jurídicas nº. 2868

Já sabemos quem suicidou Vlado Herzog

No inquérito secreto feito em 1975 pelo II Exército, o policial Grancieri disse que interrogou Vlado (veja ao lado). Se ele se matou após esse interrogatório (coisa que sua própria mulher acha impossível) foi Grancieri quem, pelo menos, o induziu ao suicídio.

... que no dia 25 pela manhã, do mês de outubro transato, o declarante foi chamado pelo comandante do DOI que o encarregou de tomar as declarações do jornalista Vladimir Herzog...
...na parte da manhã e foi conduzido à sala de trabalho do declarante, já vestido de macacão, que como usual, ...
... que o declarante, usando a boa técnica policial, resolveu, então, ...
...que foi o declarante a única pessoa que procedeu aos interrogatórios de Vladimir Herzog, não tendo ele, Vladimir..

Vladimir Herzog aos poucos tudo fica claro

Pedro Antonio Mira Grancieri, 39 anos, natural de Marília, estado de São Paulo, filho de Antonio Mira Lopes e Iracema Mira Grancieri, casado, investigador de polícia, residente à rua Thomaz Carvalhal 1030, São Paulo, exercendo sua profissão à rua Thomaz Carvalhal 1030 (é o endereço do DOI-CODI), 1,70 de altura mais ou menos, perto de 60 quilos, magro mas musculoso, branco, cabelos castanhos curtos, olhos estreitos, uma âncora tatuada na parte interna do antebraço esquerdo.

Ele foi visto por uns vinte presos políticos na manhã de 25 de outubro de 1975. Eles estavam no corredor do primeiro andar do DOI-CODI quando o policial passou por eles e entrou na sala para interrogar o jornalista Vladimir Herzog. No meio do interrogatório dois outros jornalistas puderam vê-lo melhor: George Benigno Duque Estrada e Rodolfo Konder foram acareados com Vladimir.

Depois disso, não se sabe com certeza o que aconteceu. A mulher de Vladimir, Clarice, ouviu dizer que o marido reagiu com palavrões quando o policial lhe apresentou uma confissão para assinar. E em resposta aos palavrões o policial teria investido violentamente contra Vladimir. O que se sabe é que os vinte presos que esperavam sua vez de serem interrogados, foram levados de volta às celas.

No processo que a família Herzog está movendo contra a União responsabilizando-a pela morte do chefe, o policial Granciere foi convocado a depor, em maio deste ano pelos advogados. Mas o DOI-CODI alegou que ele estava em missão sigilosa em Mato Grosso.

Nas páginas seguintes: a mulher, a principal testemunha e dois advogados não desistem de provar que Vladimir Herzog foi assassinado.

"Mataram Vlado" é a manchete que falta

Inédito: a família abriu processo acusando o governo pela morte do preso Vladimir. O resultado não se sabe: o juíz ia dar a sentença em junho, mas a Justiça não deixou. Agora ele está aposentado e não fala nada.

— Meu papel é provar realmente que Vladimir foi assassinado. Provas nós temos. Agora, quero ver isso impresso em manchete de jornal. Isso eu vou brigar até onde der. Não vamos parar. Se a gente eventualmente perder a ação, se for desfavorável, vamos apelar. Para o Supremo? Quem sabe são os advogados. Mas não vamos parar. É uma obrigação minha para com Vlado, pelos meus filhos (Ivo e André), para todos vocês. Na medida em que houver esse reconhecimento teremos de brigar pelos outros desaparecimentos, pelas outras mortes. É uma obrigação de todos nós. Porque não é o Vlado; ele é um símbolo de uma série de coisas. Outros processos virão. É o único processo que existe de denúncia nesse nível (responsabilizar a União pelos maus tratos e morte de um preso político).

Não tivemos acesso ao inquérito aberto na ocasião da morte de Vlado. O advogado José Carlos Dias não pôde nem acompanhar. Foi um inquérito aberto pelo presidente Geisel para esclarecer as causas do "suicídio", já abriram o processo partindo desse pressuposto. Na época eu disse, e continuo afirmando que isso foi uma farsa.

Você foi pressionada na época?

— E como! Recebia telefonemas de intimidação, a empregada ia embora, os meninos atendiam os telefonemas com ameaças.

Vimos nesses três anos que os resultados do inquérito foram os mais contraditórios possíveis. Mas havia um clima de muita intimidação, de medo, mas só que não justificava o medo de algumas pessoas. De ex-companheiros de Vlado, como o Lobatinho (atualmente na redação de *A Carta*, órgão de direita dirigido por Cláudio Marques, o dedo-duro de Herzog. N. R.), que trabalhava no *Estadão*, e que freqüentava nossa casa quando ainda morávamos em Londres, e que foi, expontaneamente, dizer que Vlado foi expulso do *Estadão* por ser comunista. Só que o próprio jornal desmentiu ter perseguido alguém por motivos ideológicos, e que Vlado trabalhou em 1965 e que se demitiu. Em 68 nós estávamos em Londres.

Teve outras pessoas que adotaram o mesmo comportamento. O rabino Pinkus, por exemplo, que declarou que Vlado está enterrado nos locais reservados aos suicidas, o que é uma mentira muito grande. Teve o caso do Shibata (Harry Shibata, atual diretor do Instituto Médico Legal de São Paulo e membro do Conselho de Ética do Conselho Regional de Medicina. N. R.), que disse em entrevista que nem examinou o corpo de Vlado, que assinou só endossando o que o outro fez. A lei mudou agora: não é preciso a assinatura de dois legistas, basta um só. Era outro processo de retomada do caso, mas que está parado.

Estou ressentida com os grandes jornais. Eles nunca fizeram uma pauta, para uma reportagem policial. Limitaram-se a reproduzir comunicados oficiais. E Vlado era jornalista, os grandes jornais já estavam sem censura prévia.

Você procurou médicos legistas para examinarem o corpo de Vladimir?

Procuramos vários médicos, e todos se recusaram, alegavam as mais variadas desculpas. Ninguém viu o corpo de Vlado, só os judeus que participaram da lavagem, mas eles não abrem a boca.

Clarice, até quando você vai lutar?

Sempre, sempre. Se eu não fizer não me agüento viva. Para mim tenho que provar o assassinato de Vlado. É a única coisa que ainda posso fazer por ele. Até aquele momento de sua prisão a gente sentia que era inviolável. Você tem um trabalho, faz tudo ao nível legal, institucional. Era um trabalho profissional bem feito o de Vlado. Você sentiu que está sendo violentado. Porque aconteceu com você, se você não está fazendo nada de ilegal? Podia acontecer com qualquer um. Naquela época havia muito medo, a perplexidade de não aceitar esse medo. (Clarice Herzog, publicitária, mulher de Vladimir Herzog).

Foto Amancio Chiodi

Clarice vive pra provar que o marido foi assassinado

"Podíamos ouvir os gritos de Vladimir e dos torturadores. Eram sinais de que estava sendo torturado com violência, sinais estes que se evidenciaram nos gritos de dor, pancadas, ofensas, etc. Quando fui acareado com Vlado, vi na sala instrumentos de tortura como a cadeira do dragão (cadeira eletrificada). O único momento em que me ausentei daquele local foi por volta das 17 horas, momentos esses em que Vladimir já estava morto. Nessa ocasião haviam cessado todos os ruídos, assim como fora desligado um rádio que procurava abafar os gritos de Vlado." (George Duque Estrada, jornalista)

Foto Jesus Carlos

Se foi suicídio, por que o comandante caiu?

— Vladimir Herzog morreu no momento em que também era morto o direito de pensar, de criar e de crer do brasileiro. A sua morte significou um levante com sabor de "basta". A partir da morte de Herzog, que não foi a primeira e não foi a última, foi desmascarado o regime de tirania em que vivemos até hoje. Teve assim o trágico episódio um significado histórico da maior importância. É triste dizer, mas o seu desaparecimento despertou pessoas conscientizadas e conscientizou alienados. A sociedade civil tomou consciência de que estivera numa câmara de tortura, de que todos seus membros estavam seriamente ameaçados.

O que aconteceu depois da morte de Vlado?

— A morte de Vlado e a morte do operário Manuel Fiel Filho, um mês depois, redundaram na mudança do comando do II Exército. Creio que depois do que aconteceu com Vlado e Fiel nenhum homem honrado e decente deste país poderá dizer que tortura é invenção de comunista. O que é profundamente estranho é que o comandante do II Exército foi removido em razão dos acontecimentos, mas o inquérito foi arquivado. Ora, de duas uma: ou as mortes foram expontâneas e sem culpa de ninguém ou houve crime que justificou a remoção.

Os órgãos de repressão foram desmantelados após essas mortes?

— Não. Os órgãos de repressão permanecem. Mas em São Paulo paulatinamente foram diminuindo sua atividade. Ostensiva, pelo menos. (José Carlos Dias, advogado de presos políticos, presidente da Comissão de Justiça e Paz da Cúria Metropolitana de São Paulo)

Foto Jesus Carlos

Rodolfo Konder ouviu gritos antes da morte

• D. Paulo Evaristo Arns, Cardeal de São Paulo, o que mudou no País a partir da morte de Vlado?

— A partir da morte de Vlado os jornalistas não foram mais rivais entre si, mas começaram a escutar o povo, souberam interessar-se pelos motivos que levavam a oprimir esse povo — que era transporte, salário de fome, alta do custo de vida... Houve para mim uma nova fase no jornalismo brasileiro: o jornalista dentro do povo.

Até então o governo tinha resistido a todas as pressões. Aquele momento foi como uma explosão, e o governo não agüentou mais a explosão. Foram mais de 1000 assinaturas; por volta de 1060, que os jornalistas assinaram nas redações. Então o governo não resistiu e não tolerou essa repressão.

Dom Paulo a morte do jornalista modificou a imprensa

Fizeram com ele o que fizeram comigo

Jornalista e escritor Rodolfo Konder, você, aceita a versão de que Vlado se suicidou?

— Jamais. Tenho dois argumentos que desmentem essa versão: o primeiro é a de que ali preso ninguém usava cinto no macacão; portanto ele nunca poderia se suicidar com seu cinto. Segundo: eu ouvi seus gritos numa sala, e reconheci que Vlado estava sendo torturado. Eram os mesmos gritos que eu dava na véspera, gritos de quem está levando choque elétrico com a **pimentinha. Pimentinha** é uma caixinha de madeira, de onde saem alguns fios desencapados que são amarrados nos polegares e indicadores das duas mãos e nos tornozelos. Chegaram a me obrigar a tirar o sapato, para que os choques fossem mais fortes ainda.

Quanto mais giravam a manivela mais rápido sai o grito e ainda mais estridente. Se ela era girada devagar o grito saía mais lento. Eles ficavam modulando manualmente essa caixinha.

Durante todo o tempo ficam dando choques no nariz, na espinha, ameaçam furar olho e nos cegar. Riem muito, simulam muita diversão. Tudo armado num terrível jogo de cena. De vez em quando mostram-se irritados e berram.

Fizeram comigo o que fizeram com Vlado naquele dia que ele morreu.

A morte de Vlado foi acidental?

— Provavelmente. Acho que foi o que poderemos chamar de acidente de trabalho. Porque os torturadores se arrependeram depois. O coronel que comandava aquilo nos chamou e disse que o Brasil estava cheio de agentes da KGB. Disse que Vlado era braço direito do Paulo Egydio Martins. Que estava para vir um tranco forte aí que nem o presidente agüentaria. Se ele caísse ali também entraria no pau.

Foto Amancio Chiodi

Samuel a Justiça é servil

A morte de Vladimir Herzog foi uma apenas das diversas que ocorreram em virtude de diretamente da atuação dos órgãos repressores no Estado. Considero brutal o fato de diversos organismos militares cuja função precípua não seria outra senão a defesa da própria sociedade, contra essa mesma sociedade tenha atuado na base do mais puro terror. Considero ainda mais chocante o fato de o Ministério Público cuja função primeira também é a defesa da sociedade, tenha se voltado incondicionalmente contra os bens e valores que devia defender pela permanente disposição de ser servil ao governo; comportamento esse que não raras vezes foi seguido e imitado pelo próprio Poder Judiciário. Nós nos dirigimos, como todos sabem, ao Poder Judiciário. Alguns acontecimentos do processo, como por exemplo a liberdade como vinha sendo conduzido com o juiz da 1ª. Instância, são bastante positivos. Outros, porém, não são. Como o fato de o Tribunal Federal de Recursos ter impedido a aprovação da sentença em junho, e a atuação do Ministério Público em todo o processo, o que revela que essa instituição está totalmente divorciada dos fins para os quais foi criada.

Nada nos leva a crer, portanto, que triunfamos, que contamos com a proteção do Poder Público. O Poder Público continua distante da população. A falta de proteção continua a mesma, ressalvados alguns progressos que somos levados a reconhecer, mas que muito pouco representam no contexto geral. Por essas razões é indispensável que iniciativas como a da família Herzog sejam levadas até às últimas conseqüências, por maiores que sejam os sacrifícios necessários. É preciso que as pessoas sintam que dispõem de meios para se defender. É indispensável que o governo saiba que o caso Herzog simboliza hoje o poder da sociedade contra o arbítrio, contra o terror militar, contra a repressão incontida.

(Samuel McDowell de Figueiredo, um dos advogados da família Herzog)

Foto Amancio Chiodi

Juíz d[illegible]

Juíz anda ocupado demais

No dia 26 de junho o juiz João Gomes Martins, da 7ª Vara da Justiça Federal de São Paulo daria a sentença na ação movida pela família Herzog; no entanto a União Federal entrou com mandado de segurança para impedir que ele dissesse se foi favorável ou não. No dia 2 de agosto ele se aposentou compulsoriamente, aos 70 anos de idade. Atualmente é presidente da Associação dos Juízes Federais, no 4° andar do prédio do Forum, mas mesmo assim nunca revelou a sentença proibida.

Em setembro o mandado de segurança impetrado pela família Herzog foi julgado pelo Tribunal Federal de Recursos contra a União, e a liminar foi cassada. Isso quer dizer que o juiz substituto do Dr. João Gomes Martins pode dar a setença.

— Juiz Márcio José de Moraes, da 7ª Vara Federal, o sr. já deu a sentença?

— O dr. João Gomes Martins tinha a sentença pronta. Não sei qual foi a sentença dele. Mas eu já estou estudando o processo. Assumi no dia 27 de fevereiro de 1976; são dois juízes aqui na 7ª Vara, mas com a aposentadoria dele estou sozinho. Isso quer dizer que tenho 13.500 processos, uns 11 mil em andamento. Eu estou despachando o dia inteiro, é por isso que não tenho prazo para dar uma previsão.

O juiz Márcio José de Moraes tem 32 anos de idade. Sua posição? "Sou absolutamente apolítico por formação", responde.

Reportagem de Rivaldo Chinen

Advogado acusa Sílvio Santos de ladrão

O advogado Antonio Rodriguez mostra onde e como a Liderança Capitalização, empresa do grupo Sílvio Santos, rouba os incautos: vendedores mentem, funcionários despistam, diretoria ignora as reclamações dos fregueses que se consideram lesados e brigam na Justiça pelo dinheiro que Sílvio Santos conseguiu tirar-lhes durante anos. Rodriguez diz que toda a manobra "é roubo mesmo".

Foto Amancio Chiodi

Advogado Rodriguez "O [illegible] que os fregu[illegible]"

Há uma ação na Justiça de São Paulo movida contra uma das empresas do Grupo Sílvio Santos, a Liderança Capitalização S/A. Os "autores" são três fregueses dessa empresa que se sentiram enganados. São pobres, não teriam dinheiro para contratar advogado. Procuraram então o Departamento Jurídico do 11 de Agosto, onde 90 alunos da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, orientados por seis professores atendem de graça.

O orientador desse caso é o advogado Antônio Rodriguez. Ele ouviu dos fregueses — Iderlinda Elizete dos Santos, empregada doméstica, Antônio Marques do Couto, pintor de paredes, e Maria Pureza de Oliveira, dona de casa, todos moradores da periferia de São Paulo (Jardim Imperial, Butantã) — a seguinte história:

Eles foram procurados em casa por vendedores dessa empresa que lhes ofereceram um carnê, "uma espécie de caderneta de poupança", disseram. "A senhora paga um pouco por mês e ao final de um ano começa a receber tudo de volta, com juros e correção monetária."

Gostaram do plano e entraram. Iderlinda deu na hora. ao vendedor Cr$ 1000, Maria Pureza deu Cr$140 e Amândio, Cr$60. Os vendedores não lhes deram recibos, só lhes entregaram os carnês que deveriam ser pagos no banco. Durante um ano, eles pagaram direitinho as prestações: Cr$100 por mês pagou a Iderlinda, Amândio Cr$60 e Maria Pureza Cr$40. E se dirigiram à sede da empresa, para receber seu dinheiro de volta, com juros.

Lá foram informados que o vendedor tinha mentido: não é depois de um ano que o dinheiro começa a render, mas sim dois anos. Também souberam que deveriam ter lido o título com as "condições gerais", para saberem como funciona direito o tal carnê. (Esse título o freguês recebe depois de pagar cinco prestações, mas só Amândio tinha recebido), e as "condições gerais" estão escritas em letra minúscula.

Também nas "condições gerais" há uma tabela de Valores de Resgate que estabelece a quantia que o freguês pode receber, mensalmente, depois de pelo menos 24 prestações do carnê. O artigo 4° diz também que só depois de três anos o freguês começa a receber com correção monetária proporcional e só depois de 96 meses (oito anos), a correção monetária passa a ser integral (no terceiro ano, o freguês só recebe 44% da correção monetária). No artigo 6°, outro detalhe: o freguês deve pagar durante 180 meses (15 anos) para ter seu título totalmente pago. E se no meio disso deixar de pagar uma só prestação, perderá tudo o que já tiver pago.

Têm os sorteios é claro. Pelo menos no papel. Para cada série de 100 mil títulos, 16 são sorteados para receberem o valor total do título de uma vez só, e entre esses, quatro têm direito ao dobro do valor. Só que os fregueses em questão jamais ouviram falar em sorteio (terão que esperar até que a empresa venda 100 mil carnês, é claro).

Bom, com essas informações na mão, o advogado Antônio Rodriguez fez uma "ação declaratória", pedindo ao juiz que considere que não existe relação jurídica entre a empresa e os fregueses, pois não há contrato assinado entre eles. A ação ficou pronta em junho deste ano e foi respondida pela Liderança Capitalização: "se os fregueses concordaram com o negócio, não podem desistir no meio", disse a empresa. E pediu a extinção da ação.

Antônio Rodriguez e seus estagiários tocaram o caso: foram pesquisar as leis que regulam esse tipo de "captação de recursos" (a empresa, na Justiça, disse que seu carnê não é uma caderneta de poupança). Viram que as sociedades de captação de recursos são reguladas por um decreto de 1933, e entre outras exigências (não cumpridas pela Liderança) o decreto diz que é necessário ter autorização do Ministério da Fazenda para uma empresa desse tipo funcionar. E a Liderança, na sua resposta na Justiça, não menciona o número desse registro (se é que o tem).

— Qual é a garantia que têm essas pessoas de que a empresa vai existir 15 anos? Pergunta o advogado Rodriguez. "Porque isso é captação de dinheiro vivo e sem a contraprestação de qualquer serviço. É roubo. Os vendedores dessa empresa procuram pessoas que não podem comprar nem alimentos, pessoas sem experiência nenhuma."

O que pode acontecer agora? A Liderança poderá ser fechada?

Não por causa desta ação, diz o advogado. No máximo, se a ação for vitoriosa os três fregueses terão seu dinheiro de volta. Mas tudo depende da imprensa, inclusive a possibilidade de a ação se transformar em outra, maior, que coloque a empresa em xeque:

— Uma decisão judicial, se a imprensa não toma conhecimento, fica no âmbito das pessoas que moveram a ação; quem sabe dela é o juiz, o advogado, o réu.

A Liderança agora tem que responder à réplica dos advogados e depois o juiz vai decidir se a ação tem cabimento ou não. Se concluir que tem, serão chamadas testemunhas, vizinhos dos fregueses acusadores que também compraram o carnê e se sentiram prejudicados. (Acompanhe o desenrolar dos acontecimentos na imprensa ou aguarde nossa próxima edição.)

Alex Solnik

NINGUÉM DÁ EXPLICAÇÃO AO FREGUÊS

O advogado Rodriguez nos aconselhou a procurar outras pessoas que tivessem reclamações contra a Liderança Capitalização, para ver se confirmavam o que lhe contaram as três pessoas que o procuraram. Não foi difícil achar os reclamantes. Na rua mesmo, avenida Prestes Maia, em frente à loja do Baú da Felicidade, a repórter Eliane Pereira observou um casal discutindo e foi saber o que era. O casal mostrou o carnê da Liderança Capitalização e disse que há duas horas estava procurando o endereço da empresa e já tinha ido a dois endereços errados (endereços fornecidos na loja do Baú).

A repórter resolveu acompanhar o casal ao endereço da empresa. Severina de Lira Vitor, 28 anos, cozinheira, Cr$ 1.600 mensais e o pedreiro Almir de Oliveira, Cr$2.000 mensais, moradores em Rio Bonito, Santo Amaro. No endereço indicado no carnê (rua São Bento 279) eles foram atendidos por uma moça chamada Wanda, loira, jovem, cabelos no ombro. Depois de ouvir o caso — o vendedor do carnê dissera ao casal que começaria a receber dinheiro depois de um ano e ele já pagava há um ano e meio e ela há 13 meses — Wanda disse que o problema seria resolvido no prédio em frente, também da empresa.

No primeiro andar do número 272, Nilda atendeu os clientes, mas disse que não era com ela:

— Procurem a Wanda, no prédio em frente.

— Mas foi Wanda que nos mandou aqui e disse que era com você — respondeu a repórter.

— Bem, então não sei. Vocês têm que falar com o pessoal da Área Especializada em Resgates, mas eles só atendem com hora marcada.

Pra não perder viagem, os três voltaram a falar com Wanda. Depois de uma pequena conversa, ela disse que o casal não poderia parar de pagar os carnês, senão perderia tudo, para responder à alegação de Almir e Severina de que não tinham mais dinheiro para continuar pagando. Depois de breve discussão, Wanda concluiu:

— Vocês deveriam ter lido o contrato que está escrito atrás

O HOMEM É CHEIO DE GOLPES

Felicidade do Baú é a miséria geral

Numa sala escura no bairro de Bela Vista, São Paulo, Sílvio Santos "prepara" o contingente de vendedores do Baú da Felicidade, sua mais famosa arapuca. Os candidatos têm de mentir, enganar e fugir dos fregueses, que acabam descobrindo a roubalheira. Pagam durante 1 ano e retiram mercadorias velhas e ruins a preços extorsivos, na loja que Sílvio Santos quer.

Eliane Pereira

Afonsina (de óculos), Almir e Severina vítimas do carnê de 15 anos

do carnê. E além do mais, reclamações não é aqui. É na Rua Boa Vista 76, 9º andar com o sr. Dirceu. Mas ele só atende com hora marcada e a essa hora nem está mais lá. (Era uma quinta-feira, 5 da tarde).

No dia seguinte a repórter foi procurar o sr. Dirceu.

— Hoje ele não está, ele não vem sexta-feira, — informaram.

Segunda -feira, 9 e meia da manhã, ela voltou a procurar o sr. Dirceu e de novo não o encontrou.

Outra reclamante foi localizada nesse dia: Afonsina Maria Mendes, empregada doméstica, 61 anos, moradora da Vila Prudente, também fora informada pelo vendedor do carnê que começaria a receber seu dinheiro um ano depois de começar a pagar. Mas já no sexto mês de prestação ela não tem mais dinheiro para continuar a pagar, nem seu marido, que também comprou um carnê. Eles já pagaram Cr$ 1.300,00 e só agora ficaram sabendo que se pararem de pagar perdem tudo.

— Não posso perder meu dinheiro — diz dona Afonsina — é um dinheiro muito suado. E eu não vou poder pagar mais. Não sei mesmo o que fazer.

O porteiro de um dos prédios onde a empresa funciona, São Bento 279, um senhor de idade, alto, moreno, magro, uniforme azul, apesar do medo de perder o emprego, contou que está careca de ouvir reclamações sobre a Liderança Capitalização:

— Nossa Senhora, aqui vem gente reclamar todos os dias e tudo gente pobre. Eles prometem tudo pras pessoas e não dão nada. Eles falam que as pessoas recebem depois de um ano, daí o pessoal vem aqui e eles dizem que só depois de dois anos. Quando faz os dois anos e as pessoas querem retirar, eles só dão 60% do que as pessoas depositaram e dizem que só dão os juros e pagam todo o dinheiro depois de 5 anos de contribuição. O que acontece é que ninguém sabe como vai ser daqui a cinco anos. Daí eles inventam que só daqui a dez. Não sei por que eles fazem isso com gente humilde. Não põe o meu nome aí que eles podem até me botar na rua já que eles fazem tanta injustiça com o povo que compra esses carnês, podem fazer comigo também.

• Segundo o advogado Rodriguez, essa tabela quer dizer o seguinte: no 25º mês de pagamento, o freguês retira Cr$51,20 (para cada Cr$1000 depositados). Depois, só no 36º mês recebe de novo — Cr$87,20 — e assim por diante. Quer dizer, se ele desiste antes de pagar durante 15 anos, recebe alguns trocados e perde o que já depositou.

TABELA DE VALORES DE RESGATE
BASE — Valor nominal de Cr$1000

Nº DE MESES DE VIGÊNCIA	VALORES DE RESGATE
Depois de	
24 meses	51.20
36 meses	87.20
48 meses	125.80
60 meses	167.00
72 meses	211.20
84 meses	258.60
96 meses	309.20
108 meses	363.40
120 meses	421.00
132 meses	480.80
144 meses	544.60
156 meses	606.60
168 meses	671.80
180 meses	740.20
192 meses	778.20
204 meses	818.20
216 meses	860.20
228 meses	904.40
240 meses	951.00
252 meses	1000.00

Bom dia. Eu sou o Rubens, coordenador de vendas do Baú da Felicidade e estou aqui para lhes falar vantagens que todos terão a partir do momento em que trabalharem nessa empresa.

Começa assim o curso de vendedores do Baú, assistido na última semana de setembro por nossa repórter Eliane Pereira. Rubens prossegue:

— Primeiro quero pedir às pessoas com menos de 18 e mais de 50 anos que se retirem da sala, pois não admitimos como funcionários quem estiver nessa faixa. (Sai um senhor magro, moreno, cara de fome). E agora peço o mesmo às pessoas que não têm toda sua documentação em dia, inclusive certificado de reservista. (Saem 12 rapazes; a um deles, que ainda não tinha feito serviço militar, Rubens diz, solene: — Meu filho, em primeiro lugar sirva o Brasil e depois venha servir o Sílvio Santos!)

— Bem, — continua Rubens — agora vocês vão preencher uma ficha (além de outros dados, a cor da pele).

Feito isso, Rubens leva o grupo para outra sala, onde vai começar a instrução. É uma sala confortável, com ar condicionado, cadeiras cômodas e um quadro negro. Fotografias de Sílvio Santos sorrindo, enormes, há por todas as paredes.

— Agora eu peço que se retirem as pessoas que querem ganhar menos de Cr$5000 mensais! (Dessa vez ninguém levanta). Aqui no Baú vocês terão a grande chance de enriquecer rápido, pois todo mundo sabe que vender carnê do Baú é mais fácil que tomar doce de criança. Vejam o exemplo que Sílvio Santos nos dá: em menos de 20 anos ele construiu um império e todos vocês podem fazer o mesmo, basta trabalhar.

Rubens continua:

— Nós, aqui no Baú, queremos pessoas que não tenham medo do trabalho. Exigimos que todos estejam aqui às 7:30 da manhã pois a kombi que levará vocês sai nesse horário e o término do expediente é as 18h. Bem, agora vou passar pra vocês o filme do Sílvio Santos.

O filme mostra todas as empresas do grupo Sílvio Santos e afirma, entre outras coisas, que as lojas do Baú consomem 60% dos eletrodomésticos fabricados no país e que se o Baú fechar as fábricas terão que botar a metade de seus funcionários na rua.

Rubens: — Olha, pessoal, vocês imaginam quanto o Sílvio Santos ganha por dia? Ele ganha 8 bilhões e 250 milhões. Isso porque ele começou como ajudante de camelô, imaginem vocês que estão começando como vendedores do Baú. Agora ▶

nós vamos dar um tempo para almoçar e continuaremos às 14:30 mas sejam pontuais pois atrasado não entra.

Todos estavam de volta às 14:30, menos Rubens que chegou às 15:10.

— Pessoal, eu me atrasei mas vamos recuperar o tempo perdido; vou falar quanto vocês vão ganhar. Nós prometemos na televisão Cr$3000 enquanto aprende o serviço, não é? Mas aonde o vendedor aprende a vender? Na rua, é claro. Se vocês venderem 100 carnês no primeiro mês, ganharão Cr$1500; se venderem 100 no segundo, ganharão Cr$600 e no terceiro mês, mesma coisa. Por cada carnê vendido, na hora vocês recebem Cr$10.

Mais tarde, a repórter ficou sabendo que esses Cr$10 não têm nada a ver com o carnê; é a comissão recebida pela venda de um seguro de vida que o vendedor é obrigado a empurrar ao freguês, instruído no curso a dizer que o seguro é um presente de Sílvio Santos.•

Rubens continua:

— Quando o freguês pagar a primeira prestação, vocês recebem Cr$20 e no dia 10 de cada mês, Cr$6,50. Mas se ele não pagar a primeira prestação, vocês não recebem nada.

Mas como é que o vendedor vai ter controle para saber se o freguês pagou ou não?

— Esse trabalho ninguém precisa ter, — diz Rubens — pois o departamento financeiro se encarrega disso.

Quantos carnês o Baú vende por mês? pergunta a repórter.

— Só no estado de São Paulo já vendemos 12 milhões de carnês, 250 mil por mês.

Novamente a reunião foi transferida. A continuação seria segunda-feira 8:30 da manhã.

Segunda-feira:

— Bom dia, pessoal. Hoje vamos falar sobre como vender. Todos já sabem que é a maior moleza vender esse carnê. Sempre que vocês chegarem na casa da futura freguesa, nunca digam *a senhora quer comprar?* Comecem sempre dizendo: *oi, minha senhora. O Sílvio Santos mandou esta cartinha pra senhora, pois sua casa foi sorteada no programa dele. A senhora já tem carnê do Baú? Não? Então está aqui a sua sorte, fique rápido com ele. A senhora já perdeu um prêmio por não ter o carnê, não perca outro.* E pronto: toca o carnê nela. Vocês não podem vender mais de oito carnês por pessoa, mas vejam bem quantas pessoas moram na casa. Empurrem oito carnês no pai, oito na mãe, oito no filho, oito no tio. Vocês têm que vender pra todo mundo! E agora, vou dizer a vocês das exigências do Baú: todos têm que estar aqui no horário, limpos e bem vestidos. Não esqueçam de usar desodorante, pois não queremos que a freguesa desmaie quando vocês levantarem o braço. E, principalmente, venham bem alimentados.

• O seguro, na verdade, não é gratuito. Custa Cr$55 E é de uma outra empresa do grupo Sílvio Santos, a Panamericana de Seguros S A O seguro paga Cr$10 mil em caso de morte acidental (não é válido para menores de 4 anos e maiores de 75) e vale por um ano

Vendedores são enganados e aprendem a mentir

Nos programas de tv e rádio, SS promete aos vendedores, retirada de Cr$3 mil enquanto aprendem como vender. No curso, ficam sabendo que é diferente: ganharão Cr$3 mil em três meses se venderem 100 carnês por mês. O instrutor ensina: "vocês têm que dizer à futura compradora que ela já foi sorteada."

Empresas do Grupo Silvio Santos:

— Silvio Santos S/A Administração e Participações
— Perfeia — Administração e Corretagem de Seguros S/C Ltda
— BF Utilidades Domésticas S/A
— Lojas Tamakavy S/A
— Baú Financeira S/A Crédito, Financiamento e Investimentos
— Baú Distribuidora de Títulos e Valores Mobiliários S/A
— Liderança Capitalização S/A
— Baú Corretora S/A Câmbio e Valores Mobiliários
— Panamericana de Seguros S/A
— ASPREVI — Associação de Previdência e Difusão de Seguros
— Estúdios Silvio Santos — Cinema e Televisão Ltda.
— TV Studios Silvio Santos Ltda.
— Baú Construtora Ltda
— VIMAVE — Vila Maria Veículos Ltda.
— Agropecuária Tamakavy S/A
— Agropecuária Tiapê S/A
— BF Parque Florestal
— Chanson Cosméticos Ltda
— Dinâmica-Promoções e Vendas Ltda.
— CLAM — Assistência Médica

O carnê custa Cr$ 55 por mês, durante doze meses. Enquanto paga, você concorre a prêmios e no fim do ano troca . Mas aí você vê quais são as mercadorias.

Quatro freguesas do Baú foram entrevistadas no bairro de Utinga, em Santo André, Grande São Paulo. Todas ficaram com medo de contar o que acham a respeito do carnê, só uma deu nome completo; as outras se identificaram só pelo primeiro nome:

Dona Maria, moradora à rua Nápoles, contou que foi freguesa do Baú por mais de quatro anos e agora não gosta nem de ouvir falar em Baú da Felicidade:

A senhora já ganhou alguma coisa no Baú?

— Nunca ganhei nada, a não ser dor de cabeça.

Ficou satisfeita com as mercadorias que trocou pelo carnê?

— Não há condições de ficar satisfeita com nada pois as mercadorias do Baú são um absurdo.

Como são os postos de troca do Baú?

— As lojas de troca do Baú só têm porcaria — cobertores fora de moda, rádios a válvula — ou então baixelas e faqueiros de prata e outros objetos caríssimos. Enfim, ou você compra um carnê e só retira porcaria ou então retira pratarias mas paga a diferença que sempre é altíssima.

A senhora gostaria de voltar a ser freguesa do Baú?

— Nem se ganhasse um carnê de graça eu não queria.

A senhora conhece alguém que já ganhou um prêmio valioso do Baú?

— Uma das minhas vizinhas ganhou um carro. Ela ficou uma semana com o carro sem poder tirar os cartazes de propaganda do Baú que vêm colados nas portas e na capota do carro. Depois de uma semana o carro simplesmente sumiu e ela não gosta de comentar nada a respeito.

Na casa que foi indicada como a da ganhadora do carro havia uma mulher no portão. O repórter perguntou se fora ela mesma a ganhadora. Ela disse que sim. Mas quando soube que estava conversando com um repórter, a mulher só falou:

— É melhor ficar quieta, senão vai dar muita dor de cabeça pra gente.

E entrou na casa rapidamente.

Dona Norma Martim, 40 anos, mora na rua Ana Nery, Utinga, Santo André.

A senhora é freguesa do Baú?

— Fui freguesa durante cinco anos. Não quero mais.

Por que não?

— Não tenho dinheiro pra ficar jogando fora. Todas as vezes que troquei carnê só tive prejuízo. Só me deram bugigangas. A gente espera umas mercadorias boas e quando chega na loja se sente até humilhada com tanta porcaria que eles têm pra empurrar pra gente. Uma vez troquei o carnê por um ferro de passar e quando cheguei em casa o ferro tava queimado. Fui até a loja pra trocar o ferro e eles disseram que eu só poderia trocar por uma mercadoria de preço inferior. Como eu ia perder o dinheiro, peguei outra porcaria.

Dona Noemi, outra freguesa que teve medo de se identificar, disse que teve carnê do Baú durante dez anos:

— Com um carnê você não faz nada, pra se retirar uma mercadoria razoável é preciso ter no mínimo três carnês pois os preços das lojas do Baú são mais altos do que em qualquer outra loja.

Não há eletrodomésticos na maior loja

O instrutor dos vendedores do Baú, senhor Rubens, disse na aula aos futuros vendedores (assistida por nossa repórter) que "o Baú se propõe a levar às classes mais marginalizadas a chance de comprar eletrodomésticos sem pagar juros". Na maior loja de trocas do Baú, porém, no Vale do Anhangabaú, São Paulo, não havia um só eletrodoméstico para ser trocado pelo carnê já pago no dia em que fomos lá (primeira semana de outubro): só havia cobertor, panelas, baixela de aço inox, rádio OM com válvula e toca-discos portáteis, sem marcas.

Uma das balconistas, Ana Maria (mulata alta e magra, jovem, mania de roer unhas) disse à reportagem (pensando estar conversando só com um freguês do Baú) que há muito tempo não há eletrodomésticos na loja e ela não sabe quando vão chegar.

Noés, outra balconista (loira oxigenada, baixinha, magra, jovem) também foi entrevistada sem saber:

REPORTER: Aqui nesta loja os preços são iguais aos das outras?

Noés: Aqui tudo é mais caro.

REPORTER: Por que é mais caro?

Noés: O pessoal da gerência diz que é porque aqui as pessoas vão pagando à prestação.

E entre todas as lojas do Baú, essa do Anhangabaú é mais cara ou mais barata?

Ana Maria responde:

— Não, essa é a mais barata. Nas outras é tudo muito mais caro. Quanto mais para o interior, mais caro é.

Tentamos ainda comparar os preços da loja do Baú com os de uma grande loja de São Paulo, Mappin. Mas a maioria dos produtos do Baú não se achou; tratam-se de produtos que já saíram de linha — modelos antigos que não são fabricados mais. Só conseguimos comparar os preços de uma baixela de aço inox, 7 peças, marca Casa Grande: na loja do Baú, custa Cr$1487 e no Mappin, Cr$995.

1 — Vou te contar, eu comprei o carnê e não gostei. Não compensou: é muito caro. Mas tem mais coisa: a mercadoria que você vai trocar eles colocam num preço mais alto que o preço do carnê que você pagou. Então pra você trocar você tem que pagar a diferença ainda. Não tem nada no preço do carnê que você paga, só tem coisa sempre um pouco acima, que é pra você deixar mais dinheiro lá. Uma vez tirei um faqueiro, outra vez jogo de chá, jogo de café, jogo de jantar. No valor do carnê não achei nada, a não ser porcaria. O carnê é a ilusão do povo.

(José dos Santos, comerciante na Vila Guarani, São Paulo)

2 ***Você já foi freguês do Baú?***

— Já mas faz tempo. Uns quatro anos. Nunca mais eu compro. Tem muita jogada. No começo deste ano, acho que janeiro, fevereiro, apareceu duas mulatas lá em casa dizendo que fui sorteado representante do Baú aqui na Vila. Diz que pesquisaram lá nos arquivos e eu fui escolhido. Me deram parabéns disseram que se eu ficasse com vinte carnês era certeza que em um ou dois meses eu ganhava um carro Brasília. Fiquei cismado mas conversa vai, conversa vem, acabei concordando: dei Cr$700 em cheque. Aí, quando as moças foram embora, fiquei analisando e achei que era cascata. Ah, meu irmão, na segunda-feira fui direto pro banco, segurei o cheque.

(Oséas Albino do Nascimento, funileiro da Ford, mora na Vila Guarani, São Paulo)

3 **Quantas vezes o senhor comprou carnê do Baú?**

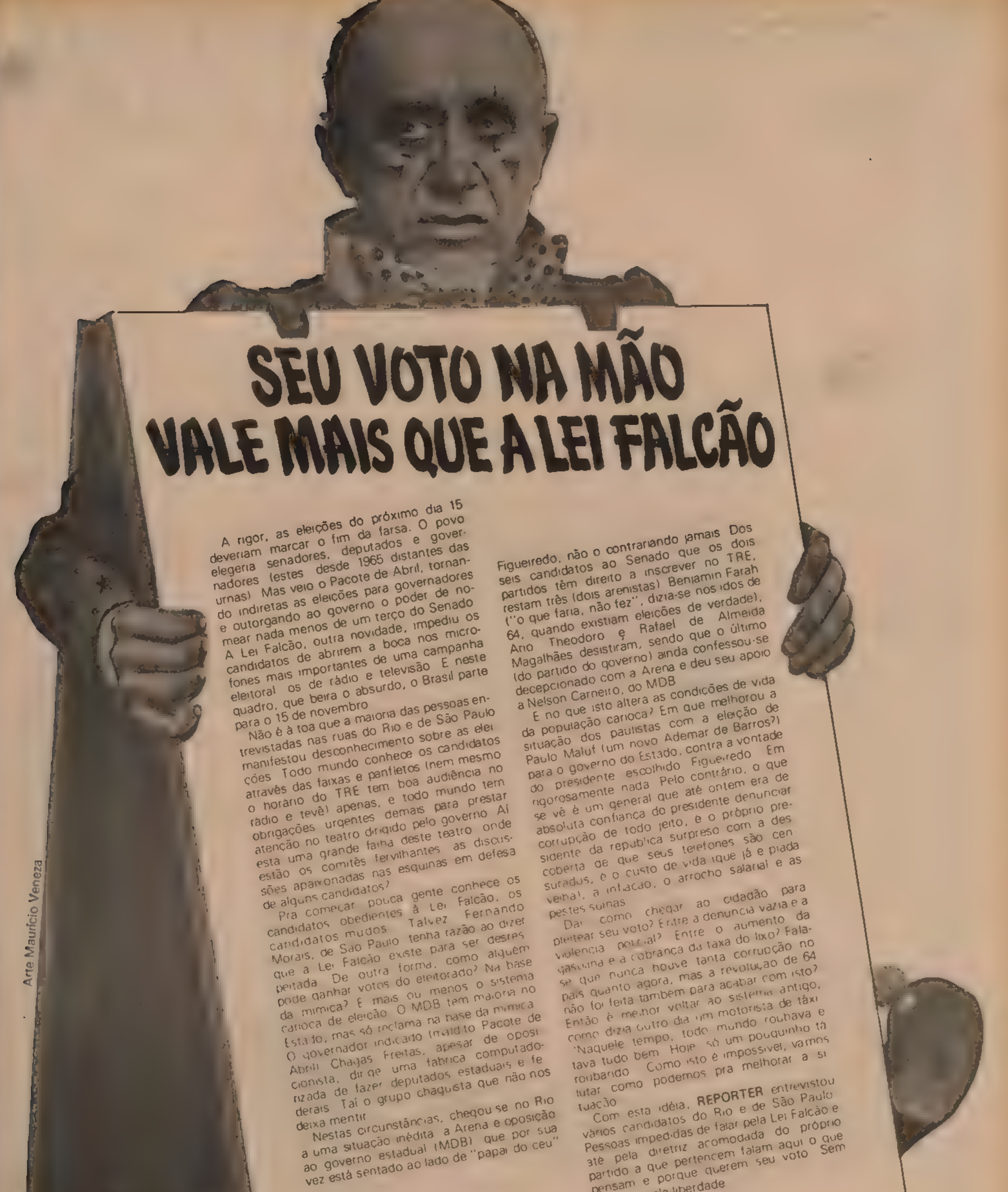
— Comprei uma vez só no ano passado e pra mim aquilo é exploração.

— Tudo o que você pega na loja é mais caro. Eu não estava a par disso porque eles fazem aquelas reportagens na televisão e é uma maravilha, né? Eles negociam com o dinheiro da gente o ano todo, devia ser tudo mais barato.

Quanto o senhor pagava por mês?

— Não lembro bem se era Cr$ 20 ou Cr$30. Mas é que nem loteria: pra eles, o deles é seguro, mas nós pra ser sorteado é um em um milhão. É que nem jogar agulha na areia, pra depois tirar é muito difícil. **(Geraldo Pereira do Santos, aposentado, mora na vila Moraes, São Paulo)**

entrevistas: Hideyo Saito e Ronaldo Martim



SEU VOTO NA MÃO VALE MAIS QUE A LEI FALCÃO

A rigor, as eleições do próximo dia 15 deveriam marcar o fim da farsa. O povo elegeria senadores, deputados e governadores (estes desde 1965 distantes das urnas) Mas veio o Pacote de Abril, tornando indiretas as eleições para governadores e outorgando ao governo o poder de nomear nada menos de um terço do Senado A Lei Falcão, outra novidade, impediu os candidatos de abrirem a boca nos microfones mais importantes de uma campanha eleitoral os de rádio e televisão E neste quadro, que beira o absurdo, o Brasil parte para o 15 de novembro

Não é à toa que a maioria das pessoas entrevistadas nas ruas do Rio e de São Paulo manifestou desconhecimento sobre as eleições Todo mundo conhece os candidatos através das faixas e panfletos (nem mesmo o horário do TRE tem boa audiência no rádio e tevê) apenas, e todo mundo tem obrigações urgentes demais para prestar atenção no teatro dirigido pelo governo Aí esta uma grande falha deste teatro onde estão os comitês fervilhantes as discussões apaixonadas nas esquinas em defesa de alguns candidatos?

Pra começar pouca gente conhece os candidatos obedientes à Lei Falcão, os candidatos mudos Talvez Fernando Morais, de São Paulo tenha razão ao dizer que a Lei Falcão existe para ser desrespeitada De outra forma, como alguém pode ganhar votos do eleitorado? Na base da mímica? É mais ou menos o sistema carioca de eleição O MDB tem maioria no Estado, mas só reclama na base da mímica O governador indicado (maldito Pacote de Abril) Chagas Freitas, apesar de oposicionista, dirige uma fábrica computadorizada de fazer deputados estaduais e federais Taí o grupo chaguista que não nos deixa mentir

Nestas circunstâncias, chegou se no Rio a uma situação inédita a Arena e oposição ao governo estadual (MDB) que por sua vez está sentado ao lado de "papai do céu" Figueiredo, não o contrariando jamais Dos seis candidatos ao Senado que os dois partidos têm direito a inscrever no TRE, restam três (dois arenistas) Benjamin Farah ("o que faria, não fez", dizia-se nos idos de 64, quando existiam eleições de verdade), Ario Theodoro e Rafael de Almeida Magalhães desistiram, sendo que o último (do partido do governo) ainda confessou-se decepcionado com a Arena e deu seu apoio a Nelson Carneiro, do MDB

E no que isto altera as condições de vida da população carioca? Em que melhorou a situação dos paulistas com a eleição de Paulo Maluf (um novo Ademar de Barros?) para o governo do Estado, contra a vontade do presidente escolhido Figueiredo Em rigorosamente nada Pelo contrário, o que se vê é um general que até ontem era de absoluta confiança do presidente denunciar corrupção de todo jeito, e o próprio presidente da república surpreso com a descoberta de que seus telefones são censurados, e o custo de vida (que já é piada velha), a inflação, o arrocho salarial e as pestes suínas

Daí como chegar ao cidadão para pleitear seu voto? Entre a denúncia vazia e a violência policial? Entre o aumento da gasolina e a cobrança da taxa do lixo? Fala-se que nunca houve tanta corrupção no país quanto agora, mas a revolução de 64 não foi feita também para acabar com isto? Então é melhor voltar ao sistema antigo, como dizia outro dia um motorista de táxi "Naquele tempo, todo mundo roubava e tava tudo bem Hoje só um pouquinho tá roubando Como isto é impossível, vamos lutar como podemos pra melhorar a situação

Com esta idéia, **REPORTER** entrevistou vários candidatos do Rio e de São Paulo Pessoas impedidas de falar pela Lei Falcão e até pela diretriz acomodada do próprio partido a que pertencem falam aqui o que pensam e porque querem seu voto Sem fantasia pela liberdade

Arte Maurício Veneza

REPRESSÃO É A AGONIA DO REGIME MILITAR

Remando contra a maré como ele próprio diz, o • sociólogo e cientista político Fernando Henrique Cardoso resolveu comprar a briga da eleição, candidatando-se a senador por São Paulo. Uma luta braba dentro do próprio partido — MDB — onde Franco Montoro pinta como provável vencedor. Mesmo sabendo que essa eleição é uma farsa, acha importante tentar porque, diz, estamos num fim de festa e, uma vez lá dentro, vai fazer de tudo para virar a mesa

Fernando Henrique (D) no centro de S. Paulo com Eva Vilma (autografando)

Como é que você, um professor, está sentindo o contato com o trabalhador?

— Primeiro, não sei se o trabalhador me vê como professor. Líder sindical, sim; trabalhador, não. O trabalhador vê alguém que tá . tenho ido em porta de fábrica, ontem fui à praça da Sé, hoje vou ao calçadão da Barão de Itapetinga, vou te dizer uma coisa: é surpreendente o modo... como é que vou dizer?... cordial como as pessoas tratam a gente. Surpreendente. Tem primeiro uma identificação: é MDB. Que, bem ou mal — tem aspectos até negativos (no meu modo de entender isso) — mas, bem ou mal, é a ponte: o MDB. Segundo, o instrumento diabólico que se chama televisão. Mesmo a cara muda da gente lá, o pessoal te identifica. Pessoas que vêm cumprimentar, dizer "tamos aí", ou perguntar: e a impugnação? Me surpreendeu muito isso. Ontem, na praça da Sé, muita gente perguntou. Alguns também se surpreendem ao me ver: "é uma pessoa simples". Várias pessoas dizem isso. Depois é que vem a idéia de professor

O trabalhador não vê com um pouco de desconfiança um professor, intelectual?

— Não. Isso, é a idéia que a classe média tem, a idéia do intelectual, do jornalista sobre si mesmo... não é essa a sensação que eu tenho tido. Ao contrário. Eu nunca usei a expressão "sociólogo". Porque me parece uma coisa um pouco exótica. Pois bem: muito freqüentemente, nos comitês populares, os oradores locais — são líderes, mas são populares, ou pelo menos, ponte para com o povo — referem ao fato de eu ser sociólogo. Fiquei intrigado com esse negócio. Outro dia, um disse: "este sociólogo que é conhecido no mundo todo... vocês sabem o que é um sociólogo? O sociólogo é um homem que conhece a vida do rico, mas também conhece a vida do pobre". Usam o sociólogo como um qualificativo positivo

O que o eleitor está pedindo?

— Ele pergunta muitas coisas. Depende do tipo de conversa que se tenha. Eu acho que o eleitor continua votando no MDB, mas desconfia. Desconfia do político. Que é um pouco enganador também: ele desconfia e gosta. Não sei avaliar exatamente o limite disso. Perguntaram sempre se vou fazer como outros. Fala, fala e na hora sai da raia. Há uma certa insatisfação com isso. Não adianta dizer, explicar que não é bem assim... O fato de eu não ser político nesse sentido ajuda

O eleitor quer saber de você "o que há no país?"

— Não o povão, mas nos ambientes fechados, sim. Por exemplo, o que me surpreendeu muito: no interior — primeiro, essa diferença entre interior e capital é ilusória: os problemas são os mesmos. Isso é uma mitologia. Também na capital tem curral eleitoral. Mas eu fiquei surpreso pela reação, por exemplo, quando dessa votação do Congresso agora, esses 41 membros do MDB não votaram: isso foi um choque. O que mostra que o pessoal fez a maior campanha contra a coisa. Não adianta dizer que a imprensa criou o fato. Criou, é verdade, mas o fato chegou lá. Então, eles perguntam, cobram isso. Outra coisa que me perguntaram muito foi o Euler. "Por que um militar?" O sentimento antimilitar é grande. Então, você tem que explicar, politicamente, por que. São as coisas que mais se pergunta. O resto é o custo de vida, que tá alto, o transporte, o INPS... o resto é o pão-nosso-de-cada-dia. Agora, o tema institucional não penetra na massa. Eleição direta, sim. Isso tem apelo. O pessoal quer votar. Para o povo, o que motiva é o INPS, "o rico tá muito rico, o pobre tá muito pobre," é nítido isso, "o salário é baixo"... conforme a área, você pode falar no bóia-fria, a falta de proteção ao agricultor, o sitiante. E outro tema é corrupção. Corrupção, hoje, é um tema popular. Atacou Maluf, leva aplauso na hora. Mas na hora

O pessoal não fica desconfiado? Em 74, o MDB ganhou eleições mas não ganhou o poder...

— O pessoal mistura um pouco: pensa que ganhou a eleição e o poder. E cobra. O pessoal que cobra mais, hoje, não é a periferia. A periferia está com o MDB. O povão vai repetir a votação de 74. Quem cobra é a classe média e os setores de trabalhadores mais organizados

Você acredita numa vitória mais expressiva do MDB em relação a 74?

— É capaz. Pro Senado, é capaz. Porque a votação expressiva é a majoritária. Você veja uma coisa: no início da campanha, foi muito difícil pra mim: pessoa praticamente desconhecida do grande público... sem nenhum traquejo eleitoral... meu pai foi deputado federal, a gente acompanhava isso, mas eu, diretamente, nada. Pois bem: bem ou mal, hoje eu devo ter um milhão de votos, pelas pesquisas que estão aí. Quer dizer: em praticamente 15 dias de campanha. Então, você vê que se consegue penetrar. Por pouco que seja. É rápido. Como são só três candidatos, não é difícil identificar. Quer dizer: vê-se também que é um eleitorado disponível. Ele tem uma identificação com o MDB, uma identificação do contra, superficial. Quer dizer o seguinte: se você mandar uma mensagem de um certo tipo, você pega o eleitorado. Eu tenho ido ao interior: quando eu chego, o pessoal é Montoro; quando eu vou embora, uma parte não é. Isso não é papo, é real. Por que? Eu vou lá e falo coisas simples, mas diretas. Tenho três pontos principais: um é liberdade, todo mundo mexe; outro é salário, condição de vida, distribuição de renda, todo mundo mexe. Liberdade e salário são demandas antigas. Hoje, no Brasil, não basta ter liberdade e salário. Os trabalhadores querem aumento de salário, sim, mas querem negociar. Então, é isso que está acontecendo no Brasil. Pra você ter autonomia, precisa ter princípios de identidade. Quando o trabalhador diz "eu não sou nem padre nem estudante, não quero nem padre nem estudante," ele está buscando sua identidade. Pra poder ter autonomia. Não é diferente a posição da mulher, hoje. Ela também quer seus direitos respeitados. Com o negro é a mesma coisa. Buscam autonomia. Ou o estudante, que quer hoje uma UNE, uma UEE. Eu não dou camisa de futebol — não me interessa; eu não quero apoio de todo mundo. Não sei se venço ou se perco, o que importa é fazer certas coisas. Falo no AI-5, o que foi o medo aqui, a repressão policial, que estamos sacudindo o medo. Digo que essa eleição não é honesta, ela não é livre, é uma farsa, explico porque, nessa fase, a gente participa disso também. Depende também um pouco da inspiração de momento da gente. Não sou político profissional. As pessoas estão disponíveis. O MDB não tá tendo uma posição à altura do momento. Eu digo isso também: o MDB está vivendo hoje dos louros do passado, tá acomodado. Não tem mensagem. Campanha fria. Agora, eu vou lá e levo o negócio pra valer. Se eu for pra televisão, eu viro. Viro, viro, tenho certeza que viro isso aqui. Eu e outros podem virar. Tenho dito muito por aí que é preciso fazer de novo o que o Jânio fez em 1952: a campanha do tostão contra o milhão. Que é real. Todos que trabalham aqui, no comitê, salvo um ou outro, todo mundo é amigo, ex-aluno, aluno... não tenho um automóvel que é nosso. Tem duas peruas, uma com alto-falante, uma é de um filho de Secretário de Estado, diga-se de passagem. E tem um outro automóvel com alto-falante. O dinheiro da campanha é todo ele de contribuição mensal de 900 pessoas da classe média. Alguns amigos são ricos, mas não deram mais que a classe média deu

Quanto você calcula que vai gastar na campanha?

— A maior contribuição, não efetivada ainda, nós recebemos doação de 50 artistas plásticos, Volpi e outros, se a gente conseguir vender isso vai dar um milhão, um milhão e duzentos. De arrecadação, até agora, deve estar por volta de 800 mil cruzeiros. Uns 2 milhões ao todo. Não é nada. Mas é suficiente, pra esse estilo de coisa. Não tem cartaz colorido, mas... Estamos fazendo uma coisa completamente contra a maré

Só pra terminar: a respeito de esperança. Você tem esperança ainda?

Com relação ao Brasil? Olha, eu acho o seguinte. isso é fim de festa. A falta de legitimidade é tão grande, hoje, que o governo está se embrulhando cada vez mais nele mesmo. Tá se decompondo. O episódio do Hugo Abreu faz parte dessa decomposição. A carta dele, as acusações. É o mar de lama que tal, como no tempo do Getúlio. Getúlio não roubava, mas tinha um mar de lama; o Geisel não rouba, mas tem um mar de lama. Como vai ser o desfecho disso não sei, mas que acabou, acabou. Eu acho que daqui pra frente depende do MDB, das oposições, de construirem uma alternativa

Entrevista a Alex Solnik

Por um Brasil livre de super multinacionais

- Pela revogação das leis de exceção
- Pela convocação de uma Assembléia Constituinte
- Pela anistia ampla, geral e irrestrita a todas as pessoas punidas pelas leis de exceção
- Contra o arrocho salarial
- Pela liberdade sindical.

Foto Maurício Leite

Este é, em resumo, o programa do candidato a deputado federal pelo MDB do Rio de Janeiro, Modesto da Silveira. Foi com ele que Modesto fez vários comícios, reuniões, palestras e encontros informais durante os meses de campanha. Do tipo mineiro, calmo, bem falante, ele gosta de explicar bem suas idéias pra que as palavras de ordem que defende não sejam apenas gritadas para os eleitores. No último dia 4, no subúrbio carioca de Piedade, antes de começar os debates, ele fez uma síntese de sua opinião sobre os grandes problemas nacionais para um grupo de trabalhadores de energia elétrica, professores e alguns estudantes: "o sistema econômico adotado no país acumula riquezas para poucos e miséria para a maioria do povo brasileiro."

Segundo Modesto, a política que causou esse descalabro social no Brasil está comprometida com a exploração que as empresas multinacionais promovem no mundo inteiro e é defendida, dentro do país, pelo regime militar "imposto pelos patrões em 1964".

As multinacionais, disse ele, chegaram a um tal ponto de requinte que se uniram numa organização poderosíssima, a trilateral, um conglomerado de empresas com força até pra derrubar governos, um supergoverno que domina o mundo capitalista.

Vejam que é interessante observar como determinados países estão aplicando a política recomendada pela trilateral: ela diz que os países da América Latina têm uma vocação natural para serem fornecedores de matérias-primas e produtores agrícolas (isto é, não devem dar prioridade ao desenvolvimento industrial porque poderão comprar o que precisam com a exportação do que produzirem). Pois bem, no Brasil o governo vem estimulando a formação de grandes propriedades agrícolas, grandes indústrias, como a Volkswagen, a Ford, o grupo do bilionário norte-americano Daniel Ludwig, que já possuem muita terra na Amazônia, e o herdeiro João Batista de Figueiredo já disse que vai acabar com o minifúndio no Nordeste, mas quando se fala no latifúndio improdutivo, ele diz que "vai pensar".

Dentro do país, — explica o candidato do MDB —, o sistema que concentra a renda e espalha a miséria é defendido pela filosofia que orienta o regime militar.

— A Escola Superior de Guerra, em manuais classificados de secretos e sigilosos, mal pode disfarçar o racismo, o privilégio da raça branca em detrimento da raça negra e uma tendência imperialista que só considera "viáveis" os países que têm grande extensão territorial. É claro que estes países inviáveis, porque são pequenos, devem ser controlados por outros maiores. E esses maiores, para serem potências, devem gastar bilhões de dólares em segurança nacional e armas. No Brasil, se aplica até 20 ou 30% do orçamento nas Forças Armadas, enquanto o Ministério da Educação não leva mais que 4%.

O Brasil, no entanto, é atualmente uma grande Índia: um país de grande extensão territorial, grandes riquezas e grande miséria. Tem trabalhador morrendo de fome, de "bambeza", fraqueza geral do organismo, por falta de alimentação. Outro dia, eu estava num hospital, quando chegou um sujeito sendo carregado. Pensei que ele tinha sofrido um acidente. O médico examinou e disse que aquela era a doença clássica do trabalhador brasileiro que dá duro 12-14 horas por dia sem comer direito: era "bambeza". Essa é uma realidade: o trabalhador não desfruta mais de uma conquista social do século passado, ninguém mais trabalha só 8 horas porque tem que fazer hora extra para ganhar uns trocados a mais — não descansa nem mais ao sábado, trabalha 12 horas e 6 dias por semana.

O salário perdeu mais de 57% do poder aquisitivo nos últimos anos.

Essa situação brutal vai, certamente, levar a imensa maioria do povo brasileiro à situação de doente mental.

Luiz Alberto Bettencourt

A feminista antes de tudo contra a ditadura

A grande maioria dos candidatos reage energicamente contra a afirmação de que sua campanha já rendeu votos suficientes à eleição. Costumam argumentar que só ao adversário interessa dizer que alguém está eleito. Mas com relação a Heloneida Studart, candidata a deputada estadual pelo MDB do Rio de Janeiro, a afirmação merece crédito, pois veio do deputado federal Francisco Studart, seu primo da ala chaguista do MDB.

— O Francisco me disse que tinha almoçado com o Dr. Chagas (os chaguistas sempre dizem Dr. Chagas) na véspera e que ele estava preocupado comigo. Eu acredito, por isto, que estou melhor do que pensava.

Chagas Freitas acompanha semanalmente, por computador, o desempenho de campanha de todos seus afilhados, sabendo assim quais os que devem ser incentivados. Graças a isso, fez de Miro Teixeira o deputado federal mais votado do Brasil (240 mil votos) em 74. Acontece que o Dr. Chagas constatou a rápida ascensão da candidata Heloneida Studart, daí sua preocupação em almoçar com Francisco Studart. Mas qual seria o motivo desta larga aceitação do nome de Heloneida?

— É engraçado, eu sou identificada como feminista durante toda a campanha eleitoral, mas minhas palavras são de liberdade democrática, anistia ampla, geral e irrestrita, não apenas o feminismo. E além disso, o feminismo no Brasil sofre influências da classe média, desvirtuando o seu sentido primeiro. Por exemplo, logo que fui fazer uma de minhas primeiras palestras sobre feminismo, um grupo de mulheres apresentou uma pesquisa que mostrava que 65% das mulheres brasileiras não sabiam dizer se eram heterossexuais ou homossexuais. Evidentemente as mulheres não sabiam sequer o que significam estes dois termos, mas é que boa parte da platéia era formada por lésbicas — e no feminismo que eu entendo o pênis é presença obrigatória, claro, se eu já pari seis filhos.

Foto Custódio Coimbra

A bandeira feminista e a bandeira política, na realidade, fundem-se numa mesma luta, conforme Heloneida pôde demonstrar às mulheres que foram debater com ela numa favela.

— Foi um papo interessantíssimo, as mulheres todas fazendo reclamações de que o dinheiro não dá, de que a situação tá cada vez pior, que os homens são uns moles, que só querem beber cachaça e jogar bola. Aí eu disse a elas que eles estão desanimados, que são explorados, ganham muito pouco e não têm ânimo de se reunir para resolver os problemas. E que cabe a elas incentivá-los.

As mulheres voltaram aos barracos e falaram com seus homens e alguns dias depois eram eles que queriam ter uma reunião com Heloneida. Como candidata, é o que ela prefere.

— O pessoal da zona sul é aquele que vê os filmes, vai aos teatros, shows. E no Borel, por exemplo, eu tenho tido muitas surpresas com a sinceridade e o grau de politização das pessoas. Eu fui numa favela que era um inferno, para você ter uma idéia do que estou falando. Não tinha água há três meses, as crianças brincavam num lugar horrível, cobertas de moscas. As pessoas que vivem lá me falaram de fim do arrocho, de custo de vida, são gente que precisa da condições mínimas para viver e que estão lutando por elas.

Justamente por preferir o contato com as camadas mais carentes da população carioca, Heloneida acabou desistindo de atender a convites de estudantes para futuros debates. Até o começo de outubro ela participou de cinco reuniões com universitários, e a última, com o pessoal da Universidade Federal do Rio, confirmou-lhe o caráter "masturbatório" dos debates políticos dentro da universidade.

— Fomos eu, o Raimundo de Oliveira, o Marcelo Cerqueira e os estudantes estavam divididos em grupos ideológicos diversos à nossa frente. A intenção deles foi declarada na primeira questão apresentada: "Raimundo de Oliveira, conte como você conseguiu legenda pra disputar a eleição". Estava na cara que eles queriam cobrar atitudes dos candidatos ali presentes, explorando a maneira como um ou outro tinham conseguido chegar até ali, diante deles. Ora, se Raimundo não tivesse conseguido legenda, não seria candidato e, portanto, não estaria naquele debate. E eles, ao invés de quererem saber o que Raimundo pensa, cobraram erradamente sua legenda. Os estudantes não vêem que não são eles que determinam as mudanças, mas simplesmente ajudam no processo, como todos os setores da sociedade. Põem-se no papel de quem determina os rumos da sociedade e erram desde aí. Então eu desisti de discutir com eles: prefiro procurar o trabalhador, o explorado mesmo, que quer o fim da ditadura, do arrocho salarial.

Luiz Agusto Gollo

PRA GANHAR MAIS ELEITORES

Deputado mais votado anuncia até em casa de analfabeto

Os homens bateram à porta de Gertrudes da Conceição Matos, 58 anos, num dia de semana. Chegaram numa kombi e pediram para prender a faixa na parede da casa. Sorriam bastante mas Gertrudes achou tudo estranho e perguntou o que era aquilo. Os homens da kombi sorriram mais ainda e explicaram que era uma faixa de campanha eleitoral, que todo mundo estava pregando na parede. E mostrou algumas casas da vizinhança onde seus companheiros já colocavam faixas.

Gertrudes cedeu e eles puseram a faixa pendurada na varanda: MIRO TEIXEIRA para Deputado Federal, mais o partido e o número. Despediram-se sorridentes, entraram na kombi e sumiram na avenida Brasil. Gertrudes não entendeu nada até hoje. Não sabe que, pela Lei Falcão, os candidatos só podem afixar cartazes e faixas com a permissão do proprietário do muro ou parede. Gertrudes não sabe nem o que está escrito naquela faixa. É analfabeta, nunca votou nem vai votar — como seu marido, o vidraceiro Herculano Francisco Resende, 54 anos e português de nascimento, com título de eleitor lá de Lisboa.

A única coisa de importante que vai acontecer nessa casa do Parque União dia 15 de novembro é a festa de aniversário de 59 anos de Gertrudes, com a participação das sobrinhas, seus maridos e os sobrinhos-netos que vivem nos fundos da casa. Os vizinhos que permitiram faixas em suas paredes tampouco parecem preocupados com isso. É como se não houvesse nada escrito ali, como se todas as pessoas que passam debaixo da faixa diariamente tivessem muito mais preocupações do que uma campanha eleitoral. A conta da luz (320 cruzeiros), por exemplo, era a preocupação do dia na casa de Gertrudes. Mesmo dividida por todas as famílias (três), ainda era muito dinheiro. É provável que grande parte da propaganda eleitoral nas casas seja voluntária e sincera, mas apenas um homem, Manuel Barbosa, 51 anos, confessou-se eleitor de Miro Teixeira e, por isto, tinha permitido a faixa sobre seu telhado.

Fotos: Luiz Augusto Gollo

Gertrudes mora embaixo de uma das faixas no Parque União

Com Manuel não poderia ter ocorrido de outro jeito, já que ele condena as pessoas que permitem cartazes e faixas em suas casas sem apoiarem verdadeiramente o candidato em questão. Mas a verdade é que pouquíssima gente no Parque União se ocupa com política; a maioria prefere deixar para pensar no assunto na fila da cabine eleitoral. Aí é que a maior parte das pessoas vai pensar como era mesmo o nome, qual o número — e a porcentagem de votos nulos é sempre alta. É comum alguém dizer que vai anular o voto, embora a primeira reação das pessoas, quando abordadas, seja de esquiva. Temem externar opiniões, duvidam das intenções dos repórteres, respondem com evasivas. E só depois de muita insistência, a maioria confessa ignorância sobre a disputa política.

Na Associação dos Moradores do Parque União, curiosamente, ninguém sabe informar quais os candidatos mais cotados na região, o que não causa espanto se o leitor se dispuser a acompanhar a rotina da associação: recolher dinheiro, pagar débitos que nunca acabam, preparar comida. Se não fosse pela associação, os pais não teriam com quem deixar os filhos menores de seis anos durante o dia de trabalho. A escola da associação é mantida por contribuições mensais de 30 cruzeiros de cada pai de aluno. Como são trinta alunos atualmente, a professora da única turma recebe 900 cruzeiros líquidos no fim do mês, "quando os pais têm dinheiro". O uniforme regularmente é calça ou saia verde e camisa branca, mas nenhum aluno veste o uniforme completo, e o funcionário da secretaria diz que jamais viu um menino ou uma menina com a roupa estabelecida no regulamento. Ele tampouco quer saber de política e tanto faz ser o Miro Teixeira como o goleiro Leão, ele vai lá no dia 15, vota ou faz um xis enorme na cédula e volta para casa.

Miro não tá com nada

Pensamos que um grande apanhado sobre as próximas eleições não poderia deixar de ter uma entrevista do deputado mais votado do Brasil em 1974, Miro Teixeira, que obteve vaga na Câmara Federal com 240 mil votos. As previsões para agora dão conta de que esse total pode ultrapassar os 600 mil votos, graças ao trabalho intenso a cargo da equipe chaguista posta à disposição de sua reeleição.

Imaginamos, por isto, que seria do interesse do próprio candidato falar sobre sua campanha, seus princípios políticos, sua condição de estrela máxima do grupo de Chagas Freitas. E tentamos contato com seu escritório eleitoral. Falamos com Terezinha, Sueli Maria, Helena, Sheila, Antônio Augusto, todos secretários de campanha de Miro e alguns outros chaguistas, trabalhando em salas próprias no prédio dos jornais "O Dia" e "A Notícia."

Sabemos da dificuldade de encontrar horário vago em agenda de candidato em campanha, mas representávamos naquele momento eleitores, votos que Miro Teixeira poderia ter tentado amealhar para seu nome. No entanto, o deputado foi indiferente à insistência do jornal — e cremos até que tenha se recusado a nos atender. Talvez Miro Teixeira tenha-se informado sobre o REPORTER e se desvencilhado propositadamente. Percebeu que iríamos perguntar-lhe sobre suas colunas no "O Dia", onde ele só aborda temas de menor relevo, como donas-de-casa que se sentem ameaçadas por açougueiros e seus facões de trabalho.

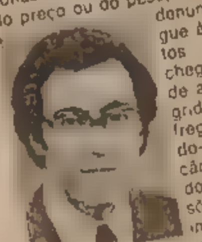
E com certeza abordaríamos o fato de sua campanha ser dirigida por interesses que não são os da oposição ao governo, mas sim da obediência cega a este mesmo governo do qual Chagas Freitas diz divergir. E mais: perguntaríamos a Miro Teixeira como ele se sente tendo faixas com sua propaganda estendidas em casas analfabetas, cujos moradores ignoram a campanha, a sigla MDB e até o nome do candidato em letras vermelhas.

É uma lástima que o deputado federal mais votado do Brasil há quatro anos, filiado ao Partido de oposição, se esconda da imprensa na qual ele próprio publica artigos. É triste e lamentável ele possuir um batalhão de secretários para afastar de sua candidatura os repórteres interessados em mostrá-lo claramente ao público.

A LUTA DAS DONAS-DE-CASA

MIRO TEIXEIRA

É UM absurdo o que certos açougueiros estão fazendo com as donas-de-casa. Quando elas reclamam do preço ou do peso, e dizem que vão denunciar o açougue à SUNAB, certos açougueiros chegam ao cúmulo de ameaçar a integridade física da freguesa, ameaçando-a com um facão, ou então, ofendo-a com expressões grosseiras e injuriosas.



Este fato foi denunciado ontem na Assembléia Legislativa pelo meu companheiro de lutas, o Deputado estadual Átila Nunes, do MDB. Ele estava revoltado com as reclamações que várias donas-de-casa lhe levaram pessoalmente.

Tenho percorrido quase todo o Estado do Rio de Janeiro ao lado daquele deputado. Eu e ele temos sentido na carne as aflições dos trabalhadores, ~~dos estudantes, dos servidores~~ públicos, dos aposentados, dos pensionistas, e das próprias donas-de-casa que já não aguentam mais a alta dos preços nos supermercados, nas farmácias e nas feiras livres.

Poucas pessoas se deram ao trabalho de verificar que a dona-de-casa é sempre uma sacrificada. Ela cozinha, passa, lava, cuida dos filhos, do marido, arruma a casa, ela trabalha mais de 15 horas por dia! A sua responsabilidade no lar é enorme, e poucos reconhecem o seu valor.

Esta é uma das razões que me levaram a apoiar integralmente a luta do Deputado estadual Átila Nunes que defende a aposentadoria para as donas-de-casa. Isto é, que elas venham a gozar dos mesmos benefícios da previdência social, inclusive com direito à assistência médica. Aliás uma das razões mais fortes para que aquela que trabalha no lar venha a descontar para o INPS, é o fato de que sua aposentadoria, ao final de 20 anos de trabalho seria somada à aposentadoria do seu esposo ou companheiro assegurando a ambos uma velhice mais tranquila.

Acho das mais justas a luta em favor das donas-de-casa. Todos nós que assistimos desde criança, nossas mães trabalharem duro no tanque, ~~na pia e no fogão~~, temos que dar o valor a estas verdadeiras heroínas do lar. Creio que o apoio que as donas-de-casa nos vem dando — a mim e ao Átila — é prova maior do que devemos dar continuidade a esta luta.

Preocupação é custo de vida ou açougueiro armado?

Currículo na tevê não quer dizer coisa nenhuma

Airton Soares, deputado federal de São Paulo desde 1974 (45 mil votos), não gostou da portaria da Secretaria de Segurança Pública que determina locais onde se pode fazer comício (portaria DGP n.º 15, de 10/8/78).

Foto Camila Butcher

— A lei diz que não tem que ter lugares certos, mas a Secretaria diz que só pode nestes lugares aqui (mostra um recorte de jornal): não pode em praça nenhuma de movimento. Não pode fazer isso aí. Então, nós vamos quebrar o pau pra poder fazer comício em lugar mais aberto.

Como você está sentindo o contato com os eleitores?

— Ainda muito frio, sem nenhuma vibração. Nessa campanha não há o mesmo interesse popular de 1974. Nesta fase, a mobilização a 50 dias da eleição já era intensa. E explico isso pelo golpe que o governo nos aplicou com a Lei Falcão, impedindo a apresentação dos candidatos na televisão. Lembro-me bem que em 74 os horários gratuitos do Tribunal Regional Eleitoral tinham um índice de audiência de 35, 36 pontos. Isso demonstrava o grande interesse do povo em conhecer os deputados. E estamos sabendo, agora, que a simples foto, o simples currículo, não está despertando nenhum interesse. Pelo contrário: está despertando até um movimento contra porque os horários interrompem alguns programas que têm grande audiência, etc. Em termos políticos, o horário não significa nada. Os currículos não querem dizer nada, o candidato não diz nada e o partido não leva nenhuma mensagem. A propaganda do partido não é propaganda de partido político, é uma propaganda de candidatos, que não expressam posições políticas porque não têm espaço pra isso.

O que o leitor pede pra você?

— Acima de tudo, coerência na oposição. Ser de oposição mesmo. Uma pressão muito positiva pra ser de oposição. Acredito que as oposições fora do MDB estão muito mais na frente do MDB em posições políticas. O nível de descontentamento, hoje, supera o de 1974 com grandes carradas de cabeças (falando em corrida de cavalo). Supera tranqüilamente. E agora, com um pouco mais de espaço pra atuação das oposições extra-MDB, está ficando cada vez mais possível você, dentro do MDB, também distinguir em quem vota. Que é um outro fator de avanço. Em 74, se votou no MDB como oposição. Em 78, será possível votar naqueles mais oposicionistas do MDB.

A votação das reformas do governo prejudicou o MDB?

— Não. Uma coisa com relação às reformas que não foi muito bem divulgada foi o seguinte: nós conseguimos fazer com que o MDB rejeitasse o projeto do governo. É bom lembrar que durante dois anos o Portella, o general Geisel e toda a máquina do governo trabalhou em cima do MDB, em cima da opinião pública, procurando obter apoio do MDB para as reformas, o que seria a consagração do governo Geisel. Nós conseguimos mostrar que as reformas eram uma farsa. O MDB deu um passo muito importante porque rejeitou. Só um deputado — que eu classifico como de fim-de-carreira, sem perspectiva nenhuma — votou com o governo, por alguns acertos que deve ter feito. Mas o Geisel, até às vésperas da eleição, dizia que contava com uma parcela significativa do MDB. Agora, pra quem não conhecia o MDB, a saída de alguns deputados durante a votação foi negativa. Pra nós já era esperado isso, que o governo tinha trabalhado esses deputados também. Na ocasião da votação dos biônicos eu mesmo insisti quando os chaguistas foram tirados do plenário pelo deputado Francelino Pereira, pelo deputado Marco Maciel. E houve uma pressão fantástica — fecha Congresso, ameaça, Geisel vai fazer pelo AI-5, vocês não querem fazer aqui (diziam os caras do governo), Geisel vai fazer, junto com uma limpeza de área — essa forma de pressão também funcionou muito.

Essa votação comprometeu o 15 de outubro?

— Eu nunca acreditei no 15 de outubro como vitória do candidato do MDB. A gente sabe como é a Arena, a gente sabe que as pessoas se contentam com vantagens que obtêm: Sinval Boaventura era frotista, depois passou a apoiar Figueiredo porque lhe foi dada a direção de um departamento do Banco do Estado de Minas Gerais. E outros foram contemplados. Magalhães Pinto deu ponto final a qualquer perspectiva porque ele era um dos que a gente não acreditava que pudesse ser comprado e acabou sendo, pelo seguro de Angra e de Itaipu.

Você faz parte do colégio eleitoral que vai "eleger" Figueiredo e você vai ganhar Cr$20 mil de "ajuda de custo" por isso. O que acha disso?

— Existe uma lei anterior que autorizava o pagamento dessa ajuda de custo pra locomoção dos delegados, mas a verdade é que a grande maioria dos delegados é de parlamentares que já têm passagens aéreas, que já têm apartamento em Brasília, quer dizer, não se justifica esse pagamento. Eu vou pegar o dinheiro e destinar ao Comitê Brasileiro de Anistia. É vergonhoso. É o voto mais caro de que eu já tive notícia.

A campanha de 15 de novembro é uma campanha limpa?

— É a campanha mais suja. A campanha de 74 não tinha um terço da sujeira que tem essa. O dinheiro corre à solta. A pressão, a corrupção administrativa, é grande em todo lugar. São funcionários trabalhando pàra candidatos, são candidatos que eram secretários de Estado que se utilizam de secretarias, são governadores que se utilizam da máquina do governo.

Qual é a mensagem de sua campanha?

— A mensagem principal, hoje, é mostrar a farsa a que estamos sendo levados em função do processo de redemocratização que o General Geisel vem empregando. Controle do Estado continua assegurado, mecanismos de repressão continuam organizados, não muda a essência do regime absolutamente nada, são puras transformações de letra, número, nomenclatura. A mensagem, hoje, é esclarecer o eleitor: olha, não abriu, não! Não vá pensar que vai ter liberdade pra isso, aquilo; tá tudo aí. Se tem espaço conseguido, é espaço que a oposição conseguiu.

LEI FALCÃO TEM DE SER DESRESPEITADA

Fernando Morais, jornalista, candidato a deputado estadual pelo MDB paulista, diz que a Lei Falcão existe pra não ser respeitada. E tome comício em cima dela

O que você está achando do seu contato com os eleitores?

— Olha, é oposição, né? Se não fosse o MDB, e fosse outro partido, estourava do mesmo jeito. Tá todo mundo votando contra o governo. O que a gente tá tentando fazer é que as pessoas além de votar contra o governo, votem seletivamente, porque dentro do próprio MDB tem muito filho da puta.

Tá sendo difícil o contato com o eleitor?

— Não... o diabo é a televisão. Não ter televisão ainda é duro... Mas tem os comícios...

Só que só se pode fazer comício em algumas praças?

— Não! A gente tá fazendo em todo lugar. Lei taí pra gente não respeitar mesmo. Comício no interior, na periferia... nos dois últimos fins-de-semana fiz comício em Mogi (Grande São Paulo) no meio da rua. O reitor da faculdade me proibiu de entrar lá, 300 estudantes saíram pra rua, sentaram no chão, impediram o trânsito... não tem que respeitar muito a lei não.

Por que você achou de se candidatar?

— Ah... é um trajeto antigo. Já vinha tentando usar jornal como tribuna, o sindicato. Agora, se pode usar o parlamento, se existe essa potencialidade de voto, por que não, né? Usar mais uma faca

Fernando Morais pensa há tempos em entrar pra política

Foto Hélio Campos Mello

Qual é tua preocupação fundamental?

— Qualquer projeto político no Brasil, hoje, passa obrigatoriamente por anistia e constituinte. Vão ter que conceder. Já virou exigência do país inteiro. Não é mais exigência de um ou outro grupo

O que o eleitor te pede?

— Aí é que tá: eles tão acostumados com o clientelismo, da Arena principalmente. Então é comum as pessoas fazerem pedidos pessoais. O que a gente tenta mostrar é que a proposta não é essa. Ninguém tá prometendo nada individualmente; a gente tá prometendo luta. Lutar por melhoria de condições de vida, contra o arrocho, a favor da greve... então, é outro estilo, é outro tom.

O que você tá achando do clima de fim de ano no país?

— Tá escuro, né. Quando general de três estrelas vai pra cadeia, é pra gente ficar cabreiro

Foto Jesus Carlos

Marco Aurélio

Ninguém pode comprar sua absolvição

Quatro milhões de pessoas moram, em São Paulo, nos chamados terrenos clandestinos. Um milhão de lotes que foram comprados, pagos, mas não receberam nenhum serviço de água, esgoto, luz da prefeitura. A luta desses moradores recebe apoio num pequeno escritório do centro da capital. Duas salas com gente a cair pelas tabelas. Gente em bancos, no chão, de pé, conversando, verdadeiro enxame. São todos pobres. Todos os custos indiciais acompanham o "atestado de pobreza".

Perto de 100 advogados e alunos de Direito do Largo de São Francisco cuidam dos 60 novos casos que aparecem todo dia. Um dos advogados se candidata agora a deputado estadual: Marco Aurélio Ribeiro.

Oitenta casos de loteamentos clandestinos já passaram pelo escritório e uns dez terrenos legalizados.

Em recente entrevista, o general Figueiredo prometeu prender os donos dos terrenos clandestinos. Marco Aurélio opina:

— Não acredito que vá prender os loteadores porque está vinculado a eles; não vai prender quem tá ao lado dele, quem é seu sustentáculo, a classe dominante. O problema não está na área criminal, o loteador tem menos medo de ser preso do que de perder o lucro. Deve-se atacar o problema na área civil, garantindo proteção efetiva ao comprador. Loteamento clandestino é crime contra a economia popular. Casos que se transformam em processos se arrastam lentamente na Justiça, a máquina é viciada. Raramente o rico é preso, como é fácil se ver. Ou porque consegue bons advogados ou compra sua absolvição.

Cada vez se ouvem novas denúncias de corrupção. O que vem aí?

— Imprevisível. Fechamento ou nada. Se houvesse um mínimo de decência já era pra ter caído todo o ministério, mas é sintomático que se invista contra aqueles que denunciam a corrupção. O regime se preocupa em proteger corruptos. Não ouço dizer que nenhuma denúncia vá ser apurada.

A reforma agrária no meio da rua

José Isidro, candidato a deputado federal pelo MDB do Rio de Janeiro, é responsável por um fato, se não inédito, pelo menos raro na história de eleições para o Congresso Nacional: montou seu escritório na rua, no calçadão da rua São José, bem no Centro do Rio de Janeiro.

O ponto é estratégico: colado no terminal de ônibus Menezes Corte, por ali circulam diariamente milhares de pessoas, a rua é conhecida pelos seus muitos restaurantes, na hora do almoço pra fazer comício é só subir no banco porque a platéia é garantida e, além disso, a Assembléia Legislativa do Estado, lugar de encontro dos políticos, fica a uns 500 metros.

— No escritório tinha muita mosca. Lá, ninguém me procurava. Eu tinha dois escritórios à minha disposição, fiquei 2 dias num deles e ninguém me procurou, ninguém procura candidato escondido em corredores. Aqui, eu encontro todo mundo, todo dia. Olha lá, lá vem um militar cassado, ô Lourival vem cá, fala aqui com o repórter.

— Já leste a carta de um oficial da Eceme (Escola de Comando e Estado Maior do Exército)? pergunta o Lourival.

Isidro diz que não.

— Ô professor Hélio, como vai? Chegue-se aqui. O professor Hélio (Isidro explica pro repórter) foi presidente do Sindicato dos Professores em 64, foi cassado duas vezes.

Hélio confirma:

— É um caso inédito, tive a honra de ter sido cassado na mesma lista do presidente Juscelino pelo Ato Institucional nº 1 e depois em 1969 pelo AI-5, como professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

— Aí Isidro, tirando fotografia?

— Qual é o teu número de registro?

— 333

— É cobra, vou votar em você porque é cobra.

— Cobra que não anda, não engole sapo, responde Isidro. Vem cá que vou te apresentar um pessoal dos vendedores e corretores que tá me apoiando.

— Eu tava lendo aqui no jornal que a Fundação do Menor gasta 2800 cruzeiros para manter uma criança lá, como é que eles pagam salário de 1500 pra um trabalhador sustentar a família.

— Como é o seu nome?

— Não tenho nome.

— Como assim?

— Se você disser que eu disse, eu nego, N-E-G-O.

É assim o dia inteiro. Das 10 da manhã às 6 da tarde, o movimento é incessante e o eleitor que quiser tem até telefone à disposição.

— São 21 aparelhos, é só ter ficha, diz Isidro referindo-se aos orelhões que cercam seu "escritório".

— O que é mais importante no seu programa?

Foto Custódio Coimbra

Zé Isidro no escritório, em plena rua

— São 3 pontos. O primeiro é a reforma agrária que, além da terra, dê aos lavradores e pequenos produtores condições para explorá-la. Se eu for eleito, vou apresentar um projeto para redistribuir a propriedade agrária e aumentar o crédito juntando a carteira agrícola do Banco do Brasil com o Banco Nacional de Crédito Cooperativo, que até agora só fez atender cooperativas patronais. Faço a reforma e indenizo os proprietários com títulos da dívida pública pra eles receberem em 20 anos.

O segundo ponto é controlar os investimentos estrangeiros no país, manter a independência nacional, mudar a lei de remessa de lucros e de pagamento de tecnologia que beneficiam atualmente o capitalista internacional. No campo, então, a situação é pior: o governo abriu as portas para que as multinacionais explorassem o nosso subsolo e extraíssem riquezas minerais. Isso tem que acabar.

O terceiro ponto do meu programa é o restabelecimento do estado de direito. Quero uma democracia plena com eleições diretas em todos os níveis e liberdade para organizar partidos políticos com qualquer ideologia. É preciso combater o arrocho salarial porque o custo de vida proletarizou a classe média e está deixando o proletário na miséria. A desgraça do menor abandonado e a prostituição tão aí, provando as condições em que é obrigada a viver a maioria da população.

Foto Marcos Dantas

Raimundo na favela

Trabalhador tem que lutar

— Candidato que promete resolver o problema do trabalhador tá mentindo. Quem resolve o problema do trabalhador é o trabalhador. Meu compromisso é estar junto de vocês, defender a luta de vocês lá na Câmara, fazer projetos depois de discutir com vocês.

É com palavras assim que o candidato a deputado estadual pelo MDB carioca Raimundo de Oliveira se apresenta a grupos de pessoas que conversam na porta de um barraco, jogam sinuquinha numa birosca, tomam um trago noutro botequim ou com os que jogam pelada no alto do morro do Borel, na Tijuca.

É sábado. O morro está cheio de gente aproveitando que não é dia de trabalho. Não para todos: aqui e ali há os que constroem seus barracos, mulheres que lavam roupas e, claro, o pessoal do vapo (que desconfiou do fotógrafo). Raimundo fala com todos, entrega pessoalmente prospectos, tendo em volta mais de 50 ativistas de sua campanha, colando panfletos nas paredes e postes, entrando nos barracos para conversar com as famílias.

Raimundo participou em 1974 da campanha para deputado federal de Lysâneas Maciel e, em 76, trabalhou com o candidato a vereador Antônio Carlos de Carvalho. Agora, é com o apoio de Tonico que ele tenta se eleger deputado estadual.

Sua proposta básica é a formação de uma Frente Popular Eleitoral, reunindo os candidatos populares num programa mínimo comum de luta contra o regime. Raimundo defende a luta pelas liberdades democráticas, por melhores condições de vida para o povo, por uma anistia ampla, geral e irrestrita, pela convocação de uma Assembléia Nacional Constituinte e por um governo democrático e popular. Nas colocações que faz em comícios ou conversando com pequenos grupos de pessoas, nas panfletagens que comanda pessoalmente, enfatiza a importância de derrota da Arena, "o partido dos generais e dos patrões", votando no MDB. Mas sempre ressalta que é preciso votar nos melhores candidatos do MDB, nos "candidatos populares".

Para mudar o regime que só beneficia os ricos

Quarta-feira, 21 horas, no número 88 da Estrada da Independência, Favela do Borel, um grupo de pessoas aguarda que os candidatos Délio dos Santos (Federal) e Heloneida Studart (Estadual) comecem a falar. O comitê improvisado fica ao lado da birosca do Oswaldo, onde alguns rapazes bebem cerveja e conversam o que sabem sobre política. Um deles, Wilson da Silva, 21 anos, operário da Souza Cruz (como ele mesmo se denominou, à revelia do seu companheiro que preferia "funcionário" da Souza Cruz), diz que o seu voto vai para o Délio dos Santos "porque o meu pai conhece ele há muito tempo e ele é um cara que está sempre aqui na favela".

A seu lado, João Paulo da Silva, 20 anos, "funcionário da Souza Cruz" justifica o seu voto para Délio dos Santos, "porque em minha casa todos sempre votaram nele. Têm 12 negões lá em casa votando nele. Agora, ele precisa comparecer com mais madeiras porque o barraco está ficando pequeno".

Disposta em torno da mesa simples de cozinha, coberta por uma toalha de plástico, as 25 pessoas presentes, em sua maioria operários de construção, ouvem as primeiras palavras do candidato Délio:

— Se o regime que vigora no país é um regime que atende aos interesses das chamadas multinacionais, dos grandes fazendeiros, dos grandes latifundiários, é, então, um regime antidemocrático e antipopular. Não é sem motivo que a partir de 31 de março de 1964, as medidas tomadas pela revolução (entre aspas) foram medidas contra os trabalhadores, fechando sindicatos, prendendo os líderes mais autênticos da classe operária.

Enquanto fala, um homem de cabelos grisalhos, sentado numa das cabeceiras da mesa, faz gestos afirmativos com a cabeça, acompanhados de expressões do tipo "muito bem" e "apoiado". Na primeira oportunidade, se apresenta como Sebastião Bonifácio, 50 anos, "biscateiro autônomo" que freqüenta essas reuniões "apenas para tomar umas cervejas". Diz que não se pode esquecer o exemplo de Getúlio Vargas, "que foi deposto porque tentou acabar com a cachaça no Brasil". Na verdade, já estão comuns e famosas as "cervejadas do Délio", que costumam apresentar como pano de fundo, invariavelmente, as favelas do Grande Rio, seu trunfo maior para as eleições de novembro. Paletó descansando no encosto da cadeira, voz empostada de timbre forte e uma especial preferência pela palavra "companheiros" são as características mais evidentes do candidato.

Délio dos Santos (gravata) ouve um trabalhador

Foto Custódio Coimbra

No final do discurso, que durou 20 minutos, a palavra foi colocada à disposição dos presentes — e imediatamente requisitada pelo senhor magro, pele escura e cabelos grisalhos que se indentificou como "trabalhador".

— Companheiros: é necessário compreender que os homens ricos estão interessados no poder e vão continuar fazendo sempre a mesma coisa. O MDB não é um partido da classe operária. Mas é um partido que tem uma camada de políticos que têm uma posição muito democrática. Nós, trabalhadores, temos que pensar politicamente — e não do ponto de vista dos votos, das campanhas eleitoreiras. É comum o doutor fazer um favor e depois vir cobrar em votos. É muito importante não se condicionar voto a troca de favores, entendem? Eu posso retribuir o favor que o senhor me fez varrendo o seu jardim, mas o voto é uma coisa muito sublime e, porque não dizer, é uma arma que temos, uma arma política. Era isso que eu tinha a dizer.

Os aplausos no final foram acompanhados por uma inquietação, já que à porta apontavam alguns rapazes carregando cervejas e batatinhas fritas. Misturados entre os diversos grupos que se formavam, os candidatos ouviam pedidos de auxílio, convites para feijoadas e mais pedidos de auxílio. José Ildefonso Farias, 48 anos, se aproxima do deputado Délio para formular uma queixa:

— Eu tenho um garoto no colégio interno, doutor, que tem 15 anos e uma grande deficiência na idéia, mas o colégio não tem condições de ficar com o menino.

— Você me procure que eu vou denunciar isso, inclusive. O garoto está internado pela Fundação do Bem Estar ao Menor?

— Ele está internado na rua do Riachuelo, no INPS. O que atrapalha é essa deficiência na idéia dele. Ele já esteve no colégio público e no colégio particular, até que eu não pude mais pagar.

— Me procure na Assembléia que vou denunciar isso. Inclusive tem um órgão no Estado, que é a Fundação Estadual do Bem Estar ao Menor, que manda um ofício à Comissão Parlamentar de Inquérito que investiga o problema do menor abandonado. O Presidente é o Flores da Cunha. Vá lá, faça a denúncia que eu faço um ofício também.

Alguém reclama que falta sal na batata; outro lembra que a cerveja está esquentando e que "o negócio é entornar." São 22,30 horas na Favela do Borel, a poucos metros do Largo Paraíso. Os candidatos tomam seus lugares no Opala oficial do Deputado Délio dos Santos. O garçom (dono da birosca) entra para limpar a mesa e deixa cair o pano.

A culpa é de quem instalou os militares no planalto

— Nunca pensei que um dia ia atuar politicamente "picando couve".

— Tá, mas não precisa "atuar" tão fino porque daqui a pouco chegam mais de 100 pessoas pra feijoada.

Diálogo registrado num domingo, durante preparativos de um almoço para arrecadar fundos para a campanha de José Eudes de Freitas para deputado estadual (100 cruzeiros por cabeça). Feijoadas, churrascos, cozidos e bailes em casas de amigos ou em associações de moradores têm sido a principal fonte de renda para a campanha deste bancário e professor universitário sem bens.

O pernambucano José Eudes vive no Rio de Janeiro desde 1970 - "por conta da repressão e do AI-5, porque fui (1967) presidente da Associação Recifense de Estudantes Secundaristas e diretor da União Brasileira de Estudantes Secundaristas." Hoje é aluno do curso de pós-graduação em História da América Latina, na Universidade Fluminense

— Sua base de apoio eleitoral são os estudantes universitários?

— Não, de jeito nenhum, minha base é muito mais popular que universitária. Minha atuação política no Rio não foi dentro das escolas, mas sim no Comitê Brasileiro pela Anistia — sou membro efetivo — e no Instituto de Estudos Políticos, Econômicos e Sociais do MDB

Para lançar sua campanha, José Eudes licenciou-se do banco onde trabalha (Unibanco) e passa os dias visitando fábricas, estaleiros e associações de subúrbios, levando panfletos e fazendo pequenos comícios. Nessas ocasiões, costuma dizer que "os responsáveis por toda a situação de miséria e opressão que o povo brasileiro está vivendo são os ricos e poderosos que impuseram ao país um regime de ditadura militar."

— A conjuntura atual está marcada pela retomada das lutas populares de forma espontânea e marcadamente dispersa. O quadro da crise política do regime militar tendo como pano de fundo a crise econômica, levou a um acirramento das contradições entre os setores dominantes. As eleições de novembro podem ter um significado importante nas definições dos rumos da crise do regime."

— Como você está sentindo a receptividade a suas idéias nos comícios e nos contatos com eleitores?

— O diálogo se dá num nível ideal, porque os trabalhadores e o povo não se deixam enganar. Já compreenderam que o caminho é a luta. Milhares de operários,

Professor José Eudes

camponeses, estudantes, professores, donas-de casa, bancários médicos fazem abaixo assinados, assembléias, passeatas e greves, lutando contra o arrocho salarial, custo de vida, pelo direito de greve e anistia ampla, geral e irrestrita. É necessário participarmos das eleições, indo às manifestações, aos comícios, fazendo das eleições um momento de luta, unindo nossa voz e dizendo não à ditadura."

— Qual sua opinião sobre as anunciadas reformas políticas?

— A ditadura está em crise. Os generais Geisel e Figueiredo propõem reformas O general Euler Bentes e a Frente Nacional de Redemocratização falam em dar "democracia" para o povo. Mas isso não tem como objetivo resolver os problemas do povo: eles pretendem apenas impedir que o povo lute e se organize

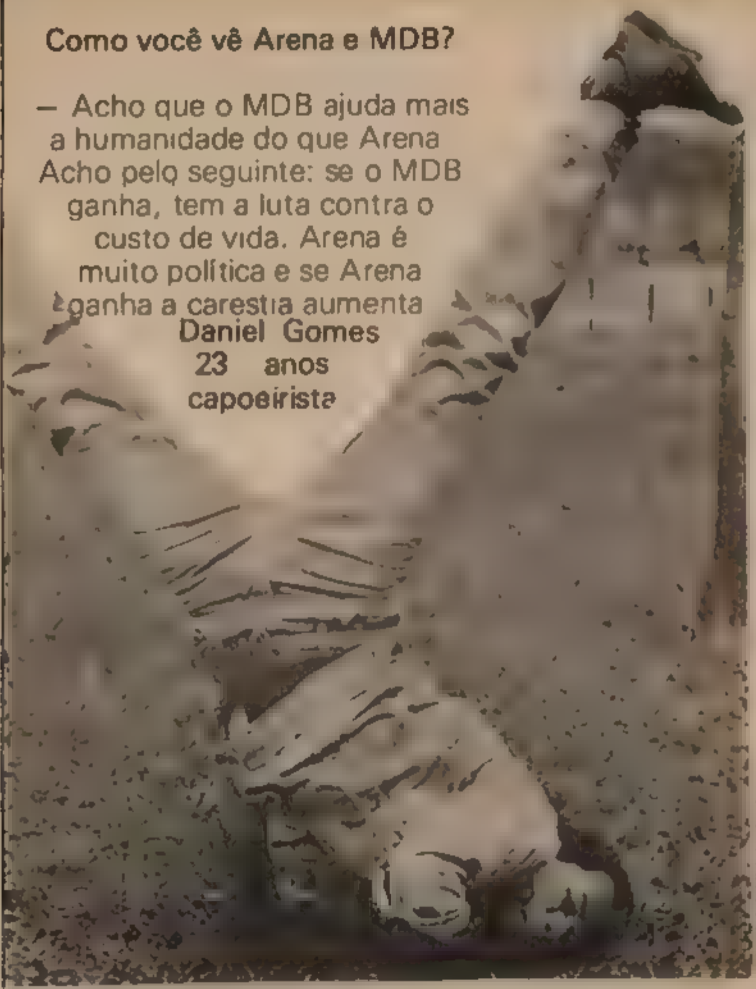
Nós somos vivos
Vivos
Para lutar
E nos livrar
Do Rei
E dos Duques
Nós somos os
Coringas
Somos o Ás.
Mas do jeito
que está
Não passamos
De uma
mesa
Onde eles
Jogam e ganham.

Edgar Roberto Vieira Borel — Rio — RJ

Golbery do Couto e Silva ao centro, com fones no ouvido, chefia o serviço de espionagem por telefone instalado no Palácio do Planalto. Ex-presidente da multinacional Dow Química é acusado de corrupção, tráfico de influência e favorecimento ilícito. E chefe da Casa Civil de Geisel e pode ser o próximo ministro do Planejamento. **Delfim Netto**, à direita de Golbery, de óculos, foi ministro da Fazenda do governo Médici e embaixador na França no governo Geisel. É acusado de receber comissões de empresários internacionais para facilitar negócios no Brasil **Shigeaki Ueki**, no canto, atrás de Delfim, com o saco de dólares dos gringos quase na mão. Ministro das Minas e Energia quis vender a Light para o governo brasileiro a um preço astronômico.

Angelo Calmon de Sá, à direita de Delfim, meio careca. Como presidente do Banco do Brasil manobrou para evitar que um cheque de Cr$ 200 milhões do seu banco, o Econômico, fosse pro pau. É atualmente ministro da Indústria e Comércio. **Humberto Barreto**, à direita de Calmon, é afilhado de Geisel e foi nomeado presidente da Caixa Econômica Federal onde emprestou tanto dinheiro pros amigos que a Caixa tá no brejo. **Ernesto Geisel**, de perfil, passando carta por debaixo do pano pro herdeiro. Deram pra dizer agora que ele não sabe de nada do que se passa na mesa. **João Batista Figueiredo**, nomeado futuro presidente do Brasil. Um dia a mesa toda será dele **Francelino Pereira**, presidente da fiel Arena, atrás de Figueiredo, de garçom, com cara de amigo da onça. Segurava as notícias da Agência Nacional que vinham de Minas pra Geisel não saber do que se passava de errado por lá. É o proximo governador de proveta de Minas Gerais. **Mario Henrique Simonsen,** à direita de Figueiredo, cheio de fichas e de uísque, é acusado de favorecer seus amigos nas obras do Programa Nuclear brasileiro.

Petrônio Portella, o garçom careca e de óculos, é presidente do Congresso Nacional. Na vida real ajuda a gang a não sair da mesa e por isso seu irmão recebeu de presente o governo do Piauí. **Heitor de Aquino,** à esquerda de Golbery, o gangster de terno listado é secretário do presidente Geisel. É acusado de usar seu cargo pra fazer os grandes negócios do bilionário norte-americano Daniel Ludwig no Brasil



Como você vê Arena e MDB?

— Acho que o MDB ajuda mais a humanidade do que Arena. Acho pelo seguinte: se o MDB ganha, tem a luta contra o custo de vida. Arena é muito política e se Arena ganha a carestia aumenta

Daniel Gomes
23 anos
capoeirista

Foto Eliana Pereira

Armando Almeida Lima, 37 anos, há seis presidente da Associação dos Moradores do Vidigal. Profissão: motorista.

Quem o Vidigal está apoiando nessas eleições?

— Estamos fazendo campanha para o Délio dos Santos (Federal) e Flores da Cunha (Estadual). Não estamos fazendo isso em nome da Associação, porque ela não pode fazer campanha, mas a diretoria está trabalhando por fora. Essa é a maneira que podemos retribuir o apoio que eles nos deram, quando precisamos deles. Somos perto de 15 homens trabalhando pro Délio, pedindo, explicando.

E se o voto fosse por legenda?

— Eu confesso a você que antes eu não escolhia por partido, apenas pelo candidato, pela atuação dele. Atualmente eu sou MDB acima de tudo. Quando eu falo em MDB eu falo no MDB autêntico, o puro.

BUZINADAS GERAIS

Chacrinha, como você está vendo o país?

— O país realmente está uma bagunça. Tem Figueiredo de um lado, Euler de outro. Ninguém sabe como fica. É melhor a gente esperar, não é verdade?

E como está o povo nessa bagunça?

— O povo é como mulher, muda toda hora de idéia. Ele não sabe o que quer.

Qual a importância das eleições?

— Realmente, está no ar o programa mais engraçado da TV, ele barra em Ibope qualquer um. É o programa que o povo mais vê

Em quais deputados você daria uma buzinada?

— Em 90% deles, minha filha

Quem vai para o trono?

— Realmente, quem sempre foi.

★ ★ ★

"Seria bacana se a gente escolhesse, mas a gente escolhe alguma coisa? O que é importante mesmo a gente não escolhe, é verdade ou não é? Então não muda nada, é só a gente olhar a bomba que taí pra ver. Se a gente pudesse falar umas verdades...mas olhaí, o grandão (N.R.: o general Hugo Abreu) tá lá no xadrez. Você não tá querendo que eu também veja o sol nascer quadrado, né?" **(Maria Soares Paraguai, empregada doméstica)**

★ ★ ★

João Batista de Oliveira, motorista de táxi, vai votar no MDB "apesar de todos os pesares"

Se a gente vota em branco, não adianta nada não muda nada. Então, entre votar nesse governo e no MDB, eu voto no partido que se diz oposição

★ ★ ★

Edith Lima da Cruz, secretária, está muito desiludida com política e vai anular o seu voto.

— Eu acho que não vale a pena votar em ninguém. Eles prometem, prometem e não fazem nada. Só lembram da gente em época de eleição. Mas não bota isso aí não porque senão eu vou em cana. Vão dizer logo que eu sou comunista. Diz aí que eu vou votar bonitinho no MDB.

"Vai voltar a censura? A censura vai continuar a ser feita por elementos da polícia? Só o futuro vai dizer. Estas eleições vão ser os primeiros passos, a meu ver tímidos, mas de qualquer forma o primeiro caminho a percorrer".

(Max Nunes, humorista)

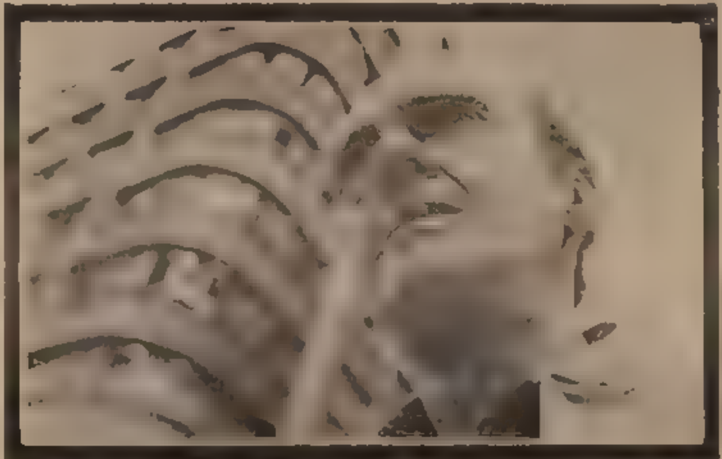


Foto Eliana Pastore

Jorge pisou na bola logo no começo

Perdido no tempo e no espaço

Na porta do Gran Hotel Ca'Doro, SP, fala Jorge, o recepcionista:

O senhor vai votar em quem?

— Eu voto pela Arena.

Por que?

— Porque eu sou contra o governo.

Por que o senhor é contra o governo? Arena não é partido do governo?

— Aliás, no MDB.

Ah, bom. O que o senhor espera do MDB?

— Bom, eles prometem coisas melhores, vamos ver se cumprem. Que o povo já tá cansado.

O que tá faltando pro povo?

— O governo mostra uma imagem de morango com chantili, mas não é nada disso.

"Não acho importante votar porque é o governo mesmo quem manda, são os homens-militares que estão lá. E se não muda nada, não tem importância nenhuma pre país."

SÓ VOTA EM PRETO

Você já sabe em quem vai votar?

Já, sim: MDB. Pra deputado estadual, Hélio Santos. Federal, Milton Santos. Dois negros que prometeram fazer alguma coisa em prol da comunidade negra.

O que eles prometeram?

— Primeiro, que sejamos pelo menos cidadãos de primeira categoria porque nós somos aqui a última categoria. E esperamos muita coisa deles porque os deputados pretos que foram lá e não fizeram nada, esses estão escorraçados da raça. Esses que prometeram, vamos ver se fazem, não em prol dos negros de agora, mas pelos que virão futuramente, meus filhos.

O que um deputado pode fazer pelo negro?

— Esse negócio de a gente pedir para os brancos, já tamos pedindo há 400 anos, isso não resolve nada. O negócio é irmos lá e queremos nossos direitos. Que é nosso e não temos que pedir nada pra ninguém. Tá faltando lá é cara que pertença à raça negra, não os fantoches que andam por aí.

Foto Eliana Pastore

Cinoey defende a raça

COLÉGIO EU SEI. MAS O QUE É ELEITORAL?

Francisco Paulino, sorveteiro, explica que não vai poder votar porque veio do Norte há três meses e não deu tempo de transferir seu título para cá.

Mas se o senhor fosse votar, votaria na Arena ou no MDB?

— No MDB, que é o partido do governo.

O partido do governo é a Arena.

— Então é na Arena, porque é o governo que resolve tudo mesmo. É ele quem manda em tudo.

O senhor acha importante votar?

— É lógico que eu acho importante. Quem ganha, sempre ajuda a quem trabalha. Porque não dá não, a gente tá muito sacrificado. Tá tudo muito caro. Um quilo de carne é 60 cruzeiros. O que a gente ganha não dá não. Eles têm que aumentar os salários, ou então baixar o preço das coisas.

O senhor sabe o que é o colégio eleitoral?

— Colégio eleitoral? Colégio eu seu o que é, mas eleitoral não sei o que é não.

O senhor gostaria de votar para presidente da República?

— Ah, gostaria sim porque é ele quem manda em tudo.

Foto Chiquito Chaves

Em quem você vai votar?

— Ora, tá na cara, aqui só dá Délio dos Santos e Flores da Cunha. Olha, favelado que não votar no Délio é porque é muito filho da puta. Eu sei dizer que nenhum deles me dá alguma coisa. O Délio pelo menos me deu uma coisa, que foi continuar no Vidigal.

E entre Figueiredo e Euler Bentes?

— É Figueiredo, né? Mas será que o MDB vai ter candidato pra concorrer com ele?

Pode ser o Euler Bentes.

— Mas eu nunca ouvi falar nesse homem. O outro que eu sei é o Magalhães Pinto. Ou será que ele não está mais?

Bananeiro, 42 anos, favela do Vidigal.

Tem que ter gente nossa lá em cima

Jota, 19 anos, cartunista

Você vai votar em quem?

— No Fernando Henrique Cardoso

Por que no MDB?

— Eu acho que essa eleição tem um papel, que é o de colocar gente lá em cima na Câmara, no Senado, que possa veicular as idéias da gente. Eu acho que os candidatos do MDB têm as plataformas mais liberais, progressistas. E eu acho que tem gente aí que tá advogando o voto nulo. A Libelu já tá nesse esquema (Liberdade e Luta, facção universitária), basta passar perto das faculdades pra ver... Você tem que ver o seguinte: que esse voto nulo aí só vai favorecer uma pessoa, que é o governo, a Arena. Quer dizer, eles tiran do esse voto do MDB, os bons candidatos estão perdendo um voto em potencial, que podia levar eles lá pra diante. Você vê, por exemplo, no episódio da morte do Vladimir Herzog: o MDB — o MDB que eu digo são os candidatos progressistas — apoiou todas as manifestações — esses caras do MDB. Se a gente fizer a maioria agora — maioria que eu digo é votar nos candidatos progressistas do MDB — a gente pode forçar mais ainda os espaços que estão se abrindo. Se o governo é forçado a criar um espaço e ele não é ocupado, vai ser muito mais fácil depois ele voltar

• "Não adianta a gente ser do lado do governo. Não que eu seja contra o governo, a gente não pode ser, ele é o pai da nação, mas eu acho que é melhor o MDB. Meu candidato é o dr. Ivan Ribas, rua José Loureiro, esquina com João Negrão". Alceu de Oliveira, 24 anos, operador de projetor de cinema, São Paulo.

VOTO NO MDB PRA MOSTRAR QUE TÁ RUIM

"Devemos votar no MDB pra mostrar que estamos descontentes com essa política que está aí, mesmo sabendo que o MDB não resolve nada. Você vê: a gente votou no Orestes Quércia pra senador e o que ele fez? Os gêneros de primeira necessidade estão tudo caro". ***Wilson Barbosa, 37 anos, engraxate na praça da República, São Paulo.***

TEM QUE TER ELEIÇÃO PRA TUDO

Delfim Antônio Laza, garçom, não vai votar porque é português e, como estrangeiro, não tem esse direito. No entanto, afirma que se fosse participar das eleições não votaria nem na ARENA nem no MDB.

— O meu ideal não é nenhum desses dois partidos. Gostaria que houvesse um Partido Social Democrata. Nesse eu votaria. Acho que é necessário haver outros partidos.

O que um processo de eleições significa pra você e qual a importância delas para o país?

— Pra mim, significa democracia. Dar vez ao povo, o direito que ele tem. Por mim, devia existir eleição pra tudo porque é o único processo democrático. Acho que é muito importante para o país porque é a garantia da democracia.

Você acha que o povo deveria votar para presidente?

— Claro, é o direito do ser humano. Depois, é assim que se faz em um processo realmente democrático. E o melhor regime que pode existir em um país é a democracia plena.

"Colégio eleitoral é onde se ensina as pessoas a votar"

Antônio Carlos Miranda, jornaleiro, cabo eleitoral da Arena

MULHER PRECISA SE DIVERTIR

Paulo Barbosa, apresentador da Rádio Tupi, Rio de Janeiro.

Com quem você está, Arena ou MDB?

— Olha, você sabe que eu tenho grandes amigos dos dois lados. E pra gente dar uma opinião é difícil. Vou explicar porque. Nós temos um programa de cinco horas diárias, que é exclusivamente dedicado à mulher, que nos prestigia e está todo os dias com a gente, desde as 8 da manhã. Se eu chegasse no microfone e dissesse vote no candidato tal, talvez eu estivesse influenciando a votar neste ou naquele e acho que isso não está certo. Aquilo que eu faço é apenas uma diversão, procurando fazer dessas cinco horas, horas de alegria. Fazer com que a dona de casa não se preocupe com o óleo de soja que aumentou, que está faltando isso ou aquilo. Nosso programa visa exclusivamente divertir. De um modo geral, a mulher não gosta de política. Infelizmente, ela se deixa influenciar ainda pelo machão.

Como você vê as eleições?

O povo talvez não esteja sabendo quem são realmente os candidatos. Antigamente, o candidato falava, dava seu recado, pelo menos chamava mais atenção de todos nós. Hoje em dia, o simples retrato do candidato colorido ou preto-e-branco, está afugentando o telespectador. Eu acho que seria mais interessante se o candidato pudesse dar um recado maior.

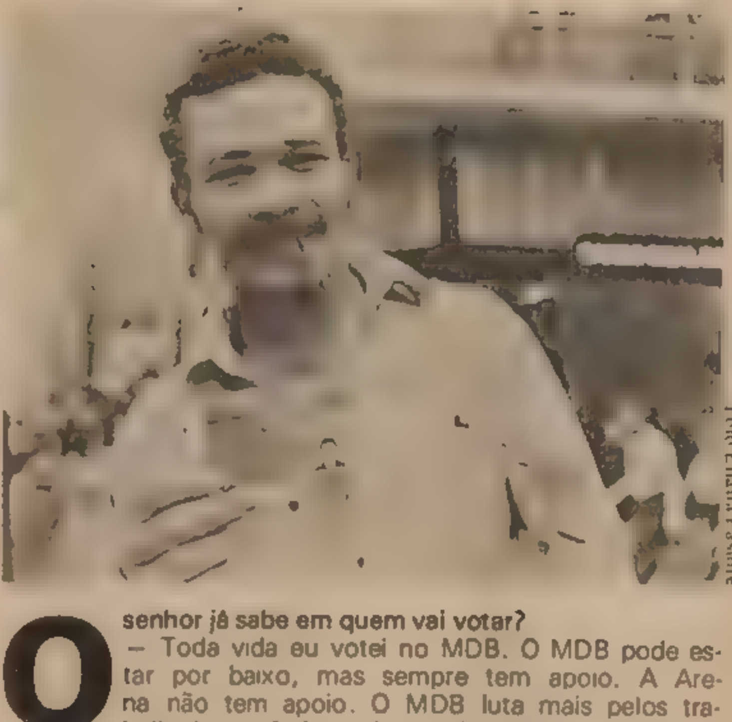


Foto Eliana Pastore

O senhor já sabe em quem vai votar?

— Toda vida eu votei no MDB. O MDB pode estar por baixo, mas sempre tem apoio. A Arena não tem apoio. O MDB luta mais pelos trabalhadores. A Arena luta mais pelos caras que têm dinheiro. Eu voto só no MDB. Mesmo que perca ou ganhe

Você espera o que do MDB?

— Espero que ele venha melhorando o custo de vida, que o custo de vida tá meio caro. E o salário também, que é o principal

Quanto você ganha por mês?

— 1560 cruzeiros. Sou office-boy. Trabalho 12 horas por dia na Cruz Militar: oito horas por dia e quatro horas que eles não pagam extra, eles dão uns prêmios pra compensar o sábado e o domingo

" O presidente da República deveria ser um trabalhador, pra ver o que o povo realmente passa. Ele só manda e tudo bem. Se trabalhasse um pouquinho mais, seria bom. "

Rita de Cássia Silvers, 17 anos, estudante

● ● ● ● ● ● ● ● ● ● ●

Foto Chiquito Chaves

Bonifácio Rodrigues de Mattos, 26 anos, desenhista. Mora há quatro anos no Vidigal, Rio de Janeiro.

Você vai votar em quem?

— Ainda estou sem candidato, sinceramente. Os candidatos que pintaram por aí me cheiraram muito falsos. Eu simpatizei, de repente, com o Modesto da Silveira, embora eu saiba muito pouco sobre ele.

Você é mais Figueiredo ou Euler?

— O Euler se diz candidato da oposição, mas me diga: o que ele está fazendo ou já fez pra merecer a presidência? Ele não pode dizer: "Olha, eu sou o candidato da oposição, viu"? O Euler, nessa história toda, me parece um Cavalo de Tróia da oposição. E ao MDB caberia, no mínimo, apresentar um candidato civil, ora! Então eu não acredito em nada disso que está por aí.

● ● ● ● ● ● ● ● ● ● ●

"Eu não acredito em política. Pra mim, eleição significa tirar um cara que se deu bem, pra colocar outro no lugar, que vai se dar melhor ainda. Do jeito que é feito aqui, significa isso. Para o país, é importante pra manter tudo do jeito que está. Se elas fossem diretas, seriam importantes. Mas quem é que a gente elege diretamente? Só deputados, senadores e vereadores. Quem é importante mesmo o povo não escolhe"

Marcelo Henrique da Graça estudante

Quero votar é pra presidente

Paulina Visto dos Santos, doceira ambulante, diz que não se lembra do nome do seu candidato, mas vai votar no MDB.

— É que eu acho que esse candidato vai poder fazer alguma coisa de bom. Pelo menos ele disse lá na rua que vai arranjar emprego pra muita gente. Só acho que a gente tinha que votar era pra presidente porque é ele quem manda em tudo mesmo.

Foto Eliana Pastore

(Bruna Lombardi, poetisa, modelo, atriz, 26 anos)

— Nós passamos 14 anos em que ninguém falou nada. Mas agora as pessoas estão vendo uma certa abertura política. O Fernando Henrique Cardoso, por exemplo, é um cara que tava aposentado, né. Então, só isso já define um pouco. Se bem que taí, mas com toda essa briga em cima. Então, eu acho que pegando ele como exemplo, define bem a diferença, simboliza bem o momento de lá e de cá. Lá, ele não tava, aqui ele tá, com uma pressão louca em cima. Cheio de mas, cheio de porém. Mas tudo que acontecer é um passinho, é uma coisa pequena no meio de toda essa maré. Nessa eleição tem cara batalhando pra valer, tem gente boa. O MDB não é a solução de nada, não é a grande esperança não, não é isso. Mas é oposição. É por aí. Eu me oponho a isso do jeito que me deixam, por enquanto. Pela primeira vez, estou participando da campanha de um candidato: Fernando Henrique. Vou aos comícios com ele, distribuo panfletos. Eu publicamente tenho uma força que não sabia que tinha. Tenho saído às ruas e tenho visto as pessoas interessadíssimas. O brasileiro está preparadíssimo pra votar. Nunca vi tanta gente falar de política no Brasil como agora. Apesar de ser uma eleição num estado de exceção. Em 64, eu era garotinha. Sou de uma geração totalmente sem informação e sem formação, sem acesso a coisas, sem saber de nada eu sou após mesmo

Figueiredo vai ser o rei da Espanha

Jorge Mautner, poeta-cantor, 37

— As eleições são, a meu ver, a preparação pra sair do estado de exceção pro estado de direito e são eleições parciais, são eleições setoriais, ainda com dois partidos que, pelo próprio critério das Forças Armadas, são agremiações temporárias. Tanto MDB como Arena são conglomerados artificiais, com pessoas de várias tendências. Essas eleições aguçaram o processo de discussão política, que avançou a níveis que vão ter seu clímax com a posse do general Figueiredo que vai assistir, eu acho — as próprias palavras do irmão dele ("ele não vai ser presidente, vai ser como o rei da Espanha"). E se você pensar seriamente sobre isso vai ver que no fim do século XX só é possível assim.

Foto Eliana Pastore

— No [illegible] fundo, [illegible] acho [illegible] campanha [illegible] porca[illegible]. Acho que uma campanha dever[illegible] públic[illegible]

Carlos Laurence, 24 anos, artesão

● ● ● ● ● ● ● ● ● ● ●

Henfil acha a situação artificial

Foto Sandra Adams

Henfil, cartunista e autor teatral, 32 anos.

— Se fosse em São Paulo (eu não voto em São Paulo, voto em Natal), votaria no Fernando Henrique Cardoso, no Audálio Dantas... No Rio de Janeiro teria que votar em quem? Nelson Carneiro, né... quem é o outro candidato a senador pelo MDB? Acho que é só ele. Se fosse no Rio Grande do Sul, no Pedro Simon. Se fosse em Recife, Jarbas Vasconcelos. Se fosse em Minas, tinha que votar no Tancredo Neves porque o outro é da Arena. O MDB ficou sendo, porque a Revolução o colocou do lado de lá, o partido obrigatório pra gente votar. Mas é uma situação artificial. E todos os candidatos, bem ou mal, não saíram como deveriam sair, que era de baixo pra cima: as diversas classes iriam lançar os seus candidatos naturalmente e não um cara sair na frente e depois a gente vai e apóia o cara. Mas nessa eleição têm candidatos que a gente pode apoiar, mais que em eleições passadas.

— A Lei Falcão é certíssima; se o Poder não se proteger, quem é que vai proteger o Poder? Eles estão se protegendo muito bem, é uma das leis mais inteligentes que o governo fez. Porque aí evita isso que eu tô querendo, isso que todo mundo tá querendo, isso que a democracia quer, que é a circulação, por baixo, horizontal, da comunicação do que você quer. E aí eles não deixam. Então, cai nesse esquema aí em que você vota no rumo. Então, é uma lei muito inteligente. E, claro, burra ao mesmo tempo, porque eles vão represando e isso estoura, né. Conseguiram uma unanimidade nacional como há muitos anos eles não tinham conseguido no Brasil

— Eles é que tão se virando. Tô esperando pra ver que horas o fruto cai. Que é o que tá todo mundo esperando. E eles mesmos

Eles tão se balançando e se segurando, pra não cair. Você vê por exemplo, que de repente você tem dentro do sistema um anticandidato, deles mesmo, você tem o articulador dessa anticandidatura que é deles mesmos. Tá todo mundo assistindo de fora. E um problema deles. Renovação do Poder é feita por eles, com alternativas deles

— De qualquer maneira, o militar não é o inimigo. O militar foi usado pelas multinacionais pra colocar uma ordem no recinto, na fila, nas pessoas que tavam criando muito caso na fila

Depoimentos a Alex Solnik, Celso Prudente, Clarice Niskier, J. Paulo, Toninho Martins Vaz e VeraLúcia Dias

QUAL O LUGAR DELES ?

Já que o tema é a campanha eleitoral, *Reporter* promove a eleição/rejeição. Você vota em quantos candidatos quiser para a Câmara, o Senado ou para onde você bem entender. Por exemplo, para onde você mandaria o delegado Sérgio Fleury? Pois diga, que nós mandaremos uma passagem (de ida apenas, é claro) pra ele. Os votos podem ser escritos num papel e mandados para a redação. (Não vale assinar o nome dos outros, que o governo não gosta).

VOTE EM ARMANDO FALCÃO

Armando Falcão

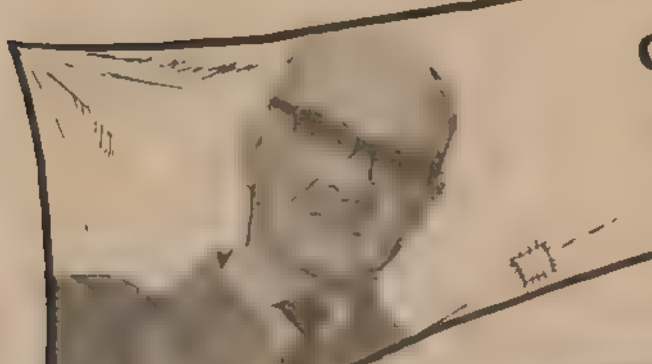
— Incansável na batalha em defesa da moral e dos bons costumes pátrios, Falcão ocupa, pela segunda vez, o Ministério da Justiça, onde já proibiu inúmeras peças de teatro, filmes, nacionais e estrangeiros, livros de várias tendências, tudo em apenas quatro anos de gestão. Conhecido como "perseguidor da imprensa", é ainda autor da lei que acabou com os discursos políticos no país.

Sérgio Fleury

— Famoso delegado de polícia e ficcionista de raro talento, Fleury elaborou roteiros inesquecíveis, como o da morte do guerrilheiro Carlos Marighela, divulgado por toda a imprensa com destaque em 1969. Resolve qualquer caso policial ou político em qualquer horário, por todos os meios inimagináveis. Defende a tortura como forma de expressão artística e não apóia a volta do país ao estado de direito.

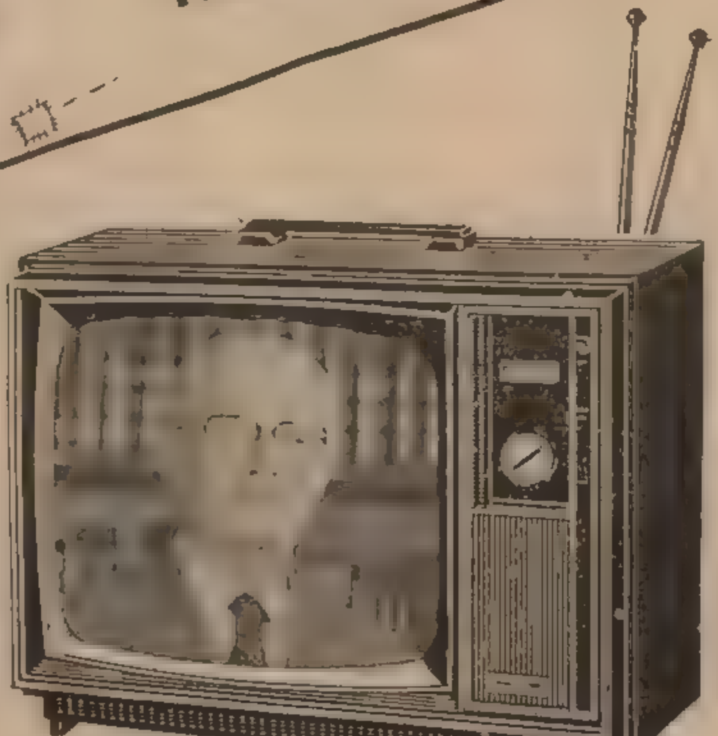
Mário H. Simonsen

— Mais conhecido como "o homem que enxugou o bolso do trabalhador", Mário Henrique é, até a última gota, um ferrenho lutador contra a inflação. Ministro da Fazenda do atual governo, ele espera apenas a posse do futuro presidente para pleitear algum cargo diplomático na Escócia, onde o clima é perfeito para desenvolver seus dons operísticos.



Chagas Freitas

— Velho defensor dos opressores, Chagas Freitas é o perfeito exemplo de como o regime cria e alimenta seus parasitas. Comanda como um Al Capone o MDB do Estado do Rio, transformando num bando de aproveitadores o que deveria ser a oposição ao governo. Sua mais famosa criação é Miro Teixeira, deputado federal que só defende fim da gravata pra motorista de táxi, aposentadoria pros velhinhos e nem quer saber de democracia, estado de direito, essas coisas.



Ernesto Geisel

— Homem profundamente religioso e bem intencionado, assumiu a presidência da república como um operário, dizendo: "O Brasil é como um parafuso enferrujado, tem-se que dar meia volta de cada vez, senão quebra". Iniciou em seguida a famosa Abertura, mas cometeu a falha de pôr na Casa Militar um general que não parava de jogar óleo no parafuso.

Ulisses Guimarães

— Anticandidato vitorioso na eleição do presidente Geisel, não fez nenhum governo e, portanto, pode criticar à vontade (no entanto, ele procura não fazer isso). Defende a tese de que o brasileiro é um povo de índole pacífica, avesso à violência e plenamente capaz de eleger seus governantes — tese esta violentamente combatida e de pouca aceitação no poder. Ulisses Guimarães é, ainda, advogado de causas perdidas e possui rara habilidade para equilibrar-se sobre muros em geral.

Coisas estranhas acontecem nos hospícios do Rio de Janeiro. Casos de lavagem cerebral, de internamento até segunda ordem, sem motivo aparente, enquadramento na Segurança Nacional, médicos que se dizem agentes do SNI, diretor de hospital procurando armas e simpatizantes do "credo vermelho". Casos que surgem a partir das histórias contadas pelos psiquiatras, a maioria com medo de aparecer a entrar em maiores detalhes. Uma indicação assustadora de que estão usando os hospitais de psiquiatria para torturar e/ou fazer a cabeça dos dissidentes.

Psiquiatria na Repressão

HOSPÍCIO FAZ LAVAGEM CEREBRAL

A utilização da psiquiatria (e da medicina, de um modo geral) na repressão não é nenhuma novidade. Historicamente, a psiquiatria sempre exerceu um papel repressivo, na medida em que é usada como paliativo de um problema social. Quando se enlouquece de fome, de desemprego, ou de ideologia, surge a ciência salvadora, rotulando o paciente mais próximo de doente mental. Rótulo que, para receber, a pessoa não precisa nem estar doente, basta ser dissidente do sistema ou simplesmente um dissidente doméstico, alguém que possa prejudicar a imagem da família bem situada.

— Quando o psiquiatra consegue segurar as bases dos pacientes, ou seja, cuidar da cabeça enquanto o que deveria ser cuidado era a fome ou outro problema social qualquer, a psiquiatria entra como fator de repressão. É um tampão, um paliativo para o problema social, que não é resolvido. E se, historicamente, a psiquiatria tem um papel repressivo, no Brasil ela é mais repressiva ainda, pois a situação social desenvolve uma loucura social. (**Paulo Duarte, psiquiatra**)

Por essas e outras é que no sistema de saúde mental brasileiro paira o espectro da Segurança Nacional. Nada no papel, mas da boca pra fora todos os médicos sabem que o assunto é perigoso. Além do mais, ouvem constantemente dos diretores de hospitais (a maioria se diz agente do SNI), que não se pode falar nada sobre tratamento psiquiátrico.

Recomendações do tipo "internar até segunda ordem" são comuns nos hospícios do Rio de Janeiro. A razão, não importa. E, além dos diretores, são vários os médicos que exibem carteira de policiais, dizendo que trabalham para o SNI, como os doutores Pedro Paulo Matos e Nelson de Almeida, ambos do Pinel. Este último, inclusive, não esconde sua condição de agente. Durante uma confusão acontecida no hospital, puxou uma carteirinha e disse que aquela barra ele segurava, pois trabalhava para o Serviço Nacional de Informações.

Contam os médicos-psiquiatras que, no tempo em que o general Hugo era diretor do Pinel, a barra era realmente pesada. O general, anticomunista convicto, entrava na Residência Médica à procura de armas.

A procura de dissidentes do sistema e de simpatizantes do credo vermelho estão há muito tempo, pois a idéia de segregá-los não é nova no Brasil. Em 1920, o psiquiatra Rodrigues Caldas, primeiro diretor da Colônia de Alienados de Jacarepaguá (hoje Juliano Moreira) pediu ao ministro da Justiça (Ministério que cuidava das colônias porque na época não havia o da Saúde) a "promulgação de uma nova legislação na qual serão resolvidos delicados problemas actuais de hygiene e defesa social pertinentes aos deveres do Estado para os tarados, ou delinquentes ou abandonados assim como para os **indesejáveis inimigos da ordem e do bem público, allucinados pelo delírio vermelho fanático das sanguinárias e perigosissimas doutrinas anarchistas ou comunistas do maximalismo ou bolshevikismo.**"

Foto Custódio Coimbra

E isso aí. Dissidente é louco, comunista ou não.

No meio psiquiátrico, com Segurança Nacional ou não, correm muitas histórias ligadas à utilização da psiquiatria na repressão, ou seja, a utilização de hospitais psiquiátricos brasileiros para segregar ou "fazer a cabeça" dos dissidentes. Casos estranhos acontecem e vêm acontecendo desde 1964, embora seja muito difícil arrancar dados concretos sobre o assunto. A maioria conta histórias esparsas, de casos de presos políticos que foram submetidos a tratamento psiquiátrico, principalmente com a utilização de doses elevadas de medicamentos e eletrochoques.

Uma dessas histórias é contada por Paulo Duarte, que, em 1976, quando trabalhava no Engenho de Dentro, recebeu a visita de um ex-paciente, pedindo para ser reinternado. Isso, segundo o psiquiatra, é muito normal.

— A internação e o tratamento, muitas vezes, criam uma dependência no paciente, que o obriga a voltar sempre.

(Ao paciente foi perguntado por que queria voltar para o hospital.)

Em 1964, ele e mais um grupo de presos políticos tinham sido levados para aquele hospital, onde foram submetidos a torturas, principalmente choques. Além da tortura, o isolamento e a convivência com doentes mentais, quase todos os presos acabaram se tornando doentes mentais também.

E tem a história de outro psiquiatra que impediu a internação no Pinel de um operário que tinha sido preso em uma manifestação política. O médico verificou que o paciente não tinha nada de maluco e não acatou a ordem policial de interná-lo.

Existe alguma coisa no ar, isso é certo. Carolina, filha de David Capistrano da Costa, desaparecido em março de 1974, já recebeu informações de que seu pai estaria internado em um hospital psiquiátrico do Rio de Janeiro, possivelmente em Jacarepaguá. O que não é nada difícil, pois existem locais na Colônia Juliano Moreira onde é proibido o acesso até para os médicos que trabalham ali.

Chico Júnior

1 Alcoólatra nunca pediu uma birita

No final do ano passado, Jorge foi internado no Hospital Pinel. Diagnóstico do parente que o internou: alcoolismo. Embora existam determinações para que não se internem alcoólatras. Caiu na mão do psiquiatra Paulo René Guimarães.

— Foi fácil verificar que o paciente não era alcoólatra. Não tinha crise de abstinência nem nada. Tinha alguns problemas, mas que não exigiam a internação. Problemas que grande parte da população tem e que não justificam uma internação. Em três semanas, ele podia receber alta. Seu lugar não era dentro de um hospital psiquiátrico, era autor teatral, com um alto nível de criatividade, perfeitamente integrado, não estava alienado. Então, dei alta.

Tentou dar, pelo menos. Na hora em que disse que o paciente poderia sair, o diretor do hospital, Pascoal Chequetti, mandou um bilhete: "alta e licenças para o paciente tal só podem ser dadas com autorização do diretor".

— Ora, o diretor não fez nenhuma avaliação, o médico era eu, e quem tinha que decidir alguma coisa era eu. Quanto mais eu brigava pela alta do paciente, mais resistência encontrava. Então, comecei a investigar e descobri que o paciente tinha sido internado por uma pessoa que era colaboradora do General Figueiredo e que participava ativamente de sua campanha.

Como o paciente era visto pelo parente como um cara meio alienado e que poderia prejudicar a sua imagem, tratou de interná-lo. Tentei entrar em contato com outros parentes e fui sempre maltratado, inclusive por esta pessoa ligada ao General Figueiredo. O paciente, que poderia sair em três semanas, ficou lá dentro mais de dois meses e só conseguiu alta depois que sua mãe (estava internada em outro hospital por problemas não psiquiátricos) entrou em ação e exigiu que o rapaz saísse.

Nas "considerações finais e sugestão terapêutica" do relatório médico, Paulo René diz o seguinte:

"Consideramos o alcoolismo habitual como elemento secundário no diagnóstico do paciente, parecendo-nos mais viável a hipótese diagnóstica principal de neurose fóbica. Sugerimos para o caso acompanhamento medicamentoso e psicoterápico a nível ambulatorial, com entrevistas semanais, visando a reforçar a autoconfiança e a interessar o paciente pelo seu tratamento"

— O importante — diz — é ressaltar a impossibilidade de dar alta num paciente, por ter sido internado a pedido de uma pessoa ligada à direção do hospital. No caso desse paciente, foi alegado um alcoolismo que não existia, só para mantê-lo internado.

E termina:

— Para tirar um cara de circulação, a saída é a morte, a prisão ou o hospital psiquiátrico.

2 Fizeram a cabeça do filho do brigadeiro

De repente, o psiquiatra "soltou"

— Olha, tem uma história, mas não vou dar nome de ninguém, nem da clínica e também não vale colocar o meu

Disse apenas que se trata de um caso "muito perigoso", acontecido na clínica particular de um psiquiatra famoso no meio médico

E contou que foi internado um rapaz, funcionário do Itamarati, filho de um brigadeiro. Um rapaz com idéias esquerdizantes e, talvez por isso, considerado louco. E como estava louco, quem sabe acometido pelo delírio vermelho, deveria ser submetido a um tratamento psiquiátrico, "para seu bem". Nada melhor para isso do que a clínica de um amigo, onde as coisas poderiam ser feitas sem maiores repercussões

E se a ordem era fazer a cabeça do rapaz, mãos à obra

A Organização Mundial da Saúde permite o uso de aloperidol, uma droga poderosíssima, usada para o que chamam de impregnação, desde que administrada no máximo de 10 miligramas por dia. Então, para começar o tratamento, o rapaz recebia a quantidade de 60 miligramas por dia. Além disso, eletrochoque. Com isso tudo facilitando o trabalho de lavagem cerebral, o serviço fica completo e o paciente retorna à sua vida pública "completamente curado"

3 Tira quase põe o irmão maluco

Marco Aurélio era psiquiatra do Pinel antes do começo da Divisão Nacional de Saúde Mental, há 2 meses e que motivou a saída de mais de 80 médicos dos hospitais cariocas, também tem uma história de "uma outra vítima do sistema"

Um rapaz, meio **hippie** e que gostava de ficar por aí, viajando pelo Brasil. Seus irmãos eram todos funcionários do governo, ocupando cargos que iam desde assessoria no Ministério da Saúde até policiais e agentes do SNI. O rapaz veio de Brasília, com um dos irmãos do SNI, com a promessa de lhe ser arranjada uma oportunidade de treinar no Botafogo. Junto, um bilhete do senhor Alberto Magalhães, diretor da DINSAM, que dizia: "internar até segunda ordem"

— Eu vi logo que o paciente não tinha nada, pelo menos no momento. Só queimava um fuminho e mais nada. Então, a conclusão lógica era a seguinte: o rapaz, **hippie**, com uma série de problemas em relação à família, incomodava e, o que é pior, poderia prejudicar a imagem dos irmãos. E já que não tinha nada, dei alta.

Não conseguiu. Pior: para tirar o paciente da mão dos médicos, que já estavam mobilizados em torno do caso, Alberto Magalhães mandou transferir o rapaz para a Colônia Juliano Moreira

Você sabe o que é a Juliano Moreira? Lá não tem escapatória. Quem não é louco, fica. Pra lá só vai crônico e indigente. E queriam enfiar o rapaz lá. A partir daí, fizemos um movimento no hospital e conseguimos forçar uma barra. Aí, saiu a alta. O caso é que o rapaz, que não precisava ter sido internado, acabou ficando no Pinel uns seis meses

ASSINE REPORTER

ÚLTIMOS DIAS PARA VOCÊ FAZER SUA ASSINATURA AO PREÇO CAMARADA DE Cr$ 100,00.

A partir de 15 de novembro, quando REPORTER completa um ano, a assinatura anual passará a custar Cr$ 140,00.

CUPOM DE ASSINATURA

–Assinatura por 12 edições: 100,00
–Envie cheque nominal ou vale postal para:
Rua Miguel Couto, 134 - salas 1101 a 1104 - RJ - CEP 20.000

Você pode assinar o REPORTER, a partir do nº 0
Indique a partir de que número você quer sua assinatura . . . . .

Nome: . . . .
Profissão: . . . .
Endereço: . . . .
CEP: . . . . Cidade: . . . . Estado: . . . . . .

NOSSOS INDIOS NOSSOS MORTOS

O repórter Edilson Martins está lançando, pela Editora Codecri, o livro "Nossos Índios Nossos Mortos", reunindo reportagens, entrevistas e artigos escritos durante os oito anos em que acompanhou a destruição da raça Índia pelo território brasileiro. O texto que segue foi extraído do livro do Edilson que, como diz Darcy Ribeiro, "se mais não fosse, se trata, no mínimo, da crônica sinistra dos últimos anos da destruição dessas culturas."

História de uma chacina

De um total de 200, restavam 23 índios feridos. As cargas de chumbo recebidas não foram suficientes para matá-los, o que certamente constituiria um alívio, mas eram tão pesadas, dolorosas, que a fuga se tornava impossível. Sangrando, mutilados, restara a camuflagem das folhas. E em cada galho, protegidos pelas folhas, 23 índios contavam apenas com o tempo. E a tropa não ia embora, farejando em cada canto da floresta, caçando os sobreviventes, perseguindo os que ainda aqui e ali resistiam.

Luta desigual. Arco, flecha e borduna contra a pólvora, o estampido, o chumbo, o arrepio no corpo todo. Depois, o tombo mortal.

E a noite chegou. A tropa da Polícia Militar de Manaus, que fora à localidade de Moura, no norte do estado, se recolheu. Tratava-se de uma expedição oficial punitiva, já que antes os índios Crichanas (Waimiri-Atroari) haviam atacado esse pequeno povoado, segundo notícias chegadas a Manaus.

No dia seguinte, a fim de que a população não continuasse insegura, a tropa volta, comandada novamente pelo tenente Antônio de Oliveira Horta, que na véspera enfrentara mais de 200 índios Crichanas (exterminara-os quase todos). Nesse confronto, apenas um praça ficara ferido, o soldado de nome Quintiliano José Pereira, enquanto do lado dos índios havia apenas 23 feridos, escondidos na copa das árvores. O resto eram cadáveres.

E os gritos de dor dos feridos não podiam permanecer mudos. E explode a alegria entre os caçadores. E tem início uma cena peculiar. Caçadores deslumbrados diante de um bando de "macacos".

— Aquele lá é meu. Não vale meter o focinho não, que aquele tá na mira. Pum, pum, e começam a cair os feridos, um a um, numa caçada de sorte.

— Que é isso, cabra? Você derrubou o meu?

— Foi sem querer, xente, mira naquele do galho esquerdo.

Pum, pum, e os corpos caíram feito jenipapo.

Vinte e dois corpos caíram, mas um pemaneceu, agarrado nos galhos, e nem a carga pesada dos soldados conseguiu trazê-lo ao chão. O comandante do destacamento, tenente Antônio Oliveira Horta, foi auxiliado nessa incursão por Manoel Gonçalves, vulgo **Bicudinho**, Hermógenes Rodrigues Pestana e Hermenegildo Rodrigues Pestana, provavelmente irmãos. Pelo menos é o que consta no relatório final do tenente, que não lhes poupou elogios e agradecimentos.

Esta cena, e elas têm sido tantas, nestes quase cinco séculos de confronto entre culturas primitivas e mundo civilizado, aconteceu no ano de 1874, exatamente em 30 de outubro, um dia após, portanto, ao grande massacre.

Mas isso foi no passado, pode-se argumentar. Entretanto, bem mais recentemente, no período que vai de 1936 a 1954, as chamadas "correrias" ficaram famosas, na memória dos povoadores do alto rio Envira, no então território do Acre. "Correrias" eram expedições punitivas, criadas e sustentadas pelos donos de seringais, utilizando seus próprios empregados, e que visavam a eliminar índios e aldeias existentes nas áreas a serem ocupadas pela expansão dos latifúndios.

Recentemente o Padre Egídio Schwabe, do CIMI (Conselho Indigenista Missionário) revelava um depoimento de uma índia Kaxinaua, no vale do rio Envira, lembrando esses episódios.

Ele jogava as criancinhas índias para o ar, e as aparava com a ponta do terçado (facão). Esse homem estava a serviço de seringalistas poderosos, impunes até hoje. Todos se recordam de Ramiro Costa, que cumpre pena de 11 anos nas prisões de Mato Grosso, por haver participado da terrível "correria" contra os índios Cinta-Larga nesse Estado. Quanto a Sebastião Arruda e Antônio Junqueira, ricos e poderosos, permanecem livres — e o envolvimento deles foi fartamente noticiado.

"Correria" é uma expressão rica em força, e serve para demonstrar com cruel ironia o tipo de pânico vivido por uma aldeia, surpreendida de madrugada, o sol escondido, por tiros de espingarda e rifle "Winchester", desfechados por grupos de 15 a 30 homens. Ninguém escapava, e o que restava eram corpos em convulsão, gritos de dor, e muito sangue.

Quem viaja pelo rio Envira logo identifica, conforme os depoimentos da população, a poderosa família Prado, dona do Seringal Califórnia e de outras propriedades, no centro desses acontecimentos.

E a Igreja, onde fica a Igreja? Na bula Romanus Pontifex de 8 de janeiro de 1454, o Papa Nicolau V fixa o comprometimento histórico desta instituição com o colonialismo. Essa bula, um documento de suma importância, entende como necessária à expansão da fé os "esforços da expansão colonial baseados explicitamente na escravização de nativos e na expropriação de seus bens".

O sertanista Cláudio Villas Boas, com uma convivência de 33 anos no meio dos índios, revelava que "na verdade, muitas vezes me sinto nesse trabalho de atrair índios arredios como um apanhador de sapos, que visa saciar a fome da serpente civilizatória".

A história do extinto SPI (Serviço de Proteção ao Índio) e mesmo da Funai não chega a constituir muito orgulho, salvo algumas exceções. Depondo numa CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito) destinada a apurar irregularidades, um funcionário pronunciou uma frase curiosa: "O difícil não é apurar os criminosos do SPI, mas, sim, seus inocentes! E isso ocorreu no dia 19 de junho de 1968.

O ex-diretor do Parque Nacional do Xingu, sertanista Orlando Willas Boas, ao se referir à gestão do primeiro presidente militar da Funai, depois do Movimento de 1964, declarou à revista Visão, de 10/2/1975: "Posso dizer, sem susto algum, que o General Bandeira de Mello implantou o processo mais eficaz e rápido de extinção do índio brasileiro".

Como a Amazônia é ainda a maior concentração de índios do país, não sendo nem possível avaliar o número exato dessas populações, algumas inclusive inteiramente arredias, sem nenhum contato com as chamadas "frentes pioneiras" de penetração, ocorre nessa região, a partir dos últimos oito anos, um grande processo de transformação.

Assistimos à substituição da velha empresa seringalista, hoje decadente, pela nova empresa capitalista, calcada fundamentalmente na pecuária. Somente na primeira metade deste século — e isto os registros oficiais é que revelam — desapareceram 98 tribos brasileiras. Tudo isso como resultado da pressão da colonização. Esta é uma dívida terrível que temos para com esses povos.

ESPERTAS

O caminho

Era uma vez um país muito grande e pobre onde as mulheres não valiam mais do que os escravos e as crianças trabalhavam o dia inteiro por um prato de arroz. Havia lá palácios luxuosíssimos, mas completamente isolados por altos muros construídos por seus donos, temerosos de que o povo miserável lhes tomasse as propriedades um dia. Estes homens muito ricos sabiam que aquela boa vida um dia ia acabar, e foi o que aconteceu em 1949, quando foi criada a República Popular da China, de Mao Tsé Tung.

Hoje, a China de quase um bilhão de habitantes nada tem a ver com aquela de até pouco tempo atrás, a não ser pelos palácios, transformados em escolas, museus, bibliotecas. Nem mesmo o povo que vive lá é o mesmo de antes, explorado, prostituído, ignorante. O chinês revolucionário é confiante e feliz. A Revolução Cultural dos anos 60 acabou de sepultar o individualismo e todo chinês se sente hoje uma pequena parte de um todo; ele jamais pensa primeiro em si e depois na sociedade que está ajudando a

180 páginas, 110 cruzeiros

Vale a grana

construir. Quando o governo resolveu acabar com a xistossomose que se alastrava pelos mais de 9 milhões de quilômetros quadrados de terra chinesa, teve grande importância a participação popular aterrando águas paradas, charcos e onde mais pudesse haver a doença.

Muitas outras transformações ocorreram e vêm ocorrendo na China onde Marco Polo foi buscar macarrão. Só que hoje ela não se presta mais à espoliação dos colonizadores que de lá retiraram especiarias, seda, pólvora e tudo o mais. Hoje a China solidifica uma sociedade sem exploração, sem prostituição. É o que a escritora ("Deus não paga em dólar") Heloneida Studart, candidata a deputado estadual no Rio, relata em seu livro recém-publicado "China: o Nordeste que deu certo", da Editora Nosso Tempo.

Heloneida narra sua viagem à China num grupo de mulheres especialmente convidadas para verem de perto o trabalho do povo chinês. Ela visitou várias cidades, fábricas, oficinas e campos de cultivo. Conversou com a geração pós-1949, que encara sem medo o futuro, e com as gerações que assistiram a todas as transformações posteriores à revolução e hoje são, para os mais jovens, o testemunho vivo de que o povo chinês está na trilha certa.

O livro tem 180 páginas de narrativa alegre e bastante informativa para nós, brasileiros, tão distantes do caminho correto quanto os chineses antes de Mao.

Luiz Augusto Gollo

Máquinas de escrever na vertical mostram a decisão de não trabalhar

Ninguém falou nesta greve

Jornalistas entram em greve em Curitiba, mas a imprensa não noticia. Salários atrasados, irregularidades trabalhistas e má administração da empresa causaram o movimento, primeiro no Paraná desde 63.

Há 15 anos não ocorria uma greve nos meios de comunicação social do Paraná. A última delas, em novembro de 1963, parou todos os jornais de Curitiba por três dias, reunindo gráficos e jornalistas, apesar de o **Diário do Paraná**, em frustrada tentativa, tentar circular na época.

Há um mês, foi justamente o mesmo jornal palco da primeira tentativa bem sucedida, em 15 anos, de parar o trabalho. A medida extrema teve sua justificativa: os constantes atrasos de salários, o não recolhimento das obrigações trabalhistas como FGTS, INPS, PIS e irregularidades como o não pagamento de horas extras.

Após várias tentativas de diálogo com a empresa, que fez promessas e não as cumpriu, os jornalistas de sua redação, reunidos na sede do sindicato, decidiram parar o trabalho até receber o pagamento do mês anterior, 10 dias após o prazo legal, irregularidade que perdurava por quatro anos.

A greve começou às 13 horas, reunindo todo o pessoal de redação — cerca de 50 pessoas — e parando os demais setores do jornal, como composição, montagem e foto mecânica, por falta de material para o trabalho. As máquinas ficaram silenciosas sobre as mesas, com os jornalistas dentro da redação, mesmo com os patrões pedindo que se retirassem, pois teriam condições, como falavam "de tocar a máquina".

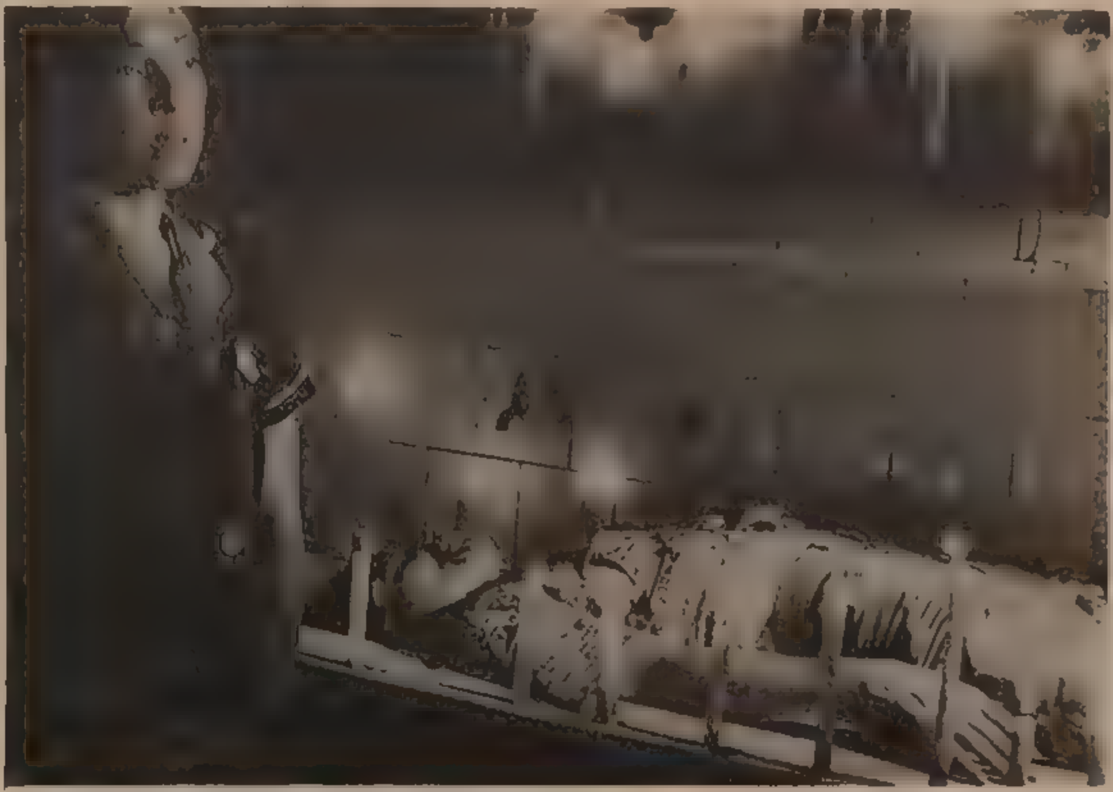
O pessoal, no entanto, permaneceu unido e dentro da redação, exigindo o pagamento. Às 20 horas, os cheques começaram a ser entregues, possibilitando, então, que o jornal circulasse no dia seguinte com uma edição de emergência, com menor número de páginas.

Dia 21 a empresa demitiu três profissionais e deu férias "compulsórias" a outros dois, o que suscitou a intervenção do sindicato. De qualquer forma, a vitória foi alcançada, enquanto se discutem hoje as medidas que serão tomadas para proteger o trabalho dos jornalistas.

O **Diário do Paraná** nunca teve situação financeira sólida, segundo os patrões, apesar de todos terem enriquecido com o jornal. Suas dívidas, apenas em obrigações trabalhistas, são de 7 milhões de cruzeiros, além de empréstimos, feitos em instituições como a Caixa Econômica Federal e o Banco do Estado do Paraná.

Embora as punições feitas pela empresa, sacrificando cinco jornalistas que legitimamente pediam seus salários em dia, a greve serviu como teste para futuras reivindicações salariais dos jornalistas do Paraná. O próprio **Diário do Paraná** não está livre de novos movimentos desse tipo, agora envolvendo outros setores do jornal como a composição. Além de ter que responder na Justiça pelas obrigações trabalhistas que não cumpre e estar sujeito a constantes devassas do Ministério do Trabalho.

Paulo Roberto Marins


A empregada (Maria Sílvia) chora o assassinio do pedreiro no apartamento da classe média

"Tudo mais ou menos"

A principal constatação que se faz a respeito do filme "Tudo Bem", do Arnaldo Jabor, é que ele não tem fim. Você sai do cinema, chega à rua e continua assistindo a tudo que estava na tela: o drama e a comédia no cotidiano do povo brasileiro. O filme mostra o envolvimento de uma família (Paulo Gracindo e Fernanda Montenegro) com os pedreiros, empregadas domésticas e eventuais visitantes do apartamento em reformas (em 90% do filme o pano de fundo são as reformas).

Como se fosse uma praça pública, por onde desfilam os severinos, as empregadas beatificadas e os amantes de Ray Conniff, o apartamento acaba se tornando no grande palco de acontecimentos inusitados. Nele assistimos a uma improvisação de bloco carnavalesco, com a empregada (Zezé Mota) fazendo da vassoura e da toalha o seu estandarte, como assistimos à morte (assassinato) do Severino durante a disputa por uma banana. Talvez a principal virtude de "Tudo Bem" seja mostrar que, na verdade, tudo está mais ou menos.

Na parte técnica, os destaques são a fotografia do Dib Lufti e o som direto (sem dublagem) que confere aos diálogos um tom real e verdadeiro. Muito bom o desempenho do elenco, principalmente (Gracindo e Fernanda à parte) o da atriz Maria Sílvia, que faz a empregada Santinha.

Toninho Martins Vaz

ESPERTAS

Tem barata na Coca-Cola

A Coca-Cola anda sumida dos noticiários. Depois da morte de seus funcionários num caldeirão de xarope, ainda não esclarecida, mas ficou por isso mesmo, nunca mais ninguém falou em bugigangas encontradas nas garrafas do perigoso elixir. Mas, na primeira semana de outubro, em São Paulo, finalmente aconteceu. Havia uma festinha de aniversário na casa da família Quaglia, da Casa Verde, bairro pobre da Zona Norte . Festinha de crianças. De repente, uma Coca-Cola Família foi aberta e caíram no copo junto com o líquido, duas enormes baratas. A família, apavorada, tratou de destruir a prova do crime, "não me comprometa" Mas alguns convivas da festa resolveram naquela hora nunca mais tomar o famoso xarope

Alex Solnik

VAIA PARA FIGUEIREDO

Já fazem cinco semanas que o general Figueiredo é vaiado a partir de duas horas da tarde, em sessões contínuas de duas às dez da noite. Sábado com sessão extra à meia-noite. O futuro presidente de proveta aparece no documentário que passa antes do filme "Momentos de Decisão" e é apupado por 700 espectadores, quando o cinema está cheio. A sala de exibição, muito bem frequentada, situa-se na tradicional avenida Paulista, esquina rua Augusta. Seu nome é sugestivo: cine Liberty (Liberdade).

A S

TORTURA COM RESPONSABILIDADE

Torturados nas dependências do 28° Batalhão de Caçadores de Aracaju, Sergipe, Rosalvo Alexandre de Lima e José Carlos Pinheiro denunciam os médicos William Correia, oficial-médico do 28° BC; Salvio Mendonça, da Polícia Militar; e José Carlos Pinheiro, da Capitania dos Portos, como coniventes nas torturas a que foram submetidos. Durante as sessões eram examinados pelos médicos, que davam pareceres sobre suas condições físicas e até onde poderiam suportar as porradas

Acusados de tentarem reorganizar o Partido Comunista Brasileiro, Rosalvo (agrônomo do Estado) e José Carlos (funcionário da Petrobrás) foram presos no dia 20 de fevereiro de 1976 com mais 37 pessoas, das quais 18 foram indiciadas. De início, ninguém sabia aonde tinham ido parar os 39 presos pela "Operação Cajueiro", comandada pelo "Major Ribeiro". Cinco dias depois do desaparecimento/prisão, o 28° Batalhão de Caçadores de Aracaju reconheceu as prisões. E nesses cinco dias, sai de baixo.

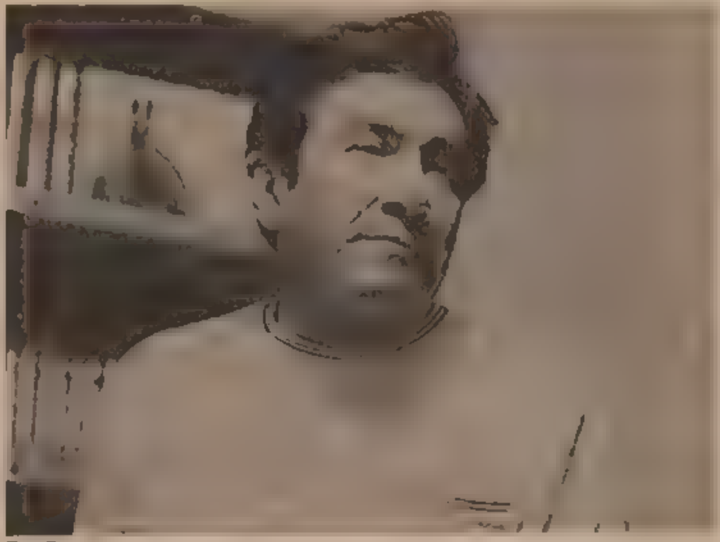
Milton, por exemplo, ficou cego. Ele só não sabe direito se foi por causa das porradas que levou na cabeça ou se quando lhe enfiaram dois dedos nos olhos. Estava encapuçado e vendado há quatro dias, quando pediu que lhe tirassem a venda Em vez disso, enfiaram-lhe dois dedos nos olhos. Não ficou cego na hora. Só se lembra do dia em que estava lendo um jornal e a visão começou a falhar. Só conseguia ler enviezado e, aí, escureceu total.

Rosalvo também diz que foi bastante torturado e a coisa que lhe chamou a atenção foi a presença de torturadores de fora, provavelmente do Rio de Janeiro. Eles estavam presos, apanharam um pouco, até que chegou um grupo no quartel e pediu para o comandante se retirar, já que a equipe se dizia a mando do general Fiuza, comandante da VI Região Militar

Segundo os dois, Aracaju importou a sofisticação da tortura. As pessoas conversavam, utilizando gírias sempre cariocas. Ninguém com sotaque ou linguagem de Aracaju.

No dia 16 de agosto, os presos foram julgados em Auditoria de Marinha de Salvador, Bahia. Todos absolvidos

Chico Júnior



Rui Brito denuncia: salário é mentiroso

Governo deve 40 bi de dólares ao trabalhador

Agora todo mundo sabe que o governo roubou o salário do trabalhador em 1973, pois disse que a inflação naquele ano foi de 13% quando na verdade deu 26%. Mas o primeiro que tocou no assunto foi o deputado federal e ex-dirigente bancário Rui Brito, de São Paulo. Por iniciativa dele formou-se, no ano passado, uma Comissão Parlamentar de Inquérito para verificar a veracidade dos índices. Essa comissão não deu em nada, mas levantou a bola. Hoje, o candidato à reeleição diz mais: o governo manipula os salários desde 1964. E já roubou do trabalhador o equivalente à dívida externa do país:

— Como sabemos, o governo manipulou os próprios índices de inflação em 1973. Naquele ano, a taxa de inflação foi de 26%, mas o governo fixou essa taxa em 13%. O Delfim Netto, então ministro da Fazenda, mandava tabelar e o reajustamento era feito nessa base, sem se verificar os preços reais.

Só que não é só o governo quem apura o custo de vida. Primeiro, temos que ver que os nossos credores estão de olho. Eles fazem pesquisas, vendo a relação cruzeiro-dólar. E chiaram. O governo Geisel já sabia que essa inflação era de 26%, mas se denunciasse a fraude a política financeira entraria em colapso. Tanto, que no início do governo Geisel, o Delfim passou um mau bocado. O Banco Mundial elaborou um relatório reservado em 76, revelando que a taxa de inflação em 73 foi de 26 e não de 13%. A chancela "reservado" só valia para efeito de protocolo diplomático. Mas acabou na mão de todo mundo e desmoralizou publicamente a manobra do Delfim. O que houve em 73 foi uma manipulação da taxa de inflação alterando o salário. Eles reajustaram os salários manipulando os índices de inflação.

— Acontece que essa manobra não vem de 73 pra cá. Vem de 64, quando o governo começou a manipular os índices de aumento de salário. O que não se recolheu em termos de Fundo de Garantia e de INPS desde essa época daria para se medir a quantas anda o País. Quer dizer, o que se roubou dos trabalhadores, 40 bilhões de dólares daria para pagar a dívida externa.

Rivaldo Chinen

FGTS financia casa de rico na zona sul

A grana do trabalhor está sendo usada pra construir casa de rico, os *Village São Conrado* da vida, em Ipanema, Leblon e Barra da Tijuca. A essa altura do campeonato, o BNH devia ser BNHL, Banco Nacional de Habitação de Luxo porque moradia popular mesmo não sai. Até aí tudo errado, mas tão errado como muitas outras coisas que acontecem neste país. Acontece que, nos créditos que dá pros Gomes de Almeida Fernandes, o BNH usa muito dinheiro do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço, o FGTS da moçada que trabalha duro 12 ou 14 horas por dia. Ano passado, de todas as aplicações do banco, o dinheiro do Fundo representou mais de 30%. Ou seja, os assalariados estão financiando a casa dos magnatas.

Luiz Alberto Bettencourt

Entre as falcatruas que não se conseguiu fazer neste governo e que ficaram pro próximo, uma é gravíssima: o grupo multinacional Brascan, dono da Light, que fornece energia pro Rio e São Paulo, quer vendê-la para a Eletrobrás, empresa estatal brasileira do setor de energia. O negócio, pelo qual os gringos vão botar a mão numa nota preta e se livrar de uma empresa que não mais interessa, foi apadrinhado pelo ministro das Minas e Energia, Shigeaki Ueki. Com a imprensa denunciando as corrupções de altas personalidades do governo, Ueki não conseguiu entretanto fechar a transação que ficou pro Figueiredo resolver.

LAB

PM bateu porque torcida desfez negócio

O torcedor do Flamengo, Marcelo Serra, ligou pro REPORTER pra explicar porque a torcida do Flamengo apanhou tanto da PM durante o último jogo com o Vasco pelo campeonato carioca: "é que a torcida Raça Rubronegra tinha prometido a um PM confeccionar as camisas da moçada na fábrica de um amigo dele." Como o pessoal acabou mudando de idéia, o pau comeu solto na arquibancada a ponto de o presidente do Flamengo ter que pedir providências para aliviar a ira dos PMs que perderam "a boca"

LAB

ESPERTAS

Jorge Ramos e Antônio Pompeu em "O dia da caça"

LOUZEIRO ENTRA NO TEATRO COM "O DIA DA CAÇA"

José Louzeiro, autor de "Aracelli, meu amor" e "Lúcio Flávio, passageiro da agonia", depois de enveredar pelo caminho do cinema, quando escreveu o roteiro do filme sobre a vida de Lúcio Flávio, parte agora para o teatro, com a peça "O dia da caça", que está sendo encenada no Opinião, Rio de Janeiro.

É a história de dois bandidos que, depois de passarem alguns anos na cadeia, resolvem sequestrar e matar o policial que os prendeu por falta de documentos.

O tema é bom, a história é boa, mas a peça se perde um pouco em divagações e colocações de lugares comuns, principalmente quando o policial começa a contar seus crimes, como integrante do Esquadrão da Morte. Uma descrição de crimes que poderia ser muito mais violenta, mais porrada.

De qualquer maneira, vale a pena dar uma chegada no Opinião e ver como é que, na hora do matar e morrer, polícia e bandido, um na frente do outro, sendo que, desta vez, quem está levando a pior é o lado mais forte.

C. J

HUGO ABREU DIZ QUE MANDOU MATAR: "GUERRA É GUERRA"

O general Hugo Abreu, festejado agora como expoente da oposição brasileira não deixa nada a dever, em matéria de franqueza e rudez, ao expoente da situação, general Figueiredo. Ele disse a um repórter da **Folha de São Paulo**, numa entrevista de agosto deste ano, que, na guerrilha de Xambioá (no norte do Pará, em 1972) mandou matar mesmo um casal de guerrilheiros porque "guerra é guerra". Disse também que em maio de 77 a situação do coronel Erasmo Dias ficou muito difícil por causa da invasão da Universidade Católica pela polícia de São Paulo e ele, Hugo, foi um dos que teve de se esforçar para mantê-lo secretário da Segurança Pública. Tudo fazia crer que a entrevista fora acertada no intuito de possibilitar a Hugo Abreu espaço para falar da candidatura Euler. O entrevistador escalado, porém foi Getúlio Bittencourt, o mesmo que fez a primeira explosiva entrevista com o general Figueiredo. A direção da **Folha** não se animou em publicar as declarações de Hugo Abreu. A matéria, xerocada várias vezes, circula nas redações de jornais de São Paulo.

A.S.

Dono da terra enrola os compradores

Os proprietários de dois mil pequenos lotes em Parelheiros, periferia de São Paulo, estão desesperados: há três anos tentam conseguir do antigo dono de todos os lotes a escritura de propriedade. E ele sempre enrolando. Trata-se do senhor Henry Matarasso, dono de algumas lojas de móveis na capital das negociatas. Um jovem médico, dos poucos entre os dois mil que compraram lotes para revender, logo que soube de tudo, foi correndo falar com Matarasso. E este, sem muito reclamar, lhe devolveu na hora o dinheiro todo, Cr$600 mil. Os outros proprietários, sem o mesmo *status* do decidido doutor, não têm dinhêiro nem para contratar advogado. E deverão ficar a ver navios.

Alex Solnik

MORTALIDADE INFANTIL CRESCEU COM A REVOLUÇÃO

A Comissão Organizadora do Encontro por Melhores Condições de Saúde está distribuindo um livrinho onde mostra que, coincidência ou não, a mortalidade infantil aumentou muito a partir de 1964, quase atingindo o maior índice da nossa História, que foi de 100 mortes em cada grupo de mil habitantes, em 1918.

Em 1962, o índice de mortalidade infantil estava em 62 por mil, para registrar, em 1972, 90 por mil. Essa média foi mantida até 1976, último dado disponível.

A mortalidade infantil é conseqüência direta do poder de compra do salário mínimo, independendo do país atingir ou não um super desenvolvimento em áreas como a indústria e/ou economia. E a coisa é simples de provar: em 62 o coeficiente de mortalidade infantil era baixo porque o salário mínimo tinha maior poder de compra. À medida em que esse poder foi diminuindo, a mortalidade infantil foi aumentando.

O livrinho divulga, ainda, os dados oficiais do governo sobre os números de doentes e inválidos no país, mostrando o seguinte quadro:

Verminose	90 milhões
Tuberculose	60 milhões
Esquistossomose	15 milhões
Doença de Chagas	10 milhões
Desnutrição	9 milhões

O número de doentes é de 184 mil pessoas, o que significa que muitos brasileiros têm mais de uma doença.

Chico Júnior

Quem não sabe o que dizer com estas palavras está por fora da linguagem da Comunicação

Fique por dentro. Chegou o dicionário que faltava. DICIONÁRIO DE COMUNICAÇÃO, de Carlos Alberto Rabaça e Gustavo Barbosa, com a colaboração de Muniz Sodré. A definição clara e atual dos 4 mil verbetes que você precisa saber. O vocabulário técnico, os neologismos e a gíria dos profissionais de Jornalismo, Propaganda, Editoração, Artes Gráficas, Relações Publicas, Marketing, Televisão, Rádio, Cinema, Teatro, Fotografia, Audio Visual, Telecomunicações, Cibernética. E todas as palavras-chave da Teoria da Comunicação. Compre o DICIONÁRIO DE COMUNICAÇÃO enquanto é tempo. Se não, qualquer dia uma palavra dessas pode atropelar você.

Um lançamento da Codecri. A editora do rato que ruge.

LEITORES

"ZARUR É MENTIROSO, LADRÃO, SUJO, PORCO E TRAMBIQUEIRO"

"Em 1958, conheci o cidadão Alziro Zarur pregando evangelho e falando em caridade. Julgando ser ele uma pessoa de bem, um bom caráter, filiei-me a ele e à sua Legião da Boa Vontade aqui na cidade de Angra dos Reis Passei, desde então, a reservar-lhe toda consideração que um liderado tem pelo seu líder, mas logo em seguida recebi do mesmo o exemplo de um finíssimo mentiroso, por haver quebrado suas afirmativas de que nunca se casaria, nem entraria em política

Com isso, foi criada uma desconfiança entre eu e ele, pelo fato de achar que um líder não deve dar maus exemplos e, com isso, deveria ter afastado-me dele, mas resolvi permanecer ligado a ele, fazendo-me cada vez mais seu amigo, para obter as provas de até onde ia sua capacidade de mentir e enganar.

Recebi a função de ser representante dele aqui em Angra, dirigindo um núcleo de sua LBV. Com isso, pude conseguir as provas de tudo que eu queria para poder desmascará-lo publicamente E é o que quero fazer nesta publicação.

Esse charlatão, notando a minha boa fé, explorou-me ao máximo. De todas as formas ele levava o meu dinheiro e até o dinheiro que o povo da cidade dava-me para praticar a caridade aos abandonados da sorte. Tenho todas as provas de suas baixezas. Até que um dia resolvi dizer um não às suas ordens nojentas e imundas. E isso foi o bastante para que ele acabasse de completar sua ação ladroeira e criminosa, pois no dia 17 de janeiro de 1974, 16 anos depois, sua **gang** covarde e criminosa invadiu a cidade de Angra dos Reis e me seqüestrou. Isso porque eu tive a coragem de denunciá-lo às autoridades. Um processo já está em fase de julgamento, nas mãos da Justiça de Angra, onde espero, com toda a confiança e respeito, a sentença de todos eles

Hoje eu vejo esse cínico e descarado usar páginas inteiras de certos jornais, matéria paga, para dizer que ele é um cidadão de bem, mas eu, testemunha ocular de sua caminhada suja, estou aqui para dizer que, infelizmente, existe no Brasil o maior trapaceiro, trambiqueiro engodeiro, com a boa fé do povo. Chama-se Zarur. Ainda digo mais e provo: ele é um desonesto sujo e porco porque uma pessoa que procede como Zarur, com tantos engodos e falcatruas, só pode ser um ladrão sujo, aproveitador da boa fé dos incautos. Uma coisa grave é que ele, quando se vê enrascado, usa de toda a espécie de processos mesquinhos para desviar a atenção do público e até das autoridades, para ficar impune. Veja o que ele está fazendo, através da Última Hora, tomando depoimentos de personalidades acerca de seus programas do evangelho e qualquer resposta dada pelas mesmas ele diz que elas estão ao seu lado

Tenho certeza que uma autoridade ou pessoa de bem não vai se passar a dizer publicamente que está ao lado de um criminoso e trambiqueiro da caridade, como é o Zarur. Seria o fim. Esse crápula não tem moral para continuar pregando o evangelho e se passando por pessoa de bem, porquanto é um corrupto e corruptor Diante de tanto engodo, trapaça e falcatruagem na sua carreira de representante de Deus aqui na terra, é um mau exemplo para os jovens e seus seguidores, que tanto precisam de bons exemplos para não encaminharem no caminho do tóxico e do crime. Zarur insinua a desonestidade.

Uma pessoa que cria uma obra de caridade para socorrer os abandonados da sorte, com o dinheiro do povo de bom coração e uma vez arrecadado esse dinheiro ele manda parar com a tal caridade e ordena que seja remetido para sua sede para fortalecer a mãe (tenho as provas), não pode ser um bom caráter, cidadão de bem.

Zarur só tem um caminho: é devolver tudo que roubou dos pobres. Ele alterou os estatutos da LBV, transferindo para seu nome todos os bens. Eu provo isso e outras coisas mais."

Paulo Dias de Andrade, Angra dos Reis, RJ

O México está longe de Deus e perto dos Estados Unidos

Amigos do REPORTER:

Parabéns a todos vocês e um abraço. Eis algumas frases que fui selecionando pelos anos. Creio que são oportunas para meditarmos

Porfírio Diaz: Pobre México, tão longe de Deus e tão perto dos Estados Unidos

Kant: Paz eterna? Boa inscrição para a porta do cemitério

Tomás Antônio Gonzaga (na prisão): É uma honra, a minha, estar sofrendo o castigo do Governador de Minas.

Rui Barbosa: Nunca fui republicano e, sim, um liberal que se cansou de chamar a atenção dos governos, para evitar que, com seus erros, a monarquia caísse.

New York Times, 1946: Ho Chi Min é o Vietnam. Ele o modelou, ele o fez passar pelo fogo e ele o conduzirá.

Lindon Johnson: Diem é o Churchill do Vietnam

Mussolini, 1934: Hitler é um horrível degenerado sexual, um maluco perigoso

Renato Vivacqua, Brasília, DF.

[redacted]

É maravilhoso ver que ainda há pessoas em nosso país que lutam por uma imprensa livre, isto é, por uma sociedade livre. Tenho sentido uma depressão incrível, sinto vontade de chorar a quase todo momento diante dos fatos que ocorreram e continuam ocorrendo dia a dia. Sei que muitas pessoas também se sentem assim. Isso é muito triste. Decidi cursar Jornalismo em 79 (isto se me sair bem no vestibular), pois é a única forma que encontro no momento para lutar por um futuro melhor, apesar de todas as barreiras. E o que me dá mais força é ter vocês da chamada imprensa nanica ou alternativa, como exemplo de luta e independência. Isto t... ...ite é maravilhoso".

(Maria do Rosário Costa, Rio de Janeiro, RJ)

400 anos de alienação programada

Por um processo histórico, desde as nossas origens, o brasileiro já tende à "burrice crônica" porque em seu processo de colonização exigia-se que o povo do Brasil não fosse politizado, para não surgirem idéias — na época revolucionárias — de independência do Brasil de sua metrópole, então Portugal. Daí, depois de concretizada nossa independência de Portugal, os "INTERESSES" passaram a ser temporariamente da Inglaterra e atualmente, pertencem aos Estados Unidos principalmente.

Em 64, houve uma revolução (*) que tinha um grande interesse em manter burra e ainda implementar a alienação desta sociedade... E começou o processo...

Eles pensaram e viram que a principal área a atingir, e de onde deveria haver maior resistência, seriam os jovens, em vista de que estes eram revoltados contra a sociedade e assim poderiam apresentar algum problema, também porque estes se recusavam a aderir àquela retógrada burrice... ESTAVA caindo a "sociedade patriarcal" devido aos movimentos jovens que eclodiam no mundo inteiro, no sentido de reformulação filosófica... E os homens pensaram como poderiam anular esta resistência...

• Então perceberam, não só aqui, que uma grande arma contra estes "inimigos" poderiam ser estes mesmos movimentos, tornados em moda, que, desta forma, além de tornarem-se passageiros, os faz fúteis, não dando-lhes tempo nem permitindo que transmitam alguma ideologia; o que os tornaria, assim, apenas um incentivo ao EGOÍSMO e ao consumo, não levando sua mensagem. E aqui ainda viram que estes movimentos, por serem internacionais e terem línguas distintas da nossa, não poderiam comunicar nenhuma ideologia também, por terem como principal veículo a música, e que sendo esta em seus idiomas originais, não atingiriam ao jovem brasileiro, que desconhece em sua maioria a outros idiomas.

Dessa forma, então, foi transada uma fomentação do consumo de artigos importados, o que ainda atenderia aos interesses de remessa de lucros. Criou-se a moda aqui também. Os "enlatados" importados, de repente, tomaram conta dos vídeos, das telas, dos rádios, vitrolas, gravadores e até das revistas.

Tinham um **marketing** qualificadíssimo e ainda um grande veículo, com todo um suporte já preparado: o **Time**, que lança sua subsidiária brasileira: a **Rede Globo**.

Mas não eram só os jovens que deviam ficar alienados e vazios de quaisquer idéias nacionais. Os homens de todas as idades, e as mulheres também, deviam "entrar nessa"...

• Uma grande paixão do homem brasileiro sempre foi o futebol. Desta forma, repentinamente, surgiram inúmeros campeonatos públicos, com quadras, campos e ginásios públicos. O setor profissional adquiriu proporções imensas, com noticiários e revistas especializadas. Houve uma grande divulgação dos também inúmeros campeonatos locais, regionais e nacionais, com muita parafernália em torno deles. O futebol deveria ser o único alvo de discussões do homem brasileiro, o que ocuparia todas as horas vagas da mente brasileira.

• Restavam as mulheres, que não assustavam muito, devido à tradição patriarcal, mas haviam os movimentos feministas assustando-os e as mulheres poderiam tornarem-se perigosas — o homem faz a sua vontade — e, então, era preciso alienar e, desta forma, anular também a elas... Mulher sempre foi muito romântica e gostou de ter ilusões. E daí floresceram as novelas, que traziam a **moda** e sonhos utópicos às mentes, que se viciaram a elas. Foi fatal.

Os resultados, talvez, tenham sido melhores do que o previsto porque as campanhas não só atingiram as suas faixas determinadas, como as outras, cruzando-se. E, assim, há adultos curtindo o **rock** em ambos os sexos. Também jovens e mulheres assistem e discutem futebol e jogam na "Esportiva". E há, ainda, os jovens e chefes de família perdendo horas em frente ao vídeo, assistindo novelas ou a outra besteira da TV, que poderá trazer prazer, mas não será útil em nada. Em nada.

E, assim, temos o orgulho de ter um dos povos mais burros do mundo. Ou o mais alienado.

(*) Não me refiro diretamente à revolução de 31 de março, mas à revolução das multinacionais, que veio como conseqüência da inépcia daquela e implantou seu império do capital e o consumo modista.

Firmo de Souza Araújo Júnior, Rio de Janeiro, RJ

LEITORES

RECADO PRO MAGALHÃ

"Não desvirtue a linha de ação"

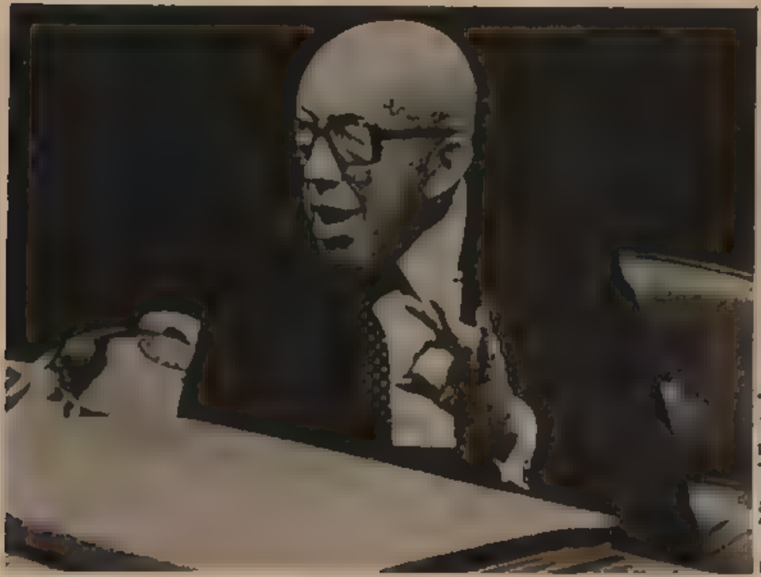


Foto Miguel Furtado

"Caro Senhor:

Ao iniciar-se sua pregação pela redemocratização, volta ao estado de direito, anistia e todas as bandeiras que contribuem para a melhoria das condições de vida do povo brasileiro, comecei a admirá-lo profundamente. Ao ler seus discursos, suas entrevistas, saia de sua boca muita coisa calada dentro de quem cresceu num regime de exceção. Esta admiração foi crescendo dia após dia, assim como meu desejo de participar mais ativamente da vida política de nosso país.

O senhor é um homem que conta com o apoio de grande parte do povo. Porém, este apoio advém de suas atitudes tomadas em face as arbitrariedades. Rogo-lhe, então, como admirador de sua atual linha de atuação, que não a desvirtue com o jogo competitivo pela sucessão governamental. Continue sua pregação solitária, como vinha fazendo desde o início, e não volte a se aninhar sob as asas daqueles a quem renegou, compactuando assim com ideais contrários aos que o Sr. se propôs.

Não faça um jovem que cresceu num período de carência de surgimento de líderes políticos perder sua fé e admiração, depositadas em poucos políticos de uma geração que não é a sua, porém surgidas da identificação de ideais." (*José de Segadas Vianna, Rio de Janeiro, RJ*)

Beatlemania leva o dinheiro do incauto mais próximo

"Em São Paulo, precisamente no dia 9/10/77, foi inaugurado um clube fictício denominado **Beatles Cavern Club**, sito à rua Cruzeiro, 435, fundos, na Barra Funda, tendo como presidente o jovem Luis Antônio da Silva, o qual cobrava aos sócios, nos primeiros meses, uma quantia irrisória de Cr$ 25,00 por mês. Acontece, porém , que este clube em pouco tempo de vida contou com 600 sócios, os quais pagavam e nunca recebiam nada em troca que expressasse um significado, em troca das mensalidades pagas. E ninguém é santo para viver de promessas.

Pois bem, quando foi dia 2/4/78 o presidente do citado clube apareceu na Quinta da Boa Vista e promoveu um encontro Beatlemaníaco, no qual distribuiu alguns discos ganhos dos sócios anteriormente e mais um montão de papo-furado e se mandou pra São Paulo.

Dias depois anunciou a extinção do clube sem maiores explicações.

Resumo: após seis meses de existência, ele faturou milhas como dono do clube, pois na arapuca só tinha ele para comer o dinheiro arrecadado. Tempos mais tarde, fui outra vez a São Paulo e o vejo numa moto, zerinho, zerinho, isto sem falar nas roupas ostentadas.

Paciência, irmão!

Não é possível se aturar essas espertezas em detrimento da boa fé dos jovens.

Pôxa! Conheci o falecido Boy, quando ele criou e levou ao ar o programa Cavern Club na Rádio Mundial, sobre as músicas dos Beatles, e isso faz é anos!

Ele nunca foi capaz de inventar nenhum artifício durante sua vida para tirar um centavo sequer dos ouvintes do programa beatlemaníaco por ele criado. Nem ele, nem seus sucessores no Cavern Club. Mas acontece que, de 1976 pra cá, já pintaram vários fã-clubes e clubes dos Beatles aqui no Rio, e que são, na maioria, tudo vigarismo, pois eles não dão e nem têm nada para dar.

Existe o Rio Cavern Club, na rua Ana Neri, 1540 - Rocha; o Live, na Tijuca, o qual nem endereço certo tem, a não ser o número de Caixa Postal, para onde deve-se mandar Cr$ 120,00 para assinatura do "jornal informativo" e mais nada.

O Rio Cavern Club, por exemplo, fundado em 1/3/78, vendia as camisetas do clube aos preços de Cr$ 50,00 e Cr$ 65,00, nas cores azul e branca, e tudo o mais sempre vendido. Dado, nada, exceto durante o mês de maio, durante os bailes da Boate Cavern, foram sorteados meia dúzia de discos e camisetas, só!

Sou vidrado no som dos Beatles desde 1964 e não admito tempo algum que aproveitem-se da boa fé dos jovens beatlemaníacos brasileiros, para explorá-los economicamente.

Isso não!

Portanto, jovens, antes de serem sócios de clubes beatlemaníacos, consultem experts no assunto, ou melhor, compre o disco dos Beatles e ouça em casa".(Davie Fortwerck Júnior, Rio de Janeiro, RJ)

"O machão gaúcho é uma bichona"

"É inacreditável como, de um Estado para outro, as coisas diferem. Sou gaúcho, mas às vezes fico pensando se não teria sido melhor ter nascido em qualquer outro lugar deste país

Estive há bem pouco tempo em São Paulo e pude notar que os homens, tanto os políticos quanto os que se dão conta que existe política, miséria, fome, buracos e etcéteras, são bem homens e não ficam alardeando que são "os machões"

Mas o que eu queria dizer é que aqui no Sul existe aquela famigerada fama do "machão". O machão pra cá, o machão pra lá, porque o machão faz, o machão acontece, o machão é mais ele, o machão é que é homem, o resto é conversa

Pois eu acho que não. Vivo aqui no Rio Grande e tenho os olhos bem abertos pra esse tipo de machismo falso que anda por aí. Não me envergonho de dizer porque tenho visto coisas aqui do arco-da-velha. Os machões de tal ficam com os seus machismos e só

Eu acho que o "machismo" já era. Machão gaúcho a gente tem é que sair procurando de lupa. Não falo de homens com os dois agás maiúsculos. Falo daqueles machões, que, no fundo, no fundo, não passam é de umas baitas bichonas". (*Wanderlei Fraga dos Santos, Porto Alegre, RS*)

"É muito importante que, neste momento em que as pressões que todos os segmentos da população nacional fizeram com que o Governo fosse obrigado a acabar parcialmente com a censura na imprensa escrita, que a mesma publique todas as denúncias de violação dos direitos humanos. Cabe principalmente a vocês, que falam a linguagem da resistência, publiquem ao mundo os fatos estarrecedores que a ditadura tentou encobrir ao longo destes sombrios anos". (João Felício de Oliveira Filho, Rio de Janeiro, RJ)

MEIOS DE COMUNICAÇÃO ESCONDEM A REALIDADE

"Gostaria que fosse feito uma reportagem sobre os meios de comunicação brasileiros, onde a realidade é escondida, como se fosse algo aterrorizante, principalmente na televisão e cinema. A TV aliena a pessoa, coloca o indivíduo numa individualidade cheia de falsas ilusões. O cinema, com a pornochanchada, cada dia mais mostrando o sexo e o erotismo como algo sujo, para poder nossos brasileiros, a cada dia que passa, ficarem mais robotizados, cegos da realidade. Isso é um alerta geral, pois se um dos maiores meio de comunicação nos mostrasse a verdade, muita coisa estaria neste momento nos seus devidos lugares

Infelizmente moro com minha irmã e em sua casa tem TV, mas meu filho não vê e nem verá, enquanto a irrealidade reinar

Reportagem saída no **Jornal do Brasil**, na coluna de cinema diz o quanto as pornochanchadas dão uma verdadeira lavagem cerebral, deixando quem as vê com falsos valores, negando a verdadeira libido (instinto sexual). O próprio sistema aliena os seres humanos sexualmente e já foi comprovado que, se o indivíduo não vive bem sexualmente, ele produz menos. E se a sua vida em geral não estiver bem, sexualmente estará um fracasso. E a vida sexual sendo um fracasso haverá neurose, medos, angústias e aceitação geral do sistema governamental". (Ivoniza de Oliveira, Rio de Janeiro, RJ)

"A matéria que mais gostei foi a escrita no número 7, onde uma das meninas que foi atingida naquele confronto entre estudantes e Polícia, na PUC, pertence à minha faculdade. De minha faculdade foram três meninas, mas a reportagem só mostrou a chamada Virgínia. Um abraço desse novo assinante, que os admira muito pelo vosso trabalho, acima de tudo brasileiro" (Bernardo Marin Neto, Rio de Janeiro, RJ)

MAIS UM JORNAL NA LUTA CONTRA OPRESSÃO

"Hoje, quando as forças de um povo oprimido começam a se manifestar, colocando para todos nós que a libertação do homem e o desenvolvimento da sociedade, para o bem coletivo, só acontecerão quando aqueles que produzem forem os donos do próprio destino. Devemos todos, comprometidos com uma radical transformação desta sociedade, contribuir nesta empreitada. Sabemos das dificuldades que enfrentam os trabalhadores e seus aliados. Mas só lutando para a sua superação que estaremos verdadeiramente comprometidos na conquista de uma sociedade justa.

Sabemos também que a imprensa tem um papel fundamental. E é neste processo de lutas que surgiu a imprensa nanica. A imprensa alternativa comprometida com a luta dos trabalhadores.

Aqui em Montes Claros, cidade do interior de Minas, esta luta também se trava. Conseguimos, a custa de grandes sacrifícios, a fundação de mais um jornal nanico, o **Novos Tempos**. Nossa situação, como a dos companheiros, não é "um mar de rosas". Estamos com dois meses de vida e muita luta pela frente.

Por sermos um grupo novo, e trabalharmos num jornal com características diferentes, constatamos que, pela atual situação social da cidade, o nosso raio de ação é curto. Não temos ainda um respaldo que nos dê condições de atuar com maior profundidade. E, logicamente, há mais um aspecto que são as nossas limitações no trabalho jornalístico. Mas, como dissemos, esta luta tem de ser travada e não estamos nos abdicando dela.

Queremos manter um estrito relacionamento e um debate fraterno, pensando que, assim, estaremos nos unindo e contribuindo de forma mais vigorosa na luta por uma nova sociedade.

Pedimos também aos companheiros a remessa constante do seu jornal, a divulgação deste novo nanico, e quaisquer outras formas de contribuição, pois assim estaremos ganhando mais força, para nossa sobrevivência, intervindo então neste processo de lutas. Não só pedimos este tipo de ajuda, como estaremos prontos para ajudá-los." **(A Equipe de NOVOS TEMPOS, Montes Claros, MG).**

DIA DE COSME E DAMIÃO

Crianças pegando doces
que pegam crianças
no doce da vida
Amarga.

Crianças chupando o mundo
Migalhas de fantasia
no chão.

Crianças de mãos esticadas
Debaixo de um caminhão

Marcos Dantas, Rio de Janeiro.

Contraponto mostra as oposições

Estamos enviando-lhe um exemplar do nº 3 da Revista **Contraponto** — publicação semestral do Centro de Estudos Noel Nutels voltada para a informação, análise e debate de temas atuais da realidade política e social brasileira.

O tema central da **Contraponto** 3 é "A FORMAÇÃO DE NOVOS PARTIDOS: AS OPÇÕES DA OPOSIÇÃO". A questão é tratada no editorial, em entrevistas e depoimentos com personalidades das principais tendências em encaminhamento — Partido Trabalhista, Partido Socialista, Frente Popular, etc —, além de um **box** com algumas lideranças sindicais do Rio e de São Paulo discutindo sindicalismo e política.

A revista traz também um artigo sobre as "TENDÊNCIAS RECENTES DO CAPITALISMO BRASILEIRO", de autoria do economista Guido Mântega e da socióloga Maria Moraes; o artigo "EXPERIÊNCIAS DE MOBILIZAÇÃO POPULAR NA GRANDE SÃO PAULO", do Professor José Álvaro Moisés e um registro sobre experiências recentes de organização e luta de movimentos populares no Rio de Janeiro, realizado por pesquisadores do Centro de Estudos Noel Nutels.

"Gostei muito da reportagem sobre o negro, no número 10 do *REPORTER*, denunciando o racismo em nosso país, que, aliás, é um dos mais acentuados do mundo" (Paulo Araújo Lapa, Eunápolis, BA)

LEITOR/REPORTER

Atenção, leitor! Se você sabe de alguma sujeira que acontece no seu bairro, sua escola, seu emprego, escreva que a gente publica. Use o jornal como tribuna de reclamações. Importante: as cartas devem vir com nome, assinatura e endereço

REVOLTA DO LEITOR AUMENTA A CADA PÁGINA

"Sei que vocês e outros nanicos (pois, como sabemos, a grande imprensa faz o jogo dos donos do poder), enquanto tiverem um pouquinho que seja de fôlego e liberdade, continuarão denunciando todas as calhordices que assolam nossa pátria. Mas como foi dito por vocês, a penetração (epa!) da imprensa escrita é muito pequena, o que é uma pena. Mas, claro, isso não é impecilho para continuar este trabalho de conscientização do povo. Se bem que ele não tem dinheiro nem para comer, que dirá para comprar jornais.

Confesso que, ao ler certos jornais conscientes, fico estarrecido, até sem vontade de continuar porque a cada página vai aumentando minha revolta, minha ira, ao tomar conhecimento de tantas injustiças, tantas canalhices cometidas nessa terra contra os fracos e oprimidos, famélicos habitantes de nossa pátria. Mas isso, nós sabemos, só acontece num regime de exceção como este em que vivemos.

Mas confesso que tenho esperanças de que haja mudanças. Assim é que não vai ficar porque o povo já está acordando desta letargia de 14 anos e o nível de conscientização popular só tende a aumentar. E essa mudança fará com que o regime se abra ou feche de vez (que Deus nos livre). Se eles optarem pela última hipótese vão ter que tapar a boca de muita gente e, neste caso, muita coisa pode acontecer, principalmente se o povo estiver com um bom nível de conscientização. Contra um povo consciente de sua força, unido, coeso em torno de um objetivo comum, não há quem possa. Nem canhões. (ou será que pode?)." (Gabriel Roberto Nobre Campos, São Paulo, SP)

GERAL TEM FOME E SONO, MAS JÁ SAI DO PESADELO

"Bota fogo nas caldeiras aí pra não esfriar porque precisamos agüentar essa barra. Afinal, já se fôram 14 anos e os donos do mundo insistem querendo continuar. E agora a geral começa também a despertar do pesadelo. Muito sonolentos ainda porque a fome dá um sono, uma indisposição. Mas por uma conseqüência inevitável, o espírito de luta estoura e vai se alastrando a todos, vai tocando todo mundo, um a um. Esse pessoal precisa mesmo de ajuda, de mais coragem, de perder esse medo. Não dá pra continuar como tá. Sei que isso não é eterno e espero ver o fim. Meu saco já encheu. É fogo trabalhar com tanta gente alienada". (Alcides Vieira da Silva, João Câmara, RN)

A PM tem o rei na barriga

"Que motivos tem a Polícia Militar para impedir que diversos, porque não dizer centenas, de trabalhadores procurem ganhar um dinheirinho extra para diminuir suas despesas em casa? O trabalhador já vive oprimido pelo mísero salário que recebe.

Então, no final da semana, ele resolve, por exemplo, ir ao Maracanã batalhar como vendedor de bandeiras, vendedor de laranjas, de alimentos. Aí, vem um desses policiais e diz que tem ordem do tenente, do capitão, ou seja lá de quem for, e diz que não pode vender ali senão vai preso. Ora, senhores, mas preso por trabalhar? Onde já se viu isto?

Por que a Polícia Militar não se incumbe de prender os marginais que aterrorizam os torcedores e vendedores, ao término dos jogos? O que muito me admira, também, é o fato de ver um policial que só pelo fato de ser um simples policial, acha que tem um rei na barriga e comete vários abusos contra o trabalhador.

Talvez interesse saber que quem zela (zela?) pela ordem no Maracanã em dias de jogos é o 6º BPM". **(Raimundo Ferreira Lima, Duque de Caxias, RJ)**

Alternativa pintando também na Paraíba

"O número experimental do Eco é o resultado do esforço por uma imprensa alternativa na Paraíba, o que equivale dizer que é uma tentativa de se fazer um jornalismo que sirva ao nosso Estado, possibilitando uma visão coerente de nossa realidade.

¡Sabemos que além das dificuldades advindas do momento histórico que o país vive, há ainda as dificuldades materiais e a carência de recursos, mediante os quais possamos levar adiante o nosso jornal.

Tais dificuldades vão desde a aquisição de material básico, como máquinas e gravador, até o dinheiro suficiente ao andamento do processo de legalização.

Somos um grupo de estudantes, que procura dar o nosso quinhão pela construção de um país melhor, de um homem melhor.

No entanto, para que possamos manter o nosso jornal, precisamos de um "empurrão" de todos aqueles que acreditam na juventude e no ofício de construir um dia menos escuro e uma sociedade onde cada um tenha direito a participar de uma maneira consciente e solidária.

Fazemos parte desta geração que não sentiu o gosto da liberdade e que está marginalizada da vida nacional. Dar liberdade ao jovem brasileiro é contribuir para o desenvolvimento do país — e é isto o que queremos fazer através de nosso jornal. Cumpre, agora, que os amigos da imprensa nanica em todo o país (aqueles que fazem esta imprensa e os seus leitores) nos enviem uma ajuda substancial para que adquiramos o material básico e possamos legalizar o nosso jornal.

Necessitamos urgentemente do apoio de todos vocês na briga por um diamaisjusto para o homem brasileiro.

Como o ECO ainda não está legalizado, pedimos que qualquer ajuda financeira seja remetida para a agência do BRADESCO de Campina Grande, Paraíba, em favor de Hermano Nepomuceno Araújo, cuja conta é de número — 029.189-7." **(Os editores de Eco, Campina Grande, PB)**

Querem tirar a estudante da Urca

"A Residência Universitária Feminina (RUF), localizada na Avenida Almirante Gomes Pereira, 86, Urca — foi criada há 18 anos pela Fundação da Casa do Estudante do Brasil, com o objetivo de oferecer condições de moradia a 22 estudantes universitários, oriundos de outras cidades, estados ou países, e carentes de recursos

Apesar da RUF estar ligada à CEB, há muito tempo a fundação vem tentando acabar com a nossa casa das seguintes maneiras: não admitindo há um ano e meio novas residentes; ameaçando-nos de despejo e enviando pretensos compradores à casa, por esta se encontrar em área altamente valorizada. Com essas intimidações, temos claro que a CEB compactua com a política governamental de extermínio das moradias estudantis.

Para que não aconteça com a RUF o mesmo que ocorreu com a Casa do Estudante Fluminense, extinta em abril deste ano, ou como a Casa do Estudante Universitário, em Botafogo, ainda com a sua situação indefinida; e o infeliz exemplo da Casa do Universitário de São Paulo, que está com ação de despejo em favor de uma multinacional japonesa, estamos lutando pela manutenção da casa.

Sabendo da necessidade de existência dessas moradias para atender aos estudantes carentes, a RUF tem resistido a todas estas pressões, tomando iniciativas: admitindo novas residentes, buscando novas formas de organização interna, denunciando nossos problemas à população e tentando o apoio dos setores comprometidos com a luta por melhores condições de vida." **(Residência Universitária Feminina, Rio de Janeiro, RJ)**

Bandeirantes em cima do jornal

"A Federação das Bandeirantes do Brasil, todos os anos, edita um Relatório das suas atividades desenvolvidas no período anterior, com a finalidade de informar sobre o Movimento Bandeirante e também de divulgá-lo.

Para o Relatório de 1977, a FBB pretendeu confeccionar um poster que, além de representar o seu papel, significasse também uma projeção de um trabalho que vamos desenvolver no Ano Internacional da Criança — 1979 — e a nossa preocupação com um problema que nos diz muito respeito: a criança brasileira.

E para o poster, tivemos a idéia de centralizar no menor abandonado o problema da criança brasileira, assumindo, porém, esta é apenas uma das facetas de um problema bem mais amplo, de estrutura. Lendo um número do seu jornal, que trazia uma matéria sobre a criança — o "Suplemento Infantil" —, imaginamos reproduzir no nosso trabalho gráfico uma das fotografias ali estampadas.

O poster é de uma foto do *REPORTER* nº 6. Agradecemos a gentileza com que nos cederam a mesma.

"Um mundo mais justo e humano" é o que todos desejamos, e precisamos trabalhar juntos para isto." (Lúcia Tavares Ramos, Departamento de Comunicação da FBB, Rio de Janeiro, RJ)

As noites do exílio.
Nada, solidão, no
Instante primeiro do sonho.
Soltos na vastidão,
Tragam perdão, tomem abrigo.
Insisto, voltem dos frios, das noites,
Abarquem, abracem este país.

SILVA JR

Ecologia tem que ter defesa

"Todo apoio a quaisquer denúncias de âmbito ecológico, ainda que engajadas, como reportagens de televisão, ou ainda que demagógicas como cartazes do tipo "Defender a natureza é defender a vida — Governo Faria Lima", é extremamente necessário.

Combater e denunciar a especulação imobiliária criminosa (a Praia de Trindade é um exemplo), a caça, a devastação das florestas, o uso indiscriminado dos produtos químicos na lavoura e nos alimentos, a máfia dos remédios, o desperdício, a fome, a poluição, enfim toda a violência que é praticada contra nossa pessoa e nosso meio, deveria ser uma inquietação prioritária.

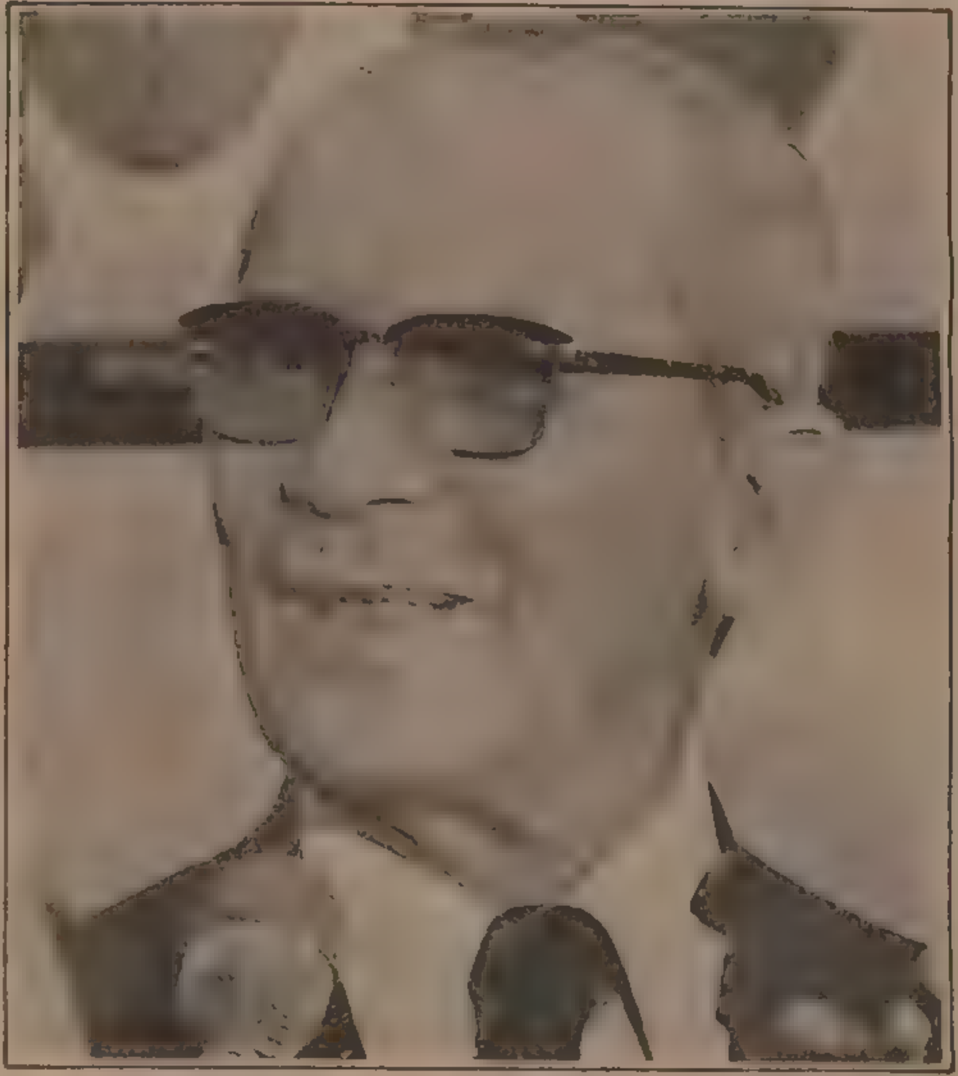
A preocupação com o alarmante desequilíbrio ecológico que se agrava dia a dia, é infelizmente, preocupação de uma minoria, embora denúncias de toda espécie venham sendo feitas há muito tempo. (Vide "Cura pela água", de Louis Khune, séc. XIX). As mesmas preocupações que foram mostradas num Globo Repórter numa terça-feira qualquer, a respeito do abuso dos adubos e pesticidas químicos no Brasil e no mundo, devem ser estendidas a praticamente todos os alimentos. Não são somente os herbicidas, o DDT, o BHC, o NPK. São também os conservantes, os corantes, os aromatizantes e todo o grande time dos sintéticos que se encontram em quaisquer dos bem-embalados e chamativos "alimentos" industrializados, que a linda garota-propaganda tão saborosamente anuncia e nossos inocentes filhos se entopem. Sem falar dos cereais que são todos "beneficiados" para ficarem mais "branquinhos" e depois são "envenenados" com vitaminas sintetizadas para repor as que se perderam com a refinação, e dos remédios e carrapaticidas que são colocados no gado e absorvidos pelo organismo destes, e pela maneira brutal como são mortos, nos proporcionando um coquetel de toxinas e adrenalina.

É uma pena que publicações não engajadas e não preocupadas com interesses comerciais ou outros ângulos que não a denúncia da violência para com a natureza (como o Manifesto Ecológico Brasileiro de José Lutzenberger), ou a abertura de uma tentativa melhor (como o extinto jornal Ordem do Universo), tenham que permanecer "underground" ou, pior, acabar

É uma pena que o mito da cenoura enorme e do tomate gigante (porém insosso) permaneça sólido. E é uma pena que frases derrotistas como "ah, eu vou morrer mesmo" sejam ditas com tanta convicção, como se viver mais cinco ou dez anos não fizesse a menor diferença Como se ter um enfarte ou um câncer desse no mesmo que pegar um resfriado. Não é desconhecido que as razões das doenças estão, direta ou indiretamente, ligadas à qualidade da alimentação. As estatísticas que dizem que a perspectiva de vida aumentou (estatísticas essas, que são baseadas em índices de mortalidade infantil), não tranqüilizam. A partir de que existe uma ciência que se preocupa em curar sintomas e esticar a vida, e não em procurar as causas e fortalecer nossas defesas naturais, não podemos nos deixar consolar por cifras." **(Ernani Fornari Neto, Rio de Janeiro, RJ)**

MANDAVA BILHETINHO DEFENDENDO MULTINACIONAL

General fazia serviço por fora



General Golbery, ministro de Geisel, quando sorria pra um repórter

REPORTER

E PRA NOS NAO SOBRA NADA?

O general Golbery do Couto e Silva, chefe da Casa Civil do atual governo, mentiu ao afirmar, em carta ao Congresso Nacional, que sua atuação na defesa dos interesses da multinacional Dow Química da qual foi presidente até 1973, se encerrou no momento em que deixou seu emprego.

O general Golbery disse também no Congresso que se desligou definitivamente da empresa multinacional em 31 de janeiro de 1974, dois meses antes, portanto, de entrar para o ministério do general Geisel.

A verdade é que, o general Golbery, pediu uma "atenção especial" ao projeto da Dow Química para expansão e integração do seu complexo industrial em Aratu, perto de Salvador na Bahia. O pedido foi feito ao Conselho de Desenvolvimento Industrial (CDI), órgão subordinado ao ministério da Indústria e Comércio (MIC), e chefiado, na época, pelo senhor Taylor Frazão. O próprio Frazão e o ministro da Indústria e Comércio na ocasião, Severo Gomes, podem confirmar este fato se chamados a prestar esclarecimentos — mesmo porque o pedido de Golbery foi escrito em um cartão particular.

O projeto da Dow foi reprovado no CDI no segundo semestre de 1975 mas, se fosse aprovado quando Golbery pediu, teria criado enormes problemas para a operação da Companhia Petroquímica do Nordeste, empresa nacional recentemente inaugurada pelo próprio presidente Geisel para fabricar o mesmo produto que a multinacional queria fabricar.

A atitude de Golbery, propondo que uma empresa estrangeira sozinha tivesse uma central de matérias-primas petroquímica, choca-se além disso, com a política do governo para o setor que exige maioria de capital nacional nesses empreendimentos. O governo do qual Golbery faz parte indicava uma direção e o general, como padrinho da multinacional, pedia outra por baixo do pano.

Em sua carta ao Congresso, Golbery do Couto e Silva distorceu ainda a verdade (o que em bom português quer dizer que mentiu de novo) quando afirmou que desde sua presença no "governo Geisel, o grupo Dow não teve aprovado qualquer de seus projetos novos a não ser o da produção, em pequena escala, de um simples defensivo agrícola."

A verdade é que, pelo certificado número 2428 do Conselho de Desenvolvimento Industrial, aprovado em 23 de julho de 73, a Dow era autorizada a fabricar 15 mil toneladas anuais de **clorothene,** produto usado na produção de solventes industriais. Nessa época, é fato, Golbery ainda não era do governo. Acontece que esta autorização nunca foi usada e, em 7 de outubro de 1974, quando Golbery já era ministro, a portaria R 4917 assinada pelo secretário-geral do CDI, Taylor Frazão (taí um bom nome para ser ouvido numa boa investigação), permitia que a Dow fabricasse 55 mil toneladas do produto. E, em julho deste ano, o CDI aprovou um adendo ao certificado 2428 adaptando o projeto original a um outro que a Dow apresentou ao governo recentemente pedindo benefícios fiscais para exportar.

Quer dizer: desde que Golbery é ministro, a Dow não teve projeto novo aprovado mas, em compensação, pegaram um, já aprovado e, por emendas, mudaram ele todo. Mesmo assim, a Dow até hoje não usou a nova autorização porque deu entrada no governo com o outro projeto, o que pede os benefícios, que, se aprovado, vai transformá-la numa grande produtora de matéria-prima para petroquímica, concorrendo com as empresas nacionais. O compromisso com o governo é ganhar os incentivos só para exportação mas ninguém tem dúvidas que, podendo produzir até PVC — um tipo de plástico muito usado em vários setores industriais — a Dow vai acabar vendendo tudo aqui mesmo no Brasil com enormes prejuízos para as empresas que o próprio governo ajudou a construir no pólo petroquímico da Bahia e para as outras que está ajudando a instalar agora no pólo petroquímico do Rio Grande do Sul.

Era de se esperar que o general Golbery não dissesse uma coisa como ministro e fizesse outra como ex-funcionário da Dow Química.

Se alguém quiser mais fatos para comprovar a sua ação ilícita é só convocar os homens do ministério da Indústria e Comércio naquela época (Severo Gomes, Taylor Frazão, Paulo Vieira Belloti e o pessoal da área petroquímica do conselho de Desenvolvimento Industrial) e perguntar o que eles dizem sobre a história toda. Se quiserem convocar mais alguém podem chamar o ministro da Indústria e Comércio do general Médici, Marcus Vinícius Pratini de Moraes, e seu assessor chefe, Artur Candau. Ponham a turma toda sob juramento e perguntem à vontade. Isso, é claro, se alguém estiver a fim de descobrir alguma coisa.

REPORTER

NÚMERO ESPECIAL DE ANIVERSÁRIO

Rio, dezembro de 1978 — número 12 — Cr$ 10

AUTÔNOMO INDEPENDENTE

BOMBA!

Descoberto plano que fabricou AI-5 em 68

GRUPO MILITAR EXPLODIU "O ESTADO DE S. PAULO"

Envolvidos generais e o coronel Erasmo Dias

Oficial conta tudo nas p.3 a 7

Silvio Santos comprou fiscais do governo

P. 20 a 22

POVO DA BAIXADA TEM MEDO DE VIRAR PRESUNTO

Enfim, o primeiro aniversário do **REPORTER**. Se fosse um botequim ou uma discoteca, tudo bem; mas no caso de um jornal nanico caçado pelas autoridades, um ano de vida merece outro só de comemoração. Quantos jornais e revistas vocês já viram surgir e desaparecer, na chamada imprensa alternativa? **Crítica, Politika, Jornal de Debates, Opinião, Rolling Stones, Bagaço, Pingente.** Tudo isso nasceu e lutou pra conquistar um pedaço do mercado, e acabou não conseguindo, na maior parte dos casos por razões políticas.

Se a gente vai ver na grande imprensa, a situação não é das melhores também. Onde foram parar **Realidade, O Cruzeiro, Intervalo, Diário de Notícias, O Jornal, Correio da Manhã**? Uma triste constatação: o mercado jornalístico brasileiro sofreu demais com o surgimento da televisão global e com o regime militar que agora prenuncia seu fim. Por isto é motivo de grande festa o primeiro aniversário, seja de **Em Tempo**, seja o nosso. É um excelente sintoma o fato de jornais nanicos fazerem anos em condições estáveis — apesar das bombas na sucursal mineira do **Em Tempo** e do inquérito do **REPORTER** na Justiça Militar. Isso significa, na pior das hipóteses, que não há mais condições para esmagar pura e simplesmente a imprensa como o governo Médici fez com **Opinião, Jornal de Debates** e outros.

O primeiro aniversário na imprensa alternativa é, mais que a comemoração, a confirmação de que existe um forte contigente de leitores enjoados da informação pasteurizada da grande imprensa. A prova mais concreta disto foram os resultados das últimas eleições, plenamente satisfatórios para os candidatos apoiados pelos jornais e revistas nanicos de todo o país. Modesto da Silveira no Rio, Aurélio Peres em São Paulo, Jarbas Vasconcelos em Pernambuco, Elquisson Soares na Bahia, e outros.

Esta edição é de comemoração. Tem mais quatro páginas pelo mesmo preço e a mesma garra de sempre.

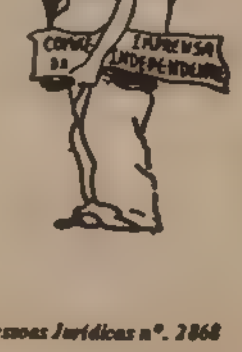
REPORTER

REPORTERES/EDITORES — Luiz Alberto Bettencourt, Luiz Augusto Gollo, Chico Júnior, Alex Solnik (São Paulo), Analuce Estrela (Arte)
SECRETÁRIO DE REDAÇÃO — Tonınho Martins Vaz
REPORTAGEM — Tim Lopes, Eduardo Homem (Recife), Marcos Dantas, Clarice Niskier, Tânia Celidônio, Raquel Moreno, João de Barros, Rivaldo Chinen, Bernardo Pelegrini, Vera Lúcia Dias.
CORRESPONDENTES — Paulo D'Alcântara (Paris) e Cristina Duarte (Milão)
FOTOGRAFIA — Hélio Campos Mello, Camila Butcher, Jesus Carlos, Juca Martins, Eliana Pastore, João Bittar, Wagner Avancini, Lula Feijó, Chiquito Chaves, Luz Bittar, Custódio Coimbra, Leonardo Neri, Nair Benedicto, Amancio Chiodi.

ILUSTRAÇÃO — Jaime Leão, Angeli, Jota, Alcy, Guidacci, Maurício Veneza
ARTE — Pipsi, Maurício Veneza
PUBLICIDADE — Carlos Roberto Zanello de Aguiar
REPORTER Autônomo Independente — Uma publicação da Margem Editoria e Programação Gráfica Ltda. Rua Miguel Couto, 134/11° andar. Rio de Janeiro.
São Paulo: Rua Jaguaribe, 25/3° andar, conjunto 31. Telefone: 222-3103.
Distribuição — Fernando Chinaglia S.A. Rua Teodoro da Silva, 907, Rio de Janeiro.

Impressão e composição — Editora Mory, Rua do Resende, 65. Telefone: 263-7002. Rio de Janeiro.

REPORTER integra o Comitê da Imprensa Independente



Registro Civil das Pessoas Jurídicas nº. 2868

EDIÇÃO DE SÁBADO

jornal da tarde
O ESTADO DE S. PAULO

NCr$ 0,25
Sábado, 20 de abril de 1968 Número 707 Ano 3

UMA BOMBA NESTE JORNAL

Na redação do "Jornal da Tarde", que funciona no quinto andar, dezoito jornalistas trabalhavam no fechamento da edição. Se tivessem terminado um minutó antes, muitos dêles estariam provàvelmente mortos. A bomba explodiu às três e seis da madrugada. No andar térreo, onde foi deixada a bomba, só havia um homem: o porteiro, que agora está no hospital.

O Jornal da Tarde, edição vespertina do Estado de São Paulo de sábado, dia 20 de abril, mostrava os efeitos da explosão

GRUPO MILITAR FABRICA

AÇÃO PRA PROVOCAR AI-5

Oficial do Exército Brasileiro que participou do atentado a bomba contra o jornal **O Estado de São Paulo** na madrugada do dia 20 de abril de 1968 corrige a História e revela, em depoimento exclusivo ao REPORTER, os verdadeiros autores da operação: a bomba — a mais forte das 31 que explodiram naquele ano — foi colocada por ordem do Estado Maior do II Exército e por um comando civil que o oficial não chegou a conhecer.

Em abril de 1968 o chefe do Estado Maior era o general de 2 estrelas Carlos de Assunção Cardoso e o comandante do II Exército era o general Sizeno Sarmento sendo que, no dia da explosão, já tinham sido indicados como seus substitutos respectivamente os generais Aluisio Guedes Pereira e Manoel Carvalho Lisboa.

Segundo o oficial explicou, "o objetivo da ação era criar um clima de instabilidade política no país, atribuindo operações de guerrilha urbana aos comunistas pra justificar depois o endurecimento do regime político e o Ato Institucional número 5 — que acabou saindo mesmo em dezembro de 68. O grupo militar que montou a operação — conta o oficial — achava Costa e Silva, presidente da República na época "muito frouxo" para enfrentar os comunistas e queria, de qualquer maneira, medidas mais duras. Por isso fabricou o atentado.

O esquema da ação contra **O Estado** incluía, além de militares, policiais e civis, à semelhança do que acontece com os grupos da Operação Bandeirantes e do Comando de Defesa Interna (CODI), órgãos policiais de repressão política.

A bomba feriu uma pessoa com gravidade, arrebentou o andar térreo do prédio do jornal e quebrou vidros de edifícios a 500 metros do local. O barulho da explosão foi ouvido num raio de 2 quilômetros. Quatro dias antes havia explodido outra bomba no consulado americano em São Paulo e alguns dias depois uma outra atingiu o próprio quartel do II Exército. A polícia não descobriu nada sobre o que aconteceu. Leia agora, nas páginas seguintes, toda a verdade sobre a operação.

) 89 TERÇA-FEIRA, 23 DE ABRIL DE 1968 N.º 28.537 DIRETOR REDATOR-CHEFE: MARCELINO RITTER

:a

ga

ılr, o jornal sovie- a seguinte cita- "O problema so- esenta nestes ter- penas a burguesia socialista. Nada :io. E' por isso transformação na alista, ou o me-

Aleixo acusa trama

"A repetição dos atentados terroristas demonstra que existe planificada uma atuação subversiva, cujos objetivos podem ser fàcilmente identificados: a derrubada do govêrno e a possível substituição do regime político, social e econômico existentes" — declarou, ontem, em Brasília, o vice-presidente da República, Pedro Aleixo, ao comentar o atentado de que foi vitima "O Estado de S. Paulo".

Para o vice-presidente da República, para que o movimento acima assinalado possa "alcançar os objetivos visados, naturalmente concorrem quantos estejam,

23 4 68 vice-presidente Pedro Aleixo diz ao "Estado de São Paulo" que atentados fazem parte de um plano pra derrubar o governo

HOUVE MESMO TRAMA CONTRA COSTA E SILVA

Plano do grupo era criar clima de insegurança, derrubar Costa e Silva e endurecer regime. Leia abaixo o impressionante relato do militar da Artilharia que jogou a bomba no "Estado":

1 "Erasmo Dias, meu chefe, foi quem me conduziu a entrar na operação"

— Em 68, sempre naquela vontade de participar ativamente e não me omitir, eu estava contra o Costa e Silva, achava que o governo era tremendamente corrupto, que a subversão estava aumentando e a evolução do meu pensamento até aquela época não me deixava analisar este problema mais profundamente: eu era contra a corrupção, contra a subversão e pronto.

No início daquele ano, eu estava servindo em Santos, no 6º Grupo de Artilharia de Costa Motorizado, o 6º GeACOSM, chefiado pelo hoje coronel Antonio Erasmo Dias. Lá pelas tantas, Erasmo me chamou, falando a respeito de uma ação repressiva, que requeria a experiência de homens como eu. Ele então, como meu superior hierárquico, me conduziu a participar da operação: deu a ordem de deslocamento para São Paulo (capital), indicando que aguardasse lá o contato para iniciar o trabalho.

Já na capital, tomei conhecimento do plano através do articulador militar da operação. Depois eu percebi que ela tinha também uma chefia civil, que eu, porém, nunca cheguei a conhecer. O plano era o seguinte: na época se pensava que o país precisava de um Ato Institucional — que viria a ser o Ato Institucional nº 5 —, o Costa e Silva era fraco, estava levando o país à desgraça, à subversão; era preciso encontrar um pretexto que justificasse medidas mais fortes. Àquela época **O Estado de São Paulo** era o jornal que mais atacava a subversão, era profundamente anti-comunista, então a idéia era fazer um ataque de bomba ao **Estado de São Paulo** e atribuir a culpa aos comunistas. Todo mundo acreditaria nisso porque seria verossímel que os comunistas procurassem se vingar do jornal.

Fizemos a operação de madrugada e, no dia seguinte, abrimos os jornais e tava lá em manchetes: **Comunistas jogam bomba no Estado de São Paulo.** Na verdade, a operação toda tinha sido montada pelo Estado Maior do II Exército em São Paulo com o objetivo de, exagerando a ameaça dos comunistas, justificar um novo surto revolucionário, endurecendo o regime político. A idéia final era afastar o Costa e Silva e, através de um Ato Institucional, criar condições pra que esse tipo de pensamento fosse concretizado. Ou seja, pra que, com o Costa e Silva derrubado, se abrisse caminho a um tipo de governo mais duro do que ele vinha fazendo.

Foto Helio Campos Mello

- Chefe da Seção do Serviço Militar da 2a Região Militar - São Paulo - 1962

6.2.2 - CO O T [illegible]

- Oficial de Informações (Chefe da 2a Seção), do Quartel General da Guarnição de Santos - 1965/68

- Comandante do 6º Grupo de Artilharia de Costa Motorizado - Praia Grande-SP - 1968/71

COMO CORONEL

Currículo oficial confirma: Erasmo comandou o 6º Grupo de Artilharia de Costa Motorizado em 1968

Coronel odeia comunistas

— Comunista eu mato!

O coronel Erasmo Dias cansou de dizer isso, apesar de ser proibido, pela Constituição, matar alguém, nem que seja comunista. Ele é "revolucionário de primeira hora", como se diz. Quando o golpe estourou em 64, ele era comandante da 3ª Bateria de Obuses de Costa, em Guarujá, ao lado de Santos, onde viveu muitos anos (nasceu em Paraguassu, interior de São Paulo).

Deve ter feito muita coisa em 1964: em 25 de dezembro desse ano foi promovido, por merecimento, a tenente-coronel. No ano seguinte passou a Oficial de Informações do Quartel General da Guarnição de Santos. De 68 a 71 comandou o 6º Grupo de Artilharia de Costa Motorizado, da Praia Grande, ao lado de Santos.

Foi reprimir guerrilha no Vale da Ribeira, contra Carlos Lamarca. Reprimiu o congresso estudantil de Ibiúna. Sob suas ordens ficou preso, no Forte Itaipu, em Santos, um dos líderes estudantis, Luis Travassos. Já em 25 de dezembro de 1969, novamente por merecimento, Erasmo Dias subiu a coronel. Foi chefe do Estado Maior do Comando de Artilharia, Chefe da 4ª Secção (Logística) e Chefe do Estado Maior da 2ª Região Militar. E em 1974 tornou-se Secretário da Segurança Pública de São Paulo.

2 "Eram 6 grupos de 5 pessoas comandadas por um coronel reformado"

Sobre a operação militar para jogar a bomba no **Estadão**, o relato do oficial ao REPORTER foi o seguinte:

— A operação foi planejada pelo Estado Maior do II Exército — certamente em conjunto com um comando civil embora isso eu não possa garantir — que designou um oficial para articular todos os contatos necessários. Esse articulador foi um coronel da Intendência, que aliás, era dono da fábrica que fornecia os cantis do II Exército. O coronel escolheu os nomes dos participantes da operação e os submeteu ao comando militar da ação que deu luz verde para que os quartéis nos quais serviam os escolhidos fossem consultados.

Quando todo mundo que ia fazer o trabalho já estava em São Paulo, o coronel reuniu todo mundo. Eram cerca de 30 pessoas, divididas depois em cerca de 6 grupos, com tarefas específicas. Quando nos reunimos, pude perceber que a operação seria realizada por um esquema semelhante ao DOI-CODI (Departamento de Operações Internas — Comando de Defesa Interna): ela incluia, além de oficiais do Exército, civis e policiais. Teve-se o cuidado de levar apenas pessoas que não se conhecessem; eu, por exemplo, não conhecia nenhuma das 30 pessoas que estavam lá.

Nesse primeiro e único encontro geral, o coronel falou bastante, explicando quem estava por trás da operação e quais as suas razões. Ele nos disse que o "nosso amparo" era o Estado Maior do II Exército, pintou um quadro da situação do país, destacando a corrupção generalizada, as dívidas do Costa e Silva com o Ademar de Barros e o crescimento da subversão. E concluiu dizendo que era preciso fazer algo que aparentasse que a esquerda tinha muita força, que era uma ameaça ao país. Isso serviria para justificar o que nós queríamos: um novo surto revolucionário, uma revolução dentro da Revolução pra endurecer o regime. Ele foi muito claro, disse tudo abertamente, sem rodeios. Disse quem nos apoiava e nos explicou os motivos da ação. Aquilo nos deu o arcabouço moral de que precisávamos.

As 5 pessoas do meu grupo se reuniram no dia da ação, mais ou menos às 8 horas da noite. A operação toda acabaria lá pelas 2 da manhã. Quando nos reunimos, recebemos o material que ia ser usado: cordel detonante, com todo o mecanismo elétrico de detonação e uma pequena carga de dinamite. A idéia não era destruir as instalações do jornal mas criar um impacto político e psicológico que provasse o perigo que os comunistas representavam.

Depois de conversarmos, saímos todos num Chevrolet antigo e passamos várias vezes em frente ao jornal para fazermos um reconhecimento da área. Para fazer isso, alguns de nós saíam do carro, verificavam a situação, viam o movimento de pessoas etc. Quando escolhemos o lugar e a hora, fomos montar o material num outro local, que eu não sei onde foi porque não conhecia bem a capital.

Com tudo pronto, voltamos no carro e ainda passamos outras vezes pela frente do jornal. No momento certo, saímos do carro com a seguinte combinação: apenas o motorista ficaria com o carro na saída, os outros seguiriam seus caminhos, cada um pro seu lado. Foi o que aconteceu. Fomos lá, colocamos o dispositivo e nos separamos. Eu saí andando a pé normalmente e parei pra beber um café num botequim próximo. Eu queria ver o resultado do negócio. Quando a bomba explodiu, meia hora depois, deixei o botequim, peguei um táxi, fui pra Rodoviária e peguei outro táxi, daqueles que fazem a ligação de São Paulo com Santos.

Alguns dias depois, eu vi o tal coronel, que articulou a parte militar da operação, lá no 6º GeACOSM. O que se dizia é que ele estava preso mas, na verdade, a sua falsa prisão tinha apenas o objetivo de retirá-lo um pouco de circulação para sua própria proteção.

É isso. Os homens que participam desse tipo de operação, que estão lá na linha de frente, normalmente nem perguntam quem está chefiando, pra que que serve, eles tão é envolvidos com a ação. Só depois é que vão parar pra pensar um pouco, avaliar alguma coisa, considerar as conseqüências.

Depois, tempos depois, eu fiz outras considerações. Eu vi que uma operação como esta requer alta dose de irresponsabilidade funcional, é preciso montá-la de tal forma que nada seja escrito, nenhum registro seja feito — quando cheguei ao quartel, eu tentei fazer uma espécie de relatório mas o próprio Erasmo disse pra não escrever nada — e que as pessoas que dela participam não se conheçam.

Polícia vigiava jornal mas saiu bem na hora da bomba explodir

No prédio de 6 andares do jornal O Estado de São Paulo *(hoje ocupado pelo Diário Popular), foram contadas 106 vidraças quebradas. A bomba foi colocada junto à coluna da entrada da rua Martins Fontes. O funcionário que estava na portaria ficou bastante ferido, foi para o hospital. Mais de cem pessoas trabalhavam no prédio às 3 e 5, hora do estrondo.*

No andar térreo, a bomba arremessou a porta de aço até à porta oposta, quinze metros distante. As colunas de mármore ficaram trincadas, os tubos de lâmpadas fluorescentes caíram no chão, uma parte do forro rompeu-se. O saguão ficou em escombros. No local em que a bomba foi colocada formou-se uma cratera. Lojas das ruas próximas como Martins Fontes, Consolação, Braúlio Gomes, São Luis e Dom José Gaspar foram atingidas. Vitrines quebradas, telhas arrebentadas, portas arrancadas, até os tacos de um assoalho a bomba arrancou. Quebraram-se vidros da Biblioteca Municipal, quase em frente ao Estado.

"Trata-se do petardo de maior potência utilizado em atentados dessa natureza até o momento" disse, no dia seguinte, Antônio Carlos Villanova, diretor do Departamento Nacional de Criminalística. O presidente Costa e Silva reuniu-se imediatamente com o governador de São Paulo, Abreu Sodré, no Palácio das Laranjeiras, mais o chefe da Casa Militar, general Jaime Portela e da Casa Civil, Rondon Pacheco.

O Jornal da Tarde *do dia seguinte conta que durante todo o dia da explosão ficou parada perto do* Estado *uma rádiopatrulha. Justo na hora da explosão, deslocou-se para a avenida Nove de Julho, "a chamado" disseram os guardas.*

— Parece que o Dops previa alguma coisa. Mandaram que ficássemos atentos, disse ao Jornal da Tarde *o policial Jacir Schiavetti.*

Em 68, todo dia tinha atentado; foram 31 só em S. Paulo

1968 foi o ano das bombas. Só em São Paulo explodiram 31, de todos os tamanhos, além das que foram colocadas e não detonaram. Bombas em consulados, escolas, igrejas, quartéis, lojas. Ninguém estranhava mais quando dava no jornal: ***ontem mais duas bombas.*** *Apareciam vítimas: Orlando Lovecchio Filho perdeu um pedaço da perna dia 19 de março, explosão no Consulado Americano.*

A onda de explosões começou antes da posse de Costa e Silva. Ainda em Julho de 1966, ele, já presidente nomeado mais ainda não empossado, se descesse no aeroporto de Recife ia "explodir". Desconfiado, foi de carro. Essa bomba matou quatro pessoas. Nesse mesmo dia, também no Recife, outras duas bombas: na União dos Estudantes de Pernambuco e no prédio do USIS, órgão norte-americano de "ajuda" internacional.

Um mês depois, nova bomba, na cidade de Santos, dentro de um cinema: às dez da noite, durante exibição de Branca de Neve e os Sete Anões. Sem vítimas. Um estudante foi preso com livro de Mao debaixo do braço: chamava-se Marcos Duffles.

Ainda em agosto de 66, dia 26, Curitiba: durante a peça Ratos e Homens no Teatro Guaíra, outra bomba. Daí em diante, os fatos foram os seguintes:

Setembro de 66: cinco pequenas bombas explodem no salão nobre e no pátio da Faculdade de Direito de São Paulo: atos desse tipo eram de responsabilidade dos grupos de direita, também chamados CCC (Comando de Caça aos Comunistas).

O palácio do governo de São Paulo levou uma bomba ***dia 13 de setembro****: foi no portão dos fundos, mas explodiu.*

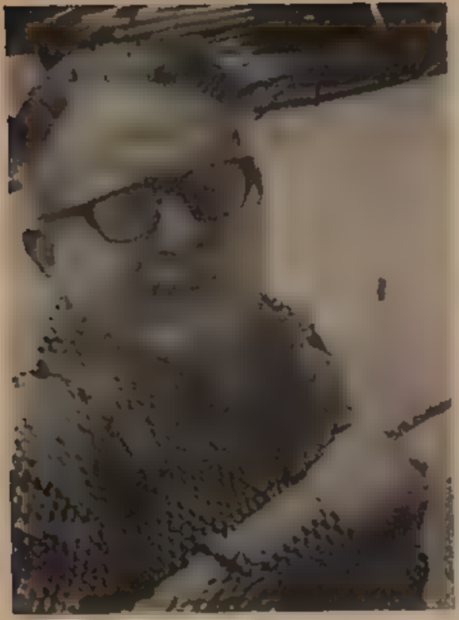
Janeiro de 1967*: explode o gasômetro de Santos. Feridos são 245, nenhum morto. O serviço Secreto do Exército suspeita de sabotagem.*

Dia 2 de agosto *outro órgão norte-americano de "ajuda" leva bomba: o prédio do Peace Corps, no Rio de Janeiro. Um contínuo sai ferido.*

1968*: a primeira bomba, em março, no consulado americano de São Paulo;* ***dia 15 de abril****, bomba na sede do II Exército da rua Conselheiro Crispiniano;* ***dia 16****, bomba num colégio do interior de São Paulo, Piraçununga;* ***dia 20*** *a bomba no Estado de São Paulo;* ***dia 24*** *no consulado francês, tudo em São Paulo.* ***Dia 25 de junho****, nova bomba no II Exército, agora na sede nova, rua Manoel da Nóbrega.*

Dia 31 de junho*, pequena bomba explodiu na Lapa;* ***dia 8 de julho*** *explodiram quatro em São Paulo;* ***dia 12 mais duas; 18 de agosto*** *mais três bombas em São Paulo. Em* ***setembro, dia 27****, três bombas no Rio.* ***Outubro, 14****: outra no Rio, uma em Fortaleza.* ***Outubro, 18****, duas em Belo Horizonte;* ***dia 26****, uma em São Paulo.*

Mais seis bombas ainda em 1968, todas no Rio: duas dia 7 de novembro, duas dia 2 e duas dia 7 de dezembro.



General Sizeno Sarmento

A operação militar contra O Estado de S.Paulo foi realizada exatamente na época em que o comando do II Exército estava sendo mudado. O novo comandante, general Manuel Carvalho Lisboa, já tinha sido nomeado para substituir Sizeno Sarmento mas ainda não tinha assumido seu posto. Da mesma forma, a chefia do Estado Maior ainda era ocupada pelo general Carlos Assunção Cardoso que seria, dias mais tarde, substituido pelo general Aluisio Guedes. É difícil, portanto, indicar o nome dos oficiais, membros do Estado Maior, que promoveram o atentado: o momento da ação parece ter sido escolhido a dedo para dificultar a identificação de seus autores.

Foto João Bittar

General Carlos de Assunção Cardoso

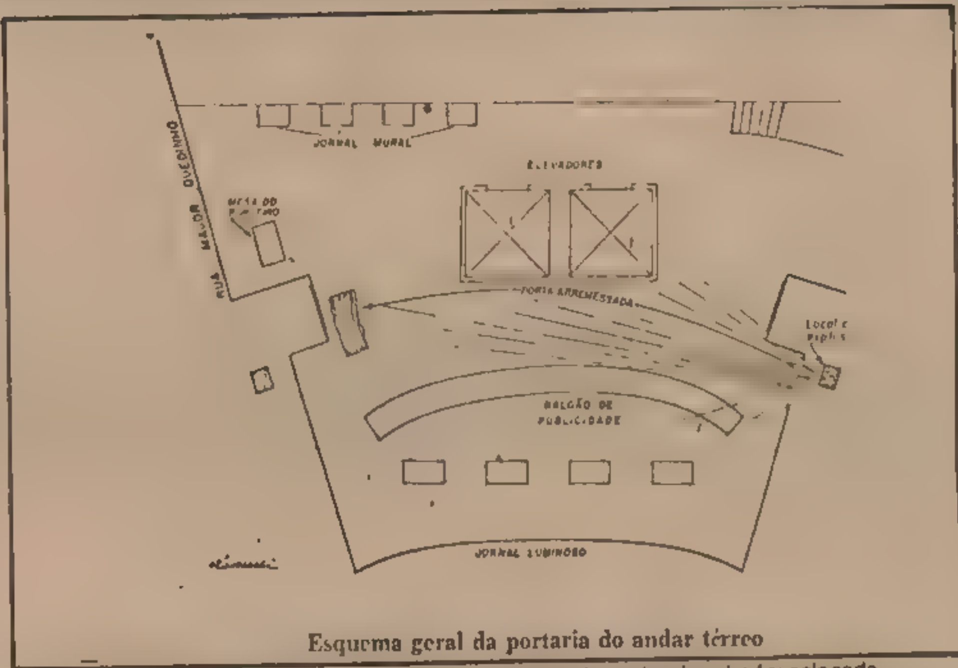
EXÉRCITO FOI USADO PELO GRUPO

Segundo admite o próprio oficial que participou da operação, e agora dá seu depoimento ela comprova que:

1 — O AI-5 foi fabricado pela direita militar e civil. O clima de instabilidade política do ano de 68 com as mobilizações estudantis e populares nas principais capitais do país, foi propositalmente exagerado por esta e outras operações de provocação. O objetivo era exagerar o perigo da "subversão comunista" para justificar medidas de endurecimento do regime e até o afastamento do general Costa e Silva, cuja conduta não mais satisfazia a linha dura militar. É bom lembrar que este plano deu certo porque, em dezembro de 68, saiu o Ato 5;

2 — Foram envolvidos no plano de provocação e fabricação do AI-5 altas patentes militares (todo o Estado Maior do II Exército, por exemplo) além de personalidades civis. A divulgação de que a bomba foi jogada pelos comunistas pressupõe uma articulação também a nível civil, que o próprio participante da operação admite que exista, embora não possa identificá-la;

3 — O Exército Brasileiro foi usado, em atividades policiais, por grupos militares e civis que o manobraram segundo suas próprias conveniências políticas.



No dia 23 de abril, o Estado publicou um gráfico mostrando onde a bomba foi colocada

A desorientação do noticiário sobre os responsáveis pelo atentado, as declarações controvertidas da polícia e a afirmação do coronel Florimar Campelo, na época chefe da Polícia Federal, segundo o qual o ato fazia parte de "um plano comunista", mostram que o entrevistado do REPORTER tem razão: houve também um comando civil na operação, encarregado de divulgar pela imprensa uma versão falsa do ocorrido e de sabotar as investigações. O general Carvalho Lisboa, novo comandante do II Exército, também culpou os "extremistas de esquerda" (foto abaixo)

GOVERNADOR: FORAM OS COMUNISTAS

"A repetição dos atentados terroristas demonstra que existe planificada uma atuação subversiva, cujos objetivos podem ser facilmente identificados: a derrubada do governo e a possível substituição do regime político, social e econômico existentes" foi o que disse Pedro Aleixo, vice-presidente da República, ao **Estado de São Paulo** dois dias depois da bomba no jornal. Também na edição de 23 de abril, o jornal diz que o presidente da República mandou investigar pessoalmente os atentados terroristas:

"Por determinação direta do presidente Costa e Silva, todos os órgãos de segurança estão mobilizados no sentido de descobrir quem são os terroristas de São Paulo, particularmente os da madrugada de sábado contra o *Estado*. Embora acreditem de início que os atentados façam parte de um plano global de terrorismo e que seus mentores pertençam a facções de extrema esquerda, as autoridades admitem também que haja grupos de extrema direita interessados na implantação de um clima de insegurança no país."

Não adiantou essa vontade toda. Nunca se descobriu, nem na época, nem depois, quem jogou essas bombas. De vez em quando a polícia prendia alguém, depois soltava. Havia muitos suspeitos. O maior deles foi Sábado Dinotos, um homem muito estranho cujo nome aparecia escrito em bancos de ônibus; ele era conhecido por falar em discos voadores e interpretar profecias de Nostradamus.

De repente, Sábado Dinotos é preso e confessa a autoria, com seu bando, da explosão de 13 das 31 bombas de São Paulo. Seus depoimentos às vezes são levados a sério, outras não. Ele chega a declarar (e isso sai em todos os jornais) que fêz os atentados por ordem do general Jaime Portela, chefe do gabinete militar de Costa e Silva. Mas isso não abala ninguém.

"Não tenho dúvidas de que esse atentado faz parte do plano nacional de terrorismo e foi o maior de todos" disse em 1968, o general Silvio Corrêa de Andrade, chefe da Polícia Federal, em São Paulo, sobre a bomba no "Estado". O governador da época, Abreu Sodré, já no dia seguinte à explosão garantiu: "o governo fará dura repressão àqueles que não sabem ou não querem viver numa sociedade livre". Dias depois Sodré disse quem eram os principais suspeitos do atentado: na sua opinião, grupos de esquerda, pois a direita "não está organizada para isso". O comandante do II Exército, empossado dia 7 de maio, general Carvalho Lisboa também garantiu aos jornais que a bomba foi jogada por "grupos extremistas de esquerda", admitindo a hipótese, em segundo plano, de ter sido uma "minoria de direita, interessada na perturbação da ordem pública."

Dia 30 de abril de 1968, o "Estado" disse que havia um radical de direita preso, mas ninguém sabia seu nome nem se falou nele mais depois disso:

"O delegado regional do DPF, general Silvio Correa de Andrade, anunciou ontem que há duas pessoas detidas como suspeitas de estarem implicadas nas explosões de bombas ocorridas ultimamente em São Paulo. A autoridade negou-se a revelar a identidade dos indivíduos. Soube-se apenas que um deles é elemento ativo da direita radical."

Dentro da própria polícia se discutia se foi a esquerda ou a direita. O general Silvio era dos que tinha mais certeza e sua opinião era muito parecida com a do governador Sodré:

— Não creio na existência de grupos de direita organizados, neste país.

Havia policiais, porém, dando aos jornais outras opiniões, sem se identificar, como essa publicada no "Jornal da Tarde" em abril de 1968:

— A agitação no meio estudantil e os atentados com bombas são uma maneira de colocar o governo em situação difícil, obrigando-o a endurecer o regime. Isso fatalmente prejudicaria sua imagem perante o povo, que passaria a ver com simpatia qualquer atitude que um governo direitista venha a tomar. As circunstâncias em que se verificaram os atentados parecem ser uma evidência de que o terrorismo é de direita.

O recém-empossado comandante do II Exército, general Carvalho Lisboa, disse aos jornalistas, em junho de 1968, quem eram os responsáveis pelas bombas e o que achava disso tudo. Perguntaram os jornalistas a respeito da bomba que havia explodido no próprio quartel do II Exército:

— General, isso é um ato isolado?

— Eu tenho a impressão que não. Eu tinha a impressão que isso viria de qualquer jeito, é parte de um tumor que está para estourar. Isso já estava preparado e, olhe bem, nós já sabíamos disso. São os elementos teleguiados, os decaídos da Revolução, que têm tido instruções nos campos de Cuba e China.

Agência "Estado"

Foto Hélio Campos Mello

Abreu Sodré. "a direita não tem organização pra fazer isso"

Foto Luiz Pinto

Costa e Silva mandou investigar bombas

SUCESSO TOTAL: GAMA ANUNCIA ATO

Dia 13, Gama e Silva na tv

"Ninguém pode contestar que a Revolução de março de 1964 trouxe indiscutíveis benefícios morais e materiais ao Brasil. Todavia, muitos não a quiseram compreender e, pouco a pouco, as forças adversas, através dos mais variados processos e dos mais diversos comportamentos, iniciaram movimentos de agitação, de subversão, comprometendo a ordem política e social, gerando intranqüilidade. Nesses últimos meses as agitações se ampliaram, a guerra revolucionária se iniciou."

Este é um trecho do documento que o ministro da Justiça, Gama e Silva, leu para todo o Brasil, pela Agência Nacional, às 11 horas da noite de 13 de dezembro de 1968 anunciando que o governo tinha decretado o AI-5. Ele podia, agora, fechar o Congresso Nacional, cassar mandatos parlamentares, interferir na administração dos Estados, decretar estado de sítio no país, demitir ou reformar oficiais etc. O último pretexto para o Ato foi a recusa da Câmara dos Deputados em dar licença para processar o deputado Marcio Moreira Alves cujos discursos irritaram os militares.

Segundo comentários publicados nos jornais da época, o presidente Costa e Silva assinou o Ato a contragosto e só o fez quando viu que ele viria "com ou sem ele". Ele verificou então — é o que se comentou — que a única maneira de unir as Forças Armadas era assiná-lo mesmo.

Já no dia seguinte vieram os primeiros resultados da vitoriosa operação de arrocho: eram presos no Rio o marechal Cordeiro de Farias, Carlos Lacerda, Juscelino Kubitschek, Darcy Ribeiro, Carlos Heitor Cony, Ferreira Gullar, Enio Silveira, Helio Fernandes, Joel Silveira, Renato Archer e muitos, muitos mais em todo o país.

Reportagem de
Luiz Alberto Bettencourt
Pesquisa de Alex Solnik

Telefone dos jornalistas tinha extensão clandestina

Fios brancos foram encontrados numa das caixas de telefone da Câmara Municipal de São Paulo. Funcionários explicaram que os fios eram da tv-interna. Mas a tv não funciona há dois anos e os fios continuam ligados.

Foto Amancio Chiodi

Mauro Rossi: é fácil fazer censura telefônica

Que havia fios estranhos na caixa de telefone, havia. Foram descobertos pelo funcionário da Telesp Jairo de Souza Borges, chamado para atender um telefone quebrado da Sala de Imprensa da Câmara Municipal de São Paulo. Eram mais de sete da noite do dia 19 de outubro passado.

Estavam com o funcionário alguns jornalistas, como Floriano Bastos, dos **Diários** e Luciano Costa, das **Folhas**. Jairo viu dois fios brancos no meio de todos aqueles fios marrons. Desligou os fios e então o telefone 345-796 voltou a funcionar.

Qual foi o defeito? "Linha aberta", explica Jairo, "havia fios cortados na ligação. Pode ser que haja algum chaveamento."

— Você pode saber para onde se dirigem os fios? perguntaram os jornalistas.

Jairo só podia ver que os fios brancos entravam numa tubulação. Também sabia — porque antes de sair para o conserto recebeu as especificações do telefone na Telesp — que o 345-796 não tinha extensão, pelo menos do conhecimento da Telefônica.

Pegou o **badisco** (telefone que é só o gancho, ligado por **jacarés** ao fio telefônico) e ouviu o som que vinha pelo fio. Era o som ambiente da Câmara Municipal. Ouviu também algumas vozes.

A sala de som da Câmara tem uma grande janela para o plenário. Os jornalistas foram até lá, desconfiados de que era de lá que vinha o som ouvido por Jairo no badisco. E era realmente. Numa das cabines da sala de som, o mesmo cubículo onde se encontra o relógio de quartzo que dá a hora certa para toda a Câmara, saíam do canto dois fios brancos ligados a uma chave.

Rapidamente o presidente da Câmara convocou uma sindicância para apurar os fatos. O próprio presidente, Roberto Cardoso Alves nomeou a comissão: vereador Almir Guimarães (de seu grupo político), o advogado Edson Ravena (de seu gabinete) e Floriano Bastos, presidente da Associação dos Jornalistas da Câmara. As reuniões se deram no oitavo andar, numa grande sala onde havia outros funcionários da Câmara trabalhando, principalmente envelopando naquela época de eleições.

Pelos primeiros depoimentos, do pessoal da Sala de Som, a explicação para os fios era: os fios brancos foram ligados para facilitar a transmissão do noticiário da Assembléia Legislativa, no tempo em que havia um sistema de tv-interna na Câmara, já fora de uso. Quer dizer: o sistema de tv parou mas a ligação continuou instalada. O defeito apareceu naquele dia porque a chave, instalada no terminal dos fios, na Sala de Som, estava na posição que emudecia o telefone da Sala de Imprensa.

A chave tinha duas posições: uma delas parava o telefone da Sala de Imprensa, que era quando, segundo esses depoimentos, o jornalista transmitia notícia da Assembléia. Isso era gravado e transmitido, mais tarde, pela tv-interna. O gravador ficava ao lado da cabine, improvisado numa [redacted]

Orpheu Pardini, chefe da Sala de Som explicou à comissão como eram as transmissões:

— Na hora que o Araripe (jornalista que fazia o noticiário) nos comunicava: já consegui a entrevista com fulano de tal, então nós ficávamos em atenção até ele chamar; quando ele chamava, podia acontecer de alguém de fora discar; não sendo pra nós, nós devolvíamos a ligação pra sala de imprensa; se era ele falando nós permanecíamos na chave, porque ele ligou, se comunicou com a gente pra ligação. E jogávamos a entrevista para o gravador.

Depois dele, depôs o homem que instalou os fios brancos, Mauro Rossi. Magro, cabelo caindo na testa, jeito de caipira, tem 49 anos. Sua função na Câmara é "encarregado de conservação" mas ele conserta telefones e faz extensões, às vezes sem comunicar à Telesp:

— O meu setor atende um geral da Câmara... não tem assim uma regra específica... atendo eletricidade, telefone, consertos de móveis, pintura... nós fazemos extensão de ramais e quando há solicitação da diretoria é feito também algumas modificações e até extensão nos telefones diretos, de uma sala pra outra, no mesmo andar.

Mauro Rossi, funcionário da Câmara há 26 anos, disse ao repórter que tem prática de 20 anos em trabalhar com telefones.

O senhor acha difícil instalar uma escuta telefônica?

— Não, é fácil. Quem tem conhecimento, é fácil.

A instalação que o senhor fez serve para escuta telefônica?

— Serve para escuta telefônica. Se quiser, serve... não do jeito que está instalado porque... faz muito tempo, precisava assim fazer uma pesquisa como está a instalação... porque se corta a sala que é a principal dos jornalistas, então também não teria meio de fazer escuta... mas esse sistema também pode servir pra uma escuta. Pode servir, porque pode não cortar a ligação e ficar na escuta. Depende de como é feita a instalação. Mas é um sistema também que pode ocasionar a escuta.

O vereador Sampaio Dória, presidente da Câmara quando os "fios" eram utilizados, diz que na Câmara não, mas em outros lugares há censura telefônica:

— Eu tenho assuntos que não comento ao telefone porque tenho conhecimento que a censura telefônica, postal, na verdade generalizou-se no país nos últimos anos, como uma das decorrências inevitáveis, por mais deplorável que seja, da existência de um estado policial no país.

As pessoas devem ter cuidado com o que falam no telefone?

— Enquanto vivermos nesse regime, acho que sim; cuidado nunca é demais.

Você conhece algum telefone [redacted]

— Na verdade não tenho certeza nem do meu.

Você tem suspeitas?

— Suspeitas eu tenho de que um número muito expressivo de telefones de autoridades, representantes do povo, militares, jornalistas, empresários, lideranças estudantis, sindicais, devem evidentemente estar sob censura porque estes são os alvos mais comuns quando se trata de censurar. Um dos princípios constitucionais dos direitos individuais é precisamente o sigilo da correspondência postal, telefônica... a quebra desse princípio via censura é portanto mais do que uma ilegalidade, é uma inconstitucionalidade.

Brasil Vita, cacique municipal, presidente da Câmara quando foi assinado o contrato da Tv-Direta tem verdadeiro ódio de censura telefônica:

— Deve receber o pior castigo quem faz uma coisa dessas. Censura em telefone é inaceitável. Esse episódio da Câmara — que eu não acredito de maneira nenhuma que se trate de censura — tem que ser esclarecido. E se for necessário, deve-se chamar o Dops para investigar!

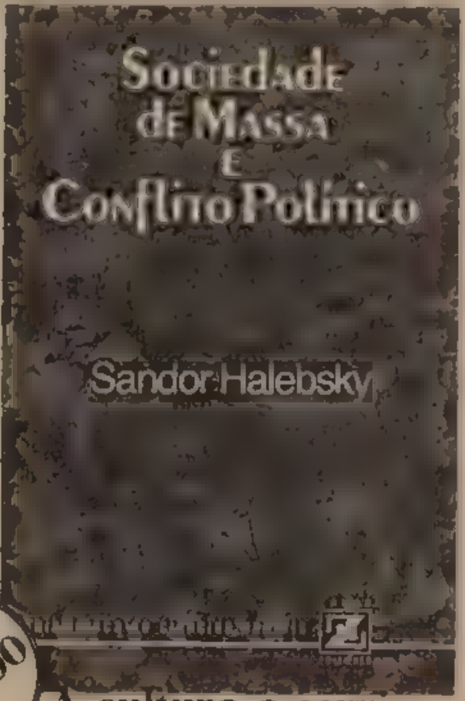
Talvez pela época eleitoral, o caso não repercutiu entre os vereadores. Flávio Bierrenbach, na Câmara há 4 anos, disse:

— Imaginar que haja aparelhos de escuta na Câmara Municipal pra mim não constitui supresa alguma. Afinal de contas, a obsessão da segurança nacional leva a isso e a tecnologia permite.

A comissão que apura a censura telefônica ainda não chegou a conclusões mas logo nas primeiras reuniões dois membros — Almir Guimarães e Edson Ravena — estavam mais ou menos convencidos de que não havia censura.

Alex Solnik

Com este livro, o professor de sociologia Sandor Halebsky, da Universidade de St. Mary, Canadá, contribui para uma crescente tendência da teoria e da pesquisa que começa a modificar grande parte do pensamento estabelecido quanto às raízes da dissidência, as funções dos movimentos de protesto, a relação de líderes com o público e a natureza da sociedade democrática.



Cr$ 150,00

A cultura a serviço do progresso social

ZAHAR EDITORES

À venda em livrarias ou pelo reembolso postal. Pedidos à Zahar Editores: R México, 31, sobreloja Rio de Janeiro - RJ - Telefone: 283-6249

A BAIXADA TREME DE MEDO

O povo que vive ao redor de Nova Iguaçu, no coração da Baixada Fluminense, teme até falar da violência que tornou a região famosa. A própria polícia já não sabe quem é bandido ou não, e pediu reforço contra os 4 repórteres — armados apenas das melhores intenções.

Quando o grupo de repórteres chegou, encontrou desconfiança, agressividade e homens da PM por toda parte do pequeno distrito de José Bulhões, quilômetros além de Nova Iguaçu. Depois de examinar detidamente todos os documentos de um dos repórteres — e de ouvir que a intenção do grupo era fazer uma reportagem sobre violência e medo na Baixada Fluminense, o cabo Jair contou que tinha pedido reforço policial por causa, justamente, dos repórteres.

— Vocês estiveram aqui quinta-feira de noitinha num volkswagen, não é mesmo? Foram à barbearia, àquele bar e vieram aqui mesmo no comitê do Lubanco (N.R. — candidato a deputado estadual, ex-prefeito de Nova Iguaçu), perguntaram um monte de coisas e disseram que trabalhavam num jornal, não é mesmo?

Realmente, o grupo havia visitado José Bulhões antes, fazendo um levantamento dos lugares da Baixada que deveriam ser enfocados. E aquele tinha se revelado um dos "melhores" distritos de Nova Iguaçu, inclusive porque ali foram mortos dois rapazes há alguns anos, fuzilados por policiais que foram a julgamento por determinação do próprio presidente da República, indignado com a barbaridade do crime.

Fotos Chiquito Chaves e Custódio Coimbra

O caseiro Amaral, que não vê nem ouve nada; o cabo Jair, que pensou que os repórteres fossem agentes secretos da própria PM, e a balconista Cleide, que só não vende leite na sua tendinha

O cabo Jair contou que, tão logo os repórteres deixaram José Bulhões, os moradores e comerciantes comentaram com os policiais tudo que haviam dito. Fizeram minuciosa descrição dos quatro, do volkswagen e de tudo que se disse durante a meia hora da visita; e o comandante do destacamento resolveu pedir reforço para a segunda-feira, data marcada pelos repórteres.

— Quando vieram me contar — disse o cabo Jair — eu pensei: ou é P2 (N.R: — denominação da polícia secreta da PM) que veio ver se tá tudo correndo bem, ou é bandido que veio fazer levantamento. Você — completou, dirigindo-se a um dos repórteres — comentou com um dos colegas que isso aqui dava um bom material, não foi? Aí eu fiquei achando que eram bandidos mesmo.

Desfeito o engano, o cabo até foi simpático e conversou durante mais de uma hora, explicando o medo que as pessoas sentem diante de estranhos em José Bulhões. Não disse que este medo vem do tempo em que os carros particulares cheios de homens apareciam por ali para deixar corpos sem vida. Nem quis falar dos Teixeira, família de marginais que vive na cidade sem ser incomodada pela polícia, alegando desconhecer esta família, nem do assassinato duplo que causou a indignação presidencial. Repetiu, isso sim, várias vezes, que José Bulhões é um lugar calmo e sem problemas de violência porque tem posto policial, coisa rara em bandas não muito distantes, como Marambaia e Iguaçu Velho.

O cabo Jair tem razão, ao final de contas. Marambaia é um lugarejo ainda menor do que José Bulhões e só tem dois negócios, um frente ao outro no ponto final do único ônibus. Ali vende-se de tudo que a população local necessita, menos um artigo: leite. Cleide, 17 anos, que atende os fregueses da venda à direita de quem chega, diz que não é preciso vender leite porque ali perto tem a fazenda de um argentino que vende leite de seu rebanho à população de Marambaia.

— O problema aqui — ela explicou — é de noite. O último ônibus chega às oito e sai logo pra Nova Iguaçu. Daí em diante não tem mais movimento.

Mais um pouco de conversa com Cleide e, parece, os problemas não se limitam à noite. A falta de um destacamento policial, por exemplo, influi na violência do lugarejo, como ela tão bem exemplifica com a história de **Sete Camisas** e sua foice.

O **Sete Camisas** era um cara meio esquisito mesmo, você vê: só andava com sete camisas no corpo, podia estar o sol mais forte do mundo. Bem, ele tinha uma foice e queria fazer negócio com ela. Aí chegou pra um cara e perguntou se ele queria comprar. O cara disse que sim e acertaram o preço. Depois apareceu o Carlinhos e procurou o cara que ia comprar a foice. Pediu uma grana emprestada a ele, pra pagar no dia seguinte, e foi atrás do **Sete Camisas** oferecendo mais pela foice. O **Sete Camisas**, que já sabia da fama do Carlinhos, negou e disse que já estava apalavrado com outro (o que emprestou o dinheiro ao Carlinhos). Os dois brigaram mas sem sair no pau.

Final da história de Cleide: **Sete Camisas** se escondeu no mato à beira da estrada e esperou Carlinhos, que veio de bicicleta. Então ele pulou em cima do rapaz e matou-o a facadas. Pessoas que assistiram ao crime contaram para Cleide que ele dava uma facada e soltava uma gargalhada, como se estivesse endiabrado. Depois saiu andando e ninguém mais o viu até a manhã seguinte, quando alguns meninos encontraram um cachorro comendo os miolos dele. **Sete Camisas** tinha sido morto também, a cabeça esmagada por uma pedra, sem que ninguém no lugar saiba quem foi o assassino.

Quanto ao homem que ia comprar a foice, nem Cleide nem ninguém na Marambaia soube dizer o que lhe aconteceu. Nunca mais foi visto pelas redondezas.

Neste caso contado por Cleide, como em muitos outros ocorridos na Baixada, a polícia não faz nada, talvez por saber de antemão que não achará testemunhas que tenham visto os criminosos. Ninguém viu nada nem quer se comprometer. É sempre assim. Por exemplo, a Fazenda Velha. É uma construção do tempo do império, hoje habitada por quatro famílias, apenas, que fica na estrada de terra que liga José Bulhões à Marambaia, passando por Iguaçu Velho. Próximo dali já apareceram muitos cadáveres — inclusive o do juiz de Três Rios, cuja morte mobilizou toda a polícia da Baixada Fluminense.

No casarão que serviu de sede da Fazenda vive Amaral, 45 anos, com a mulher e dois dos cinco filhos (os outros já estão casados). É funcionário do patrimônio histórico e mora ali desde 1954, muito antes, portanto, de começarem a aparecer cadáveres na estrada, a menos de 50 metros da porta da fazenda velha. Mas, apesar de viver há tanto tempo, Amaral nunca viu nem ouviu nem soube de nada.

Aqui é um lugar sossegado demais, não acontece nada de diferente — disse Amaral, sentado nos degraus do casarão, ao lado do filho pequeno. E depois concluiu, como encerrando a conversa — eu não vejo nada que acontece pra lá daquela cerca. Ela pode ser de arame só, mas eu não enxergo nada pra lá dela.

Luiz Augusto Gollo

A "garganta" usada como lixeira pela população

Fotos Custódio Coimbra

Antônio Carlos, que foi dono de toda a região cortada pela estrada

Mutilados e mortos na fila da "Garganta do Diabo"

Há um lugar na estrada que liga Nova Iguaçu a Miguel Couto permanentemente sobrevoado por urubus. É conhecido como "garganta do diabo" e é utilizado há muitos anos como lixeira pelas pessoas que vivem nas redondezas. A fama do local começou no meio da década passada, quando apareceram os primeiros cadáveres no meio do lixo e à margem da estrada.

Durante algum tempo o local ficou conhecido porque os bandidos deixavam ali suas vítimas de assaltos, violações etc. Mais tarde, tornou-se mais falado ainda, pois começaram a aparecer os cadáveres dos próprios bandidos que inauguraram a "garganta do diabo". Era a vingança do Esquadrão da Morte.

É difícil encontrar alguém em toda a Baixada Fluminense que jamais tenha ouvido falar desse lugar, mas ninguém gosta de dizer o que sabe, temendo represálias que podem vir tanto de um lado como de outro da "guerra" Esquadrão x marginais. No entanto, um homem não teme envolver-se: Antônio Carlos de Oliveira. Ele tem 43 anos, mulher e uma filha, e seu pai, Antônio de Oliveira, foi o dono de toda a região cortada pela estrada.

– Isso aqui era uma vergonha, ninguém tinha segurança. Uma vez o dono de um posto de gasolina ali adiante estava aqui no terreno com uma mulher dentro do carro, apareceram uns bandidos e comeram a mulher, comeram ele e depois mataram os dois sem mais nem menos. Uma vergonha.

Profundo conhecedor da região, Antônio participou, com uma kombi-rabecão, de muitas buscas de cadáveres na Baixada, especialmente na "garganta". É que com a fusão da antiga Guanabara com o Estado do Rio muitos policiais foram transferidos de delegacias na zona sul (ou mesmo na zona norte) do Rio para delegacias da Baixada. Acontecia, então, de receberem avisos sobre existência de cadáveres em tal lugar e não sabiam como chegar lá. Antônio, então, que já trabalhava como motorista de caminhão, guiava-os até os corpos.

– Aparecia uma média de cinco, seis corpos aqui todo dia. No começo, era tudo gente trabalhadora que era assaltada e morria em outras bandas. Só o cadáver ficava aqui. Você precisava ver: ninguém agüentava chegar perto, porque às vezes a gente só vinha buscar dias depois da morte. Por isso eu digo: quem é contra matar bandido é filho da puta.

Segundo Antônio Carlos, foi o delegado Nemésio Garcia Vidal, hoje no Departamento Geral de Investigações Especiais (DGIE), quem, assumindo a delegacia de Nova Iguaçu, acabou com a matança na "garganta do diabo".

– O doutor Nemésio moralizou isso aqui, não posso dizer como, mas sei que tinha até quatro estrelas por trás (**N.R.** referência a generais da ativa que possivelmente apoiaram a ação do delegado).

Mas se por um lado havia este tipo de força auxiliando o delegado, por outro o próprio presidente Geisel determinou a apuração da responsabilidade sobre a morte de dois rapazes, ao que consta sumariamente fuzilados em José Bulhões (Vila de Cava), em plena rua, por policiais. Isto não seria evidência de que o fim da violência indiscriminada entre policiais e bandidos estava próximo na Baixada? Antônio Carlos sorri.

– E você viu o que acontecia depois? Ein? O júri do tribunal em Nova Iguaçu absolveu os acusados por sete a zero. (**N.R.** Na verdade os policiais foram absolvidos por quatro a três. Os pneus do carro do juiz estavam vazios ao final do julgamento e as vítimas, segundo comenta-se na Baixada, eram bandidos mesmo, e não inocentes como pode ter imaginado o presidente da república).

Policiais choram no necrotério a morte dos colegas

A calçada em frente ao necrotério de Nova Iguaçu, um prédio pequeno próximo ao Corpo de Bombeiros e à prefeitura, está cheia de policiais à paisana que se dispõem em grupos e conversam. Todos têm ar cansado e procuram lugares na escassa sombra da parede externa do prédio. Faz muito calor na baixada fluminense e vez por outra chega uma kombi com outro cadáver furado de bala. É um dia especial: dezenas de homens cercam a rua Cambuí, em Queimados, vários quilômetros adiante na Via Dutra, que liga o Rio de Janeiro a São Paulo. Caçam o bandido Valtair da Silva (**Taica**), 30 anos, escondido na casa de sua mãe.

O rabecão traz mais um corpo perfurado e alguns policiais se aproximam para reconhecer o morto, transportado para a mesa de autópsia. Um deles não suporta a emoção e se abraça, chorando, ao colega mais perto. Outro apenas dá uma olhada rápida e leva a mão à barriga numa careta de quem vai vomitar. O corpo sem vida desaparece atrás da porta de ferro, onde funcionários do necrotério trabalham incessantemente abrindo cadáveres, retirando-lhes as vísceras, pesando-as, recolocando-as em seus lugares e costurando a pele com pontos disformes e grandes que nunca se cicatrizarão. Nenhum deles reflete a náusea dos curiosos.

– Parece que foi ele quem matou o juiz de Três Rios (**N.R.** o juiz Luís de Carvalho Rangel, sequestrado e executado na baixada). Se foi, duvido que escape dessa.

A observação de um repórter passa despercebida, todo o grupo de policiais espera apenas a confirmação do nome do morto recém-chegado. É mesmo o ex-guarda municipal de Duque de Caxias Amadeu Vicente Soares, que participava da caça a **Taica** (**N.R.** o guarda Amadeu foi expulso da polícia por ter participado do sequestro de um comerciante em companhia de agentes do DOPS que visavam obter resgate pela vida do homem).

Ele **levou** muito azar pelo que eu soube – comenta o senhor gordo, chefe da guarda municipal de Caxias e que, portanto, tinha sido chefe do policial assassinado.

Realmente, pelo que contam os policiais na calçada do necrotério, Amadeu só foi morto pelo bandido graças a uma parede dentro da casa da mãe de **Taica**. A polícia chegou, cercou o lugar e gritou para que ele e seu companheiro **Pingo** (esse ninguém sabe o nome) saíssem. Não obtendo resposta, atirou algumas bombas de gás lacrimogêneo à entrada da casa. Não podiam se aproximar porque era muito arriscado. O terreno à frente da casa da rua Cambuí era usado como terreiro de umbanda e, por isto, não apresentava condições para que os policiais avançassem, pois seriam alvo fácil para os bandidos. **Pingo** não resistiu ao gás e saiu da casa atirando. Caiu no meio do terreiro com oito balas calibre 38 espalhadas pelo corpo. Mas **Taica**, escondido atrás da tal parede, não se incomodou com as bombas. Engatou a metralhadora que havia roubado da própria polícia semanas antes e esperou. Amadeu abriu a porta com o pé e invadiu a casa, também armado com uma metralhadora. **Taica** deu uma rajada rápida e só acertou um tiro. A bala bateu no cano da arma do ex-policial, arrancou-lhe um pedaço do polegar direito, quebrou a coronha de madeira da metralhadora e entrou pelo abdômen, pouco abaixo do diafragma. Alojou-se no coração. Foi muito azar de Amadeu.

→

Foto Chiquito Chaves

O rabecão leva o corpo do primeiro policial

Mas não foi só Amadeu quem levou azar: atrás dele, na invasão da casa, vinha o policial da PM Edson José Barbosa, que recebeu quadro tiros em diagonal, na altura do tórax, na segunda rajada da metralhadora de **Taíca**. Os dois morreram quando eram transportados às pressas para um hospital de Nova Iguaçu. **Taíca** aproveitou a tentativa dos policiais de salvarem seus colegas e escapou com a arma pelos fundos do terreno. Uma hora mais tarde três corpos jaziam nas mesas metálicas do necrotério: Amadeu, Edson e **Pingo**, lado a lado, à espera da autópsia e do atestado de óbito ("causa mortis: anemia aguda com hemorragia interna")

Mais uma hora e os dois policiais seguiram, dentro dos caixões, para o Cemitério de Nossa Senhora de Belém, em Caxias, acompanhados dos colegas inconformados. A calçada em frente ao necrotério de Nova Iguaçu ficou vazia, mas só por alguns instantes. Logo depois chegou outro corpo, de um motorista achado morto dentro de seu táxi. Tinha duas perfurações de bala, uma no tórax, outra na fronte, um pouco acima das sombrancelhas O funcionário do necrotério puxou o cadáver para fora do rabecão com a indiferença profissional dos coveiros. O repórter não se agüentou diante do quadro:

— Dia de muito movimento hoje, não é, meu irmão?

— Que nada, isso é rotina aqui — respondeu o homem. E fechou a porta de ferro da sala de autópsia antes mesmo que a moça negra de olhos vermelhos, que se aproximava, lhe pudesse perguntar pela irmã caçula, desaparecida de casa há três dias. Não havia nenhum cadáver do sexo feminino ali naquele dia, e nenhum outro daria entrada no necrotério até a noite, quando Taíca foi morto em Belford Roxo (perto de Nova Iguaçu), vestido de mulher e tentando furar outro bloqueio da polícia, sem a metralhadora

Foto Custódio Coimbra

Robeni chorou sozinho no velório do policial

Foto Custódio Coimbra

Parentes e colegas aguardam saída dos corpos

Vestiu o corpo do pai assassinado

Sem saber a quem se dirigir, Robeni abordou o estranho mais próximo, que fumava nos degraus do necrotério. O diálogo:

— Por favor, onde eu posso saber se uma pessoa está aqui?

— Como é o nome?

— Edson José Barbosa.

A partir daí Robeni começou a chorar. Ou recomeçou, porque já tinha chegado com os olhos vermelhos. Ele tem 18 anos e trabalha na Light em Nova Iguaçu, onde foram chamá-lo por volta das dez da manhã informando que seu pai devia estar no necrotério, ou então na casa de saúde. Robeni correu primeiro à casa de saúde, e soube que o corpo do policial Edson José Barbosa, 45 anos, residente na Pavuna, tinha sido removido para autópsia no Instituto Médico Legal.

— Ele saiu de casa ontem logo depois do almoço, acho que ia numa operação do caso do juiz de Três Rios. Foi quando eu, meu irmão e minha mãe vimos ele por último.

O cerco à casa de Queimados onde se escondia o bandido **Taíca**, assassino do juiz Luís de Carvalho **Rangel**, começou às quatro da manhã do dia seguinte e Robeni não sabe por onde andou o pai depois daquele almoço. Sabe só que ele não podia ver bandido que saía caçando. Robeni se lembra de quando era criança ainda e os carros cheios de policiais armados paravam à porta de sua casa no meio da noite e o pai se vestia depressa, pegava a arma e ia em diligência. Era o que ele mais gostava.

— Meu pai tinha medo de morrer doente. Uns dois anos atrás ele teve um negócio no coração, teve que fazer exames e tomar remédios. Se algum colega morria de ataque do coração, ele comentava em casa, tinha medo. Medo de morrer na cama.

Robeni pára de falar quando aparece o rosto do homem na janelinha retangular da porta de aço. É o encarregado de confirmar ou não a presença dos corpos na sala de autópsia, e sempre que ele diz "está aqui sim", a mulher, o marido, os filhos, os pais, todos choram. Por isto ele se tornou insensível: aparece na janelinha, confirma a presença do cadáver e se afasta sem mudar a expressão do rosto. Robeni retorna à calçada desolado. Alguém se chega para perto e pergunta com ar grave quem o rapaz procura. Depois dá os pêsames, se apresenta como policial e conforta o rapaz dizendo que o assassino não escapará, que até Sivuca está na caçada. Sivuca é um nome muito popular entre os policiais. Já deu entrevista até para o **Pasquim**, participou de várias perseguições bem sucedidas a bandidos famosos na crônica policial carioca.

Mas para Robeni nada disso importa. Seu pai está ali naquela sala refrigerada, deitado nu na mesa de aço e tem quatro buracos no corpo, todos acima da cintura.

— Foi tudo tão depressa, pô. Ele era cem por cento, agora taí, morto.

De manhã cedo, logo depois de Robeni ter ido para a Light naquele dia, um homem esteve na rua onde ele mora. Parou no armazém da esquina e perguntou onde era a casa de Edson Barbosa. O comerciante lhe perguntou do que se tratava e o homem deu a notícia da morte; depois foi até a casa de Edson. Pediu à mulher que juntasse todos os documentos da família e que o acompanhasse, mas não lhe disse que àquela altura ela já era viúva. Perguntou por Robson, o filho mais velho que presta serviço na Vila Militar. Depois pegou a mulher, os documentos e foi ao quartel buscar o soldado. Quando os dois se encontraram, dentro do quartel, ele disse que Edson estava morto.

— Por isto que eu digo: tem que matar enquanto esses bandidos são pivetes. Eu já fui assaltado por pivetes duas vezes. Daí em diante passei a pensar assim.

Não adianta argumentar agora com Robeni. Os homens acabaram de costurar seu pai, cobriram-no parcialmente com o paletó e o estão colocando no caixão. Não adianta dizer para Robeni que os bandidos, os pivetes, todos os marginais não matam por opção, mas são levados a isso. É como disse o comandante da guarda municipal de Caxias, ali mesmo naquela calçada: "é uma guerra: ou eles ou nós". Não adianta agora dizer a Robeni que era seu pai ou **Taíca**, e que o bandido levou a melhor. Não adianta lembrar que também a polícia já havia "acertado" inúmeros bandidos e que nunca Robeni estivera no necrotério confortando a mãe, o pai, a viúva ou os filhos.

Não adianta nem há tempo de dizer nada para o rapaz. O caixão está dentro do rabecão e vai sair agora para o cemitério de Caxias. Robeni se despede do estranho e vai em casa buscar um terno para vestir o cadáver do pai.

Gollo

No velório, a notícia da vingança

Os tiras iam chegando em grupos ao cemitério Nossa Senhora de Belém, em Caxias, portando armas e falando em vingança. Os corpos do ex-guarda municipal Amadeu Vicente Soares e do soldado da PM Edson José Barbosa, mortos pela metralhadora do bandido **Taica** — um dos assassinos do juiz de Três Rios — na madrugada do dia 31, em Queimados, estavam sendo velados. Do lado de fora, o trânsito congestionado, o barulho de buzinas, apitos e sirenes dos carros da polícia.

Olho por olho, dente por dente, a Lei de Talião. No final da tarde, chegou a notícia no cemitério de que estavam vingadas as mortes dos policiais. Apesar do clima, deu para perceber uma indisfarçável satisfação dos presentes. Valtair da Silva, o **Taica**, foi surpreendido quando tentava dar o pinote da casa da irmã, em Agostinho Porto, distrito de Nova Iguaçu, vestido de mulher, com unhas e lábios pintados, lenço na cabeça e óculos escuros. Fuzilado com dois tiros, morreu a caminho do hospital de Nova Iguaçu.

Os coveiros mirins, meninos e meninas, entre cinco e 14 anos, que ganham 10, 20 cruzeiros para limpar sepulturas e até para sepultar (os três coveiros não dão conta do serviço), olham assustados, de dentro do cemitério. Na frente, o movimento continuava agressivo pela fisionomia de alguns homens. Numa sala onde estava sendo velado o corpo do PM Edson, um rapaz chorava, sozinho, debruçado no caixão. Ao lado, junto ao corpo do ex-guarda, desfilavam de rostos contraídos os policiais civis. Comentavam os lances e o azar dos mortos, em voz baixa.

No velório era fácil constatar a presença do delegado Moacir Bellot, agora lotado em Niterói. Ele ficou famoso caçando mais cachorros do que bandidos, importunando moças que usavam biquínis em Cabo Frio, na época em que foi delegado da cidade, e por ter sido seqüestrado por bandidos quando era delegado em Caxias. Bellot estava inconsolável. Falou com a voz embargada que Amadeu, o ex-guarda, foi um dos seus mais fiéis colaboradores. Pediu para não ser incomodado e se isolou num canto com um lenço nas mãos.

Agitado, tomando providências e ajudando os familiares dos policiais mortos, Getúlio Gonçalves da Silva, presidente da Associação Comercial de Caxias, que tem cadastradas 5 250 empresas comerciais e 1.205 indústrias, diz que a Baixada vive do medo, sobressaltada pelos assassinatos, estupros, assaltos e mortes violentas. A rotina de uma população que vive no subemprego ou desempregada.

A primeira coroa de flores acabava de chegar quando a mãe de Amadeu perdia os sentidos na capela repleta de gente. Já de noitinha, o corpo do PM Edson saía para o cemitério de Irajá, onde seria enterrado a pedido da família, que já estava lá esperando. A kombi do necrotério de Nova Iguaçu e um camburão formavam o cortejo na chuva fina que caía em toda a Baixada Fluminense desde o começo da tarde.

Tim Lopes

Foto Chiquito Chaves

Bellot e outros policiais no cemitério

Foto Chiquito Chaves

Getúlio desafia o secretário

Delegacia não aceita queixa para reduzir criminalidade

Tal um resultado da violência e do meio em que vive a Baixada Fluminense. É claro que as estatísticas sobre os assaltos têm que baixar. As vítimas quando aparecem nas delegacias, principalmente a daqui, para apresentar queixa são induzidas pelo policial de plantão a fazer o registro como se tivessem perdido um documento, uma carteira. Dizem para as vítimas que agindo assim estão evitando problemas burocráticos como o processo e tudo e as represálias dos bandidos.

Getúlio Gonçalves da Silva, presidente da Associação Comercial de Caxias, ficou conhecido quando apareceu no Jornal Nacional rebatendo, numa discussão braba, a pecha de mentiroso que o Secretário de Segurança General Brum Negreiros quis lhe botar.

O general, crente que estava certo, mostrou pela televisão uma estatística onde os números davam a entender que o índice de criminalidade na região havia baixado.

Ledo engano. Usando o mesmo tom de voz, autoritário, Getúlio, do meio da platéia, provou que a estatística do Secretário de Segurança era falsa e fora de realidade.

Para ele, os índices de criminalidade na Baixada só tendem a aumentar: "Uma cidade com 800 mil habitantes, como Caxias, e com um efetivo policial de 600 homens, não pode viver tranqüila. O maior foco de crime é aqui, onde tem prostituição até de menores, têm tóxicos, jogos e bandidos. E não adianta prender as mulheres que fazem "trotoir", elas têm mais é que se virar."

Getúlio se referia à ação policial contra as mulheres no centro da cidade, um dia após a desavença com o Secretário de Segurança. Esse foi um presente que a Baixada Fluminense ganhou do governo do Estado depois do incêndio que ele mesmo promoveu nas velhas casas do canal, perto do centro do Rio. Sem ter para onde ir elas se concentraram, em sua maioria, em Caxias, Nilópolis e Nova Iguaçu.

É fome, miséria e vontade de matar

— Por que se mata tanto na Baixada Fluminense?

— Pela facilidade e pela certeza da impunidade. Aqui a gente não sabe quem é bandido e quem é gente boa. A população se arma cada vez mais para se defender da marginalidade que cresce a cada dia. Sabe de uma coisa? No fundo mesmo é muita fome, miséria e vontade de matar.

Há 18 anos cobrindo a Baixada Fluminense, para **O Globo**, de onde é setorista, o repórter Manoel Batista de Almeida, 38 anos, acha que o governo deveria impedir, de alguma maneira, a emigração para a região. Diz ele que chega gente do norte, com oito, dez filhos, cheia de ilusão e acaba no subemprego, como lavador de carros, biscateiro e os filhos por aí aprendendo a roubar, cometendo pequenos furtos. Escola que é bom, neca.

— A polícia civil foi transformada em polícia de papel. Os tiras, que demoram 10, 15 anos para se tornarem um bom tira de rua, hoje são meros assinadores de papel. Foram substituídos por soldados que recebem instrução básica, o manuseio do armamento e só. Com a fusão o índice de criminalidade aumentou consideravelmente. Falta conhecimento da área e da mobilidade dos crimes. Uma morte em Morro Agudo com tiros de 45 você poderia ir atrás do **Tião mata rindo**. Hoje aparecem 4, 6 cadáveres e você não tem nenhuma noção. Aqui tem 4 batalhões, em Nova Iguaçu, Caxias, Queimados e São João de Meriti. Mas o negócio não é quantidade, é qualidade.

Foto Chiquito Chaves

Manoel: há 18 anos cobrindo a Baixada

Só em 1978, segundo as estatísticas do Manoel, que aponta todas as ocorrências policiais num caderno, ocorreram 600 mortes violentas na Baixada Fluminense, sem contar as vítimas fatais provocadas pelos acidentes de trânsito.

Natural de Cachoeiro de Itapemirim, neto de índia Puri com um siciliano do norte, Manoel diz que nunca sofreu ameaça que impedisse de realizar o seu trabalho: "polícia e bandido me respeitam porque não faço indignidade com nenhum dos dois".

— E o Esquadrão da Morte?

— Qual, o falecido? Propriamente dito nunca existiu. Uma meia dúzia de policiais que faziam a justiça com as próprias mãos como o **Reza Forte da Matança**, o João Coelho, um investigador, que morreu doente num hospital de Nilópolis. Esse perdeu a conta de quantos matou, foi a primeira prova da existência de um esquadrão.

TÃO BRINCANDO COM A SAÚDE DO POVO

Apenas 40% da população brasileira se beneficia dos remédios produzidos pela moderna indústria farmacêutica instalada no país. No entanto, o volume das vendas das drogas aqui está entre os 10 maiores do mundo. Isso quer dizer que a tal indústria não foi feita para maioria da população — ao contrário, ela a marginalizou — e que seus preços caríssimos só podem ser pagos pelas classes médias, que constituem o chamado mercado consumidor.

A distância entre a indústria farmacêutica e as necessidades da maioria do povo, porém, é apenas uma das distorções do sistema. A outra é que, mesmo a moçada que tem grana pra comprar remédios, é encarada pelos produtores como um comprador a mais, não sendo a sua saúde, nem de longe, a preocupação mais importante.

Esses dois problemas se devem ao fato de que a indústria de remédios do Brasil é dominada por grupos multinacionais, que operam no mundo todo e submetem suas subsidiárias no país às suas mais altas conveniências. Quer dizer, nós importamos toda uma estrutura de produção que, só pra começar, beneficia menos da metade da população e, de quebra, pode afetar a saúde da outra metade.

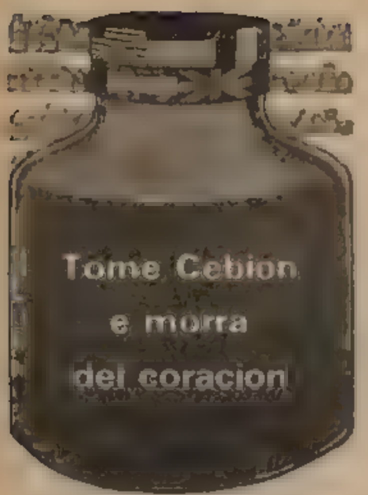
É fácil entender porque as coisas se passam assim: como o Brasil não teve condições de fazer as pesquisas científicas e produzir as matéria-primas farmacêuticas que dão origem aos remédios, ele importa essas matérias, fazendo aqui somente a mistura para fabricar os remédios. O resto é embalar e botar nas farmácias. As filiais de empresas estrangeiras fazem o mesmo: elas são até agora apenas importadoras de matérias-primas de suas matrizes e vendedoras das suas marcas.

A briga entre os laboratórios pelo mercado brasileiro, portanto, não se dá em cima de inovações tecnológicas — porque essas vêm de fora — mas através dos recursos usados para vender os produtos. Quem tiver os melhores representantes, os de melhor conversa e conseguir imagem favorável entre os consumidores, ganha a parada.

É bom lembrar que 95% das vendas da indústria são de remédios que exigem receita — os chamados produtos éticos — cuja propaganda não é feita nos meios de comunicação, como os remédios populares, mas junto aos médicos e às farmácias: os primeiros, com sua condição profissional, dão fé ao produto; as segundas o divulgam e ampliam o mercado. O negócio é investir pesado em publicidade sobre os dois pra garantir maiores vendas. A tática dá certo em todo o mundo: na Inglaterra por exemplo, uma pesquisa mostrou que 61% dos médicos acreditam nas informações dos representantes das indústrias sobre a eficiência dos remédios. E olhe que lá o Estado é quem toma conta dos serviços médicos. No Brasil, onde a falta de informação científica é maior, os médicos caem muito mais facilmente no conto dos vendedores ou nas vantagens que eles eventualmente ofereçam. Com as farmácias, funciona a *empurroterapia*: os representantes subornam os balconistas e os proprietários, dão descontos nos preços e bonificações tipo *leve 10 e pague 2*.

Esse carnaval que os vendedores fazem tem, entretanto, que ser apoiado pelo lançamento constante de novos produtos, pra que a empresa mostre que tem competência e atualização técnica. No mínimo, 2 por ano. E as indústrias nacionais acompanham a febre das estrangeiras pra não perderem o mercado: mudam as misturas de matérias-primas, os nomes das marcas, alteram a cor das embalagens, aumentam as quantidades por recipiente ou copiam produtos de outros países, ainda não conhecidos. Tudo como estratégia de venda, *sem nenhuma relação com as necessidades médicas dos compradores*.

Todos esses dados, meus amigos, são de uma pesquisa do próprio governo brasileiro que, embora saiba da gravidade da situação, não faz nada para modificá-la. Enquanto isso, a *nova Novalgina* em vidrinho plástico continua destruindo os glóbulos brancos do sangue e o *Entero-viofórmio*, agora em comprimidos aerodinâmicos, produzem mais de 30 mil casos de cegueira por ano.



Wilson Fadul, ministro da Saúde do governo João Goulart, político e vice-presidente do Partido Trabalhista Brasileiro, o PTB, descobriu em 1963 o principal golpe usado pelas empresas multinacionais que dominam a industria farmacêutica no país: elas aumentam artificialmente os preços das matérias—primas que importam de suas matrizes, para cobrar mais caro pelos remédios e remeter mais dólares pro exterior. Fadul começou a enfrentá-las pra evitar o trambique mas, com a ascensão do regime militar, andou tudo pra trás.*

Golpe de 64 deixou máfia do remédio deitar e rolar

Foto Custódio Coimbra

Wilson Fadul, ministro da Saúde no governo João Goulart

Qual é o maior problema da indústria farmacêutica?

O problema da indústria farmacêutica no Brasil é um negócio que já tá muito bem identificado. Quando eu enfrentei o problema ele já era grave. Num ligeiro histórico nós podemos ver que o Brasil teve uma época em que ele tinha uma posição destacada na chamada indústria farmacêutica, na farmacopéia de um modo geral. Era um tempo em que os grandes medicamentos eram naturais, eram biológicos, de natureza vegetal, da fauna, etc. Depois que o processo de industrialização cresceu muito e a chamada química do carbono cresceu de maneira extraordinária, começaram a surgir os sintéticos e o Brasil se atrasou nesse campo.

Quando eu tomei consciência do problema, no Brasil não existia indústria farmacêutica. Existiam os chamados laboratórios, que se limitavam a manipular matéria-prima estrangeira, que já vinha elaborada e era apenas embalada no Brasil, quando não importada diretamente. De repente, me chamou a atenção o fato de que 90 e tal por cento da chamada indústria farmacêutica eram dominados por multinacionais e o setor atraía capital estrangeiros mais do que qualquer outro tipo de atividade no país. Devia haver uma razão para isto e perseguindo essas razões eu fui dar de cara com o problema do superfaturamento da matéria-prima estrangeira. A coisa funcionava da seguinte maneira: uma matriz estrangeira montava uma filial em outro país e vendia a essa filial a matéria-prima feita pela matriz, a preços fora da concorrência internacional. Como a firma era do mesmo dono, ela só importava matéria-prima daquela fonte. Então, estabelecia-se um canal fechado de comércio dentro do qual se operavam fraudes indescritíveis. Quando eu comecei a levantar essas suspeitas a respeito, mandei apanhar na Carteira de Comércio Exterior do Banco do Brasil–Cacex–material para verificar. E me foi negado o material. Eu era ministro de Estado e me negaram o material.

Quem negou?

— O diretor da Cacex. Isso é um problema que eu não costumo contar, mas é para você ver como esse país era um país surrealista. O ministro pediu, ele não quis dar não. Então eu telefonei ao presidente e (João Goulart) ele mandou um oficial da Casa Militar com ordem de obter esse papel. Então, veio o material. Eram fotocópias de certificados de cobertura cambial e acompanhadas de certos memorandos reservados sobre análise de custo. Aí, verifiquei coisas extraordinárias: não havia um só certificado de cobertura cambial que não estivesse superfaturado. E vieram mais de mil. Alguns produtos eram escandalosos. Tive um atrito com a Sidney Ross, (empresa multinacional norte-americana) na ocasião, e tava até preparado pra processar essa empresa quando aconteceu o problema de 64.

Ela importava um produto pra filial, chamado cloroquina-base, que é um produto que o Brasil consumia muito pouco, parece que em torno de uns 60 e poucos quilos. E, em 1962, 68 quilos de cloroquina-base custaram ao Brasil cerca de 135 mil dólares, com um quilo custando uns 2.400 dólares.

Pedi à Cacex que me fornecesse preços internacionais do produto. Engraçado que ela não tinha preços internacionais da época, mas tinha uma lista da Bayer alemã, com a cloroquina-base (que ela deixou de fabricar, não sei porque) custando exatamente 68

FIRMA THE SYDNEY ROSS CO., A PARTIR DE 1961 ATÉ [illegible] DE 1963.

Nº DO CCC	PESO EM KG	PREÇO P/KG	DATA
61/2139	1,7	US$ 2.400,00	19-1 -61
61/1592-N	1,7	US$ 2.400,00	20-4 -61
61/3847-N	1,7	US$ [illegible].400,00	25-5 -61
61/4[illegible]27-N	2,2	US$ 2.400,00	[illegible] -61
61/8318-N	2,2	US$ 2.400,00	14-6 -61
61/10807-N	2,2	US$ 2.400,00	12-8 -61
61/14359-N	2,25	US$ 2.400,00	26-9 -61
61/16440-N	4,5	US$ 2.400,00	27-10-61
61/19867-N	4,5	US$ 2.400,00	27-11-61
61/21562-N	4,5	US$ 2.400,00	13-12-61
62/3284	9,0	US$ 2.400,00	1-2 -62
62/4557	4,5	US$ 2.400,00	12-[illegible] -62
62/7094	4,5	US$ 2.400,00	10-4 -62
62/9605	4,5	US$ 2.400,00	5-4 -62
62/12150	9,0	US$ 2.400,00	16-4 -62
62/13702	0,005	US$ 2.400,00	11-5 -62
62/19279	6,0	US$ 2.400,00	6-7 -62
62/20329	6,0	US$ 2.400,00	17-1 -62
62/22909	6,0	US$ 1.500,00	20-6 -62
62/21622	6,0	US$ 1.500,00	6-10-62
62/29853	6,0	US$ 1.500,00	24-10-62
62/32931	4,5	US$ 1.500,00	[illegible]-11-62
63/501	1,64940	US$ 1.500,00	14-[illegible] -63
63/893	4,35052	US$ 1.500,00	17-1 -63
63/10327	8,0	US$ 900,00	4-4 -63
63/13317	5,417215	US$ 900,00	10-5 -63
63/13320	2,582785	US$ 900,00	10-5 -63
63/21562	10,018081	US$ 540,00	5-[illegible] -63
63/21565	13,981919	US$ 540,00	5-6 -63
63/21566	2,5	US$ 1.500,00	?

BANCO DO BRASIL S. A.
Carteira de Comércio Exterior

Depois que o ministro Wilson Fadul foi para a imprensa e denunciou o superfaturamento que a Sidney Ross vinha fazendo com a importação da Cloroquina-base, a empresa publicou matéria paga nos jornais, dizendo que estava importando o material a 540 dólares, sem, porém, mencionar que, quando o assunto começou a ser ventilado, era importado a 2.400 dólares. Este documento da Cacex mostra as importações de cloroquina-base feita pela Sydney Ross desde janeiro de 61 até agosto de 63. Na última linha, vê-se que o preço subiu para 1.500 dólares. No lugar da data, um ponto de interrogação.

O interessante é que, em vez de importar a matéria-prima da matriz americana, a Sydney Ross poderia importar da Alemanha, onde o preço da Bayer era 70 dólares o quilo.

O mesmo acontecia com a importação do librium, da Roche, que chegava para nós a 1.140 dólares o quilo, enquanto na Itália a substância poderia ser adquirida por 68 dólares.

AO PÚBLICO

ESCLARECIMENTOS À MARGEM DA ENTREVISTA CONCEDIDA PELO MINISTRO DA SAÚDE, SÔBRE SUPERFATURAMENTO DE MATÉRIAS-PRIMAS FARMACÊUTICAS

O Exmo. Sr. Ministro da Saúde, Dr. Wilson Fadul, baseado
incorretas de interessados em desacreditar a indústria far
Congresso, as Autoridades e a Opinião Pública, cit
estariam superfaturando matérias-primas impo

Essa acusação não atinge apen
extensão, a tôda a indústria

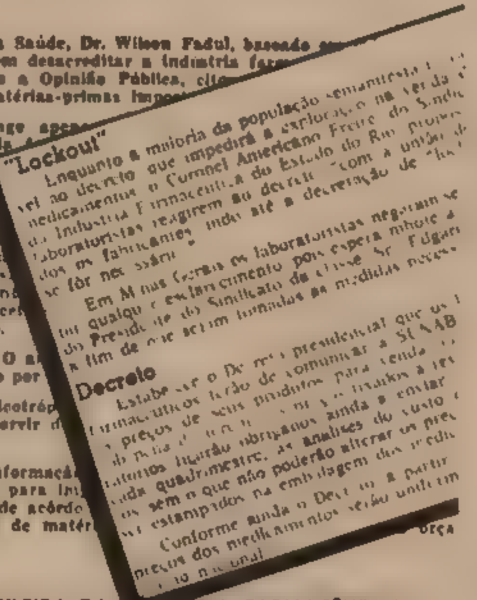
Os referidos laborató
mentos devidos, os quais
levar ao conhecimento pú

1 — CLOROQUINA-BA
mento na fabricação de pro
é de apenas 5 quilos mensal
a US$ 540,00 o quilo, com in
Nenhum outro fabricante ace
nado de US$ 70,00 por quilo.

2 — CLORANFENICOL. O a
ma citada, desde 1955, sendo por

3 — LIBRIUM Dêste psicotróp
cia original, não podendo servir d
droga de outra origem.

Finalmente, quanto à informaçã
visas 80 milhões de dólares para im
essa declaração porquanto, de acôrdo
ticas oficiais, a importação de matér
em tôrno de 20 milhões.



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA FARMACÊUTICA

Quando começou a briga Fadul x Sydney Ross, a Abifarma foi para os jornais defender, não só a Sydney Ross, como as outras multinacionais acusadas pelo ministro. Falou que a Sydney Ross importava a cloroquina-base a 540 cruzeiros o quilo, que o cloranfenicol não era importado desde 1955 e que o Librium chegava caro no país porque não existiam outros servidores.

Mas foi só a Cacex liberar os documentos, para a defesa da Abifarma cair no ridículo, pois estava facilmente comprovada que todas as acusações tinham fundamento. Só que o ministro não pôde usar os documentos a tempo. O golpe não deixou.

MATRIZ É QUE DÁ O PREÇO

Num documento datado de 14 de junho de 1961, assinado pelo subgerente de importação e pelo gerente da Cacex, são apresentados outros casos de superfaturamento na importação de matérias-primas.

"Do estudo aqui levado a efeito", dizem, "e de que resultou a já referida Informação SUIMP/SEPED-60/196 e outras, mais recentes (...), chegamos a conclusões que põem de manifesto a complexidade da questão, onde sobreleva o fato de um grupo de firmas estabelecidas no Brasil, justamente as afiliadas a grandes laboratórios no exterior, estar, de há muito, pagando preços elevadíssimos, muito acima da cotação média apurada, pelos produtos que recebem de suas matrizes ou organizações "holding"

O ítem 9 do documento diz que "no caso particular do Cloranfenicol, vemos que a Lepetit paulistana adquire por US 92,50 o produto que na própria Itália é vendido, por outros fabricantes, de US 54,56 a US$ 61,35 o quilo, ao passo que a Parke Davis deixa de adquirir o produto americano, de outras firmas, cotado a US$ 54,00/56,00 para recebê-lo de sua sede ou matriz por US$ 380,00."

No ítem 10, a gente fica sabendo que a Parke Davis importava Sulfametoxipiridazina a 101 dólares, quando este produto era cotado pela Cyanamid a 60 dólares e vendido na Itália a 17 dólares.

O ítem 11 mostra que a Ciba importava Estradiol Benzeoato por 33 dólares, podendo ter obtido na França por dois dólares. Tem, também a história da Efedrina, que era adquirida pela Bayer por 243 dólares enquanto era vendida pela Merck, também alemã, por 11 dólares, 22 vezes mais barato.

Em junho de 63, a Divisão de Pesquisas da Cacex mostrava mais casos de trambiques, envolvendo a Parke Davis e a Bayer, na importação de Difenillidantoína. Depois de dizer que "o superfaturamento praticado pela Parke Davis está constatado, uma vez que o produto vem sendo importado por preço 260% mais caro", a Divisão de Pesquisas termina sugerindo que se tome as providências cabíveis, tendo em conta de que as importações realizadas pelas duas firmas têm sido processadas de forma irregular"

dólares o quilo. E nós estávamos comprando (a Sidney estava exportando aqui pra filial) a 2.400 dólares. Quando eu publiquei esse episódio, começou a baixar o preço. De 2.400 passou pra 1.900; de 1.900 passou pra 1.500 e de 1.500 para 900 dólares. E a última, já em agosto de 63, tava chegando por 540 dólares o que ainda era um absurdo. Não era possível que o custo dessa matéria-prima, em um ano, tenha baixado de 2.400 dólares para 540.

A Associação Brasileira das Indústrias Farmacêuticas, que na ocasião se chamava ABIF e hoje é Abifarma — e que de brasileira só tinha o nome porque era representante de firmas estrangeiras e subserviente a esses interesses estrangeiros e, ao que consta, até hoje — veio a público, com um comunicado, afirmando que eu estava manipulando e me utilizando de dados pouco verazes. Mas isso foi para cobrir, no dia seguinte, uma outra onda de publicidade feita pela Sidney Ross, chamando a minha atenção para o problema. Foi aí que exigi uma carta do diretor da Cacex, me encaminhando oficialmente, um relatório sobre a importação de cloroquina-base.

Na ocasião, eu baixei um decreto, que é a base da petroquímica, mas ele foi modificado pelo governo, que manteve apenas alguns aspectos.

Qual governo, o atual?

É. No decreto eu proponho que o país se interesse pela instalação de uma indústria química, capaz de servir de base a uma indústria farmacêutica digna desse nome. E propunha uma série de incentivos fiscais e financeiros à indústria privada nacional, para que ela, não o Estado, implantasse no Brasil uma indústria química. E o artigo nono do decreto declarava que ficava proibida a transferência de divisas para o exterior, para cobertura de importações de matéria-prima para a indústria farmacêutica, 10% acima ou abaixo dos preços de concorrência internacional. Com isto eu pretendi ter resolvido o problema do superfaturamento nas importações de matéria-prima.

Um outro caso engraçado foi o da Roche, que procedeu de maneira um pouco mais correta: ela fabricava um produto chamado Librium que tinha aplicação na área de psiquiatria, e que era totalmente supérfluo, porque o mundo pode viver muito tempo mais sem Librium do que com Librium.

A Roche importava a matéria-prima do Librium a 1.140 dólares o kg e a Itália vendia por 70 dólares; ela importava portanto mais de 1000 por cento acima dos preços internacionais. Eu fiz, então, a Roche escrever uma carta na qual ela se declarava na impossibilidade de continuar a fabricar o produto porque só podia importar a matéria-prima da matriz que havia investido recursos em pesquisa e não sei mais que. Eu achei ótimo porque realmente não fazia falta nenhuma.

É, mais agora tem o Librintol que é a mesma fórmula com nome diferente, e da Roche também.

— Se o decreto tá sendo cumprido, se não foi revogado, eles não podem fazer superfaturamento: mas eles sempre arranjam meios de remeter clandestinamente o lucro. Porque isso é uma remessa fraudulenta de lucro.

No seu tempo você tinha conhecimento de alguma coisa relacionada a que as multinacionais testassem esses medicamentos sem conhecimento do ministério da [redacted]

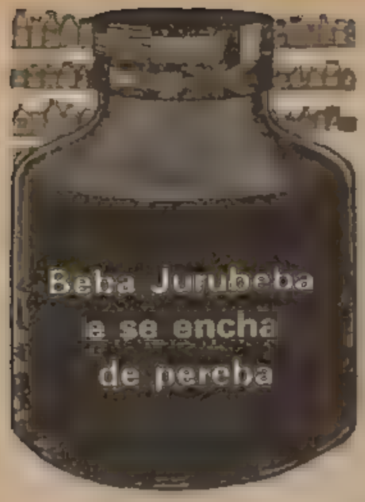
— Mas isso é evidente. Eu assumi em junho de 63 e fiquei até março de 64, nove ou dez meses, que deram pra ver muita coisa. Depois dessas denúncias eu tomei uma série de medidas quanto à comercialização: esse preço fixado nos remédios foi um decreto meu, e contra esse decreto se levantou o sindicato dos proprietários de farmácia, ameaçando o ministério com um lock-out (paralisação nos fornecimentos) de medicamentos, fechando as fábricas, se eu insistisse em manter este preço fixado na embalagem. Depois de 64 eles aceitaram o decreto e botaram o preço na embalagem. Mas, no meu tempo, eles não fixavam o preço assim à revelia não; eles tinham que acompanhar o preço com uma análise de custo, e eu não tava interessado na fixação imediata mas na chamada atualização de preços a partir de uma base que eles determinariam. Daí por diante haveria sempre um controle que estaria mais ou menos adequado ao processo inflacionário e eles se recusavam sistematicamente a isto porque atualmente eles não têm análise de custo nenhuma, eles levantam o preço como bem entendem e, mais do que isso: eles diminuem o número de drágeas num vidro pra dobrar o preço em um ano.

O senhor acha que o Brasil poderia ter um sistema semelhante à Itália em termos de medicamentos, quer dizer, ela não paga royalties às multinacionais...

— Acho e eu inclusive propus isso. Propus a denúncia dessas marcas e patentes que o país começar a fabricar. Eu propus ao Itamaraty (Ministério das Relações Exteriores) que ele denunciasse o tratado de Roma sobre cuja égide vivia toda essa indústria de marcas e patentes, e o Itamaraty estava estudando o assunto quando ocorreu o golpe de 64. Parece que depois houve modificações.

Como o senhor vê a propaganda de remédios nos meios de comunicação de massa?

— É, isso é engraçado, eu me lembro que isso me preocupou muito quando eu cheguei na Câmara e mandei um projeto de lei proibindo pura e simplesmente a propaganda de medicamentos, a não ser para médicos e hospitais. Simplesmente o projeto desapareceu da Câmara e até hoje eu nunca mais ouvi falar nele. Um dia lembrei do projeto e procurei, procurei e não encontrei, isso em 55 e 56. E agora essa é uma característica de toda sociedade de consumo que não zela pela saúde da população. Por exemplo, você vê como a televisão faz propaganda do álcool, do cigarro, da maneira que faz. O álcool, do ponto de vista da sociedade como um todo, é o mais maléfico de todas as drogas e o responsável por quase 80% das internações psiquiátricas. E essa droga, numa hora em que a Divisão Nacional de Saúde Mental (DINSAM) é tão ciosa de certas prerrogativas ao ponto de entrar em conflito com o sindicato dos médicos, faz essa brutal propaganda.



País tem que ter indústria química própria

Fotos Chiquito Chaves

Dr. Mário Victor, brigando com a máfia

Há 17 anos, o dr. Mário Victor de Assis Pacheco vem brigando com as multinacionais de remédios, que conseguiram, inclusive, afastá-lo do Exército. Como secretário da Associação Médica do Rio de Janeiro, já divulgou várias listas de medicamentos condenados no exterior. Já escreveu dois livros sobre indústria farmacêutica e, sempre que pode, sai denunciando a máfia dos remédios

Aqueles outros produtos que faziam concorrência aos produtos estrangeiros, europeus e norte-americanos, ela tirou de produção. Pois bem, o Jânio renunciou, depois veio o dr. João Goulart e ele entendeu por bem, de levar avante aquele inquérito. Aí, mandou desencaixotar tudo, aquelas conclusões todas, e alguém no governo do João Goulart apreciou o meu trabalho, meu depoimento. Então, eu fui convocado pelo governo da época para criar um grupo de estudos a respeito da indústria farmacêutica no Brasil. E uma das coisas mais importantes que nós julgamos foi saber qual o mínimo indispensável para tratar das doenças que acometem os brasileiros. Em seguida organizamos uma lista de medicamentos indispensáveis. De início, as matérias-primas seriam importadas do exterior, apenas para produzir esses remédios. Posteriormente, e desde 61 eu defendo essa idéia, criar indústria química de base brasileira, estatal. Integrei esse grupo executivo durante cerca de três ou quatro meses. Eis, porém, que vem o golpe militar de 1º de abril de 1964 e o grupo executivo morreu. Aí surgiram outros fatos, fui reformado pelo AI-2 e me afastei de toda e qualquer atividade oficial.

Por que o senhor foi reformado pelo AI-2?

— Fui reformado porque fui subversivo.

O senhor é subversivo?

— Devo ser porque até hoje não foi anulado esse ato. Agora, toda a minha subversão consiste na denúncia da ação das multinacionais, que antigamente se chamava trustes da indústria farmacêutica. Eu não vejo outro motivo, mesmo porque eu fui submetido a inquérito e aquela pessoa que deveria me acusar, o promotor, não vendo nem transgressão disciplinar no meu comportamento, mandou arquivar o inquérito. Mas isso é secundário, e o fato é que perdi aquela condição de oficial da ativa, mas não deixei de ser médico, e um médico não há possibilidade de cassarem. Com este resultado eu verifiquei que a coisa era muito mais grave do que eu supunha. As multinacionais não se contentam apenas em ludibriar, elas pretendem anular aqueles que as combatem. Retornando à vida civil em 64, eu consegui nessa campanha, dando entrevistas, publicando trabalhos, comparecendo a congressos médicos, congressos de estudantes, denunciar os fatos, publicando inclusive dois livros sobre a indústria farmacêutica: um em 68, "Indústria farmacêutica e segurança nacional", e o outro agora em 78, "A Máfia dos remédios". Mas o principal eles conseguiram: me afastar do Exército.

Atualmente quais são os laboratórios com capital genuinamente nacional?

— Olha, são de capitais brasileiros, laboratórios genuinamente nacionais, o Laboratório Químico Farmacêutico do Exército, o Laboratório das Forças Armadas, Laboratório da Aeronáutica, Laboratório da Força Pública de São Paulo, os laboratórios estaduais, esses são realmente nacionais. Há, talvez, uns quatro ou cinco laboratórios da empresa privada nacional. Outros são laboratórios sem qualquer expressão financeira. Agora, o que caracteriza hoje um laboratório nacional? Capital exclusivamente nacional e tecnologia nacional, que é imprescindível.

E o senhor acha possível o desenvolvimento de uma tecnologia nacional na indústria farmacêutica?

— Como acho possível? Há. Diversas autoridades têm afirmado que os técnicos brasileiros oriundos das escolas civis e dos institutos militares estão em condições de produzir todas as matérias-primas necessárias para produzir medicamentos. Tecnicamente e cientificamente eles podem fazer isso. O que não há é um parque industrial, ou uma indústria química de base para eles trabalharem.

Até que ponto o Ministério da Saúde está impotente ou conivente com as multinacionais?

— Eu não digo que o Ministério da Saúde seja conivente. Eu digo que a gente não pode se esquecer que, infelizmente, ainda somos um país subdesenvolvido e uma de suas características é ter as suas indústrias e seu comércio dominados por multinacionais, por potências estrangeiras. Esta é a situação. A indústria farmacêutica no Brasil é dominada pelo capital estrangeiro. A indústria química é totalmente estrangeira. Nessas condições, eles têm força bastante para obter aumentos de preços, fazendo pressões no CIP, para se esquivarem de punições graves. Em 68, eu propunha a nacionalização da indústria farmacêutica, na falta de um conhecimento mais profundo que esses 14 anos me deram. Mas a nacionalização de uma indústria estrangeira é uma medida violenta, considerada violenta pelos estrangeiros, que têm a força, e aos quais nós devemos alguns bilhões de dólares. Depois, analisando com detalhe, se eu hoje tivesse autoridade eu não nacionalizaria a indústria farmacêutica porque a grande maioria, quase totalidade, dos medicamentos que consumimos vêm do exterior. Todos, sem exceção têm seus estudos científicos e programação tecnológica feitos no exterior. Ora, o que eu proponho é que o governo crie a indústria química de base

Como começou a sua briga com as multinacionais de remédios?

— Eu tô nessa briga desde 1961. Resumindo a história, no governo do dr. Jânio Quadros houve a constituição, por orden do presidente, de uma comissão parlamentar de inquérito pra apurar uma série de irregularidades que ocorreram com a indústria farmacêutica, especialmente umas notícias muito vagas sobre a absorção de laboratórios brasileiros por estrangeiros. Foi encarregado do inquérito, um amigo meu, coronel-médico e farmacêutico. Nessa ocasião, eu era tenente-coronel médico do Exército e esse colega pediu meu auxílio porque a tarefa era muito espinhosa, muito difícil e como eu estudava muito esses problemas ele me pediu que eu o auxiliasse. Eu declarei que a maneira que eu tinha de auxiliar era ele me convocar pra depor.

— E realmente prestei o depoimento, denunciando manobras de superfaturamento nas compras de matéria-prima pelas empresas estrangeiras, a falta de capital de giro das empresas brasileiras, a falta de assistência do governo a essas empresas. Tudo isso resultava, em suma, na absorção das nossas empresas pelas empresas estrangeiras. Denunciei, também, o fato do monopólio total da importação de matérias-primas por empresas estrangeiras e que uma das maneiras que eles tinham pra levar as empresas farmacêuticas nacionais à falência era, justamente, sonegar a matéria-prima de modo que as empresas brasileiras não tinham, não podiam atender os pedidos para dar medicamentos porque eles sonegavam a matéria-prima. E na iminência da falência e concordata, o laboratório estrangeiro fazia uma boa proprosta e comprava.

Empresa estatal faz remédio mais barato

O Dr. Roched Abib Seba, diretor-científico do Instituto Vital Brasil e que vetou a fabricação do anticoncepcional "vital-Ciclo" por causa dos efeitos colaterais produzidos por esse medicamento, considera um absurdo o lucro no setor de saúde, uma das áreas onde as empresas mais lucram.

Quais os critérios que o Instituto Vital Brasil obedece para lançar seus medicamentos no mercado?

— Sendo o Instituto um órgão estatal, ele não visa lucros. Portanto, procura servir à população, de acordo com as suas possibilidades. Por isso, dá preferência aos medicamentos mais baratos e que condizem mais com a realidade brasileira. Procura atingir as camadas mais pobres da população, e por isso usa embalagens mais simples, e medicamentos mais puros, visto que as misturas muitas vezes encarecem o remédio e tornam difícil a interpretação de seus efeitos tóxicos. Devido ao estudo que faz das necessidades da população, lança poucos medicamentos no mercado — uma média de um ou dois por ano — sendo que grande parte de sua produção consiste em soros e vacinas, isto é, medicamentos de caráter preventivo e não curativo.

O que o Código de Ética da Abifarma tem de fajuto, tem de desrespeitado. Na publicidade, vale tudo.

PROPAGANDA FAZ TODO MUNDO SE DROGAR

> A Associação Brasileira da Indústria Farmacêutica – ABIFARMA estabelece este Código Voluntário de Ética Publicitária, a fim de orientar a indústria farmacêutica do Brasil em suas práticas de promoção e comercialização de medicamentos. O desenvolvimento deste Código foi baseado em muitos anos de experiência da ABIFARMA como órgão de classe da indústria farmacêutica brasileira e em consultas a numerosos códigos semelhantes quer de entidades co-irmãs de outros países quer de órgãos internacionais. A ABIFARMA entende, também, que este Código coincide com a posição do Governo a favor da auto-regulamentação da propaganda.

O Código de Ética da Abifarma diz que "a publicidade de medicamentos populares não deverá ser feita de molde a sugerir cura ou prevenção de qualquer doença séria que exija tratamento sob supervisão médica".

Diz também que "testemunhos usados na publicidade de medicamentos populares só poderão advir de reais consumidores do produto e com a permissão destes por escrito. Os testemunhos poderão ser opiniões, mas só ligadas a experiências de uso do produto"

Para não nos perdermos em divagações maiores, basta citar o exemplo do Atalaia Jurubeba, que desrespeita descaradamente a tal da ética. De vez em quando aparece um cara na televisão dizendo que já tomou uma porção de remédios para o fígado, mas o que adiantou mesmo foi o Atalaia. Em seguida, sai falando sobre as propriedades terapêuticas do remédio.

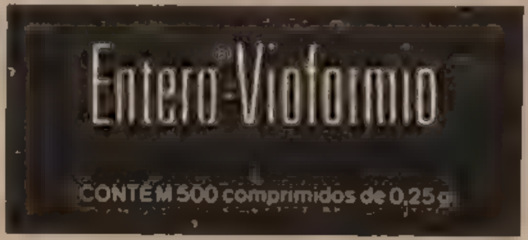
Para as multinacionais dos remédios, a propaganda tem uma grande importância na venda de seus produtos no Brasil, embora o que se vê na imprensa "leiga" ou televisão não chegue a indicar o que se gasta realmente. Através dos propagandistas, os laboratórios trabalham junto ao médico e, se for preciso, pagam diretamente altas quantias para que receitem determinados remédios. Depois dos médicos, atacam os donos de farmácias e balconistas, que também recebem o seu para empurrar remédios.

Segundo o **Jornal do Sindicato dos Médicos de São Paulo**, "a propaganda maciça no Brasil, visando tanto o médico quanto a população, é tão importante para a indústria farmacêutica que consome 40% de sua verba"

É claro que essa propaganda desenfreada faz com que o brasileiro saia por aí se empanturrando de remédios, na maioria das vezes sem precisar. Para se ter uma idéia, existem no Brasil 30 mil especialidades farmacêuticas, enquanto na Suécia não chegam a quatro mil.

"O mais catastrófico", diz o Sindicato de São Paulo, é ver a população consumindo remédios ineficientes ou toxicantes já acusada por organizações internacionais, como é o caso da Food and Drug Administration (Administração de Alimentos e Drogas), dos Estados Unidos. Em 1971, a FDA disse que, de 2.752 medicamentos testados, apenas 41,7 funcionavam de acordo com a bula e 19,1% eram totalmente ineficientes".

"Se isso ocorre nos Estados Unidos", continua, "que dizer do Brasil, onde o Sistema Nacional de Fiscalização da Medicina e Farmácia existe mais como figura decorativa. Com orçamento insignificante e número de funcionários mais insignificante ainda, sua única saída é aprovar medicamentos, baseado quase que exclusivamente nos dados fornecidos pela própria indústria que está lançando o produto".



Há alguns anos, a propaganda na televisão dizia que "Se o reizinho vai demais ao troninho, En-te-ro-vi-o-fór-mio". Hoje, cuidado: se o reizinho for demais ao troninho e tomar Entero-viofórmio, pode ficar cego.

A saúde que se dane. O negócio é faturar muito

Está claro que a função básica do laboratório particular é ganhar dinheiro, muito dinheiro. A saúde das pessoas pode ficar em segundo lugar, principalmente num país onde não existe o mínimo controle sobre os remédios que estão no mercado, mesmo que alguns desses remédios tenham sido proibidos ou condenados em outros países

É o caso do antidiarréico Entero-Viofórmio, que ataca o sistema nervoso central e a visão. O remédio foi proibido no Japão, onde provocou 30 mil casos da doença conhecida por **Smon**, – atrofia ótica subaguda – além de numerosos casos de cegueira permanente.

Em seu livro "A Máfia dos Remédios", o dr. Mário Victor diz que "o Entero-Viofórmio, da empresa suíça Ciba, foi banido do Japão em 1970 e retirado do comércio nos Estados Unidos, em 1972 por pressão da Food and Drug Administration junto ao produtor suíço. Logo em seguida, também a Suécia e a Noruega proibiram o consumo da droga"

No Brasil, o remédio continua sendo vendido sem problemas, da mesma maneira que são vendidos os analgésicos que contêm Dipirona (Novalgina, Conmel, Dorflex e Beserol), uma substância que pode causar alterações na composição do sangue, pode diminuir o número de glóbulos brancos do sangue, pode produzir anemia, edemas, tremores e insuficiência renal aguda. A Dipirona não deve ser usada em pessoas com glaucoma, hipertrofia da próstata, esclerose de colo vesical, miastemia grave, e nos três primeiros meses de gravidez. Mas qualquer um dos remédios que têm Dipirona são vendidos em envelopes de quatro comprimidos, sem qualquer aviso de contra-indicação. Nem a Hoechst, que vende a Novalgina líquida, acompanhada de bula, faz qualquer referência maior às contra-indicações

Mas é na superdosagem das vitaminas que se vê claramente a jogada do lucro, com os fabricantes usando certos artifícios psicológicos para enganar os consumidores.

"No custo de produção das vitaminas sintetizadas pela indústria farmacêutica", diz o dr. Mário Victor, "a matéria prima não é o elemento de maior peso, já que as variações de doses são em miligramas e microgramas. Os estudos científicos e a tecnologia conseqüente para a produção, embalagem, transporte, despesas de publicidade, impostos, salários altos de administradores e outros empregados, são elementos do custo de produção iguais, tenha a vitamina sintética 10 ou mil miligramas; mas o leigo aceita naturalmente pagar muito mais caro por vitamina com um ou dois gramas do que por outra com 20 miligramas. Até pessoas de instrução superior supõem erradamente que ficarão curadas mais depressa graças ao consumo de dosagens mais fortes de vitaminas, o que justificaria a maior despesa"

Onde mais se vê esse tipo de abuso é na superdosagem da vitamina C, vendida em doses de até dois gramas, um absurdo se considerarmos que a dose terapêutica está entre 80 e 120 miligramas. E cada vez que uma pessoa ingere dois gramas de vitamina C está obrigando a vários órgãos do organismo, principalmente os rins, trabalharem mais do que o normal

Em 1970, a Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo fez uma pesquisa e divulgou um documento, onde dizia que "a maioria dos complexos vitamínicos à venda no Brasil possui doses de vitaminas A e D, 10 a 15 vezes maiores que as suportáveis pelo organismo humano e seu uso diário pode provocar hipervitaminoses com conseqüências irreversíveis, entre elas o aumento da pressão craniana, descalcificação óssea e malformações congênitas. Dos 43 complexos vitamínicos mais vendidos no Brasil nenhum apresenta dosagem correta".

Reportagem de Chico Júnior, Luiz Alberto Bettencourt e Vera Lúcia Dias

PRESENTE DO **REPORTER**

"FIGURINHAS" PARA VOCÊ COLORIR

Quirido Papai Noel:

Deus pague o senhor pelo trenzinho que eu ganhei neste natal, era justo o que eu queria. Agora quero continuar roubando todo mundo pro senhor me dar uma ferrovia no ano que vem.

Paulinho Maluf

Pro senhor vê como eu sou um bom generalzinho, peguei aquele compensado de pinho qui o senhor mi deu e fiz uma espadinha e uma forca pra acabar com os comunista. Será qui ano que vem o senhor mi dá uma gilhotina elétrica da Istrela, ein papai noel?

Ednardo 4 Estrelas

Papai noel, meu querido, eu num pensava que o senhor pudesse me dar de presente o cavalinho, meu livrinho preferido e mais o do Pinóquio. Juro pro senhor que já tava satisfeito com aquele palacinho na capital.

Nada
Joãozinho V. Franco

Muito legal a garrafinha de fazer fumaça que o senhor deu pra mim, papai noel, gostei muito, muito mesmo. Juntei todos meus amiguinhos e nóis vamos brincar até o natal que vem com ela. Muito obrigado.

Mário Henriquinho

Eu sou muito bonzinho e não gosto de falar mal dos outros, papai noel, mas o senhor me deu uma metranca que não atira e eu pedi mesmo um camburão de pilha, uma maquininha de dá choque e aquele soco inglês pintado de azul que tem na televisão.

Serginho Fleury

Gostei dimais dos bonequinhos novos, papai noel, mas eu já tinha um montão na minha coleção. Só foi bom mesmo porque eu vou poder fazer uma cidade inteira só pro senhor ver que eu não tô com raiva.

Chaguinhas Freitas d'O Dia

Fiquei muito feliz com a torre Eiffel que eu ganhei. Si fosse torre de petróleo eu ia gostar mais du que aquelas férias que o senhor mi deu em Paris ano passado. Eu trouxe lembrancinha di montão, lembra, papai noel?

Delfinzinho 6 Porcento

Puxa, papai noel, estou muito triste porque o senhor só não entrou na minha casa. Só por que eu falei *aquilo tudo* pra *todo mundo*, papai noel? Isso não era motivo pru senhor me deixar na mão. Mas agora eu só calo a boca se o senhor me der logo aquela outra estrelinha.

Deram sumiço no processo contra Silvio Santos

AGENTE FISCAL DESCOBRIU OS TRAMBIQUES DO BAÚ — EMPRESAS DE SILVIO SANTOS PODERIAM FECHAR — MUITA GENTE ENVOLVIDA — DINHEIRO CORREU SOLTO — QUATRO ANOS DEPOIS, COMISSÃO DE SINDICÂNCIA NÃO CONCLUIU NADA — E CADÊ O PROCESSO?

No segundo semestre de 1974 correu um certo zum-zum nos meios fazendários de Nova Iguaçu sobre o desaparecimento de um Processo Tributário Administrativo contra a firma B.F. Utilidades Domésticas (Baú da Felicidade), de propriedade de Senor Abravanel, mais conhecido como Silvio Santos Hoje, conversando aqui e ali com alguns funcionários da 3ª Região Administrativa da Diretoria Regional da Fazenda Estadual, em Nova Iguaçu, sabe-se que "a coisa foi alta, correu muita grana, deu inquérito e sindicância". Mas a verdade é que, apesar de inquéritos e sindicâncias, o processo desapareceu

Mas quem for procurar o processo número 5 987/74 vai encontrar um simples auto de crime de sonegação fiscal de ICM, devidamente arquivado em 25 de julho de 1974. É que, com o desaparecimento do original, um outro teria que ser colocado no lugar, com o mesmo número. E assim foi feito

A história começou no dia 20 de maio do mesmo ano, quando os agente fiscais Yran Luis da Silva Soares e Fernando Bravo Ururahy abriram oficialmente um Processo Tributário Administrativo, onde promoviam uma verdadeira devassa na BF Utilidades Domésticas e Lojas Tamacavy (nome fantasia da BF), ambas de Nova Iguaçu. Se as investigações prosseguissem e fossem até o fim, tudo que restaria ao Ministério da Fazenda seria a cassação da concessão que permite Silvio Santos operar no ramo da venda de carnês, tantas eram as acusacões provadas, principalmente, pelo agente Yran. Isso, no mínimo. O máximo poderia ser a prisão pura e simples do cidadão Senor Abravanel por agiotagem, enriquecimento ilícito e apropriação indébita, de acordo as conclusões a que chegou o agente Yran, mas que, por não poder assinar sozinho o processo, contou com o aval de Fernando Ururahy

No processo original, que ficou sendo conhecido como "Processo da Dualidade de Preços", Yran conta que foi procurado por um cliente, portador de 10 carnês do Baú da Felicidade, que solicitava informações sobre divergências de preços das mercadorias vendidas nas duas lojas da empresa, ambas localizadas no município de Nova Iguaçu

Embora a Tamacavy fosse um nome fantasia da BF e, portanto, sob a mesma razão social, ela não negociava com carnês. Foi criada para concorrer no mercado com as outras grandes lojas de aparelhos eletro-domésticos, enquanto a BF ficava como posto de trocas de carnês, onde os clientes trocavam as mercadorias por preços muito mais elevados dos que os da Tamacavy

"Fiquei estarrecido ao comprovar a diferença de preços entre a outra loja", diz Yran no processo, para, logo em seguida, apresentar o caso de uma garrafa térmica (código 143 627) que tinha preço de troca por carnê em Cr$77,50 enquanto a mesma mercadoria custava Cr$14,50 na Tamacavy.

Yran dizia, ainda, que o carnê é controlado por Lei Federal nº. 5.768/71, aprovada e regulamentada pelo presidente da República, que determina, entre outras coisas, que as mercadorias devem ser trocadas a preço corrente e vigente na praça e com base no preço de venda. Fazendo o que estava fazendo, a conclusão do agente era de que Silvio Santos estava simplesmente lesando a lei.

Depois de acusar Silvio Santos de agiotagém, enriquecimento ilícito e apropriação indébita, Yran citava o Art. 159, Título II, do Código

Civil, que diz o seguinte: "Aquele que, por ação ou omissão involuntária, negligência ou imprudência, violar direito ou causar prejuízo a outrem, fica obrigado a reparar o dano".

Citava, também, o artigo 174 do Código Penal: Induzimento à especulação ("Abusar, em proveito próprio ou alheio, de inexperiência ou da simplicidade ou inferioridade mental de outrem, induzindo-o à prática de jogo ou aposta ou à especulação com título ou mercadorias, sabendo ou devendo saber que a operação é ruinosa")

Os fatos apurados por Yran e discriminados no processo foram os seguintes:

1. Diferença exorbitante no preço da mercadoria vendida pelas lojas Tamacavy, com relação ao sistema de vendas à vista e a crédito

2. Não aplicação da correção monetária (ORTN) — como manda a lei — na troca dos carnês.

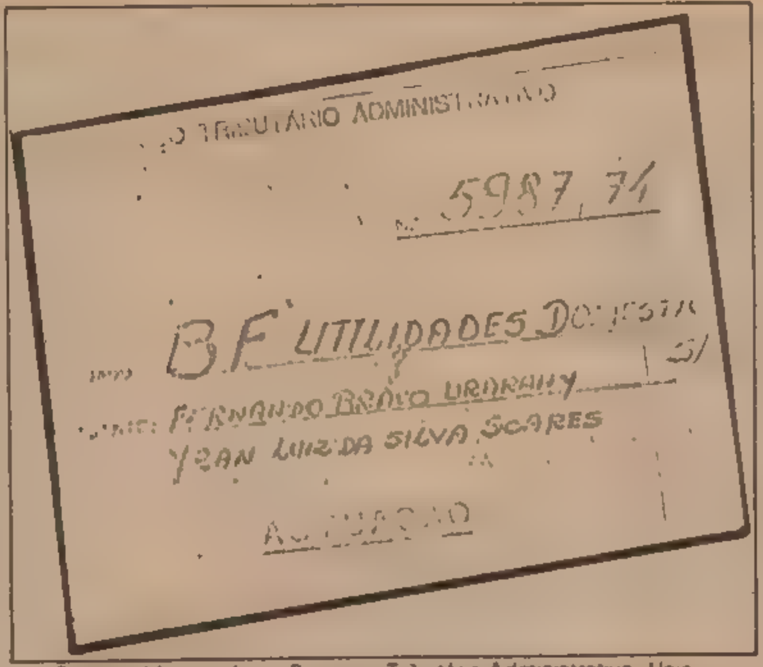
3. Vigência de três modalidades de preços em duas tabelas quanto aos mesmos produtos (mesmos códigos), na empresa cuja razão social é B.F. Utilidades Domésticas S.A.

4. Comprovação junto à financeira pertencente ao mesmo grupo (Baú Financeira) quanto à diferença de preços de mercadorias cujos preços bases são majorados nas vendas a crédito. Segundo Yran, a BF tinha três preços para as mercadorias: preço para venda à vista, preço para venda a prazo e preço para a troca de carnês.

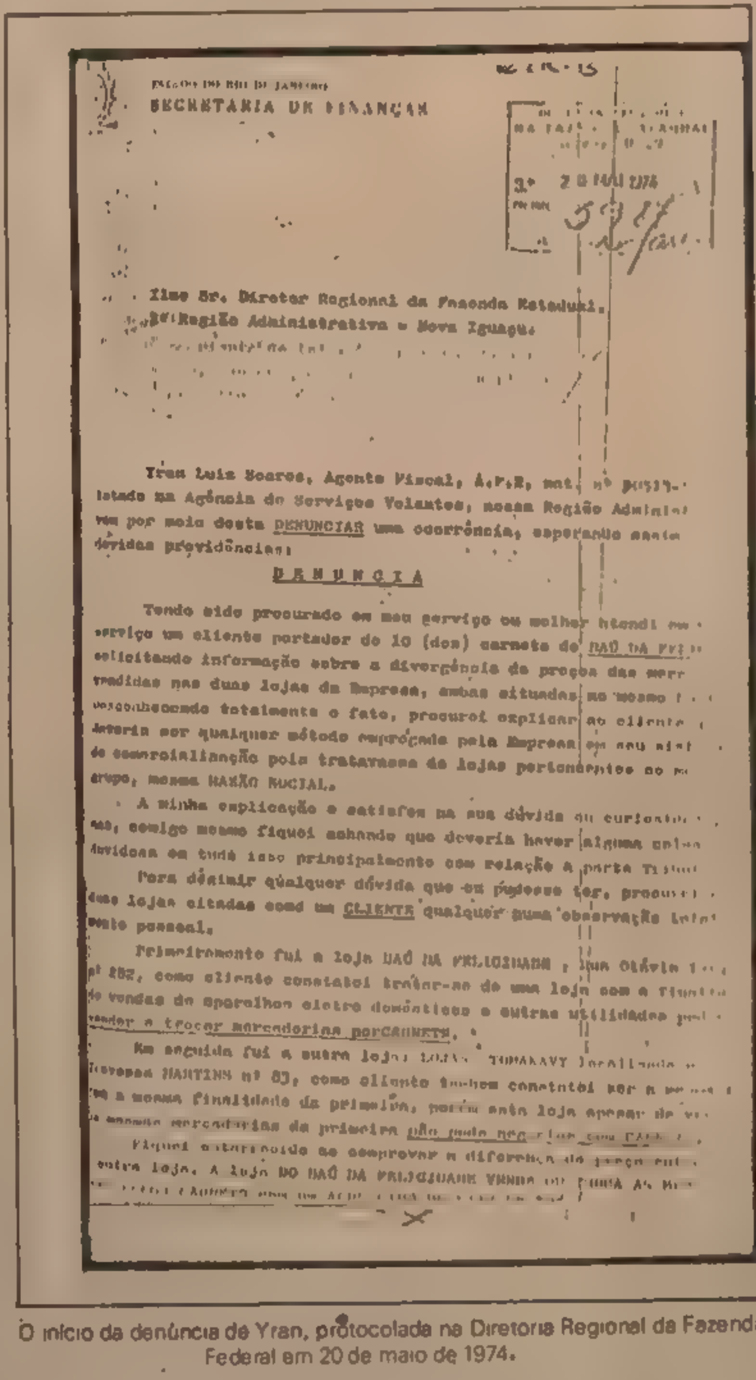
Para fazer tais acusações, Yran trabalhou algum tempo e apreendeu várias notas fiscais, nas quais constatava a dualidades de preços para um mesmo produto. Do quadro demonstrativo anexo ao processo tiramos alguns exemplos. :

Segundo a nota fiscal nº 14917 a mercadoria de código 324054 foi vendida no dia 5 de dezembro por Cr$ 114,00. Mas no dia 21/12, outro aparelho idêntico, com o mesmo código, foi vendido por Cr$ 79,00, de acordo com a nota fiscal apreendida nº 10133. A mesma coisa aconteceu com o produto sob o código 324116, vendida num dia por Cr$322,50 e dois dias depois por Cr$196,00. Outra que custava Cr$76,00 (nota fiscal 10117 de 20/12) também custava Cr$114,50 (nota fiscal 15522 de 18/12).

Mas acontece que o processo que denunciava essas e outras coisas e que, fatalmente, deixaria Silvio Santos em péssima situação junto ao Ministério da



O original é esse aí, um Processo Tributário Administrativo. Hoje, o que existe em Nova Iguaçu é de ICM



SECRETARIA DE FINANÇAS

3ª 20 MAI 1974 5987

Ilmo Sr. Diretor Regional da Fazenda Estadual.
3ª Região Administrativa - Nova Iguaçu.

Yran Luiz Soares, Agente Fiscal, A.F.R, mat. nº [illegible] lotado na Agência de Serviços Volantes, nessa Região Adminis[trativa] vem por meio desta DENUNCIAR uma ocorrência, esperando as devidas providências:

DENUNCIA

Tendo sido procurado em meu serviço ou melhor atendi em serviço um cliente portador de 10 (dez) carnets de BAÚ DA FELICIDADE solicitando informação sobre a divergência de preços das mercadorias vendidas nas duas lojas da Empresa, ambas situadas no mesmo [illegible] desconhecendo totalmente o fato, procurei explicar ao cliente [illegible] deveria ser qualquer método empregado pela Empresa em seu sistema de comercialização pois tratavam-se de lojas pertencentes ao mesmo grupo, mesma RAZÃO SOCIAL.

A minha explicação o satisfez na sua dúvida ou curiosidade, comigo mesmo fiquei achando que deveria haver alguma coisa duvidosa em tudo isso principalmente com relação a parte [illegible]

Para dirimir qualquer dúvida que eu pudesse ter, procurei [illegible] duas lojas citadas como um CLIENTE qualquer numa observação [illegible] mente pessoal.

Primeiramente fui a loja BAÚ DA FELICIDADE, [illegible] nº 282, como cliente constatei tratar-se de uma loja com a finalidade de vendas de aparelhos eletro domésticos e outras utilidades para vender e trocar mercadorias por CARNETS.

Em seguida fui a outra loja: LOJAS TAMACAVY localizada [illegible] Travessa MARTINS nº 83, como cliente também constatei ser a mesma [illegible] com a mesma finalidade da primeira, porém esta loja apesar de [illegible] mesmas mercadorias da primeira não pode negociar com CARNETS.

Fiquei estarrecido ao comprovar a diferença de preço entre [illegible] outra loja. A loja DO BAÚ DA FELICIDADE VENDE [illegible]

O início da denúncia de Yran, protocolada na Diretoria Regional da Fazenda Federal em 20 de maio de 1974.

Fazenda, simplesmente sumiu de Nova Iguaçu.

E como é que esse processo desapareceu da Diretoria Regional da Fazenda Estadual de Nova Iguaçu? Seria uma ótima pergunta a ser feita a vários fiscais e ao Diretor Regional na época, senhor Manoel Lucas de Souza Júnior. Pena que um dos envolvidos, e talvez o principal deles, já tenha morrido: Antônio Rezende Martins. Era o sub-diretor.

Se bem que alguma tentativa de apurar irregularidades naquela repartição já foi feita, a pedido do Inspetor Regional, José Bernardes, que através da Portaria 117/75 mandou instaurar um inquérito administrativo. Só que até hoje ainda não se sabe, pelo menos oficialmente, quem sumiu com o processo. E muito menos a que conclusões chegou a Comissão de Sindicância sobre os trambiques que aconteciam em Nova Iguaçu. O fato é que o inquérito ainda está correndo, há quatro anos, e os envolvidos ainda estão por aí.

Mas se soube de muita coisa, como as acusações feitas pela denúncia do agente fiscal Fernando Augusto Pereira Nunes, um dos depoentes na Comissão de Sindicância. Em seu depoimento, feito de forma sigilosa no dia 13 de novembro de 1975, em sua casa, no bairro carioca de Copacabana, Fernando Augusto, envolvido numa transa de guias de recolhimentos frias, disse que resolveu abrir a boca a partir do momento em que recebeu "diversas ameaças anônimas contra a sua pessoa e de seus familiares, caso fosse depor na Comissão de Inquérito". Por esse motivo, "temendo ser morto para não falar o que sabe", resolveu prestar a denúncia sigilosa.

Fernando Augusto começa denunciando a existência de uma "caixinha" no Serviço Volante da Inspetoria de Nova Iguaçu e que, várias vezes, "já conversara com o inspetor (N.R. o mesmo que mandou iniciar as sindicâncias) e relatara diversas irregularidades que ocorriam em Nova Iguaçu, sem que o inspetor tivesse tomado qualquer iniciativa, dizendo ao denunciante que o passado era passado".

Segundo a denúncia, a "caixinha" era dirigida pelo agente fiscal Renato Marcelo Elias Jorge, que dividia o dinheiro "arrecadado" entre os seguintes servidores: o próprio Fernando Augusto; Jesus Mariano dos Passos; Manoel Lucas de Souza Júnior, antigo Diretor Regional; Jadir Martins; Almir Fernandes; Washington Leonardo Bhering; Henrique Borges Neto; Roberto Carlos; Jorge Chambarelli e Alberto Jardim.

Fernando dizia, ainda, que uma das finalidades dessa caixinha era para pagamentos das despesas da campanha eleitoral dos deputados Jorge David e Jorge Lima.

Mas o mais interessante dessa denúncia, e o que nos interessa no momento, é a parte referente ao Baú da Felicidade e que vale a pena ser transcrita.

Fernando Augusto disse que "os fiscais de ronda Fernando Bravo Ururahy, Décio Pereira Machado e o agente fiscal Yran Luis Soares, atendendo uma denúncia de um funcionário da empresa Silvio Santos, compareceram à loja daquela empresa, sito em Nova Iguaçu para, com o suposto intuito de fiscalizar, se apoderarem de carnês frios do Baú da Felicidade, tanto é que a transferência do local da loja da empresa estava irregular e nada foi feito, que para esta diligência o agente fiscal Yran recebeu uma autorização especial do senhor Lucas para poder fiscalizar, pois ele quem recebera a denúncia vindo posteriormente a ser o principal beneficiado da gratificação que o senhor Silvio Santos deu para ser dividida por Manoel Lucas de Souza Júnior, Jadir Martins, Fernando Bravo Ururahy, Décio Pereira Machado, Antônio Rezende Martins e o próprio Iran"

Bem, segundo Fernando Augusto, a quantia dada por Silvio Santos para reaver os carnês frios foi de Cr$ 1 milhão 500 mil, de acordo com o que teria dito Yran para o denunciante e para Renato. Mas no depoimento, Fernando diz ainda que Jadir Martins declarou ser de Cr$ 600 mil.

Na denúncia consta que o "senhor Silvio Santos esteve pessoalmente em Nova Iguaçu três vezes e uma vez em casa de Yran, onde foi fechada a transação". E que em uma das vezes "o senhor Silvio Santos almoçou com o falecido fiscal de rendas Antônio Rezende Martins e Yran Luiz Soares num restaurante da Rio-São Paulo".

Fernando Augusto passou perto, mas andou cometendo alguns deslizes. Primeiro: o dinheiro saído dos cofres do Baú não foram para a recuperação de carnês frios. Lembrem-se que sumiu um processo da Inspetoria Regional e que o mais certo seria a utilização da grana para fazer desaparecer este processo. Segundo: a importância, segundo corre à boca pequena, foi de Cr$ 750 mil. Terceiro: Yran, de quem partiu a denúncia inicial contra Silvio Santos, teria sido o grande bode expiatório dessa trama toda, e, ao que tudo indica, jamais viu a cor do dinheiro.

O fato é que até hoje não foi feito nada de concreto. No momento, o que a Comissão Sindicância pode fazer é tentar descobrir como e por que sumiu o processo 5.987/74 e como que o outro de ICM foi parar em seu lugar. E é bom andar rápido, antes que esse suma também.

Outra providência seria saber que fim levou a investigação feita a partir da Ordem de Serviço 574/75, da Polícia Federal, que apurava denúncias contra o Grupo Silvio Santos. Na época, vários elementos ligados a Silvio Santos foram ouvidos, todos "para prestar declarações no interesse da Justiça".

Chico Júnior

ESTADO DO RIO DE JANEIRO
SECRETARIA DE FINANÇAS

QUADRO DEMONSTRATIVO
DIFERENÇA DE PREÇOS

CÓDIGO Nº	TROCAS CARNETS Nº N.F.	SÉRIE	DATA	VALOR	VENDAS A CONSUMIDOR Nº N.F.	SÉRIE	DATA	VALOR
324054	14917	D.1	05/12	11[illegible]	10133	D.2	21/12	[illegible]
308599	15030	D.1	10/12	456,50	2525	D.9	18/1[illegible]	[illegible]
372049	15034	D.1	11/12	278,00	5629	D.3	[illegible]	[illegible]
36.841	15046	D.1	12/12	425,00	10095	D.2	17/12	[illegible]
[illegible]	15388	D.1	15/12	2[illegible],50	100[illegible]5	D.2	[illegible]/12	[illegible]
[illegible]	15413	D.1	14/12	268,00	5733	D.3	[illegible]	[illegible]
[illegible]	15711	D.1	18/12	1039,00	1058	C.1	[illegible]/12	[illegible]
465.50	15711	D.1	18/12	340,00	1048	C.1	18/12	[illegible]
308620	14395	D.1	03/12	438,00	[illegible]	D.9	21/1[illegible]	[illegible]
323201	15195	D.1	14/12	72,50	10080	D.2	11/12	[illegible]
383051	15[illegible]	D.1	13/12	120,00	10069	D.2	07/12	[illegible]
125300	15843	D.1	20/12	545,00	5727	D.3	20/12	459,00
324115	15757	D.1	18/12	322,50	10116	D.2	20/12	196,00
143627	15764	D.1	18/12	77,70	10073	D.2	12/12	14,50
[illegible]	15[illegible]	D.1	18/12	[illegible]	10117	[illegible]	[illegible]	[illegible]
[illegible]	1561[illegible]	D.1	10/12	204,50	5739	D.3	20/[illegible]	[illegible]

No quadro demonstrativo, que Yran anexou ao processo, a diferença de preços entre trocas de carnês e vendas diretas a consumidor são evidentes. Foram apreendidas várias notas fiscais, onde se via que as mesmas mercadorias (mesmos códigos) tinham mais de um preço. Em alguns casos as diferenças são absurdas.

[illegible] SECRETARIA DE FINANÇAS

Solicito a V. S. [illegible] comunicar ao [illegible] Serviço [illegible] informe [illegible] realizado [illegible]. Acredito que o SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES [illegible] no resultado geral, o qual tenho todo interesse que seja [illegible] que eu esteja totalmente errado com [illegible] de escrever e analisar. Minha consciência obriga-me a [illegible].

Sem mais,
Atenciosamente,

Nova Iguaçu, 20 de Maio de 1974

Yran [illegible]

Na última página da primeira parte do processo, Yran acreditava que o Serviço Nacional de Informação deveria ter "o máximo interesse no resultado geral." Enganou-se, pois se isso acontecesse, o SNI, inevitavelmente, chegaria a pessoas muito importantes.

Este "Memorando Interno" foi remetido por Jacob Koumujhian, ex-gerente geral do Rio de Janeiro da BF Utilidade Domésticas, para o ex-presidente da empresa, Washington Alves de Souza. Nele, o funcionário do Rio informava que existia uma loja do INPS para alugar, na avenida Nossa Senhora de Copacabana. Para que a loja caisse nas mãos do grupo Silvio Santos, tudo que deveria ser feito era cobrir o valor do aluguel (já existiam propostas de Cr$ 25 mil) e soltar por fora a importância de Cr$ 150 mil.

Como o local acabou sendo uma das lojas Tamacavy, alguém do INPS botou a mão nos Cr$ 150 mil.

MEMORANDO INTERNO

3.a Via Arquivo do Emitente | ARQUIVO | Nº DE 10[illegible]

PARA: SUPERINTENDÊNCIA/WASHINGTON

DE 11.03.000.040/ GER. REGIONAL

ASSUNTO: Estamos apresentando à V.Sa., Edital de Publicação, com referência à uma Loja sita Av. Nossa Senhora de Copacabana, com área de 800 m² entre loja e sub-solo de propriedade do INPS, que foi lançado por Edital para locação, cuja locação, deverá ser apresentada por Proposta até dia 8/06/73.

A base mínima do aluguel é de Cr$ 21.251,00 mensais, sendo que, através do Sr. Alberto Sidi, que nos foi apresentado essa Loja e que mantem um certo [illegible] dentro do INPS, informou que já possuem propostas na faixa de Cr$ 25.000,00, e que se ouver/ interesse, deveríamos apresentar Carta Proposta cobrindo êsse valor, êle garanteria a realização da Locação.

Para êsse fim, nos custaria o valor de Cr$ 150.000,00 / por Prestação de Serviços.

NOTA: O prazo para entrega da Carta Proposta termina / no dia 8/06/73, às 14 horas.

Junto à presente, cópia do Edital.

No aguardo do seu pronunciamento, subscrevemo-nos com / apreço.

Atenciosamente.

ASSINATURA [illegible] DATA 5/ [illegible] /[illegible]

[illegible] RIO DE JANEIRO
SECRETARIA DE FINANÇAS

FATOS APURADOS

I - De imediato, ao recebimento da Ordem de Serviço [illegible] teria, iniciamos a ação fiscal. Primeiramente fomos à [illegible] BAU DA FELICIDADE onde fizemos apreensão dos TALONÁRIOS [illegible] tomamos a termo declaração do Gerente que inclusive [illegible] prestou a TABELA DE PREÇOS da sua loja. Concluindo, [illegible] o Termo de Intimação. Em seguida fomos para a LOJA TAMA[illegible] onde fizemos a mesma coisa: apreensão dos talonários, [illegible] mo de declaração do gerente que nos emprestou a tabela de preços para as mercadorias a serem vendidas em sua loja. Na Loja TAMAKAVY de imediato foi constatada a primeira irregularidade: I.C.M. (auto anexo).

A segunda irregularidade foi chocante: as lojas T[illegible] estavam com preços promocionais (anexo anúncio de Jornal). O estranho, e estarrecedor é que os portadores de carnets não podiam trocar os carnets por estas mercadorias. Os portadores de carnets, segundo apuramos, não têm direito a qualquer vantagem. Pelo contrário, só desvantagens: trocar as suas parcas economias por mercadorias mais caras na loja do Baú da Felicidade. (Anexo Xerox das Notas Fiscais das duas firmas confrontando preços). As duas lojas possuem a mesma razão social. Para diminuir o volume de documentos apresentamos relação de vendas das mercadorias das duas lojas, tomando por base o código de mercadorias que é o mesmo, variando somente o preço.

Sr. Diretor: antes de entrarmos no mérito da lei 5768/, lembraremos o Código Civil e o Código Penal.

Código Civil: Título II - art. 159 - "Aquele que, por ação ou omissão voluntária, negligência ou imprudência violar direito, ou causar prejuízo a outrem, fica obrigado a reparar o dano."

Código Penal: INDUZIMENTO À ESPECULAÇÃO - Art. 174 : "[illegible] de inexperiência [illegible]"

O QUE QUE A GENTE FAZ COM ELE?

ZARUR ESTAVA NA JOGADA

Esconderam a menina que morreu de fome na creche

Casa de caridade só queria grana — Bebê morreu por falta de comida — Alziro Zarur tirou o time de campo na hora H — Tentaram até incendiar o prédio — Arapuca fechada pelo Juizado

Vários artifícios foram usados para que o nome da Legião da Boa Vontade não fosse envolvido na morte da menor Patrícia Silva Couto, de 8 meses, morta no dia 27 de agosto, com pneumonia aguda, na Casa de Caridade de São Francisco de Assis (Rua Saravatá, 363, Marechal Hermes). Neste local, Alziro Zarur se concentrava para pregar o evangelho e participar do lucro dos donativos, juntamente com o diretor da Casa, Luiz Felipe Portes de Campos.

A morte de Patrícia, que estava há 19 dias na creche, só chegou ao conhecimento das autoridades da 30ª. Delegacia Policial depois de 48 horas, tempo em que o corpo foi mantido escondido, até que fossem apagados os vestígios que pudessem incriminar Zarur e sua organização. Os motivos que provocaram a morte da menina foram, segundo a perícia criminal, falta de cuidados médicos, falta de boa alimentação e falta de higiene, já que as crianças eram tratadas como bichos, por uma tal Isabel, deficiente mental, encarregada do "tratamento" dos menores. De acordo com os moradores do local, Isabel espancava as crianças por qualquer motivo.

Segundo Jorge da Silva, morador no número 343 da mesma rua, a LBV utilizava as crianças para pedir roupas e dinheiro, juntamente com o pessoal da Casa de Caridade. Saíam pela manhã, por volta de 8 horas, e retornavam à tarde, lá pelas 4 horas.

— As crianças chegavam famintas. O dinheiro dos donativos era dividido entre Luiz Felipe e Zarur. A comida servida era idêntica à lavagem de porco, tudo junto. O café da manhã era uma papa de café com pão, o banho, tomado em um tanque, pois os banheiros viviam com defeito.

Quando Patrícia morreu, tentaram incendiar o prédio, mas resolveram simplesmente ocultar o nome da LBV, já que o nome de Zarur não consta no contrato social da entidade, ficando a responsabilidade para Luiz Felipe assumir. E até hoje o nome de Zarur não apareceu no inquérito policial.

As declarações de Jorge da Silva foram endossadas pelo menor Adilson, de 11 anos, ex-morador da creche. Fugiu há dois meses, por não mais suportar as imposições da creche.

— Lá é pra leão. A gente pede, pede, e no final quem fica com o melhor são eles. Não dá, né?

No dia 26 de setembro o Juizado de Menores resolveu fechar a Casa de Caridade, levando 19 crianças para a Funabem, enquanto Luiz Felipe era processado.

A mãe da Patrícia, Jupira da Silva Couto, não sabe explicar direito a morte da filha, declarando apenas que, quando a deixou na creche, estava bem, de boa saúde. E não entendeu porque mantiveram o corpo escondido por dois dias.

Na delegacia, Luiz Felipe declarou que sua instituição de caridade não oferecia melhores condições, em virtude de ser mantida exclusivamente por donativos, alem de não ter fins lucrativos. No entanto, estão em seu nome o prédio onde funciona a Casa de Caridade, quatro carros, duas contas bancarias nos bancos Auxiliar de São Paulo e Nacional, alem de ter contratado os serviços de um advogado irmão do Juiz Eliezer Rosa.

Os vestígios que incriminavam a LBV foram apagados com pinturas, raspagem de paredes e queima de alguns objetos. Nos fundos da Casa de Caridade, onde funcionava a Escola Zarur, as paredes foram pintadas de cal, para desaparecer o nome Zarur. Os pertences da LBV foram retirados e levados para um depósito na Rua Mipibu, no mesmo bairro, de propriedade de Zarur, e outros objetos e documentos foram destruídos.

O menor Carlos Augusto France, de 16 anos, um dos mais antigos na Casa de Caridade e o único que não foi levado para Funabem, por ter sido escondido por Luiz Felipe, relata toda farsa e confirma a participação de Alziro Zarur.

— Não fui para Funabem porque eles me esconderam. Fiquei trabalhando no galpão do Zarur, na Rua Mipibu, até as coisas se acalmarem. Este galpão é o lugar onde são guardados todos os donativos da Legião da Boa Vontade. Nem o Zarur, nem o senhor Luiz Felipe me pagam um centavo pelo meu trabalho. Trabalho para poder continuar vivendo aqui na Casa de Caridade. Pelos menos, mal ou bem, tenho comida e roupa. O que mais me revoltava era quando Zarur fazia cruzada (pregação do evangelho). Tínhamos que armar palanque para os dois falarem coisa que eu não entendia. Só sei que tínhamos que beijar as mãos dos dois. O que mais me espantava era quando as pessoas jogavam à seus pés, jóias, dinheiro e outros objetos, quando eles falavam. Depois, os dois dividiam. Zarur entrava em seu carro, com motorista e tudo, e ia embora.

Carlos Augusto diz que continua morando na Casa de Caridade porque não tem para onde ir. Não sabe nem quem é sua mãe.

— Mas aqui não tem nada. De vez em quando aparecia um médico, que nunca mais deu as caras. Os banheiros são tão sujos que ninguém suporta o cheiro. E os moradores daqui da rua viviam pedindo para o pessoal não bater nas crianças porque ninguém agüentava mais o choro. É coisa de louco.

Texto de Jota Paulo

Fotos Custódio Coimbra

1 — Dona Dolores: "me negaram um prato de comida"

2 — A Casa de Caridade São Francisco de Assis

3 — Carlos Augusto, 16 anos, morador da casa da caridade "a gente tinha que beijar a mão do Zarur"

Luiz Felipe, o dono da casa "quem vai julgar é Deus."

Negaram um prato de sopa pra velhinha

Na porta da Casa de Caridade, Dolores Arantes, 72 anos, moradora no bairro, faz acusações à creche, na presença de dona Amália, esposa de Luiz Felipe, o dono.

— Quando precisei de um prato de comida, me negaram. Passei 15 dias doente e sem ter o que comer. Como soube que era casa de Caridade, resolvi pedir ajuda. Fui até lá, em nome de Deus, porém fui recebida pelo diabo, que mandou que procurasse o meu Deus. Meu Deus? Que Deus é este que a senhora queria que eu procurasse? Vocês não falam tanto em Deus? Então deveriam ajudar os filhos dele. Além dos mais, um prato de sopa não é nada demais.

Amália responde com raiva:

— A senhora está mentindo, isto é uma calúnia. Aqui sempre ajudamos todos que precisam.

Entra em cena Dolores:

— Se vocês fossem bonzinhos, a polícia não teria fechado. E a corrente com que batiam nas crianças? E o dinheiro dos donativos que iam pro bolso do seu marido e do Zarur?

Rebate Amália.

— A senhora mente demais. Os moradores reclamam porque são todos classe média e querem levar vida de burguês. Quando viam pobreza, reclamavam. Reclamavam até das filas feitas na calçada, quando os pobres vinham pedir donativos.

Com relação à acusação do espancamento das crianças, Amália não falava nada, procurando sempre se defender contra a acusação de não ter dado o prato de comida.

Acabaram com o bate-coxas nacional

BRASILEIRO CAI DE CABEÇA NA ONDA DAS DISCOTECAS

É difícil calcular o número exato de discotecas existentes no Rio de Janeiro. No subúrbio, onde a febre apresenta sintomas mais evidentes de propagação, a maioria dos clubes de bairro passou a ostentar faixas com nomes pomposos para lembrar que alí existe uma discoteca. Elas podem se chamar Concerto Magnético, Jerusalém, Rockmania ou Cadeira Elétrica, mas todas têm em comum a disposição de embalar as noites de sábado de milhares de travoltinhas empastados de brilhantina. Enquanto eles se contorcem nos salões, endiabrados, ao estilo dos anos 50, os proprietários e suas caixas registradoras trabalham tranqüilos, ao estilo dos anos 70.

Começando por baixo, já que o forte da transação toda fica com as gravadoras, vale saber que o preço do ingresso numa discoteca de subúrbio custa, em média, 20 cruzeiros (homens) e 5 cruzeiros (damas). Na zona sul, onde a sofisticação de certas casas procura imitar o charme de suas similares nova-iorquinas, o preço varia entre 250 e 300 cruzeiros. A faixa etária dos freqüentadores vai dos 3 aos 45 anos.

Uma coisa é certa: o único que não está ganhando dinheiro com esse negócio é o consumidor. O sistema que embala a disposição das gravadoras multinacionais para investir em discotecas, diz o crítico Roberto Moura, "se apóia no fato de elas não pagarem **royalites**", ou seja, estarem isentas de taxas. Uma crocodilagem que vai atingir também, o músico nacional, cuja matéria-prima as gravadoras dispensam para evitar o pagamento de direitos autorais. O desabafo do compositor João de Aquino é singular, quando diz que "o primeiro passo é fazer o compositor brasileiro aceitar música dançável"

A polêmica esquenta também para o lado dos conjuntos de bairros que, agonizantes, vivem na esperança de ver a moda desaparecer com a mesma velocidade com que surgiu. E lembram do movimento black-Rio.

Como atividade lúdica, de lazer, a dança nunca fez mal a ninguém. Afinal, como diziam os mestres, uma mente saudável necessita de um corpo igualmente saudável. Nesse caso a razão estaria mesmo com o maestro Julio Medaglia, que deseja ver a dança-discoteca transformada em movimento de ginástica, que além de econômico e sadio, pode ser igualmente competitivo.

Não agüento olhar a madame sem esfregar

Fotos de Américo Vermelho

O discotecário Enésio põe 4 mil pra dançar aos domingos

Dono do baile leva mais de 28 milhas por semana

Enésio Ferreira da Silva, 30 anos, morador em Belford Roxo. Profissão: discotecário do clube Excursionista.

Como você começou a trabalhar com som?

— Bom, já têm cinco anos que estou nessa. Antes era o soul, que era coisa de negro apenas. A discoteque veio unir as duas correntes, você entende? Se você for aqui em Rocha Miranda você vai conhecer um clube que era conhecido como **O Planeta dos Macacos** e hoje, depois que virou discoteque, é freqüentado por brancos e negros. Eu hoje tenho uma equipe de cinco homens trabalhando pra mim.

Como é a freqüência nos seus bailes?

— Veja que eu cobro apenas 20 cruzeiros dos homens e 5 das mulheres — e a média de bilheteria está sendo 28 e 29 milhas por domingo. Isso dá perto de 4 mil pessoas. Este espaço que você está vendo aqui fica completamente tomado. Nós incentivamos também com o concurso de dança, onde os travoltianos disputam o prêmio de 3 mil cruzeiros.

Você acha que a discoteca tem prejudicado os conjuntos de bailes?

— O problema da discoteque estar famosa e os conjuntos caírem um pouco é o preço. Se eles fizessem bailes a 20 cruzeiros eles lotavam, mas eles estão cobrando 50 pratas.

Você tem que comprar direitos autorais de alguém?

— Não. As gravadoras me mandam os discos que saem antes mesmo de fazerem a divulgação.

Mas eles não cobram nenhuma taxa?

— Não. O que eles querem é que você divulgue o som.

Maestro lamenta importação até da dança

Julio Medaglia, 40 anos, maestro, diretor da rádio Roquette Pinto.

Qual sua opinião sobre as discotecas?

— Bom, eu só vejo a discoteca como dança, nunca como música porque você não pode considerar que meio compasso de percussão, que vai se repetindo, seja música. E como dança eu acho lamentável que o Brasil, que tem muito mais tradição do que os Estados Unidos — já que o negro americano desaprendeu a dançar —, esteja importando ao invés de exportar. No Brasil temos formas de danças muito mais ricas, como o samba, o xaxado e o baião. O que eu tenho visto nas discotecas é um festival de contorcionismo, que melhor seria se fosse ginástica.

De que forma isso atinge o músico brasileiro?

— O que acontece é que o músico instrumentista está sufocado por outros problemas, já que ele é um intérprete. Ninguém é tão mal pago como o intérprete, o instrumentista, que deveria ganhar sempre que executassem suas músicas. Acontece que as gravadoras faturam o direito delas e dos intérpretes — que recebem um cachê na hora de gravar e ficam satisfeitos. Por aí você pode imaginar como andam as coisas para o músico brasileiro.

João de Aquino: somos muito elitistas

O que falta é boa música brasileira pra dançar

João de Aquino, 32 anos, músico.

— Eu acho que as discotecas não têm participação alguma na vida do músico. É claro que existe uma política comercial de mercado por trás disso, onde o músico brasileiro não está sendo bem aproveitado. Eu sei também que a Dancing Days apresenta shows com músicas ao vivo; eles já levaram o Pepeu, as Frenéticas e o Tim Maia. Quer dizer, a coisa é maléfica mas tem um beneficiamento porque, afinal de contas, música não faz mal a ninguém.

De que maneira ela atinge o músico brasileiro?

— Bom, seria necessário que os empresários investissem no músico brasileiro. Ela poderia fazer mais ouvintes mas não faz; faz apenas mais dançarinos. Olha, o Raul de Souza fez um disco de discoteca que é muito bom. Seria importante achar uma linguagem que fuja desse padrão americano, que é um padrão vazio. O fato de um disco ser dançável não quer dizer que ele seja ruim, já que boa parte dos músicos brasileiros (os cariocas, principalmente) são formados em gafieiras. O erro está em nós, músicos, não aceitarmos músicas dançáveis. No exterior, passamos dois meses fazendo o nosso som e depois os caras acabam pedindo "Mamãe eu quero" e o cassete-a-quatro. Os tabus do músico brasileiro, elitizado ainda, são "o mexer do pé" e o romantismo. O ideal é você ouvir música e dançar a música ou, então, acaba com a profissão do percussionista, do ritmista e o diabo.

Pro baterista, ruim foi ter logo virado moda

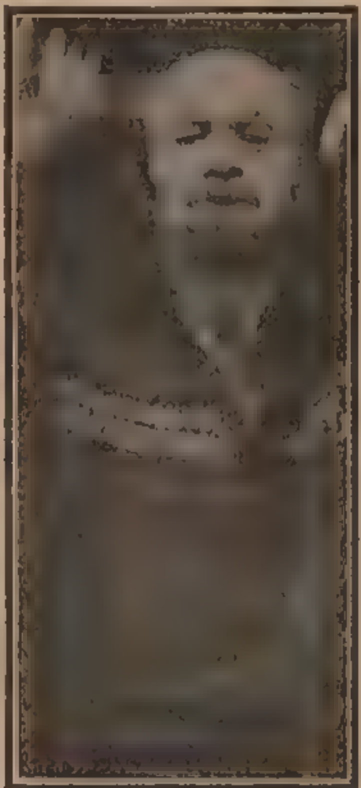
Robertinho Silva, 37 anos, baterista.

O que você acha das discotecas?

— Não sou contra as discotecas, não. Discoteca, originalmente, é uma casa de dança moderna, apenas isso. O negócio que prejudica é ter virado moda, coisa que só acontece no Brasil, já que nos Estados Unidos sempre foi normal. Você veja bem que aqui no Brasil tudo vira moda mas nada permanece. Me diga aonde está o movimento black-Rio? Cadê o som black?

E como músico?

— Como musico prejudica um pouco porque cada vez estão vindo mais músicos e as portas não estão se abrindo da mesma forma. Aí pinta esses modismos que realmente só atrapalham. Mas eu não posso falar nada porque eu já toquei em discoteca norte-americana, como a My Place, que é uma discoteca de altas transações, uma das mais importantes de lá. Nós fomos convidados — eu, o Luiz Alves, Aluizio Milanêz e a Maria de Fátima, que cantava — fizemos uma vez e depois voltamos porque tínhamos agradado. Agora em março eu estou voltando para lá pra uma nova temporada. A diferença é essa, meu irmão!



Julio Medaglia acha que discoteca não é música

Gervásio Cardoso Alves, 27 anos, morador do bairro da Penha, trocador da linha Cosme Velho-Leblon.

— Você gosta de discoteca?

— Nem um pouco; aliás nunca eu fui numa discoteca. O meu negócio é outro, malandro, bem diferente e você só encontra nos buraco quente da norte. Eu tenho um irmão mais novo que é trouxa e vive metido nestes clubes, mas eu não sou otário pra ficar pulando na frente da madame a noite toda sem poder dar um esfregão nas coxas dela. Falou?

Vovó diz que gosta mas se previne contra tóxicos

Maria Clara Magalhães, 52 anos, residente na Urca. Bibliotecaria aposentada.

A senhora gosta de discoteca?

— Ora, meu filho, porque não haveria de gostar? Eu vejo as festinhas aqui em casa, as crianças se divertem tanto... O meu tempo já passou, era tão diferente... Minha cunhada estava falando que certos ambientes não são recomendaveis pras mocinhas de família, que têm tóxicos e pessoas suspeitas. Você veja o caso daquela mocinha, a Claudia Lessin, ela devia freqüentar algum lugar assim.

A senhora já foi em alguma discoteca?

Não, isso não.

Mario Travolta faz sucesso no subúrbio

Foto Américo Vermelho

Travoltinha rebola pra comer as menininhas

José Amaro de Freitas, 21 anos, morador em São João do Meriti, baixada fluminense. Profisão: auxiliar de escritório.

Por que você é conhecido como Mario Travolta?

— Porque eu danço melhor que todos os garotos daqui. E também porque eu faço alguns passos do Tony Manero, o personagem do Travolta no cinema. Eles dizem assim: "Pô, Travolta, se você entrar no concurso de dança você vai ganhar." Eu já fui o melhor dançarino de "soul" da **jogada**, tipo James Brown, mas o rock é diferente no espaço.

Quanto você gasta por semana em discoteca?

— Gasto pouco. Eu freqüento o Nilopolitano, em Nilópolis, da equipe Miro. Nesse eu vou as sexta-feiras, começa às 18,30 horas e termina perto da meia-noite. Eu vou sempre com um grupo de menininhas que matam as aulas do colégio e vão pra discoteca. Eu gasto mais de 300 contos numa noitada dessas, entre cerveja, guaraná e a entrada.

Por que você gosta dessa transa?

— Porque me deixa numa boa, numa legal. Você entende? As gatinhas ficam me sacando, todas a fim de dançar comigo e isso me deixa satisfeito. Por isso eu sou Mario Travolta, do subúrbio de Éden. É claro que depois eu transo sexo com essas garotas, não é? Então, não é uma boa?...

Ary Fontoura prefere o estilo tradicional

Ary Fontoura, 47 anos, ator de teatro e televisão. Atualmente vive a personagem "Ubirajara" na novela "Dancin Days".

Você gosta de discoteca?

— Eu não gosto muito não. O som é exageradamente alto — e eu não gosto de música estridente. Mas isso é apenas uma agravante. No aspecto da dança eu sou partidário da forma antiga de dançar. Eu acho, por exemplo, que a discoteca estimula uma forma separatista de relacionamento entre duas pessoas, ou seja, ela tende a afastar e não a aproximar as pessoas.

Mas você freqüenta discotecas?

Sim, porque isso não implica que eu não vá às discotecas, mesmo não gostando de dançar alucinadamente. As pessoas encontram na discoteca uma forma de extravasar o seu exibicionismo.

"Eu sou mais do rock pauleira, tipo Stones"

Vera Lucia Gonçalves, 25 anos, funcionária do Teatro Opinião.

O que você acha das discotecas?

— Mas eu não posso responder porque eu nunca fui numa discoteca. Eu tenho minha opinião sobre o movimento, mas não sobre o ambiente. Assim, acredito que nunca é ruim dançar, botar o corpo pra exercitar, enfim, ficar um pouco odara, né? Queiram ou não, o exercício do corpo também é um processo de liberação, de saúde física e mental. Agora, isso seria bom se fosse uma atividade menos alienante, quer dizer, você só encontra babacas freqüentando as discotecas. Aí não dá.

Você gosta do som?

— Ah, não me ligo, não. Acho um negócio muito igual, sem nenhum atrativo. Eu gosto mesmo é do rock pauleira, tipo Stones, Led Zeppelin ou Bob Dylan — você veja a diferença! O que esses caras fizeram com os Beatles — um tal de Café Creme — é uma tremenda sacanagem, você já ouviu?

O problema dela é que os amigos vivem duros

Vânia Salamuni, 18 anos, estudante.

— Eu gosto. Eu vou quase todos os sábados com os meus amigos na New York City que tem matiné. Eu só acho que deveriam colocar musicas melhores — aquelas que são sucesso no rádio a gente fica cheio de ouvir! Você já ouve no rádio o dia inteiro e eles ainda ficam repetindo uma atrás da outra. Nas sessões da noite a dificuldade é o preço que eles cobram dos rapazes que é muito caro. A gente não paga, as meninas, mas eles têm que desembolsar e o problema é que são todos **duros**.

Daniel (no centro, de camisa preta) vive os problemas do Abertura

MÚSICO AGORA SÓ FAZ BICO

Daniel Portela, 29 anos, guitarrista do conjunto Abertura, de Belford Roxo.

O que você acha das discotecas?

— Eu acredito qua a discoteque é uma coisa que surgiu para acabar com os conjuntos de baile. Eu, hoje, não posso mais viver como músico. Se eu fosse viver do que ganho com música eu ia morrer de fome. Música atualmente é um **bico**.

Quanto tempo você trabalha com música?

— Eu sou músico há quinze anos. Eu sempre usei a música como ganha-pão, só que agora não está dando mais. Agora, eu acredito que a discoteque não vai durar muito não. É só o povo botar na cabeça que discoteque não existe, o que existe é um toca-fitas rodando:

Até que ponto os conjuntos estão sendo prejudicados?

— Eu diria que a turma se afastou um bocado dos bailes de conjuntos, partindo pros bailes de discoteques, já que eles podem fazer bailes mais baratos. Como o poder aquisitivo do povo é baixo, eles acabam procurando as discoteques. Eu acredito que os bailes de conjunto caíram em 30 por cento nos últimos meses. Agora, você tem que considerar que eles não gastam nada com músicos nem com direitos autorais.

Entrevistas de Toninho Martins Vaz

Indústria do som fatura no embalo

As gravadoras em atividade no Brasil pertencem a duas categorias distintas: ou são nacionais ou são multinacionais. Se são multinacionais, sua política de venda e lançamento já depende, prioritariamente, dos contratados da matriz. Assim, interessa à RCA o sucesso do Village People, (conjunto formado por um empresário e produtor que "catou" os seus integrantes a dedo, sabendo exatamente o que precisaria fazer para ganhar dinheiro); à Phonogram o fantástico número de cópias vendidas pelos Bee Gees, ou à CBS o prestígio surpreendente dos grupos que fazem o conhecido **The . Sound of Philadelphia.** Interessará à Warner o êxito dos seus contratados internacionais, à Capitol a consolidação de sua marca por aqui e, à EMI, o encontro de um substitutivo capaz de diminuir as quedas do seu mapa de vendas desde os tempos em que Stones e Beatles lideravam tudo, da lista dos mais vendidos às normas de comportamento e convenções de vestuário.

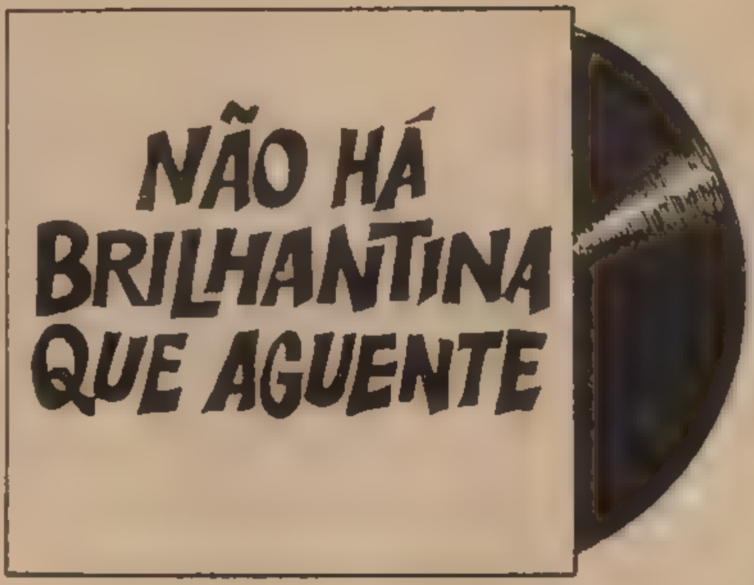
Estas gravadoras compõem, ainda, a ponte através da qual aportarão por estes mares outroramente bravios outras etiquetas, ainda sem condições de fundar aqui suas filiais, mas já ávidas pelo desfrute das celebradas potencialidades deste mercado que, na pior das hipóteses, é o quinto do mundo. Quando se fala Phonogram, por exemplo, está-se falando de um conglomerado de mais de quinze etiquetas, sendo voltadas para a música brasileira apenas três: Philips, Polydor e Fontana. As demais, vão desde a sofisticada Deutsche Grammophon à comercial RSO, de Robert Stigwood, o homem que "inventou" os Embalos de Sábado à Noite. Da jazzística Pablo, criada por Norman Granz, à Casablanca, que mantem sob contrato uma das deusas da disco-music — a cantora Donna Summer.

Bem, há as gravadoras nacionais e as principais dentre elas são a Copacabana, a Continental, a Som Livre e a Discos Marcus Pereira, ficando em outro plano a Chantecler, a CID, a Top Tape, a Tapeçar, a RGE/Fermata e a K-Tel. Destas, algumas possuem uma filosofia realmente nacionalista e esforçam-se no objetivo de marcar presença e inscreverem-se na nossa fonografia, através de um programa que jamais poderia ser classificado de entreguista. E há outras, como a Top Tape e a K-Tel principalmente, que se utilizam sem qualquer constrangimento do expediente da representação, com um **cast** nacional insignificante. A estas, o que interessa é aumentar os contratos de representação, facilitar a importação e devolver tudo em **royalties**, desde que sobre algum troco. Há, também, casos como o da gravadora Imagem, igualmente mantida à base de representações, mas que marca a sua presença através dos critérios de seu proprietário, o ex-vocalista Jonas Silva, que integrava o conjunto Namorados da Lua e vive romanticamente postado em sua empresa pequena às voltas com matrizes estrangeiras que lança, simplesmente porque por elas sente um sentimento que ultrapassa aspectos surdamente comerciais. Enquanto isso, no polo oposto a gravadora de Marcus Pereira não têm qualquer contrato de representação e o ex-publicitário preferiu se vincular ao grupo da Copacabana. Esta, mais a Continental, sua subsidiária Chantecler e a Tapecar, portam facas de dois gumes: na luta pela sobrevivência prestigiam seu elenco nacional, mas agilizam os contratos de representação com o maior número possível de etiquetas.

Atualmente, os ideólogos da disco-music têm preferido instituir como marco da consagração da dança o elepê que marca a entrada em cena de John Travolta, trilha sonora de **Os Embalos de Sábado à Noite**, cuja bilheteria acabou de desencadear o processo. Acontece que isso será no mínimo injusto com o desserviço que, bem antes, a Top Tape já vinha prestando à MPB, lançando sem parar álbuns de cantores, cantoras e conjuntos exclusivamente dedicados ao gênero. A diferença, provavelmente, é que a classe média branca ainda não havia dado a sua homologação final sobre o assunto. Para isso, certamente, é que contribuiu o Travolta porque os bailes do Olaria viviam cheios muito antes.

No Departamento Internacional da WEA não há qualquer constrangimento em abrir o jogo quanto às táticas empregadas. Os números, como sempre, são privilégios da cúpula diretora e mesmo o responsável pelo Departamento, o Emílio, não consegue manipulá-los corretamente. Fica-se sabendo apenas que a WEA lança uma média de uma dúzia de elepês internacionais no mercado a cada mês e que, destes, uns quatro atendem à demanda discotecária. Duas pessoas são pagas exclusivamente para veicularem estes produtos do setor. Uma fica no Rio, outra em São Paulo, consistindo suas tarefas na execução de um programa de promoção exclusiva dos álbuns "discotheque". Cumpre, portanto, a estas pessoas, irem às discotecas, tomar conhecimento do que está sendo tocado e procurar as condições que facilitem a programação das músicas de sua gravadora.

Os dados trazidos por estas pessoas serão analisados posteriormente, embora Emílio assegure que "uma música tocada repetidamente na noite ainda não significa muito em termos de venda". Mesmo assim, esses subsídios poderão orientar nesta ou naquela direção o próprio catálogo da multinacional, obedecido aí um outro critério que já é praxe: "não mudamos nada, o disco sai aqui como saiu no original; aproveitamos capa, tudo, e não ser em casos raros, como o de Jimmy Cliff, que só vende bem no Nordeste. Nestes casos, fazemos uma contracapa em preto e branco para baratear o custo e poder diminuir o preço da loja".



O responsável pelo Departamento Internacional da WEA ratifica, ainda, um pressuposto óbvio: o de que um disco de matriz internacional pode gerar lucros de até mais de 50% sobre os seus similares nacionais. Conclui Emílio: "o disco nacional nunca dá o mesmo lucro; ele acresce o custo artístico às despesas industriais, enquanto o elepê que vem de fora tem apenas o custo industrial."

Na Phonogram, os pruridos são bem maiores. Miguel, responsável pelo Departamento Internacional, tem as palavras controladas, "porque uma vez veio um jornalista aqui e usou as informações todas contra a gravadora". Por causa disso, em reunião, a diretoria decidiu que certas informações de "caráter sigiloso", só poderiam vazar com assentimento expresso da cúpula.

A Phonogram tem duas formas de operação. Algumas de suas representadas estão associadas ao grupo, integram o seu conglomerado econômico. Este é o caso da Deutsche Grammophon, Pablo, Mercury, Charisma Label e RSO. As demais são, efetivamente, representadas: Casablanca, MCA, 20th, Chrysalis, Azylum e Rockett Records. Mas, apesar deste grande número de empresas, a Phonogram se mostra parcimoniosa quanto a seus lançamentos e a média em 1978 jamais excedeu sete álbuns mensais. Por sua vez, Miguel garante que o grupo não tem mais do que meia dúzia de elepês "disco" em catálogo, o que seria insignificante diante do que a Top Tape ou a K-tel lançam por mês, mas mereceria mais consideração quando se verifica que, destes, três pertencem ao conjunto Santa Esmeralda, recordista de vendas em seu primeiro elepê e daí em declínio até o terceiro, e um outro é a trilha sonora de **Os Embalos de Sábado à Noite.**

A respeito do fenômeno das discotecas, Miguel tem uma posição firmada: "é uma febre que lança mais a música do que o artista; pode durar mais uns dois anos, mas sempre assim: os conjuntos aparecendo e desaparecendo — o que importa é só a música, aquele tipo de música."

E como é que uma gravadora nacional pequena se estrutura para enfrentar este quadro? Na Chantecler, o gerente da filial Rio, Ernesto Martins, explica que o planejamento de sua empresa prevê uma média de quinze elepês ao mês. Destes, uns cinco são internacionais e saem dos catálogos de etiquetas representadas no Brasil pela Chantecler. Dois podem ser enquadrados no gênero "discotheque", vindo possivelmente da Pye Records ou da Telefunken. Segundo o contrato, a Chantecler edita os álbuns aqui por sua conta e risco, bancando o custo industrial que depois será devidamente lançado nos boletins de venda, ressarcindo a fábrica brasileira. Do lucro líquido, cabe à Chantecler uma parte, como honorário de representação, mas o grosso do arrecadado será pago à etiqueta proprietária da matriz e às editoras musicais do repertório que o disco contiver. O percentual destes **royalties**, informa Ernesto, é variável.

Depois de considerar que a grande gravadora este tipo de contrato de representação, o gerente-geral da Chantecler fez uma grave denúncia:

— Se uma multinacional lança seu disco aqui, além de não arcar com despesas artísticas, aluguel de estúdio, pagamento de músicos, técnicos, artes gráficas, ela não precisa recolher **royalties** (seria o mesmo que recolher a ela mesma), a não ser que o faça sob a forma de "excedentes" ou remessa de lucro. Então, tomou-se quase praxe entre estas multinacionais utilizar esta verba, que seria destinado aos **royalties** que elas não devem, para aliciar e subverter o gosto popular e corromper o mercado, através da corrupção que reina nas programações das emissoras de rádio.

Robert Stigwood pode ser visto como o estopim de tudo, se a necessidade de particularizar toda a onda numa personalidade só não puder ser contida. A trilha sonora de **Saturday Night Fever** já ultrapassou a casa dos 22 milhões de cópias vendidas ou, para falar no idioma universal do dólar, Us$ 300 milhões. Enquanto o empresário bem sucedido abiscoita os generosos lucros, os bailarinos parecem concordar, desde o nosso Nordeste à mais remota Índia, onde o filme agora é sucesso.

As crianças se viram, súbito, assediadas. Além dos execráveis "Disco Baby", onde bandas apócrifas aparecem tocando em arranjo disco os clássicos infantis, desde **Ciranda Cirandinha** até o **Fui no Itororó**, os clubes resolveram aderir. No mês de outubro, o Fluminense Futebol Clube resolveu comemorar o Dia da Criança, promovendo em seu calendário uma gigantesca discoteca mirim, a que não faltou os indefectíveis sucessos novelizados, tipo **Dancing Days** ou **Macho Man.**

O público, no entanto, não tem motivos para se iludir com os proprietários das discotecas nem seus exploradores (este, aliás, um termo perfeito). Afinal, basta recordar que, dentre eles, o pioneiro e patrono, na New York City, é Carlos Wattimo, brasileiro naturalizado norte-americano, ex-boina-verde na Guerra do Vietnã. No seu gabinete, nos fundos da Discolaser, estão as fotos que fazem o orgulho do seu feliz proprietário: Wattimo com a farda do Exército americano, armas na mão e muitas medalhas no peito por sua atuação a favor do regime insustentável e corrupto do Vietnã do Sul, afinal derrubado.

Wattimo, hoje, pode se considerar vitorioso. Enfim, vitorioso: já há academias em São Paulo para ensinar a dançar o gênero "discotheque". Isto é, ensinando a esculpir com o corpo o nada, ouvindo o coisa nenhuma.

Quando se condena este mercado "livre" que é mais livre para uns do que para outros, os esteticistas alegam que os discos de mais qualidade e menos público é que sairiam prejudicados, se fosse adotada qualquer medida restritiva, como a criação de uma sobretaxa. Acontece que esta sobretaxa poderia prever casos de isenção, desfazendo-se o impecilho. Ademais, o Brasil tem visto sabotado o seu café, sobretaxado o seu sapato. Por que teria que se condoer ao tributar música popular, que nem o mais fanático dos músicos ousaria considerar artigo de primeira necessidade?

O músico brasileiro está gravando, mas não está tocando ao vivo. E não está sendo tocado. Confirmando isso, há mêses o produtor Ramalho Neto encomendou uma pesquisa que juntasse, no mesmo mapa, a audiência das gravadoras de AM e FM. O surpreendente resultado trouxe a Rádio Cidade no quinto lugar, logo depois das duas principais estações de AM dos mais poderosos grupos do **broadcasting** nativos (Globo, Tupi, Mundial e Tamoyo). Na Rádio Cidade, a quase totalidade da programação segue a linha "discotheque", até porque ninguém se lembrou ainda de perguntar a seus diretores a que cidade mesmo é que eles estão se referindo.

Roberto Moura

ESPERTAS

70 operários internados com caxumba e sarampo

Entre setembro e outubro foram internadas no serviço de Doenças Infecciosas e Parasitárias do Hospital Universitário do Fundão, no Rio, 70 pessoas vítimas das chamadas "viroses comuns da infância", assim registradas: caxumba, 30 casos; varicela, 24; e sarampo, 16 casos. Até aí nada demais, mas o curioso é que quase todos os pacientes eram adultos jovens, nordestinos, e operários da construção civil (residindo em alojamentos nos canteiros de obras).

Distribuição dos casos segundo a procedência, como registrou o hospital: construtora Adolfo Lindemberg, (Barra) 28 casos; Metrô (Catete), 6 casos; Adolpho Lindemberg (Fundão), 3 casos; construção indeterminada (Ipanema), 6 casos. O restante não ocorreu na construção civil.

De posse desses dados, os médicos do serviço de Doenças Infecciosas e Parasitárias rumaram para a obra da Adolpho Lindemberg na Barra da Tijuca, com a intenção de realizar inquérito epidemológico, ou seja: ver de perto em que condições os operários vivem e em que meios as doenças infecciosas se alastram. No canteiro visitado trabalham nada menos de 4600 operários com salário de 8 cruzeiros a hora (portanto trabalhando mais de 10 horas por dia), dormindo em alojamentos precários de 12 beliches cada.

A visita aos locais de trabalho, bem como aos alojamentos, não foi permitida mas os médicos puderam conversar com um funcionário do posto de saúde da própria construtora, instalado dentro do canteiro. O rapaz confirmou a ocorrência de vários casos iguais aos que o grupo do Hospital Universitário investigava, acrescentando serem bastante comuns na obra. O posto, segundo os médicos constataram, é bastante deficiente e se limita à triagem dos operários que querem emprego, funcionando apenas duas horas por dia.

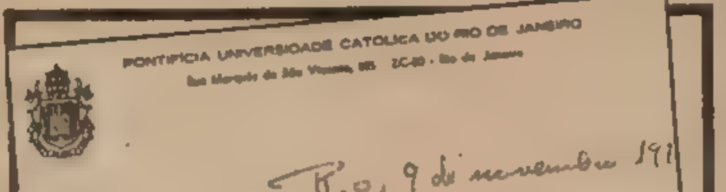
Os médicos comunicaram tudo à 16ª Região Administrativa, que até o momento não tomou qualquer providência.

Gollo

Magnífica sacanagem

O Magnífico Reitor da Pontifícia Universidade Católica, Padre João MacDowell proibiu a venda de assinaturas do **REPORTER** nas dependências da PUC, com a alegação de que ali só podiam ser oferecidas revistas "de ciências" — ou que tivessem seções de educação. Tratando-se de uma universidade, portanto, uma casa de cultura, a restrita interpretação do magnífico pode levá-lo a só liberar, pra circulação na PUC, a enciclopédia em fascículos, sobre a história do Homem.

Sua secretária, de certo envergonhada com a proibição, prometeu ao nosso corretor que escreveria um memorando formalizando o veto. Como escrever besteiras é pior que dizê-las, ela se limitou a rabiscar que não poderia atender a solicitação feita. Esperamos que a proibição seja suspensa, afinal, como diria a TV Globo, jornal também é cultura. Ou não é?


PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

Rio, 9 de novembro 197

Da: Vice-Reitoria Comunitária
ao Reporter

Infelizmente não podemos atender a solicitação feita

Atenciosamente

Rita Calaça

Secretária Rita Calaça assinou

Foto Américo Vermelho

Marcos Sete, um sambista bom de faro e de ritmo

Festa no Vidigal com samba do Marcão

Depois de passar 365 dias lutando contra uma ação de despejo que ameaça removê-los a Antares (70 quilômetros do Rio), os moradores da favela do Vidigal sentiram-se à vontade para comemorar o Dia da Resistência, em 22 de outubro. Defronte à birosca da Conceição, num terreiro que forma um patamar sobre a avenida Niemeyer, a poeira levantou logo cedo, quando o padre Ítalo, da paróquia do Leblon, rezou missa em ação de graça. Ao fundo, um grupo de sambistas do partido alto azeitava as engrenagens e esticava os couros, enquanto representantes de outras favelas chegavam de diferentes cantos: Rocinha, Jacarezinho, Borel. Quem recebia, em nome da Associação dos Moradores, era o presidente Armando Lima.

Apesar da presença de alguns políticos do MDB engajados na luta do Vidigal, como os deputados Délio dos Santos e Flores da Cunha, a grande vedete da tarde foi o garoto Alexandre, 15 anos, campeão do concurso de Embaixadas com um parcial de 180 toques.

Com tanta bola rolando, os meninos pegaram disposição para apresentar a encenação teatral "Se Segura, Vidigal", de criação coletiva e que tem como enredo a série de dificuldades por que vem passando a comunidade.

Enquanto isso, para caracterizar melhor o aspecto político da reunião, rapazes e moças simpatizantes do candidato Raymundo de Oliveira (Estadual, MDB) distribuíam conversas e panfletos eleitorais. O único que ficou confuso no quadro foi o deputado Délio dos Santos, que pedia ao repórter para não apresentá-lo como *populista*. Já Flores da Cunha falou que o rótulo é um equívoco da esquerda, que não entende que um político para se eleger, só mesmo distribuindo jogos de camisas, troféus para torneios, cervejadas, enfim, aquelas miudezas que caracterizam um gesto *populista*. No alto do elevado, de onde podia assistir às pessoas atacando firme o feijão e a cerveja, ele falou: "Como explicar a nossa presença aqui? Como chamar isso senão *populismo?*"

Na porta da birosca alguém reclamou do som de discoteca que disparava um ritmo alucinante e pediu um samba, que o Marcos Sete cantou assim (em dó maior):

Falando deste jeito eu me abalo
pois o povo não tem cheiro de cavalo
O defeito talvez seja no nariz
pois o povo é quem segura este país

★

O povo do país é um camparsa
o povo é maioria
e acima de tudo massa
Marchando o povo vai sempre em frente
em busca de tudo melhor
pelo amor de nossa gente

Martins Vaz

Viagem pelo governo faz parte do curso de dedo-duro

Os serviços de segurança dos ministérios e das empresas públicas querem transformar seus funcionários em dedos-duros. Toda vez que eles viajam a serviço pro exterior, recebem, quando voltam, uma cartinha pedindo-lhes que façam um relatório sobre os brasileiros com que conversaram, como eles vivem, o que disseram nas conversas etc.

Quem se deu ao trabalho de não fazer o tal relatório pra ver o que acontecia, chegou até a receber, depois de muitas cartas reiterando o pedido, uma explicação sobre a importância de comunicar aos serviços de informações os detalhes de sua viagem.

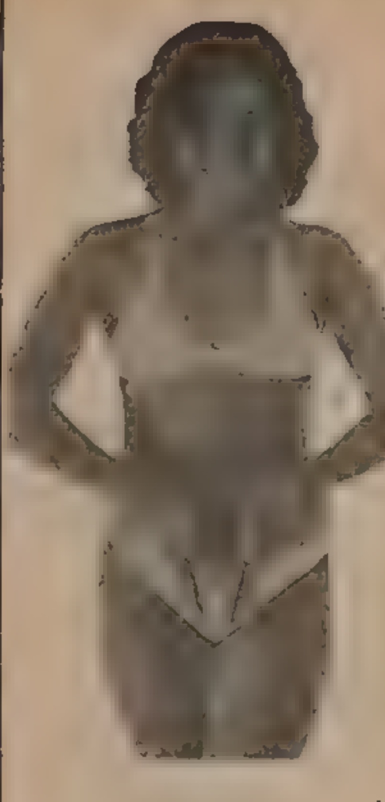
Luiz Alberto

Microfone se espantou com o Figueiredo

Do general João Batista Figueiredo para o repórter Carlos João, da sucursal da *Folha de S. Paulo* no Rio, quando se encontraram — frente à frente — na esquina da Sete de Setembro com Rio Branco (o general apontando para o microfone "girafa" de uma emissora de televisão): "Porra, que coisa grande. Até parece um cassetete da Polícia Especial."

Martins Vaz

ESPERTAS



Bustos voluptuosos é o cacete

Existe uma firma em São Paulo especializada em cursos por correspondência, A *Canadian Post*, que, como muita gente neste país, vive de ganhar dinheiro em cima da ingenuidade dos outros. No curso de fotografia, por exemplo, eles dizem que é possível, em poucos meses, o novo fotógrafo estar ganhando mais de Cr$ 30 mil, que é uma irrealidade dentro do mercado de trabalho.

Tem, ainda, "dicas para sua paquera", onde eles advertem: Não use os ensinamentos deste curso para o mal, pois você irá se tornar um (a) conquistador (a) irresistível.

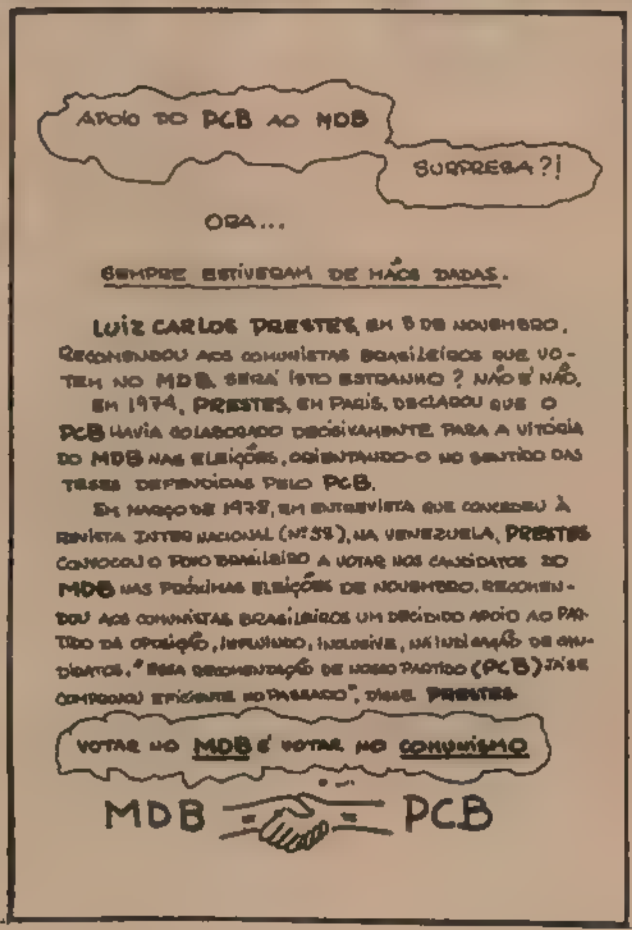
No "Curso de Busto", o apelo é para que a mulher tenha um busto "mais firme e voluptuoso". E pergunta: você está infeliz por causa do seu busto pouco desenvolvido?

"Agora isso já passou. Todas as mulheres têm chances iguais. Desperte a fera que existe dentro de você e não permita que sua personalidade seja destruída por ser uma *tábua*. O seu busto será sensual e voluptuoso, como os das mais fabulosas artistas de cinema. Assegure-se de seu êxito no amor".

Na realidade, o preço pago pelo maravilhoso curso (Cr$ 271,00) não tem a mínima razão de ser. Eles mandam um "fabuloso desenvolvedor criado e aperfeiçoado pelo Centro de Estética Feminina do Canadian Post", que não passa de dois pedaços de madeira com uma mola no meio e que a mulher deve ficar apertando e esperar que os peitos cresçam.

Acompanhando o "desenvolvedor", vem um manual de exercícios ridículos. Exercícios para fortalecer os músculos dos seios podem ser feitos em casa, alguns minutos por dia, sem necessidade de qualquer tipo de desenvolvedor calhorda.

Chico Júnior



APOIO DO PCB AO MDB

SURPRESA ?!

ORA...

SEMPRE ESTIVERAM DE MÃOS DADAS.

LUIZ CARLOS PRESTES, EM 8 DE NOVEMBRO, RECOMENDOU AOS COMUNISTAS BRASILEIROS QUE VOTEM NO MDB. SERÁ ISTO ESTRANHO ? NÃO É NÃO.

EM 1974, PRESTES, EM PARIS, DECLAROU QUE O PCB HAVIA COLABORADO DECISIVAMENTE PARA A VITÓRIA DO MDB NAS ELEIÇÕES, ORIENTANDO-O NO SENTIDO DAS TESES DEFENDIDAS PELO PCB.

EM MARÇO DE 1978, EM ENTREVISTA QUE CONCEDEU À REVISTA INTERNACIONAL (Nº 38), NA VENEZUELA, PRESTES CONVOCOU O POVO BRASILEIRO A VOTAR NOS CANDIDATOS DO MDB NAS PRÓXIMAS ELEIÇÕES DE NOVEMBRO. RECOMENDOU AOS COMUNISTAS BRASILEIROS UM DECIDIDO APOIO AO PARTIDO DA OPOSIÇÃO, INFLUINDO, INCLUSIVE, NA INDICAÇÃO DE CANDIDATOS. "ESSA ORIENTAÇÃO DE NOSSO PARTIDO (PCB) JÁ SE COMPROVOU EFICIENTE NO PASSADO", DISSE PRESTES.

VOTAR NO MDB É VOTAR NO COMUNISMO

MDB = PCB

A indústria do comunismo, que não pára de atear incêndios de perigos vermelhos para justificar a existência dos bombeiros, ataca mais uma vez. Na segunda-feira, dia 13, vésperas de eleições, ela distribuiu no Rio de Janeiro um panfleto denunciando as ligações do MDB com o Partido Comunista Brasileiro, alertando que votar no partido da oposição seria votar nos comunistas. A jogada pra amedrontar os eleitores, conhecida há muito tempo, não deu certo.

REPORTER

Corrupto só é preso nos Estados Unidos

Um dos resultados do escândalo Watergate que tem tido pouca divulgação no Brasil é o chamado **Foreign Corrupt Practices Act**, ou seja, a Lei de Prática Corruptas no Exterior. Esta lei responsabiliza e tenta punir o principal culpado pelas corrupções que as multinacionais andam fazendo pelo mundo: o chefão da multinacional. Segundo a lei, o presidente da empresa pode pegar até cinco anos de prisão e/ou pagar multa de 10 mil dólares, além de pagar os custos legais do processo, a fim de evitar que os lucros gerados pela empresa sejam utilizados para defender diretores corruptos.

Há muitos processos em curso e várias multinacionais estão envolvidas. A Comissão de Valores do Mercado dos Estados Unidos está autuando as empresas ITT, Westinghouse, Boeing, Citybank e outras. E tudo indica que o governo norte-americano não está disposto a livrar a cara de ninguém. Tanto que um chefão da ITT, implicado no golpe militar chileno que derrubou o presidente Salvador Allende, tem solicitado documentos confidenciais das autoridades de seus país para usar na defesa. Como o governo não solta os documentos por motivos de "segurança nacional", a defesa do chefão da ITT tem sido difícil.

Embora os nomes das pessoas que receberam dinheiro das multinacionais não estejam sendo divulgados, há uma crescente pressão nesse sentido, pois os eleitores de Jimmy Carter começam a exigir que ele cumpra as promessas eleitorais de moralizar as coisas.

É claro que a lei tem sido muito criticada pelos empresários norte-americanos, pois acham que fica difícil competir com as jogadas das multinacionais de outros países, que não têm leis no sentido de punir os corruptores no estrangeiro. Existe, porém, um projeto de disciplinação mundial das multinacionais que está sendo estudado e analisado, já há alguns anos, na Organização das Nações Unidas.

Christian Hansen

MOVIMENTO CUSTO DE VIDA

O Movimento do Custo de Vida fez um livrinho que está sendo distribuído em São Paulo, no qual dá as explicações básicas sobre o que é inflação, abono, exportação, monopólios, intermediário, carestia aumento salarial, custo de vida e muitas outras coisas que os trabalhadores devem saber, mas que a linguagem difícil dos jornais esconde. O livro foi elaborado a partir de estudos e debates em grupo feitos nos bairros da periferia de São Paulo.

Lendo-o, a gente fica sabendo que "quando o governo fala em custo de vida, está se referindo ao aumento dos preços das mercadorias e serviços que a população consome no dia a dia (arroz, milho, feijão, remédios, ônibus, aluguel, tarifa de luz). Quando ele fala que a inflação subiu, está se referindo ao aumento geral nos preços de todas as mercadorias e serviços que o trabalhador consome e também daquelas que os trabalhadores não consomem, pois são consumidas só pelos ricos. No cálculo da inflação feito pelo governo entra também uísque, filé, lagosta... Assim, custo de vida e inflação não são a mesma coisa".

Na parte referente aos monopólios, o Movimento do Custo de Vida diz que "a indústria brasileira pouco a pouco foi se reduzindo a poucas e grandes fábricas, em sua maior parte de propriedade de capitalistas estrangeiros, que controlam a maior parte da produção. Esses monopólios estrangeiros, que são as chamadas multinacionais, em grande parte são os responsáveis pela inflação no Brasil. Eles têm um poder enorme de aumentar os preços por conta própria".

É bom que o Movimento do Custo de Vida comece a distribuir o livrinho também na Zona Norte do Rio de Janeiro.

Chico Junior

Festa no Vidigal com samba do Marcão

"Mais de 14 anos de governo forte, com leis repressivas de todo tipo, não foram suficientes para acabar com o chamado jogo-do-bicho. Falou-se em regulamentá-lo, mas a idéia não passou do papel, o que é lamentável para os trabalhadores do ramo, que passariam a ter férias, 13º, FGTS, aposentadoria e outras vantagens.

Enquanto a "zooteca" não sai, o resultado continua a ser fixado nas árvores e nos postes, em papelzinhos como o que foi colocado embaixo da nossa porta, e que dava para as extrações de ontem os seguintes resultados".

Este é o texto que o jornal carioca *Luta Democrática* estampa todos os dias em sua primeira página, sob o título "O bicho está solto", com o resultado do jogo do bicho, instituição nacional que ainda não foi regulamentada porque não deve interessar às autoridades a desarticulação da máquina de corrupção que envolve a polícia, para deixar os pontos de bicho funcionarem em paz.

Em São Paulo, os cambistas que trabalham com ingressos para jogos de futebol e grandes espetáculos já se organizaram em associação e querem até fazer sindicato. É a legalização do ilegal, que poderia ser uma boa idéia para os bicheiros.

Chico Junior

ESPERTAS

Sai dessa vida, Matsuo!

Agência "Estado"

Torturador condenado não vai pra cadeia

Foi condenado a nove meses o policial e torturador Oscar Matsuo — sua confissão está no REPORTER n.º 9 —, membro da equipe do delegado Sérgio Fernando Paranhos Fleury, diretor do Departamento Estadual de Investigações Criminais, terceiro homem na hierarquia policial de São Paulo.

Oscar Matsuo recebeu a pena — que não vai cumprir por ser primário — por um caso havido em Cotia, Grande São Paulo. Ele ainda não foi julgado pelas torturas do caso Munck, quando pendurou em pau-de-arara mulheres de idade, entre outras barbaridades. Como foi condenado por Cotia, se for condenado no caso Munck, irá pra cadeia.

Mas há ainda um terceiro caso para condenar Matsuo. Um homem preso na Casa de Detenção já declarou, por escrito, que foi torturado por Matsuo, e, ainda por cima, a mando verbal do delegado Fleury. Esse caso, assim, envolve diretamente o mais famoso policial do Brasil que até hoje tem passado olimpicamente por todos os processos em que foi acusado de matar e torturar.

Alex Solnik

Filho de Abreu ganha espada de Geisel

Em 1937 o jovem aspirante JBF, leia-se João Batista de Figueiredo (hoje eventual substituto de Geisel), recebeu sua espada de oficial do Exército, na Escola Militar de Realengo das mãos do então presidente Getúlio Dornelles Vargas, ditador do Brasil e que havia prendido seu pai, coronel Euclides Figueiredo, chefe militar da Revolução Constitucionalista de 32.

Este ano, em dezembro, o General Geisel, deve entregar o certificado de 1º lugar na ECEME ao major Olavo de Andrade Abreu, filho do general Hugo Abreu, no momento em eventual oposição ao governo e à eleição de JBF. São 41 anos entre a experiência do aspirante JBF e a do major Abreu, os dois recebendo prêmios e reconhecimento dos presidentes adversários políticos de seus pais — e o que é mais dramático, responsáveis por suas prisões políticas.

Sérgio Danilo

"FOLHA" CENSURA JORNALISTA

Antonio Carlos Felix Nunes, vinte anos de jornalismo, está proibido há 3 anos de escrever no jornal onde até hoje recebe Cr$5500 por mês para fazer nada. Ele assinava uma coluna sindical no **Notícias Populares** (do grupo Folhas), um dos jornais que mais vendem em São Paulo. Em 1975, confiando na abertura do governo Geisel, Nunes esquentou a coluna e depressa foi podado pelo editor Ibrahim Ramadan (entrevistado no REPORTER n.º 6).

Impedido de escrever mas recebendo salário, o jornalista passou a colaborar no carro-chefe do grupo, a **Folha de São Paulo**. Era o mais mal pago dos colaboradores. Mesmo assim, este ano também foi impedido de colaborar.

No fim de outubro passado, durante almoço reservado em que o convidado do principal acionista das Folhas era Luis Ignácio da Silva, Lula, e um dos presentes o próprio Nunes (convidado de Lula sem o anfitrião, Otávio Frias, saber) o caso foi comentado por Frias. Confirmou que Nunes "jamais escreverá num jornal das Folhas, pois é engajado"

Nunes sai com um livro

O assunto causou mal-estar à maioria dos convivas: Cláudio Abramo, Eduardo Matarazzo Suplicy, Joemir Betting, o filho de Frias, Boris Casoy.

Proibido no jornal, Nunes está nas bancas e livrarias do país com "Além da Greve", onde conta os bastidores da vida sindical brasileira, que conhece bem há muito tempo. Os personagens do livro existem, só não são chamados pelos verdadeiros nomes. **Janjão**, o personagem principal, é Joaquim dos Santos Andrade, apontado pelos operários como traidor da classe. (Há 14 anos presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, ganhou a última eleição com fraude evidente e na última greve fez o jogo dos patrões, vaiado estrepitosamente nas assembléias.)

Alex Solnik

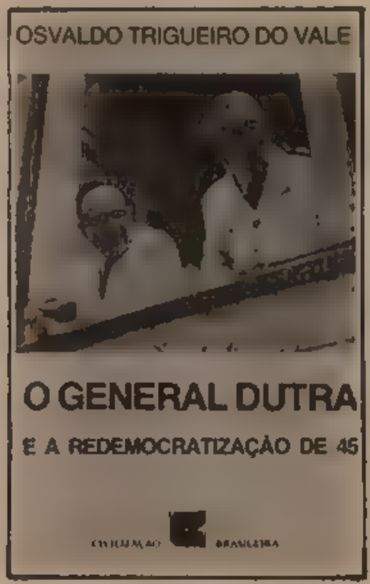
GETÚLIO NÃO ABRIU VIA DUTRA

O importante do livro **O general Dutra e a redemocratização de 45**, de Osvaldo Trigueiro do Vale (Civilização Brasileira) é que mostra que não apenas a História se repete, mas as ditaduras também, sejam elas de que lado forem.

Quando Getúlio Vargas disse que "um país de índole e formação democrática, como é o nosso, as transformações de caráter político-social devem ser conduzidas dentro dos processos de evolução gradual, sob o império da ordem" não estava imaginando que uns 35 anos mais tarde a Assessoria Especial de Relações Públicas da Presidência da República usaria os mesmos argumentos para ajudar elaborar os discursos dos nossos presidentes revolucionários, principalmente o último.

Já no início do projeto de redemocratização do país, em 1945, quando Benedicto Valladares e Francisco Campos foram mostrar a Vargas o esboço de uma nova Constituição, o presidente, depois de discordar de uma série de concessões, exclamou: "Seria bom a gente ter a liberdade de nomear homens de bem para o Senado". E nem imaginava que estava falando do senador biônico, tão usado nos dias de hoje.

O livro, então, é importante porque está em cima do lance e mostra dados interessantes sobre o processo de redemocratização do país, as nu as políticas, as discordâncias dentro do governo, a ameaça do golpe contra



Trigueiro; Dutra ajudou a abrir

Getúlio e, principalmente, alguns dos acontecimentos que forçaram Vargas a abrir. Mas peca pelo exagero de querer fazer do general Dutra o principal artífice da abertura política quando, na verdade, não o foi. Mesmo porque o ministro da Guerra foi o candidato de Getúlio às eleições presidenciais.

Na realidade, a abertura se deu em função de uma série de fatores sociais e políticos e várias outras pessoas representaram papéis importantes, como o ministro José Américo de Almeida, que, com sua entrevista bomba no Correio da Manhã, pedindo liberdades e fazendo denúncias, simplesmente rompeu o cerco da censura (a partir daí, a imprensa passou a ter, também, papel importante no processo). Entrevista que foi concedida depois de outras importantes, mas não tão agressivas, como a do general Goes Monteiro, dada ao Diário Carioca em 1º de janeiro de 1945, pedindo liberdade de imprensa e eleições.

Mas, afinal, um livro sobre o general Dutra tem mais é que refletir a sua importância e o seu trabalho nas mudanças políticas de 1945. Só que é bom o leitor saber que Dutra não foi quem desenvolveu o trabalho principal da queda da ditadura Vargas. Foi, isso sim, o principal nome dentro das Forças Armadas e, talvez por isso, conseguiu vencer as eleições presidenciais.

No geral, muito mais importante que Dutra foi o próprio Getúlio, que, vendo que não tinha condições de brigar com o Exército, entregou o poder, fez jogo político, e cinco anos mais tarde voltava como presidente eleito pelo povo.

Dar uma grande importância ao papel de Dutra seria mais ou menos dizer que Geisel (ou Figueiredo) foi (ou será) o principal responsável pela abertura política, quando a gente sabe muito bem que não é.

Mas para quem quiser entender um pouco sobre o nosso atual processo de redemocratização é bom dar uma lida no livro, que, para isso, se presta muito bem.

Chico Júnior

ESPERTAS

Verdade das urnas não saiu nos jornais

*A grande imprensa acaba de inventar mais um neologismo político que, como todos os outros, tem por objetivo escamotear a realidade. Trata-se do "candidato ideológico", do "voto ideológico" e outros "ideológicos", palavras usadas quando a grande imprensa quer dizer **esquerda**.*

*Dando novo sentido à palavra **ideológico** — como se toda e qualquer atuação política não contivesse uma ideologia, seja de direita, centro ou esquerda — a grande imprensa procura mascarar a verdade: a esquerda (isto é, os comunistas, socialistas e social-democratas) conseguiu um grande avanço nas eleições de 1978, apesar da Lei Falcão, do **pacote de abril**, da repressão que não parou de agir em todo esse período, do poder econômico e até da falta de uma imprensa forte. Em São Paulo, a esquerda (ou o "voto ideológico") teve mesmo mais votos que o partido do governo, conforme atesta a excelente votação do sociólogo Fernando Henrique Cardoso à frente de Cláudio Lembo.*

No Rio, sem condições de lançar um candidato ao Senado, a esquerda, além de garantir com seu apoio a eleição de Nelson Carneiro (que esteve ameaçada pelas manobras de Chagas Freitas em favor de Sandra Cavalcanti), obteve em torno de 250 mil votos, representando 7% do eleitorado.

***Pouco?** Alguém pode achar que não é muito. Miro Teixeira sozinho teve quase o dobro. Mas só o Miro Teixeira e através de um trabalho que teve mais de marketing do que de campanha eleitoral. Alguém já viu o Miro subir num palanque para fazer um discurso, alguma vez? Nunca subiu sequer na tribuna da Câmara!*

Entretanto, quem era Modesto da Silveira até seis meses antes das eleições? Apenas um combativo advogado conhecido em pequenos círculos intelectuais de esquerda (jornalistas, escritores, estudantes) por seu trabalho em favor de presos políticos. Quem eram Marcelo Cerqueira, Raymundo de Oliveira, José Eudes? Conhecidos, porque já tinham atuação parlamentar anterior, eram o Khair, o J.G., o Alves de Brito. Pois estes, também bem votados, foram até mesmo superados por nomes novos que cresceram à força de um trabalho envolvendo operários, estudantes, profissionais liberais.

Quinze anos de repressão; quinze anos em que lideranças de esquerda são presas, mortas ou exiladas; quinze anos em que os jornais de esquerda são censurados, apreendidos ou liquidados pelo arrocho econômico; quinze anos de novelas de televisão e de Brasil Tri-campeão, e mais uma desastrada guerrilha nesse meio tempo, enfraqueceram a esquerda, sem dúvida. Mas a cada brecha, olha ela aí de novo, surgindo com nomes novos, lutando com as armas possíveis em cada momento para defender com a mesma dedicação as suas idéias de cunho socialista.

*E enquanto a **esquerda** conquistava no Rio, 250 mil votos, a **direita** — representada por nomes como Eduardo Gulil — e os **lacerdistas** (Flexa Ribeiro, Sandra Cavalcanti, Amaral Neto) que fizeram 64, não conseguiram sequer se eleger.*

Já tem gente que entendeu essa cascata do "voto ideológico".

Marcos Dantas

A mobilização política desses últimos meses não acabou nas eleições. Um grande número de jovens que se filiou à campanha eleitoral de vários candidatos autênticos do MDB já se prepara para dar continuidade a um trabalho comunitário, usando o que aprenderam e a estrutura dos comitês eleitorais de que participaram. A vivência política desses jovens é algo de novo e irreversível.

Impressionante a garra e a dedicação da garotada. Trabalharam para vários candidatos, não deixaram de comparecer a nenhuma das demonstrações e caminhadas políticas, e se multiplicaram na distribuição de panfletos. A maioria na faixa dos 17 aos 23 anos e muitos ainda sem poder votar. Dormiam no próprio comitê, prontos a trabalhar a qualquer momento. Foi bonito ver a garotada na rua gritar a plenos pulmões pela anistia e liberdades democráticas. Tá todo mundo contaminado com o vírus cívico.

Zécarlos Asbeg

Jarbas botou o povo na rua

Foto Marcos Dantas

Jarbas perdeu, mas sua campanha foi a mais bonita

"Jarbas Vasconcelos é o novo senador/O povo já falô/No Jarbas vai votá". Saúba, um caboclo de 27 anos que não precisa conhecer as letras do alfabeto para criar na hora um após outro, centenas de versos de apoio à candidatura Jarbas Vasconcelos, improvisa batendo no violão para o povo que vai se juntando em torno do caminhão da campanha. É assim que a caravana do "novo senador de Pernambuco" chega num bairro popular e prepara o ambiente de mais um comício.

No meio da rua, enquanto os microfones jogam na praça a voz de Saúba, um boneco de quase três metros é carregado a balançar os braços pesados sobre as costas do povaréu, agitando os adultos, provocando as crianças: é o Custo de Vida. Com ele, está começando a representação de uma peça, onde artistas, estudantes, jornalistas, economistas, engenheiros esquecem por um tempo suas atividades diárias para levar teatro ao povo e à campanha.

"E o salário mínimo?/ Tá cum nada/Tá cum nada." Saúba puxa o refrão da peça "O salário não tá com nada" e o povo em volta do caminhão ri das desgraças do Salário Mínimo e Maria Mocambo às voltas com Dona Casa Própria, Sr. Despejo, Dona Doença, Sr. INPS e outras conhecidas "figuras" populares. A praça está cheia, o povo à vontade, os primeiros candidatos a deputados pelo MDB começam a falar.

(Enquanto isso, o candidato da Arena I, Nilo Coelho, para chamar o povo a seus comícios, exibe mulheres com coxas de fora — as Niletes...)

Súbito, uma grande agitação, a multidão se volta e surgem o senador Marcos Freire e o "novo senador" Jarbas Vasconcelos carregados nos ombros de correligionários, no meio do povo. Jarbas — e Marcos — sempre chegam e saem de seus comícios carregados nos ombros. Em volta é festa, é histeria, são mulheres mandando beijos (os dois até que têm sex appeal) e homens do povo que choram de emoção (isso eu vi: eu estava no alto do palanque e vi gente do povo chorando quando Jarbas chegou).

"De novo a vitória do povo," diz o cartaz de Jarbas enquanto os da Arena falam em "ação e coragem" (?), "bom governador, bom senador" e coisas vazias do gênero. Não há dúvidas: PSD e UDN vão perder essas eleições porque o Brasil já não é mais do PSD e UDN, coisas que o próprio regime de 64 tentou acabar e, hoje, tenta recuperar como última tentativa de escapar à derrocada. Todo o dinheiro, toda a demagogia dos candidatos arenistas não poderiam superar a campanha de Jarbas, longe, longe a mais bonita campanha feita nessas eleições.

A mais criativa. Não apenas pela peça de teatro antes dos comícios, pelas camisetas "Sem ódio, sem medo" vestidas por todas as crianças, pelas jingles que o povo canta nas ruas. Criativa até por uma galeria de arte onde artistas e colecionadores doaram trabalhos valendo de 2,5 a 10 mil cruzeiros — inclusive um Djanira — para um sorteio de rifas. Em algum outro lugar do Brasil houve tamanha mobilização, amalgamando dinheiro e cultura em favor de uma campanha?

Que Jarbas ganharia, era uma certeza. Que não seria fácil, também sabiam todos. Afinal juntaram-se todas as forças do antigo Pernambuco para tentar impedir essa reafirmação de um Pernambuco novo que nasce não nas usinas e engenhos dos Nilo e Cid mas nos mocambos e bairros populares inchados pelo "milagre brasileiro", que nessas eleições mostraram qual é o verdadeiro milagre brasileiro. O milagre da sobrevivência da mesma disposição de mudar, após 15 anos de ditadura.

Marcos Dantas

ESPERTAS

Bancários vão fundo por renovação no sindicato

*Contra o arrocho salarial, e a intransigência dos banqueiros, pela criação de comissões por bancos, por um sindicato dirigido pelos trabalhadores, independente e democrático, contra a atual estrutura sindical liderada pelo pelego René Renó por uma nova carta trabalhista elaborada pelos trabalhadores e por uma central única dos trabalhadores. Essas são, no fundo, as reivindicações da **Chapa 3 — Renovação Bancária**, encabeçada por José Thiago de Souza Carvalho, do Banco do Brasil.*

Dentro dos problemas específicos dos bancários, a classe ainda luta por um abono de 20%, redução da jornada de trabalho para seis horas. Segundo um dos diretores da Chapa 3, o pessoal que prorroga duas horas a mais além do expediente não precisa se apavorar, achar que vai perder dinheiro. Será considerado o tempo para que a reposição seja feita incorporando essas duas horas ao salário pleiteado.

A maioria dos 65 mil bancários, dos quais 20 mil são sindicalizados, estão convocados para darem os seus votos, no início desse mês nas 50 urnas que irão correr todos os estabelecimentos bancários da cidade

*Serão definidas, nessas votações, as próximas três campanhas salariais e todas as reivindicações feitas pela classe que está brigando para conscientizar grande parte dos bancários — desacreditada de seu sindicato que até hoje não conseguiu fazer com que os banqueiros pagassem os atrasados do **Panelão**.*

Tim Lopes

PESSOAL DA IMPRENSA SÓ NÃO PODE É SER NOTÍCIA

Foi preciso que o sindicato tomasse a iniciativa para então os 1200 jornalistas cariocas pararem de martelar as máquinas de escrever, de fotografar, de telex e de telefoto etc. por uma hora, na segunda-feira 20 de novembro, e descobrirem que seu primeiro grande obstáculo na luta pelo piso salarial de 5 mínimos são os próprios colegas em cargos de chefia. O movimento foi um sucesso. Quase nada se fez nas redações entre 17 e 18 horas e embora seja um período de tempo relativamente curto em relação ao horário de trabalho dos jornalistas (oito,dez horas), teve a importância de um ato inédito, refletindo a união que a classe vem tentando manter desde que se decidiu a derrubar o pelego José Machado, presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Rio durante mais de uma década e finalmente derrotado nas eleições de meados deste ano.

A idéia da paralisação (batizada por João Saldanha como "estamos em silêncio para que nos ouçam") foi aprovada na assembléia geral extraordinária do dia 14 de novembro, na sede da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), e determinava que ninguém falaria nem trabalharia entre cinco e seis da tarde de segunda-feira. As principais reivindicações dos jornalistas são: 20% de reposição salarial, a fim de cobrir os índices inflacionários manipulados pelo governo em sua política de arrocho ao trabalhador; piso salárial de 5 salários mínimos, uma vez que 80% dos jornalistas cariocas ganha abaixo de 4 mil cruzeiros mensais; e imunidade sindical para os representantes das redações, que funcionam como porta-vozes diretos da classe junto ao sindicato.

A tomada de posição do sindicato dos jornalistas (ele que era dos menos representativos até bem pouco tempo) resultou de um trabalho iniciado dois meses antes, quando a nova diretoria passou a receber os jornalistas das diversas redações, uma de cada vez, para definir as reivindicações primeiras da classe. Isto feito, apresentou-se a lista ao sindicato patronal; o que obviamente não deu em boa coisa. Os patrões são Roberto Marinho, Chagas Freitas, Nascimento Brito e outros de menor destaque e, reunidos, fizeram uma contraproposta de "abono" de 10%. A diferença entre as duas porcentagens é evidente, mas há também uma longa distância entre abono e reposição, pois o primeiro será deduzido do percentual estipulado no dissídio da classe, em outubro.

Mas não foi necessário o sindicato brigar diretamente com os patrões: marcou a assembléia geral, estabeleceu a "hora de silêncio" e enfrentou a reação dos próprios colegas. Para dar uma idéia, somente na Bloch (*Manchete*, *Amiga*, *Gente*, *Ela* etc) os diretores da empresa apareceram na redação, intimando os jornalistas a trabalhar. Houve cenas simplesmente ridículas, como o diretor falando a um funcionário: "Depois você vem fazer dentadura por conta da empresa. Agora quer fazer hora de silêncio". E os colegas todos ao redor, ouvindo tudo sem poder cair na gargalhada. Adolfo Bloch, o presidente, chegou a passar mal do coração e ficou de cama no dia seguinte por causa da atitude de seus empregados — que ele próprio classificou, na redação, de "fascista, anti-semita" etc e tal. Sem falar que o prédio da Bloch ficou cheio de policiais o dia inteiro, andando de um lado para outro como quem espera condução.

Excetuando a Bloch, a disputa pelo direito de protestar em silêncio envolveu apenas profissionais do jornalismo. No *Globo*, por exemplo, um editor distribuiu aos subordinados bilhetes em que pedia comparecimento maciço à assembléia no sindicato e recomendava que todos trabalhassem na hora do silêncio. Mas o melhor foi do maior salário da redação, que permitiu o silêncio de bocas, não o das máquinas. Em outras palavras, ele queria o que todo patrão sonha: todo mundo caladinho trabalhando, a produtividade a mil por hora.

No telejornalismo da TV Globo foi que houve pau violento, quando o representante do sindicato quase foi agredido pelo colega, assalariado, num posto de chefia na empresa, que o expulsou da sala aos gritos como se fosse o próprio dono da rede Globo. Fora este ataque, a emissora atrasou em meia hora o "Globinho".

A grande surpresa aconteceu nas redações de *O Dia*, *A Notícia* e *Última Hora*. Em todas elas os profissionais pararam, os delegados sindicais puderam acompanhar a paralisação e os chefes não se meteram. E, como não podia deixar de ser, houve o toque grotesco, por conta da *TV Guanabara* que foi entrevistar o presidente do sindicato justo na hora do silêncio.

Reporter

Guia para patrão agir em caso de greve

A Federação das Indústrias de São Paulo distribuiu a todos os sindicatos patronais uma espécie de guia, indicando como os empresários devem se comportar diante dos movimentos grevistas dos trabalhadores

As principais instruções são as seguintes: No 1º dia — Distribuir um panfleto na entrada

— Iniciada greve, pedir aos grevistas, através da supervisão, quadro de aviso, folheto etc. (anexo 1), a volta ao trabalho até determinada hora(...) Informar que a empresa acompanhará o acordo a ser feito com o Sindicato e que as horas de greve não serão pagas.

— Não havendo o retorno ao trabalho, suspender os grevistas, como medida disciplinar, por dois dias.

— A suspensão deverá ser individual quando possível (anexo 1). Se não for possível deve ser feita de forma coletiva, através de distribuição de comunicado na saída da fábrica, desde que a greve esteja sendo feita pela maioria dos empregados.

— Sugere-se que a suspensão seja divulgada pouco antes do fim do turno. Na greve parcial, não sendo possível separar os grevistas dos não grevistas, suspender todo o grupo.

— Na suspensão coletiva corremos o risco de perdermos o processo na Justiça do Trabalho

— Informar a DRT e Sindicato Patronal assim que estourar a greve na empresa.

No 2º dia — Não abrir as portas.

As empresas que trabalham 24 horas por dia deverão escolher o horário em que haja menor número de empregados na empresa para iniciar a operação de não mais permitir a entrada.

Simultaneamente, as empresas devem preparar serviços de emergência, compostos por pessoas de confiança, principalmente supervisão para manter em atividade equipamentos vitais (fornos etc.)

João de Barros

Ponto Frio Ladrão

"Lendo a reportagem sobre o Ponto Frio Bonzão, sirvo-me desta para denunciar que eles não roubam só à prestação. Vejam isso: comprei um relógio Orient no Ponto Frio Bonzão pelo preço de Cr$ 3 mil, na loja da rua Uruguaiana, 134. Ao sair da loja, vi numa casa vizinha o mesmo relógio por Cr$ 1.300,00. Aí, me grilei. Fui na casa do Ponto Frio do Meier, onde moro, e o mesmo relógio custava 1.390 cruzeiros. Viram o lance?

Outro detalhe: na nota fiscal ao consumidor, colocaram Cr$ 3 mil. Pra uma tal de Globex Financeira, colocaram Cr$ 3.500, de onde calcularam os juros. Disso tudo resultaram 12 prestações de 413 cruzeiros, que importaria no final do pagamento, Cr$ 4.956,00.

Voltei na loja da Uruguaiana e entreguei o relógio e o carnê ao senhor Domingos, supervisor de jóias do Ponto Frio Bonzão. Eu quis cancelar a compra, mas ele não aceitou. Deixei com ele o relógio, a nota fiscal e o carnê das prestações. Precisamente no dia 15 de setembro recebi uma carta de cobrança por parte do Departamento Jurídico desta firma. Já havia pago uma prestação. Fui lá e falei que era uma cobrança ilícita e eles disseram que eu teria que pagar duas prestações em atraso.

Eles, os ladrões desarmados de revólver, mas armados de táticas vis e mesquinhas contra o bolso do trabalhador brasileiro, tem a seu favor o Serviço de Proteção ao Crédito, o SPC.

Por que o governo não usa essas três letras acima e cria o Serviço de Proteção Consumidor". **(Luiz Barbosa, Rio de Janeiro, RJ)**

• Você deveria ter ficado com a nota fiscal, o relógio e todos os outros documentos e entrado na Justiça. Entre outras coisas, ao que parece, lojas sob a mesma razão social não podem ter preços diferentes para uma mesma mercadoria.

Beatle Club aparece

"Em resposta à carta publicada na seção de leitores, na edição nº 11, escrita por Davie Fortwerck Júnior, na qual procurou de maneiras absurdas e caluniosas atingir minha idoneidade moral, devo esclarecer aos beatlemaníacos brasileiros que não conheço, nem nunca foi membro de nosso clube o elemento acima citado. Neste primeiro ano de trabalho enfrentamos inúmeros problemas, mas nunca paramos e seu presidente jamais teve "moto zerinho".

No próximo dia 17 de dezembro, a partir das 14 horas, estaremos realizando o II Encontro do Beatles Cavern Club, na Quinta da Boa Vista, Rio de Janeiro, onde esperamos o comparecimento de todos, inclusive de Davie Fortwerk Júnior.

O Beatles Cavern Club foi fundado e coordenado por um grupo de jovens, que se dedicam com carinho e por diletantismo, em seus momentos de folga. Jamais visamos outros interesses, caso contrário não completaríamos um ano de existência nem teríamos o apoio das gravadoras EMI/Odeon, WEA, Phonogram e Beverly.

*Pra finalizar, queremos convidar os jovens beatlemaníacos do Brasil para, quando de passagem por São Paulo, visitar-nos em nossa sede, que fica na rua Cruzeiro, 435". **(Luiz Antônio da Silva, presidente do BCC)***

Governo cria e destrói Central de Medicamentos

Quando observamos a estrutura de distribuição gratuita de remédios no país, quando percebemos que ela é totalmente ineficaz, que ela não consegue alterar em nada a realidade triste da saúde de nosso povo, não conseguimos enxergar ali o feto abortado de uma experiência que poderia nos ajudar a recuperar a independência. Para que possamos entender melhor a Central de Medicamentos (CEME), remontemos a 1961.

Foi em 1961 que um grupo de médicos brasileiros, após analisar a problemática da terapêutica no país (estudando desde a produção das matérias básicas até a venda nas farmácias), pôde dimensionar mais claramente um quadro que é muito mais vasto, pois abrange, ainda, muitos outros setores da indústria. Lançaram, então, a idéia da formação do Grupo Executivo da Indústria Farmacêutica (GEIFAR).

Com as convulsões políticas do país, que se seguiram neste período, e, depois, com o golpe de 64, a idéia foi abandonada.

No governo Médici, em pleno "milagre", foi criada a Central de Medicamentos, com o propósito fundamental de fabricar e distribuir medicamentos e de se constituir um núcleo básico para o estabelecimento de uma indústria química de base.

Com a instalação dessa indústria de base, o país poderia recuperar sua dignidade não só no mercado farmacêutico, como também em uma série de outros que dependem da química de base.

A equipe inicial encarregada de montar o CEME procedeu, na ocasião, a um estudo profundo do assunto, isto já em 1971.

O problema inicial enfrentado pela equipe foi a enorme quantidade de medicamentos existentes no mercado brasileiro, cerca de 23 mil. Fizeram um receituário básico e constataram que pouco mais de 300 remédios diferentes são necessários para resolver qualquer problema de tratamento para qualquer doença, sendo que a variedade é devido principalmente à variedade de marcas para o mesmo produto e a existência de produtos inócuos ou ineficazes.

Nos países mais desenvolvidos, são lançados 12 a 14 produtos farmacêuticos novos ao ano. No Brasil há um lançamento a cada 35 horas. Na verdade, o número se mantém, uma vez que, no mesmo ritmo, produtos são retirados do mercado para serem relançados com outro nome. Isso se dá porque o controle de preços é muito rígido e se torna mais lucrativo retirar o produto do mercado e tornar a lançá-lo com o preço várias vezes maior, com modificações inócuas na fórmula, às vezes adicionando apenas água ou açúcar!

Em um segundo tempo, a comissão começou a estudar como obter, da melhor maneira, estes produtos. Percebendo que não poderiam contar com as multinacionais, resolveram incentivar o produtor nacional. Ainda assim, esbarraram nos laboratórios estrangeiros, que controlam o mercado de matéria-prima. Para contornar este problema, iniciaram um programa de pesquisa no Instituto Militar de Engenharia e montaram uma fábrica piloto em São Paulo. Propuseram ainda uma estrutura na qual a CEME pudesse importar diretamente, senão as multinacionais passariam a superfaturar as matéria-primas e a atrasar a entrega, tornando impossível o desenvolvimento em escala industrial.

Nesta ocasião, os estudos já estavam quase saindo do papel e, então, começaram as pressões contra o grupo, movidas pelos laboratórios. A CEME percebeu que mesmo um governo ditatorial não era bastante forte para garanti-la e começou a conversar nos sindicatos e universidades. Isto passou a se tornar inconveniente para a ditadura, pois aumentava o campo de participação popular nas decisões políticas do país. Por outro lado, as denúncias que agora ouvimos sobre corrupção podem nos dar a supor um outro tipo de pressão.

O golpe final contra essa tentativa de soberania nacional se deu em 1974, já estando o país sob o mando do general Geisel, através de um estratagema bem ao gosto tecnocrático dos grandes favorecedores do capital estrangeiro, tendo a CEME deixado de ser um órgão ligado à Presidência da República para ser vinculada a ministérios. Além disso, foi fragmentada, indo a parte da pesquisa morrer asfixiada no Ministério da Indústria e Comércio. A distribuição foi se prostituir no da Previdência Social.

A triste realidade da CEME espelha, hoje, a triste realidade de nossas universidades, da saúde de nosso povo, de todo o país, enfim.

Luiz Azar Miguez, Rio de Janeiro, RJ.

"Não me comprometa"

"Sobre a matéria publicada no número 11, nas páginas 22 e 23, com o título "Hospício faz lavagem cerebral," devo esclarecer o seguinte: como participante de um grupo que se denomina Movimento de Profissionais de Saúde Mental, cuja finalidade é denunciar as precárias condições de atendimento nos hospitais psiquiátricos, como as irregularidades, arbitrariedades, etc., além de tentar a proposta de alternativas para solucionar a crise da psiquiatria brasileira, não temos feito outra coisa até agora, pois achamos que este é o nosso dever. Contudo, nesta matéria há uma acusação de que dois médidos são do SNI e funcionam em seus hospitais como torturadores. Pela pouca clareza da redação parece deixar, para mim, a responsabilidade da denúncia. É importante que este jornal retifique esta situação, pois eu desconheço os dois médicos acusados e não sei qual a fonte que este jornal encontrou para formular tal denúncia.

Há a necessidade de se esclarecer este mal entendido. Responsabilizo-me apenas por aquilo que eu falo, não pelo que os outros falam. (Paulo Duarte de Carvalho Amarante, Rio de Janeiro, RJ)

• Em momento nenhum da matéria foi dado a entender que a acusação partiu de você. Nas únicas duas vezes em que você fala, mencionamos seu nome. Se a acusação fosse sua, fatalmente sairia o seu nome. Portanto, não há com que preocupar. A matéria também não diz que os médicos são torturadores, apenas que são do SNI

LEITORES

Havia deixado o voto na urna dois minutos atrás. Saiu do banco com um sorriso de tímida satisfação e acariciando os cabelos do filho que estava agarrado à sua perna. Votar lhe fizera bem. A última vez que votara foi numa assembléia dos marinheiros, em 63. Decidia-se a greve e a maioria foi a favor. Ao final, teve de abandonar a farda e desembarcar de vez. Daí porque, de saudade, sempre que podia, ficava na beira da praia olhando fixo pra dentro do mar. Acabou motorista de madame. Mas pro filho sonhava com o mar alto, os gritos no convés e a farra na cantina. Ia ser marinheiro que nem o pai. O garoto nem entendeu quando o pai se abaixou, se esqueceu do mundo e ficou a olhá-lo um tempão. O menino até riu do sorriso feliz do pai.

Era um dia especial e podia-se permitir uma extravagância: dois saquinhos de pipoca, um pro filho, outro pra ele mesmo. Deixou o garoto na calçada e atravessou em direção à carrocinha. Escutou um grito mas nem teve tempo de virar-se. Teve a impressão que algo lhe havia atingido e sentiu-se como naquelas noites que ficava na proa pegando o vento salgado do mar. A faixa branca da pista ficou manchada de vermelho. Na mão esquerda a nota de dez cruzeiros. Nos lábios, ainda o mesmo sorriso feliz, que, agora, mais parecia de desafio, desdém e irreverência.

Tinha a impressão que falavam a seu redor: "...o ônibus vinha a toda...", "...o motorista conseguiu escapar...", "...a culpa foi daquela variante verde...". Por um momento compreendeu tudo — quando o filho lhe agarrou as pernas e pediu pra ir pra casa. Passou a mão pelos cabelos do garoto e teve vontade de bater continência ao futuro marujo. Sim, ia ser marinheiro como o pai. Ia ser do mar. Só que num país livre, sem injustiças. Pra isso tinha votado. **(Zécarlos Asbeg, Rio de Janeiro, RJ)**

LEITOR/REPORTER

Atenção, leitor! Se você sabe de alguma sujeira que acontece no seu bairro, escola, emprego, escreva que a gente publica. Use o jornal como tribuna. Importante: as cartas devem vir com nome, assinatura e endereço.

Anúncio de emprego é a maior cascata

"Considero a maior sujeira existente nessa cidade, no que diz respeito a campo de trabalho, os empregos fictícios em anúncios constantes nos jornais de grande circulação. Os anúncios exploram e iludem as pessoas que precisam trabalhar e saem de casa de madrugada, com sacrifício, gastando dinheiro de condução, deixando, inclusive, de se alimentar, em busca de emprego.

Não sei, sinceramente, citar o nome das firmas que atuam neste sistema, porém aqui vai um endereço: avenida Rio Branco, 43/21° andar, Rio de Janeiro.

Eles fazem uma chamada de moças e rapazes para auxiliares de escritório, secretárias, tesoureiros, gerentes, coordenadores de serviços gerais, enfim, uma série de empregos inexistentes. Quando a pessoa chega lá, eles dizem que as vagas estão todas preenchidas e convidam o candidato a assistir a um curso de previdência (venda de títulos frios de seguro).

No início do curso eles prometem que as vagas vão reabrir e que, enquanto isso, os candidatos podem ir vendendo os títulos da firma.

Numa seguradora, é normal, em cada venda de título, o vendedor ficar com a primeira parcela do pagamento, o que não acontece nesta arapuca. A firma recebe o tutu todo e dá uma miserinha para o vendedor frustrado, que, na esperança de ficar com o emprego prometido, na maioria das vezes até compra os títulos ou acaba vendendo para os pais e parentes

E quando volta com os títulos vendidos os ladrões dizem que ele é um excelente vendedor e que não deve perder tempo em ficar num escritório, trabalhando como auxiliar, secretário, tesoureiro ou gerente.

Daí, meu irmão, com essa o capiau desiste e puxa o carro sem emprego, sem dinheiro e desmoralizado. E os caras ficam lá, impunes, cuspindo no dedo e contando as pratinhas do Zé." (Dalberto Teixeira, Rio de Janeiro, RJ)

Ah, se eu fosse deputado

Se eu fosse deputado, alertaria o nosso Governo para a criação do Seguro Desemprego, para que o operariado tenha condição de sobreviver, quando perder seu emprego.

O governo incentivaria as diversas seguradoras existentes no Brasil a incluírem o seguro por motivo de desemprego, ou então estipularia um desconto de 8% nas folhas de pagamentos dos assalariados que quisessem fazer parte de tal seguro a favor do INPS, através de diversas modalidades de faixas de prêmios e capitais, de acordo com os salários dos empregados.

Para que se possa precaver de uma possível explosão demográfica de empregados, que forçariam as suas dispensas dos trabalhos, este benefício só seria pago ao empregado que tenha sido demitido do emprego sem justa causa, devidamente comprovado pelo demissionário, assinado por duas testemunhas idôneas e visado também pelo Juiz competente, em declaração, com firmas reconhecidas em Cartório.

Este Seguro viria proporcionar um meio de vida mais condigno ao assalariado, que, poderia se manter substancialmente e à sua família, e teria um status sócio-econômico de maior relevância. Poderia aplicar este dinheiro na compra de uma casa própria ou, então, aplicaria na Caderneta de Poupança, caso não conseguisse algum outro emprego, tendo em vista a grande disputa atualmente no mercado de trabalho no Brasil, e, atenuaria de melhor forma as dificuldades no nosso meio social.

O referido seguro só seria pago uma vez, devidamente fiscalizado pelas autoridades competentes. Para que todos se beneficiassem, a minha opinião, seria que o próprio INPS se responsabilizasse por este seguro, estabelecendo uma taxa e cobertura de acordo com a faixa salarial de cada empregado. **(Sebastião E. Santos, Arcos, MG)**

● *"Eu queria que vocês soubessem da sujeira que tá pintando por aqui. Faço questão que vocês saibam e publiquem a morte do pobre estudante que foi assassinado estupidamente por brutamontes impunes. Já houve várias manifestações populares, estudantís e o caso não se evidencia. Todo mundo aqui sabe quem foram os assassinos, mas as autoridades nada fazem em prol de um esclarecimento. Estou revoltado, como todo mundo. Já fizemos abaixo-assinado, Regina Duarte e o elenco do Santo Inquérito se solidarizaram e nada. Todo mundo sabe quem são os culpados, mas ninguém os coloca na cadeia. O pobre Jailton foi morto por ter cometido o crime de ter presenciado um crime do Esquadrão da Morte".* **(Sebastião Jorge Barbosa, Maceió, AL)**

HOMOSSEXUAIS QUEREM SAIR DAS MANCHETES

Durante o mês de julho deste ano, o jornal **Notícias Populares**, desta capital, publicou sete manchetes de primeira página relativas a homossexuais envolvidos em atos criminosos.

O fato poderia ser negligenciado, considerando a conduta desse jornal: seria mais um caso de sensacionalismo, apoiado em um tema que — não por acaso — aumenta sistematicamente as porcentagens de vendas. Os fatos, além de confusamente narrados, são manipulados. Por exemplo, no dia 13 de julho uma janela da primeira página remete à matéria ("p. 16"), que simplesmente não existe. É pelo mesmo descompromisso que os acontecimentos são noticiados em meio a uma maré de considerações que identificam o homossexual com a imagem do criminoso, muitas vezes "de alta periculosidade" e, ademais, ridículo. **Notícias Populares** parece incumbido de "denunciar" tais ocorrências enquanto o jornal "sério" da mesma empresa, a **Folha de S. Paulo**, não faz menção dos mesmos fatos. Algumas camadas das classes médias poderiam considerar esse jornal como inofensivo, isto é, "ninguém" levaria a sério seu estilo jornalístico. Mas nós entendemos que a mentalidade veiculada por **Notícias Populares** é extremamente perigosa e reveladora da falta de ética profissional de quem nele escreve e de quem o financia. Com efeito, se muitos setores o desconhecem ou o tomam como literatura de humor, existe uma camada popular de relevância que o lê, o consome e acredita nele. É assim que nessas classes populares desenvolvem-se atitudes e preconceitos contra o conjunto dos homossexuais. Não dar a devida importância à veiculação incessante dessa ideologia preconceituosa, além de significar um desrespeito à ética profissional, é uma omissão que implica em consentimento.

Nós, que escolhemos uma sexualidade discriminada por certos grupos repressores, somos marginalizados e condenados desde há muito tempo ao silêncio. Por isso constituímos um grupo social facilmente objeto deste tipo de explorações comerciais impunes, como a prática de tal jornal evidencia. Em nossos dias, a livre aceitação da própria sexualidade começa a ser encarada como um dos direitos humanos fundamentais. Também sabemos hoje que a homossexualidade não é uma doença a ser curada. A pergunta "Por que se é homossexual?" aparece tão irrelevante como a pergunta "Por que se é heterossexual?" E num momento assim que o procedimento do **Notícias Populares** pode ser compreendido como uma reação de defesa não casual, ainda que talvez não premeditada. Para os interesses de certos grupos é **perigoso** que camadas até agora reprimidas e/ou marginalizadas — mulheres, negros, homossexuais, índios — tomem consciência dos motivos da sua opressão. Essa espécie de pecado original a que estavam condenadas só foi criada para que "tudo andasse bem na sociedade". É também **perigoso** que nós, homossexuais, contestemos essa ideologia onde um ser (o macho) domina o outro (a fêmea) com uma finalidade (a reprodução). Nesse sentido, o homossexualismo torna-se duplamente "incômodo". Trata-se, com efeito, de uma sexualidade onde pretendemos que não exista um dominador e um dominado e cuja "finalidade" é estritamente lúdica. Sabemos que não será através de concessões parciais que esta realidade mudará. Ela mudará quando mudar o sistema todo.

Não é casual, portanto, que a ideologia exposta no **Notícias Populares** vise manter a imagem do homossexual-criminoso-traficante-corruptor e, como se tudo isso não bastasse, doente, e doente que não quer "sarar". **(Núcleo de Ação pelos Direitos dos Homossexuais)**

Os homens estão de lama até o pescoço

"Os derradeiros instantes do governo Geisel estão mostrando um mar de lama inconcebível. E os que foram barbaramente torturados e mortos nas masmorras do DOI-CODI, do DOPS, da Polícia Federal? Sofreram essas barbaridades em nome de um falso moralismo? Parece que sim. Aí está o sr. Humberto Barreto, afilhado de Geisel, sorridente, impune, depois de esvaziar os cofres da Caixa Econômica Federal, essa mesma Caixa que cancelou há 3 anos os empréstimos que eram feitos aos pobres funcionários públicos. Admirei a reportagem que vocês fizeram sobre a lavagem cerebral que fazem nos hospícios e casas de saúde. Tem mais: aposentaram muita gente como "alienados mentais" ou "epiléticos", para se livrarem de pessoas que não pactuavam com as patifarias nas repartições públicas. Essas aposentadorias precisam ser revistas. Esses servidores ficaram lesados em seus diretios, nos vencimentos. Enquanto os ladrões, os corruptos, os "democratas" tipo Wandick Londres da Nóbrega, Eremildo Viana et caterva, estão aí pintando de anjinhos". **(Luiz de Brito, Rio de Janeiro, RJ)**

Em ação, a máfia da Sudepe

"Minha odisséia é triste e vergonhosa; sou vítima da máfia da Sudepe (Superintendência do Desenvolvimento da Pesca, anarquia, digo, autarquia do Ministério da Agricultura). Em 1967, o meu contrato foi rescindido da Sudepe pelo fato de eu não querer roubar. Até a data de hoje desempregado, pois a máfia dificultou todos os meus passos, vivo, porque não dizer, de esmolas.

Tentando sobreviver honestamente, recorri até ao Comando do 3º Distrito Naval e IV Exército. Cartas, petições, telegramas, publicações em jornais, dirigidas aos presidentes Costa e Silva, Médici, Geisel, a deputados, senadores, ministros, não adiantaram nada. O **silêncio é total porque denunciei corruptos.**

Finalmente, o presidente Geisel desmantelou a arapuca da Sudepe.

Saibam vocês que, de 1970 a 1973, por várias vezes procurei o **Jornal do Brasil** aí no Rio. Era atendido pelos repórteres, deixava o material, porém nunca publicaram uma só reportagem, na época. Não sei que fim davam à matéria.

Passaram-se sete longos anos, contudo nunca parei de lutar. Luto com fé em Deus.

Finalmente "eu" comprovei (ficou comprovado) que a Sudepe caracterizava-se pela corrupção. Tudo tão lamentável.

Não fiz uma faculdade para roubar; nunca violei o sétimo mandamento da lei de Deus: não roubarás". **(Moysés Castanha Accioly, Tamandaré, PE).**

"Enfim vocês chegaram até nós, entrevistando três moradores do Vidigal. Êta lurgarzinho esquecido este aqui (principalmente pelas autoridades competentes, se é que existem). Espero que vocês voltem outras vezes, e que fçam reportagem sobre qualquer assunto aqui do local que, tenho certeza, são diversos: a Associação dos Moradores, o trabalho por eles desenvolvidos e as muitas dificuldades encontradas. (José Alberto Moreira da Silva, Rio de Janeiro, RJ)

Alô Rodriguez, olha aqui outro freguês

"Prezado senhor advogado Antônio Rodriguez:

Meus parabéns para o senhor e para todos que esperavam ansiosamente por este momento, quando um homem tem peito e raça para enfrentar esta organização do Silvio Santos, de ladrões e assaltantes do Brasil inteiro. Não entendo como um governo aceita uma exploração deste tamanho. Eu mesmo perdi, na hora do falecimento do meu marido, uns Cr$ 7 mil, com a ganância destas firmas de Silvio Santos.

Valeria a pena fazer um levantamento no país inteiro sobre estas irregularidades. Interessaria, também, chegar ao nosso conhecimento a verdade sobre as terras adquiridas por este homem no Amazonas e o que está acontecendo ali". (Leanora Bisckaff, Friburgo, RJ).

O advogado Antônio Rodriguez, entrevistado no número passado, está processando em São Paulo a Liderança e Capitalização, uma das firmas de SS.

Dê uma assinatura do REPORTER de presente de Natal.

CUPOM DE ASSINATURA

— Assinatura por 12 edições: 140,00
— Envie cheque nominal ou vale postal para:
Rua Miguel Couto, 134 - salas 1101 a 1104 - RJ - CEP 20.000
Você pode assinar o REPORTER, a partir do nº 0
Indique a partir de que número você quer sua assinatura..
Nome: ....
Profissão: ....
Endereço: ....
CEP:........... **Cidade:**........... **Estado:** ....

Publicidade só pra vaquinha de presépio

GEISEL PROÍBE ANÚNCIO NA IMPRENSA DE OPOSIÇÃO

O Gabinete Civil da Presidência da República, chefiado pelo general Golbery do Couto e Silva, recomendou a todos os ministérios, autarquias, empresas e bancos estatais que não publiquem publicidade e matéria paga nas revistas **Veja, Isto É,** nos jornais **Folha de São Paulo** e **Tribuna da Imprensa** e em todos os outros da imprensa alternativa, entre eles o **REPORTER** e até o Boletim da ABI (Associação Brasileira de Imprensa).

A "recomendação", segundo informaram alguns dos funcionários do governo que a receberam, representa, na verdade uma proibição. Nenhum administrador se atreveria a desobedecê-la por saber que se trata de vontade direta do presidente Geisel.

O sentido da proibição é enfraquecer os órgãos de imprensa que fazem oposição ao governo ou que, eventualmente, publicam matérias que o desagradam. No caso da imprensa alternativa, a proibição tem ainda como conseqüência criar um clima de constrangimento para que até anunciantes particulares desistam de comprar espaço nas publicações que combatem o governo.

Fonte de uma empresa que recebeu no início de novembro a recomendação escrita, surpreendeu-se diante do espanto demonstrado pelo repórter com a proibição, dizendo que já recebera vários documentos iguais, mudando apenas a lista dos jornais e revistas: "de tempos em tempos eles atualizam a relação, incluindo publicações que os estão desagradando no momento e retirando outras que já caíram na sua simpatia. Agora o que determina essas variações, que lógica é essa, eu não sei. Eu só recebo a recomendação e pronto."

Mas você não acha isso errado? Afinal, ao proibir publicidade em alguns jornais e revistas, o governo está concentrando suas verbas em outros, o que representa uma forma de suborno?

— Não resta dúvida, é isso mesmo, respondeu o funcionário ao repórter. Só não entendo é a surpresa de vocês.

Esta foi uma das fontes ouvidas. As outras duas, que confirmaram o recebimento da circular do Gabinete Civil da Presidência da República, informaram que ela incluía todos os jornais da imprensa alternativa, sem entretanto referir-se à **Veja** e **Isto É.** O diálogo entre o repórter e a fonte foi o seguinte:

Vocês receberam a circular proibindo matéria paga nos jornais da imprensa alternativa, na *Folha de São Paulo, Tribuna da Imprensa, Veja* e *Isto É*?

— Recebemos. A lista é essa, menos as duas revistas que você mencionou.

Elas não constam da relação das proibidas?

— Não.

O repórter então voltou a procurar a fonte que mencionara as revistas e ela confirmou a presença delas na lista.

Conclusão: o governo não só abusa do seu poder econômico para pressionar a imprensa de oposição e favorecer a imprensa bem comportada, como manobra a tal listinha, incluindo em algumas, publicações que, em outras relações enviadas a outros ministérios, não aparecem.

REPORTER

Rio, janeiro de 1979 — ano II número 13 — Cr$ 15 AUTÔNOMO INDEPENDENTE

SUPER GEISELIGHT

apresenta o primeiro escândalo de 1979

UM PRESIDENTE E QUATRO MINISTROS NA OPERAÇÃO LESA-PÁTRIA

P. 4

Milionário americano cria favela na Amazônia

P. 3

Cadáver vale Cr$ 5 mil no supermercado da morte

GOVERNO TEM O DEVER DE INVESTIGAR

A reportagem publicada na edição número 12 do REPORTER acusando um grupo militar de ter jogado, na madrugada do dia 20 de abril de 1968, uma bomba que destruiu parte das instalações do jornal **O Estado de S. Paulo**, teve intensa repercussão e motivou desmentidos e controvérsias.

O coronel Erasmo Dias, um dos poucos a serem citados nominalmente na matéria, depois de passar 24 horas pensando no que ia dizer, convocou a imprensa em São Paulo para uma entrevista coletiva na qual responderia as acusações.

Não respondeu. Usou a tática do bom malandro, ou de quem não tem argumentos: fez barulho e confusão pra "melar" a discussão, distorcendo os fatos publicados, taxando este jornal de "panfleto comunistóide" e anunciando que iria nos enquadrar na Lei de Segurança Nacional. No fim chegou até a nos ameaçar, afirmando textualmente: "amanhã estoura uma bomba lá no REPORTER e vão dizer que fui quem colocou; isso não faz parte do meu gênero".

Fatos mesmo para refutar o que classificou de "campanha dos comunistas", o coronel não deu. Ou melhor, deu 2:

1) Ele não era comandante da 6º Grupo de Artilharia de Costa Motorizado (6º GeACOSN) em abril de 68;

2) O general Carvalho Lisboa só assumiu o comando do II Exército em fins de 68, quando ele, Erasmo, foi então designado para o 6º GeACOSM.

Segundo Erasmo, esses 2 equívocos da reportagem mostram que ela foi feita com o nitido propósito de persegui-lo pessoalmente. Supunha ele que, fazendo o genero de vítima de calúnias e difamações, se daria melhor do que na atividade de terrorista anônimo. Enganou-se:

1) O oficial ouvido pelo REPORTER confirmou, depois da publicação da primeira reportagem que, em abril de 68, o coronel Erasmo Dias já comandava o 6º GeACOSM, fato que pode atestar por ser, na época, seu comandado. O oficial lembrou que foi nesse regimento que ficou preso por 15 dias o coronel da intendência que havia articulado a operação contra "O Estado". A prisão tinha o objetivo de tirá-lo de circulação para protegê-lo já que, pelo fato de ter articulado a ação, foi o militar que mais se expôs a contatos. Deve haver um registro sobre esta prisão porque, pra evitar comentários dentro do quartel, chegou-se a dizer que ele estava detido por motivos disciplinares;

2) O general Manuel de Carvalho Lisboa já tinha sido indicado para o comando do II Exército antes mesmo do dia em que a bomba explodiu. E efetivamente assumiu seu posto nessa época, tanto que no dia 21 de abril (um dia depois do atentado) já dava entrevistas como comandante — o que uma simples leitura dos jornais pode comprovar. Recorte de uma dessas entrevistas foi publicado junto com a matéria sobre a bomba, na nossa última edição.

Os 2 fatos que o coronel Erasmo Dias alegou para nos desmentir, na verdade, portanto, o incriminam ainda mais. Como o incrimina sua propria declaração de que "acha que sabe quem fez a denúncia": "uma dessas viúvas arrependidas que cospe no prato que comeu, quem sabe um comunistóide". Ora, se ele diz que toda a história é fantasia de uma mente doentia", como pode conhecer o seu autor, gabando-se ainda de poder fazer isso porque é um oficial de informações?

No duro mesmo, mais uma entrevista dessas e o coronel Erasmo estaria definitivamente crucificado por ele mesmo, por sua incrível capacidade de falar primeiro e pensar depois.

Deve-se, entretanto, fazer justiça aos fatos: o coronel Erasmo Dias não foi acusado de ser o executor da operação nem de ter tido nela participação destacada. Está dito que ele levou um subordinado hierárquico a participar da operação e que, depois, acolheu, no seu regimento por medida de precaução, o oficial que coordenou toda a ação.

Isso nos leva a reafirmar alguns aspectos básicos que foram esquecidos pelo evidente interesse em não se apurar nada do que a matéria levantou:

1 — Tem muita gente envolvida com operações, como a contra "O Estado", que ligaram o Exército a delegados de polícia e civis para praticar atos de violência política e terrorismo. Esse tipo de vinculação aliás é a base da formação dos órgãos de repressão política como o DOI-CODI (Departamento de Operações Internas — Comando de Defesa Interna) e a Operação Bandeirantes. Descobriu-se um nome (o do coronel Erasmo), mas faltam os outros militares, os civis, os policiais e os coordenadores desse tipo de trabalho.

2 — O testemunho da fonte do REPORTER é suficiente para caracterizar a ação como tendo sido feita por um grupo militar porque alguns oficiais que dela participaram foram deslocados por ordem de seus comandos:

3 — REPORTER não acusou o Exército de, como instituição, estar diretamente envolvido na operação. Mesmo porque nossa fonte não teve contatos diretos com os oficiais, membros do Estado Maior do II Exército, que "deram amparo à ação". O que está dito é que um grupo de militares usou o Exército em atividades policiais de acordo com os seus interesses, ferindo evidentemente o conceito da corporação e levando-a a atos clandestinos e ilegais.

Todas as imprecisões que a história ainda tenha — como determinar o exato envolvimento da corporação militar no atentado — conduzem apenas a uma conclusão: o governo tem o dever de dar alguma satisfação aos cidadões deste país, abrindo, ou reabrindo, investigações sobre o atentado ao **Estado de S. Paulo**. Pelo menos porque os fatos subseqüentes a abril de 68 mostraram que o depoimento do oficial ao REPORTER tem a força e a coerência da verdade.

Quanto à nossa responsabilidade na história toda, temos a dizer que estamos dispostos a assumi-la, como, aliás, sempre o fizemos e estamos fazendo precisamente agora ao responder a inquérito aberto pelo ministro da Justiça, Armando Falcão, em virtude da apreensão de nossa edição de número 5.

Quanto às ameaças, tipo da que foi feita pelo coronel Erasmo, confessamos apenas o nosso medo e lamentamos que nesse país as chamadas "autoridades" sejam as primeiras a desrespeitar a lei e a promover a insegurança dos cidadãos.

POR Cr$ 10 NÃO DAVA MAIS

Não deu mais pra segurar o preço de Cr$10. Depois de 7 meses (em maio tínhamos passado de Cr$7 para 10), o aumento do preço do papel, dos serviços gráficos e a nossa necessidade de sobrevivência, nos levam a aumentar pra Cr$15 o preço do jornal. Se não fizéssemos isso, não teríamos mais condição de chegar aos leitores, mesmo porque temos que pagar nossos compromissos mais importantes em até 30 dias e a receita da venda em banca chega a nós muito lentamente, em até 4 meses.

Esperamos que todos vocês compreendam isso e continuem conosco

Arte da capa: Mauricio Veneza

REPORTER

REPORTERES/EDITORES — Luiz Alberto Bettencourt, Luiz Augusto Gollo, Chico Júnior Alex Solnik (São Paulo), Analuce Estrela (Arte)
SECRETARIO DE REDAÇÃO — Toninho Martins Vaz
REPORTAGEM — Tim Lopes, Eduardo Homem (Recife), Marcos Dantas, Clarice Nisker, Tânia Celidônio, Raquel Moreno, João de Barros, Rivaldo Chinen, Bernardo Pelegrini Vera Lúcia Dias, G. ... Correa, Walter Diniz
CORRESPONDENTES — P. do D'Alcântara (Paris) e Cristina Durante (Milão)
FOTOGRAFIA — Hélio Campos Mello, Camila Butcher, Jesus Carlo, Juca Martins, Eliana Pastore, João Bittar, Wagner Avancini, Lula Lopes, Chiquinho Chaves, Luiz Bittar, Custódio Coimbra, Leonardo Neri, Nair Benedicto, Amancio Chiodi, Americo Vermelho.

ILUSTRAÇAO — Jaime Leão, Angeli, Jota, Alex, Gandacci, Mauricio Veneza
ARTE — Pipsi, Mauricio Veneza
PUBLICIDADE — Carlos Roberto Zanello de Aguiar
REPORTER Autônomo Independente — Uma publicação da Margem Editora e Programação Gráfica Ltda. Rua Miguel Couto, 134/11º andar Rio de Janeiro
São Paulo: Rua Jaguaribe, 25 3º andar, conjunto 31 Telefone 227-3103
Distribuição — Fernando Chinâglia S.A. Rua Teodoro da Silva, 907, Rio de Janeiro

Impressão e composição — Editora Morv, Rua do Resende, 65, Telefone 263-7002, Rio de Janeiro

REPORTER
integra
o Comitê da
Imprensa
Independente

Registro Civil das Pessoas Jurídicas nº. 2868

Milionário americano provoca miséria na Amazônia

MORAM 25 MIL PESSOAS NA FAVELA DA SELVA

Sem proteção do Ministério do Trabalho, os operários do projeto Jari habitam palafitas ou barcos, pagam Cr$ 100 por quilo de açúcar e não têm hospital ou comércio regular

O "Beiradão", a maior favela da Amazônia, é uma área de três quilômetros de pobreza, doença e miséria, construída em torno do milionário projeto Jari, do industrial norte-americano, Daniel Ludwig. Vinte e cinco mil pessoas moram nos quatro mil barracos residenciais e comerciais, construídos de forma precária, pelo sistema palafita — as ruas e as casas de madeiras são plantadas dois metros acima do rio, em estacas de madeira — no rio Jari.

A maioria dos moradores do "Beiradão" — cerca de 15 mil — trabalha no projeto Jari. Esses trabalhadores, contratados pela Jari Florestal e as empresas de engenharia e desmatamento que operam na área, são trazidos de Belém, Manaus, Fortaleza, Recife e até mesmo de São Paulo, e levados para a selva, onde ficam acampados em barracas de lona ou barracos de madeira improvisados, que abrigam 15 a 20 pessoas. Depois de um certo tempo eles abandonam as barracas de lonas e vão morar na favela, construindo um barraco palafita, de sua propriedade.

O Rio Jari divide o Estado do Pará com o Território Federal do Amapá. Do lado direito do rio, está o projeto Jari, ou seja, sede do projeto, na cidade de Monte Dourado. Do lado esquerdo, no território do Amapá, está o "Beiradão", a segunda cidade do Amapá, que cresce a uma média 20 por cento ao ano e que poderá se transformar na primeira, dentro de mais cinco anos, superando a capital, Macapá (tem cerca de 40 mil habitantes).

A favela do "Beiradão" é a melhor prova do desastre que está sendo para a Amazônia a execução do projeto Jari. Os elevados investimentos anunciados por Daniel Ludwig, para conseguir do Governo a aprovação de seus planos, se destinarão apenas à produção — compra de máquinas, implantação de escritórios, importação de fábricas prontas, plantação de milhões de mudas no reflorestamento e etc. Na área social, a situação é caótica. Não existe casa para todos os trabalhadores contratados, o sistema de saúde é deficiente, não há comércio ou qualquer diversão, e a prostituição é uma atividade em expansão na favela — lá existem 800 prostitutas.

O abastecimento de gêneros à população que vive em torno do projeto Jari, é feito de forma criminosa. Embora exista um supermercado vendendo mais de 1300 tipos de produtos na cidade de Monte Dourado, a oferta é insuficiente para atender aos trabalhadores. Também não existe bebida alcoólica ou mesmo refrigerantes, e a maioria dos trabalhadores têm de comprar de forma racionada. A alternativa para toda a população, portanto, é comprar nas cinquenta casas comerciais instaladas na favela, onde um quilo de açúcar custa Cr$100,00, uma cerveja, Cr$50,00, e um quilo de café, Cr$120,00.

Na região de Monte Dourado, a situação também não é das melhores. Embora seja uma vila construída nos moldes americanos, para ser ocupada pelos diretores e técnicos especializados de nível superior e médio, a realidade está muito distante do sonho de Ludwig, quando começou o projeto, há dez anos. Existem apenas 1.200 casas para atender cerca de 7 mil trabalhadores. Os diretores estão todos bem localizados em casas confortáveis. Os gerentes, chefes de seção e alguns técnicos estrangeiros, também receberam casas. Porém, a maioria dos trabalhadores de nível médio, com suas famílias, está acomodada em apartamentos do tipo quitinete. Os que têm famílias grandes, alugam casas em Belém e vão visitá-las uma vez por mês.

Em outras áreas do projeto, como a vila de São Raimundo, implantada para produzir arroz, também não há casas suficientes para atender aos trabalhadores. Embora o projeto de produção de arroz tenha iniciado em 1973, somente agora estão sendo construídas as casas para os trabalhadores. Antes, mais de 300 moravam em galpões de madeira e dor- [illegible]

Antonio Silveira, um dos chefes de trabalhadores da Setal (empresa de engenharia), observa que o projeto Jari não poderia ser executado em nenhum país desenvolvido, se fosse dado aquele tipo de tratamento aos trabalhadores. Conta que trabalhou no Alasca, onde os Estados Unidos desenvolviam um projeto pioneiro na região, para produzir petróleo, mas o tratamento dispensado aos trabalhadores era totalmente diferente. Todos tinham casas e havia bares, restaurantes, cinemas e outros tipos de diversão. Na região, o Governo americano também instalou postos de fiscalização do Estado e dos sindicatos, para averiguar a defesa dos interesses dos trabalhadores. No Jari, no entanto, isto não existe. A fiscalização do Ministério do Trabalho nunca apareceu e pouca gente sabe realmente quais são os seus direitos.

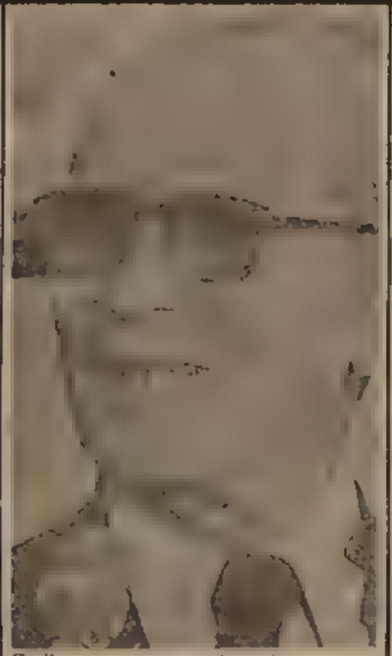
Alguns trabalhadores reclamam que foram despedidos e até hoje não conseguiram lugar nos aviões ou nos barcos de Jari, para poder voltar a cidade. Como a região só tem ligação com as grndes cidades através de veículos da Jari — barcos e aviões —, o passe para viajar só é concedido aos que estão em gozo de licença para ver a família. Os que foram demitidos por causa de grandes divergências com a empresa, têm de esperar mais de dois meses por uma autorização para viajar, e enfrentam grandes dificuldades financeiras na região.

Na favela do "Beiradão" há um posto do Ministério da Fazenda, que fiscaliza o comércio e arrecada tributos das 50 empresas comerciais, um posto de polícia e uma subprefeitura. Mas, é tudo construído em casas palafitas, funcionando em condições precárias. Não há hospital ou posto do Ministério do Trabalho. A maioria dos trabalhadores não tem carteira assinada, não tem férias ou 13°. A quantidade de crimes — assassinatos e assaltos chega a uma média de dez por mês — e ninguém sabe como conter o crescimento da favela, porque a Jari contrata sempre mais trabalhadores. O soldado José Saulo Junqueira, de serviço no posto do Beiradão, repete um comentário muito comum na boca de todos os moradores: "isso aqui é uma nova Hong-Kong". Conta que um grande número de trabalhadores mora dentro de barcos, esperando a conclusão das obras de construção de seu barraco.

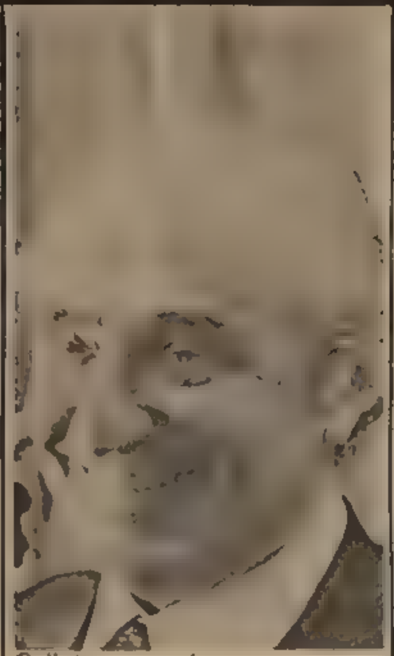
O Governador do Amapá, Artur Henning, está revoltado com o projeto Jari. A favela, principal problema de seu Governo, hoje, surgiu com o mirabolante projeto do Jari, que, ao invés de enriquecer a região, como todos esperavam, só fez gerar, em 10 anos, a maior favela da Amazônia.

Nem Figueiredo topou participar do 1º escândalo de 79

Geisel comandou tudo


Golbery aprovou decisão

Ueki executou a jogada


Galloti riu e enriqueceu

Velloso agiu na surdina

A Light, que o governo brasileiro acaba de comprar do grupo canadense Brascan,

já é nossa há muito tempo e já foi paga até por você mesmo

que todo mês na sua conta de luz comparece com uma grana para indenizar os gringos.

Geisel compra empresa que já era brasileira

Trezentos e oitenta milhões de dólares. Ou Cr$7 bilhões 980 milhões. Este é o preço pelo qual o povo brasileiro está comprando algo que já é seu e que já foi pago: a Light Serviços de Eletricidade S.A.

Para justificar esse negócio — que o Presidente Geisel faz questão de anunciar pessoalmente para evitar que alguns de seus ministros fiquem sob suspeita de corrupção — o governo usa deste argumento: não importa qual seja o tempo que falta para expirar o prazo da concessão à Light e ela reverta à propriedade do governo brasileiro, pois a demanda da energia cresce em proporção muito superior à capacidade de investimento e atualização da Light. Logo, o governo compra-a para que seja feito por ele esse investimento indispensável.

O argumento é falso. O governo tenta descartar a questão do prazo porque ele é a ponta de um escândalo: um incêndio providencial (ou providenciado) no Departamento de Águas e Energia Elétrica consumiu a única cópia brasileira do contrato firmado, no princípio do século, entre o Brasil e a Light, e esta, que tem a segunda cópia, não permite que ninguém a consulte. Pois aqui está o ano da expiração definitiva e irrevogável: 1990, conforme a Cláusula 2ª. do contrato firmado em 16 de Julho de 1907. Se no governo federal ninguém o sabe, que seja feita uma consulta à Procuradoria dos Serviços Públicos da Procuradoria Geral do Estado do Rio de Janeiro, a qual levantou as datas ignoradas e encaminhou-as ao governador Faria Lima. Sem resultado, claro. E mais: pela Cláusula 35 de um contrato anterior, firmando com a Light em 20.5.1905, ficou estabelecido que, ao expirar a concessão, os bens utilizados pela concessionária para exploração dos serviços de eletricidade reverteriam gratuitamente à posse do Estado.

Como se não bastasse, de cada vez que se paga uma conta e luz se está pagando, também, uma cota de reversão incluída na conta. E esta importância é a indenização antecipada pelo que a Light pudesse ter ainda a receber, ao término de sua concessão.

Ou seja: pelo contrato que firmou com o Brasil, ela reverteria gratuitamente à posse dos brasileiros; ainda assim, continuamos pagando uma alegada cota de reversão; e, afinal, o governo compra a empresa por uma importância babilônica.

Isso não é tudo, porém. A falsidade do argumento governamental prossegue, pois, ao lhe ser concedida a exploração (e que exploração) dos serviços de eletricidade, a Light comprometeu-se a estar atualizada com a demanda. Se não está, porque desviou seus recursos para fins mais lucrativos (bancos, financeiras, etc.), simplesmente não pode continuar sendo concessionária de um serviço que não fornece. Logo, a concessão já está extinta por falta de cumprimento.

Não se trata, é evidente, de um mau negócio. Pelo contrário, é um grande negócio — para uns poucos. Um negócio elaborado sob tal sigilo que nem mesmo a compradora, a Eletrobrás, soube de nada. Um negócio urdido pacientemente pelo ministro Shigeaki Ueki, com o eficaz apoio do ministro Reis Velloso, com o alheamento temeroso do ministro Simonsen, com a bem protegida aprovação do ministro Golbery e com a benção do presidente Geisel. Com esplêndido lucro para uma multinacional e com o prejuízo do Brasil — mas isso não é novidade.

Galloti tava doido pra vender desde os tempos do Castello

Os jornais panfletários ou populistas das décadas de 50 e 60, até 64, referiam-se à Light como "o polvo canadense". E não lhe deram descanso, estimulando políticos e correntes de opinião, até que a encampação do **polvo** pelo governo tornou-se objeto de considerações práticas na área administrativa. Práticas, mas relutantes. Constituiram-se grupos de estudo. Comissões de avaliação, de negociação com a empresa e entre organismos diplomáticos — elevaram-se pilhas imensas de pareceres e processos. Entre as pressões de um e de outro lados, o governo Goulart recorreu à tática predileta de ganhar tempo, fosse, em parte, porque a agitação do tema lhe servia politicamente, fosse pelo receio de enfrentar o capital estrangeiro em um de seus baluartes mais simbólicos no Brasil. E tanto foi o tempo ganho, que sobreveio o golpe de 64.

Instaurado o poder militar, Roberto Campos, que fizera parte dealgumas das ambíguas "comissões de encampação" e nelas defendera a todo preço as concessionárias estrangeiras (Light, Amforp, ITT. etc), foi nomeado ministro do Planejamento, com poderes equivalentes aos de um superministro. O polvo passava, assim, a nadar em águas claras e mansas.

A Brascan, **holding** multinacional com sede no Canadá, à qual a Light se filia, não esqueceu, porém, os estudos de diversas origens (CIA, Departamento de Estado, Foreign Office, etc.), segundo os quais as concessionárias estrangeiras de serviços públicos estavam condenadas, na América Latina, a passar à propriedade do Estado, por pressão das opiniões públicas dos diversos países. Golpes militares, ditaduras e outras especialidades latino-ameircanas podiam adiar, mas não impedir esse desfecho. E assim a principal tarefa de Antonio Galloti, representante maior da Brascan no Brasil, passou a

21 milionários iam ser donos da Light sem gastar nada

ser a de aproveitar a instauração, pelos militares brasileiros, de um governo tão amigo do **polvo** para fazer-lhe uma boa venda da Light, até lá esvaziando a empresa e destinando seus recursos a setores não incluídos nos riscos do futuro.

Do governo de Campos-Castello ao de Golbery-Geisel, várias tentativas de negócio foram feitas. A tal ponto que terminou por criar-se, entre os tecnoburocratas, um aforisma muito do agrado do ministro Shigeaki Ueki: "a venda da Light é uma gripe: vai e volta, vai e volta". As múltiplas e bem fundadas denúncias feitas contra a Light até 64 deixaram, porém uma sequela grave: tanto entre militares, quanto entre tecnocratas, muitos firmaram e mantiveram posição contra qualquer transação em que a Light possa receber novos benefícios, devendo, ao contrário, passar pura e simplesmente ao controle do governo brasileiro. E ninguém, nos sucessivos governos militares, dispôs-se a enfrentar essses núcleos de oposição remanescentes no próprio seio do Poder.

Light seria comprada por empresa que nem existia

Com sua facilidade de dizer coisas que — por mera coincidência, é claro — alteram o valor de ações na Bolsa, concedem contratos faraônicos a empreiteiras que não participaram de concorrência, e assim por diante, o minitro Shigeaki Ueki é uma personagem perfeitamente definida na opinião nacional. Não surpreende, pois que, não sendo o general Golbery, viesse a ser ele o agente principal da nova ação entre amigos que é a compra da Light.

Em março de 76, Ueki tomou uma atitude que em outros tempos estaria na rota do escândalo: em uma reunião sigilosa, realizada em uma residência particular protegida de toda possível curiosidade, uniu-se aos advogados Raphael de Almeida Magalhães e José Luiz Bulhões Pedreira para discutir as linhas gerais de um plano que permitisse o grande negócio da compra da Light. Autorizados por Ueki a agir e falar, segundo a expressão que usam em um ofício mandado ao ministro em 29.11.76, "na condição de delegados de fato" do próprio ministro e, portanto, do governo brasileiro, os dois advogados iniciaram a montagem prática do esquema, mantido sempre o sigilo até mesmo para os órgãos da administração que estariam nele diretamente envolvidos.

O mecanismo do negócio era simples e, sem dúvida, imaginoso. Aproveitando-se da campanha que a "grande imprensa" então fazia contra a tendência estatizante da política econômica brasileiro, o governo daria uma prova definitiva de suas boas intenções privatistas promovendo a compra de uma concessionária de serviços públicos, a Light, por um grupo amplo de empresários, que se reuniriam em uma empresa a ser formada — a Embrapar, Empresa Brasileira de Participações S.A. Isto é, a maior empresa privada do país seria comprada por uma outra que nem ao menos existia.

Para isso, eram necessários malabarismos legais e fiscais que iam desde a alteração da Lei de Sociedades Anônimas até à criação de um decreto específico para que o Tesouro Nacional funcionasse como garantidor financeiro da empresa fantasma. Como dizem Raphael de Alemida Magalhães e Bulhões Pedreira em seu ofício a Ueki, de 29.11.76: "Durante 45 dias trabalhamos na elaboração da proposta, ajustando o esboço original — sem prejuízo de nenhum de seus princípios básicos — a números, fatos, aspectos tributários e operacionais que até então desconhecíamos". Mas no dia 3. 9. 76, afinal, puderam eles apresentar a Ueki a "minuta de proposta que pretendíamos apresentar à Brascan, acompanhada de memorial justificativo da operação, com a indicação das medidas de apoio do Governo que eram solicitadas e o cronograma dos atos necessários para que pudéssemos apresentar a proposta no dia 1º de outubro".

Só então, decorridos já seis meses desde o primeiro encontro de Ueki com os advogados encarregados de articular o esquema do grande negócio, o Governo, como tal, tomou conhecimento do assunto. Segundo Ueki afirmou aos dois advogados em 10 de setembro, "o Presidente da República, ouvidos os Srs. Ministros da Fazenda e do Planejamento, havia aprovado a operação". Geisel, na verdade, aprovara. Mas a afirmação de Ueki era algo cavilosa com respeito à posição do ministro da Fazenda. Ao contrário de Reis Velloso, que, com toda a evidência, desde muito antes estava articulado com Ueki, Simonsen percebera que o negócio era explosivo, principalmente quando certas pressões indicavam que a abertura política, com seus mecanismos de investigação, não podia continuar sendo contida. E fincou o pé nessa posição: "Se vocês (Ueki e Velloso) acharem que o negócio é bom, façam; se não, não façam". Ou seja,não estou aí para atrapalhar os negócios de ninguém, mas não quero entrar em frias.

Arnaldo Barbalho, atual presidente da Eletrobrás foi contra, mas vai ter que assinar

A articulação extravasou o círculo de sigilo que a protegia. O presidente da Eletrobrás, Antonio Carlos Magalhães, manifestou a Ueki sua oposição ao negócio. Com o auxílio de Velloso, Ueki desfechou violenta pressão sobre Antonio Carlos e decidiu apressar a operação, por via das dúvidas. Antes de embarcar para o Japão, em 12.9. 76, chamou Raphael e Bulhões Pereira e determinou-lhes que providenciassem a constituição do grupo de empresários e a elaboração de todos os atos contratuais e legislativos enquanto ele estivesse fora porque queria obter a aprovação formal do governo tão logo chegasse. Então, o negócio estaria amarrado.

Um só dos empresários convidados, Olavo Setúbal, do Grupo Itaú, recusou-se a participar do negócio, assumindo posição frontal contra ele. Mas, além dos advogados Raphael de Almeida Magalhães, José Luiz Bulhões Pedreira e Antonio Fernando de Bulhões Carvalho, 21 empresários passaram a compor a Embrapar: Augusto Trajano de Azevedo Antunes, Erick de Carvalho, Floriano Peçanha dos Santos, Israel Klabin, João Pedro Gouveia Vieira, Jorge Johampeter, José Ermírio de Morais, Paulo Villares, Aluisio de Faria, Amador Aguiar, Gastão Vidigal, José Carlos Morais de Abreu, Marcos Magalhães Pinto, Walter Moreira Sales, Antonio Carlos de Almeida Braga, Leonídio Ribeiro, Carlos Moacyr Gomes de Almeida, Derek Parker, Murilo Mendes Junior, Roberto Andrade e Sebastião Camargo. Em matéria de nomes, tudo perfeito. Mas em questão de investimento, nada. Porque o dinheiro viria de onde sempre vem: do povo.

Este seleto grupo de empresários brasileiros se tornaria detentor do controle acionário da Light pelo preço de 563 milhões de dólares, isto é, cerca de Cr$ 11 bilhões 823 milhões, líquidos e livres de Imposto de Renda e de qualquer outro ônus, com pagamento feito em Nova Iorque.

Se a empresa não pagasse, o povo teria de pagar

Mas ninguém esperaria que empresários tão bem sucedidos fossem aplicar seus recursos em uma empresa que se confessa em péssima situação, como a Light tem feito repetidas vezes; por exemplo, no relatório sobre suas necessidades de investimento para o quinquênio 1975-79, no qual diz: a necessidade de recursos é "da ordem de Cr$ 21,8 bilhões, aos níveis de preço de 1975, isto é mais de três vezes o capital social da empresa acumulado através de 75 anos". Ou ainda, um pouco mais adiante. "O problema da energia elétrica ultrapassou o nível da capacidade dos concessionários privados".

O esquema montado por Raphael, Bulhões Pedreira e Bulhões Carvalho "sob a orientação", como eles confessam no ofício de 29.11.76, do ministro Shigeaki Ueki, prevê solução fácil para esse curioso problema de pagar uma fortuna gigantesca sem dispender um tostão. Em primeiro lugar, o contrato de compra da Light se faria com a garantia do Tesouro Nacional, que para isso utilizaria a Eletrobrás como signatária. Assim, à falta de pagamento por parte dos compradores, o governo brasileiro entraria com o dinheiro, através da Eletrobrás. Antes de tal solução extrema, porém, "e como medida de prudência" — na expressão de um aditamento ao esquema do contrato, enviado a Ueki em 21.10.76 —, desde que evidenciada a falta de recursos dos compradores "durante o prazo de execução do contrato de promessa de compra e venda, (...) será inevitável a utilização do poder tributário do Estado para reunir o volume de capital necessário (...)". Isto é, o governo brasileiro se comprometia a lançar novos impostos sobre a população, para que 21 empresários e três advogados realizassem um negócio acertado com o ministro Ueki e estimulado, na área governamental, pelo ministro Velloso.

Como antecipara a Raphael e Bulhões Pedreira, Ueki logo que voltou do Japão realmente obteve a aprovação de Geisel para o esquema já todo elaborado, incluindo até os textos das medidas legislativas a serem decretadas. Mas um dado novo entrara na questão: se antes já era contrário ao negócio, ao saber que teria também de assiná-lo com seu próprio nome, na qualidade de presidente da Eletrobrás, Antonio Carlos Magalhães resolveu passar por cima de Ueki e foi ao Presidente. Geisel recusou-se a mudar sua posição. Já a esta altura, porém, técnicos da Eletrobrás e do Departamento Nacional de Águas e Energia Elétrica haviam-se articulado no exame do negócio e levantado um ponderável arsenal de razões contrárias. Numa tentativa para conter essa nova e fundamentada oposição, no dia 15 de outubro Ueki combinou com Bulhões Pedreira uma reunião entre eles dois e técnicos da Eletrobrás e do DNAEE, a ser realizada já no dia 18, às 10 horas, em Brasília.

Nessa reunião, duas coisas ficaram definitivamente claras. A primeira, a de que Bulhões Pedreira e seus companheiros no negócio estavam dispostos a entregar o que quer que fosse, contanto que a transação não lhes escapasse das mãos. Assim, por exemplo, logo à primeira sugestão dos técnicos de que as instalações de geração de energia da Light deveriam ficar com o governo, Bulhões prontamente aceitou passá-las à Eletrobrás (Rio) e à Cesp (São Paulo) pelo valor contábil.

A segunda coisa que ficou

Governo prometeu aumentar impostos pra fechar negócio

clara era bem mais significativa, pois desvendava o próprio objetivo final dos compradores. Os técnicos afirmaram estar por demais nebulosas as formas pelas quais - os pretensos compradores da Light poderiam enfrentar a necessidade de recursos imensos para a atualização dos serviços de luz e energia, pois essa dificuldade parecia insuperável mesmo a uma multinacional como a Brascan, a ponto de levá-la à decisão da venda. Depois de um vasto palavrório sem nada dizer e diante do qual os técnicos mantinham imutável sua indagação, Bulhões teve que lançar-mão de seu argumento final: se, no decorrer de dez anos, os compradores não pudessem levantar os recursos a que a indagação se referia, a Light seria entregue ao governo, à Eletrobrás. Ueki, claro, prontamente considerou que essa entrega "dava solução satisfatória a esse aspecto do projeto", conforme as palavras com que o ofício de 29.11.76 se refere ao ocorrido na reunião.

Todos, porém, entenderam o que fariam os empresários: vender, ao longo dos primeiros anos, a vasta quantidade de prédios e terrenos de propriedade da Light, extrair dessas transações todas as vantagens possíveis e, em seguida, declarar a impossibilidade de manterem e atualizarem a Light, entregando-a ao governo para que as despesas fossem dele.

SNI breca o negócio, com medo das eleições

Apesar disso, ou talvez por isso, Ueki decidiu, ali mesmo durante a reunião, acelerar ainda mais o negócio. E marcou, então, para daí a quatro dias, 22 de outubro, às 17 horas, uma solenidade em que ele se reuniria aos empresários e advogados componentes da Embrapar e todos juntos formalizariam a proposta à Brascan.

Mas Antonio Carlos se movimentara, também. Conseguiu, por exemplo, que o então chefe do SNI, general João Batista Figueiredo, ficasse contra o negócio. E um novo argumento despontou, capaz, enfim, de fazer com que Geisel pelo menos mandasse Ueki desacelerar o ritmo: fazer um negócio desse tipo apenas 20 dias antes das eleições (15 de novembro de 76) era o mesmo que entregar antecipadamente à Oposição a vitória eleitoral. Nem os votos de cabresto seriam capazes de resistir a uma boa denúncia, como aquele negócio proporcionaria. E Ueki teve que cancelar a solenidade, mas, para manter acesa a chama do negócio, convocou outra reunião entre os representantes da Embrapar, da Eletrobrás e do DNAEE.

Nessa reunião, Ueki foi levado a deixar claro que desde março até à reunião precedente, quatro dias antes (18 de outubro) havia mantido fora do conhecimento da Eletrobrás e do DNAEE os verdadeiros termos do negócio. Mas os técnicos da Eletrobrás, tão logo tiveram em mãos o esquema completo, prepararam às pressas um relatório analítico, que Antonio Carlos enviou a Ueki, mas levou também a Geisel e a Figueiredo.

Com data de 26 de outubro, esse relatório demonstrava que o negócio pretendido por Ueki importava "na adoção de benefícios ponderáveis em favor de um grupo restrito de pessoas" e que sua realização se baseava em "numerosas benesses a serem suportadas pelo Governo". Desvendava a ausência de investimento dos pretensos compradores e encerrava suas considerações sobre eles com uma frase contundente: "Pretender-se a criação de uma entidade privada com benefícios excepcionais, inclusive de natureza fiscal, para viver à sombra da proteção do Poder Público, é de difícil compreensão". E fazia a sua proposta coerente com uma empresa estatal: "se o papel da Embrapar, afinal, seria tão somente o de substituir a Brascan, neste caso, a compra direta das ações, pelo governo brasileiro, seria indiscutivelmente mais vantajosa".

No mesmo dia em que a Eletrobrás emitiu seu parecer, Ueki foi levado a comunicar a Raphael de Almeida Magalhães e José Luiz Bulhões Pedreira que o negócio precisava ser adiado. Esses dois representantes da Embrapar no mesmo dia mandaram ao ministro uma consulta sobre o

Simonsen não foi contra

que deveriam fazer. Mas ficaram sem resposta. Nem por isso, no entanto, deixaram de agir. No dia 10 de novembro, por exemplo, iam ao encontro do presidente da Cesp, Luiz Marcelo Moreira de Azevedo, ouvindo dele que "julgava conveniente ao setor de energia elétrica que a Light continuasse sob controle do setor privado, mas a Cesp tinha o direito de ser ouvida sobre a operação, já que a Light era sua maior compradora de energia" (relato dos dois advogados a Ueki em 29 de novembro).

Em seguida, e pouco após as eleições, os dois tiveram uma entrevista com Antonio Carlos. Ouviram dele que a política da Eletrobrás, à qual aderia como seu presidente, era contrária à outorga de novas concessões de serviços de energia elétrica a empresas privadas.

Ueki e Velloso, confrontados com a oposição ao negócio que patrocinavam, recuaram a tal ponto que Raphael e Bulhões se lamentavam a Ueki por escrito, no final de novembro: "desde o dia 22 de outubro não conseguimos obter nenhuma orientação de V.Excia. sobre a condução do assunto".

Os diversos interessados, oficiais e particulares, tentaram ainda reativar o negócio. Houve algumas reuniões, trocas de cartas e ofícios, mas o assunto chegou ao semanário "Movimento" e daí a "grande imprensa", que estava se fingindo de morta, foi obrigada a abordá-lo também, suscitando, mesmo contra sua vontade, as manifestações de novos núcleos de oposição ao negócio, inclusive entre os militares.

Não é à toa que o ministro Ueki gosta tanto do aforismo que compara a compra da Light à gripe. Guardados os bolsos dos brasileiros da gripe provocada pela Embrapar, Ueki não nos deu nem o tempo de uma recuperação lenta, gradual e segura. Apenas esperou orientalmente que Antonio Carlos saísse da Eletrobrás e, em silêncio total, espalhou o vírus de uma nova gripe.

Ueki acertou detalhes finais num hotel

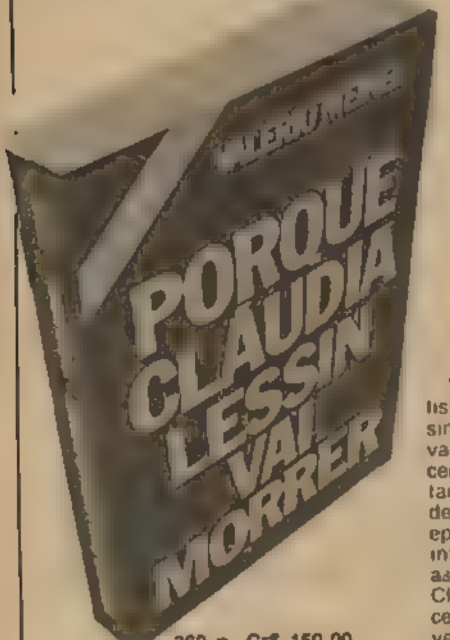
Em princípio de agosto passado, Ueki realizou em seu próprio apartamento no Hotel Everest uma reunião com Antonio Gallotti, o homem da Brascan no Brasil, e Oscar Pimentel, diretor do Departamento Nacional de Águas e Energia Elétrica: assentavam, então, os detalhes finais da compra da Light pelo governo. Pimentel, que no negócio com a Embrapar assumira posição dúbia, apoiando Ueki diante de Ueki e os técnicos do DNAEE diante deles, passara-se em definitivo para o lado promotor do negócio.

Antonio Carlos, apesar de todo o sigilo mantido por Ueki em torno dessa nova tentativa, detetou a existência de alguma manobra. E, por coincidência ou não, telefonou para Ueki no momento mesmo em que estava sendo realizada a reunião no apartamento do ministro. Ueki tentou esquivar-se, mas não pôde. Antonio Carlos sondou outras áreas do governo: ninguém sabia de nada.

Ninguém sabia, mas tudo estava tão adiantado que Ueki queria realizar a compra antes mesmo das eleições. Só não o fez porque o general Figueiredo achou que isso só poderia agravar a posição já precária do governo em face do eleitorado. A gripe amainou outra vez, mas Ueki conseguiu, afinal, a aprovação de Geisel e o silêncio dos demais para realizar a compra.

Vamos todos pagar por ela. Mas são poucos os que sabem os nomes de quem com ela está ganhando.

Jânio de Freitas



360 p. Cr$ 150,00.

Valério Meinel foi o jornalista que desvendou o assassinio de Cláudia, o que lhe valeu o "Premio Esso". Recentemente, conquistou também o "Prêmio Telesp de Jornalismo". Todos os episódios de corrupção e as informações sigilosas sobre as investigações do caso Cláudia estão nesse romance-reportagem corajoso e revelador

Com este livro você fica sabendo de tudo sobre o caso Cláudia.

Em toda as livrarias ou pelo reembolso postal.

EDITORA CODECRI — Serviço de Reembolso Postal
Rua Saint Roman, 142 — Copacabana
22 071 — Rio de Janeiro — RJ

Fotos José Manoel Rosário

A Companhia Estadual de Águas e Esgotos manda a conta todo fim de mês, mas líquido que é bom não aparece nas torneiras. Moradores de Niterói acusam a Cedae de facilitar o comércio proibido; quem quer água tem que pagar até Cr$ 800.

Paulo Renato, vendedor de água "a gente cobra pelo transporte"

VENDE-SE ÁGUA

Um dos muitos problemas de Niterói, RJ é a falta de água. No centro da cidade vários bairros como Ponta D'Areia, Fonseca, Riodades, e até Icaraí, — considerada o cartão postal de Niterói —, sofrem o problema da falta d'água.

Quando os moradores atingidos ou mesmo a imprensa procuram a Cedae (Companhia Estadual de Águas e Esgotos), a direção alega que as instalações são muito antigas, portanto não suportam o aumento de consumo de água.

Nas chamadas regiões rurais de Niterói, então, o problema é bem maior: bairros como Pendotiba, limítrofe a São Gonçalo, Porto Novo, Tribobó e muitos outros, não sabem o que é ter água encanada de rua.

Porém o fato mais interessante é que todos os bairros que possuem problemas com o fornecimento de água, recebem regularmente as contas da **Cedae**. E quando alguém deixa de pagar a conta, o "fornecimento" é cortado imediatamente, com o fechamento dos registros.

Osvaldo Lima Rodrigues Junior, morador na Travessa São João Batista, perto da Ponte Rio-Niterói, afirmou que recebe as contas de água regularmente; a água, não.

No bairro Ponta D'Areia, centro da cidade, os moradores já não sabem a quem recorrer. Muitos dizem que na época do antigo **Sanerj** tinha água de 15 em 15 dias, mas depois da fusão Rio-Niterói, com a vinda da **Cedae** a água sumiu. Eles já tentaram desde listas de assinaturas até visitas constantes à **Cedae**, sem solução. Os que possuem condições constroem um poço semi-artesiano que custa em média Cr$10 mil.

Já houve moradores que acusaram frontalmente a **Cedae** de facilitar a comercialização da água, e falaram que se ela não participa, pelo menos se omite, facilitando a exploração.

A moradora da rua Visconde de Uruguai, 54, fundos, Ernestina Oliveira, traduz o pensamento dos demais moradores do local:

— A gente pede uma pipa à **Cedae** ou à prefeitura; quando vem é daí a três meses, e ainda por cima temos de dar uma gorjeta razoável, em média de uns Cr$300, senão eles não voltam. No entanto há moradores que recebem a visita dos carros-pipas quase que diariamente. Desconfiamos que há jogos de interesses, e altas "propinas", que nós não temos condições de dar.

Ary Torres, de 76 anos, mora na rua Santa Clara, 22, Ponta D'Areia há 40 anos e fica a noite inteira acordado esperando a água chegar. Diz ele:

— O **Sanerj** não servia bem, mas era melhor do que agora com a **Cedae**. As desculpas são sempre as mesmas, ora que a instalação é antiga, ora que não há força e pressão para jogar a água para toda a região.

José de Pinho mora na Praça Dr. Vitorino, 17, Ponta D'Areia desde 1946:

— Desde que a **Cedae** assumiu que a gente luta com a falta d'água. A empresa tá sempre nos tapeando. "Agora estourou um cano em tal lugar", ou "estamos colocando canos novos ligados na Barão de Amazonas". Mas canos sem água não adianta. Já falei com o prefeito, secretário de obras, diretores da **Cedae** em Niterói, e nada adiantou.

Pedro Paulo Rodrigues mora há anos na rua Visconde de Itaboraí, 25, perto da Rodoviária:

—Há dez anos não cai água com normalidade. Eles falaram pra gente colocar bomba nas casas, mas eu pago a conta de água pra me fornecerem ela sem precisar de bomba, e a conta vem todo mês certinha, sem atraso. Em matéria de água, Niterói está abaixo da crítica, se todos os moradores derem a descarga ao mesmo tempo, Niterói afunda num "mar de esgotos".

Na Rua Cinco de Julho, em Icaraí vários prédios têm o mesmo problema. Carlos Augusto Sobral, morador no 306, declarou que vai se mudar por isso:

— Depois que o volume de construções aumentou por aqui, e conseqüentemente o consumo de água, ela falta constantemente, pelo menos em nosso prédio.

Aqui tem água até demais

Na estação de tratamento de água da **Cedae** em Laranjal, São Gonçalo, caminhões particulares e de firmas se abastecem noite e dia para fornecerem água a quem possa pagar entre Cr$300 a 800 por uma pipa. Esse preço é apenas pelo transporte, pois é proibido vender água. Lá os funcionários da **Cedae** não gostam de falar aos repórteres, têm medo de perder o emprego.

Os terrenos mais próximos viraram uma verdadeira lagoa que não seca nunca, as casas são todas infiltradas de umidade. Muitas pessoas aumentaram a altura das calçadas para impedir a invasão das águas, mas não adiantou.

"Aqui soltam água dia e noite, inundando todas as ruas. Já teve gente que foi na **Cedae** e na Prefeitura reclamar, mas não resolveu nada. Os motoristas mexem com as moças, mas o principal é a água invadindo nossas casas. Há pessoas que se mudaram, até um coronel que morava naquela casa se mudou." **(Celestino Correa Lima, rua Grajaú, quadra 25 lote 19)**

— A rua fica alagada o dia inteiro, é um lameiro danado dos carros soltando água. Tinha que botar os carros-pipas pra dentro do reservatório. Palavrão nunca escutei, mas o barulho das máquinas incomoda. Tem dia que ninguém pode passar por aqui, os caminhões de gás não vêm mais, compras do armazém também não, por causa de tanta lama. **(Jair Justo, Rua Grajaú, lote 29, quadra 25)**

— As crianças vivem com os pés dentro d'água o dia inteiro, na rua ou no próprio quintal, o que provoca muitas doenças pela contaminação, mosquitos, etc. O barulho dos carros e as brigas perturbam muito, mas o que é pior mesmo é a lama e a umidade dentro de nossas casas, a gente não pode nem sair, quando chove então é pior. **(Carlos Machado Teixeira, rua Laguna, lote 42)**

Paulo Renato é dono de um caminhão. Ele vende mais para Niterói e São Gonçalo:

— Pra Niterói eu cobro Cr$500 ou 600, por aqui perto Cr$300 ou 400. A **Cedae** não cobra nada, a gente apanha água à vontade. Aqui já houve briga feia quando quebrou um cano na rua. A gente quis consertar mas a **Cedae** não deixou, era serviço dela. Aí os moradores tentaram nos agredir, vieram até mulheres e crianças com pedaço de pau, aí chegou a polícia.

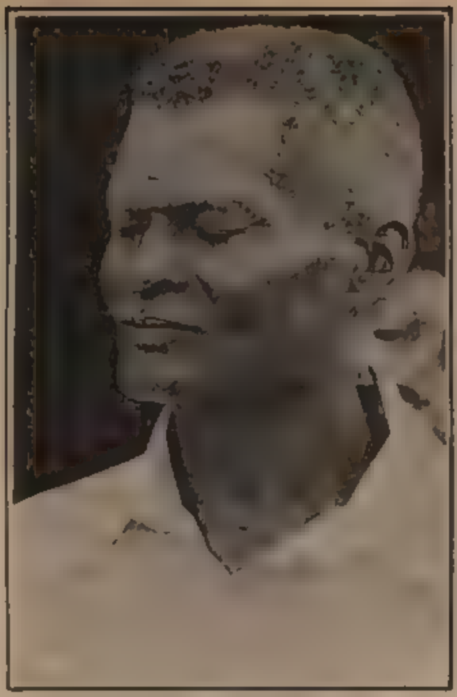
Ramona Ordoñez

Vem aí a edição especial do Coojornal

HUMOR ÀS PAMPAS

Todo o Rio Grande do Sul está revisado humoristicamente nesta edição.
Você vai rir das tradições, da história e da vida gaúcha nos últimos tempos.
Com o talento, a capacidade e a inteligência de rir de si mesmo dos melhores humoristas gaúchos.
Participação especial dos maiores nomes do humor brasileiro, além de poetas, escritores, cronistas e intelectuais baixando o pau nas coisas do Sul.
Você não pode perder HUMOR ÀS PAMPAS.

Nas bancas, a partir de 20 de dezembro.



Esses homens não se conformam: o rio Goiana era muito piscoso antes da instalação da fábrica do grupo Klabin

Nordeste: pescadores protestam

INDÚSTRIA DE PAPEL JOGA SODA CÁUSTICA NO RIO

"Eu quero, quero, quero ouvir a voz do povo/ Todo povo tem boca pra falar/ Ainda tem gente que se faz de mudo/ Fica no canto calado/ E não se mexe do lugar/

Eu quero, quero, quero ouvir a voz do povo/ Ouvi um grito mas não sei de quem foi/ Grita sem medo, grita, grita minha gente/ Quem morre calado é sapo debaixo do pé do boi/

Eu quero, quero, quero ouvir a voz do povo/ Eu quero ver todo povo em união/ Eu quero ver todo o povo consciente/ Descobrindo que é gente/ E caminhando para frente/

Eu quero, quero, quero ouvir a voz do povo/Eu quero ver todo povo em união/ A consciencia não se ganha sem esforço/Vamos abrir nossos olhos/ Pra enchergar a situação"

Foto Eduardo Homem

Agricultores também participam do protesto

Domingo, 10 de dezembro, "Dia Internacional dos Direitos Humanos", 3 da tarde, margem do rio Goiana, que corta a cidade do mesmo nome na divisa dos estados de Pernambuco e Paraíba. Cerca de 500 pessoas entoam cânticos como este. O som, onde ressaltam as vozes femininas, é forte, como é forte o sol e o cheiro que vem do rio.

A reunião se dá em frente à sede da Colônia de Pesca, sob intervenção do governo há mais de cinco anos. Motivo: a poluição causada por uma indústria de papel — a **Ponsa**, do grupo Klabin — que despeja no rio, 24 horas por dia, uma mistura com soda cáustica que mata os peixes e impede as mulheres de lavarem roupa. Resultado: 3.500 pessoas estão impedidas de trabalhar e, portanto, de comer.

A Assembléia não é só de pescadores. Agricultores de Alhandra, Jussara, Mucatu, Sumaúba, Capim de Cheiro, Sítio das Moças, Taquara e outros lugares de nomes bonitos estão presentes. Como diz o locutor, "esses agricultores não são pescadores, mas se alimentam também da pesca, gostam da pesca e por isso vieram aqui, estão solidários com nós pescadores, palmas pra eles".

Para a reunião também foram convidadas "autoridades civis, militares e eclesiásticas e a Imprensa de um modo geral". O locutor chama uma a uma: "prefeito de Goiana? Ausente. Capitão dos portos da Paraíba? Ausente. Delegado de Goiana? Ausente. Tenente Câmara do Tiro de Guerra de Goiana? Ausente. Deputados do MDB e da Arena das Assembléias de Pernambuco e Paraíba? Ausentes. Dr. Paulo Nogueira Batista, da SEMA? Ausente. Ministro Rangel Reis? Ausente."

Mas algumas autoridades compareceram, a começar pelo bispo de João Pessoa, D. José Maria Pires, e do presidente da Companhia de Preservação dos Recursos Hídricos de Pernambuco, Carlos Américo Leão. E a Polícia Federal, que apareceu na véspera para, segundo um pescador, "sondar o ambiente e espalhar o medo. Eles ficaram dizendo por aí que iam fazer e acontecer e, saber como é, o povo tem medo, né."

Depois da cantoria, começaram os discursos. O locutor perguntava quem queria falar "pras autoridades que vieram ver mais de perto a nossa situação de calamidade pública do rio Goiana". Subiu o primeiro:

— "Eu como pescador aqui há 27 anos ainda não me achei numa situação como vive o rio hoje. Então, senhores, taí essa bacia aí que a água era limpa, tinha camarão bem aqui na frente das casas. Veja que até 72 traíras eu pegava dum lance e hoje, eu mesmo, não sei os outros, mas eu mesmo passo a semana inteira e não pesco uma. Todos aí podem contar que é verdade o que estou dizendo". Palmas.

O locutor anuncia agora o pescador Antonio Rodrigues:

— Sinto grande sofrimento de todos os pescadores dessa região de Goiana, daqui a 7 léguas de água. E nossas famílias sofrem infelicidades e inclemência porque aqui no rio o resultado da poluição da fábrica **Ponsa**. Taí, todo mundo tá vendo, não é história. Será que tem tantas mulheres lavando roupa agora pra fazer essa espuma branca e soltar esse mau cheiro? Não senhores. A **Ponsa** tomou o rio dos pescadores e colocou somente a poluição dela e os pescadores têm agora que viver da mandioca, do girimum que os agricultores dá pra nós pra nossas famílias não morrerem de fome. Porque os agricultores sofrem com nós essa poluição; o agricultor não pode dar um banho num animal numa água dessa, um animal não pode beber uma água dessa. As esposas do agricultor não podem lavar um pano numa água dessa. Todos sofrem. Então vamos ver se todas as autoridades que nós temos no nosso Brasil tomam uma providência, que tenha pena de tantas famílias passando fome. E aqui em Goiana nunca se passou uma situação como essa, porque aqui nesse rio eu mesmo peguei muito camurim no pulo que ele dava fora d'água. Tinha bagre, pescada, traíra, camarão muito. E tudo se acabou daqui até a praia, sete léguas d'água."

Palmas

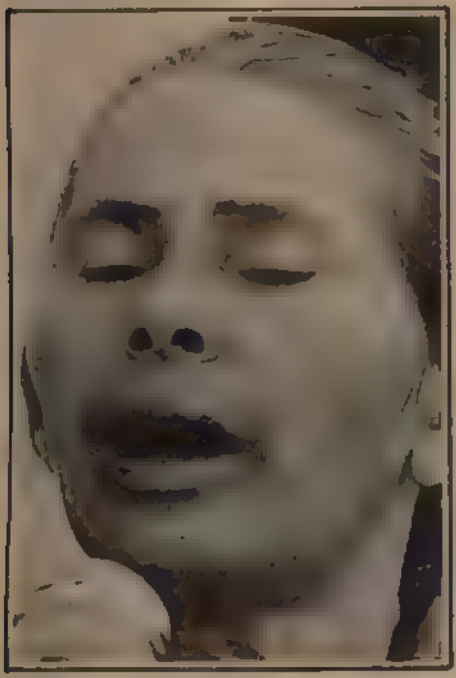
Mais um pescador vai fazer uso da palavra, o Raminho:

— Eu fui nascido e criado aqui nesse rio. Meu pai, com dois panos de rede criou eu e meus irmãos aqui. E agora, eu saio daqui e vou até a praia e só o que vejo é essa poluição. Meus amigos e meus companheiros pescadores: a gente já teve muito o que fazer aqui.

350 famílias dependem do rio que morreu

Carlos Leão

Só [illegible] sobrevive à poluição



Alice

Wanderlei

O abaixo assinado

mas agora quem quiser dar de comer aos filhos tem que ir trabalhar na cana ou na fábrica **Ponsa**. E aqui eu fico porque isso já está dito demais, as autoridades já estão sabendo, todas as autoridades já estão sabendo, elas precisam é dar uma melhoria para esses pobres que vivem morrendo de fome". Palmas

E agora, anuncia o locutor, com a palavra a agricultora Alice Alvares Cabral:

— Então eu tou aqui eu, uma agricultora de Capim de Cheiro. Então não é só os pescadores do rio Goiana que sofrem essa fome. É todo mundo, essa mesma dor que eles estão sofrendo, nós também sofre,. Porque quando eles pesca, então a gente temos peixe. Então, quando eles vão pescar e não pegam o peixe, então nós também não temos a barriga cheia. Então, pescador o agricultor, a dor de um é a dor de todos." Palmas

Mais um agricultor vai falar: é o Fidelis, lá de Sítio das Moças:

— Meus amigos, vou contar um caso que se passou lá em Sítio das Moças nesse mês que passou. Foi destruída uma área de um agricultor, numa bruteza que ele cismô até da parada. Chegou três tratores e arrasou as lavorinhas dele, em redor da casa e gradeou tudo, não deixaram nem o caminho pra ele entrar e sair da casa. E logo no dia seguinte plantaram cana. E esse agricultor chamaram ele pra fazenda pra dar a ele uma indenização e combinar pra ele ir trabalhar em outra área e ele combinou que sim. Mas quando ele chegou mandaram ele caçar uma área pra plantar dentro dos coqueiros. Ele foi e não achou porque dentro dos coqueiros num dá nada mesmo. Aí ele voltou pra casa e com mais uns dias chegou uma ordem do Juiz pra ele não plantar coisa nenhuma e assim ele está há seis meses esperando uma solução. Ele não tem costume de trabalhar alugado pra comer e o ofício dele é agricultura mesmo. Então uma situação dessa minha gente, isso é uma coisa de admirar como é que está nosso Brasil. Se as autoridades competentes não tomar essas providências, não sei como é que vai ser. Porque eu acredito que as autoridades têm que em primeiro lugar tomar uma atitude nesses assuntos assim. Do jeito que vai, acabou-se a agricultura. E por isso eu sinto muito a situação dos pescadores aí, porque o pescador pesca pra mim e eu trabalho pra ele." Palmas

"E agora, companheiros, como já estamos no adiantado da hora, vai fazer uso da palavra o Dr. Carlos Américo Leão, presidente da Cia. De Pesquisa dos Recursos Hídricos de Pernambuco, de controle da poluição":

— Meus caros pescadores, a CPRH é um órgão criado pelo governo de Pernambuco para controlar a poluição ambiental. Essa companhia vem funcionando há quase dois anos e nosso trabalho é principalmente de prevenir a poluição, porque isto que os senhores estão vendo aí é resultado de um crescimento industrial e urbano desordenado. Agora, a correção desses problemas todos não pode ser feita da noite pro dia. Eu sei que os senhores têm toda a razão porque o meio de vida de vocês é a pescaria e isso está sendo prejudicado. Mas, por outro lado, o crescimento dessas indústrias, como a **Ponsa** — que eu sei que ela causa problemas sérios no rio — ela por sua vez foi implantada em benefício da população de Goiana, porque quantas pessoas aqui dependem do emprego que têm na **Ponsa**!

Um pescador pede o microfone e pergunta:

— "Qual a medida urgente que a CPRH vai adotar por causa desse problema da poluição do rio Goiana?"

O presidente da CPRH fala das medidas preventivas e diz que urgente não pode fazer nada, porque a única coisa a fazer seria fechar a fábrica. E declara "que essa poluição não é de hoje, não é nenhuma novidade pra vocês".

Outro pescador quer perguntar:

— Pergunto porque o senhor falou que a **Ponsa** tem 800 pais de família empregados lá nela. Tá certo, tem 800 famílias que dependem da **Ponsa**, mas ela está matando 3.500" Palmas.

Agora, anuncia o locutor, vai fazer uso da palavra o presidente do Centro de Defesa dos Direitos Humanos da Arquidiocese da Paraíba, Dr. Vanderley.

— Estou aqui para trazer a solidariedade do CDDH a esse gesto de protesto contra a poluição do rio Goiana. Essa é uma luta justa. É justa independente da existência de leis; é justa porque é a fonte da vida de vocês que essa fábrica e essas usinas de açúcar estão matando. No entanto, existem leis também, mas essas leis não estão sendo cumpridas. E, aí, não adiantam discursos de que as usinas estão sendo mudadas ou de que alguma solução se procurará para esta fábrica. Nós sabemos que se os senhores é que estivessem cometendo alguma irregularidade, imediatamente as autoridades teriam tomado providências contra os senhores. No entanto, como são grandes usineiros, como são grandes industriais, como são pessoas poderosas, pessoas que influem com o seu dinheiro dentro da política desse país, essas medidas são proteladas. Não é de hoje que essa fábrica vem poluindo esse rio, se as autoridades quisessem tomar alguma providência contra ela já teriam, não só advertido, não só multado, mas ameaçado de fechamento. E nós sabemos que essa fábrica, que vive do lucro, não iria fechar, iriam colocar aparelhos que impedissem a poluição. No entanto, para ela é muito mais barato despejar os seus detritos no rio, matar o peixe, independente de saber se os senhores vão comer peixe ou não vão comer peixe. Nem mesmo às autoridades interessa. As providências se transferem para prepostos, quando o grande responsável é o próprio poder público, que não toma providências tendo em vista o interesse e a necessidade do povo. O poder público só se preocupa quando o povo se reúne, quando o povo protesta. Por isso que eu tenho grande satisfação ver que os senhores se reúnem para protestar, porque somente assim as autoridades ouvirão os senhores. E é sem medo, porque o direito de se reunir, o direito de protestar é assegurado a todos. Basta que as pessoas se reúnam, que pressionam, que conseguirão. Não vão conseguir numa primeira vez, não pensem que os senhores vão conseguir acabar com a poluição da **Ponsa** com essa reunião de hoje. Deverão fazer muitas outras reuniões. Deverão pressionar diretamente o poder público porque somente assim, com essa pressão popular os senhores farão fazer valer os seus direitos. A gente sabe que a Justiça para funcionar a favor do pobre só empurrada." Palmas, muitas palmas.

Reportagem de Eduardo Homen
Fotos Sidney Weissman

Nas portas dos hospitais do Rio de Janeiro, uma rede de funerárias e de papa-defuntos explora o sinistro comércio da morte. Enfermeiros, serventes e policiais dão o preço. Quando o morto é vítima de acidente de carro até advogado leva grana em cima do seguro.

Cadáver vale Cr$ 5 mil no supermercado da morte

3 papa-defuntos brigaram pelo corpo do irmão de Izolina

A mulher era uma pilha de nervos. Tremia, inutilmente tentava prender o choro e, com certo ódio, dizia:

— São uns corvos, uns abutres, umas aves de rapina, uma cambada de criminosos que se aproveita da desgraça alheia para faturar. Se eu tivesse uma metralhadora matava tudo que é papa-defunto. Deixava todos naquela imundície do necrotério de Caxias, naquele tapete de varejeiras e formigas como ficou o meu irmão, fedendo.

A vizinhança das janelas dos apartamentos do prédio nº 31 da rua Conde Pereira Carneiro, na Vila da Penha, espiava e, de ouvidos atentos, acompanhava a queixa da inconsolável Izolina Rocha, 54 anos. Ela precisou ameaçar de ir à polícia para que os funcionários do necrotério de Caxias, no cemitério da Vila Operária, liberassem o corpo do seu irmão Luzineto Rocha, 56 anos, que ficou em cima de uma mesa de cimento, nu, enrolado apenas num lençol durante quatro dias. E desse jeito foi sepultado num caixão simples, sem enfeites e sem flores, que custou o absurdo de 17.600 cruzeiros, fora as taxas do cemitério. Izolina continua acusando, nervosa:

— Acho que pobre nao tem direito nem de morrer em paz com a especulação dos papa-defuntos, que não respeitam a vida humana no negócio do comércio de cadáveres.

Ao tomar conhecimento da morte do irmão Luzineto, ocorrida no dia 5 de dezembro último em acidente com sua Rural Willys, que se espatifou contra uma árvore, no Lote Quinze, um bairro de Caxias, Izolina foi em companhia de outro irmão, Floriano Rocha, para o necrotério de Caxias, tomar as providências do sepultamento. Por ter contratado os serviços de uma funerária de Nova Iguaçu, por indução de um papa-defuntos, os funcionários do necrotério embargaram o sepultamento, não liberando o corpo. Izolina contou ainda que o seu drama durou quatro dias de tentativas de liberação do corpo do irmão, que só foi para o cemitério de Belford Roxo dia 9, quando ela ameaçou ir à delegacia registrar uma queixa-crime. Ela fica mais triste ainda quando lembra que o seu irmão ao ser colocado no caixão já estava em adiantado estado de putrefação e sem uma única rosa amarela que tanto queria colocar junto ao corpo como uma última homenagem.

Na hora do desespero, da confusão, procurando o corpo de Luzineto e acossada por três papa-defuntos que sabiam onde estava o cadáver e que brigavam entre si, Izolina se viu obrigada a aceitar os serviços da funerária ligada ao advogado Roberto Kull, com escritório na Rua General Câmara 77, sala 202, em Caxias. Ela pediu que sua cunhada Djanira Rocha, semi-analfabeta, internada na Casa de Saúde Ortopédica, em

Caxias por causa de outro acidente, assinasse três papéis em branco. Isolina desconfiou quando o papa-defunto disse que aquilo era segredo. Ninguém poderia saber.

Mas aí já era tarde. Estava feita mais uma transação com um cadáver onde todo mundo ia ganhar um troco. A família, além de perder um dos seus membros, corre sério risco de receber menos da metade do seguro no valor de 49 mil cruzeiros cuja procuração, assinada em branco, está nas mãos do advogado Roberto Krull. Fora o preço exorbitante do funeral que será descontado no seguro o advogado já está ganhando uma nota com aquele papo de "tem que dar uma grana para o fulano correr mais depressa."

Neste país que tem mania de querer ser campeão em tudo, há um título que certamente não faz inveja a ninguém no mundo inteiro. Aqui morre mais gente em acidentes de trânsito e, por isso mesmo, é uma grande fonte de renda para certos enfermeiros, serventes de hospitais, policiais e o intermediário que é o papa-defunto. O aviso de que uma vítima de acidente de trânsito não resistiu aos ferimentos e morreu na mesa de operação vale 5 mil cruzeiros, levando-se em consideração o seguro contra terceiros. Também, se estiver vencido — o seguro, os "avisantes" — como são chamados os que trabalham nos hospitais — ganham 20 ou 10% do valor do enterro.

Funcionário denuncia: grana corre solta pra manter negócio

Segundo Ernesto Catarino, presidente da Comissão Municipal de Cemitérios, os serviços funerários são tabelados por lei. É obrigatória a apresentação da tabela em qualquer funerária. O agente funerário tem de ter carteirinha que é expedida pela Comissão. Em 1975 foram registradas 130 e esse ano estão com a carteira 219 agentes.

Mas, presidente, a maioria dos papa-defuntos nas portas dos hospitais não tem carteira, como o sr. explica?

— Meu filho, como todas as profissões existem falhas. Nós não temos fiscalização, as pessoas que se sentem enganadas podem vir aqui prestar queixa. Se por acaso foi cobrado acima da tabela, o sepultamento será reconstituído e, se por acaso, ocorrerem mais de três denúncias contra uma funerária, nós fechamos. A solução para diminuir esses casos é a pessoa não aceitar os serviços dos agentes, principalmente se não tiverem credenciados. Para receber o seguro não precisa de assinar nada: é só levar a carteira de trabalho e o atestado de óbito do morto por uma pessoa que prove ser da família.

A Comissão Municipal de Cemitérios foi criada em 1969, para moralizar os serviços funerários da cidade. Mas resultou em pouca coisa, os papa-defuntos continuam explorando a desgraça alheia, aliados a advogados que representam as funerárias e ganham dinheiro quando se trata de acidentes de trânsito, então nem se fala). Ano passado ocorreram quatro denúncias contra funerárias por terem cobrado preços fora da tabela, mas, como disse a secretária de Catarino," a gente não diz que houve má fé, mas sim um engano."

A tabela de preços (que não é respeitada nem pela Santa Casa de Misericórdia) é a seguinte: para menor de sete anos: *caixão C especial, 187 cruzeiros; urna B — envernizada, 478 cruzeiros; urna A — laqueada, 478 cruzeiros.* Para adultos: *Caixão C — especial, 421 cruzeiros; urna ou esquife B, 725 cruzeiros, urna A, 795 cruzeiros. O caixão mais caro custa 4 mil 822 cruzeiros.*

Para o diretor do Hospital Souza Aguiar, Frederico Gomes de Azevedo, o agente funerário é um profissional como outro qualquer.

— O que se combate são os corruptores, que oferecem propinas para ganhar um enterro cobrado a preços extorsivos.

Muitas vezes o auxílio-funeral de Cr$2.301,40, do INPS, serve como sinal para o sepultamento, começando aí a exploração. No início do ano, Frederico mandou prender os papa-defuntos que fazem ponto na porta do Souza Aguiar, mas algumas horas depois eles) foram liberados pela 4.ª DP. Para ele, em resumo, "a raça é nefasta."

Ex-chefe de portaria do necrotério do Instituto Médico Legal, com 22 anos de casa e atualmente trabalhando como atendente de enfermagem na clínica médica, Valdemiro em entrevista à repórter Vera Lucia Dias afirmou que os "atracadores" ou "camelôs de defunto" são os que mais lucram na máfia dos papa-defuntos.

— Esses caras não são funcionários de nenhuma funerária. Ficam na porta do Instituto e, aproveitando o desespero da família do morto, ganham uma nota em cima do enterro. Quando essas pessoas chegam, eles vão cercando e tratando de "ganhar" os documentos. Sempre com aquela história do "pode deixar que eu cuido de tudo," é claro que geralmente as famílias pensam que o cara é funcionário do instituto ou da funerária da Santa Casa, e é lá mesmo que ele vai comprar o caixão e tratar do enterro. Só que um caixão que a Santa Casa cobra Cr$750,00, ele cobra Cr$ 5 mil e por aí você, vê, né? Mas o grande negócio que eles gostam mesmo, é quando o morto foi vítima de atropelamento, porque aí a família tem direito a receber o seguro obrigatório contra terceiros. Eles se aproveitam que as pessoas estão atarantadas, e quase sempre nem sabem que têm direito a esse seguro, e pedem uma procuração para tratar de "tudo." Aí, ele leva para o advogado, que também tem aos montes aí fora, e ganha uma comissão de Cr$5 mil por ter conseguido o seguro.

E a fiscalização?

— Ih! os guardas, depois de um mês de serviço levam o deles pra fazer vista grossa. É impossível acabar com isso, a administração do IML sabe que isso existe, todo mundo sabe, mas o que se pode fazer? Eu, quando tava na portaria, comecei a alertar as famílias, resultado: voltei para a clínica médica. Eles pressionaram tanto que me mandaram pra cá.

Pressionaram quem, a administração do IML?

— Ah não sei! Só sei que conseguiram me tirar de lá.

Quer dizer que corre grana solta?

— Se corre. Olha, teve uma vez que quiseram me dar 2 mil cruzeiros pra eu deixar sair um corpo sem atestado de óbito, e que ia viajar para Barra Mansa. Eu não sou maluco, né, se o rabecão bate, acontece alguma coisa e o corpo desaparece, quem é que ia se encrencar? O chefe da portaria, claro. E você sabe que o servente quando viu que eu não ia deixar mesmo foi telefonar escondido para o chefe do serviço prá pedir permissão? Se eu não chego a tempo de explicar que o corpo ia viajar para longe, o servente ia entrar na nota, e o chefe de serviço não ia saber de nada. Porque quando é aqui pro Rio mesmo, a gente solta o corpo, não tem perigo, mas prá longe é proibido.

E as funerárias particulares como é que ficam nisso?

— Toda funerária particular solta dinheiro na portaria pro corpo ser liberado mais depressa. Quando o corpo tá vindo no rabecão eles já avisaram a gente e todo o mundo sabe que o nosso já tá garantido. Quando o corpo chega ele passa na frente dos outros.

Quando a portaria ganha?

— Geralmente é 50 cruzeiros pra portaria, 50 pro cara que lava o cadáver e 50 pro cara que veste.

Você aceitava dinheiro?

— Aceitava, porque se a gente não aceita o servente come tudo sozinho. E, depois, é a tal coisa, isso não prejudica a gente em nada; agora, o que revolta é ver esses caras que engambelam as famílias.

E a transa dos "avisantes," como é aqui no IML?

— Ah, são os serventes e os enfermeiros do Pronto Socorro que quando vêem que o cara morreu ligam para as funerárias. Elas pagam geralmente 10% do valor do enterro. Às vezes, o corpo custa a sair por causa disso. Dois "avisantes" ficam em cima de um mesmo cadáver, aí dá briga né, e até que eles resolvam a família fica lá fora esperando.

É por isso que essas funerárias também cobram mais caro um enterro?

Ah é, você quer ver? Quando a minha mãe tava nas últimas, há um ano, e fui numa funerária de um amigo meu saber em quanto ficava o enterro. Ele fez o preço prá mim e disse que ia fazer o caixão de Cr$3 mil por Cr$1.700 porque eu era amigo dele. Quando ela morreu, o seu Teixeira daqui do instituto tratou na Sata Casa pra mim; o mesmo caixão que eu ia pagar Cr$1.700, "porque era meu amigo" custou Cr$750. Por aí você vê.

Os dois papa-defuntos mais conhecidos na porta do IML com longo tempo de serviço são: o "Beleza" e o "Oliveros" que possuem duas Caravans que custam cada uma Cr$109 mil, mas como são adaptadas para remoção de cadáveres estão avaliadas em Cr$200 mil. Esses dois papa-defuntos trabalham com João Leal Brandão. Ele é agente funerário autônomo, o que é proibido pela legislação.

Ivo, da funerária Lírio, não admite que num país democrático se tabele o luxo

Papa-defunto não tem autorização pra trabalhar

Diz Oswaldo Gomes Flores, presidente do Sindicato dos Estabelecimentos Funerários do Rio de Janeiro:

— Se a Santa Casa não atendesse qualquer um que chega no balcão para tratar de enterro os serviços funerários iriam melhorar. Mas todo mundo quer faturar. Para dar um exemplo: a agência da Santa Casa lá no IML está ilegal porque ocupa uma área de 42 metros quadrados, mínima, e por isso facilita a ação clandestina dos "atravessadores". Eu nunca tratei de enterro envolvendo acidentes de trânsito, tenho convênio com o Hospital Pedro Hernesto e não preciso de fazer certo tipo de negócio. Sempre aparecem uns probleminhas e acaba complicando a nossa classe. Fui eleito sem um voto em branco e não vou me comprometer com elementos que denigrem a classe.

O sindicato tem 21 sócios de 30 funerárias que existem na cidade. O presidente Oswaldo é dono da Funerária Maracanã na Rua Felipe Camarão, considerada modelo pela fiscalização, tem até dormitório para os agentes funerários (todos credenciados pela Comissão Municipal de Cemitérios). Além de tentar dar dignidade à classe ele pleiteia um aumento na tabela de preços que vigora desde 1977.

Ele diz que pra Santa Casa não interessa o aumento. Isenta de impostos, ela cobra o que quer, principalmente por uma urna de luxo. O aumento dado em 1977 foi pedido por uma entidade que não é de classe, quando já existia um sindicato. E tem mais: conforme Oswaldo Gomes, eles estão tentando de qualquer maneira renovar o contrato de 25 anos com os hospitais, que acaba em abril de 79 e até Alziro Zarur, um dos diretores da Santa Casa está na luta para renovar o contrato.

Para Almir Araújo, administrador da Funerária Santa Terezinha, na Praça da República, há uma diferença sutil entre o agente funerário que é solicitado e o papa-defunto que se oferece.

— A ética é de foro íntimo. O médico também não vive de desgraças alheias? Nem todo mundo enterra com ostentação, e tem outros que se valem do enterro para aparecer. O nosso trabalho aqui não necessita de papa-defuntos, os nossos agentes são cadastrados.

Almir defende a classe e diz que se quisesse ficar rico iria trabalhar com Ivo da Costa Freitas, da Casa Lírio, na Penha. Ivo paga melhor aos papa-defuntos, principalmente se o morto tiver sido vítima de um acidente automobilístico. Para isso tem como representante o advogado Nilton Santana.

Cabreiro, Ivo concorda em dar entrevista e procura de todas as maneiras defender a Santa Casa, para ele, uma empresa como as demais funerárias — isto visto em termos de empresa — e diz que não se admite que num país democrático o tabelamento do luxo. Ivo diz que o luxo, ostentação e bizarria não têm preço, porque uma urna de luxo é considerada obra de arte, talhada a mão e forrada com veludo.

Ele continua desconfiado, esfrega os olhos e segue o fotógrafo que circula pela sala. Em matéria de preços faz uma crítica cuidadosa à Santa Casa, dizendo que a entidade resolveu à revelia da Comissão dos Cemitérios vender suas urnas de luxo, determinando ela os preços que são os mais caros. Tem urnas de Cr$12.550, outras de 10 mil, comprovado em qualquer agência da Santa Casa. Ivo acha que até certo ponto a Santa Casa não está explorando a população, e sim obedecendo solicitação de pessoas de poder aquisitivo alto.

Ricardo, o papa-defunto, não tem carteirinha mas tem bip-bip

Oswaldo Gomes, presidente do sindicato das funerárias, quer "dar dignidade" à classe

Sindicato das funerárias diz que Santa Casa também fatura

De bip-bip na cintura, o papa-defunto Ricardo Mesquita de Barros, 42 anos, pai de três filhos e com salário que oscila entre 8 a 10 mil cruzeiros por mês, presta serviços para a funerária Guimarães, em Vaz Lobo. Diz que a sua profissão tem de ser respeitada como todas as outras.

— Ai da família enlutada se não houver papa-defuntos. O corpo fica aí na geladeira do hospital três, quatro dias porque esse pessoal do serviço social não vai subir o morro altas horas da madrugada, não é mesmo? Somos nós que vamos lá. Eu não vivo do seguro, vivo do funeral em si.

Você é cadastrado na Comissão Municipal de Cemitérios?

— Sou, mas esqueci a carteirinha em casa. Tenho nove anos trabalhando nesse ramo e sempre ajudando os outros. Acho que os hospitais deveriam manter um convênvio com as funerárias. Cada dia ficava uma de plantão e não haveria problemas.

Na porta do hospital estadual Getúlio Vargas, na rua Doutor Weisckenk, Vila da Penha, ficam aproximadamente de 12 a 14 papa-defuntos, principalmente às sextas, sábados e domingos quando cresce o número de vítimas de acidentes de trânsito que dão entrada no hospital. O Getúlio Vargas atende pacientes de toda a Baixada Fluminense, grande parte da Avenida Brasil, e de outros bairros da zona norte, por ser o único hospital na zona norte com serviço de neurologia. Ali morrem quatro a cinco pessoas por dia e, na época de verão, este número sobe para 8 a 10 pessoas.

Quando há um tempinho, os papa-defuntos vão tomar cafezinho nos bares próximos do Getúlio Vargas, a "Cabana do Pai Tomás," o "Morte Lenta" e o "Xereta," conhecido como "Cospe Grosso," ali na rua onde são feitos os negócios entre um cafezinho e outro para acalmar o freguês. Entre os "avisantes" do hospital, a briga fica feia quando a polícia se mete para ganhar o seu. E não foi nem um nem dois que afirmaram que os soldados do 16º BPM pagam 250 cruzeiros por semana ao chefe da escala do batalhão para tirarem serviço no hospital, onde a boca é rica em matéria de comércio de cadáveres.

Reportagem de Tim Lopes

Fotos de Américo Vermelho

O grevista solitário

Fotos João Bittar

Renato Consorte, 54 anos , 30 de teatro, deixa o palco (com dor) e avisa:

"Volto quando a Censura acabar"

ATOR FAZ GREVE PELO FIM DA CENSURA

1. Censura existe pra esconder falcatruas
2. O pessoal de teatro tá muito bunda mole
3. Fui suspenso no clube por defender eleições
4. Em boca fechada não entra comida

Eu estaria completando em 1979 trinta anos de teatro. Sempre lutei a favor da verdade, verdades, pela verdade, e acho que elas devem ser ditas, devem ser conhecidas por todos. Através disso acaba uma série de sem-vergonhices que existe nas pessoas em geral. Mormente naqueles que têm em suas mãos o poder de governar o país.

A censura foi criada para evitar que o povo saiba das falcatruas feitas pelos governos que agem dentro de uma corrupção deslavada, dentro de uma ditadura absoluta. A censura foi feita para esconder as más atitudes dos governos corruptos, ditatoriais, etc e tal.

Eu acho que nosso governo atual não está percebendo isso: está se auto-incriminando porque está permitindo que o pessoal que sabe da existência da Censura faça um péssimo conceito dele, governo. Porque se ele está impondo uma censura ao povo brasileiro é porque tem coisas pra esconder.

Então eu quis chamar atenção desse nosso governo, através de que atitude? Eu como sou profissional há tanto tempo, depois de receber muitos convites no começo de 1978 pra temporada teatral, analisando os textos todos e analisando os interesses da maioria do pessoal, tô vendo que o pessoal tá desbundando muito, tá muito bunda-mole. Está se acomodando dentro desse cerceamento que a Censura impõe.

Como eu luto pela liberdade de expressão, pela anistia, pela abertura do nosso campo de trabalho eu não podia permitir que isso continuasse nos ferindo a ponto de acomodar a maior parte dos meus colegas de teatro. Gente que está fazendo teatro só pra ganhar dinheiro, fazendo textos que a Censura permite. Isso não é liberdade de expressão, porra! Então vamos fazer só o que a Censura permite? Se a Censura tivesse capacidade intelectual de analisar nossos textos, ainda assim a gente talvez pudesse discutir... mas é uma Censura conhecidamente burra, ignorante, de analfabetos que não sabem porra nenhuma de nada, que não permitem sequer um diálogo, encabeçados naturalmente pelo "magister" do governo, que é o sr. Armando Falcão, que nem sequer se dá ao trabalho de responder a perguntas: simplesmente ele diz: não tenho nada a declarar. Mas ele não tem o que declarar porque não sabe o que declarar, que ele deve ser muito obtuso, de uma capacidade intelectual muito pequena, deve ter muito pouca instrução... fez uma faculdadezinha de Direito sei lá aonde, essas feitas nas coxas, e hoje é ministro da Justiça.

A Censura é um câncer que está consumindo a mentalidade do brasileiro. É um napalm consumindo o cérebro do brasileiro. Nossas produções artísticas, intelectuais enfim, estão sumindo, porque o pessoal tá cansando de mandar textos, mandar textos, mandar textos pra Censura, que ficam emperrados lá. Textos em geral, teatro, livros, jornal. Sem falar na televisão — é um nojo o que acontece na televisão. Ela só serve pra servir ao governo.

Então o Governo está fazendo um mal ao país. Basta lembrar que países que tiveram Censura como Espanha e Portugal, intelectualmente sumiram. Artisticamente nem se falou mais.

Então, querendo alertar o governo sobre os malefícios da Censura eu resolvi tomar uma atitude. Mas infelizmente eu não tenho a projeção suficiente para que essa atitude chegue aos altos escalões do governo, assim mesmo tomei essa atitude, cansado de ver textos inócuos, textos pra divertir burguesada, ver os meus colegas se aburguesarem... no meu tempo no TBC a gente fazia teatro pra burguesia; agora o negócio mudou: a burguesia foi pro palco. Em maior grau isso acontece com o pessoal da televisão que quando chega a ganhar muito dinheiro, como alguns colegas meus estão em situação econômica maravilhosa mas psicológica e mental está uma bosta, não toma a mínima atitude política, tem medo disso, "não me comprometa".

Então, me deu uma certa revolta e tomei essa atitude pública, numa manifestação na frente do Teatro Municipal de São Paulo: tomei a decisão de não fazer mais teatro no Brasil enquanto existir a Censura. Uma atitude dolorosa, me maltratando um bocado. Nesse dia dei entrevista pra três emissoras de televisão... parece que não saiu nada no ar. Fui reclamar numa delas. Me disseram: mas você foi falar de Censura...

Vou falar do que, caceta? Então não entrevista! Que pavor é esse de falar essa palavra? Só se agacham diante dela, diante da situação de censura que estão nos impondo! Toda oportunidade que tenho — quando entrevista ao vivo, principalmente nos jornais, que estão tendo uma coragem extraordinária... coragem extraordinária é até absurdo... precisa ter coragem pra dizer a verdade?! Isso me revolta. Verdade é um negócio que nasce com a pessoa, tem que sair espontaneamente... verdade é verdade, não tem o que questionar...

Eu não concito, não quero sequer que meus colegas tomem a mesma atitude porque é muito doloroso.

Embora não esteja em cena — estar em cena significa dizer textos que a Censura permite, então não poderia dizer porra nenhuma, não vamos poder falar do caso Lutfalla ano que vem porque o próximo governador eleito nas coxas é ligado... Então o que eu faço? Trabalho, luto fora de cena: seja na platéia, na coxia, nos camarins, na rua, no clube... eu estou por exemplo sofrendo uma suspensão no meu clube, porque num determinado baile há questão de três meses, a diretoria do clube resolveu prestar homenagem, segundo disse o diretor, ao vice-governador eleito José Maria Marin. Eu tomei o microfone e protestei veementemente dizendo que ele não tinha sido eleito porra nenhuma, que nós do clube não tínhamos votado nele. Fiz um discurso defendendo o direito do voto. Criei um tumulto porque é um clube onde tem um reacionarismo desgraçado. Em conclusão, me suspenderam por ato indisciplinar. Tô curtindo com orgulho a suspensão de dois meses.

Esse é o tipo de atitude política que todos nós podemos tomar. Contra injustiças, contra erros, contra falcatruas contra leis erradas... leis erradas não devem ser obedecidas... onde já se viu criar uma lei que proíbe o empregado de usar o único elemento de defesa de sua vida que é a greve? Como se faz uma lei dessa?

A isso é que eu concito as pessoas. Concito as pessoas que estiverem lendo este jornal a não aceitar esse tipo de coisas mais.

Inclusive eu participei da campanha de Fernando Henrique Cardoso e pude dizer algumas coisas. Eu disse ao povo que ele não podia mais ficar calado porque em boca fechada não entra comida! Inclusive Ulisses Guimarães me pediu permissão para usar essa frase. Eu disse: pode usar, mas tem que dizer o nome do autor e dizer que ele está apoiando Fernando Henrique. Não sei se ele chegou a usar.

Não se pode mais ficar alheio. À situação do país, do regime, dos nossos colegas, nossos amigos, nossos distantes que passam fome nos interiores do Brasil, passam injustiça, são sacrificados, são massacrados, são explorados. Encontro colegas que dizem: que é que há, Renato? Tá tudo bem. Esses putos só faltam mugir pra virar vaca de presépio! Tá tudo bem pra nós. Eu não sei o que é preciso pra pessoa se conscientizar de uma coisa que é mais importante que a sua carreira: a vida de um país.

Agora, se encontra também gente bacana, como Bruna Lombardi, Marlene França, Eva Vilma, Débora Duarte, Regina Duarte, Antonio Marcos, Davi José, Nei Latorraca... na campanha eleitoral foram pro palanque, falar pro povo. Falar o que sentem.

O ministro do Trabalho (foto) soube da greve num coquetel que ofereceu aos atores. Apesar de ser grande consumidora de carne – 600 quilos por ano, vide "escândalo das mordomias" – a casa não serviu nem um filezinho

● *Quando nós estávamos indo muito a Brasília pra tratar da regulamentação do ator, eu fazendo parte do sindicato, nós fomos convidados pelo ministro Arnaldo Prieto pra tomar um drink na casa dele. Aliás, só deu drink, não deu negócio de carne (deve ser o homem que mais consome carne no Brasil)... eu com uma puta fome, louco pra comer... cheguei pra filha dele e disse ô, minha filha, tá certo que vocês tenham consumido toda a carne, mas arranja um bife pra mim, porra!... Só deu negócio de beberetes, assim, aquelas comidinhas sem-vergonha... mas assim mesmo eu falei com ele e contei meu caso, que tinha tomado essa atitude de não fazer mais teatro enquanto não acabar a Censura.*

No dia seguinte houve um churrasco (mas não foi com a carne dele, eu acho que foi outra parte do governo que ofereceu o churrasco, tinha carne em reserva naturalmente) e o ministro Arnaldo Prieto chega pra mim e diz:

— Ô, Renato Consorte, você precisa voltar a fazer teatro, tem que desistir daquela idéia...

Eu falei:

— Muito simples, ministro... basta o senhor me ajudar a acabar com a Censura e eu volto a fazer teatro.

Ele fez uma cara querendo dizer: me fodi nessa...

Depoimento a Alex Solnik

ERASMO E FLEURY NA MIRA DOS DELEGADOS

Os dois intocáveis da polícia paulista são criticados, vaiados e desafiados pra briga pelos delegados que fazem "greve branca"

Foto Hélio Campos Mello

Erasmo Dias, acusado de corrupção eleitoral e censura telefônica

Foto João Bittar

Sérgio Fleury, 96 quilos, foi chamado pro pau por um delegado magrinho

Quem reagiu ao coronel, dançou

— Não posso falar nada! Já estou até aqui!

O delegado de polícia José Wilson Richeti não pára. Fala rápido, sempre balançando o corpanzil, chicletes na boca, olhar atento. Atende o telefone, chama alguém, solta um palavrão, uma piada. Quer saber se naquela manhã o coronel Erasmo Dias tinha mesmo chamado os delegados de "cafajestes". Por um interurbano de Santos lhe informam que a polícia de lá também está com eles, os que há um mês lutam por 100% de aumento nos salários.

Veja só, — diz Riccheti — até o começo do ano os promotores ganhavam como nós. Agora, vamos supor, se eu ganho 30, eles ganham 60.

Entra alguém na sala do delegado. Um vendedor de jóias. Fascinado, rindo como criança, Riccheti escolhe um anel para dar a sua mulher no Natal.

Um funcionário interrompe para dizer ao delegado que não há viaturas. As duas estão fora. Isso dá uma idéia da situação a que ficou submetido Riccheti, numa delegacia sem muita importância. Será por isso que está com tanto ódio do coronel Erasmo Dias?

Logo depois das eleições, Riccheti denunciou: Erasmo Dias tinha sido eleito pelo submundo de São Paulo, bicheiros, prostitutas, donos de hotel. Em dezembro, dia 14, ele fez nova acusação: estava sendo seguido e seus telefones eram censurados. Disse também nesse dia (aliás, escreveu, pois entregou aos jornalistas uma nota) que presenciou o coronel Erasmo Dias dizer, certa vez, que estava censurando os telefones dos delegados depois da fuga de um criminoso.

Mas o que revolta mais Riccheti é a passividade:

— Naquele dia, todo mundo ouviu ele dizer isso e ninguém falou nada, ficou todo mundo quieto! Ninguém fala nada! Também, quem já falou acontece o que aconteceu com um delegado de Perdizes. Foi pra "nasa"!

— O que é "nasa"?

— Foi pro espaço! (está "encostado" num posto subalterno)

O coronel Erasmo Dias tinha dado algumas respostas ao movimento dos delegados (e às acusações de Riccheti). Até chegar ao auge: disse que os delegados estavam usando "táticas comunistas".

Riccheti não gostou e desabafou:

— Comunista? Eu sou contra o Estado de Direito!

Alguns dias depois, Erasmo Dias desmentiu o que havia dito. Foi depois de sua rápida e inesperada viagem a Brasília, descrita assim por Riccheti:

— O que você acha que aconteceu lá? Ele deve ter ficado uns cinco minutos. Só deu tempo do Figueiredo dar uma bronca nele.

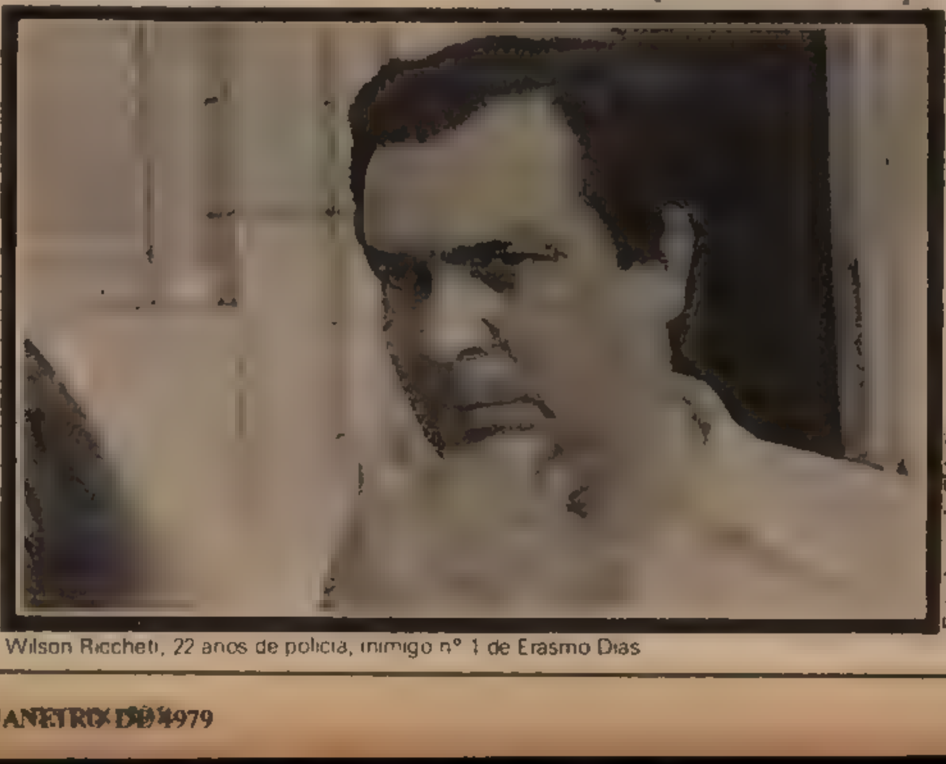


Foto Amancio Chiodi

Wilson Riccheti, 22 anos de polícia, inimigo nº 1 de Erasmo Dias

Homem de ouro quase agredido

15 de dezembro: 300 dos 2300 delegados de São Paulo se reúnem pela quinta vez para pedir 100% de aumento nos salários.

A presença mais evidente é de Sérgio Fleury. Alto, largo, cara de buldog. Conversa baixo, numa pequena roda. Mantém-se discreto. Não é alvo de cumprimentos, decididamente não é o ídolo dos delegados. Ele ficará a reunião toda mais ou menos isolado, sozinho numa fila de cadeiras vazias. Prestará atenção em tudo, trocará cochichos com alguém, porá a mão no ombro de alguém como o delegado Edsel Magnoti, do DOPS, que declara ao microfone da assembléia:

— Como todos sabem sou delegado do DOPS. Fui do DEIC, fui do GARRA e serei de outros departamentos policiais que precisarem de mim. Não tenho vergonha de trabalhar como policial.

Discursos aplaudidos eram os que repetiam que os delegados deveriam "cumprir apenas a lei" como ficou decidido na primeira assembléia. O delegado Celso Barbosa Ratto sugeriu que a decisão deveria ser fiscalizada e os que a seguissem deveriam usar uma tarja preta, no braço. Mas também havia os que insistiam em contrariar a decisão da assembléia, como o delegado Gastão Monteiro da Silva:

— Eu não vou deixar de cumprir o meu dever! Já fui preso até, fiquei 15 dias no DOPS, mas não vou deixar de cumprir o meu dever, custe o que custar.

Não aparecem novas idéias de continuação do movimento. Apenas sugestões de que se acabe com as "retaliações pessoais". Que se publique todo dia nos jornais alguma coisa sobre o movimento, nem que seja matéria paga.

Surgem controvérsias. Alguns delegados acham que não é preciso gastar com matéria paga nos jornais porque os repórteres dão cobertura diária. Alguém sugere que isso é uma forma até de tirar o ganha-pão dos jornalistas e propõe prestar uma homenagem à imprensa. Quase todos levantam o braço, concordando com a homenagem. Um dos poucos que permanece com o braço baixado é Sérgio Fleury.

Ele que na primeira assembléia fez discurso (e foi vaiado) desta vez ficou quieto. Naquela ocasião, irritado, chamou os delegados de "moleques" e foi contestado na hora pelo delegado Acir Martinelli que disse que ali ninguém era moleque. Nessa quinta assembléia Acir voltou à carga.

Quase no fim da reunião ele desafiou Fleury dizendo ao microfone:

— Eu com meus 53 quilos não tenho medo de enfrentar os 96 quilos do Fleury!

Fleury não respondeu mas Acir fez menção de brigar mesmo, a socos, o que só não aconteceu porque os outros o seguraram.

Guilherme Viesi prefere o arbítrio

Saudades do "algo mais"

Em que mudou seu procedimento desde que começou esse movimento?

Guilherme Viesi, 63 anos, delegado de Itapetininga, interior de SP: — Nosso procedimento está sendo de acordo com aquilo que foi resolvido pela assembléia dos delegados de polícia: apenas cumprir a lei

Isso não é uma maneira de mostrar que antes os delegados transgrediam a lei?

— De certa maneira, é; mas para a sociedade seria melhor se os delegados transgredissem a lei como vinham fazendo antigamente. Para favorecer a sociedade.

O delegado então, não está fazendo tudo o que deve fazer?

— Dentro da lei, ele está fazendo tudo o que deve ser feito. Agora, o delegado sempre faz um "algo mais" com intenção de proteger a sociedade. Acontece que nesse momento, nessa circunstância nós estamos apenas cumprindo a lei para dar uma demonstração do que será a carreira de um delegado de polícia sem aquele "algo mais"

Desde que mudou o procedimento diminuiu o número de presos?

— Sem dúvida. Diminuiu mais ou menos em 80%

As pessoas que o delegado deixa de prender agora representam perigo pra sociedade?

— Não, naturalmente os que representam perigo a gente segura

Delegado está evoluindo

O senhor fez "greve branca"?

Newton Fernandes, delegado do Departamento de Trânsito:

— Não, jamais fiz "greve branca" Está gravando?

Essa "greve branca" nunca existiu?

— Nunca existiu. O que existe é que os delegados cumprem com o seu dever. Como sempre cumpriram Agora, se em virtude de cumprirem o dever deixam de fazer uma prisão correcional, isso não significa de modo algum que seja "greve branca". "Greve branca" seria deixar de trabalhar. Deixar de fazer algo que normalmente a polícia só faz em defesa da coletividade, como sempre fez, mas que às vezes é até atacada por causa disto, então hoje o delegado está mais preparado no sentido de cumprir o seu dever prá não se envolver em nenhum procedimento contra ele

O que o delegado está deixando de fazer em relação ao que fazia?

— Cumprindo com as suas obrigações, seus deveres e sendo um servo da lei. Nada mais fazendo além do que ela permite

Isso significa que são feitas prisões em flagrante ou com mandado judicial...

— Todas as prisões em flagrante, mandado, etc. cumprimento fiel da lei.

O que vocês não estão fazendo são prisões de suspeitos...

— Não, suspeitos também são levados e triados. Se não houver nada contra eles, são dispensados

O que vocês estão deixando de fazer então?

— Nada, estamos fazendo tudo que fazíamos sempre

Você disse que agora estão se comportando de outra maneira...

— Tudo evolui no mundo... então a polícia de São Paulo também deve evoluir no sentido de cumprir e trabalhar dentro do Código Penal; o que a lei não nos autoriza a fazer, não devemos fazer.

As acusações que se fazem à violência da polícia são justas?

Que tipo de acusações?

A ROTA que mata alguém... torturas... notícias nos jornais...

— A função policial já envolve uma série de riscos. Matar ou morrer, na nossa profissão, é coisa do dia a dia. O pessoal enfatiza mais a parte do policial quando ele no exercício do dever mata alguém. E quando o policial também morre? Então, é o risco da profissão... aliás, pelo que também não ganhamos... que nós deveríamos ganhar risco de vida e não ganhamos também. Por isso estamos fazendo esse movimento. Porque não é possível, você há de convir comigo, que um delegado de 5ª. classe ganhe Cr$ 12 mil por mês, um delegado de primeira classe, como eu, ganhar só Cr$ 24 mil... não é possível. Quando ingressei na carreira era delegado-substituto; ganhava Cr$ 20 mil. Muito mais que agora. Há 22 anos. Naquele tempo eu tinha Cr$ 5 mil de gastos entre aluguel, alimentação, etc Sobrava uns 10 mil por mês. Agora, eu tenho quatro funções pra poder sobreviver

Newton: acusam a polícia de quê?

Eles são bacharéis, pô

Cumprir só a lei melhora a imagem da polícia?

Darci Sassi, delegado de Campinas, interior de SP: — Dignifica. Todo país é estruturado politicamente através de uma Carta Magna, a Constituição. Se na Constituição está escrito, no artigo 153, que a pessoa só poderá ir presa em flagrante delito ou com mandado judicial, por que nós vamos agir ao arrepio da lei? Ora, meu Deus do Céu, quem age ao arrepio da lei não pode ter força! Se a lei existe é pra ser cumprida. A prisão tem que partir da investigação e não o contrário. Por que nós não podemos evoluir? Nós somos bacharéis, pô!

Por que anteriormente vocês cometiam arbitrariedades?

— Isso é uma pergunta que não existe resposta. Fazia-se isso? Eu nunca fiz. Tenho dois anos de polícia

A gente vê nos jornais. Por que o senhor acha que os delegados faziam isso?

— Talvez isso se prendesse a uma estrutura, a um modo de agir bem antigo ... mas agora tá chegando o momento de se dizer um basta. Nós estamos colocando o povo a par do que é a polícia realmente. Principalmente no interior o povo sempre confundiu polícia civil com polícia militar. A polícia civil age a partir do momento em que aconteceu o crime; a polícia militar age até lá. Ela previne Então, essa confusão tem que parar O povo tem que saber quem é quem, como é que acontece e não acontece... o povo sempre teve a imagem de que delegado é aquele que prende De jeito nenhum; delegado é aquele que solta. A Polícia Militar leva no plantão e nós soltamos. Se ele tiver em flagrante delito lavramos o auto de prisão em flagrante. Se não, fazemos uma ocorrência policial.

Mas tem também delegado que manda torturar, não é?

— Eu nunca vi. Tenho dois anos e meio de polícia. Sou o tipo do delegado que sou bacharel, minha bíblia é a Constituição. Só assim eu posso distribuir um pouco de justiça.

Mais poder, dentro da lei

Cumprir a lei agora não é reconhecer que antes não se cumpria a lei?

José Emílio Pescarmona, delegado do DEIC e do GARRA: — Em absoluto. Eu porventura sou novo na polícia, desconheço as arbitrariedades policiais, mas a evidência do que se diz aqui é justamente o reforço da nossa ideologia, o reforço daquilo que nos propomos a fazer quando entramos na nossa carreira ou seja, o estrito cumprimento do dever legal.

Como a polícia recebe as críticas feitas a ela?

— Evidentemente, a fantasia existe. O fato quando é pequeno acaba se tornando grande a partir do momento em que vai se modificando de boca em boca. O policial se sente constrangido cada vez mais e coagido a cumprir tão exclusivamente a lei. Enfim, ele deixa de praticar o poder arbitrário que ele tem e passa a cumprir o que o Código de Processo Penal determina.

Esse é o pensamento geral?

— É o pensamento geral da classe. Tenho convivido com colegas de todos os distritos e todos estão concordes em se manterem íntegros perante a população justamente praticando aquilo que nos propomos, aquilo que juramos quando assumimos o cargo: cumprir estritamente a lei

Mesmo se o movimento for vitorioso vocês continuarão dentro da lei?

— Evidentemente. Dali para frente nossa luta será junto ao Congresso Nacional para que aprove maiores amplitudes dentro do nosso poder da polícia

O senhor acha que as violências policiais devem ser denunciadas?

— Mas é lógico. O senhor secretário da segurança tem colocado processos administrativos nos culposos e exonerado a quem de direito.

Reportagem de Alex Solnik

Fotos Amancio Chiodi

Quinta assembléia dos delegados nenhuma esperança de aumento

PATRÃO FAZ A LEI DA FÁBRICA DE ARMA NA MÃO

Na metalúrgica Alfa, em São Paulo, o patrão, industrial João Mello, trata seus empregados como marginais, ameaça de revolver na mão quando a produção atrasa, não paga FGTS, PIS e INPS e até instalou uma cadeia na seção de pessoal. Seu diretor, Cassio Scatena matou um operário na porta da fábrica.

Testemunha afirma: houve assassinato

Dia 14 de dezembro foi ouvida no forum de Sao Paulo uma testemunha-chave do assassinato de que é acusado o advogado Cássio Scatena. Ele matou, na porta da Metalúrgica Alfa, o operario Nelson Pereira de Jesus, de 21 anos, com quatro tiros, dia 11 de outubro. Nèlson reclamava de horas extras atrasadas e por isso èstava discutindo com o advogado. Ao lado deles, outro operário, Romulo, assistia a tudo.

Embora tenha fugido do local em seguida, o advogado disse que matou em legitima defesa e logo apareceram testemunhas para dizer que o operário era desordeiro e estava bebado naquela hora. Quem contradisse isso foi Romulo: no dia seguinte ele contou aos jornais como tudo aconteceu.

Depois desse dia, Romulo não foi visto mais. Sumiu.

Mas a testemunha que depos dia 14 de dezembro, Carlos Antonio Luz, encontrou Romulo no bar em frente à Alfa, tres dias depois do assassinato. Romulo estava com os bolsos cheios de dinheiro, uns Cr$20 mil. E estava de viagem.

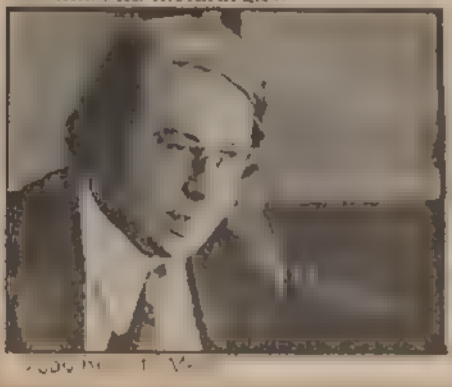
Carlos Antonio tambem contou que viu a discussao entre o advogado e o operario e reproduziu o dialogo que ouviu:

Nelson: - Nao vou embora, nao.

Cassio: - Vai, sim!

Aí Cassio apontou o revolver e atirou.

O assassinato levou os outros 450 operários à greve: eles reclamavam do clima de insegurança no trabalho e não queriam mais nem Cassio nem João Mello (dono da Alfa). Aguentaram durante um mes. Depois, tiveram que ceder e voltaram a trabalhar. E veio a vingança: muitos foram demitidos e suspensos. Aqui, alguns operarios contam como são tratados na metalurgica



Empresa não paga FGTS, INPS e PIS

Você acha que tem segurança pra trabalhar na Alfa?

— Não, tsc, tsc. O ambiente é péssimo, o pior que você pode pensar. Só indo lá pra ver. Não tem segurança, não tem higiene, não tem nada. Poluição lá dentro, insalubridade.. tem leite agora porque os homens caíram em cima. Foi a única coisa que conseguiram arrancar deles. Antes não tinha nada: pedia leite pro cara, o cara dizia: "vai tomar pinga!"

Em relação a salário tem algum problema?

— Segundo o sindicato dos metalúrgicos, é o salário mais baixo da categoria em São Paulo. Agora, o salário lá sai depois do expediente. Eu saio com o salário a meia-noite.

Por que acontece isso?

— Porque ele (Mello) gosta de ver fila e bagunça. Umas duas vezes ele deu uma maneirada, depois começou avacalhar de novo. Só trabalho lá por causa do Exército, senão já tinha saído há muito tempo... o Exército me dá estabilidade dentro da firma e sou obrigado a ficar lá dentro... regime militar chega o que vou aguentar o ano que vem.. ganho Cr$8,80 por hora pra montar carcaça industrial, já me ofereceram Cr$16 em outra firma, mas não posso sair por causa do Exército.

Como é o seu patrão?

— É um salafrário, um palhaço, completamente por fora... ele quer impor uma coisa que... no começo aceitamos porque a firma estava em concordata então não paga Fundo de Garantia, tudo bem... mas agora ele falou que tá sentado em cima de Cr$10 bi. Porque não deposita Fundo de Garantia de todo mundo, o PIS? Agora vem com história que o INPS não quer aceitar depósito de fundo de garantia de ninguém... e tá devendo pro INPS também. Eu entro lá, perco até a vontade de trabalhar. O Scatena entrou lá junto com o Mello, há quatro anos: o Scatena era mais advogado da firma, mas também era diretor: quando o Mello não tava, quem mandava era ele. Andavam armados eles. (Marco Antonio Mazola, 4 anos de Alfa)

Operário agredido é trancado na sala

Adelino Gomes de Oliveira

O que aconteceu ao senhor?

— Ele veio gritando na seção, eu sem saber de nada, ele foi me agarrou aqui na garganta.

Quando foi isso?

— Em março.

Quem fez isso?

— O dr. Mello, né?

Por que ele agarrou na garganta do senhor?

— Porque tava faltando matéria-prima, então nós tava parado na seção — já tinha feito os fogareiros, ia começar os fogões grandes — aí ele viu o pessoal meio parado, veio gritando de lá pra cá tudo quanto foi nomes feios. E aí chegou em mim falou assim que eu tava procurando, que eu ia encontrar o meu — aí me segurou na garganta. Depois ele pegou e saiu. Nós ia pedir a conta e ir embora, ele fechou nós no departamento do pessoal, disse que ia chamar o Deic mandar prender nós.

E chamou?

— Não. Deixou pro dr. Cássio resolver.

(Adelino Gomes de Oliveira, trabalhou 16 anos na Alfa)

Pedido de aumento é tratado à bala

Vicente Angelo Matos

O que aconteceu com o senhor dentro da Alfa?

— Houve uma paralisação lá reivindicando 10% de aumento, então nesse meio chegou o dr. João Roberto de Mello com revólver branco na mão e outro na cinta. Entrou dizendo: "sai todo mundo, senão vou matando um por um." Entrou na seção de tornearia com revólver na mão, chegou diante de mim e mandou sair: "saia, Vicente, se não te queimo!" Eu vi que ele queimava mesmo, então eu fui me retirar, no momento em que dei as costas para ele, ele me meteu o revólver nas costas.

Foi o primeiro caso de violência dentro da empresa?

— Comigo, foi, mas com outros companheiros já teve vários. **(Vicente Ângelo Matos, 17 anos de Alfa)**

Vítima tentou correr mas caiu

O senhor sabe como o operario Jesus foi assassinado?

Eu assisti. E nesse dia não trabalhei. Tomei banho, me troquei, quando vim acabando de descer as escadas, escutei um tiro, apressei o passo, então ouvi mais tres tiros. Um pegou no pulso da mao esquerda, outro no rim outro no peito. O rapaz correu pra la pra ca, depois nao aguentou e caiu. Chamaram a polícia. O rapaz já estava morto, o Scatena entrou na firma e tornou a sair, de carro. Estava apavorado. Isso aconteceu na porta da fabrica, na calçada. Me aproximei do rapaz que caiu morto. Ele nao falou nada. Só pedia por socorro.

O senhor sabe o que aconteceu antes dos tiros?

— Não, só sei que deu os tiros, um atrás do outro.

Antes desse dia o senhor já tinha visto violencia na Alfa?

— Quando esse dono chegou, ficou assim. Faz quatro anos. Antigamente não havia nada. O novo dono não gostava de empregados antigos. Era o meu caso. Ele so falava isso pra nos, que não gostava de empregados antigos e fazia tudo pra ir contra nos.

(Humberto Sizino dos Santos, 16 anos de Alfa)

Humberto Sizino dos Santos

Cadeia fica na seção de pessoal

Existe violência na Metalúrgica Alfa?

— Isso é evidente.

Lá dentro tem cárcere privado?

— O que nós conhecemos, desde 1974, inclusive foi caso de nós pedir mesa redonda na Delegacia Regional do Trabalho que o empregado era obrigado a ficar dentro de uma sala na Alfa, sentado na cadeira, na presença de um funcionário do departamento pessoal e até para ir ao sanitário precisa de autorização do indivíduo. Isso constatei com meus próprios olhos.

O cárcere seria então uma sala?

— Uma sala do departamento pessoal, ficava um funcionário ali que tinha sido "punido", ficava lá 3 ou 4 dias. Não depositam Fundo de Garantia, não pagam INPS, não tá em dia com o PIS, não paga as obrigação social, férias não paga — tem empregado com duas, três férias vencidas — só paga mediante sentença da justiça do trabalho. Ainda diz que ele catimba o máximo possível pra evitar de pagar. Tem vários casos na Justiça. Tem empregado aqui que tem quatro processos na Justiça.

(Júlio Joaquim de Araújo, suplente de diretoria do sindicato)

Julio Joaquim de Araujo

Medo de revide impede protestos

Você foi vítima de alguma violência dentro da Alfa?

— Não chegaram a agredir, só ameaçaram. Eu trabalhava na montagem, com queimador. Acontece que vinha bastante peça estragada da estamparia. Então ele falava que eu é que estragava as peças e foi tentar me agredir, mas não chegou a agredir.

Quem foi?

— O Mello. O Mello e o Cássio.

Quando aconteceu isso?

— Já faz uns três anos.

A agressão foi só com palavras?

— Ele chegou a levantar a peça contra mim.

Você fez queixa disso na delegacia ou no sindicato?

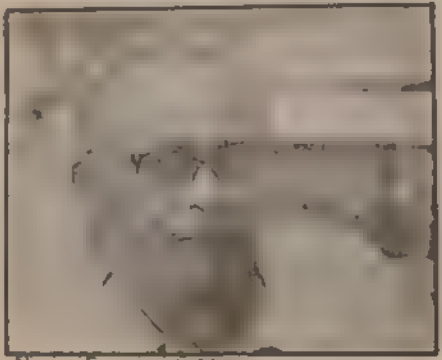
— Não.

Por que? Teve medo?

— Medo eu sempre tive.

(Josefina Santos, 3 anos e 7 meses de Alfa)

Quem faz greve, pode levar chumbo



Nestor Ferreira de Matos

O senhor sabe de alguma violência dentro da Alfa?

— São tantas que não lembro mais nenhuma.

Alguma aconteceu com o senhor?

— Teve comigo, teve com o Vicente, teve com todos os operários da Alfa, todos foram tirados lá de dentro à boca de revólver. Todos nós. No dia da greve (em julho) nós paramos lá, então ele achou que não devia ficar nós lá dentro parado, e sim na rua. Então nós seguimos parados e cruzamos os braços, as máquinas ficaram silenciosas e com o silêncio ele apareceu. Apareceu lá com o revólver na mão e pôs todo mundo pra fora. Encostou a boca do revólver em mim e em diversos companheiros. Outro caso que sei é que ele correu atrás de um colega, na estamparia, com uma chave de prensa, até o meio da rua, e ficou por isso mesmo. O sindicato andou procurando testemunhas, não deram testemunhas...

Fora violência, o que mais sofre o operário da Alfa?

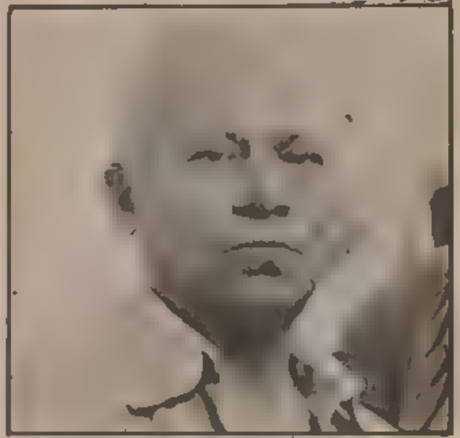
— Diz que ele (Mello) não tá depositando Fundo de Garantia, PIS, dizem que não tá pagando INPS (o sindicato tá procurando saber) e outras coisas, como pagamento fora de hora (chegamos a receber pagamento até 11 da noite), depois de reclamações no sindicato é que melhorou um pouco a situação do pagamento.

Tem polícia dentro da Alfa?

— Tem um investigador, um tal de Gouveia. Trabalha na segurança, Anda à paisana.

(Nestor Ferreira de Matos, 13 anos de Alfa)

Quando a produção atrasa, o pau come



Genésio Firmino da Silva

O senhor foi agredido alguma vez dentro da Alfa?

— Fui.

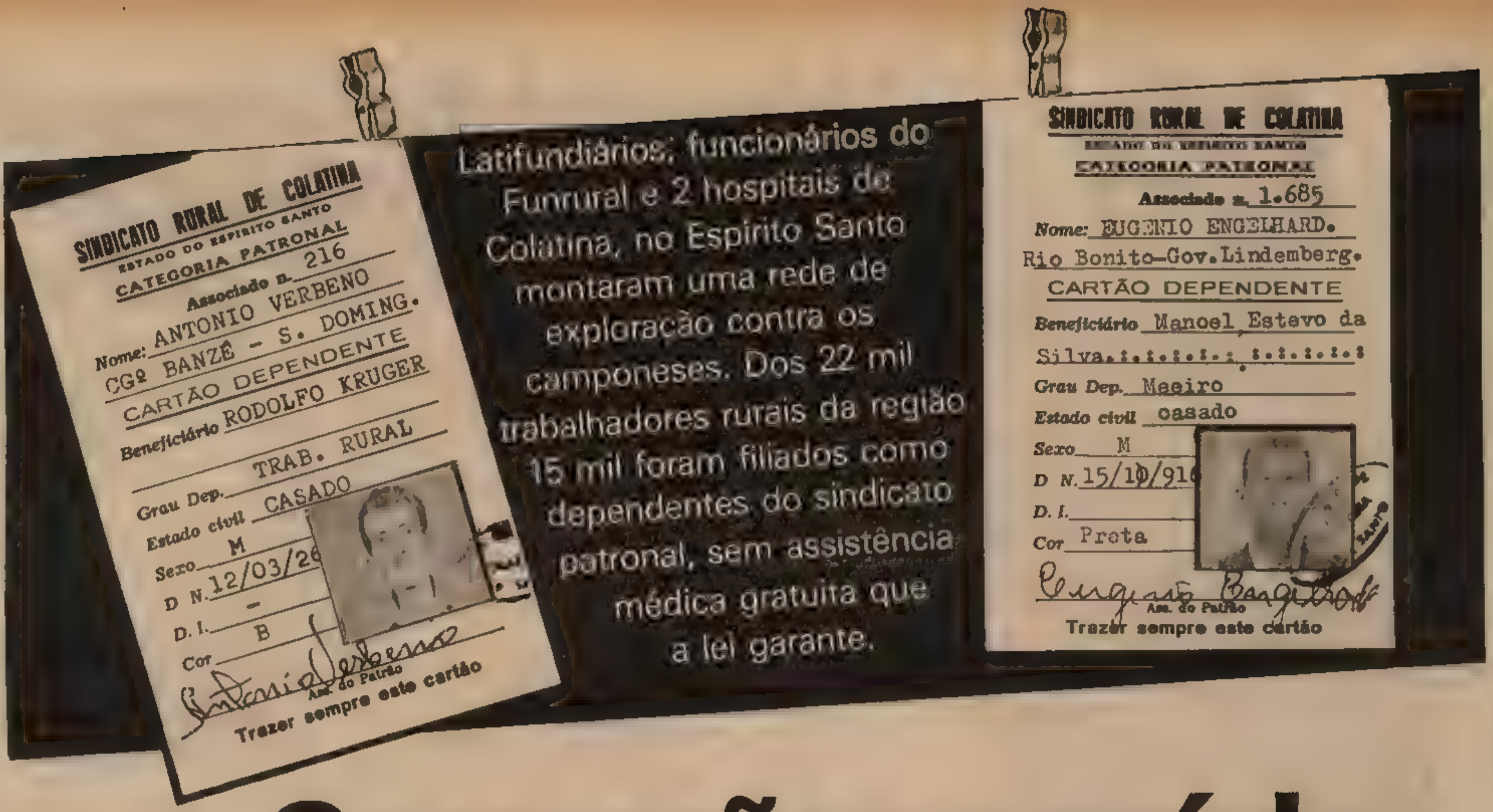
Quando?

— Tem uns seis, sete meses, que fui agredido pelo dono da firma. Ele é o seguinte: o culpado é ele mesmo. Acontece que atrasa a produção porque falta matéria-prima, ele não compra matéria-prima suficiente, então a produção cai e ele fala que o encarregado não quer trabalhar, não quer dar produção. Então ele é muito agressivo, começa falando alto com a gente, discutindo e xingando a gente. Então ele fica naquele estado de nervo dele, ameaça a gente. Então ele me culpou que eu tava segurando a produção. Ele começou a agredir com palavras, depois pôs a mão na cinta e falou que me atirava. Puxou o revólver e apontou. Eu falei: bom, doutor, se o senhor quiser atirar, o senhor atira. Depois disso aconteceu de novo, a segunda vez. Ele pegou o revólver e falou que ia quebrar o cabo do revólver na minha cabeça.

(Genésio Firmino da Silva, 16 anos de Alfa)

Depoimentos a Alex Solnix

Fotos Amancio Chiodi



Latifundiários, funcionários do Funrural e 2 hospitais de Colatina, no Espírito Santo montaram uma rede de exploração contra os camponeses. Dos 22 mil trabalhadores rurais da região 15 mil foram filiados como dependentes do sindicato patronal, sem assistência médica gratuita que a lei garante.

Corrupção na saúde pública escraviza camponês

A manobra, que envolve os proprietários de terras da região, representantes do Fundo de Assistência ao Trabalhador Rural (Funrural) e a direção de 2 hospitais, já foi denunciada até para o governador do Estado, sem, no entanto, receber resposta alguma.

Segundo um médico local, que pediu para ficar incógnito, todas as lideranças políticas do Estado conhecem a trama e não fazem nada porque "não lhes interessa ferir os interesses dos poderosos pecuaristas e agricultores da região." Assegura ele que os que mais se omitem são o governador Elcio Álvares e o líder do governo, Senador Eurico Rezende. "Os dois já receberam cartas-denúncias e se calaram para não conflitar com manobras de velhos parceiros"

Cerca de quinze mil trabalhadores rurais que se empregaram em latifúndios no município vêm sendo impedidos de se sindicalizarem por uma manobra dos latifundiários, que os registram como dependentes em sua própria entidade de classe, o Sindicato dos Proprietários. Assim, os latifundiários livram-se dos encargos trabalhistas e,, em caso de conflito, os empregados só podem recorrer ao Sindicato dos patrões.

— São inúmeros os casos de camponeses que sequer sabem que existe um sindicato deles. Quando tomam conhecimento, a confusão armada na cabeça deles é tanta que muitos nos procuram para se sindicalizar no Funrural.

Outros ficam alegres por terem sido registrados como dependentes dos patrões, e ainda perguntam: Pra que sindicato de trabalhador? Um dia adoecem no latifúndio e, como pra se internar em Colatina precisa soltar dinheiro, são mandados para Vitória. Muitos morrem por lá mesmo. Se ao menos fossem sindicalizados, a gente podia tentar alguma coisa. **(Ezequiel Bazoni — presidente do Sindicato do Trabalhador Rural de Colatina, que tem apenas 7 mil sócios).**

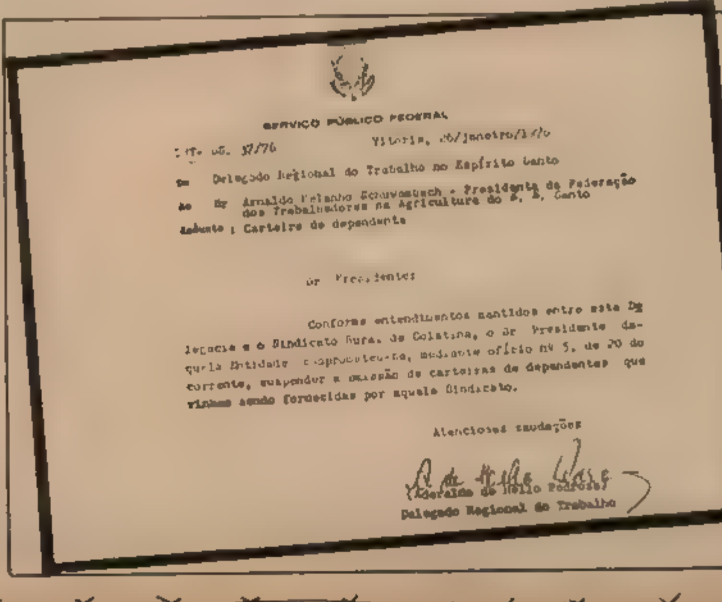
O desestímulo à sindicalização não cessa nos latifúndios; ele se prolonga até à administração dos dois hospitais do município (ambos, por sinal, mantêm convênio com o Funrural: Hospital Maternidade Sílvio Avidos e Hospital São José). Bazoni dá os detalhes:

— No São José existe até uma freira conhecida por irmã Celeste informando aos trabalhadores que se eles quiserem obter assistência devem esconder a carteira do sindicato e se apresentarem como indigentes. E muitos fazem isso.

Tudo isto é confirmado pelo médico Fred Tanure, ex-diretor do Hospital São José. Ele diz que "no dia em que as autoridades quiserem tomar uma providência saneadora nos dois hospitais, terão que fazê-lo sob intervenção federal. Em Colatina, a saúde pública está encoberta por um mar de lama e todos sabem disso, inclusive o governador, que parece estar bem satisfeito com a situação"

O conhecimento das irregularidades já é bem antigo entre as autoridades trabalhistas da região. Em ofício de 26/1/76, o Delegado Regional do Trabalho, Aderaldo de Mello, assegura ao presidente da Federação dos Trabalhadores, Arnaldo Melanho, ter obtido do sindicato patronal o compromisso de suspender a emissão de carteiras de dependentes em nome dos camponeses. No entanto, após essa data, as carteiras não só continuaram sendo emitidas como foram revalidadas

— Tem hora que eu acho que a solução seria logo uma porrada final. Mas isso passa e a gente volta a ter confiança no cumprimento da lei. **(Bazoni)**


SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Of. nº. 37/76 Vitória, 26/janeiro/1976

De Delegado Regional do Trabalho no Espírito Santo

Ao Sr Arnaldo Melanho Schuwambach - Presidente da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do E. S. Santo

Assunto : Carteira de dependente

Sr Presidente:

Conforme entendimentos mantidos entre esta Delegacia e o Sindicato Rural de Colatina, o Sr Presidente daquela Entidade [illegible], mediante ofício nº 5, de 20 do corrente, suspender a emissão de carteiras de dependentes que vinham sendo fornecidas por aquele Sindicato.

Atenciosas saudações

(Aderaldo de Mello Pedrosa)
Delegado Regional do Trabalho

Em janeiro de 76, o Delegado Regional do Trabalho no Estado, Aderaldo Pedrosa, garantiu que os patrões não mais registrariam camponeses como dependentes do seu sindicato. As carteiras, entretanto, continuaram a ser emitidas

Hospital do Funrural cobra até Cr$ 6 mil por um parto

Ezequiel Bazoni "chegam ao cúmulo de dizer pras mulheres que, se elas não pagarem, vão abortar ali mesmo"

Assistência gratuita aos trabalhadores. Em Colatina este direito líquido do empregador rural, assegurado pela lei nº 4214 (Estatuto do Trabalhador Rural), é letra morta. Os hospitais chegam ao cúmulo de cobrar à mulher do camponês Cr$6 mil por um serviço de parto. Caso não pague fica sem o atendimento adequado à sobrevivência do filho.

— Temos conhecimento de diversos casos em que foram cobrados até comprimidos contra gripe. No Hospital Sílvio Avidos chegam ao cúmulo de dizer à mulher, em cima da hora do parto, que se ela não se dispuser a pagar certa quantia não terá um tratamento decente e abortará ali mesmo. **(Bazoni)**

— Eles me deixaram ali suando frio. E me mandavam contrair o máximo que pudesse pra retardar o parto até que eu aceitasse pagar Cr$6 mil. De início eu resisti, mas depois as fortes dores e o medo de perder o neném me obrigaram a aceitar. **(Mulher de um camponês que pediu para não ser identificada "porque da próxima vez eles nem cobram mais; morremos eu e o neném")**

— Esta história do parto não só é verdadeira como tem sido responsável por inúmeros abortos. Infelizmente são dados que você não poderá obter com precisão porque a diretoria do hospital esconde qualquer dado comprometedor. No entanto, eu lhe asseguro que eles são tão filhos da puta que esperam a fase agônica da parturiente para fazer a pedida **(Dr. Fred Tanure)**.

Nem todas as provas contra as ilegalidades do hospital, entretanto, podem ser escondidas. Uma das principais é fornecida pelos próprios hospitais: o recibo que prova o pagamento por serviços prestados, emitido pelos hospitais e assinado ora por enfermeiras, ora pela administradora.

— Que tem gente mamando não resta a menor dúvida. Tanto o São José como o Sílvio Avidos recebem verba fixa do Funrural. Esta verba oscila entre Cr$ 1 milhão 200 mil e 1 milhão e meio. Com precisão não posso lhe assegurar, há um sigilo total por parte dos hospitais neste ponto. O Funrural não fornece a quantia com exatidão. Acontece que o dinheiro deixado pelos trabalhadores é jogado a débito da verba do Fundo, utilizada para outros fins que não a assistência do trabalhador rural **(um médico que pediu para não ser identificado "porque senão a merda estoura em cima de mim")**.

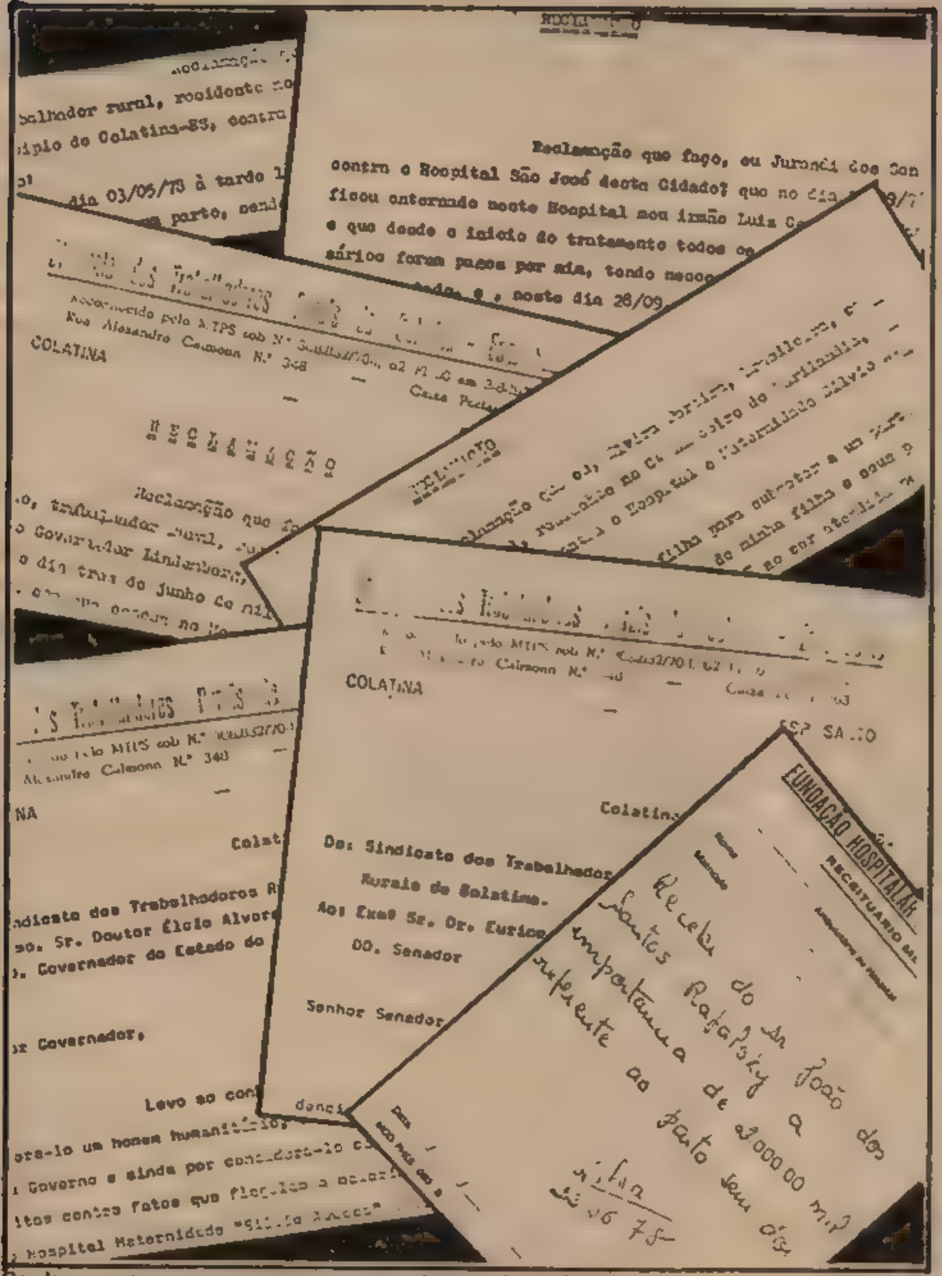
— Já levamos ao conhecimento do Funrural todas as irregularidades e eles sempre alegam mil dificuldades para autuar os hospitais. Às vezes eu acho que tem um muro invisível entre o Funrural e as soluções. **(Bazoni)**

O "muro" talvez não seja tão "invisível" assim se observarmos o esquema de coincidências que existem em Colatina. O representante do Funrural no município, Sr. Fioravante Vasconcelos, é, **por coincidência,** irmão da supervisora do Fundo no município, Sra. Maria José de Vasconcelos. Ambos, **por coincidência,** são filhos do Sr. Pergentino Vasconcelos, que, **por coincidência,** é o presidente do Hospital São José. O Sr. Pergentino é, ainda **por coincidência,** sogro de um dos diretores do hospital que é acusado de manter uma clínica reumatológica às custas do Funrural.

E como fica o agricultor?

— Fodido. Eu tô fodido. Trabalhei como meeiro para os Glysolli (família que tem terras na região) durante 2 anos e meio. Um dia, sem mais nem menos, fui despedido. Adoeci e por um tratamento no Sílvio Avidos me cobraram Cr$16 mil. Na época um amigo me arrumou o dinheiro. Hoje piorei, estou desempregado e não posso voltar lá porque não tenho dinheiro. O jeito é esperar a morte em casa! **(José Emídeo Delplanche, 63 anos, nove filhos, morador em Colatina)**

Reportagem de Gilson Caroni



Reclamação que faço, eu Juronci dos San... contra o Hospital São José desta Cidade? que no dia ... ficou enternado neste Hospital meu irmão Luis C... e que desde o inicio do tratamento todos os ... sários foram pagos por dia, tendo neceo... ... nesta dia 26/09...

RECLAMAÇÃO

Do: Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Colatina.
Ao: Exmº Sr. Dr. Eurico ...
DD. Senador

Senhor Senador,

FUNDAÇÃO HOSPITALAR — RECEITUÁRIO

Recebi do Sr. João Santos Rafalsky a importância de 3.000,00 mil referente ao parto seu [illegible]

Os documentos que comprovam a manobra: reclamações dos camponeses, a denúncia ao governador e ao senador e os recibos dos pagamentos feitos ao hospital

Só a extrema direita quer explodir a imprensa alternativa

Jornal na terra de Geisel só é livre pra inglês ver

Apesar da repressão , os jornais alternativos sobrevivem a duras penas somente em função dos leitores. Todos sofrem boicote publicitário, pressões da gráfica e do distribuidor e ainda são perseguidos pelo governo.

A abertura lenta e gradual do presidente Geisel, no tocante à imprensa, tem-se mostrado nada mais do que um colírio que o governo administra homeopaticamente em olhos estrangeiros, para mostrar que o Brasil já saí de um regime totalitário para a "democracia relativa" cujas principais características são a liberdade de imprensa, a realização de eleições livres e outras baboseiras tão insistentemente repetidas pelos porta-vozes oficiais.

Em relação às eleições, nem é necessário explicar seu caráter distorcido, suas aberrações; todos os leitores conhecem a Lei Falcão, que impede os candidatos de falarem ao público eleitor, assim como também é de conhecimento geral o fato de que nem todos que desejam podem ser candidatos, pois a peneira fina do regime só permite o registro às pessoas já "conhecidas", como é o caso do agora deputado federal Modesto da Silveira (Rio) e do candidato derrotado a senador Fernando Henrique Cardoso (SP), apenas para citar dois nomes.

No caso específico da imprensa, a situação não é tão conhecida, devido principalmente aos próprios meios de comunicação (mantidos sob censura ou não). Para o governo, é necessário que hoje existam deputados destoantes do coro ufanista da Arena, bem como uma imprensa de oposição e denúncia. Isso, é claro, desde que ninguém se revele opositor do regime instalado em 1964. Assim, vive-se a mesma liberdade vigiada (uma espécie de prisão domiciliar), dos tempos em que o ex-deputado Lysâneas Maciel se revelou um espinho na Câmara e foi cassado sem mais nem menos. Ou como aconteceu com o também deputado Alencar Furtado, que ousou denunciar à nação a arbitrariedade que foi a cassação de seu colega carioca, e teve a mesma sorte.

Os jornais, é bem verdade, não têm mais censura — e nem precisam, como o leitor já verá. Catorze anos deste totalitarismo batizado como "modelo brasileiro" foram mais que suficientes para aniquilar jornais como o **Correio da Manhã**, de longa tradição de oposição, para mostrar aos outros proprietários de jornais a inconveniência de um possível confronto da imprensa com o governo revolucionário. Em São Paulo, por exemplo, foram os próprios Mesquita, donos dos jornais **O Estado de S. Paulo** e **Jornal da Tarde**, que foram pedir ao então ministro da Justiça Alfredo Buzaid a decretação da censura prévia. Isto porque o II Exército (sediado em São Paulo) tinha passado alguns dias lendo o **Estadão**, depois de impresso, para então liberá-lo à circulação. A simples leitura, que demorava horas, causou prejuízos bastante altos aos Mesquita, que não conseguiam conter o avanço da **Folha de S. Paulo**, seu principal concorrente e beneficiário direto do atraso causado pela censura ao **Estado**.

À exceção dos dois jornais paulistas e do **Correio da Manhã** (eliminado através do boicote publicitário e de pressões diversas durante seus últimos anos de circulação), a grande imprensa não sofreu muito. O **Jornal do Brasil, O Globo**, a **Folha de S. Paulo** e todos os outros grandes diários do país logo se amoldaram ao regime totalitário, trataram de amenizar os noticiários e de demitir seus jornalistas mais combativos e/ou de esquerda. O resultado disto foi a homogeneização da imprensa, acabando com as diferenças editoriais de um jornal para outro, e a conseqüente transformação do jornalista num burocrata de redação que, ao invés de sair à rua à cata de denúncias, trabalha com as informações permitidas ou pelo governo ou pelo próprio patrão.

Com o Ato Institucional Nº 5, em dezembro de 1968, o jornalista viu ser sufocado todo o sentido social de sua profissão, que é a denúncia, a investigação, a defesa do cidadão. Como conseqüência deste esvaziamento da profissão, apareceu a imprensa alternativa, ou nanica, da qual este jornal é

Sucursal mineira do Em Tempo, no dia da bomba

A imprensa alternativa devolveu a função social do repórter

O leitor tem que entender que só dele vivem os jornaizinhos

um exemplo. A resposta do governo revolucionário não tardou. **Opinião**, editado no Rio, acabou pela censura imposta pelo próprio punho do ex-presidente Médici; **Movimento**, que o sucedeu, em São Paulo, já nasceu sob censura prévia (suspensa há apenas alguns meses). O **Pasquim** conviveu durante quase todos seus nove anos de vida com a censura de seus originais, o que acarretou prejuízos que quase o levaram à falência. Nos anos negros da ditadura (leia-se governo Médici), quando era mais arbitrária a censura à imprensa, os editores do jornal viram-se forçados, por várias vezes, a visitar o general responsável pela censura em sua residência, nos fins-de-semana, na tentativa de liberar ou tentar evitar a mutilação de artigos, reportagens e até contos. Sorte do **Pasquim**, que tem editores famosos e do agrado pessoal do general. Outros jornais nanicos não tiveram chance idêntica

Suspensa a censura prévia aos jornais **Movimento, O São Paulo e Tribuna da Imprensa**, no segundo semestre do ano passado, sob o alto patrocínio da distensão lenta e gradual do presidente Geisel, outras formas de intimidação se revelaram bem mais eficazes para o governo, pois atingiam seu objetivo sem chegarem a Brasília os freqüentes telegramas de protesto da Sociedade Interamericana de Imprensa, que se preocupa com a liberdade de imprensa no hemisfério. Vamos às novas formas de repressão, portanto:

Boicote de publicidade — Na última página do **REPORTER** do mês passado, esta manobra foi denunciada. O governo não permite que empresas estatais ou de economia mista publiquem anúncios na imprensa alternativa, através de uma circular reservada, distribuída mensalmente, que relaciona os órgãos de imprensa que não merecem ser contemplados com publicidade oficial por sua postura independente, obviamente contrária ao regime de força em que vivemos ainda hoje

Fiscalização excessiva — Visitas periódicas aos órgãos de imprensa independente de fiscais do ministério do Trabalho, para examinar a situação dos empregados da empresa responsável pelo jornal alternativo. Também é comum a visita de funcionários da Polícia Federal para verificar o registro do jornal (obrigatório) no DPF e até o registro do título do periódico no Instituto Nacional de Propriedade Industrial (também obrigatório) e no Registro Civil das Pessoas Jurídicas (sem o qual a publicação pode ser taxada de "clandestina" e impedida de circular).

Enquadramento na Lei de Segurança — Privilégio exclusivo do ministro da Justiça, que por sinal, o vem utilizando sem acanhamento, contra os mais variados jornais e jornalistas da imprensa nanica. **REPORTER**, por exemplo, teve seu número 5 apreendido por ordem do ministro Armando Falcão, e foi enquadrado no artigo 54 da Lei de Segurança Nacional. Por este artigo, caso o jornal reincidisse no "erro" (não especificado) que causou sua apreensão, teria cassado seu Registro Civil das Pessoas Jurídicas e nem os jornalistas responsáveis por ele, nem a empresa responsável por sua edição, poderiam lançar outra publicação. Uma espécie de cassação profissional

Este pedido de enquadramento na LSN merece considerações à parte: primeiro, o ministro da Justiça pode, mediante simples despacho, mandar apreender qualquer órgão de imprensa, sem especificar coisa alguma e enquadrando os editores, repórteres e colaboradores num artigo qualquer do Decreto-Lei 898, de setembro de 1969, mais conhecido nas redações de jornais como Lei de Segurança Nacional. Segundo, partindo deste despacho ministerial, o Departamento de Polícia Federal designa um delegado para comandar o inquérito contra o jornal, intima, interroga, fotografa e tira impressões digitais de seus editores e não tem que dar satisfação a ninguém, nem mesmo à Justiça (que deveria coibir este tipo de abuso da autoridade). Terceiro, em nenhum momento julga-se o mérito da acusação ministerial, nem se atenta para o prejuízo decorrente da apreensão (no caso do **REPORTER**, 200 mil cruzeiros, em abril do ano passado). Para um órgão da imprensa alternativa, tal prejuízo significa bem mais do que esta simples cifra, pois um jornal sem publicidade vive exclusivamente da venda em banca, cuja maior parcela ele só vai receber meses depois, conforme é praxe nos contratos das distribuidoras de jornais e revistas.

Todas estas formas de pressão relacionadas acima, ainda que típicas de um regime totalitário, são perfeitamente legais, segundo nossa legislação de exceção. Mas existem ainda formas mais eficazes de intimidação,

O DESPACHO DO MINISTRO

Proc. MJ — 16.735-78 — Confirmo a ordem verbal ao Diretor-Geral do Departamento de Polícia Federal e determino, com base no artigo 54 da Lei de Segurança Nacional (Decreto-lei número 898, de 29 de setembro de 1969), a apreensão dos exemplares do Jornal "Repórter", número 5 de abril de 1978 bem como a suspensão de sua impressão, circulação, distribuição e venda, no território brasileiro. Dê-se ciência do presente despacho ao Procurador-Geral junto à Justiça Militar, para as providências legais cabíveis.

Publique-se.

Brasília, 17 de abril de 1978. — *Armando Falcão*, Ministro da Justiça.

algumas até fartamente noticiadas na imprensa, e que ocorrem por conta do terror de direita — ou o braço clandestino do poder.

Ameaças telefônicas — Método bastante comum, consiste em telefonar para a redação do jornal, a residência de algúm de seus responsáveis e até mesmo para familiares, ameaçando velada ou abertamente. Por exemplo: às sete e quarenta e cinco da manhã de 29 de julho último, o editor-responsável pelo jornal **De Fato** (Belo Horizonte), jornalista Aloísio Morais Martins, foi acordado por uma chamada telefônica em que um homem com voz grave disse apenas "os próximos serão vocês". Na véspera, havia ocorrido um atentado contra a sucursal mineira do jornal **Em Tempo**.

Visitas inoportunas — Pessoas que se dizem (porém não se identificam) agentes da Polícia Federal visitam a gráfica onde é impresso ou a distribuidora encarregada da circulação do jornal nanico, procurando informações sobre quando vai "rodar" (ser impresso) ou quando vai ser distribuído determinado órgão da imprensa alternativa. Tentam, com isto, amedrontar o impressor ou o distribuidor, que passa a encarar o jornal como um "risco", pois no caso de apreensão, ele ficará (talvez) sem receber a parte que lhe cabe. No caso do **REPORTER**, homens da Polícia Federal foram à distribuidora Fernando Chinaglia dizer que o jornal só poderia ganhar as ruas caso fossem enviados dois exemplares para exame prévio na Superintendência Regional da Polícia Federal no Rio de Janeiro. Procurada pelos editores, a polícia negou a exigência — o que caracterizou a clandestinidade da ação.

Invasões durante a noite — Também comuns, as invasões ocorrem sempre fora do horário normal do expediente das redações. Os dois casos mais divulgados são os acontecidos na sucursal carioca do **Movimento** e na sucursal mineira do **Em Tempo**, ambos em meados do ano passado. No caso do **Movimento**, o advogado Luís Celso Araújo, do Rio, não conseguiu que a polícia abrisse inquérito para apurar a responsabilidade da invasão. As autoridades alegaram que a porta do jornal não foi arrombada (na verdade, os invasores usaram uma chave-micha, que abre qualquer porta) e que, portanto, não cabia apurar nada, pois poderiam ser os próprios responsáveis pelo **Movimento** os autores da invasão. Tem sua lógica, ainda que muito estranha, não é verdade?

Intimidação dos jornaleiros — Já aconteceu e vem acontecendo com muitos jornais nanicos. Policiais percorrem algumas bancas e apreendem os exemplares de posse do jornaleiro, sem lhe dar nenhum documento oficializando a apreensão. Com isto, o jornaleiro passa a temer violências e não quer mais vender o jornal em questão. O exemplo mais conhecido ocorreu com o **Em Tempo**, no Rio, apreendido por homens da Polícia Militar "porque o tenente não gostou do jornal", ou qualquer outra desculpa.

Vigilância ostensiva — Policiais passam a vigiar residências de editores do jornal ou a própria redação. Trata-se de um desdobramento das "visitas inoportunas", pois em alguns casos um policial vai à redação, aparentemente à procura de exemplares atrasados do jornal, e desiste de comprá-los com desculpas como "estou sem trocado" ou banalidades semelhantes. **REPORTER** passou por isso há algum tempo.

Atentados a bomba — Sempre acompanhados de mensagens ameaçadoras, como se a explosão de bombas, por si só, não fosse suficiente para intimidar. Exemplo fartamente divulgado ocorreu com o **Em Tempo**, na sucursal de Belo Horizonte, no dia18 de agosto último: o escritório foi arrombado entre quinze para as três e três horas da madrugada e colocada uma bomba sob a mesa. Ao explodir, ela destruiu a própria mesa, uma máquina de escrever, os vidros da janela, a persiana, documentos e papéis do jornal, além de perfurar o teto. O advogado Geraldo Magela, do **Em Tempo** e ligado ao Comitê Brasileiro pela Anistia, seção Minas Gerais (e que também teve seu carro explodido por uma bomba terrorista), explica como ficou a situação na polícia:

— A primeira empregada da sucursal do **Em Tempo** a chegar ao trabalho na manhã seguinte, foi impedida de entrar no prédio. A perícia saiu com vários embrulhos, negando-se a informar o que continham. Foram procurados o DOPS (estadual) e a Polícia Federal e o delegado Wilson Ramalho (DPF) afirmou que não realizava nem realizaria perícia, por não ter equipamento para tanto. Estranho é que pouco depois apareceram dois homens da Polícia Federal no local da explosão (Srs. José Osmar e Taveira), que fizeram várias perguntas e anotaram nome e endereço de três pessoas.

Por pressão dos advogados e dos setores ligados aos jornais independentes, a polícia acabou por tomar algumas providências, inclusive a permanente vigilância do local por policiais designados a pedido das vítimas do atentado. No entanto, tanto Magela quanto Luís Celso não crêem que a ação policial resulte na identificação e responsabilização dos culpados pelos atentados.

Possivelmente por isto, o coronel Erasmo Dias, secretário de Segurança de São Paulo, respondeu com uma "ameaça velada" à acusação de um oficial do Exército que ajudou a explodir a bomba no **Estadão**, há dez anos, publicada no **REPORTER** do mês passado e envolvendo-o no atentado: "Se explodir uma bomba nesse jornaleco (**REPORTER**) agora, podem dizer a eles (os editores) que não fui eu quem mandou botar"

Luiz Augusto Gollo

O governo não deixa anunciar e o ministro sempre cai de pau

A polícia nem quer saber quem coloca as bombas nas redações

EM TEMPO:

Dívida da bomba estourou a verba

Dia 30 de outubro passado terminou o contrato entre o semanário **Em Tempo** e a gráfica Pat, que o imprimia. Nessa data o jornal tinha uma dívida de Cr$350 mil com a gráfica. Por isso, a Pat decidiu não renovar o contrato, a menos que **Em Tempo** saldasse a dívida de uma só vez.

As finanças atrapalhadas pelas bombas que arrebentaram duas sucursais do jornal (em Belo Horizonte e Curitiba), os diretores propuseram à gráfica que a dívida fosse parcelada, procedimento comum em qualquer transação comercial. A gráfica recusou.

Só pra não deixar o jornal na rua, a Pat, por fim, concordou em imprimir o jornal mais duas vezes, com a condição de receber à vista (geralmente se paga depois de 30 dias). **Em Tempo** teve que aceitar. E depois foi procurar outra gráfica.

O jornal não concluiu do episódio que a recusa da gráfica pudesse ter ligação com a linha política de **Em Tempo,** mas considerou a atitude da Pat um tanto "intransigente."

A nova gráfica encontrada foi a dos Diários Associados de São Paulo. O jornal ainda "roda" lá, pagando um pouco a menos que na Pat até, mas para ser admitido teve que pagar as três primeiras vezes à vista.

Também a distribuição do jornal encontra obstáculos. A Distribuidora Abril se recusa a trabalhar com o jornal, sob o pretexto de que vende pouco. A recusa vem desde o início do **Em Tempo**, em janeiro de 1978. Mais quatro ou cinco consultas foram feitas e a negativa permanece. (Mas a Abril distribui **Movimento,** que vende só um pouco mais que **Em Tempo:** 18 mil a 15 da tiragem de 30 mil).

Versus

Foram conferir as contas do jornal

O jornal **Versus** começou quando morreu Vladimir Herzog, outubro de 1975. Em março do ano seguinte seus editores foram chamados à Polícia Federal e ao SNI, para explicar a linha política do jornal, a maneira como sobrevive etc: tinham começado as pressões.

Nessa época, **Versus** falava mais da ditadura na América Latina que no Brasil e continuou assim até o começo de 1977 quando os novos acontecimentos, principalmente o movimento estudantil nas ruas, mudaram os rumos do jornal. No começo de 77 o jornal definiu um programa político e voltou-se à cena política brasileira.

Até que em dezembro de 77 **Versus** deu na capa: "O PS (Partido Socialista) está nascendo".

Estava se formando a Convergência Socialista. Dentro do jornal havia gente que também era da Convergência e por isso durante certo tempo se acreditou que **Versus** fosse porta-voz da Convergência.

Nessa época também aconteceu a primeira convenção da Convergência. O jornal passou a ser visado e se acostumou à presença dos policiais que passavam à noite na porta do jornal e fotografavam com flash quem estivesse lá (essas fotos estão no processo contra a Convergência).

Em setembro deste ano, na segunda convenção da Convergência, várias pessoas de **Versus** foram presas: duas moças da administração, a revisora, o correspondente em Santo André, um colaborador, 6 ao todo. Essa prisão vinculou ainda mais o jornal ao movimento e **Versus** passou a ser o centro das atenções. Diz um dos editores, Omar de Freitas:

— Tinha Polícia Federal aqui dentro todo dia, conversando, fazendo convites, papo furado. Vieram fiscais do INPS, da Receita Federal... com tanto Maluf por aí vieram conferir as contas do nosso pobre jornal.

Em outubro os editores foram intimados a comparecer à Polícia Federal. Novas explicações. De onde vem o dinheiro, qual é a linha. Mas os policiais foram também à gráfica onde era feito **Versus**, a Alfa. Mexeram nos papéis da gráfica, assustaram. Tanto que a Alfa, depois da visita, não quis mais saber de imprimir **Versus** (que era o melhor cliente da pequena gráfica). Como não havia contrato assinado, apenas verbal, o jornal não pôde reclamar e começou a procurar gráfica.

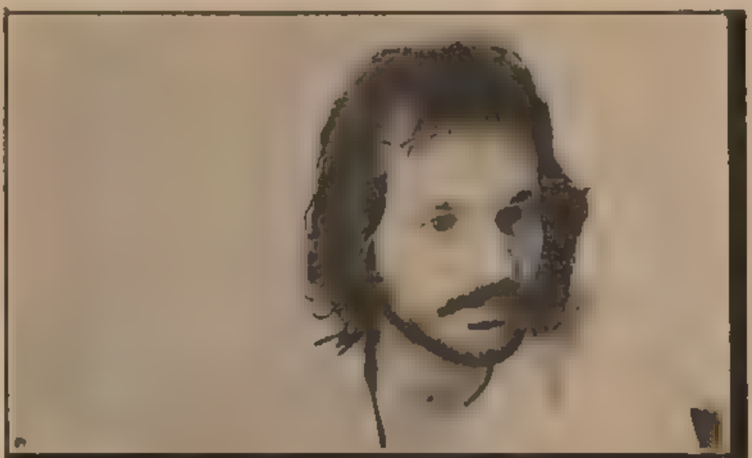
Em São José dos Campos, a 100 km de São Paulo, conseguiram imprimir numa gráfica apenas uma vez. Pagaram à vista, mas a gráfica não topou continuar. Nova procura. Depois de várias recusas, o **Diário do Grande ABC** concordou em trabalhar com **Versus.**

— No começo eles estavam abertos — conta Omar —, depois começaram a criar problemas. Até que também se recusaram a "rodar."

Outro problema era o papel. O **Versus** comprava papel para impressão com facilidade; depois da repressão à Convergência ficou difícil comprar papel, problemas de papéis, registros etc. Mas agora a situação estabilizou, quanto ao papel. Quanto à gráfica, no dia 14 de dezembro os editores não sabem onde "rodar" a edição que deve sair no fim do mês.

Em novembro o jornal sofreu novas prisões: Júlio Tavares e Romildo Raposo. Presos por 30 dias, sua prisão foi relaxada mas continuam sendo processados e esperam o julgamento em liberdade.

Uma curiosidade que Omar gosta de lembrar: **Versus** é assinado pela CIA: — A assinatura deles foi feita em Oakland, Estados Unidos. No mês passado eles renovaram.



Omar de Freitas

MOVIMENTO

A redação vive em clima de ameaça

Fotos Amancio Chiodi

Raimundo P[illegible]

O estreito sobrado onde funciona a redação de **Movimento** em São Paulo está acostumado a ameaças e agressões há 4 anos. Desde o número zero, antes mesmo de ir às bancas, o jornal ganhou censura prévia, foi processado e esse processo aos poucos foi esquecido, arquivado.

Durante os anos de censura, o jornal viveu maus momentos, obrigado a enormes despesas no orçamento causados pelo expediente da censura prévia. Também sua venda não podia ser expressiva pois todos os assuntos quentes eram metodicamente vetados pelos censores.

De quatro meses pra cá, livre dos tacapes, **Movimento** triplicou a venda em bancas, passando a vender 18 mil jornais por semana da tiragem de 30 mil.

O fim de censura, devidamente comemorado, não foi o fim das agressões. Recentemente 26 mil jornais foram apreendidos, logo após as eleições nacionais. E o diretor-responsável do jornal, Antônio Carlos Ferreira, foi processado pelo ministro Falcão em dois artigos da Lei de Segurança Nacional, com ameaça até de cadeia. Cartas e telefonemas com ameaças, o jornal está cansado de receber.

A redação do jornal nunca deixa de ter gente. Pessoal do escritório, jornalistas, secretárias trabalham com descontração, não se sentem ameaçados. Mas desconfiam de algumas coisas, como de um incêndio no início de novembro: pegou fogo numa loja bem ao lado do jornal.

Outro motivo de desconfianças são os telefones da redação. Ninguém tem certeza se estão censurados, mas se age como se estivessem. Raimundo Pereira, o editor explica:

— Não temos certeza se os telefones são censurados, não sabemos se merecemos essa "honraria". Sabemos, sim, que a censura telefônica é feita em larga escala. E tomamos cuidado ao falar ao telefone, que é uma maneira de não expor as pessoas que trabalham no jornal. Quer dizer, a gente avisa a todo mundo disso não para criar pânico pois ao lado disso nosso jornal procura ser o mais aberto possível.

Quem visita muito a redação são fiscais, diz Raimundo:

— Não devemos nada, nem INPS, nem FGTS, impostos, taxa etc, mas tem fiscais aqui o tempo todo. Não temos o que esconder.

Raimundo lembra que no tempo da censura prévia era obrigado a conviver com censores dentro da redação e problemas não faltavam:

— Alguns dos colaboradores do jornal tinham outros cargos, professor, por exemplo. Muitos foram despedidos desses empregos mesmo sem ter nenhum artigo publicado: suas matérias eram probidas pela censura e seus nomes enviados pelos censores à Polícia Federal. Quando soubemos disso, passamos a ocultar o nome dos autores. É o mesmo cuidado que temos agora quando usamos o telefone.

O pior das ameaças é o clima de terror que pode tomar conta da redação. O remédio, diz Raimundo, é não se apavorar:

— Acho que devemos continuar vivendo o mais normalmente possível. Por outro lado, não ignorar o estado policial.

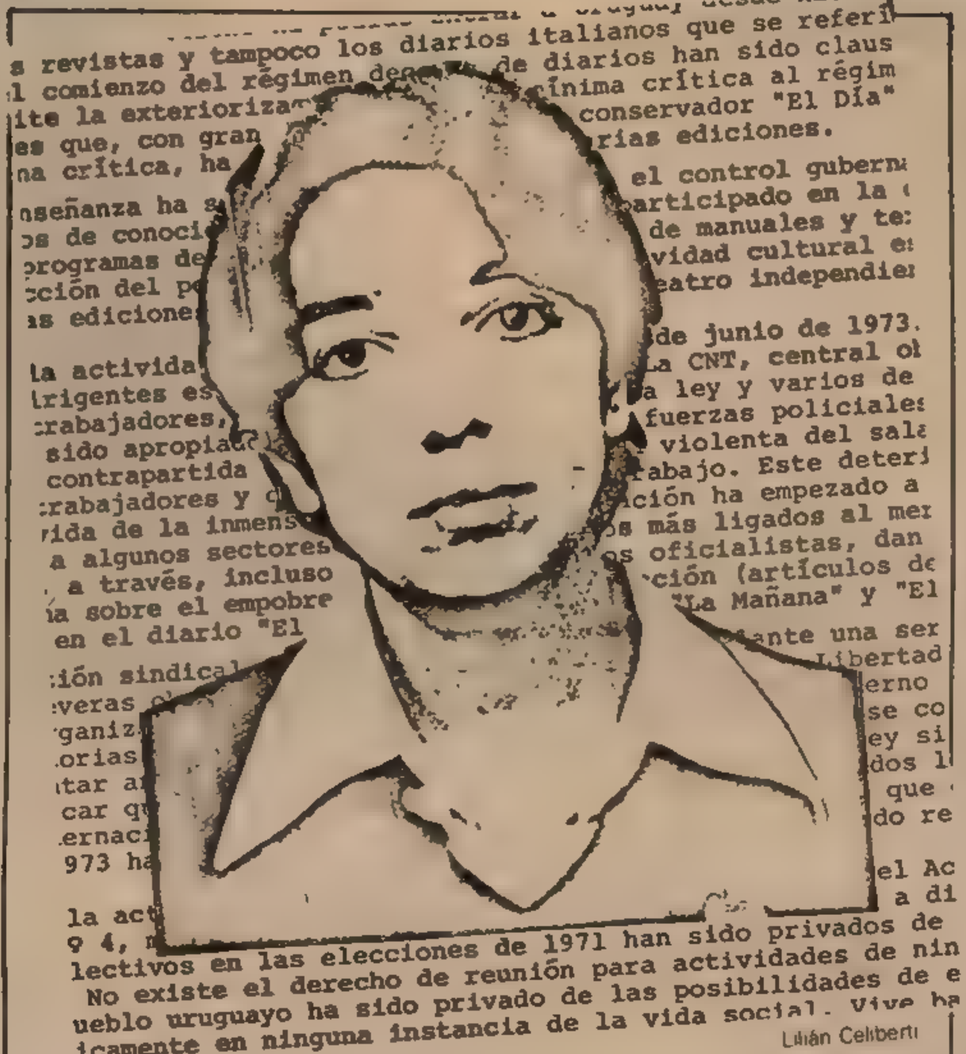
Ele recorda um episódio do mês de novembro passado, quando a redação foi informada, por telefone, que uma bomba ia explodir ali. Era um sábado, todo mundo reunido:

— O terrorista queria desorganizar o jornal, ou explodindo o prédio ou semeando o terror. Temos que desprezar esse tipo de gente pois ameaças como essa podem afastar o pessoal que com muita vontade colabora conosco.

Muita amenidade em época de tortura é sinal de algo errado

Polícia gaúcha ignora fronteira

Este sequestro é uma vergonha



Lilián Celiberti

Uruguaios distribuem documento sobre seqüestro de Lilián Celiberti Casariego, Universindo Rodríguez Díaz e seus filhos pequenos, revelando vários casos semelhantes ocorridos nos últimos anos. Participação de policiais brasileiros é negada pelas autoridades, mas testemunhos do menino seqüestrado e do jornalista Luís Cláudio Cunha incriminam até o prédio da Secretaria de Segurança Pública do Rio Grande do Sul.

"Com precisão e sensibilidade exemplares, a imprensa brasileira informou detalhadamente todos os fatos relacionados ao sequestro de Lilián Celiberti de Casariego, Universindo Rodríguez Díaz e as crianças Camilo e Francesca (...) Deve-se ter como claro que, sem esta atitude resoluta e valente da imprensa, do advogado e dos familiares de Lilián, provavelmente essas quatro pessoas teriam conhecido o dramático destino de dezenas de refugiados uruguaios na Argentina, que desapareceram entre junho e outubro de 1976 (...) A imprensa brasileira e o doutor Omar Ferri salvaram a vida de Lilián Celiberti e Universindo Rodríguez Díaz e permitiram que Camilo e Francesca fossem reintegrados ao seio de suas famílias."

Estes são trechos da apresentação do **dossier** intitulado "Sobre o sequestro de uma família uruguaia em Porto Alegre e seu posterior aparecimento em Montevidéu, em mãos das Forças Conjuntas uruguaias", preparado em castelhano pelo Secretariado Internacional de Juristas pela Anistia no Uruguai, sediado em Paris e do qual faz parte o jurista francês Jean Louis Weil, que esteve no Rio Grande do Sul estudando o sequestro. Este trabalho de denúncia foi distribuído nas principais redações de jornais do Brasil por um contingente mínimo de 10 uruguaios viajando especialmente para esse fim.

O **dossier**, um documento repleto de fatos revoltantes, veio a propósito do sequestro ocorrido dia 17 de novembro em Porto Alegre, mas sua leitura revela a intenção maior de mostrar o terror implantado pelos militares, denunciar as perseguições políticas intermináveis, os sucessivos malogros dos planos econômicos do governo. E quando ele agradece à imprensa brasileira e ao advogado Omar Ferri, reporta casos tristes de desaparecimento de famílias inteiras, inclusive crianças como Camilo (9 anos) e Francesca (6 anos) e até mesmo mais novas — mostrando com isto a necessidade da divulgação mais ampla possível de casos semelhantes para a sobrevivência das vítimas.

Para pintar para o leitor um quadro do que é hoje o Uruguai, bastam os números apontados no **dossier** (que, por prudência, cita fontes da própria ditadura uruguaia). Existem cerca de seis mil presos políticos no Uruguai, mas o governo só reconhece 2.800. "Se esta mesma proporção fosse aplicada no Brasil," diz o documento, comparando as populações de ambos países, "somaria mais de cem mil presos políticos", o que é um absurdo mesmo para os países mais populosos do mundo. Mais adiante, o **dossier** denuncia a existência de mais de dez mil uruguaios refugiados em consequência da implacável perseguição política em seu país. E, novamente, faz a comparação: este total corresponderia a meio milhão de brasileiros. Para nós, (que sabemos bem onde nos doem nossos calos) isto também representaria um absurdo.

Para sustentar tal situação interna, a ditadura uruguaia tem de apoiar-se num rígido esquema de censura a todos os meios de comunicação, conforme mostra o trabalho distribuído à imprensa. O próprio sequestro de Porto Alegre, noticiado no Brasil a partir do dia 20 de novembro, ainda não pôde ser divulgado na imprensa uruguaia. E mais: nenhum jornalista brasileiro pode entrar no país e todas as revistas e os jornais estrangeiros que tocam no assunto são apreendidos imediatamente. Como a censura, por si, não é suficiente para manter o país na ignorância, o governo lançou mão de um dos sistemas de repressão mais violentos da atualidade.

A Anistia Internacional, entidade que zela pelos direitos humanos (os de verdade, não os do Jimmy Carter) em qualquer nação, revelou ter conhecimento de quase cem mortes sob tortura, nos cárceres uruguaios, nos últimos anos. A situação política é tão negra que perseguem-se ainda senadores cassados, mesmo no exterior, e cerca de 10 mil cidadãos que participaram das eleições de 1971 foram cassados após o golpe de 1973. O poder uruguaio abomina a atividade política em qualquer nível, mesmo num grêmio escolar.

"Quem não está acostumado estranha," como dizia o humorista da tevê. Mas quem se espantou foram os uruguaios que viajaram para o Brasil com a missão de fazer divulgar o máximo possível o **dossier**. O rapaz que veio à redação do **REPORTER**, por exemplo, confessou-se surpreso com a repercussão do caso Lilián-Universindo na imprensa brasileira, como também com a receptividade que encontrou nas três ou quatro redações de jornais que visitou. Não é para menos, pois enquanto o nosso AI-5 prepara-se para seu próprio enterro, a "Acta Institucional n.º 4" proíbe toda atividade política e quase alcança a perfeição, impedindo o povo uruguaio até de confiar no vizinho. "O clima de terror", diz o documento, "faz com que hoje milhares de lares uruguaios vivam com a angústia e a incerteza de seus filhos presos e de não saber quem **eles** vão levar cada noite".

Os nomes relacionados na lista de assassinados pela repressão uruguaia no exterior (especialmente na Argentina) constituem a prova mais evidente da veracidade dos fatos contidos no **dossier**. Ali estão famílias completas, marido, mulher e filhos pequenos, todos sequestrados de uma só vez e sumariamente mortos. São muitos os casos de crianças desaparecidas em função da perseguição a seus pais, e teme-se que os familiares sobreviventes jamais venham a saber o que lhes aconteceu.

A culpa é, indiscutivelmente, das forças de segurança uruguaias, em conluio com grupos argentinos, brasileiros, paraguaios etc. O documento distribuído mês passado no Brasil também inclui cópias de testemunhos prestados por pessoas que presenciaram sequestros ou de alguma forma puderam apontar a trilha que acaba sempre no terror estatal uruguaio.

O **dossier** sobre o sequestro de Porto Alegre, pela correção das informações que traz à luz e pela seriedade das denúncias que contém, poderia servir para esclarecer de vez a participação da polícia gaúcha no episódio. As declarações do menino Camilo, que identificou o prédio da Secretaria de Segurança, em Porto Alegre, como local para onde foi levado logo em seguida ao sequestro, merecem melhor resposta do que a do secretário do Rio Grande do Sul, coronel Rubem Moura Jardim, de que seus subordinados não participaram da ação e "ponto final". Como também merece melhor resposta a investigação do jurista francês Jean Louis Weil, levado pelos fatos a crer na participação de brasileiros no sequestro, do que a evasiva do chanceler Azeredo da Silveira, ignorando a importância da acusação e a integridade do jurista.

O interesse brasileiro em esclarecer a ação terrorista binacional é evidentemente mínimo. O depoimento do jornalista Luiz Cláudio Cunha, que viu brasileiros dentro do apartamento de Lilián e Universindo no dia do sequestro, falou com eles, foi revistado e saiu de lá com a nítida impressão de serem policiais gaúchos seus interlocutores, não dá margem a dúvidas quanto à cumplicidade brasileira no sequestro. Entretanto seu testemunho não sensibilizou as autoridades. O que elas não percebem é que neste momento de redemocratização do país, não fica bem para o governo brasileiro ter de dividir, com o país que voltou a tirar do Chile o primeiro lugar em repressão na América do Sul, a responsabilidade por uma ação terrorista que causou protesto em todo o mundo.

Luiz Augusto Gollo

Tortura gravada

"A violência institucionalizada sempre esteve presente na delegacia de polícia. Trata-se de uma denúncia que faço de algo sistemático. É fundamental para lembrarmos de uma época e de uma situação que, creio, não mais acontecerá num futuro. Veja bem: existiu muita tortura na época do marechal Hermes da Fonseca (1914-18), mas se fala pouca coisa. Quem é mais lembrado é Getúlio Vargas e sua polícia."

Alex Fleming, 24 anos, estudante de Arquitetura, nunca foi torturado. Mas ouviu tantos amigos que passaram por torturas, viu tantas notícias de jornal que resolveu fazer uma série de gravuras em metal a respeito. Tudo baseado nesses testemunhos. A série chama-se "Natureza Morta":

— Aí você tem o próprio homem morto, não uma pera ou maçã, — diz Alex. Por essas gravuras ele foi premiado no 7° Salão de Arte de Piracicaba, Estado de São Paulo.

Marcas de queimaduras no rosto provocadas por pontas de cigarro

Alicates que tiram pedaços dos lábios e quebram os dentes

Gilete cortando a pele em volta dos bicos dos seios

Alfinetes cravados nas unhas e na pele por baixo delas

Fios para choques elétricos amarrados no pênis

Dona Raimunda perdeu um filho e agora a polícia está atrás do outro; o feirante Gileno foi preso sem documentos e apareceu morto no dia seguinte; Vô, "fraco da cabeça" foi visto pelos vizinhos sendo preso, mas a polícia disse que ele morreu em tiroteio. Tudo isso aconteceu em Osasco, ao lado de São Paulo, cidade conhecida pelas greves operárias, pelos quartéis e pela violência em geral.

Polícia mata e apavora na "Cidade do Crime"

Operários e militares fazem a história de Osasco

Osasco é conhecida como "Cidade do Trabalho", "Capital da Viola", "Cidade dos Esportes", "Cidade do Crime". Fica a 18 quilômetros de São Paulo, às margens do rio Tietê, na extremidade oeste da cidade, e seu crescimento deu-se de modo mais acelerado a partir da 2ª Guerra Mundial, quando foram instaladas mais fábricas, o que provocou um surto urbano grandioso.

A cidade de 300 mil habitantes (censo de 1970) tem 259 indústrias, 6 quartéis do Exército, e tanto um como outro tem dado certo destaque a Osasco, palco de acontecimentos importantes, embora muitas vezes eles se situem nos subterrâneos da História, como foi com a grande greve na *Cobrasma*, a maior indústria metalúrgica de Osasco, do grupo Vidigal, em 1952: houve muitas mortes. Como também houve a greve de 1968, com muitas mortes, 12 cassações da diretoria do sindicato, entre eles o famoso José Ibrahim, hoje curtindo o exílio na Bélgica. Quem mandou fechar o sindicato foi o então senador Jarbas Passarinho (depois ministro do Trabalho), e quem executou a ordem foi o coronel Nelson Gaia, diretor da Delegacia Regional do Trabalho, órgão do Ministério do Trabalho, ao sentir que os trabalhadores estavam formando a primeira comissão de fábrica no país.

Ainda com referência ao movimento sindical, podemos citar o caso do grande líder Zé Pedro, responsável em grande parte pelas greves de 1978, e que há 10 anos ainda como operário da *Cobrasma*, só queria saber de tocar viola. Tinha vindo do Paraná há pouco e não adquirira consciência, até que os padres-operários começaram a mostrar a importância da participação política para ele. Agora, ninguém mais segura Zé Pedro.

O Exército entra na história de Osasco não só porque há 6 quartéis na região: de acordo com historiadores, houve um início de rebelião militar em 1964, logo abafada pelos coronéis linha-dura.

O capitão e campeão de tiro do II Exército, Carlos Lamarca, serviu em Quitaúna, Osasco, e teve como comandante o coronel Lepiani, chefe da repressão política nos idos de 68. Geisel também serviu em Osasco, e foi na época em que perdeu o filho de 16 anos morto em acidente de trem da *Fepasa* — Ferrovia Paulista S.A.

Osasco é conhecido como um lugar de resistência.

No dia 11 de novembro deste ano, uma segunda-feira, houve greve de motoristas e cobradores da Viação Osasco, a principal da cidade, que faz o trajeto Largo de Osasco-Lapa. Revoltados com isso, e solidários com os grevistas, os operários que dependem dessa condução apedrejaram os ônibus. Quando a tropa de choque da PM chegou todo mundo já tinha ido embora.

A cadeia de Osasco não é um caso a parte. Rebeliões, fugas ou tentativas de fuga são freqüentes. Em agosto de 1976 ela tinha capacidade máxima para abrigar 30 presos, mas chegou a ter 120 homens, que precisavam se revezar, ou se agredir, para conquistar um espaço onde dormir. Depois de uma morte na cela, os presos passaram a atear fogo nos colchões. Um dos presos morreu queimado no mesmo dia, e outros 5 morreram mais tarde nos hospitais. As celas dão para o pátio interno, hermeticamente fechado, e ninguém entendeu porque a cela incendiada não foi aberta pelos carcereiros. E o que é mais lamentável: até hoje não se conhece nenhum resultado das sindicâncias e dos inquéritos.

No começo de 1978 um menor foi morto numa das celas da delegacia de polícia de Osasco e um soldado do Exército foi fuzilado pelos investigadores, depois enterrado como indigente. Os soldados quiseram invadir a delegacia, mas foram contidos pelos superiores. Pouco mais de um mês depois a cadeia pública de Osasco voltaria a ser manchete nos principais jornais: revoltados, os presos quebraram tudo que estivesse ao seu alcance. Houve intervenção de tropa de choque da PM e um grande saldo de feridos.

Foto Amancio Chiodi

● "A polícia não só matou um filho meu e quer matar outro. A polícia matou toda a minha família: as crianças não podem nem ouvir um carro da polícia apitar, logo ficam tremendo. Meu neto de um ano e dez meses, filho do filho meu que mataram, tem pavor de polícia; quando escuta o cachorro latir de noite, acorda com medo. Minha filha Marli já esteve internada duas vezes numa clínica psiquiátrica, está fazendo tratamento, toma remédio para não esquecer as coisas e nem chorou a morte do irmão. Eu fico aqui parada, na frente de um prato, não sinto nem o gosto da comida. Minha pressão caiu bastante. Quer dizer então que a polícia não atinge gente inocente?" (Raimunda Barbosa da Silva, mãe de "Bila" e Carlos Aparecido)

Mais detalhes na página seguinte

● *O feirante Gileno Dias Cruz, que morava na rua Dois, 47, no Jardim Maria Teresa, em Osasco, estava jogando bilhar num bar perto de sua casa, quando em companhia de mais sete pessoas ouviu tiros na rua*

O dono do bar, João Antunes Carvalho, baixou a porta do estabelecimento. Eram dez horas da noite de sábado. Gileno explicou aos amigos que estava preocupado porque tinha esquecido os documentos em casa

Quando os tiros pararam Gileno saiu. Pretendia buscar os documentos. No caminho, entretanto, foi surpreendido pela Rota 386, com tres soldados e o comandante Clovis Dentello

Alcancado, Gileno tentou entrar na casa de Nelson Marques da Silva, mas o dono não abriu a porta

Domingo de manhã, o corpo de Gileno estava no necrotério de Osasco. Ele havia levado três tiros: dois no peito. (Folha de São Paulo, 21/11/78)

Mais detalhes na p. 27

● Na noite de 17 de novembro, alguns moradores da rua Lourenço Carletto ouviram barulho no quintal da esquina com a rua Benedito Lopes, exatamente num barraco onde Vô costumava dormir. Viram pelas frestas da janela uma viatura do Tático Móvel parando devagar. Três policiais desceram e fizeram cerco a um rapaz.

Dois dias depois o jornal **Notícias Populares** publicava uma foto de Vô com a legenda: "Vovô trava tiroteio com policiais e morre"

Mais detalhes na p. 27

Dona Raimunda perdeu o gosto de viver

"Meu filho está marcado para morrer"

Policiais já avisaram que ele não vai escapar. Todas as tardes rondam a casa da família onde ninguém mais tem sossego.

Todas as tardes o ritual é o mesmo: viaturas da **Rota** sobem e descem a ladeira B, no Jardim Tereza, Osasco (São Paulo) e se encontram num determinado ponto, geralmente no bar e restaurante do Bernardo, onde os policiais descem coma mão na cartucheira, se encostam no balcão e depois de beber, entram de novo na viatura e voltam a percorrer as mesmas ruas.

De todos os moradores — geralmente mulher e criança, porque os homens estão trabalhando —, quem mais se apavora é dona Raimunda Barbosa da Silva, baiana de Bonfim, 9 filhos. Dona Raimunda, porque esse medo?

— Estão procurando o Carlos Aparecido, meu filho de 21 anos. Dizem que vão matar ele. É um rapaz bonito. Oficial mecânico, jardineiro, motorista, ele faz de tudo. Tem problema, sabe? Sofre de ataque epilético, e por causa disso nunca se firmou em serviço nenhum. Atualmente deve estar se escondendo por aí, deve estar vivendo como o outro.

Que outro?

— O Bila, meu filho de 20 anos, assassinado pela Rota na madrugada de 19 de novembro juntamente com outros quatro rapazes aqui do bairro. Segundo me contaram ele tinha várias passagens pela polícia, mas isso não é motivo para alguém ser morto, não é mesmo? Se ele errou, vai a julgamento e paga pena na Casa de Detenção. Bila (José Carlos da Silva) e o Carlos Aparecido sempre andavam juntos, não se separavam para lugar nenhum, inclusive o Carlos dava conselho pro irmão, mas depois um começou a acompanhar o outro; o que não fez processo, não fez crime nenhum. Faz 15 dias os policiais tiveram aqui em casa de novo. Eram 6 num fusca. Ficou três de um lado e três do outro lado da casa. Eu estava deitada ainda. Minha nora estava saindo pra trabalhar. Daí arrancaram a porta e entraram gritando no barraco: "É a polícia!". Então eu disse: "Mas vocês já mataram meu filho? Só não entendo porque não comeram ele; porque não deixei, tão escutando?"

O que fizeram com seu filho?

— Quebraram os ossos dele tudinho. Deram um talho nesse lado (mostra o lado esquerdo do rosto). Arrancaram o pescoço dele. O braço não baixava, ficava assim, duro, virado prá trás. Perguntei pro médico o que tinha acontecido no braço dele que não baixava. Aí nem me responderam. O homem da funerária é quem ajeitou o pescoço dele, nem cruzar dava pra cruzar os braços do Bila. Nunca vi algo assim. Quebraram ele todo de pau. Ele tava até pequeno, encolhido. Um tiro entrou de um lado e saiu do outro. Não sei quantos tiros ele levou. O corpo tava inteirinho com marca roxa. Não me conformo. Nunca mais vou esquecer do jeito que ele ficou.

Quem deu a notícia da morte dele pra senhora?

— Vizinhos bateram na porta e disseram que meus dois filhos tinham morrido. Corri pro necrotério daqui de Osasco e só vi corpos sendo retalhados, cheio de mosca. Reconheci dois, o Ademir e o Preá, que também mora bem aqui pertinho. Mas meus filhos não estavam lá. Minha esperança era de que tudo tinha sido um engano, que ele não tinha morrido, sei lá. Aí me informaram que ele poderia estar no Hospital das Clínicas. Fui correndo pra lá e bati direto no necrotério. Na porta deu pra ver a roupa dele, aí eu falei que não precisava nem ver nada. Era o meu Bila. A enfermeira abriu a gaveta e vi que era ele mesmo. Eu sei que ele era traquinas, mas acho que a morte não paga a sentença, não é? E quem vai responder por isso?

Ele era preso com freqüência?

— Pois, se era. Trabalhou muito tempo na São Domingos, uma fábrica de tecidos. Um dia os policiais foram buscar ele lá dentro. No dia seguinte soltaram, dizendo que não tinha apurado nada. Mas a essa altura ele já tinha perdido o emprego. Uma vez pegaram ele na sala de aula do Mobral, ele tava no 4º ano. Tudo o que acontecia de assalto, de roubo, de tudo por aqui, era ele o culpado. Uma vez me coloquei em frente da minha casa e falei pros policiais: "Aqui dentro vocês não entram." Tomei a porta e os homens não quiseram nem saber. Puxaram meu filho pra fora, arrastaram ele pelos cabelos. Quando menos se esperava ele era solto de novo. Não tinham apurado nada contra ele. Mas aí o pobre não agüentava mais nem virar o pescoço.

A sra. soube como é que seu filho foi morto?

— Dizem que assim que ele viu matar o Bomba (Armando Luis Feliciano) ele pediu clemência, se ajoelhou, falou que podiam fazer o que quisessem com ele. Mas que deixassem ele com vida. Uma testemunha, Tiburcio Teixeira de Sá, que estava na sua casa e que saiu para ver o que se passava, contou que a Rota 386 fuzilou os dois, e desmentiu a versão dos policiais de que teria havido tiroteio. Na hora em que prestamos depoimento na 14ª Delegacia de Pinheiros, o delegado disse que essa testemunha era falsa, e que tínhamos comprado ela. Como também não levou em consideração a descrição que demos do assassino.

Como é fisicamente esse homem?

— É barbudo, baixo, pele clara, gordo. Quer dizer, não pode ser da PM, né? porque PM não anda de barba, não é? Dizem que ele é do **Deic** (Departamento Estadual de Investigações Criminais). Teve um que chegou aqui no barraco às 5 da manhã e quando lhe perguntei o que queria ele disse: "Quero seu filho. Porque antes de morrer o Bila entregou o irmão. A senhora pode preparar o enterro do Carlos Aparecido. Vá guardando dinheiro pra outro caixão. Sou do Deic, e não da Rota, que matou 5 e ainda negou." Esse policial teve o descaramento de querer levar a mulher do Bila, porque achava que ela iria entregar o cunhado.

A senhora desconfia de alguém daqui do bairro que possa ter dedado o Bila e os outros?

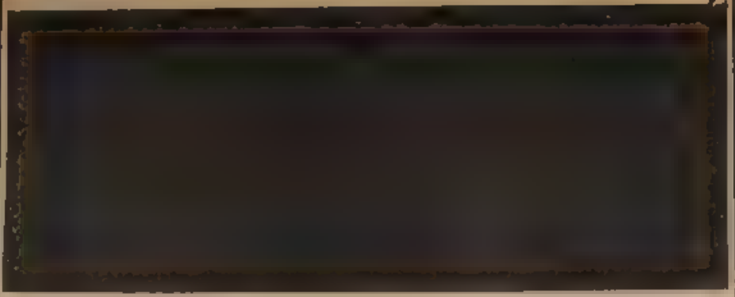
— A Adelaide, dona do bar da Figueira, mulher do Bernardo, entrou no carro da **Rota** várias vezes. Os policiais comem e bebem lá e não pagam nada. Queriam fazer o mesmo com o seu Francisco, dali daquele bar, mas não teve acordo. Os policiais beberam uma garrafa de champanha e ele falou: é Cr$15,00. Mas nós pagamos alguma coisa nesse bar?, perguntaram, e ele respondeu que sim.

A senhora concorda que polícia só mata quem tem antecedentes criminais?

— De jeito nenhum. A polícia não só matou um filho e quer matar outro filho meu. A polícia matou toda minha família.

Fotos Amancio Chiodi

Jardim Teresa, onde o terror policial faz parte do cotidiano



“Vovô” trava tiroteio com policiais e morre

Vizinhos viram: “Vô” não morreu em tiroteio

Vô era bastante conhecido das crianças no Jardim Cipava, um bairro de Osasco formado na encosta de um morro, com casas construídas nos fins de semanas. Apesar do apelido ele não era velho: tinha 21 anos de idade, e seu nome era José Alvaro Antonio de Oliveira. Muitas vezes, interpelado pelas crianças, confessava ter sido o autor de pequenos furtos no bairro. Tinha sintomas de debilidade mental, a tal ponto de sair de casa e de sua mãe não vê-lo por bom tempo, tanto que chegava a atendê-lo no portão com um prato de comida. Deixava no muro e sumia Barraco adentro. O pobre Vô ficava ali na rua mesmo, comendo de pé, feito mendigo, no portão da casa de sua família.

Na noite de 17 de novembro, alguns moradores da rua Lourenço Carletto ouviram barulho no quintal da esquina com a rua Benedito Lopes, exatamente num barraco onde Vô costumava dormir. Viram pelas frestas da janela uma viatura do **Tático Móvel** parando devagar. Três policiais desceram e fizeram cerco a um rapaz.

Dois dias depois o jornal **Notícias Populares** publicava uma foto de Vô com a legenda: “Vovô trava tiroteio com policiais e morre.” Dizia que Vô tombou após tiroteio com os componentes da **Tático Móvel** 374, do 14.º Batalhão da PM de Osasco. “O tiroteio ocorreu nos fundos do estande de tiros do quartel de Quitaúna, onde Vô e seu comparsa, que fugia durante o entrevero, procuravam esconder-se dos patrulheiros”. Ainda de acordo com o jornal, e que atribuiu a informação à polícia, os integrantes da viatura faziam ronda pelas imediações do quartel quando perceberam movimentação no mato. Ao se aproximarem e dirigirem um foco de luz sobre o local, foram recebidos com uma saraivada de balas, que estilhaçaram o pára-brisa da viatura. Após alguns minutos de troca de tiros, o companheiro do assaltante morto desapareceu no meio do mato, José Alvaro ficou caído e mesmo conduzido ao PS de Osasco não resistiu aos ferimentos e morreu. Vovô, segundo o jornal, apresentava diversas passagens pela polícia, inclusive suspeita de homicídio e assalto do asilo Bussocaba, no dia 10 de outubro, quando foram levados Cr$59 mil.

Essa versão do tiroteio não foi aceita pelos moradores do Jardim Cipava, nem pelos familiares de Vô. Uma de suas cunhadas observou que sua cabeça apresentava cortes profundos, sinal de que ele foi torturado antes de ser fuzilado. “Mas a gente é pobre, e pobre não pode nem abrir a boca, né?

Vô tinha três irmãos, dois casados e uma irmã solteira, que moravam com a mãe, que depois se mudou do barraco e não mais deu notícia. Quem vive atualmente no barraco é Aparecida Novaes, tia de Vô.

Dona Aparecida, porque esse apelido de Vô?

— Apelido de bandido, né? Infelizmente né? Dizem, porque não vi, que ele roubava. Desconfio que era fraco da idéia. Uma pessoa que não quer trabalhar é doente, não é? Falavam que ele tinha 16 passagens na polícia, mas eu mesma nunca vi ele armado, se reagiria num troca de tiro também acho quase impossível.

Ninguém explica o fim de Gileno

João Joaquim da Silva, 35 anos, casado, três filhos, professor do **Mobral** em Osasco, membro do Centro de Defesa dos Direitos Humanos da cidade. Foi professor da irmã do feirante Gileno Dias Cruz, 22 anos, morto pela **Rota** em circunstâncias ainda não explicadas por aqueles que unicamente o poderiam fazer: os próprios policiais. Conta João:

— Era ele, Gileno, quem sustentava a casa. Agora a situação econômica deles caiu bastante. Visitei a família recentemente e sei que eles vão entrar com uma ação pedindo uma indenização pela morte do rapaz. Mas só isso não basta. Dei aula pra irmã dele que, inclusive repetiu de ano agora, abalada que estava com o assassinato de Gileno. Ele sempre ia buscar a irmã, participavam das reuniões de pais e mestres, sempre o vi como um rapaz trabalhador.

Como é que ele foi morto?

— Seu Tuta, um senhor que mora próximo à sua casa, no Jardim Tereza, um homem tranqüilo que tem problemas de asma, foi preso naquela noite, e jogado no mesmo carro de Gileno. Viu inclusive o rapaz ser trocado de viatura sem ter sofrido um arranhãozinho até aquela hora. Mais tarde teve notícias de que Gileno fora morto pela polícia.

Você tem presenciado cenas desse tipo em Osasco?

— Vi uma vez um rapaz sendo retirado à força duma sala de aula do **Mobral**. Se recusou a sair, foi tirado a pontapé. Não pôde nem pegar a marmita que tinha caído no chão. Dei aula num colégio no Jardim Joelma e tinha dois policiais que moravam nesse grupo. O diretor comprou até uma beliche para eles. E ainda fazia comida para eles, o que significa que as crianças ficavam sem uma parte da merenda escolar.

Segunda-feira, 20 de novembro de 1978

Policiais do Rota 358 mataram dois rapazes acusados por roubo na Raposo Tavares.

Numa única madrugada, a Rota mata quatro pessoas

Numa única noite, quatro pessoas foram

EM OSASCO

"Folha de SP", 20/11/78

“Rota” era pra combater guerrilha

A **Rota** — Rondas Ostensivas Tobias de Aguiar, é um grupamento da Polícia Militar criado em 1968 no auge da repressão política do país, com a finalidade de ajudar no combate à guerrilha urbana. Uma de suas especialidades é a de observar a chapa dos carros, e talvez por isso seja também freqüente a morte de delinqüentes que ocupam carro roubado. Mas isso é apenas uma particularidade, porque a **Rota** não foi criada para esta finalidade. O que ela não pode fazer é ficar parada, caso contrário seus homens começam a engordar demais; então eles são colocados na rua, e daí começam os

Coincidentemente naquele ano era criado no Departamento de Polícia de Los Angeles, California, a **Swat** (Special Weapons and Tatics Teams) celebrizado na televisão, e que nada tem a ver, com a **Rota**, embora muitos repórteres de polícia de São Paulo, sempre na tentativa de se criar um mito em torno da **Rota** iguale uma à outra.

A verdade é que a **Rota** vinha agindo folgadamente, até que no dia 23 de abril de 1975 seus soldados mataram a tiros de metralhadora três estudantes no luxuoso Jardim América, um dos bairros mais caros de São Paulo. A partir daí começaram as queixas porque os ocupantes desse carro pertenciam à classe média, e até aquela data a **Rota** só vinha executando delinqüentes comuns. Isso quando não estava dissolvendo passeatas estudantis ou movimentos reivindicatórios de cunho popular, quando seus homens saíam das viaturas e atiravam bombas.

Além das bombas, os policiais portavam metralhadora, até que um dia o chefe da polícia paulista, coronel Erasmo Dias, tirou a arma das mãos dos PMs. Agora há, inclusive, a **Rota**-comando, ou seja, uma viatura onde viaja um oficial responsável pelo grupamento de determinada área, “para evitar excessos,” argumentam. Mas muito mais do que bombas e revólveres, os ocupantes da **Rota** utilizam um complexo arsenal, dos mais modernos dos Estados Unidos.

Nos treinamentos no quartel do Barro Branco, zona norte da cidade, os policiais costumam atirar com armas com raios infravermelhos, capazes de detetar um corpo que emite calor a uma distância de 200 metros, muito eficiente principalmente no mato. Um dos grupos da **Rota** se dedica ao combate à guerrilha rural, e seu uniforme é de cor verde, ao contrário de seus colegas do asfalto, de boina preta e macacão cinza. O número de carros ou do contingente? É uma informação que a polícia não costuma fornecer, “questão de segurança”, dizem eles.

Reportagem de Rivaldo Chinen

LEITORES

Paguei, no dia 30 de novembro último, duplicata vencida no dia 16 do mesmo mês, com 14 dias de atraso, portanto. Sobre a prestação de Cr$ 1.518,00, já com juros incluídos, paguei ágio — donde vem agiotagem — de Cr$ 39,00. Sendo impossível, evidentemente, cobrar meus juros por dia (!!) paguei ainda um cruzeiro referente a reembolso de despesas de notificação no Cartório do 1º Ofício que só descobri mediante o concurso de detetive particular — Chicago 1930. Como se não bastasse a caixa não tinha os três cruzeiros de troco quando lhe dei Cr$ 1.660,00 — o que nunca me aconteceu em vinte anos de operações bancárias... mas, veja: Isto aconteceu na FINASA — BANCO MERCANTIL DE SÃO PAULO que vive apregoando mil e uma facilidades para abertura de crédito direto.

Mário Dillenburg Müller

Não vou dizer que me pegou de surpresa a notícia da proibição da venda desse jornal no campus da PUC. É sabido que as pressões vindas de todos os lados sobre a pessoa desta universidade podem ter causado a concessão, por sua parte, de algo que ele julgasse de "menor importância", ou seja, a participação no processo de censura tão em moda nos dias de hoje.

Me perguntando sobre a realidade dessa argumentação, cheguei à conclusão de que a diferença de nível entre as diversas concessões que se apresentam, com caráter não democrático, não existem, e só têm como conseqüência o fortalecimento do processo de arbítrio instalado pela ditadura. Apresentando minha solidariedade a esse jornal da imprensa independente e esperando a reconsideração desta e outras atitudes.

Carlos MacDowell de Figueiredo — São Paulo, SP

RUÍDO ESTRANHO NO TELEFONE

Dia desses, percebi um estranho ruído no meu telefone. Pois não é que o desgraçado chiava como quem tem bronquite! Mas bronquite não pega em telefone. Ainda bem. Porque, se fosse o caso, teria que gastar uma nota violenta com médicos e remédios. Aliás, comentário à parte, apesar da quantidade exagerada de remédios na praça, falta um essencial: o que abaixe os honorários médicos e os preços dos próprios remédios.

Mas voltemos ao telefone, embora ele não esteje chamando.

Bem, então, para explicar o ruído, concluí que deveria concluir que o telefone estava com defeito. Afinal, o que mais eu poderia concluir?

Como fiz o curso "Conserte Telefone em 10 Lições por 10 mil cruzeiros", por correspondência, pelo Instituto Universal Brasileiro, ou seja, como não entendo absolutamente nada sobre o assunto, resolvi abrir a caixa do telefone. Era a minha primeira e grande chance para utilizar o alicatinho e a chave de fenda que o Instituto me dera "gratuitamente".

Abri, e, passando os dedos pelos fios, levei um tremendo choque. Não um choque elétrico. Mas um choque emocional. Descobri que o meu telefone estava (suspense: tchan, tchan, tchaaaaan) "grampeado". Ou seja, os homens do Serviço de Inteligência estavam gravando minhas conversas ao telefone E eu sem saber nada. Se soubesse, teria caprichado na voz.

O quê, distinto leitor? Como consegui descobrir a "grampeação", mesmo sendo ex-aluno do Instituto Universal Brasileiro? Foi fácil. Bastou ler uma etiqueta fixada, ou melhor, grampeada em dois fios o seguinte: "Fios Secretos do Serviço de Inteligência". Como se vê, os homens do Serviço de Inteligência estão cada vez mais inteligentes.

No momento da descoberta, o meu ímpeto foi procurar o Chefe do Serviço de Inteligência, para lhe explicar o engano. Para lhe explicar que não sou comunista. Não sou jornalista da imprensa alternativa. Não pretendo acusar nenhum ministro de corrupto. E que o único documento comprometedor que escondo em casa é o título de eleitor, mas só porque sou obrigado a isto, e quando o utilizo, voto na Arena. Portanto, ele teria que ordenar o "desgrampeamento" no meu telefone.

O problema, no entanto, era falar com o Chefe do Serviço de Inteligência. Com o telefone, do jeito que estava, não queria conversa. Ir pessoalmente à sede do serviço de Inteligência não me animava. Não porque eu não pudesse entrar; o meu temor era não poder sair.

O que fiz então?

Escrevi uma carta ao Chefe do S.I., dizendo que o meu nome não é Manuel e nem Joaquim. Poderia ser Simons, mas é Golbery do Colt e Silva.

Dias depois, os fios secretos sumiram do telefone; e, do Chefe do Serviço de Inteligência, recebi uma carta, aliás num envelope com a inscrição "envelope secreto", que diz "Desculpe-nos pelo engano," Chefão".

Roberto Lopes — Rio, RJ.

Falou mas se arrependeu

Surpreendido com a publicação, nesse jornal, de matéria que considero negativa em termos profissionais e inverídica em termos jornalísticos, face ao seu próprio conteúdo, peço-lhe — com base nos dispositivos da Lei de Imprensa — seja divulgado o meu desmentido e as explicações abaixo.

Na matéria a que me refiro, intitulada "Indústria do Som Fatura no Embalo", o responsável pelo texto atribui a este profissional a seguinte frase: "... para aliciar e subverter o gosto popular e corromper o mercado através da corrupção que reina nas programações das emissoras de rádio", referindo-se aos **royalties** das multinacionais do disco e/ou aos selos comercializados, no Brasil, por gravadoras nacionais.

Quero deixar patente que:

a) o jornalista Roberto Moura (autor da reportagem), de fato, há muitos anos, priva das minhas relações pessoais, até esta data cordiais, amistosas e leais;

b) como tal, participa como crítico e profissional, do desenvolvimento desta Gravadora, com acesso às informações que pretende e considera de utilidade para suas matérias;

c) surpreendeu-me, portanto, que o mesmo tenha qualificado como minhas as informações contidas na matéria, que afirmo, inverídicas, tendenciosas e até certo ponto ofensivas, já que envolvem problemas de liberação de **royalties**, assunto atinente, apenas, à alta direção das companhias de discos e que fogem às especificações da minha gerência;

d) por outro, declaro que nenhuma das afirmativas ali contidas — acusando a existência de corrupção nos veículos radiofônicos e uso de **royalties** para fins desonestos — foram por mim prestadas, creditando-se, tão somente, à imaginação criadora do profissional. É fácil deduzir que, declarações desta natureza, face às implicações legais, jamais poderiam ser prestadas por profissionais conscientes, vivenciados e dotados de inteligência;

e) enfatizo que, assuntos ou revelações de tal gravidade, mesmo que pudessem contar com o alicerce de provas documentais, jamais seriam levadas ao conhecimento popular, a não ser pelos meios legais, que garantiriam a segurança dos denunciantes. Nenhum empregado ou dirigente de companhia fonográfica poderia fazê-lo sem o respaldo das garantias que somente a lei lhe concede, muito menos perante profissional de imprensa, com as deturpações normais decorrentes da interpretação tendenciosa ou má;

f) as informações divulgadas no artigo, temos certeza, derivam de lamentável deslize do referido repórter/crítico, já que, uma vez mais afirmo se tratarem de assertivas sem o mínimo de veracidade, fundamento ou validade testemunhal. Como falar de matéria para a qual não estou devidamente credenciado, por falta absoluta de conhecimento? E como acusar sem provas?

Como veterano profissional do ramo, com mais de 20 anos de atividades firmadas num comportamento sem mácula, e num passado de lisura — em agências de publicidade, emissoras de rádio e companhias fonográficas —, invoco o fator moral como testemunho maior perante não apenas os leitores desse jornal, como, de forma mais ampla, os muitos e honestos amigos radicados nos meios radiofônicos e na indústria fonográfica brasileira.

Certo de que posso contar com as atenções de V.Sa., formulo votos de progressivo êxito a essa organização.

Cordialmente,

Ernesto Martins — gerente da Chantecler, Rio, RJ

• Caro Ernesto Martins: não terá, ocasionalmente, acontecido de o senhor falar como amigo, ao jornalista Roberto Moura sobre irregularidades que pôde acompanhar em mais de 20 anos de carreira? Não terá, por acaso, acontecido de o jornalista Roberto Moura ter-se aproveitado de tais informações para formular a denúncia publicada por *REPORTER*? Não terá acontecido, por lamentável coincidência, o fato de o jornalista Roberto Moura ter, inadvertidamente, usado seu nome, revelando uma preciosa fonte de informações agora exposta advertências, boicotes, demissão etc? Qualquer que possa ser sua resposta, *REPORTER* já lhe adianta o seguinte: seu caso é com o jornalista Roberto Moura, autor do artigo em questão e que priva de suas relações, segundo suas próprias palavras. É curioso, por outro lado, o fato de o senhor ter amigos jornalistas, em função de seu tão distorcido conceito do que é imprensa. Em todo caso, publicamos sua carta porque respeitamos o leitor, e não porque estamos temendo a Lei de Imprensa (inadequada ao caso).

ESPERTAS

"Baú" mete a mão na bolsa da costureira

A costureira L.K. (que pediu para não ser identificada, pois vem sofrendo ameaças) conta mais um caso com as empresas do Grupo Sílvio Santos.

L.K. fez um financiamento no valor de Cr$11.317,00 na Baú Financeira de SP, em 1977 oferecendo seu carro (Brasília 74 chapa EX-8859) como garantia de pagamento. Segundo ela, os termos de pagamento só foram definidos depois que ela havia assinado vários papéis em branco (são 24 prestações de Cr$1.308,00, totalizando Cr$31.395,00). Assinados os papéis ela esperou em casa por seu carnê de pagamentos, conforme instruções da própria empresa. L.K. esperou dois meses e, como não viesse o carnê, voltou à financeira, onde soube que já estava sendo protestada em cartório.

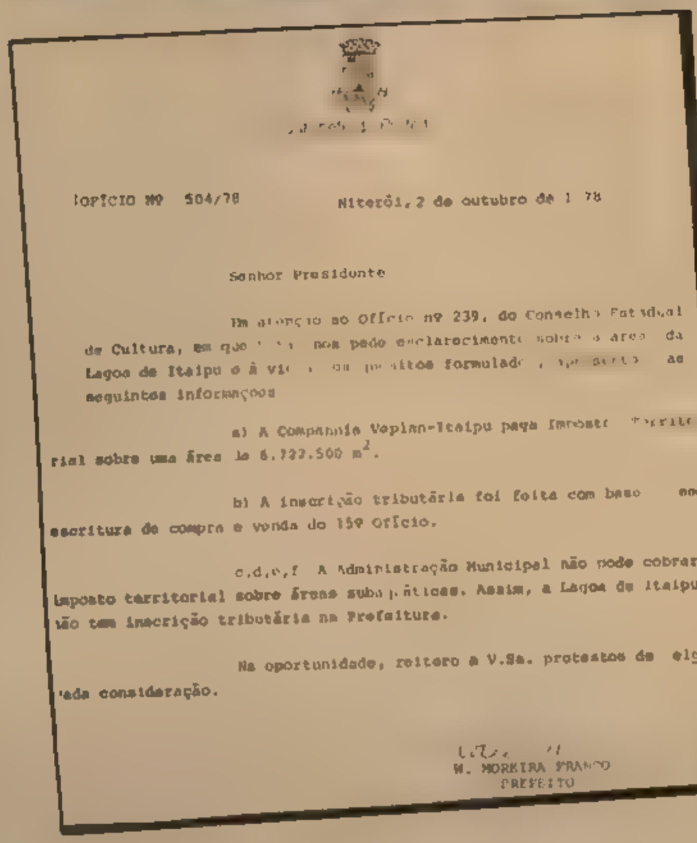
Um mês depois de resolvido este problema, a costureira sofreu um acidente e o conserto do carro ficou em Cr$9.721,00. A seguradora, Cia. Panamericana de Seguros, também do grupo Sílvio Santos, recusou-se a pagar a oficina, alegando que "o sinistro ocorreu fora do prazo de vigência da apólice" (paga integralmente em outubro de 1977). A apólice venceria 7 meses depois de recusado o pagamento de indenização.

Pagando sempre suas prestações do empréstimo com multa de atraso, L.K. passou a receber cartas da "Baú" que pediam a liquidação do débito e ameaçavam colocar o carnê em protesto novamente. As cartas, porém, chegavam sempre depois que a prestação já havia sido paga. No dia 18 de novembro um cobrador da Baú Financeira foi à casa da costureira pedindo que ela liquidasse a 12ª parcela. Como esta já havia sido paga, ele pediu para levar o carnê e acabou levando só uma xerox. Dois dias depois L.K. recebeu um bilhete dizendo que seu veículo corria o risco de ser apreendido caso ela não pagasse a 12ª prestação.

Efetivamente, um oficial de justiça foi à sua casa para apreender o carro, o que acabou não fazendo por lhe ter sido prometida uma "gorjeta" de mil cruzeiros. **Liana John**

SS na Justiça

O grupo Sílvio Santos não respondeu oficialmente às acusações de seus fregueses, publicadas no **REPORTER** nº 11, mas o processo contra a empresa está andando no forum de São Paulo. Está marcada para 8 de março a primeira audiência, quando vão depor testemunhas. Mais tarde, os diretores do grupo também serão intimados a depor. **Alex**



OFÍCIO Nº 504/78 Niterói, 2 de outubro de 1 78

Senhor Presidente

Em atenção ao Ofício nº 239, do Conselho Estadual de Cultura, em que ... nos pede esclarecimento sobre a área da Lagoa de Itaipu e à vista dos quesitos formulados, ... as seguintes informações

a) A Companhia Veplan-Itaipu paga Imposto Territorial sobre uma área de 6.722.500 m^2.

b) A inscrição tributária foi feita com base em escritura de compra e venda do 15º Ofício.

c,d,e,f A Administração Municipal não pode cobrar imposto territorial sobre áreas subaquáticas. Assim, a Lagoa de Itaipu não tem inscrição tributária na Prefeitura.

Na oportunidade, reitero a V.Sa. protestos de elevada consideração.

W. MOREIRA FRANCO
PREFEITO

Veplan rouba a praia e o povo fica na mão

Privatizando a praia, que é o lazer mais barato do povo, a Companhia Veplan-Itaipu, através de acertos, conchavos, jogo, esquemas e corrupção tenta, aos poucos, concretizar o sonho de construir um paraíso dentro da lagoa de Itaipu. Quem não paga imposto não pode se considerar proprietário de nada. Todo o mundo sabe disso. Mesmo assim as transações da companhia vão de vento em popa. Como diz o ofício, a administração municipal não pode cobrar imposto territorial sobre áreas subaquáticas e fora dágua onde a Veplan paga imposto não pode haver propriedades porque são dunas existindo uma vegetação permanente protegida pelo Código Florestal. Resta fazer algumas perguntinhas:

Na área em que a Companhia paga imposto os títulos são legítimos?

Nesta mesma área de 6.722.500 m2 existe o forte de Itaipu e a gente sabe que as áreas de fortes nunca passam para propriedade de ninguém. Tem um dono só, que é a União. A Veplan ganhou de presente ou comprou?

Por que nos títulos da Veplan dão como de sua propriedade a igreja de São Sebastião de Itaipu e o cemitério, que são bens fora de comércio?

Só se mudou. Até ontem igreja e cemitério não se vendia. Nessa área ainda existem dois sambaquis que são bens da União. As lagoas são jazidas e sítios arqueológicos e quem fez a pesquisa arqueológica no fundo da lagoa para atestar que não existem objetos indígenas? Pra quem quiser saber, sítios arqueológicos são bens da União.

Pela legislação da Secretaria Especial do Meio Ambiente, é contra a poluição. Então, como é que ó presidente Paulo Nogueira Neto autorizou as obras na lagoa pela Veplan?

Por que o prefeito nomeado Ronaldo Fabrício deu autorização duas horas antes de passar o cargo para o atual prefeito Moreira Franco?

Não precisa explicar, eu só queria entender. **Tim**

Para conhecimento geral: já nas livrarias, depois de muita expectativa, o livro de Syllas Mendes David: Caderno de Zoologia. **É sem dúvida um dos livros de maior originalidade aparecidos ultimamente. Seu personagem é um menino que frequenta a primeira série da "escola da vida". Escreve um caderno de zoologia que, na verdade, é a descoberta do mundo pela criança. O menino fala de si, dos homens, das coisas e dos acontecimentos que o rodeiam. Faz de modo ingênuo o retrato dos guetos metropolitanos.**

É uma novela em forma de bestiário, em que se descarnam as misérias e brutalidades do bicho-homem num tempo cheio de contradições. O livro, editado pela Civilização Brasileira, tem 84 páginas de denúncias e merecia a resenha por parte de qualquer suplemento ou "Jornal do Livro". Espero que agora ele saia do ineditismo e os leitores entendam o bestiário da primeira série da escola da vida.

Sergio Danilo

Ditadura troca de máscara pra disfarçar

"A ditadura falha ao tentar-se disfarçar". Com esse título, a revista mexicana **Processo** publicou um artigo em seu nº 108, mostrando a quantas anda a imagem do Brasil no exterior. A primeira frase da matéria dispensa tradução: "Prefiero el olor de los caballos al olor del pueblo", introduzindo assim o general João Baptista de Figueiredo. Diz a revista que o novo presidente brasileiro alcançou notoriedade quando era chefe do SNI. Seus contatos com a DINA (Serviço de Inteligência do Chile, grande responsável pelos assassinatos políticos naquele país e recentemente extinto pelo general Pinochet) levaram a manter estreita amizade com o ex-chefe desta agência, o general Manuel Sepúlveda Contreras — que presenteou Figueiredo com um puro-sangue.

O artigo mexicano mostra com clareza que Figueiredo não é um político, mas sim um militar, e ilustra esta afirmação com outra "pérola" do futuro presidente: "Me disfarçaram, mas só num quartel me sinto bem, com música de cornetas e no meio da tropa". Aliás, em matéria de frases e fatos curiosos com o general Figueiredo o artigo é pródigo, contando ao público mexicano o famoso encontro do general com estudantes que lhe perguntaram sobre corrupção, a continência que ele bateu no aeroporto onde Geisel o esperava (ao invés de estender-lhe a mão) etc.

Mas é no "disfarce da ditadura" que **Processo** se detém. Fala da assessoria publicitária a Figueiredo ainda quando era "candidato" da Arena e de todas as máscaras que puseram no general para torná-lo "popular". "Fala-se muito em abertura no Brasil", diz a revista mexicana. A ditadura se propõe a renovar sua fachada, devido, em grande parte, ao auge dos movimentos de massa que estão se produzindo em toda a América Latina. Esta é a política das **democracias viáveis**. Figueiredo falou sobre o que ele mesmo chamou de **a democracia possível** ou **democracia relativa**, já propôs um Estado com certos **mecanismos de defesa da sociedade** e disse que o povo brasileiro não sabe votar.

Paulo D'Alcântara

Erasmo Dias expulsa repórter de "Veja"

O coronel Erasmo Dias expulsou de seu gabinete uma repórter da revista **Veja** e mandou desgravar a entrevista que tinha dado a ela.

Aconteceu no início de dezembro, na Secretaria de Segurança Pública, no fino bairro de Higienópolis, em São Paulo.

Maria Helena Passos, a repórter, foi orientada por seu editor para entrevistar o coronel a respeito de três assuntos: o movimento dos delegados paulistas, em "greve branca" há um mês; o atentado ao jornal **Estado de SP** e as denúncias de corrupção na campanha em que o coronel se elegeu deputado federal com 150 mil votos.

Há uma semana o coronel tinha voltado às funções de secretário.

Começou respondendo calmamente às perguntas da repórter. Chegou a dizer, inclusive, que tem o maior respeito pela Associação dos Delegados, de onde partiu a "greve branca" em que os delegados pedem 100% de aumento nos salários.

Entre irônico e incomodado, o coronal respondeu sobre o atentado ao **Estado**. A repórter perguntou se o autor não teria sido um certo general Leiteira (o nome foi fornecido à repórter pela revista). O coronel riu:

— Isso é nome de alguma estrebaria.

Foram perguntas sobre corrupção eleitoral que irritaram o coronel.

Com tom de voz alterado, disse que não sabia quem colaborou em sua campanha: "Foram tantas pessoas que colaboraram espontaneamente." A repórter insistiu: "O senhor não teve comitê eleitoral na rua Conselheiro Ramalho?" (onde teriam sido distribuídos cinzeiros com propaganda do coronel, patrocinados por um bicheiro, dono da Construtora Parisi).

— Não tive nenhum comitê eleitoral nesse local. Só tive um no centro de São Paulo.

"Mas o senhor não esteve numa festa, no comitê da Conselheiro Ramalho?" quis saber a repórter.

A resposta foi dura:

— Eu estive em tantos lugares durante a campanha, falei com todas as camadas da população. Por que você não vai fazer essa pergunta a sua família?

A entrevista continuou. Maria Helena perguntou se era verdade que casas noturnas de Santos teriam ajudado na campanha em troca de facilidades de policiamento (denúncias feitas por delegados em "greve branca")

Aí o coronel estourou. Ordenou a um dos assessores de imprensa, o capitão e jornalista Chiconello que apreendesse e desgravasse a fita de sua entrevista. E expulsou a jornalista.

A revista **Veja** não mexeu um dedo em favor de sua funcionária: simplesmente mandou um outro repórter entrevistar o coronel no dia seguinte.

Alex

ESPERTAS

Mulheres da Vida é um livro de poesia, da Vertente Editora, organizado por Leila Miccolis e com a participação de Ana Maria Pedreira Franco de Castro (BA), Eunice Arruda (SP), Glória Perez (RJ), Isabel Câmara (MG), Many Tabacinik (SP), Norma Bengell (RJ), Réca Poletti (SP), Socorro Trindad (RN) e Maria Amélia Mello (RJ).

A importância do livro, a meu ver, é tentar romper com o esquema tradicional, com os temas que constantemente vinham sendo abordados. O título é reflexo exatamente da mudança dos tempos. Ontem, a poesia era hermética, cheia de imagens pré-fixadas, medrosa, acomodada, estagnada na maioria das vezes. Hoje a literatura é muito mais corajosa e social, registrando o momento de agora, tentando atingir o maior número possível de pessoas. E reunir dez mulheres participantes, em poesia, foi muito importante, porque edição de poesia, violenta e de mulheres é dose tripla.

Por que uma antologia só de mulheres? Porque quase não existe, inclusive há menor número de escritoras do que escritores. Agora, não se estranha uma obra só de homens, porque parece "natural". Então é preciso desmitificar esta falsa naturalidade, numa hora em que as mulheres se conscientizam. Na prosa já se aceita uma linguagem vigorosa (conto, cinema, teatro); é a vez da poesia se insurgir contra a passividade e a disciplina a que foi submetida.

Dificuldades estamos tendo muitas porque o livro questiona o cotidiano de forma clara, consciente, e ainda mexe muito com as pessoas uma poesia não-alienada, provocativa, sensual, crítica, irônica, feroz, voltada para a problemática humana — amorosa, social, econômica, urbana. São dez mulheres que estão na vida, vivas portanto, e conscientes de suas responsabilidades como seres humanos.

(80 páginas, Cr$ 70,00).

Leila Miccolis

Dom Hélder conversa com Marcos de Castro

Tomar conhecimento das lutas de Dom Hélder Câmara durante seus setenta anos de vida é — tanto quanto acompanhar os passos de um profundo religioso — conhecer mais um pouco da História política do Brasil neste século. Ex-integralista convicto, ex-simpatizante do fascismo, homem que por várias vezes ocupou cargos públicos, **padre** Hélder foi uma das pessoas mais perseguidas, castigadas, caladas, pelo regime militar, de 1964 — acusado simplesmente de ser comunista.

Agora, que se dissipam as primeiras nuvens acumuladas sobre a nação em 14 anos de arbítrio, a "Graal" ousa lançar o livro "D. Hélder Câmara por Marcos de Castro", já nas livrarias ao preço de 90 cruzeiros. Nele encontram-se, mais que a humildade e a coragem já conhecidas, a sabedoria e a larga visão desse franzino homem forte que lançou as bases sobre que foi erguida a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), de atuação política notável nos anos mais recentes da ditadura.

O texto de Marcos de Castro, jornalista plenamente identificado com as idéias do **padre** Hélder, flui manso como a conversa preguiçosa de um mineiro. Atencioso, o arcebispo de Olinda e Recife sorri do passado ao lembrar seus próprios enganos (o integralismo, o anticomunismo) e erros (a obediência cega aos superiores) e desenha para o leitor os caminhos que a igreja vem tomando depois da realização do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM), em 1968, na Colômbia.

"Nós, aqui desta parte cristã do mundo pobre", explica o padre, "nós da América Latina, repetimos aqui as mesmas injustiças que os países ricos cometem para com os países pobres. Temos aqui em nosso continente o colonialismo interno, ricos dos nossos países obtêm a própria riqueza esmagando concidadãos. E o grave é que nós, homens de igreja, padres e sobretudo bispos, com as melhores intenções, vivíamos de tal maneira preocupados com a chamada ordem social, que nem percebíamos as tremendas injustiças que se escondiam — e ainda se escondem — por detrás da pseudo-ordem social, que é muito mais uma desordem estratificada".

Tal explicação, obviamente, não agrada ao poder em nenhum dos países latino-americanos sob regimes totalitários ou ditatoriais, daí nada mais "lógico" de que o silêncio imposto à imprensa em relação a tudo quanto dissesse o **padre** Hélder. O livro de Marcos de Castro, assim, vem de certa forma apresentar ao brasileiro um seu compatriota que só podia falar no estrangeiro. São 171 páginas de leitura obrigatória para todos que se preocupam sinceramente com a vida do **homem** explorado, em particular o brasileiro — com o qual Dom Hélder Câmara desenvolve seu maior trabalho cristão.

Lello

Verdade não passa na tela

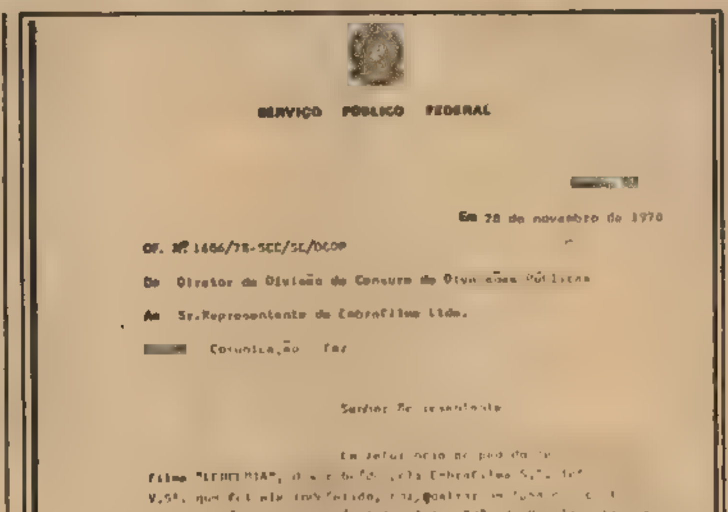
O filme **Leucemia**, dirigido por Noiton Nunes, baseado num depoimento de Maria Helena Moreira Alves, irmã do ex-deputado federal Márcio Moreira Alves, pivô da crise política que gerou o AI-5 em dezembro de 1968, não passou pela censura federal.

Está claro que os motivos são meramente políticos, pois o filme trata do desamparo e da falta de recursos de um casal de operários do ABC de São Paulo, exilado em Portugal.

Sem condições de sobrevivência, com a esposa sofrendo de leucemia, o casal é obrigado a entregar o filho a Maria Helena, para que ela o trouxesse ao Brasil, aos cuidados dos avós.

Em cima deste fato, ocorrido em maio de 1978 no aeroporto de Lisboa, o filme de 8 minutos foi totalmente vetado, para que as lutas que vêm ocorrendo a favor da anistia não encontrem mais uma forte razão para que ela seja conquistada.

Clarice Niskier



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Em 28 de novembro de 1978

Of. Nº 1466/78-SCE/SC/DCDP

Do Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Ao Sr. Representante da Embrafilme Ltda.

Comunicação faz

Senhor Representante

[illegible]

Filme "LEUCEMIA", [illegible]

[illegible]

vado pelo Decreto-lei Nº 20.493/46)

[illegible]

textos de estima e elevada consideração.

Diretor da [illegible]

Mais democracia e menos acordo nuclear

"Acho que o Brasil precisa mais de democracia do que de energia". A frase, dita por um engenheiro durante uma das mesas-redondas do 1º Congresso Brasileiro de Energia, realizado na primeira quinzena de dezembro no Rio, explica o ânimo dos técnicos do setor. Esvaziado pelo boicote do Ministério de Minas e Energia e das empresas a ele subordinadas, o congresso do Hotel Nacional, com 500 participantes, expressou sua rebeldia ao Programa do Acordo Nuclear Brasil-Alemanha e críticas à falta de um programa comum de planificação de todos os tipos de energia utilizados no Brasil.

A posição independente e política tomada pela maioria dos participantes, prosseguindo o congresso mesmo dentro de um clima de ameaças, serviu para mostrar de público que existe o cerceamento de liberdade de crítica à política energética.

O caso mais grave foi do chefe do departamento de estudos de mercado da Eletrobrás, engenheiro Pietro Erber, que foi proibido de falar à imprensa e obrigado a pagar Cr$25 mil pela publicação no JB do que pretendia ser um desmentido aos dados comentados por ele num seminário de energia sobre a demanda de energia nos próximos anos.

Sérgio Danilo

LEITORES

ILUMINAI, Ó SENHOR, A MENTE DESTE LEITOR

Gostaria que publicasse em seu jornal, do qual sou assíduo leitor, a matéria que abaixo transcrevo:

EXPRESSO LADRÃO

Meu Deus, já que ninguém pode me explicar, gostaria que explicasse-me você o que está acontecendo com este país. Eu não consigo compreender esta estória, senhor, as pessoas dizem que o país está crescendo; contudo não posso entender como isto está se processando. O custo de vida aumenta indiscriminadamente todos os dias, matando o povo de fome. Se observo os números de nossa dívida externa alcançando já valores incomensuráveis, denegrindo nossa imagém no exterior; se nos causa tédio a leitura nos jornais dos incontáveis algarismos que ilustram o débito de nossa balança comercial, empobrecendo o país e levando-o às portas de novo caos econômico.

Ah, meu Deus! Eu não entendo não, eu gostaria que você me explicasse por que é que nossos dirigentes insistem em deixar as empresas multinacionais explorarem despudoradamente nosso povo, e de forma tão clara e aberrante como fazem. Todo mundo está roubando, meu Deus! As multinacionais roubam na venda da matéria-prima para suas filiais daqui, as filiais roubam na venda para os distribuidores, os distribuidores arrocham o consumidor, e agora, com já entrou "em moda", o roubo impune, até as pequenas e pequeníssimas empresas já roubam também.

Você sabe o que está acontecendo no bairro onde resido? Aqui na Praça Seca? Eu conto: os "donos" da Viação NOVACAP de transporte coletivo resolveram tornar preço-único as passagens dos ônibus que fazem a linha Praça Seca-Praça Tiradentes, e lançaram "no mercado" uma inovação "quase todas" as composições viajam agora com uma placa pintada em vermelho e branco afixada no pára-brisas dianteiro, onde se lê a palavra "EXPRESSO", ao preço único de Cr$ 4,30, que corresponde a uma passagem inteira dos ônibus dessa linha.

Meu Deus, o problema todo é que esse ônibus "EXPRESSO", para justificar esta designação, deveria trafegar sem escalas, da Praça Seca até a Praça Tiradentes. Nada disto. Ele pára mais que os ônibus normais e os motoristas, que são povo também, vendo este absurdo e inconformados com as reclamações dos passageiros, aborrecem-se e dirigem bem mais devagar, atrasando todo mundo.

Meu Deus, o que é isso? Que tipo de ônibus expresso "ladrão" é esse? As senhoras idosas que moram no final da rua Barão, para as quais o trajeto a pé até a Praça Seca é penoso e difícil, já são obrigadas a fazerem-no assim sem outra alternativa, pois se tomarem o "EXPRESSO" terão que pagar Cr$ 3,40 para viajarem apenas 1 quilômetro.

Senhor, tu és justo e poderoso, tu que tudo podes resolver, vê se faz, senhor, alguma coisa por nós, pois apelar para o DGTC (Departamento geral de transportes coletivos) ou para o ministério dos Transportes, por iniciativa nossa, é bobagem.

Jesué Moreira — Rio, RJ

Revoltado, Bonifácio entrevista desempregado

"Sinceramente não é do meu costume chorar sobre o leite derramado, pois não há mal que sempre dure nem bem que nunca se acabe. Mas, seu cumpadi, a situação não está pra urubu voar rasante, e pelo que estou vendo tenho que apelar pras forças ocultas. Do contrário danço, e danço bonitinho. Sei que tem vagabundo que vai bater palma de camarote — de camarote sim, porque pra ver o mal do próximo, vagabundo vende a alma ao capeta a preço de tostão furado. Mas enquanto existir Deus no céu, urubu não come folha. Tamos aí pro que der e vier".

O cara que prestou o depoimento acima é um profissional na indústria metalúrgica, está desempregado há sete meses por não sujeitar-se a um salário mais baixo do que o último salário anotado na carteira profissional. Enquanto isso, "pra defender o leite das crianças e o caviar do gatinho" (o carioca ainda continua espirituoso), vai traçando uns biscates "pelaí". Mas não arreda mão de seus direitos, como diz ele.

Mas o problema principal é que o "malandro" não tem uma conscientização do problema e diz que é o vizinho que está de "olho grande" na vida dele. O "gente fina" não sabe que a nossa dívida externa está numa base de trinta e cinco bilhões de dólares e quem paga não é a minoria, de grande concentração de renda, mas a maioria, de baixa renda, e que ele está incluído nesta maioria como um "voluntário de caserna".

Apesar do "gente fina" não estar totalmente desprovido de razão, os nossos vizinhos não só estão de olho grande, como também têm a mão grande. E nossas autoridades competentes têm um "coração de mãe" para com nossos vizinhos e dão nossas riquezas a "preços de bananas" (vide "A Ditadura dos Cartéis", Kurt Mirow).

O que o nosso malandro aí não sabe é que nosso país é rico e o povo pobre — que o povo paga o que não tem culpa de dever. Sempre paga o justo pelo pecador, como diz vovô. O malandro aí não tem culpa das teorias das autoridades competentes falharem, pois se ele aprendeu a profissão de torneiro mecânico, ele aprendeu praticando. E ele desconhece racionalmente que a teoria é uma e a prática é outra, mas é partidário da prática do que das lindas e brilhantes "teorias de proveta".

Para o sono tranqüilo de nossas cúpulas, é bom que eles continuem fazendo com que nosso povo prossiga deitado em berço esplêndido...para o sempre. Amém.

Bonifácio Rodrigues de Mattos
São Paulo, SP

Dê uma assinatura do REPORTER de presente.

CUPOM DE ASSINATURA

— Assinatura por 12 edições: 140,00
— Envie cheque nominal ou vale postal para:
Rua Miguel Couto, 134 - salas 1101 a 1104 - RJ - CEP 20.000
Você pode assinar o REPORTER, a partir do nº 0
Indique a partir de que número você quer sua assinatura.

Nome: ....

Profissão: ....

Endereço: ....

CEP: .... Cidade: .... Estado: ....

FENÔMENO TEM SÓ 17 ANOS

LOCALIZADO EM COPACABANA O ELEITOR DE FIGUEIREDO

O general João Baptista Figueiredo, afinal, tinha razão ao afirmar que a maior parte do povo brasileiro não está preparada para votar — e, portanto, eleger seu presidente. **REPORTER,** que sempre desconfiou das intenções do general, foi ouvir o jovem Ronaldo Henrique Szilard, 17 anos, primeiro colocado no vestibular mais difícil do Rio atualmente: o de Engenharia da PUC. Do extenso e variadíssimo questionário preparado na redação, a repórter Vera Lúcia Dias extraiu as principais respostas do estudante, traçando-lhe o perfil (por sinal bem ao gosto de Figueiredo).

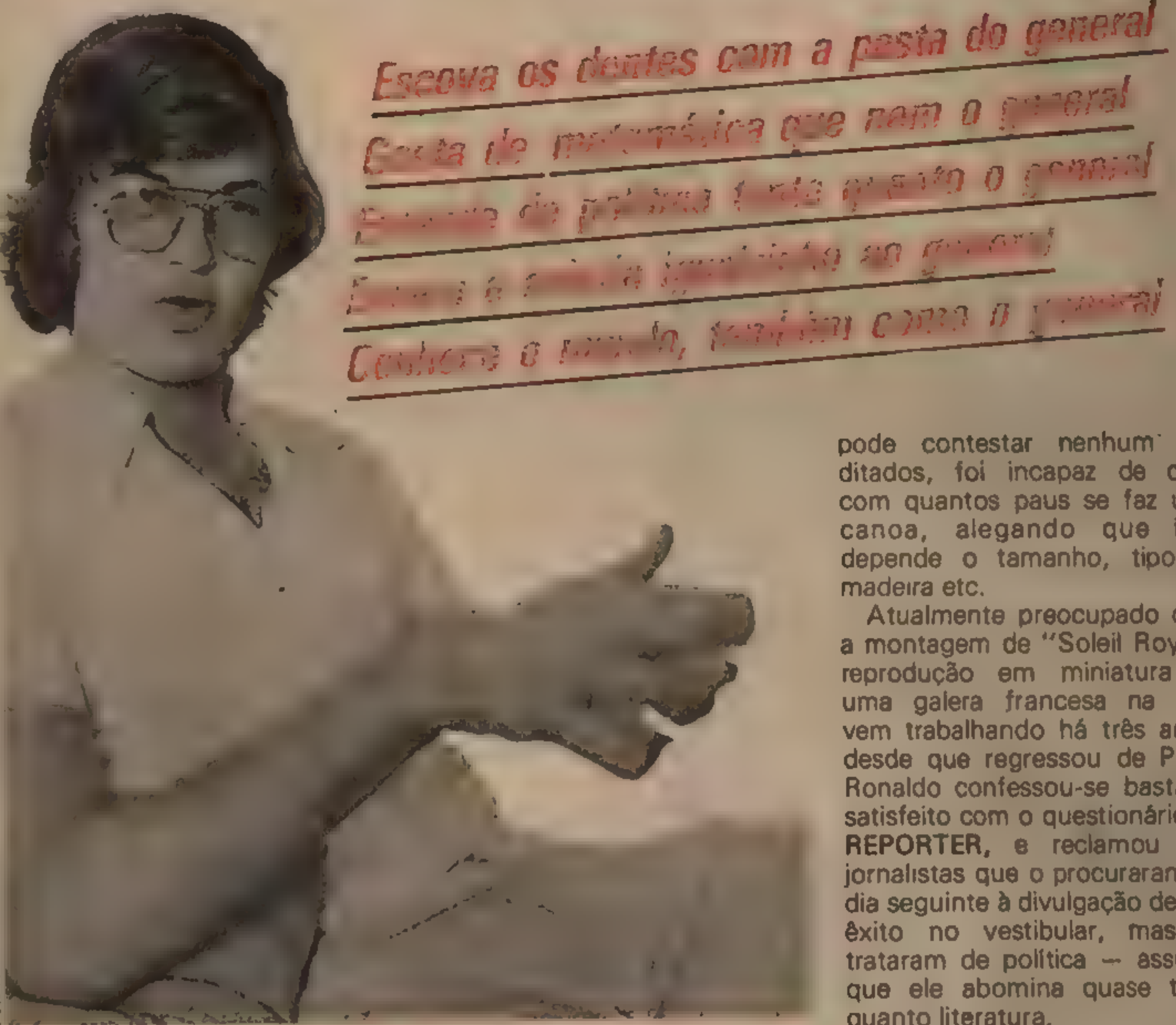


Foto Ari Gomes/AJB

Caso lhe fosse permitido votar para presidente da república, Ronaldo daria o seu voto ao atual presidente, Ernesto Geisel, que ele considera bom e que "fez o que pôde, dentro de suas limitações". Ele julga o compósitor Chico Buarque mais inteligente do que o general Figueiredo, não pensa que quem sabe matemática é mais intelectual do que quem estudou filosofia, por exemplo, e acha que o povo brasileiro não é burro, mas sim ignorante, e que não está ainda preparado para votar.

Ronaldo não gosta de ler, mas aceita um livro de ficção científica com prazer. Seu **hobby** são os quebra-cabeças (já montou um com mais de três mil peças), aprecia a música de Roberto Carlos, gosta de Sônia Braga, de ver filmes na tevê, escova os dentes três vezes ao dia com Kolynos e entre Sandra Bréa e Sandra Cavalcanti ele prefere a segunda em quem, inclusive, teria votado nas últimas eleições, se tivesse idade suficiente. Mas quanto ao salário mínimo, Ronaldo está por fora: estimou-o em pouco mais de 3 mil cruzeiros e espantou-se ao ver esta cifra praticamente dividida por dois para aproximá-la da realidade.

O brilhante jovem acredita que corrupção e honestidade existem em toda parte do mundo, mas considera o governo brasileiro honesto ("se não é, pelo menos tenta ser")

REPORTER

Acredita que haja tortura no Brasil, é a favor da anistia ampla, geral e irrestrita — porém considera-a "uma palhaçada". Ronaldo não se define nem fascista nem comunista, pois está no centro. Não sabe quem é o vice-presidente da república e pensa que Marcos Tamoyo é um ótimo prefeito para o Rio.

Tendo já viajado pela Europa e pelos Estados Unidos, nosso jovem entrevistado pode dizer com segurança que Pelé é o crioulo mais branco do mundo. Diz também que se casaria com uma negra ou com uma japonesa, caso gostasse realmente dela, mostrando ausência de preconceito racial. Não tem namorada firme e acredita que não tenha problema algum de ordem sexual, embora sem entrar em detalhes. Gosta de discoteca, já curtiu muito o John Travolta, mas não tem cara de quem freqüenta os dancin' days da vida.

Ronaldo Henrique crê piamente em duas coisas: vida em outros planetas e velhos ditados. Assim, acha que ri melhor quem ri por último, que os últimos serão os primeiros, que quem com ferro fere, com ferro será ferido e que o silêncio vale ouro ("principalmente em certos lugares, como o Brasil"). E, ainda admitindo que não pode contestar nenhum dos ditados, foi incapaz de dizer com quantos paus se faz uma canoa, alegando que isso depende o tamanho, tipo de madeira etc.

Atualmente preocupado com a montagem de "Soleil Royal", reprodução em miniatura de uma galera francesa na qual vem trabalhando há três anos, desde que regressou de Paris, Ronaldo confessou-se bastante satisfeito com o questionário do **REPORTER,** e reclamou dos jornalistas que o procuraram no dia seguinte à divulgação de seu êxito no vestibular, mas só trataram de política — assunto que ele abomina quase tanto quanto literatura.

Ronaldo Henrique mora em Copacabana num amplo apartamento que seu pai, engenheiro, comprou, e apesar de já ter viajado muito pelo exterior, de não passar nenhuma necessidade, de poder ter a praia a seus pes, de ter passado em primeiro lugar em tão difícil prova, ele admite que não acredita em Papai Noel — muito embora desejasse ardentemente poder crer na existência do "bom velhinho". Acha que obteve o primeiro lugar na PUC porque esteve calmo durante todas as provas, o que não acontece com a maioria. Mas concorda que muito deste resultado se deveu à sorte que o acompanha desde pequeno. E, confiante nela, imagina que o general Figueiredo vá realizar um bom governo e acabar com a ditadura, que ele classifica como "uma monarquia, governo centralizado numa só pessoa, democracia disfarçada"

REPORTER

Rio, fevereiro de 1979 — ano II — Número 14 — Cr$15

AUTÔNOMO INDEPENDENTE

Preconceito sufoca pobres e ricas

LÉSBICAS METEM O PAU NA REPRESSÃO

Fanchas e minas contam tudo sobre seu prazer proibido. P.9

Figueiredo é a nossa rainha

P. [illegible]

VALENTÃO TRUCIDADO PELO PADEIRO QUE LHE NEGOU AMOR

P. 7

REPORTER é um "panfleto comunistóide"; seus jornalistas são "irresponsáveis". Por essas afirmações, o coronel Erasmo Dias vai responder na Justiça. Vamos processá-lo por difamação e calúnia. Somos pequenos, mas não somos saco de porrada. Aliás, virou mania acusar os jornais pequenos de tudo quanto é coisa. Outro dia mesmo, o coronel Rubem Ludwig disse que o ***Movimento*** *era "um jornaleco". Isso é coisa que diga o homem responsável pelo relacionamento governo-imprensa? Pode ser "jornaleco" um órgão de informação que existe há quatro anos e tem leitores fiéis? O que o distingue dos outros que o coronel Ludwig não considera "jornalecos"?*

Está claro o que distingue os jornais pequenos dos outros. São os jornais pequenos que estão hoje contando a história do país. É o ***Em Tempo*** *que revelou ao país uma estarrecedora lista de 233 torturadores, à qual o governo não deu a mínima. É o* ***Coojornal*** *que publicou as memórias de Mourão Filho, um dos chefes de "64". É o* ***Movimento*** *que levantou dúvidas na morte de Juscelino Kubitschek, o que também foi ignorado pelo governo. Fomos nós,* ***REPORTER*** *que denunciamos a verdade sobre o atentado ao jornal* ***O Estado de São Paulo****, em 68, fato que só provocou desmentidos do governo e mais nada, nenhuma esperança de investigação.*

São esses jornais que se expõem porque não têm o que nem quem esconder. Não têm rabo preso com grupos econômicos, não recebem favores nem empréstimos do governo. Não fazem matérias para favorecer empresas. Não fazem jogadas. Não se prestam a fazer média. Por isso crescem, apesar das forças contrárias.

Quem deve dizer se somos "comunistóides", "irresponsáveis" ou "jornalecos" são nossos leitores e estes têm dado todo apoio a jornais como o nosso porque sabem que nós não compactuamos com os poderosos, sabem que temos as mãos e a alma limpas. Não devemos nada a ninguém. Os leitores sabem que fazemos nossos jornais sob grande pressão, mas não abrimos as pernas. Não ludibriamos, não mentimos, não distorcemos.

Por isso vamos processar o coronel Erasmo. Não porque implicamos com ele, pois suas atitudes são conhecidas demais por todos e cada um pode tirar sua conclusão a respeito. Não estamos preocupados em jogar pedras sobre ele porque sabemos que seu telhado é de vidro e de vidro bem vagabundo. Vamos processá-lo porque estamos conscientes do nosso trabalho e da nossa responsabilidade. Vamos processá-lo para mostrar que ele participou, sim, do atentado a bomba ao jornal ***O Estado de São Paulo****, em 1968, não como chefe mas como elo de ligação, uma peça na engrenagem; para mostrar que a nossa versão do atentado é a correta porque fornecida por um participante da operação. Para mostrar que não estamos fazendo jornal pra jogar conversa fora.*

ENFIM, FOTOGRAFADA A "PATRULHA IDEOLÓGICA"

Foto Custódio Coimbra

Dia do luto nacional

No dia 15 de março, todo mundo usando tarja preta para comemorar o "Dia do Luto Nacional". Abrilhantará a efeméride, entre outras personalidades de países co-irmãos, o general Augusto Pinochet, presidente do Chile e amigo do Rei.

REPORTER

REPORTERES/EDITORES — Alex Solnik (São Paulo), Chico Júnior, Luiz Alberto Bettencourt, Pipsi (Arte)

REPORTAGEM — Tim Lopes, Eduardo Homem (Recife), Marcos Dantas, Clarice Niskier, João de Barros, Rivaldo Chinen, Vera Lúcia Dias, Walter Diogo, Regina Guerra, Ênio de Paula Oliveira, Jota Paulo.

CORRESPONDENTES — Paulo d'Alcântara (Paris) e Cristina Duarte (Milão).

FOTOGRAFIA — Hélio Campos Mello, Camila Butcher, João Bittar, Luz Bittar, Wagner Avancini, Chiquito Chaves, Custódio Coimbra, Amâncio Chiodi, Américo Vermelho.

ILUSTRAÇÃO — Jaime Leão, Angeli, Guidacci, Maurício Veneza.

ARTE — Analuce Estrella, Maurício Veneza.

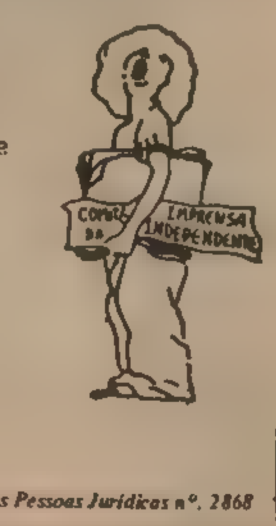
DEPARTAMENTO JURÍDICO — Modesto da Silveira, Luís Celso Araújo e Luís Eduardo Grenhalg.

REPORTER Autônomo Independente — Uma publicação da Margem Editoria e Programação Gráfica Ltda. Rua Miguel Couto, 134/11º andar, Rio de Janeiro. **São Paulo:** Rua Santa Isabel, 33/gr. 804.

Distribuição: Fernando Chinaglia S.A. Rua Teodoro da Silva, 907, Rio de Janeiro, RJ.

Composição e impressão: Editora Mory Ltda. Rua do Resende, 65. Telefone: 263-7002. Rio de Janeiro, RJ.

REPORTER integra o Comitê da Imprensa Independente



Registro Civil das Pessoas Jurídicas nº. 2868

É o lugar onde mais se mata na Baixada Fluminense

QUEIMADOS

Centro comercial de Queimados um cidadão passeia com seu rifle Cena cotidiana de um lugar onde no ano passado 145 pessoas foram assassinadas

Em plena Baixada Fluminense, Queimados, 2º distrito de Nova Iguaçu, foi onde morreu mais gente no ano passado, no Estado do Rio de Janeiro. Distante 48 quilômetros da Central do Brasil, a antiga fazenda Normandia, que era de propriedade dos irmãos Guinle, cresceu tanto que os seus 200 mil habitantes, já acostumados com a violência, não estranharam o registro de 145 assassinatos ocorridos em 1978. Queimados ganhou de Belfort Roxo, que caiu para 2º lugar, com 129 mortes, perdendo assim a fama dada pela ONU de ser a região mais violenta do mundo.

Também no ano passado, morreram 500 pessoas por falta de assistência médica. 70% eram crianças. Nos bairros Jardim Delamare, São Sebastião, Tricampeão e Jardim Belo Horizonte, 6 mil crianças não estudam por falta de escolas, as estradas são esburacadas e não há condução. Nem de dia e nem de noite. Pelas roletas da estação ferroviária passam todas as manhãs, em direção à cidade, 13 mil pessoas que viajam apertadas nos trens como sardinhas em lata. Quem prefere viajar de ônibus da Eval — a única companhia que serve o lugar — tem medo de viajar depois das 21 horas. Um passageiro diz que precisa fingir que está dormindo para se livrar dos assaltantes. Cada pessoa que embarca depois de Parada de Lucas, em direção à Baixada, é tida como suspeito.

As pessoas já não se preocupam mais em prestar queixa nas delegacias. São induzidas pelos policiais de plantão a fazer registro, como se tivessem perdido um documento, uma carteira. Dizem para as vítimas que, agindo assim, evitam problemas burocráticos e represálias dos bandidos.

Um intelectual do lugar diz que "o crime é o biscate do operário mal remunerado." Dom Adriano Hipólito, bispo de Nova Iguaçu, diz que o povão precisa "ajudar a pôr a mesa e não ficar vivendo de migalhas." Passando pelas ruas, quando alguém encara a gente nunca se sabe se é polícia ou bandido. Se está armado ou não. Nas paredes as pichações "Abaixo a miséria", "Queremos pão", "Chega de arrocho". E a violência brota com incrível crueldade.

Três casos na reportagem das páginas seguintes mostram a barra pesada que é Queimados. Sérgio, desempregado, sem dinheiro prá nada, com a mulher doente, não agüentou o choro do filho de 18 meses, também doente, e o matou a palmadas. Meses depois, foi preso e confessou o crime. Ficou desesperado.

Vai fazer um ano que Maria Graziela sofre. Ela tem esperança de ver o corpo do filho seqüestrado de dentro de casa e assassinado com dois tiros pelo Esquadrão da Morte, chefiado por um soldado da Polícia Militar.

Dona Lina, com certeza, nunca mais vai esquecer da morte da filha Rosa, de 15 anos, estrangulada pelo namorado no último dia do ano. Ele disse que foi "troço de momento". Foi preso cinco dias depois, não se arrepende um instante e diz que se tivesse que matar, matava outra vez.

Queimados é assim: um faroeste de miséria e violência.

1

Na última hora do dia 31 de dezembro, quando saía de uma festa, foi morta na Estrada do Caramujo, no campo do Atlético, em Queimados, a menina Rosa Helena de Almeida Pires, de 15 anos, que morava na rua lateté, ali perto. Foi encontrada nua e, no pescoço, estava atada sua blusa vermelha, com a qual foi asfixiada..

Levou 25 minutos para estrangular a namorada

Não esboçou nenhuma careta de remorso, nenhum gesto de arrependimento e só lamenta ter "machucado" os pais, que, segundo ele, não mereciam sentir a dor de ver o filho assassino na cadeia. Frio e calculista, Carlos Alberto Moreira dos Santos, de 21 anos, diz que se tivesse que matar, matava outra vez: "ela se encarnou no meu pé, não me dava sossego"

Ele conta que, na noite da festa estava parado na esquina da rua em que mora, quando passou Rosa Helena e o convidou para um passeio, e uma conversa a sós. Para evitar maiores problemas, aceitou e foram até o campo do Atlético. Ela o provocou e eles se amaram. Depois disso, ela começou a ameaçá-lo, dizendo que teria que casar e outras coisas. Ele teve um verdadeiro acesso de fúria e começou a espancá-la. Cada vez, ela reagia com mais coragem e continuava desafiando-o. Ele, então, começou a apertar o seu pescoço com as duas mãos. Ela parecia resistir com facilidade e continuava reagindo. Foi quando pegou a blusa vermelha e apertou-a em volta do pescoço. Ficou apertando aproximadamente 25 minutos, até que ela parou de se bater. Ficou imóvel definitivamente. Aí, ele se convenceu que Rosa estava morta. A mãe Lina de Almeida Pires, de 37 anos trabalhando como diarista em casas de Ipanema e do Leblon, Zona Sul do Rio, reconheceu o corpo da filha ao raiar do primeiro dia do ano de 1979

Carlos foi preso cinco dias depois do crime por policiais da delegacia de Queimados, perambulando pela cidade Confesssou o crime com todos os detalhes. Na sala do escrivão, conta mais uma vez a história, sem o mínimo constrangimento. Há um ano desempregado, diz que o seu último serviço foi um emprego como marceneiro, em Botafogo. Estudou até aprender a escrever o nome. As conseqüências que sofrerá por causa do crime que cometeu, o último dos 145 homicídios ocorridos no 2º distrito de Nova Iguaçu, não o assustam

Você matou. O que você sente?

Olha, eu não vou ficar me lamentando por uma coisa que já foi feita

Mas o que te deu na cabeça na hora de apertar o pescoço da tua namorada?

— Ih, rapaz, não é minha namorada, não. Agora, o que me deu? Sei lá. Foi um troço de momento. Ela ficou encarnando em mim Pegando no meu pé, fazia escândalo. Não vou ficar me lamentando por uma coisa que já foi feita já falei. Prà mim, nem a cadeia, nem a vida me mete medo. Se for pra mim morrer, eu prefiro matar

Naquela véspera de ano, na casa de Lina só tinha rabanada para dividir com os sete filhos, feita com o pão que a patroa de uma casa na Lagoa havia dado pra ela. Rosa Helena, a mais velha, estava esperando chegar à noite para ir a festa com a irmã Maria Lina, de 11 anos, hoje bastante traumatizada com a morte

Dona Lina, sua filha tinha alguma coisa com o Carlos?

— Ele ficava por aí, mexendo com as meninas. Nunca trabalhou. De vez em quando, eu sabia que ele espancava a minha filha. Uma vez ele segurou ela na rua para pegar 20 cruzeiros. Ele é malvado mesmo. Eu trabalho fora, fazendo limpeza nas casas, nas lá de Copacabana, Lagoa, lá praquelas bandas. Saio de casa às 5 horas da manhã e volto às 8 da noite. Meu marido morreu do coração há 15 anos, quando eu vim de Tocantins, em Minas, aqui pra Baixada. Fiquei sozinha com as sete crianças. Agora são seis. Não dá pra esquecer da minha filha, não

A mãe de Rosa vive com uma pensão do marido de Cr$ 1.400,00 e mais o dinheiro que recebe como empregada doméstica. Nenhum dos filhos estuda, por falta de condições. Os mais velhos, de 16 e 14 anos, trabalham fora para ajudar nas despesas da casa,

Carlos "ela pegava no meu pé"

BISPO AINDA NÃO SABE QUEM O SEQUESTROU

Foto Miguel Furtado

Dom Adriano

— Se mata tanto, pela certeza da impunidade. E a polícia é um pouco culpada disso. Eles, o poder constituído é que têm a obrigação de selecionar seus homens. Nós pagamos os impostos. Até hoje, sobre o meu seqüestro, nada ficou esclarecido. Fiquei um dia até às quatro horas da manhã e disseram que o meu depoimento não ajudou em nada. Por acaso querem que eu saia para investigar o crime que cometeram contra mim?

Dom Adriano Hipólito, Bispo de Nova Iguaçu, responsável por uma diocese de dois milhões de fiéis, foi seqüestrado há dois anos. Conhece de sobra os problemas que angustiam a população da Baixada. "A sobrecarga emocional e psicológica, a problemática da sobrevivência. Transporte caro tudo isso contribui para esse povo sofrido se perder nessa violência.".

Dona Lina, mãe de Rosa Helena, teme que o assassino faça o mesmo com suas outras 4 filhas

Maria Lina, de 11 anos, está até hoje traumatizada com a morte da irmã

2

A uma e meia da madrugada do dia 15 de fevereiro de 1978, oito homens entraram no quarto alugado de Antônio Albino de Souza, o Toninho, de 26 anos, e o seqüestraram. Meses depois, dois soldados da Polícia Militar foram presos e confessaram que assassinaram um tal de Toninho, que morava em Queimados, com dois tiros na cabeça. Mas o corpo não apareceu até hoje.

Graziela chora procura há um ano o corpo do filho assassinado

Policiais matam e somem com o cadáver

Quando o governador do Rio de Janeiro, Floriano Peixoto de Faria Lima foi inaugurar o 20° BPM, em Mesquita, há dois anos aproximadamente, afirmou em seu discurso que " "o povo era mais violento do que a polícia". A frase foi lembrada no fundo do Bar e Restaurante Silvio e Souza, na av. Irmãos Guinle, uma das vias principais de Queimados.

— Não tenho raiva da pessoa. Tenho raiva é da farda que vestem. Colocam um revólver na cintura e pensam que são os donos do mundo. Que podem matar. Estão me fazendo sofrer faz dez meses. Essa farda é uma vergonha. Quero pelo menos o corpo do meu filho.

Dona Maria Graziela de Souza, mãe de Toninho desabafa, revoltada, num choro contido, apertado na garganta. Triste, tão triste quanto o ambiente do bar. Ela atende a caixa de vestido preto de luto e volta, passando a mão no balcão comprido e de aço que leva até o salão. Com dificuldade, conta a história do desaparecimento do filho, em fevereiro do ano passado, arrancado de dentro de casa por oito policiais, a maioria da PM que se disfarçavam usando perucas. "Os homens entraram no quarto que ele tinha alugado aqui perto do bar e levaram meu filho. Dois rapazes que estavam com ele, o viram sendo carregado. Ainda no meio do caminho, meu filho, já na rua, deu um grito de dentro do carro para um amigo nosso, Adilson, que viu uma joaninha dando cobertura ao carro. Mas quem mandou matar o meu filho foi o soldado Flávio, que é sócio de um coronel da PM e do promotor de Nova Iguaçu, Manoel Pires Rodrigues, num depósito da Skol, aqui em Queimados. O Flávio está de licença pela Polícia Militar. E tem dois homicídios, cujos processos estão nas mãos do Promotor."

Que provas a senhora tem para acusar esse Flávio?

— Ele fazia parte daquela quadrilha de soldados que matou uma porção de gente. Ele deu um carro para Moreno matar o meu filho. É um canalha. Comeu mais de dez anos aqui na minha casa, na mesma mesa. Muitas vezes, me chamava de mãe. No dia em que o Toninho desapareceu, ele veio aqui, chorou no meu ombro. Mas, não sei porque eu tive a impressão de uma falsidade.

Ainda na primeira quinzena de dezembro do ano passado a partir das diligências para investigar e prender os assassinos do Juiz de Três Rios — Luiz Carlos Rangel — foram presos 15 bandidos de um grande bando que tinha uma perfeita organização, nos moldes do Esquadrão da Morte. Desses 15 criminosos, 13 eram da Polícia Militar, cujo chefe era o soldado Durvalino José Lopes, do 10°BPM. Ele confessou 12 homicídios junto com outros dois soldados: Moreno e Jurandir.

— O meu filho não era traficante não. Não era também de levar desaforos para casa. Flávio tinha medo e ciúmes de Toninho. É um covarde. Meu filho sempre foi responsável, cuidava aqui do restaurante o dia inteiro. Nunca notei nada de anormal no seu procedimento. Era até querido por muitas pessoas. Todas as manhãs sempre vinha gente aqui pedir dois cruzeiros para a passagem do trem. Eu e meu marido reclamávamos e ele dizia: "mamãe, se não der, não vão trabalhar, vão perder o dia". Ele era bom. Só se Deus descer aqui e disser que Flávio não é culpado, pra mim perdoar. É o único culpado. O Moreno disse que foi ele quem mandou matar. Com ele, desapareceram um relógio, um anel e um isqueiro, tudo de ouro, e uma espingarda-caçadeira registrada da polícia.

O Delegado Arnaldo Campana, titular da Delegacia de Homicídios, chefiou a equipe que desbaratou a quadrilha. Na época, em declarações aos jornais, o delegado disse que a quantidade de pessoas que o grupo matou dava para encher um ônibus de cadáveres. Eles confessaram cerca de 70 homicídios.

— Nós já gastamos os tubos, dando dinheiro para ver se descobrem o corpo do meu filho. Mas têm muitos que são uns sacanas. Um advogado me pegou dez mil cruzeiros para ver o nosso processo. Demorou e não viu. Só empenou. Fomos descobrir, era um advogado de Flávio.

Ela morde os lábios, passa a mão tentando enxugar o rosto, já bastante úmido das lágrimas, e faz uma queixa do delegado Maurilio Moreira: diz que ele a fez esperar sentada numa sala desesperada sem lhe dar a mínima atenção.

— Por medo, ou por covardia, não quis me ajudar. Ele sempre soube disso tudo, desse bando de criminosos. Foi por medo; sabia e não agiu.

Manoel Inácio de Souza marido de Graziela, se despede da mulher. Vai dar um pulo na cidade. Ele não fala quase nada. Sempre cabisbaixo. Sobre o filho, só diz que quer ver o corpo. Não acredita na Justiça. Ele e Graziela têm uma filha, que ficará com o bar, quando forem passar uma temporada fora, em Mirandela, Traz os Montes, em Portugal de onde vieram para Queimados há 28 anos.

— Vou esperar passar o carnaval, vender um imóvel que temos e passar um ano em Portugal pra ver se esqueço um pouco. Só tem gente covarde.

Dona Graziela volta para trás do balcão, direto na caixa onde trabalhava seu filho.

INTELECTUAL DIZ QUE CRIME É BISCATE DE OPERÁRIO

Por que se mata tanto na Baixada?

— Meu filho, por que se mata tanto no Brasil? Por que se mata tanto no mundo atual? 40 mil pessoas no Irã, há violência no mundo todo. A única forma de as sociedades mudarem é através da violência. A sociedade brasileira é patriarcal. O nosso povo é trabalhador escravo. Não tem absolutamente condições de se politizar. A politização dele se faz pelo estômago e não pelo cérebro. A pressão econômica leva ele a fazer reivindicações muito mais pelas necessidades biológicas.

Ele traz no rosto a cicatriz de uma navalhada e na perna um tiro do tempo em que viveu no Mangue, vendendo laranja. Antônio Fraga, 62 anos, escritor, tradutor, pintor e intelectual maldito, filho de um pai que trocou a mulher de 40 anos por duas de 20 e que, por causa disso, foi obrigado a viver na zona, diz que 70% dos crimes em Queimados foram cometidos pela quadrilha que matou o Juiz de Três Rios e por aquela quadrilha de policiais "que não é por serem polícia não, mas ganham mal".

Para Flaga, como gosta de ser chamado, "o crime é o biscate do operário mal remunerado".

— Ele não pede aumento, ele não se valoriza. E cada vez vive mais na miséria. A alta dos aluguéis faz todo mundo subir, procurar um lugar mais barato. Se você mora em Ipanema, você muda pra Botafogo, Méier. Hoje em dia, morar em Nova Iguaçu é um luxo. Uma casa com dois quartos pequenos tem um aluguel de 4 a 5 mil cruzeiros o aluguel. Eu vim pra Queimados em 1960 por causa dos preços dos aluguéis. A erradicação das favelas também ajudou

Fraga, já levou navalhada e tiro na perna

para amontoar essa população aqui na Baixada.

Autor do livro "O Desabrigo", na terceira edição e nas véspera de lançar um livro de poesias, Fraga tem quatro romances prontos. Mora numa casinha, nos fundos de uma tenda Espírita na Rua São Nicolau. Diz que vive bem ali no município e acrescenta: "sou de esquerda, mas não sou canhoto".

— De ditadura, basta as que eu vivi, a de Vargas e essa que tá aí. Há uma esquerda bem remunerada que me detesta, que vive praticamente da pregação de idéias socialistas. Essa esquerda, evidentemente, não gosta de mim. É a que paga rodada de uísque de cinco, seis mil cruzeiros e fica dizendo na mesa do bar: "Coitado do operário". É aquela que compra um aparelho de som por 100 mil cruzeiros para ouvir canções de protesto, em silêncio, é claro.

3

Sem emprego, sem dinheiro e sem conseguir nada emprestado para cuidar da mulher e do filho doentes, o biscateiro não agüentou a barra. Uma noite, acordado pelo filho Flávio de um ano e oito meses deu-lhe dois tapas, matando-o. Embrulhou o corpo num papel e enterrou num terreno baldio.

Matou filho doente com dois tapas no rosto

Fez apenas uma cruz com o dedo sobre a terra e voltou para casa acompanhado da mulher. O corpo do menino Flávio, de um ano e oito meses, foi desenterrado, dez meses depois pelos bombeiros de Nova Iguaçu, num terreno baldio, em Queimados, longe da casa dos pais o biscateiro Sérgio Antônio da Silva e da mulher a doméstica Marlene do Carmo Braga. Ele contou na delegacia como matou o seu filho Flávio

— Eu estava desesperado, sem dinheiro pra nada, a mulher e o neném estavam doentes e eu não conseguia mais nada emprestado, nem emprego. Fiquei nervoso ouvindo a criança chorar, dei dois tapas nela e ela morreu.

O crime ocorreu em março do ano passado, mas a polícia só foi tomar conhecimento no início de janeiro quando Sérgio foi denunciado pelos seus parentes que começaram a desconfiar, depois de insistirem para cuidar da criança ao longo desses meses

"Acidente", diz Marlene. "Nervosismo", diz Sérgio

Marlene diz que tudo foi um acidente."Naquela época eu acabei ficando doente, como se fosse um tumor no seio e Flávio também. Eu não agüentava cuidar da criança e pedi que Sérgio fizesse. Foi quando não sabendo mais o que fazer com o menino, que chorava sem parar, ele ficou nervoso e deu dois tapas que mataram o neném."

Sérgio disse que antes de enterrar o filho embrulhou o corpo num papel. Marlene sofreu muito com a morte de Flávio, mas continuou com Sérgio porque não tem ninguém.

— Eu não contei nada porque gosto dele. É a única pessoa que faz tudo pra mim Ele é muito nervoso, mas é bom pra mim

OPERÁRIO CASSADO CULPA 1964

— De 64 pra cá, o clima todo foi favorável à delinqüência. A falta de escolas, os preços extorsivos de tudo, o subúrbio sofreu com a liquidação das favelas. Aí na frente, tem essa linha de ônibus da Eval, que custa 17 cruzeiros até a Praça Mauá, a tal de tarifa A. Quem não quiser se atrasar tem que pegar ele mesmo. Implantaram um quartel da PM aqui e mesmo assim o crime não diminuiu. A repressão não é contra a delinqüência, é contra os quadros políticos, contra esses meninos que estão despontando aí como promessas.

Ex-líder sindical do Sindicato de Artefatos de Borracha, ex-suplente de vereador de Queimados, Luiz Gonzaga de Macedo foi um dos primeiros a serem cassados logo após o golpe de 1964.

Gonzaga hoje é só um balconista

Sou filho de retirante brasileiro. Sou desses que nascem na estrada. Aprendi tudo na vida. Não tenho família. Tenho agora porque constituí.

Gonzaga, atendendo o balcão da Queimadense Material de Construção, diz que a matança vem da revolta do povo.

— Ele é levado a uma situação e fica impossibilitado de uma concepção operária, de freqüentar um sindicato. A massa é revoltada, mas sem nenhum princípio. A revolta é justa precisa ser orientada. Se não, acontece quebras dos trens, que é um transporte. Precisamos nos organizar em bairros, escolas de samba, nos campos de futebol, onde está o povo. O jovem não pode ser reacionário, não pode ser antipovo, ele pode é estar equivocado em relação a tudo isso".

Botou capuz cor de-rosa pra assaltar ônibus em que trabalhou

VIROU LADRÃO PORQUE EMPRESA NEGOU AUMENTO

— Não matei ninguém não senhor. Quem fechou aquele farizeu foi o Tuti e o Expedito.

Antônio Carlos Nascimento tira, sob os olhares e risos dos policiais, o capuz que usava nos assaltos à empresa de ônibus Santa Rosa, onde tinha trabalhado como cobrador até 1976. Ele é conhecido como Gringo, tem 19 anos e mora no bairro Belmonte. Tem três irmãos, um tá no pinote da polícia. Gringo diz que resolveu assaltar quando pediu aumento na empresa de ônibus que trabalhava e o patrão negou. Certo de que a empresa faturava alto, pediu demissão e começou armar plano para fazer uns ganhos. Arranjou um tecido rosa, grosso e resistente, e mandou fazer vários capuzes. Com dois companheiros, passou a assaltar os ônibus da empresa em que tinha trabalhado. Na delegacia de Queimados se avolumavam as queixas da Santa Rosa contra o trio encapuçado. No mês passado, Gringo foi preso, com capuz e tudo.

Os crimes do Gringo, obviamente, foram incluídos nas estatísticas do delegado Maurílio Moreira, que é contra as notícias do aumento da criminalidade em Queimados.

— Desde que estou aqui, os crimes diminuíram bastante. Nesse ano que passou, a estatística foi de 85 homicídios.

Mas, delegado, a estatística da delegacia de Nova Iguaçu diz que aconteceram 145 assassinatos aqui em Queimados. Como é que o senhor explica isso?

— Eles matam em outro lugar e jogam o corpo aqui. Com o juiz de Três Rios ocorreu isso.

O policial se nega a dar qualquer outra informação e o general Brum Negreiros, Secretário de Segurança do Estado, terá que rever suas estatísticas, que davam a entender que o índice de criminalidade da Baixada Fluminense havia baixado. Os números da delegacia de Nova Iguaçu mostram que, em 1978, quase dobrou o número de homicídios em relação ao ano anterior: 422 contra 251. Queimados lidera com 145 homicídios, seguido de Belford Roxo (129) e Nova Iguaçu (123).

DORME PRA NÃO SER ASSALTADO

— Após as 21 horas, quando o ônibus que vai pra Queimados passar de Parada de Lucas, pode ir fingindo que está dormindo, porque aí começa o martírio. O cara que embarca você nunca sabe se vai te assaltar ou não. O negócio é você fingir sempre que está dormindo

Edmilson Oliveira da Costa é contínuo de jornal. Confessa seu medo quando sai de Queimados onde mora e deixa Beth e o filho Marcus Vinicius, de um ano "porque antes, meu irmão, eu tinha um Doberman que cuidava aí da casa. Apareceu uns problemas com o vizinho eu tive que me desfazer do cachorro".

O que você acha dessas mortes aqui em Queimados?

— Olha aí soltando pipa o dia inteiro, essa molecada não tem nada o que fazer. O que é preciso é área de lazer, já tem neguinho fazendo Cooper na via Dutra

Reportagem de Tim Lopes
Fotos Américo Vermelho

Amor entre homens acaba tragicamente

Sebastião Pedro Batista, 23 anos, padeiro desempregado, mais conhecido como Prego.

Carlindo José Francisco, 26 anos, pintor, sem apelido.

Se conheceram no presídio da Agua Santa, no Rio de Janeiro, para onde foram em dezembro do ano passado. Sebastião, condenado por estupro e roubo. Carlindo, por roubo.

Compartilhando a mesma cela, um dia Carlindo tentou, à força, manter relações sexuais com o companheiro. Não conseguiu, mas, mesmo assim, a imagem do padeiro não ficou das melhores no presídio.

Foram postos em liberdade e um dia se cruzaram em um bar de Niterói. Carlindo, que sempre provocou o outro nos tempos de prisão, quando viu Sebastião recomeçou com as brincadeiras sobre a masculinidade deste. Sebastião, que estava em liberdade condicional, preferiu ignorar e resolveu ir à luta, para evitar confusões maiores.

Num outro dia, se encontraram na porta do cinema Eden, quando, sem mais nem menos, Carlindo deu um violento cachação em Sebastião.

Sebastião e o cachação saíram do pedaço e esperaram Carlindo seguir seu caminho. Meio bêbado, o pintor foi andando até o esqueleto do Edifício Jangada, que fica na rua Barão do Amazonas, a poucos metros da rodoviária de Niterói e ao lado do quartel da Polícia Militar. Chegou no seu quarto, tirou as calças e dormiu.

O padeiro foi atrás, olhou por uma fresta das madeiras que fechava o quarto e viu o outro dormindo. Pegou um pedaço de pau, desses de obra, entrou no quarto e vapt, deu uma violentíssima porrada na cabeça de Carlindo, que, mesmo assim, ainda conseguiu se levantar para tentar entender o que estava acontecendo. No que levantou, tomou outra cacetada na cara e mais outra na cabeça. Aí, caiu morto de tudo.

Com a maior calma, Sebastião pegou uma pá de pedreiro e enfiou goela abaixo da vítima. Pegou uma escova e enfiou o cabo no olho esquerdo. Para completar, uma haste de óculos no outro olho.

Depois, com a maior frieza e tranqüilidade, contou tudo na delegacia, nos mínimos detalhes. E disse:

— Quem mandou ele me provocar?

O resultado está aí em cima.

Telefone para o Figueiredo *

E AGUARDE
Em março
outra surpresa
para nossos
assinantes

* Figueiredo é o nosso novo chefe de vendas

e faça uma assinatura do REPORTER

O telefone é 253-5038 (RJ) e a assinatura custa Cr$ 140.

Nas páginas 9 a 15 uma reportagem inédita sobre um assunto proibido

LESBIANISMO

Apesar da censura e repressão, as fanchas e minas estão aí mesmo

MULHER COM MULHER NÃO DÁ JACARÉ

Apesar de ser tao antigo quanto a humanidade, o lesbianismo é, para grande parte da nossa sociedade, um tema desconhecido e proibido. E embora seja grande o número de mulheres homossexuais que trabalham nos mais diversos tipos de ocupações — desde cinema, teatro, literatura, jornalismo, passando por escritórios, agências bancárias, escolas, fábricas, lanchonetes, empresas de ônibus, etc. — o amor entre mulheres raramente é tema para telenovelas, filmes, romances ou mesmo reportagens

Recentemente, a jornalista e deputada estadual eleita Heloneida Studart teve uma reportagem sobre homessexualismo feminino vetada na Bloch. Quando ocorre alguma abordagem sobre o problema, geralmente o objetivo é "alertar" jovens adolescentes para que não incorram no "grave pecado" de se relacionar sexualmente com outra mulher.

A desinformação generalizada sobre a questão do lesbianismo (provocada pela censura) e a brutal repressão ao comportamento homossexual — ou até mesmo a relacionamentos afetivos mais estreitos — desenvolvida, principalmente pela família, igreja e escola faz com que a lésbica seja marginalizada socialmente e tratada, se não como pervertida, pelo menos como uma doente mental.

A ignorância sobre o lesbianismo é tão grande que algumas pessoas entrevistadas chegaram a perguntar. "Mas isso existe mesmo?". E a professora Mary Mattos, apesar de ter agredido duas alunas flagradas em uma transação homossexual nas escadarias da escola, confessa: "Eu tenho muita vontade de conversar com pessoas desse tipo para ver se consigo entender"

O que provoca o homossexualismo feminino? Muita gente respondeu que é a decadência da moral e dos bons costumes e que esse é um problema da pequeno-burguesia, isto é, problema de gente que está com a barriga cheia. Outros, como a professora Mary Mattos e o proprietário do Pizzaiolo, bar freqüentado por lésbicas na rua Montenegro, em Ipanema, disseram mesmo que acham **semvergonhice**. As homossexuais, em sua maioria, não têm respostas. "Preferência", disseram algumas. Doença? "Nunca", foi a resposta quase unânime. Heloneida Studart não acredita em preferência homossexual e acha que lesbianismo é uma neurose.

Mas problema de gente que está com a barriga cheia certamente o lesbianismo não é, pois apesar das relações homossexuais proliferarem entre as damas da alta sociedade e entre as mulheres da classe média, é também comum o amor entre mulheres proletárias

O que realmente muda entre as homossexuais ricas e pobres é, sem dúvida, o comportamento. As lésbicas pobres assumem marcadamente a posição macho/fêmea, ativa/passiva. As ativas denominam-se fanchonas, sapatão, e comportam-se de forma a deixarem dúvidas quanto ao seu sexo São do tipo que se olha mais de uma vez para conferir se é homem ou mulher. Sempre têm os cabelos curtos e às vezes, um óculos de aro preto é o toque final da indumentária que inclui camisa social e sapatos masculinos

As mulheres que se relacionam com as fanchonas são verdadeiras bonecas: unhas pintadas, rosto maquilado, depilam-se e, principalmente, são submissas ao "macho" Comportam-se como "verdadeiras" mulheres mas não se relacionam com homens

Tanto as fanchonas como as bonecas muitas vezes são, ou já foram, casadas, tendo filhos, que não as impede de terem seus "casos". Eliane da Silva, 23 anos, residente em Niterói, fanchona casada, mas separada do marido, conta que há cerca de um ano teve uma "recaída" e decidiu largar a vida de **entendida**. Voltou a se relacionar com seu marido "mas não deu certo porque ele mesmo arranjava mulheres. Iamos pra cama juntos, ele com uma mulher e eu com outra". O resultado foi uma criança de dois meses que Eliane tenta criar, sozinha, com muita dificuldade

As lésbicas proletárias ou da classe média baixa entrevistadas foram incrivelmente receptivas. Depois de algum tempo de papo, a conversa se desenrolava como entre amigas. Além de se identificarem, fornecendo nome completo e endereço, não fizeram restrições quanto a fotografias

Já algumas lésbicas da classe média, além de repudiarem a denominação "lésbica" ou mesmo "homossexual" recusaram-se terminantemente a fornecerem dados pessoais Fotografias? Nunca

A atriz Norma Bengell por exemplo, reagiu violentamente à tentativa da repórter de entrevistá-la. Primeiramente, recusou-se, por telefone, a ser entrevistada sobre questões da sexualidade feminina, mas aceitou responder a um questionário que poderia ser enviado para sua residência, como sugeriu. Quando lhe foi entregue, em seu camarim, no Teatro Nacional de Comédia (espetáculo **Fico Nua**), um questionário com questões exclusivamente sobre homossexualismo feminino, comentou que aquilo "parecia uma ficha policial". Em seguida, gritou que não poderia responder a um questionário daquele tipo, pois só uma mulher homossexual poderia fazê-lo, e ela não era homossexual

— Além do mais eu não aceito esse tipo de conceituação, é homossexual, é isso, é aquilo

E, interrompendo sua declaração, quando percebeu que a conversa estava sendo gravada, levantou-se abruptamente da cadeira onde estava sentada e arrancou violentamente o gravador das mãos da repórter, ordenando

— Desgrava! Desgrava agora, na minha frente. Você vai desgravar isso agora, aqui Você não me pediu permissão pra gravar, invadiu meu camarim

Depois de um bate-boca violento, Norma Bengell concordou em responder ao questionário e ainda pediu alguns para serem distribuidos entre amigas suas. Prometeu ainda escrever um artigo sobre homossexualismo feminino. Nem as respostas dos questionários, nem o artigo foram entregues, apesar da insistência da repórter telefonando quase diariamente para sua residência

Outras mulheres da classe-média, principalmente universitárias, concordaram em colaborar com o trabalho de reportagem indicando pessoas, ou depondo. Mas negaram-se a se identificar As "damas" da alta sociedade não admitiram serem entrevistadas

Entre as homossexuais mais bem dotadas economicamente, isto é, mais ricas — ou menos pobres — também existe a dicotomia ativa/passiva, só que em menor escala e mais dissimuladamente Talvez isso se deva à grande preocupação quanto à perda da estabilidade financeira. A preocupação com a família é constante e muitas mulheres negaram-se a serem entrevistadas, com medo de serem despedidas no trabalho

Isoladas em seus locais de estudo, trabalho e moradia, as mulheres homossexuais criaram seus pontos de encontro, freqüentando em massa certos bares e boates, onde acontecem os flertes, os namoros e os "casos", que algumas vezes acabam em "casamentos" que duram anos

Apesar de marginalizadas dentro da sociedade brasileira, todas as **entendidas, lésbicas** ou **homossexuais** não acreditam em nenhuma forma de organização destinada a lutar pelo que consideram seu direito humano liberdade de amar outra mulher

Fiscal de ônibus só soltou o bicho quando ficou viúva

Fiscal de ônibus da Viação Estrêla, Dilma Tavares tem 42 anos, é viúva e mãe de dois filhos. Mora com a filha numa casa de fundos, em Osvaldo Cruz, subúrbio carioca. Na casa do lado mora o filho, casado e também com dois filhos.

Estava tomando banho quando soube que uma repórter queria conversar com ela.

— É fancha? — perguntou a nora.

— Não, está usando brincos.

Dilma chega, coloca um disco de Roberto Carlos na vitrola, dá um dinheiro à sua neta para comprar cerveja e pergunta:

— Eu não estou muito velha pra ficar falando dessas coisas?

Depois de saber que não era muito velha para falar sobre lesbianismo, pediu:

— Então bota aí uma coisa importante. Um troço que acho emocionante é saber que meu filho encara sem grilo essa transação, não me recrimina, nunca me perturbou com isso. A garota, não. Sempre me condenou. As reações dela sempre foram de recriminar, desde pequenininha. Estourava, implicava com os meus casos. Mas agora, há pouco tempo, ela teve um caso, mas não chegou a ser transa. Gostei, que é pra ela pagar a língua.

— A descoberta do meu filho, foi importante. Em 67, conheci uma mina, que tinha uma filha com a idade do meu filho (14 anos). Eles se gostaram. Eu fiquei com medo que elas contassem minha vida pra ele. Pedi pra não falarem nada, mas um dia ele chegou meio estranho, não quis jantar e me chamou pra ir num barzinho, dizendo que queria falar comigo. No bar, botou um disco do Roberto Carlos e começou a falar que eu estava assustada, que tudo isso era bobagem, que conhecia todo o meu eu, mas o importante era eu nunca ter deixado de ser mãe. Eu disse pra ele: "você sabe a dor dessa história e não vai me respeitar mais". Foi quando ele disse: vou te respeitar e entender muito mais.

Dilma balança a cabeça, espreme os olhos, e exclama:

— Isso me emocionou muito. Ele já sabia, mas não se declarava. Ele é um barato! Se passar aí, pega uma cadeira e senta. A garota não faz isso.

Em seguida explica o porquê da implicância da filha.

— Eu transei com a mulher do meu irmão, que era minha vizinha. Fiquei com ela uns oito meses e depois rompemos. Depois disso, quando trazia meus casos, minha cunhada ficava injuriada. Aí botou veneno na cabeça da menina, que tinha quatro anos (hoje tem 23). Dizia pra menina não me deixar sozinha quando eu estivesse com alguma mulher. Minha filha nunca tolerou minhas colegas. Tinha uma mina que eu estava em cima dela há um tempão. Um dia fomos pra casa de uma amiga e fui logo tirando a roupa. E ela falou: "Dilma, eu quero pertencer a você inteiramente, mas estou regulada". Isso me emocionou imensamente e botei a roupa. Depois, noutro dia, já na minha casa, quando estava prontinha pra executar a mina, chega a minha filha e corta. Começou a chorar, a garota botou a roupa e foi embora.

Quando jovem, Dilma se achava anormal pelo fato de gostar de mulher. Atualmente, tudo bem.

— Eu vivia me torturando, mas hoje em dia acho um tremendo barato. Sou imensamente feliz nessa vida. Não mudo nunca mais porque custei muito para me libertar. Meu primeiro caso certo (eu transo desde os sete anos de idade, aquele negócio de brincadeirinha de médico) foi quando eu tinha 14 anos e ela 16. Minha irmã pegou a gente debaixo de um bambuzal e botou a boca no trombone. Aí começou a tortura. Quando minha mãe soube, se revoltou e me disse: "vamos pensar num meio para você sair disso". Havia um rapaz que me ensinava a andar de bicicleta e minha mãe desconfiou que ele gostasse de mim. Perguntou e ele disse que sim. Ela aproveitou o lance e, então, começamos a acertar namoro.

Em 1953, com 17 anos, Dilma se casou. No ano seguinte nasceu o filho e em 55, a filha. Em 56, o marido morreu.

— Aí, soltei os bichos. Mas já levei muita porrada por aí.

E conta uma história.

— Teve uma festinha na casa de uma amiga, no Engenho de Dentro. Tinha lá uma mina que procurou fazer de tudo para que eu a notasse, mas eu não me amarrei nela à primeira vista e fingi que não percebia, em respeito ao caso dela. 15 dias depois eu convidei ela e o caso para irem ao candomblé e pra minha surpresa ela veio sozinha. Não deu para fugir e aí começou tudo. Transamos bonitinho três vezes. A primeira vez foi de oito horas da noite até às três da manhã. Na terceira vez ela chegou lá em casa, dizendo que tinha terminado com o caso e que ia ficarnuma boa comigo. Ficou três dias na minha casa, mas depois se mandou, voltou para o caso dela. Eu já tinha contado pra ela: "olha, sou violenta e gosto que mulher me respeite." Se está comigo, é só comigo. Ela não acreditou e se deu mal. Um dia eu estou passando pela rua dela e a vi abraçada com o caso. Ela me viu e beijou o pessoal. Perdi a calma e chutei ela. Meti porrada à vontade e falei: "se tu nunca respeitou fancha, tu vai respeitar; eu não sou dessas fanchinhas que você conhece". Ela tinha um cabelo lindo de morrer. Acariciei tanto aquele cabelo, para depois massacrar.

Dilma, de bermudas, em família:com a netinha e a prima Maria e, embaixo, com seu caso, a Didi.

Depois de ouvir com atenção a explicação de como geralmente acontecem as transações homossexuais com as mulheres de classe média ou da burguesia, quando não existe uma divisão de papéis no ato sexual (tipo ativa, passiva, mulher-macho, fêmea), perguntou espantada:

— Quer dizer que não tem papai e mamãe? Olha, se eu estou num bar e aparece um cara paquerando a mina, vou logo dando uma de machona. Encaro ele. Um dia, em Sepetiba, eu estava deitada na areia da praia com a minha preta. Meu filho, que tinha 15 anos, também estava junto. Tinha uns caras enchendo a cara num bar ali perto e aí vieram pra cima da gente, jogando pedra. Partimos pra cima deles e foi meia hora de porrada. Vizinho nenhum nunca se atreveu a dizer nada pra mim, mas devem saber. Claro, aqui só entra mulher e quando vem homem não passa do sofá da sala.

Sua escritora preferida, como da maioria das homossexuais, é Cassandra Rios.

— Já li mais de dez livros dela. Sabe, só gosto de ler sexo. Histórias tristes e comoventes. E quando ouço aquele disco da Lílian, "Sou Rebelde", e estou com umas seis cervejas na cabeça, choro mesmo.

1 Telma Rodrigues dos Santos.

"A maioria das homossexuais não assumem porque têm problemas em casa, de família. Eu assumo porque nunca tive problemas em casa. Meus pais, minhas irmãs, tio, avó, toda a minha família sabe e respeita. Assumo e não tenho medo de ser apontada: aquela ali é fanchona. E minha mulher assume muito mais do que eu.

Eu não gostaria de ser homem. Assim estou muito bem. Graças a Deus nunca transei homem. Com 12 anos já tinha caso firme, mas gosto de mulher desde que nasci. Filho, eu posso pegar um para criar, mas meu, nunca.

Na casa de minha mãe somos cinco, só mulher. Tenho uma irmã que também é fanchona e somos muito amigas. As outras duas irmãs estão noivas e tudo bem.

Telma é o "marido" de Lúcia. A filha de Lúcia (à direita) não faz restrições ao relacionamento homossexual da mãe. E a mãe de Telma — Maria — que tem outra filha fancha e duas heterossexuais, compreende a atitude das meninas e dá a maior força. Aqui, o depoimento de Telma, Lúcia e Maria.

Família apóia e sai de cima

2 **Lúcia, mulher de Telma, dona de um restaurante freqüentado por entendidos em Niterói.**

"Eu abri o bar como restaurante sério, mas depois que eu terminei com o meu caso de cinco anos e pintou a Shirley, que foi meu caso por dois meses, isso aqui encheu de entendidos. Ela telefonou pra todo mundo e o bar encheu. Aí começou o inferno. Gente fumando maconha no banheiro e tudo. Eu não aceito turma de entendidos que vem aqui para bagunçar porque isso aqui não é um bar de entendidos, é um restaurante. Mas não vai demorar muito e eu vou ter minha casa de entendidos. De 11 horas até às três da tarde, só vem careta aqui, para almoçar. Gente de banco, chefes, pessoal de escritório.

Me casei com 15 anos. Um ano antes de me casar, fiquei um ano na casa de minha prima, em Niterói (eu morava em Friburgo). A gente dormia junto e transava. Mas depois brigamos e voltei para a casa dos meus pais. Seis meses mais tarde eu estava nóiva. Mais seis, me casei porque eu só queria me ver livre da minha família. Vivi com o meu marido durante oito anos e passei a ser entendida quando minha filha, Adelana, tinha cinco anos. Meu marido sabia, ia nas transas e arranjava mulher pra mim quando eu ficava em casa desesperada, dizendo que queria, que queria. Nós vivemos seis anos legal, mas os outros dois fiquei com uma mulherzinha especial, lá de Friburgo. Quando me separei dele aconteceram mil brigas.

Então, entrei direto na vida, tive mil casinhos e um caso firme de cinco anos. Agora, estou há dois meses com a Telma e numa boa. A família dela é muito legal, aceitou tudo. Minha filha também aceitou, minha filha também. Meu pai falou que um dia ia fazer um buraquinho na parede para ver o que a gente fazia dentro do quarto."

3 Primeira pessoa a ter uma casa noturna freqüentada principalmente por homossexuais, em Niterói. Maria é mãe da Telma e dá seu depoimento.

"Meu nome é Maria. Maria como milhares de outras Marias que são mães de homossexuais. Tenho 49 anos, curso superior, venho de família tradicional, mãe de quatro filhas (duas são homossexuais), viúva e fui casada com um homem maravilhoso que aceitava a situação de nossas filhas com a maior compreensão e naturalidade. Dizia sempre que elas assumissem o que são e que fossem sempre humanas, educadas, carinhosas e obedientes. Tenho certeza que onde ele estiver estará feliz, pois já faz seis anos que ele se foi e elas continuam sendo exemplos de bondade, honestidade, carinho e compreensão. Jamais trouxeram problemas para mim. Pelo contrário, são elas que me reanimam em todas as horas difíceis da minha vida.

Tenho orgulho de minhas filhas e, sinceramente, desejaria que todas as mães tivessem por seus filhos o carinho, o respeito e o amor que tenho por elas.

Não sei se por ter nascido numa família de muitos preconceitos, ter uma educação muito rígida e viver num círculo fechado, cuja finalidade tinha que ser o casamento, eu não aceitava o homossexualismo. Achava que homem com mulher é que era o certo. Hoje, com a experiência que tenho do viver, acho que o importante para a criatura humana é encontrar alguém que a complete, não importando que seja do mesmo sexo. Na época difícil em que vivemos, as criaturas procuram mais a ternura, o carinho e a compreensão. Portanto, não acho que o homossexualismo seja doença, pois conheço homossexuais que são pessoas inteligentíssimas e têm muito boa saúde física e mental.

Tenho um pouco de pena por tudo que é mal interpretado. Os entendidos no Brasil, infelizmente, no conceito da maioria, são marginalizados. Existe uma discriminação natural. Entendido tem que ser doutor ou artista, enfim, ter situação para encobrir sua personalidade. Talvez se as pessoas procurassem entendê-los, veriam quanto de belo poderiam aprender com eles. São ótimos amigos, prestativos, sabem ser gente.

Minhas filhas são muito respeitadas no meio. Nunca usam violência. Apenas com palavras certas elas apaziguam o início de tumulto, apesar de serem preparadas fisicamente para qualquer tipo de agressão, pois ambas têm curso de caratê, judô e defesa pessoal, como quase todo jovem moderno.

O entendido é humano, carinhoso, dócil, carente de amor, mas dentro dele existe um mundo imenso de amor para oferecer."

Favelada tá doida pra experimentar

Desempregada, moradora na Favela da Varginha, em Manguinhos, Maria Soledade da Costa é casada, tem dois filhos, e diz que morre de curiosidade e vontade de ter uma transação com mulher. Trabalhou como operária na De Millus (fábrica de roupas íntimas) e na General Electric.

— Um dia, meu marido foi me buscar no serviço e fomos pra uma lanchonete tomar um chope. Aí, uma mulher ficou me olhando às pampas. Era bonitinha, ela. Aí, olhei pra ela uma vez e nem me liguei. Meu marido virou pra mim e falou: "essa garota aí é mulher-homem e tá doida para falar com você." Aí eu falei: "que legal, eu tô doida pra conhecer uma mulher assim". E ele: "que nada, se ela vier aqui eu dou é porrada nela". Eu falei: "que nada, eu sou mais é de conversar com ela".

Aí ele foi no banheiro e ela me chamou, pedindo pra sentar do lado dela. Eu disse que não podia, que tava com o meu marido. Ficou dando em cima e eu rindo, como uma boba. Eu nunca tinha visto aquilo.

O que você acha disso tudo?

— Acho uma boa, não censuro não. Quero mais é conhecer uma mulher assim. Se conhecer, sou mais é de ir para ver como é que é. Deve ser uma coisa diferente. E se eu ficar gostando, continuo. Mas ao mesmo tempo eu acho que esse negócio de mulher gostar de mulher não é normal. Mas também não tenho nada contra, de jeito nenhum. Inclusive, eu gosto muito de ler livro sobre isso. Tenho uns três livros da Cassandra Rios. O gozado é que a gente lê e fica com vontade de fazer aquilo. Tem um livro que já li três vezes e não me conformo. Empresto a todo mundo e comento muito. Eu quero mais é ver como é que é, mas por aqui a gente não encontra. Tenho muita curiosidade.

Nas fábricas em que você trabalhou tem muitas homossexuais?

— Na GE, na minha seção, tinham duas, mas na De Millus tem um montão porque lá tem muita mulher. As meninas ficam à vontade, vão no banheiro, ninguém ficava atrás da gente. Na GE o negócio é mais seguro, tem vigia. Mas em ambiente de fábrica é o que mais tem. É muito difícil você ver bicha. O que tem mais é mulher com mulher mesmo.

E na favela onde você mora?

— Tinha a Marlene, trocadora de ônibus. Vivia com mulher e só gosta de mulher, mas nunca mais vi. Acho que se mudou. Ela se declarava mesmo e todo mundo sabia e respeitava. E aí de quem mexesse com ela, ganhava até porrada. Ela era machona e decidida. Mas na praia do Coqueirinho, na entrada da Ilha do Fundão, essa transação já se tornou hábito e ninguém repara mais. Mulher com mulher, homem com homem. O pessoal que mora aqui vai todo pra lá.

Heloneida diz que é problema de cuca

A jornalista, escritora e deputada estadual eleita Heloneida Studart é autora do romance "O pardal é um pássaro azul," cujo tema é o amor de uma mulher por um homossexual. Abaixo, o seu depoimento.

"Não sou psicanalista e tudo o que posso dizer sobre o assunto é na base do **achismo**. No entanto, me inclino a pensar, como o professor Rycroft, psicanalista inglês, que o homossexualismo é uma perda de identificação com o próprio sexo, provocado por traumas sofridos na primeira infância. Se alguma coisa posso acrescentar, citarei a opinião do dr. H.M., psicanalista ligado à Sociedade de Psicanálise do Rio de Janeiro: "O que caracteriza o homossexual é a não solução do complexo de Édipo. Ninguém é filho de incubadeira. O bebê, ao crescer, precisa se relacionar. Relaciona-se, naturalmente, com o pai do sexo oposto. Ama-o. Mas a cultura lhe proíbe o incesto. Então, menino ou menina, trata de se reprimir. Se eles conseguem atravessar bem essa fase e se adaptar e crescer, serão adultos heterossexuais. Se não superam o conflito, surge a problemática homossexual. O menino imagina que cada mulher é a mãe e em sua fantasia vai ser castrado se dormir com ela (pois ninguém deve desejar a sua mãe). A menina imagina que cada homem é o pai e o machucará terrivelmente, pois o homem não é dela — pertence à mãe."

O dr. H.M. acha que um certo número de quadros de homossexualismo é reversível, mas admite ser muito difícil manter mulheres homossexuais em tratamento. Sua opinião coincide com a dra. Cornélia B. Wilbur psiquiatra da Universidade de Columbia e especialista em homossexualidade. Ela informa: "No protocolo fornecido à comissão de pesquisa feita por essa Universidade, a maioria dos fichários era de homossexuais masculinos. Estes procuram a terapia e, em geral, ficam, sejam quais forem os sofrimentos da investigação psicanalítica. As mulheres, não. Fazem a primeira entrevista, depois desaparecem".

Isso porque sendo sociedade machista dá imenso valor aos desempenhos viris. E até Freud em sua famosa carta à mãe de um rapaz, declarou que "em todos os homens existem as **benditas** sementes da heterossexualidade".

A sociedade costuma tratar os homossexuais como pessoas de péssimo caráter, marginais. Isso é uma injustiça e discriminação reacionárias, pois sexualidade não tem nada a ver com moralidade. No entanto, não aceito que o homossexualismo possa ser uma opção. As pessoas que resolveram seus conflitos edipianos não têm qualquer atração de caráter erótico por pessoas do mesmo sexo. Passei a minha vida inteira lutando para mudar a condição feminina, tentando levar as mulheres a atuar dentro da sociedade, transformando-a. No entanto, o corpo de nenhuma mulher me significa nada.

O **diferente** do homem é que me atrai. Sua boca, voz, odor, barba. O homem é meu único **outro**. O homem dá, ao mesmo tempo, a resposta e o filho.

Para mim, duas coisas absolutamente entrelaçadas com a sexualidade"

Heloneida Studart

BÁRBARA

(Chico Buarque-Ruy Guerra)

Bárbara, Bárbara
Nunca é tarde, nunca é demais
Meu amor, vem me buscar
O meu destino é caminhar assim
Desesperada e nua
Sabendo que no fim da noite serei tua

Deixa eu te proteger do mal, dos medos e da chuva
Acumulando de prazeres teu leito de viúva
Bárbara, Bárbara
Nunca é tarde, nunca é demais
Onde estou, onde estás
Meu amor, vem me buscar

Vamos ceder enfim à tentação das nossas bocas cruas
E mergulhar no poço escuro de nós duas
Vamos viver agonizando uma paixão vadia
Maravilhosa e transbordante
Feito uma hemorragia

Bárbara, Bárbara
Nunca é tarde, nunca é demais
Onde estou, onde estás
Meu amor, vem me buscar
Bárbara.

Psiquiatria trata lésbica como marginal

Florianel Portella, ex-miss Bahia, ex-presidiária.

"As mulheres homossexuais são as mais problemáticas porque se reprimem. Elas têm que se agrupar para discutir a sua problemática social. A repressão da mulher homossexual vem da história. A maior censura que existe entre as mulheres homossexuais são delas próprias, que se censuram entre si. Mas lá fora não existe tanta censura e as pessoas se comunicam com mais facilidade. Você acha que aqui no Rio de Janeiro alguém vai fazer passeata de homossexuais? Aqui, o homossexual é pior do que terrorista, é doente. Os homossexuais, dentro dos hospitais psiquiátricos, são tidos como pessoas degeneradas. Homossexual, assassino e epilético são sinônimos para a psiquiatria. Não existe explicação, existe censura. Eu sei porque já passei por hospital, o Alfredo Neves, em Niterói.

Quando estive presa, fui obrigada a optar entre a cela e o hospital. Então, propus ao médico fazer terapia ocupacional, em vez de transar fumo. Dentro do hospital conheci mulheres homossexuais que eram sumariamente castradas. O tratamento era grotesco.

A mulher homossexual é problemática porque ela não pode contar as coisas dela. Eu não posso chegar pro meu tio, que adoro, e dizer pra ele, quando me pergunta: "Por que você está triste, Flor?" Eu queria ter essa abertura. Mas porque eu não exponho, sou uma pessoa que tem medo. Estou vivendo numa cidade do interior e está sendo terrível!

Todas as minhas irmãs sabem de mim. Se meu pai, que é pastor protestante, não souber, é porque é burro. Não me fazem nenhuma discriminação. Saiu em primeira página de jornal: "Ela é homossexual". Acho até que pro meu pai é cômodo. Pelo menos, ele não vai ver a filha como puta.

Tenho aversão ao machismo, tanto do homem quanto da mulher. A mulher tem que ser fundamentalmente mulher. A mulher-mulher é muito mais bonita, muito mais interessante. Não gosto de mulher que se veste como homem. Não admito as mulheres que se fecham no homossexualismo. Existem pessoas muito bonitas, tanto homens quanto mulheres. Só tenho um certo grilo em parir. Não tenho estrutura de cuca para ter um filho. Não sou parideira.

É boa de cama e ataca de tudo

Erre se diz narcisista, boa de cama, inteligente, prepotente, mas pediu que seu nome não fosse publicado. É estudante e mora no Flamengo com a mãe, num amplo apartamento.

"Com 12 anos, quando fui ser bandeirante, já me interessava por meninas, mas como sempre fui muito tímida, nunca entrei numa de sacar se tinha alguém entendida. Achava que só eu é que era assim e minha cabeça não funcionava direito, pensando nisso.

Depois de minha transação séria, com a Neuza, comecei a freqüentar lugares barra pesada: Piper, na Rainha Elizabeth, boate muito famosa, grandes sacanagens (eu tinha 16 anos); a Fernanda, que é uma casa antiquíssima, na Tijuca, onde só entra mulher.

Nesses lugares, as mulheres são muito masculinizadas e talvez por necessidade de agredir, me masculinizei também e comecei a sair com as mulheres da noite e a namorar meninas femininas, as bonecas. Nessa época, eu usava camisa social, sapato de homem, gravata, pseudos-ternos e calça de homem. Mas depois eu tive um caso com uma menina que não era muito feminina e deixei de usar essas coisas. Acho que estava mais amadurecida.

Meu problema básico é a solidão, mas sou uma pessoa integrada ao sistema e o sistema não aceita uma pessoa solitária. E eu não me aceito sozinha.

Sou narcisista, prepotente e vou ficar milionária com a minha inteligência e transando política. Pretendo entrar para a política daqui a uns sete, oito anos, mas primeiro tenho que construir uma imagem. Você vê aquele rapaz, o Miro Teixeira, ele já tem uma imagem. Mas como estou no sistema, vou procurar alguém pra me financiar, dar cobertura. Acho que eu teria carisma para convencer as pessoas. Acho que não tem nada a ver protestar, não acredito em abertura, não sou contra o sistema, no Brasil não tem comunismo, tem invejismo. O jovem que protesta não sabe nada de política. Sabe, gosto muito da Sandra Cavalcanti, votei nela.

Tive milhares de namorados, transações, casos. Tenho até um caderno com os nomes das pessoas que me lembro, pra mostrar pros meus netos. Isso pra você ver como sou narcisista. Hoje em dia eu ataco dos dois lados, de todos, dos sete.

Ah, bota aí na sua reportagem que minhas mulheres sempre foram muito pródigas em presentes. Acho que é pelo meu desempenho na cama."

Gal acha saudável, mas não transa

Gal, eu queria saber sua posição diante do homossexualismo?

— Acho que o homossexualismo é uma coisa saudável, desde o momento em que esse é o seu caminho Eu acho que você tem que buscar o seu caminho, entendeu? A gente é que faz a vida da gente. A gente tem que ser coerente com o que a gente gosta. Então, eu acho que o homossexualismo é uma coisa sadia. O heterossexualismo pode ser uma coisa doente, tão doente quanto o homossexualismo. Depende de como ele é colocado. Eu acho que a coisa sadia tá na forma que você transa a sua sexualidade.

Claro que a posição da sociedade é de reprimir o homossexualismo, de uma forma preconceituosa da sociedade, das pessoas. Através de tudo, minha querida. Da igreja, através das pessoas, através do mundo Eu acho que a sociedade reprime não só o homossexualismo — e de forma errada, de forma esmagadora, vê por um lado marginal errado — como outras coisas

Você acha o sexo político?

—Acho. Acho que tudo pode ser político. Depende de como você age com as coisas. Acho que o sexo pode ser político quando não existe preconceito, quando ele é feito com amor. Quando ele é feito com amor ele é político porque no sexo feito com amor não existe repressão, não existe barreira. É a coisa de se dar, de ser, sem pensar muito nos preconceitos Então quando o sexo é colocado assim, ele é político porque é inteiramente transformador

Você é apontada freqüentemente como uma mulher que se relaciona sexualmente com outras mulheres. Como você se coloca diante disso?

— É mentira, eu não tenho relações com mulheres e a minha vida particular, a minha vida amorosa, geralmente não costumo contar para o público. É uma coisa que mantenho como coisa minha. E eu não tenho relações com mulheres. Eu acho que é uma fantasia que tá na sua cabeça, na de quem quer que seja. Olha, no momento em que eu resolvi ser cantora, assumir uma posição de sucesso, de ser famosa, eu sou um mito. E as pessoas fantasiam e se idealizam, se colocam na imagem do que você é.

Então, desde o momento em que eu sou uma pessoa conhecida, sou uma pessoa que encara esse tipo de fantasia com a maior naturalidade. Inclusive eu não quero nem falar mais nesse assunto.

Você leu o Relatório Hite?

—Não li tudo não, li só um pedacinho, a primeira parte. Achei fantástico, ótimo. Acho que ele é muito importante, mais legal pros homens do que pras mulheres. É legal as mulheres lerem para elas se conhecerem a si próprias porque, na maioria, as mulheres não se conhecem. As mulheres são submissas sexualmente, exatamente por um desleixo das mulheres. As mulheres são culpadas mesmo, têm uma grande parcela de culpa nesse sentido. Agora, é legal os homens lerem porque os homens passam a saber o que é a mulher. Os homens, em sua maioria, não conhecem a mulher, não sabem transar com a mulher.

31 anos, casada, a advogada, jornalista e escritora Leila Míccolis mantem relacionamentos sexuais com outras mulheres, mas nem por isso se considera homossexual.

Poema para teus seios

Cerro olhos pra não ver,
e mãos pra não apalpar.
e bocas pra não chupar
teus seios.
Desejo beber teu leite.
azeite de oliva branca,
e provar com minha língua
o macio do teu peito.

E se em inútil trabalho
te arrasta a blusa de mim,
eu, por inúmeros meios,
cerro olhos para ver
e bocas para chupar
teus seios.

Leila Míccolis

Leila curte homem e mulher. E não se acha homossexual

— Olha, eu não acredito em homossexualismo como entidade. Eu acredito que pessoas sejam pessoas e que tenham preferências. E se eu não acredito no homossexualismo como entidade, então eu não posso dizer que sou homossexual. Eu sou uma pessoa que transa com mulher e que transa com homem

Quando você transa com mulheres, que tipo de pressões te atingem mais?

— A das próprias mulheres homossexuais porque muitas pessoas se atiram ao homossexualismo com medo do heterossexualismo. Muitas meninas são virgens e têm medo de não serem. Então, elas se jogam no homossexualismo por medo. E isso você encontra muito

Como é feita a repressão ao homossexualismo?

— Em primeiro lugar, castrando os indivíduos, principalmente através da moral, que é um freio da sociedade. Então, a partir da família, mesmo as meninas que transam com outras meninas, se por acaso elas estão num ambiente familiar, elas têm muitos problemas em não aparentar. Então, nisso tudo, a moral influi na atitude delas como uma forma de omissão. Elas esconderem isso tudo é uma forma de repressão. Enquanto elas não se mostram, não aparecem, estão se refreando individualmente

De que forma você luta para impor sua liberdade de transar com quem você quiser?

— Vivendo, levando porrada. Eu sou casada e isso assusta muito as pessoas Tem muita porrada no momento em que as pessoas sabem disso e que, realmente, eu estou amando muito e que as pessoas vêem isso como uma ameaça. Porque exatamente, pelo sistema capitalista, as transações homossexuais continuam sendo possessivas, iguais às heterossexuais. Então, as pessoas sentem muito medo de não pertencerem totalmente à outra, mas pertencer realmente em condições de posse. Aí eu acho um negócio terrível e já levei muita porrada com isso

Você acha que a repressão sexual é política?

— Mas lógico, só é. Os temas mais repressivos precisam muito mais da moral para refrear as pessoas

Em termos de satisfação, tem alguma diferença entre a relação homossexual e a heterossexual?

— Eu gosto muito das duas, mas, realmente, é muito diferente Eu acho que o gozo com um homem é diferente do gozo com uma mulher. São pessoas diferentes.

Seu marido se importa de você transar com mulheres?

— Não

E com outros homens?

— Não

Ele se relaciona sexualmente com outros homens?

— Se relaciona

Você participaria de um movimento homossexual feminino?

— Sim, embora ache que a gente deveria, em termos de luta, não se restringir ao homossexualismo. Eu não acho que a luta pela emancipação do homossexualismo seja prioritária, de jeito nenhum. Acho importante, mas não como coisa prioritária. Eu acho que a mulher só pode ser emancipada quando ela souber o que quer, não tiver medo daquilo que quer. Então, eu acho que, quando uma mulher que descobre que realmente gosta de transar com outra mulher, não assumir isso é um absurdo Eu acho que a emancipação da mulher não é apenas ela transar sexualmente com quem ela quer, mas é ter consciência do porquê está transando e de que isso é uma etapa de um negócio muito maior, que é a política. Mas também acho que, como em toda luta, não há porque haver mártir. Eu conheço muita gente que, em determinados empregos, se assumirem que são homossexuais são mandados embora. Então, não adianta uma pessoa ter suas convicções e por causa disso ser mártir isoladamente de um movimento que nem existe. Eu acho que as pessoas devem se mostrar na medida em que têm tranqüilidade para isso

Guarda faz jogo duplo: é fancha e mina

Ruth, 22 anos, moradora no Engenho de Dentro, guarda-feminina na fábrica de tecidos Nova América, "onde não ganho quase nada e me aborreço pra cacete". Mãe de um filho de quatro anos

– Eu era fancha, mas por problemas de família, de tanto minha mãe dizer que eu era igual a moleque, arranjei namorado. Eu tinha 13 anos e ele era 11 anos mais velho que eu. Me perdi com ele. Depois conheci uma garota e fiquei transando com ela. Ela era filha de um advogado, gente de bem, e ficou a fim de conhecer a vida. Foi parar num **rendez-vous** e eu fui atrás, pra trazer ela de volta. Por eu gostar muito dela fiquei nessa vida de **rendez-vous**, transando com homem. Me sujeitei por eu gostar muito dela. Por isso, com 18 anos tive meu filho. Contei a verdade pro pai do meu filho porque ele me pegou com uma mulher

Ruth conta que deixou de ser fancha e passou a ser mina em função de uma desilusão: a mulher com quem transava decidiu se ligar a um homem e se casar bonitinho

– Fui até motivo de críticas entre as minhas colegas na Fiordi, onde trabalhava. Eu era superpintosa, cinta-liga nos peitos, fantasiada de homem. Quando me viram superfeminina riram de mim, disseram que eu era covarde, me sacanearam à beça. Ninguém nunca me fez esquecer a Ângela. Se ela voltasse, eu assumiria uma de fancha, voltaria a me fantasiar de homem, mas não tanto como antigamente

Paixões à parte, Ruth hoje se considera numa boa, transando com a Ivanete

– Ela é jornalista. Disse que também era fancha, mas nós transamos uma igual. Entre nós não havia papai e mamãe, era jogo duplo. Mas hoje estou fazendo uma de mulher. Agora, eu transo jogo duplo. Partiu de mulher, sendo minha, eu gosto de qualquer maneira, mas eu prefiro realmente de ser fancha e não escondo minha vida de ninguém.

Para Ruth, quando existe o relacionamento entre fancha e mina a coisa tem que ser muito bem definida.

– Quando a menina é mulher, eu não deixo, como fancha, enfiar o dedo, chupar, nem alisar meus peitos. A fancha vai por cima, enfia o dedo, chupa a mulher. Se a mulher for viciada em dar o traseiro, a fancha faz o jogo dela. Tem, também, a **cateça**, que é o lance das mulheres se unirem, uma com a perna por dentro da outra, só que a fancha fica sempre por cima.

36 livros proibidos, em muitos dos quais descreve o amor homossexual entre mulheres, a escritora Cassandra Rios acha que" o homossexual é homossexual porque é, não adianta discutir" E não discute, escreve.

Sueli chegara. Fiquei prestando atenção, escutei os passos dela percebi que ela descalçava os sapatos, pois ouvi quando os jogou no chão.

Estaria tirando as meias. Teria os pés molhados. Agora desceria as ligas pelas coxas. Seriam roliças, bonitas? (...)

Minutos depois, enquanto mentalmente acompanhava os passos dela, percebi sua mão descer sobre o trinco da porta. Corri e girei a chave. Sueli surgiu à minha frente e eu fiquei meio entontecida, olhando-a.

Ela estava linda. Seus olhos reluziam feitos dois archotes de desejo. Seus lábios estavam semi-abertos e resfolegantes. Os seios formavam-se sensuais e provocantes sob a renda preta da camisola. (...)

Percebi sob a fazenda fina as coxas dela. Eram sim roliças, carnudas, tostadas pelo meu adorado sol carioca. (...)

Ela virou-se na cama e cobriu o rosto com as mãos. Olhei para as formas do corpo todo palpitante. Ela estava de costas, a nuca à espera dos meus lábios. Fui inclinando-me vagarosamente, excitada, a língua apontando na boca entreaberta como uma arma que se erguia para o ataque. Minha boca avançou sedenta para a nuca, onde cabelinhos se encaracolavam, ruivos esbranquiçados. Mordisquei-a e ouvi o seu suspiro a fugir pelos lábios.

Sueli gemia. Eu suspirava ofegante, na aceleração do desejo que me acossava. Afastei-me o suficiente para voltá-la de frente para mim. Caí novamente sobre o corpo dela. Os seios sob meus olhos, belos, macios, oscilando sobre a respiração ansiosa.

Avancei louca, furiosa, apaixonada por aquela boca que tremia e se empolgava para receber a minha boca. Entrei com a língua nervosa, os lábios sugando os lábios, sentindo a saliva limpa, sentindo o desejo bruto impulsionando um corpo contra o outro em movimentos rápidos, lerdos, sinuosos, nervosos.

Meus lábios desprenderam-se e correram pelas suas faces, pelos olhos, para o ouvido. A língua avançou pela orelha, rápida, sem-vergonha no seu trabalhinho de fazer arrepios.

Puxei a camisola num arrancão tão rápido que, quando a colhi de novo nos braços, não tive impressão de que meu corpo se despregara do dela. Ela estava quente e úmida. Livrei-me do pijama também. Ela estendeu os braços para buscar-me. Olhei para os seios. Passei a ponta dos dedos levemente por eles e fui inclinando a cabeça, olhos fitos nos olhos dela, a boca preparada para arrebanhá-los. Rocei-lhe os lábios, passei a ponta da língua, investi de uma vez, nervosa, não agüentando mais. (...)

Fui resvalando os lábios pelo seu corpo. Parei na cintura, rodeei-a com beijos, desci para o umbigo, fui adiante na minha caminhada perigosa. Ergui as mãos e pespeguei-lhe as faces, sentindo um prazer inenarrável ao ver a contorção do rosto ao receber bofetadas. Bati mais. Ela compreendeu e revirou-se açoitada pelo desejo que eu lhe comunicava com o meu olhar congestionado. Então caí feito um animal faminto a devorar-lhe o gozo, esfaimada, louca, baratinada pela volúpia da sensação de sentir na boca a mulher se desfazendo em êxtases.

A chuva continuava forte. O ar estava pesado. Carregado de taras sexuais. O lesbianismo representava ali o auge do arrebatamento.

— Beemmm...

Ela morria com a palavra, entregando-se na contorção do arrepio que arrancava de dentro do seu corpo o sêmen do gozo.

Ela prendeu-me a cabeça com as coxas mornas e macias, rolou para o lado, levando-me no arrastão. Desprendeu-me em seguida e puxou-me nervosa de encontro ao coração, procurando minha boca com uma loucura indescritível. Beijou-me e seus lábios quentes escaldavam os meus. (...)

— Bate

Ela queria.

Eu assanhava. Ia para os confins das inconsciências. (...)

Amei. Amei o corpo que tinha nas mãos, que se grudava ao meu corpo. (...) Fui o macho que assaltava a fêmea, fui a fêmea que se entregava loucamente, fui a mulher a desejar a mulher, fui o desejo confundindo-se com todos os sentimentos. (...)

Trecho extraído do capítulo 28 do romance "As Vedetes", de Cassandra Rios.

Imprensa fala pouco das lésbicas

O pequeno volume de informações que nos chega sobre mulheres homossexuais reconhecidas publicamente, demonstra, aí também, o poder macho. O noticiário internacional, americano principalmente, dá cobertura cotidiana ao movimento guei, cita os homossexuais da vida pública, mas raramente apresenta as lésbicas "que se deram bem", no que ficam duplamente discriminadas, como mulher e como homossexual.

É compreensível que tenha partido dos homens a fagulha da campanha de integração que vem sendo promovida pelo movimento guei. Afinal, foi usando a força física, num conflito com a polícia de Nova Iorque, em junho de 1969, que um grupo de 200 homossexuais reagiu na porrada a uma batida num bar de Greenwich Village, começando a se organizar e lutar contra a discriminação, até então, sofrida passivamente.

É claro que num país como os Estados Unidos, mesmo as manifestações de grupos minoritários são registradas de vez em quando na imprensa, como o caso da deputada Elaine Noble, eleita em 1974 para a Câmara de Massachussets. Considerada pelos colegas como uma "política nata", Elaine, aos 34 anos, adquiriu seu lugar na comunidade política, apesar de sua preferência sexual pelas mulheres. Mas a vida dupla que levava anteriormente, até o final da década de 60, lhe custou uma internação devido a uma úlcera perfurada. A partir daí, assumiu sua posição, foi rejeitada pela maioria, mas acolhida pela comunidade homossexual. Cresceu e apareceu.

Ainda nos Estados Unidos, Ellen Marie Barret, 30 anos, homossexual declarada, foi ordenada presbítera na Igreja Episcopal de Manhattam, em 1977. O bispo Paul Moore, que celebrou a ordenação, afirmou que a vida pessoal de Ellen não merecia crítica, que ela estava preparada intelectual, moral e espiritualmente para a função. Ellen Marie considera que a Igreja, como templo da verdade, comete pecado quando força as pessoas a mentir sobre si mesmas.

Indo para a Europa, vale assinalar que um ex-pastor luterano, em 1976, já havia casado 30 casais de mulheres, em Copenhague, concedendo "certificados de casamento" sem valor jurídico.

E no ano passado a imprensa inglesa denunciou, de forma sensacionalista, que o Serviço Nacional de Saúde Britânico vem auxiliando mulheres que querem ter filhos, mas não maridos. A inseminação artificial na Inglaterra, está na lei: "Qualquer mulher, seja ou não legalmente casada, pode usar o AID (inseminação artificial)". Mas há quem lute para mudar essa lei, tentando excluir as lésbicas da categoria mulher. O tema tem gerado intensos debates entre políticos do Império Britânico, liberais e conservadores. Enquanto isso, já há mais de 10 casais de lésbicas vivendo uma situação familiar feliz com seus filhos inseminados artificialmente. O jornal dominical "Observer" publicou, em matéria de primeira página, o depoimento de Janis Hetherington, 31 anos, que vive com seu "belo, inteligente e sadio filho", Nicky, 6 anos, gerado para preencher a ligação com sua companheira Judy. O doador de Nicky foi o médico que praticou a operação de inseminação. Segundo Janis, Nicky sabe que foi querido, planejado e é amado.

— "Que adianta uma criança ser fruto de uma ligação heterossexual, mas ser odiada, desprezada?" — pergunta Jonis.

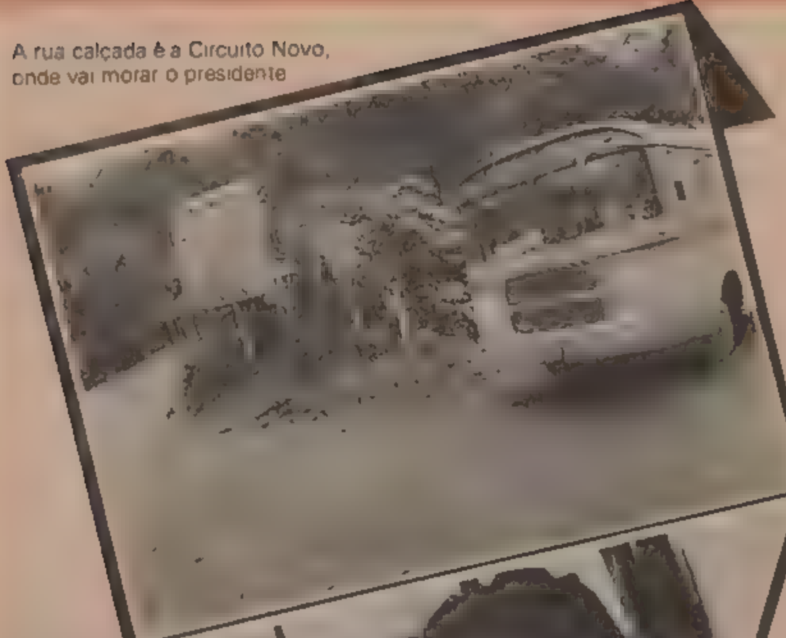
No Brasil, em virtude da repressão natural, da censura e da constante ameaça de enquadramento "no atentado à moral e aos bons costumes", as notícias são bastante escassas. De qualquer maneira soube-se que em agosto do ano passado, em Belém, Nazaré Moura e Nilza Conceição se casaram numa cerimônia umbandista, seguida de festa, para oficializar uma união de cinco anos. Nazaré é mãe de três filhos, cujo pai é presidiário. Nilza é estudante de Direito. Um escândalo no bairro da Cremação.

Selma Abrantes

Reportagem e fotos de Iara Reis

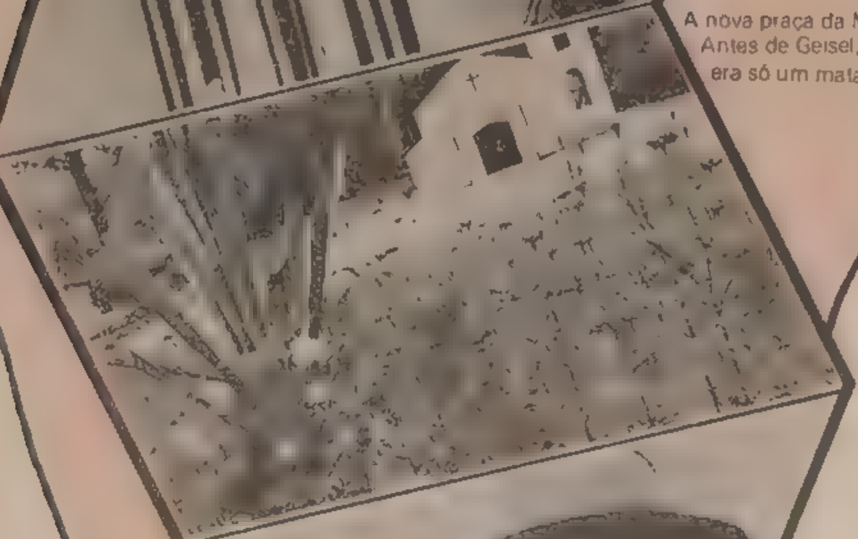
PRA QUEM PAGA IMPOSTO, UMA LEMBRANCINHA DE TERESÓPOLIS

Teresópolis gasta os tubos pra receber Geisel



A rua calçada é a Circuito Novo, onde vai morar o presidente

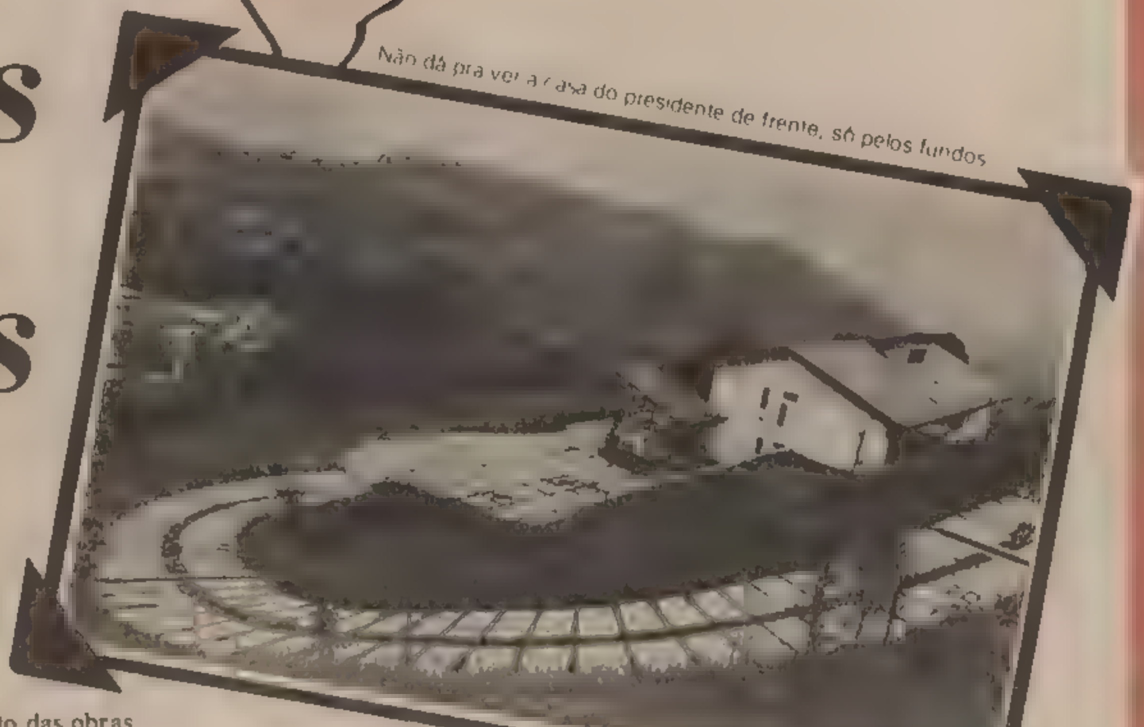
Paulo Silva revelou houve um acordo entre Barreto e a prefeitura



A nova praça da Matriz. Antes de Geisel, era só um matagal

José Marcolino Correa: "Pelo menos vai ter uma rua boa"

Estes são alguns dos futuros vizinhos do presidente



Não dá pra ver a casa do presidente de frente, só pelos fundos

A rua onde Geisel vai morar em Teresópolis (RJ) foi iluminada a mercúrio e calçada: saiu por Cr$ 2 milhões. A praça que era um matagal foi reformada por Cr$200 mil. Até uma bomba d'água o bairro ganhou. "O calçamento e a luz foram feitos por influência de Humberto Barreto e do próprio presidente", informou Paulo Silva, chefe de gabinete do prefeito.

Teresópolis, no pé da Serra dos Órgãos, 110 quilômetros distante do Rio de Janeiro. Nessa cidade turística vai morar Ernesto Geisel quando deixar a presidência do Brasil, março que vem. Sua casa custou Cr$7 milhões e foi construída num terreno inclinado na rua Circuito Novo que não tem mais de vinte casas nos dois quilômetros de extensão. É tão escondida que é difícil vê-la de frente: da rua só se vê os fundos da casa.

No portão dos fundos, um rapaz forte, de jaqueta preta.

— É nessa casa que vai morar o presidente Geisel?

— Olha, qualquer informação é lá em Brasília. Procurem o coronel Ludwig (assessor de imprensa da presidência) que ele está a par de tudo.

— Conta só como é a casa por dentro...

— Não posso. Infelizmente não posso informar nada. Perguntem em Brasília.

— Isso é uma ordem?

— Não posso informar nada, tá bem? Não leve a mal.

O rapaz virou-se de costas, não se deixou fotografar.

Descemos a rua, uma ladeira bem íngrime. Na frente de uma casa, sentada na escada, uma mulher vestida com poncho.

— Qual é o seu nome?, perguntei.

— Lilian Barreto, — ela disse.

Mas não parecia ser a mulher de Humberto Barreto, um dos amigos íntimos de Ernesto Geisel. A gente imagina a mulher de Humberto Barreto mais jovem, mais bonita.

— O que a senhora achou da vinda do presidente pra cá?

— Alegrou todo mundo, é claro.

— A senhora sabe como é a casa dele por dentro?

Ela respondeu vagamente e gritou pra dentro da casa um apelido carinhoso. Desses que mulher põe em marido. E apareceu o próprio. Humberto Barreto. A conversa foi rápida:

— Quem fez o calçamento dessa rua? Foi a prefeitura?

— Ela paga dois terços. E os proprietários das casas da rua, todos juntos, pagam um terço. A prefeitura não tem recursos pra fazer tudo de uma vez.

Com o presidente morando tão junto do senhor (as casas são vizinhas e não há muros entre elas) o senhor vai conviver bastante com ele. O senhor é muito amigo dele?

— Eu sou muito amigo do presidente. Se ele é meu amigo você tem que perguntar pra ele.

Disse em tom de brincadeira, rindo.

Humberto e Lilian estavam de saída. Iam até o centro da cidade, acompanhados por um senhor mais velho, de óculos. Ele é o corretor que vendeu o terreno a Geisel. Caladão, dava impressão de ser íntimo do casal. Humberto Barreto ofereceu-nos uma carona no seu Ford Landau branco. E concordou em posar para uma foto na frente de sua casa.

Descemos no carro dele. Íamos até a prefeitura. No caminho batemos um papo trivial. Humberto falou a respeito do bairro, o Parque do Imbuí:

— Antigamente o bairro era uma fazenda. Depois fizeram o loteamento, veio o progresso. Houve uma época em que as casas daqui eram muito assaltadas. Todo progresso traz vantagens e desvantagens.

— Quais são as vantagens e desvantagens?

— A garotada reclama porque podia andar a cavalo aqui, agora não pode.

O carro parou para o senhor de idade saltar. Ainda perguntei seu nome mas ele fez que não ouviu e desceu. Humberto Barreto achou graça:

— Ele se chama José Biali...

Chegamos à prefeitura e nos despedimos do casal.

O prédio da prefeitura é um casarão antigo, todo cor-de-rosa. Perguntamos no balcão quem poderia informar sobre o orçamento das obras públicas do Parque do Imbuí. Departamento de Obras, disseram.

Um dos responsáveis por esse departamento nos atendeu.

— O senhor poderia dizer quanto foi gasto nas recentes obras do Parque do Imbuí?

— Só posso informar sobre o calçamento da rua Circuito Novo.

Ele tirou uma pasta da gaveta e mostrou um recibo:

— Olha, foi isso aqui o preço: Cr$1694 mil. E mais Cr$250 mil que foram gastos na mão-de-obra. Quanto se gastou na iluminação eu não sei, é outro departamento...

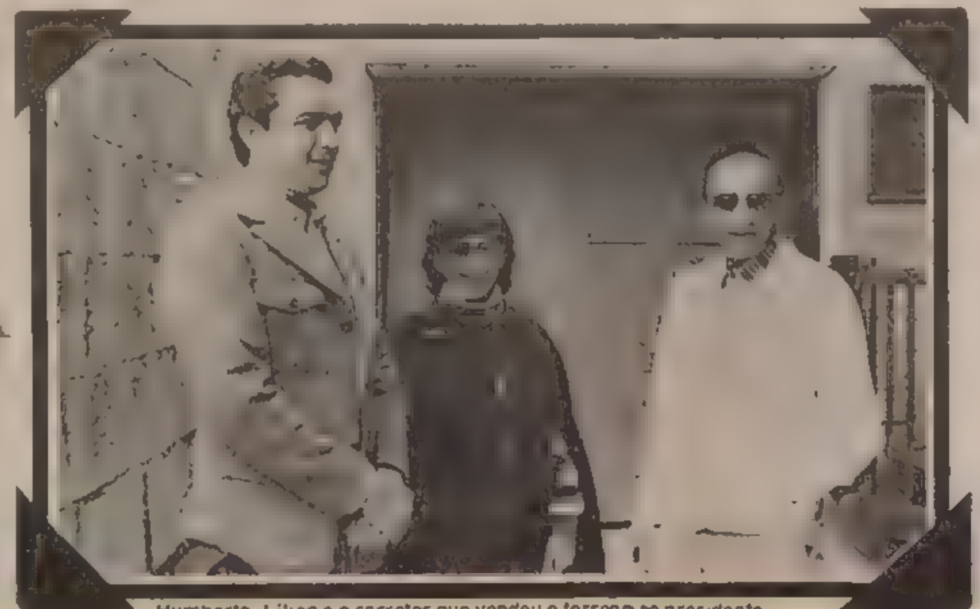
— E a praça da matriz, saiu quanto?

Ele não sabia, mas nessa hora apareceu Altamiro Lopez, diretor de Parques e Jardins. E informou:

— Olha, é muito difícil dizer quanto custou a reforma da praça.

— Mas quanto o senhor acha que foi, mais ou menos?

— Fazendo um cálculo superficial, a prefeitura deve ter gasto uns Cr$200 mil... olha, fala com Paulo Silva que ele sabe informar melhor.



Humberto, Lilian e o corretor que vendeu o terreno ao presidente

Paulo Silva é chefe de gabinete do prefeito Pedro Jahara. Jovem, sua sala vive cheia de gente.

— Paulo, a prefeitura fez uma porção de obras no Parque do Imbuí: calçamento e iluminação da rua onde o presidente Geisel vai morar, reformas na praça da Matriz, uma bomba d'água... o que a mudança do presidente pra Teresópolis tem a ver com isso?

— A luz foi por influência do presidente. Dois mil metros da rua foram iluminados. A praça nós faríamos mesmo... a rua, o calçamento, foi depois de uma conversa formal com o Barreto e o presidente. Prometeram ajuda e estamos aguardando.

— O presidente veio aqui?

— Não, veio o Barreto com uns amigos.

— Quem eram os amigos?

— Ah, não sei. Não me lembro.

— Que tipo de ajuda eles prometeram?

— Uma verba de Cr$60 milhões.

— Quer dizer, se vocês calçassem a rua do presidente receberiam Cr$80 milhões?

— Reivindicamos para o governo federal. Nós devemos receber em obras. Elaboramos um plano, entregamos ao engenheiro do governo e estamos aguardando.

— As prefeituras costumam receber dinheiro do governo federal?

— Depende de prefeitura, depende do governo federal. A justificativa é medida de urgência. Eles chamam de "fundo perdido", dinheiro que eles dão sem retorno.

Outra obra feita depois de Geisel comprar seu terreno em Teresópolis foi uma bomba d'água de grande potência. Só para servir à casa de Geisel e de seus vizinhos. Jair Milão, fiscal da **Cedae** (Companhia de Águas e Esgotos) disse que a obra não é da **Cedae** de Teresópolis:

— Foi tudo por conta do Rio, só coisa pequena é feita aqui.

A **Cedae** do Rio não informou quanto custou a bomba d'água que só atende 1/4 do bairro Parque do Imbuí. Osvaldo, do setor de comunicação da empresa, desconversou:

— Pra que vocês querem saber quanto custou? Pra dizer que a obra foi cara?

A mudança de Geisel para Teresópolis é comentada discretamente pela população. José Marcolino Correa, vigia de uma obra, disse:

— É... os ônibus tão ruim, mas pelo menos vai ter uma rua boa... (a rua onde o presidente vai morar).

José dos Santos, biscateiro, fala sobre o presidente:

— Acho que ele tem medo de ser seqüestrado, só pode ser. Quando ele vem aqui os guardas fecham a rua lá na frente e só sobe quem se identifica. Não pode parar pra falar com ele. A gente pode ser fuzilado ou expulso. Quando é a mulher dele que vem aqui, não tem nada disso.

— Ele morando aqui é melhor ou pior pra vocês, moradores?

— Pra muitos moradores vai piorar a situação porque se gastou muito dinheiro nessa rua (a rua onde vai morar Geisel) e quem paga somos nós mesmos. Os impostos vão aumentar. Eu gostaria de falar com o presidente pra saber de algumas coisas. Saber se ele vem pra ajudar a gente ou piorar. Acho a maior sacanagem não poder falar com o presidente.

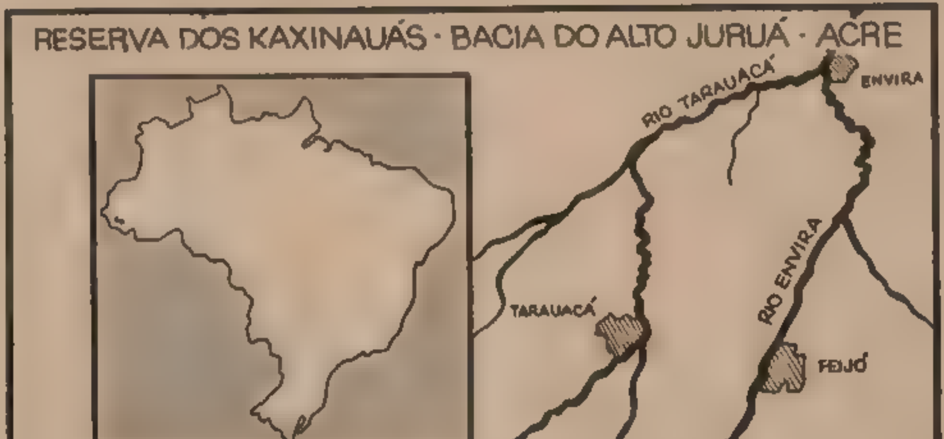
Reportagem de Clarice Niskier
Fotos Chiquito Chaves

Com apoio do Banco da Amazônia, do senador da Arena, Altevir Leal, do delegado de polícia e do prefeito do município de Tarauacá, no Acre, os donos dos seringais onde se extrai a borracha e empresas agropecuárias ligadas a grupos econômicos da região Sul mantêm peões e tribos inteiras presas a um regime de força e miséria.

Foto Comissão Pró-Índio do Acre

Estes índios são escravos com a ajuda do governo

Em maio de 1977, uma equipe da Fundação Nacional do Índio — Funai — da qual participou o antropólogo Terri Vale de Aquino, delimitou, como reservas de terras para os índios Kaxinauás, duas áreas ao longo dos rios Jordão e Humaitá, na bacia do Rio Juruá, grande afluente do rio Amazonas do Estado do Acre. A reserva deveria ter sido definitivamente demarcada até o dia 12 de dezembro de 78, de acordo com o Estatuto do Índio. Mas não foi — embora a Funai diga que a promessa ainda está de pé — porque os seringalistas da região, alguns deles ligados a grandes grupos econômicos do Centro-Sul (como o Atalla-Copersucar) que desmatam a floresta para explorar a agropecuária, têm interesse em manter, sob regime de escravidão, os seringueiros — índios e brancos — e os peões que trabalham no desmatamento. Monopolizando a comercialização da borracha e apoiados pelos créditos do Banco da Amazônia (Basa), os patrões-seringalistas escravizam a força de trabalho dos índios, preparando um surto artificial de crescimento na extração de borracha no Acre. As empresas agropecuárias que, de 1972 para cá, compram grandes extensões de terra no Estado, expulsam índios e camponeses da área, ameaçam-nos de extermínio e burlam as leis trabalhistas, negando qualquer proteção aos peões que abrem pastos na mata virgem. Seringalistas e empresários são apoiados pelo senador da Arena, Altevir Leal, que vende terras a Cr$2 por hectare, pelo delegado de polícia do município de Tarauacá, pelo prefeito, pelo gerente do Basa que é irmão de um grande seringalista — e até por padres da Ordem do Espírito Santo. Em dezembro deste ano, os Kaxinauás — hoje cerca de 890 pessoas reunidas na área prometida e que formaram uma cooperativa para vender a borracha que extraem de suas terras diretamente aos comerciantes, sem intermediação dos patrões-seringalistas — não puderam vendê-la nem comprar os gêneros que precisavam: o gerente do Basa disse que eles só poderiam vender a borracha aos patrões e o delegado de polícia, Moacir Prado, apreendeu as mercadorias que eles haviam comprado a crédito. Agora, com mais 4,5 toneladas de borracha para vender, os índios temem que a apreensão se repita e querem apoio da Funai. No Rio, dois antropólogos do Museu Nacional pedem uma Comissão Parlamentar de Inquérito para investigar o problema das tribos do Acre.



As reservas dos Kaxi estão na Foz do rio Jordão e nos afluentes do Muru: Humaitá e Iboaçu

Terri Aquino é mestre em Antropologia Social pela Universidade de Brasília com larga experiência de pesquisas junto aos índios da Amazônia. Fez tese de graduação sobre os Kaxinauás com os quais trabalha nesse momento num levantamento para o governo do Acre. No início de dezembro, ele escreveu uma carta a seus amigos do Museu Nacional, Alfredo Wagner e João Pacheco, contando o drama dos *Kaxi*. Trata-se de um documento valioso até porque, quando o escreveu, Terri não sabia que ele seria publicado.

Rio Branco, 16/12/78

"João e Alfredo, companheiros

Recebi as cartas de vocês dois Puxa, foi bom receber notícias de vocês e de toda essa mobilização que você estão fazendo para chamar a atenção da opinião pública brasileira para a realidade indígena do Acre.

Companheiros, comigo vai tudo bem mas o mesmo não posso dizer dos nossos amigos Kaxi (os índios Kaxinauás). Lá em Tarauacá a barra anda meio pesada. Os patrões do Igarapé Humaitá (área de uma das reservas delimitada pela Funai para a tribo) pressionaram os Kaxi de lá para entregar a produção de 680 quilos de borracha. Eles contaram com a ajuda do Banco da Amazônia (Basa), da associação dos seringalistas, da polícia local etc. Também impediram que os nossos **aviadores** (comerciantes da cidade que compram borracha dos seringueiros e lhes vendem mercadorias) fornecessem as mercadorias necessárias à vida do seringal. Isso bota por baixo todo o trabalho que procuramos fazer lá, tentando organizar os Kaxi dentro da área delimitada pela Funai. Cada **colocação** (conjunto das arvores-seringueiras ligadas por uma estrada, é a trilha do trabalho) ocupada pelos Kaxi e novas **colocações** que fossem reabertas ou abertas "no bruto" (isto é, abertas exclusivamente pelos seringueiros) ficariam totalmente independentes dos patrões-seringalistas e passariam a produzir para uma cooperativa kaxi. O movimento Kaxinauá — os índios já falam assim — é o avesso do **barracão** (armazém dos seringalistas que compra a borracha e fornece mercadorias) **dos patrões**. Discuti muito com eles os seguintes pontos:

constituir na reserva de terra dos Kaxinauá), mesmo achando difícil explicar uma nova vida sem patrões para pessoas acostumadas com eles, num mundo onde a maioria deles já nasceu e se criou.

Pois bem: conversamos muito a esse respeito e eles compreenderam muito bem. Dava para sentir isso na disposição deles pelo trabalho nos roçados e na extração da seringa (borracha).

Posso dizer que tanto o Vicente Saboia (do Igarapé Humaitá) e o Alfredo Sueiro (do Jordão) quanto o Getúlio e o Nicolauzinho (também do Jordão) foram caras incríveis que compreendiam muito bem que, afinal de contas, lutar pelas **estradas de seringa** (pequenos caminhos abertos na floresta para ligar duas seringueiras, a árvore da borracha brasileira) e pelas **colocações** era, em última instância, lutar pela terra que indiscutivelmente lhes pertence. Acredito que eles estão convencidos que o momento é esse, que não se podia esperar que as coisas caíssem do céu, de cima para baixo.

Lá no (igarapé) Jordão conseguiu-se juntar 4,5 toneladas de borracha — 4.500 quilos. Foi aberta uma nova **colocação** e os Kaxi ocuparam mais duas estradas de seringa que estavam vagando numa **colocação** de seringueiro "cariú" (termo indígena que designa os seringueiros acreanos), mas não houve conflito algum com seringueiros acreanos. Quem não ficou gostando foi o **gerente-aviado** (preposto do seringalista) João Dedê, o patrão-chefe, Carlos Faria (arrendatário que tem a posse de vários seringais), e o proprietário, ou pretenso, o Raimundo Ramos. Esse último cara já foi prefeito de Tarauacá, é irmão do gerente do Basa, José Ramos (o homem que libera os financiamentos do Programa de Incentivo à Produção de Borracha Natural, Probor II, para explorar os seringais), e ainda é protegido do senador Altevir Leal, da Arena do Acre.

Num dos números do **Varadouro** (jornal nanico editado no Acre), o Sueiro, líder dos Kaxi, entrevistado, dizia que até os padres da ordem do Espírito Santo cobram pra dar o batismo, o patrão paga e depois bota 36% de juros sobre o dinheiro entregue ao padre. Em 1975, eu vi um desses padres fazendo uma **desobriga** (aconselhamento religioso) e dizendo pra um seringueiro que vender bor-

Kaxinauás fizeram cooperativa sem patrão pra vender borracha e usar livremente suas terras

1. Não existência de um patrão entre eles; mas de um líder, um "xambú" (chefe), que teria a responsabilidade de organizar a produção e, principalmente, mobilizar os seus companheiros para garantir a **colocação**, ocupada pelos Kaxi, que fosse ameaçada pelos patrões. Enfim, encaminhar uma prática no sentido de se evitar uma divisão social no seio das comunidades Kaxinauá do Humaitá e do Jordão (outro "igarapé", ou vila, localizado no rio do mesmo nome e que também faz parte da área delimitada pela Funai para se

racha pra regatão (barco-armazém de comerciantes autônomos que compram borracha diretamente do seringueiro às escondidas do seringalista) era pecado

2. No movimento Kaxi não há pagamento de renda (ao patrão) nem de 70 quilos de borracha, como é o costume na região — e nem tampouco 10% (de imposto) conforme a lei do Estatuto da Terra. Cada família Kaxi, sendo dona de suas 2 estradas de seringa, de seus roçados, casas etc não tem sentido a existência de renda.

Seringueiro ou peão, índio não escolhe: é explorado

Desde o século dezenove a extração do látex da borracha é a atividade econômica principal da região que hoje corresponde ao Estado do Acre. A exploração dos seringais foi feita sempre através do sistema de **aviamento:** *na entressafra o patrão-seringalista fornece mercadorias para subsistência do produtor, o seringueiro, que depois, na safra da borracha, paga o adiantamento com juros elevadíssimos. O esquema mantém o seringueiro como um eterno endividado que entrega o produto do seu trabalho para que o patrão o venda depois com altos lucros.*

No início da década de 70, com a atividade da borracha já em acentuado declínio, uma nova frente econômica baseada na pecuária capitalista e usando mão-de-obra assalariada, atinge a Amazônia Ocidental. Primeiro, ela chega a Rondônia e, depois, ao Acre. Aqui a pecuária se expande justamente no momento em que os seringais estavam em agonia e os seringalistas muito endividados junto aos bancos.

Numa primeira fase, vender terras a preço de banana — como faz o senador Altevir Leal da Arena — para os grandes pecuaristas do Centro-Sul foi a solução para os patrões-seringalistas que não tinham mais como pagar seus débitos. Aí, como em toda a Amazônia, a paisagem começou a mudar e o Acre começou a se transformar num grande pasto para o gado.

Nessa época, os seringalistas para se verem livres das dificuldades financeiras, venderam até terras que não lhes pertenciam legalmente. Seringueiros acreanos e grupos indígenas e seus remanescentes que trabalhavam nos seringais vendidos passaram a ser considerados posseiros — isto é, foram acusados e perseguidos como se estivessem usurpando as terras em que trabalhavam e moravam.

Numa segunda fase, entretanto, apoiados pelos créditos dados pelo governo (Superintendência e Banco da Amazônia) para recuperar os seus seringais, os seringalistas trataram de explorar ao máximo o trabalho dos seringueiros acreanos e dos grupos indígenas da região. É por isso que, agora, eles não querem que os índios vendam livremente a borracha que extraem: isso desarticularia o soerguimento de suas empresas.

Essa é, por outro lado, a tragédia atual dos grupos indígenas: de um lado eles são explorados pelos seringalistas e, de outro, são expulsos das terras pelos pecuaristas que os empurram para a periferia das cidades e ás transformam em peões — também escravizados — para o desmatamento.

Defendeu os Kaxi e foi acusado de fumar maconha

Isso, aliás, é muito comentado nas duas áreas. Os seringueiros acreanos ("cariús") falavam muito nisso e nas vantagens, querendo inclusive trabalhar para a cooperativa Kaxinauá quando a Funai demarcasse as duas reservas. Considero isso muito bom e o Sueiro, Getúlio e Nicolauzinho (os líderes kaxinauás) não estão pensando em expulsar os seringueiros mas, sim, os **gerentes-aviados**, patrões-chefes e proprietários. Todo seringueiro acreano poderia participar desde que as pessoas Kaxi decidissem. Lá no Jordão a maioria dos "cariús" prefere ser extrator e poucos são os que plantam roçados. O Sueiro dizia logo que tinha que ter roçado pois entre os Kaxi o costume era esse e que não se podia sustentar de tudo, desde a farinha, como fazem os patrões-seringalistas. E que também só poderiam ficar aqueles seringueiros que não estragassem as "madeiras" (as seringueiras), isto é, os que as cortassem dentro do regulamento, não as estragando, e os que respeitassem os Kaxi, sua língua, seus costumes etc.

Até eu sair da área não tinha havido nenhum conflito com seringueiros; apenas diálogos duros com proprietários, patrões-chefe (o arrendatário) e gerentes-aviados.

3. O movimento Kaxi também não roubaria seus sócios (1) com falsas contabilidades do **borrador** (livro que registra o débito e o crédito do seringueiro junto ao patrão-seringalista que lhe vende mercadoria e lhe compra a borracha) e (2) com balanças que pesam tanto as mercadorias quanto a borracha. Também não se tiraria a **tora** (o imposto) de 10% sobre o peso da borracha. Cada trabalhador Kaxi tem direito ao peso real da borracha que ele fabricou.

4. O preço da borracha é o preço de mercado. Aquele que está vigorando na cidade de Tarauacá. Enfim cada família Kaxi poderia — através da cooperativa — vender a sua produção na cidade. O que não acontece também no seringal de patrão

5. O preço das mercadorias vendidas (nos próprios índios Kaxi) seria determinado pela cooperativa Kaxi, colocando-se exclusivamente um percentual de 50% acima dos preços vigentes na cidade de Tarauacá.

Por outro lado, nenhum seringueiro Kaxinauá pagaria despesas com transportes tanto da borracha quanto de passagens eventuais à cidade em busca de receber assistência médica em casos graves. Os velhos que fossem (à cidade) receber aposentadoria do Funrural (Fundo de Assistência ao Trabalhador Rural) também não pagariam. O Sueiro aposentou todos o velhos do Jordão. Sueiro sempre foi a favor que os Kaxi também tivessem acesso às conquistas dos trabalhadores rurais desta terra — que ainda são poucas e muitas delas apenas assistenciais.

A percentagem de 50% adicionais seria para todo o tipo de mercadoria. Os patrões dos altos rios chegam a ganhar até 500% sobre o preço de

"Eu conheço o Sol, a Terra, sou da mata sei que essa terra é nossa".

Foto Comissão Pró-Índio do Acre

Este depoimento foi prestado à Comissão Pró-Índio do Acre pelo líder dos Kaxinauás no rio Jordão, Alfredo Sueiro, que quer a demarcação urgente das terras do seu grupo.

"Eu aviso que aqui tá tudo contra nóis, os patrão daqui. Eu pra vocês ficarem sabendo não querem entregá a seringa pra nóis, as colocação. Os freguês do seringal daqui de perto tão estragando tudo que é de seringa porque vão sair das colocação e dizem que não vão deixar seringa pra cabloco não. Já avisei pra Funai, não tenho mais pra quem denunciar. É preciso vim um fiscal vê o que tão fazendo. Isso é crime, estragar as seringeira do jeito que tão fazendo. O chefe de lá (da Funai) não entende. É preciso que a Funai entregue as terras que prometeu. Peço que publique por nosso chefe.

É que tanto tempo que nóis tem esperado, tamo lutando com pouco recurso aqui. Tanto esperá, eu até falei que ia ter confusão. Governo libertou muito tempo aqui nossa terra e nunca querem entregá os recurso; as seringueira num querem entregá. O nosso maior problema agora é a terra; de onde é que nóis vamo viver? A nossa terra tem esse recurso; nóis procura, os patrão nunca quer entregá. Como é que nóis vamo fazer produção? Num adianta a terra sem recurso, sem a seringa, sem a madeira de lei, sem a aguana, cedro. Nóis tem que trabalhá nessa coisa. E a seringa é a mais principal. Minha produção é pouca. Tem muita gente pra dá de comer. Precisamo da nossa terra. Eu conheço o sol, a terra, sou da mata, sei que essa terra é nossa."

algumas mercadorias apesar de existir um posto da Companhia Brasileira de Alimentos — Cobal — em Tarauacá. Acontece que esse posto está vendendo somente para os patrões financiados pelo Basa, a preços das praças de Manaus e Belém. Vejam só: os patrões compram um quilo de sal por Cr$ 1,60 (quem compra na Cobal são os arrendatários ou proprietários de seringais financiados), vendem para seus **gerentes-aviados** e o quilo do sal chega ao seringueiro a Cr$ 14,00

Soube que vocês ficaram preocupados com os comentários dos jornais que noticiavam o meu desaparecimento e as diligências da polícia — aqui os patrões (quando alguém desaparece) costumam dizer que "a onça comeu a vítima". Eu não andava sumido nem fugido. Aliás eu só soube disso no dia 12 de dezembro lendo um jornal de Manaus — a notícia dizia que tinha aparecido o tal do antropólogo na cidade de Cruzeiro do Sul, muito longe da área do rio Jordão e que eu estava acusado de fazer um grande plantio de maconha com a finalidade de comprar mercadorias e armas para os índios. Imaginem só! Eu tava era fazendo uma pesquisa nos rios Breu, Tejo e Juruá para a Cepa — Comissão Estadual de Planejamento Agrícola do Acre sobre **aviamento** nos seringais nativos.

Na Vila Jordão tive uma discussão muito braba com um ex-funcionário da Funai (Fundação Nacional do Índio) e com o Edson Paulino, piloto de táxi-aéreo, que estavam abrindo uma pista de pouso na vila e explorando vergonhosamente o trabalho dos "diaristas" Kaxi lá de dentro do rio Jordão. Esses caras usaram a seguinte estratégia: foram lá dentro do Jordão, no seringal Fortaleza (na época eu estava em Basiléia e Assis Brasil fazendo outros trabalhos) e o Edson Paulino levou uma porção de roupa velha para o Sueiro e conseguiu convencê-lo a trazer os Kaxi que ainda não estavam cortando seringa (atualmente são muitos os que ainda não possuem estradas para cortar). Vieram muitos Kaxi do Alto Tarauacá e do Breu — aproximadamente uns cento e poucos Kaxi chegaram ao Jordão (pra trabalhar pro piloto e pro ex-funcionário da Funai). Os Kaxi vieram para a área delimitada graças ao movimento Kaxi, entende (e não pra trabalhar na pista de pouso)?

Pois bem: foi esse cara (Edson Paulino) quem puxou papo com as meninas (as auxiliares de Terri) falando em maconha, dizendo que todo piloto de táxi-aéreo do Acre fuma o seu **baseado e queima fumo** etc e tal e ainda quis contar a Keilah (uma das auxiliares) e oferecer maconha.

Depois da discussão com esses caras, exigi que houvesse aumento da diária para Cr$ 80,00 — eles estavam pagando Cr$ 50,00 por dia de trabalho, 12 horas diárias sem descanso, os Kaxi estavam trabalhando até aos domingos e mandei uma carta para o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Tarauacá e outra para o Elson (Elson Martins, repórter do jornal **Varadouro**) que publicou a notícia na **Gazeta do Acre**, jornal diário de Rio Branco.

Em represália, esses caras (o piloto e o ex-funcionário da Funai) se uniram aos patrões, gerentes-aviados, arrendatários e proprietários e forjaram e divulgaram provas falsas: um pouco de maconha (do próprio Edson Paulino) e umas cartas minhas (o que constitui crime por violação de correspondência). Aí abriram um inquérito contra mim e daí começaram a organizar uma represália contra os Kaxi, impedindo que os comerciantes **aviassem** mais mercadoria para **caboclo**. E para isso eles estão contando com o apoio daquela gente que falei acima.

Programa oficial só ajuda patrões e grupo econômico

É bom dar uma lida no **Varadouro.** Tem alguns artigos sobre grupos indígenas do Acre e dá pra vocês entenderem como está se processando essa transformação na estrutura econômica do Acre, que atravessa hoje uma transição entre uma empresa seringalista decadente e uma outra, que atualmente está sendo rearticulada (com os programas de incentivos do governo), preparando-se um terceiro "boom" (uma terceira fase de explosão de desenvolvimento na economia da borracha), mesmo que seja ele o mais artificial de todos os que já aconteceram.

Esse, de fato, é um momento crucial para a demarcação das áreas delimitadas e para a presença da Funai que, há 3 anos, criou uma **ajudância** (representação local) aqui no Rio Branco mas que não está presente bem no Purus, nem em Tarauacá, Juruá e seus afluentes principais, o Moa e o Tejo.

Na matéria ou artigo que vocês fizerem aí não se esqueçam de colocar esses problemas mais gerais:

1. Os patrões-seringalistas estão aproveitando todas as facilidades do governo federal para rearticular os seringais nativos apenas no seu interesse próprio. Por exemplo: eles tiram financiamento no Basa para reabertura de seringais, pagando 7% de juros ao ano, com carência (prazo para pagar a primeira prestação) de um ano pagamento em 4 anos e financiamento para custeio de safra, com juros de 12% ao ano, tudo pelo Programa de Incentivo à Produção de Borracha Natural, o Probor II. E ainda usam, só pra eles, os postos da Cobal, que deveriam vender mercadorias mais baratas para os seringueiros.

Também muito do dinheiro emprestado pelo Basa os patrões empregam para recrutar seringueiros. Hoje em dia o seringueiro pede logo dinheiro ao patrão para subir para os seringais. Quantia que varia de Cr$ 2.000,00 até Cr$ 15 e 20.000,00.0 seringueiro pede a grana porque sabe que esse é o único momento que ele vai pegar um dinheiro grande. Mas os patrões cobram 30 a 36% de juros sobre o dinheiro emprestado ao seringueiro (que na verdade é um adiantamento) por ocasião do recrutamento

Veja para onde caminha o Probor I não há nenhuma fiscalização do governo do Acre, nem dos órgãos federais. Enfim, nem os seringueiros, nem os **barranqueiros** (camponeses com uma tradição extrativista), nem os grupos indígenas integrados, nem o conjunto da classe trabalhadora do Acre está tirando alguma vantagem da política do governo federal para a Amazônia Ocidental.

Quem se beneficia dos programas

do governo são as empresas seringalistas, de um lado, as empresas agropecuárias, de outro, e mesmo os empresários híbridos que tocam tanto fazendas de gado como de seringa — que aliás é abundante em seus imensos latifúndios..

Os seringueiros, tanto índios como acreanos, ainda estão vivendo debaixo de um sistema de "escravidão por dívida" em relação aos patrões dos seringais. Um domínio ainda predominante em todo o Vale do Juruá. Os seringalistas mantêm a existência do trabalho compulsório, que imobiliza (em benefício próprio) a força de trabalho, inclusive a dos diversos grupos indígenas da região, ainda sem nenhuma presença da Funai

2. Os capitalistas "da pata do boi" (as empresas de agropecuária e desmatamento), de 1972 para cá, compraram grandes extensões de terra em que o hectare da terra foi vendido a preço de banana. É que houve muita grilagem de terras da União, (terras) devolutas, com consentimento até do seringalista fudido que era obrigado a vender suas propriedades para liquidar as contas e juros sobre juros que deviam ao Basa.

O município de Tarauacá tem um representante típico na figura do senador Altevir Leal, que considero o maior grileiro de terras do Acre. Ele vendeu mais de um terço das terras daquele município.

Só no município de Tarauacá, onde estão as duas reservas Kaxi, tem os seguintes grupos econômicos capitalistas de São Paulo:

a — **Tarauacá S.A Agropecuária**, ligado ao Francisco Scarpa e a gente como ele, capitalistas das finanças daí de São Paulo. Na empresa tem também um tal de brigadeiro Pamplona, que dirige a companhia pela fonia, e o gerente-geral do grupo em Tarauacá. Eles possuem 1.200.000 hectares de terras compradas do senador Altevir Leal.

b — **Cinco Estrelas Agropecuária S.A**, pertencente a uma empresa de aerofotogrametria, que é ligada diretamente com a Viação Aérea Cruzeiro do Sul (que, por sua vez, pertence à Varig, a maior empresa nacional de aviação comercial). Eles têm uma área de 38.000 hectares (vide uma matéria que fiz no **Varadouro** com o título: **O diabo para quem merece** — acho que é no número 11).

c — **Paranacre S.A**, formada por grupos capitalistas do Paraná que estão se expandindo para cá, depois de terem feito muita fortuna com a corrida de terras no norte do Paraná. Eles têm sede em Londrina e compraram 450.000 hectares de terras do senador Altevir Leal a preço de banana.

d — Fazenda Califórnia, de propriedade dos Atalla da Copersucar. São mais de 900 000 hectares localizadas no Alto Envira (um dos principais afluentes do rio Juruá, que por sua vez, é afluente do Amazonas), abafando grande extensão da faixa de fronteira com o Peru.

Pois bem: estes grupos receberam incentivos do governo federal. Eles entretanto, pagam baixíssimos salários para os peões temporários, expulsam os seringueiros, **barranqueiros** e índios, que eles transformam em posseiros, usam da polícia local para amedrontá-los, ameaçam-nos com capangas, desviam verbas que deveriam ser aplicadas na região e não assinam a carteira de trabalho dos peões porque utilizam os "gatos" ou empreiteiros que não têm maiores responsabilidades com a força de trabalho dos peões. Na região de Tarauacá — Feijó — Cruzeiro do Sul esses peões são ex-seringueiros, **barranqueiros** e colonos diaristas da cidade

Às vezes esses grupos econômicos forçam os trabalhadores a comprarem somente no **barracão do paulista** (isto é, no empório da grande empresa agropecuária que vem de São Paulo), como é o caso da Fazenda Califórnia da Copersucar que paga os trabalhadores com moeda própria. Imagine! É o mesmo que eles serem donos de um território separado do Brasil, que tem o seu próprio governo (ou administrador), bancos comerciais, polícia etc...

Pois bem, quem é o administrador da Copersucar? É, com muita razão, um cara chamado Enzo Pezano, com passado na Funai (do tempo em que ela se chamava Serviço de Proteção ao Índio) e que depois virou, até 1964, administrador de Jango, com sua política corrupta para essas bandas da Amazônia legal, numa das fazendas que o mesmo adquiriu ilegalmente em Barra do Garça.

Se, então, venderam as terras do Acre a preço de banana, a bem dizer de graça, por que esta grita contra a demarcação de áreas indígenas nesta região? E por que a Funai ainda não está presente na região? E a questão da certidão negativa para se obter investimentos federais (por lei, só se pode obter financiamento em bancos do governo se o candidato mostra também uma certidão negativa da Funai esclarecendo que a área que ele possui não faz parte de reservas indígenas)?

Ora, nada disso funciona e não era mesmo pra funcionar.

E todo chefe de Ajudância da Funai no Acre (uma média de 2 por ano) tem sido retirado quando procura defender alguma comunidade indígena do Acre. Primeiro foi o José Carvalho, que foi forçado por patrões paulistas através da burocracia de Brasília. Lembro que o general Bandeira de Melo era um dos administradores da **Novo Oeste Agropecuária S.A**, que possuía mais de 1.000.000 de hectares no Alto Envira, terras ligadas ao grupo dos Atalla-Copersucar. Pois bem: o Carvalho sofreu perseguição do general Bandeira de Melo que conseguiu dos burocratas da Funai a saída do Carvalho. Até agora o Carvalho foi o mais dedicado e lutador dos indigenistas da Ajudância. Apesar de ele ter tomado algumas atitudes incorretas com a Igreja e a imprensa local

O Toninho saiu da Ajudância também por causa dos conflitos dos Apurinã (outro grupo indígena de Boca do Acre).

Tanto o Carvalho como o Toninho foram transferidos. O atual chefe da Ajudância é um fulano de tal, Alfonso Signatário, recém-chegado a Rio Branco e ainda desconhecedor, da realidade indígena do Estado, chegando às vezes a confundir seringalista (patrão) com seringueiro (trabalhador) quando fala. Não tomou nenhuma posição de defender os direitos dos índios Kaxi do Humaitá e Jordão, nem tomou posição para defender a borracha que os Kaxi do Humaitá tiveram que entregar, por ordem do chefe de polícia, Moacir Prado, aos irmãos Bayma e ao senhor Francisco Lessa, que se dizem proprietários dos seringais da área delimitada pela Funai. Eles alegam que têm compromissos apenas com o Basa, não aceitando as leis que a Funai jura que defende. ”

Esta matéria foi coordenada por Luiz Alberto Bettencourt. O verdadeiro autor da reportagem, porém, é o antropólogo Terri Aquino que, com sua atividade profissional, ajuda os índios Kaxinauás a lutarem por suas terras, contra a miséria e a opressão.

Antropólogos pedem CPI para o Acre

Os antropólogos do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Alfredo Wagner Berno de Almeida e João Pacheco de Oliveira pediram, em depoimento prestado ao REPORTER, abertura imediata de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) para investigar a exploração a que estão sendo submetidos os índios Kaxinauás do Acre e ocupação ilegal de terras, promovida por seringalistas e empresas agropecuárias na região.

Este é o seu depoimento:

"Considerando a gravidade das denúncias sobre a situação dos grupos indígenas do Estado do Acre, que vão desde a venda ilegal de terras pelos seringalistas — que não possuem títulos de propriedade das áreas que são efetivamente cultivadas e habitadas por índios Kaxinawá, Campa, Katuquina e Juminawa — até a utilização de operações clandestinas para recrutamento de mão-de-obra indígena pelos empresários pecuaristas, contrariando as disposições previstas pela legislação trabalhista;

Os antropólogos João Pacheco de Oliveira Filho e Alfredo Wagner Berno de Almeida solicitaram das autoridades parlamentares que se pronunciem, através de uma Comissão Parlamentar de Inquérito no sentido de apurar inúmeras irregularidades constatadas no Acre com relação aos grupos indígenas:

1 — Procedam a um levantamento da condição atual das populações indígenas, que foram, pelo uso aberto da força ou pela obtenção de registros de propriedade sobre as terras que ocuparam tradicionalmente e ocupam hoje (o que contraria a Constituição e a Lei nº 6.001, de 19/12/1973) aprisionados ao sistema extrativista da borracha pelos patrões seringalistas.

2 — Apurem as denúncias de que organismos estatais atuantes no local estariam infringindo disposições legais, que resguardam os direitos e os interesses dos índios. Notório é o caso da concessão de empréstimos a seringalistas, por agências do Banco da Amazônia (Basa) sem que seja deles cobrada a prévia exibição de certidão negativa de presença de índios, fornecida pela Fundação Nacional do Índio (Funai) de Brasília. Por outro lado, agências locais da (Companhia Brasileira de Alimentos (Cobal) fornecem mercadorias abaixo do preço apenas a seringalistas financiados pelo Basa e pela Superintendência da Borracha (Sudhevea), desta forma permitindo que os seringalistas obtenham altos lucros pela revenda destas mercadorias a preços superiores aos de mercado para os produtores diretos, sem ter, portanto, qualquer influência positiva no barateamento do custo de produção da borracha ou na melhoria de seu padrão técnico.

3 — Esclareçam qual o apoio legal existente aos obstáculos, que os seringalistas, muitas vezes com a ajuda de autoridades locais, têm colocado à livre comercialização exercida por índios seringueiros. Distinguir cuidadosamente o caso dos seringais, onde não existam títulos definidos de propriedade, daqueles outros, onde existam documentos formalmente corretos. No primeiro caso, a comunidade indígena deve ter o seu direito à livre comercialização assegurado pelas autoridades, enquanto, no segundo caso, esse direito deve ser vinculado ao pagamento do aluguel das "estradas" de seringueiros até que fique plenamente esclarecida, através de processo movido pela Funai, a situação jurídica daquelas terras e dos índios que nela habitam.

4 — Realizem, através da Funai, um levantamento das terras ocupadas pelos grupos indígenas com vistas à demarcação imediata daquelas cujos títulos de propriedade inexistem ou não são definitivos e ao estudo de uma solução jurídica, mediante processo de reintegração de posse, para aquelas outras cujos proprietário estão munidos da documentação necessária. Tal levantamento deve ter foro de validade, de maneira tal que impeça, que, em seguida à sua consecução, os seringalistas descaracterizem o lugar como área indígena.

5 — Investiguem, através da intervenção direta da Ajudância da Funai e da Delegacia Regional do Trabalho a ação dos empreiteiros ou "gatos" no recrutamento de mão-de-obra indígena

Foto Luiz Alberto Bettencourt

Alfredo Wagner

Foto Chiquito Chaves

João Pacheco

Governador mandou fazer trabalho pra derrubar Jânio

Dezoito anos depois da renúncia do presidente Jânio Quadros, em 1961, a mãe de santo paulista, Doris Valentim, revela quais podem ter sido as forças ocultas que o derrubaram: um político pediu-lhe um trabalho na magia negra pra que Jânio nem chegasse à Presidência. Ela fez e, como todo mundo sabe, deu certo. "Ele nunca se sentiu bem no cargo dele", afirma Doris.

A magia negra, ou quimbanda, é um culto africano utilizado quando as pessoas querem prejudicar ou "derrubar" um inimigo ou um desafeto.

Desde quando você faz "trabalhos"?

— Quando comecei, tinha 12 anos.

Fazia magia negra com 12 anos?

— Não, magia negra eu nunca fiz. Só depois de 18 anos eu assiti. Eu, da minha parte, nunca fiz. E condeno as pessoas que fazem, porque acho que magia negra prejudica muito. Eu faço limpeza, oração.

Pra que serve a magia negra?

— Pra prejudicar as pessoas. Na magia negra você entrega sua alma pro diabo. Tudo o que você quer com ele você consegue. Se você quer uma coisa e não consegue na parte branca, que é a umbanda, daí recorre à magia negra, aos exus. E com os exus você consegue tudo, contanto que você dê a ele o que prometeu.

Que tipo de coisas tem que prometer?

— Por exemplo: você promete uma matança. Às vezes, eles pedem a vida de uma pessoa. Eles querem sangue: o negócio deles é sangue e bebida. Então, quando é trabalho de magia negra o que eles pedem são coisas caríssimas: carneiro, pato, galinha, coelho, até pombo eles pedem. Matança eu nunca fiz, mas se um dia precisar, faço, porque sei fazer. Já vi fazer duas vezes. Uma vez eu peguei um trabalho e eles queriam magia. Eu não fazia, então passei pro dono do centro, quando eu trabalhava no centro. Aí, nós fomos pra mata. Foi feito na mata, com cabrito. Eles tiraram todo o sangue do cabrito, depois solta o cabrito, o cabrito sai andando, anda umas duas horas, depois morre. A sangria do cabrito se faz com faca, mas quando é outro animal como galinha, gato, coelho aí tem que morder o pescoço do bicho pra sangrar. Quando é galinha, eles depenam a galinha viva tiram o sangue, depois soltam.

Essa pessoa do cabrito queria conseguir o quê?

— Foi trabalho de um major. Não vou citar o nome.

Que que ele queria?

— Ele queria um posto. Queria subir de posto. E gastou uma nota. Parece que deu na base de Cr$60 mil pro centro.

Com uma única matança?

— Não. Primeiro foi a matança com cabrito. Teve sete trabalhos de matança. Ao completar os sete, ele já tinha conseguido o que queria. Foi cabrito, sete galinhas pretas (tem que ser galinha preta), depois também foi sete pombos e pato também. Tudo de sete porque a turma da encruzilhada é tudo na base de sete. Sete charutos, sete velas, sete pingas. Depois nós fomos na casa dele pra fazer a limpeza. Porque a gente fêz tudo na encruzilhada, na mata e na cachoeira. Depois que confirmaram ele no posto que ele quis, nós fizemos a limpeza da casa dele, pela umbanda. E quem fez a matança também foi lá pra ele agradecer. Em menos de sete meses ele conseguiu. Na época ele era major, subiu pra coronel e hoje ele tem um outro posto também à custa de trabalho.

A pessoa pode pedir o que quiser da magia? A magia aceita qualquer trabalho, mesmo que seja matar alguém?

— Aceita qualquer coisa, só que cobra muito caro. A pessoa, às vezes, fica pobre pra conseguir o que quer. Às vezes demora e gasta muito porque tudo o que os exus pedem é coisa cara. Mas se a pessoa vai com fé, consegue. Consegue mais na quimbanda (que faz magia negra) do que na umbanda. Porque umbanda só lida com Deus, pai-de-santo, caboclo, preto-velho, criança. Na magia é só os "cumpadre". Que são bons também, mas tem que andar na linha com eles. Eles dão tudo, mas se não andar certo com eles, eles dão e depois tomam. Tem que tratar bem deles, com pinga, charuto... isso na umbanda a gente faz também, ninguém segue só a umbanda sem a quimbanda junto porque a força maior é eles, os "cumpadre", as "madame". Você tá querendo alguma coisa?

Não. Você conhece outro caso de magia negra?

— Conheço vários. Em Curitiba, quando eu morava lá, tinha uma família que não gostava do genro. A moça era de família rica e casou com um rapaz pobre. Eles não gostavam dele. Nessa época, eu ainda era bem novinha. A gente freqüentava um centro e esse centro varava: até 10 horas a gente trabalhava na umbanda e da meia-noite em diante virava quimbanda. Então, esse casal foi lá e pediu pra matar o rapaz. Que eles davam casa, o que o centro quisesse. E pediram um prazo. Daí foi feito o trabalho e três meses depois o rapaz morreu.

Morreu de quê?

— Morreu.

Mas morreu como?

— Quando perguntaram de que jeito que eles queriam que o rapaz morresse, eles disseram: "um jeito que não dê pra perceber". Então, ele se matou. Ele se matou e deixou ainda escrito que via uma pessoa na frente dele, sempre apontando uma arma e mandando ele se matar. E essa pessoa que ele via era o exu que foi posto nas costas dele. Onde ele ia, o exu ia atrás. Tentou, tentou, tentou, até que matou ele. Foi feito um trabalho superpesado. Já teve muita encrenca com a polícia também. Mas ninguém ficou sabendo que foi feito por intermédio do centro. Eu já assisti muitos trabalhos, pra matar a pessoa em 24 horas. Num centro que eu fui visitar, eu vi fazerem um trabalho. A mãe-de-santo falou que tinha que dar fim numa pessoa em 24 horas — mas ela não me citou quem era porque eu era visitante. Ela ainda perguntou, como eu era mãe-de-santo também, se eu não queria tomar parte no trabalho. Como eu sempre falei, matar não. Eu não aceito trabalho de centro pra matar. Eu prefiro ajudar a levantar, não a derrubar. Já tive muitas ofertas, mas não faço. Se eu quisesse fazer tudo o que eu sei dentro do espiritismo eu tava podre de rica. Mas não, eu só faço pro bem. Agora, se um dia alguém me perturbar, eu derrubo mesmo. Já tentei, já derrubei.

Como é que você fez?

— Ahhhhh, ah, ah... eu não matei. Eu só tirei, vamos dizer, a vida social que a pessoa tinha. Também, não vou citar o nome — trabalhei na casa de um governador, no último ano dele de governo. E lá também eles faziam na própria casa deles os trabalhos. Ele pediu pra mim fazer um trabalho pra um cara que ia pegar o cargo dele. Eu fiz. O cara ficou lá, mas nunca se sentiu bem dentro do cargo dele.

Você fez um trabalho para um cara não tomar posse?

— Ele renunciou. Talvez você saiba quem é.

Governador que renunciou?

— Presidente. Presidente. Presidente da República. Você sabe quem que renunciou nessa época, não? Foi tudo à custa de trabalho.

O governador pediu pra você fazer um trabalho...

— Ele não queria que esse cara fosse presidente da República. E ele não foi. Ele renunciou. E depois caiu fora daqui.

Quer dizer que você fez trabalho pro Jânio renunciar?

— Praticamente só eu, não. Tinha um grupo. Naquela época eu tinha um grupo, — a turma do centro. E depois, eu tenho um cunhado em Santa Catarina, eu pedi pra ele vir, ele veio e deu uma força maior.

"Os exus te dão tudo que você pedir mas também pedem muito"

O que vocês fizeram?

— Não foi feito magia. Basta ter o nome da pessoa e seguir a pessoa uns tempos pra saber se a pessoa tem o corpo fechado. Se tiver o corpo fechado nada pega.

Como dá pra saber se o corpo é fechado?

— Primeiro, a gente faz um "ponto". Se a pessoa reage é porque tá com o corpo aberto. O que a gente mandar, pega.

Que que é fazer um ponto?

— Por exemplo, se você está com dor de cabeça, você fala assim: me faz um ponto pra passar minha dor de cabeça. Eu faço. Se você melhorar da cabeça, o ponto serviu. Se não melhorar é porque tem o corpo fechado. Daí não pega.

E como é que vocês mandaram seguir o Jânio?

— Aí a gente tem os guias de transporte. Daí tem que cruzar umbanda com quimbanda. Daí a gente faz um ponto, deixa o exu seguro com a gente e manda o exu seguir aquela pessoa. Às vezes é um homem que está seguindo, você pensa que é homem, mas não é.

Ele não tinha corpo fechado?

— Não. Foi fácil de fazer. E assim mesmo ainda demorou três meses pra gente conseguir.

Políticos freqüentam muito a umbanda?

— Bastante. Ultimamente não tô freqüentando centro porque já fiz 30 anos de centro. Então saí. Mas no centro que eu freqüentava ia muita gente grande. Político, então, é cheio. A polícia, também. Principalmente a polícia freqüenta muito terreiro.

O policial pede o que?

— Algum fora que o policial dá, ele vai lá pra pedir proteção pra não ser descoberto. Por exemplo, se eles matam uma pessoa enganada — que às vezes não é enganada, mata porque quer — eles vão lá pedir pra não ser descobertos. Se o exu acha que deve ajudar a pessoa, ele ajuda, se achar que não deve, faz tudo pra ser descoberto.

Mas se o policial paga, ele não recebe proteção?

— Na umbanda é muito difícil receber dinheiro.

E pela magia?

— Pela magia, se pagar, ele recebe proteção. Mas aí ele tem que andar muito correto, principalmente com os "cumpadre". No dia certo ele tem que "tratar" e tudo que prometer ele tem que fazer.

Tem que prometer muita coisa?

— Não, pra proteção a gente só fecha os caminhos de quem tá fazendo a investigação. Se a gente quiser atrapalhar um detetive, ele pode tentar a vida toda que não descobre nada. Isso aí é mais fácil que trabalho de matança.

As pessoas usam mais a umbanda ou a magia?

— Por incrível que pareça, a magia. E o candomblé. Porque o candomblé e a quimbanda não têm piedade. O que vier eles traçam mesmo.

A magia não ajuda os pobres?

— Não ajuda os pobres porque precisa dinheiro e os pobres não têm. Se a gente vai no centro pra acertar a vida da gente pela magia, por exemplo, apertar o patrão pro patrão pagar melhor, eles pedem uma fortuna. E o pobre não tem. Por isso, o pobre nunca vai pra frente. O rico vai. A magia é só pra rico.

Quer dizer que até os exus estão do lado dos ricos?

— Não, do lado dos pobres.

Como estão com os pobres se só ajudam os ricos?

— Do lado dos pobres porque o "aparelho" que usa ele, ele protege. Se eu, por exemplo, recebo um exu, a mim ele não deixa acontecer nada. E ele nunca me deixa faltar nada. Mas ele nunca vai fazer pra uma pessoa pobre que nem eu o que ele faz pro rico. Porque o rico dá o dinheiro. Agora, se ele gosta do pobre, ele protege, mas levantar a vida não levanta.

"Meu guia de luz desde criança é o Seu Lucifer, Duas Cabeças"

"Eles querem coisa cara, pato, coelho. Pobre não pode pagar"

O exu é mau?

— Alguns. Porque o exu é um guia de luz. Ele faz o bem e faz o mal, ele faz aquilo que você pede. Mas eles são bons porque eles protegem a pessoa também. Por exemplo, se você fechar o corpo com um exu, você vai ter proteção pro resto da sua vida. A bala vem em você, bate em você, mas não te fura. Os donos de "falange" são os exus mais falados: Tranca-Rua, Tranca-Tudo, Sete-Encruzilhadas, Sete-Caveiras... Eu tenho muita fé nos exus. Tenho fé e tenho medo porque com eles não se pode brincar.

Você está protegida?

— Eu sou protegida sim. Quando eu tinha sete anos de idade o primeiro guia que recebi foi um exu.

Recebeu como? Você não sabia de nada?

— Não, eu tinha sete anos. Toda vida, desde criança, sempre fui diferente dos meus irmãos. Nós somos quatro irmãs gêmeas, todas vivas. Uma é freira, outra tá em Santa Catarina e outra no Rio. Eu tava sentada num terreiro, lá em Santa Catarina ainda, e quando dei "acordo" de mim eu já não tava mais lá. Coisa contada pela minha mãe. Meu pai bebia muito e diz que ele tava numa briga e diz que eu — com sete anos de idade — fui lá e separei a briga de dois homens. Diz que levei meu pai pra casa como se pega uma boneca. É a força do guia. Porque eu, até hoje, acho que não tenho força nenhuma.

Tua mãe freqüentava centro?

— Ela não aceitava porque foi criada numa família muito religiosa, católica mesmo. Não aceitava, mas não desfazia.

Quem te levou no centro aos sete anos?

— Na frente da minha casa tinha um. E quando começava a bater os tambores eu me sentia mal, eu saía que nem uma doida pro meio da rua. Depois, minha mãe falou pra mim: se você tem que ir, você vai. Mas vai sozinha. E eu ia sozinha. Era só atravessar a rua. Durante uns cinco anos fiquei nesse centro, depois o Juizado de Menores me pegou. Esperei até os 18 anos e recomecei em Curitiba. Trabalhei durante sete anos no quimbanda sem receber um guia de umbanda, que o exu não dava passagem. Ele achava que era dono da cabeça e não deixava outro guia entrar.

Que exu era esse?

— Duas-Cabeças, seu Lucifer.

O Lucifer? O próprio?

— É o próprio. Ainda trabalho com ele. É o primeiro guia que eu recebi. E ainda é o meu guia de cabeça, o primeiro guia que eu recebo em qualquer sessão.

Os exus são os mesmos, durante séculos?

— Não, tem a retirada deles. E ficam os filhos deles no lugar. Mas aí já não é a mesma pessoa que recebe. Por exemplo, quando Lucifer se retirar vai ficar o filho dele, mas não sou eu que vou receber ele. E depois, não sou só eu que recebo, ele é guia de muita gente.

Os trabalhos que a gente vê nas esquinas, na cidade, são de quem?

— As "encruzas" são só dos cumpadres, os exus. A mata é dos caboclos, da umbanda.

Faz bem pras pessoas conseguir coisas através de matança?

— Não. Os "cumpadre" dão, mas aquilo lá não dura sempre. Se faz um casamento por intermédio deles, com sete anos o casamento acaba. Se faz qualquer coisa pesada, com sete anos aquilo lá não existe mais.

Quer dizer que aquele major que subiu de posto pela magia, depois de sete anos vai acontecer alguma coisa com ele?

— Se ele já não estiver quase bambeando, tá quase. Ele já teve até uma complicaçãozinha aí. Acho que ele andou preso, uma coisa assim... acho que você já pescou quem é. Ele tá no Rio. No Rio ou em Brasília.

Ele é graúdo assim?

— Grandão...

Faz tempo que ele fez aquele trabalho?

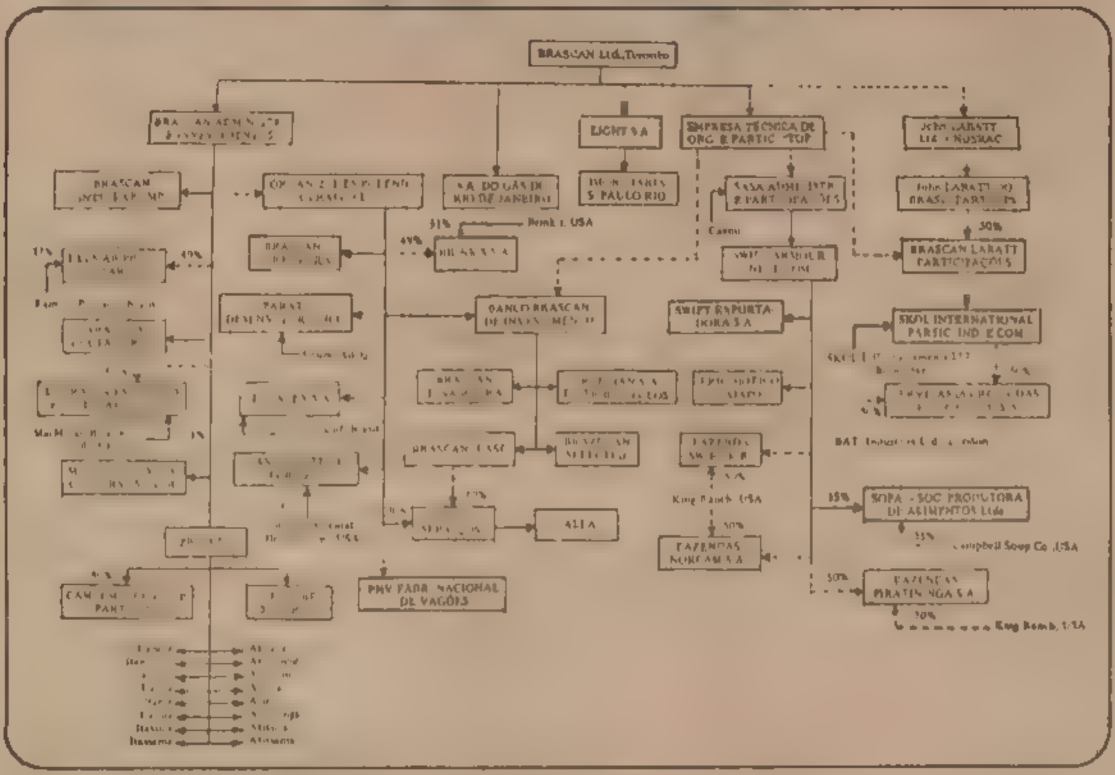
— Faz. Já tá quase no finzinho do trabalho.

Entrevista a Alex Solnik; fotos de Amancio Chiodi

CASO BRASCAN

Dona da "Light" fez seu império depois de 1964

Graças aos lucros da "Light", o grupo canadense Brascan construiu no Brasil um império hoje com 37 empresas, avaliado em 1,6 bilhões de dólares. A informação é de um trabalho publicado pelo Conselho Mundial das Igrejas (Suíça) em 1976. Abaixo, um resumo desse trabalho ("O Lado Negro da Light").



Empresas da Brascan no Brasil segundo o Guia Interinvest, 1978

Brascan é uma dessas enormes multinacionais que dominam cada vez mais a economia mundial. Seus donos moram no Canadá — onde ela é a sexta maior empresa do país. As multinacionais, geralmente, têm negócios em vários países, mas a Brascan concentrou os seus num só, o Brasil. E tem aí um império econômico avaliado em mais de 1.600 bilhões de dólares: além da **Light** (vendida há um mês ao Brasil) — que foi o primeiro negócio e que gerou os outros — a Brascan é dona, inteiramente ou em parte, da Skol-Caracu (cerveja e refrigerantes), da **Peixe** (tomates e doces enlatados), da **Brink's** (carros-fortes que transportam dinheiro), da **Swift-Amour** (carnes e conservas), da **Delmar** (exportação de lagostas). Possui fazendas de gado e duas minas de estanho em Rondônia, tem 12% da **Eucatex** (cujo sócio maior é Paulo Maluf), explora rede de hotéis **(Gávea Hoteleira)**, lucra com transportes **(Fábrica Nacional de Vagões)** e com quase todos os ramos de negócios. São 38 empresas no Brasil que enriquecem a **Brascan Ltd. Toronto, Canadá.** Principalmente depois de 1964.

Já em 1905 a companhia tinha lucros fabulosos no Brasil. Um de seus fundadores, William Mackenzie disse textualmente, nesse ano: — Eu nunca estive em São Paulo, mas tirei um milhão de dólares de lá nos últimos três anos. (Do livro **Anatomia dos Grandes Negócios**, de Frank & Libby Park, 1973.)

Um historiador americano revelou num livro de 1976 (**Relações Canadá-América Latina 1866-1968,** J.C.M. Ogelsby) o segredo da companhia

"Alexander Mackenzie (presidente da filial brasileira de 1915 a 28) rapidamente aprendeu o segredo da sobrevivência no Rio e em São Paulo. Não se diz quanto dinheiro foi necessário para aprovar coisas, mas há pequena dúvida que um número de líderes brasileiros fizeram bem para si próprios, representando os interesses da companhia."

Desde o início da **Light** — na passagem do século — ela não teve problemas com os governos brasileiros até a década de 1960, quando João Goulart chegou à presidência. Ele aprovou a Lei de Remessa de Lucros — as companhias estrangeiras não poderiam mandar pra fora todo o dinheiro que mandavam — e os rendimentos da **Brascan** foram caindo: de 17 milhões de dólares, em 1960, a renda líquida caiu para 1 milhão em 1962 e em 63 a companhia estava operando no vermelho.

Industriais do Canadá, dos Estados Unidos e da Europa lamentavam, nessa época, a "tomada do governo brasileiro pelos comunistas." Grant Gassco, então presidente da Brascan, comentou a situação do Brasil:

— Cada vez mais os vários departamentos do governo estão infiltrados de extremistas, muitos dos quais são inspirados e dirigidos por comunistas. (Citado no **Arquivo Brascon**, Vol. 3, nº2, março, 1973.)

Diretores da **Brascan** no Brasil também tinham idéias como essa. Antônio Galloti, advogado da Brascan desde 1932 e hoje o primeiro homem da companhia no Brasil, foi líder fascista e chegou a Secretário Para Assuntos Internacionais da Ação Integralista. Numa entrevista à revista **Visão**, em dezembro de 1973, Galloti explicou:

" — Minha opção pelo fascismo foi ditada pelo meu ódio ao comunismo.

Ele deixou os fascistas em 1938, quando já era da **Brascan.**

Mas em 1962, as coisas não iam bem para a companhia, cujo nome era **Brazilian Traction** e não **Brascan** ainda. A **Light** se tornara o símbolo da dominação estrangeira da economia brasileira. Marcos Arruda, num trabalho editado em Toronto em 1975 (**O impacto das multinacionais no Brasil Contemporâneo**) diz que "Antonio Galloti teve que lutar duramente contra a política de nacionalização de Juscelino Kubitschek — presidente do Brasil de 1955 a 60 — e especialmente a de João Goulart — 61 a 64. Galloti não esconde sua participação no movimento e nas operações que levaram ao golpe de Estado contra Goulart, em 1964."

As conseqüências do golpe foram imediatas para a companhia: em 1º de abril sua ação valia $1,95; no dia 3, quase dobrou, foi para $3,60. A companhia também foi compensada pela perda de sua **Telefônica**, nacionalizada por Goulart em 1962. Recebeu, em 1964, 96 milhões de dólares por uma Telefônica gasta e obsoleta — 65 milhões teve que investir no Brasil e ficou com 31 milhões livres. (**Relatório Anual da Brascan**, 1965.)

Em 1965, os lucros da companhia subiram para 20 milhões de dólares e dez anos depois iriam a 100 milhões de dólares por ano. Robert Winters, presidente da **Brascan**, disse uma vez:

— O governo militar do Brasil foi dedicado ao princípio da iniciativa privada. Eles perceberam a necessidade de criar um clima amistoso ao capital estrangeiro e assim fizeram. (**Chris Braithwaite, Revolução Por Trás do Desenvolvimento Brasileiro**, maio, 1969.)

Indios também são vítimas da Brascan

Indios do Maranhão e do Território de *Rondônia vêm sendo dizimados pela ação, entre outras grandes companhias, da* ***Brascan****, que ocupa uma fazenda de 180 mil acres no Pará, roubados dos Indios Urubu e Tembé (conforme relatório de 1973 da* ***Sociedade de Proteção aos Aborígenes de Londres****) e explora duas minas de estanho em Rondônia, onde os Indios Cintas-Largas vêm perdendo terras para companhias de mineração a partir da década de 60.*

A ***Brascan*** *comprou 45% da* ***Swift-Armour*** *no fim de 1974 — mesma época em que obteve, no exterior, 26 milhões de dólares emprestados para a* ***Light****. Uma das fazendas de gado da* ***Swift****, no Pará, estava em terras que haviam sido separadas como reserva dos Indios Urubu e Tembé. Mas o ministro do Interior, Costa Cavalcanti, contornou leis federais e conseguiu passar as terras indígenas para o Estado do Maranhão. Em seguida, obteve aprovação, inclusive do presidente Geisel, para o funcionamento da fazenda (****Deltec, Boletim de Informações sobre o Brasil, 1974****).*

A aprovação presidencial foi confirmada por Guilherme Cardoso, diretor no Brasil da ***King Ranch****, sócia da* ***Swift-Armour****:*

— Não existem Indios na região. E como o governo está muito interessado em nosso empreendimento, o presidente assinou um decreto permitindo a venda das terras ao nosso grupo. (Revista ***Realidade****, outubro de 1971.)*

*Em 1972, quando o governo brasileiro tirou 2/3 da reserva indígena de Aripuanã, em Rondônia, a Brascan já tinha na região — uma das maiores reservas de estanho do mundo — a mina de Promisa. O governo deu permissão a 10 companhias estrangeiras de mineração para procurarem estanho dentro do parque indígena (****A política do genocídio contra os Indios do Brasil, Universidade de Berkeley, EUA, 1974****). No mesmo ano, o antropólogo francês Jean Chiappino denunciava que os Indios do Parque Aripuanã continuavam morrendo de tuberculose e outras doenças trazidas pelos brancos trabalhadores nas minas. (****Boletim de Informações sobre o Brasil, Deltec, 1974****)*

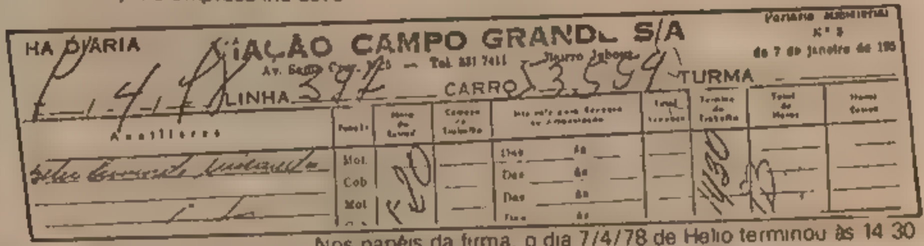
Em 1974 a Brascan comprou outra mina de estanho em Rondônia, a Jacunda e está ampliando sua área de exploração.

O motorista Helio Leonardo quer Cr$ 40 mil que a empresa lhe deve

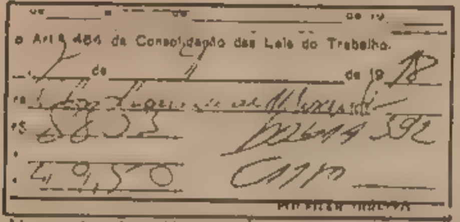
Foto Chiquito Chaves

Motorista de ônibus diz que é explorado e prova

1. Trabalhava 22 horas por dia sem receber "hora-extra"
2. O pagamento vinha com erros, sempre para menos
3. De tanto reclamar, foi despedido por "justa causa"
4. As empresas lesam o trabalhador e o governo



Nos papéis da firma, o dia 7/4/78 de Helio terminou às 14 30



No recibo de salário está marcada a "dobra" 10 horas de trabalho, pagas sem "hora-extra"

Dia 7 de abril de 1978, Helio Leonardo Miranda, baixo e gordo, 44 anos, pegou no serviço às 5 e 20 da manhã. Sentou no seu lugar de motorista, ao lado do motor, onde o calor chega a oitenta graus. Em uma hora e meia fez a primeira viagem Bangu-centro do Rio de Janeiro. Até duas e meia da tarde, nove horas de trabalho, fez cinco viagens e aí acabou seu dia "oficialmente".

Nas nove horas de trabalho Helio enfrentou um trânsito confuso, enlouquecedor, engoliu sanduíche nos vinte minutos de almoço e descansou três minutos em cada ponto final. Depois das duas e meia Helio continuou trabalhando, só que a partir daí suas horas não seriam registradas nos livros da empresa. Pelos livros, o dia de trabalho tinha terminado.

Helio começava a "dobra": ia trabalhar mais dez horas seguidas e ganhar por elas o equivalente a outro dia de trabalho normal. Durante os dois anos e oito meses de Viação Campo Grande, ele fez "dobras" muitas vezes. Algumas semanas "dobrava" cinco dias seguidos: o pouco que dormia era dentro do ônibus mesmo. Toda essa loucura era vontade de construir uma casa de tijolo pra tirar do barraco a mulher e os seis filhos.

Apesar de trabalhar tanto, Helio tirava tempo para estudar leis trabalhistas, pra conhecer seus direitos. Cada coisa que a empresa fazia fora da lei Helio reparava. Por exemplo: a empresa deve pagar, por lei, Cr$ 4 por dia, que são para o motorista comprar o uniforme. Na Campo Grande, porém, ninguém recebe os Cr$ 4 nos dias de folga e assim a empresa tira Cr$ 16 de cada motorista por mês.

O pagamento certo da "dobra" nem adiantava reclamar (por lei, horas extras, acima de duas, são pagas em dobro): se quisesse, era pago assim; se não quisesse... Mas ele queria, claro, porque precisava. A "dobra" é inclusive disputada pelos motoristas. Na gíria deles, eles se chamam "leões", e não deve ser à toa. Tem que ser leão pra levar a vida que eles levam.

Também acontece de o pagamento vir com dinheiro a menos. Uma vez,

→

Presidente do sindicato chama grevistas de bêbados

Em agosto do ano passado, em entrevista ao REPORTER, o presidente do Sindicato dos Condutores de Transportes Coletivos do Rio de Janeiro, Sebastião Ataíde, disse que "infelizmente, o motorista só pensa em uma coisa: comprar um carro e ficar dono de empresa e isso é regra geral. Não há conscientização de classe".

No mês passado, essa classe não conscientizada, em assembléia da qual participaram cerca de três mil pessoas, entre motoristas e cobradores, decide uma greve. Uma greve que o sindicato fez questão de dizer que não era sua.

Perdendo-se nas declarações que fez à reporter Regina Guerra, Ataíde, ao mesmo tempo em que tira o corpo fora da greve, diz que, embora não conscientizada em agosto, a classe já estava entendendo melhor as coisas, devido ao trabalho de base desenvolvido pelo sindicato. Mas, ao mesmo tempo, deixa escapar que "a greve não foi uma demonstração de consciência, a greve foi um equívoco."

— A classe ainda não está perfeitamente conscientizada. Estamos tentando politizar a classe para que ela não passe a ser massa de manobra na mão de grupos espúrios. O sindicato não teve nada a ver com a greve. Foi um estouro da boiada. Eu tentei fazer uma coisa legal.

Segundo informações recolhidas no meio intersindical carioca, a "coisa legal" seria a Semana da Segurança, quando os motoristas apenas cumpririam a lei, não fazendo horas extras, não carregando excesso de passageiros, não ultrapassando outros ônibus, não trafegando em velocidade acima da permitida (60 km/h). Com essa campanha, o sindicato pretendia sensibilizar os patrões e conseguir a equiparação salarial (a classe queria ganhar a mesma coisa que ganham os motoristas interestaduais).

Só que a Semana da Segurança, segundo as informações que correm no meio intersindical de oposição, fazia parte de um acordo do sindicato com a Delegacia Regional do Trabalho, que também pressionaria os patrões e o governo, numa simples jogada política.

Mas a tal classe não conscientizada vem sofrendo pressões, é mal remunerada e trabalha em excesso. E por tudo isso vinha pedindo a greve, contrária às idéias do sindicato, que queria uma coisa legal. Como a greve é ilegal, nada de parar.

Segundo Ataíde, a classe foi manejada por grupos espúrios, mas não se conseguiu ainda definir que grupos espúrios são esses. Com exceção de acusações feitas por Ataíde a um dos líderes da greve, o Miranda, não se conseguiu mais nada. O único "grupo espúrio" que pôde ser localizado foi a própria classe dos motoristas.

Ataíde, o presidente, fez papel de pelego

Pedindo para não ser publicada, Ataíde deu a seguinte declaração à reporter:

— Esses homens ficam aqui a tarde toda, bebendo no botequim. Ficam excitados e começam a gritar: "pára, pára, pára". Isso, na tensão de uma assembléia. Não houve votação nenhuma, não foi decidido nada racionalmente. Simplesmente gritaram, "pára" e saíram pelas ruas parando o carro.

Só que, com essa declaração, dá para se ver que o sindicato está muito distante da massa e que perdeu o controle sobre ela. Além do mais, se alguém grita "pára" e a classe pára é porque ela queria, através da greve, fazer suas reivindicações básicas.

Perdendo o controle da greve, o sindicato começou uma ação para desestimulá-la, acabando por ser o principal responsável pelo fracasso do movimento. O próprio Ataíde foi a algumas empresas de ônibus pedir que os motoristas voltassem ao trabalho. Deu declarações dizendo-se contra a greve e foi acusado de ter facilitado o cancelamento, pela DRT, de uma reunião no sindicato, quando seria decidido o encaminhamento da greve. Com a classe enfraquecida, o sindicato sob uma espécie de intervenção e ação da polícia, o movimento apagou.

Um erro político ou uma ação pelega? Para muitos motoristas e para alguns líderes sindicais do Rio e de São Paulo, trata-se de uma ação pelega. Isso porque se a massa queria a greve, o sindicato deveria, no mínimo, ficar do lado da classe, como aconteceu com os sindicatos dos Médicos do Rio de Janeiro e de São Paulo, quando da greve dos residentes. O movimento foi dos residentes, os sindicatos não tinham nada a ver com isso, mas acabaram assumindo e apoiando a luta de uma parcela de sua classe.

Chico Junior

Helio percebeu que estava sendo lesado em Cr$ 260· 7 dias de suas férias de junho passado deveriam ser pagos conforme novo acordo salarial. Ele até mandou um ofício a um dos sócios da Viação Campo Grande, Reinaldo Rodrigues de Sá, pedindo o dinheiro

Alguns dias depois, ele voltou ao escritório da empresa com outro fim: tinha esquecido de parar na barreira de fiscalização (onde se faz controle de passageiros e féria), uma falta grave. Estava no escritório para justificar o ato e pedir uma autorização para continuar no trabalho, apesar da falta. Hélio conversou com o inspetor José dos Santos e ganhou a autorização

Já ia saindo do escritório. Antes, quis saber do chefe de pessoal se havia alguma resposta a respeito dos sete dias de férias que foram pagos a menos. Artur, chefe de pessoal, pediu para Helio esperar. Entrou para conversar com um acionista da empresa, Manoel de Oliveira. Na volta, o chefe de pessoal trouxe a Helio uma notícia seca: o senhor está despedido. "E os meus direitos?" perguntou Helio. "Ora, vá na Justiça cobrar seus direitos" disse o chefe de pessoal com o gesto de mão.

A Viação Campo Grande despediu Helio por "justa causa". Ele conta que uma história foi inventada para que ele pudesse ser incluído num item da CLT — Consolidação das Leis do Trabalho — que é "ofensa grave ao patrão". A empresa, diz Helio, "arranjou" duas testemunhas — seus superiores diretos, dois fiscais, aquele José dos Santos e outro, Eduardo Gonçalves Pereira — para dizerem que Helio teria dito pra eles, logo depois daquele dia em que ele esqueceu de parar na barreira: "Não parei porque os patrões são uns desonestos e uns exploradores".

Desde que foi despedido, em agosto, Helio não consegue emprego nas companhias de ônibus da região E luta na Justiça, para provar que não houve "justa causa" na sua demissão. Reclama, também, o pagamento correto das "dobras" que fez. Espera receber ao todo Cr$ 40 mil para continuar a construir a casa de alvenaria, por enquanto só um esqueleto. Seus advogados dizem que a causa está quase ganha, mas o processo se arrasta.

— O "leão" — diz Helio — é considerado semianalfabeto pelos patrões. Quando entende alguma coisa, fica logo na marcação dos empresários. Eu sou um cara que tenho ginásio, sempre me interessei por leis. Esclarecia alguma coisa ou outra para os companheiros, nos pontos finais. O "leão" geralmente não conhece seus direitos, não pode provar quantas horas extras fez. Os envelopes de pagamento vêm constantemente com erros grosseiros. Mas o escritório da empresa confia de que o "leão" vai pegar o dinheiro, botar no bolso e entrar no botequim.

Helio acha que os deputados deveriam pedir uma CPI para investigar a contabilidade das empresas de ônibus. Ele tem quase certeza que além de lesar os empregados elas também lesam o imposto de renda, o FGTS e o INPS pois se as "dobras" dos trabalhadores não são registradas nos livros, também a féria referente a esse período não é contabilizada:

— Se não houve "trabalho", possivelmente também não houve renda. Só no meu caso, eu trabalhava em média pelo menos cinco horas extras por dia que não eram contabilizadas. Só a Viação Campo Grande tem 700 motoristas e cobradores que vivem no mesmo regime. Esse caso de exploração que estou contando não é meu caso individual, é caso de todos os motoristas e cobradores do Rio de Janeiro.

Regina Guerra

Foto Clarice Niskier

Greve trabalhadores, sem condução, quebram os poucos ônibus que circulam

Foto Custódio Coimbra

Polícia e Exército saem às ruas para acabar com as depredações

NOSSO REPÓRTER APANHOU NO DIA DA GREVE

Dia da greve dos ônibus, 16 de janeiro. A cidade do Rio parou. No centro, trabalhadores que não tinham como ir trabalhar se revoltaram e começaram a quebrar os poucos ônibus que circulavam. Chegou a polícia, o Exército, houve tiros para o ar. Nessa confusão, nosso repórter Enio Oliveira foi detido, apanhou e viu muita gente apanhar. Este é seu relato :

A chegada do primeiro choque da PM (Polícia Militar) dispersou um pouco o povo revoltado. Durante algum tempo as coisas se acalmaram. Eu me aproximo, caneta e papel na mão, faço anotações. Escrevo:

— Popular jogado dentro de um camburão debaixo de grossa pancadaria.

Nesse momento, fui cercado pelos PMs, que me tomaram o bloco de anotações. Intimidações de praxe, empurrões.

— Que que você tá escrevendo aí? Quem mandou escrever isso?

O tenente pede os documentos, chama um guarda e diz:

— Leva esse cara daqui. Bota no camburão, e some com esses papéis!

Sou seguro pelo cós da calça e arrastado por toda extensão da av. Presidente Vargas, do Campo de Santana até a esquina do Ministério do Exército, onde fui intimado a entrar no camburão e trancafiado. Do lado de fora ouvi o corre-corre, muito barulho e vozes dispersas:

— "... tem um cara ferido ali em má situação" — voz de um popular.

— "...se pode andar a situação dele é ir pro Souza Aguiar" — responde um PM.

— "...tão quebrando um CTC (ônibus da prefeitura) lá na Primeiro de Março".

— "...todos os carros da 5ª DP para a Central do Brasil" — voz metálica do rádio do camburão.

Barulho de helicóptero voando baixo sobre o centro da cidade.

Pelas frestas da parede lateral do camburão deu pra ver a passagem de 4 caminhões da PE (Polícia do Exército) carregados. Aumenta a agitação lá fora. Uma voz:

— Vai sujar!

Minutos depois entram no camburão Almir e Clidenor na base das costumeiras porradas. Clidenor vai logo dizendo:

— Eu tava só olhando. Não tinha condução.

Almir, mais agressivo, a primeira coisa que disse, foi:

— Deram um pau na cabeça do PM, que ele girou e caiu sangrando.

Pedrada. Realmente os PMs estavam despreparados pra briga nesse dia. A cabeça descoberta, nada daqueles trajes a rigor com que eles saem às ruas quando vão reprimir as manifestações políticas e estudantis.

Depois, mais calmo, Almir se justificou:

— Trabalho à noite numa obra da CETENCO ali na rua da Assembléia. Larguei às nove, ia pra casa. Tive de ficar de bobeira. Não tem mais trem. A massa tava puta, queria quebrar tudo. Botaram todo mundo pra fora. Me pegaram porque eu tava apanhando umas laranjinhas de um caminhão.

O camburão ficou parado quase duas horas. Depois rodou até a entrada da Central onde entrou mais um, o Celso. Circulamos mais e paramos na porta da 2ª DP, na rua Bento Ribeiro. O pau comeu feio.

Os PMs abriram a porta e um foi logo gritando:

— Quem é o repórter aí?

Arrancado de dentro do camburão fui premiado com dois tapões de mão aberta nas costas, porta da delegacia adentro. Dei sorte, era repórter, apanhei menos. Mas o pessoal que vinha atrás não teve perdão. Socos, botinadas, cacetetes. Os policiais batiam sem parar, em todas as partes do corpo. O Celso recebeu três telefones seguidos, criteriosamente aplicados, que o fizeram girar no ar. Um cacetete partiu-se nas costas de alguém. Subiram assim as escadas da delegacia. Lá em cima a porrada ainda corria solta quando chegou o delegado.

— Aqui não! Aqui não! Se bater aqui dentro eu mando autuar! Esse caso não é comigo, acabei de receber um telefonema. Tem que ir pro DPPS (Departamento de Polícia Política e Social).

Voltamos escada abaixo do mesmo jeito que subimos. Clidenor ia na frente recebendo uns "corretivos", quando chegou lá embaixo deu o pinote — estava apavorado, não tinha nenhum documento com ele. Foi recapturado na Central. Voltou ao camburão murmurando coisas incompreensíveis, um fio de sangue escorria-lhe da testa e riscava de vermelho um hematoma esverdeado que apareceu na altura da bochecha do lado direito do rosto. Bateram a porta e reabriram logo em seguida. Entrou mais um, o Edilberto. Contou que quando viu nossa chegada, correu até a gráfica onde trabalha ali do lado, pegou sua máquina e começou a fotografar todos os lances.

— Não há lei que proíba ninguém de fazer isso — afirmou.

Seguimos para a rua da Relação, onde fica o DPPS, os cinco enlatados dentro daquela gaiola. Lá na Polícia Política a barra anda mais leve. Coisas da tal "abertura" política. O tratamento fica entre o "formal e o cordial": conselhos paternais, repreensões não muito violentas e brincadeiras sem graça. Mais três horas de espera até que se decidissem pela nossa liberação, depois de prestados os depoimentos. Na verdade foram constrangidos a se "apressarem", pois nesse meio tempo o Celso, que sofre dos nervos, teve dois violentos ataques, conseqüências das porradas físicas e da pressão psicológica de que foi vítima.

ESPERTAS

Dom Pedrito faz o que Marchezan acha que é bom

A pequena cidade gaúcha de Dom Pedrito, na fronteira com o Uruguai, curva-se aos interesses pessoais do deputado Nelson Marchezan, principal assessor político do general João Baptista Figueiredo. Essa cidade, de 30 mil habitantes, tem sérios problemas de abastecimento de água, ao mesmo tempo que uma família local (Ataíde) possui uma barragem, a cinco quilômetros do local, que solucionaria o problema pelo menos por uns 30 anos.

Acontece que essa barragem está arrendada para Guido Marchezan (pai de Nelson), que planta arroz em terras próximas. Quando, há 2 anos, o prefeito nomeado (José Coelho Leal) assumiu, sua bandeira, embora não necessitasse de voto, era a compra da barragem dos Ataíde e a solução no abastecimento de água à cidade.

Consultados os proprietários, em nome da comunidade, concordaram imediatamente com o negócio. Este fato justificou um pouso inesperado de Nelson Marchezan em Dom Pedrito, onde manteve demorado encontro com o prefeito. Isto há mais de um ano. Nunca mais a prefeitura falou na barragem.

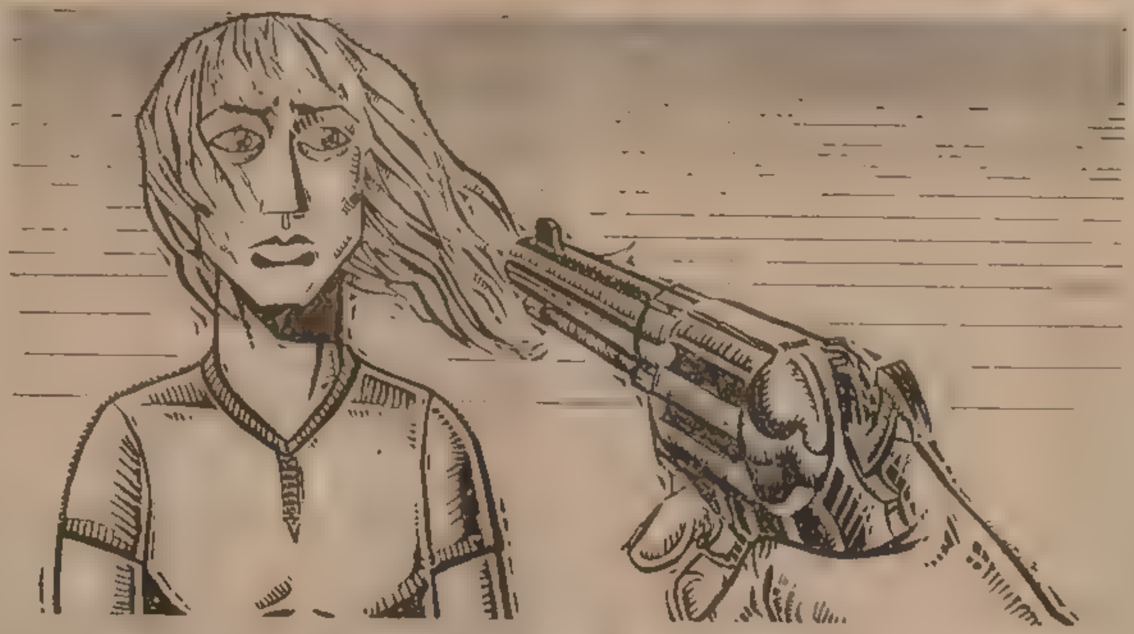
Luiz Alberto Bettencourt

Com o objetivo de avaliar a atual condição da mulher brasileira, sua inserção no mercado de trabalho, a situação no plano da saúde, a participação política e o posicionamento diante da questão da sexualidade, o Centro da Mulher Brasileira organizará de 8 a 11 de março, o I Encontro Nacional de Mulheres, em comemoração ao Dia Internacional da Mulher (8 de março).

O Encontro será realizado no Rio de Janeiro e o CMB espera que, a partir dele, "surjam novas expectativas de atuação para as mulheres que hoje lutam contra a discriminação feminina.

As interessadas devem procurar o CMB, na rua Franklin Roosevelt, 39/sala 713, telefone: 242-3147, Rio de Janeiro

Chico Júnior



Polícia sequestra quem quer nas ditaduras do Sul

O seqüestro dos uruguaios Lilian e Universindo, feito em Porto Alegre pelas forças de segurança brasileira e uruguaia e que já se transformou no escândalo da violação da soberania nacional, não é nenhuma novidade. Isso está acontecendo há muito tempo, a partir de um acordo de operações entre as ditaduras do Cone Sul (Chile, Argentina, Brasil a Uruguai).

A imprensa européia, primeiro, e depois a brasileira, já cansaram de publicar, inclusive com testemunhos (vide a entrevista de José Maria Rabello no **Pasquim**), notícias sobre a presença de policiais brasileiros agindo descaradamente no Chile, logo depois do golpe de Pinochet.

Até o general Figueiredo teve seu nome envolvido num possível acordo com o serviço secreto chileno, em relação à morte do ex-presidente Juscelino Kubitchek. O fato, porém foi desmentido pelo governo.

Mas a verdade é que os serviços secretos destes quatro países estão cansados de trocar informações e, por que não, presos políticos.

Algo parecido com o seqüestro dos dois uruguaios ocorrido no Brasil, no qual estão envolvidos os policiais Didi Pedalada e Paulo Seelig, este delegado da Polícia Federal, foi denunciado num documento do Secretariado Internacional de Juristas pela Anistia no Uruguai, com sede em Paris. Fala da prisão da exilada uruguaia Ana Salvo, presa por agentes uruguaios e argentinos em Buenos Aires.

O texto do documento enviado à nossa redação é o seguinte:

"No dia 3 de novembro de 1978, foi seqüestrada em sua casa, localizada na rua Santiago Rivas, 1676, apto. 203, em Montevidéo, a senhora Ana Salvo de Espiga. Os efetivos das Forças Armadas Uruguaias que praticaram a ação, nada informaram a seus pais (com quem vivia, em companhia de seus dois filhos pequenos) sobre os motivos da prisão, nem sobre o lugar ao qual seria conduzida, nem a que autoridade se dirigir para conhecer sua situação.

Este caso é revestido de uma particular gravidade e requer uma urgente ação da Comunidade Internacional, por se tratar de uma situação em que a integridade física e a vida de Ana Salvo correm sério perigo.

Ana Salvo de Espiga é dos 22 uruguaios seqüestrados no 13 de julho, em Buenos Aires, pelas forças de segurança do Uruguai e da Argentina e que, posteriormente, foram deportadas ilegalmente até o Uruguai.

No mês de dezembro de 1977, Ana Salvo foi posta em liberdade, passando a ficar em regime de liberdade vigiada.

Considerando que todas as gestões realizadas por seus familiares no Uruguai foram negativas, tememos que esta nova prisão seja para se tentar fazer desaparecer uma possível testemunha, perigosa para a impunidade da repressão. Pelo que viveu entre julho de 1976 e dezembro de 1977, Ana Salvo é uma testemunha direta das atividades das forças armadas uruguaias na Argentina, e da cumplicidade dos serviços de repressão deste país na perseguição, tortura e assassinatos de exilados uruguaios em seu território. Particularmente, ela foi testemunha da presença, em mãos de militares uruguaios em território argentino, dos dirigentes Gerardo Gatti, Leon Duarte e Hugo Méndez, que estiveram presos no mesmo lugar que Ana até o dia 25 de julho de 1976 e que até hoje estão desaparecidos.

Diante do novo desaparecimento de Ana Salvo, alertamos a opinião pública internacional sobre o perigo de acontecer a mesma coisa com outras pessoas seqüestradas em julho de 1976, na Argentina: Ariel Soto, Alicia Cadenas, Gastón Zina, Mónica Soliño, Cecilia Gayoso e Raquel Nogueira, que estão no Uruguai porque o governo nega a permissão de sairem do país.

Diante dessa situação, pedimos a todos os organismos humanitários, instituições que se ocupam dos Direitos Humanos e da Comunidade Internacional uma enérgica ação, reclamando os objetivos fundamentais:

1. Que Ana Salvo seja liberada imediatamente e que seja garantida sua vida e sua integridade física.

2. Que ela e todos os outros uruguaios deportados ilegalmente da Argentina sejam autorizados a viajar para o exterior e que lhes sejam fornecidos vistos pelos países dispostos a recebê-los.

(Secretariado Internacional de Juristas pela Anistia no Uruguai, Paris, França)

Chico Junior

Hospital é culpado pela morte do trabalhador

Durval Justino Barbosa, operador de caldeira do hospital Tide Setúbal, morreu dia 28/12/78 por culpa do hospital onde trabalhava — foi o que disseram seus colegas a um jornal que não publicou a notícia. Os colegas de Justino não quiseram se identificar, com medo de represálias. Eles contam que Justino ficou sete dias num porão úmido do hospital de São Miguel Paulista (SP) com diarréias, vômitos, fortes dores na nuca e febre. Sem nenhuma assistência.

No começo de dezembro — contam os colegas de Justino — ele sentiu as primeiras dores na nuca e acessos de vômito. Desconfiou e contou que pensava ser meningite. Foi piorando. Até que um funcionário do hospital, Mário Olavo Santos tentou internar Justino no próprio "Tide Setúbal".

Mário Olavo disse que um médico do pronto-socorro se recusou a internar Justino, comentando que o problema dele "era causado por excesso de relações sexuais". Dia 18 de dezembro, Justino já não conseguia andar e trabalhar. Colegas conseguiram interná-lo no "Tide Setúbal". Mas dois dias depois ele recebeu alta. Ao sair do quarto, desmaiou e voltou ao leito. No dia seguinte foi levado ao Hospital Municipal dos Servidores Públicos. Onde recebeu alta antes de ser internado. E voltou ao "Tide Setúbal".

Não para o leito, porém. Os amigos lhe prepararam uma cama num porão escuro, onde Justino foi definhando. Apesar dos avisos:

— Eu avisei a um dos médicos, o dr. Marco Aurélio, que Justino estava com meningite — conta um funcionário que viu Justino morrer. A enfermeira, Ilza, também o avisou. Mas ele não foi ver Justino.

Na última sexta-feira de 1978, o funcionário Mário Olavo obteve uma vaga para o doente no Hospital Emílio Ribas. Lá foi constatada a meningite. Era do tipo viral. Nesse mesmo dia, Justino morreu.

Thersio Ventura, diretor do "Tide Setúbal" negou que seu funcionário tivesse recebido "tratamento insuficiente".

— Nós não negamos atendimento a ele. Somente o encaminhamos a outro hospital. Quando esteve internado conosco foi diagnosticada pressão alta. Nada mais. Não podíamos saber se ele tinha ou não meningite.

Gilberto Demenstein

ESPERTAS

Rozário fotografa a poluição e manda pros homens

Lutar contra a poluição é o atual trabalho do fotógrafo Armando Rozário. Ele fez uma série de cartões postais em que denuncia a destruição do rio São João, no Estado do Rio, por uma usina de açúcar que despeja ali, desde outubro, 3 milhões de litros de vinhoto por dia. A usina chama-se Agrisa e seu dono é Geraldo Coutinho

Conta Rozário que a usina custou Cr$ 350 milhões e o equipamento que transformaria o vinhoto em adubo ou ração para gado elevaria o custo em apenas Cr$ 15 milhões. Mas a usina prefere jogar o despejo venenoso no rio, acabando com os peixes e, em conseqüência, com os pescadores.

A série de 12 cartões postais está sendo vendida e também enviada, como "cortesia" ao dono da usina, prefeitos da região e até ministros. A cada 15 dias cada um deles recebe um cartão diferente, como o da foto, que traz a Declaração Universal dos Direitos do Animal, proclamada pela Unesco, este ano, em Paris:

"Art. 4º. 1) Todo animal pertencente à espécie selvagem tem direito a viver livre em seu próprio ambiente natural, terrestre, aéreo ou aquático, e tem direito a reproduzir-se.

Art. 12º. 1) Todo ato que implique a morte de um grande número de animais selvagens constitui genocídio, isto é, crime contra a espécie. 2) A poluição e a destruição do ambiente natural conduzem ao genocídio.

Alex Solnik

1 Sexo é censurado em "Movimento"

O jornal **Movimento** recebeu, em janeiro, uma carta advertência assinada pelo chefe da Censura, Rogério Nunes. Nela, se insinuava que o jornal corria perigo de apreensão, caso publicasse a versão brasileira do "Relatório Hite", que estava preparando

Trata-se de uma nova tática da Censura. E de uma nova forma de censura prévia, à qual o jornal promete não se submeter. O "Relatório Hite" americano foi feito pela psicóloga Shere Hite que mandou a 100 mil mulheres questionários sobre hábitos sexuais. **Movimento** publicou o questionário e pediu respostas por carta. A publicação das respostas é o alvo da carta-advertência de Rogério Nunes

Alex Solnik

2 Na Suécia, sexo começa aos 12 anos

Uma pesquisa que vem sendo desenvolvida pelo Serviço de Saúde da Suécia desde 1955, chegou à seguinte conclusão, entre outras: os rapazes e moças daquele país têm sua primeira experiência sexual antes dos 18 anos E são as garotas que começam primeiro. A idade média para as meninas transarem é de 15 anos, enquanto os rapazes só começam aos 17. A pesquisa descobriu que metade das jovens entrevistadas admitiu o primeiro contato sexual aos 12 anos e as mais precoces, aos 11. E somente 18% das moças tiveram a experiência inicial aos 18 anos.

A pesquisa faz parte de um estudo sobre o desenvolvimento da criança. Um detalhe importante é que grande parte dos entrevistados não achou nem um pouco legal a chamada primeira vez

Paulo D'Alcântara, de Paris

Fiu-fiu, a nota de mil sumiu

Pintou sujeira na nota de Cr$1.000. O Banco Central, em reclamação enviada à Casa da Moeda, diz que a cédula acumula muita poeira e o relevo da impressão se desgasta com muita rapidez sendo provável que, com mais alguns meses de uso, já seja difícil a identificação.

A verdade é que todo o processo de impressão da nota não está demonstrando ser compatível com as condições de circulação do dinheiro num país como o Brasil.

Há algum tempo, os especialistas tentam criar uma espécie de técnica brasileira para fabricar dinheiro, usando recursos disponíveis no país e reduzindo importações de alguns materiais, como o papel.

As alterações no padrão das cédulas que resultariam dessa tentativa de nacionalização de tecnologia da moeda não foram, entretanto, aceitas pelas autoridades. A uma sugestão de diminuir o tamanho das cédulas de menor valor, para que se pudesse aproveitar melhor o papel (que afinal é importado do estrangeiro e pago em dólares), o ministro Calmon de Sá reagiu, negando-se a aceitá-la. O ministro deve pensar que vivemos num país rico, que pode se dar ao luxo de importar o que quiser.

O mais importante de tudo, porém, é a falta de sensibilidade do governo para a necessidade de fazer dinheiro à brasileira, desenvolvendo aqui um projeto próprio. Para quem não sabe, deve-se dizer que a técnica da moeda é extremamente complicada e envolve a combinação de diversos processos de impressão e um sofisticado trabalho gráfico.

Enquanto isso é feito, corremos o risco da nota de 1.000 virar nota de 10.

Luiz Alberto Bettencourt

Jornal da favela está esgotando

Para a alegria da rapaziada, está circulando nas bancas de Botafogo um novo jornal de bairro: O Eco, editado pelos moradores da Favela Santa Marta, localizada junto às mansões da rua São Clemente, no Rio de Janeiro.

O Eco desceu o morro e denunciou invasão policial, levantou o problema da meningite na favela e discutiu o problema da falta d'água. O jornal, com uma tiragem de cinco mil exemplares, vem se esgotando rapidamente e é muito lido no bairro.

Sérgio Danilo

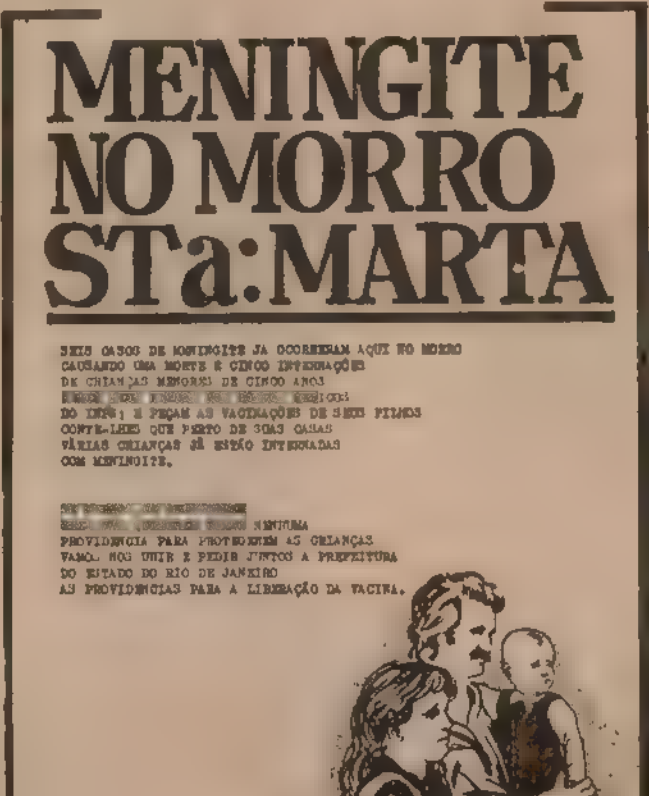


Foto Custódio Coimbra

ESPERTAS

As crianças de 7 a 14 anos conhecem noções de economia, produtos da terra, a utilização do solo, a alimentação, a preservação dos recursos naturais e do reino mineral?

Poucas crianças têm acesso a um rico vocabulário informativo e histórico sobre o nosso país, devido ao desprezo das editoras e autores em relação aos problemas de nosso tempo para o público infanto — juvenil.

Magda Frediani Martins e Maria Filomena Guimarães lançaram e venderam em seis meses, 45 mil exemplares da "Enciclopédia de Pesquisas Escolares", que significa nove edições de livros comuns. A enciclopédia, editada pelo "Livros do Brasil", em quatro volumes, reúne, além de um trabalho imenso de pesquisa das autoras, textos especiais de Ziraldo, Carlos Drumond de Andrade e consultas de Sérgio Escarlate em Biologia, Botânica e Ecologia; Elza Neves (História e Geografia do Brasil) e Francisco (Arte e Cultura Brasileira). É a primeira enciclopédia para o público menor que trata a história como história contemporânea e não sisudos desconhecimentos da realidade brasileira. As autoras colocam em questão, em linguagem infantil, a fauna brasileira, que no momento corre perigo, devido à devastação do solo, a erradicação de florestas e a poluição.

Sérgio Danilo

Na Zona a barra pesada não é só ir para a cama

Rapa na Zona dá prejuízo às mulheres

O quebra-quebra começou por volta das 10 e meia da manhã, no dia 15 de janeiro, quando a Polícia Civil chegou nas ruas Júlio do Carmo e Machado Coelho, Zona do Mangue, confiscando mercadorias do comércio local, quebrando e queimando as barracas dos ambulantes, e invadindo os prostíbulos para retirar bebidas e rádio-vitrolas. Tudo isso sob a alegação de clandestinidade.

De acordo com as declarações dos comerciantes, barraqueiros e donas de casa, essas batidas são comuns no local. Pelo menos de três em três meses acontece uma, para tumultuar a Zona e espantar o movimento, sendo que nem sempre ela é geral para aqueles que têm uma nota para soltar por debaixo do balcão, há sempre um jeitinho de ficar com a mercadoria.

Para Célia, prostituta que trabalha na Zona há quatro meses, essas batidas prejudicam muito o movimento.

— Eles entram aqui e levam as bebidas e a vitrola. Sem cana e sem música, Zona não é Zona. Pra gente, que tem que pagar por dia Cr$ 500 ao cafetão, pra poder sobreviver aqui dentro, senão é esfaqueada, Cr$ 120 pra morar, Cr$ 40 pelo prato de comida, Cr$ 100 pra alguém tomar conta do filho da gente; e Cr$ 20 cada vez que entra com um freguês no quarto, um dia sem trabalho é um dia de penduras.

Vera Lúcia Dias

Camelô tem que soltar grana

Dos mil vendedores ambulantes que se espalham no perímetro urbano de Duque de Caxias, na corrida pela sobrevivência, 80% reclamam dos constantes achaques dos fiscais da Prefeitura do Município. Quem tem grana, tudo bem, caso contrário, segundo eles, as mercadorias são confiscadas, havendo suspeitas de que os fiscais tomam posse para uso pessoal.

O núcleo de concentração dos camelôs de Caxias, é no Centro: Shopping Center, passarela de acesso ao Mercado São Sebastião, avenida Presidente Kennedy e vários outros lugares.

A vendedora ambulante Neilde Maciel Araújo, moradora no Parque São José em Caxias, mãe de 5 filhos, relata seu drama:

— Estou abafada. Acabei de levar uma corrida do rapa, (fiscal). Se não corre, eles levam tudo, tudo mesmo. Comecei a vender agorinha mesmo e ainda não consegui levantar os 100 cruzeiros que eles cobram para deixar a gente vender. Vendo doces, que eu mesmo faço, e sandálias que meu marido faz. Meu ponto é na avenida Presidente Kennedy, ao lado das Casas Sendas, onde fico sentada em um caixote numa sombrinha, bastante movimentado, o que me permite vender bem. Mas agora saí corrida de lá e sou obrigada a ficar aqui — Passarela do Mercado Municipal. Eu tenho que vender, né. Meus filhos precisam comer.

O inválido Jorge Costa Ferreira, morador no bairro Centenário, também tem uma história.

— Tenho um defeito físico na perna esquerda. Procurei outro tipo de trabalho, mas não consegui. Por isso, sou camelô, do que, aliás, me orgulho muito, pois trabalho honestamente. Vendo de tudo que pinta, desde que consiga tirar o meu. A sociedade, infelizmente, nunca me proporcionou melhores condições.

O prefeito Renato Moreira da Fonseca, nega a existência de achaque por parte dos fiscais. Acha, no entanto, que existe um enorme interesse comercial e culpa a Associação Comercial e Industrial do Município. Segundo ele, os próprios comerciantes, colaboram com a proliferação dos camelôs, deixando-os vender ilegalmente na porta de seus estabelecimentos.

O presidente da Associação Comercial e Industrial, Getúlio Gonçalves da Silva, acha que o camelô fere frontalmente o direito do comerciante legalmente estabelecido. Vai mandar ofício à Prefeitura, pedindo maior vigor no combate aos ambulantes. Considera, no entanto, que somente os camelôs folclóricos devem ser tolerados, desde que satisfaçam os mínimos requisitos de higiene. No mais, mesmo consciente dos problemas sociais, é totalmente contra a presença de camelôs.

Enquanto os ofícios se cruzam pelas ruas de Caxias, os únicos atingidos são os ambulantes que lutam pela sobrevivência e querem se legalizar.

Jota Paulo

Operário morre na Siderúrgica e ninguém fala

Ninguém ficou sabendo, mas segunda-feira, dia 22 de janeiro, desabou a estrutura metálica da nova laminação da Companhia Siderúrgica Nacional em Volta Redonda, provocando a morte de um operário e o internamento de outro, em estado muito grave, no CTI do Hospital da Companhia.

A construtora responsável pela obra é a Norberto Oderbrecht, embora ela tenha subcontratado a Montreal Engenharia para fazer a estrutura que desabou.

Duas versões correm na usina de Volta Redonda. Uma, contada por operários, diz que o desabamento foi conseqüência da explosão, à dinamite, de uma pedra que ficava próxima da nova laminação. Os responsáveis teriam calculado mal os efeitos da dinamite e a estrutura metálica veio abaixo. Mas outra versão já corria na Siderúrgica atribuindo a culpa ao operário que dirige uma grua empregada na construção do galpão. Ele teria batido com a grua na estrutura metálica, derrubando-a.

Essa segunda versão, segundo comentam os operários, é para disfarçar a responsabilidade da construtora. Mas, como a imprensa não noticiou o desastre, apesar de uma rádio da cidade ter falado nele no mesmo dia, a diretoria da Siderúrgica Nacional e a da construtora preferiram ficar na moita.

Eduardo Homem

PADRE FRANCÊS FALA DA NOSSA REALIDADE

Um missionário francês, Padre Guy, em entrevista ao jornal parisiense L'Etoile de Sevran, tentou mostrar aos franceses um pouco da realidade brasileira, a partir de sua experiência nos bairros pobres de Recife e interior de Pernambuco. Abaixo, algumas das denúncias feitas pelo missionário.

"O Brasil é um país imenso, cheio de contrastes. Tem centenas de quilômetros de praias, é o país do café, do Carnaval, do samba e do futebol, mas é também o país das multinacionais, onde os bancos são os reis, um país marcado por quatro séculos de escravidão, onde as diferenças entre as classes sociais são imensas, como em todos os países do Terceiro Mundo"

"60% das pessoas vivem no interior, numa extrema miséria. Os ricos vivem nos grandes imóveis, casas magníficas e os pobres vivem em favelas. No Recife, a Ação Católica Operária fez uma pesquisa sobre o custo de vida e verificou que o salário mínimo não dá nem para pagar as despesas de comida do trabalhador. A maioria tem que fazer hora extra. As mulheres lavam roupas para os ricos, vendem coisas na feira ou se prostituem. Só no Recife, calcula-se que existem de 60 a 80 mil prostitutas"

"A Igreja está cada vez mais junto do povo, mas existem algumas contradições. Existem conventos muito ricos, as congregações que formam a elite, e os padres que cobram Cr$ 2 mil por um casamento. Mas certos bispos, como o nosso d. Helder, tomam o partido dos pobres. Aos poucos, os padres vão se organizando em pequenos grupos, nas populações pobres. Estamos desenvolvendo um trabalho na América do Sul, que é uma teologia importante, baseada na vida: a teologia da libertação

Paulo D'Alcantara, de Paris

OS PAIS DO ABORTO

Sob o título "Está faltando o pai do aborto" lê-se no número 9, de REPORTER, uma carta aos homens, assinada por um grupo de leitores do Recife. Pela leitura da carta vê-se que suas signatárias são pessoas politizadas, honestas e militantes, justamente revoltadas contra o machismo entre nós imperante. Como sou mencionado, julguei-me no dever de dar minha real posição sobre a questão. Ao mesmo tempo procuro me valer do comportamento correto e militante político de brasileiras de Pernambuco para que as mesmas prossigam lutando pelo direito de ter ou não filhos ou de espaçar o nascimento dos mesmos pelos prazos que bem entenderem, sem que sejam consideradas responsáveis únicas pela gravidez e jamais compelidas ao aborto por motivos econômicos.

Atualmente dois são os processos mais usados como antinatalistas — o consumo continuado e permanente das pílulas anticoncepcionais pela mulher e o aborto. O aborto provocado, ainda que no início da gravidez, e praticado em condições técnicas perfeitas e com a mais rigorosa assepsia, comporta freqüentes riscos de graves acidentes, inclusive mortais, além de intensas repercussões psíquicas. Aceitar o aborto como um direito expresso em lei seria admitir que uma mulher pudesse abortar três a quatro vezes por ano, aos dois, três ou quatro meses de gestação, sem prejuízos para sua saúde.

Decorridos já cerca de 20 anos do uso da pílula no exterior e mais de 12 no Brasil, pode-se afirmar que seu uso determina freqüentes e graves acidentes, tais como crises hipertensivas seguidas de hemorragia cerebral, tromboses diversas, inclusive cerebral, embolias, enfartes do miocárdio, cegueira por atrofia da artéria central da retina e outros acidentes circulatórios peculiares às quinta e sexta décadas da vida e hoje comuns entre jovens mulheres de 17, 20 ou 30 anos de idade. Aumentou entre as usuárias habituais das pílulas a incidência do câncer do fígado, da mama e do útero.

Há uma sentença da fisiologia, que ninguém ousa contestar e que muitos médicos pilulistas esqueceram, que diz: "Órgão que funciona em excesso se hipertrofia, órgão que não funciona se atrofia." As mulheres, enquanto usam as pílulas, tornam-se verdadeiros robôs sexuais, pois seus ovários, não sendo mais estimulados pela hipófise deixam de funcionar. Passam a ser sexualmente supridas por hormônios sexuais artificiais, sendo, assim castradas fisiologicamente

Saibam vocês que no mesmo dia, hora, minuto e segundo em que os cientistas sintetizaram a pílula para a mulher, foi sintetizada a pílula para o homem, muito mais segura e eficaz que a da mulher, que tanto falha. Então, por que tal pílula, já descoberta, não é lançada à venda? Simplesmente porque os cientistas verificaram que a esterilidade, em muitos casos, tornava-se definitiva, apesar da suspensão do uso da droga. Verificou-se também que elevada percentagem de jovens tornavam-se impotentes e muitos se desinteressavam totalmente pelo sexo oposto

Vocês, certamente, nunca poderiam imaginar a quanto desce o machismo científico e industrial em sua ânsia de lucros a qualquer preço! Vez por outra os jornais anunciam que brevemente será lançada à venda a pílula para o homem. É falso, pois leio isso há mais de 10 anos.

Suponhamos, apenas para discussão teórica, que houvesse à venda pílulas de testosterona para o homem. Nesse caso, poder-se-ia atenuar os riscos inerentes ao consumo continuado da pílula e, principalmente, manter os ovários funcionando de modo intermitente. O homem tomaria sua pílula nos meses pares, enquanto sua companheira usaria a pílula nos meses ímpares. Desta forma, ovários, testículos e hipófise não ficariam inativos continuada e prolongadamente.

Por não acreditar um só segundo que o homem tomasse sua pílula e por entender que mesmo a hipótese teórica formulada não seria isenta de graves riscos se posta em prática, o caminho a seguir é outro. Como proceder honestamente ante o direito indiscutível da mulher engravidar ou não? Mas, os cientistas e técnicos até hoje não se preocuparam em descobrir substância que ingerida pelo homem ou pela mulher imobilizasse os espermatozóides lançados na vagina durante a cópula. Não cogitam, a despeito dos progressos da eletrônica, de computadores e outros recursos, em firmar com exatidão o período fecundo da mulher, isto é, o dia da ovulação e as 48 horas que antecedem e sucedem à mesma. Por que? Porque no sistema capitalista atual tais pesquisas exigem muito investimento arriscado de capitais e a pílula já é uma garantia de lucros sem riscos.

Prezadas amigas, essa é que é a luta verdadeira na qual vocês devem se empenhar em massa. Exigir que cientistas e industriais apliquem capitais necessários para descobrir o anticoncepcional eficaz, barato e sem riscos, para ser tomado indiferentemente pelo homem ou pela mulher, quando não quiserem ter filhos. Descubra-se essa pílula e eu continuarei a condená-la para controle da natalidade em massa no Brasil, mas a receitarei tranqüilo para as pessoas que não desejam filhos, por motivos de foro íntimo ou razões de ordem médica.

Compreendo que certos médicos, ante a exigência da mulher ou do casal, receitam as atuais pílulas, mas não aceito que o façam sem antes advertir sobre os graves riscos do uso das mesmas.

Volto a insistir que o aborto é a melhor solução para o homem, que quer continuar a usar a mulher.

Não creiam nas torpes argumentações dos que advogam o uso da pílula e mesmo a prática do aborto para evitar a poluição, a fome, os pivetes de hoje e assaltantes de amanhã, tudo isso conseqüente à injusta sociedade em que vivemos, quando o trabalhador é pessimamente remunerado, quando é patente também a injusta distribuição da renda, pois as riquezas cada vez mais se concentram em menor número de mãos. Desprezem os defensores da democracia da pílula e do aborto para as mulheres, mas que não defendem a democracia do pão Repudiem criminosos potenciais que aconselham o aborto como precaução elementar para combater a miséria, a poluição, a fome, a pretensa superpopulação e o abandono de crianças, mas que não lutam por transformações sócio-econômicas que assegurem justa distribuição da renda e muito melhor remuneração do trabalhador.

Prezadas amigas, lutem pela superação do subdesenvolvimento e da injustiça sócio-econômica brasileira e mais nenhuma mulher será compelida a praticar o aborto por motivos econômicos e sociais. Mas, para alcançar a justiça social e econômica e superar nossa dependência econômica, é preciso que vocês também levantem em massa e bem alto a bandeira da exigência da paz mundial e do desarmamento total e universal, quando os 50% dos cientistas hoje pesquisando instrumentos para matar voltem a trabalhar pelo progresso de todos os povos.

Essa é a luta, prezadas amigas, e jamais agir de modo a agradar os prostitutos pais do aborto.

Desculpem-me se ainda dou motivos para que vocês discordem de mim, mas procurei ser sincero, fornecendo material para que vocês analisem e decidam. (**Dr. Mário Victor de Assis Pacheco, Rio de Janeiro, RJ**)

A favor da pichação, pela liberdade de expressão

A Comlurb começou a apagar as pichações que, de um ano pra cá, voltaram aos muros da cidade do Rio de Janeiro. A empresa e as autoridades querem que pais e professores conscientizem a juventude da necessidade de zelar pelo patrimônio público, mantendo a cidade "limpa".

Nós da revista Gandaia *protestamos contra estes fatos, pois achamos que eles são um ataque à liberdade de manifestação e expressão.*

As pichações, aparentemente, são de dois tipos: as políticas (anistia, por um governo popular, etc.), que reapareceram nas eleições, e as de brincadeira (lerfa mú, rabisco, celacanto etc.). No entanto, achamos que esta diferença é superficial. As pichações contra a ditadura militar têm um claro objetivo político. Quanto às outras, nos dizem que não se trata de política, mas de brincadeira de garotos, como se a brincadeira num mundo onde nos obrigam à seriedade 24 horas por dia não fosse uma posição política. Como se desrespeitar a regra repressiva "vamos manter nossa cidade limpa" também não o fosse.

A juventude é acusada de alienação e falta de opinião. Pode um cara de 15 ou 17 anos dar livremente sua opinião em nosso país? Pode ele, por exemplo, dizer o que pensa nas escolas, sem correr o risco de reprovação? O que vemos hoje nos muros da cidade são pessoas exigindo e praticando a liberdade de expressão, seja com slogans diretamente políticos, seja com a bandeira da imaginação e da criatividade (inclusive visual, basta olhar). E não é à toa que as autoridades querem apelar pra família e escola, visando reprimir esta prática.

A imprensa brasileira, de um modo geral e de acordo com seus interesses diversos, tem lutado pela liberdade de manifestação e expressão. É hora de garanti-la também aos que não têm veículos de informação. (Ângela Castello Branco, César Cardoso, Cosmo Campanha, Lino Machado, Luís Fernando Pereira, Maíra Parulla, Paulo Custódio e Rubens Figueiredo, editores da revista *Gandaia*, Rio de Janeiro, RJ)

LEITORES

Futuro homem de teatro se oferece pra qualquer transa

Tenho 23 anos, faço teatro. Comecei aos 16 anos, participando de um grupo amador aqui em Niterói (Decisão de Teatro Experimental) de dois festivais (S. José do Rio Preto e Niterói). Curso para formação de atores promovido pelo Degrau Promoções Artísticas (Nelson Luna, Myrian Pérsia, Ciro Negreiros, Ailton Escobar, Luci, Arnaldo e Luiz Eduto).

Durante todo este período, venho tentando me ligar a grupos de teatro, sendo que todas as iniciativas por aqui acabam frustrando-se, devido às várias impossibilidades impostas pelo próprio sistema social niteroiense. Estou, então, me oferecendo para quem estiver precisando de uma pessoa para montar um grupo (INDEPENDENTE) de teatro. Estou aí, pro que der e vier. Transo todas nesta transa. Sonoplastia, iluminação, contra-regra e o que pintar que eu não transe, dá-se um jeito. Eu só quero é ver um bom grupo botar pra fora tudo que temos engolido durante todo este tempo. Eu só quero é ir à luta pela livre expressão e pela arte livre.

Vai aí meu telefone pra quem tiver interessado em transar um grupo ou que esteja querendo alguém para o seu grupo: 711-2923. **(Paulo Silva, Niterói, RJ)**

Vida de trocadora não é fácil

Meus amigos,

Vocês já devem ter notado as péssimas condições em que o pessoal das empresas de transportes coletivos trabalha, mas vou lhes dizer: só entrando em contato direto com eles, tendo alguma pessoa da família que trabalhe numa dessas empresas, pra sentir realmente a barra que é.

Minha irmã trabalha como cobradora na C.T.C. há alguns meses. Ela levanta, no máximo, às cinco horas da manhã (isto porque não mora muito distante da garagem, senão teria que levantar bem mais cedo), pega no serviço às 6h30min e trabalha praticamente direto porque não há horário de almoço. Do seu salário de Cr$ 2.100,00 é obrigada a pagar lanches porque se for comprar almoço diariamente, seu salário será só para isso. Assim, só vai almoçar às três ou quatro horas da tarde, quando volta do trabalho, para depois ir ao colégio, entre 19 e 23 horas.

Dorme pouquíssimas horas, tem uma péssima alimentação e, ainda mais, tem que enfrentar a falta de segurança, de tranqüilidade e até conforto que já faz parte da rotina do trabalho na maioria dessas empresas.

Com excessão de algumas linhas de ônibus, que têm ponto terminal na Rodoviária, Praça Mauá e Usina, as restantes não têm banheiro, bebedouro, etc. nos seus pontos terminais, obrigando o pessoal a utilizar os banheiros dos bares, na maioria das vezes sem o mínimo de higiene. E as piores linhas de ônibus são as circulares (os ônibus só param no ponto inicial, pois no ponto terminal param, no máximo, cinco minutos. Se o ônibus ficar parado além desse tempo estipulado, o motorista ou cobrador que provocou o atraso está sujeito a suspensão.) Cada percurso desses ônibus circulares é de aproximadamente duas horas. Agora, eu pergunto: se o motorista ou cobrador sentir necessidade de ir ao banheiro ou tomar um lanche, é possível, com esse mínimo de tempo estipulado e ainda mais, sob ameaça? Foi criada uma lei que determina a construção de cabines funcionais, onde deveria ter banheiros, bebedouros, etc. E mais: as empresas que não a cumprissem seriam multadas. Esta lei entrou em vigor? Alguma empresa foi multada? Não.

É, infelizmente esta é mais uma lei criada para não ser cumprida e quem continua sofrendo com isso somos nós, trabalhadores.

Muitas dessas empresas, como pude ver, não respeitam o repouso obrigatório, obrigando seus empregados a trabalharem até 16 horas por dia.

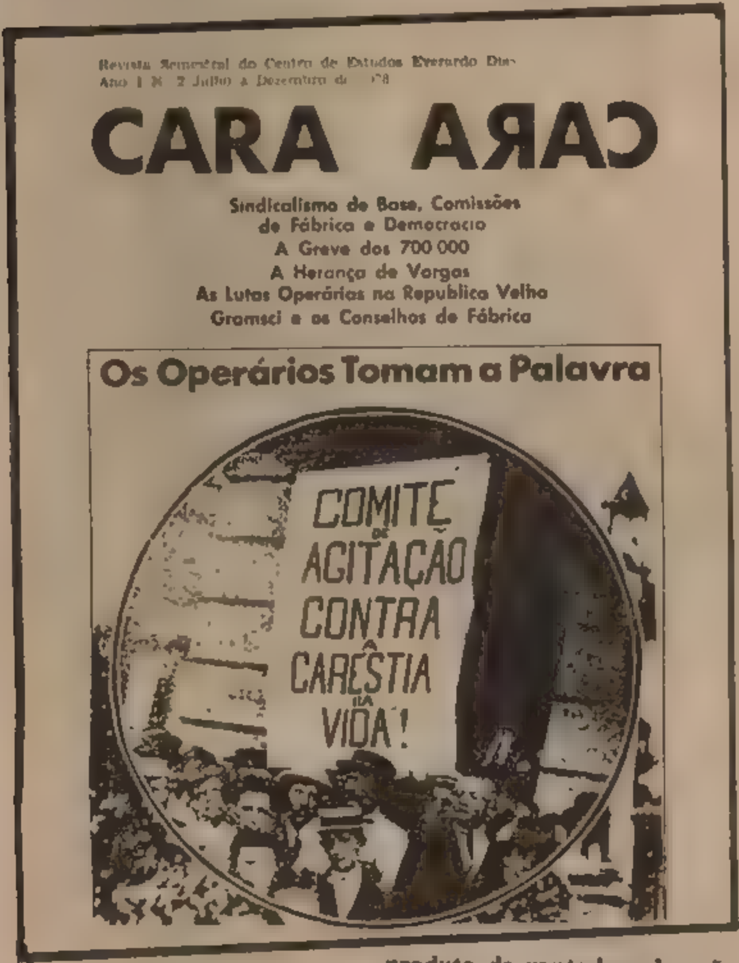
E o mais triste é que muitos desses motoristas e cobradores são casados, têm filhos para criar e educar. Mas como podem fazer isso se não têm o mínimo de condições financeiras, se lhes falta saúde e tempo, pois têm uma péssima alimentação e trabalham em excesso. Meus amigos, realmente tudo isso é muito triste porque não é apenas nessas empresas que os trabalhadores estão nessas condições, mas em centenas de outras, como sabemos.

Este ano, comemoraremos o 31° aniversário da Proclamação da Declaração Universal dos Direitos Humanos, onde encontramos o lindíssimo trecho: "Todo homem que trabalha tem direito a uma remuneração justa e satisfatória, que lhe assegure, assim como à sua família, uma existência compatível com a dignidade humana, e a que se acrescentarão, se necessário, outros meios de proteção social."

Mas, quando deixaremos de apenas comemorar simbolicamente? Quando passaremos a comemorá-la colocando em prática e na íntegra?

Lutemos para que esse dia esteja próximo, para que nossos filhos possam viver uma vida mais digna.

Maria do Rosário Costa



Através de Cara a Cara, estamos pedindo um aparte para intervir no debate político que se processa hoje no interior das oposições no Brasil. Entramos na luta com as armas que temos: a luta é pela democracia no seu sentido mais profundo; nossas armas são a palavra, a crítica o debate.

Somos o "Centro de Estudos Everardo Dias", formado originariamente por alunos e professores Universitários de Campinas. Apenas isso, entretanto, não define nossa identidade. Somos, acima de tudo, uma parte das oposições brasileiras que acredita que as conquistas democráticas pelas quais aspiramos só podem ser produto da vontade e da ação dos trabalhadores organizados. Fazemos nosso, portanto, um conceito de democracia que vai muito além dos usos e abusos a que ela tem se prestado. Para nós, a democracia, longe de se configurar através de meras declarações de intenções, pressupõe concretamente a supressão da opressão e da exploração e a mais ampla participação política das massas. Numa palavra, lutamos pela democracia do ponto de vista dos trabalhadores. **(Adalberto de Paiva Paranhos, diretor de Cara a Cara, Campinas, SP)**

Cara a Cara **pode ser adquirida nas livrarias ou pelo reembolso postal. Pedidos à Livraria Zapata (Rua Cesário Mota Jr., 285, São Paulo, SP. CEP: 01221). Tem 200 páginas e custa Cr$65,00.**

ESQUEMA POLÍTICO REVOLTA

É revoltante o esquema político que estamos aguentando há quase 15 anos, com suas pressões, censura, corrupção e torturas. É preciso divulgar com mais intensidade a fome, a doença e o analfabetismo do Brasil. Todo e não "só" do Rio e São Paulo. O jornalismo brasileiro fica restrito ao Sudeste, quando essa região é uma das menores de nossa pátria.

Como professora primária ensinei no sertão da Paraíba, em escolas onde os alunos levavam de suas míseras moradias tamboretes para se sentar. Eu, a professora, "fabricava" com uma velha porta o quadro negro.

Isso foi há anos, mas sei que a situação pouco melhorou. E não preciso retornar ao Nordeste, pois na Baixada Fluminense, no Centro-Oeste e norte amazônico a situação é idêntica.

É necessário reportar a verdade do Interior e também realçar a coragem e a inteligência do nosso povo pacato, que só apela para a violência quando o capitalista o corrompe. O homem do campo é tão puro e bom que, em vez de odiar seus exploradores, culpa a sorte.

É de enternecer a paciência, a conformação e a confiança que eles creditam ao governo e às palavras dos políticos profissionais. Ainda se atemorizam em votar contra a situação, pois a classe dominante ameaça-os de tirar-lhes as vaquinhas, as roças e as choupanas. Espero que, pelo menos, os filhos deles abram os olhos para a realidade, tornem-se egoístas como os patrões e acreditem que a tecnologia já levou o homem à lua.

Os grandes líderes têm razão quando usam a tática de ganhar o homem do campo, pois ele é o substrato para uma renovação ideológica, cujos objetivos fundamentais sejam uma vida digna.

O operariado urbano já está contaminado pelo consumismo da TV e sujeito aos subornos para alcançar status, mesmo com a "mais valia".

Acredito que a salvação está nas mãos dos camponeses e das mulheres. Se cada mãe educar seus filhos para serem justos e humanos, a próxima geração não terá torturadores nem ladrões. Se cada camponês receber do governo pelo menos 50% do que lhes cabe por direito natural, então o terceiro milênio não será apocalíptico. (Nair de Gusmão, Rio de Janeiro, RJ)

QUEM VAI MANDAR NO BRASIL É O GOLBERY

Figueiredo é a rainha da Inglaterra

O general Figueiredo, como a Rainha da Inglaterra vai reinar mas não vai governar. O dono da bola será o Chefe da Casa Civil da Presidência da República, Golbery do Couto e Silva, que, juntamente com o presidente Geisel, indicou praticamente todos os ministros do próximo governo.

A criação de uma secretaria geral da Presidência retirará de Golbery todo o trabalho burocrático — tipo escrever justificação de novos decretos, dar despachos administrativos etc — que consumia o seu tempo, dando-lhe, agora, condições de ser uma espécie de primeiro-ministro e chefe de governo.

Mas bolas, pode perguntar alguém, se o Figueiredo não vai mandar nada, por que puseram ele lá? Simples, meu amigo: ele serve bem a uma série de conveniências e acordos políticos. A história é a seguinte: o grupo Geisel & Golbery queria se manter no poder mas sabia que seria extremamente difícil fazer um sucessor sozinho, sem a ajuda de outros grupos, numa espécie de aliança. No meio militar, o grupo ainda atuante e de maior prestígio era o do ex-presidente Médici que inclui os ex-ministros Mario Andreazza, Delfim Netto, Costa Cavalcante (atual e próximo presidente da hidrelétrica de Itaipu) e também o próprio general Figueiredo, que foi chefe do Serviço Nacional de Informações (SNI) durante o governo Médici. Se esses dois times (o de Geisel & Golbery e Médici) se juntasse, pra defender um só nome, aí sim, a coisa tinha chance de dar certo.

E quem era o único que podia vestir a camisa dos dois ataques, o único que tinha trabalhado com Médici, Andreazza, Costa Cavalcante e também com Geisel & Golbery? O general Figueiredo. Ele, e apenas ele, podia funcionar como uma espécie de ponte entre os dois blocos, tornando possível uma composição que carregasse o seu nome como candidato, ou melhor como herdeiro.

Você, leitor, que já assistiu umas duzentas entrevistas do homem no **Jornal Nacional** pode ainda perguntar: será que ele está preparado pra ser presidente, afinal ele parece tão grosso, não teve nenhuma experiência anterior, será que dará mesmo um bom presidente? Taí uma pergunta que o general Golbery nunca se fez, simplesmente porque as qualidades e defeitos de Figueiredo tinham pouca importância. O negócio era garantir o Palácio por mais 6 anos, fazendo uma transa com o pessoal do Médici e segurando as críticas da oposição com a promessa de abertura política menos lenta. Se o general Figueiredo não tinha condições de efetivamente governar, isso não seria problema porque, de qualquer modo, não era mesmo pra ele ser um presidente do tipo de Geisel que queria saber de tudo, lia todos os papéis de todos os ministérios, estava informadíssimo. O governo que começa a 15 de março era pra ser dominado por uma espécie de **colegiado**, isto é, um grupo de pessoas que, instaladas no Palácio do Planalto, tomaria as decisões mais importantes.

Aí tem um detalhe importante: apenas 4 ministros têm escritório dentro do Palácio do Planalto, o que quer dizer que apenas 4 pessoas estão o dia inteiro no centro do poder do país, o que lhes dá, é claro, mais prestígio e influência. Essas pessoas, que formam o tal **colegiado**, são o próprio Golbery, ministro-chefe da Casa Civil, o ministro do Planejamento, que será o atual ministro da Fazenda, Mario Henrique Simonsen, o ministro-chefe do SNI, general Otavio Aguiar de Medeiros, o chefe da Casa Militar, general Danilo Venturini e mais o major Heitor Ferreira de Aquino que não é ministro mas, como secretário geral da Presidência, também vai trabalhar no Palácio. Pra caber todo mundo lá, estão até construindo um anexo que aumente o espaço.

É esse grupo — a já conhecida **Gang do Baralho** — que vai governar de fato o Brasil. Nele, o presidente Figueiredo é apenas um participante com missão definida: a de assumir a condição solene de chefe de Estado, fazendo discurso e inaugurando obras. Depois contam tudo direitinho pra ele. O grande articulador e coordenador político do governo será o homem-forte do grupo, o misterioso Golbery do Couto e Silva.

REPORTER

REPORTER

AUTONOMO INDEPENDENTE

Rio, março de 1979 - ano II - Número 15 - Cr$15

ADVOGADO AFIRMA: MILITARES DIRIGIAM CCC

Homem-lixo divide comida com urubu

P. 7

TEM XEPA NA POSSE DO FIGUEIREDO

P. 16

FALA O BANDIDO DA LUZ VERMELHA

Quem tem moral pra punir?

Ameaça à Segurança Nacional, calúnia e difamação e, agora, atentado à moral e aos bons costumes. Em pouco mais de um ano de vida, três processos contra o REPORTER. Isso sem contar a tentativa de nos sufocar economicamente, apreendendo toda a edição de número 5 ("Todo mundo contra o arrocho") e a tentativa de apreender a edição passada, número 14. Dizemos tentativa porque, quando a Polícia Federal, cumprindo ordens do Ministro da Justiça, foi às ruas para recolher o jornal, mais de 90% dos exemplares em circulação já tinham sido vendidos. Só conseguiram pegar 180 jornais no Rio e menos de 100 na região Nordeste

Como na apreensão anterior, a Polícia Federal não nos informou coisa alguma e também não sabia nem explicar direito os motivos da arbitrária decisão do senhor Armando, o Falcão. Depois de muito perguntar — fizemos uma verdadeira entrevista com a Assessoria de Comunicação da Polícia Federal — foi que conseguimos descobrir que estávamos sendo enquadrados no artigo 17 da Lei de Imprensa, por ferir a moral e os bons costumes do povo brasileiro.

Como se sabe, moral é um conceito muito relativo, tanto assim que o secretário particular do presidente Geisel não julga ofender a moral de alguém quando concilia seu cargo com o posto de assessor de um milionário americano que explora projetos industriais e agrícolas na Amazônia. No mesmo caminho, o chefe da Casa Civil deste governo, general Golbery do Couto e Silva, acha ótimo o costume de usar seu prestígio para facilitar os negócios no Brasil da empresa multinacional Dow Química, da qual, aliás foi presidente até poucos meses de tomar posse, em março de 1974.

A começar pelas autoridades, portanto, temos a certeza que esse país vai mal em matéria de moral e de bons costumes e não ia ser uma reportagem sobre lesbianismo que ia jogar mais lenha na fogueira. Muito mais imoral é a atitude do banqueiro e Ministro da Indústria e Comércio, Angelo Calmon de Sá que, como presidente do Banco do Brasil, recolhia depósitos para seu banco particular, o Banco Econômico que andava zonzo depois de ter emitido um cheque sem fundos de Cr$ 200 milhões.

O que o governo quer, punindo o REPORTER e todos os jornais que procuram dizer a verdade, é tapar o sol com a peneira da abertura política. O que ele quer impedir é que os jornalistas digam coisas como disse o REPORTER número 14: que o presidente Figueiredo não é presidente por mérito próprio nem por estar preparado para suas funções; ele é presidente como preposto de um grupo militar no qual a figura mais proeminente é o general Golbery, o dos bons costumes.

Que abertura é essa que mantém a sociedade brasileira atemorizada por uma lei de segurança que apenas disfarça sua semelhança com o AI-5? Que abertura é essa que tolhe a liberdade política, a liberdade de livre associação, a liberdade de organizar partidos? Que abertura é essa que mantém os sindicatos dos trabalhadores sob intervenção do governo e submetidos a uma legislação de força? Que abertura é essa que reprime o salário e fixa os aumentos na marra?

A propaganda liberal do governo é fajuta. E é fajuta porque, um jornal que expõe seus pontos de vista sobre a situação política, ou que faz uma reportagem sobre tema sexual polêmico, tem sua liberdade de expressão tolhida. Pela Lei de Segurança, pela Lei de Imprensa, pela pressão econômica, por ameaças, pela polícia.

Todo mundo pode falar tudo, desde que não fale dos podres do regime e da sociedade, desde que não denuncie a corrupção dos governantes, desde que não acuse as fraudes dos ditadores. Aí os leões-de-chácara, que durante o dia exploram o jogo e o lenocínio, resolvem botar ordem na gafieira. Em nome da moral, é claro.

MAIS UMA SIMONETA

A criatividade do ministro Simonsen é de lascar. Em matéria de idéias já está se repetindo. Também, já foram quatro anos de invenções e truques, coitado. E ele tem mais seis pela frente!

Lembram-se da história das "simonetas" — aquele dinheiro que a gente ia pagar a mais pela gasolina e que depois seria devolvido pra nós? Na época, não deu certo. Agora, o ministro lança suas novas simonetas: um imposto especial pra pagar a calamidade das chuvas

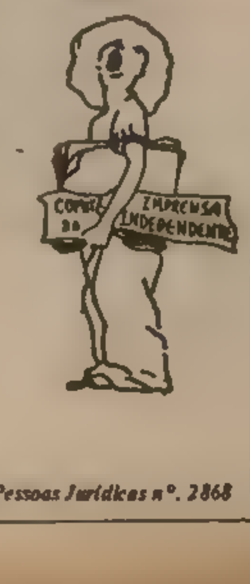
Tão especial que será descontado só dos assalariados. Justifica-se: os industriais, por exemplo, já estão cheios de dívidas, seria um absurdo querer que eles colaborassem de novo. Afinal, não são eles que nos dão empregos, 13°, férias, indenizações? Não são eles que pegam dinheiro do governo (com que sacrifícios!) só pra não deixar que suas empresas fechem e os empregados fiquem na rua? Além disso, como é que o ministro ia descontar alguma coisa do imposto deles se eles dão um jeito de não pagar nada de imposto — de tantas despesas que têm, é claro

Mas, sr. ministro, será que não era o caso de cobrar essas enchentes das empresas que estão desmatando o Brasil todo? Não foi o desmatamento um dos responsáveis pela calamidade? (Florestas absorvem chuva, terra pelada, não — e a água desliza e enche os rios.) Inventa uma simoneta pra eles, vá!

REPORTER

REPORTERES/EDITORES — Alex Solnik (São Paulo), Chico Júnior, Luiz Alberto Bettencourt, Pipsi (Arte).
REPORTAGEM — Tim Lopes, Eduardo Homem (Recife), Marcos Dantas, Clarice Niskier, João de Barros, Rivaldo Chinen, Vera Lúcia Dias, Walter Diogo, Iara Reis, Regina Guerra, Enio de Paula Oliveira, Jota Paulo.
CORRESPONDENTES — Paulo d'Alcântara (Paris) e Cristina Duarte (Milão).
FOTOGRAFIA — Chiquito Chaves, Custódio Coimbra, Américo Vermelho, João Bittar, Luz Bittar, Wagner Avancini, Amancio Chiodi, Helio Campos Mello.
ILUSTRAÇÃO — Jaine Leão, Angeli, Guidacci, Mauricio Veneza, Jota.
ARTE — Analuce Estrella, Mauricio Veneza.
DEPARTAMENTO JURÍDICO — Modesto da Silveira, Luis Celso Araujo e Luiz Eduardo Grenhalg.
REPÓRTER Autônomo Independente — Uma publicação da Margem Editoria e Programação Gráfica Ltda., rua Miguel Couto 134/11° andar — Rio de Janeiro.
São Paulo: Rua Santa Isabel 33/grupo 804.
Distribuição: Fernando Chinaglia S.A, rua Teodoro da Silva 907, Rio de Janeiro (RJ).
Composição e Impressão: Editora Mory Ltda., rua do Resende 65, telefone 263-7002, Rio de Janeiro (RJ).

REPORTER integra o Comitê da Imprensa Independente



Registro Civil das Pessoas Jurídicas n°. 2868

REPORTER entrevistou três pessoas acusadas de envolvimento com o grupo fascista de extrema direita, o CCC-Comando de Caça aos Comunistas. Um dos entrevistados abriu o jogo e reconheceu sua participação.

ADVOGADO CONFESSA LIGAÇÕES COM CCC

O Comando de Caça aos Comunistas ficou conhecido em 1968. A sigla CCC aparecia pichada em muros, era citada em telefonemas anônimos, simbolizava o terror. Originou-se em São Paulo, na Universidade Mackenzie e em pouco tempo alastrou-se ao interior do Estado, principalmente nas cidades de Santos e Bauru, atingiu o Rio de Janeiro, Recife, Belo Horizonte, Curitiba. Em algumas dessas cidades, o grupo se autodenominava MAC — Movimento Anticomunista — ou FAC — Frente Anti-Comunista.

O grupo de São Paulo entrou em ação em julho de 68, depredando o teatro Galpão, que apresentava uma das peças de maior sucesso da época — Roda Viva, de Chico Buarque, dirigida por Zé Celso Martinez Correa. Além de quebrar tudo — da platéia ao equipamento de som e camarins — o CCC espancou os atores com requintes de sadismo: cassetetes eram introduzidos na vagina das atrizes, como recorda hoje a dona do teatro, Ruth Escobar. Dois dos depredadores foram apanhados em flagrante e entregues à polícia, mas foram soltos no dia seguinte: só se ficou sabendo que um deles era tenente do Exército e se chamava Flávio Ettore.

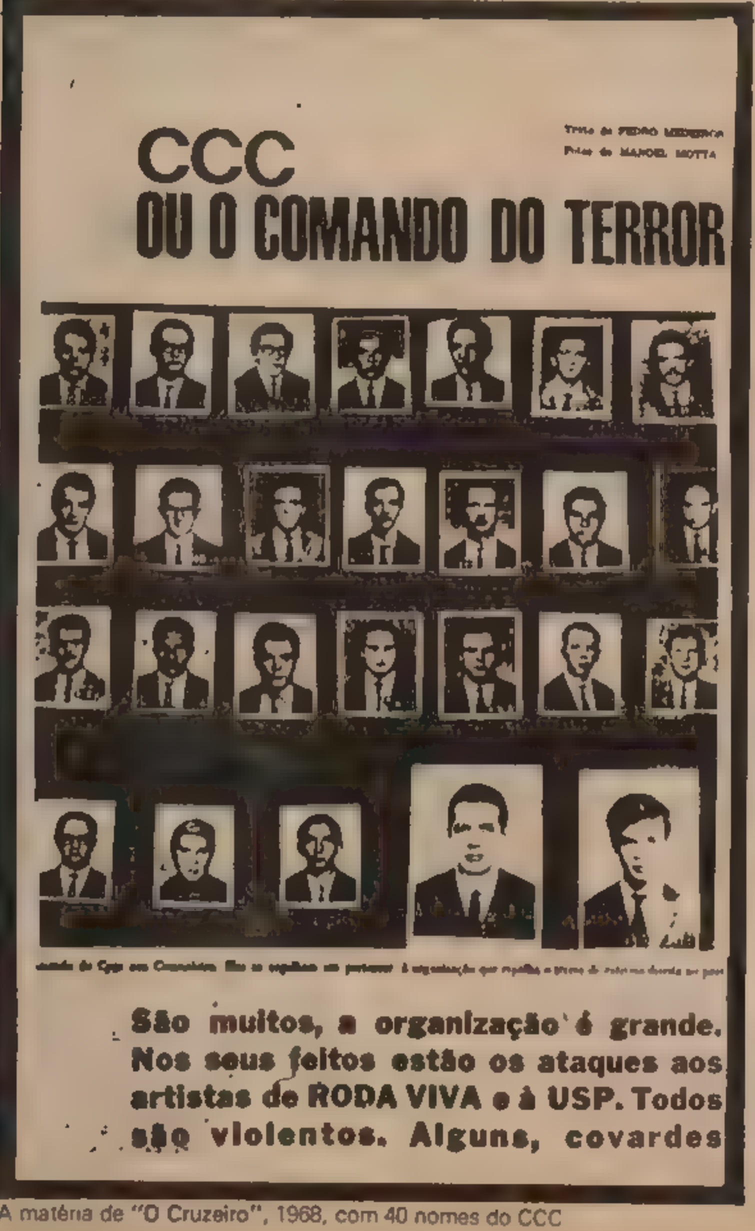
Meses depois, em outubro o CCC voltou à carga. Participou ativamente da luta entre estudantes do Mackenzie e da USP (Universidade de São Paulo), disparando armas de fogo que atingiram mortalmente José Guimarães, secundarista de 16 anos. Em novembro, o CCC participou, junto com o Exército, da invasão do Conjunto Residencial da USP, ocasião em que seus membros estavam fardados — como revela hoje um advogado, ligado ao grupo na época.

Sabe-se de outros atentados do CCC em 1969: em São Paulo, o grupo arrebentou com serras e martelos um monumento ao poeta Garcia Lorca e em Recife assassinou o padre Henrique. Mais recentemente, 1977 e 78, o CCC agiu em Curitiba e Belo Horizonte, intimidando e seqüestrando estudantes, líderes sindicais e políticos, explodindo a sucursal mineira do jornal *Em Tempo*. Finalmente, na última passagem de ano, o CCC reapareceu, enviando a jornalistas, religiosos, e deputados um ameaçador "cartão de Natal" onde avisa que 1979 será o ano do confronto final.

Estes e muitos outros atentados nunca foram investigados pela polícia. Nenhum inquérito foi aberto. As poucas coisas que se conhece do CCC foram reveladas pela revista "O Cruzeiro", em 1968, quando um de seus repórteres infiltrou-se na organização e coletou uma lista de mais de 40 nomes. Mas as autoridades policiais nem se preocuparam em interrogá-los. O repórter, ameaçado pelo CCC, fugiu do país, e muitos dos acusados compareceram à revista desmentindo qualquer participação no grupo.

REPORTER retoma agora o fio da meada: entrevista, pela primeira vez, alguns dos acusados na época: dois advogados e um jornalista. Um dos advogados — cuja identidade, a pedido seu, não será revelada — confessou, depois de meses de contato, ligação com o CCC ("nós éramos um grupo manobrado por militares de extrema-direita") e contou que esteve numa reunião na qual ficou decidida a depredação do Teatro Galpão ("foi um elemento da TFP que exigiu a invasão, alegando que a peça Roda Viva constituía ofensa a Virgem Maria").

Os outros dois entrevistados — jornalista Boris Casoy e advogado João Parisi Filho — negam envolvimento com o CCC mas fornecem importantes dados sobre o grupo e suas atividades: Boris afirma ter conhecido gente do CCC ("não era uma entidade secreta") e Parisi se trai, afirmando, a certa altura que sua "participação" foi denunciada por Celio Campis, agente, segundo Parisi, do SNI-Serviço Nacional de Informações.



A matéria de "O Cruzeiro", 1968, com 40 nomes do CCC

Se acusa, faz acusações e vai dizer isso na Justiça

Esta reportagem começou no fim de 1978. O repórter João de Barros entrevistou um empresário que tinha um amigo, advogado, acusado de ser do CCC. João não tinha intimidade com o empresário — conheceram-se naquele dia — mas, mesmo assim, de passagem, pediu que o empresário fizesse um encontro seu com o advogado.

O empresário concordou e dias depois telefonou para o repórter, avisando que o advogado estava pronto para conversar com ele. João telefonou para o advogado — o número foi dado pelo empresário — e ouviu algumas imposições do outro lado da linha.

O advogado concordava em conversar sobre o CCC, desde que seu nome fosse mantido em sigilo; a entrevista deveria ser feita em seu escritório onde estariam presentes apenas ele e o repórter.

João ficou preocupado, principalmente com a segunda imposição. E convenceu o advogado que o encontro fosse num bar. Na porta do conjunto Zarvos, na avenida São Luis, em São Paulo, 7 da noite, se encontraram o advogado, João e Tarcisio de Souza, outro repórter. Saíram os três e caminharam até um bar discreto, onde, em meio a uísques e cervejas, o advogado fez inesperadas revelações sobre o CCC.

Disse, por exemplo, ter havido uma reunião, da qual participou, onde se decidiu a invasão de "Roda Viva". Localizou a casa onde houve a reunião: na avenida Brigadeiro Luiz Antônio 948, onde funcionava a Confederação dos Centros Culturais da Juventude. Na reunião, havia militares, elementos da TFP, do CCC e dos integralistas.

— Foi um provável membro da TFP que pediu a invasão de "Roda Viva" — contou o advogado no primeiro encontro. A TFP achava que a peça era um insulto à Virgem Maria.

Entre os militares presentes, o advogado lembra o major Valdir Coelho e um tenente-coronel, Melo:

— O Valdir Coelho era contra a participação de civis na luta contra os comunistas. Ele achava que essa luta era do Exército e só se ele falhasse os civis poderiam intervir. Disse que era democrático mas não podia suportar baderna de comunistas. Agora, o tenente-coronel foi a favor da invasão. Ele manobrava aqueles estudantes. O Leovigildo, presidente da Confederação dos Centros Culturais, também instigou a invasão. Eu fui contra, não concordei com o que eles queriam. Quando ficou decidido que a invasão ia ser feita eu, em protesto, abandonei a reunião.

Nesse primeiro encontro, o advogado sempre negou ter sido do CCC, mas descreveu os membros do grupo como "debilóides" e "filhinhos de papai do Mackenzie".

— Os militares exerciam uma influência muito grande sobre a molecada, inclusive para dedar os esquerdistas. O CCC, na verdade, era um grupo de estudantes debilóides, manobrados por um grupo militar que pregava a violência contra os comunistas. Era o mesmo grupo que logo depois fundou a Oban — Operação Bandeirantes (depois Doi-Codi)que tinha à testa o major Valdir Coelho.

O advogado falou de sua

admiração pelo pensamento desse major, já falecido. Foi esse militar quem, segundo conta o advogado, o presenteou pessoalmente com livros apreendidos no Crusp-Conjunto Residencial da USP pelo Exército, em novembro de 1968. Sobre o episódio, o advogado fez uma revelação surpreendente:

— No meio dos soldados, durante a invasão militar, haviam cinco ou seis membros do CCC, fardados. Um deles era o Otavinho, depois assassinado por esquerdistas. Outro era um investigador de nome Roberto.

O advogado, trinta e poucos anos, loiro, cabelos curtos, alto, forte, óculos, contou que estudou Direito no Largo de São Francisco, onde pertenceu a partidos estudantis de "direita".

— Em 1968, durante a ocupação da faculdade, meu partido realmente assinou um manifesto em conjunto com a turma do CCC, mas eu não estava mais na faculdade. Saí em 67.

Antes de se despedir, o advogado alertou também aos repórteres que não publicassem nada sem lhe mostrar antes. E novo encontro foi marcado.

O segundo encontro, num restaurante no centro de São Paulo, foi mais descontraído. O advogado estava mais à vontade e dessa vez falou para três repórteres: os dois já conhecidos, mais Alex Solnik. Nesse encontro reconheceu:

— Cheguei a ser convidado a entrar no CCC, mas sabia que era uma fria e recusei.

O ambiente estudantil de 1968 foi descrito assim por ele:

— Lá na faculdade valia mais a farra que a política. O motivo era mais a bebedeira. A ocupação da escola era mais para comer as menininhas. Não era nada sério: Os estudantes mais pobres entravam nos grupos de esquerda, os mais ricos, nos grupos de direita.

Mas seus próprios amigos dizem que você tinha fama de violento.

— A única vez que eu dei um tiro na faculdade foi durante a ocupação, tudo por brincadeira. Eu estava no bar, bebendo, chegou alguém, não lembro quem, me deu um revólver e falou, rindo: vai lá dentro assustar uma bicha que tá enchendo o saco. Eu fui, na gozação, e dei um tiro de festim pra assustar, não era pra matar.

O advogado falou como reagiu à matéria de O Cruzeiro:

— Achei graça. Nada daquilo tinha verdade. Tinha gente de esquerda no meio. Me procuraram para escrever uma carta em resposta à matéria, mas eu recusei.

Você não assinou a carta?

— Não lembro.

Como não? Olha a sua assinatura aqui.

O advogado examina a carta que 17 pessoas acusadas escreveram, negando sua participação.

— Talvez eu tenha assinado (**Veja a carta ao lado**)

A reportagem da revista lhe marcou muito.

— Depois que meu nome saiu na lista, as pessoas passaram a me tratar diferente, parecia que eu era um monstro. Só quando me conheciam bem viam que não era isso. Essa imagem ficou até hoje. Qualquer coisa que eu faço, todos se lembram daquela reportagem. Até o fim da vida ficarei marcado. Nunca vou me livrar disso.

O advogado procurou ser simpático em tudo que disse. Insistiu muito no fato de que sempre teve amigos no "outro lado", a esquerda, tendo sido até testemunha de defesa de amigos comunistas (o que é verdade). Prometeu apresentar aos repórteres um amigo "que foi do CCC", para contar todos os detalhes da organização.

Nas semanas seguintes, o "amigo do CCC" não concordou em receber a imprensa. O advogado justificou:

— Ele ficou apavorado.

Nessa altura, o advogado contou que estava sendo ameaçado pelo CCC, pois o grupo ficou sabendo de sua entrevista. Mesmo assim, não recuou:

— Não tenho medo deles, podem ficar ameaçando.

Semanas depois, abriu o jogo. Começo de noite, num bar da Bela Vista:

— Nós éramos um bando de bostas. Quem manobrava a gente eram militares, acho importante denunciar isso.

Falou de si:

— Eu era de direita por formação de família. Eu sei que na esquerda e na direita têm filhos da puta, muito mais na direita que na esquerda.

Finalmente, o advogado firmou um compromisso:

— Eu vou assinar um documento, perante um advogado, me comprometendo a confirmar na Justiça tudo o que eu disse, caso o jornal seja processado pelas acusações que estou fazendo.

• *(Antes de assinar o termo de compromisso, o advogado escreveu de próprio punho um depoimento onde exprime seu pensamento atual "Evidentemente os que radicalizaram tanto de esquerda como os de direita foram manobrados por intereses escusos. Tenho pena destes "inocentes úteis". O regime de exceção trouxe o abuso do poder econômico, o domínio dos Bancos e a alegria das multinacionais. As reformas que nós queríamos, como reforma agrária e estatização dos grandes meios de produção não seriam de base, como eram preconizadas. São reformas de superestrutura, impossíveis no regime econômico e político vigentes. Somente a democratização, com anistia ampla, apagará esta página negra da história da República. Que outros jovens não morram em vão, como morreu na direita Otávio e na esquerda tantos outros. Que nunca mais a juventude seja trampolim de grandes interesses. Todo homem é uma constante em evolução do prisma intelectual. Os que não amadurecem é em decorrência de má-fé. Há muitos deles. Mas não penso como há dez anos. Mas respeito o que pensava. Só via o interesse de meu povo e de minha pátria.)*

REPÓRTER TEVE QUE FUGIR DO BRASIL

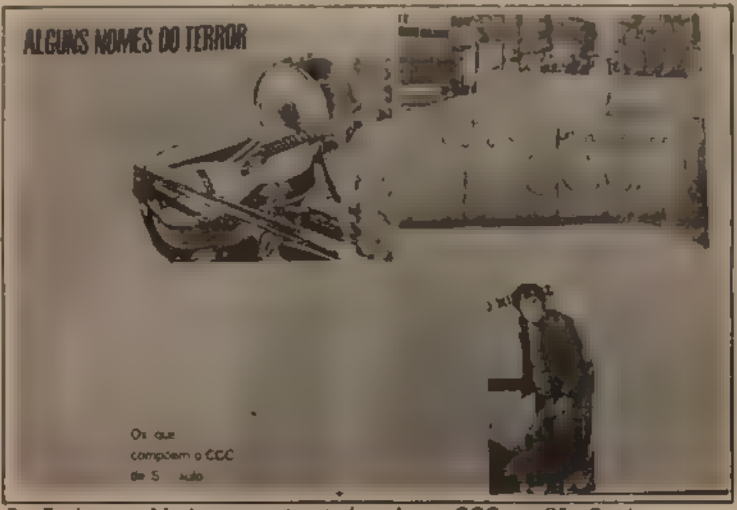
Precisava ter muito peito pra se infiltrar no Comando de Caça aos Comunistas CCC. O repórter Pedro Medeiros topou a parada Em julho de 1968 o CCC tinha quebrado um teatro e atacado os atores da peça "Roda Viva". Em outubro, Pedro, jovem, alto e forte como os membros do CCC, resolveu correr o risco pra fazer uma grande matéria

Ele conviveu com o CCC o tempo suficiente para coletar uma lista de nomes, suas funções no grupo e suas características grotescamente descritas pelos colegas em despreocupadas conversas de botequim. Baseado nelas, Pedro publicou, na primeira semana de novembro, uma explosiva reportagem numa das revistas de maior tiragem da época, **O Cruzeiro**.

A reação foi imediata Alguns deles escreveram uma carta à revista, classificando a reportagem de "altamente injuriosa, caluniadora e difamatória". Tal carta, de 8 itens, dizia: "os abaixo-assinados não são membros da organização conhecida pela sigla CCC Sabem, contudo, pelos comentários que circulam nos meios universitários de São Paulo, que tal grupo foi criado para se opor à implantação do regime comunista no Brasil (...); não participaram da ação levada a efeito contra "Roda Viva". A peça foi, entretanto, assistida por alguns que aqui vêm se declarar revoltados com o tratamento desrespeitoso e grosseiro que o autor, diretor e artistas dispensaram à família, à sociedade, à religião, ao governo e às Forças Armadas. Tal peça - eminentemente pornográfica imoral, deletéria, e subversiva – foi, como é de conhecimento público, recentemente proibida em todo o território nacional"

Os 17 que assinaram a carta — João Marcos Monteiro Flaquer, Francisco Antônio Fraga, Luiz Correa Salles, Araken Testa, Fernando Forte, Acácio Vaz de Lima Filho, Francisco José Aguirre Menin, João Parisi Filho, Raul Nogueira de Lima, Cassio Scatena, Cicero A.J. Gubeissi, Paulo Roberto Chaves de Lara, Paulo F. Campos Salles de Toledo, Dilermando Cicagna, Lionel Zaclis, Estevão Augusto dos Santos Ferreira, José Antônio de Oliveira Machado — afirmaram que não participaram do ataque à Universidade de São Paulo (USP) "simplesmente porque não houve ataque à USP". E culparam os alunos da Faculdade de Filosofia da USP de fazerem constantes provocações aos alunos da Faculdade Mackenzie, estes "defensores da democracia no seu sentido mais puro". Dias depois dessas acusações, o Centro Residencial da Universidade de São Paulo (CRUSP) foi invadido por forças do Exército, que incluíam alguns membros do CCC, segundo testemunho de um dos acusados pela reportagem de **O Cruzeiro** – leia a entrevista nas páginas 3 e 4

Quanto a Pedro Medeiros, que revelou a única pista sobre o misterioso CCC, foi obrigado por ameaças a fugir do Brasil logo depois que seu trabalho foi publicado Sabe-se que foi pro Chile, sendo que, logo depois, seus amigos perderam contato com ele



Em 5 páginas, Medeiros contou tudo sobre o CCC em São Paulo

Líder de direita confirma participação de militares

Parisi, militares participavam

"João Parisi Filho age com uma violência de espantar os colegas mais duros. Pinta os cabelos e por isso os colegas se referem a ele desairosamente. Sua pistola 45, entretanto, evita que isso lhe seja dito cara a cara. Todos sabem que ele toma psicotrópicos. "Para criar coragem?" perguntam-se os companheiros, sempre com a mesma suspeita de sua masculinidade. Essas suspeitas envolvem um tenente da Aeronáutica chamado Prado, que, segundo os rapazes, seria o "favorito" de Parisi."

(O Cruzeiro, *9 de novembro de 1968, página 23, reportagem "CCC ou o Comando do Terror"*.)

Mais de dez anos se passaram. O advogado Parisi concorda em falar ao **REPORTER** a respeito do Comando de Caça aos Comunistas:

— Olha, o CCC é um negócio tão vago, é uma sigla, um mito que existe no Brasil tão incrivelmente explorado, tão vilipendiado, que o mais certo é o seguinte: pelo pouco que conheci, posso te dizer que uma grande possibilidade é que muitas ações, muitos tipos de comportamento ou atitudes tomadas de nome que se chamava na ocasião CCC provavelmente foi usado por outros grupos, por outras organizações, outros conglomerados. Quero dizer que o CCC foi usado como mito, como lenda, por diversos grupos e diversas ações que realmente não tinham nada a ver com uma realidade que era

estudantil, que era um grupo de estudantes que havia pensado, na ocasião, em combater dentro do movimento estudantil as esquerdas organizadas.

E o que era o CCC?

— Basicamente, um grupo de estudantes de direita que tentava se articular nesse espaço de meados de 1967 a 13 de dezembro de 1968. Tentava se articular no início e depois fazer frente a todo o aspecto agressivo que as esquerdas operavam.

Parisi ainda gosta de armas

Quem fazia parte do CCC?

— O CCC foi um negócio tão falado, tão ventilado na época, mas que eram algumas pessoas que se reuniam nem dando esse nome de CCC, simplesmente se reuniam para discutir política e formas de agir.

Você participou de alguma reunião?

— Sim, mas nunca com o nome de CCC. Inclusive, você vê, quando eu sofri aquele problema no Crusp, quando fui seqüestrado, eles realmente sabiam das minhas ligações com elementos da direita, sabiam exatamente qual tinha sido minha participação desde 64, em termos de ligação com grupos de direita da minha faculdade e de outras. Acontece que, na ocasião, como o CCC era usado, algumas operações armadas também aconteceram com o nome de CCC, alguns atos de terror foram feitos em nome do CCC, houve uma ligação entre a sigla CCC e a minha participação e a minha liderança estudantil, que era bem grande na época, em termos de Mackenzie.

Vocês, nesse grupo, sentiram, em algum momento, que poderiam estar sendo usados por grupos militares de direita?

— Não. Militares poderiam existir: oficiais da reserva ou egressos do CPOR porque só tínhamos jovens em nosso grupo de direita. Veja bem: como havia na esquerda envolvimento de militares que eu conheci e não me recordo o nome, deve ter havido, não posso negar, elementos oficiais na direita. Mas, essa versão de que militares manipulavam o movimento de direita vai contar com uma negação total do meu testemunho. Porque eu nunca soube, de verdade, embora na época também existissem rumores, mas nunca tive conhecimento disso. Posso negar veementemente que tenha havido manobra de militares.

Da relação de *O Cruzeiro* quem você conhecia? Quem fazia parte do teu partido de direita da faculdade?

— Ah... Henrique ("Henrique Meira Castro estuda Direito e participou do ataque à Roda Viva e à USP. Anda armado, mora na rua Abílio Soares" — **O Cruzeiro, 9 de novembro de 1968**). Esse Henrique era até filho de um general. É um que perdeu uma vista numa briga que teve no Mackenzie, durante eleições. Levou uma correntada de ferro no olho, de um esquerdista. Bom, deixa eu ver quem participou das reuniões no Mackenzie: Otavinho, que foi morto por terroristas no Rio, participou de algumas reuniões; João Marcos Flaquer também... ele foi um grande líder direitista na Faculdade de Direito da USP; Raul Nogueira Lima, o Raul Careca, que foi um colega de classe; Ricardo Osni, que morreu num desastre de automóvel, era estudante e oficial da Aeronáutica; o Estevão Augusto dos Santos Pereira, que, inclusive, é muito pacífico mas que a revista taxa como violentíssimo, fala oito idiomas e foi assessor direto do ministro Alfredo Buzaid, da Justiça; o Leovigildo Pereira Ramos, o Leo, que eu me lembro que era integralista, ligado a um movimento chamado CCCJ — Confederação dos Centros Culturais da Juventude, então você vê CCCJ era CCC, quer dizer, poderá muito bem o grupo do Leovigildo ter usado o nome CCC, ele foi mackenzista, foi meu colega; o Luis Correa Salles, que era de São Francisco, mas vivia no Mackenzie; o Reinaldo Chacon, que diz aqui, nunca participou de uma reunião política na vida dele. (Se refere à matéria de O Cruzeiro: "Chacon (não foi possível apurar seu nome completo) tem um bar na rua Maria Antônia (Lanches Magu), onde usa as orelhas para manter-se informado das atividades dos estudantes. Não toma parte nos conflitos e age apenas como informante.")

Te colocam na reportagem como uma pessoa extremamente agressiva.

— Na ocasião, para eles poderem dar uma sacada dessas, provavelmente eles se basearam em algumas brigas que aconteceram dentro do Mackenzie. Houve troca de catiripapos. Eu, como sempre, fui um amante do esporte, fazia judô, karatê, halteres. Então, acontece que na hora que eu entrava, o negócio mudava. Mas não vou entrar no mérito das acusações porque elas são ridículas. Eles falam em pistola 45, essa é uma arma privativa das Forças Armadas. Eu sempre gostei de armas. Realmente. Gosto até hoje. Mas nunca atirei com uma 45.

A luta entre a USP e o Mackenzie foi um ponto alto da radicalização...

— A rua Maria Antonia foi transformada num campo de batalha. Até hoje, acho inacreditável que o saldo tenha sido apenas dezenas de feridos e apenas um morto.

Governador era uma "boneca"

Quais foram os antecedentes imediatos dessa luta?

— Bem, eu vou dar um testemunho meio indireto dos fatos. Quando eu cheguei na rua Maria Antonia eram três horas. A guerra já estava declarada, já tinha bomba, tiroteio. Acontece que a situação começou no dia anterior porque estudantes de Economia da USP tinham colocado uns pedágios, umas barreiras na rua, que obrigavam as pessoas a dar dinheiro para o movimento estudantil. Então, um grupo de elementos do Mackenzie, do qual fiz parte, nós, violentamente, derrubamos as barreiras. No dia seguinte, 3 de outubro, quando eu chego no palco dos acontecimentos, a guerra estava declarada pelo seguinte motivo: eles novamente colocaram as barreiras e novamente um outro grupo do Mack foi lá e destruiu as barreiras. Esse foi o início do conflito armado. Acredito que foi uma das batalhas únicas na história do país entre estudantes com omissão total da polícia. Se disse muitas vezes que o Mackenzie foi defendido pela polícia, mas a verdade é que a reitora Ester de Figueiredo Ferraz requisitou um choque da PM para proteger unicamente os bens materiais da universidade. Então, uma ordem maior do governador deveria ser no sentido de dissolver aquela guerra com gás lacrimogêneo e todos os aparatos que a polícia dispõe. O que vimos foi o senhor Robertinho de Abreu Sodré, a boneca deslumbrada, totalmente omissa. Porque ele deixou o barco correr para ver o que acontecia, dentro do sentido de um bom político, no sentido menor que sempre foi.

Nessa luta você foi seqüestrado pelos estudantes da USP?

— Sim. Existia um cara chamado Célio Campis. Esse cara é um personagem controvertido porque diziam que ele pertencia ao SNI, outros diziam que tinha sido ex-polícia marítima, outros que era informante do DOPS ou coisa que o valha. Mais tarde — parece ser a versão mais certa — ele era agente duplo: recebia informações, vendia e trocava informações com o pessoal do movimento estudantil e com o pessoal do poder constituído, de algum ou de vários desses órgãos, não sei bem. O fato é que o Célio Campis, naquele famoso 3 de outubro de 1968, na famosa guerra entre Mackenzie e Maria Antônia, ele me localizou, me identificou, porque ele me conhecia de vista. Eu estava armado, estava com um revólver 38, carregado, mas me entreguei porque naquela altura do campeonato não adiantava questionar. Aí me puseram num carro e me levaram no Crusp (Conjunto Residencial da USP). Depois eu fui intimado a prestar depoimento no SNI, quando ele ainda funcionava na rua Martins Fontes. E foi lá que o tenente Ladário me contou que o Célio Campis era uma pessoa assalariada do SNI (Serviço Nacional de Informações). Mais tarde, depois dessa atitude que o Célio teve contra a minha pessoa, sob o crivo de investigações desse e de outros órgãos de segurança do país, ele, provavelmente temendo a sua integridade física, por que todos já sabiam que ele havia sido o dedo-duro da minha participação, fugiu com a mulher e os filhos, ao que consta para os Estados Unidos. E, por informações de pessoas que hoje o conhecem, ele está morando em Los Angeles e é cabo da Swat.

E o seqüestro?

— Bom, eles me levaram, me colocaram num automóvel e me levaram para o Crusp, onde fui interrogado por 20 horas.

Como foi o interrogatório?

— Em vinte horas me perguntaram muita coisa. Vamos resumir: queriam primeiro a minha definição ideológica, em nível inclusive poético; em segundo, queriam saber as minhas ligações com o CCC. Cheguei a dar alguns nomes. Nomes que já eram conhecidos pelos estudantes de esquerda.

ARREBENTADA ESTÁTUA A MARTELADAS

"Não podemos permitir um monumento que glorifica um poeta homossexual e comunista; neste lugar deveria estar perpetuada a homenagem ao brasileiro que no cumprimento do dever foi o primeiro a tombar ferido pela canalha comunista aliada aos subversivos e cassados nesta guerra revolucionária que atualmente se desenvolve em nossa Terra.

"As estações de televisão atingidas, às indústrias destruídas, ao comércio abalado, à burguesia apática e reacionária, ao prefeito e ao governador coniventes cabe o dever de remover e melhor aproveitar os restos da pseudo-escultura. Mas sobretudo a todos esses retronomeados, se quiserem subsistir, evitando o desenvolvimento da guerra insurrecional, incumbe o dever cívico de erigir marco lembrando às gerações futuras o valor, a virilidade e a bravura do nacionalista".

"Esquecidas as injúrias assacadas por aqueles que defendemos — civis e militares — o Comando de Caça aos Comunistas, coeso e unido em torno de seus ideais e de seus comandantes, volta revigorado à luta no dia em que é comemorado o chinfrim cubano. É tempo de dizer basta a tudo isso nos termos propostos pela violência da provocação. Este é um ato de repulsa e advertência. Assinado: VI Regional de São Paulo do CCC."

A estátua, antes da destruição

Este panfleto foi achado junto à estátua de Garcia Lorca, destruída, na praça das Guianas, em São Paulo, em 19 de julho de 1969. A testemunha, um guarda noturno, contou que às duas da madrugada chegaram em seis automóveis uns 20 rapazes que "enquanto quebravam a estátua com serras e martelos pareciam loucos; a destruição do monumento levou menos de 10 minutos"

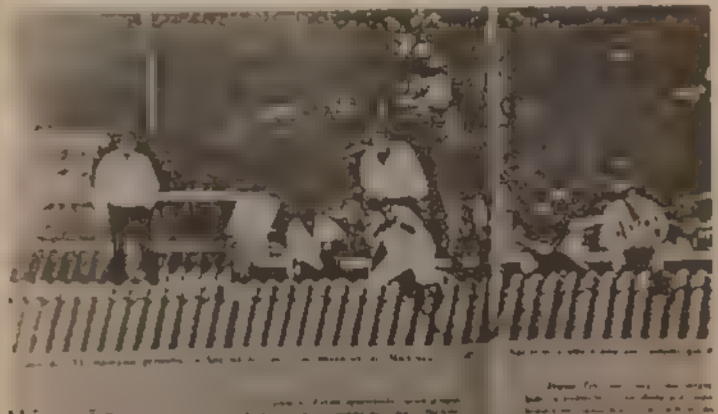
O monumento de Flávio de Carvalho, fora inaugurado no final de 1968, na presença do poeta Pablo Neruda. Os destroços estão jogados até hoje em algum depósito da prefeitura. Nunca a polícia informou quem foram os responsáveis pela depredação

ESTUDANTE ASSASSINADO NA RUA

Os estudantes haviam ocupado a Faculdade de Filosofia da USP, na rua Maria Antonia em São Paulo. Era seu território livre. O quartel-general da luta dos estudantes pela liberdade de organização. Além da vida política, do clima de assembléias, havia também cursos livres organizados pelos próprios alunos e ministrados pelos professores que estavam ao lado deles. Havia também o clima de preparação do congresso nacional da UNE, que teria de ser secreto.

Em frente à Faculdade de Filosofia fica o Mackenzie, faculdade particular conhecida por ser núcleo por causa de alguns alunos do Comando de Caça aos Comunistas. Naqueles dias de outubro de 1968, os alunos do Mackenzie acompanhavam a movimentação na Faculdade de Filosofia com indisfarçável ódio. E bastou um pequeno incidente para ser iniciado um combate onde um rapaz morreu — José Guimarães, 16 anos — e dezenas de pessoas ficaram feridas.

O incidente: alunos do Mackenzie derrubaram uma barreira do pedágio que os estudantes da Filosofia faziam para juntar dinheiro para o congresso proibido. Em pouco tempo, a luta começou ninguém sabe como. Do lado da Filosofia eram atirados coquetéis molotov, rojões, pedras. Do lado do Mackenzie, vinham tiros. Um desses tiros acertou José Guimarães. A polícia nunca informou de quem partiu o tiro. Mas há uma fotografia onde se vê rapazes com espingardas no telhado vizinho ao do Mackenzie (foto abaixo).


Nós não

Armas no telhado do Mackenzie

TENENTE FOI PEGO EM FLAGRANTE

SÃO PAULO (Sucursal) — Um oficial do Exército, de nome Flávio Ettore — Carteira de Identidade do Ministério da Guerra nº 56 203 — integrava o grupo de 30 pessoas, identificadas com organizações direitistas desta Capital (MAC e CCC), que, anteontem à meia-noite invadiram o Teatro Ruth Escobar, onde se apresentava a peça Roda Viva, de Chico Buarque de Hollanda, armados de revólveres, cassetetes e soco inglês, e destruíram a pontapés e pauladas, desde o palco até camarins e cadeiras.

Os artistas que estavam trocando de roupa nos camarins, tomados de surpresa, também foram espancados, notadamente a atriz principal da peça, Marília Pera. Outra atriz, Valquíria Mamberti, depois de desnudada pelos terroristas, recebeu socos e pontapés apesar de gritar que estava grávida. O galpão do Teatro Ruth Escobar — que foi totalmente inutilizado — vai continuar a apresentar a peça, mesmo sem os aparelhos de som e com o guarda-roupa do elenco bastante estragado.

Com a mesma rapidez com que entraram, destruíram e espancaram, os terroristas se afastaram do teatro, situado na rua dos Ingleses nº209, em duas kombis e num Volkswagen branco, placa 6-19-16, de Pernambuco.

Todavia, um agente do DOPS que estava de plantão naquele teatro conseguiu prender dois agressores, sendo um deles identificado na Delegacia de Ordem Política e Social como Flávio Ettore, oficial do Exército, carteira MG nº56 203. Inexplicavelmente, os artistas que compareceram à DOPS para fazer queixa oficialmente foram informados de que os dois detidos não seriam autuados em flagrante — com prisão subsequente — e tampouco detidos para investigações mais detalhadas. (Correio da Manhã, 20 de julho de 1968)

Platéia do teatro Galpão, após a covarde ação dos ...

Editor da "Folha de SP" conheceu militantes do CCC

"Boris Cazoy ou Kassoy estuda Direito. Locutor da rádio Eldorado. Conclamou os alunos do Mackenzie a tomar a USP, de cuja invasão participou. Anda armado mas, segundo os colegas, é incapaz de atirar em alguém. Mora na rua Itapeva. Acham-no mole com os comunistas". (O Cruzeiro, 9 de novembro de 1968, página 22, reportagem "CCC ou o comando do terror.")

Fevereiro, 1979: recostado na confortável poltrona de Editor Responsável de um dos maiores jornais do país, **"Folha de SP"**, Boris Casoy — com s e não z — nega completamente ter alguma vez pertencido ao Comando de Caça aos Comunistas. Reconhece ter estudado Direito no Mackenzie em 1968, onde chegou a ser presidente do PAD — Partido Acadêmico Democrático, um partido definido por ele como "de centro direita":

— Tecnicamente, era de direita não de extrema direita. Era democrático. Era antitotalitário. Na época de João Goulart eu realmente fiquei assustado. Era o "perigo comunista." Em tudo se via o perigo comunista.

O partido teve alguma coisa que ver com o CCC?

Boris, hoje na cúpula da "Folha"

— Não! — diz Boris com decisão —. Eu inclusive era contra o CCC. Me colocaram nessa lista d'"O Cruzeiro" não sei porque, talvez alguma vingança política.

Você conhecia o pessoal do CCC?

— Todo mundo conhecia, não era uma sociedade secreta. Na época se sabia abertamente. Boa parte deles parecia pertencer à chamada "canalha" do Mackenzie. Não vou dizer os nomes porque poderia cometer um equívoco. Mas não era escondido.

Você conversava com eles? Eles diziam o que pretendiam com suas ações?

Boris cruza as mãos atrás da nuca, olha o teto:

— O que eles pretendiam ...? É difícil dizer. Não tinha uma ideologia definida. Era a farra, a bebedeira. Era a turma que jogava ovos podres no pátio. Essas coisas. Também eram maus alunos. Todos muito ricos.

Eles agiam sem cobertura? Era só um grupo de estudantes?

— Não sei. Pra que cobertura? O que eles chegaram a fazer? Faziam mais ameaças que outra coisa. Telefonemas anônimos. Basta uma pessoa pra fazer isso. Um porralouca daqueles pegava e telefonava em nome do CCC.

Mas o CCC quebrou o Roda Viva, estava na briga Mackenzie e USP, quebrou o monumento de Garcia Lorca...

— O Roda Viva, depois eu ouvi dizer, não foi o CCC...

Como não? Eles ameaçavam pelo telefone em nome do CCC.

— Ameaçar pelo telefone qualquer um pode.

Quem foi então?

— Não foi o CCC. Algum grupo que usou o nome deles. É o que corria na época.

Há uma história de que você teria avisado a Cacilda Becker o dia exato em que a invasão se daria...

— Não. A história é a seguinte. Eu me dava com a Cacilda Becker. Ela era presidente da Comissão Estadual de Teatro e tinha liderança no meio teatral. Quando começaram os te-

lefonemas anônimos ela falou comigo: como eu era do Mackenzie queria que eu conversasse com o pessoal do CCC para fazer com que mudassem de idéia. Eu disse pra ela: não tenho condições. Um tempo depois, a Cacilda conversou comigo. E me disse que já tinha resolvido tudo; ela disse "olha, falei com o diretor do DOPS" — a Ruth Escobar me contou depois que era o Celso Telles na época — "e ele me deu o telefone do presidente do CCC. Eu liguei pro rapaz do CCC, ele foi muito simpático e garantiu que eles não vão invadir o teatro da Ruth". Eu disse pra Cacilda: não acredite nisso, pra começar o CCC não tem presidente. Olha que eles vão invadir mesmo. Veja como os fatos são deturpados. Tem gente inclusive que jura que me viu em lugares e ocasiões onde não estive, em cenas de violência. As histórias apareceram depois da matéria do "**Cruzeiro**". No dia da briga entre o Mackenzie e a USP eu nem estava na faculdade, estava trabalhando. Na época eu não estava nada bem de dinheiro, tinha dois empregos. Locutor da rádio Eldorado e assessor de imprensa de Herbert Levy, secretário da Agricultura. Não sobrava tempo pra entrar em brigas com a USP.

lista é fajuta... quem me falou desses dois foi o Otavinho (ex-policial do DOPS de São Paulo), mostrou as fotos deles, se não me engano eram as duas fotos maiores... Não o conhecia. Ele me procurou na secretaria da Agricultura, pediu para eu mostrar quem eu conhecia da lista... muitos foram meus colegas no

Boris não põe a mão no fogo

Sobre a mesa, o exemplar de "**O Cruzeiro**". Boris abre-o na página 22. O título é "Alguns Nomes do Terror". O primeiro nome, João Marcos Flaquer, Boris não reconhece e até faz confusão:

— Flaquer... este é o que matou o operário da Alfa, não é?

Digo que não. Boris detém-se na lista de nomes, examina um por um:

— Lionel Zaclis... o pai é advogado... estudou comigo... este não sei... este também não... Paulo Roberto Chaves de Lara...

Lara é o delegado?

— Não, o pai dele... foi meu vizinho. Tem um aqui na lista que hoje é juiz... é Silvio Salvo Venoza... tem até duas pessoas nessa lista de extrema-esquerda que morreram na guerrilha, pra você ver como a Mackenzie... o Francisco José Aguirre Menin, por exemplo... tem um armênio, este era um fanfarrão... como era mesmo o nome dele?, era chamado de "Taturana".. está aqui... Estefam Buriti Suzian... Eu também conhecia o Chacon (dono de lanchonete em frente ao Mackenzie)... olha esse: Succar, jogador de basquete, não tinha nada que ver com política. Veja o meu nome como saiu errado: Cazoy ou Kassoy.

Todos esses nomes que você citou... por você conhecer significa que não eram do CCC?

— Não, não é isso que eu quis dizer... não ponho a mão no fogo por ninguém... agora você veja como um trabalho irresponsável de um repórter pode marcar as pessoas: eu fiquei estigmatizado. As pessoas vinham conversar comigo, tinham medo. Depois de me conhecerem, diziam: puxa, você não é tão nazista como eu pensava... imagina, eu, judeu, acusado de nazista... O pessoal da "**Folha**" já me conhece e sabe que eu não sou, nada disso que saiu no "**O Cruzeiro**". Não vou dizer que na faculdade eu era um santo. Eu era de partido, havia política na faculdade. Ninguém era inocente. Mas me acusaram de coisas que eu não fiz.

Não vamos colocar em questão se você foi ou não foi, é ou não é do CCC. O fato é que você, na faculdade, conheceu gente ligada ao CCC. Será que você pode dar uma idéia de como funcionava o grupo, como era organizado?

— Não parecia que tivesse organização propriamente... não era organizado como os grupos armados de extrema-esquerda... tanto que não se conhece as ações do CCC... muitas poderiam ter sido feitas por outros grupos que usaram o nome do CCC... o que se sabe é que o CCC ameaçava, criava o medo...

Quer dizer que o objetivo deles era mais criar um clima de medo, um pano de fundo?

— Mais ou menos isso... não sei. Me parecia isso.

Trinta e seis anos. Alto e loiro. Forte. Boris Casoy pode ser facilmente confundido com o tipo ariano se não se prestar atenção no contorno de seu típico nariz judaico. Sua maneira de ser, no entanto, não tem nada de ariano. Expansivo, conversador, bem humorado, dificilmente dá fim a um comentário sem fazer uma piada. Mesmo com relação às acusações que há dez anos lhe foram feitas:

— Aqui diz que não sou capaz de dar um tiro em alguém... isso não é verdade... — afirma com ironia

DELEGADO FOI MESMO AMIGO DE CACILDA

O delegado Celso Telles, hoje no DEIC — Departamento Estadual de Investigações Criminais — foi procurado para se manifestar sobre a conversa que teria tido, em 1968, com a atriz Cacilda Becker, quando — segundo relato do jornalista Boris Casoy — teria fornecido a ela o telefone do "presidente" do CCC

Celso Telles ficou espantado com a acusação e foi dizendo logo

— Mas eu nunca fui do CCC!

Negou também ter sido na época diretor do DOPS, mas reconheceu

— Eu era amigo da Cacilda, ambos éramos sócios-frequentadores do Museu de Arte Moderna. Não lembro se conversei com ela alguma coisa sobre o CCC. Mas eu não estava no DOPS; em julho de 68 eu estava de partida para Genebra, a serviço da ONU, para tratar de problemas relacionados com tóxicos... Além do mais, eu não poderia conhecer o "presidente" do CCC Ninguém sabia quem fazia parte do grupo, era muito camuflado, à semelhança do Esquadrão da Morte

O senhor soube de algum inquérito, alguma investigação policial a respeito do CCC?

Não, nunca vi um inquérito com esse fim. Nunca soube de nenhuma investigação

Ruth foi enganada

Brigadeiro, 948 (porta escura) aí foi tramada a invasão de Roda Viva

CASSETETES NA VAGINA DAS ATRIZES

Ruth Escobar, dona do teatro que tem seu nome, estava no escritório. A sessão de "Roda Viva" de 19 de julho de 1968 tinha terminado há 15 minutos. Então, ela ouviu um barulho de depredação. Ela conta, mais de 10 anos depois, no mesmo escritório:

— Os que invadiram estavam dentro do teatro. Na porta havia uma viatura da Rádiopatrulha, da Polícia Militar. Na ocasião, insisti para que os policiais arrombassem a porta para ver o que estava acontecendo. Foi em vão. Lá dentro, cerca de 20 integrantes do CCC, que há mais de um mês ameaçava uma ação contra o espetáculo, barbarizavam literalmente os atores Cassetetes eram introduzidos nas vaginas das atrizes, apesar de uma delas alegar que estava grávida de seis meses. E estava mesmo Os atores eram espancados com socos ingleses, cassetetes; os membros do CCC também estavam armados. O material do teatro de som e luz foi destruído, sendo jogado platéia abaixo. Pelo cálculo da época foi um prejuízo de 60 mil cruzeiros, só em equipamentos.

— Na ocasião, duas pessoas — um agente do DOPS e um jornalista — conseguiram deter dois dos invasores, que foram remetidos à 4ª Delegacia de Polícia, no bairro da Consolação, através da guarnição da Polícia Militar que se recusou a intervir na invasão do teatro. Na mesma ocasião foram apreendidos dois cassetetes, também enviados a essa delegacia

E o que aconteceu aos presos e ao material?

A resposta é: nada Dos dois presos, apurou-se que um era tenente do Exército e outro um secundarista de 27 anos. Mas os autos não registraram nada, nem sobre as duas pessoas nem sobre as armas apreendidas

Vocês fizeram alguma coisa para se defender de novas depredações?

Na mesma noite, minha secretária, Moema, foi às estações de televisão. Eu mesma liguei para a residência do secretário da Segurança, Hely Lopes Meirelles, na verdade um grandississimo... " Nessa ligação, fui atendida por seu ordenança, que após tomar alguns dados e informar ao secretário, pediu que eu voltasse a ligar no dia seguinte. No dia seguinte o secretário negou a existência dessa ligação. Tentamos, também, uma mobilização junto ao governador do Estado, Abreu Sodré, que deu no que deu, ou seja, em nada, além da demagogia de costume

— Agora, pessoalmente, acho muito bom uma tentativa de levantar o que ocorreu nestes anos obscuros, principalmente quanto ao CCC, essa entidade "secreta". Do lado legal posso afirmar que fomos logrados pelas autoridades máximas, governador e secretário da Segurança, como também pelos órgãos subalternos, Polícia Militar e delegacia. Todos facilitaram ao máximo e favoreceram o ocultamento desses marginais

Reportagem de Alex Solnik, João de Barros, Rivaldo Chinen e Tarcísio de Souza.
Fotos de Amancio Chiodi

Esta reportagem é uma advertência: como os órgãos militares de repressão política estão sendo desativados, a direita armada pode se reagrupar em movimentos paralelos, tipo CCC, repetindo o ocorrido em 68

Um mito criado pela crônica policial no final dos anos 60: um ladrão galã que fazia amor com suas vítimas femininas. De 1967 a 70, o "Bandido da Luz Vermelha" foi manchete constante dos jornais. Preso, confessou 120 assaltos e um homicídio. Ficou tão famoso que até um filme foi feito com seu nome. Hoje está no Manicômio Judiciário para o resto da vida: suas penas, somadas, chegam a mais de 300 anos de reclusão. Entrevistado pela primeira vez João Acácio, o "Luz Vermelha" conta que foi torturado para confessar seus crimes, não conhece o filme que fizeram dele, não recebe visitas, ocupa o tempo lendo a bíblia, "compondo" músicas para Roberto Carlos e "fazendo" filmes com Jimmy Carter.

João Acácio, em 1969, mostra aos fotógrafos sua "máscara" de assaltante

"LUZ VERMELHA" ENTREVISTADO NO HOSPÍCIO:

"Pode escrever que eu virei Deus"

É um prédio antigo, amarelo e já de fora dá a impressão de uma grande penitenciária. Um policial armado com rifle cano duplo monta guarda no alto do muro que cerca o pátio. Em frente ao portão de entrada, sempre fechado, outro policial fica na guarita, com rifle à mostra. Estávamos chegando ao Manicômio Judiciário do Estado de São Paulo, na cidade de Franco da Rocha, a duas horas de carro da capital. O prédio é cercado de árvores, e a menos de 100 metros há um batalhão da Polícia Militar.

Batemos na porta e fomos convidados a entrar. O recepcionista, um senhor baixinho e careca, de olhar arredio, funcionário há trinta anos, quer saber de onde somos. Para evitar excesso de burocracia, respondemos apenas que queríamos falar com o diretor do Manicômio, dr. Nevio di Pietro, e que o assunto ele já saberia. O recepcionista quis anotar nossos nomes com o número da carteira de identidade, e ainda perguntou, meio acanhado, o que tínhamos na bolsa, mas não respondemos. Alguns minutos mais tarde ainda tentou, sem sucesso, nos interrogar, querendo saber de onde tínhamos vindo, se representávamos alguém, o que fazíamos.

O tempo de espera foi maior do que o normal para se falar com um diretor de presídio em São Paulo. Dá para se ver muito pouco do Manicômio Judiciário, a não ser uma grade logo na entrada, e funcionários que contam piadas de louco, falam sobre o tempo de aposentadoria, reclamam do salário. Não faz muito tempo uma CPI instaurada pela Assembléia Legislativa concluiu pela existência de inúmeras irregularidades naquele hospício.

Uma moça alta, bem penteada, traços finos, meia-idade (mais tarde, num bate-papo, diria que tem 37 anos de idade e 5 de Manicômio Judiciário, como assistente social), Maria Cecília, pede que a acompanhemos à sala do diretor. Como responsável pelo setor, ela se opõe à fotografia, mas como isso já estava previsto, mostramos a autorização do juiz-corregedor Renato Laercio Talli, dos Presídios e da Polícia Judiciária, em que constavam os nomes do repórter e fotógrafo. Fomos conduzidos à sala 16, pelo imenso corredor, onde nos deparamos com presos que trabalham como funcionários internos, muitos deles condenados por homicídio, como um crioulão que ficou vigiando a porta onde estávamos, autor de 14 assassinatos, conforme revelações da própria assistente social.

Maria Cecília pede para um preso-funcionário trazer João Acácio à sala. Quando ele chega, ela pede que espere um pouco no corredor, pois não queria interromper nossa conversa, sempre pedindo pelo-amor-de-Deus para que não considerássemos aquilo como uma entrevista. João Acácio, 38 anos, entra na sala.

É um homem alto, cerca de 1m80, corpo atlético, cabelos pretos bem aparados, a camisa aberta deixa ver a tatuagem azul-marinho, de uma cruz com alguns respingos; nas mãos pontos de macumba — "feitiçaria era um ideal meu" —, e nos dedos da mão esquerda a palavra O-L-G-A, "uma mulher qualquer." Bíblia na mão. Outra bíblia no bolso do casacão grosso, azul, calça cáqui, camisa cor creme, marcada com inscrição "Manicômio Judiciário", sandália havaiana. Dá um sorriso: aparecem dois incisivos de ouro. As unhas são ainda bem tratadas.

João Acácio começa dizendo que responderá tudo "com muito prazer", mas que não insistíssemos sobre o seu passado. "Nunca fui inocente. Confessei meus crimes na época. Fui preso pela primeira vez em 1967 e condenado a 12 anos; portanto, já devia ter saído. Todos os outros presos do meu tempo já estão na rua". Na verdade, de acordo com seu prontuário, de nº 22.432, onde consta como cozinheiro, João Acácio entrou no Manicômio Judiciário dia 25 de julho de 1968; voltou à Penitenciária do Estado em 8 de julho de 1969 e retornou ao Manicômio dia 24 de fevereiro de 1976; sua pena se estenderá até 15 de março de 2 319.

Revela que sempre gostou de se vestir bem, mas que, atualmente, com aquelas roupas de presidiário, tornou-se um joão ninguém. Que todas as roupas elegantes sumiram nas mãos de diretores dos presídios, que provavelmente teriam vendido as melhores peças do seu guarda-roupa. Aliás, ele ganhou toda a roupa de uma bailarina que morava em Santo Amaro, bairro da zona sul de São Paulo. Atualmente tem só uma calça Far-West já velha, que espera usar ao sair do Manicômio. Fala de uma estranha roupa de cor preta, com adornos de pérola, de inspiração bíblica, que estaria na casa de um amigo seu.

"Sou um santo do Evangelho". Fala isso com a maior naturalidade.

"HOMEM-MACACO" VIROU "LUZ"

Em seus primeiros assaltos, João Acácio Pereira da Costa usava um macaco, e com ele rompia grades de proteção. Por isso ficou conhecido como o "Homem Macaco". Esta primeira fase foi de 1965 a 1967. Na segunda fase passou a usar uma lanterna vermelha com quatro lâmpadas e fazia questão de exibir o farolete para as vítimas. Foi chamado de "Bandido da Luz Vermelha".

Confessou mais de 120 assaltos, e no dia 10 de janeiro de 1970, levado ao banco dos réus, foi condenado pela morte de um industrial, pela tentativa de morte de um vigia, por furto qualificado e ainda teria de ficar preso "dada a alta periculosidade demonstrada pelo réu a partir de seus antecedentes". Total da pena: 349 anos. Num de seus julgamentos, na 2.ª Vara Auxiliar do Júri em São Paulo, ele tentou fugir. Havia muitas moças em toda a história, que lhe mandavam buquês de rosas.

Enquanto esteve preso no extinto DI (Departamento de Investigações), comeu uma feijoada não na cela, mas de acordo com os jornais da época, em um restaurante das proximidades, o que valeu uma sindicância para apurar responsabilidade. Os peritos do Manicômio Judiciário que o examinaram acharam que ele era semi-irresponsável, por ser portador de personalidade psicopática. De acordo com seus advogados de defesa, ele é portador de tuberculose pulmonar, moléstia que segundo os psicopatologistas afeta o psiquê. A tuberculose pulmonar traz como conseqüência a esquizofrenia. O esquizofrênico é antes de tudo um egocêntrico, daí procurar sempre chamar a atenção para si confessando o crime com riqueza de detalhes, concluiu o advogado de defesa.

"Luz Vermelha" fotografado no Manicômio Judiciário, fevereiro de 1979

Sempre apressado. Acha que a cadeia é "castigo de Deus", e que conquistou o mundo para Cristo. Atualmente trilha o caminho da liberdade, e imagina que seu futuro na rua será como a da terra prometida de que fala a bíblia, e que um dia ainda será feliz.

"Meu destino não era ser ladrão, era ser santo, um crente, para proteger a Igreja". Assegura que está adiantado dos outros cem milhões de anos, mas isso não diz pra todo mundo, "porque se não, vão dizer que sou um maluco embandeirado". Considera-se um deus encarcerado. Conta que isso foi confirmado através da visão de um padre japonês, um padre russo e um missionário americano, que o viram sorrir na lua

Tornou-se adepto da religião Assembléia de Deus quando esteve na Penitenciária do Estado. Diz que nesse presídio "era dá licença, sim senhor; eu não queria saber de conversa fiada, me punha no meu canto e rezava". Foi na penitenciária que aprendeu muitas coisas. Tem uma teoria: "O germe do crime está na cadeia".

Há boatos que correm na boca do povo de que ele teria se tornado homossexual após uma passagem pela penitenciária do Estado. Mas ele mesmo nega, argumentando que sempre se afastou dos "covardes fracassados": "Pederastia existe, sim, mas na Penitenciária do Estado, com celas individuais, cada um é cada um". Fala que nunca brigou na cadeia, porque sempre foi "humilde e manso"

No passado foi um conquistador de belas mulheres. Um galanteador que só queria namorar. Muitas vezes saía com moças que não eram suas namoradas, mas "simples passatempo". Há inúmeras histórias em torno disso: por exemplo, a de que senhoras da alta sociedade paulistana com quem andou, na verdade o procuravam movidas pelo fascínio de pertencer a um delinqüente. Mais tarde, quando descobertas, alegavam terem sido agarradas à força pelo "Bandido da Luz Vermelha". Quando começamos a tocar nesse assunto ele pediu: "vamos parar por aqui".

Três meses atrás mandou uma carta para uma emissora de rádio de Batatais, interior de São Paulo, oferecendo música para as meninas. "Era pras fazendeiras que gostam de mim". Isso o liga, de uma certa forma, ao passado. Como também uma velha paixão por Roberto Carlos, seu ídolo. Na época em que assaltava, contavam que o viam saindo calmamente das mansões assobiando músicas de Roberto Agora, ele vive interpretando, ao seu modo, as músicas da fase cristã de Roberto Carlos. "A Montanha" é de sua autoria, diz tranqüilamente. Conta que foi assim: um dia viu Cristo crucificado e se inspirou. Fez a letra e remeteu num envelope para o ídolo, que gravou mas nem lhe pagou os direitos autorais. "O Roberto Carlos, pregando o Evangelho, comprou carrões e iate, fez sucesso e hoje é o grande rei da música barata e profana No entanto, minha música é um hino, uma mensagem de Cristo". Outro modo de se inspirar: um dia um raio arrebentou a janela no pátio onde estava meditando, e então cantou "Castigo de Deus! Castigo de Deus!".

Sua incursão pelo mundo da arte não parou na música: João Acácio conta que viveu a revolução no cinema e fez alguns filmes que estão correndo o mundo. Fala de um enredo em que o comunismo avança, Jimmy Carter se mete numa política meio esquisita, no fim é condenado e até deu o nome do filme: "Jimmy Carter está com Deus". Um filme religioso segundo ele tão grandioso e importante para o cinema como foram "Os dez mandamentos" e "Ben-hur". Outro filme que fez anteriormente e que também corre mundo foi com o seguinte enredo: Deus é preso no Vietnã do Sul, vem um vietcong e o tira da cadeia, e em seguida, explode os Estados Unidos Conta que para fazer esses filmes usou dos poderes da revelação divina, e não através dos magnatas do cinema. Foi assim que eu destruí o mundo do cinema barato Tornei-me o Deus do cinema"

Não viu o filme baseado na sua vida, "O Bandido da Luz Vermelha" feito por Rogerio Sganzerla, no final dos anos 60. Como também não ganhou direito autoral sobre o filme, diz não ter conhecido o diretor e nem saber de sua existência

Sempre gostou de representar Botava charuto na boca, mas conta que nunca tragou. Era mais uma de suas encenações. O charuto dava-lhe um ar de machão. Com respeito à lanterna de luz vermelha, esse dado confere. Ele usava mesmo uma lanterna. Mas sobre as máscaras, acha um exagero dos repórteres policiais da época. Para não ser reconhecido colocava um lenço ou uma simples toalha na cara. Revela ter sido muito torturado na polícia. Ficou horas pendurado no pau-de-arara. Queriam que ele entregasse o intrujão (receptador das mercadorias roubadas), até que um dia, não agüentando mais, ele deu o nome. Tem nada: no Tribunal divino diz que condenará aqueles que o torturaram.

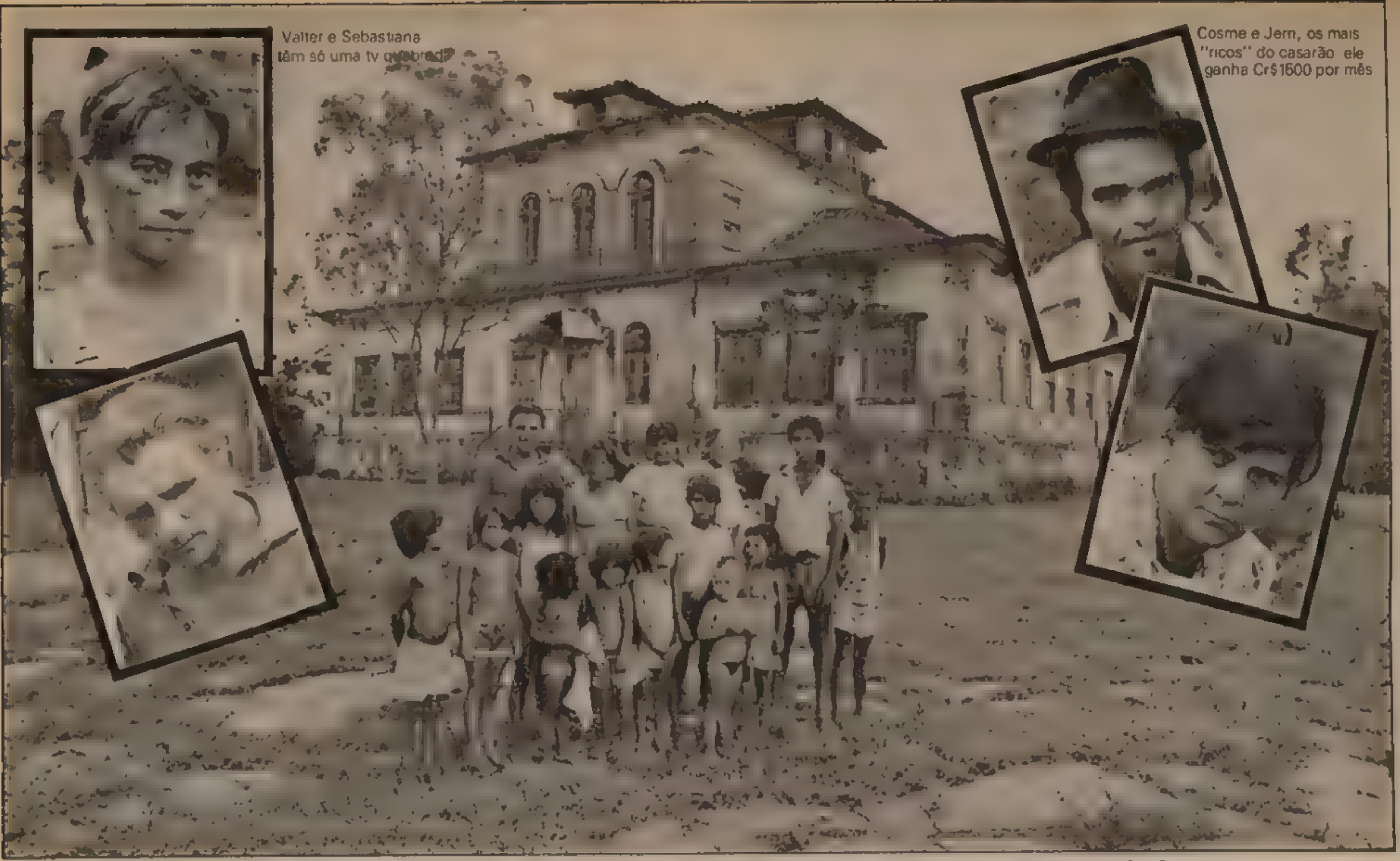
Desmente ter comprado os policiais, como se disse muito na época Não entra em detalhes com relação ao dinheiro que roubou. "Sou boca calada, agora sou mudo". Passou fome quando pequeno. Tinha medo de continuar passando fome, quando cresceu. É órfão desde pequeno: sua mãe morreu quando tinha 4 anos, e seu pai vivia internado no hospital e muitas vezes fugiu do hospital para cuidar dos filhos. Um dos seus irmãos que ainda mora em Santa Catarina escreve de vez em quando. É a única visita que ainda recebe, e mesmo assim raramente. Nem mesmo existe o advogado que ele indicou ao fazer a ficha de entrada no Manicômio

João Acácio disse que nunca foi entrevistado pelos repórteres de polícia, E que eles tentaram, é verdade, principalmente quando o viram beijar as mulheres, já na porta do xadrez. Provavelmente obtinham entrevistas através de algum diretor de presídio ou advogado que o "defendia". Conta que "teve um repórter que queria falar comigo, mas nunca levou uma palavra minha. Só me viu no corredor do presídio e no dia seguinte escreveu uma página inteira de jornal, falando que o Luz Vermelha estava no corredor da liberdade" Detesta o trecho do hino nacional que diz "Já raiou a liberdade", porque diz que para ele a liberdade não raiou Mas está a caminho. Tem planos para voltar à sua cidade natal, Joinville, Santa Catarina. Sabe de cor o número de farmácias, lojas, bancos, pronto socorros, população, tudo o que se refere à sua cidade. Diz que a Europa, Japão, Estados Unidos, enfim, a terra toda o quer, mas ele não volta, a não ser para Joinville. Já tem pronta até uma música, que cantará ao pisar na terra: "Quando em minha terra eu voltar "

Reparte a cela com 22 outros presos. Acha que o Manicômio é melhor do que a Penitenciária do Estado, mas que tudo ali é nojento Só não entra em mais detalhes, assegura, porque teme represália Reclama da falta de assistência médica Suas varizes doem, a ferida no pé esquerdo está aberta como há dez anos atrás Mais uma vez pede desculpas por estar humilde e mal vestido

Quando nos despedimos, ele dá um roteiro completo de como deveria ser redigida sua entrevista. Agradece a visita Dá um sorriso, estende a mão e some no corredor, escoltado pelo crioulo autor de 14 homicídios. O silêncio na sala é cortado pelos uivos e gritos no pátio

Reportagem de Rivaldo Chinen
Fotos de Amâncio Chiodi



Valter e Sebastiana têm só uma tv quebrada

Cosme e Jerri, os mais "ricos" do casarão: ele ganha Cr$1500 por mês

MORAM DE FAVOR NO MEIO DE MORCEGOS

Casarão dos miseráveis é relíquia histórica

Vinte e uma pessoas no último estágio de probreza moram há oito meses no casarão da fazenda São Bernardino, em Vila de Cava, Nova Iguaçu, RJ. A propriedade, construída há 100 anos pelo comendador português Bernardino José de Melo foi tombada em 1947 mas está caindo aos pedaços. Da imponência de seus três andares ficaram apenas os beirais dos telhados, de legítima cerâmica portuguesa. Quase todos os 40 cômodos estão trancados há anos, habitados por morcegos. As pessoas moram amontoadas no andar térreo, em cubículos feitos por eles mesmos. Quando chega uma rara visita, as treze crianças pedem de tudo — comida, remédios, escola. Os adultos, com água na boca, ficam à espreita.

A paisagem da estrada Bernardino de Melo é vazia e triste. De longe se avista, no alto de um morro, o casarão de três andares todo descascado. O reboco caindo. As palmeiras imperiais ainda estão em pé. O ronco do carro chama atenção dos assustados moradores que olham pelas frestas e buracos da tapera. No portão está escrito a giz: "entrada 10 cruzeiros".

— Não vai entrar ninguém, não. Não tô aqui pra levar esporro de ninguém. Tô cansada de levar na cara. Esses dias veio três homens cabeludos e sem camisa dizendo que eram da prefeitura. E quiseram entrar no peito. Não vou deixar não. Depois a descarga vem pra cima de mim. O seu Orlando não quer saber, ele fica furioso. Não vou levar outro esporro não.

Jerri, mulher de pouca conversa e muita bronca, depois de um papo acaba cedendo. O seu Orlando é o administrador do distrito de Vila de Cava e deixou o pessoal morar na casa de graça pra "cuidar" dela.

Uma porta de madeira, com ferro nas bordas se abre, rangendo. Homens, mulheres e crianças vão aparecendo devagar. Como se estivessem saindo de esconderijos. No meio do pátio interno se junta aquele grupo de pessoas e nas crianças se nota uma aparência doentia. São magras, sujas e as idades entram em desacordo com os tamanhos. No chão alguns cacos de vitrais coloridos.

Um pedaço de pau pregado na porta que dá para os pavimentos superiores é arrancado. A claridade entra e provoca uma revoada de morcegos que assusta todo o mundo. As janelas vão se abrindo e os morcegos passando na nossa cara. Nojentos.

Tem que andar com cuidado, pisando de mansinho. Parece que tudo estremece. Do segundo para o terceiro andar a cúpula que caiu lá de cima atravanca a passagem. A capela onde está a imagem de São Bernardino está fechada. Impossível de abrir. Das janelas que dão para os fundos do casarão se vê a senzala quase tapada pelo matagal que cresce tomando conta de tudo.

Valter sai gritando procurando a mulher pelos cômodos. Sebastiana está debruçada numa das janelas acenando para uma das filhas que está lá embaixo. As portas e janelas vão sendo de novo fechadas. E com cuidado os visitantes e o casal de moradores vai descendo as escadas que rangem, balançam, dando insegurança. Valter prega a tora de madeira na porta, fechando novamente a entrada para o interior do casarão.

No gramado em frente ao casarão que nos primeiros anos foi um pavilhão de caça as crianças brincam, correm. Nenhuma delas sentou um dia num banco de escola. A mais próxima é distante quilômetros. A pé não dá pra ir e de condução não há dinheiro para as passagens. Os moradores estão sentados no muro que fica em volta da sede. Como todas as tardes. Sebastiana disfarça e chama na encolha. Tem medo que o marido escute.

— Tá tudo doente, moço. A Rosângela, essa daí de cinco anos, tem uma dilatação de uma veia no coração, não pode sentir frio e nem tomar banho porque bota sangue pelo nariz e pela boca. O Valter, o mais velho, que tem 15 anos, tá quase surdo, mal escuta a gente chamar, sai um pus do ouvido faz meses; a Guaraciara, de 12 anos, sente umas pontadas no coração. Os outros tão sempre com dor de barriga. E eu, moço, fiz uma ligação das trompas faz um ano e nunca mais fui ao médico. Quando o tempo vira dana-se a doer. Tenho uma cólica estúpida.

Sebastiana Luiza Barreto, de 38 anos, tem oito filhos com Valter, fora os três nascidos do primeiro casamento que ela não sabe por onde andam. Quatro das oito crianças não têm registro de nascimento. Não existem legalmente como 10% dos 30 milhões de brasileiros que compõem os assalariados de baixa renda ou sem

Governo tomba mas não preserva

A campanha pela preservação do importante patrimônio histórico que é a fazenda São Bernardino completou 22 anos no ano passado, mas a propriedade continua abandonada. Ela foi desapropriada pela prefeitura de Nova Iguaçu em 1975 e a situação não mudou. Assim como ficou esquecida pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, desde 1947 quando foi tombada e nunca fiscalizada.

A fazenda está catalogada como obra de arte no livro de Belas Artes do Patrimônio Histórico Nacional por tratar-se do único exemplar que demonstra a transição da arquitetura da casa rural para o solar urbano. O desinteresse da prefeitura de Nova Iguaçu é total. Não cumpre a legislação que cuida dos imóveis tombados pelo Patrimônio Histórico. O professor Ney Alberto Gonçalves de Barros, ex-diretor da assessoria Municipal do Patrimônio Histórico e Geográfico fará uma campanha popular para salvar o prédio cuja preservação é de responsabilidade do coronel Hélio Louzada, diretor da Fundação Educacional de Nova Uguaçu — a Fenig.

As crianças pedem fubá, remédios, escola

Guaraciara sente pontadas no coração; Rosângela (a menorzinha) cospe sangue

renda nenhuma' (dado da Legião Brasileira de Assistência)

Sebastiana só pensa em fugir, abandonar as crianças

— Eles também não prestam. Fazem cochicho prá ele. Só eu sei como é que eu vivo. Vivo numa balança. Ele é estúpido, me bate sempre

Ela mora com Valter e os filhos num pequeno quarto na parte térrea do casarão, onde mal cabe a cama de casal e um fogão de lenha. Desabafa, falando baixinho, com medo do marido. Tem os pés cheios de lama mas mesmo assim aparecem sinais de um esmalte vermelho nas unhas. Rosangela, sua filha, se aproxima e chama atenção. Tem os olhos esbugalhados e a barriga grande. Cospe sangue. "Viu como é verdade" diz Sebastiana. E volta a falar baixinho, entre dentes:

— Casei com 16 anos lá em Governador Portela, divisa com Minas, e tive três filhos. Casei pensando que seria feliz. Aí ficou umas camaradas dando em cima do meu marido. Acabei perdendo. Não consigo até hoje esquecer dele. Conheci Valter quando trabalhava como faxineira em Bonsucesso. Ele me convidou para morar com ele, aí eu vim. Depois veio os filhos, um atrás do outro. A fome aumentando, as dificuldades e eu me afundando cada vez mais. Sempre querendo sair fora. Tô sempre na pior, na ruim. Se eu pudesse eu fugia. O negócio é grana, dinheiro.

Sebastiana dá um suspiro como se tivesse tirado um peso de dentro dela. Ralha com o filho mais velho que queria escutar a conversa. As crianças continuam brincando no gramado em frente ao casarão. Guaraciara pára de brincar e vem se queixar de dor de dente. Todos seus dentes estão estragados. Sebastiana balança a cabeça, de um lado para o outro, soltando os cabelos de pontas avermelhadas como último gesto de feminilidade

Você mantém relações sexuais com seu marido?

— Me sinto uma pessoa fria. Agora, porque eu não sei. Não sei se tomei raiva. Chego até ter nojo quando ele tenta me abraçar. Ele não sai de casa pra nada com medo que eu fuja. Essa vida é só sofrimento. Vou tentando até ver como isso fica

Ela reclama que o marido não pede nada a ninguém. Diz que nunca sabe se o fubá vai dar para o dia seguinte. Não pode lavar roupa para fora por causa da distância. E torce para que chegue alguma pessoa estranha como uma esperança de ganhar alguma coisa.

— Ele parece que tem vergonha. E os filhos ficam passando fome. Eu acho que ele tem mais é que pedir, se virar para conseguir o que comer. Os biscates que ele faz não dá pra nada

Sebastiana estala os beiços, baixa a cabeça e retoma, no mesmo instante a posição. Encara com agressividade o repórter como arrependida de tudo o que disse. E sai dizendo "é isso mesmo".

A pequena Guaraciara se aproxima com o dedo na boca, e diz baixinho, entre medrosa e envergonhada:

— Meu pai tá pedindo pro senhor trazer uma farinha pra gente quando o senhor voltar.

Valter olha de rabo de olho a filha fazendo o pedido. Ao ser chamado vem correndo, contente. Queixa-se:

— Se o governo me desse dinheiro para a condução eu ia lá pros lados do Amazonas tentar melhorar de vida. Aqui a gente passa fome

Nascido e criado em Vila de Cava, ele gosta muito de Sebastiana. Quer sair dali, daquela miséria e criar os filhos. Ele é técnico de rádio e televisão, mas o último serviço que pegou foi há três meses. consertou um pequeno defeito num rádio em troca de Cr$ 30. Ele explica porque está no casarão

— Peguei a mulher e os filhos e vim pra cá. Não dava mais pra pagar aluguel de 700 cruzeiros. Quero ver isso conservado. Somos responsáveis por isso. O chefe botou a gente aqui e a gente tem que zelar não é mesmo?

Valter é meio vesgo, fala com dificuldade, sente constantemente uma dor nas costas e acha que é reumatismo. Fala sempre em Sebastiana e nos filhos que tem que registrar

— Quando eu melhorar de vida vou juntar os papéis e casar com ela. Ela merece, não é mesmo? Tem dezessete anos comigo e é já mãe dos meus filhos. Gosto dela

No cubículo de Valter e Sebastiana há uma televisão velha. Tão velha que só a metade da tela funciona. É estranho mas há energia elétrica no casarão. Valter.

— Eu nem sei quem paga a luz aqui nunca veio o homem olhar o relógio. Aqui um ajuda o outro, quando tem comida o outro não tem a gente divide

Valter, chapéu enterrado na cabeça, carrega um facão na cintura e diz que a polícia quase o levou quando invadiu o casarão, no ano passado, à procura dos assassinos do juiz de Três Rios:

— Eles nem pediram licença, foram invadindo com metralhadoras dizendo palavrão e tudo. Vieram cutucando um velho que tava com câncer. A gente teve que ficar quieto, a gente não pode ir contra a força. A gente é fraco. Aqui já teve um problema morava um senhor de uns 50 anos que "estuporou" as duas filhas

Sebastiana chega perto. Os mosquitos já começam a obrigar o pessoal a entrar no casarão. Valter tenta passar o braço por cima do ombro da mulher, Sebastiana disfarça, consegue sair e diz pra ele que não fale muito da polícia

— Já não chega o que a gente passa? Você ainda fica fazendo queixa deles para virem tirar a gente daqui

Valter ouve quieto a mulher e muda de assunto. Volta a pedir que o governo dê passagem para ele ir para o Amazonas. Oferece goiabas. Valter, o filho mais velho, chega de mansinho e pede que arranje uma vaga num colégio para estudar. Sebastiana de longe fica vendo

— Dei Graças a Deus quando me separei da minha primeira mulher e ela resolveu ficar com os filhos

É Cosme quem diz isso, chapéu de feltro caído na testa. Ele com certeza é o menos miserável dali: tem emprego fixo na prefeitura de Nova Iguaçu, como motorista, ganhando Cr$ 1.500 por mês. Ele diz que sua salvação é a mulher com quem vive atualmente. Que pensa como ele: "não quero ter filhos para viver na miséria, passando fome". E acrescenta

— Essa mulher é fogo, rapaz. Com machado na mão, ela é melhor do que eu. É só resolver que ela entra nesse mato aí e derruba uma porrada de palmito pra vender na feira. Faz qualquer serviço de homem

Jerri é carrancuda. Tão desconfiada que mal diz o nome. Tem um olhar e um jeito de mulher de xerife, como é conhecido Cosme, caçador e conhecedor das matas da redondeza onde "tem até onça formada". "Xerife Gaúcho" está escrito na porta de entrada do seu quarto. A gente vê logo um facão dependurado. Um dos vários facões que ele tem e que lhe dá a condição de xerife

— Se eu tivesse aqui quando aqueles policiais vieram aqui até de metralhadora eu seria confundido com terrorista por causa das armas que eu tenho. Eles não iam saber que essas armas são para fazer o que eu mais gosto que é de caçar e pescar

Fim de tarde: moradores do casarão descansam pra disfarçar a fome

Reportagem de Tim Lopes
Fotos de Américo Vermelho

NEM ROBERTO CARLOS SALVA OS MENORES DO BRASIL

Doentes, desamparados e criminosos

De repente, acontece um Ano Internacional da Criança, a Rede Globo patrocina campanha em todo o país, Roberto Carlos surge como o pai da meninada carente e abandonada, recolhem-se fundos e espera-se, com isso, resolver o problema do menor brasileiro sem assistência.

Só que no final do ano, com a Globo continuando a mandar imagens lindas e maravilhosas via Embratel, Roberto Carlos cantando seus devaneios e as venerandas senhoras da sociedade se preparando para entrar em outra campanha que as faça esquecer suas fossas burguesas, o menor brasileiro vai continuar carente, abandonado, roubando, assaltando, matando e sendo preso (internado, dizem) num dos institutos da Funabem (Fundação Nacional do Bem Estar ao Menor.)

Só pela Divisão de Menores da Secretaria de Segurança do Rio de Janeiro passam, anualmente, cerca de cinco mil crianças, que são apanhadas perambulando pelas ruas da cidade. Dessa mesma Divisão partem quase 1.300 processos de infração, que são encaminhados ao Juizado de Menores e que têm como predominantes os crimes contra o patrimônio (furtos e assaltos). A idade média desses menores infratores é de 16 anos e a grande maioria não completou o primário. E, é claro, vêm das classes mais pobres da população. Os filhos da classe média geralmente vão à presença do juiz por problemas de tóxicos, havendo casos até em que são levados pelos responsáveis, que vêem numa audiência com o juiz um corretivo para o "menino desobediente". Saindo dali, o menino

desobediente volta a se picar, se for o caso.

A história dos que perambulam pelas ruas é quase sempre a mesma: abandonados pela família e/ou fome dentro de casa e/ou porrada comendo solta e/ou mãe doente e/ou pai bêbado, uma escadinha de irmãos, um padastro que quer distribuir os enteados e todas as variantes que as combinações desses elementos podem gerar.

Segundo o ex-juiz de menores Alyrio Cavallieri "a solução para o problema deve ser um programa do governo e jamais uma obrigação do Juizado de Menores"

E muito menos uma campanha da Rede Globo, que pode ser muito bonita, mas não vai arranjar ocupação para os menores que, não encontrando trabalho ou não tendo condições de estudos, enveredam pelo caminho do crime.

Dois menores-assassinos, um com 15 anos, outro com 16. Um usou faca, o outro revólver.

Mas os dois mataram porque estavam roubando. A miséria os levou ao crime.

Vendia doce e apanhava da avó. Matou um vigia e está preso até hoje.

I.C.S., o menor: nunca soube o nome do pai

I.C.S. tem 16 anos, mas parece que tem 13. Foi abandonado pela mãe quando tinha 3 anos e passou a ser criado por Marcelina Duarte da Silva, a "vó Marcelina". Com 13 anos fugiu de casa e nunca foi à escola. Hoje responsabiliza a falta de estudos e de amor materno por suas 123 entradas na polícia por furtos e roubos, além de um latrocínio (assalto seguido de assassinato). Nos assaltos, usava faca e revólver de grosso calibre. Dormia pelas ruas e casas abandonadas das cidades satélites de Brasília. Este é o seu depoimento:

— Tudo começou quando eu tinha 3 anos e minha mãe me abandonou, me deixando com Marcelina. Mais tarde eu soube que ela era piranha e nem ligava pra mim. De vez em quando ela ia me ver e eu pedia pra me levar com ela, mas ela nunca me levou. Na casa de vó Marcelina a coisa não era mole. Por qualquer coisa eu entrava na porrada. Delsa, filha de vó Marcelina, era quem mais me batia. Além de me baterem, sempre que eu fazia qualquer coisa de errado, ficava sem comida. Mas eu fui crescendo e criando coragem de sair de lá. Quando fiz 13 anos, fugi e passei a dormir pela rua. Daí, conheci uns amigos e comecei a vender doces, mas o dinheiro não dava e resolvi roubar coisas nos supermercados para comer. Só que eu também precisava me vestir, ter sapato. Aí conheci uns caras numa boca de fumo, que me emprestaram armas e me chamaram para assaltar. O negócio, então, foi melhorando, pelo menos financeiramente. Ia fazendo os assaltos e sendo preso. Como era menor, era preso um dia e solto uns dias mais tarde. Cadeia pra mim não era novidade. O que entornou o caldo foi quando conheci o Jones da Silva, que era maior, e comecei a fazer grandes assaltos. De início, tudo deu certo até que resolvemos assaltar o Bi-Ba-Bô, na avenida W-3, em Brasília. Depois que a agente imobilizou todo mundo e estava fazendo a limpa, apareceu o vigia, pintou sujeira. Ele tentou sacar da máquina, mas nós fomos mais rápidos e demos umas facadas nele, que é para não fazer barulho nem alarmar as outras pessoas. Depois, fugimos para Goiânia, mas quando chegamos lá já estava todo mundo atrás da gente.

O crime aconteceu em 1976 e o menino acabou sendo preso através de retrato falado, espalhado pelas capitais do país. Interrogado, I.C.S. confessou o crime, mas quando lhe perguntaram sobre a filiação só se lembrava mesmo do nome da mãe.

— Eu nem sei quem é meu pai, quanto mais o nome. Da minha mãe, ainda me lembro o nome.

O menino foi levado para São Paulo, onde diz que apanhou muito.

Hoje, ele está internado no Centro de Reeducação Masculina da Funabem, no Rio de Janeiro, e não recebe visita de ninguém.

— Agora, pretendo aprender uma profissão e quando sair daqui vou procurar a minha mãe e mostrar pra ela que todo erro tem conserto.

Cadeia pra ele não era novidade. Até matar, tinha 123 entradas em cana

Ia ser jogado no rio quando nasceu. Depois jurou a mãe de morte

No dia 7 de agosto de 1978, o menor D.R.M., de 15 anos, assassinou a tiros o professor de ginástica Luís Sérgio Domingues Mendes, de 32 anos. O crime aconteceu quando Luís perseguia D. e Pernambuco — parceiro de roubos do menor — que tinham assaltado um consultório dentário, na rua Gomes Carneiro, em Ipanema, zona sul do Rio de Janeiro.

Os jornais deram grande destaque ao assassinato e D. foi logo preso. Sua avó, dona Ester Rodrigues, que o criou juntamente com seu irmão gêmeo C., é quem começa a contar a história do garoto e os motivos que o levaram a tornar-se um criminoso:

Dona Ester acusa sua filha, Tessy, de ter abandonado os gêmeos

— A vida do garoto, e também do irmão gêmeo C., sempre foi um inferno. Com três dias de nascidos, a mãe ia jogar os dois no rio Meriti, mas eu não deixei. Afinal, eram meus netos e resolvi criar os meninos. Minhas condições de sobrevivência eram mínimas. Passamos grandes necessidades, mas segurei o rojão. Enquanto isso, a mãe caía na vida, virava prostituta, sem ao menos se preocupar com os filhos. Mas a Tessy, minha filha, tem deficiência mental. Quando eu estava esperando ela, levei um tombo. Depois que ela nasceu, vi que era meio anormal. Levei no médico e ficou provado que ela era meio doida, por causa do tombo. Agora, só um trabalho de umbanda bem feito pode fazer ela melhorar. E é por isso que entrego tudo aos meus orixás.

Considerando que Tessy, a mãe de D., é a única responsável pelo menino ter se tornado manchete de jornais cariocas, Dona Ester fala sobre a vida dele:

—Sabe, ele jurou a mãe de morte quando soube que ela o dedurou ao detetive Renato, da 38ª DP, na época em que ele roubava pequenas coisas. Este mesmo policial o prendia constantemente, tentando, inclusive, desmoralizar o menino diante dos seus amigos. Ele tinha 14 anos e já era revoltado com a mãe, que nunca quis ele como filho. Nas vezes em que ele foi preso e espancado, Tessy tomou conhecimento, mas não fez nada. Pelo contrário, sempre dedurava o menino ao Renato. Eu sempre procurei orientar o menino, principalmente com relação às amizades, mas não podia tirar sua liberdade. Mas as coisas foram piorando e o número de prisões crescendo.

Segundo dona Ester, D. não é culpado do crime:

— Hoje o menino é acusado de um crime que não cometeu. Ele me contou que foi o Pernambuco quem atirou no professor e prometeu matá-lo, caso contasse a verdade à polícia. Eu vi o Pernambuco ameaçando o menino aqui mesmo, dentro da minha casa, logo depois que a morte do professor saiu nos jornais.

Dona Ester diz que Tessy resolveu meter a cara no mundo aos 17 anos. Transou com vários homens e acabou ficando grávida. O pai dos meninos não quis nem saber e abandonou a mulher. A solução mais próxima que Tessy encontrou foi largar os filhos e virar prostituta. Hoje, tem mais três filhos (Cátia, de 11 anos; José Carlos, 8; e Jailson, 6), cada um de um pai diferente.

MÃE ACHA QUE EXEMPLO É ATÉ BOM PRO IRMÃO

Mesmo com dona Ester dizendo em sua cara que a história de jogar os filhos no rio era verdadeira, Tessy, que aparentemente não demonstra sinais de debilidade mental, nega tudo:

Eu dei meus filhos de papel passado porque não tinha a mínima condição de criá-los. Eu era empregada doméstica e não tinha ninguém que pudesse ficar com eles, a não ser minha mãe. Depois disso, me casei e tive mais três filhos. Eu sempre fui contra o que os gêmeos faziam. Por isso, procurei o detetive Renato, que é padrinho da Cátia. Renato tentou conversar com os meninos, tirar eles do mau caminho, mas não adiantou nada.

Para Tessy, foi até bom o que aconteceu com D. porque o irmão estava indo pelo mesmo caminho e, talvez, isso tudo sirva de exemplo. Não se considera culpada de nada e faz o possível para não falar com nenhum dos dois.

E o futuro, Tessy?

— Dos gêmeos, não quero nem tomar conhecimento. Os outros três eu vou entregar para o Juizado de Menores. Quando ficarem maior, decidam suas vidas.

Tessy, a mãe de D. e seus outros 3 filhos: Cátia, 11 anos, José Carlos, 8 anos, e Jailson, 3 anos

PSICÓLOGO: REVOLTA VEM DA INFÂNCIA

O psicólogo da Funabem, David Tucci

No depoimento de D. ao psicólogo David Tucci, coordenador do Centro de Reeducação Masculina da (Funabem), Fundação Nacional do Bem Estar do Menor onde está preso e sem poder receber visitas, o menino disse que sua mãe é mãe do diabo. O isolamento é o castigo por ter tentado fugir de um ônibus da Funabem.

— Ele tem um verdadeiro ódio da mãe — diz Tucci —, acusando-a de ser a principal responsável por ter entrado nessa vida marginal. Além disso, existe o fato de ter sabido que ia ser jogado em um rio, quando nasceu. Ele confessou ter matado o professor, imaginando que fosse um fato tão corriqueiro quanto os furtos que fazia.

Na conversa que teve com o psicólogo, D. disse o seguinte:

Comecei fazendo pequenos furtos para garantir minha alimentação. Minha avó ganhava só mil cruzeiros de pensão e tinha que cuidar de 16 filhos, mais eu e meu irmão. Então, comecei a roubar e vender o produto.

Em 1976, D. roubou um relógio em Copacabana e acabou preso, indo parar na Funabem.

"Mas não agüentei a barra e fugi. Depois disso, assaltei duas vezes o Mar e Terra da Vila Kosmos e um colégio no Leblon. No dia da morte do professor, a gente não pretendia matar ninguém. Mas quando a gente tava fugindo, apareceu o professor correndo atrás da gente. NO corre-corre, levei um tombo. Aí, atirei para trás, acertando o professor. Assim que vi o cara no chão, fugi para casa, mas não disse nada pra ninguém. Só soube que o cara tinha morrido pelos jornais. Ainda por cima Pernambuco me deu um banho, dizendo que foi obrigado a se desfazer do rubo por causa da sujeira. É claro que foi cascata dele, mas fiquei na minha.

Reportagens de Jota Paulo
Fotos de Custódio Coimbra

Disse pro doutor da Funabem que odeia a mãe: "ela é a mãe do diabo"

Um pedreiro assaltante de 21 anos, mas que aprendeu tudo o que sabe nos quatro anos que passou na Funabem. Uma menina de 17 anos, ex-viciada em cocaína, que a família classe média prefere ver internada para se livrar do problema. Três menores abandonados que dormem por aí. Eles falam de suas vidas e passagens pelos órgãos oficiais e clínicas de recuperação.

Se veste de mulher pra assaltar motoristas e os gringos otários

José, 21 anos, pedreiro, morador em Campo Grande é um produto da Funabem. Passou quatro anos internado em Quintino, na casa 4, recolhimento provisório. Tem três certidões de nascimento: cada uma apresentando idades diferentes: 14, 15 e 16 anos. A que prova a sua verdadeira idade, ele rasgou.

— Menor sempre tem mais garantia, né.

O trambique para conseguir tantas certidões é simples:

— Eu vou no cartório de Sepetiba, digo que perdi minha certidão e tiro outra. Aí, boto a idade que eu quero.

José foi parar na Funabem porque seu pai se separou e o expulsou de casa, quando tinha 15 anos. Ficou perambulando pelas ruas do Rio de Janeiro, até que o pegaram. Segundo ele, os quatro anos que passou na Funabem, até que não foram muito ruins.

— Até que lá é legal. A gente tem comida, lugar pra dormir, me ensinaram uma profissão. Pra quem não tem onde cair morto, é muito bom. Porrada, pinta sim, mas isso tem em todo lugar. Os inspetores são ruins, mas tem sempre um jeito de fazer um acordo. Uma vez, acordei de noite e vi um inspetor comendo um garoto. O nome dele eu não digo não porque não sou cagüete. Fumar é proibido, mas a gente se virava com as guimbas dos inspetores. A gente tirava o fumo, juntava e botava numa sedinha para fazer o cigarro, como se faz com maconha. Lá tem muito viado, mas o que eu gosto mesmo é de mulher. Uma vez, eu estava na rua e me vesti de mulher pra ver se dava pra ser preso e ser levado para o pavilhão feminino. Só que na kombi da Funabem nego achou que eu era bicha. Foi a maior confusão para convencer que eu era homem mesmo.

Além de pedreiro de profissão, José faz uns assaltos de vez em quando. No carnaval, se veste de mulher para roubar os motoristas que lhe dão carona. Aproveita, também, para "arrochar" os gringos que estão de bobeira.

— Assaltar operário trabalhador, eu num assalto não. É muita sacanagem, eles são pobres. Agora, esses gringos bacanas que andam por aí, que pagam em dólar, tenho mais é que roubar. É só mostrar o canivete, que eles se borram todos, só faltam tirar as calças pra te dar. Revólver, eu só uso pra assaltar carro. No carnaval, me visto de mulher e quando os caras param pra me dar carona, crente que ganharam uma trepadinha, eu tiro o 22 e mando o cara passar tudo que tem. O meu revólver tá sempre sem bala, mas o medo dos caras é tanto que eles nem notam. Mulher, eu também não arrocho não, me dá a maior pena. E matar, eu nunca matei ninguém não. Se eu tivesse que matar alguém, matava meu pai porque ele fudeu com a minha vida, mas como é meu pai eu não vou fazer isso.

Você acha que a Funabem fez bem a você?

— Bem, se hoje eu sou o que sou, devo a ela.

J R N e J F J fugiram dos pais e estão numa ruim na casa abandonada

"A GENTE QUER VIVER A VIDA SEM PORRADA"

Ocupantes de uma casa abandonada na rua Intendente Cunha Menezes, no Méier, os menores J.F.J. e J.R.N., ambos com 14 anos, fugiram juntos de casa, em Nilópolis para "viver a vida". Não tinham para onde ir e se instalaram na casa com todos os seus pertences: duas colchas e uma sacola de supermercado com roupas velhas.

Numa noite muito fria, J.R.M. fez uma fogueira pra se aquecer, dormiu, e acordou depois com o braço pegando fogo. Mostrando a marca da queimadura, ele conta porque saiu de casa:

Meu irmão mais velho me batia muito. Minha mãe é doente e lá em casa todo mundo trabalha pra ajudar. Meu irmão achava que eu tinha que trabalhar também e a mulher dele vivia me cagüetando pra ele me bater. Toda vez que chegava do trabalho, me dava socos e pontapés. Não dava mais pra agüentar.

J.F.J. fugiu porque sua mãe bebe muito e seu pai, toda vez que a vê bêbada "se esquenta e porra ela". F. já esteve uma vez na Funabem, quando foi preso catando papel na Central.

— Lá, tinha um tal de seu Paulo, que batia muito na gente. Lá também tem muito viado. À noite, a gente levanta o lençol e mete o pau neles. Uma vez quiseram botar em mim e eu quase saí na porrada.

FUGIU PRA NÃO SER VIOLENTADO

Vendedor de balas, M.B., 16 anos, está desde os 12 anos na rua. Dorme pelas galerias de edifícios do Centro ou em frente ao quartel da Polícia Militar, perto dos Arcos.

— Quando meu pai morreu, a gente morava em Piabetá (Rio de Janeiro). Depois minha mãe juntou com um cara e foi pra Fragoso (Rio de Janeiro). Foi ele quem deu meus oito irmãos e me botou na Funabem. Só minha irmã menor ficou com minha mãe, e mesmo assim meu padastro amarra a mão dela pra ela não chupar o dedo. Passei dois anos na Casa Quatro da Funabem de Quintino, levando porrada de sapato, cutelada, bolo. Fugi de lá no dia em que acordei com um cara querendo me comer. Comecei a gritar e o inspetor Walter apareceu. Perguntei se ele não ia fazer nada e ele disse que se eu quisesse, fugir a porta tava aberta. Aí, eu vesti uma camisa preta e uma calça azul que eu tinha lá, e fugi.

Na Funabem é assim: nego puxa o lençol e arrocha; quem não grita é viado

Menina parou de se picar com medo de perder o pulmão e morrer

Filha de família classe média, Theo, 17 anos, foi encaminhada pelos próprios pais ao Juizado de Menores quando tinha 14 anos, por estar viciada em cocaína. Segundo ela, essa foi a maneira encontrada pela família para interná-la e, assim, se livrar do problema.

— Por livre e espontânea vontade, eu não iria porque lá não é lugar para se botar ninguém. E não adiantou nada porque eu saí e continuei me picando, cheirando e fumando, fazendo tudo que eu fazia antes. Essas coisas, a gente só pára quando quer, tanto que eu só parei com pico e cafungada agora, quando vi que meu pulmão tava quase todo tomado e eu podia morrer.

O clima na casa de Theo, onde foi feita a entrevista, é pesado. Seus pais, muito desconfiados, deixam claro que são contra a entrevista e não permitem fotografias. A mãe é médica no Acre e passa meses longe da filha. O pai é aposentado e diz que, dos sete filhos, somente Theo teve problemas com drogas. E explica porque recorreu ao Juizado.

— Ela é menor e não queria obedecer a ninguém. A situação ficou insustentável, chegou ao ponto dela roubar dentro de casa e de passar cheque sem fundos no colégio. Alguma coisa tinha de ser feita.

Theo interrompe, falando para o pai:

— A paranóia aqui é muito grande. Pra vocês, o Juizado é solução pra tudo. Mas a verdade é que essa é a melhor maneira de vocês tirarem a responsabilidade das costas.

— Pra você, nós somos sempre os errados — diz o pai.

— Não. Vocês simplesmente escolheram o meio errado. O que seria certo eu também não sei, só sei que não é assim.

Theo conta que os policiais da Divisão de Menores foram buscá-la em sua casa e que quando foi à presença do juiz armou "um rebu tão grande" que não houve condições de conversar. Por isso, ficou alguns dias na Escola Santos Dumont, da Funabem, onde afirma ter sido tratada como "uma marginal". Quando voltou à presença do juiz só havia duas opções: voltar para a Santos Dumont ou ser internada numa clínica particular. Foi para a Saint Roman, em Santa Teresa (RJ), onde ficou um mês.

— Na Saint Roman, apesar deles darem sempre geral, sempre dava pra rolar um bagulhinho. O tratamento era na base da sonoterapia e do sossega leão (injeções). Já na Santa Juliana, onde minha mãe me internou de janeiro a maio de 78, não rolava nada não. A gente passava a maior parte do tempo dopada.

Atualmente, Theo está em regime de liberdade vigiada. Até completar 18 anos, tem horário para chegar em casa e deve se apresentar toda semana ao serviço social do Juizado.

— O controle é só lá dentro, aqui fora eles não podem controlar nada. Se eu parei de me drogar, isso foi uma decisão exclusivamente minha.

Theo não quer saber de clínica de recuperação

"INTERNA A MENINA, DOUTOR"

Janeiro de 78. Na frente do Juiz de Menores, Theo, sua mãe e um tio, que, vez por outra, vê a menina. Ela o detesta.

— Ele atazana minha vida, é um diabo. Chamou até a polícia pra me levar.

Era a terceira vez que Theo, ia parar na frente do Juiz de Menores, depois de passar por algumas clínicas de "recuperação" de toxicômanos.

Theo atacando o tio e a mãe. O tio atacando Theo. A mãe calada, falando apenas coisas sem sentido, como se fosse uma obrigação falar. Uma cena patética e o juiz, querendo entender uma situação que para ele não era novidade, mas que, mesmo assim, não entendia.

— Esta menina — diz o tio — não respeita ninguém, doutor. Não respeita a autoridade, não respeita a Polícia, não respeita os parentes, não respeita o Estado. Tem que ser internada.

Theo só chorava, olhava com raiva para a cara do tio e dizia:

— Eu não quero ser internada. Eu quero ir para casa. Vocês sabem muito bem que não adianta nada me internar. Se vocês confiassem em mim, eu já estava boa há muito tempo. Eu só voltei a me picar porque esse cara (e aponta para o tio) apareceu lá em casa e começou a me perturbar, me encher a paciência. Aí, saí e fui me picar, pra ver se esquecia.

O tio chamou a polícia e lá se foi Theo em cana, mais uma vez.

— Por que é que a senhora não leva a menina para o Acre? — pergunta o juiz para a mãe.

Respostas evasivas e a clara demonstração que não queria levar a menina para o Acre.

Meio sem saber o que fazer, o juiz pergunta:

— Mas então o que a gente faz com a menina?

— Interna — diz o tio.

— Acho que o melhor é internar, né, doutor. Assim ela tem condições de se recuperar — diz a mãe.

O juiz, sem alternativa, pediu que a mãe escolhesse uma clínica e que voltasse dois dias depois, quando a menina seria removida de uma das unidades da Funabem para a clínica escolhida. E lá se foi Theo para a clínica de recuperação, mais uma vez.

Alyrio Cavallieri, você já viu menino vendendo drops em Nova Iorque?

Juiz denuncia : menor é menos importante que futebol e carnaval

Presidente da Associação Brasileira de Juízes de Menores e vice-presidente da Associação Internacional de Juízes de Menores, o dr. Alyrio Cavallieri dá o seu depoimento sobre o problema do menor.

"O abandono de menores é situação de países em desenvolvimento. Não existem menores abandonados em países de economia forte. Alguém já viu menino taxieiro (menino que arranja táxi para o passageiro) em Paris ou Londres? Ou vendedor de drops em Nova Iorque ou Bruxelas? Quando o Brasil atingir o seu desenvolvimento econômico amplo e equilibrado, desaparecerão os menores abandonados. Lutaremos com o outro problema, o outro lado da medalha, a delinqüência juvenil, mas estou certo de que estaremos preparados para enfrentá-la. O primeiro passo será a promulgação do novo Código de Menores, atualmente no Congresso, que é meta da ABJM no Ano Internacional da Criança.

Os crimes contra o patrimônio praticados por menores constituem cerca de 60% da delinqüência registrada. Aliás, o delito contra o patrimônio é sempre a maior cota em qualquer país do mundo. Variam apenas as motivações. Enquanto em Nova York o jovem furta para ter meios de adquirir entorpecentes, o nosso menor está furtando e roubando para atender a outras necessidades, que ainda são a subsistência e até para satisfazer a compulsão de ir à zona do meretrício ou comprar um rádio de pilha. A percentagem de menores que chega a uma prisão por uso de entorpecentes, não vai além de 12% do total.

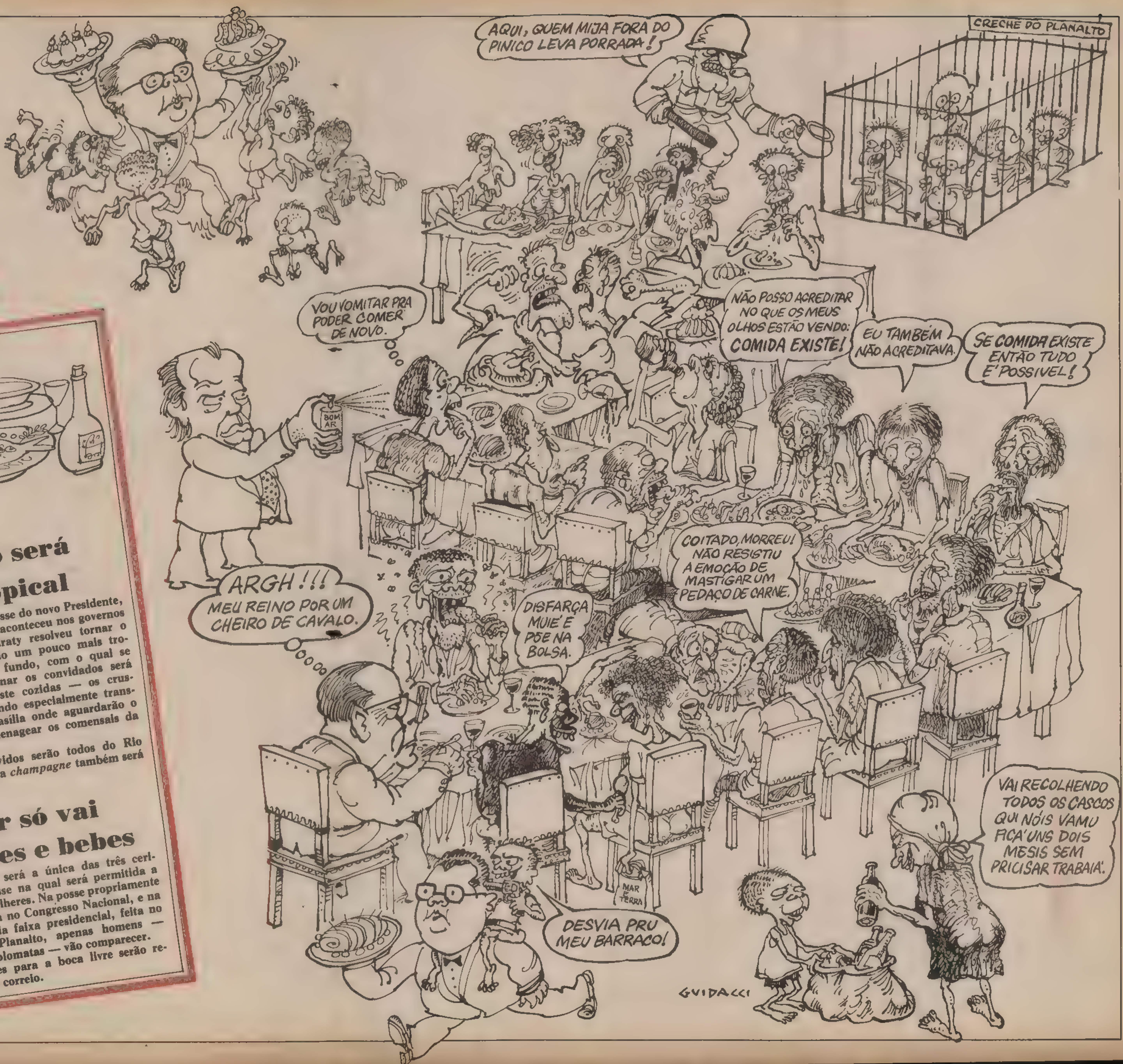
A política nacional do bem-estar do menor está devidamente equacionada no Brasil. A Funabem é a resposta certa para nossos problemas, mas o que nos tem faltado é tomar uma posição correta. O dia em que, neste país, se der ao problema do menor a prioridade do Carnaval ou da Copa do Mundo, encontraremos a solução. Tudo é uma questão de prioridade. Entretanto estou oficiosamente informado que a dotação orçamentária da Funabem para o ano Internacional da Criança, é somente 30% superior à de 1978. Assim não vai.

Quanto à justiça de menores, que, em última instância aciona a assistência a ser prestada ao menor, somente necessita de especialização. Note-se que somente em 1975 uma faculdade de Direito, a Gama Filho, criou a cadeira de Direito do Menor. Até então, nenhum advogado, futuro juiz ou curador tinha qualquer informação sobre a matéria, que é muito especializada. O aparelhamento dos juizados não custa muito, uma vez que eles não prestam assistência direta, nem podem fazê-lo. A maior dificuldade que encontram é o irrealismo dos vencimentos dos seus funcionários. Quando se sabe que um comissário de menores, bacharel, ganha menos de Cr$ 4 mil, não se pode esperar muito de eficiência de um serviço importante dos juizados, que funciona à custa de heroísmo."

Reportagens de Vera Lúcia Dias. Fotos de Chiquito Chaves

Mãe classe média quer distância da filha que era viciada em drogas.

A XEPA DA POSSE



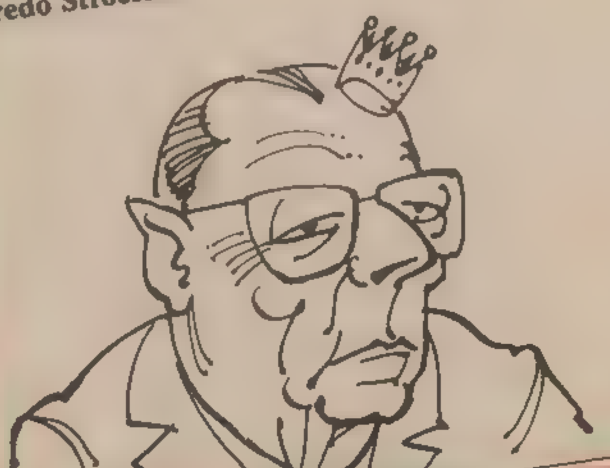
4 mil convites para o banquete

Segundo informações obtidas no Ministério das Relações Exteriores em Brasília, o governo fará aproximadamente 4 mil convites para o banquete de posse do general João Baptista de Figueiredo como presidente da República no próximo dia 15 de março.

Para a festa, que se realizará nos salões do palácio do Itamaraty na capital federal, serão convidados os ministros de Estado — cada um deles podendo levar 10 convidados pessoais — autoridades civis e militares, governadores e prefeitos dos municípios mais importantes, os chefes de missões diplomáticas com sede no país e, funcionários altamente graduados de países amigos e personalidades da sociedade elegante dos vários Estados da Federação.

No banquete será exigido o *smoking* — aquele terno preto com listinha de cetim no lado das calças e gravatinha borboleta preta.

Pelas previsões do Itamaraty, a posse de Figueiredo terá menos gente do que a posse do presidente Geisel, em 1974. Dos chefes de governo de outros países só deverá comparecer o presidente do Paraguai, general Alfredo Stroessner.



Cardápio será mais tropical

No banquete de posse do novo Presidente, ao contrário do que aconteceu nos governos anteriores, o Itamaraty resolveu tornar o cardápio da refeição um pouco mais tropical. O prato de fundo, com o qual se pretende impressionar os convidados serão lagostas do Nordeste cozidas — os crustáceos já estão sendo especialmente transportados para Brasília onde aguardarão o momento de homenagear os comensais da grande festa.

Os vinhos servidos serão todos do Rio Grande do Sul e a *champagne* também será nacional.

Mulher só vai a comes e bebes

O banquete será a única das três cerimônias de posse na qual será permitida a entrada de mulheres. Na posse propriamente dita, realizada no Congresso Nacional, e na transmissão da faixa presidencial, feita no Palácio do Planalto, apenas homens — políticos e diplomatas — vão comparecer.

Os convites para a boca livre serão remetidos pelo correio.

Segundo o Censo de 1970 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) 2 milhões de mulheres trabalham no Brasil. São, em sua maioria, pessoas que ganham pouco, como domésticas e professoras primárias. Elas e outras mulheres, que têm atividades marginais, como as prostitutas, ou estão subempregadas, enfrentam um problema grave pra se manterem ativas, ganhando dinheiro: onde deixar os filhos? Creches públicas não existem — as particulares são caríssimas — e o Ministério do Trabalho não toma providência alguma para obrigar os estabelecimentos ou empresas que empreguem mais de 30 mulheres a abrir uma creche para suas funcionárias. O responsável pela Sala de Proteção ao Trabalho da Mulher do Ministério, o fiscal Sergio Domingues, chegou a dizer ao nosso repórter que a única coisa que se pode fazer com os patrões que não abrem creche é multá-los. Tudo bem, a empresa prefere a multa, que é mais barata, do que cumprir a lei.

A salvação das mulheres que trabalham fora são as chamadas creches populares que, na verdade, não são creches: são senhoras que pelos mais diversos motivos, e mediante pagamento mensal, resolvem cuidar dos filhos dos outros em suas casas, biroscas, barracos ou quitinetes. Esses lugares não cumprem nem de longe o que uma creche precisaria ter, são sujos, não têm alimentação conveniente e, às vezes, nem cama as crianças têm. Em muitos casos as donas da creche usam os menores como mendigos pra pedir esmolas nas ruas. REPORTER visitou três dessas creches: na zona do Mangue, baixo meretrício do Rio de Janeiro, na Cruzada São Sebastião, bloco de apartamentos-favela na zona sul do Rio e o prédio número 200 da rua Barata Ribeiro que abriga centenas de conjugados e é famoso na crônica policial carioca.

BEBÊ VIVE COM RATO NAS CRECHES CLANDESTINAS

1 Na zona do Mangue vivem aproximadamente 5 mil mulheres. Antigamente ■ era um bom lugar que dava dinheiro às prostitutas. Hoje, decadente, é um lugar cheio de doença e ratos. A casa de dona Nadir Maria da Silva é imunda, não tem um brinquedo pras crianças, não tem fogão pra fazer a comida, não tem camas limpas para as crianças dormirem. Não guardam comida, pois não tem geladeira — e não se guarda comida numa casa que entra rato. Mas as crianças se esfregam durante todo dia no chão que passa rato à noite. Vivem dez crianças sob os cuidados de dona Nadir, que também lava roupa pra fora. Elas não têm o que fazer na casa. A não ser os maiores que podem tomar banho de mangueira. Ou então bater uns nos outros e nos menores. Há alguns remédios, mas a parte de saúde é as mães que têm que ver. Dona Nadir só tem que dar comida e se responsabilizar pelas crianças embora, às vezes, precise fornecer tudo pra elas quando a mãe as abandonam por lá.

Na creche de Dona Nadir as crianças se esfregam no chão onde os ratos passeiam à noite

Dona Nadir cobra Cr$ 80 por dia pra cuidar de cada criança

Dona Nadir diz que toma conta de quem tá pior que ela

Dona Nadir é uma mulher forte, sem dentes, analfabeta. Toma conta de criança há 4 anos. Veio parar no Mangue porque sua filha, Célia Cristina da Silva, se virava por lá e arrumou uma casa pra ela, que estava precisando.

— A mãe de uma criança que já ficou aqui disse que a filha dela voltava toda noite com fome e cheia de piolho na cabeça. O que a senhora acha disso?

— Se ela disse... quando elas estão aí sem jeito, correm aqui. Qual o nome dela? Você devia ter anotado

A senhora conhece as exigências do governo pra ter uma creche?

— Sei não... não é uma creche aqui É mesmo eu que resolvi cuidar de quem é pior do que eu

O que as crianças comem?

— Tomam mamadeira de creme de arroz e leite em pó E os maiores é sopa de batata, macarrão e caldo de feijão. E tomam café com leite

Quanto a senhora ganha por mês?

Cada mãe me paga Cr$ 80 por dia. E ganho Cr$ 300 por semana lavando roupa. Hoje mesmo eu só recebi Cr$ 50 de uma mae

Quanto gasta com comida?

— Não tenho uma base. As mães dão tudo. Roupas, fraldas, remédio, traz o leite das crianças. Compro todo dia 2 quilos de arroz, batata, compro macarrão, farinha, tomate, verduras. Gasto Cr$ 200 ou 300, depende de quanto tiver

Qual a higiene que eles têm?

Não gosto que eles vai em vaso de adulto. Cada um tem seu piniquinho. Não deixo eles saí porque aqui tem muita coisa ruim pra ver

Eles têm brinquedos?

— Brinquedo eles não têm. É muito difícil as crianças ganhar as coisas

Onde dormem?

— Dormem todos juntos no quarto da frente. (O quarto da frente tem uma cama de casal e uma de solteiro)

As crianças são vacinadas?

- Não sei... não sei qual é a vacina deles não

Alguém ajuda a senhora?

— A minha filha cozinha e a Maria das Graças ajuda também

Eu cozinho nesses bujãozinhos — diz Cristina, filha de Nadir, nervosa — Nós somos pobres não podemos comprar fogão. (A cozinha da casa é alugada pra Neuza, mulher gorda e forte que vende comida pras prostitutas. Neuza gritou lá de dentro: Isso aqui é uma cabeça de porco, não se pode entrar nela. Só se guarda comida na barriga! Uma casa cheia de rato!)

Neuza explica como faz aborto

Edileuza, a Sereia, diz que pensa até em se suicidar

Criança estava com a cabeça ferida e cheia de piolhos

Conhecida como Sereia, Edileuza Alves de Barros, 26 anos, solteira, está há 5 anos no Mangue. Já deixou duas vezes sua filha com dona Nadir e afirma: "— Só uma mãe muito porca tem coragem de deixar seu filho lá."

Qual o problema que deu sua filha na dona Nadir?

— Ela vinha com uma fome danada. O cabelo cheio de piolho. Tava virando ferida a cabeça da menina.

Você levou ela pra onde?

— Tirei ela de lá e coloquei na casa da dona Ana. Lá era pior. Morreu duas crianças lá desnutridas e de pneumonia. Elisangela ficou lá 5 meses. Aí eu tive que me internar no hospital Grafê. No dia 27 de setembro tirei ela da dona Ana porque tava suja e aí levei pra dona Nadir de novo. Aí tirei ela de lá e botei no morro de São Carlos. Pagava Cr$1 500. Aí a mulher aumentou pra Cr$2 000, não podia pagar. Aí voltou pra dona Nadir, ficou lá mais 15 dias e agora tá em Caxias.

Ela está bem agora?

— Não. Está com a Luciene, empregada do bar do Caubi. Ela também é muito pobre. Tô querendo mais é morrer. Tava aí pensando no bar um monte de bobeira. Pensando em me atirar debaixo de um carro.

Onde você deixava sua filha quando nasceu?

— Trancada dentro de casa.

Você mora onde?

— Eu me juntei com um homem aqui. Romildo Martins, 33 anos. Mas ele também não quer me ajudar. É o pai da Elisangela. Ganha Cr$5 000 e não ajuda em nada, nada, nada. Eu que tenho que trabalhar, sustentar a casa, ele e a filha.

Você dá dinheiro a ele?

— Dô. E ainda quebra minha cabeça se eu quiser largar ele. Porque ele tem medo de não arrumar outra mulher que dá vida boa. (E mostra uma ferida grande na cabeça)

Essas marcas no corpo são porradas?

— Não (Tampa o rosto encabulada) É chupão do Romildo.

Como você veio parar na zona?

— Meu marido ficou desempregado em Pernambuco. Chegamos aqui e nos se paramos em Gramacho (Caxias). Aí vim aqui para dentro. Uma colega me trouxe.

Você já foi à Funabem ou qualquer outra instituição do governo pra colocar sua filha?

— Eu não sei andar nesses ambientes, ninguém nunca me orientou. Não tenho ninguém pra me ajudar.

Você usa anticoncepcionais?

Não, durmo com o homem, se pegar, pegou. Já tive um aborto com sete meses de barriga. É muita pancada que o Romildo me dá.

Neuza, outra prostituta que ouvia o papo deitada na cama, entra na conversa.

Aqui ninguém usa anticoncepcionais. Eu mesma já fiz onze abortos. De seis em seis meses eu pego filho. Vou fazer o décimo segundo agora.

Eu não quero mais trabalhar aqui — diz Sereia — Vou trabalhar num escritório de advogado na Senador Dantas. Não pretendo me virar nunca mais. Até casa de doméstica eu vou. Não quero mais essa vida não.

Onde você tá comendo, morando?

— Por aí, onde der. Tô querendo arrumar um colégio interno pra deixar minha filha. Eu não sei o que fazer. Tô com vontade de morrer.

— Um dia antes do aborto eu só como comidas leves, sopinhas, essas coisas, que é pra não pesar no estômago. Então, pego um talo de mamona, desinfeto e enfio na vagina pra furar a bolsa d'água. Logo depois, começo a ter contrações. É sinal de que está na hora do feto sair. Faço força, ele vai saindo e eu vou puxando devagar. Claro que depois me sinto fraca, mas tomo uma Caracu com Methergin que é pra fortalecer e expulsar o resto da placenta. No caso de ter hemorragia, corro pro Hospital Souza Aguiar. Lá a gente leva o maior esporro, mas eles acabam fazendo a curetagem. Antes, é claro, já joguei o feto no Mangue.

2 Em Copacabana (Rio de Janeiro), na rua Barata Ribeiro 200, dona Carmem cuida de 6 crianças sendo uma delas sua filha. O corredor que dá entrada ao seu apartamento é comprido e se abre numa sala, o único cômodo da casa. Antes de ser possível tomar assento, uma sensação desconfortável: o apartamento parece estar no meio da rua, o barulho é ensurdecedor. Passados alguns momentos, dá pra se prestar atenção no ambiente: tem uma cama beliche do lado direito de quem entra na sala e um armário do lado esquerdo. No chão, entre o armário e a cama, muitos brinquedos. Tudo é tão apertado que nosso repórter até duvidou que ali coubessem meia dúzia de crianças. Essa, porém, foi a melhor creche das três procuradas. As crianças estavam comendo pão com queijo e leite, a geladeira tinha algumas frutas, todo mundo estava calçado direitinho, tinha até alguns frascos de remédio em cima da geladeira e o chão era limpo. A única coisa que não deu pra ver foi o banheiro. Pra tomar conta de cada criança, Dona Carmem cobra Cr$ 2 mil por mês.

Abandonada pelo marido, resolveu criar os filhos dos outros

Dona Carmem é uma mulher alta, loura, faladeira, até os 25 anos foi analfabeta. Abaixo o seu depoimento.

— As mães que deixam seus filhos aqui são duas domésticas, uma trabalha como fotógrafa à noite numa churrascaria, outra leva turista pra conhecer o Rio. Já recebi muito calote das mães. Eu aqui é que tenho que cuidar de tudo. Esse aqui tem que tomar um remédio pra tosse. A Claudia, que veio do orfanato, tem que tomar xarope pra tosse e pra abrir apetite. O outro, pra gripe. Não é fácil eu lembrar de tudo. Ô, você não se incomoda d'eu ir falando e trabalhando mas é que eu não sei ficar parada não... eu levo eles pra Igreja da Paróquia de Copacabana, todo sábado, é missa das crianças. Eu mesma não vou a parte alguma. Não saio pra me divertir. Não quero homem nem pra namorar. Fui casada durante 11 anos e nunca tive filhos. Meu marido morreu e eu sentia muita solidão dentro de mim. Juntei com um cara 6 anos e engravidei. Ele não queria mas deixei nascer. Fui abandonada e criei sozinha minha filha e por isso crio dois outros também. Mesmo com tanto trabalho. O meu trabalho é de graça, tudo vai em comida.

Agora o governo deixou esses vietnamitas entrar. Já tem brasileiro morrendo de fome. Como é que esses pobres de guerra vão trabalhar aqui? Comer aqui? Nenhum com curso superior. Você sabe, não pode falar. Logo vão chamar a gente de vermelho. E eu não sei o que é vermelho.

— Cada criança aqui tem sua roupinha de cama e seu remédio receitado pelos pediatras que as mães levam. Mas quando o caso é de urgência, pego um táxi e vou correndo pro Rocha Maia, alguns médicos já me conhecem. Se é caso simples, chamo o homem da farmácia e ele mesmo resolve. Eles gostam mais de mim do que da mãe deles. As mães só fazem aquela visita no domingo e depois trazem de volta. Eles são levados. O Serginho gosta de tomar brinquedo dos outros. O Alexandre outro dia me deu um chute nas minhas nádegas que ficou a marca. Aquela menina que tá repousando no sofá veio de um orfanato, de Mesquita se não me engano. Passou 4 anos lá. Ela não come nada, nada, nada. Por quê? Foi criada num orfanato. Quer dizer, o juizado vai tirar uma criança daqui pra passar fome? Eu aqui dou pra eles, arroz, feijão socadinho, sem caroço, carne, corto vagem, cozinho ela, dou espinafre, cru não, ponho na gordura. Faço abóbora. Aqui tem criança que só come pão com Hellmans (maionese), com queijo, alguns é que comem com manteiga. Eu gasto Cr$ 1.000,00 por semana com comida. Cr$ 4.000,00 por mês, pra seis crianças. Não quero que some quanto eu ganho. Sou pobre.

LEI EXIGE DA CRECHE MÉDICO, ENFERMEIRA E BERÇÁRIO

Segundo o Ministério da Saúde para uma creche funcionar é necessário o registro de nascimento, atestado de vacina de acordo com a idade da criança. Para cada criança deverá haver uma folha de ordens médicas e dietéticas. Tem que haver exames prévios (clínico, radiológico, de fezes, e atestado de vacinas — exames periódicos de revisão clínica). É necessário assistência de enfermagem. Observações cuidadosas do desenvolvimento da criança e encaminhá-la na época devida para reforço da vacina. Com isso, o Ministério, ainda inclui banhos de sol adequados para a idade da criança.

Agora, para a instalação de creches, o Ministério da Saúde é mais minucioso. Tem que haver dependências exclusivamente reservadas às crianças. E cada uma com suas especificidades dependendo da faixa da idade delas. Por exemplo, pra faixa de 3 meses a 1 ano, é exigido um berçário com 30 berços equipados com rodízio. Pra faixa de criança de 1 a 2 anos, banheiro com 10 troninhos ou urinóis de pequeno tamanho. E, pra crianças de 2 a 3 anos, uma sala destinada às refeições, recreação e repouso. Com 4 mesas, 20 cadeirinhas de 0,20 m de altura, quadro verde de giz e etc. Fora as dependências das crianças, que são diversas, o Ministério cita dependências gerais que têm que incluir: entrada, com banheiro para o público e vestiários para o pessoal da creche. No caso da creche ser próxima ao local de trabalho, haverá sala de amamentação, com 5 ou 6 cadeiras e 5 ou 6 banquinhos para os pés. Fora isso é também de lei haver lactário (cozinha de leite) com inúmeros utensílios citados na lei (chaleiras, peneiras, funis, dúzias de xícaras, batedor de bife, 1 filtro de parede, etc.).

3 Em pleno Leblon, zona sul e rica do Rio de Janeiro, um conjunto de prédios desbotados destoa das construções de fino acabamento. É a Cruzada São Sebastião construída por D. Helder Câmara (que era Bispo do Rio) pra abrigar favelados que programas comunitários iam retirando dos morros. Lá tem duas "creches": a primeira, de Dona Deocacilia Monteiro, conhecida como D. Cecília, tem 3 crianças. O apartamento é cor-de-rosa apagado, e quase não tem espaço. Tem um armário antigo, uma cama de casal, um sofá rasgado, com espuma furada e suja, onde dorme uma criança. A cozinha é corredor da casa e no banheiro, que não tem descarga, Dona Deocacilia lava a roupa. A segunda, de Dona Noemia, não é muito diferente: do corredor do prédio se vê a janela do banheiro cheio de roupas, o quarto-e-sala tem duas camas beliches com lençóis sujos, as crianças vivem brigando e um gato e um cachorro observam tudo com indiferença. Há um berço para a menina de 6 meses e na porta do apartamento, de costas pra bagunça, Dona Noemia, frita sardinhas num óleo fedorento.

Dona Noemia criou a "creche" porque tem pena das crianças abandonadas

Aceita cuidar de qualquer um. E sempre cabe mais alguém

Quantas crianças a senhora tem?

— 8, por causa das férias.

Quem são as mães que deixam eles aqui?

— É tudo mãe solteira. Todas domésticas, você sabe que madame não gosta de filhos delas em casa.

Quanto elas dão pra senhora?

— Uma dá Cr$ 400, outra dá Cr$ 500, outras não dão nada.

Por que a senhora cuida de criança?

— Fico com pena delas.

A senhora aceita qualquer criança?

— Aceito. Quando aqui tá apertado ficam, quando tá desapertado, também. Tem uma aqui de 6 meses. A avó morreu, a mãe botou ela na porta do pai e o pai trouxe pra cá.

O que a senhora gasta com eles?

— Comida. As mães dão tudo. Roupa, remédio, calçado, frutas,...E tudo que eu arranjo gasto, não guardo nada.

As mães vêm sempre?

— Quando não tem folga não vêm.

O que eles comem?

— Eles gostam muito de angu, verdura, ovo, galinha, peixe...

Eles têm brinquedo?

— Não.

Qual a higiene deles?

— Todo dia eles tomam banho. Mijou, eu lavo as fraldas deles. Cada qual tem seus guardados.

De que eles brincam?

— Um bate no outro. Ou então a brincadeira é jogar tudo lá em baixo, sapato, as canecas... Eles ficam soltos no corredor.

Criança apanha com tábua grande e tábua pequena. Depende da idade.

Porque a senhora cuida de crianças?

Não posso andar. Fui atropelada e até hoje meu pé é cheio de pus. Mas preferia trabalhar fora ganhando pouco. Agora se ganha muito mas não dá pra nada

Quanto a senhora ganha?

Cada mãe paga Cr$ 1.000

Gasta quanto?

Cr$ 300 de condomínio e de comida eu gasto mesmo. Mas cada parente dá um pouco. Quando recebo compro 20 quilos de arroz, 8 pacotes de macarrão, 3 latas de óleo, 3 pacotes de farinha de trigo, 1 lata de leite em pó, 2 saquinhos de mate, 2 saquinhos de sal, 2 pacotes de café, 5 kg. de açúcar. E comprado um pouco de cada vez. Não dou tudo na mão da menina

E com médico?

Ah, médica tem a da Funabem. E aqui em cima, no 4º andar. A Lilian, minha sobrinha que foi abandonada tá na Funabem. Fica lá de 8 às 10 da manhã.

O que as crianças fazem durante o dia?

— Ficam aqui dentro. Não saem pra rua de jeito nenhum. E quando ligam o rádio todo mundo dança. (As crianças pedem pra deixar ligar o rádio pra dançarem discoteca) Aqui não tem brinquedo. As mães não dão

A senhora tem algum cuidado especial com eles?

— Bato em todas elas. Com os pequenos é uma tabuinha, os grande é uma tábua maior. Os pequenos apanham porque faz arte. Os grande porque bate nos menores e querem namorar

Em que trabalham as mães que deixam as crianças aqui?

— Ah, é tudo doméstica.

Dona Cecília (ao fundo, perto da tv) cuida de criança porque não pode trabalhar fora tem defeito no pé.

"Cheguei aqui com uma calça, uma conga e muito verme"

Por que você está aqui?

— Eu vou te contar tudo. O meu pai foi trabalhar. Ele não veio até de noite. Aí minha mãe foi procurar ele. Aí meu pai chegou. Ele ficou com a gente e a minha mãe nunca mais voltou. A gente morava na roça, em Niterói. Eu tinha dois anos quando isso aconteceu. Mas quando eu tinha 4 anos meu pai me contou tudo. Aí foi tudo pra casa da minha avó, a gente não tinha uma roupa. Ela deu banho na gente... Minha irmãzinha foi pra Itaúna e outra tá com o dono de um centro que falou pra meu pai nunca mais pisar lá. O homem registrou com o nome dele e agora ela tem tudo. O meu pai quis dar a gente pra todo mundo. Um dia o meu tio, irmão do meu pai, descobriu onde minha mãe tava e ela veio buscar dois irmãozinhos. Aí o meu pai me trouxe pra cá. Vim com uma calcinha, uma conga e uma camisinha. Minha tia arrumou retalho e foi fazendo roupa. Um dia minha mãe veio aqui, eu não conhecia ela não. Ela era nortista, tinha cabelo grandão. Tava chorando pra ela não ir embora, ela me deu dinheiro pra comprar doce e eu fui comprar doce e ela foi embora. Aí ela veio outro dia, quando foi embora e eu não chorei porque fiquei com raiva dela. Depois meu pai veio aqui e eu não reconheci. Minha tia perguntou: quem é ele? Não sei não... Aí ele me pegou no colo, e minha tia falou que era meu pai. Depois foi embora e não deu nada pra mim. Depois veio aqui mais duas vezes e sumiu, nunca mais veio me ver. Quando eu vim pra cá, eu tinha um barrigão cheio de verme. Eu não sabia o que é isso, achava que tava grávida. Eu tinha 4 anos. A minha madrinha que me levou no médico. Isso depois de muito tempo porque minha tia não pode andar. Quando ia no banheiro, só botava verme pra fora. Agora tô boa... varro casa, arrumo cozinha, arrumo banheiro, vou comprar pão, vou na rua

ASSISTENTE DIZ QUE É CRIME

Rafael Aguiar Comeira, assistente social e funcionário público do Ministério do Trabalho, declara:

— O ideal seria haver creches distritais, perto de vilas operárias, com um gasto de Cr$ 2.500 per capita. Hoje o problema não é alarmante. É sério, muito sério que devia ter sido cuidado ontem. Porque o maior problema é o da mãe solteira e o da doméstica. Porque elas não estão cobertas pela CLT. Só a LBA atende elas. A Funabem só atende menor. É alarmante porque deixamos de ter empregada doméstica. É alarmante o problema do pai solteiro.

O que o senhor acha das creches clandestinas?

— Isso é um crime. No juizado de menores você encontra centenas de casos registrados de mendicância. É preciso que as crianças cresçam sabendo o que é um cachorro, um gafanhoto, uma galinha. Tem um plano de distribuirmos 2 menores em cada casa de família com assistência permanente do governo. As limitações é que a sociedade é pessimamente organizada comunitariamente.

NEM MINISTÉRIO TEM CRECHE

Sérgio Pinto Domingues, do Ministério do Trabalho, é o responsável por verificar se as empresas estão cumprindo a Lei de Consolidação do Trabalho que, em seu artigo 389, parágrafos 1º e 2º, obriga todo e qualquer estabelecimento com mais de 30 funcionários a abrirem uma creche ou oferecerem o mesmo serviço através de convênio com outras entidades. O seu depoimento:

O Ministério do Trabalho tem creche?

A delegacia do Rio de Janeiro não.

Qual o tipo de problema que causa haver tanta creche clandestina?

Clandestina por que? Hoje em dia tem o projeto Casulo, do Ministério da Saúde, que são creches nas próprias comunidades, com assistência do governo. Estamos agora mais preocupados com o problema. A mãe deve se conscientizar. Mas encontramos um problema: como transportar crianças de colo nos trens e ônibus lotados. Precisava haver transporte particular das creches. Mas como? Precisaria haver uma frota para deixar cada criança em seu bairro. É difícil.

Reportagem de Clarice Niskier, Fotos de Custódio Coimbra

Adultos e crianças vivem como urubus

A 20 minutos do centro de Niterói, a Lixeira Municipal, no bairro do Viçoso Jardim, é um imponente monumento denunciador da miséria imperante na cidade e da incompetência administrativa, que implantou, há nove anos, um vazadouro de lixo em pleno centro urbano.

Ali, onde vivem cerca de 200 pessoas, são jogados mensalmente 25 mil toneladas de lixo, sem o menor tratamento. E devido à permanente combustão espontânea do lixo, os bairros limítrofes ao Viçoso Jardim — Cubango, Fonseca, Ititioca e Santa Rosa — sofrem com o altíssimo grau de poluição.

Na montanha de lixo florescem mais de 40 barracos, feitos com restos de caixotes, papelão e geralmente cobertos com plástico. Têm altura média de um metro e meio, impedindo que uma pessoa permaneça em pé em seu interior. Homens, mulheres e crianças, enquanto aguardam a chegada dos caminhões de lixo, protegem-se nessas **caxangas** do sol e da chuva, dia e noite. A maioria dos xepeiros vive ali de segunda à sábado, só retornando às suas casas no sábado à tarde.

Desconfiado, arredio, agressivo, o xepeiro reage violentamente à presença de qualquer estranho.

— Não tem o que fazer não? — grita um. Se tivesse não tava aí. Amanhã sai um monte de besteira dizendo que a gente é mendigo e come carniça.

A agressão é ainda maior quando vêem a máquina fotográfica: pedras, acompanhadas de todos os palavrões, são atiradas imediatamente por adultos e crianças.

Mas a presença de repórteres não os impede de se lançarem sobre os restos de biscoitos e carne-seca deteriorados, despejados por uma kombi do Supermercado Império da Banha.

Um dos xepeiros, já bastante bêbado, não se incomoda com a presença de estranhos e até comenta:

— A saúde da gente é muita, senão a gente não agüentava. Nós não temos médicos porque somos autônomos, sem carteira de trabalho.

Para quem trabalham essas 200 pessoas que chafurdam no lixo, nas mais precárias condições, sem a mínima higiene, sem segurança, sem assistência, vendendo seu trabalho a preços irrisórios, o que lhes garante apenas a sobrevivência?

Seu patrão é José Vilariño Piñero, espanhol, ex-combatente da força franquista na guerra civil espanhola, gerente-proprietário da Sucata Cabanelas Ltda., que fica dentro dos limites da lixeira. Seu Vilariño, pai de três filhos fortes e sadios, mora longe dali, no bairro do Galo Branco. Considerado por muitos xepeiros como um pai, Vilariño atesta convicto:

— Nunca vi um garoto desses da lixeira doente.

Emílio, seu sócio, confirma:

— Aqui, todo mundo tem saúde. O pessoal já está acostumado. Você viu alguma criança doente por aí? Aqui só morre quem bebe muito. Tinha um cara que, com o dinheiro que conseguia, bebia até um litro de cachaça por dia. Que que um sujeito desse quer? Morrer, né.

Contrariando o quadro róseo pintado pelos proprietários da Sucata, o xepeiro apresenta como características uma tosse crônica e pele negra, queimada pela fumaça tóxica. Além disso, o administrador da lixeira, José Ribeiro da Silva, conhecido por **Pernambuco,** declara que "dá sempre bicho de mosca nas crianças".

— Tô sempre tendo que levar gente pro hospital, senão morre. Mas, você sabe — diz, tentando justificar a situação do pessoal — miséria tem em todo lugar do mundo. Deus dá o cobertor de acordo com o frio.

Durante toda a semana, os xepeiros recolhem pedaços de plástico (Cr$ 1,00 o quilo), papel velho (Cr$0,50), garrafas (Cr$0,50 a unidade), ferro (Cr$0,50), cobre (Cr$13,00), alumínio (Cr8,00) e tudo que possa interessar à Sucata Cabanelas. No sábado, com seus sacos nas costas vão para a sede da firma e ficam na fila, esperando a vez de verem seus produtos pesados e contados.

Seu Vilariño anota tudo, paga bonitinho e revende para as indústrias a preços muito maiores do que pagou aos que vivem no lixo.

Na esfera oficial, a prefeitura de Niterói e a Fundrem (Fundação de Desenvolvimento para a Região Metropolitana do Grande Rio) discutem a transferência da lixeira, com a criação de um vazadouro a ser localizado no bairro de Engenho Pequeno, em São Gonçalo.

Quase sempre oriundo de outro Estado, sem documentos que lhes possibilitem uma integração ao mercado de trabalho, sem a menor qualificação, analfabeto, desnutrido, o xepeiro fica apavorado com a idéia da transferência da lixeira.

— Que que vai ser da gente? Nossa vida é isso aqui — argumentam desesperados.

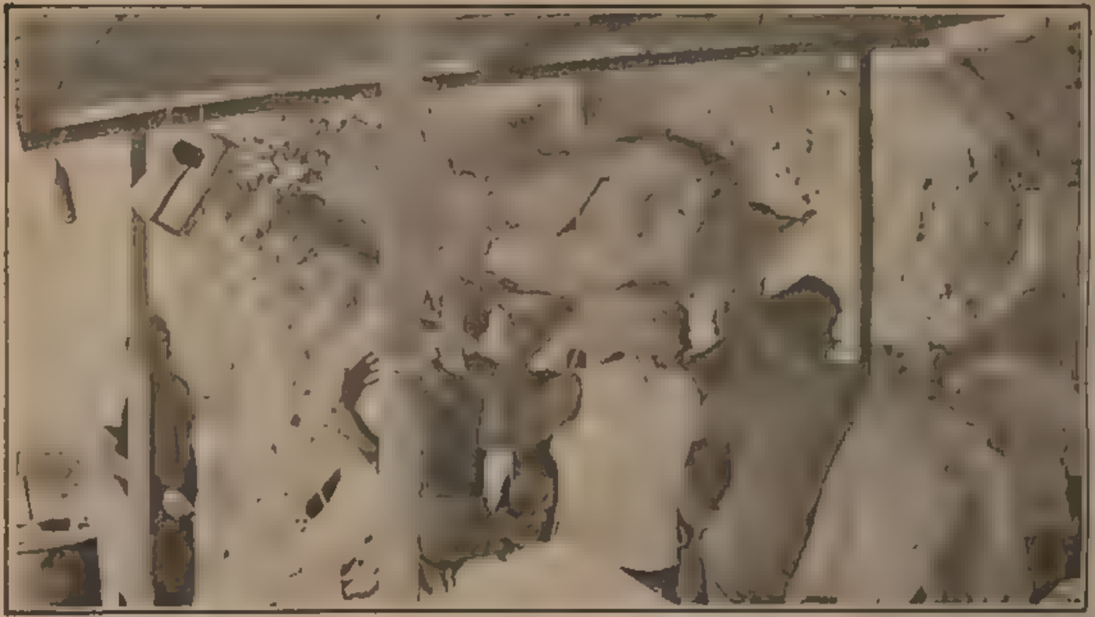
Suas apreensões, porém, não são compartilhadas pela administração municipal. O secretário Municipal de Obras, Álvaro Santos, acredita que "a partir do momento em que você terminar com a lixeira, eles deixam de ser xepeiros e vão procurar outra coisa porque opção eles têm. Mas não é minha atribuição resolver o problema deles. Não sou assistente social, sou engenheiro.

Já o Secretário Municipal de Saúde, Hugo Tomazzine, alega não ter dados oficiais sobre a lixeira e promete realizar um trabalho de cadastramento do pessoal. Informado sobre o firme propósito dos xepeiros de acompanharem a lixeira, Tomazzine dá uma de Pilatos, e lava as mãos:

— Se eles forem espontaneamente é um problema deles.

Todo sábado, com seus sacos na cabeça, os xepeiros se reúnem na frente do barracão da Sucata Cabanelas, onde o proprietário, senhor Vilariño pesará o material e contará as garrafas vazias. Depois, revenderá tudo às indústrias, por preços bem superiores aos que pagou. Os que vivem do lixo vão ganhar, em média, 400 cruzeiros cada um. Um dinheiro que dá apenas para sobreviver e que não permite ao xepeiro o luxo de comprar, pelo menos, um remédio para livrá-lo da tosse crônica. A cachaça, em alguns casos, surge como a grande salvação e serve, ainda, para enganar a fome.

De todos (cerca de 200) os que trabalham para o seu Vilariño, considerado um pai para muitos, apenas um tem carteira assinada. O resto é autônomo.



FOI PARAR NO LIXO POR CAUSA DE MULHER

O que você vai ser quando crescer, baixinho?

As brincadeiras desse tipo, acompanhadas de tapinhas, **Girico** (48 anos, 1m 40cm de altura) responde com um sorriso e vai em frente. Ele é um dos poucos **trabalhadores** da lixeira que não se mostra agressivo com a presença de estranhos.

— É que ninguém gosta de dizer que trabalha aqui. Todo mundo tem raiva de jornal, de sair em retrato dizendo que a gente é mendigo, come carniça.

Enquanto seu companheiro **Mosquito**, de cima de um caminhão de sucata, grita: "Olha o trabalho, Girico! Não fica perdendo tempo com repórter", ele diz que "não tem problema".

— Eu quero é que a senhora me ajude a tirar meu registro pra eu sair daqui, alugar um barraco, e ter um serviço certo. Qualquer coisa serve: vigia, porteiro, capina, qualquer coisa mesmo. Pode até botar meu nome todo aí e tirar retrato, só que eu quero que a senhora traga um pra mim, depois, desse tamanho.

Olhos fixos na máquina fotográfica, corpo tenso, **Girico** vai dizendo:

— Meu nome é Evelino da Silva Marangá, nascido no Itaipú, no dia 29 de outubro de 1931. Saí de lá depois que todo mundo morreu e vim morar no morro da União com uns parentes. Eu tinha 18 anos e comecei a trabalhar em obra, mas desde 10 anos trabalhava na roça, ajudando meu pai. É por isso que não pego um emprego bom. Eu não cheguei a fazer o primário e nem sei escrever meu nome.

Uma desilusão amorosa aos 20 anos transformou a vida do **Girico**.

— Foi a primeira, mas eu não quero mais saber de mulher. Por causa da Laurita, andei bebendo pela rua, caído por aí, jogado. Perdi tudo, os documentos, e fiquei acabado da vida. Aí o **Mosquito** me chamou pra trabalhar no lixo e morar em Santa Isabel, no barraco dele. Têm cinco anos que tô lá, mas não é como na casa da gente. Eu quero é alugar meu barraco.

De segunda a sábado **Girico** trabalha na lixeira, dormindo ali mesmo, junto do **Mosquito**, sob o teto do barracão da firma do seu Vilariño. **Mosquito** é o único, dos 200 **trabalhadores** de Seu Vilariño, que tem carteira de trabalho assinada.

— Mas a patroa dele — explica **Girico** — não sabe que a gente trabalha na lixeira. Ela pensa que é em oficina e reclama muito porque ele só volta no sábado de noite. A gente tem vergonha de dizer porque todo mundo malha.

Por que você não faz seu barraco aqui na lixeira?

— "Eh! Eh! Eu quero é sambar fora porque isso aqui não serve não. É um comer pra não morrer. Se tirar o ruim daqui não sobra nada. E esses pé-inchados que catam aí, são uma cachaçada danada.

Quanto você tira por semana, catando lixo?

— Uns 300 a 400 contos, mas mal dá pra comer. Essa semana deu pouco por causa da chuva. É o caminhão do lixo — grita **Girico** entusiasmado, interrompendo a conversa.

Desce o morro correndo, mas volta logo.

— É, parece que ele não vem mais não. Queria ver se arranjava um dinheiro pra subir pra Santa Isabel.

Lamentando ainda a corrida frustrada, **Girico** diz que não tem hora pra dormir nem acordar. Quando chegam os caminhões da Lipater, que despejam lixo dia e noite, "todo mundo sai correndo atrás".

— Quem tá dormindo acorda logo e vai catar.

E a comida? Ele diz que almoça no bar da dona Neta, onde um prato feito é 20 cruzeiros.

De manhã, a gente (eu e o **Mosquito**) toma café com pão e de tardinha faz um lanche. O resto do pessoal, a maior parte traz de casa, mas tem muita gente que faz comida aí mesmo.

Mas no bar da dona Neta (Estrada Viçoso Jardim, 140) o proprietário, bastante contrariado e desconfiado, é taxativo.

— O pessoal da lixeira? Nenhum deles entra aqui. São uns caras depravados e eu não vendo bebida pra eles. Minha freguesia é totalmente diferente, é pessoal de oficina, trocador e motorista.

Termina confessando saber quem é "esse **Girico**", ressaltando que "a única coisa que ele compra é uma média e um pão com manteiga de manhã".

Girico

Você já esteve doente?

— De vez em quando fico ruim do fígado. Vou num pôsto de Saúde no Vital Brazil, tomo uns troços, e fico logo bom. O que dá sempre mesmo é tosse, mas é normal em todo mundo.

E a Laurita, Girico? Você ainda gosta dela, não?

— Não quero mais saber não. Tem tanto tempo... Depois que eu mandei ela embora, sumiu que nunca mais vi.

Girico encontrou Laurita perambulando pelas ruas, um pouco pior do que ele. Era uma menina que tinha sido trazida de Colatina, Espírito Santo, para trabalhar em casa de madame. Mas ficou no emprego apenas dois meses e depois caiu na rua, "vivendo praticamente como uma mendiga".

— Endireitei ela, botei arrumadinha. Tava sempre em casa, tinha comidinha pronta, água quente pro banho, roupa limpa. Depois, foi **desdeixando**, começou a andar errada mesmo. Aí eu botei ela pra fora, mas bater eu não bati não porque em mulher não se bate nem com uma flor; só se for com uma barra de ferro, que é pra matar logo.

Dona Antonia melhorou de vida, mas diz que é explorada

Dona Antônia da Silva é mineira de Monte Verde, de onde saiu com 13 anos de idade para trabalhar na casa do então gerente da Caixa Econômica de Niterói. Com 46 anos, mãe de 10 filhos — quatro mortos — toda manhã ela deixa sua casa no bairro Engenhoca para ir catar lixos no vazadouro do Viçoso Jardim:

— Isso aqui me valeu e me vale muito. Teve uma época que eu e minha família dormíamos na terra pura porque não tinha nada mesmo. Com o dinheiro daqui estou pagando um terreno no Coelho. Nas férias boto as crianças pra trabalhar aqui também. Já perdemos um bocado de sangue nessa lixeira e já saiu muita gente daqui, mas eu estou firme. Acompanho a lixeira há mais de 15 anos, desde quando era no Buraco do Boi.

Mas dona Antônia acha que a lixeira "só serve pra trabalhar e ir embora"

— Esses que moram aí é porque se entregaram. Tem gente que fala que não é lugar pra gente vir, mas apesar de ser no morro, e não ter água encanada, minha casa na Engenhoca é limpinha. Pode chegar, tomar café. A pobreza, Deus manda água pra limpar.

Dona Antônia cultiva uma grande gratidão por dona Sebastiana Barbosa dos Santos, sua vizinha

— Foi ela que me trouxe pra cá. E olha que tinha gente que morava juntinho de mim e não falava nada. Eu perguntava: onde é que vocês trabalham? Diziam: Ah! É no Cubango. Eles tinham vergonha de dizer.

Conseguindo arrancar do lixo uns 200 cruzeiros por semana, dona Antônia reclama do Seu Vilariño que "tira muito no peso e explora nosso trabalho". Mas tem esperanças na vida

— Semana que vem vou comprar um carnê do Sílvio Santos pra ver se fico milionária. Eu ia comprar semana passada, mas o danado do gás acabou e tive que gastar o dinheiro.

Joca está em processo de degradação física

Num exame superficial, a médica Márcia Chavantes, constatou que o Joca se encontra "num processo de degradação física irreversível porque não terá condições de sair da lixeira"

— Veja bem: ele começou a beber porque não tinha o que comer. Como a bebida tem muita caloria, ele, como todo alcoólatra, já nao sente mais falta de comida. Isso acentua ainda mais o estado de subnutrição que já tinha.

Nele, a médica constatou um processo inicial de cirrose hepática e pancreatite crônica, além de problemas pulmonares.

— Tudo isso é conseqüência da subnutrição e nessa imundicie — essa lixeira não é lugar nem pra porco viver, quanto mais pra gente — as pessoas ficam expostas a todo tipo de doença infecto-contagiosa. Não têm a menor imunidade. Não se alimentam e ainda respiram esses gases tóxicos o tempo todo. O Joca mesmo, me confessou que, de vez em quando, come umas carnes que acha aí na lixeira.

Sobre as crianças que trabalham na lixeira, a médica diz que "elas retratam essa realidade brasileira miserável, que encontramos em toda parte"

— Só que aqui na lixeira chega ao extremo imaginável, em termos de degradação. Subnutridas, cheias de feridas expostas, cabelos quebradiços, baixa estatura, pálidas, essas crianças carregarão por toda a vida o pesado fardo das distorções de formação do corpo e intelectual — sistema nervoso — que sofrem atualmente.

Joca e Maria Tiúba Cinco anos curtindo a mesma miséria

MARIA TIÚBA CURA TOSSE COM CACHAÇA

Junto de uma grande poça de óleo, **Maria Tiúba** cozinha feijão numa panela de ferro, empretecida, no improvisado fogão de duas pedras, com três vigas de ferro. Gravetos e pedaços de madeiras colhidos na lixeira alimentam o fogo. Dentro do barraco, de pouco mais de um metro de altura e dois de largura, deitado, **Joca**, companheiro de **Tiúba**, conversa com a galinha de estimação, resmungando, entre um e outro gole de cachaça

Maria Tiúba, 24 anos, mineira, cujo nome é Maria Aparecida Duarte, está na lixeira desde que foi implantada no bairro do Viçoso Jardim

— A bem dizer, pra mim não falta nada. Eu mesmo trabalho pra mim e ninguém me manda. Aonde a lixeira for, eu vou atrás

Ela ficou muito triste quando seu barraco pegou fogo. Apesar de dizer que não ligou porque "a gente tem mais pra Deus levar", não consegue esconder as lágrimas que descem de seu rosto marcado e sujo, enquanto conta o incêndio ocorrido numa parte da lixeira, onde havia mais de 20 barracos:

— Todo mundo perdeu sùas caxangas (barracos) e os documentos. Têm uns dois meses. Tava eu e o Joca lá embaixo. Fomos buscar uma lata d'água e comprar um tomate. Quando chegamos aqui tava fogo pra tudo quanto é lado. Não deu pra salvar nada. Mas agora eu só quero é tirar o registro (certidão de nascimento) e levantar um barraco maior

Sofrendo de bronquite crônica, muito magra, **Tiúba**, desperta comentários diversos na lixeira. **Pernambuco**, o administrador, funcionário da Prefeitura, observa que "o peso que ela carrega não está no gibi; **Tiúba** é um caso perdido". **Girico**, brincando, diz que "qualquer dia o vento leva aquela mulher"

Mas ela não toma conhecimento de nada "porque eu não gosto de conversa, nem de ficar olhando pra cara dos outros"

— Quero é ficar no meu canto. Não gosto de morar amontoada. Tenho os meus bichos e neles ninguém mexe Os meus cachorros eu nem conto, de muitos que são

Mas o xodó de Maria **Tiúba** é uma galinha, motivo de pequenas desavenças com o Joca, que insiste em fingir bater no animal, para contrariá-la

Você toma remédio pra bronquite? Vai ao médico?

— Sou franca em dizer: quando tá me atacando muito, eu tomo logo uma cachaça. Agora, tô tomando isso que achei no lixo — e mostra um vidro de Elixir de Cajú e Chapéu de Couro Composto. Misturo com a comida O que não mata, engorda, né?

Você tem filhos?

Dois. O de quatro anos tá com a avó, dona Luzia, e o outro tá com o pai em Minas Não sei com quantos anos ele tá não

Depois de muita insistência, e a sós, **Tiúba** confessa estar grávida e já ter sofrido dois abortos, "por causa do peso". Joca não quer saber de criança, mas ela frisa que "filho meu eu não dou"

Você estudou?

A bem da verdade eu sou burra O **mocadinho** que aprendi, eu esqueci Pra escrever meu nome, só se tiver com muita cachaça na cabeça

Prometendo presentear a repórter com uma abóbora colhida na **Horta** uma rama de abóbora cultivada no meio do lixo — Maria **Tiúba** pede

— Agora, deixa eu temperar meu feijão, que daqui a pouco vem o carro do lixo e lá vou eu

Enquanto Maria **Tiúba** se entretém amassando alho para temperar o feijão, **Joca**, seu companheiro, muito preocupado, reclama de dores e mostra os braços com a pele descascando

Olhos embaçados, trôpego, **Joca** (João ds Santos Freitas) tem 36 anos "e 18 de bebida". Há cinco anos vive com Maria **Tiúba**, desde que seu barraco, no Morro do Céu, foi derrubado pela proprietária do terreno.

Atualmente ele só quer mesmo é "tirar uma chapa". E da vida, além do barraco derrubado e dois radinhos de pilha roubados, carrega uma grande mágoa

Eu me ajeitei todo pra levar a **Tiúba** pro cinema, que ela nunca viu Mas no Odeon, mesmo de entrada comprada — tava na mão — o homem não deixou a gente entrar porque eu tava de sandálias

Quando é pedida uma foto, **Joca** se empertiga todo e chama **Tiúba**, que se aproxima encabulada. Juntos, prontos para serem fotografados, **Maria Tiúba** esconde o rosto e chora.

— Pera aí. Assim não dá. Vou ter que tomar uma cana, senão não aguento

Entra no barraco e volta mais animada, mas assim mesmo muito constrangida

Pra melhorar a saúde, além da cachaça ("comida mesmo, só três garfadas") **Joca** toma "remédio do mato" que **Tiúba** prepara

Reportagem e fotos de Iara Reis

Mãe de seis filhos, 70 anos, dona Sebastiana Barbosa dos Santos conhece a história da lixeira há quarenta anos, desde os tempos em que o vazadouro ficava no Buraco do Boi (avenida do Contorno).

— Na lixeira cai tudo quanto é imundície: lixo de hospital, esgoto, tudo. Outro dia, apareceu no lixo uma criança, um garotinho branco, de camisolinha. Sabe, o carro da Lipater mói tudo, mas a criança chegou perfeitinha. Parece que foi coisa de Deus, pra castigar a mãe.

Um dos filhos de dona Sebastiana, "bonito que nem artista de cinema", está preso, condenado a 16 anos por homicídio.

— Mas ele não matou não. Só foi preso porque não tinha dinheiro.

— Aqui, quem roubar morre. Foi assim com Tião Branquinho, o Mário da Elza e um outro que morreu em setembro.

Incentivo fiscal causa corrida de terras no interior paulista

EMPRESAS EXPULSAM POSSEIROS À BALA

O Vale do Ribeira é a região mais pobre do Estado de São Paulo. São 19 municípios e 200 mil pessoas que há muitos anos dependem de rápidos ciclos econômicos cujos lucros a população nunca viu. Arroz, café, banana e chá agora dão a vez ao cacau: o governo estadual pretende aplicar Cr$ 500 milhões no plantio de 12 milhões de cacaueiros além de dar incentivos fiscais aos produtores. Esses incentivos valorizaram as terras em 1000% nos últimos cinco anos. Mais da metade dos 700 mil hectares aproveitáveis do Vale não têm título de propriedade: são posses ou terras devolutas do Estado. Os grandes fazendeiros — entre eles os futuros ministros Mario Andreazza e Delfim Neto — e as empresas rurais usam de todos os meios para expulsar os posseiros. Em fevereiro, 80 famílias pediram a Dom Paulo Evaristo Arns que a Igreja os defendesse da invasão armada de suas terras.

O Vale da Ribeira fica no extremo sul de São Paulo, tem 19 municípios e população de cerca de 200 mil pessoas

Os posseiros foram à Comissão de Justiça e Paz pedir proteção

Ataque aos camponeses destrói casas e roças

A Companhia Field Comércio e Participação S.A., ligada ao Grupo Novo Mundo, com jagunços, e o apoio da polícia militar de Registro, da guarda florestal e do prefeito de 7 Barras, no Vale do Ribeira, não tem deixado os camponeses em paz. A situação chegou ao ponto de os posseiros procurarem a Comissão Justiça e Paz de São Paulo, pedindo um advogado que defendesse as 80 famílias da região contra a invasão armada de suas terras.

Um posseiro explicou que o chefão da empresa Field é um tal de Lélio de Toledo Piza, ex-vice-presidente da Volkswagen. E que os conflitos têm crescido muito nos últimos tempos desde que o governo federal vem anunciando planos fantásticos para a região mais miserável do Estado, com facilidades de linhas de crédito vultosas e incentivos fiscais.

Seis meses atrás a Field queimou roças e destruiu casa dos posseiros nas regiões do município de Eldorado Paulista, ao lado de 7 Barras. Ela reivindica uma área de 2 711 alqueires, e já tomou posse de 180 alqueires. Continua avançando a cada dia.

No mês de dezembro último, 80 lavradores dos bairros de Etá e Formosa, em 7 Barras, reuniram-se na igrejinha para discutir a criação de uma associação. Decidiram que o novo órgão deveria ser criado a partir de sua organização e em torno da discussão de uma carta de princípios e de estatutos a ser elaborada por uma comissão. Nesse documento deveria constar todas as suas reivindicações no campo da saúde, educação, transporte, lazer, saneamento, alimentação, etc. Mas o objetivo principal da associação fixou-se na posse e legalização das terras por parte dos lavradores e suas famílias.

No dia 20 de janeiro a Field, por intermédio de seus jagunços, cercou o terreno dos camponeses com arame farpado a fim de intimidá-los, e impedir sua passagem pelas terras griladas pela empresa. Três dias depois, a Associação dos Moradores de Etá e Formosa organizou um grupo de posseiros que, armados de paus e foice arrancou as cercas do local. Veio a reação da companhia, que passou a acusar os lavradores de subversão, e foi enviado para lá um batalhão da Polícia Militar do Estado. Resultado: alguns camponeses foram detidos, enquanto outros sofreram todo tipo de perseguição.

Governo financia especulação

O problema da posse da terra explode de forma violenta no Vale da Ribeira: em outubro do ano passado dois grileiros foram mortos em conflitos com posseiros que defendiam suas propriedades. Nos municípios de 7 Barras, Eldorado, Iporanga, Miracatu, Cananéia, Ribeira e Barra do Turvo, os mais pobres do Vale, a situação é tensa. Apenas 40% das das terras dessa região têm título de propriedade; nos outros 60% não há donos legalmente reconhecidos: são terras devolutas (pertencem à União) ou tomadas por posseiros. São ao todo, 700 mil hectares, metade dos quais já foram discriminados pela Procuradoria do Patrimônio Imobiliário. O número de títulos de propriedade já entregues, porém, é muito pequeno porque a liberação das áreas devolutas é lenta, toma perto de 6 meses e quem tem pistolão recebe na frente — os outros chegam a esperar 20 anos.

A legalização, por outro lado, é uma faca de dois gumes porque, vendendo a terra que passa a ser sua, o posseiro vai pros centros urbanos, gasta logo o dinheiro e engrossa a legião dos bóias-frias que vivem sem emprego fixo na região.

Nessa situação, quando o governo começou a oferecer incentivos fiscais às empresas que exploravam agricultura na região, homens de negócio da capital paulista começaram a procurar grandes áreas para projetos de reflorestamento e, mais recentemente, para plantar cacau. É que, no caso de reflorestamento, os incentivos permitiam desconto de até 50% no imposto de renda mas os abusos foram muitos: as firmas apresentavam comprovante de aplicação desses 50% mas, na realidade, só tinham aplicado 20 a 30%. O programa foi então reformulado e deixou de despertar interesse até que o governo passou a estimular a plantação de cacau. O governo criou o Plano de Expansão da Cacauicultura em São Paulo (Pecasp) que prevê a aplicação de Cr$ 500 milhões para a formação de um parque cacaueiro de 12 milhões de árvores numa área de 10 mil hectares distribuídos pelos municípios da região. Serão praticamente Cr$ 100 mil de financiamento para cada alqueire plantado com cacau.

Esses incentivos — e a recente duplicação das pistas da BR-116, São Paulo a Curitiba — aumentaram o preço das terras em até 10 vezes e levaram a propaganda a transformar o Vale no "futuro celeiro agrícola do Estado", possibilidade que, até agora, é apenas uma miragem sustentada por empresas e fazendeiros ilustres da área — como o ex-governador Laudo Natel e os futuros ministros Delfim Netto e Mario Andreazza — que possuem mais de 3 mil alqueires em Iguape, ao longo do traçado da futura rodovia asfaltada que ligará Santos a Curitiba.

Jagunço faz ameaça de arma na mão

José Crisóstomo Sobrinho, posseiro de Miracatu, conta como o jagunço João Facão ameaça sua família:

— Somos 32 famílias vivendo na fazenda Vista Alegre, quilômetro 132 da BR-116 (São Paulo-Curitiba), distante 18 quilômetros de Miracatu. Plantamos banana, milho, feijão, mandioca e cana. Estamos ali há dez, quinze anos. Agora estamos sendo ameaçados por um jagunço, o João Facão, contratado pelo latifundiário Ângelo Pappalardo há 5 meses.

Esse homem já entrou em ação?

— Dias atrás ele perseguiu um posseiro amigo nosso, Agripino Dias da Silva, que teve de se embrenhar pelo mato por algumas horas. Ele chegou com uma espingarda e tentou obrigar o Agripino a assinar uma folha em branco. Mais tarde provavelmente acrescentaria coisas do tipo "transferência de propriedade" ou algo assim. A vítima registrou queixa na delegacia de Miracatu, teve de pagar Cr$50,00 pela gasolina do jeep da polícia, mas o policial chegou a dizer mais tarde que ninguém ameaçou ninguém. O delegado nem quis registrar a ocorrência.

Que mais o jagunço tem feito?

— Ameaçou incendiar nossas casas, tocar fogo em tudo. Disse que seu prazo para ficar em cada lugar nunca ultrapassa os seis meses. Estou com medo do pessoal se armar com espingarda para se defender. Aí vai correr muito sangue.

Bispo denuncia violência

Dom Aparecido José Dias, bispo da cidade de Registro, no Vale da Ribeira, denunciou a violência contra os posseiros:

— O problema mais sério do Vale do Ribeira é a falta de títulos das posses. Há uma porcentagem muito grande de pessoas que ali trabalham e que não têm documentação. Anos atrás houve um processo no sentido de se fornecer documentação e chegaram até a serem fornecidos mesmo. Mas houve caso em que glebas foram entregues a duas ou três pessoas simultaneamente.

Esse pessoal não sabe como se defender?

— São pessoas com pouca informação, que não conhecem seus direitos. Qualquer cinco, dez mil cruzeiros se compra uma posse. Mesmo porque não há documento, não há nada que prove que elas são donas das terras. Além disso, por causa da falta de informação, impera um individualismo muito grande. É raro os posseiros se unirem.

Qual o interesse pelas terras?

— Por causa da especulação imobiliária: tem gente que procura o Vale por lazer, querem uma terrinha para descansar nos seus fins de semanas, pescar porque as águas dão muito peixe; outras querem plantar cacau, e outras se interessam por minério. Tenho dados que indicam que há mais de 100 concessões para exploração de minério: chumbo, prata, ouro e até urânio.

Quantas famílias estão envolvidas?

— Em Edu Cardoso há 90 famílias de pescadores que se dedicam ao plantio de arroz também, e que estão sendo perturbadas. Em 7 Barras há umas 80 famílias envolvidas, mas há lavradores que chegaram a me afirmar que esse número deve atingir uns 300; em Juquiá são 100; na Ilha Cardoso umas 90 famílias; mas tem conflitos em Eldorado, Miracatu, Barra do Turvo e Cananéia.

Quem são os exploradores?

— A Field-Comércio e Participação S.A., empresa que reúne capital nacional e estrangeiro; o espólio de José Pacheco Lomba, os Mesquita, os Villares e um tal Angelo Pappalardo.

Que forma eles usam para intimidar os posseiros?

— Utilizam-se de jagunços fortemente armados, e agora estão usando até os guardas florestais, que estão impedindo os lavradores até de plantar: qualquer derrubada de mata para eles significa transgressão das leis. Tudo é feito para que o caboclo desista de roçar um capinzal, por exemplo. Vem um guarda florestal e manda que ele assine uma folha, o coitado assina e depois vem multa.

Os posseiros contam com advogado?

— Recentemente eles se uniram e contrataram os serviços de um advogado por Cr$57 mil, mas quando acabou o dinheiro, o advogado abandonou a causa.

Na cidade de Registro, no Vale da Ribeira, os latifundiários fazem a lei

Invadiram a lavoura do líder dos trabalhadores

João Gomes, posseiro, ex-diretor do sindicato dos trabalhadores, foi agredido porque fazia reuniões com os posseiros:

— Estou na região desde 1961, e quando pertenci à diretoria anterior do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Registro procurei solução para o caso. Mas depois, quando iniciou a atual gestão de pelegos, o advogado do Sindicato até me perseguiu. O desejo dele era me ver na cadeia, já que ele estava a serviço dos latifundiários.

Você foi ameaçado alguma vez?

— Um jagunço botou um revólver no meu peito, mas daí levantei a espingarda, não ia ficar igual a uma peneira de bala, não sou bobo. Eu ainda disse pra ele, olha que eu morro, mas aqui tem testemunha.

Como está a situação dessas famílias que moram no Vale?

— Coitadas. Elas estão lá esperando que a Companhia Field dê as suas escrituras. A maioria dos posseiros é constituída por gente que saiu das fazendas, que trabalharam sábados, domingos e feriados plantando arroz, feijão e milho. Donos de pequenas posses que não têm como se defender.

Os posseiros têm procurado se unir?

— Sim, mas toda vez que a gente fazia reuniões vinham espiões do Sindicato e dedavam a gente, dizendo que estávamos fazendo agitação. Chegamos a fundar uma associação, eu não queria meu nome envolvido, sabe como é, eu já era manjado. Mas me escolheram como presidente. No dia seguinte não deu outra: máquinas invadiram minha lavoura e destruíram tudo.

Cooperativa e sindicato só protegem os patrões

Jerônimo Anastácio Rodrigues, presidente da Sociedade Agrícola Comunitária de Juquiá, dá seu depoimento sobre a reação dos campo-

— Atualmente estamos com dois despejos dificílimos, porque não têm contestação. O advogado pegou os últimos Cr$6 mil e não entrou com a ação contestatória. Então, os familiares se dividiram nas casas de vizinhos, de parentes, fazer o quê?

O que mais está sendo feito?

— Estamos apresentando projetos para incentivar o trabalho pra esse povo. Muitas vezes o sujeito perde a posse da terra porque não quer trabalhar. Vamos ver se eles conseguem se desenvolver desse jeito. Estudamos como funciona uma grande granja e fazemos um modelo menor, para mostrar a eles. Temos plano de comprar máquinas para tombar matas e depois plantar verdura. Pensamos também em comprar óleo para pulverizar as bananeiras, que sofrem de uma doença, o chamado **mal de sigatoka**

As cooperativas não funcionam? E os Sindicatos?

— Nem um nem outro. Cooperativas só servem aos grandes agricultores e o sindicato não resolve nada, porque protege mais o patrão que o empregado.

Proibiram professor de dar aula

João Batista Araújo Guerra, professor primário, conta como os donos da terra o perseguiram:

— Trabalho há 5 anos no Vale do Ribeira, e desde que vi que os pais dos alunos sempre foram reprimidos, é polícia entrando nas casas, trazendo intranqüilidade todos os dias, sempre me coloquei ao lado dos posseiros reprimidos. Mas a cada vez que ia dar aula num bairro, a orientação da polícia, da prefeitura, da diretoria de ensino era a de que eu não me "misturasse" aos lavradores, pois me alegavam que eles eram bandidos. Um cabo da polícia me aconselhou, inclusive, a dar aula com um revólver calibre 38. Mas eu nunca aceitei esse tipo de provocação.

O que você fazia?

— Coloquei em prática um método de ensino que levasse essas crianças e seus pais a uma conscientização de seus deveres. A partir do dia em que me convenci que a merenda escolar tinha uma função, propus uma solução alternativa: que, em vez da merenda tradicional, se oferecesse arroz, feijão e abóbora. Isso porque os pais estavam viciando seus filhos na merenda estadual. Imagine que conheci criança que nunca tinha tomado leite na vida, e no entanto morava ao lado de um estábulo.

Como é a vida, o dia-a-dia dessas crianças?

— Tinham alunos que enfrentavam 8 quilômetros para chegar à escola. Saíam naquele sol de meio-dia e voltavam expostos às chuvas, porque toda tarde chove no Vale. Vi um diretor colocar uma criança de joelho na sua frente, por uma bobagem qualquer do aluno. Enquanto isso seus pais estavam presos na delegacia: era esse o ambiente. Os policiais ameaçaram invadir nossa escola, caso come morássemos o fim do ano, em 1977.

Um dia começaram as pressões para te tirar, não é?

— Começaram com reuniões com os pais procurando desmerecer meu método de ensino. Daí eu fui ao inspetor, dizendo para ele que o que ele estava fazendo era antiético. Argumentei que se ele dissesse aos lavradores que seus filhos de 11 a 13 anos iam repetir o ano, fatalmente a evasão escolar se daria em maior escala. Outra coisa que me disseram é que salário e posse de terra não se podia discutir em sala de aula. No final de 78 instauraram uma sindicância tentando me enquadrar na lei 574 que dá admissão aos professores em caráter precário. Através de provas forjadas conseguiram fazer com que eu perdesse o lugar, e estou proibido de dar aula em todo o Estado de São Paulo.

ESPERTAS

E agora vamos ficar sem minério

Depois de comprarem a Light, agora querem vender todos os nossos minérios para pagarem a dívida externa. **Ninguém fala nada, ninguém** protesta. Afinal, minério não dá duas safras, como a soja, o arroz ou qualquer produto agrícola. Depois que é retirado, não nasce de novo.

A Serra dos Carajás, com toda aquela montanha de ferro, ouro, cobre, níquel, cassiterita e manganês, será devolvida à iniciativa privada. Palavra de nordestino, palavra de César Cals, futuro ministro das Minas e Energia. Enquanto isso, o Brasil continua a freqüentar subsolo estrangeiro e a importar 90% dos minérios que consome em seu parque industrial, inclusive o manganês, que existe no Amapá, mas é exportado. —

Sérgio Danilo

Bonde tem medo de ser acusado de comunista

No dia seguinte ao assalto à casa do general Muricy — que acabou sendo baleado no coração (e não morreu), ao tentar resistir — o delegado da 7ª Delegacia Policial do Rio de Janeiro (Santa Teresa), Amil Richaid, declarou que os responsáveis pelos crimes do bairro são os **bondinhos**, porque "todos os bandidos da baixada vêm passear de bonde e depois roubam, arrombam residências e fumam maconha".

Ao ser entrevistado pela nossa reportagem, o veículo do crime mostrou-se indignado com a acusação e declarou que raramente sai da linha e quando o faz é para atingir automóveis desprevenidos.

— Nesse caso — disse o bondinho — tudo que a polícia pode fazer é me prender por causar acidente de trânsito. Mas logo tem que me soltar porque o xadrez da 7ª DP é pequeno demais para um bonde. Se bem que, uma vez, tive que passar uma noite inteira no pátio da delegacia, sendo submetido à tortura psicológica.

E, apavorado, completou:

— Agora só falta me chamar de comunista.

Chico Júnior

Operários na lista negra

Os metalúrgicos paulistas estão organizando um fundo-desemprego para os dois mil trabalhadores despedidos por terem participado da greve de outubro passado. Desses, 400 foram mandados embora por "justa causa" (sem direito a nada), mas grande parte entrou com ação na Justiça do Trabalho, mas 80% ainda não obtiveram resposta e não sabem se receberão a indenização que têm direito.

Em pouco tempo, a Frente Nacional do Trabalho arrecadou três mil quilos de mantimentos e Cr$200 mil, distribuídos de acordo com as necessidades das famílias.

Salvador Pires, presidente da FNT, fala sobre a situação dos operários despedidos:

— Sabemos que existe uma "lista negra" com nomes de muitos metalúrgicos. Tanto que os trabalhadores que foram demitidos por "justa causa" ainda não conseguiram emprego. Outra tática que também faz parte do esquema organizado pela Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), consiste em segurar a carteira de trabalho daqueles que vão procurar emprego. Volta amanhã, dizem, e quando a pessoa

volta, a resposta é que "infelizmente a vaga já foi preenchida." Estamos conscientizados disso tudo, mesmo porque o dono das indústrias Villares disse recentemente que se os trabalhadores têm como se organizar, eles, os patrões, também tinham como enfrentá-los.

A repressão ficou restrita aos metalúrgicos?

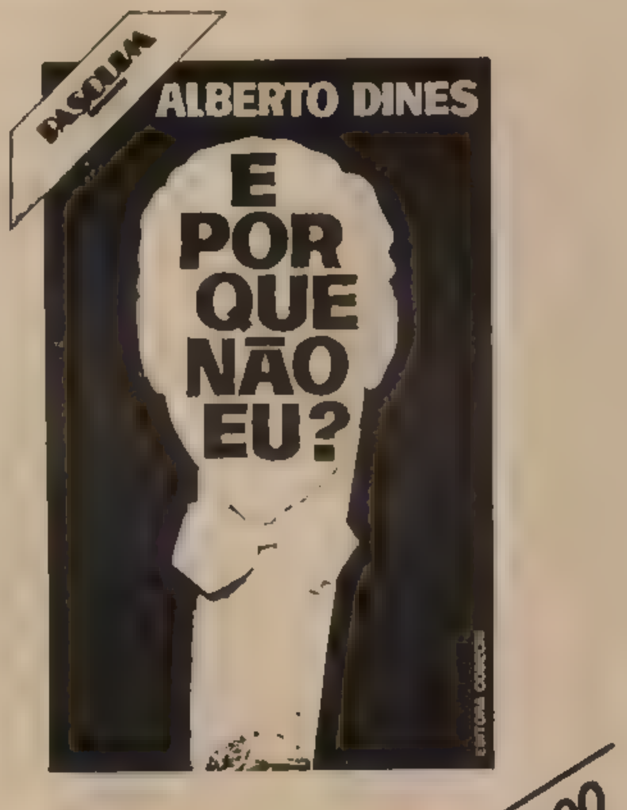
— Infelizmente não. Sabemos que as indústrias químicas de Osasco, a Aché, a Fontoura e a Orniex, do ABC, agem do mesmo jeito. No **ramo da indústria têxtil também: os donos da Vicunha**, uma fábrica que fica no bairro do Belém, tentaram reprimir os trabalhadores que se organizavam para protestar contra as péssimas condições da fábrica. Foram fotografar os operários, numa tentativa de colocá-los como os possíveis cabeças da greve, e ainda botaram gravador nos armários deles. Em seguida, passaram **slides** para um dos companheiros, dizendo que ele era agitador. Desses, nove foram parar na rua, um, inclusive, tentou suicídio uma vez.

Além do fundo-desemprego há outro tipo de luta?

— Estamos lutando também para que esses companheiros seja readmitidos, e impedir que esse processo de repressão tenha continuidade. Mesmo porque, como dissemos em outras oportunidades para eles, nós todos vivemos numa insegurança total. A única forma que temos para responder a isso é com nossa união, nossa organização. Eis uma oportunidade de mostrarmos nossa solidariedade: participando. Para aqueles que vêm buscar mantimento ou dinheiro, mostramos o que significa esse tipo de solidariedade, para que tudo não fique no mero assistencialismo.

Rivaldo Chinen

UMA UTOPIA ÀS AVESSAS



NÃO DEIXE DE LER!

Cr$ 85,00

Nas bancas e livrarias,
ou pelo Reembolso Postal
Não precisa enviar dinheiro agora,
basta escrever para

EDITORA CODECRI LTDA — Serviço de Reembolso Postal
Rua Saint Roman 142 — Copacabana
22071 — Rio de Janeiro — RJ.

Uma favela diferente

A Chácara do Céu é uma favela peculiar entre as tantas que existem no Rio de Janeiro. Quem diz isso são os moradores de outras favelas, que consideram a Chácara um lugar "especial", onde a comunidade apresenta uma maneira "diferente" de organização.

Espremida na encosta da avenida Niemeyer, entre a favela do Vidigal e o morro Dois Irmãos, tendo a sua frente o monumental prédio do Sheraton Hotel, a Chácara do Céu é uma favela isolada, de início, pela própria característica topográfica do local. O acesso só pode ser feito através de um caminho íngreme, quase vertical, o que faz com que até mesmo seus moradores evitem descer ao asfalto. Para se ter uma idéia, um carregador costuma cobrar Cr$ 400,00 para transportar uma geladeira para qualquer barraco situado acima do Umbigo, local como é conhecido a região central (ponto médio) da encosta. Em outras palavras: quem está fora não entra, quem está dentro não sai.

Dividida em quatro pontos principais (Umbigo, Buraco, Figueira e Casa Branca) e com uma população aproximada de mil pessoas, a Chácara do Céu não pertence à jurisdição da Associação dos Moradores do Vidigal, favela com a qual faz divisa e até mesmo se confunde. A Chácara tem sua própria associação que, como tudo ali, funciona precariamente. (Isso dito porque a Vidigal possui uma das mais ativas e combatentes associações de moradores).

Francisca Alves Correia, 50 anos, mais conhecida como Chica Xepeira, mora há 30 anos na Chácara. Veio de Natal, Rio Grande do Norte; e fala sobre o lugar.

— Esta favela não chega a dar meio quilo certo, moço. Quando cheguei aqui não havia mais de 25 barracos. Hoje, deve ter mais de 200 e os problemas estão cada dia piores.

Chica Xepeira vive, junto com sua filha Vera Maria, (30 anos) de uma das três biroscas existentes no morro, a New York Chica, responsável pelos embalos de sábado à noite da rapaziada do local.

Ela é quem diz:

— Gostaria de declarar duas coisas. Primeiro, que aqui não tem marginal e nem vagabundo. Segundo, que seria bom se o governo não cobrasse tanto dinheiro para os meninos poderem tirar os documentos de identidade e trabalho.

A luz da favela está nas mãos de quatro exploradores: Zé da Mata, Chico Gari, Antônio Gordo e Carlinho Milhão. Cada um controla um relógio e cada barraco paga uma taxa mínima de Cr$ 130,00. O problema da água é mais grave, pois no morro existem apenas três bicas, sendo duas naturais e uma encanada. As filas são intermináveis (no sentido exato da palavra), já que durante todo o dia existe procura. Quem quiser evitar a fila e receber água em casa, vai pagar de 30 a 50 cruzeiros pelo latão.

Para finalizar, a Chácara do Céu pede a Deus para que envie ao local algum político bem intencionado, a fim de facilitar as condições de vida de seus moradores. De preferência, dizem, antes das próximas eleições.

Toninho Martins Vaz

ESPERTAS

Iraque não gostou dos operários

Recentemente, um grupo de operários brasileiros da construção civil, "exportados" para o Iraque pelo Consórcio Esusa-Alfredo Mathias, se viu envolvido num qüiproquó diplomático. Considerados pessoas indesejáveis pelas autoridades iraquianas, foram retirados às pressas do país, sem tempo de entenderem o que estava acontecendo.

Rubens Teixeira, um dos operários, fala das atribulações por que passaram:

— Deportação foi o que saiu nos jornais, mas a companhia falou no Iraque que a gente tava sendo transferido. Só que descemos no aeroporto e quem é que estava esperando a gente? Polícia Federal. Não deu pra entender essa transferência, com Polícia Federal nas bocas. A firma quis que a gente assinasse justa causa ali, na hora. Por quê? Até hoje, não sabemos.

Além dos problemas normais de adaptação, o mais difícil para os operários era arranjar mulheres pelas arábias.

— Levamos quatro meses pra descobrir mulher — conta o eletricista Manuel França. Quem é que pode trabalhar assim?

Alceu Ramírez, pedreiro, acrescenta:

— Não era fácil. A firma prometeu levar a gente numa cidade-prostíbulo, só para estrangeiros, mas nunca fez isso. Pior era que os iraquianos, que não gostavam muito de mulher, queriam transar com a gente. Teve muita porrada por causa disso.

Sobre o problema da deportação-transferência, o chefe do Serviço de Comunicação Social da Polícia Federal, Clarício de Almeida, tentou tapar o sol com a peneira.

— Nosso papel foi quase burocrático. Os operários foram ouvidos, para que as autoridades brasileiras tomassem conhecimento do caso. Até agora, porém, nada foi apurado. O governo e a embaixada brasileira no Iraque estão estudando o assunto, mas tudo está correndo por Brasília. Esse tipo de coisa demora.

A prática de exportar mão-de-obra é tão antiga entre as empresas brasileiras que operam no exterior quanto a irresponsabilidade das autoridades em permiti-la, considerando que não existem condições legais para isso. O próprio delegado regional do trabalho, Luís Carlos de Brito, reconheceu, tempos atrás, que a legislação caducou.

— Há necessidade urgente de um contrato especial, além da carteira e da CLT, com cláusulas que contenham as garantias necessárias ao trabalhador brasileiro em terra estranha.

Ma só agora, depois que muita água rolou, o Ministério do Trabalho decidiu mostrar serviço, criando um Grupo de Trabalho Interministerial para estudar a exportação de serviços realizada por empresas brasileiras. Enquanto isso, o caso Iraque vai criando mofo pelos gabinetes palacianos.

Ênio Oliveira

Especulação está de olho no leilão da Equitativa

Quando o **REPORTER** chegar nas bancas, o leilão do primeiro edifício do conjunto residencial da "Equitativa" em Santa Tereza, Rio de Janeiro, já deverá ter sido realizado. O segundo leilão está marcado para o dia 6 e dois outros vão se realizar nos dias 14 e 21 deste mês. Terminam assim, 13 anos de luta de um punhado de moradores desse conjunto para comprar os apartamentos em que residem. Uma compra que só seria possível sem leilão, com preço previamente fixado e financiamentos garantidos.

Comprar de quem? Resposta: do governo.

O conjunto pertence ao governo e será leiloado para pagar as dívidas de uma velha empresa governamental de seguros, falida em 1964. Em princípio, o leilão não é ilegal. Mas também não é obrigatório. Basta um decreto do presidente da República para que, ao invés do leilão, os apartamentos sejam diretamente vendidos aos moradores. E basta uma ordem do mesmo presidente para que os moradores sejam financiados.

Mas esse governo dos generais Geisel, Figueiredo e Golbery não está muito preocupado com isso. Geisel só assina decretos para a Eletrobrás comprar a Light e o Antônio Gallotti embolsar 39 milhões de dólares (800 milhões de cruzeiros!). Financiamentos facilitados são concedidos apenas para empresários do tipo Atalla, Lutfala e outros. O presidente recebe diariamente empresários e atende a todos os seus pedidos. Mas o cidadão comum não passa sequer pelo porteiro do Palácio. E não merece do presidente o menor ato de atenção, o menor gesto de interesse.

O máximo que Geisel fez foi adiar o leilão do último dia 15 de fevereiro para o dia 1º de março. Foi uma festa na "Equitativa", mas que durou pouco, como diz uma das moradoras, D. Nilse:

— Nós soubemos do adiamento do leilão do dia 15 através da Assessoria de Imprensa da presidência da República, que nos informou no dia seguinte que tinha adiado **sine die**, mas pelos jornais, já diziam que o leilão seria no dia 1º de março, primeiro dia útil depois do carnaval. Isso piorou nossa situação porque nos deixou isolados durante o carnaval, sem possibilidade de mobilizar a opinião pública.

— Fizemos uma intensa campanha de denúncia pela imprensa e constantes assembléias para mobilização dos moradores. Conseguimos o primeiro adiamento (isso foi antes das eleições) e a gente acredita que tenha sido devido à conjuntura eleitoral que eles concederam o adiamento. A briga continuou porque só isso não solucionava. Paralelamente à campanha de denúncia e mobilização da opinião pública, conseguimos um financiamento da Caixa Econômica, mas isso fica praticamente anulado diante da presença de especuladores no leilão. Nós não podemos concorrer com eles, pois nosso padrão de renda é muito baixo e o financiamento só atinge a um determinado valor. Aqui todo mundo é assalariado.

— Não temos os nomes desses especuladores, mas eles não são mera fantasia. Eles vêm aqui e tentam ver os apartamentos. São pessoas que vivem da renda imobiliária, a renda mais parasitária que existe. O que nós queremos é um decreto-lei do presidente sustando o leilão e concedendo a venda direta aos moradores. O presidente Geisel teve tudo nas mãos para fazer isso. Se não fez, nós só podemos deduzir que há interesses muito poderosos a favor do leilão.

Ênio Oliveira

História do Brasil simples e verdadeira

Pintou um livro didático diferente sobre a História do Brasil. **História da Sociedade Brasileira**, de Francisco Alencar, Lucia Carpi e Marcus Venício Ribeiro, procura contar as coisas que aconteceram neste país, desde Cabral, de um jeito mais simples e verdadeiro. Nada de botar na cuca da rapaziada só datas e nomes que, no final do ano, ninguém lembra mais; a tentativa é explicar direitinho como a história realmente aconteceu, com seus conflitos e choques de interesses entre grupos sociais, entre os que eram poderosos e os que não tinham poder.

Os livros que ensinam História do Brasil geralmente omitem o fato básico de ser este um país dominado, colonizado e colocado, desde que os portugueses começaram a matar índios por aqui, entre os interesses de grandes potências — no início eram Portugal e Espanha e, logo depois a Inglaterra. Os três professores procuram com sua **História da Sociedade Brasileira** abordar as coisas de um ponto de vista brasileiro, e não europeu. Se fosse feito um filme honesto sobre a História do Brasil, ele não deveria começar com as câmaras em cima de Pedro Alvares Cabral que, cheio de balangandãs e meio bêbado, perguntaria **onde estou, onde estou?** — a história oficial costuma dizer que Cabral chegou ao Brasil por acaso — e, em seguida, se confraternizaria com os índios, distribuindo espelhos e brincos coloridos. Desde o início da brincadeira houve guerras, matanças e sífilis. É esse tipo de verdade que o livro quer revelar.

Ele custa 112 pratas, tem uma tiragem de 30 mil exemplares e pode ser encontrado em qualquer livraria.

Luiz Alberto Bettencourt

Fausto Wolff se travestiu de Parsifal, se autobiografou, foi violento, contou muita sacanagem, enlouqueceu geral, falou de seus amores, seus grilos, suas paranóias, suas neuroses e de tudo mais que os psicanalistas da vida adorariam escutar. E acabou escrevendo um dos melhores romances que pintaram por aí nos últimos tempos. Um livro que você lê de cabo a rabo, acompanhando as loucuras do Parsifal, com quem, cinicamente, Fausto diz que não tem nada a ver.

Parsifal anda de pijama pelas ruas, agride uma criança para o bem dela, tripudia em cima de um delegado de polícia, come todas as mulheres que aparecem pela frente acaba internado em um hospital e só não come uma velhinha de 80 anos porque ela desmaiou. *Matem o cantor e chamem o garçom* é o tipo do livro que deve ser lido.

Chico Júnior

Patrimônio quer expulsar pescadores de Jurujuba

234 famílias que ocupam a belíssima praia de Jurujuba, em Niterói, e constituem a colônia de pescadores Z-8, estão sendo ameaçadas de expulsão, através de intimações do Serviço de Patrimônio da União. Desde o dia 9 de fevereiro começaram a chegar as intimações, exigindo que os moradores deixem suas casas num prazo de 90 dias, sem que recebam um tostão de indenização.

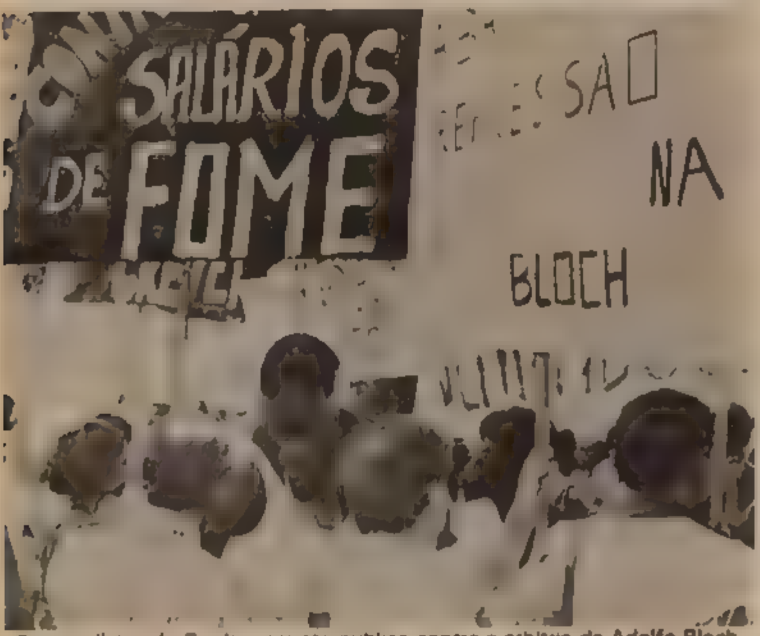
A área cobiçada fica entre os fortes de Imbuí e Rio Branco e Fortaleza Santa Cruz. O Exército desmente envolvimento na expulsão, mas os moradores comentam que "eles estão querendo fazer disso aqui um centro de treinamento pra pára-quedista". Lembram ainda que "no ano passado, comando do Forte Rio Branco reuniu a gente dizendo que não havia necessidade de que ninguém pedisse posse dos terrenos porque o forte estava ali pra garantir".

Mas em setembro, foram renumerados todas as casas e receberam placas com os dizeres: "Área Militar do Forte do Rio Branco".

Orientados pelo advogado Macário Picanço, os moradores estão requerendo aforamento dos terrenos, que ocupam há até mais de 50 anos, tendo neles construído, com o fruto de seu trabalho, pequenas casas. Outros adquiriram os imóveis que ocupam de terceiros, mas nem por isso deixam de pagar impostos, taxas de água e luz.

Iara Reis

SINDICAIS



Os jornalistas do Rio fizeram ato público contra o arbítrio de Adolfo Bloch

Jornalistas protestam contra ditadura da Bloch

Após algumas discussões entre o presidente do Sindicato dos Jornalistas do Rio de Janeiro, Carlos Alberto de Oliveira (Caó), e alguns jornalistas que insistiam em fazer a manifestação em frente ao edifício da Editora Bloch, local onde havia sido previamente marcado o ato público do dia 8 de fevereiro contra o arbítrio daquela empresa acabou sendo realizado diante da Rádio Globo. Isso em razão do acordo feito entre o sindicato e o Departamento Geral de Investigação Especiais.

Contando com a participação de 350 jornalistas, o ato público foi organizado para que a classe pudesse protestar contra as inúmeras arbitrariedades cometidas por Adolfo Bloch, como a demissão do jornalista Gumercindo Pedrosa Filho e a suspensão de Paulo César Araújo, este por estar distribuindo boletins do sindicato na "Treblinka da Praia do Russel".

Isso, sem falar nos baixos salários e no clima de perseguição que reina dentro da empresa. No dia da manifestação, o horário de almoço foi adiantado em uma hora, impedindo que os jornalistas participassem do ato. Além disso, houve ameaças de demissões para quem insistisse em participar do protesto. A atitude policialesca da direção da Bloch culminou com a presença de Renato Hazan (sobrinho do diretor Isaac Hazan), que fotografava os jornalistas da empresa, que, apesar das ameaças, estavam na concentração.

A atitude de Caó em não permitir que os jornalistas marchassem para a Bloch, a cerca de 300 metros, foi considerada por muitos como um "recuo absurdo", pelo fato de, aceitando as imposições do DPPS, fazer uma manifestação permitida, que perde toda a força de pressão. Mas para Caó a "instabilidade sindical, que comprova não estarmos vivendo em um regime de plenitude democrática e a presença de quatro caminhões de choque da Polícia Militar" foi o bastante para "não expor desnecessariamente a classe ao desgaste de prisões e pancadarias".

Apoiada pelas pessoas que passavam nos ônibus e gritavam palavras de ordem para os jornalistas, a manifestação contou com a presença de representantes dos sindicatos dos Motoristas, Petroquímicos de Caxias, Médicos, Rodoviários, Artistas, Escritores, Comitê Brasileiro pela Anistia e dos diretórios da PUC, UFF e UFRJ, além dos deputados Marcelo Cerqueira, Délio dos Santos, Raimundo de Oliveira, Modesto da Silveira, Edson Kahir, José Eudes, José Maurício e o vereador Antônio Carlos Carvalho.

Em todos os pronunciamentos ficou caracterizado o repúdio à ditadura militar, a necessidade da liberdade sindical, do direito de greve e da união de todas as categorias na luta contra o arrocho salarial.

Após a manifestação o carro onde iam Paulo César Araújo, Sueli Caldas, e Graça Monteiro, os três da diretoria do sindicato, foi cercado pela Kombi RJ 33-06 e por dois táxis no Aterro do Flamengo. Seus ocupantes se identificaram como policiais e levaram os cartazes que os jornalistas levavam no carro.

PROFESSOR QUER GANHAR MAIS E TER GARANTIAS

Com um anteprojeto de acordo coletivo de trabalho, que será discutido em assembléia no próximo dia 10, para ser levado à DRT, o Sindicato dos Professores do Rio de Janeiro pretende conquistar para a classe um aumento salarial de 60%, a garantia do cumprimento das decisões tomadas pelo Tribunal Regional do Trabalho no ano passado sobre a questão do abono e uma maior estabilidade de trabalho para o professor.

A reivindicação do aumento salarial de 60% se baseia na promessa que os patrões fizeram na DRT na época do abono, afirmando que aumentariam o piso salarial do professor acima dos índices oficiais. Segundo Milton de Freitas e José Livieto de Medeiros, membros da diretoria, o aumento seria muito importante para o professor da Zona Norte, no momento a parte da categoria que apresenta maiores dificuldades para ser mobilizada.

As decisões tomadas no TRT, para as quais o sindicato pede garantias são: pagamento de atividades extras, tomando por base o salário-aula; remuneração das aulas de recuperação como atividades extras, tendo por base o salário-aula; adicional de 25% sobre o salário pela correção de provas; e a garantia de emprego para as gestantes, que não poderão ser despedidas, sem justa causa, antes de decorridos 60 dias do término do auxílio-maternidade. Com relação à estabilidade, o sindicato tem por objetivo estender o período da súmula 10 da CLT, que garante a qualquer professor despedido até 31 de outubro o recebimento de seus vencimentos até o mês de fevereiro. O objetivo é estender o período para 31 de agosto, baseado no fato do contrato de trabalho do professor ser firmado sobre o período de um ano.

Após a discussão do anteprojeto em assembléia, haverá uma reunião com o sindicato dos patrões, onde a proposta será discutida. Havendo acordo, será levada à DRT para ser homologada. O interesse em dar andamento imediato a isso se deve ao fato da data-base para o dissídio ser 1º de abril.

Diretor diz que reunião de médico só na Rússia

Valadares, greve é válida.

O Sindicato dos Médicos do Rio de Janeiro define 1979 como o "ano de luta profissional do médico, em que pretende enfrentar os grandes problemas da profissão: melhoria das condições de trabalho, melhoria salarial e assistência adequada à população.

De acordo com as declarações dos doutores Almir Fraga Valadares e Eraldo Bulhões Martins, membros da diretoria, os problemas imediatos e objetivos são as questões do dissídio dos empregados das empresas privadas e a reclassificação de cargos do Estado e Município, que, pelo que foi noticiado até o momento, não atende às mínimas reivindicações do médico, além de excluir os contratados pela CLT. Em termos gerais, o sindicato apresenta a proposta de um índice de 150% de melhoria salarial, o pagamento de horas extras sobre o salário percebido, a garantia dos direitos trabalhistas para residentes e médicos em geral e a substituição do plantão de 24 horas em emergência, por um de 12 horas, como jornada única semanal.

Quanto à possibilidade de greve, ainda não houve uma colocação objetiva da utilização desse instrumento de reivindicação. Para o dr. Almir Valadares "existe a greve de toda a nação porque o arroxo salarial é um fato".

— Nós temos consciência de que a greve é uma medida extrema, embora válida como maneira de obter as condições de trabalho e remuneração que não foram conseguidas de outra maneira. Na realidade, a eclosão de um movimento de paralisação independe das lideranças, nasce da sociedade que se vê desesperançada por não obter solução para seus problemas. O fato é que a insatisfação é geral. No dia 16 de fevereiro, a representação do sindicato foi expulsa do hospital do IASERJ pelo diretor do centro de estudos, dr. João Luiz de Oliveira, que alegou haver uma ordem de serviço que proíbe reuniões sem caráter científico. Um pouco exaltado, afirmou: "se aqui fosse Cuba ou Rússia eu deixaria vocês fazerem a reunião, mas como não é, não posso deixar".

DEPOIS DA PARALISAÇÃO GARIS CONSEGUEM AUMENTO

A greve começou no dia 12 de fevereiro, quando os garis do Posto da Comlurb (Companhia Municipal de Limpeza Urbana) do Encantado (Rio de Janeiro) pararam de trabalhar. No dia seguinte, outros postos aderiram à paralisação e a cidade do Rio de Janeiro passou a exalar um perfume não muito agradável. Segundo a direção da Comlurb e do Sindicato dos Funcionários da Limpeza Urbana a paralisação foi uma surpresa e não podia ser caracterizada como greve, uma vez que era espontânea, não tinha lideranças. No entanto, questiona-se essa espontaneidade, considerando-se a evidência dos piquetes e comissões que iam aos outros distritos para dar informes dos acontecimentos, havendo, inclusive, representatividade dos garis do Encantado nas discussões com a Comlurb e sindicato na Delegacia Regional do Trabalho.

A maioria dos garis afirma que só ficaram sabendo da greve na segunda-feira, quando chegaram ao trabalho e todos já estavam parados. Mas há os que afirmam terem sido avisados na sexta-feira, embora não revelem os nomes das pessoas que os avisaram. Com relação à volta ao trabalho na quinta-feira, alegam pressões e denunciam a presença de PMs dentro dos postos da Comlurb.

Segundo Sérgio Rosa Geral, chefe do Departamento de Coleta de lixo do posto do Encantado "tudo foi uma surpresa"

— A gente não esperava e eles não queriam papo. Só depois, quando chegou o pessoal do sindicato e da direção da Comlurb, é que eles falaram nos três salários e no horário de oito horas.

Para o Sindicato dos Funcionários da Limpeza Urbana a paralisação também foi uma surpresa, e segundo o advogado da entidade, dr. Edson Umbelino dos Santos, o fato do sindicato ter percorrido os postos pedindo para que os garis voltassem ao trabalho não significa que não apoiasse as reivindicações da categoria.

O fato é que, depois da greve, a direção da Comlurb comunicou à direção do Sindicato que aceitavam as reivindicações da categoria, dando um aumento salarial de 130% mais o pagamento da insalubridade, o que corresponde a um total de Cr$4.003.

Textos de Vera Lúcia Dias; Fotos de Chiquito Chaves

"Venho através desta solicitar que seja feita uma reportagem no Bairro do Pilar, em Duque de Caxias, melhor dizendo na rua Clara.

Nós, moradores, já mandamos cartas para tudo quanto é delegacia e não adianta nada. No ano passado, foi assaltado dentro de sua própria casa um fotógrafo, que teve todo seu equipamento roubado. Na mesma noite, houve um crime de morte na rua 5 de Julho. Ainda na mesma noite, na mesma rua citada, aconteceu uma invasão de domicílio, em que a dona da casa foi violentada, juntamente com sua sobrinha. Os ladrões foram presos dois dias depois e libertados na mesma noite. Depois, contaram para quem quisesse ouvir que subornaram o delegado com a quantia de 11 mil cruzeiros. Não adianta mais mandar cartas para a 64ª nem para o 15º Batalhão, em Caxias. Aqui no bairro tem PM que faz parte desta mesma quadrilha e ainda posso lhe citar o exemplo de um tiroteio que houve na rua Clara entre bandidos e que um PM estava envolvido."

(Maria do Carmo Santana, Duque de Caxias, RJ)

GARÇOM VENDE MAÇÃS

"Hoje, escuto muito dizer que o jovem não produz nada, não faz nada de novo. E eu pergunto: é possível fazer alguma coisa, quando as portas se encontram fechadas?

Tenho cinco anos de diploma de garçom do Senac-Niterói. Mas de que me vale? Os donos dos restaurantes não dão oportunidades aos que saem de um curso profissionalizante. Então, ficamos com um pedaço de papel na mão e como não podemos ficar parados vamos vender maçãs, trabalhar como vendedores, etc.". *(José Fernandes da Cruz, Nova Friburgo, RJ)*

Qualé ministro? Tira a mãozinha do meu bolso !

Não tenho o mínimo interesse no que gente, tipo o ministro Mário Henrique Simonsen, o presidente Ernesto Geisel, o prefeito Faria Lima, fazem ou deixam de fazer com a vida deles. Autoproclamados representantes do povo, só posso dizer que a mim não representam. Deles nada peço. Mas sinto, cada vez com mais impaciência, a abusiva interferência de figuras desse tipo na minha vida.

Teve a greve dos lixeiros aqui no Rio. Eles alegam que passam fome com o pouco mais de Cr$ 1.500,00 que ganham. Acredito: só de aluguel estou pagando Cr$ 7 mil por mês. O ministro do Trabalho — com quem se preocupa este? porque dos industriais e comerciantes cuida o da Indústria e Comércio — declara a greve ilegal e os garis são ameaçados pelas autoridades e seus pelegos com mil punições e repressões. Retomam o trabalho à espera da resposta. Ninguém ainda sabe quando e se terão aumento. Mas a taxa do lixo já passou para 36%. E a notificação do imposto predial diz que parte deste é para a retirada de lixo da cidade. Vocês pensam que estão enganando quem?

Agora vem o ministro e futuro ministro Simonsen dizendo pelos jornais que vai tirar 5 a 10% de imposto de renda a mais do meu salário porque "todo mundo tem que pagar pela calamidade". qualé ministro? Eu acho que antes tem muito escritório caro, muita construção suntuosa, muito telefone, telefonema, telex, carro com motorista, ar condicionado, mansões na beira do lago Paranoá, viagens ao exterior, jatinhos praqui e prala e os inumeráveis e inomináveis etc que podem ser cortados se estão numa de fazer dinheiro para os desabrigados das enchentes.

Pensando um pouco, acho tão estranho essa súbita preocupação com as vítimas das enchentes. Porque gente com fome, sem casa, é coisa que não precisa de cheia ou de seca para abundar por esse país afora. Querem ver? É só sairem de suas limusines, dos palácios, das salas de espera vips dos aeroportos. E não adianta vir com a conversa de que todo mundo vai pagar que eu sei muito bem das jogadas que a legislação do imposto de renda prevê para quem não é assalariado ou pode apelar para compra de ações e outros descontos. Vamos tirando a mão do meu bolso! **(Júlio César Monteiro, Rio de Janeiro, RJ)**

ESTE JORNAL É MUNDO CÃO DEMAIS PRO GOSTO DELA

Já escrevi duas cartas elogiando este jornal, mas hoje o assunto é de crítica. Excetuando algumas páginas, raríssimas por sinal, o resto é só *"mundo cão"*.

Eu não assino jornal para lêr crimes, assaltos etc. Isto, estou cansada de saber e se quiser saber vou procurar *Notícias Populares*, o qual detesto. Não é jornal para o meu nível de conscientização. Sinceramente, este número é para deprimir e não para informar. Inclusive, rasguei umas páginas, que foram para o lixo.

Estou tendo a impressão de que o REPÓRTER está perdendo os seus objetivos.

Para quem lê *Em Tempo*, *Movimento*, *Coojornal* e o REPÓRTER de antes, recebe um número como este, naquela expectativa de todo mês, fica decepcionada.

Peço em nome de todas as pessoas esclarecidas e conscientes do seu papel na História, como ser humano, que melhorem, por favor, as reportagens. Será que já esgotaram os assuntos? Por que não fazer uma matéria sobre a CNAE (Campanha Nacional de Alimentação Escolar), Reforma de Ensino, Drogas etc?

Analise a minha crítica, pois minha intenção é que ela seja construtiva. Para quem abre um jornal com Anistia e chega ao número 14 desse jeito, é muito contraste.

Apelo ao bom sentimento, intelectualidade e conscientização de todo o pessoal, no meu direito de assinante, que melhorem o nível do jornal. *(Temis D. F. Monteiro, Rio de Janeiro, RJ)*

Presos políticos estão na pior

Como é do conhecimento de todos, os signatários deste documento foram presos em total desrespeito às próprias leis ditatoriais. Seqüestrados, à força foram conduzidos às câmaras de tortura dos órgãos policiais militares. E nos vários anos de cárcere, de uma forma ou de outra, sempre estiveram submetidos ao arbítrio e à prepotência.

Neste momento, quando amplos setores da sociedade brasileira se manifestam contra o atual regime e levantam a voz em defesa da Anistia Ampla, Geral e Irrestrita, nós, presos políticos de São Paulo, queremos, resumidamente, denunciar alguns fatos que nos tem atingido mais diretamente.

1. O nosso companheiro Pinheiro Salles, preso há mais de oito anos, foi arbitrariamente punido sob o pretexto de haver trocado palavras ásperas com um sargento da guarda do presídio. Sem ao menos ouvir o companheiro e outras pessoas que presenciaram o fato, o diretor decidiu puni-lo, recolhendo-o a uma cela por três dias consecutivos e suspendendo as visitas. Ainda uma pena adicional lhe foi aplicada, deixando-o sem café da manhã e almoço, num sábado. Diante de nossos protestos, a direção do presídio determinou que fosse servido o jantar ao companheiro.

Outro fato inusitado veio a ocorrer: para nosso espanto e indignação tomamos conhecimento de que visitantes do sexo masculino eram forçados a se desnudar diante da guarda para entrarem no presídio. Esta forma vexatória de "revista" nunca antes tinha ocorrido nos quatro anos de existência deste presídio.

2. Além dessas questões surgidas mais recentemente, enfrentamos certos problemas crônicos em nossa vida carcerária. Um deles se refere à obscurantista censura a livros e correspondência existente no presídio por força de determinação dos juízes auditores, que contraria a própria Constituição do país. Vivemos uma situação absurda na qual livros já passados pela rígida censura oficial e vendidos normalmente em todo o país são para nós proibidos. Essas medidas representam uma pena complementar, pois dificultam nosso desenvolvimento intelectual a nos privam de corresponder-nos livremente com nossos parentes e amigos.

Quanto às condições carcerárias a que estamos submetidos, muito ficam a desejar. A estrutura do presídio, com celas coletivas, não oferece a privacidade indispensável a quem está cumprindo longas penas, criando obstáculos ao estudo e impedindo a visita conjugal. Também é de se mencionar a precária assistência odontológica que ultimamente não vem satisfazendo às nossas mínimas necessidades apesar das repetidas promessas da Direção do presídio.

3. Denunciamos publicamente a situação em que se encontra o companheiro Gregório Mendonça, privado de contato com seus familiares. Sendo gaúcho, de família pobre que não tem condições para realizar visitas sistemáticas a São Paulo, há seis anos solicita a transferência para o Rio Grande do Sul. No entanto, a Justiça Militar lhe tem negado a transferência sob as mais diversas alegações.

Outro fato que denunciamos foi a recente negativa de concessão da liberdade condicional ao companheiro Aldo Silva Arantes, sob o pretexto de que seu processo não havia "transitado em julgado", quando no mesmo processo e na mesma Auditoria outros companheiros já conseguiram a liberdade condicional. Na realidade, o companheiro já cumpriu todos os requisitos necessários à obtenção desse direito e o despacho do juiz só pode ser entendido como mais uma perseguição aos presos políticos.

4. Queremos também juntar a nossa voz à daqueles que vêm denunciando o caráter draconiano da nova Lei de Segurança Nacional. A redução das penas não deve ofuscar o fato de que seu objetivo básico é atingir setores mais amplos da sociedade brasileira, particularmente as orgapizações populares. Sem alterar em nada o caráter autoritário da antiga LSN, a nova, inclusive, radicaliza em alguns aspectos, como o enquadramento de menores, mais rigor com a imprensa, etc. Ela surge com o claro propósito de ser um instrumento mais ágil e eficaz na tentativa de conter o emergente movimento de massas.

Aldo Silva Arantes, Antônio André Camargo Guerra, Antônio Pinheiro Salles, Ariston Oliveira Lucena, Aton Fon Filho, Francisco Gomes da Silva, Gregório Mendonça, Haroldo Borges Rodrigues Lima, José Carlos Giannini, Manoel Cyrillo de Oliveira Netto e Ricardo Zarattini)

Hélio Leonardo de Miranda, motorista profissional, admitido a 23.07.76 e demitido a 01.08.78, injustamente. Alegam os patrões justa causa, porém, ainda não há forma fundamentada, o que existiu, foi que não parei na fiscalização em Magalhães Bastos no dia 31.07.78, e quando chamado para esclarecer a razão de tal procedimento, a declaração por mim prestada foi justificada, recebendo em seguida autorização por escrito para retornar ao trabalho, na mesma data em que se deu a mecânica do evento. No processo em tramitação na Justiça, a defesa contesta a reclamação formulada, alegando que quando chamado para esclarecer o motivo pelo qual não parei, respondi que assim procedi porque os patrões eram desonestos e exploradores.

Eis aí uma versão cheia de hipocrisia, que se choca contra a verdade. Tais palavras, desonestos e exploradores, nem sequer passaram pela minha imaginação. Todavia, uma vez que tal assunto foi abordado como argumento de defesa, tentando prejudicar a petição formulada pelos direitos trabalhistas, em boa oportunidade venho expor e afirmar uma série de abusos desencadeados pelos patrões desta firma (Viação Campo Grande) contra seus funcionários, inclusive o lesamento do Fisco, INPS, etc.

A diretoria desta empresa é composta por quatro figurões: Reynaldo Rodrigues de Sá, diretor-presidente; Manoel de Oliveira, diretor de tráfego; Manuel da Veiga Tiago, diretor-tesoureiro; e mais o chefe do departamento de pessoal, especialista em altas manobras de apropriar-se de direitos trabalhistas de empregados, dizendo que são ordens da magnífica diretoria.

Estes são os responsáveis pelos delitos praticados: vales frios, sobrecargas de trabalho, pagamentos errados constantemente, féria de motoristas, cobradores e rodomoças sem a integração legal das horas extras e os adicionais noturnos de que trata o Decreto Lei 1535 de 13/04/77, artigo 142, inciso 5º, pagamento de ajuda de uniforme irregular, contrariando as decisões tomadas pelo Tribunal Regional do Trabalho, no dissídio coletivo 101/78, em vigor a 2 de junho de 1978. Diferença de salário retida, pagamento de férias no salário anterior, pagamento de assalto pelas próprias vítimas, as horas extras que excedem doze semanais, todas sonegadas ao INPS.

Quem lesa a Fazenda Nacional está se comprometendo com a Segurança Nacional.

Assim é que não tem cabimento que continue existindo a desonestidade e a exploração pelos patrões desta firma, e seu superinteligente chefe do departamento pessoal, Artur, especialista em altas manobras de apropriação indébita. Considero que a minha situação de trabalhador explorado em meus direitos não é um problema individual, mas sim uma questão quase de toda classe. Sou casado, pai de seis filhos menores e todos dependem de mim. A minha preocupação é: moradia melhor, alimentação e manter os estudos dos meus filhos para que vivamos um outro clima diferente do atual. A minha esposa e meus filhos vivem sem descanso preocupados que as minhas declarações aos jornais venham a afetar a estrutura econômica destes irresponsáveis e que, por ventura, venha a acontecer qualquer ato que implique com a minha segurança pessoal.

Nesta redação fica esclarecido que os mandatários da Viação Campo Grande S/A estão me privando do meu mercado de trabalho, dando péssimas informações da minha pessoa, onde chego para pedir serviço, prejudicando não só a mim, como a minha família.

Cabe esclarecer que a Constituição da República Federativa do Brasil, pela emenda Constitucional nº 1, de 17 de outubro de 1969, artigo 86, diz: "toda pessoa, natural ou jurídica, é responsável pela Segurança Nacional, nos limites definidos em Lei". Por que violaram os meus direitos? Tais direitos foram subtraídos com egoísmo, demagogia e uma ganância tão esmagadora que burlaram o artigo 146 do Decreto Lei 1535 de 13/04/77, que diz: no caso da cessação do contrato de trabalho, qualquer que seja a sua causa, será devida ao empregado a remuneração simples ou em dobro conforme o caso, correspondente ao período de férias cujo direito tenha adquirido.

Na hora de ser despedido, não foi falta de que eu não tivesse reclamado por este artigo, mas não me atenderam devidamente.

Por isso tudo, estou solicitando das autoridades maior atenção no meu caso, que se encontra em tramitação na Justiça, e minuciosa fiscalização por parte dos órgãos competentes, pois esta situação é geral e muito grave. Na Viação Campo Grande S/A, quando o cobrador é surpreendido com algumas roletadas a mais, é levado à delegacia de polícia, como ladrão. A punição aplicada pela diretoria é demissão por justa causa. Quem seria o ladrão? O cobrador que dera roletadas? Seria aquele que fizera vales na féria? Seria aquele que usara o intelecto através da contabilidade da firma para subtrair parcelas de cada funcionário, lesando o fisco e o INPS? Usando a liberdade de opinião e expressão, me resta dizer que só uma rigorosíssima Comissão de Inquérito determinaria e localizaria o "procurado". Na época em que fui despedido, o FGTS não conferia com o INPS. A prova aqui está: o extrato de contas do FGTS não confronta com a soma do INPS discriminado nos contra-cheques de pagamentos. O cérebro eletrônico da Viação Campo Grande S/A é fictício, é uma máquina chamada máfia, é coisa fantástica, é muito fabulosa, é invisível, ninguém pode ver nem localiza. Ela, em seu autêntico trabalho, multiplica, divide, soma e subtrai eletronicamente dos seus empregados.

Pimenta mostra o que é desenvolvimento

"A cidade de Pimenta, localizada a 226 quilômetros de Belo Horizonte e a 40 de Formiga, tem como palco uma das maiores barbaridades cometidas pelo ser humano.

Existe uma parte desta pequena cidade denominada Vila dos Pobres. Pelo nome já se deduz as condições das pessoas que lá habitam. Pois bem, dentre as famílias existe uma da qual, além da miséria reinante, sobressai a total falta de amparo no que concerne à saúde. Tiveram a infelicidade de nascerem excepcionais e deformados fisicamente. A mãe, só no mundo, com seis crianças em formação, todos aleijados dos membros inferiores. Uma filha, já adulta, está em idênticas condições.

O mais espantoso, que faz cair por terra todo nosso otimismo quanto ao decantado desenvolvimento deste país, é a situação que uma dita congregação local, munida de todos os poderes, impingiu a esta família mais do que sofrida, construindo uma cela nos fundos do casebre para prender um jovem de 22 anos, com mentalidade de uma criança de dois anos. Privado de tratamento especializado, este jovem vive gritando alucinadamente, como se estivesse pedindo socorro aos ouvidos insensíveis de uma população.

Faço esta denúncia com toda veemência, pois esta é uma parte da sociedade desprovida de recursos, oprimida, sem forças para gritar. Nós, que temos alguma reserva, não podemos nos omitir, deixar passar em branco as atrocidades desta espécie, quando tanto se fala em abertura. Vamos abrir abrir as celas. (José Brandão Maia, Brasília, DF)

Vocês já sabem que o serviço do nosso Correio Nacional é "perfeito". E de tão perfeito eles esquecem de entregar as correspondências. Vejam vocês que a edição especial lançada em dezembro ainda não chegou até aqui e as edições normais chegam com muito atraso (quase um mês)". (Carlos Iberê Gervásio de Freitas, Caçapava do Sul, RS)

• Esta carta é apenas uma que ilustra as várias reclamações que nos têm chegado em relação aos péssimos serviços da Empresa de Correios e Telégrafos.

Projeto de emancipação é uma ameaça ao índio

"Sabemos que o Projeto de Emancipação do Índio rompe com o compromisso assumido pelo Estado que aprovou o Estatuto do Índio garantindo proteção às comunidades indígenas e à sua cultura, e o domínio da terra, que é condição primordial para sua existência. Portanto, este projeto é uma ameaça ao índio enquanto grupo cultural distinto. A partir da regulamentação da emancipação, fatalmente, suas terras seriam fragmentadas, vendidas, negociadas — e as tribos desmembradas, sem terra, sem nada.

Hoje, este projeto está parado e o Ministério do Interior reavalia a oportunidade de mantê-lo. Entendemos que o mesmo foi sustado devido à ampla mobilização da sociedade.

Assim, a Comissão Pró-Índio surgiu contra o projeto de emancipação, mas não se esgota nele, na medida em que, somente através da nossa mobilização permanente, poderemos evitar novas propostas que venham a prejudicar essas comunidades.

A Comissão Pró-Índio (RJ) tem como objetivos contribuir para uma nova consciência pública de respeito às minorias étnicas e sociais; apoiar os povos indígenas nas reivindicações para recuperar e garantir a inviolabilidade de suas terras, sua posse permanente, o usufruto exclusivo das riquezas naturais e de todas as utilidades nelas existentes (conforme o art. 198 da Constituição Federal em vigor), assim como o direito aos produtos de seus trabalhos e à sobrevivência física condigna; reconhecer, respeitar e apoiar sua autonomia cultural e o direito à autodeterminação e livre organização dos povos indígenas". (Comissão Pró-Índio, Rio de Janeiro)

LEITORES

Comitê não gostou mas está solidário

Vimos, por meio desta, protestar contras os termos sensacionalistas em que foi apresentada a reportagem "Lésbicas Metem o Pau na Repressão", publicada no nº 14 do jornal **REPORTER**, de fevereiro de 1979, páginas 9 a 15.

Um dos aspectos mais significativos da reportagem diz respeito ao condicionamento social que norteia a abordagem do homossexualismo feminino: a própria repórter e as mulheres entrevistadas abordam o lesbianismo de uma forma nitidamente tributária da ideologia masculina.

Percebemos na reportagem, baseada em coleta de entrevistas, uma repetição, dentro da relação homossexual, da mesma divisão de papéis, vigente em nossa sociedade, que confere ao homem a função de "ativo" e à mulher a de "passiva". Em razão desta rígida divisão dos papéis sexuais, as próprias homossexuais entrevistadas se auto-referem, de uma forma preconceituosa, como "fancha/mina", extensão, ao nível da linguagem, de um comportamento sexual pautado pelos esquemas inpostos pela sociedade masculina. Perguntamo-nos se a própria **seleção** dos depoimentos não foi preconceituosa...

É indiscutível a importância de recolher depoimentos de mulheres homossexuais a respeito de suas próprias experiências; é inegável a necessidade que elas comuniquem a satisfação encontrada na aquisição progressiva de seus corpos e sexualidade; que elas valorizem as qualidades e as exigências de cada mulher num processo de busca da identidade.

No entanto, na situação atual de opressão em que se encontra a mulher brasileira isto não é suficiente, sob o risco de se cair na mistificação de uma felicidade que é, freqüentemente, fragmentária e cujo preço é muito alto para que se possa abordá-la como uma conquista definitiva.

Uma mulher homossexual tem medo de ser "reconhecida" e a violência da marginalização que ela sofre expressa-se na forma como ela é apresentada: o lesbianismo é a chave — a única chave — para interpretar sua personalidade. Todos os seus atos, suas expressões intelectuais ou emotivas aparecem como sintomas de "comportamento desviante". Seja uma abordagem moralista e de desprezo, seja quando o enfoque é "aberto" e "liberal", as demais dimensões reais de sua personalidade aparecem minimizadas, tornando-se a opção de comportamento sexual o único elemento de definição da mulher.

É preciso que todas as mulheres e, em primeiro lugar, as feministas, percebam que a experiência homossexual contém um imenso potencial de liberação e que o homossexualismo deve ser reconhecido como componente de personalidade de **todas** as mulheres. Sem isto, jamais construiremos uma identidade própria, liberta dos padrões masculinos que, tomando a si próprios como única referência válida, sempre nos dividiram, segundo o critério sexual, em casadas, prostitutas, "solteironas", velhas, homossexuais, mães solteiras, seduzidas, abandonadas, traídas, etc.

Somente quando nós, mulheres, assumimos plenamente o direito a nosso corpo e ao livre exercício de nossa sexualidade poderemos contestar as leis que regem o direito ao amor, ao prazer, à ternura.

E, enquanto feministas, gostaríamos de atestar nossa surpresa e indignação pelas declarações da deputada Heloneida Studart que, embora se diga feminista, "não acredita em preferência homossexual e acha que o lesbianismo é uma neurose", conforme citado na página 10.

Certas de que o jornal **REPORTER** não se furtará ao dever de iniciar um debate sério sobre a questão da sexualidade feminina, da qual o lesbianismo é somente um aspecto, subscrevemo-nos, enquanto membros do **Comitê Brasileiro pela Livre Apropriação do Corpo.**

P.S. Ao terminar esta carta, fomos informadas da apreensão da edição número 14 do jornal *REPORTER*, onde foi publicada a reportagem que é alvo de nossos comentários. Motivo dado pelas autoridades: ofensa à moral e aos bons costumes, segundo o artigo 17 da Lei de Imprensa.

Achamos então importante manifestar nossa solidariedade aos responsáveis pelo jornal visto que, apesar de nossas discordâncias, parece-nos importante que o tema do lesbianismo tenha sido abordado. Mais ainda, que a liberdade de imprensa seja garantida para que o nosso, e outros enfoques da mesma questão, possam ser publicados.

CORREIO HOMOSSEXUAL

Botamos por dentro e surpreendemos

"A reportagem sobre Lesbianismo é que me fez adquirir rapidamente o exemplar de fevereiro do **REPORTER**. Imaginei que, ao abrir o mesmo, eu iria me deparar com no máximo 30 linhas falando muito sobre o assunto, não conseguindo transmitir nada, ou então deixar as pessoas mais por fora do que se encontram. O que mais me surpreendeu é que não eram apenas as 30 linhas que eu imaginava e sim nove páginas do jornal. Senteime para ler e estou relendo agora pela quinta vez. Nunca havia lido uma reportagem onde o assunto é Lesbianismo, ser tão humana, tão pura e tão realista. Penso que já era tempo de ser dado o primeiro passo no debate sobre o assunto e somente um jornal como o **REPORTER** seria capaz de romper esta barreira.

Foi bom tomar o conhecimento de que existem pessoas adultas e amadurecidas, que têm seu próprio jeito de pensar e eleva isso.

A reportagem é espetacular e tenho certeza que ela mudará alguma coisa nas pessoas que dela tomarem conhecimento. É preciso que as pessoas entendam que, em alguns casos, um amor homossexual é bem mais humano, consciente e desinteressado do que o amor entre duas pessoas de sexo diferente.

No mundo de hoje, as pessoas procuram uma outra pessoa que lhes complete que lhes dê tudo o que no mundo está sendo destruído, como respeito, compreensão, o querer bem ao seu semelhante. E é preciso que aí haja conscientização dos seres humanos de que uma homossexual não é homossexual porque escolheu ser, como se escolhe a cor de um carro ou o feitio de um vestido.

Não se pode acusar uma lésbica e nem marginalizá-la apenas porque o que ela faz e o que a difere das outras é que ela ama outra mulher! Creio que não só eu, mas também muitas outras homossexuais, gostariam de agradecer pelo apoio corajoso e carinhoso com que **REPORTER** e Iara Reis nos deram em apresentar ao povo essa reportagem tão humana e realista.

Deixo meu terno elogio e não me identifico porque tenho apenas 20 anos, moro com meus pais e não posso contar com a compreensão deles e da família". **(Bárbara D.N., Rio de Janeiro, RJ)**

Parabéns pelo ótimo número de *REPÓRTER* Nº 14. Sem dúvida, *REPÓRTER* é sensacional, verdadeiro e acima de tudo autêntico; por isso é que gosto dele, apesar de ser um pouco caro para meu [illegible]

Magnífica a reportagem (e fotos) de Iara Reis. Eu acho que cada um vive como quer e faz o que quer, desde o momento que não se meta na vida alheia. As pessoas que censuram ou metem o pau nos homossexuais são mais imorais ou decadentes do que eles julgam os outros. Eu gostaria que aqui fosse igual na Inglaterra, com relação a este ponto. Eu, por exemplo, não posso botar um anúncio: "entendida, passiva, culta, bonita, inteligente (íssima), meiga, profissional etc. procura entendida *ativa*"... etc, etc. — quer dizer a única coisa que me falta para ser feliz, seria encontrar uma pessoa mais ou menos conforme falo acima. Entendem minha situação? Não há um meio de vocês colocarem um anúncio; digo, criarem um clubezinho discreto ou um ponto de encontro melhor para "entendidos"? O Pizzaiolo é muito caro para eu freqüentar. E não é também um lugarzinho somente para este fim. Deveria haver realmente um clubezinho. (*Ana Soares, Rio de Janeiro, RJ*)

Atenção machões: leiam isso!

Sinceramente, fiquei impressionada com a coragem desse jornal em abordar temas tão discutidos atualmente, porém tão discriminados.

Fala-se que dignidade é igual à virgindade: quando se perde não se encontra mais. Porém, coragem é coisa muito falada, mas poucos fazem uso dela.

Gostei da honestidade de vocês e isto me anima a dizer tantas coisas que sinto pelos homossexuais, que só tinha oportunidade de falar para um número reduzido de pessoas.

Falo para as mães envergonhadas, aquelas que têm filhos homossexuais, que escondem ou fingem não entender, ou pior, agridem-nos moralmente. Olhem, um filho, por pior que ele seja, é um pedacinho de nós, saiu de nossa carne, nosso sangue. Então, nós mães temos que compreender nossos filhos, para que eles não sejam revoltados, psicopatas, pois a maioria dos jovens homossexuais são revoltados com o problema familiar.

Agora, uma palavrinha para os "machões". Não para o homem educado moralmente, mas para aqueles que, dentro de sua ignorância, se rotulam de machos e dizem que não suportam bichas e têm horror às lésbicas. Escutem, meus amigos, vocês, por favor, deixem de lado essa fachada e parem para dialogar com um homossexual, procurem entendê-lo, vejam e sintam quanto amor existe dentro dele. Não precisam ir para cama com ele para ver como ele age, queira-o apenas como amigo.

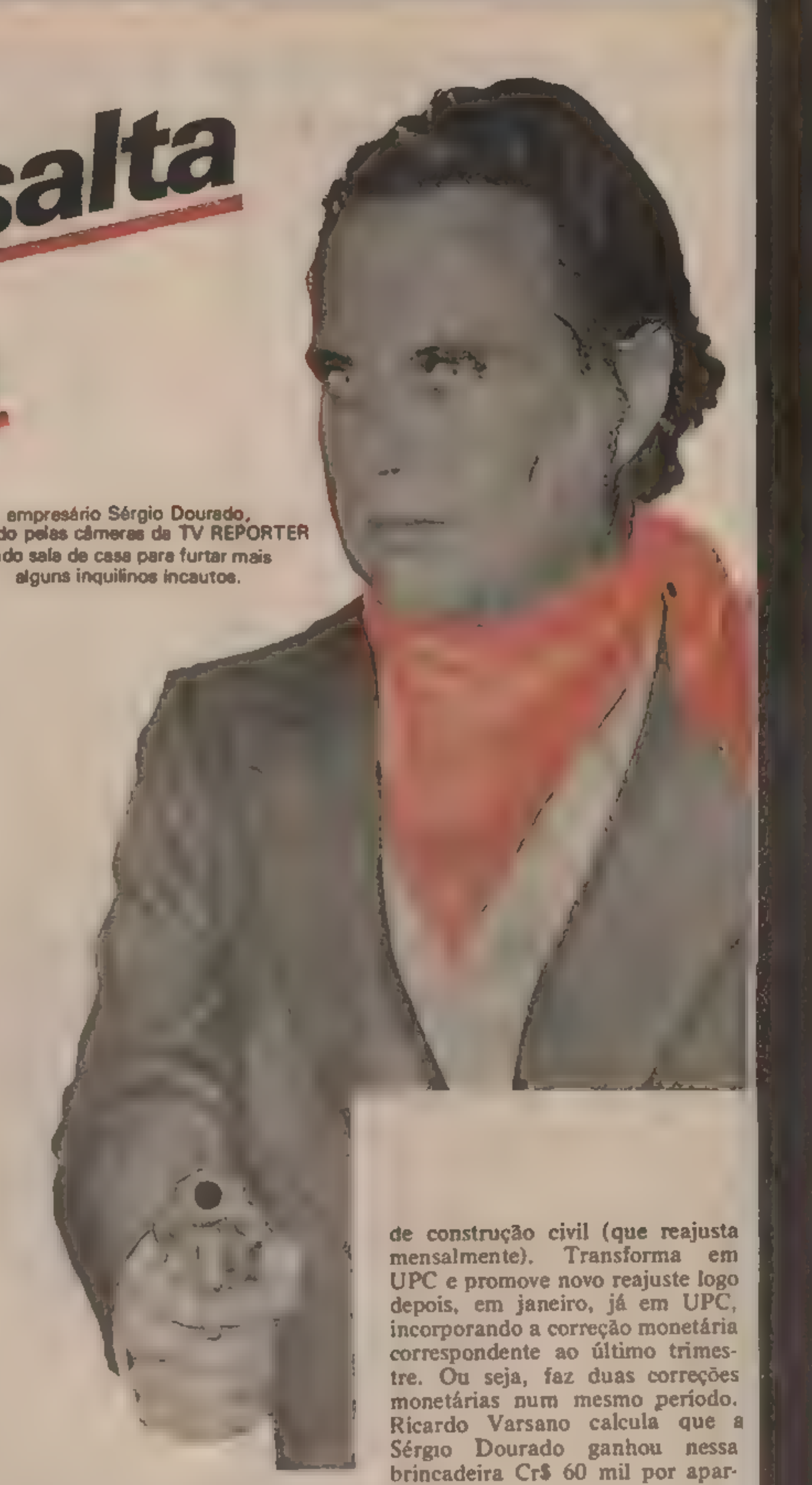
Tenho ouvido de muitas pessoas frases que envaidecem qualquer um: — "Maria você é uma mulher maravilhosa. Você ajuda todo mundo!". "Na sua casa a gente se sente tão bem! Você tem sempre uma resposta para qualquer pergunta", e, por aí afora...

Acho que me prolonguei muito numa simples carta de congratulações ao seu jornal, mas sou assim mesmo, quando um assunto me apaixona eu gosto de explorá-lo. Portanto se os leitores desse jornal acharem que tenho razão e quiserem que continue a escrever sobre esse tema, podem contar comigo pois os homossexuais terão em mim uma amiga e uma defensora.

Se quiserem se comunicar comigo escrevam para:

Maria H. Santos, Rua Marquês de Caxias, 23: Restaurante e Bar Pontual 24000 — Niteroi, RJ.

Sérgio Dourado assalta à luz do dia



O empresário Sérgio Dourado, surpreendido pelas câmeras da TV REPORTER quando saía de casa para furtar mais alguns inquilinos incautos.

A especulação imobiliária não se resume apenas na modificação da paisagem das cidades, com a construção de espigões. Por trás disso, existe a ganância dos especuladores, que através dos golpes mais sujos, colocam o incauto comprador de uma casa ou apartamento numa situação em que fica completamente impossibilitado de continuar pagando o imóvel. A solução que resta ao comprador, chamado de **enforcado** pelos próprios corretores, é devolver o apartamento para a imobiliária e receber a metade do que já pagou.

Entre esses especuladores está Sérgio Dourado, cuja firma é a responsável pelas vendas do suntuoso **Riviera dei Fiore**, em São Conrado (RJ), sobre o qual o economista Ricardo Varsano, do Instituto de Economistas do Rio de Janeiro (IERJ) desenvolveu um trabalho para provar que a Sérgio Dourado pratica aquilo que na linguagem das delegacias é conhecido por roubo. O trabalho completo de Varsano será publicado no próximo número do **Boletim do IERJ**.

É claro que o caso do **Riviera de Fiore** não é único. É usado pela maioria das imobiliárias que começam "esquecendo" de avisar aos compradores que no preço do apartamento não estão incluídos os custos com as ligações de água, luz, esgoto e até com a decoração da portaria. No **Riviera**, na hora da entrega das chaves cada um dos compradores morreu em mais de 63 mil cruzeiros por essas obras, o que rendeu à Sérgio Dourado a importância de Cr$ 75 milhões extras pelo conjunto de 1200 apartamentos.

As imobiliárias também se "esquecem" de avisar que ao baixo (?) preço das prestações "fixas" devem ser acrescidos os juros. Essa observação consta, é verdade, em alguns prospectos, mas no pé da página, em letra convenientemente pequena e falando de uma tal Tabela Price (calcula o valor dos juros) que nenhum comprador está obrigado a conhecer e, muito menos, saber manejar. No caso do **Riviera dei Fiore**, a mensalidade era de 4 mil 674 cruzeiros. Mas com os juros ia a 6 mil 238 cruzeiros. Muita gente que comprou pensando em só pagar 4 mil e pouco, **dançou** quando viu a prestação real.

Pior ainda é a confusão que as imobiliárias fazem com a tal da correção monetária. Hoje em dia, existem diversos índices para medir correção monetária e cada um dá um resultado diferente. Então, as imobiliárias usam o que mais lhes convêm a cada momento. Existe o índice de preço da construção civil (que mostra como sobem os preços do material de construção), as ORTN (Obrigações Reajustáveis do Tesouro Nacional, um título do próprio governo, cujo valor é reajustado trimestralmente). a UPC (Unidade Padrão de Capital, um dinheiro de fantasia criado pelo Banco Nacional da Habitação para reajustar as prestações da casa própria, de acordo com a inflação)

Pois a sacanagem mesmo começa aí. No pé de página de um prospecto, em letras sempre pequenas, está escrito que a parte variável da dívida será reajustada conforme esses índices, tendo como ponto de partida o índice do mês de fevereiro. Quem compra um apartamento em maio, vê lá os preços de fevereiro (os tais 4 mil 674 cruzeiros, por exemplo) e ninguém lhe explica que em maio a prestação já é de 7 mil 333 cruzeiros. Tudo isso, o nosso amigo só vai saber mesmo depois de assinar os contratos e começar a pagar. Mas aí, Inês é morta...

Os contratos, por sua vez, dão à imobiliária a liberdade de entregar o apartamento quando bem entenderem, mesmo que ainda não tenham o competente "habite-se" Como tem essa liberdade, a Sérgio Dourado fez o seguinte na **Riviera dei Fiore**: em dezembro de 1978, entregou os apartamentos que deveriam estar prontos em janeiro de 1979. Acontece que os apartamentos estavam impraticáveis para morar, obrigando os proprietários a continuarem pagando os aluguéis das casas onde moravam, além de passarem a pagar as tais "parcelas das chaves" "despesas extraordinárias" e etcéteras à Sérgio Dourado.

Entregando os apartamentos em dezembro, Sérgio Dourado decidiu — ele pode fazer isso — deixar de reajustar as prestações pelo índice de construção civil e passar a usar UPCs. Por quê? Simplesmente porque o índice de construção civil vinha crescendo menos que as UPCs. Um ano antes, a situação era inversa. A UPC é reajustada de três em três meses. No caso em questão, o último reajuste foi em outubro e o próximo seria em janeiro. O correto, então, seria a Sérgio Dourado calcular a dívida até outubro pelo índice de construção civil e, então, transformá-la em UPC. Mas não! Ela calcula a dívida até dezembro, pelo índice de construção civil (que reajusta mensalmente). Transforma em UPC e promove novo reajuste logo depois, em janeiro, já em UPC, incorporando a correção monetária correspondente ao último trimestre. Ou seja, faz duas correções monetárias num mesmo período. Ricardo Varsano calcula que a Sérgio Dourado ganhou nessa brincadeira Cr$ 60 mil por apartamento.

Depois de tudo isso, não admira que o infortunado comprador procure os escritórios da imobiliária pedindo **arrego** e querendo saber se pode devolver o apartamento e ter de volta algum dinheiro.

A Sérgio Dourado não se aperta. Manda o cidadão procurar o advogado Ricardo Calfa, que já tem tudo pronto: o infortunado comprador assina uma carta que já está até pronta, faltando só preencher os espaços em branco, aceitando devolver o apartamento e recebendo em troca a metade do que já pagou. Só que a primeira parcela será paga seis meses depois de assinada a carta e o restante em 12 suaves prestações mensais, sem juros nem correção monetária

Agora, é a Sérgio Dourado quem está pagando. Segurando seu enforcado pela ponta da corda para que ele não reclame UPCs e ORTNs.

REPORTER

SEM DEPENDÊNCIAS DE EMPREGADA

REPORTER

Maio de 1979 - ano II - número 17 - Cr$15

AUTÔNOMO INDEPENDENTE

Exportar erva maldita é grande negócio

MACONHA NO PACOTE CONTRA A INFLAÇÃO

P.6

Estados Unidos consomem 60 milhões de dólares por dia

Federal procura droga na usina atômica

Hospital do governo maltrata doentes

Raio doidão persegue sargento

P.18

Tá bom, o governo quer acabar com os pequenos jornais — pelo menos é o que se ficou sabendo agora em abril, quando "O Estado de SP" publicou um relatório de setembro de 1978 onde o Centro de Informações do Exército (CIEx) dá umas dicas de como destruir a gente. O documento é do ano passado mas parece, também, que este governo é continuação do outro e nada garante — o próprio governo não garantiu ainda — que as sugestões do Ciex não serão usadas. Algumas já estão até sendo usadas, como a tática de vasculhar nossos livros fiscais até encontrar uma cagadinha. No ano passado, em julho (antes portanto desse relatório), incursos na Lei de Segurança Nacional fomos interrogados por um delegado da Receita Federal que quis saber todos os detalhes de nossa situação econômica. Outra artimanha, já usada é a de não anunciar em nossos jornais (sabe-se que 60% das verbas de propaganda são do governo e que anunciantes resistem em utilizar veículos que o governo não adota). Já está sendo usada a tática de seqüestrar nossos jornais, processar jornalistas — só falta usar o conselho do Ciex (naturalmente inspirado nos anos negros dos Estados Unidos) de proibir de trabalhar jornalistas processados. Quer dizer, condenados antes da condenação. Por todos esses fatos se nota que é muito fácil acabar com os pequenos jornais. Difícil é acabar com os grandes sonegadores, os grandes corruptos, os que vendem o país, os que exploram a mansidão do povo, os que matam e compram sua liberdade. São eles que fazem crescer a inflação, a insegurança e a descrença. Não somos nós. E se o governo quiser acabar com eles, estaremos a seu lado. Não é a nós que o governo precisa temer. Governo sábio é o que teme o julgamento de seus governados, pois a maioria da população do Brasil não é aquela que nos lê; é a que passa fome, mora como pode e vive de dívidas.

Foto de Wagner Avancini — agência Central

Metalúrgicos do ABC Paulista prometem nova greve em maio. Na foto, a de março

Volkswagen nega repressão e garante que dá os maiores benefícios a funcionários

Nazismo na Volks é desmentido pelo JB

A Volkswagen respondeu às denúncias de nossa último número ("Nazismo na Volks") mas sem se dirigir a nós. Publicou sua resposta na edição de 15 de abril do Jornal do Brasil (dez dias depois que chegamos às bancas). Mais que uma matéria, o JB deu um "press-release" (boletim de divulgação) preparado pelo departamento de Relações Industriais da multinacional, ocupando, com ele, quase metade de sua página 18, além de chamar atenção para a matéria na primeira página. Imitando a maior fábrica do país, o JB não faz nenhuma menção à nossa reportagem, da qual, sem dúvida, dá uma "suite".. Vai mais além o jornal: ao lado das justificativas da Volks dá um pequeno "box" (veja colagem) onde os dirigentes sindicais de São Bernardo confirmam as denúncias que fizeram a nós e as confirmam a um dirigente da Federação dos Metalúrgicos da Alemanha. A razão de relegar a segundo plano o diálogo entre operários de dois países, recheado de graves acusações, é uma incógnita. Cabe aos leitores inteligentes decifrá-la.

REPORTER

REPORTERES/EDITORES — Alex Solnik (São Paulo), Chico Júnior, Luiz Alberto Bettencourt, Pipsi (Arte)

REPORTAGEM — **Rio de Janeiro:** Tim Lopes, Marcos Dantas, Clarice Niskier, Vera Lúcia Dias, Iara Reis, Ênio de Paula Oliveira, Jota Paulo. **São Paulo:** João de Barros, Rivaldo Chinem, Iracema Silva, Valmir Salaro, Antônio Fava.

FOTOGRAFIA — **Rio de Janeiro:** Chiquito Chaves, Custódio Coimbra, Américo Vermelho. **São Paulo:** João Bittar, Luz Bittar, Wagner Avancini, Amâncio Chiodi, Hélio Campos Mello, Eliana Pastore, Camila Butcher, Jesus Carlos.

CORRESPONDENTES — Paulo D'Alcantara (Paris) e Cristina Duarte (Milão) **PROMOÇÃO, PUBLICIDADE, CIRCULAÇÃO,** etc — José Antônio Nonato Duque Estrada de Barros **ILUSTRAÇÃO** — Maurício Veneza, Guidacci, Jota, Angeli, Jaime Leão..

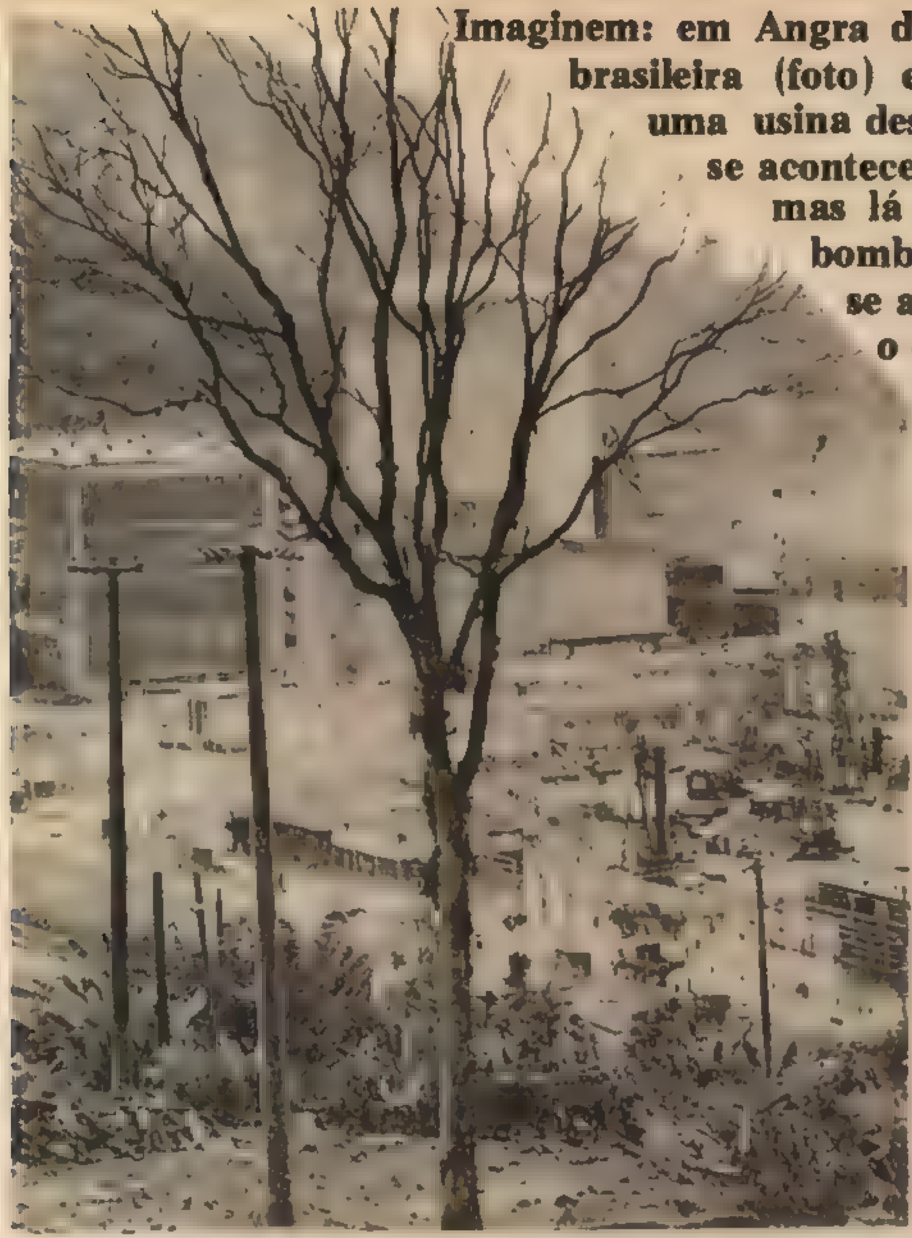
ARTE — Analuce Estrella, Maurício Veneza

DEPARTAMENTO JURÍDICO — Modesto da Silveira, Luís Celso Araujo e Luiz Eduardo Grenhalg

REPORTER Autônomo Independente — Uma publicação da Margem Editoria e Programação Gráfica Ltda. Rua Miguel Couto, 134/11° andar, Rio de Janeiro. Telefone: 253-5038. **São Paulo:** Rua Santa Isabel, 33/grupo 804. Telefone: 222-3103.

Distribuição — Fernando Chinaglia S.A. Rua Teodoro da Silva, 907, Rio de Janeiro

Composição e Impressão — Editora Mory Ltda. Rua do Resende, 65, Rio de Janeiro. Telefone: 263-7002.



Imaginem: em Angra dos Reis, cidade da primeira usina atômica brasileira (foto) está todo mundo por fora sobre os perigos de uma usina dessas. E ninguém tem a mínima idéia do que fazer se acontecer um acidente (notem que a usina ainda não funciona mas lá já tem material radioativo). Nem a polícia, nem os bombeiros estão informados de nada. Um policial diz que, se acontecer alguma coisa, vai ser o primeiro a correr; o chefe da Polícia Federal confessa que usina só interessa em caso de tráfico de entorpecentes "num dos reatores"; o líder da Arena já pensou em pedir o fechamento da usina o que não fez porque é "do mesmo partido do presidente Figueiredo". Políticos, padres, comerciantes negam a existência de um plano do governo para evacuar a cidade em caso de acidente, como Furnas — responsável pela construção da usina — chegou a noticiar no mês de abril (época em que a segurança das usinas foi colocada em cheque por causa do acidente, quase fatal, de Three Miles Island, Estados Unidos). Nessa página e na seguinte, pessoas de Angra mostram seu medo; na página 5, mostramos os perigos atômicos que Angra desconhece.

ANGRA DOS REIS: EM CASO DE ACIDENTE SAI TODO MUNDO CORRENDO

Federal procura drogas no reator atômico

Reportagem de Tim Lopes. Fotos de Chiquito Chaves

O convento do Carmo, cuja construção começou no ano 1583, abriga a Região Pastoral Sul Fluminense, dirigida por Dom Vidal, responsável por 300 mil fiéis espalhados em Angra, Parati, Mangaratiba e Itaguaí. O frei Jorge Van Kampenn, holandês, há 29 anos no Brasil e há nove nesta Região Pastoral, fala devagar e diz o que pensa sobre a usina.

— Aqui não se fala nisso. O pessoal lê pouco, não conhece o alcance da radiação. A falta de informação é grande. Depois, existe o problema de ser área de segurança nacional. Isso deixa as pessoas com medo de emitir opiniões. A maioria não está vendo a dimensão do perigo. Acho que não há essa segurança toda. No futuro terá mais segurança. A usina no Japão, que é nos mesmos moldes do que a de Angra, fechou dois dias depois do acidente nos Estados Unidos. O sentimento do Brasil é de não ficar para trás. As nossas águas já estão poluídas, as matas arrancadas e agora o ar.

O tenente Rodrigues de Almeida, que lutou na guerrilha do Araguaia, chefe da divisão de segurança da Escola Naval de Angra dos Reis, desconhece qualquer plano de evacuação da área em caso de um possível acidente na central nuclear.

— Não posso dar entrevistas sem ordem superior. Agora esquece os meus galões e as minhas divisas. Vou falar como o cidadão Almeida. Aquilo lá pra vocês ficarem sabendo é um mundo à parte. Um mistério. De três em três meses aparece uns técnicos para medir radiação e vão embora como apareceram. Eu, como pessoa, sou contra a construção dessa usina. Temos tantas opções para energia, aqui mesmo em Angra, que não entendo todo esse gasto. Agora, se acontecer alguma coisa, é correr para tirar os nossos 500 alunos.

Os dois federais dão uma geral. Revistam a bolsa do repórter e do fotógrafo, enquanto outro em posição estratégica fica de olho. Dão uma tirada de cima, abaixo e depois desse exame minucioso é permitida a entrada para falar com o delegado da Polícia Federal de Angra dos Reis, Américo Bahia Galvão.

— Dr. nós queríamos saber se já chegou a seu conhecimento o plano de evacuação, em caso de uma emergência aí na usina?

— Acredito que uma obra de vulto como essa, com físicos, químicos, militares, engenheiros deva existir um plano de segurança. Agora, eu aqui não sei de nada. Não temos nada a respeito. A Polícia Federal só é solicitada para ir a Furnas quando acontece desvio de material ou tráfico de entorpecentes nos reatores.

Pelas curvas da estrada Rio-Santos se avista uma das paisagens mais bonita do Estado. Na entrada da cidade está o quartel do Corpo de Bombeiros, localizado nas instalações de um antigo matadouro.

— Não existe o mínimo de entrosamento de nós aqui com o pessoal da usina. Pra eles, a gente não existe. Acho um absurdo ficar sem um contato para se preservar, tomar cuidados especiais se, por acaso, ocorrer um acidente. Não temos conhecimento de plano nenhum para uma possível evacuação da população. E sofremos aqui um problema sério, por falta de material. Temos três carros que estão sempre enguiçados. Não temos um aparelho para medir radiação. Não temos explosímetro.. Fomos solicitados esses dias para verificar aqui perto o vazamento num posto de gasolina de um condomínio. Já estava todo mundo apavorado, tivemos que solicitar o aparelho na Petrobrás. Os nossos homens aqui são especializados, mas não suficientes.

O tenente Ronildo, subcomandante do quartel, nunca foi à usina. Na porta da sala diz que aos poucos o bombeiro vai perdendo aquele sentimento que o leva a se dedicar ao salvamento de vidas, apagar fogo e correr para onde tiver ameaças de perdas humanas. Ele leva o repórter até a garagem improvisada. Com a metade do corpo sujo de graxa enfiado dentro do motor do caminhão AT (autotanque), um soldado se esforça para consertar o carro. O tenente mostra:

— Tá vendo. Ainda dá uma de mecânico. E pergunta:

— Praça, quanto você ganha?

— 6.050 cruzeiros, com 15 anos de corporação.

— Viu, além de tudo a má remuneração. Eu não sei como vai ser se, por acaso, acontecer alguma coisa. Na refinaria de Caxias, que explodiu alguns anos, também disseram que havia total segurança. Morreu toda a guarnição de bombeiros que estava trabalhando lá dentro. Quando lembraram da gente, o pior já tinha acontecido. Tivemos sorte, já pensou entrar num terreno minado sem saber onde está pisando?

Um alemão com o crachá da construtora Norberto Odebrecht pede uma informação ao policial de plantão na moderníssima delegacia de Angra. Sobe as escadas correndo e volta quase no mesmo instante. Tinha sido despachado porque o delegado não estava. O engenheiro Gunnar Artur Herwing, há seis meses no Brasil, procura palavras para se fazer entender.

— Fui roubado no carnaval quando assistia ao desfile das escolas de samba. Fiquei sem a carteira de dinheiro e todos os documentos. Não importa. Preciso tirar outra vez.

Líder do MDB: povo não fala porque tem medo

Existe segurança na usina?

— Sim, existe. Para o tráfego de rua também não existe segurança. Morre bastante gente.

Gunnar, meio sem jeito, acaba desviando o assunto em relação à segurança e revela a sua verdadeira função.

— Sou especialista em solo e fundações. As fundações são normais. Precisamos de máquinas fortes para cavar o solo. Na falta de petróleo, temos que procurar outros meios de energia.

O engenheiro se mostra inquieto, apanhado de surpresa que foi para falar da usina. Diz que trabalhou nas centrais nucleares do seu país. Gosta do Brasil e os filhos estudam numa escola alemã na vila residencial, construída para os engenheiros alemães em Mambucaba, 4º distrito de Angra.

Quantas usinas existem na Alemanha?

— Acho que umas doze ou treze. Eu trabalhei em muitas delas. Protestos? Sempre houve em todas as partes. Na Alemanha houve muitos protestos. Há até hoje.

O alemão sai apressado. O policial de plantão escuta a conversa e diz alto, sério:

— Meu chapa, se pintar esse negócio de radiação nessa usina, sou o primeiro a correr. Não quero nem saber.

Outro policial, indignado, diz que perdeu uma casa que seria alugada por dois mil cruzeiros porque chegou um técnico de Furnas e alugou na frente, por sete mil cruzeiros, argumentando com a dona do imóvel que a firma pagaria.

O advogado Carlos Alberto, presidente da bancada do MDB de Angra é contra a construção da usina. De gestos largos, naturais, ele mostra no mapa da cidade a riqueza do município, com suas três quedas d'água com capacidade de 185 mil HP. São as quedas de Mambucaba com 100 mil HP; quedas do Bracuí, com 70 mil HP e as quedas de Ariré, com 15 mil HP.

— O pessoal não fala nada sobre a usina porque tem medo. O medo de uma possível repressão. Aqui é uma área de segurança nacional, em que o prefeito se intitula delegado da revolução e, sendo almirante, fazendo questão de dizer que é, consegue amedrontar a comunidade. Há nove anos, desde que foi indicado. O conhecimento aqui é informático e não analítico. A gente está condicionado a acreditar nisso tudo. O camarada que pensa um pouquinho tá arriscado a ficar com a cabeça no ar. A população mesmo não tem informação de nada, como 99% do povo brasileiro. E um detalhe: as coisas, quando não são explicadas, viram fantasmas. A gente não sabe de plano nenhum. Nem sei se existe essa preocupação. Acho boa a idéia de evacuação em caso de acidente, com o apoio do 1º Exército. Só que se acontecer uma anormalidade, até o Exército chegar aqui não vai sobrar ninguém para contar como foi. A distância em linha reta da praia de Itaorna ao centro de Angra é de 12 quilômetros. São 25 mil almas no centro da cidade, sem incluir o pessoal que mora nos morros e nos sertões. Tem gente que mora há 3 quilômetros da usina. Como vão resgatar esse pessoal todo se acontecer uma tragédia? Ainda por cima esta é uma das cidades mais caras do Brasil. Houve um aumento violento dos aluguéis. A carne está a 90 cruzeiros o quilo. Peixe tem, só que o povo brasileiro não come peixe. As empreiteiras, para manterem os seus técnicos, começaram a alugar hotéis, casas e apartamentos no centro da cidade. Os preços subiram exageradamente. Um quarto e sala aqui no centro custa na base de sete mil pra cima. O resultado é que os portuários, conferentes, estivadores que moraram na cidade foram obrigados a fixarem residências nos morros em volta da cidade. É uma favela de concreto armado.

Moacyr, líder da Arena

Gunnar, engenheiro alemão

Carlos Alberto não acredita em plano de evacuação

Sóstenes Lins Lira, presidente da Associação Comercial de Angra dos Reis, é gerente das Organizações Venâncio, um supermercado forte, um dos principais da cidade. Ele se mostra preocupado com a segurança da usina.

Comerciante: ninguém está informado como deveria

— Acredito que ninguém está informado como deveria. As notícias são poucas. Na próxima semana vou fazer uma proposta a Furnas para designar um técnico, um engenheiro, uma pessoa que possa dar alguns esclarecimentos sobre a segurança da usina, o que é a usina. Nós não podemos é ficar totalmente desinformados. Existe um certo receio da população, depois desse problema ocorrido na Pensilvânia. Ainda não vi interesse do governo em conscientizar o povo para se defender contra problemas dessa natureza. Os órgãos responsáveis por isso deveriam fazer palestras nas escolas. Já é tempo das crianças tomarem conhecimentos sobre essa realidade do futuro. Eu, particularmente, não tenho medo, confio na capacidade dos técnicos. Mas a população deveria ser informada para saber o que fazer em caso de acidente.

Sóstenes é ainda presidente da Loja Maçonica e do Clube de Rádio amadores de Angra dos Reis, que conta com 35 sócios.

— Nós fundamos já pensando na utilidade que teria em termos de comunicação com a central nuclear, em caso de uma emergência. Prevendo mesmo as necessidades da usina.

José Carlos Freitas, 24 anos, o presidente do grêmio do Colégio Estadual Almirante Brasil, eleito por votação direta (faz questão de dizer), é membro do grupo de jovens da igreja do Carmo e trabalha para ser vereador da cidade, pelo MDB. Acha que tinha que acabar com "esse negócio de segurança nacional, ter eleições diretas para prefeitos e presidente da República".

— Acho que aquilo que houve em **Three Miles Island** foi um alerta para o mundo todo. Acho que evacuar 40 mil pessoas não é mole, é dose. Eu botava a minha família no meu fusquinha e pé na estrada. E quem não tem como fugir, como vai ser? A gente aqui não sabe de nada. Tudo feito às escondidas. Olha, pra você ter uma idéia, na noite em que passou a carreta carregando urânio com uma caravana de carros da polícia, tudo iluminado, o pessoal pensou que fosse a procissão de São Cristóvão, nome de um bairro aqui perto. Eu ainda tenho noção do problema porque eu leio muito. Tenho em casa dois mil recortes de jornais.

Líder da Arena ia pedir ao presidente o fim da usina

Na sala dos professores do colégio, nenhum deles quer falar sobre as conseqüências de uma possível falha na central. Com risadinhas e brincadeiras, um consegue ser chamado para dar uma opinião. O engenheiro das Furnas, Francisco, o Chico, que dá uma de professor de Química com ar de deboche e superioridade, dá a sua opinião:

— O brasileiro é burro, analfabeto. Não tem condições de saber nada sobre nada. No dia que acontecer o acidente, ele fica sabendo, tá legal? São todos uns imbecis. Falei?

O vereador Moacyr Rodrigues Laranjeira, Líder da Arena, logo após o acidente na Pensilvânia, com apoio de todos os vereadores pediu ao presidente João Batista de Figueiredo o reexame do sistema de segurança da usina nuclear de Itaorna. Ele diz porque tomou essa medida:

— Na realidade, eu queria pedir o fechamento da usina, mas como você sabe, sou do mesmo partido do presidente e isso talvez fosse desgostá-lo. E tem o problema também da área de segurança nacional, que a necessidade de se respeitar. É tudo muito fechado e não se tem informação de nada. A comunidade está sobressaltada.

O irmão de Moacyr, Júlio Laranjeiras, dono da casa Laranjeiras, com várias legislaturas pela UDN e depois pelo PSD acha que isso tudo é coisa de Estados Unidos e Rússia.

— Acho que por trás tem uma briguinha dessas duas potências. Com essas notícias, já perdemos a tranqüilidade. O povo mesmo não sabe de nada. Nunca sabe.

Não se importam em esclarecer a massa, em informá-la. Eu deixei a política faz uns quinze anos, desiludido. O que adianta você ser eleito, fazer promessas para o povo e não cumprir. Ser político, hoje, é ter um bom emprego com todas as vantagens

Lixo atômico a 50 km do Rio

A Cidade Maravilhosa será a capital do câncer, caso escape material radioativo da usina de Angra dos Reis — ou do deposito de lixo atômico, em Caxias. A doença fatal é um dos riscos que levam povos de muitos países a não deixar que se construam novas usinas — como se vê no diálogo imaginário abaixo.

O que é energia nuclear?

— É uma forma de energia obtida com a divisão (que os cientistas chamam de fissão) de um átomo de urânio ou plutônio. A energia nuclear pode servir para explodir uma bomba atômica ou para produzir energia elétrica. Pode ser usada também para mover navios, melhorar alimentos ou ajudar a um médico na cura de certas doenças.

Como a energia nuclear produz energia elétrica?

— Não é muito diferente que produzir energia elétrica a partir de carvão ou petróleo. O negócio é esquentar a água para fazer vapor d'agua que, sob pressão, colocará em movimento as turbinas de um gerador. O urânio ou o plutônio também podem ser usados para esquentar água, no lugar do carvão ou do petróleo. Só que, com carvão ou petróleo, a água é esquentada numa caldeira. Com urânio, usa-se um reator.

O que é isso?

— Reator é uma máquina própria para provocar a divisão dos átomos do urânio. Uma usina central elétrica nuclear é composta por um reator nuclear e pelo gerador de energia.

A energia nuclear é melhor do que outras formas de energia?

— É exatamente isso que se discute. A grande vantagem da energia nuclear é que você precisa de uma pequena quantidade de urânio para gerar uma grande quantidade de energia. Em compensação, a tecnologia é muito mais difícil e os riscos são muito maiores. Por isso, a energia nuclear custa muito mais caro.

Épa, essa história de riscos começa a me interessar. O quê é isso?

— Quando um átomo de urânio se divide, ele solta partículas energéticas no espaço, chamada radiações. Algumas dessas radiações podem ser bastante perigosas à vida vegetal e animal, inclusive ao homem. Além disso, no próprio processo de divisão dos átomos de urânio, aparecem, por razões naturais, diversos outros tipos de átomos. Esses átomos formam novos elementos igualmente perigosos à vida vegetal e animal, como o césio, o estrôncio, etc. O pior desses elementos é o plutônio. O plutônio não existe na natureza e é venenosíssimo. O veneno do plutônio é 20 mil vezes mais forte que o veneno de cobra. Uma quantidade invisível de plutônio aspirada já pode provocar câncer ou morte.

Mas os caras não sabem disso? Não fazem nada?

— Sabem. É claro que tentam controlar as radiações e por isso é preciso tanta segurança para construir um reator. Tudo é feito para que nada escape do reator, para que o césio, o estrôncio, o plutônio e o urânio, tudo fique dentro do reator até ser removido numa operação complicadíssima.

Então, tá tudo bem!

— Aí que você se engana. Podem acontecer acidentes.

Uma explosão atômica?

— Não. É totalmente impossível um reator explodir como uma bomba atômica. Acontece que um reator é um aparelho complicado, cheio de tubos, válvulas, controles, etc. Muitas peças estão sujeitas a intensas radiações e se desgastam rapidamente. Outras simplesmente falham por um motivo ou outro, assim como, de repente, estoura o pneu de um carro. As falhas humanas também são sempre possíveis. Nesses acidentes podem escapar gases radioativos que vão contaminar plantas, rios e animais. Em 1957, na Inglaterra, um erro humano provocou a liberação de radioatividade de um reator igual a 1/10 da radioatividade liberada pela bomba que explodiu em Hiroshima e obrigou os ingleses a jogar fora todo o leite produzido numa área até 500 quilômetros de distância do reator (para comparação: o Rio está a 133 quilômetros de Angra dos Reis). Um problema ocorrido com um reator nos Estados Unidos, em 1972, próximo a Nova York, provocou a morte de 150 mil peixes do rio Hudson. Muitos operários já morreram em acidentes nas usinas devido a incêndios e explosões. Os incêndios, aliás, são grande causadores de acidentes sérios porque podem destruir sistemas de controle e seguranças dos reatores. Quando isso acontece, chega-se à beira do pior acidente possível: a fusão do reator.

Por que?

— O reator sai fora de todos os controles, sua temperatura se eleva acima de qualquer limite e, como tudo ali é metal, tudo se funde. Aí, a liberação de radioatividade é total.

E onde já aconteceu isso?

— Aí é que está. Felizmente, até hoje uma catástrofe dessas ainda não aconteceu. Os defensores da energia nuclear usam isso como argumento a favor da segurança das usinas. No mínimo umas três vezes, nos Estados Unidos, estivemos perto de assistir a tal acidente, sendo que, a última vez, foi no caso recente de **Three Miles Island**. Um dos acidentes teve origem num incêndio provocado por uma simples vela acesa na mão de um operário que fazia um concerto numa sala onde faltara luz. Outro acidente, por muito pouco, não levou à evacuação de toda a cidade norte-americana de Detroit. Acidente nuclear é como acidente de avião. Todo o dia tem acidente de carro, sendo raros os acidentes de avião. Mas basta um desastre aéreo para morrerem tantas ou muito mais pessoas do que morreram em todos os acidentes de carro numa cidade como o Rio, num mês. O desastre nuclear ainda é pior: além das centenas de milhares de pessoas que podem morrer na hora devido às radiações, muitas milhares morrerão de câncer nos 20 anos seguintes. É por isso que, no mundo todo, ninguém quer saber de construção de usinas nas proximidades da cidade onde mora.

Então, tem algo errado. Essa usina de Angra está bem perto do Rio, não?

— Olha, tem muito especialista no mundo em calcular o número de vítimas de um acidente nuclear. O inglês Farmer calculou em 3 mil o número de mortos por câncer num raio de 500 quilômetros durante 20 anos. O americano Berthe eleva esse número a 10 mil, num raio de 800 quilômetros. Isso, se toda a população mais próxima à área do reator tiver sido imediatamente evacuada para não morrer sob os efeitos diretos de altas doses de radiações. O Rio está a 133 quilômetros de Angra. Talvez não precise ser evacuado, mas pode-se tornar a capital do câncer.

Cumpadre, depois dessa, eu vou caindo fora.

— Então, ouça mais esta. Os piores problemas da energia nuclear não estão nos reatores. O urânio para ser usado num reator precisa ser especialmente preparado, ou enriquecido, assim como o petróleo precisa ser refinado para virar gasolina. Além disso, depois de usado, o urânio é reprocessado para extrair o plutônio. Depois, sobra o chamado lixo atômico, um material altamente radioativo que precisa ser guardado em algum lugar e muito bem guardado, para não contaminar nada. Tudo isso — enriquecer, reprocessar e depositar material radioativo — compõe o chamado ciclo do combustível. E como é preciso ficar carregando material daqui para lá, da mina de urânio até a central nuclear, da central até a usina de reprocessamento, da usina até o depósito, o perigo de escapar material radioativo é muito maior. Nos Estados Unidos já sumiu muito material radioativo assim. Pois, tudo isso vai ser feito nas nossas vizinhanças: a usina de reprocessamento e o depósito de lixo vão ficar a 50 quilômetros do Rio.

Caramba!

— É, meu caro. Uma usina de reprocessamento contém radioatividade equivalente a 192 mil bombas atômicas iguais à de Hiroshima. Se 1% desse material for liberado, em 24 horas formará uma nuvem radioativa com 330 quilômetros de diâmetro. É por isso que ninguém está conseguindo construir uma usina de reprocessamento na Europa e vêem construir no Brasil. Lá o povo não deixa.

Mas o daqui deixa...

— Deixa, enquanto continuar essa história de "vou dar o fora", como você acabou de dizer. Na Alemanha, ninguém instala uma usina nuclear sem ouvir a população do local onde vai ficar a usina. Algo assim como se Furnas consultasse os moradores de Angra para saber se eles aceitam ou não ser vizinhos de uma usina nuclear. Engenheiros, físicos, ecologistas, todos debatem o problema. O projeto da usina é conhecido pelo público que pode fazer perguntas sobre sua segurança, exigir medidas de reforço ou até simplesmente, vetar a construção. A decisão de construir ou não uma usina deixa de ser tomada por um punhado de tecnocratas para ser uma decisão de toda a comunidade.

Marcos Dantas

Maconha pode ser a salvação da lavoura

Chico Júnior

Já que a preocupação do ministro Simonsen é acabar com a inflação, uma das soluções pode ser a sugerida pela Associação Nacional de Instituições Financeiras da Colômbia: legalizar de vez a maconha para permitir que as exportações, atualmente feitas clandestinamente para os Estados Unidos, passem a representar divisas para o país. Segundo a ANIF, a maconha pode dar tanto dinheiro à Colômbia quanto o café, seu principal produto de exportação.

Considerando que o consumo anual de maconha nos Estados Unidos já atinge a cifra de 25 bilhões de dólares, com 42 milhões de americanos fumando periodicamente, o Brasil também poderia entrar no comércio, atualmente liderado pelos colombianos, principal fornecedor da erva para o maior mercado do mundo.

O consumo norte-americano de maconha representa, em dinheiro, duas vezes mais que o total das exportações brasileiras, que foi de 12 bilhões e 600 milhões de dólares em 1978, sendo 6 bilhões em produtos agrícolas. Deste total, o café foi responsável por 2 bilhões e 500 milhões de dólares, a soja por 2 milhões e o cacau por 800 mil dólares.

O Brasil é um país onde as condições climáticas são muito boas para o cultivo da maconha, cuja qualidade não chega a ser a da colombiana, mas pode ser comparada com a da Bolívia ou Paraguai, dois outros importantes produtores sul-americanos. Assim, já é bom ir se preparando para quando a maconha for liberada totalmente nos Estados Unidos (atualmente ela é liberada parcialmente em 11 Estados, mas o presidente Carter já pediu a liberação em nível federal), pois assim que isso acontecer, fatalmente haverá uma revisão nas leis sobre maconha na América do Sul, como já está acontecendo com a Colômbia.

Como a maconha está passando pelo mesmo processo de liberação do álcool e sua utilização é irreversível, o Brasil pode muito bem começar a pensar no caso para, num breve futuro, brigar por uma fatia do mercado americano, que cada vez consome mais.

O que algumas publicações norte-americanas e européias andaram publicando nos últimos meses sobre o tráfico de maconha entre a Colômbia e os Estados Unidos (matérias devidamente já reproduzidas no Brasil), já podia ser detectado há, pelo menos, seis anos, quando na Califórnia foi realizado o primeiro plebiscito para a legalização da **cannabis.**

E foi através de alguns plebiscitos que a Califórnia se tornou o primeiro Estado americano a liberar parcialmente a maconha. De lá para cá, vários outros Estados iniciaram seus processos de liberação parcial e hoje, em 11 deles existem leis especiais sobre a utilização do chamado bagulhinho: Alasca, Califórnia, Colorado, Dacota do Sul, Havaí, Nova Iorque, Nova Jersei, Maine, Minnesota, Ohio e Oregon. As leis variam de Estado para Estado, mas a tendência geral é permitir o uso de até uma onça (28 gramas). Em vários deles não é mais crime portar essa quantidade, podendo o usuário fumar tranqüilamente pelas ruas. Mas em Minnesota, por exemplo, paga-se cinco dólares por "excesso". Em Dacota do Sul ainda não é possível portar nem mesmo as 28 gramas, mas quem for encontrado com maconha paga apenas uma multa de 20 dólares, valor este que aumenta consideravelmente no Maine, que cobra 200 dólares.

Colômbia foi o primeiro país a liberar a erva

Enquanto os Estados Unidos desenvolviam o processo de liberação, os plantadores colombianos e o próprio governo estavam ali, acompanhando de perto os acontecimentos. Cultivando uma das três melhores maconha do mundo (segundo os mercados americano e europeu, as outras duas são a coreana e a afgã), os colombianos foram aplicando, aos poucos, a sua estratégia de **marketing.** É claro que eles não desconheciam as regras básicas do mercado de drogas: a toxicomania é um produto do capitalismo internacional. E, em sendo assim, todas as outras regras de atuação no mercado capitalista começaram a ser postas em prática.

A primeira delas talvez tenha sido no final de 1975, quando a Colômbia surpreendia as Américas, liberando parcialmente a maconha. Como em diversos estados norte-americanos, já não era mais crime portar até 28 gramas da erva em todo território colombiano. Assim, a Colômbia passava a ser o primeiro país americano a liberar, em campo federal, parcialmente a maconha.

Está certo que, em 1975, comprar e fumar maconha pelas ruas de Bogotá eram coisas feitas sem maiores problemas, sem maiores repressões. Mas se fôssemos considerar a libertação em função do consumo, a medida governamental não teria a mínima razão de ser, principalmente porque não chegava nem aos pés do consumo norte-americano. Considerando, ainda, que o governo colombiano tem um dos melhores órgãos de repressão a drogas na América do Sul, o caminho mais natural seria o de tomar medidas que reprimissem ainda mais o uso e o tráfico do fumo.

É claro que, atrás disso tudo está em jogo como sempre, o chamado interesse comercial. Dois anos depois da liberação parcial, a Colômbia já estava sendo considerada o terceiro produtor mundial de maconha. E, detalhe importante, de todos os principais produtores mundiais, o que está mais próximo dos Estados Unidos.

O interesse comercial foi crescendo tanto que no dia 24 do mês passado os jornais anunciaram que a Associação Nacional de Instituições Financeiras da Colômbia voltava a pedir ao presidente Turbay Ayala a legalização total da maconha, o que iria contribuir para a entrada de divisas nos cofres públicos nacionais. A maconha pode permitir a entrada de tanto dinheiro quanto se ganha com as exportações de café. Segundo Ernesto Samper, diretor da ANIF, 150 mil pessoas trabalham atualmente nas plantações de maconha, sendo que já chegaram até a formar organizações sindicais, como os plantadores de café. E termina dizendo que não adianta nada o governo colombiano ficar se preocupando com repressão, enquanto os Estados Unidos continuarem sendo um mercado consumidor em expansão.

Carter pediu ao congresso para liberar o fumo

O consumo norte-americano e a importação da Colômbia cresceram assustadoramente a partir do final de 1977, quando Jimmy Carter deu declarações sobre a necessidade da legalização parcial da maconha. Ao mesmo tempo, pedia ao Congresso para estudar com mais carinho o assunto, ou seja, liberar a maconha em nível federal.

Quando o presidente dos Estados Unidos lançou no espaço a idéia da liberação parcial da maconha, já havia uma estimativa de que se fumava em todo território norte-americano, incluindo Alasca, Havaí e Porto Rico, nada menos do que 20 toneladas de maconha por dia, representando um movimento de quatro milhões de dólares, dos quais o governo não via um tostão de imposto.

Um estudo feito pelo Instituto Nacional contra o Abuso de Drogas, em 1974 e 1975, mostrou que 19% da população adulta dos Estados Unidos, ou seja, 36 milhões de cidadãos, fumavam eventualmente o hachiche (feito a partir do sumo do caule ou das flores da **cannabis sativa**) ou a maconha em seu estado natural e que 7% a fumavam freqüentemente. Essa percentagem subia para 14% entre os jovens de 14 a 25 anos. Hoje, segundo a revista **Time**, 42 milhões de americanos fumam 65 toneladas diárias de maconha, o que significa um movimento de pouco mais de 60 milhões de dólares por dia. E a tendência é crescer cada vez mais. E o governo continua sem ver um tostão de imposto. O movimento anual está por volta dos 25 bilhões de dólares, cinco vezes mais do que o Brasil vai importar de petróleo em 1979.

Assim, a maconha, que saiu dos guetos para os movimentos **hippies** e intelectuais, ganhava finalmente a classe média, a grande classe consumista. E as multinacionais do tabaco sabem disso, tanto que já têm registrados todos os nomes dados à maconha no país. Lá, para se registrar um nome de determinado produto, é obrigatório a colocação desse

produto no mercado. Assim é que circulam em cidades do interior, em pequenas quantidades, marcas de cigarros vagabundos com os vários nomes da maconha. Seria o mesmo que no Brasil a Souza Cruz, a Philip Morris ou a Rothmans colocassem em Conceição do Mato Dentro um cigarro ruim com o nome de **baseado**, **fininho** ou coisa parecida.

Relatório diz que maconha não faz tanto mal

Diante desse quadro e do que está acontecendo no resto do mundo em relação ao que já podemos chamar de "mercado da maconha", Carter não teve outra alternativa senão a de sugerir ao Congresso a liberação parcial da **marijuana**. E chegou a essa conclusão depois de tomar conhecimento dos relatórios que vêm sendo feitos há mais de dez anos sobre a utilização, os efeitos, o mercado. Um exemplo desses vários relatórios feitos nos Estados Unidos e que foi julgado como o mais importante no processo de legalização da maconha, foi o da Comissão Nacional do Abuso da Maconha e Drogas em Geral. Os 13 membros indicados por Richard Nixon, em 1972, chegaram à conclusão, por unanimidade, que portar uma pequena quantidade de **marijuana** não devia ser considerado crime, pois o uso moderado da erva não era mais ou menos perigoso do que o do álcool ou do próprio tabaco e que não causava violência nem agressividade. Em outras palavras, fumar maconha moderadamente era mais ou menos a mesma coisa que tomar a eventual ou costumeira dose de uíque antes do jantar.

Assim, a partir de um certo momento, as autoridades americanas e européias descobriram que a maconha era irreversível, um fenômeno que já tinha atingido proporções tão grandes que o momento não era mais de condená-la, mas da criação de leis que regulamentassem seu uso como já fez a Dinamarca, a Holanda, a Colômbia e alguns países asiáticos (todos produtores).

Está evidente que não foi uma preocupação de ordem moral ou social que levou Carter a sugerir uma legalização parcial da maconha. A partir do momento em que o governo norte-americano não tem condições reais de recolher impostos sobre o comércio da maconha, Carter sugeriu que se cobrassem 25 dólares para os portadores de até 28 gramas. Não podendo cobrar impostos do comerciante, vai cobrar do usuário.

A legalização, mesmo com os problemas que poderá trazer, na pior das hipóteses vai permitir que se forneça sobre a maconha informações objetivas sobre suas qualidades e perigos. Isso no plano social. No plano econômico — o mais importante para os governos — vai fazer com que os atuais traficantes e futuros comerciantes paguem impostos.

Quando se fala em legalização, surgem sempre as vozes contra e vozes a favor. No final, a prática tem demonstrado que os defensores saem ganhando, como tem mostrado uma organização americana chamada NORML (Organização Nacional para a Revisão das Leis sobre a Marijuana), considerada a mais importante na luta pela liberação da maconha e que conta com a adesão de mais de 30 mil sócios oficiais, entre eles a figura de um ex-ministro da Justiça, Ramsey Clark.

No Rio, o quilo custa Cr$ 10 mil. Aumentou 70%.

Tão logo os Estados Unidos liberem em campo federal a maconha, muita coisa vai mudar em alguns países produtores sul-americanos (além da Colômbia), como Bolívia, Brasil e Paraguai. Sabe-se que, atualmente, o comércio clandestino também movimenta muito dinheiro no Brasil, considerando que, no Rio de Janeiro, um quilo está sendo vendido a um preço médio de Cr$ 10 mil. No início do ano passado, esse mesmo quilo poderia ser comprado por Cr$ 6 mil, o que significa que houve um aumento de quase 70%. Respeitando a lei da oferta e da procura, verifica-se que o aumento é conseqüência do aumento de consumo, o que é comprovado pelo próprio Departamento de Polícia Federal. Segundo o DPF, o consumo de maconha no país cresceu 200% no ano passado, em relação a 1977.

Pela experiência, sabe-se que qualquer comércio clandestino é responsável pela corrupção em larga escala. E com a maconha não acontece diferente. Como a polícia já entrou no esquema do comércio, hoje em dia, no Rio de Janeiro e em São Paulo, está cada vez mais fácil comprar maconha. As **bocas** desceram dos morros e caíram no asfalto. Em pleno centro do Rio existem várias bocas, onde os vendedores e consumidores fazem tranqüilamente suas transações. Só que o fato de o consumidor não ter que subir ao morro para comprar uma **mutuca** de cem, ele vai comprar uma quantidade bem menor de fumo do que compraria no morro. Isso porque a maconha vai ter que descer do morro e passar pelas mãos de mais um intermediário.

O princípio químico da maconha é conhecido como delta-1-tetrahidrocanabinol, ou apenas tetrahidrocanabinol, ou, para os mais íntimos, THC. É, portanto, o percentual de THC em cada planta que vai determinar o seu índice de toxicidade.

A folha é parte mais fraca da *cannabis*, concentrando apenas de 2 a 4% de THC, enquanto a flor, que é o que se fuma normalmente, tem de 4 a 8%. Mas onde existe maior concentração é no caule, que tem de 8 a 12% e de onde é normalmente extraído o haxixe, pouco usado no Brasil. O haxe, como é conhecido na Europa e nos Estados Unidos, é feito a partir da resina da planta, podendo ser extraído também da flor. Existe, ainda, o óleo de haxe, que é a resina pura, sem ser processada. Pouco comercializado e realmente raro no Brasil, o óleo pode ser fumado aplicando-se diretamente num cigarro normal de tabaco, com a vantagem de não ter o inconfundível cheiro da maconha.

Como qualquer outro produto agrícola, a maconha necessita de determinadas condições — idade, humidade, características do solo, clima, temperatura e época de colheita — para ser considerada de boa qualidade, condições estas que são ideais em algumas regiões da Colômbia e da Bolívia e boas em certas regiões do Brasil (Nordeste) e Paraguai. Dependendo destas condições, a maconha pode concentrar uma quantidade tão grande de THC que passa a ter propriedades alucinógenas, como o LSD. Mas são raras as regiões do mundo onde isso acontece. Segundo informações de *experts* no assunto, a maconha alucinógena só é encontrada em alguns países da Ásia e na Colômbia.

Em tempo: a *cannabis* é conhecida no Brasil por cânhamo. E maconha é um anagrama dessa palavra.

Quem quer fumo, vai à boca

— Cana de otário é vadiagem.

A segurança, o desafio nas palavras, vem na voz cantada de Luís Carlos de Souza, 25 anos, um mulato franzino conhecido pelo apelido de Pimenta, morador atualmente no "Inferno Colorido", um conjunto habitacional no bairro de Realengo, e freqüentador da maior boca de fumo do Rio, a do morro da Providência, atrás da Central do Brasil. O movimento na área dos traficantes "Tainha" e "Cueca", que estão na cadeia mas conseguem ainda dar ordens no morro, é grande, organizado e vigiado, dia e noite há quase dez anos.

O caminho que leva à boca todo mundo sabe, inclusive a polícia. A escadaria que dá na Ladeira do Barroso, no alto do morro, entre a Gamboa e o bairro de Santo Cristo, começa em frente à 2ª Delegacia Policial, na Rua Bento Ribeiro. À medida em que se vai subindo os degraus irregulares, nota-se pelos lados, atrás dos barracos, homens em atitudes suspeitas. No rosto, a marca da desconfiança transmitindo medo a qualquer estranho. Nas janelas ou estendendo roupas no varal, os olhares interrogativos das mulheres. Ali ninguém confia em ninguém. Quando uma lei no morro não é respeitada, "dança" até quem não tem culpa. Todo o cuidado é pouco.

— Tá limpeza, irmão.

O sinal verde do homem de boné, jaqueta Lee, apesar do calor, é confirmado por outros três colocados estrategicamente perto das escadas. O desconhecido está sozinho. Lá embaixo, a delegacia e os carros desaparecendo dentro do túnel João Ricardo. Luís Carlos, de camisa aberta no peito onde desponta uma guia vermelha e preta de Exu, aperta um "fininho", sentado num degrau com a marmita do lado. O relógio da Central do Brasil marca 18h45min e ele acabou de chegar de uma obra na Praia do Flamengo.

— Para aturar a batalha, só fazendo a cabeça. Se a gente dá duro, os "zome" cisma. Se a gente fica no desvio, nem se fala. Mas nessa transa de bagulho, eles gostam é de pegar os pleibóis que vêm vacilar aqui em cima. A patrulinha só fica esperando lá embaixo. Na descida, tem que deixar uma nota. Eles têm sempre um troco para não ver o sol quadrado, não é mesmo? Com a gente, se não levar na conversa, o coro come e ninguém vê.

Pelos lados, homens, rapazes e mulheres conversam alto, contando vantagens. O revólver de cabo de madrepérola aparece na cintura do mais afoito, com toda a pinta de guardião da boca. O fuminho vai correndo solto de boca em boca, sem pressa. Se demorar, neguinho chia:

— Solta a franga. Ô, da polítíca, tá com chiclete no dedo?

Um pouco destacado está um rapaz de calça jean, camiseta e óculos escuros. Acabou de descer de um Volks vermelho, no largo do Barroso. Subiu uns lances de escada e logo - logo fez um canudo com uma nota de Cr$ 10,00, com que aspira um papelote de cocaína, que custa Cr$ 150,00 e arriscado a vir todo malhado, muito talco, sal, açúcar. É vendido quase que exclusivamente a "estrangeiro" e tem o sugestivo nome de "brizola". O cartucho de maconha custa 60 cruzeiros e geralmente é vendido pelo dobro no asfalto. No baixo Leblon, qualquer baseado vale um "galo" (50 cruzeiros).

As crianças não avisam, mas quando a polícia chega no morro é o medo delas que dá o alerta. Brincam pelas escadas implorando sempre ao estranho um trocado, um refrigerante ou mesmo um pão. As maiorzinhas participam da transação, vendendo fumo. Ganham 10% por cada cartucho vendido, uma maneira do dono do peso escapar do flagrante.

Pimenta está de cabeça feita e as palavras são fortes e agressivas.

— Tô numa batalha lá no Flamengo, de servente de obra. Dá prá tirar um trocado, que vai tudo na passagem. Às vezes, fico injuriado e faço uns ganhos. Sei que não vale a pena, mas meu filho ficar sem leite e comida é duro. Como vou provar aos homens que estou trabalhando se minha carteira não está assinada? Tem que ficar sempre atento para dar o pinote.

Sentado nas escadas tranquilamente, de barba rala, chapéu enterrado na cabeça o homem da boca vai contando o dinheiro e só passam entre os dedos notas de Cr$ 50,00 e Cr$ 100,00 Cr$ 500,00. Ao lado dele, uma sacola onde está guardada a erva. O movimento continua, com gente chegando a pé pelas escadas ou de carro pela Ladeira do Barroso, que começa na Ladeira do Faria na Gamboa.

O movimento na boca cresce, como também a atenção dos homens que vigiam as entradas principais. Antes de ir embora, em direção à Central, onde vai pegar o direto para Realengo, Luís Carlos se despede:

— Vou dar linha à pipa que o vento tá a favor. Sou mesmo é empregado da vida. Ela, às vezes, maltrata, machuca a gente, mas a dor é só minha. E ninguém tem nada com isso. Quem trata de mim sou eu. Olha aí, vou sartá. Até mais.

Tim Lopes

POLÍCIA AUMENTA O TERROR EM SÃO GONÇALO

Reportagem de Iara Reis

O crime e a violência imperam em São Gonçalo, considerada uma das cidades mais violentas do país. Atualmente, o Município cresce assustadoramente, absorvendo correntes migratórias de nordestinos que deixam de procurar a Baixada Fluminense, relativamente saturada, em busca dos morros e descampados gonçalenses, onde florescem, da noite para o dia, imensas favelas.

Para combater a criminalidade, existem em São Gonçalo três delegacias de polícia e dois batalhões da Polícia Militar. Mas os desmandos e violências policiais são tão grandes e freqüentes que a população teme tanto o bandido quanto o policial. Esse terror, nutrido por grande parcela da população, deve-se aos inúmeros crimes e torturas cometidos por policiais militares e civis que permanecem impunes.

No caso do operário Elton Alves Monteiro, torturado barbaramente no interior da delegacia de Alcântara, foram condenados apenas dois torturadores, que não eram policiais. Houve todo tipo de ameaça e a própria promotora pública do caso teve que ser protegida por um guarda especial, para não ser assassinada.

Diariamente, residências são invadidas e inocentes são presos e espancados até confessarem crimes que muitas vezes não cometeram. Bandidos são fuzilados sumariamente. Depois os policiais alegam resistência à prisão e fica por isso mesmo. Presos passam fome nas delegacias. Menores permanecem detidos indevidamente.

O gonçalense, para se afastar desse clima de violência e miséria, praticamente não tem opção. A única diversão popular ainda é o cinema, que, para não destoar do cenário de sangue dos espectadores, exibe permanentemente, filmes do tipo "Kung Fu contra os deuses Shao-Lin", "Bruce Lee no jogo da morte", "Kung Fu contra os dragões", "Caçada de Morte".

Com uma população de 800 mil habitantes — em 1970 eram 400 mil — São Gonçalo fornece mão-de-obra barata para o comércio e indústria de Niterói e Rio, funcionando como cidade-dormitório. Seu pequeno parque industrial, constituído principalmente por fábricas de sardinhas, absorve pequeno número de trabalhadores. No comércio, predomina a venda de produtos baratos e cerca de 40% dos empregados trabalham em média 12 horas por dia, inclusive sábado e domingo.

Grande parcela da população, desempregada, doente, morando em barracos, sem contar com água e esgoto, vive de biscates. O Centro Comercial de Alcântara — importante bairro da cidade —, assim como as portas de estabelecimentos comerciais maiores (supermercados Sendas, por exemplo), são praças de ambulantes, que invadem calçadas e galerias com seus produtos que vão desde frutas, passando por alho, cebola, bijuterias, animais, até armas e drogas.

Nas estradas entre São Gonçalo-Niterói/Rio, aproximadamente 100 mil pessoas se deslocam por dia. As empresas de transportes coletivos cobram passagens caras — a mais barata, entre São Gonçalo e Niterói, custa Cr$ 2,90 — arrebanhando rios de dinheiro. Enquanto isso, uma linha férrea está praticamente abandonada.

As duas principais vias de ligação entre São Gonçalo e Niterói — rua dr. March e avenida Oliveira Botelho — suportam o pesado tráfego de 70 mil veículos por dia e, por isso, vivem esburacadas, congestionadas, provocando um altíssimo número de acidentes.

Em São Gonçalo não existe rede de esgotos. No centro da cidade os detritos descem pelas galerias de águas pluviais, freqüentemente entupidas. Nos bairros mais afastados, como Jardim Catarina, o escoamento é feito através de valões abertos pelos próprios moradores. Quando chove, tanto no centro, quanto na periferia da cidade, as residências são invadidas pela água suja. Praticamente não existe água na cidade. Prolifera o comércio de carros-pipas, responsáveis pelo abastecimento do comércio, hospitais, escolas particulares — as estaduais e municipais ficam sem água mesmo — e até, eventualmente, do Corpo de Bombeiros, que não tem hidrantes. Há cerca de um ano, quando ocorreu um incêndio no supermercado Organização Nossa Senhora de Nazaré, os bombeiros foram abastecidos por carros-pipas.

Vastas extensões de terras gonçalenses estão sendo ocupadas indiscriminadamente por favelados, migrantes, e mesmo através de loteamentos clandestinos. A Prefeitura Municipal é acusada de ser subornada por proprietários de glebas, que pleiteiam aprovação de loteamentos irregulares.

Ao contrário do povo que empobrece e adoece cada vez mais, as casas de saúde de São Gonçalo enriquecem às custas de convênios com o INPS. Mas nem por isso a população deixa de ser pessimamente assistida pelos serviços médicos. Recentemente, pelo menos duas casas de saúde tiveram convênios com o INPS suspensos devido a superfaturamento, ou seja, cobravam do Estado mais do que realmente gastaram: são as casas de saúde São José e Nossa Senhora das Neves.

Mas, certamente, um dos piores e mais graves problemas de São Gonçalo é a habitação. O bairro mais populoso, Jardim Catarina, com cerca de 100 mil habitantes, não tem a menor infra-estrutura. Conta com apenas duas escolas. Padarias, farmácias, postos médicos e policiais não existem. Sem rede de esgoto, Jardim Catarina é foco de insetos transmissores de doenças infecto-contagiosas.

O bairro divide-se entre Jardim Catarina Velho e Jardim Catarina Novo. Neste último, a ocupação ainda não terminou e o que se vê são milhares de casas de alvenaria inacabadas, servindo de moradia definitiva para famílias. No Jardim Catarina Velho, habita grande número de favelados oriundos de favelas do Rio e, principalmente, da favela da avenida Contorno, em Niterói. O local hoje é conhecido por "favelinha" e tido como "foco de bandido".

Apesar de uma grande caixa d'água, próximo ao grupo de conjuntos habitacionais da CEHAB, os moradores só têm água encanada quando chove. Percorrem uma grande distância, até o bairro vizinho de Santa Luzia, em busca de água. Uma pipa custa 450 cruzeiros e são poucos os que podem comprar. Não existe diversão alguma em Jardim Catarina. As passagens caras — seis cruzeiros até São Gonçalo — e o perigo à noite impedem seus moradores de freqüentarem cinemas, bailes, parques ou praças dos bairros vizinhos.

Mas se em Jardim Catarina a barra é pesada, bairros como Santa Luzia, Salgueiro, Mutuapira, Luis Caçador, Itaoca, Fazenda dos Mineiros, Trindade, Porto da Pedra e Boassú, entre outros, não deixam por menos.

Foto de Pedro Costa

Arthurzinho, assassinado pela PM no dia 5 de março

Elton foi torturado até ficar paralítico

Elton Alves Monteiro, 25 anos, definitivamente paralítico das pernas, com o aparelho urinário e intestinos destroçados, é hoje um rapaz triste, calado, conformado. Deitado na cama, na sala da casa simples de seus pais, em São José de Itaboraí, passa o tempo lendo jornais, vendo televisão e conversando com as eventuais visitas. Sofre muito com uma escara — profunda ferida na parte posterior do tronco, ocasionada pela fricção do corpo com a cama — e, apesar dos cuidados da família, pede para ser reinternado.

Seu pai, Airton Alves Monteiro, é funcionário do Ministério do Trabalho. Ganha pouco mais de cinco mil cruzeiros por mês para sustentar seis filhos. Apesar de achar que ganha muito bem, o sr. Airton enfrenta as maiores dificuldades para a aquisição dos remédios utilizados por Elton e promete acionar o Estado, a fim de receber uma indenização:

— Ele é o culpado, o réu. Estou à procura de um civilista para mover uma ação.

Todos os problemas que o sr. Airton enfrenta, assim como o sofrimento do filho, tiveram início na tarde de sábado do dia 15 de outubro de 1977. É Elton quem conta a história:

— Eu tomava conta da casa do meu patrão, Wilson Fernandes, no Boassú. De dia trabalhava na reforma da casa, junto com os pedreiros. Lá tinha televisão, toca-disco, uma porção de coisas. No dia 15 de outubro vim até o centro comercial de Alcântara receber com ele (o patrão) o pagamento do pedreiro. Quando voltei pro Boassú estava tudo arrombado. Fui na casa do pedreiro e ele disse que não não sabia de nada. Então voltei a Alcântara pra falar com o patrão. Ele disse que não podia ir naquele dia por causa do programa do Chacrinha.

— No domingo de tarde ele chegou com quatro caras da delegacia de Alcântara. Fiquei preso do dia 16 domingo, até o dia 21.

Durante cinco dias Elton foi torturado barbaramente pelos quatro policiais, no interior da delegacia da Alcântara. Wilson Fernandes, com quem o operário trabalhou 12 anos sem carteira assinada, ajudou os policiais na tortura, assim como o motorista da Secretaria de Segurança, Arnaldo dos Reis Santiago. Ambos estão condenados.

Os quatros policiais torturadores são: José Fernandes de Almeida, conhecido como **Hernandez**; Octacílio de Oliveira; Waldeck Japiassú e Paulo. Até hoje impunes, foram apenas transferidos da delegacia de Alcântara. Elton, pressionado, não os reconheceu e segundo rumores, teria feito um trato: receberia frutas e uma pensão dos policiais.

Elton, só com muita insistência, conta o que sofreu dentro da delegacia de Alcântara:

— Fiquei cinco dias e meio apanhando com palmatória e choque elétrico. Pau-de-arara era duas vezes ao dia, mais ou menos uns 25 minutos. Telefone deram só na segunda-feira. Queriam que eu confessasse o que não sabia e me ameaçavam levar pra praia da Luz pra me matar com coronhada na cabeça até rachar. No último dia, sexta-feira de tarde, me tiraram do pau-de-arara e tentaram quebrar minha espinha.

Entregaram Elton a seu pai que no dia seguinte o internou. Sofreu diversas operações, passando por seis casas de saúde. Mas o pai de Elton não se conformou com a injustiça e botou a boca no mundo, denunciando o caso à inprensa e conrando uma resposta da Justiça.

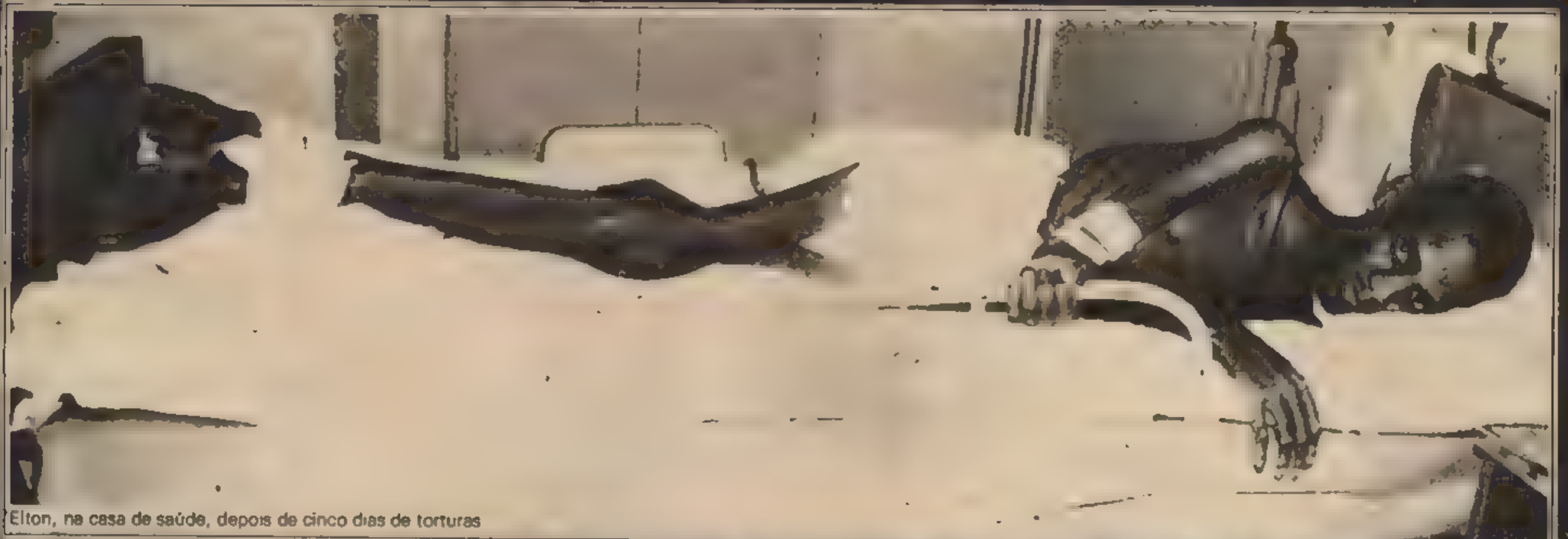
— Por causa disso sofri vários dramas, coações diversas.. Fui ameaçado de todas as formas. Chegavam pra mim dizendo: "Cumé, resolveu parar com o assunto?". Tive que ficar noites e mais noites fora de casa, escondido, dormindo no mato. Foram na casa da minha irmã e me procuraram até debaixo da cama. Eu, que não sei dar um tiro, nem arma tenho, como é que ia reagir a essa gente? Tive muito medo.

Em fevereiro de 78, Airton Monteiro, desesperado, teve uma audiência com o Secretário de Segurança, general Brum Negreiros:

— Ele me recebeu muito bem, me perguntou se eu tinha fé em Deus e confiança nas autoridades competentes. Respondi: "perfeitamente, sim senhor". Prometeu que as providências seriam tomadas. Mas eu perguntei a ele se o Governo pagava o funcionário pra manter a integridade física do cidadão ou se pagava pra torturar. Até hoje ninguém sabe porque a bandalheira continua. É uma coisa horrível. Ele ficou calado; disse apenas que eu tivesse fé em Deus e confiança nas autoridades.

Indignado, Airton Monteiro lembra uma dos policiais, durante o interrogatório.

— Olha só a pergunta que me fizeram: "O senhor viu seu filho apanhar aqui na 74ª DP de Alcântara?". Eu disse: "não" O policial se virou pro escrivão e ditou: "O depoente declara que seu filho não apanhou na delegacia de Alcântara". Pulei logo e mandei colocar dois pontos. Quase me engoliram. Que diabo!



Elton, na casa de saúde, depois de cinco dias de torturas

Foto de Pedro Costa

Fuzilado pela PM na casa da sogra

Por volta das nove horas da manhã do dia cinco de março último — uma segunda-feira — Arthur da Silva, 22 anos, caldereiro do Arsenal da Marinha, com diversas entradas na polícia, assalto e tráfico de entorpecentes foi morto no interior da casa de sua sogra, por cinco PMs comandados pelo sargento Adyr.

Arthuzinho, como era conhecido, recebeu 18 balas no corpo e morreu sentado. No momento da execução, brincava com sua filha, Silvia Carla, de dois anos. Sua sogra, Irenícia da Silva Moura, cozinhava quando foi surpreendida pelos PMs invadindo a cozinha, em direção à sala, onde Arthurzinho estava.

— Foi uma coisa horrível — diz dona Irenícia — eu nem gosto de lembrar. A menina (Silva Carla) não pode ficar sozinha, nem ver gente estranha que abre um berreiro. Eu estou apavorada. Tenho meus dois garotos e a gente não pode mais ficar aqui. Acabaram com minha vida. Agora, vou ver se vendo a casa, mas se não conseguir, fica aí fêchada. O problema é que tá difícil conseguir casa. Só aparece aluguel de Cr$ 4 mil pra cima. Eu só quero é sair daqui.

A casa de dona Irenícia fica no topo de um morro, no Bairro do Barro Vermelho. Arthuzinho tombou ao lado da máquina de costura e sacos de cimento, destinados à reforma da casa, comprada com dificuldades pela família.

Hoje o medo, impede dona Irenícia, assim como sua filha Sueli, (ex-mulher de Arthurzinho) de contarem o que aconteceu. Mas no dia do assassinato, dona Irenícia contou a história todinha para o delegado-adjunto da 73ª Delegacia de Polícia (Neves) e para repórteres presentes.

—Eu estava cozinhando. Quando vi, eles já estavam dentro da cozinha. Corri pra sala pra pegar a garota e gritei. "Não façam nada, ele vai com vocês, não vai, Arthur?" Eles foram perguntando e atirando. Não deu tempo dele nem levantar da cadeira. E ainda dizem que ele reagiu. Nem arma ele tinha. Podia ter lá fora, mas dentro da minha casa, não.

Ao lado do corpo de Arthurzinho foi encontrado um revólver Rossi, calibre 22, sem uma única bala detonada e os policiais ainda afirmam terem encontrado duas trouxinhas de maconha em seus bolsos traseiros.

—Quando vi aquilo, fiquei apavorada. Peguei a garota e sai por aí, chorando. Depois, vieram me dizer que eu não podia ter saído do lado dele, porque eles colocaram o revólver. Mas como eu ia ficar lá? A gente não pode fazer nada. Eles é que mandam, a força tá com eles. Eles entram na casa da gente, matam, fazem o que querem.

Segundo o sargento Adyr, da Patamo 52.0085, comandante da operação que resultou na morte de Arthurzinho, tudo aconteceu por acaso. Os policiais estariam em ronda rotineira no morro, quando avistaram Arthurzinho na varanda da casa da sogra. Este, ao ver os policiais teria sacado de um revólver e reagido a tiros, com a filha no colo. Em seguida correu para o interior da casa, onde, finalmente, foi abatido com 18 tiros.

Foto de Marcia Chavantes

Edinho apanhou da PM e da polícia civil

Foto de Custódio Coimbra

João Vieira acusa a polícia: são ladrões e safados

Quebrado no pau confessa estupro

Madrugada do dia sete de março. Com dois tiros nas costas, é morto o **Toninho.** O crime ocorreu num matagal, atrás do Colégio Cônego Goulart, no bairro da Covanca. A polícia acusa o jovem Edson Vieira, 20 anos, do homicídio.

Antes do assassinato, Toninho, Edinho e um outro elemento teriam ainda, segundo versão policial, seviciado duas mulheres na Covanca, inclusive a filha de um vereador.

A família de Edinho, além de sustentar que na noite do crime ele estava em casa, denuncia torturas praticadas por policiais militares (1º BPM) e civis (delegacia de Neves — 73ªDP) para que ele confessasse o que não cometeu.

Esgotado o prazo de detenção — tempo em que nem mesmo seu advogado pôde vê-lo — Edinho foi solto, pois não há elementos para que seja decretada prisão preventiva.

Enquanto Edinho estava preso, seu tio Carlos Vieira, policial civil aposentado, denunciou:

—Pegaram ele pra **esparro.** Fizeram ele dizer coisa que não fez, talvez até da própria...

O sargento Faria, da Patamo, prendeu Edinho mais ou menos às 11 da noite e só entregou ele na delegacia às quatro da manhã, quebrado no pau. Na delegacia bateram nele de novo. Aonde nós estamos? Eu nunca fiz isso.

Segundo ele, "a polícia torturou Edinho até ele confessar o que não fez. Quando **Toninho** foi morto, ele estava na casa dos pais, no Barro Vermelho. Além disso, **Toninho** foi morto com tiros calibre 22 e Edinho portava revólver calibre 38. Edinho só confessou depois de apanhar muito do sargento Faria".

—Essa Patamo é um diabo. No carnaval amanheceram 10 mortos. Quem os matou? Às vezes é até gente de bem que sabe demais. Na delegacia de Neves, trabalhadores são fichados e torturados quando acontece de se desentenderem com gente que tem **carvão.**

No encalço de Edinho, seis PMs desceram de uma viatura da Patamo e invadiram a casa dos seus pais, no bairro do Bairro Vermelho.

— Foi na segunda-feira. Eram umas dez e meia mais ou menos e eu já tava dormindo. Invadiram minha casa, puxaram arma pra mim, chamaram minha mulher de safada. Pularam por cima da minha cama e acordaram meu outro garoto, com arma em cima. Um canalha daquele chamar minha mulher — uma velha de 48 anos — de safada. Os bandidos são eles. Eles — que são ladrões, safados. Deram sorte porque eu não tenho uma arma. Eu morria, mas derrubava um. Um só chegava:

Como o sr. João Vieira resistisse com palavras à invasão, dona Juraci e a filha explicaram aos policiais que ele estava doente (câncer) e, por isso, muito nervoso.

—Eu tiro nervoso dele. Deixa eu manjar bem a cara dele que se eu encontrar ele aí fora, acerto ele — ameaçou o sargento.

João Vieira não se conformou com a invasão e os desmandos da polícia:

—Invadiram até a casa do meu vizinho. Eles estão com a força e fazem o que querem. Estão assaltando e mantendo a desordem. Matam o sujeito e jogam por aí.

Na segunda-feira, 19 de março, Edson Vieira deixou a delegacia de Neves com hematomas visíveis na parte posterior das duas pernas. Queixava-se, também, de dores na coluna. Desmentindo a versão policial, transmitida pelo delegado-adjunto, Sebastião Braz, e acatada pelo juiz Thelio de Barros, Edinho conta como foi preso e o que aconteceu:

— Eu estava em Vila Laje, na casa do Rogério, que estava preso. Eu ia realmente subir no telhado, mas não deu tempo. Um policial civil me pegou e me entregou na mão dos PMs.

Edson afirma que não sabe quem são os policais que o levaram para o campo de futebol de Vila Laje, onde foi espancado com socos e chutes.

—Depois que me bateram bastante, pegaram um rapaz na Covanca e levaram a gente pra cima de um morro, que não sei qual é. No rapaz, só um batia. Depois disso me levaram pra delegacia.

Entregue à polícia civil às quatro e meia da manhã, Edson conta que "eles me bateram ali mesmo, antes de ir pra cela".

Tudo isso Edson Vieira declara na presença de um irmão e outra irmã, que escutam calados a narrativa. Mas, repentinamente, surge na pequena sala da casa, onde era feita a entrevista, sua irmã Vera. Postando-se à frente de Edinho, Vera gritou:

—Não vai tirar foto porque eu não deixo; nem reportagem. Nele eu mando e, se sair, vou pra justiça. O nome dele já tá sujo e ninguém vai vender jornal às custas dele. Deixa assim mesmo. As pancadas dele ninguém vai tirar. Não adianta ir pro jornal. Só serve pra piorar. Por causa de palhaçada de jornal (denúncias de torturas publicadas em um jornal niteroiense) o advogado nem pôde falar com ele. Não tô aqui pra ver ele ser pego na esquina e fuzilado pela PM. Tô avisando: rasga esse filme. Amanhã cedinho vou ao Batalhão.

Respondendo agressivamente à argumentação de seu pai, João Vieira, de que era importante denunciar as torturas à imprensa, Vera indagou:

— E quem é que pode com a PM? Que nada, não adianta, com a PM ninguém pode. Meu marido é da PM e eu sei. E de que adianta juiz? É tudo conchavo com conchavo. Então eu não sei? Você não sabe nada da vida, Edinho. Tem muito que aprender. Imprensa só piora e não vai sair nada. Seja em que jornal for, eu vou pra outro e desminto tudo.

Foto de Iara Reis

O juiz Thelio de Barros elogia a polícia

Juiz acha normal a "energia" da polícia

Apesar das denúncias de torturas, o juiz Thelio Augusto de Barros só veio saber do caso através da repórter. Em um simples telefonema para a delegacia de Neves, Thelio de Barros ouviu do delegado-adjunto, Sebastião Braz, a versão policial:

—Não é bem isso que você estava dizendo — observou o juiz à repórter. Ele realmente chegou lesionado na delegacia, mas o que ocorreu é que, na fuga, Edson subiu em um telhado e caiu. Os PMs disseram ainda que ele reagiu à voz de prisão e por isso precisaram usar certa energia para segurá-lo. Ele confessou o estupro e o homicídio.

O juiz Thelio de Barros concorda que a polícia utilize o que caracteriza de "energia" quando persegue algum indivíduo.

— O policial não pode usar luvas de veludos. Ele tem que usar de energia. Se vai abrir uma porta, não sabe se o cara está atrás. Então, vai ter que arrombar. Em perseguição sempre ocorre algum excesso.

—Dr. Thelio, temos tido notícia de diversos casos de torturas praticadas dentro da delegacia de Neves.

—Ora, é uma das delegacias mais tranqüilas da área. O Braz (delegado-adjunto) é um diplomata.

Comeu o despacho e matou a mãe

Severino Júlio da Silva tem 25 anos. Em uma tarde de agosto do ano passado, logo após comer um despacho numa esquina, chegou em casa queixando-se de forte dor de cabeça. Pediu, então, que sua mãe, Rita Alexandrina Ferreira, fizesse uma sopa e sentou-se junto do sobrinho de quatro anos, que assistia televisão na sala.

— Uma voz me falou no ouvido: mata ela, que ela não é sua mãe.

Esta a primeira resposta de Severino aos que lhe perguntavam o porquê de ter se levantado da cadeira para buscar um pedaço de pau com que abateria sua mãe, que vinha da cozinha para sala, trazendo o prato de sopa pedido.

A cunhada de Severino que, da cozinha, ouviu o barulho do prato se quebrando, assustou-se com o grito da criança:

— Mãe, o tio matou a vó.

Severino permaneceu diante do corpo até a polícia chegar. Foi levado sem a menor resistência da pobre casa de dois cômodos onde morava. Hoje ele habita uma escura cela da delegacia de São Gonçalo e diz:

— Estou pagando uma dívida sem dever. Eu não fiz nada.

Severino, apesar de considerado esquizofrênico ou "maluco" pelos policiais, há sete meses está na delegacia como preso comum. De oito em oito dias recebe uma visita de 10 minutos do pai.

Operário apanha na hora da posse

No dia 15 de março, ao mesmo tempo em que pomposamente era empossado em Brasília o novo presidente biônico do Brasil, seis policiais do 7º Batalhão de PM — Patamo 0016 — espancavam, no bairro de Itaúna, o copeiro Mauro Gomes, de 19 anos, vindo de Juiz de Fora.

Na Clínica São Gonçalo, onde foi deixado pelos policiais, Mauro teve seu braço engessado.

— Ele fraturou dois ossos do antebraço e se não tivesse sido tratado ficaria com o punho deformado. De qualquer forma, precisaria de um acompanhamento criterioso. Mas, quando lhe dei alta, passei uma receita e ele me disse que não adiantava pois não tinha dinheiro.

O médico Geraldo Motta Filho descreveu Mauro como "quieto, cara de humilde, típico balconista de bar". Na clínica, o copeiro confessou aos médicos que "a polícia me meteu o cacete". Como não tinha dinheiro, Mauro acabou recebendo das mãos de um médico uma nota de 100 cruzeiros "pra ajudar na passagem". Embora do conhecimento de médicos, enfermeiras e até mesmo do policial da clínica, o caso não foi registrado e Mauro Gomes teve alta na tarde do dia 16. Tudo bem.

Polícia Militar sequestra no ônibus

No dia 15 de janeiro, seis policiais de uma Patamo do 11º Batalhão de PM fecharam um ônibus da Viação Mauá, no trecho compreendido entre a CBEE e o 3º Regimento de Infantaria, na rua Dr. March, retirando de seu interior Jarbas Muritiba de Souza, (26 anos) que se dirigia ao centro de São Gonçalo para fazer compras.

A família de Jarbas, residente à rua Guaporé 119, Engenhoca, foi logo avisada por inúmeras testemunhas do seqüestro. Seu pai, Jason Muritiba de Souza, conta a história.

— Fazia 20 minutos que ele tinha saído. Nós partimos pra delegacia, fomos no 11º Batalhão, mas até hoje ninguém sabe dele, ninguém viu. Os órgãos policiais dizem que não sabem de nada e que não prenderam ninguém. Eu tenho certeza que ele foi preso, tirado do ônibus entre meio-dia e meio-dia e meia e entregue não se sabe a quem. Mas eu nunca vi uma prisão que não seja registrada em delegacia alguma, que rádio, televisão e jornal não dê nada. Eu considero isso um rapto.

Chorando, Jason pede:

— A gente só quer saber se meu filho existe ou não. A dúvida nos mata. Eu já emagreci não sei quantos quilos e tinha até resolvido deixar esse caso de lado porque vem nos maltratando muito. Não gosto mais nem de tocar nesse assunto.

Soluçando interrompe seu desabafo e sai em busca de fotografias de Jarbas. Retorna refeito e continua:

— Eu já perdi as esperanças. Não sei se para arrancar alguma coisa de uma pessoa são preciso dois, três meses. Mas mesmo morto ele tinha que aparecer. Não é um cachorro, nem bicho que a gente dá uma pedrada no meio da rua e enterra. Eu ficaria satisfeito se dissessem: "seu filho foi preso, cometeu isso, aquilo". Pelo menos é uma satisfação. Não sabemos do que ele está sendo acusado. Eu não defendo ele de nada, mas nós, pais, passarmos por isso, sem saber seu paradeiro... São dois meses.

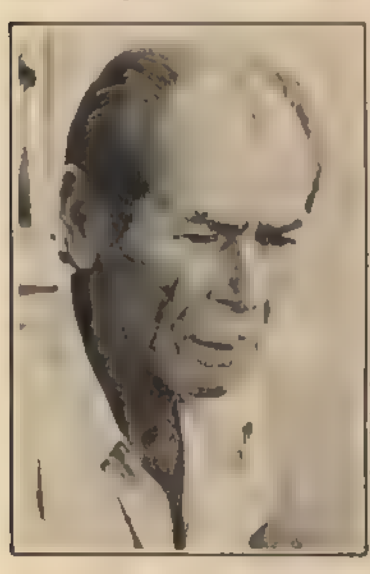
No dia dois de fevereiro, a família de Jarbas teve mais uma prova de que ele está ou esteve em poder da polícia:

— Jarbinha foi levado ao Hospital Antônio Pedro, em Niterói, por dois militares para fazer um curativo na coxa. Ele aproveitou e pediu a alguém que passava para avisar a família. Essa pessoa não sabia nosso endereço e ficou rodando por aí até encontrar um conhecido nosso, no dia seguinte. Partimos pra lá na mesma hora e o nome no registro do hospital não combinava. Apanhei uma fotografia e levei lá. O guarda que estava de serviço disse: "ué, fui eu que coloquei esse rapaz na maca e ouvi ele dizer pra avisar à família". Um oficial do 11º Batalhão de PM foi comigo até o Antônio Pedro e o guarda de segurança confirmou na vista dele.

O sr. Jason diz que tanto o 11º BPM, quanto a delegacia de Neves — responsáveis pelo policiamento da área do seqüestro — foram comunicados "mas ninguém prendeu, ninguém fez nada, ninguém viu".

— Pedi a meus filhos pra não se envolverem no caso e deixarem o problema comigo porque não tenho mais nada a perder. Eu não quero acusar quem foi — melhor do que eles pra saber não há. Meu negócio é localizar Jarbas, mas infelizmente a gente tem que calar. Eu não faço pressão porque tenho medo. A corda arrebenta do lado mais fraco. Prezo muito minha família e de desgraça já chega esta. Agora, estamos procurando os meios militares.

O sr. Jason Muritiba, ex-combatente da Marinha, é pai de quatro filhos.



Jason Muritiba, pai de Jarbas

Foto de Custódio Coimbra

Jarbas, seqüestrado no ônibus

Foto de Márcia Chavantes

● Antônio Caetano de Azevedo 31 anos, condenado a seis meses de prisão por contravenção — jogo de bicho.

Eu era funcionário público e tive que pedir demissão porque o ordenado não tava dando. Eu tinha até servente pra limpar minha mesa, mas o dinheiro não dava. Aí, pedi demissão e caí direto no jogo de bicho.

Daqui a quatro meses eu saio daqui. Vou procurar emprego e ninguém vai querer me dar, pensando que sou bandidão. Vou ter que fazer jogo de bicho outra vez. A partir do momento em que o camarada cumpre a pena, tinha que ter condições de regularizar os documentos.

Promotora diz que povo sente medo

— À noite, eu não aconselho São Gonçalo pra ninguém. É uma terra em que se mata e se atenta contra a vida todo dia. Talvez já estejamos até habituados com o crime.

Estas palavras são da promotora de Justiça Maria de Lourdes de Oliveira Ribeiro, que atua na 4ª Vara Criminal de São Gonçalo. Apesar das ameaças, ela foi a responsável pela condenação de dois, dos seis torturadores do operário Elton Alves Monteiro, que ficou definitivamente paralítico das pernas, tendo o intestino e o aparelho urinário destroçado pelas sevícias que sofreu no interior da delegacia de Alcântara (74ª DP), em outubro de 1977. Os quatro policiais envolvidos, no entanto, continuam soltos.

— Os dois principais apontados estão condenados, mas não foi fácil. Recebi todo tipo de ameaça que se possa imaginar. Telefonavam dizendo: "Saia do caminho. Você está atrapalhando". Fui seguida na rua, tive parentes ameaçados. Eu tinha medo, mas nunca deixava de afirmar para o local de onde eu desconfiava que partiam as ameaças que iria até o fim. São Gonçalo, eu defendo com muito amor e, por isso, nunca deixei transparecer o medo que tinha. Minha função exigia que eu demonstrasse coragem.

A promotora Maria de Lourdes acha que São Gonçalo, atualmente, está vivendo uma de suas fases mais tranqüilas.

— Quando entrei pra São Gonçalo, em 72, havia grandes quadrilhas organizadas para assaltar. Peguei a fase dos bandidos **Caveirinha, Cristovinho, Pé-de-Boi** ou **Niterói, Dondinha**, entre outros. Vencemos e agora não se vê mais grupos organizados. É muito mais fácil combater indivíduos do que grupos. Naquela época, em Alcântara, chegou a ocorrer uma média de 12 assaltos por dia, num grande clima de violência.

Apesar de acreditar ter havido uma parada nas atitudes de violência da polícia civil — "da PM não posso falar porque trabalhamos diretamente com a civil" — a promotora Maria de Lourdes atesta:

— Existe uma desconfiança tão grande da população com relação à polícia que um leigo (cidadão comum) tem medo quando é chamado a uma delegacia. Mas a polícia não é isso que vemos na atualidade. Sua função é agir preventivamente, e não só quando já ocorreu o crime. O meu melhor relacionamento com a polícia está sendo agora. O cidadão comum não tem a menor segurança, não tem nada. Só depois que é assaltado ou morto é que as providências são tomadas. Não se previne o crime.

Há mais de seis anos trabalhando em São Gonçalo com as portas de seu gabinete abertas ao povo, Maria de Lourdes Ribeiro considera que "o baixo nível é a causa primordial da criminalidade".

— Aparecem no meu gabinete chefes de famílias encostados no INPS com três, quatro filhos, com ordem de despejo. Você vai ver a casa e encontra um barraco com água caindo por tudo quanto é lado, os filhos subnutridos, a mulher grávida e também subnutrida. Pessoas me procuram com lista pra tudo. Até pra compra de botijão de gás. Deve ser muito duro pra um chefe de família não encontrar solução para as suas dificuldades: mulher e filhos doentes e não ter dinheiro pra comprar remédio. Um chefe de família desses mata o dono da vendinha onde comprava fiado, onde safava sua fome.

Preocupada em fazer justiça, Maria de Lourdes afirma que procura dar mais atenção ao criminoso de menos condição, "pois, apesar de ser uma verdade que atenta contra a lei, os processos de um réu pobre e de outro de situação melhor são diferentes".

— Um réu de melhor posse tem um advogado pra cuidar do processo e pode se dar ao luxo de pagar uma perícia mais apurada. Enquanto isso, na minha Vara, existem cerca de 400 a 500 processos por mês para um único defensor. Nós brigamos em São Gonçalo por um processo igual, mas quando se pega um processo de doutor, ou de filho de doutor, as dificuldades triplicam.

"Que me desculpe a promotora Maria de Lourdes, mas a tendência é piorar, é aumentar a violência. Só se combatem os efeitos e não as causas do crime, que são a inflação, desemprego, fome e vai por aí afora. Mas eu não posso ficar dizendo isso, pois vão dizer que sou comunista"

[illegible]

Milionários impunes vendem terras ilegais pros pobres

Famílias poderosas, profissionais liberais e até um grande bicheiro são donos de terras clandestinas na periferia de São Paulo. O número de lotes irregulares é impreciso, calcula-se entre 100 mil e um milhão. Os moradores reclamam com a prefeitura, mas não há leis para punir os loteadores.

Rafael Parisi, 78 anos, prefere ser conhecido por suas antigas atividades como médico. Adora ser chamado de "doutor", mas para as 800 famílias do Jardim São Rafael, em Santo Amaro, zona sul de São Paulo, e para outras centenas de famílias dos 40 loteamentos ilegais que ele tem em toda cidade, será sempre o loteador clandestino, o maior de todos. Gordo, meio surdo, sempre de óculos e chapéu, tem se esquivado da imprensa, e até usa sua mulher, Tiália, para isso. Quando telefonamos para sua casa, na elegante avenida Higienópolis, para marcar entrevista ela deu inúmeras desculpas. Quando tentamos de novo ela dizia que era a governanta e que o "doutor Parisi não está passando bem de saúde".

Outro Parisi, Alfredo, tem uma imobiliária como fachada para seus negócios. E também vende loteamentos clandestinos. Dizem que ele é dono da metade do bairro do Bexiga, um dos mais folclóricos de São Paulo. É, também, um dos três maiores bicheiros de São Paulo e, recentemente esteve nos noticiários dos jornais. É que Alfredo Parisi mandou confeccionar cinzeiros para seu amigo candidato a deputado federal, o coronel Erasmo Dias. Como bicheiro que financia campanhas políticas ele apareceu mais do que como loteador clandestino.

Outro nome muito comum nos processos que correm no Forum de São Paulo: Filipe Lutfalla, dono da Imobiliária e Construtora Lutfalla S.A., primo de Silvia Lutfalla, mulher de Paulo Salim Maluf, governador de São Paulo.

O ascensorista do prédio número 40 da rua Barão de Paranapiacaba, bem no centro de São Paulo, não mais se surpreende com súbitas invasões e vai logo perguntando para os que sobem: "Vão para o oitavo, não é?". Nesse andar funciona o departamento jurídico da Lutfalla e, geralmente, quem vai lá são moradores do Jardim Arizona, uma gleba loteada há 11 anos na Penha e que até hoje está com a situação irregular.

Matarazzo, Mercedes, Klem, são algumas famílias que exploram terras na periferia de São Paulo. Mas têm médicos, fazendeiros, pessoas influentes que se apoderam das terras pessoalmente ou através de imobiliárias, que muitas vezes não passam de arapucas.

Terreno clandestino: sem rua, sem água, sem luz

Foto de Juca Martins — agência F/4

De vez em quando, os loteadores levam tremendo susto: os 300 moradores do Parque América fretaram ônibus e foram até a imobiliária reclamar suas escrituras. Calcula-se em 100 mil o número de lotes considerados irregulares em São Paulo. Mas os advogados que tratam do problema, baseando-se na informação do Departamento de Parcelamento de Solo da Prefeitura, estimam em cerca de 1 milhão o número desses lotes. Só nesse departamento há 4 mil processos de regularização de loteamentos.

Prefeito não entrega nomes dos culpados

Firmino, advogado da Comissão de Direitos Humanos da Igreja:

— Recentemente, quando o presidente Figueiredo disse que iria prender os loteadores clandestinos, nós fomos ao prefeito para que nos desse os nomes. Um levantamento da Sociedade Amigos de Bairros da Zona Sul de São Paulo indicou, três anos atrás, que de 130 loteamentos, 115 eram irregulares. Inicialmente, a Prefeitura nos respondeu da seguinte forma: os loteadores não existem mais, eles fugiram. Mas nós levantamos seus nomes: Matarazzo, Lutfalla, Rafael Parisi, família Klem. E a Prefeitura tinha seus nomes, conhecia todos os loteamentos irregulares. O povão construindo suas casas nos fins-de-semanas, pagando 200% de acréscimo sobre esse loteamento e a Prefeitura dizendo que ignorava os nomes dos donos desses terrenos.

Quer dizer que a Prefeitura tem culpa no cartório?

— Tem. Esse povo tá num beco sem saída. As casas têm de ser construídas nos fins-de-semana e na marra, porque se for na Prefeitura o funcionário pergunta prá ele: "Você tem escritura regularizada? Não? Então não pode entrar com o pedido de "habite-se". Se o próprio prefeito reconhece que o loteamento é irregular porque ele não reconhece também a construção? Seria conceder uma anistia para as construções.

Como são feitos os contratos de compra e venda?

— São contratos leoninos. Em qualquer papelaria você compra um formulário padrão por uma mixaria. Na imobiliária estão cobrando Cr$ 1.800,00. É uma indústria de ouro. Criaram agora uma minuta de escritura, um rascunho que estão cobrando Cr$ 800,00 cada. Está tudo combinado com os caras dos cartórios que exigem essa minuta. Os 800 cruzeiros são divididos entre cartório, escrevente e imobiliária. Quando você não faz nos cartórios combinados, os donos das imobiliárias não vão lá assinar os contratos. O coitado entra na fila do matadouro e leva surra até o fim.

Qual é outro tipo de jogada?

— Os loteadores jogam com a reivindicação popular. Por meio de políticos eles conseguem luz e água para um loteamento bem longe, mas acontece que o terreno no meio do caminho também é dele, do mesmo proprietário. Esse terreno é valorizado automaticamente porque o benefício atinge ele também.

Há solução contra os loteadores?

— Pessoalmente eu acho que não há muitos recursos. Essas ações são, em geral, demoradas. Eu digo sempre: imagine entrar com uma ação contra os Lutfalla. O Maluf tem recurso para contratar 50 advogados ou mais, que vão ficar enrolando na justiça. Eles já sabem também o significado da liberdade de imprensa, tá entendendo? Compram os jornais.

Faltam leis para punir loteadores

Marco Aurélio Ribeiro, deputado estadual:

Por que os loteadores clandestinos estão impunes?

— A gente tem uma legislação que, na realidade, não prevê nenhuma punição drástica para o loteador. Aliás, aqui no Brasil é comum as pessoas que tenham dinheiro não serem punidas na Justiça. A legislação prevê crime contra e economia popular, mas para se tocar o caso até o fim é muito difícil. Isso porque dependemos das investigações policiais para andarmos com o processo judicial. Tem outra situação mais grave: é quando o loteador vende, sem ser ele o proprietário. Mas aí fica configurada também outra situação, a da grilagem de terras. Nunca se vê um grileiro condenado pela justiça.

Quando começou a luta pela posse da terra na cidade?

— De uns quatro anos para cá. Às vezes, a pessoa entrava com uma ação, o juiz acabava dando um parecer favorável e ele registrava a escritura. Só que o dono das terras não tinha escritura. A partir daí, começou a haver uma conscientização de que só lutando coletivamente é que se conseguiria o registro dos imóveis. Quer dizer, como a questão não era individual, a luta também teria de ser global. Então começamos a fazer reuniões nos loteamentos, para mostrar que o problema era de todos.

Como é o processo de regularização do terreno?

— Vamos pelo começo. O loteador tem uma área grande. Loteia e corta essa área em vários pedaços. No Cartório de Imóveis tem seu nome. Acontece que ele tem de registrar o terreno na Prefeitura. Acontece que a aprovação do loteamneto na Prefeitura tem determinadas exigências, o que significa que há determinados gastos para o loteador, que tem de fazer ruas, rede de esgoto, guias e sarjetas. As ruas têm de ter determinada largura, para áreas livres, como escolas, creches, área verde, enfim, os chamados "equipamentos urbanos". Como o loteador não faz essas obras, estão embolsando esse dinheiro.

Quer dizer que a lei é falha?

Veja bem: agora o prefeito Olavo Setúbal uma legislação que anunciou como benéfica para o trabalhador, mas na verdade esse decreto permite que o dono do loteamento dê uma área menor para os beneficiamentos da área. Ou seja, é um decreto que só beneficia o loteador, não suas vítimas.

Reportagem de Rivaldo Chinen

Os quatrocentões e primos Paulo Egydio e Olavo ladeiam um general nada quatrocentão

Bardella quer ser

Fotos de Helio Campos Mello

O clã rejeita Zizinho

Eles não têm nome na lista telefônica; suas dívidas nunca são protestadas; não andam com dinheiro, penduram; perguntam primeiro pelo sobrenome; detestam a Rede Globo; compram direto da fábrica; são herdeiros de fortunas griladas e sobretudo não se misturam com pretos, judeus, árabes ou italianos

Quatrocentões fazem o que querem em SP

"Quatrocentão" é uma palavra criada em São Paulo pelos que se consideram diferentes dos outros por terem raízes nesse Estado há 400 anos. São, hoje, perto de 350 famílias que não vieram de outros Estados, nem do estrangeiro e formam uma casta privilegiada que controla a economia e a política do maior Estado do país. Dizem que descendem de nobres e bandeirantes; são chamados por uns de "barões do café" e por outros, como piada, de "arrotos de barões"

A maioria dessa gente é latifundiária. Têm fazendas em muitos Estados e plantações ou criação de gado no Paraguai. Quase todos possuem fortuna por herança, fortunas conseguidas com grilagem de terras e com exploração das glebas dos pobres na "quebra de 29", quando o café arrasou os pequenos lavradores.

Nenhum elemento da casta se dirige a alguém sem perguntar o sobrenome. Costumam casar entre si e, quando um deles desbunda — casa com alguém fora do clã —, o casamento é feito com separação de bens, para evitar golpes do baú.

Na roda dos bem nascidos, nada é parecido com os usos e costumes dos demais mortais. Dinheiro, por exemplo, não é problema para o quatrocentão. Ele não precisa usá-lo. Não precisa ter no bolso cheques ou talões de crédito. Nos restaurantes e bares que freqüenta — como o "Plano's" ou "Hipopotamus" — ele assina notas que serão cobradas, mais tarde, em seu escritório.

Os quatrocentões que empobreceram ou passam por dificuldades econômicas são auxiliados pelos quatrocentões ricos, para não envergonhar a "classe". Mesmo que não se conheçam pessoalmente, eles se ajudam. Para os "decaídos" são arranjados "empregos" em empresas estatais, com bons vencimentos e pouco o que fazer.

Alguns merecem a ajuda. É o caso de Cassio de Campos, filho do ex-governador Carlos de Campos, sujeito bondoso, simpático que teve um emprego na Companhia de Seguros do Estado, mas que entende do assunto e gosta de trabalhar. Outros casos, como o de José Afonseca, parente do ex-ministro Macedo Soares — para quem foi arranjado um lugar na "Olivetti" como Diretor de Serviços junto ao Poder Público — são de puro tráfico de influências.

Quatrocentão também goza do privilégio de ter o nome excluído da lista de assinantes da Companhia Telefônica, para evitar chateações ou "facadas". Título protestado em cartório ele não tem nunca: os cartórios de protesto — que não ousam apontar títulos de indústrias poderosas como a Volkswagen e a Matarazzo — avisam-no, gentilmente, sobre algum problema e sempre há tempo de ter o nome limpo.

Quatrocentão Abreu Sodré

Pretos não são admitidos no clã dos quatrocentões (embora se diga que eles têm 400 anos de São Paulo e 800 de Congo). Árabes (chamados com escárnio de "turcos"), judeus e italianos são tolerados, com preferência para estes últimos que têm as melhores chances de entrar no círculo, através do casamento. É o caso de Zizinho Papa — presidente da Federação do Comércio — e de Cláudio Bardella — industrial. Eles ainda não foram aceitos completamente mas estão autorizados a freqüentar alguns ambientes "exclusivos" da casta.

Há casos excepcionais, entretanto. Herbert Levy, deputado e banqueiro, descendente de judeus, entrou na família dos "nobres" através de casamento com Ferreira e para ser bem acolhido passou a se chamar Lévi (descaracterizando o sobrenome mosaico).

Apesar da pompa e dos privilégios, muitos quatrocentões "têm os pés na cozinha", são descendentes de "equívocos" ou de "ocultos nos armários". Mas conservam a pose e os gostos de seus iguais: lêem o "Estado de SP" — propriedade dos quatrocentões Mesquita — que é pra eles como bíblia e detestam televisão, principalmente a Rede Globo; usam tudo do melhor, importado ou comprado diretamente das fábricas: relógios Wacheron & Constantin, camisas Yves S. Laurent, isqueiros Dupont, calçados Sutoris.

Alguns são cultos, todos têm bibliotecas, mas a maioria tem os livros virgens. Nas recepções admitem pintores e escritores (se forem da Academia de Letras) que participam como "extras" dos filmes de "far-west", elementos de decoração. Quatrocentão joga tênis, tem bom papo e é pão-duro. Pode até ser caridoso, mas, ao cheiro do povo, prefere o cheiro de cavalo das corridas no Jockey. Joga bridge no clube Harmonia, torce pelo São Paulo F.C., freqüenta leilões de arte onde compra quadros pela assinatura, como investimento.

Quatrocentão que se preze nunca se meteu em farda. Detesta militares. Só gosta deles para as conspirações e para a preservação de seus bens em caso de revoluções.

Viagens à Europa fazem parte da vida do "privilegiado". Entre suas propriedades possui certamente casa em Roma e apartamento em Paris. Mas gosta também de ir a Guarujá, cidade praiana a 70 quilômetros de São Paulo, já dividida em três compartimentos: Guarujacó (dos judeus), Guarujafet (dos "turcos") e Guarujabá (dos bem nascidos).

No Guarujá há um clube fechado, o "Samambaia" que dá bolas pretas para quem não tem sobrenome. Um tal Senor Abravanel, vulgo Silvio Santos, conhecido explorador dos carnês do "Baú", tentou gastar fortuna para entrar no "Samambaia", mas foi vetado; árabes e judeus (como ele) não entram.

Os sobrenomes são muitos: Toledo Pisa, Vidigal, Mesquita, Arruda Camargo, Arruda Campos, Ortiz Monteiro, Figueiredo Ferraz, Sampaio Dória, Egydio Martins, Egidio Setúbal, Arruda Sampaio, Almeida Castanho, Almeida Prado, Gurgel do Amaral, Amaral Gurgel, Alves de Lima, Carvalho Pinto, Moraes, Barros, Madureira, Rodrigues Alves, Novaes.

Abusos, vícios, corridas noturnas pelas ruas da cidade, maconha, "pozinho" usado pelos filhos, são abafados. Os crimes, também.

E há os piores espécimes, como Plinio Correa de Oliveira, chefe da organização nazista TFP — Tradição, Família e Propriedade; como um deputado fascista que na Câmara Federal representa a oligarquia contra os pobres, um tal de Cardoso de Almeida. E há um fascista, dedo-duro, que herdou o nome e um cartório do pai: Fernando Nobre Filho. Nobre no nome e plebeu na inteligência. Esnobe, reacionário, ligado à TFP, com ares de importância, cartorário metido a Príncipe de Gales, bom para instigar ricos contra pobres e melhor para correr de medo numa hora de "pega pra capar".

Carlos Morgado Pereira
Fotos de Helio Campos Mello

1º de Maio Essas entrevistas foram feitas, em duas tardes, no Parque Dom Pedro II, em São Paulo, um imenso terminal de ônibus habitado diariamente por quase um milhão de pessoas, moradores da periferia. Entrevistamos quase 30 deles, ao acaso, e o que segue publicado é um retrato fiel do espírito geral de todos os entrevistados.

Povão tá doidinho pra fazer uma greve

Reportagem de Iracema Silva; Fotos de Amancio Chiodi

Aparecida, faxineira

O patrão precisa de nós

Aparecida Guarnieri, 41 anos — Faxineira.
A senhora faria greve? Fazia. Era a primeira. **A senhora acha que seu salário tá pouco?** É lógico. É salário mínimo. Dá pra se viver? **A senhora ganha salário mínimo?** É salário mínimo. **Tem família?** Tenho. **E as coisas tão muito caras?** Nossa! Só o aluguel é Cr$ 3 mil. **O dobro do salário...** Então você vê, né. E comer? E comida? **E como é que a senhora faz?** Como é que faz! Come o que tem, né? Paga quando pode... Paga um, paga outro, fica devendo pro um, é assim a vida. **Greve pode resolver isso?** Isso. Tá certo eles. Por que se nós precisa dos patrão, eles também precisa de nós, né? **A senhora trabalha onde?** Numa imobiliária. Eu até pedi a conta, más eles, por enquanto, ainda não me deram, né? Porque eles queria me explorá, sabe. Queria que fizesse limpeza em duas imobiliárias... queria que eu carpisse quintal, sabe? Queria me fazer de trouxa mesmo, então eu larguei de lá.

Não dá, a lei nacional proíbe

Vendedor de balas
O senhor sabe das greves que estão acontecendo? Eu não sou desse partido, eu sou governista. *O senhor é a favor do governo?* Sou, sim senhora. *Mas fazer greve não significa que o senhor é contra o governo.* Não. Não. Não posso. Sou proibido pela lei nacional. Não posso falar nada. O *que que é proibido pela lei nacional?* Eu não quero falar contra o governo, minha moça, minha moça! Ai, meu Deus do céu!

Tem tanta greve por causa da necessidade

João Pereira, 56 anos — Zelador

Por que o senhor acha que está havendo tanta greve? Olha, pra dizer a verdade, a gente acha que é por causa às vez da necessidade. É isso aí. A gente não sabe explicá direitinho esse negócio. Não tenho acompanhado nada, nem televisão nem nada dessas coisas, quase não tenho tempo, sabe? Então, a gente não pode dizer nada, não assistiu nada. **O senhor acha que o custo de vida tá bom, tá alto, tá baixo?** Baixo não tá e nunca baixa (risos)... Tá sempre cada vez mais alto. Vamos supor que o custo de vida sobre o salário que eu ganho e outros ganha, o custo de vida tá dobrado por três vez. **O senhor acha que precisa ter um aumento de salário?** É. Ou senão que o custo de vida baixasse pra nós, pra tudo quanto é povo, que o salário não tá dando pra comer... não dá. Só quem tem a profissão, tá certo, ganha 7, 8, 9. Agora, braçal, como é o pessoal, povo de São Paulo, tudo que toca fábrica, não tem 5 na carteira. É 2, 2 e meio, por aí.

João Pereira, zelador

Sebastiana, gari

Muito lixo, pouca grana

Sebastiana — Limpeza Pública
A senhora acha que através da greve o povo vai conseguir melhora de salário? **Talvez...** *A senhora acha que o salário tá pouco?* **Tá. Pouco tá mesmo, né? Carrego a maior sujeira, é nós que carrega. Pra nós eu acho que tá pouco, sim. Nós tá precisando mesmo.** *A senhora faria greve?* **Eu sou nova de firma, quer dizer... Mas se elas concordar de entrar em greve eu também sou obrigada a entrar porque eu não vou, né, deixá elas pra traz, que eu não tô na frente delas que são mais velha.** *A senhora sabe o que é sindicato?* **Não.**

Mãe de grevista topa

Julieta — Dona de Casa

Tenho dez filhos. Meu marido é pedreiro, ganha 20 pau por hora. Tem meus dois moço, um com 20, outro com 19, que trabalha também. Tem um que tá com um mês numa firma e ele não tá registrado ainda. E eu não tô achando nada bom do salário, porque ainda hoje fui no mercado com 500 conto. Trouxe uma coisinha numa sacola. Um bacalhau a gente não pode comprar. Ovos que era o mais barato, é 20 cruzeiro a dúzia. Verdura, a gente vai na feira, não pode mais comprar. **A senhora faria greve?** Faria. Meus dois filhos fizeram greve na Santa Fé, lá na fábrica de doces. Todo mundo fez greve. Todo mundo ficou parado. O gerente despejou. Disse: quem não quiser trabalhar, que tá achando que o ganho é pouco, vai embora. Meus dois filhos e mais sete pararam. E o resto começou a trabalhar. Meus filho foi pro advogado, perderam quase um ano de firma cada porque o patrão não deu o aumento. Todo mês ele prometia pra meus filhos. Todo mês. Todo mês. Quando vinha pagamento, a mesma coisa. Tenho também duas filha que trabalha. Ganha 1.900 cada uma numa fábrica e trabalha pra morrer e o dono da fábrica inda diz que elas trabalha pouco.

É uma garantia para o povo

Reinaldo Rufolo, 34 anos — Mecanógrafo

O senhor está sabendo das greves que estão acontecendo? Tô sabendo assim por alto, mas não me interessei em saber. Eu, graças a Deus, tô trabalhando... **E o que você pensa sobre greves? Como assim? O que você acha: certo ou errado?** É... é um meio do povo se garantir pra alguma coisa, não é verdade? Eles tão ganhando pouco, né? Eu acho que eles tão certo de fazer greve... principalmente o funcionalismo público, né? Eles ganham muito pouco, né? É isso aí, né? Você vê, um funcionário que ganha aí salário mínimo coitado. Como é que ele pode viver? Ele se desespera. Ele chega numa situação que ele parte pra um roubo, uma coisa assim... O pessoal é trabalhador, tudo, mas falta coisa em casa, então ele começa a roubar, assaltar, não é verdade? Tem filhos, tudo, mulher, paga aluguel, despesa, né? Então ele fica aflito, começa a roubar, matar, fazer coisas que não tem que fazer. Mas tudo isso depende da política do nosso país, não é verdade? Fazer o que, não é? Se ninguém tomar providência o quanto antes vai aumentar o índice de desemprego, roubo... é isso aí, né?

Reinaldo, mecanógrafo

"Não faço greve, só me afasto do serviço"

Fiscal acompanha o bloco

Fiscal de ônibus — Não deu o nome

Os direito do trabalhador é o mesmo que qualquer um do patronal. Porque o patrão... Suponhamos... você paga Cr$ 70 para o patrão por um quilo de carne. E eu, como operário, pra comer tenho que pagar, e agora você ganha um milhão e eu ganho um tostão. E o preço que você paga a mercadoria, eu tenho que pagar, então, dentro dessas partes, a mercadoria. Então, tinha que ter um nível da mesma coisa... Suponhamos... você ganha mais, paga mais caro. Agora, quem ganha menos tem que pagar ela mais barata. **Para lutar por melhores salários, o senhor faria greve?** Não, não. Eu já acompanhei um punhado de tempo de greve, não admito parte de greve. Agora, acompanho o bloco que vai. Daí eu não faço. Só que não prejudica quem tá fazendo. **Se sua classe fizer greve, o senhor também faz?** Não, eu não faço. **O senhor continua trabalhando?** Não. Só não vou no serviço. **Então o senhor tá fazendo greve.** Não! Eu afasto do serviço. Mas não vou no piquete. **O sindicato está do lado do trabalhador?** O sindicato acontece uma coisa bem feita. Se nós tivesse todo o sindicato associado em um comando de todos os sindicato, fosse que nem é esse Lula aí, nós tinha uma outra vida mais melhor. Só que tem que a todas parte do sindicato são parte dos patrão. Os próprio diretor. Só por enquanto teve o Lula, dos metalúrgicos, que foi o homem mais macho.

PM não pode se manifestar

Soldado da Polícia Militar, à paisana

O senhor está sabendo das greves? **O problema é o seguinte, eu não posso tocar nesses assunto porque eu sou da PM, pra mim... Eu tenho a minha opinião, mas não posso dizer nada. Só pelo Comando Geral, que eu posso dar uma manifestação. Se a senhora quiser mais detalhes vai no Comando Geral que eles informa direitinho. Não vai levar a mal, viu?**

É bom, tá certo sim

Josefa — Empregada doméstica

Você acha que tá certo fazer greve? Eu acho. Porque de uma parte é bom por causa que tem muito pai de família que ganha bastante pouquinho. Então eles não querem pagar. Então é bom. ***Você faria greve?*** *Eu também faço greve. Se acontecer também deles fazer greve, assim comigo. Eu também faço. Eu acho que ganho pouco também.*

Cobradora acha que não adianta

Maria Zenaide Severino — Cobradora de ônibus

Você faria greve? Não. *Por quê?* Ah, porque eu acho que não adianta. Não adianta greve. *Por quê?* Porque quem manda é o presidente da República. O que ele falou, tá falado. *O seu salário tá dando pra viver?* Não, não dá. Isso não dá. Tenho quatro filhos. Se pago aluguel, não posso comer. Se como, não pago aluguel.

José Francisco, motorista

O problema é perder o emprego

Maria Aparecida, 23 anos — Faxineira numa pensão

Sabe das greves? Eu não presto muita atenção nessas coisas, não. **Não tá sabendo de nada?** Não... ouvi falar, pela televisão também. **Por que você acha que o pessoal faz greve?** Ah, a maior parte eles tão certo, noutras parte acho que não adianta nada, né? Tem muitos que faz greve, depois quando volta a trabalhar perde o seu emprego, tudo. **O salário tá dando pra viver?** Ah, o salário tá pouco, né? Mas não interessa se eles aumenta o salário, aí aumenta o custo de vida. Não interessa nada. Porque cada dia que passa as coisa aumenta, o salário não aumenta, então o que interessa fazer greve? **Então você não acha que o pessoal deve mostrar que o salário não tá dando pra viver?** Mas de qual jeito eles vão mostrar? **Pois é isso que eu tô perguntando: que jeito você acha que eles devem mostrar?** Então, isso eu também não sei.

Maria Aparecida, faxineira

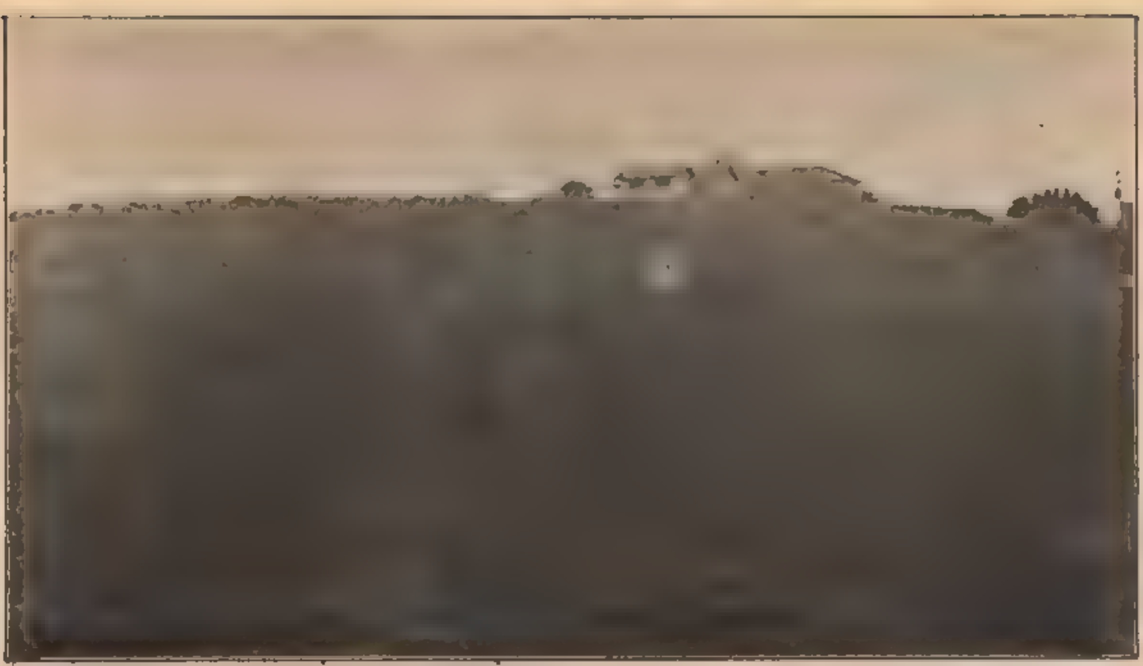
Só pára se todo mundo parar

José Francisco, 38 anos — Motorista de ônibus

Acha que as greves estão certas? Se uma vez que tão fazendo, eu, no meu pensamento, eu acredito que tão certo, né? **Acha que eles tão fazendo greve por que?** Devido os ordenado que tá pouco. **Acha que precisa aumentar o salário?** Eu acredito que sim. Eu acho que tá na hora de aumentar, porque o que se ganha tá muito pouco. O custo de vida tá demais. **O senhor faria greve?** Se os outros fazer, eu faço. Sozinho não posso fazer. **E sobre o seu sindicato, o que pensa?** Sobre... como assim? **O senhor é sindicalizado?** Não. **Não é sindicalizado por que?** Eu não sou devido porque... nunca ninguém... e depois outra, eu tenho uma idéia de demorar pouco aqui. Tô trabalhando, fazendo uma força pra sair daqui de São Paulo, porque já tô esgotado aqui. É por isso.

MÊS DAS NOIVAS
DIA DO TRABALHO
DIA DAS MÃES
GUIDACCI

Oficial do Serviço Secreto acusa: tudo o que acontece na sua casa é ouvido e visto à distância por um equipamento de microondas da rádio do quartel de Quitaúna, SP. Diretor do Dentel o considera apenas um "excêntrico", mas Raul Ron, engenheiro eletrônico com experiência na Nasa confirma a existência dessa aparelhagem



Esta é a rádio de onde partem os raios que atingem o militar

Raios misteriosos atacam sargento

Reportagem de Rivaldo Chinen; Fotos de Amancio Chiodi

O oficial do serviço secreto do Exército, Rubens Vieira da Conceição, faz esta acusação: algum militar do Quartel de Quitaúna, São Paulo, operando na Rádio do Exército, através de microondas, consegue gravar toda conversa, filmar dentro de sua casa e ainda tenta controlar sua mente. Rubens procurou os jornais para contar o que estão tentando fazer com ele. Inicialmente, pensou tratar-se de alguma experiência, mas depois convenceu-se de que não é exatamente isso. Talvez o estejam punindo.

Rubens procurou inicialmente o Dentel, órgão do Ministério das Comunicações, onde não obteve resposta para sua dúvida. Depois, esteve na DOPS e no SNI, que destacaram técnicos para verificar se havia algum aparelho receptor em sua casa, mas não encontraram nada.

Além do Exército, quem tem Rádio operando com microondas é o IV Comando da Aeronáutica-COMAR e o 14º Batalhão da Polícia Militar de São Paulo, além da Rede Globo de Televisão.

Ao procurar inicialmente o Dentel o que lhe disseram?

— O capitão Salvador me bateu nas costas e disse: "Rubens, vá descansar". Quando converso com outras pessoas, elas logo pensam que sou louco. Mas se você souber o que o Exército tem em matéria de eletrônica você não duvida de mais nada.

Quando começou a sentir os efeitos da microonda?

— Foi em 1975. O sujeito que jogou os raios na minha casa, por acaso estava bêbado naquele dia. Minha mulher e minha filha de 22 anos estavam tomando banho e ouviram gracinhas. Elas pensaram estar loucas, mas percebi que as ondas só podiam ter vindo da Rádio do Exército, de Quitaúna, pois moro exatamente embaixo da torre dessa Rádio. Tanto uma como outra falaram: "Como é que você, sendo do serviço secreto do Exército, não descobre quem mexe com esses raios?". Aí entrei de surpresa na Rádio do Exército e vi um infeliz bêbado, de cueca, vendo na tela e ouvindo tudo o que se conversava dentro de minha casa.

O que acontece quando se joga um raio de microonda numa pessoa?

— O raio mexe tanto com essa pessoa que pode até matá-la. Tentaram me matar com esse raio, mas os desgraçados não conseguiram. Acho que o que estão fazendo comigo é, antes de tudo, invasão de propriedade.

Qual era a tua patente no Exército?

— Eu era do Serviço de Inteligência, II Seção do Estado Maior do Exército, assessor do general Artur Aisqueterral, do Serviço de Promoção. Tudo que ele mandava eu fazia. Aí prendi o tenente Demóstenes e o sargento Iutáqui, porque ambos vendiam promoção. Eles sabiam que certa pessoa ia ser promovida e através de um trambique retardavam essa promoção. Depois, cobravam para a promoção sair.

Quer dizer que você prendeu os dois oficiais?

— Prendi. Isso foi a ruína da minha vida. Vai ver que são eles que estão nos escutando e filmando. Além disso, eu dei um murro na cara do subcomandante Ricardo Palmeira Barros. Acertei firme. Acho que é por isso que eles, agora que estão por cima, estão tentando fazer isso comigo. Estão me usando.

Rubens não se deixou fotografar de frente

Willians, filho do Rubens, um garoto forte e meio tímido, de 16 anos, mora com a mãe e irmão na casa dos avós, no mesmo bairro de Rubens. É operário numa fábrica em Osasco, cidade vizinha à Quitaúna, e faz ginásio à noite. Sua irmã Elizabeth, aquela que era vista tomando banho nua, e sua mãe Anésia, dificilmente são encontradas em casa. Trabalham o dia inteiro e ainda fazem curso noturno.

Você sabe o motivo da separação dos seus pais, Willians?

— Sei sim. Papai bebia muito. Desde 1975 começou a beber e não parava mais. Bebia vinho o dia todo, tomava verdadeiro fogo de vinho. E veio com aquela história de raios que só ele via e escutava.

Quer dizer então que não existe nada disso?

— É grupo do meu pai. Ele bebe e fica delirando. Nem minha irmã nem eu acreditamos nisso. É fantástico demais.

Voltei a conversar com Rubens. Ele tinha a mão esquerda toda ensangüentada. Parecia mais tratar-se de um corte de faca, embora ele alegasse ter sido alvo de disparo de fuzil automático a longa distância. Tinha sangue por toda a sala. Perguntado se aquilo estivesse doendo ele respondeu sorrindo: "Dói? DOI-CODI? CODI-DOI"?

Seu filho Willians nega a existência do tal aparelho, e agora?

— Ele é um moleque não sabe de nada. É a mesma coisa que você dizer assim: vi uma bruxa, não pode ser porque não há bruxa. Mas você viu, e você tem que acreditar nisso. É coisa real.

Pro coronel, sargento está lelé-da-cuca

Depois de querer saber como soubemos da existência do problema de Rubens e fazer uma ameaça ("se houver qualquer referência de nossa conversa, eu tomarei providências") o coronel Ivan de Andrade, diretor do Departamento Nacional de Telecomunicações (Dentel), em São Paulo, deu, por telefone, a seguinte entrevista:

— Qualquer pessoa está sujeita a ser procurada por pessoas excêntricas, principalmente quando se ocupa determinados cargos a nível de autoridade. Pessoas excêntricas quer dizer aquelas colocadas fora do centro de equilíbrio.

O sr. conhece Rubens há muito tempo?

— Esse moço, casualmente, quando rapazinho, ao fazer o serviço militar, serviu no mesmo quartel que eu servia como oficial. Isso há mais de 20 anos e desde aquela época não mais o vi. Procurei me informar e soube que este moço está com as condições psíquicas inteiramente alteradas. Era decente, honesto, cumpridor de seu dever. Hoje, está totalmente lelé da cuca. Infelizmente sofre das faculdades mentais.

Como é que o sr. soube disso?

— Mandei investigar. Ele tentou falar comigo, me causou pena. Sofre de delírio de perseguição. Fala em ondas magnéticas que somente ele detecta. Esse moço fez-se passar por mim, realizando vistoria num serviço de telecomunicação por aquelas bandas de Quitaúna. Recebi essa informação por escrito. Veja só, ele chegou a dizer que era eu, numa inspeção noturna.

Quer dizer então que o sr. não crê nem um pouco na história do Rubens?

— Se o problema desse moço era de interesse jornalístico o sr. iria entrar na maior fria. Não seria um alvo compatível para uma atividade jornalística. Eu acho que já chega por aqui. Já dei uma posição bastante clara sobre o assunto. A não ser que o sr. queira se submeter ao ridículo.

Ex-engenheiro da Nasa confirma tudo

Formado nos Estados Unidos, Grécia e Itália, o argentino Raul Ron fala com a experiência de quem já trabalhou até com foguetes (projeto Skylab)

— As microondas, dependendo da freqüência, causam certos tipos de problemas fisiológicos: perda da visão, queda do cabelo, manchas nos pulmões e impotência sexual. Dependendo da freqüência, isso tudo pode ser mais grave ou menos grave. Hoje, a alta freqüência nao tem grande influência no pensamento humano. A baixa freqüência sim. Exemplo disso é a máquina IBM elétrica. Basta você ligar, não precisa trabalhar com ela. Sua freqüência faz muito mais mal que a microonda, mesmo que você não escute bater as teclas.

Pode-se dirigir microondas para uma pessoa?

— As microondas podem ser dirigidas para um local determinado, para pessoas que estão em movimento. O raio microonda é diretivo, concentrado, não se expande, vai direto. Inclusive, se você ver a torre de microonda, notará que ela é sistema parabólico, tem o centro dessa torre que atinge uma distância de 60 quilômetros em linha reta.

Quais as conseqüências para a pessoa?

— Psicologicamente, diante de todas aquelas conseqüências físicas de que falei o cara pode ficar louco, pode falar besteira, enfim, você vê o cara com inúmeros problemas.

É possível controlar a mente de uma pessoa através do [illegible]?

— Aí entramos num campo aparentemente místico, porém real. É possível. Eu mesmo trabalhei na IBM com um computador desse tipo: as pessoas estavam numa sala batendo a máquina, tudo perfeitinho, e de repente elas começavam a se agredir, a rasgar os papéis, a fazer uma confusão tremenda. Mas elas se submeteram a esse teste. Noutro caso, esse que você está contando, também é possível. O primeiro passo é fazer com que a vítima tenha um desiquilíbrio mental. É um sistema no qual você sabe como funciona o cérebro. O cérebro emite um tipo de freqüência quando você está dormindo, nervoso, com sono. Aí você induz essas pessoas. No mundo hoje pensam que isso é ficção científica, mesmo nos Estados Unidos e Alemanha.

Raul acha possível

É possível fotografar ou ver alguém no interior de uma casa a longa distância?

— Sim, embora seja mais complexo, mas pode ser feito. Escuta e fotografia é possível, e é possível inclusive se neutralizar. Pode-se eliminar as causas dessa interferência, para que o sujeito não seja mais violado em sua intimidade. Mas são outros tipos de raios, pois com a microonda é impossível. Tem um sistema americano, que já vi, que é uma maravilha. Um avião pode sobrevoar a área e saber que estamos conversando aqui dentro de casa. Usam raios infravermelhos, que detectam o calor. Acredito que haja coisas mais fortes. Mas não creio que sejam usados para atingir alguém especificamente, a não ser, é claro, em caso de guerra. Isso deve custar por volta de 5 milhões de dólares, é um investimento vultuoso.

E a gravação a longa distância, é um sistema mais simples?

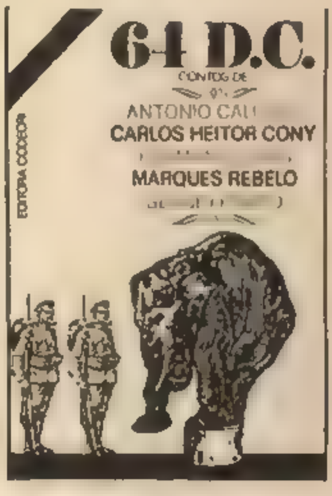
— Gravação é simples. É até estúpido se fazer. Alguém pode estar a dois mil metros e nos ouvir. O sistema mais aplicado é o do micro-transmissor, um microfone acoplado de altíssima sensibilidade, que a cada vez que se fala transmite uma freqüência X, e a uma distância de, digamos, dois mil metros, pode se fazer o que quiser. A antena é normal.

Fotos impossíveis no processo de Cajá

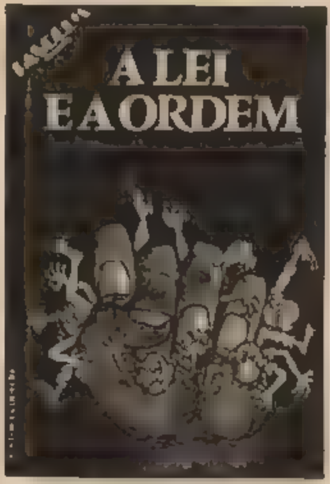
• *O advogado Idibal Piveta, defensor de presos políticos, tem entre seus clientes o estudante Edval Nunes da Silva, o Cajá. Contou que no processo de Cajá os órgãos de repressão anexaram fotos e fitas gravadas a longa distância, dentro de um ambiente fechado. Quer dizer, todo mundo que estava na reunião conversou à vontade, sem saber que suas conversas estavam sendo gravadas e eles filmados.*

• *Um piloto de aviação comercial disse ter visto um aparelho na Rede Globo de Televisão capaz de focalizar a pessoa a longa distância, e levar ao ar a conversa dessa pessoa. Lembrou que foram feitas experiências com jogadores de futebol. O aparelho focalizava os jogadores no gramado e de longe registrava tudo o que eles falavam. Até que um dia resolveram levar isso para o ar. Foi a primeira e última vez, pois as Forças Armadas proibiram o uso desse aparelho.*

CODECRI. A EDITORA QUE VAI FUNDO.

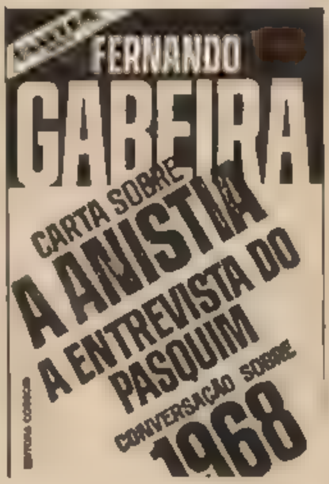


Ref. 43 - 64 d. C.
Antônio Callado, Carlos Heitor Cony, Hermano Alves, Marques Rebelo, Sérgio Porto.
128p. Cr$ 80,00

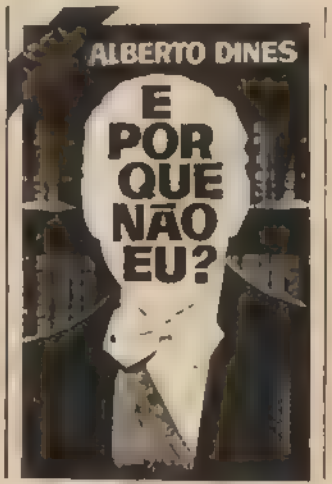


Ref.45 - A lei e a ordem
Armindo Blanco
157p. Cr$ 140,00

Ref. 47 - Tem piranha no pirarucu & As folias do látex
Márcio Souza
110p. Cr$ 100,00

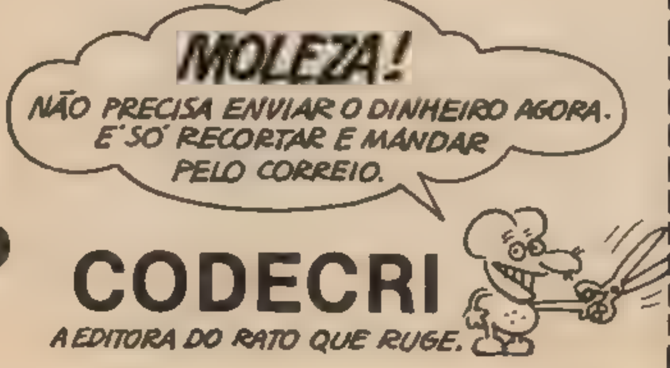


Ref. 48 - Carta sobre a anistia
Fernando Gabeira
80p. Cr$ 65,00



Ref. 50 - E por que não eu?
Alberto Dines
73p. Cr$ 85,00

Compre hoje mesmo, nas livrarias ou pelo Reembolso Postal.



CODECRI
A EDITORA DO RATO QUE RUGE.

EDITORA CODECRI — Serviço de Reembolso Postal
Rua Saint Roman, 142 — Copacabana
22.071 — Rio de Janeiro — RJ
Queiram enviar-me os livros abaixo assinalados:

Nome: ....
Endereço: ....
Profissão: .... Idade: ....
CEP: .... Cidade: .... Estado: ....
Assinatura: ....
Referência: (assinale aqui os livros que você quer ler):

43	45	47	48	50

Doentes esperam a vez deitados no corredor

Não há enfermeiros para todos os doentes

Funcionários almoçam no banheiro

Souza Aguiar trata mal os doentes e os funcionários

SUJEIRA COME SOLTA NO HOSPITAL DO GOVERNO

Reportagem de Vera Lúcia Dias; Fotos de Custódio Coimbra

Durante três dias, a repórter Vera Lúcia Dias e o fotógrafo Custódio Coimbra percorreram as instalações do Hospital Municipal Souza Aguiar, no centro do Rio de Janeiro, responsável pela maior média de atendimento diário da cidade. O que viram é simplesmente estarrecedor. Falta material, falta pessoal, as condições de trabalho são as piores possíveis, funcionários fazem suas refeições pelo chão e ao lado de latrinas cheias de cocô.

Com 420.935 atendidos em 1978 e uma média de dois mil atendimentos diários, o Souza Aguiar é considerado um dos melhores Pronto-Socorros da America Latina. No entanto, nesse mesmo hospital pacientes não têm enfermeiros que os alimentem, doentes esperam horas para que o médico encontre material de sutura para costurar um ferimento, atendentes são deslocados para serviço de raio-x, falta soro fisiológico, baratas correm pelos banheiros e doentes pernoitam em filas para conseguir atendimento.

Fachada moderna esconde a realidade do "Souza Aguiar

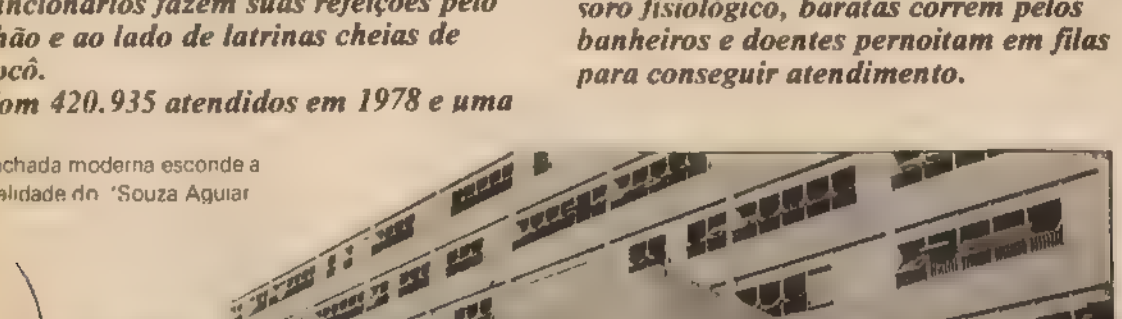


Foto de Chiquito Chaves

A precariedade do hospital Souza Aguiar nao é algo que salte aos olhos. Quem percorre os corredores revestidos de pisos de borracha, sente o cheiro de desinfetante e depara com a sofisticação da unidade coronária, não pode imaginar que nesse mesmo hospital falte fios e agulhas de sutura, seringas, tesouras, esparadrapo, sondas nasogátricas (que vão do nariz ao estômago, pela qual o doente se alimenta), sondas visicais (pela qual o paciente urina), aparelhos de pressão, penicilina, albumina humana, analgésicos, vitaminas, material cirúrgico para operação dos olhos, material de assepsia (sabonetes e esterilizantes), máscaras, gorros, luvas e roupa especial para cirurgias e necrópsias, material de ambulância, roupa de cama e berços em condições para crianças.

Quem se restringe aos corredores não pode adivinhar que as duas estufas de esterelização estão quebradas e que todos os outros fornos se encontram com defeito. Não pode realmente saber que a falta de sondas faz com que estas sejam transferidas de um doente para o outro, quando só poderiam ser usadas uma vez. Como o processo de esterelização é mais do que deficiente, é muito comum ver uma sonda de um paciente ser utilizada em outro, com resíduos da bexiga do primeiro, em certos casos até areia renal (dos rins). Muito comum também é ver uma luva de borracha que foi usada em um exame ginecológico, ser utilizada em uma cirurgia, depois de passar por uma fervurinha. Isso sem falar nas macas que levam cadáveres para a patologia — local altamente contaminado — e voltam para o pronto-socorro, para serem usadas sem passar pela esterelização, e andam nos elevadores que tanto transportam cadáveres como doentes.

No entanto, driblando o esquema de segurança e

penetrando nas enfermarias e outras dependências do hospital, vê-se que, devido à carencia de roupa de cama, os lençóis não são trocados diariamente e que muitos pacientes permanecem com roupas sujas de sangue, urina e fezes.

A limpeza dos corredores não é a mesma de certas salas de atendimento, onde ataduras e luvas de borrachas ficam jogadas nos cantos, onde doentes esperam para serem atendidos, sem o mínimo conforto. Há momentos em que as salas ficam tão cheias que os pacientes esperam deitados no chão. Na radiologia, onde três aparelhos estão quebrados e onde não há médico radiologista, os doentes esperam horas para serem atendidos. O detalhe é que esses pacientes são encaminhados pela emergência, muitas vezes estão em precárias condições de saúde e ficam sozinhos o tempo todo, uma vez que não há um número de auxiliares de enfermagem suficientes no hospital para tomar conta desse setor. Havia no local uma criança que estava há três dias com o braço quebrado e ainda não havia conseguido tirar radiografia. Sua mãe, Alice Moura, disse que teve "que cortar um dobrado" até conseguir constatar na triagem que o caso de seu filho era de emergência.

A improvisação tem presença permanente no hospital. Em um passeio pelo Centro Cirúrgico vê-se que as obras não foram terminadas e que, embora a sala de cirurgia contaminada ainda não tenha sido inaugurada e não tenha nenhum material cirúrgico, estava sendo utilizada no dia 18 de abril para uma operação. Conversando com a auxiliar de enfermagem que saía do recinto, perguntei:

A sala já foi inaugurada?

— Não, não tem nada aqui.

Mas como é que tá operando?

— Ué, com nada. Não tem material nenhum aqui. Tá horrível, a gente tem que pegar tudo na outra sala.

As condições de higiene oferecidas pelo Souza Aguiar são as piores possíveis. Os banheiros são imundos, entupidos e não têm água. Fedem tanto que a sala de espera para o atendimento em ambulatório, onde há dois banheiros de uso público, recende a éter, fezes e urina. Nos corredores próximos à emergência, macas sujas de sangue ficam expostas durante horas, isso sem falar na mesa ginecológica, que não tem nenhuma espécie de revestimento, nem mesmo um lençol.

No bar, os ratos e baratas correm de um lado para o outro. Nos "baratões", nome dos refeitórios do hospital (existe um para o pessoal de nível superior e outro para o de nível médio), os funcionários têm que levar seu próprio talher e comem todos os dias, invariavelmente, feijão, arroz e carne, que às vezes vêm premiados com baratinhas ou cocô de moscas. As bandejas onde a comida é servida são engorduradas e geralmente na segunda rodada de uso vêm com um feijãozinho ou grão de arroz de quem comeu anteriormente. No pátio interno do hospital há um lago onde se despejam resíduos e o lixo fica exposto em frente ao almoxarifado de material médico-cirúrgico, local onde é descarregada a alimentação antes de seguir para a cozinha.

Quando ao atendimento à população, as filas para conseguir números para ser atendido nos ambulatórios começam às quatro da madrugada. Isso para aqueles que buscam somente uma consulta, porque os que estão na batalha de uma cirurgia têm que pernoitar na porta do hospital, já que só são distribuídas duas fichas. Às 7 horas distribuem-se os números e por volta das nove as pessoas começam a ser atendidas. Como há uma média de 40 a 50 pacientes para os ambulatórios mais procurados, a consulta não pode durar muito mais que dez minutos.

As pessoas que não conseguem fichas para o ambulatório ou que não são consideradas como casos urgentes para a emergência são enviadas para o Pronto Atendimento (PA), que só foi criado para acabar com as filas. Na fila do PA, encontra-se casos como o de Raquel Costa Reis, que tem uma gastrite e há mais de três meses chega em crise ao hospital e recebe injeção no Pronto Atendimento. Como Raquel mora em Engenheiro Pedreira e tem filhos pequenos, não pode ir cedo para o Souza Aguiar e batalhar a ficha do ambulatório, mesmo porque teria que sair às três da madrugada de casa.

Nesse setor, o médico se limita a ouvir as queixas do doente e a receitar. No dia 18 de abril, dirigi-me a essa unidade, afirmando ter uma dor de estômago tão forte que não havia conseguido dormir na noite anterior. A médica, perguntando se eu ainda estava sentindo a dor, disse que poderia ser vermes e sem sequer me tocar, receitou gotas contra espasmos para tomar de oito em oito horas. Depois, fui à farmácia do hospital, sendo informada que não tinham aquele remédio no hospital e nenhum similar. Três outras pessoas foram procurar medicamentos, sem conseguí-los.

No subsolo, o pessoal da limpeza é obrigado a comer no chão

Pessoal da limpeza vive na sujeira

No subsolo do hospital, onde funcionam casa de máquinas, manutenção de materiais, lavanderia, rouparia, e a coordenação do pessoal de limpeza, as condições de trabalho e higiene são as mais precárias possíveis.

Na lavanderia, onde cerca de 350 quilos de roupa são lavados diariamente, o clima de insatisfação é visível. A maioria dos funcionários não recebem insalubridade pelo contato com roupa contaminada, não recebem nem mesmo uma luva para protegê-los de contaminação. O forno que ferve as roupas vai a uma temperatura de 210 graus. Não há nenhum exaustor, somente dois ventiladores que de nada adiantam.

Afirma um funcionário que o número de pessoas que adoecem por causa do calor é enorme, e que o acúmulo de trabalho, por causa dessas licenças, é também muito grande, pois a direção do hospital não coloca pessoal substituto.

— Aqui, quem não é surdo, usa óculos ou tem problema de coluna. O que tem de gente com problema de coração e úlcera nervosa também não tá no gibi. Eu mesmo tenho uma. Mas aqui é assim: a gente não tem salário, não tem segurança, só tem trabalho. Doze horas de trabalho por dia.

Segundo os lavadeiros, as máquinas estão completamente obsoletas. Das duas turbinas de torcer roupa que existem no local, uma está com o eixo de segurança frouxo, o que a faz desabar de dois em dois dias. O perigo e tensão são permanentes. Até o momento ninguém se machucou com esses desabamentos, que acontecem há três meses mas sabe-se que no Hospital Miguel Couto um funcionário morreu por causa de uma desabamento desses.

Além disso há as constantes mudanças de temperatura pela qual as pessoas passam para pegar roupa nas secadoras. A temperatura média de uma máquina dessas é de 90 graus e a temperatura ambiente é de 27 graus, isso significa que cada vez que alguém abre a máquina para colocar ou pegar uma peça está tendo um choque de temperatura de 63 graus.

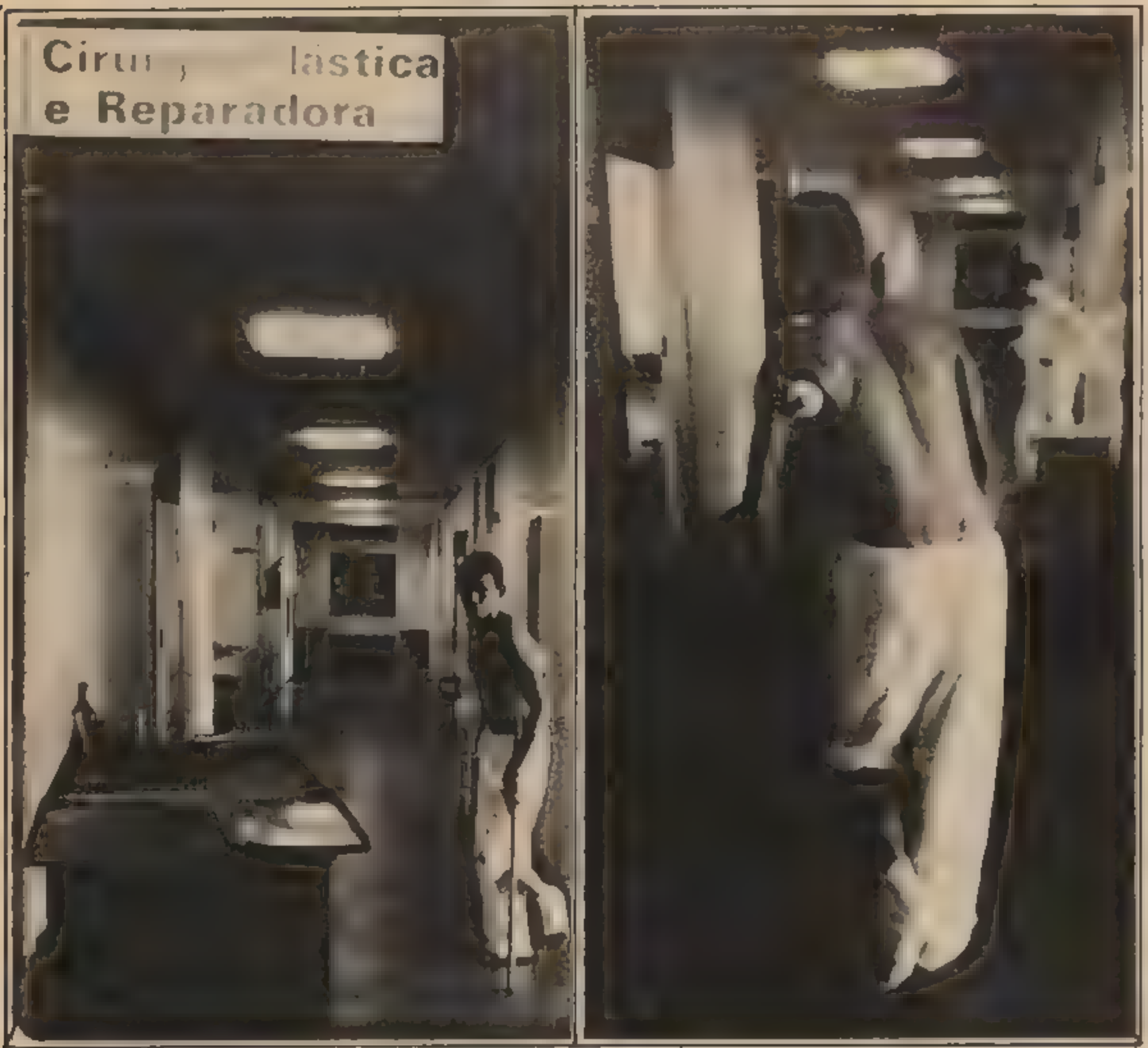
Em todo o subsolo o ar é sufocante, o barulho ensurdecedor e há vazamentos das tubulações de esgostos do hospital. Na sala da coordenação do pessoal de limpeza o vazamento vem do chão, das paredes e do teto. Há dias que chega a um tal ponto que os funcionários não podem fazer uso da sala. Isso sem falar no fedor. Esses funcionários não são contratados pelo Souza Aguiar mas sim pela Dinâmica, empresa que fornece mão-de-obra de limpeza para todos os hospitais do Estado e do Município.

Não têm refeitório próprio, sendo obrigados à guardarem e comerem suas marmitas nos banheiros, todos sujos. Apesar da imundicie, as funcionárias da Dinâmica lavam esses banheiros todos os dias, e dizem que se não o fizerem "simplesmente ninguém consegue passar na porta".

Diz uma servente que já cansaram de reclamar e que na questão da comida não adianta pedir na cozinha porque são postas de lá pra fora.

— Aqui é isso: barata, rato e percevejo. Uma sujeira só. Mas como é aqui em baixo ninguém vê. O pior é que a gente tem que comer aqui. Antigamente ainda dava pra filar alguma coisa na cozinha, mas depois que o dr. Frederico (ex-diretor do hospital) pegou uma servente fazendo marmita na cozinha e fez ela voltar e devolver a comida as coisas ficaram duras. Agora eles preferem jogar fora, estragar, do que dar pra gente.

No vestiário das serventes, a única pia não tem torneira



No Souza Aguiar o doente tem que se virar

Falta de médicos causa mortes

As condições de trabalho dos médicos do hospital estão muito longe das condições mínimas para se prestar um bom atendimento. O número insuficiente de profissionais, 580, contando médicos formados, residentes (recém-formados) e acadêmicos (último ano das faculdades), não consegue dar conta do fluxo de doentes que buscam o hospital. Em cada plantão há uma média de 48 profissionais, entre as três categorias. Fazendo uma média com os dois mil pacientes que procuram o Pronto-Socorro, fica bem claro que é praticamente impossível prestar uma boa assistência.

O número de pessoas que procuram a emergência é tão grande que as salas de repouso estão sempre lotadas. Isso faz com que muitos pacientes fiquem em repouso (estágio anterior à internação) no mesmo local onde são atendidas as pessoas que chegam ao Pronto-Socorro e em contato direto com as pessoas que chegam esfaqueadas, baleadas e atropeladas. No caso do paciente ter que ficar em observação, para saber se precisará ou não de um repouso, a coisa complica. Como não há lugar para colocar o doente, este fica na mesma sala que recebe as emergências, deitado em macas de metal, sem lençóis. Foi numa situação dessas que uma moça, que havia sido atropelada, morreu de fome e sede. Ficou três dias em observação na sala de emergência, onde é proibido servir comida. Resultado: morreu de inanição. Essa proibição de servir comida se deu pelo fato de mendigos simularem crises para dar entrada no Souza Aguiar e, dessa maneira, terem direito à alimentação.

O fato do centro cirúrgico estar sempre ocupado com cirurgia de rotina (aquelas que são marcadas previamente) faz com que, normalmente, os casos de cirurgia de emergência tenham que esperar vagar a sala para serem operados. É muito comum ver pessoas baleadas ou esfaqueadas aguardando três, quatro horas para subirem para a sala de cirurgia, correndo o risco de entrarem em choque, devido à grande perda de sangue.

Casos como o de um bêbado, que deu entrada no hospital em estado de quase coma alcoólica e que fugiu sem que ninguém visse; o de um homem que esperou três horas para ser atendido, foi mandado para casa e estava com hemorragia digestiva; e de uma médica que, visitando o hospital, foi chamada aos berros por uma auxiliar porque um doente havia "parado" (parou o coração) na unidade coronária, estão na ordem do dia do Souza Aguiar.

No Centro de Tratamento Intensivo — CTI — só há um médico para cuidar de oito leitos. Isso quando a Organização Internacional de Saúde determina que, para uma unidade dessas, é necessário um médico para cada dois leitos. Com a greve dos bolsistas e residentes, os dois acadêmicos do setor não estavam trabalhando, o que significa que se dois doentes tivessem uma parada cardíaca caberia ao médico decidir qual deles viveria, uma vez que não pode atender os dois simultaneamente. Na unidade coronária, onde um residente, ajudado por dois acadêmicos, é responsável por seis leitos, o cardiologista (médico formado), estava se dividindo entre a emergência (2° andar) e a unidade (3° andar). Se um doente "parar" quando o médico estiver no posto de emergência, pode morrer, porque não há ninguém na unidade para socorrê-lo

A verdade é que o grosso do atendimento da emergência é todo prestado pelos acadêmicos e residentes, embora as autoridades neguem esse fato terminantemente.

Fora as deficiências causadas pela falta de pessoal há ainda o fato do descanso obrigatório dos plantonistas raramente ser cumprido, existindo também o problema de quando se consegue descansar não haver camas em quantidade suficiente.

Auxiliares ganham pouco e são pau pra toda obra

Para os auxiliares de enfermagem e enfermeiros do Souza Aguiar um dos grandes problemas do hospital é a falta de pessoal especializado. Isso se reflete na quantidade de pessoas disponíveis para as funções de enfermagem, ao todo 530, com uma média de 22 faltas diárias, e na qualidade dos serviços prestados. Muitos auxiliares são formados em "cursinhos", que na realidade são fábricas de diplomas. É claro que isso faz com que os profissionais existentes sejam sobrecarregados de trabalho, e que muitos sejam deslocados de seu trabalho específico para "quebrar o galho" em outro setor.

Conta uma auxiliar, que, como todos os profissionais que apontam as deficiências do hospital, pede para não se identificar, que a carência de pessoal chega a tal ponto que uma enfermeira fica encarregada de prestar serviços a dois andares de enfermarias.

— O mais absurdo é que a determinação dos andares é completamente aleatória. Muitas vezes a enfermeira fica responsável pelas enfermarias do quarto e do sexto andar. Como é que ela vai poder estar em dois lugares ao mesmo tempo? Enquanto a gente aprende nos livros que cada auxiliar de enfermagem só pode prestar um bom atendimento a oito doentes, quer dizer, ficar responsável por duas enfermarias, a gente aqui pega uma ala inteira, que dá um total de sete enfermarias. Se um auxiliar pára pra dar comida a um paciente, outro doente fica sem medicação porque não tem gente bastante para fazer as duas coisas. Muitas vezes é o paciente do lado que dá a comida ao que não pode comer sozinho e quando não encontra ninguém para ajudá-lo o doente fica mesmo sem alimentação. Quantas vezes o copeiro vai recolher as bandejas e a comida tá lá, intacta. O pior é que se a gente reclama, taxam a gente disso e daquilo e não resolvem nada

Como se já não bastasse essa precariedade de pessoal, ainda há no hospital uma legislação que proíbe qualquer auxiliar ou enfermeiro de assumir o seu posto se chegar no trabalho com mais de uma hora de atraso. Além de contrariar a CLT, que só pune o trabalhador que se atrasa em três dias consecutivos (e mesmo assim com a perda de um terço do dia), essa lei interna faz com que ocorra uma média de 20 faltas diárias, o que torna o serviço de enfermagem ainda mais deficiente. Outro problema constante do hospital é que as poucas enfermeiras de nível superior, normalmente não desempenham função de enfermagem, restringindo-se a serviços burocráticos e ao controle do pessoal, que significa "dedar aqueles que chegaram atrasados".

Além dos baixos salários que recebem, o pessoal auxiliar não tem direito ao pagamento do adicional por contato com doenças contagiosas, e nem a roupas especiais para lidarem com esses pacientes. Afirma um deles que pegou cachumba dentro do Souza Aguiar — que são muitos os que já ganharam na Justiça o pagamento da taxa de insalubridade, mas que até hoje não viram um tostão

— O que dizem aqui, quando a gente reclama, é que há uma triagem antes do doente ser encaminhado à emergência e que nós não temos contato com doenças infecto-contagiosas. A verdade é que tuberculoso também é atropelado e que antes de tratarem da tuberculose dele, ele vai é pra emergência cuidar das escoriações. O negócio aqui é não bobear, senão a gente acaba sendo pau pra toda obra. Sábado passado mesmo (14 de abril) queriam que eu fosse sozinho na ambulância com o motorista, levar uma criança para o hospital São Sebastião. Quem sempre faz isso junto com a gente são os acadêmicos. Como eles estão em greve, nego começa a apelar. Agora, imaginal a criança tava com difteria, tinha que fazer traqueotomia, não tinha oxigênio na ambulância, você acha que eu ia me arriscar? E se acontece alguma coisa com a doente? Além de eu não saber socorrer, a bomba ia estourar em cima de mim na hora das responsabilidades. Como eu disse que não ia levar e não encontraram nenhum residente para acompanhar, uma hora depois chegaram à conclusão de que a criança não estava em condições de ser transferida.

Os doentes abusam, diz o diretor do hospital (foto)

Diretor mente ou está por fora

Depois de 18 anos no Hospital Salgado Filho, onde chegou a vice-diretor, o dr. Edison Farias assumiu há menos de um mês a direção do Souza Aguiar, onde foi acadêmico de 52 a 54. Num gabinete elegantemente mobiliado, que tem como fundo um jardim de inverno, ele falou sobre sua visão do hospital e suas metas de administração.

— O maior problema a ser enfrentado aqui é a conscientização do povo. Nós precisamos integrá-lo ao hospital e fazê-lo ver que só deve buscar o atendimento de emergência em caso de real necessidade. O que ocorre é que há um abuso muito grande da população no chamado de ambulâncias, às vezes até por brincadeira, e isso faz com que as cinco ambulâncias que temos, que dão perfeitamente conta dos chamados, fiquem sobrecarregadas e muitas vezes um chamado de maior eurgência tem que esperar. Isso é muito importante porque o paciente está em primeiro lugar, e a minha filosofia de trabalho é toda caucada na integração do paciente-hospital e servidores, que só se consegue através do respeito e de um alto padrão técnico-administrativo.

Como o senhor pretende resolver o problema das filas do Souza Aguiar?

— As filas não são do Souza Aguiar, você está muito específica nesse hospital. As filas são de todos os hospitais do Município, do Estado e do INAMPS. Aonde você for tem filas, até no cinema tem filas. A fila é uma característica do brasileiro. Depois, tem uma coisa que a gente tem que levar em conta: dentro das filas há pacientes que estão ali por hábito, hipocondria (mania de doença), por saber que ali recebem vitaminas de graça, e até para se tornarem conhecidos no hospital.

Como o senhor explica as queixas que a população faz contra o atendimento do hospital?

— Esse hospital atende por dia a 2.500 casos de emergência, a maior média do Rio. Desses casos, se 2.499 são bem atendidos e um, muitas vezes pelo desconhecimento do leigo, acha que não foi bem atendido, é esse um que pesa e que é divulgado. No entanto, temos milhões de cartas de agradecimentos que, por ética, não publicamos. Temos até uma placa na portaria da emergência que foi colocada por um ex-paciente do hospital, em agradecimento. Isso ninguém vê.

Há muitas queixas contra a higiene do hospital.

— Nós temos um contrato com uma firma de limpeza que presta esse serviço ao hospital 24 horas por dia. São 120 pessoas trabalhando diariamente na limpeza, e que fazem toda a dedetização da casa. O contrato com essa firma é super-rigoroso e se uma de suas cláusulas não for cumprida há rescisão.

Mas dizem que há baratas na comida.

— Baratas aparecem até na nossa casa, tem em todo lugar. Na comida é impossível. Como a mesma refeição dos funcionários da casa e, sinceramente, não tenho queixas.

Dizem, ainda, que falta material básico no hospital, como por exemplo, fio de sutura.

— Absurdo. Você acha que vai entrar um paciente na sala de operação sem ter fio de sutura? Como é que ele vai sair, todo aberto? A crítica que você está nos trazendo não é a crítica construtiva, é a crítica detalhista do profissional da crítica.

Há quem diga que falta medicamentos no hospital.

— Não, o que existe aqui é padronização medicamentosa que obedece à prioridade das necessidades. Temos os medicamentos básicos e essa padronização atende em cheio às necessidades terapêuticas preconizadas pelas unidades de serviço.

Todos os funcionários têm direito à comida do Hospital?

— Todos desde que estejam trabalhando em período que englobe refeições. Nós temos dois refeitórios, um para o pessoal de nível superior e outro para o pessoal de nível médio. Isso não é discriminação, porque a comida servida em ambos os refeitórios é a mesma. A separação visa somente manter a hierarquia e a disciplina para o bom andamento do trabalho. Nesses refeitórios o sistema usado é o auto-serviço, a pessoa se serve de quanto quiser, e o cardápio é todo balanceado por nosso corpo de nutricionistas. Consta de: feijão, arroz, ovos, carne ou frango, massas, refresco e café.

Mesmo os serventes contratados pela firma de limpeza têm direito às refeições?

— Claro.

100.000

LEITORES EM TODO O BRASIL

anuncie no

REPORTER

RIO - TELS.: 253-5038 E 253-5077
SÃO PAULO - TEL.: 222-3103

No mês de maio, dê uma assinatura do REPORTER pra sua mãe.*

*LEMBRETE: AVÓ É MÃE DUAS VEZES.

CUPOM DE ASSINATURA

— Assinatura por 12 edições: 140,00
— Envie cheque nominal ou vale postal para:
Rua Miguel Couto, 134 - salas 1101 a 1104 - RJ - CEP 20.000
Você pode assinar o REPORTER, a partir do nº 0
Indique a partir de que número você quer sua assinatura..

Nome: ....

Profissão:..

Endereço: ....

CEP:........... Cidade:........... Estado: ....

OU PELO TELEFONE: RIO - 253-5038 E 253-5077 - SÃO PAULO - 222-3103

1º de Maio

1. Patrão paga quanto quer e cobra 40% de juros
2. A comida é cara, falta sal; criança nunca viu bolacha
3. Escola não ensina o aluno nem a assinar o nome
4. Pra chegar ao sindicato custa Cr$ 600
5. Funrural atende os pobres por último
6. Seringueiro não pode nem votar

Seringueiro culpa governo pela miséria

Rubem Rebouças de Oliveira, seringueiro há 50 unos, morador na Colocação Canta Galo, município de Tarauacá, estado do Acre mandou uma carta, em maio de 1978 ao então presidente Geisel. Como não sabe escrever, gravou uma fita e deu na mão de antropólogos que fizeram com que ela chegasse, pelo menos, às redações de alguns jornais.

(Batendo com os dedos na mesa e em voz baixa)

Não sei se eu... eu cumprimente ele premero, pra podê...

Boa noite presidente da Nação, general Ernesto Geise.

Eu venho, pelo meio desta cumprimentação, de um caboco brasileiro nascido no estado do Acre, venho lhe cumprimentá, dando os agradecimentos da fita passada que gravei na presença do Delegado Geral do Ministério do Trabalho do Acre e o doutor do Incra de Cruzeiro do Sul.

Eu pedi também na fita passada que o senhor estava sentado de costa para o estado do Acre. O senhor virasse, sentasse de frente e olhasse as nossas condições do triste selvage seringueiro. Portanto, eu aviso para o senhor que o senhor ainda não sentou-se de frente mesmo para o estado do Acre. O senhor tá de banda ainda.

Pois o seringueiro aqui ainda não tem... já tem a garantia, e tal, mas é preciso ir lá no sindicato. Entonce nois pagamo muito caro as passage dos altos rios pra ir em Taroacá, lá à presença do presidente da nossa sociedade.

Entonce é preciso para a milhoração da vida dos seringueiro, a inviol ação do produto, é preciso que o senhor... arrume a comperativa pra comprá nossa borracha mesmo na cidade de Taroacá. Ou mesmo que não queira arrumar a comperativa, dê permissão ao seu Manoel Pedro de Oliveira (usineiro) vim comprá toda nossa borracha aí na cidade de Taroacá pelo preço... pelo preço das lei.

Entonce o senhor pode tabelá essa borracha, que o senhor é presidente da Nação, pode tabelá essa borracha! O senhor pode mandá fazê, tabelá todas as despesa, fazê... quanto é que faiz de despesa e tudo e vê quanto é que chega pra nois. Mas não o patrão pegá nosso produto aqui e levá e dizê: "eu só pago por tanto, o resto é pras despesa; eu só pago por tanto e num tem quem faça eu pagá a mais". Que é que nois pode fazê? se nois se põe a duro, o que eles inventam logo é a PM (Polícia Militar) à nossa frente.

Entonce o senhor deseja sabê qual é o fracasso do desfalco da borracha do Vale do Amazona, do Amazona e do Acre? O desfalco da borracha é muito simpre! Agora, o senhor procura sabê e o cara vem. Chega na cidade, num fala com triste seringueiro, só fala cum patrão, isurpador do nosso produto. Nois não pode ir adonde o senhor está. Nois num pode ir em Belém, nois num pode ir em Brasília, nois num temo documento, num temo dinheiro, né, que o nosso documento é mais é o dinheiro, né, que se... nois sem o dinheiro... o senhor não dá nada pra nois! Nois aqui não recebe nada dado pelo governo.

Se nois quer tomá... uma doença, uma dor de cabeça, vamo tomá uma piula, é Cr$2, Cr$3, uma. Uma piula pra verme custava o ano trazado Cr$11. Uma casa que nem a minha que tem um horror de filho, eu vou comprá piula pra verme pra todos esses menino? Vai se acabá o produto que eu faço no verão. Uma piula, uma piulazinha, uma iscaradil, é Cr$11! Por aí o senhor avalie o preço da mercadoria aqui comé que tá.

Entonce o senhor anda atraiz de sabê do disfalco da borracha. O disfalco é esse: é porque nois já temo trabalhado demais, que veve ismorecido e não temo auxilio do patrão. Nois roça estrada, compra atensilio, compra machado, compra terçado, faca de seringa, balde, bacia, toda atensilio, corda de balança e tudo, e vamo trabalhá.

Tá certo que agora já chegô o sindicato com essa lei de 20%...10% de renda. Porque, certo, os 10% é bom pra quem faiz pouco, mas pra quem faiz muito? Tirou do trabalhador pra dar pro malandro. Porque quem faiz 300 quilos, paga 30. E quem faiz mil e tanto? Paga cento e tanto. Pramim, pro meu pensá, que eu sô muito inguinorante, durmo pouco e penso muito.

Mas eu, se todo o seringueiro concordasse comigo, me desse qualquer auxilio, eu ia lá na presença do presidente da Nação.. que eu penso que nois somo caboco mas pode conhecê também o chefe da Nação... Por que nois somo selvage? Não. Tá certo. Mas isso é o menos. Samo brasileiro. Aqui cortando seringa não tem nenhum estrangeiro, nem um peruano não tem. Agora, pra isurpá o suor dos seringueiro vem gente de muito longe, dos outros estados, do estrangeiro...

Se a gente adoece, vai, sabe que... agora tem o Funrural. Graças a Deus, também tem o Funrural, dianta muito. Mas também, a gente quando vai se tratá por conta do Funrural... eh! Aquilo ali... chega lá, o outro que tem dinheiro se trata primeiro. E o cara que tá mais precisando de sistência médica vai por derradero atendido. Porque não tem dinheiro, é conta do Funrural...Aquilo o Funrural ainda vai pagá.

Eu tô na seringa desde 10 anos (tem 60), sô inguinorante, mas tirei meus documento, tudinho. Tudo não, que falta o título de eleitor. Mas também, esse aí é documento que eu vejo dizê, só quem é cidadão tem título de eleitor. Mas nois seringueiro, quê dizê, que nois num samo cidadão brasileiro porque nois num tem banca eleitoral aqui nos altos rio, pra mode nois dá o nosso voto. Nois não pode sair daqui porque os partido não dá auxílio. Agora, tivesse uma banca no Seringal Universo, outra no Seringal Alagoas, outra na foz do rio Jordão, ali já dava pra nois, ficava perto. Mas pagá Cr$500, Cr$600 só de passage...

E bem. Vou começá o assunto de voltá a produção que já deu o Acre e o Amazona. O presidente da Nação, pro senhor voltá, a produção, o senhor anda atraiz de sabê... o que precisa, né? E o que precisa é assistência de alimentação pro triste seringueiro. Sistência médica. Mas médico que venha atendê os pobre direito. Precisa tabela no preço da mercadoria e tabela no preço do nosso produto. Porque se não for assim nois tamo todos dispostos a deixá de cortá, porque não tá dando mais. A seringa aqui do preço que os patrão querem não tá dando mais.

Eu não sei, né, eu andei em Rio Branco (a capital do estado) uma vez, comprei umas coisa na Cobal. Mas tem patrão dizendo: "não, na Cobal não vem nada, na Cobal só vem bolacha; bolacha não é pra seringueiro, é pra cidade". Oi! Que dizê que seringueiro num... tem menino no seringal que nunca viu uma bolacha, não sabe o que é... não sabe se é pra comê ou brincá...

Tudo isso se dá, presidente, aqui nas mata do Acre. Porque o senhor, acho mesmo que o senhor também é muito culpado disso. Porque o senhor devia mandá fiscal... homem de critério pra fiscalizá a nossa situação. Mas os fiscal de hoje em dia, o senhor tá vendo, só fiscaliza a casa do patrão. Entonce o patrão não vai dizê a nossa má situação. O óleo comestive sabe a que preço tá? Cr$48. Agora a borracha e Cr$20 (o quilo). O patrão pega e vende por Cr$30. Se o patrão dá um empréstimo, a comissão dele é 30%, 40%. Eu penso que é demais. Porque eles não pagam isso pro banco.

O óleo custa Cr$48 no seringal mais barato, o Alagoas. Da cidade pra cima do rio é o seringal de mais conforto que tem pro seringueiro, de mais sistência. E tem tempo que a gente num tem nem óleo nem sal. Sem o senhor tomá intitude com esses preço, nois não pode vivê. Nois ismorece mesmo... olhe, nosso filho num sabe o que é o calçado. Os filho do patrão tem 4, 5 calçados. E a escola pro nosso filho? Em algum seringal, como no Alagoas ainda tem o posto de escola, mas pra outros precisa viajá até 12 horas pra escola. E pensa que os menino aprende alguma coisa? Que não é nem pra formá, é só pra assiná o nome. Mas a aula dura uns dois meis por ano. Nem prova os menino fazem. O professor mesmo faiz, pra enganar, e vai embora, recebê o salário. Como o menino vai sabê sem nem fazê prova? O seringueiro é a crasse mais anarfabeta do país, tá em premero lugar.

E a produção todo tempo descende. E o senhor não sabe porque é, né? Pois a produção desce é porque os pessoal tão deixando o seringal. Por que a borracha só dá valor pro patrão. Entonce os seringueiro tão indo ser barranqueiro, colonheiro, carregador de carga na cidade. O senhor não se interessa, não é? Pelo nosso suor. Que nois não pode se interessá, pois nois não tem força. Porque se nois tivé força...

ESPERTAS

Congelamento não tem pai

Anunciada como a grande medida em favor do consumidor, o congelamento de preços nos supermercados acabou virando "filho feio" do pacote antiinflacionário e agora nem empresas, nem governo querem assumir a paternidade. A proibição de reajustes, que era para ser para "todos os produtos vendidos nos supermercados", deverá se limitar a artigos já controlados pelo Ministério da Fazenda através da lista CIP/Sunab.

No entanto, nem mesmo esses produtos permaneceram com preços estáveis, porque como o CIP (Conselho Interministerial de Preços) já tinha autorizado aumentos para o atacado e as indústrias não querem abrir mão deles, estas altas serão repassadas para o consumidor.

A notícia de que os preços dos produtos vendidos nos supermercados seriam congelados durante 60 dias foi divulgada pelo governo como uma idéia dos empresários para ajudar no combate à inflação. Entretanto, dias depois o dono das Casas Sendas, Arthur Sendas, a desmentia e afirmava que a decisão fora apresentada aos supermercados como um fato consumado.

E o que era para ser congelamento passou a resfriamento, já que os donos de supermercados afirmam que seu compromisso é de evitar altas nos preços, "mas isto não significa que nada vá subir neste período", diz Joaquim de Oliveira Jr. dos Supermercados Leão.

Além disso, ao invés de serem todos os produtos vendidos, agora já se fala em apenas artigos de primeira necessidade industrializados ou beneficiados, excluindo desde logo os hortigranjeiros, que, afinal de contas, têm sempre sido acusados de serem os causadores da inflação.

Mas não é só isso. Um estudo realizado pela Cobal (empresa do governo) verificou que os supermercados estão localizados apenas em bairros de maior poder aquisitivo e quando vão para a periferia, se limitam às suas áreas "ricas".

Assim, a medida que deveria beneficiar o povo, acaba sendo benéfica apenas para as classes média e alta. O pobre continuará comprando nos armazéns, onde os preços não estão "congelados".

A fiscalização do "congelamento" cabe à Sunab, mas seu superintendente, general Glauco Carvalho, já disse que o órgão só pode multar aumentos em preços de produtos tabelados; nos de congelados, o comerciante será apenas advertido e seu nome enviado ao Ministério da Fazenda.

Na Fazenda, as ameaças são de corte de crédito na rede bancária, mas se o comerciante alegar (e comprovar) que o reajuste foi da indústria, o assunto muda de alçada e será o industrial então que terá que se explicar. Enquanto isso, o consumidor continuará pagando mais caro por aquele produto.

Mas a descoordenação entre os órgãos do governo não pára na falta de poder da Súnab de fiscalizar efetivamente o congelamento.

Apesar de ter sido "desaconselhada" pelo Ministério da Fazenda, a Sunab resolveu elaborar uma lista de 70 produtos que ela considera de primeira necessidade e acompanhar seus preços nos supermercados. Mas ao invés de se basear na lista CIP/Sunab ou em uma relação de gêneros de maior consumo, o "listão" da Sunab contém ítens como requeijão em copo, iogurte de frutas, leite Longa Vida, "Waffer Tostines", café solúvel, sopa "Campbell's" e azeitonas verdes. Contudo, os técnicos "esqueceram" o extrato de tomate, o papel higiênico tipo popular, o leite em pó, os biscoitos e a sopa em pacote, só para citar alguns, que são produtos de muito maior consumo popular.

Moema Coelho

Coca-Cola quis entrar até no quarto estrato

A Coca-Cola fez um refrigerante à base de leite de soja, tentando beliscar parte da verba de Cr$ 520 milhões destinada pelo governo para o Projeto de Proteínas para Assalariados de Baixa Renda, da Legião Brasileira de Assistência. O novo produto testado no Vale do Jequitinhonha, Minas, uma das regiões mais pobres do mundo (100 dólares anuais de renda per capita). Distribuído de graça, o refrigerante não agradou nem aos subnutridos e, por esse motivo, a Coca-Cola desistiu do projeto.

População de baixa renda, também chamada de "quarto estrato", é o contingente de 30 milhões de brasileiros que vivem na miséria absoluta, conforme estatísticas da Fundação Getúlio Vargas. Quem também pesquisou o problema foi a LBA. Começou por Nova Iguaçu, Rio, onde foi constatada falta de proteínas em 60% da população de 700 mil pessoas.

Há 17 meses a LBA colocou em ação um Programa de Complementação Alimentar, orçado em Cr$ 227 milhões, através do qual distribui comida para gestantes, recém-nascidos e crianças até 3 anos. Brasília, Minas Gerais e Baixada Fluminense são os primeiros lugares atingidos pelo programa: 200 mil mulheres e crianças recebem, por mês, 2 quilos de mistura de sopa (mulheres), 2 quilos de mistura de mamadeira (recém-nascidos) e dois quilos de vitamina (crianças até 3 anos).

Tim Lopes

Um dos maiores músicos deste país, Sivuca, está se apresentando, até o dia 13 deste mês, no Teatro Clara Nunes, Rio de Janeiro. Um *show* da pesada, com música que a gente quer e gosta de ouvir. E acompanhado por quatro músicos da melhor categoria: Cláudio Jorge, violão; Ivan Machado, baixo; Teo Lima, baterista; e Agenor, percussionista.

O *show* de Sivuca no Rio de Janeiro começou na Sala Funarte mas começou a ir tanta gente que o local ficou pequeno. Aí, mudou-se para o Clara Nunes, bem maior. As músicas contagiam, Sivuca idem, e todo mundo pede bis. Sivuca brinca com a escala musical, deita e rola nos instrumentos. E, para compor, aquela cara boa toda a vida.

Chico Júnior

Um pisão do guarda quebrou a perna de Lauro

PM pisa e quebra grevista

Lauro Brás da Silva, operário da Ford, estava indo pra casa, depois da assembléia no Paço, uma das dezenas de assembléias da greve dos metalúrgicos do ABC, SP. Era 24 de março Lauro conta:

— Fui para o ponto da rua Marechal Deodoro e nesse momento a polícia vinha atacando os operários e estudantes que saíam em passeata. Vendo que não dava pra passar, devido às bombas e às porradas que todo mundo estava levando, disse a meu cunhado pra gente dar a volta e tomar o coletivo em outra rua. Não tínhamos intenção de ir à passeata, queríamos apenas pegar o ônibus mais vazio e sair daquela guerra covarde imposta pela polícia.

— Mas não deu tempo — continua Lauro, deitado na cama. Tivemos que correr. Me perdi do cunhado e me escondi, com outros num terreno baldio. Ficamos lá. Quando parecia não ter mais policial, fomos saindo devagar. Outros correndo. Quando estava numa travessa da rua Marechal Deodoro, em direção ao ponto de ônibus, bateram nas minhas costas com um mosquetão (fuzil AR-15, da polícia). Bati contra um muro, violentamente. Não consegui levantar e senti fortes dores nas costas. Nesse momento, veio um PM, acho que da Tropa de Choque, e pisou na minha perna esquerda com muita violência.

— Graças a Deus, um rapaz e a namorada viram tudo e me levaram de carro pro pronto-socorro. Aí deu o resultado: fratura no fêmur. Do pronto-socorro me levaram pro Hospital Brasil, em Santo André. A moça foi segurando minha perna pra não agravar o ferimento.

No hospital, Lauro contou o que tinha acontecido. Os funcionários comunicaram-se com a polícia para o fato ser registrado e tiveram a seguinte resposta: nada ia ser feito, pois era um caso relativo a greve. Não ia ser registrada nenhuma ocorrência. No Pronto-Socorro de São Bernardo, por onde Lauro passou, também não foi registrada a agressão.

Ele ficará engessado três meses, imobilizado na cama de solteiro, que antes foi de sua filha Raquel, de 9 anos, no único quarto de sua casa sem estuque e bastante úmido. O único dinheiro da família — a mulher Lídia, e outras duas filhas, Silvana, 7 anos e Viviane, 2 — são Cr$ 1 mil, a última remuneração de Lauro.

Os primeiros 15 dias de cama foram pagos pelo seguro da Ford e os outros 75 são por conta do INPS. (Ele tem direito a receber, nesse período, 50% de seu salário que é de Cr$ 6.500). Mas, por enquanto, Lauro não tem certeza quando vai receber alguma coisa daquele órgão porque até agora o médico de lá não foi examiná-lo. E, antes da visita do médico, o INPS não pode fazer nada. Além da falta de dinheiro, Lauro acha que pode ser até despedido, se a Ford quiser. Só em São Bernardo, 340 operários de médias e pequenas empresas já foram demitidos depois que os metalúrgicos suspenderam a greve de março.

Grandes indústrias, como Volkswagen, Ford, dizem que ficarão com essa mão-de-obra, mas até agora os operários demitidos não foram chamados e quem é chamado fica horas e horas esperando.

Valmir Salaro

ESPERTAS

Abril acaba com patrão

Uma circular assinada por Vitor Civita, dono da Editora Abril, solicitando aos jornalistas da empresa que deixem de usar em suas matérias a palavra patrão, substituindo-a por empresário, correu as redações das revistas no dia 24 de abril. A razão de tal solicitação se deve ao fato da palavra patrão ter sentido pejorativo e ser um termo antigo, que já caiu em desuso. O interessante é que o dia em que o documento circulou nas redações coincidiu com o pronunciamento do ministro do Trabalho, Murilo Macedo, que afirmou não haver lugar no Brasil para luta de classes, devendo os sindicatos serem apolíticos. Coincidência ou não, a atitude do senhor Civita em querer acabar com a luta de classes abolindo a palavra patrão de seu dicionário, significa confundir conteúdo com palavra, o que na filosofia da linguagem é sintoma de "desvio do ponto metonímico", e na prática é esconder o sol com a peneira.

Vera Lúcia Dias

Cocadinhas servidas no banquete

O colunista Ibrahim Sued, que voltou a ser incluído na lista de convidados do Itamaraty, descobriu uma fórmula de atender aos pedidos de suas "cocadinhas" (as jovens grã-finas que freqüentam sua coluna) interessadas em participar da recepção de Figueiredo e do chanceler Schmidt, da Alemanha. Ibrahim mandou oferecer aos repórteres que receberam convites para a festa nada menos do que a companhia das lindas mulheres cariocas. Como o convite dá direito a companhia, tudo estava arranjado, até que um dos repórteres recusou a oferta e encarregou-se de divulgar o fato.

Sérgio Danilo

Foto de Bruno Barbosa

Marcelo vai para o congresso da UNE

Estudantes informam que a UNE vem aí

Marcelo Barbieri é um dos estudantes que vai participar do 1º Congresso da UNE — União Nacional dos Estudantes — desde que ela foi fechada pelo governo, em 1968. Já em 1964 a UNE foi atacada fisicamente, quando sua sede, o Clube Germania, no Rio, foi queimada. Nos quatro anos seguintes a entidade funcionou como pôde, até que seus líderes foram sendo mortos, presos e exilados. Finalmente, em 1972, a UNE se declarou extinta.

Os estudantes que agora querem reorganizar a UNE, como Marcelo, de 22 anos, tiveram pouco ou nenhum contato com os líderes de 68, como Vladimir Palmeira, Luis Travassos, Zé Dirceu, Jean-Marc. Nem mesmo o último presidente, Honestino Guimarães — desaparecido e provavelmente assassinado por forças policiais em 1973 — ficou conhecido pelos estudantes de hoje.

Inaugurando também um novo clima nas relações com o governo, os estudantes foram até Brasília, contar pra todo mundo sobre o seu congresso. Tiveram até a ousadia de convidar o presidente Figueiredo para o primeiro dia de reunião e pedir ao Ministério da Educação verba de Cr$ 500 mil para as despesas. O ministro recebeu os estudantes, com reservas. Todos eles estavam vestindo camisetas com a inscrição "A UNE vem aí", igual à que Marcelo exibe na foto.

Marcelo acredita que o congresso não será reprimido pela polícia, mas sua opinião não é compartilhada por estudantes mais experientes, que prevêem dificuldades. Acreditam alguns que a cidade-sede, Salvador, poderá ser cercada por tropas para impedir o acesso dos estudantes. De qualquer modo, os universitários não pretendem desistir da idéia de eleger um novo presidente nesse congresso e voltar à ativa com força total, revivendo os grandes momentos da UNE do passado: a campanha para o Brasil entrar na guerra contra os nazistas, a campanha "o petróleo é nosso", a criação do CPC-Centro Popular de Cultura — que deu impulso definitivo à arte dramática brasileira, revelando autores como Oduvaldo Viana Filho, Gianfrancesco Guarnieri, João das Neves, etc. etc.

Alex Solnik

Ô Dércio, cuméquié, tudo bem? Dércio Chiconello, capitão da PM, assessor de Imprensa do secretário da Segurança Pública de São Paulo, jornalista da Agência Folhas à noite, passou por nós num Gálaxie preto, chapa oficial. Nós já o conhecíamos, mas ele, naquele dia, se comportou como se nem nos conhecêssemos. Procurou ser o mais formal possível. É lógico: estava com motorista particular e ainda por cima fardado, cheio de estrelinha no ombro.

Após alguns pigarros ele limpou a garganta e perguntou rindo:

— Vocês, onde é que estão?

— Por aí, por aí. E você, continua na Secretaria da Segurança?

Disse que sim. Arriscou se ainda estávamos trabalhando no Movimento.

— Não, Dércio, agora estamos no REPORTER, dissemos.

Sua resposta:

— Ah, é tudo a mesma bosta. Tanto em um como em outro tá cheio de patrulheiro ideológico.

E saiu dando gargalhadas no carro oficial.

Rivaldo Chinem e Amâncio Chiodi

Querem transformar o psicólogo em mais um policial da sociedade. A iniciativa partiu do Ministério da Educação e Cultura e vinha sendo cozinhada em fogo brando desde 76, ano em que o MEC designou a formação de uma comissão do Conselho Federal de Educação (CFE). Em 77, formou-se uma nova "comissão especial", desta vez do Departamento de Assuntos Universitários (DAU-MEC). As duas comissões tinham por objetivo estudar um novo "projeto de currículo mínimo de Psicologia", que, se for implantado, será uma espécie de bíblia desta matéria, obrigatória em todo território nacional. E agora parece que resolveram implantar a toque de caixa este novo catecismo. Foram marcados para março de 79 os primeiros passos neste sentido, o que provocou o protesto de grande parte dos profissionais e estudantes de psicologia.

Deixemos falar o próprio projeto do DAU-MEC

— Reconhecimento da crescente importância das contribuições que oferecem os psicólogos como **profissionais especialmente preparados para (...) a ação corretiva** (pág, 1).

— Ação preventiva dos psicólogos para impedir o agravamento de problemas, notadamente em domínios como delinqüência, tóxicos, alcoolismo, desvios sexuais (homossexualismo, prostituição, etc.), desvios ideológicos e terrorismo (pág. 3 e 4).

— Emprego de psicólogos nas chamadas "áreas de problemas sociais" — junto a delegacias de polícia, prisões, casas de menores; asilos, hospitais, tribunais e juizados de menores (além das citadas acima — pág. 9)

— O psicólogo deve enfrentar e moldar a mudança social. (pág. 5)

Os autores do projeto demonstram, assim, que entendem a coisa da seguinte maneira: fulaninho matou, ou roubou, ou etc... porque não teve mãe, ou porque brigou com a namorada, ou qualquer coisa do gênero; e não porque passa fome, vive na miséria, sem emprego e salário decentes e nem teve acesso aos estudos, etc. etc. etc...

Énio Oliveira

Ministros brigam e só querem aparecer

Os ministros do general Figueiredo são como os jogadores do Cosmos, aquele time de futebol do Pelé nos Estados Unidos: todo mundo quer aparecer, mas ninguém joga pro conjunto.

O Ministro da Fazenda, Mário Henrique Simonsen, por enquanto está prestigiado pelo ministro-chefe da Casa Civil, general Golbery do Couto e Silva, que é o dono da bola e não abre. Simonsen quer jogar na retranca, apertando todos os parafusos da economia pra derrotar a inflação e os outros, quase todos, preferem se mandar pro ataque, que é pra mostrarem jogo e, quem sabe, desbancarem o técnico e o capitão do time. Cada um, entretanto, tem o seu próprio objetivo.

O de Simonsen é conter a alta de preços e se afirmar realmente como uma espécie de ministro da Economia. Ele já sabe que, se a inflação continuar acima dos 40% até o fim do ano, seus poderes estarão ameaçados e ele pode até cair. Afinal, agora ele controla todos os meios necessários a reduzi-la e, se não conseguir, é por incompetência mesmo.

Já os ministros da Agricultura, Delfim Netto, e do Interior, coronel Mário Andreazza, que pertencem ao grupo do ex-presidente Médici, querem mesmo é desalojar a dupla Golbery-Simonsen do Palácio do Planalto. Numa recomposição ministerial, eles assumiriam o comando do poder, junto do general João Batista que, como todos sabem, reina mas até agora não governa. Quem manda mesmo é o Golbery.

Andreazza quer o poder para influir na sucessão de Figueiredo; Delfim quis ser governador de São Paulo, não deixaram, quis ser ministro da Fazenda, não deixaram, e ele foi mesmo pra Agricultura, garantindo, pelo menos, um lugar no governo.

O ministro da Fazenda, Karlos Rischbieter, fica em cima do muro entre os dois grupos. Como ministro da Fazenda está obrigado a derrotar a inflação, mas suas pretensões políticas também não podem ser comprometidas por um aperto geral na economia: ele, que é ligado ao grupo do ex-ministro da Educação, Nei Braga, quer ser governador do Paraná.

O Ministro do Trabalho, Murilo Macedo, não pode apoiar muito o arrocho contra os preços e salários porque pretende governar São Paulo e tem que formar eleitorado — Figueiredo prometeu eleições diretas pra governador em 1982. Assim, ele vai maneirando pra ver se agrada gregos, troianos e metalúrgicos.

Esses são os ministros mais importantes. Alguns outros, menos votados, também têm suas conveniências. O da Indústria e Comércio, Camilo Pena, tem um olho no governo de Minas, embora seu sonho mesmo fosse ser ministro das Minas e Energia. O ministro das Minas e Energia, César Cals, por sua vez, como bom político nordestino — ele é cearense —, quer amealhar votos com as minas e a energia que dispuser para se candidatar a alguma coisa. Ele não esconde de ninguém que tem no ministério objetivos políticos e, na área mineral, pretende fazer uma política regionalista que agrade aos eleitores do seu torrão natal.

Luiz Alberto Bettencourt

Foto de Chiquito Chaves

Manoel e a cachorra Dicá

Se não fosse a cachorra, passava fome

— Sou revoltado sim. Só não sou revoltado contra Deus.

A pele enrugada, bem enrugada, do velho Manoel Antônio da Silva, nascido em 1907, em Montes Claros, Minas Gerais, mal dá para cobrir os ossos. Ele tem lembranças do campo, das vacas e da capina que um dia trocou pela vida na cidade grande.

— Era muito trabalho e pouco dinheiro. Exploração. E cada vez a coisa está mais preta. É a maior dificuldade para se comer um pedaço de carne. A minha única esperança é lutar até o fim. Não fumo e não bebo porque sei o mal que faz.

Na apertada rua São Cristóvão, embaixo do viaduto, bem ao lado do clube do mesmo nome, que têm como única glória ter sido campeão carioca de 1933, mora o velho Manoel com sua cadela Dicá.

— Ela vive de mim. Tudo que eu ganho divido com ela. Comprei uma correinha nova, tá vendo?

A cadela abana o rabo e joga as patas dianteiras quase no peito do velho, que a acaricia. Afinal de contas, quando Manoel não consegue vender laranjas em sua carroça quem tem dado sustento, já há alguns meses, é Dicá com suas crias.

— Teve cinco filhotes em janeiro. Enrolei num pedaço de jornal e de manhã bem cedinho fui para a praça dos Paraíbas (Serzedelo Correia), Copacabana. Vendi por 200 cruzeiros cada um. Quase que um PM me estraga o negócio. Mas aí eu falei pra ele dá um tempo. Quando acabei de vender todos os cachorrinhos botei 100 cruzeiros numa caixa de fósforo e adiantei pro guarda.

Como você veio de Minas?

— Passei três anos preso por um crime que cometi, lá em Montes Claros, por causa das terras da minha mãe. Mas saí por bom comportamento. Aí resolvi andar no mundo. Deixei a mulher e seis filhos, pra um dia voltar mas até hoje estou por aqui. Vim a pé desde lá. Cheguei primeiro em São Paulo e depois vim direto para Volta Redonda, onde trabalhei na Siderúrgica. Depois, meu filho, a minha vida começou a dar tudo errado. Não vale à pena nem contar. É só tristeza.

Tim Lopes

ESPERTAS

Os alunos da Faculdade de Comunicação Social Casper Libero, diante do aumento de 100% pedido pela escola ao MEC (ainda não aprovado, mas já cobrado em parte pela escola), resolveram boicotar o pagamento das mensalidades, só aceitando um reajuste de 38%. No dia 18, data do vencimento, ninguém foi pagar.

Dia 18 era também o dia em que Joaquim P. da Rocha, presidente da fundação mantenedora da faculdade e atual presidente do Banespa, o segundo banco do país, deveria responder a carta-aberta dos alunos, onde era exposta toda a questão. Como Joaquim P. da Rocha nunca vai à fundação, um grupo de alunos esperou duas horas na ante-antesala do seu escritório, para ouvir de sua secretária um manjado "não tem nada na agenda e ele esta muito ocupado".

Mais algumas horas de espera e conseguiu-se marcar um encontro com o Joaquim P. da Rocha para um sábado, dia 21, às 20 horas, durante a formatura da turma de 1978. O presidente da fundação não apareceu.

Salvou-se de ouvir alguns discursos de formandos e professores contando o que aprenderam na faculdade: subserviência, autocensura, repressão, etc.

Mas a caixa da faculdade também continua vazia em mais de um milhão de cruzeiros, o que tem preocupado os responsáveis pelas finanças da escola. Eles, tentando driblar o boicote, trocaram o local de pagamento do guichê da escola para dois bancos e estenderam o prazo até 30 de abril.

E, por falar em omissão, o eterno ausente diretor da faculdade, Eugênio Malanga, apareceu para sumir logo depois, entrando de férias justamente no auge da briga. No que faz muito bem porque sua aparição foi desastrosa. Localizado no saguão da faculdade, no final do expediente, Malanga foi cercado pelos alunos que exigiram uma reunião para esclarecer os problemas da escola. Em princípio, Malanga recusou, mas diante da pressão cedeu uma reunião com 10 alunos. A tal reunião durou quase três horas e foi presenciada por mais de 200 alunos que virtualmente massacraram o diretor, que não teve respostas para as queixas.

A raiz de todo o problema está no fato de que os dirigentes da Fundação Casper Libero — uma entidade beneficente — são todos empresários, que só admitem caridade para abater no Imposto de Renda.

Querem transformar a Faculdade num negócio lucrativo, como todo o ensino pago no Brasil mantendo as vantagens de uma Fundação (isenção de impostos e coisa e tal.).

Se a coisa pega, a Casper Libero pode passar de escola gratuita (até 1968) para uma das escolas mais caras do Brasil.

Eduardo Correa

Índio denuncia empresário

Um poderoso grupo econômico do Paraná — dono de 450 mil hectares de terra e seis seringais no Estado do Acre — está tentando tomar dos índios caxinauás os dois únicos seringais que eles têm e dos quais depende a vida de 600 pessoas.

Raimundo Ramos — gerente do grupo (Companhia Paranaense de Colonização Industrial do Acre) — diz que tem o contrato de compra e venda das terras onde estão os seringais dos índios, mas não a escritura definitiva. Mais que documentos, ele tem o apoio do irmão — gerente do Banco da Amazônia, que financia os projetos da região — e a força de quem já foi prefeito do município de Tarauacá.

Os índios, habitantes há mais de 100 anos às margens dos rios Jordão e Humaitá, não têm ninguém para defendê-los, nem mesmo a Funai, que faz vistas grossas e até agora não demarcou as terras indígenas, o que estava previsto para ser feito até 1977.

Desesperados, dois caxinauás — Alfredo Soeiro e Vicente Sabóia — viajaram clandestinamente ao Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília para contar seu drama aos brasileiros:

Alfredo: — Viemo aqui tratá esse assunto da nossa terra. Tá acontecendo muita coisa contra nóis lá, ameaçados de botá fora. Antigamente, nóis morava nessa terra toda e botaro pra correr à custa de bala. Já corremo tanto que fiquemo ali, num pedacinho, na fronteira. Minha vinda aqui é pra sabê como é que nóis vamo ficá com essa terra. Lá, os patrão tão dizendo que a Funai não vale nada. É por isso que nóis viemo aqui, pra sabê certeza, levá orientação lá pra minha gente. Patrão tá meaçando matá, soltá bomba em cima de nóis, fazê falseiro com nóis.

Vicente: — Patrão diz lá que a Funai não é dona de nada. Diz que o seringal dele foi financiado pelo Banco da Amazônia e diz que, portanto, nóis num tem direito. Alí é nossa terra e dono samos nóis. O recurso que nóis tem é seringa. Do jeito que tá, nóis tamo passando muita dificuldade. Olha, pra nóis num tem mercadoria e não tem remédio, nossos parentes tão tudo doente, dá muita doença lá. Antigamente, quando nosso avô morava nessa terra, índio num morria de febre, num dava desinteria, num dava catarro. Doença de índio era só dor de dente, algum tumor, alguma queda que a gente pega, a doença que índio tinha. Mas depois que esses branco entraro, as doenças pareceram e num tem remédio pra gente tomá. O meu avô me contava assim: pai de meu avô vivia assim nu, na mata. O serviço dele: botá um roçado pra prantá roça. Mas num trabalhava pros brancos, né. Trabalhava só mesmo pra comê. E pescá, caçá... Mas agora, depois que os brancos entraro e começaro a invadir as terra, aí que depois tomaro as terra, você sabe, nenhum índio sabe ler, num sabe escrever, num sabe o que é ruim, o que é bom, então nesse tempo ninguém num sabe direito da nossa terra. Diz que era eles que tem direito das terras, então eles ficaro com as terras. Depois amansaro mais nóis, amansaro e botaro pra trabalhá. Só trabalhando pra ele, pra ele, até que eles ensinaro a trabalhá na seringa. Agora diz que de hoje por diante num pode tirá nem um quilo de borracha pra vendê fora, só pra ele.

Iara Reis

Foto de Iara Reis

Alfredo e Vicente contam seus dramas

SD assalta com contrato e mata com habite-se

Já estava demorando muito acontecer uma tragédia nos domínios do sr. Sérgio Dourado. A menina Clarissa de Porte Kemel, de um ano e sete meses, filha de Nasser Kemel, despencou do décimo primeiro andar do conjunto imobiliário Riviera Del Fiore, na avenida Sernambetiba, na Barra da Tijuca, na tarde do dia 18 do mês passado. A morte de Clarissa foi provocada porque a varanda do apartamento não tem murada e o próprio conjunto não tem o **habite-se**. A televisão Bandeirantes foi o único órgão de informação a dar a notícia, assim mesmo com reservas, sem citar o nome do dono do negócio.

Um depoimento dos condôminos do Riviera Del Fiore foi lido na missa de sétimo dia em memória de Clarissa, tendo sido convidada a diretoria da imobiliária. Os principais trechos do depoimento são os seguintes:

"No dia 30.11.78, a Sérgio Dourado enviou carta a todos os condôminos do Riviera Del Fiore, declarando pronto e concluído todo o empreendimento.

Apesar dos inúmeros protestos, que constavam ser inteiramente falsa a hipótese da conclusão das obras, a Sérgio Dourado passou a cobrar, de cada adquirinte, prestações da ordem de Cr$ 20 mil mensais, já agora acrescidas de juros, além de exigir o pagamento de uma cota de condomínio no valor de 70 mil.

Diante dessa inesperada e irregular elevação das suas obrigações, muitas famílias, no sentido de descomprimir seus orçamentos, se transferiram para para o empreendimento, mesmo em condições precárias.

A momentânea negligência da empregada ou a possível "irponsabilidade" dos seus pais (que "não deveriam ter ido morar num prédio, em condições precárias de habitabilidade") só se tornaram fatais na medida em que se revelou terem sido inteiramente falsos os termos da carta de 30.11.78, dando como pronto e concluído todo o empreendimento, de forma unilateral, independentemente da vistoria dos adquirintes, contrariando as cláusulas estabelecidas em contrato, negligenciando normas técnicas de segurança e prevenção de acidentes.

Inobstante a Sérgio Dourado tenha impedido a divulgação da morte de Clarissa nos jornais e rádios e na televisão, com evidente intuito de abafar a repercussão dessa tragédia, sempre que possível os condôminos do Riviera irão revocar a memória de Clarissa, que evidenciou de forma contundente e dramática, as arbitrariedades do Sérgio Dourado."

Tim Lopes

SINDICAIS

Canudo da comunicação deixa jornalista na mão

Foi finalmente regulamentada a profissão de jornalista, com o **aprovo** de todos os sindicatos da categoria. Assim, os profissionais insatisfeitos com o texto do decreto-lei nº 83.284 não podem sequer se queixar de que esta é mais uma lei ditatorial.

Acontece que o decreto, um dos últimos baixados pelo general Geisel, bane da profissão todos os jornalistas que não são **profissionais**. E o que é um jornalista profissional? Segundo o texto da nova regulamentação é o cidadão que ostenta um diploma universitário fornecido por alguma das centenas de faculdade do ramo espalhadas pelo país. E só ele. Óbvio que os donos dessas espeluncas estão satisfeitíssimos, pois seus lucros vão aumentar ainda mais.

Pior, o decreto-lei atribui aos sindicatos a fiscalização do cumprimento das suas normas pelas empresas jornalísticas. Transforma-os na polícia da lei. E nem se diga que o termo é forte, porque o Sindicato de Recife já nominou todos os jornalistas que trabalham nos órgãos de imprensa locais ou sucursais que não são **profissionais** e exigiu a sua substituição.

No Rio, o Sindicato tem mais dignidade e apenas está processando uma emissora de TV porque emprega em um programa jornalístico pessoas que não são **profissionais.**

Tudo isso em nome do quê? Segundo um membro da diretoria do Sindicato carioca, em nome da melhor capacitação profissional. Querem todos, e por isso concordam com o decreto-lei, que o jornalista seja alguém à altura da função que exerce, claramente complexa nos dias de hoje. Mas será a obrigatoriedade de cursar 4 anos de faculdade de comunicação o caminho da capacitação profissional? A resposta óbvia é não, pois todo mundo sabe — principalmente os alunos dessas faculdades — que elas, em sua maioria esmagadora, não preparam ninguém para coisa alguma. Não ensinam o cidadão sequer a escrever o português segundo as regras gramaticais.

O diretor sindical concorda, mas acha que a partir da regulamentação que, inclusive, acabou com o estágio de formandos nas redações de jornais, rádios e televisões, a classe, unida aos estudantes, fará pressões pela melhoria do ensino.

Bolas, se até os médicos, aqueles que vão lidar com a saúde do povo, têm hoje uma formação profissional muito pior, justamente pela proliferação das faculdades particulares de medicina, como pensar que alguém vai conseguir que os donos de faculdades de comunicação aparelhem suas empresas de forma a capacitar os futuros profissionais de Imprensa? Ilusão.

Jornalista é o sujeito que enxerga, apura e transmite a notícia, seja em letra, foto, ilustração ou arte gráfica. Profissional é quem vive da profissão, sob contrato de trabalho permanente ou eventual. E para coibir que qualquer um virasse jornalista de um dia pro outro bastariam duas ou três exigências burocráticas, como carteira assinada, matérias assinadas, etc.

Está bem que é justa a preocupação com a elevação do nível técnico e cultural do profissional de imprensa. Para tanto poderiam existir normas, como, por exemplo, pisos salariais diferentes para profissionais que tivessem ou não cursos de capacitação teórica dentro de sua especialidade.

Quer dizer, formas não faltam de incentivar o jornalista a se aprimorar na profissão. Preferiu-se, no entanto, a burocratização, que, como toda burocracia é burra e rígida. Imaginem que um dos membros da diretoria do sindicato carioca, que é jornalista **provisionado** se, amanhã, mudar de Estado, perde a condição de profissional da imprensa.

Do jeito que vai, daqui a pouco o sujeito pra ser filósofo, escritor, cineasta, músico, vai ter que ostentar um canudo. Repito: para a alegria dos empresários da educação, apenas.

Eduardo Homem

Chagas não recebe os médicos residentes

Embora tenham encaminhado suas reivindicações juntamente com os profissionais de saúde do Estado e do Município para a reformulação do plano de classificação de cargos imposto pelo ex-governador Faria Lima, os médicos-residentes não foram atendidos na mensagem que o atual governador, Chagas Freitas, enviou à Camara. Questões fundamentais como equiparação salarial aos médicos contratados (Cr$ 11.680) com retroatividade a 16 de março e a carteira de trabalho assinada, foram simplesmente jogadas para o alto, apesar do governo ter se comprometido em atendê-las. Em vista disso e do fato das autoridades não fazerem nenhuma menção em atendê-los, os residentes entraram em greve no dia 19 de abril por tempo indeterminado.

*De acordo com o presidente da Associação Nacional dos Residentes, Paulo Ernani Gadelha, a greve teve adesão de quase todos os hospitais encontrando dificuldades somente no IASERJ onde não há uma grande conscientização dos residentes e onde setores importantes do **staff** (médicos formados) se colocam contra a paralisação. No hospital da Polícia Militar, apesar das ameaças de demissões, o **staff** manifestou amplo apoio aos grevistas, o que levou a direção a recuar em suas medidas repressivas. A falta que os residentes fazem aos hospitais é tão grande que todo o atendimento esta sendo transferido para a rede do INAMPS, ficando os hospitais do estado e município somente com os casos de extrema urgência.*

Segundo Gadelha, o único risco que o movimento corre no momento e o de cair no isolamento, o que pode ser evitado de duas maneiras: através da ampliação da luta pela carteira assinada a nível nacional e regional, o que já está sendo feito uma vez que o hospital Pedro Ernesto aderiu à greve e em São Paulo, Estado e município, os residentes já estão paralisados e conseguiram apoio de alguns hospitais particulares e universitários; e através da ampliação junto aos que compunham o movimento de profissionais de saúde. Isso pode se dar através do esclarecimento desses setores da importância de sua solidariedade aos residentes, já que sem esse apoio pode ser criada uma brecha na mobilização grevista.

Vera Lúcia Dias

Vitória dos professores: conseguiram 83%

Um aumento de 83% no piso salarial, a equipação dos salários do Rio aos da Baixada Fluminense, o pagamento sobre 5,25 semanas de trabalho, o adicional de 10% para compensar a prática regular de avaliação do desempenho escolar, a estabilidade de 60 dias após o término de auxílio- maternidade para gestantes e o pagamento de metade dos vencimentos até o final do ano letivo quando houver demissão, foram as vitórias conquistadas pelo movimento grevista dos professores da rede particular de ensino do Rio de Janeiro.

Para o 2º secretário do sindicato dos Professores, Francílio Pinto Paes Leme, essas vitórias foram parciais uma vez que não atendem em absoluto as necessidades do professor. Para ele, o grande saldo do movimento foi a organização de zonais, que tendem a se fortalecer para se transformarem em delegacias sindicais, e ter trazido à tona o caso em que se encontra o ensino particular.

— Em geral as escolas particulares oferecem a pior qualidade de ensino, péssimas instalações, pagam salários baixíssimos aos professores e burlam a legislação trabalhista não assinando carteira, não pagando 13º nem férias.

A tentativa de acordo com o sindicato patronal foi feita, mas este foi tão radical na mesa de negociações que foi necessário apelar para a Justiça. Foi exatamente nesse momento que a greve foi deflagrada (17 de abril) e apesar de ter sido considerada como "ilegal" pela Delegacia Regional do Trabalho, a votação do Tribunal Regional do Trabalho a favor das questões do professorado mostrou que a paralisação havia sido reconhecida como justa e legítima.

Em termos da mobilização da categoria não houve maiores dificuldades, no segundo dia de paralisação quase 100% das escolas já haviam aderido ao movimento. Os problemas que ocorreram foram com a reação dos patrões que foi em certas escolas desde a repressão policial até a incitação de alunos para que agredissem os piquetes concentrados nas portas dos estabelecimentos.

Apesar da decisão do TRT, o Sindicato dos patrões está demonstrando muita resistência em aceitar os resultados e afirma que apelará para o Tribunal do Trabalho. No dia 12 de maio o Sindicato dos professores da rede particular terá uma assembléia, que avaliará o cumprimento do acordo, — que tem efeito retroativo a 1º de abril, — as demissões e o fundo de greve, que foi aprovado para garantir a sobrevivência dos demitidos. Até o momento esse índice é baixo, acreditando-se que os donos de escolas não adotarão essa medida, porque cairiam ainda mais no conceito da opinião pública que, segundo o professor Francílio, esteve ao lado do magistério durante todo o movimento. A palavra de ordem do momento é esperar que se cumpra o acordo mobilizadamente, denunciando às zonais qualquer infração que esteja acontecendo nas escolas.

Vera Lúcia Dias

Sindicato fecha portas aos jornalistas

Jornalistas do antigo Estado do Rio começaram a se mobilizar para a campanha salarial, mas encontram no seu sindicato o maior obstáculo.

A primeira reunião marcada para discutir as reivindicações da classe encontrou o sindicato de portas trancadas. A reunião foi realizada assim mesmo, no saguão do prédio. Talvez por isso, no mesmo dia, 28 de março, foram demitidos 2 repórteres de "O Fluminense". O movimento, entretanto, cresceu fazendo com que a reunião seguinte se realizasse dentro da entidade da classe e contasse com a participação de alguns membros da diretoria, inclusive do presidente em exercício — o presidente eleito está de licença há três meses e trabalha como advogado e no jornal de sua propriedade, "A Palavra".

Nesse dia a diretoria sindical comprometeu-se a encampar as reivindicações dos jornalistas e enviou ofício à subdelegacia regional do trabalho comunicando a mobilização da categoria por melhores salários e oficializando uma reunião convocada para o dia 8 de abril. O edital de convocação chegou, inclusive, a ser publicado na edição do dia 5 do jornal "A Tribuna".

A mobilização dos jornalistas continuou mas os profissionais acabaram surpreendidos com uma desconvocação da reunião do dia 8, feita pela diretoria do sindicato, reunida secretamente no dia 6. A alegação dos diretores foi que a reunião anterior havia sido ilegal já que apenas 6 dos presentes eram jornalistas profissionais — leia matéria da página 28 — e de que as reuniões para o acordo anterior têm vigência até 30 daquele mês.

Os jornalistas fluminenses não se recolheram à insignificância do seu sindicato e continuaram trabalhando na mobilização dos colegas em torno das reivindicações salariais e denunciando a atitude patronal e pelega da diretoria do seu sindicato.

Eduardo Homem

Foto de Wagner Avancini — agência Central

Operários querem Lula

ABC anuncia nova greve

Os metalúrgicos do ABC paulista estão se preparando para uma nova greve. E, prometem, será maior e mais organizada que a de março.

Além de não estarem acreditando nas negociações com os patrões, os operários pensam na greve para mostrar ao governo que querem Lula e os outros líderes de volta aos sindicatos do ABC. Logo após a intervenção, o ministro Murilo Macedo acenou com a possibilidade de os dirigentes voltarem logo a seus postos, mas estes não acreditam mais nisso e acham que, se o governo reconduzi-los aos sindicatos será mediante compromisso de que a sua atuação seja mais moderada, condição com a qual não concordam. A nova greve, segundo comentários está prevista para logo depois do dia 10 (quando sai o pagamento).

SINDICAIS

Trabalhadores do Rio logo vão ter seu Dieese

O Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Sócio Econômicos — DIEESE — do Rio de Janeiro ainda não foi criado oficialmente, mas já conta com a participação de 35 sindicatos fluminenses.

O movimento pela criação de um escritório regional do DIEESE paulista no Rio de Janeiro foi iniciado pelos sindicatos dos médicos, jornalistas, petroquímicos de Caxias, professores, eletricistas, metalúrgicos do Rio e Niterói, aeroviários e bancários de Niterói. Formada essa comissão inicial, logo foi dado início a um trabalho de divulgação do DIEESE fluminense junto a outras entidades de classe, resultando no apoio de mais 29 sindicatos, 6 dos quais metalúrgicos.

O DIEESE do Rio, como o de São Paulo, destina-se a apoiar os sindicatos dos trabalhadores com pesquisas de aumento do custo de vida no Estado e condições gerais da população, no que diz respeito a alimentação, saúde, educação, habitação, vestuário, etc. Essas pesquisas são utilizadas pelos sindicatos na hora de discutir com os patrões os índices de aumentos salariais e também para fiscalizar as estatísticas do governo, para evitar que aconteça como em 1973, quando o índice oficial da inflação foi 13% abaixo da inflação real. Como na época os aumentos salariais dos trabalhadores eram estipulados segundo o índice oficial, todos acabaram perdendo mais 13% nos aumentos.

Vera Lúcia Dias

Estaleiros não aguentam movimento operário

Mais de 6 mil trabalhadores, comprimidos da sede do Sindicato dos Operários Navais, desde 6 horas da tarde do dia 16 de abril, gritaram em uníssono:

— G R E V E !

A paralisação começou a partir de zero hora de terça-feira, dia 17, e atingiu as máquinas de todos os estaleiros de reparos e construção naval de Niterói, sem exceção, da mais insignificante "gambiarra" da rua A (gíria local para os estaleirinhos que vivem de prestar serviço aos grandes) ao poderoso estaleiro Mauá, da Cia. de Navegação e Comércio na Ponta da Areia. São mais de 12 mil operários nesta greve que transformou seu dia a dia. É segurar os piquetes na porta das empresas, comparecer todos os dias no sindicato, assinar o livro de ponto da greve, discutir com os companheiros os próximos passos da luta, participar das assembléias.

Do lado dos patrões, o prejuízo com a greve, só no primeiro dia, atingiu a cifra redonda de 3 milhões de cruzeiros, e continua a crescer feito bola de neve. Já é certo que vai atrasar o prazo de entrega das principais encomendas dos estaleiros. Os patrões colhem, agora, nem mais nem menos do que aquilo que eles próprios cultivaram. Mais preocupados em frear a luta dos trabalhadores, eles se recusaram seguidamente a negociação sobre a base das reivindicações justas e legítimas que lhes foram apresentadas. Esperaram até o último minuto, antes de sentar na mesa de negociações com os operários, e quando sentaram foi para apresentar contrapropostas consideradas "verdadeiras picaretagens" pelos operários. Uma delas, simplesmente passava por cima de todos os abonos salariais conquistados durante o ano passado, e oferecia um percentual de aumento mixuruca, só 18%, em cima do salário estipulado no último dissídio coletivo, em maio de 78. Outra, de tão fajuta que era, foi rasgada em pedacinhos por um operário, diante dos 6 mil companheiros que participavam da assembléia que decidiu a greve; seu gesto recebeu uma ovação de causar espanto até à torcida do Flamengo. As tradicionais demissões agravaram ainda mais as coisas.

Dois operários foram mandados embora de suas empresas, antes mesmo de início do movimento grevista.

A primeira semana de greve foi uma vitória completa: estaleiros totalmente parados, sem que nenhum fura-greve se atrevesse a enfrentar a autoridade dos piquetes, e até mesmo pasmem, um clima amistoso com a polícia militar, que se limitou a observar à distância toda a movimentação. Depois de uma semana, a disposição de permanecer em greve até que sejam atendidas as principais reivindicações não esfriou.

Ênio Oliveira

Mau salário prejudica saúde

"Esquecidos" pelo governador Chagas Freitas na sua reformulação do plano de classificação de cargos, os acadêmicos-bolsistas (6° ano de Faculdade de Medicina) do Estado e do Município, que levam como bandeira a reivindicação de dois salários mínimos (ganham Cr$ 2.200) e carteira de trabalho assinada, entraram em greve no dia 7 de abril.

Antes dessa decisão, os bolsistas procuraram o Secretário de Saúde que, embora não concordasse com a carteira assinada, considerou o salário "mais do que justo". Como nos cinco dias estabelecidos como prazo para dar uma solução ao problema o secretário não se pronunciou, negando-se a receber os acadêmicos uma segunda vez, a categoria decretou a greve por tempo indeterminado e com adesão de 90% dos sextanistas. Somente a maternidade Fernando Magalhães não aderiu à paralisação. Até mesmo os estagiários e os acadêmicos de odontologia apoiaram o movimento, que tem sido explicado à população diariamente através da distribuição de notas nos hospitais.

A falta que essa mão-de-obra está fazendo nos hospitais salta aos olhos, uma vez que são eles que fazem todo o atendimento de primeiros-socorros e de saídas em ambulâncias. No Getúlio Vargas, por exemplo, as condições de atendimento à população diminuiram tanto que doentes baleados estão sofrendo transferência; no Souza Aguiar, a triagem para a emergência está sendo feita por pessoas que não são médicos, já que estes têm que se prender aos atendimentos de real urgência.

Prova de covardia dos brasileiros políticos

Com o consentimento das autoridades policiais, governamentais e, até mesmo, do Poder Judiciário, são mantidos ilegalmente "detidos" e espancados, milhares e milhares de brasileiros pelas polícias do Brasil.

Estes "detidos" — inclusive muitos que nada fizeram de errado — são soltos em época de eleições, como se fora de época eleitoral alguém pudesse ser "detido" para averiguações, pela polícia.

Agora, eu acho muito ridículo o procedimento de indiciar apenas funcionários pequenos, quando é morto a pancadas um destes "detidos" ilegalmente, como é o caso do traficante de tóxicos "Lula", em que só foram indiciados funcionários humildes.

A não aprovação da lei que iria regulamentar a prisão para averiguações pela polícia e que, conseqüentemente, iria reconhecer que hoje são mantidos presos ilegalmente milhares e milhares de brasileiros, sem estarem presos em flagrante delito, sem estarem com a prisão preventiva decretada e sem estarem condenados, se constitui numa prova de covardia dos parlamentares brasileiros.

É chegada a hora da aprovação da lei criando a prisão cautelar, tão falada há alguns anos e hoje tão esquecida, para que assim seja dado responsabilidade a quem fizer prisões para averiguações, pois que hoje tais prisões são feitas de forma arbitrária e sem a menor responsabilidade, o que conduz ao excesso, inclusive com presos barbaramente espancados e com a cumplicidade das autoridades governamentais e judiciárias.

E, para ironizar, os parlamentares na hora de eleições se lembram dos presos que são mantidos ilegalmente pela polícia, e, usando do famoso jeitinho brasileiro de resolver os problemas, burlescamente criaram uma lei dizendo que em época de eleições ninguém pode ser preso, a não ser em flagrante delito ou por decisão judicial, o que dá a entender erroneamente que, fora da época eleitoral, o cidadão brasileiro poderá ser preso sem essas exigências. (Sergio José Toniolo, RGS)

BNH não paga igual a todos empregados

Sendo leitor assíduo deste jornal, e acompanhar a sua jornada de luta em prol das liberdades democráticas e na defesa dos injustiçados e oprimidos, solicito a publicação dos fatos a seguir:

Em fevereiro deste ano fui ao BNH (Banco Nacional de Habitação) à procura de emprego, tendo sido submetido à seleção a aprovado. Ao ser chamado por telegrama, informaram-me que iria ser admitido na empresa e poucos dias depois comecei a trabalhar. O fato sobre o qual quero chamar a atenção é que, tanto eu como os demais aprovados, fomos selecionados pelo BNH, convocados pelo BNH e no entanto quem assina nossa carteira profissional é a Ted Organização de Serviços Ltda.

Isso acarreta sérias conseqüências para os que trabalham em uma empresa paraestatal ou autárquica sob esse odioso e injusto regime de subcontrato. Percebemos apenas metade dos vencimentos do funcionário efetivo do BNH para a mesma função, não temos direito aos 15 salários anuais a que os efetivos do BNH fazem jus, não podemos nos sindicalizar, etc. A agência de empregos, que é a alocadora da mão-de-obra leva com isso 50% do que deveria ser o nosso salário, que é a comissão que a mesma cobra ao BNH por essa exploração medieval e mesquinha da mão-de-obra. Será que é só ela que leva? Difícil de acreditar, não é? Observando a quantidade de cartões de ponto no quadro de ponto e comparando-se, chega-se facilmente à conclusão de que ultrapassa os 50% da mão-de-obra que trabalha no BNH sujeita a esse sistema de subcontrato, marginalizada, portanto, dentro da empresa, havendo muitos casos de pessoas nessa situação há 5 ou mais anos. Além do BNH, verifica-se essa espécie de versão moderna de feudalismo em várias outras empresas paraestatais.

Apelo para que divulguem esses fatos, publiquem artigos, reportagens e debates sobre o assunto, pois parece que existe um desinteresse da imprensa, sindicatos e parlamentares com respeito a essa situação irregular que é a alocação e subcontrato da mão-de-obra. É preciso mostrar a esses facínoras e reacionários que uma empresa paraestatal é um patrimônio da nação e não um feudo privado de uma burocracia todo-poderosa e corrupta. Na esperança de que surta efeito a presente, encarecendo a não publicação do meu nome por motivos óbvios, firmo-me com agradecimentos. (RJ)

QUEREM ACABAR COM O MEU BERÇO DE PAZ

Felicito a redação do REPORTER pelo artigo publicado no número 13, de janeiro de 1979 sobre a praia de Itaipu que está sendo destruída, toda a sua trama histórica, nota essa assinada por Tim.

"Não basta a nota referida, por patriotismo e em defesa de nossa pobre tradição histórica deve-se voltar ao assunto. Até a igreja secular vai ser demolida? E os sambaquis? E o forte?

"Não é possível tanta desfaçatez; felizmente, a coragem cívica de REPORTER deu o brado de alerta. Continuem na sua nobre campanha. Vejo a destruição à minha volta e não me conformo. Nasci ali e quero que deixem o meu berço em paz." **(Aureliano Souza, RJ)**

Correio Homossexual

Continuem "metendo o pau"

Desde o número 14 passei a ser mais um assíduo leitor do jornal REPORTER que para mim é uma coisa de louco, póxa gente, vocês são demais, estou amando tanto este jornalzão que estou querendo fazer uma assinatura, para receber o jornal mais rápido aqui em minha casa.

Realmente, o REPORTER é o jornal que faltava para mostrar ao público o que existe de podre neste grande Rio de Janeiro, eu estou com vocês e não abro, a reportagem sobre o lesbianismo está de lascar, agora que tal uma reportagem sobre o homossexualismo, seria uma boa, falem tudo sobre eles, seus amores, suas angústias, seus locais de encontro e diversões.

Aqui em minha casa, a turma "devora" o jornal, numa boa, todo mundo curte mesmo. Peço a voces aí continuarem sempre assim "metendo o pau" nessa turma sacana que nada faz de bom em prol da coletividade, e pra terminar uma dica, que tal vocês darem uma voltinha ali por perto da Tv Globo, garanto que a turma do REPORTER vai descobrir coisas incríveis por trás dos muros sujos da emissora do Jardim Botânico, sacaram? É isso aí, gente **(Walter Castro, R.J)**

Todos um dia vão se amar

Recentemente, li o nº 14 do REPORTER e quero fazer os comentários que seguem, agradecendo de antemão a acolhida que for dada a estas linhas.

Creio que entre o rígido heterossexualismo defendido por Heloneida Studart e a grotesca recriação do "macho" e da "fêmea" entre pares homossexuais, há espaço para o advento de um relacionamento humano e humanizante, integral, independentemente de especificações morfológicas. É o que, ao meu entender, emerge dos posicionamentos lúcidos da jornalista Leila Miccolis. A posição de Heloneida, estribada doutrinariamente numa fábula metafísica de Freud, desemboca numa regressiva ortodoxia sexual, o que, de si, é convencional e infra onírico. De outro lado da fronteira, numa polarização diversa, há os paradoxais "casamentos" de gente psiquicamente distorcida, é preciso que se diga. E com tudo que existe de venenoso e reacionário na união heterossexual: possessividade, verticalização dos papéis assumidos, etc.

Sou daqueles que acreditam que, entre o bloqueio inerente à heterossexualidade normativa e a precariedade da homossexualidade exclusiva, é preciso forjar um relacionamento totalizante que reflita, testemunhe, adense e mediatise uma afetividade subjacente. Se a sexualidade humana transcende a função procriativa, não há porque aplicar torniquetes ao fluxo da vida, através de um superego historicamente condicionado.

Penso num mundo a construir, no qual homens e mulheres aprenderão a amar-se sem esquemas pré-definidos, motivados pela própria dinâmica da existência. E todos amarão esta terra como patrimônio comum a ser perpetuamente renovado

(José Antonio J. de Lamargo — SP)

Li o último número de REPORTER e confesso que não gostei nada do título "Coroa diz que não acha dinheiro na rua". Afinal, a reclamação se refere a um "concurso público" e não ao aumento do custo de vida; quanto ao simples fato de nos chamarem de coroa, afinal, temos 48 anos de idade, mas o título é vago, não dá ênfase ao descalabro dos concursos públicos e ainda omite o que falamos sobre o silêncio da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil), essa mesma OAB que, publicamente, combate as eleições indiretas — na República — porque as da OAB são indiretas; combate o AI-5, combate o banimento e o cassamento dos direitos políticos — dois conselheiros da seccional do Rio já foram cassados — reclama quando o governo não lhe presta vassalagem ao elaborar alguma lei; como a nova CLT, por exemplo, luta pelo salário profissional do advogado na empresa privada, mas, permanece surda, muda e oligofrênica no que diz respeito aos concursos públicos do Estado. Nota: o concurso federal não contém absurdos. *(Parmenas Vieira Pontes, RJ)*

Aborto cria polêmica com brasileiras em Paris

O artigo sobre aborto, publicado no número 8, e uma resposta a esse artigo no número 9 (de mulheres de Recife) suscitou uma animada discussão no nosso grupo de mulheres do Círculo de Mulheres Brasileiras em Paris. Embora já faça algum tempo que saíram esses artigos, mesmo assim resolvemos entrar nesse debate. Na verdade o aborto é uma questão presente e atual. Nesse sentido vão aqui algumas de nossas reflexões sobre o assunto que esperamos que contribuam em algo para fazer avançar a discussão.

O fato de um jornal hoje se preocupar com o problema do aborto no Brasil é positivo, apesar da limitação da reportagem, que entrevistou um número muito restrito de mulheres, que não são representativas do conjunto de mulheres brasileiras.

Achamos que o tratamento dado à questão pelo jornal é negativo pois a forma sensacionalista e grotesca que foi adotada não é a melhor maneira de esclarecer todos os aspectos do problema. O estilo sensacionalista do jornal é o que levou a escolher determinado tipo de depoimento. Se, por um lado, é válido pelo caráter de denúncia que apresenta, por outro lado perdeu a oportunidade de aproveitar a ocasião para esclarecer, informar, desmitificar toda a questão moral, social e econômica que envolve o problema do aborto num país como o nosso.

É conhecida a tese de que nos países subdesenvolvidos deve ser favorecido o controle da natalidade, tese muito controvertida e discutível num país despovoado como o Brasil. Mas o mais importante é que esta tese é conservadora porque foi formulada para evitar os conflitos sociais. Afirmar que a maioria do povo brasileiro não tem condições financeiras de manter um ou mais filhos é colocar mal a questão, pois a questão que nos parece justa é que a maioria do povo não pode ter um ou mais filhos. Ao invés de tentar remediar a pobreza, temos que atacar as causas que provocam. O problema de fundo não pode ser resolvido sem transformações sociais e estruturais que dêem condições econômicas para que as pessoas possam decidir livremente o número de filhos que desejam ter.

Achamos necessário partir da realidade concreta. **O aborto é feito.** Quais as condições em que ele é feito é o que nos interessa. Condições materiais, morais e psicológicas.

Se é verdade que proliferam as clínicas de luxo, não são elas as utilizadas pela maioria das mulheres. As condições de atendimento médico e higiene, hoje as piores possíveis ou inexistentes, só poderão ser resolvidas à medida em que o aborto for legalizado e fizer parte dos serviços médicos e da Previdência Social. Quanto às condições morais e psicológicas tais como a vergonha, medo, culpabilidade, pecados inculcados pela igreja, família, sociedade como um todo, só poderão ser transformados com um processo de desmistificação e tomada de consciência. Esse processo só poderá se dar a partir da organização das mulheres em torno de seus problemas específicos. Antes de ser um problema de lei, da igreja, achamos que a questão do aborto é um problema nosso (das mulheres) e cabe a nós discutir e optar por soluções possíveis à questão.

Mesmo quando não determinado por razões econômicas, o aborto é uma realidade e uma necessidade que se articula com a luta da mulher pelo direito de escolher ter filhos ou não, de quando e como ter seus filhos. Essa luta se coloca num contexto de direito de opção. A prevenção da gravidez, através de métodos contraceptivos eficientes, é uma questão que precede o problema do aborto. Se hoje ainda a pílula é o método mais difundido, apesar de todas as contra-indicações que implica, outros métodos considerados menos perigosos já começam a ser utilizados em países mais desenvolvidos onde a preocupação pela vida humana existe em maior nível. Também a formação sexual dos adolescentes nas escolas poderia contribuir para um maior conhecimento do nosso corpo, levando à uma maior possibilidade de opção.

Se hoje ainda nos parece ousado lutar pela legislação e gratuidade do aborto no Brasil, esse porém nos parece ser o único caminho para que ele não seja praticado de forma criminal, pondo em risco a vida e a saúde de milhares de mulheres. **(Círculo de Mulheres Brasileiras em Paris)**

Brasil tá dando

Já está na hora dos nossos políticos, queridos e estimados, nos olharem com olhos de gente, não apenas ver quanto rendemos para o país e sim ver quanto ele depende de nós.

Um dos maiores problemas está sendo o salário que está sendo um crime contra nossos trabalhadores. Não sei porque mas pelo jeito que as coisas estão indo, é muito bão, pois nós os "brasileiros samus tão boazinhos", que todas as nossas riquezas e tudo que temos damos para nossas nações amigas, e principalmente para o Titio Sam!!!

Agora estamos dando até pros "lemães"' que vão montar uma usina que não é de açúcar e nem de álcool, para ser sincero os próprios brasileiros não sabem para que serve esta danadinha que está levando-nos para a cucuia!

Mas não adianta falar que o nosso povo é boazinho e ele é, já por natureza, enquanto os que estão lá em cima pensam que estão certos e nós aqui debaixo é quem pagamos pelos acertos e acordinhos.

De repente, o nosso querido Brasil está se tornando novamente um país totalmente orientado pelos nossos Titios de Fora, né!

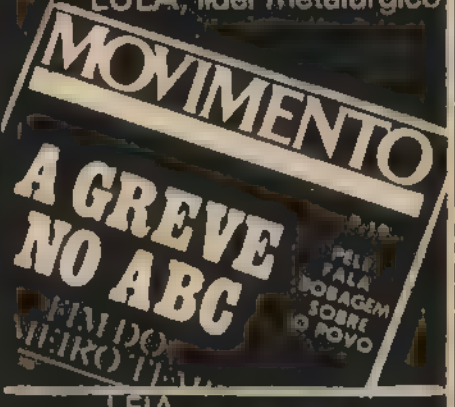
Agradeço aos nossos grandes políticos e quero que meu Deus lhes dê muita saúde para que eles vejam de pé as conseqüências de seus acordinhos, contratinhos de risco, dos empréstimos e por fim o fim de tudo no cartório de protesto.

Espero que a redação do REPORTER me desculpe mas no exato momento é o que me vem na mente. Sem mais, eu desejo que o jornal continue, pois é muito bom. Caso esta cartinha não seja publicada eu agradeço do mesmo jeito pois consegui fazer alguma coisa, meu nome é Janedson, mais conhecido como Cerê. *(Janedson Gomes de Sales, SP)*

Porque ler MOVIMENTO?

"Acho que o jornal MOVIMENTO significa hoje algo como a democracia, como a liberdade que a gente tanto espera que haja, que a gente tanto aspira.
Porque num país onde a imprensa está amordaçada ao poder econômico, num país onde a imprensa está na mão das elites, na mão da burguesia nacional, é sempre importante que haja uma imprensa livre, uma imprensa independente, como é o caso de MOVIMENTO.
Eu acho que a existência do jornal MOVIMENTO é a própria esperança de que um dia haverá democracia nesse país."

LULA, líder metalúrgico



LEIA MOVIMENTO
(em todas as bancas)

Olha aí, quem estiver no desvio, duro,
sem ter onde arranjar um troco,
dê um pulinho aqui no Repórter.
O negócio é mole, de tirar de letra.
Você vende algumas assinaturas do jornal
e ganha uma porcentagem
em cima disso.
O resto a gente garante.

Almirante, rei das mordomias, o cartola Heleno Nunes vai ter que deixar o futebol, a pedido de um civil. Um dos motivos teria sido um "probleminha" de um de seus irmãos militares com o general Danilo Venturini.

Heleno Nunes vai voltar a ver navios

A criação da Confederação Brasileira de Futebol, por decisão do governo, ainda não foi o golpe de misericórdia em Heleno Nunes, até então dono do futebol brasileiro no seu trono de presidente da CBD (Confederação Brasileira de Desportos).

O tiro final será para matá-lo de vergonha, humilhá-lo: o almirante Heleno Nunes terá de sair da sede da Rua da Alfandega 70, a pedido do civil Giulitte Coutinho, presidente do Conselho Nacional de Desportos e homem forte do ministro da Educação, Eduardo Portela.

Heleno terá de deixar seu tão querido gabinete, de onde promoveu a maior mordomia de cartolas da história do futebol, durante a Copa da Argentina; de onde começou o processo de escalação da seleção; de onde definiu os quase 80 clubes — este ano seriam 88 — do Campeonato Brasileiro.

E que vá cuidar da bocha, arco e flecha, punhobol e malha em outra freguesia.

Foi um golpe inesperado para Heleno Nunes, certo de que, depois de quatro anos à frente da CBD, fundaria a CBF e seria seu primeiro presidente. Não deu. Assim que entrou o novo ministro da Educação, o baiano Portela, foi decidida a saída de Heleno. Motivos não faltavam — tabelas de campeonatos absurdas, mau planejamento da seleção, inclusive a de amadores. Mas comenta-se nos corredores da CBD, que um dos irmãos militares de Heleno Nunes teve um probleminha com o então major Danilo Venturini, hoje General-de-Divisão e chefe da Casa Militar do governo Figueiredo. Apenas comenta-se...

E daí Heleno ficou na corda bamba. E agora caiu. Só que, na surdina, o pobre Heleno tem insistido em permanecer no cargo. Viaja sem avisar e manda enviados especiais a lugares que considera decisivos.

Por partes: na eleição da Federação de Mato Grosso do Sul, há menos de 15 dias, o presidente da CBD mandou o cartola Ildo Nejar dar uma espiadinha e "ajudar em qualquer coisa". É que ele acreditava firmente numa eleição presidencial para a CBF, através dos presidentes de federações.

Ledo engano: quando a CBF for criada, outros cartolas vão cair junto com Heleno Nunes. O primeiro da lista é o repugnável Otávio Pinto Guimarães, da Federação do Rio de Janeiro. Junto com ele seguirão José Guilherme, de Minas; Rubens Hoffmeister, do Rio Grande do Sul; e Rubens Moreira, Norte-Nordeste.

Mas voltemos à viagem do pobre Almirante. Ele já foi várias vezes a Brasília tentar uma conversa com o Presidente Figueiredo e, se possível, com o ministro Portela — não confundir com o Petrônio. Não conseguiu. Foi muito bem tratado, mas sem passar das ante-salas.

O último trunfo de Heleno era Nei Braga, antigo ministro da Educação e atual governador do Paraná, homem ainda ligado ao Palácio do Planalto. O amigo de fé, o irmão camarada foi polido e protocolar. Como contrariar ordens superiores?

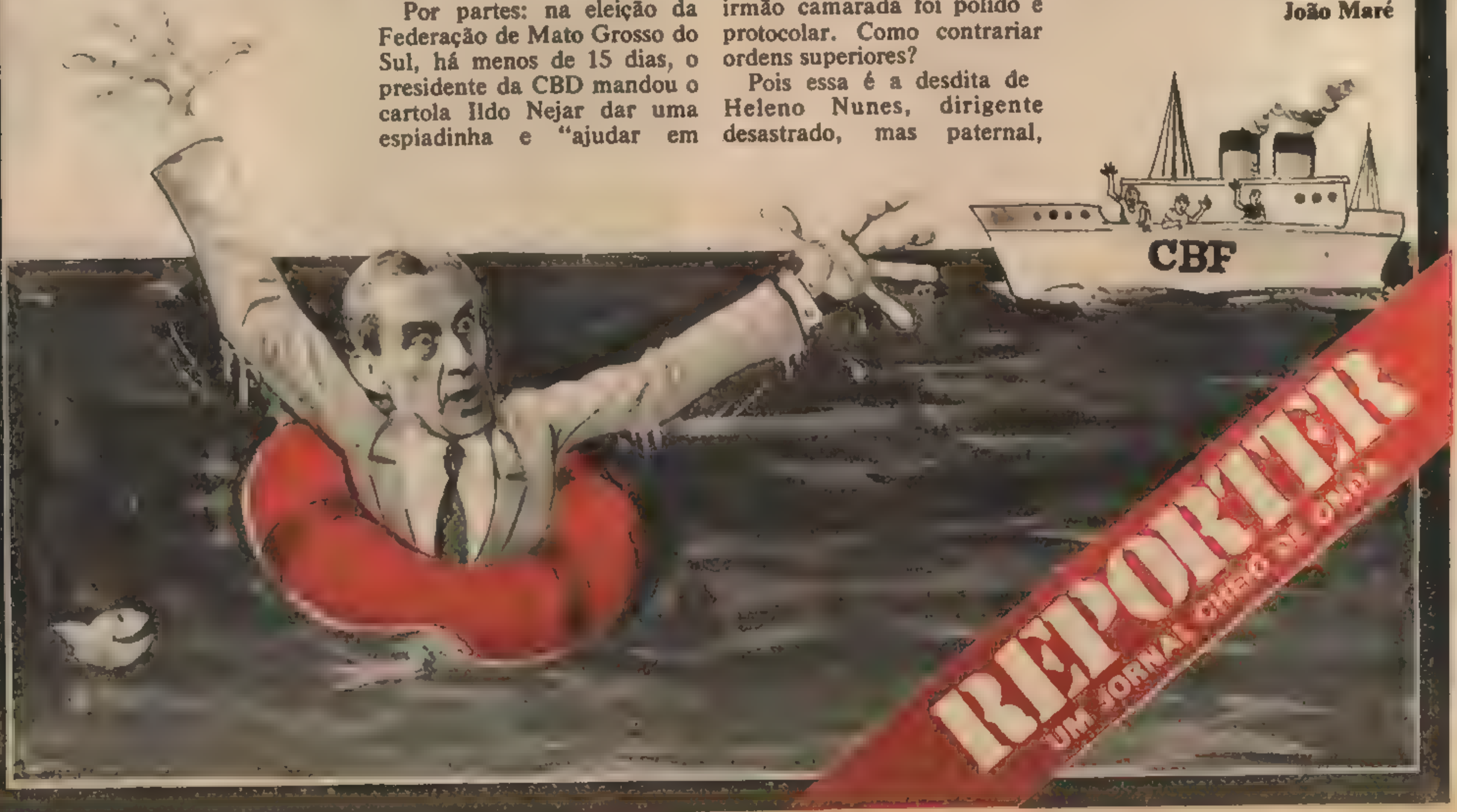
Pois essa é a desdita de Heleno Nunes, dirigente desastrado, mas paternal, amigo, solícito. Como diz Chico Buarque: morreu na contramão atrapalhando o tráfego.

Só que o nosso Heleno Nunes não se dá por morto. Afinal, um almirante não entrega a batalha enquanto seu navio não for totalmente a pique. Seu argumento é o decreto 8228, de 25 de agosto de 77, artigo 36: são reconhecidas como constituídas, para todos os efeitos, as seguintes confederações: Confederação Brasileira de Desportos, etc etc...

Esse decreto, combinado com o estatuto da CBD que coloca o futebol como esporte prioritário, é que daria a Heleno Nunes a segurança de permanecer no cargo. Mas isso não será levado em conta pelo governo.

O correto seria revogar essa lei através do Congresso, mas isso levaria muito tempo para o irrequieto e apressado ministro Portela. Quer dizer: o governo vai criar a CBF em menos de dois meses e deixar Heleno Nunes a ver navios.

João Maré



REPORTER

Maio de 1979 - ano II - número 17 - Cr$15
AUTÔNOMO INDEPENDENTE

Exportar erva maldita é grande negócio

MACONHA NO PACOTE CONTRA A INFLAÇÃO

P.6

Estados Unidos consomem 60 milhões de dólares por dia

Federal procura droga na usina atômica

Hospital do governo maltrata doentes

Raio doidão persegue sargento

P.18

Tá bom, o governo quer acabar com os pequenos jornais — pelo menos é o que se ficou sabendo agora em abril, quando "O Estado de SP" publicou um relatório de setembro de 1978 onde o Centro de Informações do Exército (CIEx) dá umas dicas de como destruir a gente. O documento é do ano passado mas parece, também, que este governo é continuação do outro e nada garante — o próprio governo não garantiu ainda — que as sugestões do Ciex não serão usadas. Algumas já estão até sendo usadas, como a tática de vasculhar nossos livros fiscais até encontrar uma cagadinha. No ano passado, em julho (antes portanto desse relatório), incursos na Lei de Segurança Nacional fomos interrogados por um delegado da Receita Federal que quis saber todos os detalhes de nossa situação econômica. Outra artimanha, já usada é a de não anunciar em nossos jornais (sabe-se que 60% das verbas de propaganda são do governo e que anunciantes resistem em utilizar veículos que o governo não adota). Já está sendo usada a tática de seqüestrar nossos jornais, processar jornalistas — só falta usar o conselho do Ciex (naturalmente inspirado nos anos negros dos Estados Unidos) de proibir de trabalhar jornalistas processados. Quer dizer, condenados antes da condenação. Por todos esses fatos se nota que é muito fácil acabar com os pequenos jornais. Difícil é acabar com os grandes sonegadores, os grandes corruptos, os que vendem o país, os que exploram a mansidão do povo, os que matam e compram sua liberdade. São eles que fazem crescer a inflação, a insegurança e a descrença. Não somos nós. E se o governo quiser acabar com eles, estaremos a seu lado. Não é a nós que o governo precisa temer. Governo sábio é o que teme o julgamento de seus governados, pois a maioria da população do Brasil não é aquela que nos lê; é a que passa fome, mora como pode e vive de dívidas.

Foto de Wagner Avancini — agência Central

Metalúrgicos do ABC Paulista prometem nova greve em maio Na foto, a de março

Volkswagen nega repressão e garante que dá os maiores benefícios a funcionários

Nazismo na Volks é desmentido pelo JB

A Volkswagen respondeu às denúncias de nossa último número ("Nazismo na Volks") mas sem se dirigir a nós. Publicou sua resposta na edição de 15 de abril do Jornal do Brasil (dez dias depois que chegamos às bancas). Mais que uma matéria, o JB deu um "press-release" (boletim de divulgação) preparado pelo departamento de Relações Industriais da multinacional, ocupando, com ele, quase metade de sua página 18, além de chamar atenção para a matéria na primeira página. Imitando a maior fábrica do país, o JB não faz nenhuma menção à nossa reportagem, da qual, sem dúvida, dá uma "suite".. Vai mais além o jornal: ao lado das justificativas da Volks dá um pequeno "box" (veja colagem) onde os dirigentes sindicais de São Bernardo confirmam as denúncias que fizeram a nós e as confirmam a um dirigente da Federação dos Metalúrgicos da Alemanha. A razão de relegar a segundo plano o diálogo entre operários de dois países, recheado de graves acusações, é uma incógnita. Cabe aos leitores inteligentes decifrá-la.

REPORTER

REPORTERES/EDITORES — Alex Solnik (São Paulo), Chico Júnior, Luiz Alberto Bettencourt, Pipsi (Arte)

REPORTAGEM — Rio de Janeiro: Tim Lopes, Marcos Dantas, Clarice Niskier, Vera Lúcia Dias, Iara Reis, Ênio de Paula Oliveira, Jota Paulo. **São Paulo:** João de Barros, Rivaldo Chinem, Iracema Silva, Valmir Salaro, Antônio Fava.

FOTOGRAFIA — Rio de Janeiro: Chiquito Chaves, Custódio Coimbra, Américo Vermelho. **São Paulo:** João Bittar, Luz Bittar, Wagner Avancini, Amâncio Chiodi, Hélio Campos Mello, Eliana Pastore, Camila Butcher, Jesus Carlos.

CORRESPONDENTES — Paulo D'Alcantara (Paris) e Cristina Duarte (Milão) **PROMOÇÃO, PUBLICIDADE, CIRCULAÇÃO,** etc — José Antônio Nonato Duque Estrada de Barros **ILUSTRAÇÃO** — Maurício Veneza, Guidacci, Jota, Angeli, Jaime Leão..

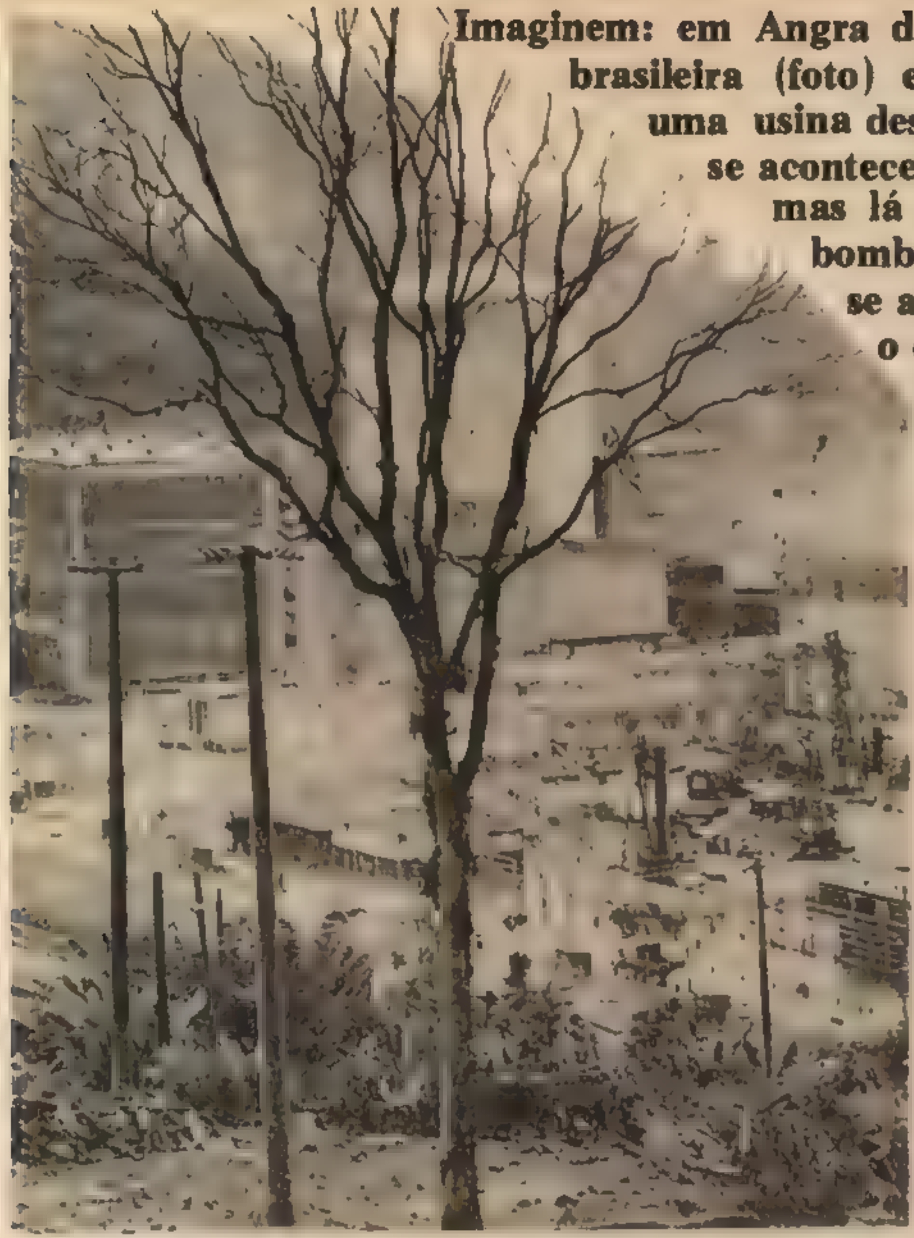
ARTE — Analuce Estrella, Maurício Veneza

DEPARTAMENTO JURÍDICO — Modesto da Silveira, Luis Celso Araujo e Luiz Eduardo Grenhalg

REPORTER Autônomo Independente — Uma publicação da Margem Editoria e Programação Gráfica Ltda. Rua Miguel Couto, 134/11° andar, Rio de Janeiro. Telefone: 253-5038. **São Paulo:** Rua Santa Isabel, 33/grupo 804. Telefone: 222-3103.

Distribuição — Fernando Chinaglia S.A. Rua Teodoro da Silva, 907, Rio de Janeiro

Composição e Impressão — Editora Mory Ltda. Rua do Resende, 65, Rio de Janeiro. Telefone: 263-7002.



Imaginem: em Angra dos Reis, cidade da primeira usina atômica brasileira (foto) está todo mundo por fora sobre os perigos de uma usina dessas. E ninguém tem a mínima idéia do que fazer se acontecer um acidente (notem que a usina ainda não funciona mas lá já tem material radioativo). Nem a polícia, nem os bombeiros estão informados de nada. Um policial diz que, se acontecer alguma coisa, vai ser o primeiro a correr; o chefe da Polícia Federal confessa que usina só interessa em caso de tráfico de entorpecentes "num dos reatores"; o líder da Arena já pensou em pedir o fechamento da usina o que não fez porque é "do mesmo partido do presidente Figueiredo". Políticos, padres, comerciantes negam a existência de um plano do governo para evacuar a cidade em caso de acidente, como Furnas — responsável pela construção da usina — chegou a noticiar no mês de abril (época em que a segurança das usinas foi colocada em cheque por causa do acidente, quase fatal, de Three Miles Island, Estados Unidos). Nessa página e na seguinte, pessoas de Angra mostram seu medo; na página 5, mostramos os perigos atômicos que Angra desconhece.

ANGRA DOS REIS: EM CASO DE ACIDENTE SAI TODO MUNDO CORRENDO

Federal procura drogas no reator atômico

Reportagem de Tim Lopes. Fotos de Chiquito Chaves

O convento do Carmo, cuja construção começou no ano 1583, abriga a Região Pastoral Sul Fluminense, dirigida por Dom Vidal, responsável por 300 mil fiéis espalhados em Angra, Parati, Mangaratiba e Itaguaí. O frei Jorge Van Kampenn, holandês, há 29 anos no Brasil e há nove nesta Região Pastoral, fala devagar e diz o que pensa sobre a usina.

— Aqui não se fala nisso. O pessoal lê pouco, não conhece o alcance da radiação. A falta de informação é grande. Depois, existe o problema de ser área de segurança nacional. Isso deixa as pessoas com medo de emitir opiniões. A maioria não está vendo a dimensão do perigo. Acho que não há essa segurança toda. No futuro terá mais segurança. A usina no Japão, que é nos mesmos moldes do que a de Angra, fechou dois dias depois do acidente nos Estados Unidos. O sentimento do Brasil é de não ficar para trás. As nossas águas já estão poluídas, as matas arrancadas e agora o ar.

O tenente Rodrigues de Almeida, que lutou na guerrilha do Araguaia, chefe da divisão de segurança da Escola Naval de Angra dos Reis, desconhece qualquer plano de evacuação da área em caso de um possível acidente na central nuclear.

— Não posso dar entrevistas sem ordem superior. Agora esquece os meus galões e as minhas divisas. Vou falar como o cidadão Almeida. Aquilo lá pra vocês ficarem sabendo é um mundo à parte. Um mistério. De três em três meses aparece uns técnicos para medir radiação e vão embora como apareceram. Eu, como pessoa, sou contra a construção dessa usina. Temos tantas opções para energia, aqui mesmo em Angra, que não entendo todo esse gasto. Agora, se acontecer alguma coisa, é correr para tirar os nossos 500 alunos.

Os dois federais dão uma geral. Revistam a bolsa do repórter e do fotógrafo, enquanto outro em posição estratégica fica de olho. Dão uma tirada de cima abaixo e depois desse exame minucioso é permitida a entrada para falar com o delegado da Polícia Federal de Angra dos Reis, Américo Bahia Galvão.

— Dr. nós queríamos saber se já chegou a seu conhecimento o plano de evacuação, em caso de uma emergência aí na usina?

— Acredito que uma obra de vulto como essa, com físicos, químicos, militares, engenheiros deva existir um plano de segurança. Agora, eu aqui não sei de nada. Não temos nada a respeito. A Polícia Federal só é solicitada para ir a Furnas quando acontece desvio de material ou tráfico de entorpecentes nos reatores.

Pelas curvas da estrada Rio-Santos se avista uma das paisagens mais bonita do Estado. Na entrada da cidade está o quartel do Corpo de Bombeiros, localizado nas instalações de um antigo matadouro.

— Não existe o mínimo de entrosamento de nós aqui com o pessoal da usina. Pra eles, a gente não existe. Acho um absurdo ficar sem um contato para se preservar, tomar cuidados especiais se, por acaso, ocorrer um acidente. Não temos conhecimento de plano nenhum para uma possível evacuação da população. E sofremos aqui um problema sério, por falta de material. Temos três carros que estão sempre enguiçados. Não temos um aparelho para medir radiação. Não temos explosímetro.. Fomos solicitados esses dias para verificar aqui perto o vazamento num posto de gasolina de um condomínio. Já estava todo mundo apavorado, tivemos que solicitar o aparelho na Petrobrás. Os nossos homens aqui são especializados, mas não suficientes.

O tenente Ronildo, subcomandante do quartel, nunca foi à usina. Na porta da sala diz que aos poucos o bombeiro vai perdendo aquele sentimento que o leva a se dedicar ao salvamento de vidas, apagar fogo e correr para onde tiver ameaças de perdas humanas. Ele leva o repórter até a garagem improvisada. Com a metade do corpo sujo de graxa enfiado dentro do motor do caminhão AT (autotanque), um soldado se esforça para consertar o carro. O tenente mostra:

— Tá vendo. Ainda dá uma de mecânico. E pergunta:

— Praça, quanto você ganha?

— 6.050 cruzeiros, com 15 anos de corporação.

— Viu, além de tudo a má remuneração. Eu não sei como vai ser se, por acaso, acontecer alguma coisa. Na refinaria de Caxias, que explodiu alguns anos, também disseram que havia total segurança. Morreu toda a guarnição de bombeiros que estava trabalhando lá dentro. Quando lembraram da gente, o pior já tinha acontecido. Tivemos sorte, já pensou entrar num terreno minado sem saber onde está pisando?

Um alemão com o crachá da construtora Norberto Odebrecht pede uma informação ao policial de plantão na modernissima delegacia de Angra. Sobe as escadas correndo e volta quase no mesmo instante. Tinha sido despachado porque o delegado não estava. O engenheiro Gunnar Artur Herwing, há seis meses no Brasil, procura palavras para se fazer entender.

— Fui roubado no carnaval quando assistia ao desfile das escolas de samba. Fiquei sem a carteira de dinheiro e todos os documentos. Não importa. Preciso tirar outra vez.

Líder do MDB: povo não fala porque tem medo

Existe segurança na usina?

— Sim, existe. Para o tráfego de rua também não existe segurança. Morre bastante gente.

Gunnar, meio sem jeito, acaba desviando o assunto em relação à segurança e revela a sua verdadeira função.

— Sou especialista em solo e fundações. As fundações são normais. Precisamos de máquinas fortes para cavar o solo. Na falta de petróleo, temos que procurar outros meios de energia.

O engenheiro se mostra inquieto, apanhado de surpresa que foi para falar da usina. Diz que trabalhou nas centrais nucleares do seu país. Gosta do Brasil e os filhos estudam numa escola alemã na vila residencial, construida para os engenheiros alemães em Mambucaba, 4º distrito de Angra.

Quantas usinas existem na Alemanha?

— Acho que umas doze ou treze. Eu trabalhei em muitas delas. Protestos? Sempre houve em todas as partes. Na Alemanha houve muitos protestos. Há até hoje.

O alemão sai apressado. O policial de plantão escuta a conversa e diz alto, sério:

— Meu chapa, se pintar esse negócio de radiação nessa usina, sou o primeiro a correr. Não quero nem saber.

Outro policial, indignado, diz que perdeu uma casa que seria alugada por dois mil cruzeiros porque chegou um técnico de Furnas e alugou na frente, por sete mil cruzeiros, argumentando com a dona do imóvel que a firma pagaria.

O advogado Carlos Alberto, presidente da bancada do MDB de Angra é contra a construção da usina. De gestos largos, naturais, ele mostra no mapa da cidade a riqueza do município, com suas três quedas d'água com capacidade de 185 mil HP. São as quedas de Mambucaba com 100 mil HP; quedas do Bracuí, com 70 mil HP e as quedas de Ariré, com 15 mil HP.

— O pessoal não fala nada sobre a usina porque tem medo. O medo de uma possível repressão. Aqui é uma área de segurança nacional, em que o prefeito se intitula delegado da revolução e, sendo almirante, fazendo questão de dizer que é, consegue amedrontar a comunidade. Há nove anos, desde que foi indicado. O conhecimento aqui é informático e não analítico. A gente está condicionado a acreditar nisso tudo. O camarada que pensa um pouquinho tá arriscado a ficar com a cabeça no ar. A população mesmo não tem informação de nada, como 99% do povo brasileiro. E um detalhe: as coisas, quando não são explicadas, viram fantasmas. A gente não sabe de plano nenhum. Nem sei se existe essa preocupação. Acho boa a idéia de evacuação em caso de acidente, com o apoio do 1º Exército. Só que se acontecer uma anormalidade, até o Exército chegar aqui não vai sobrar ninguém para contar como foi. A distância em linha reta da praia de Itaorna ao centro de Angra é de 12 quilômetros. São 25 mil almas no centro da cidade, sem incluir o pessoal que mora nos morros e nos sertões. Tem gente que mora há 3 quilômetros da usina. Como vão resgatar esse pessoal todo se acontecer uma tragédia? Ainda por cima esta é uma das cidades mais caras do Brasil. Houve um aumento violento dos aluguéis. A carne está a 90 cruzeiros o quilo. Peixe tem, só que o povo brasileiro não come peixe. As empreiteiras, para manterem os seus técnicos, começaram a alugar hotéis, casas e apartamentos no centro da cidade. Os preços subiram exageradamente. Um quarto e sala aqui no centro custa na base de sete mil pra cima. O resultado é que os portuários, conferentes, estivadores que moraram na cidade foram obrigados a fixarem residências nos morros em volta da cidade. É uma favela de concreto armado.

Moacyr, líder da Arena

Gunnar, engenheiro alemão

Carlos Alberto não acredita em plano de evacuação

Sóstenes Lins Lira, presidente da Associação Comercial de Angra dos Reis, é gerente das Organizações Venâncio, um supermercado forte, um dos principais da cidade. Ele se mostra preocupado com a segurança da usina.

Comerciante: ninguém está informado como deveria

— Acredito que ninguém está informado como deveria. As notícias são poucas. Na próxima semana vou fazer uma proposta a Furnas para designar um técnico, um engenheiro, uma pessoa que possa dar alguns esclarecimentos sobre a segurança da usina, o que é a usina. Nós não podemos é ficar totalmente desinformados. Existe um certo receio da população, depois desse problema ocorrido na Pensilvânia. Ainda não vi interesse do governo em conscientizar o povo para se defender contra problemas dessa natureza. Os órgãos responsáveis por isso deveriam fazer palestras nas escolas. Já é tempo das crianças tomarem conhecimentos sobre essa realidade do futuro. Eu, particularmente, não tenho medo, confio na capacidade dos técnicos. Mas a população deveria ser informada para saber o que fazer em caso de acidente.

Sóstenes é ainda presidente da Loja Maçonica e do Clube de Rádio amadores de Angra dos Reis, que conta com 35 sócios.

— Nós fundamos já pensando na utilidade que teria em termos de comunicação com a central nuclear, em caso de uma emergência. Prevendo mesmo as necessidades da usina.

José Carlos Freitas, 24 anos, o presidente do grêmio do Colégio Estadual Almirante Brasil, eleito por votação direta (faz questão de dizer), é membro do grupo de jovens da igreja do Carmo e trabalha para ser vereador da cidade, pelo MDB. Acha que tinha que acabar com "esse negócio de segurança nacional, ter eleições diretas para prefeitos e presidente da República".

— Acho que aquilo que houve em **Three Miles Island** foi um alerta para o mundo todo. Acho que evacuar 40 mil pessoas não é mole, é dose. Eu botava a minha família no meu fusquinha e pé na estrada. E quem não tem como fugir, como vai ser? A gente aqui não sabe de nada. Tudo feito às escondidas. Olha, pra você ter uma idéia, na noite em que passou a carreta carregando urânio com uma caravana de carros da polícia, tudo iluminado, o pessoal pensou que fosse a procissão de São Cristóvão, nome de um bairro aqui perto. Eu ainda tenho noção do problema porque eu leio muito. Tenho em casa dois mil recortes de jornais.

Líder da Arena ia pedir ao presidente o fim da usina

Na sala dos professores do colégio, nenhum deles quer falar sobre as conseqüências de uma possível falha na central. Com risadinhas e brincadeiras, um consegue ser chamado para dar uma opinião. O engenheiro das Furnas, Francisco, o Chico, que dá uma de professor de Química com ar de deboche e superioridade, dá a sua opinião:

— O brasileiro é burro, analfabeto. Não tem condições de saber nada sobre nada. No dia que acontecer o acidente, ele fica sabendo, tá legal? São todos uns imbecis. Falei?

O vereador Moacyr Rodrigues Laranjeira, Líder da Arena, logo após o acidente na Pensilvânia, com apoio de todos os vereadores pediu ao presidente João Batista de Figueiredo o reexame do sistema de segurança da usina nuclear de Itaorna. Ele diz porque tomou essa medida:

— Na realidade, eu queria pedir o fechamento da usina, mas como você sabe, sou do mesmo partido do presidente e isso talvez fosse desgostá-lo. E tem o problema também da área de segurança nacional, que a necessidade de se respeitar. É tudo muito fechado e não se tem informação de nada. A comunidade está sobressaltada.

O irmão de Moacyr, Júlio Laranjeiras, dono da casa Laranjeiras, com várias legislaturas pela UDN e depois pelo PSD acha que isso tudo é coisa de Estados Unidos e Rússia.

— Acho que por trás tem uma briguinha dessas duas potências. Com essas notícias, já perdemos a tranqüilidade. O povo mesmo não sabe de nada. Nunca sabe.

Não se importam em esclarecer a massa, em informá-la. Eu deixei a política faz uns quinze anos, desiludido. O que adianta você ser eleito, fazer promessas para o povo e não cumprir. Ser político, hoje, é ter um bom emprego com todas as vantagens

Lixo atômico a 50 km do Rio

A Cidade Maravilhosa será a capital do câncer, caso escape material radioativo da usina de Angra dos Reis __ ou do deposito de lixo atômico, em Caxias. A doença fatal é um dos riscos que levam povos de muitos países a não deixar que se construam novas usinas __ como se vê no diálogo imaginário abaixo.

O que é energia nuclear?

— É uma forma energia obtida com a divisão (que os cientistas chamam de fissão) de um átomo de urânio ou plutônio. A energia nuclear pode servir para explodir uma bomba atômica ou para produzir energia elétrica. Pode ser usada também para mover navios, melhorar alimentos ou ajudar a um médico na cura de certas doenças.

Como a energia nuclear produz energia elétrica?

— Não é muito diferente que produzir energia elétrica a partir de carvão ou petróleo. O negócio é esquentar a água para fazer vapor d'agua que, sob pressão, colocará em movimento as turbinas de um gerador. O urânio ou o plutônio também podem ser usados para esquentar água, no lugar do carvão ou do petróleo. Só que, com carvão ou petróleo, a água é esquentada numa caldeira. Com urânio, usa-se um reator.

O que é isso?

— Reator é uma máquina própria para provocar a divisão dos átomos do urânio. Uma usina central elétrica nuclear é composta por um reator nuclear e pelo gerador de energia.

A energia nuclear é melhor do que outras formas de energia?

— É exatamente isso que se discute. A grande vantagem da energia nuclear é que você precisa de uma pequena quantidade de urânio para gerar uma grande quantidade de energia. Em compensação, a tecnologia é muito mais difícil e os riscos são muito maiores. Por isso, a energia nuclear custa muito mais caro.

Êpa, essa história de riscos começa a me interessar. O quê é isso?

— Quando um átomo de urânio se divide, ele solta partículas energéticas no espaço, chamada radiações. Algumas dessas radiações podem ser bastante perigosas à vida vegetal e animal, inclusive ao homem. Além disso, no próprio processo de divisão dos átomos de urânio, aparecem, por razões naturais, diversos outros tipos de átomos. Esses átomos formam novos elementos igualmente perigosos à vida vegetal e animal, como o césio, o estrôncio, etc. O pior desses elementos é o plutônio. O plutônio não existe na natureza e é venenosíssimo. O veneno do plutônio é 20 mil vezes mais forte que o veneno de cobra. Uma quantidade invisível de plutônio aspirada já pode provocar câncer ou morte.

Mas os caras não sabem disso? Não fazem nada?

— Sabem. É claro que tentam controlar as radiações e por isso é preciso tanta segurança para construir um reator. Tudo é feito para que nada escape do reator, para que o césio, o estrôncio, o plutônio e o urânio, tudo fique dentro do reator até ser removido numa operação complicadíssima.

Então, tá tudo bem!

— Aí que você se engana. Podem acontecer acidentes.

Uma explosão atômica?

— Não. É totalmente impossível um reator explodir como uma bomba atômica. Acontece que um reator é um aparelho complicado, cheio de tubos, válvulas, controles, etc. Muitas peças estão sujeitas a intensas radiações e se desgastam rapidamente. Outras simplesmente falham por um motivo ou outro, assim como, de repente, estoura o pneu de um carro. As falhas humanas também são sempre possíveis. Nesses acidentes podem escapar gases radioativos que vão contaminar plantas, rios e animais. Em 1957, na Inglaterra, um erro humano provocou a liberação de radioatividade de um reator igual a 1/10 da radioatividade liberada pela bomba que explodiu em Hiroshima e obrigou os ingleses a jogar fora todo o leite produzido numa área até 500 quilômetros de distância do reator (para comparação: o Rio está a 133 quilômetros de Angra dos Reis). Um problema ocorrido com um reator nos Estados Unidos, em 1972, próximo a Nova York, provocou a morte de 150 mil peixes do rio Hudson. Muitos operários já morreram em acidentes nas úsinas devido a incêndios e explosões. Os incêndios, aliás, são grande causadores de acidentes sérios porque podem destruir sistemas de controle e seguranças dos reatores. Quando isso acontece, chega-se à beira do pior acidente possível: a fusão do reator.

Por que?

— O reator sai fora de todos os controles, sua temperatura se eleva acima de qualquer limite e, como tudo ali é metal, tudo se funde. Aí, a liberação de radioatividade é total.

E onde já aconteceu isso?

— Aí é que está. Felizmente, até hoje uma catástrofe dessas ainda não aconteceu. Os defensores da energia nuclear usam isso como argumento a favor da segurança das usinas. No mínimo umas três vezes, nos Estados Unidos, estivemos perto de assistir a tal acidente, sendo que, a última vez, foi no caso recente de **Three Miles Island**. Um dos acidentes teve origem num incêndio provocado por uma simples vela acesa na mão de um operário que fazia um concerto numa sala onde faltara luz. Outro acidente, por muito pouco, não levou à evacuação de toda a cidade norte-americana de Detroit. Acidente nuclear é como acidente de avião. Todo o dia tem acidente de carro, sendo raros os acidentes de avião. Mas basta um desastre aéreo para morrerem tantas ou muito mais pessoas do que morreram em todos os acidentes de carro numa cidade como o Rio, num mês. O desastre nuclear ainda é pior: além das centenas de milhares de pessoas que podem morrer na hora devido às radiações, muitas milhares morrerão de câncer nos 20 anos seguintes. É por isso que, no mundo todo, ninguém quer saber de construção de usinas nas proximidades da cidade onde mora.

Então, tem algo errado. Essa usina de Angra está bem perto do Rio, não?

— Olha, tem muito especialista no mundo em calcular o número de vítimas de um acidente nuclear. O inglês Farmer calculou em 3 mil o número de mortos por câncer num raio de 500 quilômetros durante 20 anos. O americano Berthe eleva esse número a 10 mil, num raio de 800 quilômetros. Isso, se toda a população mais próxima à área do reator tiver sido imediatamente evacuada para não morrer sob os efeitos diretos de altas doses de radiações. O Rio está a 133 quilômetros de Angra. Talvez não precise ser evacuado, mas pode-se tornar a capital do câncer.

Cumpadre, depois dessa, eu vou caindo fora.

— Então, ouça mais esta. Os piores problemas da energia nuclear não estão nos reatores. O urânio para ser usado num reator precisa ser especialmente preparado, ou enriquecido, assim como o petróleo precisa ser refinado para virar gasolina. Além disso, depois de usado, o urânio é reprocessado para extrair o plutônio. Depois, sobra o chamado lixo atômico, um material altamente radioativo que precisa ser guardado em algum lugar e muito bem guardado, para não contaminar nada. Tudo isso — enriquecer, reprocessar e depositar material radioativo — compõe o chamado ciclo do combustível. E como é preciso ficar carregando material daqui para lá, da mina de urânio até a central nuclear, da central até a usina de reprocessamento, da usina até o depósito, o perigo de escapar material radioativo é muito maior. Nos Estados Unidos já sumiu muito material radioativo assim. Pois, tudo isso vai ser feito nas nossas vizinhanças: a usina de reprocessamento e o depósito de lixo vão ficar a 50 quilômetros do Rio.

Caramba!

— É, meu caro. Uma usina de reprocessamento contém radioatividade equivalente a 192 mil bombas atômicas iguais à de Hiroshima. Se 1% desse material for liberado, em 24 horas formará uma nuvem radioativa com 330 quilômetros de diâmetro. É por isso que ninguém está conseguindo construir uma usina de reprocessamento na Europa e vêem construir no Brasil. Lá o povo não deixa.

Mas o daqui deixa...

— Deixa, enquanto continuar essa história de "vou dar o fora", como você acabou de dizer. Na Alemanha, ninguém instala uma usina nuclear sem ouvir a população do local onde vai ficar a usina. Algo assim como se Furnas consultasse os moradores de Angra para saber se eles aceitam ou não ser vizinhos de uma usina nuclear. Engenheiros, físicos, ecologistas, todos debatem o problema. O projeto da usina é conhecido pelo público que pode fazer perguntas sobre sua segurança, exigir medidas de reforço ou até simplesmente, vetar a construção. A decisão de construir ou não uma usina deixa de ser tomada por um punhado de tecnocratas para ser uma decisão de toda a comunidade.

Marcos Dantas

Maconha pode ser a salvação da lavoura

Chico Júnior

Já que a preocupação do ministro Simonsen é acabar com a inflação, uma das soluções pode ser a sugerida pela Associação Nacional de Instituições Financeiras da Colômbia: legalizar de vez a maconha para permitir que as exportações, atualmente feitas clandestinamente para os Estados Unidos, passem a representar divisas para o país. Segundo a ANIF, a maconha pode dar tanto dinheiro à Colômbia quanto o café, seu principal produto de exportação.

Considerando que o consumo anual de maconha nos Estados Unidos já atinge a cifra de 25 bilhões de dólares, com 42 milhões de americanos fumando periodicamente, o Brasil também poderia entrar no comércio, atualmente liderado pelos colombianos, principal fornecedor da erva para o maior mercado do mundo.

O consumo norte-americano de maconha representa, em dinheiro, duas vezes mais que o total das exportações brasileiras, que foi de 12 bilhões e 600 milhões de dólares em 1978, sendo 6 bilhões em produtos agrícolas. Deste total, o café foi responsável por 2 bilhões e 500 milhões de dólares, a soja por 2 milhões e o cacau por 800 mil dólares.

O Brasil é um país onde as condições climáticas são muito boas para o cultivo da maconha, cuja qualidade não chega a ser a da colombiana, mas pode ser comparada com a da Bolívia ou Paraguai, dois outros importantes produtores sul-americanos. Assim, já é bom ir se preparando para quando a maconha for liberada totalmente nos Estados Unidos (atualmente ela é liberada parcialmente em 11 Estados, mas o presidente Carter já pediu a liberação em nível federal), pois assim que isso acontecer, fatalmente haverá uma revisão nas leis sobre maconha na América do Sul, como já está acontecendo com a Colômbia.

Como a maconha está passando pelo mesmo processo de liberação do álcool e sua utilização é irreversível, o Brasil pode muito bem começar a pensar no caso para, num breve futuro, brigar por uma fatia do mercado americano, que cada vez consome mais.

O que algumas publicações norte-americanas e européias andaram publicando nos últimos meses sobre o tráfico de maconha entre a Colômbia e os Estados Unidos (matérias devidamente já reproduzidas no Brasil), já podia ser detectado há, pelo menos, seis anos, quando na Califórnia foi realizado o primeiro plebiscito para a legalização da **cannabis.**

E foi através de alguns plebiscitos que a Califórnia se tornou o primeiro Estado americano a liberar parcialmente a maconha. De lá para cá, vários outros Estados iniciaram seus processos de liberação parcial e hoje, em 11 deles existem leis especiais sobre a utilização do chamado bagulhinho: Alasca, Califórnia, Colorado, Dacota do Sul, Havaí, Nova Iorque, Nova Jersei, Maine, Minnesota, Ohio e Oregon. As leis variam de Estado para Estado, mas a tendência geral é permitir o uso de até uma onça (28 gramas). Em vários deles não é mais crime portar essa quantidade, podendo o usuário fumar tranqüilamente pelas ruas. Mas em Minnesota, por exemplo, paga-se cinco dólares por "excesso". Em Dacota do Sul ainda não é possível portar nem mesmo as 28 gramas, mas quem for encontrado com maconha paga apenas uma multa de 20 dólares, valor este que aumenta consideravelmente no Maine, que cobra 200 dólares.

Colômbia foi o primeiro país a liberar a erva

Enquanto os Estados Unidos desenvolviam o processo de liberação, os plantadores colombianos e o próprio governo estavam ali, acompanhando de perto os acontecimentos. Cultivando uma das três melhores maconha do mundo (segundo os mercados americano e europeu, as outras duas são a coreana e a afgã), os colombianos foram aplicando, aos poucos, a sua estratégia de **marketing.** É claro que eles não desconheciam as regras básicas do mercado de drogas: a toxicomania é um produto do capitalismo internacional. E, em sendo assim, todas as outras regras de atuação no mercado capitalista começaram a ser postas em prática.

A primeira delas talvez tenha sido no final de 1975, quando a Colômbia surpreendia as Américas, liberando parcialmente a maconha. Como em diversos estados norte-americanos, já não era mais crime portar até 28 gramas da erva em todo território colombiano. Assim, a Colômbia passava a ser o primeiro país americano a liberar, em campo federal, parcialmente a maconha.

Está certo que, em 1975, comprar e fumar maconha pelas ruas de Bogotá eram coisas feitas sem maiores problemas, sem maiores repressões. Mas se fôssemos considerar a libertação em função do consumo, a medida governamental não teria a mínima razão de ser, principalmente porque não chegava nem aos pés do consumo norte-americano. Considerando, ainda, que o governo colombiano tem um dos melhores órgãos de repressão a drogas na América do Sul, o caminho mais natural seria o de tomar medidas que reprimissem ainda mais o uso e o tráfico do fumo.

É claro que, atrás disso tudo está em jogo como sempre, o chamado interesse comercial. Dois anos depois da liberação parcial, a Colômbia já estava sendo considerada o terceiro produtor mundial de maconha. E, detalhe importante, de todos os principais produtores mundiais, o que está mais próximo dos Estados Unidos.

O interesse comercial foi crescendo tanto que no dia 24 do mês passado os jornais anunciaram que a Associação Nacional de Instituições Financeiras da Colômbia voltava a pedir ao presidente Turbay Ayala a legalização total da maconha, o que iria contribuir para a entrada de divisas nos cofres públicos nacionais. A maconha pode permitir a entrada de tanto dinheiro quanto se ganha com as exportações de café. Segundo Ernesto Samper, diretor da ANIF, 150 mil pessoas trabalham atualmente nas plantações de maconha, sendo que já chegaram até a formar organizações sindicais, como os plantadores de café. E termina dizendo que não adianta nada o governo colombiano ficar se preocupando com repressão, enquanto os Estados Unidos continuarem sendo um mercado consumidor em expansão.

Carter pediu ao congresso para liberar o fumo

O consumo norte-americano e a importação da Colômbia cresceram assustadoramente a partir do final de 1977, quando Jimmy Carter deu declarações sobre a necessidade da legalização parcial da maconha. Ao mesmo tempo, pedia ao Congresso para estudar com mais carinho o assunto, ou seja, liberar a maconha em nível federal.

Quando o presidente dos Estados Unidos lançou no espaço a idéia da liberação parcial da maconha, já havia uma estimativa de que se fumava em todo território norte-americano, incluindo Alasca, Havaí e Porto Rico, nada menos do que 20 toneladas de maconha por dia, representando um movimento de quatro milhões de dólares, dos quais o governo não via um tostão de imposto.

Um estudo feito pelo Instituto Nacional contra o Abuso de Drogas, em 1974 e 1975, mostrou que 19% da população adulta dos Estados Unidos, ou seja, 36 milhões de cidadãos, fumavam eventualmente o hachiche (feito a partir do sumo do caule ou das flores da **cannabis sativa**) ou a maconha em seu estado natural e que 7% a fumavam freqüentemente. Essa percentagem subia para 14% entre os jovens de 14 a 25 anos. Hoje, segundo a revista **Time**, 42 milhões de americanos fumam 65 toneladas diárias de maconha, o que significa um movimento de pouco mais de 60 milhões de dólares por dia. E a tendência é crescer cada vez mais. E o governo continua sem ver um tostão de imposto. O movimento anual está por volta dos 25 bilhões de dólares, cinco vezes mais do que o Brasil vai importar de petróleo em 1979.

Assim, a maconha, que saiu dos guetos para os movimentos **hippies** e intelectuais, ganhava finalmente a classe média, a grande classe consumista. E as multinacionais do tabaco sabem disso, tanto que já têm registrados todos os nomes dados à maconha no país. Lá, para se registrar um nome de determinado produto, é obrigatório a colocação desse

produto no mercado. Assim é que circulam em cidades do interior, em pequenas quantidades, marcas de cigarros vagabundos com os vários nomes da maconha. Seria o mesmo que no Brasil a Souza Cruz, a Philip Morris ou a Rothmans colocassem em Conceição do Mato Dentro um cigarro ruim com o nome de **baseado**, **fininho** ou coisa parecida.

Relatório diz que maconha não faz tanto mal

Diante desse quadro e do que está acontecendo no resto do mundo em relação ao que já podemos chamar de "mercado da maconha", Carter não teve outra alternativa senão a de sugerir ao Congresso a liberação parcial da **marijuana**. E chegou a essa conclusão depois de tomar conhecimento dos relatórios que vêm sendo feitos há mais de dez anos sobre a utilização, os efeitos, o mercado. Um exemplo desses vários relatórios feitos nos Estados Unidos e que foi julgado como o mais importante no processo de legalização da maconha, foi o da Comissão Nacional do Abuso da Maconha e Drogas em Geral. Os 13 membros indicados por Richard Nixon, em 1972, chegaram à conclusão, por unanimidade, que portar uma pequena quantidade de **marijuana** não devia ser considerado crime, pois o uso moderado da erva não era mais ou menos perigoso do que o do álcool ou do próprio tabaco e que não causava violência nem agressividade. Em outras palavras, fumar maconha moderadamente era mais ou menos a mesma coisa que tomar a eventual ou costumeira dose de uíque antes do jantar.

Assim, a partir de um certo momento, as autoridades americanas e européias descobriram que a maconha era irreversível, um fenômeno que já tinha atingido proporções tão grandes que o momento não era mais de condená-la, mas da criação de leis que regulamentassem seu uso como já fez a Dinamarca, a Holanda, a Colômbia e alguns países asiáticos (todos produtores).

Está evidente que não foi uma preocupação de ordem moral ou social que levou Carter a sugerir uma legalização parcial da maconha. A partir do momento em que o governo norte-americano não tem condições reais de recolher impostos sobre o comércio da maconha, Carter sugeriu que se cobrassem 25 dólares para os portadores de até 28 gramas. Não podendo cobrar impostos do comerciante, vai cobrar do usuário.

A legalização, mesmo com os problemas que poderá trazer, na pior das hipóteses vai permitir que se forneça sobre a maconha informações objetivas sobre suas qualidades e perigos. Isso no plano social. No plano econômico — o mais importante para os governos — vai fazer com que os atuais traficantes e futuros comerciantes paguem impostos.

Quando se fala em legalização, surgem sempre as vozes contra e vozes a favor. No final, a prática tem demonstrado que os defensores saem ganhando, como tem mostrado uma organização americana chamada NORML (Organização Nacional para a Revisão das Leis sobre a Marijuana), considerada a mais importante na luta pela liberação da maconha e que conta com a adesão de mais de 30 mil sócios oficiais, entre eles a figura de um ex-ministro da Justiça, Ramsey Clark.

No Rio, o quilo custa Cr$ 10 mil. Aumentou 70%.

Tão logo os Estados Unidos liberem em campo federal a maconha, muita coisa vai mudar em alguns países produtores sul-americanos (além da Colômbia), como Bolívia, Brasil e Paraguai. Sabe-se que, atualmente, o comércio clandestino também movimenta muito dinheiro no Brasil, considerando que, no Rio de Janeiro, um quilo está sendo vendido a um preço médio de Cr$ 10 mil. No início do ano passado, esse mesmo quilo poderia ser comprado por Cr$ 6 mil, o que significa que houve um aumento de quase 70%. Respeitando a lei da oferta e da procura, verifica-se que o aumento é conseqüência do aumento de consumo, o que é comprovado pelo próprio Departamento de Polícia Federal. Segundo o DPF, o consumo de maconha no país cresceu 200% no ano passado, em relação a 1977.

Pela experiência, sabe-se que qualquer comércio clandestino é responsável pela corrupção em larga escala. E com a maconha não acontece diferente. Como a polícia já entrou no esquema do comércio, hoje em dia, no Rio de Janeiro e em São Paulo, está cada vez mais fácil comprar maconha. As **bocas** desceram dos morros e caíram no asfalto. Em pleno centro do Rio existem várias bocas, onde os vendedores e consumidores fazem tranqüilamente suas transações. Só que o fato de o consumidor não ter que subir ao morro para comprar uma **mutuca** de cem, ele vai comprar uma quantidade bem menor de fumo do que compraria no morro. Isso porque a maconha vai ter que descer do morro e passar pelas mãos de mais um intermediário.

O princípio químico da maconha é conhecido como delta-1-tetrahidrocanabinol, ou apenas tetrahidrocanabinol, ou, para os mais íntimos, THC. É, portanto, o percentual de THC em cada planta que vai determinar o seu índice de toxicidade.

A folha é parte mais fraca da *cannabis*, concentrando apenas de 2 a 4% de THC, enquanto a flor, que é o que se fuma normalmente, tem de 4 a 8%. Mas onde existe maior concentração é no caule, que tem de 8 a 12% e de onde é normalmente extraído o haxixe, pouco usado no Brasil. O haxe, como é conhecido na Europa e nos Estados Unidos, é feito a partir da resina da planta, podendo ser extraído também da flor. Existe, ainda, o óleo de haxe, que é a resina pura, sem ser processada. Pouco comercializado e realmente raro no Brasil, o óleo pode ser fumado aplicando-se diretamente num cigarro normal de tabaco, com a vantagem de não ter o inconfundível cheiro da maconha.

Como qualquer outro produto agrícola, a maconha necessita de determinadas condições — idade, humidade, características do solo, clima, temperatura e época de colheita — para ser considerada de boa qualidade, condições estas que são ideais em algumas regiões da Colômbia e da Bolívia e boas em certas regiões do Brasil (Nordeste) e Paraguai. Dependendo destas condições, a maconha pode concentrar uma quantidade tão grande de THC que passa a ter propriedades alucinógenas, como o LSD. Mas são raras as regiões do mundo onde isso acontece. Segundo informações de *experts* no assunto, a maconha alucinógena só é encontrada em alguns países da Ásia e na Colômbia.

Em tempo: a *cannabis* é conhecida no Brasil por cânhamo. E maconha é um anagrama dessa palavra.

Quem quer fumo, vai à boca

— Cana de otário é vadiagem.

A segurança, o desafio nas palavras, vem na voz cantada de Luís Carlos de Souza, 25 anos, um mulato franzino conhecido pelo apelido de Pimenta, morador atualmente no "Inferno Colorido", um conjunto habitacional no bairro de Realengo, e freqüentador da maior boca de fumo do Rio, a do morro da Providência, atrás da Central do Brasil. O movimento na área dos traficantes "Tainha" e "Cueca", que estão na cadeia mas conseguem ainda dar ordens no morro, é grande, organizado e vigiado, dia e noite há quase dez anos.

O caminho que leva à boca todo mundo sabe, inclusive a polícia. A escadaria que dá na Ladeira do Barroso, no alto do morro, entre a Gamboa e o bairro de Santo Cristo, começa em frente à 2ª Delegacia Policial, na Rua Bento Ribeiro. À medida em que se vai subindo os degraus irregulares, nota-se pelos lados, atrás dos barracos, homens em atitudes suspeitas. No rosto, a marca da desconfiança transmitindo medo a qualquer estranho. Nas janelas ou estendendo roupas no varal, os olhares interrogativos das mulheres. Ali ninguém confia em ninguém. Quando uma lei no morro não é respeitada, "dança" até quem não tem culpa. Todo o cuidado é pouco.

— Tá limpeza, irmão.

O sinal verde do homem de boné, jaqueta Lee, apesar do calor, é confirmado por outros três colocados estrategicamente perto das escadas. O desconhecido está sozinho. Lá embaixo, a delegacia e os carros desaparecendo dentro do túnel João Ricardo. Luís Carlos, de camisa aberta no peito onde desponta uma guia vermelha e preta de Exu, aperta um "fininho", sentado num degrau com a marmita do lado. O relógio da Central do Brasil marca 18h45min e ele acabou de chegar de uma obra na Praia do Flamengo.

— Para aturar a batalha, só fazendo a cabeça. Se a gente dá duro, os "zome" cisma. Se a gente fica no desvio, nem se fala. Mas nessa transa de bagulho, eles gostam é de pegar os pleibóis que vêm vacilar aqui em cima. A patrulhinha só fica esperando lá embaixo. Na descida, tem que deixar uma nota. Eles têm sempre um troco para não ver o sol quadrado, não é mesmo? Com a gente, se não levar na conversa, o coro come e ninguém vê.

Pelos lados, homens, rapazes e mulheres conversam alto, contando vantagens. O revólver de cabo de madrepérola aparece na cintura do mais afoito, com toda a pinta de guardião da boca. O fuminho vai correndo solto de boca em boca, sem pressa. Se demorar, neguinho chia:

— Solta a franga. Ô, da política, tá com chiclete no dedo?

Um pouco destacado está um rapaz de calça jean, camiseta e óculos escuros. Acabou de descer de um Volks vermelho, no largo do Barroso. Subiu uns lances de escada e logo - logo fez um canudo com uma nota de Cr$ 10,00, com que aspira um papelote de cocaína, que custa Cr$ 150,00 e arriscado a vir todo malhado, muito talco, sal, açúcar. É vendido quase que exclusivamente a "estrangeiro" e tem o sugestivo nome de "brizola". O cartucho de maconha custa 60 cruzeiros e geralmente é vendido pelo dobro no asfalto. No baixo Leblon, qualquer baseado vale um "galo" (50 cruzeiros).

As crianças não avisam, mas quando a polícia chega no morro é o medo delas que dá o alerta. Brincam pelas escadas implorando sempre ao estranho um trocado, um refrigerante ou mesmo um pão. As maiorzinhas participam da transação, vendendo fumo. Ganham 10% por cada cartucho vendido, uma maneira do dono do peso escapar do flagrante.

Pimenta está de cabeça feita e as palavras são fortes e agressivas.

— Tô numa batalha lá no Flamengo, de servente de obra. Dá prá tirar um trocado, que vai tudo na passagem. Às vezes, fico injuriado e faço uns ganhos. Sei que não vale a pena, mas meu filho ficar sem leite e comida é duro. Como vou provar aos homens que estou trabalhando se minha carteira não está assinada? Tem que ficar sempre atento para dar o pinote.

Sentado nas escadas tranquilamente, de barba rala, chapéu enterrado na cabeça o homem da boca vai contando o dinheiro e só passam entre os dedos notas de Cr$ 50,00 e Cr$ 100,00 Cr$ 500,00. Ao lado dele, uma sacola onde está guardada a erva. O movimento continua, com gente chegando a pé pelas escadas ou de carro pela Ladeira do Barroso, que começa na Ladeira do Faria na Gamboa.

O movimento na boca cresce, como também a atenção dos homens que vigiam as entradas principais. Antes de ir embora, em direção à Central, onde vai pegar o direto para Realengo, Luís Carlos se despede:

— Vou dar linha à pipa que o vento tá a favor. Sou mesmo é empregado da vida. Ela, às vezes, maltrata, machuca a gente, mas a dor é só minha. E ninguém tem nada com isso. Quem trata de mim sou eu. Olha aí, vou sartá. Até mais.

Tim Lopes

POLÍCIA AUMENTA O TERROR EM SÃO GONÇALO

Reportagem de Iara Reis

O crime e a violência imperam em São Gonçalo, considerada uma das cidades mais violentas do país. Atualmente, o Município cresce assustadoramente, absorvendo correntes migratórias de nordestinos que deixam de procurar a Baixada Fluminense, relativamente saturada, em busca dos morros e descampados gonçalenses, onde florescem, da noite para o dia, imensas favelas.

Para combater a criminalidade, existem em São Gonçalo três delegacias de polícia e dois batalhões da Polícia Militar. Mas os desmandos e violências policiais são tão grandes e freqüentes que a população teme tanto o bandido quanto o policial. Esse terror, nutrido por grande parcela da população, deve-se aos inúmeros crimes e torturas cometidos por policiais militares e civis que permanecem impunes.

No caso do operário Elton Alves Monteiro, torturado barbaramente no interior da delegacia de Alcântara, foram condenados apenas dois torturadores, que não eram policiais. Houve todo tipo de ameaça e a própria promotora pública do caso teve que ser protegida por um guarda especial, para não ser assassinada.

Diariamente, residências são invadidas e inocentes são presos e espancados até confessarem crimes que muitas vezes não cometeram. Bandidos são fuzilados sumariamente. Depois os policiais alegam resistência à prisão e fica por isso mesmo. Presos passam fome nas delegacias. Menores permanecem detidos indevidamente.

O gonçalense, para se afastar desse clima de violência e miséria, praticamente não tem opção. A única diversão popular ainda é o cinema, que, para não destoar do cenário de sangue dos espectadores, exibe permanentemente, filmes do tipo "Kung Fu contra os deuses Shao-Lin", "Bruce Lee no jogo da morte", "Kung Fu contra os dragões", "Caçada de Morte".

Com uma população de 800 mil habitantes — em 1970 eram 400 mil — São Gonçalo fornece mão-de-obra barata para o comércio e indústria de Niterói e Rio, funcionando como cidade-dormitório. Seu pequeno parque industrial, constituído principalmente por fábricas de sardinhas, absorve pequeno número de trabalhadores. No comércio, predomina a venda de produtos baratos e cerca de 40% dos empregados trabalham em média 12 horas por dia, inclusive sábado e domingo.

Grande parcela da população, desempregada, doente, morando em barracos, sem contar com água e esgoto, vive de biscates. O Centro Comercial de Alcântara — importante bairro da cidade —, assim como as portas de estabelecimentos comerciais maiores (supermercados Sendas, por exemplo), são praças de ambulantes, que invadem calçadas e galerias com seus produtos que vão desde frutas, passando por alho, cebola, bijuterias, animais, até armas e drogas.

Nas estradas entre São Gonçalo-Niterói/Rio, aproximadamente 100 mil pessoas se deslocam por dia. As empresas de transportes coletivos cobram passagens caras — a mais barata, entre São Gonçalo e Niterói, custa Cr$ 2,90 — arrebanhando rios de dinheiro. Enquanto isso, uma linha férrea está praticamente abandonada.

As duas principais vias de ligação entre São Gonçalo e Niterói — rua dr. March e avenida Oliveira Botelho — suportam o pesado tráfego de 70 mil veículos por dia e, por isso, vivem esburacadas, congestionadas, provocando um altíssimo número de acidentes.

Em São Gonçalo não existe rede de esgotos. No centro da cidade os detritos descem pelas galerias de águas pluviais, freqüentemente entupidas. Nos bairros mais afastados, como Jardim Catarina, o escoamento é feito através de valões abertos pelos próprios moradores. Quando chove, tanto no centro, quanto na periferia da cidade, as residências são invadidas pela água suja. Praticamente não existe água na cidade. Prolifera o comércio de carros-pipas, responsáveis pelo abastecimento do comércio, hospitais, escolas particulares — as estaduais e municipais ficam sem água mesmo — e até, eventualmente, do Corpo de Bombeiros, que não tem hidrantes. Há cerca de um ano, quando ocorreu um incêndio no supermercado Organização Nossa Senhora de Nazaré, os bombeiros foram abastecidos por carros-pipas.

Vastas extensões de terras gonçalenses estão sendo ocupadas indiscriminadamente por favelados, migrantes, e mesmo através de loteamentos clandestinos. A Prefeitura Municipal é acusada de ser subornada por proprietários de glebas, que pleiteiam aprovação de loteamentos irregulares.

Ao contrário do povo que empobrece e adoece cada vez mais, as casas de saúde de São Gonçalo enriquecem às custas de convênios com o INPS. Mas nem por isso a população deixa de ser pessimamente assistida pelos serviços médicos. Recentemente, pelo menos duas casas de saúde tiveram convênios com o INPS suspensos devido a superfaturamento, ou seja, cobravam do Estado mais do que realmente gastaram: são as casas de saúde São José e Nossa Senhora das Neves.

Mas, certamente, um dos piores e mais graves problemas de São Gonçalo é a habitação. O bairro mais populoso, Jardim Catarina, com cerca de 100 mil habitantes, não tem a menor infra-estrutura. Conta com apenas duas escolas. Padarias, farmácias, postos médicos e policiais não existem. Sem rede de esgoto, Jardim Catarina é foco de insetos transmissores de doenças infecto-contagiosas.

O bairro divide-se entre Jardim Catarina Velho e Jardim Catarina Novo. Neste último, a ocupação ainda não terminou e o que se vê são milhares de casas de alvenaria inacabadas, servindo de moradia definitiva para famílias. No Jardim Catarina Velho, habita grande número de favelados oriundos de favelas do Rio e, principalmente, da favela da avenida Contorno, em Niterói. O local hoje é conhecido por "favelinha" e tido como "foco de bandido".

Apesar de uma grande caixa d'água, próximo ao grupo de conjuntos habitacionais da CEHAB, os moradores só têm água encanada quando chove. Percorrem uma grande distância, até o bairro vizinho de Santa Luzia, em busca de água. Uma pipa custa 450 cruzeiros e são poucos os que podem comprar. Não existe diversão alguma em Jardim Catarina. As passagens caras — seis cruzeiros até São Gonçalo — e o perigo à noite impedem seus moradores de freqüentarem cinemas, bailes, parques ou praças dos bairros vizinhos.

Mas se em Jardim Catarina a barra é pesada, bairros como Santa Luzia, Salgueiro, Mutuapira, Luis Caçador, Itaoca, Fazenda dos Mineiros, Trindade, Porto da Pedra e Boassú, entre outros, não deixam por menos.

Foto de Pedro Costa

Arthurzinho, assassinado pela PM no dia 5 de março

Elton foi torturado até ficar paralítico

Elton Alves Monteiro, 25 anos, definitivamente paralítico das pernas, com o aparelho urinário e intestinos destroçados, é hoje um rapaz triste, calado, conformado. Deitado na cama, na sala da casa simples de seus pais, em São José de Itaboraí, passa o tempo lendo jornais, vendo televisão e conversando com as eventuais visitas. Sofre muito com uma escara — profunda ferida na parte posterior do tronco, ocasionada pela fricção do corpo com a cama — e, apesar dos cuidados da família, pede para ser reinternado.

Seu pai, Airton Alves Monteiro, é funcionário do Ministério do Trabalho. Ganha pouco mais de cinco mil cruzeiros por mês para sustentar seis filhos. Apesar de achar que ganha muito bem, o sr. Airton enfrenta as maiores dificuldades para a aquisição dos remédios utilizados por Elton e promete acionar o Estado, a fim de receber uma indenização:

— Ele é o culpado, o réu. Estou à procura de um civilista para mover uma ação.

Todos os problemas que o sr. Airton enfrenta, assim como o sofrimento do filho, tiveram início na tarde de sábado do dia 15 de outubro de 1977. É Elton quem conta a história:

— Eu tomava conta da casa do meu patrão, Wilson Fernandes, no Boassú. De dia trabalhava na reforma da casa, junto com os pedreiros. Lá tinha televisão, toca-disco, uma porção de coisas. No dia 15 de outubro vim até o centro comercial de Alcântara receber com ele (o patrão) o pagamento do pedreiro. Quando voltei pro Boassú estava tudo arrombado. Fui na casa do pedreiro e ele disse que não não sabia de nada. Então voltei a Alcântara pra falar com o patrão. Ele disse que não podia ir naquele dia por causa do programa do Chacrinha.

— No domingo de tarde ele chegou com quatro caras da delegacia de Alcântara. Fiquei preso do dia 16 domingo, até o dia 21.

Durante cinco dias Elton foi torturado barbaramente pelos quatro policiais, no interior da delegacia da Alcântara. Wilson Fernandes, com quem o operário trabalhou 12 anos sem carteira assinada, ajudou os policiais na tortura, assim como o motorista da Secretaria de Segurança, Arnaldo dos Reis Santiago. Ambos estão condenados.

Os quatros policiais torturadores são: José Fernandes de Almeida, conhecido como **Hernandez**; Octacílio de Oliveira; Waldeck Japiassú e Paulo. Até hoje impunes, foram apenas transferidos da delegacia de Alcântara. Elton, pressionado, não os reconheceu e segundo rumores, teria feito um trato: receberia frutas e uma pensão dos policiais.

Elton, só com muita insistência, conta o que sofreu dentro da delegacia de Alcântara:

— Fiquei cinco dias e meio apanhando com palmatória e choque elétrico. Pau-de-arara era duas vezes ao dia, mais ou menos uns 25 minutos. Telefone deram só na segunda-feira. Queriam que eu confessasse o que não sabia e me ameaçavam levar pra praia da Luz pra me matar com coronhada na cabeça até rachar. No último dia, sexta-feira de tarde, me tiraram do pau-de-arara e, tentaram quebrar minha espinha.

Entregaram Elton a seu pai que no dia seguinte o internou. Sofreu diversas operações, passando por seis casas de saúde. Mas o pai de Elton não se conformou com a injustiça e botou a boca no mundo, denunciando o caso à inprensa e conrando uma resposta da Justiça.

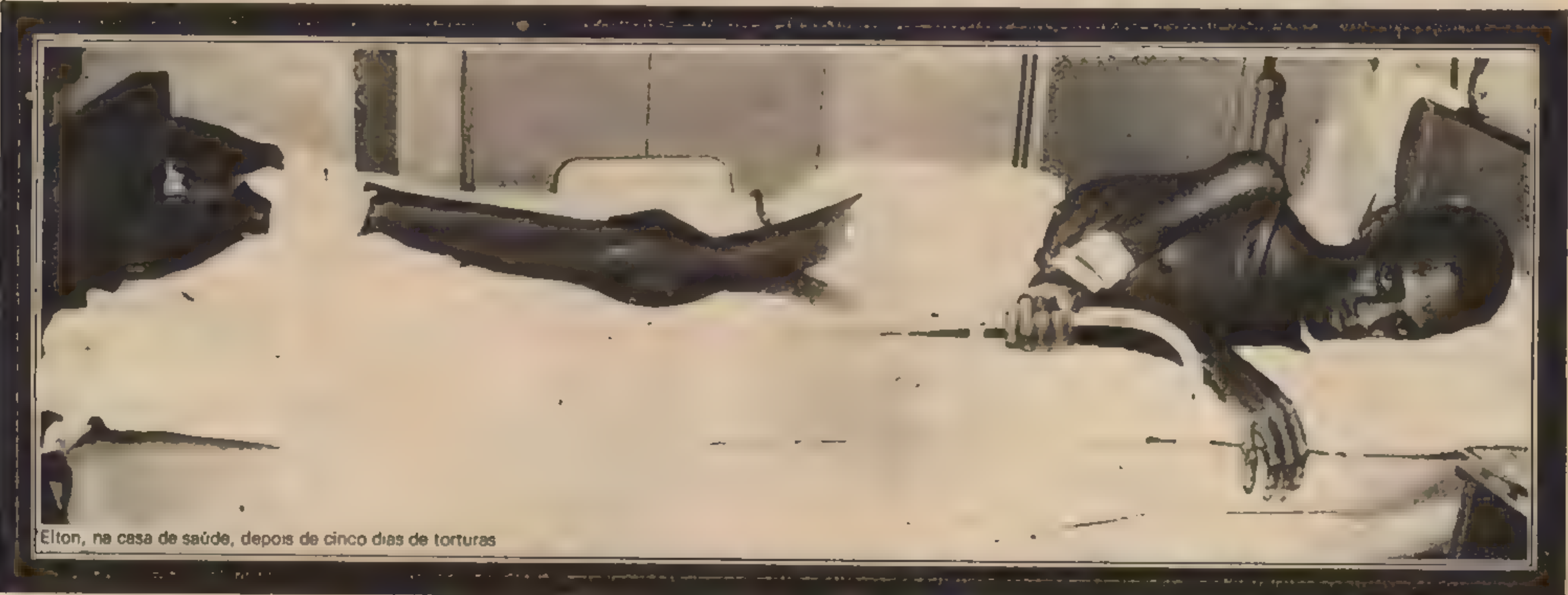
— Por causa disso sofri vários dramas, coações diversas.. Fui ameaçado de todas as formas. Chegavam pra mim dizendo: "Cumé, resolveu parar com o assunto?". Tive que ficar noites e mais noites fora de casa, escondido, dormindo no mato. Foram na casa da minha irmã e me procuraram até debaixo da cama. Eu, que não sei dar um tiro, nem arma tenho, como é que ia reagir a essa gente? Tive muito medo.

Em fevereiro de 78, Airton Monteiro, desesperado, teve uma audiência com o Secretário de Segurança, general Brum Negreiros:

— Ele me recebeu muito bem, me perguntou se eu tinha fé em Deus e confiança nas autoridades competentes. Respondi: "perfeitamente, sim senhor". Prometeu que as providências seriam tomadas. Mas eu perguntei a ele se o Governo pagava o funcionário pra manter a integridade física do cidadão ou se pagava pra torturar. Até hoje ninguém sabe porque a bandalheira continua. É uma coisa horrível. Ele ficou calado; disse apenas que eu tivesse fé em Deus e confiança nas autoridades.

Indignado, Airton Monteiro lembra uma dos policiais, durante o interrogatório.

— Olha só a pergunta que me fizeram: "O senhor viu seu filho apanhar aqui na 74ª DP de Alcântara?". Eu disse: "não" O policial se virou pro escrivão e ditou: "O depoente declara que seu filho não apanhou na delegacia de Alcântara". Pulei logo e mandei colocar dois pontos. Quase me engoliram. Que diabo!



Elton, na casa de saúde, depois de cinco dias de torturas

Foto de Pedro Costa

Fuzilado pela PM na casa da sogra

Por volta das nove horas da manhã do dia cinco de março último — uma segunda-feira — Arthur da Silva, 22 anos, caldereiro do Arsenal da Marinha, com diversas entradas na polícia, assalto e tráfico de entorpecentes foi morto no interior da casa de sua sogra, por cinco PMs comandados pelo sargento Adyr.

Arthuzinho, como era conhecido, recebeu 18 balas no corpo e morreu sentado. No momento da execução, brincava com sua filha, Silvia Carla, de dois anos. Sua sogra, Irenícia da Silva Moura, cozinhava quando foi surpreendida pelos PMs invadindo a cozinha, em direção à sala, onde Arthurzinho estava.

— Foi uma coisa horrível — diz dona Irenícia — eu nem gosto de lembrar. A menina (Silva Carla) não pode ficar sozinha, nem ver gente estranha que abre um berreiro. Eu estou apavorada. Tenho meus dois garotos e a gente não pode mais ficar aqui. Acabaram com minha vida. Agora, vou ver se vendo a casa, mas se não conseguir, fica aí fêchada. O problema é que tá difícil conseguir casa. Só aparece aluguel de Cr$ 4 mil pra cima. Eu só quero é sair daqui.

A casa de dona Irenícia fica no topo de um morro, no Bairro do Barro Vermelho. Arthuzinho tombou ao lado da máquina de costura e sacos de cimento, destinados à reforma da casa, comprada com dificuldades pela família.

Hoje o medo, impede dona Irenícia, assim como sua filha Sueli, (ex-mulher de Arthurzinho) de contarem o que aconteceu. Mas no dia do assassinato, dona Irenícia contou a história todinha para o delegado-adjunto da 73ª Delegacia de Polícia (Neves) e para repórteres presentes.

—Eu estava cozinhando. Quando vi, eles já estavam dentro da cozinha. Corri pra sala pra pegar a garota e gritei. "Não façam nada, ele vai com vocês, não vai, Arthur?" Eles foram perguntando e atirando. Não deu tempo dele nem levantar da cadeira. E ainda dizem que ele reagiu. Nem arma ele tinha. Podia ter lá fora, mas dentro da minha casa, não.

Ao lado do corpo de Arthurzinho foi encontrado um revólver Rossi, calibre 22, sem uma única bala detonada e os policiais ainda afirmam terem encontrado duas trouxinhas de maconha em seus bolsos traseiros.

—Quando vi aquilo, fiquei apavorada. Peguei a garota e sai por aí, chorando. Depois, vieram me dizer que eu não podia ter saido do lado dele, porque eles colocaram o revólver. Mas como eu ia ficar lá? A gente não pode fazer nada. Eles é que mandam, a força tá com eles. Eles entram na casa da gente, matam, fazem o que querem.

Segundo o sargento Adyr, da Patamo 52.0085, comandante da operação que resultou na morte de Arthurzinho, tudo aconteceu por acaso. Os policiais estariam em ronda rotineira no morro, quando avistaram Arthurzinho na varanda da casa da sogra. Este, ao ver os policiais teria sacado de um revólver e reagido a tiros, com a filha no colo. Em seguida correu para o interior da casa, onde, finalmente, foi abatido com 18 tiros.

Foto de Marcia Chavantes

Edinho apanhou da PM e da polícia civil

Foto de Custódio Coimbra

João Vieira acusa a polícia: são ladrões e safados

Quebrado no pau confessa estupro

Madrugada do dia sete de março. Com dois tiros nas costas, é morto o **Toninho.** O crime ocorreu num matagal, atrás do Colégio Cônego Goulart, no bairro da Covanca. A polícia acusa o jovem Edson Vieira, 20 anos, do homicídio.

Antes do assassinato, Toninho, Edinho e um outro elemento teriam ainda, segundo versão policial, seviciado duas mulheres na Covanca, inclusive a filha de um vereador.

A família de Edinho, além de sustentar que na noite do crime ele estava em casa, denuncia torturas praticadas por policiais militares (1º BPM) e civis (delegacia de Neves — 73ª DP) para que ele confessasse o que não cometeu.

Esgotado o prazo de detenção — tempo em que nem mesmo seu advogado pôde vê-lo — Edinho foi solto, pois não há elementos para que seja decretada prisão preventiva.

Enquanto Edinho estava preso, seu tio Carlos Vieira, policial civil aposentado, denunciou:

—Pegaram ele pra **esparro.** Fizeram ele dizer coisa que não fez, talvez até da própria...

O sargento Faria, da Patamo, prendeu Edinho mais ou menos às 11 da noite e só entregou ele na delegacia às quatro da manhã, quebrado no pau. Na delegacia bateram nele de novo. Aonde nós estamos? Eu nunca fiz isso.

Segundo ele, "a polícia torturou Edinho até ele confessar o que não fez. Quando **Toninho** foi morto, ele estava na casa dos pais, no Barro Vermelho. Além disso, **Toninho** foi morto com tiros calibre 22 e Edinho portava revólver calibre 38. Edinho só confessou depois de apanhar muito do sargento Faria".

—Essa Patamo é um diabo. No carnaval amanheceram 10 mortos. Quem os matou? Às vezes é até gente de bem que sabe demais. Na delegacia de Neves, trabalhadores são fichados e torturados quando acontece de se desentenderem com gente que tem **carvão.**

No encalço de Edinho, seis PMs desceram de uma viatura da Patamo e invadiram a casa dos seus pais, no bairro do Bairro Vermelho.

— Foi na segunda-feira. Eram umas dez e meia mais ou menos e eu já tava dormindo. Invadiram minha casa, puxaram arma pra mim, chamaram minha mulher de safada. Pularam por cima da minha cama e acordaram meu outro garoto, com arma em cima. Um canalha daquele chamar minha mulher — uma velha de 48 anos — de safada. Os bandidos são eles. Eles — que são ladrões, safados. Deram sorte porque eu não tenho uma arma. Eu morria, mas derrubava um. Um só chegava:

Como o sr. João Vieira resistisse com palavras à invasão, dona Juraci e a filha explicaram aos policiais que ele estava doente (câncer) e, por isso, muito nervoso.

—Eu tiro nervoso dele. Deixa eu manjar bem a cara dele que se eu encontrar ele aí fora, acerto ele — ameaçou o sargento.

João Vieira não se conformou com a invasão e os desmandos da polícia:

—Invadiram até a casa do meu vizinho. Eles estão com a força e fazem o que querem. Estão assaltando e mantendo a desordem. Matam o sujeito e jogam por aí.

Na segunda-feira, 19 de março, Edson Vieira deixou a delegacia de Neves com hematomas visíveis na parte posterior das duas pernas. Queixava-se, também, de dores na coluna. Desmentindo a versão policial, transmitida pelo delegado-adjunto, Sebastião Braz, e acatada pelo juiz Thelio de Barros, Edinho conta como foi preso e o que aconteceu:

— Eu estava em Vila Laje, na casa do Rogério, que estava preso. Eu ia realmente subir no telhado, mas não deu tempo. Um policial civil me pegou e me entregou na mão dos PMs.

Edson afirma que não sabe quem são os policais que o levaram para o campo de futebol de Vila Laje, onde foi espancado com socos e chutes.

—Depois que me bateram bastante, pegaram um rapaz na Covanca e levaram a gente pra cima de um morro, que não sei qual é. No rapaz, só um batia. Depois disso me levaram pra delegacia.

Entregue à polícia civil às quatro e meia da manhã, Edson conta que "eles me bateram ali mesmo, antes de ir pra cela".

Tudo isso Edson Vieira declara na presença de um irmão e outra irmã, que escutam calados a narrativa. Mas, repentinamente, surge na pequena sala da casa, onde era feita a entrevista, sua irmã Vera. Postando-se à frente de Edinho, Vera gritou:

—Não vai tirar foto porque eu não deixo; nem reportagem. Nele eu mando e, se sair, vou pra justiça. O nome dele já tá sujo e ninguém vai vender jornal às custas dele. Deixa assim mesmo. As pancadas dele ninguém vai tirar. Não adianta ir pro jornal. Só serve pra piorar. Por causa de palhaçada de jornal (denúncias de torturas publicadas em um jornal niteroiense) o advogado nem pôde falar com ele. Não tô aqui pra ver ele ser pego na esquina e fuzilado pela PM. Tô avisando: rasga esse filme. Amanhã cedinho vou ao Batalhão.

Respondendo agressivamente à argumentação de seu pai, João Vieira, de que era importante denunciar as torturas à imprensa, Vera indagou:

— E quem é que pode com a PM? Que nada, não adianta, com a PM ninguém pode. Meu marido é da PM e eu sei. E de que adianta juiz? É tudo conchavo com conchavo. Então eu não sei? Você não sabe nada da vida, Edinho. Tem muito que aprender. Imprensa só piora e não vai sair nada. Seja em que jornal for, eu vou pra outro e desminto tudo.

Foto de Iara Reis

O juiz Thelio de Barros elogia a polícia

Juiz acha normal a "energia" da polícia

Apesar das denúncias de torturas, o juiz Thelio Augusto de Barros só veio saber do caso através da repórter. Em um simples telefonema para a delegacia de Neves, Thelio de Barros ouviu do delegado-adjunto, Sebastião Braz, a versão policial:

—Não é bem isso que você estava dizendo — observou o juiz à repórter. Ele realmente chegou lesionado na delegacia, mas o que ocorreu é que, na fuga, Edson subiu em um telhado e caiu. Os PMs disseram ainda que ele reagiu à voz de prisão e por isso precisaram usar certa energia para segurá-lo. Ele confessou o estupro e o homicídio.

O juiz Thelio de Barros concorda que a polícia utilize o que caracteriza de "energia" quando persegue algum indivíduo.

— O policial não pode usar luvas de veludos. Ele tem que usar de energia. Se vai abrir uma porta, não sabe se o cara está atrás. Então, vai ter que arrombar. Em perseguição sempre ocorre algum excesso.

—Dr. Thelio, temos tido notícia de diversos casos de torturas praticadas dentro da delegacia de Neves.

—Ora, é uma das delegacias mais tranqüilas da área. O Braz (delegado-adjunto) é um diplomata.

Comeu o despacho e matou a mãe

Severino Júlio da Silva tem 25 anos. Em uma tarde de agosto do ano passado, logo após comer um despacho numa esquina, chegou em casa queixando-se de forte dor de cabeça. Pediu, então, que sua mãe, Rita Alexandrina Ferreira, fizesse uma sopa e sentou-se junto do sobrinho de quatro anos, que assistia televisão na sala.

— Uma voz me falou no ouvido: mata ela, que ela não é sua mãe.

Esta a primeira resposta de Severino aos que lhe perguntavam o porquê de ter se levantado da cadeira para buscar um pedaço de pau com que abateria sua mãe, que vinha da cozinha para sala, trazendo o prato de sopa pedido.

A cunhada de Severino que, da cozinha, ouviu o barulho do prato se quebrando, assustou-se com o grito da criança:

— Mãe, o tio matou a vó.

Severino permaneceu diante do corpo até a polícia chegar. Foi levado sem a menor resistência da pobre casa de dois cômodos onde morava. Hoje ele habita uma escura cela da delegacia de São Gonçalo e diz:

— Estou pagando uma dívida sem dever. Eu não fiz nada.

Severino, apesar de considerado esquizofrênico ou "maluco" pelos policiais, há sete meses está na delegacia como preso comum. De oito em oito dias recebe uma visita de 10 minutos do pai.

Operário apanha na hora da posse

No dia 15 de março, ao mesmo tempo em que pomposamente era empossado em Brasília o novo presidente biônico do Brasil, seis policiais do 7º Batalhão de PM — Patamo 0016 — espancavam, no bairro de Itaúna, o copeiro Mauro Gomes, de 19 anos, vindo de Juiz de Fora.

Na Clínica São Gonçalo, onde foi deixado pelos policiais, Mauro teve seu braço engessado.

— Ele fraturou dois ossos do antebraço e se não tivesse sido tratado ficaria com o punho deformado. De qualquer forma, precisaria de um acompanhamento criterioso. Mas, quando lhe dei alta, passei uma receita e ele me disse que não adiantava pois não tinha dinheiro.

O médico Geraldo Motta Filho descreveu Mauro como "quieto, cara de humilde, típico balconista de bar". Na clínica, o copeiro confessou aos médicos que "a polícia me meteu o cacete". Como não tinha dinheiro, Mauro acabou recebendo das mãos de um médico uma nota de 100 cruzeiros "pra ajudar na passagem". Embora do conhecimento de médicos, enfermeiras e até mesmo do policial da clínica, o caso não foi registrado e Mauro Gomes teve alta na tarde do dia 16. Tudo bem.

Polícia Militar sequestra no ônibus

No dia 15 de janeiro, seis policiais de uma Patamo do 11º Batalhão de PM fecharam um ônibus da Viação Mauá, no trecho compreendido entre a CBEE e o 3º Regimento de Infantaria, na rua Dr. March, retirando de seu interior Jarbas Muritiba de Souza, (26 anos) que se dirigia ao centro de São Gonçalo para fazer compras.

A família de Jarbas, residente à rua Guaporé 119, Engenhoca, foi logo avisada por inúmeras testemunhas do seqüestro. Seu pai, Jason Muritiba de Souza, conta a história.

— Fazia 20 minutos que ele tinha saído. Nós partimos pra delegacia, fomos no 11º Batalhão, mas até hoje ninguém sabe dele, ninguém viu. Os órgãos policiais dizem que não sabem de nada e que não prenderam ninguém. Eu tenho certeza que ele foi preso, tirado do ônibus entre meio-dia e meio-dia e meia e entregue não se sabe a quem. Mas eu nunca vi uma prisão que não seja registrada em delegacia alguma, que rádio, televisão e jornal não dê nada. Eu considero isso um rapto.

Chorando, Jason pede:

— A gente só quer saber se meu filho existe ou não. A dúvida nos mata. Eu já emagreci não sei quantos quilos e tinha até resolvido deixar esse caso de lado porque vem nos maltratando muito. Não gosto mais nem de tocar nesse assunto.

Soluçando interrompe seu desabafo e sai em busca de fotografias de Jarbas. Retorna refeito e continua:

— Eu já perdi as esperanças. Não sei se para arrancar alguma coisa de uma pessoa são preciso dois, três meses. Mas mesmo morto ele tinha que aparecer. Não é um cachorro, nem bicho que a gente dá uma pedrada no meio da rua e enterra. Eu ficaria satisfeito se dissessem: "seu filho foi preso, cometeu isso, aquilo". Pelo menos é uma satisfação. Não sabemos do que ele está sendo acusado. Eu não defendo ele de nada, mas nós, pais, passarmos por isso, sem saber seu paradeiro... São dois meses.

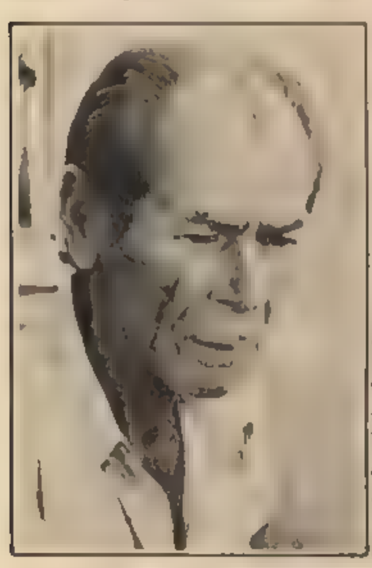
No dia dois de fevereiro, a família de Jarbas teve mais uma prova de que ele está ou esteve em poder da polícia:

— Jarbinha foi levado ao Hospital Antônio Pedro, em Niterói, por dois militares para fazer um curativo na coxa. Ele aproveitou e pediu a alguém que passava para avisar a família. Essa pessoa não sabia nosso endereço e ficou rodando por aí até encontrar um conhecido nosso, no dia seguinte. Partimos pra lá na mesma hora e o nome no registro do hospital não combinava. Apanhei uma fotografia e levei lá. O guarda que estava de serviço disse: "ué, fui eu que coloquei esse rapaz na maca e ouvi ele dizer pra avisar à família". Um oficial do 11º Batalhão de PM foi comigo até o Antônio Pedro e o guarda de segurança confirmou na vista dele.

O sr. Jason diz que tanto o 11º BPM, quanto a delegacia de Neves — responsáveis pelo policiamento da área do seqüestro — foram comunicados "mas ninguém prendeu, ninguém fez nada, ninguém viu".

— Pedi a meus filhos pra não se envolverem no caso e deixarem o problema comigo porque não tenho mais nada a perder. Eu não quero acusar quem foi — melhor do que eles pra saber não há. Meu negócio é localizar Jarbas, mas infelizmente a gente tem que calar. Eu não faço pressão porque tenho medo. A corda arrebenta do lado mais fraco. Prezo muito minha família e de desgraça já chega esta. Agora, estamos procurando os meios militares.

O sr. Jason Muritiba, ex-combatente da Marinha, é pai de quatro filhos.



Jason Muritiba, pai de Jarbas

Foto de Custódio Coimbra

Jarbas, seqüestrado no ônibus

Foto de Márcia Chavantes

● Antônio Caetano de Azevedo 31 anos, condenado a seis meses de prisão por contravenção — jogo de bicho.

Eu era funcionário público e tive que pedir demissão porque o ordenado não tava dando. Eu tinha até servente pra limpar minha mesa, mas o dinheiro não dava. Aí, pedi demissão e caí direto no jogo de bicho.

Daqui a quatro meses eu saio daqui. Vou procurar emprego e ninguém vai querer me dar, pensando que sou bandidão. Vou ter que fazer jogo de bicho outra vez. A partir do momento em que o camarada cumpre a pena, tinha que ter condições de regularizar os documentos.

Promotora diz que povo sente medo

— À noite, eu não aconselho São Gonçalo pra ninguém. É uma terra em que se mata e se atenta contra a vida todo dia. Talvez já estejamos até habituados com o crime.

Estas palavras são da promotora de Justiça Maria de Lourdes de Oliveira Ribeiro, que atua na 4ª Vara Criminal de São Gonçalo. Apesar das ameaças, ela foi a responsável pela condenação de dois, dos seis torturadores do operário Elton Alves Monteiro, que ficou definitivamente paralítico das pernas, tendo o intestino e o aparelho urinário destroçado pelas sevícias que sofreu no interior da delegacia de Alcântara (74ª DP), em outubro de 1977. Os quatro policiais envolvidos, no entanto, continuam soltos.

— Os dois principais apontados estão condenados, mas não foi fácil. Recebi todo tipo de ameaça que se possa imaginar. Telefonavam dizendo: "Saia do caminho. Você está atrapalhando". Fui seguida na rua, tive parentes ameaçados. Eu tinha medo, mas nunca deixava de afirmar para o local de onde eu desconfiava que partiam as ameaças que iria até o fim. São Gonçalo, eu defendo com muito amor e, por isso, nunca deixei transparecer o medo que tinha. Minha função exigia que eu demonstrasse coragem.

A promotora Maria de Lourdes acha que São Gonçalo, atualmente, está vivendo uma de suas fases mais tranqüilas.

— Quando entrei pra São Gonçalo, em 72, havia grandes quadrilhas organizadas para assaltar. Peguei a fase dos bandidos **Caveirinha, Cristovinho, Pé-de-Boi** ou **Niterói, Dondinha**, entre outros. Vencemos e agora não se vê mais grupos organizados. É muito mais fácil combater indivíduos do que grupos. Naquela época, em Alcântara, chegou a ocorrer uma média de 12 assaltos por dia, num grande clima de violência.

Apesar de acreditar ter havido uma parada nas atitudes de violência da polícia civil —"da PM não posso falar porque trabalhamos diretamente com a civil" — a promotora Maria de Lourdes atesta:

— Existe uma desconfiança tão grande da população com relação à polícia que um leigo (cidadão comum) tem medo quando é chamado a uma delegacia. Mas a polícia não é isso que vemos na atualidade. Sua função é agir preventivamente, e não só quando já ocorreu o crime. O meu melhor relacionamento com a polícia está sendo agora. O cidadão comum não tem a menor segurança, não tem nada. Só depois que é assaltado ou morto é que as providências são tomadas. Não se previne o crime.

Há mais de seis anos trabalhando em São Gonçalo com as portas de seu gabinete abertas ao povo, Maria de Lourdes Ribeiro considera que "o baixo nível é a causa primordial da criminalidade".

— Aparecem no meu gabinete chefes de famílias encostados no INPS com três, quatro filhos, com ordem de despejo. Você vai ver a casa e encontra um barraco com água caindo por tudo quanto é lado, os filhos subnutridos, a mulher grávida e também subnutrida. Pessoas me procuram com lista pra tudo. Até pra compra de botijão de gás. Deve ser muito duro pra um chefe de família não encontrar solução para as suas dificuldades: mulher e filhos doentes e não ter dinheiro pra comprar remédio. Um chefe de família desses mata o dono da vendinha onde comprava fiado, onde safava sua fome.

Preocupada em fazer justiça, Maria de Lourdes afirma que procura dar mais atenção ao criminoso de menos condição, "pois, apesar de ser uma verdade que atenta contra a lei, os processos de um réu pobre e de outro de situação melhor são diferentes".

— Um réu de melhor posse tem um advogado pra cuidar do processo e pode se dar ao luxo de pagar uma perícia mais apurada. Enquanto isso, na minha Vara, existem cerca de 400 a 500 processos por mês para um único defensor. Nós brigamos em São Gonçalo por um processo igual, mas quando se pega um processo de doutor, ou de filho de doutor, as dificuldades triplicam.

"Que me desculpe a promotora Maria de Lourdes, mas a tendência é piorar, é aumentar a violência. Só se combatem os efeitos e não as causas do crime, que são a inflação, desemprego, fome e vai por aí afora. Mas eu não posso ficar dizendo isso, pois vão dizer que sou comunista"

[illegible]

Milionários impunes vendem terras ilegais pros pobres

Famílias poderosas, profissionais liberais e até um grande bicheiro são donos de terras clandestinas na periferia de São Paulo. O número de lotes irregulares é impreciso, calcula-se entre 100 mil e um milhão. Os moradores reclamam com a prefeitura, mas não há leis para punir os loteadores.

Rafael Parisi, 78 anos, prefere ser conhecido por suas antigas atividades como médico. Adora ser chamado de "doutor", mas para as 800 famílias do Jardim São Rafael, em Santo Amaro, zona sul de São Paulo, e para outras centenas de famílias dos 40 loteamentos ilegais que ele tem em toda cidade, será sempre o loteador clandestino, o maior de todos. Gordo, meio surdo, sempre de óculos e chapéu, tem se esquivado da imprensa, e até usa sua mulher, Tiália, para isso. Quando telefonamos para sua casa, na elegante avenida Higienópolis, para marcar entrevista ela deu inúmeras desculpas. Quando tentamos de novo ela dizia que era a governanta e que o "doutor Parisi não está passando bem de saúde".

Outro Parisi, Alfredo, tem uma imobiliária como fachada para seus negócios. E também vende loteamentos clandestinos. Dizem que ele é dono da metade do bairro do Bexiga, um dos mais folclóricos de São Paulo. É, também, um dos três maiores bicheiros de São Paulo e, recentemente esteve nos noticiários dos jornais. É que Alfredo Parisi mandou confeccionar cinzeiros para seu amigo candidato a deputado federal, o coronel Erasmo Dias. Como bicheiro que financia campanhas políticas ele apareceu mais do que como loteador clandestino.

Outro nome muito comum nos processos que correm no Forum de São Paulo: Filipe Lutfalla, dono da Imobiliária e Construtora Lutfalla S.A., primo de Silvia Lutfalla, mulher de Paulo Salim Maluf, governador de São Paulo.

O ascensorista do prédio número 40 da rua Barão de Paranapiacaba, bem no centro de São Paulo, não mais se surpreende com súbitas invasões e vai logo perguntando para os que sobem: "Vão para o oitavo, não é?". Nesse andar funciona o departamento jurídico da Lutfalla e, geralmente, quem vai lá são moradores do Jardim Arizona, uma gleba loteada há 11 anos na Penha e que até hoje está com a situação irregular.

Matarazzo, Mercedes, Klem, são algumas famílias que exploram terras na periferia de São Paulo. Mas têm médicos, fazendeiros, pessoas influentes que se apoderam das terras pessoalmente ou através de imobiliárias, que muitas vezes não passam de arapucas.

De vez em quando, os loteadores levam tremendo susto: os 300 moradores do Parque América fretaram ônibus e foram até a imobiliária reclamar suas escrituras. Calcula-se em 100 mil o número de lotes considerados irregulares em São Paulo. Mas os advogados que tratam do problema, baseando-se na informação do Departamento de Parcelamento de Solo da Prefeitura, estimam em cerca de 1 milhão o número desses lotes. Só nesse departamento há 4 mil processos de regularização de loteamentos.

Foto de Juca Martins — agência F/4

Terreno clandestino: sem rua, sem água, sem luz

Prefeito não entrega nomes dos culpados

Firmino, advogado da Comissão de Direitos Humanos da Igreja:

— Recentemente, quando o presidente Figueiredo disse que iria prender os loteadores clandestinos, nós fomos ao prefeito para que nos desse os nomes. Um levantamento da Sociedade Amigos de Bairros da Zona Sul de São Paulo indicou, três anos atrás, que de 130 loteamentos, 115 eram irregulares. Inicialmente, a Prefeitura nos respondeu da seguinte forma: os loteadores não existem mais, eles fugiram. Mas nós levantamos seus nomes: Matarazzo, Lutfalla, Rafael Parisi, família Klem. E a Prefeitura tinha seus nomes, conhecia todos os loteamentos irregulares. O povão construindo suas casas nos fins-de-semanas, pagando 200% de acréscimo sobre esse loteamento e a Prefeitura dizendo que ignorava os nomes dos donos desses terrenos.

Quer dizer que a Prefeitura tem culpa no cartório?

— Tem. Esse povo tá num beco sem saída. As casas têm de ser construídas nos fins-de-semana e na marra, porque se for na Prefeitura o funcionário pergunta prá ele: "Você tem escritura regularizada? Não? Então não pode entrar com o pedido de "habite-se". Se o próprio prefeito reconhece que o loteamento é irregular porque ele não reconhece também a construção? Seria conceder uma anistia para as construções.

Como são feitos os contratos de compra e venda?

— São contratos leoninos. Em qualquer papelaria você compra um formulário padrão por uma mixaria. Na imobiliária estão cobrando Cr$ 1.800,00. É uma indústria de ouro. Criaram agora uma minuta de escritura, um rascunho que estão cobrando Cr$ 800,00 cada. Está tudo combinado com os caras dos cartórios que exigem essa minuta. Os 800 cruzeiros são divididos entre cartório, escrevente e imobiliária. Quando você não faz nos cartórios combinados, os donos das imobiliárias não vão lá assinar os contratos. O coitado entra na fila do matadouro e leva surra até o fim.

Qual é outro tipo de jogada?

— Os loteadores jogam com a reivindicação popular. Por meio de políticos eles conseguem luz e água para um loteamento bem longe, mas acontece que o terreno no meio do caminho também é dele, do mesmo proprietário. Esse terreno é valorizado automaticamente porque o benefício atinge ele também.

Há solução contra os loteadores?

— Pessoalmente eu acho que não há muitos recursos. Essas ações são, em geral, demoradas. Eu digo sempre: imagine entrar com uma ação contra os Lutfalla. O Maluf tem recurso para contratar 50 advogados ou mais, que vão ficar enrolando na justiça. Eles já sabem também o significado da liberdade de imprensa, tá entendendo? Compram os jornais.

Faltam leis para punir loteadores

Marco Aurélio Ribeiro, deputado estadual:

Por que os loteadores clandestinos estão impunes?

— A gente tem uma legislação que, na realidade, não prevê nenhuma punição drástica para o loteador. Aliás, aqui no Brasil é comum as pessoas que tenham dinheiro não serem punidas na Justiça. A legislação prevê crime contra e economia popular, mas para se tocar o caso até o fim é muito difícil. Isso porque dependemos das investigações policiais para andarmos com o processo judicial. Tem outra situação mais grave: é quando o loteador vende, sem ser ele o proprietário. Mas aí fica configurada também outra situação, a da grilagem de terras. Nunca se vê um grileiro condenado pela justiça.

Quando começou a luta pela posse da terra na cidade?

— De uns quatro anos para cá. Às vezes, a pessoa entrava com uma ação, o juiz acabava dando um parecer favorável e ele registrava a escritura. Só que o dono das terras não tinha escritura. A partir daí, começou a haver uma conscientização de que só lutando coletivamente é que se conseguiria o registro dos imóveis. Quer dizer, como a questão não era individual, a luta também teria de ser global. Então começamos a fazer reuniões nos loteamentos, para mostrar que o problema era de todos.

Como é o processo de regularização do terreno?

— Vamos pelo começo. O loteador tem uma área grande. Loteia e corta essa área em vários pedaços. No Cartório de Imóveis tem seu nome. Acontece que ele tem de registrar o terreno na Prefeitura. Acontece que a aprovação do loteamneto na Prefeitura tem determinadas exigências, o que significa que há determinados gastos para o loteador, que tem de fazer ruas, rede de esgoto, guias e sarjetas. As ruas têm de ter determinada largura, para áreas livres, como escolas, creches, área verde, enfim, os chamados "equipamentos urbanos". Como o loteador não faz essas obras, estão embolsando esse dinheiro.

Quer dizer que a lei é falha?

Veja bem: agora o prefeito Olavo Setúbal uma legislação que anunciou como benéfica para o trabalhador, mas na verdade esse decreto permite que o dono do loteamento dê uma área menor para os beneficiamentos da área. Ou seja, é um decreto que só beneficia o loteador, não suas vítimas.

Reportagem de Rivaldo Chinen

Os quatrocentões e primos Paulo Egydio e Olavo ladeiam um general nada quatrocentão

Fotos de Helio Campos Mello

Bardella quer ser

O clã rejeita Zizinho

Eles não têm nome na lista telefônica; suas dívidas nunca são protestadas; não andam com dinheiro, penduram; perguntam primeiro pelo sobrenome; detestam a Rede Globo; compram direto da fábrica; são herdeiros de fortunas griladas e sobretudo não se misturam com pretos, judeus, árabes ou italianos

Quatrocentões fazem o que querem em SP

"Quatrocentão" é uma palavra criada em São Paulo pelos que se consideram diferentes dos outros por terem raízes nesse Estado há 400 anos. São, hoje, perto de 350 famílias que não vieram de outros Estados, nem do estrangeiro e formam uma casta privilegiada que controla a economia e a política do maior Estado do país. Dizem que descendem de nobres e bandeirantes; são chamados por uns de "barões do café" e por outros, como piada, de "arrotos de barões"

A maioria dessa gente é latifundiária. Têm fazendas em muitos Estados e plantações ou criação de gado no Paraguai. Quase todos possuem fortuna por herança, fortunas conseguidas com grilagem de terras e com exploração das glebas dos pobres na "quebra de 29", quando o café arrasou os pequenos lavradores.

Nenhum elemento da casta se dirige a alguém sem perguntar o sobrenome. Costumam casar entre si e, quando um deles desbunda — casa com alguém fora do clã —, o casamento é feito com separação de bens, para evitar golpes do baú.

Na roda dos bem nascidos, nada é parecido com os usos e costumes dos demais mortais. Dinheiro, por exemplo, não é problema para o quatrocentão. Ele não precisa usá-lo. Não precisa ter no bolso cheques ou talões de crédito. Nos restaurantes e bares que freqüenta — como o "Plano's" ou "Hipopotamus" — ele assina notas que serão cobradas, mais tarde, em seu escritório.

Os quatrocentões que empobreceram ou passam por dificuldades econômicas são auxiliados pelos quatrocentões ricos, para não envergonhar a "classe". Mesmo que não se conheçam pessoalmente, eles se ajudam. Para os "decaídos" são arranjados "empregos" em empresas estatais, com bons vencimentos e pouco o que fazer.

Alguns merecem a ajuda. É o caso de Cassio de Campos, filho do ex-governador Carlos de Campos, sujeito bondoso, simpático que teve um emprego na Companhia de Seguros do Estado, mas que entende do assunto e gosta de trabalhar. Outros casos, como o de José Afonseca, parente do ex-ministro Macedo Soares — para quem foi arranjado um lugar na "Olivetti" como Diretor de Serviços junto ao Poder Público — são de puro tráfico de influências.

Quatrocentão também goza do privilégio de ter o nome excluído da lista de assinantes da Companhia Telefônica, para evitar chateações ou "facadas". Título protestado em cartório ele não tem nunca: os cartórios de protesto — que não ousam apontar títulos de indústrias poderosas como a Volkswagen e a Matarazzo — avisam-no, gentilmente, sobre algum problema e sempre há tempo de ter o nome limpo.

Quatrocentão Abreu Sodré

Pretos não são admitidos no clã dos quatrocentões (embora se diga que eles têm 400 anos de São Paulo e 800 de Congo). Árabes (chamados com escárnio de "turcos"), judeus e italianos são tolerados, com preferência para estes últimos que têm as melhores chances de entrar no círculo, através do casamento. É o caso de Zizinho Papa — presidente da Federação do Comércio — e de Cláudio Bardella — industrial. Eles ainda não foram aceitos completamente mas estão autorizados a freqüentar alguns ambientes "exclusivos" da casta.

Há casos excepcionais, entretanto. Herbert Levy, deputado e banqueiro, descendente de judeus, entrou na família dos "nobres" através de casamento com Ferreira e para ser bem acolhido passou a se chamar Lévi (descaracterizando o sobrenome mosaico).

Apesar da pompa e dos privilégios, muitos quatrocentões "têm os pés na cozinha", são descendentes de "equívocos" ou de "ocultos nos armários". Mas conservam a pose e os gostos de seus iguais: lêem o "Estado de SP" — propriedade dos quatrocentões Mesquita — que é pra eles como bíblia e detestam televisão, principalmente a Rede Globo; usam tudo do melhor, importado ou comprado diretamente das fábricas: relógios Wacheron & Constantin, camisas Yves S. Laurent, isqueiros Dupont, calçados Sutoris.

Alguns são cultos, todos têm bibliotecas, mas a maioria tem os livros virgens. Nas recepções admitem pintores e escritores (se forem da Academia de Letras) que participam como "extras" dos filmes de "far-west", elementos de decoração. Quatrocentão joga tênis, tem bom papo e é pão-duro. Pode até ser caridoso, mas, ao cheiro do povo, prefere o cheiro de cavalo das corridas no Jockey. Joga bridge no clube Harmonia, torce pelo São Paulo F.C., freqüenta leilões de arte onde compra quadros pela assinatura, como investimento.

Quatrocentão que se preze nunca se meteu em farda. Detesta militares. Só gosta deles para as conspirações e para a preservação de seus bens em caso de revoluções.

Viagens à Europa fazem parte da vida do "privilegiado". Entre suas propriedades possui certamente casa em Roma e apartamento em Paris. Mas gosta também de ir a Guarujá, cidade praiana a 70 quilômetros de São Paulo, já dividida em três compartimentos: Guarujacó (dos judeus), Guarujafet (dos "turcos") e Guarujabá (dos bem nascidos).

No Guarujá há um clube fechado, o "Samambaia" que dá bolas pretas para quem não tem sobrenome. Um tal Senor Abravanel, vulgo Silvio Santos, conhecido explorador dos carnês do "Baú", tentou gastar fortuna para entrar no "Samambaia", mas foi vetado; árabes e judeus (como ele) não entram.

Os sobrenomes são muitos: Toledo Pisa, Vidigal, Mesquita, Arruda Camargo, Arruda Campos, Ortiz Monteiro, Figueiredo Ferraz, Sampaio Dória, Egydio Martins, Egidio Setúbal, Arruda Sampaio, Almeida Castanho, Almeida Prado, Gurgel do Amaral, Amaral Gurgel, Alves de Lima, Carvalho Pinto, Moraes, Barros, Madureira, Rodrigues Alves, Novaes.

Abusos, vícios, corridas noturnas pelas ruas da cidade, maconha, "pozinho" usado pelos filhos, são abafados. Os crimes, também.

E há os piores espécimes, como Plinio Correa de Oliveira, chefe da organização nazista TFP — Tradição, Família e Propriedade; como, um deputado fascista que na Câmara Federal representa a oligarquia contra os pobres, um tal de Cardoso de Almeida. E há um fascista, dedo-duro, que herdou o nome e um cartório do pai: Fernando Nobre Filho. Nobre no nome e plebeu na inteligência. Esnobe, reacionário, ligado à TFP, com ares de importância, cartorário metido a Príncipe de Gales, bom para instigar ricos contra pobres e melhor para correr de medo numa hora de "pega pra capar".

Carlos Morgado Pereira
Fotos de Helio Campos Mello

1º de Maio Essas entrevistas foram feitas, em duas tardes, no Parque Dom Pedro II, em São Paulo, um imenso terminal de ônibus habitado diariamente por quase um milhão de pessoas, moradores da periferia. Entrevistamos quase 30 deles, ao acaso, e o que segue publicado é um retrato fiel do espírito geral de todos os entrevistados.

Povão tá doidinho pra fazer uma greve

Reportagem de Iracema Silva; Fotos de Amancio Chiodi

Aparecida, faxineira

O patrão precisa de nós

Aparecida Guarnieri, 41 anos — Faxineira.

A senhora faria greve? Fazia. Era a primeira. **A senhora acha que seu salário tá pouco?** É lógico. É salário mínimo. **Dá pra se viver? A senhora ganha salário mínimo?** É salário mínimo. **Tem família?** Tenho. **E as coisas tão muito caras?** Nossa! Só o aluguel é Cr$ 3 mil. **O dobro do salário...** Então você vê, né. **E comer?** E comida? **E como é que a senhora faz?** Como é que faz! Come o que tem, né? Paga quando pode... Paga um, paga outro, fica devendo pro um, é assim a vida. **Greve pode resolver isso?** Isso. Tá certo eles. Por que se nós precisa dos patrão, eles também precisa de nós, né? **A senhora trabalha onde?** Numa imobiliária. Eu até pedi a conta, más eles, por enquanto, ainda não me deram, né? Porque eles queria me explorá, sabe. Queria que fizesse limpeza em duas imobiliárias... queria que eu carpisse quintal, sabe? Queria me fazer de trouxa mesmo, então eu larguei de lá.

Não dá, a lei nacional proibe

Vendedor de balas

O senhor sabe das greves que estão acontecendo? Eu não sou desse partido, eu sou governista. *O senhor é a favor do governo?* Sou, sim senhora. *Mas fazer greve não significa que o senhor é contra o governo.* Não. Não. Não posso. Sou proibido pela lei nacional. Não posso falar nada. *O que que é proibido pela lei nacional?* Eu não quero falar contra o governo, minha moça, minha moça! Ai, meu Deus do céu!

Sebastiana, gari

Muito lixo, pouca grana

Sebastiana — Limpeza Pública

A senhora acha que através da greve o povo vai conseguir melhora de salário? **Talvez...** ***A senhora acha que o salário tá pouco?*** **Tá. Pouco tá mesmo, né? Carrego a maior sujeira, é nós que carrega. Pra nós eu acho que tá pouco, sim. Nós tá precisando mesmo.** ***A senhora faria greve?*** **Eu sou nova de firma, quer dizer... Mas se elas concordar de entrar em greve eu também sou obrigada a entrar porque eu não vou, né, deixá elas pra traz, que eu não tô na frente delas que são mais velha.** ***A senhora sabe o que é sindicato?*** **Não.**

Mãe de grevista topa

Julieta — Dona de Casa

Tenho dez filhos. Meu marido é pedreiro, ganha 20 pau por hora. Tem meus dois moço, um com 20, outro com 19, que trabalha também. Tem um que tá com um mês numa firma e ele não tá registrado ainda. E eu não tô achando nada bom do salário, porque ainda hoje fui no mercado com 500 conto. Trouxe uma coisinha numa sacola. Um bacalhau a gente não pode comprar. Ovos que era o mais barato, é 20 cruzeiro a dúzia. Verdura, a gente vai na feira, não pode mais comprar. **A senhora faria greve?** Faria. Meus dois filhos fizeram greve na Santa Fé, lá na fábrica de doces. Todo mundo fez greve. Todo mundo ficou parado. O gerente despejou. Disse: quem não quiser trabalhar, que tá achando que o ganho é pouco, vai embora. Meus dois filhos e mais sete pararam. E o resto começou a trabalhar. Meus filho foi pro advogado, perderam quase um ano de firma cada porque o patrão não deu o aumento. Todo mês ele prometia pra meus filhos. Todo mês. Todo mês. Quando vinha pagamento, a mesma coisa. Tenho também duas filha que trabalha. Ganha 1.900 cada uma numa fábrica e trabalha pra morrer e o dono da fábrica inda diz que elas trabalha pouco.

Tem tanta greve por causa da necessidade

João Pereira, 56 anos — Zelador

Por que o senhor acha que está havendo tanta greve? Olha, pra dizer a verdade, a gente acha que é por causa às vez da necessidade. É isso aí. A gente não sabe explicá direitinho esse negócio. Não tenho acompanhado nada, nem televisão nem nada dessas coisas, quase não tenho tempo, sabe? Então, a gente não pode dizer nada, não assistiu nada. **O senhor acha que o custo de vida tá bom, tá alto, tá baixo?** Baixo não tá e nunca baixa (risos)... Tá sempre cada vez mais alto. Vamos supor que o custo de vida sobre o salário que eu ganho e outros ganha, o custo de vida tá dobrado por três vez. **O senhor acha que precisa ter um aumento de salário?** É. Ou senão que o custo de vida baixasse pra nós, pra tudo quanto é povo, que o salário não tá dando pra comer... não dá. Só quem tem a profissão, tá certo, ganha 7, 8, 9. Agora, braçal, como é o pessoal, povo de São Paulo, tudo que toca fábrica, não tem 5 na carteira. É 2, 2 e meio, por aí.

João Pereira, zelador

É uma garantia para o povo

Reinaldo Rufolo, 34 anos — Mecanógrafo

O senhor está sabendo das greves que estão acontecendo? Tô sabendo assim por alto, mas não me interessei em saber. Eu, graças a Deus, tô trabalhando... **E o que você pensa sobre greves? Como assim? O que você acha: certo ou errado?** É... é um meio do povo se garantir pra alguma coisa, não é verdade? Eles tão ganhando pouco, né? Eu acho que eles tão certo de fazer greve... principalmente o funcionalismo público, né? Eles ganham muito pouco, né? É isso aí, né? Você vê, um funcionário que ganha aí salário mínimo coitado. Como é que ele pode viver? Ele se desespera. Ele chega numa situação que ele parte pra um roubo, uma coisa assim... O pessoal é trabalhador, tudo, mas falta coisa em casa, então ele começa a roubar, assaltar, não é verdade? Tem filhos, tudo, mulher, paga aluguel, despesa, né? Então ele fica aflito, começa a roubar, matar, fazer coisas que não tem que fazer. Mas tudo isso depende da política do nosso país, não é verdade? Fazer o que, não é? Se ninguém tomar providência o quanto antes vai aumentar o índice de desemprego, roubo... é isso aí, né?

"Não faço greve, só me afasto do serviço"

Fiscal acompanha o bloco

Fiscal de ônibus — Não deu o nome

Os direito do trabalhador é o mesmo que qualquer um do patronal. Porque o patrão... Suponhamos... você paga Cr$ 70 para o patrão por um quilo de carne. E eu, como operário, pra comer tenho que pagar, e agora você ganha um milhão e eu ganho um tostão. E o preço que você paga a mercadoria, eu tenho que pagar, então, dentro dessas partes, a mercadoria. Então, tinha que ter um nível da mesma coisa... Suponhamos... você ganha mais, paga mais caro. Agora, quem ganha menos tem que pagar ela mais barata. Para lutar por melhores salários, o senhor faria greve? Não, não. Eu já acompanhei um punhado de tempo de greve, não admito parte de greve. Agora, acompanho o bloco que vai. Daí eu não faço. Só que não prejudica quem tá fazendo. **Se sua classe fizer greve, o senhor também faz?** Não, eu não faço. **O senhor continua trabalhando?** Não. Só não vou no serviço. **Então o senhor tá fazendo greve.** Não! Eu afasto do serviço. Mas não vou no piquete. **O sindicato está do lado do trabalhador?** O sindicato acontece uma coisa bem feita. Se nós tivesse todo o sindicato associado em um comando de todos os sindicato, fosse que nem é esse Lula aí, nós tinha uma outra vida mais melhor. Só que tem que a todas parte do sindicato são parte dos patrão. Os próprio diretor. Só por enquanto teve o Lula, dos metalúrgicos, que foi o homem mais macho.

PM não pode se manifestar

Soldado da Policia Militar, à paisana

O senhor está sabendo das greves? **O problema é o seguinte, eu não posso tocar nesses assunto porque eu sou da PM, pra mim... Eu tenho a minha opinião, mas não posso dizer nada. Só pelo Comando Geral, que eu posso dar uma manifestação. Se a senhora quiser mais detalhes vai no Comando Geral que eles informa direitinho. Não vai levar a mal, viu?**

É bom, tá certo sim

Josefa — Empregada doméstica

Você acha que tá certo fazer greve? Eu acho. Porque de uma parte é bom por causa que tem muito pai de família que ganha bastante pouquinho. Então eles não querem pagar. Então é bom. ***Você faria greve?*** *Eu também faço greve. Se acontecer também deles fazer greve, assim comigo. Eu também faço. Eu acho que ganho pouco também.*

Cobradora acha que não adianta

Maria Zenaide Severino — Cobradora de ônibus

Você faria greve? Não. *Por que?* Ah, porque eu acho que não adianta. Não adianta greve. *Por que?* Porque quem manda é o presidente da República. O que ele falou, tá falado. *O seu salário tá dando pra viver?* Não, não dá. Isso não dá. Tenho quatro filhos. Se pago aluguel, não posso comer. Se como, não pago aluguel.

Reinaldo, mecanógrafo

José Francisco, motorista

O problema é perder o emprego

Maria Aparecida, 23 anos — Faxineira numa pensão

Sabe das greves? Eu não presto muita atenção nessas coisas, não. **Não tá sabendo de nada?** Não... ouvi falar, pela televisão também. **Por que você acha que o pessoal faz greve?** Ah, a maior parte eles tão certo, noutras parte acho que não adianta nada, né? Tem muitos que faz greve, depois quando volta a trabalhar perde o seu emprego, tudo. **O salário — tá dando pra viver?** Ah, o salário tá pouco, né? Mas não interessa se eles aumenta o salário, aí aumenta o custo de vida. Não interessa nada. Porque cada dia que passa as coisa aumenta, o salário não aumenta, então o que interessa fazer greve? **Então você não acha que o pessoal deve mostrar que o salário não tá dando pra viver?** Mas de qual jeito eles vão mostrar? **Pois é isso que eu tô perguntando: que jeito você acha que eles devem mostrar?** Então, isso eu também não sei.

Maria Aparecida, faxineira

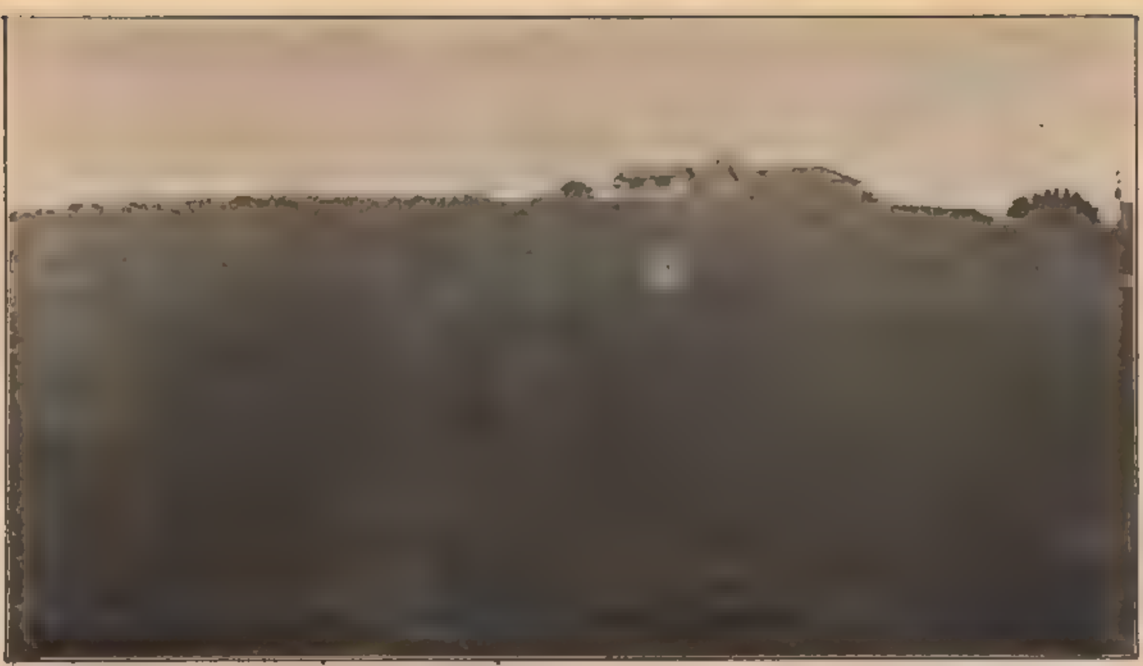
Só pára se todo mundo parar

José Francisco, 38 anos — Motorista de ônibus

Acha que as greves estão certas? Se uma vez que tão fazendo, eu, no meu pensamento, eu acredito que tão certo, né? **Acha que eles tão fazendo greve por que?** Devido os ordenado que tá pouco. **Acha que precisa aumentar o salário?** Eu acredito que sim. Eu acho que tá na hora de aumentar, porque o que se ganha tá muito pouco. O custo de vida tá demais. **O senhor faria greve?** Se os outros fazer, eu faço. Sozinho não posso fazer. **E sobre o seu sindicato, o que pensa?** Sobre... como assim? **O senhor é sindicalizado?** Não. **Não é sindicalizado por que?** Eu não sou devido porque... nunca ninguém... e depois outra, eu tenho uma idéia de demorar pouco aqui. Tô trabalhando, fazendo uma força pra sair daqui de São Paulo, porque já tô esgotado aqui. É por isso.

MÊS DAS NOIVAS
DIA DO TRABALHO
DIA DAS MÃES
GUIDACCI

Oficial do Serviço Secreto acusa: tudo o que acontece na sua casa é ouvido e visto à distância por um equipamento de microondas da rádio do quartel de Quitaúna, SP. Diretor do Dentel o considera apenas um "excêntrico", mas Raul Ron, engenheiro eletrônico com experiência na Nasa confirma a existência dessa aparelhagem



Esta é a rádio de onde partem os raios que atingem o militar

Raios misteriosos atacam sargento

Reportagem de Rivaldo Chinen; Fotos de Amancio Chiodi

O oficial do serviço secreto do Exército, Rubens Vieira da Conceição, faz esta acusação: algum militar do Quartel de Quitaúna, São Paulo, operando na Rádio do Exército, através de microondas, consegue gravar toda conversa, filmar dentro de sua casa e ainda tenta controlar sua mente. Rubens procurou os jornais para contar o que estão tentando fazer com ele. Inicialmente, pensou tratar-se de alguma experiência, mas depois convenceu-se de que não é exatamente isso. Talvez o estejam punindo.

Rubens procurou inicialmente o Dentel, órgão do Ministério das Comunicações, onde não obteve resposta para sua dúvida. Depois, esteve na DOPS e no SNI, que destacaram técnicos para verificar se havia algum aparelho receptor em sua casa, mas não encontraram nada.

Além do Exército, quem tem Rádio operando com microondas é o IV Comando da Aeronáutica-COMAR e o 14º Batalhão da Polícia Militar de São Paulo, além da Rede Globo de Televisão.

Ao procurar inicialmente o Dentel o que lhe disseram?

— O capitão Salvador me bateu nas costas e disse: "Rubens, vá descansar". Quando converso com outras pessoas, elas logo pensam que sou louco. Mas se você souber o que o Exército tem em matéria de eletrônica você não duvida de mais nada.

Quando começou a sentir os efeitos da microonda?

— Foi em 1975. O sujeito que jogou os raios na minha casa, por acaso estava bêbado naquele dia. Minha mulher e minha filha de 22 anos estavam tomando banho e ouviram gracinhas. Elas pensaram estar loucas, mas percebi que as ondas só podiam ter vindo da Rádio do Exército, de Quitaúna, pois moro exatamente embaixo da torre dessa Rádio. Tanto uma como outra falaram: "Como é que você, sendo do serviço secreto do Exército, não descobre quem mexe com esses raios?". Aí entrei de surpresa na Rádio do Exército e vi um infeliz bêbado, de cueca, vendo na tela e ouvindo tudo o que se conversava dentro de minha casa.

O que acontece quando se joga um raio de microonda numa pessoa?

— O raio mexe tanto com essa pessoa que pode até matá-la. Tentaram me matar com esse raio, mas os desgraçados não conseguiram. Acho que o que estão fazendo comigo é, antes de tudo, invasão de propriedade.

Qual era a tua patente no Exército?

— Eu era do Serviço de Inteligência, II Seção do Estado Maior do Exército, assessor do general Artur Aisqueterral, do Serviço de Promoção. Tudo que ele mandava eu fazia. Aí prendi o tenente Demóstenes e o sargento Iutáqui, porque ambos vendiam promoção. Eles sabiam que certa pessoa ia ser promovida e através de um trambique retardavam essa promoção. Depois, cobravam para a promoção sair.

Quer dizer que você prendeu os dois oficiais?

— Prendi. Isso foi a ruína da minha vida. Vai ver que são eles que estão nos escutando e filmando. Além disso, eu dei um murro na cara do subcomandante Ricardo Palmeira Barros. Acertei firme. Acho que é por isso que eles, agora que estão por cima, estão tentando fazer isso comigo. Estão me usando.

Rubens não se deixou fotografar de frente

Willians, filho do Rubens, um garoto forte e meio tímido, de 16 anos, mora com a mãe e irmão na casa dos avós, no mesmo bairro de Rubens. É operário numa fábrica em Osasco, cidade vizinha à Quitaúna, e faz ginásio à noite. Sua irmã Elizabeth, aquela que era vista tomando banho nua, e sua mãe Anésia, dificilmente são encontradas em casa. Trabalham o dia inteiro e ainda fazem curso noturno.

Você sabe o motivo da separação dos seus pais, Willians?

— Sei sim. Papai bebia muito. Desde 1975 começou a beber e não parava mais. Bebia vinho o dia todo, tomava verdadeiro fogo de vinho. E veio com aquela história de raios que só ele via e escutava.

Quer dizer então que não existe nada disso?

— É grupo do meu pai. Ele bebe e fica delirando. Nem minha irmã nem eu acreditamos nisso. É fantástico demais.

Voltei a conversar com Rubens. Ele tinha a mão esquerda toda ensangüentada. Parecia mais tratar-se de um corte de faca, embora ele alegasse ter sido alvo de disparo de fuzil automático a longa distância. Tinha sangue por toda a sala. Perguntado se aquilo estivesse doendo ele respondeu sorrindo: "Dói? DOI-CODI? CODI-DOI"?

Seu filho Willians nega a existência do tal aparelho, e agora?

— Ele é um moleque não sabe de nada. É a mesma coisa que você dizer assim: vi uma bruxa, não pode ser porque não há bruxa. Mas você viu, e você tem que acreditar nisso. É coisa real.

Pro coronel, sargento está lelé-da-cuca

Depois de querer saber como soubemos da existência do problema de Rubens e fazer uma ameaça ("se houver qualquer referência de nossa conversa, eu tomarei providências") o coronel Ivan de Andrade, diretor do Departamento Nacional de Telecomunicações (Dentel), em São Paulo, deu, por telefone, a seguinte entrevista:

— Qualquer pessoa está sujeita a ser procurada por pessoas excêntricas, principalmente quando se ocupa determinados cargos a nível de autoridade. Pessoas excêntricas quer dizer aquelas colocadas fora do centro de equilíbrio.

O sr. conhece Rubens há muito tempo?

— Esse moço, casualmente, quando rapazinho, ao fazer o serviço militar, serviu no mesmo quartel que eu servia como oficial. Isso há mais de 20 anos e desde aquela época não mais o vi. Procurei me informar e soube que este moço está com as condições psíquicas inteiramente alteradas. Era decente, honesto, cumpridor de seu dever. Hoje, está totalmente lelé da cuca. Infelizmente sofre das faculdades mentais.

Como é que o sr. soube disso?

— Mandei investigar. Ele tentou falar comigo, me causou pena. Sofre de delírio de perseguição. Fala em ondas magnéticas que somente ele detecta. Esse moço fez-se passar por mim, realizando vistoria num serviço de telecomunicação por aquelas bandas de Quitaúna. Recebi essa informação por escrito. Veja só, ele chegou a dizer que era eu, numa inspeção noturna.

Quer dizer então que o sr. não crê nem um pouco na história do Rubens?

— Se o problema desse moço era de interesse jornalístico o sr. iria entrar na maior fria. Não seria um alvo compatível para uma atividade jornalística. Eu acho que já chega por aqui. Já dei uma posição bastante clara sobre o assunto. A não ser que o sr. queira se submeter ao ridículo.

Ex-engenheiro da Nasa confirma tudo

Formado nos Estados Unidos, Grécia e Itália, o argentino Raul Ron fala com a experiência de quem já trabalhou até com foguetes (projeto Skylab)

— As microondas, dependendo da freqüência, causam certos tipos de problemas fisiológicos: perda da visão, queda do cabelo, manchas nos pulmões e impotência sexual. Dependendo da freqüência, isso tudo pode ser mais grave ou menos grave. Hoje, a alta freqüência nao tem grande influência no pensamento humano. A baixa freqüência sim. Exemplo disso é a máquina IBM elétrica. Basta você ligar, não precisa trabalhar com ela. Sua freqüência faz muito mais mal que a microonda, mesmo que você não escute bater as teclas.

Pode-se dirigir microondas para uma pessoa?

— As microondas podem ser dirigidas para um local determinado, para pessoas que estão em movimento. O raio microonda é diretivo, concentrado, não se expande, vai direto. Inclusive, se você ver a torre de microonda, notará que ela é sistema parabólico, tem o centro dessa torre que atinge uma distância de 60 quilômetros em linha reta.

Quais as conseqüências para a pessoa?

— Psicologicamente, diante de todas aquelas conseqüências físicas de que falei o cara pode ficar louco, pode falar besteira, enfim, você vê o cara com inúmeros problemas.

É possível controlar a mente de uma pessoa através do [redacted]

— Aí entramos num campo aparentemente místico, porém real. É possível. Eu mesmo trabalhei na IBM com um computador desse tipo: as pessoas estavam numa sala batendo a máquina, tudo perfeitinho, e de repente elas começavam a se agredir, a rasgar os papéis, a fazer uma confusão tremenda. Mas elas se submeteram a esse teste. Noutro caso, esse que você está contando, também é possível. O primeiro passo é fazer com que a vítima tenha um desiquilíbrio mental. É um sistema no qual você sabe como funciona o cérebro. O cérebro emite um tipo de freqüência quando você está dormindo, nervoso, com sono. Aí você induz essas pessoas. No mundo hoje pensam que isso é ficção científica, mesmo nos Estados Unidos e Alemanha.

Raul acha possível

É possível fotografar ou ver alguém no interior de uma casa a longa distância?

— Sim, embora seja mais complexo, mas pode ser feito. Escuta e fotografia é possível, e é possível inclusive se neutralizar. Pode-se eliminar as causas dessa interferência, para que o sujeito não seja mais violado em sua intimidade. Mas são outros tipos de raios, pois com a microonda é impossível. Tem um sistema americano, que já vi, que é uma maravilha. Um avião pode sobrevoar a área e saber que estamos conversando aqui dentro de casa. Usam raios infravermelhos, que detectam o calor. Acredito que haja coisas mais fortes. Mas não creio que sejam usados para atingir alguém especificamente, a não ser, é claro, em caso de guerra. Isso deve custar por volta de 5 milhões de dólares, é um investimento vultuoso.

E a gravação a longa distância, é um sistema mais simples?

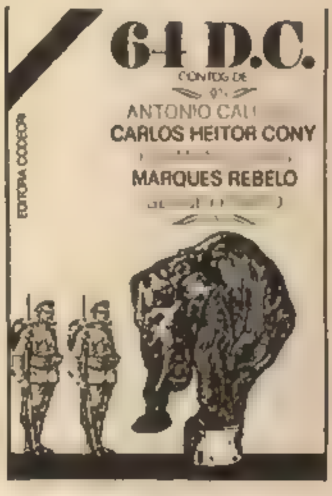
— Gravação é simples. É até estúpido se fazer. Alguém pode estar a dois mil metros e nos ouvir. O sistema mais aplicado é o do micro-transmissor, um microfone acoplado de altíssima sensibilidade, que a cada vez que se fala transmite uma freqüência X, e a uma distância de, digamos, dois mil metros, pode se fazer o que quiser. A antena é normal.

Fotos impossíveis no processo de Cajá

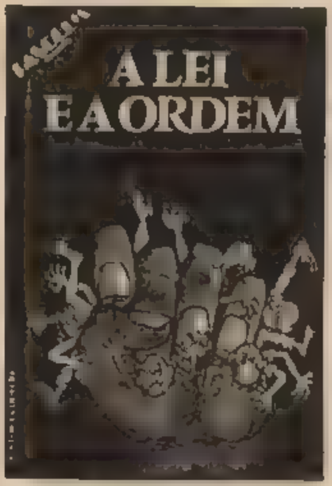
• O advogado Idibal Piveta, defensor de presos políticos, tem entre seus clientes o estudante Edval Nunes da Silva, o Cajá. Contou que no processo de Cajá os órgãos de repressão anexaram fotos e fitas gravadas a longa distância, dentro de um ambiente fechado. Quer dizer, todo mundo que estava na reunião conversou à vontade, sem saber que suas conversas estavam sendo gravadas e eles filmados.

• Um piloto de aviação comercial disse ter visto um aparelho na Rede Globo de Televisão capaz de focalizar a pessoa a longa distância, e levar ao ar a conversa dessa pessoa. Lembrou que foram feitas experiências com jogadores de futebol. O aparelho focalizava os jogadores no gramado e de longe registrava tudo o que eles falavam. Até que um dia resolveram levar isso para o ar. Foi a primeira e última vez, pois as Forças Armadas proibiram o uso desse aparelho.

CODECRI. A EDITORA QUE VAI FUNDO.

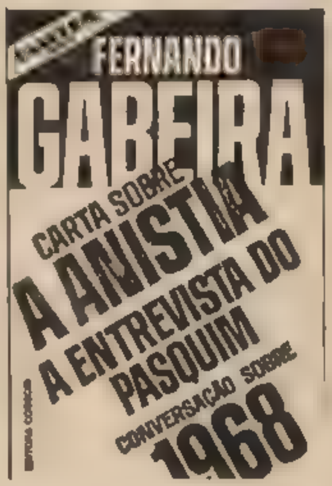


Ref. 43 - 64 d. C.
Antônio Callado, Carlos Heitor Cony, Hermano Alves, Marques Rebelo, Sérgio Porto.
128p. Cr$ 80,00

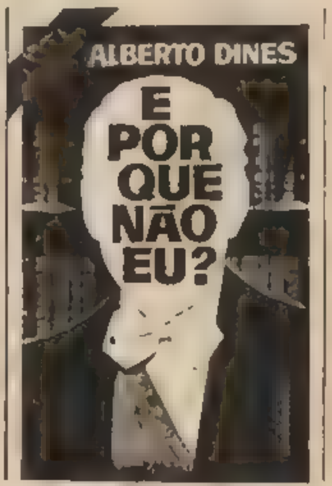


Ref.45 - A lei e a ordem
Armindo Blanco
157p. Cr$ 140,00

Ref. 47 - Tem piranha no pirarucu & As folias do látex
Márcio Souza
110p. Cr$ 100,00



Ref. 48 - Carta sobre a anistia
Fernando Gabeira
80p. Cr$ 65,00



Ref. 50 - E por que não eu?
Alberto Dines
73p. Cr$ 85,00

Compre hoje mesmo, nas livrarias ou pelo Reembolso Postal.

MOLEZA!
NÃO PRECISA ENVIAR O DINHEIRO AGORA. É SÓ RECORTAR E MANDAR PELO CORREIO.

CODECRI
A EDITORA DO RATO QUE RUGE.

EDITORA CODECRI — Serviço de Reembolso Postal
Rua Saint Roman, 142 — Copacabana
22.071 — Rio de Janeiro — RJ
Queiram enviar-me os livros abaixo assinalados:

Nome: ....
Endereço: ....
Profissão: .... Idade: ....
CEP: .... Cidade: .... Estado: ....
Assinatura: ....
Referência: (assinale aqui os livros que você quer ler):

43	45	47	48	50

Doentes esperam a vez deitados no corredor

Funcionários almoçam no banheiro

Não há enfermeiros para todos os doentes

Souza Aguiar trata mal os doentes e os funcionários

SUJEIRA COME SOLTA NO HOSPITAL DO GOVERNO

Reportagem de Vera Lúcia Dias; Fotos de Custódio Coimbra

Durante três dias, a repórter Vera Lúcia Dias e o fotógrafo Custódio Coimbra percorreram as instalações do Hospital Municipal Souza Aguiar, no centro do Rio de Janeiro, responsável pela maior média de atendimento diário da cidade. O que viram é simplesmente estarrecedor. Falta material, falta pessoal, as condições de trabalho são as piores possíveis, funcionários fazem suas refeições pelo chão e ao lado de latrinas cheias de cocô.

Com 420.935 atendidos em 1978 e uma média de dois mil atendimentos diários, o Souza Aguiar é considerado um dos melhores Pronto-Socorros da America Latina. No entanto, nesse mesmo hospital pacientes não têm enfermeiros que os alimentem, doentes esperam horas para que o médico encontre material de sutura para costurar um ferimento, atendentes são deslocados para serviço de raio-x, falta soro fisiológico, baratas correm pelos banheiros e doentes pernoitam em filas para conseguir atendimento.

Fachada moderna esconde a realidade do "Souza Aguiar

Foto de Chiquito Chaves

A precariedade do hospital Souza Aguiar nao é algo que salte aos olhos. Quem percorre os corredores revestidos de pisos de borracha, sente o cheiro de desinfetante e depara com a sofisticação da unidade coronária, não pode imaginar que nesse mesmo hospital falte fios e agulhas de sutura, seringas, tesouras, esparadrapo, sondas nasogátricas (que vão do nariz ao estômago, pela qual o doente se alimenta), sondas visicais (pela qual o paciente urina), aparelhos de pressão, penicilina, albumina humana, analgésicos, vitaminas, material cirúrgico para operação dos olhos, material de assepsia (sabonetes e esterilizantes), máscaras, gorros, luvas e roupa especial para cirurgias e necrópsias, material de ambulância, roupa de cama e berços em condições para crianças.

Quem se restringe aos corredores não pode adivinhar que as duas estufas de esterelização estão quebradas e que todos os outros fornos se encontram com defeito. Não pode realmente saber que a falta de sondas faz com que estas sejam transferidas de um doente para o outro, quando só poderiam ser usadas uma vez. Como o processo de esterelização é mais do que deficiente, é muito comum ver uma sonda de um paciente ser utilizada em outro, com resíduos da bexiga do primeiro, em certos casos até areia renal (dos rins). Muito comum também é ver uma luva de borracha que foi usada em um exame ginecológico, ser utilizada em uma cirurgia, depois de passar por uma fervurinha. Isso sem falar nas macas que levam cadáveres para a patologia — local altamente contaminado — e voltam para o pronto-socorro, para serem usadas sem passar pela esterelização, e andam nos elevadores que tanto transportam cadáveres como doentes.

No entanto, driblando o esquema de segurança e

penetrando nas enfermarias e outras dependências do hospital, vê-se que, devido à carencia de roupa de cama, os lençóis não são trocados diariamente e que muitos pacientes permanecem com roupas sujas de sangue, urina e fezes.

A limpeza dos corredores não é a mesma de certas salas de atendimento, onde ataduras e luvas de borrachas ficam jogadas nos cantos, onde doentes esperam para serem atendidos, sem o mínimo conforto. Há momentos em que as salas ficam tão cheias que os pacientes esperam deitados no chão. Na radiologia, onde três aparelhos estão quebrados e onde não há médico radiologista, os doentes esperam horas para serem atendidos. O detalhe é que esses pacientes são encaminhados pela emergência, muitas vezes estão em precárias condições de saúde e ficam sozinhos o tempo todo, uma vez que não há um número de auxiliares de enfermagem suficientes no hospital para tomar conta desse setor. Havia no local uma criança que estava há três dias com o braço quebrado e ainda não havia conseguido tirar radiografia. Sua mãe, Alice Moura, disse que teve "que cortar um dobrado" até conseguir constatar na triagem que o caso de seu filho era de emergência.

A improvisação tem presença permanente no hospital. Em um passeio pelo Centro Cirúrgico vê-se que as obras não foram terminadas e que, embora a sala de cirurgia contaminada ainda não tenha sido inaugurada e não tenha nenhum material cirúrgico, estava sendo utilizada no dia 18 de abril para uma operação. Conversando com a auxiliar de enfermagem que saía do recinto, perguntei:

A sala já foi inaugurada?

— Não, não tem nada aqui.

Mas como é que tá operando?

— Ué, com nada. Não tem material nenhum aqui. Tá horrível, a gente tem que pegar tudo na outra sala.

As condições de higiene oferecidas pelo Souza Aguiar são as piores possíveis. Os banheiros são imundos, entupidos e não têm água. Fedem tanto que a sala de espera para o atendimento em ambulatório, onde há dois banheiros de uso público, recende a éter, fezes e urina. Nos corredores próximos à emergência, macas sujas de sangue ficam expostas durante horas, isso sem falar na mesa ginecológica, que não tem nenhuma espécie de revestimento, nem mesmo um lençol.

No bar, os ratos e baratas correm de um lado para o outro. Nos "baratões", nome dos refeitórios do hospital (existe um para o pessoal de nível superior e outro para o de nível médio), os funcionários têm que levar seu próprio talher e comem todos os dias, invariavelmente, feijão, arroz e carne, que às vezes vêm premiados com baratinhas ou cocô de moscas. As bandejas onde a comida é servida são engorduradas e geralmente na segunda rodada de uso vêm com um feijãozinho ou grão de arroz de quem comeu anteriormente. No pátio interno do hospital há um lago onde se despejam resíduos e o lixo fica exposto em frente ao almoxarifado de material médico-cirúrgico, local onde é descarregada a alimentação antes de seguir para a cozinha.

Quando ao atendimento à população, as filas para conseguir números para ser atendido nos ambulatórios começam às quatro da madrugada. Isso para aqueles que buscam somente uma consulta, porque os que estão na batalha de uma cirurgia têm que pernoitar na porta do hospital, já que só são distribuídas duas fichas. Às 7 horas distribuem-se os números e por volta das nove as pessoas começam a ser atendidas. Como há uma média de 40 a 50 pacientes para os ambulatórios mais procurados, a consulta não pode durar muito mais que dez minutos.

As pessoas que não conseguem fichas para o ambulatório ou que não são consideradas como casos urgentes para a emergência são enviadas para o Pronto Atendimento (PA), que só foi criado para acabar com as filas. Na fila do PA, encontra-se casos como o de Raquel Costa Reis, que tem uma gastrite e há mais de três meses chega em crise ao hospital e recebe injeção no Pronto Atendimento. Como Raquel mora em Engenheiro Pedreira e tem filhos pequenos, não pode ir cedo para o Souza Aguiar e batalhar a ficha do ambulatório, mesmo porque teria que sair às três da madrugada de casa.

Nesse setor, o médico se limita a ouvir as queixas do doente e a receitar. No dia 18 de abril, dirigi-me a essa unidade, afirmando ter uma dor de estômago tão forte que não havia conseguido dormir na noite anterior. A médica, perguntando se eu ainda estava sentindo a dor, disse que poderia ser vermes e sem sequer me tocar, receitou gotas contra espasmos para tomar de oito em oito horas. Depois, fui à farmácia do hospital, sendo informada que não tinham aquele remédio no hospital e nenhum similar. Três outras pessoas foram procurar medicamentos, sem conseguí-los.

No subsolo, o pessoal da limpeza é obrigado a comer no chão

Pessoal da limpeza vive na sujeira

No subsolo do hospital, onde funcionam casa de máquinas, manutenção de materiais, lavanderia, rouparia, e a coordenação do pessoal de limpeza, as condições de trabalho e higiene são as mais precárias possíveis.

Na lavanderia, onde cerca de 350 quilos de roupa são lavados diariamente, o clima de insatisfação é visível. A maioria dos funcionários não recebem insalubridade pelo contato com roupa contaminada, não recebem nem mesmo uma luva para protegê-los de contaminação. O forno que ferve as roupas vai a uma temperatura de 210 graus. Não há nenhum exaustor, somente dois ventiladores que de nada adiantam.

Afirma um funcionário que o número de pessoas que adoecem por causa do calor é enorme, e que o acúmulo de trabalho, por causa dessas licenças, é também muito grande, pois a direção do hospital não coloca pessoal substituto.

— Aqui, quem não é surdo, usa óculos ou tem problema de coluna. O que tem de gente com problema de coração e úlcera nervosa também não tá no gibi. Eu mesmo tenho uma. Mas aqui é assim: a gente não tem salário, não tem segurança, só tem trabalho. Doze horas de trabalho por dia.

Segundo os lavadeiros, as máquinas estão completamente obsoletas. Das duas turbinas de torcer roupa que existem no local, uma está com o eixo de segurança frouxo, o que a faz desabar de dois em dois dias. O perigo e tensão são permanentes. Até o momento ninguém se machucou com esses desabamentos, que acontecem há três meses mas sabe-se que no Hospital Miguel Couto um funcionário morreu por causa de uma desabamento desses.

Além disso há as constantes mudanças de temperatura pela qual as pessoas passam para pegar roupa nas secadoras. A temperatura média de uma máquina dessas é de 90 graus e a temperatura ambiente é de 27 graus, isso significa que cada vez que alguém abre a máquina para colocar ou pegar uma peça está tendo um choque de temperatura de 63 graus.

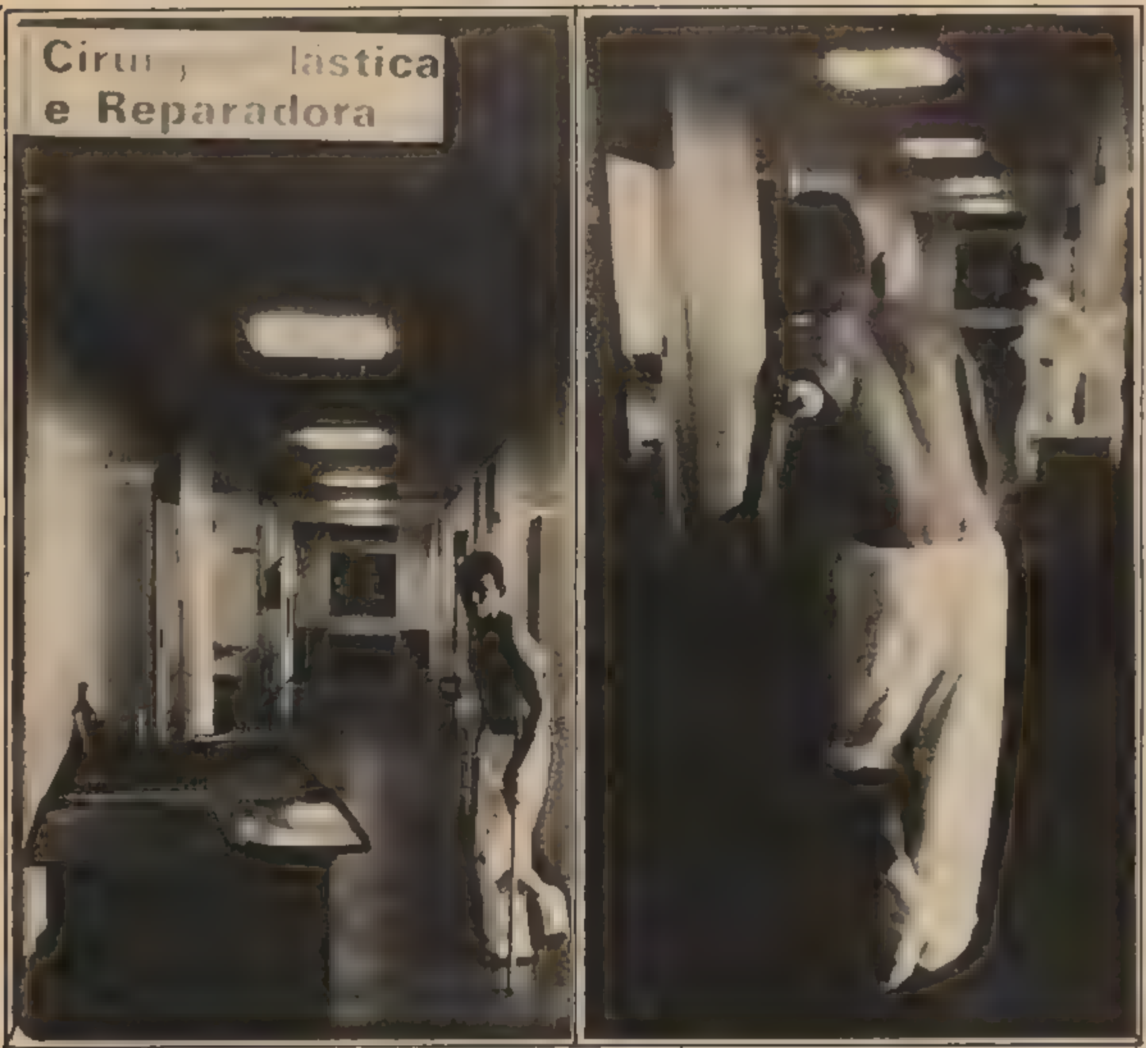
No vestiário das serventes, a única pia não tem torneira

Em todo o subsolo o ar é sufocante, o barulho ensurdecedor e há vazamentos das tubulações de esgostos do hospital. Na sala da coordenação do pessoal de limpeza o vazamento vem do chão, das paredes e do teto. Há dias que chega a um tal ponto que os funcionários não podem fazer uso da sala. Isso sem falar no fedor. Esses funcionários não são contratados pelo Souza Aguiar mas sim pela Dinâmica, empresa que fornece mão-de-obra de limpeza para todos os hospitais do Estado e do Município.

Não têm refeitório próprio, sendo obrigados à guardarem e comerem suas marmitas nos banheiros, todos sujos. Apesar da imundicie, as funcionárias da Dinâmica lavam esses banheiros todos os dias, e dizem que se não o fizerem "simplesmente ninguém consegue passar na porta".

Diz uma servente que já cansaram de reclamar e que na questão da comida não adianta pedir na cozinha porque são postas de lá pra fora.

— Aqui é isso: barata, rato e percevejo. Uma sujeira só. Mas como é aqui em baixo ninguém vê. O pior é que a gente tem que comer aqui. Antigamente ainda dava pra filar alguma coisa na cozinha, mas depois que o dr. Frederico (ex-diretor do hospital) pegou uma servente fazendo marmita na cozinha e fez ela voltar e devolver a comida as coisas ficaram duras. Agora eles preferem jogar fora, estragar, do que dar pra gente.



No Souza Aguiar o doente tem que se virar

Falta de médicos causa mortes

As condições de trabalho dos médicos do hospital estão muito longe das condições mínimas para se prestar um bom atendimento. O número insuficiente de profissionais, 580, contando médicos formados, residentes (recém-formados) e acadêmicos (último ano das faculdades), não consegue dar conta do fluxo de doentes que buscam o hospital. Em cada plantão há uma média de 48 profissionais, entre as três categorias. Fazendo uma média com os dois mil pacientes que procuram o Pronto-Socorro, fica bem claro que é praticamente impossível prestar uma boa assistência.

O número de pessoas que procuram a emergência é tão grande que as salas de repouso estão sempre lotadas. Isso faz com que muitos pacientes fiquem em repouso (estágio anterior à internação) no mesmo local onde são atendidas as pessoas que chegam ao Pronto-Socorro e em contato direto com as pessoas que chegam esfaqueadas, baleadas e atropeladas. No caso do paciente ter que ficar em observação, para saber se precisará ou não de um repouso, a coisa complica. Como não há lugar para colocar o doente, este fica na mesma sala que recebe as emergências, deitado em macas de metal, sem lençóis. Foi numa situação dessas que uma moça, que havia sido atropelada, morreu de fome e sede. Ficou três dias em observação na sala de emergência, onde é proibido servir comida. Resultado: morreu de inanição. Essa proibição de servir comida se deu pelo fato de mendigos simularem crises para dar entrada no Souza Aguiar e, dessa maneira, terem direito à alimentação.

O fato do centro cirúrgico estar sempre ocupado com cirurgia de rotina (aquelas que são marcadas previamente) faz com que, normalmente, os casos de cirurgia de emergência tenham que esperar vagar a sala para serem operados. É muito comum ver pessoas baleadas ou esfaqueadas aguardando três, quatro horas para subirem para a sala de cirurgia, correndo o risco de entrarem em choque, devido à grande perda de sangue.

Casos como o de um bêbado, que deu entrada no hospital em estado de quase coma alcoólica e que fugiu sem que ninguém visse; o de um homem que esperou três horas para ser atendido, foi mandado para casa e estava com hemorragia digestiva; e de uma médica que, visitando o hospital, foi chamada aos berros por uma auxiliar porque um doente havia "parado" (parou o coração) na unidade coronária, estão na ordem do dia do Souza Aguiar.

No Centro de Tratamento Intensivo — CTI — só há um médico para cuidar de oito leitos. Isso quando a Organização Internacional de Saúde determina que, para uma unidade dessas, é necessário um médico para cada dois leitos. Com a greve dos bolsistas e residentes, os dois acadêmicos do setor não estavam trabalhando, o que significa que se dois doentes tivessem uma parada cardíaca caberia ao médico decidir qual deles viveria, uma vez que não pode atender os dois simultaneamente. Na unidade coronária, onde um residente, ajudado por dois acadêmicos, é responsável por seis leitos, o cardiologista (médico formado), estava se dividindo entre a emergência (2º andar) e a unidade (3º andar). Se um doente "parar" quando o médico estiver no posto de emergência, pode morrer, porque não há ninguém na unidade para socorrê-lo

A verdade é que o grosso do atendimento da emergência é todo prestado pelos acadêmicos e residentes, embora as autoridades neguem esse fato terminantemente.

Fora as deficiências causadas pela falta de pessoal há ainda o fato do descanso obrigatório dos plantonistas raramente ser cumprido, existindo também o problema de quando se consegue descansar não haver camas em quantidade suficiente.

Auxiliares ganham pouco e são pau pra toda obra

Para os auxiliares de enfermagem e enfermeiros do Souza Aguiar um dos grandes problemas do hospital é a falta de pessoal especializado. Isso se reflete na quantidade de pessoas disponíveis para as funções de enfermagem, ao todo 530, com uma média de 22 faltas diárias, e na qualidade dos serviços prestados. Muitos auxiliares são formados em "cursinhos", que na realidade são fábricas de diplomas. É claro que isso faz com que os profissionais existentes sejam sobrecarregados de trabalho, e que muitos sejam deslocados de seu trabalho específico para "quebrar o galho" em outro setor.

Conta uma auxiliar, que, como todos os profissionais que apontam as deficiências do hospital, pede para não se identificar, que a carência de pessoal chega a tal ponto que uma enfermeira fica encarregada de prestar serviços a dois andares de enfermarias.

— O mais absurdo é que a determinação dos andares é completamente aleatória. Muitas vezes a enfermeira fica responsável pelas enfermarias do quarto e do sexto andar Como é que ela vai poder estar em dois lugares ao mesmo tempo? Enquanto a gente aprende nos livros que cada auxiliar de enfermagem só pode prestar um bom atendimento a oito doentes, quer dizer, ficar responsável por duas enfermarias, a gente aqui pega uma ala inteira, que dá um total de sete enfermarias. Se um auxiliar pára pra dar comida a um paciente, outro doente fica sem medicação porque não tem gente bastante para fazer as duas coisas. Muitas vezes é o paciente do lado que dá a comida ao que não pode comer sozinho e quando não encontra ninguém para ajudá-lo o doente fica mesmo sem alimentação. Quantas vezes o copeiro vai recolher as bandejas e a comida tá lá, intacta. O pior é que se a gente reclama, taxam a gente disso e daquilo e não resolvem nada

Como se já não bastasse essa precariedade de pessoal, ainda há no hospital uma legislação que proíbe qualquer auxiliar ou enfermeiro de assumir o seu posto se chegar no trabalho com mais de uma hora de atraso. Além de contrariar a CLT, que só pune o trabalhador que se atrasa em três dias consecutivos (e mesmo assim com a perda de um terço do dia), essa lei interna faz com que ocorra uma média de 20 faltas diárias, o que torna o serviço de enfermagem ainda mais deficiente. Outro problema constante do hospital é que as poucas enfermeiras de nível superior, normalmente não desempenham função de enfermagem, restringindo-se a serviços burocráticos e ao controle do pessoal, que significa "dedar aqueles que chegaram atrasados".

Além dos baixos salários que recebem, o pessoal auxiliar não tem direito ao pagamento do adicional por contato com doenças contagiosas, e nem a roupas especiais para lidarem com esses pacientes. Afirma um deles que pegou cachumba dentro do Souza Aguiar — que são muitos os que já ganharam na Justiça o pagamento da taxa de insalubridade, mas que até hoje não viram um tostão

— O que dizem aqui, quando a gente reclama, é que há uma triagem antes do doente ser encaminhado à emergência e que nós não temos contato com doenças infecto-contagiosas. A verdade é que tuberculoso também é atropelado e que antes de tratarem da tuberculose dele, ele vai é pra emergência cuidar das escoriações. O negócio aqui é não bobear, senão a gente acaba sendo pau pra toda obra. Sábado passado mesmo (14 de abril) queriam que eu fosse sozinho na ambulância com o motorista, levar uma criança para o hospital São Sebastião. Quem sempre faz isso junto com a gente são os acadêmicos. Como eles estão em greve, nego começa a apelar. Agora, imaginal a criança tava com difteria, tinha que fazer traqueotomia, não tinha oxigênio na ambulância, você acha que eu ia me arriscar? E se acontece alguma coisa com a doente? Além de eu não saber socorrer, a bomba ia estourar em cima de mim na hora das responsabilidades. Como eu disse que não ia levar e não encontraram nenhum residente para acompanhar, uma hora depois chegaram à conclusão de que a criança não estava em condições de ser transferida.

Os doentes abusam, diz o diretor do hospital (foto)

Diretor mente ou está por fora

Depois de 18 anos no Hospital Salgado Filho, onde chegou a vice-diretor, o dr. Edison Farias assumiu há menos de um mês a direção do Souza Aguiar, onde foi acadêmico de 52 a 54. Num gabinete elegantemente mobiliado, que tem como fundo um jardim de inverno, ele falou sobre sua visão do hospital e suas metas de administração.

— O maior problema a ser enfrentado aqui é a conscientização do povo. Nós precisamos integrá-lo ao hospital e fazê-lo ver que só deve buscar o atendimento de emergência em caso de real necessidade. O que ocorre é que há um abuso muito grande da população no chamado de ambulâncias, às vezes até por brincadeira, e isso faz com que as cinco ambulâncias que temos, que dão perfeitamente conta dos chamados, fiquem sobrecarregadas e muitas vezes um chamado de maior eurgência tem que esperar. Isso é muito importante porque o paciente está em primeiro lugar, e a minha filosofia de trabalho é toda caucada na integração do paciente-hospital e servidores, que só se consegue através do respeito e de um alto padrão técnico-administrativo.

Como o senhor pretende resolver o problema das filas do Souza Aguiar?

— As filas não são do Souza Aguiar, você está muito específica nesse hospital. As filas são de todos os hospitais do Município, do Estado e do INAMPS. Aonde você for tem filas, até no cinema tem filas. A fila é uma característica do brasileiro. Depois, tem uma coisa que a gente tem que levar em conta: dentro das filas há pacientes que estão ali por hábito, hipocondria (mania de doença), por saber que ali recebem vitaminas de graça, e até para se tornarem conhecidos no hospital.

Como o senhor explica as queixas que a população faz contra o atendimento do hospital?

— Esse hospital atende por dia a 2.500 casos de emergência, a maior média do Rio. Desses casos, se 2.499 são bem atendidos e um, muitas vezes pelo desconhecimento do leigo, acha que não foi bem atendido, é esse um que pesa e que é divulgado. No entanto, temos milhões de cartas de agradecimentos que, por ética, não publicamos. Temos até uma placa na portaria da emergência que foi colocada por um ex-paciente do hospital, em agradecimento. Isso ninguém vê.

Há muitas queixas contra a higiene do hospital.

— Nós temos um contrato com uma firma de limpeza que presta esse serviço ao hospital 24 horas por dia. São 120 pessoas trabalhando diariamente na limpeza, e que fazem toda a dedetização da casa. O contrato com essa firma é super-rigoroso e se uma de suas cláusulas não for cumprida há rescisão.

Mas dizem que há baratas na comida.

— Baratas aparecem até na nossa casa, tem em todo lugar. Na comida é impossível. Como a mesma refeição dos funcionários da casa e, sinceramente, não tenho queixas.

Dizem, ainda, que falta material básico no hospital, como por exemplo, fio de sutura.

— Absurdo. Você acha que vai entrar um paciente na sala de operação sem ter fio de sutura? Como é que ele vai sair, todo aberto? A crítica que você está nos trazendo não é a crítica construtiva, é a crítica detalhista do profissional da crítica.

Há quem diga que falta medicamentos no hospital.

— Não, o que existe aqui é padronização medicamentosa que obedece à prioridade das necessidades. Temos os medicamentos básicos e essa padronização atende em cheio às necessidades terapêuticas preconizadas pelas unidades de serviço.

Todos os funcionários têm direito à comida do Hospital?

— Todos desde que estejam trabalhando em período que englobe refeições. Nós temos dois refeitórios, um para o pessoal de nível superior e outro para o pessoal de nível médio. Isso não é discriminação, porque a comida servida em ambos os refeitórios é a mesma. A separação visa somente manter a hierarquia e a disciplina para o bom andamento do trabalho. Nesses refeitórios o sistema usado é o auto-serviço, a pessoa se serve de quanto quiser, e o cardápio é todo balanceado por nosso corpo de nutricionistas. Consta de: feijão, arroz, ovos, carne ou frango, massas, refresco e café.

Mesmo os serventes contratados pela firma de limpeza têm direito às refeições?

— Claro.

100.000

LEITORES EM TODO O BRASIL

anuncie no

REPORTER

RIO - TELS.: 253-5038 E 253-5077
SÃO PAULO - TEL.: 222-3103

No mês de maio, dê uma assinatura do REPORTER pra sua mãe.*

*LEMBRETE: AVÓ É MÃE DUAS VEZES.

CUPOM DE ASSINATURA

— Assinatura por 12 edições: 140,00
— Envie cheque nominal ou vale postal para:
Rua Miguel Couto, 134 - salas 1101 a 1104 - RJ - CEP 20.000
Você pode assinar o REPORTER, a partir do nº 0
Indique a partir de que número você quer sua assinatura..

Nome: ....

Profissão: ....

Endereço: ....

CEP:.......... Cidade:.......... Estado: ....

OU PELO TELEFONE: RIO - 253-5038 E 253-5077 - SÃO PAULO - 222-3103

1º de Maio

1. **Patrão paga quanto quer e cobra 40% de juros**
2. **A comida é cara, falta sal; criança nunca viu bolacha**
3. **Escola não ensina o aluno nem a assinar o nome**
4. **Pra chegar ao sindicato custa Cr$ 600**
5. **Funrural atende os pobres por último**
6. **Seringueiro não pode nem votar**

Seringueiro culpa governo pela miséria

Rubem Rebouças de Oliveira, seringueiro há 50 unos, morador na Colocação Canta Galo, município de Tarauacá, estado do Acre mandou uma carta, em maio de 1978 ao então presidente Geisel. Como não sabe escrever, gravou uma fita e deu na mão de antropólogos que fizeram com que ela chegasse, pelo menos, às redações de alguns jornais.

(Batendo com os dedos na mesa e em voz baixa)

Não sei se eu... eu cumprimente ele premero, pra podê...

Boa noite presidente da Nação, general Ernesto Geise.

Eu venho, pelo meio desta cumprimentação, de um caboco brasileiro nascido no estado do Acre, venho lhe cumprimentá, dando os agradecimentos da fita passada que gravei na presença do Delegado Geral do Ministério do Trabalho do Acre e o doutor do Incra de Cruzeiro do Sul.

Eu pedi também na fita passada que o senhor estava sentado de costa para o estado do Acre. O senhor virasse, sentasse de frente e olhasse as nossas condições do triste selvage seringueiro. Portanto, eu aviso para o senhor que o senhor ainda não sentou-se de frente mesmo para o estado do Acre. O senhor tá de banda ainda.

Pois o seringueiro aqui ainda não tem... já tem a garantia, e tal, mas é preciso ir lá no sindicato. Entonce nois pagamo muito caro as passage dos altos rios pra ir em Taroacá, lá à presença do presidente da nossa sociedade.

Entonce é preciso para a milhoração da vida dos seringueiro, a inviol ação do produto, é preciso que o senhor... arrume a comperativa pra comprá nossa borracha mesmo na cidade de Taroacá. Ou mesmo que não queira arrumar a comperativa, dê permissão ao seu Manoel Pedro de Oliveira (usineiro) vim comprá toda nossa borracha aí na cidade de Taroacá pelo preço... pelo preço das lei.

Entonce o senhor pode tabelá essa borracha, que o senhor é presidente da Nação, pode tabelá essa borracha! O senhor pode mandá fazê, tabelá todas as despesa, fazê... quanto é que faiz de despesa e tudo e vê quanto é que chega pra nois. Mas não o patrão pegá nosso produto aqui e levá e dizê: "eu só pago por tanto, o resto é pras despesa; eu só pago por tanto e num tem quem faça eu pagá a mais". Que é que nois pode fazê? se nois se põe a duro, o que eles inventam logo é a PM (Polícia Militar) à nossa frente.

Entonce o senhor deseja sabê qual é o fracasso do desfalco da borracha do Vale do Amazona, do Amazona e do Acre? O desfalco da borracha é muito simpre! Agora, o senhor procura sabê e o cara vem. Chega na cidade, num fala com triste seringueiro, só fala cum patrão, isurpador do nosso produto. Nois não pode ir adonde o senhor está. Nois num pode ir em Belém, nois num pode ir em Brasília, nois num temo documento, num temo dinheiro, né, que o nosso documento é mais é o dinheiro, né, que se... nois sem o dinheiro... o senhor não dá nada pra nois! Nois aqui não recebe nada dado pelo governo.

Se nois quer tomá... uma doença, uma dor de cabeça, vamo tomá uma piula, é Cr$2, Cr$3, uma. Uma piula pra verme custava o ano trazado Cr$11. Uma casa que nem a minha que tem um horror de filho, eu vou comprá piula pra verme pra todos esses menino? Vai se acabá o produto que eu faço no verão. Uma piula, uma piulazinha, uma iscaradil, é Cr$11! Por aí o senhor avalie o preço da mercadoria aqui comé que tá.

Entonce o senhor anda atraiz de sabê do disfalco da borracha. O disfalco é esse: é porque nois já temo trabalhado demais, que veve ismorecido e não temo auxilio do patrão. Nois roça estrada, compra atensilio, compra machado, compra terçado, faca de seringa, balde, bacia, toda atensilio, corda de balança e tudo, e vamo trabalhá.

Tá certo que agora já chegô o sindicato com essa lei de 20%...10% de renda. Porque, certo, os 10% é bom pra quem faiz pouco, mas pra quem faiz muito? Tirou do trabalhador pra dar pro malandro. Porque quem faiz 300 quilos, paga 30. E quem faiz mil e tanto? Paga cento e tanto. Pramim, pro meu pensá, que eu sô muito inguinorante, durmo pouco e penso muito.

Mas eu, se todo o seringueiro concordasse comigo, me desse qualquer auxilio, eu ia lá na presença do presidente da Nação.. que eu penso que nois somo caboco mas pode conhecê também o chefe da Nação... Por que nois somo selvage? Não. Tá certo. Mas isso é o menos. Samo brasileiro. Aqui cortando seringa não tem nenhum estrangeiro, nem um peruano não tem. Agora, pra isurpá o suor dos seringueiro vem gente de muito longe, dos outros estados, do estrangeiro...

Se a gente adoece, vai, sabe que... agora tem o Funrural. Graças a Deus, também tem o Funrural, dianta muito. Mas também, a gente quando vai se tratá por conta do Funrural... eh! Aquilo ali... chega lá, o outro que tem dinheiro se trata primeiro. E o cara que tá mais precisando de sistência médica vai por derradero atendido. Porque não tem dinheiro, é conta do Funrural...Aquilo o Funrural ainda vai pagá.

Eu tô na seringa desde 10 anos (tem 60), sô inguinorante, mas tirei meus documento, tudinho. Tudo não, que falta o título de eleitor. Mas também, esse aí é documento que eu vejo dizê, só quem é cidadão tem título de eleitor. Mas nois seringueiro, quê dizê, que nois num samo cidadão brasileiro porque nois num tem banca eleitoral aqui nos altos rio, pra mode nois dá o nosso voto. Nois não pode sair daqui porque os partido não dá auxílio. Agora, tivesse uma banca no Seringal Universo, outra no Seringal Alagoas, outra na foz do rio Jordão, ali já dava pra nois, ficava perto. Mas pagá Cr$500, Cr$600 só de passage...

E bem. Vou começá o assunto de voltá a produção que já deu o Acre e o Amazona. O presidente da Nação, pro senhor voltá, a produção, o senhor anda atraiz de sabê... o que precisa, né? E o que precisa é assistência de alimentação pro triste seringueiro. Sistência médica. Mas médico que venha atendê os pobre direito. Precisa tabela no preço da mercadoria e tabela no preço do nosso produto. Porque se não for assim nois tamo todos dispostos a deixá de cortá, porque não tá dando mais. A seringa aqui do preço que os patrão querem não tá dando mais.

Eu não sei, né, eu andei em Rio Branco (a capital do estado) uma vez, comprei umas coisa na Cobal. Mas tem patrão dizendo: "não, na Cobal não vem nada, na Cobal só vem bolacha; bolacha não é pra seringueiro, é pra cidade". Oi! Que dizê que seringueiro num... tem menino no seringal que nunca viu uma bolacha, não sabe o que é... não sabe se é pra comê ou brincá...

Tudo isso se dá, presidente, aqui nas mata do Acre. Porque o senhor, acho mesmo que o senhor também é muito culpado disso. Porque o senhor devia mandá fiscal... homem de critério pra fiscalizá a nossa situação. Mas os fiscal de hoje em dia, o senhor tá vendo, só fiscaliza a casa do patrão. Entonce o patrão não vai dizê a nossa má situação. O óleo comestive sabe a que preço tá? Cr$48. Agora a borracha e Cr$20 (o quilo). O patrão pega e vende por Cr$30. Se o patrão dá um empréstimo, a comissão dele é 30%, 40%. Eu penso que é demais. Porque eles não pagam isso pro banco.

O óleo custa Cr$48 no seringal mais barato, o Alagoas. Da cidade pra cima do rio é o seringal de mais conforto que tem pro seringueiro, de mais sistência. E tem tempo que a gente num tem nem óleo nem sal. Sem o senhor tomá intitude com esses preço, nois não pode vivê. Nois ismorece mesmo... olhe, nosso filho num sabe o que é o calçado. Os filho do patrão tem 4, 5 calçados. E a escola pro nosso filho? Em algum seringal, como no Alagoas ainda tem o posto de escola, mas pra outros precisa viajá até 12 horas pra escola. E pensa que os menino aprende alguma coisá? Que não é nem pra formá, é só pra assiná o nome. Mas a aula dura uns dois meis por ano. Nem prova os menino fazem. O professor mesmo faiz, pra enganar, e vai embora, recebê o salário. Como o menino vai sabê sem nem fazê prova? O seringueiro é a crasse mais anarfabeta do país, tá em premero lugar.

E a produção todo tempo descendo. E o senhor não sabe porque é, né? Pois a produção desce é porque os pessoal tão deixando o seringal. Por que a borracha só dá valor pro patrão. Entonce os seringueiro tão indo ser barranqueiro, colonheiro, carregador de carga na cidade. O senhor não se interessa, não é? Pelo nosso suor. Que nois não pode se interessá, pois nois não tem força. Porque se nois tivé força...

ESPERTAS

Congelamento não tem pai

Anunciada como a grande medida em favor do consumidor, o congelamento de preços nos supermercados acabou virando "filho feio" do pacote antiinflacionário e agora nem empresas, nem governo querem assumir a paternidade. A proibição de reajustes, que era para ser para "todos os produtos vendidos nos supermercados", deverá se limitar a artigos já controlados pelo Ministério da Fazenda através da lista CIP/Sunab.

No entanto, nem mesmo esses produtos permaneceram com preços estáveis, porque como o CIP (Conselho Interministerial de Preços) já tinha autorizado aumentos para o atacado e as indústrias não querem abrir mão deles, estas altas serão repassadas para o consumidor.

A notícia de que os preços dos produtos vendidos nos supermercados seriam congelados durante 60 dias foi divulgada pelo governo como uma idéia dos empresários para ajudar no combate à inflação. Entretanto, dias depois o dono das Casas Sendas, Arthur Sendas, a desmentia e afirmava que a decisão fora apresentada aos supermercados como um fato consumado.

E o que era para ser congelamento passou a resfriamento, já que os donos de supermercados afirmam que seu compromisso é de evitar altas nos preços, "mas isto não significa que nada vá subir neste período", diz Joaquim de Oliveira Jr. dos Supermercados Leão.

Além disso, ao invés de serem todos os produtos vendidos, agora já se fala em apenas artigos de primeira necessidade industrializados ou beneficiados, excluindo desde logo os hortigranjeiros, que, afinal de contas, têm sempre sido acusados de serem os causadores da inflação.

Mas não é só isso. Um estudo realizado pela Cobal (empresa do governo) verificou que os supermercados estão localizados apenas em bairros de maior poder aquisitivo e quando vão para a periferia, se limitam às suas áreas "ricas".

Assim, a medida que deveria beneficiar o povo, acaba sendo benéfica apenas para as classes média e alta. O pobre continuará comprando nos armazéns, onde os preços não estão "congelados".

A fiscalização do "congelamento" cabe à Sunab, mas seu superintendente, general Glauco Carvalho, já disse que o órgão só pode multar aumentos em preços de produtos tabelados; nos de congelados, o comerciante será apenas advertido e seu nome enviado ao Ministério da Fazenda.

Na Fazenda, as ameaças são de corte de crédito na rede bancária, mas se o comerciante alegar (e comprovar) que o reajuste foi da indústria, o assunto muda de alçada e será o industrial então que terá que se explicar. Enquanto isso, o consumidor continuará pagando mais caro por aquele produto.

Mas a descoordenação entre os órgãos do governo não pára na falta de poder da Súnab de fiscalizar efetivamente o congelamento.

Apesar de ter sido "desaconselhada" pelo Ministério da Fazenda, a Sunab resolveu elaborar uma lista de 70 produtos que ela considera de primeira necessidade e acompanhar seus preços nos supermercados. Mas ao invés de se basear na lista CIP/Sunab ou em uma relação de gêneros de maior consumo, o "listão" da Sunab contém ítens como requeijão em copo, iogurte de frutas, leite Longa Vida, "Waffer Tostines", café solúvel, sopa "Campbell's" e azeitonas verdes. Contudo, os técnicos "esqueceram" o extrato de tomate, o papel higiênico tipo popular, o leite em pó, os biscoitos e a sopa em pacote, só para citar alguns, que são produtos de muito maior consumo popular.

Moema Coelho

Um pisão do guarda quebrou a perna de Lauro

PM pisa e quebra grevista

Lauro Brás da Silva, operário da Ford, estava indo pra casa, depois da assembléia no Paço, uma das dezenas de assembléias da greve dos metalúrgicos do ABC, SP. Era 24 de março Lauro conta:

— Fui para o ponto da rua Marechal Deodoro e nesse momento a polícia vinha atacando os operários e estudantes que saíam em passeata. Vendo que não dava pra passar, devido às bombas e às porradas que todo mundo estava levando, disse a meu cunhado pra gente dar a volta e tomar o coletivo em outra rua. Não tínhamos intenção de ir à passeata, queríamos apenas pegar o ônibus mais vazio e sair daquela guerra covarde imposta pela polícia.

— Mas não deu tempo — continua Lauro, deitado na cama. Tivemos que correr. Me perdi do cunhado e me escondi, com outros num terreno baldio. Ficamos lá. Quando parecia não ter mais policial, fomos saindo devagar. Outros correndo. Quando estava numa travessa da rua Marechal Deodoro, em direção ao ponto de ônibus, bateram nas minhas costas com um mosquetão (fuzil AR-15, da polícia). Bati contra um muro, violentamente. Não consegui levantar e senti fortes dores nas costas. Nesse momento, veio um PM, acho que da Tropa de Choque, e pisou na minha perna esquerda com muita violência.

— Graças a Deus, um rapaz e a namorada viram tudo e me levaram de carro pro pronto-socorro. Aí deu o resultado: fratura no fêmur. Do pronto-socorro me levaram pro Hospital Brasil, em Santo André. A moça foi segurando minha perna pra não agravar o ferimento.

No hospital, Lauro contou o que tinha acontecido. Os funcionários comunicaram-se com a polícia para o fato ser registrado e tiveram a seguinte resposta: nada ia ser feito, pois era um caso relativo a greve. Não ia ser registrada nenhuma ocorrência. No Pronto-Socorro de São Bernardo, por onde Lauro passou, também não foi registrada a agressão.

Ele ficará engessado três meses, imobilizado na cama de solteiro, que antes foi de sua filha Raquel, de 9 anos, no único quarto de sua casa sem estuque e bastante úmido. O único dinheiro da família — a mulher Lidia, e outras duas filhas, Silvana, 7 anos e Viviane, 2 — são Cr$ 1 mil, a última remuneração de Lauro.

Os primeiros 15 dias de cama foram pagos pelo seguro da Ford e os outros 75 são por conta do INPS. (Ele tem direito a receber, nesse período, 50% de seu salário que é de Cr$ 6.500). Mas, por enquanto, Lauro não tem certeza quando vai receber alguma coisa daquele órgão porque até agora o médico de lá não foi examiná-lo. E, antes da visita do médico, o INPS não pode fazer nada. Além da falta de dinheiro, Lauro acha que pode ser até despedido, se a Ford quiser. Só em São Bernardo, 340 operários de médias e pequenas empresas já foram demitidos depois que os metalúrgicos suspenderam a greve de março.

Grandes indústrias, como Volkswagen, Ford, dizem que ficarão com essa mão-de-obra, mas até agora os operários demitidos não foram chamados e quem é chamado fica horas e horas esperando.

Valmir Salaro

Coca-Cola quis entrar até no quarto estrato

A Coca-Cola fez um refrigerante à base de leite de soja, tentando beliscar parte da verba de Cr$ 520 milhões destinada pelo governo para o Projeto de Proteínas para Assalariados de Baixa Renda, da Legião Brasileira de Assistência. O novo produto testado no Vale do Jequitinhonha, Minas, uma das regiões mais pobres do mundo (100 dólares anuais de renda per capita). Distribuído de graça, o refrigerante não agradou nem aos subnutridos e, por esse motivo, a Coca-Cola desistiu do projeto.

População de baixa renda, também chamada de "quarto estrato", é o contingente de 30 milhões de brasileiros que vivem na miséria absoluta, conforme estatísticas da Fundação Getúlio Vargas. Quem também pesquisou o problema foi a LBA. Começou por Nova Iguaçu, Rio, onde foi constatada falta de proteínas em 60% da população de 700 mil pessoas.

Há 17 meses a LBA colocou em ação um Programa de Complementação Alimentar, orçado em Cr$ 227 milhões, através do qual distribui comida para gestantes, recém-nascidos e crianças até 3 anos. Brasília, Minas Gerais e Baixada Fluminense são os primeiros lugares atingidos pelo programa: 200 mil mulheres e crianças recebem, por mês, 2 quilos de mistura de sopa (mulheres), 2 quilos de mistura de mamadeira (recém-nascidos) e dois quilos de vitamina (crianças até 3 anos).

Tim Lopes

Um dos maiores músicos deste país, Sivuca, está se apresentando, até o dia 13 deste mês, no Teatro Clara Nunes, Rio de Janeiro. Um *show* da pesada, com música que a gente quer e gosta de ouvir. E acompanhado por quatro músicos da melhor categoria: Cláudio Jorge, violão; Ivan Machado, baixo; Teo Lima, baterista; e Agenor, percussionista.

O *show* de Sivuca no Rio de Janeiro começou na Sala Funarte mas começou a ir tanta gente que o local ficou pequeno. Aí, mudou-se para o Clara Nunes, bem maior. As músicas contagiam, Sivuca idem, e todo mundo pede bis. Sivuca brinca com a escala musical, deita e rola nos instrumentos. E, para compor, aquela cara boa toda a vida.

Chico Júnior

ESPERTAS

Abril acaba com patrão

Uma circular assinada por Vitor Civita, dono da Editora Abril, solicitando aos jornalistas da empresa que deixem de usar em suas matérias a palavra patrão, substituindo-a por empresário, correu as redações das revistas no dia 24 de abril. A razão de tal solicitação se deve ao fato da palavra patrão ter sentido pejorativo e ser um termo antigo, que já caiu em desuso. O interessante é que o dia em que o documento circulou nas redações coincidiu com o pronunciamento do ministro do Trabalho, Murilo Macedo, que afirmou não haver lugar no Brasil para luta de classes, devendo os sindicatos serem apolíticos. Coincidência ou não, a atitude do senhor Civita em querer acabar com a luta de classes abolindo a palavra patrão de seu dicionário, significa confundir conteúdo com palavra, o que na filosofia da linguagem é sintoma de "desvio do ponto metonímico", e na prática é esconder o sol com a peneira.

Vera Lúcia Dias

Cocadinhas servidas no banquete

O colunista Ibrahim Sued, que voltou a ser incluído na lista de convidados do Itamaraty, descobriu uma fórmula de atender aos pedidos de suas "cocadinhas" (as jovens grãfinas que freqüentam sua coluna) interessadas em participar da recepção de Figueiredo e do chanceler Schmidt, da Alemanha. Ibrahim mandou oferecer aos repórteres que receberam convites para a festa nada menos do que a companhia das lindas mulheres cariocas. Como o convite dá direito a companhia, tudo estava arranjado, até que um dos repórteres recusou a oferta e encarregou-se de divulgar o fato.

Sérgio Danilo

Foto de Bruno Barbosa

Marcelo vai para o congresso da UNE

Estudantes informam que a UNE vem aí

Marcelo Barbieri é um dos estudantes que vai participar do 1º Congresso da UNE — União Nacional dos Estudantes — desde que ela foi fechada pelo governo, em 1968. Já em 1964 a UNE foi atacada fisicamente, quando sua sede, o Clube Germania, no Rio, foi queimada. Nos quatro anos seguintes a entidade funcionou como pôde, até que seus líderes foram sendo mortos, presos e exilados. Finalmente, em 1972, a UNE se declarou extinta.

Os estudantes que agora querem reorganizar a UNE, como Marcelo, de 22 anos, tiveram pouco ou nenhum contato com os líderes de 68, como Vladimir Palmeira, Luis Travassos, Zé Dirceu, Jean-Marc. Nem mesmo o último presidente, Honestino Guimarães — desaparecido e provavelmente assassinado por forças policiais em 1973 — ficou conhecido pelos estudantes de hoje.

Inaugurando também um novo clima nas relações com o governo, os estudantes foram até Brasília, contar pra todo mundo sobre o seu congresso. Tiveram até a ousadia de convidar o presidente Figueiredo para o primeiro dia de reunião e pedir ao Ministério da Educação verba de Cr$ 500 mil para as despesas. O ministro recebeu os estudantes, com reservas. Todos eles estavam vestindo camisetas com a inscrição "A UNE vem aí", igual à que Marcelo exibe na foto.

Marcelo acredita que o congresso não será reprimido pela polícia, mas sua opinião não é compartilhada por estudantes mais experientes, que prevêem dificuldades. Acreditam alguns que a cidade-sede, Salvador, poderá ser cercada por tropas para impedir o acesso dos estudantes. De qualquer modo, os universitários não pretendem desistir da idéia de eleger um novo presidente nesse congresso e voltar à ativa com força total, revivendo os grandes momentos da UNE do passado: a campanha para o Brasil entrar na guerra contra os nazistas, a campanha "o petróleo é nosso", a criação do CPC-Centro Popular de Cultura — que deu impulso definitivo à arte dramática brasileira, revelando autores como Oduvaldo Viana Filho, Gianfrancesco Guarnieri, João das Neves, etc. etc.

Alex Solnik

Ô Dércio, cuméquié, tudo bem? Dércio Chiconello, capitão da PM, assessor de Imprensa do secretário da Segurança Pública de São Paulo, jornalista da Agência Folhas à noite, passou por nós num Gálaxie preto, chapa oficial. Nós já o conhecíamos, mas ele, naquele dia, se comportou como se nem nos conhecêssemos. Procurou ser o mais formal possível. É lógico: estava com motorista particular e ainda por cima fardado, cheio de estrelinha no ombro.

Após alguns pigarros ele limpou a garganta e perguntou rindo:

— Vocês, onde é que estão?

— Por aí, por aí. E você, continua na Secretaria da Segurança?

Disse que sim. Arriscou se ainda estávamos trabalhando no Movimento.

— Não, Dércio, agora estamos no REPORTER, dissemos.

Sua resposta:

— Ah, é tudo a mesma bosta. Tanto em um como em outro tá cheio de patrulheiro ideológico.

E saiu dando gargalhadas no carro oficial.

Rivaldo Chinem e Amâncio Chiodi

Querem transformar o psicólogo em mais um policial da sociedade. A iniciativa partiu do Ministério da Educação e Cultura e vinha sendo cozinhada em fogo brando desde 76, ano em que o MEC designou a formação de uma comissão do Conselho Federal de Educação (CFE). Em 77, formou-se uma nova "comissão especial", desta vez do Departamento de Assuntos Universitários (DAU-MEC). As duas comissões tinham por objetivo estudar um novo "projeto de currículo mínimo de Psicologia", que, se for implantado, será uma espécie de bíblia desta matéria, obrigatória em todo território nacional. E agora parece que resolveram implantar a toque de caixa este novo catecismo. Foram marcados para março de 79 os primeiros passos neste sentido, o que provocou o protesto de grande parte dos profissionais e estudantes de psicologia. Deixemos falar o próprio projeto do DAU-MEC

— Reconhecimento da crescente importância das contribuições que oferecem os psicólogos como **profissionais especialmente preparados para (...) a ação corretiva** (pág. 1).

— Ação preventiva dos psicólogos para impedir o agravamento de problemas, notadamente em domínios como delinqüência, tóxicos, alcoolismo, desvios sexuais (homossexualismo, prostituição, etc.), desvios ideológicos e terrorismo (pág. 3 e 4).

— Emprego de psicólogos nas chamadas "áreas de problemas sociais" — junto a delegacias de polícia, prisões, casas de menores; asilos, hospitais, tribunais e juizados de menores (além das citadas acima — pág. 9)

— O psicólogo deve enfrentar e moldar a mudança social. (pág. 5)

Os autores do projeto demonstram, assim, que entendem a coisa da seguinte maneira: fulaninho matou, ou roubou, ou etc... porque não teve mãe, ou porque brigou com a namorada, ou qualquer coisa do gênero; e não porque passa fome, vive na miséria, sem emprego e salário decentes e nem teve acesso aos estudos, etc. etc. etc...

Ênio Oliveira

Ministros brigam e só querem aparecer

Os ministros do general Figueiredo são como os jogadores do Cosmos, aquele time de futebol do Pelé nos Estados Unidos: todo mundo quer aparecer, mas ninguém joga pro conjunto.

O Ministro da Fazenda, Mário Henrique Simonsen, por enquanto está prestigiado pelo ministro-chefe da Casa Civil, general Golbery do Couto e Silva, que é o dono da bola e não abre. Simonsen quer jogar na retranca, apertando todos os parafusos da economia pra derrotar a inflação e os outros, quase todos, preferem se mandar pro ataque, que é pra mostrarem jogo e, quem sabe, desbancarem o técnico e o capitão do time. Cada um, entretanto, tem o seu próprio objetivo.

O de Simonsen é conter a alta de preços e se afirmar realmente como uma espécie de ministro da Economia. Ele já sabe que, se a inflação continuar acima dos 40% até o fim do ano, seus poderes estarão ameaçados e ele pode até cair. Afinal, agora ele controla todos os meios necessários a reduzi-la e, se não conseguir, é por incompetência mesmo.

Já os ministros da Agricultura, Delfim Netto, e do Interior, coronel Mário Andreazza, que pertencem ao grupo do ex-presidente Médici, querem mesmo é desalojar a dupla Golbery-Simonsen do Palácio do Planalto. Numa recomposição ministerial, eles assumiriam o comando do poder, junto do general João Batista que, como todos sabem, reina mas até agora não governa. Quem manda mesmo é o Golbery.

Andreazza quer o poder para influir na sucessão de Figueiredo; Delfim quis ser governador de São Paulo, não deixaram, quis ser ministro da Fazenda, não deixaram, e ele foi mesmo pra Agricultura, garantindo, pelo menos, um lugar no governo.

O ministro da Fazenda, Karlos Rischbieter, fica em cima do muro entre os dois grupos. Como ministro da Fazenda está obrigado a derrotar a inflação, mas suas pretensões políticas também não podem ser comprometidas por um aperto geral na economia: ele, que é ligado ao grupo do ex-ministro da Educação, Nei Braga, quer ser governador do Paraná.

O Ministro do Trabalho, Murilo Macedo, não pode apoiar muito o arrocho contra os preços e salários porque pretende governar São Paulo e tem que formar eleitorado — Figueiredo prometeu eleições diretas pra governador em 1982. Assim, ele vai maneirando pra ver se agrada gregos, troianos e metalúrgicos.

Esses são os ministros mais importantes. Alguns outros, menos votados, também têm suas conveniências. O da Indústria e Comércio, Camilo Pena, tem um olho no governo de Minas, embora seu sonho mesmo fosse ser ministro das Minas e Energia. O ministro das Minas e Energia, César Cals, por sua vez, como bom político nordestino — ele é cearense —, quer amealhar votos com as minas e a energia que dispuser para se candidatar a alguma coisa. Ele não esconde de ninguém que tem no ministério objetivos políticos e, na área mineral, pretende fazer uma política regionalista que agrade aos eleitores do seu torrão natal.

Luiz Alberto Bettencourt

Foto de Chiquito Chaves

Manoel e a cachorra Dicá

Se não fosse a cachorra, passava fome

— Sou revoltado sim. Só não sou revoltado contra Deus.

A pele enrugada, bem enrugada, do velho Manoel Antônio da Silva, nascido em 1907, em Montes Claros, Minas Gerais, mal dá para cobrir os ossos. Ele tem lembranças do campo, das vacas e da capina que um dia trocou pela vida na cidade grande.

— Era muito trabalho e pouco dinheiro. Exploração. E cada vez a coisa está mais preta. É a maior dificuldade para se comer um pedaço de carne. A minha única esperança é lutar até o fim. Não fumo e não bebo porque sei o mal que faz.

Na apertada rua São Cristóvão, embaixo do viaduto, bem ao lado do clube do mesmo nome, que têm como única glória ter sido campeão carioca de 1933, mora o velho Manoel com sua cadela Dicá.

— Ela vive de mim. Tudo que eu ganho divido com ela. Comprei uma correinha nova, tá vendo?

A cadela abana o rabo e joga as patas dianteiras quase no peito do velho, que a acaricia. Afinal de contas, quando Manoel não consegue vender laranjas em sua carroça quem tem dado sustento, já há alguns meses, é Dicá com suas crias.

— Teve cinco filhotes em janeiro. Enrolei num pedaço de jornal e de manhã bem cedinho fui para a praça dos Paraíbas (Serzedelo Correia), Copacabana. Vendi por 200 cruzeiros cada um. Quase que um PM me estraga o negócio. Mas aí eu falei pra ele dá um tempo. Quando acabei de vender todos os cachorrinhos botei 100 cruzeiros numa caixa de fósforo e adiantei pro guarda.

Como você veio de Minas?

— Passei três anos preso por um crime que cometi, lá em Montes Claros, por causa das terras da minha mãe. Mas saí por bom comportamento. Aí resolvi andar no mundo. Deixei a mulher e seis filhos, pra um dia voltar mas até hoje estou por aqui. Vim a pé desde lá. Cheguei primeiro em São Paulo e depois vim direto para Volta Redonda, onde trabalhei na Siderúrgica. Depois, meu filho, a minha vida começou a dar tudo errado. Não vale à pena nem contar. É só tristeza.

Tim Lopes

ESPERTAS

Os alunos da Faculdade de Comunicação Social Casper Líbero, diante do aumento de 100% pedido pela escola ao MEC (ainda não aprovado, mas já cobrado em parte pela escola), resolveram boicotar o pagamento das mensalidades, só aceitando um reajuste de 38%. No dia 18, data do vencimento, ninguém foi pago.

Dia 18 era também o dia em que Joaquim P. da Rocha, presidente da fundação mantenedora da faculdade e atual presidente do Banespa, o segundo banco do país, deveria responder a carta-aberta dos alunos, onde era exposta toda a questão. Como Joaquim P. da Rocha nunca vai à fundação, um grupo de alunos esperou duas horas na ante-antesala do seu escritório, para ouvir de sua secretária um manjado "não tem nada na agenda e ele esta muito ocupado".

Mais algumas horas de espera e conseguiu-se marcar um encontro com o Joaquim P. da Rocha para um sábado, dia 21, às 20 horas, durante a formatura da turma de 1978. O presidente da fundação não apareceu.

Salvou-se de ouvir alguns discursos de formandos e professores contando o que aprenderam na faculdade: subserviência, autocensura, repressão, etc.

Mas a caixa da faculdade também continua vazia em mais de um milhão de cruzeiros, o que tem preocupado os responsáveis pelas finanças da escola. Eles, tentando driblar o boicote, trocaram o local de pagamento do guichê da escola para dois bancos e estenderam o prazo até 30 de abril.

E, por falar em omissão, o eterno ausente diretor da faculdade, Eugênio Malanga, apareceu para sumir logo depois, entrando de férias justamente no auge da briga. No que faz muito bem porque sua aparição foi desastrosa. Localizado no saguão da faculdade, no final do expediente, Malanga foi cercado pelos alunos que exigiram uma reunião para esclarecer os problemas da escola. Em princípio, Malanga recusou, mas diante da pressão cedeu uma reunião com 10 alunos. A tal reunião durou quase três horas e foi presenciada por mais de 200 alunos que virtualmente massacraram o diretor, que não teve respostas para as queixas.

A raiz de todo o problema está no fato de que os dirigentes da Fundação Casper Líbero — uma entidade beneficente — são todos empresários, que só admitem caridade para abater no Imposto de Renda.

Querem transformar a Faculdade num negócio lucrativo, como todo o ensino pago no Brasil mantendo as vantagens de uma Fundação (isenção de impostos e coisa e tal.).

Se a coisa pega, a Casper Líbero pode passar de escola gratuita (até 1968) para uma das escolas mais caras do Brasil.

Eduardo Correa

Índio denuncia empresário

Um poderoso grupo econômico do Paraná — dono de 450 mil hectares de terra e seis seringais no Estado do Acre — está tentando tomar dos índios caxinauás os dois únicos seringais que eles têm e dos quais depende a vida de 600 pessoas.

Raimundo Ramos — gerente do grupo (Companhia Paranaense de Colonização Industrial do Acre) — diz que tem o contrato de compra e venda das terras onde estão os seringais dos índios, mas não a escritura definitiva. Mais que documentos, ele tem o apoio do irmão — gerente do Banco da Amazônia, que financia os projetos da região — e a força de quem já foi prefeito do município de Tarauacá.

Os índios, habitantes há mais de 100 anos às margens dos rios Jordão e Humaitá, não têm ninguém para defendê-los, nem mesmo a Funai, que faz vistas grossas e até agora não demarcou as terras indígenas, o que estava previsto para ser feito até 1977.

Desesperados, dois caxinauás — Alfredo Soeiro e Vicente Sabóia — viajaram clandestinamente ao Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília para contar seu drama aos brasileiros:

Alfredo: — Viemo aqui tratá esse assunto da nossa terra. Tá acontecendo muita coisa contra nóis lá, ameaçados de botá fora. Antigamente, nóis morava nessa terra toda e botaro pra correr à custa de bala. Já corremo tanto que fiquemo ali, num pedacinho, na fronteira. Minha vinda aqui é pra sabê como é que nóis vamo ficá com essa terra. Lá, os patrão tão dizendo que a Funai não vale nada. É por isso que nóis viemo aqui, pra sabê certeza, levá orientação lá pra minha gente. Patrão tá meaçando matá, soltá bomba em cima de nóis, fazê falseiro com nóis.

Vicente: — Patrão diz lá que a Funai não é dona de nada. Diz que o seringal dele foi financiado pelo Banco da Amazônia e diz que, portanto, nóis num tem direito. Ali é nossa terra e dono samos nóis. O recurso que nóis tem é seringa. Do jeito que tá, nóis tamo passando muita dificuldade. Olha, pra nóis num tem mercadoria e não tem remédio, nossos parentes tão tudo doente, dá muita doença lá. Antigamente, quando nosso avô morava nessa terra, índio num morria de febre, num dava desinteria, num dava catarro. Doença de índio era só dor de dente, algum tumor, alguma queda que a gente pega, a doença que índio tinha. Mas depois que esses branco entraro, as doenças pareceram e num tem remédio pra gente tomá. O meu avô me contava assim: pai de meu avô vivia assim nu, na mata. O serviço dele: botá um roçado pra prantá roça. Mas num trabalhava pros brancos, né. Trabalhava só mesmo pra comê. E pescá, caçá... Mas agora, depois que os brancos entraro e começaro a invadir as terra, aí que depois tomaro as terra, você sabe, nenhum índio sabe ler, num sabe escrever, num sabe o que é ruim, o que é bom, então nesse tempo ninguém num sabe direito da nossa terra. Diz que era eles que tem direito das terras, então eles ficaro com as terras. Depois amansaro mais nóis, amansaro e botaro pra trabalhá. Só trabalhando pra ele, pra ele, até que eles ensinaro a trabalhá na seringa. Agora diz que de hoje por diante num pode tirá nem um quilo de borracha pra vendê fora, só pra ele.

Iara Reis

Foto de Iara Reis

Alfredo e Vicente contam seus dramas

SD assalta com contrato e mata com habite-se

Já estava demorando muito acontecer uma tragédia nos domínios do sr. Sérgio Dourado. A menina Clarissa de Porte Kemel, de um ano e sete meses, filha de Nasser Kemel, despencou do décimo primeiro andar do conjunto imobiliário Riviera Del Fiore, na avenida Sernambetiba, na Barra da Tijuca, na tarde do dia 18 do mês passado. A morte de Clarissa foi provocada porque a varanda do apartamento não tem murada e o próprio conjunto não tem o **habite-se**. A televisão Bandeirantes foi o único órgão de informação a dar a notícia, assim mesmo com reservas, sem citar o nome do dono do negócio.

Um depoimento dos condôminos do Riviera Del Fiore foi lido na missa de sétimo dia em memória de Clarissa, tendo sido convidada a diretoria da imobiliária. Os principais trechos do depoimento são os seguintes:

"No dia 30.11.78, a Sérgio Dourado enviou carta a todos os condôminos do Riviera Del Fiore, declarando pronto e concluído todo o empreendimento.

Apesar dos inúmeros protestos, que constavam ser inteiramente falsa a hipótese da conclusão das obras, a Sérgio Dourado passou a cobrar, de cada adquirinte, prestações da ordem de Cr$ 20 mil mensais, já agora acrescidas de juros, além de exigir o pagamento de uma cota de condomínio no valor de 70 mil.

Diante dessa inesperada e irregular elevação das suas obrigações, muitas famílias, no sentido de descomprimir seus orçamentos, se transferiram para para o empreendimento, mesmo em condições precárias.

A momentânea negligência da empregada ou a possível "irponsabilidade" dos seus pais (que "não deveriam ter ido morar num prédio, em condições precárias de habitabilidade") só se tornaram fatais na medida em que se revelou terem sido inteiramente falsos os termos da carta de 30.11.78, dando como pronto e concluído todo o empreendimento, de forma unilateral, independentemente da vistoria dos adquirintes, contrariando as cláusulas estabelecidas em contrato, negligenciando normas técnicas de segurança e prevenção de acidentes.

Inobstante a Sérgio Dourado tenha impedido a divulgação da morte de Clarissa nos jornais e rádios e na televisão, com evidente intuito de abafar a repercussão dessa tragédia, sempre que possível os condôminos do Riviera irão revocar a memória de Clarissa, que evidenciou de forma contundente e dramática, as arbitrariedades do Sérgio Dourado."

Tim Lopes

SINDICAIS

Canudo da comunicação deixa jornalista na mão

Foi finalmente regulamentada a profissão de jornalista, com o **aprovo** de todos os sindicatos da categoria. Assim, os profissionais insatisfeitos com o texto do decreto-lei nº 83.284 não podem sequer se queixar de que esta é mais uma lei ditatorial.

Acontece que o decreto, um dos últimos baixados pelo general Geisel, bane da profissão todos os jornalistas que não são **profissionais**. E o que é um jornalista profissional? Segundo o texto da nova regulamentação é o cidadão que ostenta um diploma universitário fornecido por alguma das centenas de faculdade do ramo espalhadas pelo país. E só ele. Óbvio que os donos dessas espeluncas estão satisfeitíssimos, pois seus lucros vão aumentar ainda mais.

Pior, o decreto-lei atribui aos sindicatos a fiscalização do cumprimento das suas normas pelas empresas jornalísticas. Transforma-os na polícia da lei. E nem se diga que o termo é forte, porque o Sindicato de Recife já nominou todos os jornalistas que trabalham nos órgãos de imprensa locais ou sucursais que não são **profissionais** e exigiu a sua substituição.

No Rio, o Sindicato tem mais dignidade e apenas está processando uma emissora de TV porque emprega em um programa jornalístico pessoas que não são **profissionais.**

Tudo isso em nome do quê? Segundo um membro da diretoria do Sindicato carioca, em nome da melhor capacitação profissional. Querem todos, e por isso concordam com o decreto-lei, que o jornalista seja alguém à altura da função que exerce, claramente complexa nos dias de hoje. Mas será a obrigatoriedade de cursar 4 anos de faculdade de comunicação o caminho da capacitação profissional? A resposta óbvia é não, pois todo mundo sabe — principalmente os alunos dessas faculdades — que elas, em sua maioria esmagadora, não preparam ninguém para coisa alguma. Não ensinam o cidadão sequer a escrever o português segundo as regras gramaticais.

O diretor sindical concorda, mas acha que a partir da regulamentação que, inclusive, acabou com o estágio de formandos nas redações de jornais, rádios e televisões, a classe, unida aos estudantes, fará pressões pela melhoria do ensino.

Bolas, se até os médicos, aqueles que vão lidar com a saúde do povo, têm hoje uma formação profissional muito pior, justamente pela proliferação das faculdades particulares de medicina, como pensar que alguém vai conseguir que os donos de faculdades de comunicação aparelhem suas empresas de forma a capacitar os futuros profissionais de Imprensa? Ilusão.

Jornalista é o sujeito que enxerga, apura e transmite a notícia, seja em letra, foto, ilustração ou arte gráfica. Profissional é quem vive da profissão, sob contrato de trabalho permanente ou eventual. E para coibir que qualquer um virasse jornalista de um dia pro outro bastariam duas ou três exigências burocráticas, como carteira assinada, matérias assinadas, etc.

Está bem que é justa a preocupação com a elevação do nível técnico e cultural do profissional de imprensa. Para tanto poderiam existir normas, como, por exemplo, pisos salariais diferentes para profissionais que tivessem ou não cursos de capacitação teórica dentro de sua especialidade.

Quer dizer, formas não faltam de incentivar o jornalista a se aprimorar na profissão. Preferiu-se, no entanto, a burocratização, que, como toda burocracia é burra e rígida. Imaginem que um dos membros da diretoria do sindicato carioca, que é jornalista **provisionado** se, amanhã, mudar de Estado, perde a condição de profissional da imprensa.

Do jeito que vai, daqui a pouco o sujeito pra ser filósofo, escritor, cineasta, músico, vai ter que ostentar um canudo. Repito: para a alegria dos empresários da educação, apenas.

Eduardo Homem

Chagas não recebe os médicos residentes

Embora tenham encaminhado suas reivindicações juntamente com os profissionais de saúde do Estado e do Município para a reformulação do plano de classificação de cargos imposto pelo ex-governador Faria Lima, os médicos-residentes não foram atendidos na mensagem que o atual governador, Chagas Freitas, enviou à Camara. Questões fundamentais como equiparação salarial aos médicos contratados (Cr$ 11.680) com retroatividade a 16 de março e a carteira de trabalho assinada, foram simplesmente jogadas para o alto, apesar do governo ter se comprometido em atendê-las. Em vista disso e do fato das autoridades não fazerem nenhuma menção em atendê-los, os residentes entraram em greve no dia 19 de abril por tempo indeterminado.

De acordo com o presidente da Associação Nacional dos Residentes, Paulo Ernani Gudelha, a greve teve adesão de quase todos os hospitais encontrando dificuldades somente no IASERJ onde não há uma grande conscientização dos residentes e onde setores importantes do ***staff*** *(médicos formados) se colocam contra a paralisação. No hospital da Polícia Militar, apesar das ameaças de demissões, o* ***staff*** *manifestou amplo apoio aos grevistas, o que levou a direção a recuar em suas medidas repressivas. A falta que os residentes fazem aos hospitais é tão grande que todo o atendimento esta sendo transferido para a rede do INAMPS, ficando os hospitais do estado e município somente com os casos de extrema urgência.*

Segundo Gadelha, o único risco que o movimento corre no momento e o de cair no isolamento, o que pode ser evitado de duas maneiras: através da ampliação da luta pela carteira assinada a nível nacional e regional, o que já está sendo feito uma vez que o hospital Pedro Ernesto aderiu à greve e em São Paulo, Estado e município, os residentes já estão paralisados e conseguiram apoio de alguns hospitais, particulares e universitários; e através da ampliação junto aos que compunham o movimento de profissionais de saúde. Isso pode se dar através do esclarecimento desses setores da importância de sua solidariedade aos residentes, já que sem esse apoio pode ser criada uma brecha na mobilização grevista.

Vera Lúcia Dias

Vitória dos professores: conseguiram 83%

Um aumento de 83% no piso salarial, a equipação dos salários do Rio aos da Baixada Fluminense, o pagamento sobre 5,25 semanas de trabalho, o adicional de 10% para compensar a prática regular de avaliação do desempenho escolar, a estabilidade de 60 dias após o término de auxílio- maternidade para gestantes e o pagamento de metade dos vencimentos até o final do ano letivo quando houver demissão, foram as vitórias conquistadas pelo movimento grevista dos professores da rede particular de ensino do Rio de Janeiro.

Para o 2º secretário do sindicato dos Professores, Francílio Pinto Paes Leme, essas vitórias foram parciais uma vez que não atendem em absoluto as necessidades do professor. Para ele, o grande saldo do movimento foi a organização de zonais, que tendem a se fortalecer para se transformarem em delegacias sindicais, e ter trazido à tona o caso em que se encontra o ensino particular.

— Em geral as escolas particulares oferecem a pior qualidade de ensino, péssimas instalações, pagam salários baixíssimos aos professores e burlam a legislação trabalhista não assinando carteira, não pagando 13º nem férias.

A tentativa de acordo com o sindicato patronal foi feita, mas este foi tão radical na mesa de negociações que foi necessário apelar para a Justiça. Foi exatamente nesse momento que a greve foi deflagrada (17 de abril) e apesar de ter sido considerada como "ilegal" pela Delegacia Regional do Trabalho, a votação do Tribunal Regional do Trabalho a favor das questões do professorado mostrou que a paralisação havia sido reconhecida como justa e legítima.

Em termos da mobilização da categoria não houve maiores dificuldades, no segundo dia de paralisação quase 100% das escolas já haviam aderido ao movimento. Os problemas que ocorreram foram com a reação dos patrões que foi em certas escolas desde a repressão policial até a incitação de alunos para que agredissem os piquetes concentrados nas portas dos estabelecimentos.

Apesar da decisão do TRT, o Sindicato dos patrões está demonstrando muita resistência em aceitar os resultados e afirma que apelará para o Tribunal do Trabalho. No dia 12 de maio o Sindicato dos professores da rede particular terá uma assembléia, que avaliará o cumprimento do acordo, — que tem efeito retroativo a 1º de abril, — as demissões e o fundo de greve, que foi aprovado para garantir a sobrevivência dos demitidos. Até o momento esse índice é baixo, acreditando-se que os donos de escolas não adotarão essa medida, porque cairiam ainda mais no conceito da opinião pública que, segundo o professor Francílio, esteve ao lado do magistério durante todo o movimento. A palavra de ordem do momento é esperar que se cumpra o acordo mobilizadamente, denunciando às zonais qualquer infração que esteja acontecendo nas escolas.

Vera Lúcia Dias

Sindicato fecha portas aos jornalistas

Jornalistas do antigo Estado do Rio começaram a se mobilizar para a campanha salarial, mas encontram no seu sindicato o maior obstáculo.

A primeira reunião marcada para discutir as reivindicações da classe encontrou o sindicato de portas trancadas. A reunião foi realizada assim mesmo, no saguão do prédio. Talvez por isso, no mesmo dia, 28 de março, foram demitidos 2 repórteres de "O Fluminense". O movimento, entretanto, cresceu fazendo com que a reunião seguinte se realizasse dentro da entidade da classe e contasse com a participação de alguns membros da diretoria, inclusive do presidente em exercício — o presidente eleito está de licença há três meses e trabalha como advogado e no jornal de sua propriedade, "A Palavra".

Nesse dia a diretoria sindical comprometeu-se a encampar as reivindicações dos jornalistas e enviou ofício à subdelegacia regional do trabalho comunicando a mobilização da categoria por melhores salários e oficializando uma reunião convocada para o dia 8 de abril. O edital de convocação chegou, inclusive, a ser publicado na edição do dia 5 do jornal "A Tribuna".

A mobilização dos jornalistas continuou mas os profissionais acabaram surpreendidos com uma desconvocação da reunião do dia 8, feita pela diretoria do sindicato, reunida secretamente no dia 6. A alegação dos diretores foi que a reunião anterior havia sido ilegal já que apenas 6 dos presentes eram jornalistas profissionais — leia matéria da página 28 — e de que as reuniões para o acordo anterior têm vigência até 30 daquele mês.

Os jornalistas fluminenses não se recolheram à insignificância do seu sindicato e continuaram trabalhando na mobilização dos colegas em torno das reivindicações salariais e denunciando a atitude patronal e pelega da diretoria do seu sindicato.

Eduardo Homem

Operários querem Lula

Foto de Wagner Avancini — agência Central

ABC anuncia nova greve

Os metalúrgicos do ABC paulista estão se preparando para uma nova greve. E, prometem, será maior e mais organizada que a de março.

Além de não estarem acreditando nas negociações com os patrões, os operários pensam na greve para mostrar ao governo que querem Lula e os outros líderes de volta aos sindicatos do ABC. Logo após a intervenção, o ministro Murilo Macedo acenou com a possibilidade de os dirigentes voltarem logo a seus postos, mas estes não acreditam mais nisso e acham que, se o governo reconduzi-los aos sindicatos será mediante compromisso de que a sua atuação seja mais moderada, condição com a qual não concordam. A nova greve, segundo comentários está prevista para logo depois do dia 10 (quando sai o pagamento).

SINDICAIS

Trabalhadores do Rio logo vão ter seu Dieese

O Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Sócio Econômicos — DIEESE — do Rio de Janeiro ainda não foi criado oficialmente, mas já conta com a participação de 35 sindicatos fluminenses.

O movimento pela criação de um escritório regional do DIEESE paulista no Rio de Janeiro foi iniciado pelos sindicatos dos médicos, jornalistas, petroquímicos de Caxias, professores, eletricistas, metalúrgicos do Rio e Niterói, aeroviários e bancários de Niterói. Formada essa comissão inicial, logo foi dado início a um trabalho de divulgação do DIEESE fluminense junto a outras entidades de classe, resultando no apoio de mais 29 sindicatos, 6 dos quais metalúrgicos.

O DIEESE do Rio, como o de São Paulo, destina-se a apoiar os sindicatos dos trabalhadores com pesquisas de aumento do custo de vida no Estado e condições gerais da população, no que diz respeito a alimentação, saúde, educação, habitação, vestuário, etc. Essas pesquisas são utilizadas pelos sindicatos na hora de discutir com os patrões os índices de aumentos salariais e também para fiscalizar as estatísticas do governo, para evitar que aconteça como em 1973, quando o índice oficial da inflação foi 13% abaixo da inflação real. Como na época os aumentos salariais dos trabalhadores eram estipulados segundo o índice oficial, todos acabaram perdendo mais 13% nos aumentos.

Vera Lúcia Dias

Estaleiros não aguentam movimento operário

Mais de 6 mil trabalhadores, comprimidos da sede do Sindicato dos Operários Navais, desde 6 horas da tarde do dia 16 de abril, gritaram em uníssono:

— G R E V E !

A paralisação começou a partir de zero hora de terça-feira, dia 17, e atingiu as máquinas de todos os estaleiros de reparos e construção naval de Niterói, sem exceção, da mais insignificante "gambiarra" da rua A (gíria local para os estaleirinhos que vivem de prestar serviço aos grandes) ao poderoso estaleiro Mauá, da Cia. de Navegação e Comércio na Ponta da Areia. São mais de 12 mil operários nesta greve que transformou seu dia a dia. É segurar os piquetes na porta das empresas, comparecer todos os dias no sindicato, assinar o livro de ponto da greve, discutir com os companheiros os próximos passos da luta, participar das assembléias.

Do lado dos patrões, o prejuízo com a greve, só no primeiro dia, atingiu a cifra redonda de 3 milhões de cruzeiros, e continua a crescer feito bola de neve. Já é certo que vai atrasar o prazo de entrega das principais encomendas dos estaleiros. Os patrões colhem, agora, nem mais nem menos do que aquilo que eles próprios cultivaram. Mais preocupados em frear a luta dos trabalhadores, eles se recusaram seguidamente a negociação sobre a base das reivindicações justas e legítimas que lhes foram apresentadas. Esperaram até o último minuto, antes de sentar na mesa de negociações com os operários, e quando sentaram foi para apresentar contrapropostas consideradas "verdadeiras picaretagens" pelos operários. Uma delas, simplesmente passava por cima de todos os abonos salariais conquistados durante o ano passado, e oferecia um percentual de aumento mixuruca, só 18%, em cima do salário estipulado no último dissídio coletivo, em maio de 78. Outra, de tão fajuta que era, foi rasgada em pedacinhos por um operário, diante dos 6 mil companheiros que participavam da assembléia que decidiu a greve; seu gesto recebeu uma ovação de causar espanto até à torcida do Flamengo. As tradicionais demissões agravaram ainda mais as coisas.

Dois operários foram mandados embora de suas empresas, antes mesmo de início do movimento grevista.

A primeira semana de greve foi uma vitória completa: estaleiros totalmente parados, sem que nenhum fura-greve se atrevesse a enfrentar a autoridade dos piquetes, e até mesmo pasmem, um clima amistoso com a polícia militar, que se limitou a observar à distância toda a movimentação. Depois de uma semana, a disposição de permanecer em greve até que sejam atendidas as principais reivindicações não esfriou.

Ênio Oliveira

Mau salário prejudica saúde

"Esquecidos" pelo governador Chagas Freitas na sua reformulação do plano de classificação de cargos, os acadêmicos-bolsistas (6º ano de Faculdade de Medicina) do Estado e do Município, que levam como bandeira a reivindicação de dois salários mínimos (ganham Cr$ 2.200) e carteira de trabalho assinada, entraram em greve no dia 7 de abril.

Antes dessa decisão, os bolsistas procuraram o Secretário de Saúde que, embora não concordasse com a carteira assinada, considerou o salário "mais do que justo". Como nos cinco dias estabelecidos como prazo para dar uma solução ao problema o secretário não se pronunciou, negando-se a receber os acadêmicos uma segunda vez, a categoria decretou a greve por tempo indeterminado e com adesão de 90% dos sextanistas. Somente a maternidade Fernando Magalhães não aderiu à paralisação. Até mesmo os estagiários e os acadêmicos de odontologia apoiaram o movimento, que tem sido explicado à população diariamente através da distribuição de notas nos hospitais.

A falta que essa mão-de-obra está fazendo nos hospitais salta aos olhos, uma vez que são eles que fazem todo o atendimento de primeiros-socorros e de saídas em ambulâncias. No Getúlio Vargas, por exemplo, as condições de atendimento à população diminuiram tanto que doentes baleados estão sofrendo transferência; no Souza Aguiar, a triagem para a emergência está sendo feita por pessoas que não são médicos, já que estes têm que se prender aos atendimentos de real urgência.

Prova de covardia dos brasileiros políticos

Com o consentimento das autoridades policiais, governamentais e, até mesmo, do Poder Judiciário, são mantidos ilegalmente "detidos" e espancados, milhares e milhares de brasileiros pelas polícias do Brasil.

Estes "detidos" — inclusive muitos que nada fizeram de errado — são soltos em época de eleições, como se fora de época eleitoral alguém pudesse ser "detido" para averiguações, pela polícia.

Agora, eu acho muito ridículo o procedimento de indiciar apenas funcionários pequenos, quando é morto a pancadas um destes "detidos" ilegalmente, como é o caso do traficante de tóxicos "Lula", em que só foram indiciados funcionários humildes.

A não aprovação da lei que iria regulamentar a prisão para averiguações pela polícia e que, conseqüentemente, iria reconhecer que hoje são mantidos presos ilegalmente milhares e milhares de brasileiros, sem estarem presos em flagrante delito, sem estarem com a prisão preventiva decretada e sem estarem condenados, se constitui numa prova de covardia dos parlamentares brasileiros.

É chegada a hora da aprovação da lei criando a prisão cautelar, tão falada há alguns anos e hoje tão esquecida, para que assim seja dado responsabilidade a quem fizer prisões para averiguações, pois que hoje tais prisões são feitas de forma arbitrária e sem a menor responsabilidade, o que conduz ao excesso, inclusive com presos barbaramente espancados e com a cumplicidade das autoridades governamentais e judiciárias.

E, para ironizar, os parlamentares na hora de eleições se lembram dos presos que são mantidos ilegalmente pela polícia, e, usando do famoso jeitinho brasileiro de resolver os problemas, burlescamente criaram uma lei dizendo que em época de eleições ninguém pode ser preso, a não ser em flagrante delito ou por decisão judicial, o que dá a entender erroneamente que, fora da época eleitoral, o cidadão brasileiro poderá ser preso sem essas exigências. (Sergio José Toniolo, RGS)

BNH não paga igual a todos empregados

Sendo leitor assíduo deste jornal, e acompanhar a sua jornada de luta em prol das liberdades democráticas e na defesa dos injustiçados e oprimidos, solicito a publicação dos fatos a seguir:

Em fevereiro deste ano fui ao BNH (Banco Nacional de Habitação) à procura de emprego, tendo sido submetido à seleção a aprovado. Ao ser chamado por telegrama, informaram-me que iria ser admitido na empresa e poucos dias depois comecei a trabalhar. O fato sobre o qual quero chamar a atenção é que, tanto eu como os demais aprovados, fomos selecionados pelo BNH, convocados pelo BNH e no entanto quem assina nossa carteira profissional é a Ted Organização de Serviços Ltda.

Isso acarreta sérias conseqüências para os que trabalham em uma empresa paraestatal ou autárquica sob esse odioso e injusto regime de subcontrato. Percebemos apenas metade dos vencimentos do funcionário efetivo do BNH para a mesma função, não temos direito aos 15 salários anuais a que os efetivos do BNH fazem jus, não podemos nos sindicalizar, etc. A agência de empregos, que é a alocadora da mão-de-obra leva com isso 50% do que deveria ser o nosso salário, que é a comissão que a mesma cobra ao BNH por essa exploração medieval e mesquinha da mão-de-obra. Será que é só ela que leva? Difícil de acreditar, não é? Observando a quantidade de cartões de ponto no quadro de ponto e comparando-se, chega-se facilmente à conclusão de que ultrapassa os 50% da mão-de-obra que trabalha no BNH sujeita a esse sistema de subcontrato, marginalizada, portanto, dentro da empresa, havendo muitos casos de pessoas nessa situação há 5 ou mais anos. Além do BNH, verifica-se essa espécie de versão moderna de feudalismo em várias outras empresas paraestatais.

Apelo para que divulguem esses fatos, publiquem artigos, reportagens e debates sobre o assunto , pois parece que existe um desinteresse da imprensa, sindicatos e parlamentares com respeito a essa situação irregular que é a alocação e subcontrato da mão-de-obra. É preciso mostrar a esses facínoras e reacionários que uma empresa paraestatal é um patrimônio da nação e não um feudo privado de uma burocracia todo-poderosa e corrupta. Na esperança de que surta efeito a presente, encarecendo a não publicação do meu nome por motivos óbvios, firmo-me com agradecimentos. (RJ)

QUEREM ACABAR COM O MEU BERÇO DE PAZ

Felicito a redação do REPORTER pelo artigo publicado no número 13, de janeiro de 1979 sobre a praia de Itaipu que está sendo destruída, toda a sua trama histórica, nota essa assinada por Tim.

"Não basta a nota referida, por patriotismo e em defesa de nossa pobre tradição histórica deve-se voltar ao assunto. Até a igreja secular vai ser demolida? E os sambaquis? E o forte?

"Não é possível tanta desfaçatez; felizmente, a coragem cívica de REPORTER deu o brado de alerta. Continuem na sua nobre campanha. Vejo a destruição à minha volta e não me conformo. Nasci ali e quero que deixem o meu berço em paz." **(Aureliano Souza, RJ)**

Correio Homossexual

Continuem "metendo o pau"

Desde o número 14 passei a ser mais um assíduo leitor do jornal REPORTER que para mim é uma coisa de louco, póxa gente, vocês são demais, estou amando tanto este jornalzão que estou querendo fazer uma assinatura, para receber o jornal mais rápido aqui em minha casa.

Realmente, o REPORTER é o jornal que faltava para mostrar ao público o que existe de podre neste grande Rio de Janeiro, eu estou com vocês e não abro, a reportagem sobre o lesbianismo está de lascar, agora que tal uma reportagem sobre o homossexualismo, seria uma boa, falem tudo sobre eles, seus amores, suas angústias, seus locais de encontro e diversões.

Aqui em minha casa, a turma "devora" o jornal, numa boa, todo mundo curte mesmo. Peço a voces aí continuarem sempre assim "metendo o pau" nessa turma sacana que nada faz de bom em prol da coletividade, e pra terminar uma dica, que tal vocês darem uma voltinha ali por perto da Tv Globo, garanto que a turma do REPORTER vai descobrir coisas incríveis por trás dos muros sujos da emissora do Jardim Botânico, sacaram? É isso aí, gente **(Walter Castro, R.I)**

Todos um dia vão se amar

Recentemente, li o nº 14 do REPORTER e quero fazer os comentários que seguem, agradecendo de antemão a acolhida que for dada a estas linhas.

Creio que entre o rígido heterossexualismo defendido por Heloneida Studart e a grotesca recriação do "macho" e da "fêmea" entre pares homossexuais, há espaço para o advento de um relacionamento humano e humanizante, integral, independentemente de especificações morfológicas. É o que, ao meu entender, emerge dos posicionamentos lúcidos da jornalista Leila Miccolis. A posição de Heloneida, estribada doutrinariamente numa fábula metafísica de Freud, desemboca numa regressiva ortodoxia sexual, o que, de si, é convencional e infra onírico. De outro lado da fronteira, numa polarização diversa, há os paradoxais "casamentos" de gente psiquicamente distorcida, é preciso que se diga. E com tudo que existe de venenoso e reacionário na união heterossexual: possessividade, verticalização dos papéis assumidos, etc.

Sou daqueles que acreditam que, entre o bloqueio inerente à heterossexualidade normativa e a precariedade da homossexualidade exclusiva, é preciso forjar um relacionamento totalizante que reflita, testemunhe, adense e mediatise uma afetividade subjacente. Se a sexualidade humana transcende a função procriativa, não há porque aplicar torniquetes ao fluxo da vida, através de um superego historicamente condicionado.

Penso num mundo a construir, no qual homens e mulheres aprenderão a amar-se sem esquemas pré-definidos, motivados pela própria dinâmica da existência. E todos amarão esta terra como patrimônio comum a ser perpetuamente renovado

(José Antonio J. de Lamargo — SP)

●●●●●●●●●●●●●●●●●●●●●●●

Li o último número de REPORTER e confesso que não gostei nada do título "Coroa diz que não acha dinheiro na rua". Afinal, a reclamação se refere a um "concurso público" e não ao aumento do custo de vida; quanto ao simples fato de nos chamarem de coroa, afinal, temos 48 anos de idade, mas o título é vago, não dá ênfase ao descalabro dos concursos públicos e ainda omite o que falamos sobre o silêncio da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil), essa mesma OAB que, publicamente, combate as eleições indiretas — na República — porque as da OAB são indiretas; combate o AI-5, combate o banimento e o cassamento dos direitos políticos — dois conselheiros da seccional do Rio já foram cassados — reclama quando o governo não lhe presta vassalagem ao elaborar alguma lei; como a nova CLT, por exemplo, luta pelo salário profissional do advogado na empresa privada, mas, permanece surda, muda e oligofrênica no que diz respeito aos concursos públicos do Estado. Nota: o concurso federal não contém absurdos. *(Parmenas Vieira Pontes, RJ)*

Aborto cria polêmica com brasileiras em Paris

O artigo sobre aborto, publicado no número 8, e uma resposta a esse artigo no número 9 (de mulheres de Recife) suscitou uma animada discussão no nosso grupo de mulheres do Círculo de Mulheres Brasileiras em Paris. Embora já faça algum tempo que saíram esses artigos, mesmo assim resolvemos entrar nesse debate. Na verdade o aborto é uma questão presente e atual. Nesse sentido vão aqui algumas de nossas reflexões sobre o assunto que esperamos que contribuam em algo para fazer avançar a discussão.

O fato de um jornal hoje se preocupar com o problema do aborto no Brasil é positivo, apesar da limitação da reportagem, que entrevistou um número muito restrito de mulheres, que não são representativas do conjunto de mulheres brasileiras.

Achamos que o tratamento dado à questão pelo jornal é negativo pois a forma sensacionalista e grotesca que foi adotada não é a melhor maneira de esclarecer todos os aspectos do problema. O estilo sensacionalista do jornal é o que levou a escolher determinado tipo de depoimento. Se, por um lado, é válido pelo caráter de denúncia que apresenta, por outro lado perdeu a oportunidade de aproveitar a ocasião para esclarecer, informar, desmitificar toda a questão moral, social e econômica que envolve o problema do aborto num país como o nosso.

É conhecida a tese de que nos países subdesenvolvidos deve ser favorecido o controle da natalidade, tese muito controvertida e discutível num país despovoado como o Brasil. Mas o mais importante é que esta tese é conservadora porque foi formulada para evitar os conflitos sociais. Afirmar que a maioria do povo brasileiro não tem condições financeiras de manter um ou mais filhos é colocar mal a questão, pois a questão que nos parece justa é que a maioria do povo não pode ter um ou mais filhos. Ao invés de tentar remediar a pobreza, temos que atacar as causas que provocam. O problema de fundo não pode ser resolvido sem transformações sociais e estruturais que dêem condições econômicas para que as pessoas possam decidir livremente o número de filhos que desejam ter.

Achamos necessário partir da realidade concreta. **O aborto é feito.** Quais as condições em que ele é feito é o que nos interessa. Condições materiais, morais e psicológicas.

Se é verdade que proliferam as clínicas de luxo, não são elas as utilizadas pela maioria das mulheres. As condições de atendimento médico e higiene, hoje as piores possíveis ou inexistentes, só poderão ser resolvidas à medida em que o aborto for legalizado e fizer parte dos serviços médicos e da Previdência Social. Quanto às condições morais e psicológicas tais como a vergonha, medo, culpabilidade, pecados inculcados pela igreja, família, sociedade como um todo, só poderão ser transformados com um processo de desmistificação e tomada de consciência. Esse processo só poderá se dar a partir da organização das mulheres em torno de seus problemas específicos. Antes de ser um problema de lei, da igreja, achamos que a questão do aborto é um problema nosso (das mulheres) e cabe a nós discutir e optar por soluções possíveis à questão.

Mesmo quando não determinado por razões econômicas, o aborto é uma realidade e uma necessidade que se articula com a luta da mulher pelo direito de escolher ter filhos ou não, de quando e como ter seus filhos. Essa luta se coloca num contexto de direito de opção. A prevenção da gravidez, através de métodos contraceptivos eficientes, é uma questão que precede o problema do aborto. Se hoje ainda a pílula é o método mais difundido, apesar de todas as contra-indicações que implica, outros métodos considerados menos perigosos já começam a ser utilizados em países mais desenvolvidos onde a preocupação pela vida humana existe em maior nível. Também a formação sexual dos adolescentes nas escolas poderia contribuir para um maior conhecimento do nosso corpo, levando à uma maior possibilidade de opção.

Se hoje ainda nos parece ousado lutar pela legislação e gratuidade do aborto no Brasil, esse porém nos parece ser o único caminho para que ele não seja praticado de forma criminal, pondo em risco a vida e a saúde de milhares de mulheres. **(Círculo de Mulheres Brasileiras em Paris)**

Brasil tá dando

Já está na hora dos nossos políticos, queridos e estimados, nos olharem com olhos de gente, não apenas ver quanto rendemos para o país e sim ver quanto ele depende de nós.

Um dos maiores problemas está sendo o salário que está sendo um crime contra nossos trabalhadores. Não sei porque mas pelo jeito que as coisas estão indo, é muito bão, pois nós os "brasileiros samus tão boazinhos", que todas as nossas riquezas e tudo que temos damos para nossas nações amigas, e principalmente para o Titio Sam!!!

Agora estamos dando até pros "lemães"' que vão montar uma usina que não é de açúcar e nem de álcool, para ser sincero os próprios brasileiros não sabem para que serve esta danadinha que está levando-nos para a cucuia!

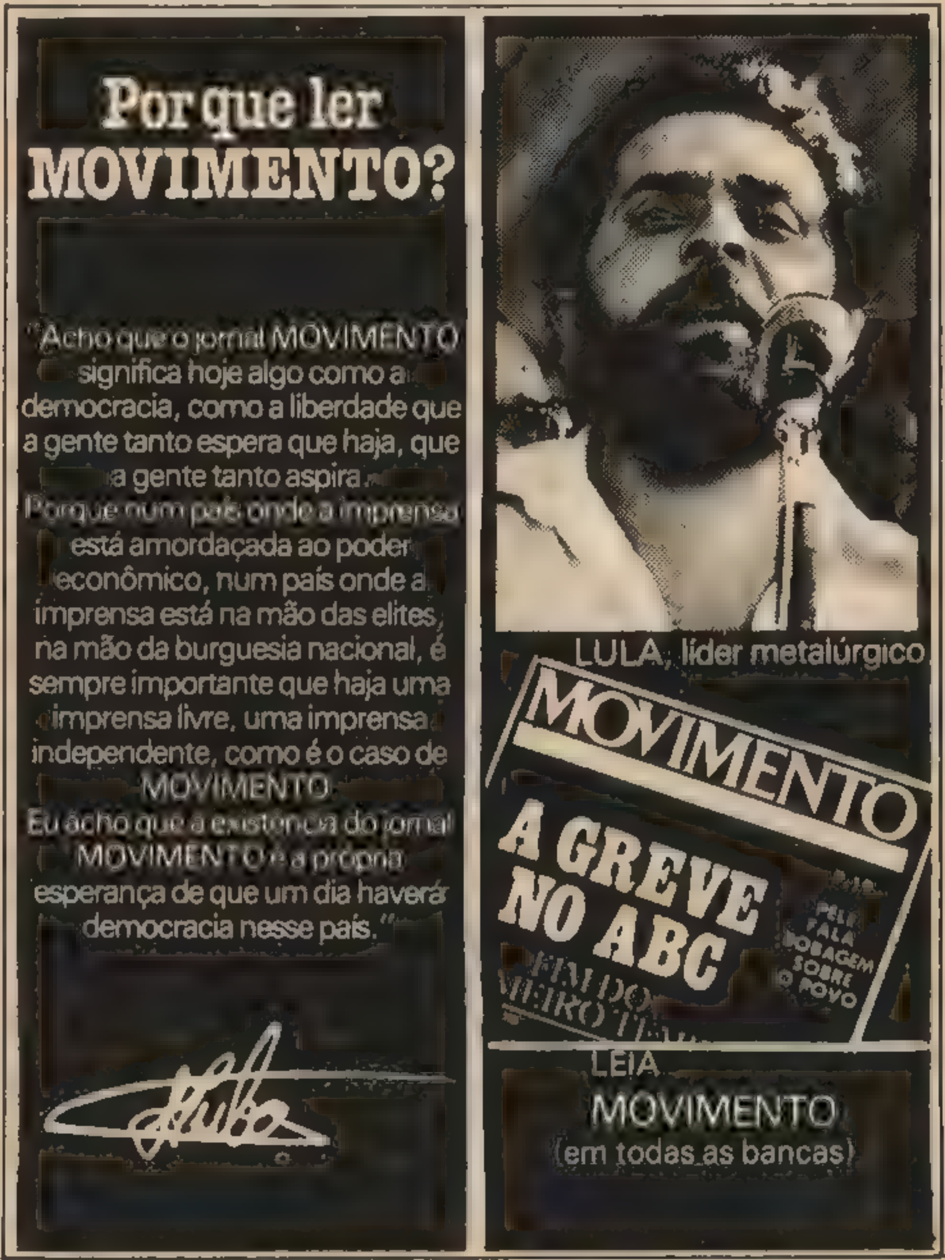
Mas não adianta falar que o nosso povo é boazinho e ele é, já por natureza, enquanto os que estão lá em cima pensam que estão certos e nós aqui debaixo é quem pagamos pelos acertos e acordinhos.

De repente, o nosso querido Brasil está se tornando novamente um país totalmente orientado pelos nossos Titios de Fora, né!

Agradeço aos nossos grandes políticos e quero que meu Deus lhes dê muita saúde para que eles vejam de pé as conseqüências de seus acordinhos, contratinhos de risco, dos empréstimos e por fim o fim de tudo no cartório de protesto.

Espero que a redação do REPORTER me desculpe mas no exato momento é o que me vem na mente. Sem mais, eu desejo que o jornal continue, pois é muito bom. Caso esta cartinha não seja publicada eu agradeço do mesmo jeito pois consegui fazer alguma coisa, meu nome é Janedson, mais conhecido como Cerê. *(Janedson Gomes de Sales, SP)*

Olha aí, quem estiver no desvio, duro,
sem ter onde arranjar um troco,
dê um pulinho aqui no Repórter.
O negócio é mole, de tirar de letra.
Você vende algumas assinaturas do jornal
e ganha uma porcentagem
em cima disso.
O resto a gente garante.



Almirante, rei das mordomias, o cartola Heleno Nunes vai ter que deixar o futebol, a pedido de um civil. Um dos motivos teria sido um "probleminha" de um de seus irmãos militares com o general Danilo Venturini.

Heleno Nunes vai voltar a ver navios

A criação da Confederação Brasileira de Futebol, por decisão do governo, ainda não foi o golpe de misericórdia em Heleno Nunes, até então dono do futebol brasileiro no seu trono de presidente da CBD (Confederação Brasileira de Desportos).

O tiro final será para matá-lo de vergonha, humilhá-lo: o almirante Heleno Nunes terá de sair da sede da Rua da Alfandega 70, a pedido do civil Giulitte Coutinho, presidente do Conselho Nacional de Desportos e homem forte do ministro da Educação, Eduardo Portela.

Heleno terá de deixar seu tão querido gabinete, de onde promoveu a maior mordomia de cartolas da história do futebol, durante a Copa da Argentina; de onde começou o processo de escalação da seleção; de onde definiu os quase 80 clubes — este ano seriam 88 — do Campeonato Brasileiro.

E que vá cuidar da bocha, arco e flecha, punhobol e malha em outra freguesia.

Foi um golpe inesperado para Heleno Nunes, certo de que, depois de quatro anos à frente da CBD, fundaria a CBF e seria seu primeiro presidente. Não deu. Assim que entrou o novo ministro da Educação, o baiano Portela, foi decidida a saída de Heleno. Motivos não faltavam — tabelas de campeonatos absurdas, mau planejamento da seleção, inclusive a de amadores. Mas comenta-se nos corredores da CBD, que um dos irmãos militares de Heleno Nunes teve um probleminha com o então major Danilo Venturini, hoje General-de-Divisão e chefe da Casa Militar do governo Figueiredo. Apenas comenta-se...

E daí Heleno ficou na corda bamba. E agora caiu. Só que, na surdina, o pobre Heleno tem insistido em permanecer no cargo. Viaja sem avisar e manda enviados especiais a lugares que considera decisivos.

Por partes: na eleição da Federação de Mato Grosso do Sul, há menos de 15 dias, o presidente da CBD mandou o cartola Ildo Nejar dar uma espiadinha e "ajudar em qualquer coisa". É que ele acreditava firmente numa eleição presidencial para a CBF, através dos presidentes de federações.

Ledo engano: quando a CBF for criada, outros cartolas vão cair junto com Heleno Nunes. O primeiro da lista é o repugnável Otávio Pinto Guimarães, da Federação do Rio de Janeiro. Junto com ele seguirão José Guilherme, de Minas; Rubens Hoffmeister, do Rio Grande do Sul; e Rubens Moreira, Norte-Nordeste.

Mas voltemos à viagem do pobre Almirante. Ele já foi várias vezes a Brasília tentar uma conversa com o Presidente Figueiredo e, se possível, com o ministro Portela — não confundir com o Petrônio. Não conseguiu. Foi muito bem tratado, mas sem passar das ante-salas.

O último trunfo de Heleno era Nei Braga, antigo ministro da Educação e atual governador do Paraná, homem ainda ligado ao Palácio do Planalto. O amigo de fé, o irmão camarada foi polido e protocolar. Como contrariar ordens superiores?

Pois essa é a desdita de Heleno Nunes, dirigente desastrado, mas paternal, amigo, solícito. Como diz Chico Buarque: morreu na contramão atrapalhando o tráfego.

Só que o nosso Heleno Nunes não se dá por morto. Afinal, um almirante não entrega a batalha enquanto seu navio não for totalmente a pique. Seu argumento é o decreto 8228, de 25 de agosto de 77, artigo 36: são reconhecidas como constituídas, para todos os efeitos, as seguintes confederações: Confederação Brasileira de Desportos, etc etc...

Esse decreto, combinado com o estatuto da CBD que coloca o futebol como esporte prioritário, é que daria a Heleno Nunes a segurança de permanecer no cargo. Mas isso não será levado em conta pelo governo.

O correto seria revogar essa lei através do Congresso, mas isso levaria muito tempo para o irrequieto e apressado ministro Portela. Quer dizer: o governo vai criar a CBF em menos de dois meses e deixar Heleno Nunes a ver navios.

João Maré

REPORTER

Junho de 1979 - ano II - número 18 - Cr$15

AUTÔNOMO INDEPENDENTE

Exército provoca crise na PM

P. 3

MORTE DE DEDO-DURO COMEÇA GUERRA DE POLÍCIAS EM SP

Tino, dedo-duro, massacrado em 1977

ELIS REGINA INVEJA OPERÁRIO

Merda não é mais palavrão

P. 13

FGTS da casa própria ilude trabalhadores

Atenção trabalhadores: não caiam na esparrela armada pelo ministro do Interior, Mario Andreazza, que sem consultar ninguém, permitiu que o FGTS fosse utilizado no pagamento das prestações mensais da casa própria.

A princípio, a decisão do Ministro parece uma boa; afinal não se reclamava que o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço ficava muito tempo retido no Banco Nacional de Habitação, que o administra? Não se queria dar ao trabalhador meios de utilizá-lo mais facilmente pra satisfazer suas necessidades? Então, Andreazza estaria atendendo uma reclamação geral.

Nada disso. Prestem bem atenção: quem vai utilizar o FGTS para comprar a casa própria através do sistema financeiro da habitação são os assalariados que ganham menos — os que ganham bem não precisam disso — e são justamente esses que mais mudam de emprego, que têm menos estabilidade e que mais precisam do FGTS como uma espécie de pecúlio contra o desemprego. Se esses caras começarem a usar o Fundo numa aventura da casa própria, como é que vão viver quando ficarem desempregados? E é comum as empresas mandarem embora com freqüência os trabalhadores que ganham pouco, substituindo-os rapidamente pagando salários menores. E aí? Aí, nem FGTS nem casa própria: fome e desemprego.

A demagogia do ministro Andreazza fica ainda mais clara pela contradição dos seus programas: ao mesmo tempo em que anuncia que o FGTS vai ser usado para pagar prestações da casa própria — sobrando, portanto menos grana pra investir na construção de habitações propriamente dita — nosso ministro diz também que pretende construir 6 milhões de casas populares até o fim do governo Figueiredo. Pergunta-se: com que dinheiro, Andreazza? Ou sua intenção é apenas ganhar popularidade e, junto com seu amigo Delfim Netto — que também é amigo dos banqueiros e dos grandes produtores rurais —, lançar bases eleitorais para se candidatar a alguma coisa?

O trabalhador esperto não vai atrás da malandragem eleitoreira do ministro.

2ª CLICHÊ

DEMITIDOS 155 JORNALISTAS EM S.PAULO

Até às 12 horas do dia cinco de junho 155 jornalistas de SP haviam sido demitidos após a greve que fizeram (veja pág. 18). O primeiro lugar em demissões coube ao grupo das *Folhas* (Folha de SP, Folha da Tarde, Agência Folhas, Notícias Populares e Tevê Gazeta): 46 jornalistas. Em segundo lugar o *Diário do Grande ABC* de Santo André: 25, o *Estadão* em terceiro, 20. *Diário Popular*, 16. A *Rede Globo* (TV e rádio) demitiu 15. *Televisão Bandeirantes*, 11. *Diários Associados*, 10. *Tribuna de Santos*, 7. *Folha Metropolitana de Guarulhos*, 3 e *Shoping News*, 2. Três diretores do Sindicato dos Jornalistas foram demitidos, todos do *O Estado de São Paulo*. Dois outros diretores receberam férias compulsórias da *Folha de São Paulo*. O repórter esportivo Juarez Soares foi suspenso da *TV Globo* por 25 dias e perdeu o programa que tinha na rádio *Globo*. O sindicato não emitiu, até o dia 5, nenhuma nota de protesto. Seu presidente, David de Moraes, acha que a onda de demissões vai continuar.

Registro Civil das Pessoas Jurídicas nº 2866

REPORTER

REPORTER/EDITORES — Alex Solnik (São Paulo), Chico Júnior, Luiz Alberto Bettencourt, Pipsi (Arte)

REPORTAGEM — Rio de Janeiro: Tim Lopes, Marcos Dantas, Clarice Niskier, Vera Lúcia Dias, Iara Reis, Ênio de Paula Oliveira, Jota Paulo e Tereza Ribeiro. **São Paulo:** João de Barros, Rivaldo Chinem, Iracema Silva, Valmir Salaro, Lídia Maria Gurgel, Antônio Fava. **Recife:** Eduardo Homem.

FOTOGRAFIA — Rio de Janeiro: Chiquito Chaves, Custódio Coimbra, Patrícia Hausberg, Américo Vermelho. **São Paulo:** João Bittar, Luz Bittar, Wagner Avancini, Amâncio Chiodi, Hélio Campos Mello, Eliane Pastore, Camila Butcher, Jesus Carlos.

CORRESPONDENCIA — Paulo D'Alcantara (Paris) e Cristina Duarte (Milão)

PROMOÇÃO, PUBLICIDADE, CIRCULAÇÃO — José Antônio Nonato Duque Estrada de Barros.

ILUSTRAÇÃO — Maurício Veneza, Guidacci, Jota, Angeli, Jaime Leão.

ARTE — Analuce Estrella, Maurício Veneza

DEPARTAMENTO JURÍDICO — Modesto da Silveira, Luis Celso Araujo e Luiz Eduardo Grenhalg

REPORTER Autônomo Independente — Uma publicação da Margem Editoria e Programação Gráfica Ltda. Rua Miguel Couto, 134/11º andar, Rio de Janeiro, Telefone: 253-5038. São Paulo: Rua Santa Isabel, 33/grupo 804, Telefone: 222-3103.

Distribuição — Fernando Chinaglia S.A. Rua Teodoro da Silva, 907, Rio de Janeiro.

Composição e Impressão — Editora Mory Ltda. Rua do Resende, 65. Rio de Janeiro. Telefone: 263-7002.

A Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro está em crise. Isso é evidente, a partir do momento em que vemos soldados e oficiais envolvidos em crimes, corrupção e coisas do gênero. As críticas surgem de todos os lados. O povo não tem a mínima segurança. Pelo contrário, tem medo da PM. A corporação aparece nos jornais como agressora, arbitrária, invadindo casas de trabalhadores, matando. Um descalabro total. Tudo isso como conseqüência de uma crise interna muito grande.

A crise aumentou com a prisão do tenente-coronel Carlos Magno Nazareth Cerqueira, ex-subchefe do Estado Maior da PM, que, em artigo publicado no jornal O Globo de 22 de abril, com o título "D. Sandra, a PM e os outros", analisava a corporação.

REPORTER entrevistou um oficial do movimento de oposição da PM do Rio de Janeiro, que fez uma radiografia e acusa o Exército de ser o principal responsável pela crise.

Segundo o oficial, não identificado por questões de segurança, seu depoimento não é um ato isolado, mas faz parte do esquema político dos oficiais e do movimento, que pretendem se manifestar contra as críticas e denunciar as causas da crise.

Sobre o relacionamento entre PM e Exército, disse o oficial:

— O relacionamento da PM com o Exército é o de um casal que pretende se separar, por incompatibilidade de gênios, mas não o faz por causa dos filhos. Somos inimigos íntimos e cordiais.

OFICIAL ACUSA:

Foto de Sérgio Sbragia

"Exército é responsável pela crise na PM"

Reportagem de Chico Júnior e Iara Reis

De acordo com o oficial, para a maioria dos oficiais que fazem parte do movimento de oposição dentro da Polícia Militar do Rio de Janeiro, a razão principal da crise é o controle da corporação pelo Exército, o que começou a acontecer a partir do dia 2 de julho de 1969, com a publicação do Decreto 667, que, segundo o oficial, foi elaborado para tirar o poder das Polícias Militares e só lhes dar deveres, além de ser uma manobra para fazer da PM uma testa de ferro do Exército no esquema repressivo instalado a partir do AI-5. Gradativamente, a PM passou a desempenhar um papel regional de repressão às manifestações populares.

Além disso, estando sob o controle do Exército, o governo elimina a possibilidade de a PM se rebelar, regionalmente, contra o sistema e passar a servir a um governador mais audacioso, como foi o caso da Brigada Militar de Porto Alegre, que deu apoio e alinhou ao lado de Leonel Brizola em 1964. Como não se pode correr riscos, o Exército achou melhor tomar conta da situação. Afinal, só no Rio de Janeiro são 25 mil homens armados, treinados e conhecedores profundos da cidade.

Considerado o AI-5 da PM, o decreto 667 é apontado como o elemento cerceador das atividades da corporação.

— Através desse decreto, nós só temos deveres. Poder, nenhum — desabafa o oficial. Não tem o mínimo sentido entregar os comandos da PM a oficiais do Exército, que não entendem nada de policiamento. Eles passam dois anos no comando e saem sem entender absolutamente nada. Dois anos é muito pouco para se tomar conhecimento da estrutura da PM. Outro absurdo é o fato de um tenente da reserva do Exército poder entrar na PM, às vezes em postos de comando. Ora, o que é que um tenente da reserva do Exército entende da função policial? Ele entende muito é do "teatro de operações" e de combater o "fantasma do comunismo". E param por aí.

— Esse decreto 667, outorgado à revelia dos chefes da PM, entre outras aberrações, contém o seguinte:

1. Criação do IGPM (Inspetoria Geral de Polícia Militar), um microórgão do Estado Maior do Exército, 5º subchefia, com reduzido efetivo, chefiado por oficiais sem prestígio, com pretensões de comandar, coordenar e fiscalizar todas as PM do Brasil, que têm 200 mil homens.

2. Subordinação das PMs ao órgão que, nos Estados, Territórios e Distrito Federal for responsável pela ordem pública e pela segurança interna. No caso específico do Rio de Janeiro, a PM está subordinada à Secretaria de Estado de Segurança Pública. Conclusão: a PM carioca, corporação com 25 mil homens, está enquadrada no organograma da SSP, equiparada a nível de departamento. E cada departamento da SSP tem apenas cinco mil homens. Então, a PM, com uma força mobilizante de 25 mil homens, não poderia ser um departamento da SSP, teria que ser uma força autônoma. Se fosse o caso de uma absorção, teria que ser exatamente o contrário, ou seja, a SSP teria que ser uma força integrante da PM.

3. Ingresso nos quadros de oficiais da PM de tenentes da reserva de 2ª. classe das Forças Armadas.

4. Instrução específica, policial-militar, orientada, fiscalizada e controlada pelo Ministério do Exército.

5. Limitação de armamento e de veículos. A aquisição de carros, com blindagem leve, necessários para que a gente não ande tomando tiro por aí, deve ser julgada conveniente ou não pelo Exército.

Por que em Minas Gerais o comando da PM não é exercido por um oficial do Exército?

— Porque o pessoal de Minas é politizado, lutador e botou pé firme: "aqui o comando é nosso". Não admitem ingerências. Os coronéis se organizaram e não permitiram a entrada do Exército. Em São Paulo, embora o comando seja do Exército, o pessoal também é bastante politizado. São Paulo e Minas são os dois únicos Estados onde toda reivindicação é aceita pelo governo. O que pedem, ganham sempre.

Como a corporação, como um todo, vê o relacionamento conturbado entre a PM e o Exército?

— Olha, o relacionamento da PM com o Exército é o de um casal que pretende se separar, por incompatibilidade de gênio, mas não o faz por causa dos filhos. Somos inimigos íntimos e cordiais. Aturamo-nos, simplesmente. O poder que o Exército exerce sobre a PM não é legítimo, não é consentido. O governo não quer operacionalidade, retenção do índice de criminalidade, etc. O que se quer é um órgão, no caso a PM, que possa servir de anteparo e válvula de escape para as críticas diretas ao sistema, ao governo.

Ninguém apanha sem reagir

Como repercutiu dentro da PM o artigo do Coronel Cerqueira publicado no Globo.

— A repercussão foi a melhor possível. Toda a oficialidade, principalmente majores, capitães e tenentes, recebeu muito bem a publicação do artigo do tenente-coronel Cerqueira. Foi a resposta que cada componente da corporação estava a exigir, tendo em vista os constantes ataques por parte de dona Sandra Cavalcanti e outros leigos e autoridades sobre a problemática da PM. Mas a corporação respondeu à altura, tendo como porta-voz o tenente-coronel Cerqueira, que agiu sem medo do que lhe pudesse acontecer por parte do sistema arbitrário que existe na PM.

Não se prende, sem mais nem menos, um subchefe do Estado Maior, sem conseqüências. O Comandante Geral, que deveria responder às acusações, não o fez, omitiu-se. Também pudera, pois é um oficial da Direção de Assessoramento Superior, que é um cargo de confiança e, por isso, recebe uma comissão que está por volta do Cr$ 50 mil. Não luta por nossos interesses, por nossos ideais. A nossa causa não é a sua causa. Ele chega, passa dois anos e regressa ao pai todo-poderoso. Não é um profissional de polícia, não tem conhecimento para comandar 25 mil homens. O nosso teatro de operações é a rua, a criminalidade, o tiroteio, a morte rondando em cada esquina. E o dele, existiu algum dia? Vive sempre de planejamento teórico, para passar o tempo. Enfim, o governo quer polícia operacional e atuante, mas coloca num dos sitemas policiais mais importantes oficiais do Exército, reformados, que procuram lugar para se encostar.

Na prática, o que fez a oficialidade logo depois da prisão do tenente-coronel Cerqueira?

— Na mesma noite, ficou decidido que seria realizada uma assembléia geral, no dia 25 de abril, praticamente provocada pelos majores, pois os coronéis estavam omissos e os tenentes-coronéis indecisos. A crise estourou. A história nos mostra que ninguém apanha ou é reprimido sempre, sem reagir. Os oficiais não se importaram com as ameaças e a assembléia foi realizada.

Dessa assembléia, foi tirada a seguinte nota oficial: "Oficiais da PM, reunidos para examinar a conjuntura porque passa a corporação e, principalmente, a punição disciplinar arbitrária aplicada ao coronel Cerqueira, por unanimidade resolveram:

1. Repudiar a punição imposta ao tenente-coronel Cerqueira por ter, no dia 22 de abril de 1979, publicado matéria técnica policial-militar no jornal O Globo.

2. Hipotecar solidariedade ao seu subchefe do Estado Maior.

3. Manifestar total concordância com o conteúdo da matéria.

4. Que a atitude ora tomada poderá se desdobrar de acordo com a marcha dos acontecimentos, estando a oficialidade permanentemente coesa em defesa dos interesses da corporação".

Corrupção fácil atrai até bandido

A questão salarial, de acordo com o oficial, "é a que mais incomoda os integrantes da corporação".

— Antes de sermos expulsos do Código de Vencimento dos Militares, tínhamos certas regalias, tendo em vista sermos oriundos da Polícia Militar do Distrito Federal. Em 1971, a lei de remuneração das Forças Armadas nos excluiu e o Estado passou a arcar com o ônus do pagamento. Nem mesmo os que ingressaram antes de 1969, no caso os federais, tiveram seus direitos respaldados pelo artigo 153, parágrafo 3º da Constituição, que diz que a lei não prejudicará o ato jurídico perfeito, a coisa julgada, o direito adquirido. Hoje, chegamos a calamitosa e alarmante condição de pedintes, humilhados.

Segundo o oficial, os problemas que acontecem em virtude dos baixos salários são muito grandes, como a evasão de pessoal e a corrupção.

— Hoje em dia, com o salário baixo que um soldado da PM recebe, cerca de Cr$ 3.200,00, só vai para a corporação o sujeito completamente desqualificado, de baixo nível intelectual, que não encontrou emprego em lugar nenhum. E procura a Polícia Militar com interesses excusos, quase sempre. Como a procura foi diminuindo, nós tivemos que diminuir também o nível de exigência. Antes, para entrar para a PM, o sujeito precisava ter, pelo menos, o ginásio. Hoje, entra com o primário e o critério de seleção não é nada rigoroso. E cada vez aumenta mais o número de soldados e oficiais que querem sair da corporação. É gozado: quem está dentro, quer sair; quem está fora, não quer entrar.

— Como o estímulo à corrupção é muito grande, entra até bandido para a PM. Mas é isso que o Estado quer, não é? Então, deixa entrar bandido. Infelizmente, nós temos que admitir que a única coisa que mantém o soldado na Polícia Militar é a corrupção porque ninguém tem condições de arriscar a vida, enfrentar bandido, trabalhar 56 horas por semana (mais do que qualquer outro trabalhador) e ganhar pouco mais de Cr$ 3 mil por mês. Como é que ele vai fazer tudo isso e ainda sustentar uma família com esse dinheiro. Só no ano passado foram expulsos uns 200 soldados, quase todos por corrupção. E quando o cara não parte para o esquema da corrupção, vai ter que trabalhar como motorista de

táxi, de ônibus. Não são poucos os guardas que, depois de um dia de serviço, trabalhando nas piores condições, vai correndo para a garagem do "português" pegar mais seis, oito horas no volante de um táxi. Como é que esse cara, que, além de tudo, mora longe e/ou em favela, vai poder brincar com os filhos, dar atenção à mulher, ter tranqüilidade, manter uma atividade sexual?

— E por causa de tudo isso que já foi dito, o soldado não tem cabeça para assimilar nada do que lhe ensinam. A gente dá instrução e eles fazem exatamente o contrário. Seu nível intelectual é baixo, está cheio de problemas sócio-econômicos, problemas emocionais e psíquicos. Sabe, é grande o número de soldados que são internados em clínicas de psiquitaria. O pouco de bom que ainda resta na corporação está se evadindo, com justa razão, pois os anseios do homem em busca de uma vida melhor é a própria essência da vida, razão de ser da sua vida.

Você acha que, dando melhores salários, vai acabar a corrupção?

— Isso é impossível de prever, a partir do momento em que o próprio sistema é corrupto. O sistema é safado e taí o Detran pra mostrar isso, com aquela corrupção descarada, safada.

Além dos baixos salários, o guarda da PM trabalha uma média de 56 horas por semana, "mais do que qualquer trabalhador, que trabalha de 45 a 48 horas por semana".

— Com um tipo de serviço mais tenso, mais perigoso e cansativo, a assistência que ele dá à sua família é nenhuma, o que gera conflitos familiares, na maioria dos casos com separação. Tudo isso porque, ao se querer conseguir operacionalidade sem aumento de efetivo, sacrifica-se o homem, que é o meio mais fácil. E esse homem, cansado, com problemas de toda ordem, poderá ter calma pra executar os seus serviços, para assimilar instrução? Não. A exploração do homem pelo homem, pelo que consta, já terminou na época da Revolução Industrial. Ou não?

ARMAS SÃO OBSOLETAS

Outra reclamação do oficial é em relação à pouca verba, que impede a compra de armamentos.

— A verba é insignificante. A PM dispõe de Cr$ 800 mil para comprar armamentos, o que provoca um déficit de 5.169 revólveres Taurus 38. Em todo o Estado, temos apenas 13 mil revólveres, 167 carabinas e 1423 metralhadoras de mão, sendo a maioria absoluta, que são as Thompson e as Ina. O déficit de cartuchos é de mais de 500 mil (cada cartucho com 50 balas custa Cr$ 750,00). Nos Estados Unidos, o policial dá 20 tiros por semana, enquanto na PM do Rio não há munição para um soldado dar 10 tiros ao ano.

Mas você não acha que o ideal seria não dar 20 tiros por semana. O ideal seria não dar tiros, não é?

— O ideal seria uma sociedade utópica, que a gente idealiza, que a gente quer, uma sociedade sem violência etcétera e tal. Mas no momento não é isso que acontece e o que se vê é o crescimento do quadro da violência aumentando diariamente.

Fotos de Chiquito Chaves

A PM parece que não tem muita coisa pra fazer. As fotos mostram exercícios de treinamento, simulando choques com estudantes e ocupando mais de 100 soldados, que podiam estar fazendo coisa melhor. As tarefas de repressão política, sob comando do Exército, retiraram a corporação do seu trabalho policial e aumentaram a insegurança da população.

Corrupção não existe só na PM

Existem várias especulações e afirmações sobre a corrupção entre os oficiais da PM, principalmente no caso dos pontos de bicho, que soltam uma grana preta para os batalhões nas jurisdições onde funcionam. Como você vê isso?

E o problema é o seguinte: é possível que exista uma corrupção dentro da PM, mas eu pergunto: Não existe corrupção na Petrobrás? Não existe corrupção no Detran? Nos ministério? Não existe uma corrupção deslavada e descarada no governo? A corrupção obedece a uma lei hierárquica, ou seja, se corrompe em alto nível do governo, então essa corrupção vai descer, desde o presidente ou ministérios até o guarda da PM, até o cara do Detran ou qualquer simples funcionário.

Se você tivesse que comandar uma operação para reprimir uma manifestação de trabalhadores ou estudantil, como você se portaria?

— Por ordem superior, eu reprimiria com mais facilidade um movimento estudantil porque, no meu modo de ver, sinto que falta politização na massa estudantil, as pessoas gritando anarquicamente, sem uma palavra de ordem, de ideologia. Já um movimento da classe trabalhadora, é um movimento consciente, contém em seu bojo os justos anseios de uma classe oprimida pela elite dominante. O trabalhador é aviltado, explorado por empresários que se procupam muito mais com o lucro, do que com as condições de vida e de trabalho. O empresário não quer deixar de ganhar um pouco menos. Ele quer cada vez mais ganhar lucros maiores, enquanto o trabalhador sai prejudicado. Por isso, eu acho que os movimentos reivindicatórios dos trabalhadores não devem ser reprimidos. O movimento do trabalhador com ordem, não deve ser reprimido.

Polícia é povo?

— É.

Se polícia é povo, porque a polícia, agindo como aparelho repressor do Estado, reprime o povo?

— A Polícia é feita para combater a criminalidade, prender em flagrante o indivíduo, e obedecer o mandado judicial. Mas em função de uma distorção do sistema, ela acaba trabalhando mal e, de uma forma ou de outra, acaba prejudicando o povo.

PM AJUDOU NO GOLPE E AGORA TOMA FERRO

"A participação da Polícia Militar no movimento revolucionário foi total. Apoiou incondicionalmente a revolução em cada Estado da federação, principalmente no Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. No Rio de Janeiro (quem não se lembra de Carlos Lacerda) foi verdadeiro baluarte, apoiando o governador que Brizola queria derrubar. Aliás, a participação da PM em movimentos ou guerras não é novidade, pois na guerra do Paraguai, ela participou com o 31.º Batalhão de Voluntários da Pátria, e o 12.º Batalhão Treme-Terra, ambos com passagens heróicas, (Havaí, Angusturas, Lomas Valentians, Tuiuti). Portanto, é inexplicável o tratamento que, hoje, o Exército dispensa à corporação, como se estivesse contra a revolução. O fantasma da subversão, ou o medo de surgimento de uma força, que eventualmente pudesse lhe fazer frente, fez com que o Exército, se pusesse febrilmente a legislar em causa própria, através do presidente da República, com intuito de cercear a liberdade, o crescimento e a operacionalidade das PM, principalmente as mais fortes e politizadas, como no Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul e Minas Gerais, pois a condição de força militar incomodava o Exército."

APARIÇÕES NORMAIS DA PM NA IMPRENSA

• No dia 20 de outubro de 1977, Aldeci Teixeira do Nascimento foi vítima de um assalto, praticado por três soldados da PM. No dia 1 de novembro, chamado a reconhecer os assaltantes no 20.º BPM, Aldeci foi interceptado pelos soldados, sendo ameaçado para não fazer o reconhecimento. No dia 20 de janeiro, aniversário de Aldeci, ele saiu de casa para comprar refrigerantes e não voltou. No dia seguinte, deu entrada no pronto socorro e morreu. Na autópsia, os legistas constataram sinais de espancamento. **(O Dia, 21/1/78)**

• Djalma Barros da Silva brincava de jogar água nos vizinhos, junto com outros amigos da rua onde mora, quando foi interpelado pelo PM Antônio Romeiro, do 15.º BPM. O rapaz discutiu com o soldado e acabou sendo assassinado por este. **(O Dia, 29/1/78)**

• O motorista de ônibus Roberto Fernandes da Costa arranjou uma briga num bar em Tomazinho, São João de Meriti. Depois de apanhar dos leões-de-chácara do bar, Roberto foi retirado do local por uma patrulhinha do 21.º BPM, sendo encontrado morto na Via Dutra, atropelado por vários carros. **(O Dia, 14/3/78)**

• Vão a julgamento, por contrabando, três oficiais da PM, envolvidos num processo, onde são acusados mais 10 militares do Exército e cinco policiais civis. Os policiais-militares são o major Álvaro Cardoso Machado e os capitães Milton Felipe de Almeida e Wilson Crespo de Oliveira. **(Jornal do Brasil, 9/5/79)**

• Uma mulher espancada e torturada com fósforo; outra com a casa saqueada, de onde levaram Cr$ 4 mil e 500 cruzeiros, além de um cordão de prata; um rapaz de 18 anos agredido a socos e pontapés, o repórter Carlos Militão dos Santos, de O Fluminense, espancado por um sargento. Este foi o saldo de queixas, registrado na 6.ª DP, da Operação Marimbondo 11, realizada pela Polícia Militar. **(Jornal do Brasil)**

• O estudante Gilvan Pate de Souza, de 17 anos, acusado de ter roubado o toca-fitas do carro do comandante do 5.º BPM, foi torturado e morto nas dependências do quartel. A princípio, os policiais militares disseram que Gilvan foi baleado na porta do batalhão, pelo ocupante de um carro que passou em alta velocidade. Mas o companheiro de Gilvan, Iran da Costa, que conseguiu escapar de ser assassinado, abriu o jogo. Ele e Gilvan foram seqüestrados por soldados e oficiais do 5.º BPM, por ordem do comandante, Coronel Otávio Fraga Medina. Gilvan foi torturado e morto. Iran foi levado para Xerém, onde os capitães Carlos Abel da Costa e Airton Prates de Paula, tentaram matá-lo. Iran, porém, conseguiu escapar. Dias depois, o coronel Medina confirmava ter ordenado o seqüestro, enquanto o soldado Milton Gomes da Silva, o Gato, acusado de ter dado os três tiros de misericórdia em Gilvan, prestava depoimentos. **(Jornal do Brasil, maio de 79)**

Reprodução de Amancio Chiodi

Depois dessa morte, federais e estaduais vivem brigando

1 Assim acabou Tino, assassinado com 29 facadas em sua própria cama, às 4 da manhã de 10 de fevereiro de 1977. Nome verdadeiro: Eurico Dias Pinheiro. último "emorego": alcagueta da Polícia Federal de SP. Passava informações ao delegado Ernani Vieira de Souza, chefe do setor de Entorpecentes. Começou em setembro de 1974 e logo passou um bom serviço: descobriu ligações de um empresário noturno com tráfico de cocaína. Hercílio Paiva, dono, na época, das boates La Licorne, Subway e Scarabochio foi indiciado pelo delegado Ernani, mas não foi condenado.

1975: por volta de março, abril, Ernani fica sabendo que Tino assalta contrabandistas, e o faz em nome do delegado (é o que disse Ernani ao REPÓRTER). O delegado chama Tino, conversam, o alcagueta se revolta com as acusações, nega tudo, mas Ernani não tem dúvidas e dispensa seus serviços. E também proíbe Tino de freqüentar a sede da Polícia Federal.

"Ele era homem de alto coturno, alta posição" diz Ernani de Tino — era ponta-de-lança de grandes personalidades, tinha apoio de alto nível da alta cúpula, ligações com Brasília, com SNI. Era muito forte e tinha muita gente na mão. Tanto que de bandido virou herói: ele passou a me acusar e eu fui demitido, pelo AI-5, em 1977. Tenho impressão que ele chegou a trabalhar na repressão política, com Fleury. Se dizia, até, amigo de Fleury. Começou como cafetão. Sua mulher, Maria Del Carmen, freqüentava a boate La Licorne, local freqüentado por altas personalidades. Quando o mataram, fui ameaçado: vi gente suspeita rondando minha casa. Então, só pra me acautelar, saí de São Paulo e voltei pro Rio, de onde tinha vindo em 1974."

Maria Lúcia Palladino ou Lucinha Bang-Bang, agente federal, é uma das acusadas pela morte de Tino. Ela falou dele ao **REPÓRTER:** "Tive mais contato social com ele que profissional. Ele jantou em casa com a esposa, passei um reveillon na casa dele, festa de aniversário dos filhos... Ele era muito envolvente, sabia manejar e usar as pessoas muito bem. Era sempre amigo do rei. Um dedo-duro refinado. Conseguia entrar em determinados meios não vou dizer refinados em matéria de moral, caráter, dignidade, nada disso... Ele se apresentava muito bem; era analfabeto, mas dizia que era advogado, médico, engenheiro. E ele sabia de coisas incríveis. Uma vez, eu estava na Argentina, e o telefone de casa mudou de número. Quando eu voltei, ele já sabia meu novo número que não estava na lista telefônica e em nenhum lugar. O grande sonho dele era ser policial, ele queria entrar na polícia de qualquer jeito. Mas não dava pra ele trabalhar na Federal, ele não tinha nível pra isso." (Mais revelações de Lucinha Bang-Bang na P. 9.)

Federais condenados por Fleury se defendem e condenam Fleury

POLÍCIA CONTRA POLÍCIA

Reportagem de Alex Solnik e Rivaldo Chinem

O caso Tino é um rebu que ninguém sabe aonde vai parar. Desde a morte do alcagueta, em 1977, as polícias Federal e Estadual não se entendem mais. Fleury acusou federais pela morte de Tino, e um ano depois saiu de seu posto, embora promovido. Dois anos depois, morreu. Os federais acusados continuaram se dizendo inocentes e acusam Fleury. Em maio, quando compareceram ao forum para audiência de testemunhas de defesa, eles falaram ao REPORTER. A briga entre federais e estaduais continuou em fevereiro deste ano com um violento tiroteio na boca do luxo (veja nas P. 7 e 8)

Foto de Eliana Assumpção/Central

Morte de Fleury foi um acidente de 1º de maio

2 Este é Sérgio Fernando Paranhos Fleury. Era agente de segurança de Roberto Carlos por volta de 1964 e apenas 15 anos depois tornou-se o policial número 1 do Brasil. Era delegado do Dops em 1977 e investigou o caso Tino. Suas conclusões estão no relatório que terminou em julho do mesmo ano: *a vítima Eurico Dias Pinheiro foi morta porque "sabia demais" e usava deste conhecimento para prejudicar, agredir e vingar-se daqueles que considerava seus desafetos. Seu assassinato é típico pela sua forma, motivado por ilimitada vingança e ódio, tal a sua violência e brutalidade; quem mais tinha motivo iminente e inadiável para objetivar tal sanha de sangue, eram sem sombra de dúvida os indiciados Antonio Piza, sua amante Maria Lúcia Paladino, Florêncio Bittencourt da Silva Neto e José Edmilson de Oliveira, porque a vítima era testemunha de seus crimes e de sua corrupção. A mesma motivação tinha o indiciado José Luís da Silva, porque não podia exercer livremente seu comércio clandestino e criminoso, eis que a vítima com sua atuação lhe acarretava reiteradas vezes vultosos prejuízos financeiros através de uma sistemática perseguição, além de intranqüilizá-lo com a possibilidade de perda de sua liberdade.*

Um ano depois desse relatório, Fleury foi removido do Dops, mas com promoção: passou a chefiar o Deic-Departamento Estadual de Investigações Criminais. Dois anos depois, 1º de maio de 1979, ele morreu, em condições misteriosas: de madrugada, ao cair de seu iate, ancorado em Ilha Bela (local de desova de contrabando) e acompanhado da mulher — o que raramente acontecia.

Maria Lúcia Paladino disse ao REPORTER sobre sua morte:

— Tomei um grande uísque quando ele morreu. E quando eu for pro Céu vou perguntar muitas coisas pra ele: quem matou Tino? Como foi? Quando estive presa no Dops vi cenas que me chocaram. Vi eles pendurarem os próprios colegas...

O ex-delegado federal Ernani Vieira de Souza achou estranha a morte de Fleury:

— Nem autópsia foi feita. Uma grande falha. Não fizeram exame toxicológico das vísceras... e se ele foi envenenado? A morte poderia ter acontecido através de um cigarro... uma injeção... a autoridade deveria ter apurado... o homem era um arquivo ambulante.

Pisa diz que não matou Tino. Sérgio diz que ele matou sim

3 Antonio Risa, ex-agente federal (foto) não gosta de Fleury. Trabalharam junto, primeiro na Delegacia de Roubos; depois, em 1969, 70 Fleury, já no Dops, chamava Pisa, que estava no Crimes Contra o Patrimônio, para colaborar:

— Quando tinha aqueles pega quente, bomba pra lá, assalto pra cá, quem ia era o Patrimônio, não era o Dops, não— desabafa Pisa —. Fui lá várias vezes, não foi uma só. Geralmente, o encarregado dessas equipes era Fleury. Ele era idolatrado pela polícia, até eu achava ele um excelente policial. Mas, depois, agora, tô sabendo que ele foi um herói fabricado. Essa é a verdade.

Pisa fala ao REPÓRTER no escritório de seu advogado. Fuma muito. É daqueles que dá com a língua nos dentes, por isso, toda vez que se entusiasma o advogado manda sossegar.

Fabricado como?

— Sei lá... tem muitos casos que eu participei que não foi resolvido por ele e ele ficou com as glórias. Respeito a ele deve ser dado, mas não gosto dele. Depois que fiquei sabendo muitas coisas.

Em 15 de fevereiro de 1977, Pisa foi preso por ordem de Fleury. Foi buscá-lo em casa, com mais quatro homens armados, o delegado da estadual Pachequinho que Pisa descreve como "asqueroso". A primeira pergunta do interrogatório de Fleury foi: o Dr. Ernani (então chefe de Pisa) é honesto? "Ele é tão honesto quanto o senhor", respondeu Pisa.

Depois Pisa ficou sabendo que estava preso por causa da morte de Tino.

— Conheci o Tino foi uns dois meses só — diz ele —. Só depois que fui preso

Pisa: "Conheci muito pouco Tino"

Fotos de Amancio Chiodi

Sérgio: "Investigações começaram com Nelsinho da 45"

fiquei sabendo mil coisas dele. Que era informante da polícia há 11 anos. Da Estadual. Da Federal, não sabia que era. Tanto é que na Federal, o pessoal achava que ele era policial do Estado. Depois eu proibi inclusive que ele fosse na Polícia Federal.

Por que?

— Ele fazia extorsão em contrabandistas. Quando fiquei sabendo disso, nos 15, 20 dias que conheci o Tino, expulsei ele lá de dentro. Por determinação do Dr. Ernani.

Janeiro de 77: Pisa está na Federal SP. no entorpecentes, e, na volta de uma viagem, é informado de sua transferência para o Maranhão. Não aceita. "Até aquele instante fui um policial com bons serviços, elogios, até presidente de sindicância fui — para o que precisa aval de Brasília." Quem o informa é o delegado Paulo Gomes, presidente da sindicância enviada por Brasília a fim de apurar denúncias de corrupção na Federal de SP. (veja box).

— A Polícia Federal é fraca — diz Pisa —. No território nacional. Fraca em elemento humano. Vi lá dentro muitas deficiências materiais. Mesmo assim prefiro a Federal do que a Estadual, senão não teria saído de lá. A Federal é outro nível.

— O que tem por trás de Tino? Sei lá. O Dops é que podia resolver. Não resolveu. Até o secretário da Segurança Pública, Erasmo Dias, ofereceu não sei se foi 100 ou 200 mil por qualquer informação sobre o Tino. Até um repórter perguntou se ele tinha alguma suspeita. Ele disse que não ia ensinar o pulo do gato pra eles, entende? Então, acho que ele sabia de alguma coisa. Ele sabia do pulo do gato. Até agora não vi esse gato.

4 Sérgio Castro Pontes (polícia estadual. Investigou, com Fleury, o caso Tino:

— Fiz investigações com meu amigo, Dr. Fleury, investigações essas que resultaram na exoneração de seis investigadores da Polícia Federal. Eles usaram de violência e acabaram sendo exonerados, com base no inquérito feito por mim e remetido à Justiça. Mas isso tudo pra mim morreu juntamente com a morte de Fleury.

Qual a relação entre a morte de Tino e a de Fleury?

— Nenhuma. A morte do Fleury foi natural. Até mesmo nisso o Fleury driblou todos eles, não deu satisfação a muito vagabundo. Sua morte foi acidental.

O senhor e o delegado Fleury eram muito amigos?

— Mais do que amigos. Fui um de seus melhores amigos. Sempre trabalhamos juntos. Aliás, Fleury foi meu investigador, em 1956. Eu era encarregado da Rone — Ronda Noturna Especializada e levei o Fleury pra lá. Fui pro interior, e na volta encontrei Fleury formado em Direito e delegado de polícia.

Entra na sala um rapaz magro, de bigode, cabelos claros soltos. Sérgio Castro Pontes apresenta: "Esse é o Fleurizinho, filho do Dr. Fleury". Paulo Cesar Fleury, que trabalha na equipe do delegado Castro Pontes na Delegacia de Crimes Contra o Patrimônio. O rapaz estende a mão, cumprimenta ligeiramente com a cabeça e se retira da sala.

Como foi feita a investigação sobre a morte de Tino?

— Nelsinho da 45 foi um traficante de drogas, assassinado por policiais federais num hotel da rua Augusta. Através dessa investigação foi que cheguei aos implicados no caso Tino. Eu tinha um xerox do inquérito do Nelsinho da 45 que foi roubado pelos federais. Conheço os federais de longa data. Depois que eles souberam quem eu era, a barbaridade chegou a ser homérica. Invadiram minha casa, vasculharam tudo, levaram vários documentos.

17 de fevereiro deste ano: o delegado Sérgio Castro Pontes trocou tiros com três policiais federais, na porta da boate 2000, boca do luxo de SP. Foi ferido na perna e conseguiu acertar quatro tiros no federal Wagner Andózia. Motivo do tiroteio, segundo ele: os federais estavam dando uma prensa em seu amigo, o jornalista Cabral Jr. O delegado conta:

— Vi o Cabral sendo prensado por três indivíduos num Volks branco. Eu disse que era polícia, e eles me disseram que "polícia é o caralho". Passei por eles e recebi um empurrão. Olhei pros lados: havia dois revólveres apontados pra mim. Saquei minha arma e comecei o tiroteio. Pulei a calçada inteira, tomei um tiro na perna e nem me toquei. Fiquei atrás do poste de um semáforo e atirava. Um japonês tirou o revólver da sacola e descarregou em mim. Só que tinha dois agentes próximos que de repente pararam. Eu vi que tinha baleado um deles.

CHEQUE AFASTOU DELEGADO

Trinta e seis policiais foram demitidos, pelo AI-5, em maio de 1977, condenados pela Comissão Sumária enviada por Brasília para apurar denúncias de corrupção na Polícia Federal de SP. Um dos informantes da Comissão foi o alcagueta Tino. O delegado Ernani Vieira de Souza, demitido nessa leva tem uma vaga idéia do porque de sua demissão pois descobriu que Tino havia comprado um carro para ele com um cheque de Hercílio Paiva, que Ernani tinha indiciado em inquérito por tráfico de cocaína e que foi denunciado à Polícia Federal pelo próprio Tino. Ernani conta:

— Tino tinha uma loja de automóveis, o "Formigão". Pedi que ele visse um carro pra mim. No começo de 1975, ele disse que tinha encontrado um carro, numa outra loja. Dei o dinheiro a ele, que ficou de fazer a transação. Ele pegou e trocou esse dinheiro por um cheque de Hercílio Paiva e com este cheque pagou meu carro, assinando, inclusive, em meu nome o documento de compra, falsificando minha assinatura. Dessa maneira, ele me comprometeu com uma pessoa que eu tinha processado, uma figura altamente suspeita.

Ernani espera ser anistiado em breve e voltar à Polícia Federal. E promete, então, investigar pra valer e elucidar de vez o caso Tino:

— Os matadores ninguém sabe quem são; os mandantes, talvez. Não ponho a mão no fogo por ninguém. Mas não foi gente de contrabando que fez isso, foi de tóxicos. A esquadrilha da fumaça. Um tipo de morte de gente dopada. Em sã consciência, ninguém dá 30 facadas. É cocaína, maconha, coisas afins. Quem fez isso era gente prejudicada ou bem ligada a Tino. Ele era viciado em cocaína, eu soube.

Wagner levou quatro tiros. Florêncio foi preso e ameaçado

Wagner "Fui atacado pelas costas"

5 Wagner Andózia levou quatro tiros de Sérgio Castro Pontes. Está com faixas pelo corpo, embora numa foto pareça que não há nada de anormal com ele. Por baixo da roupa estão as marcas da bala que entrou pelas costas, na altura da cintura; da outra que pegou na perna esquerda; da terceira que atingiu o saco escrotal, só não tornando Wagner impotente porque passou entre as duas bolas, bem no meio, sem destruir nenhuma e da quarta que inutilizou sua mão direita (não sabe até quando):

— Eu era um dos melhores atiradores da Federal — Wagner disse ao REPORTER — e agora sou obrigado a treinar a mão esquerda. Fui treinar no sítio de um amigo, estou indo mal: minha esquerda é péssima.

Ele conta o tiroteio com o delegado Sérgio Castro Pontes:

— Eu trabalho no Serviço de Censura da Polícia Federal e pertenço ao setor de investigação, recebo o roteiro durante o dia e começo a fiscalizar à noite. Na noite de 16 de fevereiro recebi uma determinação normal, juntamente com meus colegas Roberto, Walter e Álvaro, o chefe. Chegamos já de madrugada na boate 2000 (boca do luxo de SP) e pedimos uma documentação, que os donos não tinham, por sinal. O garçom pediu que voltássemos mais tarde, porque a documentação estava em mãos de Cabral Jr., um dos dônos da boate, como ele se apresentou para nós em janeiro. Fomos embora e voltamos às 4 da manhã.

— Aí, voltamos para a 2000 e encontramos o Cabral Jr. acompanhado de outras pessoas. A boate é uma discoteca com 6 mil Watts de potência, não há condições de se conversar. Daí falei pra ele: vamos conversar lá fora. Lá fora eu disse pra ele falar com o Álvaro, nosso chefe, que estava no carro do outro lado da rua, um Opala oficial. Cabral Jr. se recusou a atravessar a rua. Chega um tal de Rafik, empresário de Ângela Maria, que não sei de onde saiu. Veio com a mãozona dizendo: "Aqui não vai prender ninguém porra nenhuma". Segurei o Rafik mas tomei uma coronhada na cabeça do Sérgio Castro Pontes. Aí ele passou a atirar em mim, pelas costas. Saquei a arma, e soube depois que dei um tiro, mas não me lembro.

Por que Sérgio Castro Pontes atirou em você?

— Não sei. Só sei que fui do setor de entorpecentes da Polícia Federal durante dois anos e seguramente sou um dos homens que mais entendem de tóxicos na repartição. É só isso que posso dizer.

Então você conheceu os agentes da Entorpecentes acusados no caso Tino?

— Eu conhecia o Pisa e o Florêncio, mas não tinha outras relações com eles, se não o trabalho. Nunca fui nem sou amigo deles.

JUÍZ DEFENDE INTIMIDADE DA NOIVA

Forum de SP, 22 de maio de 1979: dia de mais uma audiência do julgamento do caso Tino. Todos os acusados aparecem, menos um, José Luís da Silva, apontado no relatório de Fleury como contrabandista. Mas, segundo o ex-federal Antônio Pisa, Zé Luís era informante da polícia estadual há 11 anos. Pisa contou ao REPÓRTER (como já havia feito em juízo) que encontrou-se com Zé Luís quinze dias antes da morte de Tino porque ele poderia dar uma informação sobre um caminhão de maconha que ia chegar em SP.

— Eu conhecia ele como informante e eu precisava dessa informação. Nem tocamos no Tino. Aliás, ele tocou. Perguntou alguma coisa de passagem.

Maria Del Carmen Monterde chegou no meio da audiência. Alta e loira, muito maquiada, negou-se a falar ao REPÓRTER:

— Já estou cansada de falar nisso.

Os depoimentos mais interessantes foram os das testemunhas Otelo Teles de Oliveira, ex-agente federal, cassado por corrupção em 1977 e Marcia Lopes Gonçalves. Ele contou que encontrou Pisa, Florêncio, José Edmilson e Maria Lúcia Paladino na véspera do crime, às 10 da noite, no apartamento de Maria Lúcia e Pisa, na Alameda Santos (veja na p. 9). Lembrou até que Pisa estava de cama, doente.

Marcia Lopes Gonçalves, noiva de Florêncio, estavá muito nervosa. Quase não conseguia falar. Não parava de brincar com uma fita do vestido. Ela contou que na véspera do crime passou o dia com Florêncio, numa viagem a Santos, voltaram às 9 da noite e ele ficou em sua casa até meia-noite. O promotor perguntou se o casal sempre ia para Santos, mas o juiz não deixou a testemunha responder: indeferiu, alegando que a pergunta feria a intimidade da testemunha.

Nova audiência foi marcada para agosto.

6 Florêncio Bittencourt da Silva (foto), agente federal, sempre trabalhou com Entorpecentes. Acha que a acusação de que ele matou Tino não passa de uma trama na qual ele é um dos bodes expiatórios. Garante que sempre fez bons serviços na Polícia Federal. Tem 26 anos e fala ao REPORTER ao lado da mãe e da noiva, no bar em frente ao forum.

— Entre Polícia Federal e Estadual alguma richazinha sempre teve, nada de grave,,, Com a PM já tinha mais... a PM é tapada.

Toma café. Está com pressa pois precisa comprar algumas coisas para o casamento, nos próximos dias. Conta, rapidamente, como foi preso, em 31 de maio de 1977, em Porto Alegre, na casa da mãe:

— Me acordaram brutalmente, me algemaram. Levaram pro Dops gaúcho onde passei um dia encapuzado. O mandante da prisão foi o delegado Pedro Seelig, esse do caso dos uruguaios sequestrados. Ele fazia troca de serviço e favores com Fleury, mais ele fazendo pro Fleury que Fleury pra ele.

A mãe, Neide Maria Bittencourt conta:

— Foi horrível. Tenho seis filhos, nunca aconteceu uma coisa dessas. Ainda o pai é militar, e é daqueles Caxias...

Florêncio foi trazido para o Dops de SP onde, contou, "o tratamento foi péssimo. Muita coação física, psicológica".

Você conhecia Fleury?

— Encontrava esporadicamente, na noite de São Paulo, uma vez ou outra.

Vocês foram pendurados no Dops?

— Ameaças houveram bastante. Mas fomos humilhados. Uma palavra aspera uma ameaça, para nós, policiais, queria dizer mais que um tapa.

Florêncio: "Me acordaram brutalmente, me algemaram"

— Esse caso devia ser apurado pelo Dops da Polícia Federal — diz Florêncio — pois qualquer funcionário federal envolvido em crime deve ser apurado pela Polícia Federal. Foi precipitação da Polícia Federal que não apurou o caso: deixou a Polícia do Estado apurar e cassou todo mundo, sem ouvir direitinho, sem tomar depoimento, conclusões certas; deixaram os outros fazer; punir, eles puniram.

Havia algum interesse do Dops no caso Tino?

— Tava no interesse deles apurar, quem fica mais perto da coisa, encobre mais fácil.

Se você fosse apurar o caso Tino, por onde começaria?

— Começaria com algumas ligações com contrabandistas de containers - caixa de ferro grandíssima que desembarca em Santos e contém marcadorias importadas e elas devem, por legislação internacional, ir direto pro Paraguai. Acontece que raramente vão. São desviadas. Desviadas através de acordos prévios — isso aí não acontece por acaso. Tem que ter conivência, porque um container é maior que dois elefantes. Pode ter conivência da Polícia do Estado, Receita Federal, Marítima.

Você então começaria investigando nas Docas de Santos?

— Não, no trajeto todo até o Paraguai.

Ilha Bela, por exemplo?

— Pode ser.

Falando nisso, você não achou misteriosa a morte de Fleury?

— Bastante. Mas preciso esperar mais uns dias pra tirar conclusão. Nisso, chega no bar Maria Lúcia Paladino. Está feliz. Conta a Florêncio que conseguiu licença do juiz para fazer uma viagem à França.

Fotos inéditas de Tino. Lucinha confessa: "falei em matá-lo"

Reproduções de Amancio Chiodi

QUISERAM ARRANCAR SUA LÍNGUA

REPÓRTER publica com exclusividade estas fotos que pela primeira vez chegam à imprensa. Elas foram feitas no dia da morte de Tino. Dizem os autos do inquérito que o assassinato foi executado por quatro pessoas, encapuzadas e usando luvas. Teriam entrado na casa (protegida por um cão policial) com ajuda da mulher de Tino, e esfaqueado Tino enquanto dormia. As marcas de facadas nos braços mostram que ele teria reagido. A facada mais violenta abriu um rombo no pescoço, como se os matadores quisessem arrancar a língua do alcagüeta Detalhe: as quatro fotos estão assinadas pelo diretor do IML, Harry Shibata, mas uma assinatura é diferente da outra.

7 Apartamento de Maria Lúcia Palladino (Lucinha Bang-Bang, por ter sido campeã de tiro-ao-alvo na Academia Nacional de Polícia). Duas salas grandes, a mesa de jantar com tampo de mármore. Dezenas de cinzeiros sobre a mesinha de centro. Discos arrumados no chão.

O mesmo apartamento que é o principal álibi do grupo, pois, uma das testemunhas de defesa, ex-agente federal Otelo Telles de Oliveira (demitido pelo AI-5 em 1977) disse que encontrou todo mundo (menos Zé Luís e Maria Del Carmen) ali, às 10 da noite de 9 de fevereiro, véspera do crime.

Lucinha é baixa, loira, elétrica. Fala muito, tentando sempre conservar o sorriso simpático, mesmo quando se recusa a ser fotografada.

Conta que entrou na Polícia Federal em 1972, convidada por um primo que trabalhava lá. "É mole, a gente não faz nada lá", o primo disse. Antes, ela nunca tinha trabalhado. Era casada, vivia em casa. Resolveu trabalhar quando se desquitou. Seu pai já tinha trabalhado no Dops, durante muitos anos, na década de 40.

— Nos primeiros três anos e meio de Polícia Federal — diz Lucinha — eu trabalhava na rua, fazia de tudo, era a única mulher lá. Também chefiava a segurança da mulher do presidente Médici, Scila, quando ela vinha a São Paulo. Ficava lá eu, a noite toda no Hilton Hotel, a metralhadora no colo.

— Em setembro de 76 — ela continua — veio uma comissão de Brasília investigar corrupção na Polícia Federal de São Paulo. E me chamou pra entregar meus colegas. Eu jamais faria isso. Era melhor perder o emprego. Conheço muita gente lá dentro que entregou e hoje está muito bem.

Antes do fim de 76, Lucinha se sentiu ameaçada. Conta que recebia telefonemas anônimos segundo os quais seu filho de 6 anos poderia ser seqüestrado. Ela não sabia quem fazia isso, mas desconfiou de Tino. Foi nessa ocasião que falou em matá-lo:

— Um dia, eu disse que matava ele, quando houve esse problema com meu filho... Eu disse: eu mato ele! Olha que boca... Mas falei do mesmo jeito que digo pro meu filho quando ele não quer sair da cama: Cristiano, eu te mato! Levanta! O verbo dá um sentido de sentimento de bronca, mas não quer dizer que você vai lá...

Cinco dias depois da morte de Tino, Lucinha foi presa pelo Dops:

— Minha casa foi invadida e eles roubaram algumas coisas daqui, inclusive um cinzeiro de prata. No Dops, a primeira pergunta que me fizeram foi: quem roubava na Polícia Federal? Eu disse: o senhor, quando rouba, conta? Por que eles iam contar pra mim? No começo teve pressões psicológicas, me levaram na sala da cadeira de dragão...

— Que você conhecia tão bem... — comentou um amigo de Lucinha, o "Careca".

— Pois é... eu imaginava que a prisão tinha ligação com o caso do seqüestro da criança (ela, sua irmã Laura e Pisa teriam tentado extorquir dinheiro de uma amiga de Tino, "onde fomos comprar jóias", diz Lucinha e se ela não desse, levariam seu filho. Isso aconteceu em 1974.) Eu nunca imaginei que era pela morte dele, tanto que eles tiveram que criar o caso do seqüestro.

— Cheguei a fazer mil esquemas de como ele poderia ter morrido — prossegue Lucinha — ...se eu tivesse que matar ele, como faria? Montei mil esquemas e não consegui uma explicação lógica. Ninguém conseguiu chegar a uma conclusão. A Polícia Técnica não encontrou uma impressão digital na casa de Tino, nem dos próprios moradores. Como é possível? Eles não queriam chegar a conclusão nenhuma. Se fizeram isso é porque estão envolvidos até o último fio dos cabelos!! Eles tinham que procurar algum culpado pra não ser eles — e, sei lá, por obra divina, o pedaço coube a mim. O porteiro do meu prédio foi ao Dops depor, ele me viu... eu voltei pra casa e cheguei na minha casa antes das 2 da manhã — foi às 4 que o homem morreu... eu saí pra comer porque não tinha disposição pra fazer comida à uma da manhã... mas o depoimento do porteiro não constou do inquérito... Foi um negócio bem absurdo, bem sujinho mesmo.

De uma coisa Lucinha não quis falar: de sua irmã Laura (que teria confessado o caso do seqüestro da criança no Dops):

— Não faço comentários a respeito dela, aliás, nós não conversamos desde aquela época. Foi uma grande mágoa. Ela foi muito espancada, muito torturada.

Depois que Tino morreu, Lucinha se separou, também, de Pisa.

REPORTER FILMES *apresenta* A FICÇÃO DO ANO

As comoventes peripécias do delegado Sérgio Fleury que morreu antes do tempo e enfrentou a burocracia de Satã

O INFERNO PODE ESPERAR

ou

A Vingança de Frei Tito

Rodrigo Otávio Cardona

Ilustração e arte de Maurício Veneza

Iate Clube de Ilhabela. Uma mulher e um rapaz vão conduzindo um homem que cambaleia e canta em voz alta. Os três encaminham-se ao cais. Pouco depois ouvem-se gritos. Alguém passa correndo, pedindo um médico.

— O Fleury caiu n'água, quase se afogou. Está botando espuma pela boca.

(*Corte rápido para um homem de média estatura, olhos azuis-esverdeados, barriga proeminente, paletó 48, manequim 50. Passadas curtas e ágeis aproxima-se de um imenso local em pleno deserto. Centenas de camburões da polícia, sirene tocando, chegam vazios e partem cheios de gente, deserto adentro. Homenzarrões de cavanhaques e bigode fininho, camisetas pretas, botas de cano curto, calças pretas colantes, vão empurrando as pessoas para dentro dos camburões*).

— Ei, você aí: Venha cá, rápido: gritou um dos homenzarroês ao recém-chegado.

— Mas que lugar é este? O que esta gente toda está fazendo aqui?

— Ah! Então o prezado não sabe onde está? Que pena. Logo, logo vai saber. Vamos lá, me de logo o seu nome.

— Não vou dar nada. Me chame o chefe que eu quero falar com ele.

O homenzarrão irritou-se e deu-lhe uma violenta bofetada. O recém-chegado reagiu e os dois atracaram-se aos socos e pontapés. Formou-se tremenda confusão. Um toque longo de sirene anuncia a chegada de um homenzarrão de jaqueta de couro vermelho, cavanhaque bem aparado, cavalgando uma imensa moto.

— Olha, o chefe está chegando.

— O que foi que houve por aqui?

— É esse sujeito aqui que não quer dar o nome.

— Quem é você rapaz?

— Meu nome é Sérgio Fleury e quero saber que palhaçada é essa?

— Delegado Sérgio Fleury? Mas que prazer. Quanta honra termos um homem como você por aqui. É bom que você saiba logo que aqui é a estação de triagem para o Inferno.

— Mas vocês estão certos de que eu tinha que morrer logo agora que estou com duas missões muito importantes para resolver?

O chefe dos homenzarrões consulta a prancheta onde está uma relação de nomes e levanta a cabeça com expressão irritada.

— De novo. Mas assim não é possível trabalhar. Desculpe, Fleury, mas você foi chamado antes da hora. Você tinha mais três anos de vida (dirigindo-se, irado, aos seus comandados) Cambada de incompetentes! (mudando de tom e falando com o delegado) É que estamos trabalhando com uma equipe nova e enganos como esse acabam sempre acontecendo. Mas deixe que eu vou punir o responsável (chama um dos homens e cochicha no seu ouvido). O homem sai correndo e volta trazendo um sujeito desajeitado, de óculos.

— Ah! Então foi você o emissário responsável por esse engano? Agora trate de desfazer a mancada que fez. Caso contrário já sabe o que espera você. (voltando-se para o delegado) Adeus Fleury.

Fleury e o emissário ficam sozinhos.

— Desculpe, Fleury. Vamos ver se ainda há tempo prá você reencarnar em você mesmo. Rápido.

(*Corte para um cemitério, milhares de pessoas, alguns homens descarregam seus revólveres, atirando prá cima*)

— Tarde demais, delegado. Você já foi enterrado. Agora teremos de encontrar um outro corpo prá você.

— Seu burocrata de merda! Incompetente! Foi pousar logo em cima de mim. Veja só o que me arranjou.

— Calma delegado. Enganos desse tipo são muito comuns no nosso trabalho. Vamos ver se damos um jeito (tira uma lista do bolso) Pelo que sei você certamente vai querer voltar na pele de um policial. Mas pelo que estou vendo aqui não tem nenhum policial morrendo por esses dias. Você vai

ter de aguardar em outro corpo até encontrar uma boa vaga prá você.

— Então vamos encontrar logo um, porra!

(*Março de 1973. Quartel dos Fuzileiros Navais de Salvador. Ouvem-se gritos de dor, homens que falam aos gritos, risadas.*)

Emissário — Está reconhecendo esse lugar delegado?

Fleury — Claro, estive aqui interrogando terroristas.

(*Os dois se aproximam de um grupo de homens encapuzados que interrogam um prisioneiro. Um dos interrogadores não usa capuz e está com um alicate na mão.*)

Emissário — Está reconhecendo aquele sujeito sem capuz?

Fleury — Mas aquele sou eu. Como é que pode?

Emissário — Pois é. Vamos ver se você se dá bem com o corpo daquele homem que está algemado. Vamos lá, prepare-se.

Fleury — Ei, que brincadeira é es...

(*O emissário dá um sorriso diabólico e fica observando de longe Fleury encarnar o prisioneiro.*)

Fleury — Ué que cara de espanto é esta, seu filho da puta? Está com medo do alicate? Vamos lá, professor Arno Bicha. (risadas) Desculpe, professor Arno Brischta.

Fleury/Brischta — O que é isso, Fleury? Você não está me reconhecendo? Eu sou o Fleury. Olha bem prá mim.

Fleury — Olha só, o filho da puta agora quer me gozar. Vamos ver se ele agora vai continuar me gozando (pega o alicate e num gesto brusco arranca um dos dentes da frente de Fleury/Brischta que começa a uivar de dor). Eu sempre achei que a minha verdadeira vocação era ser dentista. (o preso desmaia) Tragam um balde d'água fria prá reanimar este veado.

Fleury/Brischta (voltando a si, com ar assustado) O que foi? Que dor. Parem com isso, Fleury. Eu sou o Fleury. Não está me reconhecendo?

Fleury — Ah! Quer recomeçar tudo de novo? Então vamos lá. Vai confessar ou não vai?

Fleury/Brischta — Mas eu não sei do que você está falando.

Fleury (aproximando o alicate da boca do preso) Então vamos lá prá aproveitar o embalo (arranca outro dente de Fleury/Brischta que se contorce de dor).

Fleury/Brischta — Fleury, filho da puta! Emissário, socorro! Socorro!

Emissário (com ar de quem não viu nada) Mas o que é, Fleury? Algum problema? Venha prá cá.

Fleury — Não está vendo seu porra? O filho da puta do Fleury me arrancou os dois dentes com o alicate. Ai! que dor.

Emissário — Vamos sair daqui, desculpe.

Fleury — Me desculpe, o caralho! Vamos acabar logo com essa brincadeira.

(*Novembro de 1969. Delegacia da Operação Bandeirante. São Paulo. O delegado Fleury e mais quatro detetives interrogam um homem baixo, óculos, cara de cearense. Ouvem-se vozes saindo de um gravador sobre a mesa.*)

Fleury — (*desligando gravador*) Olha aqui, garoto. Você ouviu o gravador, não ouviu? Então já pode começar a falar. A gente já sabe de tudo. Sabe garoto?

Fleury (*ao emissário*) Ei! Mas aquele ali sou eu interrogando o Frei Tito, aquele dominicano terrorista.

Frei Tito — Mas eu não sei de nada, delegado.

Delegado Fleury — Não sabe o que, garoto? Você está escondendo o jogo (*pega um revólver e encosta na cabeça de frei Tito.*)

Frei Tito — Mas eu não tenho nada a dizer. (*Na sala vão entrando policiais vestidos de frades dominicanos. Tito entra, senta-se numa cadeira.*)

Policial — O homem é seu, capitão Maurício.

Capitão — Deixa comigo. Agora você vai conhecer a sucursal do Inferno, dominicano filho da puta. (faz um sinal com a cabeça a um dos "frades" que, pelas costas, bate com as duas mãos, com violência, sobre os ouvidos de Tito que grita de dor).

Fleury (ao emissário) Esse Maurício é um cara excelente. É um dos sujeitos mais competentes que conheço.

Emissário — Eu também acho. Mas eu sou mais você, Fleury. Quer ver só? Vá, assuma o lugar de Frei Tito.

Fleury — Mas o que é isso, emissário de merda. Eu vou te dedurar pro teu...

Capitão Maurício — Como é, fradinho de uma figa. Vai falar ou vai querer mais porrada?

(*O delegado Sérgio Fleury entra na sala e senta-se ao lado do capitão, de frente para frei Tito.*)

Delegado Fleury — Como é, Tito, vai abrir ou não vai?

Fleury/Tito — Hei! Fleury! Não está me reconhecendo, eu sou você, (todos riem) Não estou brincando não. Eu sou você no corpo de frei Tito.

Delegado Fleury — Quer me gozar, não é, seu veado. Pois você vai ver quem é mais engraçado. Maurício, põe esse frei no pau-de-arara.

Fleury/Tito — Não, pelo amor de Deus! Não faz isso comigo. Isso não está direito.

(*Dependurado no pau-de-arara, Fleury/Tito recebe choques elétricos nos tendões dos pés, no peito, na cabeça, nas pernas. Desmaia.*)

Delegado Fleury — Tragam um balde d'água para reanimar esse porra.

(*Fleury/Tito acorda com o jorro d'água fria e a sessão continua.*)

Fleury/Tito — Fleury, pare. Não está me reconhecendo, eu sou você. Em nome de nossos filhos.

Delegado Fleury — eu vou te ensinar quem é mais esperto, seu puto. (*Num acesso de raiva, o delegado Fleury começa a socar e dar pontapés em Fleury/Tito.*)

Capitão Maurício — Toda a vez que você disser um não vou te dar um choque (dito isso começa a acionar uma maquineta com fios ligados em diversas partes do corpo de Fleury/Tito que, não agüentando o choque, se mija todo).

Delegado Fleury — Como é, seu mijão? Quem são os outros padres ligados a você? (o capitão pede licença ao delegado e introduz na boca de Fleury/Tito um fio ligado à maquineta. Assume um tom solene e com as mãos faz o sinal da cruz no ar).

Capitão Maurício — Caríssimo irmão em Cristo, agora você vai receber o tratamento da Eucaristia (começa a girar a manivela da maquineta, a boca de Fleury/Tito começa a inchar e ele se contorce de dor).

Fleury/Tito — Fleury sou eu, não estou mentindo. Por favor me escute. Lembra que Nicolau quebrou a perna há uma semana e que você está devendo aquela prestação da casa?

(*O delegado chama o Capitão Maurício a um canto e fica conversando em voz baixa.*)

Delegado Fleury — Maurício, esse cara, parece que é espírita ou então está muito bem informado a meu respeito. Da forma como ele está reagindo à porrada parece ser um cara muito importante na organização. Pelo sim pelo não vamos dobrar a dose.

(*A sessão de tortura recomeça. O capitão aciona a manivela e o delegado e outros "frades" vão dando socos e pontapés no estômago, no saco e no rosto de Fleury/Tito.*)

Fleury/Tito — Emissário! Emissário! Me ajude!

(*O emissário tira Fleury do corpo de frei Tito.*)

Emissário — O que foi, Fleury? Algum problema?

Fleury — Você ainda pergunta, seu filho da puta. Isso é coisa que você faça comigo?

Emissário — Eu não vi nada, Fleury. Vamos continuar a nossa ronda?

Fleury — Continuar porra nenhuma. Eu quero é voltar e ter uma conversinha séria com o teu chefe.

Emissário — Se você quer assim, vamos lá. (numa fração de segundo os dois voltam pro mesmo lugar de onde tinham saído. O movimento de camburões chegando e partindo é o mesmo.) Espere um pouco aqui, Fleury. Vou dar uma chegada aqui ao lado e já volto. (passam-se várias horas e o emissário não volta), o delegado impacienta-se e chama um dos emissários e diz que quer falar com o chefe com a maior urgência. O emissário leva-o até uma imensa barraca de campanha onde trabalha o chefe dos emissários.

Chefe — O que foi? Que barulho é esse? (reconhecendo Fleury.) Ah! é você, delegado? O que foi que houve que você já está de volta?

(*Fleury conta-lhe tudo o que aconteceu, o chefe vai ficando cada vez mais vermelho a cada frase e manda chamar o emissário encarregado de Fleury. Ninguém consegue encontrá-lo. De repente chega um dos auxiliares e entrega um bilhete que encontrou no alojamento do emissário de Fleury.*)

Chefe — (lendo o bilhete) "Buscarei, então, pastagens distantes, lá onde o ódio não tem teto para repousar..." O quê, que conversa fiada é essa! Isso não é conversa de emissário de Satã. Isso mais parece coisa escrita por um... (vai ficando lívido.) Pelos demônios, eu bem que desconfiei do jeito que aquele emissário olhava. A sua voz era mansa demais pra ser dos nossos. Cambada de incompetentes, como é que deixaram um anjo se infiltrar aqui! Vermes! Imbecis! Ingênuos! (dirigindo-se para Fleury.) Ele enrolou até você, delegado. Azar o seu: seu tempo acabou. Embarque já no camburão. Guardas! Levem-no (*Fleury esperneia e grita mas acaba sendo jogado no camburão.*)

(*Corte para uma paisagem bucólica, coberta de nuvens, ovelhas pastam, som de violinos no ar. Passa um velhinho de barbas e cabelos brancos apoiado num cajado. Vê um jovem de óculos tocando violão em baixo de uma árvore e chama-o*)

Velho — Frei Tito, você tem andado sumido. Não o vejo há muito tempo. O que houve, por onde tem andado?

Frei Tito — Estive fora por um tempo, Pai. Fui resolver uns probleminhas pessoais.

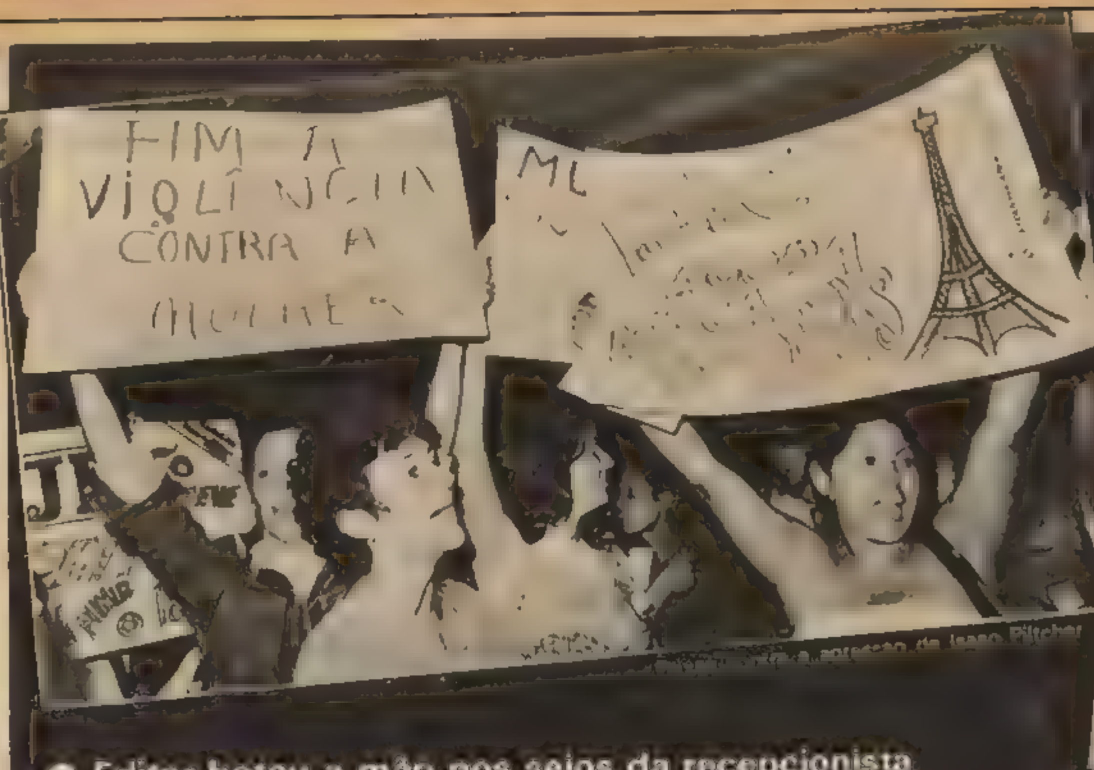
Velho (Com olhar malicioso) Ah! Tenha cuidado para não exagerar na solução de seus probleminhas pessoais meu filho. Adeus.

Os personagens

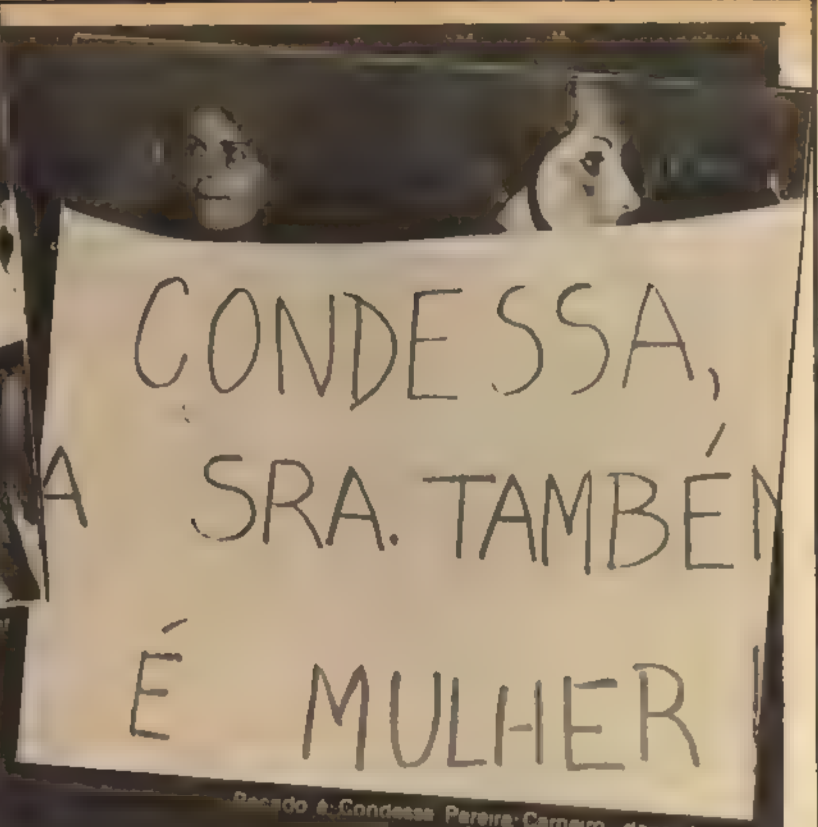
Frei Tito — *Frade dominicano preso sob acusação de envolvimento com a organização chefiada por Carlos Marighela. Durante vários dias foi torturado pessoalmente pelo delegado Fleury e por policiais vestidos de frades dominicanos. Banido do Brasil, Frei Tito foi para um convento dominicano na França. Aniquilado psicologicamente, em conseqüência da tortura, Tito acabou suicidando-se.*

Arno Brischta — *Professor baiano, torturado por Fleury no Quartel dos Fuzileiros Navais de Salvador, em março de 1973, segundo relato que fez à revista Veja. O próprio Fleury arrancou-lhe dois dentes com um alicate e depois mandou reimplantá-lo ameaçando de morte, caso contasse que foi torturado.*

Capitão Maurício — *Nome de guerra de um dos principais torturadores da Operação Bandeirantes (OBAN), instituição para-militar criada em São Paulo, logo após o AI-5, a pretexto de eliminar as organizações terroristas.*



... contra a agressão de Isaac Piltcher



Recado à Condessa Pereira Carneiro, dona do JB

- Editor botou a mão nos seios da recepcionista
- Vítima é que foi demitida junto com colegas
- Manifestação é o 1º ato público feminista no país

Mulheres contra o tarado do JB

Texto de Chico Júnior; Fotos Custódio Coimbra

No dia 18 do mês passado, o Centro da Mulher Brasileira e o Coletivo de Mulheres realizaram uma manifestação na frente da loja de classificados do **Jornal do Brasil,** da Avenida Rio Branco (Rio de Janeiro) para protestar contra a atitude machista e desrespeitosa de um dos editores do jornal, Isaac Piltcher, que passou a mão nos seios da recepcionista Elaine Gonçalves Ferreira. A reunião, que contou com a presença dos deputados estaduais Heloneida Studart e Raymundo de Oliveira e do federal Modesto da Silveira, foi a primeira manifestação feminista realizada em praça pública no Brasil.

Tudo começou no dia 5 de maio, quando Isaac Piltcher, editor do Caderno Especial do **JB,** passou a mão nos seios de Elaine, depois de fazer "elogios" a seu corpo e à sua beleza. Indignada, a moça queixou-se à seus superiores e, talvez por não ter compactuado com a agressão machista do poderoso editor, foi simplesmente mandada embora. Como sempre, a corda roía para o lado do mais fraco.

Solidárias com a colega, sete outras recepcionistas foram reclamar, exigindo segurança e justiça. Também foram despedidas, enquanto o nosso amigo ganhava, de presente, férias em Paris, quem sabe para esquecer o desagradável incidente, coitado. Além disso, todos os funcionários do jornal receberam ordens de seus chefes e editores para não tocar no assunto, sob pena de demissão. Nem mesmo os jornalistas, teoricamente defensores dos direitos humanos e dos direitos do trabalhador, se manifestaram. Todo mundo caladinho, fazendo o jogo do coleguinha maior e do jornal. E a posição do Sindicato foi a de ficar em cima do muro.

Sobre o incidente, apenas dois jornais da Grande Imprensa noticiaram, discretamente, alguma coisa: **Folha de São Paulo** e **Tribuna da Imprensa.** E ninguém também noticiou os discursos pronunciados pelo deputado federal Modesto da Silveira e os estaduais Heloneida Studart e Raymundo de Oliveira, que se manifestaram contra os atos arbitrários do **Jornal do Brasil** e contra o machismo de Isaac Piltcher. Até o **Pasquim** (Ziraldo) censurou parte da matéria do colunista Sérgio Augusto sobre o assunto, cortando o nome do agressor.

Em seu discurso na Assembléia, Heloneida disse que "a trabalhadora Elaine não pode ser demitida de seu emprego por ter protestado contra os avanços de um cidadão incapaz de cativar uma mulher por si mesmo. De qualquer lado que se olhe o episódio — lado trabalhista ou lado feminista, ele é indigno, burro, retrógado, reacionário. E ele é, principalmente, contra o amor".

Na manifestação, Heloneida fez um rápido discurso denunciando as demissões e dizendo que via dois tipos de violência na agressão contra Elaine: violência contra o trabalhador e violência contra a mulher. E acrescentava:

— É chegada a hora da mulher parar de ir para casa chorar, quando é agredida, violentada. É chegada a hora de reagir ao machismo.

E foi isso mesmo que Elaine fez: entrou com queixa-crime contra o agressor, tornando o caso bem mais sério do que Isaac esperava. Diante disso tudo, o mínimo que o **Jornal do Brasil,** que vive falando em nome da justiça e da verdade, poderia fazer seria readmitir as funcionárias despedidas injustamente e botar o senhor Isaac Piltcher no olho da rua.

Isaac não será mandado embora, mas sairá elegantemente: voltou de Paris, entrou em férias, e, quando voltar, pedirá demissão. Pelo menos é essa a versão que circula na redação do **JB**.

Quanto às recepcionistas, não serão readmitidas. Em seus lugares a direção do jornal resolveu colocar recepcionistas homens. Resta saber se isso elimina o problema ou fará apenas com que se mude o local do ataque.

Jornal vive clima de repressão e medo

O episódio da recepcionista contribuiu para fazer aflorar uma grande crise interna que existe na redação do JB. Os jornalistas vivem reclamando de certas medidas arbitrárias, mas, absurdamente, foram proibidos até de "discutir em mesa de bar a situação do jornal".

Dentro desse clima, recentemente foi despedida a jornalista Sônia Mainberg, considerada por todos como ótima profissional. Sua demissão motivou um protesto por parte da redação, que correu um abaixo-assinado recolhendo cerca de 200 assinaturas, entre as quais as de vários subediretores.

Tomando conhecimento do fato, o editor-geral, Walter Fontoura, chamou o delegado sindical Fritz Utzeri e ameaçou de demissão todos os subeditores que assinaram a lista, além de tomar medidas contra a alguns dos outros jornalistas. Diante disso, concluiu-se que o melhor seria voltar atrás na decisão de entregar o memorial protestando contra a demissão de Sônia. Mais uma vez a chefia conseguiu desmobilizar e neutralizar a ação dos jornalistas. É de se criticar, também, o comportamento do Sindicato, que, numa hora em que deve lutar pela mobilização e pelo avanço político da ação, esfria a rapaziada e pede para aguardar o momento político oportuno.

A Carbutec tem a solução para o problema do seu carburador.

Serviços especializados de carburadores DFV — Solex

Serviços elétricos

Posto autorizado de carburadores

* REGULAGEM ELETRÔNICA *

Regulagem Carbutec Ltda.

Rua Aristides Lobo, 213 — Loja 1 — Tel.: 234-7998

Anistia da língua começa antes da outra

Já que o palavrão não é mais proibido no Brasil — o governo acaba de liberar para venda o Dicionário do Palavrão e Termos Afins do escritor pernambucano Mário Souto Maior — REPORTER foi saber de jornalistas, artistas e populares o que eles pensavam sobre o assunto. E descobriu que todo mundo fala palavrão, mas pouca gente gosta de vê-lo impresso nos jornais. As pessoas entrevistadas associam palavrão a uma forma de agressão e não a um meio de se expressar. Todos os palavrões estão ligados a sexo, como filho da puta, vai tomar no cú e puta que pariu.

Reportagem de Iracema Silva

Fidel Castro adora Bolsa de Valores

Está na rua o Dicionário do Palavrão. Proibido em 1974, o livro do professor pernambucano Mario Souto Maior foi liberado em maio pela censura. E ele já prepara um novo trabalho, que será o Dicionário do Palavrão e Expressões Afins.

O professor — pesquisador de folclore, funcionário do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais — não fala palavrão, e a idéia do livro nasceu de uma conversa com o sociólogo Gilberto Freire. Apesar de ter pesquisado muito, em todos os estados brasileiros, Souto Maior deixou de público alguns palavrões curiosos, como, por exemplo, um que consta em três publicações — Linguajar Médico Popular do Brasil, Vocabulário Popular Cearense e Dicionário de Termos e Expressões Populares Cearenses: Figueiredo. Segundo esses livros, Figueiredo significa nádegas, bunda, ânus.

Eis alguns palavrões do Dicionário de Souto Maior:

Abajur de buceta — nome dado pelo jovens à mini-saia
Amarrar a gata — expressão usada no Nordeste para designar o ato de defecar.
Babador de rola — gravata muito comprida que quando amarrada fica quase sobre o pênis.
Balançar a roseira — praticar o ato sexual, copular.
Bebe-gás — indivíduo que se demora na casa das prostitutas somente para conversar.
Beber o mel — desvirginar, deflorar uma donzela
Bilro de vaca — cornear, conquistar a mulher alheia.
Bolsa de Valores — **órgão sexual feminino.**
Cabeça de frade — pênis.
Casa Civil, Casa Militar — A Casa Civil é o lar legalmente constituído; a Casa Militar é a casa da amante, da espingarda, da concubina.
Coluna do meio — pênis ou homossexual.
Comer o lanche antes do recreio — diz-se do homem que tem relações sexuais com a noiva antes do casamento.
Comer pão com banha — diz-se do homem que tem relações com uma protistuta após a mesma haver copulado com outro sem fazer a higiene; idem para comer queijo quente.
Domador de serpentes — pederasta passivo.
Enforcar o judas — copular.
Enrolar a bandeira — suspender a atividade sexual, voluntariamente ou não.
Falar no telefone — fazer minete (n.r.: chupar o da mulher).
Falso à bandeira — ser̀ pederasta passivo
Fidel Castro — pênis
Guarda Nacional — filho ilegítimo, natural
Hastear a bandeira — menstruar
Ir à igreja verde — manter relações no mato
Judas — órgão sexual masculino
Lopes — cocô
Manga rosa — ato sexual bucal; usa-se esta espressão em virtude da semelhança existente entre a palha da manga rosa e o pelo do órgão sexual
Não dar café nem doce — homem impotente, brocha
O que Luzia ganhou na capoeira — pênis
O que Luzia perdeu na capoeira — virgindade
Pagar prestação — menstruar
Parachoque — seios de mulher quando muito volumosos.
Patriota — mulher com seios fartos
Quincas — nádegas, ânus, traseiro
Sexta-feira — concubina
Ter flor no jardim — menina-moça que começa a ter os primeiros pelos na vagina
Varrer a casa — ter relações sexuais com a esposa

Fotos de Wagner Avancini

Dercy Gonçalves, 71 anos: quem fala, não fala com a graça que eu falo

Subiu na vida falando palavrão

Dercy Gonçalves, atriz: o que você pensa do palavrão?

— Eu não sei o que é palavrão...

Não sabe o que é palavrão?

— Eu não... o palavrão é o que você pensa que é o palavrão, você é que determina, porque palavrão pra mim é miséria, fome, guerra, é essa política safada. A palavra que a gente diz num momento de dor, de agressão, é um palavrão? Não é um palavrão, é um descarrego.

Como as pessoas te colocam em relação ao palavrão?

— Eu sempre fui considerada a maior pornográfica do país, mas nunca fiz pornografia, porque há uma confusão de pornografia e palavrão. No momento em que você ri, se diverte, não existe palavrão. Eu me sinto muito bem, acho que isso é que ajudou a minha juventude... que eu sou uma mulher de 71 anos e não considero isso... e sempre falei! E esse foi, o grande dom que eu tive, eu digo toda a vida, toda a hora, a hora que eu quero... Eu invento até o palavrão pra eles terem um motivo pra falar. Palavrão ficou com o nome de palavrão, como Deus ficou com o nome de Deus, anjinho ficou com o nome de anjinho...

Tem muito palavrão na peça que você está levando (Dercy Beaucoup, em SP)?

— Tem mil e um! Sempre teve! E eu não boto dois mil porque acho que não dá, a língua portuguesa não dá...

Você sabe que já existe um dicionário do palavrão?

— Não! Eu nunca li nada, eu falo o corriqueiro que todo mundo fala, mas quando fala não fala com a graça que eu falo.

Palavrão deve sair na imprensa?

— Bom, você sabe, nós vivemos num país de preconceitos e que os falsos moralistas gostam muito de usar essas coisas como base: ah, é feio. Feio é muita coisa, não é, que não é o palavrão. A morte, por exemplo, se não fosse feia como eles determinaram — uma caveira com a foice na mão — seria bonita. Se fosse uma rosa, a morte não seria bonita? Assim é o palavrão. São os falsos moralistas que acham feio o palavrão, mas eles não falam — fazem. Vai ver são uns tarados sexuais, são uns loucos com a família. Esses que não falam palavrão são os piores.

Interessante: até agora você não disse um só palavrão.

— Não... eu não sou... eu digo quando eu quero... não sou viciada...

Na tua linguagem você não usa palavrão?

— Não.

Só nas tuas peças?

— Só. Faz parte. É difícil. Eu não fico prevenida pra não falar, eu não falo mesmo... é hábito. Eu faço como profissão. Eles me deram esse título, eu tenho direito... É um título que me deram que sou pornográfica. Sou. Eu não preciso daquele que não gosta do meu estilo, não preciso mesmo. Não gosto de fazer amigos baratos. Eu gosto muito de quem me quer. Quem não gosta de mim, eu fico desgostando dobrado, dou um desprezo tão grande que ele morre antes do tempo até. Eu sou de uma origem assim muito humilde, e meu pai é desses caras assim: sou pobre honrado! Sabe como é? Meu pai era assim: pobre honrado. Filha da puta! Agora eu vou dizer... Não tem vantagem nenhuma de ser pobre. Eu quero ser tudo, menos pobre. Então, quando eu passei a fazer... eu cantava na igreja, graças a Deus eu perdi a voz pra não cantar mais e saí dessa, senão tava morrendo de fome nessas alturas... e passei a fazer teatro de revista, teatro de gênero livre, em 1935... era chamado vira, tira... por necessidade, por sobrevivência... e foi um sucesso... trabalhava em cabaré, agradava à beça. Achei ótimo, nunca mais me faltou emprego. Passei a viver melhor do que vivia, achei um esquema de vida. Nunca dei muita importância aos outros, eu dou muita importância a mim, não ao que o outro diz, o que eu digo é o que vale pra mim; o outro me julga, ele pode estar com a cuca fundida e vai julgar o que? E aí eu fiquei com essa fama, a minha imagem é essa pra eles...

Raimundo só usa três pontinhos

Raimundo Rodrigues Pereira, editor do semanário Movimento: você usa palavrão nas tuas matérias?

— Um dia fiz um texto... uma cena... na frente da fábrica Volkswagen, a volta do Lula, saudado pela massa operária, logo depois daquele acordo, aquela trégua, e foi absolutamente indispensável colocar no texto, mesmo com os tradicionais três pontinhos, que se dedicam a salvar um certo pudor de umas camadas não muito esclarecidas, e também da repressão policial, mas foi necessário para mostrar parte da expressão natural da massa de trabalhadores... é... o Lula é um fudido, é um macho,.. enfim, tinha mais, que está registrado no texto... sempre com três pontinhos.

Quer dizer que você não aceita o palavrão na imprensa?

— Eu acho que o jornalista deve descrever a realidade social da maneira mais fiel possível e o palavrão é uma presença constante a nível do povo, em amplas camadas. E cada camada tem uma forma particular de falar, e, em várias delas, desde as mais populares até a burguesia, se usa muito o palavrão. Então, em princípio, não sou contra usar o palavrão. Eu não acho que o palavrão deva ter, assim, um mérito especial, que devesse ter uma campanha pra dar valor a ele. Acho que muitas vezes ele é uma forma de expressão pobre, ele substitui um monte de coisa que a pessoa gostaria de dizer, é uma interrupção da expressão da pessoa. então não vejo também que a imprensa faça nenhum esforço pra valorizar o palavrão, fora da sua absoluta necessidade de ser fiel à realidade.

Já pode usar bunda na Folha de SP

Boris Casoy, editor-responsável da Folha de SP: sai palavrão no teu jornal?

— Em 1975, nós relutávamos na Folha até em colocar no papel a palavra bunda. Hoje, essa palavra já saiu do nosso index. Não me lembro em que ocasião, usamos um título, uma manchete de primeira página(e foi uma decisão dramática), uma expressão parecida com esta: *deu-lhe uma porrada na cara*. E isso então foi discutido, se entrou na temática da moral do homem médio e a única reação de surpresa foi interna, não recebemos uma carta sequer, ninguém considerou palavrão. Eu não tenho muitos exemplos mas alguns palavrões a Folha já usou e ele ganha espaço da seguinte maneira: *merda* era proibido; agora, m... já pode. *É uma bosta!* B... Esse tipo de coisa vai ganhando espaço. Evidentemente, os palavrões têm que ser selecionados. Há coisas que a gente realmente evita, até por ser de mau gosto.

Por exemplo?

— Eu direi... eu já, já... eu acho que, por exemplo, com colocações grossas... *foder*... são problemas que eu estou te retratando tecnicamente, com os quais nós nos deparamos... *trepadinha*... Eu me lembro de ter liberado um sonoríssimo *filho da puta*, mas era um caso de uma colocação extremamente necessária, era uma conjunção estelar onde o *filho da puta* estava lá, então realmente não havia maneira e não chocou ninguém. Sou contra a gratuidade do palavrão. Realmente, eu ainda sou um pouco careta. Aqui na Folha, sempre quando há um problema de palavrão, dificilmente a decisão é de uma pessoa só. Há uma consulta maior. E a decisão depende muito da circunstância. Por isso, eu não posso dizer se sou contra ou a favor do palavrão na imprensa, o palavrão existe e se ele não for colocado a serviço da pornografia, eu acho que ele é perfeitamente cabível, guardadas as condições de momento.

Na Globo tem palavrão sonoro

Marco Antonio Gomes, chefe do setor de Jornalismo da rádio Globo de SP: rádio fala palavrão?

— Isso aqui é uma concessão governamental: Se você permitir que um palavrão aconteça aí, sonoro, no ar, mesmo que venha do público, você vai ter problemas. Nosso jornal aqui na rádio é 80% ao vivo, o trabalhador fala, e sai muito **porra** no ar, **puta que o pariu** já saiu. Tô de saco cheio há pouco tempo era palavrão, agora já não é. Um dia, vendo tv, vi um herói de novela dizer **tô de saco cheio**, levei um puta susto, falei: pô, até isso agora, ótimo, né... tão conseguindo, tão abrindo pro palavrão..

Está havendo abertura para o palavrão?

— Agora me parece que há uma tendência no país, já de uns tempos pra cá, pra se permitir esse tipo de coisa. Porque, . sendo assim, você não desperta atenção pra outras coisas, certo? Isso aí tá muito claro, me parece.

E o palavrão é muito atraente, não é? Chama atenção...

— Faz muito tempo, fizemos aqui na rádio um programa no Dia da Criança: reunimos trinta delas, de diferentes níveis econômicos, para um debate e veio também uma psicóloga. Aí, de repente, não me lembro por que, a psicóloga soltou no ar **bunda**, e nós trabalhávamos com uma câmara de eco, que ampliava o som, e o operador de som, naquele **bunda**, ficou tão entusiasmado que abriu ainda mais e aquilo ficou repetindo **bunda, bunda, bunda...**

No ônibus, não

Acha bacana se não for no coletivo

Márcio Antonio Silva, cobrador de ônibus, 18 anos: o que você acha do palavrão?

— Sei lá... ah, eu acho bacana...

Por que?

— Dá maiores possibilidades do sujeito... é uma coisa mais... é simples.

Você fala palavrão em qualquer lugar?

— Não é em todos ambientes que vai se aceitar, né. Dentro do coletivo, por exemplo.

Por que?

— Porque é um lugar mais de respeito, né, onde dá muitas pessoas dignas.

Pessoa digna não fala palavrão?

— Ah, fala sim, né...

Você não é uma pessoa digna?

— Eu falo, mas de vez em quando, por causa do nervosismo. Mas tem gente que fala aí à vontade, né.

Qual é o palavrão que choca mais?

—Filho da puta.

Palavrão deve sair no jor-[redacted]

—Eu acho normal... quer dizer, nem todos, mas alguns deve ter. *Porra*, por exemplo, não deve ter. Agora, esses negócios assim, como *frescura*, até na música do Roberto Carlos tem. Esse deve sair.

Não diz nem merda na frente do pai

Aparecido Pereira, office-boy, 14 anos: que palavrão você fala?

—Pode falar?

[redacted]

—Ah, eu falo assim: *vai tomar no seu cu, meu chapa...*

Com seus pais, você fala palavrão?

— Não.

Por que?

— Porque não, porque eles me respeitam e eu respeito eles.

Falar palavrão é falta de respei[redacted]

— É. Ofende a pessoa.

Qual é o que mais ofende a pessoa?

— É chamar de filho da puta.

Você fala muito palavrão?

— Não, só quando fico nervoso...

Levou susto só de ouvir a pergunta

Leonel Donizetti, garçom, 21 anos: o que você acha do palavrão?

— Sobre o...?

Tá certo falar palavrão?

— Não, não está certo.

Choca as pessoas?

— Algumas pessoas não gostam. Às vezes a gente chama de palavrão uma pessoa, a pessoa fica nervosa, quer brigar, quer matar.

No trabalho você fala palavrão?

— De vez em quando, todos nós falamos.

De vez em quando, quando?

— Quando tá nervoso, a gente fala.

Qual é o pior palavrão?

— Sei lá... acho que é chamar o cara de filho da puta.

Não fala porque não é decente

Luis Alves Machado, faz-qualquer-coisa, 47 anos: o senhor fala palavrão?

— Não.

Nem quando vai num jogo de futebol?

— Nunca fui num jogo...

Nem quando dá uma martelada no dedo?

— Não, eu não falo palavrão. É feio mesmo. Porque a coisa boa é o pessoal ser honesto, não ficar falando palavrão.

Quem fala palavrão não é [redacted]

— Não, pode ser honesto, mas decente não é.

Quando alguém diz palavrão na sua frente o senhor fica ofendido?

— Bom, achar bom a gente não acha.

E o senhor acha ruim da pessoa?

— Bom, a gente não fala com ele, mas a gente acha que não tá bom, né?

Foto de Amancio Chiodi

É feio

MARIDO ARCAICO SUFOCA ESPOSA

Não-deu-o-nome: que tipo de pessoa se choca com palavrão?

— As arcaicas, são as que se chocam mais. Agora, depende também do tipo do palavrão... o palavrão comum é bobagem, agora, os outros, já é uma baixa linguagem. Isso já se diz na classe mais baixa, uma pessoa menos instruída.

O que é o palavrão comum?

— Esses palavrões que a gente ouve crianças de dois, três anos falar.

Palavrão é pornografia?

— Eu acho que é muito bonito a pessoa, ao invés de usar um palavrão dizer uma palavra, ofender outra pessoa classicamente. Mas o palavrão já está diário, a gente ouve toda hora: oi, filho duma... (risos)

Como é teu nome?

— Tá havendo um problema. Eu tô vendo bater foto, e eu sou casada, meu marido é muito implicante, é um dos arcaicos. Ele não aceita nada. E vai dar um galho miserável se sair esse negócio, viu? Preferia não dar meu nome e que a reportagem não saísse. Porque aí você afetaria meu casamento.

Fascista ofende estudante

Mauro Lopes, estudante, 19 anos: qual é o pior palavrão pra você?

— Fascista.

O que você acha do palavrão na imprensa?

— Tudo bem. Tudo bem, é uma boa, assim dependendo do público ao qual você se dirige, da forma como você coloca, tudo bem. Se você vai fazer um jornal de periferia, não vai usar palavrão. Esse pessoal de periferia não se adapta muito a esse tipo de coisa, agora, um jornal de imprensa nanica, dirigido mais pra estudante, e tal, não tem problema nenhum, o pessoal aceita sem problemas.

Editora só dá na boca do entrevistado

Gilda Furiatti, editora do Data News, jornal especializado na área de computação.

Você publicaria palavrões no Data News?

— A princípio não, mas eu nunca me vi diante dessa situação. Mas acho que se um entrevistado falar um palavrão, pode ser que eu publique. Só que é meio difícil disso acontecer, ou seja, um entrevistado falar palavrões para o **Data News**.

Você fala palavrão?

— Prá caralho.

Qual o que você mais gosta?

— Ah, **porra** é ótimo. Acho **porra** ótimo.

Contabilista tem bronca de cornudo

Paulo Celso, contabilista, 38 anos: qual é o pior palavrão?

— É ser um cornudo.

Palavrão deve ser publicado na imprensa?

— Acho que sim.

Por que?

— Porque já está se tornando natural.

Com quem você fala palavrão?

— Entre colegas.

Entre mulher, não fala?

— É difícil.

Não fala por que?

— É o respeito.

ELITE NÃO DEIXA FALAR

Silvia Vatavuque, estudante, 16 anos, não fala muito palavrão "porque o meio social não permite":

— O palavrão é uma forma das pessoas jogarem pra fora o que estão sentindo e nesse ponto eu acho uma boa porque se não jogarem pra fora, eles vão transformar isso em agressão.

Que tipo de meio social faz com que você não fale palavrão?

— Um meio, vamos dizer, elítico, mais elevado, sabe?

E por que você não fala palavrão nesse meio?

— Sei lá, acho que é uma convenção, um troço assim.

Você acha que palavrão é coisa de baixo nível?

— Não, não acho porque qualquer um fala.

Você fala palavrão na frente dos seus pais?

— Não.

Por que?

— Sei lá, convenção. E nem eles falam palavrão na minha frente. Eu e meus irmãos também, nem entre nós não falamos palavrão.

Com que tipo de gente você fala palavrão?

— Pessoas da minha idade.

De qualquer sexo?

— De qualquer sexo.

Você fala palavrão com os meninos?

— Falo.

Que tipo de palavrão você fala?

— Pode falar?

Pode.

— **Puta que pariu, porra.**

Erasmo Dias enriquece vocabulário da revista

Ruy Fernando Barbosa, editor-chefe da Playboy brasileira: vocês usam palavrão na revista?

— Usamos, usamos às vêzes até em título, sabe, em título de página, um ou outro palavrão...

Você lembra de algum título com palavrão?

— Eu tenho quase certeza que a gente já usou, por exemplo, uma coisa que eu não sei se se pode chamar ainda de palavrão... *bicha, merda*, acho que a gente já usou... *trepada*... *trepada* não sei se a gente já usou em título... Então, *bicha* a gente nem considera mais palavrão, mas é pra gente ver como as coisas vão mudando, *bicha* já foi palavrão, não se escrevia, quanto mais em título de página. *Merda* é uma conquista relativamente recente... a luta é árdua, mas chegaremos lá... antigamente, nem *merda* se usava. A primeira vez que a palavra *putaria* foi usada em texto foi numa entrevista com o Eramo Dias (coronel do Exército e deputado federal). Foi janeiro do ano passado.

A respeito de que ele estava falando?

— A gente perguntava se ele não achava que com a liberalização dos costumes a prostituição estava diminuindo. Ele disse: muito pelo contrário... esse negócio da menininha sair com o namorado, depois dá pro namorado, é a mesma putaria.

Você se lembra qual o palavrão mais forte que saiu na revista?

— Ah, eu não sei... bom, eu acho que *buceta*, por exemplo, nunca usamos... talvez seja *puta* o mais forte. *Foda* a gente já usou, *foder*...

LINGUA NÃO SERVE PRA ESSAS COISAS

Vitorio Trentino, jornaleiro, 63 anos, avisa logo:

— Ah, se eu vou dar minha opinião sobre o palavrão, você vai dizer que eu sou quadrado. Olha, minha opinião sincera é que o palavrão não devia nunca de existir.

É errado falar palavrão?

— Eu acho errado, as pessoas devem ter um pouquinho de educação e não falar palavrão, porque a pessoa que habitua fala palavrão, fala em qualquer lugar, até no lugar que não deve. Eu acho que o palavrão não é pra língua portuguesa, não é pra essa língua.

Seus netos falam palavrão?

— Deve de falar, na hora que o pai não está perto... pelo menos na minha frente eles não falam.

Alguma vez já falaram e o senhor repreendeu?

— Já. Mesmo a gente reprimindo, eles falam; se não reprimir, vão falar mais ainda. Os pais que não reprimen o palavrão no filho vão se arrepender mais tarde. Agora, eu não me arrependi. Sou contra o palavrão. Agora, os outros, cada um, cada cabeça uma sentença.

Vítima do palavrão acusa tortura

Plinio Marcos, escritor: você acha que o palavrão deve ser publicado em qualquer situação?

— Qualquer situação.

— Qualquer texto.

Seja n'O Estado de SP...

— N'*O Estado de SP*, nas *Folhas*, e até dentro da bíblia tem palavrão.

Na bíblia tem palavrão?

— Tem. O que é que você entende por *fornicar?*

Mas você não acha que o palavrão choca?

— Choca as pessoas que são chocadas por natureza, né, então, por exemplo, tem pessoas que achavam que a gente queria, por exemplo, destruir a família deles com palavrão. Ora, se uma família se desmonta porque ouve um palavrão, é a família que é fraca.

A censura cai em cima do palavrão?

— Eu fui uma das vítimas de uma contracampanha, porque evidentemente que nenhuma peça minha foi

Palavrão sem tortura pode

proibida por palavrão, sabe, por exemplo, quando eles reproibiram *Navalha na Carne*, *Abajur Lilás*, eles diziam que a gente atentava contra a moral e os bons costumes, mas, na mesma ocasião, só pra provar que não era isso, eu fiz um show onde contava piada com palavrão à vontade, e foi permitido. Agora, do *Abajur Lilás*, que era um denúncia do que estava acontecendo no país, tortura, essas coisas todas, eles não queriam palavrão.

Você nunca teve um problema específico com algum palavrão de suas peças?

— Ah, teve uma vez... foi com *Navalha na Carne*... Depois de um movimento geral da intelectualidade brasileira nós fomos discutir com o Hélio Scaraboto, secretário do ministro Gama e Silva, que tava querendo liberar. Então, ele disse: olha, pelo menos tem que fazer algum corte aí pra justificar um pouco a censura, essas coisas... eu falei: não, não vai fazer corte nenhum... ele: mas tem muito palavrão. Não, não, não vai cortar nada. E nesse corta-não corta, ele pegou e disse: olha, eu já contei: na *Navalha na Carne* tem 22 *porras*, então vamos fazer o seguinte: eu corto 11 e fica 11.

Ficou chocado com a palavra do jornal

José Pereira, motorista de ônibus, 36 anos: você já viu palavrão em jornal?

— Eu já.

E achou o que?

— Ah, eu achei horrível.

Que palavrão que era?

— Ah, não posso nem falar.

Por que? É muito feio?

— É, sim. Eu vi o jornal na banca e não dá nem pra falar, principalmente pra mulher. Um palavrão horrível aquele, eu não sei como se escreve aquilo no jornal.

Qual é o pior palavrão pra você?

— O pior palavrão? Fica difícil de eu falar, viu? Eu acho difícil falar viu?

Mas é xingar a mãe do cara?

— É. A mãe, o pai... que bote família no meio.

Não dá nem pra falar

A FESTA DE Seu JOÃO
CADEIA
ANISTIA
SR. CAPITAL ESTRANGEIRO ACEITA COMO LEGÍTIMA ESPOSA A Sta INICIATIVA DEPRAVADA?
FAÇO GOSTO NESTE CASÓRIO.
A MINHA QUADRILHA JÁ ESTÁ BEM ENSAIADA
POIS A MINHA ESTÁ COM A CORDA TODA!
CIRANDA, CIRANDINHA VAMOS TODOS CIRANDAR, VAMOS DAR A MEIA VOLTA, VOLTA E MEIA VAMOS DAR O SALÁRIO QUE TE DEMOS ERA POUCO E SE ACABOU, A GASOLINA AUMENTANDO TUA VIDA PIOROU...
OS HOME TÃO BRINCANDO COM FOGO!
SEGURA A BATATA QUENTE!
FIESP
FOME
INFLAÇÃO
DÍVIDA EXTERNA
BIÔNICOS
CORRUPÇÃO
PACOTES
SALÁRIO MÍNIMO
ESPECULAÇÃO FINANCEIRA
GUIDACCI

Foto de Wagner Avancini/Central

Tropas da PM formadas dentro do prédio d'O Estado de SP

A greve dos jornalistas de São Paulo durou uma semana. Foi a primeira, desde 1963. Teve piquetes, violência policial, fura-greves famosos. No fim, aumento que é bom não veio, mas os jornais tiveram bom prejuízo: foram às bancas todos os dias, porém os leitores sacaram a falta de noticiário e as vendas caíram. Rádios e tvs também perderam dinheiro. Os patrões tiveram que trabalhar para cobrir a falta dos profissionais.

VENDA DOS JORNAIS CAIU

Os jornais conseguiram ir às bancas nos dias de greve, mas bastava uma conversa com jornaleiro para sentir como as coisas iam. A venda de jornais caiu e muitas bancas foram prejudicadas porque a tiragem também diminuiu. Sem contar os atrasos, provocados pelo retardamento do fechamento da edição e pela ação dos piquetes na saída dos caminhões de entrega. Mas não foi só isso. Os jornais venderam menos porque não tinham notícias da cidade, o que mais interessa a todo mundo. E porque tiveram que encher espaçoes vazios com o que estivesse à mão, seja matérias frias (sem atualidade) ou mesmo anúncios com tamanho aumentado e até anúncios grátis, só para não ter páginas em branco. Os leitores, que não são bobos, perceberam logo que os jornais não eram os mesmos. Nem precisou avisar pra não comprar jornal.

Patrões chamam polícia contra jornalistas em greve

Reportagem de Rivaldo Chinem e Eduardo Correia

Foto de Wagner Avancini

Polícia garante saída de caminhões

Jornal não cumpre acordo

Um dos integrantes do Comando Geral de Greve conta como foi um dos piquetes no *Estadão*.

— Na noite de quarta-feira, dia 24, nós nos revezamos pelos três portões, tentando convencer os colegas de redação, gráficos, pessoal de administração, a não entrar para trabalhar. A ordem do Comando era de que o piquete fosse totalmente pacífico, que se evitasse qualquer confronto com a polícia. O momento decisivo seria a hora da saída dos caminhões de distribuição dos jornais. A repressão policial começou quando se procurava evitar a entrada dos caminhões, por volta das 10 da noite.

Os caminhões entraram?

— Inicialmente os caminhões tentaram pela rampa de saída. Nesse piquete, havia umas 100 pessoas que se sentaram na frente dos caminhões. A PM ameaçou os piqueteiros, caso não se desimpedisse a passagem, o que não aconteceu. Daí, a polícia empurrou, chutou, desceu com cassetete, bomba. Apesar de todo mundo apanhando, ficamos na frente dos caminhões, que tiveram de ir embora, procurar outro lugar para entrar.

Quer dizer que não entraram?

— Por ali não. Entraram pelo portão principal. O pior é que pouco antes havia chegado a notícia de que os fura-greves do *Jornal da Tarde* só concordaram em trabalhar porque o Rui Mesquita garantiu que não seria tolerado qualquer violência nas portas dos jornais. Para ter violência, ele preferia não soltar os jornais. Por volta das duas horas de quinta-feira, na hora dos caminhões saírem, os Mesquita mandaram o Francisco Pinheiro, vice presidente do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, chamar um grevista, que só subiu na condição de que os caminhões não sairiam enquanto se negociava. Foi exatamente o que não aconteceu porque enquanto o nosso representante estava lá em cima, a polícia agiu com muito mais violência do que antes, dando pancada, jogando bomba e metendo o caminhão em cima dos grevistas. Dois jornalistas tiveram que se medicar no Pronto-Socorro. O primeiro caminhão quase atropelou uma jornalista (Marta, da Última Hora), que se machucou feio. Foi um major da PM quem deteve o caminhão, senão ele passava por cima.

Por que a PM foi ao jornal?

— Eu conversei com o capitão que comandava a tropa e ele me disse que estava atendendo a um pedido da direção do *Estadão*.

O que você acha da atitude do Estadão?

— Vergonhosa. Principalmente partindo de um jornal que durante os 100 anos de vida defendeu as liberdades democráticas, chegando a ganhar prêmios internacionais, mas que na hora de pôr o seu jornal na rua utiliza os mesmo métodos que os do regime que durante tanto tempo ele combateu.

DIRETOR DO SINDICATO ACHA ESTADÃO INDIGNO

Francisco Pinheiro, vice-presidente do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, piqueteando nas portas do *Estado de S. Paulo*, foi, às 3 horas da manhã de quinta-feira, segundo dia de greve, chamado pela direção do jornal. Ele conta como o jornal desrespeitou a promessa de não iniciar a sua distribuição durante a conversa que queria conversar com os grevistas.

Por que você foi chamado pelos diretores do Estadão?

— Através do chefe de segurança interna do jornal, eles pediram a presença do chefe do piquete na porta do jornal. Propusemos uma comissão de três jornalistas. O chefe de segurança subiu novamente e voltou dizendo que os diretores do jornal não aceitavam a proposta. Fui escolhido, como vice-presidente do Sindicato, para conversar com os diretores.

Como é que foi o negócio?

— Subi acompanhado por um PM e o chefe de segurança, e fui recebido na diretoria pelo Luis Vieira de Carvalho Mesquita, pelo Fernão, Júlio César, e Rofrigo, filho do Júlio, e pelo Rui Mesquita. A primeira coisa que fiz foi reclamar das violências cometidas por volta das 10 horas da noite de 23 de maio e pedir a manutenção do quadro do momento, isto é que não houve pancadaria contra os jornalistas.

Eles concordaram?

— Concordaram. Quanto à repressão, disseram que não tinham nada a ver com aquilo, que tinha sido coisa da PM.

Como foi o diálogo?

— Durou quase uma hora e só foi conversa mole, sexo dos anjos. Num determinado momento, um elemento do jornal entrou na sala e disse "dr. Luís, tudo OK" e fez um gesto de positivo com o dedo. O Luis Vieira perguntou "tudo bem o que?" e ele respondeu dizendo que os caminhões já estavam na rua.

O que você fez?

— Me levantei depressa, disse pra eles que faltava dignidade à empresa e fui embora.

Você acredita que os Mesquita chamaram a polícia?

— Não tenho a menor dúvida. Até o capitão da PM confirmou isso.

Diretores não estão nem aí

A rampa de saída dos caminhões de distribuição do Estado de S. Paulo era usada para a saída, tanto dos diretores do jornal como dos fura-greves que tinham carros (os que usavam os ônibus da empresa entravam abaixados e com as cortinas fechadas, para que nenhum piqueteiro os visse).

Por esta rampa saíram Júlio Mesquita Neto, que diante do piquete sorriu embaraçado, abriu dois dedos o vidro de seu Passat, recebeu os impressos e o *jornal Unidade (do Sindicato)* e sumiu logo depois

O embaraço dominava também o carro de alguns fura-greves, que sorriam amarelo, sem esboçar qualquer resposta, a não ser um tímido "depois eu vou explicar tudo" ou um "vocês estão fazendo a coisa errada", não sendo todavia, capazes de dizer o que era errado.

Rui Mesquita, diretor do **Jornal da Tarde**, sentado ao lado do motorista, num Opala duas portas, saiu sorrindo, bem rápido, quase atropelando alguns piqueteiros. O único diretor do jornal que respondeu aos grevistas foi Homem de Montes, que ao ouvir o pedido de 25% de aumento limitou-se a abaixar um pouco o vidro do carro e dizer um "trabalhem", fechando imediatamente o vidro e fazendo avançar o carro.

Dono de jornal agride repórter

Primeiro dia de greve. Porta do **Diário Popular**, centro da cidade, à tarde. Flávia Adalgisa, repórter miudinha da Tv-Tupi, faz parte do piquete que tenta impedir o acesso ao prédio. Coisa difícil: há duas entradas, e ainda uma terceira, a do hotel Jaraguá, por onde se chega ao jornal. O piquete não barra ninguém à força. Conversa apenas com quem tenciona entrar, perguntando com educação: "você é jornalista?" E pedindo para aderir ao movimento. O mesmo pedido, quase, é feito a outras pessoas que vão lá para anunciar no jornal. Mas não há ameaças. Tem gente que entra e gente que não entra. Tudo vai bem até que chega um dos donos do jornal, Armando Ferrentini. Nervoso, não se conforma com a tentativa de Flávia Adalgisa de barrar sua entrada. Grita pra ela: É essa bostinha que vai me impedir de entrar? Não contente com isso, parte pra cima dela o homenzarrão e só não bate porque outros piqueteiros o seguram. Transeuntes param para ver a cena. Tumulto. Finalmente, o dono entra. Alguns homens do jornal colocam-se por trás do piquete, como para garantir a entrada de anunciantes e funcionários (e ouvir o papo dos jornalistas em greve).

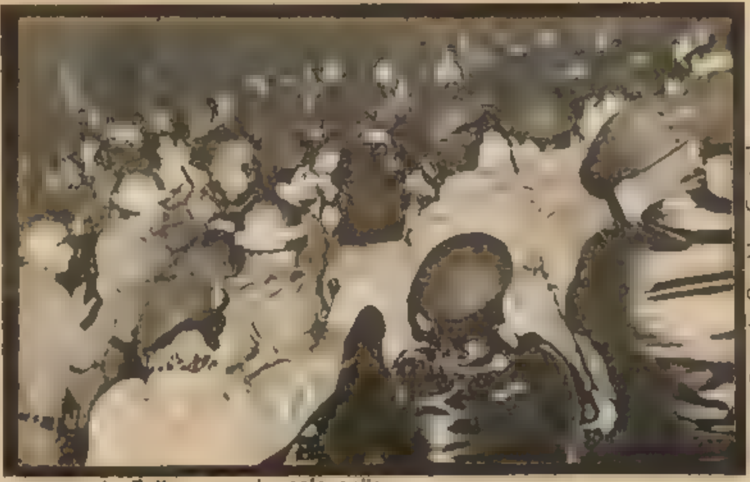


Foto de Ricardo Giraldez Central

Piquete da Folha atacado pela polícia

Helicóptero alugado fura piquete

Sexta-feira, véspera de futebol. Fotógrafos se reúnem no sindicato para discutir. Como impedir que alguns furem a greve e fotografem o jogo? Muitas idéias aparecem e uma delas seria passar manteiga nas lentes das máquinas dos furões.

No dia seguinte, os piquetes dos fotógrafos são vitoriosos. Nenhum fotógrafo entra no estádio do Morumbi. Mas a **Folha** e o **Estadão** alugaram um helicóptero da Votec (uma das empresas do grupo Jornal do Brasil) e do qual dois furões fotografaram o jogo. Os grevistas, porém, conseguiram que os jogadores do Francana, que jogava contra o Coríntians), entrassem em campo com uma faixa que tinha os dizeres: "Torcedores, os jornalistas estão em greve, deslique seu rádio, não compre jornais".

Foto de Irmo Celso/Unidade Sindical

Jogadores ajudam jornalistas

Fura-greves foram tratados a pão-de-ló

Sexta-feira à noite, dia 25 de maio, o mural do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, já bastante cheio àquela altura, tinha mais uma imensa lista de nomes de fura-greves do grupo **O Estado de S. Paulo (Estadão, Jornal da Tarde, Agência Estado, Rádio Eldorado** e serviço de Comunicações). Eram, ao todo, 50 nomes, mas a lista ainda estava incompleta. As pessoas que constavam dessa lista foram vistas pelo Comando da Greve, como os jornalistas e escritores Luis Fernando Emediato (autor de "Não passarás o Jordão", "Rebelião dos Mortos", e colunista do **Pasquim** nas "Cartas de São Paulo"), Ivan Ângelo ("A Festa"), Leo Gilson Ribeiro ("Cronistas do Absurdo"), e Marçal Versiani e Oliveros S. Ferreira, ambos do Estadão. Todos eles ocupam altos cargos, com exceção do repórter Luis Fernando Emediato, que ganha muito bem, por volta de Cr$ 50 mil mensais. Dois ex-diretores do Sindicato dos Jornalistas na chapa de Audálio Dantas também furaram a greve no **Estadão**: Wanderlei Middei e Luis Carlos "Barriga" Ramos.

Os fura-greves do Estadão, acampados na redação desde o fim da assembléia de terça-feira, passaram bem: comeram camarão, regado a vinho chileno, no Padockinho, o restaurante dos executivos do jornal.

Houve uma mostra da abertura dos Mesquita: na seção de montagem, Julinho Mesquita viu todo mundo meio desanimado, perguntou quem tocava violão, alguém se apresentou. Ele mandou o rapaz buscar o violão em casa, arrumou até um carro do jornal, o rapaz foi. Ao voltar, dedilhou alguma música, tentou cantar, mas o clima ainda era de desânimo. Julinho Mesquita disse: "Deixa o violão de lado, esquece, volte a trabalhar".

Na redação do **Diário Popular**, um jornal que vive só de classificados, os poucos repórteres que furaram greve tomaram uísque escocês.

Na **Folha** havia piquete com gente da própria redação. Cláudio Abramo, presidente do conselho editorial, colunista da **Isto é**, um dos maiores nomes do jornalismo paulista, chega com sua bengalinha. E vaiado: "Abramo fura-greve, Abramo fura-greve!". Tenta se explicar para alguns companheiros, dizendo que não estava fechando o jornal, pois o editor não é mais ele, mas o Boris Casoy.

Samuel Wainer, o homem que fez a imagem de Getúlio Vargas, fundou a **Última Hora** e revolucionou o jornalismo brasileiro, também furou greve na **Folha**, e disse aos grevistas: "Não sigam meu exemplo". Rui Lopes, chefe da sucursal de Brasília, também furou greve, Paulo Francis, correspondente em Nova Yorque, mandou matéria. Mauro Santayana, chefe da sucursal de Minas Gerais, mandou matéria via telex, de sua casa, garantindo, assim, sua vaga de correspondente de Madrid, para onde irá este mês.

GREVISTA É CHAMADA DE PROSTITUTA

Quarta-feira, segundo dia de greve. A jornalista Irede Cardoso, da editoria de Educação da *Folha de S. Paulo*, foi buscar seu salário e pediu para um funcionário da portaria do prédio para acompanhá-la. Entrou, sem querer, na redação da *Folha da Tarde*, no 2º andar (a *Folha de S. Paulo* fica no 4º). O editor, Antônio Aggio Júnior, mais policial do que jornalista, fura-greve, ao vê-la, nem perguntou nada, foi ofendendo:

— Sua prostituta, alcaguetal ele berrava.

Irede, não aceitando, a provocação virou as costas e foi ao departamento de pessoal. Na volta, encontra Aggio no elevador, tentando se explicar: "Quem vem acompanhada de funcionário da casa ou é da segurança ou do Comando Geral da Greve". Ela, ainda bastante nervosa, responde educadamente à acusação, vira as costas e sai.

TENENTE ALUCINADO PRENDE DOIS

Na quarta-feira a noite para quinta de madrugada, 2º dia da greve se registram choques entre poli a e jornalista nos piquetes do **Estado** e da **Folha de S. Paulo.** Seis jornalistas foram presos e levados para o Deops. Aqui, um deles conta a história.

Por quê você foi preso?

— Não sei ao certo. Eu estava fazendo piquete na porta da **Folha** desde o meio-dia, com o pessoal da PM a um metro atrás de mim. Acho que fiquei marcado. Na hora que quebrou o pau, os PM ficaram paranóicos. As bombas estourando, os caminhões saindo à toda da garagem, o cacete baixando firme nos jornalistas. Ocorreu, então, que uma perua da **Folha**, propositalmente ou não, parou. Os jornalistas debaixo de pau, correram na janela tentando cabalar o motorista. Aí a coisa ferveu. Quatro companheiros foram presos neste momento. Eu e outro companheiro estávamos perto, tentando apartar uma discussão entre alguns jornalistas e os PM. Aí um tenente, que estava completamente alucinado, apontou para mim e para o colega e disse simplesmente: "prende estes dois".

E daí?

— Dois PM me pegaram e me torceram o braço enquanto me levavam. Eu disse que não precisava torcer, que eu iria numa boa. Quanto mais eu falava, mais ele torcia, dizendo: "cala boca, filho da puta, eu te levo como quiser". Os olhos dele brilhavam...

Para onde te levaram?

— Me jogaram numa veraneio bege junto com os cinco colegas, com dois agentes na frente e mais dois PMs. Foram até o Deops enchendo o saco, chamando a gente de viado e coisa e tal. Tavam loucos para dar porrada na gente. Uma hora eu tentei conversar em voz baixa com um colega e o PM quase me bateu...

Você acredita que o Otávio Frias, dono das Folhas, tenha chamado a policia para bater nos grevistas e prender vocês?

— Eu não tenho a menor dúvida. Até no boletim de ocorrências isso ficou patente: a vítima é a empresa Folha da manhã, dono do grupo folhas. E eu, conversando com um agente do Deops chamado Tatau, perguntei como seria a ação da polícia, caso os piquetes sentassem na frente dos caminhões na hora da saída. Ele disse que aguardaria instruções do Frias.

Luís Pingueli, físico da Universidade Federal do Rio de Janeiro, teme os efeitos da instalação de um depósito de lixo atômico das usinas de Angra dos Reis em Xerém, na Baixada Fluminense. A população local esta apavorada e revoltada.

FÍSICO ADVERTE: POVO DE XERÉM EM RISCO DE VIDA

Reportagem de Tim Lopes. Fotos de Chiquito Chaves

Resolveu-se — diz Luis Paulo Pingueli — que o depósito de rejeitos radiativos de baixa e média atividade dos reatores nucleares será localizado em Xerém, cidadezinha próxima a Duque de Caxias, na Baixada Fluminense

Esses rejeitos são constituídos de luvas, trapos, roupas especiais, peças removidas do reator, ferramentas, tudo contaminado pelo bombardeio que sofrem dentro do reator pelas partículas emitidas dos núcleos atômicos. Além disso, há os materiais radiativos que escapam para a água de refrigeração e são removidos dela por tratamento especial. Tudo isso será acondicionado ou solidificado em tambores de 55 galões, retirados continuamente da central nuclear em operação, e transportados para Xerém, onde serão empilhados

Embora menos perigoso do que o combustível queimado, que é retirado parcialmente do reator a cada ano, os rejeitos que irão para Xerém são também perigosos. Por isso, deverão ser protegidos do contato humano ou de animais e o depósito deveria estar longe de regiões populares, de plantações, de águas que sirvam às populações

Na decisão de se armazenar esses rejeitos em Xerém, quem foi consultado? Só os técnicos do governo federal, sem ouvir os cientistas independentes, o povo, os governos estadual e municipal, os órgãos legislativos. O desprezo pela opinião pública foi total. Cabe ao povo pagar a conta, arriscar sua pele e não opinar. Que abertura é essa? Ela não incluirá o setor nuclear? Não é assim na Alemanha, de onde estamos importando essa tecnologia. Lá, estão proibidas as construções de reatores como esse que importamos, até que se tenha uma solução aceitável para armazenar o lixo radiativo de alta atividade Esse lixo — constituído de combustível irradiado com ou sem reprocessamento — no Brasil ficará em uma piscina junto ao reator, por enquanto. E depois? Para onde irá? O que estarão tramando os órgãos do setor nuclear governamental? Qual a surpresa que nos reservam?

São perguntas sérias porque esse lixo será muito mais perigoso do que o de Xerém, pois é capaz de matar um homem que se aproxime dele e permanece perigoso por milhares de anos.

Por enquanto, devemos cuidar do problema de Xerém, que já é real. A escolha foi adequada, a população devia ser ouvida?

Com a palavra o povo de Xerém."

Professor Luis Pingueli pergunta: "que abertura é essa?"

Os moradores: revolta contra o lixo

Em telegrama enviado ao deputado federal Hidekel Freitas Lima, da Arena fluminense, o Ministro das Minas e Energia, César Cals, recomendou à Comissão Nacional de Energia Nuclear que estudasse outro local, de preferência uma ilha não habitada, para servir de depósito de despejos radiativos provenientes da usina nuclear de Angra dos Reis. Isso não passa de uma recomendação, clara no telegrama. Até agora, para todos os efeitos, Xerém continua como lugar mais apropriado, segundo os técnicos do governo. Uma semana antes do telegrama enviado pelo Ministro à bancada da Arena na Baixada Fluminense, o sr. Rex Nazaré Alves, diretor da Comissão Nacional de Energia Nuclear, em Curitiba, falou que o local já estava escolhido e pronto. Como se vê, de concreto mesmo não existe coisa nenhuma, a não ser o clima de espectativa e medo que vive a população, no meio de mais uma jogada política.

• O Haroldo de Andrade esses dias no programa da rádio Globo disse que tinha pena da gente por causa do lixo atômico que vem prá cá. Eu escrevi logo uma carta prá ele dizendo que também sentia pena dele e de todo o mundo. O lixo será depositado perto de um manancial de água que vai para o reservatório de Irajá, e além disso temos aqui coisas importantes como o Instituto Nacional de Pesos e Medidas, o pessoal que trabalha no Ministério da Fazenda e que mora aqui nos conjuntos habitacionais Temos muitas crianças isso é um perigo minha Nossa Senhora será que vão deixar que isso aconteça? (professora Leila Nader Dasmaceno, moradora há 20 anos em Xerém)

• **— Prá mim é um motivo errado. Vai prejudicar muita gente. Começa que quem é dono das terras vai ter que sair. Dizem que isso prejudica a saúde apesar de já estar prejudicando há muito tempo com a poluição das fábricas que estão sendo montadas por aqui.** (cozinheiro, Manoel Avelino)

• O leiteiro Pompeu Alves Moreira, de 71 anos, aposentado pelo Funrural já ouviu falar "nesse negócio de lixo atômico que prá ele é "uma nojeira". Enquanto descarrega as vasilhas ele dá sua opinião:

— Temos que nos excusar de lixo. Não podem fazer isso com a gente. Eu no meu entender, é muito ruim por que ninguém fala bem, não é mesmo? Já não chega o cheiro forte da Rioquímica que deixa a gente tonto aqui em Xerém".

• José dos Santos, especialista em Raio X, tendo trabalhado durante 30 anos, dentro da Fábrica Nacional de Motores, hoje Fiat, diz que foi saber do depósito de lixo atômico em Paraiba do Sul, onde mora. Ele é dono de uma das duas farmácias em Xerém onde os remédios mais vendidos são contra a verminose

— Tá todo mundo apavorado. Vem esse bicho prá cá, tá todo mundo doido. Eu já sei o que pode acontecer porque trabalhei 30 anos com raio X e sei como são essas coisas, não que seja o lixo igual o raio X mas eu acho que prejudica tanto um quanto o outro

•— Para destruir o governo está sempre pronto, agora para conservar não é nada com ele. Todo mundo sabe que, de qualquer maneira, botar uma coisa dessa aqui vai ser prejudicial. Quem sofre é o povo que está sempre na desgraça e nunca é levado em consideração.

Quem fala é Natalino Antônio de Barros, dono do bar Natal, no Largo da Mantiqueira, morador há 30 anos em Xerém.

ATÉ AGORA, UM LUGAR PACATO, CHEIO DE VERDE

Do alto da Igreja Nossa Senhora das Graças, a vista de Xerém

Na raiz da serra da Mantiqueira se estende Xerém que, em linguagem indígena, quer dizer canjiquinha. É o quarto distrito de Caxias, subdividido em vilarejos como Amapá, Capivari, Lamarão, Mantiqueira e Santa Rosa e tem uma população de 35 mil habitantes fixos e 25 mil flutuantes. A área de 300 mil metros do posseiro Joviano de Campos, mineiro, que vive do fabrico de queijo, foi escolhida para abrigar o lixo atômico. Fica dentro de uma das maiores reservas florestais da Baixada Fluminense, um dos poucos lugares onde a população pode fazer turismo com pouco dinheiro.

Distante 50 quilômetros do centro do Rio, Xerém tem nos seus dois rios, Registro e João Pinto, que nascem na serra, sua maior riqueza. Ele fornecem através das duas adutoras da Cedae três mil litros de água por segundo às populações do Rio de Janeiro e Caxias. Sem contar com a adutora que a Petrobrás usa para seu próprio consumo, numa vasão de 750 mil litros por segundos. As sobras das águas das duas represas foram uma cachoeira e é, nos fins de semana, muito procurada pela população, que longe das praias, vão alí banhar-se O distrito possui trinta veios de água, plantações de aipim e banana.

Xerém é cortada em sua extensão pela estrada Rio-Petrópolis, uma das principais saídas do Rio, onde transitam aproximadamente 20 mil pessoas por dia sem contar o fluxo de veículos que vai para Minas Gerais e para o norte e nordeste do Brasil. Na localidade existem oito linhas de ônibus, 80 casas comerciais, três motéis, uma churrascaria, 10 pensões, uma feira livre com 60 barracas, três postos de gasolina, seis escolas estaduais e dez municipais, perfazendo um total de sete mil estudantes. E ainda tem o campus universitário da Sociedade Universitária Madeira de Ley. Essas informações constam de um relatório elaborado por um policial da 61.ª Delegacia Policial de Xerém.

Das vinte indústrias, a Fiat, antiga FNM, é uma das principais, tem um hotel luxuoso só para estagiários italianos, possui uma vila com 13 casas confortáveis para os diretores.

Em Xerém está também a sede do Instituto Nacional de Pesos e Medidas e a Companhia de Distritos Industriais.

Padre lidera reação de 50 mil

O padre Lins, da igreja Nossa Senhora das Graças, a principal de Xerém, que ainda conta com mais 18 templos, tem ao seu redor 50 mil fiéis. Está há dois anos no distrito e só espera a confirmação sobre o depósito para liderar um movimento contra a sua instalação.

— Padre Lins o que o senhor pensa sobre o lixo atômico na Baixada?

— Como eu posso pensar numa coisa absurda dessas. Estão querendo fazer de Xerém um cemitério atômico. E quando eu tiver certeza que será aqui mesmo vou usar um veículo poderosíssimo que é a palavra. Conto com o apoio de 50 mil pessoas que estão dispostas a lutar até o fim. A instalação desse depósito trará conseqüências drásticas, isso aqui não é um deserto. Acredito piamente que o presidente João Batista não vai permitir uma coisas dessas. Aqui temos a exuberância do verde. Eu francamente não entendo com tanto lugar desabitado pelo Brasil escolheram logo a Baixada.

Padre Lins "querem fazer daqui um cemitério atômico"

● — *Prá mim é um absurdo fazerem isso. Temos uma represa, um clima bom e a maioria da população é composta de crianças. Porque não procuram um lugar descampado pelo Brasil a fora? tem tanto lugar. Não, foram arranjar a Baixada Fluminense para lixeira. (Luís Mário, farmacêutico)*

... e muito medo

• O alfaiate Luís Carlos Martins Areas vive em Xerém há sete anos. A alfaiataria dele fica no largo da Mantiquira. Luís diz que vai mudar, não sabe prá onde, se a localização dos rejeitos atômicos forem jogados alí. Diz porque: — Já não basta ser premiado com a Petrobrás, agora vem esse lixo atômico. Tô cansado de ver colegas falarem que se for realmente implantado esse depósito vão dar no pé. Acho isso um crime. Se pelo menos esclarecessem as pessoas, dizendo o que é, para que serve, tudo bem. Mas não, vão entrando, fazendo o que querem, sem respeitar os moradores..

•— **Não fomos consultados em nada. Considero uma piada o governo permitir fazer o depósito de lixo aqui no nosso distrito. O representante daqui na Câmara Municipal de Caxias é um vereador da Arena, o José Ribeiro, que tirou o time dele de campo e deixou a população se virar contra essa afronta. Eles pensam que Xerém é o fim do mundo.** (Messias da Silva, barbeiro, suplente de vereador pelo MDB).

• Márcio Fagundes, gerente do Samukas City, uma casa de serestas perto do local do depósito atômico, já foi jornalista: antes de 64, ele trabalhava no tablóide Reação, fechado pelo primeiro governo militar:

— Isso é uma vergonha. Há três ou quatro anos, a Suécia quis jogar seu lixo atômico em alto mar, numa caixa de chumbo, e o governo brasileiro não permitiu porque estava próximo das nossas duzentas milhas Agora quer guardar o lixo atômico em plena Baixada Fluminense. É uma incoerência. Por que não guardam lá em Nogueira, onde mora o Figueiredo, ou em Teresópolis, onde está o Geisel?

POSSEIRO JOVIANO DIZ QUE ESPERA INDENIZAÇÃO

Joviano, posseiro do sítio onde o govêrno resolveu instalar o depósito atômico:

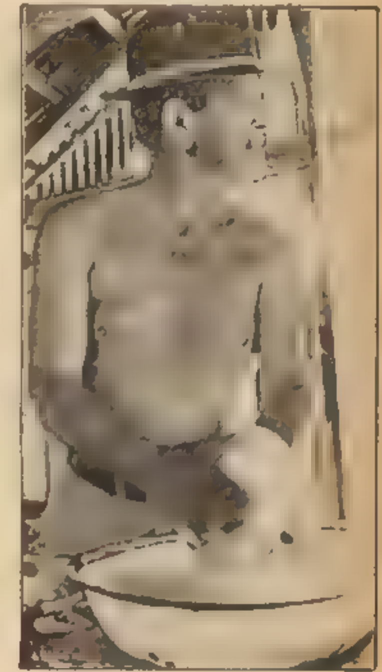
— O exército disse que aqui não vai ter mais nada. Se vocês quiserem alguma informação procurem eles que sabem de tudo.

Arredio, seu Joviano, no mesmo instante, começa a preparar os seus queijos, dando o caso por encerrado.

Mas, Seu Joviano o senhor tem algum papel que diga que não será mais feito a instalação de depósito?

— Não tenho não, Já estou cansado disso de ter que falar com todo o mundo. Desde do dia que eles invadiram aqui que perdi a paz. A primeira vez eles entraram ficaram olhando tudo, nem pediram licença foram logo entrando. Duas, três vezes. Aí, não aguentei mais, fechei a cadeado o portão e tiveram que falar comigo. Fizeram três buracos um com dezessete metros de profundidade. Eu quero ver como vai ficar a minha indenização.

O sítio de Joviano tem 584 mil metros quadrados, oito nascentes de água potável, uma casa de moradia e pequenas construções que servem de chiqueiro, estábulo e local para a fabricação de queijo minas.


Posseiro Joviano: "eles foram invadindo tudo isso aí"

● — *Acho isso um desastre não só para os moradores da Baixada em geral como para o Rio e Petropólis. Só na estrada que liga as duas cidades passam diariamente 200 mil pessoas fora o fluxo de veículos que vai para Minas Gerais. O pessoal está todo pulando.* **(Detetive Joel Coelho Dias)**

Clínica da Baixada é matadouro de crianças

Reportagem de
Vera Lúcia Dias

Foto de Chiquito Chaves

Em Nova Iguaçu, qualquer pessoa que fale sobre a clínica pediátrica Prontonil, única na região que tem convênio com o Inamps para internação, se refere a ela com comentários do tipo: açougue ou matadouro de crianças. Para quem passa pela primeira vez na estrada Plínio Casado, fica difícil acreditar que uma casa de saúde com uma aparência tão bonita, que, inclusive, é considerada pelo Inamps como de primeira categoria, possa abrigar tanta precariedade.

Existindo às custas do convênio com o Inamps, já que seria impossível sobreviver na Baixada, como hospital particular, cobrando um depósito de Cr$ 10 mil e diária de Cr$ 1.500, a clínica se prevalece disso para lucrar em cima da saúde precária da população. Para tanto, superlota suas dependências, que em termos reais, só teriam lugar para 300 pacientes, paga salários de fome às auxiliares de enfermagem, que são totalmente despreparadas, e utiliza a mão-de-obra de acadêmicos, bem mais barata do que a de um profissional formado.

Com uma média de internação diária que nas épocas de maior movimento chega a 15, 20 pacientes, a Prontonil, segundo funcionários e médicos da casa, apresenta um índice de mortalidade diária de quatro a cinco crianças. Isso, sem falar nas condições das que conseguem sobreviver. O mais interessante é que essa precariedade só se verifica com os pacientes do Inamps, enquanto os doentes internados em quartos particulares geralmente não têm queixas. É claro que esse tipo de coisa ocorre na maior parte das clínicas da Baixada, que são sustentadas pelos convênios. E também é verdade que o Inamps tem uma grande parcela de responsabilidade nisso tudo. Se, em vez de fazer convênios que só incentivam os lucros dos empresários da saúde, se preocupasse mais com a saúde da população e construísse hospitais próprios, provavelmente a situação não chegaria onde está: todo mundo querendo passar a perna em todo mundo para lucrar mais e dar menos condições de atendimento médico ao povo.

Quem não pode pagar tem que se sujeitar

D. Luiza perdeu a filha

D. Maria: sua filha pegou hepatite

Fotos de Custodio Coimbra

Terça-feira, 12 de maio. O movimento é intenso em frente à clínica, é dia de visita. Mães entram e saem falando sobre o estado de seus filhos. De vez em quando uma sai com um lenço nos olhos perguntando onde fica a funerária mais próxima. A maioria se afasta quando toma conhecimento da reportagem: "Não há mais nada a fazer".

Por volta das três horas, d. Luiza Galdino da Silva, chega, aos berros, no hospital.

— Eu mato esse filho da puta desse médico. Diz pra mim que minha filha tá quase boa e agora ela morre. Mas eles vão ter que explicar, ah se vão! E se você é repórter como tá dizendo, vem comigo.

Na portaria d. Luíza dá um soco no balcão, e começa a se lamentar, dizendo que deveria ter tirado a filha daí. Uma das recepcionistas a encaminha a uma salinha, e antes que alguém se oponha, ela puxa a repórter para entrar junto. Na salinha "de explicações", como disse a atendente, um rapaz entrega o atestado de óbito a d. Luíza, dizendo que sua filha faleceu por que contraiu penumonia. D. Luíza chora e grita ao mesmo tempo: quer falar com o médico. O rapaz pede um copo d'água, diz que sente muito e pede para que ela se acalme.

Quinze minutos depois, durante os quais bebeu um copo d'água, chamou a clínica de açougue e não conseguiu falar com o médico, d. Luíza, um pouco mais calma, conta o que aconteceu com sua filha.

— Minha filha ficou sete dias internada na clínica Nossa Senhora de Fátima com um problema de respiração. Recebeu alta e voltou pra casa. Depois de 10 dias ela se resfriou e, como tava com 38 graus de febre, levei ela no INPS. Aí, a dra. Valda mandou internar aqui. Eu falei pra ela que não queria porque há dois anos atrás eu quase perdi minha outra filha aqui. Ela veio com um problema de inchação e saiu desnutrida. A menina só faltava comer as paredes, de tanta fome. Além disso, veio com problemas de vermes e diarréia, e eles não queriam deixar eu tirar não: Teve que ser à força, porque aqui é assim: eles só dão alta quando morre. O médico do Andaraí, quando viu ela, disse que era preferível ela morrer em casa comigo do que aqui no Prontonil. Eu contei isso tudo pra Dra. Valda, mas ela disse que não tinha outro lugar pra internar e que a menina precisava de internação. Aí eu botei ela aquim morrendo de medo, mas botei. Isso tem 15 dias e minha filha tinha dois meses. Domingo passado, quando vim visitar, o médico disse que ela tinha tido uma pneumonia, mas que já tava quase boa. Só tava tomando vitamina e ia receber alta logo. Hoje, quando eu tô saindo pra vim visitar, recebo a notícia que ela já tinha morrido de madrugada. Isso aqui, minha filha, é um matadouro que bota qualquer mãe lelé da cuca.

D. Maria da Penha dos Santos, que ouve a história de D. Luíza e já teve a filha internada na Prontonil, também faz acusações.

— Minha filha, com 15 dias de nascida, teve internada aqui. Entrou com desidratação e pegou uma hepatite e uma infecção nos rins. Também só podia pegar mesmo, ficando num berçário junto com crianças que tinham um monte de doença que pega!... Mas é isso moça, a gente que precisa e não pode pagar tem que se sujeitar mesmo.

Nesse moento é d. Ivonette que interrompe para dizer que quer tirar sua filha da clínica, antes que ela morra.

— Ela foi internada com 38 graus de febre no domingo passado, e eles tão dizendo que ela está com penumonia e laringite. Não acredito nisso e vou botar um médico de fora pra tratar dela, senão, eu sei, morre mesmo. Mas o que eu tenho de conseguir mesmo, é tirar ela daqui antes que se contamine ainda mais.

Mal d. Ivonete acaba de falar, d. Sirene Benoni Pereira sai do hospital, lendo o atestado de óbito de sua sobrinha, que depois de cinco dias de alta, de uma internação de 25 dias na Prontonil por causa de um sarampo recolhido, teve que ser reenternada na clínica, com pneumonia.

— A menina só tinha 10 meses. Ficou internada 25 dias. Já estava há uma semana no oxigênio e isso todo mundo sabe que é um absurdo. A gente tinha que ter tirado e colocado em outro hospital, mas agora é tarde. Ela não teve resistência pra ficar no oxigênio e morreu. Eu bem que falei que isso aqui não prestava.

Elisa dos Santos Pinho, que parou pra ouvir as histórias, diz que jamais internaria seus filhos na Prontonil.

— Prá mim, já chega a minha vizinha que botou a filha aqui com desidratação e a criança pegou sarampo e morreu aí dentro. Tem ainda o caso dos meus irmãos, que saíram vivos, mas um deles veio com a cabeça rachada, de ficar batendo nas grades do berço.

Diretor diz que problema é da Baixada

O dr. Hilton Somma, um dos diretores da clínica (os outros são Luiz Antônio Borges da Rocha e João de Almeida Filho), afirma que para se fazer um julgamento da clínica tem que se levar em consideração o local onde ela está instalada, e as condições em que os doentes são internados.

— Eu não sei quantas pessoas você entrevistou, mas se a gente pensa em uma casa que tem 200 leitos e dois deles vagam por causa mortis, os outros 198 não são levados em conta? A taxa de morte aqui é de 5%, o que é considerado uma percentagem normal para a Baixada. O principal é observar que as crianças que vêm pra cá têm um padrão tão baixo de vida que não têm dinheiro nem para a alimentação. Então, muitas vezes não adianta nem prescrever o remédio porque sabemos que o paciente não tem dinheiro para comprá-lo. Outra coisa que se têm de ver são as condições de saneamento, e isso é só olhar, aqui nas redondezas mesmo, os esgotos inexistem. O que há são valas abertas e isso provoca um alto índice de contaminação.

Mas há acusações de que as crianças entram com uma doença e se contaminam dentro da clínica.

— Aí tem que se observar o seguinte: os óbitos que se dão num prazo de internação inferior a 48 horas não são considerados óbitos hospitalares. Agora, na medida em que a gente interna, as pessoas acham que a responsabilidade é toda nossa. No caso da contaminação, há muita ignorância por parte dos pais a causa real da internação. Você há de convir que uma criança que é internada com sarampo tem que ter um agravamento no seu caso clínico para haver a internação, porque só o sarampo não justifica. Então muitas vezes a criança além da doença que os pais têm conhecimento, apresentou um outro sintoma que só o médico percebeu que causou a internação. E aqui o convênio com o INAMPS é só para isso, nós não temos serviço de ambulatório — só particular — todos os doentes de convênio que chegam aqui vêm encaminhados pelo posto médico do INAMPS.

Há muitas queixas contra o serviço de enfermagem, que todos dizem não ter qualidade, e contra o seu corpo clínico, que teria muito poucos médicos.

— Nós temos duas enfermeiras formadas em curso superior, duas assistentes sociais e 18 médicos formados. Contamos com alguns estagiários, mas estes são uma espécie de alunos, estão aqui para aprender, não contam como corpo clínico. A qualquer hora do dia ou da noite que se chegue aqui há um médico, no mínimo para atender. Tentamos fazer o melhor, mas não dá para resolver os problemas de todo o mundo, e nesses casos a defesa é sempre mais difícil do que o ataque.

Há acusações de que também faltam remédios e material de primeira necessidade.

— Disso aí eu não vou nem falar, é melhor eu levar você ao almoxarifado pra você mesma ver e poder falar. Os remédios e o material estão lá empacotados é claro, mas estão.

O senhor acha então que a população fala sem razão que a clínica é chamada de açougue sem uma causa real?

— Para a população, o médico e o hospital são sempre os culpados, ela não vê por exemplo, que quando o doente chega aqui mal, nós não queremos saber se tem direito ou não a INPS, nosso objetivo é atender o melhor que pudermos para que ele melhore o mais rápido possível.

Fotos de Chiquito Chaves

Dr. Somma, diretor da clínica

Prontonil: bonita por fora, perigosa por dentro

Médicos ganham mal e clínica engana Inamps

Para médicos e enfermeiras que trabalharam e trabalham na clínica, a Prontonil é deficiente em tudo. Funciona basicamente em função do convênio com o Inamps e, por isso, superlota suas dependências de doentes, pois recebe uma percentagem em cada leito ocupado. As enfermeiras trabalham somente com mão de obra de acadêmicos de 5º e 6º ano de faculdade. Teoricamente, esses acadêmicos seriam supervisionados por um médico formado, o que não ocorre na prática, uma vez que em cada dia só há um médico formado de plantão. O pessoal de enfermagem é super despreparado, recebe salário mínimo, não tem direito à comida do hospital e quando quebra qualquer material é descontado no salário. Muitas enfermeiras levam termômetro de casa, temendo quebrar o da clínica. Outras não sabem sequer aplicar uma injeção. Só há uma enfermeira diplomada, que só existe para efeitos legais, pois quase não aparece no hospital. Nos finais de semana, a Prontonil fica entregue aos acadêmicos, nenhum médico formado permanece de plantão. Como os bolsistas não podem assinar receitas, ficam com o carimbo do diretor, que funciona como uma legitimação da prescrição feita.

Os médicos formados, recebem o salário mínimo profissional, sem adicional noturno, nem taxa de insalubridade. Estão sempre sujeitos a um regime de vigilância, que lhes impõe o racionamento quantitativo e qualitativo de medicamentos.

Isso significa que só podem utilizar os remédios existentes no hospital, que, apesar de serem, na maioria, amostras grátis, são cobrados ao INPS. Como se não bastasse, são obrigados a conviver com a falta constante de material de sutura (agulhas, fios, etc.) e de seringas, havendo épocas em que receberam ordens para mandar esterelizar seringas descartáveis. Nas enfermarias, os remédios são prescritos nas papeletas dos doentes, mas não são dados às crianças.

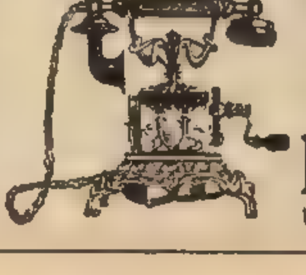
Como o Inamps paga mais caro pelo leito ocupado no Centro de Tratamento Intensivo do que pelo leito da enfermaria, há interesse em manter todo o CTI ocupado para faturar. Quando uma criança chega ao hospital, apresenta o seguinte quadro: no primeiro dia é internada; no segundo, quase sempre apresenta o mesmo estado do dia anterior; no terceiro, de repente, apresenta um estado grave. Isso leva crianças a serem internadas no CTI sem necessidade, tomando o lugar de outra.

As condições de higiene são as mais precárias. Há berços sem lençol, crianças com pijama sujo e muitas até nuas. A esterelização é precaríssima, uma vez que só é feita quando o hospital está vazio e, mesmo assim, as mamadeiras e chupetas são manipuladas em um mesmo local, independentes de pertencerem a crianças portadoras de doenças infecto-contagiosas. Além disso, o lactário — local onde se prepara as dietas — fica entregue "as baratas" e às atendentes, pois, a única dietista que existe na casa, a chefe do setor, só aparece no hospital uma vez por mês para dar ordens, isso quando aparece, muitas vezes dá as ordens por telefone.

Com todo esse quadro, acontecem coisas do arco da velha: crianças que permanecem horas com agulha na veia, depois do soro ter acabado; que ficam sem comer porque não há pessoal suficiente para dar as mamadeiras; que apanham por não quererem tomar injeção; e que depois de receberem alta são reinternadas por acidentes ocorridos dentro da clínica. Esse foi o caso de uma menina que ficou com queimaduras de primeiro grau porque a enfermeira não viu a temperatura da água para o banho, e colocou-a em baixo do chuveiro fervendo.

ALÔ, ALÔ...
ASSINE REPORTER PELO TELEFONE.

"ALÔ, 253-5038? DONA LUCÍLIA? EU QUERIA FAZER UMA ASSINATURA DO REPORTER..." ISTO É TUDO O QUE VOCÊ PRECISA FAZER PARA ASSINAR E RECEBER REPORTER EM CASA OU NO TRABALHO, POR UM ANO.



SE VOCÊ NÃO MORA NO RIO (OU NÃO GOSTA DE FALAR AO TELEFONE), PEÇA UMA ASSINATURA PELO CORREIO.

REPORTER
UM JORNAL DE DISCAGEM DIRETA

CUPOM DE ASSINATURA

- Assinatura por 12 edições: 160,00
— Envie cheque nominal ou vale postal para:

MARGEM EDITORIA E PROGRAMAÇÃO GRÁFICA LTDA.
Rio de Janeiro: rua Miguel Couto, 134 conj. 1101/1104 20000 RJ

Você pode assinar o REPORTER, a partir do nº 0
Indique a partir de que número você quer sua assinatura. .

Nome: ....
Profissão:..
Endereço: ....
CEP:.......... **Cidade:**.......... **Estado:** ....

POR QUE ASSINAR MOVIMENTO?

LULA: líder metalúrgico

"Acho que o jornal MOVIMENTO significa hoje algo como a democracia, como a liberdade que a gente tanto espera que haja, que a gente tanto aspira. Porque num país onde a imprensa está amordaçada ao poder econômico, num país onde a imprensa está na mão das elites, na mão da burguesia nacional, é sempre importante que haja uma imprensa livre, uma imprensa independente, como é o caso de MOVIMENTO. Eu acho que a existência do jornal MOVIMENTO é a própria esperança de que um dia haverá democracia nesse país."

Lula

É o primeiro dos cadernos Versus

nas melhores bancas e livrarias do país

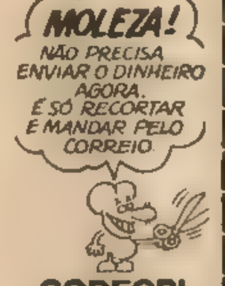
Agora em livro a história do homem que não quis vender o povo brasileiro.

Roteiro completo do filme

Artigos de Geraldo Sarno, Orlando Senna, José Carlos Avellar e Robert Grëllier.

Dados biográficos e revelações inéditas sobre Delmiro Gouveia.

Compre hoje mesmo, nas livrarias ou pelo Reembolso Postal.



CODECRI
A EDITORA DO RATO QUE RUGE

EDITORA CODECRI — Serviço de Reembolso Postal
Rua Saint Roman, 142 — Copacabana
22 071 — Rio de Janeiro — RJ

Queiram enviar-me o livro "Coronel Delmiro Gouveia", ao preço de Cr$ 140,00.

Nome: ____________________

Endereço: ____________________

Profissão: ____________________ Idade: ______

CEP: ________ Cidade: ____________ Estado: ______

Assinatura: ____________________

BICHAS E LÉSBICAS TAMBÉM FAZEM HISTÓRIA

LAMPIÃO discute o único tema que ainda é tabu no Brasil: o prazer

Faça a sua assinatura anual (doze números): mande cheque ou vale postal para a Esquina __ Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda. (Caixa Postal 41.031, CEP 20.000, Rio Janeiro __ RJ). Preço: Cr$ 230,00. Peça pelo reembolso postal o pacotão de números atrasados. Cada exemplar custa Cr$ 25,00.

ELIS REGINA

Foto de Custódio Coimbra

"Nós vivemos num regime de 1500. São 3 ou 4 mandando ."

No ano passado, Elis Regina, entrevistada em um programa de rádio no Rio de Janeiro, disse que estava querendo "falar".

— Passei 14 anos calada. Agora quero botar tudo pra fora.

E realmente saiu dizendo, para os que a queriam ouvir, é claro. Foi tomando posição, pedindo liberdade, criticando a censura.

No dia 1º de Maio, foi um dos artistas que participaram do show em São Bernardo do Campo, dando uma força para os metalúrgicos, da mesma maneira como muitos vêm contribuindo com seus trabalhos nas manifestações político-musicais que estão acontecendo no Rio e em São Paulo.

Falando sobre os trabalhadores, Elis diz que tem inveja do trabalho desenvolvido por eles. Falando sobre custo de vida, propõe um boicote aos supermercados toda vez que os produtos sumirem para provocar aumentos: "não tem óleo, cozinha com banha".

O que leva cantores como você a participar desses shows?

— Eu não vejo muita divisão nas carreiras, é só uma divisão pró-forma. No fim, somos mesmo é trabalhadores, e de um tempo pra cá os trabalhadores em geral têm se preocupado com um melhor reconhecimento da profissão, por melhoria de condições de trabalho, por obediência das leis para arrecadações, e que, pelo menos, a lei da distribuição fosse aplicada. No caso da gente, diz mais respeito ao direito autoral do intérprete. Acho que todas essas pessoas que estão engajadas e se enfiaram de cabeça nesse tipo de luta, que é uma luta trabalhista, entre aspas ou não, não consegue ver com distanciamento brigas de outras categorias profissionais, que sejam pelos mesmos motivos. No caso dos cantores, a briga é pela desproteção que a gente tem pela lei atual. As rádios e televisões importam muita cultura, tirando uma parte do nosso mercado de trabalho. Quando acontece um lance, de trabalhadores que estão brigando pelo reconhecimento de sua categoria profissional, ou pelo engrandecimento de sua categoria profissional, a gente não consegue ficar afastado do lance.

— Eu tenho uma certa inveja dos metalúrgicos. Eu queria que a minha classe profissional tivesse a consciência de classe que os metalúrgicos têm. Mas vai demorar um pouco para que a gente chegue a isso, porque é uma profissão muito cercada pelo paetê, pela lantejoula. Na verdade, a gente não só está disperso como não tem liderança que faça com que a classe se aglutine. Eu fico fascinada em ver que 200 mil pessoas seguraram essa barra por um longo tempo.

Você tem tido contato com o povo?

— Olha, eu sempre estou em contato com ele. Eu faço, feira, eu fico na fila do açougue, eu faço supermercado, eu faço tudo que todas as pessoas fazem. Se cria uma transação fantástica e irreal em torno das coisas e você precisa até forçar um pouco a barra pra não cair nesse círculo vicioso do comodismo, e não deixar que você mesmo enfie os pés pelas mãos. Então, quanto mais você tiver um contato com a realidade mesmo... Sabe, eu não acredito que o contato com a realidade, e isso eu tenho discutido... eu tenho um amigo que, pra ter contato com o povo, foi morar numa favela, e ele nunca teve tão distanciado do povo como está agora. Não é compositor, não é jornalista, não é nada. É uma pessoa que todo mundo conhece, mas que não vem ao caso. Tá legal, tá vivenciando os problemas de perto, mas objetivamente está fazendo o que? Quando você encontra essa pessoa, ela continua com os mesmos ranços da classe média abastada, que vai ficar com os pobres pra fazer tipo. Isso é muito estranho. Pra gente ter contato com a chamada população, não precisa estar morando na Vila Albertina. O que importa é que você continue sendo bastante sensível, pra não embotar os seus sentidos pra tudo que está acontecendo, é preciso preservar o seu sentido de justiça.

— Nós vivemos num regime de 1500, são três ou quatro comandando tudo, nós vivemos num regime de Capitanias Hereditárias, com uma indústria solta no ABC. A Imprensa de São Paulo está presa na mão de três famílias, assim como a do Rio está na mão de três famílias e a do Rio Grande do Sul na mão de duas famílias, quer dizer, Capitanias Hereditárias da Imprensa. Se você não se sensibilizar com esse tipo de coisa, você é um embotado, um louco, e realmente ter a condição de passar o dia inteiro olhando para o umbigo, para ver se nasce um pé de couve, porque é um negócio tão flagrante que nem precisa você tá no meio pra você saber. Eu não posso ficar insensível nem deixar de participar, quando eu acho que as coisas que estão acontecendo são do cacete, e até porque eu tenho um certo dom de ser enxerida.

E esse teu contato com o povo, te traz alguma coisa pra tua carreira?

— Olha, meu pai trabalhou a vida inteira numa fábrica de vidro, vivia dos benefícios do IAPI, morava na vila do IAPI. E eu tive uma mãe altamente participante, uma mãe que colocava tudo pra gente, falava das coisas todas, e inclusive fazia uma coisa que eu não vejo as pessoas fazerem e que eu acho maravilhosa, que é o boicote. Vai aumentar a carne, então vamos comer peixe. Vocês não gostam de peixe, mas eu não vou entrar na fila e dar força pra esses filhos da puta. Sabe, a minha mãe é que me deu esse senso de justiça, de analisar a coisa. Sumiu o óleo, então nego fica dando cabeçada e pernada pra comprar óleo, porra! Cozinha com banha, cozinha sem óleo, boicota porra. Vai aumentar o café então toma chá, faz qualquer coise em sua defesa. Afinal, você é consumidor. Esse lance que pinta na minha vida como mulher, dona-de-casa que também tô formando três cabeças, de uma certa forma já está surtindo efeito. O fundamental é que eu não esqueci. Eu tenho um salário legal, é muito menor do que as pessoas pensam, com a vida organizada dentro dos padrões de um músico, que é uma vida bastante incerta e as coisas nem sempre são seguras. Eu vivo das vendagens dos meus discos e dos poucos shows que eventualmente pintam. Então, fica sempre num negócio incontrolado. Não é porque tenha aparecido na capa de revista que vou ter crise de apoteose mental e pensar que sou Rodolfo Valentino. O meu lance é outro.

Você acha que há uma maior liberdade de censura, atualmente?

— Olha, tem algumas coisas que a gente percebe que aconteceram, tem uma séria de músicas que foram gravadas, peças de teatro sendo liberadas, tem cinema pintando aí, uma séria de coisas acontecendo. Houve, realmente, um abrandamento por parte da censura, a gente não pode dizer que não houve. Eu mesmo gravei no meu novo disco uma música da Sueli Costa e Aldir Blanc, que estava vetada desde dezembro (**Altos e Baixos**) e ela foi reliberada em 24 horas. São coisas palpáveis. O **Bêbado e a Equilibrista** não podia ser cantada há 7 ou 8 meses e hoje ela está sendo cantada, isso é um dado correto. Mas essas coisas feitas de outorga, cartas de alforria, não me convencem. Eu gostaria muito mais que a censura tivesse sido conquistada por nós e não tivesse sido uma doação dada segundo o estado do fígado de alguém, da necessidade de causar boa impressão, pelo menos boa impressão. Eu não esqueço que a mão que assinou o não é a mesma que assinou o sim e será a mesma que poderá assinar o não daqui a pouco. Então, fica um bando de gente histérica com a passarinha batendo, porque já tá podendo falar. Eu vou ficar com a passarinha batendo quando todo mundo puder falar tudo, puder comer tudo, todo mundo puder vestir tudo, quanto todo mundo puder tudo, sabe. Enquanto tiver alguma coisa emperrando, eu vou continuar dizendo: atenção, pode ser que tudo mude amanhã, porque tudo é fruto do estado do fígado de alguém; o fígado, hoje, tá manso, nego tá de bom humor, e se ficar de mau humor de novo vai ser broca segurar. Dá pra você se iludir com regime de colégio interno?

Entrevista a
Lídia Maria Gurgel

ESPERTAS

Desconto ilegal de 20% no salário provoca demissão

As coisas estão pretas lá pros lados doCpderj (Centro de Processamento de Dados do Estado do Rio de Janeiro). Já está dando até demissão. A Confederação Nacional dos Trabalhadores do Comércio (CNTC) impetrou uma ação para decidir o reajuste anual do salário dos empregados da empresa. Juracy Martins dos Santos, diretor da CNTC, através de uma cláusula do acordo firmado entre ele e Júlio Oscar Lagun Filho, presidente do Cpderj forçou um desconto de 20% do aumento dado no dissídio coletivo do mês passado. Com essa situação houve protestos gerais por parte dos funcionários da Cpderj que estão sendo ameaçados de demissão. A degola começou com o assessor Carlos Ney Calmon, um dos líderes do movimento contra assinatura desse acordo considerado absurdo e ilegal.

Tim Lopes

Cadáveres encontrados em Vitória de Santo Antão, Pernambuco

Esquadrão da Morte ataca em Pernambuco

11 cadáveres apareceram recentemente em Pernambuco, todos com sinais de sevícias espalhados pelo corpo, alguns enforcados, outros metralhados. Os corpos foram encontrados em um canavial de um município próximo ao Recife, Vitória de Santo Antão, cidade onde fica a fábrica da aguardente Pitu.

Existe um Esquadrão da Morte em Pernambuco, é a certeza que se generalizou no Estado. Até porque, no início do ano, a polícia da Paraíba encontrou, de uma só vez, outros 11 cadáveres em seu território e, prontamente, acusou a pernambucana de ter desovado os corpos no Estado vizinho, para confundir as investigações. Se os paraibanos têm razão ou não até hoje ninguém sabe, porque nada se descobriu sobre a identidade das vítimas e muito menos sobre seus assassinos.

A técnica, entretanto, é sempre a mesma: a vítima é torturada, morta e jogada nua ou em trajes sumários, sem qualquer documento, em uma região onde ninguém a conhece.

A secretaria de Segurança de Pernambuco abre inquéritos que nada apuram e diz que solicitou ajuda da Polícia Federal. Esta, por sua vez, nada informa. E os mortos são enterrados como indigentes.

Pior é que as autoridades policiais do Estado ainda fazem publicar na imprensa artigos que, indiretamente, pretendem justificar os assassinatos. No dia 27 de maio, o Diário de Pernambuco trazia uma nota da secretaria de Segurança, lembrando que nos últimos dois anos seis policiais morreram em ação, e usando esse fato para afirmar que se Esquadrão da Morte existe em Pernambuco ele é formado por marginais. O que, fosse verdade, deveria reforçar a necessidade de descobri-lo e prender seus integrantes.

Eduardo Homem

Foto de Luz Bittar

A polícia dentro da Volks

Denúncia do REPÓRTER lida nos banheiros da Volks

Soubemos que o presidente da Volkswagen do Brasil, Wolfgang Sauer, mandou comprar centenas de exemplares do **REPORTER**, edição de abril, só porque denunciamos o nazismo na sua fábrica. Um problema de imagem que ele inutilmente quis preservar.

Mas mesmo com a venda do **REPORTER** estourando nas bancas do ABC, e o maior comprador sendo uma multinacional, nosso jornal foi lido pelos operários da maior fábrica do país. Tinha recortes da matéria em tudo que era banheiro da Volks. E olha que lá tem banheiro, pois são 40 mil operários.

Wolfgang Sauer, tomou uma chupada do presidente mundial da Volks da Alemanha, que ficou até sem jeito. Quem soube dessa bronca foram os cinegrafistas da TV alemã que estiveram aqui no Brasil e me contaram. Eles disseram que lá na Alemanha não se falou noutra coisa. O motivo da tal bronca foi que o chefão da Volks em São Bernardo do Campo permitiu que a polícia la entrasse portão adentro. Ou mais precisamente: ele abriu os portões para que a polícia descesse o cacete. Ficou mal pros olhos do mundo.

Rivaldo Chinem

Ex-motorista de Fleury foi preso por roubo de carros

O ex-motorista do falecido delegado Sérgio Fleury, Adonias Gomes da Silva, foi preso no dia 16 de maio por policiais de Santos, juntamente com mais seis elementos de uma quadrilha que vendia carros roubados em São Paulo no Paraguai. Adonias ao ser interrogado na polícia disse que acompanhou Fleury na Operação Bandeirantes (Oban, ex-DOI/CODI), em trabalhos no Departamento de Operações Internas e Comando de Operações (DOI/CODI) e no Deops. Declarou também ter recebido duas medalhas de "Pacificador", segundo ele, "por ter prestado bons serviços à polícia".

No dia da prisão de Adonias a polícia santista tinha identificado 17 veículos roubados pela quadrilha. Ele mesmo declarou que a quadrilha chegava a roubar até três carros por dia. Adonias foi o último a ser preso, no momento em que ia fazer a entrega de uma Brasília. Seus comparsas, entre eles alguns bolivianos, tinham sido presos antes.

Segundo a quadrilha, a documentação falsa dos carros vinha do Paraguai, mas eles não entregaram quem era o chefe. Os documentos chegavam, especificando o ano e demais características dos carros, e quando os ladrões saiam para roubar já sabiam qual era o tipo, cor e ano. A quadrilha tinha grande estoque de placas de São Paulo, São Bernardo, São Caetano e Santo André. Adonias adaptava os automóveis para a viagem. De cada vez eram levados de quatro a cinco carros até Foz do Iguaçu, onde os motoristas esperavam instruções vindas do Paraguai. Recebiam 25 mil cruzeiros por veículo entregue.

Rivaldo Chinem

Professora mora debaixo do viaduto

— Toda a vida, meu sonho foi ter uma casa. Tenho vontade de sair daqui, mas o meu marido ganha pouco, 12 cruzeiros por hora, e o dinheiro da roupa que lavo pra fora também não dá. Um aluguel de uma casa custa de 4 a 5 mil cruzeiros. A gente vai agüentando. A realidade é essa. O importante é tá convivendo bem. Não adianta morar num palacete e ficar juntando, separando, brigando sempre. Me considero uma mulher feliz, gosto do meu marido e dos meus filhos.

Por cima da cabeça de Idalina Fernandes Moreira, ex-professora do Mobral em sua terra natal — Carlos Chagas, em Minas Gerais — passam carros em alta velocidade. O viaduto engenheiro Paulo dos Santos Reis começa nas proximidades da rodoviária Novo Rio, cruza a avenida Francisco Bicalho e vai se esticando. Cobre por inteiro todo o comprimento da rua São Cristóvão, deixando-a escura e abafada. E desafoga o trânsito na avenida Brasil. Idalina é mãe de Airã Aciliégila, de um ano e três meses e de Walbert Losângelis, de três anos. A família mora embaixo do viaduto há seis meses.

Como você veio parar aqui?

— Estou aqui no Rio há sete meses. Meu marido chegou primeiro. Alugamos uma casa em Xerém, lá na Baixada Fluminense. Não tava dando. A condução cara, distância da cidade e o aluguel de 700 cruzeiros desanimavam. Ele tinha trabalhado na construção desse viaduto e acabamos montando nosso barraco aqui mesmo. Quando faz sol tudo bem, mas quando chove isso molha tudo e morro de medo.

Tim Lopes

Foto Chiquito Chaves

Idalina, a professora

ESPERTAS

Velloso e Golbery iam salvar UH

Funcionário do governo que recebeu os recados, garantiu ao REPORTER: no governo do general Geisel, pelo menos seis vezes, o então ministro do Planejamento Reis Velloso e o general Golbery do Couto e Silva, chefe da Casa Civil da presidência da República pediram apoio especial ao jornal *Última Hora*, do Rio de Janeiro. Eles queriam botar lá os anúncios de empresas governamentais. A explicação para as insistentes solicitações, dada pelo mesmo funcionário: " — o governo não tem confiança na aliança feita com o DIA, do Chagas Freitas, e acha o *Globo* já muito identificado como jornal da situação. Eles queriam fortalecer uma outra publicação diária, que tivesse até umas poses de liberal e pudesse funcionar como o jornal da abertura oficial."

Ministro Golbery

A idéia continua valendo. Quer dizer, não se espantem se a *UH* mudar de cara ou vier de roupa nova.

Luiz Alberto Bettencourt

Atenção Fidel: Este jovem quer ir praí

Recebemos uma carta na redação:

"Há poucos dias eu li o livro **A Ilha**, do Fernando Morais, e na página 23 soube que o governo cubano, através da Confederação Mundial da Juventude Democrática, hospeda filhos de operários em seu território. Tenho 16 anos e gostaria de entrar em contato com alguém que pudesse me informar sobre isto. Gostaria que vocês me mandassem algum endereço de embaixada cubana, em qualquer país, ou algum meio que eu possa utilizar para entrar em contato com pessoas "ligadas" a Cuba". **Carlos Frederico da Silva — SP**

Carlos mora num bairro periférico, pra lá de Santo Amaro, há umas duas horas de ônibus do centro da cidade. A casa da família é a mais pobre da rua: sala apertadinha, onde cinco pessoas já é aglomeração, quartos, cozinha e banheiro, tudo miúdo. Mas não falta um aparelho de TV, branco e preto.

— Eu quis conhecer Cuba, simplesmente porque agora no Brasil, principalmente no meio estudantil, já se fala muito sobre socialismo, da crise do capitalismo e tudo. Eu queria ter um contato direto com aquela sociedade para eu poder comparar a sociedade socialista com a capitalista. A gente vê pelo livro de Fernando Morais que em Cuba tudo é maravilhoso. Ele foi lá e achou uma maravilha: talvez se eu fosse eu não teria gostado. Eu queria justamente comprovar se é tão bom quanto diz o livro, porque no livro você fica realmente emocionado, você vê que é uma sociedade comunitária, o pessoal é superorgulhoso de revolução, do governo e eu queria ir lá pra sentir o negócio e ver se é aquilo mesmo.

Carlos Frederico

Tem muita gente querendo visitar Cuba às custas do governo cubano, que não é tão rico para pagar todas essas viagens. Só em São Paulo, mais de 300 pessoas estão esperando resposta de lá. Depois que houve alguns indícios de reatamento com Cuba, a viagem já não é tão proibida.

Quer dizer: não há legislação proibindo ninguém de visitar Cuba. Simplesmente não tem avião pra lá porque não há relações comerciais com o Brasil. O único problema é que na volta pode acontecer de a polícia querer saber o que o viajante foi fazer lá, como aconteceu no ano passado com jornalistas e com o compositor Chico Buarque.

Lídia Maria Gurgel

Polícia confunde preços da maconha

As cotações da maconha no Brasil, segundo a Polícia Federal, são realmente surpreendentes. No dia 20 de maio, em notícia publicada na primeira página do *Globo*, ela anunciava ter apreendido 637 toneladas da erva no Maranhão, a maior quantidade da droga já recolhida ao xadrez em todo mundo. De acordo com os eufóricos policiais, o valor da apreensão chegava a Cr$ 5 bilhões, calculando eles o quilo da maconha a Cr$ 2 mil no local da plantação e a Cr$ 20 mil no Rio e em São Paulo.

As informações pegaram o pessoal do fumacê desprevenido. Afinal, ou a Polícia Federal andava fumando demais, ou o quilo da maconha tinha dobrado de preço da noite pro dia: até então ele valia no máximo Cr$ 1 mil no Maranhão (isso, dizem os entendidos, já é preço de intermediário) e Cr$ 10 mil pros paulistas e cariocas.

No dia seguinte, outra notícia, dessa vez publicada pelo *JB*, aumentava a confusão no mercado: a superintendência regional da Polícia Federal de Alagoas apreendeu 3 toneladas de maconha e calculava seu valor em Cr$ 3 milhões. Ou seja, o quilo valia Cr$ 1 mil, a metade da cotação apregoada pela mesma Polícia Federal no dia anterior.

Descobriu-se depois que a Polícia Federal exagerou não somente no preço da erva presa no Maranhão mas também na sua quantidade: na verdade, as 637 toneladas apreendidas foram o resultado de pequenas operações realizadas durante um ano. Trata-se assim de uma soma e não de uma grande apreensão — e a PF agiu como um grande especulador.

Luiz Alberto Bettencourt

Inspetores da Funabem querem menos trabalho

Os inspetores de alunos do Instituto Padre Severino, da Fundação Nacional do Bem Estar ao Menor, para onde, vão os menores infratores, estão reclamando por melhores condições de trabalho. Segundo eles, as dobras de horário são obrigatórias, sob pena de sofrer três dias de suspensão ou até demissão. Além das 240 horas mensais, têm que fazer mais 40 horas extras, quase não sobrando tempo para passar dias com a família.

Um dos monitores, que compareceu à redação, disse que tem que trabalhar 45 dias para poder folgar um domingo.

— Nós temos que cuidar de menores de alta periculosidade e não recebemos risco de vida. Temos que cuidar dos menores e não nos sobra tempo para cuidar de nossa família.

CJ

Dona Antonia e o recibo do dinheiro entregue à Godoy

Nem SNI ajudou a investidora lesada

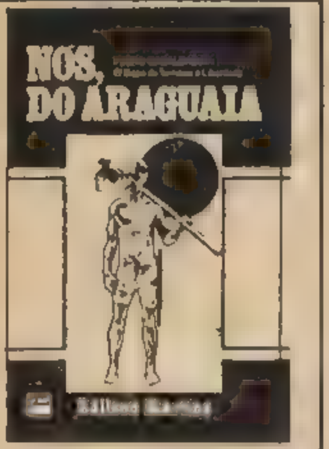
Mais uma investidora lesada pela bagunça reinante no mercado de capitais deste país. Dessa vez foi Antônia Augusto Moreira que, em 1972, investiu uma nota preta na Bolsa de Valores através da Corretora Godoy. Logo depois, o Banco Central interveio na dita cuja e decretou a sua liquidação extrajudicial. Resultado: a dona Antônia começou a perambular pelos corredores do Banco Central e da Bolsa pra saber quem ia pagar o seu dinheiro, poupança de "toda uma vida", como ele diz. Sempre com todos os recibos de aplicação na mão pra comprovar o que tinha entregue à corretora, Antonia foi até ao SNI, pedindo uma investigação sobre os motivos que levaram o Banco Central e a Bolsa a não reconhecer seu patrimônio, acrescido de todos os direitos e correção monetária.

No final do ano passado, Antonia recebeu da Bolsa de Valores uma proposta de acordo, que considerou "ridículo": ela receberia cerca de 70% do que tinha direito em relação aos dividendos e subscrições das ações até 31 de dezembro de 78 e mais o dinheiro que havia posto ao vivo na corretora Godoy em 1972, num total de Cr$ 93.367,00.

Ora, Antônia, só em dinheiro, tinha depositado na corretora, em 1972, pouco mais de Cr$150 mil que, com a correção monetária oficial desses 7 anos, daria, no final de 78, Cr$ 954 mil. A aplicação do dinheiro na corretora tem recibo mas a Bolsa não reconhece e não quer bancar a dívida de uma corretora, o que é uma responsabilidade sua — o investidor não tem culpa de ela não ter percebido que a Godoy não ia agüentar. Além do dinheiro vivo, Antônia tem ainda um bom patrimônio em ações (quase 1 milhão de Docas de Santos, 462 mil Cimento Aratu, 32 mil Mannes mann, 21 mil Belgo Mineiro, 20 mil Petrobrás, 52 mil Rio Grandense e outras menos cotadas) que anda em torno de Cr$ 1 milhão. Tudo isso retido nos cofres da Bolsa.

Luiz Alberto Bettencourt
Lucília Braga.

ESPERTAS
CULTURAIS



A história do bispo que não batiza opressor

O jornalista Edilson Martins está lançando o seu segundo livro, desta vez pela Graal: *"Nós, do Araguaia"*, da maior importância para quem quiser sentir a problemática da prelazia de São Félix do Araguaia, em Mato Grosso, onde o aparentemente frágil dom Pedro Casaldáliga, briga, ao lado de grupo de outros abnegados, pela população local e contra os exploradores da região. E que mostra bem de que lado está, negando-se inclusive, a confessar ou batizar "opressor, repressor ou puxa-sacos de ambos". E explica:

— Você tem que compreender que não somos sós que negamos. Eles é que se negam. Nós exigimos uma comunhão com a comunidade. Quem não é da comunidade, recusa esse compromisso, se coloca cotra ela.

O livro abre com a morte do padre João Bosco Penido Burnier, assassindo dentro da delegacia de Ribeirão Bonito pelo soldado Ezy Ramalho Feitosa, com um tiro nas cabeça.

No dia 11 de outubro de 1976, Casaldáliga foi à delegacia, em socorro de duas mulheres que estavam sendo torturadas. João Bosco resolveu ir com ele. Agressões, acusações ("cala a boca padre safado, padre comuna") e um tiro na cabeça de João Bosco. Baia dum-dum, calibre 38.

E tem todaa história do povo do Araguaia, entre Pará e o Xingu, entrando pelo Estado de Goiás. Uma área de 150 mil quilômetros quadrados, paraíso do latifúndio, onde "novos proprietários, procedentes dos grandes centros, sem nenhum vínculo com a região, chegam, se instalam e implantam o terror.

Nessa tarefa são ajudados por seus jagunços, recrutados entre os diferentes segmentos sociais marginalizados e muitas vezes pelas polícias estaduais. A tarefa primeira é invadir a terra do posseiro derrubar sua casa, incendiá-la, destruir as roças, descaracterizar enfim, a ocupação".

A terra da lei do mais forte, prato feito para quem está acostumado a ganhar no grito. Região onde as multinacionais estão chegando, tomando conta e mandando.

A capa é de Maurício Veneza.

Chico Júnior

Especulação ataca também em Canoa Quebrada

Pescadores e mulheres que fazem labirinto, habitantes de uma belíssima praia do Ceará — Canoa Quebrada — são os personagens vivos do novo livro de Wanda Figueiredo: Aqui Canoa Quebrada.

Como em seus outros livros — Aqui Rio e Aqui São Paulo — Wanda faz uma montagem de conversas informais em que as pessoas falam de suas vidas. Sem ponto, sem vírgula, sem maiúscula. Apenas espaço-tempo entre as frases.

Mas este é absolutamente diferente dos anteriores, que mostram habitantes de grandes cidades. Pela primeira vez, a jornalista viveu entre pescadores que enfrentam continuamente a fome.

A aldeia, descoberta por centenas de turistas brasileiros e estrangeiros, fascinados pela belíssima praia cearense — onde o carro ainda não chegou — já atraiu também a especulação imobiliária. E já apareceram donos de terra, ameaçando a gente humilde: Um drama que o livro mostra bem.

O lucro deste livro, de forte conteúdo humano, será totalmente revertido pela autora para a aldeia. E sua distribuição se fará especialmente pelos amigos de Wanda. Nas livrarias, apenas será encontrado na rede Entrelivros.

Sérgio Danilo

A poesia dos porretas de Brasília

Esquadrão da Morte/ o supermercado dispara/ a televisão dispara/ o político dispara/ a construção civil dispara/ o imposto dispara/ a lei dispara/ a educação dispara/ a saúde dispara/ o salário dispara/ o patrão dispara/ a madame dispara/ a religião dispara/ a embriaguês dispara/ o transporte dispara/ o povo morre crivado de balas na praça pública.

A poesia é do Climério que consta do livro *16 Porretas*, uma coletânea de poesias editado por um grupo de jornalistas de Brasília, entre eles Luiz Artur Toríbio, Eduardo Mancasz e Carlos Marchi.

Tim Lopes

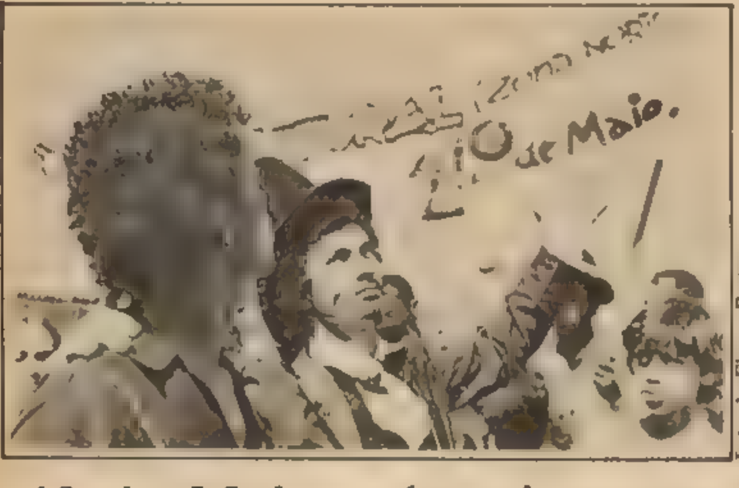


Foto de Eliana Pastore

1º de Maio cultural na rua

A Vila Brasil, Zona Norte de São Paulo, teve este ano um 1º de Maio diferente. A população pôde assistir nas ruas vários espetáculos de música, teatro e poesia, organizados pelo Centro Cultural da Zona Norte, integrado pelos grupos Dari Luzio, Barrela, Garage, Sarabanda e Zarabatana. Um dos espetáculos foi a teatralização do poema Operário em Construção, de Vinícius de Moraes. Na foto, o patrão (de cartola) conversa com o operário.

Alex Solnik

Psico-síntese faz exposição fotográfica

A Sociedade de Psico-Síntese do Rio de Janeiro, com o apoio do Sindicato dos Médicos e do **REPORTER**, realizará no dia 28 deste mês uma exposição de Fotografia e Pintura, com trabalhos de Américo Vermelho, Chiquito Chaves e Custódio Coimbra (fotos) e Rozane Cantanhede (pintura).

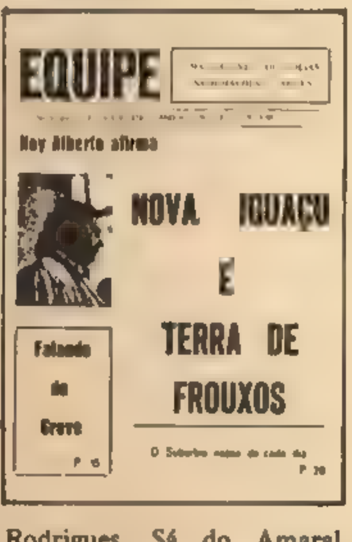
Fundada há um ano, a Sociedade de Psico-Síntese tem como proposta desenvolver um trabalho de assistência médica, cultural e psico-social, principalmente com a classe social carente. A exposição será realizada no 11º andar do Sindicato dos Médicos (avenida Churchil, 97)

Tereza Ribeiro

Na Baixada é tudo limpeza

— A Baixada Fluminense não é uma pocilga, não é uma lixeira como pintam. Ela também tem sua gente, sua cultura. É por isso que estamos tentando fazer uma revista que mostre quem somos, nossa luta.

Quem dá o recado é Luiz Ferrão, editor da revista *Equipe*, o único suplemento cultural da Baixada. A publicação, tipo revista, é mensal e tem uma tiragem de 1.500 exemplares, distribuída nas bancas de Nova Iguaçu, Nilópolis e São João de Meriti. No mês de julho sairá um número especial com trabalhos em prosa de vários autores fluminenses, entre eles, o escritor maldito Antônio Fraga, Rodolfo Quaresma Filho, Neiva



Rodrigues, Sá do Amaral Júnior, Armando Alves Filho. Ilustrações de cartunistas da Baixada.

Tim Lopes

SINDICAIS

Professores enganados pelos patrões

A vitória do movimento grevista dos professores do 1º e 2º graus da rede de ensino particular do Rio de Janeiro foi embananada pela intransigência do Sindicato Patronal, que se recusam a cumprir as decisões do Tribunal Regional do Trabalho, que, apesar de "decretar a ilegalidade da greve", deliberou em favor das justas reivindicações de melhor salário e melhor ensino do professorado. Mas os patrões se recusaram a aceitar a decisão da Justiça, que dava aos professores um aumento de 84%. Segundo os cartolas do ensino, esse aumento **subverte** a política salarial do governo. Por isso, acharam que não devia pagar um centavo a mais do índice oficial de 44%.

O Sindicato Patronal orientou as escolas para não pagarem o aumento, "ao mesmo tempo em que usam abusivamente o espaço da Grande Imprensa para criar situações confusas", como denunciou Francílio Paes Leme, membro da diretoria do sindicato dos Professores.

Francílio faz um balanço do movimento e da atuação do Sindicato.

— A nossa situação reflete uma característica geral da sociedade brasileira, depois de 15 anos de arbítrio. Todo movimento tem um pique (a greve), após o qual a categoria sente dificuldade em manter sua continuidade. Surgem tarefas mais difíceis, como consolidar o grau de organização alcançado na luta e avançar esse grau, quantitativa e qualitativamente. Isto representa para nós, democratizar a estrutura do sindicato. Nosso sindicato ainda não é plenamente representativo, nós ainda trabalhamos em cima de uma estrutura ultrapassada, deixada pelas gestões anteriores, que não nos possibilita canalizar todos os ganhos da greve, em termos de organização. Há duas medidas urgentes para superarmos este quadro: sindicalização em massa e fortalecimento das zonais, (espécie de delegacia sindical), que foram a maior conquista da greve. Para isso, elas devem estar dentro das escolas, discutindo com os professores as questões principais do movimento, e elegendo ali seus representantes. É essa discussão que devemos levar com todos os professores: a organização democrática da categoria. O que os patrões mais temem é nossa organização, que eles tentam impedir de todas as maneiras enfraquecendo as conquistas do movimento e do Sindicato.

Ênio Oliveira

Motoristas de Recife surpreendem empresários

Recife amanhaceu sem ônibus no dia 31 de maio. Motoristas e trocadores, para surpresa de autoridades e patrões, organizaram a greve na madrugada de quarta para quinta-feira, em protesto contra uma manobra dos propietários das empresas e do diretor da Delegacia Regional do Trabalho, que anunciaram a realização de um acordo e a conseqüente suspensão do movimento grevista, que vinha sendo preparado há dois dias.

Quandos os trabalhadores souberam, às 20 horas de quarta-feira, que a reivindicação de aumento salarial de 80% não seria atendida, articularam-se nos terminais dos ônibus e conseguiram interromper totalmente o transporte coletivo no dia seguinte.

Claro que a greve não foi tão pacífica quanto gostariam autoridades e patrões. O pau comeu solto em diversos pontos do grande Recife. Era só aparecer um ônibus na esquina e tome pedra, e prego pra furar pneu. Até uma parte da rede dos ônibus elétricos foi arrancada no centro da cidade.

Debaixo da justificativa de que o quebra-quebra era provocado por subversivos e desocupados, a PM baixou o cacete. Até um oficial do exército, à paisana, andou levando os seus cascudos, enquanto não conseguiu se identificar. Identificado, os autores da agressão se desfizeram em desculpas, tinham confundido o oficial com um cidadão comum.

Enquanto isso acontecia na avenida Guararapes, um coronel da Polícia Militar justificava, pelo rádio, a ação dos seus comandados falando de suas prioridades:

1. Proteger a propriedade;
2. Dar garantia aos fura-greves que quisessem trabalhar;
3. Dar segurança aos passageiros.

Ao mesmo tempo, o diretor da Delegacia Regional do Trabalho afirmava que a greve era "totalmente ilegal", com o que concordavam unânimes os proprietários das empresas de transporte. Para Félix, motorista transformado em líder do movimento, pois o sindicato da classe tirou o time de campo, importa pouco que a greve seja ilegal. Ele diz que trabalha mais de doze horas por dia e ganha, com hora extra e tudo, uma base de Cr$ 3 mil. E pergunta ao repórter: "A fome que eu e minha família sentimos é legal?"

A pergunta ficou no ar. Como ficou também na expressão do guardinha que fazia parte da guarnição da PM que dava segurança no Varadouro, em Olinda. Em pé desde a manhã, lá pelo meio dia ele entrou em um botequim, onde todo mundo comentava a greve. Pediu um copo d'água e, enquanto dava seus palpites, olhava pra lista de preços da SUNAB. Pediu meia sopa, o prato mais barato, que custa cinco pratas. Tinha acabado. Continuou a conversa e a pesquisa dos preços. Depois de quase meia hora, que devia ser o tempo do seu almoço, o guardinha pediu mais um copo d'água, bebeu com a maior vontade e voltou pro meio da rua cumprir as prioridades do coronel. Com a barriga vazia.

Eduardo Homem

Foto de Custódio Coimbra

A posse da nova diretoria do Sindicato dos Bancários do Rio de Janeiro

Banqueiro: abra o cofre!

Os 8.412 votos, que no pleito de 14 a 18 de maio, garantiram a vitória da Chapa 2 para a diretoria do sindicato dos Bancários do Rio de Janeiro, mostram como de nada adiantaram as manobras da antiga situação (Chapa 1), para evitar que a entidade tivesse uma diretoria representativa da categoria e disposta a fazer um sindicato forte e democrático.

Com um programa para organizar a categoria pela base, através de comissões por empresa, para assim garantir a unidade e força nas lutas a serem travadas, a atual diretoria do Sindicato dos Bancários tem como meta imediata organizar a próxima campanha salarial, que tem setembro por data base.

Segundo Jorge Luiz Pacheco, um dos delegados representantes da diretoria, há grandes possibilidades de se fazer uma boa campanha salarial, isso porque, além da organização nos bancos, que já apresentam alguma mobilização, a chapa pretende abrir o sindicato à participação da categoria em seus departamentos, ampliando assim as discussões em torno do dissídio.

Em relação à predisposição da categoria para participar desses debates, Jorge afirma que tiveram uma prévia na época da campanha eleitoral:

— Como a campanha das eleições correu junto com a do abono de 30%, a gente via muita gente discutindo o assunto nos locais de trabalho. Quando conquistamos os 20%, a mobilização esvaziou um pouco porque ficou em torno só das eleições. Mas achamos que, na medida em que voltamos com a questão de salários, principalmente quando uma das lutas é não permitir o desconto desses 20% em setembro, a mobilização será grande e teremos meios de realizar uma boa campanha.

Empossada no dia 29 de maio, a diretoria efetiva: Ivan Martins Pinheiro, Aury Gomes da Silva, Antônio Timóteo Neto, Altair Vaz Fragelli, Degerando de Medeiros Ferreira, Zola Xavier da Silveira, João José dos Santos, Edmilson Martins de Oliveira, Luís Antonio de Oliveira e Souza, José Airton de Amorim, Mário Sérgio de Carvalho e Jorge Luís Pacheco.

Vera Lúcia Dias

Operários repudiam pelegos

A Assembléia Geral Extraordinária dos metalúrgicos da Companhia Siderúrgica Nacional (Volta Redonda), realizada no dia 20 de maio, para discussão das cláusulas do novo acordo coletivo que foi proposto à CSN, serviu também para uma intensa manifestação de repúdio à atual diretoria do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Barra Mansa, Volta Redonda, Resende e Barra do Piraí, que tem como presidente Waldemar Lustoza Pinto, considerado pelego pelos operários.

Os diretores do sindicato, quando tomavam a palavra, eram interrompidos pelas vaias.

Após 6 horas de discussão, seis propostas foram aprovadas por unanimidade e encaminhadas aos Diretores da CSN dois dias após a realização da Assembléia:

1 — Reajuste de 65%, sobre os salários vigentes, sem a compensação do percentual concedido em janeiro passado, não se considerando o erro na apuração do índice salarial a partir de 1973, que só neste ano atingiu 34,1% (dados da Fundação G. Vargas); 2 — Piso-salarial de Cr$ 6.000,00 (seis mil cruzeiros); 3 — Taxa de insalubridade do portão adentro; 4 — Semana de seis dias de trabalho nos turnos; 5 — Remuneração de horas extras em 100%; 6 — Pagamento da indenização do tempo anterior a 1967, optantes ou não.

A CSN respondeu que ia encaminhar o pedido ao governo.

Jefferson Ribeiro de Andrade

LEITORES

Nesta parte da seção de Leitores, REPÓRTER vai publicar cartas de amor. Mande-nos cópia de alguma que você tenha escrito a uma pessoa amada. Junte o seu nome e endereço. Não precisa revelar o destinatário.

A existência do homem me comove, ao mesmo tempo que suga do meu coração qualquer esperança boa. Não porque não acredito mais no ser humano. Acredito em muitos homens e mulheres. Mas é porque o dia a dia deles está terrível. Cada barco envolvendo seus marinheiros numa fé isolada e sem perspectivas de transformação. Transformar a terra nua em plantações. Transformar a vida isolada de família constituida para uma vida conjunta. Transformar o conhecimento em saber para as gerações que vão aparecer por aí. E por aí vai. Cada coisa estaticamente em seus lugares, isso é o que me aborrece profundamente. Porque afinal de contas isso inclui muitas injustiças. Afinal de contas isso inclui a desgraça que vemos por aí. Por que só a desgraça pode fornecer bem estar para alguns? Por que não é melhor alguns cederem o que tem para que se supere a desgraça social? Tão bonzinhos seriam se cedessem... Mas com certeza você me acariciaria o rosto e diria que sou muito ingênua. Não sou não, é só minha forma de colocar. Detesto os chavões políticos e acho que eles não comunicam mais.

Engraçado, queria escrever uma carta de amor aproveitando sua viagem. Aproveitando uma sensação de paz e amor que me pegou de surpresa no meio do meu dia de trabalho.

É assim a gente hoje, falar em amor é falar de transformação. Falar em paz é se esquecer da tensão e relaxar. Pensar em ti. Pensar que o homem em que falo não é propriamente você e amar você inteiramente como é. Mas acho que o amor hoje não é mais poético. Ele é revestido por uma capa de problemas e inseguranças sociais muito comprida e impermeável. Só quem entra na chuva sem ela é que pode gozar. Tudo hoje em dia são uns poucos. São uns poucos que comem filet mignon. São uns poucos que tem capa de chuva e galocha. São uns poucos que gozam ao lado do amor como eu.

Você me traz felicidade, me sinto alegre agora. Lembrei da chuva e do seu sorriso que, com certeza, está no rosto ao ouvir isso. Lembro de uma casa afastada e apenas nós presentes um para o outro. Fico completamente romantica. E sorrio, e te desejo e penso de maneira gostosa em nós.

Você tem razão. Não é preciso haver "motivos" para querer uma pessoa. A gente apenas se satisfaz com ela. Apenas? Eu e os meus complexos de coisas puras e transcedentais, de essencias para o ato de amar. Abaixo só com isso! Viva o corpo que a gente trepa, viva o coração que a gente toca, viva o amor que a gente pega. Só esses podem nos ver gozar. O mar só nos machucará se houver dor guardada dentro da gente, frustrações, fora isso as ondas são de extrema graça para os embalos de sábado à noite. O mar é um alívio e toda a vida por vir ainda na nossa juventude é estupidamente grande e numa onda crescente. Só pega quem tá em baixo. Só engole quem foge dela.

Amor, o que é um pedido? O que será dizer pra você que te desejo toda a felicidade desse mundo e que quero que seja muito feliz? É um monte de bobagem de dias de festas. O dia a dia é diferente. Não te desejo nada.

Pretendo estar junto contigo nas suas ambições, nas suas lutas, nos cuidados e afazeres de cada dia. Pretendo cultivar em você confiança. Aprofundar nossa relação em alguma coisa boa e funda prá nós dois. Funda e gostosa já que o buraco que é mais em baixo achou-se com tanto sabor e satisfação. Pretendo ser uma companheira alegre. Pretendo te pedir alegrias. Muitas alegrias e brincadeiras a cada noite. E só saber te falar de manhã, um bom dia prá você.

Que você chegue logo de viagem!

De Clarice Niskier
Para Ênio Oliveira

Operário confirma escravidão na Volks

"Fiquei satisfeito com a matéria publicada sobre a Volks, embora sejam alguns fatos ocorridos no passado. Mas eu gostaria de contribuir para que fossem publicados dados atuais.

Sou funcionário aqui há cerca de 18 meses e já foi tempo suficiente para perceber a nojeira que é a política e a administração dessa companhia.

O operário que aqui trabalha é tratado como escravo, principalmente aquele que precisa tirar a produção, o chamado "peão". Há pouquíssima diferença da escravidão que vivíamos no século passado e a que vivemos hoje aqui.

Para que tenham uma idéia, o "peão" teve reduzida de uma hora para 45 minutos o seu horário de refeição. Usaram o seguinte como justificativa: "agora vocês podem sair 15 minutos mais cedo para que tenham mais tempo para ficar com a família".

A lei exige que a cada 6 horas de trabalho o empregado tenha pelo menos uma hora para refeição e descanso. Não bastasse isso os "peões", pobres escravos, são praticamente obrigados, sob pena de dispensa, principalmente os que possuem mulher e filhos, a trabalharem uma hora a mais em regime de hora extra.

Os mensalistas não são tratados diferentes. É normal ouvirmos gritos de supervisores, como que querendo dizer "quem manda aqui sou eu", mas que na realidade todos sabem que só estão aqui de favor, fugitivos.

Como ficaram parados quinze dias por causa da greve estes porcos resolveram aumentar a produção diária para que no fim do ano o executado coincida ou ultrapasse o previsto.

Todos sabemos que o brasileiro é analfabeto, mas como podemos ter um povo culto, instruído, se ele trabalha em dois e até três turnos? Quais as condições para que haja progresso?

Um amigo meu, quando interpelado pelo chefe se poderia fazer horas extras, disse que não, porque tinha aula na faculdade. O chefe, então, quis saber o que ele estava fazendo e quanto tempo ainda iria estudar e ele respondeu.

— Bom, eu faço Engenharia e tenho mais dois semestres pela frente, mas pretendo fazer mais uma faculdade.

O chefe, com cara de quem comeu e não gostou, disse-lhe:

— Não esqueça que você trabalha na Volks.

Senhores como poderemos ter um povo culto desta forma?

Nós, "mensalistas", podemos faltar ao serviço, que não teremos as horas descontadas, porém essas horas têm que ser compensadas depois do expediente ou aos sábados.

Se você chega 5 minutos atrasado, tem que compensar 15, mas como não há compensação de 15 minutos, então você é obrigado a compensar 30 minutos.

Nós trabalhamos por um salário de 30 dias, porém durante o ano, nos meses de janeiro, março, julho, agosto, outubro e dezembro nós trabalhamos 31 e recebemos 30.

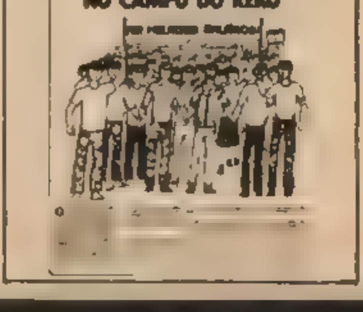
O restaurante fica longe e você se apressa para não pegar fila, almoçar e dar tempo de voltar ao setor no horário. É corriqueiro pessoas se queixando de dor no estomago, pela comida que é servida e porque você é obrigado a engolir sem mastigar.

A sujeira nos setores e banheiro é inversamente proporcional ao número de sanitários e faxineiros disponíveis.

A proteção para com os alemães e filhos de alemães é muito grande. Chega-se a equiparar um Engenheiro, não importa onde seja formado, a um alemão qualquer, sem escolaridade. E os nossos anos de sacrifício onde é que estão?

Há, ainda, setores na produção em que o barulho chega a 100 decibéis e o trabalhador não usa nenhuma proteção, sem falar dos atropelamentos por empilhadeiras e tratores que parecem estar numa pista de corrida, pois a produção precisa sair". **(José Vieira de Jesus — Santo André-SP)**

Em sessão plenária desta câmara, o vereador Murilo Leite, da bancada do MDB, ocupou a tribuna para registrar seu repúdio pelos métodos de repressão empregados pela Volkswagen do Brasil para com os seus trabalhadores. Na oportunidade, o vereador reportou-se à excelente matéria publicada no REPORTER, **de autoria de Rivaldo Chinem, com os depoimentos do líder metalúrgico Luiz Inácio da Silva e um ex-funcionário daquela empresa, em que denunciam a repressão daquela indústria".**
(Rubem Paulo de Amorim, primeiro secretário da Câmara Municipal de Salvador, BA).



No número 16, dois jornais de bairros aí do Rio são anunciados: **Alavanca e Boletim dos Bairros.** Queremos os endereços dos ditos para trocarmos publicações. Espero que a ponte seja feita pelos companheiros". **(Fernando Rosa, assessor de imprensa da Federação Rio Grandense de Associações Comunitárias e Amigos de Bairros (FRACAB), Porto Alegre).**

• A Fracab, que faz o pedido, edita no Sul o Boletim dos Bairros, cujo endereço é: Altos do Mercado, sala 119, Porto Alegre. E os endereços solicitados são os seguintes: Boletim dos Bairros Rua Senhor do Bonfim, 90, Camboatá, Rio de Janeiro, RJ.

Governo apoiou mesmo o terrorismo do CCC

"Li a reportagem do REPORTER nº 15 sobre o CCC e sua atuação em São Paulo em 1968. Naquela época, eu era estudante da Faculdade de Economia da Universidade de São Paulo situada próximo à rua Maria Antonia onde se deram os acontecimentos que culminaram com a destruição do prédio da Faculdade de Filosofia pelo CCC e pude acompanhar os fatos de perto.

Através de documentos do meu arquivo — os quais seguem anexo — e mais especificamente de um artigo de minha autoria para o jornal do Centro Acadêmico Visconde de Cairu (da Faculdade de Economia) descrevendo os acontecimentos daqueles dois dias, creio que ficará claro o acobertamento que a polícia e o Governo do Estado deram ao CCC.

"A Imprensa insiste em caracterizar os acontecimentos como sendo uma rixa entre estudantes da Faculdade de Filosofia e do Mackenzie. Mas os fatos são bem mais graves.

"Tudo começou quando universitários e secundaristas realizavam, na rua Maria Antônia, pedágio com o fim de recolher fundos para a realização do 30º Congresso da UNE-União Nacional dos Estudantes. Enquanto promoviam o pedágio, os estudantes foram agredidos com ovos e pedras partidos do prédio do Mackenzie. Deve-se deixar claro que essa agressão não foi ocasional mas fazia parte de um plano visando a impedir a realização do Congresso da UNE.

"Com o revide aos ataques teve início a batalha de pedras e caramurus, que durou um dia inteiro. No segundo dia de luta tudo ficou mais claro. O CCC, organização terrorista, paramilitar, ocupou o prédio ao lado do Mackenzie, com a intenção de destruir a Faculdade de Filosofia. Com armas privativas do Exército — esta denúncia está no jornal "O Estado de SP" —, com bombas de gás lacrimogêneo — fato também documentado pela imprensa — passaram à agressão, com a cobertura da polícia. Os estudantes da faculdade de Filosofia, ajudados por secundaristas, estudantes de outras da USP, professores e, inclusive, mackenzistas, improvisaram defesas para responder à agressão.

"Ao cair da tarde, os assassinos do CCC passaram a jogar bombas incendiárias sobre a Filosofia, os bombeiros tentaram entrar pela porta principal mas foram apedrejados de cima do prédio. Vendo que a faculdade estava sendo destruída seu diretor — prof. Ervin Rosenthal — pediu aos alunos que evacuassem o prédio, no que foi atendido; comunicou o fato ao governador e pediu que a polícia interviesse prontamente pra evitar a destruição de um patrimônio do Estado.

"O Secretário da Segurança Pública, Helly Lopes Meirelles, prometeu atender, mas, passadas duas horas, com a Faculdade de Filosofia totalmente vazia e a polícia a apenas 100 metros do local, nenhuma providência havia sido tomada. Pudemos testemunhar o instante em que o deputado federal Israel Dias Novaes telefonou da Faculdade de Economia para o secretário da Segurança Pública, exigindo providências imediatas e ameaçando denunciar o fato na Câmara Federal.

"Ao ver que não encontravam resistência policial, os assassinos do CCC incendiaram a entrada principal da Faculdade de Filosofia, com foguetes afastaram a multidão que estava próxima e, ao som do Hino Nacional hastearam a bandeira brasileira. A polícia, já no local, nada fez. Porém, aproximadamente 300 pessoas que se encontravam nas proximidades, vaiavam e atiravam pedras nos agressores. Nesse momento a polícia agiu prontamente, perseguindo a multidão.

"Mais de 100 pessoas refugiaram-se na Faculdade de Economia, próxima ao local, e trancaram a porta de entrada. Os policiais abriram-na com rajadas de metralhadoras, invadiram a faculdade, atiraram bombas em todos os andares, quebrando portas, prenderam indiscriminadamente as pessoas que lá se encontravam — inclusive professores — e violaram o arquivo do Centro Acadêmico Visconde de Cairu". ■

(Fausto Alves Barreira Filho, São Paulo, SP)

O policial prende os mais perigosos criminosos, desvenda os mais misteriosos crimes e, no entanto, tudo aparece na Justiça como por encanto, pois o policial não presta depoimento em Juizo sobre esse importante trabalho.

A Justiça somente faz questão de tomar o depoimento do policial como indiciado, nunca como testemunha.

Tal procedimento se constitui num grande desestimulo aos policiais, chegando a ser o maior responsável pelos maus serviços prestados pelas policias deste Brasil.

Que a Justiça passe a dar mais valor ao trabalho do policial, ouvindo-o em Juizo sobre o seu dia a dia, onde o policial aparece como grande herói, para que, com esta medida, tenhamos uma policia mais eficiente". (*Sérgio José Toniolo — Porto Alegre/RS*).

Geisel atrasa vida dos jornalistas

"Centenas — talvez milhares — de jornalistas estão legalmente impedidos de exercer a profissão, devido o Decreto nº 83.284, de 13 de março de 1979, que estabelece, entre outras coisas, no artigo 4º, a obrigatoriedade da apresentação do diploma de curso superior de Jornalismo para requerer-se o registro no órgão regional do Ministério do Trabalho, sem o qual é impossível ao jornalista exercer sua função.

Parece, portanto, que o ex-presidente Geisel, autor do decreto, esqueceu-se de que, no Brasil, após a cerimônia de formatura, os formandos são obrigados a esperar pelo diploma por 6 meses, um, dois, ou mais anos, dada a rapidez com que operam as delegacias regionais de ensino e os órgãos do MEC encarregados do registro do diploma.

Nós, vítimas desse decreto, exigimos a rápida solução de Brasília, pois não é justo sermos marginalizados dessa forma. Poder-se-ia escrever páginas sobre os absurdos da medida, mas eles são tão óbvios que dispensam comentários. Pergunto apenas aos burocratas de Brasília: se não podemos trabalhar em nossa profissão, o que devemos fazer pra manter nossas famílias, para pagar o crédito educativo, etc.?" **(Marcelo Simões Nunes — Itaim Bibi, São Paulo SP)**

TEMIS QUER SOPRAR A MORDIDA

"Quero respeitar a sua contestação, em primeiro lugar, mas quero também que minha opinião seja respeitada. É um direito que tenho. Acho que não fui bem entendida.

Eu sei perfeitamente qual a origem da marginalidade e que ela só será eliminada quando nossa sociedade se transformar. E partindo de onde, caro Gabriel, ela se transformará?

Acaso se nós tivéssemos em nosso meio, lutando conosco, os grandes homens que, ou estão exilados, ou nos presídios, ou mortos, já não teríamos uma sociedade mais humana? Claro que sim, você sabe muito bem que sim.

Dentre as matérias que sugeri, é lógico que drogas, seria para melhor orientar essa juventude desprotegida, desorientada e até estimulada para o vício, porque o jornal com seu poder de comunicação, exerce uma influência muito grande.

Eu não quero "mundo cão" e você deve saber muito bem, pela formação que você tem, que na China não há isso.

Não vejo nada de contradição em mim, pelo contrário, acho-me muito coerente. Não sou elitista, até detesto esta palavra. E no meio em que vivo posso considerar-me da elite, mas não gosto dela nem um pouco, muito menos de suas futilidades, hipocrisias, repressões, etc... Prefiro ser eu mesma, sozinha, independente do meio.

Eu fico com anistia em primeiro lugar para os grandes homens, porque eles removerão montanhas, eles lutarão pela conscientização do nosso povo, pela justiça social, salvarão a nossa juventude, principalmente a universitária, que está muito alienada. Eu também sou universitária, cursando pela segunda vez um curso desse nível, sou professora, mãe de duas meninas, com um salário de Cr$ 3 mil, que mal dá para estudar, quanto mais subsistir, se fosse preciso. Mas trabalho com ardor porque isto é importante para mim.

Marginal é povo, mas ele precisa de quem lhe dê a mão, de quem o regenere, reintegre-o na sociedade que o gerou. Ele sozinho, com anistia, o que fará ao sair da prisão? Voltar para o crime. Eu sei que ele não tem culpa disso, ele foi estruturado para ser marginal devido às suas condições sócio-econômicas.

Eu também quero deixar aqui o meu apelo para se reestruturar o regime penitenciário, criar lá dentro condições de reintegrar, de reabilitar essas pobres criaturas para serem aceitas aqui fora. Não só aceitas, mas que encontrem condições de trabalho com uma remuneração digna

Os direitos humanos, para mim, está em primeiro plano. Todo marginal tem que ter seus direitos assegurados, quanto mais um preso político. E quanto à IN JUSTIÇA, sei que sou muito justa, talvez tenha sido influenciada pelo meu nome, pois Themis é a deusa da Justiça. **(Temis Monteiro — Itapeva, MG)**

• Para quem não entendeu direito a carta, a história é a seguinte: a Temis mandou uma carta para nós, publicada no número 15, na qual esculhambava o REPORTER, dizendo, entre outras coisas, que o jornal é mundo cão demais para o gosto dela. No número seguinte, publicamos a carta do Gabriel Roberto Nobre dos Santos, que sai em nosso favor, chama a Temis de elitista e diz que o objetivo do REPORTER é a democracia e, sendo assim, "nada melhor do que mostrar os tumores malignos dessa sociedade". E agora a Temis está respondendo ao Gabriel e à Marcia dos Santos — ver carta abaixo.

MUNDO CÃO MORDE MESMO

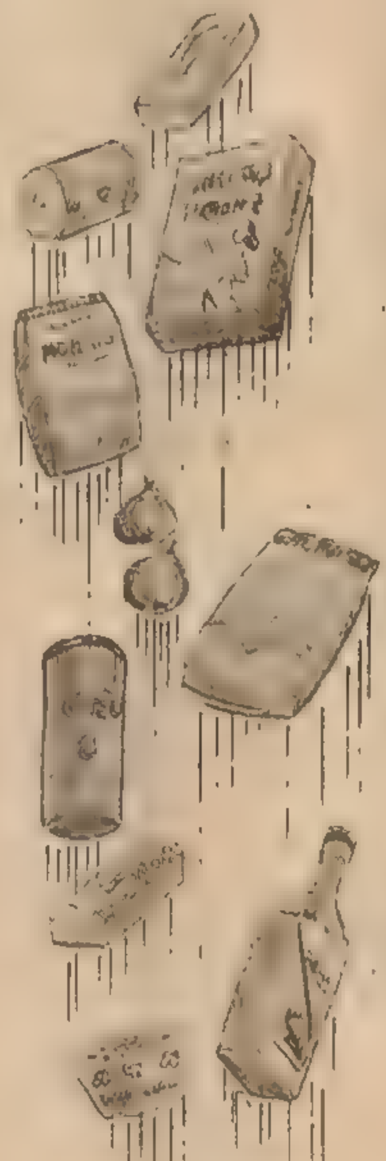
"Li o número 15 e adorei, tanto que aproveitarei o ensejo para discordar com a leitora da página nº 29 (Temis D.F. Monteiro, R.J.) no qual ela diz: (" — Eu não assino Jornal para ler crimes, assaltos etc... Não é Jornal para o meu nivel de conscientização").

É quando a verdade é exposta sempre há um cônscio, lógico que para esses o mundo é sempre um verdadeiro "mar de rosas", óbvio estes devem viver eternamente na mordomia. Este Jornal está, corretamente, expondo o mundo lá fora, digo fora da mordomia, como dizem as pessoas mais antigas "— Não adianta, querer tapar o sol com a peneira".

O mundo cão não são todos que conhecem, perfeitamente sem superficialismo. E o papel deste Jornal tem sido exatamente isto, mostrar o real mundo cão. Sei que aqueles que não gozam da mordomia irão concordar da minha concepção. (Márcia S.A. Santos, Rio de Janeiro, RJ)

CHEGA AO FIM ACORDO DE CAVALHEIROS

Supermercados aumentam tudo depois do dia 18



Quem quiser economizar um bom dinheiro, faça suas compras nos supermercados antes do dia 18, prazo em que termina oficialmente o congelamento dos preços determinado pelo governo. Depois prepare-se para a exploração de aumentos que vai saudar o fim do acordo de cavalheiros entre os empresários e as autoridades.

Nos produtos que certamente subirão de preço estão a margarina e a esponja de aço "Bombril", que os supermercados não puderam aumentar, apesar de o Conselho Interministerial de Preços (CIP) ter autorizado alta para os grandes atacadistas pouco antes daquelas medidas do governo contra a inflação.

Com isso, durante esses dois meses, os varejistas vêm sendo obrigados a vender esses produtos com menos lucros e, após o dia 18, tentarão recuperar o prejuízo. No Ministério da Fazenda ninguém consegue saber de nada a respeito da nova escalada do custo de vida e os assessores do Ministro evitam comentários mas todo mundo sabe que o governo não tem meios pra impedir que as mercadorias vendidas pelos supermercados sejam reajustadas na segunda quinzena de junho. É que o congelamento dos preços foi um acerto de boca e a Sunab, que fiscaliza a transação, não podia nem multar as empresas que não o respeitassem. Ela fazia apenas ameaças veladas de atrapalhar a vida (dificultando importações, cortando crédito nos bancos oficiais, por exemplo) de quem saísse fora do acordo.

Os consumidores, entretanto, não estão apenas à mercê dos donos de supermercados; eles sofrem também com os desentendimentos entre os ministérios da área econômica do governo. Em relação a carne e ao óleo de soja, dois produtos importantes no orçamento doméstico, essas brigas são visíveis. Em meados de maio houve uma campanha deflagrada pelos ministérios da Agricultura (Delfim Netto) e do Planejamento (Mario Henrique Simonsen) anunciando o aumento do preço da carne para junho. O Ministério da Fazenda (Karlos Rishbieter) desmentiu e conseguiu ganhar o primeiro "round", adiando para julho o reajuste.

No último dia 30 de maio, entretanto, o Ministério do Planejamento voltou a afirmar que o produto subiria de preço, dando inclusive o percentual e a data em que ele passaria a vigorar: 24,7% a partir de 1º de julho.

Novamente os técnicos do Ministério da Fazenda desmentiram a notícia, afirmando que somente durante o mês de junho seriam discutidos o índice e a data do aumento.

Já no óleo de soja, a briga é mais monótona, com uma política de empurra-empurra entre o ministério da Fazenda e o Ministério da Agricultura. A Assessoria Econômica do Ministério da Fazenda jura de pé junto que, no início de maio, enviou autorização à Sunab para aumentar em 15% o preço do óleo. A Sunab — que coisa estranha — nega ter recebido qualquer autorização.

Enquanto as autoridades não chegam a um acordo, uma lata de óleo de soja chega a Cr$ 38 no câmbio negro. E depois do dia 18 as coisas vão piorar muito.

Moema Coelho

REPORTER

REPORTER

Julho de 1979 — ano II — nº 19 — Cr$ 15

AUTÔNOMO INDEPENDENTE

DORMIU COM A BAIANA E ACORDOU COM O BANCÁRIO

Travestis ocupam as ruas

Golbery imita a CIA e põe novo plano em ação

SNI VIGIA ATÉ BANHEIROS

P. 32

Andreazza e Delfim lutam pelo trono

BNH FAZ DESPEJO NA PORRADA

P. 10

✶ Pílulas do dr. Gol ✶ dão anistia com silicone

Este editorial não vai comentar as falhas do projeto de anistia. Parecem tão evidentes que não se torna apressado supor que foram colocadas de propósito. O prazo abrangido, por exemplo, até dezembro de 1978. Por que esse limite? Os processados de janeiro em diante não a recebem? Quando a terão? No próximo governo?

As falhas propositais teriam um sentido. Quando for necessário, mais um pouco de anistia poderá sair, como um pedaço de um imenso bolo que não pode ser dado de uma só vez. Já se fala no indulto de Natal, para confundir anistia com crime. A anistia que saiu é uma droga, em pílulas, fabricadas e prescritas pelo dr. Gol, o alquimista político do Planalto.

Por isso, ela não podia ser perfeita. O Bem tem que ser feito aos poucos, para ser lembrado por muito tempo, aconselhava um dos autores favoritos do dr. Gol, o velho Maquiavel. A anistia tinha que ser aleijada, deformada, travestida — tinha que ter seios de silicone. Só à noite, no escuro, os muito bêbados entrarão nessa.

Não faz sentido haver anistia quando a Lei de Segurança Nacional está viva e muita gente continua sendo processada por ela pelo crime de escrever em jornais críticas ao governo — como é o caso do REPÓRTER. O governo que anistia é o mesmo que processa. O governo que dá é o mesmo que toma.

Num tempo de tantas mentiras, a anistia dificilmente seria verdadeira. O Bem mora ao lado do Mal que a qualquer momento pode ser usado rapidamente e de uma só vez, para ser esquecido logo.

2º CLICHE INTERNACIONAL
MUNDO, URGENTE

TÁ TUDO PRONTO PRA INVADIR O ORIENTE MÉDIO

Quem quiser que confira depois a primeira previsão internacional do REPORTER: tá tudo preparado para as grandes potências do mundo ocidental invadirem o Oriente Médio, ocupando, ou passando a controlar, os maiores poços de petróleo do mundo.

A situação é a seguinte: quando o Irã reduziu suas exportações de petróleo de, aproximadamente, 6 milhões de barris por dia para menos de 1,5 milhão, durante a revolta popular que derrubou o Xá Reza Pahlevi, o preço do produto subiu muito no mercado internacional. Afinal, deixavam de correr pelos terminais cerca de 4,5 milhões de óleo por dia, o equivalente a quase cinco dias de consumo de um país como Brasil, por exemplo. O barril pulou rapidamente de Cr$ 360 para Cr$ 500 de 12 para 16 dólares (calculado o dolar a Cr$ 30) nos negócios do mercado livre. Disso se aproveitaram quase todos os exportadores de petróleo para também aumentaram seus preços, que, em 1 mês, chegaram a indicar mais de Cr$600 por 1 barril. A Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep), porém, manteve uma posição moderada e, na sua reunião de 26 de março último, ainta tentou conter os preços oficiais em, mais ou menos, Cr$ 510 o barril; mas, nos negócios particulares, dispararam.

Em fins de março, na mesma época da reunião da Opep, a direção da Petrobrás, no Rio de Janeiro, já estava informada de que os grandes consumidores de petróleo (Estados Unidos, Inglaterra, França, Alemanha e Japão) dificilmente aceitariam passivamente novos aumentos do petróleo, previstos para a reunião seguinte da Opep, no final de junho. Em termos de preço oficial o limite tolerável era de Cr$ 600, ou 20 dólares, o barril.

Nos meses de maio e junho, o preço do petróleo no mercado livre passou, em alguns casos, dos Cr$ 900 e, na última semana de junho, o novo encontro dos ministros da Opep fixou as cotações oficiais acima dos Cr$ 600.

Imediatamente, os países da Comunidade Econômica Européia decidiram congelar seu consumo de petróleo e os Estados Unidos também tomaram medidas para reduzir o uso de alguns derivados do óleo. A repercussão dessas decisões foi, entretanto, estrondosa. Os governos ocidentais temem os efeitos políticos do racionamento do óleo que normalmente, desacelera o ritmo de crescimento da economia e se abate primeiro sobre as pessoas assalariadas, aumentando o desemprego. Para enfrentar a insatisfação das classes médias de seus países, algumas "providências", que aparentemente nada têm a ver com o assunto começaram a ser divulgadas: Estados Unidos, e depois a França, anunciaram a criação de forças militares especiais destinadas a intervir em situações de conflito localizado e a revista Fortune, a bíblia do mundo empresarial norte-americano, publicou reportagem contendo as várias opções militares para a invasão do Oriente Médio.

Com respaldo interno para ações de punição aos países produtores, os grandes consumidores contariam também com apoio do Egito e até da Arábia Saudita, que está com os Estados Unidos e não abre. O que parece, ainda, impedir uma ação imediata é a posição do Irã. Se ele resolver voltar mais rapidamente aos seus níveis normais de produção, os preços no mercado podem se estabilizar pouco acima dos Cr$ 600 oficiais. Caso contrário, a condenação que a Conferência de Tóquio (reunião realizada, no Japão, no final de junho, entre os presidentes dos 5 grandes) fez aos aumentos à atitude dos produtores de óleo será a senha para um confronto militar aberto.

Registro Civil das Pessoas Jurídicas nº [illegible]

REPORTER

EDITORES — Alex Solnik, Chico Júnior, Luiz Alberto Bettencourt, Pipsi (Arte).

REPORTAGEM — **Rio de Janeiro:** Tim Lopes, Marcos Dantas, Clarice Niskier, Vera Lúcia Dias, Ênio de Paula Oliveira, José Antônio Nonato, Sérgio Danilo, Maria Tereza Ribeiro. **São Paulo:** João de Barros, Rivaldo Chinem, Iracema Silva, Valmir Salaro, Lídia Maria Gurgel, Antônio Fava, Afanásio Jazadji, Priscila Siqueira. **Recife:** Eduardo Homem.

FOTOGRAFIA — **Rio de Janeiro:** Chiquito Chaves, Custódio Coimbra, Patrícia Hausberg. **São Paulo:** João Bittar, Luz Bittar, Wagner Avancini, Amâncio Chiodi, Hélio Campos Mello, Eliane Pastore, Camila Butcher, Jesus Carlos, Jean Pierre Basulliat.

CORRESPONDENTES — Paulo D'Alcantara (Paris) e Cristina Duarte (Milão).

ILUSTRAÇÃO — Guidacci, Jota, Angeli, Jaime Leão.

ARTE — Analuce Estrella, Guidacci.

DEPARTAMENTO JURÍDICO — Modesto da Silveira, Luis Celso Araujo e Luiz Eduardo Grenhalg.

REPÓRTER Autônomo Independente — Uma publicação da Margem Editoria e Programação Gráfica Ltda. Rua Miguel Couto, 134/11º andar, Rio de Janeiro, RJ. Telefone: 253-5038. São Paulo: Rua Santa Isabel, 33/grupo 804. Telefone: 222-3103.

Composição e impressão — Editora Mory Ltda. Rua do Resende, 65, Rio de Janeiro. Telefone: 263-7002.

Distribuição — Fernando Chinaglia S.A. Rua Teodoro da Silva, 907, Rio de Janeiro.

Os ministros do Interior, Mario Andreazza, e da Agricultura, Delfim Netto, são candidatos à presidência da República em 1985, na sucessão do general Figueiredo. Mais rápidos que outros pretendentes, eles já estão em campanha, se bem que numa campanha típica dos regimes políticos fechados: acionam a máquina de seus ministérios para lançar programas inviáveis, que lhes aumentem a base política, têm apoio de alguns dos grandes jornais do país e usam a aparente penetração popular conseguida como meio de barganha nos gabinetes — onde, na verdade, tudo é decidido. Até agora, os dois são amigos: Delfim diz que seu candidato é Andreazza e este já revelou em conversa com os jornalistas, ainda no fim do governo Médici que seria, no futuro, presidente do Brasil.

ANDREAZZA E DELFIM QUEREM IR PRO TRONO

Texto de I. Machado e Luiz Alberto Bettencourt

Se dependesse deles, até onde os ministros do Interior, Mário Andreazza, e da Agricultura, Delfim Netto, gostariam de chegar? No mínimo ao governo do Rio de Janeiro (Andreazza) e de São Paulo (Delfim) e, no máximo, à presidência da República, sucedendo o presidente-nomeado, João Batista Figueiredo (ver na página seguinte como o jornal carioca **O Globo** apóia as pretensões do ministro do Interior).

A primeira investida dos dois em direção aos seus objetivos políticos mais imediatos frustrou-se com a doença do então presidente Costa e Silva, em 1968: ambos acabaram envolvidos numa teia de boatos que os davam como liquidados politicamente.

Logo após a doença de Costa e Silva surgiram vários rumores insinuando a existência de expedições punitivas de grupos militares contra Andreazza, a quem julgavam corrupto por suas ligações com os grandes empreiteiros do país, os grandes favorecidos por suas obras faraônicas. Na época, também Delfim Netto era alvo da irritação de grupos de oficiais. Alguns deles, hoje de oposição ao regime político do país, revelaram que o próprio Serviço Nacional de Informações (SNI) havia feito um amplo levantamento sobre as relações de Delfim Netto com banqueiros e cafeicultores paulistas, chegando à conclusão que ele tinha culpa no cartório. O futuro presidente Médici, então o chefe do Serviço, foi inclusive um dos que se dispuseram a prendê-lo, sendo contido por Costa e Silva. Dois anos mais tarde, Médici convidaria Delfim para fazer parte do seu governo como ministro da Fazenda.

As ligações de Andreazza com os empresários de obras públicas lhe valeram o apelido, dado pelo ex-ministro da Fazenda, Eugenio Gudin, de o "empreiteiro alegre". Gudim foi sempre um dos mais severos adversários do então Ministro dos Transportes, a quem não perdoava a construção de monumentos como a ponte Rio—Niterói e as rodovias Transamazônica e Perimetral Norte. Para Gudin, Andreazza era a própria reencarnação do "otimismo irresponsável" do ex-presidente Juscelino Kubitschek.

Andreazza, aliás, jamais escondeu sua admiração por JK, cujo estilo pessoal sempre tentou imitar através do permanente sorriso e da imagem de ousadia na bolação e execução dos seus planos de obras. É verdade, porém, que a amizade e o prestígio com Costa e Silva facilitaram bastante sua atuação desinibida até 1968. Tal prestígio ajudou-o também na obtenção do apoio irrestrito do então ministro da Fazenda, Delfim Netto, que tudo fez para tornar mais fácil a vida política do autoproclamado candidato ao governo da Guanabara. A construção da ponte Rio Niterói era um fator decisivo para Andreazza angariar simpatias da opinião pública carioca? Então era preciso conceder-lhe todo o apoio material que precisasse pra tocar seu projeto. Em troca, deve ainda ter raciocinado Delfim, o apoio do "italiano", como ele sempre chamou Andreazza na intimidade, poderia ser de extrema valia para sua candidatura ao governo de São Paulo.

A dobradinha Delfim e Andreazza nascia aí.

Andreazza, entretanto, não era apenas o "empreiteiro alegre" ou o "gerentão", como os assessores de Delfim se referiam a ele. Ele também tinha agressiva atuação no plano político do governo de Costa e Silva. Certa vez, no apogeu dos movimentos estudantis de protesto, em 68, ele chegou a receber o principal líder universitário, o estudante de direito Vladimir Palmeira — hoje um dos beneficiados pela anistia. No final, contrariando os prognósticos mais pessimistas, que o davam como liquidado politicamente pelos boatos de corrupção e pela oposição de militares ao seu nome, Andreazza emergiu das cinzas para uma atuação ainda mais marcante durante o governo do general Emílio Médici. A Transamazônica e a Perimetral Norte que o digam.

Depois, nas articulações para indicar João Batista Figueiredo, na época chefe do SNI, como assessor do general Geisel, Andreazza teve papel fundamental. Seu nome foi apontado como participante de um pequeno grupo de "figueiredistas" — entre eles estavam ainda o ex-ministro da Indústria e Comércio, Pratini de Morais e o presidente da hidrelétrica de Itaipu, coronel Costa Cavalcante — que conduziu a ação política do candidato herdeiro do trono. Dava-se como certo que ele seria ministro das Minas e Energia mas as desavenças com o general Golbery do Couto e Silva, chefe da Casa Civil, e com o próprio presidente Geisel, atrapalharam seu caminho.

Mais ou menos pelas mesmas provações passava o então embaixador do Brasil na França, Delfim Netto. O exílio confortável em Paris, se o afastava dos desgastes das brigas, preservando-o como uma espécie de reserva política, também o deixava perigosamente à margem das articulações da sucessão de Geisel. Tal distanciamento acabou sendo fatal, por exemplo, para o embaixador do Brasil em Londres, Roberto Campos, que queria ser ministro do governo Figueiredo e foi esquecido.

Sentindo esse perigo, Delfim veio ao Brasil para obter sinal verde de Geisel e Golbery às pretensões de ser governador de São Paulo. Mais uma vez, porém, como tinha acontecido em 1973, também em 1979 seu sonho de ocupar o primeiro posto da administração paulista foi por água a baixo: o sistema (designação amável que os analistas políticos dão ao

grupo militar que comanda o País) não via com bons olhos um homem como Delfim no governo do mais importante Estado da Federação. Seu dinamismo, sua capacidade política, a penetração que ele já tinha junto a setores empresariais e bancários poderiam transformá-lo mais tarde no "líder de São Paulo" e, aí, seria, em qualquer circunstância, um fortíssimo candidato civil à sucessão de Geisel — o que atrapalharia todo o esquema montado pelo grupo do Planalto para nomear o General Figueiredo.

Frustrado, mas não derrotado, Delfim recolheu suas mágoas e passou a trabalhar a todo vapor para garantir um lugar no novo governo

Sabia-se, entretanto, que Figueiredo não morria de amores por Delfim, cuja imagem junto à opinião pública estava desgastada por ser ele o grande responsável pela manipulação dos índices de custo de vida, preparados pela Fundação Getúlio Vargas. Durante sua passagem pelo ministério da Fazenda, a inflação era sempre a que ele queria ou tinha previsto; e quando não era, ele arredondava. O editor de economia de uma das principais publicações do país conta até a história de que, uma vez, no final do ano, o presidente Médici, precisava do índice de crescimento do setor agrícola para inserir numa mensagem e o pediu a Delfim. Como esse número não fosse ainda disponível, Delfim, para espanto do jornalista que, no seu gabinete, a tudo assistia, puxou uma maquineta de calcular, apertou uns botõezinhos e, por telefone, passou aos assessores da Presidência o número que indicava o crescimento da agricultura no país e que seria lido num discurso formal pelo presidente da República. É evidente, pensava Figueiredo, que tal desapego à verdade, não era uma boa credencial para sua participação no governo. Aí a amizade com Andreazza, bem mais próximo de Figueiredo, ajudou bastante a conseguir sua vaga, pelo menos no esquecido ministério da Agricultura.

Ajudou-o também o desejo de autopreservação do "sistema", que queria evitar maiores pressões. Golbery, o célebre "doutor Goi", sepultou então suas diferenças com a dupla Andreazza e Delfim e aprovou a escalação dos dois por achar que os próximos anos seriam de intensas pressões políticas dos setores de oposição e não seria desejável ter homens como Andreazza e Delfim jogando pedras no governo.

O GLOBO APÓIA DUPLA DINAMICA

Para sustentar suas pretenções presidenciais (ou estaduais), Delfim e Andreazza montaram sólidos esquemas de divulgação dos seus nomes, além de procurarem alianças com os principais jornais. Tomando-se como referência o número de vezes que seus nomes foram citados em títulos de matérias publicados nos quatro maiores diários do país (*O Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo, O Globo e Jornal do Brasil*), pode-se ver claramente quem apóia quem.

Em São Paulo, o nome de Delfim é citado no *Estadão* e na *Folha* muito mais que o de Andreazza, embora, no *Estadão*, ele perca (isso é curioso) para as citações feitas aos ministros do Planejamento, Mario Henrique Simonsen, e Fazenda, Karlos Rischbieter. De 1º de maio a 25 de junho, Delfim foi mencionado 23 vezes em títulos do *Estadão*, numa média de uma citação a cada duas edições. Já Andreazza é mencionado uma vez de quatro em quatro dias. Já Rischbieter e Simonsem aparecem quase que diariamente. Isso tende a indicar que ou Delfim precisa fortalecer seu esquema de imprensa ou a tradicional sociedade paulistana, representada

O Projeto-Rio, carro-chefe da campanha de Andreazza, teve enorme repercussão nos jornais do Rio, O Globo à frente

pelo *Estadão*, ainda não o vê com confiança total. O jornal, até agora, tem preferido promover os ministros mais diretamente ligados à área financeira, principal alvo de interêsse dos grandes banqueiros do Estado.

A Folha de S. Paulo é mais discreta que o *Estadão* e, geralmente, evita a referência pessoal ao ministro, designando-o por sua função ou abrindo títulos com o nome do ministério simplesmente. Assim, Delfim foi citado também entre 1º de maio e 25 de junho, uma vez em cada quatro edições, enquanto Andreazza só o era uma vez por semana, em média.

No Rio de Janeiro, a situação é diferente: *O Globo* parece estar inteiramente com a dupla dinâmica porque, desde 15 de março, poucos foram os dias em que os nomes dos dois não encabeçaram matérias de primeira página ou de página internas. Em relação ao Projeto Rio, de Andreazza, a cobertura foi total, notando-se até um fato curioso: Andreazza anunciou-o na tarde da sexta-feira, 8 de junho, *O Globo* deu manchete no sábado, dia 9 e, já no dia 10, publicava amplo levantamento de 2 páginas sobre a reação dos moradores da favela da Maré às idéias do ministro. Como não haveria tempo útil para preparar-se tal levantamento no sábado mesmo, é de se crer que o jornal teve conhecimento prévio do plano e resolveu apoiá-lo fortemente. Até as referências à lamentável situação do local (cheio de ratos e detritos), antes feitas de forma discreta, passaram a ser estampadas em fotos e títulos, como que a justificar o plano que o ministro acabara de anunciar.

O *Jornal do Brasil* ainda não embarcou na canoa dos dois ministros. Entre 20 de março e 25 de junho, Andreazza foi citado em títulos apenas uma vez por semana, enquanto Delfim o era uma vez a cada quatro edições.

L.A.B.

Eles admitem: meta agora é Presidência

Foi assim que a dupla dinâmica conseguiu se manter no primeiro time desta República há quase 14 anos. Agora, o sonho dos dois — e disso ambos não fazem segredo para seus colaboradores mais íntimos — é chegar à Presidência.

Delfim, malandro que é, já disse que "se pudesse escolher alguém como sucessor de Figueiredo, o nome seria Mario Andreazza". No fundo, ele sabe que dificilmente Andreazza terá fôlego para chegar inteiro ao final de seu governo, caso fosse realmente indicado sucessor de Figueiredo. Tendo já passado dos 60 anos, embora ninguém lhe dê menos de 70. Andreazza já perdeu o antigo viço que ajudava a tornar sua imagem mais glamurosa. Sua face está vincada pelas rugas e o seu sorriso, de perto, não lhe garante um ibope tranquilo para o papel de "namorado do Brasil", que representou até o governo Médici.

O "sistema", por sua vez, vive ainda sob o trauma que a doença de Costa e Silva causou e não admitiria na Presidência alguém já entrado na idade provecta, como é o caso de Andreazza. A corrida diária de Figueiredo, as suas duas horas de ginástica e uma de equitação mostram bem que tipo de imagem presidencial os militares estão preocupados em vender. Aos 70 e poucos anos, Andreazza só faria "cooper" dentro de casa e, certamente, só montaria cavalinhos de parque de diversão.

Com a discreta indicação de Andreazza para a sucessão. Delfim não faz mais que cultivar o apoio do amigo ao seu próprio nome. O "italiano", que, como todo bom político, não tem semancol, nem auto-crítica, vai tocando seus planos. Com a mesma ousadia dos tempos de Médici, ele anunciou de saída a crição de um plano sensacional que previa a construção de seis milhões de casas populares até o final do governo Figueiredo. Um milhão de casas por ano.

O mínimo que se disse contra tal plano é que era projeto inviável. E até os técnicos do Banco Nacional da Habitação (BNH) que sequer foram ouvidos, antes que a mania de grandeza do ministro-candidato chegasse aos jornais, acham que o plano é impossível de ser executado. Falta dinheiro, tempo e o ministro do Planejamento, Mario Henrique Simonsen, que quer derrubar a inflação, não se mostra disposto a abrir o saco da grana. Sensível a esses fatos, Andreazza acabou reduzindo as proporções excessivamente ambiciosas de seu programa habitacional e eleitoreiro: em vez de um milhão de casas por ano, "apenas" 400 mil. De qualquer forma seriam 400 mil votos em potencial.

Para conter a resistência de Simonsen — este interessado em desacelerar a economia — Andreazza reuniu todos os governadores dos Estados na sede do BNH, no Rio de Janeiro, para conquistar-lhe o apoio — afinal, dizem que as eleições para governador serão diretas e os políticos também gostam de votos.

Era, entretanto, necessário pensar especificamente no Rio de Janeiro porque, se não der Andreazza na cabeça pra presidente, ele pode se consolar com o governo do Estado. Assim, e dentro do mesmo espírito dos projetos-impacto que caracterizaram o governo Médici, ele tirou do bolso do colete o plano de urbanização da Favela da Maré, de ampliação das pistas da Avenida Brasil, tudo junto no chamado Projeto Rio, que ganhou manchetes dos jornais dias a fio (ver matéria ao lado sobre a reação dos favelados da Maré a Andreazza).

Por outro lado, o "gordo", como Andreazza gosta de

tratar Delfim, não ficou pra trás e tratou de montar os seus exércitos com vistas à sucessão de Figueiredo ou, se não dar, a de Paulo Maluf, o atual e incrível governador de São Paulo (ver também p. 6). Dentro do governo de Maluf, Delfim plantou um "espião", o seu assessor e aliado, Afonso Celso Pastore, que, como Secretário de Fazenda do Estado, é hoje a principal figura da equipe de governo estadual.

Isso em relação a São Paulo. E para somar ao apoio que sempre contou junto a grandes empresas nacionais e multinacionais e aos grandes bancos de São Paulo, Delfim, à frente do ministério da Agricultura, trata de ampliar suas bases de apoio social numa área que sempre o tratou como "inimigo público número um" (como ministro da Fazenda, os agricultores sempre o consideraram um adversário e, da pouca importância que ele dava ao setor resultou até a demissão do então ministro da Agricultura, Cirne Lima, que brigou com ele).

O primeiro round Delfim já venceu e, hoje, os produtores rurais já vêem no antigo algoz o principal aliado. Delfim tem que jogar com o time que tem e, portanto, tem que assegurar apoio em casa pra depois virar-se noutras direções. Através de um programa de apoio ao pequeno e médio produtores rurais e de uma estratégia de racionalização do uso do solo rural, (que não exclui até a possibilidade, negada oficialmente por ele, de uma reforma agrária à moda da casa). Delfim quer criar uma ampla classe média rural. Juntando essa área aos setores empresariais que já lhe hipotecaram apoio, Delfim pretende lançar as bases do que seria uma reedição do Partido Republicano dos Estados Unidos. Ele à frente, lógico.

Dançando ao compasso da música do momento, tanto Andreazza como Delfim, dois velhos lobos tecnocratas, tratam de proclamar aos sete ventos que seus novos planos terão que passar antes pelo crivo do debate amplo entre as pessoas interessadas. Foi assim em relação à Favela da Maré, cuja urbanização Andreazza quer que os favelados discutam e foi assim em relação à política, para a Amazônia que, tanto Delfim como Andreazza, fazem questão de dizer que só será adotada depois de submetida a uma discussão nacional.

BNH ignora tudo. Só o ministro decide

Os técnicos da área social do BNH que, naturalmente, seriam, os encarregados dos estudos que geram as decisões do ministro sobre a política habitacional, até agora nunca foram consultados por Andreazza antes de divulgar seus planos mirabolantes. Em conversas com jornalistas que fazem a cobertura do banco, eles não se cansam de dizer que foram inteiramente marginalizados das discussões. A diretoria do BNH é quem faz tudo, convocando, quando preciso, algumas comissões formadas até por empresários.

Um exemplo de como as decisões do ministério do Interior saem da cabeça do ministro, ou de pressões que ele sofre das grandes empresas imobiliárias, foi a modificação no sistema de cálculo das prestações dos mutuários do BNH. Até maio, as prestações eram calculadas pelo sistema conhecido como Sistema de Amortizações Constantes (SAC). Como Andreazza tinha prometido ênfase total à habitação social, esperava-se que alguma coisa mudasse e os empresários estavam inquietos. Em fins de maio, o presidente da Associação dos Dirigentes de Empresas do Mercado Imobiliário, Mauro Magalhães, foi a Brasília exigir do ministro Andreazza definições para o setor que, segundo ele, estava parado. A reunião com o ministro foi às 14 horas. Às 18 horas do mesmo dia, o presidente do BNH, José Lopes de Oliveira convocava a imprensa às pressas para comunicar que o sistema de amortização das prestações ia mudar. A partir de então, os financiamentos do banco até Cr$ 177.500,00 seriam pagos pela Tabela Price e daí até os créditos de Cr$ 1.136.000,00 o sistema de pagamento seria uma mistura do SAC com a Tabela Price. Lopes explicou que isso ia significar um abatimento de até 30% nas prestações dos financiamentos até Cr$ 177.500,00 (pessoas de renda mais baixa) enquanto a mistura da Price com o SAC diminuiria as outras prestações em até 20%. Enganou-se. Talvez porque essas decisões não foram sustentadas por nenhum estudo de técnicos do banco, o presidente do BNH meteu os pés pelas mãos. No dia seguinte, rápida pesquisa feita pelos jornalistas indicou que no caso das prestações mais baixas, a modificação ia reduzir as prestações em, no máximo, 22% e, nas outras, o desconto não seria maior que 8,25%. Isso tendo como base números fornecidos pelo próprio BNH.

Os empresários, que queriam a Tabela Price de volta, foram atendidos porque ela, diminuindo as prestações nos primeiros 6 anos de pagamento, permite-lhes vender mais imóveis que estejam encalhados: os compradores, iludidos pela redução inicial das mensalidades, acham que estão levando vantagem. No entanto, um estudo feito por Osvaldo Iório, ex-diretor do próprio BNH, mostra que em 61,7% do prazo de pagamento da casa própria, a Tabela Price é muito pior (para o consumidor) que o SAC.

A marcha dos projetos-impacto

Projetos e medidas anunciadas por Andreazza desde que tomou posse:

28 de março — Afirma que tirará todos os posseiros das terras dos índios

31 de março — Anuncia que o desenvolvimento da região Nordeste será a meta principal do seu ministério

10 de abril — Lança projeto de irrigação do sertão de Irecê, em Pernambuco

13 de maio — Anuncia o "Projeto Sertanejo", para tornar a agropecuária do Nordeste mais resistente às secas

26 de maio — Proclama que, a partir de julho deste ano, o FGTS poderá ser usado no pagamento das prestações da casa própria

29 de maio — Instala o Conselho Nacional de Desenvolvimento Urbano, embora não diga com que dinheiro ele vai funcionar

8 de junho — Anuncia que o território de Rondônia será transformado em Estado no prazo máximo de 3 anos

16 de junho — Assina com o governador Chagas Freitas o protocolo do contrato para as obras de saneamento da Favela da Maré. Lança também o Projeto Rio e garante que a remoção dos favelados só se dará depois de construído o conjunto habitacional. Para morar nele, os favelados pagarão prestações mensais equivalentes a um décimo do salário mínimo.

Na favela da Maré, em Bonsucesso, no Rio, Andreazza não é conhecido mas os moradores dizem que votam em quem sanear a área sem transferi-los de local

Fotos Custódio Coimbra

QUEM SANEAR FAVELA, LEVA VOTOS NA MARÉ

Pesquisa feita junto aos moradores da favela da Maré mostrou que quem urbanizar a área, sem transferir os moradores para outro local, ganha fácil os votos da moçada. REPORTER foi à Maré fazer uma enquete com uma pergunta: **se houvesse eleição direta hoje no Brasil, em quem você votaria pra presidente?** Nenhum dos entrevistados — e foram mais de 40 — tinha nomes a indicar. Muitos deles não sabiam quem era o atual presidente do país e muito menos quem ocupa o governo do Estado. Foi comum ouvir: "não sei quem é o governador do Rio e nem sei quem é o presidente que está aí. Voto em qualquer um que aparecer aí (palavra de Iraci Soares, há 30 anos moradora da favela).

Como ninguém tinha candidatos, a repórter perguntou então o que os entrevistados achavam do ministro Andreazza, o criador do Projeto Rio que prevê o aterro e urbanização de toda a área da Maré para o alargamento da Avenida Brasil. Aí houve quase unanimidade nas respostas: se o Andreazza conseguir aterrar a área e construir novas casas no mesmo local para os atuais moradores, sairá consagrado de qualquer votação no bairro: " — se aterra e deixa a gente aqui, eu voto em todos eles", "eu votaria nesse Mario Andreazza, não tem outro nome, né". "Não podem é mandar a gente pra longe se não o homem vai ter que dormir no ônibus", foi o que mais se ouviu.

Dona Nilza, mais informada, é fã do general Figueiredo, acha ele "um santo que sofre com as brigas do MDB e da Arena" e votaria nele. Seu Clemente, que mora na favela há 20 anos, é mais crítico: " — eu vi esse Mario Andreazza na televisão, não acho uma boa esse projeto. Esse negócio de ficar tapeando a gente, dizendo que vão construir e que vamos ficar aqui mesmo, não acredito não. Mas não adianta a gente reclamar porque eles chegam aqui e mandam a gente tirar as tábuas e as telhas porque o terreno é deles".

Depoimentos à Maria Tereza Ribeiro

DEPUTADOS FALAM O DIABO DE MALUF

"Não tem condições morais de governar" (Yunes)
"Prepotente, arbitrário, ditador" (Bragato)
"Governador dele mesmo e dos cupinchas" (Sergio)
"Recordista de ódio popular" (Geraldo)
"É a direita mais radical no Poder" (Breda)
"Governa pela força e pela pressão" (Irma)

Foto de Juca Martins

Maluf governa São Paulo sob forte tensão

Incrível! Nunca uma pessoa foi tão acusada de tantos atos ilícitos, sem que nada de ruim lhe acontecesse. Muito pelo contrário, Maluf é um fenômeno. Envolvido em transações suspeitas da Tecelagem Lutfalla com dinheiro do governo, aguentou firme e conseguiu chegar a governador. Acusado de comprar os arenistas que o "elegeram", também não se abalou — embora tivesse ficado clara a operação, pois seus principais "eleitores" foram contemplados com bem remunerados postos no seu governo.

Isso se esquecermos acusações mais antigas, como a de que teria presenteado com jóias raras a mulher do presidente Costa e Silva para chegar a prefeito de São Paulo. De que teria feito um grande negócio, na prefeitura, numa certa compra de trens húngaros.

Agora, 100 dias completos como governador, mais uma suspeita contra ele: um deputado denunciou ter recebido insinuações de emissários de Maluf para votar no prefeito indicado, Reinaldo de Barros, em troca de bons favores. Reinaldo de Barros, aliás, é sobrinho do talvez mais famoso corrupto do Brasil, Adhemar de Barros, ex-governador de São Paulo, que não escondia de ninguém sua badalada "caixinha".

O deputado, José Yunes, do MDB, eleito pela primeira vez (32 mil votos) disse que está havendo "aliciamento terrível na Assembléia", uma operação coordenada pelo genro e secretário particular de Maluf, Marco Antônio Michaluate.

Claro. O líder de Maluf na Assembléia, Armando Pinheiro, pediu logo a cassação de Yunes.

Yunes acha que "nenhum governador biônico tem condições morais de governar o que quer que seja, principalmente o sr. Paulo Salim Maluf". Essa opinião é partilhada por outros deputados do MDB, como Irma Passoni (primeiro mandato, 30 mil votos) eleita pela população da periferia da cidade.

— A forma de governar dele está sendo uma forma impositora e de uma total incapacidade de governar. Ele manda punir, suspender, processar. O meio do governo dele é a força, a condenação, a pressão.

Sérgio dos Santos (deputado novo, 26 mil votos) diz que Maluf "é um governador espúrio, comprovadamente corrupto por natureza".

— Ele é governador porque comprou os delegados na convenção da Arena. Por isso, ele é governador dele mesmo e de seus cupinchas e não do povo de São Paulo. Ele tem se mostrado um governador biônico esperto e tem se saído bem do ponto de vista da imoralidade, da corrupção, da defesa de seus próprios interesses.

"Ele é prepotente, arbitrário, ditador" afirma Mauro Bragato, eleito a primeira vez, com 29 mil votos.

— O povo tá muito descontente com Maluf devido ao comportamento dele: faustoso, comportamento de rei.

Para Geraldo Siqueira Filho (primeiro mandato, 29 mil votos) Maluf "é recordista de ódio popular". Geraldo também opina que ele "é o interventor em São Paulo" e "está mais à direita do que os caras em nível de governo, porque em São Paulo, pólo do movimento operário, era preciso uma mão dura".

"Maluf deve representar atualmente a direita mais radical no Poder" diz João Batista Breda, primeiro mandato, 27 mil votos, o mesmo que já denunciou outra ilegalidade do governador: flagrou Maluf e comitiva de carros enchendo os tanques em pleno domingo, o que é proibido pelo Conselho Nacional do Petróleo. Como todas as outras denúncias, essa não deu em nada, mas Breda acha que não é para desistir:

— Tem que ir somando as denúncias todas até que dê para processá-lo.

Só dá para abrir processo contra um governador quando há provas de que, no cargo, ele cometeu um crime de responsabilidade. Até agora, esse crime não pode ser imputado a ele embora haja indícios claros, por exemplo, de que "durante seu governo ele tem como método de governar a distribuição de favores a pequeno número de pessoas, pouco mais de 700 que o levaram ao Poder", como pensa um dos deputados mais bem votados do MDB. (70 mil votos): Eduardo Matarazzo Suplicy.

Eduardo acha que já ficou claro que Maluf não governa no interesse da população, mas isso não pode tirá-lo do cargo, embora comprometa sua popularidade. Geraldo Siqueira Filho vai um pouco além e afirma que "o problema é conseguir derrubar ele".

Existe algum movimento querendo derrubá-lo?

— Não existe movimento organizado — responde Geraldo — mas um sentimento geral, da população, de derrubar o cara. O problema é saber como. Todo mundo realmente quer pegar o cara.

"Eu acho o seguinte: se o povo achar que se deve cassar o governador, o MDB tem que assumir isso" fala Mauro Bragato, reconhecendo, porém, que não dá pra derrubar Maluf de uma hora pra outra, pois ele tem uma máquina muito bem montada.

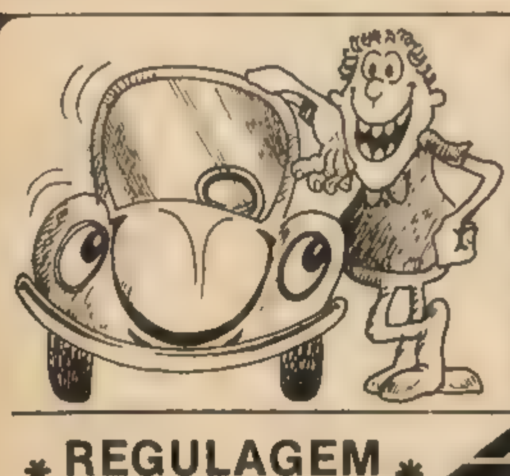
— Ele tem feito acertos com grandes empresas jornalísticas, parece-me... deu a prefeitura de Santos ao Caldeira, um dos donos da **Folha de SP**... e ele tem rádio que o prestigia (n.r.: a rádio Capital). A gente sente que ele tem um esquema muito bem montado, que não vai acabar num simples passe de mágica.

Há furos nesse esquema garante Irma Passoni:

— Até da própria máquina governamental Maluf deve desconfiar porque tudo o que o povo tá sabendo em termos de denúncia sai de lá... e isso acontece porque na própria máquina tem gente que não concorda com ele.

"Os movimentos populares, como o Contra a Carestia, os movimentos de diretórios do MDB, das Comunidades de Base, começam a exigir que Maluf seja extirpado do Poder" sentencia Sérgio dos Santos, admitindo, porém, que "é extremamente difícil num país autoritário, com uma ditadura tão forte como a nossa, poder investigar e mostrar com clareza o fato irregular, a corrupção. É difícil desmacarar Maluf. Pois vivemos num regime que protege os corruptos".

Reportagem
de Alex Solnik



A Carbutec tem a solução para o problema do seu carburador.

Serviços especializados de carburadores DFV — Solex

Serviços elétricos

Posto autorizado de carburadores

* REGULAGEM ELETRÔNICA *

Regulagem Carbutec Ltda.

Rua Aristides Lobo, 213 — Loja 1 — Tel.: 234-7998

Paraguai protege assassinos procurados pela Interpol

Dois italianos de extrema-direita, homicidas, vivem bem no país vizinho; terroristas servo-croatas matam dentro do Paraguai mesmo; nazistas, como Mengele, se escondem em verdadeiras fortalezas; anticomunistas fazem do país seu centro e se reúnem em congresso, com presença de dois brasileiros e telegrama de apoio do nosso vice-presidente, Aureliano Chaves

O ar é pesado em Assunção para os que chegam do exterior e tentam compreender o que é este País. O silêncio desta cidade, esmagada pela ditadura, se materializa no comportamento das pessoas. A população caminha pelas ruas com um aspecto muito silencioso, não se fala.

Tem-se sempre a impressão de estar sendo observado e seguido.

As cadeias estão cheias de presos políticos, mas terroristas de direita, matadores que vão cometer atentados em todo o mundo, sob pagamento, caminham livremente pelas ruas e são protegidos pela ditadura. Lá se encontra muitos tipos de terroristas fascistas. Tem para todos os gostos e preços.

1. Sandro Sacucci

Um fascista de ação, primeiro nível do terrorismo italiano. Durante um comício eleitoral, na Itália, em 1974, ele matou um jovem comunista. É procurado pela Interpol. Deve, também, responder à Justiça italiana por tentativa de um golpe de estado fascista, ocorrido em 1975. Esse senhor agora faz parte da guarda pessoal de Stroessner e viaja por conta da ditadura e das organizações paramilitares fascistas de toda a América Latina.

2. Massagrande

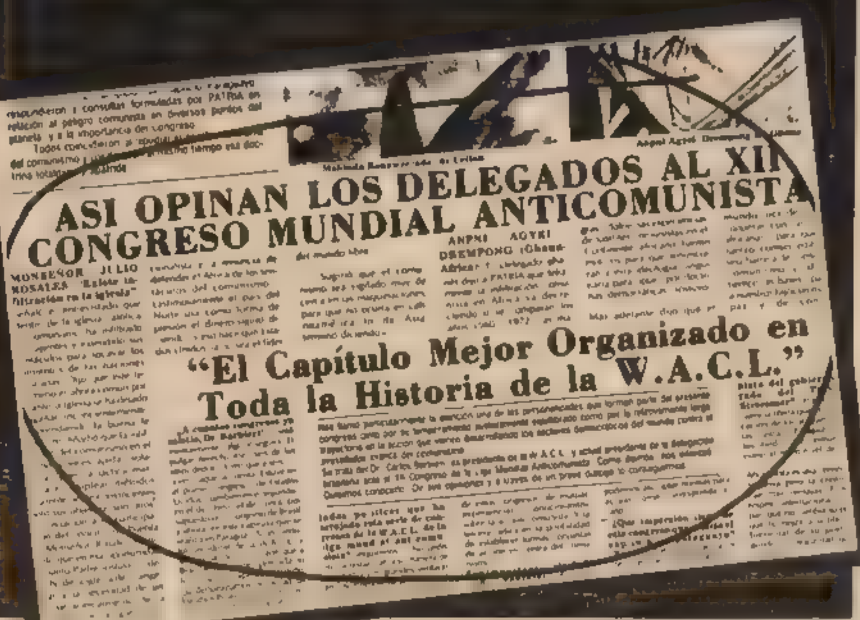
É o chefe do **Ordine Nouvo**, uma organização neo-nazista italiana, famosa por ter organizado as ações terroristas mais cruéis e sangüinárias, seja na Itália ou na Europa. Também é procurado pela Interpol por ter organizado o assassinato do Juiz Occorsio, em agosto de 76. Hoje, Elio Massagrande vive tranqüilamente em Assunção e está colaborando com oficiais brasileiros no adestramento de pára-quedistas do Exército paraguaio, no aeroporto militar de Assunção.

3. Servo-croatas

Outros ilustres hóspedes de Stroessner são os tristemente famosos terroristas servo-croatas; são também os mais disponíveis a praticar ações terroristas em qualquer parte do mundo, mediante pagamento e proteção.

A ditadura paraguaia os usou em 1975, para matar o embaixador uruguaio. Depois de ter feito o trabalho, o matador deu sinais evidentes de desequilíbrio mental e foi internado como doente. Depois de seis meses voltou à liberdade, para as ruas de Assunção, onde vive até hoje.

Outro fato contado com extrema naturalidade diz respeito aos assassinos do embaixador iugoslavo na Suécia, alguns anos atrás. Também aquele atentado foi obra de um terrorista servo-croata. Um deles conseguiu fugir e encontrou hospitalidade no Paraguai. Hoje, como prêmio pelo feito, é motorista e está na guarda pessoal do embaixador paraguaio em Washington.


ASI OPINAN LOS DELEGADOS AL XII CONGRESO MUNDIAL ANTICOMUNISTA

"El Capitulo Mejor Organizado en Toda la Historia de la W.A.C.L."

O jornal oficial "A Pátria" deu grande destaque

4. Mengele

Um dos mais sangüinários e bestiais exterminadores de judeus em Aushwitz, Mengele foi procurado por muitos anos pelo Mossad (serviço secreto de Israel), que teve alguns agentes mortos quando conseguiram se aproximar de seu refúgio. Foram assassinados pela guarda armada que protege sua tranqüilidade.

De Londres, fontes vinculadas ao serviço de documentação de Simon Wiesenthal (incansável caçador de nazistas) denunciaram asperamente a cumplicidade da polícia do Brasil, Argentina e Paraguai na formação do chamado "Triângulo Nazista", situado em território paraguaio, na zona do Alto Pará, Sul do país, fronteira com Argentina e Brasil.

Agora, Mengele vive dentro do "Triângulo", num lugar chamado "Carlos Antonio Lopes", num forte militar protegido por um grupo de guardas armados. O mais novo hóspede do "Triângulo" é Franz Wagner, SS absolvido no Brasil. Sua viagem ao Paraguai, no mês passado, foi denunciada pelo advogado Idel Aronis, de São Paulo, advogado de Israel no processo de extradição do nazista.

5. Anticomunistas

O Paraguai representa, portanto, uma estrutura de apoio a serviço do terrorismo internacional? Também isso, mas não é só. Em 23 de abril passado começou o 12º Congresso da WACL, isto é, da Liga Anticomunista Mundial. Chegaram 400 delegados de todas as partes do mundo, representando 103 associações filiadas à WACL. Do Brasil, foi o deputado arenista Alberto Hoffman e o presidente de uma entidade chamada Sociedade de Estudos Sociais, Políticos e Econômicos, Carlos Barbieri (que já foi presidente mundial da WACL). "Esta sociedade — declarou Barbieri numa entrevista — tem como objetivo eliminar o comunismo, desenvolvendo uma série de atividades de ordem cultural e social, que pretende formar uma consciência anticomunista ao nível local".

Aureliano Chaves, vice-presidente do Brasil, não compareceu, mas enviou um telegrama de apoio ao Congresso.

A Liga Anticomunista nasceu em Formosa, em 1967, por iniciativa do presidente Chiang-Kai-Chek e tinha por objetivo a unificação e a coordenação das forças anticomunistas mais diretamente empenhadas no combate ao avanço sino-soviético. A "direita respeitável" européia e norte-americana deram cobertura e apoio ao nascimento e ao desenvolvimento da WACL usando-a como veículo de propaganda e contenção anticomunista no desenvolvimento das relações entre as superpotências. Os países que mais diretamente se empenharam em dar à WACL uma linha estratégica de intervenção e coordenação foram, além de Formosa, a Coréia do Sul, o Vietnam do Sul, a África do Sul, este último empenhado em defender seu **apartheid** e desejoso de aliados racistas que sustentassem a sua causa.

Uma organização que foi profundamente infiltrada na WACL é a nazista **Odessa**, empenhada no financiamento e na coordenação das atividades dos numerosos nazistas sobreviventes. As conseqüências dessas infiltrações levaram a Liga a desenvolver seus congressos, sobretudo na América do Sul e conservar nesse continente, especialmente no Paraguai, suas bases mais sólidas. Nesse quadro de atividades subversivas o país de Stroessner desenvolve um papel-chave, pois representa as condições "estratégicas" mais favoráveis: falta quase absoluta de um proletariado industrial; toda a parte da população ativa está no exterior; falta de uma oposição que tenha raízes populares; tudo garantido por uma repressão impiedosa que mantém o país como que parado no tempo.

O 12º Congresso se limitou a ser um momento de encontro e de troca de experiências. A sua finalidade foi, principalmente definir as diretrizes de ação sobre as quais cada simples organização filiada à WACL pode contar com ajuda e financiamento em termos políticos e militares.

Este país é, portanto, mais que uma simples estrutura a serviço do terrorismo internacional. Desenvolve, em silêncio, e com "discrição", o papel que a Espanha de Franco, a Grécia dos coronéis, o Brasil da ditadura, Formosa antes da "descoberta" da China pelo Ocidente, a África do Sul do **apartheid**, não podem mais desenvolver, ou desenvolvem cada vez menos, devido ao avanço das forças democráticas e ao desenvolvimento gradual de um novo equilíbrio mundial, baseado na coexistência.

Reportagem de Eleonor Bruno

Assalto é rotina nos ônibus da Baixada Fluminense

MÃOS AO ALTO!

Reportagem de Tim Lopes. Fotos de Chiquito Chaves

Quanto vale a vida de um cobrador de ônibus na Baixada Fluminense? Segundo os donos das empresas, no máximo 100 cruzeiros. Se algum empregado for assaltado no seu lugar de trabalho e, para sobreviver, der mais do que o estipulado pela empresa (100,00) será descontado no fim do mês e mandado embora sem direito a nada. Isso quando não pega a fama de ladrão, por dar cabrito (mandar passar por cima da roleta), quando não leva uma geral e quando não apanha dos "inspetores" no fundo da garagem.

Trafegam pela Baixada aproximadamente dois mil ônibus, barulhentos e sem conservação, pelas estradas esburacadas que perfazem mais de 50 linhas. E os motoristas e cobradores já estão acostumados com a violência, com os seqüestros e com as mortes. Os registros nas delegacias são rotineiros e tem até alguns motoristas que, de tantas vezes assaltados, nem prestam mais queixas. Não adianta, pois os patroês desconfiam.

Ouvimos vários motoristas e cobradores de ônibus que servem a Baixada e raro é aquele que não foi assaltado. Entre o medo e o conformismo, eles vão arriscando suas vidas cotidianamente.

Éder, da Justiça e Paz

Carlos Aberto, assaltado 3 vezes

É roubado e ainda leva porrada

Carlos Alberto, trocador da Viação São Jorge.

— Aqui na empresa é o seguinte: você é assaltado e o dinheiro é descontado do seu salário no fim do mês e ainda leva uma geral. Aí não é mole não, conheco uns três trocadores que levaram porrada aí dentro. Não é cascata. Em mim, não encostam a mão porque eu não deixo. Dão pau é em trocador otário.

— Olha, meu chapa, eu já fui assaltado três vezes. Mas é o seguinte: com essa situação aí dentro, os caras te dando geral, te mandando embora por qualquer motivo, sem direito a nada, faz o trocador ficar injuriado. Então, o negócio é ir à forra. Eles não respeitam o direito do trabalhador, não assinam carteira, o cara fica no desespero e faz uma porção de "cabrito" (manda passageiro passar por cima da roleta), isso quando não faz o jogo dos caras, de quem vem ganhar a gente e os passageiros.

Empregados são sempre coagidos

Segundo o advogado Éder Rodrigues, da Comissão de Justiça e Paz da diocese de Nova Iguaçu, "os empregados das empresas de ônibus da Baixada são todos coagidos, fisicamente ou moralmente".

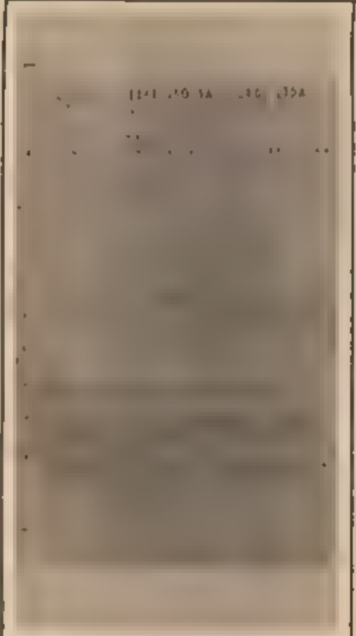
— Dificilmente uma empresa legaliza seus empregados, principalmente os trocadores, e quando faz isso eles não passam de seis meses. Por qualquer coisa são mandados embora, sem direito a nada. É uma profissão de alta rotatividade. Isso é um dos focos da criminalidade, esse desrespeito do patrão com o empregado que tem, como única forma de vingança, praticar pequenos roubos da féria. Porque também é impossível, inconstitucional, um ser humano viver com um salário de 400 e quebrados por mês e ainda por cima a empresa achar que a vida dele vale 50 cruzeiros.

— Isso é o reflexo do golpe de 64. No meu entender, os órgãos policiais estiveram voltados para a repressão política e, por isso, ocorreu um descuido na parte criminal. O que está acontecendo, não só aqui na Baixada como em muitos lugares, é essa violência toda. Eu mesmo estou defendendo um senhor, que em 1976 foi vítima de um assalto, com mais de dez pessoas. Ele estava num ônibus, tarde da noite, e numa estrada escura de um bairro aqui de dentro de Nova Iguaçu. Dois homens fizeram sinal e apesar dos apelos dos passageiros para que o motorista não parasse, êle parou. Era um assalto, teve tiroteio e tudo. O meu cliente saiu baleado e até hoje estou lutando na Justiça para ver a indenização da empresa, que se nega a pagar. Esses e muitos outros casos acontecem sempre.

O negócio é ficar calmo para não virar presunto

Sangue frio vira condição de trabalho

Barbosa, motorista da Tinguá. — Foi bem em frente à fábrica de sabão Português, ali no início da avenida Brasil. Parei o ônibus para três homens e não deu outra coisa; era assalto. Isso aconteceu às 6 horas da tarde. De mim, não levaram nada, isso porque eu não tinha nada mesmo, só levaram dos passageiros. Fui obrigado a dirigir o ônibus até Gramacho e voltar sob a mira dos revólveres. A gente anda sempre ameaçado. Eles estão sempre esperando você, é preciso ter sangue frio se não quiser fazer o jogo deles. A gente tem que ficar quieto mesmo. Teve uma hora, durante o assalto, que passei em cima de um buraco e luz do farol piscou. Logo me ameaçaram dizendo que davam tiro e tal e coisa. Eu só sei que não passava nem uma agulha.



O ítem nº 12 do regulamento do Expresso São Jorge, diz que o cobrador não pode levar mais de 50 cruzeiros (acima disso, tem que botar no cofre). Em caso de assalto ou perda de dinheiro, a empresa só se responsabilizará até a quantia estipulada. O resto é de responsabilidade do cobrador. Se correr o bicho pega. Se ficar o bicho come.

Inspetor diz que só ameaça

De repente, Barbosa, gerente de tráfego da Viação São Jorge, sai porta à fora, agitado. Lá dentro, ficam dois homens, sendo que um deles, que não quis se identificar, disse que só naquela manhã tinham sido roubados cinco ônibus, dos quais levaram 30 relógios dos passageiros e uma certa quantia em dinheiro. Nesse exato momento Barbosa volta dizendo que no mês passado a empresa só foi assaltada uma única vez. O que contrariava as informações anteriores, dados pelos seus próprios subordinados e os dizeres colados nas tabuletas pregadas nas paredes da garagem.

— Recebemos algumas queixas de que o senhor; junto com os inspetores, dão geral, agridem e ameaçam trocadores e motoristas?

— Olha, não damos cascudo em ninguém. A gente apenas ameaça. Sabe como é que é trocador, negócio de alta rotatividade. Um dia tá numa empresa, outro dia tá em outra. A gente sabe que há pouca mão de obra, portanto, às vezes, temos que aceitar quem roubou a empresa. Aí a gente fala: "veja lá, não vai roubar outra vez". Existe muito folclore em cima de mim.

Levou três chutes na costela

Gilberto da Silva Pereira, trocador da Tinguá

— Fui assaltado 11 vezes. Na primeira vez, fiquei com medo, levei três chutes nas costelas e fui obrigado a tirar o ônibus da estrada, lá na altura do Km 13 da Dutra e enfiar no mato, onde os caras depenaram os passageiros. O pior que a gente entrega três mil e o ferrabrás ainda pensa que a gente tá fazendo jogo duro, tá escondendo. Ninguém dá cobertura. Mas o pessoal vai acostumando.

Gilberto: 11 assaltos

"Me encostaram o revólver no pescoço"

Zé bate recorde: 20 assaltos

Zé Ferreira, motorista.

— Neguinho pensa que é mentira, mas já fui assaltado 20 vezes. Já nem presto mais queixa na Delegacia. Cada viagem que a gente faz, o assalto já é visto como coisa rotineira, principalmente pra essas bandas. O dia que fiquei com mais medo, até pensei que os caras fossem me apertar, foi quando me encostaram o revólver no pescoço e mandaram eu sair da estrada com o ônibus. Fui para os lados da estrada Rio Ouro. Levei porrada às pampas e roubaram todos os passageiros.

— Ah, não esquento mais não. Já estou acostumado, perdi a conta de quantas vezes fui assaltado. Eu já estava segurando uma rabuda em outra linha. Não adianta ter medo e o negócio é ficar calmo na hora, para não virar presunto.

(José Ferreira de Andrade, motorista)

Trocador morreu de graça

Vanderlei Martins, motorista da Viação Caravelli.

— Pior foi quando mataram o meu trocador. Fiquei traumatizado seis meses. Foi num dia de sábado e até hoje me arrepia quando lembro desse caso. O nome era Jorge Pereira e o assalto se deu na estrada Luís de Lemos, em Miguel Couto. Não teve perdão. Eram três. Um me rendeu com o revólver na cabeça, o outro rendeu o trocador e o terceiro recolhia o dinheiro e os relógios dos passageiros. Antes deles abandonarem o coletivo, um gritou; "vamos matar o trocador". Foram dois tiros, um no coração e outro no pescoço. Eu, que já estava desesperado, fiquei mais ainda quando disseram: "agora é a vez do motorista". Tive sorte, meu irmão, porque o chefe da trinca me dispensou. Tô até hoje, injuridado. Agora, tenho que aturar essa batalha para dar o leite das crianças.

Tiraram a roupa de todo mundo

Inspetor Ivan, da Viação Turismo Novo Horizonte. — Essa desgraça some na poeira. Tá vendo ali naquela fila: se a polícia chegar e der uma geral, é certo encontrar alguém com máquina em cima esperando o momento de armar uma no meio do caminho. É chato, mas a única solução seria a revista dos passageiros. Como é que o motorista vai adivinhar que um homem e uma criança que fazem sinal na estrada são assaltantes? Pois isso já aconteceu. O cara rendeu o motorista com o revólver na cabeça e mandou o garoto recolher os pertences dos passageiros. O motorista, às vezes, até reconhece um assaltante, mas fica calado porque não é trouxa. Eles não brincam não, às vezes fazem até safadezas com os passageiros. Outro dia, seqüestraram o ônibus lotado e mandaram o motorista sair da estrada, na altura do Km 14 da Via Dutra, num lugar deserto. Obrigaram todo o mundo tirar a roupa e levaram as meninas para o banco traseiro e abusaram delas.

Esse negócio não tem solução

Francisco, motorista da Viação Tinguá.

— O motorista e o trocador são visados por todo mundo, desde o tempo do lotação. E esse negócio de assalto em ônibus não tem mais solução. Só na Baixada Fluminense, eu rodo já faz dez anos e não adianta nada. Esses dias o meu ônibus foi assaltado por dois caras e vinham como passageiros três policiais; logo que eles sacaram a barra esconderam os revólveres embaixo do banco e deixaram o pessoal fazer o ganho. Não tem jeito, meu amigo, porque depois se a gente vai à polícia dar queixa e ainda acham que você está errado, querem até te prender.

Em Lucas, quem parar dança

Severino Pereira da Silva, motorista

— Isso, meu irmão, já faz parte do dia a dia. Um ponto antes do viaduto de Parada de Lucas e na Praia de Ramos, se você parar depois das dez horas da noite, pode ficar certo de que quer ser assaltado. Eu já fui assaltado oito vezes. Na última, entrou um cara aqui na rodoviária e quando chegou perto da Cidade Alta me meteu o revólver na cabeça e mandou um passageiro recolher jóias e dinheiro dos outros 40 que estavam no ônibus. Ficou tudo no prejuízo.

Severino: oito assaltos

15 mil famílias estão ameaçadas de despejos em cerca de 10 conjuntos do Banco Nacional da Habitação (BNH). Empreiteiros particulares que, em 1967, construíram os prédios, venderam-nos, com correção monetária trimestral mesmo pra quem não podia pagar. Em 73, as financeiras, que se tornaram representantes do banco, entraram com ação na justiça pra despejar quem não pagava em dia. Os moradores, então, se uniram e começou a luta contra os despejos.

ATENÇÃO

Em caso de despejo:
* Resista o mais que puder.
* Não ajude a tirar os móveis seus e de seu vizinho.
* Não se ofereça para hospedar o despejado.
* Faça entrar em casa o maior número de pessoas dispostas a ajudar na resistência.
* Mande alguém avisar a quem está de plantão no local indicado.
* Não perca a calma, já temos um processo encaminhado no BNH para sustar o despejo.

A comissão de moradores.

Esse pessoal se uniu pra brigar por suas casas

Reportagem de Clarice Niskier
Fotos de Patrícia Hausberg

MONTE LÍBANO

Com um número muito grande de "invasores", o Monte Líbano fica no Km 13 da Via Dutra e tem um razoável nível de organização, graças ao trabalho do Bráulio, presidente da Comissão dos Moradores do conjunto e que mobiliza, também, moradores dos outros conjuntos.

NOVA CALIFÓRNIA

É, talvez, o conjunto onde os moradores estão mais mobilizados e organizados, tanto que apenas duas pessoas foram despejadas. A ação rápida dos moradores, que compraram até uma sirene para ajudar a mobilização, impediu outros despejos e conseguiu sensibilizar, na época, a opinião pública.

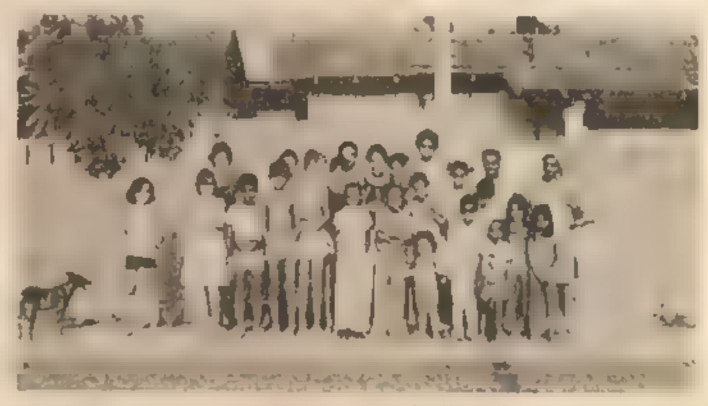
MANOEL JOÃO GONÇALVES

Situado no Km 15 da Via Dutra, o Manoel João Gonçalves tem uma boa organização, mas, mesmo assim, muitos já foram despejados e há várias casas vazias. A maior parte dos moradores sofre com a falta d'água e com as valas incríveis, encontráveis em cada esquina.

BOTAFOGO

A principal reclamação dos moradores é a existência de um córrego imundo, no qual existem ratos e cobras. Bomba d'água, não tem (roubaram) e a maioria das casas são invadidas pelas pessoas que compram as chaves daqueles que não puderam continuar pagando as prestações.

SANTA AMÉLIA



Muito buraco, péssimas condições de habitação e sem um nível de organização comparável ao de outros conjuntos, o Santa Amélia resiste graças ao trabalho de uma pequena comissão, que funciona razoavelmente. Mas a reclamação principal da comissão é essa: a massa não coopera.

Lei de financeira é dura: não pagou no dia, vai pra rua

Na cidade do Rio de Janeiro há, em média, 27 mil despejos por ano. Só no mês de março deste ano foram efetuados 2.473 despejos. Em Nova Iguaçu, o maior município da Baixada Fluminense e o segundo de todo o Estado, foram 1.863 durante o ano de 78. Lá, o problema dos moradores dos conjuntos habitacionais do Banco Nacional de Habitação (BNH) é o mais grave e já rola há quase 2 anos. São 23 conjuntos na Baixada, construídos em 1967 por agentes particulares que faziam a seleção dos compradores sem nenhum critério. Para esses agentes, o negócio era vender o mais rápido possível, mas a maioria dos interessados em comprar as casas não tinham a renda exigida pelo BNH.

Esses agentes, conhecidos popularmente como "iniciadores", atribuíam renda falsa aos pretendentes na hora da venda, afirmando que isso não tinha o menor problema e conseguindo, assim que o interessado levasse a casa de qualquer maneira. Alguns, como o Osvaldo Mendes de Oliveira, conhecido como Osvaldo Câmbio Negro, chegaram a ficar ricos faturando em cima do problema habitacional.

O BNH, responsável maior pela situação, depois desse surto de construções deixou o barco correr até que, em 1971, não agüentando mais a quantidade de prestações atrasadas, deu um golpe de mágica e passou a ser Banco de segunda linha. Quer dizer, as financeiras imobiliárias passaram a atuar como intermediárias do sistema financeiro de habitação. O Banco, a partir dessa data, apenas administrava e as financeiras executavam, encarregando-se de colocar a casa em ordem. E aí começa o drama.

As financeiras, que são a Cofrelar, Financilar, Apex, Caixa Econômica Federal, Unibanco (a que detém maior número de conjuntos), encontraram nos conjuntos a seguinte situação: 1.º) moradores que compraram a casa e pagam até hoje as prestações; 2.º) moradores que compraram a casa (também chamados de mutuários) e que por motivos financeiros deixaram de pagar as prestações — que sofria correção monetária de 3 em 3 meses, enquanto o salário só era ajustado uma vez por ano; 3.º) os invasores, compradores de chave. Quando o cara, que estava na casa sentia que podia ser despejado, pois sua dívida com as financeiras estava crescendo cada vez mais, ele passava as chaves a um preço arbitrário e deixava um novo morador, que não tinha registro de nada e que ficava na casa de graça até ser despejado.

As financeiras como empresas, pensam apenas na eficiência de suas operações e no seu lucro. Para elas não tinha o menor sentido que naqueles conjuntos todos morassem pessoas que não podiam pagar os apartamentos. O negócio era tirar todo mundo que não tivesse em dia com as prestações e revender as unidades. Mas colocar todo mundo pra fora mesmo: nem mesmo os moradores, que hoje em dia podem saldar suas dívidas, as financeiras perdoam. Como disse Sérgio Octávio, da Apex: enquanto o morador recuperado vai pagando as dívidas parceladamente, os outros meses vão atrasando. Ou paga a dívida toda, direto, ou rua.

E assim tem sido feito. As financeiras, a partir de 1973, entraram na Justiça com ações de despejos contra os atrasados e invasores e, com ajuda de oficiais de Justiça, escoltados por soldados da PM, começaram em 1978, a botar na rua centenas de famílias. O problema, que já não era de um ou 10 moradores, configurava uma verdadeira crise social na Baixada e mobilizou muita gente pra tentar deter os despejos. A Igreja entrou na briga e os moradores se organizaram para lutar contra a violência.

Cada conjunto se mobilizou em assembléias gerais para concretizar suas formas de resistência, como foi o caso do conjunto Nova Califórnia, que comprou uma sirene para avisar aos moradores quando alguém estivesse sendo ameaçado. O grau de conscientização chegou a tal ponto que o BNH mandou suspender os despejos e abriu as portas para as conversações.

Uma comissão, composta de representantes de cada conjunto mais organizado, com a presença do advogado Paulo Amaral, da Comissão de Justiça e Paz, Francisco Amaral, e Jorge Gama, deputado do MDB pelo Estado do Rio," e Bráulio, presidente da Comissão dos Moradores do Monte Líbano, estão levando as propostas que consideram mais viáveis, para que a maior parte das pessoas possam ficar nos conjuntos. Por enquanto, os despejos estão suspensos, mas não param de chegar citações de penhora ameaçando os moradores.

BNH PREFERE FICAR CALADO

O BNH não quis se manifestar a respeito dos despejos de moradores nos conjuntos de Nova Iguaçu. Procurada pelo REPÓRTER, através da assessoria de imprensa, a direção do banco mandou-nos a seguinte resposta: "— O BNH não quer falar sobre o assunto". Ponto final e mais não disse.

Casa pra rico dá lucro gordo

De acordo com estudo realizado por um integrante da Comissão de Justiça e Paz da arquidiocese de Nova Iguaçu ("Problema Habitacional no Município do Rio de Janeiro"), os conjuntos habitacionais começaram a existir a partir das cooperativas habitacionais, formados por classes trabalhadoras. No entanto, começaram a ser desativados no início de 1967.

A ocupação desses conjuntos foi bastante precipitada, acarretando sérios problemas de adaptação e integração, pois os moradores eram levados compulsoriamente para os conjuntos e só então se adaptavam às normas do sistema. Além disso, o crescimento do valor da prestação era incompatível com o crescimento do custo de vida.

Diante do déficit existente na habitação e da necessidade premente de atender à sua crescente demanda, com a criação do BNH, o governo dava o primeiro passo para a organização de um sistema de atendimento em escala nacional. Mas ao mesmo tempo em que era criado o BNH, instituía-se o Sistema Financeiro de Habitação e, com ele, a correção monetária, reinvidicação feita pelo construtor João Fortes.

Em 1971, o BNH foi transformado em empresa pública, passando a atuar como banco de segunda linha, ou seja, através de intermediação de agentes financeiros. Por coincidência, passou a ser o segundo banco de arrecadação do país.

Nisso tudo, o método de fixação do montante de empréstimo em função da renda e a instituição de "taxas nominais de juros variáveis em função do valor financiado", levaram os agentes financeiros, tanto privados, quanto os estatais, a aplicarem os seus recursos nas faixas de renda mais alta, onde obtêm maior rentabilidade. Quer dizer: por que o BNH deve financiar casas populares se o lucro do incorporador, e do próprio BNH, vai ser muito maior se construir um edifício na Zona Sul do Rio de Janeiro?

Assim, deduz-se claramente que a falta de habitação popular é artificial, fruto de uma política dirigida para outro rumo e antipopular.

A figura do incorporador, ou iniciador, que se confunde com a figura do proprietário de terreno (normalmente o terreno é comprado pelo incorporador), aumentou o custo da habitação, pois criava-se mais um intermediário, todo mundo ganhando uma nota firme.

As figuras componentes de um empreendimento imobiliário são as seguintes: proprietário do terreno (lucro de 100% sobre o valor de comércio do terreno), construtora (remuneração por seu trabalho: 20% sobre o valor do financiamento), financeira (taxa de abertura de crédito: cerca de 20% sobre o valor do financiamento), incorporador (lucro em torno de 50% sobre os dois valores: construção e terreno), corretora (custo de 9% sobre o valor final da unidade: construção e terreno).

Um imóvel de custo inicial de Cr$ 800 mil terá seu preço (fora correção monetária e juros) fixado em Cr$ 1 mil e 500.

D. Adriano quer parar despejos

Bispo da Arquidiocese de Nova Iguaçu que engloba 1.500.000 pessoas, Dom Adriano Hipolito, condena a atitude empresarial do governo e pede suspensão de todos os despejos.

Por que existem os despejos em massa?

— Fruto de uma política habitacional errada. Essa posição, até a Sandra Cavalcanti tem. Como a grande massa é do nível inferior, ela devia ser proprietária, mas tudo é orientado para a propriedade de luxo. Tudo é lucro ao invés de bem social, isso sim, preocupação suprema.

Existem 3 tipos de inquilinos. Primeiro, os proprietários. Aqueles que compraram a casa e pagam a prestação. Segundo, os que compraram a chave do proprietário. Terceiro, aqueles que invadiram, esses são irregulares. Procuram regularizar a situação, vão as financeiras aí começa a via sacra.

A situação é que o critério de pagamento não corresponde ao critério de reajuste salarial. Com o custo de vida como está, não tem como saldar a dívida que as financeiras exigem.

Qual sua participação no movimento de Nova Iguaçu contra os despejos?

—O movimento é popular. Queremos que o povo assuma a responsabilidade. Nós só podemos assumir atitudes por loucos, crianças. Queremos despertar o povo. Não é prestígio pessoal que deve entrar em choque. É necessário incentivar a consciência comunitária. A fraqueza do nosso povo é que cada um pensa sozinho. Tem que ter co-responsabilidade. A relação pessoal das pessoas é muito importante. A consciência social pode corrigir a legislação. Nosso sistema é muito desumano. O lucro sempre prevalece ao bem comum.

O que resolveria de fato o problema habitacional?

—O governo não ter o caráter empresarial. Existem diversos mecanismos de diferenciar um financiamento. De imediato é suspender os despejos, todos. Imediatamente refletir e reformular a política habitacional.

Aqui no Forum de Nova Iguaçu estão registrados 1.863 despejados em 78. É um problema sério?

—É grave, já indica um problema social. Não é fulano ou sicrano que não paga. As financeiras nunca querem que o cidadão compre a casa à vista.

Moradores sofrem violência e ameaça

Os conjuntos habitacionais do BNH em Nova Iguaçu são diferentes na sua forma de organização, local e gente, mas têm pontos em comum, como falta d'água, rede de esgoto precária, falta de luz nas ruas, ruas esburacadas e falta de segurança, que, se já existia, agora com o grande número de casas vazias, aumentou.

A falta de segurança foi, inclusive, responsável pela curra de uma menina de 16 anos, filha de dona Irenize, do conjunto Esplanada.

— A minha filha tá que não pode sair à noite — diz dona Irenize. Moro aqui há nove anos e hoje não tenho mais sossego. Tá todo mundo revoltado. Ele tentou tirar a honra dela, mas não conseguiu porque ela tava regulada. Então abusou dela, fez uma porção de coisas.

Os despejos começaram em 1978, exatamente no conjunto Esplanada.

— Foi um verdadeiro espetáculo — diz Glória Mendonça. Veio oficial de Justiça, polícia e foram jogando tudo na rua.

Seu marido, Geraldo completa:

— Quem mora aqui é furreca mesmo. Pra uma pessoa pagar 2.500 cruzeiros por mês, é razoável, mas 4.500 não dá, de jeito nenhum. Aqui, quem trabalha tem renda de Cr$ 8 mil. Todo ano sobe a prestação, 20, 30%, agora tá a 40%. Tem vez que vai para 100%.

O conjunto onde existe uma melhor organização dos moradores é o Nova Califórnia, do qual só foram despejadas duas famílias. Graciete Ferreira Gulart, 31 anos, empregada doméstica, seis filhos, conta como foi o seu despejo:

— Comprei a chave por Cr$ 10 mil, em agosto de 1977. No Nova Califórnia ninguém tava pagando mesmo, só uns 30. Eles chegaram e colocaram tudo do lado de fora. Eu estava grávida de sete meses, mas eles falaram que gravidez não é doença. Passei quatro dias na casa da vizinha ao lado e os meus filhos foram pra casa da minha irmã. Depois, fui morar de favor na casa de um amigo, onde dormia no chão, com aquele barrigão. Se eles tivessem vendido a casa, tá certo, mas não foi isso que aconteceu. A casa tá lá, vazia.

Para evitar a continuidade dos despejos, os moradores se organizaram e compraram até uma sirene, para ajudar a mobilização.

— Depois dos casos que aconteceram aqui, a gente resolveu se unir contra os despejos — conta Maria Helena Fernandes de Oliveira, 27 anos, professora primária, membro da Comissão dos Moradores. A gente se reunia debaixo da amendoeira, na rua onde ocorreu o despejo da Graciete. Como sempre, a criançada é que avisava que estavam despejando e todo mundo corria para lá. Mas como avisar todo mundo? A instrução do advogado era para que todo mundo corresse para o local do despejo. Na reunião, foi votado esse esquema e compramos uma sirene. Colocamos a sirene e acabaram os despejos. O BNH disse que era subversivo. Além da sirene, rodamos também um papel. O pessoal da Apex nem quer saber de mim e já fizeram muita guerra de nervos: "ou sai do movimento ou vai ser despejada". Mas o dr. Clóvis, da Comissão de Justiça e Paz, diz que no fórum tem 3.500 casos para efetuar, só em Nova Iguaçu. E eles não são bobos de fazer tudo isso de uma vez. Nova Iguaçu vai virar uma zona.

Bráulio Rodrigues, representante dos moradores do conjunto Monte Líbano, é um dos que falam em nome do pessoal nas conversações com o BNH. Ele acha que o melhor é o BNH voltar a transar diretamente com os moradores, sem a intermediação das financeiras.

— O objetivo é acabar com esse negócio de financeiras

Foto de Chiquito Chaves

D. Zuleica pode ficar sem móveis

Bráulio representa os moradores

José Lopez escreveu ao Geisel

Maria Helena: a gente se uniu

porque, se não, a situação vai ficar a mesma se isso não mudar. Elas fazem esse trabalho dentro do lucro e da especulação e são as principais causas do problema social, não tenha dúvida. Não fazem casa por bel-prazer, não querem amparar a sociedade do país, a finalidade deles é ganhar dinheiro. O dr. Danilo Mansur, diretor da Unibanco, falou pra gente: "eu tenho que olhar o lado do banco". Quer dizer, ele é um diretor de banco e não vai resolver questões sociais. A luta começou em outubro de 1978. São 23 conjuntos, sendo sete organizados contra os despejos. Já temos cerca de 25 soluções, mas a principal ainda não existe, que é todo mundo ficar em suas casas. Recentemente fomos procurados pelo Dops para prestar declarações, mas quando cheguei lá eles começaram a perguntar coisas que não tinha nada a ver. Também, levei uma porção de gente comigo.

Maria de Oliveira Notano, de 64 anos, mora no Manoel João Gonçalves. Resolveu levar o problema para a Comissão de Justiça e Paz, "aí os vizinhos começaram a me chamar de comunista".

— Se comunismo é fazer o bem, Jesus foi o maior comunista do mundo. É bom dizer que pararam com os despejos aqui, graças à ajuda da Comissão de Justiça e Paz. Saíram 12 famílias nesse trecho. Na rua toda (rua do Trabalho) foram 16 casas despejadas. Usaram muita violência. Ciro foi preso, a mulher abortou. Eles entraram dentro da casa do Ciro com metralhadora e soldado da polícia. As pessoas aqui vivem sofrendo ameaças.

A violência no despejo e as ameaças são confirmadas também por outro morador do Manoel João Gonçalves, o ex-combatente José Lopez, despejado em abril deste ano.

— Fui ameaçado várias vezes. Quando chegaram lá, meteram o pé na porta, arrombaram a casa. Foram oito policiais e dois oficiais de Justiça. Chegaram de supetão, com marreta e tudo. Antes de sair, eles já tinham quebrado a porta, a janela e jogaram lá fora.

José Lopez, que mandou uma carta para o ex-presidente Geisel contando o seu drama, diz que não tinha condições de continuar pagando as prestações da casa porque atualmente só recebe Cr$ 6.800 de aposentadoria como ex-funcionário da Comissão Nacional de Energia Nuclear, onde era motorista.

— Como ex-combatente, não ganho nada, embora a lei 5.315, de 12 de setembro de 1967 dê aos ex-combatentes o direito de uma pensão equivalente ao valor de duas vezes o maior salário mínimo.

No conjunto Monte Líbano, Zuleica dos Santos Coelho, 50 anos, recebeu um ultimato da Unibanco: ou paga as prestações atrasadas (quatro) ou os móveis serão penhorados, com o que ela não concorda. Resignada, prefere sair de casa a ter que penhorar os móveis.

— Olha, se eu não posso ficar com a casa, aceito o despejo, mas penhorar o que eu tenho, acho injustiça. Penhorar os bens é ilegal, não é?

—INICIADOR: POVO É INDISCIPLINADO

Osvaldo Mendes de Oliveira mora num enorme apartamento da avenida Atlântica. Ele foi um iniciadores dos conjuntos de Nova Iguaçu — construiu o Manoel João Gonçalves, o Monte Líbano, o Caioaba e o Grande Rio: no total, cerca de quatro mil unidades — e quase se torna prefeito do município. Se acha parecido com Hitler, não permite ser fotografado e se chateia com o apelido que tem: Osvaldo Câmbio Negro.

Porque o senhor resolveu construir os prédios em Nova Iguaçú?

— É atrativo fazer casa pra pobre, mas o principal é que tinha incentivo fiscal, dinheiro à vontade, um mercado ávido por residências. Há mais de 30 anos que não se construía casas populares.

Câmbio Negro confessa porém que não tinha critério pra selecionar os compradores. O cara chegava, falava "tô necessitado", ele respondia "mas sua renda não dá", mas acabava "dando um jeitinho".

Ele acha que esse problema de ninguém pagar em dia é culpa dos diretores do BNH que se endeusaram com o sucesso das construções. Diz que o governo tem que agir com mais vigor, porque se ele mesmo plantar o desrespeito, desmoraliza tudo. E afirma: "o povo não ajuda, é muito indisciplinado. Não se constrói uma nação assim. Se vem jornalista, político, padre, pra fazer fofoca, ponho tudo na cadeia. Eu quero o melhor pro povo".

Os moradores reclamam que tudo é de terceira nos conjuntos.

— Isso é papo de quem não pode pagar, balela, isso é de quem não conhece. Todos que reclamam estão atrasados. Se não tá em dia, não tem o que reclamar.

Pra Osvaldo, o povo é uma massa inerte e "pobre não precisa de calçamento, é luxo, só água, meio-fio, esgoto, luz e pronto".

No conjunto Grande Rio ele mandou colocar soldados para acabar com as invasões, porque segundo ele, numa noite só, foram 372 casas invadidas. "Montei um esquema de segurança, nem o Médici me barrava. Esse é o país. O que você quer, tem que ter bossa pra pensar".

Não pagou tem que sair, porque o negócio é esse. Nisso aí sou radical, sou meio Hitler. Não sou comunista, tenho raiva deles. Sou mais fascista. Se não botar todo mundo na rua como vai retornar o capital?

Porque o apelido de Câmbio Negro?

— Quando tabelaram o preço dos alimentos no Rio, comprei um caminhão e ia trocar querosene, arame farpado, sal, por arroz, feijão, nos lugares que tinha bastante. Viajava 15 a 20 dias. Voltava depois, enfrentando costela de porco na estrada, e vendia por um preço mais caro no Estado do Rio, porque aqui tava em falta. Quando alguém procurava um alimento e não tinha, os camaradas que era meus inimigos, diziam: no Câmbio Negro tem. Mas hoje empresto dinheiro pra todos eles.

Sandra acusa: Banco iludiu povo e vendeu a quem não podia pagar

Sandra diz que BNH enganou comprador

A deputada Sandra Cavalcanti foi a primeira presidente do BNH, instituição que conhece muito bem e, portanto, pode falar de cadeira. Neste depoimento, ela abre o jogo sobre o Banco e o acusa de ser "um rico gerente de dinheiro de terceiros, em vez de se dedicar a uma política social de habitação".

" — No começo, o Banco tinha recursos próprios e isto é, a peça mais importante de toda a análise que se possa fazer em termos de habitação: 1% da folha de pagamento de todas as empresas no Brasil era recolhida pelo Banco do Brasil. Esse 1% era entregue ao BNH. Isso era dinheiro em Banco. Dinheiro, portanto, que, quando ele emprestasse, ele podia emprestar nas condições que parecesse mais razoáveis. Ele não tinha compromisso com ninguém. Então, podia ter compromisso social. Mas havia pessoas com uma mentalidade bem capitalista.

É preciso ver o seguinte: a casa é o bem mais caro que a pessoa de baixa renda vai comprar na vida dela toda. Precisa, no mínimo, ser vendida no prazo de 15 anos. Foi preciso portanto, criar na época em que tudo começou uma espécie de seguro para que tornasse viável um financiamento de 15 anos.

O problema encontrou uma solução tipo seguro: um Fundo de Garantia por Tempo de Serviço, o FGTS. O erro foi entregar esse fundo ao BNH para ser gerido por ele mesmo e nessa hora cortar os recursos próprios que ele tinha. Ele passou a ser um rico gerente de dinheiro de terceiros.

Com essa falta de condições de financiar para a classe mais baixa, o Banco, em 67, criou o programa dos iniciadores. Ele admitiu que um incorporador, junto com o loteador, arranjassem uma área, urbanizasse, fizesse casas e arranjasse a clientela, através de um mercado de hipoteca que ele resolveu bancar. Então começou uma verdadeira orgia. A Baixada Fluminense foi uma maravilha: de repente, surgiram vilas, casas, apartamentos, pra todos os lados. A correção, nessa época, já era essa trimestral, o juro era alto, o salário do sujeito não acompanhava, ele começou a não agüentar a prestação. O Banco, sem estrutura para cobrar isso no Brasil inteiro, resolveu então se transformar em Banco de segunda linha. E passou a operar apenas através de um agente financeiro. Nunca mais a clientela podia se dirigir ao Banco.

O que os agentes financeiros fazem agora é chegar pro cara e dizer assim: "você tem que pagar 14 mil cruzeiros por mês de prestação por este apartamento. Você pode? Não posso. Sua renda mensal dá? Não dá. Então eu vou ter que te despejar." E, dentro da lei, despeja. Agora, isso foi uma grande injustiça com essa gente toda. Porque eles entraram nessa história meio enganados. Aí é que vem o outro lado da moeda: quando o Banco criou esse programa de mercados de hipoteca, deu a entender que tava tudo fácil. Ele estava sendo extremamente criticado porque não tinha mais uma linha de atuação social. Então, quis dar uma resposta criando esse plano. Você passava assim na rua, via aqueles cartazes: casas, dois quartos, banheiro, cozinha etc. entrada uma coisinha, prestação uma coisinha, o sujeito ia lá, coitadinho, e comprava. O contrato, ele não conhecia muito bem, era tudo em UPC. Taxa de abertura de crédito, ele não conhecia muito bem. Quando ele via, já tinha dado sua entradazinha, sua poupança, estava todo enrolado. Mas aí ele tentava. Essa é a história de todo mundo. Aquela população estava sendo toda enganada. A escala de aumento de salário não acompanhava a curva do reajuste das prestações, essa gente toda ia ter que entregar a casa. E só ia lucar nisso quem estivesse ligado. Aí sim, aí tinha um acordo tácito lá por dentro, porque ninguém deu isso de presente a certos grupos só pelos belos olhos. Não tenho como provar, mas tenho os fatos. É isso aí. O BNH limpou a própria barra. E pro agente financeiro interessou porque, da noite pro dia, ele entrou na posse de um patrimônio espetacular. Foi um vexame isso. Isso é uma das histórias negras do Banco."

UNIBANCO ENROLA E NÃO FALA

No dia 14 de maio, quando esta reportagem estava começando, repórter e fotógrafa foram à Unibanco Crédito Imobiliário entrevistar um funcionário credenciado a falar sobre o problema dos despejos nos conjuntos de Nova Iguaçu que estão sob responsabilidade da empresa. No 17.º andar do edifício n.º 147, da Avenida Rio Branco, no centro do Rio, a recepcionista mandou-as buscar uma autorização no 12.º e ao 13.º, depois. O chefe da Divisão de Análise de Crédito, Dr. Orestenes, informou, entretanto, à recepcionista do 13.º que, sobre aquele assunto, não falaria.

As repórteres pediram-lhe, então, pra indicar alguém da Unibanco que pudesse falar. Orestenes mandou servir cafezinho, enrolou, e ligou pra um outro funcionário, de nome Renato. Riram pelo telefone (imprensa independente? Querem informações?), Renato também não quis falar e tentou outro colega, que também se recusou. Sem ter mais ninguém pra passar a bola, Renato ligou pro "diretor", afinal o homem autorizado a falar. As repórteres esperaram cerca de 30 minutos mas o diretor mandou dizer pelo Orestenes que não podia conversar mesmo e aconselhou que elas procurassem o BNH.

As jornalistas, entretanto, subiram de novo ao 17.º andar e na recepção, pegaram de surpresa um funcionário (coronel da reserva) que as encaminhou "ao Júlio, da área de revenda de imóveis. Júlio, o mais atencioso, tentou responder mais quando sentiu qual era o problema, mandou-as também ao BNH.

No dia seguinte, as repórteres voltaram ao Unibanco desta vez procurando o departamento jurídico da empresa. Depois de muito relutar, o chefe confessou que os conjuntos "foram um negócio mal começado", recusou-se a admitir que estavam ocorrendo despejos em massa ("o que é massa pra você) e preferiu não dizer com quem ficaria o dinheiro da revenda das casas ("eu sei mas prefiro não falar").

Sérgio: "guerra é guerra"

Apex: "não vamos dar casa de graça"

Para o chefe do departamento de crédito da Apex, Sérgio Octávio Villaça, os agentes financeiros ficaram com um abacaxi na mão nessa história de plano habitacional, pois o BNH simplesmente impingiu a venda dos conjuntos às financeiras.

— Nós não compramos nada. Os conjuntos foram vendidos e pronto.

O sistema financeiro de habitação, com juros e correção monetária, não é inviável?

— Vamos analisar friamente. Não estou analisando a necessidade de ninguém. Se o ocupante não tem condições de comprar, o que eu posso fazer? E não podemos parcelar a dívida dos mutuários porque outras prestações estão vencendo mês a mês.

Em agosto do ano passado eu fui pessoalmente no Nova Califórnia, para regularizar a situação. Então, passou agosto, setembro, outubro e em novembro propus ação em quem não se manifestou e não pagou. Eu só não fiz os despejos em novembro por um aspecto: não sou cabo eleitoral de ninguém. O Miro Teixeira ia deitar e rolar no caso. Eu já cai nessa uma vez.

Os moradores, organizados, desejam acabar com a intermediação das financeiras.

— Eles querem acabar comigo? É guerra, eu também quero acabar com eles. Eles fizeram uma circular subversiva, (publicada no alto da página 10) mandando resistir a uma ordem do Juiz. Mas subversão não tem nada a ver com o comunismo. Sabe, você está vendo muito o lado social. O sistema financeiro de habitação não existe para dar casa de graça. Esse pessoal tem que ter o espírito de propriedade.

O governo disse que a partir de 1980 a casa popular vai custar Cr$ 50 mil, é possível?

— O cara que conseguir isso é o inventor da invenção.

Juiz acha assunto muito "melindroso"

Dr. José Esteves Penna Firme, simpático e querido pelos funcionários, é juiz da 1ª vara cível de Nova Iguaçu. É um dos responsáveis por uma infinidade de mandados de despejos e citação e penhora. No forum de Nova Iguaçu, sentado numa mesa assinando papéis, ele se recusou a dar entrevista, disse "não me comprometa", e só respondeu a perguntas de ordem técnica:

— O ideal sobre esse assunto é você falar com o Francisco Amaral. Isso é um assunto muito melindroso pra mim. Sabe porque macaco velho não põe a mão em cumbuca? Não é porque é macaco, é porque é velho. É o meu caso. A abertura taí mas sei lá. Isso mexe com sistema econômico, sistema financeiro, habitacional. Quem não deixa falar são os deuses. Eu quero ser obscuro e faço questão de ser assim. Quero ser visto pelo meu trabalho e não emitindo opiniões. Em época de eleição tudo bem, eu saio, apareço, mas agora não. Qualquer coisa que você falar de mim, eu nego. Não me comprometa. Nesse caso, eu só tô cumprindo a lei. Se a lei é justa ou não, não cabe a mim fazer crítica. Político é que gosta dessas coisas. A gente pode falar em tese. Se eu fosse jurista, ao invés de juiz, poderia falar das leis, mas como juiz não. É a Unibanco que pede pra fazer os despejos. É uma carga pesada para o devedor. O devedor não tem muitas regalias. Agora, o devedor tá numa posição de vítima.

Não tira foto não. Se você quiser tirar foto na praia, mas eu trabalhando não.

Computador da Cofrelar não perdoa: despeja

O chefe do departamento de concessão e comercialização da Cofrelar, José Guilherme Lima, diz que a empresa não tem muitos problemas com maus pagadores:

— No nosso sistema de computadores você só cataloga os inadimplentes, que ficam cadastrados na cobrança ativa até dois, três meses. A gente só despeja quem não pode pagar. Pensar no interesse social é impossível. Temos que ser rígidos. Estamos preservando o dinheiro do BNH. Temos 12 agentes financeiros, que ficam em contato diário com os moradores. A função deles é cobrar e receber os moradores. A Cofrelar se especializou nisso, pois num processo de grande escala o que conta é o tempo.

Máquina da polícia só funciona com a ajuda do dedo-duro

*Cachorrinho, **alcagueta, entregador, federal, dedo-duro** e **bate pau** são os nomes mais usados, em São Paulo, para definir um informante policial. Outros nomes, porém menos conhecidos, existem para designar pessoas estranhas à Polícia e que a ajudam, servindo de delatoras: **bico de gás, isqueiro, bofetada, lamparina, intocável, caveirista, espelho, fuzileiro** e **sem vergonha**, segundo o "Dicionário de Linguajar dos Criminosos", do delegado Coriolano Nogueira Cobra, professor de Investigação Policial da Academia de Polícia de São Paulo.*

*O delator policial está em qualquer lugar, delatando por maldade, para ganhar dinheiro ou apenas para sentir com um certo **status**. Ocupam qualquer escalão e muitas vezes estão andando do nosso lado. São crianças rapazes, mocinhas, homens e mulheres de diferentes níveis sociais.*

*É comum autoridades ou agentes telefonar para as redações de jornais solicitando cobertura para determinado esclarecimento de crime. Aí, contam histórias mirabolantes, com grandes pegas, perseguições, brigas, investigações sherloquianas, para valorizar o serviço. Mas na realidade tudo não passou de um servicinho, uma dedada, como se diz, de um **bate pau** qualquer. Para a instituição, civil ou militar, o alcagueta é muito importante, necessário até. Sem ele, a máquina não funciona.*

Reportagem de Afanásio Jazadji

Foto de Amancio Chiodi

Erasmo Dias criou o "Serviço Reservado" em SP e distribuiu carteirinha de tira pra todo mundo

No fundo, no fundo, todo dedo-duro gostaria de ser polícia. Para andar armado, ter certas facilidades, aprontar o que desejasse, "sem bronca" — como dizem.

A coisa acontece mais ou menos assim: numa ronda qualquer, a polícia prende um determinado sujeito. Ele pode não ser culpado, mas sabe muita coisa. Aí, entra no pau, recebe ameaça de ter que assinar vários inquéritos, etc.

O cara se apavora e aí os policiais propõem o acordo: "vamos fazer um negócio com você. Desta vez vamos quebrar o teu galho. Não vai assinar nenhum **patuá** (inquérito policial), mas vai ter que nos ajudar a prender fulano".

Cansado de apanhar, aquela proposta vem como um bilhete premiado de loteria. O sujeito topa. Então, vai pra rua trabalhar pros **tiras**. Começa a se infiltrar na malandragem pra tirar serviço. E vai passando tudo pra polícia. Se o informante for um viciado, recebe tóxicos como recompensa pelo trabalho, e, às vezes, até dinheiro.

O bom **cagueta** que se preza nem aparece na delegacia, passa tudo pelo telefone. Nas horas de **cana** (batidas, prisões) é detido com os outros, e, às vezes, até pede para ser judiado na frente dos outros, para não **dar na pinta**.

Aí, o dedo-duro vai tomando pulso, ganhando a confiança dos tiras e, às vezes, até o respeito. Se o malandro é ladrão, continua a praticar seus crimes, até, em muitos casos, com o conhecimento dos **tiras**, que o mantêm como **cachorrinho**. "É pra deixar o cara mais à vontade" — dizem os policiais.

Os grandes serviços vão se sucedendo. Os policiais ganhando notoriedade, nomes e fotografias na Imprensa, promoção em seus postos. E o **bate pau** acompanhando tudo, como a mais importante engrenagem da máquina. A essa altura do campeonato, já passa até a freqüentar a casa e gozar da amizade de familiares de delegados, escrivães e, principalmente, de investigadores, que são os seus contatos.

Cada vez os policiais vão exigindo mais do informante. Os trabalhos, os grandes trabalhos de destaque, vão diminuindo, a equipe policial não pode ir perdendo pontos tanto assim. O dedo-duro já não é o mesmo. Está mais agindo como policial do que para os policiais. Surgem promessas: "Este será o último servicinho. Estamos até pensando em limpar sua ficha e te conseguir emprego oficial, como motorista, carcereiro, etc".

Não raro, de ladrão, viciado ou traficante, realmente o delator passa a integrar os quadros da Secretaria da Segurança Pública. Alguns são famosos em São Paulo.

Mas é importante esclarecer que não é só de informantes "pés de chinelo" (malandros, ladrões, vadios e desclassificados em geral) que vive a polícia. É bom que se saiba que até milionários figuram no rol dos informantes policiais.

Uma vez, num importante departamento policial de São Paulo, acabei conhecendo um banqueiro, diretor de uma das maiores redes bancárias do país. Entrei na sala e, por alguns instantes, acabei ficando sozinho com o sujeito.

Imaginando que eu também fizesse parte da equipe de investigadores, acercou-se de mim e continuou com o papo que vinha mantendo com os policiais que haviam se ausentado. Aí, percebi claramente que era um dos figurões delatores da nossa polícia. Quando ele foi embora é que soube que ele tinha ido lá para levar um relatório, por escrito, do que havia descoberto em sua organização, agindo como "agente secreto", como ele mesmo afirmara ao falar comigo.

Os órgãos de segurança também se utilizam muito de funcionários burocráticos de secretarias de universidades. Existe forma mais fácil de se obter a ficha de alguém? Professor, aluno. E até mesmo sentir o termômetro político do local. Importantes colaboradores são, também, os motoristas de praça Porteiros de hotéis, de inferninhos e as prostitutas constituem um esquadrão todo especial de informantes. Nas favelas, os colaboradores da polícia são, no geral, os mais velhos, por si só respeitados. Ou os donos de botecos, onde se houve todo tipo de papo.

As prostitutas, ou colaboram com seus amantes, grande número deles constituído por policiais, ou com as próprias repartições, em torca de favores. Agem da seguinte forma: quando desconfiam do comportamento do freguês, especulam sua vida e denunciam. Fazem o programa, anotam a chapa do carro que usa, o local exato do apartamento, e depois dão o serviço.

Existe, também, o dedo-duro oportunista, verdadeiro sem vergonha, o quase imprestável para o organismo policial, aquele que se locupleta enganado. Age assim: freqüenta muito a repartição policial, acompanha os policiais em diligências, participa das sessões de interrogatório violento, enfim, confundem-se com os próprios policiais.

Ele se aproveita disso para, depois de uma ronda, voltar ao local onde anteriormente passou com a equipe, em **viatura oficial**, para conseguir favores, comprar pagando menos e até mesmo levando sem pagar. É bem tratado porque o comerciante imagina que está lidando com um homem da lei. É o conto do policial.

Erasmo espalhou crachás

O antigo secretário da Segurança Pública de São Paulo, Antônio Erasmo Dias, certa ocasião criou em seu gabinete um todo pomposo "Serviço Reservado". E passou a distribuir carteirinhas para seus amigos, cabos eleitorais, filhos de industriais e até para banqueiros, comerciantes, jornalistas e radialistas.

Um radialisa me confidenciou, ostentando com orgulho aquele "babilaque" (como é chamado o documento), que havia quebrado o galho de um filho que regressara da Europa, no aeroporto de Congonhas:

— Primeiro foi na hora de estacionar o carro. Tava tudo cheio e eu parei ali mesmo no lugar dos táxis. O guarda se aproximou, mostrei o documento assinado pelo Erasmo e o cara até me fez continência, mandando que eu fosse sossegado porque ele daria uma olhadinha no carro. Meu filho trouxe muita coisa. Na hora da alfândega, também usei o documento e os caras até me ajudaram a carregar a bagagem, tirando meu filho e a mercadoria da fila.

Graças à reportagem policial de São Paulo, esse tipo de corrupção e tráfico de influências foi denunciado. É que um dia, um conhecido comerciante paulista parou bem na porta de uma delegacia seu luxuoso carro, no lugar reservado a viaturas oficiais. Para não ser incomodado pelo policiamento de trânsito, o agraciado com o documento o deixou afixado no pára-brisa dianteiro. Foi o suficiente para que ficasse comprovada a existência ilegal do quadro de delatores e protegidos especiais do sr. Erasmo Dias.

Todos os setores da Secretaria de Segurança têm seus informantes, a maioria com os **crachás** trazendo o rótulo de "Agente Reservado." Em outras palavras, todo cara que possuir um documento desse tipo não é outra coisa senão dedo-duro, alcagüeta de verdade, **cachorrinho** com todas as letras.

Existem os mais sofisticados, mas a grande parte, ainda mais com a carteirinha no bolso, pensa que já está com um pé dentro da polícia e passa às arbitrariedades, arrumando conflitos, usando pares de algemas, etc. Sentem-se, realmente, servidores.

Exército tem um batalhão de "caguetes"

À época da Revolução de 64, o Serviço Secreto do 2.º Exército contava — como deve contar até hoje — com verdadeiro batalhão de delatores. Um conhecido radialista, que atualmente faz dublagens de filmes e que chegou a ter programa em emissora de rádio paulista, um corrupto de primeira, que até responde a processos na Justiça paulista por extorsão e receptação de armas roubadas, utilizando-se de uma carteirinha de "agente reservado" da 2.ª Seção do II Exército (o serviço secreto da corporação) chegou a dar voz de prisão a políticos e outras pessoas influentes, no aeroporto de Congonhas. Pelo que consta, sua credencial de federal ainda não foi cassada, embora seja um corrupto e mau caráter contumaz.

Mister X dedura e arrebenta

Vamos chamá-lo de Mister X. Nos anos 50, ele chegou a bater em duas ou três guarnições de Rádio Patrulha, no largo da Mooca, em São Paulo ou, como era mais conhecida, a "Praça Vermelha". Negro, alto, careca, 68 anos, físico avantajado. Suas broncas, diferenças, sempre foram esclarecidas, ou "clareadas", no braço, no tutano:

— Um dia, num motorista de caminhão que me mandou praquele lugar, dei um tamanho murro no cara que fraturei seu crânio. O coitado ficou uns 40 dias vai-não-vai no Instituto Paulista. Depois se salvou, mas ficou **xarope** (louco, desajustado), acho que até já morreu.

Como o sr. se sente ao ser chamado de dedo-duro?

— Nunca ninguém me chamou disso. Acho uma palavra muito pesada. Aliás, você é meu grande considerado, porque senão já tomava uma direita na cara. Eu sempre fui considerado como um grande, e acho que dos maiores ajudantes da polícia. Cheguei até a ser inspetor de quarteirão.

O sr. se sente satisfeito em ter feito o que fez?

— Primeiro, é o que ainda faço. Depois, nunca prejudiquei nenhum pai de família.

O que mudou na polícia de ontem e de hoje?

— Antigamente o policial tinha faro, vontade de perseguir, prender, esclarecer. Hoje, está muito ridículo tudo. São todos uns covardes. Entrei numa delegacia, há uns 3 meses, e numa saletinha três grandalhões davam um cacete num rapazola. Queria ver se os três enfrentavam o magricela na rua.

O sr. não gosta de espancamento?

— Não que eu não goste. Acho que a pancada tem que ter endereço certo. Outro dia, pegaram um dos meus netos, por suspeita de furto, num distrito sem vergonha aí da zona leste. Quando o garoto disse que era meu neto, o torturador gritou: "quero que seu avô se foda" e deu um tapa no negrinho, chamando ele de tudo, até de filho da puta.

E aí o que o sr. fez?

— Apareci lá depois de dois dias. Me apresentei pro chefe dos tiras. Ele levantou da mesa e me deixou sentar no seu lugar, em sinal de respeito. Aí contei o que se passou e ele chamou o brabinho. Mandei ele repetir o que tinha dito pro meu neto. Ele ficou todo nervoso. É tira ainda **dente de leite** (com menos de 2 anos de carreira). Quando saí da sala, ele passou por mim e, num golpe bem rápido, taquei-lhe o braço no escutador de tango (ouvido). O cara voou de quatro pelo corredor e deve estar até agora com a orelha zunindo.

Como seus filhos encaram sua atividade?

— Praticamente nenhum deles sabe. Conhecem muito meus amigos da Polícia, mas pensam que é de quando eu ainda era inspetor de quarteirão.

E de onde sai o dinheiro?

De onde sai o dinheiro para pagar os serviços de tão importantes peças na engrenagem policial? Explico: todo órgão de segurança, civil ou militar, tem o que se chama de verba de diligência. É uma grana secreta que ninguém tem de dar explicações como gastou.

Em São Paulo, mais especificamente, todo Distrito Policial tem sua cota mensal, para manutenção de viaturas, cuidar do patrimônio, pequenas viagens, etc... Mas é evidente que é uma verba mínima, que não daria nem para abastecer, se fosse o caso, uma única viatura, durante uma semana.

Do bolso do ordenado dos policiais é que não sai, também, esse tutu. Como vem? Segundo alguns velhos policiais, é o produto do que se ganha como gratificação. Exemplo: o dedo-duro possibilitou a descoberta de ladrões de jóias e muita mercadoria foi recuperada. Cada vítima, ao ter seu bem de volta, gratifica o policial. E essa gratificação é, então, dividida com a equipe e com o informante.

Conheci um **federal** da antiga Delegacia de Roubos, quando o DEIC ainda era DI (Departamento de Investigações), que ganhava mais dinheiro do que um policial de carreira. E só com suas infiltrações, checagens e pistas que fornecia para que quadrilhas fossem desarticuladas e produtos de crime fossem recuperados.

Ele morreu há uns 5 anos, baleado nas costas. Até hoje o crime não foi esclarecido. Na época muito papo correu, principalmente na "boca" (local de encontro de marginais), dizendo que ele teria sido assassinado, por ciúme, pelos próprios policiais.

Paraíba 2 entregou 60 bandidos

Manoel Eustáquio de Oliveira, 35 anos, paraibano da cidade de Souza, curso primário, é conhecido entre os detentos como "Paraíba 2", porque o "Paraíba 1" era um dedo-duro famoso que agarrava os traficantes de maconha na prisão e os levava para a chefia de disciplina, até que foi morto na própria cela. Manoel também está com seus dias contados.

Foto de Wagner Avancini

Manuel Eustáquio dedo-duro

Quando é que você começou a dedar os outros?

— Foi na Paraíba, em 1969. Trabalhei como investigador de polícia por dois anos.

Investigador ou dedo-duro?

— Informante. Eu andava nos carros oficiais, acompanhava os investigadores e o delegado, mas não era concursado não. Quem me levou para a polícia foi o coronel José Olímpio, diretor da Polinter em João Pessoa.

Qual era o seu setor?

— Descobrir furto. Eu me entrosava no meio dos ladrões, fazia amizade com eles e depois levava tudo ao conhecimento da Polícia.

Como é que você chegava neles?

— Fácil: com informação dos próprios investigadores. Fazia minha amizade com eles e passava por ladrão também. Contava tudo certinho. Eles nem desconfiavam que eu era informante da polícia. Quando a barra começava a ficar pesada para o meu lado, eu avisava pros investigadores e eles faziam o resto.

Quantos caras você entregou?

— Uns 60 bandidos.

Ganhava bem para fazer esse tipo de serviço?

— Eu recebia através da Secretaria de Segurança Pública da Paraíba, só que não assinava recibo nem nada. Vinha o dinheiro num envelope fechado. Eu era viva-vontade lá no Norte. Ganhava uns Cr$ 120, em 1969. O salário do investigador concursado era Cr$ 150,00.

Em 1977, Manoel chegou em São Paulo, e foi trabalhar como auxiliar de eletricista na Cesp, ficou três meses como experiência, mas não o contrataram. Revoltado, ele resolveu atear fogo no prédio.

Como é que você incendiou dois andares do prédio da Cesp?

— Foram o 2º e o 5º andar. Abri a tubulação de gás e atirei um fósforo.

Quem descobriu que você ateou fogo?

— Foram investigadores do Deops, que me levaram pro pau.

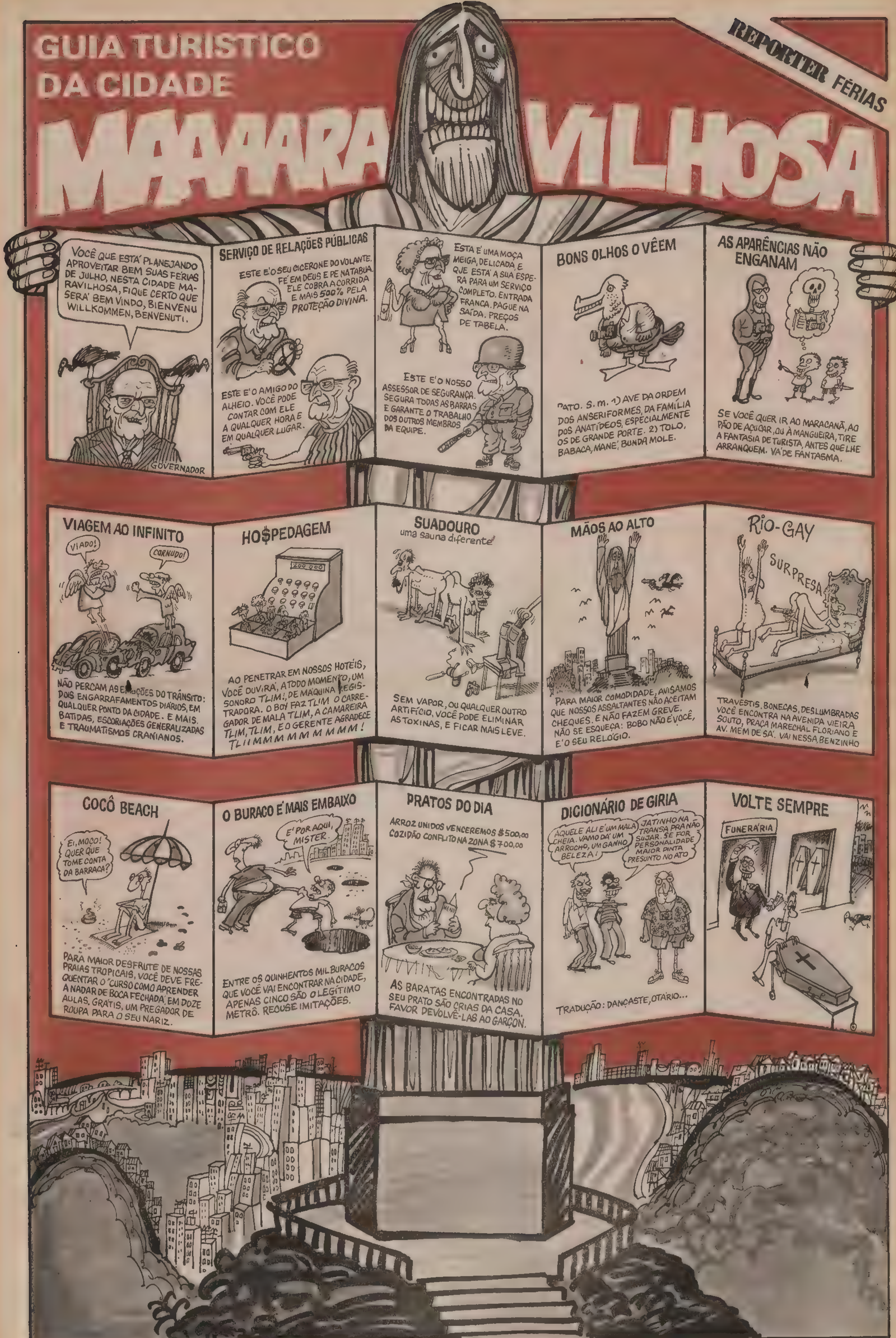
Você foi muito torturado para confessar?

— Vige! Peguei pena de 4 anos, pelo artigo 250 (incendiário) e 155 (furto). Mas aí aconteceu um negócio gozado: o investigador Mangueira, chefe da equipe de roubos e furtos do Deops, me convidou para trabalhar como informante do Deops.

Então você quer ser dedo-duro do Deops?

— Ô se quero. Dizem que pagam bem. Além disso, eu tenho esposa e filho, preciso ganhar mais ou menos para poder viver.

Rivaldo Chinem



BOLAÇÃO E DESENHOS: GUIDACCI   TEXTO: GUIDACCI E NONATO   ASSESSORIA DE MALADRAGEM: TIM LOPES E PENA BRANCA

PROGRESSO CAUSA PROSTITUIÇÃO NO LITORAL PAULISTA

- **_Pai fez quarto pra filha se virar_**
- **_Mãe dava pílulas para filhas_**
- **_Aluguel de corpo melhora renda_**

São Sebastião, pequena cidade de 25 mil habitantes do litoral de São Paulo, permaneceu estagnada social e economicamente, com a construção do terminal marítimo, na década de 60. Daí para cá, vários outros fatores influíram para seu desenvolvimento econômico como a melhoria de seus meios de comunicação e o crescimento da indústria turística na região, com a saturação do turismo na Baixada Santista e no litoral sul do Estado. Mas foi sem dúvida o início do funcionamento do terminal marítimo para derivados de petróleo, em 1969, que fez com que essa cidade passasse a ser o centro econômico da região, pois daí em diante ela passa a ter vida independente da atividade turística.

Porém, data também daí o início de um dos maiores problemas sociais da cidade: prostituição de adolescentes. Tida como conseqüência lógica de toda a cidade portuária, o aparecimento da prostituição organizada vem assumindo uma proporção "assustadora", na opinião do juiz de Direito dessa comarca, Manoel de Lima Júnior.

— Constatamos que se de ano para ano cai a faixa etária das prostitutas: em 1978, tal faixa esteve em torno de 12 a 16 anos — diz o juiz.

De acordo com dados da delegacia de polícia, existem em São Sebastião 200 prostitutas, 100 delas fixas na cidade e outras tantas em sistema de rodízio, agregadas a 10 hotéis e diversos bares da "zona quente" da prostituição.

— A maioria é trazida de fora, com promessas de ganhar ótimos salários. Chegando aqui, sem documentação e sem condições de obter outros empregos, acabam trabalhando para os donos de boates da cidade, que, coincidentemente, são quase sempre argentinos — afirma o delegado titular de São Sebastião, José Elísio Braga.

Fica difícil para uma prostituta da cidade deixar de "batalhar" ou "encostar o muro" — termos por elas empregados para designar sua atividade — pois normalmente estão atoladas de dívidas. Para ela, um quarto de hotel de quinta categoria custa Cr$ 150,00 a diária; um prato feito, Cr$ 50,00; cada peça para lavar, Cr$ 30,00. Há, também, vendedores de roupas que cobram, sempre, pelo menos três vezes mais caro que o comércio local, por qualquer mercadoria.

Francisco Loup Filho, delegado adjunto em São Sebastião, afirma que a incidência de menores na prostituição na cidade, é uma das maiores do Estado. Para Loup, uma das razões do grande número de adolescentes na prostituição em São Sebastião seria a decomposição da família caiçara, "a partir da perda da terra". Loup lembra que antes do atual modelo de desenvolvimento econômico ter atingido a região, "o caiçara era pobre, mas tinha dignidade".

— À beira-mar, sua sobrevívência era garantida com o peixe e o roçado, além de possuir uma cultura que lhe era própria. Com o impulso turístico de que toda essa orla foi alvo e a loucura imobiliária que presenciamos hoje, o caiçara acabou sem terra, vindo morar nas periferias das cidades, longe de seu ambiente, onde muitas vezes seu filho vai se tornar um marginal e sua filha uma prostituta.

Um exemplo citado pelo juiz de Direito da Comarca, corrobora a afirmação de Loup Filho.

— Três meninas, de 12, 13 e 15 anos, atravessavam todas as noites o canal, para fazerem a vida em São Sebastião. A própria mãe das adolescentes se encarregava de fornecer as pílulas, para não engravidarem. Há, também, o caso do pai de família abandonado pela mulher, que construiu um quarto no fundos de sua casa no bairro proletário do Topo, o mais populoso da cidade, dando-o às duas filhas de 12 e 13 anos, para que se "virassem na vida". Para Manoel de Lima Júnior a prostituição da menor, é encarada como uma atividade que vem melhorar a renda familiar debilitada.

Esse juiz de Direito crê que o problema da prostituição não é moral, mas econômico-social.

— Se fizermos um levantamento das causas da prostituição de menores ou não, do abandono de menores e dos menores infratores veremos que a principal causa é a desagregação familiar. Não somente da família classe média, mas principalmente daqueles que não têm condições de permanecerem agregados, por falta de meios para sobreviver, sem condições de alimentar e educar os filhos e sem casa para morar.

A desagregação da família, por motivos econômicos, seria a causa dos bandos de meninos entre 8 e 12 anos, que preferem dormir nas ruas de São Sebastião, pois segundo Lima Júnior, "a rua é mais acolhedora que seus lares".

— Da mesma forma que encontramos engraxates de 12 anos viciados desde os 8 anos, há adolescentes prostitutas toxicômanas, com toda a malícia do crime. Apesar de serem criminalmente irresponsáveis, têm uma vivência criminal que a maioria dos responsáveis criminalmente não têm.

Se o menor é considerado legalmente irresponsável, a quem cabe a responsabilidade por essa situação? Segundo o testemunho de uma das prostitutas, nordestina do Ceará, em Fortaleza ela já sabia de parada de petroleiros no terminal de São Sebastião. De Fortaleza foi levada para uma casa de redistribuição em Santos, para, então, ser encaminhada, com outras colegas, para o litoral norte de São Paulo. Tal depoimento seria prova evidente do comércio organizado, lenocínio e exploração de menores na cidade.

Mas o delegado Loup Filho imputa à própria sociedade local grande parte da responsabilidade desse problema.

— A sociedade estruturada de São Sebastião é completamente apática em relação ao destino dessas crianças, como se o problema não lhes dissesse respeito. Na medida em que a comunidade se aliena do problema, ele tende a aumentar cada vez mais .

Cristina foi violentada aos 12 anos

Cristina, além do nome, "de guerra" mente também a idade.

— Ter, eu não tenho 18 anos, mas se eu disser minha verdadeira idade vou ter problemas com a polícia.

Principalmente agora, que a prefeitura de São Sebastião fechou a chamada "zona quente" da cidade. Além do mais, Cristina é um elemento visado pela polícia, pois "anda com a turma do tóxico".

A peruca que usa tem a finalidade de lhe dar uma aparência de mais velha, num rosto — cheio de cicatrizes — que não tem mais de 14 anos. E fui violentada aos 12 anos por uma patota que tinha bronca de meu primo.

Cristina se queixa que, como a maioria de suas colegas de profissão, não recebe o apoio da família para abandonar a profissão. Pelo contrário colaboram para o desenvolvimento da prostituição.

Tem a Aninha, mais moça do que eu, que trabalha num quarto, construído pelo pai, no fundo do quintal da casa.

Esta menina-prostituta se diz baiana, vinda de Brasília. Suas colegas, porém, afirmam que Cristina veio remanejada de Santos por aqueles que controlam este tipo de comércio na cidade.

Neste sentido, há os que acreditam que o fechamento dos bares, __ pertencentes, quase todos, aos cafetões e "senhoras" que as exploram __ possa ter sido uma medida que lhes dê oportunidade de se organizarem, alugando elas mesmas as suas casas e trabalhando por conta própria, sem serem exploradas por outros.

— Isto é muito difícil, afirma uma delas. Poucas de nós temos documentos em ordem para assinarmos o contrato de uma casa.

Reportagem e foto de Priscila Siqueira

Any, ganhou os peitos de um industrial paulista. Da Zona Sul à Lapa, os travestis fazem a vida e dizem que não querem desbancar as mulheres.

TRAVESTIS OCUPAM AS RUAS PARA ENDURECER A BATALHA DOS SEXOS

Reportagem de José Antônio Nonato e Chiquito Chaves. Fotos de Chiquito Chaves

O bairro da Lapa, no Rio de Janeiro, sempre foi um célebre reduto da boemia carioca e, por causa de suas pensões e cabarés, onde viviam as prostitutas mais bonitas da cidade ganhou peça de Nelson Rodrigues, poesia de Manoel Bandeira e samba de Noel Rosa. Quando a Lapa começou a morrer, na década de quarenta, suas mulheres foram empurradas para a Zona, no Mangue e as que não foram para lá espalharam-se por quase todas as calçadas do centro da cidade, ou foram em busca de fregueses mais abastados, na Zona Sul.

No Rio de Janeiro de hoje, as mulheres da vida estão circunscritas à Zona e a alguns pontos do centro, como as calçadas das ruas Frei Caneca e das que cercam a estação Dom Pedro II, as proximidades da Praça Mauá e do Largo da Glória. E, nos lugares que eram só de mulheres, de dez anos para cá, começam a aparecer os travestis, que já tomaram conta da rua Mem de Sá, do Passeio Público e, na Zona Sul, das calçadas das avenidas Delfim Moreira e Vieira Souto. O último cabaré da Lapa, o **Casanova**, também já não apresenta, há nove anos, um espetáculo de mulheres, mas tem casa cheia, aos sábados, com o show das **bonecas**.

E como existe o caso clássico do camarada que pegou a mulher na rua, foi para o hotel e só na cama é que deu conta daquela vara enorme, que ele nem tinha reparado, até porque a moça disse que estava incomodada e só queria atrás, REPÓRTER dá o serviço de onde encontrar e como reconhecer um travesti. Depois, se você quiser transar, tudo ótimo, não é crime e nem pecado. Só não diga é que foi tapeado...

Pé, mão, voz, pulsos, antebraços, ombros, testa, gogó e tessitura de pele, além dos pêlos são os pontos críticos e maiores problemas do travesti. Sandálias mandadas fazer especialmente no sapateiro Leandro, são um dos disfarces mais habituais do travestis que têm pé grande, mas há casos de pés quarenta e três, que só um vestido longo pode transformar em Cinderelas. Remoção de pelos, por depilação e eletrólise, feitas na especialista Stella, na galeria do edifício.

Condor, no Largo do Machado, é outro recurso a que todo travesti que se preze e possa pagar sempre recorre. Mas, como a maioria dos que fazem protituição não têm dinheiro para o tratamento, o mais comum é encontrar travestis que fazem a barba bem escanhoada, cobrem a sombra com uma camada de pomada Minâncora e botam base por cima. Aí, basta passar a mão em sentido contrário ao da barba e o truque fica desmascarado.

Mas há travestis que são impecáveis, pelo menos do ponto de vista físico, graças a enxertos de silicone que arredondam os quadris, hormônios que fazem crescer os peitos (os mesmos das pílulas anticoncepcionais). E, há casos de perfeccionismo absoluto: os que fizeram operação no Marrocos tiraram o que tinham e substituiram por uma xoxota igualzinha à das mulheres, com clitóris, uretra, grandes e pequenos lábios, só que mais rasa e sem comunicação com os órgãos interiores do corpo. Igualzinho, mas impossível de gozar. Mas as operadas são minoria, não só por causa do preço — vinte mil dólares, mais a passagem e o depósito compulsório — como porque correm histórias, como a do travesti Lorena, que morreu na mesa de operações e a de Brigitte, que botou silicone nas maçãs do rosto, a operação foi mal feita e tudo desceu para o pescoço, deixando a bicha papuda e monstruosa.

Além do físico, há um aspecto psicológico: quase todos os travestis superrepresentam e caricaturam a mulher. Gestos dramáticos e afetados, gritos e revirar de olhos são quase uma constante e raros são os que se mantém numa linha de discreção. Mas a crescente invasão de travestis, no mínimo, prova que há fregueses para todos e que a preferência sexual do carioca vem se ampliando. Por que? As explicações são muitas, desde a maior permissividade sexual (hoje em dia não é mais preciso ir em busca de mulheres nas calçadas para transar), até os que dizem que travesti e fregues de travesti sempre existiram, só que, agora, a coisa escancarou. Ocupando rapidamente, o espaço físico os travestis estão ocupando também o espaço afetivo deixado pelas mulheres, cada vez mais emancipadas e independentes do homem. Ou, como explica Georgette, que faz ponto na Salvador de Sá: — "As mulheres ficam dando decisão nos homens, isso assusta. Aí eles vêm correndo para nós, porque sabem que nosso amor é feito de renúncia e que nós adoramos sofrer pelos homens que amamos. A mulher faz jogo duro e o cara encontra uma de nós, carinhosa, gentil, feminina que garante uma grana, e, ainda por cima, tem uma pica para comer ele, quando for preciso. Tem coisa melhor?"

A coisa continua na página seguinte.

Sybilla fatura 20 mil por mês e dá 15 pro seu "preto"

Alemoa ficou rica com sua casa de travestis

CAFETINA DO MANGUE É UM GAÚCHO

Na Zona do Mangue a casa mais famosa de travestis é a da Alemoa, um gaúcho de trinta e seis anos e cinco operações plásticas, que veio para o Rio, há dezoito anos, para morar com uma tia, mas acabou na Zona "para poder declarar minha vida de travesti". Alemoa não quer nem se lembrar do seu nome de homem e diz que não se recorda de ter sido um menino:

— Já me conheci como gente querendo ser mulher e gostando de homem. Aos oito anos, em Passo Fundo, fui ao circo e um moço disse que me dava pipoca se eu fosse com ele para o mato. Ganhei pipoca e piroca e estou nessa até hoje...

Cafetina de quinze travestis, que fazem o preço conforme o jeito do freguês e nunca cobram menos de trezentos cruzeiros, (duzentos são para o quarto) Alemoa comanda com firmeza a organização interna do **randevu**, mas sorri com delicadeza ao prestar declarações aos jornais, um pouco cética de que a reportagem vá mesmo sair, porque já deu uma porção de entrevistas, mas nunca ninguém teve a coragem de publicar. Ao som de uma vitrola que toca altíssimo na sala de espera e onde os travestis não param de colocar fichas para ouvir Agnaldo Timótio, Sidney Magal e Ângela Maria, Alemoa coberta de jóias, diz que já passou o seu tempo de viração, porque vive há dez anos com um homem, tem negócios fora da Zona e só mantém a casa porque o dinheiro é fácil e o trabalho não tem mistérios. Se o seu companheiro não fosse casado, ela gostaria de ter casa em lugar "mais família", mas, como não dá, vai ficando mesmo por alí.

Quando Alemoa chegou na Zona, não havia clima para uma casa só de travestis: "Tinha os viados, isso sempre teve, mas os homens não tinham coragem de entram numa casa onde todo mundo ia ver que eles estavam afim de transar com um travesti." Agora, de uns tempos para cá, os homens "estão se abrindo mais" e há seis anos a sua casa, que fica na rua Júlio do Carmo, 470, tem um movimento maior do que muitas casas de mulheres e nenhum freguês se inibe de frequentá-la.

Vinte quartos, separados por tabiques de madeira, dois banheiros e uma sala de estar de paredes coloridas e que tem geladeira com cadeado estão à disposição dos clientes. E a freguesia chega bem cedo: de dez da manhã até às cinco da madrugada, as meninas da Alemoa estão trabalhando. "Então tem uma vantagem", explica ela, "porque os caras casados, que gostam de impressionar a mulher dizendo que chegam cedo do trabalho, podem passar o dia inteiro aqui, na sacanagem, sem ninguém saber. Fora da Zona é mais difícil, só tem travesti na rua à noite e aí fica mal para eles, porque de noite é hora de ficar com a esposa e os filhos, não dá para sair de casa e transar."

Rica e realizada, com salão de cabeleireiro montado no centro e algum dinheiro no banco, "porque eu tenho cabeça e tiro o que é meu e do meu homem e guardo o resto", Alemoa botou silicone no peito e no rosto e, se quisesse, podia ter feito operação para tirar o pau. Mas ela não quer: "Eu, hein? Se eu me operar vou perder aquele algo mais que é o segredo do meu sucesso..."

Para Sybilla, um dos travestis que trabalha na casa da Alemoa, a operação que custa vinte mil dólares é um sonho distante. Vinda da Bahia há dois anos, ela ainda está começando e batalha a sua sobrevivência. Antigamente, ela trabalhava de dia e estudava à noite, mas chegou à conclusão de que só na Zona é que poderia faturar os vinte mil cruzeiros que está tirando por mês, a custa de cinco ou seis trepadas por dia. Dos vinte mil, quinze ela dá para o seu "preto", o namorado que prometeu comprar um carro só para passear com ela, nos dias de folga.

Deu a noite toda para os presos

A chegada da paulista Susana — que de dia é Sérgio Duarte — provoca gritinhos de contentamento entre as amigas. É que ela foi presa há dois dias e só hoje conseguiu sair e voltar à viração na Lapa. Susana estava no Passeio Público quando a polícia chegou, devagarzinho, nem deu tempo de correr. Cortar os pulsos para evitar o flagrante, Susana não faz, porque não quer ficar igual à maioria dos travestis que têm os braços cheios de cicatrizes. Foi para a cadeia, deu para todos os presos da cela, "é claro" e só saiu quando o delegado resolveu mandá-la embora, porque ela tem orgulho de ser uma das poucas bichas da Lapa que não dá nem nunca deu dinheiro para a polícia.

— Fazer travesti não é crime, eles levam a gente por falta de carteira de trabalho assinada, vadiagem como se diz. E o que acontece é que a cadeia enche muito todos os dias e o delegado tem que fazer uma limpeza, para poder caber os outros presos que estão chegando. E os primeiros a sair são geralmente os que estão no caso da vadiagem, como eu. Por isso, eu nem esquento, quer me levar, eu vou, depois eu volto. Agora, você me dá licença, que eu preciso recuperar o meu e vou à luta...

SOU A FAVOR

Manoel Arcanjo dos Santos, dono do Bar e restaurante Previsto, rua Mem de Sá, 17, desde que comprou o estabelecimento, há três anos, assiste diariamente ao trabalho dos travestis, na calçada, diante de seu bar. Se o travesti entra no bar, Arcanjo atende com paciência e educação, porque "não tenho nada com a vida dos outros e se o camarada respeita o ambiente do meu bar, minha obrigação é tratar bem." Da Lapa de antigamente, ele só ouviu falar pelos papos dos mais velhos que, no balcão, gostam de relembrar o tempo das pensões cheias de polacas:

— Agora só tem homem mesmo aqui na Lapa, você encontra uma ou outra mulher lá pelo lado da Glória, mas nesse pedaço aqui mulher não entra, só travesti é que se vira. Antigamente, isso eu me lembro, travesti só circulava pelo Mangue e eu me lembro que só alguns edifícios permitiam morada de travesti, o Maragato e o Rajá, na praia de Botafogo, o 200 da Barata Ribeiro, o Balança Mas Não Cai, da Presidente Vargas. E ainda tinha travesti que saía de casa disfarçado de homem e só se arrumava na rua. Agora, eles já saem prontinhos de casa e se algum morador ou o síndico protestarem, ainda processam. Acho que está certo, porque cada um tem o direito de se vestir como quer e eu não gosto de ir para cama com homem, mas respeito os direitos de todo mundo.

SOU CONTRA

O Hotel Passeio, na rua Moraes e Valle, na Lapa, é o local preferido para os encontros dos travestis. O quarto custa 80 cruzeiros, ou se o freguês quiser banheiro privativo, 100. O gerente, um espanhol chamado José Carlos, apesar de viver do negócio, tem preconceitos:

"— Eu acho que isso tudo é uma vergonha, me admira um jornal estar falando dessas coisas. Não sei informar nada, sou um burro, um ignorante e se eu tivesse instrução não estava aqui, se estou é por necessidade. Mas não gosto e fico abismado de ver os pais de família entrarem aqui abraçados com um viado. Eu sou pai de família, tenho dois filhos e sempre falo para o mais velho que o importante é o homem saber ser homem, de baixo para cima. Agora, que a Lapa está uma vergonha, isso está. Cadê as mulheres? Só tem viado... Tá certo, não vou dizer que isso só existe aqui, lá nas Canárias, de onde eu vim, também tem travesti, uma vez teve um que quis me levar quase à força para o hotel, lá em Santa Cruz do Tenerife. Mas igual aqui no Rio, eu nunca vi, em lugar nenhum do mundo.

TRAVESTI BRASILEIRO É BURRO

A turma que faz ponto na esquina da Moraes e Valle com a Mem de Sá, na Lapa é de travestis mais pobres que nem sempre podem completar o modelinho de seus sonhos para trabalhar e batalham de calça comprida, blusa de mulher e peruca, fazendo um gênero intermediário entre macho e fêmea. Sem compromisso com a discreção e o charme dos travestis mais sofisticados, enquanto o freguês não aparece, eles se juntam numa rodinha animada, que falta alto e debocha de tudo o que passa pela sua vista.

Any a virgem é um dos travestis da patota. De longe, parece uma mocinha e seu maior orgulho são os dois lindos peitos — "um presente do industrial paulista Luís Carlos Amorim" — que ela usa para fora da blusa, como chamariz. Any diz que faz quarenta mil cruzeiros por mês, adora ser comida, mas não sabe fazer comida. É casada e sustenta casa e marido. E adora apanhar:

— Quem é que não gosta de uma palmada na bunda ou um tapa na cara bem dado, por mão de homem?

Baixinha, já entrada em anos e muito feia, Marcia Espoleta faz viração no mesmo ponto, mas, como não tem muitos clientes, encarrega-se de animar o local, contando piadas e fazendo trejeitos. Inconformada por não ter nascido mulher, Márcia arranjou uma fórmula que explica toda a sua frustração: "Eu sou Márcia Espoleta, a que dá o cu porque não tem buceta..."

E, representando a graça e a beleza do travesti internacional, Fernanda, argentina, também trabalha no local:

Você acha que o travesti está tomando o lugar da mulher?

— Claro.

Qual é o seu preço?

— Trezentos por saída. Fico vinte minutos, meia hora, no máximo com o freguês. Têm dias que faturo três mil cruzeiros, depende da maré.

Seus peitos são siliconizados?

— Não, só tomo hormônios, mas tenho peitinho desde os quinze anos. Meu sonho é me operar e virar mulher, organizar um lar e cuidar de animais. Também penso em adotar uma criança, mais tarde.

Por que você veio para o Brasil?

— Estou aqui há dois meses, vim da Argentina fazendo show e me virando. Na minha terra tive um caso de dois anos com um homem do alto escalão, mas ele se matou porque não se sentia seguro, sabe como é, a pressão é muito forte, tem que ser homem mesmo para agüentar.

Qual a sua impressão dos travestis brasileiros?

— O Brasil é uma maravilha. Lá na Argentina a gente só pode se apresentar em espetáculos, e, assim mesmo, só no Luna Park. Se sair na rua, a polícia prende por três meses, é um horror, uma violência. Aliás, acho que a Argentina, depois do Perón — não esse Perón que governou agora, mas o do tempo da Evita — está morrendo cada dia um pouco mais. Só dá militar. Eu sou fina, maravilhosa e um pouco socialista, sabe? Agora, no meio dos travestis brasileiros, nem se pode falar em política, elas são muito burras, mal informadas, não lêem, só pensam na maquilagem, no vestido e no cabelo. E em quanto vão faturar. Isso é uma pena, porque o travesti brasileiro é maravilhoso e poderia estar bem melhor colocado na sociedade brasileira.

Quem são os seus clientes?

— A maioria é gente que brigou com a mulher em casa, sai de casa com a cabeça quente e vem buscar os carinhos aqui da mamãe. Só que a maioria, pelo que faz na cama, queria mesmo é papai...

Enquanto a conscientização não chega aos travestis da Lapa, sem os dois dentes da frente, Helena, que está na vida há dois anos, só espera poder botar dentadura e silicone nos peitos para poder freqüentar a Vieira Souto, porque "na Zona Sul, o michê é mais caro e a gente tem mais oportunidade de ficar rica, principalmente agora que os homens já descobriram que nós somos muito mais finas, elegantes, femininas, mesmo. E que mulher já era..."

Aziza mandou fazer faixa de Miss Brasil 1954, igual à de Marta Rocha

Helena quer ficar rica e botar os dentes

Bancário de dia, baiana à noite

Paulo Cesar Custódio tem 28 anos e, de dia, trabalha no Banco Itaú. Alto loiro, educado, bonito e de olhos verdes, Paulo César, à noite, vira Aziza e, nos fins de semana abandona seu ar de moço de família: pode ser encontrado na Gafieira da Praça Tiradentes, vestido de baiana, vendendo acarajé e abará. Aziza não é um travesti que faz vida na rua porque tem condições de escolher seus parceiros em condições melhores que as da calçada.

— Deus me livre de ficar na rua, batalhando para arranjar o que comer... Eu faço viração só de vez em quando e para me divertir. Agora, se eu preciso de uma roupa melhor, uma fantasia, aí eu dou um jeito de arranjar o dinheiro, sabe como é, né? Essa minha baiana, por exemplo, quem me deu foi o doutor Cabral, uma fanchona que tem um caso comigo e me dá uma grana de vez em quando. Agora, se eu gosto do cara, eu transo de graça e até faço loucura. Eu tenho um fiscal de rendas (não posso dizer o nome) que está comigo há muitos anos. Mas teve uma época em que eu conheci o Afonsinho, aquele jogador, me apaixonei e quase que eu largo o meu coroa por causa dele, mas, depois, pensei melhor e vi que era bobagem. Eu gosto de fazer travesti, desde pequenininho que eu sempre sonhei com isso. Lá em casa, eu é que vestia e arrumava mamãe, sempre fui muito feminino. Papai desconfiava, mas a mamãe dizia que eu não era viado nada (mãe de bicha é sempre cega) e até hoje, eu faço o negócio meio escondido da família e do pessoal lá do serviço. Já fui **Miss Via Ápia** e **Mister Gay**, gosto de música e de freqüentar o Aterro do Flamengo, naquele pedaço de praia que fica atrás do Monumento. É uma praia muito louca que o pessoal chama de **sacola de valores**, por causa da compra e venda que tem por lá. Em Copacabana, em frente ao Copacabana Palace, fica a **bolsa de valores**, mas lá não vai travesti, só entendido. Não servi ao Exército, servi a um soldado só. Já transei com o deputado Edésio Freitas, com o ator Francisco di Franco e com muita gente famosa. Se eu gosto dessa vida? Olha, meus amores são iguais aos das músicas da Angela Maria, muito desesperados. Eu comecei muito cedo, quando fui jogar bolinha de gude com um amigo e, no que eu fui abaixar para dar um teco, ele me enrabou e eu adorei. Mas o meu maior desejo é me formar em Serviço Social. E já estou no segundo período, daqui a pouco vou poder ajudar os outros a resolverem seus problemas e tenho certeza de que vou me sentir mais útil, e poder fugir um pouco dessa vida fútil de travesti da madrugada.

Foto de Ricardo Giraldez/Central

Conhecida pela feira hippie dos domingos, a praça é freqüentada principalmente por homossexuais

Em São Paulo, o caminho do pecado passa pela Praça da República. Passa por ela quem vai à esquina da avenida Ipiranga com São João, o maior trotoar noturno de homosexuais, quem vai à avenida Vieira de Carvalho, barzinhos com mesas na calçada lotados de bichas; quem vai à Boca do Luxo, maior concentração de boates da cidade; quem vai ao trotoar de travestis na frente do Hilton Hotel. A praça é o centro, ponto de passagem e de encontro de todas essas pessoas da noite. De dia, é só um retângulo de dois mil metros quadrados que tem coreto como qualquer praça. Tem parque infantil, lagos com patos. Pregadores recitando a bíblia. Feira hippie aos domingos. Engraxates, desocupados. Policiais a cavalo pedindo documentos.

Isso é o que se vê. O que pouca gente sabe é que a praça tem até um cárcere privado, com grade na porta e tudo. E um banheiro público que o encarregado descreve como um lugar onde "um fica olhando o ferro do outro". No resto da praça, dia e noite, a transação é geral. Bichas se oferecem e são convidadas. Assaltantes se aproveitam, acontecem homicídios. Qualquer confusão, as bichas acusadas. Mas elas se defendem, negam qualquer violência, dizem que são agredidas e que tudo poderia ser mais calmo se elas circulassem livremente pela praça.

Reportagem de Rivaldo Chinen

Violência e morte bem no centro de São Paulo

Guardador avisa: evitem o lugar depois das 18 hs,

Um professor foi assassinado a facadas pelos homossexuais na praça da República no dia 14 de junho, dia de Corpus Christi. O encarregado da praça, Orosino Miguel, 42 anos, é quem faz essa denúncia.

Como é que aconteceu o assassinato do professor?

— Foi aqui, no meio da praça. O professor levou várias facadas e foi-se arrastando. Tá vendo? Ainda tem marcas de sangue aqui no chão.

Quer dizer que a praça da República é hoje violenta?

— Te aconselho a não passar por aqui a partir das 18 horas. Isso se você não quiser levar uma facada, um tiro, ser agarrado e tomarem teu dinheiro todo.

E nos banheiros?

— O das mulheres é sossegado (mostra uma mulher, já velha, bordando numa cadeira na entrada do banheiro das mulheres). Mas no dos homens é só bicha o dia todo. É tudo igual em todos os banheiros públicos da cidade.

Foi issó que os levou a fechar o banheiro de noite?

— Pois é, a gente é obrigado a fechar, senão os bichas atacam, batem na vítima, assaltam, tomam a

Fotos de Wagner Avancini

Osarino mostra onde o professor foi morto

carteira. Vivem pegando nas coisas da turma.

Coisas? Que coisas?

— (Rindo) As coisas, o pau dos caras. Veja ali aquele é bicha. O pior é que quando a gente vai chegar perto eles fazem um escândalo danado, dizem que "eu sou doutor", aí eu digo, vão pegar homens noutro lado, se mandem daqui.

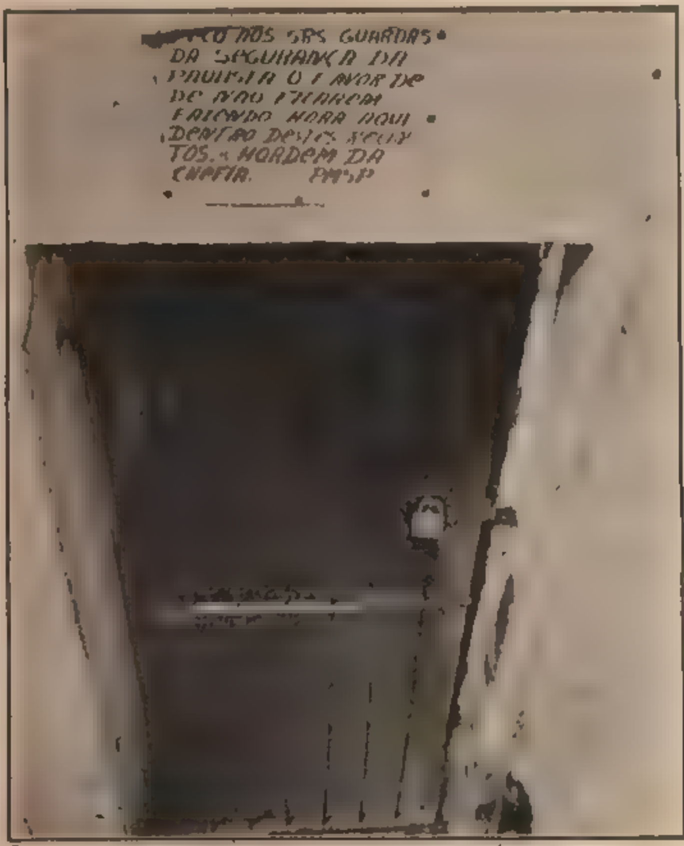
O perigo é a sacanagem ou o assalto?

— Os dois. Quando a turma tá varrendo às 6 da manhã tem nego assaltando aqui. Tem um negão que quando vê um homem não aguenta, faz gestos femininos, delicados, e convida os caras pro apartamento dele. Daí o trouxa é assaltado. Onde tem bicha já sabe: tem assaltante, tem tóxico, tem orgia...

Assaltos, tiros e facadas: ataque dos trombadões

Clauber Mendes Pierre, 27 anos, e Evaldo Silva, 29, passeavam pela praça da República na noite de 20 de junho quando foram atacados por cinco rapazes, todos portando facas, estiletes e revólveres. Reagiram. Clauber levou um tiro no estômago, foi socorrido e levado para a Santa Casa; seu amigo Evaldo levou uma facada no pescoço, foi medicado e, em seguida, dispensado.

No dia seguinte Virgílio Amaro Monteiro, 26 anos, passeava pela praça quando foi atacado por dois rapazes mulatos, os chamados **trombadões** (a polícia acha que são grandes demais para serem apelidados de trombadinhas) armados de estiletes e facas. Gravemente ferido por três golpes o rapaz foi internado no hospital municipal de São Paulo. Os ladrões não levaram nem dinheiro, pois fugiram apavorados. Até um investigador do 3º Distrito Policial (que tem jurisdição sobre a praça), um tal Faria, foi vítima de um **trombadão**. Um professor foi assassinado na última noite de carnaval. Ele reagiu e foi morto pelo que a polícia insiste em chamar de **trombadões**. Os dois rapazes já estão presos e confessaram tudo na polícia. Mas entre os próprios policiais, mesmo com esse esclarecimento de que foram assaltantes e não homossexuais que assassinaram o professor, ainda há muito restrição a essa estranha fauna de bichas, travestis e lésbicas que freqüentam a praça da República.



Cartaz manda guardas não se demorarem no cárcere

Praça tem prisão própria

Todo suspeito que for preso pela polícia na praça da República, centro de São Paulo, cai invariavelmente no cárcere privado que tem no meio da praça, bem atrás dos banheiros públicos. Trata-se de um quartinho onde os funcionários da prefeitura encarregados da manutenção da praça trocam de roupa pela manhã.

Tem uma grade de ferro, um cadeado e uma placa bem no alto, advertindo esses funcionários a não se demorarem no recinto.

Em seguida tem uma escadinha. Quem fez a acusação foram ex-funcionários da praça, que volta e meia estão lá de volta, para bater um papo com os antigos companheiros de serviço.

O guarda Alcebiades eles

ficam olhando o ferro do outro

Banheiro é ponto de punheteiro

De longe o banheiro da praça da Republica cheira a urina. Logo que vamos chegando, o guarda Alcebiades Francisco da Rocha, 60 anos, oferece dois pedaços quadrados de jornal, e pede desculpas por só ter aquele tipo de papel. É um entra e sai de homens dos mais variados tipos.

Porque os caras demoram tanto no banheiro?

— Eles ficam todo dia e toda hora tocando punheta, olhando o ferro do outro. Isso o dia todinho, é só sacanagem.

Mas aqui só dá homossexual?

— Não, vem todo mundo, só que dá mais viado do que gente séria.

Fazem sacanagem?

— Não, porque eu não deixo. Perfeitamente. Vou deixar fazer coisa dessa por aqui? Tenho responsabilidade, ora.

Geralmente são jovens que vem, não?

— É novo, é velho, é tudo aqui.

Que pó é esse espalhado pelo chão?

— É cloro em pó para evitar mau cheiro.

Quantos homens entram aqui no banheiro por dia?

— Muita gente. Eu não cheguei a contar. Não conheço ninguém, entra todo mundo que não sei quem é.

Funciona o dia todo?

— É de 7 às 11 da noite. Fecha essa hora para evitar a viadada que chega de madrugada como praga aqui na praça. Eles se misturam com os ladrões e começam a atacar quem passa por aqui.

Bicha nega que colegas sejam as assaltantes

Benedito Alburquerque, 53 anos, bicha velha, uma das mais antigas freqüentadoras da praça da República:

— Aqui na praça não tem mais bicha, viu? As bichas viraram homens e os boys viraram bicha. Confirma? (Outras bichas ao seu lado confirmam). É uma vergonha dar o cú por dinheiro. Tem **boys**, todos moleques dando, é preto, é branco. Uma vergonha, porque dão a troco de comida, a Cr$ 30, Cr$ 40. Nesse território aqui da praça da República, avenida Ipiranga, rua São João, é tudo cabeludinho vendendo o corpo para as mariconas, as giletes. Falo isso com tristeza.

Têm atacado no banheiro?

— Alí no banheiro ficam indivíduos inescrupulosos, pode-se dizer. É só para faturar. Ficam mostrando o... o.... o... Bem, o que ele tem embaixo, vamos dizer. A troco de ganhar dinheiro das mariconas e das bichas.

Quem são as mariconas?

— São elementos que tem apartamentos e que dão e comem. Fanchonas. Fazem os dois lados do sexo.

Os Guardas acusam as bichas, é verdade que elas assaltam?

— Não, não tem nada disso. Antigamente tinha elementos que assaltavam e batiam, jogavam até dentro daqueles tanques dágua, onde nadam os patos. Mais isso muito antigamente.

E hoje?

— As bichas estão assustadas desde que mataram o professor. O pessoal ficou todinho apavorado. Sabe como é, papagaio come milho e periquito leva fama.

As bichas têm sofrido violências físicas?

— Não, contra as bichas não tem havido violência. Aliás, como eu disse, todas as bichas tão virando homens e os homens virando bichas. O povo todo tá dando o cu.

Boneca acusa: agressão parte dos homens

Helio Rodrigues, 18 anos, Telis nas noites:

— Eu não concordo com essa idéia de que a praça da República está violenta. Tem violência sim, mas é por parte daqueles que mexem com as bichas.

E o que eles fazem com vocês?

— Eles ofendem a gente. Mas se você parar para conversar com êles numa boa, eles conversam.

Quem são teus clientes?

— Aos sábados e domingos, dia que dá para faturar mais, tem muita gente da alta sociedade. Você sabe que é na alta sociedade que tem maior número de homossexuais?

Quem se aproveita dos homossexuais?

— São os "requinhos" (rapazes fazendo o serviço militar obrigatório) principalmente quando estão em bando de 6 a 8. Se a gente não tem cigarro para dar prá eles, é motivo para eles baterem na gente. São requinhos da Aeronáutica e do Exército. Vivem pedindo grana prá gente. Uma vez me amassaram. Mas é sempre bom a gente fugir deles.

Você vive de fazer programa?

— Não, eu trabalho em escritório de contabilidade. Sou auxiliar-geral. Eu me viro mesmo nos fins de semanas.

Quem te procura em geral?

Senhores casados, homens idosos, rapazes na faixa dos 25, 28 anos de idade. Todos com carro. Todos eles geralmente me comem, mas algumas vezes acontece deles quererem que eu coma também.

Que cortes são esses nos braços?

— Esses cortes nos dois braços é porque me apaixonei por um cara, um malandro, sabe? Ele caiu em cana e eu fui tentar tirar ele da cana mas não consegui. Um dia ele saiu e disse que não gostava mais de mim. Aí fiquei desesperado e me cortei com gilete. Fui parar no hospital.

Helio, ou Tellis, se cortou toda quando o amante fugiu

Cozinheiro apóia: quem rouba são os vadios

Walkiria, 28 anos, moreno, banguela nas arcadas superiores, sempre sorridente:

— Olha, não são as bichas que têm praticado essa série de violências na praça. São os homens que não trabalham. Aqui não pode passar família que eles assaltam. Já fizeram comigo. Puxaram faca e encostaram no meu peito. Tremi de medo. Aí eles levaram todo meu dinheiro.

Você faz ponto aqui?

— Que isso? Eu trabalho. Sou cozinheiro. Venho aqui a passeio. A praça da República é perigosa, principalmente depois das 11 da noite.

Quanto você pede?

— Peço alto. Uns Cr$ 200,00 (outras bichas ficam assanhadas, todas elas alvoroçadíssimas gritando "Virgem, como você é cara, hen?"). Mas isso é só prá matar o lixo

E quando você topa a cara do sujeito?

— Bom, daí eu saio em troca de uma carteira de cigarro, um lanche, uma passagem.

Prá onde vocês vão em geral?

— Pros hotéis aqui do centro da cidade. Gente fina que tem carro geralmente me leva para hotéis mais luxuosos, para seus apartamentos.

Quem são esses fregueses?

— Os entendidos querem dar. Só esses entendidos. Trabalham nas suas profissões e se sentem bem com homossexuais. Agora, tem homem que sai com as bichas e querem fazer as duas coisas

Algum freguês famoso?

— Já vi o Sidnei Magal pessoalmente. Não cantei ele porque dizem que ele também é moça. Dizem, né? Mas é um tesão de homem.

Travesti pede liberdade

Flavia Dubois, 21 anos, travesti:

— Quem acaba com as bichas são as próprias bichas. Não se definem nunca. Não são nem travestis nem dão uma de homem. Nem uma coisa nem outra. A praça da República poderia ser muito melhor se deixassem que os travestis frequentassem livremente. Mas não deixam. Enxotam a gente que nem cachorros

Você é homem ou mulher?

— Sou homem prá todos efeitos. Não me acho uma mulher. O travesti não se sente nem viado nem macho nem mulher. Travesti é travesti.

Quem são teus clientes?

— A maioria são industriais. Gente fina. Homens que não assumiram suas condições de homossexuais. Tem gente famosa no meio artístico que eu conheço: o Timóteo, o Ed Carlos, a lésbica conhecida Wilza Carla.

Vocês são perseguidas?

— Nem fale. Para nós, travestis, pinta muita sujeira, muita podridão, e muita cana. É o mundo mais podre e o mais curioso

Curioso porquê?

— Existe todo tipo de sexo. O que dá mais dinheiro é quando vai um homem, uma mulher e um travesti numa suruba. A transa é diversa: um masturba o outro, o homossexual tem relação com a mulher, a mulher com o homem, o homem com o homossexual. Tem todo tipo de transa.

O que você faz para ter os peitos grandes?

— Ora, tomo hormônio que eu compro em comprimidos na farmácia

Há muito tempo?

— Digamos, uns seis meses. Mas a gente vai-se aperfeiçoando aos poucos. Eu antes era homossexual entendido.

HOTEL DAS ESTRELAS

Apesar dos assaltos, o mais procurado

Casal namorando nas pedras do Arpoador, Rio

Reportagem de Clarice Niskier
Fotos de Custódio Coimbra

Já houve quem dissesse que o que mais cresce neste país são os hotéis de alta rotatividade. A verdade, porém, é que, se aumentou o número desses estabelecimentos, aumentou também o número de pessoas que querem — e podem — trepar. Os hotéis estão cheios mas a grande maioria das pessoas, que não pode pagar as diárias, está transando mesmo é na rua, no Hotel das Estrelas. Dentro de carros estacionados em locais pouco movimentados, nas pedras à beira-mar, nas areias das praia, em qualquer canto escuro, a moçada não se aperta. A maioria dos jovens faz isso por falta de grana ou porque, na família, nem se cogita deixá-los ter relações sexuais em casa. Os chamados adultos, entretanto, transam porque preferem; grande parte detesta os hotéis e só tem um grilo: os assaltos que, com freqüência, perturbam o namoro.

Para saber se as pessoas transam sob a luz da lua mais por prazer ou por necessidade, dois repórteres visitaram os locais preferidos por casais homo e heterossexuais: Floresta da Tijuca, entrando pela porta da Praça Afonso Vizeu; no alto da avenida Edson Passos (Alto da Boa Vista); o "Buraco da Maísa", no pátio interno dos edifícios entre as ruas Almirante Barroso e Nilo Peçanha, no centro do Rio e freqüentado exclusivamente por homossexuais; o "Buraco do Caubi", também no andar térreo dos prédios entre as ruas Nilo Peçanha e Erasmo Braga, também só de bichas; as areias da praia de Copacabana, as pedras da ponta do Arpoador e os Drive In da Ilha do Governador e da lagoa Rodrigo de Freitas e do Joá, na antiga estrada para a Barra da Tijuca, os dois últimos na zona sul da cidade.

No caminho que corta a Floresta, os carros se enfileiram, cobrindo as janelas com roupas ou — os mais preparados — com cortinas presas aos vidros. Quando não tem cortina, o calor da transa embaça o pára-brisa e dá tudo no mesmo. Nos cinemas em que se entra com o carro, o filme é geralmente um pretexto que ninguém tá interessado em conferir.

Nos dois "Buracos", os homossexuais trepam nos vãos internos dos edifícios que, durante o dia, servem de estacionamento. No do Caubi, os síndicos já estão se reunindo pra fechar, à noite, o portão de acesso.

Em todos os locais, uma lamentação: se não fossem os assaltantes, o "das Estrelas" seria o hotel mais procurado da cidade. E tem mais: o crime de atentado ao pudor, previsto no Código Penal, é muito difícil de ser caracterizado. Tem que ter flagrante, testemunha e, principalmente, uma situação que defina claramente uma ofensa ao pudor de alguém. Quer dizer, na Avenida Rio Branco, às 6 da tarde, não pode.

Alexandre: Assalto não é nada; pior é a polícia que ainda quer a garota

Praia é bom para ato rápido

Alexandre, de 27 anos, gráfico, salário mensal de Cr$ 8 mil (com as horas extras) e a mulher com quem está, caixa do supermercado Carrefour, 23 anos e que só revela o sobrenome — Alves — são dos muito casais que passeiam pela praia de Copacabana, toda iluminada à noite. Brincam nas barras de ginástica, ele sem camisa. Não se importam de falar sobre o que fazem na praia a essa hora da noite:

Ele: — Aqui é uma maneira de se divertir. Quando vocês chegaram, pensei que fosse assalto, mas depois vi que tinha uma moça.

Dá muito assalto por aqui?

— Assalto não é nada. O negócio é a polícia que ainda quer a garota. Eles dizem que tem gente olhando... que não podem dispensar assim. Pedem que o homem vá primeiro e dizem que a garota vai depois. Eles querem dinheiro também. Qualquer Cr$ 100 é dinheiro pra eles.

Ela: — Eles parecem cachorros. PM é pior que ladrão. É a pior classe.

Vocês vêm aqui sempre pra transar?

Ele: — A ocasião é que faz o ladrão. Para um ato sexual rápido, prefiro a praia. A areia não atrapalha em nada. Pra mau fudedor, até os culhões atrapalham. O negócio é se pega filho. Mas, na hora, o prazer é o mesmo, eu esqueço de tudo. A praia é o Hotel das Estrelas.

Atriz da Globo curte nas pedras

Segunda-feira, meia-noite. As pedras do Arpoador estão quase vazias. Só um casal resiste à chuva miúda. Ela é atriz (conhecida) e faz telenovela na Rede Globo; ele é publicitário, também da Globo. Não querem se identificar.

Por que vocês estão aqui hoje?

Ele: — A gente tava trabalhando. Viemos aqui pra relaxar e trocar uma idéia. A gente vive se encontrando nos estúdios e trocando olhares. Não dá pra ficar junto... fazer uma festinha... assim (acaricia as costas dela).

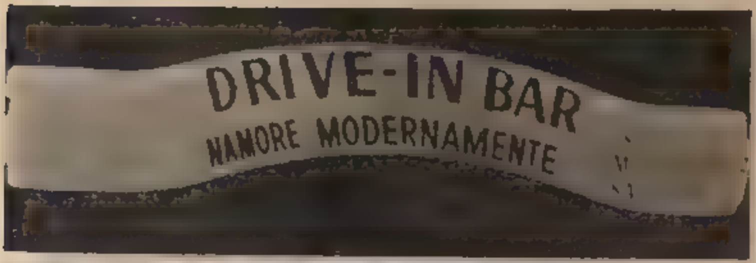
O que vocês acham de namorar no Hotel das Estrelas?

Ele: — A gente vem pra curtir uma boa. É quase um retiro isso aqui. Às vezes fico lá do outro lado, na guarita do quartel...

Ela: — Trepar tem dois tipos. Você pode trepar por afeição e por tesão. Quando é assim, tem mais é que não trepar. Tem que ficar junto. Eu e ele nunca trepamos. Eu gosto é de ficar junto com ele.

Vocês acham que deve existir um lugar ao ar livre pra se transar sem grilos?

Ela: — Não, acho que não. Você já vai predisposto. Você tem que ir a qualquer lugar e fazer o que pintar. Marcar não tem nada a ver (faz pausa e continua). Acho importante esse depoimento sair como depoimento de uma mulher. Eu não quero ser sapatão. A mulher não assume o lado masculino dela e o homem não assume seu lado feminino. O sexo é o oitavo sentido, mas ninguém tá sabendo transar. Acho "du caralho" a Regina Duarte, que era a namoradinha do Brasil, fazer Malu Mulher. Ela conseguiu com que Daniel (Filho) rompesse com seu machismo.



Carro do professor é equipado com lençol e guardanapo

Professor prefere ficar nu

Drive-In da Ilha do Governador. Sai uma moça de um fusca.

Você gostaria de falar sobre o Hotel das Estrelas?

— Olha, fala com ele, ele é que sabe dessas coisas. Se pode ou não.

Ele está sentado no banco inteiriço do carro, forrado com lençol. É professor secundário, ganha Cr$ 30 mil por mês. Mora em Ipanema, tem 41 anos, é casado e tem três filhos. Diz que se chama Maranhão. Ela não é sua mulher. Dezoito anos e uma filha, é estudante ainda.

O professor convida a repórter a entrar no carro e diz o que acha de transar no Hotel das Estrelas:

— Como todo ser temente a Deus, acho a natureza a melhor coisa e estando com uma fêmea, o quadro se completa. Eu sou uma pessoa que por mim eu andava nu. Eu não sinto frio. Sou a favor de pouca roupa.

Veio aqui hoje pra transar?

— Não vim com a finalidade de, mas ocorre que...

O banco do carro é forrado pra isso?

— Já botei forrado pelo seguinte: esse carro foi amigo nas horas amargas e difíceis. Eu amo um monte de mulheres.

Você tira a roupa pra transar no carro?

— Eu só não tirei mais aqui porque não me permitiram. Na minha casa, eu ando nu. Hoje realmente cheguei com vontade de ver o filme — A Fúria — mas a fúria é a minha volúpia por ela e isso foi maior. Não nos víamos uma semana. Ela era minha aluna. Na minha profissão, em cada sala de aula você pode ter uma ou duas amantes. Falo sem subterfúgios. Sou casado tenho netos. Jamais deixarei minha família, mas eu tenho várias vidas.

Você traz no carro utensílios que ajudam na transação?

— Eu só pego bastante guardanapo no Bob's.

Policial acha excitante

O camburão marrom e branco da polícia civil fez a curva e entrou na Rua Nilo Peçanha. A repórter fez sinal para que o camburão parasse. Cabreiro, o motorista parou e a repórter pediu uma entrevista sobre o Hotel das Estrelas. Quem mais falou foi o policial ao lado do motorista, há 16 anos na profissão.

Existe alguma lei que proíba transar no Hotel das Estrelas?

— Não é especificado nada contra sexo, mas em via pública não deve. Estou há 16 anos nessa vida, já peguei de quase tudo.

Nas horas de folga o senhor transa sob as estrelas?

— Como policial, eu tenho que manter a imagem; na folga, sou um cidadão comum.

Mas o senhor transa?

— O contato com a natureza é muito interessante, apesar de ser proibido. Não sei se é mais excitante, cada cabeça uma sentença. Sexo é o complemento do amor.

Nisso o motorista do camburão que não falava nada, falou:

— Se fosse liberada a informação, teria muita coisa pra falar. Mas não é.

E foi andando com o carro, afastando a repórter. Ela foi seguindo a viatura e o outro (policial) disse: "Não faz isso não". O motorista parou e desligou o carro. O outro: "Você quer saber sobre o Hotel das Estrelas? É uma boa, é uma boa. Nos grandes centros não é apropriado, muito assalto. O ***Buraco da Maísa*** **não é apropriado, mas tudo é válido, tudo é bom. Tem tanto troço mais violento, que eu nem esquento com isso."**

Vinte homens no trenzinho do amor

Débora e Bárbara são os nomes de guerra de Luis Carlos, comerciário de 21 anos e Jorge Roberto, mesma idade, que se diz "jogador de búzios". Estão na esquina da avenida Antonio Carlos com rua Nilo Peçanha, no bairro do Castelo.

Como é o lance aqui pra arrumar transação?

Bárbara: — Na **Via Ápia** (centro da cidade, entre aeroporto Santos Dumont e praça 15) você fica das 7 às 9. Pega um rapaz, bate um papo, começa a se beijar. Aí, de repente, você fala: vamos dar no pinote? Se não tem lugar, entra no **Buraco da Maísa,** vai em pé mesmo (o **Buraco** fica no quarteirão limitado pelas ruas México, Nilo Peçanha, Graça Aranha e Almirante Barroso).

A **Via Ápia** era chamada de o **curral das éguas entendidas.**

Vocês já transaram juntos sob as estrelas?

Bárbara: — Nós dois não podemos por causa do santo. Eu só posso beijar a mão dele.

Débora: — Eu já transei em tudo que é lugar. Na Cidade Alta, atrás da faculdade Gama Filho, no cemitério — no enterro da minha tia. Cheguei lá falando do "coitada da minha tia" e tinha acabado de transar com o filho dela. Já transei na linha do trem até. O que viado não faz, não há quem faça.

Bárbara: — O Hotel das Estrelas mais luxuoso que tem é o **Jardim da Saudade** (Bairro de Jacarepaguá). Aqui na **Via Ápia** já foi maravilhoso. A gente fazia o trenzinho do amor. Chegavam vinte aqui assim e era a maior sacanagem. Se eu ficava em último com a bunda pra trás, lá vinha outro pra enfiar.

Mas dá pra entrar numa boa?

Santo não permite amor de Bárbara com Débora

— O que? Se entra... Pode crer, o que Deus esqueceu de fazer e o que o Diabo não fez, o viado faz. Aqui ninguém dá cheque sem fundo, não! (Evacuar na hora da transação). E tem mais: viado fica de paquete. Passa dias tomando sopa de beterraba e diz que não pode transar. O que? Viado é fresco pra cacete!

Vocês acham que deveria haver um lugar livre para se transar?

Bárbara — Devia: Na lua! Todos os viados na lua e só um homem lá. Ele tinha que se virar...

Todo mundo transa nas estrelas

★ Rolf, 21 anos, estudante, na Avenida Niemeyer:

— O momento tem que pintar. Se você tá em casa, de repente sai todo mundo, aí pinta. Até dentro d'água. Eu já transei dentro d'água nas lagoas de São Pedro da Aldeia. Aqui no Rio costumo ir no mirante em Botafogo, Sétimo Céu, final de São Conrado.

★ Na entrada do "Buraco do Cauby" Edson de Souza, 28 anos, pai de três filhos, viado.

— Eu não acho uma boa, faz atropelado, com medo da polícia. Imagina a polícia pegar o cara com um viado? Às vezes o cara é casado. Isso agora tá na sociedade, todo o mundo da alta tá nessa. Tudo deitando de bruços.

★ Margareth, de 19 anos e Gustavo, de 23 anos, namoram montados numa motocicleta. Ele já foi arrochado pela polícia por estar transando na rua. Ela gosta do hotel das Estrelas dá exemplo:

Margareth e Gustavo gostam do que é proibido

— Tudo o que é proibido é mais gostoso. Acho emocionante. Eu transo desde 17 anos, mas papo de motel eu nunnca fui. Acho papo de motel putaria, tenho preconceito. Você vai lá fuder. Acabou de fuder, o que faz? Pega o telefone para mandar a conta. Eu sou doidona, agito prá caralho, mas tem lances que sou careta.

★ — Gosto da Floresta da Tijuca, mas transar aqui não é igual a uma cama. Acho que todo o mundo que vem aqui é porque não tem grana. Sexta-feira a gente tem que esperar vaga.

Quem fala é Tino que com Lia levou um susto: pensou que fosse assalto quando os repórteres se aproximaram.

★ Nivaldo Correia de Araújo, 44 anos, zelador do prédio da Policlina Geral do Rio de Janeiro, ao lado do "Buraco do Cauby" entre as ruas Nilo Peçanha e Erasmo Braga, diz que já foi cantado mas não "usa da fruta":

— Ah, ele se encostam aí e mandam ver. Uma vez tinha um aqui mesmo e eu falei: hei, gente boa, aqui não. Um olhou para trás de cara feia, voltei para meu canto... Vou me meter com um troço desse? Aqui, vareia, tem até senhor de idade.

ESPERTAS

Simonsen acobertou corrupção de Tamoyo

O ministro do Planejamento, Mario Henrique Simonsen, impediu que a CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito) sobre especulação imobiliária realizada no ano passado investigasse as declarações de renda do então prefeito do Rio de Janeiro, Marcos Tamoio, e do seu chefe de Gabinete, Seroa da Motta, do Secretário de Obras, Feliciano Leão, e do diretor do departamento de Edificações, Luiz Carlos Velho. É que Simonsen, na época ministro da Fazenda, recusou-se a enviar à Comissão os dados que a Receita Federal dispunha sobre o imposto de renda dos referidos cidadãos, todos eles suspeitos de corrupção, segundo as provas e depoimentos em poder da CPI.

Quem conta a história é a relatora da Comissão, deputada Ligia Lessa Bastos. Depois de enumerar 25 indícios de conduta desonesta da alta cúpula da prefeitura carioca, ela lamenta a impossibilidade de prosseguir a investigação e denuncia a humilhação imposta pelo ministro ao poder legislativo e a passividade da mesa da Câmara dos Deputados, que nada fez para "defender a autoridade da Casa":

"... Se a suspeita geral apontava para corrupção, isto é, para desonestidade da Administração Municipal, um dos documentos mais importantes e capitais dentre tantos a serem considerados por esta CPI seria o das declarações de bens daqueles sob suspeita (e cita o nome do prefeito e seus auxiliares diretos)".

"Sendo atribuição explicitamente reconhecida de uma CPI aquela de requisitar seja que documentos forem, requereu a mesma (notar bem: não pediu, exigiu pois assim dispõe a Lei) ao Ministro da Fazenda lhes fossem encaminhadas as declarações de bens dos referidos cidadãos sob suspeita. Após nos fazer esperar mais de três meses — o que já seria uma descortesia incomum — respondeu-nos o ministro da Fazenda, baseado em parecer "jurídico" de sua Assessoria, que não enviaria tais declarações. Interessante frisar que o mesmo órgão de assessoria, anos atrás e com a mesma legislação acerca da CPI em vigor, julgou correto enviar ao Congresso, por solicitação de outra CPI, as declarações de bens de um insigne brasileiro, requerida pelo Relator. Em suma, o ministro da Fazenda humilhou o poder legislativo e **tudo fica na mesma.**

"Esta CPI da Especulação Imobiliária é obrigada então a concluir que — a partir do modo como se a permitiu funcionar — constituiu-se numa farsa o funcionamento de uma Comissão Parlamentar de Inquérito no Brasil pois só é permitido chegar-se ao fim da linha caso interesses mais fortes que o poder desta Casa assim o determinem. E não o fizeram."

Luiz Alberto Bettencourt

Baixada e Nordeste têm miséria igual

— Pra mim, Baixada Fluminense e Nordeste é a mesma desgraça. Não tem diferença. Aqui eu faço tudo. Só não faço é roubar porque não tenho coragem. Rouba quem é safado.

O sergipano Nilo de Jesus, de 52 anos, não tem mais esperanças que sua vida melhore. Nunca votou por ser analfabeto, mas acha que se o governo estivesse nas mãos do "paisano" seria muito melhor. Veio para cidade grande melhorar de vida, mas hoje só pensa em voltar pro Norte. Foi lavador de carro, vendedor ambulante. Foi tudo. Hoje é estucador, quando arranja algum biscate.

— Viajei uma semana de trem até chegar aqui no Rio. A primeira coisa que me deram foi uma vassoura. Tenho seis filhos,nenhum deles estuda e as roupas do corpo foram dadas pelos padrinhos. Tem que ter filho homem pra ajudar, o senhor não acha? Homem só dá tristeza prá gente se for ladrão ou viado.

Os seis filhos espalhados pelo chão (o mais velho tem 15 anos) se lambuzam com arroz e o feijão, inclusive Nilo, que destrincha uma coxa de galinha. Sua mulher Maria da Penha, de 26 anos, parece sua filha mais velha, fica com olhar triste não fala nada. Quieta no canto. O barraco, comprado há três anos por 1.5000 cruzeiros está caindo aos pedaços. As imagens de Iemanjá e a televisão pifada se destacam naquela miséria. Maria da Penha, raspa o fundo da panela e coloca uma colherada no prato do Nilo.

— Não sei o que vamos comer amanhã. O de hoje está na barriga. Esse boião eu consegui trocando a metade de um galo que eu tinha aqui por uma porção de arroz e feijão com o vizinho aí do lado.

Tim Lopes

Poeta que protesta tem que ser camelô

O poeta brasiliense Nicolas Behr está tirando carteirinha de camelô na Secretaria de Trabalho do Distrito Federal, para poder comercializar seu sexto livrinho — Bagaço — a sair em julho pela Editora Iogurte com Farinha. Apesar de ter sido absolvido no ridículo processo instaurado pela Polícia Federal (acusado de portar e escrever livros pornográficos), Nicolas está botando os cabelos de molho.

Segundo a PF, "nos livretes arrecadados em poder do interrogado, além de pornografias vê-se constantemente frases de desrespeito, não só ao regime vigente como a autoridades. Inclusive em alguns dos livretes o interrogado deixa transparecer cunho político ideológico".

No processo, Nicolas esclarece que "realmente manifesta-se descontente com muitas coisas existentes no regime, como por exemplo a falta de eleições diretas, vigência dos atos de exceção, ocorrência de torturas a presos políticos, além de uma predominância direta do Poder Executivo sobre o Legislativo, deixando esse último Poder sem qualquer autonomia de decisão".

Tim Lopes

Abaixo, alguns poemas de Nicolas

maria me amou
pelo crediário tentação
maria me amou
em cinco prestações
maria me amou
sem entrada, sem juros
maria me amou
na cama,
na mesa e
no banho

●

se é para o bem de todos
e felicidade geral da nação
diga ao rei
que o povo fica

●

se é para o bem de todos
e felicidade geral da nação
diga ao povo
que direito, direitos,
humanos à parte

●

PALAVRA FINAL
amai-vos uns aos outros
e o resto que se foda

Caixa de câmbio do Fiat vive quebrada

— A caixa de câmbio do Fiat não presta. Na mesma oficina não especializada em que deixei meu carro (Fiat 78, com problemas na passagem de marchas), a grita era geral. Os donos de mais três carros da marca, todos eles com menos de 15 mil quilômetros rodados, não entendiam como a fábrica italiana pôde lançar no mercado um automóvel com tantos defeitos de suspensão e câmbio.

— O carro se bate todo — disse um dos infelizes proprietários — é muito bonitinho mas ordinário por dentro. Como é que você pode acreditar num carro que, com 9 mil quilômetros de uso (e apontou para o velocímetro), sacoleja mais que uma carroça e só sai em segunda, porque a primeira não entra?

Segundo os entendidos, o problema do Fiat no Brasil é que, até agora, os engenheiros da fábrica não conseguiram adaptar o projeto original às condições de trânsito no Brasil. A suspensão, por exemplo, foi bastante reforçada mas, como acontece em todas as adaptações, o jeitinho não deu certo. Enquanto isso, tem nego saindo até de marcha a ré.

A verdade é que, se fosse em outro país que se preocupasse mais com a segurança e os direitos dos consumidores, a Fiat já tinha recolhido os carros defeituosos, pedido desculpas aos compradores e mandado novos modelos pelo correio.

Luiz Alberto Bettencourt

Os geólogos brasileiros, hoje mais de cinco mil profissionais que disputam um reduzido mercado de trabalho — comandado pelas empresas estatais (80%), multinacionais (15%) e empresas privadas (5%) — estão unidos contra a desativação das empresas estatais de pesquisa mineral, iniciada em maio pela Docegeo, empresa subsidiária da Vale do Rio Doce. Até dezembro, ela vai mandar para a rua 45 geólogos de seu quadro de 85 profissionais. A Coordenação Nacional de Geólogos (Conage) e as entidades estaduais da classe entraram em "vigília permanente" contra a ordem da Vale do Rio Doce de desativar a pesquisa mineral nas regiões Leste e Centro-Sul. Os geólogos denunciam manobras privatizantes junto ao governo, de grupos multinacionais interessados em obter o maior arquivo de conhecimentos minerais do país, trabalho realizado de forma pioneira pela Docegeo, principalmente na Amazônia (cobre, ouro, níquel, cassiterita, ferro e manganês na Serra dos Carajás), pesquisando e indicando reservas de minerais carentes ao país

Sérgio Danilo

ESPERTAS

DENÚNCIA DE LEITOR

Ceramistas de Jundiaí estão doentes

Os ceramistas de Jundiaí, interior de São Paulo, fizeram uma assembléia onde se denunciou que de 140 trabalhadores ali presentes, mais de 30 eram portadores de silicose (doença provocada pela aspiração de pó de sílica), e o que mais surpreendeu foi a revelação feita por um médico de que existem 30 mil trabalhadores brasileiros com silicose — e outros milhares com asbestose, bissinose, talcose, silicatoses, antracose (carvão), bronquite e asma, por causa das poeiras dos seus ambientes de trabalho. Na verdade, nenhuma categoria de operários está livre da aspiração dessas poeiras, que existem em qualquer indústria, seja ela metalúrgica, cerâmica, química e petroquímica, de plásticos, elétrica, de material isolante, borracha, têxtil, construção civil, mineração, pedreiras, sabões, abrasivos, etc.

Depois dessa assembléia, um médico do Sindicato dos Ceramistas de Jundiaí, teve a idéia de realizar a I Semana de Saúde do Trabalhador. Ao todo foram 50 sindicatos e 4 federações que se dispuseram a realizar esta Semana. Cada dia eram feitas, simultaneamente, 3 sessões, em lugares diferentes.

Nada de grandes temas, grandes idéias, como nos congressos patrocinados pelo governo, que procuram, antes de tudo, culpar o trabalhador pelos acidentes no trabalho.

Um dos problemas levantados foi quanto à fiscalização do governo nas fábricas. A Delegacia Regional do Trabalho, órgão do Ministério do Trabalho, tem 10 médicos e 10 engenheiros de segurança do trabalho para fiscalizar todo o Estado de São Paulo. Portanto, 20 técnicos que, mesmo que quisessem trabalhar, não teriam condições. Isso acontece em São Paulo, o maior centro industrial do país. Imaginem nos outros Estados brasileiros.

Rivaldo Chinem

foto de Chiquito Chaves

A nova rodoviária de Nova Iguaçu está vazia. Enquanto isso, o povo espera a condução no meio da rua

Rodoviária de Nova Iguaçu está às moscas

Só para ter o nome na placa, nos últimos dias do seu governo, o almirante Faria Lima inaugurou rapidinho o terminal rodoviário de Nova Iguaçu (RJ), que custou 16 milhões e foi dado como pronto em 60 dias. A construção do terminal foi para desafogar as outras rodoviárias — Getúlio Moura e Arruda Negreiros — que estão no centro da cidade, a sétima em população no Brasil, com um milhão e 200 mil habitantes.

A gigantesca rodoviária da Codert está praticamente vazia, sendo ocupada por cinco linhas inter-municipais para Volta Redonda, Barra Mansa, Vassouras, Valença e Miguel Pereira. E as duas outras rodoviárias continuam lotadas, desconfortáveis e sujas. Os comerciantes das Casas da Banha, Casas Sendas, Supermercado Ideal Discos e Casas da Rainha, e os pequenos varejistas dos dois antigos terminais, soltaram uma grana de quase Cr$ 1 milhão para que os ônibus não fossem transferidos para a nova rodoviária. Para eles, o prejuízo seria grande, o centro ficaria vazio, apesar da distância ser de apenas 800 metros. Quem leva a pior é o povo, que tem que ficar embaixo de sol e chuva e, às vezes, esperar quase duas horas por uma condução.

Burle Marx: Barra de cara nova é crime

Roberto Burle Marx, um dos mais importantes paisagistas do país, acha que a transformação da Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro, numa imensa cidade, é um crime contra a vegetação daquela água.

Sem querer discutir a parte urbanística do Plano-Piloto da Barra, de autoria de Lúcio Costa, Burle Marx diz que o que está acontecendo é que estão dizimando, acabando com a flora existente da restinga, uma flora perfeitamente ambientada, adaptada ao lugar.

— Se houvesse uma boa orientação daqueles que fazem o loteamento, nós teríamos, já em si, uma flora adaptada ao meio. O que está acontecendo é que, primeiro, fazem uma tábua rasa de tudo (semelhante à terraplanagem) e depois procuram plantar plantas que não têm nada a ver com aquele meio. Às vezes, existe uma ou outra árvore que se adaptou, como os coqueiros, mas na maioria das vezes a flora é exótica, não tem nada a ver com o local. Assim, a maravilha que foi a flora da restinga, está sendo totalmente destruída. Se nós formos destruindo tudo, vamos acabar também com a flora da Restinga, que hoje em dia só existe na Barra da Tijuca.

— Um problema também muito sério é o do capim colonião, que, exótico, se adaptou e se alastrou por todo o Rio. No período da seca, ele fica amarelo e o fogo pode acabar com grandes áreas. Agora mesmo eu vejo nesta **Revista do Domingo, Jornal do Brasil**, um artigo dizendo: "Os balões estão voltando". É uma tristeza que se publique um artigo dessa ordem, um jornal que tem tanta atuação em todo Brasil. Eles estão dando um péssimo exemplo daquilo que não se deve fazer porque com cada balão quase sempre vem um incêndio. É preciso fazer com que as pessoas entendam que a flora existente tem um valor muito grande, não só do ponto de vista botânico, mas também do ponto de vista estético".

Maria Tereza Ribeiro

Montiene não pára de roubar o trabalhador

Tem até general metido no meio, o que não causa surpresa nenhuma nesse país onde tem gente fardada em quase tudo que é trono. O nome dele é Antônio Sá Barreto, superintendente do Montiene — Montepio Nacional dos Trabalhadores — empresa que é useira e vezeira em aplicar o conto da casa própria pelo Brasil a fora. Provas existem, e de sobra, sobre a sacanagem com os trabalhadores que economizam seus salários para comprar uma casa

O corretor de imóveis, Jacques D'Ornelas, registrado no Conselho Regional dos Corretores de Imóveis, trabalhou 21 dias como gerente de Vendas da Diplam — Distribuidora Nacional de Vendas dos Planos Previdenciários do Montiene — e pediu demissão quando viu que tinha caído numa arapuca. Jacques mandou uma carta-denúncia para todos os órgãos de imprensa do país dando conta das arbitrariedades cometidas pela empresa. E está disposto a provar, como ele mesmo diz:

"Quero neste *depoimento-denúncia*, colocar-me a disposição das autoridades e da Justiça, para ajudá-los a por um fim nisso tudo, quanto à garantia para mais ou menos 500 associados inscritos nos demagogos projetos da Chamont — Montiene: a ação coletiva para garantir a posse das áreas que foram pagas exclusivamente com seus recursos. O Grupo Chamont — Montiene — AJJE — PLAN — HAB, jamais colocou um centavo em tudo isso. Receberam aproximadamente perto de Cr$ 8 milhões dos associados de Salvador, isso sem contar os planos previdenciários. Até hoje, em 5 anos, esta instituição não aplicou um centavo, como preceitua a lei 6.435, e nunca publicou um balanço sequer, em toda a sua macabra história.

Quero deixar um apelo aos associados, que são mais de 500, mesmo aos que desistiram dos projetos da Chamont: procurarem os jornais, as rádios, as emissoras de televisão; não se calem diante dos que até aqui só têm usufruído, em altas mordomias, do fruto do seu trabalho e o que é mais revoltante, eles crêem que poderão continuar enganando o povo baiano, pois cansam de dizer que "baiano é indolente", não quer se incomodar, e que nada fará para barrar as suas pretensões. Estou disposto a tudo para por fim a essa vergonhosa situação. Peço que me ajudem. Mas não é só na Bahia. Estão ramificados em diversos Estados e creio que com a ajuda e uma firme tomada de posição das autoridades, será o fim e estarão na cadeia, em breve, os dirigentes desse crime organizado que usurpa principalmente os humildes. Os contatos comigo poderão ser feito através do advogado do Sindicato dos Corretores de Imóveis.

Dum-dum assusta

Quando um produtor de televisão japonesa esteve em São Paulo, passou pela Academia de Polícia e no setor de armamentos e balística viu um tipo de munição calibre 22.3, e perguntou se era usada pelos policiais brasileiros. O delegado Newton Fernandes, diretor da Academia, disse que não, que seu uso era proibido no Brasil, alegando "razões humanísticas", pois ninguém sobrevive ao impacto de uma bala desse tipo. Essa bala, conhecida como bala Dundun, é 60 vezes mais veloz que o som e fatal em qualquer parte atingida no corpo, pois gelatiniza o sangue. Foi largamente empregada no Vietnã. O que o delegado Fernandes não disse foi revelado por Rachel Pomar, nora de Pedro Pomar, dirigente do Partido Comunista do Brasil (PC do B): durante o cerco à rua Pio XI, na Lapa, há dois anos: agentes do II e do III Exército utilizaram essas balas Dun-Dun para assassinar friamente algumas pessoas, entre elas Pedro Pomar.

Rivaldo Chinem

Bóias-frias recebem aumento de trabalho

SALÁRIO AUMENTOU 44% E TRABALHO, 50%
PATRÃO SÓ PAGA SE GOSTAR DO SERVIÇO
USINEIROS QUEREM TOMAR TODAS AS TERRAS
ESCRAVIDÃO COME SOLTA NA ZONA DA MATA

SINDICAIS

Os trabalhadores agrícolas de Pernambuco aqueles que cortam a cana, limpam e semeiam a terra, em maio ganharam aumento do salário mínimo, ou seja, 44%. Acontece que na cultura da cana o trabalhador não tem horário de trabalho; só tem tarefas a realizar. E só recebe o equivalente a um dia de serviço se cumprir integralmente a tarefa estabelecida pelo patrão, o dono da terra. Não só isso: deve cumpri-la bem. E quem diz se está bom ou não é o mesmo patrão.

Logo que os 44% passaram a vigorar, outro aumento foi estabelecido: os patrões aumentaram as tarefas dos trabalhadores. E esse aumento de trabalho, no município de Barreiros, onde está uma das maiores usinas de açúcar do Estado — Usina Central Barreiros — ultrapassa os 50%.

Mas por que o trabalhador aceita uma coisa dessa? Então, é preciso conhecer a situação da Zona da Mata de Pernambuco, região onde ficam os grandes latifúndios de cana. As condições de trabalho do homem são parecidas com a escravidão. Não existe alternativa para se ganhar dinheiro, nem terra livre para plantar alguma coisa que sirva de alimentação.

Antigamente, os moradores das usinas e engenhos de açúcar ainda tinham em torno de suas casas um pequeno espaço de terra onde plantavam mandioca, milho, feijão, abóbora. Hoje, a cana encosta nas palhoças e quando o sujeito bota o pé fora de casa está cercado por ela. Mas o trabalhador, em geral, recebe as tarefas longe do lugar onde mora, depende do caminhão do patrão para seu transporte. O caminhão sai às 5 da manhã e volta às 6 da tarde. E aí acontece como diz o Amaro, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas de Barreiros:

— Depois de um, dois anos numa situação dessa, a casa do trabalhador arriba, a cana invade o seu terreno e ele não tem condições de provar que tem terra. Então, vem o patrão e oferece pra ele um barraco na vila da usina, diz que tem luz, e lá vai ele abandonando sua palhoça e sua terra, porque de nada adianta ter um pedacinho de chão pra plantar se para cumprir a tarefa do patrão o trabalhador gasta toda sua energia e de sua família.

Euclides Nascimento, membro da Federação dos Trabalhadores Agrícolas de Pernambuco, velho dirigente sindical, lembra de 15 anos atrás, 1964:

— Naquela época, os homens diziam que tinha muito comunista no campo. Acabou. Ficaram só os trabalhadores honestos e os patrões democráticos. Só que a situação piorou. De 1963 para cá aumentou em mais de 50% o número de trabalhadores clandestinos na lavoura da cana. Esses bóias-frias da cana não têm carteira assinada, não recebem 13º, férias, não têm qualquer direito trabalhista. Foram os patrões que criaram esse tipo de trabalhador, eles até pagam mais um pouquinho de salário ao clandestino porque com eles não têm despesa de imposto, nem aborrecimento de sindicato. E como o bóia-fria, na época da colheita, ganha mais do que o morador das usinas, acaba o morador virando bóia-fria, largando de lado sua casa.

Euclides conta que seu pai, aí pela década de 40, era meeiro de um dono de terras do Engenho Cafundó, um tal de Major (naquele tempo se comprava patentes militares, como no século passado os ricos compravam títulos de nobreza). Em 1944, o governo Getúlio criou o Instituto do Açúcar e do Álcool, valorizou a cana, aumentou o preço do açúcar, enfim, deu uma série de incentivos à cultura e à indústria canavieira. Resultado: os donos de engenho e proprietários de terra não queriam mais ceder pedaços de terra para agricultores plantarem de meia, queriam ficar com tudo.

O que fez o Major com o pai do Euclides? Um dia, no fim da safra e da moagem, quando o velho foi apresentar suas contas de açúcar para a partilha, meio a meio, o Major contou, deu 18. Aí ele pegou 7 e deu pro velho. Este reclamou: "Mas seu Major, se são 18 porque o senhor só me dá 7?" E recebeu como resposta: "Que que tem homem, eu tou lhe roubando? E sete mais sete não são dezoito?"

No mês passado, Lula voltou às origens e falou nos sindicatos rurais de Pernambuco

Lula quer tomar terra no peito

Em junho, Lula, o líder dos metalúrgicos de São Bernardo, voltou à sua terra natal, Pernambuco. Andou pela Zona da Mata e do Agreste, visitou sindicatos rurais, lembrou-se do tempo de menino, quando, junto com a mãe e irmãos subiu em um pau-de-arara e foi parar em São Paulo. Lula ouviu e disse muitas coisas pros trabalhadores agrícolas reunidos nos sindicatos das cidades onde passava. Em Calçados, lugarejo do Agreste, quase em lágrimas, o líder sindical mostrou toda sua angústia e revolta:

"Eu quero dizer a cada um de vocês, a cada uma dessas crianças que não têm responsabilidade por terem vindo ao mundo, que fogem se seus pais fogem, eu quero dizer que não adianta fugir. Para qualquer lugar que vocês forem, vão passar fome, como aquela mulher que perdeu 3 filhos em dois dias lá no Recife, porque a única coisa que eles tinham prá comer era terra misturada com fezes de animal.

Então, eu acho que a nossa solução não é mais fugir. A nossa solução não é mais ficar acreditando no ministro, que disse que se tivesse mais japonês aqui no Brasil tudo estaria resolvido. Nós não podemos mais fugir porque quem quer a nossa fuga são os grandes donos de terra, que ficam plantando capim. E trabalhador, gente, não come capim. Ele que dê pra sua mãe e não pros trabalhadores.

Enquanto o filho do homem que trabalha está lá sem ter o que comer, onde morar, sem escola, o filho do usineiro está passeando no iate nas praias do Recife. Algum de vocês já comeu lagosta? Muitos, talvez, nem carne comeram ainda. Mas o filho deles come. Algum de vocês já comeu aqueles camarões de dez centímetros de comprimento? Também nunca comeram. Mas já trabalharam que nem uns desgraçados pros filhos deles comer.

No Brasil tem 90% de brasileiros que vivem como vocês vivem. Só prá vocês terem uma idéia da gravidade do problema: São Bernardo do Campo, que é a cidade mais rica do Brasil, uma cidade de 350 mil habitantes, que arrecada 2 trilhões por ano de impostos, dava prá encher essa cidade aqui de dinheiro, tem 80 mil favelados. Uma cidade que produz 4 mil automóveis por dia, tem 80 mil trabalhadores morando em favelas. Vocês já imaginaram isso? Favela não é privilégio de Pernambuco, não é privilégio da Bahia, não é privilégio do Nordeste. Favela é a consequência da falta de vergonha das nossas autoridades.

Eu acho que é chegada a hora, companheiros trabalhadores, da gente parar de pedir e começar a exigir.

Ao invés de ficar fugindo, a gente deve tomar nossas terras, porque enquanto a gente não criar coragem e brigar pela reforma agrária, a gente vai ficar mendigando. Não pensam que o governo vai dar, não. Tem que tomar. Pode pegar uma senhora, dessas que já estão de cabelo branco, e elas vão dizer prá nós que a vida inteira esperaram que o governo fizesse alguma coisa, e nenhum governo nunca fez nada.

A não ser um, que tentou fazer nesse estado de Pernambuco. E por tentar fazer foi expulso da sua terra. Foi o governador Miguel Arraes. O único que tentou fazer alguma coisa, o único que deu o salário pros trabalhadores da Zona da Mata, foi expulso do país como subversivo.

O Brasil é dos maiores produtores de alimento no mundo e o seu povo é dos mais mal alimentados do mundo. O Brasil é dos primeiros produtores de carne do mundo e seu povo é dos que menos come carne no mundo. Ora, meu Deus, para que essa prepotência de maior, se o povo brasileiro é dos mais famintos, dos mais sem educação, sem saúde, sem habitação? É como se fosse um ovo desse tamanho, e não tivesse gema nem clara."

Reportagem e foto de Eduardo Homem

SINDICAIS

Foto de Jean Pierre Bisiliat/Central

Os jornalistas que fizeram a greve em SP continuam sendo demitidos

200 jornalistas na lista negra dos patrões

Alguns indícios de que existe a lista negra dos jornalistas demitidos por terem feito greve no mês de maio, embora oficialmente os patrões não tenham se manifestado: 1. Uma repórter demitida da *Folha de S. Paulo* soube que tinha uma vaga para a editoria local do Jornal *Shopping News*. O chefe de redação mencionou a tal lista negra, dizendo que embora ele a contratasse — não se opunha de jeito nenhum — fatalmente esbarraria com esse impedimento, já que seu nome figurava nesta lista.

2. Na *Folha de S. Paulo* havia uma vaga no setor de diagramação. Não seria exatamente substituição definitiva, mas naquele velho e conhecido esquema de cobertura de férias. Geralmente são profissionais do *past-up* que vão para a diagramação, mas nesse caso houve impedimento: o chefe do setor da Folha alegou que só poderia contratar gente que fosse de fora. E que não tivesse feito greve, é claro.

3. Tinha 6 vagas na revisão do Diário Oficial do Estado. Três moças foram para lá, e uma delas foi informada de que o governo do sr. Paulo Salim Maluf havia suspendido a nomeação de contratação de revisores. Outra moça conversou mais tempo com o chefe do setor e ele mostrou-lhe uma portaria assinada por Maluf impedindo a contratação "pelo menos por 90 dias". Essa portaria foi publicada segundo a moça no próprio Diário Oficial do Estado de São Paulo no mês de junho. Ou seja, agora o governador usa os mesmos métodos dos patrões da Imprensa paulista.

Ninguém provou ainda se existe a tal lista negra dos jornalistas, mas há uma série de boatos que circulam nos meios e todos eles levam a uma só idéia: a de que existe essa lista. Não só no meio jornalístico, mas pessoas que não têm nada a ver com a profissão e que são ligadas com chefes de redações confirmam a existência da lista negra.

São quase 300 jornalistas de São Paulo na rua: até a tarde de 25 de junho, eram 233 demitidos por terem feito greve, e mais 40 que se encontram sem emprego porque eram da Última Hora, que fechou, aparentemente, sem um motivo convincente. O grupo Folhas lidera a lista; em segundo lugar vem o Estado de S. Paulo, seguido do Diário do Grande ABC. Fala-se na exitação do Diário de S. Paulo (e Diário da Noite, do mesmo grupo) e também da sua encampação pelo grupo Folhas. Outro boato: a criação de uma central de copydescagem, ou seja, todos os jornais dos grupos Folhas e Estado seriam feitos por um número reduzido de redatores.

A Folha de S. Paulo demitiu 31 profissionais; a Agência Folhas, 12; a TV Gazeta, 4; Notícias Populares, 7; A Gazeta, 2; a Folha da Tarde, 21. O Estado de S. Paulo demitiu 41 jornalistas (entre copys, fotógrafos, revisores e pessoal da sucursal); no Diário do Grande ABC foram 27; no Diário Popular foram 16; no Diário de S. Paulo, 13; Diário da Noite, 5; Folha Metropolitana, 8; TV Globo, 7; Rádio Globo, 7; DCI-Shopping News, 6; TV Bandeirantes, 6; Rádio Bandeirantes, 6; Tribuna de Santos, 7; Gazeta Esportiva, 2; UPI, 2; Gazeta de Pinheiros, 1; Gazeta de Santo Amaro, 1; Publicações Industriais Brasileiras, 1.

Rivaldo Chinem

D. Elvira: 60 anos de luta sindical

Elvira Boni é uma senhora de cabelos brancos, olhos profundamente azuis e que não aparenta os seus 80 anos. Foi uma das fundadoras da União das Costureiras, em 1919; presidiu a última sessão — era a única mulher — do 3º Congresso Operário Brasileiro, em 1920, e por causa de suas lutas em defesa do povo passou encarcerada 24 horas, sem comer, no prédio da rua da Relação, onde ficava o Departamento de Ordem Política e Social, o antigo Dops. Quem foi à manisfestação realizada no dia 1º de Maio desse ano, no campo do Olaria Atlético Clube, na zona da Leopoldina, com certeza viu aquela velhinha inflamada diante do microfone. Deu o recado e saiu aplaudida por três mil pessoas. A mesma ovação da noite de 8 de maio de 1977, Dia Internacional da Mulher, no auditório da Associação Brasileira de Imprensa, quando falou da mulher brasileira na política, nos primeiros anos do século.

— Eu era pequena, tinha uns dez anos, quando foi fundada a Liga Anti-Clerical, em 1909. A igreja era uma coisa horrível, muito rígida, disciplinadora. Essa liga era congregada, grande parte de operários, costureiras e professores. Foi onde tomei os meus primeiros contatos com a política. Eu era aprendiz de costureira.

— Aprendiz de costureira não ganhava nada, era explorada. No sábado, tinha hora para entrar, mas não tinha para sair. A moda vinha toda da França, a gente trabalhava para as madames, nas oficinas, que hoje chamam de ateliers. Cobrei meus direitos pela primeira vez quando tinha 14 anos e trabalhava na máquina de costura. A patroa veio dando o pagamento para as moças mais graduadas e eu pedi, então, o meu,perguntando: a senhora esqueceu de mim? As minhas companheiras, aprendizes igual a mim, se admiraram com a minha coragem em pedir o meu pagamento. As patroas achavam que o almoço já era o bastante. Eram umas francesas exploradoras, havia também umas brasileiras, donas de oficinas, que aproveitavam a situação para enganar as operárias.

Como foi fundada a União das Costureiras?

O que motivou a fundação da União das Costureiras foi o 1º de Maio de 1919. Da praça Mauá ao antigo Palácio Monroe, no final da Avenida Rio Branco, era apinhado de gente. Todo mundo de braços entrelaçados, de um lado ao outro da avenida. Tinha comícios nos quatro cantos. Não era festa, como se fez nesses últimos quinze anos, era sair às ruas para reivindicar, lutar pelos nossos direitos de trabalhador. Foi um dia muito bonito, a multidão cantava hinos revolucionários. Igual aquela manifestação só a passeata dos Cem Mil, em 1968, que eu participei. Dez dias depois daquele 1º de Maio nós fundamos a União das Costureiras, Chapeleiras e Classes Anexas. Já existia a União dos Alfaiates, dos garrafeiros, dos barbeiros só faltava a nossa. Dois meses depois mandamos uma circular para as oficinas e deflagramos a primeira e única greve da classe no Brasil. Pedíamos melhores condições de trabalho. As máquinas de costuras ficaram paradas dez dias e o *Jornal do Brasil*, na época, saiu com essa manchete: "A greve das Abelhas de Luxo".

Foto de Chiquito Chaves

D. Elvira Boni, está no sindicalismo brasileiro há 60 anos

Mãe da atriz Vanda Lacerda — presidenta do Sindicato dos Artistas do Rio de Janeiro—dona Elvira Boni, com toda a idade, tem tudo guardado direitinho na memória. Lembra das viagens dos trens da Leopoldina, quando saía de Cordovil para trabalhar na cidade. Era onde morava com os pais que tinham vindo de São Paulo, precisamente de Pinhal, onde nasceu em 1899. Sempre tentando reunir o maior número de Pessoas, Dona Elvira em 1953 participou da fundação da Associação dos Moradores de Santa Teresa e a Comissão Feminina de Combate à carestia. A falta d'água foi uma das principais reclamações dos moradores.

— Depois da falta d'água, organizamos o Movimento Contra o Aumento dos Bondes (de 2 mil réis, ia aumentar para 4 mil réis). Fizemos um abaixo-assinado para levar à Câmara. Na estação do Largo da Carioca, conseguimos, em menos de uma hora, 1.600 assinaturas. Prá você ver como o povo estava apoiando. De repente, vem uma amiga dizendo que prenderam uma companheira. Era a Polícia Especial. Fui ver o que estava ocorrendo e acabei me atracando com o policial. Ele me botou também dentro do camburão e eu fui parar na rua da Relação. Eu xingava, mas não adiantava nada. Passei 24 horas trancada, sem comer.

Como a senhora vê os anos 20 e agora o momento político do Brasil?

— Vejo uma tristeza danada. Continuamos como no passado lutando contra a carestia, melhores condições de trabalho. O preço da lata de óleo é um absurdo. Temos que continuar batalhando contra a carestia. Mas algumas coisas já estão mudando. A igreja hoje já é mais progessista, temos o d. Hélder Camara, o d. Evaristo Arns, já podemos ficar juntos. Você tá vendo aí o Papa. De repente, temos um líder natural, que é o Lula, surgido de baixo para cima. Não é fabricado. Ele é o que é. Prá mim, o Brizola já teve a sua época. Andou dizendo bobagens, depois disse que não disse, e aí fica a dúvida. Prejudica um processo sem necessidade.

Tim Lopes

LEITORES

Tribuna falou mal do Lula

No debate realizado na Faculdade Cândido Mendes, sobre desnacionalização no Brasil, em 17.05.79, perguntei ao jornalista Hélio Fernandes se, ao criticar o líder sindical Lula, através de um artigo na Tribuna, ele não havia servido às multinacionais. Hélio Fernandes ficou irritado (Freud explica) e me desafiou a provar que alguma vez tenha escrito um artigo contra o Lula.

Aceitei o desafio, o artigo existe e está datado de 30.06.78, o qual envio a esta redação comprovando o fato.

Solicito a V. Sa. a publicação do artigo não só para restabelecer a verdade, como também para que o Hélio Fernandes possa ler o artigo que ele diz que não escreveu.

Com a publicação, fica registrado que em 30.06.78 Hélio Fernandes, tentava arrasar, aniquilar com o Lula, tentava abafar as vozes dos trabalhadores através de seu grande líder. Em resumo, tentava soterrar a luta de um autêntico líder sindical em emergência.

"Não sou técnico, mas no meu dia a dia, estou sentindo o empobrecimento progressivo para o qual caminhamos a largos passos. Apesar de todos os esforços do governo para frear essa situação, até agora a causa principal ainda não foi atacada, que é a especulação imobiliária.

A nossa Constituição condiciona a função social ao direito de propriedade, mas não estabeleceu *prazo* para ser cumprido e nem *pena* para quem não cumprir, portanto, até o momento a função social da propriedade não passou de um ornamento no corpo da Constituição, e os especuladores sabem disso:

A minha sugestão é a seguinte: que seja estabelecido o prazo de um ano para o cumprimento da função social da propriedade, sob pena de cancelamento do registro imobiliário, depois de provado em juízo.

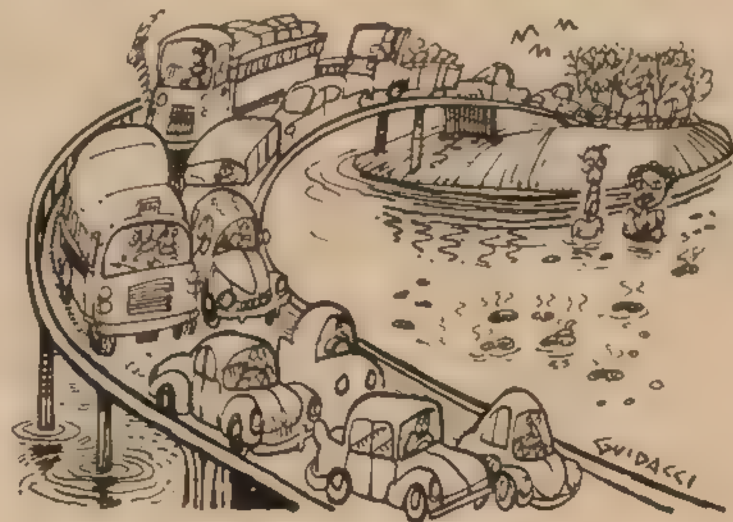
Se a condição da existência da propriedade é a função social, não pode existir a propriedade que não cumpra a função social, pois a não existência do dever, prova que não existe o direito.

Assim, o registro dessas propriedades é ilegal e o cancelamento será a maneira de corrigir a ilegalidade"

(Paulo Botelho de Almeida Prado, Jahú, SP)

Comprar guias de pagamento de taxa de serviços diversos, preenchê-las ou encontrar quem o faça, e efetuar o pagamento, não é nada fácil e, inclusive, tem um ditado que diz: "O Brasil é um país em que é mais difícil de se pagar impostos". Fácil no Brasil é burlar a lei e não pagar taxas e adulterar guias de pagamento, pois, absurdamente, o governo não mantém um controle sobre o que recebe, através dos bancos e exatorias, com a fonte em que é apresentada a guia.

Há necessidade de o governo simplificar a forma de recebimento das guias por parte do contribuinte. Seria a melhor maneira de evitar sua fraude. Que as fontes recebedoras recolham os dados necessários para o pagamento das taxas, da mesma forma em que uma casa comercial tira uma nota fiscal". **(Sérgio José Toniolo, Porto Alegre, RS).**



A Ilha do Governador tá precisando de uma saída

"Quero falar de uma pequena jurisdição que fica na Baía de Guanabara, que se chama Ilha do Governador, hoje com quase 400 mil habitantes e um aeroporto supersônico. Por isso, seria de lei que houvesse umas duas pontes de entrada e saída da tão saturada Ilha, na qual só há uma ponte de carga e descarga, que foi construída lá pelos anos de blá, blá, blá... Mas não vamos ficar por aqui, falaremos da especulação imobiliária que descampa a Ilha a cada ano que passa. No ano de 1975, com aproximadamente 250 mil habitantes, já estava um pouco saturada, com a estrada do Galeão sendo a única de acesso aos bairros da bela Ilha. Bela porque tem seus recantos e seus frutos, como toda terra, apesar de suas águas poluídas. Mas por que poluídas? o leitor poderá me perguntar. E eu, com muita boa vontade, lhe responderei que toda a descarga do Rio, ou seja toda a merda, é jogada na Baía e pelo que parece não há uma urbanização prévia, mas isso não vem ao caso, isso é fato consumado.

Então, vocês vejam que houve um crescimento de 40% e a inauguração de um grandioso aeroporto. Mas, meu povo, veja só que desse total bruto de seres que entram e saem diariamente, 70% nem sequer ganha para andar de avião, eles estão preocupados mesmo é em chegar ao batente, que já começa na saída da Ilha por volta das 7 horas da manhã. Aí começa a confusão. Você imagina todo mundo querendo sair ao mesmo tempo, do mesmo lugar, na qual a maioria vai ao centro econômico, e uma pequena minoria à Zona Sul ou para outras localidades menos ativadas. Então é aí que vocês vêem a importância de uma nova ponte de acesso a outras localidades, uma ponte mais bem estruturada. Meus caros leitores, vou parando por aqui e espero que vocês saibam analisar o assunto e levem a sério, porque não é só isso, faltava falar na iluminação, que é precária na estrada do Galeão, e na cultura. Para vocês terem uma idéia, só há um cinema, e mesmo assim é autocine. **(Luiz Antonio Testa, Rio de Janeiro, RJ)**

Vamos esclarecer o MTM

"Com respeito à utilização de uma sigla, na edição de abril de 79, à pág.5, e sem entrar em julgamento de valor quanto à empresa envolvida e sua administração, presto os esclarecimentos que se seguem:

1. O Sistema MTM é erroneamente definido como sendo "Movimento-Tempo-Minuto", na realidade, a sigla MTM vem do inglês "Methods-Time Measurement", que é o nome de um procedimento que contempla o uso de tempos elementares pré-determinados para o estudo de operações industriais. Esse sistema foi desenvolvido por Maynard, Stegemetern e Schwab nos Estados Unidos, sendo apresentado em livro, com o título do sistema, em 1948.

2. A definição do MTM na obra citada, à pág.12, é reproduzida a seguir: "O Methods-Time Measurement é um procedimento que analisa qualquer operação manual ou método nos movimentos básicos para executá-la, e atribui a cada movimento um tempo padrão pré-determinado, o qual é determinado pela natureza do movimento e condições sob as quais ele é realizado". Costumam ser definidas 12 aplicações para o MTM, entre as quais auxiliar o projeto de produtos e a seleção de equipamento eficiente. Naturalmente pode ser instrumento iníquo em algumas de suas aplicações, como seja a fixação de salários. Cumpre ter em mente que a iniquidade não provém do instrumento de per si, mas do uso que dele se faz". (Guilherme Ary Plonski — São Paulo, SP)

● **A matéria à qual o professor Plonski faz referência é a "Nazismo na Volks", onde dizemos que os operários "protestaram contra o sistema MTM (Movimento Tempo-Minuto), cujo objetivo é reduzir o número de funcionários nas linhas de montagem, sem prejuízo da produção".**

Correio Homossexual

Aviso às duas pessoas que queriam se corresponder comigo, que escrevi para ambas (inclusive mandei o telefone para a mais próxima de mim) — mandei o endereço para a resposta; porém até hoje não recebi resposta alguma. Será que não mandaram endereço errado? Sinceramente, vocês aí da redação, eu acho que essas pessoas não estavam a fim de brincar. Vocês acham que estavam? Se estavam, creio que estas pessoas não deveriam perder seu tempo desta forma, não é mesmo? Ao escrever aquelas linhas para o seu jornal e que os senhores publicaram, não foi carta de uma pessoa "vulgar"; chamo vulgar, querendo traduzir que não sou uma pessoa qualquer, sem definição na vida, sem senso, sem ética. Mas, pelo contrário tenho uma vida muito regular, muito normal, com excelentes amigos.
(Ana Soares, Rio de Janeiro, RJ)

Júlia quer se corresponder com morena clara e passiva

"Se possível, venho por meio desta reforçar o pedido feito pela leitora Ana Soares; onde é solicitado a abertura de um clube, onde os leitores **gays** possam se corresponder. Assim, como no meu caso, colocar um anúncio: Morena clara, cabelos castanhos escuros, olhos negros, ativa, discreta, simpática, compreensiva, bom nível cultural. Gosto de músicas, cinema, poesias. Correspondência com moças passivas, idade acima de 21 anos, para amizade ou algo mais. Foto na primeira carta. Responderei a todas". (Júlia A.F. de Souza — C. Postal, 44 — 07.700 — Caieiras — SP).

Comissão protesta contra obra da Light em Barueri

"Publicou o jornal **O Estado de São Paulo**, de 07/02/79, em sua última página, extensa reportagem sobre a visita que o dr. Alcebíades Minhoto Jr., juiz da 6.ª Vara da Fazenda Estadual, fez ao local das obras do Projeto de Saneamento da Grande São Paulo, Sanegran, em Barueri, deixando entrever, em sua introdução, que a matéria já estaria decidida pelo meritíssimo juiz a favor da construção dessa indefensável obra, ao arrepio do laudo do competente perito, por S. Exa. mesmo nomeado.

Na mesma página, significativamente, grande fotografia mostra o encontro entre o ministro Rangel Reis com o presidente da Sabesp, engenheiro Reynaldo Emídio de Barros, durante o qual o sr. ministro tece os maiores elogios aos Sanegran, chegando essa autoridade à espantosa afirmação de que "São Paulo é hoje, já sem nenhuma dúvida, a primeira cidade do Brasil em águas e esgotos". Este aleive dispensa comentários.

Considerando estes e outros fatos semelhantes, e mais a indicação do presidente da Sabesp para prefeito da Capital, não se pode mais esconder que há uma poderosa e bem organizada campanha, que, saindo dos bastidores, ostensivamente, agora, visa a influir de forma estranha e suspeita na decisão do poder judiciário sobre a ação popular movida contra a construção da Estação de Tratamento de Esgotos na região densamente povoada de Baueri-Carapicuíba.

Trata-se de repetição das mesmas campanhas e métodos a que tantas vezes assistíramos na Grande São Paulo e no Estado do Rio, sempre que a concessionária de energia elétrica, Light, desejava obter vantagens do governo, com aumento de tarifas, novas concessões de cursos d'água, aprovação de projeto contra indicados, etc.

Confiamos que o poder judiciário não se deixará impressionar por essa turbulência inusitada.

Consideramos, no entanto, muito importante que o alto grau de técnica que envolve o problema não venha a perturbar ou diminuir a análise completa e profunda que ele exige, sob todos os ângulos, e a repercussão que possa ter no presente e futuro da Grande São Paulo e outras regiões do Estado.

Julgar essa obra de Barueri é julgar o aspecto social do fruto gerado no ventre da Light, antes de suá passagem para as mãos do Governo Federal.

Julgar essa obra do Sanegran é julgar toda a história da Grande São Paulo, que se confunde com a própria história da luta pela posse das águas, dos seus rios, luta que se trava desde o início do século.

Nesta contenda, de um lado colocaram-se os interesses imediatistas da concessionária Light, traduzidos na reversão para o alto da serra, para a sua taça de ouro, formada pela Represa Billings, de todos os cursos d'água, a fim de obter o máximo dos lucros em sua usina de Cubatão, perdendo-se, depois, essas águas no mar.

De outro lado, colocaram-se várias gerações de eminentes técnicos e juristas, de patriotas das mais diversas profissões que, contrapondo-se a esses inaceitáveis desvios das águas para a vertente marítima, sempre procuraram preservar os interesses maiores da população que necessita primordialmente dessas águas para beber e sanear.

Essa faraônica obra, a estação de tratamento de esgotos em Barueri-Carapicuíba, resíduo da concessionária Light, não teria sido cogitada se a passagem dessa empresa às mãos do Estado se tivesse verificado há mais tempo.

Só é defendida pelos altos funcionários, tecnocratas e insensíveis, com ela comprometidos, que se agarram a teses insustentáveis, hoje completamente inseguros de seu sucesso, eis que a forte concessionária, nessa obra interessada, os abandonou, vendendo-se ao poder concedente.

Não há mais justificativas para o Estado a paralisação das obras do Sistema Integrado, devendo construir a Estação de Tratamento de Esgotos no Vale do Juqueri, e proceder à urgente e completa revisão de todo o sistema hídrico da Grande São Paulo, e de outras bacias que nos afetam.

Mas, no estágio a que chegamos, quando o Poder Executivo não alcançou ainda a importância da saída da Light e insiste em executar seus projetos, nossa confiança está toda depositada no Poder Judiciário, que, estamos certos, não faltará neste momento.

(**Waldemar Paioli e Catão Francisco Ribeiro, da Comissão de Defesa do Patrimônio da Comunidade — São Paulo**)

Os políticos arenistas são democratas somente na campanha eleitoral. Quando passam as eleições, esquecem o que prometeram ao povo nos comícios e, daí, votam em senador biônico e governador de proveta. Na Câmara e no Senado defendem os torturadores de presos políticos e são contra a CPI dos direitos humanos. E agora estão aí, todos tentando destruir o MDB o partido que defende os interesses e os anseios dos brasileiros. Os arenistas precisam criar vergonha na cara e se conscientizar que foram eleitos pelo povo, e não pelo governo". (José Luiz de Melo, Maceió, AL)

Torturados na rua

"Fiquei horrorizado no dia 25 de junho de 1979, às 15 horas, entre as ruas Arsênico e do Ferro, em Coelho da Rocha, quando policiais agrediam barbaramente dois rapazes, em plena luz do dia.

Um dos rapazes havia ido comprar maconha, chegando na esquina das ruas citadas acima. O outro ia entregar a mercadoria, mas quando faziam a transação, eis que surge uma viatura policial, pegando-os em flagrante.

Saltaram com as famosas metralhadoras em punho, impedindo-os de se evadirem, e obrigaram os dois a tirarem a jaqueta, ficando os rapazes com as costas nuas. Amarraram as mãos de ambos, pegaram um pedaço de pau, que haviam achado no momento, e passaram a desferir várias pauladas nas costas dos rapazes. Depois, amarraram-nos em um poste, onde começaram nova sessão de porradas, que variavam entre socos, pontapés e chutes no saco. Quando um dos mocinhos se cansava, era a vez do que já havia descansado. Desamarraram os dois, que caíram ao solo, quase desfalecidos, onde passaram a pisar nas mãos deles, como se dançassem xaxado sobre plumas.

Não somente eu, mas todos que assistiam a cena, estavam indignados com tal brutalidade, mas nada podíamos dizer, pois eles não são conhecidos como os "homens da justiça"?

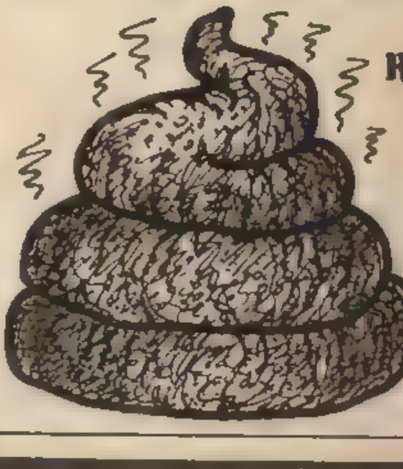
Todos nós sabemos que o uso da maconha é proibido, mas o dever destes "cidadãos" é prender e apreender o achado, e não espancar violentamente os outros, feito animais selvagems. Será que são treinados para espancar seres humanos, como se fossem animais? Se pensam com isso conquistar confiança da população, estão enganados. O que será que se passa na cabeça destes bonecos fardados?

Não, não temos culpa se o que ganham mal dá para comprarem cigarros; quanto mais sustentaram suas famílias. Descarreguem seu ódio em quem tem culpa, e não nos outros que nada têm a ver com o peixe.

Vocês acham que agindo assim, conseguirão promoções? Talvez consigam, pois neste ambiente corrupto no qual vivem e trabalham, precisem de "atos nobres" como este, para conseguirem um galão a mais no ombro.

Por favor, sejam gente pura com o próximo. Onde estão os belos sentimentos, como amor, compreensão, humildade, humanidade, etc., nestes seres denominados "homens da justiça?" (Márcio Correa Castro, Rio de Janeiro, RJ)

A VERDADE PELO CORREIO



REPORTER, COMO VOCÊ JÁ SABE, FOI O PRIMEIRO JORNAL A VEICULAR, SEM MORALISMO, O PALAVRÃO NU E CRU. FIQUE POR DENTRO DO QUE NÃO SAI NA GRANDE IMPRENSA. FAÇA SUA ASSINATURA.

REPORTER

UM JORNAL SEM PRISÃO DE VENTRE

CUPOM DE ASSINATURA

- Assinatura por 12 edições: 160,00
— Envie cheque nominal ou vale postal para:

MARGEM EDITORIA E PROGRAMAÇÃO GRÁFICA LTDA.
Rio de Janeiro: rua Miguel Couto, 134 conj. 1101/1104 20000 RJ

Você pode assinar o REPORTER, a partir do nº 0
Indique a partir de que número você quer sua assinatura..

Nome: ....

Profissão: ....

Endereço: ....

CEP: .... Cidade: .... Estado: ....

GOLBERY PLANEJOU:

SNI imita a CIA e aumenta poder de controle

O Serviço Nacional de Informações (SNI) está mudando todo o esquema de trabalho. A partir de agora ele vai ser transformado num serviço de informações para o governo, com a finalidade de resolver os problemas que possam ocorrer na área econômica, política ou tecnológica. A ação policial do SNI será progressivamente reduzida e suas principais funções terão um caráter político e técnico.

A Central Americana de Inteligência (CIA) sofreu mudanças parecidas e foi transformada, no início do governo de Jimmy Carter, numa super assessoria para qualquer tipo de assunto de Estado. E, como brasileiro adora copiar o que os americanos fazem, o SNI passará a ter, agora, as mesmas características da CIA.

Para o bom tratamento da informação — o problema, como todo mundo sabe, não é só receber informações, mas também saber aproveitá-las — o SNI exercerá um controle maior da indústria de computadores, estrangeira e nacional, e dos fabricantes das peças que integram o computador.

Esta foi a razão de o governo ter criado uma comissão de alto nível, formada pelo SNI, Estado Maior das Forças Armadas (EMFA), Conselho de Segurança Nacional, Itamaraty e Secretaria de Planejamento da Presidência da República (Seplan), tendo como finalidade a criação de uma nova Secretaria Nacional de Informática (Informática é tudo aquilo que tem relação com a fabricação e o uso do computador).

Um claro exemplo dessas mudanças, é o desaparecimento das Divisões de Segurança e Informações nos ministérios e repartições, que funcionavam como órgãos de controle e "seleção" do pessoal contratado e foram responsáveis pelo desemprego de muitos universitários recém-formados, candidatos a uma vaga em empresa pública.

As reformulações, no entanto, não terminarão com a exclusão de pessoas, que muitas vezes, sem saber muito bem porquê, são consideradas inoportunas ao serviço público. Pelo contrário, tendem a aprimorar a seleção, tornando-a ainda mais rigorosa.

Há razões de sobra para que o SNI esteja procurando mudar os rumos de sua atuação. Acontece que o país, hoje, já não é o mesmo de uns anos atrás, quando a opinião pública estava contida por uma ação repressiva feroz.

Muita água correu e a canoa acabou rompendo a correnteza. Vários setores da população passaram a reivindicar abertamente melhores salários e maiores liberdades. Até mesmo os empresários, os que mais ganharam com a época do milagre econômico, manifestaram o desejo de que o Brasil se transformasse numa sociedade democrática.

O governo, inspirado pelo seu cérebro principal, o general Golbery do Couto e Silva, acabou cedendo, dando início a chamada fase da abertura política.

Novos tempos — de abertura, segundo dizem — deram origem a mudanças de método. Já não serve mais um SNI dedicado quase que inteiramente à luta contra a subversão, mesmo porque muita coisa antes caracterizada assim, passou a fazer parte do jogo político institucional.

O controle do SNI estará, agora, aparelhado com sofisticados equipamentos de computação. Os velhos arquivos serão substituídos por modernos bancos de dados, equipamentos mais avançados, que, acionados por botões, permitem obter informações sobre pessoas, estoque de material e até mesmo solução de problemas.

Os terminais que já se encontram em funcionamento nos aeroportos internacionais são exemplos práticos (negativos, obviamente) da era da computação na vida das pessoas. O documento de identidade é entregue no guichê de embarque, os dados pessoais são transmitidos a uma máquina que notifica imediatamente se o viajante é suspeito de algum crime.

Operações deste tipo passarão a ser utilizadas com mais freqüência. Os controles serão tantos que terminarão se tornando uma rotina. Há quem diga que chegará o dia em que as empresas poderão controlar, por computador, quantas vezes o empregado foi ao banheiro.

O governo pretende, também, transformar o SNI numa eficiente assessoria técnica e econômica. Informações sobre empresas, sobre reservas de petróleo e minérios, avanços tecnológicos obtidos no país e outras variadas formas de controlar, as atividades do país.

Os usos podem ser os mais variados e muitos deles favoráveis ao país, mas os excessos geram o temor, de que as liberdades individuais sejam ainda mais atingidas.

Segundo a Associação de Profissionais de Processamento de Dados (APPD/RJ) a informática, embora seja um importante instrumento de democratização da sociedade, na medida em que pode permitir ampla difusão de informações, acaba sendo usada para fins opostos.

Além disso, a indústria de computadores, no país, é controlada por grandes empresas multinacionais. A principal delas é a IBM, que vende por ano cerca de 65 por cento de tudo que se compra no mercado interno, chegando a faturar vários milhões de dólares.

Elas têm o controle da tecnologia empregada na fabricação de computadores, conhecem todos os macetes da fabricação e do uso dessas máquinas, mas não transam nada.

A Comissão de Coordenação das Atividades de Processamento Eletrônico (Capre) — órgão do governo — firmou, nos últimos dois anos, o critério de que só as empresas nacionais poderão fabricar minicomputadores. Agora, a Capre não permitiu que IBM e Burroughs produzissem computadores de médio porte. Os gringos chiaram e o ministro Simonsen disse para a IBM que a coisa não era bem assim.

Bastou tomar atitudes um pouco mais enérgicas, que os órgãos de segurança criaram um grupo de trabalho para intervenção no setor.

Os objetivos do grupo de intervenção são mais do que claros: reformulação da política de informática adotada no país, isto é, as multinacionais não serão mais prejudicadas; criação de uma nova Secretaria Nacional de Informática, subordinada à presidência da República (leia-se SNI), que substituirá a Capre (porque ela tentou controlar as multinacionais instaladas no país); e controle de todo o setor para melhor aparelhar o SNI em sua nova fase.

REPORTER

REPÓRTER

Agosto de 1979 — ano II — número 20 — Cr$15

AUTONOMO INDEPENDENTE

Governo permite pó pra gente fina

LIBERADA A COCAÍNA

Polícia confessa que não pode reprimir

P.20

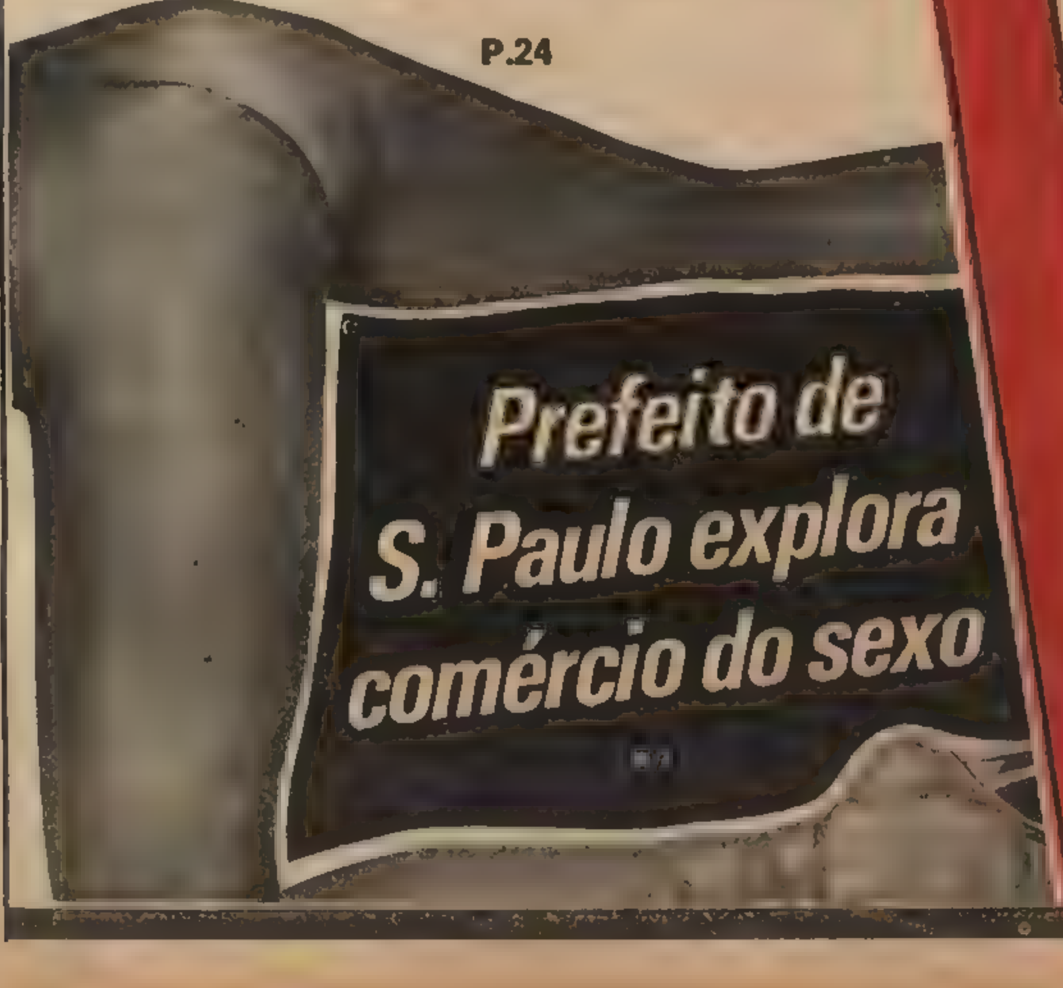
CHAGAS FATURA ATÉ COM CRISTO

P.8

INÉDITO

REPÓRTER VÊ SESSÃO DE TORTURA

P.24



Prefeito de S. Paulo explora comércio do sexo

Entreguismo amplo, geral e irrestrito

O Brasil se abriu e quem está penetrando pela abertura são as empresas multinacionais. São elas as grandes beneficiárias da liberalização do regime. Em cinco meses, o governo do general Figueiredo, que jurou descentralizar as decisões e reduzir a participação do Estado na economia, realizou um trabalho invejável: hoje, mais do que na administração de Geisel, na qual um comando central e quase pessoal dificultava pressões, os grandes grupos internacionais fazem o que querem. Influenciam o ministro mais próximo. Envolvem a tecnocracia dos ministérios. Fazem campanha pelos jornais pra defender seus interesses e fecham grandes negócios.

Não há controles nem limites para o capital estrangeiro neste país. E os poucos que haviam foram esquecidos. Contornados. Caíram em desuso. O Brasil entrega rapidamente a preço de banana sua indústria, suas riquezas minerais, sua agricultura e até suas reservas naturais, como a Amazônia, que abriga o fabuloso projeto do milionário norte-americano Daniel Ludwig.

O grupo militar no poder, tão cioso da segurança nacional quando se trata de reprimir as manifestações da oposição, cala diante de um fato arrepiante: grupos estrangeiros, como o de Ludwig, controlam e devastam grandes áreas da selva amazônica, sem nenhum controle das autoridades brasileiras.

A tecnologia estrangeira domina a indústria nacional, muitas vezes financiada por dinheiro do Estado e agora parte pra cima de empresas estatais, como a Vale do Rio Doce, que o governo quer retalhar e vender, por partes, a quem tenha condições. E quem tem condições pra comprar são as multinacionais. Na agricultura, o sistema de crédito farto, promovido pelo ministro Delfim Neto, enche os bolsos das Refinações de Milho Brazil da vida — e não a panela do pobre, como ele prometeu. Os grandes produtores e os grandes compradores (as multinacionais que controlam a produção de alimentos) são abertamente favorecidos. Fala-se agora até em permitir que os bancos estrangeiros aumentem o número de agências e ocupem o único setor da economia brasileira que é predominantemente nacional. Não que os nossos banqueiros sejam nacionalistas. Não são e nunca foram. Estão se lixando pro país. Gostam mesmo é do mercado financeiro, onde ganham bilhões por dia às custas do governo. Mas é que, se os bancos internacionais puderem operar livremente no Brasil e o comércio de moedas estrangeiras for permitido livremente — o prefeito Israel Klabin, por exemplo, quer fazer do Rio um centro financeiro internacional, o Rio-Dólar —, estaremos definitivamente vinculados ao exterior. Nosso desenvolvimento independente será quase inviável. Estaremos amarrados aos centros de decisão dos países capitalistas mais avançados. Não teremos mais possibilidade de decidir com liberdade as grandes questões nacionais. O Brasil será a Hong Kong do século XXI: uma região castrada de sua identidade nacional, de seus valores, de sua cultura. Um pasto de negócios com fronteiras simbólicas.

Devia haver, sim, uma lei de segurança mas pra proteger os bens nacionais. E, se houvesse, este governo, com apenas cinco meses de existência, estaria irremediavelmente condenado.

Mais Abertura nas pp. 15, 16 e 17.

Passeata pela anistia ampla, geral e irrestrita (26/7, Rio)

Foto de Chiquito Chaves

ATÉ MIRO APÓIA A GREVE DE FOME DOS PRESOS

"Combatemos esta ditadura de armas na mão. A ordem constitucional tinha sido rompida pelas armas, todos os canais de expressão política tinham sido fechados e o país vivia um clima de opressão, terror e censura. Hoje combatemos o regime na forma do seu projeto de anistia com a arma que dispomos: uma greve de fome, por tempo indeterminado em repúdio e protesto pela anistia restrita e parcial da ditadura militar".

Este é um trecho do documento feito pelos 14 presos políticos do presídio Milton Dias Moreira, no Rio de Janeiro, anunciando a greve que iniciaram pela ampliação da anistia e pela imediata libertação de todos os que ainda estão na cadeia por motivos políticos.

O movimento já deu resultados. Em surpreendente visita ao presídio, o deputado federal Miro Teixeira, ligado ao governador Chagas Freitas, se confessou sensibilizado pela greve e prometeu interceder junto aos integrantes do seu grupo no Congresso para levá-los a votar pela ampliação da anistia. Os presos anotaram e vão cobrar a promessa.

Segundo Alex Polari, um dos presos, a greve de fome é uma reação à "onipotência dos opressores: o torturador não quer apenas informações; ele quer subjugar totalmente o torturado, que tem que gemer na hora que ele quiser, na cadência que ele quiser, tem que se entregar totalmente. A greve de fome, a resistência, por menor que seja, é a forma de o oprimido afirmar sua dignidade de ser humano. Não ficar parado. Reagir."

No último dia 26 de julho, no centro do Rio, foi feita uma manifestação pela anistia ampla, geral e irrestrita e pela libertação de todos os presos políticos convocada por sindicatos de trabalhadores, professores, atores, associações de bairros e diretórios estudantis. Segundo seus organizadores, "o povo não aceita a exclusão (da anistia) de nenhum daqueles que, durante todos esses anos, estiveram sempre ao seu lado, defendendo os seus legítimos interesses contra esse regime terrorista".

Registro Civil das Pessoas Jurídicas nº 2886

REPORTER

EDITORES — Alex Solnik, Chico Júnior, Luiz Alberto Bettencourt, Pipsi (Arte).

REPORTAGEM — **Rio de Janeiro:** Tim Lopes, Marcos Dantas, Clarice Niskier, Vera Lúcia Dias, José Antônio Nonato, Sérgio Danilo, Maria Tereza Ribeiro. **São Paulo:** João de Barros, Rivaldo Chinem, Iracema Silva, Valmir Salaro, Lídia Maria Gurgel, Antônio Fava, Alfanásio Jazadji, Priscila Siqueira. **Recife:** Eduardo Homem.

FOTOGRAFIA — **Rio de Janeiro:** Chiquito Chaves, Custódio Coimbra, Patrícia Hausberg. **São Paulo:** João Bittar, Luz Bittar, Wagner Avancini, Amâncio Chiodi, Hélio Campos Mello, Eliane Pastore, Camila Butcher, Jesus Carlos, Jean Pierre Basilliat.

CORRESPONDENTES — Paulo D'Alcantara (Paris) e Cristina Duarte (Milão).

ILUSTRAÇÃO — Guidacci, Jota, Angeli, Jaime Leão.
ARTE — Analuce Estrella, Guidacci, Maurício Veneza, Maria Rita.
REVISÃO — Maria Teresa M Pinto.

CIRCULAÇÃO — Eduardo Curi.
PROMOÇÃO E ASSINATURAS — Marco Antônio Vieira Souto.
DEPARTAMENTO JURÍDICO — Modesto da Silveira, Luis Celso Araujo e Luiz Eduardo Grenhalg.

REPORTER Autônomo Independente — Uma publicação da Margem Editoria e Programação Gráfica Ltda. Rua Miguel Couto, 134/11º andar, Rio de Janeiro, RJ. Telefone: 222-3103.

Composição e Impressão — Editora Mory Ltda. Rua do Resende, 65, Rio de Janeiro. Telefone: 263-7002.
Distribuição — Fernando Chinaglia S.A. Rua Teodoro da Silva, 907, Rio de Janeiro.

POLÍCIA ACUSA

Plano é libertar Mariel dando até emprego

SEGURANÇA DA USINA NUCLEAR É 1º POSTO — TRAMA COMECA NA JUSTIÇA — ADVOGADO QUER ANULAR PROCESSO — PRESO PODE ESTAR NA RUA EM 35 DIAS — COLIGAÇÃO POLICIAL REPUDIA TUDO — "MANOBRA DENIGRE A CLASSE"

Era só o que faltava: Mariel Mariscott em liberdade e com emprego garantido como chefe de segurança da usina nuclear de Angra dos Reis. A armação tá feita, na encolha, pra botar o homem na rua e pintá-lo de bom moço. Afinal de contas, ele tem costas quentes: foi guarda-costas de Mário Andreazza, o atual ministro do Interior, na época em que o coronel exercia as funções de ministro de Transportes do governo Médici. A informação é do pessoal da Coligação Policial, que congrega cinco associações e que está preocupada em limpar a barra da classe, que ficou mais suja com as safadezas do seu Mariel.

E a prova dessa jogada foi a viagem para Brasília, no início da semana passada, do advogado Jair Leite Pereira, que entrará com um pedido de **habeas-corpus** para o seu cliente no Superior Tribunal Federal, e tentará a anulação do julgamento em que Mariel foi condenado a 19 anos pelo assassinato de Odair de Andrade Lima, vulgo Jonas. Se o Tribunal atender ao pedido do advogado, a condenação é anulada e o ex-policial só fica pagando pelos nove anos em que foi condenado pelo caso dos cheques de viagem. Como já está há oito anos em cana, fica devendo apenas um, que, segundo o próprio advogado, tira seu cliente dessa, mole. Se as jogadas derem certo daqui a 35 dias Mariel estará em liberdade, mesmo ainda tendo que responder pelas mortes de Nelson Mena Soares (8 de agosto) e de Josias Tavares, o Maranhão (no mês de outubro), julgamentos que podem ser adiados.

A manobra começou quando o ex-policial foi absolvido, por unanimidade, por um júri composto de cinco mulheres e dois homens, no último dia 30 de junho, no 3.º Tribunal do Júri. Foi considerado inocente da acusação de ter assassinado com 11 tiros de revólver calibre 45 e enforcado o assaltante Carlos Alberto dos Santos. O corpo da vítima foi deixado num banco de madeira, da praça Caì Duro, em Bonsucesso (RJ), no dia 2 de agosto de 1969.

Ao absolvê-lo, os jurados não levaram em consideração a acusação do promotor Ekel Sérgio de Souza, de que Mariel "cometera um crime triplamente qualificado: por motivo torpe, sem defesa para a vítima e por métodos cruéis". No dia do julgamento, o promotor falou duas horas e mostrou primeiro "quem é este homem do ouro e não Homem de Ouro", dizendo que "a Justiça foi apressada e tendenciosa em suas investigações. É a certeza da impunidade que fez este homem cometer tantos atos criminosos e arbitrários. Precisamos tirar esta corja da polícia para que os homens de bem não se retraiam."

Cinco dias depois, o promotor Ekel entregou ao juiz Sílvio Teixeira Moreira, presidente do 3.º Tribunal do Júri, recurso contra a decisão, lembrando que o "ministério Público deve ser usado em defesa da sociedade e dos direitos humanos". Lembrou que a vítima estava sob a tutela da polícia, à época do crime, e que a Mariel "cumpria resguardar a integridade física e moral do cidadão, entregando-o à Justiça, se criminoso fosse, ao invés de supliciá-lo, estrangulá-lo e matá-lo a tiros".

Certo da liberdade, Mariel disse que "pela primeira vez me foi feito justiça". No momento, está sonhando com a rua, na prisão especial da rua Frei Caneca, onde só lhe faltou quadra de tênis e piscina. Tinha e tem tudo: telefone, geladeira, televisão, gravador, rádio, mulher, futebol com Marinho, Brito e Carlos Alberto, nas folgas do Cosmos, e o cantante Aguinaldo Timóteo. Bem parado, como se vê. Só falta mesmo ser chefe de segurança da usina, um bom emprego, não resta dúvida, com status e tudo mais. Na crista da onda, como Mariel gosta.

Tim Lopes

Mariel no seu último julgamento, em junho

Ex-colegas acham que "perdão" é indigno

De repente, começou a circular no meio policial a notícia de que Mariel Mariscott de Matos — ex-Homem de Ouro da Secretaria de segurança do Rio de Janeiro e envolvido com os mais diversos tipos de crimes, que vão desde falsificação de cheques de viagem até assassinatos — será posto em liberdade dentro de pouco tempo, assumindo, em seguida, a chefia da segurança da usina de Angra dos Reis.

A notícia repercutiu muito mal entre a liderança da Coligação Policial *(frente política e reivindicatória formada por cinco associações: Círculo do Policial, União dos Policiais, Casa do Policial, Associação Federal de Polícia e Associação dos Papiloscopistas), que tem como principal plataforma a expressão "Dignidade Profissional". Considerando que Mariel foi um dos principais tiras a denegrir a imagem da polícia, os componentes da Coligação consideram que sua liberdade, e posterior melhora de sua imagem, não tem nada a ver com a luta de melhoria de imagem da própria polícia. Ou seja, ao mesmo tempo em que se reabilita Mariel, como é que fica a reabilitação da polícia?*

Chico Júnior

Fotos recortadas de *Fiesta* e *New Girl*

BUNDABUNDABUNDABUNDABUN

Preferência Nacional

Reportagem de Alex Solnik e Clarice Niskier

No começo, era só a* Playboy. *Americana, importada para assinantes. Alguns, muito conhecidos, como Roberto Carlos, Paulo Maluf, Jô Soares. Foi em 1967. Em 73, a* Playboy *foi proibida pela censura. Logo em seguida, saíam imitações brasileiras, como* Status, *em 1974. A mesma fórmula: mulheres peladas com grande apelo de venda e matérias variadas, pra não dizer que a revista toda é de mulher nua. O mesmo tipo de fotos, poses, frases. Foi dando certo e o número de revistas se multiplicou, sofisticadas à americana, ou mais grossas, à brasileira. Hoje, não dá pra contar quantas são.* Privé, New Girl, Peteca, Fiesta, Ele&Ela, SóSexy... *Dezenas. Muitas surgiram e sumiram. Só as três grandes —* Status, Playboy, Ele&Ela *— vendem, juntas, 500 mil revistas por mês.

● *O povo é sacana mesmo. Mas a maioria não consegue ser sacana na vida real, não tem como se libertar das dificuldades, aí compra essas revistas pra imaginar. Sai com a revista debaixo do braço, crente que tá abafando. Essas revistas não têm nada a ver com amor*

(*Alberto Bellafronte, jornaleiro do centro do Rio*)

● *Eu compro qualquer uma, se tiver uma artista que eu sou fã, eu levo. A Bruna Lombardi a Fafá de Belém essa, sim, chama atenção. Mas tenho preferência pela bundinha, é fora de série*

(*Sérgio dos Santos, mora em Nova Iguaçu, RJ*)

Bunda! Bunda! Bunda!

Os editores acreditam que é isso que o brasileiro mais gosta na mulher e agora, então, estão aproveitando. Até o ano passado, a censura não deixava aparecer foto com bunda de frente — tinha que ser meio de lado. Também proibia a publicação dos dois seios. Quando Figueiredo foi indicado sucessor, lembra o dono de **Fiesta**, Jácomo La Selva, começou a liberalização. E as bundas inundaram as bancas de revista.

Pelos, a censura não permite.

— Se tiver um pouquinho de pelo, eles cortam, reclama Jácomo.

Mostra uma foto que voltou da censura com a recomendação num carimbo: "escurecer":

— Tá vendo? Essa jóia tá escondendo os pelos dela (ela está de pernas abertas). Se eu escurecer, aí sim que vai parecer que é pelo.

Quando é que vamos poder mostrar a mulher inteira? pergunta Jácomo.

— Não seremos nós os primeiros a publicar a foto do cu — assegura um dos editores da **Playboy** brasileira, Fernando Pessoa Pereira. Ele reconhece que a revista recebe muitas cartas de leitores que pedem publicação de "xoxotas" (expressão de Fernando) mas não vai ser ela que irá desafiar tabus. Segue, assim, a linha conservadora da multinacional **Playboy**, que nos Estados Unidos só publicou foto de mulher com buceta e tudo quando uma concorrente, **Penthouse**, que fazia isso, começou a abalar suas vendas.

Aqui, a censura é de ferro. E causa um verdadeiro pânico nas revistas, que nunca sabem o que podem publicar. O editor de **Ele & Ela**, Narceu de Almeida Filho, conta como é absurdo seu relacionamento com os censores: é obrigado a mandar pra eles, antes da publicação, duas cópias branco-e-preto e uma colorida da mesma foto porque certa vez ele mandou uma branco-e-preto da Rose de Primo e publicou a mesma foto, colorida. Deu o maior bode. A revista foi apreendida:

— Eles alegaram que na foto em cores aparecem pelos pubianos que não eram vistos em branco-e-preto.

A censura está muito atrasada em relação ao comportamento do brasileiro. Jácomo, de **Fiesta**, tem certeza que é assim e afirma que mostra sua revista ao filho de cinco anos:

— É melhor, assim fica conhecendo logo a mulher, não vai confundir. Apanha uma pilha de fotos e mostra, entre moralista e excitado:

— Olha aí o que se faz nos bailes hoje em dia. Essas fotos são do Monte Líbano do Rio. As mulheres mostrando a buceta pro fotógrafo, tá vendo? E esse, olha, chupando a mulher. E aqui, ele de novo, o mesmo, agora com outra. Um amigo policial me contou que uma hora os homens arrancaram as calcinhas das mulheres. Assim também já é demais.

Foto proibida pela censura prévia

Sonia Braga tirou a roupa por Cr$200 mil

Muitas modelos não gostam de dizer quanto ganham — talvez para que as outras não saibam. Umas poucas ganham até Cr$ 200 mil por uma série de fotos, trabalho de uma semana caso de Sônia Braga, até agora o maior cachê do gênero

Muitas se oferecem, posam de graça, em busca de promoção — e são repudiadas pelas profissionais, que são poucas, no Brasil Um dos bons conhecedores, da área, ex-editor da **Playboy** brasileira, Fernando de Barros, garante que não passam de 30. São geralmente elas que aparecem nuas nas revistas mais caras. O preço é livre. Nunca abaixo, porém, dos Cr$ 30 mil pela aparição Não podem aparecer muito — queima, segundo se convencionou. Não é só para o nu, para a moda também: a modelo tem que ser diferente toda vez que aparece, nunca pode parecer a mesma. Não deve ser fácil pra cabecinha delas. Devem sofrer. Uma das modelos mais bem pagas, Marneide Vidal, está no psiquiatra faz três anos

A diferença do que ganham como modelo vestido e como nu é brutal. A modelo nível top — o mais alto — pode ganhar Cr$ 2 800 por dia numa foto de moda e até Cr$ 60 mil, também por um dia, posando nua. Entre o vestido e o nu há uma escala de preços para cada tipo de foto: foto de calcinha é um preço, de meia outro, de anágua diferente — à medida em que a mulher se despe, fatura mais. Se a mulher, ainda por cima, for famosa, aí não tem preço. E tem aquelas, também, que não aceitam por preço nenhum. Gal Costa já foi cantadíssima

pela **Playboy** brasileira, mas até agora resiste.

Por mais que elas ganhem bom dinheiro, isso não é nada perto do que ganham os outros — fotógrafos, editores — e principalmente os donos das revistas. Claro que eles não contam quanto ganham, mas dá pra fazer uma aproximação. As grandes publicações vendem de 100 a 200 mil exemplares a Cr$ 50. E o preço de uma página de anúncio não deve custar menos de Cr$ 100 mil. As revistas um pouco abaixo — como **Fiesta** — vendem uns 70 mil exemplares. Mas Jácomo La Selva, dono de **Fiesta**, confessou que não paga mais de Cr$ 1.500 para a mulher por meia dúzia de fotos.

As despesas na redação são pequenas. Na **Fiesta** há um só redator: o próprio dono. Nas revistas grandes a diferença não é muita. Nunca mais de seis jornalistas. A maioria das matérias são compradas — daqui ou do exterior. A maioria das fotos também são compradas — mais barato que pagar uma boa modelo.

Quem sofre mesmo é ela, a modelo. Se for novata, corre o risco de levar um cano em qualquer revista: combina o preço e não recebe. Durante as sessões de fotos é obrigada a agüentar de tudo com a maior calma. Como por exemplo: calça 38 e o sapato que lhe dão é 34. E ela ainda tem que sorrir.

Lógico, tem também as cantadas. Partem de todos os lados. Dos envolvidos na produção, dos leitores e dos clientes — pois, mesmo nuas, elas vendem coisas: estão deitadas numa cama, usam uma jóia, seguram uma almofada. Elas não podem ser muito rudes em repelir as investidas...

Vejam, por exemplo, uma resposta gaguejante do editor de **Ele & Ela**, Narceu de Almeida Filho, a uma pergunta a queima-roupa:

É verdade que vocês transam com as mulheres que posam?

— Isso... é... não é assim... você... jamais há a hipótese de condicionar a matéria ao fato de mulher ir pra cama com você. Agora, desde que ela se ofereça, e isso ajude a publicar...

Ninguém come ninguém na hora das fotos

Quem vê as fotos pensa logo: pô, imagina o fotógrafo trancado no estúdio com aquela mulher nua... Fotógrafo tem fama de comedor. Mas será que o clima de excitação da foto é o clima do estúdio? Paulo Rocha, exclusivo da *Playboy*, diz que não:

— A partir do momento em que ela tira a roupa, começamos um trabalho no qual estamos tão envolvidos que não dá nem pra perceber se ela está vestida ou não.

Antes disso, Paulo conversa com a mulher — muitas vezes ela faz nu pela primeira vez:

— Às vezes, é preciso ensinar tudo pra elas...

Para deixá-la à vontade, nem música, nem bebida. Apenas conversa:

— Explico que naquela hora ela é uma atriz. Faz um papel. E o papel não é o de uma mulher que se oferece: é uma mulher que está ali, mas é ela que escolhe com quem vai ficar...

Fred Ayres, fotógrafo carioca, também não acha excitante o nu no estúdio:

— Sempre existe um problema, nenhuma mulher é perfeita. Algumas têm que ficar penduradas pelos braços pra ficar com a pele esticadinha. A gente põe fita crepe nos seios quando são caídos. Às vêzes, elas têm celulite, têm que prender as coisas... E também tem aparecido muito bagulho.

Fernando de Barros também pensa assim. Passou anos vendo mulheres nuas no estúdio e nas revistas. Hoje, torce o nariz para as fotografias, acha todas as mulheres parecidas e as chama de "bonecas de cera". Lembra até de uma ocasião em que se flagrou completamente desinteressado por mulheres, logo ele, velho conquistador, ex-marido de Maria Della Costa, Odete Lara, Tonia Carrero (entre outras) — todas ficaram famosas depois de casar com ele e o deixaram. "A obra se revolta contra o criador", ele comenta. Bom, a ocasião foi em dezembro passado. Ele estava no Rio, ainda na *Playboy*, produzindo fotos com quatro mulheres: Sandra Bréa, Marina Montini, Sônia Braga e Maria Cláudia. Um dia, estavam as quatro se maquiando, completamente nuas, e ele sentado perto delas, pensando em outras coisas, preocupado. Aí, de repente, ele começou a rir e explicou:

— Imaginem quantos homens não dariam tudo para estar agora na minha posição e, no entanto, eu estou aqui vendo vocês quatro, nuazinhas na minha frente, só de chapéu, e não estou nem ligando pra isso!

Foto de Wagner Avancini

Foto de Bobby Costa reportada de Status

Marneide no telefone (em cima) e como aparece nas revistas

Estrela do nu cansou de ser vista como puta

Marneide Vidal é aquela mulher que saiu na capa de **Status** de junho, mais dez páginas lá dentro, poster e tudo. Não acredito que seja ela. Quando abre a porta do apartamento parece mais uma daquelas mulheres que ninguém olha na rua. Baixa, espinhas no rosto, calça de brim, blusa até o pescoço, casaco. Deve ter sido de propósito. Ela se vestiu de anti-gostosa pra me deixar curioso: como é que, nua, fica tão diferente?

Encostada na pequena sala de visitas, a bicicleta que não deixa Marneide perder a linha. Só com 23 anos — como diz — já se preocupa em manter o corpo do jeito que os homens gostam de ver. Escolhe o que come (repele frituras e carne de porco) e só bebe vinho, um pouco.

Ela mora num apartamento com duas amigas. Uma é modelo também, baiana de Itabuna como ela. Outra, Teresa Maria, é atriz.

Está há dois meses sem marido — depois de dois anos, acabou seu casamento com Fernando de Barros, quem defini como "o homem que mais entende de mulheres no Brasil". Foi feito seu terceiro casamento. O anterior tinha sido com o badalado fotógrafo Antônio Guerreiro — com quem ficou três anos.

— Ele fez minha cabeça — diz Marneide — com uma frase: esqueça de você; pense que você é só uma imagem...

Isso deu força pra ela subir na vida de modelo. Lembra que o começo foi duro e era obrigada a dormir na porta das agências porque morava longe e o trabalho começava cedo. Foi oito anos atrás, quando, de Itabuna, parou no Rio. Não demorou a realizar o sonho da infância: pequena, imaginava que seria atriz de teatro rebolado.

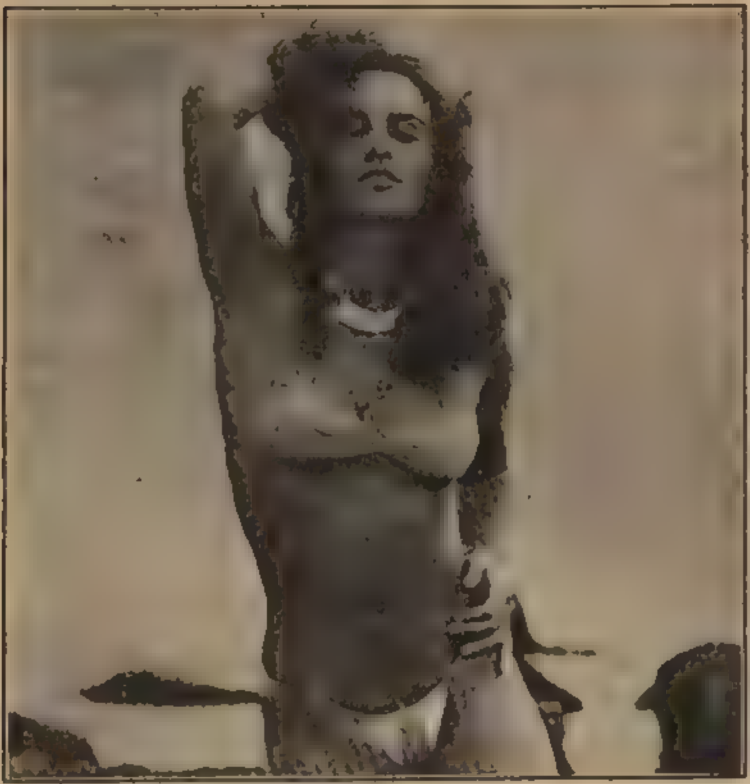
Teresa Maria abre um vinho. O telefone não pára de tocar. A maioria das ligações são para Marneide. Algumas, ela atende, outras não. Para se ter uma idéia da quantidade de telefonemas que a casa recebe, basta ver que há duas linhas instaladas. Homens de todo tipo a procuram. Até por cartas. Ela já recebeu muitas com convites — e até com cheques junto. "Isto é para você passar o fim-de-semana comigo no Mato Grosso", um leitor escreveu pra ela. Outro a convidou para uma viagem de iate. Até um presidiário escreveu, dizendo que ela "parecia mais pura que as outras" e pedindo para visitá-lo.

Da carta do preso ela até gostou (mas não vai vê-lo). As outras lhe dão até raiva e este pode ser um dos motivos que a levaram a parar: não vai mais posar nua nas revistas (só em calendários, "se for muito bem paga"). Ela não diz o motivo. Mas diz que "o leitor não está preparado para ver mulheres nuas":

— Eles pensam que somos putas. Não somos, não. Estamos lá representando. As pessoas não encaram o nu como arte. Pensam que estamos à venda. Os homens gostam de ver a gente na revista mas não pensam em se relacionar seriamente com a mulher que posa. É um passatempo pra eles.

Quatro anos de nudez, três de psiquiatra. Marneide quer dar um tempo. Sabe, porém, que precisa toda semana encher o tanque de seu Fiat. Adora velocidade. Por uma série de nus, confidenciou, costuma cobrar de Cr$ 60 a Cr$ 80 mil. Insuficientes, talvez, para que ela possa aturar "a neurose do estúdio": fotógrafos e produtores aos berros, maquiadores e cabeleireiros. Talvez ela esteja cansada das "poses repetitivas, copiadas de revistas estrangeiras" (os fotógrafos mostram fotos do exterior para gente imitar a expressão, ela diz). Uma coisa é certa (e ela avisa), sorrindo, provocante:

— Meu corpo continua o mesmo...



Wilma Dias, entre a banana e a cama

Foto de Anselmo Dias (publicada em *Amiga*).

Mulher-banana não transa logo de cara

Ela sai da banana no Planeta dos Homens da tv. Rebolando, Wima Dias deve estar nos sonhos de muitos homens. Sorridente e simpática no vídeo, parece uma presa fácil. Ao vivo, não é nada ingênua: recusa-se terminantemente a se deixar fotografar sem maquiagem, porque seu rosto é marcado por espinhas. Depois, explica que não é qualquer foto que tira "porque aparece muita foto escrota por aí: tem fotógrafo que manda posar de bunda pra cima, língua pra fora.

— Eu escolho o fotógrafo. O texto, também, tem que ser como eu quero. Não quero que minhas fotos apareçam com aqueles textos horríveis, idiotas, que eles [illegible]

Wilma já apareceu nua uma vez, na *Status*. E avisa que este ano vai aparecer de novo. Na sua ficha profissional consta: modelo, manequim, atriz, bailarina. Altura: 1,64. Cabelos: castanhos claros. Olhos verdes.

Essa imagem de mulher gostosa e fatal que você transmite é só imagem ou tem a ver com você?

— O sensualismo está nos meus olhos. A imagem que eu transmito tem muito a ver comigo. Eu sou uma mulher muito sensual, feminina, eu sou mulher. E gosto que as pessoas percebam isso. Eu tenho uma sensualidade, uma expressão que gosto de transmitir. Agora, não sou mulher fatal, não sou burra. Sou uma mulher que exige muito respeito. Se chegar pra mim e disser "vamos lá transar", não vem que não tem. Querem comer? mas que não me procurem, eu não vou assim não, qual é? Eu adoro encontrar pessoas desse tipo, porque aí arraso logo com elas.

Repórter foi expulso do estúdio

Até parece um segredo de Estado. Trancado num estúdio fotográfico, um grupo vai fazer a capa da Playboy. *Todo o cuidado é pouco. E os preparativos, inúmeros. Sílvia Camargo, a produtora, passou o dia sem comer. Já era nove da noite.*

Marisa, a modelo, tinha passado a tarde toda no cabeleireiro. E estava a pronta desde às seis da tarde. O que tinha que fazer era simples: posar de pé, a mão enfiada de leve na calça semi-aberta e os seios aparecendo. O fundo, uma parede branca. Na cabeça dela, um capacete de mineiro — pois ela acaba de sair de uma mina de ouro e está no vestiário se trocando.

Marisa entrou no estúdio vestida até o pescoço. Andava com dificuldade, arrastando o fio da lâmpada de seu capacete. Estava de casaco e botas e sorria também com dificuldade, de tão maquiada.

De repente, a produtora notou minha presença no estúdio. Ela, o fotógrafo e a modelo decidiram que eu não poderia ficar. A produtora justificou:

— É uma foto de capa. Preciso de toda a concentração da modelo.

Nem o namorado de Marisa ela deixou ficar. Mas acho que não foi por causa da concentração. Ela não queria era que ninguém visse como as fotos foram feitas — o que fiquei sabendo depois: o trabalho durou até uma da manhã e deu mil problemas, cada hora uma coisa: ou era a calça de Marisa que caía e lá ia o assistente botar esparadrapo ou era o fio aparecendo; ou então Marisa não conseguia fazer a cara que o fotógrafo queria.

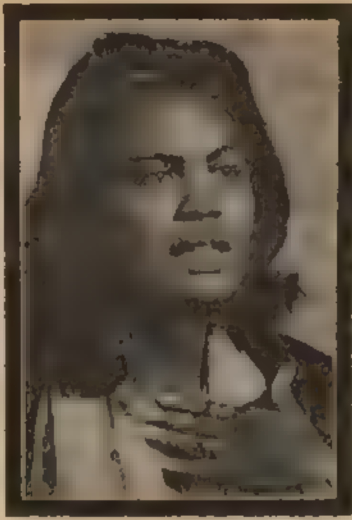


Foto de Chiquito Chaves

"Graças a Deus, sou linda e maravilhosa"

Maria Rosa mostra as pernas toda semana na tv (Planeta dos Homens) e três vezes já saiu mostrando o corpo todo em revistas. Ela é mulata, tipo de mulher que, aparentemente, os homens apreciam. Nem tanto. Já como La Selva, editor de *Fiesta*, diz que mulata não vende na capa — já fez duas experiências e não deu certo. "Dentro da revista, funciona", diz. O fotógrafo Paulo Rocha também admite a discriminação:

— O homem médio ainda associa pretas e mulatas a empregadas, e elas realmente aparecem pouco nas revistas.

Maria Rosa, porém, não se queixa:

— Graças a Deus, eu tenho um rosto e um corpo perfeitos. Tenho um nariz que, para uma mulher negra que nem eu, é muito bem feito. Uma boca de lábios grossos que é muito bem feita. Eu me sinto "a" mulher maravilhosa.

E como você se sente sabendo que os homens usam suas fotos para se masturbarem?

— Ai, eu nunca pensei nisso. Mas acho que não é pelo fato de ser a Maria Rosa que os excita. Isso é uma coisa que já existe há muito tempo. Quando eu era adolescente, via aqueles homens no cinema, também sonhava. Pensar que o cara faz isso comigo não me faz mal nenhum. É um fato normal. Eu sou bastante narcisista. Eu sei que eu sou muito bonita, então essa curtição das pessoas comigo, não sei dizer com palavras o que sinto quanto a tudo isso. Eu acho que tenho que estar preparada pra tudo.

Amante de plantão

Se você mora no Rio e não é dessas de "pegarem no pé", se gosta de um bom vinho e música suave, e quer conhecer um rapaz loiro, olhos azuis e com bastante experiência de amor, apesar de ter apenas 31 anos, dê-me um telefonema numa noite dessas ou num fim de semana para curtirmos juntos umas loucuras. Barão, telefone 242-9585, Rio.

REPORTER telefonou pro Barão, o Amante de Plantão, e pediu pra ele contar porque mandou essa carta para *Ele&Ela* e quem são as pessoas que lhe telefonam:

— A primeira coisa que querem saber é porque eu coloquei esse anúncio, se eu sou um cara solitário. Eu não sou uma pessoa solitária, mas colocar esse anúncio foi um modo de conhecer pessoas de cuca bem aberta. As pessoas acham que eu fui muito corajoso, mas na Europa e nos Estados Unidos, isso é muito natural. Corajosas são as que ligam pra mim. A maioria prefere se encontrar primeiro num bar porque tem medo de vir logo na minha casa. Depois a gente vai prum motel ou pra minha casa, isso varia muito. Liga desde de garotinha de 16, 17 anos até mulheres virgens de 30 anos.

— A maioria das mulheres são casadas. Já houve caso do marido levar ela pra se encontrar comigo e depois ir buscar, e não é gente velha não. Ela tinha 20 e ele 27 anos. Gente de ótima classe social, carrão do ano. Tem também telefonemas de bicha falando assim: Barão, qual é a tua? Aí eu digo: o meu caso é mulher. Uma vez, uma menina me ligou, perguntando se eu não queria dormir com duas amigas dela. Aí perguntei: e você? Ela disse: eu só fico olhando. O primeiro telefonema que eu recebi foi de um homem, aí fingi que eu era o assistente do Barão. Ele perguntou se eu sabia as preferências dele porque ele tinha mulher branca, preta, magra, gorda, tudo. Acho que o cafetão pensou que eu sou um cara milionário. Eu sou professor, ganho Cr$ 32 mil por mês.

Coleção de pentelhos

Tenho curtido o fetiche de alguns leitores que adoram pezinhos de mulher, e esta revista pôde até satisfazê-los com uma reportagem sobre o assunto há alguns números. Como tenho um fetiche que vocês não poderão satisfazer, pelo menos enquanto não se completar a chamada abertura apregoada pelo governo, gostaria de receber pelos pubianos de mulheres de toda parte do Brasil e do mundo. Façam assim: arranquem uma moitinha, colem com durex em uma folha de papel e forneçam seus dados, os mais completos possíveis. L.B., Rua Cândido Mendes, 263/603, Glória, Rio de Janeiro — RJ.

L.B. mandou esta carta para a redação da revista *Ele & Ela*. Em sua casa, L.B. mostrou o que chegou de correspondência enviando-lhe cabelos púbios. Ele guarda tudo numa caixa de sapato, escrito na tampa: pentelhos. As cartas são de vários estados do Brasil, com pelos pubianos colados com durex ou soltos num envelope anexo. São cartas eróticas dizendo, por exemplo: tenho 1,60 de altura, morena, olhos verdes, gostosíssima, e se não te bastar meus pelos te envio depois uma foto minha de tanga. Entre essas cartas L.B. recebeu uma em que veio uma moedinha de 10 centavos colada como benção porque a senhora achou que ele só podia estar maluco.

L.B. respondeu que mandou a carta a *Ele & Ela* porque "eu curto pentelhos, adoro pentelhos, é a coisa que a mulher tem de mais bonito. Os pelos são a minha única fonte de prazer, se a mulher tiver pouco cabelo pode ir embora". Disse que pirados são as pessoas que mandam porque mandam por mandar:

— Eu acho uma grande piração dessas pessoas. A mulher vai no banheiro, arranca uma moita, põe numa carta, vai no correio, tudo isso pruma pessoa desconhecida. Uma piração delas. Nós, fetichistas, não somos tarados. Nós, em vez de vermos o global, nos fixamos a detalhes. A sociedade de consumo que cria esse detalhe. Tem homem que se vir a mulher de calcinha grandona perde totalmente o tesão, não vê o todo. Mas se ela tiver com uma tanguinha... Para a mulher, se um cara está na rua ela pode nem olhar, mas se ele tiver num Puma, ele fica mais excitante. Tenho recebido bastante cartas. São fundamentalmente de mulheres casadas de classe média alta. São mulheres casadas que geralmente os maridos sabem que elas querem satisfazer o fetiche do outro, piração delas.

ELE É DONO DE UM CINEMA-PORNÔ

Reinaldo de Barros, escolhido por Maluf, tem 20% do cine Áurea

"Strips" das 9 às 23 hs

Prefeito de São Paulo explora comércio do sexo

A vida no Cine Áurea começa bem cedo. Às 9 horas da manhã as mulheres já estão peladonas, mostrando o corpo para os freqüentadores habituais. Ficam nuas, há apenas uma tirinha cobrindo a vagina, colada com um pedaço de esparadrapo. Essas mesmas mulheres rodam bolsinhas nas boates, depois de terminado o espetáculo. E não precisam ir muito longe, afinal o Cine Áurea fica bem na boca do lixo de São Paulo, na rua Aurora.

Reinaldo de Barros, o prefeito indicado pelo governador Paulo Maluf para administrar São Paulo um homem sisudo e gordo, balofo como seu tio, o corrupto Adhemar de Barros, de triste memória, o "rouba mas faz", é dono de 20% do Cine Áurea, ponto do comércio do sexo. O faturamento do cinema não é nada desprezível: de acordo com a bilheteira são vendidos cerca de mil ingressos por dia. Como cada ingresso custa Cr$ 24,00, o prefeito biônico de São Paulo fatura uns Cr$ 5 mil, por dia, só naquele cinema.

São exibidos dois filmes, nos intervalos entre um strip-tease e outro, mas, eles, são o que menos interessa. A sessão de strip-tease é anunciada por um acorde musical. Um globo pendurado no teto começa a girar, a soltar luzes azuis, vermelhas, verdes, brancas, amarelas, faz girar, girar, e tome música. Há apenas uma cadeira no palco. A bailarina chega, é aplaudida. Saia longa, vai tirando peça por peça e a joga lentamenteno chão. Rebola. A música ainda é "Je t'aime, moin non plus", aquela erótica que fez sucesso com Serge & Jane Birkin metendo e sussurando o tempo todo, tão lembrados?

Na platéia todo mundo fica junto, na primeira e segunda fila. quem estava no fundo já correu para a primeira fila. A turma fica maluca, uns gritam, outros começam a se masturbar, o guarda — há dois em frente ao palco, um de cada lado — começa a pedir para o pessoal se acalmar.

Antes de darmos uma pequena amostra de quem são esses malucos que desde às 9 da manhã já começam vendo mulher pelada e vão até às 11 da noite — quando as moças saem já bastante apressadas para se virar na noite paulista —, vamos ver quem são as meninas do Cine Áurea.

Iara, 20 anos, é uma delas. Faz seis shows por dia, do meio-dia às dez da noite. Ganha Cr$ 7 mil em carteira, e se apresenta com roupas típicas; uma hora ela é baiana, outra é havaiana, portuguesa, árabe, é uma mulher bastante versátil. Além de fazer strip-tease ela ainda faz ponto na boca do lixo, diz que é numa boate ali bem pertinho do cinema.

Antes de viver tirando a roupa, Iara era overloquista, operária de fábrica de roupa. Deixou a fábrica, passou por escritório até que há um ano caiu no cine Áurea. Considera isso não uma putaria mas uma arte. Ou melhor. um misto de arte e profissão. Acha que os malucos que ficam se masturbando ao vê-la pelada têm "uma sensação diferente", mas, para ela, isso tanto faz. Só não tiraria a roupa "totalmente", ou seja, nunca se apresentaria para tantos homens numa platéia sem o tapa-sexo, aquela tirinha que cobre a entrada da vagina.

Outra bailarina, Iolanda, 18 anos, diz que, entre um espetáculo e outro, dorme numa das camas que tem no camarim. Também ganha Cr$ 7 mil, tem carteira assinada e depois dos shows vai fazer a vida na boate. Não sabe o nome do patrão, quem a apresentou no cinema foi uma bailarina já antiga. Coisa difícil: ter bailarina antiga no Cine Áurea. A mais velha delas, pelo menos de profissão, é Leila, tem seis anos de vida no cine Áurea.

Ao todo são sete bailarinas que tiram a roupa no Cine Áurea.

No começo até que elas dariam entrevista. As moças saem entre um espetáculo ou outro, vão até o bar da esquina onde pedem um prato com arroz, feijão, macarrão e bife, a Cr$ 85,00, e algumas pedem para pôr na conta. Não comem no balcão, mandam colocar um papel em cima da comida, agarram uma garrafa de coca-cola e vão devorar tudo no camarim. Estão sempre apressadas. Quando os funcionários do cinema e mesmo dois testas-de-ferro que se passam por proprietários, e que nunca estão para os jornalistas, notaram que estávamos fazendo uma reportagem no cinema, proibiram as meninas de dar entrevistas. Elas passaram a sair de duas em duas, e raramente iam comprar o almoço no bar da esquina.

Segundo o psiquiatra José Gaiarsa, é a imagem da mulher honesta, a que esconde pudicamente o corpo diante do marido a grande responsável pelo triste espetáculo do Cine Áurea. A verdade é que todos os rapazes ouvidos na porta do cinema — quando estavam se deliciando com as fotos das mulheres peladas e com pose que eles mesmos acham "provocantes" —, são casados.

Sebastião Joaquim Santos, 31 anos, casado há um ano e pouco. Acha as meninas do prefeito "mais ou menos". Naquela tarde ele disse que tinha ido ao médico, no Inamps, e aproveitou para dar uma esticadinha no cinema. Hamilton Diniz, 29 anos, casado, guarda de firma, já pensa diferente. Para ele, as mulheres de lá "não compensam". Roberto Lins Barbosa, 23 anos, casado há 3, dois filhos, diz que todas são muito gostosas. Quando soube que o prefeito paulista era dono de 20% do cinema ficou indignado: "Porra, quero meu dinheiro de volta, quê isso?".

REINALDO TÁ NESSA PORQUE GOSTA MESMO

Além dos 20% do cinema Áurea, o prefeito indicado de São Paulo, Reynaldo Emygdio de Barros tem oito fazendas, seis terrenos, uma casa, um avião, um andar inteiro de edifício, cinco veículos de uso em suas propriedades agrícolas, três embarcações e ações de diversas empresas e estabelecimentos de crédito

Sua declaração de bens foi publicada pelo Diário Oficial do Estado edição de 21 de junho. Diz ainda que ele é acionista da empresa Construções e Comércio Carmargo Correia S.A., que trabalhou na construção das usinas Urubupungá e no metrô de São Paulo. Possui 4 500 ações da Camargo Correia, que valem Cr$ 6 500,00, e de outras firmas Total: Cr$ 3.134.752,00

A sua conta corrente tem depósito de Cr$ 433.783,00, e a prazo fixo, Cr$ 739.861,00. Seus depósitos em cadernetas de poupança totalizam Cr$ 61.641,00, enquanto suas jóias e utensílios domésticos valem Cr$ 92 mil.

Reinaldo de Barros também acusa dívidas em sua declaração, antes de ter sido empossado na prefeitura de São Paulo: Cr$ 6.324.157,00, no setor agrícola, e Cr$ 2.711.525,42 de dívida pessoal.

Reportagem de Rivaldo Chinen. Fotos de Wagner Avancini

FARISEUS NEGOCIAM O SANGUE DE JESUS E GOVERNADOR FATURA

Os romeiros de Porto das Caixas explorados e conformados

Chagas explora as chagas de Cristo

Então, se alguém disser a vocês: eis aqui ou ali o Cristo, não acreditem. Porque se levantarão falsos cristos e falsos profetas e farão sinais e prodígios para, se possível, levarem ao erro até os eleitos. Vocês, porém, fiquem de sobreaviso: Eu disse a vocês, de antemão, todas essas coisas. (Evangelho de São Marcos, capítulo 13, versículos 21 à 23)

Basta passar um domingo em Porto das Caixas, na Baixada Fluminense, o mais novo e mais visitado centro de romarias brasileiro para constatar que, levados pela esperança de se verem curados, melhorarem suas condições de sobrevivência e alcançarem alguma paz interior, os romeiros são submetidos a um processo tríplice de exploração: a dos comerciantes, que negociam suas supérfluas lembranças da romaria; a dos padres, que pregam conformismo e aceitação do sofrimento; e a de um político e empresário que se nomeou, sem decreto, presidente do banco do sangue de Cristo, uma mina que parece ter caído do céu para o bolso do governador Chagas Freitas.

Reportagem de José Antônio Nonato.
Fotos de Custódio Coimbra

Tomem cuidado, para que ninguém engane vocês. (Evangelho de São Mateus, capítulo 24, versículo 4).

O doutor Antônio de Pádua Chagas Freitas, governador do Estado do Rio de Janeiro e proprietário do jornal **O Dia**, o de maior circulação entre a camada mais pobre e mais ignorante de leitores cariocas e fluminenses, tem nome de santo, diz-se católico praticante e foi uma vez a Porto das Caixas, ainda em seu mandato anterior de governo, na mais absoluta discrição. E, apesar de ser o maior cacique da política do Estado, doutor Chagas sempre tomou cuidado para que seu nome ou o de seus candidatos nunca aparecesse em faixas eleitorais, nas imediações do santuário, mesmo na proximidade de eleições.

Raposa matreira, o governador sabe que Porto das Caixas, local de passagem de milhares de pessoas diariamente (e quase todas moradoras e eleitoras do Estado, principalmente das regiões da Baixada, Rio de Janeiro e Norte Fluminense) rende gordos dividendos, mas é preciso um trabalho discreto para faturá-los, sem que se perceba e denuncie que ele está explorando política e economicamente o sangue de Cristo. Em vez de faixas eleitorais ostensivas — até porque o doutor Chagas gosta mesmo é de uma eleição indireta — ele armou um esquema muito mais sutil e eficiente para ganhar dinheiro e prestígio em cima dos fenômenos: a partir de 1973, o doutor Chagas encarregou a repórter Denise Eichler de redigir uma coluna diária sobre Porto das Caixas.

A coluna ocupa a parte mais nobre da quinta página de **O Dia** e, aos domingos, dia em que o jornal vende mais, cresce até tomar quase toda a página. E apresenta uma versão inteiramente favorável à idéia de que ocorrem milagres diários na igrejinha. Sem a menor preocupação em apurar a verdade científica dos fatos que relata em um estilo piegas, Denise conta, dia a dia, as histórias que lhe são relatadas pelos romeiros. Nunca houve depoimento de alguém que dissesse que veio a Porto das Caixas e não conseguiu milagre, é claro. Pior: os romeiros perceberam que existe uma bolsa de milagres e que, quanto mais difícil de curar a doença que os levou lá, maior a possibilidade de sair com nome e foto no jornal, quem sabe até, abraçado com a patroa e cercado pela garotada lá de casa. E todos exageram: que chegaram entrevados, vomitando bílis, com hemorragias em cascatas, só enxergando vultos, sem poder levantar o braço, com isso aqui tudo roxo, sem poder me sentar, com a perna em carne viva e por aí a fora. Quatro vezes por semana, Denise vai a Porto das Caixas arrebanhar milagres. No dia seguinte, de manhã, na redação do jornal, dois andares abaixo do patrão, sempre à mão para qualquer consulta, Denise escolhe os melhores exemplos, os mais comoventes e convincentes.

Garrafas de água nas mãos, esperando a bênção de Cristo

E Ele lhes disse: Vocês pretendem passar por justos perante os homens, mas Deus conhece os seus corações: (Evangelho de São Lucas, capítulo 16, versículo 15)

Calça comprida, casaco de homem, sem ligar para a vaidade e capaz de uma energia que a faz perder mais de nove horas de caminhada pra lá e pra cá, à procura do que está acontecendo, Denise Eichler passa seus dias de trabalho em Porto das Caixas resolvendo múltiplos problemas, nos intervalos em que não é cotucada pelos romeiros que querem lhe contar como ficaram bons da catarata ou da erisipela, para sair no jornal.

Não pode haver auxiliar mais incansável e prestativa do que Denise, doutor Chagas deve saber bem. Ela o considera "um segundo pai" e presta-lhe favores inestimáveis. Com a facilidade de quem é capaz de conversar com dom Antônio de Almeida Moraes Júnior, no palácio arquiepiscopal, em Niterói, ou de bater um papo com um comerciante, sentada no boteco do Bar Bosa, o Rei do Limão, Denise serve com eficiência aos propósitos de um político populista como o doutor Chagas, que quer engabelar os poderosos, mas não se esquece de que é importante chegar aos humildes, embora essa aproximação nunca sirva para

a discussão ou a tentativa de resolver os seus problemas. Correndo a gira de personalidades de Porto das Caixas, tem o cuidado de não fazer a linha Sandra Salim, bloquinho na mão, escutando reivindicações de moradores de ruas sem calçamento. Denise só escreve no jornal para falar de coisas que não são deste mundo, de milagres. E só vendo ela fica comovida ao falar do sofrimento do povo, da miséria que vê por ali, ninguém diria, se não soubesse, que ela é uma das peças mais importantes de promoção e manutenção de mais um esquema montado para deixar as coisas como estão, enquanto os milagres não vêm.

Diz que trabalha pelo santuário porque tem fé e porque foi curada de uma hemorragia, quando visitou Porto das Caixas, pela primeira vez. Curada e precisando de trabalhar para ajudar ao marido que passava dificuldades, ela conseguiu uma apresentação para o doutor Chagas Freitas, que fora conhecido de seu pai. E passou a ocupar-se da coluna. Hoje, recebe cerca de 120 cartas semanais, do mundo inteiro. Propagandista das qualidades do seu patrão ("ele é um homem muito bom..."), Denise serve a seus interesses com fidelidade: se jornalistas que podem comprometer o cuidadoso esquema milagreiro montado pelo governador aparecem em Porto das Caixas, Denise gruda-se a eles e, se não se tomar cuidado, a reportagem é feita a partir do seu ponto de vista, com as pessoas que ela vai buscar para depor sobre os milagres, com as versões que ela acha melhor para explicarem os fenômenos que ela mesma foi a única a registrar em sua coluna, sempre cheia de citações bíblicas.

Com o pessoal do **REPORTER**, desconfiada de que não era um jornal que estivesse a fim de botar azeitona em sua empada benta, Denise foi incansável, fazendo sinal para o dono do bar e não deixando pagar a conta, prestando informações, arranjando depoimentos e acompanhando o trabalho até a hora da volta e oferecendo carona para Niterói. Para recolher entrevistas que não fossem sugeridas por ela, como a do pessoal da Igreja Batista de Porto das Caixas, primeiro foi preciso ouvir perguntas como: "Ouvir esse pessoal pra quê?". E, a todo tempo, quando se pensava que ela estava por outras bandas do lugarejo, atendendo aos fiéis que a puxavam, a todo instante, para pedir para botar no jornal que eles ficaram bons da espinhela caída e da catarata, lá voltava ela para saber "se vocês precisam de alguma coisa, se já ouviram fulano que foi testemunha, se não querem ouvir sicrano que ficou curado..." Inteligente, ativa e dissimulada, ela exerce um controle absoluto sobre o que se passa no local e de tudo dá contas a quem a mandou lá. E sabe ser discreta e evitar comprometer-se com atitudes.

Denise é sutil, não trata de política partidária e só em conversas particulares é que é capaz de elogiar seu patrão e de propor negociações políticas, sempre, naturalmente no estilo do seu chefe. Ao perceber, por exemplo, pelo encaminhamento das perguntas que lhe eram feitas e depois de um dia de trabalho grudada à equipe, que nossa reportagem não seria favorável a seu esquema de sobrevivência profissional chegou a mencionar ao repórter que "o doutor Chagas gosta de rapazes inteligentes e cultos como você. Gente que conheça arte, por exemplo. Agora mesmo, o Estado está precisando da gente assim para trabalhar no Serviço de Patrimônio Histórico, se você se interessar..."

Sutil, mas nem sempre, Denise repete a todo instante que tem fé, mas às vezes se distrai e deixa claro que ela sabe muito bem o produto que representa a imagem do crucificado que ajuda a manter a enorme riqueza de seu patrão: "Olha, eu estou vendo que vocês são meio inexperientes, deixa eu dar um conselho: se vocês puserem a imagem do Cristo na capa da revistinha de vocês, vocês vão ver como esta edição vai vender o dobro."

O que escarnece do pobre insulta e que o criou. (Livro dos Provérbios, capítulo 15, versículo 5)

Denise, ajoelhada, e uma visão dos romeiros de Porto das Caixas.

Milagre incrementou comércio

Porto das Caixas é segundo distrito do município de Itaboraí, no Estado do Rio de Janeiro. É um vilarejo pequeno, em cima de um morro isolado, na Baixada Fluminense, entre o mar e a Serra dos Órgãos. O porto é das caixas porque, desde o século XVII, os franciscanos, que instalaram convento em Cachoeiro de Macacu e os comerciantes de Cantagalo faziam descer as laranjas que produziam para vender na cidade do Rio de Janeiro, dentro de caixas, que desciam o rio Macacu. Trezentos anos depois, Porto das Caixas não chegou sequer à condição de cidade-dormitório, como Caxias e Nilópolis, mais a oeste. Uma pequena olaria é a única indústria do povoado, visitado, diariamente, por cerca de 5 mil pessoas e, aos domingos, por uma multidão de 40 mil.

O comércio de comidas (e bebidas) foi a única coisa a crescer desde que ocorreu o suposto sangramento das chagas da imagem do Cristo Crucificado, em 1968. Até então, havia dois bares-restaurantes na vila e, agora, há mais de 40, fora os clandestinos. Barraquinhas de anúncios de vendas de terreno e uma infinidade de barracas dedicadas à venda das prendas são outras atividades. Só que essas barracas pertencem, quase todas, a forasteiros que chegaram cedo ao lugar, instalaram-se e ali estão até hoje, comerciando objetos que vêm de Aparecida do Norte, em São Paulo.

A capelinha é pequena e simples e está cheia de imagens muito valiosas, a maior e mais bonita das quais é a do Cristo, no altar-mor, cuja beleza e imponência resistiram até ao mau gosto de quem o colocou por trás de um vidro fumê com esquadrias de alumínio, como num box de banheiro. Para conseguir chegar a seus pés e por a mão ou qualquer outro objeto trazido de casa de encontro ao vidro, os romeiros esperam cerca de duas horas em uma fila que se enrosca pelo pátio, debaixo de sol ou de chuva. Há desmaios freqüentes mas, aos domingos, apesar do movimento, não há médicos de plantão no improvisado posto de saúde, atrás da igreja. E quem atende é o auxiliar de enfermagem Carlos Roberto Pereira, que diz estar ali "para quebrar um galho" e reconhece que a maioria dos desmaios — como o de dona Regina Leite Ribeiro, vinda de Rio Bonito e que ele estava atendendo, ocorrem por deficiência de nutrição e o remédio "é aplicar uma glicose na veia para botar a pessoa em pé de novo e ver se dá para voltar pra casa".

As romarias começam às seis da manhã, mas, às quatro, já se vêem extensas filas na rua em frente à rodoviária de Niterói, de onde saem os ônibus que, por Cr$ 14,40, levam ao santuário. O ônibus vai apinhado, com gente pendurada do lado de fora; lá dentro, todo mundo amontoado e salve-se quem puder, durante as empoeiradas e calorentas duas horas de viagem.

Chegados, cumpridos os rituais de recolher a água de uma bica ao lado da igreja (embora haja garrafas com água já benta, à venda nas barracas) e de esperar na fila até a chegada aos pés do Senhor, os romeiros ouvem missa, alimentam-se e rodam por entre as barracas, até a hora de pegar de novo o ônibus lotado e voltar a Niterói. O movimento é diurno e só às sete da noite, quando já não há romeiros, a Sociedade Musical Lira Portuense Santa Cecília promove sua discoteque, freqüentada apenas por moradores.

Promiscuidade, sujeira, moscaria e quase uma tonelada de lixo jogada in natura em um buracão fedorento, bem do lado da igreja, são os problemas mais evidentes de Porto das Caixas para quem chega. Os padres pensam solucioná-los com a construção de um novo santuário, como em Aparecida e Juazeiro. E já compraram até o terreno.

Quem vive do milagre, — como Jorge Barbosa, dono do restaurante Bar Bosa, o Rei do Limão — acredita piamente no milagre. Quem não lucra com ele, como a estudante Sueli Farias, duvida. Mas o testemunho mais eloqüente contra o aparato de exploração vem de dona Maria Abrantes, zeladora da igreja Batista de Porto das Caixas, a dois quarteirões da matriz:

— Como é que eu vou acreditar em milagre de uma imagem que é feita pela mão do homem? Deus condenou a idolatria na Bíblia ..

Desintoxicada da imagem que paira sobre o lugarejo e que é a de um cadáver espancado, ferido, sangrado, torturado e inerte, dona Maria não faz por menos:

— Eu acredito num Deus vivo!

O povo esperando o milagre

Padre Alfredo o povo é puro e tem fé

Padre Jairo comprem o livrinho

Missa parece comercial de TV

Se o irmão ou a irmã estiverem nus e precisarem de alimento cotidiano e algum de vocês lhes disser: "Vão em paz, aqueçam-se e fartem-se...", mas não lhe derem com que satisfazer a necessidade de seu corpo, que proveito lhes viria? Assim também é a fé, se não tem obras, é morta. (Epístola de São Tiago, capítulo 2, versículos 15 a 17)

— Meus irmãos, agora que vocês já renovaram a esperança em Cristo Jesus, nada mais eu posso dizer, a não ser que Ele nos ama. E se alguém quiser saber mais coisas sobre o santuário, deve comprar o livro, que está à venda na sacristia.

A missa do meio dia está acabando. Quem rezou foi padre Jairo dell' Alba. Padre Jairo é bonito, gordo e corado. Em cima do tablado onde foi colocado o altar, vestido com paramentos imaculadamente brancos e uma estola rebordada de dourado, ele tem gestos solenes e olhos semi-cerrados, quando eleva o cálice, durante a consagração. À sua frente, num bruto contraste, acotovelada debaixo de um galpão coberto de zinco, sob um calor de 40 graus e enfrentando moscas que zumbem, crianças que choram alto e um desconforto geral, o povo acompanha a missa, cantando alto: "Eu confio em Nosso Senhor, com fé, esperança e amor..."

É uma multidão de gente feia, magra, banguela, mal vestida e fedorenta, cujo sofrimento está à vista; mas, no sermão, que foi longo, padre Jairo falou de um outro sofrimento, o de Jesus Cristo. Repisar os passos da paixão de Cristo é, aliás, a preocupação dos padres passionistas, a cuja congregação padre Jairo pertence e que, desde 1973, assumiu a direção espiritual do santuário. Terminada a missa, padre Jairo benze a infinidade de garrafas que a assistência ergue para o ar e começa a dispersão. Alguns fiéis podem comprar o frango assado que o comércio local vende a Cr$ 40,00; outros, beliscarão salgadinhos, a dez cada um; há os que trazem merenda de casa e vão comê-la em cima de uma toalha de plástico, à sombra de uma árvore; e a maioria chupa laranjas, a um cruzeiro cada, ou come bananas, duas a um cruzeiro. E padre Jairo, que, antes da missa, dera entrevista afirmando que "há uma distorção no conceito de pobreza a que se refere o Evangelho, pois há pobres que são mais ricos que muitos ricos e ricos que são mais pobres que muitos pobres", dobra cuidadosamente as vestes do ofício e dá uns poucos passos despreocupados para chegar à casa paroquial, que fica bem em frente ao pátio onde os romeiros se ajuntam para seguir a fila. Padre Jairo mora ali, com mais três padres e dois seminaristas. É hora do almoço e, no cardápio, preparados por uma empregada simpática e prestativa — e a julgar pelo cheiro dos petiscos, muito competente — arroz, feijão, bife e batatinhas sauté recobertas com salsa picadinha.

E entrando no templo, Ele pôs-se a expulsar os que ali vendiam e compravam; e derrubou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos vendedores de pombas. Ele não permitia que ninguém transportasse mercadoria alguma pelo templo. E ensinava-os e dizia: "Não está escrito: minha casa será chamada casa de oração para todos os povos? Vocês, porém, a converteram em covil de ladrões". (Evangelho de São Marcos, capítulo 11, versículos 15 a 17)

Os padres passionistas não são, porém, os únicos sacerdotes a se encontrarem por ali, em dia de romaria. Para conhecer Porto das Caixas, padres de muitas denominações e variadas origens aparecem no lugar e, aos domingos, ajudam a rezar as missas, que têm intervalo de meia hora. Padre Alfredo Costa, por exemplo, é sacerdote do clero regular e veio de Natal, no Rio Grande do Norte, para ver os milagres. Encostado a uma das centenas de barraquinhas que vendem terços, imagens, abajures, televisões de plástico, bonecas, garrafas com água ou sem água, chaveiros, flâmulas de clubes, adesivos, bijuterias, folhetos, prospectos, santinhos, fitinhas, cordões de metal, canecas, barômetros e termômetros, quadros, pratos, chinelos, sapatos, lapiseiras, canetas, abridores de garrafas, bandejas, cinzeiros, castiçais e toda a cafonice de lembranças da visita, padre Alfredo ainda fica espantado de o repórter lhe perguntar se aquilo tudo lhe faz lembrar o episódio em que Jesus Cristo desceu o chicote nos mercadores do templo:

— Que é isso, meu filho? O que nós temos que ver aqui é a pureza e a simplicidade da fé desse povo...

ALI, A IGREJA ESTÁ LONGE DA REALIDADE

Ai de vocês, doutores da Lei, que lançam cargas pesadas sobre os homens, e vocês nem com um dedo as tocam! (Evangelho de São Lucas, capítulo 11, versículo 46).

Do ponto de vista estritamente religioso, pode-se dizer que o milagre e a conseqüente visitação em massa, que transformaram a capelinha esquecida no maior centro de romaria do Estado do Rio de Janeiro, ocorreram à revelia da Igreja Católica Romana, a partir de uma única tarde, de 26 de janeiro de 1968, data em que o Cristo teria sangrado, diante de uns poucos circunstantes. Espalhada a notícia do suposto milagre, no dia seguinte começou o alvoroço das romarias e logo chegou a Porto das Caixas, vindo do palácio arquiepiscopal de Niterói, o arcebispo a quem estava afeto o governo da paróquia a que a capela pertence. O arcebispo, na época, era dom Antônio de Almeida Moraes Júnior, de quem se diz que foi sempre um sacerdote "piedoso", mas cuja retórica altiva e vazia e posições conservadoras faziam de sua arquidiocese um lugar onde ainda não chegara o impulso renovador e atualizante do Concílio Vaticano II. Dom Antônio esteve na igrejinha, ouviu o padre Carlos Guillena, pároco de então, e algumas testemunhas, entre as quais o sacristão Niromar Macabu, menino que teria visto o sangue pela primeira vez, e o ex-prefeito Símaco Ramos de Almeida. De volta, o arcebispo assumiu a atitude de não dar foros de verdade oficial aos acontecimentos, mas de incentivá-lo como um exercício de piedade para o povo. Assim, sem se comprometer oficialmente, dom Antônio nada fez para minimizar, com a autoridade de sua palavra, a exploração que, em breve, começou a rondar o templo.

Hoje, o arcebispo de Niterói é dom José Gonçalves, tão reacionário e tão distante de uma igreja colocada a serviço dos problemas reais do homem quanto seu antecessor. E, inteligentemente, dom José continuou a mesma política, só que, para aproveitar melhor o fenômeno, substituiu a estreita competência do pároco de aldeia pela equipe de padres passionistas, congregação fundada em São Paulo da Cruz, na Itália, no século XVIII. E enquanto os passionistas levam a multidão à meditação sobre a dor da chaga do lado de Cristo, dom Antônio — que já resignou o cargo e deixou o arcebispado por causa da idade — e dom José ganharam duas colunas dominicais, para escrever sobre Porto das Caixas. No jornal **O Dia**, naturalmente.

Casamento foi milagre

Nova queria casar
Jesus deu força

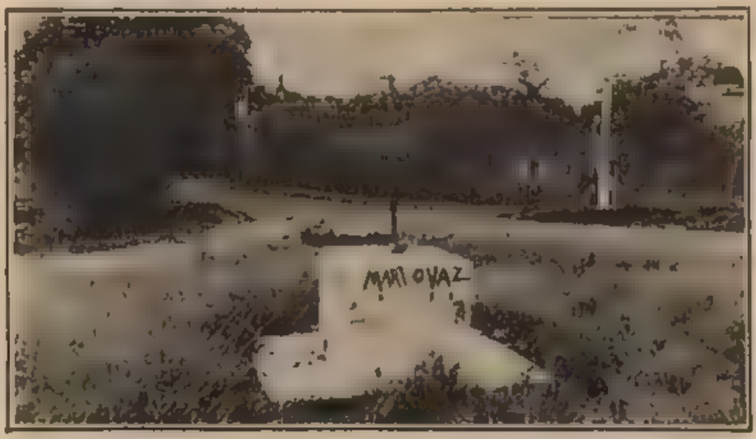
— Eu acredito no milagre e na força do Cristo Crucificado e estou aqui mesmo é pra agradecer a graça que Ele me alcançou. Eu vim de Guarabira, na Paraíba. Me chamo Nova Anacleto dos Santos e a graça que eu pedi foi um casamento. Eu não fui moça de permitir avançamento, não arranjava namorado e, quando arranjava, não servia. Eu queria me casar na igreja, como eu achava que merecia. Então, no dia 21 de janeiro de 1978 eu vim aqui, entrei na igreja de joelhos e fui até o pé do Cristo e pedi. Menos de um mês depois, encontrei esse moço, que hoje é meu marido e que era um rapaz honesto, como eu queria conhecer. Casei com ele e vim trazer meu vestido de noiva aqui para a sala dos milagres. Quem sabe, outra moça mais pobre do que eu não vai precisar do vestido para casar também, não é?

LEMBRANÇA DE JESUS CRUCIFI...

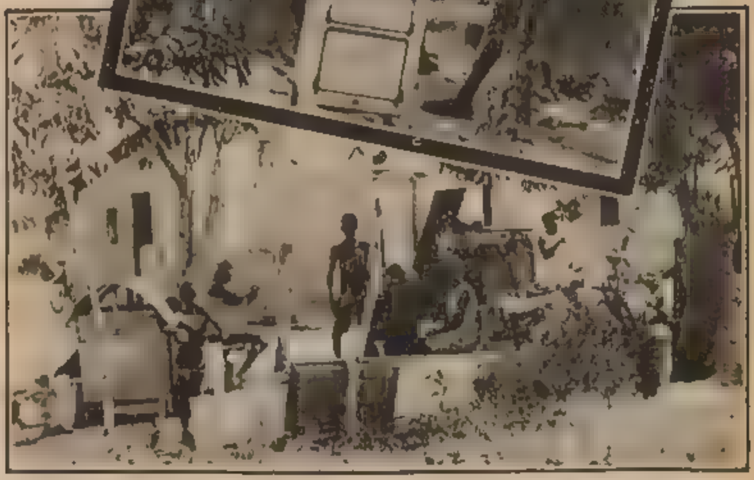
Em Campo Grande, na zona rural do Rio de Janeiro, todo mundo tem medo de Salomão Manela, sogro do prefeito Israel Klabin. Casas destruídas, incendiadas, violências e ameaças que acabaram até na morte do lavrador Mário Vaz, em 1965. Mas até hoje o clima de pânico continua entre posseiros, os legítimos donos da terra. No início do mês de março desse ano, três capangas de Manela foram presos por terem invadido uma casa. Com um telefonema, o grileiro conseguiu soltá-los. Salomão Manela é o maior acionista da S.A. Granja Avícola Pastoril, a Sagap, que se diz proprietária de uma extensa área dentro de Campo Grande e Guaratiba, que nem ela mesma sabe a dimensão. Na época da morte do lavrador, o titular da 35.ª DP era o delegado Rui Dourado, acusado pela igreja de dar cobertura ao grileiro. Entre os maiores acionistas da Sagap estão Egon Frank, pai de Michel Frank que matou Cláudia Lessin Rodrigues e o procurador do Estado, Antônio Vieira de Melo que mentiu na Justiça para dar álibi falso ao Michel. O presidente da Sagap, o ex-secretário de finanças do governo Negrão de Lima, é Altemar Dutra de Castilho, irmão do general João Dutra de Castilho, comandante da Vila Militar em 1968. E quem também passou rapidamente pela empresa (três meses em 1976), como diretor-executivo, foi o general Nilo Canepa, chefe da Polícia Federal no governo Médici.

Sogro do prefeito Klabin manda matar e expulsa posseiros na porrada

Reportagem de Tim Lopes. Fotos de Chiquito Chaves.



O local onde morreu o lavrador Mário Vaz, assassinado pela polícia


Os posseiros e suas casas destruídas pelos capangas de Manela

O cruzeiro está lá até hoje, como prova da violência, erguido no meio de Largo do Correia, por onde passa a estrada do Aterrado do Rio em Campo Grande. Foi ali que o lavrador Mário Vaz, no dia 30 de outubro de 1965 tombou algemado e morto com um tiro nas costas, dado pela polícia, ajudada pelos capangas do grilheiro Salomão Manela.

Esse ano, no dia 20 de março, três capatazes de Manela invadiram a propriedade de Guilherme Gonçalves, que está com processo na justiça. Os invasores — José Roque Vieira, Wilson Zangoni e Antônio Valentim — foram autuados na 35.ª Delegacia, sendo libertados depois que Salomão Manela telefonou mandando soltar os indiciados "responsabilizando-se pelos atos dos empregados."

— Pro Manela, é mais importante gado do que gente. Dar lugar a gado, expulsando gente, da forma violenta como ele faz com as pessoas, é triste. Eu mesmo fui testemunha das barbaridades. Vi soldados de cassetetes e metralhadoras invadindo casas, quebrando tudo. Cheguei a discutir com o general Cannepa, que se dizia do governo Médici, vinha de fala macia, se dizendo católico tal e coisa, abria uma pasta perto dos posseiros e deixava à mostra o revólver. Numa ameaça sutil, como se vê.

Quem fala é o padre Lúcio Zorzi, da paróquia São João Evangelista, na estrada Rio da Prata, em Cabuçu, que conhece de sobra a disputa de terras entre pequenos lavradores, legítimos herdeiros, posseiros ou os donos de pequenos lotes comprados com dificuldade e a Sociedade Granja Agrícola e Pastoril, chefiada pelo seu maior acionista Salomão Manela, que se diz proprietário da enorme área que abrange a metade de Guaratiba.

O capital da Sagap é de Cr$ 10 milhões e entre os maiores acionistas, está o pai de Michel Frank, Egon Max Friderich Frank, com 1.396.500 ações. Outro sócio é o procurador do Estado e ex-diretor do Teatro Municipal Antônio Vieira de Melo, com o mesmo número de ações, amigo de Egon e que mentiu na Justiça para dar álibi falso ao Michel, no caso do assassinato de Claudia Lessin Rodrigues. A mentira foi provada judicialmente e só não foi denunciado, junto com o almirante Carlos Carvalho, porque se retratou. O presidente da Sagap, eleito no dia 2 de janeiro de 1976, é o senhor Altemar Dutra de Castilho, ex-secretário de finanças do governo Negrão de Lima.

— O poder econômico é sempre o mais forte, tristemente — continua o padre Zorzi. Acredito numa solução de pressão popular. O povo tem que se unir para defender a sua terra. À medida em que o povo se une, o poder econômico e político fica com medo. É estranho, em menos de seis anos essa área passou de rural para urbana e depois para área industrial. Está aí a Michelin. Um desrespeito com a população. Dá pra desconfiar: o Tamoyo é ligado ao setor imobiliário e o loteamento dele é logo aí e, agora, o Klabin, ligado do setor industrial. O que querem que a gente pense?

— Ele mandou derrubar a minha casinha que tinha acabado de construir com o meu marido. Passou o trator por cima. Ela tava toda taqueada. Ele é um malvado, não vale nada. E mesmo provando com escritura que o meu marido havia comprado os seis mil metros quadrados, em 1922, quando a Sagap fez o loteamento, ele mandou fazer isso com a gente. Fiquei pagando doze anos um advogado, mas acabei ganhando.

Nervosa, balbuciando as palavras, dona Maria de Oliveira Vaz, de 82 anos, mas bem lúcida, aponta para a placa de madeira pregada na árvore onde está escrito "Sítio da família Azevedo Vaz." Ela não esquece da morte do sobrinho e a cada momento lembra o assassinato. Morando há 52 anos no local e com toda a documentação de cartório em mãos, a família Mário Vaz foi obrigada a deixar os terrenos 83 e 84. Na Justiça, o advogado conseguiu reabilitar a área para a família Vaz.

— É um ladrão, safado, ele manda derrubar tudo com ajuda da polícia. Manda passar trator por cima, manda incendiar. A minha família está movendo uma ação contra ele, mas, o senhor sabe, a gente é pobre, às vezes fica difícil.

Quem fala é Gilberto Silveira Rangel, nascido e criado na fazenda do Saco. Conta, ainda, a história do detetive afastado da polícia, Romeu Valentim Filho, que passara a ocupar, entre os posseiros, o lugar deixado pelo assassinato do lavrador Mário Vaz. Em matéria de página inteira publicada no **Jornal do Brasil** de 25/7/76, com o título "Posseiros de Campo Grande são expulsos à força" conta que Romeu se reunia com os posseiros em seu sítio, orientava-os com relação às ações judiciais e aplacava os mais exaltados contra Manela, recomendando-lhes que confiassem na Justiça. Manela foi a ele e propôs que, se o ajudasse a expulsar os posseiros, teria sua terra regularizada.

A resposta foi "não" e Romeu passou a ser perseguido por Manela, que várias vezes foi com capangas armados a seu sítio. Em março de 1976, sob pressões, Romeu se matou com um tiro na cabeça. Seu pai, Romeu Valentim, apresentou queixa crime na 35.ª DP, através do advogado Israel de Melo Resende, pedindo abertura de inquérito para apurar a responsibilidade de Manela no suicídio. A petição acusa Manela de ter ameaçado derrubar com trator a casa de Romeu e afirma que "seu poder era dinheiro, pois comprara juízes e desembargadores". O caso foi arquivado. A polícia concluiu que Manela estava envolvido "psicologicamente", o que não configura, pela lei, induzimento ao suicídio. As acusações a Manela, segundo o **Jornal do Brasil**, quando não arquivadas na 35.ª DP são conduzidas no sentido de seu arquivamento na Justiça.

— Essa cruz fui eu que fiz quando o Mário morreu. Foi uma tremenda covardia. Algemaram e mataram pelas costas.

Padre José povo unido se defende melhor

Relatório da igreja denuncia violências

"Vejam lá, não batam fotos minhas, pois não tenho nada com isso. Estou aqui porque o comissário Morgado está com medo e eu não tenho medo de homem."

Foi assim, fazendo ameaças, que apareceu o delegado Rui Dourado, de metralhadora em punho, no Largo da Madame, naquela tarde de 30 de outubro de 1965. Em volta do corpo do lavrador Mário Vaz, inúmeras testemunhas amedrontadas pelo aparato policial chefiado pelo delegado. Esse mesmo que, era até o mês passado, titular da 16.ª Delegacia Policial, na Barra da Tijuca, onde morreu o servente Aézio provocando providências do ministério da Justiça.

Num relatório para a Semana de Debates sobre o Rio de Janeiro, em outubro de 1977, a Comissão Pastoral da Terra — Paróquia Santa Clara e Associação Pró-Melhoramentos do Magarça — denuncia as violências contra a população da zona rural, feita pelos empregados do grilheiro, sempre com a cobertura da polícia. Eis alguns trechos:

"É sobretudo a partir de 1962 que o povo de Guaratiba começa a viver o seu longo drama. Pequenos lavradores, legítimos herdeiros, posseiros ou donos de pequenos lotes comprados com o suor de sua fronte, começam a ser expulsos de suas propriedades. Uma companhia chamada Sagap, chefiada pelo maior acionista Salomão Manela. As ações de "reintegração de posse" tomam de supresa muita gente, confiante no longo tempo de ocupação e nos impostos pagos (Ibra, atual Incra, Territorial). Estas ações possessórias se transformam em despejos violentos, atingindo também os vizinhos dos executados: e isso, quase sempre, com a ajuda da 35.ª DP, nesta época (1962-1965) na gestão do delegado Rui Dourado".

O delegado, como diz o relatório, dava cobertura a Sagap e brigou mais tarde com a empresa, ganhando um lote na estrada da Cachamorra, 1000, onde tem a sua mansão. Ao lado, mora o detetive José Curi, que deu o tiro mortal no lavrador Mário Vaz.

O padre José Melchiori, da paróquia Santa Clara, mostra no mapa os pontos de conflitos entre os posseiros e grupos imobiliários que se dizem donos da região, como a Intercontinental, e do senhor Sérgio de Castro, que age em nome do grilheiro Rodrigo Queiróz Lima e o Salomão Manela, que, a pretexto de criar gado, abre espaço para a especulação imobiliária. Para o padre a solução é difícil.

— A única saída, apesar do risco que se corre, é o Estado desapropriar a área para fins sociais. Uma intervenção social na área, correndo o risco da desapropriação. Estamos motivando o pessoal, a terra não foi craida por Deus para alguns, mas sim para todos. Se o povo se unisse teriam muito mais condições de se defender, principalmente das violências, da injustiça.

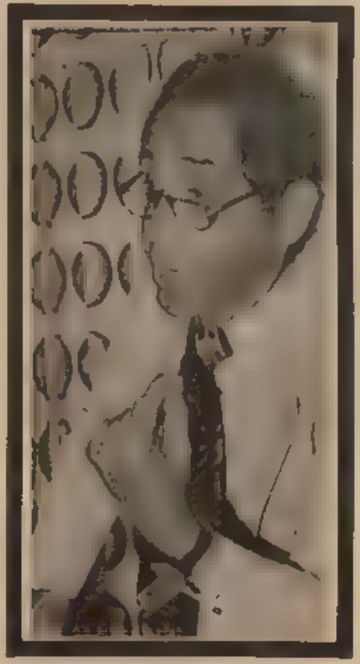
"Em 1965, quando administrava a Sagap, o coronel Ardovino Barbosa, há novo surto de violências contra posseiros e legítimos proprietários da região. No dia 30 de outubro de 1965 é assassinado o jovem lavrador Mário Vaz. Ele estava trabalhando na lavoura, quando soube que a casa do seu vizinho estava sendo invadida por capangas da Sagap e policiais. Foi lá em defesa, desentendeu-se com os invasores, foi algemado e morto com um tiro nas costas, na presença de inúmeras testemunhas. O laudo do exame de corpo de delito feito no local, e assinado pelos peritos Thucydides Miguel de Castro e Edgar Leal de Oliveira, confirma que Mário Vaz fora morto pelas costas e sem possibilidade de defesa. Mas a sentença final declara: "os policiais agiram no estrito cumprimento de dever legal e em legítima defesa".

Manela não prova que é dono

O advogado Jário Teixeira Soares foi constituído pela família herdeira do espólio de Mário Vaz, que conquistou as terras através do usocapião (direitos que se adquire sobre uma propriedade possuída há 20 anos, mesmo sem título registrado em cartório, sem que o proprietário reclame a posse da mesma). Em seu escritório, na rua Barcelos Domingos 32, no centro de Campo Grande, em entrevista ao repórter **Luís Ferrão** ele dá detalhes sobre a briga pelas terras:

— Este **Caso Manela** vem ganhando na Justiça uma importância que não deve porque a Sagap até hoje não conseguiu reunir os requisitos necessários para provar a posse das terras. A área foi quase toda vendida a terceiros e o Salomão Manela ainda possui algumas terras lá. Até hoje ele não conseguiu, perante a Justiça, localizar com plantas e documentos, sua propriedade. Em 1977, a Sagap voltou a notificar os moradores da fazenda do Mato Alto, pedindo a volta das terras que há mais de 20 anos a empresa havia vendido. Um dos compradores, Mário Vaz, possuía a quadra 77, mas por engano construiu o seu patrimônio na quadra 84. Por força, a setença da família foi reintegrada na verdadeira posse, seundo a indicação da Sagap que era autora da questão.

Mas a Sagap, quando perde uma questão, volta com a ação em



Jário Soares, advogado dos posseiros.

nome próprio de Salomão Manela, como diz o advogado:

— Em outubro de 1977, o Manela, insatisfeito com o resultado conseguido com a família, volta numa ação inicial "Nunciação de Obra Nova", ou seja, alguém está construindo, ou cercando, alguma coisa que vai prejudicar o seu imóvel em terremo vizinho. O importante é que se diga que o acionista da Sagap voltou a discutir em juízo a coisa material e formal já **transitada em julgado**, isto é, causa julgada, onde se percebe que o autor, Salomão, alegou invasão que caracteriza esbulho à posse dizendo-se possuidor das terras há 20 anos.

Antes de defender os posseiros, Jário foi convidado por Manela para trabalhar para a Sagap. Por defender os posseiros, o advogado foi ameaçado de morte por elementos contratados pela Sagap para garantir a segurança da área. O advogado foi visitar o cliente Jacques Mazeliah. Lá chegando, encontrou com o chefe da segurança, que anotou a placa do carro do advogado e disse para Jário escutar: "ainda vou acertar esse bicho"

Com relação à Justiça, na briga pela terra, o advogado disse que todos pensam que só acontece grilagem no interior do país, onde as leis são sempre subjugadas pela força. Por esses dias será julgada uma ação de Jacques Mazeliah contra a Sagap, que conseguiu reintegrar às suas posses uma área mesmo sem provar oficialmente que a terra lhe pertencia. A família Jacques mora na Fazenda do Mato Alto há 30 anos, e na primeira decisão o Juiz deu ganho de terra a Sagap. O advogado, no recurso, pedirá para o seu cliente a posse com uma pergunta:

— Por que a Sagap ganhou a causa sem provar que é possuidora?

Pobre sempre leva a pior na briga com o rico

— É briga de gente pobre com gente rica. Além de tudo tem muita gente com medo de falar. Nós temos um testamento que diz que essa terra era sesmaria para uso e fruto da nossa família até a quinta geração. Nós já temos autorização do juíz Mário Rebelo de Mendonça Filho, juíz da 2.ª Vara de Órfãos e Sucessões, para fazer a demarcação das terras. Mas é muito dinheiro, só para começar temos que desembolsar 300 mil cruzeiros.

Lícino Cabral de Azeredo, 49 anos, pai de quatro filhos é um dos herdeiros das terras e descendente direto do Comendador Baltazar de Souza Azeredo Coutinho. A história está no livro "Patrimônio da Fábrica da Matriz de São Salvador" e na "História do Rio de Janeiro", encontrado na Biblioteca Nacional. Em 1805, o rei de Portugal outorgou ao Comendador Baltazar de Souza Azeredo Coutinho a carta da sesmaria das terras de Guaratiba, localizada do mar até o atual Campo Grande. Depois da morte do comendador, em 23/6/1842, uma parte da sesmaria (399 braços e 4 palmos, isto é, 600 hectares) foi para os herdeiros, a outra parte ficou para a sobrepartilha, que até hoje (131 anos depois) encontra-se no 2.º Ofício da 1.ª Vara de Órfãos e Sucessões dessa cidade.

Do partilhado, metade ficou com a filha do comendador, Maria Paula Barroso. Depois, esta terra foi vendida ao senhor Francisco

Licínio, herdeiro das terras, está brigando na Justiça

Cardoso Santos Peixoto e pelos sucessores deste à Cia. Transporte Café e Mercadorias, enfim vendida à antiga prefeitura do Distrito Federal. A outra metade do partilhado ficou com os herdeiros do comendador; Joaquim Luís Rangel de Azeredo Coutinho e seus filhos Miguel e Joaquim, cujos inventários desapareceram do 2.º Ofício do 1.ª Vara de Órfãos e Sucessões. Arlete de Azeredo, mãe de Licínio é neta de Miguel Azeredo de Coutinho.

Em 1916 e 1917, oito dos 17 herdeiros de Miguel e Joaquim venderam parte das terras (sem limites precisos) e direitos hereditários à S.A. Granja Avícola Pastoril. Quando foi aberto o inventário de Miguel e Joaquim, de 17 passaram para 35 os legítimos herdeiros. Feita a partilha, coube à Sagap apenas um, trinta e sete avos das 35 partes. Esse formal foi registrado no 4.º Ofício de Registro Geral de Imóveis, com várias imprecisões e de maneira confusa, não dimensionando com exatidão as terras, sua localização e seus vizinhos. Após o registro, o formal de partilha desapareceu.

Com esse documento do 4.º Ofício, a Sagap loteou e vendeu a terceiros uma área enorme, bem maior do que a realmente adquirida. Entre os anos de 1920 e 1930, a Granja fez cinco loteamentos na área. Posteriormente, foi requerida a falência da Sagap, perante o Juízo da 6.ª Vara Cível, constando nos autos algumas vendas de lotes efetuados pela firma. Com outra diretoria e novos acionistas, a S.A. foi reabilitada em 1955, mudando sua denominação para "Granja Avícola Pastoril (Terras e Loteamentos S.A.)" conforme assembléia geral de 23/3/1955. Em 1957, sob nova direção e tendo como maior acionista o Salomão Manela, a firma toma novo vulto e passa a ser denominada S.A. Granja Agrícola e Pastoril — Sagap, conforme a assembléia extraordinária de 23/3/1957. E de lá pra cá eles querem ganhar tudo no peito.

Ex-secretário de Estado também está na transa

No 9.º andar do edifício 158 na esquina das avenidas Presidente Wilson e Rio Branco, no Rio de Janeiro, com vista para o Parque do Flamengo, funciona a S. Manela Engenharia e Construções. O diretor-presidente, Salomão Manela, estava em Nova York. Quem recebe os repórteres é o presidente da Sagap, Altemar Dutra de Castilho, ex-secretário de Finanças do governo Negrão de Lima e ex-cartola do Botafogo Futebol e Regatas.

Temos provas que a Sagap faz violências contra os posseiros em Campo Grande, o que o senhor diz disso?

— Olha, desde que eu vim prá cá, há três anos, não acontecem violências. Não sou louco de fazer uma guerra contra aquela gente de lá. Nós estamos na Justiça para rever parte das terras que nos pertence, fazer reintegração. Se perdemos, ficamos quietos. Violências, existiram algumas. É que o pessoal sempre exagera. Nós sempre tentamos através da Justiça evitar o usocapião. Agora, se o oficial de Justiça aparece lá com cobertura da polícia e há violência nós não temos nada com isso.

Dizem que os empregados da fazenda não têm carteira assinada?

— Isso é mentira, posso levá-lo agora lá na sede da fazenda e ver que todos têm os seus direitos. O que há é um interesse muito grande em denegrir a figura de um homem que trabalha para o nosso desenvolvimento. Adquiriu aquilo e procura valer os seus direitos. Ele nunca mandou expulsar ninguém.

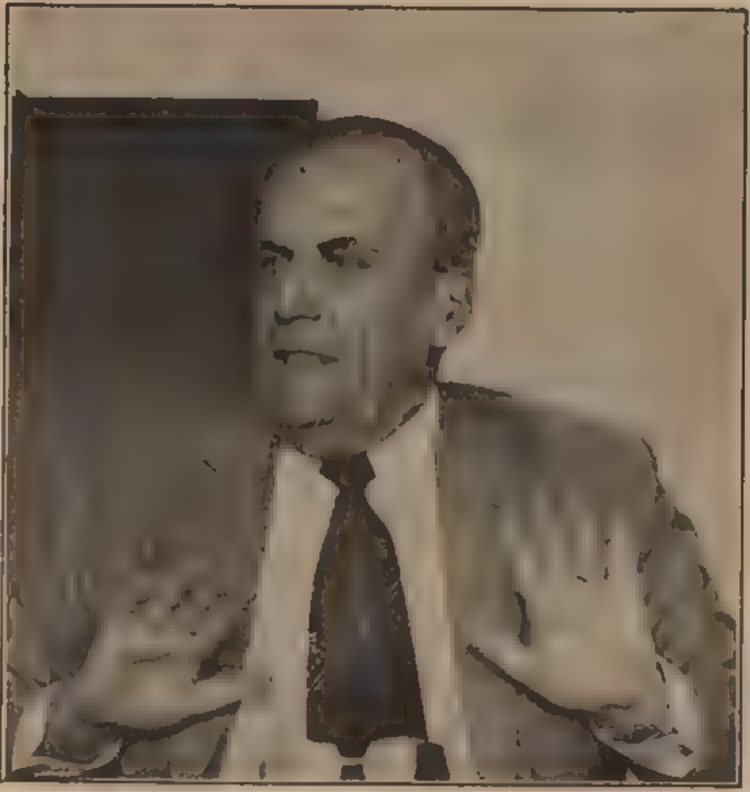
O repórter lê documentos sobre a posse de terra de Guaratiba e Campo Grande, desde dos seus primeiros proprietários. O presidente fica atento, escutando.

Como o senhor vê, o problema das terras não é só da Sagap. Conhecia o histórico das terras?

— Não, disso eu não sei de nada.

O presidente começa a falar da Sagap e do valor da pessoa de Salomão Manela.

— Trabalho com ele e conheço bem. Uma exploração vil para denegrir a imagem de uma pessoa que só quer os seus direitos. Nós arrematamos 4 milhões de metros quadrados na Justiça. É lá que nós brigamos. Não acredito que a Justiça brasileira seja venal e que os peritos sejam todos comprados. A nossa fazenda tem uma criação de gado leiteiro, que produz mil litros diários para abastecer a nossa cidade, temos assistência agrícola e veterinária, silos e um investimento muito grande que fizemos lá. Nós temos ganho inúmeras ações, mas também já temos perdido bastante. Isso tudo que andam dizendo é para denegrir a imagem de um pai de família.



Altemar Dutra de Castilho, ex-secretário de Finanças do RJ

General acusado diz que é contra a violência

O general Nilo Canepa, que no governo do presidente Médici — talvez o período mais negro da Revolução —, foi chefe da Polícia Federal do Rio de Janeiro, disse que só recebeu os repórteres porque foi acusado de violências. Em seu escritório, numa firma de importação e exportação, na rua Teófilo Otoni, centro da cidade, ele se defende:

— O quê que o Altemar disse? — pergunta.

Ele fez a defesa da Sagap.

Sou, a princípio, contra a violência. Eu nunca usei arma porque, além de tudo, arma pesa. Trabalhei apenas quatro meses na fazenda do tal de Manela, que me convidou para administrá-la. Assinei contrato de trabalho como diretor-executivo a convite do doutor Manela, mas logo pedi demissão quando caí de um cavalo na minha fazenda, lá em Bagé, no Sul.

Mas o padre diz que viu o senhor armado?

— Esse padre tá é bom para rezar missa. Eu, pelo contrário, sempre tentei acalmar os ânimos. Falei com o doutor Manela se era possível, à medida que as posses eram ganhas na Justiça, que aproveitasse o pessoal, colocando as famílias nas casas da fazenda. A Sagap faria até um contrato de um ano. Mas esse padre disse para o pessoal não aceitar. Segundo ele, quem garantiria que as famílias não seriam expulsas também da fazenda? Era a minha palavra contra a dele. Volto a dizer que não sou adepto da violência e que não tenho mais nada a ver com a Sagap ou com o doutor Salomão Manela. Passei por lá rapidamente.

General Canepa, ex-chefe da Polícia Federal, trabalhou com Manela

• Este é o procurador do Estado e ex-diretor do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, Antônio Vieira de Mello, um dos dez acionistas da Sagap. Amigo de Egon Franck, prestou declarações falsas à Justiça, inventando um álibi para o assassino de Cláudia Lessin, Michel Franck.

Olha só o time de grileiros

Acionistas da Sociedade Anônima Granja Agrícola Pastoril que possui um capital de 10 milhões. São os seguintes:

1) Salomão Manela — 1.252.624 ações
2) Egon Max Friedderich Frank — 1.396.500
3) Antônio Vieira de Melo — 1.396.500
4) Carlos José Castilho Burle de Figueiredo — 1.396.500
5) Altemar Dutra de Castilho — 378
6) Antônio Joaquim Figueiredo — 1.207.246
7) Sinval Guimarães — 126
8) Abram Szajnferber — 126
9) Mário Manela — 350.000
10) S. Manela Engenharia e Construções — 3.000.000
Total de ações 10.000.000

ASSINE O JORNAL QUE NÃO TEM MEDO DE ASSINAR EMBAIXO.

BASTA LIGAR PARA 253-5038 OU MANDAR PELO CORREIO O CUPOM ABAIXO

Assine REPORTER

CUPOM DE ASSINATURA

- Assinatura por 12 edições: 160,00
— Envie cheque nominal ou vale postal para:
MARGEM EDITORIA E PROGRAMAÇÃO GRÁFICA LTDA.
Rio de Janeiro: rua Miguel Couto, 134 conj. 1101/1104 20000 RJ
Você pode assinar o REPORTER, a partir do nº 0
Indique a partir de que número você quer sua assinatura.

Nome: ....
Profissão: ....
Endereço: ....
CEP: .... **Cidade:** .... **Estado:** ....

ARQUITETO EXPLICA PORQUE ESTRADA DA BARRA VAI DESTRUIR EDIFÍCIO HISTÓRICO

Querem construir espigões no morro atrás da PUC

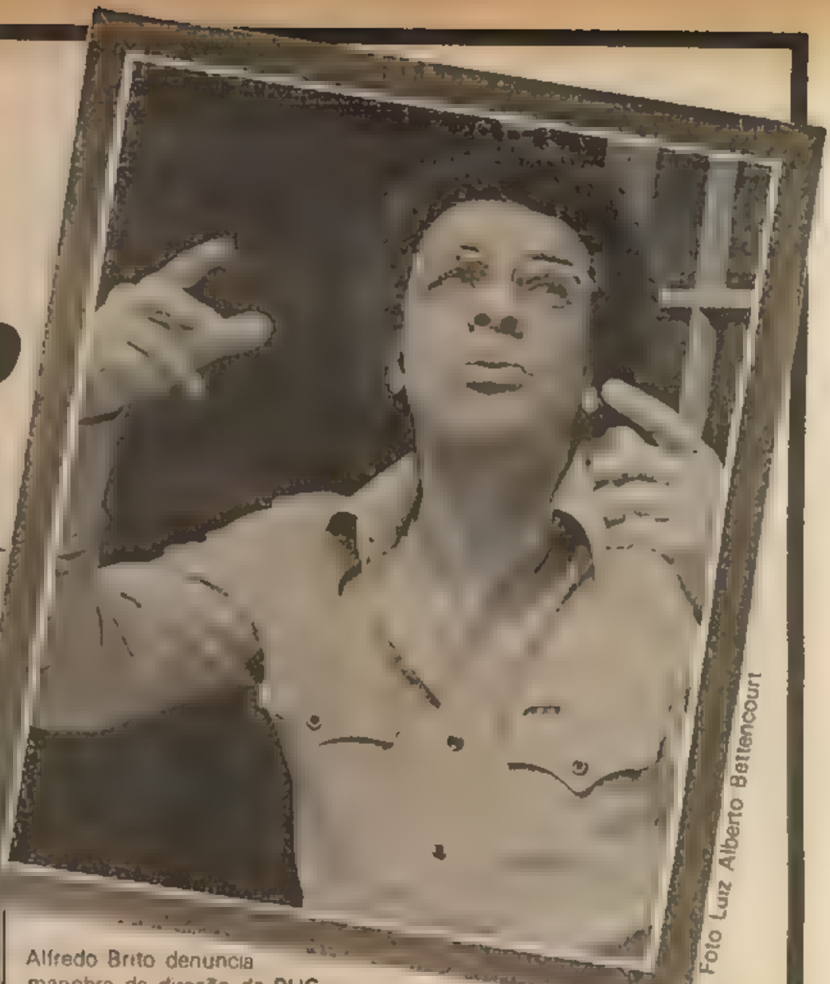
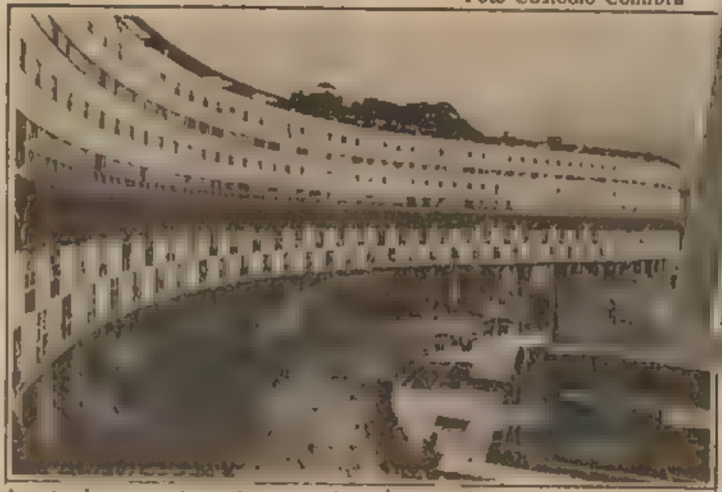


Foto Luiz Alberto Bettencourt

Alfredo Brito denuncia manobra da direção da PUC

Foto Custódio Coimbra



A estrada vai cortar este conjunto pela metade

O projeto de uma auto-estrada ligando o bairro carioca da Gávea à Barra da Tijuca, da maneira como o governo estadual o definiu, serve aos interesses de um grande empreendimento imobiliário. São sete grandes prédios a serem construídos na encosta atrás da Pontifícia Universidade Católica (PUC) e que precisam que a estrada corte o morro para serem aprovados.

A afirmação é do arquiteto e professor, Alfredo Brito, 42 anos, membro do Conselho Superior do Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB) para quem "está havendo uma barganha entre a própria direção da PUC e o governo estadual" para manter o traçado proposto e viabilizar os novos espigões:

" — Eu não sei direito o que a PUC tá levando em troca porque, durante muito tempo, ela lutou pelos terrenos onde hoje se localiza o Planetário (anfiteatro de cúpula no qual se simula o movimento do sistema solar para estudantes e observadores); a PUC queria construir lá o seu parque de esportes e se expandir, portanto. Agora, eu não sei como se justifica a posição da Universidade; mas que está havendo uma barganha isso está: as coisas estão sendo decididas entre o diretor do Departamento Estadual de Estradas de Rodagem (DER) e o reitor da PUC. Os próprios técnicos do DER discordam do seu diretor mas ele não abre mão e diz que o projeto da estrada tem que ser assim mesmo, que vieram ordens de cima. Ninguém sabe de quem, porque, acima dele, só o governador. Ele é simplesmente o Comandante Adias Veloso, secretário de transportes do Estado"

Como se sabe, o projeto atual da auto-estrada para a Barra da Tijuca prevê a derrubada das matas do morro atrás da PUC e passa exatamente pelo meio do conjunto habitacional Manoel França, localizado na rua Leonel França, ao lado da entrada de carros da PUC. O conjunto, projetado pelo arquiteto Reidy, tem enorme importância histórica porque representa a primeira tentativa de adaptar o pessoal transferido da favela a um prédio de apartamentos. Por isso, o edifício tem uma proposta comunitária e seu traçado permite, nas áreas internas, ampla convivência das pessoas. "Não tem sentido cortá-lo ao meio," lamenta Alfredo.

Segundo o arquiteto, no morro que fica atrás da PUC existem terrenos muito valiosos que poderiam ser aproveitados para a construção se a estrada passasse pela encosta:

— Os proprietários dos terrenos são o Mario da Rocha Ribas, a condessa Pereira Carneiro, proprietária do Jornal do Brasil e o Galeano Martins de Almeida.

Alfredo acha que a rua Marquês de São Vicente é realmente estreita demais para comportar todo o tráfego de veículos que procuram as praias da Barra "mas as autoridades usam a aversão da classe média, pelos engarrafamentos para encobrir os interesses econômicos que estão por trás do projeto da auto-estrada":

" — No seu primeiro período de governo, o governador Chagas Freitas mudou a Legislação dos gabaritos para edifícios e liberou a construção de espigões na Gávea. E o fez justamente por pressão das construtoras imobiliárias envolvidas no projeto dos sete prédios. Acontece que, quando o Faria Lima assumiu, os moradores da Gávea já estavam chiando com o surto imobiliário do bairro e, para ganhar alguns pontos políticos, uma das primeiras providências dele foi anular o decreto do Chagas Freitas. E então os prédios do senhor Mario da Rocha Ribas não puderam ser construídos. Agora, logo que o Chagas tomou posse, voltou o problema do acesso à barra (**Nota da redação:** é com intensa cobertura do Jornal do Brasil). Quer dizer, não é coincidência: é uma retomada de posição."

Prova de que ninguém quer discutir o problema é, diz Alfredo Brito, o fato de nem se levar em consideração um projeto alternativo para a auto-estrada proposto por uma comissão de arquitetos e apoiado pelos moradores do conjunto Manoel França: "seria usada a técnica do metrô para cavar um túnel que começaria logo depois da saída do Túnel Dois Irmãos e desceria na paralela da rua Marquês de S. Vicente, passando por debaixo da PUC e saindo na área do Planetário, fora da Universidade e bem na frente do conjunto, que não seria afetado. Esse projeto é, tecnicamente, o melhor, o mais barato e não provoca nenhum problema social. No entanto, o governo sequer admite estudá-lo. A decisão é arbitrária e não encontra reação porque ninguém está organizado para defender seus interesses. Se fosse na favela da Rocinha, a resposta seria imediata e o poder teria mais dificuldade para impor seu plano."

"O Rio é um pasto de negócios"

A cidade, segundo Alfredo, reflete a estrutura de poder: se a sociedade não é democrática, a cidade não pode ser democrática. "No sistema capitalista em que vivemos, a cidade é um pasto para negócios, essa é que é a verdade. A Barra da Tijuca, por exemplo, é um grande negócio. E um grande negócio é a oportunidade de fazer milhares de negócios num só. Eu não sou contra o sujeito que faz negócios; sou contra quem usa os direitos da coletividade pra beneficiar seus interesses particulares. O dinheiro público passa a viabilizar os grandes negócios. É o que acontece no Rio: não há liberdade empresarial; há libertinagem em detrimento dos interesses da população. O (ex-prefeito do Rio) Marcos Tamoyo é um belíssimo exemplo disso: viabilizou os grandes negócios do Rio sempre com aquela capa de humanista. Foi um empresário que construiu fortunas com esse expediente".

Para o arquiteto, não tem sentido pensar no problema de acesso à Barra isoladamente dos outros problemas que a cidade enfrenta: "a cidade tem que ser planejada como um todo. A Gávea (zona sul do Rio) já é uma área privilegiada, então você constrói uma auto-estrada pra atrair mais gente pra essa área? Você vê que é um caso escandaloso, uma fotografia escandalosa da atuação do poder em favor das classes mais ricas."

Outra pressão para construir o acesso vem, diz Alfredo, da indústria automobilística: "ontem mesmo eu li uma notícia que dizia que, ao mesmo tempo em que a produção de automóveis cresceu nos últimos anos a 15% ao ano, o espaço de pista cresceu apenas 0,5%. Você veja que não vai dar. Duplicar pistas (como no caso da auto-estrada da PUC) só transfere engarrafamentos para adiante. A solução é desconcentrar a cidade toda; sem isso não há jeito. O carro está concentrado na zona sul porque o poder aquisitivo é concentrado, porque o poder é concentrado e não respeita nenhum dos valores culturais da cidade."

Alfredo afirma também que o Projeto Rio, anunciado pelo ministro dos Transportes, Mário Andreazza, e defendido pelo governador Chagas Freitas e pelo prefeito, Israel Klabin, segue o mesmo espírito do projeto da auto-estrada: "vai investir na duplicação das pistas da avenida Brasil, não vai resolver o problema do trânsito, que vai passar a engarrafar na altura da Ilha do Governador, mas vai permitir um sem número de negócios pras empreiteiras, demolidoras, empresas de material de contrução, corretoras de lotes, o diabo. Um grande negócio. Vai ser a ponte Rio-Niterói dos anos 80."

Entrevista a
Clarice Niskier

Brasil, paraíso multinacional

É preciso mudar tudo pras coisas continuarem como estão. Isso, segundo o ex-presidente da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Raimundo Faoro, explica o sentido da abertura política promovida pelo general João Batista Figueiredo: enquanto todo o mundo tem liberdade para debater a política, os direitos reais de participação popular nas decisões continuam restritos.

Vejam só: a abertura do governo promete reduzir a participação do Estado na economia, vender empresas públicas ao setor privado e deixar que as leis do mercado conduzam os negócios. Nada de regulamentações protetoras de quem quer que seja. Toda intromissão na vida empresarial deve ser cuidadosamente estudada — e, se possível, evitada. Esse é o rosto da abertura que o governo exibe aos industriais e banqueiros. A lei é a vontade do mercado.

É. Mas a lei do mercado é a lei da selva: sobrevive o mais forte; o mais fraco, dança. Isso quer dizer que a liberalização do regime, permitindo maior participação dos empresários nas decisões econômicas do país, vem favorecendo o fortalecimento dos grandes grupos econômicos em detrimento de empresas nacionais e dos assalariados, que têm menor poder de barganha e influência. Não que o capitalismo selvagem seja invenção de Figueiredo; apenas que num governo de decisões mais descentralizadas, aqueles que têm prestígio entre os governantes chegam sempre na frente.

A "libertinagem empresarial", expressão usada por um superintendente de banco oficial, tem entretanto, produzido duas conseqüências: os descalabros administrativos e econômicos e a maior concentração da renda no país.

A loucura administrativa tem muitos exemplos. Afinal o ministro do Interior agora não é aquele que construiu a rodovia Transamazônica, o milagre da selva, que foi abandonado pelo governo seguinte e que, no atual, vai ser inundada em alguns trechos? Não foi ele quem construiu a Ponte Rio-Niterói, hoje candidata à pista auxiliar do Aeroporto Internacional porque nela só transitam carros de passeio? Afinal não é o mesmo senhor Mario Andreazza que hoje promete casas aos trabalhadores, água aos nordestinos, terras aos índios, estradas aos automóveis, financiamentos aos favelados despejados e ainda jura combater a inflação? É claro que é; mas o ministro confia na falta de memória das pessoas e teima em usar seu cargo para objetivos políticos.

Ele, coitado, não é o único que age assim, justiça lhe seja feita. A coisa veio de cima e começou logo nas nomeações dos auxiliares dos ministros. Nenhum ministro do general Figueiredo escolheu livremente seus assessores: a maioria deles foi indicada pelo Palácio do Planalto que preencheu os postos de maneira a agradar seus clientes.

Economia cai no mais fraco

O ambiente é mesmo esse. Uns contra os outros ou, no mínimo, com pé atrás. O presidente do Banco Central, Carlos Brandão, subordinado ao Ministério da Fazenda, mal fala com o seu ministro, Karlos Rischbieter, embora os dois discutam frequentemente pelos jornais. O Ministro da Indústria e Comércio, Camilo Pena diz que o Programa Nacional do Álcool (Proálcool), que o resto do governo, acha que é prioritário, não vai adiantar muito. O presidente Figueiredo afirma que o Programa Nuclear e o acordo com a Alemanha para produção de energia nuclear em Angra dos Reis (Rio de Janeiro) já é secundário porque o país tem que conter despesas pra derrotar a inflação. O programa e o acordo foram as meninas dos olhos do governo Geisel. Todos os investimentos de empresas estatais foram cortados e as empresas nacionais que a administração anterior ajudou a se expandir ficam sem pai nem mãe porque o governo, que hoje não vai comprar mais nada, era o seu grande comprador.

Numa situação dessas, quem grita mais forte, leva. Exemplo típico disso foi a luta pela localização do Projeto Valesul entre o ministro Cesar Cals e o governo Chagas Freitas, apoiado energicamente pelo jornal carioca **O Globo**. A Valesul é uma fábrica para produzir alumínio cuja matéria prima, a bauxita, vem do Pará. O Ministro Cesar Cals, que é um velho político da região norte/nordeste, mostrou — e, dessa vez, com razão — que não tinha sentido a fábrica ficar no Rio: ela ia receber matéria-prima que vinha do Pará e de Pernambuco, por rodovia. Chagas Freitas reclamou, **O Globo** fez editoriais, a Shell, acionista da Vale do Rio Doce no empreendimento, ameaçou retirar-se, e até o Banco Mundial, que também financiará a empresa, disse que fecharia o crédito se o local da fábrica fosse alterado. Eles ganharam e o tal caminhão cheio de bauxita vem mesmo do Pará até o Rio. Poupando combustível, é claro.

A lei da selva, porém, não se limita aos negócios. Sobre a inflação, o governo pede apoio geral, aperto de cintos mas, todo dia, no mercado aberto de títulos financeiros, vende suas Letras do Tesouro Nacional pagando juros altíssimos porque precisa a todo custo de dinheiro pra pagar as despesas que faz. Esses juros, em função dos quais muitas outras operações financeiras são feitas, acabam aumentando também as outras taxas e a preço dos empréstimos, de forma geral, sobe. Os banqueiros, que são os donos da mercadoria, enriquecem na base da especulação e na orgia financeira provocada pela política monetária.

Os empresários, que também tomam empréstimos, são prejudicados. Pagam caro pelos créditos mas, como têm poder, repassam esse custo pro preço dos seus produtos. O Conselho Interministerial de Preços (CIP), que devia coibir tais repasses indevidos, faz vista grossa, quando não faz coisa pior. Isso é, quando seus técnicos não se deixam envolver pelos favores e presentes dos empresários. Aliás, o CIP não foi mesmo feito pra funcionar porque, se começar a controlar preços, como indica seu nome, vai ajudar a falir as empresas nacionais que restam. As outras, multinacionais, podem suportar prejuízos mais tempo; as nacionais que não cobrarem do consumidor o que os banqueiros cobram delas, fecham as portas.

Os preços, então, seguem adiante e desabam no custo de vida, pago pelos consumidores e assalariados. Que pedem pra também aumentar o preço da sua força de trabalho. Aí o governo lembra a política salarial, os tetos de reajuste e acena o lencinho da austeridade, exigindo participação de todos na luta contra a inflação.

Mas, não era possível o governo financiar suas despesas de outra forma, sem contribuir tanto para inflação no mercado financeiro? É claro que era. Bastava aumentar a arrecadação de impostos, que é a outra forma de conseguir dinheiro. Acontece que, no Brasil, tá na cara que não dá mais pra aumentar os impostos de forma generalizada. Quem já ganha pouco, não pode mais pagar nada. Os impostos teriam que recair sobre as rendas mais altas e sobre os produtos menos essenciais e supérfluos.

Todo o sistema atual de impostos, entretanto, acentua mais ainda as diferenças de renda porque favorece quem ganha muito. A pessoa jurídica (uma empresa), por exemplo, tem mais meios de dedução e abatimentos no imposto de renda do que um cidadão, pessoa física. Os que investem muito também são beneficiados em detrimento das pessoas que só têm renda pra consumir e não conseguem poupar nada. O Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) também é injusto: há o clássico exemplo do macarrão, produto essencial na dieta alimentar de muitas famílias, que paga a mesma coisa das pérolas, altamente valorizadas nos mercados especializados.

Debater tudo e mudar pouco

Sobre a chamada crise de energia, novas conclamações ao amor patriótico. O Brasil não tem dólar pra pagar o petróleo importado. Racionalização. Ameaça de racionamento. Economia de guerra. Guerra a quem, cara-pálida? Ninguém nos últimos quinze anos foi consultado sobre nenhuma decisão na área de energia. E, no entanto, há anos que economistas independentes e jornalistas irriquietos vêm denunciando o absurdo de se manter o país dependente de um produto que importa do exterior. Por que o Proálcool não foi feito antes? Por que o governo continuou a subsidiar o preço do óleo queimado pelas indústrias e a permitir que a indústria automobilística lance 1 milhão de carros novos por ano no mercado? Por que desativaram dezenas de ferrovias? Por que acabaram com os bondes nas principais cidades do país? Por que transformaram o Brasil no reino das rodovias? Por que toda a política de transporte coletivo se baseia no ônibus? Pra economizar petróleo é que não foi. Logo, agora, não peçam ajuda, nem dividam responsabilidade: os governos militares têm essa culpa no cartório e a única guerra justa, no momento, é a guerra à corrupção, pelos direitos dos cidadãos de participarem das decisões que os afetam.

Sobre os problemas urbanos, a abertura do governo tem também uma posição curiosa: continua a usá-los para armar negócios pra indústria imobiliária. Basta dizer que o secretário geral do ministério do Planejamento é o senhor Marcio Fortes, jovem filho de um dos maiores construtores deste país e amigo pessoal do Presidente Figueiredo, o João Fortes.

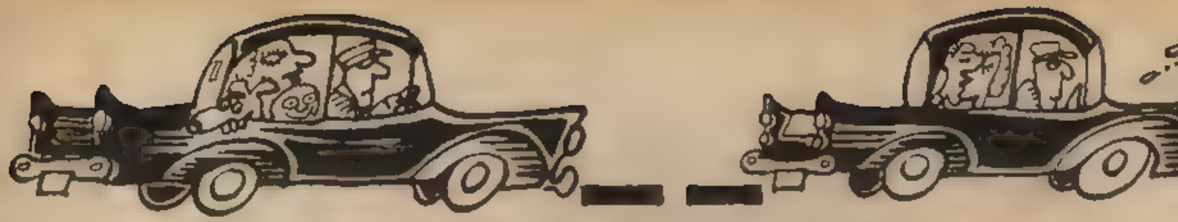
A uma altura dessas, fica difícil entender o que está abrindo. Dirão os de boa vontade que, por exemplo, há algum tempo, escrever esta matéria não seria possível; agora é, a abertura garante, este é o seu valor. É verdade, algo mudou; o fato é que mudou pra impedir as verdadeiras mudanças. A explicação é ainda do advogado Raimundo Faoro, pra quem **conciliação** é diferente de **pacificação**. Com a primeira, acaba o AI-5, o 477, a censura, volta o habeas corpus e algumas franquias democráticas. O resto, o que você leu acima, continua. Com a pacificação, ao contrário, segundo Faoro, os setores hoje marginalizados são integrados ao processo econômico. Como? Eles passam a ter direitos civis, direito de greve, sindicatos livres. Podem lutar por maiores fatias do bolo do progresso. E estão garantidos pela lei.

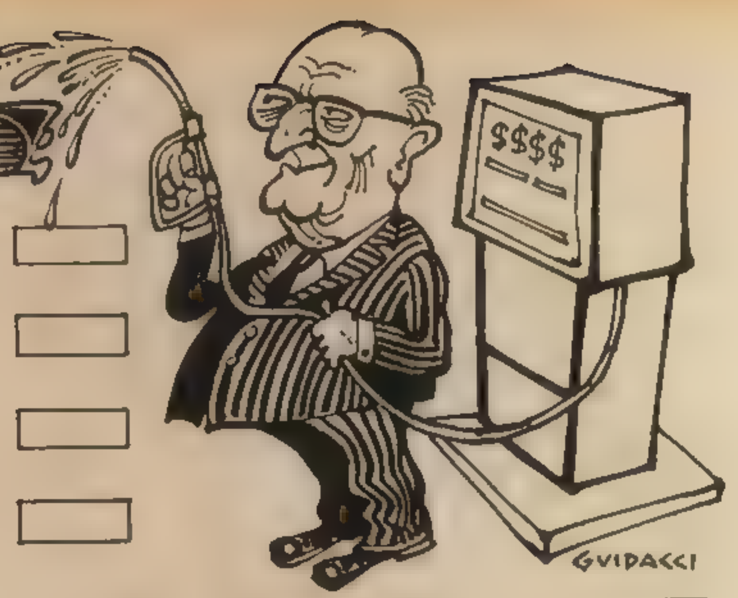
Este o sentido profundo da abertura. A de Figueiredo e Golbery promovem o debate pra retardar as reformas.

Texto de Luiz Alberto Bettencourt

ATENÇÃO! URGENTE: MULTINACIONAL PERTO DO ALVO

GUIDACCI
ABERTURA A VISTA
VAMOS PENETRAR !!!
MULTINACIONAL
NÃO ADIANTOU O AVISO NA PORTA: "ENTRE SEM BATER".
E' ALI A BOCA DE FUMO.
NÃO TÔ VENDO NADA!
SABES QUANTO VALES? O', O', O' ZERINHO!
PM
O SOMOZA, AQUI NO BRASIL, IA SE SENTIR EM CASA.
VAMOS BRINCAR DE MOCINHO E BANDIDO?
EU SOU O BANDIDO.
PM
A MENINA ENCONTROU A BALA PERDIDA.
FSLN
♪ O GIGANTE NÃO E' DE NADA SÓ E' DE MARMELADA ♪
TUDO BEM, GIGANTINHO! TUDO BEEEM. NÃO DÓI NADA...





CHAGAS GASTA GASOLINA A RODO
EM PLENA ECONOMIA DE GUERRA,

Frota oficial do Rio anda 150 mil km ao dia

O governo gasta milhões de cruzeiros em propaganda dizendo pra todo mundo economizar gasolina. Manda andar de ônibus, pela TV — cujos espectadores são na maioria pessoas que sempre andaram de ônibus. Enquanto isso, quem realmente deveria obedecer aos apelos da propaganda parece que nem assiste TV. Exemplo disso é o Estado do Rio de Janeiro que continua usando gasolina a rodo.

Para uma frota de 1100 veículos, o governador Chagas Freitas permite gastos de 305 mil litros de gasolina, por mês, o que dá, em média, 15 litros por veículo, por dia. Isso representa — se o carro gasta uns 10 litros por quilômetro — que cada veículo do governo tem permissão para rodar 150 quilômetros por dia. Todos os carros do governo juntos, portanto, percorrem, num dia 150 mil quilômetros — quase quatro vezes a volta ao mundo em linha reta.

Mas não é só. Além dos veículos oficiais, o governo do Estado também contrata frotas de aluguel, sobre as quais não se tem números exatos de quantidade nem gastos. Some-se a isto as despesas de combustível dos órgãos de administração indireta e de economia mista, onde os números são ainda mais absurdos: apenas quatro desses órgãos juntos (Coderte, a do estacionamento, Detran, (DTC) Departamento de Transporte Concedido e Metrô) gastam quase tanto quanto todas as secretarias do Governo juntas (excluindo a Secretaria de Segurança), ou 270 mil litros por mês.

Informações da Secretaria dos Transportes garantem que não é possível controlar os gastos de combustível dessas empresas (mas acrescentam que devem ultrapassar os das secretarias); já no STO-Serviço de Transportes Oficiais, o superintendente Luís Carlos Rosas afirma que as cotas são também estabelecidas pelo governador Chagas Freitas.

A respeito dos gastos da Secretaria de Segurança, a desinformação ainda é maior. Com a desculpa do sigilo, o delegado Paulo Patrício nega-se a revelar número de viaturas e consumo de combustível, pois "toda e qualquer informação referente a veículos, gastos, armamento e munição é totalmente sigilosa". Pode-se ter uma idéia, porém, de que a polícia não está nem um pouco preocupada em poupar gasolina, segundo as próprias palavras de Paulo Patrício. Ele explica assim o sistema de abastecimento dos veículos da Secretaria:

— Cada unidade recebe uma cota mensal, e, na medida em que for acabando, ela vai sendo renovada, conforme as necessidades.

E o município do Rio não fica atrás do Estado. Os 336 veículos da frota oficial gastam 111 mil litros mensais — ou 330 litros por veículo. São, assim, 15 litros por dia em cada carro. Multiplicando pelo gasto de um litro a cada 10 quilômetros, conclui-se que a frota da prefeitura roda 50 mil quilômetros por dia. Estado e Prefeitura, somados, andam num dia 200 mil quilômetros. E gastam uma fábula: 5000 litros ou Cr$ 50 mil por dia (Prefeitura) e 16500 litros ou Cr$ 165 mil por dia (Estado).

Por outro lado, a Justiça, que tarda mas não falha, não mostra pressa em economizar combustível. Funcionários do Palácio da Justiça, no Rio de Janeiro informaram que a cota máxima de consumo mensal é 270 litros por carro e, mais adiante, lembraram que cada motorista recebe um talão que lhe dá direito a 230 litros mensais, que ele recebe nos postos da Petrobrás.

Os motoristas, entretanto, desmentem as duas versões e afirmam que a cota varia de acordo com veículo e ninguém paga do próprio bolso os litros excedentes. O Galaxie consome 400 litros de gasolina comum por mês, o Opala gasta 300 e os talões não são controlados porque muitos desembargadores andam demais e ultrapassam suas cotas.

De modo, meu amigo, que quando você vir o general Figueiredo andando de Volks movido a álcool deve lembrar-lhe que o seu sacrifício será em vão se ele não acabar com o desperdício na sua própria casa, o setor público do país, que gasta muito mais do que deve e ainda quer esconder da imprensa.

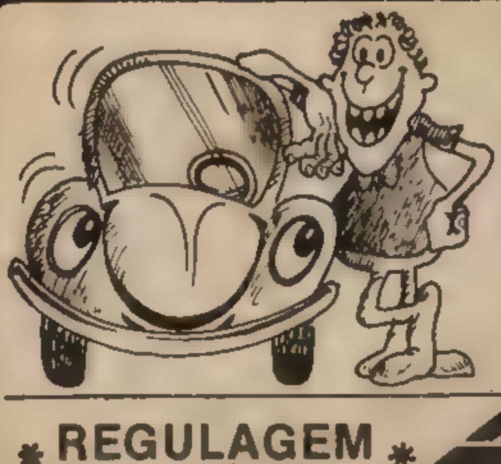
Na área federal, ninguém informa quanto consome

O Ministério das Minas e Energia desconhece qualquer plano de controle de consumo de combustível na área federal. Não é ele também que estabelece cotas de gasolina para os ministérios nem sabe quem faz isso — foi o que informou sua assessoria de imprensa ao REPORTER. Há vagas informações de que o CNP-Conselho Nacional do Petróleo está preparando alguma coisa a respeito.

Desconfia-se que não existam dados oficiais pois os próprios ministérios recusam-se a fornecê-los, sob as mais diversas alegações. A mesma coisa acontece com outros órgãos ligados a ministérios, como é o caso do BNH: sua assessoria de comunicações não quis dizer quantos veículos o Banco Nacional da Habitação tem, nem quanta gasolina consome porque a área de transportes é considerada "extremamente sigilosa" dentro da empresa.

O Instituto Nacional da Previdência Social (INPS) sequer forneceu informações: sua assessoria de imprensa explicou que "a cota limite do Instituto foi de 20 mil mensais em 1978", mas não podia dizer quanto o INPS tinha realmente gasto no ano passado. Falar sobre 1979, era impossível.

O mais curioso na área federal, entretanto, é o fato de o CNP, que tem mapas diários das disponibilidades de petróleo no país, não ter, até agora, limitado efetivamente o consumo de ministérios, autarquias e empresas públicas. Sim, porque, se tivesse, o ministério das Minas e Energia deveria estar informado, assim como o público em geral. Se não está, é porque o governo prefere controlar a gasolina dos outros.



A Carbutec tem a solução para o problema do seu carburador.

Serviços especializados de carburadores DFV — Solex
Serviços elétricos
Posto autorizado de carburadores

* REGULAGEM ELETRÔNICA *

Regulagem Carbutec Ltda.
Rua Arístides Lobo, 213 — Loja 1 — Tel.: 234-7998

Sindicato dos Bancários do Rio denuncia que, enquanto os diretores ganham até Cr$ 500 mil, o bancário não pode nem pedir aumento. Se pedir, é mandado embora.

Brandão, do Bradesco Cr$ 400 mil

Soares, do Real Cr$ 300 mil

Moreira, do Unibanco: Cr$ 250 mil

Abreu, do Itaú Cr$ 500 mil em média

Banqueiro ganha fortuna e bancário, hora extra

Enquanto um bancário recebe, em média, um salário de Cr$ 3.500 mensais e é obrigado a dar diariamente duas horas a mais do que as seis estipuladas no seu contrato de trabalho, um banqueiro, acomodado confortavelmente em um escritório atapetado e com cadeiras giratórias, recebe por mês o que um trabalhador só ganha em prêmios de loteria.

O Bradesco, banco comercial que melhor remunera seus diretores, paga a seus dois diretores-executivos, Lázaro de Melo Brandão e Francisco Sanches, um salário de Cr$ 400 mil mensais, fora comissões. É claro que as responsabilidades desses dois executivos são muito grandes: Lázaro além de diretor gerente do Bradesco é presidente da Associação de Bancos de São Paulo; Sanches dirige empreendimentos do Grupo Brasileiro de Descontos fora da área financeira e só isso justifica a diferença entre seus rendimentos e os de um atendente de portaria, que ganha Cr$ 2.300, ou de um contador (Cr$ 2.600), ou ainda de um tesoureiro (Cr$ 2.800).

Como se não bastasse essa diferença, há, ainda, a distribuição de gratificações: só no segundo semestre do ano passado, o Bradesco deu Cr$ 4 milhões e 800 mil de gratificações à diretoria e seus funcionários, sendo que os 20 diretores e membros do Conselho de Administração de Controle dividiram um total superior a Cr$ 3 milhões, ou seja um mínimo de Cr$ 150 mil para cada diretor.

No Itaú, segundo maior banco do país, a média salarial dos diretores está em torno de Cr$ 350 mil. As únicas exceções são: o diretor-geral, José Carlos de Moraes Abreu, um dos oito representantes da iniciativa privada no Conselho Monetário Nacional, que retira uma média de Cr$ 500 mil por mês. Enquanto isso os bancários complementam o salário irrisório que recebem através de um sistema de horas extras, calculadas em uma percentagem mínima de 30% a mais do que o valor da hora normal.

No Banco Real, o maior salário, além do presidente Aloysio de Andrade Faria, é o do vice-presidente, eleito em fevereiro, Juarez Soares. Até a data de sua eleição, era o maior salário entre os diretores, tendo como justificativa para os zeros do seu contracheque o fato de ser responsável pela área internacional e pela expansão do grupo Real no exterior. Juarez fatura tanto nesse banco que, convidado pelo novo presidente do Banco Central, Carlos Brandão, para dirigir a área externa do BC, recusou o convite, afirmando que o salário oferecido, Cr$ 125 mil mensais, não dava para pagar nem o seu imposto de renda. A média salarial dos diretores do Real, incluindo comissões e gratificações, gira em torno dos Cr$ 300 mil por mês.

A média de bancários que trabalha oito horas por dia para receber um acréscimo de salário é de 80%, mesmo porque, quando ingressam na casa, assinam uma cláusula no contrato que afirma estarem dispostos a trabalhar horas extras quando "houver necessidade". É claro que, como o objetivo do lucro está por traz disso tudo, é sempre necessário trabalhar a mais, arriscando-se a uma demissão aquele, bancário obviamente, que se negar a fazê-lo.

No Unibanco o padrão salarial de seus vice-presidentes — Gabriel Jorge Ferreira, Hélio José Pires, Oliveira Dias, Israel Vainboim, Júlio César Belisário Vianna, Marcílio Marques Moreira e Tomas Tomislav Antonin Zinner, que também respondem pelas vice-presidências do banco de investimentos, está acima de Cr$ 250 mil mensais, sem contar comissões e gratificações. Enquanto isso, os funcionários que se organizam, através da atividade sindical, para conseguir um aumento do piso salarial, sofrem as mais variadas formas de pressão: tanto podem ficar excluídos de benefícios dados pelo banco (como empréstimo facilitado para compra da casa própria) como podem ser sumariamente demitidos.

Os bancos Nacional, Mercantil de São Paulo, Comind, Econômico, Auxiliar de São Paulo e Bamerindus pagam, em média, Cr$ 200 mil mensais a seus diretores, principalmente àqueles que acumulam cargos executivos nas outras empresas financeiras do grupo. Como há uma tendência crescente do banco comercial tornar-se um banco múltiplo, assumindo funções de banco de investimentos, financeiras, seguradoras e corretoras, "é natural" que seus dirigentes recebam mais comissões e gratificações, por assumirem estas responsabilidades. É claro que os bancários trabalham sem receber qualquer adicional, e muitas vezes sem receber os benefícios conquistados pela sua categoria, como é o caso dos funcionários do Banco Nacional, que até hoje ainda não receberam o abono de 20% conseguido no ano passado.

O Sindicato dos Bancários do Rio de Janeiro vê nessas diferenças salariais um dos absurdos do sistema, no entanto acha que é muito mais uma questão de fazer alguma coisa para modificar esse quadro do que ficar classificando-o com adjetivos. O secretário-geral, Antônio Timóteo Neto, vê possibilidades de realizarem uma boa campanha salarial esse ano, afirmando que os ganhos «serão maiores na medida em que a categoria estiver mobilizada. Daí a principal preocupação da atual diretoria ser a de levar as discussões para as bases, o que, segundo Timóteo, "organizará o bancário nos locais de trabalho, formando, assim, os embriões para as futuras comissões sindicais por banco."

Reportagem de
Vera Lúcia Dias

Depois da maconha, e deixando de lado o álcool, a droga de maior consumo no Brasil é a cocaína, cujo tráfico é muito difícil de ser controlado, pois normalmente envolve pessoas cheias de dinheiro e, por isso, praticamente intocáveis. A própria Polícia Federal de São Paulo diz que sabe quem consome o pó, de onde vem, por onde passa, mas não tem carta branca do governo para agir. Como disse um policial: "Não sou louco de entrar num palacete desses do Morumbi para correr atrás de cocaína". Quer dizer, para os ricos é como se tivesse liberdade.

Segundo a PF, a cidade onde o consumo mais cresceu no ano passado foi Brasília: 100%. Em seguida vem São Paulo, com 80%. Em virtude do seu alto preço (dependendo do grau de pureza, uma grama de pó pode chegar até a mil cruzeiros no Rio e um pouco mais em São Paulo), a classe que mais a consome é a burguesia. A classe média paga as rebarbas, comprando o excedente não consumido pela burguesia. Paga mais barato, mas em compensação consome um pó de qualidade inferior, que, muitas vezes, atinge um grau de pureza de apenas 20%.

Governo deixa gente fina cheirar coca

O gringo chegou ao restaurante chinês no horário marcado. O peruano, muito bem vestido, o esperava no saguão. Acompanhados pelo garçom, os dois atravessaram o enorme salão de banquetes em direção às pequenas salas reservadas, no fundo do restaurante. Entraram, o peruano pediu bebidas e assim que elas foram servidas a porta do reservado foi trancada. Do bolso interno de seu paletó, o peruano tirou um pequeno envólucro de papel laminado, contendo três pequenos envelopes de papel vegetal, cada um com um tipo de cocaína. Virando três pratos para cima, o peruano abriu os envelopes e, separadamente, despejou o conteúdo de cada um nos pratos.

— Aqui há três tipos — disse ele ao gringo. Três preços diferentes. O tipo A, o melhor, é 92% puro e custa 10 mil dólares (Cr$ 260 mil) o quilo. O tipo B, com pureza em torno de 80%, vale oito mil dólares (Cr$ 208 mil). O tipo C, um pouco amarelado por causa de excesso de ácido clorídrico, tem 70% e custa seis mil dólares (Cr$ 156 mil).

O americano tirou do bolso um vidrinho com solução de cobalto e, com um conta-gotas, despejou uma gota do líquido em cada tipo de cocaína. A reação no tipo A foi instantânea. Rapidamente, a quantidade de cocaína atingida pelo cobalto se transformou de branco neve em azul profundo, o que indicava alto teor de pureza. Os outros dois tipos apresentaram reações lentas e um tom de azul fraco, indicando coca mal feita ou misturada.

— Quero dois quilos do tipo A — falou o gringo.

— Por cinco mil dólares a mais eu lhe entrego tudo dentro do aeroporto, depois da alfândega, no *free-shop*.

O americano pensou um pouco e fez um sinal com a cabeça, concordando. Foi, então, marcado um encontro para o dia seguinte, às cinco horas, dentro do aeroporto Jorge Chavez, onde a troca do dinheiro pela cocaína seria feita. O peruano embrulhou novamente os envelopes, mas deixou com o americano o que havia restado do tipo A. A conta foi paga e os dois deixaram o restaurante. Lá fora, enquanto o gringo manobrava seu fusca alugado no estacionamento, o manobrista levava até a porta um Lincoln Continental novinho em folha, no qual o peruano entrou e desapareceu na noite de Lima.

Essa foi apenas uma das muitas transações feitas diariamente em Lima, capital do Peru, um dos três países sul-americanos responsáveis pela produção mundial da cocaína. Os outros dois são Bolívia e Colômbia. Juntos, os três produzem cerca de 90 toneladas anuais de coca, avaliadas em, pelo menos, 4,5 bilhões de dólares (Cr$ 117 bilhões), considerando o preço médio de 50 mil dólares (Cr$ 1,3 milhões) o quilo nos principais mercados consumidores — Estados Unidos e Europa. Só nos Estados Unidos, no ano passado, a estimativa era de um movimento anual de mais ou menos 3,5 bilhões de dólares, com uma estimativa de oito milhões de consumidores habituais.

A cocaína preferida nos Estados Unidos é a peruana, mais pura e, por isso mesmo, mais cara do que a boliviana e a colombiana. Já na Europa a preferida é a boliviana, que dá um barato mais violento do que a peruana. Além disso, em Londres, por exemplo, ela é imediatamente misturada com sal de anfetamina, pois os ingleses e europeus, de maneira geral, estão acostumados com um outro tipo de *speed*, mais físico, onde as reações orgânicas (garganta apertada, língua seca, morder os lábios, suor frio, etc) são maiores. O barato da cocaína peruana, consumida pura nos Estados Unidos, já é bem mais tranqüilo, mais psíquico do que físico, embora as reações físicas estimulantes também apareçam.

Enquanto a cocaína peruana consegue atingir um grau de pureza de até 95%, na Bolívia, onde os métodos de fabricação não são tão sofisticados, o máximo que se consegue é 85%. Por isso, em Santa Cruz de la Sierra, cidade boliviana próxima à fronteira do Brasil (Mato Grosso) o preço da coca mais pura do local está por volta de cinco mil dólares (Cr$ 130 mil) o quilo.

É praticamente de lá que vem toda a coca consumida no Brasil, onde o preço do quilo varia no mercado consumidor de Cr$ 500 mil a Cr$ 1 milhão, dependendo do grau de pureza. No Rio de Janeiro, a grama da coca boliviana (85%) é comprada por mil cruzeiros, enquanto em São Paulo custa mil e 200 cruzeiros. Mas se compra coca de Cr$ 500 a grama e, às vezes, até menos, mas a qualidade deixa muito a desejar. Nas bocas de morro, um "papel" de 500 vem com aproximadamente um quarto de grama de pó, cuja pureza não ultrapassa 40%. Isso quando não se encontram misturas incríveis, com apenas 20% de cocaína. Portanto, quanto mais baixo for o poder aquisitivo, pior será o pó adquirido. Nas misturas entram sal de anfetamina (que encarece o produto), bicarbonato de sódio, lactose (um tipo de açúcar para crianças), talco sem cheiro, sal de cozinha, açúcar, estriquinina, o diabo.

Essas e outras substâncias perigosas, quando entram no sangue, através de um picada, podem causar envenenamento do sangue e até a morte, quando se trata de uma *overdose* (super dose). Quando o organismo não suporta uma dose de coca, o usuário pode morrer de parada respiratória.

Mas mesmo apesar dos perigos, o consumo da cocaína está aumentando sempre, principalmente no Rio, São Paulo e Brasília, que detém o recorde de crescimento anual. No ano passado, o consumo de coca na capital federal aumentou em 100%, segundo a Polícia Federal, enquanto em São Paulo o aumento foi de 80%, em relação ao ano anterior. A cocaína está invadindo o mercado consumidor urbano do Brasil.

Incas descobriram os poderes da planta divina

A cocaína é o principal alcalóide do **Erythroxylon coca**, vegetal nativo da Bolívia, Peru, Colômbia e parte do Chile. Seus "poderes mágicos" foram descobertos pelos Incas, que passaram a cultivá-la, passando a ser conhecida como a "Planta divina dos Incas". Divina porque o ato de mascar suas folhas produzia um efeito estimulante, além de diminuir o frio e a fome, tão comuns nas geladas e pobres regiões andinas.

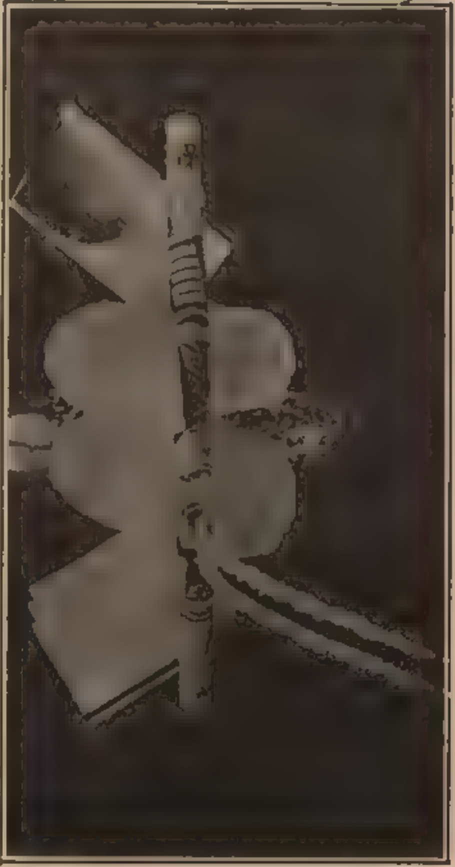
O alcalóide da cocaína (cloridato de cocaína) foi descoberto na Europa em 1860. Uma nova e sensacional droga havia sido descoberta. Um pó branco que era aspirado e agia como excitante psíquico, produzindo uma euforia, com diminuição das inibições e sensação de aumento do vigor físico.

Na medicina, a cocaína passou a ser utilizada como excelente anestésico local, perfeito para cirurgias locais. Além disso, seus efeitos estimulantes fizeram com que a coca fosse amplamente receitada como anti-depressivo. Em pouco tempo se transformaria na "droga maravilha", que podia curar desde constipações até asmas. Gente famosa, como Aldous Huxley e Freud, indicavam seu uso como estimulante cerebral, sendo que o pai da psicanálise chegou a defender várias teses sobre a droga, que era comprada livremente em qualquer farmácia, até ser proibida.

Quando aspirada e usada moderadamente, a cocaína não produz dependência física (adaptação fisiológica do corpo à presença de uma droga) nem tolerância (aumento da dosagem para aumentar os efeitos). Na supressão da droga, o usuário não apresenta sintomas físicos, mas sente uma profunda depressão e alucinações. Mas agindo unicamente como dependência psíquica (efeito adicional do uso da droga provocado pela necessidade de satisfazer uma exigência emocional ou pessoal) pode levar o usuário a um perigoso tipo de abuso de drogas.

Nos casos de **intoxicação aguda**, o usuário manifesta, de imediato, os efeitos sobre o sistema nervoso central: super excitação psíquica, ansiedade e descoordenação motora. A pulsação acelera-se e a respiração torna-se irregular, podendo surgir calafrios. A pressão arterial se eleva bastante, a princípio, para depois cair. Podem advir, também, náuseas e vômitos.

Na **intoxicação crônica**, que acontece entre as pessoas psiquicamente imaturas ou com problemas emocionais e/ou psicológicos, o viciado aumenta rapidamente a tolerância à cocaína, levando-o a repetir com grande freqüência as doses, até consumir várias gramas diariamente. Nesse caso, surgem os sintomas negativos, insônia, excitação, emagrecimento, marcado por uma falta de apetite total. As alucinações se tornam penosas. A capacidade psíquica se torna cada vez menos produtiva e mais desviada. São freqüentes os delírios com base alucinatória e de conteúdo persecutório (paranóia).



Essa foto foi a vencedora de um concurso sobre cocaína, promovido por uma galeria de Nova Iorque, e publicada na Hi Life, revista americana especializada em drogas

Um publicitário de 36 anos, ex-viciado em cocaína, descreve assim sua experiência:

"Levado pela euforia e a enorme energia aparente provocadas pelo pó, abusei da cocaína durante algum tempo. Em pouco menos de um mês, consumindo várias gramas diariamente, perdi quase 18 quilos. Não conseguia comer nada sólido, alimentando-me apenas de leite e suco de frutas. Em minha cabeça as coisas eram confusas e a paranóia aumentava a cada dia. Se passasse várias horas sem uma cafungada, minha cara crescia, ficava inchada e congestionada. O nariz, sangrando constantemente, me aborrecia e me criava os maiores problemas. E eu me sentindo um super-homem, com toda a energia do mundo à minha disposição.

De repente, fui obrigado a parar, caso contrário ia acabar morrendo. Passei as duas piores semanas da minha vida. O corpo doía, o nariz, esburacado pelo ácido clorídrico, ardia e sangrava, até que no final das duas semanas se cicatrizou, me dando um pouco de paz. Recomecei a me alimentar normalmente, o que foi muito difícil, no início. Mas eu sabia que uma alimentação perfeita era o melhor remédio para mim. Três meses depois, recuperei meu peso e já me sentia outro".

TESTE DE PUREZA MOSTRA A QUALIDADE

Para se determinar com precisão o grau de pureza da coca, é necessário uma complicada análise química qualitativa, que separa todas as substâncias contidas no pó, dando, ao final, a exata percentagem. Mas, existem testes simples, ou complicados, que darão com boa margem de acerto, sua pureza.

*O mais simples destes testes é o do **fogo**: num papel de alumínio coloca-se um pouco do pó, que é aquecido até se transformar em um líquido amarelado e viscoso. Qualquer resíduo deixado no alumínio significa corte.*

Solução de Cobalto — É um líquido cor-de-rosa que, quando adicionado ao pó, este muda de cor, ficando azul. Quanto mais rápida a reação e mais forte o tom de azul, maior a pureza da coca.

Methanol — Em quatro mililitros de Methanol, dissolve-se um grama de coca. A cocaína pura deverá se dissolver totalmente antes que o pó chegue ao fundo do líquido.

Teste do Éter — Por ser a cocaína produzida com éter, ela não é solúvel neste químico. Portanto, coca solúvel em éter não é coca.

Teste da Agua — Dissolve-se uma grama de coca em seis mililitros de água, que é passada em papel filtro e em seguida posta para evaporar em banho-maria. O resíduo que ficar no filtro é o corte. O que sobra depois que a água evaporar é a coca pura, que poderá ser pesada para se determinar a percentagem do corte.

Ácidos, querosene e éter na produção do pó

Em Huanuco, no Peru, se encontram as maiores plantações de coca do mundo. A planta da coca, um arbusto de um a três metros de altura, flores pequenas e amareladas e frutos vermelhos, ainda é cultivada até hoje nos mesmos terraços recortados nos Andes pelos Incas. Depois da colheita, que se processa uma vez por ano, as folhas são espalhadas ao sol para secagem. Em seguida, são acondicionadas em fardos de 35 quilos para serem mais tarde transformadas em "pasta de coca". São necessários 150 quilos de folhas para um de pasta, obtidos por um processo rudimentar e lento. E de um quilo de pasta se obtém meio de cocaína. Tingo Maria, cidade do **Departamiento** de Huanuco é responsável por 90% de toda a produção de pasta peruana. As cozinhas de pasta, algumas super equipadas, com enormes tanques de cimento com capacidade de até 1,5 toneladas de folhas, e agitação automática, funcionam, às vezes, 24 horas por dia.

As folhas são, de início, tratadas com uma solução de ácido sulfúrico que as amolece, para melhor extração da alcalóide. Depois, são lavadas, para se retirar os vestígios do ácido, e acrescenta-se uma solução aquosa de carbonato de sódio. Em seguida, com agitação constante, adiciona-se querosene, que dissolve os alcalóides ainda não dissolvidos pela água. A água é extraída e evaporada em banho-maria. O resíduo, uma pasta cor de areia, é o alcalóide puro da cocaína. Depois, é prensada em tabletes de um quilo e desce para Lima, onde uma parte vai para Callao (o porto da capital peruana), onde as cozinhas produzem a cocaína. Uma grande parte da pasta é contrabandeada para a Colômbia para os sofisticados laboratórios da Máfia americana.

Da pasta, faz-se um pó, que é dissolvido em água e uma solução de ácido clorídrico. Ferve-se em banho-maria para a evaporação da água. O resíduo que fica, com a evaporação, é precipitado em uma solução de éter com carbonato de sódio, obtendo-se a cocaína. E muitos casos, principalmente na Bolívia, o alto preço do éter obriga os produtores a misturá-lo com acetona.

Uma pequena quantidade da pasta fica em Lima, sendo consumida pela juventude peruana, que descobriu o **tabacaço**, um cigarro feito com a pasta, dez vezes mais barata do que a cocaína. Imprópria para cheirar ou ser aplicada na veia, a pasta pode ser fumada e provocar os mesmos efeitos da coca. E quando misturada com a fraca maconha peruana, produz efeitos especiais, estimulantes e, ao mesmo tempo, tranqüilos.

A qualidade da coca varia de acordo com as condições em que a pasta é processada. Para se obter cocaína totalmente pura é necessário extrema limpeza e bom equipamento de laboratório. Considerando que no Peru e na Bolívia, ao contrário da Colômbia, as cozinhas são rudimentares e os "cozinheiros" não entendem nada de química, comprar pó com alto grau de pureza é difícil. Em vez de tubos de ensaio, condensadores e outros instrumentos químicos, grande parte das cozinhas peruanas e bolivianas usam mamadeiras, garrafas de água mineral, potes e coisas do gênero. Muito mais para alquimia do que para química. Mas quando se faz cocaína em um bom laboratório do Peru, ela é considerada a melhor do mundo, junto com a da Colômbia, para onde vai uma grande quantidade de pasta de coca peruana.

Apesar da dificuldade para se adquirir os produtos químicos necessários ao processo, pois a venda é controlada pela polícia peruana (o que provoca um ativo mercado negro, onde o éter chega a ser vendido a 50 dólares — Cr$ 1.300 — o quilo) os laboratórios clandestinos proliferam a cada ano, graças ao consumo sempre crescente nos Estados Unidos, principalmente.

Além de Lima e Callao, que são os principais mercados peruanos de cocaína, o pó pode ser encontrado com facilidade, e bem mais caro, em Cusco (primeira cidade das Américas, antiga capital Inca) e Puno (às margens do Lago Titicaca), por serem cidades turísticas e onde o dólar rola à vontade.

Consumo aumentou 100% na capital federal

O Rio tem mais fama, mas o consumo de cocaína é maior em São Paulo. Tem-se a impressão de que no Rio a quantidade é maior, pois é onde o pó é mais misturado (ganha até o nome de "pó de mármore"): de cada quilo que recebem, os traficantes fazem quatro. Em São Paulo, o produto é mais puro — cada quilo importado transforma-se em apenas dois . Mas enquanto no Rio os consumidores se concentram na Zona Sul, em São Paulo espalham-se por muitos bairros e pelo interior do Estado — onde a coca é desembarcada nos aeroportos livres de sítios e fazendas. Grande quantidade da remessa vai para a capital, mas no interior mesmo, fica bastante. Somando-se o consumo das cidades interioranas mais ricas — Araçatuba, Araraquara, Campinas — ele supera o da capital, desde o ano passado. De São Paulo e do Rio, a coca é distribuída para o resto do país.

A Polícia Federal sabe de onde a coca vem, por onde passa, onde e como é distribuída. Sabe até de nomes importantes envolvidos no tráfico. Mas não pode pôr a mão neles, porque é gente da alta. A polícia sabe que a cocaína rola nas mansões — num círculo restrito e fechado no qual até os jovens informantes da Federal têm dificuldade de penetrar. — Como é que vou entrar numa mansão dessa? — comentou um policial. Pra reprimir mesmo, só com carta branca do governo — completou.

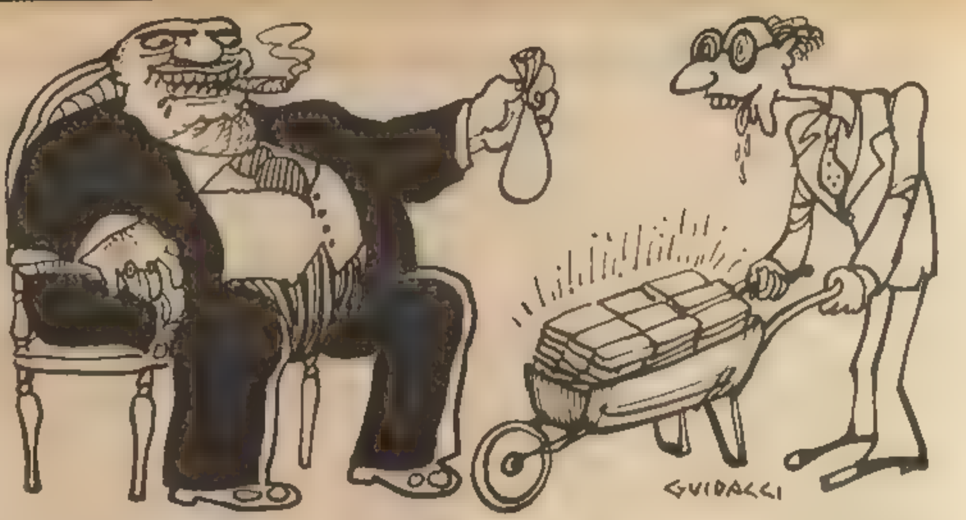
Os grandes traficantes também escapam à repressão. Sabe-se que estão entre eles os proprietários de casas noturnas, que são pontos de distribuição da mercadoria. Mas eles são os "financiadores", só dão e recebem dinheiro de seus subordinados, que comerciam tudo. Assim, nunca estão "com a mão na massa".

A polícia não desconhece que os hotéis de luxo também distribuem coca, mas não pode fazer uma *blitz* sem ter absoluta certeza se vai encontrar alguma coisa. Mal aparelhada, sem verbas, sem pessoal e altamente corrupível, a polícia não tem condições de enfrentar a "máfia da cocaína" — chega a ser, dizem, até uma concorrência desleal.

— A polícia de entorpecentes é marginalizada — e se queixam alguns policiais. Se nós tivéssemos as verbas que tem o Dops..., lamentam-se.

Todas essas dificuldades impedem a polícia de fazer grandes apreensões de coca. Durante 1978, por exemplo, apenas 30 quilos foram apreendidos em São Paulo.

Segundo Fábio Calheiros Wanderley, diretor da Divisão de Entorpecentes em Brasília, de 1977 para 78 o consumo de cocaína no país aumentou em 80%; a cidade que teve o maior aumento foi Brasília: 100%. Um dado muito interessante.



Ouro já era. Brisola dá mais grana

Fazendo-se uma comparação de mercado entre cocaína, maconha e ouro, descobre-se dados fantásticos. O primeiro deles é que, enquanto o quilo do ouro está aproximadamente a 10 mil 700 dólares (Cr$ 278 mil 200) o mínimo que a cocaína custa nos Estados Unidos é 20 mil dólares (Cr$ 520 mil), na Flórida, chegando até a 32 mil dólares (Cr$ 832 mil). Mas em Nova Iorque é praticamente impossível conseguir um quilo de pó por menos de 50 mil dólares (Cr$ 1 milhão 300). Ali, ele chega até a 70 mil dólares.

Na Flórida, um dos principais locais de entrada de maconha e cocaína da América do Sul, o fumo colombiano pode ser encontrado a 600 dólares (Cr$ 15 mil 600), às vezes até menos, tipo 300 dólares, dependendo da época e da qualidade. Mas em Nova Iorque esse preço sobe assustadoramente e nunca é inferior a dois mil dólares (Cr$ 56 mil). Isso, a colombiana, pois a havaiana e as asiáticas sobem a três, quatro mil dólares.

Dos três "produtos", o que mais movimenta dinheiro é a maconha, que, embora bem mais barata, é consumida em maiores quantidades. 42 milhões de americanos fumam 65 toneladas diárias de maconha, movimentando anualmente 25 bilhões de dólares, enquanto os consumidores de cocaína são oito milhões, movimentando cerca de 3,5 bilhões de dólares. O consumo de ouro, como se sabe, é bem menor, mesmo porque não dá barato nenhum e não provoca dependência física, apenas psicológica.

ALEGRIA, PÓ, BRISA, NEVE E PIZZICATA

*Segundo o **Glossário Sobre Drogas** da Polícia Federal, existem inúmeros nomes para a cocaína: alegria, bianca, boliviana, branca, branquinha, brisa, brisola, brilho, coca, cheiro, cristina, deusa branca, farinha, lua, lulu, neve, novidade, pamonha, pó, pó celeste, pó da vida, pó do sonho, pó milagroso, poeira, poeira da morte, poeira do sonho, poeira divina, poeira maldita, pizzicata, quinhentos, rapa, sonho, talco.*

O glossário mostra, também, as várias expressões relacionadas com o uso da cocaína:

***Babila** — cartão ou outro papel, onde é colocado o pó para ser aspirado.*

***Batizada** — Cocaína misturada com outras substâncias.*

***Cafungar** — Cheirar o pó.*

***Caminho** — Fileira de cocaína para ser aspirada.*

***Carreira** — Idem.*

***Cheirada** — Ato de aspirar a coca.*

***Cheirinho** — Aspirar uma dose muito pequena.*

***Cheiro** — Pequena quantidade de pó para ser aspirado.*

***Contrato** — Pequena porção de cocaína.*

***Corneta** — Pequeno canudo utilizado para aspirar cocaína. Geralmente, é feito com uma célula nova, que é enrolada na forma de um canudo.*

***Corridinha** — Ato de tomar ou aspirar cocaína.*

***Corte** — Ato de adicionar outra substância à coca.*

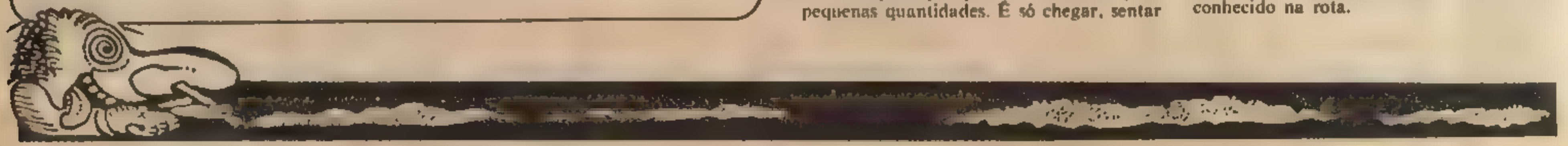
***Negativa** — Cocaína falsificada, borra do sulfato de cocaína, que é vendida como cocaína.*

***Papel, papelote** — Invólucro pequeno contendo o pó. É uma embalagem no formato de um pequeno envelope, pronto para ser comercializado. No Rio e em São Paulo, encontra-se, normalmente, papéis a partir de Cr$ 100,00, este com uma quantidade mínima de pó misturado.*

***Perversa** — Cocaína misturada com pervitim (droga anfetamínica, encontrada sob a forma de ampolas ou comprimidos; não é mais fabricada no Brasil, sendo, porém, encontrada na Argentina e no Uruguai).*

***Picada, Pico** — Ato de aplicar a coca diluída em água destilada na veia.*

***Prisa** — Porção de cocaína, pronta para ser aspirada.*



Coca do Brasil vem quase toda da Bolívia

La Paz é a capital da Bolívia e Santa Cruz de la Sierra é a capital mundial da cocaína. Em 1976, segundo a polícia local, havia mais de 600 cozinhas (laboratórios) funcionando em Santa Cruz e vilarejos vizinhos, produzindo cerca de 70% de toda a coca boliviana. Cidade de 80 mil habitantes, a mais progressista da Bolívia, com um índice de crescimento superior a La Paz e o único lugar do país onde não se vê um índio.

A coca boliviana, pedras duras e quase sem brilho, mais forte e menos pura do que a peruana (os peruanos apelidaram a coca boliviana de **Urin de gato** — mijo de gato — e atribuem seu baixo teor de pureza aos químicos de má qualidade, a maioria contrabandeado do Brasil). Quando comprada em La paz, seu preço varia de seis a oito mil dólares, mas em Santa Cruz custa por volta de cinco mil.

E é de Santa Cruz que vem quase toda a coca que é consumida no Brasil, por reunir três condições básicas: bom preço, o centro produtor mais próximo do Brasil e facilidades para se passar com produto pela fronteira, onde a corrupção corre solta na alfândega, de um lado e do outro.

Em Santa Cruz, nos meses de junho e julho, os gringos são substituídos por um tipo de turista comum só a esses dois meses do ano: o **brasileño**, considerado um freguês chato, em relação aos norte-americanos, que eles tratam de gringo.

A Plaza 24 de Mayo, onde fica o quartel da polícia, é a bolsa da cocaína de Santa Cruz, o principal ponto de vendas para pequenas quantidades. É só chegar, sentar em um dos bancos da praça e em menos de 15 minutos alguém lhe oferecerá o pó. Tudo no nariz da polícia.

— São os dólares que entram. Muito dinheiro. À vista. Todo mundo aqui já se corrompeu.

Quem fala é Carlos, um paraguaio de 20 e poucos anos, que há quatro vive em Santa Cruz, transando com o pó.

O único problema é você ter certeza que o seu cozinheiro paga proteção aos homens. E não é pra polícia, não. Esses são todos uns babacas — acrescentou.

Segundo Carlos, nos seus quatro anos de transas, conseguiu juntar um bom dinheiro, que está guardado num banco da Venezuela, para sua aposentadoria.

— O pior freguês que existe é o brasileiro — diz. Ele sempre chateia. Combina um preço e depois quer abatimento. Fala que quer um quilo e, no fim, só tem grana pra meio. Isso não acontece com o gringo, que vem aqui e paga o preço pedido sem reclamar.

O Trem da Morte, que faz a ligação entre Santa Cruz e Porto Suarez (a 15 minutos de carro de Corumbá, Mato Grosso, fronteira com a Bolívia) é a principal rota para o Brasil, tanto pelos traficantes eventuais, como pelos que vivem do comércio da coca. É uma viagem cansativa (24 horas, no mínimo) e perigosa, pois a qualquer hora policiais bolivianos poderão entrar no trem e revistar todos. Mesmo assim, muitos brasileiros se arriscam e a maioria é bem sucedida, principalmente quem já é conhecido na rota.

Tortura no Mappin e no Banco Real

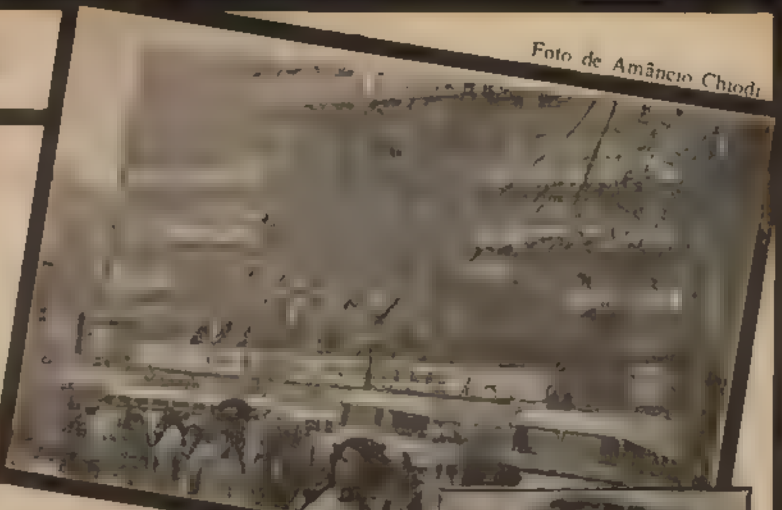


Foto de Amâncio Chiodi

A fachada do Mappin, no centro de São Paulo. Lá dentro, seus funcionários apanham

Povo apanha na polícia, em lojas e até em bancos

Todo mundo sabe que grandes lojas de departamentos, fábricas e bancos têm sua própria polícia, que investiga, por conta própria, casos de furtos, seja de clientes ou de funcionários. Sabe-se, também, que o modo de agir dessas polícias, principalmente as das lojas, é desumano. As salas da segurança transformam-se, ora em cárceres privados, ora em local de interrogatório, intimidação e até tortura — feita lá mesmo ou em alguma delegacia, para onde a equipe de segurança leva a vítima. Esses casos, porém, nunca são publicados nos jornais, muito menos chegam à televisão, pois as empresas têm grandes contratos publicitários com os poderosos órgãos de imprensa — que ficam constrangidos em dar espaço a acusações desse tipo

No mês passado, tomamos conhecimento do caso de um rapaz de 18 anos, espancado pela Segurança da loja Mappin de SP, a loja de departamentos que teve os maiores lucros do Brasil, no ano passado: Cr$ 440 milhões.

Dorival dos Santos Silva, funcionário do Mappin há dois anos, foi acusado pelo chefe da seção de jóias — Davi — de um desvio de Cr$ 530 nas saídas de caixa. Davi encaminhou Dorival à Segurança. Na salinha do oitavo andar, ficou das 4 às 6 e meia da tarde do dia 18 de julho. Levou murros no estômago e chutes de dois agentes de segurança: Luis Carlos — que parecia, para Dorival, o chefe — e um homem de quem não sabe o nome, mas pode reconhecer: aparenta 35 anos, é forte, branco.

Depois, foi levado pelos dois ao 1º Distrito Policial, onde não apanhou, só ficou sentado. E recebeu ordens do policial pra se apresentar ali no dia seguinte

Dia seguinte, Dorival foi despedido, por justa causa — ganhava Cr$ 5.430 por mês. Com horas extras chegava a Cr$ 8 mil. De novo na segurança, foi pressionado para assinar papéis, que não deixaram ver o que estava escrito

Por indicação do sogro, Dorival procurou o advogado João José Sady Não era o primeiro caso de empresa agredindo empregado em seu escritório. Este ano mesmo, em abril, Sady defendeu bancários agredidos pelo Banco Real, o terceiro maior banco do país. Dois deles, Paulo Roberto de Oliveira Casteluci e Carlos Alberto Odilon Maia, foram torturados com choques elétricos e pau-de-arara no 4º Distrito Policial, onde foram presos pelo delegado, um tal Dr. Lacorte Quem os levou para lá foi um funcionário da segurança do banco, um tal Sr Edmar, que se dizia capitão. Ele gritou com eles e os ameaçou, acusando-os pelo sumiço de Cr$ 1 milhão do caixa automático da agência da rua Boa Vista

— Os casos de Dorival e dos bancários não são exceção, são uma regra nas empresas — lamenta o advogado. Acho triste que a imprensa não publique nada a respeito e a Justiça não tenha meios de apurar com rapidez tais atos de vandalismo

Alex Solnik

Foto de Amâncio Chiodi

Dorival apanhou no Mappin.

Foto de Milton Soares

D Maria meu filho foi torturado

Doente mental apanha na delegacia

No 18 de julho dois novos casos de gente pobre torturada pela polícia ficaram conhecidos em São Paulo. A Comissão de Justiça e Paz, da Igreja, divulgou e pede explicações sobre os casos de um doente mental e de um menino de 15 anos, agredidos dentro de delegacias.

Normando Gonçalves de Souza, o doente, 26 anos, foi torturado no pau-arara, apanhou nos ouvidos ("telefone") e recebeu choques elétricos nos testículos na delegacia de Vila Gustavo. Tudo porque um sargento da PM o acusou de tentar invadir sua casa. Segundo a mãe de Normando, o sargento chama-se Genivaldo e mora perto de sua casa. À procura do filho, dona Maria foi maltratada na delegacia. Disse que o policial que a atendeu, "Dr. Abílio" gritou que seu filho era ladrão e tinha que morrer.

No dia seguinte, Normando foi solto. A mãe descreve como o encontrou

— Estava todo arrebentado. O rosto inchado, a boca rasgada, a dentadura quebrada, os braços e pernas cheios de marcas. As pernas não estivam, ficavam só dobradas.

Imediatamente, a mãe o levou ao hospital. Era 15 de maio. Até 18 de julho, quando o fato foi divulgado, Normando continuava internado num hospital psiquiátrico e ameaçado de ficar impotente.

O outro torturado que a Igreja denunciou é Pedro Cabral da Silva. Com apenas 15 anos, foi pendurado no pau-de-arara e lhe deram choques na cabeça, na delegacia de Vila Carrão, bairro operário da Zona Leste. Ele foi preso com mais dois amigos, no dia 15 de junho, porque um deles não tinha dinheiro para pagar a passagem de ônibus. Na delegacia, foram acusados de assaltantes e torturados, um por vez. Ao soltá-los, no outro dia, o delegado — segundo Pedro — tentou extorquir uma "fiança" de Cr$ 25 mil. Como viu que os meninos não teriam o dinheiro, concordou em liberá-los assim mesmo, contanto que não contassem a ninguém o que tinha acontecido na delegacia.

Flávio Antonio Mattos

POR QUE ASSINAR MOVIMENTO?

Sem compromissos com os interesses do obscurantismo que sufoca a informação; sem ligações com os interesses alienígenas que põem em risco nossa independência como nação e como povo, **Movimento** faz do povo que o lê, seu único patrocinador, sua única fonte para sobreviver.

Mário Lago
Radialista e ator.

☐ ASSINATURA ANUAL
Cr$950,00 (Exterior - US$70)
Desejo receber gratuitamente os seguintes 10 exemplares atrasados.

☐ ASSINATURA SEMESTRAL
Cr$500 (Exterior - US$ 35)
Desejo receber gratuitamente os seguintes 5 exemplares atrasados.

Estou enviando o cheque nº ______ / ______ em nome de Edição SA - Editora de Livros, Jornais e Revistas, Rua Dr. Virgílio de Carvalho Pinto, 625, São Paulo, SP, CEP: 05415. Se a assinatura for feita na Europa, enviar para conta Postal CCP 1202264 D-M Villas-Paris. FRANCE.

Nome ______ Idade ______
Profissão ______ Endereço ______
Cidade ______ Estado ______ CEP ______

150 000 LEITORES

Anuncie no **REPORTER** • RUA MIGUEL COUTO, 134/11º ANDAR - TEL.: 253-5038

Policial fica só de sunga e começa espancamento

O rapaz, com a mão ferida, é obrigado a ficar com ela levantada. O flagrante é de uma delegacia de SP, feito em 1975 e já publicado no jornal Ex

Polícia tortura preso na frente do repórter

Reportagem de Afanásio Jazadji

Dois investigadores vão "barbarizar" um preso de 20 anos. Um dos policiais, antes de começar a bater, tira toda a roupa, fica só de sunga. O outro avisa o repórter: "não vá se impressionar com essas cenas rotineiras". O primeiro completa: "é isso aí, repórti, hoje você vai ver como se faz um boi babar." Eles mandam e o preso fica nu, obedecendo com a calma de quem vai comer uma feijoada. A cena, verídica, aconteceu numa delegacia de São Paulo e acontece milhares de vezes por dia nas delegacias do Brasil. Sem advogados, sem comitês de anistia, os presos — culpados ou suspeitos — continuam submetidos à tortura, já aceita como "método" pela polícia. Não perca: na página 26, a história do homem que defendeu a violência e subiu na vida.

A sala não tem mais de três metros quadrados. Uma lâmpada fluorescente ilumina todo o ambiente. Duas mesas de madeira, velhas, estão no meio da saleta. São daquelas grandes, pesadas. Uma cadeira no canto, um tipo de roldana pregado no teto e um armário, também velho, de madeira, no canto perto da porta.

Esta é a sala de tortura de um distrito policial de São Paulo. Dois policiais, investigadores, preparam-se para "barbarizar" um preso. Um deles abre o armário e de lá tira os apetrechos finais para o ritual: uma barra de ferro, a "maquininha" de choque, uma palmatória bem suja, sinal de ter sido muito usada, um enorme cassetete de borracha, daqueles "tamanho família" usados pela Tropa de Choque.

Um dos **tiras**, negrão, de quase dois metros de altura, peito grande e braços patoludos, tira as calças e a camisa, fica só de shortinho vermelho, tipo tanga. Tira o relógio digital, a grossa corrente do pescoço, faz muque com o braço direito, mostrando o resultado de nove anos da prática de halterofilismo e depois fala:

— É isso aí, **repórti**, você vai ver hoje como se faz o boi babar. (E ri feliz da vida).

O outro é branco, alto e corpo regular, com sapatos e bigode fininho, no maior estilo dos rufiões da era 60. Fala muita gíria e, arregaçando as mangas, deixando aparecer uma tatuagem no antebraço direito com um coração atravessado por uma flecha, diz para o repórter "não reparar no tratamento especial e nem se impressionar com aquela rotina".

Os dois têm entre 30 e 35 anos. Ambos eram da antiga Guarda Civil de São Paulo. Com a unificação da Guarda e Força Pública, optaram e passaram a funcionar como investigadores. Eles pertencem à equipe de combate ao crime contra o patrimônio do distrito e vão interrogar um ladrão, com várias passagens, pela cadeia e um suspeito de uma séria de **gomas** (arrombamentos em residências) na área.

O preso chega trazido por um tipo nordestino, baixinho, aparentemente o carcereiro da repartição. O sujeito abre a porta, entrega o preso, algemado com as mãos às costas e logo se retira, antes, porém, fazendo a seguinte observação:

— Cuidado com ele. Tá com o pau todo enrolado. O cara disse que tá com cancro. Ve lá se não vão encostar na mandioca do cara, ela já tá apodrecendo.

O preso é do tipo atarracado, com uma enorme cicatriz na face direita, que vai do lábio até perto da vista. "Uma avenida feita a navalhada" responde ele à minha pergunta. Enquanto os tiras preparam o **cambau** (pau-de-arara), eu pergunto ao preso qual o negócio, a especialidade dele e ele me responde que é "157", o artigo do Código Penal Brasileiro que pune os furtos e assaltos.

O preso não sabe que sou repórter e nem se amola vendo os tiras preparando seus instrumentos de tortura. Olha e, aparentemente, sente tudo como se aguardasse uma feijoada. Continua em pé e com os braços algemados às costas. Veste as roupas pelo avesso, está descalço e sem cinta na calça, que só escorrega.

A sessão vai começar. O negrão solta as algemas do preso, que não tem mais de 20 anos, e pede pra ele tirar logo as roupas. O preso atende submissamente, sem nada falar. O tira branco faz as devidas ligações da aparelhagem eletro-eletrônica enfim, arruma o que falta para a tortura.

As mesas de madeira estão próximas metro e meio, mais ou menos. Nelas os tiras apoiam a tremenda alavanca de ferro e obrigam o preso a debruçar-se, deitar-se sobre o cano. Feito isso ele é amarrado pelas mãos e pés. Fica mesmo feito frango, peladinho, pen-

Enquanto o preso sofre, o tira vibra de satisfação

dendo sobre a grossa barra de ferro. Os tiras começam o interrogatório:

— Na moral você não fala mesmo, então vai dizendo aí no cacete.

Começa a espancá-lo com a palmatória na bunda. Uma, duas, três, oito pancadas eu conto.

— Eu não tenho nada mais não. É só aquilo que eu já dei. O **entrujo** (comprador de objetos roubados) é o mesmo também.

— **Grupo** (conversa) — responde o negrão. Você quer é passar a gente pra trás. Quer dar **chapéu** (tapear) como da outra vez. Aqui você não fala, mas quando vai pro DEIC se abre todo e dá o serviço pro pessoal do Roubos. Você tem que entender que aqui também é Roubos, só que em escala mais reduzida. (E dá umas borrachadas nas costas do cara, arrancando o primeiro grito de dor).

— Se você não der o serviço — ameaça o negrão — sou capaz até de te enfiar toda essa mangueira no rabo (e exibe o enorme cassete). Ninguém mais vai dar risada da gente. Ou você dá o que tem aqui ou não fala mais com ninguém. (E prossegue no espancamento, agora seguido pelo branco, que começa a abrir a boca do preso com as duas mãos, como se fosse rasgá-la).

— Eu não tenho mais nada, não. Pelo amor de Deus, parem de me bater. Tô com vontade de vomitar, a comida do almoço acho que me fez mal. Por favor, não tenho nada mesmo, já assinei oito **patuás** (inquéritos). Que mal faria se tivesse mais uns 10 pra assinar. Não agüento mais, tô completamente tonto.

Os policiais se entreolharam, sorriram sarcasticamente e continuaram na pancadaria. O negrão enrolou nos dedos das mãos do preso um fio e outro no dedinho do pé direito. Depois acenou para o branco e ele deu a primeira manivelada na "maquininha", fazendo o preso soltar urros pela descarga de choque.

— Ou fala ou te matamos, seu puto! — gritava o negrão, andando de um lado pro outro na sala.

— Você é que sabe, ou dá o serviço ou vai apanhar ainda mais — completava o branco.

Mais algumas maniveladas, novos gritos, o preso vomita. Começa a tossir, o corpo começa a chacoalhar sozinho, pendurado no **cambau**. O negrão dá um pulo pra trás para não ser respingado e fica nervoso.

— É assim, né, seu pilantrinha de meia tijela. Já que quer fazer sujeira eu vou de mostrar.

Sai da saleta e em poucos minutos volta com um balde cheio d'água. Atira tudo em cima do preso e agarra a máquina de choque, girando violentamente a manivela. A descarga é pior com o corpo molhado. Para que os gritos do preso não sejam ouvidos, o branco tampa sua boca com a própria camisa do marginal.

Pela cara que faz o tira crioulo, sua atitude já é de revolta, desforra e não de investigação para o ressarcimento de qualquer dano causando à sociedade. Enquanto o preso sofre, ele vibra, demonstra satisfação.

— Pára, pelo amor de Deus. Eu tô muito zonzo, vou desmaiar.

E pára de falar, vomitando outra vez. Com o cara desacordado, os tiras confabulam: será que ele não tem nada mesmo, desta vez?

O negrão tem uma idéia: a coisa que esse cara mais gosta na vida é daquela pilantrinha da Beltrana, que já teve em cana aqui. Deixa ele voltar a si e você vai ver. Não demora muito e com novas cargas de baldes d'água o preso retoma os sentidos. O negrão, então, volta às ameaças:

— Olha aqui, seu pilantra. Ou você fala direitinho com a gente ou trago aqui pra dentro aquela fulaninha sua amiga, e penduro ela com você. Ou uma ou outra, você escolhe.

O preso começa a chorar, implora para que não seja feito isso. Os tiras insistem e dão mais algumas lambadas com a palmatória nas suas nádegas. O crioulo ainda diz: "sabe que ela é muito gostosinha, já viu né o que faço com ela, se entrar aqui dentro..."

— Tudo bem — concorda o preso — mas não quero que ninguém bote a mão na minha menina. Me tira dessa droga que eu conto.

Todo o equipamento é desmontado, o preso fica encolhido, deitado no chão, reclama que não está sentindo as pernas, pelos choques recebidos. Como um pai preocupado, o branco ajoelha-se e começa a massageá-lo energicamente, friccionando os músculos das pernas, braços, boca do estômago. O negrão aproveita para limpar a sala e guardar os apetrechos.

Cautelosamente, os tiras ajudam o preso a sentar-se na cadeira, junto a uma das mesas. Tiram da gaveta uma folha de papel, emprestam uma esferográfica e mandam que ele escreva tudo o que sabe.

A mão direita do sujeito está trêmula. Mal consegue segurar a caneta. O branco, então, apanha o papel e a caneta e pede para o preso ir ditando. O sujeito vai dando o serviço. Cada caso fornecido ao policial ele vai pontuando com um soluço.

A sessão durou quase uma hora. O rapaz já consegue parar de pé, mas para andar tem que se escorar na parede. O carcereiro é chamado para escoltar o preso à cela. O tira seminu se recompõe. Ambos demonstram felicidade pelo dever cumprido.

— É isso aí, moço. Na **manha** não sai nada. Você até ficou com pena quando o cara entrou. Olha só o que o cara deu: assalto à padaria no largo **tal**; assalto a casal de namorado na rua **xis**; venda de **bagulhos** (produto de crimes) a entrujo em outro local; troca de bagulho por armas, etc.

Aí eu pergunto: e se tudo isso for mentira? Digamos que o cara tenha informado apenas para não apanhar mais.

— E ele é louco? — responde logo o negrão. Se ele der um passa-moleque desses na gente, volta pro **cambau** e aí é bem pior. Já aconteceram casos desses. Mas esse aí não é disso. Ele sabe que o pau aqui é violento e respeita a gente.

O delegado que assinou a recolha do preso foi cientificado do **serviço** dado durante o interrogatório e autoriza a permanência do sujeito mais um tempo no xadrez, até que tudo seja devidamente esclarecido.

Eu finalizo com outra pergunta: e se ele for ao corregedor, contar o que sofreu aqui, vocês dois não poderão **puxar corda** (serem processados, sofrer punição)?

— Que nada. Malandro que é malandro respeita a gente. Sabe que a dele é roubar e a nossa é descobrir. Não adianta ele se queixar se a gente tá com tudo levantado. Até aí, nem o homem da capa preta acreditará.

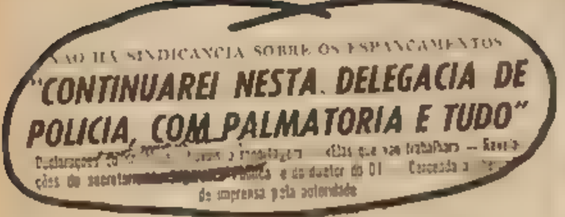
E completa o branco:

— Se o cara se queixar e a gente não estiver com tudo em cima, aí o pepino é grande. Mas se ele se queixa e a gente tá coberto com vítimas, bagulho apreendido, reconhecimento feito, etc, não tem o que se queixar. O próprio juiz vai saber que tudo fizemos para esclarecer.

Pergunto: e não há outro método pra conseguir isso?

— Isso eu tô procurando desde que entrei pra polícia, há 12 anos — ironiza o crioulo. Se você tiver alguma idéia, pode me falar que eu espalho pra todos os maninhos da polícia. Mas pode crer que o que você assistiu é o mais prático e certeiro de todos.

Pioneiro da tortura recebeu elogios do governo


NÃO HÁ SINDICÂNCIA SOBRE OS ESPANCAMENTOS
"CONTINUAREI NESTA DELEGACIA DE POLICIA, COM PALMATORIA E TUDO"

Moraes Novaes em 1977
E em 1958 (recorte acima)

Batia no preso "para evitar um mal maior"

Joaquim Humberto de Moraes Novaes ficou conhecido como o introdutor da tortura com choque elétrico nas delegacias brasileiras, em 1953. É o que contam policiais e jornalistas da época.

Hoje, tem 72 anos, está aposentado e vive em São Paulo. Trabalhou durante 44 anos na polícia, onde chegou aos mais altos cargos. Ao se aposentar, em 1977, era delegado-geral da polícia de São Paulo. Quem o levou para o posto — o mais importante, abaixo só do Secretário da Segurança — foi o coronel Erasmo Dias (na época chefe da Segurança Pública), em 1975.

Em 1964, Moraes Novaes estava na chefia da Interpol e representou o Brasil na 33.ª Assembléia Geral do organismo policial, na Venezuela. Vinte anos antes ele cursou durante ano e meio a Academia de Polícia de Nova Iorque e se tornou amigo de Edgar Hoover, ex-chefe do FBI.

Eis algumas de suas declarações publicadas em jornais:

— Sempre justifiquei a violência na minha vida para evitar um mal maior. Aliás, os antigos sempre diziam: castigar os que erram é um ato de misericórdia. (**Folha de SP**, 30/1/77)

— Bandido só entende uma linguagem: a da violência. Aliás, não fui eu que a inventei. Quando comecei na polícia ela já existia há muito tempo (**O Estado de SP**, 1/2/77).

Quando se aposentou, Moraes Novaes ganhou uma placa do Secretário Erasmo Dias: "Aqui se registra para o conhecimento da posteridade, e reconhecimento da Secretaria de Segurança Pública, àquele que representou inigualavelmente a encarnação da própria Polícia."

Conta-se, aliás, que era grande sua amizade com Erasmo Dias. Na ocasião em que o famoso coronel estava se preparando para invadir a Pontifícia Universidade Católica (fim de 1977), recebeu a visita de Moraes Novaes que, mesmo aposentado, se apresentou para colaborar na ação. Outro amigo seu é o ex-governador Paulo Egydio: convidou o policial para trabalhar em seu gabinete, por um bom salário, logo que se aposentou.

Procurado pelo **REPORTER**, Moraes Novaes recusou dar entrevista, justificando:

— Estou velho, aposentado, e já falei tudo o que eu tinha pra falar.

Brasil dá banho nos ingleses

É muito conhecida na polícia paulista a viagem que um grupo de delegados fez, anos atrás, à Scotland Yard, para se aperfeiçoar, aprender novos métodos de investigação, etc. Se para o industrial o problema é descobrir cada vez mais fórmulas de maior produção, com o emprego cada vez menor do homem, para os policiais — e isso de todo o mundo — o maior desafio é conseguir uma tática especial de se obter a verdade ou uma confissão.

Pois bem: esses delegados paulistas foram encaminhados a uma chefatura e todos estavam curiosos em saber como o agente inglês conseguia uma confissão, como realizava um interrogatório.

Aí veio a explicação: primeiro, eles deixavam o suspeito trancado numa sala, sem janela, toda pintada de branco. Depois de meia hora o cara era levado pra falar com um policial, bem vestido, que apenas o entrevistava acerca do fato criminoso.

Nada conseguindo, o preso era novamente levado para a salinha e ali permanecia por mais uma hora. Era retirado e levado à presença de outro tipo, já mais enérgico. O cara dava murros na mesa, para conseguir atemorizar o suspeito.

Como nada apurasse, ainda, o preso seguia novamente para o cubículo, onde ficava por mais três horas. Ao final desse tempo, era entregue pra um policial mais carrancudo, que dos gritos de interpelação já passava às pancadas.

De duas uma: ou o cara falava logo o que sabia ou era arrebentado no "pau" e depois ia se queixar.

Depois de todas essas explicações, um dos delegados paulistas saiu-se com essa: se aqui na Inglaterra vocês agem assim, nós no Brasil, então, estamos muito mais adiantados. Lá não perdemos muito tempo, não. Já começamos direto com o "pau" e com isso economizamos muitos vai-e-vem. Somos, pois, mais objetivos.

Torturam dando gargalhadas

Antigamente, em São Paulo, **pau-de-arara** e **maquininha de choque** só existiam no antigo Departamento de Investigações (DI), atual DEIC — Departamento Estadual de Investigações Criminais.

Os tiras mais velhos falam muito dos camburões (ou rabecões), que na calada da madrugada deixavam o Palácio da Polícia, na rua Brigadeiro Tobias, no Centro da Capital, levando os cadáveres de criminosos ou meramente suspeitos que não resistiam às torturas.

Os corpos — segundo ainda esses policiais já aposentados — eram despejados em qualquer rio que corta a cidade (de preferência o Pinheiros ou Tamanduateí) ou enterrados em matagais longe do centro (muitos até em chácaras dos próprios policiais).

De uns tempos para cá, principalmente depois de 1967, quando houve a descentralização da Polícia Civil, o velho DI foi desativado, com seus policiais (delegados, escrivães, investigadores, motoristas, carcereiros e até dedos-duros) sendo escalados para os diversos distritos, que, aos poucos, foram aumentando para cobrir toda a Capital e área da Grande São Paulo.

Hoje, pode-se dar como certa a existência de apetrechos de tortura em todos os 50 distritos da Capital, 37 delegacias periféricas, nas repartições do Interior inteiro e até mesmo nos quartéis da Polícia Militar. E isto sem falar dos chamados "órgãos de segurança."

Existe até um instrumento portátil de choque, que é ligado na bateria do carro. Em caso de diligência na rua, longe da delegacia, ao invés de se retornar à repartição com o preso, aplica-se a sevícia em qualquer ponto, geralmente em beiras de estradas, fundos de postos de gasolina, terrenos vazios, no meio do mato, etc.

O chamado "pau" nos diversos órgãos policiais, portanto, é corriqueiro. Um ou outro caso, apenas, chega ao conhecimento da imprensa. **Sessão espírita** ou **paulígrafo** (blague em torno do polígrafo, o popular detector de mentiras) são as expressões usadas quando se vai levar alguém para interrogatório mais severo, quando o cara vai ser pendurado no **pau-de-arara.**

A boa técnica de interrogatório ensina que sempre dois policiais devem interpelar o suspeito: um faz o papel do carrasco, do sujeito que quer ver sangue, do espancador, do cara que quer tirar a verdade na porrada. Já o outro dá uma de bonzinho, é o "maneiro" da equipe.

Dessa forma, primeiro entra na sala de interrogatório o cara mau. Dá a maior **congesta** (ameaça), fala que já matou tantos, que gosta de pendurar, que é o tal, etc. Depois entra o colega. Já encontra o suspeito meio apavorado. Então, faz o papel de bonzinho, confirmando que o companheiro é bruto, meio louco, que costuma aleijar e coisa e tal.

O preso acaba simpatizando com o segundo tira e, quase sempre com bronca do primeiro, acaba contando o que sabe. Isso, bem entendido, teoricamente.

É que existem, também, as equipes de tortura já formadas. Os tais que em grandes repartições policiais são especialistas em bater e obter confissões. Eles nem sabem do que se trata, o que se quer tirar de determinado elemento. Apenas arreiam o cacete. Quando o cara já está em petição de miséria, chamam o encarregado do caso e este faz as perguntas.

São, na realidade, verdadeiros animais. Batem pelo simples gosto de bater. Torturam dando gargalhadas. Muitos agem sob o efeito de tóxicos ou mesmo de bebidas alcoólicas. Nem sempre são policiais, mas agem sob a proteção destes.

Na realidade mesmo, ninguém é preparado para torturar. Não existe cadeira na Academia de Polícia que ensine isso. O sujeito vai mesmo aprendendo é na prática. O policial antigo nem sabe o que quer dizer polígrafo, não acredita em métodos científicos de investigação. O garoto novo, recém-saído da Academia, nos primeiros meses está com toda a teoria na cabeça, as mais recentes conquistas no setor, etc. Depois de algum tempo, misturado com a turma velha, já começa a pensar e agir diferente, achando que o que resolve mesmo é o "pau", o "cacete bem dado".

Sei de um rapaz que saiu da Academia e gostaria de trabalhar no Setor de Homicídios. Ali, afinal, não há condição pra policial meter a mão. Corrupto nenhum da polícia gosta de trabalhar na Homicídios. Não tem de quem tomar dinheiro. Da vítima? Não dá. Do criminoso? Perigoso demais. Então, ali só trabalha quem gosta de fazer polícia. Mas esse rapaz acabou sendo mandado pra Delegacia de Roubos. Na primeira semana de trabalho ele pediu a **recolha** (saída daquele setor). Não agüentava mais, não conseguia dormir, sentia remorsos do que via, sem nada poder fazer. Realmente conseguiu sair de lá, mas ganhou, em todo o Palácio da Polícia, o apelido de "bunda mole".

Algumas repartições policiais mantêm até médicos e massagistas para acompanhar as sessões de torturas. Muitos não aguentam assistir os espancamentos e ficam em suas salas, de sobreaviso. Quando a situação fica preta, são chamados às pressas, para tentar a "ressurreição" do preso.

Antigamente, as pancadarias eram menos "científicas", deixavam marcas. Era a prova do crime. O sujeito saía da cadeia e ia procurar o juiz-corregedor, a imprensa, etc. Mas os tempos mudaram e também os instrumentos e métodos de tortura. A técnica, hoje, é bater em locais sensíveis do corpo, sem deixar vestígio, como hematomas, equimoses, arranhões, vergões, etc.

ESPERTAS

Polícia apavora povo de Munhoz

A comunidade de Munhoz, uma das mais pobres de Osasco (SP), região da Grande São Paulo, está apavorada: a polícia invadiu duas casas e, como só tinha mulheres, mandou que ficassem peladas e botaram todas no pau-de-arara. Elas ficaram com tanto medo que até para uma plantonista do Centro de Defesa dos Direitos Humanos, que foi visitá-las, pouco se "abriram", dizendo que tinham recebido orientação do advogado para não falar nada. Não souberam dizer se era polícia civil ou militar.

Esse pavor tem sua explicação: no dia 1.º de junho, no Bel—Jardim, Osasco, o mecânico Silvino Milton Rainho foi morto pela polícia, na frente da oficina onde trabalhava. Os policiais — descobriu-se mais tarde — eram elementos da Rota, tropa de elite da polícia paulista, e estavam disfarçados. Ocupavam um Volks branco, vestidos à paisana.

Mas a Rota não pára aí: os ocupantes da viatura n.º 374 assassinaram três rapazes na zona sul de São Paulo, no dia 12 de junho. Dos três corpos, todos perfurados à bala, somente um foi identificado: José Maximino Rodrigues, 24 anos, trabalhador que nunca teve passagem pela polícia.

Rivaldo Chinem

Caiu do bonde e foi colhido pela inflação

Currículo é isso: o ministro do Planejamento, Mario Henrique Simonsen, fazia parte do grupo que sugeriu o abandono dos bondes no Rio de Janeiro: foi um dos autores da fórmula de arrocho salarial; integrou a equipe que criou a denúncia vazia e ajudou na elaboração da lei do mercado de capitais, aquela que favorece a especulação.

Em matéria de antecedentes, nosso ministro é ótimo. E pra não pensarem que ele tá fora de forma, convém lembrar que há quatro anos e meio Sua Excelência combate a inflação sem nenhum resultado

Luiz Alberto Bettencourt

Boa imagem de Figueiredo é jogo do poder

No começo do mês passado, os jornais, rádios e televisões do país divulgaram uma pesquisa do Ibope, na qual o presidente Figueiredo aparecia batendo o recorde sul-americano de popularidade. O povo, segundo a pesquisa, está a-do-ran-do a imagem do presidente-sorriso.

Além de termos uma desconfiança natural pelas pesquisas do Ibope e outros institutos do gênero, é bom sabermos que se trata de uma pesquisa dirigida, cuidadosamente planejada pelo Ministério da Comunicação Social, na qual se consegue os resultados que se quer. Se perguntarem se o Figueiredo é simpático, até eu vou dizer que sim, ora. Mas se perguntarem na Cidade de Deus (RJ) ou numa das favelas de São Bernardo do Campo (SP) se ele está resolvendo o problema da fome ou da habitação no país, adivinhem qual vai ser a resposta.

Existe uma campanha ferrenha do grupo dominante para se manter no poder e a popularização da imagem de Figueiredo é meta principal do esquema. Essa campanha, além de ser óbvia, foi denunciada pelo general Hugo Abreu (ex-chefe do Gabinete Militar do governo Geisel e que viu de perto o trabalho de "uma verdadeira máfia, de fazer inveja à Cosa Nostra") no seu livro "O outro lado do poder", onde ele diz o seguinte:

"Esse grupo vem se infiltrando nos altos postos da administração pública desde a vitória da Revolução de 1964 e, com o auxílio do Pacote de Abril, da imposição do seu candidato e de outras providências complementares, conseguiu apossar-se do poder. (...) Eles têm utilizado todas as armas do arbítrio para enganar a opinião pública e provavelmente estarão pretendendo mascarar a farsa que montaram com a propaganda maciça que irão lançar sobre o país por meio de seu Goebbels caboclo, o ministro da Secretaria de Comunicação Social".

"Pretendem a perpetuação no poder e para isso pensam ser importante a manutenção do arbítrio, mas por meios outros que não o da força. Pretendem ser mais fácil e duradouro o emprego do suborno, da intimidação e da propaganda, de forma a construir no Brasil um arremedo de democracia. Não utilizariam a força, a não ser quando isso fosse imprescindível, mas criariam uma ditadura real, embora oculta sob a capa de falsa democracia".

Chico Júnior

Alô, alô, quanto?

Com a constante crise de defeitos nos telefones do Rio de Janeiro, criou-se, rapidinho, um mercado paralelo de concertos que, como não poderia deixar de ser, funciona na base da corrupção. A Telerj recebe uma quantidade enorme de reclamações diárias sobre telefones defeituosos e não tem a mínima condição de atender a todo mundo, embora a propaganda oficial que a gente vê pela televisão diga que a nova diretoria da companhia está fazendo e acontecendo.

Pode até ser que esteja, mas enquanto não resolve o problema geral, os telefones de quem tem uma graninha na mão pode ser consertado mediante quantias que variam de 500 a mil cruzeiros. É simples: basta entrar em contato com qualquer funcionário da Telerj, desses que fazem o serviço de rua, e explicar os sintomas do seu aparelho. Depois, chega-se a um acordo financeiro e tudo estará resolvido, em alguns casos até no mesmo dia. Tem gente que estava com o telefone quebrado há dois meses e arranjou tudo em apenas um dia, mediante a módica quantia de 600 cruzeiros. Jogo rápido e rasteiro; é pegar ou largar.

Chico Júnior

Tirou carteira de maluco pra ter paz

Vida com dinheiro é vida boa
Vida sem dinheiro é vida que soa
Vida com dinheiro é vida boa
Não mora na rua, não é preso à toa
Tem mulher bonita, tem patroa
Vida de quem manda é que é vida boa
Vida de mandado é vida que enjoa

Letra e música do "Índio do Man" (Museu de Arte Moderna), composta depois de 15 anos de Rio de Janeiro, mais de 30 entradas na 3ª Delegacia Policial e muita marca de porrada no corpo.

Índio veio de um lugar chamado Humberto de Campos, no Maranhão, sonhando em fazer teatro no Rio. Fez o vestibular para a Escola de Teatro, mas não deu. Aí resolveu se encostar ali no Museu de Arte Moderna e ficou amigo dos *hippies*. Ganhava dinheiro vendendo pulseiras, colares, cordões, mas mesmo isso ficou difícil. Ele conta:

— A polícia não dava descanso, vinha aqui, pegava toda a mercadoria e ainda levava a gente pro xadrez. Lá era só porrada. Depois soltavam, pra tudo começar de novo dias depois. Com tanta tortura, meu chapa, tu acha que o pessoal ainda vai sair por aí dizendo Paz e Amor? Eu agora arranjei uma caeteira do Pinel pra ver se livro a barra. Não é porque eu sou maluco não. É que da última vez que fui preso os canas me mandaram pra lá. Me deram uma injeção de louco, aí eu descolei uma carteira.

Índio sabe que tem gente numa pior:

Foto de Chiquito Chaves

Indio do Man

— Você vê o pessoal que colhe marisco aí na praia? Estão encharcados de cachaça, já não têm mais apetite para a vida. Fazem uns barracos em cima das pedras, na beira do mar e volta e meia vem a Marinha, joga querosene, gasolina e bota fogo. Isso, pra mim, é um lance desumano, que só ajuda a crescer a miséria e a revolta.

Tim Lopes

INÉDITO

ESPERTAS

Exército matou a sangue frio dirigentes do PC do B

Na manhã de 16 de dezembro de 1976, na rua Pio XI, 767, Lapa, São Paulo, foram assassinados pelo Exército os líderes do Partido Comunista do Brasil (PC do B), Pedro Pomar e Ângelo Arroyo. De acordo com a nota oficial, Pomar e Arroyo teriam sido mortos após troca de tiros. A única sobrevivente da chacina, Maria Trindade, empregada da casa, conta para o **Repórter** os detalhes da morte dos dois líderes comunistas. E assegura que eles sequer estavam armados, como também não havia uma arma na casa.

Na noite anterior do massacre, os integrantes do PC do B discutiam a guerrilha do Araguaia, acontecida entre 1968 e 1974.

À medida em que iam saindo, eles eram presos: João Batista Franco de Drummond (assassinado no Doi-Codi do II Exército), Aldo Arantes e Haroldo de Lima (ainda presos no Presídio do Barro Branco-SP) Elza Monerat (está no presídio feminino), Wladimir Pomar e o motorista Joaquim, que estão em liberdade condicional.

Abaixo, o depoimento inédito de Maria Trindade:

"Com o primeiro barulho dentro da casa, eu quis ver o que era. No segundo barulho, eu vi que derrubaram um pedaço da porta. Não sei o que é que caiu lá de cima, se foi o lustre ou o que é que foi. O Pedro tinha saído do banheiro e já estava na sala, e o Arroyo acabava de sair do banheiro.

Eu estava na porta da cozinha e quando quis olhar vi aquele negócio que caiu, vi caído um pedaço da parede. Parece que tinham jogado pedras nos vidros. Foi uma barulheira. "Que que é isso?", perguntou assustado o Arroyo. Antes de eu me virar pra sair, eu vi o Arroyo caindo de bruço. Aquilo foi uma coisa que me fez assombrar, a maneira como ele caiu. Nunca tinha visto uma pessoa, antes de cair, dar um salto pra cima. Deu um salto assim (faz um gesto de mergulho com os braços) e se atirou. Vi ele dar um salto com o corpo. Quer dizer, ele já tinha sido atingido.

Daí, eu saí para ver o que era e veio um dos caras com a metralhadora, um mulato, que disse: "Você não dá um passo, senão você será cortada pela metralhadora". "Se atira no chão", ele ordenou. E eu respondi: "Não posso me atirar no chão, porque meu joelho não se dobra". E ele respondeu: "Você vai morrer". Eu disse: "Então vou morrer, porque não posso me deitar no chão". E ele foi me apertando pra abrir o portão. Com muita dificuldade consegui abrir o portão, e tava outro cara com a metralhadora, que me pegou pelo braço e me jogou com força no portão.

Num segundo, aquilo foi uma barulheira de tiro. Não sei se era de metralhadora, se era de fuzil, não sei o que era. Não era um barulho de metralhadora, eram tiros secos. Até hoje ainda ouço aquilo, e os tiros continuam pipocando na minha cabeça.

Por último, antes de sair no portão, eles jogaram não sei se foi bomba ou se foi granada, não sei. E aquilo deu um estrondo lá dentro que pareceu que a casa tinha se arrebentado toda. Ele disse: "Joga outra!". Eu pensei: "Agora estourou tudo". Aí eu vejo o mesmo cara dando ordens: "Chama o legista!". Eu quis voltar pra olhar, eu queria ver o que era, né? Quando o cara me puxou e me levou pro carro. Eu não sei quantos carros eu contei. Não sei se entrei no quinto, sexto ou sétimo carro. Cada um que chegava o cara dizia: "Não entra nesse carro. Aqui não, aqui tá cheio de arma".

Ali, o que aconteceu foi o seguinte: cada buraco que tinha na casa eles meteram metralhadora, fuzil, sei lá o que é que foi mais. A casa era uma casa térrea. As pessoas que tinham ali dentro não tinham nem como se mexer.

Eu disse pra um dos chefões: "Olha, vocês mataram eles dormindo". Essa que é a verdade. Não tinham arma nenhuma. Eu nunca vi arma lá dentro. Quer dizer, é isso que eu posso dizer, o que aconteceu. Pra mim, eles foram mortos de uma maneira terrível, que nunca mais esqueço. A verdade é que as duas pessoas que estavam lá dentro morreram sem saber porquê. Foi uma coisa tão rápida que eu não tive tempo de nada. Enquanto eu estiver viva não vou esquecer. Cada vez que eu me lembro fico doente. Não me sai, não me sai, não me sai da cabeça. A imagem ainda dói. A partir desse dia, também, fiquei com problema cardíaco.

Foto de Hélio Campos Mello

Maria escapou do massacre e diz que não houve troca de tiros

Rivaldo Chinem

Até a polícia começa a se revoltar

Cerca de mil "tiras" (de motorista policial até detetive-inspetor) se reuniram dia 23 de julho em Assembléia Geral promovida pela Coligação das Associações Policiais, na Academia de Polícia, para discutirem suas condições de vida e trabalho. A mesa que presidia a Assembléia denunciou os salários de fome do policial, exigiram a imediata aprovação do Plano de Classificação de Cargos, e denunciaram o abuso de poder dos delegados.

O Plano de Classificação de Cargos do governo Faria Lima, rebaixou quase todos os vencimentos dos policiais e, no mínimo, dobrou os dos delegados. A revolta foi geral.

Mas não é só aumento de salários que eles querem. Desejam fazer uma polícia voltada para o povo, que paga imposto para mantê-la. "Não queremos o povo como nosso inimigo porque somos parte dele."

Ao que tudo indica, essa Assembléia mostrou o embrião de uma nova polícia que não está vinculada à de repressão. Eles se mostraram cansados de "ser escudo dos ricos", de "serem usados por delegados corruptos".

Paulo Krauss escrivão, um dos mais aplaudidos e despontando como líder da classe, disse:

— O Estado pune arbitrariamente. Os delegados corruptos violam a Constituição, quando punem seus subalternos. Temos que ter nossa Associação, ir para a Justiça, não pedir nada a ninguém. Estamos no início da democracia e devemos ter a coragem de denunciar quem nos pune a bem da moral e da disciplina, quando todos nós sabemos que eles continuam de mala cheia.

O detetive Joel Carneiro, sugeriu à Assembléia uma única entidade de classe para que se tenha força e se ponha fim ao arbítrio.

— O AI-5 já foi revogado. Querem manter a polícia oprimida numa época em que os direitos humanos é bandeira de todas as nações.

E acrescentou:

— Não queremos só soltar Michel Frank, Buzaid e outros, enquanto vemos o povo apanhando".

Clarice Niskier

Amante de Fleury mandou abrir caixão

— Pára essa merca, vamos!

O motorista do carro funerário que transportava o corpo do delegado Sérgio Fleury, morto nas misteriosas águas de Ilhabela (ponto de contrabandistas da Mafia Corsa, aquela que controla o comércio de pedras preciosas), levou um susto. O carro acabava de entrar na via Dutra, na altura de São José dos Campos, vindo do litoral norte. O motorista e seu acompanhante não acreditavam no que viam: uma morena bem vestida, com revólver na mão, dando ordem para eles descerem. E correu para a carroceria do carro funerário, abriu violentamente, entrou, tirou o lacre do caixão e, chorando, disse:

— Eu não acredito, não acredito que você esteja morto!

Depois de certificar-se que Fleury tinha morrido de verdade, a morena botou a tampa no lugar, guardou a arma, entrou no carro e sumiu na estrada.

A misteriosa morena alta, olhos verdes, "potranca" como os policiais paulistas a classificam, é Santuza, ex-amante de Fleury, desde os tempos em que o então obscuro tira trabalhava na extinta Rudi-Ronda Unificadas do Departamento de Investigação. Para aumentar seus vencimentos, ainda era segurança da também extinta estação de TV-Canal 9, onde Santuza era chacrete, uma dessas bailarinas do programa do Chacrinha.

Foto Abr. Press

Santuza, posando de pistoleira

A moça sempre foi conhecida pelos seus atos violentos. Tanto que quando os policiais paulistas souberam que ela tinha aberto o caixão e duvidado da morte do Fleury não ficaram surpresos. O caso é que, cinco dias depois dessa morte, ela desapareceu. Dizem que o motivo é bastante conhecido: ela teria dedurado alguns delegados ao Fleury e agora, com a sua morte, ficou sem garantia alguma. Sumiu das noites paulistas, evaporou.

Rivaldo Chinem

Mais um golpe contra os inquilinos feito pelas administradoras de imóveis: o reajuste semestral de aluguéis. Empresas paulistas de locação de imóveis estão começando a incluir nos contratos residenciais uma cláusula estipulando o reajuste do aluguel por semestre, segundo disse em S.Paulo o chefe do departamento de locação da Organização Bandeirante (Orban), Bendo Suzuki.

Aproveitando o fato de que a nova Lei do Inquilinato estipula apenas que o reajuste deve ser feito de acordo com as Obrigações Reajustáveis do Tesouro Nacional (ORTN), não fixando qualquer prazo mínimo para a realização dos reajustes, as locadoras de imóveis do Rio de Janeiro estão tentando a mesma coisa, insistindo com os inquilinos para que nos novos contratos se faça o reajuste semestral. Na prática, pela brecha encontrada pelos especuladores, o proprietário do imóvel recebe do locatário, ao final do ano, 10% a mais do que receberia, caso o sistema adotado fosse o anual. Além disso, no início do segundo ano do contrato o reajuste aplicado será 2,8% maior. Até que enfim revelou-se a lei do inquilinato assinada pelo Figueiredo: um instrumento omisso a favor do senhorio.

Sérgio Danilo

ESPERTAS
·CULTURAIS·

Foto de Custódio Coimbra

Fátima Guedes

Fátima acha MPB muito pobre

Um trabalho simples, sem a pretensão de um novo estilo, apenas chegar às pessoas através de uma forma clara e a mais honesta possível, é o objetivo de Fátima Guedes, talvez a compositora mais badalada no momento dentro da Música Popular Brasileira.

Sempre sorridente e muito tranqüila, Fatima Guedes diz como se sente entrando na MBP num momento de mudanças política e cultural.

— Acho que não está havendo um bom momento para a Música Popular Brasileira. Ela está muito pobre. Afinal, são 15 anos em que não se pôde ter acesso a muita coisa. Não que esteja havendo propriamente um bloqueio... Todo o meu trabalho foi feito com uma certa facilidade, acredito que pela qualidade dele. No mais, acho que as pessoas de minha geração estão desinformadas literariamente, as pessoas não têm o trabalho de pensar. Não se lê mais Monteiro Lobato porque o Sítio do Pica-Pau Amarelo passa na TV. As pessoas não têm tempo para pensar e recebem tudo mastigado. As pessoas têm acesso à notícia já mastigada.

Carioca da Tijuca, Fátima, com apenas 21 anos, apresenta um trabalho bastante maduro e original. Neste seu primeiro LP, além de cantar e se acompanhar ao violão, é responsável por todas as composições de seu repertório e que, segundo ela, é fruto de um processo de trabalho próprio, bem disciplinado, bem elaborado.

Depois de vencer, em 1976, o Festival de Música da Faculdade Hélio Alonso, teve músicas gravadas por Wanderléa, Elis Regina, Simone e Jurema. Até que em novembro do ano passado foi procurada pela Odeon para gravar seu primeiro disco, feito a partir de uma seleção de 60 composições, que Fátima acumulou em três anos.

Do disco, Fátima destaca duas músicas: "Esse Sol", composta em 1976, música ao mesmo tempo lírica e trágica, e "Madame", que retrata a condição de uma amante frustrada e que resolve escrever à mulher do seu amor.

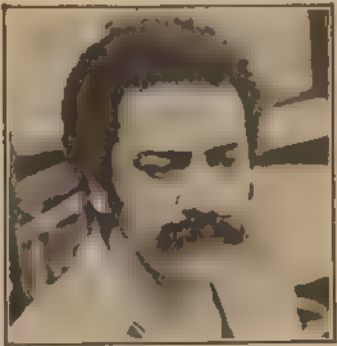
Maria Tereza Ribeiro

Morto Moreno pode ser o mano Caetano

*O jornalista Carlos Jurandir, 37 anos, paraense, há 11 anos, no Rio de Janeiro, tendo trabalhado como crítico de música no **O Globo** e colaborado no jornal da Associação Brasileira de Imprensa, lançou o romance "Morto Moreno", que apresenta o clima do final dos anos 60*

*— O meu livro tem uma superposição jornalística-literária. Mostra ao leitor o que o repórter presencia e o que o jornal publica no dia seguinte e, também, aparece a terceira versão, feita pela auto-censura. É o chefe de reportagem dos grandes jornais que tentam fazer lavagem cerebral na cabeça dos repórteres, esses chefes de reportagens e editores que são, na realidade, gerentes da criação. Em vez de estimular, são os primeiros a ficarem vigiando a criação. O livro mostra a mistificação que a imprensa faz, de modo geral, de falsos artistas, ídolos de barro, ecos e vazios como é Moreno Qualquer semelhança com Caetano, Gilberto Gil e outros é mera coincidência, ou **não** é coincidência*

Tim Lopes



Carlos Jurandir

Mural Mulher não é contra os homens

A peça de João da Neves, **Mural Mulher**, que está sendo apresentada no Teatro Opinião (Rio de Janeiro), é um documento importante sobre a condição feminina num país onde a mulher não tem que lutar apenas pela sua sobrevivência, mas brigar também por uma situação social onde ela seja menos reprimida.

Mural Mulher é apresentada em dois atos, com músicas, poesias e depoimentos de operárias, prostitutas, donas de casa, mulheres que fizeram aborto, cocotas, etc.

Em nenhum momento a peça é agressiva com os homens, pelo contrário. O problema é apresentado inserido no processo brasileiro em que todos vivem, homens e mulheres.

Fátima Maciel, 26 anos, há seis anos em teatro e uma das integrantes do elenco de nove mulheres, diz que "o que mais marcou foi a consciência que a gente toma, a consciência de que a gente é oprimida, que oprime, e que o homen também é oprimido". E acrescenta

— A partir do momento em que você está mostrando a realidade, já que é um documento, pode até ser feminista. Mas na minha opinião, é feminino

Sobre o fato de ser homem e ter escrito uma peça apresentando o problema das mulheres, João das Neves diz que "o ser humano é muito rico; não é só uma pessoa de determinada classe que pode se voltar para os problemas dessa classe. Em se tratando de arte, então é muito mais amplo. Eu acho que a gente deve se voltar para os problemas com os quais temos afinidade e identificação.

Além de Fátima, estão no elenco Ana Cristina, Denise Aragão, Elenice Braganti, Heny Vanzar, Ilva Niño, Regina Rodrigues, Silvia e Simone Hoffmann.

Clarice Niskler

Idéias curtas

É de espantar a péssima qualidade dos filmes curta-metragens que são exibidos, obrigatoriamente, nos cinemas brasileiros. Filmes sem pé e sem cabeça e que só são entendidos por meia dúzia de intelectuais, amigos e parentes do diretor. Bem distante da realidade brasileira e cinematográfica, os curtas perdem-se em divagações em torno do abstrato, fazendo uma mistura confusa de escolas e diretorias (de cinema, é claro) famosas. Tudo misturado, pode ser tomado em pílulas, indigestas entre um domingo e outro.

Vendo com atenção os curtas, chega-se à conclusão que esse pessoal parte daquele princípio antigo de que o importante é ter uma câmera na mão e uma idéia na cabeça. Só que isso é muito bom para concursos tipo JB e não para jogar nas telas, onde as pessoas querem ver alguma coisa que entendam.

Existem exceções, felizmente, como um filme sobre o Esquadrão da Morte, que foi exibido há alguns meses, e o filme sobre a organização da favela dos Guararapes, no Rio de Janeiro, este de Sérgio Péo. Mas a grande maioria dos diretores precisa entender um pouco mais o que está acontecendo do lado dele.

Chico Júnior

Mais um guerrilheiro musical

Chama-se Francisco Mário o mais novo guerrilheiro da Música Popular Brasileira. Compositor, cantor, violonista e funcionário da Embratel, percebeu que era muito difícil fazer carreira pelos métodos atuais e resolveu entrar na briga com armas próprias: fez um disco e está procurando brechas para mostrar sua música, mineira e de boa qualidade. Apesar de ter custeado o seu primeiro LP — **Terra** — Chico Mário não fez qualquer demagogia para comover o consumidor ou apelou por ser irmão do humorista Henfil, da escritora Wanda Figueiredo, e do sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, exilado no México e cantado por João Bosco e Aldir Blanc na música "O bêbado e o equilibrista".

Chico apostou em sua música, nas suas letras, no coro do quarteto em Cy e na participação da cantora Joyce. Em agosto, estréia seu show na Sala Funarte (Rio de Janeiro), toda segunda-feira, às nove horas da noite.

Sérgio Danilo

LEITORES

Juiz de futebol é contra ditadura dos cartolas da CBD

Como é sabido, o futebol é promovido, fiscalizado e julgado única e exclusivamente pela Confederação Brasileira de Desportos, o que além de não dar plenas garantias à sua prática, ainda coloca em choque o próprio órgão-mater, pois tanto a justiça esportiva como o departamento de árbitros não têm a devida autonomia que se faz necessária.

Para que, tenhamos uma real justiça esportiva e uma autônoma fiscalização (arbitragem), venho sugerindo aos Senadores que apresentem um projeto propondo a descentralização das atribuições do futebol; que a Justiça Esportiva seja do Poder Judiciário e o departamento de árbitros do ministério da Justiça.

Quanto à primeira sugestão, teria que ser alterada a Carta Magna, sendo criada a justiça esportiva como órgão do poder judiciário. Quanto à segunda sugestão, não haveriam maiores problemas, pois o ministério da Justiça já é um ministério de fiscalização.

Vale salientar que, embora estes meus projetos sejam algo inédito no mundo, vêm sendo bem aceitos, inclusive, o presidente da Federação Gaúcha de Futebol, sr. Rubens Freire Hofmeister, comunicou-me através de ofício que a FGF já apresentou um estudo sobre a criação da justiça desportiva, como órgão do Poder Judiciário.

Entre as dezenas de correspondências que tenho recebido dos senadores, cito como exemplo as que afirmam:

1) "As suas ponderações são razoáveis e visam a dar mais organicidade à arbitragem e à Justiça Desportiva, ao mesmo tempo".

2) "Tendo em mãos sua correspondência, informo-lhe que interessei-me vivamente pela solicitação nela contida, entregando-a para estudos pela assessoria do Senado Federal".

3) "Acuso o recebimento de sua carta, que mereceu especial atenção. Cumpre-me informar-lhe que encaminhei suas sugestões ao ministério da Educação e Cultura para apreciação".

4) "Apreciarei com todo interesse sugestões inseridas sua carta pertinente à Justiça Desportiva".

Como admirador dessa Seção, não poderia deixar de usá-la para expor estes importantes projetos que visam a dar maiores garantias à prática do futebol.

Sergio Toniolo, ex-árbitro da Federação Gaúcha de Futebol Porto Alegre — RS

1

Ilm°. Sr. Sérgio José Toniolo:

Acuso o recebimento de seu ofício de 29 de outubro último. Por motivo de anterior ausência de Brasília e do Brasil, somente agora tomei conhecimento daquela correspondência, que respondo.

As suas ponderações são razoáveis e visam a dar mais organicidade à arbitragem e à justiça desportiva, ao mesmo tempo. Vamos aguardar a próxima reforma constitucional, para considerar a matéria. Sem alteração da Constituição não é possível atingir o objetivo visado, porque os órgãos judiciários estão definidos e enumerados no estatuto básico.

Tarso Dutra, senador pela Arena do Rio Grande do Sul — Brasília — DF

2

Acusamos o recebimento de seu expediente datado de 30 de outubro p.p., no qual V.Sa. faz sugestões a esta Federação, para uma possível reforma na legislação desportiva, mais propriamente na Justiça Desportiva, sobre o assunto esclarecemos o que segue:

1 — A FGF, já apresentou um estudo sobre a criação da Justiça Desportiva, como órgão do Poder Judiciário;
2 — A FGF, já apresentou um estudo sobre a reforma da legislação do Desporto Nacional;
3 — Atualmente, a FGF, examina o anteprojeto do CBDF, para oportunamente fixar sua posição;
4 — As sugestões de V.Sa., salvante a primeira, não podem ser aproveitadas, porque, em última instância, contém irreversíveis possibilidades legais e até constitucionais.

Outrossim, agradecemos as sugestões de V. Sa., que demonstram seu interesse e preocupação com nosso futebol, reiterando-lhe os protestos de consideração.

Rubens Freire Hofmeister, presidente da Federação Gaúcha de Futebol — Porto Alegre — RS

NEGROS APÓIAM LUTA DO POVO DA NICARÁGUA

A luta do povo negro, internacionalmente, está inserida na luta dos povos oprimidos. Por isso, hoje, aqui estamos como negros, conscientes de nossa força política, no processo de transformação social que se faz necessário à sociedade brasileira, nos solidarizando com a luta do povo da Nicarágua, contra a ditadura de Somoza.

Esse apoio e solidariedade manifestados agora, têm sua razão de ser na luta comum que travamos junto ao povo nicaraguense enquanto explorados social e economicamente e marginalizados politicamente, pelas classes dominantes internacionais e nacionais.

Nós, enquanto representantes da população negra desse país, sabemos muito bem o que isso significa, uma vez que nossa condição de trabalhadores em relação à de escravos em nada mudou: fomos condenados por esta sociedade racista, ao desemprego, subemprego, à marginalidade, à mortalidade e delinqüência juvenis.

O Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial, nasceu de uma necessidade que a população negra sentiu de conduzir as suas reivindicações. Tem como princípios básicos o trabalho de denúncia permanente de todo o ato de discriminação racial e a constante organização de nossa população, visto que as conquistas históricas do trabalhador, obtidas internacionalmente, nunca atingiram a população negra desse país.

Assim como acreditamos na nossa luta enquanto os mais oprimidos dos oprimidos, acreditamos e fazemos parte da luta justa de todo e qualquer povo na busca de sua libertação

PELA LIBERTAÇÃO DO POVO NEGRO!
POR AUTÊNTICA DEMOCRACIA RACIAL!
PELA LIBERTAÇÃO DE TODOS OS POVOS OPRIMIDOS!

COMISSÃO EXECUTIVA NACIONAL DO MNUCDR
Rio de Janeiro — RJ

Hansen denuncia outro roubo na IBM

Há poucos dias li a completamente absurda e estarrecedora notícia que a CAPRE (Comissão de Coordenação das Atividades de Processamento Eletrônico) estaria "considerando" aprovar a fabricação no Brasil e posterior comercialização de um computador IBM de grande porte, a ser vendido por um preço em torno da soma astronômica de 2 milhões de dólares.

É evidente que a IBM possui um monopólio de fato no mercado de computadores grandes, fato denunciado através da própria revista Fortune, *de 25 de setembro passado. Tal monopólio, convém lembrar, tem sido obtido tanto pela eliminação de concorrentes via às mais nefastas práticas monopolísticas como pela corrupção dos órgãos que deveriam impedir que tal monopólio surgisse em primeiro lugar: o poder público e a imprensa, em escala internacional. O poderoso chefão da IBM, o ultra-corrupto Frank Cary, tem logrado montar uma maquina fraudulenta cujo igual não tem paralelos na História.*

A IBM tem um retorno sobre as vendas publicamente admitido de 15 por cento, que a coloca em 4º lugar entre as 500 maiores empresas dos EUA e acima de qualquer outra das 100 maiores norte-americanas em vendas (é a 7.ª). Com um terço do volume total de vendas, apresenta lucros globais pouco abaixo dos lucros globais da maior de todas as multinacionais, a General Motors. Suas operações objetivam um lucro de 20% nos EUA e 30% internacionalmente. Além disto, constitui uma sinecura de proporções absolutamente sem paralelos. Enquanto a grande maioria de empresas tem gastos de pessoal em torno de 20-30 por cento do total de custos, a IBM apresenta gastos em torno de 70 por cento. A grande parte destes gastos é remuneração de executivos cujas responsabilidades reais não correspondem de forma alguma à sua remuneração; daí ser raríssimo o fato de um alto executivo IBM trocar de empregador.

Um dos maiores prejudicados por isso tudo é o usuário. Discutir o serviço IBM com um dos clientes, hoje em dia, é quase sempre um convite certo para ouvir uma choradeira praticamente infindável de reclamações. O mais prejudicado de todos, porém, é o próprio público, que paga uma taxa social pesada através da pressão inflacionária fortíssima gerada pela IBM, onde quer que ela atue. Além disto, o faturamento excessivo da IBM apenas serve para o empobrecimento nacional, pois aumenta a base sob a qual a multinacional realiza as suas remessas de lucros.

As práticas da IBM já têm contribuído enormemente para o processo inflacionário brasileiro e para o empobrecimento nacional. Portanto, a CAPRE deve atuar com o máximo rigor e a probabilidade total em relação à aprovação de preços da IBM, para que não seja adicionada ainda mais lenha à fogueira da inflação brasileira, e tiradas mais divisas em detrimento ao nosso desenvolvimento nacional.

Christian Hansen, Nova Friburgo RJ

ANISTIA AMPLA E IRRESTRITA

No sexo

O jornal Lampião e o Somos-Grupo de Afirmação Homossexual — envjou-nos cópia do comunicado que remeteu ao Congresso Internacional pela Anistia e Liberdades Democráticas no Brasil, realizado em Roma, no final do mês de junho. Publicamos abaixo alguns trechos do documento.

"Além do direito ao trabalho, todo cidadão tem também o direito legítimo e inalienável ao prazer, que é parte do seu direito à vida e à sobrevivência enquanto ser humano. As pessoas precisam do prazer como precisam da comida e da liberdade. Não podemos esperar uma participação política efetiva de quem se aliena de si mesmo, ignorando seu direito ao prazer."

"Existem setores da população brasileira que sofrem discriminações de vários níveis, graças às suas formas específicas de existência. No caso, queremos nos referir especialmente às mulheres e homens homossexuais, tornados socialmente invisíveis pela constante repressão e obrigados a um comportamento heterossexual como padrão de normalidade."

Depois de afirmar que a família, a escola, a psiquiatria e o ambiente de trabalho consagram a discriminação sexual, a carta critica o própio Congresso de Roma, no qual não se discutiu a questão, e até os setores progressistas da sociedade brasileira que continuam a tratar o tema de forma preconceituosa:

"E, no entanto, a anistia e as liberdades democráticas estão indiscutivelmente relacionadas àqueles dissidentes sexuais que o Sistema puniu de forma efetiva, direta e às vezes irremediável — através de mecanismos repressores como a Lei de Imprensa e os Atos Institucionais."

"..., dos quase 5.000 brasileiros punidos pelos atos de exceção, especialmente o AI-5, sabe-se que o governo afastou de suas funções um certo número de pessoas, sob alegação de prática homossexual e alcoolismo. Veja-se para tanto a notícia do jornal Última Hora/SP, de 7 de junho de 1979, onde o governo confessa-se confuso sobre a forma de anistiar os homossexuais e alcoólatras punidos; como não podem ser considerados nem subversivos nem corruptos, uma das sugestões apresentadas é que se crie a categoria "depravados" para assim anistiá-los."

"Diante dessa situação concreta e muito pouco divulgada, julgamo-nos no dever de exigir que:

a) o governo esclareça e informe amplamente os motivos e as situações criadas por esses atos arbitrários e ilegais que puniram indivíduos simplesmente por suas preferências sexuais;

b) o governo repare de algum modo os prejuízos morais e materiais provocados contra esses punidos...;

c) os punidos sejam amplamente anistiados, sem que se perpetue nenhum estigma sobre eles...;

No ensino

Uma anistia pouca ampla, nada geral e muito restrita. Esta é, numa palavra, a melhor definição para o projetó de anistia que o Governo encaminhou ao Congresso Nacional. Através dele o que se busca, para tentar frear o avanço das forças sociais empenhadas na democratização da sociedade brasileira, é criar a ilusão de que, pela mão do Governo, seremos todos conduzidos a um irreversível processo de abertura democrática. Mas que anistia é essa que, além de suas limitações inaceitáveis, é concebida dentro de todo um ordenamento jurídico que mantém intacto, no que ele tem de fundamental, o regime autoritário instalado no país?

Por isso a Associação dos Professores da PUCC — APROPUCC — expressando a vontade manifestada unanimemente pelos associados presentes à sua última assembléia geral, vem juntar sua voz à dos outros setores democráticos da sociedade brasileira para reafirmar que o projeto de anistia que realmente interessa à maioria da população não é outro senão o da anistia ampla, geral e irrestrita.

Quanto ao que nos diz respeito mais diretamente, protestamos contra a exigência, de parte do Estado, de que todos os professores punidos por atos ditatoriais dirijam seus pedidos de readmissão aos representantes desse mesmo Estado. Em vez de serem automaticamente reintegrados às suas funções, das quais foram arbitrariamente afastados, deparamo-nos com uma situação Kafkaniana em que os cassados, aposentados e torturados devem, em muitos casos, requerer aos seus algozes o reconhecimento dos seus legítimos direitos à volta ao exercício das suas atividades profissionais.

Triste país este em que, depois de se brincar com o exercício da democracia durante muito tempo, agora se brinca coma concessão da anistia. Diante desses sucessivos espetáculos do humor-negro oficial, são mais do que nunca atuais as palavras de Aparício Torelly, o popular Barão de Itararé, que, conhecendo de perto dos desmandos da repressão e do arbítrio, definiu magistralmente a anistia: "é um ato pelo qual os governos resolvem perdoar generosamente as injustiças e os crimes que eles mesmos cometeram."

Adalberto Paranhos,
presidente da Apropuc,
Campinas — SP

Nas ruas

Os Movimentos de Anistia realizaram dois Encontros Nacionais nestes dois últimos meses, para discutirem o projeto de Anistia do Governo, e os encaminhamentos para a continuidade de luta pela Anistia Ampla GERAL e Irrestrita.

A posição tirada foi de repúdio ao projeto de Anistia Parcial por acharmos que não atende às necessidades políticas do povo.

Entendendo que o momento é de extrema importância na luta pela ANISTIA AMPLA GERAL E IRRESTRITA, é que precisamos dar uma resposta ofensiva e imediata a este projeto discriminatório e parcial do Governo, várias resoluções foram tomadas no III Encontro Nacional das Entidades pela Anistia:

— Recomendação aos parlamentares que votem contra este projeto, apresentando o projeto alternativo de A.A.G.I., já assumido pelos Movimentos de Anistia.

— A realização de um Encontro Nacional de Atingidos nos dias 11 e 12 de agosto no Rio de Janeiro.

— Um dia Nacional de Luta no dia 14 de agosto.

— Caravana a Brasília no dia 15 de agosto para uma reunião com a bancada do MDB.

Para encaminharmos estas programações é necessário uma mobilização regional, onde todos os setores se incorporem, apontando as limitações que suas categorias sofrem neste projeto, e se unam na luta pela A.A.G.I.

Estamos convocando as Diversas Entidades para uma reunião onde serão discutidos os encaminhamentos do Encontro e os desdobramentos desta Luta.

DIA: 17 de Julho — HORA: 19 horas — LOCAL: CASA DO ESTUDANTE — Av. RUI BARBOSA

"Neste período, cada brasileiro deve reivindicar menos e dar mais de si para o desenvolvimento nacional" - João Baptista de Figueiredo

ORGIA NA BOATE DA FRANCESA

ECONOMIA DE GUERRA É ISSO

No dia 5 de julho, ao instalar a Comissão Nacional de Energia, o presidente Figueiredo não falou de cavalos, mas admitiu que "estamos atravessando um período de vacas magras". E anunciou que "teremos de habituar-nos — como tantos outros países do Ocidente — à iminência de passar a viver sob uma economia de guerra". Quinze dias depois, na boate Régine's, que fica no Hotel Méridien, no Rio, a proprietária, Régine Chuoukron (cabareteira internacional que tem 13 boates espalhadas pelo mundo e vem passear no Brasil pelo menos três vezes ao ano para promover suas orgias e colaborar na guerra à nossa economia) ofereceu uma festa de mil e uma noites, sustentada a lagosta (que está custando cerca de 500 cruzeiros o prato, em boates), champanha francesa e uísque escocês (a 3 mil e 2 mil e 500, respectivamente, a garrafa), para 500 convidados selecionados e tudo por conta da casa. Para dar um toque de últimos dias de Pompéia, trouxeram da Itália o maquilador Paolo Calia — que faz a decoração dos filmes de Frederico Fellini — e que pintou de dourado os quinze modelos formados pelo SENAC para carregarem cestas de frutas, guirlandas de flores e candelabros acesos. Régine entrou na festa à meia-noite, precedida de anões e de faunos e vestida de rainha, com coroa e tudo. A festa foi considerada um sucesso e terminou às quatro da manhã.

No dia seguinte, encantado com o sucesso da Sodoma e Gomorra organizada pelos granfinos, o colunista Zózimo Amaral noticiou em sua página, no Jornal do Brasil, que os amigos franceses de Régine ficaram "encIumados por ela nunca ter montado uma festa semelhante no Régine's de Paris". Mas é que, apesar de o presidente da França não ter ido para a televisão fazer apelos dramáticos, Régine não é besta de organizar uma orgia semelhante por lá, até porque Versailles, no tempo de Maria Antonieta, era por aí e deu no que deu. Pouca vergonha assim ela deixa para promover no Brasil, que tem no seu café-society o público exato para essas babaquices. Então, fica combinado que "a nação precisará aceitar os sacrifícios...", como pediu Figueiredo. E quanto às vacas (magras e gordas), o deslumbrado colunista Carlos Swan, de O Globo, garantiu que "o que o Rio tem de mais bonito, sofisticado e elegante em matéria de mulheres bonitas, sofisticadas e elegantes estava presente". Câmeras e microfones de Tevê REPORTER estiveram por lá — sem convite, é claro — e registraram os lances da suruba milionária, movida a pó e, de acordo com a recomendação do Governo, a álcool.

REPORTER

Setembro de 1979 - ano II -nº 21 Cr$15 AUTÔ

VESTIÁRIO, uma coluna de futebol. Neste número P.32

Este time pode acabar em 80 P.30

Comércio de gente na colheita do café

FAMÍLIAS VENDIDAS A 1.000,

P. 18

TARAS SEXUAIS NO SOÇAITE PAULISTA

P.22

PRESOS POLITICOS DO RIO
FAZEM NOSSO EDITORIAL

Gato e rato

A vida volta à normalidade nas prisões políticas. Terminada nossa greve de fome, votada e sancionada a Lei da Anistia, continuamos presos, só que agora novamente alimentados pelo Estado.

E a primeira vez desde a Grécia antiga que pessoas já presas, excluídas dessa invenção helênica pelo fato de estarem condenadas, são novamente condenadas, dessa vez por uma Lei de Anistia!

Mas a explicação está no fato de vivermos numa democracia relativa — mesmo que praticada e justificada com um cinismo dos mais absolutos.

Contra tudo isso estivemos 33 dias em greve de fome. Foi nossa contribuição possível ao movimento pela anistia ampla, geral e irrestrita, que nesse período ganhou nova força e alento.

Tivemos muitos ganhos, como bem demonstra a solidariedade por nós recebida, o desgaste político que o regime sofreu para aprovar seu projeto fajuto de anistia, e as grandes manifestações de massa que repudiaram o projeto do governo finalmente aprovado e levaram a luta pela anistia para as ruas.

Feito o balanço dessa primeira batalha, contamos retomar a briga com uma base social e política bem mais ampla. O que nenhuma pesquisa "encomendada" ao Ibope vai conseguir esconder mais.

Até lá, está nas mãos do regime explicar, no meio de tanta verborréia propagandística sobre democratização, anistia, liberdade partidária e outras patacoadas, como é que todo este fraseado se coaduna com a existência de presos políticos.

Em qualquer lugar do mundo (e isso não dá mais para mistificar com esse papo de terrorismo), opositor político, sobrevivente da tortura, julgado por leis de exceção e condenado por tribunais militares, e que permanece preso mesmo depois de uma pseudo-anistia, só tem um significado: é que apesar dos sorrisos nas fotos oficiais, isso aqui permanece sendo uma ditadura mesmo.

E nós, os quarenta e poucos presos políticos brasileiros, parece que fomos escolhidos para sermos os reféns da transição "democrática" que eles estão pretendendo cometer contra o povo, reféns para garantir o bom comportamento dos que estão soltos.

Que saco!

P.S.: contente mesmo está o nosso gato, comensal dedicado das eventuais sobras de nossa comida, atualmente farta. Ele é ousado e ferocíssimo quando enfrenta camundongos insignificantes e morre de medo quando tem que encarar algum de médio porte para cima. Qualquer semelhança desta imagem com o que dissemos mais acima é mera coincidência. E o governo — que bem quis fazer passar gato por lebre com essa anistia — enquanto estiver lidando com alguns camundonguinhos vai continuar com essa mania de prepotência.

Mas tá chegando o dia em que muitos e mais bem nutridos camundongos, alimentados e sobreviventes dos esgotos e subterrâneos dessa ditadura, criados com a matéria-prima dos seus desmandos, vão lhe atravessar o caminho.

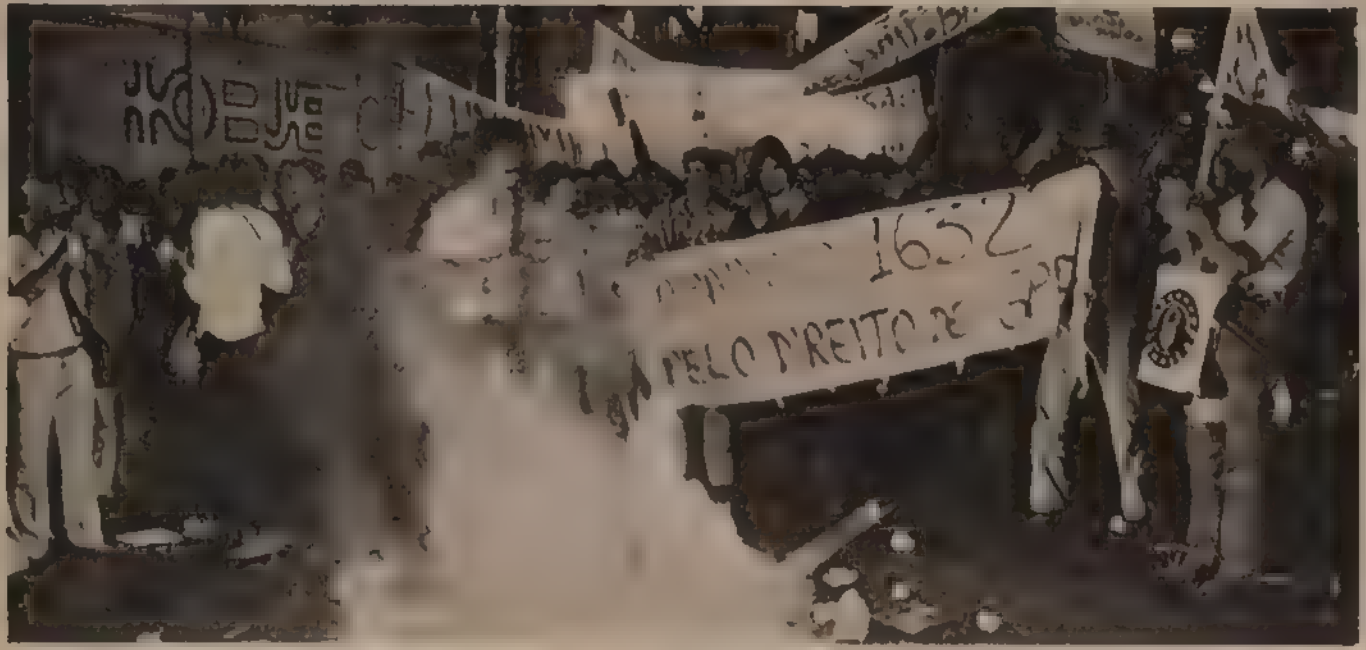
Aí é que vamos ver.

Alex Polari de Alverga
Gilney Amorim Viana
Nelson Rodrigues
Perly Cipriano
Manoel Henrique Ferreira
José Roberto G. Rezende
Paulo Roberto Jabur (libertado)
Jorge Raimundo Junior
Paulo Henrique Lins (libertado)
Jesus Parede Soto (libertado)
Helio da Silva
Antônio Pereira Matos (libertado)
Jorge Santos Odrias
Carlos Alberto Sales

Os presos, políticos do Presídio Dias Moreira, da Frei Caneca.

Foto de Paulo Jabur

A imagem da anistia do governo: o gato dos presos, o popular Reforma, aguarda o momento certo pra engolir o camundongo. A foto foi tirada dentro da penitenciária Milton Dias Moreira, no Rio



Bancário "enterra" banqueiro

No dia 28 de agosto, os bancários foram às ruas, com velas na mão e vestidos de preto, queimar o caixão simbólico de Teófilo de Azeredo Santos, presidente da Federação dos Bancos. Era dia dos bancários. Mesmo assim, a pedido de Teófilo, os jornais diários não publicaram a foto e, segundo o Sindicato dos Bancários, o jornal Ultima Hora ainda tentou esvaziar o movimento, afirmando que o acordo fora fechado.

REPORTER

EDITORES — Alex Solnik, Chico Júnior, Luiz Alberto Bettencourt, Pipsi (Arte)
REPORTAGEM — **Rio de Janeiro:** Tim Lopes, Marcos Dantas, Clarice Niskier, Vera Lúcia Dias, José Antônio Nonato, Sérgio Danilo, Maria Helena Araujo, Edilson Martins, Luis Ferrão. **São Paulo:** Rivaldo Chinem, Afanásio Jazadji, Priscila Siqueira. **Recife:** Eduardo Homem.
FOTOGRAFIA — **Rio de Janeiro:** Chiquito Chaves, Roberto Mussauer. **São Paulo:** João Bittar Luz Bittar, Wagner Avancini, Amâncio Chiodi, Hélio Campos Mello, Eliana Pastore, Camila Butcher, Jesus Carlos, Jean Pierre Bisilliat.
ILUSTRAÇÃO — Guidacci e Maurício Veneza.
ARTE — Analuce Estrella, Guidacci, Maria Rita Leal.
REVISÃO — Maria Teresa M. Pinto.
CIRCULAÇÃO — Eduardo Curi.
PROMOÇÃO E ASSINATURAS — Marco Antônio Vieira Souto.
DEPARTAMENTO JURÍDICO — Modesto da Silveira, Luis Celso Araujo, Luiz Eduardo Grenhalg.
REPORTER Autônomo Independente — Uma publicação da Margem Editoria e Programação Gráfica Ltda. Rua Miguel Couto, 134/11[b] andar **Rio de Janeiro.** Telefone.: 253-5038. **São Paulo:** Rua Santa Izabel, 33/grupo 804. Telefone.: 222-3103
Composição e Impressão — Editora Mory Ltda. Rua do Resende, 65, Rio de Janeiro
Distribuição — Fernando Chinaglia S.A. Rua Teodoro da Silva, 907, Rio de Janeiro

VIGILANTES NÃO AGUENTAM MAIS:

Foto de Chiquito Chaves

"Secretaria encobre escândalos da polícia particular"

Reportagem de Clarice Niskier

Empresas admitem criminosos porque não exigem curso na Academia de Polícia, como manda a lei. (Através de propina ou colocando gente sua lá dentro.) Assinam contratos frios com órgãos do governo. Ganham milhões, cobrando muito pelos guardas e pagando pouco a eles. Obrigam-nos a pagar até pelo uniforme, a trabalhar 24 horas seguidas sem almoço, a restituir o revólver se são assaltados. E os despedem com assiduidade, sempre arranjando uma justa-causa. Qualquer reclamação, ameaçam com espancamento. E ninguém fala nada, porque elas mantêm estreitas ligações com a Secretaria de Segurança Pública. As acusações são de Fernando Bandeira (presidente da Associação dos Vigilantes do Rio), de Iraclílio Brasil (que deixou de ser presidente da Associação de S. Paulo devido a pressões de Erasmo Dias, que até o ameaçou de morte) e dos próprios guardas.

Segurança dá muito dinheiro desde 1968

1968, ano de assaltos a bancos. A Junta Militar que substituiu Costa e Silva, obriga os bancos, por decreto-lei (nº 1034) a terem ou alugarem guardas de segurança. Foi o início das empresas — dominadas, é claro, por quem é do ramo: militares e policiais — cujo efetivo, hoje, é maior que o das forças estaduais. São Paulo e Rio têm juntos um corpo de vigilantes calculado em 220 mil homens, contra o efetivo de 60 mil PMs em São Paulo e 25 mil no Rio.

No começo foram os bancos. Depois, os inconfundíveis vigilantes de uniforme marrom e bege (aliás, a cor das sanguinárias tropas S.A. de Adolph Hitler) passaram a guardar lojas, parques, seja o comércio ou indústria que for. Hoje, é difícil encontrar estabelecimento comercial sem vigilantes. Os bancos são obrigados, pelas companhias de seguro, a terem pelo menos dois, sem o que a segurodara não cobre assaltos.

Os vigilantes custam, ao estabelecimento, de Cr$ 15 a Cr$ 20 mil cada um. Como seu salário não passa de Cr$ 3 mil, vê-se que o lucro das empresas de segurança não é desprezível. Fora os contratos milionários que aparecem. Por exemplo: a empresa Arki (que, segundo o presidente da Associação dos Vigilantes, Fernando Bandeira, integra um conglomerado de três empresas de um só dono, com tropa em todo o Brasil, num total de 100 mil homens) assinou em 12 de janeiro deste ano um contrato pelo qual o INAMPS irá pagar, por serviços de segurança, Cr$ 7 milhões por mês ou Cr$ 85 milhões por ano. (O contrato é de um ano, prorrogável por mais um.)

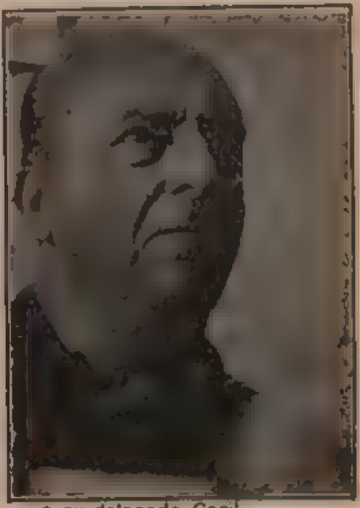
Há suspeitas de que muitas autoridades da Secretaria de Segurança estão ligadas às empresas de segurança privada. Tanto é verdade que eu mesmo fui punido com três dias de suspensão na Polícia por mostrar a problemática das empresas em relação aos órgãos públicos e à Secretaria.

A denúncia de Fernando Bandeira é de quem conhece, pois além de dirigir a Associação Brasileira de Vigilantes — Abravig e das aulas na empresa de segurança Brink's, ele também é detetive e inspetor da Polícia Civil do Rio de Janeiro.

— Há casos, por exemplo — Bandeira conta um dos tipos de corrupção de sua área — em que um Ministério precisa de 150 guardas de segurança, a empresa manda apenas 80, o responsável do Ministério paga os 150 e da diferença volta uma porcentagem pro bolso dele. A Secretaria não fiscaliza. Você vê: Cecil Borer, ex-delegado do Dops, aposentado em 1964, tem três empresas de segurança, a Sbil, a Bis e a Esic. Somando, ele sozinho comanda um contingente de mais de dois mil homens, que é o limite máximo permitido para cada dono de empresa. Evidentemente, ele deve contar com o apoio do diretor do Departamento Geral de Investigações Especiais. Eles contam com certas delegacias para ameaçarem os empregados, mas não tenho provas.

Foto de Ricardo Elkind

Bandeira acusa



o ex-delegado Cecil

No escritório da Sbil (rua Gomes Freire, 181, bem próximo à sede da Secretaria de Segurança) é difícil conseguir informações sobre a empresa: os funcionários se esquivam. Informações só com o próprio Cecil. Norival da Costa, superintendente, tentou fazer ver que os documentos da firma estão em ordem e até mostrou os livros. Mas, ao ser perguntado sobre a natureza de um documento que agradece a serviços prestados no exterior, Norival disse: "isso não interessa a vocês" e, rapidamente, fechou os livros, dizendo que mais esclarecimentos, "só com o Cecil".

Mas, o Cecil está mais interessado em fazer propaganda política do que em esclarecer os fatos:

— Se eu não me engano, o jornal de vocês é de orientação comunista, não é? Eu, como sou um anti-comunista ferrenho, detesto os comunistas. Mas eu sei que se eu tivesse um jornal e pagasse mais, você vinha trabalhar comigo...

O que Cecil não sabe, ou não quer dizer, é quantos homens a Sbil está empregando:

— Vai lá na Secretaria de Segurança, que ela tem isso direitinho...

Quanto à seleção de pessoal, Cecil garante que todos os contratados freqüentaram os treinamentos exigidos e supervisionados pela Academia de Polícia, o que não é verdade, segundo denúncias do presidente Fernando Bandeira e dos próprios vigilantes. Ao que Cecil afirma:

— Dizer, o indivíduo diz o que quer, desde que queira fazer uma captação de simpátia. Entre a minha palavra e a do Fernando já sei que o seu jornal vai dar razão a ele...

EMPRESAS ADMITEM ATÉ CRIMINOSOS

Todo tipo de irregularidade e de violência ficaram comuns nas empresas de segurança, garante Fernando Bandeira, por experiência própria. Conta que, atualmente, as próprias firmas possuem campos de treinamento dispensando o da Academia de Polícia, onde o futuro vigilante tinha que fazer curso. Agora, depois de passar pelo treinamento na empresa, ele faz 15 dias de preparação na Academia e aí é aprovado ou não. Ocorre que muitas vezes os examinadores da Academia trabalham nas empresas e facilitam aprovações.

Em outros casos, as empresas colocam os empregados no posto mesmo antes de fazer o curso e a coisa mais fácil é encontrar vigilante que nunca fez curso na Academia de Polícia. O fato é confirmado até pelo chefe de operações da Seg, Everaldo, para quem o exame psicotécnico é mais importante que o da Academia. Ele explica:

— O cara se apresenta, faz inscrição pro psicotécnico, traz a documentação e a admissão depende do psicotécnico; depois ele faz Academia.

Com tanta facilidade para entrar, muita gente esquisita começou a procurar o emprego (apesar do salário ridículo). Gente de todo jeito. O próprio Fernando, dando aulas aos futuros vigilantes da Brink's, cansou de ter criminosos como alunos. Outras pessoas com passagem na polícia chegam a postos mais altos que o de vigilante:

— Eu vi outro dia um cidadão que já esteve preso na 6.ª e 5.ª Delegacias selecionando na Academia o pessoal pras empresas.

Por causa disso tudo, o clima dentro das empresas é violento:

— Muitos apanham e não vêm aqui na Associação reclamar, porque são comprometidos com o crime e o pau é comum.

O vigilante é obrigado a aguentar tudo, até quando é assaltado.

José Luí Gomes, de 26 anos, vigilante da empresa Arki, foi assaltado no seu posto, no SESC de Ramos e obrigado a assinar um vale de Cr$ 5.000,00 pela arma roubada:

— Os assaltantes, bem vestidos, passaram pelo portão e eu não incomodei. Quando eu vi, um cara pulou nas minhas costas. Vieram mais dois pela frente e outro ficou no portão com uma escopeta. Depois do assalto, fiquei tão abalado que fui medicado no SESC mesmo e, depois, fui dar queixa na delegacia. No dia seguinte fui à empresa, aí a dona fez uma porção de perguntas, se eu tinha doença nervosa, se eu já fui internado alguma vez, perguntou com quem eu morava. Aí, mandou eu descer para falar com o coronel. Cheguei lá, tava um tenente que mandou eu assinar o vale, senão eu levava um pau e me mandava para uma delegacia bem longe. O tenente deu a decisão: "Então, rapaz, vai assinar?" Tive que assinar. Se eu pedisse demissão, o que a polícia ia pensar de mim?

Fernando Bandeira acha que "o fundamental é ver que esses vigilantes propiciam a violência em vez de darem segurança e é certo que estão ajudando a aumentar a criminalidade". O crescimento das empresas é assustador:

— Pela resolução SSP, n.º 0129 de 11 de novembro de 1976, assinada pelo Secretário de Estado na época. Oswaldo Ignácio Dominique, toda empresa de segurança deve ter pelo menos uma pessoa das Froças Armadas ou da Polícia Civil num cargo executivo. As empresas se tornaram, portanto, prolongamento de estrutura de poder do governo. Seguindo a política de arrocho salarial contra o trabalhador, as empresas se expandiram muito. Como é o caso da Seg. Só no Rio ela tem mais de dez mil homens, três empresas com nomes diferentes (Arki, Vise, Serauco) e em todo o Brasil ela tem um efetivo de nada menos de 100 mil homens.

FUNCIONARIO INTIMIDA REPORTER

Na Seg, entrevistar o seu diretor, Nelson Dias e o assessor de segurança e planejamento, coronel Ângelo de Oliveira, é tarefa que exige paciência. Afinal, o doutor Nelson aceitou declarar que "a Seg é que paga melhor a seus vigilantes". E tem a coragem de acrescentar que "nunca houve reclamações nesse sentido, muito pelo contrário, aqui nós damos toda a assistência médica, jurídica e há gratificações espontâneas pela reação de um vigilante no serviço. É preciso ver que os vigilantes querem se defender, acusando. E tudo o que ele (Fernando Bandeira) fale, caso seja verdade, a culpa é da Secretaria de Segurança, responsável por tudo isso. Na verdade, o que temos é 1800 homens e mil problemas." Quanto à acusação de que a Seg tem filiais em todo o Brasil e conta com cem mil homens armados, doutor Nelson limita-se a dizer que "isso é absurdo".

Entrevistar os vigilantes, dentro da Seg, é mais complicado ainda. Autorização para fotografar, só com o chefão. Foi preciso tirar as fotos do lado de fora da empresa e, mesmo assim, o chefe da fiscalização, doutor Ferrari, ainda ameaçou:

— Se vocês malharem a Seg, eu mando buscar em casa.

CHEFE DA FISCALIZAÇÃO FOGE DO PAPO

O gerente Francisco Augusto Carillo, da Arki, também não gosta da imprensa e nem quer deixar que se tirem fotos do amontoado de guardas que se espremem no pátio interno da firma, no dia de pagamento. Os vigilantes fazem fila diante de uma porta de ferro atrás da qual estão guardados cerca de Cr$ 5 milhões para pagamento de seus salários, que nunca passam de Cr$ 3 mil. O doutor Francisco tem, pelo menos, a sinceridade de admitir que "quanto mais a imprensa tiver conhecimento da firma, é pior pra firma."

Quem fiscaliza as atividades das empresas de segurança é o dr. Agra Lopes, diretor da Divisão de Segurança de Órgãos e Sistemas da Secretaria de Segurança Pública do Rio. Ele faz tudo pra fugir da imprensa: pra falar com ele tem que ter autorização do Secretário da Segurança. Cumprida a formalidade (através de Paulo Patrício, assessor de Comunicações da Secretaria) a entrevista com o dr. Agra foi marcada. Mas, ele só apareceu duas horas depois da hora combinada e deu uma desculpa:

— Olha, acabei de falar com o dr. Façanha (chefe de Comunicações da Secretaria) e você sabe, não posso ficar dando entrevista, informações. Não posso falar muito, isso aqui é cheio de não podes. O dr. Façanha me disse pra você ir falar com ele. Vai lá, deixa as perguntas por escrito, porque assim os donos do jornal não vão deturpar o que a gente diz. Você entende, mas não compreende, não é?

O dr. Façanha, porém, disse que não podia atender, estava ocupado. O jeito foi falar mesmo com o assessor Paulo Patrício:

Na prática, como é que a Divisão fiscaliza as empresas de segurança?

— É difícil tentar dizer como é feita. A Divisão dispõe de policiais que constantemente vão a essas firmas. O Ministério do Exército também fiscaliza através do SFIDT regional, que eu nem sei o que quer dizer.

Como vocês reagem à suspeita de que existem autoridades na Secretaria que, direta ou indiretamente, participam do lucro dessas empresas?

— Desconheço qualquer ligação de autoridade com as empresas. Nós procuramos ter olhos de águia, mas isso é simbólico. Toda e qualquer notícia que envolva policiais é objeto de sindicância.

Na sua opinião, a recusa do dr. Agra em dar entrevista tem a ver com essas suspeitas?

— Não, ele é uma pessoa que tem uma timidez natural...

E quanto às denúncias de Fernando Bandeira?

— Não se pode atribuir a má fiscalização à Secretaria. É a mesma coisa que você não ter habilitação e dirigir carro. É má fiscalização do Detran?

Foto de Amancio Chiodi

Erasmo Dias deu uma prensa no presidente da Associação

Vigilante ameaçado de morte por Erasmo

— Eu deixei a Associação por pressões do Dops e do coronel Erasmos Dias. Ele mandou me chamar um dia e fui sozinho, sem advogado, sem nada. No elevador, os policiais falavam que eu ia ver o que é bom. Quando entrei na sala do coronel, ele disse: "Ah, então é você que anda falando a meu respeito?". Eu quase fui parar nos porões do Dops. Mas todos os jornais publicaram que ele havia me chamado. Então, ele me disse: "Você quer que eu mande dois vigilantes dar cabo de você"? Isso quer dizer ele tinha poder de mandar numa classe que não estava subordinada diretamente a ele, não é?

Iracílio Brasil, ex-vigilante e ex-presidente da Associação da categoria em São Paulo, foi um dos mais conseqüentes líderes da classe. Fundou a entidade pra fazer frente aos pelegos da área e denunciou através dos jornais paulistas as arbitrariedades cometidas pelas empresas privadas de segurança. No final de oito meses, foi seqüestrado e abandonado num local distante da capital paulista com o seguinte bilhete nas mãos: **Você tem 48 horas pra deixar o negócio da Associação, do contrário poderá morrer.**

Para Iracílio, o principal era acabar com os picaretas que existem na área de segurança, denunciar todos eles. "Mas a situação é muito melindrosa — porque envolve pessoas da mais alta idoneidade moral do governo".

— Existia muita coisa a ser feita. Eu recebia cartas de todo o Brasil de vigilantes dizendo da situação em que viviam e que queriam ajuda. Na Associação eu fazia um tipo de triagem pra saber se o cara era bandido ou não. Porque todas as empresas de São Paulo pagam uma propina para que os vigilantes passem pelos exames da Academia de Polícia. Mas não é só isso, milhares de arbitrariedades. Na carteira de trabalho colocam que o cara é vigia e atrás, numa observação, escrevem que é vigilante, pra trabalhar 10 horas por dia. Fizeram isso comigo. Fora as arbitrariedades empresariais, a empresa de Segurança São Luiz Ltda, na rua São Luiz é clandestina. A empresa Guardiã foi cassada em 75 pelo Erasmo Dias, por conter cárcere privado, mas até hoje funciona. A Associação contava com vigilantes dessa empresa mesmo depois de cassada.

CARTA-ABERTA DENUNCIA EXPLORAÇÃO

"... Primeiro que tudo senhou presidente receba os noços comprimento di divuga os noços enfoço i as noças nicidade i para li perdi com o seu apoio i o seu valor i o seu prestígio nois lhi fais um a pelo para que o senhou olhi para a nossa clhaçe por que ate a qui nois vem sofrendo i trabalhando escravizado nesta condiçaõ nois trabalha nua firma di vigilacia e ela oubriga nois a faze 10 hora normal i noço presidente na carteira não a sinou 10 hora normal a penas ele deichou a sinado 8 hora i nois trabalha domingo, feriado e ater o dia `5 da inleição sem agente ganha dobrado nois prega as 7 hora ater as 19 horas da noite e as pena si fai 2 hora Estra i o preço da hora normal e 666 Cr por hora e a estra e 833 Cr nois trabalha o mais para ganha 2 600 Cr por meis bruto para tira o inps e seguro di vida e nois pagamo o fardamento que vestimo para O serviçu dela o preço que éla cobra da gente que ja vem descontado no pagamento i e por isso que nois li perde esta ajuda e por isso que nois fais esta baixa assinado para o senhou por que nois estamo paçando fome com a familia toda e nois nos não tem profíção i tenho 3 filho e ater o a bone di familia ela roba da gente i nois estamo na escravidão destas firma i si nois pede o a vizo tem que ser 10 hora normal que queira ou não i ainda tem inspetou qui ainda amiaça nois di bate nus potto di serviço esta firma fica na rua Conceleiro Nebiol no 263 Centro telefone 221-1033 i a qui nois si a sina..."

Esta carta escrita assim, foi enviada a Iracílio Brasil, (ex-presidente da Associação) assinada por cinco vigilantes: Adaido Vicente da Silva, João Joaquim de Souza, José Alves da Silva, Moacir Pereira da Silva e José João dos Alves.

Foto de Ricardo Elkind

"6 mil ou greve". Vigilantes do Rio fizeram manifestação dia 7 de agosto, em frente ao Ministério do Trabalho. Quinze deles foram presos quando chamavam outros companheiros para o ato — e liberado em seguida. O clima é de preocupação. Até o presidente da Associação dos vigilantes Fernando Bandeira confessa que uma Veraneio chapa fria tentou atropelá-lo. Os vigilantes querem, além de Cr$ 6 mil como piso, pagamento de atrasados, proibição da escala 12 por 12 horas e 24 por 24 horas, seguro individual ou em grupo no valor de Cr$ 200 mil, pagamento da hora do almoço e do jantar, uniforme gratuito, taxa de insalubridade.

Empregadores burlam leis trabalhistas

Vejam como sofre um vigilante:

1. É obrigado a trabalhar até 12 horas seguidas (descansando 12) e às vêzes 24 horas seguidas (e 24 de descanso), sem direito a comida.

2. Como vigilante, segundo a CLT-Consolidação das Leis do Trabalho — sua jornada deveria ser de oito horas. Mas, na sua carteira de trabalho ele é inscrito, por carimbo à guisa de observação, não como vigilante e sim como vigia. Essa categoria tem jornada diária de dez horas. Só depois contam-se horas extras.

3. Até 1º de Maio, vigilante ganhava salário-mínimo. Aí, passou pra Cr$ 3 mil. Mas, muitas empresas até hoje pagam só Cr$ 2640, denunciaram vigilantes à associação carioca, Abravig. Receber hora extra também é difícil: Arthur Borges de Araújo, da Seg, está processando a firma para receber horas extras a que tem direito.

4. Por lei, a firma tem que dar uniformes aos vigilantes. Não dá. Desconta deles, do primeiro salário, o que chama de adiantamento, que na verdade é para pagar a roupa. Eles cobram desde a meia até o quepe. Quem não pode comprar a roupa toda, passa mal. Luís Paulo da Silva, da Sbil, trabalha de madrugada em frente às barcas de Niterói, sem a japona do uniforme, que custa Cr$ 400. Como não tem esse dinheiro, enfrenta o frio sem ela. E se queixa da firma: "Tudo ela desconta. Se somos assaltados, temos que pagar a arma, senão ameaçam a gente." Ao deixar a firma, o uniforme tem que ser devolvido (embora tenha sido pago no começo.)

5. Demissão tem toda hora. Alta rotatividade. E tudo por justa causa — queixam-se os vigilantes. Desconfiam que as "justas-causas" são forjadas porque se a empresa fosse pagar os 10% sobre o FGTS iria falir de tantos que são mandados embora. Só a empresa Zenop, por exemplo, tem média de 60 demissões por mês (informação de ex-funcionário de Departamento de Pessoal).

"Empresas são verdadeiros campos de concentração"

Arthur Borges de Araújo, vigilante há cinco anos na Seg, Serviço de Segurança e Transporte de Valores, fez até os cálculos do lucro que já deu à empresa, que está em vias de despedí-lo:

— Sou serralheiro, formado pelo Senac, mas não arrumei quem me desse emprego. Fui ser vigilante porque é o serviço que se encontra com a maior facilidade. Estou há cinco anos na Seg e, de uma hora para outra, eles suspenderam as gratificações e não pagam direito as horas-extras. Eu fiz os cálculos, a Seg me pagou nesses anos Cr$ 89.000,00, e eu dei um lucro de quase dois milhões de cruzeiros. Eu não saio da firma sem os meus direitos: aviso prévio, décimo terceiro, FGTS, férias e etc.

"Pode dizer aí que as empresas são verdadeiros campos de concentração", explica o vigilante Edilson Macedo de Moraes da Vise, Vigilância e Segurança Limitada:

— Se ficamos doentes e mostramos atestado do INPS, descontam da gente. A assinatura do médico não vale nada? As empresas forjam provas para demitirem o cara e ficarem livres dos encargos trabalhistas. Por que a Secretaria de Segurança não fiscaliza isso? Pode dizer aí: é tudo cabeça de lá.

O vigilante Luís Carlos, que trabalha na Seg, estava com o filho doente e não tinha recursos para interná-lo. Pediu ao doutor Nelson Dias, diretor da Seg, que lhe adiantasse Cr$ 4.000,00, o que foi recusado. Luís Carlos foi então ao programa de Flávio Cavalcante denunciar o fato e pediu ajuda. Mas só com uma **vaquinha** feita pelos colegas de trabalho é que conseguiu o dinheiro necessário para a internação. A argumentação do doutor Nelson para negar o adiantamento é um primor de cinismo: "Ele ganha pouco. Se eu desse os quatro mil cruzeiros que ele pediu, como é que ia ser o resto do mês? Então eu estava pensando no bem dele. Aliás, nós demos a ele, mais tarde, um vale de dois mil e quinhentos cruzeiros..." A concessão do vale chegou a sair no jornal, mas não adiantou muito, como explica o próprio Luís Carlos:

— Eles deram um vale, sim. Mas foi com medo da opinião pública. E só depois que meu filho já estava morto...

Carregando e descarregando a arma para mostrar que sabe mexer com ela, João Francisco de Sousa, 37 anos, um filho, morador de Camari, diz que não quer ser mais vigilante, por causa da falta de cobertura da empresa em relação a seu trabalho:

— Nós ocupa uma posição muito perigosa, que tem que trocar a vida pela morte. Mas sem cobertura da empresa? Eu nem tenho comprovante de Academia de Polícia, nem carteira da Sbil. Se alguém da Secretaria de Segurança vier aqui me leva. Olha, o pessoal da empresa até que gosta de mim, me trata bem. Mas porque eu não altero nada. Se eles gostassem mesmo da gente, eles legalizavam todos nós, não é?

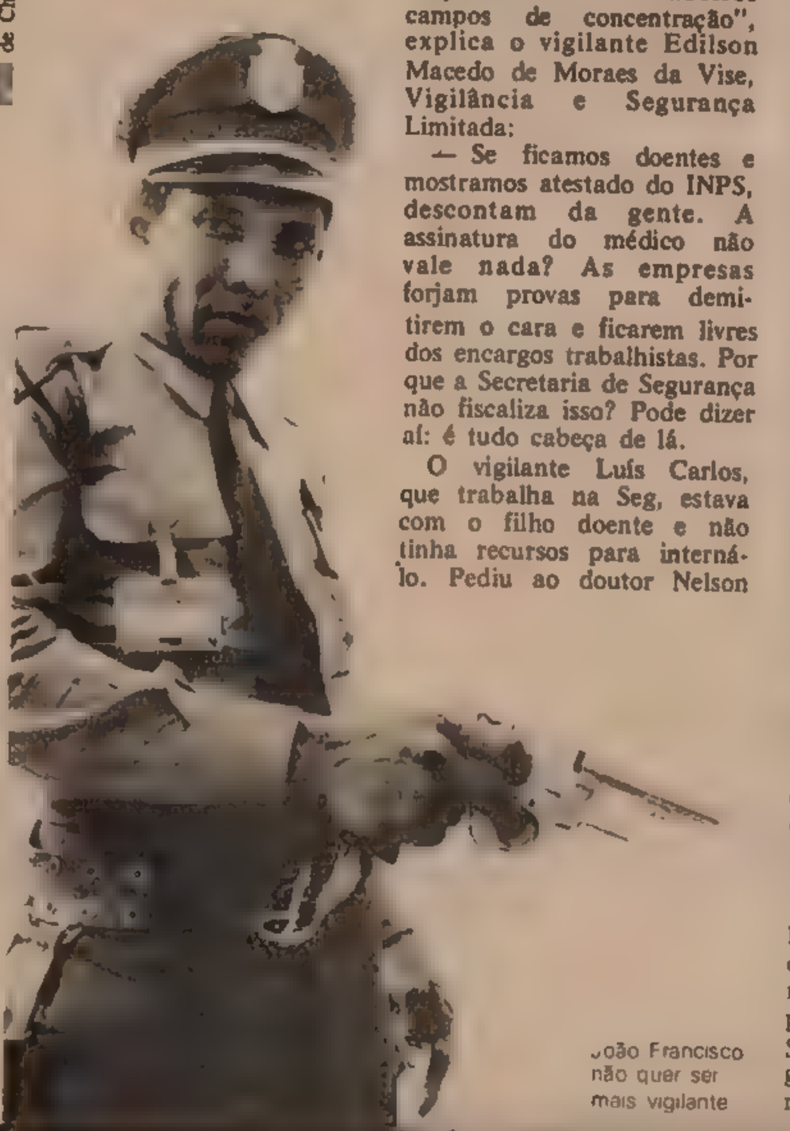


Foto de Chiquinho Chaves

João Francisco não quer ser mais vigilante

GRILEIROS ATACAM NO MARANHÃO

Assassinato mobiliza lavradores ameaçados

Não é de agora. Bastou valorizar as terras, aparecem de todo canto seus "donos", geralmente milionários do Sul ou do exterior. Só que nessas terras tem gente morando e plantando há 100 anos. Os pretensos donos, ou grileiros, contratam pistoleiros para expulsar ou explorar os lavradores. Em agosto, o grileiro Antonio Abreu matou o lavrador Eliseu Alves.

Foto de Leonardo Carneiro

10 de agosto: lavradores protestam contra a violência dos grileiros

Noite de 6 de agosto deste ano. Cidade de Bom Jardim, Maranhão. Eliseu Alves Costa, presidente do sindicato rural está em casa, conversando com os lavradores Firmino Guerreiro dos Santos e Basílio Batista de Araújo. Os três esperam o ônibus que os levará à capital, São Luís, onde pretendem relatar os ataques que vêm sofrendo de grileiros da região.

Vinte e três horas. Da varanda da casa, eles avistam luzes de farol. Mas não é o ônibus. Aproxima-se um jipe que pára em frente à casa. Desce Antonio Abreu, grileiro conhecido, enquanto seus três capangas esperam no carro. (Abreu, próspero usineiro de arroz, há algum tempo obriga lavradores de São João do Caru a lhe darem renda, pois alega ser dono dessas terras. Quem não obedece, é espancado ou morto.).

Com passadas largas, Abreu invade a casa e logo dá uma porrada que derruba Eliseu. Saca de seu revólver 38 e aponta para o líder sindical. O lavrador Firmino, desarmado, tenta impedir o disparo, mas o grileiro vira-se e dá três tiros nele, matando-o. O outro lavrador, Basílio, pega um pau e acerta na cabeça de Abreu, de leve; o usineiro não se abala e também atira em Basílio que acaba ferido nos testículos. Abreu ainda dispara contra Eliseu que se safa, esquivando-se.

Terminada a munição, Abreu volta ao jipe para apanhar um rifle, mas os capangas o convencem a fugir, pois a fuzilaria logo traria gente. E ele foge — segundo dizem na cidade — para São Luís. Mas a cena de violência é propagada, boca a boca, pelo sertão maranhense. Mais de vinte sindicatos rurais se movimentam e quatro dias depois do crime realiza-se uma manifestação pública em Bom Jardim, presentes mais de mil e quinhentos lavradores chegados em caminhões, ônibus, a cavalo e a pé. Um destacamento policial, com metralhadoras, acompanha a movimentação. Vários líderes sindicais discursam, denunciando a ineficácia das autoridades diante do "banditismo organizado" dos grilheiros. Enquanto isso, comenta-se na cidade que Antonio Abreu continua solto.

Outro grileiro do Maranhão é Eugênio de Sá Coutinho. Ele e seu filho, Ferdinando de Araújo Coutinho, desde 1977 se auto-intitulam donos das terras no município de Parnarama, onde há um século os lavradores plantam arroz e extraem coco-babaçu. São, hoje, 600 famílias espalhadas pelos 13 povoados do município e submetidas ao terror do grileiro. Ele não tem papéis para comprovar sua "propriedade" (essas terras são de domínio público), mas, ajudado por seus capangas, Eugênio cercou os caminhos de acesso dos povoados, passou a cobrar renda dos lavradores e os obriga a vender arroz só para ele.

Em março passado, a firma Eugênio Coutinho Filhos & Cia. Ltda. (dirigida por Berilo de Souza Araújo, genro de Eugênio) incorporou as terras do município. No dia 19 de julho, capangas de Eugênio invadiram a quitanda de Raimundo Reis dos Santos, no povoado de João Vito. Ele foi amarrado e espancado. Os invasores destruíram mercadorias e utensílios e dispararam alguns tiros para amedrontar a população.

No mês seguinte, dia 11, Eugênio atacou de novo. Apareceu, intempestivamente, no meio de uma reunião de lavradores, onde também se encontravam dirigentes da Contag — Confederação Nacional dos Trabalhadores da Agricultura, da Fetaema — Federação dos Trabalhadores Rurais do Maranhão, da Comissão Pastoral da Terra e de sindicatos rurais. A delegação veio de Bom Jardim (logo depois da manifestação de lá) e já no caminho encontrou dificuldades porque a estrada estava atolada de areia. Eugênio desceu do caminhão e foi falar com o homem da Contag. Disse-lhe que era amigo de Petronio Portella (Ministro da Justiça) e avisou que ninguém ia sair dali, porque a estrada era dele e ele não ia deixar. Só depois de muita conversa mudou de idéia e liberou a estrada que, segundo os lavradores, foi aberta por eles mesmos.

Honorato Santana de Oliveira, líder dos trabalhadores rurais de Santa Luzia, está ameaçado de morte. Há um grupo de pistoleiros no seu encalço, conforme denúncia divulgada dia 22 de agosto pela Fataema — Federação dos Trabalhadores Rurais do Maranhão. O teto da casa de Honorato já foi destelhado à noite, numa tentativa dos pistoleiros de matá-lo. Ele não tem certeza de quem contratou esses pistoleiros porque há muitos grileiros preocupados com sua atuação sindical, mas informa que na metade do mês de agosto chegaram a Santa Luzia dois pistoleiros, um de São Luís e outro de Imperatriz. Segundo Honorato, os dois fazem parte da segurança do deputado arenista Gervásio Protássio dos Santos.

O sindicato liderado por Honorato denunciou ao Secretário da Segurança do Maranhão, também em agosto, uma tentativa de morte: militares do 50º Batalhão de Infantaria da Selva, com sede em Imperatriz, quiseram matar cinco lavradores do povoado do quilômetro 100, em Santa Luzia. Segundo a denúncia, o mandante foi o grileiro Lauro Ramos que continua querendo tomar conta das terras cultivadas pelos lavradores.

Grileiros atacam em todo o Estado do Maranhão. Pedro Silva, líder do sindicato de Bequimão conta que o sr. Djalma Martins "que nunca morou nem trabalhou neste município" foi se queixar ao juiz de que lavradores invadiram suas terras (que ele cercou, aliás) e o juiz lhe deu razão, intimidando os lavradores: chamou um deles, sòzinho (João Pereira Ribeiro) e ameaçou: se ele queimasse o roçado (prá plantar de novo) teria que pagar Cr$ 10 mil. E mandou João passar o recado aos outros lavradores.

No Sul do Estado, a situação é a mesma. "Onde quer que more o posseiro, este é visitado pelos grileiros, que o que mais de risonho oferecem é a morte", diz o líder sindical de Grajaú, João Batista dos Reis Silva em carta ao governador João Castelo. E a situação não é nova: de dez anos pra cá, com a valorização das terras, milionários do sul do país (e do exterior) tentam-se apossar de terras devolutas, através de operações fraudulentas em cartório e violência. Os acontecimentos de agosto deste ano foram relatados oficialmente ao ministro da Justiça Petronio Portella num relatório de 13 páginas, pela Contag-Confederação dos Trabalhadores na Agricultura. E, o mais importante, os lavradores resistem. Eles tiveram uma boa notícia no último domingo de agosto, dia 26: uma chapa de dirigentes sindicais combativos ganhou a direção da Federação dos Trabalhadores Rurais do Maranhão.

Alfredo Wagner

- EMPRESAS PROMOVEM INVASÕES
- GENERAL NO MEIO DA VIOLÊNCIA
- POSSEIRO É EXPULSO À BALA
- INCRA NÃO PODE FAZER NADA
- IGREJA LUTA CONTRA OPRESSÃO

Na Amazônia, leva quem tem grana e arma na mão

Fotos de Edilson Martins

Uma nova figura na Amazônia: o índio jagunço

Quais são os conflitos que se desenrolam na Amazônia? Não haverá, talvez, um certo exagero no anúncio de choques armados, dessas invasões de terra? Quem garante não estar havendo, mais uma vez, a tão famigerada "infiltração" comunista? E essa tal de Igreja da Amazônia, os chamados bispos da Teologia da Libertação? Não estarão se utilizando de um processo natural de acomodação, onde são inevitáveis as divergências e mesmo choques armados, acidentais, para agitarem socialmente uma bandeira que se identifica muito mais com Marx do que Cristo?

Passemos a alguns fatos:

O Parque Indígena do Aripuanã, no Território de Rondônia, até hoje não foi demarcado, embora vivam ali mais de três mil índios Suruí, Cinta-Larga, Gavião e Cabeça-Seca. Há mais: a corrida, promovida principalmente a partir do governo Médici, em direção a esta área, introduziu mais de 800 famílias de colonos sulistas em território indígena. Muitos desses posseiros obtiveram documento de ocupação provisória, cedido pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra). Houve empresas de loteamento — Irmãos Melhorança, por exemplo — que promoveram essa invasão, que se traduz, a nível de massa, em lançar posseiros contra índios, isto é, oprimidos contra oprimidos, numa estratégia diabólica desencadeada na ocupação da Amazônia.

O fazendeiro João Marques de Oliveira, o famoso João Mineiro, *que, juntamente com mais 60 homens armados, invadiu a colônia indígena de Merure, no Estado de Mato Grosso, matando o padre Rodolfo Lukeiben e o índio Simão, foi julgado em março deste ano, no município de Barra do Garças e, pasmem, absolvido. Após deixar as dependências da prisão, onde gozava das regalias de seu poder econômico, declarou, para quem quisesse ouvir: "Tenho esperanças é no presidente Figueiredo".*

Na última quinzena de julho último, 15 jagunços armados expulsaram três famílias de posseiros, na fazenda Nova Vida, às margens da BR-364 (Brasília/Porto-Velho). A violência, segundo o advogado Agenor Martinez de Carvalho, foi promovida pela Agropecuária Nova Vida e pelo general Plínio Pitaluga.

José Rodrigues Cavalcanti, 45 anos, casado, cinco filhos, depois de trabalhar 18 anos como seringueiro, conseguiu economizar, aqui pelas "bandas" do Sul, Cr$ 68 mil. Com esta importância instalou-se com uma pequena casa de comércio, um "movimentozinho", no seringal São Sebastião, às margens do rio Caetés, no Estado do Acre. Como represália, o seringalista Gracindo da Rocha Medeiros mandou invadir a casa de Cavalcanti, o que foi feito por policiais e jagunços. "Tiraram toda a minha mercadoria, toda a borracha e me intimaram a ir para Sena Madureira, me apresentar na delegacia, do município".

Prelazia de São Félix do Araguaia, Mato Grosso

Em 1972 apareceu no município de São João do Araguaia, no Pará, um tal de Goiano, dizendo-se proprietário de terras à margem esquerda da rodovia PA-70. Inicialmente, voltou-se contra um único posseiro e sua família, pressionando-o para que este abandonasse sua roça. Acossado, o posseiro levou o caso ao Incra. *O órgão terminou constatando que as "escrituras" do Goiano referiam-se a terras em outro município. Não satisfeito, Goiano continuou pressionando o posseiro e só quem conhece a região pode imaginar a natureza dessas pressões, que se traduzem, muitas vezes, em assassinatos. Não resistindo ao arrocho, o posseiro terminou vendendo sua posse por Cr$ 35 mil. Daí, Goiano partiu para o posseiro vizinho, repetindo o processo, só que desta vez armando os seus porta-vozes, diga-se jagunços a seu serviço.*

Estamos diante, portanto, do surgimento da famosa "grilagem", uma das resultantes do projeto de "modernização" da agricultura na Amazônia.

Um desconhecido bispo, dom Inocêncio Engelke, redigiu uma Carta Pastoral, em 1950, no município de Campanha, MG, cujo título era: "Conosco, sem nós ou contra nós se fará a reforma rural". O Concílio Ecumênico Vaticano II, que tantas e profundas mudanças determina no seio da Igreja, começa em 1962, portanto, 12 anos após. Um documento que foi verdadeira premonição do que ocorreria mais tarde, escrito por um homem insuspeito, no momento em que toda a Igreja, ou quase toda, estava longe de se comprometer com o oprimido, senão numa linha apaixonadamente espiritualista. Dom Engelke produziu esse documento, hoje certamente um marco na história da Igreja no século XX, muito mexido pela advertência do Papa Pio XI: "o maior escândalo do século XIX foi a Igreja ter perdido a massa operária". Tão cônscio da essência dessa advertência ficou d. Inocêncio Engelke, que ainda em 1950, com uma coragem cristã realmente audaciosa, observava: "Já perdemos os trabalhadores das cidades. Não comentamos a loucura de perder, também, o operário rural".

Enfim, esse bispo reconhecia a omissão da Igreja na perda do trabalhador assalariado no século passado, e temia — e esse temor terminou contagiando grandes parcelas da Igreja — a perda do camponês no século XX.

Outro padre, Paolino Baldassari, ao refletir sobre o momento de transição — um verdadeiro flagelo — que assolou a região a partir da segunda metade da década de 60, com a substituição dos velhos seringais pela implantação da moderna empresa agropecuária e de mineração, ele observa que "os seringalistas passaram a ser escravos do Basa (Banco da Amazônia) e os seringueiros escravos de seus patrões. Nessa crise, os seringueiros começaram a procurar as cidades mais próximas, mas ainda não era um êxodo em massa, como ocorreu posteriormente no início das vendas das terras para os especuladores, grileiros e investidores do Sul ou estrangeiros, os "pontas de lança do capitalismo das patas do boi".

Paolino Baldassari é um Padre servita que trabalha com d. Moacyr Grechi, o corajoso bispo da Prelazia dos rios Purus e Acre, uma das regiões mais delicadas, dado o avanço da empresa privada — nacional e estrangeira — em toda a Amazônia brasileira. Os índios Culina e Caxinauá, (ver REPORTER nº 14), vítimas da cobiça cada vez mais ostensiva de grupos econômicos, têm tido na pessoa desse missionário um apoio e comprometimento decisivos nesta hora, que esperamos não seja final, destes dois povos.

Essa Igreja que rompe o pacto com a opressão, que se coloca do ponto de vista do oprimido, firmando testemunhos até de sangue com os humildes — vide os assassinatos dos padres João Bosco Penido Burnier, por um soldado da PM de Mato Grosso, e Rodolfo Lukeiben, por um fazendeiro que diz confiar no presidente Figueiredo — termina evidentemente na alça de mira dos poderosos.

Edilson Martins

A música alternativa apresenta suas obras primas

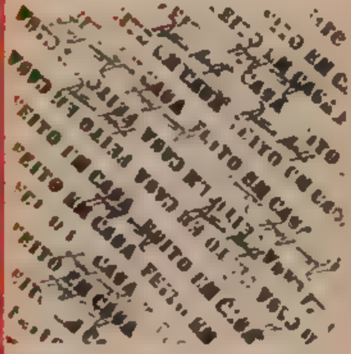
001 — Samba Choro, com o conjunto Sambachoro. Segundo Hermeto Pascoal, "um dos melhores conjuntos instrumentais do país, tocando o choro com inovações e com balanço".

002 — Cheiro Verde, de Danilo Caymmi, autor, intérprete e instrumentista. No disco, a participação de Milton Nascimento, Airto Moreira, Fernando Leporace e Nelson Angelo.

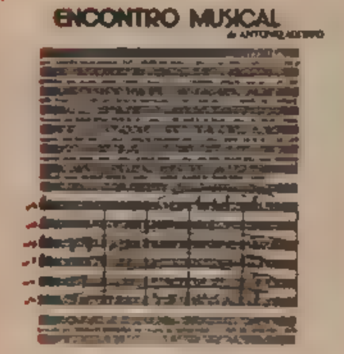
003 — Terra, de Chico Mário, mineiro, falando as coisas de Minas com a força de quem ama sua terra. Compositor, cantor e violonista, Chico Mário contou no seu disco com a participação do Quarteto em Cy, Joyce, Nivaldo Ornelas, Pepê e Antônio Adolfo.

004 — 25 Anos de Violão, com Manoel da Conceição, o Mão de Vaca, um dos principais violinistas da nossa música. Um LP gravado ao vivo no show que comemorou o Jubileu de Prata de atividades artísticas de Mão de Vaca.

005 — Luli & Lucinha, um disco que cozinhou sete anos na panela do tempo. Danilo deu a colher, Antônio Adolfo a receita. Gravado dentro de uma igreja, em frente ao circo e com a bênção do padre Engel. Violão, vozes e emoções, sem pressa, caprichando no tempero. **Já na 3ª edição.**



006 — Feito em casa, de Antônio Adolfo. O primeiro LP da música alternatriva, feito com amor e carinho. Conta coma participação de Joyce, Márcio Montarroyos, Danilo Caymmi, Chico Batera e Peninha.



007 — Encontro Musical, de Antônio Adolfo. O segundo da série, começa com um de seus maiores sucessos: Sá Marina. Participação especial de Erasmo Carlos, Tutti Moreno, Chico Batera, Joyce e Rildo Hora.

008 — Vira Lata, o mais recente disco de Antônio Adolfo, que assim o define: "A nossa música cada vez se mistura mais com as diferentes influências das diferentes culturas. Não sou purista e nem discriminador, e não considero prejudicial abrirmos nossas portas, a não ser quando se trata de colonização cultural ou de imposição de modismos. Acho até muito saudável essa mistura da nossa música, assim como um viralata".

190,00

Receba em casa, em embalagem especial protetora que garante a perfeita integridade do disco, o que há de melhor na Música Popular Brasileira Alternativa.

NÃO MANDE DINHEIRO AGORA

Preencha o cupom abaixo e remeta-o para Margem Editoria e Programação Gráfica (Rua Miguel Couto, 134/11º andar, CEP 20070, Rio de Janeiro). Os pedidos do Rio de Janeiro poderão ser feitos pelo telefone 253-5038.

musicum — margem

Nome...
Endereço ....
CEP ....
Cidade.......................................
Estado.......................................
Assinatura ....

001	002	003	004	005	006	007	008

RECEBA O COOJORNAL EM CASA 5 DIAS ANTES

Cupom de Assinatura

Assinatura por 12 edições Cr$ 220,00
Envie cheque nominal ou vale postal para
Rua Comendador Coruja, 372 Porto Alegre RS 90 000
Fones: 21 8984 e 24 0851

Desejo receber o Coojornal a partir do nº ☐

Caso você tenha interesse em adquirir o Coojornal a partir do nº 13, entre em contato com o nosso Depto. de Circulação nos mesmos fones acima.

Nome
Endereço Fone
Bairro CEP Cidade
Estado Profissão

Comunique-nos qualquer alteração de endereço.

Cupom de Assinatura

Assinatura por 12 edições Cr$ 220,00
Envie cheque nominal ou vale postal para
Rua Comendador Coruja, 372 Porto Alegre RS
Fones: 21 8984 e 24 0851

Desejo receber o Coojornal a partir do nº ☐

Caso você tenha interesse em adquirir o Coojornal a partir do nº 13, entre em contato com o nosso Depto. de Circulação nos mesmos fones acima.

Nome
Endereço Fone
Bairro CEP Cidade
Estado Profissão

Comunique-nos qualquer alteração de endereço.

Como assinante, você recebe o *Coojornal* em outros Estados no mesmo dia em que ele vai para às bancas em Porto Alegre. Quer dizer: no mínimo 5 dias antes de ele chegar às bancas de sua cidade.

cooJORNAL

Há cerca de dois meses, o promotor da 4ª Vara Criminal de Nova Iguaçu, José Pires Rodrigues, deu entrevista ao *Jornal do Brasil* dizendo que não passavam de brincadeiras as investigações que a polícia da Baixada Fluminense fazia em relação aos crimes atribuídos ao Esquadrão da Morte. No meio policial a repercussão foi grande, a ponto de o delegado Romeu Diamant, chamado de o Paul Newman da Baixada, ouvido pelo *REPORTER*, dizer que o negócio do promotor era aparecer, "para se candidatar a juiz do Supremo Tribunal de Alçada" e que não deve satisfações a ele. Seguindo um dos crimes sem solução mencionados por José Pires, descobrimos que um dos acusados, o policial Pedro *Tiroteio*, até hoje não foi ouvido no inquérito que apura a morte da menina Narcisa da Silva. O irmão de Tiroteio, Anselmo *Gaúcho*, disse que Narcisa morreu porque era deliqüente. Gaúcho confessa que ele e seu irmão fazem parte de um "grupo de impacto", tipo matar ou morrer, e que o baixo salário que recebem é um incentivo à corrupção.

Reportagem
de Luis Ferrão.

PROMOTOR DA BAIXADA TINHA RAZÃO

Foto Jornal de Hoje

Este é um dos milhares de presuntos que aparecem anualmente na Baixada e que passa a ser um caso de morte de autoria desconhecida.

POLICIAL CONFESSA QUE EXISTE "GRUPO DE IMPACTO"

O Promotor de Justiça da 4ª Vara Criminal de Nova Iguaçu, José Pires Rodrigues, atirou pedra em casa de marimbondo, ao classificar de "brincadeira" a maneira como a polícia investiga os crimes do Esquadrão da Morte na Baixada Fluminense. Avaliando ação da justiça, o promotor Pires disse que existem mais de dez mil inquéritos arquivados na Delegacia de Homicídios do Rio de Janeiro. Desses inquéritos, cerca de 1.700 são de autoria desconhecida, atribuídos ao Esquadrão. As investigações já feitas resumem-se em juntada de laudos técnicos fornecidos pelo perito que examinou o **presunto**. E mais nada.

O promotor acha que está crescendo o número de assassinatos com requintes de violência. E ao pedir à Polícia esclarecimento sobre os crimes de autoria desconhecida, salientou que não vai aí nenhuma atitude autoritária, que vise incompatibilizar a polícia com a população. Mas faz uma critica.

— A polícia, na maioria dos casos, faz um registro de apenas dez linha, não ouve os parentes das vítimas, nem testemunhas oculares, e não faz levantamento nos locais onde são encontrado os corpos. Instaura o inquérito — isto quando há inquérito. Alguns casos não passam da fase de investigação, juntada dos laudos de necropsia, e fica aquele negócio de vai-e-vem.

O alvoroço que o dr. Pires, provocou na imprensa e na polícia não foi, propriamente, pelas acusações até agora não desmentidas. É que a polícia se sentiu avacalhada.

Na tentativa de dar continuidade à matéria, publicada no **Jornal do Brasil**, carros de reportagem estacionaram em frente à Sala Desembargador Barros Junior, no Forum Itabaiana, de Nova Iguaçu. O promotor recusou-se a dar entrevista. Disse que não tem o menor interesse em bagunçar os amigos, fazendo declarações sensacionalistas, mas que a polícia não pode esconder do contribuinte suas deficiências.

— Eu pedi ao delegado de Belford Roxo (54ª DP), o dr. Geraldo Amim Chaim, para investigar a morte da menina Narcisa Pereira da Silva, que foi baleada em Belford Roxo — junto da Faculdade de Economia — e apareceu morta e queimada em outra jurisdição, no bairro Vila de Cava. Existe uma testemunha ocular do crime, a menor CB, de 15 anos, que estava em companhia de Narcisa. Foi ouvida pelo Juiz de Menores, dr. Nicilio Fagundes e disse que foi o policial Pedro Luiz

Foto de Chiquil Chaves

Promotor José Pires Rodrigues

Nascimento, o Pedro **Tiroteio**, da 54ª. DP, que matou a menina. Inclusive disse a mim que os amigos de **Tiroteio** fizeram ameaças de matá-la, caso algum deles ficasse comprometido com a justiça. O depoimento de CB é o único que ainda não foi anexado no inquérito que apura o crime.

Numa segunda-feira, o dr. Pires Rodrigues atendeu a 20 pessoas em seu gabinete. Gente pobre, que vem de bairros distantes da Baixada, sem dinheiro para pagar advogado particular. São os parentes de mortos que vão reclamar pessoalmente da maneira lenta como são apurados os crimes de autoria desconhecida.

A mãe Marilene e Josué Marques, jovens assassinados dentro de casa em janeiro de 1977, foi pedir ao promotor para que seja reaberto o inquérito, imediatamente. Ela descobriu quem matou seus filhos, mas recusou-se, a princípio, a mencionar os nomes dos matadores. E disse que a polícia de Nova Iguaçu ainda foi ao local do crime.

— Duas testemunhas oculares do crime — disse ela ao promotor — já foram mortas. Além disso, minha neta — filha de Marilene — que estava no local e também viu o assassinato, foi baleada no braço. E a tia da menina foi obrigada a pular um muro de um metro e 20 para fugir, mesmo estando grávida. É possível que, quando a polícia resolver apurar o caso, não exista mais ninguém vivo na família.

A mãe do estudante Lúcio dos Santos, morto em 1977, também foi pedir mais rapidez na apuração do caso, segundo ela praticado por Arthur Penalva. Em seguida, o promotor Pires pede à sua secretária que coloque papel na máquina e redija um documento, perguntando ao delegado Amim Chaim o motivo da demora nas diligências que apuram um crime ocorrido semana psssada em Belford Roxo.

Há 11 anos na 4ª Vara Criminal, o promotor diz que atender às pessoas é uma rotina da qual não pode fugir:

— Eu sou funcionário público e tenho que atender a quem me procura. Imagino que deve ser horrível, para quem me procura, voltar para casa sem ter falado o que queria. Muita gente vem reclamar a morte de pessoas da família, ocorrida em 74, 75, por aí. Vem pedir para eu adiantar as investigações.

— Doutor Pires, as pessoas vêm lhe procurar por que não acreditam na polícia?

— Não é isto. As pessoas querem urgência na apuração dos crimes. Eu, como atendo a todos, sou muito procurado.

Por que há tantos crimes na Baixada.

— Não sei. A falta de policiamento ajuda. Em nova Iguaçu, depois das sete da noite, você não encontra policiamento em nenhum lugar.

Polícia sabe quem mata

Por mais absurdo que possa parecer, a polícia tem uma lista com os nomes dos matadores profissionais da Baixada, muitos deles conhecidos da imprensa.

No inquérito que apura a morte de Narcisa Pereira, por exemplo, além de Pedro Nascimento, foram arrolados os policiais Quirobim Donato de Jesus e Antônio Mizael. Mas, como sempre, nada foi provado.

O nome de Euclydes Silva e Souza — o Quidinho — entra como um possível participante de uma das quadrilhas que mais exterminaram pessoas na Baixada. Depois que sequestraram e assassinaram a septuagenária Irene Rodrigues Guimarães, diretora de patrimônio do Fluminense Futebol Clube, volta Quidinho às manchetes, como cúmplice no crime. O envolvimento não é em nível primário. Contra Irene, ele teria agido ao lado de Renato Pedrosa. E em vários outros crimes em que aparece como principal acusado, ou co-autor das mortes, Quidinho tem seu nome ligado ao grupo de execuções sumárias de Elói Felipe da Silva, que está preso em Nova Iguaçú.

Outro crime ocorrido em maio deste ano caracteriza bem as dificuldades que a polícia da Baixada enfrenta para incriminar os nomes que surgem como assassinos, pois os quadrilheiros estão sempre protegidos. Muito bem protegidos e bem pagos. A polícia, por mais eficiente que queira parecer ainda não conseguiu apresentar os matadores de Pedro da Silva, Adyr Nascimento Duque, Luis Rafael, e por aí a fora. A lista de nomes dos desaparecidos chega aos milhares.

Pedro da Silva era motorista da firma Toalheiro Brasil. Apareceu morto, abraçado com Adyr Duque, na rua Francisco Manuel Brandão, no Km 22 da Via Dutra. O terceiro morto, Luis Rafel, era proprietário de um açougue em Queimados e foi encontrado estrangulado na Estrada do Mato Grosso, em Carlos Sampaio.

Sobre a morte do trio, surge apenas a suposição de que seriam comerciantes e ladrões de gado. Segundo o divulgado pel imprensa, o responsável pela morte dos três seriam Eurico de Souza e Jorge Vilar, que, como Quidinho, já apareceram várias vezes na imprensa, como assassinos profissionais. Eurico e Jorge já teriam exterminado mais de 50 pessoas. Pelo menos um assassinato — o de José Antônio Cruz — foi atribuído a Eurico de Souza. O inquérito que apura o caso foi distribuído na 4ª Vara Criminal de Nova Iguaçú, mas não foi julgado porque a polícia ainda não conseguiu reunir provas concretas contra ele.

Delegado culpa a imprensa

Logo depois da entrevista do promotor Pires, chamando a polícia às falas, os delegados da Baixada Fluminense se manifestaram, para dizer que a polícia, como instituição, enfrenta dificuldades, mas que não está conivente com a onda de assassinatos na região.

O dr. Joni Siqueira, delegado de Duque de Caxias (59.DP), por exemplo, disse que seus policiais são verdadeiros heróis.

— Eles saem empunhando revólveres 22 para caçar bandidos que portam até metralhadoras. Se há crise na polícia, ainda não percebi. Será que podemos supor que há crise também na Justiça? Até junho deste ano, o delegado Romeu Diamant solucionou 29 crimes, até então de autoria desconhecida. Agora vamos ver quanto tempo os preços à disposição da Justiça vão ficar aguardando decisão judicial.

O delegado Romeu Diamant — o Paul Newman do subúrbio, assim chamado pelos jornalistas que cobrem o dia-a-dia de sua delegacia — ficou furioso com as declarações do dr. Pires. Para o delegado, a polícia é que se expõe, lutando para impor a ordem. Mas diz que na hora de criticar, todo mundo gosta. E segundo Diamant ninguém é mais culpado pela violência do que a imprensa.

— Alguns jornalistas confundem atos de violência com estado de violência. Gostaria de ressaltar que a violência registrada na Baixada é feita de atos isolados. Aqui é igual a uma cidade grande qualquer. Se predominasse o estado de violência, as pessoas não sairiam às ruas, com medo de serem chacinadas. Se a imprensa divulgasse os resultados da ação repressiva, os números da parte condenatória, o leitor poderia basear as estatísticas. Mas isto não acontece. Alguns profissionais querem denegrir a polícia, como uma instituição totalmente falida. Eu quero saber, se a imprensa quer acabar com a polícia? Ou se a imprensa quer caracterizar uma crise, um estado de violência insuportável, para vender mais jornais?

Foto de Chiquito Chaves

Hermógenes, com a foto de sua irmã Narcisa, recebeu recado de Pedro Tiroteio dizendo que estava jurado, mas não se intimida: quero ver os matadores de minha irmã na cadeia.

ARRANCARAM VIVO O FETO DA MENINA

Vila de Cava, onde foi encontrado o corpo de Narcisa, é jurisdição da 52.ª DP. Seu delegado titular, Romeu Diamant, disse que ele, mais do que ninguém, está interessado em desvendar o crime:

— Se tivesse uma pista, eu ia atrás. Essas declarações do dr Pires, eu já entendi, ele quer aparecer. O negócio dele é se autopromover, para se candidatar a juiz do Tribunal de Alçada. Não devo satisfações a ele.

Narcisa Pereira da Silva estava grávida de dois meses e teve o feto arrancado vivo. Segundo o relato de uma mulher, que mora perto do local onde foi desovado o cadáver, Narcisa gritou muito, xingou seu matador, e pediu para ele não esganar a criança.

Dona Cacedina, mãe de Narcisa, contou que na noite do dia 21 de julho Narcisa saiu de casa, no Parque São Francisco, em companhia de seu marido, o guarda de segurança Sérgio Rodrigues de Souza, e de sua amiga CB, de 15 anos. Pelo que conseguiu saber, os três foram para o Bar Fliperama, cujo proprietário, José Almeida, pagava a Narcisa um pequeno cachê para ela lavar copos e ficar atraindo os fregueses da noite.

No dia 22 de julho, pela manhã, chegou um camburão no Parque São Francisco, com seis policiais, que pediram a dona Cacedina para entrar no quarto de Narcisa. A porta estava trancada, mas os policiais (nenhum deles foi identificado) arrombaram a porta de quarto, utilizando um pé-de-cabra. Reviraram as malas e o guarda-roupa.

A mãe quis saber o que estava acontecendo, perguntou pela filha, e um dos policiais disse-lhe que, se quisesse saber, que comprasse os jornais no dia seguinte. E foram embora.

No dia seguinte, dona Cacedina mandou o filho Hermógenes Pereira, chamado de **Rosinha** pelos amigos da madrugada de Belford Roxo, comprar o jornal. Folheou, e no meio do caderno encontrou em letras garrafais, a notícia do assassinato da irmã. Hermógenes partiu para a Delegacia de Belford Roxo, onde ficou sabendo que Narcisa tinha assaltado, na noite anterior, Jorge da Silva Rocha — que estava em companhia da menor DHM. Narcisa estava com Sérgio e CB, e um tal Jorge **Soldado**. Os quatro foram perseguidos pelo comerciante José Almeida.

A ocorrência policial registra que Jorge Rocha chegou no Bar Fliperama, por volta das 11 da noite, em companhia de DHM, conhecida de Sérgio e Jorge. Conta, ainda, o registro que DHM ficava no Bar Fliperama esperando fregueses com dinheiro. Aí, então, dava o serviço para Sérgio, Narcisa e CB, que se encarregavam de **arrepiar** o sujeito.

Ao se aproximar do Hotel Província, Jorge foi **depenado** em Cr$ 6 mil. Tentou reagir, e foi esfaqueado no braço. Jorge e DHM voltaram ao bar e contaram a história para José Almeida, que perguntou a DHM se conhecia os assaltantes. E ela cagüetou todos. Imediatamente, Almeida saiu atrás dos quatro e no morro da Faculdade de Economia de Belford Roxo avistou-os, sacou da arma, mandou-os parar. Todos acataram a voz de prisão de Almeida, que, em seguida, mandou um motorista de táxi chamar Pedro **Tiroteio** para prender os assaltantes. Pedro chegou atirando e com a sirene do camburão ligada. Os assaltantes estavam armados apenas com uma faca de sapateiro.

Na manhã seguinte, Narcisa foi encontrada morta. Sérgio está preso em Belford Roxo. A menor. CB prestou depoimento ao Juiz de Menores, e em seguida foi enviada ao Instituto Padre Severino. Jorge Soldado está foragido e DHM está em liberdade.

Desde que sua irmã morreu, Hermógenes Pereira, o **Rosinha**, não pára de pedir justiça para o caso. Ele diz que sua irmã foi assassinada por **Tiroteio** que gostava muito dela.

— Pedro gostava da Narcisa e uma vez tentou agarrar ela à força, lá na rodoviária de Velford Roxo. Eu disse isto a um repórter, e **Tiroteio** mandou recado, dizendo que eu estava **jurado**. Eu quero ver os matadores da minha irmã na cadeia.

Rosinha foi preso pelo delegado Amim Chaim, acusado de fazer parte da

quadrilha. Mas nada foi provado contra ele. Dona Cacedina entra em pânico quando o filho começa a falar que não tem medo de ser morto. Ele também quer ir falar com o promotor Pires.

— Eu estou esperando receber um dinheirinho extra, para ir falar com o dr. José Pires. Dizem que ele quer esclarecer a morte da minha filha. Uma pessoa me falou que ele disse num jornal que a polícia sabe quem matou ela. Agora, eu não sei porque eles não prendem um carrasco desses.

O inquérito 388/79, instaurado para apurar a responsabilidade da morte de Narcisa, está na Delegacia de Nova Iguaçu. Mas Sérgio Rodrigues está preso em Belford Roxo. O delegado Amim Chaim ficou irritado ao receber a reportagem, que queria entrevistar o Sérgio. Depois de negar o pedido, ("só com ordem judicial").

Doutor Chaim, nós recebemos um recado dizendo que o Sérgio está correndo risco de vida. Podemos conversar com ele?

— Você está louco. Não posso fazer isto. Quantos anos você tem de profissão? Você é um foca, não sabe os riscos da vida...

É um caso de vida ou morte! Não estamos querendo acusar a polícia. Queremos fazer o possível para não deixar acontecer outro crime.

— Olha aqui, passe bem, ouviu?

O Esquadrão pode tirar ele da cela e matar...

— Ah, vocês acreditam no Esquadrão. Pois bem, então não brinquem com isto não, ouviu.

Saímos da delegacia, e ficamos lá fora, no pátio, esperando o delegado sair

Foto de Chiquito Chaves

D. Cacedina quer que o promotor esclareça a morte de sua filha

Amin Chaim adverte: "Se vocês acreditam no Esquadrão não brinquem com ele, tá ?

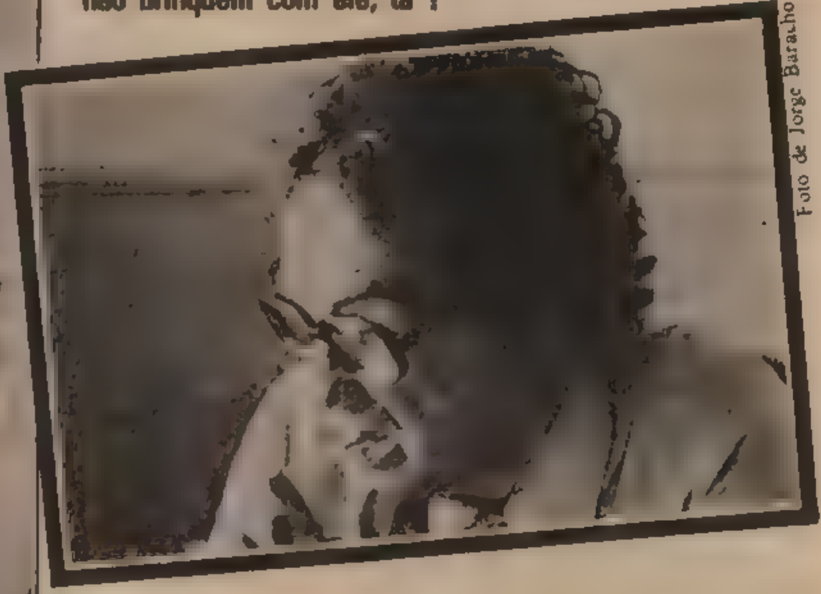


Foto de Jorge Baracho

para almoçar. Tentamos novamente.

Delegado, o Sérgio viu quem matou a Narcisa.

— Querem dizer isto a mim, que estou acompanhando o caso? O depoimento que ele deu na 54.ªDP tem tudo de mais importante do inquérito.

O inquérito já ouviu as partes, mas falta o depoimento da menor CB, que disse ao juiz o nome do matador.

— Eu nada posso fazer. Se quiserem falar com o Sérgio, tem que pedir ao dr. Marinho.

O delegado saiu para o almoço. Nisto chega o detetive Anselmo **Gaúcho**, irmão de Pedro **Tiroteio**. Trabalham juntos, em Belford Roxo.

Detetive, o senhor estava de serviço quando a Narcisa foi morta?

— A Narcisa era delinqüente conhecida.

Uma testemunha disse que foi o Pedro quem matou a Narcisa...

— Eu e o Pedro fomos Fuzileiros Navais. Nós somos do grupo de impacto. É matar ou morrer. Todos os cadáveres que aparecem por aqui, dizem que fui eu ou o Pedro quem matou.

A polícia está fazendo corpo-mole para apurar certos crimes?

— O negócio da polícia é falta de incentivo. A gente ganha Cr$ 4 mil e corre risco de vida. Pagar pouco é um incentivo à corrupção. O policial fica obrigado a fazer o jogo, a ser corrupto.

Será por isso que a polícia está se distanciando do povo?

— A polícia é povo, meu chapa.

Mas o povo não tem ordem para matar...

— Em termos genéricos, a polícia é povo. Mas na prática não é. O policial se separa da família, do campo da amizade particular. O indivíduo vê no policial um representante do governo, um repressor.

INDEPENDENTE

É O QUE NÃO SE SUBMETE, O QUE NÃO TEM MEDO DE SE DIZER LIVRE, É SER AUTÔNOMO.

ASSINE REPORTER, UM JORNAL QUE É ISTO: INDEPENDENTE.

REPORTER

UM JORNAL QUE ESTÁ SEMPRE NAS PARADAS

CUPOM DE ASSINATURA

— Assinatura por 12 edições: 160,00
— Envie cheque nominal ou vale postal para:

MARGEM EDITORIA E PROGRAMAÇÃO GRÁFICA LTDA.
Rio de Janeiro: rua Miguel Couto, 134 conj. 1101/1104 20000 RJ

Voce pode assinar o REPORTER a partir do nº 0
Indique a partir de que número você quer sua assinatura............

Nome:............
Profissão:............
Endereço:............

CEP:........ Cidade:........ Estado: ....

Foto de Roberto Menezes

Sebastião Nery,

Jornalista revela a estratégia do governo para eleições com novos partidos políticos

- Extinguir Arena e MDB
- Adiar votações municipais em 1980
- Atrair Tancredo Neves e parte do PSD
- Recriar aliança UND/PSD com PI e Arenão
- Garantir maioria no Congresso em 1982
- Manter controle do Colégio Eleitoral

Para o jornalista político Sebastião Nery, o grupo que está no poder tem, como objetivo principal, preservar a presidência da República, indicando o sucessor do general Figueiredo, em 1984. A tarefa, entretanto, parece difícil já que, segundo dados que o próprio governo admite serem corretos, a maioria do eleitorado brasileiro tende para a oposição.

— É matematicamente inevitável a derrota do governo nas eleições (para governos e assembléias estaduais, Câmara e Senado) de 1982. Isso independe das atitudes da oposição. É uma tendência do eleitorado jovem. Veja bem: entre 70 e 74, sete milhões de pessoas atingiram a idade de votar; entre 74 e 78, mais 11 milhões; até 82, serão cerca de 10 milhões. Ou seja, 28 milhões de novos eleitores irão às urnas em 82 e a maioria deles vota contra o governo. Segundo Nery, o governo sabe disso e, para contornar a incômoda situação matemática e política, traçou seu rumo. Sua estratégia eleitoral.

A primeira constatação: se o eleitorado é majoritariamente oposicionista, não pode haver apenas dois partidos, um do governo, outro contra, porque toda a votação adquire o caráter de ampla consulta (plebiscito) sobre a legitimidade do poder. E a resposta popular, sendo sempre negativa, acentua a distância entre a natureza do regime e sua promessa democrática. De quatro em quatro anos, fica patente a ilegitimidade do sistema, o que é insuportável.

Daí, explica o jornalista, uma decisão: acabar com Arena e MDB e permitir a organização de mais quatro ou cinco partidos para diluir a oposição e montar uma maioria governista no Congresso e no Colégio Eleitoral que vai eleger indiretamente o sucessor de Figueiredo.

A "montagem" de maioria no Congresso, explica Nery, também é problemática. Se o Partido Democrático Brasileiro (PDB), provável desmembramento do atual MDB, se juntar ao Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e fizer uma frente com as outras correntes parlamentares de oposição, como o Partido dos Trabalhadores (PT), que está sendo organizado em São Paulo por Luis Inácio da Silva, o Lula, esse conjunto de forças pode derrotar o Arenão, sucessor da Arena. E aí vai por água abaixo o plano da maioria "montada".

NOVO REGIME E DEMOCRACIA "DE CENTRO"

A única brecha do governo é tentar atrair para o seu lado o Partido Independente (PI), do deputado Magalhães Pinto, ex-UDN — União Democrática Nacional — e que conta com a simpatia de Tancredo Neves, ex-PSD, o Partido Social Democrata que constituía a maior força eleitoral do país antes de 1964. O objetivo é recompor a aliança entre UDN, na origem um partido das classes médias urbanas e conservador, com o PSD.

O PI poderia atrair a parte do PSD (Tancredo Neves) que hoje está na oposição e não iria diretamente para a Arena ou para o Arenão. Então, esse PI (UDN + PSD), somando-se ao Arenão e retirando do PDB o seu setor pessedista, viabilizaria a maioria do governo. Muitos são os políticos que podem aproximar-se do governo via PI mas não teriam condições políticas de fazê-lo pela Arena. Por exemplo, Aluízio Alves, no Rio Grande do Norte, Cid Sampaio que está brigado com o governador Marco Antonio Maciel em Pernambuco, Chagas Freitas, no Rio, o ex-governador do Paraná, Jaime Canet, que também não se dá com o atual governador da Arena, Nei Braga. Em São Paulo, a base do PI também será importante porque já conta com o ativo apoio de um banqueiro do peso de Olavo Setubal (banco Itaú), ex-prefeito da capital, e do ex-governador Paulo Egydio Martins.

A aliança do Arenão com o PI seria a base política do regime de "centro democrático", a que se refere com insistência o ministro da Justiça, Petrônio Portella.

Aí então, se o plano der certo, Figueiredo reformula o ministério (abrindo-o certamente ao PI), faz as necessárias composições políticas e consegue maioria no Colégio Eleitoral que, dois anos mais tarde, vai escolher o seu sucessor.

O terceiro obstáculo da estratégia do governo são as eleições municipais previstas para o ano que vem. Serão eleitos prefeitos e vereadores. Aí, duas coisas incomodam: se 1) a eleição for realizada com as siglas atuais, Arena e MDB, o governo, embora tenha muitos meios para influir no pleito municipal, perde. E, se perder, entra mal nas eleições de 82. O pior é que 2) perde-se a oportunidade de fazer com que o "prefeito carregue o deputado e o senador".

Nery explica: pela centralização das decisões administrativas nas mãos do governo federal, ele maneja instrumentos que podem asfixiar ou arejar a vida do município. Diretamente. Daí dizer-se que a Arena tem base municipal: é no município que ela pode usar melhor a máquina do Estado para conduzir a seu gosto uma eleição. Se as votações para o Senado e Câmara e para o governo e as assembléias estaduais forem no mesmo momento das outras, a mobilização municipal acaba aumentando também a força dos deputados e senadores arenistas que estejam concorrendo.

Aí, segundo Nery, Figueiredo está disposto a fazer uma concessão: admite entregar alguns governos estaduais à oposição. Por contas feitas, seriam dez os Estados entregues às forças oposicionistas. "Nos ficamos com o País", foi uma frase ouvida em conversas com altos representantes do governo.

Como equipamento extra para garantir a montagem da maioria no Colégio Eleitoral, o governo pretende usar a sublegenda (a mesma legenda pode lançar mais de um candidato ao mesmo posto, somando as votações para eleger o candidato mais votado) e o voto distrital (parte dos candidatos regionais ao Congresso é eleito em alguns distritos e não mais no Estado todo).

O medo é que a aliança UDN, PSD, PI e Arenão, acabe não assegurando de fato posição tranqüila ao governo. Aí, mais dois remédios:

CHAVE DE TUDO É O PI, COM TANCREDO

1 — Permissão para sublegenda nas eleições municipais. A possibilidade de que várias correntes arenistas possam concorrer para prefeituras e câmaras de vereadores com a mesma legenda, somando seus votos, amplia, fortalece e une o partido. E é um poderoso instrumento para garantir vitórias municipais, que, como se sabe, são vitais para o governo. Nery arremata: o Colégio Eleitoral, que vai eleger o sucessor de Figueiredo, é composto majoritariamente de prefeitos e vereadores, de modo que o governo pode ter minoria no Congresso Nacional mas conservar a maioria do Colégio.

2 — Localizando as votações em distritos no interior, o governo sabe que terá mais condições de usar seu poder econômico e sua máquina para ganhar eleições.

Tais remédios, afirma o jornalista, pretendem criar alternativas para aquilo que o governo mais teme e que pode constituir um impasse na vida política nacional: a eleição de um Congresso de esquerda em 1982. Aí, os senadores biônicos certamente teriam seus mandatos reduzidos, o sucessor poderia ser eleito mais democraticamente e a estratégia do Palácio do Planalto correria risco sério.

— Todo o raciocínio do Portella — continua Nery — baseia-se na suposição de que Tancredo Neves vai sair do MDB, levando com ele o PSD para o PI. Daí dizer-se até que o PI não é o partido do Magalhães (Pinto), mas do Tancredo, porque ele é o homem-chave. Diz-se também, acrescenta Nery com malícia, que o PI será também o partido do Petrônio. Acompanhem a lógica: se o PI for decisivo para compor a maioria governamental, é certo que terá grande importância no regime e terá que ser consultado nas composições para escolha do candidato do "sistema" à eleição presidencial de 84. Então, nesse caso, o nome de Petrônio Portella, seria muito bem recebido pelo PI do que outros, como o ministro do Planejamento Delfim Netto ou o presidente da Hidrelétrica de Itaipu, coronel Costa Cavalcanti, ambos quase abertamente candidatos.

Entrevista a Luiz Alberto Bettencourt

META É FAZER TAMBÉM O SUCESSOR DE FIGUEIREDO

GRUPO DO PLANALTO JÁ TEM PLANO PRA GARANTIR PODER

Texto de Luiz Alberto Bettencourt

Dois oficias do Exército Brasileiro, desiludidos com a situação política do país, revelam: a equipe do Palácio do Planalto tem um plano para continuar no poder depois de 1984, quando se encerram os mandatos dos atuais governantes. Com este objetivo, duas etapas estratégicas foram cumpridas: (1) o grupo "anestesiou" o Exército, eliminou seus opositores e envolveu as lideranças profissionais no seu esquema, evitando a interferência do Alto Comando nas decisões de governo; e (2) conquistou a direção dos órgãos de informação e segurança, ocupados de 1969 a 74 por grupos rivais.

Agora, procura-se garantir maioria no Colégio Eleitoral que vai eleger indiretamente o sucessor de Figueiredo, com apoio de banqueiros e empresários. Tudo isso temperado com a popularização da imagem do presidente.

O GRUPO

No dia 4 de agosto, o grupo do Planalto se reuniu na casa do ex-presidente Geisel, em Teresópolis, para comemorar o aniversário dele. Da esquerda para a direita, estão na foto: Delio Jardim de Matos, ministro da Aeronáutica (de paletó claro e cigarro na mão), coronel Morais Rego (de costas), general Golbery, chefe da Casa Civil, Geisel, Figueiredo, Heitor de Aquino, secretário particular da Presidência (com papel na mão), Antonio Carlos Magalhães, governador da Bahia (mãos na barriga), general Venturini, chefe da Casa Militar (mãos para trás) e coronel Paiva Chaves, assessor do Presidente. Todos muito bem humorados.

Assessoria planejou até operação-táxi em Campinas

No dia 21 de junho, quando voava de Brasília a São Paulo para assistir jogo entre a seleção brasileira de futebol e o time holandês do Ajax, o presidente Figueiredo foi surpreendido pelo fechamento do aeroporto de Congonhas, na capital paulista, e seu avião foi obrigado a pousar inesperadamente no aeroporto internacional de Viracopos, em Campinas.

Lá, como não havia nada preparado para recebê-lo, Figueiredo, com naturalidade de um cidadão qualquer, fez sinal para um carro de praça que por Cr$ 1 mil o levou até o estádio do Morumbi, local da partida.

No dia seguinte, os jornais não pouparam espaço para destacar a singeleza da atitude, o ministro da Comunicação Social, Said Farhat, teorizou sobre a personalidade informal e próxima do povo do presidente e o motorista do táxi, desfrutando de súbita notoriedade, teve que contar a todos tudo o que aconteceu durante o percurso inesquecível. "O que ele disse? Ele perguntou como estava a vida. Ele parece uma pessoa muito simples. Conversamos muito e ele me deu uma boa gorjeta". A história foi repetida umas cem vezes e a moral era uma só: presidente que anda de táxi, é presidente popular. O país, estimulado pelas manchetes e por comentários generosos de altas personalidades desta República, era convidado a se comover diante de João, o Brasileiro.

A operação-táxi, entretanto, foi cuidadosamente preparada pela assessoria de comunicação da Presidência da República. Nada do que aconteceu foi casual, acidental, inesperado. Nem a descida em Campinas, nem a corrida até o estádio. Pode-se dizer até que a ação foi cronometrada. Quando saiu de Brasília, a segurança do presidente já estava informada sobre a impossibilidade de aterrissar em Congonhas. E nem poderia ser de outra forma já que, de jato, a distância entre as duas capitais é de pouco mais de meia hora e, antes de qualquer decolagem, são feitos normalmente contatos com o aeroporto de destino. Tratando-se do avião presidencial, os oficiais da Casa Militar fazem checagem ainda mais rigorosa, sendo, portanto, impossível que, num vôo de curta duração, as condições de pouso não estejam detalhadamente previstas. Imaginar o contrário seria desmerecer a competente assessoria do presidente. O que aconteceu foi que, estando Congonhas fechado, surgiu entre os acompanhantes de viagem do presidente a idéia do lance espetacular, com o objetivo de popularizar a imagem de Figueiredo. O resto foi encenado.

A popularização do presidente é, porém, apenas um aspecto da estratégia do grupo do Planalto para se manter no poder.

O plano, segundo contaram ao **REPORTER** dois oficiais do Exército brasileiro — um deles íntimo do cotidiano do Planalto —, baseia-se em três propostas, que já vêm sendo executadas desde a posse do presidente Geisel em 1974:

1 — Anestesiar o Exército como corporação atuante no poder. Desde 64, o Alto Comando do Exército é a instância onde se discutem e resolvem as questões supremas do país. Estando o Estado praticamente identificado com o Exército, que o domina, pode-se dizer que o Alto Comando é a principal fonte de poder na política brasileira. Ou melhor, era. Já no fim da administração Geisel, completava-se um ciclo da estratégia: Geisel nomeou Figueiredo sucessor sem ouvir os generais do Alto Comando, fortalecendo o projeto de autonomia do grupo do Planalto em relação ao Exército;

2 — Desmontar o esquema político que dominava os órgãos de repressão das Forças Armadas, substituindo-o por oficiais de confiança e ocupar os principais postos de comando militar com pessoas simpáticas ao grupo por interesse, rabo preso, compromisso ou carreirismo;

3 — Conseguir apoio de setores empresariais para o projeto de abertura controlada, confundindo e inibindo, ao mesmo tempo, os setores de centro-esquerda e de esquerda. O grupo se coloca como uma espécie de guardião de um regime político estável, aberto à influência e participação dos empresários, banqueiros e tecnocratas. Além de sensível a movimentos reivindicatórios, destituídos de motivação política. Algo como a única opção política capaz de compatibilizar as necessidades de crescimento e acumulação de capitais no país com as pressões sociais.

"O EXÉRCITO ESTÁ AMORTECIDO. A ABERTURA CONVENCE"

General Fragomeni admite: a revolução acabou mesmo

A tentativa de neutralizar a ação do Exército na política deu certo. Segundo relato de um dos oficiais a este jornal, ele "está desmoralizado por dentro, sem lideranças de prestígio. Nos quartéis não há o clima de discussão do ano passado e os oficiais que tendiam à oposição, foram arrebatados pela disposição democratizante de Figueiredo. Aqueles que têm uma consciência mais crítica não encontram brechas para acender os debates: para o oficial médio, cuja preocupação principal é a carreira, mas que guarda um confuso sentimento liberal, Figueiredo é a medida certa da abertura. Não há ambiente político para contestá-lo".

Além do mais, ainda de acordo com o oficial, os generais "profissionais do Exército, aqueles que não estiveram diretamente envolvidos no esquema do Planalto, estão cansados. Desgastados. Querem que o Exército se retire da cena e entreguem a outros o ônus de conduzir o país".

Exemplo desse tipo de posição, deu o general Fragomeni que, em junho último, deixou o comando do II Exército, sediado em São Paulo, sendo depois substituído pelo general Milton Tavares. Numa, reunião em que se despedia de alguns oficiais, Fragomeni disse textualmente: " — a revolução acabou. Temos que reconhecer isso. É hora de deixar o poder aos civis."

A declaração de Fragomeni completa outra etapa: o Exército sai da política, mas continuam a usar seu santo nome em vão. O grupo no poder o manobra. Isso, entretanto, é o resultado de um processo pelo qual o governo desbastou, à esquerda e à direita, as resistências ao seu domínio.

Diz o oficial que três fatos foram marcantes nessa escalada. O primeiro foi a demissão do general Ednardo d'Ávila Mello, do comando do II Exército em 1975. O assassinato do jornalista Vladimir Herzog e do operário Manoel Fiel Ferreira nas dependências da Operação Bandeirantes foi o motivo alegado. Geisel, logo depois da morte de Herzog, havia advertido Ednardo quanto à necessidade de se evitar fatos como aquele quando aconteceu o segundo desaparecimento. Aí um fato curioso, observa o oficial: Geisel exonerou Ednardo mas não mexeu imediatamente em nenhum dos comandos de unidade responsáveis pelos crimes. A Polícia do Exército, por exemplo.

— Ele quis dar tempo — continua o oficial — para que o esquema deles pusesse a cabeça de fora. Mas nenhum oficial ligado a Ednardo ou à repressão em São Paulo ousou algo. E se não ousou naquele momento, não podia ousar nunca mais. Começaram as transferências do pessoal de segurança, desmantelando o poder da II Seção (encarregada da segurança) na área do II Exército. Veja bem: hoje eu estou convencido que o Ednardo não era o cabeça do esquema repressivo em São Paulo; o esquema é que era muito poderoso e o envolveu. E ele foi usado pelo grupo do Planalto como alavanca para desmontar as bases da direita militar, sem extinguir ou desativar os órgãos de repressão. Eles apenas mudaram de métodos e de donos; e os que foram afastados estavam irremediavelmente dispersos. Um a zero.

O segundo fato, na opinião do oficial, foi a demissão do ministro Silvio Frota em outubro de 1977, convidando-se para substituí-lo o general Fernando Bethlem, então comandante do III Exército, em Porto Alegre. Bethlem era ligadíssimo a Frota, dias antes havia escrito um manifesto radical de direita e constantemente pressionava Frota para uma tomada de posição. Aceitando substituir o amigo de idéias e ocupar um cargo de confiança pessoal da presidência num governo que tão violentamente criticara, Bethlem se desmoralizou, além de inibir qualquer ação do seu grupo. Outro golpe à direita, dois a zero, placar construído com o eficiente apoio do general Hugo Abreu que, naquela época, ainda como chefe da Casa Militar de Geisel, "colou" em Bethlem após a demissão de Frota, acompanhou-o durante 24 horas de Porto Alegre a Brasília e dormiu no mesmo apartamento que ele, impedindo-o de manter contatos com Frota, que acabara de ser afastado.

O oficial, nosso informante, faz aqui um parêntesis:

— É preciso entender que todo general de Exército é o vértice de uma pirâmide de oficiais que o acompanham e que estarão certamente no poder se ele chegar a ministro. Esses esquemas são decorrências da carreira e podem ou não ter motivação política. Quando um chefe do Exército é liquidado, como foram Ednardo e Frota, esses oficiais sabem também que suas carreiras estão ameaçadas. Se eles não reagem no momento, ficam a vida toda de rabo preso, sem força para agir depois. E o governo, usando o poder e contando com a inércia da surpresa, acabava com outro esquema militar — ou, pelo menos, o desarticulava.

COMANDOS FIÉIS

O general Milton Tavares (de óculos), agora chefiando o II Exército, passa o comando da Vila Militar, no Rio, ao irmão de Figueiredo, general Euclides (de luvas). Fragomeni, numa reunião com oficiais, disse que "hora é dos civis".

Oficiais de Abreu até hoje são punidos

O terceiro fato, que contribuiu para o amortecimento do Exército, foi a prisão do general Abreu, que se incompatibilizou com Geisel pela indicação do general Figueiredo à sua sucessão. Aplica-se aqui, ainda segundo o oficial, o mesmo raciocínio válido para Ednardo e Frota: os militares ligados a Abreu — que eram numerosos — foram supreendidos pela violência da ofensiva do governo e preferiram calar-se, supondo que, nos bastidores, poderiam continuar seu trabalho. O único oficial que protestou publicamente contra a prisão, o major Barreiros, foi punido com prisão e logo depois transferido de unidade. Ninguém mais disse nada, enquanto nos bastidores, ao contrário do que se supunha, a luta era impossível: os oficiais de oposição eram quase todos acompanhados de perto pelos serviços de informação e segurança, sua correspondência era — e continua a ser — bloqueada e as transferências de unidades foram manipuladas pra dispersá-los rapidamente. Ainda recentemente, quando o general Hugo Abreu foi preso pela segunda vez, e preso dentro de um dependência militar o que, para sua patente, é caso raro no Exército, a retaliação continuou. Um oficial que visitou o general foi transferido para Santa Maria, no Rio Grande do Sul, por interferência direta do ministro do Exército, Valter Pires. É que o oficial em questão era instrutor de um centro de educação e só poderia ser tocado por ato do gabinete do ministro, o único com poderes para removê-lo, cancelando a indicação anterior. O ministro usou seus poderes com naturalidade — embora sem nenhuma justificativa profissional.

Três a zero e outro esquema derrotado: hoje a chamada "oposição militar" está desconjuntada, dispersa e quase perplexa. A democracia de Figueiredo convence a tropa, a discussão é difícil e já há mesmo quem pense em, até o final do ano, dependendo do rumo dos acontecimentos, aderir ao bonde da abertura sob o pretexto de que ignorá-la ou se opor a ela é isolar-se.

O que sobrou, entre os generais e oficiais de alta patente depois disso tudo foi a declaração de Fragomeni — "a revolução acabou" A tática do "ping-pong" — um golpe na direita e outro, logo em seguida, na esquerda, como diz o nosso informante — "anestesiou o Exército".

SNI filmava torturas pra enfraquecer CIE, de Frota

A segunda proposta da estratégia palaciana também foi cumprida. Os órgãos de repressão — é o oficial quem relata — não estão absolutamente desativados. Mudou apenas o grupo que os controla. Não é correto também dizer que eles estão agindo novamente. Eles estão prontos para a ação quando for preciso mas não recomeçaram suas atividades. Foram "remobiliados" e, com móveis novos, podem ser usados pelo Planalto que agora efetivamente os domina.

E a sua importância para qualquer estratégia de poder é enorme. De 1969 a 1972, época em que estavam inteiramente devotados a combater as organizações clandestinas de esquerda, eles tiveram grande influência na tomada de decisões. Constituíram-se, desde o início, em organizações para-militares com uma hierarquia definida e quase concorrente com a do Exército. Este repórter mesmo presenciou em 1970, no ministério do Exército, no Rio, uma cena estranha: um general fardado sendo repreendido por um major com funções no aparelho de segurança porque havia pedido informações sobre um preso político, que estava sendo procurado pela família — era comum os presos sumirem para serem torturados, aparecendo, quando não eram mortos, tempos depois. O general ouviu a repreensão constrangido pela presença de uma terceira pessoa e saiu do ministério apavorado.

Os órgãos de segurança, tomando uma dimensão nacional e à margem do Exército, eram também fontes de poder. Quem tem informação e força policial e militar, tem poder. Assim é que o Centro de Informações do Exército (CIE), controlado pelo ministro Sílvio Frota desde 1964 (Frota quando assumiu o ministério afastou o general Milton Tavares que até então chefiava o CIE e hoje é comandante do II Exército, nomeado por Figueiredo), disputou a sucessão de Geisel, brigando contra o Serviço Nacional de Informações (SNI).

A competição, por si só alarmante, teve episódios incríveis. O SNI espionava o CIE e vice-versa. Eram rivais políticos. Um comandante de uma unidade em Brasília contou certa vez ao oficial que agentes do SNI passaram-se por subversivos procurados pelo Exército, foram presos e filmaram a tortura uns dos outros. O SNI usou os filmes para mostrar à presidência da República como a tortura continuava, a mando do CIE, apesar das recomendações em contrário. Não que eles estivessem preocupados com a integridade dos presos; apenas o fato se prestava a uma armadilha contra Frota, revelando sua infidelidade à diretriz presidencial e enfraquecendo sua candidatura à sucessão de Geisel.

O chefe da unidade em Brasília relatou o fato revoltado, "enojado", segundo suas próprias palavras, mostrando-se disposto a abreviar tanto quanto fosse possível sua carreira militar.

Hoje as coisas são diferentes. Não há mais disputas. O CIE está nas mãos do Planalto, o ministro do Exército, Valter Pires, está no esquema e, ainda de acordo com o oficial, o SNI tende a centralizar o comando dos órgãos de informação e repressão. O SNI, aliás, como departamento mais nobre da inteligência, vem sendo extremamente fortalecido pelo governo Figueiredo. Se na administração de Geisel, mais ou menos 100 oficiais eram destacados para instrução no Serviço, hoje a média é de 150. Ele está crescendo para se tornar o grande banco de dados do governo, com capacidade de controle dos movimentos de um número cada vez maior de cidadãos e de alimentar com informações às entidades que executam a repressão.

Por outro lado, os comandos militares estão agora também sob controle. Sobre isso, o oficial se sobressalta:

— Quem quisesse realmente redemocratizar o país não poria na chefia dos exércitos homens da linha dura, como Antônio Bandeira, que comanda o III Exército, e Milton Tavares, agora no II Exército. Bandeira é um oficial conhecido por suas posições radicais. Na época em que a Justiça Militar quase que diariamente julgava subversivos, ele diversas vezes usou o poder de chefia da unidade que exercia para pressionar os oficiais que integram os conselhos de justiça das auditorias do Exército. Bandeira queria sempre punições exemplares e teve diversos atritos com oficiais que queriam votar no Conselho exclusivamente de acordo com suas consciências e com os autos do processo que julgavam. É um sujeito vingativo e conhecido no Exército por seu despotismo.

Tavares, chefiou em 1970 o gabinete do então ministro do Exército do presidente Médici, general Orlando Geisel, ao mesmo tempo em que ajudava a implantar o Centro de Informações do Exército, do qual foi o primeiro chefe. Por formação, é um oficial ligado aos serviços de informação.

— É bom não esquecer ainda — observa o oficial — que no comando da Vila Militar no Rio está o general Euclides Figueiredo, irmão do presidente, e no IV Exército, sediado em Recife, está o general Florimar Campelo, chefe da Polícia Federal em 1968 e que já então apoiava o endurecimento do regime, que considerava frouxo pela vacilação do presidente Costa e Silva.

A tática, portanto, é a mesma usada no episódio da demissão de Frota: o Planalto recolhe, como colaboradores, oficiais que por posições ou conveniências poderiam ser presa fácil da propaganda do ex-ministro do Exército, integrando-os ao poder. Frota, por sinal, segundo nosso informante, continua ativo. Ele acredita piamente que o general Golbery é marxista-leninista e quer implantar no Brasil um regime socializante, liderado por seu grupo. Uma espécie de comunismo monárquico.

Esta pretensão de ajustar os comandos militares à tática do Planalto foi confirmada por um alto funcionário civil do governo Geisel, que deu uma informação interessante: em janeiro, decidida a nomeação de Figueiredo, ele reuniu na casa do general Golbery, em Jacarepaguá, no Rio, aqueles oficiais que estavam destinados aos principais postos militares no governo. Pediu-lhes, então, apoio irrestrito ao projeto de abertura e à anistia, garantindo-lhes, porém, que, se o processo saísse fora de seu controle, ele teria meios de voltar atrás e fechar o regime.

"DUROS" NO ESQUEMA

Antonio Bandeira (de óculos) recebeu o comando do III Exército de Fernando Bethlem (de frente), ex-amigo de Frota, que se compôs com o Planalto. No Recife, Florimar Campelo assumiu o IV Exército. São todos generais "duros".

Com Geisel, eles dizem que ganharam a "II Guerra"

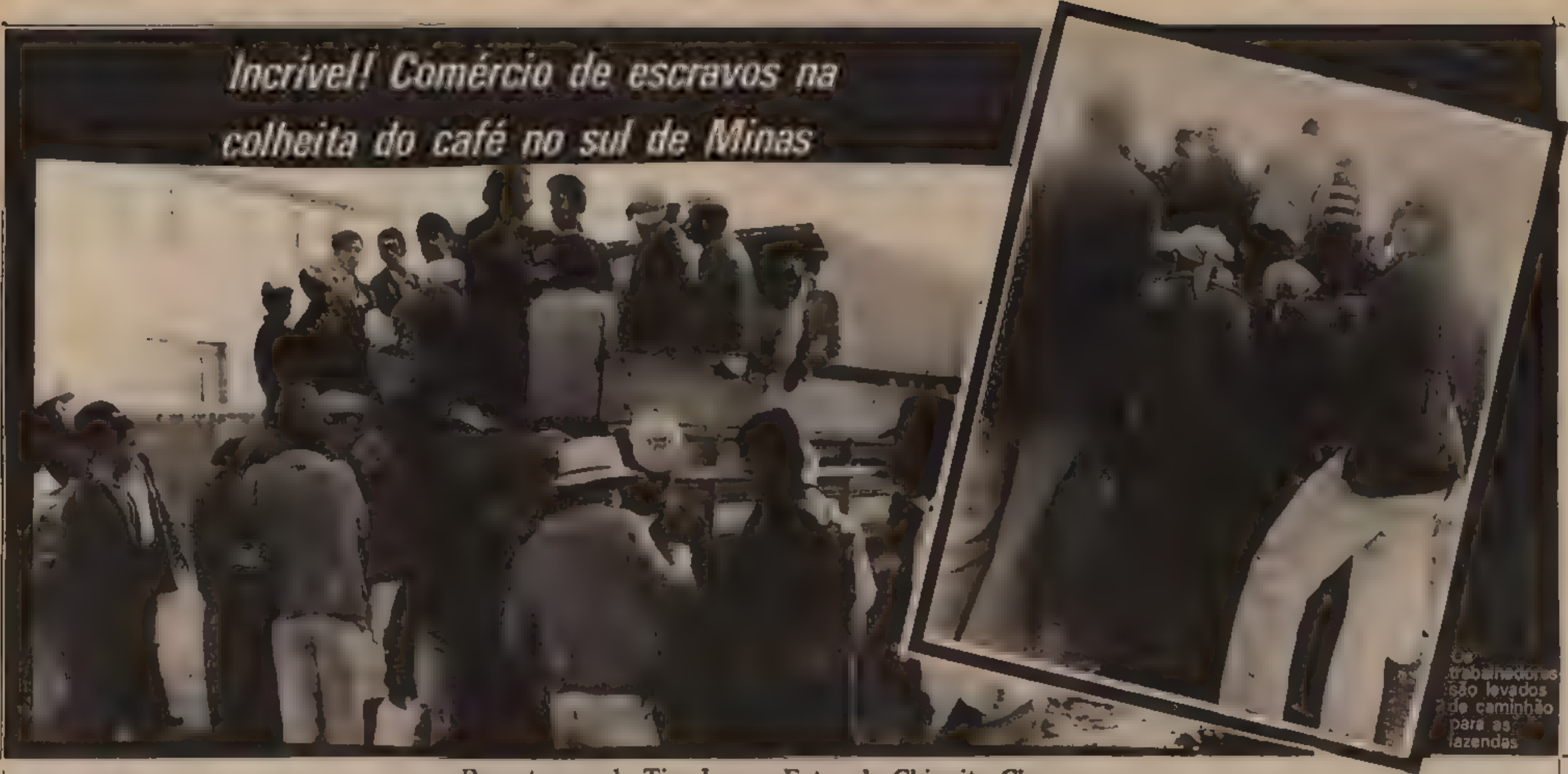
A terceira proposta da estratégia do Palácio do Planalto é certamente a mais complexa: controlar a abertura democrática de modo a atrair o empresariado, oferecendo-lhe meios de participar das decisões econômicas. O grupo está convencido que no Brasil um governo para ser estável, precisa ser legitimado pelo apoio das classes produtoras e por camadas da alta classe média, suportando ainda os movimentos reivindicatórios de outros setores, desde que tais movimentos estejam controlados por uma legislação que dê ao executivo instrumentos de intervenção. A abertura é programada e quem ultrapassar o limite, será taxado de provocador, punido exemplarmente e o "excesso" pode até provocar um novo endurecimento político.

Segundo o outro oficial, que teve acesso aos mistérios do Planalto, toda essa estratégia serve a um objetivo: manter o grupo no poder por mais tempo.

— E eles são organizados e têm uma visão organizada da sua atuação. Eles falam, por exemplo, em Primeira Guerra, para se referir ao período imediatamente posterior à doença de Costa e Silva, quando pretendiam chegar ao governo, e em Segunda Guerra, para designar o período a partir de 74 quando efetivamente chegaram. A primeira eles perderam e a segunda, eles garantem que não perdem mais.

REPORTER NA PARADA
ESTA INDEPENDÊNCIA É DE MORTE !!!
ESQUADRILHA DA FUMAÇA
EI, DEIXA EU DAR UM TAPINHA !!!
TV REPORTER
BATALHÃO DA FOME
Esso
IBM
SEGURA O ALMOÇO
BATALHÃO DE CAÇADORES
BATALHÃO DE INFANTARIA
BNH
BNH
BATALHÃO MOTORIZADO
BATALHÃO CAMUFLADO
METRÔ
BATALHÃO DE CAVALARIA
LEITE
CUSTO DE VIDA
INFLAÇÃO
BATALHÃO DE ARTILHARIA PESADA
GUIDACCI

Incrível! Comércio de escravos na colheita do café no sul de Minas



Os trabalhadores são levados de caminhão para as fazendas

Reportagem de Tim Lopes. Fotos de Chiquito Chaves

Família de bóia-fria é vendida a Cr$ 1 mil

Não é por nada não mas essa é de amargar. Gente vendida como gado é de cortar o coração. Muitos nem sabem que foram vendidos como simples mercadoria. Não é no Acre não, é em Machado, no sul de Minas Gerais, a oito horas de viagem do Rio. A família dos bóias-frias é vendida a Cr$ 1 mil e Cr$ 500,00 a cabeça pelos "corretores de gente" aos fazendeiros da região. O próprio prefeito da cidade, o fazendeiro Carlos Alberto Pereira Dias, do MDB, disse em seu gabinete que comprou algumas unidades dos 60 homens que trabalham na colheita do seu café.

E por incrível que pareça, nessa cidadezinha, bonita como toda a cidadezinha do interior, com a prefeitura e o forum no mesmo prédio, além do tráfico de escravos morrem por ano 25% das crianças de fome mesmo. São aproximadamente três mil bóias-frias que estão em Machado, vindo do Paraná, onde a geada de 75 e a mecanização de lavoura obrigou-os a emigrarem para outros lugares. E por causa do café o sul de Minas foi escolhido. Em junho, no início da colheita, cada motorista de carreta cobrava Cr$ 8 mil para buscar gente no Paraná para os fazendeiros e quando chegava na cidade vendia o pessoal para os cafeicultores, a fim de suavizar os gastos de gasolina e de conservação do caminhão.

O bóia-fria Antônio Manoel da Silva

Machado ficou famosa nas primeiras décadas desse século por produzir o melhor café do mundo, título conquistado em 1928, na Colômbia. Tem 30 mil habitantes e uma faculdade com 1.300 universitários, muitos de São Paulo. Sua maior fonte de renda continua sendo o café, que nessa safra irá produzir 350 mil sacas, 2% da produção nacional e que colocará em circulação mais de 1 bilhão e 100 milhões de cruzeiros, levando-se em conta que o preço por saca está oscilando em torno Cr$ 2.700. Agora, quem colhe esse café são as bóias-frias que não têm nehuma garantia trabalhista e ganham, em média, Cr$ 40,00 por saca. Um dinheiro que só dá para sobreviver na época da colheita que vai de junho a setembro. Nos outros meses eles viram mendingos.

Um ovo, arroz e feijão é a bóia do dia

O repórter Tim Lopes passou dois dias com os bóias-frias em Machado, uma cidade no sul de Minas e, nesse tempo, foi também um deles. Eis o seu relato:

No hotel Limeira, no centro de Machado, o dono, João Garcia cultiva em todos os espaços as samambaias choronas, o único luxo. Entra no quarto o som das batidas do sino eletrônico da igreja Paróquia Sagrada Família e Santo Antônio de Machado marcando cinco horas da manhã. Ainda está escuro e o brilho das luzes nos postes iluminam até onde a cidade vai. Um vento frio de bater os dentes varre a madrugada. O canto do galo chega até os ouvidos e o barulho dos passos na calçada espanta por segundos os cachorros que brigam por uma cadela pintadinha no meio da rua. A essa hora da manhã já se vêem os bóias-frias, cortando de um lado para o outro, rumo aos pontos onde serão transportados pelo caminhão que os levará às lavouras de café.

Descendo as ruas e ladeiras tortuosas do alto da colina, onde fica o centro da cidade, encontra-se os bairros Vila Nova, Vila Centenária e Vila do Céu, os mais pobres do município. Ali mora a maioria dos bóias-frias, muitos vindos do Paraná, que hoje está riscado do mapa em termos de plantação de café. A geada de 1975 e a cultura mecanizada, principalmente da soja, deixou os **volantes**, como o Governo os chama, sem emprego. A única saída foi imigrarem para o sul de Minas com suas famílias em cima de caminhões bem ao estilo pau-de-arara para a colheita de café que começa em julho e acaba agora em setembro.

Na casa da avenida do Contorno 1228, a única luz acesa é da cozinha e donde vem uma música sertaneja do "Trio Parada Dura" e o chiado de qualquer coisa fritando. Dona Onofra, mãe de 18 filhos está em pé desde às 4 horas da manhã preparando a comida do marido Zé Cassiano, dos filhos Geraldo e Vilson e dos netos

Na rua já começam a se formar grupos que vão aparecendo na beiradinha da estrada. Zé Cassiano se espreguiça, Geraldo e Vilson jogam água no rosto na boca do terreiro. O dia começa a raiar e Zé Cassiano faz um comentário:

— Hoje é um ovinho e olhe lá! Antigamente pobre era a mesma coisa que rico, comia carne sem osso. Hoje a comadre tem que arranjar um osso para dar gosto. Nós não temos fortaleza, arroz, e feijão só não dá potência. E mesmo assim a gente prá viver precisa lutar. Tem que largar o couro igual lagarta

O caminhão vem rodando e buzinando ao mesmo tempo. Os bóias-frias ficam alvoroçados nos pontos. Dona Onofra se apressa colocando marmitas nos sacos de pano, garrafas de café e de água, ajeita os netos amarrando lenços na cabeça, agasalhando. É terça-feira, o dia que realmente começa a semana, aumenta bastante o número de homens que vão procurar lavouras para a colheita do café. Eles recebem o pagamento às tardes de sábado e a única saída para suavizar a vida sofrida que levam é enfiar a cara na cachaça. Na segunda-feira ...iente alguém tem ...es de acordar às 4, 5 da manhã para trabalhar dez a doze horas por dia

O médico Emmanoel Engel Ayer diz que o maior problema entre os bóias-frias além do alcoolismo é a fome, a miséria total. Ele explica:

— Aqui as crianças começam a fumar muito cedo. Com oito anos já estão com um cigarro de palha entre os dedos trabalhando na lavoura. Com quinze anos já estão bebendo cachaça e você, já viu quando chega aos 30 anos. É uma tristeza. E você vê nessas lavouras crianças embaixo do sol e chuva. Não se come carne, é fubá, arroz, feijão e batata. Aparece deficiência cardíaca, hipertensão, gastroenterite, alcoolismo e fome mesmo

O motorista do caminhão, um homem baixinho e gordinho, desce e puxa a escada para as mulheres e os velhos subirem na boléia. As mulheres, os mais velhos e as crianças vão para o fundo do caminhão, embaixo da lona, que cobre parcialmente a carroceria. Sentam nos bancos entre as bolsas, sacolas, garrafas de água e café que ficam amontoados no meio do caminhão quando sobra espaço. Dona Onofra é a última a subir, de vestido em cima das calças, um lenço amarrado na cabeça e um chapéu de palha, ela se enfia lá para o fundo do caminhão, que está praticamente lotado. Em frente ao bar Guarani o caminhão dos bóias-frias dá a última parada antes de rumar para a fazenda de José Acácio onde vão colher 350 mil pés de café. O caminhão aos solavancos na estrada de terra ainda dá uma paradinha perto da rodoviária atendendo o aceno de um rapaz que vem correndo. O administrador da rodoviária de Machado é uma das testemunhas da fome e da miséria dos bóias-frias. Ele conta um episódio:

— Ih, aqui quando começou a colheita em julho não parava de desembarcar gente de ônibus, de caminhão que parava aí do lado. Homens, mulheres e crianças desembarcavam com fome e frio. Sabe, chega até dar dó. Uma tarde chegou um casal com três filhos pequenos e sentaram em cima de suas tralhas. Olhavam assustados para tudo que era lado. No outro dia, quando voltei para trabalhar, o pai e a mãe estavam meio tontos de cachaça e os filhos vasculhavam as latas de lixo e qualquer coisa que pegavam botavam na boca. Aquilo me doeu, arranjei uns cruzeirinhos numa vaquinha que fizemos aqui na rodoviária e demos comida para as crianças. Pareciam uns porquinhos nos pratos de comida

O caminhão sai de Machado e ganha a rodovia MG-453 às 6h30 da manhã e, quando passa pelo trevo, alguém menciona o acidente, ocorrido uma semana antes, que matou quatro bóias-frias. O local do desastre nunca passa despercebido. Dona Onofra mesmo fica olhando, através do vidro que separa a boléia da cabine, o velocímetro e fica morrendo de medo

Até a fazenda Capão Bonito, de José Acácio, são quarenta minutos de viagem

As crianças
começam a fumar com 8 anos
Aos 15, já são alcoólatras. No alto, Zé Cassiano

Prefeito admite que comprou gente como gado

O prefeito do MDB, Carlos Alberto Pereira Dias

— Esse povo vive que nem bicho. É o refugo do Paraná, se eles fossem bons arranjavam emprego por lá mesmo. Eu sei do problema social, mas o governo devia dar ao fazendeiro condições de construir casas dentro de suas fazendas para ajudar esse pessoal. A situação é grave, eu mesmo comprei muitos bóias-frias.

Como assim prefeito?

— Comprei gente como se fosse gado, isso mesmo. A família vale 1 mil cruzeiros e a unidade custa 500 cruzeiros. São vendidos pelos corretores de gente. Nós estávamos com falta de mão-de-obra para a colheita de café e os "gatos" sabendo disso iam ao Paraná, onde o café acabou, e traziam nos caminhões os bóias-frias que eram oferecidos nas fazendas a esses preços.

A afirmação é do fazendeiro Carlos Alberto Pereira Dias, prefeito da cidade de Machado, pelo MDB, feita em entrevista a este repórter no seu gabinete onde estavam também o assessor José Miguel e mais dois funcionários da prefeitura. Perplexos só ficaram o repórter e o fotógrafo porque tudo foi dito com muita naturalidade. A prova está aí: pelo menos na cidade de Machado, no sul de Minas Gerais, o tráfico de escravos ainda não acabou.

Prefeito, como é feito o negócio?

—Logo que começou a colheita apareceu aqui na cidade os bóias-frias atrás de serviço, a maioria vinda do Paraná. Eles vinham carregados em caminhões. A escassez de mão de obra e a perspectiva da colheita de café aqui na cidade que, no final dessa safra chegará a 350 mil sacas, o que equivale a 1bilhão e 100 milhões de cruzeiros, provocou o aparecimento dessa gente. Os primeiros foram os "gatos", "turmeiros" que tratam com os fazendeiros os serviços na lavoura. Gerlamente eles têm carro, caminhão. Tratavam primeiro e dez dias depois apareciam vendendo essa gente. Não tinha outro remédio a não ser comprar. É preciso colher café não é mesmo? A grande concentração dos bóias-frias que ainda chegam nesse final de colheita em Machado e em algumas cidades do sul de Minas é na rodoviária, Aliança Bar e Restaurante, Mini Bar Tangará e Restaurante Ouro Verde em Machado são os pontos dos "gatos", "turmeiros" ou "empreiteiros". Geralmente ganham 150 cruzeiros por dia enquanto a remuneração dos trabalhadores depende da colheita; alguns podem até tirar 2 mil cruzeiros por semana que gastam tudo em cachaça e cigarros. Arranchados em galpões nas fazendas distantes da cidade, esses homens são obrigados a comprar por preços altíssimos cigarros, cachaças, que os próprios "gatos" levam da cidade. E a alimentação fica entre pão, mortadela e cachaça.

O prefeito Carlos Alberto, paulista, vive há 14 anos em Machado onde tem uma fazenda com 30 famílias fixas que somam cerca de 150 pessoas. Por isso diz com orgulho que tem 150 afilhados de batismo e que seu eleitorado é todo da zona rural. Apesar de tudo, Carlos Alberto faz questão de dizer que sua administração está preocupada com o problema social.

— Eu fundei o Centro Social Urbano que deve começar a funcionar nos próximos meses. Tenho duas moças trabalhando nas classes sociais mais carentes da cidade para saber das necessidades. Tenho dados de que aqui em Machado morrem 25% de crianças por ano de subnutrição. O hospital também não oferece condições. Eu mesmo contratei um médico para visitar os meus colonos na fazenda porque me aborreci nesse hospital. Fui levar um empregado meu, que é registrado no Funrural, e ele só podia ficar na enfermaria mesmo eu pagando a diferença para ele poder ser atendido no quarto. Isso pra mim é discriminação.

Prefeito, por que não se faz creches para cuidar das crianças dos bóias-frias?

— Ah, sim, isso está em estudos. Os patrões precisam atentar mais para a situação das crianças, já nem falo os adultos, que já estão gastos.

E a igreja?

— O padre só quer saber de ganhar dinheiro, vai faturar 1 bilhão com a festa de São Bendito para fazer um prédio de apartamentos, veja se isso tem cabimento. Ele não está ligando pra nada não.

O caminhão vai correndo pela pista onde se descortina a paisagem. O sol, como uma bola de fogo, já saiu de trás da montanha. Em algumas partes da estrada ainda há neblina acomodada em vales, como lençóis brancos. O frio é grande, tem muita gente tossindo e fungando, outros segurando o chapéu que o vento insiste em tirar da cabeça. A mudinha dá gritos histéricos e fica rindo na cara do desconhecido, pede cigarro e de repente alguém dá um peteleco na cabeça dela. Ela olha pros lados enfurecida. O pessoal ri, disfarça, outros dormem sentados ou levantam a gola da camisa, blusa, casaco até a altura da boca para diminuir o frio. Em certa altura o caminhão sai da estrada e entra na fazenda, cheia de pés de café queimados pela geada da madrugada do dia 1º de Maio. Todos vão desembarcando do caminhão com as sacolas de mantimentos e enveredando pelas ruas de café. As crianças vão correndo na frente carregando sacos vazios de nylon das multinacionais dos fertilizantes que substituíram o tradicional balaio. Zé Cassiano com mulher e os dois netos colhem por dia oito a dez sacos com um preço de 40 cruzeiros por saca. Todas as famílias levam crianças para ajudar na colheita; enquanto os mais altos ficam colhendo na parte de cima, os menores ficam decirrando o café na parte de baixo do pé.

Às nove horas da manhã em qualquer ponto do cafezal que você chegar encontra os bóias-frias almoçando. E não adianta as bolsas de plástico, a comida já está fria e a fome é grande pra quem, como eles, começou a levantar às 4, 5 horas da manhã. Não pode esquentar a comida porque se perde muito tempo, o remédio é comê-la fria mesmo e Zé Cassiano,

Onofra à frente, Cassiano de saca na mão: a família no trabalho

entre uma colherada e outra, lembra de quando conheceu Onofra no meio de uma plantação

— Naquele tempo era bom, na colheita de café não havia essa miséria. No final da colheita as mulheres enfeitavam as carretas de bois com bandeirinhas e todo mundo vinha atrás. Quando chegava no pátio da fazenda a gente gritava: Viva o patrão! Viva o patrão! Já tinha um boi amarrado no toco e a patroa já tinha feito um pau a pique (pão de fubá), e o bom é que o salão já tava todo lavado. Era três dias de festa e comilança. Hoje parece que os patrões estão fazendo economia e, se a gente não tomar sentido, um dia fica com fome.

Os olhos de Zé Cassiano brilham no rosto enrugado. O Opala vermelho do administrador da fazenda levanta uma poeira ao longe e o barulho do trator Massey-Fergusson puxando o reboque cheio de sacos de café chega perto. Gildávio, paranaense, casado, já foi tratorista e, revoltado, dá uma opinião:

— Eu só vejo o governo ajudar o rico. O pobre que se dane. Somos nós que damos essa dinheirama pros fazendeiros. Eles se reúnem e tudo e fazem o preço que querem. E a gente fica com a barriga na miséria. Eles

Desastre mata 4 bóias-frias e fere mais 11

O excesso de velocidade causou o dramático capotamento do caminhão KM-0187, repleto de bóias-frias, ocorrido ao entardecer do dia sete do mês passado na pista da rodovia MG-453, na entrada da cidade de Machado que é até hoje lembrado no sul de Minas. Morreram quatro pessoas, sendo que dois menores, e onze ficaram internadas no hospital. Os bóias-frias voltavam da panha de café na lavoura do fazendeiro Alair Alves Campos.

Foto Ultra-Cobr. Machado

Na volta do trabalho, o caminhão capotou por excesso de velocidade Entre os mortos, dois menores

Era dia de visita. Logo na entrada da enfermaria do hospital de Machado, sentado numa cama em desalinho o bóia-fria José Carlos Peres, de 17 anos, se queixa de dor na cabeça e pede pelo amor de Deus pra ir embora.

— Tô bom, quero ir pra casa. Quero sair daqui moço, me tira daqui moço, por favor. Já tô bom só com um pouco de bambeza. Pelo amor de Deus quero ir embora. Ai, ai...

Zé Carlos balança nervosamente a cabeça gemendo, passa as costas das mãos calosas nos olhos e deixa um risco de lágrima no rosto. Tenta ficar em pé e as pernas tremem. Senta pesadamente na cama que range, infeliz. É a "bambeza". Sofreu traumatismo craniano e o enfermeiro Benedito acha que apesar da alta, que irá receber, é bem provável que ele tenha que voltar ao hospital. Zé Carlos não lembra de nada-nada do acidente que o deixou abobalhado. Já Argemiro Rafael, 51 anos, analfabeto — Zé mal sabe escrever o nome — com um visível hematoma no olho esquerdo que o impede de enxergar, de rosto inchado tingido de Merthiolate, está ali de volta, tentando se recuperar. Argemiro lembra de tudo. Não sai da sua cabeça os gritos desesperados dos seus colegas bóias-frias que viajavam no caminhão placa KM-0187 que tombou na pista MG-453, próximo ao viaduto do bairro Santo Antônio, na entrada de Machado. Morreram quatro, dois na hora: Vilma Aparecida, de apenas 13 anos, e Bento Bernardes, de 65 anos. E no hospital, Paulo Orestes Justino, de 22 anos e Antônio Dozinete, de 16 anos, não resistiram aos ferimentos e morreram quando recebiam os primeiros socorros. O motorista José da Costa, de 22 anos, ameaçado de linchamento, depois de medicado desapareceu. No hospital ficaram internados onze dos 42 bóias-frias entre homens, mulheres e crianças que viajavam no caminhão. Zé Carlos e Argemiro são os últimos pacientes do desastre ainda na enfermaria.

— Prá mim tava na banguela (ponto morto) quando descia a curva. Já viu né, vinha correndo, quando foi procurar não tinha mais freios. Deu no que deu, essa desgraceira.

Argemiro fala devagar por causa do ferimento no lábio superior inchado e em carne viva. Zé Carlos na cama ao lado continua pedindo para ir embora e transmite uma dúvida com desespero.

— Ai meu Deus sera que ninguém da minha casa vem me tirar daqui. Quero ir embora, quero ir embora por favor.

Domingos Lourenço e José Benedito, dois velhinhos, de 74 e 76 anos, respectivamente, tentam consolá-lo. Também foram apanhadores de café. Argemiro fica em silêncio, com os olhos arregalados em direção ao chão dando a nítida impressão que estava vendo dentro de sua cabeça a tragédia de que foi uma das vítimas.

Todos os acidentados são de Poço Fundo e apanhavam café no município de Machado para o fazendeiro Alair Alves Campos, dono do caminhão. Apesar de todos trabalharem por ganho de saca de café que colhem, sem registro, sem carteira de trabalho e sem direito a nada por Lei, eles foram amparados pelo fazendeiro que vai gastar por volta de 1 milhão levando em consideração as indenizações dos mortos e os gastos no hospital regional que não aceita cheques e só faz internação com 50% de sinal. O aviso está na porta.

Domingos, que consolava Zé Carlos, chama o repórter às escondidas e na janela, sem tirar os olhos da porta, faz uma denúncia:

— Meu filho esse hospital precisa de uma fiscalização. Somos mal alimentados. De manhã um café ralinho e frio e um pedaço de pão seco. Ao meio dia um pouquinho de arroz e um pouquinho de carne moída. As quatro horas da tarde a mesma coisa e a gente só vai comer de novo no outro dia de manhã, tem dó. Para os quartos, as freiras passam aí com a bandeja cheia. A gente não é igual a todo o mundo? As freiras levam até florzinha prá quem está nos quartos.

Domingos leva um susto quando o enfermeiro entra na enfermaria. Muda logo de conversa e começa a contar do tempo que colhia café. José Benedito, o outro velhinho, entra no papo e conta também histórias de quando andava em cima de uma carreta, prá ele é o mesmo sofrimento: "a gente chegava na fazenda cinco horas da manhã embaixo de chuva e sol, só existia relógio para o fazendeiro, a gente queria estudar, se instruir na vida e eles diziam: o estudo de vocês é o cabo da enxada, naquele tempo só estudava o rico. Hoje não posso apanhar sol e nem sentir frio, a minha pressão cai e as minhas pernas incham que não posso nem andar." O velhinho arregaça o pijama até os joelhos e mostra as pernas deformadas.

Zé Carlos fica distraído com a conversa, como que aliviado da dor. Uma irmã de hábito azul e branco entra na sala da enfermaria e chama Zé Carlos.

— O médico já deu alta e seu pai veio te levar.

Ele esboça um riso pela primeira vez, olha para todos na enfermaria e sai se apoiando com as duas mãos nas camas de ferro porta à fora.

dizem que a gente ganha um dinheirão na colheita. No máximo que a gente tira é uns 20 mil cruzeiros. E agora, o resto dos oito meses do ano, vamos viver do quê?

Gildávio toma um gole de café frio com toda a naturalidade, oferece mas é difícil de engolir. As mãos dos bóias-frias começam a trabalhar nos galhos dos pés de café e os grãos vão caindo no pano. Quem não está acostumado tem que tomar cuidado para não levar uma varetada, nos olhos. Segundo eles, um dos remédios, se por acaso acontecer isso, é pingar leite materno ou de vaca, que além de aliviar a dor, faz desaparecer o vermelho dos olhos. O suco dos frutos do café, as arranhaduras e o próprio pó do chão fazem com que as mãos fiquem manchadas, sujas, às vezes até de sangue. Elas ficam calosas e rachadas e o único remédio para melhorar seria passar óleo de cozinha que, entretanto, não existe nem para a comida. As mãos de Onofra são grandes, calosas e sujas mas, olhando bem, ainda se vêem restos de esmalte vermelho nas unhas, como um sinal de vaidade. Às 15 horas se come de novo, é a mesma comida que sobrou da manhã com o café frio e aipim cozido.

As nuvens cor de chumbo começam a se formar no céu, com grandes trovoadas; e vozes, que a gente não identifica claramente vêm do meio do cafezal. A chuva fica só na ameaça. Quando chove mesmo o pessoal não trabalha, a lavoura fica embarrada. Mas as vezes é bom porque os grãos de café ficam mais fáceis de serem tirados. O Opala vermelho do administrador passa outra vez pelo cafezal fiscalizando e o trator fica roncando ao longe.

O bóia-fria Antônio Manoel da Silva é de Campina Grande saiu de casa aos 14 anos e veio em cima de um pau-de-arara até São Paulo e foi logo trabalhar na colheita de café na Alta Sorocabana. Depois rumou para o norte do Paraná onde morou sete anos.

— Também vim do Paraná, lá está uma tristeza. Os fazendeiros tão mandando os colonos embora e as casas estão virando tapera (casa abandonada). Não tem serviço, está todo o mundo indo para a cidade. E me arranquei para cá atrás de serviço, vou arranjar um dinheiro e voltar para minha terra em Campina Grande, talvez fique por lá, é o meu chão.

Antônio engole uma colher de comida e quase ao mesmo tempo toma água pelo gargalo de uma garrafa plástica. São 5h30 da tarde e começam a aparecer no carreador (rua de café), carregando suas sacolas vazias, os primeiros que acabaram o serviço e vão esperar o caminhão, que já deu duas buzinadas perto do barracão onde ficam guardados sacos de fertilizantes.

Zé Cassiano ainda está colhendo café, dona Onofra está peneirando. As vozes no meio do cafezal são carregadas pelo vento, o zunido dos insetos e o canto dos pássaros dá uma solidão incrível. O sol começa a se esconder e Zé Cassiano estende a mão como se estivesse tocando no astro e diz:

— Quando ele tá alí é porque acabou o dia e me lembro de uma quadrinha: **O sol vai a lua vem/ Na entrada desses dois eu me lembro do meu bem.** Zé Cassiano dá uma imensa gargalhada, Onofra que já chegou perto, acha engraçado, ri também e começam a marchar em direção ao caminhão. No carreador se misturam com os outros bóias-frias. Parecem um batalhão de esfarrapados carregando feixes de lenha, bolsas, sacos, sacolas.

Quando o caminhão sai da estrada de terra e pega a pista asfaltada já está tudo escuro e o frio volta de novo. O cheiro de suor é insuportável, todo o mundo tossindo, fungando e a sujeira de terra está até na raiz do cabelo. Poucos falam, cansados do dia de trabalho. O Goiano, de pouca conversa, mostra, segurando na mão grossa, o guiso de uma cobra cascavel de três anos. Segundo ele, a idade da cascavel se sabe pelo número de gomos do guiso. Poucos têm curiosidade de ver, é natural se matar cascavel e urutu, outro tipo de cobra, no meio do cafezal. Goiano põe no bolso o guiso que será preso no relógio como um patuá.

A cidade de Machado iluminada desponta ao longe e logo na rodoviária desembarcam do caminhão os primeiros bóias-frias. Grande parte dos homens, antes de irem para suas casas param no bar Guarani, na avenida do Contorno, para beber umas e outras, como José de Oliveira que chegou faz uma hora. A sua voz já está pastosa, começa a babar e passa a mão suja na boca, falando alguma coisa que ninguém entende. Toma de um gole só uma "branquinha" e sai cambaleando pelo meio da rua

O padre tá na dele: planta café e fatura a festa

O cônego Valter tem 15 alqueires de terra

O cônego Valter, responsável pela Paróquia Sagrada Família e Santo Antônio de Machado solta uma gargalhada quando o repórter pergunta se é verdade que ele é produtor de café.

— Ora, sou um pequeno produtor, só tenho 25 mil pés e isso se deu por incentivo do seu Valter Palmeira, que liderou o replantio de café aqui na região. Eu ganhei praticamente 13 alqueires de terra de um amigo que me vendeu por apenas 60 mil cruzeiros. Depois fui medir e vi que tinha 15 alqueires. Era um terreno abandonado.

— Quem ganhou, foi o senhor ou a igreja?

Não, fui eu mesmo. Inclusive plantei café com uma condição de não ir para a lavoura. São os vizinhos lá do sítio que cuidam do café e só sai daqui para assinar o aval do Banco do Brasil, mesmo assim por que o banco só dava empréstimo com a minha assinatura.

— A Igreja não poderia fazer nada para ajudar os bóias-frias?

— Olha, as lideranças não estão interessadas em resolver os problemas e sempre vêm em cima da igreja. Eu mesmo fiz certa época um ginásio rural e a própria burocracia fechou a escola que já tinha 145 alunos. Sei que esse problema é grave. Esses dias, escutando a rádio Difusora que é daqui da igreja, levei um susto. O locutor fazia um apelo patético. Dizia que mandassem comida para uma família de bóias-frias que estava morrendo de fome próximo do posto Brasão, ali na rodoviária. Dar do que a gente tem é fácil, agora dar de si é que é difícil.

— O que o senhor acha das Pastorais da Terra, dessa igreja preocupada com o problema social?

— Acho muito radical.

E o prefeito?

— É um rapazinho....

O cônego solta um muchocho e dá a entrevista por encerrada. Dias depois chegou uma carta na redação do **REPÓRTER** *contando da maior festa folclórica da cidade de Machado, a festa de São Benedito — a Congada. E aí foi explicado porque o cônego não gosta de falar do problema dos bóias-frias: toca no seu bolso. Só a festa rende para a paróquia quase 1 milhão de cruzeiros, isto é: um bilhão.*

A festa de São Benedito é uma das maiores do sul de Minas. É animada nos seus três dias principais por noventa por cento de negros, sendo que a maioria são bóias-frias.

Fazendeiro acha que todo mundo reclama no Brasil

Valter Palmeira, fazendeiro e líder da Arena, lamenta a situação

O fazendeiro Valter Palmeira, é o líder da bancada da Arena, em Machado, foi prefeito da cidade e o responsável pelo incentivo à plantação de café com o Plano de Revigoramento dos Cafezais colocado em prática pelo governo a partir de 1969. Foi um dos primeiros a plantar café no Vale do Jequitinhonha, no norte do estado de Minas Gerais, onde a renda per capita é uma das mais baixas do mundo.

— Olha, eu sozinho não posso ajudar ninguém, aqui há preocupação de um querer ser mais rico que o outro, há o individualismo e o egoísmo e tudo mais. Estou ciente do problema social que com certeza se agravará no ano que vem quando a produção do café em consequência da geada irá diminuir em mais de 30%. Mas eu sózinho não posso fazer nada. Os bóias-frias que trabalham comigo são todos registrados nesse período de colheita.

Seu Valter, não há aí uma disparidade entre a riqueza da cidade e a miséria de uma parcela de sua população?

— Mas houve uma melhoria, ocorreu mais oportunidade de trabalho. Há oito anos atrás aqui na cidade só se via mendingos. A cidade estava numa inércia medonha, tinha ocorrido a irradicação do café e não havia trabalho. Fui eu, como prefeito que motivei a plantação de cafeeiros. Pensamos em fazer a cultura da seda para ocupar esses homens no fim da colheita de café mas foi impossível. Na realidade nós temos que conscientizar esse povo, eu mesmo fui lá para Capelinha onde a miséria é total. O pessoal que ganhava oito cruzeiros por dia está ganhando 60, eu acho que fiz uma grande coisa porque, antes de Machadense, sou mineiro e brasileiro. No Brasil atualmente ninguém está satisfeito com o que ganha, todo o mundo está achando pouco. Agora mesmo li nos jornais que os trabalhadores rurais estão querendo fazer greve. Eu acho correto e se fizerem vou dar aumento aos meus empregados, que não quero vê-los descontentes. Agora, para dar esse aumento eu preciso aumentar o preço do café porque senão quem sai perdendo sou eu.

"
Meu patrão
gritou comigo
Me chamou
de bóia-fria
Não bati na
cara dele
Para não perder
o dia.
Todo o dia
eu deito cedo
Prá sair de
madrugada.
Tomo cafezinho
quente
É a bóia
está preparada
O caminhão
está esperando
na beiradinha
da estrada

Estou na unha
do gato
Estou no cabo
da enxada
É aquele vai e vem
Aquela vida pesada

Eu tenho
braços fortes
E duas
mãos calejadas
Minha roupa
de suor
Todo dia
vem molhada.
"

(*O Bóia-fria*, moda de viola de Moacyr dos Santos e Jacó, do livro "A cara engraçada do medo", de Murilo Carvalho)

O repórter Afanásio Jazadji percorreu os prostíbulos freqüentados pela alta sociedade paulista, conversou com cafetinas, prostitutas e descobriu taras incríveis de pessoas importantes e famosas. É o japonês que paga Cr$ 8 mil para raspar os pelos da mulher, é o empresário que só trepa com um cabo de vassoura enfiado no ânus, é o turco que, antes de qualquer coisa, lambuza a mulher toda de mel. E tem, também, a história de uma dupla famosa, mãe e filha, ricas, que trabalham juntas e só aceitam convites para surubas.

Reportagem de
Afanásio Jazadji

Cafetinas contam as taras da alta sociedade paulista

• M.T. está com mais de 60 anos. É uma das velhas e conhecidas cafetinas de São Paulo. Mantinha prostíbulos na antiga zona do meretrício, nas ruas Itaboca e Aimorés, no Bom Retiro. Hoje, em sua casa (ou atelier, como prefere denominá-la), tem dois telefones, através dos quais faz seus contatos com as pessoas da alta sociedade paulista. É um casarão antigo no bairro da Liberdade, que mais parece uma escolinha de corte e costura. Os clientes marcam pelo telefone e também pelo telefone a cafetina convoca a escolhida, estabelecendo o horário para o encontro.

O michê (pagamento pela relação sexual) é estabelecido de acordo com a mulher, as preferências e as exigências do cliente. Se for uma artista de TV, uma manequim famosa, a esposa de um cara conhecido, o preço é um. E sobe se for uma garota virgem, de pouca idade. Vai inflacionando se o cliente pedir uma loura, unhas pintadas com esmalte branco, pouco ou muito seio, sorridente, cabelo assim ou assado. Cada item tem o seu valor.

O presidente de uma famosa entidade de São Paulo, cujo nome aparece constantemente nos jornais, é um dos freqüentadores mais assíduos da "casa de bonecas" de M.T. Conversei com quatro garotas que estiveram com ele nos últimos meses. Todas confessam terem sido muito bem remuneradas, mas uma delas, de 18 anos, promete nunca mais sair com o cara. É que ele também tem um jeitinho todo especial de comer uma garota.

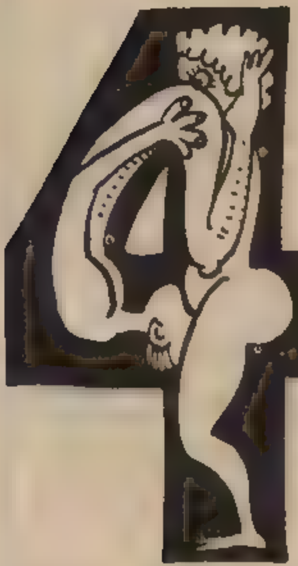
Seguinte: o sujeito tira a roupa, toma banho, pede que a mulher faça o mesmo e depois fica de quatro em cima da cama. Aí, obriga a garota a puxar, a seco, cinco vezes, os pelinhos ou mechas de pelos de seu ânus. A seguir, masturba-se e exige que lhe seja introduzido no rabo um cabo de vassoura, que cuidadosamente ele carrega em sua maleta executiva. Só depois desse ritual é que ele pula sobre a garota. E ainda ostentando o pequeno mastro no ânus. É conhecido das prostitutas de uma boate da rua Major Sertório, como o "homem do toco no cú".

Os que pagam mais caro são os maníacos sexuais. É o caso de um japonês, diretor de uma grande firma paulista. Cada vez quer trepar com uma mulher diferente, mas sempre tem que ser morena clara e com os bicos dos seios escuros, grandes, de preferência. E tem um detalhe: a garota deve estar preparada para ser totalmente raspada pelo japonês, que antes da trepada raspa, literalmente, todos os pelos da mulher, inclusive os cabelos, depois de devidamente ensaboados. E durante o ato nenhum dos dois pode falar. Mas compensa, pois o michê é de Cr$ 8 mil pela sessão.

L.L. é outra cafetina forte que opera em São Paulo. Sua especialidade são as colegiais, garotinhas, secretárias, as chamadas meninas-família que ela emprega numa de suas empresas (ela tem duas de confecções), apenas para terem registro em carteira e poderem dar satisfação em casa, mas que, na realidade, ganham a vida transando com velhos e garotões em seus apartamentos, escritórios e mesmo na casa de L.L. — a "tia", como é chamada. Os michês nunca são inferiores a Cr$ 3 mil. L.L., 47 anos e 30 de prostituição em Porto Alegre, Rio e São Paulo, dá detalhes.

— Tem cara que é curioso. Só quer comer cabaço. Às vezes, nem comer, só chupar, ser acariciado, masturbado por uma garotinha. Você nem vai acreditar, mas tenho aqui comigo uma de 16 anos que é especialista em punheta. Por dia, ela chega a faturar, só pra ela, sem contar a minha parte, de três a quatro mil cruzeiros. Os clientes a chamam de maquininha. No ano passado, na Copa do Mundo, tive inclusive de levá-la com o meu time de garotas, lá pra Argentina.

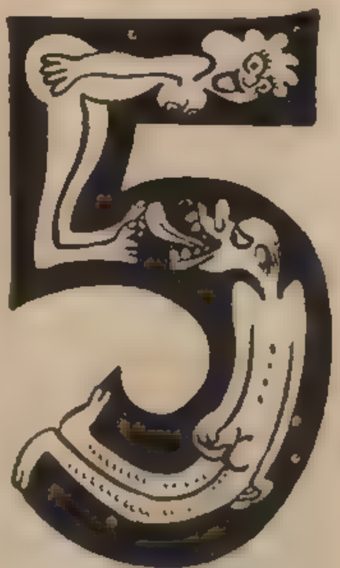
Conheci a Maquininha quando saía da casa da cafetina. Fui apresentado a ela como sendo um sobrinho distante da cafetina. A garota anda vestidinha com roupas escolares, camisa branca, sainha grafite, meias até o joelho, sapatos pretos. Anda até com cadernos, mas tudo de grupo.



Tem um turquinho que vez ou outra aparece no apê da cafetina H.B.T., na avenida São João, e que também tem hábitos estranhos. Ela conta:

— Tem homem que é louco mesmo. Esse turco não deve ter mais de 30 anos. É cheio da nota. Dá caixinha de até 100 cruzeiros pra minha empregada, só pra descer e comprar cigarros pra ele. É um sujeito carente de alguma coisa e, por isso, aqui tem tratamento especial. Quando chamo a garota pra ele, já aviso que ela, terá de se melecar de mel, pra ser inteirinha lambida pelo cara. Só depois disso é que ele trepa. A seguir, ele quer assistir a mulher tomar banho, às vezes se masturbando.

Turquinho, quando vai ao apartamento de H.T.B., nunca deixa menos de Cr$ 5 mil. Em conversa informal com a cafetina, meses atrás, disse que pegou a mania desde os 15 anos, quando flagrou o pai trepando com sua mãe, que estava toda melada, e não resistiu à vontade de fazer a experiência. Gostou e não parou mais.



A cafetina M.M.J. conta que trabalha com duas mulheres, mãe e filha, esta de 19 anos. Bonitas, corpos esculturais, ricas, só aceitam convites para surubas. Mãe e filha, juntas. O pior é que o marido, e pai, sabe de tudo. Como têm dinheiro, não são das mais caras. Por Cr$ 3 mil pode-se ter mãe e filha para um programinha. Além dos programas, M.M.J. diz que as duas têm o mesmo amante, numa boa, sem brigas.

Os grandes hotéis de São Paulo mantêm verdadeiros "cardápios" para seus hóspedes. São mostruários coloridos, com fotografis de mulheres e também de travestis. O hóspede, longe de casa procura informação de onde pode passar algumas horas num bom barzinho ou buate. Aí vem o atencioso porteiro ou atendente, com o material para a escolha.

Lógico que eles ganham um tutuzinho com isso, de comissão. Eles próprios convocam as moças, muitas artistas de televisão, bailarinas de programas de auditório, manequins de revistas masculinas. Quando é mantido o contato, ela já sabe com quem deverá se relacionar: um empresário, um deputado, um banqueiro.

"Joinha", 22 anos, morena clara, corpo bem feito, unhas sempre bem tratadas, lábios perfeitos, fala três línguas: inglês, francês e espanhol. Conta que seus pais são fazendeiros em Minas Gerais e que, por desavença com velho, deixou a família há dois anos, dizendo que iria tentar a sorte em São Paulo. Para a família, com quem mantém regular correspondência, diz que trabalha numa multinacional, como secretária-tradutora, pelo salário mensal de Cr$ 30 mil.

E os presentes que constantemente manda para a família justificam o alto ganho. Só que ela vive diferente: só atende das 14 às 22 horas. Seu michê é de Cr$ 2 mil e não aceita cheques. Ela fala:

— Jamais poderia ter relacionamento com tanta gente diferente, boa ou ruim, se não fosse essa minha profissão. Gosto do que faço, mas pretendo levar essa vida até os 30 anos. Depois me amarro com algum cara da alta sociedade, como já fizeram tantas outras, e vou cuidar dos filhos e da casa. Tenho um apartamento de dois quartos já pago, um Passat zero quilômetro, mais de Cr$ 300 mil na poupança.

"Lurdinha" também é bem feitinha de corpo, parece balconista de supermercado e não dá a impressão de ter mais de 20 anos. Na realidade já está com 26. É muito esperta, responde rápido a tudo. Fala com muita firmeza sempre. Prá ganhar dinheiro, faz qualquer coisa, mas se pudesse tiraria os cariocas da sua lista de fregueses.
babacas, contadores de histórias, mentirosos, falsos ricos. São é papudos. Bronca eu tenho, mas sou obrigada a aguentá-los. Talvez minha irritação se deva a um namoradinho que tive há alguns anos. Era um cara de apurrinhar. Peguei bronca da raça toda.

Praticamente todas as cafetinas de São Paulo têm o telefone do apartamento de "Lurdinha", mineirinha de pele gostosa e cheirosa. E todas as donas de puteiros sabem que devem evitar clientes cariocas para ela. E também não esquecer do seguinte:

— Trepada simples, Cr$ 3 mil; completa, com rabinho e tudo o mais, Cr$ 5 mil, sem choro. Comigo é assim. Já que estamos na era da taxa, eu me dou ao luxo de cobrar a taxa da universitária. Sou formada em serviço social e contabilidade. Quem quiser, tudo bem. De outra forma, é só procurar as *chupetinhas* (prostitutas chupadeiras) da Radial Leste ou República do Líbano.

Velhota, sempre de óculos escuros e com lentes grossas, Madame GG certamente é a mais antiga cafetina em operação em São Paulo. Na Capital, pelo menos. Ela diz, orgulhosa, que está beirando os 80 anos, mas as seis operações plásticas que fez a transformaram numa mulher com aparência de não mais de 60 anos.

Sua casa é a mais luxuosa que conheci nas minhas andanças pelos puteiros finos da cidade. Tem até mordomo pra servir uísque e licores para os amigos e a freguesia. Seu palacete fica num dos mais belos e tradicionais bairros da cidade

— Pacaembu — bem perto do estádio de futebol. Só o estacionamento dá para 12 carros. Nas duas vezes que fui ali, avistei carrões da alta administração parados.

Madame GG tem muito orgulho do que foi no passado: amante de políticos, figurões da esquerda, direita e do centro. E tudo pra me garantir, filho. Pensa que é só hoje que mulher tem que dar pra se manter em certas atividades? Antigamente, a coisa era bem pior. E sabe que tinha político safado que comia a gente e ainda obrigava a gente a trepar com o filho, cunhado ou amigo, pra depois liberar certa situação ou fazer vista grossa.

Nos grandes salões da casa, enormes fotografias documentam a juventude da velha, posando ao lado de gente famosa, até de figurões da Polícia. Fotos de políticos, cantores, militares, juízes, etc. Caminhando lentamente, ela percorre o longo corredor e pára perto de uma fotografia 18 por 24, apontando para uma garota cercada de rapazes.

— Essa foi uma de minhas melhores meninas. Está bem, hoje. Casou com um comerciante rico, desquitou, depois amigou com um artista plástico, largou também, caiu nas malhas de um político e hoje é considerada Dona Fulana de Tal, veja só. Esse retrato tem uns 15 anos, mas ela não esqueceu de mim, não. Vez ou outra me telefona. Quando sai pro exterior, nunca esquece de me trazer alguma coisa.

O forte mesmo da velhota, atualmente, é trabalhar com mulheres que aparecem na televisão, no cinema.

— Já tenho clientela fixa. Hoje, posso me dar ao luxo de dispensar os maus fregueses ou apontá-los às minhas amigas cafetinas. É muito normal um homem assistir televisão e se interessar por determinada mulher. Cantora, atriz, comediante, apresentadora, seja quem for, enfim. Basta me ligar e eu faço o contato. Em menos de uma hora tenho a resposta satisfatória para o cliente e o cachê da garota.

Artistas de telenovelas são as que mais ganham, segundo a cafetina GG. Ela conta que há dois anos uma peça com atrizes de TV foi montada em São Paulo. Só mulheres trabalhariam. Até a parte técnica seria feita por elas. Ocorre que deu um tremendo furo, o público foi pequeno e todas ficaram endividadas até o pescoço. Daí, as atrizes foram em comissão ao seu palacete propor um acordo. Em 15 dias ela arrumou tantos programas para as atrizes que três delas nem quiseram mais voltar à televisão e ficaram à sua disposição, para "trabalhinhos mais amenos e menos arriscados financeiramente".

Nessas minhas andanças conheci duas filhas de policiais que se viram em apartamentos de cafetinas. Uma filha de um delegado, dos mais conhecidos em São Paulo, sujeito durão, metido a brabo. Ela estuda Direito de manhã e à tarde, sob o argumento de que faz estágio num escritório de advocacia, frequenta os puteiros de uma das cafetinas da cidade.

A outra garota, de 17 anos ainda, disse ao pai que está fazendo Escola de Arte Dramática. O pai ficou todo encantado com a nova profissão da filha ao vê-la, há meses, numa pontinha de novela, na TV. Disse até que financiaria seus estudos de arte, caso precisasse. A garota negou-se a receber a ajuda financeira, dizendo que nos fins de semana viaja com o grupo teatral para o Interior. O tira nem desconfia que sua filhinha é uma das putas mais completas atualmente, capaz de transar com três caras ao mesmo tempo, "verdadeira égua trepadeira", na opinião da cafetina que lhe serve de "manager".

ACERTE SOZINHO

VOCÊ VAI MORRER DE RIR!

A Loteca nossa de cada dia em 96 páginas de cartuns do Nani.
Compre logo. Mesmo se você ainda não acertou na bolsa.
Apenas 30 cruzeiros.

Em todas as bancas de jornais. Se você preferir receber em casa, pelo reembolso postal, basta escrever para editora Codecri - Rua Saint Roman, 142 - CEP 22071 - Rio de Janeiro - RJ. Não precisa mandar o dinheiro agora.

GRÁTIS

COLEÇÕES COMPLETAS DO REPORTER, DO NÚMERO 0 AO 21, PARA FACULDADES DE COMUNICAÇÃO E BIBLIOTECAS DE QUALQUER PARTE DO BRASIL. ESCREVAM PARA A RUA MIGUEL COUTO, 134 - 11º ANDAR E MANDEM Cr$ 80,00 PARA AS DESPESAS DE CORREIO.

REPORTER

UM JORNAL QUE NÃO TEM MEDO DE ASSINAR EMBAIXO

E VENDEMOS POR Cr$ 250,00 - UMA PECHINCHA - A OUTROS INTERESSADOS, NO MESMO ENDEREÇO

A empresa mandou para a matriz de Turim, sob o rótulo de "transferência de tecnologia", quantia que o governo vetou. Desculpa dada: o veto poderia cair.

FIAT LESA BRASIL COM REMESSA ILEGAL

Dia 18 de setembro, o Instituto Nacional de Propriedade Industrial (INPI), autarquia subordinada ao Ministério da Indústria e Comércio e que fiscaliza a execução de contratos que envolvem pagamentos efetuados por "transferência de tecnologia" vai resolver uma questão importante para a economia brasileira: a Fiat Automóveis S/A e a F.M.B. S/A Produtos Metalúrgicos subsidiárias da multinacional italiana Fiat S.P.A., poderão continuar a remeter para a matriz, na Itália, lucros disfarçados na tal "transferência de tecnologia"?

Em sua primeira decisão a respeito do caso, o INPI invalidou a negociata consumada pela Fiat Automóveis S/A, que enviou a importância de 29 973 742 milhões de dólares para a Itália, quando o limite máximo permitido pelo Instituto, examinadas as leis brasileira que regulam o assunto e que são conhecidas pela sua liberdade com o lucro dos estrangeiros, seria de 23 469 000 milhões de dólares.

Ao proibir a remessa excessiva, o instituto deu mostras de que estaria disposto a afrontar poderosos interesses econômicos. Mas isso pouco adiantou, pois a proibição aconteceu em novembro do ano passado e, um mês depois, o dinheiro foi mandado para a Itália, sob a alegação ridícula de que as duas subsidiárias confiavam em que o INPI iria voltar atrás da decisão tomada, através de um recurso por elas impetrado. O que é má fé, porque se a primeira decisão já havia limitado um teto para a remessa, como é que poderia haver expectativa de que a decisão fosse reformada? Por via das dúvidas e antes que o INPI examinasse o recurso, lá se foi o dinheiro. E começou o primeiro ato de uma comédia que a Fiat está encenando com grande habilidade e cujo término está previsto para o julgamento final do recurso, data em que as máscaras deverão cair.

Porque, na verdade, tudo estaria bem se não fosse um deputado mineiro, Sylo Costa, que denunciou a remessa ilegal. A denúncia fez com que retornasse, imediatamente de uma estada na Itália, em junho, o presidente atual da Fiat Automóveis, Miguel Augusto Gonçalves, que, ao lado do presidente da FMB S/A, José Monteiro de Castro, declarou à imprensa que os pagamentos tinham sido efetuados à Fiat do Brasil S/A (que foi a empresa do grupo encarregada de receber o dinheiro e mandá-lo à Itália) sem que eles tivessem tido conhecimento, o que é uma gracinha de ingenuidade.

É certo que o presidente da Fiat Automóveis S/A, à época da transferência era Adolfo Neves Martins da Costa e, por isso, a responsabilidade pessoal de Miguel Augusto pelo ato não pode ser cobrada. Mas é inadmissível acreditar que, fosse quem fosse o presidente, pudesse ser efetuado um pagamento ao exterior, nesse montante, sem o seu conhecimento.

Uma vez começada a comédia do não sei, não vi, não tenho nada com isso e alarmada com as possíveis repercussões políticas em relação a seu procedimento, a Fiat resolveu manter o desempenho da farsa e chegou ao cúmulo de, através do próprio Adolfo Neves, envolver e comprometer na trama o governador de Minas Gerais, Francelino Pereira. Adolfo procurou o governador e comunicou o fato de o pagamento haver sido feito sem que ele soubesse e pediu providências para obter a volta da quantia ao Brasil.

Por que é que Francelino, que era então apenas um governador nomeado, resolveu participar de coadjuvante — aliás, seu papel de sempre — não se sabe; mas desconfia-se, dado o grande volume de dinheiro envolvido na transação. Assim, dizendo-se levemente corada por ter praticado não mais que uma gafe e já havendo conseguido a participação especial de uma autoridade brasileira no enredo, a Fiat começou a preparar o fim da história, reservando para si o papel da mocinha: depositou 18 milhões de dólares no Banco de Crédito Real, dia 19 de julho, e vai esperar a decisão final a respeito de seu recurso, a ser julgado em 18 de setembro.

A grande imprensa não noticiou nada disso, nem mesmo nas colunas de espetáculo. Mas as multinacionais estão de olho na decisão para saberem se podem continuar a driblar a lei e continuar a mandar dinheiro para fora com o cômodo disfarce de pagamento por transferência de tecnologia. Que é uma coisa difícil de quantificar porque é preciso um estudo minucioso para definir o que é mesmo tecnologia que veio de fora (e quanto ela custa). No fim das contas, apesar da força de pressão de uma multinacional como a Fiat e das inúmeras possibilidades de suborno e corrupção que já devem estar sendo postas em prática, é possível que o INPI mantenha a decisão inicial e resista até compor uma nova dívida em que a Fiat cedesse um pouquinho, o Instituto um outro tanto e tudo acabasse com um final feliz. Vamos ver...

Esta seção é dedicada à luta dos países subdesenvolvidos. O chamado Terceiro Mundo. Textos de Carlos Comitini

TELEX

● *BOLIVIA*: O Congresso da Bolivia analisará um documento que denuncia a infiltração de espiões chilenos no país, durante o governo do ex-presidente Hugo Banzer. O relatório, apresentado pelo ex-ministro do Trabalho, Anibal Aguilar Penarrieta, revela que entre 1975-1978 um chamado "Plano Alpaca" permitiu aos serviços de espionagem bolivianos infiltrar qualificados agentes nas altas esferas do governo de Banzer e instalar sistemas de espionagem na embaixada daquele país em Santiago. O "Alpaca" tinha como objetivo a infiltração política e os domínios econômico, psico-social e militar. Banzer e seu ministro do Interior tinham conhecimento desta situação e não fizeram nada.

● *CHILE*: O Partido Comunista Chileno manifestou a necessidade de formação de um "Governo Provisório" em substituição ao regime presidido por Pinochet. Num manifesto difundido em Santiago, o secretário-geral do PCCH, Luis Corvalán, atualmente em Moscou, pronunciou-se por uma aliança que abranja a Democracia Cristã e outros grupos políticos. Segundo Corvalán, existem no Chile as bases para criar "um amplo movimento social e efetivar uma grande aliança das forças democráticas". Citou, como exemplo, o caso da Nicarágua, onde se reagruparam todas as forças sob a direção da Frente Sandinista de Libertação Nacional.

● *NAMÍBIA*. A escolha feita pela África do Sul de um vigoroso nazista como o seu novo chefe supremo na Namíbia — território que governa em desafio à opinião pública mundial — é um acinte aos planos de independência das Nações Unidas para a ex-colônia alemã na África. Nomeado administrador-geral do território, Gerrit Viljoen foi chefe da sociedade secreta Broedebond, dedicada a aprofundar a "superioridade racial" dos brancos sobre os negros sul-africanos.

● *UGANDA*. O presidente ugandês Godfrey Binaisa acusou o Sudão de treinar mais de 30 mil partidários do ex-presidente Idi Amin para invadir o seu país. Binaisa sublinhou que a maioria dos pretensos refugiados ugandeses que se encontram no Sudão não são compatriotas seus e sim mercenários negros recrutados por Idi Amin.

Militares decretam morte de 20 mil desaparecidos

ARGENTINA. Os militares argentinos querem matar "por decreto" 20 mil desaparecidos. Segundo o ministro do Interior, general Albano Harguindeguy, seu governo está estudando uma lei que prevê a possibilidade de declarar "a morte presumida" das pessoas desaparecidas. O trâmite para declarar a "morte presumida" de um desaparecido requer que um dos pais da vítima ou um parente consangüíneo até o quarto grau tenha feito a denúncia. A Justiça, então, poderá mandar publicar na imprensa, durante cinco dias, uma convocação ao desaparecido (!) pedindo a sua presença. Se este não se apresentar em 90 dias, será declarado "morto".

O DITADOR DE EL SALVADOR ESTÁ CAINDO

Idi Amin, em Uganda, Anastacio Somoza, na Nicarágua, Macias Nguema, na Guiné Equatorial. Ditadores que foram derrubados por povos cansados de fome e miséria. E tudo indica que o próximo será o general Carlos Humberto Romero Romero, presidente da República de El Salvador (na América Central), que também está esperando a sua hora.

El Salvador está situado na costa do Pacífico, com um território de 20 mil quilômetros quadrados e uma população de 4 milhões e 400 mil habitantes. Há milhares de desempregados e 150 mil pessoas vivem em favelas. O índice de analfabetismo supera 50%.

O último presidente civil foi o engenheiro Arturo Araújo derrubado em 1932 pelo general Maximiliano Hernández Martinez, em 1932, ano em que foram massacrados 20 mil camponeses e fuzilados seus líderes, entre eles Farabundo Marti, secretário-pessoal do nicaragüense Augusto Cesar Sandino, de 1928 a 1929.

Romero, o próximo Somoza

Em 1975, do total da população econômica ativa no campo — o país depende das exportações de café — apenas 37% estava ocupada permanentemente, 14% tinha trabalho por períodos de nove meses; 16%, durante 6 meses e 30% conseguiam emprego somente na época das colheitas, por dois ou três meses. Hoje, a situação agravou-se.

O governo nega a sindicalização no campo e os tiranos que se foram sucedendo montaram uma organização pára-militar chamada ORDEN (Organização Democrática Nacionalista) de clara inspiração fascista, que recruta reservistas do Exército e assassinos para sufocar qualquer movimento popular. A estes, somam-se os 7130 efetivos militares ativos.

Em El Salvador, o arcebispo Oscar Romero y Galdânez converteu seu púlpito numa tribuna de denúncia contra as arbitrariedades cometidas pelo regime. As suas pregações na catedral de San Salvador, capital da República, são ouvidas não só por milhares de compatriotas, que o levantam como líder espiritual, como também pela oligarquia e por altos comandos do Exército, que vêem nele o porta-voz do descontentamento popular pela "liberdade aos presos políticos (mais de 200), esclarecimento sobre os desaparecidos (várias centenas) e demolição dos calabouços políticos".

Ante a impossibilidade de manifestar o seu descontentamento através dos canais legais, o povo vai se identificando com os movimentos guerrilheiros. Em 1970, uma facção do Partido Comunista fundou as Forças Populares de Libertação "Farabundo Marti", organização político-militar que escolheu a via insurreicional. Também nasceu o Partido da Revolução Salvadorenho (PRS) com o seu braço armado, o Exército Revolucionário do Povo (ERP), que efetuou alguns seqüestros para exigir a libertação dos presos políticos.

Com a cisão do PRS, criou-se as Forças Armadas da Resistência Nacional (FARN), que ultimamente vêm alcançando êxitos sem precedentes na história da guerrilha urbana latino-americana. Seqüestros de oligarcas e funcionários das companhias multinacionais que operam no país (israelitas, japonesas e britânicas) resultaram na libertação de presos políticos e na divulgação, a nível internacional, de denúncias das constantes violações dos direitos humanos.

Agostinho Neto quer que os cubanos fiquem

O presidente da República Popular de Angola, Agostinho Neto, adiantou a possibilidade de realizar importantes modificações no seu governo. Falou inclusive, sobre a presença dos cubanos no seu país e os patriotas da Namíbia.

"Hoje eu gostaria de começar por felicitar aqueles camaradas que nos têm acompanhado desde antes da proclamação da nossa independência. Aqueles camaradas que têm sentido os problemas do nosso povo. Os camaradas que têm estado aqui, com forças militares, com destacamento para a educação, para a saúde, para aqueles todos problemas que necessitam do seu auxílio; e os camaradas são aqueles que no dia 26 de julho comemoram uma data importante da sua Revolução, quero dizer, os camaradas de Cuba. E devo dizer que não é o imperialismo que conduz os nossos negócios em Angola. Em Angola ninguém dirá a nós que devemos expulsar daqui os camaradas cubanos ou outros quaisquer. Quem decide somos nós".

Quanto a Namíbia, o chefe do MPLA-Partido do Trabalho (Movimento Popular para a Libertação de Angola) denunciou, sem citá-los, países que têm ido à Angola "para ver se nós prendemos todos os camaradas da Namíbia, metemos aí num quartel". E advertiu: "sejam quais forem as ameaças, sejam quais forem as disposições de cada um, sejam quais forem os bombardeamentos que façam, sejam quais forem as agressões terrestres que façam, nós vamos resistir até que a África seja completamente libertada".

Encerrando o seu discurso, Neto referiu-se à situação interna: "Não posso dizer que neste momento tenhamos o nosso aparelho partidário suficientemente enérgico, forte, para imprimir a orientação que nós queremos, todos nós, os membros do Comitê Central e, essencialmente, aqueles que pertencem ao Bureau Político. Talvez tenhamos também de fazer algumas modificações de maneira que, de fato, nós possamos ter mais representantes das classes trabalhadoras no partido. Temos poucos. E não terminarei antes de dizer que ainda temos uma grande influência pequeno-burguesa dentro do nosso Partido e dentro do nosso Governo, e que precisamos fazer algumas modificações para que esse estado de coisas termine.

ESPERTAS

A resposta dos não anistiados

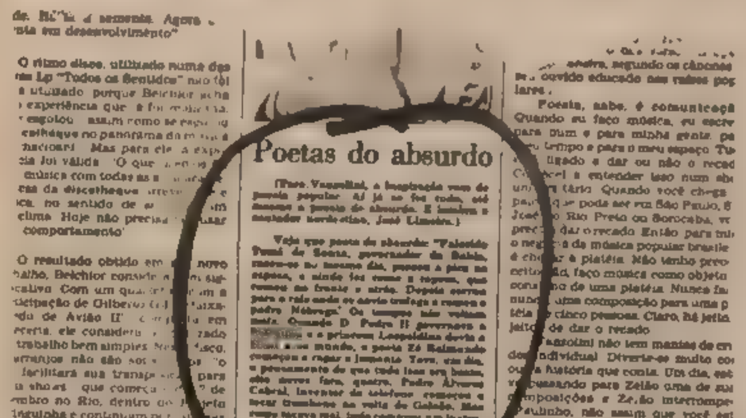
Foto de Chiquito Chaves

Epa, o Estadão *publicou palavrão e deu merda*

"Falecido Tomé de Souza, governador da Bahia, casou-se no mesmo dia, passou a pica na esposa, e ainda fez como a raposa, que come na frente e atrás. Depois correu para o cais, onde os navio trafega e comeu o padre Nóbrega. Os tempos não voltam mais. Quando D. Pedro II governava a Palestina e a princesa Leopoldina devia a Deus e ao mundo, o poeta Zé Raimundo começou a capar o jumento. Teve, um dia, o pensamento de que tudo isso era boato, oito noves fora, quatro. Pedro Álvares Cabral, inventor do telefone, começou a tocar trombone na volta do Galeão. Mas como tocava mal, inda comprou um instrumento. Aí, chega um sargento, querendo enrabar o frei. Quem tem razão é o freguês, diz o Novo Testamento."

Essa jóia do cantador popular José Limeira saiu (imaginem) nada mais nada menos que no austero **O Estado de S. Paulo** numa entrevista com o compositor Paulo Vanzolini. O jornal desbundou? Nada disso, o trecho foi prá gráfica ninguém sabe como, pois no dia seguinte deu o maior rebu na redação. Cabeças quase rolaram. Mas quem teve de segurar a barra mais pesada foi o dono do jornal, Julio de Mesquita Neto, cuja mulher ficou horrorizada ao ler o texto, considerando-o no mínimo, uma grandissíssima ofensa. Deu o maior sermão nele, que não tinha desculpa, pois não leu o texto antes da impressão. Ele, por sua vez, descontou o sermão da mulher em cima da redação. Ninguém foi despedido, graças a importantes influências, comenta-se.

Rivaldo Chinen


Poetas do absurdo

(Para Vanzolini, a inspiração vem da poesia popular. Aí já se foi tudo, até ... a poesia do absurdo. E lembra o cantador nordestino, José Limeira.)

Veja que poeta do absurdo: "Falecido Tomé de Souza, governador da Bahia, casou-se no mesmo dia, passou a pica na esposa, e ainda fez como a raposa, que come na frente e atrás. Depois correu para o cais onde os navio trafega e comeu o padre Nóbrega. Os tempos não voltam mais. Quando D. Pedro II governava a ... e a princesa Leopoldina devia a ... mundo, o poeta Zé Raimundo começou a capar o jumento. Teve, um dia, o pensamento de que tudo isso era boato, oito noves fora, quatro. Pedro Álvares Cabral, inventor do telefone, começou a tocar trombone na volta do Galeão. Mas como tocava mal, inda comprou um instrumento. Aí, chega um sargento, querendo enrabar o frei. Quem tem razão é o freguês, diz o Novo Testamento."

...ojeto do radialista ... final

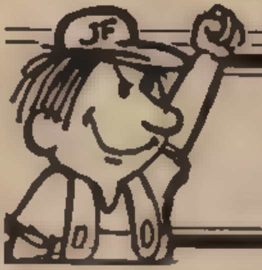
Um maestro de 20 anos ... o concerto

A turfa é nossa e substitui o óleo importado

O Brasil tem uma das maiores reservas mundiais de turfas; carvão ainda criancinha. Um mineral como qualquer outro. Tão comum que deriva de musgos e de plantas. Como contém água, a turfa deve ser secada. Seca ao sol, acusa um poder calorífico entre 2.500 a quatro mil calorias por quilo, conforme a proporção de argila e areia que contenha. Nos países desenvolvidos, a turfa é empregada largamente como combustível em usinas termoelétricas. Com um quilo e meio do mineral, se produz um quilowatt de energia. A turfa foi explorada no Brasil na área industrial e de transportes. As locomotivas da antiga Estrada de Ferro Central do Brasil utilizavam a turfa do Rio de Janeiro e do Vale do Paraíba. O consumo de turfa entre 1942 e 1945 foi estimado entre 40 a 50 mil toneladas e as reservas são superiores a 100 milhões de toneladas.

Isso tudo para dizer que seria fácil a substituição do óleo importado pela turfa brasileira. Mas será que deixam? Em Nogueira (RJ), próximo ao Sítio do general Figueiredo, existem grandes reservas de turfas. E a maior área para exploração de turfa energética, por incrível que pareça, está localizada na baixada de Jacarepaguá (RJ), nos terrenos alagados da Barra da Tijuca e de Jacarepaguá, onde se erguem os supercondomínios. Quer dizer, entre o mar e a encosta do Maciço de Pedra Branca, em Jacarepaguá, encontra-se o mineral mais barato do país para mover centrais térmicas de energia.

Sérgio Danilo



IMPRENSA SINDICAL

«É de fundamental importância que uma cooperativa faça o jornal para os sindicatos»

TRABALHADOR QUER LER

– Nosso jornal tem de mudar. Tem de despertar mais a atenção do trabalhador. Dizem que trabalhador não gosta de ler, mas outro dia comprei aquele jornal O Repórter e levei prá fábrica. Foi uma briga, todo mundo quis ler o jornal.

O comentário de Gilson Correia de Menezes, que trabalha na Scânia e é diretor do Conselho de representantes na Federação dos Metalúrgicos, refere-se ao jornal de seu sindicato, a Tribuna Metalúrgica.

Severino Alves da Silva, secretário-geral do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema, concorda com Gilson

– O jornal tem de acompanhar um trabalho de base e as lutas da categoria. Agora estamos sentindo necessidade de mudar novamente nosso jornal. Não uma mudança radical, mas em função das novas lutas que estamos travando.

A Tribuna Metalúrgica foi fundada em julho de 1971, como órgão do sindicato dos metalúrgicos de São Bernardo e Diadema, para veicular assuntos de interesse da categoria.

– No começo, era um jornal sem muita linha política, diz Severino. Trazia praticamente só informativos sobre assistência ao trabalhador e divulgação dos serviços prestados pelo sindicato. Aos poucos, ele foi sofrendo modificações, principalmente depois que o Lula tomou posse, em 75. De 75 para cá, o jornal foi mudando a linha, começou a trazer debates entre os trabalhadores e entrevistas com eles. Foram criados alguns personagens, como o Repórter Metalúrgico e o João Ferrador, e agora o Henfil também tá fazendo algum trabalho para a Tribuna.

Segundo Severino, a mudança da linha do jornal foi determinada pelo avanço da própria categoria, em termos de organização e luta. Quanto à imprensa em geral, afirma:

– Falta informação para o povo, a massa em geral, porque os donos dos grandes jornais controlam as informações. Acho boa a iniciativa do grupo de jornalistas que formou uma cooperativa porque ela não tem compromisso com ninguém. É de fundamental importância que uma cooperativa faça o jornal para os sindicatos. São poucos os que têm condições de fazer um jornal e a maioria dos jornais de sindicatos são fracos. Se eles puderem contar com os serviços de uma cooperativa já estruturada, fica mais fácil fazer o jornal. E, se tivéssemos uma cooperativa de jornalistas a nível nacional, o dirigente sindical aqui do ABC poderia conhecer a campanha que o dirigente sindical de Alagoas, por exemplo, está desenvolvendo. A cooperativa seria intermediária.

Trabalhadores brigam por causa do REPORTER

– Nosso jornal tem que mudar. Tem de despertar mais a atenção do trabalhador. Dizem que trabalhador não gosta de ler, mas outro dia comprei aquele jornal *REPORTER* e levei pra fábrica. Foi uma briga, todo mundo quis ler o jornal.

Este foi o comentário do trabalhador Gilson Correia de Menezes, publicado no *Jornacoop*, jornal da Cooperativa dos Jornalistas de Santos, ao referir-se à necessidade de melhoria do jornal de seu sindicato, a *Tribuna Metalúrgica*. Gilson trabalha na Scania e é diretor do Conselho de Representantes na Federação dos Metalúrgicos.

A classe média está apavorada com a repressão institucional ao uso do carro médio, cuja utilização o governo e as fábricas incentivaram na época do "milagre" (facilitaram o crédito, construíram viadutos, estradas, campings, o diabo). Agora, aumentaram a Taxa Rodoviária Única (um fusca vai pagar Cr$ 8 mil de imposto anual), a gasolina (Cr$ 14,80 o litro) e as multas (até dezembro, haverá um acréscimo de 50%). Cerca de 50% dos proprietários de automóveis são das classes B e C, com salários inferiores a cinco salários mínimos, o que demonstra que a maioria não pode pagar a TRU. Segundo os revendedores de carros usados no Grande Rio, diminuiu a procura de carros novos e aumentou a de usados. E a tendência é aumentar a oferta dos usados, devido ao aumento dos impostos. Consequência: a classe média compra os carros, novos ou usados, e em seguida vai ter que encarar uma desvalorização, para seu prejuízo.

O pior é que o ministério de Minas e Energia ainda queria que deixassem de circular no país todos os carros com mais de dez anos de uso, o que deixaria as cabeças das pessoas ainda mais confusas.

Sérgio Danilo

ESPERTAS

Bancário assassinado no Unibanco

A brincadeira do bancário José Joaquim dos Santos era a de contorcer o corpo, ficar todo mole e cair, fingindo estar sofrendo um ataque epilético. Ele trabalhava numa unidade do centro administrativo do **Unibanco**, na Via Raposo Tavares, São Paulo. Essa brincadeira foi a sua desgraça. Tinha colocado a marmita para esquentar e a moça da cozinha, que conversava com o guarda de segurança, o avisou que poderia apanhar a comida, que já deveria estar torrada, pelo tempo que estava no fogo. José Joaquim passou pela moça e fingiu cair no chão. O guarda não gostou da brincadeira, sacou da arma e disparou cinco tiros à queima-roupa.

José Joaquim foi internado no Hospital Cruzeiro do Sul, em Osasco. Dos cinco tiros, dois lhe vazaram os pulmões. A diretoria do Sindicato dos Bancários de São Paulo, publicou matéria paga na **Folha**, convocando todo mundo para o ato público de repúdio no centro da cidade, em frente a uma agência do **Unibanco**. Um dos diretores do sindicato subiu no banco de madeira e ia falando através de megafone, para muitos bancários que saíam do serviço, às 18 horas. Havia uma placa com os dizeres: "Bancário baleado, à beira da morte. Unibanco terrorista".

Neste ato público denunciou-se o absurdo dos bancos terem verdadeiras prisões, com batalhões de policiais fortemente armados. Também falaram dos baixos salários; da loucura, que é sintoma comum nos bancários; e citaram o caso de cinco funcionários do Banco Real, que foram alvo de suspeita de furto, e acabaram sendo torturados na polícia — a coisa não foi tão simples, afinal o chefe da segurança, nesse caso, era um capitão do exército.

No dia seguinte, fui tentar entrevistar José Joaquim. Tinha conseguido o número do quarto em que estava internado e me disseram que ele tinha se transferido para o Hospital de Fraturas da Lapa. No dia 20, segunda-feira, fui barrado na portaria do Hospital de Fraturas da Lapa. Disseram que tinha de falar, primeiro, com a assistente social. É que no dia anterior, José Joaquim tinha morrido. Liguei para o Instituto Médico Legal, informaram que ele já tinha baixado túmulo num cemitério de São Miguel Paulista. Peguei outra ficha telefônica, liguei para o sindicato. Não estavam sabendo de sua morte. "Como é, vão fazer alguma coisa?". Os diretores do sindicato disseram que não, porque estavam atarefados demais na mobilização da categoria, às vésperas do dissídio coletivo.

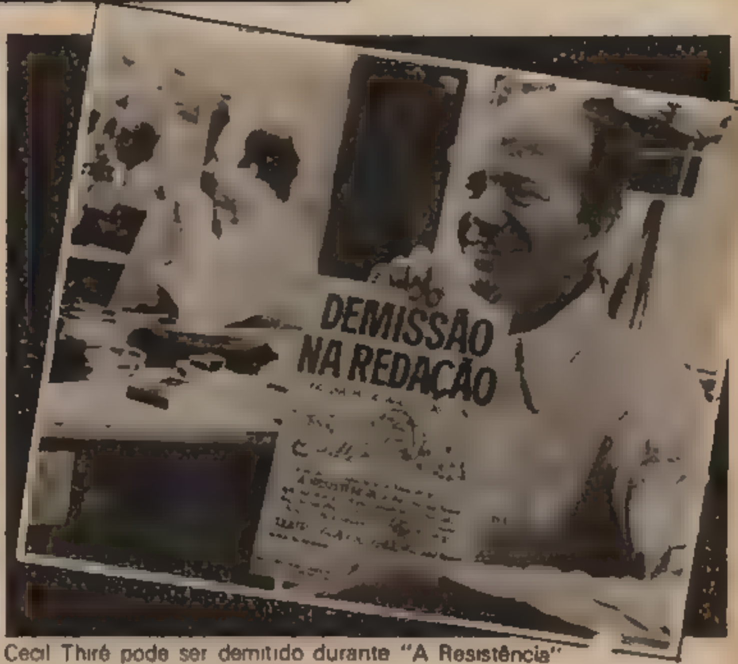
José Joaquim deixou mulher e quatro filhos. O assassino continua solto, trabalhando no banco e chegou a ameaçar mais três bancários, que segundo ele também já estão na sua mira.

Rivaldo Chinem

Despedidos pelo homem de Chagas

Nove professores foram dispensados da Escola de Teatro Martins Pena, no Rio de Janeiro, pelo diretor João Rui Medeiros, do Departamento de Cultura do Estado. Os professores foram contratados por Afonso Grisoli, diretor do Departamento no governo Faria Lima. A crise que desencadeou a demissão começou quando João Rui, ao ser empossado pelo governador Chagas Freitas, anunciou que iria transformar a Escola Martins Pena num centro de produção teatral, trazendo profissionais para ensinar e interpretar e dando aos 300 alunos os papéis secundários. Essa idéia do diretor foi frontalmente contra um trabalho iniciado há quatro anos por esses professores, que consistia em formar alunos para um teatro mais aberto, sem o ranço de uma sala burocrática e acadêmica. O resultado foi a demissão em massa.

Tim Lopes



Cecil Thiré pode ser demitido durante "A Resistência"

Bem que alguns coleguinhas, alguns chefes, chefetes, puxa-sacos, jornalistas — curtição ou mesmo os que dão dignidade à profissão e os que estão nas faculdades de Comunicação poderiam dar um pulinho no teatro Gláucio Gil (Rio de Janeiro) e assistir "A Resistência". É um tapa. Outros profissionais também devem assistir porque, na verdade, a peça da jornalista Maria Adelaide do Amaral retrata o conflito entre a empresa e o empregado.

A ação de "A Resistência" transcorre numa redação de revista no dia em que será anunciado corte de 120 jornalistas. É a ameaça do passaralho (mistura de pássaro com outra coisa), da degola, do corte com aquela desculpa manjada dos patrões: contenção de despesas.

— A peça são sete personagens representando vários tipos da classe média, reagindo diante de uma ameaça real que é o desemprego, brigando contra o comportamento do faminto empresário brasileiro. É um tema tão particular que se universaliza. O teatro só ganha asas se você sente a vida.

É o recado de Cecil Thiré, um dos atores e diretores de "A Resistência" premiada no Concurso de Dramaturgia do Serviço Nacional do Teatro, em 1976. A peça é boa, mostra mesmo o clima de uma redação, mas o que bate no peito como um soco e no final, depois dos aplausos, quando o próprio diretor dá um toque na platéia:

— Olha aí pessoal, queremos que vocês dêem uma força aí fora, falem da peça porque alguns jornais não estão boicotando o nosso trabalho.

Nos camarins, Cecil Thiré, que trabalha na TV Globo, disse que, por ordem do editor do jornal **O Globo**, a crítica feita por Flávio Marinho não foi publicada e na entrevista de Maria Adelaide do Amaral, no **Jornal do Brasil**, foi cortada a parte em que ela falava das demissões nas grandes empresas jornalísticas, o que a inspirou a escrever a peça.

Tim Lopes

Pau-de-arara fotografa pau-de-arara e expõe no museu

● "Tem pau-de-arara no museu" é o nome da exposição de fotografias que o menino Xirumba vai fazer de 21 de setembro a 10 de outubro no Museu de Arte Contemporânea de Olinda, Pernambuco.

Xirumba é de lá, pau-de-arara desde criancinha, menino-de-Olinda, um pouco como os muitos que andam pela cidade a contar sua história, a mostrar seus monumentos pros turistas. Xirumba um dia descobriu a fotografia. Pegou uma máquina, apertou o botão, fez clic e inscreveu a foto em um concurso. Pretensioso, não? Pois é, mas acabou ganhando o prêmio.

De lá prá cá não parou mais e sua exposição é o Nordeste em preto e branco. As pessoas, sempre as pessoas. Da Zona da Mata, do Agreste, do Sertão, fazendo o percurso da seca e da romaria, na ida e na volta prá cidade grande.

Suplemento da Tribuna faz 7 anos

Fundado há sete anos por José Costa, Lúcia Miners e Roberto Moura, o Suplemento da **Tribuna da Imprensa** vem cumprindo objetivos dos mais importante na literatura brasileira: divulgar o autor e a cultura brasileiros e dar uma força ao autor novo, tudo isso com uma linguagem descontraída, ativa, polêmica e bem diferente da linguagem dos outros suplementos, sem ismos, sem escolas, sem paternalismos e avesso às panelinhas. Todo sábado publica poemas, artigos, contos e tudo que se relaciona às artes em geral, além de ter uma parte dedicada à informação editorial, com apoio total aos nanicos/alternativos, pessoal que batalha seus livros de mão em mão.

Nasceu sob censura e, por isso, sofreu muitos cortes e pressões. Mas as coisas começaram a melhorar e o suplemento a crescer há um ano, quando deixou de existir a censura prévia, dando condições aos seus atuais editores — Paulo Branco, Wanilton Cardoso Affonso e Maria Amélia Mello — de, como diríamos, ampliar os horizontes.

A festa de aniversário foi no dia 1º. deste mês, com o lançamento do nº 329, especialmente dedicado à anistia, com textos, entrevistas, poemas e contos dos presos políticos.

Chico Júnior

Ratos, baratas e demissões no Correio

"Sou funcionário da ECT — Empresa de Correios e Telégrafos há um ano, trabalho na Gerência de Operações Telegráficas, e todo esse tempo vivendo sob pressão, sem poder dizer nada. Nosso gerente, sr. Guido Jorge Moassab Filho é um opressor de primeira categoria e tem carta branca do Diretor Regional do Correio de S. Paulo para fazer o que bem entender. De uns tempos para cá surgiu um movimento para criação de uma Associação dos funcionários (depois da morte de um carteiro em um dos hospitais do Convênio do Correio, o Comepa e depois da decisão da CMTC — Cia. Municipal de Transportes Coletivos de cobrar passagem dos carteiros e mensageiros). Desde a primeira assembléia (7 de agosto) estamos sendo ameaçados e enganados pela diretoria para que não lutemos por nossos direitos. No Correio tem um Boletim Interno, uma espécie de jornalzinho pros chefes fazerem média com a gente e mesmo assustar. Nesse Boletim saem os demitidos, demitidos por justa causa; a diretoria tenta nos intimidar publicando artigos da CLT e coisas assim. Talvez eu não esteja sendo muito claro, [redacted] é que hoje (16 de agosto) foram demitidos por justa causa dois colegas meus. Sabe qual o motivo? Participar da reunião que houve ontem, para formação da Associação. Poxa vida, isso tira a gente do sério, será que não podemos ter uma Associação, como tem na Embratel — Empresa Brasileira de Telecomunicações? As outras empresas de telecomunicações deram 50% de aumento, só o Correio deu 44, e nós não podemos falar nada, não podemos falar das péssimas instalações onde nos colocam para trabalhar, com sujeira, baratas, ratos; o pessoal trabalha com medo de ser demitido, de levar repreensão, suspensão, por coisas simpes, como atrasos, por exemplo: atrasou mais que cinco minutos pela segunda vez, perde um dia e meio de serviço. Se reclamar na chefia, a resposta é: não está contente, peça demissão. Hoje fiquei puto com a demissão de meus dois colegas (soube que no total foram 27 os demitidos por justa causa depois da reunião), sabemos que em Belo Horizonte está tendo ou teve greve nos Correios, só sabemos isso por boatos, desde terça-feira há uma ordem aqui no Correio para que não seja aceita nenhuma mensagem telegráfica para Belo Horizonte, mas isso a gente só sabe porque trabalha lá dentro, em jornal nenhum de S. Paulo saiu a notícia." **(A carta está assinada, mas preferimos omitir o nome do remetente, por decisão da Redação, para não complicá-lo.)**

● ● ● ● ● ● ● ● ● ● ● ● ●

"Hoje, 17 de agosto de 1979, 15 anos, oito meses e sete dias após Luther King ter recebido o prêmio Nobel da Paz, inicia-se em Machado a maior festa folclórica da cidade, uma das maiores do país, a congada.

Os maiores responsáveis por esssas festas, congada e carnaval, foram os **bantos** de Angola, amantes das festas de rua; a maior fonte de renda turística do país é o carnaval, e nas cidades menos privilegiadas é a congada, como é o caso de Machado que chega a dar uma renda líquida à paróquia de quase um milhão de cruzeiros, isto é: um bi.

Esta festa é animada nos seus três dias principais por noventa por cento de negros, sendo que a maioria, porque não dizer, oitenta por cento são bóias-frias, que o ano todo fazendo suas economias se preparam para que quando chegar o mês de agosto possam dar seqüência à inteligente estrutura montada pelos **bantos** de Angola que aos poucos está sendo lapidada.

Eu que estou sempre em contato com esses inteligentíssimos cultivadores de cultura de um povo que foi vítima de uma minoria de demagogos, fico a pensar: meu Deus, como eles conseguem fazer tudo isso? Comprar fardas (roupas) para dançar três dias, sair da roça e alugar casa na cidade durante a festa, perder cinco dias de serviço.

Meu Deus do céu, é preciso mais um pouco de amor, compreensão, a vida está muito cara, o custo de vida não pára. Os bóias-frias não ganham suficiente para enriquecer o turismo de uma cidade

Eu fui criticado certa vez por um cidadão que apenás se deu ao luxo de defender uma filosofia da qual não entende bulufas, simplesmente porque sugeri que a paróquia deveria construir uma casa para os congadeiros, onde eles teriam quartos, banheiros, boa alimentação e a roupa de graça, isto é pedir muito?

Eu pesquiso a cultura negra, que é alimentada pelos bóias-frias na fonte, não fico sentado em gabinetes esperando matérias deturpadas. Quarta-feira, dia 15, três bóias-frias foram roubados enquanto estavam na roça apanhando café. Sabe o que eles iam fazer com aquele dinheiro? Comprar roupas para a congada, os três que foram roubados são meus vizinhos.

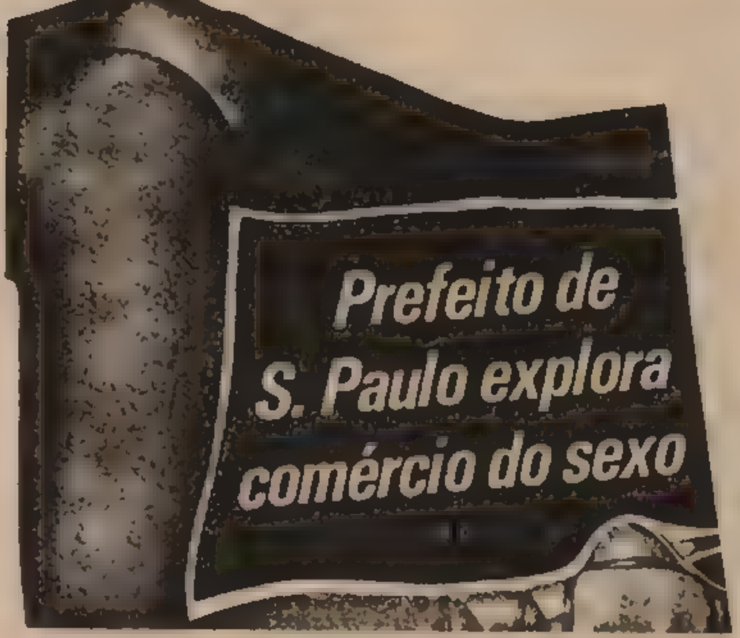
E tem mais, esses bóias frias compram violão, pandeiro, banjo, pele para os instrumentos de percussão, cavaquinho, encordoamento etc., etc... Alguém já parou para pensar, nisso? Meu Deus do céu, êta mundo." (José de Souza, Machado — MG)

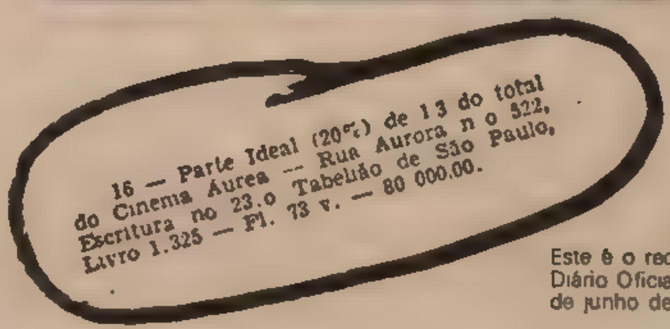
Companhia quer queimar Trindade

"Estou desesperado com a situação dos pescadores de Trindade. Estão perdendo suas casas e, conseqüentemente, suas vidas. Alguns já morreram — outros morrerão. Estive com alguns pescadores ontem (20 de agosto) e foi muito triste ouvi-los. Informaram-me que no próximo dia 29 haverá um "ataque" da parte interessada na posse da região. Prometeu a companhia que neste dia as casas serão queimadas.

Não me espanto com essa situação, já que esta tem sido a prática de extermínação de populações miseráveis inconvenientes ao "decor" dos locais de lazer abertos à alta burguesia ao longo da estrada Rio-Santos. Aliás, quase todo o litoral sul-fluminense deste 2.º Distrito (Paraty) já é privativo — Laranjeiras e a "fazenda" de um tal dr. Gibrail Tanos, dono de uma grande região litorânea.

Eu não faço parte dessa gente sofrida. Sou um dos que tomaram conhecimento da luta dos trindadeiros in loco. Não assinarei esta denúncia. Estou muito só." **(João-Chelo-de-Medo-de-Assinar, Paraty-RJ)**




16 — Parte Ideal (20%) de 13 do total do Cinema Aurea — Rua Aurora n o 522, Escritura no 23.o Tabelião de São Paulo, Livro 1.325 — Fl. 73 v. — 80 000.00.

Este é o recorte do Diário Oficial de 21 de junho de 1979

Venho pela presente esclarecer que o prefeito de São Paulo, Reynaldo Emygdio de Barros, não é proprietário, nem diretor, nem tem qualquer interesse, próximo ou distante, na empresa que explora espetáculos no Cine Áurea.

Causou-me estranheza a reportagem publicada pelo "REPORTER", em sua edição de n.º 20, de agosto de 1979, de autoria do repórter Rivaldo Chinen, na qual o nome do Prefeito de São Paulo é envolvido de forma irrealista e inverídica. É preciso deixar bem claro que Reynaldo de Barros não é proprietário da empresa que dirige o Cine Áurea, mas, simplesmente co-proprietário do imóvel, que se acha locado a terceiros.

Assim mesmo, possui ele somente 2,222% (dois, duzentos e vinte e dois por cento) do referido imóvel situado à Rua Aurora, n.º 522, conforme escritura de venda e compra lavrada à fls. 73v do livro 1325 do 23.º Tabelionato da Capital.

Há muitos anos acompanho o Eng.º Reynaldo de Barros e posso testemunhar que nada existe que o desabone, tanto em sua vida pública quanto privada, razão pela qual solicito a atenção de V. Sas. para abordagens semelhantes. Não sou contra críticas, desde que elas sejam baseadas na verdade e possam corrigir distorções." **(Jorge Paulo Elias — Informação e Comunicação do Gabinete do Prefeito — São Paulo — SP).**

N.R.: Caro Jorge Paulo Elias: conforme a Declaração de Bens do seu chefe, publicada no Diário Oficial de 21 de junho passado (veja recorte) ele tem parte do cine Áurea mesmo, e não do predio. (Quando se trata de prédio, a Declaração fala em "imóvel", e como você pode ver, nesse caso está citado o "cinema Áurea".) Irrealista e inverídica, portanto, ou é a Declaração de Bens dele ou a sua carta.

EXPOSIÇÃO NO
BAR DO ARNALDO
de 20/8 a 3/9 – Pedro Chaves e César Augusto
FOTOGRAFIA – Tema: Primeiro Passo
de 17/9 a 1/10 – Luciana Petrelli
FOTOGRAFIA
R. Almirante Alexandrino, 316-B - SANTA TERESA

LEITORES

REITOR TEM MEDO DE HOMOSSEXUAL

Recebemos carta de um professor da Universidade Cândido Mendes (RJ) em que ele afirma que o reitor de lá, prof. Cândido Mendes, mandou suspender uma workshop (palestra/debate) de um professor australiano Dennis Altman, Professor Titular de Política Norte-Americana da Universidade de Sidney. O mais grave é que a suspensão se deu quando Dennis Altman já tinha vindo ao Brasil, especialmente convidado há três meses. Tema do debate: Identidade Sexual e Sociedade Repressiva: Perspectivas de Mudança. Ou, em outras palavras, a questão do homossexualismo. Até o Conselho da Universidade se reuniu para decidir se permitia ou não a workshop, em 31 de maio; e a resposta do Conselho (integrado pelo reitor) foi positiva. Mas dia 6 de agosto, quando o australiano chegou ao Brasil, o reitor voltou atrás. O professor diz, na carta:

Como é possível que um reitor e presidente de duas respeitadas organizações (Comissão Justiça e Paz e Associação Internacional de Ciência e Política), possa assustar-se com idéias há tantos anos debatidas nos mais importantes centros acadêmicos? Que tão grande terror pânico pode inspirar a exposição de um renomado professor universitário (autor do livro Homossexual — Oppression and Liberation, *editado nos EUA, Inglaterra, França, Itália e Austrália) a um reitor brasileiro, a ponto de o último renegar o voto de aprovação a convite feito há quase três meses e que não se teria materializado se, em maio, o mencionado reitor a ele se tivesse oposto? Supõe-se que um reitor tenha educação, e até uma educação esmerada (...) e, entretanto, ignorando as mais comezinhas regras de cortesia, oito dias antes da* workshop *detidamente planejada durante mais de dois meses, o prof. Cândido Mendes resolve, simplesmente, dar o dito por não dito. Aguardemos, agora, a reação da Universidade de Sydney à afronta feita a um dos componentes do seu corpo docente.* (João Antonio de Souza Mascarenhas — RJ)

Vítima da bomba quer a verdade

"Eu, José Costa Neves, brasileiro, pernambucano, reservista de primeira categoria do Ministério da Marinha, eleitor, formado em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco, tendo sido afastado do serviço ativo militar em 1964, na graduação de cabo (Fuzileiro Naval), segundo se disse na época, "por motivos políticos" e, tendo sido vítima de prisões injustas e arbitrárias na vida civil, além de arrostar uma marcação e perseguição sistemática pelos que fazem o "sistema dominante" e, em certas épocas, também pela polícia de Pernambuco, passo a esclarecer, o seguinte:

(...) Após ser desligado da Marinha, vim para minha terra e aqui, sonhando com a profissão de jornalista, ingressei, como aprendiz, no *Jornal do Commercio*, que me enviou para o setor do aeroporto, onde a 25 de julho de 1966, estourou uma bomba terrorista e eu, na qualidade de repórter, fui convocado para depor, por ordem do "coronel Helio Ibiapina", então chefe da 2.ª Seção do IV Exército. Ali chegando, senti logo o cheiro da repressão. Um tal de capitão Bismarck mandou que três parrudos e mal-encarados policiais me algemassem, levando-me aos empurrões para uma masmorra onde fiquei, rigorosamente incomunicável, durante cinqüenta longos dias, sem que meus parentes soubessem onde eu estava, o que levou minha irmã mais velha a traumas tão profundos que até hoje vêm abalando sua saúde.

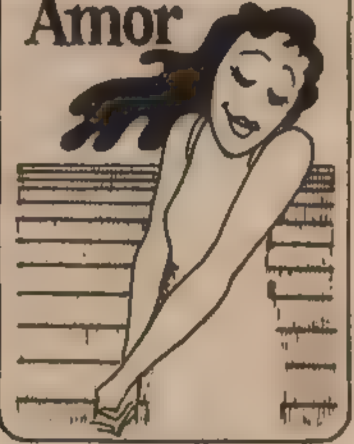
Quando me liberaram, de maneira irresponsável e cínica, voltei ao *Jornal do Commercio* e lá estava minha demissão sumária; no jornal havia uma "ordem" para que meu nome não fosse divulgado, nem a favor nem contra, o que me deixou intrigado.

Voltando ao Exército, autor da minha prisão, pedi Justiça aos oficiais e um deles disse que não daria a folha-corrida, "para não armar mais um inimigo". Quando lhes perguntei pelo resultado das investigações sobre o atentado dos Guararapes, um major me respondeu: "Se queres o resultado, vais investigar sozinho...". A partir daí, passei a desacreditar nas "boas intenções" dos homens encarregados de trazer a verdade sobre a autoria daquele ignominioso crime contra a nação brasileira. E, para tristeza de todos nós, eles ainda acobertam essa verdade, que a honra brasileira exige.

Tenho sido um brasileiro ferrenhamente perseguido por causa daquele acontecimento, que presenciei, fato testemunhado também por muitos jornalistas que lá se encontravam, pertencentes aos jornais daqui e de outras regiões, os quais dizem saber de muitas coisas que lhes proibiram divulgar.

Diante do exposto apresento-me para ser julgado pelo Tribunal de Opinião Pública e perguntar aos homens justos do meu país se eu mereço anistia."

Cartas de Amor



Nesta parte da seção de Leitores, REPÓRTER vai publicar cartas de amor. Mande-nos cópia de alguma que você tenha escrito a uma pessoa amada. Junte o seu nome e endereço. Não precisa revelar o destinatário.

"Meu amor, eu queria dançar contigo, brincar contigo, cantar contigo, rolar contigo e te amar.

Sube amorzinho meu, o meu pênis é o termômetro do amor que sinto por você.

Quando penso muito em você, ele vai ficando erecto, duro e musculoso.

É um lance assim de puro amor.

A maioria dos carinhas nunca escrevem, "nem escreveriam", um toque desse para suas garotas. Mas eu não sou um deles. Não vou esconder um lance assim, que eu propriamente acho tão bonito.

Esse negócio de vedar o prazer é sujo, fraco e besta. É um lance de repressão, vem de cima, vem das cucas dançadas dos velhos hipócritas que rejem o país com um regime político arbitrário e fudido.

Assim como luto pelo socialismo, também luto pelo prazer de um amor livre e gostoso, porque a mesma boca que me beija a boca, pode muito bem (e até deve!) me chupar o pau, ou vice e versa.

Dizem que a minha visão ideológica de liberdade é utópica. Sendo assim, é a utopia mais linda do universo, porque é idealizada em função da humanidade. Não me grilo por ser assim louco, lindo e livre, até gosto.

Curto pra caralho esse lance de me entregar, as coisas que faço e as pessoas que amo, com a mesma vontade e loucura.

Sabe, eu continuo do mesmo jeito, tentando rimar guerrilha com orgasmo, rifle com rosa e beijo com bala.

E meu amor por você continua tão intenso como dantes.

Beijos calientes." **(Aroldo Pereira — Montes Claros — MG)**

Ferroviário conta os podres da Rede

A classe dos ferroviários deve estar sendo enganada por um compló do sindicato com a alta cúpula da Rede Ferroviária.. O sindicato da classe deve estar recebendo uma nota muito alta para abafar alguma ameaça de revolta. Isto porque, quando o sindicato notou que o pessoal estava vivendo num clima de insatisfação devido ao baixo nível salarial, oriundo do desgraçado plano de classificação, que deixou mais da metade do pessoal que conta com mais de seis anos de casa no início de carreira, procurou acalmar os nervos do pessoal. A princípio inventaram um aumento de 57% que seria pago a partir do dia 1.º de maio. E tudo ficou na base da conversa porque a grana não saiu e o salário continuou repassado. De lá pra cá, eles continuaram com o jogo sujo e o aumento só ficou na base dos 44%, mais tarde editaram um boletim apresentando novas reivindicações através de uma revisão no plano de classificação, que seria na base de 3 ou 4 níveis, de acordo com as funções de cada um. E outra vez o papo furado do sindicato prevaleceu, porque desgraçadamente eles inventaram uma outra mentira: disseram que a Rede daria um abono de emergência na base de 20% até que ficasse resolvido a revisão do plano de classificação, e mais uma vez a classe foi vergonhosamente enganada.

A verdade nua e crua é que nós, os ferroviários, não temos culpa da empresa estar mal dirigida e estar devendo uma quantia incalculável, porque renda ela tem, e suficiente para ser uma empresa equilibrada. Mas a empresa atualmente tem mais gente que manda do que os operários que trabalham e que realmente dão produção. Olha, se formos analisar tudo nos maiores detalhes, é bem capaz de ter um engenheiro para cada dez funcionários. Entre médicos e engenheiros dá um total de mais ou menos cinco mil homens, ganhando em média Cr$ 50 mil mensais, mais com o roubo e outras coisas que depois é transformado em dinheiro, e, somando também os ganhos com horas extras e diárias, que são caríssimas, devem de ter um salário de mais ou menos Cr$ 70 mil. O pior é que no meio dessa cambada tem gente boa, mas também tem muita gente de diploma comprado, só no prédio da gerência em Juiz de Fora tem mais de oitenta engenheiros cossando o saco, e além do mais só sabem dizer um monte de besteiras, como o tal de Dr. Lauro Martiniano do Amaral que chamou os maquinistas de Santos Dumont de ladrões, porcos e até mesmo de chifrudos, eles gostam muito de usar o poder para humilhar as classes inferiores.

Aqui é assim, tudo o que acontece de ruim com um trem de ferro, o desgraçado do maquinista é o único culpado e a única palavra que ele ouve é: eu te ponho no olho da rua.

No final das contas a Rede Ferroviária Federal é uma casa de doido governada por malucos. Isso aqui é pior que a pobre da polícia civil, o governo tira um coronel que já está cheio de reumatismo lá na reserva e que entende somente de táticas militares e manda pra ser presidente da Rede, ao invés de colocar um cara que entende do riscado, é a mesma coisa que colocar um geólogo para dirigir um corpo clínico hospitalar. Aliás, aqui no Brasil nunca se coloca as pessoas certas nos lugares certos. E com isto as coisas só tendem a piorar. Atualmente, existem mais de cinco mil processos de funcionários que entram na Justiça contra a Rede, depois eles querem que o funcionário trabalhe satisfeito. O maquinista e seus auxiliares, que são os principais responsáveis pelo grande movimento de trens, porque eles é que os fazem andar dando a grande renda para o bolso dos ladrões, não tem um pingo de valor, e o pior é que muitos acham que eles ganham demais."

(J. M. Ribeiro, Santos Dumont — MG).

Flamengo não tem grana pra segurar time em 80

Eduardo Motta, diretor de futebol do Flamengo, admite: não há como segurar os craques do time em 1980. "A meta é o tri", diz ele, "depois, nossa missão está encerrada". Se está assim o clube recordista mundial de público — média de 68 mil pessoas por jogo este ano — o que dizer de Vasco, Flu ou América? Ou muda a estrutura do futebol, ou não vai haver grana pra renovar os contratos de Zico e Cia. nas próximas temporadas.

Reportagem de Maria Helena Araújo

"Entrar em campo custa 659 mil. Cada partida dá, em média, 728 mil"

Vão vender o Zico e equilibrar as finanças do Flamengo!

Um simples boato desse tipo pode provocar declarações de paixão nas pessoas de classes sociais mais variadas, desde um mendigo até um figurão da alta sociedade, acostumado a badalações de colunas sociais e outros bichos.

— Nunca! Se fizerem isso estarão matando parte de mim. É como se fosse um filho que morresse. Meu marido já morreu pelo Flamengo e eu ainda acabo do mesmo jeito.

A declaração é de Dona Laura, viúva de Jaime de Carvalho, fundador da primeira torcida organizada no Brasil, a Charanga, hoje entregue nas mãos dela, herdeira da paixão que o marido tinha pelo clube.

O torcedor, simbolizado, no caso do Flamengo, por Dona Laura, não quer saber de justificativas. Para ele, não interessa se o clube está bem financeiramente, se a folha de pagamento é pesada, se é necessário o clube vender um ídolo para se desafogar ou, em casos extremos, se é necessário se desfazer do patrimônio. Ele quer time e, se possível, o desabafo de um grito de gol a cada minuto. Isso é o que importa. Para o torcedor botafoguense, por exemplo, não há desculpas para o clube ter abandonado General Severiano.

No portão do campo da Gávea uma fila enorme de garotos espera por uma chance de treinar na escolinha. O sonho de vestir a camisa rubro-negra está ali, prestes a se realizar e não há um só entre aqueles pequenos meninos que não saiba responder de imediato quanto ganha Zico no Clube.

— Cr$ 350 mil — responde um neguinho que sonha ser o Adílio.

Mas dificilmente aqueles meninos, ou até mesmo a maior parte da torcida rubro-negra, saberia responder a uma pergunta: quanto custa ao Flamengo entrar em campo?

Pois é, só para entrar em campo o clube desembolsa, por jogo, Cr$ 659 mil.

Caro, muito caro para um clube que, apesar de ser bicampeão, de ter a maior torcida do país e de ser considerado um dos melhores times do momento, arrecadou em média por jogo neste primeiro semestre Cr$ 728 mil, com média de 68 mil pessoas por partida, um recorde mundial, sabiam?

Se, tratando-se de Flamengo, as coisas estão nesse pé, como estarão os demais grandes clubes cariocas, Botafogo, Vasco e Fluminense, que não andam nada bem, levando constantes prejuízos em rendas? O Fluminense, por exemplo, líder do campeonato, conseguiu levar ao Maracanã, no jogo com o América, só 18 mil pessoas. E os dirigentes arrancam os cabelos e não vêem solução mais imediata do que vender um jogador importante por bom preço. Foi isso o que aconteceu com Fumanchu, melhor jogador do time, vice-líder na artilharia, com 18 gols, que teve de ser negociado por Cr$ 5 milhões e 400 mil ao América do México. A torcida não entendeu, esbravejou, é claro, mas esqueceu que essa verba vai ser destinada ao pagamento dos demais jogadores, cujos salários estão atrasados desde junho. Quem sabe agora, motivados pelo pagamento, eles não entram em campo com outro ânimo?

E partindo deste raciocínio, pode-se até dizer que o Flamengo vai bem. Tem time, os salários estão em dia, o tri pintando e, o que é mais importante, a galera está feliz. Feliz sim, mas não comparece aos estádios em grande número porque sabe que não existem adversários à altura. O que fazer, então? Os dirigentes do Flamengo adotam uma política diferente dos outros. Enquanto Fluminense, Vasco e Botafogo se desfazem de jogadores, a fim de equilibrar as finanças, o Flamengo compra, com o mesmo objetivo, já que isso motiva o torcedor a comparecer aos jogos. O exemplo de Beijoca está aí mesmo. Foram Cr$ 5 milhões, mas a torcida quer vê-lo jogar e comparece.

Eduardo Motta, diretor de futebol do Flamengo e homem que tem todas as contas do clube na ponta da língua, é realista e diz que com toda a campanha empolgante que o clube vem fazendo, no fim do ano estará tudo no zero a zero:

— Vamos terminar o ano sem prejuízos nem lucros. Já é um grande negócio, partindo do princípio que em 78 tivemos um *deficit* de Cr$ 9 milhões. Foi uma loucura pra equilibrar. Já pensou se o time não estivesse bem?

No primeiro semestre deste ano, em que o Flamengo se sagrou bicampeão carioca e conquistou a Taça Guanabara, o clube gastou com o departamento de futebol um total de Cr$ 18 milhões 996 mil. Até que não foi muito em seis meses, mas torna-se exagerado quando se toma consciência que a recompensa é muito pouca. Em arrecadações, computados os jogos de juvenis nestes primeiros seis meses, o clube adquiriu Cr$ 30 milhões, mas gastou 27, com outras despesas imprevistas e que não fazem parte da folha mensal. Lucro de Cr$ 3 milhões em seis meses.

— Mas e quando o Campeonato Nacional chegar? Não vai dar pra saída. A despesa de hospedagem e passagens, que este semestre chegou a apenas Cr$ 18 mil, vai, sem dúvida, triplicar — explica Eduardo Motta.

O gasto do clube com a folha de pagamento dos jogadores nestes seis meses foi de Cr$ 4 milhões 500 mil, o que dá uma média mensal de Cr$ 750 mil. Em luvas foram distribuídos Cr$ 3 milhões e 600 mil e em bichos, Cr$ 6 milhões. E quando se fala em quantias elevadas para o torcedor ele tem logo uma saída:

— Só o Zico é responsável por metade dessa despesa. Ganha muito!

Mas aí cabe uma pergunta para o mesmo torcedor:

— O que vale mais a pena, ter dívidas e craques no time ou não dever a ninguém, mas frustrar a torcida com jogadores medíocres?

Na certa, o presidente Charles Borer, do Botafogo, optaria pela segunda solução. O clube não deve a ninguém, tem um campinho razoável em Marechal Hermes, mas não vê título há 10 anos. Como clube no Brasil é sinônimo de futebol, essa política está errada e talvez todos estivessem em melhores condições financeiras se os times se equivalessem tecnicamente. O torcedor adora uma rivali-

dade, no fundo ele é um masoquista.

A maior prova disso aconteceu quando o Flamengo conquistou a Taça Guanabara deste ano. O jogo foi na Ilha do Governador, contra a Portuguesa, um título conquistado por antecipação. A torcida saiu do estádio como se nada tivesse acontecido. Não se ouviu nem o tradicional coro de "campeão, campeão"!

— Virou rotina — diziam os torcedores à porta do estádio.

E eles tinham razão. Perde a graça.

O presidente Márcio Braga tem em Francisco Horta um ídolo e talvez tenha imitado a filosofia do ex-presidente tricolor: comprem que a torcida garante. E garantia mesmo. Em 75/76, o Fluminense bateu recordes de renda em tudo que foi lugar do Brasil e no futebol carioca tinha o que falta hoje

Foto Paulo Adario

O Vasco liquidou seu timão, vendeu Dirceu; a coisa piorou

Foto Agência JB/Ronaldo Theobald

Coutinho agora também é uma estrela cara, frequenta o soçaite (na foto com Jorge Guinle) e ganha 150 mil

Eduardo Motta

ao Flamengo: rivais, com jogadores de valor. O Vasco, por exemplo, além de Roberto, tinha um meio campo formado por Zanata, Zé Mário e Dirceu, que até hoje faz falta.

Hoje, só para se fazer uma comparação, abre-se as páginas esportivas dos jornais e a manchete do Botafogo é:

— Miltão ou Ricardo, a terrível dúvida de Jorge Vieira.

A política dos grandes craques ou das contas em dia chega a perturbar o torcedor e ele se pergunta constantemente: será que depois do tri o Flamengo vai se desfazer dos seus jogadores?

A resposta de Eduardo Motta, por mais sutil e inteligente que seja, não tranqüiliza a torcida.

— Compramos o Beijoca para dar o tri a essa torcida. Não sei quando vamos recuperar esses 5 milhões, mas o importante é não frustrar essa galera, justamente na hora dessa conquista.

E depois, será que a diretoria do clube vai dar

"Vamos terminar o ano sem lucro nem prejuízo. Já é um grande negócio porque em 78 tivemos um déficit de 9 milhões. Foi uma loucura pra equilibrar."

Eduardo Motta, diretor do Flamengo

por cumprido o seu dever e sair vendendo todo mundo para botar as dívidas em dia?

O raciocínio não deixa de ser lógico quando se fala nos cinco maiores salários Flamengo: Zico recebe Cr$ 350 mil; Carpeggiani está com Cr$ 150 mil; Toninho, Cr$ 90 mil; Cláudio Adão, Cr$ 75 mil; e Rondineli, Cr$ 75 mil. Isso, sem incluir as luvas, que em seis meses, para um total de 23 jogadores, chegou a Cr$ 3 milhões 600 mil, dando uma média de 600 mil por mês. Como manter estes cobras no time sem as rendas? Não se pode esquecer, também, que no comando dos cobres existe outra estrela: Cláudio Coutinho, que recebe Cr$ 150 mil mensais e mais bichos em dobro.

E o torcedor, que nunca toma conhecimento destes detalhes internos do seu clube de coração, chega à conclusão que precisa torcer também para que os outros clubes cariocas se fortaleçam.

— Ah, eu nunca vou torcer para o Fluminense comprar um Zenon ou o Vasco comprar o Falcão, por exemplo. Aí a coisa vai endurecer pro Flamengo. Fica tudo mais difícil — comenta um rubro-negro numa roda de torcedores na Gávea.

— Não fica não, cara. Aí você vai ver como os clubes vão poder respirar. Vai dar mais rendas.

— E eu quero saber de renda! Eu quero ver o Flamengo na frente, campeão.

Perfeitamente justificável o pensamento do torcedor, mas ele nem imagina que só na manutenção do campo da Gávea, o seu clube gasta Cr$ 90 mil em um semestre, ou que o material de treino para os jogadores requer uma despesa de Cr$ 300 mil, sem falar no contrato que quase todos os clubes têm com a Adidas (fábrica de material esportivo). A concentração, por exemplo, é um caso à parte no Flamengo, que tem uma casa em São Conrado. Mesmo assim, o clube gastou na alimentação dos jogadores Cr$ 350 mil. Já imaginaram, então, o gasto do Fluminense, que a cada jogo vai para um hotel?

Para o torcedor, o futebol se resume em 11 caras correndo dentro de campo atrás da bola. Roupeiros, massagistas, médicos, técnicos, preparadores físicos são esquecidos, mas, somando-se, o quadro de funcionários chega a quase 130 pessoas trabalhando para o futebol do Flamengo. Só em empregados o Flamengo desembolsou, de janeiro a julho, Cr$ 1 milhão 189 mil.

Diante desta situação alarmante, o presidente Márcio Braga está elaborando um plano para salvar o seu e os outros clubes da falência. Nada pôde, ainda, ser divulgado, mas já se sabe que ele será encaminhado ao presidente do CND, Giulite Coutinho, contendo num dos itens a divisão de preços nas arquibancadas dos estádios. No Maracanã, por exemplo, o torcedor que assistir ao jogo na faixa de meio-de-campo pagará mais caro. Talvez assim o futebol brasileiro comece a ter rendas mais significativas, como foi recentemente a do jogo entre Brasil e Argentina, no Monumental de Núñes, que chegou a Cr$ 18 milhões. Essa divisão de lugares nos estádios já existe há muito em campos europeus e é, em parte por isso, que as rendas são fabulosas.

O futebol é muito mais complexo que o torcedor possa imaginar. No fundo, ele sabe disso, mas o coração fala mais alto que a razão e não há nem nunca haverá justificativas aceitáveis para vendas de jogadores, trocas de sedes, atrasos de salários e outros fatores já comuns no futebol carioca.

Quando Paulo Ribeiro ainda era diretor de futebol do Fluminense, chegou a declarar que o Fluminense não arrumava hotéis para se concentrar porque na administração de Horta as contas tinham ficado penduradas e agora o clube não tinha mais crédito.

Verdade ou não, o fato é que a torcida do Fluminense tá muito pouco interessada no crédito que o clube tem junto aos hotéis. Ela está interessada é em ver um novo Rivelino, um Doval... Tanto é que, recentemente, o ex-presidente Horta foi recebido com um enorme carnaval nas arquibancadas. É um ídolo e fez por onde receber esse título.

A torcida quer é time!

Fla gastou quase 19 milhões em seis meses

De Janeiro a Julho de 79

SALÁRIOS	
Técnicos —	Cr$ 1.782.000
Médicos (5)	Cr$ 713.000
Empregados —	Cr$ 1.189.000
Jogadores (23) —	Cr$ 4.494.000
Luvas —	Cr$ 3.600.000
Material de treino —	Cr$ 300.000
Hospedagem e alimentação	Cr$ 18.000
Alimentação na concentração	Cr$ 350.000
Despesas diversas	Cr$ 300.000
Bichos	Cr$ 6.000.000
Medicamentos (incluindo uma cirurgia)	Cr$ 160.000
Manutenção do campo	Cr$ 90.000
Total de gastos computados	Cr$ 18.996.000

● Para quem não sabe aqui vai mais um apelido de Zico, que ficou famoso por "Galinho de Quintino", "Rei Arthur" e "10 de [illegible] na [illegible] [illegible] apelido dado pelos jogadores por [illegible] do seu nariz característico.

Rondi não sabe quando bola tá fora de jogo

O jogo era Flamengo e Serrano. Num lance de linha de fundo, Rondineli disputa a bola com um atacante adversário. A bola ficou em cima da linha. Rondineli achou que o juiz daria bola fora, mas disso se aproveitou o atacante do Serrano para ganhar o lance. Passado o susto provocado pela sua bobeira, Rondineli partiu para cima de José Roberto Wright e reclamou.

— O senhor não viu que a bola saiu?

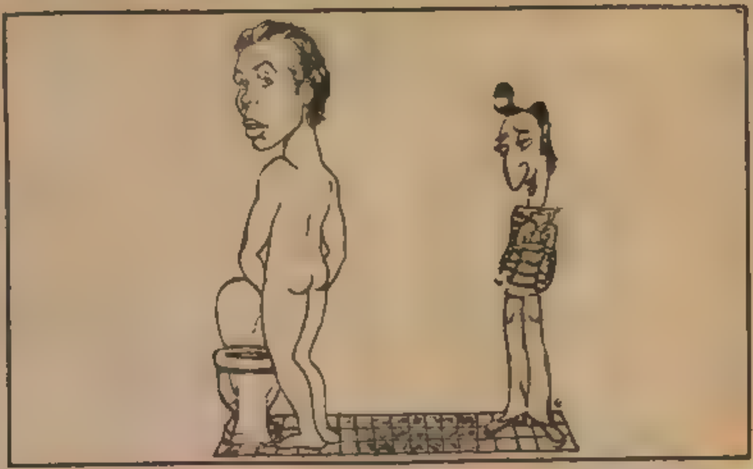
— Não saiu — respondeu o juiz.

— Ela ficou em cima da linha — insistiu Rondineli.

— Meu filho — explicou pacientemente o juiz — sou pago para apitar e não para ensinar regras de futebol a profissionais. Mas se você quer saber, a bola só é considerada fora, quando transpõe totalmente a linha demarcatória.

Além de Ramirez, o fotógrafo Chiquito Chaves também fez a foto histórica

FÃ ARDOROSO ENCABULA LEÃO



Pode-se dizer que o goleiro Leão já passou por inúmeras experiências como jogador. Da grande defesa ao frango, ele já enfrentou críticas e elogios, sem se perturbar mais que o normal. No entanto, até hoje, na sua longa carreira de profissional, ele ainda se surpreende com certas coisas. Uma delas se refere à freqüência dos vestiários depois dos jogos.

— Às vezes chego a ficar parado num canto, só sacando qual é a dos intrusos.

E o pior é que metade das pessoas que estão no vestiário não estão nem um pouco preocupadas com entrevistas, autógrafos e camisas. Alguns conservam sempre a cabeça um pouco inclinada para baixo, só observando os físicos. Outros não faltam a nenhum jogo e batem ponto no vestiário. Sinceramente às vezes me divirto, às vezes fico até encabulado com tanta cara de pau.

Vestiário é, a partir desta edição, a coluna de futebol do REPORTER. Vamos contar os bastidores dos grandes jogos, dos treinos. O cotidiano de jogadores e cartolas, o que eles pensam e dizem do jeito que dizem.

Do técnico Oto Glória, depois de alguns dias de trabalho no Vasco, do qual já foi técnico há alguns anos: — A merda no Vasco continua a mesma. Só mudaram as moscas!

A estranha preleção de Zé Duarte, ex-Flu

Uma das maiores curiosidades do torcedor é saber como é feita uma preleção antes do jogo, ainda no vestiário, e aqui vai uma, feita pelo ex-técnico do Fluminense, Zé Duarte, recentemente, minutos antes de um Fla x Flu:

— Todos em volta de mim, por favor dêem as mãos — pediu o técnico.

Os jogadores obedeceram, sem muita convicção.

— Agora — prosseguiu Zé Duarte — tenham pensamento positivo.

E durante dois ou três minutos o técnico se manteve de olhos fechados, como se mentalizasse a vitória, enquanto a maioria dos jogadores se entreolhava, cabreiros da eficiência do método de treinador.

— Por favor tragam a prancheta — pediu o técnico.

Um funcionário atendeu prontamente, enquanto os jogadores continuavam de mãos dadas. E Zé Duarte começou a dar as instruções:

— O número 2 cobra faltas na intermediária; o nº 3 bate lateral; o 7 e o 11 cobram escanteio; o 9 e o 10 fecham na grande área; o 8 bate pênalti.

E assim terminou a "preleção" de Zé Duarte, com os jogadores, ironicamente olhando uns nas costas dos outros, a fim de identificar os tais números e funções.

Pode?

Pro Beijoca, só falta agora munição

Os repórteres esperavam que Beijoca aparecesse para uma rápida entrevista coletiva e as piadas em torno do novo contratado do Flamengo eram as mais maldosas possíves. Da conversa participavam dirigentes, entre eles, o diretor de futebol Eduardo Motta.

— O homem é brabo mesmo, não é Motta? — perguntou um repórter.

— Que nada, até que não, respondeu o dirigente. Para vocês terem uma idéia, as bases financeiras já foram acertadas sem o menor problema.

— E o mesmo repórter acrescentou, provocando gargalhadas maldosas:

— Isso eu sei, mas ouvi dizer que o que está pegando é a parte da munição!

Beijoca, com o que faltava

1 Lembram-se da foto que saiu publicada em todo lugar, com Pelé e Zico, abrançados, vestindo a camisa do Flamengo? Pois é, da foto todo mundo lembra, mas poucos sabem que não foi um profissional que a fez, na loucura de um vestiário entupido de gente. O autor da obra-prima foi o lateral do Flamengo, Ramirez, aquele mesmo que deu uma carreira em Rivelino. Como estava muito difícil fazer a foto, o fotógrafo preparou a máquina e instruiu Ramirez. Agora você vai lá na encolha e é só apertar o botão.

2 Lídio Toledo, médico da Seleção, às voltas com os inúmeros problemas de contusão e estafa dos jogadores, resolveu abrir a boca e advertiu:

— Realmente a turma está no bagaço. Para que eles retomassem totalmente a forma física, seria necessário que cada jogador só disputasse, no máximo, cinco partidas por mês.

A declaração, sem dúvida, é surpreendente, principalmente quando se constata que Zico, por exemplo, joga quatro vezes por semana.

3 Até hoje ninguém revelou o verdadeiro motivo porque Luisinho, que veio da Portuguesa, deixou tão rapidamente o Flamengo. A verdade é que o garoto, que chegou a barrar Cláudio Adão, deu um tremendo azar. Foi para uma farrinha no meio da semana à noite, bebeu umas e outras e acabou batendo com o carro. Não sofreu nada, mas a direção técnica do Flamengo acabou sabendo de suas condições e o castigo veio rápido. Ficou encostado uns tempos e depois negociado para a Arábia Saudita.

REPORTER

REPÓRTER

Outubro de 1979 - ano II - número 22 - Cr$15 AUTÔNOMO INDEPENDENTE

Este garoto faz amor por dinheiro

PROSTITUIÇÃO DE HOMENS

No Rio e em São Paulo

GOVERNO SUSTENTA CADERNETA

BNH esconde rombo da Delfin

ULTIMA PÁGINA

COMERCIÁRIA CAI NA VIDA PRA AUMENTAR SALÁRIO

CRIME

Violência, todo dia, toda hora

Mais uma vez a violência voltou a ocupar largos espaços nos jornais cariocas, depois da constatação pela Secretaria de Segurança de que a criminalidade tinha aumentado em 4,8% em relação ao ano passado.

Mais uma vez os jornais fizeram reportagens e escreveram editoriais mostrando que se existe violência é consequência do parco e ineficiente policiamento ostensivo: para o mal da criminalidade o remédio eficaz é mais guardas nas ruas.

E mais uma vez todo mundo procura resolver o problema por cima, como se não existisse problemas sociais neste país. Ignoram, como sempre, que a criminalidade é consequência da crise social, das más condições de vida e que os policiais com os salários de fome que ganham, preferem cair na corrupção, no tráfico de drogas, na venda de proteção, na extorsão, nos assaltos. Atividades muito mais lucrativas do que ficar tomando conta dos cidadãos comuns.

Fotos de Alcyr Cavalcanti

TRANSPORTE

DESPEJO

Registro Civil das Pessoas Jurídicas nº [illegible]

REPORTER

EDITORES — Alex Solnik, Chico Júnior, Luiz Alberto Bettencourt, Pipsi (Arte)

REPORTAGEM — Rio de Janeiro: Tim Lopes, Marcos Dantas, Clarice Niskier, Vera Lúcia Dias, José Antonio Nonato, Sérgio Danilo, Silvia Duarte, Grice Faria. **São Paulo:** Rivaldo Chinen, Afanásio Jazadji, Maria José Arrojo. **Recife:** Eduardo Homem. **Internacional:** Carlos Comitini

FOTOGRAFIA — Rio de Janeiro: Chiquito Chaves, Roberto Musauer. **São Paulo:** Amancio Chiodi, Wagner Avancini, Eliana Pastore, João Bittar.

CORRESPONDENTES — Paulo D'Alcantara (Paris), Cristina Duarte (Milão)

ILUSTRAÇÃO — Guidacci, Mauricio Veneza

ARTE — Analuce Estrella, Guidacci, Mauricio Veneza, Maria Rita

REVISÃO — Maria Teresa M. Pinto

CIRCULAÇÃO — Eduardo Curi

PROMOÇÃO E ASSINATURAS — Marco Antônio Vieira Souto

DEPARTAMENTO JURÍDICO — Modesto da Silveira, Luis Celso Araújo, Luiz Eduardo Greenhalg

REPORTER Autonomo Independente — Uma publicação da Margem Editoria e Programação Gráfica Ltda. **Rio de Janeiro:** rua Miguel Couto, 134/11° andar, tel. 253-5038. **São Paulo:** rua Santa Isabel, 33/8° andar, tel. 222-3103.

Composição e Impressão — Editora Mory Ltda. Rua do Resende, 65, Rio de Janeiro, tel 263-7002.

Distribuição — Fernando Chinaglia S A Rua Teodoro da Silva, 907, Rio de Janeiro.

Foto de Custódio Coimbra

Assembléia dos metalúrgicos do Rio de Janeiro, que decretou a greve do mês passado. Pra dar força REPORTER na mão.

INQUÉRITO NO IML PODE APURAR TUDO

Denunciada ilegalidade na necropsia de Aézio

Fonte do Instituto Afrânio Peixoto (IML), no Rio, garante: a necropsia feita no cadáver do servente Aézio da Silva Fonseca é ilegal porque o médico que realmente a executou; Ivan Nogueira Bastos, estava impedido funcionalmente de realizar esse tipo de trabalho.

Segundo a fonte, a necropsia foi feita pelo doutor Ivan durante uma aula:

— Ele chegou ao IML e pediu um enforcado pra necropsiar. Aí deram o corpo do Aézio — o que já foi errado porque se tratava de um cadáver com evidentes sinais de espancamento, vindo de uma delegacia e havia a hipótese de homicídio a ser considerada. Ele deu a aula e fez a necropsia de forma descuidada, imperfeita, pouco profunda. De salto alto, como fazem todos os professores diante de alunos que não têm meios para julgar o serviço. Acontece que o Ivan não podia fazer a necropsia porque ele está funcionalmente afastado do Instituto. Ele está incluído numa categoria chamada "situações diversas", comum a pessoas que estão afastadas de suas funções de legista e lotados em outros departamentos — no caso dele, a Universidade. Aí, depois de feito o serviço, os peritos Elias de Freitas e Marly Monteiro Cordeiro assinaram a necropsia.

Para a fonte do IML, existe a possibilidade de apurar legalmente as responsabilidades da necropsia ilegal:

— Basta abrir um inquérito aqui dentro, chamar alunos que assistiram à aula do Ivan, ouvir os legistas que assinaram um laudo que não fizeram, verificar a situação funcional do Ivan e pedir a emissão de novo parecer sobre a necropsia.

Se o novo exame for feito por um bom legista, ele, segundo nossa fonte, irá revelar o que os médicos do Instituto já descobriram e relatam normalmente em suas conversas:

1 — Aézio apanhou muito antes de morrer. Tinha duas vértebras quebradas e marcas de pancada;

2 — Fraturou um osso no pescoço chamado hióide, que não quebra com enforcamento e muito menos com suicídio por enforcamento. É uma fratura tipicamente de estrangulamento;

3 — É um caso claro de homicídio por estrangulamento.

Essas constatações, que os legistas do IML, já fazem há muito tempo, permitiu a alguns deles reconstituir a situação. Diz o nosso informante:

— Os policiais bateram muito no servente e teriam que apresentá-lo à Justiça cheio de escoriações. A mulher já sabia onde ele estava. Prá fugir à denúncia de tortura, eles resolveram matá-lo. Aí o puseram sentado numa cadeira e o estrangularam com a própria calça, pra levantar a hipótese de suicídio depois, ou com os braços.

Segundo o médico-legista, o diretor do IML, Olimpio Pereira da Silva, sabe de tudo isso e guarda a sete chaves o material do laudo de Aézio. Ele sabe também que o próprio Ivan Nogueira Bastos, pra fugir à apuração da sua responsabilidade — foi ele quem fez o laudo imperfeito — está dando informações ao juiz Mélic Urdan sobre as deficências do IML. Ivan é estimulado pelo doutor Nilson Santana, ex-diretor do Instituto, que quer derrubar Olimpio. A política interna do Instituto, porém, afirma o médico, não deve impedir a Justiça:

— Não se trata de desmoralizar o IML, diz o médico. Trata-se de descobrir o erro do laudo e providenciar outro parecer para que o homicídio seja esclarecido.

Luis Alberto Bettencourt

Foto agência JB

Todas as acusações apontam o policial Ubiraci Santoro, o Touro, pela morte do servente Aézio Agora, só falta provar

O juiz Mélic Urdan, do 1.º Tribunal do Júri, determinou que o Ministério Público apresentasse denúncia da existência de crime doloso contra a vida, no caso do servente Aézio. A determinação não poderia ser atendida, segundo a Procuradoria Geral da Justiça, que fez uma representação contra o juiz a ser julgada na 3.ª Câmara Criminal. De acordo com o promotor Gastão Lobão, que assinou o recurso da reclamação, houve "erro e abusiva manifestação de Poder (do juiz), ao ordenar a um promotor o oferecimento de denúncia. O que não é facultado sequer ao Chefe do Ministério Público".

A única saída, para provar que houve homicídio, é abrir um inquérito dentro do IML, como sugeriu a nossa fonte. Assim poderia ser apurado que os peritos Marly e Elias não fizeram realmente a necropsia e que o doutor Ivan, que a realizou, não poderia fazê-lo. Pode-se então pedir novo parecer sobre o laudo e estabelecer que houve homicídio no caso Aézio.

A partir daí estaria atendida uma das condições que, segundo Olimpio Pereira da Silva, diretor do IML, são indispensáveis para caracterizar delito: houve crime, porque o novo parecer indicaria que Aézio morreu estrangulado.

Caberia então à Justiça apurar o autor do assassinato.

LEGISTA REVELA CAUSA DA CRISE

GOVERNO ABANDONOU O IML. DE PROPÓSITO.

Reportagem de Tim Lopes e Luiz Alberto Bettencourt. Fotos de Chiquito Chaves.

- *Até o cano do laboratório está entupido*
- *Polícia tomou conta do prédio*
- *Falta gerador próprio*
- *"Plantão é de duas horas por semana*
- *Diretor promovia orgias na sua sala*

Em depoimento exclusivo, um médico-legista aposentado denuncia o total abandono do Instituto Afrânio Peixoto (IML), no Rio de Janeiro, no qual passou toda a sua vida profissional. Ele prova que a culpa da crise de confiança do público no IML não é culpa dos médicos ou de pressões da polícia para falsificar laudos, como todos pensam desde o caso Aézio (ver matéria na página 3). A responsabilidade maior é do governo que, desde 1964, vem abandonando inteiramente o órgão, não lhe dando condições mínimas de funcionamento. Como se a um Estado policial não interessasse ter um departamento de medicina legal. Quem passa rapidamente pelo IML pode verificar isso: pros médicos, ele virou um bico, acabaram com a biblioteca, com as capelas, os ladrilhos e pisos do chão estão soltos, os janelões vivem abertos e quando falta luz, os vizinhos chegam a reclamar do mau cheiro insuportável. Uma decadência patrocinada pelo Estado.

Mau cheiro e moscas Quando falta luz é pior

No Instituto, vagas só pra viaturas

O encontro foi marcado com quase 10 dias de antecedência. O médico, nossa fonte, quis tomar todas as precauções para evitar que se fizesse qualquer ligação dele com o jornal. Quando os repórteres chegaram, a porta do consultório foi trancada, ele ajeitou alguns documentos em cima da mesa desarrumada, esqueceu o telefone e o papo começou. Foram três horas de conversa sobre o IML, o novo bode expiatório dos crimes cometidos pela polícia. As partes principais do depoimento do legista estão reproduzidas abaixo:

— Olha, o IML tinha grandes médicos, éramos comparados aos cientistas do Instituto de Manguinhos Os concursos que davam entrada ao Instituto eram pesados e os candidatos tinham que estar bem preparados. O sujeito tinha mesmo que eleger a atividade de legista como sua preferida dentro da carreira médica. Hoje, não é a mesma coisa. De quinze anos para cá. **Nota da redação**: a partir de 64, portanto), parece que tudo desabou. Propositalmente. Foi tudo esvaziado. Abandonado mesmo. Os médicos-legistas se dedicavam, ficavam horas aqui estudando, pesquisando. Ganhavam um salário que lhes permitia dar esse tipo de dedicação Agora, os médicos ganham uma miséria (Cr$ 10.080) e podem escolher: trabalham 4 horas por dia ou dão u plantão de 24 horas s guidas. É claro que toc mundo escolhe o plantã fica umas duas horas p aqui, assina o ponto e v trabalhar em outro luga Nem vaga pro carro c médico de plantão ter Outro dia mesmo, um del chegou, pediu uma vaga pátio a um policial e ouviu seguinte resposta:" — Te não, doutor. As viatu ocuparam tudo. O negócio circular um pouco." médico ficou indignado e embora. Antigamente, famílias dos mortos qua que podiam velar o cor no IML. Tinha sala de pouso, bebedouro com ág gelada, banheiros em co dições e uma lojinha Santa Casa, venden

caixões a preço de tabela. Tínhamos até uma das mais completas bibliotecas de medicina legal do país, com mais de 5 mil livros, alguns raríssimos, que agora estão sendo devorados pelos ratos no porão. O prédio, antes ocupado apenas pelo Instituto, abriga também a polícia, o Departamento Geral de Polícia Civil, DGPC, e o Instituto de Criminalística, IC. O DGPC saiu agora, depois de mais de 10 anos. É tudo muito apertado.

Existe pressão policial para falsificar os laudos?

— Não, isso não. A suspeita de que os laudos estariam sendo falsificados por pressão da polícia surgiu com o caso Aézio. Mas o que aconteceu ali não foi resultado da pressão da polícia mas, sim, de um erro do legista (**ver matéria na página 3**). O fato, entretanto, serviu para mostrar o verdadeiro pecado do IML: as condições precárias, quase ridículas, em que ele funciona. E por culpa única e exclusiva de uma política do governo, do Estado.

— Um dos únicos casos de intervenção direta da polícia sobre o trabalho do legista que eu me lembro aconteceu em 1936, quando o Filinto Muller era Secretário de Segurança e o necrotério era na Praça Quinze (no centro do Rio). Um homem acusado de ser comunista foi assassinado e o médico-legista, Burgui de Mendonça, fez o laudo do homicídio, anulado pelo Filinto, que ainda ameaçou o médico. E pressão não existe, posso garantir. O que existe é o estado lastimável do Instituto. Veja só: o IML, que deveria ser uma construção horizontal, localizada fora da cidade, é um prédio de cinco andares, no coração da cidade e sem gerador próprio. Quando falta luz, é um inferno: os elevadores não funcionam, os funcionários têm que carregar os dadáveres nas costas e, se o dia está quente, o cheiro é insuportável. E o IML não comprou o gerador porque não deram verba

O ex-diretor do IML, Nilson Santana, provocou uma crise há três meses ao pedir equiparação salarial entre legistas e delegados. Que repercussão isso teve no Instituto?

— Olha pra começar, a reivindicação é incorreta. Não se trata de equiparar os médicos aos delegados, que trabalham expediente integral. O que interessa é incluir os médicos no regime de tempo integral, dando-lhes um salário condizente para que eles possam dedicar o dia inteiro à sua função de legista e não ficarem pulando de um emprego pro outro, sem a mínima condição de fazerem as coisas direito.

Agora, a verdade é que o doutor Nilson Santana tem um passado tumultuado no Instituto. Em 1971, ele foi exonerado do cargo pelo então secretário de segurança, General Inácio Domingues, porque promovia orgias com mulheres em seu gabinete. Foi um escândalo que conseguiram abafar embora tenha sido aberto um inquérito. Quando o sucessor de Domingues, o general Brum Negreiros, tomou posse, mandou chamar o Nilson e tudo foi esquecido. Depois, ele voltou a direção do IML por indicação do doutor Mario Cesar, diretor do Departamento Geral de Investigações Especiais. Polícia, portanto.

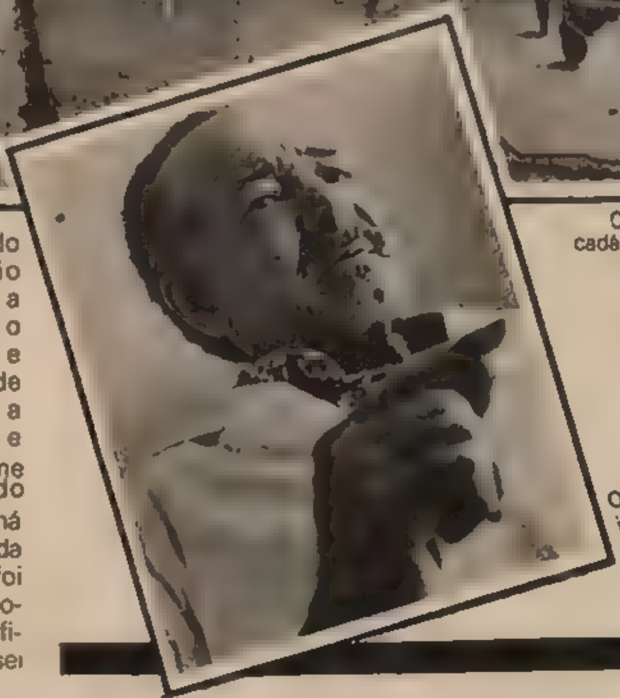
— Outro caso de descalabro administrativo: no início do governo Faria Lima e da gestão Brum Negreiros, uma firma chamada Emop, contratada pelo Estado pra fazer obras no Instituto, além de não consertar nada, esburacou, arrebentou, quase saqueou, substituindo material de primeira para sancas, bidês, vasos sanitários e pias por peças de qualidade inferior. A obra deu inquérito lá dentro, o diretor do Instituto de Criminalística, na época o promotor Gil Castelo Branco, mandou tirar mais de 200 fotos dos cômodos depois das obras, juntou seu parecer e enviou longo documento pro Brum Negreiros, recusando-se a aceitar o trabalho da Emop. O general sentou em cima do documento, nunca mais se ouviu falar dele e a obra foi aceita. Por quem, não se sabe. Eu nunca vi nada assinado sobre o assunto.

O negócio acabou tendo uma grave repercussão porque uma das obras que a Emop não fez direito foi o conserto de canos, pias e vasos do laboratório de toxicologia. Quando a Claudia Lessin morreu, e tinha que fazer exame toxicológico, tava tudo entupido no laboratório há quase três anos. O laudo da morte dela, no entanto, foi feito. Sem exame toxicológico no IML. Como fizeram, eu não sei. Só sei que o laudo saiu.

Se o senhor fosse diretor do IML hoje o que faria para melhorar a situação?

— Em primeiro lugar, é preciso melhorar o salário do médico para que ele dê tempo integral. O IML não pode ser bico para ninguém. É importante fortalecer o Instituto, ele não pode ser dirigido por policiais. É uma instituição médica. Não adianta passarem o IML pra área da Secretaria de Justiça, como quer o juiz Melic Urdan (do caso Aézio). Isso só traria mais burocracia — o IML está necessariamente, por força de sua atividade, ligado às delegacias policiais — e não representaria mais autonomia. A Secretaria de Justiça está cheia de delegados e militares. A Secretaria de Segurança é que não devia ser dirigida por militar. Devia ser um juiz. Da mesma forma, o Instituto de Criminalística Carlos Eboli, que faz parte do IML, devia ser dirigido por um médico legista e não por um policial. Atualmente ele é chefiado pelo delegado Stockler. A mudança tem que vir de cima para baixo. Não adianta punir médicos, abrir inquéritos se os cargos de chefia são ocupados por policiais.

O IML por dentro: cadáveres esquecidos, pisos levantados, ladrilhos soltos



O porteiro Teixeira indignado com a "desmoralização"

Porteiro reclama: querem enxovalhar o Instituto

O chefe da portaria do Instituto Afrânio Peixoto, José Severino Teixeira, tem 68 anos e trabalha há dezesseis anos no bloco B do edifício destinado a exames de pessoas mortas. Todo o dia 2 de novembro, Dia de Finados, ele deposita flores nos túmulos do cemitério de Santa Cruz, na zona rural do Rio de Janeiro. É lá que estão enterrados os corpos que não foram identificados ou não foram procurados por ninguém no Instituto Médico Legal, num período de oito dias. Teixeira está revoltado por causa das críticas ao Instituto provocadas a partir do caso do servente Aézio, assassinado por policiais da 16ª. Delegacia Policial, na Barra da Tijuca.

Tão querendo enxovalhar esse órgão. Se o médico errou, que puna o médico e não generalize. A gente aqui trabalha com o maior carinho, com a maior abnegação, não podemos ser desmoralizados desse modo. Agora, ninguém quer ver as condições em que nós trabalhamos. As autoridades quando entram aqui põem a mão no nariz, viram a cara, vomitam, desmaiam. Vou te mostrar aonde a gente trabalha, você vai ver.

A porta do elevador abre no 2º andar e se dá de cara com uma imagem de Cristo na parede preta de fumaça de vela. Os lírios estão chamuscados. O ambiente é frio, predomina o aço inoxidável nas cadeiras, nos bancos nas camas de aço que se movimentam ocupadas, de um lado para o outro. Teixeira de avental branco atravessa o corredor onde estão as geladeiras com 79 gavetas para homens e crianças. O chão é úmdio. O cheiro de formol insuportável, a dor de cabeça te incomoda e a visão é desagradável. As janelas a-

bertas permitem que o mau cheiro, num dia de calor chegue ao nariz de quem está lá fora. Os moradores do edifício de três blocos, ao lado do Instituto, na rua dos Inválidos, já protestaram diversas vezes pedindo transferência do IML para outro lugar, afastado da cidade.

— Não temos nenhuma segurança, não temos nada. E trabalhar nesse serviço é preciso ter psicologia, não é assim não. Chega uma pessoa aqui na frente pedindo informação sobre algum parente, amigo, às vezes pai,irmão. Parece que tá calmo, mas é só por fora. Você tem que entender. Um dia desses apareceu um japonês procurando pelo irmão. Pensei comigo pode ser um de olho rasgadinho que está na geladeira. Mandei um rapaz acompanhá-lo. Quando ele viu na gaveta que era o irmão dele, deu uma violenta cabeçada na fechadura de aço da geladeira que jorrou logo sangue. Se embolou com o funcionário e tudo. Foi um custo para controlar o japonês.

No fim do corredor a outra sala, na entrada, um caixão em cima de uma mesa. No canto uma pilha de caixas, de madeira simples para o enterro de crianças. Até o mês passado, foram enterrados no cemitério da Cacuia, na Ilha do Governador 60 crianças como indigentes, desde fetos até crianças que morrem nos hospitais, são abandonadas nas lixeiras, nos banheiros públicos depois são recolhidas pelo rabecão (G-2). Teixeira providencia tudo, mas não presencia a autópsia de uma criança. Diz que uma vez, ao entrar numa sala, estava um menino sendo autopsiado, saiu desesperado. Ao chegar num bar da Avenida Mem de Sá foi importunado pelo dono, seu amigo, e de repente caiu de socos e pontapés como num ataque de loucura.

— Aqui chega doente de todo o tipo, com tuberculose, câncer, tiro, com feridas purulentas. Aconteceu comigo, caiu uma gota da água aí do frigorífico em cima da minha perna, deu coceira. Quinze dias depois estava com a minha perna que era um pilão. Grande, inchada e avermelhada.

Um balde com ossos em cima de uma mesa aterroriza como tudo ali, certos rostos parecem que ainda sofrem, outros são serenos, outros não dá nem prá se olhar. Os corpos costurados, duros com a roupas tampando as partes íntimas daqueles que chegam com roupas, outros nus, velhos, jovens, homens, mulheres. E difícil você imaginar uma pessoa naquele lugar tentando encontrar um parente. É o último lugar que você vai. E acompanhado do sevente de necropsia que ganha 6.500 cruzeiros você segura aquela barra de olhar prá dentro das gavetas que abrem e fecham. E você começa a lembrar as pessoas com os seus sinais, traços, seus defeitos físicos, seus dentes e o anel no dedo. À procura da identificação, da identidade perdida.

Teixeira você sonha à noite, tem pesadelo?

— "Nós levamos para a nossa casa as tristezas sofridas pelas famílias. Nós traumatiza tudo isso. Chegamos à noite para o jantar e vemos nossos filhos, nós sentimos o reflexo. Isso está na nossa retina. A gente é humano, quer dizer, ainda vive, é a gente que consola primeiro".

Diretor: erro pode ser culposo. Mas não é doloso

O advogado e médico legista Olímpio Pereira da Silva está há três meses na direção do Instituto Afrânio Peixoto (IML). Ele recebe a reportagem em sua confortável sala. Na parede, uma galeria de retratos dos diretores do instituto.

Existe crise política desde a demissão do ex-diretor Nilson Santana?

— Existe? Ele foi demitido por ter feito umas reivindicações que na minha opinião foram mal feitas. Ele queria que os médicos legistas recebessem como delegados. A função de delegado exige tempo integral e não permite que você tenha outras funções. Por exemplo, eu sou funcionário do Estado e professor catedrático de três faculdades de Direito, regente de Medicina Legal da Escola de Medicina e Cirurgia, Titular da Faculdade de Medicina de Vassouras e professor da Academia de Polícia.

Os jornais publicaram que um homem foi morto à tiros e que o médico legista deu no laudo como morte causada por infarto. É verdade isso?

— Deixa eu explicar, tenho tudo aqui pra quando pedirem. No dia 19 de março de 1973 deu entrada no IAP o cadáver de Geraldo Bragança Correia, guia 54, da 33ª Delegacia Policial. Por questão de identificação, foi feita a necropsia de outro corpo com o cabeçalho da necropsia requisitada. Esse caso necropsiado trocado deu como causa — mortis infarto do miocárdio. Tão logo surgiu essa divergência de diagnóstico pois foi verificado que no caso de Geraldo tratava-se de morte violenta, o legista do laudo Valdecir Tagliari requereu a exumação do corpo que foi realizada no dia 18 de dezembro de 1974. Tendo sido constatado que a morte de Geraldo ocorreu por ferimento de projétil de arma de fogo que lesou a medula nervosa na altura da terceira vértebra cervical.

Quase um ano depois foi feito isso?

— Pois é. Agora se a delegacia não mandou para o juiz essa correção, não é problema nosso.

Como é o movimento de laudos?

A quantidade de ilícitos penais evolui com o crescimento demográfico. Assim, a quantidade de exames efetuados dez anos atrás era muito menor da atual, bastando dizer que, enquanto naquela época, o movimento do necrotério era de 10 a 15 cadáveres por dia, atualmente essa média subiu para 30 a 40 cadáveres diários. Não houve aumento de pessoal, ocorreu uma sobrecarga de serviço isso não só na parte administrativa como na parte técnica. Também houve aumento de indigentes e desaparecidos que são sepultados pelo Estado. Na clínica médico legal a diária de exames é de 150 a 200 casos por dia. E o número de legistas é o mesmo.

O Instituto deve permanecer na secretaria de segurança ou ir para a secretaria de Justiça?

— O que motivou essa idéia foi a possível cumplicidade de que os médicos legistas poderiam ter nos casos de apuração de delitos cometidos pela polícia. Essa argumentação não procede porque os legistas são médicos de ilibada idoneidade moral. Acredito que haja até erro de um médico legista. Todo o mundo erra. Se aconteceu algum erro, esse erro seria culposo e não doloso.

Olímpio diz que os legistas são honestos

RECEBA O COOJORNAL EM CASA 5 DIAS ANTES

Cupom de Assinatura

Assinatura por 12 edições Cr$ 220,00
Envie cheque nominal ou vale postal para:
Rua Comendador Coruja, 372 Porto Alegre RS 90 000
Fones 21 8984 e 24 0961

Desejo receber o Coojornal a partir do nº

Caso você tenha interesse em adquirir o Coojornal a partir do nº 13 entre em contato com o nosso Depto. de Circulação nos mesmos fones acima

Nome:
Endereço Fone
Bairro CEP Cidade
Estado Profissão

Comunique-nos qualquer alteração de endereço

Cupom de Assinatura

Assinatura por 12 edições Cr$ 220,00
Envie cheque nominal ou vale postal para:
Rua Comendador Coruja, 372 Porto Alegre RS 90 000
Fones 21 8984 e 24 0961

Desejo receber o Coojornal a partir do nº

Caso você tenha interesse em adquirir o Coojornal a partir do nº 13 entre em contato com o nosso Depto. de Circulação nos mesmos fones acima

Nome:
Endereço Fone
Bairro CEP Cidade
Estado Profissão

Comunique-nos qualquer alteração de endereço

Como assinante, você recebe o *Coojornal* em outros Estados no mesmo dia em que ele vai para às bancas em Porto Alegre. Quer dizer: no mínimo 5 dias antes de ele chegar às bancas de sua cidade.

cooJORNAL

ATAQUE AOS BANCOS TEVE COMANDO, REVELA TESTEMUNHA

Magro, moreno, 30 anos. Vestia camisa laranja. Comandou a depredação do Bradesco, depois foi mostrar estragos aos policiais de uma viatura.

Fotos de Bruno Barbosa da Silva

Todo mundo viu: PM não reprimiu depredadores dos bancos

O Dops de S. Paulo ainda está investigando: durante a greve dos bancários, os bancos do centro foram quebrados por gente que foi paga por isso? Milton Tavares, comandante do II Exército, adiantou-se às investigações e já disse aos jornais:

— Os trombadinhas foram pagos pelos comunistas.

Mas, tem muita gente achando que o quebra-quebra ocorrido no primeiro dia de greve foi obra da extrema direita. Pessoas viram que a polícia não reprimia quem quebrava. Reprimia, sim, os piquetes dos bancários. Um advogado trabalhista de 32 anos, que tem escritório bem no centro da cidade, na rua Barão de Itapetininga, viu quando quebraram todos os vidros de uma agência bancária e diz não ter dúvidas:

— É, foi mesmo provocação da direita. Eles queriam jogar a população contra os bancários.

O advogado conta que já passavam das quatro da tarde do dia 13 de setembro quando ele chegou à porta do prédio onde tem escritório. Bem em frente há uma agência do Bradesco, ao lado da Livraria Brasiliense, e que estava sendo depredada:

— Eu subi ao escritório — conta o advogado — e pude assistir ao quebra-quebra. No começo, era uma dezena de rapazes com aproximadamente 20 anos de idade. Creio que na maioria office-boys. Eles atiravam pedras e paus contra as vidraças do Bradesco. Mas o que me chamou atenção no grupo era que eles estavam sendo comandados por alguém mais velho.

O líder do grupo, segundo o advogado, era um indivíduo magro, moreno, uns 30 anos.

— Ele vestia uma camisa laranja que o destacava dos demais — diz o advogado —. Gesticulava muito e incitava os meninos, aos berros, para que quebrassem tudo.

A agência do Bradesco atacada pelo grupo tem dois andares e uma fachda toda envidraçada de aproximadamente 10 metros de frente por 6 de altura. Mesmo assim, o grupo enfurecido não precisou mais de quinze minutos para reduzir tudo a um monte de cacos.

Foi então que o advogado presenciou uma cena ainda mais estranha: os meninos saíram correndo em direção à praça da República, deixando seu líder, que não fez a menor menção de fugir. Ficou ali mesmo, entre as centenas de curiosos.

Dez minutos depois chegava a primeira viatura policial. E, surpreso, o advogado viu o homem moreno conversar amistosamente com os PMs, mostrando-lhes os estragos feitos. Depois, sumiu na multidão.

— Eu só posso deduzir uma coisa de tudo isso — afirma o advogado: — Ou aquele homem era um excelente ator e muito corajoso ou era conhecido dos policiais e nada temia.

Luís Carlos Pesce

Tome um banho de

AUDÁCIA!

Leia e assine Lampião

Faça a sua assinatura anual (doze números): mande cheque ou vale postal para a Esquina — Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda. (Caixa Postal 41.031, CEP 20.000, Rio Janeiro — RJ). Preço: Cr$ 230,00. Peça pelo reembolso postal o pacotão de números atrasados. Cada exemplar custa Cr$ 25,00.

Não deixe de ler o desbundante roteiro-romance de Leopoldo Serran.

Eles estão nas esquinas e nas boates. Debaixo dos lampiões, dos Spots. Aves Noturnas. Na pia batismal receberam nomes – José, Ricardo, Rufino, Waltencir, Waldir. Mas no brilho da noite seus nomes mudaram – Monique, Luciana, Jacqueline, Déborah, Shirley.

Esta é a história de Waldir/Shirley. A história de um personagem que aceita e enfrenta todas as humilhações para ser fiel ao seu desejo.

96 páginas.
Apenas 100 cruzeiros.
Prefácio de
Cacá Diegues.

Peça hoje mesmo pelo Reembolso Postal.
Não precisa mandar dinheiro agora. É só escrever para

EDITORA CODECRI - Serviço de Reembolso Postal
Rua Saint Roman, 142 - Rio de Janeiro - RJ - 22.071

PATRÕES TROCAM SEXO POR BENEFÍCIO

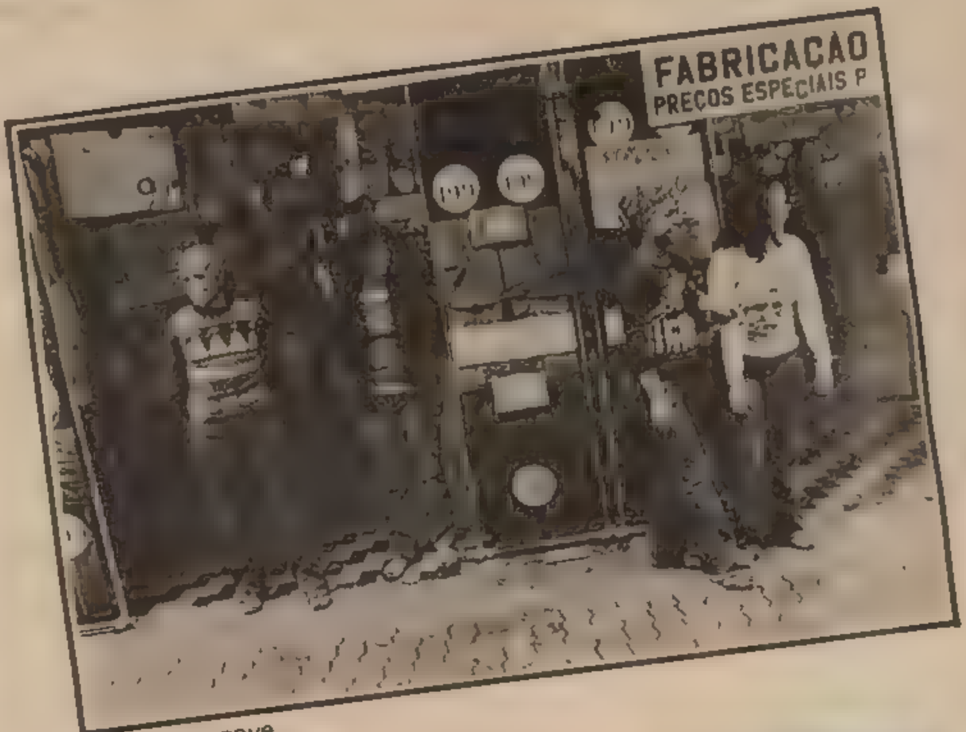
Comerciária se prostitui pra aumentar o salário

É verdade: as comerciárias estão caindo na vida pra salvar uma grana porque o salário só, não dá. Durante um mês duas repórteres visitaram as principais lojas de comércio do Rio, conversando com empresários, gerentes, balconistas e fregueses. Foram de Madureira, centro comercial do subúrbio carioca, até Copacabana, na zona sul, passando pela Rua da Alfândega, no centro. Em todos esses lugares, uma constatação: as condições de trabalho das comerciárias, são desumanas e a maioria delas ou se submete às taras sexuais dos patrões e fregueses ou passa nove horas em pé, sem direito nem a um banco para repouso, como manda a lei.

Nessa situação estão 180 mil mulheres, a maioria meninas vindas do interior, que têm, em média, 22 anos de idade. Ganham salário mínimo e comissão de 1 a 5% sobre as vendas que, entretanto, não são registradas em carteira. Quando elas trabalham com notas fiscais são obrigadas a escondê-las da fiscalização para não sujar a barra dos donos dos estabelecimentos, que sonegam impostos. As horas de almoço, estudo e encerramento do expediente não são respeitadas. Elas comem em marmitas frias no fundo das lojas, acompanhadas de ratos, baratas, moscas e advertências dos patrões para não se demorarem. O único horário obedecido é o da entrada. A hora de saída fica a critério do empresário. E ninguém recebe hora extra.

O resultado da barra pesada é a tentação de se prostituir. E o resultado da prostituição em massa é a grande quantidade de mães solteiras, fato admitido até pelo presidente do sindicato dos comerciários. Para atender as empregadas que têm filhos, há apenas uma creche em Madureira que não resolve o problema porque a maioria das lojas está no centro e na zona sul.

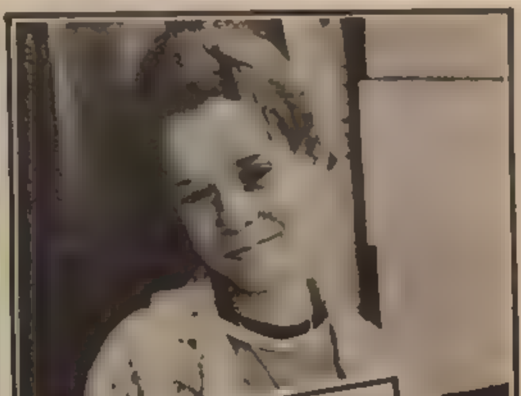
A propósito: a SAARA e o sindicato estão se preparando para comemorar na terceira segunda feira de outubro, dia 15, o Dia do Comerciário.



A batalha: nove horas por dia em pé

Reportagem de Grice Faria
e Silvia Duarte.
Fotos de Chiquito Chaves

A refeição: 15 minutos pra comer marmita fria



Decote exagerado, blusa apertada, sorriso inocente são armas da viração diária Quem não sorri, desagrada ao patrão e ao freguês. E trabalha mais.

Tá todo mundo passando fome e não é só aqui não. No momento, não tem saída, se for menir. : vai ser prostituta, se não vai ter que passar os maiores apertos do mundo. Eu acho que é o fim de todas que começam. Vê o salário mínimo? Vai morar aonde? Não se encontra lugar pra morar por menos de 1.200 cruzeiros. Comer aonde? Elas estão com fome. Vem alguém que dá de comer pra elas e depois come elas. Até quem tem família formada, às vezes escorrega. Quem não tem, cai. É cada um cuidando de si e Deus de todos.

Pelas palavras da gerente da loja que fica no número 199 da rua da Alfândega (centro do comércio do Rio de Janeiro e zona quente de virações das comerciárias) dá para sentir a barra que têm de enfrentar as comerciárias cariocas para conseguirem sobreviver. O salário que recebem pouco dá para que possam se manter e a solução é fazer algum por fora, com os fregueses ou, na maioria dos casos, com os patrões. Diariamente, circulam pela rua da Alfândega milhares de pessoas, que são atraídas pelos insinuantes sorrisos e rebolados de vendedoras à cata de fregueses. E por trás da festa de ofertas, a exploração das comerciárias.

Teresa, uma mulher de 48 anos, é uma espécie de chamariz-pregão, que deve fazer os fregueses subirem a estreita escadaria do sobrado onde funciona a loja para a qual trabalha. Segundo ela, todas as vendedoras da região da SAARA (Sociedade dos Amigos das Adjacências da Rua da Alfândega) passam necessidades, o que é admitido pelo próprio presidente da entidade, Arnaldo Cherzman, que diz: "as comerciárias têm uma vida de merda, mas isso não é problema da SAARA. O problema é interno e cada um resolve sozinho".

Teresa conta como os problemas são resolvidos.

— Quem trabalha na rua da Alfândega tem até vergonha porque isso aqui é uma miséria. Os gringos são uns safados, eles gostam mesmo é de um "gamisso" (palavra grega que significa trepar, muito usada pelos patrões). Eu falo que isso acontece porque até eu fazia. Meu marido não queria nada com o trabalho, então eu tinha que dar o que era meu para não roubar. Criei meus filhos assim. Apareciam uns coroas e eu ia com eles.

Os coroas aparecem até hoje e Teresa teve que mudar de loja porque seu atual "namorado" estava com ciúmes do gerente.

Trabalhando mais de 10 horas por dia, as vendedoras não têm outra saida senão roubar ou "gamissar". Uma das vendedoras foi apanhada em fragrante colocando roupas na bolsa de uma suposta freguesa. A mercadoria era vendida por ela e por sua cúmplice, fora da loja. Para não ser despedida, ela passou a trepar com o gerente.

— A necessidade obriga a gente a fazer essas coisas — diz.

As transas com os patrões começam depois do expediente. Eles fecham as portas da loja e as boazudas ficam até mais tarde, trepam e faturam uns 200 cruzeiros. As que topam as transas com os patrões viram "peixinhos" e daí para frente têm muitas regalias — trabalham pouco, ganham lanches e vales. Para as que não topam a parada, a vida é dura. Têm que ficar de pé, das nove às sete da noite na porta da loja chamando os fregueses.

A loja "Magazine Alfândega — Irmãos Chueke" é a mais famosa na redondeza.

— Vou escancarar — diz Sandra, uma vendedora da loja em frente. Ali só trabalha menina bonita que agrada o patrão. Eles passam a mão e revistam tudo, até calcinha e sutiã, com desculpa de roubo.

Para os donos da loja, a questão não é ser bonita, é ter boa apresentação e saber receber os fregueses com simpatia.

— Mulher bonita é carga pesada, carga dupla, vale por duas — sabe como é? Eu sou velho, mas ainda gosto de umas garotinhas, mas elas só querem o dinheiro.

Enquanto falam os patrões sorriem, muito amáveis, e no final um deles — Izaac — apertou o braço da repórter piscou o olho sorrateiramente e disse "para você também tem desconto, viu?"

As cantadas dos fregueses também são freqüentes. As empregadas dão o cartão para a troca de mercadoria e eles ligam convidando para um chope e oferecendo dinheiro. Geralmente pagam de 300 a 500 cruzeiros com hotel e tudo. E existem os que partem para a ignorância, como conta Joana.

— O freguês entrou na loja para olhar os shorts, escolheu um e foi até a cabine para experimentar. De fora, perguntei se estava bom. Ele abriu o pano e estava nu, com o peru de fora, balançando prá mim. Era um velho de 50 ou 60 anos, que não levou nada, só queria me mostrar aquela coisa. Tem também a história de um rapaz de mais ou menos 17 anos, que veio comprar uma camisa. Eu estava ajeitando a camisa no seu corpo quando ele pegou minha mão e levou até seu peru. Tirei a mão e disse: "que é isso". Ele fingiu que não ouviu e começou a me alisar.

Arnaldo Cherzman, presidente da SAARA

Os irmãos Chueke no trabalho

Esse problema não acontece só no centro da cidade. Em outros bairros, onde o comércio é movimentado, o caminho é o mesmo. As vendedoras das lojas Americanas do Meier não têm boa fama, pois quando saem na rua de uniforme são chamadas de piranhas. Mozália, uma bonita balconista, tem em sua agenda mais de 50 telefones de fregueses. Numa dessas transas ela se deu mal. Saiu com um cara e no dia seguinte apareceu no trabalho com o corpo cheio de marcas roxas. Ela já foi advertida pelo gerente, mas as cantadas são muitas e inevitáveis.

A outra balconista, Geilza, é preferida dos velhos.

— Tem um velho que vem aqui todo dia, tira o dinheiro do bolso e fica contando na minha frente. Ele diz que tem um sítio e pergunta se eu quero ficar com ele. Não adianta porque eu não vou. Os velhos são uns sem vergonhas, só gostam de linguinha.

Em Copacabana, outro polo comercial: a situação não se altera. As moças reagem agressivamente quando se pergunta sobre as virações, mas algumas admitem que a prostituição existe e muito. Uma balconista, que deixou de ser empregada doméstica porque cansou das humilhações das madames, depois de muita insistência, confessa:

— Tenho um filho de três anos e para pagar uma babá que toma conta dele tive que arrumar um homem que me ajuda. Ele é um biscateiro e me dá alguns trocados para completar o meu salário.

Repórter vira balconista e é cantada pelo patrão

Para sentir de perto as condições de trabalho das comerciárias, a repórter Silvia Duarte empregou-se, durante dois dias, em uma loja na Rua da Alfândega, no centro do Rio. Depois de acertar um periodo de experiência no dia anterior, ela se apresentou ao patrão bem cedo na manhã seguinte. A primeira coisa que ele quis saber foi se ela morava sozinha e se seu atual companheiro "tinha tirado seu cabaço".

Silvia, vendendo calções na loja da rua da Alfândega

Eis o relato da repórter:

Quando fui pedir emprego, me apresentei a um dos donos da loja "Magazine Alfândega — Irmãos Chueke Ltda —, que me informou sobre as exigências da casa.

— Nós já temos uma menina em experiência, a Sônia, mas você pode vir amanhã prá gente ver como é o seu trabalho. Agora, é o seguinte, minha filha: aqui você precisa chegar 10 minutos antes da loja abrir porque nós revistamos todas as empregadas antes de começar o expediente: bolsas, sacolas, roupa e, inclusive, calcinha e sutiã. Você é casada, solteira, amigada? Mora com família, tem filhos?

Respondi que era solteira, não tinha filhos e morava sozinha e ele riu dizendo que era assim que gostava. Voltei à loja no dia seguinte para o trabalho. Todas as vendedoras já estavam lá e então começou a revista. Uma por uma para trás do balcão mostrar a bolsa, puxar o ombro da blusa e abrir a calça para mostrar a cor das peças íntimas. Enquanto isso, "seu" Izaac — um dos donos — comentava que conhecia muito as mulheres e me oferecia ajuda "se por acaso você estiver com problemas".

O trabalho começou. Ficávamos na porta da loja chamando os fregueses ao som de músicas tipo discoteque — Sônia (a menina-simpatia, que não para de sorrir), Joana (a baixinha), Carlos (o único vendedor — homem) e eu. "Seu" Izaac passa o dia todo no escritório, que fica no fundo da loja, consertando aparelhos elétricos e recebendo visitas periódicas da vendedora com quem transa — Neta. Ela é peça decorativa da loja. Não vende, não gerencia, não faz absolutamente nada. Desfila pela loja e redondezas, compra lanche para o patrão, etc. Ela mesma diz: "aqui não existe lei pra mim".

Neta e Fátima — que trabalham na contabilidade — são as privilegiadas da casa. As que não transam são proibidas de sentar, têm que vender mais de Cr$ 2 mil por dia ou são despedidas e ainda levam porrada do patrão, como aconteceu com Joana. Ela estava na porta e não ouviu o chamado de "seu" Roberto. Ele berrou o seu nome e quando Joana foi atendê-lo, levou um soco na cara. Sônia também está entrando no esquema para não passar por essas coisas. Antes de a loja abrir foi revistada pelo "seu" Izaac dentro da cabine de onde se ouvia risos e papos maliciosos.

O outro dono costuma ir para a porta da loja cantar as vendedoras e freguesas debaixo dos olhos de sua mulher, que trabalha na caixa. Numa dessas tentativas, "seu" Roberto veio conversar comigo. Queria saber da minha vida:

— Você é muito nova prá morar sozinha minha filha. Você deve morar com quem te tirou o cabaço, não é?

Comentários desse tipo são bastante frequentes e ninguém escapa de uma cantada. Fátima, que transa com o "seu" Roberto, afirma: "Já recebi uma proposta de trabalhar por cinco mil num escritório. Mas eu não vou não. Gosto dessa bagunça daqui".

Gerente apreende anotações e vela filme

Do clima de insegurança e desrespeito que domina as lojas comerciais, não escaparam nem os repórter Roberto Mussauer e Grice Faria. Depois de uma visita à Lojas Brasileiras de Copacabana, onde fotografaram o refeitório e entrevistaram algumas balconistas, eles foram detidos ao berros pelo gerente, "seu" Jurandir, já à saída da loja:

—Quem são vocês,? O que fazem aqui?, Quem lhes deu autorização para entrar no refeitório?, gritava ele, acompanhado de um guarda-costas.

Juntou gente na rua para saber o que se passava e o gerente levou os repórteres pra sua sala, de onde prometeu entrar em contato com o editor do jornal. Não fez isso. E, além de evitar esclarecer rapidamente a condição profissional dos dois, submeteu-os a um verdadeiro interrogatório policial. Cada vez que os repórteres tentavam apertá-lo pra explicar alguma coisa, "seu" Jurandir interrompia, irritado:

— Mentirosos, olha que não gostamos de mentiras. As anotações de Grice foram arrancadas, o fotógrafo também. Depois das perguntas, o gerente ligou pra seu chefe, Amorim, por quem os repórteres tiveram que esperar cerca de uma hora. Amorim chegou, olhou os documentos, fez suspense, velou o filme e disse:

— Esta é a única violência que eu vou fazer com vocês.

E mandou o vigia apanhar um filme virgem pra que eles "não saíssem prejudicados".

Mata Roma, presidente do sindicato dos comerciários: — A rua da Alfândega é uma cidade sem lei .

Sindicato acusa: SAARA corrompe a polícia

O presidente do Sindicato dos Comerciários, Luisant Mata Roma, é estudante de Direito da Faculdade de Ciência Jurídicas. À porta de sua sala existe o seguinte aviso para os associados: "Seu problema é o nosso problema. O sindicato existe para ajudá-lo. Não saia sem solução ou orientação certa". No entanto, o sindicato não encontra solução para a prostituição das comerciárias. O sr. Roma afirma que cabe a ele apenas denunciar estes casos à Delegacia Regional de Trabalho (DRT), ao INPS e à fiscalização do Estado. Quando recebem uma denúncia, ela é comunicada ao delegado do DRT, onde envia um ofício à Prefeitura.

— A rua da Alfândega é uma cidade sem lei e o sindicato não pode interferir — diz Roma Gregos, árabes e judeus se uniram naquela máfia que é o SAARA. Ali ninguém entra, nem a fiscalização. Acho que este é um caso para a polícia federal porque ela não se corrompe.

O que uma instituição de defesa dos direitos dos comerciários, que é o sindicato, pode fazer?

— O problema é de conscientização e de esclarecimento. O povo precisa ser educado civicamente. Não se muda uma estrutura de uma hora para outra. Nós aprendemos a viver do paternalismo e o povo acha que o governo vai dar tudo de bandeja. O trabalhador não é, em absoluto, culpado disso porque ele é vítima da estrutura e de políticos cretinos. O governo tem força e nós não temos, então precisamos cooperar com ele dando sugestões, que possam melhorar nossa situação.

CUPOM DE ASSINATURA

— Assinatura por 12 edições: 160,00
— Envie cheque nominal ou vale postal para:

MARGEM EDITORIA E PROGRAMAÇÃO GRÁFICA LTDA.
Rio de Janeiro: rua Miguel Couto, 134 conj. 1101/1104 20000 RJ

Voce pode assinar o REPORTER a partir do nº 0
Indique a partir de que número você quer sua assinatura..............................

Nome:..
Profissão:..
Endereço:..

CEP:........ Cidade:........ Estado: ....

Prostituição masculina já é realidade no Rio e em SP

Jovens se vendem por mil cruzeiros a hora

A prostituição masculina já é uma realidade no Rio de Janeiro e em São Paulo, muito mais nessa última capital, onde existe um mercado que permite muitos jovens viverem exclusivamente do aluguel de seus corpos às senhoras casadas da paulicéia. No Rio, podemos dizer que o mercado está apenas começando, mas em expansão, com uma trepada variando de Cr$ 700 a Cr$ 2 mil. E enquanto no Rio as coisas acontecem de maneira um tanto enrustida, nas "clínicas", em São Paulo os comboys ou boyzinhos boyzinhos já ganharam as ruas. No largo do Arouche, por exemplo, já há um ponto de prostituição masculina, onde o michê está por volta de Cr$ 1 mil. Isso para as trepadas rápidas. No caso de programas que duram uma noite inteira, o preço é a combinar, tanto no Rio como em São Paulo.

A maioria das mulheres que procuram os jovens prostitutos, cujas idades variam de 20 a 25 anos, são coroas e casadas. Mas nem só de mulheres pode viver os rapazes, que devem, também, atender homossexuais, muitos deles homens casados, pais de filhos. No Rio, principalmente, ainda não são muitas as mulheres que procuram os prostitutos. Então, o relacionamento homossexual é inevitável para que se consiga faturar bem.

Para conhecer de perto o mundo da prostituição de homens, a repórter Regina Guerra se fez de cliente e "namorou" um jovem de 20 anos, que trabalha numa clínica em Copacabana. Além disso, pusemos anúncio nos dois principais jornais do Rio, Globo e Jornal do Brasil, oferecendo os serviço de um "massagista-homem". No papel de massagista, o repórter Luiz Alberto Bettencourt conheceu uma "colega" que o aconselhou a trapaar também com homens "pra faturar mais". Em São Paulo, o repórter Rivaldo Chinem foi aos pontos de viração conversar com boys e comboys.

Foto Wagner Avancini

Largo do Arouche, SP: Prostituição masculina escancarada.

Em São Paulo, faturar mulher é uma questão de tempo para os **cowboys** ou **come-quietos**; eles podem esperar alguns dias, mas quando ganham a coroa no papo o negócio é pra valer. São rapazes perfumadinhos, muito discretos, bem vestidos, embora não precise mais do que uma apresentação de alguém. Uma espécie de recomendação, e isso pode vir, por exemplo, de um travesti que trabalha num cabeleireiro. A bicha pergunta muito de leve nos ouvidos da madame: "Cumé, teu marido tá viajando?". Se ela disser que sim, é certo que a bicha vai ter que arrumar um garoto pra coroa, mediante uma porcentagem, é claro.

O tempo é uma característica desse tipo de, digamos, trabalho. Até há alguns anos era comum se ver os **cowboys** passeando discretamente pela esquina da rua Barão de Itapetininga com Xavier de Toledo, bem em frente ao Teatro Municipal. Mas ali foi construído um calçadão, procurando atrair mais os fregueses das lojas de roupas e calçados. Com isso, as mulheres não puderam mais passar de carro. Aí, os meninos foram para a avenida Angélica, até que muitos maridos desconfiaram de suas esposas, afinal, pensaram, o que é que ela faz tando de tarde? —, e houve alguns incidentes que viraram manchetes em jornais do tipo **Notícias Populares**, e até uma reportagem especial no **Jornal da Tarde**.

Outro ponto dos **cowboys** era na rua República do Líbano, no Ibirapuera, onde as meninas também fazem a vida e onde também há outra fauna, a dos travestis. Mas a polícia começou a baixar muito lá e alguns policiais chegaram a ameaçar os meninos de, no caso de não soltarem uma grana. Imagine um **come-quieto** ter que parar num xadrez desses de delegacias de bairro como vadio? Que moral ele terá mais tarde para faturar uma senhora da alta sociedade?

Outra vez o fator tempo mostrou para as mulheres que estão a fim de faturar um garoto, que a rua Augusta, famosa pela paquera e decadente em termos de badalação e de comércio, não era a mais apropriada. Os meninos que estão sempre nas sorveterias querem mesmo é faturar as menininhas; se à noite eles ganham as coroas, é outro papo. Perto do Hilton Hotel, bem no centro da cidade, também era outra opção para as mulheres. Os **cowboys** até há alguns anos também ficavam por ali, como quem não quer nada. Mas apareceram umas prostitutas de carro — em São Paulo tem disso —, que andam em dupla, e estão mesmo a fim dos turistas, que também geralmente andam em dois ou mais. E elas expulsaram os prostitutos daquela zona.

Atualmente as coroas estão atacando nas boates. Tem algumas (2.000, Maravilhoso, Gardênia e a Gruta), bem no centro de São Paulo, nas proximidades da rua Rego Freitas, e que são pontos infalíveis: as mulhéres faturam grosso os **cowboys**. Outro ponto muito conhecido é também o bar O Chefão, no largo do Arouche, com suas luzes a meio tom, o som muito alto e onde rola muita batida nas mesas. Ali mesmo, no largo do Arouche, onde há uma banca de flores bem no meio, confundindo-se com as bichas e lésbicas, madames passeando com seus cachorros pequenês, os **come-quietos** fazem ponto. Lá pelas três da tarde eles chegam mais para o meio-fio, vem um carro com uma senhora de respeito, mulher de industrial, e abre a porta pro boneco entrar. Não se beijam, apenas se cumprimentam com um olhar, um aperto de mão — estão se conhecendo ali, naquela hora —, ou então, como em alguns casos, um discreto beijinho na face. Depois dali, vão direto pra um hotel ou motel. Tem um, na via Raposo Tavares, de muito luxo, que é certo. Virou ponto de meteção ente coroa e **cowboy**. Esses tipos de aventureiros não vão para os **drive-ins**, porque ali quem está transando são, por incrível coincidência, justamente os maridos dessas coroas, os industriais, os militares, os profissionais liberais bem sucedidos, que passam as tardes ou noites comendo suas secretárias, e achando que estão fazendo o maior sucesso.

Nem só de hotel vivem esses casais. Muitos **cowboys** ganharam apartamentos montados pelas coroas. No começo, eles ganham roupas, sapatos, perfumes, e com o tempo chegam até a montar apês ultra-modernos. Alguns têm até apartamento em Guarujá, para onde descem, invariavelmente, algumas dezenas de **cowboys** em épocas fora da temporada, para se bronzearem. Depois, com o corpo todinho tostado, em forma, um cremezinho que ajudou na coloração da pele, um papo mais profundo do tipo "ainda vou mudar de vida, isso tudo está me enfastiando", os **cowboys** não só faturam a coroa com quem já assumiu um compromisso, mas também ganham as menininhas. Além disso, os maridos dessas velhas estão sempre viajando "a negócio", segundo dizem.

Mulheres casadas, coroas e bichas na rota dos cowboys

Alemão, 20 anos, fatura alto com mulheres de 40

A teoria do cowboy: "Essas mulheres são todas umas neuróticas."

Há um ano, José Roberto Aparecido Costa, 20 anos, conhecido por **Alemão**, saiu de São Carlos do Pinhal, interior paulista, e chegou a São Paulo, capital, a fim de faturar coroas. Se arrumou num hotel bem no meio da boca de lixo, combinou um esquema com o porteiro, e para todos os efeitos é ali a sua residência. **Alemão** é um **cowboy**, um **come-quieto**, ou, como ele mesmo se define, um **boyzinho** que não está nem aí porque o negócio é mandar pra dentro — desde que a mulher pague tudo, é evidente.

No começo **Alemão** estranhou o relacionamento com algumas coroas, que antes de irem prá cama tomavam pico nas veias, ou então cheiravam pó (a cocaína) e depois, ou ficavam muito loucas, eufóricas, ou caíam numa depressão de dar dó.

Para ele, coroa é a mulher de até 40 anos — ele não admite transar com uma mulher que já tenha passado dos 40 —, embora outros **cowboys** amigos seus tenham casos com velhotas de 60 anos ou mais, as tais vovozinhas.

— Quando eu tô dançando numa boate com uma menininha, vem uma delas no meio, e se mexendo daqui, dali, começa a tirar a menininha, claro, tem mais experiência, e acaba ganhando a gente. Mas eu só vou, se for acertada a grana.

O negócio é assim: elas chegam, falam que vão dar um trocado — ele não revela quanto é, quanto cobra por cada trepada —, e combinado o preço vai-se pro hotel. Ou então marca um encontro para um sábado, ou um domingo.

Uma das características de **Alemão**, é que ele faz questão de frisar, é a sinceridade. Ele diz que vai logo contando que não é nada de amarração, que o negócio vai acabar no momento em que tiver com a grana na mão. Tem medo de ficar transando com uma velha pro resto da vida. "Prá mim seria prejudicial, não acha?" Isso tudo porque ele já manjou bem que para as coroas uma coisa é certa: se pegar no pé de um **boyzinho**, não largam nunca mais.

— Lá mesmo no interior, onde eu morava, eu transava com uma garota de 15 anos e a mãe dela, com 43 anos, era ligada em mim, queria me dar de qualquer jeito. O marido, hoje um professor na Usina Nuclear de Angra dos Reis, dizem que também já foi policial, se descobrisse, não deixava sobrar nada de mim. No interior acontecem coisas engraçadas. Elas não transam por lá, o negócio é vir pra São Paulo meter, porque se fizer pela região, todo mundo acaba sabendo.

Não foi uma nem duas vezes que **Alemão** viu as mulheres tirando a aliança do dedo e escondendo na bolsa. Ele calcula que só uma parte delas, talvez 25%, sejam desquitadas, o resto é tudo casada. Tem uma teoria esboçada sobre o porque disso:

— São todas neuróticas. Os maridos não satisfazem elas e, como seus corpos são cheios de prazer, procuram quem pode dar esse prazer. Quem pode satisfazer são os caras novos, somos nós. Elas fazem de tudo, chupam, dão o cú, batem punheta, o que você imaginar em termo de putaria elas fazem. Serviço completo. Elas dizem: você é isso, você é aquilo; eu não tenho nada mais com meu marido, ele é bom, sabe, mas ele não satisfaz os meus desejos.

Dizer que são todas neuróticas é uma constatação de **Alemão** a partir de um quadro que ele mesmo montou, depois de muitas transações. Uma mulher com quem ele teve um caso, ficava o tempo todo com o olhar parado, falando que estava ainda num campo de concentração, que "eles" viriam panhá-la, e isso apavorou o **cowboy**. Outras, ao vê-lo pelado na cama, vão logo agarrando nos seus cabelos, puxando e gemendo.

Outra transação de **Alemão**, Beth, tinha um marido violento e acabou dando um tiro na testa de um amigo, que foi para a cama com sua mulher. O próprio Alemão escapou de levar o seu: um dia desfilou com a mulher num bar de onde o marido havia saído há alguns minutos, depois de dizer que estava muito nervoso e exibir o revólver para todo mundo.

Quando não é o marido é a própria coroa que é violenta. Uma mulher, que aparecia sempre com um Opala, quis transar com o **cowboy**. Acertaram o preço e tudo bem. Um dia ele quis se livrar dela, e a mulher ameaçou: "Vou mandar os meus amigos te pegar, moleque". Esses "amigos" são chamados pelos **cowboys** de "cola", são aqueles caras que ficam vigiando para os maridos.

Às vezes, a transação pode ser em família. **Alemão** arrumou uma velha e foi prá casa dela, sendo apresentado como "um amigo". A coroa tem três filhos, Paulo, Valdir e Alexandre, tudo na faixa de idade entre 15 e 18 anos. O marido é "doutor", moram numa casa decente, segundo os padrões do **cowboy**. Acontece que esse tal "doutor" virou bicha depois de velho. Um dia desconfiou de um garoto, um caso antigo da coroa, e indignado, quis que o **boyzinho** ainda o comesse.

— Eu transo por prazer, por loucura, entendeu? Tenho minhas minas, mas não deixo de ter amizade com as coroas. Transação livre, entendeu? Não faço igual a colegas meus que vão logo beijando na boca, um deles me disse que a coroa era igual a sua mamãezinha.

Entre um papo e outro, as coroas parando o carro, **Alemão** dando em cima, voltando a conversar, ele me disse que tem medo apenas de uma coisa: da velhice.

Rivaldo Chinem

Mercado no Rio ainda é difícil

Décimo andar de um prédio perto da praia na rua Djalma Ulrich, em Copacabana, zona sul do Rio. A "massagista" Ana, na verdade Lúcia, recebe com simpatia quem julga ser um colega. Um anúncio, oferecendo serviços de "massagista-homem", que publicamos no **Globo** *e* **Jornal do Brasil** *rendera mais trotes do que encontros. Num dos trotes, o telefone de Ana Lúcia foi dado para confirmar o interesse de uma cliente, prática usual nesse tipo de negócio. Na confirmação, a massagista, que já havia lido o anúncio — ela publica seu próprio anúncio todos os dias e tem que estar sempre por dentro do mercado —, aceitou conversar com o "colega" que, diante de mais um engano e depois de um dia sem faturar nada, confessou-lhe não saber o que fazer.*

O papo colou e Ana Lúcia deu alguns esclarecimentos e muitos conselhos:.

— Massagista-homem tem que transar com mulher e com homem também. Assim, no dia que mulher tá fraca, ela se segura com viado e travesti. Só mulher, acho muito difícil. Elas têm muito medo de se expor e, como a maioria é casada, não podem fazer a massagem em casa e não querem ir a um local que não conhecem. É por isso que tem pouco homem trabalhando independente. As mulheres preferem as clínicas, que oferecem maior segurança. No Rio, quase todas as clínicas estão trabalhando com homens e a procura é grande. Se você só quer transar com mulher, o negócio é se chegar a uma delas. Aqui mesmo, em Copa, na avenida Princesa Isabel tem uma grande, a Romy. Dá um pulinho lá.

Fazendo as contas de cabeça, Ana Lucia mostra como as despesas do prostituto que quer se estabelecer por conta própria são maiores do que ele pode ganhar:

— Fora o telefone, que é indispensável, você tem que pôr anúncio quase todos os dias. Um anúncio não rende mais que dois dias. E depois tem a conta do telefone. Cada telefonema que você recebe, tem que dar outro, para confirmar porque mais de 50% dos chamados são trotes. Tudo junto, dá por volta de Cr$ 10 mil. Sozinho, se você faturar uma mulher por dia, o que é muito difícil, põe aí uns Cr$ 4.200 por semana, mais ou menos Cr$ 16 mil por mês. Sobra Cr$ 6 mil, que não vale o sacrifício de trabalhar o dia inteiro, seis vezes por semana. O negócio, pro homem, é ir pra clínica, onde ele pode fazer clientela.

Sem querer, Ana Lucia mostrou as principais diferenças entre o mercado de prostituição masculina no Rio e em São Paulo:

— No Rio, não tem viração na rua. Não tem nem ponto fixo de cowboy ou boyzinho. É claro que nas boates de Copacabana, vai muita mulher a fim de transação. Tem até uma na Barra da Tijuca que abre de tarde pra receber as madames que querem companhia. Mas nada é escancarado;

2 — Ao contrário do que se poderia presumir, as cariocas são mais tímidas. Raramente caçam homem na rua. As que moram na cidade e as que estão hospedadas nos hotéis, usam as clínicas, que as atendem com rapidez, sigilo, sem sobressaltos;

3 — O prostituto independente, como o paulista "Alemão", não tem vez no Rio. A não ser que decida atender também os homossexuais. No dia em que pusemos o anúncio no jornal, a redação recebeu mais de 60 chamados e mais da metade deles eram de homens pedindo massagem.

Luiz Alberto Bettencourt

As clínicas de massagens são bordéis de luxo

Através de anúncios classificados que oferecem "massagistas" nos jornais cariocas, a repórter Regina Guerra visitou duas clínicas em Copacabana. Ao lado, o seu relato.

1

Na Ritz, o músico quer descolar uma nota

Na Galeria Ritz, na avenida Nossa Senhora de Copacabana, funciona no terceiro andar uma "clínica" de massagem. Andando pelo corredor, ia sentindo aquele mau-cheiro característico dos prédios de Copacabana, um fedor de mofo, lixo, graxa, sujeira. As paredes, pintadas com tinta a óleo verde, são ensebadas, riscadas, enegrecidas.

Toco a campainha. Quero uma massagem, digo para a mulher que aparece no visor. Uma mulata alta, de calça comprida e camiseta surradas, sem pintura e de lenço na cabeça, abre a porta. Na escrivaninha, está sentada uma mulher de 40 anos, magra, pequena, bonita, simpática. Digo que vi o anúncio no jornal.

— Ah, sim, então você quer massagem?

Ela sorri de um jeito tão irônico que me assusta.

— Ou é trabalhar, que você quer?

Não, eu quero fazer uma massagem mesmo.

— Com uma moça ou com um rapaz?

Com um rapaz.

A sala original do apartamento, já pequena, foi dividida com eucatex e nós estamos num cubículo, onde há a mesa da gerente, uma geladeira, um sofá, mesinha de centro, uma estante com bibelôs. O papel de parede, de largas listras vermelhas e douradas e um enorme quadro a óleo sobre o sofá, representando um ramo de flores, entulham mais ainda o ambiente. Estou sentada numa cadeira, perto da porta.

— Pode escolher. Tem o Fernando e o Carlinhos.

Fico meio desconcertada. A outra mulher, que abriu a porta, vem em meu socorro, explicando que seria melhor o Carlinhos porque o Fernando está machucado, contundiu o joelho num show. Carlinhos é moreno, musculoso, tem olhos pequenos, expressão um tanto obtusa. Fernando é mais interessante, magro, abicharado, com uma mecha oxigenada nos cabelos sarará. Meu massagista me leva pelo corredor até o quarto de penumbra avermelhada, onde há uma cadeira, uma cômoda, um abajur de cabeceira cheio de peixinhos e polvos nadando em volta da luz vermelha e uma cama, espantosamente de massagem mesmo. Carlinhos sai e vem a mulata.

— Você quer só sexo ou quer a massagem antes?

Pergunto se tem alguma diferença de preço.

— Não, é tudo 800 cruzeiros. É porque algumas pessoas gostam de massagens antes. Outras, querem só sexo.

Explico que quero só massagem e em seguida entram os dois rapazes.

— Fazemos massagens com álcool, talco e óleo. Qual você prefere? — perguntam.

Mas quer dizer que aqui, além de massagem, tem também sexo?

— Claro, é muito raro vir alguém como você, só para massagem.

E que tipo de mulher vem aqui?

— Ah, coroas, muitas mulheres casadas, gente de nota. Também vem muita bicha enrustida, pais de família que comem lá fora e vêm aqui pra gente ó (bate a mão direita fechada contra a palma da mão esquerda), neles.

Entro com a minha história. Eu vim aqui para conhecer. Sou carioca, mas moro há cinco anos em Minas, no interior, e lá tem umas coroas ricas a fim de aventuras. Costumam ir a Belo Horizonte paquerar, mas lá não é organizado assim como aqui, não há uma agência para onde você telefone. Então, eu pensei em organizar uma excursão ao Rio, levá-las aos pontos turísticos, às compras, e à noite arranjar-lhes belos rapazes. Eles acham ótimo, pedem que eu fale com a Rita, para acertar detalhes e comissão.

Carlinhos me conta que o massagista homem é muito mais procurado do que a mulher porque tem menos.

— Há mais procura que oferta. E olha que somos só nós dois para atendermos umas dez por dia.

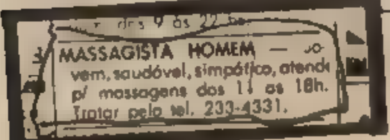
Vou falar com a Rita sobre a história das coroas mineiras e digo que é necessário que sejam rapazes de boa aparência, cultos, que saibam conversar.

— Claro — diz. Tenho o Antônio Carlos, que é advogado. Tenho universitários, é só você me ligar.

Cada programa custará Cr$ 2 mil por cabeça. Digo que quero 20 por cento de comissão, o que é aceito na hora.

Paguei os 800 cruzeiros da massagem e desci com Carlos, que vai botar um anúncio no Globo.

— Eu não sou nada disso — explica. Sou músico, casado e estou fazendo isso para levantar uma grana. Dá para tirar uns 15, 20 mil cruzeiros. Quero comprar um telefone, televisão a cores, ar refrigerado. Transo também em agência de fotografia, onde também pinta muita transação de sexo.


... das 9 às 22 ...
MASSAGISTA HOMEM — Jovem, saudável, simpático, atende p/ massagens das 11 às 18h. Tratar pelo tel. 233-4331.

Pro JB trepada é "massagem"

*Os dois principais jornais do Rio de Janeiro — **O Globo** e **Jornal do Brasil** — publicam diariamente na seção de classificados anúncios de massagistas, que, na grande maioria dos casos, não são de pessoas oferecendo serviços profissionais de massagens e sim a chamada da relação sexual pura e simples. A moral, ou a falsa moral, impede que as pessoas falem abertamente do assunto, embora os próprios jornais saibam muito bem que os classificados de massagistas são de prostituição.*

Para vermos como funcionava o esquema da prostituição masculina pelo telefone, resolvemos colocar o seguinte anúncio nos jornais:

__Sexo__ — Jovem, 25 anos, saudável, bonito e simpático, atende mulheres para relações sexuais. Tratar pelo telefone tal, das 11 às 18 horas.

Simples, direto, objetivo, sem rodeios, mas censurado por ambos os jornais. Afinal, a moral que paira sobre nossas cabeças dizem que essas coisas devem ser feitas às escondidas.

*Pois bem, mudamos o anúncio, para que pudesse ser publicado. Em vez de sexo, massagista homem; no lugar de relações sexuais, massagens. Com essas duas modificações, o Globo permitiu a publicação, mas o **Jornal do Brasil**, mesmo assim, achou que ainda estava forte. Minutos depois de termos ditado o anúncio para uma moça da seção de classificados, liga o Gilberto, voz grave, séria, dizendo que o **JB** não poderia publicar o texto com aquela redação.*

— Você sabe — disse ele — embora a maioria dos anúncios de massagistas não sejam de massagens, nós não podemos publicar um anúncio igual ao seu, assim muito aberto.

Como se dissesse "olha, tá muito bandeira". Sugeri, então, que ele mesmo fizesse a nova redação.

— Bem, podemos tirar "mulheres", fica melhor assim (isso fez com que a maioria dos telefonemas que recebemos fossem de homossexuais). Também não precisa dizer que você é bonito, podemos deixar só o simpático. E também não tem necessidade do "25 anos". Jovem já diz tudo.

*Segundo deu a entender, Gilberto acha que um jovem de 25 anos é muito jovem para entrar nessa vida. Talvez ele desconheça que a realidade mostra rapazes muito mais jovens se prostituindo. Ou desconhece ou não quer ver. E por que tirar mulheres? Não entendemos muito bem, mas é possível que para o **JB** não existem mulheres na nossa sociedade, apenas senhoras, dignas. E bonito? Concluímos que bonito é algo que predispõe à luxúria, à sacanagem (simpático é mais sério e impessoal). Quer dizer: sacanagem séria (e feia) pode.*

Chico Júnior

Relaxe, Luciana, você quer que eu tire a roupa?

2

Na Romy's Júlio diz que seu pau não nega fogo

Romy's massagens. Uma placa de plástico, grande, iluminada. A porta recentemente pintada de branco. Terceiro andar do prédio da galeria de arte da Eucatex — um amontoado de apartamentos conjugados na avenida Princesa Isabel, na "boca do lixo" carioca. Um rapazinho de aspecto meigo e frágil, vestido como um universitário, de macacão de brim azul, pulôver e tênis, abre a porta.

— Luciana? Sou Júlio. Um momento, vou pegar a chave. Vamos lá para cima.

Pela voz grave, profunda, eu já sabia que era ele. Era a mesma voz sensual da pessoa com quem marquei o encontro pelo telefone. Esperamos o elevador e ele vai explicando que estão em obras, juntando três apartamentos em um. Por isso atendem provisoriamente na residência de três massagistas amigas, no décimo andar. Assume logo comigo uma atitude carinhosa, sedutora, de namorado.

Entramos numa sala de carpete e poltrona vermelhos, sofá de almofadas douradas, um xaxim com flores de plástico pendurado na parede.

— Aqui, Luciana, estamos à vontade, sozinhos, os dois.

Ele repete muitas vezes meu falso nome, como para memorizá-lo. Aceito um drinque, uma dose de vodka. Da sala apertada, se passa, por uma porta de correr, para um quartinho mínimo e sem janelas, quase todo tomado por uma cama que só deixa um corredorzinho de passagem ao quarto principal. Lá há uma cama redonda, coberta com colcha de nailon, televisão a cores, um armário embutido e muita bagunça. É fácil confirmar que há pessoas morando, há roupas e objetos espalhados.

— Relaxe, Luciana, você quer que eu tire a roupa?

Digo que não há necessidade, pergunto como é a tal massagem.

— Não se preocupe, meu bem, não pense em nada, nós ficamos os dois bem legais aqui na cama, eu vou passar talco no seu corpinho.

Faço confidências. Digo que marquei hora com ele em busca de alguma coisa nova, diferente. Queria saber como era comprar um homem. Mas desisti, preferia fazer apenas uma massagem, realmente. Devo tirar a roupa, não é? Vou ao banheiro, volto de calcinha e me deito.

— Você não prefere tirar a calcinha, seria bem melhor para nós dois. Não quer mesmo que eu tire a roupa?

Júlio começa a passar talco infantil em minha barriga e em meus seios. Evidentemente, não é uma massagem. Enquanto isso, vou sabendo que ele está no ramo há apenas três meses. Fez um curso de massagista há alguns anos, ali pela Cinelândia, mas não se lembra do endereço, nem do nome. Estudou até o terceiro ano de administração de empresas. É formado em teatro pela Fefierj, já fez algumas pontas em novelas da Globo, mas acha muito difícil o mercado profissional teatral, por isso foi para ali. Não se queixa do emprego, já conseguiu, em três meses, comprar um carro e entrar de sócio do tio numa butique em Petrópolis. Não se julga obrigado a se relacionar sexualmente com todas as mulheres que o procuram para massagem. Só transa se sentir vontade. Com bicha também, e são muitas.

— Às vezes é difícil, da primeira vez, sentir atração por uma velhota ou por uma bicha. Mas depois que sobe a primeira vez, sobe sempre, e como se a gente se acostumasse com a pessoa. A gente estabelece um relacionamento com o corpo daquela pessoa, passa a ser fácil. Mas vem muita mulher jovem, também. Um dia desses veio um rapaz de São Paulo, pediu uma massagem, perguntou se podia trazer uma garota para transarmos os três. Concordei, a garota veio, linda, olhos enormes, verde, o cabelo todo alvoroçado, assim. Ela deitou aqui na cama e ria, ria. O cara falou que ele fazia a massagem embaixo e eu em cima. Foi uma loucura, eu acho o amor físico muito bonito, entende. No final me deram dois mil. Disseram que lá em São Paulo é sujeira para eles, porque são muito conhecidos lá.

Eu transo com bicha também, mas sou ativo. Aos domingos trabalha um passivo, quando telefonam pedindo um passivo é só com ele. Agora, muitas vezes eu brocho. Uma vez uma das colegas estava com um freguês e ele pediu um rapaz para participar. Fui, mas essa colega não me atrai, tem peitos enormes, caídos, não dá tesão, não consegui nada.

Esta conversa é toda intercalada de sugestões para que eu tire a calcinha. Pergunto: e se eu tirar e quiser transar com você, quanto será a mais? Ele garante que mais nada, que gostou muito de mim, que os 700 cruzeiros mínimos terá de me cobrar, pois são da clínica, exceto 100 que, a título de comissão, irão engrossar seu salário fixo assinado em carteira, que se recusa a dizer qual é. O grosso mesmo que recebe vem do que cobra alémdo preço básico.

Júlio diz que mora com os pais na Barra, que tem todd o conforto, um terraço só para ele no alto da casa, onde há muitas plantas, que adora, e um canário belga.

Depois de mais algum tempo de conversa, pago o preço combinado e mais 100 pela vodka Popov. Descemos, ele me convida pra ver as obras que estão transformando a Romy's num local bem mais confortável e bem aparelhado. Um balcão de madeira, ainda sem pintura, será o posto da recepcionista. Os três apartamentos de sala e quarto foram unidó e redivididos, formando um labirinto de divisórias. Júlio vai mostrando: há dois quartos com enormes banheiras verdes, redondas, "para uma massagem bem gostosa, na água quentinha; depois os dois passam para a cama, ao lado". Em outro quarto, um colchão vibratório, grande, redondo, importando. O quarto pequeno, com carpete vermelho, será só de Júlio. Por fim, um vestiário cheio de armários, onde cada cliente guardará suas roupas e receberá um roupão.

Apesar de afirmar que ganha de 20 a 30 mil cruzeiros por mês, ele se confessa duro para ir a um bar e explica que está sem carro, vendeu seu Chevete ontem para comprar um carro mais novo.

— Um dia desses fui chamado ao Othon Palace, era uma gaúcha jovem, incrível. Transei com a mulher a noite inteira e ainda ganhei quatro mil cruzeiros.

As histórias de Júlio César não convencem e vejo que não sabe ôu não está disposto a me dar informações sobre o mercado de prostituição masculina no Rio. Então resolvo abrir o jogo e dizer que sou repórter.

— É por isso que ninguém gosta de vocês, jornalistas, que ficam se metendo na vida dos outros. Por que não me deixam ganhar meu dinheiro em paz? Eu só quero me instalar, comprar um telefone, ter um bom apartamento e fazer teatro. Posso empresariar um grupo e trabalhar como aior. Aqui fora eu levo outra vida, tenho amigos atores, sou outra pessoa. Eu creio que a pessoa, por uma necessidade financeira, pode se marginalizar durante algum tempo, exercer uma atividade excusa,e depois voltar para a sociedade como um cidadão decente, respeitado. É o que pretendo.

Jura que não pode me ajudar muito, que nada conhece sobre as organizações que exploram a prostituição masculina, fica chocado quando uso as palavras prostituto, comércio de sexo, bordel. Diz que quem lhe conseguiu o emprego foi uma amiga massagista que está em São Paulo. Com ele entraram quatro rapazes, mas foram todos mandados embora. Um deles era engenheiro da Petrobrás. Há muitos homens solteiros, com bons empregos, morando sós em apartamento, com telefone, que fazem "massagem" como bico. Ele crê que a maior parte funciona como autônomo, sem vínculo com as clínicas.

ELA É BRASILEIRA.

ESTÁ PRESA NOS CÁRCERES URUGUAIOS DESDE 1972.

O GOVERNO BRASILEIRO E CADA UM DE NÓS É RESPONSÁVEL.

LIBERDADE PARA FLÁVIA

C.B.A.

Este anuncio será publicado por este jornal até o dia da libertação de Flávia

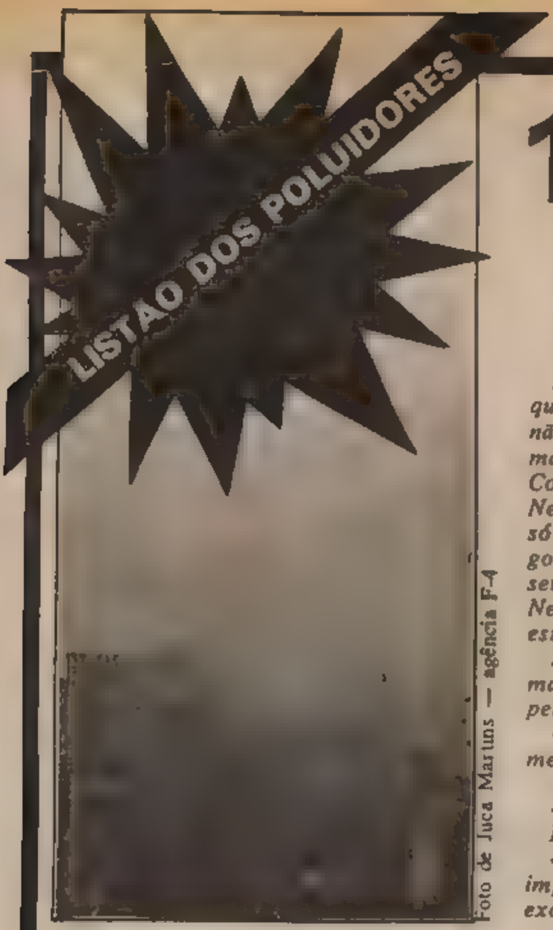


Foto de Juca Martins — agência F-4

146 FÁBRICAS SUJAM O AR DE SÃO PAULO

A companhia estadual de S. Paulo que cuida da poluição — Cetesb — não gosta de mostrar a lista dos maiores poluidores do ar da cidade. Conversei com um diretor, Nelson Nefussi, fundador da companhia que só não está na presidência porque o governador Maluf colocou homem seu lá: Marcel Protesco. Mas é Nelson Nefussi que há 15 anos estuda poluição.

A Cetesb sabe quem são os maiores poluidores de S. Paulo? pergunto.

— Sabe — ele responde secamente:

Você pode me dar a lista?

— Não.

Por que não?

— Porque não está toda a imprensa aqui. Não posso dar exclusividade.

A lista, porém, foi enviada aos deputados (quando o governo do Estado pediu aprovação de um empréstimo de centenas de milhões de dólares para as fábricas diminuírem sua poluição). São 146 nomes, em ordem de grandeza, responsáveis por 70% da poluição por dióxido de enxofre. O maior poluidor de todos é a Petroquímica União.

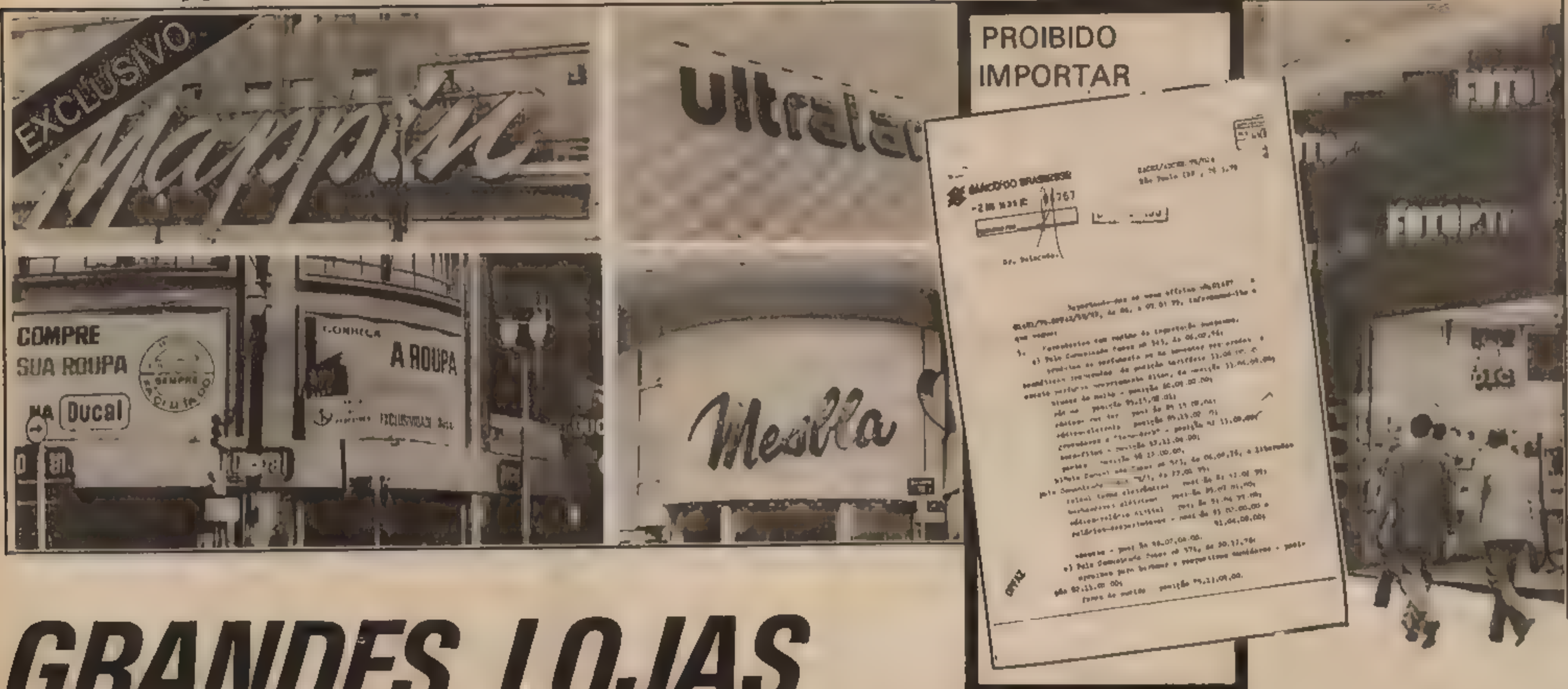
Nefussi admite que as fábricas não querem saber de filtro anti-poluição. Resitem muito à idéia. A solução, para elas, seria trocar de óleo combustível: deveriam usar um óleo mais fino.

Alex Solnik

1. Petroquímica União (Santo André)
2. Empresa Brasileira de Tetramero (Santo André)
3. Oxiteno S.A. (Mauá)
4. Globo S.A. Tintas e Pigmentos (Mauá)
5. Uniroyal Pigmentos (Mauá)
6. Eluma S.A. (Santo André)
7. Ferticap Fertilizantes Capuava (Mauá)
8. Atlas Indústrias Químicas (Mauá)
9. Cofap Fabricadora de Peças (Santo André)
10. Indústrias de Arames Cleide (Santo André)
11. Cofap Fabricadora de Peças (Mauá)
12. Rhodia Indústrias Químicas e Texteis (Santo André)
13. Firestone S.A. Indústria de Penumáticos (Santo André)
14. Rhodia Indústrias Químicas e Texteis (Santo André)
15. Indústrias Reunidas F. Matarazzo (S. Caetano do Sul)
16. Alcan Aluminio do Brasil (Santo André)
17. Swift Armour S.A. (Santo André)
18. Empresa Carioca de Produtos Químicos (S. Caetano do Sul)
19. Ford do Brasil S.A. (S. Bernardo do Campo)
20. General Electric do Brasil (Santo André)
21. Tintas Coral (Santo André)
22. Basf Brasileira S.A. Indústrias Químicas (S. Caetano do Sul)
23. Quimbrasil Química Industrial Brasileira (Santo André)
24. Quimbrasil Química Industrial Brasileira (S. Caetano do Sul)
25. Dalmas S.A. Agroquímica (S. Caetano do Sul)
26. Indústria de Vidros Piroflax (S. Bernardo do Campo)
27. Zarzur S.A. (S. Caetano do Sul)
28. Giglio S.A. (S. Bernardo do Campo)
29. Copas Cia. Paulista de Fertilizantes (Santo André)
30. Ferro Enamel do Brasil (S. Bernardo do Campo)
31. Cia. Industrial Paulista de Papéis e Papelão Búfalo (Vila Prudente)
32. Indústria de Papel Leon Feffer S.A. (Ipiranga)
33. Ford do Brasil S.A. (Vila Prudente)
34. Usina Santa Olimpia Indústria de Ferro e Aço S.A. (Ipiranga)
35. Malharia e Tinturaria Triumpho S.A. (Ipiranga)
36. Tecelagem N.Sra. do Brasil (Ipiranga)
37. Petrobrás Distribuidora S.A. (Ipiranga)
38. Cia. Antartica Paulista de Bebidas e Conexos (Moóca)
39. Cia. União dos Refinadores de Açúcar e Café (Moóca)
40. Goodyear do Brasil Produtos de Borracha (Belenzinho)
41. Fábrica de Papel Santa Terezinha (Penha)
42. Textil Tabacow (Tatuapé)
43. Cristaleria Jaraguá (Belenzinho)
44. Celite S.A. (Tatuapé)
45. Vidraria Anchieta (Vila Carrão)
46. Tinturaria Estamparia de Tecidos Fernandes (Tatuapé)
47. Moinho Santista (Belenzinho)
48. Vidraria Piratininga (Tatuapé)
49. Cia. Industrial N.Sra. da Conceição (Moóca)
50. Lanifício Capricórnio (Alto da Moóca)
51. São Paulo Alpargatas (Moóca)
52. Cristais Prado. (Belenzinho)
53. Cristaleira Beiga (Tatuapé)
54. Fábrica de Tecidos Tatuapé (Tatuapé)
55. Lanifício Cianflone (Tatuapé)
56. Lanifício Brooklin (Moóca)
57. Ind. Com. Texteis Said Murad (Moóca)
58. Gates do Brasil (Belenzinho)
59. Tecelagem Brasil (Tatuapé)
60. Indústrias Gasparian (Belenzinho)
61. Indústria de Feltros Lua Nova (Belenzinho)
62. Mercedes Benz do Brasil (S. Bernardo do Campo)
63. Perstorp do Brasil (S. Bernardo do Campo)
64. Resana Indústria Química (S. Bernardo do Campo)
65. Indústria C. Fabrini (S. Bernardo do Campo)
66. Fiação e Tecelagem Tognato (S. Bernardo do Campo)
67. Faé Indústria de Metais (S. Bernardo do Campo)
68. Diana Produtos de Borracha (S. Bernardo do Campo)
69. Borg Warner do Brasil (S. Bernardo do Campo)
70. Karvey Hubbel do Brasil (Mauá)
71. Elastic Artefatos de Borracha (Diadema)
72. Lanifício Sto. Amaro (Santo André)
73. Ibravir Ind. Bras. de Vidros Refratários (S. Bernardo do Campo)
74. Adresyl Resinas Sintéticas (S. Bernardo do Campo)
75. Plásticos Koppers (S. Bernardo do Campo)
76. Ipasa Produtos Alimentícios Sucos Naturais (S. Bernardo do Campo)
77. Santa Lúcia Cristais Blindex (Vila Maria)
78. Cotonifício Guilherme Giorgi (Tatuapé)
79. Tinturaria Textil Biseli (Vila Maria)
80. Tecelagem de Seda Santa Terezinha (Tatuapé)
81. Cia. Souza Cruz (Brás)
82. Cristeleira Ampex (Vila Matilde)
83. Agro Industrial Resli (Moóca)
84. Produtos Texteis Bordanyl (Brás)
85. Varitex Variedades Texteis (Penha de Frabça)
86. Bela Vista Produtos Alimentícios (Pari)
87. Tinturaria Beneficiamento Textil Tibet (Moóca)
88. Fábricas Orion (Brás)
89. Fábrica de Doces Neusa (Canindé)
90. Anderson Clayton S.A. (Vila Anastácio)
91. Produtos Alimenticios Confiança (Pari)
92. Cia. Cervejaria Brahma (Vila Mariana)
93. Indústrias Texteis Vanini (Cambuci)
94. Indústrias Perez de Artefatos de Borracha (Saúde)
95. Cia. Vidraria Santa Marina (Perdizes)
96. Cia. Indál São Paulo — Rio Cisper (Ermelino Matarazzo)
97. Sanbra S.A. (Butantã)
98. Indústrias Reunidas F. Matarazzo (Perdizes)
99. Falchi Cia. Ltda. (Belenzinho)
100. Frigorífico Bordon (Lapa)
101. Cobrasma S.A. (Osasco)
102. Braseixos S.A. (Osasco)
103. Indústrias Gessy Lever (Vila Jaguara)
104. A. Tonolli Indústria e Comércio de Metais (Santo Amaro)
105. Squib Indústria Química (Santo Amaro)
106. Adamas do Brasil (Osasco)
107. Plásticos Plavinil (Osasco)
108. Comabra — Cia. de Alimentos do Brasil (Osasco)
109. Cia. Indal de Papel Cipolma (Bairro do Limão)
110. Cerinter S.A. (Osasco)
111. Safelca Indústria de Papel (Guarulhos)
112. Papelok S.A. (S. Miguel Paulista)
113. S.A. Correia da Silva (Guarulhos)
114. União Brasileira de Vidros (Bairro do Socorro)
115. Indústrias Metalúrgicas Forjaço (Osasco)
116. Colgate Palmolive Ltda. (Butantã)
117. Forsul Forjaria Sul Americana (N.S. do Ó)
118. Cyanamid Química do Brasil (Lapa)
119. Microlite S.A. (Guarulhos)
120. Artefatos de Borracha Maggion (Guarulhos)
121. Zimbardi Agro Indústrial
122. Laboratório Lepetit (Santo Amaro)
123. Indústria de Papéis de Arte José Tscherjassky (Tucuruvi)
124. Aços Tupi (Butantã)
125. Johns Manville do Brasil (Guarulhos)
126. Comércio e Indústria Antonio Elias (Via Anhanguera)
127. Indústria de Papel Rio Verde
128. Quimasa S.A. Química Indal (Santo Amaro)
129. Metal Leve Ind. e Com. (Santo Amaro)
130. Indústria de Papel e Celulose Ipsa (Guarulhos)
131. Ind. Química Girardi (Guarulhos)
132. Cia. Metalúrgica Barbará (Indianópolis)
133. Rohn and Haas do Brasil (Barra Funda)
134. Ind. Química Anastácio (Lapa)
135. Bicicletas Monark (Santo Amaro)
136. Naufal S.A. (Santo Amaro)
137. Cia. de Óleos Vegetais Zurita (Butantã)
138. Bressiani S.A. (Lapa)
139. Ciba Geygi Química (Santo Amaro)
140. Vilena Lujan Cia. Ltda. (Jaraguá)
141. Ideal Tintas (Guarulhos)
142. Olivetti do Brasil (Guarulhos)
143. Persico Pizzamiglio S.A. (Guarulhos)
144. Brasway S.A. (Santo Amaro)
145. Frigor Eder (Santo Amaro)
146. Ind. Metalúrgica Stella (Guarulhos)

GUIDACCI
REPÓRTER
NO DIA DOS MESTRES
A LUTA DE CLASSES
ESCOLA
MUNICIPAU PURO
ABAIXO O GORDO
ABAIXO O REGIME
VIVA A UNE
APAGA
APAGA
SE ESSA LUTA DE CLASSES ESQUENTAR A GENTE EXPULSA A TURMA TODA!
PORRA, TIA!!! ABRE MAIS.
GEOPOLITICA
DOW QUIMICA
INS
MINISTERIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
MAIS UM QUE O MURILO MACEDO EXPULSA.
BEDEL É PAGO PRA ISSO!
AGORA TODOS JUNTOS: A MERENDA É UMA BOSTA... A MERENDA É UMA BOSTA...
FESSOR, O LULA TÁ ME DANDO SELO.
PTB
CARTA TESTAMENTO

Mappin, Mesbla, Bemoreira, Casas da Banha, etc: todo mundo envolvido



Fotos de Amancio Chiodi

GRANDES LOJAS VENDEM CONTRABANDO

Reportagem de
Alex Solnik

Um funcionário suarento não acredita no que peço:

— O que? Contrabando nas grandes lojas? Você deve estar enganado? Nunca passou nenhum inquérito desse por aqui.

Mas outro funcionário toma a iniciativa de folhear o fichário em ordem alfabética. M de **Mappin**, de **Mesbla**... Está lá.

— Segunda Vara, — diz ele.

O primeiro tenta corrigir-se:

— Ah, você queria o inquérito do **Mappin**... É que você falou errado: contrabando. Chama-se descaminho. Por que não disse logo?

No segundo andar do prédio antigo, a Justiça Federal de São Paulo guarda os inquéritos do **Mappin** e da **Mesbla**. Há mais na Terceira Vara, terceiro andar: **Ducal**, **Fotótica**, **Ultralar**, etc, etc. Outros inquéritos ainda vão ser abertos.

A história desses inquéritos começa em 1978 — se bem que em 1977 a Polícia Federal do Rio de Janeiro já tenha feito uma relação de 16 firmas que vendiam contrabando e das lojas que o compravam. São todas lojas conhecidas. A que mais comprou foi a **Bemoreira** (do mesmo grupo da **Ducal**, e também do grupo UEB) — Cr$ 35 milhões em contrabando.

Provas. Primeiro foram os pequenos lojistas da galeria Pajé, de S. Paulo. Acusados de vender contrabando, disseram aos federais:

— Mas, as firmas de quem compramos o que vocês chamam de contrabando, também vendem pras grandes lojas...

As firmas são muitas. A PF do Rio relacionou dezesseis. Todas "revendedoras" de produtos importados. A desculpa que dão é que negociam com "mercadorias estrangeiras compradas no mercado interno". Compradas de quem? De outra firma, que por sua vez também compra de outra que tem "mercadorias estrangeiras compradas no mercado interno". Muitas vezes, a firma que compra e a que vende são da mesma pessoa. Pois bem: elas vendem às grandes lojas, principalmente artigos cuja importação está proibida desde 1976 porque têm similares produzidos no país. E o melhor é que apesar de serem o segundo intermediário no negócio, as lojas consideram seus preços muito bons. E nem desconfiam como essas firmas conseguem vender produtos estrangeiros mais barato do que o próprio fabricante.

Vamos falar do **Mappin**. Até agora — os inquéritos ainda não estão concluídos — figura em primeiro lugar: comprou Cr$ 50 milhões em artigos importados só de uma dessas firmas, a **Expansão**, de janeiro a julho de 1978. Vários de seus gerentes comerciais foram interrogados pela Polícia Federal. Todos confirmaram as compras. Nenhum ficou surpreso com os "bons preços" dos artigos. Um dos gerentes mais antigos (10 anos de casa), Carlos Cecílio da Silva reconheceu que os relógios **Seiko** e **Orient** que comprou da **Expansão** — no **Mappin** foram apreendidos dois mil deles — eram "Cr$ 100 a Cr$ 300 mais baratos" que no fabricante. Carlos Cecílio até conversou com representantes da **Orient** e **Seiko** para saber se eles poderiam vender ao preço da **Expansão**. Os representantes disseram que não e nem assim Carlos Cecílio desconfiou de alguma coisa.

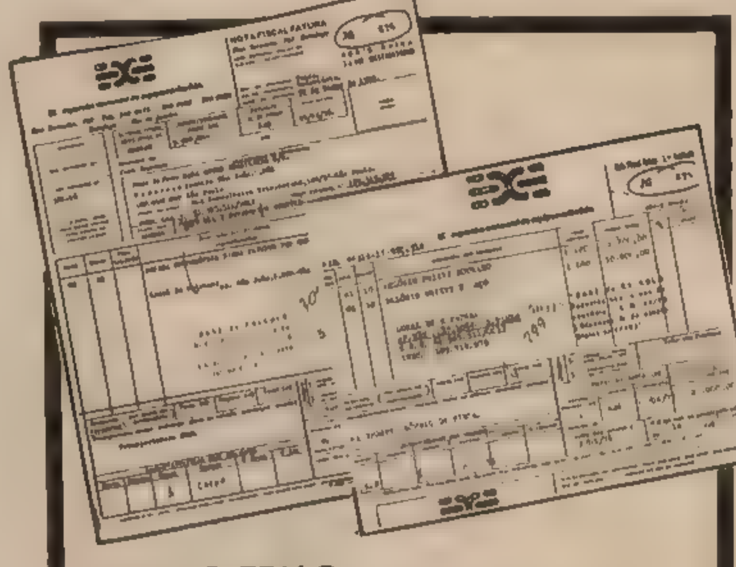
Outro gerente do Mappin, João Carlos Leme, comprou perfumes da firma **Manau'Som**; Lourenço Rolon, outro gerente comercial, comprou calculadoras e artigos de cine-foto da **Expansão**. Ele sabia que a importação desses artigos estava suspensa; supõe que a **Expansão** os tinha estocados desde o tempo em que não havia a proibição. Declarou no inquérito que de maneira nenhuma recebeu qualquer gratificação da **Expansão** pois como gerente "é muito bem remunerado". Disse também que seu cargo "é de confiança".

Seguiram-se outros depoimentos de gerentes comerciais: Milton Chechia comprou telefones marca **Grillo**, da **Bracon**; Arquimedes Pedro Ghirello, rádios-portáteis e fonógrafos **Ben Ross**, tape-decks **Sanyo** e **Technis**. Depois deles, foi ouvido seu superior, Henrique Behrens Jr, diretor-comercial da empresa há 15 anos. Ele jogou tudo nas costas dos gerentes:

— Os gerentes das diversas áreas possuem plena autonomia para escolher o produto a ser vendido no **Mappin**.

Samuel Kauffman, gerente-geral da **Mesbla**, disse a mesma coisa. O departamento de compras tem autonomia total. A **Mesbla** teve mais sorte que o **Mappin**: já tinha vendido quase todos os artigos importados (no **Mappin**, lojas e depósitos, foram apreendidos milhares de relógios, centenas de rádios de todo tipo, câmeras fotográficas, tape-decks, antenas). Na **Mesbla**, a polícia só apreendeu notas fiscais de compra no valor de Cr$ 800 mil, só na filial de S. Paulo. Na filial do Rio foram encontradas notas de mais de Cr$ 1 milhão e 400 mil, e todas as filiais do país também faziam essas compras: Fortaleza, Salvador, Porto Alegre, Recife, Belém.

A **Mesbla** perdeu pouco, mas foi na Justiça querer de volta o que lhe apreenderam. Impetrou mandado de segurança. Que teve uma resposta indignada do ministro do Tribunal Federal de



NOTAS FRIAS

Ambas as notas têm o mesmo número — 628, série única. Nem assim a Casa Anglo Brasileira (Mappin) se tocou que havia alguma coisa errada.

Recursos, Amarílio Benjamim. Ele disse, em outras palavras, que a **Mesbla** não cumpriu com suas obrigações e ainda vinha querer as coisas de volta. E manteve, como relator, a decisão do então ministro da Fazenda, Mario Simonsen. Votou pela continuação da apreensão.

Mais provas. No meio do interrogatório na Polícia Federal, dia 15 de fevereiro, um homem acusado de contrabando, confessa. É Roberto Noto. Está no inquérito: "o declarante neste momento retifica as declarações supra e retro constantes, para dizer a verdade dos fatos, eis que não quer envolver inocentes nas atividades da firma **Devellop-Importadora de Produtos Industriais Ltda.**" E ele conta que em setembro de 1977 foi procurado por um certo sr. Magalhães, dono da **Polymarket** que lhe ofereceu aparelhos de som importados a preços baixos; e lhe contou que esses aparelhos entravam no país clandestinamente, mas não havia problema: haveria notas fiscais cobrindo tudo. Roberto Noto entrou no negócio.

Apesar da confissão, Noto não foi preso. Ninguém desses inquéritos foi. Condenação daria dois anos; como são primários, têm **sursis** (ficam livres). Shigueru Yoshida era o homem da **Devellop** e da **Expansão** que tinha contato com gerentes de loja. Faz isso desde 18 anos, está com 40. Falou na polícia que não sabia nada sobre as firmas e pouco se relacionava com elas. Contou que conheceu o dono da **Expansão**, Wilson Machado, no setor de vendas de aparelhos eletrônicos do **Mappin**. Foi lá, disse Yoshida — conhecido também por Sergio — que Wilson o convidou. Nunca visitou — está no inquérito — a firma para a qual trabalhava. Mandava e recebia cheques da firma só pelo correio.

Agora, o que o dono da Expansão fazia no Mappin?

Francisco Alves dos Santos, um dos sócios da **Devellop**, também disse que nunca foi ao escritório da firma, não sabia o que acontecia. Só recebia um pro-labore muito modesto: Cr$ 3 mil mensais. Detalhe interessante é que ele é fiscal de tributos federais há 21 anos. Na linguagem policial, nenhum dos envolvidos no inquérito é chefão de quadrilha. Os chefões mesmo são inatingíveis, até para a polícia. O delegado pode até saber quem é o chefão, mas não pode prender. Só em flagrante. Chefão não aparece nem nos inquéritos.

Talvez o nome mais expressivo do caso seja de Eugênio Nabuco dos Santos. Descendente do histórico Joaquim Nabuco. Dono da **Tecnoimport** e da **Bracom**. Respondeu inquérito, está indiciado em sete, mas não se acredita que vá acontecer alguma coisa a ele. Inclusive, está montando uma fábrica de relógios em Manaus, em sociedade com Wilson Fu, contrabandista conhecido da Polícia Federal. O projeto já foi aprovado pela **Cobec** — sociedade de economia mista vinculada ao Ministério da Fazenda. Também com Wilson Fu, Eugênio Nabuco faz exportações para o Panamá.

Negócios no Panamá tem Maurice Catach, acusado, junto com o filho de "ser o principal mentor da quadrilha que utilizando 5ªs. vias de trânsito falsificadas retirou fraudulentamente nos anos de 1976 e 77 da Cia. Docas de Santos — SP mais de cinqüenta **containers** consignados à firma **La Mercantil Guarani SRL**, sediada no Paraguai com a anuência da diretoria desta, fraudando assim o convênio de livre trânsito firmado entre o Brasil e o Paraguai".

Containers são enormes caixas de ferro onde cabem dezesseis toneladas de aparelhos de som ou uísque, perfumes, todo contrabando. Os **containers** geralmente chegam do exterior destinados ao Paraguai e param em Santos, porque há um acordo pelo qual Paraguai usa Santos como se fosse seu porto. Os **containers** são desembarcados em caminhões, mas não vão ao Paraguai; ficam no Brasil mesmo, em S. Paulo e por aí afora. Isso não aconteceria, no porto de Santos, se não houvesse cumplicidade dos encarregados da fiscalização. O que é notório.

Perto de Cr$ 2 bilhões em contrabando devem ter entrado assim, por Santos (60% do contrabando do país) em 1977 e 78. A polícia não apreendeu tudo isso, apenas imagina que tudo isso tenha entrado. Ela pôs a mão só em Cr$ 250 milhões em contrabando, em 1978. Raciocínio da polícia: o contrabando é comprado lá fora com dólares. De onde eles vêem? Os contrabandistas compram no câmbio negro brasileiro? No Paraguai? Fabricam dólares? Dólar é um assunto proibido para a Polícia Federal. E câmbio negro não é proibido por lei. A PF só pode investigar dólar se isso estiver ligado com crime de contrabando. No mais, quem pode mexer com dólar é só o Banco Central.

Lojas ganham 500% em cima da muamba

Todas as grandes lojas vendem contrabando. Ninguém acredita, na Polícia Federal, que o negócio tenha parado por causa dos inquéritos. Pode ter diminuído; terminado, nunca. "Isso não termina", dizem na polícia. A lista de lojas também é interminável. Só nos inquéritos já em andamento, estão (só as maiores): Carrefour, Casas da Banha, Casa Masson (comprou Cr$ 1 milhão e 300 mil), Helal (Cr$ 4 milhões), Bruno Blois (Cr$ 1 milhão), Foto Curt (Cr$ 3 milhões), Fotótica (Cr$ 2 milhões e 800), Audio, Lutz Ferrando, Ultralar, Mappin (mais de Cr$ 50 milhões), Mesbla (ainda não foi contado tudo, mas já está em Cr$ 5 milhões), Ducal e Bemoreira (do mesmo grupo da Ducal, Cr$ 35 milhões), Ducal. A Polícia Federal anuncia os próximos inquéritos: Sears, Jumbo-Pão de Açúcar, etc. etc.

Pra dar uma idéia de como essas lojas são grandes, vale dizer que o Mappin é a quarta loja do país em vendas (e só está em S. Paulo): publicou seu balanço mais recente em setembro último, apresentando um lucro, nos primeiros seis meses do ano, de Cr$ 100 milhões, livre.

Uma idéia de como são fortes. Homens importantes estão em suas diretorias. No Mappin, Carlos Antonio Rocca, que já foi secretário da Fazenda de São Paulo. Na Mesbla, o banqueiro Walter Moreira Salles é do Conselho Consultivo. No grupo UEB (Bemoreira e Ducal), que, aliás, recentemente foi notícia devido a um "estouro" de Cr$ 10 bi, — coberto pelo Governo Federal — temos o empresário José Luis Moreira de Souza, com trânsito livre em Brasília.

Uma idéia de quanto se ganha com contrabando. Aparelhos eletrônicos, por exemplo. Até em jornais aparecem anúncios de máquinas fotográficas a preços menores. Sei de um rapaz que cobra, no varejo, Cr$ 15 a Cr$ 20 mil por uma Nikon que na loja sai por Cr$ 60. Ele vende pra Fotótica (talvez pra outras também). Se no varejo é Cr$ 15, pra Fotótica sai por menos até. E ela vende por Cr$ 60. A base é essa: ganha-se de cinco a seis vezes mais.

A punição por contrabando, para uma loja, é pequena. Basta ela pagar os impostos das notas fiscais apreendidas e pronto. Não se fala mais nisso. Se bem que elas façam de tudo para não pagar, pois é muito dinheiro.

73 (setenta e três)- Rádios BENROSS, Mod. 913, Hong Kong;-.-.-.-.
01 (um)- Rádio Digital Clock, marca SANYO, mod. RM-5010, Singapore
357(trêsentos e cinquenta e sete)- Máquinas fotográficas, marca OLYMPUS - TRIP 35, Japan;-.-.-.-.-.-.-.-.-.-.-.-.-.-.-.-.-
23 (vinte e três)- Máquinas fotográficas, marca OLYMPUS PEN - EES -2, Japan;-.
15 (quinze)- Antenas, marca LAFAYETTE, mod. 99.30355-Y, U.S.A.;-.
12 (doze)- Antenas, marca LAFAYETTE - CB, mod. 99.306, U.S.A.;-.-
16 (dezesseis)- Antenas, marca LAFAYETTE,- CB, mod. 99.30363,USA;
06 (seis)- Cassettes Tape Deck stereos, marca SANYO, mod. RD-4025 Japan;-.

AUTO DE APREENSÃO

Esta relação é só uma parte do que foi apreendido na matriz do Mappin, no dia 7/7/78. Também houve apreensões em duas filiais da loja e no depósito.

TUDO FRIO

Tecnoimport, Marimport, Devellop, Rivex. Todas venderam para a Mesbla e as outras grandes lojas milhões em mercadoria contrabandeada.

"Chefão" diz que é só comerciante

Maurice Catach e seu filho, Iossef, são acusados pela Polícia Federal como principais responsáveis pelo contrabando contido em 50 containers (cada um com capacidade para 16 toneladas): perfumes, aparelhos de som, relógios, uísque, etc. Maurice foi interrogado pela Polícia Federal no dia 13 de junho de 1978. Para a polícia ele seria um "chefão".

Declarou que nasceu no Cairo, Egito, em 1931. Em 1959 chegou ao Brasil procedente de Israel, onde era funcionário do governo. Estabeleceu-se em São Paulo, no bairro do Bom Retiro, com uma firma de confecções, a Sanson. Em 1960 abriu uma firma de exportação e importação, a Aeromare. Dez anos depois fechou a Aeromare e comprou o escritório Coranca — Corretora de Câmbio e Valores. Até hoje tem esse escritório.

Catach esclareceu que em 1963 entrou como acionista da firma panamenha Unif Trading (tinha 25%), situada na Zona Livre do Canal do Panamá. Essa firma faz importação e exportação de todo tipo de produto.

Os policiais lhe perguntaram sobre viagens. Ao Peru, uma viagem só, dez anos antes, um dia de permanência; à Argentina, viagens constantes, "tenho lá um irmão e duas irmãs, um do ramo de confecções"; ao Paraguai, muitas viagens em grande parte "como trânsito para outros países".

Sobre mortes, Catach também foi interrogado. Nelson Peixoto Jr. (assassinado): "só tive contato com ele uma vez, me procurou para obter algum despacho aduaneiro a ser efetuado para a Aeromare, mas nessa ocasião já não me dedicava à importação." Eurico Dias Pinheiro, Tino (assassinado em fevereiro de 77): "não conheci; na ocasião de sua morte, eu estava fora do país". Jorge Pereira (assassinado), advogado de Santos e sócio de uma comissária de despachos: "não conheço".

Finalmente, Catach diz à polícia que "após as declarações de Otto de Oliveira ex-delegado da PF, a diversos jornais, referindo-se a mim como vinculado ao contrabando, vejo-me constantemente citado nos jornais com o contrabandista, fatos que até agora nunca foram provados".

Multinacional japonesa fatura "curando pela fé"

Igreja Messiânica só dá salvação pra quem paga

Reportagem de
Maria José Arrojo
Fotos de Eliana Pastore

O jo-hei, aplicado com a mão, é conhecido desde os tempos de Cristo

Você entra e já leva um jo-hei: um passe com a mão, técnica de cura conhecida desde os tempos de Cristo. Depois, fica conhecendo as outras cerimônias da seita. Uma delas consiste em colocar certa quantia de dinheiro num envelope e depositá-lo na urna em frente ao altar. É a **gratidão**. A quantia depende. Mas, quem dá mais, é favorecido por Meishu-Sama, ex-comerciante, fundador da seita, em 1935 (morto, a líder é a sua filha Kiosho Lama.). Para os messiânicos, duas coisas estão juntas: Deus e Meishu-Sama.

Histórias correm. A da senhora muito rica, dona da fábrica de pães Seven Boys. A fábrica ia mal. Ela foi à difusão de Higienópolis, SP (há 26 difusões pelos bairros). Dava Cr$ 1000 por dia, como **gratidão**. Todo dia. Jo-hei e Cr$1000. Contam que a Seven Boys se reergueu rapidamente.

A Messiânica diz que cura. Através do jo-hei. Chama-se a si mesma igreja da salvação. Com respostas prontas para tudo. Se a cura demora (é conhecido o caso de um velho messiânico que há 15 anos arrasta a perna) a explicação é: você está em purificação.

A ceita nasceu no Japão, saiu pro mundo, mas deu certo mesmo no Brasil. Está uma febre. Estrelas da Globo, então, tem demais. Elizabete Savalla, Tony Ramos, Denis Carvalho. Um leva outro. Na área federal, messiânico é o ministro da Justiça, Petrônio Portela. Que já aliciou Figueiredo: levou um dos líderes messiânicos para conhecê-lo e o presidente já frequenta cultos.

Como se vê, tem mais messiânico brasileiro que japonês. Mas, o quente é ir pro Japão. É lá, para os messiânicos, o solo sagrado. É lá que eles constroem monumentos faraônicos e museus de arte. Sempre tem caravanas pro Japão. Um ex-messiânico, o ator Jesus Padilha, conta que as pessoas "fazem loucuras pra ir pro Japão: vendem apartamentos, o que têm, pra receber a graça divina".

Se a cura não dá certo, a culpa é do doente

Jesus foi messiânico dois anos. Quando percebeu que estava sendo explorado:

— Tem uma hora que a gente recebe o oricari, uma medalha (era de pano, depois de ouro). Na cerimônia de entrega, o ministro disse para cada um depositar uma quantia em dinheiro num envelope, quanto quisesse. Coloquei Cr$150 num envelope. Foi há três anos. Chega no dia seguinte, eles telefonam pra mim e dizem que o dinheiro não foi suficiente, que o oricari é muito caro. Fiquei com tanta raiva que joguei o oricari fora.

Quanto você dava para a igreja?

— Olha, dava muito. Naquela época eu tinha muitos trabalhos, trabalhava na Globo, ganhava bem.

E dava quanto?

— Dava mais ou menos 10% de tudo que ganhava.

Jesus não foi pro Japão. Ouviu falar nos templos suntuosos que a Messiânica tem lá. Aliás, há duas messiânicas: Mundial (essa do Jesus) e a Universal, liderada no Brasil por Tsem-Tsem. Ele era da Mundial. Saiu em 1973 por não concordar com o que a Mundial fazia com o dinheiro. Outras pessoas também passaram para a Universal, como Aizita Nascimento. Lá na Mundial, diz Jesus, havia ameaças pra ninguém entrar na Universal.

Sobre o destino do dinheiro só há conversas. Dizem, dentro da igreja, que vai tudo pro Japão. Como, ninguém sabe. Serão as constantes viagens? Fala-se também em investigações policiais, fala-se, apenas. Quem entra na seita, não se preocupa com isso. Logo é envolvido. Se for artista, terá atenção especial. De qualquer modo, fará logo um "curso de jo-hei". Ganha o oricari e passa a aplicar jo-hei nos outros. E vai dando dinheiro.

Entrou na casa, tem que deixar algum dinheiro

Qualquer simpatizante já é considerado membro. Um desavisado que entre num templo da Messiânica Mundial para pedir uma informação já é levado a conhecer as primeiras noções do messianismo. Na difusão de Santa Cecília, São Paulo (Rua São Vivente), entrei para pedir o telefone de Liana Duval. Enquanto esperava dez minutos para ter a resposta, fui levada para cumprimentar o retrato de Kiosho Lama, líder atual, me abaixar em 75, 45 e por último em 180 graus e bater três palminhas: para o bem material, espiritual e físico. Enquanto isso, na sala de orações, várias duplas de mulheres praticavam o jo-hei: uma de costas para outra, que ficava de olhos fechados e mãos estendidas passando a tal energia. Depois mudavam de posição. Na saída, tive que prometer que voltaria para comprar um dos livros: o mais barato custa por volta de 45 cruzeiros.

O messianismo foi fundado em primeiro de janeiro de 1935, no Japão, por Meishu-Sama, que já tinha recebido uma revelação (encontrar o Deus interior) em 1925. Kiosho era comerciante e adepto de uma outra religião, Omoto, fechada pelo governo japonês. Ele e outro colega resolveram fundar cada um a sua religião. Um foi ser messiânico, outro seicho-no-ié. A diferença das duas está na prática: a messiânica é pela ação e a seicho-no-ié pela palavra. A filosofia é a mesma.

Jesus Padilha saiu por se sentir explorado

Brigaram com os messiânicos por causa do lucro

Na Igreja Messiânica Universal, o ritual para o jo-hei é igual ao da mundial. Tem os cumprimentos para Meishu-Sama e as palminhas, só que com alguns acessórios: abaixar duas vezes e bater duas palmas também para Buda. O altar em madeira tem três degraus e duas urnas: uma para contribuições para a compra da sede própria, a outra para a gratidão. Na parede, vários **closes** do fundador, vestido de camponês, de terno e gravata ou com as roupas de reverendo. Perto da recepção, uma tabela com os nomes dos membros que já contribuiram para a sede própria com bolinhas azuis do lado. Quanto mais bolinhas, maior foi a contribuição. Como no departamento de vendas de qualquer firma.

Não posso falar do dinheiro: acabam comigo

Enquanto esperava o reverendo Tsem-Tsem, o dissidente, "vovô" como é conhecido pelos freqüentadores da sede (Alameda Barros — São Paulo) —, um velhinho que não fala português, resolve fazer a purificação da minha alma (isso porque fui avisá-lo que ia até a esquina e ele não entendeu). Depois dos cumprimentos, sentamos os dois de frente — ele numa cadeira normal e eu, num banco de madeira. Segundo ele, depois de 15 minutos, minha alma estaria purificada. Ele com a mão esticada, fazia orações — claro — em japonês. Depois tudo de novo, só que de costas. Passados os 15 minutos, pensei estar livre. Puro engano. Tive que assinar o nome numa lista de freqüentadores e a profissão. A recepcionista me entrega um envelope, igual ao de carta. No lugar do remetente estava escrito **gratidão** por ter recebido o jo-hey e ainda o nome do contribuinte.

— Agora você coloca seu nome e a sua **gratidão**.

Diante da minha ignorância, perdoada por ser a primeira vez, a recepcionista foi mais clara, já meio sem jeito:

— Coloque aí dentro qualquer quantia para a sua gratidão por ter recebido o johei.

Assinei o envelope, coloquei dez cruzeiros e fui para a urna. Nessa meia hora, mais de dez pessoas repetiram essa cena. As quantias variavam de 10 a cem cruzeiros. Teve uma mulher que preencheu cinco envelopes, com os nomes de toda a sua família e em cada um 50 cruzeiros. Outras nem recebiam o jo-hei. Passavam rapidamente pelo templo só para colocar a **gratidão**. Outras além do jo-hei, e **gratidão** fazem plantão na sede e se revezam nos trabalhos domésticos: cozinham, limpam a casa, trocam as flores, atendem aos novatos e anotam os recados para o reverendo.

Mais meia hora e Tsem-Tsem não chega. "Enquanto espera, não quer ler nada para passar o tempo?" pergunta a solícita recepcionista. Como distração vem "Os Ensinamentos de Meishu-Sama", livro impresso, encadernado e editado pela própria Igreja Messiânica Universal, de distribuição interna. Lá, qualquer desavisado que espera ler mandamentos sobre a religião se decepciona: logo no primeiro capítulo, o tema é "Dívidas" e segue nessa linha até o final do livro. Meishu-Sama justifica mais adiante a riqueza da Igreja Messiânica e a sua própria: "se eu tenho recursos para morar luxuosamente, porque não fazê-lo?"

A pobreza é explicada como a sobrevivência do espírito, não purificado direito. Se uma pessoa vive sem recursos é porque na primeira vida foi muito ruim. Os bebês que já nascem cegos ou aleijados são assim porque a morte na primeira vida foi por desastres e voltaram antes do tempo. Por isso, o culto à beleza física é um dos principais ensinamentos do messianismo.

O reverendo Tsem-Tsem finalmente chegou. Mas quando soube do assunto — os motivos do rompimento com a Mundial — alegou que "é um assunto muito delicado e precisava de muito tempo para conversar". Diante da insistência, mandou um seminarista, Eliel, conversar comigo.

Messiânico deposita dinheiro na urna

A Universal foi fundada em 1973 e ao contrário da Mundial, não tem filiais em todo o mundo: só no Japão e no Brasil. Os problemas com a Mundial começaram em 1972. Eliel explica:

— Os problemas foram de origem ideológica. Nakarashi, discípulo de Meishu-Sama, não gostou dos rumos que a Messiânica estava tomando. Estava deixando de ser uma Igreja e se tornando uma empresa.

Mas, as contribuições existem nas duas. A diferença é como se usa o dinheiro arrecadado. Eliel não quis explicar como a Mundial usa:

— Por favor, não me pergunte isso, senão eles acabam comigo.

O dinheiro da Universal é usado para a construção de museus e até de mini-paraísos. Só que no Brasil não tem nenhum. No Japão tem vários. Da forma que o dinheiro vai para a matriz, Eliel não sabe explicar com certeza:

— Ouvi falar muita coisa, mas não sei de nada objetivamente".

A muita coisa que o seminarista ouviu falar foi que um dos meios usados seria a tal caravana ("cursos de aperfeiçoamento"), mas como nunca foi para lá, nem pediram para ele fazer isso, Eliel não têm certeza. Até de uma investigação da Polícia Federal para apurar a remessa ilícita de dinheiro para o Japão se tem notícia, mas ele insite: — "A gente ouve falar muita coisa, mas quanto a isso, prefiro não falar". Ela nunca passa a ser obrigatória dentro de uma Igreja, porque se você não concorda, sai. Tem um parente meu que é ministro de uma das Igrejas da Mundial no interior de São Paulo e isso lá não existe, talvez porque tenha poucos membros. Na verdade, depende muito de cada difusão.

Foto de Amancio Chiodi

Liana Duval mostra um dos templos messiânicos do Japão

Liana Duval atrai atores da TV Globo

A entrada dos 60 mil adeptos brasileiros para a Igreja Messiânica Mundial, instalada há 24 anos no país pode ser semelhante à de Liana Duval, atriz de cinema, teatro, televisão e ex-certinha do Stanislaw Ponte Preta: cura de uma doença incurável, uma graça supostamente impossível de ser alcançada. No caso de Liana foi sua mãe, curada há 11 anos por um casal de japoneses. Assim Liana começou sua escalada na Igreja Messiânica, ocupando agora o cargo de ministro-assistente da difusão de Vila Mariana, a sede central da seita. Pro Japão, ela já foi três vezes.

Todas as doenças incuráveis podem ser "curadas" pelo messianismo. Câncer, enfarte, essas coisas, não são doenças físicas, mas espirituais. A explicação é dos messiânicos. Por isso, os adeptos não se importam de pagar 300 cruzeiros por uma medalha de ouro que vem do Japão e mais uma parte do salário, fora os serviços braçais (limpar banheiro, arrumar as flores no altar, servir de recepcionista).

— Se eu quero fazer um curso que só tem no Mackenzie, não me importo de pagar o que me cobram. Tudo tem um preço. Não vou dizer que a Igreja católica está errada, porque o Vaticano tem muito ouro. Aliás, acho belíssimo, todo aquele ouro. O importante é que a igreja não tenha prejuízo.

O comentário é também de Liana Duval, que teve como maior dificuldade no vestibular do messianismo o "não julgamento". Todos estão certos sob seus pontos de vista. A ex-certinha vai mais longe em sua explicação, aproveitando a anistia:

— Quando uma pessoa cometia aqueles atos de terrorismo, às vezes impensados, eram presas para meditar. Passavam por torturas, só para chegar ao estágio do não julgamento. No caso das torturas, os torturadores também achavam que estavam certos fazendo aquilo.

Por isso, Petronio Porteia, nosso Ministro da Justiça, deveria levar uns puxões de orelha dos ministros messiânicos. Ele como adepto da seita, freqüentador do templo de Brasília e que em companhia de sua mulher visitou a matriz no Japão não deveria ter deixado ninguém de fora de sua anistia. Mas até para isso, os messiânicos têm uma explicação: "esses continuam presos, porque ainda não meditaram o suficiente". Mas a própria Liana informa que tudo estará resolvido em breve:

— Figueiredo recebeu o presidente da Igreja em Brasília e ganhou uma espada de presente. Essa espada tem um significado muito grande: "fazer as pessoas felizes, se quiser ser feliz". E, diariamente, nossos mestres no Japão oram pelo nosso presidente, para ele ser feliz, porque é uma pessoa muito boa e tenho certeza que fará do Brasil, um país feliz.

Liana foi a primeira atriz a entrar para o templo. Hoje, Marcelo Pichi, Maria Isabel de Lizandra e Rutinéia de Moraes são seus filhos espirituais. Elizabeth Savala, sua neta. A única ovelha negra da família foi o ator Jesus Padilha, que saiu da Igreja revoltado por causa de "uma simples medalhinha".

— Ele não entendeu direito o que aconteceu. Talvez fosse o caso dele ter dito que não podia pagar naquele mês, o resto ele daria quando pudesse. Se você quer um vestido novo, você não paga por ele ? Por que na Messiânica tem que ser diferente? Não conheço nenhuma igreja que não cobre.

Líder da seita culpa comunismo pela crise

Há famílias cujos pais dormem no andar térreo reservando o superior para os filhos e empregados. Isto é um erro: os filhos e os empregados de semelhante família tornar-se-ão desobedientes.

Este princípio se aplica também ao país e à sociedade. O maior problema consiste no conflito entre patrões e operários. O que há de mais reprovável é a administração de produção efetuada pelos operários, porque se afasta completamente da ordem.

Exemplifiquemos com uma indústria. Para administrar e desenvolvê-la, é preciso manter a ordem em tudo. Isto é, o presidente deve assumir a direção geral. Os membros da diretoria devem participar dos planos de maior importância; os técnicos devem ocupar-se com sua especialização e os operários devem esforçar-se dentro do seu setor de trabalho.

Se todos se unirem assim em forma de pirâmide, a empresa não deixará de prosperar. Mas a administração efetuada pelos operários vira a pirâmide para baixo, o que resultará na sua queda.

Creio que o primeiro passo para a propriedade consiste em extinguir a desagradável palavra "conflito" do mundo industrial. O comunismo surgiu devido à administração excessivamente egoísta dos capitalistas, que vinham explorando a classe operária.

Mas, hoje, o comunismo caiu no extremismo, como conseqüência das reações que causara no mundo industrial, motivando o declínio das indústrias e da produção. Espero que tomem consciência disso, o quanto antes.

(Do livro Alicerce do Paraíso, 2º volume, de Meishu-Sama, editado pela Igreja Messiânica Mundial do Brasil.)

INÉDITO

DOCUMENTO SECRETO PROVA:

EXÉRCITO DOS EUA PROMOVE AGITAÇÕES NOS "PAÍSES AMIGOS"

O "Manual Fm 30-31" das Forças Armadas dos Estados Unidos é um documento secreto e contém instruções precisas de como o serviço secreto do Exército deve provocar a "desestabilização" (ou a "estabilização") nos países que o autor, o general Westmoreland, chama Países Amigos (PA). O "Fm" foi "desviado" de um dos comandos militares americanos no estrangeiro e chegou ao jornal turco Barris, que anunciou a sua publicação, mas nunca a concretizou porque tanto o documento como o jornalista que o possuía desapareceram. A revista italiana "L'Europeu" o descobriu e divulgou.

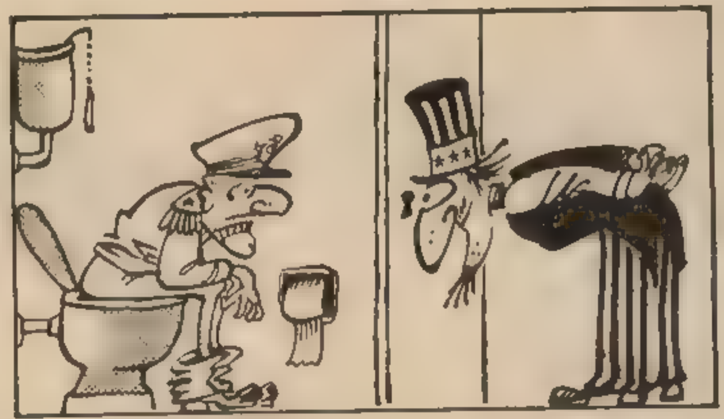
I Primeira lição: ações devem ser clandestinas

Ilustrações de Guidacci

As operações sobre este terreno especial devem considerar-se estritamente clandestinas, pois que o compromisso reconhecido no Exército americano com os países amigos se limita ao campo da cooperação contra a insurreição ou a ameaça desta. Por nenhum motivo o Exército norte-americano deverá ser envolvido.

O uso dos termos "Instituições dos países amigos" pode significar, segundo o contexto: a) organizações do PA (país amigos) encarregadas de operações de defesa interna; b) as forças armadas do PA, em geral: c) instituições do PA diferentes das forças armadas, por exemplo: a polícia e os outros organismos de segurança civil; corpos administrativos, nacionais e locais, organizações de propaganda. Dito de outro modo, ao serviço secreto do Exército USA compete a vasta função de ajudar a determinar com precisão o potencial contra-insurreicional do PA em todos os seus aspectos, e a relação deste potencial com a política norte-americana.

A distribuição deste documento está estritamente limitada às pessoas indicadas na lista de distribuição. A sua substância pode ser comunicada a outros indivíduos selecionados com discrição, que possuam meios de poderem contribuir para alcançar o objetivo proposto. Quando possível, as instruções pormenorizadas que têm este documento como base devem ser transmitidas oralmente.



II Perigo comunista é a desculpa para intervir

Considerações gerais. A intervenção norte-americana nas nações ameaçadas de insurreição faz parte da intervenção americana à escala mundial da luta contra o comunismo. A insurreição pode não ser provocada pelo comunismo, pode derivar de contradições tribais, raciais, religiosas e regionais. Porém, qualquer que seja a sua origem, a insurreição prepara o terreno para a infiltração comunista que, na ausência de contramedidas eficazes, pode culminar com a tomada do poder por parte dos comunistas. Por isso, o critério é a atitude do governo do PA frente ao comunismo, por um lado, e aos interesses norte-americanos por outro.

Pontos débeis característicos do regime do PA. À luz das considerações precedentes, relativas à política norte-americana, deve-se chamar a atenção para certos pontos vulneráveis inerentes à natureza da maioria dos regimes desses países: a) devido ao seu atraso, à sua origem recente, ou por vêzes, a outras circunstâncias específicas, os regimes contra os quais se dirige a contra-insurreição sofrem, geralmente, de desenraizamento ou instabilidade. Os seus dirigentes políticos, são freqüentemente, falhos de experiências, são adversários uns dos outros e corruptos. b) estas debilidades dão origem a uma ampla possibilidade de contatos entre membros dos organismos governamentais e a insurreição...

III Interesse maior é espionar militares

Identificação de objetivos especiais. Os serviços secretos do Exército norte-americano podem obter informações sobre um amplo raio de atividades governamentais. Porém, o interesse específico do Exército norte-americano exige que quase todos os seus esforços se dirijam para o Exército dos PA, e de outros organismos com ele relacionados, de modo a levar adiante operações de defesa interna.

Os objetivos especiais dos nossos serviços no Exército dos PA incluem pessoal bem colocado em: unidades, a nível nacional e local, com as quais os serviços secretos norte-americanos trabalham diretamente; unidades, a nível nacional e local, com as quais os serviços secretos norte-americanos mantêm, geralmente, contatos de trabalho e podem estabelecer frutíferas relações fora dos limites da normal atividade militar; locais com as quais os serviços secretos do Exército norte-americano não têm contatos, e que por essa razão possam ser particularmente vulneráveis a tal contaminação...

Ação do serviço secreto do Exército USA. Os serviços secretos do Exército norte-americano devem estar preparados para recomendar o tipo de ação adequada, no caso de se produzirem sintomas de vulnerabilidade tão persistente que possam resultar prejudiciais. Tal ação pode ser a tomada de medidas contra indivíduos, ou outras, mais gerais, destinadas a fazer pressão sobre grupos, organizações oficiais ou, em último caso, sobre o próprio governo do PA.

É desejável que os serviços secretos do Exército norte-americano obtenham a comparação ativa das autoridades do PA, na ocasião, para levarem a termo medidas punitivas contra cidadãos do dito PA. Porém, se são áreas em que a ação conjunta se vê frustrada

pela existência de objetivos ou interesses divergentes ou em conflito, devem então os serviços secretos do Exército norte-americano defender a posição dos Estados Unidos, contra as forças apostas que operam no PA.

Nestas áreas de divergência ou de conflito, entra, portanto, uma forma de ação punitiva contra indivíduos que possam estar protegidos por uma miríade de implicações pessoais, políticas e burocráticas. A ação destinada a influênciar e a fazer pressão sobre as organizações oficiais do PA, ou sobre o próprio governo, pressupõe uma situação na qual os interesses norte-americanos se encontrem em perigo. As medidas apropriadas para uma tal situação serão tanto oficiais como não-oficiais. O tipo de acção oficial não é relevante para o tema em discussão neste documento. Mas a ação não-oficial, que implica clandestinidade, cabe à esfera de responsabilidade dos serviços secretos do Exército norte-americano e de outros organismos norte-americanos.

IV Se o país está em calma a solução é agitar

Considerações gerais. Uma base segura para a solução de problemas de segurança pelo Exército norte-americano é a existência, nas "instituições" do PA, de indivíduos com os quais os serviços secretos norte-americanos mantenham relações. Por isso, é muito importante o recrutamento de membros dirigentes de instituições do PA como agentes permanentes.

Recrutamento para o serviço secreto. Para os fins específicos dos serviços secretos do Exército norte-americano, o campo mais importante de atividades de recrutamento é o corpo de oficiais do Exército do PA. Em muitas nações, os oficiais das forças armadas tendem a ser conservadores, receptivos à doutrina da contra-insurreição. São de especial importância, a longo prazo, porque freqüentemente jogam um papel decisivo no estabelecimento das orientações de alguns dos respectivos países.

Infiltração no movimento insurrecional. No "Manual 30-31" chamava-se atenção para a importância das organizações oficiais do PA que se infiltram no movimento insurrecional, através de agentes, a fim de levarem a cabo, com êxito, operações de contra-insurreição. A dada altura assinalava-se a existência do perigo de agentes de insurreição se infiltrarem nas organizações de massas, departamentos governamentais, polícia e unidades dos serviços secretos militares do PA, para conseguirem informações secretas. Sublinha-se, também, a possibilidade da falta de informação da parte das instituições do PA, sobre a atividade insurrecional em esferas em que se sabe que existem, poder significar que os agentes da insurreição conseguiram infiltrar a organização do

PA e estão em posição de se anteciparem ao movimentos do governo. Portanto, os serviços secretos do Exército USA deverão seguir duas linhas de ação:

a) deverão procurar identificar os agentes infiltrados no seio da insurreição, por parte das organizações do PA responsáveis pela segurança interna, para se estabelecer um controle clandestino sobre o trabalho destes agentes pelos serviços secretos do Exército USA.

b) deverão procurar infiltrar agentes de confiança junto dos dirigentes da insurreição, prestando especial atenção ao sistema de operações diretas contra as instituições do PA. Dever-se-á ter presente que as informações provenientes da fonte insurrecional, sobre pessoal ou instituições do PA, poderão ter uma especial importância na determinação da conduta mais adequada dos serviços secretos do Exército norte-americano, por surgirem medidas oportunas que favoreçam aos interesses norte-americanos.

Agentes dedicados a operações especiais. Pode acontecer que os governos dos PA mostrem passividade e indecisão frente à subversão comunista ou inspirada pelos comunistas e que reajam com inadequado vigor aos cálculos dos serviços secretos, transmitidos por meio da organização norte-americana. Tais situações podem produzir-se facilmente quando a insurreição procura conseguir vantagens táticas, abstendo-se, temporariamente, de ações violentas e adormecendo as autoridades do PA com uma falsa impressão de segurança.

Em tais casos, os serviços secretos do Exército norte-americano devem dispor de meios para lançar operações especiais, capazes de convencer o governo e a opinião pública do PA da realidade do perigo e da necessidade de levarem a cabo ações de resposta. Para tal fim, os serviços secretos do Exército norte-americano deverão procurar infiltrar-se no seio da insurreição, mediante agentes em missão especial, com o objetivo de constituírem grupos de ações especiais, com os elementos mais radicais do adversário. Quando se produzir uma situação como aquela que acabamos de descrever, aqueles grupos, agindo sob o controle dos serviços secretos do Exército norte-americano, deverão lançar ações violentas e não violentas, segundo o caso.

No caso em que a infiltração de tais agentes junto dos dirigentes da insurreição não se realizou completamente, a utilização de organizações de extrema esquerda pode contribuir para conseguir o fim citado.

Extrema-direita sabota e mata em Moçambique

Assassinato de 14 civis que viajavam num ônibus na província de Manica; destruição de depósitos petroleiros em Munhava, na Beira; ataque contra o complexo hidrelétrica de Mavuzi, e descarrilamento de um trem de mercadorias perto de Inchope, são algumas das ações reivindicações pelo Movimento da Resistência Moçambicana (MRM), um grupo de ultra-direita que com apoio em Madri, Lisboa, Salisbury, Pretória e Malawi, tenta desestabilizar o governo do presidente Samora Machel.

A história dos grupos reacionários moçambicanos inicia-se quase ao final do período colonial, com a formação, em 1973, do Grupo Unido da Moçambique (Gumo), organizado por João Simião e Jorge de Abreu. Em Julho de 1974 se dissolvia a Gumo, embora Simião se unisse Lázaro Kavandame e ao padre Uria Simango, para constituir a Frente Comum de Moçambique (Frecomo) que mais adiante se juntava ao Comitê Revolucionário de Moçambique (Coremo) de Paulo José Gumane, à Frente Unida de Moçambique (Fumo) de Narciso Mbula, ao Movimento Nacional para a Independência Pacífica de Moçambique (Monipamo) e ao Movimento Nacional Unido de Moçambique (Monaumo) para formar o Partido de Coalisão Nacional (PCN), presidido pelo citado Simango. Todos eles sem base popular, contando apenas com o apoio e o dinheiro dos colonos portugueses.

Paralelamente funcionavam os grupos paramilitares sob a direção de Jorge Jardim. Este incluia a Frente Independente para a Continuidade (Fico), a Convergência Democrática de Moçambique, os Dragões da Morte, Ação Armada Moçambicana, o Movimento Moçambique Livre, assim como antigos membros das forças coloniais que funcionavam de forma independente.

Após a independência, todos esses grupos passam à clandestinidade. Mas surge na Rodésia a emissora de rádio Voz da África Livre, controlada pela Fumo, iniciais agora da Frente para a Unidade Democrática de Moçambique, dirigida pelo Dr. Domingo de Arouca, organização que reivindica algumas ações armadas isoladas, disputando estas com uma nova frente de Cabo Delgado, presidida por Lázaro Kavandame. A separação dessas Frentes demonstrava então que a independência tinha produzido a dissolução do PCN e a quase total ausência de atividades terroristas durante 1976 e 1977, mostrava a debilidade da ultra-direita.

A apariação de Domingos de Arouca na direção da nova Fumo já mostra uma participação de Jardim, com quem mantém estreitas relações. De fato, Arouca tinha sido um dos elementos que os portugueses trataram de infiltrar na Frelimo (Frente de Libertação de Moçambique) o partido de Samora Machel, que hoje se encontra no Governo.

Quanto a Jorge Jardim, pode-se agregar que é um importante homem de negócios (dono de bancos, empresas de seguros, de cimento, aço, navios, etc.). Também foi subsecretário do Estado durante o Governo de Salazar. Jardim dedicou-se a combater a Frelimo através do seu exército particular, formado com a ajuda do então Governador Militar português de Moçambique, o general Kaulza de Arriaga. Além de ser oficial PIDE/DGS, Jardim organizou sua própria Agência de Informações de Moçambique. E se os Grupos Especiais e os Grupos de Pára-quedistas Especiais estavam teoricamente baixo o mando do Exército português, de fato, obedeciam diretamente às ordens de Jardim, [illegible] lhes dava um [illegible] e-denado. Foram os seus homens os que realizaram as maiores atrocidades da guerra colonial.

Em 1978, dentro da Rodésia, Domingos de Arouca, Kavandame, Jardim e outros criaram o MRM. E de acordo com prisioneiros capturados pela Frelimo, a sede do Movimento e a rádio antes citada, estariam baseados em Gwelo, Rodésia, onde recebem treinamento militar. O recrutamento está sendo levado a cabo fundamentalmente no exterior, tratando de atrair à Rodésia aqueles portugueses que residiam em Moçambique e que fugiram depois da independência. Entre esses, encontram-se os jornalistas Miguel Marrupa e João Mário Tudela, que agora dirigem a emissora de rádio contra-revolucionária.

ESPERTAS

Maconha e pó podem resolver crises sociais

Quando, no número 17 do REPÓRTER, fizemos uma matéria sugerindo que o governo federal plantasse e exportasse maconha para saldar nossa dívida externa (seguindo a idéia lançada pela Associação Nacional de Instuições Financeiras da Colômbia) muita gente disse que estávamos apelando.

Pois bem, agora os colombianos foram ainda mais longe: o presidente do Senado, Hector Echeverri, simplesmente pediu a legalização da cocaína em seu país e que todos os países latino americanos vendessem aos Estados Unidos todo o pó e toda a maconha que fossem confiscados em seus territórios. Dessa maneira, os maiores consumidores de drogas do mundo estariam ajudando os países da América do Sul, principalmente, a solucionar os grandes problemas sociais. A pergunta continua pairando no ar: já que uso e o comércio da maconha está institucionalizado em pelo menos seis países latino-americanos (Brasil, Colômbia, Peru, Bolívia, Paraguai e México) e a cocaína nos quatro primeiros, por que não escancarar logo?

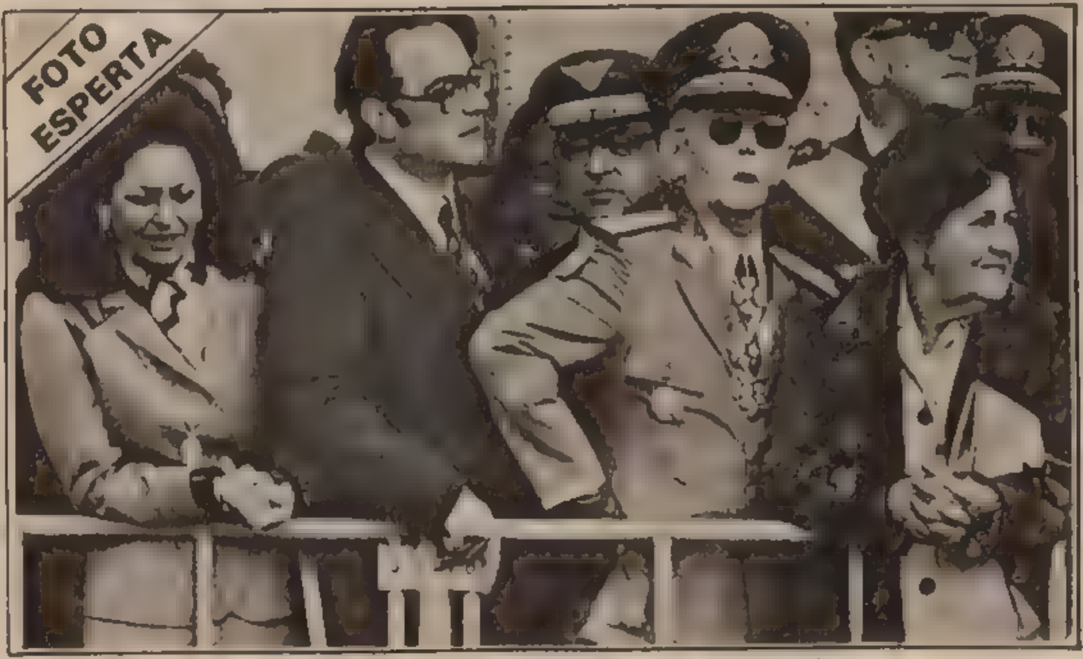
Chico Júnior

TV Tupi quer que Maluf apareça mais

A greve da Tupi terminou, mas sua equipe de jornalismo não voltou a trabalhar: cinco editores-chefes contratados há meses, estão suspensos: Gabriel Romero, Narciso Kalili, Milton Severiano da Silva, Guilherme Cunha Pinto e Sérgio Sister. A suspensão é por tempo incerto, já que a emissora hesita em demiti-los: eles têm contrato assinado por um ano e teriam direito a uma boa indenização — perto de Cr$500 mil cada um. Outra razão para o impasse é de ordem editorial: a direção da Tupi não está satisfeita com seu noticiário: quer mais notícias (positivas) a respeito do governador Paulo Maluf.

Alex Solnik

Foto de João Bittar



Parada de 7 de setembro em São Paulo General Milton Tavares, comandante do II Exército, pressente a aproximação do governador Salim Maluf e imediatamente protege o bolso do paletó com a mão direita

Assaltante incomunicável prá não abrir o bico

O ex-guarda de segurança Sérgio Rodrigues da Silva, de 23 anos está preso há quatro meses na Delegacia de Belford Roxo, em Nova Iguaçu (Rio de Janeiro), sem poder receber visitas, nem mesmo de sua família. Ele é acusado de ter assaltado a menor DHM e seu namorado, Jorge Rocha, de quem levou Cr$ 6 mil, além de o ferir com uma facada na mão direita. Sérgio, segundo consta no registro policial — que é a versão oficial —, praticou o assalto em companhia de sua amante, Narcisa Pereira da Silva (no dia seguinte à prisão de Sérgio, foi encontrada estrangulada e queimada — ver **REPÓRTER Nº 21**), da menor CB e de um mulato conhecido apenas como **Jorge Soldado**.

Sérgio está preso incomunicável porque no dia em que sua amante foi assassinada, muita gente já sabia que alguns policiais e o comerciante José de Almeida estavam implicados, no crime. Ele também sabe de muita coisa e, por isso, o melhor é mantê-lo trancafiado e calado.

Narcisa foi morta porque falava demais. Esta foi a conclusão a que chegaram alguns frequentadores do Bar Fliperama, em Belford Roxo. José de Almeida, o proprietário desse bar, pagava a Narcisa um cachê de Cr$ 80 (incluindo um prato de sopa), para atrair os fregueses noturnos, mas exigia que ela nada falasse sobre as ligações duvidosas que José de Almeida tinha com ladrões, dos quais freqüentemente recebia cordões, relógios e anéis, frutos de pequenos roubos nas imediações do bar.

Na véspera da morte, Narcisa foi ao Bar do Almeida em companhia de Sérgio Rodrigues, onde beberam e comeram alguns salgadinhos. Neste dia, Narcisa beijou Sérgio, o que aborreceu muito ao José de Almeida. Além disso, Narcisa andava espalhando que estava grávida de José de Almeida, que é casado com uma mulher muito temida em Belford Roxo, tanto por homens quanto por mulheres.

Depois do assalto a Jorge Rocha, na Avenida Brigadeiro Lima e Silva, Narcisa e os três parceiros fugiram, mas foram descobertos por José de Almeida, no novo morro da Faculdade. José, que estava armado, pediu a um motorista de táxi que fosse à 54ª DP chamar reforços. Veio o reforço. O detetive Pedro Nascimento, o **Tiroteio**, chegou atirando e dando muitas porradas em Sérgio Rodrigues e na menor CB. Aproveitando o tumulto, Narcisa e Jorge **Soldado** fugiram.

A menor CB, testemunha ocular do crime, um dia antes de ser internada no Instituto Padre Severino declarou ao Juiz de Menores, Nicílio Fagundes, que foi **Tiroteio** quem comandou a caçada ao quarteto, no morro da Faculdade. Segundo CB, **Tiroteio** baleou Narcisa, mas, antes cuidou de levar Sérgio para o xadrez. Depois foi buscá-la no morro.

Quando voltou para buscar Narcisa, **Tiroteio** não voltou sozinho. A seu lado vieram o comerciante José de Almeida e o matador profissional Euclydes da Silva e Souza, o **Quidinho**, acusado de ser o responsável por mais de 50 assassinatos, na Baixada Fluminense, sendo o mais recente o envolvimento na morte da diretora do Patrimônio do Fluminense Futebol Clube, Irene Rodrigues Guimarães.

O exame balístico solicitado ao Instituto Carlos Éboli, pelo Delegado titular da 54ªDP, Geraldo Amim Chaim, constatou que foram deflagradas seis cápsulas da arma de **Tiroteio** e outras três da arma de José de Almeida.

Antes que esqueça: José de Almeida está sumido do Bar Fliperama, depois que espalharam um boato em Belford Roxo, que **Quidinho** tinha sido assassinado, o que não foi confirmado.

José de Almeida vive reclamando aos fregueses que freqüentam o seu bar (localizado no centro de Belford Roxo), que já gastou mais de Cr$ 50 mil para sair desse rabo de foguete.

Enquanto isso, Sérgio dorme nu no chão de cimento. E sua família tem que pagar um suborno de Cr$ 50 cada vez que ele entrega um maço de cigarros.

Baixada vai se mostrar em contos

Saiu o número de outubro da revista Equipe, *editada e distribuída somente na Baixada Fluminense. Traz poesias e contos inéditos de novos autores, uma entrevista com José Brigagão (o único comunista assumido de Nova Iguaçu), e mais Celso Mosciaro e Julio Cezar da Silva. Em novembro, a Equipe lançará o livro de contos* Pau-de-Sebo, *com contos inéditos de Antônio Fraga, Waldemar das Chagas, Laís Sá do Amaral Junior. Enock Cavalcante, Iraí Rabelo, José Walter da Silva, Antônio Carlos Rocha, Luís Ferrão, Pedro Cabrera Rosa, Sandra Quintela, Neiva Rodrigues, Carlos Altino, Armando Alves Filho, Eldemar de Souza e Silbert Santos Lemos. Ilustrações de Belém, Filipak, Franz, Gênio, Mauro Lemos e Coutinho, Ney Crespo e Jô Vitorino. Aguardem.*

Jocenir Cruz Ribeiro

● ● ● ● ● ● ● ●

O Plano do Álcool (Proálcool) é o pulo do gato da indústria automobilística no Brasil. Não que ele, em si, seja ruim ou errado. É ótimo, certo e nacionalista. Acontece que as montadoras, na pessoa do chefe de sua associação de classe, o senhor Mario Garnero, perceberam que sua posição no mercado brasileiro estava ameaçada por um fato terrível: o país não tem o combustível que alimenta a frota. A gasolina vem do petróleo que o Brasil compra todo no exterior a mais de Cr$ 150 o barril. Como, então, aumentar a produção de automóveis se não há dólar pra pagar a conta das importações?

Aí, a indústria que durante mais de quatro anos sabotou o Proálcool, resolveu promovê-lo, garantindo matéria-prima pros seus tanques. Isso quer dizer que o Brasil vai se transformar num imenso canavial destinado a fornecer combustível para que o setor automobilístico continue produzindo mais de um milhão de carros. E as cidades continuem intransitáveis, e a classe média continue comprando alguns carros por família e nós todos sejamos mais felizes.

Vamos fazer o Proálcool pra isso?

Não devíamos.

L.A.B.

ESPERTAS

Muita gente de olho grande na Lagoa-Barra

A grande maioria dos moradores do conjunto Manoel França está convencida de que a passagem da auto-estrada Lagoa-Barra pelo meio do prédio é a solução para os problemas que eles vêm sofrendo desde a construção do conjunto. Eles são funcionários públicos, comerciários, detetives e guardas de segurança.

O Departamento de Estradas de Rodagem (DER) está de posse de dois projetos para a estrada: um pela encosta, que viabiliza a construção de prédios atrás do morro da PUC, e outro, mais antigo — aperfeiçoado por professores da própria universidade — que apresenta como solução a construção de um túnel subterrâneo que não desalojaria os moradores do conjunto nem destruiria as 10 mil árvores do local. Este segundo não chegou a ser estudado nem pelo DER e muito menos pela Reitoria da PUC — uma universidade católica que apóia a campanha da Igreja de preservar o meio-ambiente. Ela também assumiu um compromisso com os moradores de não tomar nenhuma decisão que viesse a prejudicá-los com a destruição parcial do conjunto — o bloco A5. Mas este compromisso foi dissolvido por interferência do DER, que propôs aos moradores do bloco novos apartamentos no campo de futebol do condomínio. Atentem. Como que um departamento de estradas pode prometer construir novos prédios e ainda reformar o que já existe? Os 48 moradores da parte que vai ser demolida foram convencidos, em encontro com o Diretor do Departamento, João Carlos Vieira, de saírem do conjunto para morar nos novos prédios. Para os que vão ficar o DER prometeu reformas.

O estado do prédio é o mais precário possível. Há 13 anos os moradores assinaram uma promessa de compra e venda com a (Companhia Estadual de Habitação) CEHAB para receber a escritura definitiva dos apartamentos em 1981. Só que o registro do imóvel no cartório exige a apresentação do habite-se que atesta o bom estado do conjunto. Sem elevador — que, por lei, já deveria existir por se tratar de um prédio de seis andares —, sem extintor de incêndio e com a parte elétrica e os encanamentos danificados os moradores não podem conseguir o habite-se.

Mas o que os moradores não percebem é que toda essa desarrumação está dentro do programa armado pelo governo estadual (leia-se Chagas Freitas) para facilitar a construção de prédios (leia-se especulação imobiliária) nos terrenos localizados atrás da PUC. A aprovação do projeto do DER, à meia-encosta, poderá mudar a classificação da área de ZR-1 (zona residencial — 1) para ZR-2, que torna possível a construção de edifícios. Daí as pressões do governo estadual sobre a PUC para que ela aprove o projeto. À universidade não resta outra alternativa. Ela precisa se expandir, pois já foi obrigada a limitar seus cursos e a entrada dos alunos. Com a desapropriação do terreno por onde vai passar a estrada, provavelmente a universidade vai ganhar como indenização mais espaço para seu funcionamento.

Silvia Duarte

Informática vai fazer nossa cabeça

O pai de família acorda pela manhã, aperta um botão e na tela da TV aparecem as principais notícias do dia. Mamãe, em seguida, aperta uns tantos botões e no supermercado do bairro, chegam, por um vídeo de TV, as ordens de compra do dia. O filhinho não se preocupa em sair de casa pra ir à escola: o vídeo de TV serve de monitor para as lições do dia. E por aí vai. Em casa, na escola, nas lojas, nas fábricas, em todos os lugares, os computadores resolvem os problemas e, através de cabos (como os telefones) ou via satélite (como o Jornal Nacional da Globo) dão as ordens que interessam ao pai, à mãe, ao filho, à filha, ao estudante, ao operário, ao médico, ao bancário, etc. etc.

Não se trata de qualquer filme de ficção científica. Mas isso já está a caminho e não estamos muito longe do tempo em que a sociedade estará toda informatizada — palavra técnica e difícil que significa o uso do computador pelas pessoas, assim como hoje usamos energia elétrica e petróleo em todos os momentos de nossas vidas.

Imaginem se o fornecimento de energia elétrica estivesse por conta de uma única empresa privada e que essa empresa, de repente, quisesse aumentar as tarifas e ameaçasse suspender o fornecimento de energia? Ou — não é preciso imaginar — lembrem-se de como está a situação do petróleo já que todo o mundo usa petróleo, mas apenas uma dezena de países o produzem.

Pois bem. Existe uma empresa, chamada IBM, que, se deixarem, vai fazer com a informática, dentro de 20 ou 30 anos, o mesmo qe os árabes fazem hoje com o petróleo: ela terá os computadores, os cabos, os vídeos, de TV, os satélites, etc., etc. E ela vai ditar o ritmo da dança. Quem não dançar no ritmo dela, dança.

Por isso, o problema da informática é de importância nacional. Até agora, só uns tecnocratas e militares conhecem essa história e se preocupam com ela. Mas isso é assunto que deve começar a preocupar a todos. Tanto que a Associação dos Profissionais de Processamento de Dados do Rio de Janeiro fez um simpósio que concluiu pela necessidade de o Congresso Nacional debater a questão dos computadores juntamente com toda a Nação e fixar as leis que orientarão a informatização da sociedade brasileira.

Atenção: a palavra é essa — informática. É bom começar a ficar de olho, antes que você deixe de ser chamado de José da Silva e passe a ser conhecido como 901 538 726. E seu filho, ao invés de Zezinho, poderá ficar dendo o Vinteseiszinho.

É isso aí porque já tem gente nos altos escalões dessa República querendo trocar o seu nome por um número para facilitar o trabalho dos computadores que já existem por aí. E número, como todos sabem, é o que serve para identificar presidiários e soldados. Isto é, quem taí para obedecer e ficar calado.

Marcos Dantas

Médicos não podem ver a ética

O Conselho Regional de Medicina, que regula e fiscaliza a profissão do médico, está impedido de exercer suas funções. Dia 1º de outubro fez um ano que duas chapas concorreram à diretoria do Conselho, vencendo a Chapa 2, de oposição. O Conselho Federal de Medicina, que coordena os 23 CRM do país, não homologou a posse, alegando uma série de ilegalidades.

O Conselho Federal teme a posse e a influência da Chapa 2 porque depende dos Conselhos Regionais para se reeleger. Sendo assim, o Conselho do Rio de Janeiro não está podendo fiscalizar o trabalho do Instituto Médico Legal, ver a causa da morte do servente Aézio, apurar as denúncias feitas pelo pai do garoto de 12 anos que morreu no hospital, entre milhares de outras questões.

Clarice Nishier

Fundação Cultural bagunça o coreto dos artistas

O meio artístico baiano em geral não está satisfeito com a atuação da Fundação Cultural do Estado. Apontam dois erros básicos, que mostram como seus dirigentes vêm conduzindo o órgão.

O primeiro deles é que a fundação não cumpre o verdadeiro papel para o qual foi criada, que é o de promover manifestações artístico-culturais usando matéria-prima do próprio Estado, incentivando o desenvolvimento das artes locais. Um exemplo disso é o caso do compositor baiano Lindenberg Cardoso, a quem a fundação negou a verba de Cr$ 20 mil para um curso sobre composição musical. Essa promoção seria da maior importância não só para aqueles diretamente envolvidos com a música, mas também para outros setores que teriam acesso a informações culturais.

Ao invés de promover um curso completo por Cr$ 20 mil, a fundação contrata um só músico instrumentista, de outro Estado, para um dia de apresentação, por quase Cr$ 100 mil. O próprio fato de a fundação viver buscando artistas fora da Bahia já deixa claro o seu desconhecimento a respeito do potencial artístico local, ou o que esteja acontecendo em termos de arte no Estado.

A segunda queixa é quanto à máquina burocrática e emperrada que se transformou a fundação, um órgão estático, repleto de funcionários públicos com pouca ou nenhuma condição de lidar com assuntos de natureza artística.

No que se refere à distribuição de verba, a bagunça é total. Aí a organização falha inteiramente: para a apresentação de um solista ou de um espetáculo com um grupo de 15 artistas, que exige uma infra-estrutura mais complicada, a fundação dá a mesma verba. O Sexteto do Beco, foi uma das vítimas da desorganização da fundação que, a rigor, deveria incentivá-los.

Diretor de banco se explica

"Visto como fui alcançado pelos conceitos e comentários produzidos no seu artigo, e porque tenho visão diferente da sua, relativamente ao problema objeto da reportagem, entendi de meu dever dirigir-lhe esta carta, com o objetivo de manifestar-lhe a minha discordância quanto aos seus pontos de vista e apresentar-lhe alguns comentários sobre certos aspectos da questão.

Sem ser um "banqueiro", posto que não participo do seu controle acionário, sou diretor do Banco Econômico desde 1971, após uma carreira iniciada em 1953. Assim, na verdade, sou um bancário no exercício das funções de direção superior do banco, situação em que se encontram outros 15 colegas, no nosso "grupo", e centenas de outros em quase todos os bancos brasileiros.

No meu caso pessoal, a dar-me alguma autoridade nesse assunto existe o fato de haver participado do movimento sindical bancário nos primeiros anos da minha atividade profissional.

Para efeitos metodológicos desejo apreciar sua reportagem sob duas angulações diferentes:

a) os aspectos relativos à distribuição de renda, a nível dos bancos;

b) os aspectos relativos à profissão bancária no Brasil.

Embora o seu trabalho não enfrente, expressamente, o problema da distribuição de renda, parte da abordagem reflete essa preocupação, que, na verdade, é um grave problema brasileiro, de que os bancos não são exceção.

De fato, o sistema da distribuição da renda e, a nível de empresa, dos salários, no Brasil, consagra um quadro injusto que cumpre corrigir.

É bem sabido que, no Brasil, altos salários convivem com remunerações muito baixas, havendo casos de grandes diferenças entre o maior e menor salário, na mesma empresa.

Julgo que deve se constituir Objetivo prioritário de todos — governo, sindicatos, empresários — a promoção de meios que conduzam a uma melhor distribuição de salários no Brasil, a exemplo do que se vem fazendo ultimamente.

Se a sua reportagem fosse produzida em momento diferente do atual eu diria que ela reflete uma visão maniqueísta do problema bancário, onde uns são exploradores, outros são explorados; uns são bons, outros são maus; uns ganham demais, outros ganham de menos.

Mas como seu trabalho foi preparado para divulgação em agosto, percebe-se que é uma peça de apoio ao esquema montado para a preparação da classe para a campanha de revisão salarial. E, como é sabido, na guerra e no amor, vale tudo...

O **leit-motiv** de seu artigo é o valor dos salários dos diretores de bancos em comparação com os salários dos jovens que iniciam sua carreira nesses mesmos bancos. Tudo muito apropriado para a reação emocional pretendida.

Vejamos contudo, como se pode apreciar a situação salarial dos bancos à vista da realidade.

Num aspecto geral, pode-se dizer que uma parte dos bancários, algo em torno de 10%, ganha altos salários, havendo casos de remunerações superiores à de diretores. O outro grupo bastante numeroso, da ordem de 30%, tem ganhos mensais variáveis entre 7 a 20 salários mínimos. O resto do pessoal forma a base do banco e pode ser distribuído em dois segmentos: o dos iniciantes, com remunerações variáveis entre 2 e 3 salários mínimos, alcançando uns 40%, e os em formação, que percebem mais de 3 e menos de 7 salários mínimos, representando cerca de 20%.

Excluídos os funcionários do Banco do Brasil, eu diria que a média de remuneração nominal direta dos bancários brasileiros se situa entre 5 e 6 salários mínimos nacionais, algo entre Cr$ 10 e Cr$ 12 mil. Por outro lado, sabe-se que as despesas com pessoal no ramo bancário andam por volta de 60% das despesas totais, fato que significa uma extraordinária limitação dessas empresas quanto à elevação desses mesmos dispêndios. Com relação a tudo isso, gostaria de colocar as seguintes questões, sequer afloradas em sua reportagem:

a) O salário dos bancários iniciantes

Ninguém desconhece os níveis iniciais de salários para os bancários. À base de jornada de 8 horas (para permitir comparações com outras categorias) os jovens admitidos como auxiliares de escritório nos bancos privados ganham em média, no país, uma remuneração variável entre Cr$ 3.500 à Cr$ 4.100.

Na verdade, esses valores correspondem a salários nominais, posto que a eles se devem agregar parcelas relativas às gratificações de balanço, 13º salários e em muitos casos, comissões por venda de papéis ou aumentos de depósitos, contribuições para seguros e convênios médicos e subsídios para alimentação, insumos remuneratórios que elevam o salário real para Cr$ 5.000 a Cr$ 5.500.

Se se disser, ainda, que esses iniciantes na carreira bancária não têm qualquer qualificação profissional, estão na faixa etária dos 18 aos 22 anos, estudam no 2º ciclo ou freqüentam a universidade e, em geral, não têm nenhuma reponsabilidade pelo sustento da família, chega-se à conclusão de que, comparativamente a assalariados de outras atividades, com outro grau de responsabilidade econômica e social, esses jovens bancários ganham bem...

b) o banco no mercado de salário

Em relação a qualquer outro tipo de empresa, os bancos brasileiros mantêm política de salários extremamente competitiva. Como grandes agentes formadores de mão-de-obra qualificada, em todas as funções de administração, os bancos trabalham com tabelas salariais a nível de mercado, de modo a receberem em seus quadros os profissionais neles preparados.

c) a carreira bancária: a universidade no trabalho

O aspecto mais importante da atividade dos bancos no campo das relações de trabalho está na sua função de formação pessoal. Adotando, em geral, o sistema de carreira fechada, o banco reserva todos os cargos superiores de seus quadros para os jovens que recruta sem qualquer qualificação, obrigando-se, conseqüentemente, a um vultoso e permanente investimento em sua formação e em seu desenvolvimento. Eu costumo dizer a colegas que a carreira bancária corresponde a qualquer curso superior. Com vantagem! A qualquer jovem de 18, 19 anos que ingresse numa universidade estão reservados cinco ou seis anos de aprendizado e, após, uma incerteza de carreira profissional intensa! A um jovem de 19 anos que venha trabalhar nos nossos bancos, com uma remuneração, que a cada ano corresponde ao seu nível de conhecimento e responsabilidade, está reservado uma carreira sem quaisquer limitações, e a ampla possibilidade de realização pessoal e profissional.

Na direção dos bancos brasileiros, a começar pelo Banco do Brasil e bem assim, nas suas funções de alta responsabilidade, estão milhares de bancários, que vêm em sua profissão uma das melhores do mercado e, certamente, uma das poucas que oferece a possibilidade de se fazer uma carreira.

Pretender destruir os efeitos benéficos dessa estrutura porque a jovens inexperientes se paga pouco e a ocupantes de elevadas funções se paga muito além de se constituir numa mistificação, é atentar contra as bases de um sistema que valoriza a perseverança, o mérito e a competência". (**Paulo Maciel, Salvador, BA**).

■

Estamos com medo, mas não estamos dormindo

"Medo... de quê? De quem? Medo. O que é medo? Todo mundo tem medo, ele está presente na vida da gente.

Existe o medo de altura, do estranho, medo de assombração, etc., existe até as fobias. Só nunca ouvi falar que alguém tivesse medo de ganhar dinheiro explorando o ser humano, descaradamente, mentindo para o povo.

Eu também tenho medo, o meu consiste em mãos bondosas, que apareceram de repente, como num passe de mágica, para salvar a classe trabalhadora.

De repente virou moda defender os trabalhadores, dizer que estão do lado da classe dominada. Mas um aviso à classe trabalhadora: devemos desconfiar dessas mãos milagrosas.

Nós mesmos devemos levantar a nossa bandeira de luta e deixarmos de ser bode expiratório dos oportunistas. A gente vê que está todo mundo perdido, sem perspectiva de vida, aí se acredita em tudo e em todos. A necessidade de se afirmar em alguma coisa é muito grande.

Agora que os trabalhadores começaram a se unir, começaram a aparecer os "super heróis". Antes, não apareceu um "salvador" sequer.

Agora um aviso a esses "moços bonzinhos": a única coisa que nós temos é a nossa força, pois bem sei que ninguém está preocupado com nossas barrigas vazias, nosso baixo salário, nossa subnutrição, e sim encher os bolsos deles.

Vamos acordar, vamos desmascarar esses "santos" que nunca fizeram milagres. Só agora estão tentanto fazer em nome do trabalhador." (*Cenira Ventura da Silva — Rio de Janeiro — RJ*).

"Obrigado pela nota "Reitor tem medo de homossexual" (*REPORTER* nº. 21, página 29), na qual há, porém, algo a retificar: eu não sou professor da Universidade Cândido Mendes, nem de qualquer outra instituição

(João Antônio de Souza Mascarenhas, Rio de Janeiro, RJ)"

Quero teatro, cinema e outras artes

"Sabe, eu e minha família temos um especial carinho pelo REPORTER. Num certo sentido ele é o único, fala ao povo a linguagem do povo. Não é um jornal de intelectuais que "descem ao povo", é um jornal do povo. Mas notamos algumas lacunas. O nº 21 traz uma breve nota sobre teatro, falando da peça "A Resistência". Se bem me lembro essa é a única vez que o jornal toca no asunto, e assim mesmo de passagem. Ué, por que? O nosso teatro é frequentado pela classe média e rica, o povo fica de fora, mas há peças que, embora não sejam feitas para o povo, são feitas a favor dele, ou pelo menos de classe média. E que dizer de cinema, então? Não me lembro de ter lido uma só linha no jornal sobre cinema. Já não digo nada de outras artes. Ou melhor digo, a música popular brasileira. Há excelentes compositores nossos. Se vocês quiserem provo que Chico Buarque e uns poucos figurões não são os únicos. E que dizer da Anistia Ampla Geral e Irrestrita? Neste campo, também o REPORTER tem sido um pouco tímido.

Claro, nada do que escrevi invalida o extraordinário esforço de vocês. (Murilo Dias Cézar, São Paulo)

Ética publicitária não vale para pequeno.

Durante dois anos, o Sr. Roberto Duailibi ficou tirando o corpo da seringa, fazendo de conta que nem era com ele a mudança do título do anúncio de "homenagem" ao publicitário vencedor do Concurso Unibanco de Literatura. Alterado o título, virou a sorte do "homenageado" — de premiado passado a coitadinho, com sua cara e o seu nome correndo por esse Brasil, causando perplexidade. "O sujeito deve ser maluco. Como é que topa ser exibido assim, se deixando esculhambar?".

Para o respeitável público, um negócio realmente esquisito, que não dava para entender: o cidadão conquistava o 1º. lugar no concurso literário e consentia em ser escrachado? Como é que pode um negócio desses?

Pois é, só que as coisas aconteceram de modo muito diferente e o cidadão entrou na roda de fogo, por obra de maldade e esperteza do figurão publicitário.

Com um ponto de interrogação que exigiu no título, o escritor (aliás, com três premiações em propaganda e duas em fotografia) viu chance de questionar o próprio mercado de trabalho, operando com raciocínio de alcance fácil a qualquer inteligência mediana: "Como é que é, ô gente? Vocês dizem no texto que o cara é talentoso e pegou o 1º. lugar entre 13.306. Mas homenageiam o distinto e deixam ele no desvio? Que é que há?". Quase uma fina ironia.

O Roberto Duailibi terá percebido o lance e resolveu. Corta-se o ponto de interrogação, muda-se todo o sentido da mensagem e o premiadinho não vai questionar porra nenhuma. Ele está desempregado e ponto final. Que se dane a responsabilidade nem é minha. Quem assina o anúncio é o Conselho Nacional de Propaganda. Vamos faturar mais uma campanha de relevante sentido social e aí teremos nova glória para o Conselho.

E se o desgraçado chiar? Pode chiar. Deixa bronquear. Ninguém liga e fica o bicho estrebuchando. Vai acabar falando sozinho e além de fudido ganha uma de chato. Começa que não vai arranjar nada no colunismo publicitário, porque o pessoal não é besta de comprar uma indigesta. Seus próprios colegas seguirão o mesmo caminho. Solidariedade só em sigilo, mas na prática é isso aí: "Fudeu-se? Pois foda-se. Estou só a fim de garantir o meu".

Dito e certo. Não adiantou esculhambar o Duailibi em plena sessão de entrega do prêmio Unibanco (25 de agosto de 1977), ver o vaselina amarelar e arrancar-lhe promessa de retratação. Àquela altura, um simples e não desonroso pedido de desculpas resolveria (através da imprensa, é claro), desfazendo esse, digamos, mal-entendido.

Depois, tome carta em cima do Conselho Nacional de Propaganda, do Mauro Salles, do Ênio Mainardi, do Geraldo Alonso (presidente da Comissão Nacional de Auto-Regulamentação Publicitária) — enfim, de todos os paladinos da Ética que pudessem interceder para uma solução amigável. Mas resolve mandar cartas a insensíveis, gente com alma de gelo que atribui ao ser humano o mesmo valor de um bagaço de laranja?

Então, já que era assim, coloque-se a Justiça para decidir a questão. Uma parada brabíssima, sabe-se, cujos efeitos não demoraram, começando pela chamada que me fez o presidente da Denison Propaganda para uma "conversa entre amigos". Em primeiro lugar, lamentou minha pouca sorte: nos próximos dias, ele seria empossado na presidência do Conselho Nacional de Propaganda e não lhe ficaria bem ser processado por um funcionário de sua empresa. Fiz ver que o negócio era bem assim e que o Oriovaldo nada tinha a ver com o agravo por mim sofrido. Ponderei que o processo era contra o Conselho — este, sim, sacaneado pelo Duailibi, que botou a entidade no fogo e tirou o seu precioso da reta.

Mas de conversa em conversa, surgiu a **sugestão** de "acerto", que os **homens** lá do Conselho topariam, em particular, evidentemente. Bastava que eu retirasse o processo, ficando tudo em paz e até com **vantagem** financeira... Diante do meu NÃO (porque não sou homem de sujeiras), veio a ordem de demissão, acompanhada de outras represálias: a queimação no meio publicitário e, por insondáveis mistérios que a vã filosofia não alcança, o silêncio da imprensa.

Quem participou do 2º. Encontro Nacional de Criação Publicitária, em São Paulo, testemunhou minha luta de cão para denunciar as patifarias. Naturalmente, uma luta em que fiz questão de não solicitar noções de solidariedade, por não desejar expor ninguém aos riscos de degola.

Mas alguma coisa consegui. Num debate sobre a posição da Propaganda diante da Comunidade, apareceu o Roberto Duailibi que **vendeu** as ações de benemerência do Conselho Nacional de Propaganda e foi aí que eu entrei com a pergunta inocente:

— Mas será que uma entidade assim, prestadora de tantos serviços de utilidade pública, tem o direito de publicar sem autorização um anúncio que desgraça a vida de um ser humano? Será que o procedimento está de acordo com a Ética?

Na resposta, o famoso empresário acabou confessando a autoria da modificação e "pedindo perdão publicamente". Muito interessante. Para avacalhar um cidadão, utiliza-se "midia" nacional, cobrindo o país com a cara e o nome do desgraçado. Depois, pede-se desculpa diante de um auditório. Por sinal, desculpa que nenhum jornal registrou e muito menos o colunismo publicitário, que sabe das coisas. Afinal, que se lixe o pequeno, brigando em desespero pelo respeito à sua dignidade. Do outro lado, estão poderosas "Famílias" dando as cartas no jogo dos 2 bilhões de dólares que a propaganda movimenta no Brasil.

Ruy Carlos Lisboa

EXPOSIÇÃO NO
BAR DO ARNALDO
Mostra de artes em geral em dezembro.
Inscrições abertas no local de 1/10 a 1/11
R: Almirante Alexandrino, 316-B - SANTA TERESA

Essa é a cultura imposta pelas grandes editoras que apregoando um "aperfeiçoamento pessoal" duvidoso incrementam os autores (?) duvidosos e esmagam os novos (e na maioria das vezes bons) autores. Não sendo material de lucro imediato não é publicado. Temos um compromisso com a nossa cultura e devemos lutar contra esse tipo de publicações, e um jornal como o REPORTER, que tem esse compromisso com o povo (enganado e explorado de todas as formas) e não com os "tubarões", deve iniciar a campanha contra a publicação medíocre. Não é através de "livrinhos" que se vai vencer na vida, ter confiança em si mesmo e desenvolver a personalidade. As edições só são de ouro para os editores. (Carlos Cruz da Silva, Rio de Janeiro, RJ)

Correio Homossexual

"Venho pela presente agradecer a publicação do meu anúncio no "Correio Homossexual". Por intermédio dele conheci pessoas maravilhosas. Aproveito a oportunidade para pedir à leitora Ana Soares que entre em contato comigo, pois existem três jovens se correspondendo comigo e que desejam trocar cartas com ela, mas não enviam cartas à redação por não quererem se identificar abertamente, por motivo de família, emprego, etc. (Júlia F. da Silva, Caixa Postal 44, CEP 07700 — Caieiras, SP)

● ***Atenção Ana Soares, estrela máxima do Correio Homossexual: além da Júlia, várias outras pessoas querem lhe passar seus respectivos endereços. Entre, pois, em contato com a gente para que possamos lhe entregar (no bom sentido), os nomes e endereços.***

A música alternativa apresenta suas obras primas

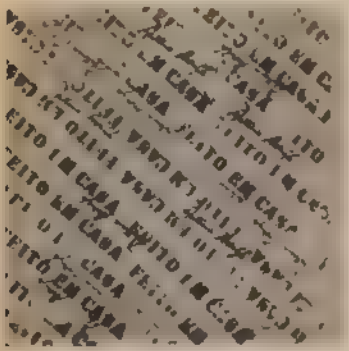
001 — Samba Choro, com o conjunto Sambachoro. Segundo Hermeto Pascoal, "um dos melhores conjuntos instrumentais do país, tocando o choro com inovações e com balanço".

002 — Cheiro Verde, de Danilo Caymmi, autor, intérprete e instrumentista. No disco, a participação de Milton Nascimento, Airto Moreira, Fernando Leporace e Nelson Angelo.

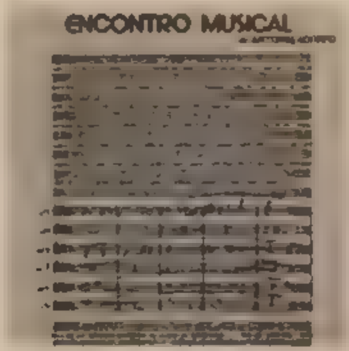
003 — Terra, de Chico Mário, mineiro, falando as coisas de Minas com a força de quem ama sua terra. Compositor, cantor e violonista. Chico Mário contou no seu disco com a participação do Quarteto em Cy, Joyce, Nivaldo Ornelas, Pepê e Antônio Adolfo.

004 — 25 Anos de Violão, com Manoel da Conceição, o Mão de Vaca, um dos principais violinistas da nossa música. Um LP gravado ao vivo no show que comemorou o Jubileu de Prata de atividades artísticas de Mão de Vaca.

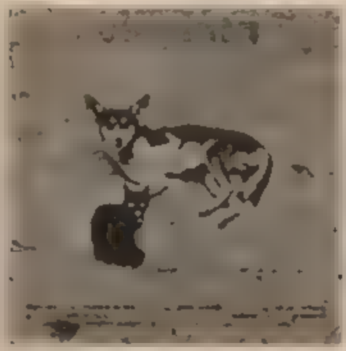
005 — Luli & Lucinha, um disco que cozinhou sete anos na panela do tempo. Danilo deu a colher. Antônio Adolfo a receita. Gravado dentro de uma igreja, em frente ao circo e com a bênção do padre Engel. Violão, vozes e emoções, sem pressa, caprichando no tempero. **Já na 3ª edição.**



006 — Feito em casa, de Antônio Adolfo. O primeiro LP da música alternatriva, feito com amor e carinho. Conta coma participação de Joyce, Márcio Montarroyos, Danilo Caymmi, Chico Batera e Peninha.



007 — Encontro Musical, de Antônio Adolfo. O segundo da série, começa com um de seus maiores sucessos: Sá Marina. Participação especial de Erasmo Carlos, Tutti Moreno, Chico Batera, Joyce e Rildo Hora.



008 — Vira Lata, o mais recente disco de Antônio Adolfo, que assim o define: "A nossa música cada vez se mistura mais com as diferentes influências das diferentes culturas. Não sou purista e nem discriminador, e não considero prejudicial abrirmos nossas portas, a não, ser quando se trata de colonização cultural ou de imposição de modismos. Acho até muito saudável essa mistura da nossa música, assim como um viralata".

GRATIS Na compra de cinco discos, você ganha mais um, à sua escolha, inteiramente grátis. E na compra de três discos, você tem 10% de desconto.

190,00

Receba em casa, em embalagem especial protetora que garante a perfeita integridade do disco, o que há de melhor na Música Popular Brasileira Alternativa.

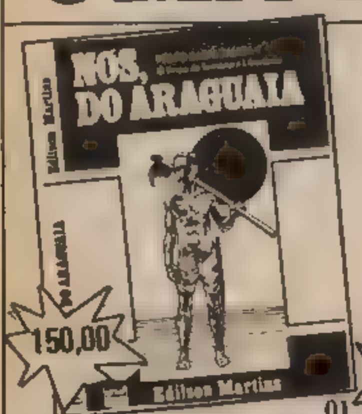
NÃO MANDE DINHEIRO AGORA
Preencha o cupom abaixo e remeta-o para Margem Editoria e Programação Gráfica (Rua Miguel Couto, 134/11º andar, CEP 20070, Rio de Janeiro). Os pedidos do Rio de Janeiro poderão ser feitos pelo telefone 253-5038.

musium — margem

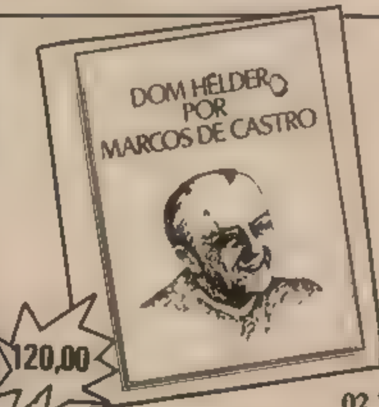
Nome..............................
Endereço..........................
CEP...............................
Cidade............................
Estado............................
Assinatura........................

001	002	003	004	005	006	007	008

UMA ALTERNATIVA DE LEITURA



01
A resistência ao lado dos humildes de Casaldáliga, o mais expressivo símbolo da nova igreja na América Latina, na sua luta contra as injustiças sociais.



02
Baseado numa série de entrevistas com. Marcos de Castro, Dom Helder, esse incansável guerreiro pode finalmente ser revelado ao leitor brasileiro.

03
Como se organiza o mundo do crime e a sua utilidade como fonte geradora de empregos e formas diversas de auferir poderes e benefícios.

NÃO MANDE DINHEIRO AGORA
Preencha o cupom abaixo e remeta-o para Margem Editoria e Programação Gráfica Ltda. (Rua Miguel Couto, 134/11º andar, CEP 20070, Rio de Janeiro). Os pedidos do Rio de Janeiro poderão ser feitos pelo telefone 253-5038.

GRAAL — MARGEM

Nome..............................
Endereço..........................
CEP...............................
Cidade............................
Estado............................
Assinatura........................

01	02	03

☆VESTIÁRIO☆

Essa não! Zaga do Flu é Eurico e Alemão

• A torcida do Fluminense está meio desanimada. Depois da notícia de que o clube está fora do Nacional, a fim de disputar jogos na China, uma outra notícia veio causar mais espanto: o clube não ficará sem uma representação no Nacional, pois os dirigentes tricolores resolveram colocar alguns juvenis do clube com jogadores do Serrano para formar um time. Para quem torcia por Edinho e Tadeu na zaga central, deve ser mesmo duro torcer por Alemão e Eurico Souza, a dupla de área que mais bate no futebol carioca.

• Do doutor Mendell, do Botafogo, sobre o problema que já virou moda: "os jogadores falam tanto de estafa, mas basta terem uma folguinha e lá estão eles metidos em peladas de várzea e futebol de praia. Dá pra entender?

Zezé: a chuteira é sábia

Sabem como é que Zezé Moreira costuma conhecer os jogadores com quem trabalha? Lendo as chuteiras. Isso mesmo, lendo as chuteiras. O treinador quando assume a direção técnica de um clube costuma pedir ao roupeiro a chuteira de um por um e começa a analisá-las conforme as travas. Se elas estiverem bem gastas nas travas do lado do peito do pé, por exemplo, é porque o jogador bate faltas violentas e com muito efeito. E por aí vão os conhecimentos do mestre. Quem sabe, sabe!

Silva, do Bota

Diálogo entre o jovem Silva, do Botafogo, e um torcedor, que precisava resolver problemas de trabalho com ele na cidade:

— Você sabe onde fica a Rua do Passeio (torcedor)?
— Não (Silva)
— O Teatro Municipal? (torcedor)
— Não. (Silva)
— A Avenida Rio Branco? (torcedor)
— Não. (Silva)
— A Cinelândia, ali onde só tem.... (torcedor)
— Ah! Agora já sei onde é. (Silva)

O garoto pode não conhecer o Rio, mas está de alerta geral!

Já a torcida "Gay" do Grêmio lança outra moda: a cada jogo é sorteado um torcedor, que poderá ficar no vestiário, "vivendo momentos inesquecíveis" ao lado lado de seus ídolos.

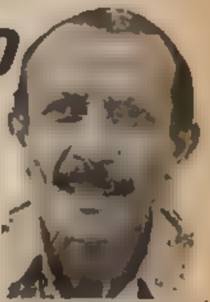
Bosco confessa que provoca pra animar

• Comentário do supervisor do Flamengo, Domingo Bosco, sobre as provocações que ele mesmo costuma fazer para promover clássicos: — O futebol anda meio fraco de arrecadações e eu sinto que lançando durante a semana algumas intrigas, o pessoal fica mais motivado. Mas o torcedor não imagina o quanto isto me é prejudicial. Desgasta muito a minha imagem.

Uuuuuuuu

• A Torcida Organizada do Vasco (TOV), subvencionada por Agatirno Gomes, não apóia o atacante Roberto, para não valorizar muito o jogador. Por quê será, hem?

Tristeza é isso: Tomires, becão do Fla no tri de 55, é hoje porteiro da Gávea



Tomires, no time do tri. Como porteiro, hoje, ele ganha salário mínimo

Você já imaginou esta cena: daqui a 10 anos chegar à Gávea para assistir um treino e encontrar Zico trabalhando como porteiro do clube, lembrado apenas pelos adultos e ignorado pelas crianças

A cena pode parecer totalmente irreal, tratando-se de Zico, um ídolo do futebol brasileiro, já equilibrado financeiramente o suficicente para viver tranquilamente no futuro. Mas passa a ser real e comovente quando se fala em Tomirez de Souza Galvão, o Tomirez que formou dupla com Pavão e que fez parte do time que deu ao Flamengo o segundo tricampeonato, em 1955. Ele hoje, com 51 anos, está constantemente na portaria do clube, fiscalizando a entrada de pessoas que nem sequer sabem quem é aquele homem de aparência humilde, que veio de Alagoas para se consagrar no Flamengo, no período de 53 a 58

— São épocas passadas. Lembro-me que o melhor contrato que fiz no Flamengo — conta ele — foi em 58. Ganhei 100 contos de luvas e 20 contos por mês. Dava para viver bem, além dos bichos que variavam entre 2 e 3 contos

— O que fez com o dinheiro ganho no futebol?

— Não fiz nada. Sabe como é, naquela época não havia procurador e a gente se descuidava. Tudo o que tenho é uma casa em Recife dada pelo Flamengo em 1974. Eles me deram um carro e eu vendi e comprei uma casinha modesta lá

Tomirez está na portaria do clube há dois anos e foi o presidente Márcio Braga quem lhe deu o emprego, pagando-lhe Cr$ 5 mil mensais

— O presidente me deu esse emprego, porque sempre foi bacana comigo Inclusive ele achava que eu, pelo meu passado no clube, merecia coisa melhor, mas...

— Como o senhor se sente ao ser ignorado por alguns jovens que passam diariamente ?

— Futebol é assim mesmo. Existem os momentos de glória, que têm de ser aproveitados porque passam rápido. Sou ignorado por alguns, mas os que acompanham futebol há longos anos ainda me festejam, procuram saber se estou bem e isso me conforta

Tomirez só largou o futebol com 38 anos e antes de virar ídolo do Flamengo, passou pelo CRB, América de Recife, Portuguesa de Desportos, Esporte de Recife e 13 de Campina Grande.

A minha carreira me traz sempre boas lembranças, mas a melhor fase foi aqui mesmo no clube. Xamô, Tomirez, Pavão, Servilio, Dequinha, Jordan, Joel, Duca, Dida, Evaristo e Zagalo, este foi o time que jogou a melhor de 3 contra o América, no final de 55 Ganhamos o primeiro jogo com um gol de Evaristo; perdemos o segundo por 5 a 1; mas no terceiro conquistamos o tricampeonato com um 4 a 1 — três de Dida e 1 de Duca. Foi a maior alegria da minha vida no futebol. Na época fomos gratificados com 100 contos.

Maria Helena Araujo

Médicos e preparadores contra o crime dos cartolas

ESTAFA VAI MATAR NOSSOS CRAQUES

Reportagem de Maria Helena Araújo. Fotos de Chiquito Chaves.

O futebol brasileiro está sendo massacrado pelo excesso de jogos. Em São Paulo, joga-se às terças, quartas, quintas, sábados e domingos. Pra segurar a barra, o jogador é obrigado a todo o tipo de sacrifício, como as infiltrações, que enganam a dor mas podem até aleijar o atleta. Se o calendário não for mais humano, adeus tetra na Espanha.

Se eu continuar nesse ritmo de 80 a 90 partidas num ano, com 30 anos a minha carreira chega ao fim. Cheguei a jogar este ano de 3 a 4 vezes por semana em várias ocasiões e não há tempo para um recondicionamento do atleta. Assim não dá, em quatro anos acaba o meu futebol, nem tanto pela técnica, mas pelo meu condicionamento físico!"

A declaração não seria tão alarmante se não viesse, talvez, do maior craque do futebol mundial no momento: Zico. Arthur Antunes Coimbra, ou melhor, o Zico, em poucas palavras deixou claro que só terá fôlego suficiente para disputar a Copa do Mundo de 82, na Espanha, para um ano depois abandonar o futebol, por culpa exclusiva da péssima estrutura do nosso futebol, que leva a jogador a se submeter a um regime de semi-escravidão. Ele próprio, em nove meses, já disputou 67 partidas, num número jamais visto em outros países e que é considerado verdadeiro absurdo.

A continuar nesse ritmo, é bem provável que Zico alcance mais um recorde em sua brilhante carreira, apesar de tudo: o de número de partidas num só ano. E a reclamação dele, é justa, máscara, ou faz parte de um tema bastante discutido no momento, que é a estafa? O clube, que paga ao jogador quantias elevadas, a nível de futebol brasileiro, não quer saber se ele vai bem ou mal. O que importa são os seus gols decisivos. Mas onde fica a credibilidade do futebol brasileiro no cenário mundial? Para os críticos estrangeiros, se o brasileiro se apresenta mal é porque está ultrapassado e faz parte de um futebol decadente. E o próprio Zico pergunta, como representante de toda uma classe. Para o mundo, como fica a nossa reputação?

Zico tem razão. Fora do Brasil, o país do futebol, quem é que sabe dos problemas dos nossos atletas aqui? Um só jogador no Brasil disputa mais partidas que um time inteiro da Europa num ano. O exemplo está até mesmo no futebol argentino ou espanhol, onde o número de partidas numa temporada varia de 36 a 42. Há tempo para o recondicionamento de que falam os jogadores brasileiros. Mas o que dizem os especialistas em medicina esportiva?

Gil já forçou cartão amarelo pra descansar uns dias

— Não existem medidas de laboratório para provar se um atleta está com estafa — diz o médico do Flamengo, doutor Giuseppe Taranto. O que vem acontecendo no momento é uma repentina perda da forma atlética, com contusões graves, cansaço muscular e outros problemas.

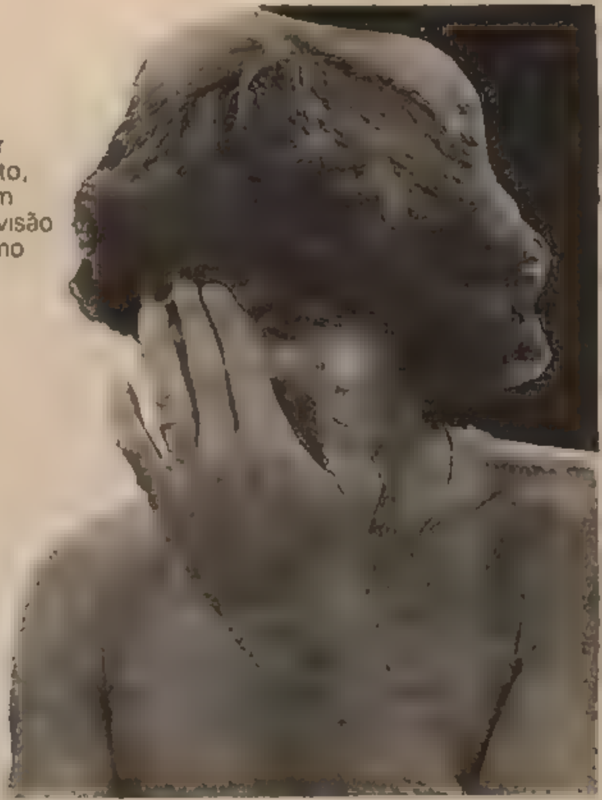
O que provoca todos esses problemas?

— Acho que é um tipo de estafa sim. Mas não se trata de estafa física. É muito mais mental do que outra coisa qualquer. Há poucos dias tivemos um exemplo aqui no Flamengo, onde dizem que há um agravante do problema. Aconteceu com o ponta esquerda Carlos Henrique, que substituiu Júlio Cesar, entrando de saída numa partida. Ele, este ano, só jogou 12 partidas e, durante o jogo, de repente sentiu uma fisgada: distensão no duro. Mas sabe o que é isso? Tensão nervosa, de um jogador novo, inexperiente, que de repente se vê com muita responsabilidade nas costas. Pode-se dizer que seja excesso de jogos?

Segundo o doutor Taranto, o que existe hoje no Flamengo não passa de um cansaço um pouco maior, coisa muito diferente de uma estafa, que se manifesta de várias maneiras, entre elas a queda de pressão e pulsação acelerada.

De quem é a culpa?

— Da estrutura do futebol brasileiro — responde ele. Um futebol muito barato e que obriga os clubes a jogarem o máximo possível, a fim de equilibrar as finanças. Para se recuperar um atleta de uma partida são necessárias 48 horas, no mínimo. É a mesma coisa que tomar um porre, precisa-se de 48 horas para curar. Jogando-se três vezes por semana ou mais não há como recuperar é quem vai perdendo a forma é o jogador, pois as vezes o técnico é obrigado a deixá-lo dois ou três meses sem fazer um só coletivo. Não é a toda que a rapaziada aqui no Flamengo tem verdadeiro pavor de acabar a carreira como alguns funcionários do clube, ex-ídolos como Tomires, Tião e Indio, cada um com seu empreguinho humilde, ganhando salário mínimo.



Se continuar jogando tanto, Zico para em 1983. A previsão é dele mesmo

A propósito do exemplo dado pelo doutor Taranto, de velhos ídolos, será que o problema encurta a carreira?

— Encurta sim. Um cara que poderia jogar até 35 anos, só joga até 30 — responde Djalma Cavalcanti, preparador físico do Botafogo. Mas isso acontece mais por culpa dele mesmo. O jogador de futebol hoje em dia tem dinheiro e quer gozar a vida ao mesmo tempo. Falta uma conscientização do profissional, para evitar farras, maiores desgastes e excessos.

Quer dizer que Carlos Alberto Torres, o nosso capitão na Copa de 70, tinha razão quando disse numa mesa redonda que o jogador brasileiro é pouco profissional, não aguenta pancadas, cai a toa e chega no clube no dia seguinte de tamanquinho só para pegar um sol?

— Ele tinha razão sim e ele mesmo já fez parte dessa vidinha. Lá nos Estados Unidos, Carlos Alberto tem condição de se mostrar mais profissional, mas, se voltasse, entraria no esquema. Nós que somos preparadores físicos, somos uns artistas. Voltamos das férias obrigatórias e nos dão 10 dias para preparar fisicamente o elenco. Entramos na competição pra valer e se perdemos somos incompetentes. Dá pra se fazer um trabalho sério? Na Espanha existem os torneios preparatórios, onde não se cobram resultados. O que vale é o aprimoramento da forma. Partidas oficiais têm de ser uma vez por semana, no sábado ou domingo. Mais do que isso é exagero.

— A estafa física, então, também está existindo?

— Não se pode negar, mesmo porque o excesso de contusões prova isso. Mas também não há dúvida — prossegue Djalma — de que ela é muito mais mental. Você já pensou o que é enfrentar a

tensão de três clássicos decisivos numa semana? Isso aconteceu recentemente com o Botafogo, que jogou com o Flamengo, Fluminense e Vasco. Os jogadores e nós da Comissão técnica não dormíamos, a preocupação era mais do que normal. E é esse o maior inimigo do jogador: o descontrole emocional, que leva a inúmeras distensões, como aconteceu com Zico num jogo da Copa do Mundo. Ele distendeu o músculo por estar nervoso demais.

Para o preparador físico, os jogadores do momento precisam abrir os olhos para não cair nos mesmos erros de antigos jogadores.

— A carreira é curta sim, — diz ele — mas dá para fazer o pé de meia. Quando tiver consciência profissional acaba fazendo fortuna. O que não pode se repetir é o exemplo do Garrincha, um homem que teve o mundo a seus pés, hoje lutando para sobreviver. E vou mais adiante: sou contra esse negócio de jogo beneficente. Quem não teve responsabilidade é porque não quis. Não vamos ser nós que agora consertaremos a vida de Garrincha.

Os exemplos tristes de antigos jogadores a todo momento vem à tona, como se fossem o maior dos profissionais de futebol. O caso de Garrincha sempre é lembrado por jogadores. É por isso que quando se fala em infiltração perto deles o pânico é geral.

— Existem dois tipos de infiltrações — diz o doutor Taranto. A primeira é para as lesões reumáticas ou traumatológicas, a fim de curar o atleta. Nesse caso são necessárias 48 horas de descanso absoluto, sem a menor atividade física, para se ter uma recuperação total em tempo bem menor que o normal. A segunda, porém, é criminosa e pode até aleijar. Quando ela é feita para enganar o atleta, isto é, para tirar a dor e fazê-lo jogar. Ele joga sem nada sentir, mas na verdade a contusão só está se agravando e pode encurtar a sua carreira ou até interrompê-la.

José Roberto Francalacci, um dos preparadores físicos mais conceituados do momento acredita no problema de estafa, mas prefere falar dos métodos que usa para fugir do problema.

— Todos os times, à exceção do Fluminense, foram excursionar recentemente. Todos se cansaram, mas o Flamengo levantou mais um turno do campeonato na volta. É o tal negócio, ou tem time pr'a suportar ou então não vai. No Flamengo, a grande vantagem do momento é o revezamento que o Coutinho pode fazer com os jogadores reservas, todos de excelente nível. Assim, eu posso pegar um Zico, Adílio, Carpeggiani e outros e trabalhar em cima deles, para a recuperação da forma.

Francalacci: ou tem time pra suportar ou não vai

Infiltrações podem ser criminosas, diz médico do Flamengo

Para Lídio Toledo, "o calendário que está aí é desumano"

Em tantas opiniões a respeito, ainda não foi ouvido o principal envolvido no assunto: o jogador. O que pensará ele disso tudo, do calendário, da carreira que pode encurtar, das contusões que podem inutilizar?

— Esse negócio de estafa é besteira. Cheguei a jogar este ano 7 partidas em 12 dias e estou aí, inteirinho. Nós temos é que jogar mesmo, sabe por quê? Para deixar o clube sempre com as finanças em dia, o que representa salário em dia.

A declaração, surpreendente, é do lateral direito da Seleção Brasileira, Toninho, atualmente com 30 anos e no auge de sua forma físico-técnica.

Você concorda então em ser explorado, isto é, obrigado a jogar sem os intervalos de tempo exigido pela lei, só para satisfazer as necessidades do clube?

— Claro que concordo. Nós é que somos a fonte de renda. É do nosso suor que entra dinheiro no clube. E depois tem o seguinte, quanto mais jogar e ganhar, maior número de bichos!

Será que Gil, ex-jogador da Seleção Brasileira, atualmente no Botafogo, concorda com isso?

— Não concordo, acho absurdo sermos explorados desse jeito. Chega a um ponto que não aguento nem ver bola. Jogos e concentrações são tantos que no Nacional do ano passado a minha filha me estranhou quando voltei para casa. Já forcei muito cartão amarelo pra poder descansar e ficar uns dias em casa com a família. Nessa batida, daqui a pouco eu tenho de pendurar as chuteiras.

E Zico, o que pensa?

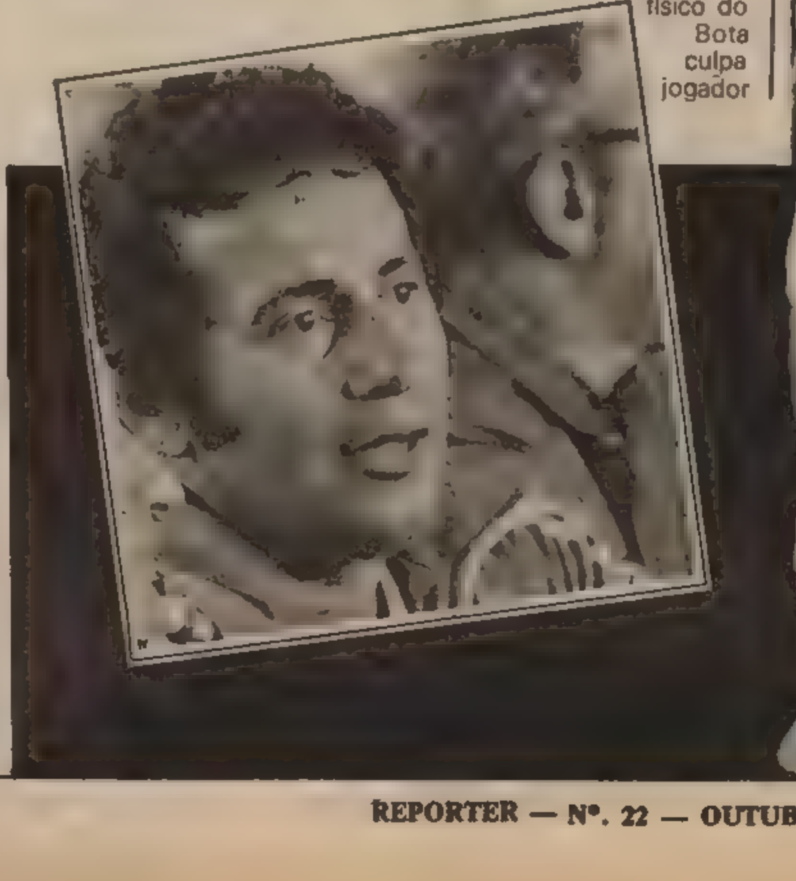
— Acho que a quantidade de jogos vem em detrimento da qualidade. Nós chegamos a um ponto em que não progredimos mais. O rendimento estaciona. Atualmente quando entro em campo me sinto até mal. Penso assim:"pô, eu já tô aqui de novo"?

Agora que já falaram médicos, preparadores físicos e jogadores, falta a impressão final do doutor Lídio Toledo, médico da Seleção Brasileira, que na última convocação para a Copa América chegou a botar a boca no trombone, tal era o número de contundidos.

— Se a estafa existe? Claro que existe — diz Lídio. Quem disser que é onda está cometendo um grave equívoco. No momento o que se passa com os jogadores de Seleção é a dupla estafa: física e mental. Em São Paulo as coisas se agravam, porque os jogos são disputados em cidades muito afastadas da capital e o desgaste em viagens é sempre maior. No Rio, pelo menos, as cidades não são tão distantes. O nosso futebol é barato e os clubes têm de jogar. Recentemente a Seleção Brasileira esteve no Embu e o Coutinho só teve uma alternativa: apelar para o pijama-training, que nada mais é do que um descanso merecido para os jogadores.

O que poderia ser feito para melhorar a situação?

— A solução seria um calendário humano. Este que está aí é desumano, criminoso e acaba encurtando a carreira de profissionais competentes. Agora até que estou mais calmo, pois já fui informado que o primeiro passo da CBF será dar aos jogadores um calendário decente, com programação para um ano. Aí sim poderemos reconquistar a verdadeira técnica do futebol brasileiro.



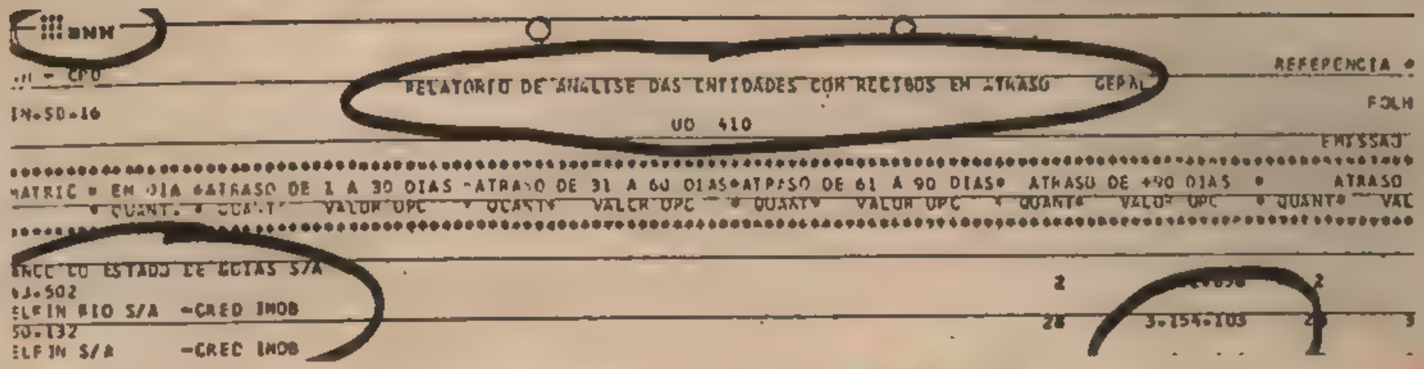
Preparador físico do Bota culpa jogador

Toninho: quanto mais jogo, melhor

GOVERNO SUSTENTA CADERNETA

Dívida da Delfin no BNH chega a 5 bilhões

Reportagem de Luiz Alberto Bettencourt



BNH

RELATORIO DE ANALISE DAS ENTIDADES COM RECIBOS EM ATRASO GERAL

UO 410

REFERENCIA

FOLH

IN-50-16

EMISSAO

MATRIC * EM DIA *ATRASO DE 1 A 30 DIAS *ATRASO DE 31 A 60 DIAS*ATRASO DE 61 A 90 DIAS* ATRASO DE +90 DIAS * ATRASO

* QUANT. * QUANT* VALOR UPC * QUANT* VALOR UPC * QUANT* VALOR UPC * QUANT* VALOR UPC * QUANT* VAL

BNCE DO ESTADO DE GOIAS S/A

DELFIN RIO S/A -CRED IMOB 2 2

50.132

DELFIN S/A -CRED IMOB 28 3.154.103 3

O grupo das Cadernetas de Poupança Delfin (Rio e São Paulo) tem dívidas vencidas há mais de 90 dias junto ao Banco Nacional da Habitação (BNH) no valor de Cr$ 3 bilhões 459 milhões 718 mil e 800.

Num documento interno do BNH, chamado **Relatório de Análise das Entidades com Recibos em Atraso**, que publicamos nesta página, está a prova: a Delfin Rio SA, matrícula 50.132, deve, com atraso de mais de três meses, exatamente 3 milhões 154 mil e 103 de UPC ou Unidade Padrão de Capital, moeda escritual com a qual o BNH faz toda a sua contabilidade. A Delfin SA, matrícula 50.133, de São Paulo, deve 5 milhões 174 mil 742 de UPC. Os dados são de 30 de julho de 1979 e, como a UPC vale Cr$ 390,10, a dívida total vencida chega aos tais Cr$ 3,5 bilhões.

Isso, porém, não é tudo. É apenas a dívida em atraso. Apenas o começo da história. Segundo um outro documento do Banco, o **Demonstrativo de Posição de Saldos**, de 1.° de julho deste ano, o grupo Delfin devia Cr$ 4 bilhões 673 milhões 939 mil. E não é só: em outro departamento do Banco, a Carteira de Programas Habitacionais, a dívida da Delfin é de Cr$ 36 milhões, muito pequena se comparada com a outra.

Ainda tem mais: em conversa com um jornalista, na tarde do último dia 26 de setembro, o próprio presidente da Delfin, Ronald Guimarães Levinsohn, quando lhe foram pedidas explicações sobre a dívida, respondeu:

— Eu não devo só Cr$ 4,6 bilhões ao BNH; devo Cr$ 11 bilhões.

A tranquilidade de Levinsohn tem uma explicação: ele sabe que o governo federal não vai intervir nas suas cadernetas para regularizar, como deveria, a situação. No governo Geisel, o então presidente do BNH, Maurício Schulman, tentou acabar com o benefício ilegal, mas não conseguiu. E sua impotência foi até ridicularizada por Levinshon, que parece ter muita influência na área oficial.

Mais forte do que ministros e presidentes do Banco, ele vai tocando sua galinha de ovos de ouro. O grupo Delfin tem hoje um patrimônio de aproximadamente, Cr$ 21 bilhões. Formado por terrenos, imóveis, prédios já construídos etc, que estão se valorizando mas representam bens imobilizados. Não rendem o dinheiro que o grupo necessita para pagar suas contas e atender os resgates dos depositantes. Aí o governo empresta e a Delfin paga tudo sem tocar nos seus imóveis.

Ou seja: a Delfin especula com o seu patrimônio e o BNH sustenta o funcionamento da empresa, dando-lhe o necessário capital de giro. O rombo, que como vimos atinge proporções injustificáveis, é mantido sob o poderoso argumento de que uma intervenção federal na maior caderneta de poupança do país abalaria todo o sistema financeiro de habitação.

Guimarães Levinsohn tem outra defesa. Quando Schulman era presidente do Banco e o pressionava para reduzir seus débitos, ele quis dar ao BNH uma procuração, autorizando-o a vender os imóveis necessários a pagar a dívida. Schulman, com razão, respondeu, respondeu-lhe que "o BNH não era uma corretora de imóveis".

Há ainda a justificativa de que os recursos emprestados pelo BNH são uma espécie de socorro de caixa, dado também a muitos outros agentes financeiros do Banco. Existe, para isso o Fundo de Assistência à Liquidez (FAL), que empresta recursos para aliviar eventuais apertos de uma ou outra empresa.

Os três argumentos de defesa não procedem:

1 — Não se constrói um sistema financeiro na base do privilégio ao empresário e do arrocho no mutuário. Por que, então, não aliviar durante muito tempo as prestações do pessoal que comprou apartamentos? Por que despejar quem não paga a mensalidade e não despejar do posto de agente financeiro uma empresa que não paga, como a Delfin?

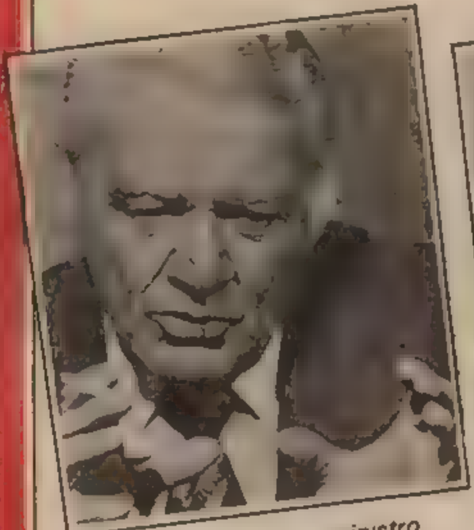
2 — Schulman estava certo. O BNH não tem que vender imóveis para a Delfin. A Delfin é que tem que produzir o dinheiro suficiente para manter seus compromissos em dia. O contrário seria admitir que um cidadão que deve ao BNH e tem jóias, mas não tem dinheiro, também pedisse ao Banco para vender o seu patrimônio, quitando o saldo.

3 — O Fundo de Assistência à Liquidez é um socorro de curto prazo, tipo alguns dias, uma semana. Não foi criado para emprestar Cr$ 3,5 bilhões por mais de três [illegible]

A verdade é uma só: a ajuda do BNH à Delfin é um favorecimento ilegal, injusto, desprovido de qualquer razão social, pelo qual os responsáveis deveriam ser processados na Justiça. Eles usam o dinheiro do BNH, originalmente destinado à habitação popular, pra sustentar impérios financeiros.

Um governo que age assim não tem moral pra contar salários dos trabalhadores ou pedir sacrifícios no combate à inflação. Ele empresta indevidamente recursos públicos aos empresários mas conta cada centavo que deposita no FGTS.

Um detalhe: no dia 1.° de outubro o valor da UPC foi reajustado pra Cr$ 428. O que significa que, agora, a Delfin já deve mais de Cr$ 5 bilhões ao BNH. A você. A mim.



Mário Andreazza, ministro do Interior, a quem o BNH está subordinado, é o principal responsável, no momento, pela irregularidade.

José Lopes de Oliveira, atual presidente do BNH, também é responsável. Engoliu a dívida e não reclamou.

Guimarães Levinsohn, presidente da Delfin, é um homem de sorte: acumula imóveis enquanto o governo financia sua empresa.

REPORTER

REPORTER

Novembro de 1979 - ano 11 - nº 23 Cr$ 20
AUTÔNOMO INDEPENDENTE

Homens e mulheres abrem o jogo

CASAMENTO ACABA COM TESÃO

P. 4

Jogadores defendem a Fla Gay

P 30

Cantareli, goleiro do Fla, quer os gays no Maracanã

TUDO sobre a grande cantora

EMILINHA É A MAIOR

P. 9

Dono da Delfin ameaça BNH

Parece mentira, mas é verdade: logo depois que o REPORTER do mês passado publicou matéria documentada, denunciando a dívida de Cr$ 11 bilhões das Cadernetas de Poupança Delfin junto ao BNH, o presidente do grupo, Ronald Guimarães Levinsohn, telefonou para vários funcionários do banco, que supunha terem sido a fonte de informação da notícia, ameaçando-os de demissão.

Como assim? Então um empresário pode demitir um funcionário do governo? Poder, não pode. Na verdade trata-se de um absurdo, mas a influência de Levinsohn e o apoio que recebe da alta cúpula da administração federal parece não ter limites. Na semana de 15 a 19 de outubro ele fez várias ligações para a área de inspetoria do Sistema de Poupança e Empréstimo do BNH, dizendo que a informação sobre o rombo da Delfim tinha partido dali.

Uma de suas afirmações foi esta:

— Foi um coronel do SNI quem me indicou a fonte de informação do jornal. Há uma campanha contra a Delfin e são os funcionários do Banco que a alimentam.

Em outro telefonema, dirigido a um inspetor que, por sua função, fiscaliza empresas como a Delfin:

— Quando houver inspeção (na Delfin), veja lá o que os inspetores vão dizer.

Ameaça mais clara e direta não pode haver.

Levinsohn, dono da Delfin

Presidente confessa impotência

O pior da história toda é que até o presidente do BNH, José Lopes de Oliveira, reconhece que, sozinho, não tem condições de enfrentar a Delfim Crédito Imobiliário. Na quarta feira, 3 de outubro, depois que este jornal chegou às bancas, ele convocou às pressas os jornalistas que fazem a cobertura diária para uma conversa informal. O compromisso era não publicar o papo.

No encontro confirmou-se a dívida da Delfim com o banco: Cr$ 11 bilhões. Lopes de Oliveira informou que, dois meses antes, conversara com Levinsohn, deixando claro que até o final do ano, o problema deveria ser resolvido. A intenção do presidente do BNH pôde ser confirmada por outras fontes; de fato, ele já fez sondagens junto ao governo em Brasília sobre a possibilidade de intervir na Delfin. Ficou sabendo que não teria apoio e que poderia ser levado ao seu cargo. O máximo que ele poderia conseguir para eximir-se de responsabilidade — afinal a dívida da Delfim é problema de sua administração — seria um acordo para reduzir o débito de Levinsonh. A Delfin concorda em vender alguns de seus imóveis para pagar o que deve.

Logo depois da entrevista informal, Lopes de Oliveira teve uma prova do poder de Levinsohn: recebeu vários telefonemas de personalidades influentes, criticando suas declarações. O próprio ministro do Interior, Mario Andreazza, o advertiu. Mas, como? Pergunta o leitor. Afinal, o que ele disse não foi publicado? Pois é, mas essas coisas correm rápido. Uma hipótese: o diretor do jornal carioca **Ultima Hora**, Ari de Carvalho, é muito amigo de Levinsohn e, através de seu repórter, presente a reunião dos jornalistas com Lopes de Oliveira, poderia ter se inteirado do assunto e transmitido a informação.

Os jonais diários publicaram apenas uma declaração formal do presidente do BNH, negando qualquer intervenção do governo no sistema financeiro da habitação. As direções dessas publicações recebeu pedido de Levinsohn para deixar o assunto de lado. E deixaram.

São, portanto, coniventes com roubo e corrupção.

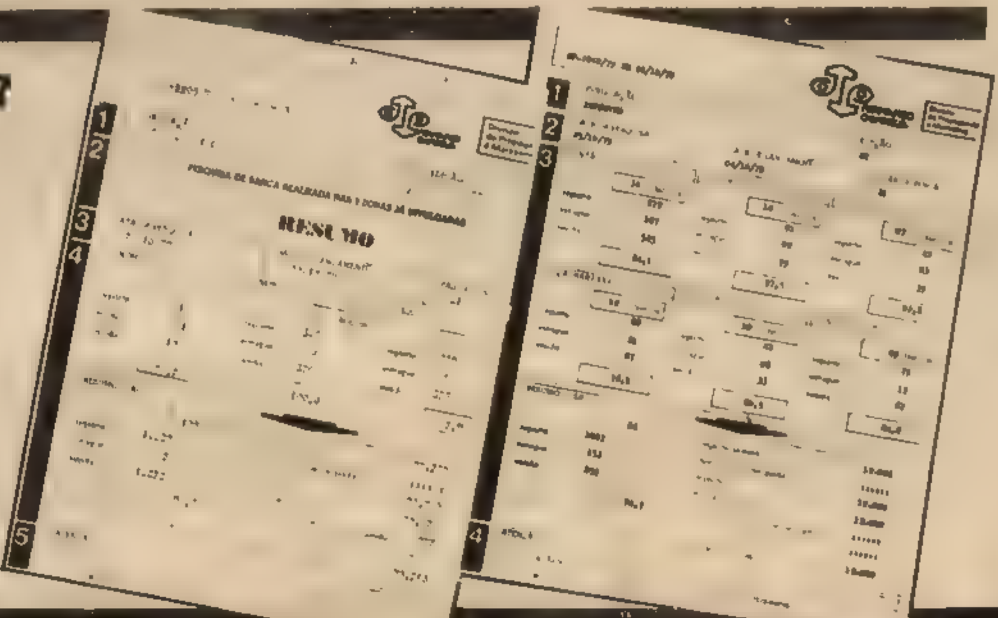
Lopes de Oliveira, presidente do BNH

REPÓRTER aumenta de preço. Culpa é do governo.

Podíamos dar a explicação de sempre, que a vida tá cara, que a inflação e o custo de vida etcétera e tal, que o custo gráfico aumentou e que, por causa disso tudo, fomos obrigados a aumentar o preço do jornal. Ei, espere aí, não é desculpa não. É tudo verdade e não deu para segurar o preço a Cr$ 15,00. Assim, tudo que podemos dizer é que a culpa é do Delfim. Desculpem.

OBRIGADO LEITOR

O número passado do *REPORTER* praticamente esgotou no Rio de Janeiro (tiragem de 20.750 exemplares) e vendeu 85% em São Paulo (tiragem: 12 mil). Na Zona Norte do Rio, a venda foi total conforme mostra o boletim da distribuidora Fernando Chinaglia. Considerando o crescente aumento de vendas nos últimos quatro meses, neste número estamos ampliando nossa tiragem total (incluindo as outras capitais e demais cidades do país) de 42 mil para 50 mil.



Registro Civil das Pessoas Jurídicas nº [illegible]

REPORTER

EDITORES — Alex Solnik, Chico Júnior, Luiz Alberto Bettencourt, Pipsi (Arte)

REPORTAGEM — **Rio de Janeiro:** Tim Lopes, Marcos Dantas, Clarice Niskier, Vera Lúcia Dias, José Antonio Nonato, Sérgio Danilo, Silvia Duarte, Grice Faria. **São Paulo:** Rivaldo Chinen, Afanásio Jazadji, Maria José Arrojo. **Recife:** Eduardo Homem. **Internacional:** Carlos Comitini

FOTOGRAFIA — **Rio de Janeiro:** Chiquito Chaves, Roberto Musauer. **São Paulo:** Amancio Chiodi, Wagner Avancini, Eliana Pastore, João Bittar.

CORRESPONDENTES — Paulo D'Alcantara (Paris), Cristina Duarte (Milão)

ILUSTRAÇÃO — Guidacci, Mauricio Veneza

ARTE — Analuce Estrella, Guidacci, Mauricio Veneza, Maria Rita

REVISÃO — Maria Teresa M. Pinto

CIRCULAÇÃO — Eduardo Curi

PROMOÇÃO E ASSINATURAS — Marco Antônio Vieira Souto

DEPARTAMENTO JURÍDICO — Modesto da Silveira, Luis Celso Araújo, Luiz Eduardo Greenhalg

REPORTER Autonomo Independente — Uma publicação da Margem Editoria e Programação Gráfica Ltda. **Rio de Janeiro:** rua Miguel Couto, 134/11º andar, tel. 253-5038. **São Paulo:** rua Santa Isabel, 33/8º andar, tel. 222-3103.

Composição e Impressão — Editora Mory Ltda. Rua do Resende, 65, Rio de Janeiro, tel. 263-7002.

Distribuição — Fernando Chinaglia S.A. Rua Teodoro da Silva, 907, Rio de Janeiro.

GOVERNO SÓ DÁ AGUA E ESGOTO PRA ZONA SUL

Entre 1975 e 77, os governos do General Geisel, do Almirante Faria Lima e do empresário Marcos Tamoyo foram responsáveis por mais uma calamidade social no Rio de Janeiro: eles concentraram os investimentos em água e esgoto da cidade nos bairros da zona sul para estimular os novos empreendimentos imobiliários enquanto a zona norte, onde se concentra mais de 80% da população carioca, recebia apenas 26% do dinheiro.

A informação consta de estudo de três pesquisadores do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e desmente o argumento do governo que apregoa fazer distribuição indireta de renda, aplicando grana para melhorar as condições de vida da população mais pobre.

Analisando de que jeito o dinheiro público foi usado pelo governo nos bairros do Rio de Janeiro, de 1975 a 1977, para a construção de redes de água e de esgoto, David Vetter, Rosa Maria Ramalho Massena e Elza Freire Rodrigues chegam a descobertas assustadoras. Por exemplo, embora a chamada Zona Sul (Botafogo, Copa, Ipanema, Leblon, Barra, etc.) só tenha 16,6% da população carioca nesta faixa dourada, onde o Rio é de verdade a cidade maravilhosa, nela foram investidos 74% de todos os recursos (o total era de Cr$ 1 bilhão 149 milhões, ou seja, 4 milhões 498 mil UPCs, a Cr$ 255, 41 cada uma em abril de 1978). Em outras palavras, poucos (769 mil pessoas) ficaram com muito (Cr$ 850 milhões).

A Zona Norte (Mangueira, Irajá, Anchieta, Santa Cruz, etc.), que abriga os 83,4% restantes da população (4 milhões 385 mil pessoas, em 1976), só viu chegar minguados 26% dos investimentos (Cr$ 299 milhões). Este favorecimento torna-se mais escandaloso ainda quando se olha a situação da região administrativa de Bangu — nos seus três bairros, Bangu, Marechal Hermes e Realengo, moram 500 mil cariocas e eles só tiveram direito a 0,9% do dinheiro gasto com o sistema de água encanada e não receberam nada em termos de esgoto. Na região da lagoa Rodrigues de Freitas, entretanto, o governo decidiu que 67,8% dos recursos de esgoto com emissário submarino fossem usados para livrar de odores desagradáveis 106 mil pessoas. Aliás esta é a Região com maior renda por pessoa e menor população — com exceção da Barra da Tijuca, um bairro em formação, a ilha de Paquetá, e Santa Teresa.

No estudo, publicado sob o título Espaço, valor da terra e eqüidade dos investimentos em infra-estrutura do Município do Rio de Janeiro, na Revista Brasileira de Geografia, os autores concluem que as regiões mais ricas receberam mais dinheiro — isto é, renda, sob a forma de sistemas de água e de esgotos, que melhoraram as condições de vida do pessoal da Zona Sul. Só mais um exemplo para provar que distribuição indireta de renda é mentira: a Região do Engenho Novo foi sorteada para receber a menor fatia do dinheiro que circulou: exatamente 0,1%, embora nela se concentrassem 242 mil habitantes. Compare-se à Região da Lagoa (106 mil habitantes e 67,8% dos recursos).

Chamou a atenção dos pesquisadores que, além dos bairros da Zona Sul, as RAs de Santa Cruz, Anchieta e Ilha do Governador tiveram sido premiadas com altos investimentos. Eles foram conferir os planos de investimento da Cedae e descobriram: em Santa Cruz e Anchieta, regiões que têm 88% de sua população com renda familiar inferior a dois salários mínimos, os investimentos, dizem os autores, "foram quase que exclusivamente em função das zonas industriais em processo de implantação". Ou seja, em regiões onde a pobreza é total, onde só 1% da população tem esgoto em casa, os governos Geisel, Faria Lima e Tamoyo preferiram dar água e esgoto de graça para indústrias, que não necessitam da ajuda governamental. Os números são os seguintes: em Santa Cruz, somente a instalação sanitária da Zona Industrial consumiu 74,7% do total destinado à Região e, em Anchieta, foi pior, pois 92,5% do investimento foram absorvidos pelo distrito industrial.

Por sua vez, a Ilha do Governador, dizem os pesquisadores, "é a única Região de renda média a receber grandes investimentos, independente da implantação de distritos industriais". O aeroporto internacional, inaugurado em 1977, "deve ter absorvido parte", mas eles concluem que esses benefícios foram estendidos à Ilha devido ao aparecimento de um "mercado imobiliário ativo": contando com 2,6% da população do município, a Ilha ficou com 10% do total investido em água e esgoto, criando condições para o lançamento de prédios enormes. Isto significa que o dinheiro público é usado para aumentar a riqueza e o bem-estar dos moradores dos bairros mais ricos e, quando isto não acontece, para favorecer industrias ou facilitar o faturamento das imobiliárias. Esta é a distribuição indireta de renda no Rio de Janeiro.

Quem tira proveito desse tipo de uso dos investimentos? Não somente os que passaram pelo governo, mas também os que estão no atual. O governador Chagas Freitas, por exemplo, é um grande latifundiário urbano, pois é dono de mais de 110 imóveis só no município, dos quais 18 em Copacabana, seis em Ipanema, oito no Flamengo, dois em Botafogo, três na Lagoa, cinco na Barra e Guaratiba, três no Catete e um na Gávea. O prefeito do Rio, Israel Klabin, por sua vez, negociou a venda de terrenos de seu sogro, Salomão Manela (ver reporter Nº 20) em Jacarepaguá, para a Michelin, numa area que o prefeito anterior, Marcos Tamoio, classificara de residencial.

A sucessão de injustiças e absurdos continua até o infinito. Nos bairros da Zona Norte, o pessoal ganha muito menos do que quem mora na Zona Sul. Em 1976, no Irajá, Bangu e Campo Grande ninguém ganhava mais do que 10 salários mínimos, enquanto que 8% dos moradores de Copa e 5% dos residentes em Botafogo recebiam mais de 30 salários mínimos.

Exatamente nos locais onde o governador Chagas Freitas tem seus redutos eleitorais o salários é baixíssimo, as condições de vida as piores possíveis e, ainda, o pessoal paga mais imposto do que os moradores da Zona Sul.

Este último item foi mostrado pelos pesquisadores do IBGE, que tomaram por base a proporção do valor fiscal (que é o imposto pago) sobre o valor venal (preço do imóvel). Assim, eles provam que o morador de Irajá paga, proporcionalmente, 90% a mais de imposto territorial e predial do que o rico residente da Lagoa, embora, em 1975, o preço do metro quadrado custasse no Irajá, Cr$ 240, e na Lagoa, Cr$ 5 mil 804. Exemplo isolado? Nada disso. Agora tome-se Copacabana e Anchieta. Na dourada Copa, cheia de bem alimentados cidadãos e ricos turistas, o metro quadrado custava, na mesma época, Cr$ 4 mil 213 e, na esquecida (pelas autoridades), Anchieta mal chegava a Cr$ 82. No entanto, o inquilino ou proprietário de Anchieta pavaga 64% a mais de imposto do que o de Copacabana, em termos proporcionais. Para entender ainda mais o problemas, é bom lembrar que nem sempre (ou melhor, nunca) o valor venal, declarado na escritura e constante nos arquivos da Prefeitura, corresponde ao valor da propriedade no mercado, sendo geralmente três ou cinco vezes mais baixo do que o real.

Salvador Baruja

Marido e mulher sentem na carne

CASAMENTO ESFRIA O DESEJO SEXUAL

É doloroso mas é verdade: a convivência diária modifica a relação sexual do casal. O tesão, o desejo intenso tipo entrar pela sala tirando a roupa, desaparece, dando lugar a outra forma de transação. Essa é a conclusão a que chegou um grupo de amigos que discutiu o problema. Artistas de TV, operários e populares, ouvidos sobre o problema também admitem o esfriamento.

Reportagem de Clarice Niskier e Luiz Alberto Bettencourt Fotos de Roberto Musauer

Durante dois sábados — num total de mais ou menos 15 horas de conversa — um grupo de 10 amigos se reuniu para discutir os problemas de seu sexo. O objetivo era falar aberta e francamente sobre a sexualidade, aproveitando o fato de, sendo todos amigos há quase 10 anos, as coisas serem mais fáceis de falar e as pessoas terem segurança quanto ao afeto e à discrição dos demais.

Os participantes do grupo têm entre 25 e 35 anos, todos com curso universitário, alguns são professores, outros trabalham em departamentos do governo e alguns são técnicos de alto nível com cursos no exterior. Nenhum deles quis se identificar ou fornecer mínimos detalhes de sua vida ou atividade profissional. Uma das mulheres, entretanto, aceitou dar o seu depoimento sobre a discussão, mantendo-se também no anonimato — menos por sua vontade e mais para evitar que o grupo pudesse ser reconhecido. Abaixo o seu relato sobre as duas reuniões.

1 TESÃO NÃO RESISTE AO COTIDIANO

"Há muito tempo discutíamos a nossa própria sexualidade até que uma noite, quando estávamos todos reunidos, e já há horas falando sobre os tais problemas, duas das mulheres do grupo se perguntaram por que não sistematizar alguns encontros para falar sobre isso.

A idéia foi aceita imediatamente com muito entusiasmo e resolvemos promover os encontros. Imaginei que pudéssemos obter até o final da conversa uma pequena publicação que interessasse outras pessoas e grupos.

O primeiro encontro foi dificílimo de marcar, havia sempre um obstáculo e só foi conseguido pela insistência de dois ou três elementos do grupo. Vejo agora um dos motivos do medo: íamos nos entregar a uma situação nova: discutir algo tão vital e importante para todos sem a presença de um entendendor do assunto — um psicanalista — e sem seguir o caminho fácil da safadeza. Íamos começar por onde quiséssemos, seguir pelos caminhos que a conversa nos levasse e terminaríamos onde ninguém imaginava. Nos arriscávamos também a não chegar a lugar algum.

No primeiro encontro havia três casais, uma mulher casada que compareceu sozinha e um homem solteiro e homossexual. A discussão começou com uma hora e meia de atraso. Na reunião, as mulheres quiseram falar sobre o desejo sexual e os homens, surpreendentemente para mim, do próprio corpo. Digo que me surpreendeu tal atitude porque normalmente os homens silenciam sobre as questões ligadas ao corpo, ao seu pau, como impotência, ejaculação precoce, etc. E silenciam geralmente com a cumplicidade das esposas que, a pretexto de preservá-los de falatórios, na verdade se tornam donas de um segredo precioso: o pau pode broxar, o cara pode gozar precocemente, enfim ele não é infalível.

Os homens, porém, pareciam querer se libertar desse segredo que a mulher muitas vezes usa para oprimi-lo. Por isso queriam falar sobre o corpo. Por serem mais exigidos: afinal é muito mais difícil para um homem fingir tesão do que para uma mulher.

Uma das mulheres quis discutir a relação sexual no casamento e a dificuldade de se manter o tesão dentro de uma relação doméstica, cotidiana. Isso transformou-se no ponto central de toda a nossa conversa.

Com exceção de uma das mulheres do grupo, éramos unânimes em afirmar que o grande tesão — abrir a porta da sala e ir tirando a roupa pela sala — não existia no casamento. Havia no grupo, quem, por conta disso, desistia de trepar com o parceiro e quem dizia que o importante era insistir sempre, começar a transação porque, depois, acabava-se tirando prazer do encontro. As duas posições provocaram muita discussão: todos reconheciam que insistir na trepada por hábito pode ser muito atrapalhado e, ao mesmo tempo, desistir de transar porque o grande tesão não pinta, também é um pouco complicado.

Um dos homens argumentou que o casamento persistia porque havia na outra pessoa um conjunto de coisas que continuava a atrair e garantia a relação dos dois. Em todo o caso, a confusão permanecia na discussão: todos tinham vontade de ter uma vida com uma pessoa por quem não se tinha tesão possível — já experimentado em outras situações — embora tal tesão pintasse com outras pessoas que estavam cruzando suas vidas. Todos admitiam também que era muito complicado largar a casa e os filhos cada vez que quiséssemos transar com um grande amante. Desistir do grande amante, do grande tesão também era difícil. O que fazer?

Para as mulheres a situação era mais complicada ainda. Porque até elas reconhecerem que queriam viver um tesão — e não um grande romance — a distância era enorme. Nesse ponto, todos sentimos que deveríamos discutir a questão da fidelidade no casamento. Mas como o debate não foi muito organizado, mudamos de assunto.

Uma das mulheres falou então de como a mulher, sobrecarregada por trabalhar fora e cuidar dos filhos, sente dificuldades para agir com autonomia em relação à sua vida e ao seu sexo. Essa situação de "estar atrás do marido" provoca com freqüência desespero e impede que a mulher trace seu próprio caminho.

Todas as mulheres reconheceram que este era um problema social, que atingia a todas e não apenas às participantes do grupo. Mas que era preciso enfrentá-lo e lutar contra isso, mesmo que a gente se atrapalhasse.

Nesse momento um dos homens quis discutir o problema da ejaculação precoce, que acontecia freqüentemente com ele durante a trepada com a sua mulher. Todos nos espantamos de um homem conseguir falar abertamente sobre isso. Logo depois, um outro disse que, ao contrário, seu gozo com a mulher demorava tanto, que ele acabava desistindo. Um outro disse que isso não era problema porque, nesse caso, a própria transação, mesmo sem gozo, já era um prazer. Não era preciso ser tão exigente.

Foi dito então que, se o homem queria gozar e não conseguia, isso era realmente um problema. E diante da ejaculação precoce, o que a mulher poderia fazer? E, se não pudesse fazer nada, isso significava que o homem era o grande comandante da relação sexual? Não encontramos resposta para essas perguntas. Tentamos então fazer uma ligação entre o fato de o homem ser comandante da vida do casal e ser ele também o responsável pelo prazer na cama. Tentamos ver como isso se passava entre um casal homossexual. Não conseguimos muito, a não ser entender que também aí um homem pode assumir a responsabilidade pela direção do casal. Para as mulheres, entretanto, ser conduzida — e não conduzir — era um problema cultural e econômico.

Começamos a falar então das diferenças entre a liberdade sexual do homem e da mulher da nossa geração quando eram adolescentes. As mulheres reclamavam das dificuldades de terem aventuras livremente, de poderem admitir e viver livremente um grande tesão. Os homens insistiam em que isso era inútil, era tolice, que essa liberdade deles foi falsa, carregada de mal-estar e culpa. As mulheres responderam que tudo ainda era melhor do que não se sentir livre pra nada. Nem pra ir a um bar no meio da madrugada descolar um gatinho qualquer. Como faz um homem. Mesmo que o gatinho eventual não tivesse a mínima importância depois, era melhor — disseram as mulheres — fazer isso e depois aprender do

que não ter liberdade para comer o cara.

Todas nós reconhecemos a dificuldade da mulher de se lançar no mundo assim: como alguém que quer comer, que deseja o outro. E não alguém que seduz o homem para que ele a deseje e conquiste.

Acabamos a reunião voltando à questão do tesão no casamento. Os homens perguntaram se o fato de a mulher assumir o papel de esposa-mãe-família-parente não seria incompatível com ser ela objeto de grande tesão. Todos imaginamos que, no mínimo, essa compatibilização era difícil.

Terminamos a reunião, marcando uma próxima. Todos pareciam satisfeitos com os resultados obtidos.

2 *DITADURA DO PAU INIBE AS MULHERES*

A segunda reunião foi tão difícil de ser conseguida quanto a primeira embora se tenha realizado duas semanas depois — a primeira tinha levado meses. Estavam presentes todos, com exceção do homem solteiro e da mulher que havia se referido à vida sobre carregada da mulher. Um dos homens casados escreveu o que lhe pareceu mais interessante da reunião anterior. Algumas pessoas haviam comentado a discussão com outros amigos, outros falaram dela durante suas sessões de psicanálise. Alguns não haviam tocado no assunto com ninguém.

Começamos a conversar retomando a observação de que o homem conduz a relação sexual e a mulher pouco pode fazer. Quando o pau não sobe, por exemplo, o que ela pode fazer? Não chegamos a nenhuma conclusão e havia muitas opiniões diferentes. Falamos então um pouco sobre o físico dos homens e algumas mulheres observaram que, se eles se interessassem por conhecer melhor o funcionamento sexual da mulher — cujos órgãos são internos —, talvez a relação fosse mais equilibrada. A mulher fingiria menos que está sentindo prazer e o homem se sentiria menos exigido. Uma das mulheres falou sobre o funcionamento da vagina. Escutamos interessados e certos de que um pouco mais de conhecimento nos faria muito bem.

As mulheres, então, se espantaram por haverem falado tão pouco do seu corpo na primeira reunião. Uma delas nos disse que tinha se surpreendido da palavra buceta ter sido repetida tantas vezes. Ela não conseguia dizê-la. Perguntamos o que ela diria mas não apareceu nenhuma outra palavra conveniente. Enfim, ela não queria que mudássemos de palavra; queria apenas registrar que sentia dificuldades em usá-la. É preciso notar que a palavra pau tinha sido usada igualmente sem nenhuma dificuldade para algum dos presentes.

Foi então levantada a questão de como os homens se sentiam ao chupar a buceta da mulher. Afinal, como era vivido o sexo da mulher? Os homens afirmaram que a chupada não era muito freqüente e que, pra eles, era difícil sentir prazer com isso. Cheiro, um medo fantasioso da sujeira, do que está escondido, tudo isso, segundo eles, atrapalha muito. Era comum pra eles trepar sem chupar. Uma das mulheres disse que levou anos para conseguir prazer ao ser chupada porque tinha as mesmas preocupações com sujeira, cheiro, fantasia que os homens haviam revelado. Outra mulher perguntou se o cheiro dos órgãos sexuais não nos parecia ótimo. Todos foram unânimes em afirmar que o cheiro, quando a gente gosta, é ótimo; mas quando sentimos nojo, é insuportável. Tal nojo, que impede a chupada, não impede, porém, a trepada. Não falamos da chupada da mulher no pau do homem. Um dos homens presentes nos disse que, de todos os sentidos, o olfato é o que mais excita. Mais até que o tato.

Depois disso, acabamos a reunião. E não conseguimos realizar outra. Surgiram muitas dificuldades, a mulher que não participara do segundo encontro desistiu, alegando que era muito arriscado continuar sem um profissional (psicanalista), que podíamos não aguentar a barra.

Por uma razão ou por outra, acabamos nós também desistindo. Imagino que, assim como eu, todos compreenderam que era uma tentativa arriscada mesmo e que acabou no momento e da maneira que podia acabar. Mas eu lamento e espero que tentemos discutir novamente porque, nas discussões, conseguimos entregar o problema do nosso sexo a nós mesmos, sem o auxílio de nenhum entendedor. Creio também que o fato de termos iniciado uma conversa que fatalmente nos levaria a falar de relações fora do casamento, de fidelidade e de infidelidade, afastou os casais do grupo. As pessoas preferiam não pôr suas relações em risco."

Falar de sexo provoca medo e mentiras

O importante, no Brasil, é manter as aparências, o que leva a uma natural falta de sinceridade. Em se falando de sexo, então, as aparências e a falta de sinceridade são visíveis. E quando a discussão é sexo no casamento, aí a coisa se complica de vez. Isso nós vimos de perto ao sentirmos a reação das pessoas à pergunta "O casamento acaba com o tesão?".

Na abertura do seu livro ***O comportamento sexual do brasileiro****, Délcio Monteiro de Lima define muito bem essa reação preconceituosa em relação ao sexo:*

"Os grupos pesquisados revelaram a existência de fragmentos de uma sociedade sexual perfeita, ideal, onde não se encontraram, por exemplo, homens impotentes ou mulheres frígidas. Uma sociedade onde ninguém havia tido experiência homossexual, praticado adultério ou se envolvido com prostitutas (...) Tudo perfeito, tudo hipocrisia, uma grande mentira, evidentemente. A mentira, aliás, foi a tônica das respostas em todos os questionários".

Na reportagem, cada um dos entrevistados respondeu de acordo com o seu medo, medo de entrar num terreno que pouca gente questiona. Está claro que o tempo modifica a relação sexual e, principalmente, o tesão, um dos componentes da relação e que, no início, é fortíssimo. Com o tempo, vai se tornando uma coisa mais trabalhada e prazeirosa, mas é certo que você não entra mais em casa tirando a roupa, louca ou louco para transar.

Para a maioria dos entrevistados, o casamento não acaba com o tesão. Mas as aparências enganam e é sabido que a tentativa de reprimir o sexo no casamento resulta sempre no aumento da vontade de exercê-lo fora dele. Existem muitos meios de um casal ludibriar suas frustrações sexuais — pornochanchadas, casas noturnas, os apelos eróticos desenvolvidos dentro de carros e em cima de bicicletas — impedindo, assim, que percebam e que pensem

sobre suas próprias sexualidades.

Há também muitas mulheres e alguns homens que nunca experimentaram essa sensação de prazer. Tesão? Que tesão? As pessoas pareciam levar um susto com a pergunta. Mas como não tinham coragem de revelar que nunca sentiram essa sensação, traduziam a pergunta para: "O casamento acaba com o sexo?". Ora, realmente não. A maioria ainda deita junto e dá sua trepadinha, mas sentir tesão é outra coisa.

A atriz Dina Sfat, entrevistada de surpresa num intervalo de gravação da novela Os Gigantes, casada há mais de 10 anos com o ator e diretor Paulo José, desconversou sobre a pergunta. Disse não ter nenhuma idéia clara sobre o assunto. Mas depois viu que não era uma questão de idéia e sim de vivência e afirmou que a sociedade desestruturada do jeito que está destrói de fato a relação e o sexo dança. Depois, como que se colocando fora dessa sociedade, limitou-se a afirmar que a convivência entre duas pessoas aumenta o desejo sexual "porque faz com que você descubra novos conhecimentos, saiba os truques de amar. Quer coisa mais cômoda do que saber todos os jeitos, conhecer e descobrir jeitos novos?".

Com 63 anos, Oswaldo Louzada (é a personagem Felício, da novela Cabocla, da Rede Globo) conviveu muitos anos com uma mesma mulher. Disse que tudo é uma questão de equilíbrio.

Você acha que, mesmo sem um desejo sexual intenso, duas pessoas devem continuar casadas?

— Depende da idade, do matrimônio. O tempo vai condicionando mais as coisas e o casal vai pensando nos problemas da vida. No fundo o desejo diminui, mas não se extingue.

Entre as pessoas da classe média há uma guerra entre o impulso sexual e a moral monogâmica (transar com uma só mulher). É um problema que a classe média ainda não resolveu e que gera conflitos, como demonstra o depoimento de Patrícia Bueno, 30 anos, atriz da TV Globo.

— Se eu conhecer um cara e cinco minutos depois eu transar com ele e, quando acabar, ele me falar tchau, vai pirar a minha cabeça. Eu não tenho estrutura pra isso. Há necessidade de sexo a partir do momento que há amor.

A atriz Louise Cardoso, 27 anos, que convive há quatro anos com um parceiro, limitou-se no início a dizer

A atriz Dina Sfat

que "quando há amor aumenta o desejo sexual". Mas com a insistência da repórter, explicando que estava se referindo ao tesão, ela disse:

— Isso é um troço que eu não gosto de abrir. É um problema meu. Já teve ameaças de acontecer isso entre nós, mas superamos. O ideal para mim é cada um ter sua casa. Porque esse negócio de escovar os dentes todos os dias juntos, atender o telefone pra outra pessoa, ter que falar com ela sem estar a fim, é barra pesada. Mas cada um ter sua casa sai muito caro.

CLASSE MÉDIA TEM TESÃO SÓ COM AMOR

Considerando o nível de ligação entre as pessoas, a dependência econômica é muito importante sobre o relacionamento sexual ou afetivo. A falta de sinceridade no casamento pode vir exatamente da dependência econômica da mulher e dos filhos. Ou porque apenas um parceiro sente a falta de desejo sexual e não quer magoar o outro. Ou então porque trazer à tona essa questão pode dar numa reflexão total da vida e numa separação definitiva.

Ex-mulher do cantor Antônio Marcos (hoje casado com a atriz Débora Duarte) e atualmente mulher do diretor da linha de shows da Rede Globo (Augusto César Vannucci), a cantora Vanusa, 32 anos e três filhas, concorda que o casamento tende a acabar com o tesão e mostra como que ela resolve esse problema.

— A rotina realmente faz com que o desejo diminua. Eu acho que a mulher não deve se desmistificar na frente do homem. Eu não faço cocô, não pinto o cabelo, nem lavar o cabelo eu lavo na frente dele. Não apareço toda descabelada, horrorosa. Não que isso faça que imediatamente você perca o tesão. Mas daqui a pouco ele tá soltando um pum na sua frente... Pra mim não é questão de manter as aparências. Acho que deve haver um romantismo sempre.

Entrevistado no dia seguinte, Vannucci revelou que para ele, hoje em dia, o sexo não é o mais importante. Afirmou que, quando se gosta de verdade de uma pessoa, o sexo passa a ser colocado no devido lugar, isto é, controlando o instinto para que ele não torne algo grosseiro.

— O sexo ajustado significa o caminho de uma longa duração. Com essa liberação sexual que está aí, a mulher saiu muito ferida e o machismo é que saiu ganhando. O homem pode esparramar esperma pelo Brasil inteiro e nem saber que tem um filho, enquanto que a mulher engravida. Olha, já tive minhas fases, como todo jovem. Hoje eu ando a procura de outros valores, acredito na imortalidade da alma. Hoje sou um líder espiritual. Então, as solicitações sociais quanto ao meu sexo, me abalam muito pouco.

Na saída da Rede Globo, o locutor do Jornal Nacional Cid Moreira, com um conjunto de blusa e calça comprida verde, pulseira e colar de prata, boa pinta, em seu Passat amarelo-canário, afirmou que se o casamento acaba com o tesão a culpa é da mulher.

— Eu sou do tipo que quero sempre. Até hoje o desejo não diminuiu. Pode ser que amanhã eu fraqueje, mas por enquanto tá tudo bem.

Quanto mais status a pessoa consegue na sociedade, mais difícil se torna falar sobre sexo. Falar, até que falam, mas dificilmente falam objetivamente ou verdadeiramente. Sexo, queiram ou não, ainda é tabu.

Heloísa Villela de Castro e Décio Lima de Castro estão casados há 25 anos. Moram numa casa típica de classe média alta, na Tijuca. Eles encaram o amor mais pelo lado religioso, pelo lado nobre do envolvimento entre duas pessoas.

E por ser assim é como se esse enobrecimento de amor resultasse num recatamento do impulso sexual. Com 8 filhos, dona Heloísa se sente uma mulher realizada, tanto sexualmente quanto espiritualmente. De chinelo, rosto lavado, vestido de algodão afirma não acreditar que o casamento acabe com o tesão e diz achar hororosa essa palavra.

— O casamento não acaba com o prazer sexual, não. O amor, quando é duradouro, leva a um tipo de sexualidade mais profunda e sensível. O Décio foi o primeiro homem que eu tive relações. Ele sempre foi muito calmo, tranqüilo, sem exageros e sempre soube esperar muito os meus momentos. Para mim a necessidade sexual está ligada à pessoa. Não entendo o sexo tipo não importando com que se faça. Acho isso um troço horroroso. Essa pseudovalorização do sexo hoje, para mim, não passa de uma desvalorização. Para mim, o único aspecto negativo do casamento é que eu me sinto frustrada culturalmente, vivi muito presa em casa.

— Senhor Décio compartilha dos mesmos pontos de vista que dona Heloísa. Quando perguntado se achava que se hoje estivesse solteiro o seu impulso sexual seria maior, ele respondeu:

— Não consigo me ver nessa situação. Um homem pra ser um homem tem que ter uma mulher ao seu lado.

POVÃO NÃO TEM TEMPO PRA DISCUTIR

A pseudovalorização do sexo a que dona Heloísa se dirigiu, sem dúvida é resultado de uma crise moral do casamento, sendo que a classe média é a mais insatisfeita. Afinal, acordar todos os dias cedo, escovar os dentes, vestir-se, tomar um café, enfrentar o trânsito, ter problemas financeiros com tanta prestação pra pagar, convivendo todos os dias com uma pessoa que enfrenta os mesmos problemas é dose pra leão. E é dose pra leão justamente porque o amor não está sendo dado voluntariamente. A realização do amor passa a ser uma obrigação para o casal.

Inês, 24 anos, secretária-júnior do Banco Itaú, vê o casamento exatamente como o emprego: enquanto é novo é bom.

— O amor verdadeiro não existe mais. E o tesão se perde um pouco por causa da acomodação do homem. Não largo o homem que tenho hoje porque outro vai ser a mesma merda. O que fazer contra isso? O começo é sempre cheio de ilusões e depois acaba isso. Mas é bom, vai tornando a gente mais fria, mais realista.

Sofia Maria Santiago, doméstica, 35 anos e nove de casada, casou apenas porque queria conseguir um lar e um marido e "através disso é que eu passei a gostar dele". Sofia conta que o desejo dele diminuiu 90% e que ela não liga se ele transar com outras mulheres.

Nas mulheres de renda baixa, devido à maior sinceridade, um aspecto foi facilmente abordado: o

Vanucci, diretor de shows

Patrícia Bueno, das novelas

Vera, cobradora de ônibus

Inês, secretária do Itau

Marinalva, funcionária do Inamps

fingimento com o parceiro na cama. É como se a mulher deixasse o ato sexual acontecer sem tomar parte dele. Com 15 anos, Eliane da Silva Paiva, já tem um filho de um ano e já se separou do marido.

— Com ele eu só fingia, por causa da falta de carinho. Você vai desgostando da pessoa conforme a convivência.

Muitas mulheres se casam para se verem livres de casa, como é o caso de Vera Reis, hoje com 57 anos, cobradora da linha 158 (Estrada de Ferro-Leblon).

— Eu me casei para ficar livre, mas não achei no casamento nada que valesse.

Ou como Marinalva, funcionária do Inamps, moradora na favela do Vidigal, que se casou porque ele lhe deu a mão na hora que ela mais precisava.

— Eu acho que sou meio maluca. Quando eu transava por aí, tinha prazer, achava bacana. Agora, que eu tô com um cara há 15 anos, não me sinto feliz. Eu tenho que fingir com ele na cama e não posso nem conversar com ele sobre isso. Não se pode contar com o companheiro de modo nenhum. Eu acho que a maioria das mulheres do nosso nível tem esse problema de não sentir prazer. Eu agrado a ele no melhor possível, mas pensando em mim. Daqui a pouco eu tô brocha mesmo, vou morrer mesmo e tudo bem. Porque vontade a gente tem de transar com o lixeiro, com o padeiro, com o Manoel do Botequim.

Para Maria José, amiga da Marinalva, é a mesma coisa. E o negócio é com o casamento, a gente vai se congelando e se conformando.

O casal Heloisa e Décio

Conceição dos Santos, também casada há mais de 10 anos com Francisco da Silva, motorista de táxi, não deixa o marido, mas revela que "você fica igual a uma irmã. Eu acho que perde 100% de tudo.

— Sabe por quê? A gente quer o máximo dele e ele não dá o que a gente quer. Eu gostaria de mais atenção dele. Eu acho hoje minha vida tão sem graça. Finjo com ele, finjo sim. Quando chega naquela hora eu lembro de tudo e tenho aquela mágoa".

Para a mulher, é muito mais difícil deixar o companheiro. E tem mais, a mulher enganada não é desprezada pela sociedade, é vista no máximo como uma coitada que depende do marido e pode perdê-lo. Agora, se um homem é enganado é porque não foi bastante homem para segurar a mulher em casa. E toda mulher que tiver relações fora de casa é logo taxada de piranha pela vizinhança. Como diz Marinalva:

— A gente sente vontade de transar com todo mundo, mas depois vão falar da gente e prejudica a nossa vida.

José Monteiro, 45 anos, 11 de casado, bancário, com renda mensal de Cr$ 50 mil diz que "depois da conquista, depois da posse, o homem deixa de ter aquela obssessão. Mas para acabar com o casamento, só se for da parte da mulher porque o homem sempre tem um jeito de se satisfazer".

Essa visão é compartilhada pela maioria dos peões da construção civil do futuro Centro-Comercial Rio Sul, na entrada do Túnel Novo, em Botafogo, Rio de Janeiro. Chegamos na hora do lanche e começamos a perguntar sobre o sexo no casamento. Em dois segundos estávamos rodeados de operários, tímidos e retraídos com a pergunta. Aos poucos foram se soltando e quando se perguntou "se as mulheres estivessem insatisfeitas no casamento e transassem com outro, o que aconteceria", a resposta da maioria foi: "no mínimo a gente mata ela".

Francisco Nogueira Nicássero, 30 anos, seis de casado, pedreiro, morador em Mesquita, afirmou que "o casamento modifica sim".

— Modifica porque tá a mulher da gente em casa, é só ter tempo. Qualquer hora a mulher topa. Sinto tesão por outras mulheres e transo, mas ela não sabe. Agora, peço a Deus que ela não transe com outro porque se isso acontecer eu dou um tiro nela.

Francisco afirmou que, com outra mulher, seu desejo é maior, porque "tem aquele ar".

— Com dois meses eu já estava acostumado com a minha mulher e transando com outras. Ver o corpo da mulher todo dia cansa. Eu só procuro quando tenho vontade.

Para a grande parte dos trabalhadores, a pergunta se o casamento acaba com o tesão é um luxo. A maioria não se preocupa com o tesão, ou com o amor, na hora do casar ou não casar. Casam-se para ter uma mulher que cuide de suas coisas, para que ele possa trabalhar e descansar depois. Como levam uma vida de cão, com excesso de horas de trabalho e poucas horas de descanso, não têm tempo nem cabeça para refletir sobre sua vida sexual.

Mario Lago, ator

O ator Mario Lago, 67 anos, casado há 32 anos, famoso por sua boemia na Lapa e um dos mais famosos comedores de mulheres, não acredita que o casamento acabe com o tesão. Prefere dizer que os jovens hoje estão complicando tudo e que o jogo do sexo não é apenas um problema de glândulas.

— Um homem não é um bidê e a mulher não é um poste furado que você se satisfaz. Sexo é um problema de cancha, prática, de truques. Quando Balzac falava das qualidades da mulher de 30 anos ele tinha toda razão. A vida a dois não é fácil não. São duas formações, duas educações diferentes. O sexo é complicado para a manutenção dele. Você precisa descobrir o tempo dos espasmos de cada um. A mulher não é mulher logo. É aquele negócio: quando não se satisfaz na relação, o natural é procurar outra. A lua de mel com uma mulher é depois. Estréia de mulher é uma mão-de-obra desgraçada. Você não conhece os pontos vulneráveis dela, o tempo dela, que é muito importante. E você tá sempre arriscado a comprometer um passado ilustre.

SEXO, AMOR E PORRADA

120,00

Um livro de Chico Júnior

A filha entrou na sala e viu a mãe trepando com o noivo (da filha), sua primeira porrada na vida. O homem que mata o rato, que morreu que é para aprender a deixar de ser rato. A menina que tinha tudo na vida, mas não tinha amor e jogava cocaína nas veias, para compensar. A barra que é ver a mulher que a gente gosta trepando com o amigo no quarto do lado. O motorista que atropela o casal jovem e é linchado. O policial que é assassinado pelo professor de inglês. A tragédia urbana. O sexo gostoso no chão da sala. O choro que a gente chora quando está triste, alegre ou se emociona, simplesmente. O bom que é percorrer o corpo da mulher que se ama. O sexo de toda noite, o amor de todo mundo, a porrada de todo dia, nem sempre física, mas sempre forte, como toda porrada que se preze.

NÃO MANDE DINHEIRO AGORA

Preencha o cupom e remeta-o para Margem Editora e Programação Gráfica (Rua Miguel Couto, 134/11º andar, CEP 20070, Rio de Janeiro). Os pedidos do Rio de Janeiro poderão ser feitos pelo telefone 253-5038.

CODECRI **margem**

Nome ....

Endereço ....

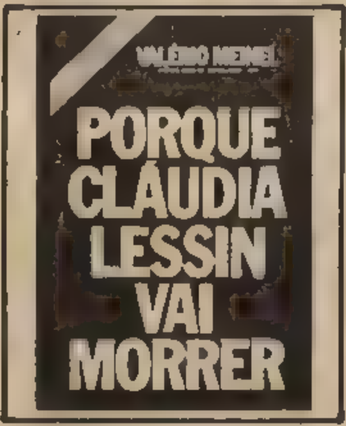
CEP ....

Cidade ....

Estado ....

Assinatura ....

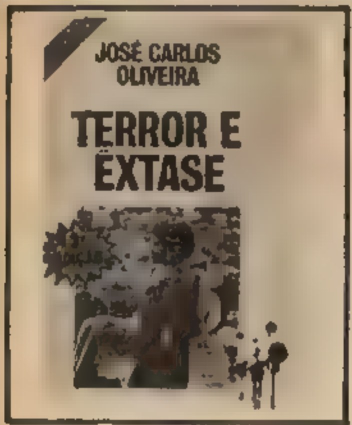
OS DEZ MAIS DA CODECRI



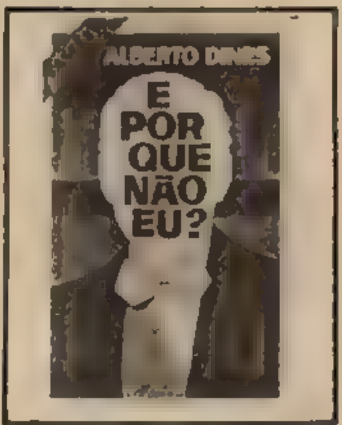
150,00

96,00

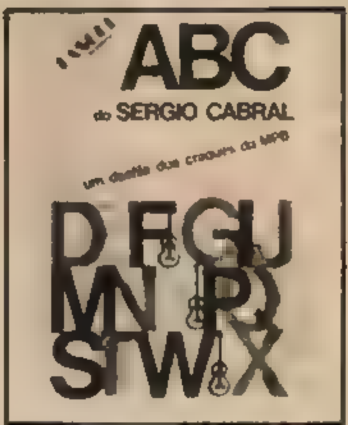
150,00



85,00



85,00



150,00

65,00

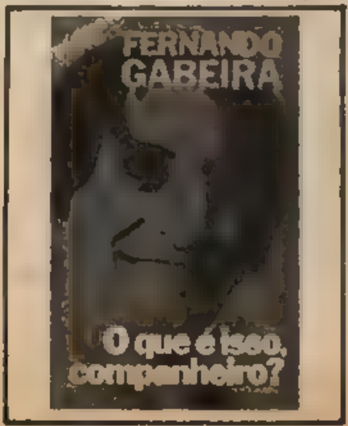
100,00

NÃO MANDE DINHEIRO AGORA

Preencha o cupom e remeta-o para Margem Editoria e Programação Gráfica (Rua Miguel Couto, 134/11° andar, CEP 20070, Rio de Janeiro). Os pedidos do Rio de Janeiro poderão ser feitos pelo telefone 253-5038.

200,00

185,00



CODECRI **margem**

Nome ....

Endereço ....

CEP ....

Cidade ....

Estado ....

Assinatura ....

01	02	03	04	05	06	07	08	09	10

Na compra de cinco livros, você tem 20% de desconto

Revista do Rádio

Caprichosos de Pilares já tem seu enredo para 1980

Escola de samba canta Emilinha na avenida

Reportagem de José Antonio Nonato
Fotos de Chiquito Chaves e Roberto Musauer

Miloca, rainha do carnaval brasileiro, nasceu na Mangueira. E deu uma rasteira em quem pensava que o povo tinha se esquecido da sua favorita.

O coração batia forte, pela possibilidade de privarmos de alguns instantes da intimidade de nossa estrela maior, quando nos aproximamos da porta do apartamento de Emilinha Borba, situado em um esplêndido edifício do bairro do Leme, esse recanto elegante da Zona Sul carioca. E qual não foi a nossa emoção quando Emilinha, em pessoa, atendeu à campainha e, sorridente e alegre, como sempre, trajando um lindo modelo verde estampado, introduziu-nos em seu amplo *living*, todo decorado em tons de bége. Sofás elegantemente dispostos e uma arca de madeira antiga, ornamentada com baixos relevos, completam a harmonia do ambiente. Em cima de uma mesinha, ao lado de uma cadeira de braço, chamou-nos a atenção o telefone com que Miloca atende a seus admiradores de Norte a Sul do país e, até mesmo, do exterior. Emilinha achava-se entretida em uma palestra saudável e amena com alguns fãs que a visitavam e, depois de mandar servir um delicioso cafezinho, pôs-se à disposição de nossa reportagem para um bate-papo, enquanto nossa objetiva ia colhendo alguns flagrantes da ocasião...

No tempo da *Revista do Rádio*, as entrevistas começavam assim. A revista faliu, o auditório acabou, o rádio mudou. Mas Emilinha está firme São 40 anos de carreira e de sucesso, que começaram quando Carmem Miranda levou-a para cantar no Cassino da Urca. Se quisesse, Emilinha podia se dar ao luxo de ficar em casa, com os troféus, as faixas e os álbuns de fotos e reportagens que registraram sua fama, alimentando-se de um passado de glórias.

Mas a favorita está na ativa. Recém chegada de um programa de televisão em sua sala de estar, Emilinha 79 começa sua entrevista pedindo-se que faça com ela "uma coisa que dê prazer de ler, que não seja mais uma história da minha vida e das coisas do passado. Eu queria uma reportagem que dissesse como é que estou agora".

Emilinha, agora, está bonita e gostosa. Sua graça natural, o corpo bem feito, o rosto conservado por uma plástica aqui outra plástica ali, tudo em Emilinha parece lhe dar 20 anos menos que a idade da certidão, que não vem ao caso revelar, porque isso não dá prazer a mulher alguma e Emilinha não é exceção. Mas, se algum São Tomé quiser tirar a prova, é só chegar à praia do Posto Seis, em Copacabana, numa dessas manhãs de sol do Rio e vai encontrá-la metida num biquini que muita gatinha gorducha, ou chegada a uma celulite, não ousa encarar.

O espírito também está jovem e, passados os primeiros minutos da entrevista, que começa formal, ela se solta e começa a contar os casos, imitando o jeitão das pessoas de quem está falando e representando todos os detalhes das histórias, com uma energia de quem está começando a carreira todos os dias e cheia de otimismo e de esperanças no futuro. Resta falar da cabeça de Emilinha e, quanto a isso, em primeiro lugar, é bom constatar que a mulher amadurecida que concede, talvez, a sua milionésima entrevista, expressa-se muito bem, conduz a conversa com segurança e naturalidade e não tem nada de boba, muito pelo contrário. Quem espera encontrar uma Emilinha que só sabe dizer "muito obrigada", "ma-ra-vi-lhoso" e "eu agradeço ao carinho de vocês" corre o risco de ser envolvido pela inteligência da moça.

Emilinha de pernas de fora uma foto inédita

MUITO OBRIGADA PELO CARINHO DE TODOS VOCES...

Uma pose típica dos anos 50

Mas não se pode falar da Emilinha de hoje e, principalmente, não se pode compreender a Emilinha de hoje sem um mergulho na sua longe e gloriosa carreira de artista popular. Até porque, das contradições de sua vida artística, que foi elevada até o ponto mais alto que uma cantora brasileira jamais conheceu e passou por tempo de silêncio, doença e amargura, é que surgiu a Emilinha de agora, esclarecida e com espírito crítico, capaz de sair de dentro de si mesma e de analisar e trabalhar em cima daquilo que os sociólogos e comunicadores já estão chamando de o mito ou o fenômeno Emilinha Borba. E que reproduza padrões culturais importados, como eles gostam de dizer.

Os faniquitos das fãs de Frank Sinatra aos pés de seu ídolo chegaram ao ponto máximo, em 1942. Cinco anos depois, resolveu-se que o Brasil desmaiaria aos pés de Emilinha, a cantora bonita, que interpretava com brejeirice, tinha vindo do cassino para a Rádio Nacional e representava no **broadcasting** caboclo a notável escola de vocalistas brasileiros que também vão de nariz; como a Aracy de Almeida e o Jorge Veiga, que já estavam nas paradas; e o Miltinho, o João Gilberto e o Roberto Carlos, que apareceriam mais tarde. Ingênua, graciosa, belíssima, Emilinha, ainda por cima, demonstrava uma extraordinária capacidade de entrar pelo coração de seus ouvintes a dentro e de ganhar qualquer platéia. Meu amor pra cá, meu bem pra lá, mãozinha na cintura, dedinho em cima da pinta no rosto, ela se utilizava do jogo rápido e certeiro de usar seu it, que veio do berço, e três ou quatro ingredientes do ameno linguajar carioca, para botar todo mundo no bolso. E, disposta a tomar conta do rendoso mercado da música brasileira, o que afinal acabou acontecendo e está aí até hoje, a máquina de fazer estrelas decidiu que seu primeiro investimento de vulto, no **Brazil**, seria feito em cima do talento, da voz e do sangue de Emília Savana de Sousa Borba, carioca do bairro da Mangueira e chamada pelo povo com esse nome íntimo e de criança, Emilinha.

Chagas Freitas à procura de votos

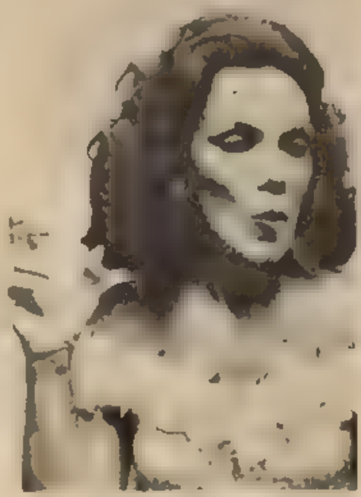
Rogéria, quando era Astolfo, penteia Emilinha

"E logo mais estarei cantando no circo Dudu."

E assim se passaram 20 anos em que Emilinha doou-se toda aos comandos dessa disfaçada máfia ideológica, que lhe prometia uma glória igualzinha à de Hollywood. Num de seus primeiros testes no rádio, na "Hora de Calouros" do exigente Ary Barroso, Emilinha já tinha tirado a nota máxima, cantando o samba X do Problema, de Noel Rosa, aquele que diz que "ser estrela é bem fácil". E foi mesmo. Todo um aprato que tinha por objetivo subverter e radicalizar até à loucura a admiração do público foi posto à disposição do emilinismo. E apareceram os fãs-clubes, os primeiros lugares na parada, as reportagens, os filmes, os discos, a idolatria. A resistência física de Emilinha foi testada ao máximo: subindo e descendo dos caminhões da felicidade, excursionando por lugares do Brasil onde ninguém aparecia para cantar, de cima dos palanques e dos caixotes, nos clubes, nas ruas, nas chanchadas, nos programas da rádio, só dava Emilinha e ficava combinado que, no Brasil dos anos 50, a grande dúvida de todos, teria que ser a de saber se Emilinha era — e sempre era — ou não, a mais querida. Porque isso não ameaçava ninguém e era muito mais cômodo do que deixar o povo refletir sobre um tipo de arte com os pés no chão, à brasileira. A energia do público devia ser toda posta nos gritos com que saudava a sua deusa de carne e tudo era feito de modo a fazer pensar que Emilinha e os outros artistas do rádio eram seres encantados, que pairavam num universo diferente do resto do mundo, livre dos problemas do dia a dia e, principalmente, muito acima dos dramas econômicos que afligiam não apenas os seus fãs, mas quase todos os brasileiros.

O talento de Emilinha, seu profissionalismo e a vontade de fazer sucesso caíram como sopa no mel. Os distintos frequentadores do grill da Urca mal puderam acreditar que aquela Emilinha contida, de gestos pequenos e elegantes, que cantava com a orquestra da casa, fosse a mesma Emilinha cercada e rasgada

PROIBIDO FUMAR



Emilinha faz boquinha

pela massa que a queria ver de perto, tocar e, se possível, levar uma mecha de seus cabelos, um beijo ou um autógrafo. Emilinha entregou-se completamente aos designios dos promotores e estava para o que desse e viesse apesar de, nos bastidores de sua vida, ter tido que enfrentar uma dura batalha contra o marido que a amava e, talvez por isso, desconfiava de todo aquele alarido e a queria fora do rádio e longe das fofocas. Porque fofocas é que não faltaram e a vida de Emilinha foi esmiuçada e posta à vista de todos.

*Emilinha era casada? Com quem? Casada, mesmo? E o César de Alencar, onde é que ficava nisso tudo? O filho de Emilinha era mesmo filho de Emilinha? Com o marido? Era verdade que Emilinha não se dava com a cantora X, detestava a cantora Y e era amiga do cantor Z? Onde morava Emilinha, o que é que ela comia, seus dentes eram naturais, que batom e que perfume ela usava? E a tudo isso Emilinha dava suas respostas sempre amáveis, através das reportagens, das seções **Emilinha Responde**, **Diário de Emilinha** e **Buraco da Fechadura**, na Revista do Rádio. Prestativa e sempre à mão, lá seguia Emilinha, que nunca ficou rica com o rádio, mas servia como uma luva aos propósitos das emissoras, gravadoras, filmadoras e até políticos profissionais, como o Adhemar de Barros e o Chagas Freitas; enfim, de todos os que viram nela a possibilidade de um grande faturamento, de dinheiro mesmo, ou de prestígio e influência.*

N[illegible] o fã-clube continua

O primeiro disco

[illegible] mentira mas vendia jornal

Professor Urbano, botânico e fã de Emilinha

MENINA, VAI, COM JEITO VAI, SE NÃO, UM DIA...

O tempo foi passando, a sofisticação da máquina apurou-se e já não ficava muito bem aproveitar-se de Emilinha e dos desmaios de seus fãs. No fim da década de 50 apareceu a televisão e os auditórios se fecharam, porque o rádio, obedecendo às ordens do esquemão, trocava a programação ao vivo pela cumplicidade dos **disc-jockeys**, muito mais dóceis de manobrar e a quem era só dizer que tocasse essa música e não tocasse aquela. Rapidamente, o tapete debaixo dos pés de Emilinha foi retirado e ela só não caiu porque, se a máquina a usara, a recíproca era verdadeira. Emilinha também pegara cancha e sabia que a semente de bondade e de bom humor que plantara no coração dos brasileiros não ia morrer assim, da noite para o dia, ao sabor da moda e das conveniências políticas e econômicas. Emilinha também tinha se servido do esquema e, sozinha, sem promoções, acompanhada apenas dos fãs e do carinho dos ouvintes, Emilinha continuava. Até que, em 1969, teve um edema nas cordas vocais e não houve jeito de prosseguir. Obrigada a um silêncio de três anos, parou para sofrer e pensar, dentro de casa, sempre prestigiada pelos fãs que visitavam, telefonavam, escreviam, faziam promessas a Nossa Senhora das Graças e a Santa Rita pela sua cura, mas longe dos refletores da publicidade, que não precisavam mais dela e trataram logo de espalhar que Emilinha era um bagaço canceroso, a caminho do cemitério.

Mas é loucura subestimar o poder de Emilinha e a máquina não foi mais forte do que o tesão que ela sentia de voltar a cantar para o povo. Depois de duas operações na garganta e de retomar aulas de canto para restabelecer a voz (que ficou mais grave, menos áspera, e mais bonita), Emilinha mediu as forças com que contava para voltar à vida artística sem padrinhos poderosos, contra tudo o que a tinha favorecido e servido. Esticou as bochechas, avaliou o rebolado, botou as mãos nas cadeiras, subiu nas tamancas e, sob o delírio dos fãs, mandou dizer que estava voltando. Aí, o desespero dos que a consideravam arquivada na lista de glórias do passado! Emilinha voltou por cima, ganhando o carnaval do ano e provando que era mesmo a rainha da folia e que, carnaval, povo pulando e cantando, era com ela mesma, desculpem.

De lá para cá, devagarzinho, mas com firmeza e obstinação, a carreira de Emilinha só tem crescido, apesar de todos os boicotes e sabotagens. Os esquemas globais e bandeirantais fazem o que podem para esquecê-la e, diante de sua beleza e disposição de cantar, só restava caluniar, que é pra ver se matavam de uma vez essa artista com fôlego de sete gatos. Das warners, weas e sons livres, as novas siglas que dominavam o mercado do disco, silêncio absoluto em relação a Emilinha. Se ela quisesse voltar a gravar, que se virasse. Pior que tudo, indignados por ver Emilinha afrontar com tanta graça a força dos poderosos, que já tinham resolvido que ela morrera em vida, começaram a circular as infâmias de que Emilinha era burra, cafona e já era.

Um dois, três, quatro, Emilinha é um barato...

Mas Emilinha, que não se tinha deixado emprenhar pelos ouvidos nos anos de glória e assistiu a todo o deslumbramento que se fizera a sua volta com a maior simplicidade deste mundo, mostrava agora que não tinha sido uma marionete manipulada por mãos que nunca apareciam. E que era forte na parada porque não dependia de ninguém a não ser do povo, que continuava a gostar dela e não a deixava em paz nem memso quando ela ia à esquina, fazer uma compra no armarinho do Leme. E a cantora que todo mundo acusava de ser uma alienada, estava começando a dar uma lição poderosa de luta política, contra um inimigo que chegou de fora com enormes recursos, mas que ela saberia derrotar. A TV Globo, por exemplo, conheceu a força de Emilinha quando fez uma reportagem com ela dizendo que estava arrasada e muito mal de vida, no esquecimento. No que a reportagem foi para o ar, os telefonemas de protesto, vindos de todos os cafundós do Brasil, foram tantos e tão indignados que o programa saiu do ar no meio e, no dia seguinte, Emilinha recebia corbélia e um bilhete amável do Boni, pedindo desculpas e alegando que tudo tinha sido apenas um mal entendido. Não, Emilinha não estava só, o povo cobrava. E os artistas também não se esqueciam de sua bondade e meiguice, do seu repertório e do perfume que ela deixou no ar. O Caetano Veloso até não disse, na televisão, que Emilinha era sua artista preferida e que todos os brasileiros tinham um pouco do coração bom de Emilinha? O Roberto Carlos não agradeceu pelos microfones a ajuda que recebeu de Emilinha no começo da carreira e, num gesto raro de reconhecimento nesse meio artístico em que prevalecem a competição e o salve-se quem puder, não confessou também que era seu fã e o muito que lhe devia? E tome regravações dos sucessos de Emilinha, a Gal cantando **Dez Anos**, o Ney Matogrosso com **Cubanacán** e até mesmo a Bethania, que batia no peito para dizer que nunca foi fã de Emilinha, até a Bethania foi buscar no repertório de Emilinha o samba **Vizinho do 57**, que está cantando no seu espetáculo mais recente e, em breve, vai virar bólacha também. O Guilherme Arantes chamou Emilinha para gravar com ele no seu primeiro disco e, em todos os lugares em que aparecia Emilinha sabia que podia ficar descansada quanto à renovação de seu público porque são sempre as crianças, platéia do futuro, que mais a adoram e sobem no palco para cantar com ela, apesar de nunca terem sido submetidos à propaganda maciça em torno do seu nome, na década de 50.

Bonita e gostosa

Revista do Rádio
RUA SANTANA 136 – 100
Correio dos Fans

Desejo Saber: ....

Nome: ....

Endereço: ....

Mexericos DA CANDINHA

Quem será o novo amor de Emilinha?

As cantoras que se irritavam com a popularidade e a bem querença de Emilinha estão, quase todas, em casa, aposentadas. A classe média que tinha medo de gostar de Emilinha de novo e para sempre, por causa das campanhas injuriosas que diziam que ela era de mau gosto, perceberam que Emilinha vai ser sucesso enquanto viver e estão sintonizadas no programa do João Roberto Kelly, na Tupi, aos sábados à tarde, que é onde Emilinha está cantando agora, sem luz estramboscópica, sem efeitos de gelo seco e escadas que acendem e apagam, mas no calor do samba. Os intelectuais, que sempre a esnobaram e não escreveram uma linha sobre os 40 anos de sua incrível carreira, meditam sobre a lição de sua volta e a rasteira que ela pregou no esquemão. E até os críticos nacionalistas, para quem era fácil dizer que Emilinha era uma cantora escandalosa e que gravava rumbas, merengues e beguines de mistura com os sambas, as marchas e os baiões, tiveram que enfiar a viola no saco e admitir que gravar Cachito não é nada, mas enfrentar o que Emilinha enfrentou e dar a volta por cima é que o tal x do problema.

Emilinha, agora, está assim, com tudo em cima e ligadona, na briga e sem postura de medalhão, apesar do respeito e da consideração que merecem de todos os seus 40 anos de glória no éter. Continua a usar seus modelinhos exclusivos que, há 20 anos todo mundo dizia que eram cafonas, mas que, quando acabou a moda da moda, todos foram obrigados a reconhecer que eram absolutamente criativos e independentes das ordens de Paris e de Nova Iorque. Menos emperequetada, com uma maquilagem mais simples, cabelos menos armados, Emilinha vai mostrando, aos poucos, que, debaixo da máscara, está a mulher bonita de sempre. E a transformação do visual corresponde também a um crescimento interior. Emilinha, hoje, está cansada de saber que foi azeitona na empada de muita gente e não está mais nessa, tanto que o doutor Chagas até se queixou que Emilinha não foi vê-lo no palácio, que está sempre aberto para ela, e disse que era capaz de "largar tudo", só para atendê-la. Não, Emilinha não é mais massa de manobra, nem mesmo para os intelectuais que se aproximam dela para "dar um jeito" na sua carreira e faturar prestígio às suas custas. Nas últimas eleições, tantos convites para se candidatar, quase aceitou o convite de sua amiga Lygia Lessa Bastos e foi ser deputada estadual, mas na última hora desistiu. Sem tribunas oficiais e achando que seu diálogo com o povo ainda deve ser feito na saída dos programas, nas ruas e nas conversas do dia a dia, Emilinha permanece no coração do povo.

As fãs sempre fiéis

Emilinha pára o trânsito

SER DEPUTADA É FÁCIL, MAS SAIR DO ESTÁCIO

Em abril deste ano, uma comissão do pessoal da Escola de Samba Caprichosos de Pilares, transmitindo diretamente do subúrbio carioca e da alma popular, procurou Emilinha e a convidou para ser a primeira cantora que, em vida, vai ser enredo na avenida. Um enredo que se chama **Emilinha Borba, a Maior!** E diz tudo. O convite chegou no mesmo mês em que, sob o silêncio dos que escrevem sobre a música brasileira, completaram-se os 40 anos oficiais de sua trajetória nos céus do rádio brasileiro, uma carreira que começou com um samba de Eratóstenes Frazão e que a gente podia contar aqui, tim-tim por tim-tim, se Emilinha deixasse.

Mas Emilinha já sabe que esse negócio de estrelismo nã está com nada e que, no Brasil de hoje, outras são as preocupações dos artistas de verdade, como ela. Não vai é se desfazer dos fãs, que ela não é ingrata e não se esquece de que foram eles que a ampararam quando parecia que tudo estava perdido e a luz no fim do túnel teimava em não aparecer de novo. Emilinha cai de saber que o problema mais importante de agora não é saber com quantos votos ela vai ser eleita a cantora do ano, a favorita não sei de quê, a rainha do não sei onde. E também não quer passar para a história — que já tem um lugar importante para ela nas galerias das contraditórias e maravilhosas personalidades femininas do Brasil e dos nossos artistas mais queridos — como uma cantora cercada de histeria por todos os lados. O Brasil que aguarda essa nova/mesma Emilinha, de cuca feita e com uma interpretação das músicas e da vida, cada vez melhor.

Repimpada lá em cima do carro alegórico dos Caprichosos, acenando e mandando beijos para o povo que vai cantar com ela o samba enredo de sua vida, Emilinha pode ter a certeza de que, como os Caprichosos já disseram e todo mundo já sabe, Abigail Maya, Aracy Cortes, Rosa Negra, Carmem e Aurora Miranda, Elisinha Coelho, Gilda de Abreu, Marília Batista, Horacina Corrêa, Déo Maia, Elvira e Rosina Pagã, Aracy de Almeida, Linda e Dircinha Baptista, Dalva de Oliveira, Odete Amaral, Isaura Garcia, Carmem Costa, Alzirinha Camargo, Belinha Silva, Marlene, Violeta Cavalcanti, Zilá Fonseca, Heleninha Costa, Elizeth Cardoso, Lurdinha Bittencourt, Mariá, Rogéria, As Três Marias, Zezé Gonzaga, Neusa Maria, Vera Lúcia, Jules Joy, Dora Lopes, Dolores Duran, Dóris Monteiro, Angela Maria, Nora Ney, Vilma Bentivegna, Ondina Ribeiro, As Gatas, Neyde Fraga, Claudette Soares, Carmélia Alves, Inesita Barroso, Marion, Maria Helena Raposo, Maria Teresa, Maysa, Marisa Barroso, Elza Laranjeira, Mara Silva, Marly Marley, Hebe Camargho, Ester Tarcitano, Lucienne Franco, Marisa, Dorinha Freitas, Cely Campelo, Lana Bittencourt, As Frenéticas, Anilza Leoni, Mércia, Virgínia Lane, Morgana, Elza Soares, Núbia Lafayette, Elis Regina, Nalva Aguiar, Linda Rodrigues, Marta Mendonça, Maria Alcina, Helena de Lima, Márcia, Áurea Martins, Cláudia Barroso, Flora Purim, Ivete Siqueira, Dilu Melo, Ana Margarida, Telma, Martinha, Ellen de Lima, Alayde Costa, Déa Silva, Waleska, Clara Nunes, Marinês, Angelita Martinez, Vanusa, Ivone Lara, Edith, Lecy Brandão, Tânia Alves, Aracy Costa, Sonia Delfino, Zaíra Cruz, Maria Alcina, Carminha Mascarenhas, Eliana Pittman, Beth Carvalho, Norma Bengell, Joelma, Angela Suarez, Lena Gil, As Meninas da Casa de Láro, Dina Gonçalves, Ivete Garcia, Eladir Porto, Rosana Tapajós, Rosa Maria, Maria Creuza, Maria Bethania, Rosana Toledo, Rogéria, Célia, Elizabeth, Leny Eversong, Gal Costa, Carmem Déa, Leny Andrade, Kátia, Renata Lu, Adriana Rodrigues, Simone, Miriam Batucada, Adelaide e Silvinha Chiozzo, Silvana, Mary Gonçalves, Nara Leão, Georgette, Giovana, Sonia Lemos, Cintinha, Jame, Luli e Lucinha, Zilda do Zé, Sonia Santos, Carmem Silva, Lady Zu, Maria Odete, Alcione, Olivinha Carvalho, Zizi Possi, Evinha e Silvinha, Baby Consuelo, Kátia Cylene, Silvinha Araújo, Adriana, Denise Emmer, Marina, Gisa Nogueira, Joana, Olívia, Angela Rô-Rô, Gretchen, Waldirene, De Kalafe, Silvinha Telles, Dircinha Costa, Dalva de Andrade, Cláudia, Tania Maria, Elisângela, Cláudia Telles, Miss Lane, Fátima Guedes, Marluí Miranda, Astrud Gilberto, Rosana, Lena Rios, Olívia Hime, Bianca e Clementina de Jesus são excelentes cantoras do ótimo elenco feminino da música brasileira.

Mas, Emilinha é a maior e está acabado, não se fala mais nisso.

Um beijinho, depois do programa

Emilinha Borba

É A DITADURA DA GRANDE ESCOLA

Porta bandeira sai do samba. Foi a Máfia.

Reportagem de
Dulce Alves

Hilário Jovino e Heitor dos Prazeres estão chorando.

Hilário foi o introdutor de uma dupla de honra que deveria levar o estandarte dos Ranchos Carnavalescos; Heitor dos Prazeres levou a primeira bandeira do samba pelas ruas de Madureira: um tecido branco de forma retangular pregado no alto de um bambu de dois metros.

Agora, a máfia do samba, sem nenhuma origem, intimidade ou conhecimento, resolveu acabar com o quesito mais importante para julgamento de uma Escola de Samba: Mestre-Sala e Porta Bandeira.

As alegações são as mais variadas e impossíveis. **REPORTER** andou em alguns redutos de samba e não encontrou, como sabia, nenhuma desculpa honesta. Todos muito evasivos, pois nem mesmo os dirigentes têm certeza do porquê da retirada do quesito.

A empresa do governo, a Riotur, responsável pelo carnaval carioca, saiu de Pilatos, isto é, cumpriu a vontade da máfia.

Por que máfia?

Existe uma Associação das Escolas de Samba do Rio de Janeiro, muito bem instalada no Meier, mais conhecida como Palácio de Mármore. Ela congrega 44 agremiações, 10 das quais detêm o cabresto das outras 34 que são as escolas menores e não possuem grandes quadras de ensaios, não faturam portarias, bares, mesas e "outras cositas más" na Zona Sul e estão sempre presas a uma miserável carta de crédito para poderem sobreviver. Cabe aqui uma explicação: carta e crédito é um maroto adiantamento feito pela Associação às Escolas, através da subvenção da Riotur. Isto faz com que as pequenas escolas estejam em permanente débito com a entidade.

A sociedade foi criada para ser a intermediária entre as Escolas e a Riotur, o elemento reivindicatório, mas isto não acontece. A "maioria de 10" vê apenas os "grandes interesses" e o "interesse das grandes", nunca o problema das pequenas, que passam todo tipo de sufoco, desde não poder ensaiar — algumas por não terem quadras cobertas, com chuva atrapalhando, trazendo grande prejuízo — até qualquer estímulo que lhes propicie aumentar a renda. As grandes querem faturar e as pequenas, desfilar.

A "maioria de 10" começou a criar cobra pra morder. Partiu para o visual, binômio luxo e riqueza, e tudo mais que distanciava o samba de sua verdadeira origem. Ao sambista, que tinha orgulho em criar e confeccionar sua própria fantasia, foi imposto o figurino com nomes de fazendas, adereços e enfeites complicados para ele que só queria brincar o carnaval na sua Escola de Samba.

Aí começou o apodrecimento das Escolas. Ou os sambistas pagavam os caros figurinos ou não saíam. Apesar disso, a máfia sabia que não podia prescindir do elemento humano, único filão de riqueza para suas apresentações. Então , teve início o tráfico do passe: investia-se no elemento humano, transacionava-se viagens, **shows** e o faturamento certo.O sambista, que era a matéria-prima, que se danasse. O carnavalesco inventou passos de balé, nova coreografia e também cobrava alto as suas invencionices e o seu passe.

Chegou-se a uma encruzilhada: ou se profissionalizava o sambista dentro de sua própria Escola (o que é um desastre), ou ele a abandonava.

Esta crise, porém, só estava acontecendo na "maioria de 10", que detém o poder da Associação das Escolas de Samba. A briga maior era com a dupla Mestre-Sala/Porta-Bandeira, que sempre alcançava nota máxima nos desfiles e, de ano para ano, exigia também que a sua fantasia tivesse luxo e riqueza. O passe deles custava cada vez mais caro.

Como a "maioria de 10" não entende nada de nada, não sabe também que a origem da dupla se deve ao fato e que nos primórdios, o samba era uma guerra. E, como tal, quem saísse com sua bandeira ou estandarte ileso era o vencedor. A bandeira era o símbolo máximo. A expressão "defender as cores da minha bandeira" era levada a sério. Para isso, tornava-se necessário guardar o pavilhão. O estandarte era guadado por um homem (baliza) nos Ranchos, por causa do peso, o mesmo acontecendo nos frevos. Para as Escolas de Samba chegou em forma de bandeira, levada por uma mulher, a Porta-Bandeira, protegida pelo Mestre-Sala. Para a escolha do par eram exigidos vários requisitos. Para a mulher: beleza, porte de rainha, volteios e meneios graciosos, leveza e simpatia. Para o homem: garbo, elegância, altivez, segurança nos passos. Ele não era um malabarista, mas um guardião forte e gentil.

Mas tudo isso se perdeu numa penada, com uma fatídica minuta feita pela associação e entregue à Riotur, onde foi pedido que o desfile não contasse mais pontos da dupla e outras doidices. Não sabemos se devemos rir da ignorância ou chorar pela maldade. Nessa batida, os restantes quesitos irão caindo um a um. Quem garante que a bateria, que também, de ano para ano, se apresenta com fantasia intrincada que dificulta os movimentos, não vai ter o quesito cortado? Um repinique , uma caixa, um surdo, um tamborim são peças indispensáveis na Escola, mas o desinteresse e o pouco valor que são dados ao ritmista pode permitir que ele passe de uma agremiação para outra. E, quando a coisa não der mais para segurar, corta-se o quesito. Aumenta-se a potência do som, coloca-se instrumento de corda, elétrico, (o cavaquinho que acompanha o cantor no desfile já é elétrico) e uma fita com alto-falante (as gravadoras estão aí mesmo exigindo sambas-enredos curtos para dar 12 num disco, inibindo a criatividade do compositor) e estará tudo resolvido.

A "maioria de 10" lidera, mas a Associação afirma que a minuta entregue a Riotur foi votada com unanimidade de 42 escolas. A maioria mais uma vez venceu a minoria silenciosa que não tem conjntuo, ou melhor, um visual paramentoso. E estarão com seus desfiles ameaçados, pois a dupla já lhe garantia os 10 pontos e o conjunto (novo quesito) para as pequenas escolas é um ítem a arriscar.

A dupla Wilma/Benício, porta-bandeira e Mestre-Sala da Portela, falam:

Eu não vou defilar em 80. Exijo minha fantasia cara porque dou condições à Escola de faturar.

O Vice-Presidente da Associação, Nilton Costa, garante:

— Quero deixar claro que a idéia da retirada do quesito foi proposta à Associação pelos representantes das Escolas. A Associação não influiu em nada.

O presidente do Império Serrano, Humberto Soares Carneiro:

— Eu votei a favor da retirada do quesito, que não vai influir em nada nos desfile. O Império vai continuar a pagar as fantasias do Mestre-Sala e da Porta-Bandeira.

Joãozinho Trinta, carnavalesco da Beija-Flor:

— Eu lamento, pois além de uma tradição, era uma atração. O novo quesito Conjunto não me assusta, sempre concorri com o visual.

Carlinhos Maracanã, presidente da Portela:

— Este é um assunto superado. Não quero falar sobre isso.

Para as grandes escolas tanto faz, como tanto fez. O samba é visto como filão de ouro. Nem o primeiro lugar no desfile interessa mais. O campeonato só é válido na medida em que traz consigo a certeza de maior entrada de discotecas, **shows**, etc. A história é a seguinte: as escolas assinam um contrato com a Riotur para desfiles de Carnaval. A subenção da empresa para as grandes, não representa nada, pois seus gasto é muito maior. O prêmio é ínfimo. A subvenção e o prêmio só interessam às pequenas esolas, que vivem em função do Carnaval, pois não têm o faturamento alienígina das grandes.

Cabe agora uma reflexão para as pequenas escolas: continuar tentando competir com a "maioria de 10" ou parar e cultivar suas verdadeiras raízes e ser realmente uma Escola onde se aprende Samba, esclarecendo o equívoco de Noel Rosa:"Samba não se aprende na Escola".

Estava certo Mestre Candeia quando fazia no seu livro "Escola e Samba, a árvore que esqueceu a raiz" a profecia: "Não está muito longe o extermínio das baianas, Mestre-Sala/Porta-Bandeira, dos passistas (quase extintos) dos compositores, que vão sendo envolvidos e destruídos pela modernização e pelo consumo".

A comida é engolida às pressas, mas tem freguês que fica na dúvida

GARÇONS AVISAM QUE FREGUÊS PODE PARAR NO HOSPITAL

Restaurantes do Rio servem comida estragada

Reportagem de Grice Faria; Fotos de Chiquito Chaves

O trabalhador urbano carioca que é obrigado a almoçar na rua está sujeito a parar no hospital, depois de comer um filé ao ponto, um galeto bem passado ou um simples salgadinho. Isto porque 80% dos restaurantes e lanchonetes estão servindo comida estragada, suja e mal feita. Até o chope, que tantos apreciam, é o resto do outro freguês. E também não escapa a água mineral sem gás, que depois de devidamente bebida dá lugar à água da torneira.

Para consumir esse cardápio, o freguês paga o que pediu e o que não pediu, pois geralmente está sendo roubado na nota. E quem leva a fama de ladrão é o garçon. Esse, coitado, além de ter que viver da gorjeta do freguês (quase nunca tem salário fixo, nem carteira assinada), come a sobra da sobra e trabalha no mínimo 12 horas por dia, inclusive sendo obrigado a fazer faxina.

A maioria das informações sobre os restaurantes foram obtidas com os garçons, que, por razões óbvias, não podem aparecer. Deram uma lista de restaurantes nos quais os fregueses estão sempre correndo um certo risco: no Centro — churrascaria Holandesa e pizzaria Rodízio Nelblu; na Zona Sul — pizzaria Bella Blu (Copacabana), Bella Roma (Copacabana e Leme), churrascaria Guanabara (Botafogo), Pigalle 2 (Copacabana); na Zona Norte — pizzaria Bella Roma (Tijuca), Churrascão Gaúcho (avenida Brasil, Bonsucesso), churrascaria Pavilhão (Campo de São Cristóvão). Existem outros, é claro, mas caberia aos fiscais da Sunab identificá-los e denunciá-los.

Cuidado: nem o sanduíche escapa

No Rio, os restaurantes de "combate" — termo usado pelos gerentes — nada se perde, tudo se aproveita. A carne que o freguês belisca, volta para a cozinha e lá, depois de moída, com novos temperos, vira bolinho de carne, molho de lazanha, croquete ou picadinho. Se o empregado joga fora os restos dos pratos no lixo, pode até ser mandado embora. O patrão aproveita tudo e o chefe de cozinha sempre o apóia.

Nas cozinhas dos restaurantes — pequenas, muito quentes, sem ventilador, apenas com um exaustor para puxar a fumaça — as condições de higiene são péssimas. Os cozinheiros e ajudantes trabalham sujos e suados num local que parece chiqueiro. O piso é lavado uma vez por semana; as paredes ficam engorduradas, com uma camada de poeira; baratas voam para todos os lados, caindo nas panelas mal lavadas, cheirando a sabão. Pensando só no lucro, os donos de restaurantes fazem um salão enorme para os fregueses e uma cozinha minúscula, onde não cabem três pessoas. Ali, deve-se preparar a comida, lavar a louça e deixar todo o lixo, que só é retirado à noite. Quando falta água, as casas funcionam normalmente, só que os talheres, pratos e copos são mergulhados em uma pia cheia de água, onde tudo é lavado na mesma água suja.

As geladeiras e frigoríficos são imundos, com carnes jogadas pelos cantos ou no fundo da geladeira, misturadas com água suja. As aves são preparadas como chegam dos abatedouros — com babas e restos de penas.

Vários pratos caríssimos, como Escalopinho ao Molho Madeira, Escalopinho ao Molho de Champignon, têm como base o Molho Rotti. Segundo o garçon Pedro, "esse molho é preparado com carnes estragadas, cabeças de galinha com bico, cascas de cenoura. Tudo que estiver sobrando na geladeira vai para a panela. Depois de pronto, para tirar o mau cheiro coloca-se molho inglês, vinho tinto e pimenta do reino".

O gerente Antônio, acha que os restaurantes que têm preço fixo para a refeição, incluindo uma bebida e sobremesa, o "limpa geladeira" é mais fácil de acontecer. E explica:

— Existe um lucro mínimo, onde tem que aproveitar o máximo. Aí há um aproveitamento total — restos de comidas, de chopes, frutas estragadas e ovos podres para os pudins. Outro problema são os salgadinhos, que à tarde já estão azedos. Quem vê de manhã pensa que é tudo fresquinho, mas a massa é feita no dia anterior.

Além disso, frequentemente os patrões roubam nas notas. Quando o freguês pede a conta, principalmente se é conhecido da casa e tem grana, é ligeiramente aliviado. Quem não confere, paga o que não bebeu ou comeu e se descobre quem leva a fama de ladrão é o garçom.

Outra falcatrua muito usual, desta vez contra o governo, são as notas frias (sem inscrição). Estas notas são guardadas até o final do expediente para controle apenas da féria do dia. Depois são jogadas fora,

registrando-se apenas uma parte do que a casa faturou. Para acabar com esse jogo, os fregueses devem pedir a nota fiscal, pois assim eles são obrigados a pagar imposto.

"José, que trabalha no ramo há 36 anos, diz que cada vez a coisa piora mais, tanto para o freguês como para os empregados.

— A refeição que servem para os garçons, nem porco come. Por isso, muitos comem fora ou passam o dia com a barriga roncando. Diariamente, os garçons comem um ensopado de resto de assados, que fica cinco dias jogado na geladeira, misturado com cabeças e pés de galinha. Outras vezes, servem filé de peixe, camarão e até lagosta. Mas o que poucos sabem é que esta comida ou é resto ou está tão ruim que não há condições de serem servidas ao público.

Servindo os mais variados pratos e muitas vezes com fome o garçon tem que ser sempre cortês, pois o seu salário é a gorjeta que o freguês lhe dá.

— O garçon é um dependente permanente porque conta com a gorgeta para viver. Dos 10% que vêm na nota, sobra para nós apenas 7 ou 8%, dependendo da casa. Eles dizem que é dividido entre o maitre, o cozinheiro e o copeiro, mas esse pessoal não recebe nada — diz José.

Muitas casas demoram até um ano para assinar a carteira, ficando o empregado sem direito à Assistência Social. José diz que "se o infeliz fica doente o patrão manda embora e ele não pode reclamar seus direitos". Na carteira vem registrando o salário mínimo e oito horas diárias de trabalho, mas eles não ganham mais de Cr$ 1500,00 e ainda são obrigados a assinarem uma folha de pagamento onde consta salário e horário diferentes. Trabalham mais de 12 horas e não ganham extra. Das 6 da manhã às 11 o garçon trabalha como fachineiro, limpando a casa e arrumando as mesas. Só depois das 11 é que vira garçom.

Na Pizzaria Rodízio "Nelblú" o dono só admite o empregado se ele assinar um livro em branco.

— Esse livro é que deveria ser descoberto, pois quando a gente sai da casa não recebe nada — diz um dos garçons.

Problemas semelhantes ocorrem também no Bella Blú. Lá, em vez da carteira do empregado ser assinada, é jogada em uma gaveta. Nesta casa, cada garçom recebe, quando entra, dois paletós e duas gravatas, pelo que pagaCr$ 1.800,00. Quando vai embora, tem que deixar mais Cr$ 500,00 como desconto de roupa. Tem garçom que fica uma semana na casa e é obrigado a pagar o uniforme.

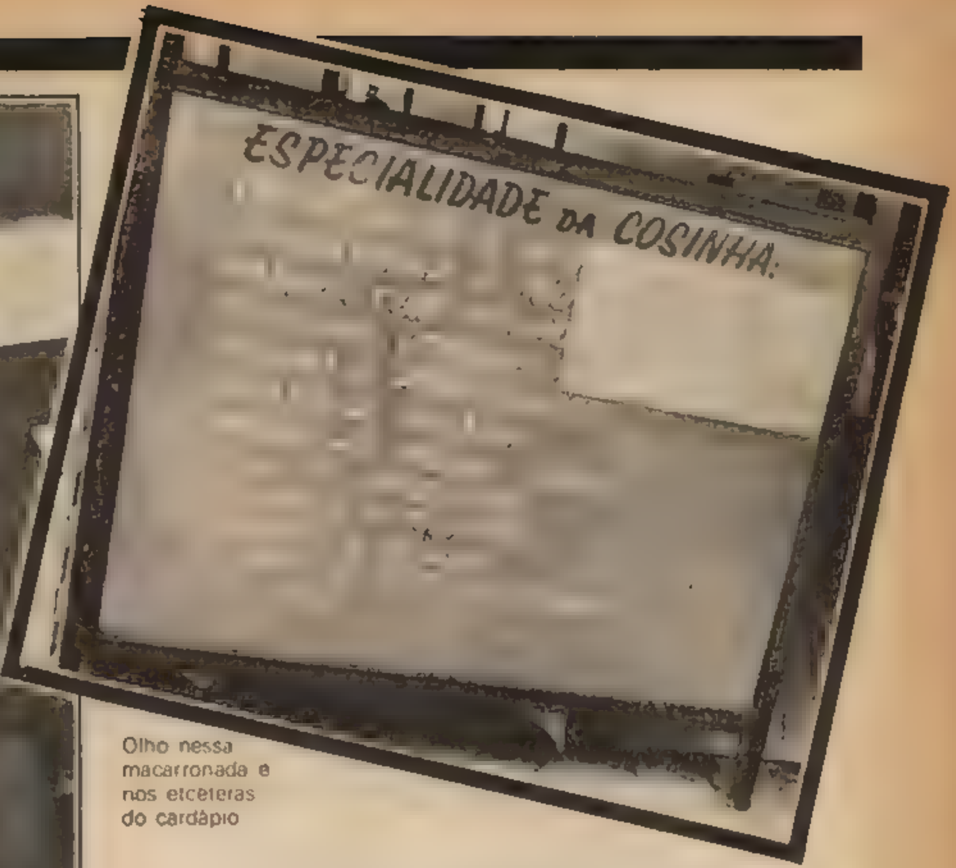
Mas os fiscais nao tomam conhecimento do que acontece nos restaurantes?

O garçom dá uma risadinha e diz:

Os fiscais chegam e levam o deles e não querem saber de mais nada. O patrão já tem guardado os Cr$ 300,00 do fiscal. Quando a saúde pública vai dar uma batida, álguém telefona primeiro e então fica tudo limpo. Eles chegam e tá tudo bonito. Aí, sentam, comem e bebem do bom e do melhor.

Quanto ao sindicato eles nem procuram mais e muitos já deixaram de pagar, sabendo que a entidade não faz nada para melhorar as condições de trabalho da classe. O presidente, Raimundo ditador, como é chamado — está no poder há 15 anos.

Depois da comida, a dor de barriga



Olho nessa macarronada e nos etceteras do cardápio

RECEITAS DO 'CHEF'

MOLHO ROTTI

Ingredientes:

— 1 prato de cabeça de galinha com bico
— 1 prato de pescoço
— picadinho de 30 fatias de carne assada, envelhecida durante cinco dias. De preferência mofada.
— 1/2 kg de pelanca
— 1 kg de osso
— 2 kg de batata com casca
— 1 1/2 kg de casca de cenoura
— 2 kg de tomate passado
— 1 kg de pimentão passado
— casca de cebola à vontade
— sal, alho e pimenta a gosto

Como preparar:

— Coloque em uma panela com gordura e resíduos de comida, os tomates, o pimentão e a cebola. Em seguida acrescente as pelancas e os ossos, sem escaldar. Refogue tudo e junte a carne já assada neste refogado e mais tarde coloque os legumes. Deixe cozinhar bastante até virar uma sopa.

Depois de pronto se estiver cheirando muito mal, acrescente molho inglês, vinho tinto e por último pimenta do reino.

— Este molho francês é servido com qualquer tipo de carne.

"Bom apetite"

Inhoque

Ingredientes:

— 5 kg de batata
— 10 copos de farinha de trigo
— 3 ovos

Ingredientes para o molho

— 2 kg de tomate passado
— 5 cabeças de cebola
— 1/2 kg de pimentão
— 2 latas de massa de tomate

Como preparar a massa:

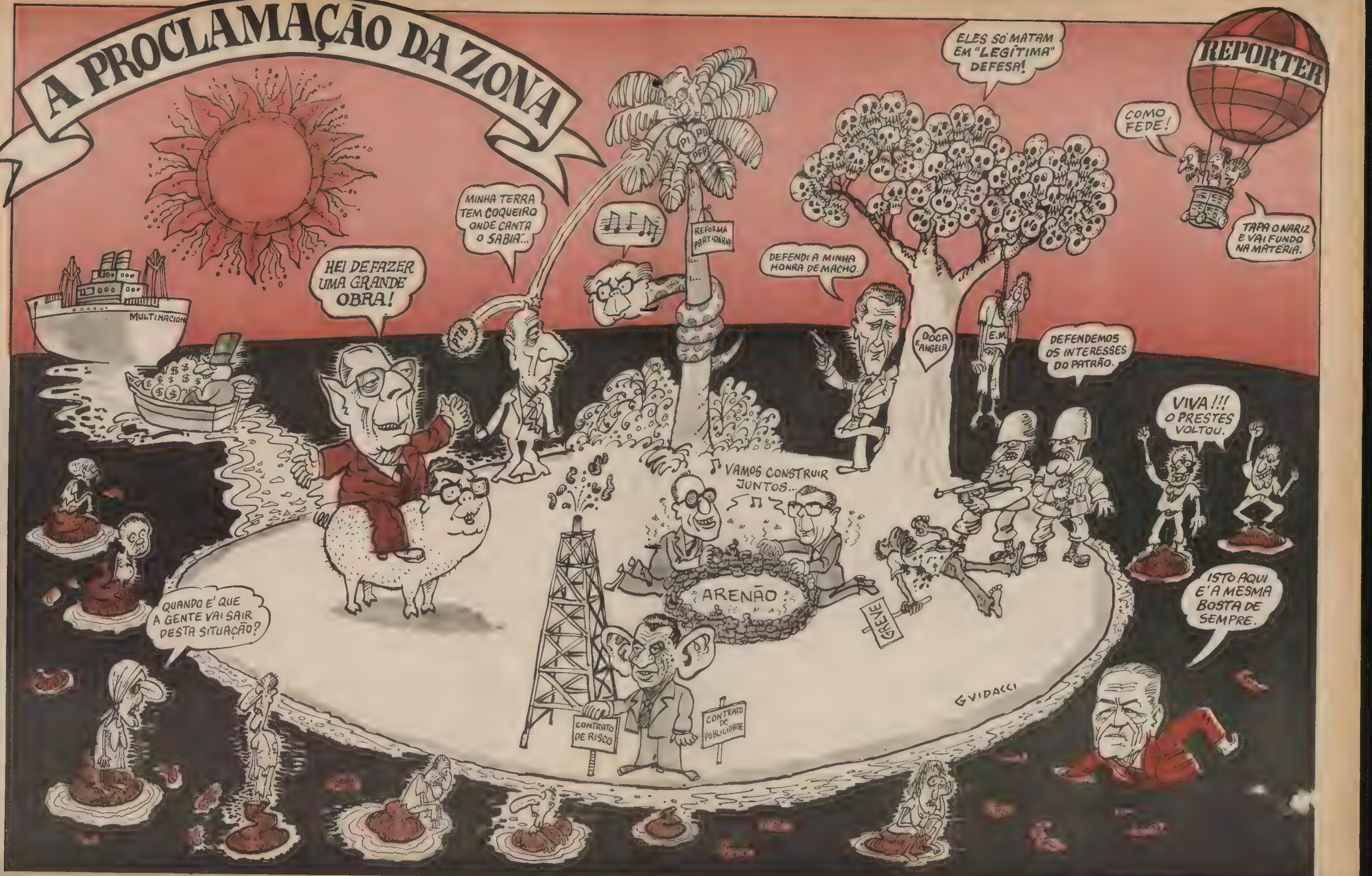
— Depois de cozida a batata, deve ser bem amassada. Coloque o trigo e os ovos e amasse bem. Enrrole bem fino e corte com uma faca em pedaços pequenos e jogue na água fervente. Deixe cozinhar até subir e então retire com uma escumadeira e deixe escorrer.

Como preparar o molho:

— Coloque em uma panela todos os ingredientes. Deixe refogar e coloque um pouquinho de água.

Esse molho deve ser preparado com antecedência para ficar azedo.

Para servir, coloque os gnocchi em um piréx e jogue o molho por cima, e queijo ralado à vontade.


A PROCLAMAÇÃO DA ZONA
REPORTER
COMO FEDE!
TAPA O NARIZ E VAI FUNDO NA MATÉRIA.
ELES SÓ MATAM EM "LEGÍTIMA" DEFESA!
MINHA TERRA TEM COQUEIRO ONDE CANTA O SABIÁ...
PI
PD
PFP
REFORMA PARTIDÁRIA
PTB
HEI DE FAZER UMA GRANDE OBRA!
MULTINACION
DEFENDI A MINHA HONRA DE MACHO.
DOCA E ANGELA
E.M.
DEFENDEMOS OS INTERESSES DO PATRÃO.
VIVA!!! O PRESTES VOLTOU.
VAMOS CONSTRUIR JUNTOS...
ARENÃO
GREVE
ISTO AQUI É A MESMA BOSTA DE SEMPRE.
QUANDO É QUE A GENTE VAI SAIR DESTA SITUAÇÃO?
CONTRATO DE RISCO
CONTRATO DE PUBLICIDADE
GVIDACCI

O morro da verde e rosa mudou de cor. É vermelho de sangue.

Primeiro foi a menina Márcia Gomes, de 13 anos, assassinada com um tiro na cabeça, quando merendava dentro da Escola Humberto de Campos, no Buraco Quente, morro da Mangueira, Rio de Janeiro. Foi em julho. Dois meses depois, os PMs eram acusados da morte de Miguel Ferreira Filho, de 17 anos, que tombou com um tiro nas costas, quando jogava uma pelada na rua Visconde de Niterói, começo da travessa Saião Lobato, acesso oficial do morro. E também morreu. Antes disso, no dia 23 de março, mas com conseqüências que se arrastam até hoje, a família de Maurino Aquiles Soares viu a morte de perto, ao ser acordado por rajadas de metralhadoras.

A polícia está levando o pânico ao morro da Mangueira, cujos moradores conhecem, no dia a dia, uma realidade bastante diferente da que é mostrada nos seus exuberantes desfiles, na avenida. E quando a polícia ataca não há pra quem pedir socorro. Os moradores falam da violência no mais famoso celeiro de compositores cariocas, mas pedem para permanecer no anonimato, porque agora, mais que nunca, está em vigor a lei do ninguém sabe, ninguém viu.

Um dos berços do samba, estação primeira, primeira campeã dos desfiles das escolas de samba, conhecida por seu apego às tradições da música, cantada em inúmeros sambas, de todos os jeitos e feitios, que falam de seus bambas, de suas cores verde e rosa, do apito do trem e do barracão de madeira, a de madeira, a Mangueira sofre as contradições de ser um lugar de gente pobre e extraordinariamente dotada de sensibilidade, com problemas típicos de favelas e outros dramas característicos do asfalto que fica ao pé do morro e leva, em 15 minutos, ao centro da cidade do Rio de Janeiro. Sambistas até a alma, os mangueirenses querem desfocar a imagem de que são apenas sambistas e existem porque existe o carnaval.

Ligados 362 dias por ano a um cotidiano de sobrevivência difícil e, agora, amaeaçados pela violência policial, eles chegam a duvidar das letras dos sambas que mostram um morro onde a poesia, feito um mar, se alastrou. E perguntam: Mangueira, teu cenário é uma beleza?

Os alunos da Escola Humberto de Campos nunca mais vão esquecer o que aconteceu com Márcia. E nem com Miguel. E a Polícia Militar continua matando inocentes com a desculpa que troca tiros com bandidos. A violência começa no Buraco Quente, á entrada do morro.

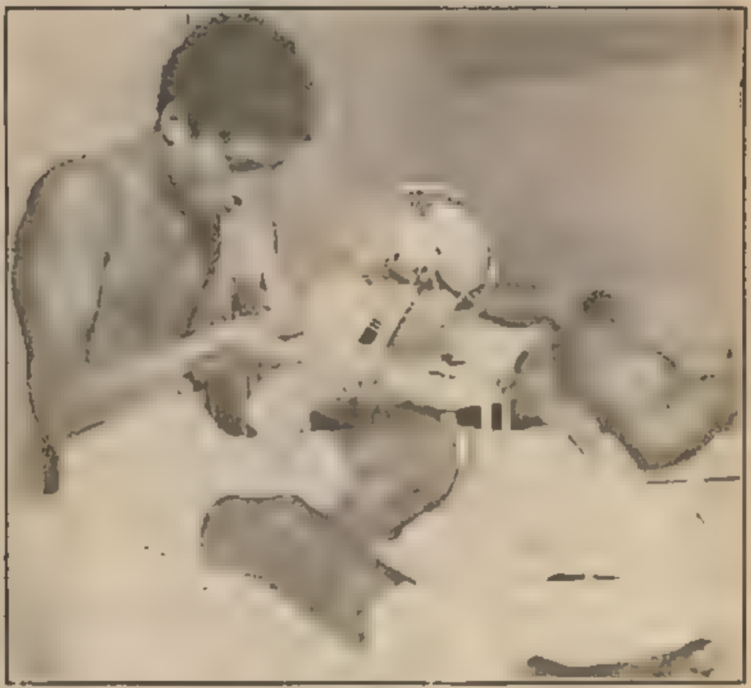
POLÍCIA MILITAR É O TERROR DA MANGUEIRA

Reportagem de Tim Lopes
Fotos de Chiquinho Chaves

— Dinheiro na mão de pobre é flagrante e carteira assinada é suspeita. Ou você não sabe disso meu irmãozinho? Quando abri a carteira e eles viram que eu estava com 1.500 cruzeiros do meu salário, disseram que eu estava tentando subornar. Me deram o artigo 33 e o soldado ficou com o dinheiro embaixo do quepe.

Quem diz isso, sem esconder a revolta, é o operário Delson Lima Gomes, de 23 anos, contando o que se passou quando foi ao posto policial do 4º Batalhão da Polícia Militar, no alto do morro, ver o que estava pegando contra ele e o seu irmão Rogério Lima Gomes, faxineiro do supermercado Disco. Dois dias antes, no dia 23 de março, eles foram acordados às três horas da madrugada, com uma rajada de metralhadora desferida pelos policiais do posto, comandados pelo cabo Castelo. A casa de alvenaria, sem pintura, fica no Chalé, uma das três localidades da Mangueira (as outras são o Santo Antônio e o Buraco Quente, a entrada do morro mais cantado do Brasil). Delson e sua cunhada Maria Lúcia, com a filha Mara, de um ano no colo, mostram os buracos dos tiros que fi-

Dinheiro na mão de pobre é flagrante e carteira assinada é suspeita.



A mesma violência que matou Márcia foi a mesma que feriu Rogério e Delson. Foi praticada pela PM.

caram cravados nas paredes da casa.

— Eles queimaram os meus móveis, um bufê, uma mesa e quatro cadeiras que eu e o meu marido compramos. Tinha chegado um dia antes, nem usamos. Eles carregaram pra fora, com as roupas da minha filha e do Rogério, meus documentos e tocaram fogo em tudo. Queimaram o meu diploma de primário, ginásio e a certidão da minha filha, queimaram tudo. Noutro dia de manhã o que eu consegui salvar foram essas notas de compras dos móveis e três panelas, que ficaram pretinhas.

Maria Lúcia só ficou com a roupa do corpo e depois de várias idas à 17ª Delegacia Policial, em São Cristóvão, onde está registrada a queixa contra os policiais, e ao 4º Batalhão da Polícia Militar, conseguiu permissão para colocar portas e janelas na sua casa. Durante sete meses ela colocou três pares de portas e janelas e os policiais foram lá e derrubaram a pontapés. A última vez que isso aconteceu foi no início do mês passado. E ela não acredita que as novas portas e janelas fiquem durante muito tempo em pé.

"Visto assim do alto mais parece um céu no chão. Sei lá, não sei"...

Da janela da casa dá pra se ver as crianças peladas, homens desconfiados olhando de rabo de olho, mulheres gordas estendendo roupas, o Maracanã, o Cristo Redentor, o Pão de Açúcar, as pipas dançando em mãos ágeis, nem sempre de meninos, o telheiro dos barracos — muito de zinco — o intenso movimento de carros no viaduto lá embaixo e o Palácio do Samba, onde a Estação Primeira evolui. Delson anda de um lado para o outro da casa, inseguro, arredio com as perguntas do repórter.

Delson, você não deve nada não?

— Sou trabalhador, não paro nem aqui no morro, não sou nem de dar doizinho no bagulho. Meu irmão é a mesma coisa, devagar, casado de pouco, com uma filhinha pra criar. Pode ver a ficha no Félix Pacheco, é limpeza. Sujou agora, que eles deram um forjado de fumo no meu irmão e uma tentativa de suborno em cima de mim, lá no posto policial.

Delson tem uma enorme cicatriz no braço direito por causa dos tiros. E Rogério está até hoje internado no hospital Santa Terezinha, na Tijuca, em conseqüência dos balaços que recebeu. Maurino Aquiles Soares, pai dos dois, veio de Vitória há 11 anos com os filhos, para melhorar de vida. E dá a sua versão:

— O meu filho trabalha até às dez da noite no supermercado e como estava chovendo muito, minha nora foi para a minha casa com a filha. Se não fosse isso o negócio teria sido pior. Nós escutamos tiros, mas cadê coragem pra ver o que estava acontecendo? Assim que raiou o dia, saí e vi meu filho todo ensangüentado, estirado no chão, e o outro também ferido. Não sei onde consegui tanta força para carregar eles até lá embaixo e escutar o cabo dizer "tinha que acertar um tiro na cabeça dele para matar de vez".

Seu Aquilino é um homem doente, encostado pelo Inamps, com uma fissura na coluna, problemas de nervos, pressão baixa e bico de papagaio. Ele mesmo, com ajuda do filho Delson e do repórter, retiraram das paredes as balas da metralhadora tipo Pazan, a prova da violência. Rogério, enquanto não recebe alta, passa o tempo fazendo carrinhos com aqueles tubos de plástico de soro. Emagreceu dez quilos, já foi pra casa duas vezes, mas teve que voltar para o hospital.

"Mangueira fica pertinho do céu, Mangueira vai assistir ao meu fim".

A camioneta azul-e-branca do 4º Batalhão da Polícia Militar freia bruscamente no Largo Nossa Senhora da Glória, no final da Travessa Saião Lobato, pedaço conhecido como Buraco Quente. Os soldados desembarcam decididos, exibindo armas. O grupo que queimava um baseado num barranco no alto do morro se dispersou pelos becos, atalhos, vielas, caminhos e estradinhas — as centenas de veias que formam o corpo da favela. É o pinote, a corrida do morro. Hoje, quem está de plantão é o cabo Castelo, conhecido no morro pela sua violência. Tanto ele quanto Varinha e Brucutu, o que matou o menor Miguel, quando o garoto jogava futebol.

— Os zome chegaram e foram revistando a gente sem pedir documentos, dando cachação, me deram um murro nos peito, na cara e mandaram eu escolher: "vai com a gente ou deixa os objetos". Entreguei o que tinha, até o relógio, que eles arrancaram do meu pulso, dizendo assim: "me dá isso, que é contrabando".

O negão, contínuo de um jornal carioca, faz revelações com reservas. Afinal, se pegarem ele e arrastarem para o posto policial está arriscado a levar umas ripadas e beber duas colheres de pimenta.

O camburão sai devagar pela travessa Saião Lobato. Acaba o sufoco, a rapaziada respira aliviada. No Buraco Quente, brilham ao sol, as tendinhas, as biroscas, casas de alvenaria, barracos, a igreja, a escola Humberto de Campos, (onde Márcia foi ferida mortalmente pelo soldado Nilson Mariano da Costa, do posto policial) as Nossas Senhoras da Glória e São Sebastiões pintados em mil cores nas paredes das casas. Cores berrantes, igual ao colorido dos gorros, bonés, camisetas de barbante e as guias de santo que enfeitam orgulhosamente os pescoços, principalmente dos homens. Nos pulsos das mulheres mais velhas, mil pulseiras prateadas e de plástico.

A Mangueira teve seus bandidos. Os moradores mais antigos lembram do Nascimento, que metia bronca num tempo em que os malandros da pesada guardavam o morro. Do Marujo e do Mauro Guerra, hoje pacato empregado do contraventor Castor de Andrade, numa indústria de pesca em Porto Seguro, na Bahia. Entre 1959 e 1962, Mineirinho fez do morro o seu esconderijo, até ser morto pela polícia, na rua General Pedra, atrás da Central do Brasil. Mas a última fase perigosa do morro foi por volta de 1970. Os sofridos meninos da Mangueira soltaram tanto os bichos, que até a renda dos ensaios da escola de samba baixou. Roubavam toca fita, assaltavam, atacavam em grupo. E como lembrança dos personagens ficou o corpo franzino de Pardal, que não chegou a completar quinze anos, morto numa refrega com a polícia. De lá pra cá a violência trocou de mãos. Mãos que ousaram tocar até em Cartola, um dos grandes compositores do morro e do Brasil.

— Eu cheguei no meu táxi e saltei aqui mesmo na porta da minha casa e o velho me pediu pra comprar uma cerveja. Quando estava na rua, me lembrei que tinha esquecido os documentos. Como era em frente, pertinho, fiquei cabreiro, mas não me importei. Só que a polícia tava dando batida e invocou. Aí, juntou a minha família, tudo nervoso, aí eles me bateram e meu pai foi se meter e empurraram o velho.

Ronaldo, motorista de táxi e funcionário da prefeitura é filho de Cartola. Mora na casa que seu pai deixou, ao se mudar para Jacarepaguá, na beira do morro.

"Mangueira tem um grande plantio de bambas e dá o fruto que chamamos samba".

Um dos diretores da ala da Velha Guarda, que não quer dizer seu nome, nascido e criado no morro, nunca deixou de desfilar na avenida como componente da verde e rosa. Diz que quando a Mangueira vai deixando a pista, se emociona. Mas a realidade para esse sambista, de 55 anos, quando acaba de desfilar, é outra:

— A gente mora no morro, mas não é bicho. Eu mesmo disse isso pra eles, que são ladrões credenciados. Eles não têm moral nenhuma para abordar a gente na rua. Porque são os primeiros a estarem errados. Esses dias, deram um chute na boca do estômago do irmão de Delegado, o mestre sala da escola, só de malvadeza.

Um trago faz a cabeça da autoridade. Aí todo crioulo é bandido

Dona Miúda é a mais famosa cozinheira do morro. Foi quem fez o bolo dos cinqüenta anos da Escola de Samba. Ela dá o seu depoimento:

— Os direitos têm que ser iguais para todo o mundo. Fazem uma porção de barbaridades e eu daqui fico vendo tudo, indignada. Eu vi eles invadirem a casa da vizinha, arrebentarem tudo. É uma casa de família, o que é que há?

Maria de tal, antiga moradora no morro, está conversando em frente à favela. Gesticula e diz que não tem medo de falar a verdade.

— Não somos contra a polícia, somos contra o modo deles agirem. São uns estúpidos. Eles vão invadindo os barracos, quebrando tudo, de revólver na mão. Não respeitam as pessoas velhas e nem as crianças. Ficam bêbados nas tendinhas e depois querem sair na rua mostrando autoridade, exigindo respeito.

"Lá no morro de Mangueira, bem em frente à ribanceira, uma cruz a gente vê."

Ex-apontador de jogo de bicho e ex-traficante de drogas, com passagens pelo galpão da Quinta da Boa Vista, o mulato magro, fala, com a condição de não aparecer o nome. Dentro de uma casa em construção, um cosido apimentado vai sendo devorado por um grupo de oito homens. No ar, a maresia de fumo.

— Já levei muito tapa dos polícia na cadeia. Eu quero seguir um caminho legal mas os zomi num deixam... Esses dias me obrigaram a dar quatro milhas e no outro dia, quinhentas pratas, vivem me acharcando. Eu já disse pra eles: vocês querem que eu vire bandido pra acabar comigo de uma vez...

Padeirinho, considerado o rei da gíria do morro, sobe as tortuosas vielas que, de tão estreitas, dão a impressão que passam por dentro dos barracos. O repórter e o fotógrafo, de repente, ficam isolados no meio do grupo. A barra pesa e logo vem um toque:

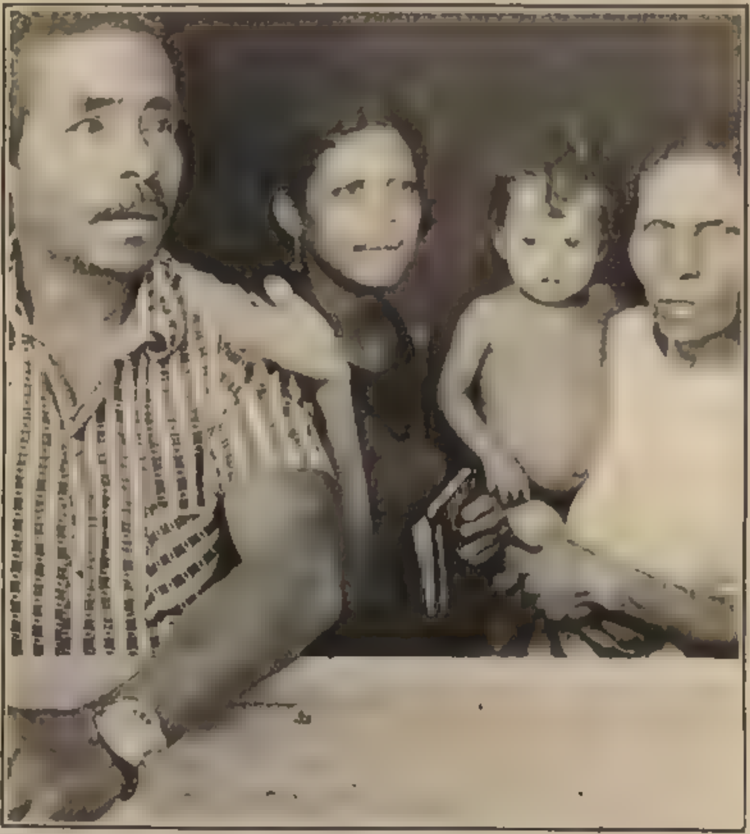
— Olha aí o que vocês vão aprontar. Olha a crocodilagem!

O aviso vem em tom de ameaça. A conversa passa logo para futebol e no balcão de madeira carcomido da birosca desce uma geladinha. Carlos Cachaça, autor daquele samba que diz "alegria era o que faltava em mim" passa devagarinho em direção ao armazém **Ao Forte de Mangueira**, do seu Almeida, o mais antigo comerciante da praça.

Silvina, professora de português e francês do Centro Federal de Educação Tecnológica do Rio de Janeiro, ex-atleta e recordista sul-americana de salto em distância e 200 metros rasos, faz parte da diretoria da União dos Moradores da Mangueira. Evita falar da violência dos policiais, mas briga pela Associação:

— Tive condições de sair da Mangueira, mas eu sou daqui, e não tinha sentido sair das minhas raízes. Preferi ficar na comunidade e fazer qualquer coisa por ela aqui mesmo, como mudar a imagem de que no morro só tem samba e marginalidade. Tem gente que trabalha, tem gente que estuda, tem universitários. Estamos fazendo um levantamento para ver as pessoas carentes.

Seu Maurino está revoltado com o que aconteceu com os seus filhos, e Vera Lúcia reclama dos móveis que foram queimados junto com os seus diplomas de primário e ginásio. Até a filha Mara que está no colo da vó não escapou. Eles queimaram a sua certidão de nascimento e metralharam a casa. No posto policial a receita de tortura que não deixa marcas: duas colheradas de pimenta pura.



INDEPENDENTE

É O QUE NÃO SE SUBMETE, O QUE NÃO TEM MEDO DE SE DIZER LIVRE, É SER AUTÔNOMO.

ASSINE REPORTER, UM JORNAL QUE É ISTO: INDEPENDENTE.

REPORTER

UM JORNAL QUE ESTÁ SEMPRE NAS PARADAS

CUPOM DE ASSINATURA

— Assinatura por 12 edições: 200,00
— Envie cheque nominal ou vale postal para:

MARGEM EDITORIA E PROGRAMAÇÃO GRÁFICA LTDA.
Rio de Janeiro: rua Miguel Couto, 134 conj. 1101/1104 20000 RJ

Voce pode assinar o REPORTER a partir do nº 0
Indique a partir de que número você quer sua assinatura..........................

Nome:..........................
Profissão:..........................
Endereço:..........................

CEP:........ Cidade:........ Estado: ....

REPORTER NO HOSPÍCIO

Sanatório paulista é prisão de crianças

Fotos de Juca Martins/Agência F-4

Este é o pátio do Sanatório Congonhas, uma clínica particular que mantém convênio com o Inamps e que é a única opção de tratamento para as crianças com problemas mentais da Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor de São Paulo — Febem. Vivem lá 350 menores na maior promiscuidade, sem assistência médica adequada e, pior, submetidos a todo o tipo de violência.

Surras e injeções para dopar os pacientes são a terapia preferida da clínica. Os gritos das crianças, pedindo para serem retiradas dali, tirou o sono dos vizinhos e foi descoberto até que a Congonhas não tem alvará de funcionamento. Apesar das reclamações, a situação continua a mesma. Durante o dia, as crianças se arrastam pelo pátio e à noite dormem em celas.

Fotos de Juca Martins/Ag. F-4

Norma e Ary moram ao lado da clínica
Os gritos não os deixam dormir

Gritos. Porrada. Injeções de sono. É o tratamento.

Ninguém pode ficar frio diante do quadro conhecido em que vivem os adultos em hospícios, como o de Juqueri, em São Paulo, ou a Juliano Moreira, no Rio: maltrapilhos, sujos, abandonados, sem nenhuma assistência, sem perspectiva de melhora. Fotos de vultos interessados em tais masmorras medievais comovem qualquer um. Como se sentir, então, vendo a repetição dessas cenas, mas com crianças? O mesmo abandono dos grandes pode ser presenciado até da rua na clínica Congonhas, particular, uma das poucas de São Paulo especializada em "tratar" meninos da classe baixa com problemas mentais

O verbo tratar só pode sair entre aspas. Basta olhar entre as frestas do grande sanatório que ocupa uns três mil metros quadrados, de uma rua a outra, num bairro classe A. A rua da frente da clínica, a Bolívia, tem praticamente, só mansões; a que dá para os fundos é habitada pela classe média alta. Dessa rua, a das Carpas, partiram os primeiros protestos contra o que vinha acontecendo no sanatório

EM 1973, quando se instalou, o sanatório não tinha mais de um prédio, antes ocupado por um cassino. Nesse tempo nem muro havia, revelando-se aos olhos dos vizinhos cenas das mais violentas, desde crianças afundando na lama até funcionárias investindo com chicote contra os doentes mentais

Aos poucos, o sanatório foi sendo ampliado. Trabalhando só com crianças internadas pelo INAMPS (e recebendo crianças da Febem), o lugar ficou pequeno e novos galpões foram erguidos. Também foi feito um muro, para esconder um pouco as cenas desagradáveis. O muro não resolveu, porém. As janelas dos novos galpões davam diretamente para a rua das Carpas e, dependurados, os meninos gritavam e provocavam os moradores. Até fezes atiravam no meio da rua, entre gritos de socorro e pedidos para serem tirados dali

À noite, os vizinhos cansavam de ouvir barulho de espancamento; tinham certeza que era espancamento porque viam, de dia, funcionários da clínica tratando os garotos como bandidos. É o que conta a vizinha do 275, dona Norma

— Precisava ver a cara dos funcionários: parecem marginais

Um dia, dona Norma viu um funcionário agarrar um menino pelo braço e começou a torcer, torcer, tanto torceu que o menino gritava: vai quebrar, vai quebrar. O funcionário não parou, conta dona Norma

— Fiquei tão revoltada que deu vontade de jogar um tijolo no homem pra ele parar com isso.

A criança gemeu, encolheu o corpo todo e só se livrou por ter uma "agilidade incrível", diz dona Norma

— Eles chegavam na rua e ficavam tontos, sem saber o que fazer, nem pra onde ir. Logo vinham os funcionários e os recapturavam.

Ainda pelos fundos, dona Norma presenciou algumas cenas estranhas. Meninos sendo transportados, por cima do muro, e colocados em caminhões

— Por que eles não faziam isso pela frente? Será que era alguma coisa errada?

O marido de dona Norma, Ari Araújo Silva, um dia estourou. Há três noites não conseguia dormir por causa dos gritos desesperados de crianças da clínica.

— Pra eles, era uma tortura física, pra mim era uma tortura mental — diz Ari

Nessa noite, Ari saiu da cama e investiu contra o portão dos fundos. Primeiro bateu no portão, mas ninguém atendeu. Então, começou a jogar pedras para chamar atenção, até aparecerem três homens, dois bem fortes e o terceiro se identificando como o "médico responsável". Ari foi logo ao assunto, jogou alguns palavrões, quase sai uma briga. Quem impediu foi outro vizinho, que acordou e serenou os ânimos

Pouco depois do incidente, Ari foi convidado pelo diretor administrativo, Farid Gattaz, a visitar a clínica. Farid lhe mostrou muitos documentos, entre os quais alguns que mostravam que os novos galpões da clínica não tinham "habite-se" nem alvará do Corpo de Bombeiros. Levado aos galpões, Ari ficou impressionado com a falta de segurança e o desconforto: o telhado, de Brasilit, não tem forro, o calor é insuportável; em caso de fogo, não há como escapar. Durante a visita, Ari recebeu uma explicação do diretor sobre como as crianças seram tratadas:

— Usamos os métodos mais modernos — disse ele — ou seja: a impregnação (injeções em doses maciças que prostram).

— Mas e se os pais os visitarem na hora em que estão impregnados? — perguntou Ari.

— Pra voltar da impreganação há uma outra injeção, como antídoto — explicou o diretor, que, por sinal, não é médico

Dona Norma assiste diariamente o espetáculo de peruas da Febem, táxis, carros chegando com crianças para serem internadas. Uma vez, parada na esquina, um motorista de táxi perguntou onde ficava a clínica Congonhas. Dentro do táxi, a mãe com seu menino. Dona Norma diz que teve vontade de contar pra mãe o que fazem na clínica com as crianças, mas ficou só na vontade, informou o caminho e voltou pra casa.

As reclamações dos vizinhos não perturbam mais o funcionamento da clínica: as janelas onde os meninos ficavam dependurados foram fechadas e no lugar construídas outras, pequenas, no alto da parede, sem possibilidade de comunicação. Nada explica, porém, como a clínica pode funcionar sem alvará

Alex Solnik

As denúncias são de Lia Junqueira, do Movimento de Defesa do Menor em São Paulo: não é apenas o Sanatório Congonhas que é uma prisão de crianças — onde inclusive há cerca de um ano, o menino Maurício, internado para tratamento, voltou paralítico, cego, surdo e mudo. Toda a Febem é um grande cárcere. Muitos dos inspetores são ex-policiais, inteiramente desqualificados para suas funções, a tortura do choque é um tratamento e a filosofia educacional é erguer muros pra afastar as crianças do mundo.
Pior do que tudo isso, entretanto, é a violência invisível na Fundação: bebês abandonados, não têm estímulos nem pra chorar, são apáticos e se desenvolvem muito mais lentamente do que as crianças normais. Na unidade feminina, o homossexualismo é a terapia consentida e as mulheres se organizam em famílias.

Foto de Cristina V...

Bebê abandonado vira retardado mental na Febem

A gente pode dizer que a Febem é uma prisão de crianças?

— Ah, sim. É uma prisão de crianças. Se não fosse uma prisão, não teríamos casas desativadas por falta de muros. Se você parte do princípio, dito pelo presidente da Febem, que pra segurar o menor na casa precisa de muros, então, muro é pra prender alguém, não é? Ninguém conseguiu até hoje difamar tanto a Febem quanto ele em seu depoimento à Assembléia. Quando ele reconheceu que o menor da Febem sofre defasagem muito grande em relação a outros menores da mesma idade, por isso não consegue acompanhar o ensino no Senac, ele tá confirmando que a Febem não estimula as crianças nos primeiros anos de vida

Os inspetores da Fabem são ex-policiais?

— É um amontoado de gente, se encontra de tudo. Tem inspetores ótimos, universitários, outros que não se sabe de onde vieram e ex-policiais. A Febem tem uma filosofia de deixar a criança presa na casa. Pra isso, os funcionários usam de todas as armas: espancamentos, prisão em quartos que são verdadeiros cubículos, com lajes de concreto. Eles têm preparo só para agredir. Na admissão dos inspetores, uma das coisas que é perguntada ao candidato é se ele sabe caratê, judô. Daí, já está se prevendo o que se espera de um inspetor. E eles dão preferência pra quem sabe esse tipo de luta. Eu trabalho diretamente com menor infrator e nunca precisei usar de violência. Nem nunca fui agredida, nem oralmente

E como são as clínicas que têm convênio com a Febem para atender problemas mentais?

— Sanatório infantil em São Paulo só tem um, o sanatório Congonhas. Há um ano, fiz uma denúncia, pois uma criança tinha ficado aleijado lá dentro. Cega, surda, muda, paralítica. A mãe entregou essa criança pra fazer tratamento, sete meses depois a criança foi devolvida dessa maneira

Quer dizer que a agressão faz parte da "filosofia" da Febem?

Lia Junqueira
Foto de Eliana Pastore

A "família" de mulheres (acima) e o menino Maurício
Foto de Juca Martins Ag F4

— Por falta de uma filosofia, o negócio é erguer muro, agredir. Eu não sei bem o que tá por trás. Agora tô começando a me questionar de maneira diferente. Será que essa agressão não faz parte de um conjunto de coisas pra desviar a atenção da gente? Pra gente esquecer do que tá acontecendo numa creche da Febem? Do que tá acontecendo com as famílias desses menores? Porque é terrível bater num adolescente, mas isso tá chamando muito mais atenção do que as agressões invisíveis que tem na creche da Febem. Em sete anos, sempre me preocupei muito com a agressão física, menor que é morto por polícia, fugas, castigos, fiquei muito fechada nesse mundo. Mas agora, de três meses pra cá, comecei a questionar essa outra parte. Quer dizer: o que tá por trás dos muros da Febem? Uma coisa que me chamou muita atenção na creche é que as crianças não choravam. Pensei que elas estavam sob sedativos, mas conversando com técnicos descobri que elas não têm estímulos nem pra chorar. Como agressão, não existe maior. Nessa creche da Febem estão 560 crianças, que só começam a tomar sol quando aprendem a andar.

É verdade que elas só andam depois de três anos de idade?

— Olha, pelo tratamento que elas têm, se começarem a andar com três anos são superdotadas. Porque não são estimuladas nem pro choro, imagine pra andar... e a gente sente, porque eu estive na Unidade 2, onde se vê bem a diferença entre uma criança que sai do berçário da Febem e as outras. Enquanto as da Febem estão balbuciando alguma coisa, as outras já têm um pequeno vocabulário. Essas crianças da Unidade 2 vivem numa situação terrível sob todos aspectos. Por exemplo elas só ouvem ordens coletivas. Não são chamadas pelo nome. Todo mundo tomar banho, todo mundo dormir.

Há um tratamento diferente na Febem em relação às meninas?

Pras meninas, só existem duas casas. De 14 a 18 anos, todo mundo tá junto. É infrator, é prostituta, é desassistida, é abandonada. Tem na Vila Maria essa casa que é a única unidade de recepção da Febem em todo o Estado de São Paulo. Até agora, não descobriram que tem menina na Febem, porque se alguém percebesse já teria feito alguma coisa. Lá, as meninas são divididas em "famílias". Três anos atrás, mais ou menos, 80% dessas meninas viviam sob sedativos, pra não fugirem. Aos poucos, esses sedativos foram substituídos pelas "famílias". Então, tem as meninas-macho, meninas-fêmeas, as "filhas", "avós", "tias", "primos"

Como funcionam as "famílias"?

— Quando a menina entra, assume o papel de "filha", ganha um cordão com uma chupeta. A mais velha que ela seria a "piva", a "mãe" dela. E tem o pai que é o "macho", este recebe um boné. A "piva" tem uma fitinha amarrrada na perna. Se a Febem conserva a Vila Maria assim é porque quer. Está conivente e pra ela é um sossego, porque enquanto elas fazem sexo o dia inteiro, elas não pensam em fugir. Inclusive, essa liberdade de sexo que elas têm lá dentro, não vão encontrar na rua. Lá deve ter por volta de 300 meninas

É a Juliano Moreira, no Rio

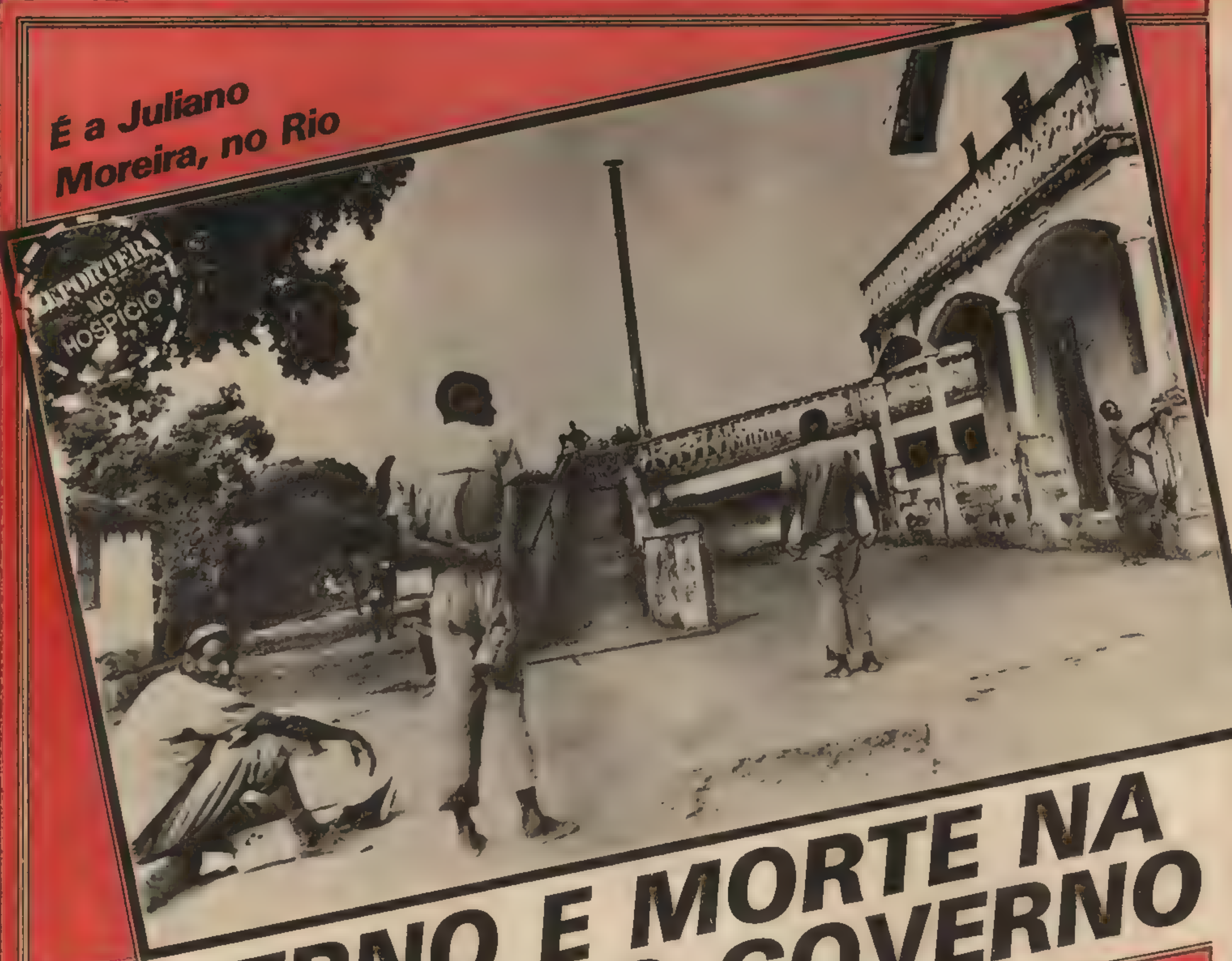


Foto de Custodio Coimbra

INFERNO E MORTE NA COLÔNIA DO GOVERNO

Reportagem de Vera Lúcia Dias

Foto de Rosely Silva

No papel de estudante de psicologia as visitas de jornalistas são terminantemente proibidas — a repórter Vera Lúcia Dias circulou durante dois dias pelos núcleos da colônia de doentes mentais Juliano Moreira, em Jacarepaguá, no Rio de Janeiro. O que ela viu é terrível: os pacientes são tratados com eletrochoque e porrada, fezes e ratos fazem companhia aos internos nos alojamentos, cujo chão é recoberto por uma grossa camada de água suja e estagnada. Não há roupa de cama e os colchões estão aos pedaços. E para chefiar um dos núcleos da Colônia não é preciso ser psiquiatra: um ortopedista com prática em doença mental também serve. Segundo o diretor, Newton Moreira, lá o doente tem tudo que precisa: cama, comida e cigarro.

Para o visitante mais desavisado, que se limita a passear por fora dos núcleos, a colônia pode parecer um paraíso. Situada a 15 quilômetros do largo da Taquara, os limites da sua extensão são as vertentes dos morros que a circundam. No entanto, para quem ultrapassa o prédio da administração, e penetra no núcleo Rodrigues Caldas, o quadro começa a adquirir tonalidades diferentes.

Esse núcleo é o único que não é cercado por muros. Nos dez pavilhões de arquitetura colonial, onde se alojam seus 700 internos, o cheiro de mijo impera. À primeira vista não se vê nenhum "guarda", mas os doentes dizem que "eles surgem do nada". As fachadas são sujas e descascadas, o interior dos prédios imundos. Entretanto, o que mais choca é a aparência dos doentes. A maioria passa dos 40 anos e está no mínimo há 15 anos ali. Sem esperanças de alta, o índice anual de toda a colônia é cinco. O abandono é total. Os uniformes azuis são sujos e rasgados, muitos doentes perambulam seminus e descalços, e, em suas bocas, contam-se os cacos de dentes.

Na hora do almoço, eles fazem fila para receber a comida que vem do prédio-sede. Ela é feita pelos próprios doentes chefiados por um funcionário. O cheiro é insuportável. Os doentes comem com a mão em pratos de alumínio, se espalham pelo núcleo. Às vezes um deles acena para nós, outras, um sorri e pede um cigarro, havendo

os que vão para um canto tocar uma punheta.

No caminho para o núcleo Ulisses Viana, que abriga 720 homens, estão vários doentes. Muitos nem nos notam, outros riem como crianças. Um deles está vestido de soldado e apóia-se em muletas, embora não tenha nenhuma deficiência aparente. É João Batista, que conta ter sido "ferido no Vietnã" e que escreve seu nome em um pedaço de papel, diz: "você tem aí a assinatura de um herói de guerra".

No Ulisses Viana, a situação de abandono não é muito diferente. Os alojamentos fedem à mofo, urina e fezes. Uma camada pastosa de cocô reveste os assoalhos e as paredes. Não há luz e falta muita água. Os ralos dos banheiros são entupidos, há sempre água pelo tornozelo. As privadas são buracos no chão e estão constantemente sujas. Há valetas de água estagnada pelos corredores. Os colchões não têm lençóis, e muitos estão aos pedaços. Há alguns quartos com portas de aço e viseira com grades. Luizinho, doente que nos serve de guia, diz que é "o quarto do castigo". Nesses quartos-fortes, que nada mais são do que celas de dois metros de largura por dois de comprimento, com um colchão e uma privada, ficam os doentes que "dão mais trabalho". É o caso de Lelin, ex-jogador do América, que diz não ser possível "comer olhando pra merda".

O tratamento ministrado aos internos varia do psicotrópico ao choque, passando, é claro, pelas porradinhas de corretivo. A terapia ocupacional é utilizada, mas não chega a ser aplicada em 40% dos doentes. O nível das terapeutas é tão baixo, que elas se definem com "praxiterapistas", e não como praxiterapeutas. Os funcionários levam doentes para trabalhar em suas casas — a maioria mora na colônia — em troca de cigarros. Os homicídios são muito constantes, o próprio Luizinho, já matou dois colegas de pavilhão. O homossexualismo é muito acentuado e a tuberculose muito freqüente devido à umidade dos alojamentos.

Na Unidade de Tratamento Intensivo, UTI, onde estão internados os doentes agressivos, o tratamento não é muito diferente. Uma grande parte dos que estão ali presos veio do manicômio judiciário. O inspetor define o pavilhão como centro de recuperação; qualquer desobediência, quarto-forte. O choque é dado com maior freqüência, e o miudinho — no corpo inteiro — é o castigo que "mais surte efeito".

A higiene nas efermarias é um pouco melhor do que nos alojamentos. Pelo menos lá as camas têm lençóis, embora as baratas brinquem de esconde-esconde nos cantos dos quartos. A falta de funcionário nesse setor é também gritante. São os doentes que cuidam da limpeza. Sendo assim os critérios de higiene não são muito ortodoxos: na ocasião da visita, um doente lavava os bandejões do almoço em uma banheira sem água corrente, o que tornava as peças lavadas mais engorduradas do que antes.

Dentro do UTI ainda existe uma ala mais isolada: é a dos hiper-agressivos. Esses doentes ficam trancados em um pátio de cimento, não estão muito habituados ao contato com pessoas e não são produtivos. No entanto, todos chegam no portão de grades para ver as "visitantes"; sorriem, pedem cigarro e dizem para voltarmos sempre. Um deles, Mário, pede para voltarmos "num dia que as flores tiverem bonitas, pra vocês levarem algumas".

No núcleo feminino Franco da Rocha, 800 pacientes, o cheiro de urina misturado com menstruação predomina. As doentes usam vestidos sujos, que um dia foram azuis. De pés no chão, desdentadas e braços cabeludos, elas se aproximam pedindo sabonete, talco, pasta de dentes e escova. Sorriem com as gengivas murchas e nos recebem como se fôssemos visita. Uma se aproxima e toca meus cabelos, diz que sou bonita, outra me olha de longe e pisca um olho. A carência em que se encontram impressiona, raramente os parentes as visitam.

O problema sexual é muito sério. Há muito homossexualismo e as pacientes não podem circular fora dos núcleos: há risco de transarem com pacientes masculinos. Mesmo assim há abusos sexuais. Uma média de cinco por ano. Os próprios "guardas" se aproveitam das doentes. Ano passado a paciente Bahiana, do núcleo Teixeira Brandão, provou que havia sido violentada por um guarda, e conseguiu exonerá-lo.

O tratamento aplicado às internas não é muito diferente do aplicado aos homens. Elas também vivem dopadas e sob ameaça de choques elétricos. Geralmente estes choques são aplicados duas vezes por semana, mas, quando a doente "sai da linha", a freqüência pode aumentar. Há muitas tentativas de suicídio, os homicídios são mais raros. Os "guardas" discutem com elas como se estivessem lidando com pessoas normais, muitas vezes usam a porrada como meio de persuasão.

A higiene também é muito precária. Nos alojamentos os ratos tropeçam nos pés das doentes, e a sujeira dos banheiros não deixa nada a dever ao pavilhão masculino. O único agravante é que, como para a mulher fica mais difícil o uso dos buracos, a que chamam de privadas, torna-se comum evacuar ou urinar fora do local, assim como cair dentro dos despropositados vasos sanitários.

No núcleo Teixeira Brandão, 800 internas, nossa entrada não foi permitida. A administradora estava no local e disse que para o tipo de estudo que estávamos fazendo, percisávamos da permissão do diretor para penetrar nos núcleos. Antes que ela descobrisse que não era estudante e que não estava fazendo pesquisa, resolvi voltar para o Largo da Taquara.

Ministério nega tudo: doente é respeitado

Num moderno e confortável gabinete, no segundo andar do prédio-sede, o diretor da Colônia Juliano Moreira, Dr. Newton Moreira, pede um cafezinho a um funcionário, e diz que não poderá dar entrevista por causa da proibição baixada pela portaria do Ministério da Saúde. Pede para que procuremos o diretor da Divisão Nacional de Saúde Mental, Dr. Mario Santos Moreira, "que terá enorme prazer em recebê-las". No entanto, num "papo informal" sobre seus 15 anos de colonia, Dr Newton contou que ali não há incidência de crimes, nem de suicídios e que os problemas desse tipo só surgem, "quando se infiltram aqui elementos da Cidade de Deus"

— O maior problema da Colônia é a evasão de doentes, só em agosto tivemos 34. Você sabe, isto aqui é muito grande, não há muros, e fica muito difícil de fiscalizar; afinal é muito mais fácil cuidar de um apartamento do que de uma mansão, e isto aqui é uma grande mansão

Já o diretor da Divisão Nacional de Saúde Mental, Dinsan, Dr Mario S Moreira, 15 anos de colônia passando inclusive pela diretoria, afirma que o maior problema é a dificuldade de se dar alta a um doente

— Acho que um terço dos doentes que estão lá têm condições de alta, mas como fazê-lo se a família não aparece? Se ela não quer seu doente de volta? É impossível, não é? E como ela se sente culpada por abandonar o paciente, começa a falar mal da Colônia

Mario Moreira, do Ministério da Saúde

É, há queixas muito fortes a respeito da higiene.

— Eu sei, mas nós temos que respeitar o doente. Se ele não quer trabalhar, por que forçá-lo à praxiterapia? Forçá-lo é escravizá-lo, é desrespeitar a doença dele Do mesmo modo, se ele não gosta de sapatos por que forçá-lo a usá-los? Você vê que a maioria anda descalça; nós damos sapatos e na semana seguinte eles estão todos de pé no chão. A gente não vai brigar por causa disso, vai?

Existem pacientes agressivos na Colônia?

— Não. Os pacientes são todos crônicos. A agressividade só existe na fase aguda da doença, e estes pacientes agudos, ou estão no Pinel ou no Engenho de Dentro. Na Colônia só há casos passivos e é por isso que andam soltos. O único núcleo que tem muros, é o das mulheres por causa do problema sexual, os outros são todos abertos

Quer dizer que não existem quartos-fortes?

— Não há necessidade, os doentes são todos passivos

Não há casos de agressões nem crimes?

— Absolutamente

Quer dizer que não há necessidade de uso de eletrochoque?

O choque só é usado em dois casos: em caso de depressão grave com risco de suicídio, porque tira o paciente desse estado rapidamente, enquanto o antidepressivo leva 15 dias, e em casos de agitação intensa, em que a dose de medicamentos já tenha alcançado uma proporção tal, que aumentando-a há risco de coma medicamentosa

Qual é a verba que a Dinsam recebe do ministério para a Colônia?

— A Dinsam recebe Cr$ 100 milhões que são divididos entre Pinel, Engenho de Dentro e Colônia

Qual é o critério de divisão?

— O número de leitos O Pinel tem 120, Engenho de Dentro, 1200, e colônia 3 mil, portanto é a que recebe mais

ESPERTAS

A televisão apresenta 11 mil crimes

Na reunião de Secretários de Segurança Pública e de Justiça, realizada no mês passado em Brasília, o juiz aposentado Albuquerque Maranhão apresentou a tese **Criminalidade Violenta**, onde apontou a televisão como o veículo de comunicação mais estimulante da violência. Segundo ele, dos três aos 14 anos, a criança assiste a cerca de 11 mil crimes, entre contrabandos, combates vários, estupros, assaltos, raptos e espancamentos.

E quem quiser ter uma pequena amostra é só ligar a TV nos **Trapalhões** (TV Globo), aos domingos, para assistir a um "engraçado festival de bolachas na cara.

Chico Júnior

Delfin entrega tudo para não perder o poder

Uma parte dos milhares de cruzeiros que cada brasileiro paga ao comprar seu carro é transformada em dólares e enviada para o país de origem da fábrica do automóvel. A razão para isso é que a tecnologia daquele carro pertence à matriz americana, alemã ou italiana da indústria automobilística dita nacional.

Com a história do carro a álcool, todo mundo pensou que essas remessas de dólares iriam diminuir. Afinal, foi o Centro Tecnológico Aeroespacial, da Aeronáutica, que desenvolveu o motor a álcool, retomando pesquisas iniciadas por brasileiros na década de 20.

Puro engano. O atualmente todo-poderoso ministro Delfim Neto está admitindo que a indústria automobilística continue remetendo para suas matrizes o mesmo volume de dólares, como se o motor a álcool tivesse sido desenvolvido por elas. A desculpa do ministro é que só assim as subsidiárias brasileiras vão se dispor a exportar os automóveis a álcool. E como o ministro tem um plano mirabolante de exportar, em 1985, 40 bilhões de dólares, as multinacionais ficam com forte poder de barganha para defender seus interesses, já que são elas as maiores responsáveis pela exportação brasileira de produtos industrializados.

Eduardo Hamem

"Neuróticos anônimos" também é multinacional

"Se você sofre de depressão, angústia, palpitação, insônia, medo, solidão e outras emoções torturosas, procure a ajuda gratuita dos ***Neuróticos Anônimos****. Reunião às quintas-feiras, às dezenove e trinta, nesta igreja".*

O convite estava pregado num quadro de avisos, na porta da entrada da igreja de Santo Afonso, na Tijuca, Rio de Janeiro. E, com reuniões em dias diferentes da semana e horários variados, o mesmo convite pode ser encontrado nas portas das igrejas de Copacabana, Campo Grande, Andaraí, Jacarepaguá e Madureira. É redigido de uma maneira a que ninguém passa indiferente, até porque, do jeito que as coisas vão, não há brasileiro que não se sinta enquadrado dentro dos sintomas descritos. E o comovente fato de alguém ainda se lembrar de ajudá-lo, de graça, faz com que sejam esquecidos até os velhos provérbios que ensinam que, mesmo em porta de igreja, quando a esmola é demais o santo desconfia.

O caso dos ***Neuróticos Anônimos****, no entanto, não é para desconfiar. É para ter certeza de que se trata de uma lavagem cerebral das mais completas, que começa por ensinar que as emoções não devem controlar o ser humano e, sutilmente, vai fazendo a cabeça dos seus adeptos no sentido de que no final das contas, tudo é mesmo reação emocional e deve ser controlado e seguro, o bom mesmo é aceitar as coisas como elas são, sem reagir, bem conformadinhos. E, é claro, nunca se fala dos reais problemas de todos nós, a falta de grana, a liberdude controlada, a crise.*

Bolada pela ***AA World Services Incorporation*** *e chegada ao Brasil na mesma leva que, depois de 1964, (que coincidência!), nos trouxe todas essas novas seitas que andam por aí assaltando em silêncio, o movimento dos* ***eneá****, como eles gostam de se chamar, já tomou pé no país inteiro, em dez anos de trabalho persistente. Assisti, horrorizado, a quatro reuniões, em que sem nenhum acompanhamento, os participantes vomitam suas misérias no recinto e, sentindo-se apenas mais leves por alguns instantes de catarse, acham que estão ficando bons, que* ***eneá*** *é mesmo uma coisa ótima. Pura ilusão, contudo. Porque, dentro da perspectiva individualista dos* ***Neuróticos Anônimos****, o que interessa é fazer você rodar em torno do seu eu. Eles dizem que todos os problemas são individuais e não cogitam jamais de solução coletiva para os casos que aparecem. E que "ficar bom" — o que já pressupõe que você tem que se considerar muito fundido para procurá-los — depende apenas de* ***sua*** *força de vontade. E, naturalmente, daquele ser que está no céu, na terra, em toda a parte e que você pode até chamar de God, se quiser.*

Tudo cascata, tudo armado para que as coisas continuem como estão. Mais uma sacanagem vinda de fora para engabelar os brasileiros.

José Antônio Nonato

Sylvia Maluf pode acabar na cadeia

O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDE) está movendo inquérito policial contra os Luftalla por crimes de estelionato, falsidade ideológica, contra a economia popular, e por um desvio de bens confiscados pela presidência da República. Em virtude disso, Sylvia Luftalla Maluf, juntamente com sua irmã Vera Luftalla Jafet, correm o risco de irem para a cadeia. Ambas são donas de 99,9% do capital da Lumaver, "holding" de três empresas, que detém os principais bens do grupo.

Na notícia-crime entregue pelo banco à Polícia Federal, consta que dos Cr$ 6,6 milhões que o grupo Luftalla deve ao poder público, apenas Cr$ 39 milhões foram financiados pelo BNDE. Os restantes Cr$ 577 milhões eram recursos do Tesouro Nacional e foram repassados pelo banco, como agente financeiro, e liberados pelo Conselho Monetário Nacional.

O ex-advogado do BNDE, Walter do Amaral, também move uma ação-crime contra Sylvia e Paulo Salim Maluf. A diferença entre esta ação e a movida pelo Banco de desenvolvimento é que a de Walter pede a prisão do governador de São Paulo. O advogado acusa Maluf como principal responsável pela "evasão" dos Cr$ 6,6 milhões tirados do bolso do povo, afirmando que "todo mundo sabe que o senhor governador era co-proprietário dos bens e do controle acionário da principal empresa beneficiária das fraudes denunciadas pelo governo, a "Lumaver SA Empreendimentos", em comunhão com sua esposa, a primeira dama do Estado, sra. Sylvia Luftalla Maluf.

Sylvia Maluf

No Forum de São Paulo correm 13 ações contra a família Luftalla e todas elas estão paradas há alguns anos. O advogado da família é Alfredo Buzaid, ex-ministro da justiça no governo Médici.

Rivaldo Chinem

Tese critica falta de uma política mineral no país

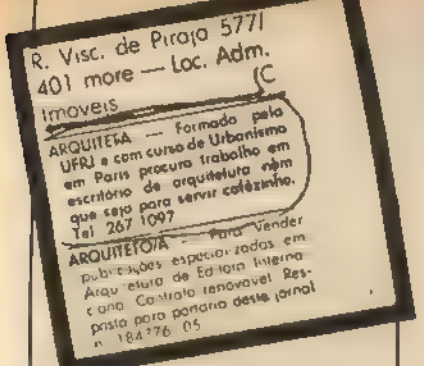
O coletivo dos repórteres que cobrem o setor mineral apresentou no I Encontro de Jornalistas de Economia, promovido pela AJEF (Associacão dos Jornalistas de Economia e Finanças), uma tese sobre "A Imprensa e a Economia Mineral". Os jornalistas criticaram a ausência de uma política mineral para o país, o que facilita a ocupação desordenada e danosa do território brasileiro pelas multinacionais, e reclamaram a abertura de espaços nos jornais para o inadiável debate sobre o assunto

Outro trabalho já apresentado pelo núcleo carioca da Sociedade Brasileira de Geologia demonstra que o Estado não detém sequer 25% da produção mineral brasileira, o que desmistifica a tese de que o setor é 80% estatizado

Com a eleição da nova diretoria da Associação de Geólogos do Rio, que firmou uma posição nacionalista, a discussão do modelo mineral brasileiro começa a sair das bases, após 15 anos de confinamento nos gabinetes ministeriais e empresariais Pela primeira vez a sociedade começa a discutir a participação estatal e privada (nacional e multinacional) na produção de bens minerais. Só falta 70 mil operários e assalariados do setor também serem ouvidos

Sérgio Danilo

ESPERTAS


R. Visc. de Pirajo 577I
401 more — Loc. Adm.
(C
Imoveis
ARQUITETA — Formado pela UFRJ e com curso de Urbanismo em Paris procura trabalho em escritório de arquitetura nem que seja para servir cafèzinho. Tel 267 1097
ARQUITETO/A — Para vender publicações especializadas em Arquitetura de Editora Interna... Contrato renovável. Resposta para portaria deste jornal ... 184276 05

Arquiteta quer emprego até de servente

"Arquiteta — Formada pela UFRJ e com curso de Urbanismo em Paris, procura trabalho em escritório de arquitetura, nem que seja para servir cafezinho".

Com este anúncio publicado no **Jornal do Brasil**, Lígia Teixeira Ribeiro, 25 anos, causou grande polêmica entre os profissionais da área. Várias pessoas lhe telefonavam se solidarizando com o seu problema, como uma arquiteta formada há três anos que vendia produtos de beleza por falta de emprego. Lígia desabafa:

—Desde 1968 a área humana está totalmente inexpressiva, devido aos interesses da política de ensino de incrementar a tecnologia. Com isso, os arquitetos se formam sem nenhuma experiência e não são aceitos no mercado de trabalho. Partem para fazer bicos ou então se inscrevem em concursos do BNDE, Banco do Brasil etc. Ninguém consegue penetrar na panelinha daqueles que já detêm o mercado, construindo casas pra gente rica. Acho que a única solução é o governo partir para uma política de habitação popular, já que existe tanto trabalho a ser feito nesse sentido.

Sílvia Duarte

Na Baixada Fluminense quem tá sem grana rouba prá comer

Uma nova modalidade de roubo está acontecendo com uma certa freqüência na Baixada Fluminense: o roubo de comida. Só a Escola Municipal Xavantes, localizada em Belford Roxo (distrito de Nova Iguaçu), foi assaltada cinco vezes, sendo que da última os ladrões levaram 23 quilos de arroz, oito quilos de feijão, 13 quilos de carne seca e 40 latas de sardinha.

Na Escola Municipal Vital Brasil (bairro Piam, em Nova Iguaçu), quatro pessoas arrombaram a cantina, abriram um saco plástico de salsichas, dois pacotes de arroz e, no local, fizeram um ensopadinho.

Mais ou menos a mesma coisa aconteceu com a Escola Estadual Presidente Kennedy, situada a 200 metros da delegacia de Belford Roxo. A escola já foi visitada duas vezes por ladrões, que levaram comida e panelas.

Quase 30 casos parecidos aconteceram em São João de Meriti e oito em Nilópolis. As escolas municipais e estaduais, que armazenam comida para dar de merenda aos alunos, passaram a ser os supermercados mais próximos.

Os ataques às despensas das escolas em Belford Roxo parece ter sido o principal motivo por que o delegado da 54ª DP, Geraldo Amim Chaim, resolveu reunir seus policiais para lamentar o fato de ter ido trabalhar na Baixada com a finalidade de acabar com a violência. Para ele, uma das primeiras causas da violência na Baixada é a fome.

— O problema aqui é a fome — diz. Quem rouba comida só pode ter fome. São os próprios alunos do supletivo que saqueiam as escolas. Eles sabem onde está guardada a comida e vão lá pegar.

O senhor já prendeu alguém que rouba para comer?

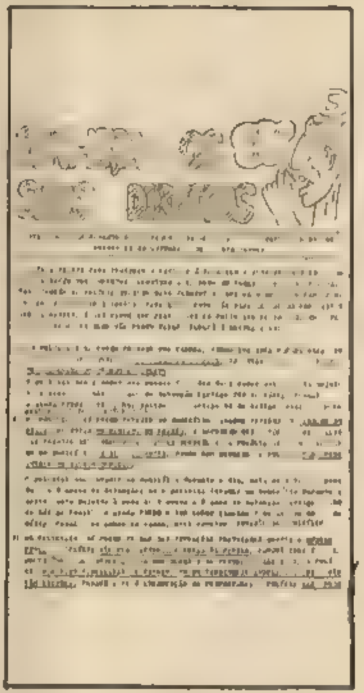
— Eu não. Eu sei que a lei condena quem rouba, mas se eu mandar prender vou ter que dar comida. E a comida daqui mal dá para os presos que temos.

A professora Isabel Maria Pena Monteiro, diretora da Escola Municipal Xavantes, diz que só encontra duas justificativas para esse tipo de roubo: desemprego e baixos salários.

— Tenho observado que tudo o que se rouba nas escolas é comida. Isso porque tem muito desemprego e a faixa média salarial nesta região é muito baixa. Acredito que o número de desempregados é quatro vezes maior do que o número de empregados assalariados.

Para se ter uma idéia do bairro Xavantes, vale dizer que pode ser comparado a uma cidadezinha do sertão paraibano. Apenas uma rua, a central, tem calçamento. Cercando a escola, quatro favelas. O panorama se enquadra perfeitamente no quadro de Belford Roxo (distrito mais populoso de Nova Iguaçu), com 400 mil moradores, e onde quase todas as ruas são de chão batido e a rede de esgoto não é pública. Apenas os que têm dinheiro podem se dar ao luxo de fazer a sua própria rede de esgoto.

Luis Ferrão e Mauro Veríssimo



Rocinha avisa: pra polícia também tem lei

"A polícia existe para proteger o povo e é com o dinheiro que vem do povo, através dos impostos. Acontece que, como em todas as outras organizações, também na polícia existem maus elementos, que usam do seu cargo para cometer explorações e abusos. Para que o povo não seja explorado por estes maus elementos é que vamos explicar o que os policiais podem e devem fazer e aquilo que eles não podem fazer, porque é contra a lei".

Assim começa o boletim **Conheça os seus direitos**, distribuído pela União Pró-Melhoramentos dos Moradores da Rocinha, favela carioca. Uma tentativa de mostrar ao povo os meios de se defender da frequente agressão policial.

No boletim está escrito, por exemplo, que a polícia só pode prender uma pessoa, mesmo que essa pessoa seja um conhecido mau elemento, com ordem de um juiz ou então se essa pessoa for flagrada cometendo um delito. O policial que prender uma pessoa fora dos dois casos está sujeito à pena de um mês a um ano de detenção (artigo 350 do Código Penal) e ainda perde o seu cargo (inciso I do artigo 68 do CP), pois praticou abuso de autoridade.

Além disso mostram que a polícia só pode invadir um domicílio com mandado de busca ou mandado de prisão. Mesmo assim, só pode entrar de dia. De noite, não pode e se entrar arrisca-se a pegar de um a dois anos de cadeia (também está no CP). A polícia não pode autorizar nem fiscalizar obras na favela, não pode fiscalizar feiras livres nem vendedores ambulantes (atribuição da prefeitura), não pode despejar ninguém (só pode participar de um despejo para garantir mandado de juiz). Tudo isso é motivo de cadeia para o policial e perda do cargo.

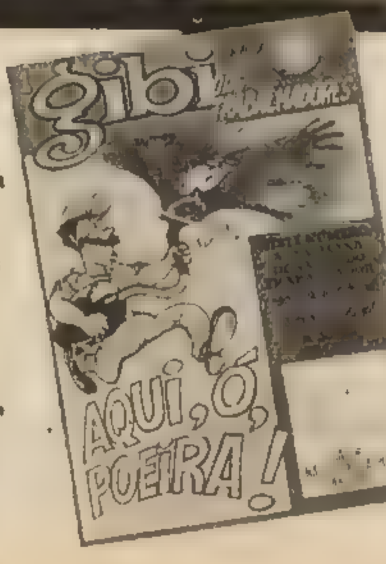
A União Pró-Melhoramentos termina com um aviso:

"Avisamos ao povo da Rocinha, quando um mau policial praticar qualquer dos crimes citados, que venham à sede da União se queixar, que a União vai tomar as providências devidas em defesa do povo, contra esses maus policiais que envergonham a corporação prejudicando o trabalho dos bons policiais"

Uma medida a ser seguida por toda a população

Chico Júnior

Patrocinado por 49 sindicatos e seis federações, o primeiro número do Gibi dos Trabalhadores já está circulando. Uma revista em quadrinhos que tem por objetivo divulgar as discussões das semanas de saúde do trabalhador. Como na primeira semana as doenças pulmonares foi o assunto discutido, esse número mostra, didaticamente, o que causa, como elas se manifestam e o que fazer para evitá-las.



Prefeito faz zona no trânsito

Sem consultar previamente os interessados, o Prefeito de São João de Meriti, Celestino Cabral, resolveu fazer um remanejamento no tráfego da cidade. Os pontos de ônibus intermunicipais, que estavam na Rua Judite Guerra, na Pavuna, foram transferidos para a Rua da Matriz, em Meriti. A distância entre o terminal antigo e o atual é de cerca de dois mil metros. Se a modificação fosse feita para benificiar os passageiros, tudo bem. Mas não foi. A mudança nos pontos de ônibus foram feitas a pedido do Presidente da Associação Comercial e Industrial de São João de Meriti, Inácio Brandão, que alegou baixa movimentação no comércio de lá.

Acontece que em Meriti não há trens diretos para a Central. Na Pavuna tem. Em Meriti não há ônibus para os bairros da Zona Sul nem Leopoldina. Na Pavuna tem. Em Meriti só uma empresa — a Magelli — monopoliza o transporte de passageiros para a Praça Mauá. Na Pavuna existe várias linhas.

Mais de 150 mil passageiros de ônibus intermunicipais estão sendo obrigados a pegar outro ônibus, de Meriti para a Pavuna, onde embarcam para o Centro do Rio, Mauá e outros bairros da Baixada. Quem não tem dinheiro para a condução, tem que fazer na canela. O leitor que se utiliza das linhas que foram mudadas contra a sua vontade, faça o favor de protestar.

Luis Ferrão

Dinastia Duvalier continua torturando e matando no Haiti

Uma das mais ricas colônias européias na América Latina, o Haiti foi o primeiro país a se tornar independente (1804) da França. Incorporando os ideais da revolução francesa de 1879, os haitianos, liderados pelo ex-escravo Toussaint L'Ouverture, proclamaram a primeira república negra do mundo e aboliram na raiz o sistema colonial, expulsando do país ou exterminando fisicamente os escravistas brancas.

Em 1915, foi ocupado militarmente pelos norte-americanos, que anos mais tarde levaram ao poder François Duvalier, **Papa Doc**, um pseudo monarca que se auto proclamou presidente vitalício em 1964 e deixou no cargo, após a sua morte em 1971, seu filho Jean-Claude, **Baby Doc**.

A economia desta ilha caribenha, situada ao sul de Cuba e muito perto da base de Guantánamo, é totalmente controlada por capitais americanos. De 230 pequenas fábricas criadas no período 1970—76, 150 são inteiramente norte-americanas e 80 de capitais mistos, nas quais os haitianos têm menos de 20% das ações.

O povo morre de fome e, quando consegue, foge para a República Dominicana, onde tentam sobreviver. Caso contrário, fatalmente constituirão parte desta estatística: analfabetos — 90%; expectativa de vida — 33 anos, etc.

Um país onde a barra pesa de verdade e que o depoimento de Elizabeth Philibert dá apenas uma pequena amostra.

"A simples exposição do meu caso permitirá ver a situação que impera no Haiti, desde 1957. Fui detida em Fontamara, área residencial de Puerto Príncipe (capital da república), em 2 de maio de 1969. Na casa estavam meu marido, Arnold Devilma, e dois amigos, Yamick Rigaud e Joseph Roney. Militares armados, que procuravam um intelectual progressista haitiano (Gerald Brisson) e suspeitavam de que tinha se refugiado nesta casa, atacaram-na em pleno dia, cercaram-na e começaram a atirar. Aos primeiros disparos de metralhadora, recebi uma bala no ombro direito e caí, tratando de me proteger, na medida que permitia minha gravidez de cinco meses e meio. O braço sangrava bastante.

Depois que a casa ficou quase destruída, um militar me pegou pelo braço ferido e gritou: "Apanhei uma comunista". Levou-me ao chefe de operação, o coronel Breton, comandante do quartel de Casenes Dessalines, que se encontrava numa casa vizinha com outros.

Começou o meu interrogatório, frente a uma fotografia de Gerald Brisson. Durante três horas, Breton utilizou o insulto, o chicote, as provocações para me fazer confessar fatos aos quais era totalmente alheia.

Depois dessa sessão, jogaram-me numa ambulância militar cheia de sangue. Tratava-se do sangue do meu esposo e da minha amiga. No hospital militar, o enfermeiro negou-se a curar o ombro ferido pois dizia que não podia atender meu caso e que deveria esperar pelo doutor Verly, um médico militar que se ocupava dos "presos políticos".

O médico só chegou no dia seguinte, acompanhado de um oficial e de um enfermeiro militar. Tirou-me os curativos e, ao constatar os primeiros sintomas duma infecção, cortou com uma tesoura a carne viva que estava na ferida.

Depois de dois meses, o coronel me procurou e declarou que tinha que lhe responder, caso contrário me faria parir pela boca. Colocou-me frente a um quadro negro onde estavam expostas fotografias de pessoas mutiladas, feridas, mortas. Uma delas era o meu esposo, mutilado.

Em 3 de agosto de 1969, às 18,30 horas, quando minhas companheiras de cadeia viram que eu ia dar à luz, chamaram o sentinela. Minutos depois apareceu um oficial e um enfermeiro militar que me enviaram à maternidade. Imediatamente após o nascimento da minha filha, o médico me xingou e me obrigou a levantar e caminhar até um outro quarto. Tinha-me submetido a uma cesariana e me fez os pontos de sutura sem nenhuma anestesia, batendo-me quando gemia pela dor que a agulha produzia ao penetrar na carne.

Entre minhas companheiras de cadeia estava Adrienne Gilbert, detida e torturada na cidade de Cap Haitien. Foi obrigada a manter entre suas pernas um recipiente de vidro no qual encontrava-se a cabeça do seu marido, assassinado em Cap Haitien em 2 de julho de 1969."

Num discurso proferido recentemente, o presidente Jean-Claude Duvalier manifestou sua preocupação pela agitação política que se vive no Haiti, desde há quatro meses, durante os quais se evidenciou o aumento das lutas populares. Em maio passado, mais de 200 jornalistas, artistas e escritores protestaram contra a censura. Três novos partidos políticos independentes, os primeiros depois de 22 anos, foram fundados em julho último. A rádio e a imprensa continuam, entretanto, a informar que por todo o país se registram incidentes e se cometem assassinatos.

3º MUNDO

FOTO DE XIRUMBA

●Como era de esperar, a África do Sul tenta se aproveitar da morte de Agostinho Neto para dessestabilizar a República Popular de Angola. A aviação racista invadiu o território angolano, deixando dezenas de mortos e feridos. As Forças Armadas Populares de Libertação de Angola (FAPLA) derrubaram dois aparelhos sul-africanos.

Com a morte de Agostinho Neto, em 10 de setembro passado, dias cinzentos eram previstos para ex-colônia portuguesa. A África do Sul não abriria mão de oportunidade tão preciosa para atacar Angola — país que continua dando apoio moral e material aos combatentes da SWAPO em sua luta para expulsar os sul-africanos que ainda ocupam sua terra, a Namíbia.

Dezesseis dias após o falecimento de Agostinho Neto, aviões sul-africanos sobrevoaram a localidade de Xangongo, província de Cunene, assassinando 34 pessoas, inclusive crianças, e ferindo outras 42.

Outro alvo dos agressores foi a localidade de Lubango, onde dezenas de operários da empresa "Madeiras da Hulla" foram" mortalmente atingidos por fragmentos de bombas; outros morreram debaixo dos escombros. E os ataques contra Angola continuam.

●*Ao desembarcar novos efetivos militares na base naval de Guantánamo, em Cuba, os Estados Unidos responderam, à sua maneira, ao "VI Congresso dos países Não-Alinhados", que o condenou por ocupar ilegalmente parte do território cubano.*

No parágrafo 157 da declaração final emitida pelo movimento, a Conferência, realizada em Havana, "renovou sua plena solidariedade com a justa exigência cubana relativa à devolução da base naval e do território que os Estados Undios ocupam ilegalmente em Guantánamo, contra a vontade do povo cubano". Esta exigência constitui uma constante, desde a criação dos Não-Alinhados, em 1961.

Poucos dias depois de terminado o congresso, dois mil marines desembarcaram na base de Guantánamo, que tem cerca de quatro mil homens, entre pessoal civil e militar. É importante lembrar que os norte-americanos mantêm um total de 15.900 soldados nas bases de Cuba, Porto Rico e Panamá.

LEITORES

LEITORA RIMA GOLBERY COM PROJETO JARI

Há um forte motivo para que eu escreva para um jornal pela primeira vez: é porque considero **REPÓRTER** (sem intenção de menosprezar outros órgãos da imprensa alternativa) aquele que, apesar da conotação política, engloba o aspecto social de forma a mostrar a realidade como se mostra; deixando o julgamento dos fatos a cargo do leitor, isto é, educando o leitor no sentido de interpretar os acontecimentos, procurando, depois da notícia, o porquê das mesmas. Acho que não devem jamais fugir dessa linha, de mostrar os podres dos exploradores e poderosos e as máculas que os mesmos causam nos explorados e oprimidos. Então, aqui vai uma estorinha sobre algo que considero, entre tantos absurdos, um dos grandes:

"Conheci um Daniel
Que é amigo do quartel
Comprou parte do Pará
e território do Amapá

Como grande empresário
De empresa estrangeira
Amigo de funcionário
Da cúpula brasileira,
"Fundou" o projeto Jari
Com o apoio do Golbery

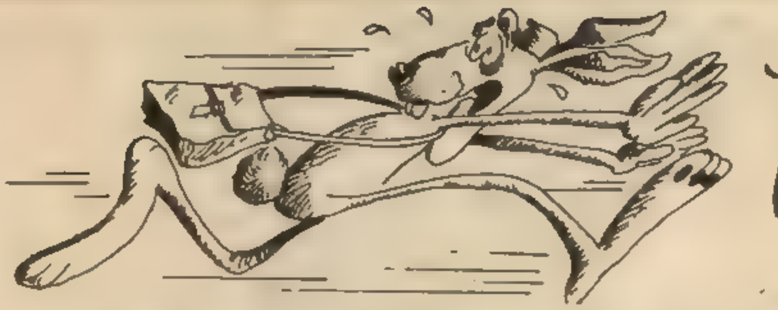
Esse fato entristece
Quem pelo Brasil padece
Provou que damos para o mal
A soberania nacional.

Se eu fosse um ministro
Mandava uma C.P.I.
Cobrar contas e ver registro
Desse tal projeto Jari."
(Silvia de Castro — Campinas — SP).

Gente nova do Rio de Janeiro: vamos furar o bloqueio das multinacionais da música. Vamos fundar o Clube dos Artistas Amadores: compositores letristas, cantores e músicos. Informações com Ieda no telefone 246-5950, à noite. (Ieda Gomes)

Sou paradão no jornal de vocês, mas pôxa, bem que podiam fazer uma entrevista com a fabulosa Emilinha Borba.
(Walter Borba — Madureira — Rio)

● *O Borba pediu, Repórter atendeu.*



Correio Homossexual

Agradeço a reportagem que vocês fizeram no mês de setembro, embora não tenha sido eu que a enviou. 27 companheiros da EBCT foram despedidos por justa causa no mês de agosto, porque lutaram contra a opressão. Guido Jorge Moassab Filho caiu no dia 03/09/79, graças a estes 27 heróis, que não vacilaram, não tiveram medo de perder seus empregos. É a eles e aos mineiros que devemos o aumento de 10% que recebemos. Isto significa que sem luta não se consegue nada, os covardes só tem uma opção: bajular, lamber as botas dos patrões. O Guido Jorge, gerente do setor telegráfico, caiu, porém restam os seus seguidores, capachos dos capachos, hitlers frustrados, bandos de cornos filhos das putas. Entre eles o mais perigoso é Claudinê Felicio, moleque de recado da gerência, indivíduo que subiu às custas de andar grudado no saco do Sr. Guido. Mas Deus é justo, os tiranos jamais permanecerão para sempre no poder... (Valdir Perez — Av. São João, 3º ANDAR São Paulo Capital — Correio Central)

Leí no jornal "Lampião" seu endereço e, agora tenho o prazer de escrivirles, porque desejaria me enviaran um numero de la revista Reporter. Eu quero conhecerlos.

Sou jovem argentino, en mis trinta anos, gay, universitário, e mi interesa estar em contacto con amigos brasileiros. Por favor, si me enviam o Reporter, siempre que me escriban en um envelope muito discreto, sem nada afora, sem letras, etc. que no se veia no nome do Jornal. Aqui tudo esta poibido e tens listas de jornals proibidos, asim que si ven no envelope la palavra Reporter, seguramente eu não receveré nada.

Si alguno de voce quer teer un amigo gay en Buenos Aires será um prazer conhecerles. Um amigo en Buenos Aires.

• *Quem quiser transar com o Jack pede o endereço pro Reporter. A gente não divulga porque na terra dele não tem "abertura". E os homens daqui estão de mãos dadas com os delá.*

RESPONDE ESSA LULA

No **Jornal da República** de 13/10/79, saiu na primeira página a seguinte declaração do Lula: "Uma Revolução não se faz com todo um povo, uma Revolução se faz com uma minoria consciente e disposta a lutar".

Escrevo esta carta para discordar radicalmente do Lula.

Uma Revolução altera a vida de todo um povo, se praticada por uma minoria se transforma fatalmente num gesto profundamente autoritário. E talvez Lula não saiba, mas uma Revolução não é simplesmente a instauração de uma nova ordem política, nem tampouco a instauração de um governo voltado para os interesses populares, se é que existe tal coisa.

Como poderiam ser eliminadas as relações autoritárias entre as pessoas, o machismo, o racismo, todos os preconceitos e bitolas — que além dos baixos salários, também nos asfixia — se a Revolução fosse feita por uma minoria. Seria por decreto?

Uma verdadeira Revolução Socialista só poderá vingar se levada a efeito pela maioria das pessoas, plenamente conscientes do que estão fazendo, e onde querem chegar.

Acho que Lula andou lendo Lenin, e agora pensa que a Revolução é como aquele cigarro da "minoria inteligente".

A verdadeira Revolução é aquela em que TODOS os oprimidos põem em xeque aquilo que os oprime. Se uma Revolução (se é que podemos chamar assim), for feita por uma minoria tocará tão somente em alguns aspectos econômicos da Sociedade Burguesa. Se for realizada pela maioria desburrificada, eliminará para sempre todos os estúpidos valores burgueses. Paulo Skromov, companheiro de Lula no PT, é pela Autogestão. Eu lhe pergunto: como pode ser feita a Autogestão por uma minoria? Também por decreto?

Uma nova ordem econômica não faz uma Sociedade Livre (vide a União Soviética). Uma Sociedade Livre só existirá quando a maioria dos cidadãos QUISEREM a liberdade e LUTAREM por ela. O que eu quero deixar claro é a incomensurável distância entre a Revolução Política e a Revolução Social — esta é a que joga fora o sapato que nos machuca, e não somente desaperta o laço. (**Antonio Carlos Munhoz — São Caetano do Sul — SP**)

Gostosão quer amizade ou caso

Tenho 19 anos, olhos verdes, moreno. Gostaria de me corresponder com gueis, a fim de amizade ou caso. De preferência dos 20 aos 35 anos. (**Gerson Camargo Freitas — Caixa Postal 1298, Niterói — São Francisco — RJ**)

Pai de 2 filhos quer sexo grupal

CASADO, 37 anos, pai de 2 filhos, ativo e passivo, VOYEUR, professor deseja se corresponder com lésbicas entre 18 e 40 anos (de qualquer estado civil) para transas sem comércio. Só aceita correspondência feminina GAY. Cartas masculinas não serão respondidas. Sou adepto do SEXO GRUPAL. (**Gerson Felix Serrano, R. Marechal Jofre, 100 — Grajaú, Rio de Janeiro — RJ**)

● ● ● ● ● ● ● ● ● ● ●

Todo mundo tem medo, ele está presente na vida da gente.

Existe o medo de altura, do estranho, medo de assombração, etc. Existem até as fobias. Só nunca ouvi falar que alguém tivesse medo de ganhar dinheiro explorando o ser humano, descaradamente, mentindo para o povo.

Eu também tenho medo: o meu consiste em mãos bondosas que apareceram de repente, como num passe de mágica, para salvar a classe trabalhadora.

De repente virou moda defender os trabalhadores, dizer que estão ao lado da classe dominada.

Mas um aviso para a classe trabalhadora:

Devemos desconfiar dessas mãos milagrosas. Nós mesmos devemos levantar nossa bandeira de luta, e deixarmos de ser bodes-expiatórios oportunistas.

A gente vê que está todo mundo perdido, sem perspectiva de vida, aí se acredita em tudo e em todos.

A necessidade de se afirmar em alguma coisa é muito grande. Agora que os trabalhadores começaram a se unir, começaram a aparecer os "super-heróis". Antes não apareceu um "salvador" sequer.

Agora um aviso a esses "moços bonzinhos": a única coisa que nós temos é a nossa barriga vazia, nosso salário baixo, nossa subnutrição.

Vamos acordar, vamos desmascarar esses "santos" que nunca fizeram milagre. Só agora estão tentando fazer em nome do trabalhador. (Centra Ventura)

REPÓRTER dá força às associações de bairro. Escreva para divulgar a sua.

BAR DO ARNALDO
convida
em dezembro
MOSTRA COLETIVA DE ARTES
R. Almirante Alexandrino, 316-B - SANTA TERESA

Ninguém aceita veto do cartola-machão

JOGADORES QUEREM FLA-GAY NO MARACA

Os jogadores do Flamengo, Júnior, Claudio Adão, Tita e Rodineli à frente, apóiam a Fla-Gay e acham importante o seu incentivo. Eles são contra a direção do clube que vetou o registro do grupo.

— Já estou de saco cheio dessa conversa de Fla-Gay (do inglês "gay", que quer dizer alegre, contente e também viado...). Andam dizendo até que nós da diretoria estamos promovendo a tal torcida com proibições. Vê lá se eu, presidente do Flamengo, tenho tempo para isso. Querem saber de uma coisa? Por mim eles podem ir até nús para o Maracanã. Meu negócio é futebol!

O desabafo, quase que aos berros, foi do Presidente Márcio Braga, quando lhe mostraram a manchete da **Última Hora,** do dia 16 de outubro: "Bornay: Márcio é um gay enrustido". Além disso, na primeira página, uma chamada: "Bornay desconfia de Márcio Braga". O presidente, que estava fazendo exercícios de musculação junto com os jogadores do Flamengo, foi pego de surpresa. Na certa, não esperava que o assunto causasse tanta polêmica, a ponto de mexer com todos na Gávea.

A verdade é que nunca a criação de uma torcida foi motivo de tanta briga, ou melhor, discriminação. Os gays, liderados por Clóvis Bornay, reivindicam o direito, mais do que justo, de irem ao Maracanã como qualquer outra torcida, mas os machões botaram a boca no trombone e alguns, mais audaciosos, chegaram a declarar: "No Flamengo não tem viado!" Será mesmo que os machões acham que numa torcida gigantesca como a do Flamengo não existem homossexuais?

Absurdo ou não, quem acabou levando a pior foram os gays do Flamengo. Sensíveis, delicados, eles tiveram de agüentar tudo isso enfrentando os machões de homem para homem. Clóvis Bornay, no hall dos elevadores do Maracanã estava inconformado e entre gestos e suspiros, desabafava:

— Nós só queríamos trazer um pouco mais de alegria a esse estádio, que a cada domingo se transforma numa enorme festa carnavalesca. Já confeccionamos as fantasias, com muito brilho e alegorias prateadas, que vão dar muito efeito vistos de longe. As bandeiras são um luxo, pretas com um coraçãozinho vermelho no centro. Você acha que isso é uma ofensa aos bons costumes da sociedade?

Isso aconteceu tão logo se soube da criação da torcida Fla-Gay, que pretendia fazer a sua estréia no Fla-Flu. Mas o assunto ganhou enorme dimensão e a partir daí se pôde ter uma idéia do grau de preconceito que as pessoas carregam, ainda que preguem justamente o contrário. Márcio Braga, por exemplo, homem com fama de muito aberto e acostumado a dizer que o Flamengo é uma democracia, partiu feroz para a proibição, dizendo que a Fla-Gay era uma "afronta à sociedade" e que, no Flamengo, eles estão acostumados a "fazer homens".

— Ele, que era tido como um ídolo da torcida rubro-negra — diz Clóvis Bornay — acabou ferindo o que se chama de direitos humanos e perdeu um pouco da sua fama de homem liberal, podem acreditar. Foi muito deselegante jogar a polícia e outras facções da torcida contra o mundo gay. Nós somos minoria, mas atuantes e responsáveis.

Mas, além de Márcio Braga, o chefe da Nação Rubro-Negra, existem outras cabeças pensantes. E qual será a deles?

Lúcio Soares, um dos diretores da Flamante, esteve na Gávea quase que diariamente nestes últimos dias, sempre conversando com dirigentes sobre o assunto.

— Sou radicalmente contra a Fla-Gay — diz. O que eles querem é bagunça e nós não vamos permitir que isso aconteça. Eles poderiam se dividir, sendo um pouquinho em cada torcida. Nesse caso a torcida não ficaria muito visada. Mas unir todos os gays numa só torcida vai acabar gerando tumultos. Aliás, depois desse lance de Fla-Gay, já surgiram conversas sobre as possíveis criações da Flapatão e Flachona. Já imaginou onde nós vamos parar? Realmente sou contra, principalmente porque os líderes, Clóvis Bornay e Pedro Paradela, não são rubronegros. O Bornay é botafoguense roxo e o Paradela é Vasco. O que eles querem?

A discriminação não ficou só por conta desses incidentes. Outros, de conseqüências mais graves, acabaram sendo inevitáveis, tal o radicalismo dos "machões". Pedro Paradela, por exemplo, que divide a liderança da Fla-Gay com Clóvis Bornay, estava participando de uma mesa redonda na TV Tupi e caiu na besteira de dizer a um companheiro, Carlos Felipe, que gay significava alegria, descontração, e que, portanto, seu companheiro de mesa também era um gay. Carlos Felipe respondeu, aos gritos, que era um respeitável pai de família e partiu feroz para cima de Paradela. O programa saiu do ar, mas as conseqüências foram inacreditáveis. Pedro Paradela foi agredido pelo seu companheiro de profissão e saiu direto do estúdio para o pronto-socorro, com o nariz quebrado. Mas o caso não ficou resolvido só na violência. Paradela está proces-

sando seu agressor e não ouviu nem mesmo os apelos de altos dirigentes da CBD, para que retirasse a queixa.

Pois é, quem iria imaginar que a simples criação de uma torcida iria dar em tanta confusão? Tudo isso ocorreu em apenas uma semana, o que só contribuiu para que a torcida, antes mesmo de fazer sua estréia, fosse a mais famosa de todas. O tumulto em torno do assunto foi tão grande, que acabou provocando até uma reunião de diretoria do Flamengo, numa segunda-feira de folga no clube, à noite. Estavam presentes Dunshee de Abranches, Valter Oaquim, Joel Teppet, George Helal, Eduardo Motta e Márcio Braga. Nossa, quanta gente importante para discutir o assunto!

A reunião, como era dia de folga, transcorreu sem a intromissão de jornalistas e poucas pessoas ficaram sabendo. Mas um repórter que, por coincidência, estava no clube, acabou sabendo da reunião. Ele não quis que seu nome fosse divulgado, mas contou o que se passou: o alto comando rubro-negro, temendo aumentar mais ainda a fama da intrusa Fla-Gay, decidiu não mais falar sobre o assunto, para que ele fosse esquecido.

E no dia seguinte, terça-feira, apresentação do time, podia-se notar que o tal repórter que soube da reunião estava com razão. Ninguém, exceto jogadores, queria falar a respeito da Fla-Gay e alguns se irritavam profundamente com perguntas. George Helal, por exemplo, reagiu de maneira pouco recomendável quando perguntaram a ele se concordava com a proibição do presidente Márcio Braga:

— Isso não é assunto meu. Meu negócio é só futebol — dizia ele visivelmente irritado, esquivando-se dos repórteres que insistiam em correr atrás, fazendo outras perguntas.

— Vocês me desculpem — dizia depois, um pouco mais calmo. Não me levem a mal. Eu costumo atender a imprensa sempre muito bem, mas sobre esse assunto não quero falar. Me desculpem!

No vestiário dos jogadores, mesmo do lado de fora, mas com o ouvido atento nas janelas, podia-se escutar as conversas. E o mais interessante é que quase todas giravam em torno da Fla-Gay. E os diálogos eram, no mínimo, engraçados:

— Cadê o fulano?

— Sei lá, acho que já foi embora.

— Que nada, ele disse que ia sair mais cedo para se inscrever na Fla-Gay.

As gargalhadas acompanhavam a conversa em tom de gozação e evidenciavam que os jogadores também estavam ligados no assunto, embora vissem a Fla-Gay por um outro ângulo.

Tita, por exemplo, tentou fugir da pergunta:

— Você é contra ou a favor da Fla-Gay?

— Eu tenho de responder? — perguntou.

— Mas é claro.

— Então pode dizer aí que o importante é ser torcedor do Flamengo, não importando o que ele seja. Se eles nos incentivam, eu aprovo.

Da mesma opinião são Júnior e Cláudio Adão. O primeiro diz que não se envolve com facções e o importante para ele é ser apoiado. Cláudio Adão, porém, além de dizer claramente que é a favor, defende os gays.

— Acho que essa discriminação não tem nada a ver. Eles são o que são, mas não perturbam, só querem ajudar.

Rondineli, o zagueirão, considerados por muitos o próprio machão e jogador violento, acha tudo normal.

— Não tenho nada contra. Num momento em que se fala em democracia no nosso país, uma proibição dessas não deve existir. Eu, particularmente, me coloco numa situação de indiferença. Pra mim, todas as facções do Flamengo são iguais. E o importante é que eles são assumidos. Acho isso uma prova de personalidade. Eles só vão somar.

Quase todos os jogadores do Flamengo se mostram em contraste com a diretoria do clube neste aspecto. Pelo menos não discriminam e falam abertamente sobre o assunto. Cantarelé, o goleiro, além de se mostrar muito aberto, ainda encara o assunto com bom humor, como se mostrasse aos dirigentes que nada é tão sério assim.

— Eu sou neutro nesse aspecto, mas acho que eles vão somar e dar um toque diferente na nossa torcida. De uma coisa, porém, tenho certeza: nossos salários não vão atrasar nunca, pois a Fla-Gay vai lotar o estádio sempre — comenta ele sorrindo.

Com todos os prós e contras, agressões e palavras de incentivo, a Fla-Gay continua aí, pronta para estrear. Afinal, outros clubes brasileiros, como o Grêmio, têm suas torcidas gays e não houve tanto espalhafato. Agora é esperar a estréia e ver se a violência contra o mundo gay vai continuar. Os machões é que sabem.

UMA REPORTER NO ☆VESTIÁRIO☆

MARIA HELENA ARAUJO

Desde que chegou à Gávea, Beijoca já recebeu inúmeros apelidos, mas sem dúvida o último que lhe deram foi o mais adequado: geladeira de 12 pés: grande, branco e não cabe em lugar nenhum.

Final de jogo da Seleção Brasileira, o repórter de televisão chega e pergunta para o técnico Coutinho:
— Como você viu a Seleção?
— Uma droga, time de merda!
O repórter, pálido e sem voz, só se tocou que o filme da sua máquina havia acabado depois do susto e teve de aturar a gozação do técnico.
Dias depois a mesma dupla em ação e a pergunta do repórter:
— Você não acha a sua Seleção uma boa merda?
Coutinho ficou roxo e sem ação. Só depois percebeu que o repórter, ironicamente estava lhe dando o trôco.

Zezé, para quem não sabe, tem um xodó enorme com uma de suas chuteiras. Segundo ele, a tal chuteira de sempre lhe deu sorte e muitos gols. Por isso ele sempre a usa. Mas às vésperas do último Fla-Flu ele estava indignado, pois sua chuteira tinha desaparecido. Imediatamente colocou a culpa em Toninho do Flamengo. O suspeito, treinando tranqüilamente na Gávea, soube da desconfiança de Zezé, não esquentou a cabeça e mandou um recado: "diz para ele comer um pouco de chocolate na véspera do jogo que fica melhor ainda. O lateral referia-se a um outro Fla-Flu, quando Zezé comeu muito ovo de páscoa e teve uma inesperada dor de barriga durante o jogo.

1

O jogo estava fácil para o Botafogo e Jorge Vieira, lá pela metade do segundo tempo, mandou Dé aquecer. O aranha não vacilou e começou a correr de um lado para o outro. Jorge Vieira tinha a intenção de colocá-lo no lugar de Marcelo, mas este fez um sinal de dentro de campo, dizendo que não tinha a menor intenção de sair. Jorge Vieira, então, olhou para o Dé, já suado, e este também não perdoou: "agora já estou aquecido e vou entrar" — disse o jogador. Diante do impasse, Jorge Vieira apelou para o inexperiente Silva, que resignadamente cedeu o seu lugar.

2

Aliás, o Silva é mesmo um pouco inexperiente e fica meio tonto quando solicitado para entrevistas. Numa delas, o repórter de rádio perguntou:
— Como é que você perdeu aquele gol?
E Silva respondeu.
— É, graças a Deus, chutei para fora.
Graças a Deus?

Agora a culpa é do Júnior, coitado

Basta o Flamengo passar por momentos difíceis, como aconteceu na derrota diante do Fluminense, por 3 a 0, e logo aparecem as desculpas mais absurdas. Uma delas recaiu sobre Júnior, lateral que não teve de fato boa atuação contra o Flu. No dia seguinte algumas pessoas comentavam: "também, como é que ele podia jogar bem no domingo se na sexta-feira ficou no Clube do Samba até às quatro da manhã?" Verdade?

Técnico do Bangu vê jogo de costas

Técnico de time pequeno é isso mesmo. Eles fazem de tudo para amenizar o sofrimento de tantas derrotas e insucessos. Antoninho, do Bangu, é um exemplo. Quando seu time começa a levar gols ele, discretamente, vira-se de costas para o campo. É uma boa maneira de amenizar a dor, não é?

REPORTER

Moda nas buates agora é mostrar casais trepando

Fotos inéditas tiradas durante o show da buate New Munich, em Copa

Reportagem de José Antônio Nonato
Fotos de Roberto Musauer

Suruba ao vivo em Copacabana

A palavra Copacabana era sobrenome de uma Nossa Senhora da Bolívia, até virar o do bairro mais famoso do Rio. Do Rio e do Brasil. E, depois dos anos quarenta, quando Copacabana se firmou como grande área de lazer noturno, seu nome passou a ser sinônimo de pecado, luxúria, volúpia e tentação. Aquela moça mal casada de Cruz Alta quer vir para Copacabana e fazer uma vida diferente, a bichinha enrustida de Roraima sonha com um desfile bem rebolativo no calçadão e todos os adolescentes do interior já tocaram uma punheta em homenagem às orgias dionisíacas da Sodoma à beira-mar, a mulherada nua nas areias, aquela sacanagem...

Sem exageros, porque Copacabana tem mais é gente que dá duro e acorda cedo, a fama de mulher de prazeres já pegou nas entranhas do Calçadão. Chegará o dia em que o povão vai invadir o bairro, pelos dois túneis que lhe dão acesso, e cobrar de Copacabana o que é que ela estava fazendo enquanto o Brasil que fica do lado de lá da Zona Sul passava o sufoco que está passando? Tan-tan-tan-tan... Por enquanto, Copacabana vai bem, meio embriagada e com cara de quem acabou de cheirar um pó, numa boa. E entre as suas mais recentes novidades, cada vez mais escancaradas, graças à largueza da abertura do Figueiredo, está agora a de mostrar, nos pequenos palcos de suas buates, espetáculos de erotismo, ao vivo. Ou, melhor dizendo, surubão.

Mulher com mulher você pode encontrar nas buates Don Juan e New Munich, que ficam na rua Duvivier. Três shows por noite, sete mulheres no palco, uma enfiando a língua na buceta da outra, que está chupando o cú da outra, que está fazendo festinha no grelo da outa. Com gritinhos de aí, aí e tudo. Já no Frank's Bar, que fica na Avenida Princesa Isabel, além das mulheres, há uma rara atração: foda de casal, homem e mulher, apresentada às duas e meia da manhã.

Pare:e do caralho, contado assim e com a contribuição da imaginação de quem está longe. Mas, para quem viu de perto, a idéia de botar gente pra fuder na sua frente, a 300 paus a cabeça e com direito a dois drinques, não está com nada. Porque está na cara que a turma está ali mandando brasa de mentirinha e que a trepada é parte do trabalho e poderia ser transformada em uma dança, um número de música ou qualquer outra atividade que desse dinheiro e assegurasse a sobrevivência das meninas. E depois de fingir três ou quatro vezes por noite que está fazendo amor, já tem mulher que, lá pelas quatro da manhã, cochila enquanto a outra está lhe chupando e, de repente, acorda, pra continuar a fingir que está morta de tesão. Pior é que tudo tem um fundo musical e os casais têm que gozar, quando a música vai chegando ao fim. Então acontece aquela de à trepada ir seguindo devagar, as pessoas ãté concentradas, esquecidas um pouco de que tudo tem um tempo certo; chega o fim da música e aí eles se lembram de fazer um carnaval, pra poderem dizer que chegaram ao tal do orgasmo. Melancólico de ver, o troço não chega nem a excitar, apesar do cheiro de buceta que fica no ar, mas que é desmistificado pelos gritos de deboche da assistência e pelo desinteresse dos próprios participantes.

As mulheres não são grande coisa, embora no Frank's haja uma lourinha do barulho. E o moço bonitão, que faz as honras de valete da casa, no dia em que fomos assistir ao espetáculo, passou um vexame feio, porque por mais que a parceira chupasse, o pau não subia nem por decreto e o jeito foi a mulher sentar em cima dele, fingindo que a coisa estava dentro e palpitando, um horror. Vale para registrar a decadência do bairro e dar razão aos avós da gente, que diziam que o mundo está perdido e chegou o fim dos tempos. E dá gosto botar as fotos no jornal porque, em todas as buates, os babacas dos leões de chácaras e mafiosos que tomam conta da casa proibiram, "terminantemente" que se tirassem fotografias do espetáculo. Mas, para as câmaras e microfones de **REPÓRTER** não há proibições. Fotografamos tudo escondido e aí está o resultado. Depois de trabalhar toda semana, divirtam-se com as fotos. Sai mais barato e dá menos trabalho do que ir ver mais essa palhaçada, que fatura em cima do sexo, e nada mais.

REPORTER

AUTONOMO INDEPENDENTE

NOVEMBRO 1979 — ANO III — ESPECIAL Nº 1 Cr$ 20

EDIÇÃO DE ANIVERSARIO
2 anos de respeito ao leitor

BOMBAS NO REPORTER

As 10 reportagens que mexeram a cabeça da moçada

Gang do baralho assalta o palácio

Inferno do metrô visto de dentro

Grupo militar explodiu jornal

Volks aterroriza operários

E MUITO MAIS

TODOS CONTRA A REPRESSÃO

P. 33

A edição 23 do REPORTER foi pras bancas do Rio de Janeiro na quarta-feira, dia 7 de novembro. Em São Paulo, no dia 9. No primeiro dia no Rio, ela vendeu os 25 mil exemplares destinados ao Estado, obrigando-nos a imprimir mais 10 mil. Na verdade recebemos pedido para mais 20 mil — num total de 45 mil exemplares para o Rio nas duas edições — mas rumores de apreensão nos fizeram reduzir a segunda edição. Em São Paulo, 50,7% dos 15 mil jornais enviados foram vendidos numa manhã. À tarde veio, de Brasília, a notícia que o Ministro da Justiça, usando os poderes concedidos pelo AI-5 e consagrados pela atual Lei de Imprensa, mandara tirar o jornal das bancas. Nossa editora não recebeu nenhuma comunicação oficial e os jornaleiros também, na sua maioria, não receberam os autos de arrecadação, que a polícia é obrigada a entregar quando apreende uma publicação Quer dizer, REPORTER não foi apreendido nem de acordo com a lei que o governo decretou. Foi sequestrado.

O MELHOR, COM ALGUMAS RESSALVAS

Publicamos nesta edição as melhores reportagens do REPORTER. Elas mostram, como investigação e ineditismo — este foi o nosso critério —, um pouco do que fizemos de melhor nesses dois anos. Não incluímos outras por absoluta falta de espaço. E também porque algumas matérias, como ***Lésbicas metem o pau na repressão*** *e* ***Figueiredo é a Rainha da Inglaterra*** *provocaram processos por parte do governo que, até o momento de fecharmos este número, não tinham sido resolvidos Exceção a esta ressalva foi a matéria* ***Grupo Militar fabrica ação pra provocar AI—5*** *pela qual uma pessoa, o atual deputado federal pela Arena, coronel Erasmo Dias e não o governo nos acionou na Justiça*

Caro ministro,

nos estranha o fato de Vossa Excelência ter ficado irritado com o palavreado "chulo" contido na reportagem **Suruba ao vivo em Copacabana**, com a palavra **tesão**, aplicada na manchete do jornal e com as brincadeiras de praxe feitas na página central. Tudo isso em relação à última edição do **REPORTER**, e que teria motivado a sua apreensão em todo o território nacional, como determinou portaria do seu Ministério.

Nos estranha o fato de que o senhor não tenha ficado irritado com a reportagem da página 3 e que mostra ser quase toda a verba para saneamento no Rio de Janeiro destinada à zona sul, ou seja, às pessoas que têm mais dinheiro, às pessoas que formam a elite da sociedade, às pessoas, enfim, que fazem parte da minoria que ganha acima de 5 salários mínimos por mês. À zona norte são destinados, em vez de saneamento, impostos bem maiores do que os da zona sul. E quem diz isso são pesquisadores do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), órgão oficial das estatísticas. Uma incoerência, não acha?

O senhor, ministro, também não se confessou irritado com a reportagem feita na Colônia Juliano Moreira, hospital psiquiátrico do governo onde os loucos vivem pior que animais, ou ainda com as fotos da clínica para doentes mentais em São Paulo, que mantém convênio com o Inamps, também um departamento federal.

Nos espanta que o senhor não tenha corado de raiva com a reportagem documentada documentada publicada na edição número 22 deste jornal em que se provava que o Banco Nacional da Habitação (BNH) financia ilegal e injustamente o grupo das Cadernetas de Poupança Delfin, que deve aos cofres públicos mais de Cr$ 11 bilhões e não vende nem 1 apartamento de sua propriedade para saldar o débito. Na verdade, senhor ministro, quem paga a conta é o FGTS, do qual vem o dinheiro que o banco manipula. São 2 pesos e muitas medidas para o mesmo problema. Se o mutuário atrasa as prestações, é despejado; se o empresário não paga sua dívida, é financiado.

Nos espanta também que o senhor e o governo não se sintam tocados na sua soberania quando sabem, como mostra ainda a nossa última edição, que o presidente da Delfim telefona para funcionários do BNH — funcionários do governo, ministro — ameaçando-os de demissão se forem rigorosos na inspeção da contabilidade de sua empresa. Um absurdo, não?

Enfim, ministro, o senhor parece que se irrita mais com o grito do que com a dor. Temos certeza que o senhor está a par das péssimas condições de vida e de trabalho do povo brasileiro. Mas o que provoca sua irritação é uma parte desse povo fazer greves. reivindicando melhores salários e uma vida mais digna.

Segundo seu despacho publicado nos jornais, nós fazemos parte de uma minoria descontente que está querendo apenas tumultuar o país, que a maioria quer pacífico e tranqüilo. Nisso, o senhor fala parecido com o seu colega do Trabalho, que também se queixa das conturbações provocadas por metalúrgicos, professores, motoristas, lixeiros, médicos químicos, petroleiros, jornalistas. Tudo para tumultuar. Ah, esses agitadores.

Não pense assim, ministro. Não nos tache de minoria desordeira nem se arvore em porta voz da maioria. Há muito tempo que a maioria neste país não é ouvida. Faz 15 anos. Por isso o senhor não pode falar em nome dela. Nem sobre política, nem sobre moral. A maioria não sabe, por exemplo, se terá eleições diretas para governadores estaduais em 1982. E, quanto a eleger Presidente da República, quando será que isso vai acontecer? Quando o senhor quiser, certo? E o senhor, ministro, desculpe, mas é minoria. Mas uma minoria que tem força. A força de um governo militar.

Sobre costumes, a maioria dos brasileiros também não tem sido muito consultada. Aliás, está até na lei que nem precisa. Basta o senhor achar que a moral dela foi ofendida, que o criminoso é punido. É a Lei de Imprensa. Que não é Lei. É Decreto sobre a Imprensa emitido sob o patrocínio do nem tão morto AI-5. Por ela, quando o senhor

O ministro da Justiça, Petrônio Portela

considera que algo transgrediu o tolerável pela moral brasileira, o senhor pode cassar a obscenidade e punir o pretenso obsceno antes do pronunciamento da Justiça. O senhor pode fazer isso com jornais — como fez com **REPORTER** —, com livros, filmes, peças de teatro. E sem consultar ninguém. Quer dizer, mesmo de costumes, o senhor não fala como a maioria. Porque não a ouviu.

O senhor sabe, ministro, estamos certos que numa democracia a questão moral se resolve na Justiça. No tribunal democrático que, para isso expressa o juízo da sociedade. Ali devem estar representadas as morais que existirem. E do conflito nascerá uma decisão soberana, fruto da vontade da maioria, que a ela submeterá a minoria, sem oprimí-la.

Nós sabemos que leva tempo conseguir esta sociedade moral e politicamente livre, atenta ao sentimento da maior parte do seu povo. Mas nada nos impede de lutar por ela hoje, senhor ministro. Nada nos impede de fazer o futuro. Mesmo porque é o senhor quem convida seus concidadãos a construírem a democracia no Brasil. É isso que estamos fazendo, pondo nossos tijolinhos na grande obra. E é por isso que protestamos contra a apreensão do nosso jornal, contra o controle que o senhor e o governo têm sobre a difusão das informações neste país. Contra o monopólio político e moral que os decretos lhe concedem.

Saudações Democráticas

Registro Civil das Pessoas Jurídicas nº [illegible]

REPORTER

EDITORES — Alex Solnik, Chico Júnior, Luiz Alberto Bettencourt, Pipsi (Arte)

REPORTAGEM — **Rio de Janeiro:** Tim Lopes, Marcos Dantas, Clarice Niskier, Vera Lúcia Dias, José Antonio Nonato, Sérgio Danilo, Silvia Duarte, Grice Faria. **São Paulo:** Rivaldo Chinen, Afanásio Jazadji, Maria José Arrojo. **Recife:** Eduardo Homem. **Internacional:** Carlos Comitini

FOTOGRAFIA — **Rio de Janeiro:** Chiquito Chaves, Roberto Musauer. **São Paulo:** Amancio Chiodi, Wagner Avancini, Eliana Pastore, João Bittar.

CORRESPONDENTES — Paulo D'Alcantara (Paris), Cristina Duarte (Milão)

ILUSTRAÇÃO — Guidacci, Mauricio Veneza

ARTE — Analuce Estrella, Guidacci, Mauricio Veneza, Maria Rita

REVISÃO — Maria Teresa M. Pinto

CIRCULAÇÃO — Eduardo Curi

PROMOÇÃO E ASSINATURAS — Marco Antônio Vieira Souto

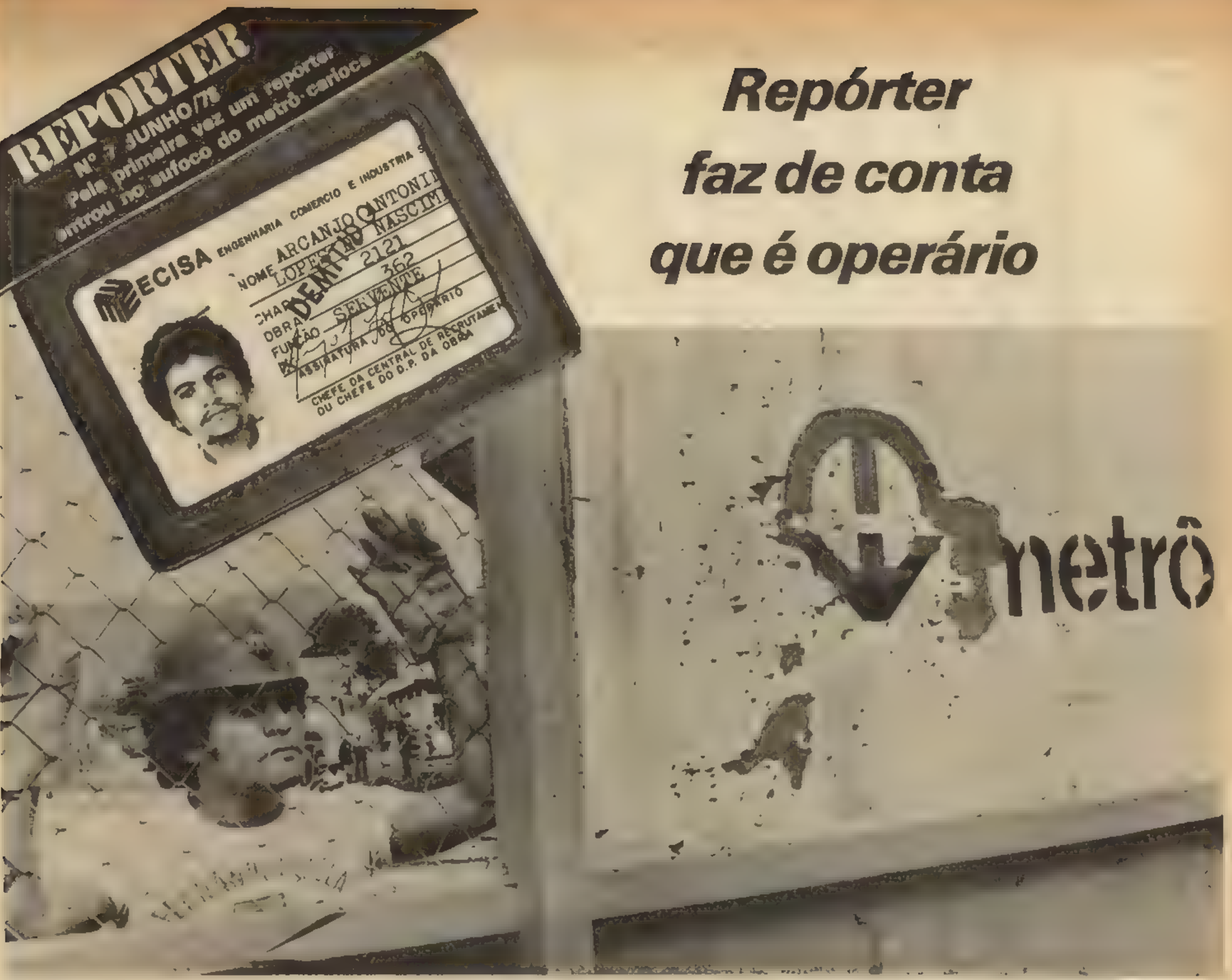
DEPARTAMENTO JURÍDICO — Modesto da Silveira, Luis Celso Araújo, Luiz Eduardo Greenhalg

REPORTER Autonomo Independente — Uma publicação da Margem Editoria e Programação Gráfica Ltda. **Rio de Janeiro:** rua Miguel Couto, 134/11° andar, tel. 253-5038. **São Paulo:** rua Santa Isabel, 33/8° andar, tel. 222-3103.

Composição e Impressão — Editora Mory Ltda. Rua do Resende, 65, Rio de Janeiro, tel. 263-7002.

Distribuição — Fernando Chinaglia S.A. Rua Teodoro da Silva, 907, Rio de Janeiro.

Repórter faz de conta que é operário



PENOU PRA AGUENTAR 2 DIAS NO METRÔ

TIM LOPES ENTROU NA FILA DOS DESEMPREGADOS QUE QUEREM TRABALHAR NA OBRA DO METRÔ CARIOCA. TIROU CARTEIRA DE SAÚDE, TRÊS RETRATOS E EM POUCOS DIAS COMEÇOU A TRABALHAR NO CANTEIRO DA RUA ANA NERI, BEM EMBAIXO DO MORRO DA MANGUEIRA. DORMIU NO ALOJAMENTO, ACOMPANHOU O TRABALHO E AS DIVERSÕES DOS OPERÁRIOS. NAS PÁGINAS SEGUINTES, SEU RELATO, FOTOGRAFADO POR CUSTÓDIO COIMBRA E CHIQUITO CHAVES.

São 5 horas da manhã. Os alojamentos estão numa algazarra geral. Pelo corredor estreito que leva ao banheiro, os "peões" num vozerio, se esbarram apressados disputando torneiras e latrinas. Ninguém quer perder a hora do café. Os rádios ligados em programas sertanejos ou na Rádio Relógio se misturam com a rouquidão, a tosse, espirro, dores de dente, ouvido e cachumba dos operários que trabalham para não perder o dinheiro do dia. Médico? Só na avenida Presidente Vargas, na Central de Recrutamento de Pessoal da Ecisa (construtora), e prá chegar lá o "peão" gasta passagem e tempo.

— O doutor nem espera a gente dizer o que tem, vai dando logo uns comprimidos e manda entrar outro. O que adianta? (um pedreiro se queixando de dores no peito).

Para ser admitido na firma, apresenta-se a carteira de trabalho, carteira de saúde ou protocolo, título de eleitor e certificado de reservista. E 3 fotos 3×4. Depois espera-se o médico. Se o candidato insistir, mesmo sem documento pode arranjar algum servicinho, varrer chão, carregar embrulho. Numa sala os pretendentes tiram toda a roupa e são examinados quase ao mesmo tempo.

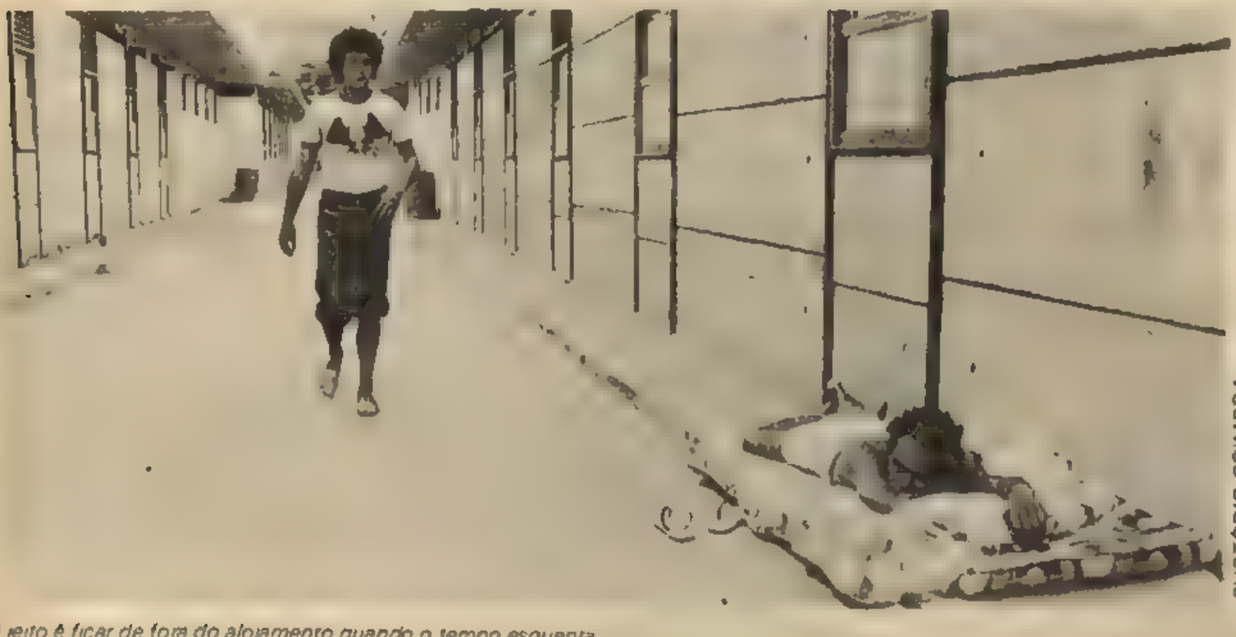
— Já teve dores nas costas? Na cabeça? Enxerga bem?... Nada? Então chega prâli.

Serventes, pedreiros, carpinteiros, apontadores e encarregados, na entrada do alojamento A e B, na Rua Ana Néri — entre as estações de Mangueira e Triagem — vão entregando na guarita as chaves dos quartos e recebendo as plaquetas de identificação das mãos do segurança "Didi." São 56 quartos onde estão alojados 224 dos quase 800 homens que trabalham nas obras da linha 2 do Metrô que liga Triagem a Maria da Graça, na zona suburbana do Rio. Eles trabalham espalhados nos canteiros das centrais de concreto, forma e ferro.

Ainda está escuro e faz um frio que deixa a gente tremendo. A fila do café está grande e à medida que vão entregando as cartelas de refeição, os operários entram na cantina em grupos de 5. Já estão prontos pro batente: bermuda, calção, bota, capacete e cinturão. Nele ficam amarradas caixinhas com alicates, pregos, chaves que fazem barulho ao andar. A cantina fecha às 6 e 30 e quem não tomou café com leite (pouco açúcar) e um pão com gosto de manteiga, trabalha de estômago vazio e ainda aposta uma corrida para ser o primeiro da fila do almoço, às 11 horas.

Bill tem um irmão na cadeia e vive no Metrô

CHIQUITO ALVES



CUSTÓDIO COIMBRA

O jeito é ficar de fora do alojamento quando o tempo esquenta

"Tô aqui porque não quero mais meter bronca. A liberdade é boa"

(JAÍLTON, QUE VEIO DA LEMOS DE BRITO)

Um caminhão, a "gaiola" (tem cobertura de madeira) sai carregado de "peões" pra central de concreto, na Avenida Suburbana, a "Suburbana", em Bonsucesso. A avenida é perigosa, segundo o operário Jaílton, 22 anos, que puxou uma cana na Frei Caneca, hoje regenerado.

— Quando dá a hora do "rango" sai a paraibada correndo sem ver nada. Às vezes fica um estendido aí no asfalto atropelado.

Ele fala da vida, mostra um tiro na perna esquerda. Obra da polícia, no "Sessenta," no Morro da Providência, há três anos.

— Ô meu chapa, ninguém fica legal numa batalha dessas. Você acha que sou feliz? Não dá, não é? Tô aqui porque não quero mais meter bronca. Quero ficar na minha. A liberdade é boa.

No departamento pessoal em Triagem, às 8 horas da manhã, sete cearenses sem documento embarcam numa kombi para tirar certificados de reservista num quartel próximo. Foram todos mandados por policiais depois que apareceram nos jornais contando que vieram do sertão atrás de emprego.

— Ô rapaz, larga essa de servente. Traz uma carteira de trabalho nova que eu "esquento". É só me dar na mão 300 mil (300 cruzeiros), Passo você para carpinteiro. Tudo assinado, bonitinho.

O funcionário faz o jogo, diz que está na pior e precisa levar um troco para o leite das crianças. Na janela do escritório se debruçam os operários reclamando. Gente pedindo emprego, desistindo, aceitando Cr$7,50 por hora de trabalho.

— Vou dar com a gata no paul.

Chia um paranaense forte, de Apucarana. Ele quer ir embora e receber tudo que tem direito. Para se garantir diz que vai botar a Ecisa na Justiça. Em frente ao escritório passam operários carregando madeiras e telhas da "Ilha dos Ratos" ou "Sovaco da Irene" um galpão de madeira que serviu de dormitório até a construçao dos novos alojamentos.

A comida da cantina não engorda, incha

Os novatos esperam condução depois de receberem os colchões

Arroz, feijão, macarrão, galinha e olhar faminto.

Os três dividiram o mesmo quarto pequeno

"Meus companheiros voltaram ontem pro Norte. Medo de trabalhar no Rio"

(AGOSTINHO, QUE É ALÉRGICO ÀS BOTAS).

As dez da manhã o ruído das britadeiras, máquinas, caminhões, bate-estacas e britadeiras obriga a falar alto. Aníbal, um "peão" conhecido como **Gaúcho** (apesar de curitibano) passa e dá um sorriso maroto pedindo cumplicidade para o "nó cego". E uma maneira de ficar zanzando pelos canteiros sem fazer nada. E questão de levar na conversa ou de dar uma decisão no encarregado. Isso pra quem tem peito Tudo bem. Cada um trata de si

— Não tô afim de carregar pedra. Vou ficar rodando

Aníbal faz o "avião" da rapaziada que gosta de queimar um fuminho. Dá um pulo na Mangueira ou no Jacarezinho, onde vivem 100 mil pessoas. Usa guias de dente no peito e passa a maior parte do tempo no banheiro se olhando no espelho, cuidando do cabelo e fazendo poses. Tem vontade de ir para a Bahia.

— Sou espírita. Queria conhecer Salvador, fazer a cabeça. Pensar nos meus antepassados.

Aníbal toma comprimidos para os nervos, receitados pelo médico, e vitamina para fortalecer os músculos. Quando não tem jeito de escapar, enfrenta a batalha esperando o sábado, aí o dinheiro da semana sai. É dia de diversão no forró do "Zé Gonzaga", na Ilha do Governador ou ir para os pardieiros do Estácio, ainda por demolir, que viraram zona. Mas muitos ficam nos quartos escutando músicas economizando o dinheiro pontualmente mandado para a família no Norte

— Não volto em branco pro norte, não. Já trabalhei no Metrô de São Paulo logo no início e vim para cá arranjar um dinheiro para mandar pra mulher e três filhos lá em Alagoas. Prá sair de casa é preciso ter coragem, os meus companheiros embarcaram ontem mesmo, não ficaram nem dois dias. Ficaram com medo de trabalhar aqui no Rio. Não tenho medo não. Só não conhece quem não vê

Sentado num colchão, enrolado num cobertor e um lençol que é trocado todas as quinta-feiras, Agostinho pergunta se usam só bota de plástico.

— Não posso usar essas botas porque fico cheio de pirombeira. Meu corpo fica todo vermelho

Os homens-cores são: azul-apontador, vermelho-servente, marrom- soldador...

(HIERARQUIA DE CAPACETES NA OBRA DO METRÔ)

O capitão Santos, chefe da segurança do canteiro 362, exibe entre os botões da camisa o cabo branco do revólver que não tira da cintura. Dá ordens ao segurança que fica na guarita. Num canto, dois cassetetes e um porrete, pra impor ordem no local. Os avisos de perigo, evitar acidentes, estão pregados nas paredes dos alojamentos e pelos canteiros.

Os capacetes coloridos representam a divisão social dentro do canteiro de obras Os homens — cores são assim: vermelho - servente, azul — apontador ou encarregado, amarelo — carpinteiro, marron — soldador; branco — engenheiro ou visitante. Ao entrar na obra cada operário, recebe um número que o acompanhará até se desligar da empreiteira — pode ocorrer em três meses, uma semana, ou mesmo um dia: diariamente são demitidos e admitidos dezenas de empregados.

Um nuvem de poeira levantada por um caminhão que passa aos solavancos sufoca o "peão" Esfrega os olhos, tosse e segue o caminho com decisão, levando uma sacola de plástico transparente com o capacete vermelho e as botas. Emprego assegurado. É hora do almoço e a qualidade da comida só é comentada depois. (São poucos os que não temem ser despedidos) Forma-se de novo a fila. Dentro da cantina, as cinco mesas estão repletas de operários. Já passaram com as bandeijas em frente a quatro panelões. Prato do dia: arroz, feijão, macarrão e galinha. O responsável pela cantina, Rui, entrega pessoalmente uma laranja de sobremesa para cada operário. Fala alto a todo momento·

— Quero ver vocês bem alimentados.

De repente, a comida (descontada no salário) acaba. O pessoal fica agressivo, reclama, xinga. O segurança barrigudo, que controla a porta de entrada dos "peões" pede calma apenas para justificar a sua função. Ninguém escuta, a fome é mais forte. Meia hora depois chega a Kombi azul com mais comida e o comportamento muda. Jaílton ao meu lado destrincha com os dentes estragados uma coxa de galinha.

— Está melhor do que a comida de cadeia. Agora não vem mais naquelas marmitinhas de papel que estragavam àtoa.

Acontece de vir uma carne crua, arroz mal feito mas vai se levando. A certeza que eu tenho é que não engorda, incha.

Os últimos a almoçar foram os operários da central de concreto que vieram de Bonsucesso a pé, por dentro da obra. São 12 horas e próximo ao alojamento alguns "peões" estão recostados nos tapumes azuis que indentificam o Metrô, a obra urbana que absorve o maior contingente de mão-de-obra da América Latina. Bill, irmão de Branco, (bandido do morro da Mangueira, que está cumprindo pena de 36 anos na Ilha Grande), diz para aparecer, ou assustar, que passou 6 anos lá na Ilha no tempo do lendário Madame Satã, época em que o compositor Carlos Imperial esteve por lá. Faz dois dias que está trabalhando nas obras se escondendo dos zome.

A diferença é que na cadeia não tem capacete

O único que disfarça a fome é o repórter

CUSTÓDIO COIMBRA

O repórter, integrado no trabalho

"Passei 12 anos na cadeia e não tô aqui pra aturar desaforo de capiau"

(DIDI, O SEGURANÇA DO CANTEIRO)

O movimento no canteiro começar a tomar vulto novamente. O barulho das máquinas funcionando é ensurdecedor. "Didi", o segurança, conversa, conta histórias do presídio da Ilha Grande. Atentos, os "peões" à espera do caminhão para irem ao almoxarifado da avenida Suburbana, ficam boaquiabertos. No escritório perto, operários continuam pedindo emprego, reclamando pelos seus direitos

— Me descontaram o imposto sindical duas vezes. Vão ter que me devolver 60 pratas.

Francisco bate com as mãos no balcão, Furioso.

— Se quiserem me dão as contas. Mas não pensam que vão me passar a perna.

Os funcionários ficam quietos, não perdem o ar de superioridade. Às três horas muitos já estão exaustos, outros diminuem o ritmo de trabalho guardando forças para encarar a batalha até às 22 horas. O "peão" Norato está ali em frente ao alojamento. Quando "Didi" para de contar histórias, ele aproveita e pede para entrar no alojamento. "Didi" sacaneia:

— Gosto desse garoto. Olha a cara dele. Lisinha

Norato ri sem jeito, nervoso. Em volta, as gargalhadas, o riso debochado de dois

outros seguranças. **Gaúcho** passa, dá o toque: embaixo do viaduto de Benfica, por onde passa a linha do Metrô, o cigarro roda de boca em boca. Está quase na hora da janta. Um "peão" com feições de nordestino carrega três vergalhões no ombro. Na camisêta suja de pó de ferrugem, a inscrição "Brasil rumo ao tetra"

Em frente da guarita, começam a chegar os primeiros operários. Norato não aguenta mais e manda "Didi" tomar dentro. O segurança sai do seu posto e dá uma bofetada seguida de pernadas e ofensas. Norato levanta e cai mais de uma vez

— Passei doze anos na cadeia e não tô aqui para aturar desaforo de **capiau**.Dô pau nele pra parar de gracinha

O segurança se aproxima da guarita com andar de quem ganhou a briga. Lamenta, com raiva encenada, ter sujado a camisa de gola rolê e arrebentado a corrente do relógio Seiko. Os prejuízos que levou na porrada com o "peão" Norato. Atrás fica uma nuvem de poeira que, ao assentar, mostra olhares atônitos, tensos e medrosos dos "peões" que viram o pau comer no fim da tarde no canteiro de obras 362. Na guarita, o segurança começa a entregar as chaves, em troca das plaquetas de identificação. Todos só pensam no banho. São 17 horas. O clima de agitação provocado pela briga com misto de silêncio nervoso se estende até a noite

CUSTODIO COIMBRA CHIQUITO CHAVES

A briga na obra e seus protagonistas: o guarda Didi e o operário Norato

"Aquela pedra que eu joguei era pra acertar a coluna dele"

(NORATO, O QUE LEVOU A BOFETADA)

Pelo corredor que leva ao banheiro, uma confusão mais animada, apesar do cheiro de suor insuportável. Os 11 chuveiros são disputados quase aos empurrões e ninguém deixa a toalha ou o sabonete dando sopa. Marcou, dança. Os que estão ainda nos quartos, depois de um dia de trabalho, ligam rádios, vitrolas, gravadores ou simplesmente cantam quando têm forças para segurar o violão. O repertório é de Roberto Carlos, Aguinaldo Timóteo, Rosemary, Altemar Dutra e Martinho da Vila. Do quarto 27 vem a voz arranhada da dupla "Tonico e Tinoco". O disco está empenado e roda com dificuldade na vitrola.

Valdir chega, abre a porta devagar, capacete embaixo do braço. Cumprimenta e senta pesadamente na cama beliche: vai falando:

É o primeiro dia? Olha, aqui todo mundo é legal. Ninguém se metè com ninguém. Aí em cima dorme um carpinteiro: se pedirem pra falar, ele fala, senão fica quieto. Não perturba. Aqui na minha frente, um sujeito bom. Pedreiro, tem a vida dele.

Valdir tem 45 anos e todos os sinais de velhice. Sempre trabalhou em obras, uma das últimas a Ponte Rio-Niterói. Está ali como servente há onze meses e às vezes chega cheio de "goró" (cachaça). Ocupa a cama 1 do quarto 25 com o pedreiro Francisco **macacão** e o carpinteiro Claudir. Faz força para tirar as botas de couro que custam no almoxarifado 90 cruzeiros descontados no salário. O ar fica impregnado de chulé. Sai caindo para os lados em direção ao banheiro. Na cabeceira de sua cama uma flâmula pregada na parede com a imagem de São Jorge

A fila da janta está grande. Os que vão até às 22 horas já estão esperando que a Kombi azul desponte no porão da rua Ana Néri. O segurança barrigudo está lá controlando a fila. Na cantina começa ser servido o jantar, o mesmo ritual, a televisão colorida ligada chama pouca atenção dos "peões". Não adianta, têm que comer depressa para dar lugar aos outros "Rosinha" e "Vanusa", dois "peões", bichas, passam com as bandejas, indiferentes aos galanteios. A partir das 22 horas, o movimento no alojamento toma a mesma proporção das 17 horas. Os chuveiros ocupados e as músicas saindo de quase todos os quartos. Norato, num grupo, comenta baixinho, com ódio.

— Aquela pedra que eu afirei, você viu? Era pra acertar a coluna dele.

As máquinas pararam, o som das músicas some à meia-noite. Tudo fica quieto. Pelo corredor, uma voz ou outra de um operário. Norato tem o rosto vermelho do lado esquerdo, o tapa que levou de "Didi" Promete ir à forra.

CUSTODIO COIMBRA

"Rosinha", debochada, larga o garfo e faz pose

OPERÁRIOS DENUNCIAM NAZISMO NA VOLKSWAGEN

Reportagem de Rivaldo Chinen

Polícia Militar e guardas da segurança protegem a fábrica de São Bernardo, SP durante a greve de março. Na foto pequena, Wolfgang Sauer, presidente da Volkswagen do Brasil.

Câmeras de tv e guardas com binóculos vigiam os 40 mil operários por toda a fábrica, dia e noite. Mais de 300 policiais, fardados e à paisana acompanham de perto os trabalhadores. Qualquer suspeita, falta ou atrito com chefes, eles são escoltados até as salas da segurança, onde os interrogatórios são mais duros do que numa delegacia de polícia. Ameaças de agressão — "você vai pro pau-de-arara" — são frequentes. Outros trabalhadores ficam presos nas salas durante as horas de serviço por até uma semana, como num cárcere privado. Muitos são forçados a confessar roubos que não fizeram. Até crianças, alunos da escolinha da fábrica, são ameaçados pelos guardas. Suspeita-se que esse esquema de segurança tenha sido montado por criminosos de guerra. Um deles, pelo menos, trabalhou quatro anos na empresa, até ser preso. Lula, líder dos metalúrgicos, garante que é a segurança mais policialesca de todas as empresas do setor. Empregados não medem palavras para defini-la: nazista.

Jornal dos metalúrgicos conta crimes da empresa

"Volkswagen reedita Holocausto": com este título o jornal **Tribuna Metalúrgica** (edição de dezembro de 1978), órgão do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema, na região do Grande ABC, vizinha de São Paulo, informava: "as cenas do "Holocausto" mostrado na televisão referem-se a acontecimentos de quase 40 anos atrás; mas o "holocausto" da Volkswagen começou muito recentemente, a partir do 3º Congresso, realizado em outubro último". Dizia mais, que as primeiras vítimas, não os judeus, mas operários brasileiros, foram onze participantes daquele congresso:" um a um foram sendo demitidos, pelo fato de se revelarem lutadores e conscientes das mudanças que devem haver no sindicalismo para que nossos direitos sejam melhor defendidos."

Outros dados importantes nesta edição do jornal editado por Antonio Carlos Felix Nunes: na Volks os acidentes de trabalho não são comunicados com a devida precisão ao Instituto Nacional de Assistência Médica e Previdência Social (Inamps). Resultado disso é que o trabalhador fica sem seguro, sem indenização e, em caso de morte, sua família fica sem pensão. Já aconteceram inúmeros casos dessa espécie e alguns até dolorosos, como o do eletricista Adilson, vítima de um forte choque na cabeça quando executava seu serviço. O choque elétrico afetou-o internamente e ele acabou internado num hospital. Desconhecendo os antecedentes, os médicos o consideraram louco. Medicado sem diagnóstico certo, Adilson morreu. A família do acidentado viu-se desamparada, sem direito à pensão do INPS, simplesmente porque este não reconheceu a morte como conseqüência do acidente de trabalho. E não reconheceu porque a Volks escondeu o fato.

Recentemente a empresa decidiu alterar o horário das refeições, reduzindo-o para 45 minutos. A lei, como se sabe, estabelece 1 hora para as refeições. Ao mesmo tempo em que reduziu o horário das refeições a Volks passou a

exigir que os trabalhadores permanecessem uma hora a mais prestando serviços.

Outra denúncia do jornal dos metalúrgicos: a malandragem da empresa com relação aos aumentos sindicais conquistados com as greves de maio do ano passado, a chamada "greve dos 300 mil". Na mesma proporção dos aumentos previstos no acordo intersindical, foram alterados os preços dos serviços que a Volks oferece aos trabalhadores, como alimentação, transporte e cantina interna. Assim, em junho esses serviços passaram a custar mais 5,5%; em agosto, 4,5%; em outubro, 5,5% e deverá haver outro aumento de 4,5%, que é por sinal a [illegible] parcela do aumento salarial estabelecido no acordo.

A última grande jogada da Volks para tornar perfeito seu "holocausto": cobra uma taxa especial, altamente elevada, para o uso dos seus ônibus, daqueles que adquiram veículo através do seu sistema próprio de financiamento. Quem compra carro na Volks gozando aquele minúsculo desconto, fica "amarrado" durante seis meses. Isto é, só depois desse tempo, pode se desfazer do carro. Dentro desse prazo, caso o trabalhador deseje utilizar a condução da empresa, arca com uma tarifa especial, ao invés dos Cr$ 42 mensais atualmente cobrados. Acontece que, depois dos referidos seis meses, a empresa invoca uma série de pretextos para não mais permitir o uso dos seus ônibus pelo trabalhador que adquiriu o carro. Alega que os ônibus já estão com sua lotação completa, e que o trabalhador deve aguardar uma vaga.

A perseguição na Volks é cada vez mais intensa. Basta dizer que 25 trabalhadores foram sumariamente despedidos pelo fato de se oporem a um método desumano de controle de produção. Eles haviam protestado contra o sistema MTM (Movimento-Tempo-Minuto), cujo objetivo é reduzir o número de funcionários nas linhas de montagem, sem prejuízo da produção. Só de uma linha foram demitidos 20, e mais 5 de outra.

Ainda traçando um paralelo com o sistema nazista, o jornal Tribuna Metalúrgica denunciou que segurança e higiene não são coisas que a Volks preza muito. Com relação às refeições (e este já é um problema de saúde), por duas vezes este ano o pessoal foi atacado de desinteria, em virtude da comida estragada que lhe foi servida. Quando não vem estragada, a comida é de péssima qualidade, ou seja, mal temperada, com sabor pouco agradável.

Agora a Volks está fornecendo a outras empresas seis mil refeições por dia. Para poder fornecer as seis mil marmitas, ela obrigou o pessoal ligado à cozinha a fazer horas extras. Assim, quem entrava em serviço às 15 horas, agora está entrando às 12:30 para sair às 23 horas.

A **Tribuna Metalúrgica** denuncia ainda a morte do vigilante Luiz Ferreira de Oliveira, ocorrida na noite de 13 de novembro último, no pátio da fábrica. O laudo médico atestou "fratura craniana exposta". O acidente ocorreu, segundo se sabe, pelo excesso de velocidade imprimida ao veículo que transportava o pessoal para a ala 3, onde estaria ocorrendo um princípio de incêndio denunciado pelo sistema de alarme da empresa. O jornal levanta algumas questões: 1) Qual a necessidade que leva os veículos da Segurança Industrial a desenvolverem tamanha velocidade? 2) Não seria lógico e justo que só as ambulâncias e carros do corpo de bombeiros tivessem permissão para ultrapassar a velocidade de 10 quilômetros por hora, estabelecida no regulamento interno da empresa?; 3) Finalmente, quem será o responsável por mais essa morte, resultante de um acidente ocorrido no interior da empresa?

Quanto ao aspecto de higiene e segurança no trabalho propriamente dito, há a registrar a falta de exaustores em diversas alas de produção, notadamente nas de números 2.3.4.5 (porões) e 6. Em conseqüência, nessas seções se acumula grande quantidade de fumaça, perturbando a respiração e a visão do pessoal. Nem o adicional de insalubridade é pago, por exemplo, para o pessoal do teste de motores, que trabalham numa seção onde não há a mínima ventilação.

Como se vê, são denúncias que poderiam ser estampadas em qualquer jornal diário, não fosse o espaço que a Volkswagen compra em todos eles. Não faz muito tempo uma repórter da sucursal do ABC do jornal **O Estado de S. Paulo** se propôs a fazer uma reportagem sobre a segurança na Volks. De manhã, como o fazem diariamente, seus chefes mandaram a previsão de matéria para a redação, à tarde veio uma ordem, via telex, para cancelar a reportagem.

Fábrica é cabide de emprego de nazistas

Simon Wiesenthal, o célebre caçador de nazistas, declarou que a Volkswagen, a Krupp e a Siemens são verdadeiros ninhos de nazistas. Revelou que nessas empresas estão instalados centenas de "peixes pequenos", e que existe pelo menos 18 oficiais da **SS** (Schutz Staffel, tropa de elite de Adolf Hitler) no Brasil.

O comandante de Treblinka — o campo de concentração da Polônia, onde 700 mil judeus foram executados —, Paul Stangl, foi preso em São Paulo após ter sido reconhecido trabalhando na Volkswagen, em 1967. O advogado Idel Aronis, da Confederação das Sociedades Israelitas de São Paulo, disse que o nazista foi reconhecido por uma vítima, um judeu que foi pedir emprego na fábrica: "Ao reconhecê-lo, o judeu telefonou para uma delegacia. O delegado me conhecia e me avisou".

Foto Eliana Pastore

Idel: fábrica persegue judeus

Dr. Idel Aronis, é verdade que a segurança da Volks foi montada e é dirigida por nazistas?

— Sempre ouvi falar disso. Naquela época da prisão do Paul Stangl, em 1967, sempre me aparecia gente contando fatos a esse respeito. Sempre ouvi dizer que a Volks era cabide de emprego de nazista. No ano passado, quando veio a público a prisão do nazista Franz Wagner (sargento da SS, da Gestapo, a polícia de Hitler, e comandante do Campo de concentração de Sobibor, o homem que fugiu com Paul Stangl para o Brasil), me procuraram novamente, gente que trabalha lá dentro da Volks.

Fizeram denúncias de que tipo?

— Quando a direção identifica algum nazista, este chega a ocupar cargos altos na empresa; quando descobre que o funcionário é judeu, passa a sofrer todo tipo de perseguição. Um judeu me procurou, disse que esteve num campo de concentração, e que não esqueceria nunca mais a cara dos carrascos; pois bem, ele reconheceu na Volks diversas pessoas que eram guardas nos campos de matança. Veja bem, guardas, não chefes. Chefe mesmo era o Paul Stangl, que tinha poder absoluto sobre várias unidades de morte. Depois a direção coube a Franz Wagner.

Chefe de montagem matou 700 mil

O capitão Franz Paul Stangl, 62 anos, responsável pela morte de 700 mil judeus no campo de concentração de Treblinka, trabalhava na Volkswagen, em São Bernardo do Campo, no ano de 1967 como chefe encarregado do setor de montagem. Para não prendê-lo no serviço, os agentes do Departamento de Ordem Política e Social (Dops) o aguardaram em sua casa, no elegante bairro do Brooklin em São Paulo, onde vivia com a mulher e duas filhas solteiras (uma, casada, tinha três filhos).

Antes de Hitler ocupar a Áustria, Stangl pertencia à polícia civil austríaca. Pertenceu ao Serviço Secreto e infiltrou-se no Partido Nazista com o objetivo de denunciar os descontentes com a ocupação e o novo regime. O primeiro campo de concentração de Paul Stangl foi Sobibor, na Polônia, que ele cuidou de aperfeiçoar, antes de ir para Treblinka, onde matou mais de 700 mil judeus, entre elas a menina Anne Frank.

Promovido, ele seguiu para a linha de frente da guerra, para construir as defesas antitanques. Ficou lá até quando a Alemanha começou a cair. Voltou para Berlim, à procura de seu ex-chefe, mas não encontrou ninguém. Foi preso

Stangl trabalhou 4 anos na Volks

e levado a um campo, onde permaneceu durante três anos. Logo que ganhou a liberdade começou a viajar. Esteve na Áustria onde nasceu, na Síria e Itália. Veio então para o Brasil, em 1950, com medo de ser condenado por causa de seus serviços durante a guerra. Trabalhou na Volks quatro anos.

Sob a acusação de ter contribuído, entre os anos de 1941 e 43 para o extermínio de judeus nos campos de concentração de Sobibor e Treblinka, na Polonia, e no Instituto de Hartheim, na Áustria, Paul Stangl foi extraditado por ordem da Justiça brasileira. O Supremo Tribunal Federal concedeu por unanimidade, no dia 7 de junho de 1967, com prioridade à Alemanha, a extradição do nazista, com o compromisso, nos termos do voto do relator, ministro Victor Nunes Leal, de que a pena fosse transformada de prisão perpétua em temporária e que, posteriormente, o réu fosse entregue à Justiça da Áustria, cujo direito à extradição foi também reconhecido.

Nessa época veio um pedido à embaixada da Alemanha no Brasil para que procurassem localizar Gustav Franz Wagner através de Paul Stangl, porque o procurador daquele país imaginava que onde estivesse Stangl, também estaria Wagner — o que se confirmou em maio do ano passado, quando prenderam Wagner. O Brasil é o segundo país do mundo mais procurado pelo ex-nazistas (o primeiro é a Argentina).

No dia 28 de junho de 1971 Stangl foi encontrado morto, em sua cela, em Dusseldorf, vítima de enfarte, de acordo com os médicos legistas que o examinaram. Com ele foi enterrado uma parte da História, alguns segredos da Volkswagen no Brasil, que ele conheceu tão bem.

Acusado de agitação, sofreu nas mãos da segurança

Mauro Massami, 5 anos de Volks

— É mais do que um órgão de segurança; é um órgão de coação do trabalhador na empresa. Chegam a colocar na cabeça do guarda que ele não é simplesmente um trabalhador, é uma autoridade. Nas outras empresas os guardas até brincam, conversam com os outros trabalhadores, mas na Volks não. É impossível se aproximar de um policial desses.

Quem manda se veste como os outros?

— Embora sejam tenentes, coronéis, sargentos, eles se vestem com uniforme da empresa, não com farda do Exército. Ou se vestem com paletó e gravata, como um funcionário interno. A segurança cria um medo tal no trabalhador que o chefe da seção ameaça o operário da seguinte forma: "se você não se conformar vou levar você à segurança".

Eles estão em toda parte da fábrica?

— Estão em todo lugar. Em qualquer setor há sempre um guarda da segurança que observa a pessoa de tal forma que a deixa constrangida. É na segurança que o empregado sabe que vai embora sem direito, caso tenha cometido algum delito ou feito o que eles acham um ato de indisciplina. Para mim, a segurança da Volks é tipicamente nazista. A gente tá acostumado a ver filme com nazista, não sei se eles pintam demais, eu só sei que é o mesmo estilo

Você tem conhecimento de violência física?

— Não; e mesmo se houver, o próprio elemento é coagido a não comentar com detalhes, porque pode ser dispensado. Pelo esquema que há, a coisa deve chegar a isso, porque dá medo chegar perto da segurança. Até as secretárias se portam de modo policialesco. É um negócio fora do comum. Parece que é o próprio ambiente que torna as pessoas duras.

É verdade que na Volks tem oficiais da SS — as unidades da morte, do Partido de Adolf Hitler — lá na segurança?

— Não sei. Garanto que o esquema de funcionamento é nazista. Mas quem encabeça são o coronel Ruge, o Cordeiro, coronel ou tenente Vitoria, Carvalho, Medeiros, todos do Exército.

Fotos Amancio Chiodi

Mauro: até secretárias são policiais

Você já passou pela segurança da Volks?

— Já sim. Eu andava de sessão em sessão para ver se todo mundo estava em greve (Nota de Redação: — a de março, que durou 15 dias e foi reprimida pelo governo, que decretou intervenção no sindicato) e um supervisor me pediu a identificação. Me levou para a chefia e o cara ficou nervoso, eu dizia para ele, "calma, vamos conversar, tenha a santa paciência, pô". Daí fui levado para a segurança, onde precisei me identificar. A pessoa para ir ao restaurante, à assistencia médica, a tudo que é setor precisa se identificar. Um absurdo total. Era o tenente Carvalho quem comandava. Fiquei na sala dele, onde estão os painéis de contrôle das câmeras de televisão. Pensei que elas fossem câmeras fixas, mas não são. Elas giram. Tanto faz focalizar para dentro ou para fora da fábrica, pode aproximar as imagens, é algo espetacular. Um tenente chamou o Carvalho pelo interfone, é tudo por código. Fui levado em seguida para o gabinete do tenente Eugenio, que por sinal não estava lá. Entra tenente, sai tenente, entra sargento, sai sargento. Daí chegou o tenente Vitório que me conduziu ao RI-Relações Industriais, um departamento muito enrolado, pelo menos em termos de relação sindicato/empresa. Daí falaram que eu poderia ser enquadrado em qualquer artigo, que eu estava agitando o pessoal da fábrica, esses absurdos, e me dispensaram. Saí dali aliviado.

Guardas à paisana espionam greve

Devanir Ribeiro, 10 anos de Volks

— Quem manda na segurança da Volks são dois coronéis, têm mais três o quatro tenentes, todos do Exército. Tem um esquema muito bem montado, com circuito interno de televisão, um fichário completo com nomes e demais dados dos funcionários da empresa, tem enfim, aquilo que toda delegacia de polícia tem. Talvez seja até bem mais equipada que uma delegacia de polícia normal. Têm uns 200 guardas, tem o pessoal da chamada segurança interna, que colhe depoimento; se alguém chega atrasado vai lá, se faltou no serviço, vai lá.

Todo mundo anda fardado?

— Nem todos. Os investigadores andam à paisana. Se misturam com o pessoal, se infiltram. Quando os alemães estão sabendo de que vai ter greve, aumentam o número desse pessoal. Em janeiro foram admitidos mais 20; em fevereiro, mais 30.

Conta um tipo de pressão que eles exercem sobre o operário.

— Quando são levados para a tal sala especial para prestar depoimento, nossos colegas ficam impressionados, pois mais tarde são levados para o banheiro, voltam, vão lá de novo, os guardas ameaçam de levar o colega para a polícia, para o Dops. Há pouco tempo uma senhora que trabalhava no laboratório físico, há 12 anos, foi suspeita de ter sumido com a chave do local de trabalho. Ela era auxiliar, e só ela e o gerente tinham a chave. Acontece que sumiu a platina, material caro. Levaram essa senhora para lá e a interrogaram por duas horas. Ameaçaram-na de várias formas. Não conseguiram nada; depois a mandaram embora, alegando que ela vendia bijuteria para os colegas, talvez querendo insinuar que ela transformava a platina em bijuteria.

É como a Gestapo, diz Devanir

E o clima do setor de segurança?

— Quando você entra numa delegacia não sente o ar pesado? Pois é, lá é a mesma coisa. O pessoal trata os outros como se eles fossem da Gestapo mesmo. Anos atrás foi pego um nazista lá dentro. Só sei dizer que os métodos deles são meio atrapalhados pra gente. A gente sempre comenta que a segurança é um campo de concentração dirigido pela Gestapo. Porque sabemos que a orientação vem de cima mesmo.

Seguiram diretor do sindicato por toda a fábrica

Maurício Soares, advogado dos metalúrgicos

É preciso ter algum motivo forte para parar na segurança?

— Nada disso: qualquer questão corriqueira é motivo. Nas outras empresas funcionam as chamadas R.I — Relações Industriais, onde o sujeito é advertido por qualquer questão de disciplina. Mas na Volks, os operários são mandados logo prá segurança, onde falam pra eles: "se você não confessar te entregamos para a polícia".

Tem havido casos de tortura?

— Que eu saiba não. Só tortura psicológica. As reclamações são diárias. Talvez mais do que uma por dia. Na verdade, a segurança da Volks (1000 homens contando guardas, inspetores, bombeiros) é uma espécie de segurança contra a atividade sindical. Nós tivemos diretores nossos que foram seguidos pelo setor de segurança. Para onde quer que ele ia, era acompanhado por um cara da segurança. Era seguido atrás das máquinas e pelos desvãos da fábrica. Ainda recentemente, fomos entregar boletins e os guardas tiraram esses boletins que convocavam os trabalhadores para uma assembléia. São uma espécie de gente que não tolera a organização dos trabalhadores de modo algum.

Maurício: é uma organização pára-militar

Dentro do funcionamento da tortura psicológica há alguma particularidade que o sr. poderia contar prá gente?

— Uma das coisas mais odiosas dessa segurança é quando o cara é obrigado a ficar no que já chamaram de "chá de banco". Entra de manhã, fica sentado, chega a hora dele ir embora e não vai. Volta no dia seguinte e assim vai, 4, 5, 6, 7 dias. Quer dizer, isso mortifica o sujeito ali. Depois desse tempo chega um segurança e diz: "O seu caso tá resolvido, você tá dispensado, pode voltar a trabalhar". Ou então completa: "Tá despedido, pode voltar amanhã prá pegar as contas".

Tem havido confissões [redacted]

— Tem sim. Para se ver livre de uma vez por todas, o cara confessa mesmo. Às vezes ele chega na Justiça e nega tudo, diz que assinou sem ver, sem ler nada.

Como o sr. definiria o serviço?

— Uma espécie de organização para-militar. Que dá verdadeiro pavor no operário. Corre boato de que lá dentro tá cheio de nazistas. A própria organização tende a ser nazista, por ser amplamente repressiva. Tem cores fascistas.

Fotos Amancio Chiodi

É a fábrica mais policialesca, diz Lula

Prenderam os barbudos porque um era suspeito

Lula, líder dos metalúrgicos

— A segurança da Volks é um verdadeiro campo de concentração. Lá os trabalhadores, quando suspeitos por qualquer coisa, são submetidos a um depoimento, e a um registro num boletim de ocorrência, como se estivessem prestando esclarecimento numa delegacia de polícia. É o que existe de mais policialesco que nós conhecemos em qualquer indústria de nosso setor.

Quem manda na segurança da Volks?

— É lamentável, mas quem manda são militares: coronéis aposentados, reformados, tenentes, sargentos, todos eles servindo a uma multinacional. Os trabalhadores vêem a segurança da Volks com muito medo; um negócio montado de forma que dá arrepio.

O que fazem lá na segurança?

— Problemas relacionados com questões trabalhistas são às vezes resolvidos na própria Volks. Quando o trabalhador vai para a segurança, toma um verdadeiro chá de cadeira, é ameaçado de ir pro pau-de-arara.

Diante disso o trabalhador vem pedir algum tipo de proteção ao sindicato?

— Sim, diariamente. Teve um assalto num banco, funciona uma agencia bancária lá dentro, e o suspeito era um barbudo. Pegaram todos os barbudos da fábrica. Teve um inspetor de qualidade que ficou como o número 1 da lista de suspeitos. A partir desse dia ele veio aqui no sindicato pedir proteção, porque ele tava vendo a hora de chegar o dia em que a segurança ia sumir com ele.

As seguranças das outras indústrias do ABC são iguais?

— A pior que existe mesmo é a da Volks. Em termos de rigidez, de pressão, de coação, ela ganha longe. As outras têm segurança, mas é algo mais ameno. Me parece que na Mercedez quem manda na segurança é um major; em outras indústrias há sempre uma patente militar responsável pela segurança.

E por que militar?

— Eu não sei (rindo). Ou, na verdade, eu sei. Eu prefiro que não saia da minha boca o porquê de os militares estarem ligados à segurança das multinacionais.

O que vocês do sindicato podem fazer?

— Denunciar as atitudes. Não temos nada contra o fato deles trabalharem neste setor; mas contra a rigidez com que tratam os nossos trabalhadores.

Descem borracha até nos meninos

Tarcísio Tadeu Pereira, ex-professor da Volks

— O cabeça da segurança da Volks é um tal coronel Ruge. Segundo ele mesmo amigo pessoal do coronel Erasmo Dias. Quando o Erasmo estava em evidência, ele falava de suas ligações, talvez para mostrar que tinha um esquema fora da fábrica. Abaixo dele têm os tenentes, a nível de chefia de seção, têm os executivos e, abaixo, os supervisores. Gente que pertenceu ao Exército e que hoje manda lá.

Você presenciou algum tipo de coação?

— Tem escola do Senai (Serviço Nacional da Indústria) que funciona lá dentro, com 900 alunos. Um guarda viu um deles gastando muito no barzinho da fábrica, e chegou perto dele perguntando: "Você tem tanto dinheiro assim?". Ficou naquele negócio de **é meu, não é**, esse esquema de sempre. Até que chegou a tal ponto que eles disseram: "Bom, esse cara não vai falar nada aqui, vamos descer a borracha. Quem sabe no Dops ele fala".

Quer dizer que eles têm ligações com a repressão?

— Têm e de modo muito claro. Um colega, o **Peruca**, foi levado para a segurança, e foram dizendo pra ele: "Vai tirando a camisa, senta aí que a gente vai fazer um acerto". O **Peruca**, coitado, não sabia de que se tratava. Foi levado para um órgão de segurança em São Paulo. Nem para a delegacia de polícia de São Bernardo ele foi.

Conta como são as câmeras de tv.

— Tem uma sala com circuito interno onde ficam dois caras sentados 24 horas por dia, assistindo tudo. Pegam a entrada e saída dos funcionários. Têm cerca de trinta câmeras. Tem também caras com binóculos no pátio. Se eles pegam alguém saindo e consideram suspeito, mandam parar no portão. São os média-chefia, os mestres, supervisores de seção, que, ao sair no escuro, são vigiados pelos homens de binóculos.

Tarcísio viu agressão a um aluno

Qual é a impressão que dá ao entrar no setor de segurança?

— A mesma que qualquer órgão ligado à repressão, o mesmo impacto. Logo de cara você vê uns painéis na parede com uma série de objetos, apreendidos segundo eles, de pessoas presas em flagrante. Verdadeiros troféus. Tem guarda para cá e para lá. O infeliz fica no meio do corredor perdido, como se tivesse na berlinda. O escrivão é bem mais treinado que os seus colegas da polícia.

E os outros tipos de serviço que eles prestam?

— Têm os caras que vêm ao sindicato; outros que se inscrevem em congressos, mas geralmente logo a gente descobre e põe para fora. Vou dizer uma coisa: a enfermaria, refeitório e demais serviços não são tão bem estruturados como a segurança. Há até uma certa desorganização.

Na Volks se exige atestado ideológico?

— Que eu saiba não, ou pelo menos não tenho conhecimento. Sei que ao admitir um empregado, eles fazem contato com outras empresas. Quer dizer, há um esquema todo preparado para que o sujeito circule entre uma empresa e outra, caso não haja problema. Um esquema que partiu da Volks, montado por um tal Mauro Marcondes, o responsável pela Relações Industriais da empresa. Todo esquema de repressão nas demais fábricas está partindo da Volkswagen, que é a indústria que mais reprime.

Como é que você entrou na Volks?

— Entrei em 1969 como aluno; fiz curso no Senai lá dentro, trabalhei na ferramentaria, no almoxarifado, e daí passei a dar aula no curso profissionalizante.

Como é a escola lá?

— Só aceita alunos das famílias mais pobres. Se o pai de um deles é ferramenteiro, no máximo, o filho tem condições de entrar na Volkswagen. Agora estão adotando alunos da FEBEM (Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor, instituição ligada à Secretaria da Promoção Social do Estado de São Paulo), e não é porque a Volks está pensando em dar amparo ao menor. É que ela pensa em preparar uma mão-de-obra barata, e depois mandá-los para outros Estados.

Tem havido outro tipo de problema na Volks?

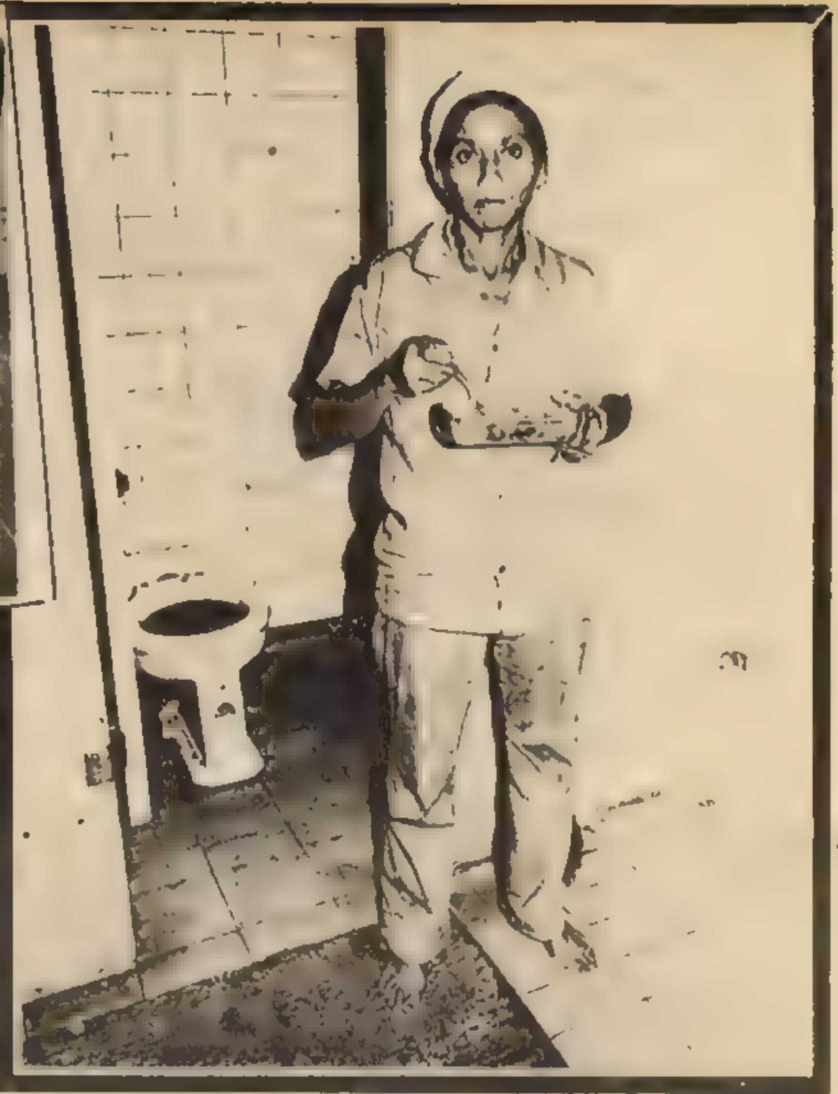
— As mais prejudicadas ainda são as mulheres. Além de serem obrigadas a produzir de 650 a 700 capas por dia, têm de ficar quietas diante das cantadas das chefias, os caras que detêm o poder. Se eles cantam e elas levam a coisa adiante, estão arriscadas a perderem o emprego. Os abusos são muito grandes. Eu namorei uma menina que trabalhava na tapeçaria que me contava coisa violentas, e que dizia que quem reclamava era colocada fora, sem motivo.

Cada empregado deu Cr$10 mil de lucro em 1978

A Volkswagen, sozinha, produziu, em 1978, 50% de todos os veículos (incluindo ônibus e caminhões) do Brasil: 600 mil automóveis. Há 20 anos no país, é a segunda empresa estrangeira mais lucrativa — Cr$ 400 milhões em 78 — e a maior de todas (estrangeiras, brasileiras e estatais) em número de empregados: 40 mil. Lucrou, portanto, Cr$ 10 mil por empregado. Além da fábrica, possui outros negócios, entre os quais uma fazenda de gado de 140 mil hectares, um frigorífico, uma financiadora e uma locadora que já alugou 40 mil carros para grandes empresas. Sua folha de pagamentos representa apenas 16% de seus gastos. Com impostos ao governo ela gasta mais que isso: 18%.

Doentes esperam a vez deitados

Não há enfermeiros para todos os doentes



Funcionários almoçam no banheiro

Souza Aguiar trata mal os doentes e os funcionários

SUJEIRA COME SOLTA NO HOSPITAL DO GOVERNO

Reportagem de Vera Lúcia Dias; Fotos de Custódio Coimbra

Durante três dias, a repórter Vera Lúcia Dias e o fotógrafo Custódio Coimbra percorreram as instalações do Hospital Municipal Souza Aguiar, no centro do Rio de Janeiro, responsável pela maior média de atendimento diário da cidade. O que viram é simplesmente estarrecedor. Falta material, falta pessoal, as condições de trabalho são as piores possíveis, funcionários fazem suas refeições pelo chão e ao lado de latrinas cheias de cocô.
Com 420.935 atendidos em 1978 e uma média de dois mil atendimentos diários, o Souza Aguiar é considerado um dos melhores Pronto-Socorros da America Latina. No entanto, nesse mesmo hospital pacientes não têm enfermeiros que os alimentem, doentes esperam horas para que o médico encontre material de sutura para costurar um ferimento, atendentes são deslocados para serviço de raio-x, falta soro fisiológico, baratas correm pelos banheiros e doentes pernoitam em filas para conseguir atendimento.

Fachada moderna esconde a realidade do "Souza Aguiar

Foto de Chiquito Chaves

A precariedade do hospital Souza Aguiar não é algo que salte aos olhos. Quem percorre os corredores revestidos de pisos de borracha, sente o cheiro de desinfetante e depara com a sofisticação da unidade coronária, não pode imaginar que nesse mesmo hospital falte fios e agulhas de sutura, seringas, tesouras, esparadrapo, sondas nasogátricas (que vão do nariz ao estômago, pela qual o doente se alimenta), sondas visicais (pela qual o paciente urina), aparelhos de pressão, penicilina, albumina humana, analgésicos, vitaminas, material cirúrgico para operação dos olhos, material de assepsia (sabonetes e esterilizantes), máscaras, gorros, luvas e roupa especial para cirurgias e necrópsias, material de ambulância, roupa de cama e berços em condições para crianças.

Quem se restringe aos corredores não pode adivinhar que as duas estufas de esterelização estão quebradas e que todos os outros fornos se encontram com defeito. Não pode realmente saber que a falta de sondas faz com que estas sejam transferidas de um doente para o outro, quando só poderiam ser usadas uma vez. Como o processo de esterelização é mais do que deficiente, é muito comum ver uma sonda de um paciente ser utilizada em outro, com resíduos da bexiga do primeiro, em certos casos até areia renal (dos rins). Muito comum também é ver uma luva de borracha que foi usada em um exame ginecológico, ser utilizada em uma cirurgia, depois de passar por uma fervurinha. Isso sem falar nas macas que levam cadáveres para a patologia — local altamente contaminado — e voltam para o pronto-socorro, para serem usadas sem passar pela esterelização, e andam nos elevadores que tanto transportam cadáveres como doentes.

No entanto, driblando o esquema de segurança e

penetrando nas enfermarias e outras dependências do hospital, vê-se que, devido à carencia de roupa de cama, os lençóis não são trocados diariamente e que muitos pacientes permanecem com roupas sujas de sangue, urina e fezes.

A limpeza dos corredores não é a mesma de certas salas de atendimento, onde ataduras e luvas de borrachas ficam jogadas nos cantos, onde doentes esperam para serem atendidos, sem o mínimo conforto. Há momentos em que as salas ficam tão cheias que os pacientes esperam deitados no chão. Na radiologia, onde três aparelhos estão quebrados e onde não há médico radiologista, os doentes esperam horas para serem atendidos. O detalhe é que esses pacientes são encaminhados pela emergência, muitas vezes estão em precárias condições de saúde e ficam sozinhos o tempo todo, uma vez que não há um número de auxiliares de enfermagem suficientes no hospital para tomar conta desse setor. Havia no local uma criança que estava há três dias com o braço quebrado e ainda não havia conseguido tirar radiografia. Sua mãe, Alice Moura, disse que teve "que cortar um dobrado" até conseguir constatar na triagem que o caso de seu filho era de emergência.

A improvisação tem presença permanente no hospital. Em um passeio pelo Centro Cirúrgico vê-se que as obras não foram terminadas e que, embora a sala de cirurgia contaminada ainda não tenha sido inaugurada e não tenha nenhum material cirúrgico, estava sendo utilizada no dia 18 de abril para uma operação. Conversando com a auxiliar de enfermagem que saía do recinto, perguntei:

A sala já foi inaugurada?

— Não, não tem nada aqui.

Mas como é que tá operando?

— Ué, com nada. Não tem material nenhum aqui. Tá horrível, a gente tem que pegar tudo na outra sala.

As condições de higiene oferecidas pelo Souza Aguiar são as piores possíveis. Os banheiros são imundos, entupidos e não têm água. Fedem tanto que a sala de espera para o atendimento em ambulatório, onde há dois banheiros de uso público, recende a éter, fezes e urina. Nos corredores próximos à emergência, macas sujas de sangue ficam expostas durante horas, isso sem falar na mesa ginecológica, que não tem nenhuma espécie de revestimento, nem mesmo um lençol.

No bar, os ratos e baratas correm de um lado para o outro. Nos "baratões", nome dos refeitórios do hospital (existe um para o pessoal de nível superior e outro para o de nível médio), os funcionários têm que levar seu próprio talher e comem todos os dias, invariavelmente, feijão, arroz e carne, que às vezes vêm premiados com baratinhas ou cocô de moscas. As bandejas onde a comida é servida são engorduradas e geralmente na segunda rodada de uso vêm com um feijãozinho ou grão de arroz de quem comeu anteriormente. No pátio interno do hospital há um lago onde se despejam resíduos e o lixo fica exposto em frente ao almoxarifado de material médico-cirúrgico, local onde é descarregada a alimentação antes de seguir para a cozinha.

Quando ao atendimento à população, as filas para conseguir números para ser atendido nos ambulatórios começam às quatro da madrugada. Isso para aqueles que buscam somente uma consulta, porque os que estão na batalha de uma cirurgia têm que pernoitar na porta do hospital, já que só são distribuídas duas fichas. Às 7 horas distribuem-se os números e por volta das nove as pessoas começam a ser atendidas. Como há uma média de 40 a 50 pacientes para os ambulatórios mais procurados, a consulta não pode durar muito mais que dez minutos.

As pessoas que não conseguem fichas para o ambulatório ou que não são consideradas como casos urgentes para a emergência são enviadas para o Pronto Atendimento (PA), que só foi criado para acabar com as filas. Na fila do PA, encontra-se casos como o de Raquel Costa Reis, que tem uma gastrite e há mais de três meses chega em crise ao hospital e recebe injeção no Pronto Atendimento. Como Raquel mora em Engenheiro Pedreira e tem filhos pequenos, não pode ir cedo para o Souza Aguiar e batalhar a ficha do ambulatório, mesmo porque teria que sair às três da madrugada de casa.

Nesse setor, o médico se limita a ouvir as queixas do doente e a receitar. No dia 18 de abril, dirigi-me a essa unidade, afirmando ter uma dor de estômago tão forte que não havia conseguido dormir na noite anterior. A médica, perguntando se eu ainda estava sentindo a dor, disse que poderia ser vermes e sem sequer me tocar, receitou gotas contra espasmos para tomar de oito em oito horas. Depois, fui à farmácia do hospital, sendo informada que não tinham aquele remédio no hospital e nenhum similar. Três outras pessoas foram procurar medicamentos, sem conseguí-los.

No subsolo, o pessoal da limpeza é obrigado a comer no chão

Pessoal da limpeza vive na sujeira

No subsolo do hospital, onde funcionam casa de máquinas, manutenção de materiais, lavanderia, rouparia, e a coordenação do pessoal de limpeza, as condições de trabalho e higiene são as mais precárias possíveis.

Na lavanderia, onde cerca de 350 quilos de roupa são lavados diariamente, o clima de insatisfação é visível. A maioria dos funcionários não recebem insalubridade pelo contato com roupa contaminada, não recebem nem mesmo uma luva para protegê-los de contaminação. O forno que ferve as roupas vai a uma temperatura de 210 graus. Não há nenhum exaustor, somente dois ventiladores que de nada adiantam.

Afirma um funcionário que o número de pessoas que adoecem por causa do calor é enorme, e que o acúmulo de trabalho, por causa dessas licenças, é também muito grande, pois a direção do hospital não coloca pessoal substituto.

— Aqui, quem não é surdo, usa óculos ou tem problema de coluna. O que tem de gente com problema de coração e úlcera nervosa também não tá no gibi. Eu mesmo tenho uma. Mas aqui é assim: a gente não tem salário, não tem segurança, só tem trabalho. Doze horas de trabalho por dia.

Segundo os lavadeiros, as máquinas estão completamente obsoletas. Das duas turbinas de torcer roupa que existem no local, uma está com o eixo de segurança frouxo, o que a faz desabar de dois em dois dias. O perigo e tensão são permanentes. Até o momento ninguém se machucou com esses desabamentos, que acontecem há três meses mas sabe-se que no Hospital Miguel Couto um funcionário morreu por causa de uma desabamento desses.

Além disso há as constantes mudanças de temperatura pela qual as pessoas passam para pegar roupa nas secadoras. A temperatura média de uma máquina dessas é de 90 graus e a temperatura ambiente é de 27 graus, isso significa que cada vez que alguém abre a máquina para colocar ou pegar uma peça está tendo um choque de temperatura de 63 graus.

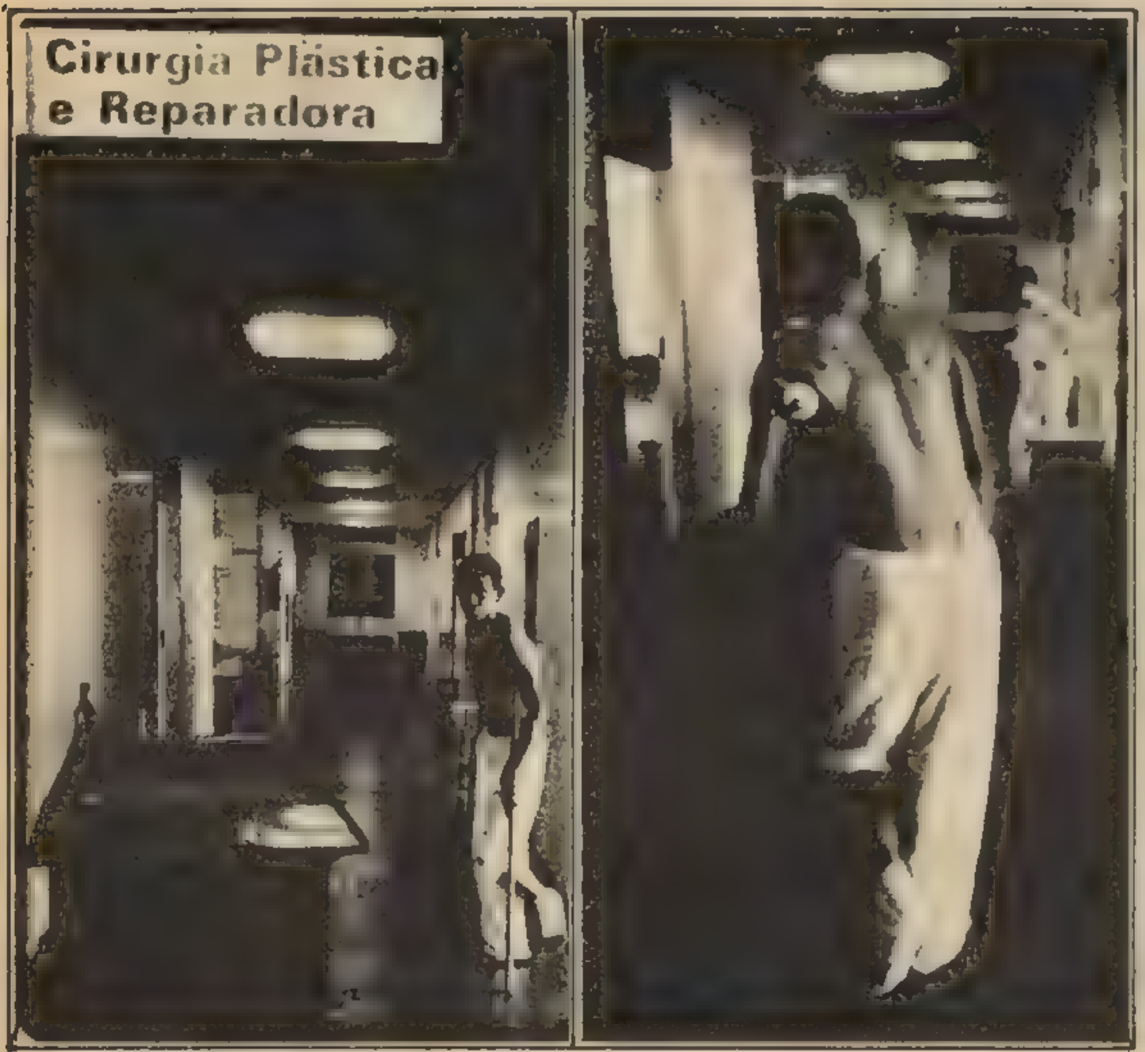
No vestiário das serventes, a única pia não tem torneira

Em todo o subsolo o ar é sufocante, o barulho ensurdecedor e há vazamentos das tubulações de esgostos do hospital. Na sala da coordenação do pessoal de limpeza o vazamento vem do chão, das paredes e do teto. Há dias que chega a um tal ponto que os funcionários não podem fazer uso da sala. Isso sem falar no fedor. Esses funcionários não são contratados pelo Souza Aguiar mas sim pela Dinâmica, empresa que fornece mão-de-obra de limpeza para todos os hospitais do Estado e do Município.

Não têm refeitório próprio, sendo obrigados à guardarem e comerem suas marmitas nos banheiros, todos sujos. Apesar da imundicie, as funcionárias da Dinâmica lavam esses banheiros todos os dias, e dizem que se não o fizerem "simplesmente ninguém consegue passar na porta".

Diz uma servente que já cansaram de reclamar e que na questão da comida não adianta pedir na cozinha porque são postas de lá pra fora.

— Aqui é isso: barata, rato e percevejo. Uma sujeira só. Mas como é aqui em baixo ninguém vê. O pior é que a gente tem que comer aqui. Antigamente ainda dava pra filar alguma coisa na cozinha, mas depois que o dr. Frederico (ex-diretor do hospital) pegou uma servente fazendo marmita na cozinha e fez ela voltar e devolver a comida as coisas ficaram duras. Agora eles preferem jogar fora, estragar, do que dar pra gente.



No Souza Aguiar o doente tem que se virar

Falta de médicos causa mortes

As condições de trabalho dos médicos do hospital estão muito longe das condições mínimas para se prestar um bom atendimento. O número insuficiente de profissionais, 580, contando médicos formados, residentes (recém-formados) e acadêmicos (último ano das faculdades), não consegue dar conta do fluxo de doentes que buscam o hospital. Em cada plantão há uma média de 48 profissionais, entre as três categorias. Fazendo uma média com os dois mil pacientes que procuram o Pronto-Socorro, fica bem claro que é praticamente impossível prestar uma boa assistência.

O número de pessoas que procuram a emergência é tão grande que as salas de repouso estão sempre lotadas. Isso faz com que muitos pacientes fiquem em repouso (estágio anterior à internação) no mesmo local onde são atendidas as pessoas que chegam ao Pronto-Socorro e em contato direto com as pessoas que chegam esfaqueadas, baleadas e atropeladas. No caso do paciente ter que ficar em observação, para saber se precisará ou não de um repouso, a coisa complica. Como não há lugar para colocar o doente, este fica na mesma sala que recebe as emergências, deitado em macas de metal, sem lençóis. Foi numa situação dessas que uma moça, que havia sido atropelada, morreu de fome e sede. Ficou três dias em observação na sala de emergência, onde é proibido servir comida. Resultado: morreu de inanição. Essa proibição de servir comida se deu pelo fato de mendigos simularem crises para dar entrada no Souza Aguiar e, dessa maneira, terem direito à alimentação.

O fato do centro cirúrgico estar sempre ocupado com cirurgia de rotina (aquelas que são marcadas previamente) faz com que, normalmente, os casos de cirurgia de emergência tenham que esperar vagar a sala para serem operados. É muito comum ver pessoas baleadas ou esfaqueadas aguardando três, quatro horas para subirem para a sala de cirurgia, correndo o risco de entrarem em choque, devido à grande perda de sangue.

Casos como o de um bêbado, que deu entrada no hospital em estado de quase coma alcoólica e que fugiu sem que ninguém visse; o de um homem que esperou três horas para ser atendido, foi mandado para casa e estava com hemorragia digestiva; e de uma médica que, visitando o hospital, foi chamada aos berros por uma auxiliar porque um doente havia "parado" (parou o coração) na unidade coronária, estão na ordem do dia do Souza Aguiar.

No Centro de Tratamento Intensivo — CTI — só há um médico para cuidar de oito leitos. Isso quando a Organização Internacional de Saúde determina que, para uma unidade dessas, é necessário um médico para cada dois leitos. Com a greve dos bolsistas e residentes, os dois acadêmicos do setor não estavam trabalhando, o que significa que se dois doentes tivessem uma parada cardíaca caberia ao médico decidir qual deles viveria, uma vez que não pode atender os dois simultaneamente. Na unidade coronária, onde um residente, ajudado por dois acadêmicos, é responsável por seis leitos, o cardiologista (médico formado), estava se dividindo entre a emergência (2º andar) e a unidade (3º andar). Se um doente "parar" quando o médico estiver no posto de emergência, pode morrer, porque não há ninguém na unidade para socorrê-lo

A verdade é que o grosso do atendimento da emergência é todo prestado pelos acadêmicos e residentes, embora as autoridades neguem esse fato terminantemente.

Fora as deficiências causadas pela falta de pessoal há ainda o fato do descanso obrigatório dos plantonistas raramente ser cumprido, existindo também o problema de quando se consegue descansar não haver camas em quantidade suficiente.

Auxiliares ganham pouco e são pau pra toda obra

Para os auxiliares de enfermagem e enfermeiros do Souza Aguiar um dos grandes problemas do hospital é a falta de pessoal especializado. Isso se reflete na quantidade de pessoas disponíveis para as funções de enfermagem, ao todo 530, com uma média de 22 faltas diárias, e na qualidade dos serviços prestados. Muitos auxiliares são formados em "cursinhos", que na realidade são fábricas de diplomas. É claro que isso faz com que os profissionais existentes sejam sobrecarregados de trabalho, e que muitos sejam deslocados de seu trabalho específico para "quebrar o galho" em outro setor

Conta uma auxiliar, que, como todos os profissionais que apontam as deficiências do hospital, pede para não se identificar, que a carência de pessoal chega a tal ponto que uma enfermeira fica encarregada de prestar serviços a dois andares de enfermarias.

— O mais absurdo é que a determinação dos andares é completamente aleatória. Muitas vezes a enfermeira fica responsável pelas enfermarias do quarto e do sexto andar. Como é que ela vai poder estar em dois lugares ao mesmo tempo? Enquanto a gente aprende nos livros que cada auxiliar de enfermagem só pode prestar um bom atendimento a oito doentes, quer dizer, ficar responsável por duas enfermarias, a gente aqui pega uma ala inteira, que dá um total de sete enfermarias. Se um auxiliar pára pra dar comida a um paciente, outro doente fica sem medicação porque não tem gente bastante para fazer as duas coisas. Muitas vezes é o paciente do lado que dá a comida ao que não pode comer sozinho e quando não encontra ninguém para ajudá-lo o doente fica mesmo sem alimentação. Quantas vezes o copeiro vai recolher as bandejas e a comida tá lá, intacta. O pior é que se a gente reclama, taxam a gente disso e daquilo e não resolvem nada.

Como se já não bastasse essa precariedade de pessoal, ainda há no hospital uma legislação que proíbe qualquer auxiliar ou enfermeiro de assumir o seu posto se chegar no trabalho com mais de uma hora de atraso. Além de contrariar a CLT, que só pune o trabalhador que se atrasa em três dias consecutivos (e mesmo assim com a perda de um terço do dia), essa lei interna faz com que ocorra uma média de 20 faltas diárias, o que torna o serviço de enfermagem ainda mais deficiente. Outro problema constante do hospital é que as poucas enfermeiras de nível superior, normalmente não desempenham função de enfermagem, restringindo-se a serviços burocráticos e ao controle do pessoal, que significa "dedar aqueles que chegaram atrasados".

Além dos baixos salários que recebem, o pessoal auxiliar não tem direito ao pagamento do adicional por contato com doenças contagiosas, e nem a roupas especiais para lidarem com esses pacientes. Afirma um deles que pegou cachumba dentro do Souza Aguiar — que são muitos os que já ganharam na Justiça o pagamento da taxa de insalubridade, mas que até hoje não viram um tostão

— O que dizem aqui, quando a gente reclama, é que há uma triagem antes do doente ser encaminhado à emergência e que nós não temos contato com doenças infecto-contagiosas. A verdade é que tuberculoso também é atropelado e que antes de tratarem da tuberculose dele, ele vai é pra emergência cuidar das escoriações. O negócio aqui é não bobear, senão a gente acaba sendo o pau pra toda obra. Sábado passado mesmo (14 de abril) queriam que eu fosse sozinho na ambulância com o motorista, levar uma criança para o hospital São Sebastião. Quem sempre faz isso junto com a gente são os acadêmicos. Como eles estão em greve, nego começa a apelar. Agora, imaginal a criança tava com difteria, tinha que fazer traqueotomia, não tinha oxigênio na ambulância, você acha que eu ia me arriscar? E se acontece alguma coisa com a doente? Além de eu não saber socorrer, a bomba ia estourar em cima de mim na hora das responsabilidades. Como eu disse que não ia levar e não encontraram nenhum residente para acompanhar, uma hora depois chegaram à conclusão de que a criança não estava em condições de ser transferida.

Os doentes abusam, diz o diretor do hospital (foto)

Diretor mente ou está por fora

Depois de 18 anos no Hospital Salgado Filho, onde chegou a vice-diretor, o dr. Edison Farias assumiu há menos de um mês a direção do Souza Aguiar, onde foi acadêmico de 52 a 54. Num gabinete elegantemente mobiliado, que tem como fundo um jardim de inverno, ele falou sobre sua visão do hospital e suas metas de administração.

— O maior problema a ser enfrentado aqui é a conscientização do povo. Nós precisamos integrá-lo ao hospital e fazê-lo ver que só deve buscar o atendimento de emergência em caso de real necessidade. O que ocorre é que há um abuso muito grande da população no chamado de ambulâncias, às vezes até por brincadeira, e isso faz com que as cinco ambulâncias que temos, que dão perfeitamente conta dos chamados, fiquem sobrecarregadas e muitas vezes um chamado de maior eurgência tem que esperar. Isso é muito importante porque o paciente está em primeiro lugar, e a minha filosofia de trabalho é toda caucada na integração do paciente-hospital e servidores, que só se consegue através do respeito e de um alto padrão técnico-administrativo.

Como o senhor pretende resolver o problema das filas do Souza Aguiar?

— As filas não são do Souza Aguiar, você está muito específica nesse hospital. As filas são de todos os hospitais do Município, do Estado e do INAMPS. Aonde você for tem filas, até no cinema tem filas. A fila é uma característica do brasileiro. Depois, tem uma coisa que a gente tem que levar em conta: dentro das filas há pacientes que estão ali por hábito, hipocondria (mania de doença), por saber que ali recebem vitaminas de graça, e até para se tornarem conhecidos no hospital.

Como o senhor explica as queixas que a população faz contra o atendimento do hospital?

— Esse hospital atende por dia a 2.500 casos de emergência, a maior média do Rio. Desses casos, se 2.499 são bem atendidos e um, muitas vezes pelo desconhecimento do leigo, acha que não foi bem atendido, é esse um que pesa e que é divulgado. No entanto, temos milhões de cartas de agradecimentos que, por ética, não publicamos. Temos até uma placa na portaria da emergência que foi colocada por um ex-paciente do hospital, em agradecimento. Isso ninguém vê.

Há muitas queixas contra a higiene do hospital.

— Nós temos um contrato com uma firma de limpeza que presta esse serviço ao hospital 24 horas por dia. São 120 pessoas trabalhando diariamente na limpeza, e que fazem toda a dedetização da casa. O contrato com essa firma é super-rigoroso e se uma de suas cláusulas não for cumprida há rescisão.

Mas dizem que há baratas na comida.

— Baratas aparecem até na nossa casa, tem em todo luga.. Na comida é impossível. Como a mesma refeição dos funcionários da casa e, sinceramente, não tenho queixas.

Dizem, ainda, que falta material básico no hospital, como por exemplo, fio de sutura.

— Absurdo. Você acha que vai entrar um paciente na sala de operação sem ter fio de sutura? Como é que ele vai sair, todo aberto? A crítica que você está nos trazendo não é a crítica construtiva, é a crítica detalhista do profissional da crítica.

Há quem diga que falta medicamentos no hospital.

— Não, o que existe aqui é padronização medicamentosa que obedece à prioridade das necessidades. Temos os medicamentos básicos e essa padronização atende em cheio às necessidades terapêuticas preconizadas pelas unidades de serviço.

Todos os funcionários têm direito à comida do Hospital?

— Todos desde que estejam trabalhando em período que englobe refeições. Nós temos dois refeitórios, um para o pessoal de nível superior e outro para o pessoal de nível médio. Isso não é discriminação, porque a comida servida em ambos os refeitórios é a mesma. A separação visa somente manter a hierarquia e a disciplina para o bom andamento do trabalho. Nesses refeitórios o sistema usado é o auto-serviço, a pessoa se serve de quanto quiser, e o cardápio é todo balanceado por nosso corpo de nutricionistas. Consta de: feijão, arroz, ovos, carne ou frango, massas, refresco e café.

Mesmo os serventes contratados pela firma de limpeza têm direito às refeições?

— Claro.

150.000

LEITORES EM TODO O BRASIL

anuncie no

REPORTER

RIO - TELS.: 253-5038 E 253-5077

SÃO PAULO - TEL.: 222-3103

ASSINE O JORNAL QUE NÃO TEM MEDO DE ASSINAR EMBAIXO.

BASTA LIGAR PARA 253-5038 OU MANDAR PELO CORREIO O CUPOM ABAIXO

Assine REPORTER

CUPOM DE ASSINATURA

Assinatura por 12 edições: Cr$ 200,00

— Envie cheque nominal ou vale postal para:

MARGEM EDITORIA E PROGRAMAÇÃO GRÁFICA LTDA.

Rio de Janeiro: rua Miguel Couto, 134 conj. 1101/1104 20000 RJ

Você pode assinar o REPORTER, a partir do nº 0

Indique a partir de que número você quer sua assinatura.

Nome: ....

Profissão: ....

Endereço: ....

CEP: .... Cidade: .... Estado: ....

REPORTER

Nº 12 DEZEMBRO/79

Fomos atrás de um processo contra Silvio Santos e achamos outro. O original sumiu

REPORTER mostra prova de corrupção

Deram sumiço no processo contra Silvio Santos

AGENTE FISCAL DESCOBRIU OS TRAMBIQUES DO BAÚ — EMPRESAS DE SILVIO SANTOS PODERIAM FECHAR — MUITA GENTE ENVOLVIDA — DINHEIRO CORREU SOLTO — QUATRO ANOS DEPOIS, COMISSÃO DE SINDICÂNCIA NÃO CONCLUIU NADA — E CADÊ O PROCESSO?

No segundo semestre de 1974 correu um certo zum-zum nos meios fazendários de Nova Iguacu sobre o desaparecimento de um Processo Tributário Administrativo contra a firma B.F. Utilidades Domésticas (Baú da Felicidade), de propriedade de Senor Abravanel, mais conhecido como Silvio Santos. Hoje, conversando aqui e ali com alguns funcionários da 3ª Região Administrativa da Diretoria Regional da Fazenda Estadual, em Nova Iguaçu, sabe-se que "a coisa foi alta, correu muita grana, deu inquérito e sindicância". Mas a verdade é que, apesar de inquéritos e sindicâncias, o processo desapareceu

Mas quem for procurar o processo número 5 987/74 vai encontrar um simples auto de crime de sonegação fiscal de ICM, devidamente arquivado em 25 de julho de 1974 É que, com o desaparecimento do original, um outro teria que ser colocado no lugar, com o mesmo número. E assim foi feito

A história começou no dia 20 de maio do mesmo ano, quando os agente fiscais Yran Luis da Silva Soares e Fernando Bravo Ururahy abriram oficialmente um Processo Tributário Administrativo, onde promoviam uma verdadeira devassa na BF Utilidades Domésticas e Lojas Tamacavy (nome fantasia da BF), ambas de Nova Iguaçu Se as investigações prosseguissem e fossem até o fim, tudo que restaria ao Ministério da Fazenda seria a cassação da concessão que permite Silvio Santos operar no ramo da venda de carnês, tantas eram as acusações provadas, principalmente, pelo agente Yran. Isso, no minimo. O máximo poderia ser a prisão pura e simples do cidadão Senor Abravanel por agiotagem, enriquecimento ilícito e apropriação indébita, de acordo as conclusões a que chegou o agente Yran, mas que, por não poder assinar sozinho o processo, contou com o aval de Fernando Ururahy

No processo original, que ficou sendo conhecido como "Processo da Dualidade de Preços", Yran conta que foi procurado por um cliente, portador de 10 carnês do Baú da Felicidade, que solicitava informações sobre divergências de preços das mercadorias vendidas nas duas lojas da empresa, ambas localizadas no municipio de Nova Iguaçu

Embora a Tamacavy fosse um nome fantasia da BF e, portanto, sob a mesma razão social, ela não negociava com carnês. Foi criada para concorrer no mercado com as outras grandes lojas de aparelhos eletro-domésticos, enquanto a BF ficava como posto de trocas de carnês, onde os clientes trocavam as mercadorias por preços muito mais elevados dos que os da Tamacavy

"Fiquei estarrecido ao comprovar a diferença de preços entre a outra loja", diz Yran no processo, para, logo em seguida, apresentar o caso de uma garrafa térmica (código 143.627) que tinha preço de troca por carnê em Cr$77,50 enquanto a mesma mercadoria custava Cr$14,50 na Tamacavy.

Yran dizia, ainda, que o carnê é controlado por Lei Federal nª. 5.768/71, aprovada e regulamentada pelo presidente da República, que determina, entre outras coisas, que as mercadorias devem ser trocadas a preço corrente e vigente na praça e com base no preço de venda. Fazendo o que estava fazendo, a conclusão do agente era de que Silvio Santos estava simplesmente lesando a lei

Depois de acusar Silvio Santos de agiotagém, enriquecimento ilícito e apropriação indébita, Yran citava o Art. 159, Título II, do Código

Civil, que diz o seguinte: "Aquele que, por ação ou omissão involuntária, negligência ou imprudência, violar direito ou causar prejuízo a outrem, fica obrigado a reparar o dano".

Citava, também, o artigo 174 do Código Penal Induzimento à especulação ("Abusar, em proveito próprio ou alheio, de inexperiência ou da simplicidade ou inferioridade mental de outrem, induzindo-o à prática de jogo ou aposta ou à especulação com título ou mercadorias, sabendo ou devendo saber que a operação é ruinosa")

Os fatos apurados por Yran e discriminados no processo foram os seguintes:

1. Diferença exorbitante no preço da mercadoria vendida pelas lojas Tamacavy, com relação ao sistema de vendas à vista e a crédito.

2. Não aplicação da correção monetária (ORTN) — como manda a lei — na troca dos carnês.

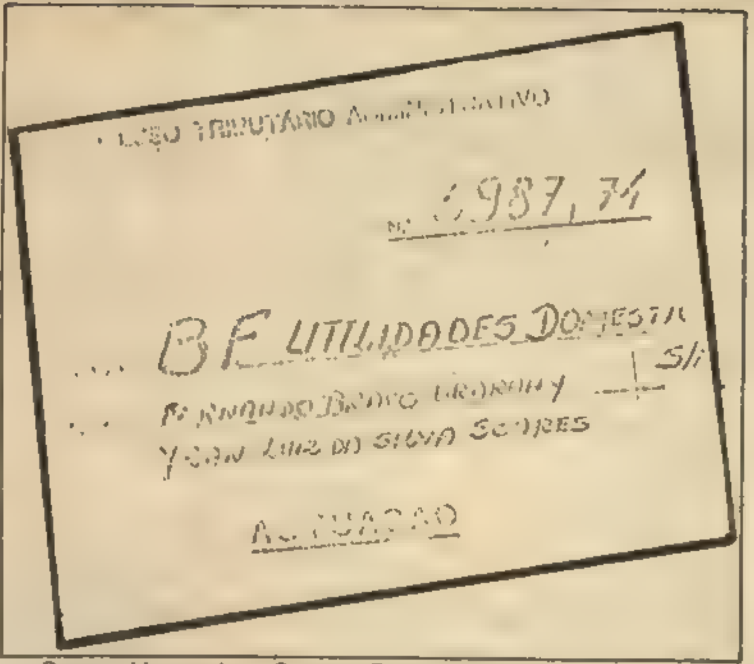
3. Vigência de três modalidades de preços em duas tabelas quanto aos mesmos produtos (mesmos códigos), na empresa cuja razão social é B F. Utilidades Domésticas S.A.

4. Comprovação junto à financeira pertencente ao mesmo grupo (Baú Financeira) quanto à diferença de preços de mercadorias cujos preços bases são majorados nas vendas a crédito. Segundo Yran, a BF tinha três preços para as mercadorias: preço para venda à vista, preço para venda a prazo e preço para a troca de carnês.

Para fazer tais acusações, Yran trabalhou algum tempo e apreendeu várias notas fiscais, nas quais constatava a dualidades de preços para um mesmo produto. Do quadro demonstrativo anexo ao processo tiramos alguns exemplos.

Segundo a nota fiscal nº 14917 a mercadoria de código 324054 foi vendida no dia 5 de dezembro por Cr$ 114,00. Mas no dia 21/12, outro aparelho idêntico, com o mesmo código, foi vendido por Cr$ 79,00, de acordo com a nota fiscal apreendida nº 10133. A mesma coisa aconteceu com o produto sob o código 324115, vendida num dia por Cr$322,50 e dois dias depois por Cr$196,00. Outra que custava Cr$76,00 (nota fiscal 10117 de 20/12) também custava Cr$114,50 (nota fiscal 15522 de 18/12).

Mas acontece que o processo que denunciava essas e outras coisas e que, fatalmente, deixaria Silvio Santos em péssima situação junto ao Ministério da


... [illegible] TRIBUTÁRIO A[illegible]

Nº 5.987/74

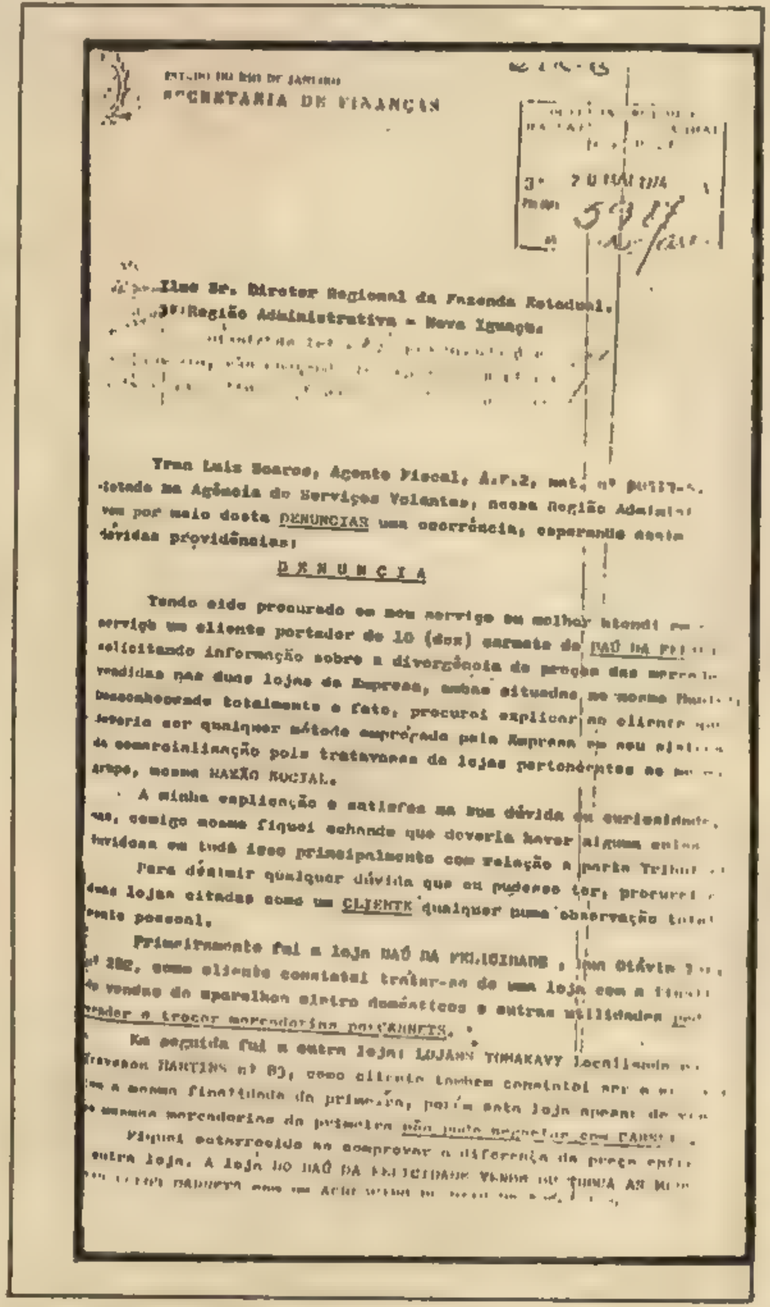
B F UTILIDADES DOMÉSTI[illegible] S/A

[illegible] BRAVO URURAHY

YRAN LUIZ DA SILVA SOARES

A[illegible]

O original é esse aí, um Processo Tributário Administrativo Hoje, o que existe em Nova Iguaçu é de ICM


ESTADO DO RIO DE JANEIRO
SECRETARIA DE FINANÇAS

20 MAI 1974

5917

Ilmo Sr. Diretor Regional da Fazenda Estadual.
3ª Região Administrativa – Nova Iguaçu.

Yran Luiz Soares, Agente Fiscal, A.F.2, mat. nº [illegible], [illegible]otado na Agência de Serviços Volantes, nessa Região Administ[illegible] vem por meio desta DENUNCIAR uma ocorrência, esperando deste [illegible] devidas providências;

DENUNCIA

Tendo sido procurado em meu serviço em melhor atendi[illegible] serviço um cliente portador de 10 (dez) carnets do BAÚ DA FE[illegible] solicitando informação sobre a divergência de preços das merca[illegible] vendidas nas duas lojas da Empresa, ambas situadas no mesmo [illegible] desconhecendo totalmente o fato, procurei explicar ao cliente que deveria ser qualquer método empregado pela Empresa no seu sist[illegible] de comercialização pois tratavam-se de lojas pertencentes ao mesmo grupo, mesma RAZÃO SOCIAL.

A minha explicação e satisfez na sua dúvida ou curiosidade, mas, comigo mesmo fiquei achando que deveria haver alguma coisa [illegible] duvidosa em tudo isso principalmente com relação a parte Tribut[illegible]

Para dirimir qualquer dúvida que eu pudesse ter, procurei [illegible] duas lojas citadas como um CLIENTE qualquer numa observação tota[illegible] mente pessoal.

Primeiramente fui a loja BAÚ DA FELICIDADE, [illegible] Otávio [illegible] nº 282, como cliente constatei tratar-se de uma loja com a finali[illegible] de vendas de aparelhos eletro domésticos e outras utilidades [illegible] vender e trocar mercadorias por CARNETS.

Em seguida fui a outra loja: LOJAS TAMAKAVY localizada [illegible] Travessa MARTINS nº 83, como cliente também constatei ser a [illegible] com a mesma finalidade da primeira, porém esta loja apesar de [illegible] mesmas mercadorias da primeira não pode negociar com CARNETS.

Fiquei estarrecido ao comprovar a diferença de preço entre [illegible] outra loja. A loja do BAÚ DA FELICIDADE VENDE [illegible] [illegible]

O início da denúncia de Yran, protocolada na Diretoria Regional da Fazenda Federal em 20 de maio de 1974.

Fazenda, simplesmente sumiu de Nova Iguaçu

E como é que esse processo desapareceu da Diretoria Regional da Fazenda Estadual de Nova Iguaçu? Seria uma ótima pergunta a ser feita a vários fiscais e ao Diretor Regional na época, senhor Manoel Lucas de Souza Júnior. Pena que um dos envolvidos, e talvez o principal deles, já tenha morrido Antônio Rezende Martins Era o sub-diretor

Se bem que alguma tentativa de apurar irregularidades naquela repartição já foi feita, a pedido do Inspetor Regional, José Bernardes, que através da Portaria 117/75 mandou instaurar um inquérito administrativo. Só que até hoje ainda não se sabe, pelo menos oficialmente, quem sumiu com o processo. E muito menos a que conclusões chegou a Comissão de Sindicância sobre os trambiques que aconteciam em Nova Iguaçu O fato é que o inquérito ainda está correndo, há quatro anos, e os envolvidos ainda estão por aí

Mas se soube de muita coisa, como as acusações feitas pela denúncia do agente fiscal Fernando Augusto Pereira Nunes, um dos depoentes na Comissão de Sindicância. Em seu depoimento, feito de forma sigilosa no dia 13 de novembro de 1975, em sua casa, no bairro carioca de Copacabana, Fernando Augusto, envolvido numa transa de guias de recolhimentos frias, disse que resolveu abrir a boca a partir do momento em que recebeu "diversas ameaças anônimas contra a sua pessoa e de seus familiares, caso fosse depor na Comissão de Inquérito" Por esse motivo, "temendo ser morto para não falar o que sabe", resolveu prestar a denúncia sigilosa

Fernando Augusto começa denunciando a existência de uma "caixinha" no Serviço Volante da Inspetoria de Nova Iguaçu e que, várias vezes, "já conversara com o inspetor (N.R. o mesmo que mandou iniciar as sindicâncias) e relatara diversas irregularidades que ocorriam em Nova Iguaçu, sem que o Inspetor tivesse tomado qualquer iniciativa, dizendo ao denunciante que o passado era passado".

Segundo a denúncia, a "caixinha" era dirigida pelo agente fiscal Renato Marcelo Elias Jorge, que dividia o dinheiro "arrecadado" entre os seguintes servidores: o próprio Fernando Augusto; Jesus Mariano dos Passos; Manoel Lucas de Souza Júnior, antigo Diretor Regional; Jadir Martins; Almir Fernandes; Washington Leonardo Shering; Henrique Borges Neto; Roberto Carlos; Jorge Chambarelli e Alberto Jardim

Fernando dizia, ainda, que uma das finalidades dessa caixinha era para pagamentos das despesas da campanha eleitoral dos deputados Jorge David e Jorge Lima.

Mas o mais interessante dessa denúncia, e o que nos interessa no momento, é a parte referente ao Baú da Felicidade e que vale a pena ser transcrita

Fernando Augusto disse que "os fiscais de ronda Fernando Bravo Ururahy, Décio Pereira Machado e o agente fiscal Yran Luis Soares, atendendo uma denúncia de um funcionário da empresa Silvio Santos, compareceram à loja daquela empresa, sito em Nova Iguaçu para, com o suposto intuito de fiscalizar, se apoderarem de carnês frios do Baú da Felicidade, tanto é que a transferência do local da loja da empresa estava irregular e nada foi feito, que para esta diligência o agente fiscal Yran recebeu uma autorização especial do senhor Lucas e poder fiscalizar, pois ele quem recebera a denún[illegible] vindo posteriormente a ser o principal beneficiado da gratificação que o senhor Silvio Santos deu para ser dividida por Manoel Lucas de Souza Júnior, Jadir Martins, Fernando Bravo Ururahy, Décio Pereira Machado, Antônio Rezende Martins e o próprio Iran"

Bem, segundo Fernando Augusto, a quantia dada por Silvio Santos para reaver os carnês frios foi de Cr$ 1 milhão 500 mil, de acordo com o que teria dito Yran para o denunciante e para Renato. Mas no depoimento, Fernando diz ainda que Jadir Martins declarou ser de Cr$ 600 mil

Na denúncia consta que o "senhor Silvio Santos esteve pessoalmente em Nova Iguaçu três vezes e uma vez em casa de Yran, onde foi fechada a transação". E que em uma das vezes "o senhor Silvio Santos almoçou com o falecido fiscal de rendas Antônio Rezende Martins e Yran Luiz Soares num restaurante da Rio-São Paulo".

Fernando Augusto passou perto, mas andou cometendo alguns deslizes. Primeiro: o dinheiro saído dos cofres do Baú não foram para a recuperação de carnês frios Lembrem-se que sumiu um processo da Inspetoria Regional e que o mais certo seria a utilização da grana para fazer desaparecer este processo. Segundo: a importância, segundo corre à boca pequena, foi de Cr$ 750 mil. Terceiro: Yran, de quem partiu a denúncia inicial contra Silvio Santos, teria sido o grande bode expiatório dessa trama toda, e, ao que tudo indica, jamais viu a cor do dinheiro

O fato é que até hoje não foi feito nada de concreto. No momento, o que a Comissão Sindicância pode fazer é tentar descobrir como e por que sumiu o processo 5. 987/74 e como que o outro de ICM foi parar em seu lugar. E é bom andar rápido, antes que esse suma também

Outra providência seria saber que fim levou a investigação feita a partir da Ordem de Serviço 574/75, da Polícia Federal, que apurava denúncias contra o Grupo Silvio Santos. Na época, vários elementos ligados a Silvio Santos foram ouvidos, todos "para prestar declarações no interesse da Justiça"

Chico Júnior

Nós somos vivos
Vivos
Para lutar
E nos livrar
Do Rei
E dos Duques
Nós somos os
Coringas
Somos o Ás.
Mas do jeito
que está
Não passamos
De uma
mesa
Onde eles
Jogam e ganham.

Edgar Roberto Vieira Borel — Rio — RJ

Golbery do Couto e Silva, ao centro, com fones no ouvido, chefia o serviço de espionagem por telefone, instalado no Palácio do Planalto. Ex-presidente da multinacional Dow Química, é acusado de corrupção, tráfico de influência e favorecimento ilícito. É chefe da Casa Civil de Geisel e pode ser o próximo ministro do Planejamento. *Delfim Netto,* à direita de Golbery, de óculos, foi ministro da Fazenda no governo Médici e embaixador na França no governo Geisel. É acusado de receber comissões de empresários internacionais para facilitar negócios no Brasil. *Shigeaki Ueki,* no canto, atrás de Delfim, com o saco de dólares dos gringos quase na mão. Ministro das Minas e Energia, quis vender a Light para o governo brasileiro a um preço astronômico. *Angelo Calmon de Sá,* à direita de Delfim, meio careca. Como presidente do Banco do Brasil manobrou para evitar que um cheque de Cr$ 200 milhões do seu banco, o Econômico, fosse pro pau. *Humberto Barreto,* à direita de Calmon, é afilhado de Geisel e foi nomeado presidente da Caixa Econômica Federal, onde emprestou tanto dinheiro pros amigos que a caixa tá no brejo. *Ernesto Geisel,* de perfil, passando carta por debaixo do pano para o herdeiro. Deram pra dizer agora que ele não sabe de nada do que se passa na mesa. *João Batista Figueiredo,* nomeado futuro presidente do Brasil. Um dia a mesa toda será dele. *Francelino Pereira,* presidente da Camâra Federal, atrás de Figueiredo, de garçom, com cara de amigo da onça. Segurava as notícias da Agência Nacional que vinham de Minas, para Geisel não saber do que se passava de errado por lá. É o próximo governador de proveta de Minas Gerais. *Mário Henrique Simonsen,* à direita de Figueiredo, cheio de fichas e de uisque, é acusado de favorecer seus amigos nas obras do Progama Nuclear brasileiro. *Petrônio Portela,* o garçom careca e de óculos, é presidente do Congresso Nacional. Na vida real, ajuda a gang a não sair da mesa e por isso seu irmão recebeu de presente o governo do Piauí. *Heitor de Aquino,* à esquerda de Golbery, de terno listrado, é secretário particular do presidente Geisel. É acusado de usar o seu cargo para fazer os grandes negócios do bilionário norte-americano Daniel Ludwig no Brasil

REPORTER
Nº 0 NOVEMBRO/77
A entrevista que abriu espaço para a discussão ampla sobre anistia no Brasil

FOI O PRIMEIRO GRITO

1977: ANISTIA ABRIU A BOCA NO PAÍS

REPORTER **nasceu com a chegada oficial da Anistia ao Brasil, a vinda de Thomas Hammarberg, presidente do Comitê Executivo da Anistia Internacional e repórter da Rádio Sueca. Ele veio para, juntamente com Eny Raimundo e Iramaya Benjamim, hoje presidente e vice-presidente do Comitê Brasileiro da Anistia, criar a seção brasileira da Anistia Internacional do Brasil. Como na época desta entrevista (final de 1977), anistia era uma palavra proibida no país e raramente aparecia na imprensa, Hammarberg veio como repórter fazer os contatos, ao mesmo tempo em que fazia um levantamento jornalístico para uma reportagem política. Também por essa razão não pudemos dizer que a entrevista com Hammarberg — reeditada — tinha sido feita na casa de Iramaya e na presença de Eny, pelos repórteres** ***Chico Júnior e João Sant'anna.***

A entrevista, concedida exclusivamente ao ***REPORTER*** **— só pôde ser publicada no dia em que Hammarberg viajou para a Suécia, pois ele não deveria correr o risco de "se queimar" junto às autoridades brasileiras, que sabiam de sua presença no país. Tão logo o governo soube que Hammarberg estava aqui, censurou a palavra** ***anistia*** **nos rádios. E as primeiras declarações suas que apareceram na Grande Imprensa foram tiradas da entrevista publicada no REPORTER. Foi o primeiro grito da Anistia no Brasil. Só a partir daí, então, a anistia começou a ser enfocada com mais freqüência.**

Que tipo de trabalho você está fazendo aqui para a Anistia Internacional?

— Não estou elaborando nenhum relatório para a Anistia Internacional, mas na medida em que eu trabalho ativamente para ela, o conhecimento que eu recolher aqui terá muita importância para o trabalho da Anistia no Brasil, no futuro.

O que a Anistia pensa sobre o Brasil, no momento?

— Nós temos trabalhado no Brasil há muitos anos, desde o golpe militar de 64. Trabalhamos intensamente em 68, 69, 70, quando a tortura se tornou mais séria. Publicamos relatórios e há alguns anos um estudo baseado principalmente em testemunhos de refugiados. Desde então temos tentado acompanhar a situação e temos concentrado nossos esforços em ações rápidas em relação a cada prisão, pois o quadro que tínhamos do Brasil era de que cada indivíduo preso por razões políticas corre o risco de ser seriamente torturado. E dessa forma não era suficiente estudar e encaminhar relatórios: o problema era agir rapidamente, para tentar, pelo menos, deter a tortura. Então nós criamos uma espécie de sitema de alarme que envolvia nossos próprios membros, mas trabalhávamos também com parlamentares e outras pessoas, para agir rápido junto às autoridades. Pelo menos para notificá-las de que nós tínhamos tomado conhecimento das prisões e do risco de tortura. Também trabalhamos para presos políticos que são condenados. Nesse sentido, grupos individuais da Anistia, em diferentes países (incluindo nosso próprio país), estão, como nós chamamos, adotando prisioneiros. Isto significa que eles assumem o caso e tentam de todos os modos possíveis libertar aqueles prioneiros. O trabalho inclui também alguma assistência, caso necessário. Agora, a nossa maior preocupação é que a tortura continua. Talvez as técnicas sejam mais sofisticadas, mas o problema de maior gravidade é que os cidadãos da tortura continuam lá. Nós também sentimos que as investigações têm sido bastante insatisfatórias, no que diz respeito à morte de algumas pessoas. Certamente a Anistia trabalhou muito no caso de Herzog. No geral, a principal preocupação da Anistia desde o começo dos anos 70 se mantém.

Como funciona a Anistia Internacional?

— Em primeiro lugar nós precisamos de muita informação — esta é a base do nosso trabalho. Por isso, fundamos em Londres um departamento de pesquisa. No momento nós temos entre 40 e 50 funcionários trabalhando só neste departamento. Em relação à América Latina, temos quatro ou cinco pessoas colhendo informações: lêem todos os jornais e têm contato direto com padres, bispos, correspondentes estrangeiros, líderes sindicais, advogados, movimentos políticos, etc. Eles colhem as informações e tentam juntar os pedaços para ter uma noção da situação do país. Em seguida começam a cristalizar os casos em cima dos quais vão trabalhar. Em cima de torturas, execuções, pena de morte, em geral, e em casos individuais (oficiais ou não), e trabalham também para a libertação dessas pessoas. Atualmente nós temos seções nacionais da Anistia em 35 países e estas seções apóiam a rede internacional com ações, campanhas e coisas do tipo. Dentro de cada país onde a Anistia se estabelece, há uma série de pequenos grupos locais (mais ou menos 275 só na Suécia, por exemplo) e eles adotam presos, participam de campanhas, trabalham. Além da adoção, nós temos, também, em relação à tortura, o que nós chamamos de ação urgente: no mínimo de tempo possível procuramos mobilizar o máximo de pessoas no mundo todo para protestar contra as prisões e torturas. Em seguida, enviamos advogados para observar os julgamentos — algumas vezes

Thomas Hammerberg

Fotos de Chico Júnior

a mera presença de um advogado pode levar a corte a respeitar as regras do Direito, mais do que usualmente. Estas observações são colocadas num relatório, que é publicado. Quando enviamos uma missão a um país ela é, geralmente, formada por um advogado de alto nível e um pesquisador — para fazer um trabalho abrangente que inclui conversações com o governo. Eles, por sua vez, publicam depois seus relatórios. Nós fazemos também um trabalho de assistência: arrecadamos dinheiro para as famílias dos presos e para os próprios presos, caso eles possam receber.

E como vocês arrecadam esse dinheiro?

— Nas ruas, simplesmente, pedindo às pessoas. Mas grande parte do dinheiro é conseguida dentro do próprio movimento, através dos membros da Anistia

Você conhece um relatório sobre o Brasil que advogados franceses elaboraram para a organização católica Pax Romana?

— Conheço. Dois advogados católicos vieram aqui há um ano, por conta própria, e foram financiados pela seção holandesa e alemã da Anistia Internacional. Foi uma operação conjunta. Acho que o relatório deles mostra uma coisa bastante peculiar: o quadro não mudou muito desde o período 68-71

Quais os países onde os direitos humanos são mais desrespeitados?

— Nós não fazemos uma lista dos 10 melhores ou piores. Isto porque, se você estudar o problema a fundo, é impossível comparar. Em alguns países as condições das pessoas são muito ruins, mas eles não torturam prisioneiros. Em outros a tortura é muito sistemática e enraizada — como em muitos países latino-americanos. Como comparar isso? Em alguns países se mata, em vez de prender. Dessa forma, nós nos recusamos a fazer comparações, porque seria alguma coisa simplesmente teórica. A Anistia Internacional trabalha em quase todos os países do mundo, já que há problemas em todos os lugares.

Como a Anistia Internacional encara o problema dos Diretores Humanos na União Soviética?

— Na União Soviética há pessoas na prisão por causa de suas opniões políticas, e nós achamos isso errado. Isto é uma violação da Declaração Universal dos Direitos Humanos adotada em 1948 pela União Soviética e por todos os governos representados nas Nações Unidas. E nós trabalhamos em cima disso

Temos informações de pessoas internadas em hospitais psiquiátricos na União Soviética por discordarem politicamente. Como a Anistia vê esse problema?

— Acho que há algum engano aqui. A maioria dos detidos e presos na União Soviética não é internada em hospitais psiquiátricos — só uma minoria muito pequena. A maioria é posta em campos de trabalho. Mas há, realmente pessoas que são postas em hospitais psiquiátricos e nossas pesquisas têm nos levado a pensar que eles na realidade, estão detidos por suas opiniões políticas ou religiosas — e isso foi, de certa forma, admitido pelas autoridades soviéticas. Elas declararam que opiniões políticas estranhas ou polêmicas podem ser vistas como comportamento anormal. É essa, se você quiser, a explicação ideológica. Quando nós nos certificamos de que alguém é detido em hospitais psiquiátricos por razões políticas, trabalhamos por ele Nós o definimos como um prisioneiro político

Quais são as relações das autoridades brasileiras com a Anistia Internacional? Como o governo vê a atuação da Anistia aqui?

— Nós não tivemos uma boa receptividade por parte do Brasil. As autoridades brasileiras foram muito pouco positivas. As respostas foram muito negativas, quase insultosas. Por um longo período nós não tivemos nenhuma resposta, nenhuma carta. O governo brasileiro recusou por muitos anos que mandássemos missões oficiais. Acho que eles não podem mais recusar.

E nos últimos anos, também não houve resposta?

— Tem havido alguma resposta, especialmente por parte de algumas embaixadas, nos últimos anos.

Você acha a nova política norte-americana de Jimmy Carter pode mudar alguma coisa no Brasil, no Chile ou na América Latina?

— Isto se verá... Mas, certamente, já mudou a situação. Os efeitos nós não podemos ver ainda. Evidentemente, eles dependem da resposta em Brasília, por exemplo. O que eu estou certo é de que o interesse do público sueco pelo Brasil hoje reside no futuro do país: democracia ou continuidade do regime atual? Esta é a principal questão no momento.

Nos meios europeus — entre analistas políticos, estrategistas, jornalistas, políticos — vê-se alguma possibilidade de o Brasil conceder anistia aos presos políticos?

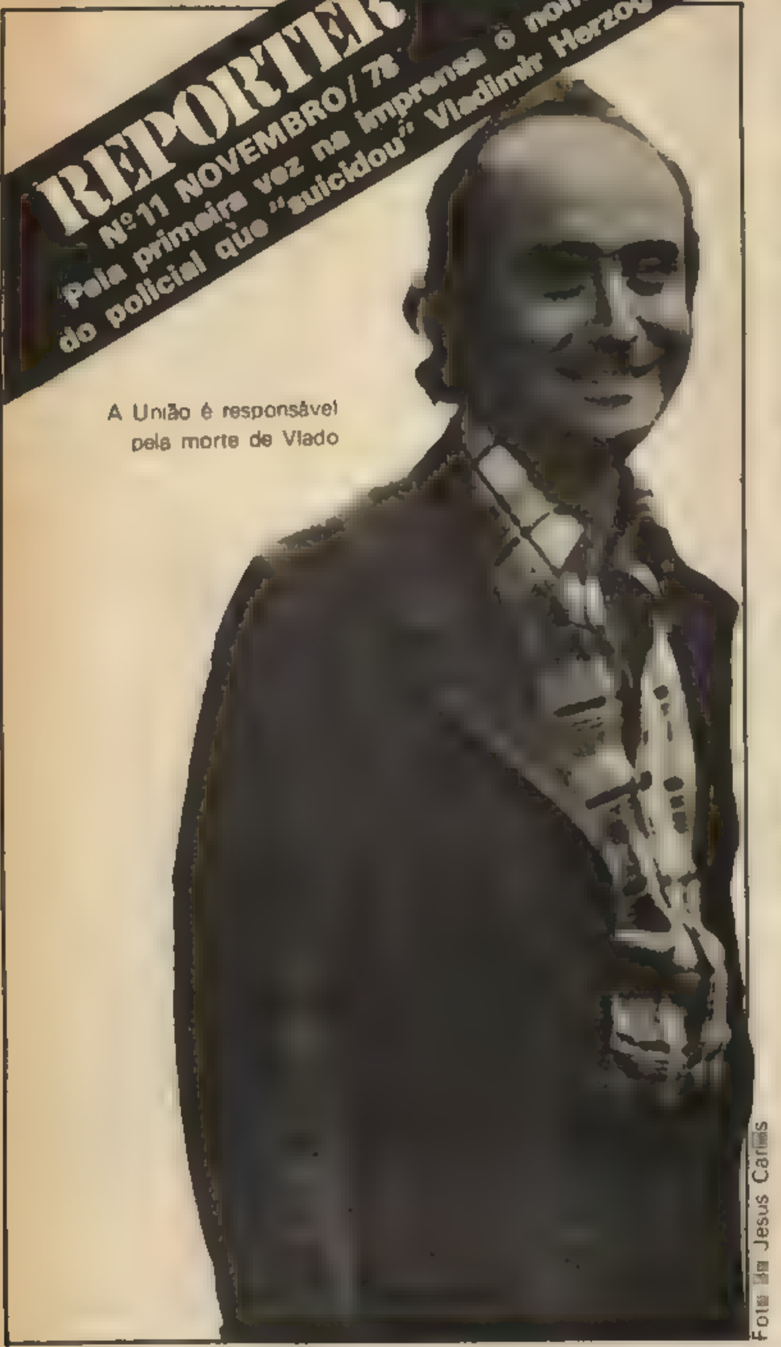
— Sim, por que não? Em muitos países houve anistia, algumas bastante surpreendentes. É simplesmente uma questão de os governos reavaliarem e verem que não ganham nada em prender pessoas. Pelo contrário, perdem muito em reputação internacional. E cada vez mais a reputação internacional tem conseqüências econômicas. Do ponto de vista desta reputação, isto significa que os governos perdem a confiança de seus próprios cidadãos. E é básico para o sucesso ou fracasso de um governo que ele tenha ou não a confiança do povo. E cada vez mais os Direitos Humanos, nacional e internacionalmente, estão sendo o foco de atenção. As pessoas estão cada vez mais julgando seus próprios governos, de acordo com o respeito a esses direitos. Cada vez mais, os governos (incluindo este) sabem que já não se podem permitir torturas às pessoas, nas prisões.

"Somos acusados de andar interferindo nas questões políticas internas dos países. Se os Direitos Humanos básicos são encarados como simples interferência, OK, então admitimos: nós somos políticos, nós interferimos."

"Se os governos reavaliarem vão ver que não ganham nada em prender pessoas. Pelo contrário, perdem muito em reputação internacional. E cada vez mais a reputação internacional tem conseqüências econômicas."

A Anistia Internacional é um movimento político?

— Não, eu gostaria de esclarecer isso. A Anistia Internacional não é um movimento político, porque nós não tomamos partido em relação a ideologias políticas. Nós não apoiamos partidos políticos. A finalidade geral da Anistia é trabalhar por algumas regras básicas que todos os partidos, todas as ideologia e todas as religiões respeitem. E isso quer dizer: que ninguém corra o risco de ser posto numa prisão porque tem opinião política; que ninguém corra o risco de ser torturado; que ninguém corra o risco de ser executado. Todas essas coisas são aceitas em outro nível pelas Nações Unidas, onde todos os governos do mundo estão representados. Mas a tortura ainda continua pelo mundo. Hoje em dia, em cerca de 50 ou 60 países ainda se tortura. Em mais de 100 países existem presos políticos e execuções são feitas. Em 130 países existe a pena de morte. Aqui na América Latina aboliram a pena de morte, mas fazem execuções por meios ilegais. Isso mostra a necessidade de algum tipo de movimento que seria, para mim, um "cão de guarda", um vigia dos governos em relação a estas regras básicas. Estas regras estão no centro da luta política em quase todos os países. A questão da anistia, a questão da tortura são as mais importantes, politicamente. Por causa disso — e não é só no Brasil, é no Paquistão e em muitos outros países — a Anistia Internacional é vista como um movimento político. Em muitos países, nós somos vistos como alguém que interfee nas questões políticas internas. E nós não vamos fazer nosso trabalho só porque somos acusados de interferir? Paramos? Se os Direitos Humanos básicos são vistos como interferência, OK, então nós somos políticos, nós interferimos. Mas nós interferimos com apoio na Declaração Universal dos Direitos Humanos, há algum tempo reconhecida por todos os governos do mundo.



A União é responsável pela morte de Vlado

Foto de Jesus Carlos

Pedro Antonio Mira Grancieri, 39 anos, casado, natural de Marília (SP), residente à rua Thomaz Carvalhal 1030, SP, investigador de polícia, exercendo a profissão à rua Tutóia (endereço do DOI-CODI). Branco, magro mas musculoso, cerca de 1,70 de altura, uns 60 quilos, cabelos castanhos e curtos, olhos estreitos, uma âncora tatuada na parte interna do braço esquerdo. Foi visto por uns 20 presos políticos na manhã de 25 de outubro de 1975, quando passou por eles no primeiro andar do DOI-CODI em direção à sala em que iria interrogar Vladimir Herzog. Foi visto também, durante o interrogatório, por dois jornalistas, George Benigno Duque Estrada e Rodolfo Konder, que foram acareados com Vlado.

Depois, não se sabe ao certo o que aconteceu. Clarice, mulher de Herzog, ouviu dizer que o marido reagiu com palavrões quando Grancieri lhe apresentou uma confissão para assinar, e em resposta o policial teria investido violentamente sobre ele. No inquérito secreto feito pelo II Exército em 1975, Grancieri reconheceu ter interrogado Vlado. Logo, se ele se matou após esse interrogatório (hipótese que sua mulher acha impossível), Grancieri foi, no mínimo, quem o induziu ao suicídio. Mas ate hoje (novembro de 79), quando reeditamos a matéria, a grande imprensa em geral não mencionou seu nome.

A família Herzog moveu um processo contra a União pela morte de Vladimir e em maio de 1978 o policial foi convocado a depor pelos advogados, mas o DOI-CODI alegou que ele estava em missão sigilosa em Mato Grosso. Poucos dias depois do REPORTER ir para as bancas com a reportagem, o juiz Márcio José de Moraes, da 7ª. Vara Federal, proferiu sentença em que responsabilizava a União pela morte do jornalista Vladimir Herzog.

POLICIAL DO CODI É O ACUSADO

Sabemos quem suicidou Vlado Herzog

Reportagem de Rivaldo Chinem

FALTA DIZER: "MATARAM VLADO"

Para Clarice Herzog, publicitária, viúva de Vladimir Herzog, falta uma manchete na imprensa brasileira: "Mataram Vlado".

— Meu papel é provar realmente que Vladimir foi assassinado. Provas, nós temos. Agora, quero ver isso impresso em manchete de jornal. Por isso eu vou brigar até onde der. Não vamos parar. É uma obrigação minha para com Vlado, pelos meus filhos (Ivo e André), para com todos vocês. Na medida em que houve esse reconhecimento, teremos de brigar pelos outros desaparecimentos, pelas outras mortes. É uma obrigação de todos nós. Porque não é o Vlado; ele é o símbolo de uma série de coisas. Outros processos virão.

— Não tivemos acesso ao inquérito aberto na ocasião da morte de Vlado. O advogado José Carlos Dias não pôde nem acompanhar. Foi um inquérito aberto pelo presidente Geisel para esclarecer as causas do "suicídio". Já abriram o processo partindo desse pressuposto. Na época eu disse, e continuou afirmando, que isso foi uma farsa.

— Vimos nesses três anos que os resultados do inquérito foram os mais contraditórios possíveis. Mas havia um clima de muita intimidação, de medo, mas só que não justificava o medo de algumas pessoas, de ex-companheiros de Vlado, como o Lobatinho (N.R. — trabalhava na redação de A Carta, órgão de direita dirigido pelo jornalista que entregou Vlado, Cláudio Marques, recentemente expulso do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo) e que freqüentava nossa casa quando ainda morávamos em Londres. Ele foi, espontaneamente, dizer que Vlado foi expulso do **Estadão** por ser comunista. Só que o próprio jornal desmentiu ter perseguido alguém por motivos ideológicos e que Vlado trabalhou em 1965 e que se demitiu.

Foto de Amâncio Chiodi

Clarice vive para provar que o marido foi assassinado

— Outras pessoas adotaram o mesmo comportamento. O rabino Pinkus, por exemplo, declarou que Vlado está enterrado no local destinado aos suicidas, o que é uma mentira muito grande. Teve o caso do Harry Shibata (N.R. — diretor do Instituto Médico de São Paulo e membro do Conselho de Ética do Conselho Regional de Medicina de SP), que nem disse em entrevista que nem examinou o corpo de Vlado, que assinou o laudo endossando o que o outro fez.

— Estou ressentida com os grandes jornais. Eles nunca fizeram uma pauta para uma reportagem policial. Limitaram-se a reproduzir comunicados oficiais. Vlado era jornalista e os grandes jornais já estavam sem censura prévia.

Você procurou médicos legistas para examinarem o corpo de Vladimir?

Procuramos vários médicos e todos se recusaram, alegavam as mais variadas desculpas. Ninguém viu o corpo de Vlado, só os judeus que participaram da lavagem, mas eles não abrem a boca

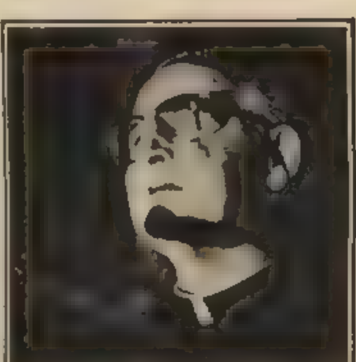


Foto de João Bittar

D. Paulo

● *D. Paulo Evaristo Arns, Cardeal de São Paulo, o que mudou no País a partir da morte de Vlado?*

— A partir da morte de Vlado os jornalistas não foram mais rivais entre si, mas começaram a escutar o povo, souberam interessar-se pelos motivos que levavam a oprimir esse povo — que era transporte, salário de fome, alta do custo de vida... Houve para mim uma nova fase no jornalismo brasileiro: o jornalista dentro do povo.

Até então o governo tinha resistido a todas as pressões. Aquele momento foi como uma explosão, e o governo não aguentou mais a explosão. Foram mais de 1000 assinaturas. Então o governo não resistiu e não tolerou essa repressão.

VLADO FOI TORTURADO. COMO EU.

Rodolfo Konder se recusa a acreditar em suicídio

Jornalista e escritor Rodolfo Konder, você, aceita a versão de que Vlado se suicidou?

— Jamais. Tenho dois argumentos que desmentem essa versão: o primeiro é a de que ali, preso nenhum usava cinto no macacão; portanto ele nunca poderia se suicidar com seu cinto. Segundo: eu ouvi seus gritos numa sala e reconheci que Vlado estava sendo torturado. Eram os mesmos gritos que eu dava na véspera, gritos de quem está levando choque elétrico com a **pimentinha. Pimentinha** é uma caixinha de madeira, de onde saem alguns fios descapados que são amarrados nos polegares e indicadores das duas mãos e nos tornozelos. Chegaram a me obrigar a tirar o sapato, para que os choques fossem mais fortes ainda.

— Quanto mais giram a manivela mais rápido sai o grito e ainda mais estridente. Se ela era girada devagar o grito saía mais lento. Eles ficavam modulando manualmente essa caixinha.

— Durante todo o tempo ficam dando choques no nariz, na espinha, ameaçam furar olho e nos cegar. Riem muito, simulam muita diversão. Tudo armado num terrível jogo de cena. De vez em quando mostram-se irritados e berram.

— Fizeram comigo o que fizeram com Vlado naquele dia que ele morreu.

A morte de Vlado foi acidental?

— Provavelmente. Acho que foi o que poderemos chamar de acidente de trabalho. Porque os torturadores se arrependeram depois. O coronel que comandava aquilo nos chamou e disse que o Brasil estava cheio de agentes da KGB. Disse que Vlado era braço direito do Paulo Egydio Martins. Que estava para vir um tronco forte aí que nem o presidente agüentaria. Se ele caisse ali também entraria no pau.

Terror do Estado é brutal

Samuel: a Justiça é servi

Foto de Amâncio Chiodi

"A morte de Vladimir Herzog foi uma apenas das diversas que ocorreram em virtude diretamente da atuação dos órgãos repressores no Estado. Considero brutal o fato de diversos organismos militares, cuja função precípua não seria outra senão a defesa da própria sociedade, contra essa mesma sociedade, tenha atuado na base do mais puro terror. Considero ainda mais chocante o fato de o Ministério Público, cuja função primeira também é a defesa da sociedade, tenha se voltado incondicionalmente contra os bens e valores que devia defender, pela permanente disposição de ser servil ao governo. Comportamento esse que não raras vezes foi seguido e imitado pelo próprio Poder Judiciário. Nós nos dirigimos, como todos sabem, ao Poder Judiciário. Alguns acontecimentos do processo, como a liberdade como vinha sendo conduzido com o juiz da 1ª. Instância, são bastante positivos. Outros, porém, não são. Como o fato de o Tribunal Federal de Recursos ter impedido a aprovação da sentença em junho, e a atuação do Ministério Público em todo o processo, o que revela que essa instituição está totalmente divorciada dos fins para os quais foi criada.

Nada nos leva a crer, portanto, que triunfamos, que contamos com a proteção do Poder Público. O Poder Público continua distante da população. A falta de proteção continua a mesma, ressalvados alguns progressos que somos levados a reconhecer, mas que muito pouco representam no contexto geral. Por essas razões é indispensável que iniciativas como a da família Herzog sejam levadas até às últimas conseqüências, por maiores que sejam os sacrifícios necessários.. É preciso que as pessoas sintam que dispõem de meios para se defender. É indispensável que o governo saiba que o caso Herzog simboliza hoje o poder da sociedade contra o arbítro, contra o terror militar, contra a repressão incontida."

(*Samuel McDowell de Figueiredo, um dos advogados da família Herzog*)

Morte desmascara regime

José Carlos Dias, da Justiça e Paz

— Vladimir Herzog morreu no momento em que também era morto o direito de pensar, de criar e de crer do brasileiro. A sua morte significou um levante com sabor de "basta". A partir da morte de Herzog, que não foi a primeira e não foi a última, foi demascarado o regime de tirania em que vivemos até hoje. Teve assim o trágico episódio um significado histórico da maior importância. É triste dizer, mas o seu desaparecimento despertou pessoas conscientizadas e conscientizou alienados. A sociedade civil tomou consciência de que estivera numa câmara de tortura, de que todos seus membros estavam seriamente ameaçados.

O que aconteceu depois da morte de Vlado?

— A morte de Vlado e a morte do operário Manuel Fiel Filho, um mês depois, redundaram na mudança do comando do II Exército. Creio que depois do que aconteceu com Vlado e Fiel nenhum homem honrado e decente deste país poderá dizer que tortura é invenção de comunista. O que é profundamente estranho é que o comandante do II Exército foi removido em razão dos acontecimentos, mas o inquérito foi arquivado. Ora, de duas uma: ou as mortes foram espontâneas e sem culpa de ninguém ou houve crime que justificou a remoção.

Os órgãos de repressão foram desmantelados após essas mortes?

— Não. Os órgãos de repressão permanecem. Mas em São Paulo paulatinamente foram diminuindo sua atividade. Ostensiva, pelo menos. **(José Carlos Dias, advogado de presos políticos, presidente da Comissão de Justiça e Paz da Cúria Metropolitana de São Paulo)**

"Podíamos ouvir os gritos de Vladimir e dos torturadores. Eram sinais de quem estava sendo torturado com violência, sinais estes que se evidenciaram nos gritos de dor, pancadas, ofensas etc. Quando fui acareado com Vlado, vi na sala instrumentos de tortura como a cadeira do dragão (cadeira eletrificada). O único momento em que me ausentei daquele local foi por volta das 17 horas, momentos esses em que Vladimir já estava morto. Nessa ocasião haviam cessado todos os ruídos, assim como fora desligado um rádio que procurava abafar os gritos de Vlado."

SENTENÇA DIZ QUE CULPA É DA UNIÃO

Juiz Márcio Moraes condenou a União

Um mandado de segurança, impetrado às pressas pela União, impediu que no dia 26 de junho de 1978 o juiz João Gomes Martins, da 7.ª Vara de Justiça Federal de São Paulo, desse sua sentença na ação movida pela família Herzog. A 2 de agosto, com 70 anos de idade, o juiz se aposentou compulsoriamente. Em setembro, o mandado de segurança da família Herzog contra a União foi julgado pelo TFR e a liminar foi cassada. A sentença cabia então ao juiz substituto da 7.ª Vara Federal, dr. Márcio José de Moraes, "apolítico por formação", 32 anos de idade, que explicou:

— O dr. João Gomes Martins tinha a sentença pronta. Não sei qual foi a sentença dele, mas já estou estudando o processo. Assumi no dia 27 de fevereiro de 1976. São dois juízes normalmente na 7ª. Vara, mas com a aposentadoria dele estou sozinho. Isso quer dizer que tenho 13.500 processos uns 11 mil em andamento. Estou despachando o dia inteiro, não tenho prazo para dar uma previsão.

(Dias depois do REPÓRTER circular, ele deu enfim sua sentença, responsabilizando a União pela morte de Herzog.)

PM PRENDE E ARREBENTA

Fotos de Américo Vermelho
Texto de Tim Lopes

A bofetada estalou no rosto de Nilo. Ficou aquele vergão de sangue pisado. Não soltou nenhum ai, agüentou firme, fazendo uma cara de dor. Estava com as mãos atadas às costas e estirado de bruços no asfalto. Completamente imobilizado. O policial, covardemente, continuava a bater, chutar, esbravejando. Estava até exultante. Nilo, 20 anos; Roberto, 21; e Eliane, que disse ter 16, amarrados com cordas, deitados de barriga pra baixo no asfalto da estrada do Pontal, em Jacarepaguá, imploram para não apanhar. Eliane choramingava com o rosto colado no chão. O trânsito naquela estrada, no final da manhã, era quase nenhum e de uma obra próxima os "paraíbas" de olhos arregalados, amedrontados, eram testemunhas da violência da polícia.

No dia 27 do mês passado eles roubaram na "mão grande" o relógio de um carteiro no Recreio dos Bandeirantes. Não tinham armas. Foram dominados sem oferecer a mínima resistência, andando pela estrada, depois que o táxi que usavam, com a placa TM 0137 bateu num barranco na Estrada do Pontal. Um dos soldados, o que batia, disse que a barra anda pesada:

— Com esse salário de 3 mil e quebrados tu acha que dá pra caçar bandidos. Tô doido pra sair disso. Pedi baixa em março do ano passado e até hoje tô esperando. São eles ou é a gente.

O cabo do 18º BPM e comandante da patrulinha 540589 fica de revólver apontado, enquanto o soldado xingando e dando safanões, vai fazendo nó com a corda pelos braços e pernas dos três.

"São uns pobres diabos" diz o cabo, enquanto os três vão tentando se levantar com dificuldade, para entrar na "joaninha". Nilo, aprendiz de jóquei, argumenta, diz que o pai é da Marinha. Inútil. Por isso, o soldado não perdoa: suspende pelos cabelos a cabeça de Nilo, um palmo do asfalto. A mão abrutalhada do policial estala novamente no rosto. Nilo, todo lanhado, desta vez geme, Eliane chora e Roberto treme.

REPORTER Nº 12 DEZEMBRO/78 A verdade sobre a bomba colocada no jornal "Estado de São Paulo" em 1968. Foi a direita

EDIÇÃO

Jornal da tarde

O ESTADO DE S. PAULO

NCr$ 0,25

Sábado, 20 de abril de 1968   Número 787   Ano 3

UMA BOMBA NESTE JORNAL

Na redação do "Jornal da Tarde", que funciona no quinto andar, dezoito jornalistas trabalhavam no fechamento da edição. Se tivessem terminado um minuto antes, muitos dêles estariam provàvelmente mortos. A bomba explodiu às três e seis da madrugada. No andar térreo, onde foi deixada a bomba, só havia um homem: o porteiro, que agora está no hospital.

O Jornal da Tarde, edição vespertina do Estado de São Paulo de sábado, dia 20 de abril, mostrava os efeitos da explosão.

GRUPO MILITAR FABRICA AÇÃO PRA PROVOCAR AI-5

Oficial do Exército Brasileiro que participou do atentado a bomba contra o jornal **O Estado de São Paulo** na madrugada do dia 20 de abril de 1968 corrige a História e revela, em depoimento exclusivo ao REPORTER, os verdadeiros autores da operação: a bomba — a mais forte das 31 que explodiram naquele ano — foi colocada por ordem do Estado Maior do II Exército e por um comando civil que o oficial não chegou a conhecer.

Em abril de 1968 o chefe do Estado Maior era o general de 2 estrelas Carlos de Assunção Cardoso e o comandante do II Exército era o general Sizeno Sarmento sendo que, no dia da explosão, já tinham sido indicados como seus substitutos respectivamente os generais Aluisio Guedes Pereira e Manoel Carvalho Lisboa.

Segundo o oficial explicou, "o objetivo da ação era criar um clima de instabilidade política no país, atribuindo operações de guerrilha urbana aos comunistas pra justificar depois o endurecimento do regime político e o Ato Institucional número 5 — que acabou saindo mesmo em dezembro de 68. O grupo militar que montou a operação — conta o oficial — achava Costa e Silva, presidente da República na época "muito frouxo" para enfrentar os comunistas e queria, de qualquer maneira, medidas mais duras. Por isso fabricou o atentado.

O esquema da ação contra **O Estado** incluia, além de militares, policiais e civis, à semelhança do que acontece com os grupos da Operação Bandeirantes e do Comando de Defesa Interna (CODI), órgãos policiais de repressão política.

A bomba feriu uma pessoa com gravidade, arrebentou o andar térreo do prédio do jornal e quebrou vidros de edifícios a 500 metros do local. O barulho da explosão foi ouvido num raio de 2 quilômetros. Quatro dias antes havia explodido outra bomba no consulado americano em São Paulo e alguns dias depois uma outra atingiu o próprio quartel do II Exército. A polícia não descobriu nada sobre o que aconteceu. Leia agora, nas páginas seguintes, toda a verdade sobre a operação.

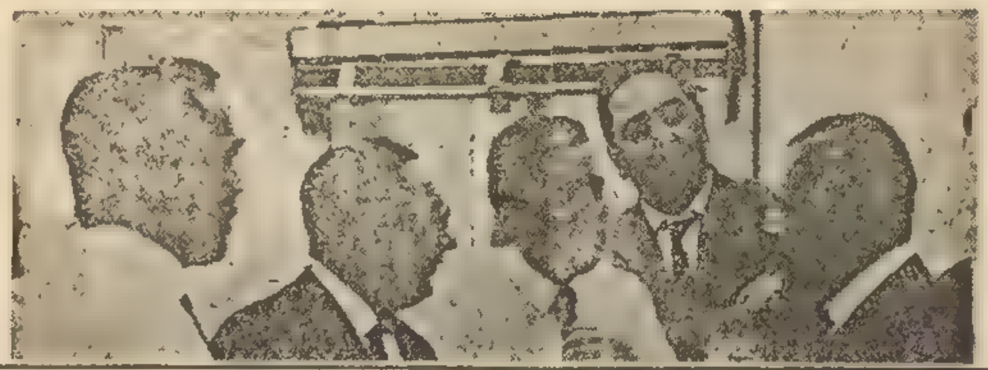
) 89 TERÇA-FEIRA, 23 DE ABRIL DE 1968 N.º 28.537 DIRETOR REDATOR-CHEFE: MARCELINO RITTER

Aleixo acusa trama

;a

ga

ilr, o jornal sovie-
a seguinte cita-
"O problema so-
esenta nestes ter-
penas a burguesia
socialista. Nada
ila. E' por isso
transformação na
alista, ou o me-



"A repetição dos atentados terroristas demonstra que existe planificada uma atuação subversiva, cujos objetivos podem ser fàcilmente identificados: a derrubada do govêrno e a possível substituição do regime político, social e econômico existentes" — declarou, ontem, em Brasília, o vice-presidente da República, Pedro Aleixo, ao comentar o atentado de que foi vítima "O Estado de S. Paulo"

Para o vice-presidente da República, para que o movimento acima assinalado possa "alcançar os objetivos visados, naturalmente concorrem quantos estejam,

23 4 68. vice presidente Pedro Aleixo diz ao "Estado de São Paulo" que atentados fazem parte de um plano pra derrubar o governo

HOUVE MESMO TRAMA CONTRA COSTA E SILVA

Plano do grupo era criar clima de insegurança, derrubar Costa e Silva e endurecer regime. Leia abaixo o impressionante relato do militar da Artilharia que jogou a bomba no "Estado":

1 "Erasmo Dias, meu chefe, foi quem me conduziu a entrar na operação"

— Em 68, sempre naquela vontade de participar ativamente e não me omitir, eu estava contra o Costa e Silva, achava que o governo era tremendamente corrupto, que a subversão estava aumentando e a evolução do meu pensamento até aquela época não me deixava analisar este problema mais profundamente: eu era contra a corrupção, contra a subversão e pronto.

No início daquele ano, eu estava servindo em Santos, no 6º Grupo de Artilharia de Costa Motorizado, o 6º GeACOSM, chefiado pelo hoje coronel Antonio Erasmo Dias. Lá pelas tantas, Erasmo me chamou, falando a respeito de uma ação repressiva, que requeria a experiência de homens como eu. Ele então, como meu superior hierárquico, me conduziu a participar da operação: deu a ordem de deslocamento para São Paulo (capital), indicando que aguardasse lá o contato para iniciar o trabalho.

Já na capital, tomei conhecimento do plano através do articulador militar da operação. Depois eu percebi que ela tinha também uma chefia civil, que eu, porém, nunca cheguei a conhecer. O plano era o seguinte: na época se pensava que o país precisava de um Ato Institucional — que viria a ser o Ato Institucional nº 5 —, o Costa e Silva era fraco, estava levando o país à desgraça, à subversão; era preciso encontrar um pretexto que justificasse medidas mais fortes. Àquela época **O Estado de São Paulo** era o jornal que mais atacava a subversão, era profundamente anti-comunista, então a idéia era fazer um ataque de bomba ao **Estado de São Paulo** e atribuir a culpa aos comunistas. Todo mundo acreditaria nisso porque seria verossímel que os comunistas procurassem se vingar do jornal.

Fizemos a operação de madrugada e, no dia seguinte, abrimos os jornais e tava lá em manchetes: **Comunistas jogam bomba no Estado de São Paulo.** Na verdade, a operação toda tinha sido montada pelo Estado Maior do II Exército em São Paulo com o objetivo dê, exagerando a ameaça dos comunistas, justificar um novo surto revolucionário, endurecendo o regime político. A idéia final era afastar o Costa e Silva e, através de um Ato Institucional, criar condições pra que esse tipo de pensamento fosse concretizado. Ou seja, pra que, com o Costa e Silva derrubado, se abrisse caminho a um tipo de governo mais duro do que ele vinha fazendo.

Foto Helio Campos Mello

Chefe da Seção do Sérviço Militar da 2a Região Militar – São Paulo – 1962

6.2.2 – COMO TENENTE CORONEL

– Oficial de Informações (Chefe da 2a Seção), do Quartel General da Guarnição de Santos – 1965/68

– Comandante do 6º Grupo de Artilharia de Costa Motorizado – Praia Grande-SP – 1968/71

COMO CORONEL

Currículo oficial confirma: Erasmo comandou o 6º Grupo de Artilharia de Costa Motorizado em 1968

Coronel odeia comunistas

— Comunista eu mato!

O coronel Erasmo Dias cansou de dizer isso, apesar de ser proibido, pela Constituição, matar alguém, nem que seja comunista. Ele é "revolucionário de primeira hora", como se diz. Quando o golpe estourou em 64, ele era comandante da 3ª Bateria de Obuses de Costa, em Guarujá, ao lado de Santos, onde viveu muitos anos (nasceu em Paraguassu, interior de São Paulo).

Deve ter feito muita coisa em 1964: em 25 de dezembro desse ano foi promovido, por merecimento, a tenente-coronel. No ano seguinte passou a Oficial de Informações do Quartel General da Guarnição de Santos. De 68 a 71 comandou o 6º Grupo de Artilharia de Costa Motorizado, da Praia Grande, ao lado de Santos.

Foi reprimir guerrilha no Vale da Ribeira, contra Carlos Lamarca. Reprimiu o congresso estudantil de Ibiúna. Sob suas ordens ficou preso, no Forte Itaipu, em Santos, um dos líderes estudantis, Luís Travassos. Já em 25 de dezembro de 1969, novamente por merecimento, Erasmo Dias subiu a coronel. Foi chefe do Estado Maior do Comando de Artilharia, Chefe da 4ª Secção (Logística) e Chefe do Estado Maior da 2ª Região Militar. E em 1974 tornou-se Secretário da Segurança Pública de São Paulo.

2 "Eram 6 grupos de 5 pessoas comandadas por um coronel reformado"

Sobre a operação militar para jogar a bomba no **Estadão**, o relato do oficial ao REPORTER foi o seguinte:

— A operação foi planejada pelo Estado Maior do II Exército — certamente em conjunto com um comando civil embora isso eu não possa garantir — que designou um oficial para articular todos os contatos necessários. Esse articulador foi um coronel da Intendência, que aliás, era dono da fábrica que fornecia os cantis do II Exército. O coronel escolheu os nomes dos participantes da operação e os submeteu ao comando militar da ação que deu luz verde para que os quartéis nos quais serviam os escolhidos fossem consultados.

Quando todo mundo que ia fazer o trabalho já estava em São Paulo, o coronel reuniu todo mundo. Eram cerca de 30 pessoas, divididas depois em cerca de 6 grupos, com tarefas específicas. Quando nos reunimos, pude perceber que a operação seria realizada por um esquema semelhante ao DOI-CODI (Departamento de Operações Internas — Comando de Defesa Interna): ela incluia, além de oficiais do Exército, civis e policiais. Teve-se o cuidado de levar apenas pessoas que não se conhecessem; eu, por exemplo, não conhecia nenhuma das 30 pessoas que estavam lá.

Nesse primeiro e único encontro geral, o coronel falou bastante, explicando quem estava por trás da operação e quais as suas razões. Ele nos disse que o "nosso amparo" era o Estado Maior do II Exército, pintou um quadro da situação do país, destacando a corrupção generalizada, as dívidas do Costa e Silva com o Ademar de Barros e o crescimento da subversão. E concluiu dizendo que era preciso fazer algo que aparentasse que a esquerda tinha muita força, que era uma ameaça ao país. Isso serviria para justificar o que nós queríamos: um novo surto revolucionário, uma revolução dentro da Revolução pra endurecer o regime. Ele foi muito claro, disse tudo abertamente, sem rodeios. Disse quem nos apoiava e nos explicou os motivos da ação. Aquilo nos deu o arcabouço moral de que precisávamos.

As 5 pessoas do meu grupo se reuniram no dia da ação, mais ou menos às 8 horas da noite. A operação toda acabaria lá pelas 2 da manhã. Quando nos reunimos, recebemos o material que ia ser usado: cordel detonante, com todo o mecanismo elétrico de detonação e uma pequena carga de dinamite. A idéia não era destruir as instalações do jornal mas criar um impacto político e psicológico que provasse o perigo que os comunistas representavam.

Depois de conversarmos, saímos todos num Chevrolet antigo e passamos várias vezes em frente ao jornal para fazermos um reconhecimento da área. Para fazer isso, alguns de nós saíam do carro, verificavam a situação, viam o movimento de pessoas etc. Quando escolhemos o lugar e a hora, fomos montar o material num outro local, que eu não sei onde foi porque não conhecia bem a capital.

Com tudo pronto, voltamos no carro e ainda passamos outras vezes pela frente do jornal. No momento certo, saímos do carro com a seguinte combinação: apenas o motorista ficaria com o carro na saída, os outros seguiriam seus caminhos, cada um pro seu lado. Foi o que aconteceu. Fomos lá, colocamos o dispositivo e nos separamos. Eu saí andando a pé normalmente e parei pra beber um café num botequim próximo. Eu queria ver o resultado do negócio. Quando a bomba explodiu, meia hora depois, deixei o botequim, peguei um táxi, fui pra Rodoviária e peguei outro táxi, daqueles que fazem a ligação de São Paulo com Santos.

Alguns dias depois, eu vi o tal coronel, que articulou a parte militar da operação, lá no 6º GeACOSM. O que se dizia é que ele estava preso mas, na verdade, a sua falsa prisão tinha apenas o objetivo de retirá-lo um pouco de circulação para sua própria proteção.

É isso. Os homens que participam desse tipo de operação, que estão lá na linha de frente, normalmente nem perguntam quem está chefiando, pra que que serve, eles tão é envolvidos com a ação. Só depois é que vão parar pra pensar um pouco, avaliar alguma coisa, considerar as conseqüências.

Depois, tempos depois, eu fiz outras considerações. Eu vi que uma operação como esta requer alta dose de irresponsabilidade funcional, é preciso montá-la de tal forma que nada seja escrito, nenhum registro seja feito — quando cheguei ao quartel, eu tentei fazer uma espécie de relatório mas o próprio Erasmo disse pra não escrever nada — e que as pessoas que dela participam não se conheçam.

Polícia vigiava jornal mas saiu bem na hora da bomba explodir

No prédio de 6 andares do jornal O Estado de São Paulo *(hoje ocupado pelo* Diário Popular*), foram contadas 106 vidraças quebradas. A bomba foi colocada junto à coluna da entrada da rua Martins Fontes. O funcionário que estava na portaria ficou bastante ferido, foi para o hospital. Mais de cem pessoas trabalhavam no prédio às 3 e 5, hora do estrondo.*

No andar térreo, a bomba arremessou a porta de aço até à porta oposta, quinze metros distante. As colunas de mármore ficaram trincadas, os tubos de lâmpadas fluorescentes caíram no chão, uma parte do forro rompeu-se. O saguão ficou em escombros. No local em que a bomba foi colocada formou-se uma cratera. Lojas das ruas próximas como Martins Fontes, Consolação, Braúlio Gomes, São Luís e Dom José Gaspar foram atingidas. Vitrines quebradas, telhas arrebentadas, portas arrancadas, até os tacos de um assoalho a bomba arrancou. Quebraram-se vidros da Biblioteca Municipal, quase em frente ao Estado.

"Trata-se do petardo de maior potência utilizado em atentados dessa natureza até o momento" disse, no dia seguinte, Antônio Carlos Villanova, diretor do Departamento Nacional de Criminalística. O presidente Costa e Silva reuniu-se imediatamente com o governador de São Paulo, Abreu Sodré, no Palácio das Laranjeiras, mais o chefe da Casa Militar, general Jaime Portela e da Casa Civil, Rondon Pacheco.

O Jornal da Tarde *do dia seguinte conta que durante todo o dia da explosão ficou parada perto do* Estado *uma rádiopatrulha. Justo na hora da explosão, deslocou-se para a avenida Nove de Julho, "a chamado" disseram os guardas.*

— Parece que o Dops previa alguma coisa. Mandaram que ficássemos atentos, disse ao Jornal da Tarde *o policial Jacir Schiavetti.*

Em 68, todo dia tinha atentado; foram 31 só em S. Paulo

*1968 foi o ano das bombas. Só em São Paulo explodiram 31, de todos os tamanhos, além das que foram colocadas e não detonaram. Bombas em consulados, escolas, igrejas, quartéis, lojas. Ninguém estranhava mais quando dava no jornal: **ontem mais duas bombas**. Apareciam vítimas: Orlando Lovecchio Filho perdeu um pedaço da perna dia 19 de março, explosão no Consulado Americano.*

A onda de explosões começou antes da posse de Costa e Silva. Ainda em Julho de 1966, ele, já presidente nomeado mais ainda não empossado, se descesse no aeroporto de Recife ia "explodir". Desconfiado, foi de carro. Essa bomba matou quatro pessoas. Nesse mesmo dia, também no Recife, outras duas bombas: na União dos Estudantes de Pernambuco e no prédio do USIS, órgão norte-americano de "ajuda" internacional.

Um mês depois, nova bomba, na cidade de Santos, dentro de um cinema: às dez da noite, durante exibição de Branca de Neve e os Sete Anões. Sem vítimas. Um estudante foi preso com livro de Mao debaixo do braço: chamava-se Marcos Duffles.

Ainda em agosto de 66, dia 26, Curitiba: durante a peça Ratos e Homens no Teatro Guaíra, outra bomba. Daí em diante, os fatos foram os seguintes:

Setembro de 66: cinco pequenas bombas explodem no salão nobre e no pátio da Faculdade de Direito de São Paulo: atos desse tipo eram de responsabilidade dos grupos de direita, também chamados CCC (Comando de Caça aos Comunistas).

*O palácio do governo de São Paulo levou uma bomba **dia 13 de setembro**: foi no portão dos fundos, mas explodiu.*

***Janeiro de 1967**: explode o gasômetro de Santos. Feridos são 245, nenhum morto. O serviço Secreto do Exército suspeita de sabotagem.*

***Dia 2 de agosto** outro órgão norte-americano de "ajuda" leva bomba: o prédio do Peace Corps, no Rio de Janeiro. Um contínuo sai ferido.*

***1968**: a primeira bomba, em março, no consulado americano de São Paulo; **dia 15 de abril**, bomba na sede do II Exército da rua Conselheiro Crispiniano; **dia 16**, bomba num colégio do interior de São Paulo, Piraçununga; **dia 20** a bomba no **Estado de São Paulo**; **dia 24** no consulado francês, tudo em São Paulo. **Dia 25 de junho**, nova bomba no II Exército, agora na sede nova, rua Manoel da Nóbrega.*

***Dia 31 de junho**, pequena bomba explodiu na Lapa; **dia 8 de julho** explodiram quatro em São Paulo; **dia 12 mais duas**; **18 de agosto** mais três bombas em São Paulo. Em setembro, **dia 27**, três bombas no Rio. **Outubro, 14**: outra no Rio, uma em Fortaleza. **Outubro, 18**, duas em Belo Horizonte; **dia 26**, uma em São Paulo.*

Mais seis bombas ainda em 1968, todas no Rio: duas dia 7 de novembro, duas dia 2 e duas dia 7 de dezembro.

General Sizeno Sarmento

A operação militar contra O Estado de S.Paulo foi realizada exatamente na época em que o comando do II Exército estava sendo mudado. O novo comandante, general Manuel Carvalho Lisboa, já tinha sido nomeado para substituir Sizeno Sarmento mas ainda não tinha assumido seu posto. Da mesma forma, a chefia do Estado Maior ainda era ocupada pelo general Carlos Assunção Cardoso que seria, dias mais tarde, substituido pelo general Aluisio Guedes. É difícil, portanto, indicar o nome dos oficiais, membros do Estado Maior, que promoveram o atentado: o momento da ação parece ter sido escolhido a dedo para dificultar a identificação de seus autores.

Foto João Bittar

General Carlos de Assunção Cardoso

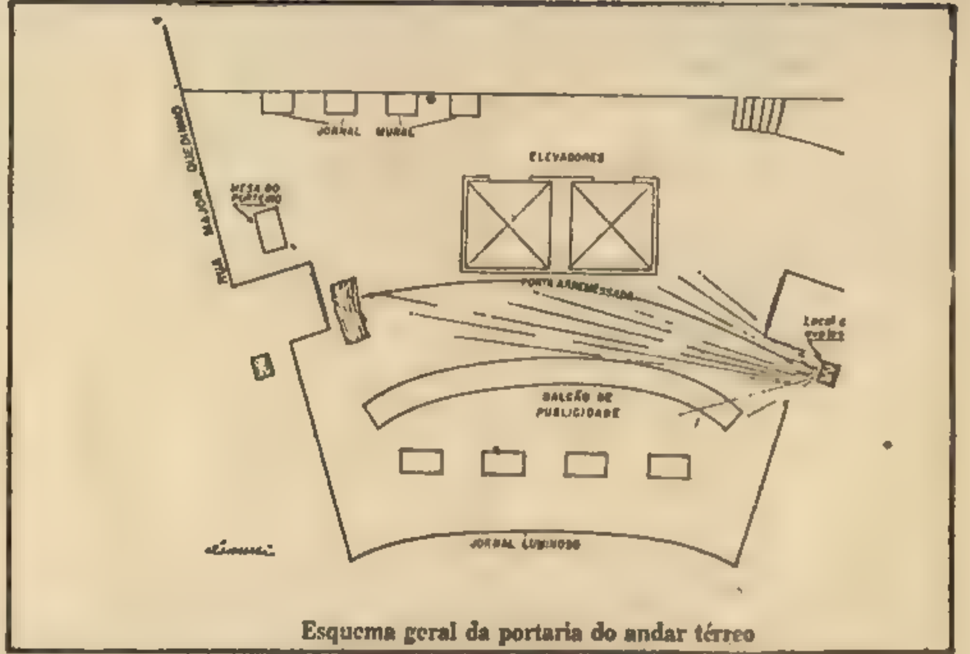
EXÉRCITO FOI USADO PELO GRUPO

Segundo admite o próprio oficial que participou da operação, e agora dá seu depoimento ela comprova que:

1 — O AI-5 foi fabricado pela direita militar e civil. O clima de instabilidade política do ano de 68 com as mobilizações estudantis e populares nas principais capitais do país, foi propositalmente exagerado por esta e outras operações de provocação. O objetivo era exagerar o perigo da "subversão comunista" para justificar medidas de endurecimento do regime e até o afastamento do general Costa e Silva, cuja conduta não mais satisfazia a linha dura militar. É bom lembrar que este plano deu certo porque, em dezembro de 68, saiu o Ato 5;

2 — Foram envolvidos no plano de provocação e fabricação do AI-5 altas patentes militares (todo o Estado Maior do II Exército, por exemplo) além de personalidades civis. A divulgação de que a bomba foi jogada pelos comunistas pressupõe uma articulação também a nível civil, que o próprio participante da operação admite que exista, embora não possa identificá-la;

3 — O Exército Brasileiro foi usado, em atividades policiais, por grupos militares e civis que o manobraram segundo suas próprias conveniências políticas.



No dia 23 de abril, o Estado publicou um gráfico mostrando onde a bomba foi colocada.

A desorientação do noticiário sobre os responsáveis pelo atentado, as declarações controvertidas da polícia e a afirmação do coronel Florimar Campelo, na época chefe da Polícia Federal, segundo o qual o ato fazia parte de "um plano comunista", mostram que o entrevistado do REPORTER tem razão: houve também um comando civil na operação, encarregado de divulgar pela imprensa uma versão falsa do ocorrido e de sabotar as investigações. O general Carvalho Lisboa, novo comandante do II Exército, também culpou os "extremistas de esquerda" (foto abaixo)

GOVERNADOR: FORAM OS COMUNISTAS

"A repetição dos atentados terroristas demonstra que existe planificada uma atuação subversiva, cujos objetivos podem ser facilmente identificados: a derrubada do governo e a possível substituição do regime político, social e econômico existentes" foi o que disse Pedro Aleixo, vice-presidente da República, ao **Estado de São Paulo** dois dias depois da bomba no jornal. Também na edição de 23 de abril, o jornal diz que o presidente da República mandou investigar pessoalmente os atentados terroristas:

"Por determinação direta do presidente Costa e Silva, todos os órgãos de segurança estão mobilizados no sentido de descobrir quem são os terroristas de São Paulo, particularmente os da madrugada de sábado contra o *Estado*. Embora acreditem de início que os atentados façam parte de um plano global de terrorismo e que seus mentores pertençam a facções de extrema esquerda, as autoridades admitem também que haja grupos de extrema direita interessados na implantação de um clima de insegurança no país."

Não adiantou essa vontade toda. Nunca se descobriu, nem na época, nem depois, quem jogou essas bombas. De vez em quando a polícia prendia alguém, depois soltava. Havia muitos suspeitos. O maior deles foi Sábado Dinotos, um homem muito estranho cujo nome aparecia escrito em bancos de ônibus; ele era conhecido por falar em discos voadores e interpretar profecias de Nostradamus.

De repente, Sábado Dinotos é preso e confessa a autoria, com seu bando, da explosão de 13 das 31 bombas de São Paulo. Seus depoimentos às vezes são levados a sério, outras não. Ele chega a declarar (e isso sai em todos os jornais) que fêz os atentados por ordem do general Jaime Portela, chefe do gabinete militar de Costa e Silva. Mas isso não abala ninguém.

"Não tenho dúvidas de que esse atentado faz parte do plano nacional de terrorismo e foi o maior de todos" disse em 1968, o general Sílvio Corrêa de Andrade, chefe da Polícia Federal, em São Paulo, sobre a bomba no "Estado". O governador da época, Abreu Sodré, já no dia seguinte à explosão garantiu: "o governo fará dura repressão àqueles que não sabem ou não querem viver numa sociedade livre". Dias depois Sodré disse quem eram os principais suspeitos do atentado: na sua opinião, grupos de esquerda, pois a direita "não está organizada para isso". O comandante do II Exército, empossado dia 7 de maio, general Carvalho Lisboa também garantiu aos jornais que a bomba foi jogada por "grupos extremistas de esquerda", admitindo a hipótese, em segundo plano, de ter sido uma "minoria de direita, interessada na perturbação da ordem pública."

Dia 30 de abril de 1968, o "Estado" disse que havia um radical de direita preso, mas ninguém sabia seu nome nem se falou nele mais depois disso:

"O delegado regional do DPF, general Silvio Correa de Andrade, anunciou ontem que há duas pessoas detidas como suspeitas de estarem implicadas nas explosões de bombas ocorridas ultimamente em São Paulo. A autoridade negou-se a revelar a identidade dos indivíduos. Soube-se apenas que um deles é elemento ativo da direita radical."

Agência "Estado"

Foto Hélio Campos Melo

Abreu Sodré: "a direita não tem organização pra fazer isso"

Foto Luiz Pinto

Costa e Silva mandou investigar bombas

Dentro da própria polícia se discutia se foi a esquerda ou a direita. O general Silvio era dos que tinha mais certeza e sua opinião era muito parecida com a do governador Sodré:

— Não creio na existência de grupos de direita organizados, neste país.

Havia policiais, porém, dando aos jornais outras opiniões, sem se identificar, como essa publicada no "Jornal da Tarde" em abril de 1968:

— A agitação no meio estudantil e os atentados com bombas são uma maneira de colocar o governo em situação difícil, obrigando-o a endurecer o regime. Isso fatalmente prejudicaria sua imagem perante o povo, que passaria a ver com simpatia qualquer atitude que um governo direitista venha a tomar. As circunstâncias em que se verificaram os atentados parecem ser uma evidência de que o terrorismo é de direita.

O recém-empossado comandante do II Exército, general Carvalho Lisboa, disse aos jornalistas, em junho de 1968, quem eram os responsáveis pelas bombas e o que achava disso tudo. Perguntaram os jornalistas a respeito da bomba que havia explodido no próprio quartel do II Exército:

— General, isso é um ato isolado?

— Eu tenho a impressão que não. Eu tinha a impressão que isso viria de qualquer jeito, é parte de um tumor que está para estourar. Isso já estava preparado e, olhe bem, nós já sabíamos disso. São os elementos teleguiados, os decaídos da Revolução, que têm tido instruções nos campos de Cuba e China.

SUCESSO TOTAL: GAMA ANUNCIA ATO

Dia 13, Gama e Silva na tv

"Ninguém pode contestar que a Revolução de março de 1964 trouxe indiscutíveis benefícios morais e materiais ao Brasil. Todavia, muitos não a quiseram compreender e, pouco a pouco, as forças adversas, através dos mais variados processos e dos mais diversos comportamentos, iniciaram movimentos de agitação, de subversão, comprometendo a ordem política e social, gerando intranqüilidade. Nesses últimos meses as agitações se ampliaram, a guerra revolucionária se iniciou."

Este é um trecho do documento que o ministro da Justiça, Gama e Silva, leu para todo o Brasil, pela Agência Nacional, às 11 horas da noite de 13 de dezembro de 1968 anunciando que o governo tinha decretado o AI-5. Ele podia, agora, fechar o Congresso Nacional, cassar mandatos parlamentares, interferir na administração dos Estados, decretar estado de sítio no país, demitir ou reformar oficiais etc. O último pretexto para o Ato foi a recusa da Câmara dos Deputados em dar licença para processar o deputado Marcio Moreira Alves cujos discursos irritaram os militares.

Segundo comentários publicados nos jornais da época, o presidente Costa e Silva assinou o Ato a contragosto e só o fez quando viu que ele viria "com ou sem ele". Ele verificou então — é o que se comentou — que a única maneira de unir as Forças Armadas era assiná-lo mesmo.

Já no dia seguinte vieram os primeiros resultados da vitoriosa operação de arrocho: eram presos no Rio o marechal Cordeiro de Farias, Carlos Lacerda, Juscelino Kubitschek, Darcy Ribeiro, Carlos Heitor Cony, Ferreira Gullar, Enio Silveira, Helio Fernandes, Joel Silveira, Renato Archer e muitos, muitos mais em todo o país.

Reportagem de
Luiz Alberto Bettencourt
Pesquisa de Alex Solnik

GRUPO DO PLANALTO JÁ TEM PLANO PRA GARANTIR PODER

Texto de Luiz Alberto Bettencourt

Dois oficiais do Exército Brasileiro, desiludidos com a situação política do país, revelam: a equipe do Palácio do Planalto tem um plano para continuar no poder depois de 1984, quando se encerram os mandatos dos atuais governantes. Com este objetivo, duas etapas estratégicas foram cumpridas: (1) o grupo "anestesiou" o Exército, eliminou seus opositores e envolveu as lideranças profissionais no seu esquema, evitando a interferência do Alto Comando nas decisões de governo; e (2) conquistou a direção dos órgãos de informação e segurança, ocupados de 1969 a 74 por grupos rivais.

Agora, procura-se garantir maioria no Colégio Eleitoral que vai eleger indiretamente o sucessor de Figueiredo, com apoio de banqueiros e empresários. Tudo isso temperado com a popularização da imagem do presidente.

O GRUPO

No dia 4 de agosto, o grupo do Planalto se reuniu na casa do ex-presidente Geisel, em Teresópolis, para comemorar o aniversário dele. Da esquerda para a direita, estão na foto: Delio Jardim de Matos, ministro da Aeronáutica (de paletó claro e cigarro na mão), coronel Morais Rego (de costas), general Golbery, chefe da Casa Civil, Geisel, Figueiredo, Heitor de Aquino, secretário particular da Presidência (com papel na mão), Antonio Carlos Magalhães, governador da Bahia (mãos na barriga), general Venturini, chefe da Casa Militar (mãos para trás) e coronel Paiva Chaves, assessor do Presidente. Todos muito bem humorados.

Assessoria planejou até operação-táxi em Campinas

No dia 21 de junho, quando voava de Brasília a São Paulo para assistir jogo entre a seleção brasileira de futebol e o time holandês do Ajax, o presidente Figueiredo foi surpreendido pelo fechamento do aeroporto de Congonhas, na capital paulista, e seu avião foi obrigado a pousar inesperadamente no aeroporto internacional de Viracopos, em Campinas.

Lá, como não havia nada preparado para recebê-lo, Figueiredo, com naturalidade de um cidadão qualquer, fez sinal para um carro de praça que por Cr$ 1 mil o levou até o estádio do Morumbi, local da partida.

No dia seguinte, os jornais não pouparam espaço para destacar a singeleza da atitude, o ministro da Comunicação Social, Said Farhat, teorizou sobre a personalidade informal e próxima do povo do presidente e o motorista do táxi, desfrutando de súbita notoriedade, teve que contar a todos tudo o que aconteceu durante o percurso inesquecível. "O que ele disse? Ele perguntou como estava a vida. Ele parece uma pessoa muito simples. Conversamos muito e ele me deu uma boa gorjeta". A história foi repetida umas cem vezes e a moral era uma só: presidente que anda de táxi, é presidente popular. O país, estimulado pelas manchetes e por comentários generosos de altas personalidades desta República, era convidado a se comover diante de João, o Brasileiro.

A operação-táxi, entretanto, foi cuidadosamente preparada pela assessoria de comunicação da Presidência da República. Nada do que aconteceu foi casual, acidental, inesperado. Nem a descida em Campinas, nem a corrida até o estádio. Pode-se dizer até que a ação foi cronometrada. Quando saiu de Brasília, a segurança do presidente já estava informada sobre a impossibilidade de aterrissar em Congonhas. E nem poderia ser de outra forma já que, de jato, a distância entre as duas capitais é de pouco mais de meia hora e, antes de qualquer decolagem, são feitos normalmente contatos com o aeroporto de destino. Tratando-se do avião presidencial, os oficiais da Casa Militar fazem checagem ainda mais rigorosa, sendo, portanto, impossível que, num vôo de curta duração, as condições de pouso não estejam detalhadamente previstas. Imaginar o contrário seria desmerecer a competente assessoria do presidente. O que aconteceu foi que, estando Congonhas fechado, surgiu entre os acompanhantes de viagem do presidente a idéia do lance espetacular, com o objetivo de popularizar a imagem de Figueiredo. O resto foi encenado.

A popularização do presidente é, porém, apenas um aspecto da estratégia do grupo do Planalto para se manter no poder.

O plano, segundo contaram ao **REPORTER** dois oficiais do Exército brasileiro — um deles íntimo do cotidiano do Planalto —, baseia-se em três propostas, que já vêm sendo executadas desde a posse do presidente Geisel em 1974:

1 — Anestesiar o Exército como corporação atuante no poder. Desde 64, o Alto Comando do Exército é a instância onde se discutem e resolvem as questões supremas do país. Estando o Estado praticamente identificado com o Exército, que o domina, pode-se dizer que o Alto Comando é a principal fonte de poder na política brasileira. Ou melhor, era. Já no fim da administração Geisel, completava-se um ciclo da estratégia: Geisel nomeou Figueiredo sucessor sem ouvir os generais do Alto Comando, fortalecendo o projeto de autonomia do grupo do Planalto em relação ao Exército;

2 — Desmontar o esquema político que dominava os órgãos de repressão das Forças Armadas, substituindo-o por oficiais de confiança e ocupar os principais postos de comando militar com pessoas simpátic ao grupo por interesse, ra preso, compromisso carreirismo;

3 — Conseguir apoio setores empresariais para projeto de abertura controlad confundindo e inibindo, mesmo tempo, os setores centro-esquerda e de esquerd O grupo se coloca como u espécie de guardião de regime político estável, abe à influência e participação d empresários, banqueiros tecnocratas. Além de sensíve movimentos reivindicatór destituídos de motivaç política. Algo como a úni opção política capaz compatibilizar as necessidad de crescimento e acumulaç de capitais no país com pressões sociais.

General Fragomeni admite: a revolução acabou mesmo

A tentativa de neutralizar a ação do Exército na política deu certo. Segundo relato de um dos oficiais a este jornal, ele "está desmoralizado por dentro, sem lideranças de prestígio. Nos quartéis não há o clima de discussão do ano passado e os oficiais que tendiam à oposição, foram arrebatados pela disposição democratizante de Figueiredo. Aqueles que têm uma consciência mais crítica não encontram brechas para acender os debates: para o oficial médio, cuja preocupação principal é a carreira, mas que guarda um confuso sentimento liberal, Figueiredo é a medida certa da abertura. Não há ambiente político para contestá-lo".

Além do mais, ainda de acordo com o oficial, os generais "profissionais do Exército, aqueles que não estiveram diretamente envolvidos no esquema do Planalto, estão cansados. Desgastados. Querem que o Exército se retire da cena e entreguem a outros o ônus de conduzir o país".

Exemplo desse tipo de posição, deu o general Fragomeni que, em junho último, deixou o comando do II Exército, sediado em São Paulo, sendo depois substituído pelo general Milton Tavares. Numa, reunião em que se despedia de alguns oficiais, Fragomeni disse textualmente: " — a revolução acabou. Temos que reconhecer isso. É hora de deixar o poder aos civis."

A declaração de Fragomeni completa outra etapa: o Exército sai da política, mas continuam a usar seu santo nome em vão. O grupo no poder o manobra. Isso, entretanto, é o resultado de um processo pelo qual o governo desbastou, à esquerda e à direita, as resistências ao seu domínio.

Diz o oficial que três fatos foram marcantes nessa escalada. O primeiro foi a demissão do general Ednardo d'Ávila Mello, do comando do II Exército em 1975. O assassinato do jornalista Vladimir Herzog e do operário Manoel Fiel Ferreira nas dependências da Operação Bandeirantes foi o motivo alegado. Geisel, logo depois da morte de Herzog, havia advertido Ednardo quanto à necessidade de se evitar fatos como aquele quando aconteceu o segundo desaparecimento. Aí um fato curioso, observa o oficial: Geisel exonerou Ednardo mas não mexeu imediatamente em nenhum dos comandos de unidade responsáveis pelos crimes. A Polícia do Exército, por exemplo.

— Ele quis dar tempo — continua o oficial — para que o esquema deles pusesse a cabeça de fora. Mas nenhum oficial ligado a Ednardo ou à repressão em São Paulo ousou algo. E se não ousou naquele momento, não podia ousar nunca mais. Começaram as transferências do pessoal de segurança, desmantelando o poder da II Seção (encarregada da segurança) na área do II Exército. Veja bem: hoje eu estou convencido que o Ednardo não era o cabeça do esquema repressivo em São Paulo; o esquema é que era muito poderoso e o envolveu. E ele foi usado pelo grupo do Planalto como alavanca para desmontar as bases da direita militar, sem extinguir ou desativar os órgãos de repressão. Eles apenas mudaram de métodos e de donos; e os que foram afastados estavam irremediavelmente dispersos. Um a zero.

O segundo fato, na opinião do oficial, foi a demissão do ministro Silvio Frota em outubro de 1977, convidando-se para substituí-lo o general Fernando Bethlem, então comandante do III Exército, em Porto Alegre. Bethlem era ligadíssimo a Frota, dias antes havia escrito um manifesto radical de direita e constantemente pressionava Frota para uma tomada de posição. Aceitando substituir o amigo de idéias e ocupar um cargo de confiança pessoal da presidência num governo que tão violentamente criticara, Bethlem se desmoralizou, além de inibir qualquer ação do seu grupo. Outro golpe à direita, dois a zero, placar construído com o eficiente apoio do general Hugo Abreu que, naquela época, ainda como chefe da Casa Militar de Geisel, "colou" em Bethlem após a demissão de Frota, acompanhou-o durante 24 horas de Porto Alegre a Brasília e dormiu no mesmo apartamento que ele, impedindo-o de manter contatos com Frota, que acabara de ser afastado.

O oficial, nosso informante, faz aqui um parêntesis:

— É preciso entender que todo general de Exército é o vértice de uma pirâmide de oficiais que o acompanham e que estarão certamente no poder se ele chegar a ministro. Esses esquemas são decorrências da carreira e podem ou não ter motivação política. Quando um chefe do Exército é liquidado, como foram Ednardo e Frota, esses oficiais sabem também que suas carreiras estão ameaçadas. Se eles não reagem no momento, ficam a vida toda de rabo preso, sem força para agir depois. E o governo, usando o poder e contando com a inércia da surpresa, acabava com outro esquema militar — ou, pelo menos, o desarticulava.

COMANDOS FIÉIS

O general Milton Tavares (de óculos), agora chefiando o II Exército, passa o comando da Vila Militar, no Rio, ao irmão de Figueiredo, general Euclides (de luvas). Fragomeni, numa reunião com oficiais, disse que "hora é dos civis".

Oficiais de Abreu até hoje são punidos

O terceiro fato, que contribuiu para o amortecimento do Exército, foi a prisão do general Abreu, que se incompatibilizou com Geisel pela indicação do general Figueiredo à sua sucessão. Aplica-se aqui, ainda segundo o oficial, o mesmo raciocínio válido para Ednardo e Frota: os militares ligados a Abreu — que eram numerosos — foram surpreendidos pela violência da ofensiva do governo e preferiram calar-se, supondo que, nos bastidores, poderiam continuar seu trabalho. O único oficial que protestou publicamente contra a prisão, o major Barreiros, foi punido com prisão e logo depois transferido de unidade. Ninguém mais disse nada, enquanto nos bastidores, ao contrário do que se supunha, a luta era impossível: os oficiais de oposição eram quase todos acompanhados de perto pelos serviços de informação e segurança, sua correspondência era — e continua a ser — bloqueada e as transferências de unidades foram manipuladas pra dispersá-los rapidamente. Ainda recentemente, quando o general Hugo Abreu foi preso pela segunda vez, e preso dentro de um dependência militar o que, para sua patente, é caso raro no Exército, a retaliação continuou. Um oficial que visitou o general foi transferido para Santa Maria, no Rio Grande do Sul, por interferência direta do ministro do Exército, Valter Pires. É que o oficial em questão era instrutor de um centro de educação e só poderia ser tocado por ato do gabinete do ministro, o único com poderes para removê-lo, cancelando a indicação anterior. O ministro usou seus poderes com naturalidade — embora sem nenhuma justificativa profissional.

Três a zero e outro esquema derrotado: hoje a chamada "oposição militar" está desconjuntada, dispersa e quase perplexa. A democracia de Figueiredo convence a tropa, a discussão é difícil e já há mesmo quem pense em, até o final do ano, dependendo do rumo dos acontecimentos, aderir ao bonde da abertura sob o pretexto de que ignorá-la ou se opor a ela é isolar-se.

O que sobrou, entre os generais e oficiais de alta patente depois disso tudo foi a declaração de Fragomeni — "a revolução acabou" A tática do "ping-pong" — um golpe na direita e outro, logo em seguida, na esquerda, como diz o nosso informante — "anestesiou o Exército".

SNI filmava torturas pra enfraquecer CIE, de Frota

A segunda proposta da estratégia palaciana também foi cumprida. Os órgãos de repressão — é o oficial quem relata — não estão absolutamente desativados. Mudou apenas o grupo que os controla. Não é correto também dizer que eles estão agindo novamente. Eles estão prontos para a ação quando for preciso mas não recomeçaram suas atividades. Foram "remobiliados" e, com móveis novos, podem ser usados pelo Planalto que agora efetivamente os domina.

E a sua importância para qualquer estratégia de poder é enorme. De 1969 a 1972, época em que estavam inteiramente devotados a combater as organizações clandestinas de esquerda, eles tiveram grande influência na tomada de decisões. Constituíram-se, desde o início, em organizações para-militares com uma hierarquia definida e quase concorrente com a do Exército. Este repórter mesmo presenciou em 1970, no ministério do Exército, no Rio, uma cena estranha: um general fardado sendo repreendido por um major com funções no aparelho de segurança porque havia pedido informações sobre um preso político, que estava sendo procurado pela família — era comum os presos sumirem para serem torturados, aparecendo, quando não eram mortos, tempos depois. O general ouviu a repreensão constrangido pela presença de uma terceira pessoa e saiu do ministério apavorado.

Os órgãos de segurança, tomando uma dimensão nacional e à margem do Exército, eram também fontes de poder. Quem tem informação e força policial e militar, tem poder. Assim é que o Centro de Informações do Exército (CIE), controlado pelo ministro Sílvio Frota desde 1964 (Frota quando assumiu o ministério afastou o general Milton Tavares que até então chefiava o CIE e hoje é comandante do II Exército, nomeado por Figueiredo), disputou a sucessão de Geisel, brigando contra o Serviço Nacional de Informações (SNI).

A competição, por si só alarmante, teve episódios incríveis. O SNI espionava o CIE e vice-versa. Eram rivais políticos. Um comandante de uma unidade em Brasília contou certa vez ao oficial que agentes do SNI passaram-se por subversivos procurados pelo Exército, foram presos e filmaram a tortura uns dos outros. O SNI usou os filmes para mostrar à presidência da República como a tortura continuava, a mando do CIE, apesar das recomendações em contrário. Não que eles estivessem preocupados com a integridade dos presos; apenas o fato se prestava a uma armadilha contra Frota, revelando sua infidelidade à diretriz presidencial e enfraquecendo sua candidatura à sucessão de Geisel.

O chefe da unidade em Brasília relatou o fato revoltado, "enojado", segundo suas próprias palavras, mostrando-se disposto a abreviar tanto quanto fosse possível sua carreira militar.

Hoje as coisas são diferentes. Não há mais disputas. O CIE está nas mãos do Planalto, o ministro do Exército, Valter Pires, está no esquema e, ainda de acordo com o oficial, o SNI tende a centralizar o comando dos órgãos de informação e repressão. O SNI, aliás, como departamento mais nobre da inteligência, vem sendo extremamente fortalecido pelo governo Figueiredo. Se na administração de Geisel, mais ou menos 100 oficiais eram destacados para instrução no Serviço, hoje a média é de 150. Ele está crescendo para se tornar o grande banco de dados do governo, com capacidade de controle dos movimentos de um número cada vez maior de cidadãos e de alimentar com informações as entidades que executam a repressão.

Por outro lado, os comandos militares estão agora também sob controle. Sobre isso, o oficial se sobressalta:

— Quem quisesse realmente redemocratizar o país não poria na chefia dos exércitos homens da linha dura, como Antônio Bandeira, que comanda o III Exército, e Milton Tavares, agora no II Exército. Bandeira é um oficial conhecido por suas posições radicais. Na época em que a Justiça Militar quase que diariamente julgava subversivos, ele diversas vezes usou o poder de chefia da unidade que exercia para pressionar os oficiais que integram os conselhos de justiça das auditorias do Exército. Bandeira queria sempre punições exemplares e teve diversos atritos com oficiais que queriam votar no Conselho exclusivamente de acordo com suas consciências e com os autos do processo que julgavam. É um sujeito vingativo e conhecido no Exército por seu despotismo.

Tavares, chefiou em 1970 o gabinete do então ministro do Exército do presidente Médici, general Orlando Geisel, ao mesmo tempo em que ajudava a implantar o Centro de Informações do Exército, do qual foi o primeiro chefe. Por formação, é um oficial ligado aos serviços de informação.

— É bom não esquecer ainda — observa o oficial — que no comando da Vila Militar no Rio está o general Euclides Figueiredo, irmão do presidente, e no IV Exército, sediado em Recife, está o general Florimar Campelo, chefe da Polícia Federal em 1968 e que já então apoiava o endurecimento do regime, que considerava frouxo pela vacilação do presidente Costa e Silva.

A tática, portanto, é a mesma usada no episódio da demissão de Frota: o Planalto recolhe, como colaboradores, oficiais que por posições ou conveniências poderiam ser presa fácil da propaganda do ex-ministro do Exército, integrando-os ao poder. Frota, por sinal, segundo nosso informante, continua ativo. Ele acredita piamente que o general Golbery é marxista-leninista e quer implantar no Brasil um regime socializante, liderado por seu grupo. Uma espécie de comunismo monárquico.

Esta pretensão de ajustar os comandos militares à tática do Planalto foi confirmada por um alto funcionário civil do governo Geisel, que deu uma informação interessante: em janeiro, decidida a nomeação de Figueiredo, ele reuniu na casa do general Golbery, em Jacarepaguá, no Rio, aqueles oficiais que estavam destinados aos principais postos militares no seu governo. Pediu-lhes, então, apoio irrestrito ao projeto de abertura e à anistia, garantindo-lhes, porém, que, se o processo saísse fora de seu controle, ele teria meios de voltar atrás e fechar o regime.

"DUROS" NO ESQUEMA

Antonio Bandeira (de óculos) recebeu o comando do III Exército de Fernando Bethlem (de frente), ex-amigo de Frota, que se compôs com o Planalto. No Recife, Florimar Campelo assumiu o IV Exército. São todos generais "duros".

Com Geisel, eles dizem que ganharam a "II Guerra"

A terceira proposta da estratégia do Palácio do Planalto é certamente a mais complexa: controlar a abertura democrática de modo a atrair o empresariado, oferecendo-lhe meios de participar das decisões econômicas. O grupo está convencido que no Brasil um governo para ser estável, precisa ser legitimado pelo apoio das classes produtoras e por camadas da alta classe média, suportando ainda os movimentos reivindicatórios de outros setores, desde que tais movimentos estejam controlados por uma legislação que dê ao executivo instrumentos de intervenção. A abertura é programada e quem ultrapassar o limite, será taxado de provocador, punido exemplarmente e o "excesso" pode até provocar um novo endurecimento político.

Segundo o outro oficial, que teve acesso aos mistérios do Planalto, toda essa estratégia serve a um objetivo: manter o grupo no poder por mais tempo.

— E eles são organizados e têm uma visão organizada da sua atuação. Eles falam, por exemplo, em Primeira Guerra, para se referir ao período imediatamente posterior à doença de Costa e Silva, quando pretendiam chegar ao governo, e em Segunda Guerra, para designar o período a partir de 74 quando efetivamente chegaram. A primeira eles perderam e a segunda, eles garantem que não perdem mais.

Leitores julgam e absolvem edição do REPORTER

JORNAL FOI EM CANA POR DIZER A VERDADE

Pra saber se nossos leitores concordavam com a apreensão da última edição do jornal por considerá-lo imoral, como afirmou o Ministro da Justiça, resolvemos abrir um debate. Ouvimos populares nas zonas sul, centro e norte do Rio de Janeiro, em São Paulo e artistas, jornalistas e personalidades nos dois Estados. Procuramos também a palavra da Igreja (Comissão de Justiça e Paz em São Paulo), o jogador Cantareli do Flamengo (que quer nos processar por termos publicado sua foto na última capa) e a diretoria do Flamengo, que pediu ao Ministro da Justiça a apreensão do REPORTER. A opinião da maioria: o governo não devia poder apreender jornais porque devia haver liberdade de imprensa; a última edição não foi imoral porque apenas mostrou a realidade. Com isso, julgamos ter ampliado um pouco a discussão sobre moral do brasileiro, censura e liberdade de imprensa, interessando nelas outras pessoas e não apenas os jornalistas.

Zona Norte absolve jornal de enfiada

Em Madureira, o pessoal tava ligado no caso da apreensão do Jornal. Repórter e fotógrafo, postados na esquina das ruas Edgar Romero e Conselheiro Galvão, abordaram 93 pessoas, das quais 45 não conheciam o jornal nem sabiam da punição do governo; 13 não quiseram falar e 35 deram sua opinião. O resultado: 28 pessoas disseram que a edição anterior não foi imoral e não concordavam com o fato de o governo ter o poder de se antecipar à Justiça, ordenando a apreensão. Das 7 pessoas (20%) que consideraram imorais as reportagens do último número, 3 afirmaram que tirar um jornal das bancas devia ser atribuição da Justiça — e não do governo.

A maioria que "absolveu" o jornal tinha uma linha básica de raciocínio: quase todos, com variações, é claro, diziam que as matérias não eram imorais porque mostravam a realidade, "todo mundo tem direito de conhecer as coisas da vida, o sexo", "que moral é concepção de cada um", e que o jornal tinha sido apreendido porque "fala a verdade".

Mesmo os que "votaram" pela imoralidade das reportagens não eram unânimes em apoiar a apreensão pelo governo, considerando que a questão moral deve ser decidida pela Justiça.

Num bar da rua Conselheiro Galvão, a telefonista Sílvia Regina, que já conhecia o jornal, fez um verdadeiro discurso a seu favor, pedindo ao governo pra não tirá-lo de circulação. Ela foi contestada por um amigo que a acompanhava, o comerciante português Oscar Araujo, pra quem a reportagem tinha sido imoral, cabendo ao governo a obrigação de tirá-lo das bancas.

Na mesma rua, um investigador da Polícia Federal, que o repórter já conhecia, apresentou-se como comerciante, aprovou a capacidade que o governo tem de censurar as imoralidades dos veículos de comunicação, mas não considerou imoral a manchete Casamento acaba com Tesão.

● — *Achei muito moral. É um jornal instrutivo. A Justiça quem faz somos nós (os leitores). Se você chega numa banca pra comprar o que acha que deve, você compra o REPORTER.* **Marcos, 35 anos, autônomo.**

● — Achei um pouco imoral. Saiu uma porção de troços mas acho que a Justiça é que tem que apreender. Lei é com a Justiça. **Joel, 47 anos, funcionário público.**

● — *Ele foi apreendido por causa da foto do Cantareli, não foi? Pegou mal pra caramba, deviam ter consultado o rapaz antes. Se foi imoral, não sei, depende da concepção de moral. Mas nosso público não está preparado pra esse tipo de jornal. Concordo com a apreensão.* **Gilberto, 23 anos, estudante de direito.**

● — Todo mundo tem o direito de saber o que é a vida, o sexo. Não é imoral, não. A Justiça devia ser consultada antes da apreensão. **Hugo dos Santos, 37 anos, estivador.**

● — *Não chegou a ponto de justificar uma atitude dessas (a apreensão). Pra fazer isso, só uma coisa muito forte. Não vi nada demais nas reportagens.* **Geraldo Automari, 55 anos, comerciário.**

● — Cada um interpreta as coisas segundo achar melhor. A pessoa vê aquilo que quer e que gosta. O jornal REPORTER mostra a verdade, diz o que o povo quer ouvir. E quem diz a verdade não merece castigo. Ele publica o que os outros não têm coragem de publicar. Você não tem coragem de ir à redação de um Globo pra dizer o que você quer. O pobre se prevalece de um jornal como o REPORTER pra dizer o que quer e não diz há muito tempo. Quando ele botar pra fora, não vai ser fácil. Muita gente precisa ouvir. Enganar com palavras bonitas, não interessa. O que interessa ao povo é a verdade. Doa a quem doer. Eu fui uma das que recorri ao REPORTER e me dei bem. Tem que consultar o povo antes de apreender, não a Justiça. Muita coisa que a Justiça não vê, o povo tá enxergando aí nas ruas. Não tem nada que tirar o REPORTER de circulação. Ele tem que continuar mostrando a verdade, seja ela suja, porca, o que for. No meu entender. **Sílvia Regina, 30 anos, telefonista.**

● — *Imoral, o jornal não foi. Ele fala a verdade demais, porisso foi apreendido.* **Jorge, 19 anos, estudante.**

● — Tenho conhecimento que o jornal foi apreendido por falar a verdade. Um jornal que fala a verdade devia ser lido por todos. Essa concepção de moral ou imoral não se encaixa mais nos padrões modernos em que as pessoas têm liberdade de falar aquilo que pensam, como é a intenção do jornal. Não conheço a Lei de Imprensa mas acho que a Justiça deveria ter meios legais para apreender um jornal. Nós deveríamos ter liberdade de expressão pra falar em rádio, TV ou jornal. **Matusalém, 31 anos, funcionário público.**

● — *Eu li tudo realmente. O jornal não foi imoral. Foi natural. Imoralidade está na mente de cada um. Pode ser imoral pra você e não ser pra mim. Eu acho que o jornal não convém (aos grandes). Só isso.* **Jussara Cláudia, 23 anos, professora.**

● — Achar imoral, eu não acho, mas se todos acham, o que é que eu vou fazer? A mentalidade do povo brasileiro não tá preparada pra esse tipo de reportagem. A Justiça é que devia decidir a apreensão. **Luiz Antônio, 17 anos, jornaleiro.**

● — *Eu considero a reportagem imoral. Nem todos estão esclarecidos pra ler uma manchete desse tipo num jornal. O governo tem obrigação de coibir esses abusos.* **Oscar Araujo, 43 anos, comerciante.**

● — Foi aquele jornal que o Flávio (Cavalcanti) rasgou, não foi? Ele não foi imoral, não. Não devia apreender. Ninguém é palmatória do mundo." **Esmeraldo Martins, 49 anos, aposentado.**

● — *O jornal tá um pouquinho exagerado, acho que tá imoral mesmo, as palavras são um pouco violentas. Não é nem por mim, acho uma boa, mas eu não compraria pra levar pra casa. Sabe, até concordo com a apreensão. A capa ainda passava, mas a última página.. Sabe como é que é, tem a família...* **Eduardo Maiorano, jornaleiro na Praça Saenz Peña, Tijuca.**

● — Francamente, achei imoral, devido ao palavrão e as fotos meio indecorosas. Achei justa a apreensão. **Domingos Vanzillotta, jornaleiro na praça Saenz Peña, Tijuca**

● — *Hoje em dia, acho muito difícil definir o que é moral ou imoral. Aquela matéria de vocês, por exemplo, eu não achei imoral. Acho normal que se publique palavrão. Tesão é coisa corriqueira. Palavrão é corriqueiro. Tudo é uma questão de abertura, questão de sentir. E tem mais, sou contra a apreensão.* **Antonio Brito, artesão.**

Em Copa, medo e apoio à luta contra a censura

O porteiro da boate New Munich, na Rua Duvivier, em Copacabana disse que o movimento na casa, depois da publicação da matéria, caiu em 90% e que até a polícia andou por lá. Falou que as fotos não foram tiradas ali, mas meio sem jeito afirmou que existe aquele tipo de programação no roteiro da casa noturna. A boate fica no pedaço mais famoso do bairro, em frente ao Beco das Garrafas, onde nasceu a Bossa Nova e está localizado o Don Juan, onde se pode assistir mulher transando no palco como o jornal denunciou. O Frank's Bar está na Avenida Princesa Isabel, perto da Rua Rodolfo Dantas, da Rua Belfort Roxo, da Rua Ministro Viveiros de Castro conhecidas por abrigas uma infinidade de inferninhos. Ouvimos várias pessoas e muitas não quiseram ser fotografadas, outras simplesmente viravam as costas quando abordadas em nome do jornal mas pelo menos um foi corajoso e disse que quem fosse contra a sua opinião era só procurá-lo.

● — Não devia ser apreendido se estamos num regime democrático, garantido pelas leis. A imprensa tem o direito de publicar o que bem entende, respondendo pelos excessos nos termos da lei e não na base da violência. É o que determina claramente o artigo 153 da Constituição Federal. E quem não estiver satisfeito que me procure. **Joaquim Francisco Filho, professor e advogado, residente na Avenida Atlântica 2806, apartamento 701.**

● — *Eu sou contra apreensão do jornal. Prá mim ele mostra a realidade, a palavra tesão que todo o mundo fala e sente. Ou você não sente? Acho que tem muito mais coisa para o governo se preocupar, como dar melhores salários para o povo e parar de perseguir jornal. Tinoco, motorista de táxi morador em Santa Teresa*

● — *Sobre apreensão do jornal não sou contra nem a favor, quer dizer eu acho que não poderia ser apreendido. Tem tantas revistas de mulheres nuas estampadas nas bancas como Fiestas, Playboy. O sexo está tão aberto na televisão. Pra mim, a moral não é imposta pela sociedade, a moral é de cada um. Maria Perpétua, estudante*

● — Não tem nada a ver recolher o jornal. E a liberdade de imprensa, onde vai? Acho que o jornal está certo em abordar esses assuntos até porque leva ao povão outras coisas interessantes como a política. **Gerson Silva, estudante**

● — O que apresenta esse jornal são termos indecorosos. Bem que poderia fazer o mesmo tipo de reportagem com outro título menos imoral. O que vi me chocou, apesar que a verdade não é imoral. Agora, tudo pode ser dito sem termos grosseiros. Eu não sei se apreenderia esse jornal. **Moses, 35 anos, joalheiro**

● — *Não sou a favor da apreensão do jornal. Como todo jornal da imprensa nanica, existe a pressão do sistema. O sexo, é tabú: a prova disso é que é tido com imoral e tudo, uma realidade muito nossa. A moral capitalista é imoral. Valtenir, famacêutico*

● — Li o último exemplar. Achei a reportagem da última página interessante, mas com termos desnecessários. O assunto abordado é cru demais, mas não é por isso que vou ser a favor da apreensão do jornal. **Ana, secretária, 23 anos**

● — *Olha, cara não tem nada. Esse jornal é legal. Estamos numa abertura ou não estamos? Isso que o jornal mostrou é a pura realidade. Alexandre, economista*

No Centro, imoral é a cerveja a 15 pratas

No centro do Rio de Janeiro, 50 pessoas — entre jornaleiros, auxiliares de escritório, músicos, agentes de segurança e universitários — foram abordadas para que dessem sua opinião sobre a apreensão do n.º 23 do jornal. Algumas apressadas para o trabalho ou para as compras e outras curtindo o final da tarde de sexta-feira na porta dos bares. No entanto, todas — fossem a favor ou contra a apreensão do jornal — se dispuseram a falar a respeito.

Num bar da rua 13 de Maio, um grupo de amigos, que resolveu terminar o expediente tomando un goles de cerveja, se propôs, entusiasticamente, a falar sobre a apreensão. Eles diziam ser o REPORTER um jornal que mostra o que o povo vê, pensa e tem vontade de dizer e que sua linguagem não é imoral porque é a linguagem do povo. Um dos elementos do grupo, Alberto, de 26 anos, auxiliar de escritório, toma a dianteira da discussão e afirma:

— Eu sou contra a apreensão porque, prá mim, este é o único jornal que escreve o que os pobres gostariam de dizer. Onde tá a abertura do Figueiredo. O jornal foi apreendido porque é imoral? Pô...isso não é imoral. Imoral é a cerveja a Cr$15. Assim não dá, eu vou parar de beber prá comprar o REPORTER.

Assim como Alberto, várias das pessoas entrevistadas enumeravam uma lista de imoralidades que não a linguagem utilizada na matéria. Aí vai o listão:

"Imoral é esse porcalhão do Edgar Carvalho Júnior que só sabe sujar a cidade, dizendo que é o povo, e não recebe nenhuma punição das autoridades." — Jorge Luis Mello, 26 anos, universitário.

"Imoral são essas mulheres nuas na capa das revistas, esses livros de piadas e posições amorosas." — Jorge, 22 anos, funcionário da Telerj.

"Imoral são os dez cruzeiros que o guarda leva prá deixar o carro subir na calçada." — Darlan Pedro da Costa, 37 anos, jornaleiro.

"Imoral é o preço do leite sem gordura." — Samuka, 33 anos, desenhista.

"Imoral é eu ter que estudar e trabalhar ao mesmo tempo e ser demitido do IBGE porque sou filiado ao MDB." — José Augusto, 21 anos, atualmente é só universitário.

Dos vinte e três entrevistados, que souberam da apreensão, três se colocaram a favor dela afirmando que a linguagem da matéria "Suruba ao Vivo em Copacabana" é avançada, picante e abusou da moral do povo. Oscar Dalsenter, diretor do colégio Planck-Einstein, diz que gostou da apreensão e acrescenta:

— Sou radicalmente contra qualquer tipo de censura, mas avacalhação não dá. Os professores do meu colégio recomendaram a leitura do jornal para os alunos e eles vieram reclamar comigo.

Vinte e oito dos cinquenta entrevistados não tomaram conhecimento da apreensão. Especialmente, oito figuras que olhavam espantadas para os repórteres como se tivessem um grande ponto de interrogação na cabeça — eram estrangeiros que não entendiam nem falavam o português.

Paulista diz que governo reprime a boca do povo

Em São Paulo, **REPORTER** também foi ouvir os seus leitores para saber o que eles acham da apreensão do último número. Primeiramente nos dirigimos a Pinheiros, bairro classe média, composto de estudantes, peões de obras, bancários, intelectuais. Passamos pela redação do semanário **Movimento**, e escolhemos o arquivista Samuel Rodrigues, de 24 anos, casado, para falar: "Essa apreensão mostra que, de fato, a censura ainda existe. Que o regime continua sendo de força, autoritário, ditatorial, que tem força para apreender um jornal como **REPORTER**. Se a desculpa for esta, a do uso do palavrão, não é com uma apreensão que o problema se acabará, porque ele existe, está na boca do povo, é usado amplamente, quer dizer, tem legitimidade. E porque o jornal não pode refletir isso?".

● *Banco de jornal da rua Cardeal Arcoverde, o dono, Rolando Dagostinho, 50 anos, casado, um filho, tomou um susto numa sexta-feira, primeiro dia de vendagem daquela edição. Rolando tinha ficado com 30 exemplares, 25 já vendidos aquela hora. Pediu um comprovante, e o único papel que lhe deram foi um recadinho com o endereço da PF, na rua Piaui, 527. Sobre o conteúdo do jornal, Rolando disse: "Foi um bocado forte, aquela capa com a palavra tesão, mas disse abertamente, não é mesmo? Eu penso que a materia sobre a suruba em Copacabana só reflete a verdade, porque se não o fosse vocês não contariam, não é?". Terminou perguntando: "E a propalada abertura do Figueiredo?".*

● **Wladimir Magalhães** tem anos, é secundarista, leitor da **Folha de S. Paulo** e fã incondicional do **REPORTER**: "Acho uma importante opção de leitura, é um jornal muito variado, tem sexo, política, tudo muito dosado. Claro que tem certo sensacionalismo na capa, mas esse apelo é válido se é para vender jornal, é uma concessão que, acredito, vocês têm que fazer. Achei legal a matéria de capa do casamento. Eu tinha muitas dúvidas, serviu para debater lá em casa. Minha mãe, por exemplo, lê o jornal e gosta, acha tudo muito natural. Sabe de uma coisa? Agressivo mesmo é ver gente morrer de fome na rua, isso sim que é agressão".

● *Gildonete Pereira de Lima, 22 anos, solteiro, balconista do supermercado 13: "Dô uma lidinha no jornal, meu irmão compra todo mês, chega a ser fanático. Lá em casa é assim, todo mundo dá uma lidinha, tenho 5 irmãos, lemos tudo que é importante, e no **REPORTER** para mim tudo é importante. Não tô de acordo em recolher o jornal, não podia. Acho que não podia".*

● Muito desconfiada de tudo, olhando para os lados com o rabo do olho, Aldina Machado, solteira, 25 anos, balconista, diz que é leitora do jornal desde o número zero. "Achei legal o último número, tudo ali ma pareceu real, embora não conheça Copacabana, mas acredito na informação do **REPORTER**. Já vi coisas piores aqui em São Paulo". Ela reluta em contar o que é "pior", mas acaba explicando: "Em ambiente fechado tem transação homem com homem, mulher com mulher, todo mundo junto, um sozinho se masturbando". Aldina mora numa república com outras 9 colegas, todas menininhas vindas do interior paulista.

● *Estação Rodoviária de São Paulo. O ambiente é todo empastilhado, com chapas de acrílico coloridas. Miguel Plínio, 18 anos, balconista, morador de Santo André: "Gosto do **REPORTER**, eu e meu irmão colecionamos o jornal. Meu pai e minha mãe lêem sempre e gostam. O que achei da apreensão? O governo não podia fazer isso, é uma injustiça".*

● Mário Barbosa, 34 anos, casado, comerciante: "Leio o **REPORTER** como leio **O Estado, Folha** como leio tudo o que cai na minhas mãos. Acho um jornal corajoso. Pornográfico? Isso é relativo, depende muito de quem vê o jornal sob determinado prisma. Quanto a apreensão, acho que quem não não gosta não lê, é o próprio leitor quem faz a censura".

● *Sérgio Luís de Oliveira, 28 anos, casado, 1 filho: "Acho o jornal 100%. Não deviam apreender. O governo tá mal, tem que ter alguém para combater esse governo. Só dá eles. Usam e abusam do direito de zoar da gente. Veja bem, sou marreteiro, vendo jacarés de papel, não sou trombadinha e me enchem o saco."*

● Quando cai um número do **REPORTER** nas mãos dos carregadores da rodoviária a curiosidade é geral. Todo mundo quer ler. No final o jornal acaba velho, amassado, e some. Pedro Viana, 45 anos, casado, 5 filhos, morador de Guarulhos, é um deles: "Nós aqui achamos muita coisa interessante no jornal. A gente sabe que tem, mas não conhece ao certo. Como? Recolheram o jornal? Mas ninguém tem o direito de recolher um jornal. A realidade tem que ser dita, doa a quem doer".

Gente fina também chia contra a apreensão

Da redação, pelo telefone, ouvimos jornalistas, músicos e intelectuais a respeito da apreensão do REPORTER. As respostas são unânimes em condenar a apreensão, embora houvesse quem achou a matéria sobre a suruba ao vivo em Copacabana, "muito forte" e até mesmo quem, veladamente, mostrou-se francamente contrário a esse tipo de reportagem. Ninguém, no entanto, teve coragem de apoiar o arbítrio da medida do governo e toda a vez que um entrevistado atendia o telefone e ficava sabendo que estava falando com o jornal, lá vinha um riso, ou, às vezes, uma reprimenda carinhosa e cheia de admiração: "Do REPORTER, aquele jornal? Vocês são fogo, hein...!"

A todos, as três perguntas de praxe: soube, que acha, achou o jornal imoral?

Alberto Dines, Cristina Miguez, Victor Schneider, Fuad Atala e Carlos Eduardo Novaes foram os jornalistas ouvidos. Fuad disse que não queria responder e pediu "me tira dessa..." Novaes foi lacônico e incisivo: tomou conhecimento da apreensão, não ficou surpreendido, não achou o jornal imoral e é só. No mesmo estilo telegráfico, Schneider respondeu às perguntas em um minuto, sem pensar: "estou sabendo, é absurdo, não acho nada imoral..." Dines disse que "nada justifica a apreensão de um jornal", mas achou a matéria "forte". E Cristina, para quem a profissão é eminentemente política, pensa bastante, antes de responder e prefere endossar as notas do sindicato e da ABI, que condenaram a apreensão. Ela diz que a história toda merece uma longa conversa e cai de pau no jornal: "O que eu acho, basicamente, é que o jornal já foi melhor, principalmente no plano político".

Dois músicos — dos melhores — afinam com o jornal e são contrários à medida do Ministro da Justiça, Petrônio Portela. João Bosco diz que o jornal não é "absolutamente imoral" e afirma que não está entendendo essa abertura, porque "o REPORTER fez o que tinha mesmo que fazer, que é botar a boca no trombone..." Dory Caymmi confessa que não chegou a ler o jornal, mas tem uma opinião a respeito: "Eu não sou favorável a nenhum tipo de apreensão, sob a alegação de nada. Em princípio, usar a força é uma medida errada. E acho também que acusar de imoral é muito relativo, porque a palavra imoral tem sido usada para acusar pessoas e coisas que, na verdade, incomodam, mas é por outros motivos".

Teresa Aragão, produtora de espetáculos, tem um argumento que lhe parece mais que suficiente para justificar a matéria da suruba e a permanência do jornal nas bancas: "Ué, não foi ficção, a buate está lá para quem quiser ver; o que o jornal fez foi retratar a realidade..." Seu marido, o poeta Ferreira Gullar, também acha que a apreensão vai contra "o princípio da liberdade de expressão, que deve vigorar acima de tudo". Mais ou menos a opinião de outro escritor, Antônio Callado, para quem "a opção de comprar, ou não, pertence — e só deve pertencer — ao leitor". E o médico-sanitarista Carlos Gentile de Mello acha até que REPORTER tem, na verdade, um procedimento bastante **moral** em relação a seus leitores: "Quando me mostraram a capa, eu percebi logo qual é o tipo de reportagem que o jornal estava publicando. Então eu acho que isso é um procedimento leal com os leitores e até mesmo um caso raro na imprensa brasileira, porque, depois de ver as manchetes, só compra mesmo quem quiser e ninguém pode dizer que foi enganado. De um modo geal, o que eu vejo por aí é justamente o contrário: o leitor é induzido a comprar a publicação por causa de uma chamada e os objetivos são bem outros".

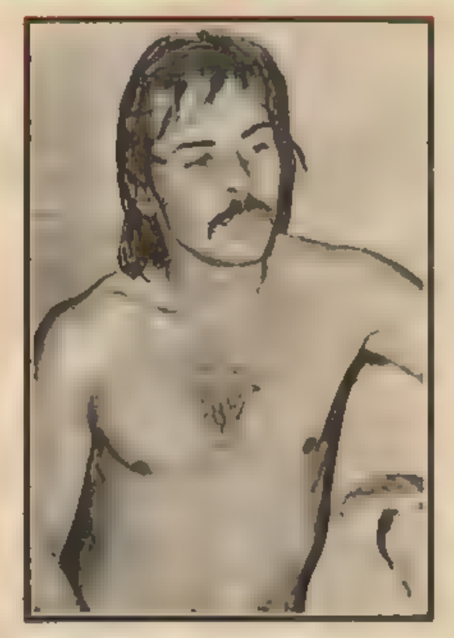
● *"Numa época que se diz de abertura não é concebível um atentado dessa natureza, porque ele importa numa restrição à livre manifestação de um órgão jornalístico. A rigor, o órgão deve auto-disciplinar-se, mas evidentemente eu não posso compactuar com a licenciosidade. Há um conceito geral de moral e isso, normalmente, dentro de uma sociedade, é muito difícil dizer onde se inicia a licensiosidade. Inclusive, o conceito de atentado ao pudor está ligado a uma definição do que seja licensioso ou não. Isso varia em função de um conceito geral de moral". Mário Sérgio Garcia, presidente da OAB em São Paulo.*

● *"Se ele contou uma coisa que existe, ela tem que ser contada como é. O jornal tem que ser um espelho: se o sujeito tem espinhas, ele não pode esperar que, olhando no espelho, as espinhas não apareçam. Ou a verdade é livre, ou a liberdade não é verdadeira. O apreensor do jornal tem que ser melhor que o jornal apreendido para apreendê-lo. Eu sou contra a apreensão de qualquer jornal. O REPORTER começou a vender muito e eles ficaram com medo. O jornal REPORTER não faz ficção". Carlito Maia, publicitário*

● *— Confesso que não vi a edição mas me informaram que o jornal publicou fotos cruas e contundente de uma boate em Copacabana. Os fatos existem e eles não são capazes de eliminar e querem apagar a notícia do fato usando a força. Esse tipo de ataque é o célebre fascismo. Heloneida Studart, deputada estadual*

IGREJA REPUDIA APREENSÃO

Fla nega ter pedido ação contra jornal



O goleiro Cantareli

No vestiário alegre do Flamengo, depois da vitória sobre o Grêmio no Maracanã, um dos jogadores mais contentes era o goleiro Cantareli que acabara de cumprir uma grande atuação.

Cantareli o que você acha da apreensão do jornal REPORTER pelo Ministro da Justiça?

— Não sei de nada, isso é com o nosso advogado. Está tudo na mão dele, não falo mais nada e não tenho nada a declarar. É tudo com o doutor Michel.

Naquela confusão do vestiário entre cartolas, bicões, fotógrafos e repórteres o goleiro apresentou o advogado Michel Assef.

O senhor tomou conhecimento da apreensão do jornal?

— Sim.

Achou justa?

— Não, nunca acharia, sou a favor da liberdade de imprensa.

Então o que aconteceu com o Flamengo e o jornal?

— O Flamengo apenas entrou com uma ação na Justiça por perdas e danos.

Em nome do Flamengo?

— Não. Em nome do nosso goleiro Cantareli que nos procurou e pediu que encaminhasse a questão.

O senhor achou o jornal imoral?

— Questão de moral é subjetiva. Não tivemos nada com apreensão. A questão do jogador é apenas econômica, não é moral: Publicaram a foto, têm que pagar. O que queremos é isso.

Partiu do Flamengo o pedido de apreensão ao Ministro?

— De jeito nenhum. O Flamengo tem uma direção progressista. Eu, pessoalmente, não me sujeito a esse papel. E me negaria se a direção o pedisse. Somos a favor da liberdade de imprensa, do direito das pessoas falarem o que quiserem, mas vocês botam a foto do jogador nu, dizendo que ele é bicha. Ele tem o direito de indenização, não é mesmo?

Segundo o noticiário dos jornais diários, o vice-presidente jurídico do Flamengo, Michel Assef, pediu ao Ministro da Justiça, através de ofício, a apreensão do REPORTER. Portanto Assef mentiu a nós ou aos jornais. Quanto à indenização pela publicação da foto do goleiro Cantareli, é descabida. Não a usamos para fins publicitários, mas com objetivo jornalístico. Se tomasse tal iniciativa, o Flamengo teria que solicitar reparação idêntica a todos os jornais do mundo que fotografam seus jogadores.

Sobre as preferências sexuais do jogador Cantareli, a reportagem também não faz referência. Não o chamamos de homo ou heterossexual. Dissemos apenas que ele defendia a presença da torcida Fla-Gay no Maracanã.

"A Comissão de Justiça e Paz de São Paulo vem a público apresentar um formal protesto contra a arbitrária apreensão da última edição do jornal REPORTER por parte de agentes do Ministro da Justiça e lamenta mais este ultraje ao direito de informação e de comunicação, neste momento em que se propagam intenções de abertura política".

● *Esta nota oficial da Comissão de Justiça e Paz de São Paulo foi distribuída a todos os jornais da capital. Apenas O São Paulo, órgão oficial da arquidiocese, a publicou.*

Sócrates acha normal palavrão

Foto Chiquito Chaves

Doutor Sócrates

"Depende de quem lê. Acho normal aparecer palavrão em jornal. É até uma evolução social porque é a terminologia do povo. E é a que tem que ser usada. Eu acho que no atual momento é um pouco contraditório apreender um jornal." Sócrates, jogador do Coríntias e da seleção brasileira.

Pudor do deputado da Arena ofendido

Edson Lobão é jornalista e deputado federal pela Arena do Maranhão. É o seguinte o seu depoimento sobre a apreensão do jornal, escrito pelo próprio.

— Basicamente o que sou é jornalista. Como jornalista, não entendo imprensa censurada. Durante o governo Geisel fui recebido algumas vezes em audiências pelo Presidente da República, que recebeu do governo anterior um serviço de censura bastante ativo. Em todas estas oportunidades tomei a liberdade de pedir ao presidente a suspensão da censura à imprensa. Algum tempo depois, Geisel, não porque eu pedi, mas porque também entendia do mesmo modo, levantou esta fiscalização à imprensa.

Repito: sou inteiramente contrário à censura.

Sucede que o que vi e o que li no jornal REPORTER não deve ser entendido como trabalho profissional, isento de censura. Não sei em que podem aquelas reportagens edificar alguma coisa. A meu ver atentam contra o pudor (e não sou moralista) e estimulam a desagradação. Compreendo, por conseguinte, a ação do Ministro da Justiça no sentido de obstruir a distribuição desta edição.

Deputado do MDB é contra o arbítrio

Audálio Dantas é deputado federal pelo MDB paulista e ex-presidente do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo.

O que você acha da apreensão do REPORTER?

— Não cabe fazer qualquer julgamento sobre o REPORTER ou qualquer outra publicação. A defesa da liberdade de Imprensa implica a defesa de um princípio: o de que as limitações a essa liberdade, se necessárias, não fiquem ao arbítrio dessa ou daquela pessoa, dessa ou daquela autoridade.

Mas você acha moral o número apreendido?

— Muitos querem se circunscrever à questão moral, principalmente em pleno vigor de uma lei de segurança que permite ao arbítrio do ministro da Justiça a apreensão de qualquer publicação. Eu não gostaria de entrar em moral, até porque isso é uma coisa particular.

Como jornalista, eu não usaria a linguagem usada pelo REPORTER. Acho que a exposição dos fatos pode ser feita sem necessidade de apelos como este.

O que você acha dessa idéia de levar à discussão pública a apreensão e os motivos alegados?

— Acho muito interessante, porque você vão se expor à crítica. A imprensa como instituição que defende para si o direito de crítica não pode e não deve ficar acima da crítica. Isto principalmente em momentos como este em que subsiste a legislação restritiva a sua liberdade.

A luta pela liberdade de expressão precisa ser preservada principalmente pelos jornalistas e uma contribuição importante nessa luta é não fornecer a regimes de força como este os pretextos para suas investidas.

Como assegurar, de forma não arbitrária, o direito de protestar das pessoas que se julgam atingidas por um órgão de Imprensa?

— No pleno funcionamento das instituições democráticas não há necessidade de medidas de caráter irreversível, tomadas contra um réu sem direito de defesa.

O exercício da democracia leva os cidadãos a conhecerem os seus direitos. E um deles é achar que tal publicação é lesiva aos interesses de um grupo social.

Nos Estados Unidos não há sequer lei de Imprensa. A Emenda número 1 da constituição americana garante total liberdade de informar. Não há censura. No entanto, tenho certeza de que os cidadãos ou grupos sociais que queiram processar uma publicação encontram no Código Penal o devido enquadramento.

REPORTER

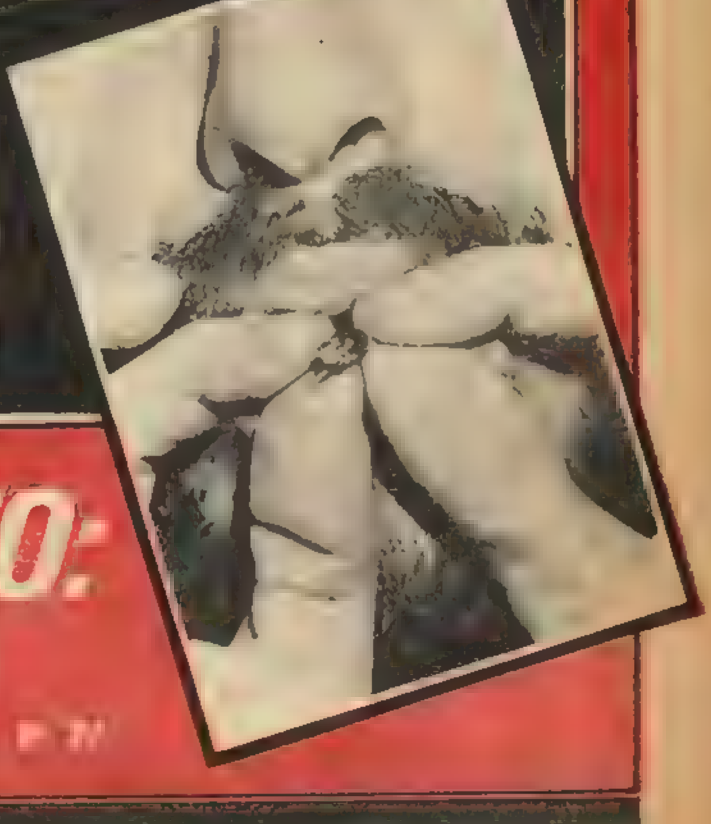
REPORTER

Dezembro de 1979 - ano III - nº 24 - Cr$ 20
AUTÔNOMO INDEPENDENTE

Adubo químico corta barato da erva

BANCO DO BRASIL FINANCIA MACONHA

Federal rouba jererê de criança



SEXO NO CASAMENTO: LEITOR DÁ RECEITA

A lei do cão

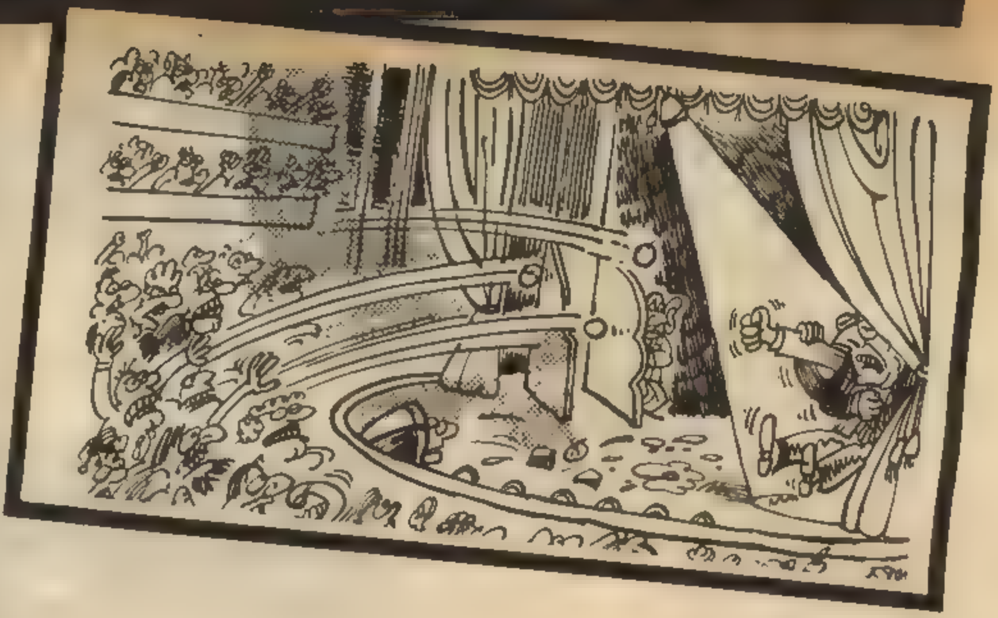
(e do cavalo)

Vocês já viram alguém ser condenado e pagar sua pena sem, ao menos, ser acusado na Justiça de algum crime? Certamente não viram e, se vissem, ficariam escandalizados. Pois podem ficar. Foi exatamente isso o que aconteceu com a edição n.º 23 do REPÓRTER, apreendida em todo o território nacional, acusada de ferir a moral e os bons costumes do povo brasileiro, segundo alegou despacho do ministro da Justiça, Petrônio Portela. Escudado no Decreto-Lei 1077, que o governo, usando os poderes que o AI-5 lhe concedia, transformou na Lei de Imprensa, o Ministro mandou retirar das bancas os exemplares da referida edição, classificando-a de obscena. Estava obrigado, entretanto, a fazer uma representação aos tribunais ou mandar abrir inquérito e, depois, processo, para provar que este jornal cometera de fato o crime de que era acusado. Pela imprensa diária, o Ministro anunciou sua intenção de representar diretamente ao Tribunal Federal de Recursos, no prazo de 5 dias úteis, a partir do dia 9 de novembro.

Até o momento de fecharmos este número, porém, o governo não havia movido um passo para levar à Justiça suas razões. Nem inquérito, nem representação, nem processo. Nada. Não podemos nos defender porque não há, legalmente, nada do que nos defendermos. Não há acusação de crime, mas já houve sentença e punição. O governo disse que este jornal afrontou a moralidade do brasileiro e pronto. Não é preciso dar satisfações a ninguém, nem a nós, nem à Justiça. É a lei do cão.

Vamos entrar com um mandado de segurança para recuperar a edição apreendida. Vamos lutar na Justiça por nossos direitos contra a arbitrariedade do governo. Mas sabemos, desde já, que esses processos são demorados. Andam a pé, enquanto o porrete do governo vem a cavalo. O prejuízo é inevitável, como foi no número 5, de maio de 78, apreendido e, depois, absolvido em primeira instância e até anistiado, mas ainda mofando nas celas da Polícia Federal do Rio de Janeiro.

A nossa democracia é assim: todo mundo pode falar, desde que fale baixo e não incomode o governo. Se incomodar, vira agitador, subversivo, minoria desordeira. E aí, acabou a brincadeira de liberdade.



ROTEIRO DE UMA TRAGÉDIA EM 5 ATOS

1º **ATO** — *"A economia vai bem e o povo vai mal". Essa frase foi pronunciada pelo general Garrastazu Médici, no tempo em que ele ocupava a presidência da República. Na época, a afirmação do general foi apresentada como uma garantia de que, agora sim, iriam melhorar as condições de vida do povo.* **(Palmas)**

2º **ATO** — *Muitos anos se passaram. Dois generais-presidentes vestiram o pijama e foram pra casa, outro general ocupou a presidência. Antes de tomar posse, mudou a fachada, tirou os óculos escuros, abriu um sorriso e passou a atender pela alcunha de João.* **(Palmas)**

3º **ATO** — *O general João começou dizendo que a prioridade do seu governo ia ser a agricultura — "vamos encher a panela do povo" — o combate à inflação e aos aumentos de todo dia dos gêneros de primeira necessidade. Garantiu também que ia fazer uma abertura política pro país voltar a ser uma democracia, onde todos poderiam se manifestar livremente.* **(Palmas)**

4º **ATO** — *Nove meses já se passaram da posse do general João. A inflação, desde 1964, não era tão grande e as previsões de técnicos do próprio governo dizem que ela pode chegar a 100% até o fim do ano. Afinal, o governo é o primeiro a não deixar para amanhã o aumento que pode fazer hoje, como acabou de acontecer com a gasolina. O resultado é que quem tem alguma coisa prá vender, segue o exemplo, formando uma cadeia interminável de aumentos de preços. O governo só não quer deixar subir o preço da força de trabalho, a única mercadoria que os trabalhadores têm para vender. Prá isso, o ministro Delfim Netto já anda até falando em firmar um pacto com os sindicatos, de forma a terminar com as greves nos próximos dois anos. Mas enquanto o tal pacto não existe, o governo chama a polícia pra descer a porrada nos piquetes e prender as lideranças.* **(Espanto)**

5º **ATO** — *O general João conseguiu acabar com a Oposição ao seu governo no Congresso. João está satisfeito, não pára de viajar pelo país, comendo churrascos feitos com 3 mil quilos de carne e regados a 6 mil litros de chope. Entre uma garrafada e outra, dá conselhos ao povo: "Andem a pé."* **(Vaias, palavrões, confusão, desce o pano, rápido).**

Registro Civil das Pessoas Jurídicas nº [illegible]

REPORTER

EDITORES — Alex Solnik, Chico Júnior, Luiz Alberto Bettencourt, Pipsi (Arte)

REPORTAGEM — **Rio de Janeiro:** Tim Lopes, Marcos Dantas, Clarice Niskier, Vera Lúcia Dias, José Antonio Nonato, Sérgio Danilo, Silvia Duarte, Grice Faria. **São Paulo:** Rivaldo Chinen, Afanásio Jazadji, Maria José Arrojo. **Recife:** Eduardo Homem. **Salvador:** Marcos Vinícius Bittencourt. **Internacional:** Carlos Comitini.

FOTOGRAFIA — **Rio de Janeiro:** Chiquito Chaves, Roberto Musauer. **São Paulo:** Amancio Chiodi, Wagner Avancini, Eliana Pastore, João Bittar.

CORRESPONDENTES — Paulo D'Alcantara (Paris), Cristina Duarte (Milão)

ILUSTRAÇÃO — Guidacci, Mauricio Veneza.

ARTE — Analuce Estrella, Guidacci, Mauricio Veneza, Maria Rita.

REVISÃO — Maria Teresa M. Pinto.

CIRCULAÇÃO — Eduardo Curi

PROMOÇÃO E ASSINATURAS — Marco Antônio Vieira Souto

DEPARTAMENTO JURÍDICO — Modesto da Silveira, Luis Celso Araújo, Luiz Eduardo Greenhalg.

REPORTER Autonomo Independente — Uma publicação da Margem Editora e Programação Gráfica Ltda. **Rio de Janeiro:** Rua Miguel Couto, 134/11º andar, tel. 253-5038. **São Paulo:** Rua Santa Isabel, 33/8º andar, tel. 222-3103.

Composição e impressão — Editora Mory Ltda. Rua do Resende, 65, Rio de Janeiro, tel. 263-7002.

Distribuição — Fernando Chinaglia S.A. Rua Teodoro da Silva, 907, Rio de Janeiro.

ENTRAMOS NA ROTA DA MACONHA

E descobrimos que a Bahia é o principal centro distribuidor do país. Em Pernambuco, o Banco do Brasil financiou uma plantação pensando que era um trator. No Maranhão, a Federal roubou erva de criança. No Rio, o misterioso rumo dos preços.

Nossa reportagem em 4 Estados conta segredos do mercado de fumo

Que já existe um grande mercado de maconha no Brasil, isso não se discute. Um mercado ainda clandestino, mas já institucionalizado, como o jogo do bicho. E da mesma forma que o bicho, no mercado da maconha mãos influentes no poder conseguem manter um acordo econômico, no sentido de permitir que o tráfico (ou comércio) se desenvolva dentro da normalidade, soltando uma grana aqui e ali. Afinal, é assim em outros países e o Brasil não fugiria e não foge à regra

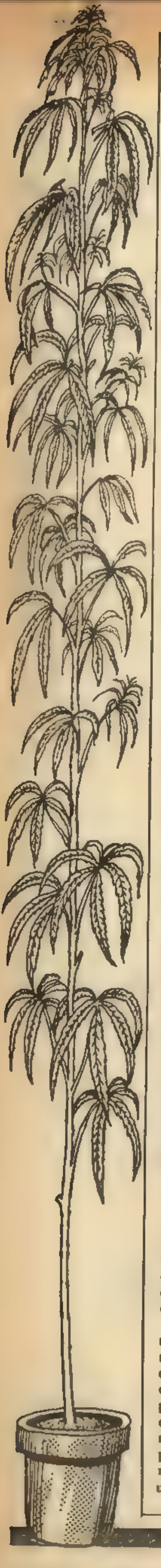
Levando em consideração o cálculo do criminologista e professor paranaense Heber Soares Vargas, atualmente no Brasil o mercado da maconha movimenta, por baixo, cerca de Cr$ 25 milhões por dia. Para o professor Heber, fuma-se diariamente no Brasil cinco toneladas de jererê. Já uma bela fonte de imposto para o governo, certo, considerando que o preço médio nacional do quilo está em torno dos Cr$ 5 mil

Durante um mês, fizemos várias perguntas no mercado de Salvador e do Rio de Janeiro, além de duas reportagens de **Beth Salgueiro** nos principais centros produtores de maconha do país, Maranhão e Belém de São Francisco, município do sertão Pernambucano que fica às margens do rio.

Mas enquanto a maconha maranhense se destina, em grande parte, à exportação (através das Guianas), a paraguaia é a grande abastecedora do mercado, tomando conta do Sul até o Rio de Janeiro.

Diante desse quadro real, ou seja, a existência de um mercado institucionalizado, fica a pergunta: não seria o caso de se pensar em legalizar a maconha? É bem possível que o momento deixe de ser de repressão para ser de legislação

Colheita da maconha em Belém do São Francisco, Pernambuco



Preço não tá barato: um baseado a Cr$ 50,00

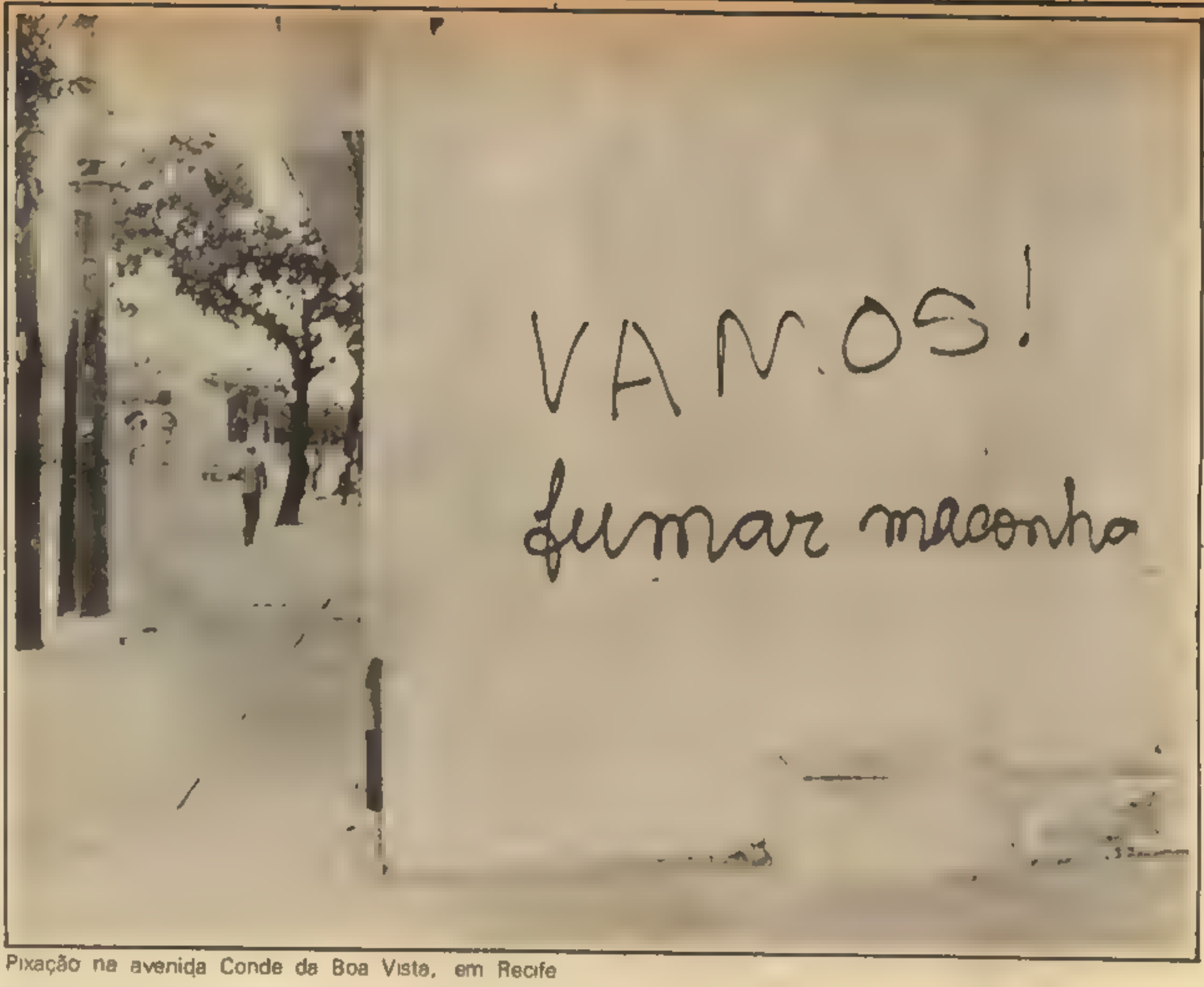
Definir o mercado da maconha no Brasil ainda é uma coisa um tanto complicada, pois o preço varia muito. Para se ter uma idéia, atualmente paga-se ao produto do Nordeste brasileiro até Cr$ 5 mil o quilo. Essa maconha chega nos principais centros consumidores a, no mínimo, Cr$ 8 mil, podendo ser revendida a Cr$ 10 mil (preço médio no consumo classe média do Rio e de São Paulo). Mas há dois meses, uma famosa boca do subúrbio carioca estava vendendo o quilo a Cr$ 4 mil para quem levasse mais de quatro. Quem quisesse adquirir apenas um pagava Cr$ 6 mil. Esse quilo era revendido na Zona Sul por Cr$ 8 mil, estando, agora, custando entre Cr$ 9 e Cr$ 12 mil. Atualmente, o preço médio do quilo "unitário" na Zona Norte está por volta de Cr$ 7 mil, podendo ser Cr$ 5 ou Cr$ 6 mil para quem levar grandes quantidades.

E aí fica a pergunta: como a maconha sai do Nordeste a Cr$ 5 mil e é vendida no Rio (preço de atacado), a praticamente o mesmo preço? Simples, esse preço é o da maconha paraguaia, a grande e principal concorrente da brasileira. Como a produção paraguaia é muito maior e a repressão às plantações não existe, o Paraguai consegue colocar no mercado brasileiro tanta maconha que chega ao ponto de ser mais barata do que a nossa. Mas como nem todo mundo se arrisca a comprar um quilo de maconha porque envolve um certo risco, esse quilo passa a valer muito mais — 250 gramas custam Cr$ 3 mil na Zona Sul. E sobe mais ainda quando se descobre que essas 250 gramas são apenas 150. Aí, temos o quilo valendo Cr$ 20 mil. E chegaremos a um preço astronômico ao verificar que nas bocas de favela compra-se uma mutuca por Cr$ 50,00, mutuca essa que dá apenas para um baseado (10 gramas, se tanto), nem sempre bem servido. Aí, o quilo vai para Cr$ 50 mil.

Em Salvador, mais próximo do centro produtor, compra-se 50 gramas de fumo entre Cr$ 750 e Cr$ 1 mil. Cem gramas custam entre Cr$ 1.500 e Cr$ 2 mil, dependendo da melhor ou pior qualidade.

Uma coisa interessante de ser notada é que o preço médio da maconha no Rio e em São Paulo é estipulado durante o verão, que é quando o consumo aumenta e a produção diminui, o que significa dizer que, como tudo nesse país, a maconha promete um aumento para o início do ano. Para que isso não aconteça, é necessário que uma supercarga chegue ao Paraguai (o nosso principal fornecedor), permitindo um congelamento. Sempre que chega uma supercarga, o preço diminui, pois maconha é o tipo de produto que precisa sair rapidinho. Por questões de segurança, dizem eles.

Chico Júnior



Pixação na avenida Conde da Boa Vista, em Recife

Trabalho livre é 30% da economia do Brasil

Conversando há algum tempo com um banqueiro — desses ilustrados que são capazes de discorrer sobre algo mais do que taxas de juros e mercado aberto — perguntava-lhe por que fracassara a política para provocar uma recessão econômica que o ex-ministro Simonsen tentou implantar no país e por isso acabou caindo, quando ouvi uma explicação surpreendente. Para esse banqueiro, era muito difícil conter o ritmo de crescimento da economia brasileira devido à existência do que ele chamava de "economia marginal": noutras palavras, boa parte da renda do país é gerada por trabalho não computado nas estatísticas oficiais. É o trabalho do bicheiro, do plantador e do traficante de maconha, do contrabandista, do lavador de carros, da lavadeira de roupas, etc, etc.

O termo "marginal", na acepção que lhe dava o banqueiro, não tinha nada a ver com o seu significado policial. Marginal, na linguagem dos economistas, é o que está "à margem", "no limite", de um sistema. O nosso banqueiro, em suma, estava dizendo que muita gente, no Brasil, trabalha (ainda que para a política nem sempre trabalhe) fora do sistema econômico convencional.

Mais surpreendente ainda foram as dimensões que o banqueiro atribuía a esse trabalho marginal: 30% do Produto Interno Bruto. Isto é, se para as estatísticas brasileiras tudo o que se produz, se compra e se venda no Brasil, incluindo o seu comércio exterior e as transações financeiras, somam 2 trilhões e 300 bilhões de cruzeiros, existiriam ainda outros 600 bilhões de cruzeiros circulando por aí sem que o Conselho Monetário Nacional e o Banco Central se dêem conta disso.

Quer dizer: quando o governo adota uma medida para conter a expansão da economia (ou mesmo para acelerá-la), ele age exclusivamente sobre a parte da economia representada por 2 trilhões e 300 milhões de cruzeiros. A outra parte, que produz 600 bilhões de cruzeiros, continua inteiramente livre, funcionando única e exclusivamente conforme as leis do mercado.

Quando minha fonte falou das dimensões da "economia marginal" num país como o Brasil, imediatamente lembrei-me do **Reporter nº 17**, aquele que tinha como manchete de capa a sugestão "Maconha no pacote contra a inflação". Cheguei a comentar com ele que na Colômbia as exportações de maconha superavam em valor as exportações de café e, igualmente, não deviam constar das estatísticas oficiais do país. Ora, admitiu o banqueiro, seria absolutamente impossível ao governo colombiano administrar sua economia sem considerar o volume de divisas que ingressavam no país através das exportações de maconha. Algo de parecido ocorre no Brasil, embora em dimensões menores: ninguém sabe o volume de divisas que ingressam ou se coaporam graças ao contrabando de café pela fronteiras do Paraguai, gado pelas fronteiras do Uruguai e ouro pelos céus da Amazônia.

O jogo do bicho, por exemplo, é hoje fonte de emprego e renda para mais de 100 mil pessoas numa cidade como o Rio de Janeiro, ajudando, inclusive, muita gente a manter um certo padrão de vida, ter conta em banco e cartão de crédito. As plantações de maconha sustentam milhares de famílias por todo o país, movimentam frotas de caminhões (gastando óleo diesel) e até provocam pedidos de financiamento ao Banco do Brasil. É evidente que no BB, esse financiamento, foi para comprar trator ou plantar arroz... Logo, nas estatísticas vão aparecer alguns quilos de arroz a mais, cotados num preço acima ou abaixo do preço da maconha. Nunca, porém, aparecerá o verdadeiro valor da produção daquele lavrador que, na verdade, plantou maconha e não arroz.

Não sei se a conclusão do banqueiro é correta. Segundo ele, é quase impossível impor uma política de recessão ao Brasil devido ao peso da "economia marginal". Se for verdade, eis que o povo vem demonstrando sobejamente quem é que faz **milagre** nesse país. O milagre diário da sobrevivência.

Marcos Dantas

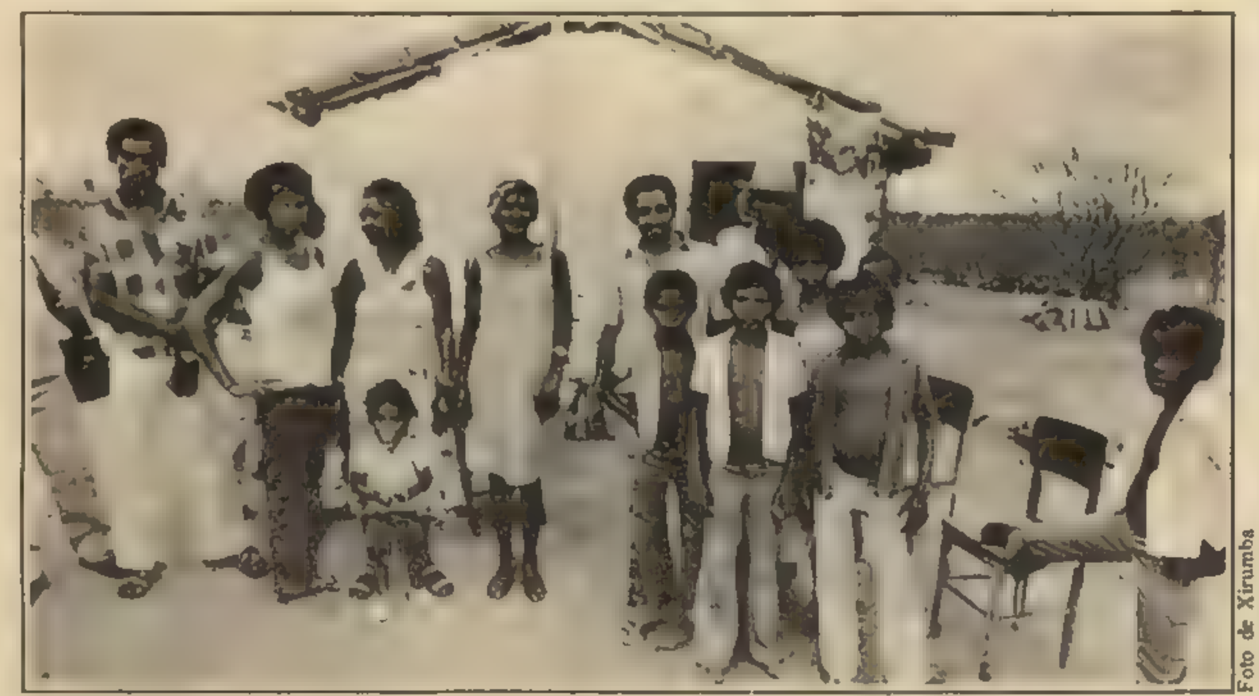
B. do Brasil financia maconha

A maconha de Belém do São Francisco — município do sertão pernambuco e que fica nas margens do rio — é das mais bem cotadas do Nordeste. Embora o hábito de fumar um baseado seja bem antigo entre os moradores da área rural, as plantações bem cuidadas, com colheitas seguras e garantidas, é coisa bem recente. Até 1974, ninguém pensava em viver de outra coisa a não ser da cebola, como acontecia há várias gerações. A cebola cresce com muita facilidade naquelas terras enriquecidas pelos humos do rio São Francisco. Mas tem um preço muito flutuante, não se pode confiar nela. Para se ter uma idéia, dois meses atrás, na enchente do rio, aconteceu uma super safra e os ceboleiros foram obrigados a vender todo o produto ao governo, através da COBAL, que pagou somente Cr$ 3,00 por quilo. Por essas e outras, a partir de 74 os agricultores mais espertos perceberam que era muito mais lucrativo plantar maconha. Hoje, em Belém do São Francisco o quilo da erva é vendido no baixo, por Cr$ 5 mil. As plantações multiplicam-se naturalmente.

Nondas de Chico Duda, por exemplo, agricultor conhecido e respeitado no lugar, tinha pedido um financiamento ao Banco do Brasil para comprar um trator, mas assim que recebeu os Cr$ 348 mil desistiu do trator e comprou sementes de maconha. Foi dos primeiros a arriscar na nova cultura. Três meses depois, com a venda da primeira safra, não só pagou o banco como ainda comprou um Corcel do ano. Exemplos desse tipo são comentados abertamente na cidade e hoje diz-se que são poucos os agricultores que não aderiram à maconha. O prefeito da cidade, Geraldo Lustosa, médico e agricultor, diz que a segunda fonte de renda do município é a maconha. Diz que ele próprio também plantaria se não tivesse tão comprometido com o governo. A polícia local é muito pobre, não tem recursos e nem se atreve a combater os plantadores. Quando chegam perto de uma propriedade, muitas vezes são recebidos à bala. O delegado não quer nem saber e garante que os "maconheiros", como os plantadores são conhecidos na cidade, vão acabar se destruindo uns aos outros. Pode até ser verdade, pois de dois anos para cá já apareceram seis cadáveres que, segundo a polícia, são produtos de richas entre os agricultores.

Outro problema é a concorrência entre os maconheiros e os ceboleiros, que, aos poucos, vão perdendo mão de obra; enquanto os trabalhadores dos campos de cebola ganham 100 cruzeiros por dia, os maconheiros pagam 300 cruzeiros.

De 15 em 15 dias Belém do São Francisco é visitada pelos agentes da Polícia Federal, que já chegam espancando, antes de fazer qualquer pergunta, criando um clima de paranóia na cidade. O juiz Alexandre Gadelha, recifense de 35 anos, chegou há quatro meses na cidade com o firme propósito de resolver a situação. Tem até um lema: ou acabo com a maconha ou a maconha acaba comigo. Em suas mãos estão vários processos que indicam agricultores locais. Um deles é Nondas de Chico Duda.



Nondas (o de barba rala ao centro) e família já tomaram muita porrada da Polícia Federal

Foto de Xirumba

Nondas trocou a cebola pela erva.

Nondas de Chico Duda, sertanejo baixinho e manhoso, vive hoje quase na clandestinidade. Pra se falar com ele, num sítio escondido no meio da caatinga de um povoado chamado Caxauí, cercado de pedra por todos os lados, o visitante tem que se identificar, se deixar revistar, dizer a que veio, e só então seus amigos e guarda-costas decidirão se a audiência vai ser concedida ou não. Hoje, Nondas não se arrisca mais, depois que passou 49 dias nas mãos da Polícia Federal, sob a acusação de ser plantador de maconha.

Há cinco anos, a vida de Nondas era bem diferente. Era um simples plantador de cebolas, como seu pai e seu avô, e merecia o respeito da comunidade de Belém de São Francisco. "Plantar cebola é um negócio duvidoso; um dia pode dar dinheiro e outro levar o camarada a miséria", diz ele, relembrando aqueles tempos em que dependia até da safra de São Paulo para garantir uma renda melhor por mês.

Em 1974, com a cebola em baixa cotação do mercado nacional, apareceu um rapaz do Maranhão com sementes de maconha, procurando um sócio que quisesse arriscar no negócio. Nondas diz que até aquele momento só sabia da maconha de ouvir dizer, mas o rapaz acenava com tantas maravilhas que resolveu embarcar na história. Tinha acabado de pedir um empréstimo ao Banco do Brasil (Cr$ 348 mil) para comprar um trator e também para começar um açude que irrigaria aquelas terras sempre tão secas. Não teve dúvidas: pegou o dinheiro, comprou as sementes, limpou uma área de várzea que ficava bem próximo das margens do rio e iniciou a plantação. Três meses depois já tinha uma bela safra, que não lembra exatamente quanto era, mas que foi o bastante para pagar a dívida com o Banco do Brasil e comprar um Corcel do ano, novinho em folha. O que ele nunca tinha conseguido em toda a sua vida de ceboleiro.

É verdade que logo depois foi denunciado. A Polícia Federal veio, queimou tudo e ainda o enquadraram em quatro inquéritos "porque daquele momento em diante, tudo que era plantação a polícia dizia que era minha". Ficou preso 49 dias em Belém, em Recife e em Salvador. Apanhou muito e sua família também sofreu nas mãos da polícia. Hoje, vive meio escondido num local de difícil acesso, cercado de amigos fiéis que zelam pela sua segurança. Mas não deixou de plantar a maconha. Sua plantação atual é pequena, com cerca de três mil pés. Cada um deles, depois de colhido e posto para secar, vai dar uma média de quatro quilos, que ele vende por Cr$ 5 mil o quilo. Com uma boa safra, Nondas fatura Cr$ 60 milhões. Cada quilo é vendido nos grandes centros, no mínimo por Cr$ 10 mil, totalizando Cr$ 120 milhões. Só nessa plantação, que dá duas safras por ano.

Nondas tem quatro homens trabalhando para ele, debulhando os pés, retirando as folhas e as "buchas" (flores). Tudo isso é passado numa prensa de fazer farinha para diminuir o volume. Em seguida é colocado em tonéis de 20 litros, enterrados no chão, coberto com sacos plásticos e disfarçados com areia. Os compradores vêm de um a um e a erva sai aos poucos, em malas que são colocadas nos porta-bagagens dos ônibus ou em pequenos sacos escondidos em inofensivos carros de passeio, que, normalmente, trafegam à noite por questões de segurança.

Quem são os compradores, Nondas não quer nem saber e diz apenas: "é quem tem dinheiro pra me pagar".

Ao saber que sua maconha é revendida pelo dobro do preço, Nondas diz que não se importa, "não sou ganancioso". O que ganha dá muito bem para sustentar as duas mulheres, oito filhos, duas sogras, cunhados, afilhados, compadres e agregados em geral, que formam uma tribo da qual ele é o chefe incontestável.

O prefeito Lustosa

PREFEITO: JERERÊ É SUSTENTO NA CIDADE

Prefeito Geraldo Lustosa, quais as principais fontes de renda do seu município?

— Em primeiro lugar a cebola. Depois, a maconha.

Ele não tem nenhum constrangimento de falar assim, embora retifique depois, dizendo que era uma brincadeira. Sorridente, brincalhão e aparentemente muito querido pelos moradores da cidade, Geraldo Lustosa acostumado com as misérias e amarguras do seu povo, pois é também o médico do hospital municipal.

Belém do São Francisco é um município de contrastes. Terra de grandes plantadores, exportadores nacionais de cebola, é, ao mesmo tempo, uma região onde quase 60% da população não tem do que viver. O que aliás, acontece em todo o Nordeste.

— Aqui se vive em regime de calamidade. Uma hora é de cheia, outra é de seca, brinca o prefeito.

Atualmente vivem em calamidade de seca.

— Eu não condeno esses agricultores. Quando chega uma hora em que a situação aperta, o pai de família parte pra qualquer uma. É a lei da selva. E maconha dá dinheiro. Pessoalmente acredito que todo esse dinheiro não vale o risco que se corre, de fugir da polícia, de viver na clandestinidade. Mas acho que entendo a situação. Talvez eu também plantasse, se não estivesse tão comprometido com o governo.

Geraldo acha muito difícil governar um município nordestino pobre que nem o seu.

— O Nordeste é uma região abandonada à própria sorte. Viu o que o Figueredo falou na Sudene? Que ia liberar imediatamente um crédito de 10 bilhões de dólares. Mas cadê o dinheiro? Tudo não passa de papel. Os bancos não têm dinheiro para fazer empréstimo. O Banco do Brasil e o Banco do Nordeste estão cheios de portarias, mas na hora de acertar as contas, não existe verba. A gente não acredita mais em nada.

O que ele gosta mesmo de fazer é medicina: pau pra toda obra do hospital municipal. Ali, dá um plantão diário, e de lá atende telefonemas da prefeitura, correndo pra lá numa ambulância quando aparece uma coisa mais séria. Outro dia orientou por telefone uma cirurgia numa mulher acidentada, enquanto coordenava uma reunião com seu secretariado.

Foi nesse hospital que um dia desses atendeu a um velho de 95 anos, com um olho saltando da órbita, e o corpo moído de pancadas. Vinha trazido pela família, com a informação que havia apanhado muito da Polícia Federal. Não teve dúvidas: mandou chamar o agente chefe, que comandava a operação, e pediu satisfações.

— O policial me disse que o velho tinha tropeçado num saco de maconha. Mas eu disse a ele que era médico há muitos anos, e não era possível que não reconhecesse pancada num corpo humano. E disse que se encontrasse outro caso daquele, usaria da minha autoridade para lascar todos eles.

Cabo: falta viatura, saco e munição pra repressão

O cabo Geraldo Alves da Silva, 28 anos de vida policial, é o verdadeiro delegado de Belém do São Francisco. O sargento Amadeu Pereira da Silva, delegado nomeado, está na cidade há apenas três meses, não conhece nada nem ninguém. E nem está a fim de conhecer. Já o cabo Geraldo, nascido e criado ali, sabe tudo sobre todos, e não sabe mais porque não quer. Belém é uma cidade que ele ama, mas que teme, no momento. Tanto que no próximo ano, quando chegar a sua aposentadoria, pretende ir pra bem longe dali, pelo bem dos seus nove filhos. Ele conta por que.

— Quando comecei a trabalhar, ninguém nem falava de maconha. Falava assim, né, os matutos fumavam, mas lá nas locas deles, não incomodavam ninguém. Agora tá isso aí, todo mundo quer enriquecer rapidamente e dana a plantar maconha.

— Como conheço todo mundo, sou eu quem sempre acompanho a Polícia Federal, quando eles vêm aqui. Mas não gosto não. A Federal chega, faz e acontece e depois vai embora, tem costas quentes. Nós aqui não temos condições de segurar a barra depois. Não temos viaturas, munição, não temos sequer uma máquina de escrever. Outro dia fomos numa plantação, no carro de um colega, e nos receberam à bala. O carro está todo furado. Os caras tem até cachorro guardando a plantação. O bicho fica lá, de tocaia. Quem chegar, se arrisca até a ser mordido.

— Então, vou me arriscar tanto pra que? Pra prender o cara? Ele tem dinheiro, no dia seguinte um advogado vem soltar. Da última vez que a Federal veio aqui, e que apanhou três caminhões caçamba da prefeitura cheinhos de maconha, eu também fui junto. Quando eles foram embora, recebi muitas ameaças por telefone. Morri de medo. Passei um bom tempo foragido, como se diz. Agora que vou me aposentar, Deus me livre de ficar por aqui. Tenho nove filhos pequenos e preciso pensar na segurança deles. Não quero virar presunto nas mãos da gang da maconha. Vou embora pra bem longe daqui.

Juiz: gente de fora é que estimula a plantação

O juiz de Belém do São Francisco é Alexandre Gadelha, recifense de 35 anos, recém-chegado na cidade. Em suas mãos estão os 30 processos que envolvem atividades dos plantadores do município. Embora seja muito rigoroso em questões de comportamento, hábito que cultiva em sua regradíssima vida de solteirão, o juiz Alexandre acredita sinceramente que existe "alguma coisa organizada por trás de todas essas plantações.

— Senão, diz, por que de vez em quando apareceria gente por aqui, incentivando, vendendo ou mesmo distribuindo sementes? Acho que pessoas de fora, pessoas com largas costas quentes é que incentiva não só as plantações de Belém do São Francisco, como as de Salgueiro, Floresta dos Navios, Ouricuri e outros municípios do sertão pernambucano e de outros Estados do Nordeste.

Ele ainda não aplicou as penas previstas no art. 12 da Lei 6368 de Repressão aos Tóxicos para quem planta maconha — pelo contrário; o que fez até agora foi conceder os habeas corpus solicitados pelos advogados, dos plantadores "tendo em vida as nulidades dos autos de prisão em flagrante". Bem que ele gostaria que a Federal conseguisse prender alguém dentro das formalidades legais, "pro camarada mofar na cadeia". Ele queria mesmo era pegar era os atravessadores, "o camarada que fica na boa, não se arrisca a plantar, e ainda ganha muito dinheiro com a mercadoria. Esses são os traficantes, são os verdadeiros responsáveis pela introdução do vício no meio da juventude".

No S. Chico, nova riqueza enfrenta as calamidades

Oito caminhões-pipa da prefeitura é que estão garantindo a sobrevivência dos moradores da área rural do município de Belém do São Francisco. Várias vezes por dia, eles chegam até a beira do rio, enchem o tanque litros e se mandam pro Ibó, pro Riacho Bonito ou pra Formigas, . Lá, só faltam ser agredidos. Todos querem água pra matar a sede dos animais, das crianças e das plantações. O município está em plena seca. A Sudene já reconheceu que a situação é de calamidade e prometeu criar frentes de trabalho, não só pra dar emprego pros chefes da família, como também para abrir açudes, as minas de ouro da região. Isso já faz dois meses.

Dois meses antes da seca, a situação, por mais incrível que possa parecer, era inteiramente inversa. O município vivia também situação de calamidade, porque o rio São Francisco transbordou, invadiu as várzeas e áreas vizinhas, destruindo plantações e levando muita gente à falência. A grande imprensa nacional se encarregou de levar o fato ao Brasil, como sempre exagerando um pouco. Tanto que, acreditando no que liam, os plantadores da cabeceira do rio e os de São Paulo plantaram mais cebola, pensando que o São Francisco havia destruído toda a safra. Não foi bem assim. O resultado dessa desinformação, ou dessa má informação foi a maior super safra que o Nordeste já conheceu.

Aí sim, muita gente que poderia ter salvado algum dinheiro, ficou na miséria. Com excesso de produção no Sul e em São Paulo, os plantadores nordestinos não tiveram outra alternativa senão vender a produção ao governo, através da Cobal. Foram 1.800 toneladas de cebola estocadas nos armazéns da cidade. Com dois dias estava tudo podre. Ainda hoje a fedentina é relembrada pela população. Muita gente teve febre e dor de cabeça. A cebola podre foi jogada nas áreas fora da cidade e ainda hoje serve de alimento pro gado magro e faminto.

Depois dessa, muita gente desacreditou de vez da cebola. Muitos partiram pra plantar milho e feijão. Muitos outros preferiram as facilidades da maconha. Quem tem muitas terras, prefere as ilhas, muito numerosas no São Francisco. Quem só tem um pedacinho seco, planta assim mesmo, no meio das pedras, regando as sementes com galões de água que pegam dos caminhões da prefeitura. No fim, dá pra todos. Tem agricultor que mantém uma equipe de dez trabalhadores cuidando da sua plantação. No meio, circula muito dinheiro. Os plantadores têm carros do ano, boas roupas e fazem freqüentes viagens para fora do Estado. Têm, também, muito cuidado em vender a mercadoria. Nunca deixam sair em grandes quantidades: no máximo em sacos de 10 quilos, quase sempre em carros de passeio.

Na cidade, todo mundo sabe quem planta, mas não se comenta nada.

2 MARANHÃO

Federal rouba o baseado de garoto. E fuma

O Maranhão tem a fama de ser o paraíso da maconha. Os números confirmam isso: em maio deste ano, numa "batida" em 28 municípios, a Polícia Federal conseguiu apreender 367 toneladas da erva que, se fossem convertidas ao preço do quilo, significariam cinco bilhões de cruzeiros jogados no mercado brasileiro. Mas essa "batida" realmente foi um recorde. Em todo o ano passado as apreensões não ultrapassaram as 265 toneladas. O superintendente da Polícia Federal de lá, Renato Goulart, duvida que ainda reste uma folhinha sequer por onde eles passaram, pois considera extintas as plantações e recuperados os plantadores.

Mas sempre houve e continua havendo maconha no Maranhão. Muita, diga-se de passagem. Dizem que as maiores plantações nunca são queimadas, pois pertencem a militares graduados e "grandões" da própria Polícia Federal. A verdade é que a mercadoria sai da cidade todos os dias, seguindo rotas diferentes: ou vai por Belém, de ônibus, e de lá para Brasília (via Belém-Brasília, em caminhões de carga), ou para o exterior; ou pelo Ceará, de onde se espalha para os outros Estados do Nordeste; ou para a Bahia (especialmente para Vitória da Conquista), escoamento natural para o Sul do país.

Os compradores utilizam, de preferência, caminhões de carga. Os motoristas ganham uma comissão para esconder a erva, acondicionada em sacos de aniagem, no meio da carga discriminada na guia da viagem. Os fiscais também estão na jogada e já registram nessas guias o peso extra. Na Polícia Rodoviária, se por acaso for parado, o caminhão nunca é revistado po. inteiro e a mercadoria pode seguir em paz até o seu destino. Recentemente, um caminhão de gasolina saiu do Maranhão selado, para Brasília, e chegou intacto com suas três toneladas de maconha no tanque. Pacotes menores, em sacos, também costumam ser despachados nos bagageiros dos ônibus e em carros particulares. Os cálculos menos otimistas indicam que saem diariamente do Estado uma média de 10 toneladas de maconha do Estado.

Isso quer dizer que se continua plantando a erva, só que agora em lugares distantes e escondidos — nos municípios de Barra do Corda, Altamira, Bacabal, Imperatriz e Ilha de Santo Amaro, principalmente. Um agricultor de Santo Amaro, que tem uma pequena plantação já visitada pela Federal, costuma dizer que a queimada que a polícia faz no local é, até muito boa, pois torna o solo mais fértil. Esse mesmo agricultor reconhece que as vantagens de se plantar maconha são muito maiores que as desvantagens de estar sempre se escondendo da polícia:

— "Todo mundo aqui planta arroz. O arroz é uma planta muito chata, precisa estar protegida do sol, do excesso de ventos e dos insetos, que comem todas as suas folhinhas. Quando chega a hora da colheita, o caboclo leva os sacos num burro até a fazenda do "seu" Zezinho, cinco léguas adiante, pra debulhar na máquina dele. Depois trás os grãos pra casa e torna a pôr no lombo do burro, pra levar dessa vez até a estrada, oito léguas mais pra lá, onde seu Ribamar vai passar com a perua pra levar pra cidade. Ele compra o quilo a cada um por Cr$ 2,00. Com a maconha não. Ela é forte, agüenta sol e chuva, não tem inseto que destrua os seus brotos. E quando está no ponto, pago Cr$ 50,00 pro menino arrancar e fico esperando que o comprador venha aqui em casa. Vendo toda a safra, com certeza, e nunca por menos de Cr$ 3 mil o quilo.

Para ele, o problema mesmo são os vizinhos, que ficam de olho grande em cima. Como foi o seu caso. Não sabia nem dirigir e na safra seguinte já estava de carrão novo. Foi denunciado por dois compadres de uma vez.

Na cidade de São Luís, comprar um baseado é coisa muito difícil. Existe muita maconha, mas só para quem vai adquirir muitos quilos ou para os compradores habituais e já conhecidos, que levam a mercadoria para fora. A repressão local é barra pesada. Até os federais estão sentindo essa falta do produto. No mês passado, um garoto da classe média local foi preso e o policial tomou o baseado do seu bolso. Acendeu e, depois de uma sofrêga tragada, esbofeteou o garoto na cara, dizendo: "Tenha vergonha! Fumando uma palha dessas!" Em São Luís circula um fumo plantado e colhido às pressas. Uma "palha" mesmo.

Índio fuma pra alegrar o espírito. E brincar.

Foto de Xirumba

Bau e Mano, índios de Alcântara, velhos conhecedores da boa

Em Alcântara, cidade colonial ligada a São Luís por uma travessia de duas horas de barco, 60% da população é indígena, descendente direta dos guajajaras. É uma cidade pobre e estragada, onde de vez em quando aparece um estranho que é olhado com muita curiosidade. A população vive da pesca de camarão que, junto com a farinha de mandioca e o feijão, formam a alimentação básica da comunidade.

As crianças têm olhos grandes e bonitos e barrigas inchadas de amebas, que as pernas finas mal conseguem sustentar. Todos comem muita melancia e manga. O calor é muito forte e o vento, violento. Eles agora estão esperando ansiosamente a chegada de janeiro e com ele as chuvas.

Essa é a época do ano em que plantam a maconha. Para eles, plantar é uma atividade vital, como para todos os índios, que a encaram com a maior seriedade e respeito, mobilizando todas as suas energias no cultivo. As plantações estão rareando porque ali chegam sempre notícias das violências sofridas pelos parentes da cidade, que plantam para vender. Aqui eles têm roçadinhos, canteiros da **boa**, que é como chamam a erva, somente para consumo próprio. São cultivados com todas as crendices, como não visitar a plantação à noite, para não assustar o sono das plantas, ou não deixar que mulher menstruada chegue perto de qualquer pé de maconha, para evitar que ela murche.

Os mais velhos não conseguem deixar de queimar. Os mais moços queimam ocasionalmente e algumas crianças também gostam muito, mas a elas só é permitida nas grandes ocasiões. **Bau** — uma índia de meia idade, que sempre resolve os problemas externos da sua grande família de 40 pessoas — diz que não consegue ir à cidade sem antes "queimar dois e tomar um gole de catuaba, pra não perder a alegria". Diz que chega na cidade "inspirada" e que o pessoal pensa que ela está bêbada, mas não é nada disso.

— Eu estou enganando todo mundo, tô vendo tudo muito de cima — diz ela com um sorriso desdentado e malicioso. Ela aconselha sempre a se fumar em casos de depressão, tristeza, ocasiões de medo ou decisivas:

— A **boa** fica do lado da gente e só deixa a gente fazer o que é certo.

Mas tem gente que não pode fumar, porque seu espírito não se dá com o espírito da **boa**. Quando os dois se encontram acontece alguma coisa. **Mano**, o atual chefe da família, um índio muito brincalhão, com 30 anos e seis filhos, é um dos que nunca fuma. Diz que gosta muito, mas quando fuma fica "bandoleiro, que nem o vento, entrando por baixo da saia das meninas, fazendo essas malandragens". Ele só fuma em ocasiões muito especiais, como quando prenderam seu pai por estar vendendo a erva pra um garoto que chegou na cidade.

Tem fama de brabo e naquele dia, quando soube que o velho estava preso, ficou uma fera. Fumou dois baseados e chegou lá com toda a inspiração e sua faca, para o caso de precisar dela. Mas foi conversando que conseguiu soltar o velho. Vera, sua mulher, não gosta que ele fume, porque diz que fica "rindo à toa", mas outro dia os dois fumaram dois baseados de um palmo cada um, e ela conta que "apareceram muitos bichos estranhos, peixes coloridos e a gente brincou até o fim do outro dia".

Joselita, sua sogra, cozinha com um baseado num canto da boca. Gosta de misturar o fumo com coco ralado pra ficar mais gostoso, costume que trouxe dos mais antigos.

— Agora não fica tão bom misturar, isso era no tempo em que a **boa** soltava uma resina preta quando a gente pegava com a mão. Era boa mesmo. Agora é um pó, um pó tão difícil quanto pó de ouro. Misturo só pra enganar o espírito, pensar que ainda estou antigamente.

Fumo bom são os índios que plantam.

O velho e bom fumo antigo continua existindo quase que exclusivamente nas plantações dos índios Guarujaras, Gaviões, Canelas e Urubus, espalhados pela cidade e pelo interior. A maconha está muito entranhada na cultura desses índios, que são os ancestrais de quase toda a população maranhense. A Funai permite que eles plantem para seu uso exclusivo, mas a Federal faz de conta que não sabe e também age selvagemente contra as pequenas reservas.

A erva dos índios é de melhor qualidade porque eles tratam dela com muito carinho. Para eles, a planta começa a estar no ponto com seis meses. Nessa época, delicadamente, pegam os brotos em suas mãos, viram-lhes as pontas para dentro e deixam à espera da chuva. Depois, as folhas velhas caem no chão e os brotos já se tornaram grandes berlotas, enroladas naturalmente. Até os seis meses eles têm o cuidado de cortar todos os olhos novos para que o talo se bifurque indefinidamente e a planta se torne um grande arbusto.

As folhas que caem no chão não são aproveitadas, só as berlotas, que estão cheias " da força da chuva, do sereno, da lua e da mão do homem", como diz um velho índio gavião. Os Gaviões, na época da chuva plantam em volta do pé de maconha, o ponó, uma planta que cresce rapidamente e cobre o pequeno arbusto, protegendo-o da visão dos federais quando sobrevoam as plantações e de mudanças climáticas exageradas. Torna-se uma erva ainda melhor.

Todas as tribos vêem a maconha como um fator liberador de sua espiritualidade, uma planta que pode deixá-los em condições de igualdade com as grandes forças da natureza, como o vento, a chuva, o sol, forças com as quais convivem intimamente no seu dia-a-dia. Eles usam a maconha como planta sagrada em grandes ocasiões da tribo, como quando vão escolher o nome de uma criança que nasceu, ou quando vão iniciar a plantação ou a colheita, ou mesmo quando vão invocar alguma pessoa querida que já desapareceu.

Os índios fumam as folhas e as flores. Dos talos fazem remédios. Com o chá do talo se cura enjôo, falta de apetite, menstruação dolorosa, pressão baixa, dor de estômago e até derrame cerebral. A infusão, passada na pele com coceiras, sara tudo em menos de uma semana. Se bebida, acaba com tosse braba.

E quem puxa é o filho do barão.

No centro de São Luís está a favela Anjo da Guarda, onde só moram índios e seus descendentes. Suas habitações são idênticas às ocas indígenas conhecidas. Nessa favela, de onde se vê o mar, existe um sino na porta da primeira casa, logo na entrada da primeira rua, para avisar à população da visita diária dos federais, com toda a sua violência. Ali mora Dico, pescador há 20 anos, fumante da erva há 28.

— No meu tempo — conta Dico — eu comprava uma vassoura da erva com dois **deodoro** e um **barão** do rio branco! Era 2 mil e 500 réis. E era da boa. Agora encareceu e sumiu. A gente quer fumar e não pode. É só pra filho de barão. Isso tem uns três anos que tá assim. A culpa é dessa juventude que se meteu onde não foi chamada.

Com a dificuldade de se conseguir a erva hoje, Dico costuma beber alguns tragos de "catuaba", uma cachaça muito popular na terra, feita com a infusão da casca da catuaba na aguardente. Mas diz que não é muito bom, pois "o álcool rouba a alma da gente aos pouquinhos e quando a gente vê tá caído".

Pelo meio da rua se encontra pessoas fumando nos cantos mais escuros. Em São Luís existe uma crendice de que quem fuma fica invisível. E se a gente passar e não der boa noite, eles pensam que estão mesmo invisíveis.

Na Anjo da Guarda — com sua miséria e suas doenças, suas crianças barrigudas e sua população nem índia nem branca, de tão aculturada — mora também **Sapo Preto**, um velho índio guajajara de cara enigmática. Plantador e traficante conhecido da garotada e da polícia, **Sapo Preto** estava sendo procurado há uns dois anos. A Federal invadiu a Anjo da Guarda, prendeu muita gente, bateu, torturou. Sapo Preto não apareceu. Sua mãe e sua mulher morreram nas mãos da federal. E a partir daí ele realmente ficou invisível. Hoje, é uma pessoa muito temida pela violência silenciosa que se adivinha em seu rosto.

— O homem branco veio e, pum! enfiou uma cruz no meio da taba. Não quis nem saber o que o índio estava fazendo ali naquela hora. Nem respeitou os tambores, nem os cantos nem nada. Mas o índio não é doido, nem é cachorro e nem é estúpido. Índio é gente, sabe muito bem o que está fazendo. Índio sofre e ama igual a qualquer um.

— Sapo Preto não quis falar de maconha. E dois dias depois do encontro com a repórter foi preso.

CUIDADO: TEM FERTILIZANTE NA MACONHA

A primeira coisa que se descobre conversando com os transeiros de Salvador é que a maconha produzida atualmente no país é de péssima qualidade. Dificilmente, dizem, se consegue um fumo do bom, o chamado estrondoroso. O manga-rosa ou o rabo-de-macaco, fumos considerados da melhor qualidade, são relembrados com uma certa nostalgia. Há uns dez anos deixam de rolar nas bocas. Isso tudo porque em vez de esperarem os oito meses naturais, entre o plantio e a colheita, os plantadores estão colhendo com apenas três meses, onde, à base de fertilizantes — salitre do chile, uréia e profértil — conseguem um fumo vistoso e fraco. Além da preocupação comercial, uma colheita em três meses não deixa a plantação tanto exposta à ação da polícia, que cada vez aparece com maior frequência. Nesse esquema, o plantador consegue ter duas colheitas por ano. No processo natural, o fumo para ser bom precisa de um solo apropriado, que garanta uma boa colheita, como as terras da Caatinga que ficam no Alto São Francisco, em Pernambuco. Na caatinga se consegue um fumo altamente selecionado, pois as condições climáticas ajudam a eliminar a seiva da planta, o que lhe dá melhor qualidade.

Atualmente nos centros urbanos são poucos os que conseguem comprar uma maconha nobre, só mesmo os que têm boas ligações no ramo. Quando isso acontece, é até motivo de festa. Uma tática empregada pelos traficantes é colocar um fumo bom no mercado, para garantir o preço e a procura, para, em seguida, jogar uma palha braba, que intoxica muito mais do que dá barato.

Quase todo fumo que desce da região Norte Nordeste para o Centro-Sul tem na Bahia (Juazeiro, Feira de Santana e Vitória da Conquista), seu principal posto de redistribuição. O corredor natural da maconha maranhense, por exemplo, começa em São Luís e vai direto para Teresina, no Piauí, sendo espalhada para Fortaleza, Recife, Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo. Mas segundo os boqueiros baianos o principal centro redistribuidor é mesmo Feira de Santana, a uma hora de Salvador. De Feira, o fumo segue por Minas Gerais e Espírito Santo, atingindo as capitais do Centro-Sul.

Como em todo mercado de produtos agrícolas, a maconha não escapa de intermediário, e atravessador, que vai às roças buscar a mercadoria para distribuir nos pontos conhecidos. Isso faz com que o preço suba bastante.

Em Salvador, a maior parte do fumo que abastece a cidade vem da região de Irecê, na própria Bahia. Até há bem pouco tempo, plantava-se nesta região um fumo de boa qualidade — havia, inclusive, o manga-rosa. Mas como em todo o interior do Estado, atualmente só se planta a maconha "comercial", que, como dizem os transeiros, é um fumo meia-força, de efeito mais fraco, que tem até um bom paladar, mas engana muita gente.

MANGA ROSA, QUE É BOM, NÃO TEM MAIS

Os fumos mais conhecidos do Brasil são os seguintes:

- ***Cocô de cabra** — é um fumo forte, cor de azeitona, que dá umas berlotas (frutos) pequenas e duras. Costuma ser plantado em Pernambuco (Alto São Francisco e caatinga).*
- ***Manga rosa** — segundo os transeiros, é um fumo que com dois paus ou tapas (tragadas) a pessoa já fica ligada. É fumo maduro, com colheita em época determinada e, por isso, raro no mercado, pois leva algum tempo para atingir seu índice ideal de THC (tetrahidrocanabinol, o princípio químico ativo da maconha). Ainda se consegue alguma coisa desse fumo em Pernambuco.*
- ***Rabo de macaco** — outra das maravilhas pernambucanas. Um fumo fino, sem sementes, folha e talo. São berlotas marrons, finas e compridas, que podem ser enroladas diretamente na seda (papel). É um fumo que tem de ser consumido com cuidado, pois uma tragada forte provoca tosse. Um baseado tem efeito prolongado, tipo ficar doido o dia inteiro.*
- ***Cabeça de nego** — preto e duro, esse fumo, em geral, é plantado no Norte do Maranhão. Para se fazer um baseado com ele é preciso usar uma tesoura para picá-lo. É um fumo de extraordinária qualidade e mais raro que o manga rosa. É o tipo de maconha usado na fabricação do haxixe, que exige fumos selecionados. Na Índia, o haxixe é feito com fumo desse tipo, que tem um cheiro muito forte.*
- ***Rabo de raposa** — é o chamado chá do Maranhão, vendido em feixes. É uma maconha bonita e fraca, não se comparando, na opinião dos transeiros, com a erva das caatingas. Fumo barato que aparece na época do verão, quando a produção cai devido à seca e o consumo aumenta. No Rio e em São Paulo é conhecido como Carioquinha.*

TEM CORRUPÇÃO NA SECRETARIA DE OBRAS DO RIO

A licença para habitação que, segundo a lei, é a garantia do comprador de que tem um imóvel com todas as condições de segurança, é desrespeitada por construtoras, incorporadoras e financeiras. Eles corrompem funcionários do governo municpal para conseguir a licença antes do término efetivo da construção e, assim, reajustar antes do prazo legal, todos os preços.

Segundo um advogado do sistema imobiliário, está havendo corrupção para liberar o certificado de habite-se. A nossa fonte informou que o habite-se (aprovação de uma obra para moradia com todas as exigências legais cumpridas) tornou-se muito importante porque é a partir da liberação dos apartamentos para os moradores que a incorporadora pode manipular com os preços de cada unidade aprovada e somar a isto, custos não previstos no contrato de venda.

De acordo com o advogado, o habite-se tornou-se um joguete para favorecer financeiramente as construtoras e as incorporadoras juntamente com os silenciosos agentes financeiros. Em vez de ser um instrumento técnico de definição das condições reais de habitabilidade de uma construção, assegurando ao morador todas as garantias previstas por lei, ele passou a ser um diploma comprado pela construtora na Secretaria de Obras Públicas do Rio de Janeiro.

Na prática, esta corrupção se dá de várias maneiras. De acordo com o advogado, ela começa desde cedo: " — Você entra com o projeto da obra no departamento de edificações da Secretaria Municipal de Obras Públicas e ele é aprovado ou não. Esse projeto tem que obedecer a determinadas normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). Aprovado, é elaborado então pela incorporadora um cronograma de tempo e financeiro para ser levado a um agente financeiro. Aí já começa a sacanagem. Eles colocam preços falsos para a construção e incluem alguns custos que na realidade não vão cumprir. Após o desenvolvimento da obra (que deveria obedecer fielmente o cronograma de tempo e financeiro), a incorporadora chama um engenheiro da Secretaria de Obras para vistorias à construção. Ele vai ver se as normas do projeto aprovado inicialmente estão corretas no que diz respeito a subsolo, pavimentos espaço das áreas internas, etc... E também a qualidade do material usado. Quando a obra não está concluída e as exigências não foram cumpridas, ele só vistoria um apartamento e dá o habite-se para a construção. Nisso leva uma grana violenta".

O responsável pelo acompanhamento da construção, na realidade, é o fiscal da financeira. Ele é quem assina a liberação do dinheiro à construtora e que é fornecido por etapas. "Mas o fiscal muitas vezes nem aparece na obra", afirma o advogado.

Há vários anos no mercado imobiliário, um construtor que executa obras na zona sul do Rio de Janeiro, afirmou que existe em torno do habite-se um tráfico de influências enorme. Para ele, o caso do conjunto Riviera Dei Fiori, onde morreu uma menina por falta de segurança do apartamento, é o exemplo: " — O Sergio Dourado precisava do habite-se para o Riviera. Ligou para o Secretário de Obras, que é amigo dele, e pediu a ele a autorização. O Secretário ligou para o chefe do Departamento Geral de Edificações e mandou ele dar e ele deu. Geralmente o comprador não sabe que o habite-se está sendo dado a título provisório, sem as exigências necessárias". E acrescenta: " — Se vende muito na base do engano. Usam a ingenuidade do comprador que não tem conhecimento. Por exemplo: você assina uma escritura e só um mês depois é que recebe o contrato (depois do apartamento comprado). A incorporadora devia ser obrigada a marcar a vistoria do apartamento 48 horas depois da entrega das chaves. Porque senão acontece como no Riviera, eles dizem que o prédio está pronto, te cobram mais por isso e marcam a vistoria do seu apartamento pra daqui a três meses. Na realidade, a entrega das chaves só pode ser feita com o habite-se. Mas eles não vinculam no contrato uma coisa com a outra porque afirmam que, nas entrelinhas da lei, isso é possível".

Nisso tudo, o Banco Nacional de habitação (BNH) é o patinho manso. Ele é quem dá recursos para as financeiras e não desconhece as irregularidades da área. Segundo um alto funcionário do Banco, o que mais se critica é a omissão do BNH. É ele quem fala: " — O Banco justifica essa omissão porque diz que os interesses são muito complexos. Aqui no (BNH) há duas correntes: uma quer que o Banco intervenha na construção, a outra que não quer. Eu não sou a favor que o Banco intervenha porque intervenção pública não freia corrupção. Você não está num regime democrático. Dentro de um regime de oligopólios, de grupamentos fortes, o BNH entra justamente para favorecer esses grupos. A autoridade pública se corrompe e dá o habite-se na hora que quiser.

Devia ser assim

De acordo com o construtor, as principais exigências para a concessão do habite-se, são: ligação de esgoto sanitário, ligação de água potável, instalação da tubulação de telefone, ligação de água pluvial, instalação de gás pela Companhia Estadual de Gás, papeleta dos elevadores (eles têm que estar funcionando), ligação de força (luz), instalação de caixa coletiva de correspondência, instalação preventiva contra incêndio, compactador de lixo, etc. Deviam obedecer isso, mas não obedecem.

"O culpado é o morador"

O ex-diretor e hoje assessor técnico do Departamento Geral de Edificações da Secretaria Municipal de Obras do Rio de Janeiro, Luiz Carlos Rodrigues Velho, desconhece qualquer irregularidade em torno da concessão do habite-se. Para ele, o habite-se pode ser usado com outros fins: "mas para nós aqui, o habite-se é a autorização especial dada pela autoridade competente para a utilização de uma edificação", e é só. Sobre a má fiscalização para essa autorização especial ele limitou-se a dizer: "— Isso quem está me dizendo é você. Eu não sei disso".

Segundo o Rodrigues Velho, numa entrevista conturbada pelo seu mau humor, é "o morador que pressiona a concessão do habite-se. Ele é o maior interessado. O povo não espera, povo quer morar". Mesmo com a insistência da repórter em levantar o caso do conjunto Riviera Dei Fiori em que não houve providência por parte do Departamento, ele não quis falar nada fora da sua área técnica: "Vocês estão fazendo desse caso um cavalo de batalha. Eu não soube disso. Eu aqui só falo sobre a legislação".

Em relação à legislação, o senhor Velho não tem do que reclamar. "Acho ótima a legislação. Acho que ela tem todos os dispositivos legais que regula o licenciamento e o habite-se".

REPORTER SOBE MORRO

Moradores se unem e prometem resistir

Cooperativa da Aeronáutica quer despejar favela

Os espigões já tomaram o asfalto do Leme e agora ameaçam subir o morro

No morro do Chapéu Mangueira, no Leme, zona sul do Rio de Janeiro, os habitantes — que vivem lá há mais de 30 anos — enfrentam uma Cooperativa Habitacional da Aeronáutica, que quer despejá-los de suas casas. O motivo é o mesmo de sempre: as imobiliárias querem limpar a área pra construir espigões. A população do morro se uniu pra defender a terra que lhe pertence porque a tal Cooperativa está vendendo apartamentos com a promessa de desocupar o morro.

As ameaças não intimidam os moradores e o trabalho de mutirão continua

Reportagem de Daniel Aarão Reis e Sonia Ramos
Fotos de Chiquito Chaves

"Estamos lutando porque realmente a gente já mora aqui há muitos anos e a gente já pagou essa terra. Tem gente aqui há mais de quarenta anos, tudo o que está aqui é nosso, todos os benefícios são nossos, quer dizer, o morro é da gente. Se quiserem tirar a gente daqui vão ter que levar junto o morro..."

D. Marcela, liderança popular em Chapéu Mangueira.

Foi a repressão que despertou o povo de Chapéu Mangueira para a luta pela posse da terra. O povo não podia fazer nada com os seus barracos. Não tínhamos o menor direito. Se chovia e os barracos eram derrubados, o povo não podia reconstruir, nem uma reforma era possível fazer. O pessoal procurava a Associação, a Fundação Leão XIII, até a delegacia militar, um tenente que está lá pra proibir a construção de novos barracos. Não adiantava nada, não tinham autorização para fazer nada nos barracos, ou porque o terreno pertencia a um, ou a outro, ou então porque era área de segurança, e assim ficavam sem saber o que fazer.

Benedita Souza da Silva, uma das lideranças da comunidade, conta como foi: "Pra se ter uma idéia de arbitrariedade, dou dois exemplos: aqui, se dois jovens casavam, não podiam permanecer na comunidade, tinham que dar o fora, não podiam erguer um barraco próprio. Outro exemplo: se alguém se envolvia num crime, era preso, e o barraco era demolido, quer dizer, a família também era punida, tinha que se virar não se sabe como. Tudo isso foi acordando a gente."

Numa primeira fase, liderados pela Associação de Moradores, os representantes da comunidade foram à Secretaria de Assistência Social. Todo um processo foi organizado com o objetivo de reivindicar para os moradores o título de proprietários dos terrenos onde moravam sob o argumento do usucapião (modo de adquirir propriedade móvel ou imóvel pela posse pacífica e ininterrupta da coisa durante certo tempo).

"A coisa não foi pra frente, a senhora que nos ajudava, D. Hortênsia Abranches, foi afastada pelo governo, toda a papelada, inclusive um mapa da comunidade elaborado por nossa Associação, ficou perdido. Tivemos de recomeçar da estaca zero."

Uma segunda fase começa quando a Associação dos Moradores resolve estimular, as obras que os moradores julgassem importantes para os seus barracos. Essa iniciativa ganha o apoio da maioria, inclusive porque na favela ao lado, a da Babilônia, um processo de remoção tinha lugar com o despejo de 70% dos moradores. As autoridades alegavam que "o terreno não era seguro" e o delegado militar, um oficial do Exército, ameaçava: "vai chegar a hora do Chapéu". Benedita lembra: "A remoção da Babilônia foi uma coisa totalmente arbitrária, o povo lá não estava organizado, aliás, o presidente deles não fazia força nenhuma, mais parecia um policial do que um líder popular."

"É exatamente neste momento que um barraco em nossa favela ficou desocupado. Pois veio um tenente, o delegado militar, e autorizou uma pessoa que ele conhecia a morar no tal barraco. Ora, isso furava todos os regulamentos, a portaria nº 82 e o decreto 1.330. Quer dizer, era o tenente desrespeitando as próprias leis que eles faziam, pois um barraco desocupado tinha que ser demolido pela lei."

Diante do fato, a Associação dos Moradores reforçou a orientação já dada — reformar os barracos, consolidá-los, incentivar os melhoramentos possíveis. Tudo isso dentro da idéia de que a comunidade urbanizada tornaria muito mais difícil qualquer tipo de remoção.

"O Tenente ainda tentou dar uma de machão. Veio aí e disse que fazia e acontecia, que demolia. Mas não impressionou porque tinha perdido toda a condição de impedir a gente de construir e reformar os barracos. Nós denunciamos publicamente as ameaças de demolição, de transferências arbitrárias, esse tenente acabou sendo tirado daqui."

A Comunidade saíra mais forte desta segunda fase, mais organizada e mais determinada a lutar. "É então que aparece o José Frejat, tava em época de eleições e ele retornou com a idéia da luta pelo usucapião. Fizemos uma assembléia geral para debater o assunto. Me lembro como se fosse hoje: pouco antes de a Assembléia começar apareceram uns militares, o coronel Dutra entre outros, afirmando que eram os donos do terreno. Diziam que teríamos de desocupar a terra que era nossa, apresentavam documentos. Veio também a Fundação Leão XIII dando força a eles, diziam que a remoção era difícil para nós mas era inevitável. Os militares falavam em nome da Cooperativa Habitacional da Aeronáutica e pegaram a gente realmente desprevenido. O político, sabe como é, né, depois das eleições não apareceu mais, esqueceu da gente. Ele não veio mais mas a Cooperativa da Aeronáutica veio. Começava uma nova fase para a nossa luta."

A Cooperativa da Aeronáutica fez avançar o asfalto pela Ladeira Ary Barroso com o objetivo de construir espigões nos terrenos onde está a comunidade de Chapéu Mangueira. E começou a escalada de pressões: promessas de remoções compensadoras, de boas indenizações, intrigas entre os moradores, especialmente tentando dividir as lideranças da Associação e os moradores, tentativas de envolvimento individual das lideranças, promessas de suborno, e, finalmente, ameaças veladas e abertas envolvendo instituições do Governo.

Benedita lembra: "eles chegavam e diziam: D. Benedita, a senhora tá complicando tudo, isso é muito sério, arranjar complicações com órgãos do governo. Daí eu respondia: sério mesmo é eu ir pra Paciência, tou com 35 anos de morro, os senhores acham que isso é brincadeira? Eu não assino nada. Se os senhores quiserem levar a gente, podem levar, os senhores não têm o poder? Agora, tem uma coisa, eu não vou!"

A Cooperativa da Aeronáutica, sempre em cumplicidade com a Fundação Leão XIII, sentindo a disposição de luta dos moradores, evoluiu para uma posição de negociação. Propôs aos primeiros 30 moradores cujos barracos queria demolir uma indenização e a concessão do direito de construir novos barracos em áreas mais recuadas da própria favela.

"Mas as pressões e as intrigas continuavam. Espalhavam o bochicho que as lideranças tinham recebido indenizações mais gordas, tudo pra dividir o povo. Finalmente,

em cima da hora da assinatura do acordo, vieram com a novidade de que os moradores que aceitassem sair da favela ganhariam a indenização combinada de uma vez só. Agora, os que quisessem reconstruir seus barracos mais afastados, esses receberiam parceladamente a indenização. Foi uma correria inclusive porque o ambiente estava todo envenenado com a intriga de que as lideranças já estavam compradas. O resultado foi que a maioria dos 30 moradores que estavam envolvidos nesse primeiro acordo acabaram aceitando a indenização de uma vez só e resolveram se mandar da favela."

Os 30 barracos foram efetivamente derrubados mediante indenização. Cinco famílias apenas fincaram pé e resolveram reconstruir os barracos mais recuados, ainda na área da favela. Mas a experiência enriqueceu a luta: "Sabemos que a Cooperativa da Aeronáutica vai voltar. Sabemos que ela tá vendendo apartamentos com a garantia de nos expulsar daqui do Chapéu Mangueira. Além disso, ela não construiu essa ladeira asfaltada à tôa. Ela vai voltar, mas nos encontrará mais decididos e organizados. A gente tá se preparando. A Associação tá mais bem organizada. Fazemos uma reunião mensal quando apreciamos o que cada grupo fez naquele mês e pensamos as formas de levar a nossa experiência pra outras comunidades. Também participamos da Pastoral da Terra e tentamos aumentar a nossa força ao máximo.

Mutirão num dia. No outro, o bloco

Gibeão, o de bigode no tarol

"Como o pessoal, quase ninguém, tinha um conhecimento, uma experiência mais profunda em Carnaval, nós criamos um slogan: todo o mundo é diretor. Então, não tem isso de diretor de carnaval pra fazer o carnaval sozinho. Todo o mundo faz o carnaval: o presidente, o secretário, todo o mundo. Também todo o mundo é secretário, é presidente." Gibeão de Brito, diretor do "Aventureiros do Leme".

O Grêmio Recreativo Bloco Carnavalesco Aventureiros do Leme foi criado há dois anos em Chapéu Mangueira pela Associação de Moradores. Geraldo Jesus, presidente da Associação e procurador-geral do Bloco conta que no ano passado, participando do desfile oficial, em Campo Grande, o Bloco tirou 3º lugar. "E também participamos do banho de mar à fantasia no Leme". Este ano os ensaios vão firmes. Todos os sábados, de 22 às 4h da manhã, a animação é grande e o pessoal quer tirar o 1º lugar no desfile oficial, em Bangu. Além de participar do desfile da Arnaldo Quintela e do banho de mar à fantasia que este ano vai ser no Lido. Os preparativos estão adiantados: sábado, dia 24, foi lançado o samba para 80, "Contos de Sinhá Maria", e domingo, 25, num cocktail na sede do bloco, foram apresentados os figurinos.

As atividades do Bloco não prejudicam as lutas dos moradores. É o Geraldo quem diz: "A pessoa que é humilde traz um pedaço para cada coisa: trabalho, samba, vida interna, em casa, nenhuma coisa atrapalha a outra. O samba pode prejudicar a saúde, isto sim. Nos meses antes do carnaval tem semanas que passo quatro noites sem dormir. Mas isso a gente recupera depois, tudo bem." Gibeão de Brito concorda: "O nosso pessoal gosta de chegar junto em tudo. Quando começa um movimento, ele vê começado, a gente divide bem de forma que todo o mundo possa estar em tudo. Um dia eu tava escalado pro bloco, fui ao bloco, daí que hoje já não sou obrigado a ir no mutirão. Trabalhei ontem no bloco, hoje não trabalho no mutirão." "Além disso", confirma Gibeão, "é preciso compreender o Bloco como o filho mais novo da Asscoaição de Moradores". Ele divulga a Associação durante os ensaios, anuncia os mutirões e, mais tarde, quem sabe pode ser até que possa dar um dinheirinho pra Associação.

E o comércio, Gibeão? Tão falando aí que o comércio tá tomando as escolas de samba, que daqui a pouco vai tominar os blocos, que é que você acha disso?

"As escolas de samba viraram realmente comércio. O negócio em escola de samba hoje é que tem mais e o sambista de raiz se espanta. Tem muita gente boa das escolas que não está gostando. Veja, por exemplo, as grandes escolas, já não colocam mais sambas enredos, históricos, mas sambas de terreiro, pra botar o pessoal pra pular na avenida, pra botar gringo pra cantar. O objetivo do samba é levar uma mensagem bem grande, mas isso as escolas não tão conseguindo fazer mais, o luxo tá abafando o sambista.

Tem balanço, corda e pelada

Um dia apareceu em Chapéu Mangueira uma comissão do Estado. Vinha como esse tipo de comissão costuma vir: com idéias e planos acabados. Reuniram o pessoal da Associação de Moradores e propuseram organizar uma creche. A idéia era simples: aproveitar um barraco desocupado e abrir inscrições para 30 crianças.

"Só trinta, disse alguém, aqui temos mais de 400..."

O Chefe da Comissão revirou os olhinhos e falou:

"É, mais de trinta não dá".

A idéia era assim: "Vocês se juntam, cada um dá um tanto, pagam uma orientadora, uma pessoa instruída (sublinhou o instruída), quer dizer, pra dirigir uma creche, é preciso ter instrução. Daí vocês pagam também duas ajudantes para ajudar a orientadora a orientar e a creche pode começar. Vocês arranjando o dinheiro, não tem problema, eu arranjo a orientadora para orientar e ajudantes para ajudar." Assim falou o homem da comissão.

Daí o pessoal pensou e decidiu: "Essa creche não é boa pra nós, não. Primeiro, porque vai pegar muito pouca criança. Segundo, porque vai obrigar a favela, com tanto desempregado, a dar emprego pra pessoas que têm até mais condição que nós. Quer dizer, não dá." Daí resolveram outro caminho: converter o barraco desocupado em sede da Associação dos Moradores de Chapéu Mangueira. E criar uma área de lazer para as crianças da favela. Dirigida por elementos da própria favela ou por amigos que se dispusessem a ajudar gratuitamente.

Pra chegar à favela de Chapéu Mangueira, é subindo pela ladeira Ary Barroso que começa na Rua General Ribeiro da Costa, no Leme. A ladeira é asfaltada, vai pela encosta do morro, e o caminho à direita termina num larguinho de paralelepípedo. Ali é que é organizada a Área de Lazer de Chapéu Mangueira.

Por cima da rua e presos nas árvores estão estendidos fios de nylon e barbante com bandeirolas e pipas coloridas penduradas. No larguinho e no terreno baldio ao lado espalham-se as crianças. Tem balanço de corda pendurado em galho de árvore, tem folhas de desenho e pintura, cordas pra pular, bola pro futebol.

Betty, moradora do Leme e que trabalha há anos com o pessoal de Chapéu Mangueira: "A gente aqui não teve dificuldades em transar com as crianças. Sabe, a gente já conhecia o pessoal aqui, daí foi fácil reunir a criançada. Nossa única dificuldade às vezes é arrumar material, folhas, tintas, lápis, essas coisas.

Coração de Benedita nasceu no morro

Benedita

Benedita Souza da Silva, Benedita-Bené, negra, alta, corpo forte, idéias vivas, personalidade confiante, olhos grandes, atentos, irrequietos e inteligentes, gente fina, finíssima.

Mora em Chapéu Mangueira, no Leme, há 37 anos onde nasceu e se criou. Aos 15 anos já estava jogada na batalha: professora improvisada, alfabetizadora na favela. Trabalhou muito com D. Renée, uma francesa misto de freira e assistente social que viveu onze anos na favela dando o melhor de seu tempo e pensamento à comunidade de lá. Benedita conta: "Era um trabalho duro e bom para a favela, mas vinha de cima para baixo e não organizava as pessoas; naquela época, né, não havia outro tipo de trabalho...o pessoal ficava de braços cruzados, esperando D. Renée. Se ela faltava, ou não vinha, o pessoal desanimava. Eu não reclamo de D. Renée nem das freiras que trabalhavam com ela, elas não eram culpadas disso, não faziam por mal, era o trabalho daquele tempo, não havia alternativa..."

Benedita foi aprendendo coisas. Olhando com olhos de ver e de analisar. "Naquela época muita gente vivia aqui mas tinha o coração lá embaixo, no asfalto." As pessoas viviam dispersas, cada um por si: "Era um ajuntamento, não era uma comunidade."

A necessidade de todos fez surgir a Associação dos Moradores de Chapéu Mangueira. Benedita ingressou na Associação, foi fundadora do Departamento Feminino. No começo não foi fácil, os homens davam e contra. Mas o Departamento Feminino foi se firmando, transformou-se no braço direito da Associação. Ao lado de D. Marcela, de D. Efigênia, de D. Agostinha, Benedita foi-se convertendo numa liderança social querida e respeitada pelas pessoas que moram em Chapéu Mangueira.

Entrou na Assembléia de Deus. É crente, convicta, participando do culto e do trabalho de assistência social de sua Igreja. "Sabe, a religião católica não me satisfazia o sentimento e o espírito. Daí fui para a Assembléia de Deus onde me sinto realizada. E bota aí que não é verdade isso de dizer que a Igreja faz a gente virar passivo, não é verdade não."

Benedita trabalha no Hospital Miguel Couto — começou como servente e hoje é auxiliar de enfermagem. Tirou o curso ginasial completo com muito sacrifício: "Foi uma barra, os dois filhos que tenho eram pequenos, foi uma barra segurar o curso e o trabalho. Ainda bem que o Mansinho me deu a maior força, foi um grande companheiro." Além do Miguel Couto, onde trabalha em plantões noturnos na base de 12 por 60 horas ela ainda pega outro trabalho de 8 às 17 hs. diariamente.

Eles pagam imposto e governo não faz nada

Favela pra mim é sinônimo de liberdade, um lugar onde se pode andar a qualquer hora sem temer, com um pessoal humilde e bom.

Pedro Barbosa de Souza, 59 anos, dono da birosca

FAVELA URBANIZADA NO MUTIRÃO DOS MORADORES

Em 1967, o governo do então Estado da Guanabara não podia ver uma favela trepada num morro da Zona Sul da Cidade que mandava a polícia remover pros cafundós do Judas. No morro dos Guararapes, na zona sul do Rio de Janeiro, Cosme Velho, aconteceu diferente. 150 famílias se juntaram e compraram a terra onde moravam. Conquistaram o direito de permanecer no morro, mas a briga continua até hoje, agora pela urbanização.

Para receberem financiamento do BNH os moradores construiram essa casa Grande, sólida e arejada. Disseram que ela contrariava o Código de Obras

Essa é a segunda tentativa dos moradores para terem financiamento pra casa própria Custou Cr$ 49 mil, mas é o que se vê na foto

Crianças jogam bola, cachorros latem, mulheres penduram roupas em varais apoiados em figueiras, jaqueiras, bananeiras. Ao fundo, o vale ainda verde do Cosme Velho. Ao lado de um jasmineiro florido num fundo de quintal, uma mulher se debruça na janela e ouve um bolero em castelhano no rádio. A viela em baixo é de barro, que quando chove vira lama e se mistura ao lixo e aos esgotos, dando um cheiro mais forte que o do jasmineiro em flor.

É o morro dos Guararapes, situado na ladeira do mesmo nome, no fim do aristocrático bairro do Cosme Velho, Rio. Lá vivem 150 famílias que, em 1967, através da sua Associação dos Moradores, compraram uma área de 33.720m². Foi uma iniciativa pioneira e fazia parte da luta do morro pela sua urbanização, que até hoje, 12 anos depois, ainda depende dos esforços dos moradores

Claudio Moraes, presidente da Associação conta a briga da sua comunidade contra a política habitacional e o descaso do governo.

Ao partir para a compra, a

Fotos de Vasni Calixto

Claudio Moraes, presidente da Associação dos Moradores do Guararapes

comunidade quis deixar claro às autoridades que a grande solução para a população hoje chamada de baixa renda — antigamente era favelado mesmo — seria a fixação da família no local que ela escolheu para morar. A partir do momento em que a família se favelizou, ela conseguiu formar um mercado de trabalho não só para o homem mas também para a mulher e filhos, aumentando sua renda familiar. Quando o Estado propôs a remoção para locais distantes, o Morro dos Guararapes se mobilizou e conseguiu, sem influências externas, formar uma Associação que transacionou a compra da terra, que pertencia à família de Dona Maria Elisa de Oliveira Passos.

O preço pedido foi Cr$ 90 mil, mas, usando a técnica da depreciação da propriedade — hoje largamente usada pelos agentes imobiliários —, conseguimos chegar aos Cr$ 50 mil.

— Fizemos um condomínio estranho. Inicialmente eram 50 sócios que assumiram pagamentos de Cr$ 2 mil de entrada e 48 prestações mensais de Cr$ 1 mil, com mais os impostos e a remissão do foro. A partir da compra, abriram-se inscrições para novos sócios moradores, e hoje são 150 sócios. Para quem não tinha condições de pagar e era morador, a Associação recorreu à Mitra, uma espécie de departamento financeiro da Igreja. Quem contestou o movimento, teve 4 anos (até 1971) para se decidir. A partir disto a Associação moveu uma ação judicial e despejou 15 famílias.

— Hoje temos uma certa revolta quando pensamos nos resultados. Nós nos preocupamos em transferir esta nossa experiência para outras comunidades, como o morro de Santo Amaro, no Catete, em Acari, no Catumbi e na Penha. Algumas destas experiências não deram certo, ou por influências externas ou por falha das lideranças. Em Acari, que era uma área plana onde havia grandes interesses da Formiplac, a coisa não deu certo.

— Tentou-se apresentar nosso movimento como obra do governo, mas nós não quisemos, pois é coisa nossa. Não somos muito bem-vistos nas áreas oficiais apenas porque tentamos mostrar à máquina governamental como deveria ser sua ação junto à nossa comunidade. Lutamos bastante para administrarmos nós mesmos a escola Guararapes-Morro do Cândido, cuja construção a comunidade iniciou, com recursos da Nunciatura Apostólica. Mas o Flexa Ribeiro — Secretário da Educação na época — não deixou. Hoje é uma escola municipal, administrada por uma ordem religiosa.

— Todos os movimentos iniciados pela nossa comunidade foram praticamente eliminados pela ação das autoridades, através de exigências descabidas. Todas as promoções da Cehab, Fundação Leão XIII tendem a trazer uma distorção na comunidade que deveria ser beneficiada. A partir do momento em que a comunidade não participa, não discute e não decide, ela dá ênfase ao paternalismo adquirido viciosamente junto

aos políticos: se beneficia imediatamente do que lhe é oferecido, sem se preocupar com o poder de decisão, que cabe naturalmente à comunidade. A comunidade deve se sentar à mesa com as autoridades para discutir o seu processo de desenvolvimento, para que possa assumir a responsabilidade por ele.

— Tivemos também a presença de agentes internacionais do Peace Corps, o que também foi negativo e nocivo ao nosso desenvolvimento. Eram rapazes americanos que fariam estágio de 2 anos morando entre nós, mas não aceitamos. Decidimos que não éramos laboratório para estudos antropológicos e o que nos ofereciam não era condizente com o trabalho que queriam fazer. Essas pessoas vêm de uma camada social privilegiada e têm um visão muito distorcida do que é a favela. Eles queriam fazer cátedra, mas nós é que tínhamos condições de ensinar a eles, e não vice-versa. Solicitamos a retirada deles, o que foi feito.

— Tivemos também um agente externo nacional, através da Secretaria de Serviços Sociais, que no início foi negativo, mas depois mudou. Era um grupo de assistentes sociais mal formadas. Até que assumimos a mesa e discutimos a atuação delas.

—Como favelados-proprietários, estávamos à mercê de uma legislação referente à urbanização. Começaram as dificuldades: esta legislação não estava preparada para absorver a gente. Ela foi feita em função de uma sociedade muito exclusivista, uma minoria da sociedade. Estas leis não previam qualquer projeto de urbanização; inclusive desconheciam a favela como núcleo residencial.

— Passamos a usar o modelo burocrático, requerendo nossos direitos junto ao Departamento de Vias Urbanas, ao qual vimos pedindo desde 1961 a conclusão de uma via pública aqui, o que não foi feito até hoje. Agora estamos fazendo nós mesmos. Requeremos ao Departamento de Vias e Canais o fechamento do Rio das Caboclas, ou Rio Carioca, o que também não foi feito até agora. Requeremos da Cehab o aproveitamento da área através de um projeto de urbanização, — o que também não foi feito.

Criada para dar casas populares aos operários, a Cehab hoje é simplesmente uma empresa incorporadora estatal. Com a filosofia de remoção, ela desagregou a família favelada e passou a atender apenas às necessidades

• A gente paga, paga e nunca recebe nada. As valas estão contaminando as crianças e há muitos mosquitos. Eu era pequenininha e já ouvia falar em urbanização. Estou com 20 anos e a urbanização não veio. (Jacira Resende da Silva)

• Isto aqui é tão bom que até os ricos estão subindo o morro. Tiro da boca dos meus filhos prá pagar as taxas. Escreva aí que quero ajuda para construir minha casa. (Sebastiana Pereira da Silva, 40 anos, doméstica, 12 filhos)

do governo, e não dos trabalhadores.

— Então partimos para o embrião de um modelo de uma nova unidade habitacional, esta coisa que se fala tanto hoje. Construímos esta casa em 1968/69 (a casa onde mora Cláudio tem 2 quartos, sala, cozinha e banheiro e é muito sólida). Mas a casa foi considerada pelas autoridades como fora das especificações do Código de Obras. A Cehab pode fugir a estas especificações, através de facilidades que lhe são concedidas, mas nós, favelados, não podemos. O Departamento de Obras interditou a construção, mas exige que se pague os impostos. A comunidade recorreu da interdição e ocupou a casa. Com a polícia na frente, nós invadimos pelos fundos. Por culpa da má visão estatal, faliu nosso modelo habitacional.

— Descobrimos que o BNH tinha algo que nos era devido. E passamos a cobrar nossos direitos. Se ele é o órgão encarregado de reter nossos fundos de garantia, que por lei podem financiar nossas moradias, então poderia financiar nossa urbanização. Passamos a pedir isto. Sentindo-se impotente, o BNH nos colocou em contaco com a Interamerican Foundation, uma agência internacional que financiaria o projeto, tendo em vista que o BNH, sendo um banco de primeira linha, não poderia fazer tal coisa. Fez-se um convênio entre a Associação dos Moradores do Guararapes (Amog), BNH, Interamerican Foundation e Codesco, representando o Estado. A agência doaria 60 mil dólares, mas a Amog teria de contratar uma empresa com experiência no campo e idoneidade. Contratamos a Quadra Arquitetos Associados, que na época cobrou mais de Cr$ 400 milhões, o que a gente achou caro, fez um contrato muito burocrático e no quadro de funcionários estava uma secretária bilingue e um antropólogo. A gente perguntou se eles iam estudar fósseis! A Foundation começou a ter dúvidas sobre o preço e sobre se o resultado seria aplicável em outros lugares, já que ela ficaria com os estudos da urbanização. A morosidade do favelado que é odiosa, e o descaso das autoridades gerou insatisfação na Foundation, que mandou ofício reclamando do descaso. Os favelados propuseram gerir o projeto. A Foundation aceitou, mas veio a fusão, extinguiu-se a Codesco, falindo o convênio.

— Propusemos ao BNH liberar nosso fundo de garantia. Há no Rio 1 milhão e 500 mil favelados que não se beneficiam de seus fundos. O BNH não aceitou e mandou um alemão fazer um estudo para urbanizar. O estudo era bom e não foi aceito.

Ultimamente conseguimos mobilizar técnicos da Universidade do Fundão, da Souza Marques e estamos tentando aprová-lo. Vamos exigir, com base no imposto predial que pagamos, que a prefeitura urbanize isto. Não pretendemos desistir nunca.

Enquanto isso resolvemos começar nós mesmos a fazer a rede de esgoto de que precisamos. Serão necessários mais de 1.100 metros de rede. Até agora nós planejamos 200 metros. Mas chegaremos lá.

• A favela não é boa nem má, é uma necessidade. Ninguém está trepado no morro porque quer. Se eu tiver que escolher entre um barraco aqui e uma casa em Bangu, fico por aqui. A ajuda que existe na favela é a lei do silêncio: houve qualquer coisa, ninguém sabe, ninguém viu. Mas a solidariedade, que é uma coisa maior, depende muito de cada ser humano, seja ele do asfalto ou do alto. (Maria do Carmo Martiniano, a comadre, moradora antiga)

A Associação dos Moradores do Guararapes e a Associação dos Moradores do Cosme Velho realizam, dia 22 de dezembro, na Casa do Minho, uma festa em benefício das obras de esgoto que os moradores do Guararapes estão construindo por conta própria. Não deixe de ir.

Reunião do Conselho de Moradores e a poesia de Pablito

CIDADE DE DEUS

Tu não és um pedaço de mapa mal traçado
Nem Éden ou Eldorado
Tens "casas de pombo", cercadas por corvos
Cidade de Deus menina
Tu caíste na boca do povo.

Só porque:
És forte, agressiva, falada e calada
És sobretudo, de teus filhos a morada.

Estes que a ofendem, de certo, querem
Torná-la vertical
Mudar o seu mural
Vendê-la à burguêses
Que são os finos fregueses

Só porque:
És feia, pobre, ingênua e demônio
És sobretudo, de teus filhos um patrimônio

Cidade és igual a tantas outras
Que vacila, decide, pleiteia e vota
Quem de longe, os teus, visa
Qual campo sem divisa
Não vê fincada suas raízes e de fora seus dentes
E as ramas, derramando sombra às cabeças quentes

Só porque:
És bela, cúmplice do sossego e [illegible]
És sobretudo, de teus filhos garantia

Não te auto-destrua, oh cidade!
Não te decrete calamidade
Nem guerreie aos moinhos
Teu inimigo não é o teu vizinho

Sinta-se satisfeita por seres
A casa desses homens e mulheres
Dos trabalhos, hábitos e ações
São teus membros, estes braços e pernas
Numa andança para que sejas eterna

Só porque:
És na luta vitória, derrota e empate
És sobretudo, de teus filhos o habitat.

PABLITO

CIDADE DE DEUS DENUNCIA

Tem gente querendo jogar a opinião pública contra nós

De repente, a Cidade de Deus, bairro construído no Rio de Janeiro para abrigar os favelados expulsos da Zona Sul, passou a ser focalizada como antro de bandidos, uma Chicago tupiniquim, onde a guerra entre as quadrilhas aterrorizava os moradores. Mas nem só de violência vive a Cidade de Deus, e isso, estranhamente, ninguém diz.

Um quisto dentro da sociedade, um cancro, um inferno, paraíso de criminosos, estupradores, assassinos e bandidos. É assim que está sendo vista a Cidade de Deus, que teve suas obras iniciadas em 1966. Culpa do próprio governo que expulsou os favelados dos morros da Zona Sul do Rio de Janeiro e os jogou na cidade construída às pressas. Em vez de campo de futebol fizeram quadras de basquetebol, como se quisessem que os nossos negros, mulatos, brancos e sararás virassem globetrotters.

Dona Ecléia Guazzeli, presidente da Funabem — Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor — foi fazer uma visitinha à cidade, incógnita, entrou em ruas e becos que ela considerou "verdadeiros guetos". Como se vê foi mais fundo que o prefeito Israel Klabin. Num artigo escrito para o **Jornal do Brasil**, no dia 25 do mês passado, dona Ecléia disse que o "problema da Cidade de Deus é que os seus habitantes estão colocando pra fora a violência com que foram tratados".

E essa violência é sempre discutida aos sábados e domingos no Colégio José de Alencar, em frente ao ponto de ônibus da linha Gávea-Cidade de Deus, entre os moradores, a maioria jovens que fazem parte do Conselho de Moradores da Cidade de Deus, do Grupo de Teatro Perspectiva, da Revista Nós, do jornal Amanhã e do Cine Clube.

"De repente a Cidade de Deus virou notícia fácil; vários jornais da grande imprensa, todos os dias dedicam-se a alarmar a população do Rio e do Brasil. Até que ponto essas notícias veiculadas de modo simples e sensacionalista, ausente de uma análise séria e objetiva, servem apenas para acelerar, um processo de radicalização da opinião pública contra a Cidade de Deus?"

Esse é um trecho do editorial da revista **Nós** editada por um grupo de moradores da Cidade de Deus. A revista foi distribuída aos visitantes numa reunião do Conselho, onde várias pessoas queixaram-se da forma discriminada como são tratadas fora da Cidade de Deus. Uma moça que estuda na Faculdade de Serviço Social, no centro do Rio disse que toda a vez que sai da escola é chamada por "chefe de gang",

Fotos de Chiquito Chaves

"ladrona" e "piranha" simplesmente porque mora na Cidade de Deus. Um rapaz contou que não agüenta mais toda vez que deixa o emprego tem sempre alguém dizendo "vou comprar uma pistola", "como é que é quadrilheiro?". Tem ainda, o caso de uma professora, que foi humilhada na escola. No Dia das Professoras, num Colégio na Tijuca, foi feita a comemoração e o presente, ao contrário do ano passado, tinha sido coisa simples. Foi o que bastou para que uma delas desabafasse a sua fúria: "no, ano passado o presente foi bem melhor. Esse ano foi uma porcaria. Também pudera; com favelada da Cidade de Deus dando aula aqui só podia acontecer isso".

Esses casos foram narrados numa sala do Colégio José de Alencar, onde estavam aproximadamente 30 pessoas. Mas apesar de tudo isso, o grupo de jovens, entre eles Paulo Cesar, do Conselho Fiscal; Mauro Ramos; Almir e Wellington, vice-presidente do Conselho, estão fazendo um trabalho para mostrar que, no bairro onde moram, não existe só a violência. E para provar isso o grupo de teatro, composto pela Rosângela, Waner, José Ivan, Norma e Eduardo, vão ensaiando a peça "O Natal de nossa gente", que será encenada pelas ruas da cidade. Segundo Ivan, diretor da peça, a história enfoca o desnível social existente no país.

— Um José que é esperançoso e que trabalha até às 11 horas da noite da véspera de Natal e na casa dele não tem nada pra comer. Maria, a mulher, é de luta. A peça tem duas alternativas: a esperança e a luta. Os níveis de carência dos filhos de José são: um é conscientizado, outro é alienado e a irmã é teleguiada.

Enquanto Ivan fala, o grupo vai ensaiando a peça.

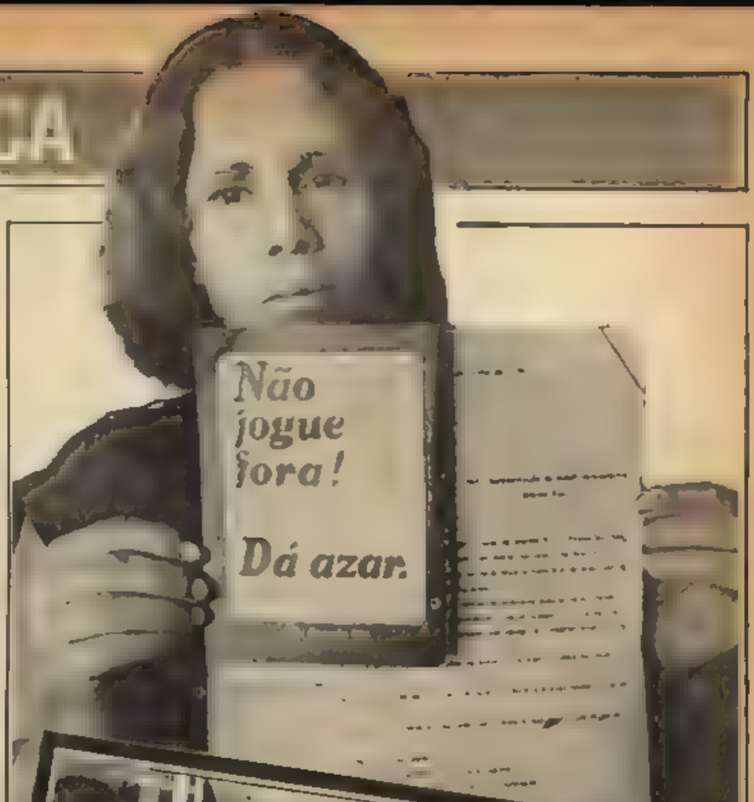
— O pessoal de jornal só vêm aqui prá contar os mortos. Não se preocupa com o trabalho que a gente tá fazendo, da conscientização da rapaziada, para mostrar que aqui não é inferno. Trabalhamos em conjunto. Agora criamos o Caos — **Colhendo Amigos Onde Seguirmos** —, tudo isso para promover debates entre nós, moradores — diz um deles.

Pablito é um dos editores de arte do jornal e fez uma poesia em homenagem ao lugar onde mora. Disse que estava em Ipanema, trabalhando, quando viu notícias nos jornais que o lugar onde mora era considerado "um ninho de bandidos".

— Isso machuca a gente. Não é assim como falam, não. Eu escrevi como um desabafo. Mas a poesia é uma constante no nosso trabalho.

Tim Lopes

Loteria ilegal da Grande Rio ilude povão



É uma vergonha. A Grande Rio Promoções e Empreendimentos Ltda, depois de ser denunciada através dos jornais da grande imprensa, continua roubando descaradamente seus clientes. E o pior: a polícia sabe de tudo. A arapuca da Grande Rio, que já lesou mais de 10 mil pessoas no Rio e em Niterói, continua funcionando na Rua Sete de Setembro, 67 — 7º andar, centro do Rio.

— Meu marido é aposentado e trabalha em São Paulo, ganha Cr$ 4 mil por mês. Como eu precisava de dinheiro para arrumar a nossa casa, vi o folheto que distribuem na rua e achei que era uma boa oportunidade e faria uma surpresa para ele quando voltasse. Fui até ao escritório da Grande Rio Autofinanciamento, em Madureira e fui atendida pelo sr. Eliseu. Meu plano era de Cr$ 20 mil, mas ele me convenceu a fazer de Cr$ 60 mil. Então, fiz e paguei a taxa de Cr$ 4.800,00. Na hora de assinar o contrato, ele não me mostrou, enfiou debaixo de outras folhas e só vi o lugar de assinar. Eu tô acostumada a fazer crediário, então não me preocupei. Agora, não sei o que faço. Ele me prometeu que eu receberia o dinheiro dentro de 15 dias e até agora nada. Me pediram que adiantasse as mensalidades para receber, mas só dei a entrada, pois muitos deram até 12 mensalidades e não receberam nada.

O desabafo é de Sileze, muito preocupada como vai explicar ao marido que caiu no conto do vigário.

Tudo começou em Niterói, onde a Grande Rio Promoções Administração e Empreendimentos Ltda, abriu seu primeiro escritório na rua Amaral Peixoto, 60. Com a grande procura ela se expandiu e veio para o Rio, abrindo escritórios no Centro, em Copacabana e Madureira. Distribuíram panfletos nas paradas de ônibus, colocaram anúncio no jornal **O Dia** e quem estava precisando de dinheiro, vendo as condições favoráveis, foi à procura. Os assessores comerciais, muito bem vestidos, simpáticos e bem preparados convenciam qualquer um a fazer o financiamento e prometiam que dentro de 15 a 20 dias eles receberiam o dinheiro. Neste primeiro contato, o cliente paga uma taxa proporcional ao valor do empréstimo. Se é de Cr$ 20 mil a taxa é de Cr$ 2 mil; Cr$ 40 mil, taxa de Cr$ 3.600; Cr$ 60 mil, taxa de Cr$ 4.800,00.

Passados os dias estabelecidos, com a carta na mão, todos compareceram à rua Marechal Câmara, 186, 7.º andar, e aí tomaram conhecimento do jogo sujo da Grande Rio.

Segundo as informações de alguns senhores engravatados, a Grande Rio se assemelha a um consórcio. Os clientes, depois que recebem a carta para comparecerem no escritório central, são levados para uma sala onde há uma reunião e o número de ordem é sorteado num jogo de bingo. Dependendo desse número de ordem, ele passa a integrar o grupo A ou B. No grupo A, para que o dinheiro seja liberado, deve-se pagar de uma a quatro mensalidades; quem paga mais leva o dinheiro. Já no grupo B, as mensalidades são indeterminadas e, por isso, quem paga maior número de mensalidades tem maior chance de ser liberado. Em caso de empate, a liberação é dada ao cliente portador do menor número de ordem.

— As pessoas são pouco esclarecidas e não prestam atenção quando o assessor explica o processo, estão pensando no que vão fazer com o dinheiro — fala um dos senhores engravatados. Muitas vão à Delegacia de Defraudações porque todo mundo vai. Durante a conversa apareceu um cliente que estava sendo liberado: Dionísio. Ele pagou 10 mensalidades de Cr$ 2 mil para receber Cr$ 60 mil e seu número de ordem é 8.

Os clientes lesados, cerca de 10 mil, não recebem nenhuma explicação sobre o consórcio.

— Eles não explicam nada, dizem apenas que vamos receber o dinheiro no máximo em um mês. Não falam nada de consórcio de dinheiro. Tenho vindo aqui todos os dias para falar com Carlos Brasil, com quem fiz o plano, e nunca consigo encontrá-lo, — diz Manoel José da Silva que fez o plano de Cr$ 20 mil para terminar seu apartamento.

Quando o Sr. Alcides Henrique da Costa — um senhor de idade — procurador de seu filho, se recusou a assinar o contrato, quase foi agredido pelo funcionário que o atendeu.

— À primeira vista, tudo causa boa impressão, eles dão um trato todo especial para apanhar a taxa, mas depois, quando o dinheiro está lá, a coisa muda. Quando recusei a assinar o contrato e exigi explicações, o sr. Paulo ficou nervoso, chegando a ficar de pé e me encarando.

Outro lesado é Valdemir Sales, que não se conforma em ver a Grande Rio Autofinanciamento aberta, depois de ter roubado várias pessoas de médio e baixo nível econômico. Ele procurou todos os meios legais possíveis, foi ao Ministério da Fazenda e lá ficou sabendo que a Grande Rio foi multada duas vezes e já telegrafaram para o ministro da Fazenda, mas este respondeu que tem coisas mais importantes para resolver. Não contente com estas respostas, procurou a Delegacia de Defraudações, abriu inquérito na Delegacia Fazendária e pediu anulação do contrato (a Grande Rio não aceitou). Por último, foi a Brasília, tentar falar com o Ministro da Fazenda.

Depois de tentar resolver seu problema, e de muitos outros, por meios legais e não conseguindo nada, Valdemir começou a agir por conta própria.

— Passei a apertar o sr. Pereira e então ele me fez a seguinte proposta, se eu pagasse Cr$ 30 mil receberia o dinheiro que pedi (Cr$ 60 mil). Não aceitei porque não tenho tal quantia e depois não quero perder mais dinheiro. Várias vezes fui ameaçada por telefone: "se você não parar de reclamar vamos sumir com você". Os reclamantes estão sempre sendo agredidos e no dia 20 de novembro a sala de espera estava cheia e os funcionários começaram a nos agredir com cadeiras, aí reagimos também. Foi muita confusão e o PM que fica lá de guarda, unformizado e armado, chegou a sacar da arma.

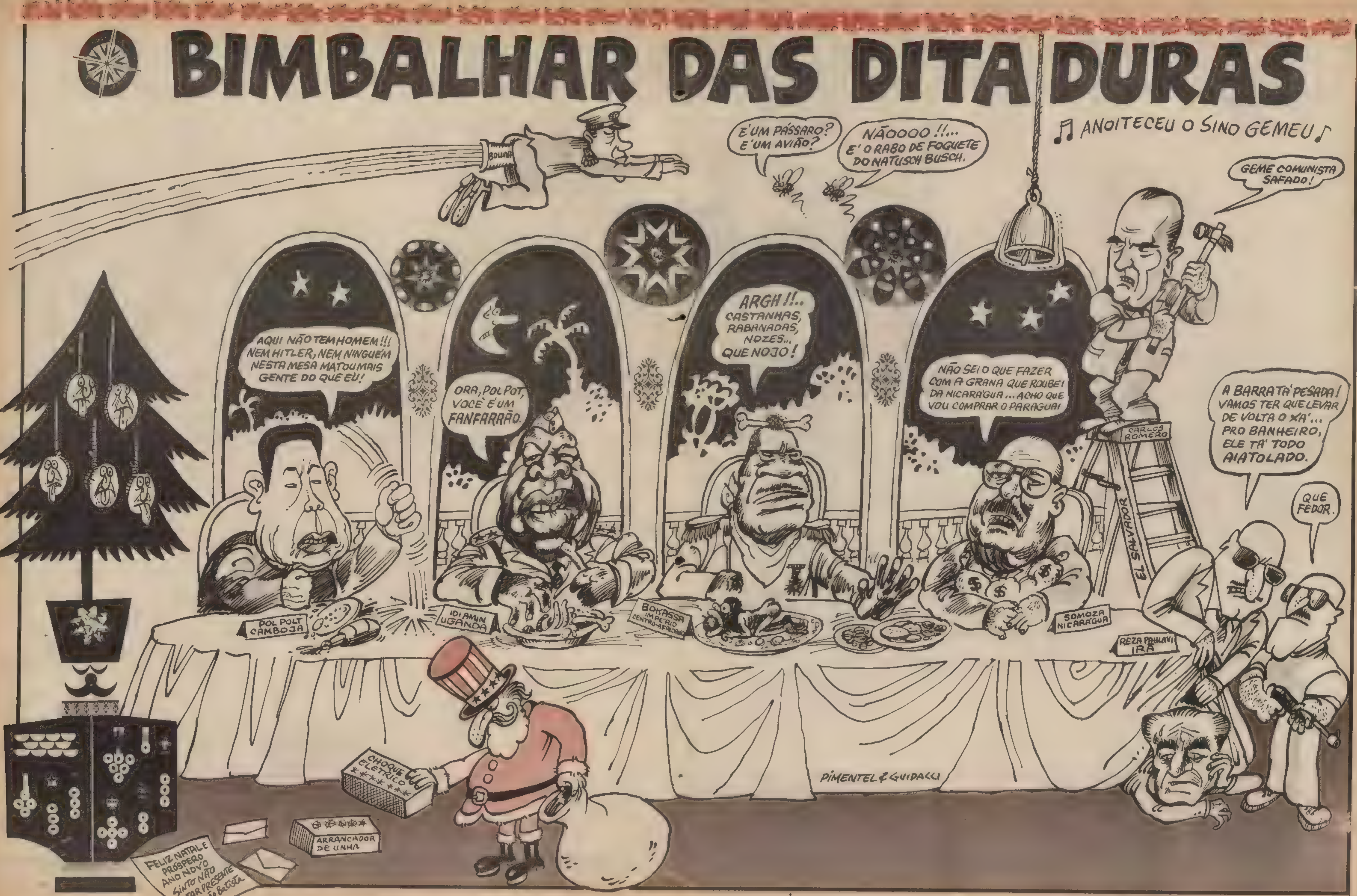
Valdemir disse que não espera receber seu dinheiro de volta, mas não vai parar enquanto não ver a Grande Rio fechada.

— É um roubo em pleno Rio de Janeiro e as autoridades não tomam nenhuma providência.

O delegado Sílvio Ribeiro Ferreira, da Delegacia de Defraudações, onde existem 180 queixas, disse que "a Grande Rio não tem licença especial do Ministério da Fazenda para funcionar neste tipo de consórcio e mesmo o alvará de funcionamento da empresa já está vencido. O que eles fazem é um jogo de boca, fazendo exigências às pessoas para pagarem as mensalidades. As criaturas, à procura de empréstimo, acabam emprestando à empresa.

Sala de espera da Grande Rio

Parece verdade, mas o feliz cliente da foto é funcionário da firma. A foto foi arranjada


O BIMBALHAR DAS DITADURAS
♫ ANOITECEU O SINO GEMEU ♪
É UM PÁSSARO? É UM AVIÃO?
NÃOOOO !!... É O RABO DE FOGUETE DO NATUSCH BUSCH.
GEME COMUNISTA SAFADO!
AQUI NÃO TEM HOMEM!!! NEM HITLER, NEM NINGUÉM NESTA MESA MATOU MAIS GENTE DO QUE EU!
ORA, POL POT, VOCÊ É UM FANFARRÃO.
ARGH!!.. CASTANHAS, RABANADAS, NOZES... QUE NOJO!
NÃO SEI O QUE FAZER COM A GRANA QUE ROUBEI DA NICARÁGUA... ACHO QUE VOU COMPRAR O PARAGUAI
A BARRA TÁ PESADA! VAMOS TER QUE LEVAR DE VOLTA O XÁ... PRO BANHEIRO, ELE TÁ TODO AIATOLADO.
QUE FEDOR.
CARLOS ROMERO
EL SALVADOR
POL POLT CAMBOJA
IDI AMIN UGANDA
BOKASSA IMPÉRIO CENTRO-AFRICANO
SOMOZA NICARÁGUA
REZA PAHLAVI IRÃ
CHOQUE ELÉTRICO
ARRANCADOR DE UNHA
FELIZ NATAL E PRÓSPERO ANO NOVO SINTO NÃO ESTAR PRESENTE João Batista
PIMENTEL & GUIDACCI

REPORTAGEM DESCOBRE BANDALHA

O táxi de São João de Meriti, com a placa semi coberta, pirateando passageiro na avenida Brasil

Os táxis de outros municípios fluminenses — placas FM, FV, FR, KP, JM, KI, KM, AK — estão roubando os fregueses dos motoristas do Rio de Janeiro e, pior, com a cobertura da Polícia Militar, que tem muitos soldados e alguns oficiais proprietários de táxis piratas ou bandalhas, como são conhecidos. Junte-se a isso a atual fuga natural dos passageiros, em virtude do recente aumento da bandeirada (conseqüência direta do aumento da gasolina) e tem-se o que podemos chamar de crise. Mais uma.

TÁXI-PIRATA ATACA COM O APOIO DA POLÍCIA MILITAR

Reportagem de Silvia Duarte.
Fotos do Roberto Musauer

Na porta de hotéis, motéis da Avenida Brasil e hospitais, os núcleos mafiosos de táxis-piratas, ou mesmo de carros particulares, fazem seu ponto, impedindo o trabalho dos autônomos e das cooperativas. Eles soltam uma grana para o porteiro que desvia o passageiro para o táxi-pirata.

Segundo o vice-presidente do sindicato, José Pereira de Souza, este problema começou quando os carros de outros municípios, por causa da fusão, se acharam no direito de angariar passageiros no Rio. O número limite de emplacamentos do Rio, estabelecido de acordo com o número de habitantes, está preenchido desde 1968. Com isso, os motoristas do Rio que querem emplacar seus carros e adquirir a autonomia procuram as prefeituras de São João de Meriti, Nilópolis, Itaguaí, Paracambi e outras que facilitam o emplacamento. A prefeitura de São João de Meriti afirma ter 700 carros emplacados, de acordo com o limite, mas na verdade tem mais de dois mil. Muitos rodam livremente na praça do Rio, nas mãos de mal pagos soldados da PM, que procuram nos táxis um bico para completar o salário, transgredindo a lei que os proíbe de exercer outra função, por serem funcionários públicos. E quando são flagrados pela polícia bastam dizer que são da casa e tudo bem.

Segundo José Pereira, eles emplacam os carros em outros municípios porque "os prefeitos viram nisso uma fonte de renda e, então, liberam o emplacamento".

Existem, hoje, cerca de três mil táxis piratas e apesar do diretor-geral do Detran-RJ, Antônio João Mendes, ter proibido sua circulação, eles continuam trabalhando.

Um soldado do 17.º BPM, que tem dois táxis-piratas de São João de Meriti, abriu o jogo, mas não quis se identificar por medo da própria polícia. Enquanto conserta a suspensão do carro ele conta sua história:

Um "táxi" particular pegando passageiro na porta do hotel Meridien

— Nós, policiais, estamos de serviço 24 horas por dia e ganhamos Cr$ 6.900. Resolvi botar dois carros na praça porque o salário não dá. Só de aluguel eu pago Cr$ 6 mil e tenho mulher e filhos pra sustentar. Estamos sendo perseguidos pelos próprios policiais. Outro dia tiraram um passageiro de dentro do meu carro e me tascaram uma multa, a mando do tenente Roseti. Agora eu pergunto: por que o pessoal de São João de Meriti pode pegar passageiro e a gente não? Parece que o prefeito de lá prometeu fazer um convênio com o município do Rio para legalizar nossa situação. Acho muito bom porque afinal de contas, somos trabalhadores como todo mundo."

Este convênio está previsto desde 1975 pelo decreto-lei 276, que no seu artigo 27 autoriza a circulação de táxis de outros municípios, desde que tenham seus taxímetros padronizados. Os de São João já marcam a mesma coisa que os do Rio e, por isso, as duas prefeituras estão efetivando o convênio que permite a circulação no Rio de Janeiro e vice-versa.

O número de passageiros para cada motorista, que já era pouco, vai ficar menor ainda. Principalmente agora que a gasolina aumentou 58% (Cr$ 22,60 o litro).

A confusão está armada. O soldado de serviço, com medo do coronel, cumpre a ordem de punir os "táxis" piratas, ameaçando com multas fantasmas os táxis autônomos e as cooperativas que querem denunciar a corrupção da polícia. E estes acusam o sindicato de não fazer nada, de só saber expedir ofícios. O sindicato diz que está fazendo o que pode porque não é ele que executa o policiamento ou acaba com a corrupção da polícia.

O não cumprimento da lei está trazendo muitos conflitos entre os motoristas em geral

Em pé, de costas, o PM pirata. o salário da polícia não paga nem o aluguel (apagamos o número da placa)

Edson denunciou um pirata e acabou preso

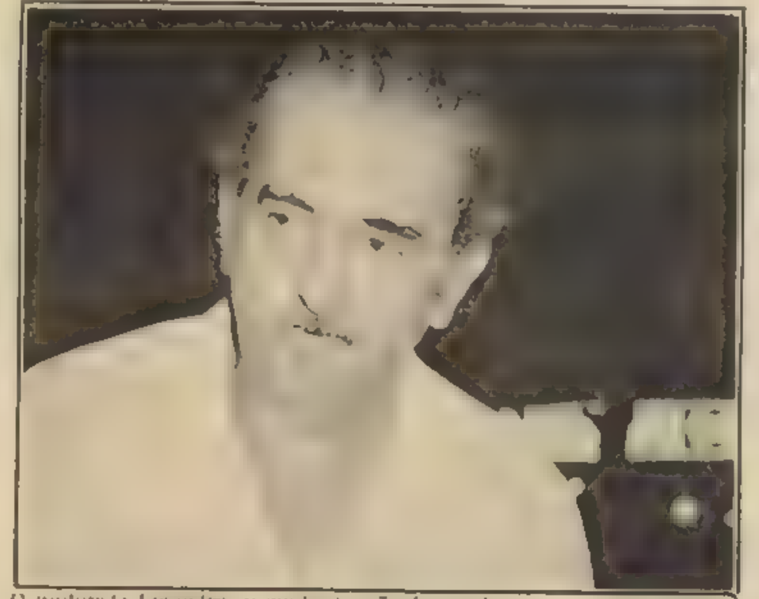
— piratas, autônomos ou de cooperativas. São constantes as ameaças, as multas fantasmas e as prisões. Na porta do Hotel Meridien, no Leme, existe um ponto da Coopertramo, uma cooperativa de táxis, freqüentemente ameaçada por carros particulares da polícia. Há um mês, alguns elementos da polícia que são bandalhas arrumaram um esquema para tirar a cooperativa de lá. Antônio Carvalho Bispo, motorista da Coopertramo, fala sobre o incidente:

— O presidente da cooperativa, "Vavá", fez um acordo com o gerente do Meridien para que tivéssemos um ponto na porta do hotel. Então, os bandalhas acionaram a Polícia Militar para rebocar os 20 carros do ponto. Como resistimos, eles pediram reforço ao 19º BPM, que mandou três camburões. Enquanto isso, um outro bandalha chegava num carro do Detran, com uma autorização para o reboque. Nossos carros foram multados e rebocados para a praça Tiradentes. A polícia deu e dá total cobertura aos bandalhas.

Os motoristas particulares do Meridian cobram Cr$ 300 a hora e só recebem em franco, marco ou dólar. Seus carros são de alto gabarito — Alfa Romeo, Galaxie, Dogde Dart — e um só motorista é proprietário de dois ou mais carros.

Os motoristas regularizados também não ficam isentos das investidas da polícia. Quando reclamam o cumprimento da lei são ameaçados de prisão, como aconteceu com Edson Antônio Alves de Araújo:

— Eu e mais quatro colegas estávamos rodando



O motorista Leônidas: o sindicato não faz nada

O vereador Jorge Felippe: a PM é conivente

em Bangu quando passamos por um pirata de São João de Meriti. Cercamos o carro dele e solicitamos a presença da patrulha. Chegando ao local a patrulha determinou que o carro pirata fosse liberado e eu, o solicitante da patrulha, fosse preso. Como me neguei a ir pro quartel, eles pediram reforço. Vieram 14 policiais em cinco patrulhinhas pra me prender. Enquanto, isso meus colegas foram chamar o vereador Jorge Felippe, que chegou logo depois e me tirou da fria.

Jorge Felippe trabalha na causa dos motoristas que não mais acreditam nas palavras do presidente do sindicato — Adorino Gomes Pinheiro.

— Nossa luta é para que se respeite a área de trabalho. Já mandamos um relatório com todas as indicações, inclusive de pontos onde os piratas atuam, para o Comando Geral da Polícia Militar. Exigimos o cumprimento da lei sob pena de se realizar uma passeata denunciando a passividade suspeitosa e a conivência da Polícia Militar.

Os táxis piratas existem desde 1974. Nessa época, os motoristas já denunciavam a ação dos bandalhas no programa da rádio Continental-Tribuna do Motorista. Leônidas Filgueiras, motorista há 16 anos, afirmam que desde então as autoridades não tomam conhecimento do assunto.

— As irregularidades são muitas. Os táxis-piratas de Nilópolis, Itaguaí, Paracambi e Magé, por exemplo, não podem ter taxímetro porque são municípios de menos de 100 mil habitantes. Mas eles circulam com taxímetros que, provavelmente, são conseguidos de táxis que, quando roubados, são encontrados inteirinhos, só faltando o relógio e a caixa de redução. Não há nenhuma fiscalização e por isso pedimos uma assembléia no sindicato, que se negou a atender ao nosso pedido.

O que já foi conseguido até agora sem a ajuda do sindicato que diz estar em negociações com a Fundrem (Fundação Desenvolvimento da Região Metropolitana) para resolver oproblema. O coronel Ricardo Frazão do Nascimento, chefe da 5.ª seção do Estado-Maior, expediu um boletim a todos os policiais para que façam cumprir, rigorosamente, a portaria do Detran que proíbe táxis de outros municípios de angariarem passageiros no Rio de Janeiro. A portaria do Detran é de 1978 e neste mesmo ano a corrupção rolava solta. Quem conta a história é um motorista de táxi que já foi, inclusive, homenageado no programa do Chacrinha por 21 anos de praça sem multa. Não quis se identificar porque andou recebendo multas fantasmas que comem o seu salário e tem medo de outras.

— Eu e mais 12 colegas estávamos com os carros parados na porta do aeroporto Santos Dumont, quando chegou a rádio patrulha. Ela passava de hora em hora prá pegar Cr$ 30,00 de cada um. O sargento já chegava com o caderninho na mão, anotando a placa de todo mundo. Quando íamos perguntar o porquê da multa ele dizia que era só pagar 30 cruzeiros. Neste dia, quando eles cercaram os táxis, fui falar com o sargento Francisco, do 5.º BPM. Disse a ele que não precisava daquela encenação porque ali não tinha nenhum marginal. Éramos trabalhadores honestos, esperando os passageiros no ponto. Ele disse que não tinha papo e anotou a minha placa e as dos outros 12. Mais tarde, recebi 11 multas por avanço de sinal, no valor total de 4.530 cruzeiros.

Os motoristas de táxi do município do Rio de Janeiro sofrem pressões de todos os lados — do aumento da gasolina, da falta de passageiros, do sindicato e da polícia. Alguns já estão até andando armados, especialmente, os que rodam à noite e temem a ação da polícia. Mas como diz o próprio vice-presidente do sindicato:

— Isso não tem jeito porque todos eles estão nesse negócio, desde o soldado até o coronel, todos são proprietários de táxis-piratas.

Multinacional é máfia do seguro

GOLDEN CROSS LESA E ENGANA CLIENTES

- Doença crônica invalida o contrato
- Lentidão da Justiça favorece mutreta
- Jurista justifica a burla
- Burocracia mata a paciência do paciente
- Na hora de pagar, muda tudo
- Cliènte morre e família paga a conta

Reportagem de Vera Lúcia Dias

Mariluce Gonçalves da Silva é diabética. A nota que ela gasta em consultas médicas todo ano, mais a propaganda maciça nos jornais, rádios e TV a convenceram que seria bom se associar à Golden Cross. Ainda por cima o vendedor do plano PAI — Assistência Integral lhe garantia que por uma mensalidade de Cr$ 420,00 ela poderia ter médicos e hospitais à disposição, tudo de graça.

Mariluce associou-se e, feliz, pagou as primeiras prestações. Até descobrir que a Golden Cross só garantia três consultas anuais e, muito pior, que ela, como portadora de uma doença crônica — a diabete — não poderia nem mesmo ser sócia da multinacional Golden Cross. O corretor que lhe vendeu o PAI, coitado, havia se esquecido desse **detalhe contratual**, apesar de Mariluce ter falado de sua doença durante toda a negociação.

O caso da Mariluce até podia ser atribuído a uma molecagem do vendedor. Sabe como é, pensando na comissão da venda, o cara omite os detalhes que não interessam ao freguês e, depois, bem, depois já era.

Acontece que essas mutretas fazem parte do próprio negócio vendido pela Golden Cross. A desinformação, a propaganda enganadora, as falsas vantagens são a técnica de venda dos planos da organização. É o que provam as experiências de Maria Celuta Lanari, Analuce Santos Estrella e Gladstone Guimarães.

Os três compraram o Plano Internacional de Assistência, que, segundo a propaganda, lhes garantiria internação em qualquer hospital do mundo mais o pagamento dos honorários médicos. De acordo com seus contratos, estes honorários deveriam ser pagos com base nos preços estabelecidos pela Associação Médica Brasileira — AMB. Tudo muito bem, até que eles utilizaram os serviços médicos a que tinham direito. Aí descobriram que a Golden Cross não iria pagar nem 50 por cento da conta. Ela alegava que tinha passado a calcular os honorários médicos e serviços hospitalares com base em uma tabela do Inamps, que, como todo mundo pode imaginar, estabelece preços muito mais baixos do que a da AMB.

Mariluce da Silva

Foto Chiquito Chaves

Analuce Estrella, por exemplo, gastou Cr$ 40 mil com uma cesariana e na hora de receber de volta da Golden Cross, esta só queria pagar Cr$ 14 mil.

Gladstone morreu de câncer, o que, obviamente, não foi culpa da Golden Cross. Mas, antes, ele sofreu uma operação que custou Cr$ 17.500,00 e a Golden Cross só pagou Cr$ 2.537,00. As consultas médicas feitas antes da morte somaram Cr$ 36 mil e a companhia que vende seguro saúde pagou Cr$ 6 mil, exatamente 1/6 do total.

Com Maria Celuta foi exatamente a mesma coisa. Ela gastou Cr$ 52 mil na sua operação e a Golden Cross queria pagar Cr$ 34 mil. Sempre com a alegação de que não usava mais a tabela da Associação Médica e sim a do Inamps.

Esse argumento da Golden Cross, como dá a entender a explicação do advogado Oswaldo Mendonça, é um tremendo conto do vigário. É aquela história de vender gato por lebre e, quando o freguês descobre a fraude, o malandro vai pra Justiça na confiança de que a burocracia e o tempo que leva um processo desse rolando nos tribunais acaba desvalorizando tanto o dinheiro, que vale mais a pena discutir do que pagar logo.

Porque base legal prá não querer pagar a Golden Cross não tem. É simples: quando o associado assinou o contrato uma das normas era que o pagamento dos tratamentos médicos seria pago com base na tabela da AMB. Daí, se depois a Golden Cross resolve mudar prá tabela do Inamps isso não elimina o direito adquirido pelo associado. Esse é um direito universalmente reconhecido

Acontece que quando a multinacional do seguro-saúde se instalou no Brasil os seus responsáveis não sabiam que os preços dos serviços médicos estabelecidos pela AMB subiam mais que os da tabela do Inamps. Quando perceberam isso mudaram de uma pra outra e nem se importaram com o direito dos que já eram associados.

Do outro lado da história, a Golden Cross é bem atenciosa. As prestações mensais cobradas aos associados sobem constantemente e ninguém tem direito de protestar. E quando a pessoa, por exemplo, atinge os 60 anos, sua prestação aumenta automaticamente de Cr$ 845,00 para Cr$ 1.055,00.

Com isso a multinacional aplica um golpe que faz aumentar seu faturamento sem ter qualquer acréscimo na despesa. Ela cobra, proporcionalmente, mais e mais dos seus associados e paga sempre menos. É a forma mais tranqüila de ganhar dinheiro sem fazer força. À custa da doença dos outros.

Confie em quem entende de saúde

De agora em diante todas suas preocupações estão cobertas pelo PAI: (Plano de Assistência Integral).
Decida-se agora. PAI, um serviço com a garantia GOLDEN CROSS.

Depois de alguns anos operando no Brasil, a propaganda já não é suficiente para manter o prestígio da Golden Cross. Contam-se às centenas pelo Brasil a fora as pessoas que entram na Justiça contra a multinacional. De tal forma que ela foi obrigada a pedir a um dos maiores especialistas em contratos no país um parecer que justificasse a sua picaretagem.

Orlando Gomes, o advogado, deu o parecer. Diz ele que a inflação, na época em que os contratos foram firmados, não podia ser prevista. Portanto, isso justificaria, por si só, a mudança da tabela da Associação Médica Brasileira para a do INAMPS. Caso contrário, o equilíbrio econômico da Golden Cross ficaria ameaçado.

Muito bem, o especialista justifica a economia da multinacional e não se preocupa o mínimo com as finanças dos associados. Não se incomoda nem mesmo de avisá-los da modificação. Os incautos continuam pagando as prestações mensais até precisarem dos serviços da Golden Cross

Burocracia da Justiça é incentivo à sacanagem

O advogado Oswaldo Mendonça foi contratado por Maria Celuta e Analuce Estrella para receber na Justiça o que a Golden Corss não queria lhes pagar. Ele pode não ser especialista em contratos, mas cai de porrada no argumento da Golden Cross. Diz ele: — Justificar a mudança da tabela da AMB para a do INAMPS com a inflação é ridículo porque na época em que os contratos foram assinados, setembro de 1975, estávamos em pleno processo inflacionário. Logo não há alegação que prove que a elevação dos custos dos honorários médicos não poderia ser prevista. Mesmo porque as mensalidades pagas pelos associados sofreram reajustes anuais para ter como base a tabela do INAMPS em 1976, a Golden Cross não tem o direito de usá-lo no cálculo das despesas médicas dos que já eram associados antes desse ano. Nesses caso a tabela-base é a da AMB.

Oswaldo Mendonça, entretanto, conhece a morosidade da Justiça e, por isso, mesmo cheio de razão, aconselhou suas clientes a fazerem um acordo com a Golden Cross: — É a tal coisa, a Golden Cross acaba jogando com a necessidade do cliente. Uma pessoa que gastou Cr$ 40 mil com uma doença não tem paciência nem dinheiro para esperar durante três anos a solução judicial. Então, se ela gastou Cr$ 40 e a Golden Cross só paga Cr$ 20, o lesado acha melhor ficar com Cr$ 20 do que perder tudo. Porque a inflação do jeito que vai, ao fim dos três anos mesmo os Cr$ 40 mil estariam valendo menos do que os Cr$ 20 mil na hora.

Analuce acabou recebendo Cr$ 30 dos Cr$ 40 mil a que tinha direito. E Celuta ganhou Cr$ 45 dos Cr$ 52 mil.

A conclusão é que a Golden Cross, que no início da sua atuação no Brasil não conhecia direito a nossa inflação, aprendeu direitinho e hoje faz uso dela da forma a mais safada possível.

Foto: Chiquito Chaves

Oswaldo Mendonça

Foto Rosell Silva

Leonora Bassere

Cunhada do morto diz que "aquilo é um saco de gatos"

Leonora Bassere é cunhada de Gladstone Guimarães. A experiência que ela teve com a Golden Cross depois da morte do cunhado a leva a dizer que "o problema é que o cliente não sabe o que está comprando e por isso acaba se enfiando num saco de gatos".

Gladstone se associou à Golden Cross há mais de seis anos e o contrato assinado previa o pagamento dos serviços médicos pela tabela da AMB, no entanto, todas as despesas feitas durante o tratamento foram pagas pela tabela do INAMPS. Leonora conta seu infortúnio:

— Meu cunhado foi internado com um câncer terminal e dizia que seu plano da Golden Cross lhe dava cobertura total. O que sei é que quando entrei com a papelada — e que papelada! — para receber o reembolso eles disseram que iam me pagar menos de 15% do que era direito. Pedi explicações e a funcionária explicou que como meu cunhado tinha 70 anos ao morrer, para ele receber a cobertura total do tratamento teria que estar pagando uma mensalidade de Cr$ 3 mil e não de Cr$ 1.015,00. Só que ele se associou aos 65 anos e ninguém avisou nada sobre essas modificações.

A outra queixa de D. Leonora é a burocracia da organização, que, pelo que tudo indica, é de fazer o associado desistir de seus direitos. Pra começar, se exige que uma pessoa da família trate de toda a papelada. No momento em que há a hospitalização, o que eles chamam de médico principal tem que preencher uma extensa guia de internação.

— Mas isso até que não é nada, o que torra a paciência é que de cara o médico pede cinco dias de internação e a Golden Cross dá três. Depois o médico pede 10 dias e ela dá sete. A partir daí, se o doente tiver que permanecer mais tempo no hospital, de sete em sete dias a pessoa que está tratando da papelada, tem que se despencar para a cidade com uma nova guia de internação preenchida pelo médico. Se o parente não comparecer no prazo de 24 horas após o vencimento dos sete dias, ela deixa de pagar as diárias do hospital. Agora, isso tudo não é explicado, quando se vai comprar o plano; no momento da compra eles pintam a coisa como se fosse muito fácil..

Em ambiente requintado, vendedor promete mundos e fundos

A falta de informação como técnica de vendas, também foi aplicada à repórter Vera Lúcia Dias, que dirigiu-se ao posto de vendas da Golden Cross, na Av. Almirante Barroso, centro do Rio de Janeiro, como se estivesse interessada em comprar um plano de assistência.

Num hall revestido de mármores e vidros fumês, uma recepcionista informa onde fica a sala de vendas. O corretor que está de plantão, Hamilton da Silva, recebe a cliente cordialmente. Pergunta-lhe se já conhece a Golden — nome para os íntimos — e começa a enumerar as vantagens de tornar-se um de seus associados. Mostra-lhe os dois planos existentes: Assistência Internacional e Assistência Integral. Explica os benefícios do primeiro.

— Esse plano dá direito a internação em qualquer hospital do mundo, pagando além das diárias hospitalares todos os gastos com médicos. Dentro desse seguro há cinco planos: A, B, C, D e E. A diferença entre eles é o preço da mensalidade e a proporção que de acordo com a tabela do INAMPS, você terá direito, para pagar os honorários médicos. Se você fizer o plano A, a Golden paga duas vezes o que é pago pela tabela do INAMPS, já pelo plano E você recebe 10 vezes a tabela.

O plano PAI garante consultas médicas, mas as hospitalidades são válidas somente para o Brasil e em hospitais que têm convênio conosco. Da mesma forma que os médicos que você pode consultar estão catalogados em uma lista. A única desvantagem em relação ao plano internacional, é que no PAI a carência para parto, cirurgias de emergência ou programadas, e acidentes é bem maior.

Além das mensalidades há uma taxa de Cr$ 495 para despesas de contrato. Em nenhum momento o vendedor fala sobre o valor total do plano que está vendendo. Explica somente as diferenças de parcela entre um e outro. Embora fale na tabela do INAMPS, não a mostra para o cliente; assim como também não menciona o reajuste das mensalidades à medida em que o segurado atinge determinada faixa etária. Isto é: a parcela mensal do plano B para uma pessoa de 59 anos é de Cr$ 845, para uma de 60 é de Cr$ 1.055. Não importa que ela tenha feito o seguro com menos de 60, a partir do momento em que completar essa idade haverá o reajustamento, independente do reajuste anual. Outro detalhe não mencionado é a burocracia para a internação e recebimento dos honorários médicos. Também não se fala em possíveis sobre-taxas, e que o plano PAI, oferece somente três consultas gratuitas. As demais serão pagas pela misteriosa tabela do INAMPS. O mais interessante é que o cliente só receberá seu contrato depois de associado, e só então terá acesso às cláusulas que falam sobre a renovação automática do contrato se não houver manifestação contrária do segurado 30 dias antes do seu vencimento, e sobre a exclusão de assistência a doenças nervosas, casos clínicos crônicos e a doenças existentes antes da assinatura do contrato.

Podem parecer cômicos, extravagantes, no cabelo e na roupa. E não são filhos da classe média, vêm do povão. Vira e mexe aparecem nos jornais, por causa de brigas, mas nunca contaram quem são e o que pensam. Quando estão nervosos, aliviam-se arranhando os braços com alfinetes. Divertem-se tomando leite com limão e arrotando sem parar nas festas. Adoram bater uns nos outros, até com corrente de ferro. Admiram Hitler, acham o nazismo o regime ideal para o Brasil. Contestam o regime brasileiro, reclamam de falta de liberdade e vêem como solução para o país "explodir tudo de uma vez".

PUNK TUPINIQUIM

Pobre, brigão e nazista

Pirados, alienados, atrasados. Quem são os jovens que têm caras, roupas e procedimentos tão diferentes de outros? Ridículos, cômicos, trágicos, feios, mal cheirosos. Quanto mais feio, melhor. Chamam-se pânquis (do inglês **punk**), copiando grupos de jovens americanos e ingleses de alguns anos atrás. Filhos da classe baixa, moradores da periferia, da área industrial do ABC, aos domingos transformam o pátio da mais movimentada estação do metrô de São Paulo, São Bento, numa verdadeira Panquilândia.

suas roupas não são mero enfeite. Eles se dizem nazistas mesmo, como é o caso do que se identificou como "William Mackpower":

— Os nazistas estavam certos quando invadiram outros países e resolveram matar os judeus. Isso deve ser feito. Porque eles eram superiores. O melhor regime para o Brasil é o nazismo. Conheço um pouco do assunto, li **Mein kampf**, do Hitler.

"William" é negro e tem feições indígenas. Conta que a mãe é índia — com quem nunca se entendeu — e o pai, irlandês. Considera a raça do pai superior à da mãe, e não se perdoa por parecer com a mãe:

— Tenho preconceito de mim mesmo — confessa. Gostaria de ser branco.

Pra essa horas de desespero ele tem um remédio: apanha um dos alfinetes de sua roupa ("o alfinete mantém a alma presa ao corpo") e arranha os braços, até sair sangue. Conta isso com uma frieza assustadora. E confirma:

— Sou frio. Não me importo muito com a morte. Minha ou dos outros.

De onde ele surgiu? Como ficou assim? "William" responde que é revoltado com a sociedade e sua vida é agredi-la. Na forma de quebrar uma loja, bater em alguém com correntes de ferro ou se ferir com com alfinete. Outra arma que carrega é uma gilete, pendurada num colar com a bandeira inglesa, que não tira do pescoço.

"Gordo" ou "MC5" é outro freqüentador do metrô. Distingue-se dos demais por causa do alfinete que tem pregado no canto da boca. Mantém uma das mãos ocupada com uma antena de rádio, usada como bengala. Um tipo engraçado. Líder da turma. Fala muito, como "William", diz que "**punk** é um movimento de contestação da sociedade".

— Sheakspeare já chamava as prostitutas, miseráveis, mendigos de pânquis.

E aí foi perguntado se o movimento **punk** é nazista.

— Nazista? Não tem nada a ver — disse "Gordo". É outra coisa. Gostamos da suástica porque é uma coisa linda, bem solucionada graficamente. O cara que bolou aquele símbolo tinha que ser artista. O pensamento dos alemães era certo, pô. Os judeus vão dominar a Terra. A começar pelo domínio do petróleo. Então, tinha que matar tudo, queimar tudo, botar tudo na câmara de gás. Tem que fazer isso mesmo. Só que os alemães fizeram de maneira errada, não souberam fazer. Tem que acabar com tudo, com livro, peça, filme, com tudo sobre o judeu. Tem que se acabar com certo tipo de raça que só quer dinheiro pra eles.

Os vizinhos de "Gordo", lá do Parque São Rafael, extremo leste da cidade, estranharam quando ele começou a se vestir diferente; até na fábrica de produtos químicos, onde trabalha, o fato chamou atenção. Mas "Gordo" não liga pra isso:

— Aqui no Brasil a sociedade não entende o pânqui. Quando saio na rua, todo mundo olha pra mim. Os policiais chegam e vêm logo querendo saber o que é, querem ver se eu trabalho.

Outros **punks** se aproximam do grupo. Pedem cigarros fazem questão de falar. O assunto é sempre o mesmo, do som à violência. As brigas, em geral, são atribuídas a um grupo **punk** de Pirituba (extremo oeste da cidade), conhecido como "punk-terror". São eles que acabam com qualquer festa ou surram velhinhos indefesos. (O caso do velhinho aconteceu no centro da cidade. Os **punks** contam que ele estava vestido de um jeito que encarnava o próprio Sistema e então cinco "punk-terror" o atacaram a socos e pontapés; depois, para comemorar soltaram urros pela estação do metrô.)

Festa é prato cheio para os **punks**. Tem mil utilidades. Para os chamados "punk-limão" é a oportunidade de soltar arrotos. Antes, tomam grandes doses de um coquetel de leite com suco de limão. Depois, vão à festa onde ficam apenas arrotando. Claro que alguém acaba se enchendo e sai briga. Mas, pra brigar, **punk** não precisa de pretexto: muitos se divertem dando bordoadas entre si, sem motivo algum. Bordoadas é modo de dizer, pois, em se tratando de **punks** também quer dizer correntadas de ferro, giletadas...

Além desse "prazer" diário (ou de fim de semana), os **punks** acalentam sonhos mais elevados, falam em fazer uma "revolução", "explodindo tudo". A idéia de "William", por exemplo, é reunir todos os marginais — eles, prostitutas, desocupados, mendigos, etc. — e começar a jogar bombas pela cidade, "confundindo a polícia, que não vai saber quem está fazendo isso, pois não somos conhecidos pela repressão".

"Gordo" também acha que a solução é explodir:

— Nossos inimigos são os caras que ficam atrás das grandes mesas. Executivos, industriais. Porque só eles tomam decisão. Como acabar com eles? Jogando uma bomba...

Não dá pra saber se os **punks** são treinados por alguém, passaram por lavagem cerebral ou onde foram buscar suas idéias. Muitas devem ser inspiradas no que leram aqui sobre os **punks** de fora. Ou na literatura nazista. Mas assimilaram tão perfeitamente que se dizem originais e brasileiríssimos. "Gordo" justifica:

— Os jovens no Brasil são revoltados. A maioria. Revoltados contra a sociedade, em casa e com o governo, que é muito filho da mãe. A gente sai escrachando tudo quanto é muro por aí: "Abaixo o governo, abaixo tudo". Porque está tudo errado. O Brasil não é a Venezuela, que é a maior liberdade. Tudo é liberdade lá, aqui não. Por isso, o pessoal aqui só quer partir pra briga, pro tiroteio.

"William" não vê a hora de morar em outro país, de preferência anglo-saxônico, mais desenvolvido.

— Até a torcida uniformizada de futebol é coisa totalmente estrangeira.

Dá pra ficar confuso. Eles são contra coisas estrangeiras, mas carregam nome inglês e defendem o nazismo alemão. Provavelmente nem se dão conta disso, pois vivem num mundo à parte, como explica "William":

— Nossa linguagem é metrô-concreto-fliperama-neurose.

Definições de "William" mostram sua confusão mental:

Sobre a política: "É a coisa mais suja que o homem descobriu".

Sobre trombadinhas: "Surgiram ao mesmo tempo em São Paulo, Nova Iorque, Londres, em 1967, 68, como conseqüência da sociedade".

Sobre a situação brasileira: "O povo tá numa de revolta".

Sobre os jovens: "Uns vão numa de transação errada, na marginalização individualista; outros passam por cima".

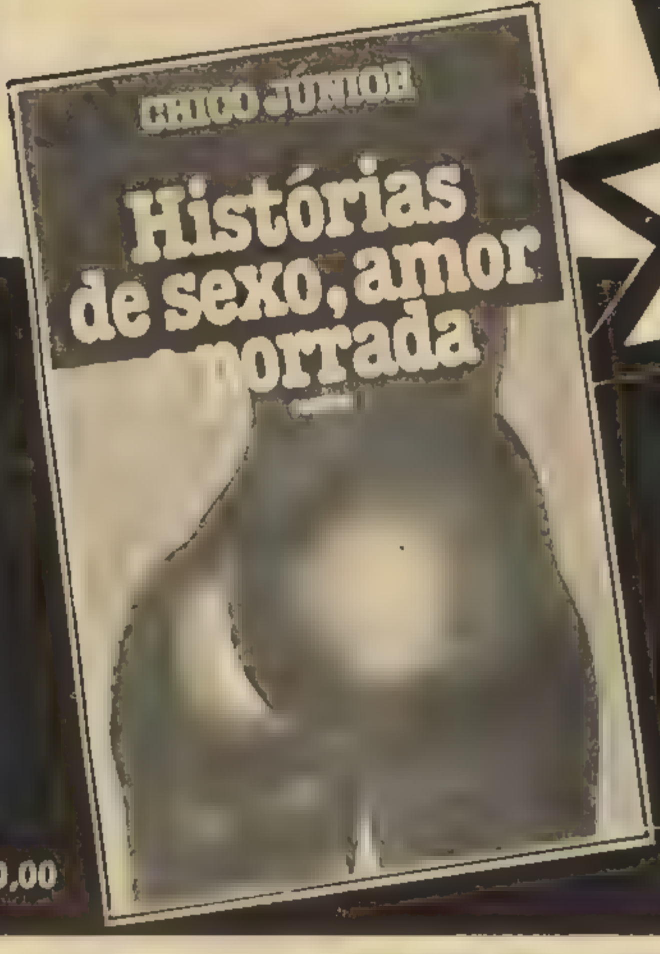
Sobre si mesmo: "Sou do tipo marginal, mas aceito todas as barras".

Sobre o futuro: "A gente vai derrubar o Sistema. Se a gente não derrubar, pelo menos vamos jogar vibrações bem negativas para que os caretas acabem se matando entre eles mesmos".

Eles dizem que não são mais de cem em São Paulo. No máximo, 150. Fora o ponto do metrô, reúnem-se perto de dois **shoping-center**, o Ibirapuera e o Iguatemi. Freqüentadores das páginas policiais — onde suas brigas são consideradas apenas como rixas entre "turmas de bairro" — os pânquis cultivam em paz seu ódio à sociedade e a paixão ao nazismo, forma que encontraram para "contestar o regime político em que vivemos", como disse um deles.

Reportagem de Rivaldo Chinen
Fotos de Amâncio Chiodi

SEXO, AMOR E PORRADA



120,00

Um livro de Chico Júnior

A filha entrou na sala e viu a mãe trepando com o noivo (da filha), sua primeira porrada na vida. O homem que mata o rato, que morreu que é para aprender a deixar de ser rato. A menina que tinha tudo na vida, mas não tinha amor e jogava cocaína nas veias, para compensar. A barra que é ver a mulher que a gente gosta trepando com o amigo no quarto do lado. O motorista que atropela o casal jovem e é linchado. O policial que é assassinado pelo professor de inglês. A tragédia urbana. O sexo gostoso no chão da sala. O choro que a gente chora quando está triste, alegre ou se emociona, simplesmente. O bom que é percorrer o corpo da mulher que se ama. O sexo de toda noite, o amor de todo mundo, a porrada de todo dia, nem sempre física, mas sempre forte, como toda porrada que se preze.

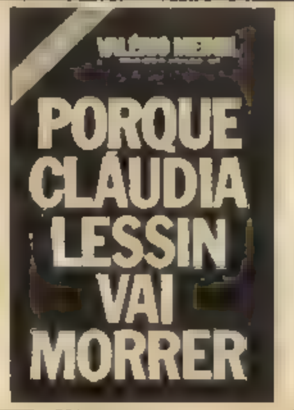
NÃO MANDE DINHEIRO AGORA

Preencha o cupom e remeta-o para Margem Editora e Programação Gráfica (Rua Miguel Couto, 134/11º andar, CEP 20070, Rio de Janeiro). Os pedidos do Rio de Janeiro poderão ser feitos pelo telefone 253-5038.

CODECRI **margem**

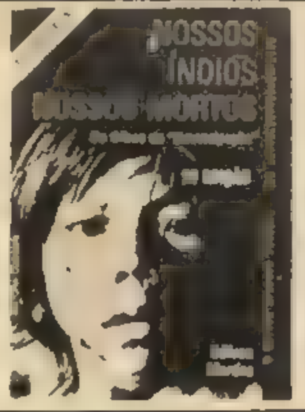
Nome ....
Endereço ....
CEP ....
Cidade ....
Estado ....
Assinatura ....

OS DEZ MAIS DA CODECRI

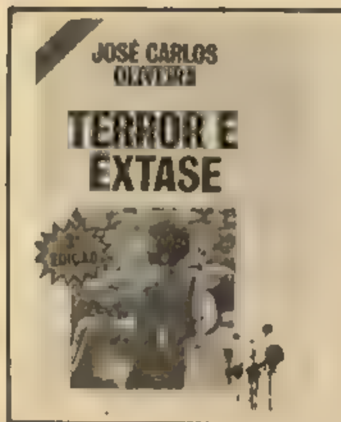


150,00

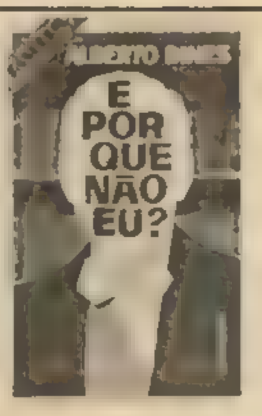
96,00



150,00

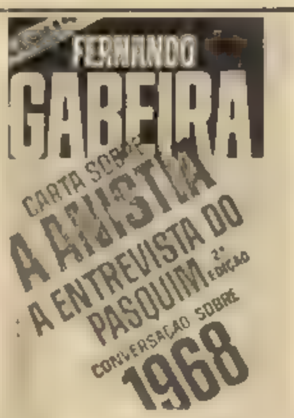


85,00



85,00

150,00



65,00

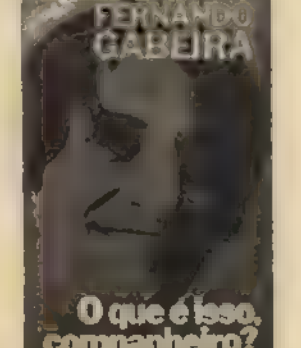
100,00

NÃO MANDE DINHEIRO AGORA

Preencha o cupom e remeta-o para Margem Editoria e Programação Gráfica (Rua Miguel Couto, 134/11º andar, CEP 20070, Rio de Janeiro). Os pedidos do Rio de Janeiro poderão ser feitos pelo telefone 253-5038.

200,00

185,00



CODECRI **margem**

Nome ....
Endereço ....
CEP ....
Cidade ....
Estado ....
Assinatura ....

01	02	03	04	05	06	07	08	09	10

Na compra de cinco livros, você tem 20% de desconto

NOTA DA REDAÇÃO:

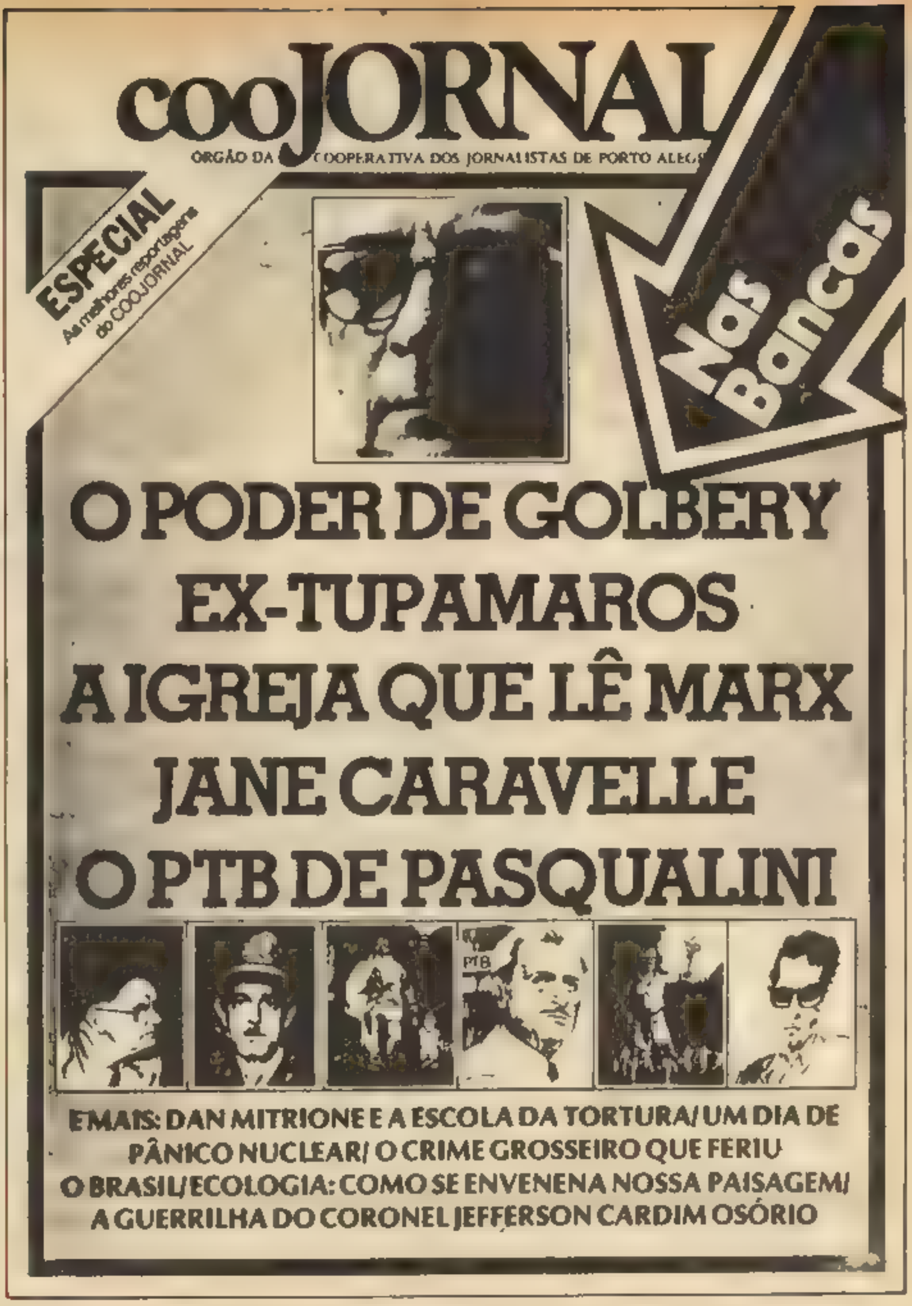
Determinados países, Estados Unidos, França, Brasil, Cuba, Pequim, União Soviética, etc., não foram caracterizados porque embora participem, de uma forma ou outra, no processo de insegurança no Mundo, seus territórios ainda estão fora das zonas de conflito. O que não quer dizer que em caso de uma guerra mundial fiquem de fora. Poucos deles manterão uma posição independente.

O mundo está em GUERRA

E está mesmo. Prestes a entrar na década do 80, os povos fartos de serem explorados pelas grandes Potências, sacodem a poeira. Estados Unidos e seus aliados estão com medo. O aiatolá Khomeiny, que quer o petróleo iraniano para o Irã, pode contagiar outros povos.

Na América-Latina, Porto Rico continua sendo colônia dos americanos a e a Guiana (no norte do Brasil) ainda permanece nas mãos dos franceses. Na África, a Namíbia luta para jogar fora do território os gendarmes sul-africanos, a Frente Polisário (Saara) combate os invasores marroquinos e, no Zimbabwe-Rodésia, os negros querem ser governados pelos negros e não pela minoria branca. Dentro da Ásia, Timor é massacrada diariamente pelos soldados da Indonésia, e os israelenses continuam a explorar as riquezas dos palestinos.

A todos esses conflitos têm que se somar os combates militares entre distintos países por questões fronteiriças, políticas, etc. Enfim, as armas estão carregadas, e as multinacionais, que as fabricam, terminam 1979 tremendo: os tiros podem sair pela culatra.



Dê uma assinatura do

REPORTER

de presente de Natal.

CUPOM DE ASSINATURA

Assinatura por 12 edições: 200,00
Envie cheque nominal ou vale postal para:

MARGEM EDITORIA E PROGRAMAÇÃO GRÁFICA LTDA

Rio de Janeiro: Rua Miguel Couto, 134 conj. 1101/1104 — 20000 RJ

Você pode assinar o REPORTER a partir do nº 0
Indique a partir de que número você quer sua assinatura ....

Nome: ....
Profissão: ....
Endereço: ....

CEP: .... Cidade: .... Estado: ....

mesmo que seja para você.

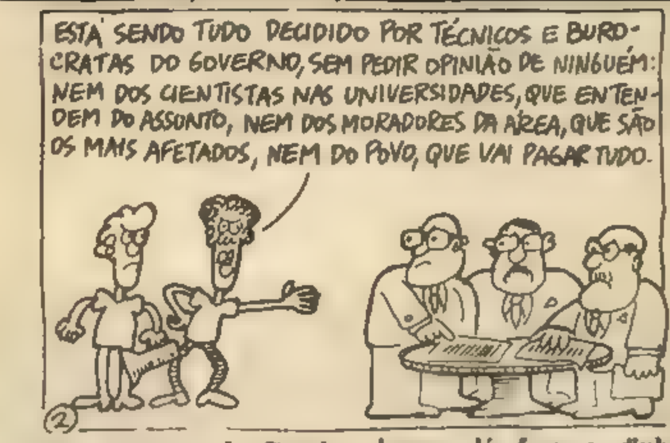
ESPERTAS

Glauber Rocha nasceu no Estado Novo

*O livro **Jorge Amado: Política e Literatura**, de Alfredo Wagner de Almeida, traça pela primeira vez uma trajetória mais política do que literária de Jorge Amado. Ou seja, é Jorge não à luz do que escrevia, mas à luz do que se debatia em termos político-ideológicos durante o tempo em que ele escrevia. Algumas questões: pode o intelectual pequeno-burguês fazer arte revolucionária? Como fazer para romper com a origem de classe, etc. O mais curioso é que passa através do livro o problema das relações entre os intelectuais e o poder político brasileiro; que, se na época do Estado Novo eram complicadas, hoje permanecem na mesma. Vejamos o que diz Alfredo: "Mediante o aproveitamento dos intelectuais o Estado Novo financiava suas realizações, credenciava-os com o beneplácito oficial, mantendo cindidos os produtores intelectuais ou pelo menos as possibilidades de uma oposição política assentada numa camada intelectual unida e coesa."*

E vejam o primor desta citação de Joracy Camargo, tentando convencer seus colegas a apoiar Getúlio: "orientar os intelectuais no sentido de aproveitamento das possibilidades que nos oferece o único chefe de governo que, em toda a vida política do Brasil, teve a coragem de admitir como seus legítimos colaboradores os idealistas, os poetas e os boêmios". Com as devidas distâncias de linguagem, comentários muito parecidos (vide Glauber Rocha) foram pronunciados anos depois na Zona Sul carioca sobre a figura do então presidente Geisel.

Elias Fajardo.

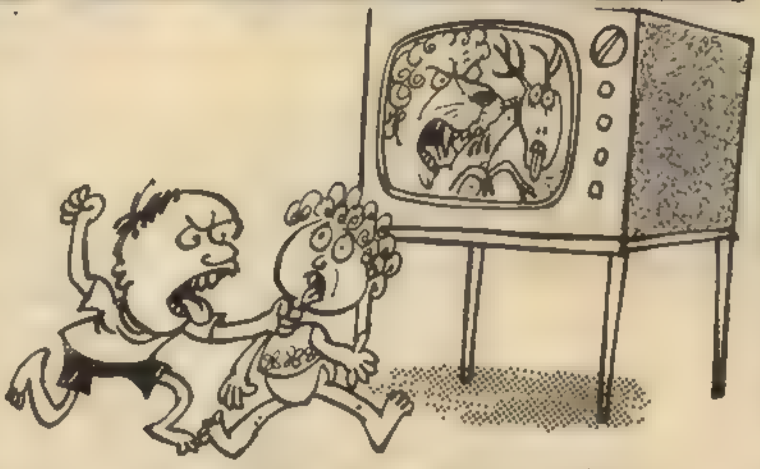


O governo do Estado de Pernambuco elegeu como sua prioridade número 1 o Projeto Suape, que pretende montar um complexo industrial-portuário em uma das regiões mais bonitas do litoral pernambucano, onde existem milhares de pessoas que vivem da pesca e da plantação de gêneros alimentícios que abastecem o Recife.

O governador, Marco Antonio Maciel, sonha com um enorme porto fora da barra da enseada de Suape e com indústrias siderúrgicas, metalúrgicas, fábricas de fertilizantes, de produtos químicos, produzindo tudo para ser exportado. É um sonho caro, precisa de muito dinheiro para ser realizado. E dinheiro é o que o país não tem, muito menos Pernambuco, cuja população é das mais miseráveis do Brasil. A saída, nada original, é buscar lá fora o dinheiro necessário.

Daí que surgiu a Comissão Pró-Discussão do Projeto Suape, que começou a questionar os planos oficiais, sob o argumento de que o dinheiro destinado ao Projeto seria mais eficiente se financiasse as milhares de pequenas e médias indústrias pernambucanas e os agricultores do Estado que, tirando os plantadores de cana de açúcar, pouco ou nada recebem de ajuda. A Comissão diz também que o Projeto vai poluir boa parte do litoral norte de Pernambuco, inclusive as praias do Recife. E o movimento cresce, já tendo realizado uma Passeata Ecológica em Suape, quando trabalhadores, profissionais liberais e estudantes do Recife discutiram com a população local as intenções do governo e alternativas a elas.

Eduardo Homem



Na TV, Picapau fica amarelo de tanta porrada

— Não, neném não quer brincar de boneca, nem de comidinha, nem de pique. Neném quer tevê. E mamãe, exausta do trabalho de casa, deixa neném em frente à televisão, enquanto vai lá dentro aviar um cafezinho. Tudo parece calmo, o júnior está vendo aquele programa tão bonito, tão educativo, que mostra os bichinhos, como é mesmo que chama? Mundo Animal...

Pois é nesse intervalo em que mamãe relaxa um pouquinho que os homens aproveitam para fazer a cabeça dos menininhos e menininhas brasileiros ficar mais torta. A série **Mundo Animal**, americana e transmitida pela televisão brasileira, a pretexto de abordar vida e costume dos animais — um tema que fascina qualquer criança — aproveita-se do assunto para incutir na mentalidade dos telespectadorezinhos uma visão de mundo que só interessa ao sistema capitalista manter.

Vi, por exemplo, o capítulo da série dedicado aos predadores, animais que matam outros. Claro que não deveria ser um programa delicado, primeiro por causa do tema, segundo porque a programação infantil da tevê tem mesmo mais porrada e agressividade nos seus desenhos animados do que um festival de luta livre. E assim foi, tome leão a devorar veadinho, gavião a mastigar passarinho e louva-deus a brigar de morte com louva deus, com aquelas pernas, antenas e uma bocarra descomunal para engulir o outro, graças aos truques da câmera.

Mas isso não foi nada. Pior é que, por trás das cenas, um locutor de voz macia e convincente, ia passando o recado, que vinha meio desapercebido — como eles gostam — mas, devagarinho, vai molhando que nem chuva miúda e acaba encharcando. E o recado era de que na natureza, sem especificações — como eles gostam — mas devagarzinho, vai molhando que nem chuva miúda e acaba encharcando. E o recado era de que na natureza, sem especificações, vigora mesmo a lei do mais forte; quem não sabe brigar pela vida acaba dançando, e por aí vai. Isso dito e redito, de maneiras diferentes, de modo a deixar bem claro para os ouvintes que a vida é, mesmo um combate e que é preciso lutar até a morte para sobreviver nesse mundo. Nenhuma palavra, é claro, a respeito de que isso só acontece ou só deve acontecer entre animais irracionais, porque entre os homens, ao contrário do que Wall Street acha, competir e vencer não é o mais importante. A criança de quatro, cinco anos, que está começando a formar seu conceito de mundo ouve tudo quietinha e não vai saber se defender, pensa que é isso mesmo e já vai se preparando para empurrar o outro e tentar subir. O resultado é que, quando chega da cozinha, mamãe não sabe porque é que o nenem estava mordendo a carótida do priminho menor e nem porque, outro dia, na frente das visitas, ele disse que, quando crescer, quer ser pivete.

Enquanto isso, na ONU, nosso ex-companheiro, Roberto Marinho, diretor da Rede Globo de Televisão, recebe homenagens por causa da série Sítio do Picapau Amarelo. Que, a julgar pelos inumeráveis capítulos dedicados à luta entre David e Golias, deve ser obra infantil do escritor Monteiro Lobatovitch. Mães brasileiras, cuidado com o plin, plin...

José Antônio Nonato.

Histórias de amor, esperança e resistência

Histórias de sexo, amor e porrada. Histórias de amor e porrada. Histórias de amor. Foi assim que eu senti este livro do meu amigo e companheiro de batalha Chico Júnior. Histórias contadas por alguém que ainda consegue ver — e mostrar — que há um coração batendo por trás de cada gesto de violência, ódio ou indiferença.

Histórias de amor assim: a violência mostrada no seu sentido social, como resposta ao inferno de todo o dia, à miséria de um país incapaz de assegurar mínimas condições de vida à maior parte de seu povo. Mas também como forma de sobrevivência, de resistência, de esperança. A miséria fede, como diz o Chico, mas também pode ser gostosa. Quem enjoa com mau cheiro, não entende isso. Há que ter coragem pra acreditar que há água no fundo do poço. Não deixem de ler.

Luiz Alberto Bettencourt

Informando

1 A diretoria do Conselho de Moradores da Cidade de Deus e os grupos Perspectiva, Caos, revista **Nós**, jornal **O Amanhã** e o grupo de líderes cristãos estão passando um abaixo-assinado por toda a comunidade reivindicando ao prefeito Israel Klabin uma ambulância e a melhoria dos serviços da Unidade de Atendimento Médico que está completamente abandonado, faltando álcool e algodão.

Para discutir a melhor forma de entregar esse abaixo-assinado, que já conta com, aproximadamente, 5 mil assinaturas, o Conselho de Moradores realizará no dia 15, às 19 horas, no Colégio José de Alencar (sede provisória) a sua Assembléia Geral.

2 Promovido pela Associação dos Geógrafos Brasileiros, Associação Nacional dos Cientistas Sociais, Federação das Associações de Defesa do Meio Ambiente, do Núcleo de Defesa da Amazônia da PUC-Rio e do Comitê de Estudos e Defesa da Amazônia-RJ, foi realizado na última quinta-feira, no auditório da Pontifícia Universidade Católica do Rio, o 1º ciclo de debates sobre a Amazônia, com o lançamento do livro "O capital estrangeiro e o Projeto Jari", de diversos autores. O debate sobre projetos agropecuários, minérios e política florestal teve a participação do jornalista Sérgio Danilo (projetos mineirais) Graça Fonseca (projetos agropecuários) e Jorge Zimerman (política Florestal).

NEURÓTICOS ANÔNIMOS

1 NÃO FAZ A CABEÇA

"Li com muita emoção o seu artigo sobre Neuróticos Anônimos publicado no último número de REPORTER. Pela primeira vez em minha vida li um artigo manifestando-se de maneira contrária à terapia de N.A., A.A. e similares, razão porque o artigo para mim toma um significado todo especial e dá motivo a um diálogo franco entre nós.

Sou um N.A. e conheço em profundidade a instituição, não apenas de quatro reuniões, mas por tempo superior a um ano, e, a bem da verdade, tenho a lhe informar que o caro amigo incorreu em falhas graves, não sei se por desconhecimento ou por má fé. Frequento N.A. porque me apraz; é para mim algo gratificante, e esta carta representa apenas a minha opinião pessoal, porque a Irmandade de N.A. não precisa de defensores.

A terapia de N.A. não é lavagem cerebral. Lavagem cerebral, como você bem sabe, é uma técnica extremamente violenta, utilizada para a curto prazo mutilar personalidades e imprimir, tatuar na estrutura psíquica das pessoas as características desejadas por um governo tirânico e opressor. Trata-se, portanto, de características não desejadas pela vítima e a ela impostas mediante a penúria, fome, sede, isolamento físico e privações de toda espécie.

N.A. nada impõe, nada obriga a quem quer que seja. Apenas sugere um novo programa de vida, uma reestruturação de personalidade, a médio e longo prazo, e feita pelo próprio indivíduo que o desejar. N.A. sintetiza em sua literatura ensinamentos valiosos, colhidos da própria vida, ensinamentos capazes de destruir as neuroses e reequilibrar a personalidade. N.A. sintetiza tais ensinamentos e os oferece gratuitamente, conforme você constatou, a quem o desejar. Fica provado, portanto, que não se trata de lavagem cerebral, mas de psicoterapia de grupo, psicoterapia eficiente, conforme atestam todos aqueles que se propuseram decididamente a pôr em prática os ensinamentos e, assim, adquirir a serenidade em um mundo onde reina a violência.

Em nossas reuniões todas as pessoas falam dos seus problemas reais, que são os mais urgentes de resolver, e falam também de como enfrentaram situações difíceis e resolveram e como pretendem solucionar os **próprios** conflitos. N.A., em geral, não aborda temas coletivos, problemas sociais, etc, porque esses temas são de âmbito político e, portanto, sujeitos a debate. Em N.A. evita-se o debate **dentro das salas de reuniões**, onde deve reinar a serenidade. Não utilizamos o debate **dentro das salas de reuniões**, por considerá-lo improdutivo nestes locais. É este o método utilizado. E funciona.

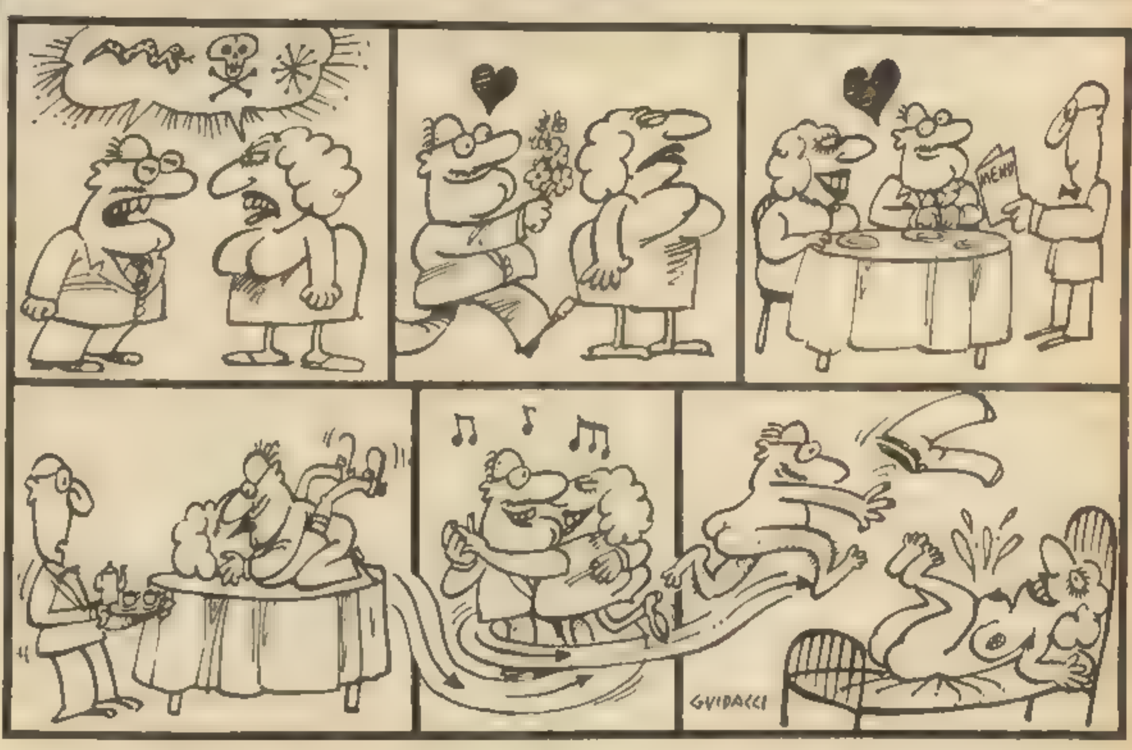
Continue vivendo a sua vida e deixe que os Neuróticos Anônimos vivam as suas e prestem seu serviço gratuito àqueles que precisam e aceitam". **(Célio Freitas Martins, Rio de Janeiro, RJ).**

2 FAZ SIM

Como frequentador de Neuróticos Anônimos durante seis anos, li com interesse o seu artigo sobre esta associação e só posso parabenizá-los pela visão profunda e lúcida a que chegou o amigo (Nonato). Durante anos me deixei envolver por aquelas conversas todas, sobre o egoísmo que realmente existe... serenidade, etcetera. Mas que não levam a nada, a não ser a uma masturbação mental. E o que é bem pior, a uma alienação das verdadeiras causas do nosso sofrimento.

Provavelmente, os mais fanáticos lhe responderão. Não se deixe intimidar porque é isso mesmo que o senhor viu e sentiu: mais uma sacanagem a serviço das multinacionais, como se já não bastasse o futebol, o carnaval, macumbas das esquinas, lotos e jogo do bicho.

Até a própria análise, que é assunto sério, começo a desconfiar que está toda ela, a serviço do sistema. Assim sendo, cabe a você, que tem nas mãos o poder da Comunicação, desmistificar todos esses condicionamentos que aprisionam os seres humanos nas cadeias da ignorância e das multinacionais". (Paulo Souza Castro, Rio de Janeiro, RJ)



Receita pra casamento não acabar com o sexo

"Amigo reporter o casamento não acaba com o tesão, ao contrário, também depende da mulher. A cantora Gretchen é bonita e bem distribuída, mas isso não quer dizer nada. Sinceramente, mulher pra mim tem que ser mulher em cima e fora da cama, porque sexo não é brincadeira, é tipo revólver. Exemplo: se você não lubrificar e limpar ele, na hora do perigo o revólver deixará você na mão. É a mesma coisa a mulher. Se ela não der tudo para o macho dela — tudo, que eu digo, é amor, carinho, palavras amigas nas horas de tristeza, desabafar aquilo que ela sente nas horas infelizes e felizes — logicamente que o macho procurará outra fêmea pra dar tudo dele a ela, ou vice-versa. Todo casal tem suas briguinhas caseiras, depois reconciliam-se fazendo amor, é o normal do brasileiro.

Receita: quando brigarem, não façam amor primeiro, só após a reconciliação.

1º. Procure tratar a fêmea, reconquistando-a de maneira delicada;

2º. Depois de reconquistada, convide-a para um jantar fora, ou mesmo a um cinema para esquecer o que passou;

3º. Depois de tudo isso é que você chega para lá, toma um cafezinho, os dois fumam um cigarro, liga o som bem baixinho e no meio do som e da fumaça fale junto do ouvido dela, como se fosse uma pluma caindo: eu te amo, dá tudo pro papai assim, asssiiimm...

Qualquer dúvida venham a mim, sexo é bonito e tem que ser praticado bem feito. O homem pode ser feio, mas se ele machucar os quatro cantos não tem mulher que resista". *(José Leocádio dos Santos, Rio de Janeiro, RJ).*

O IML é uma "fábrica de atestados"

"Desde quando me fizeram "abrir a mente", quanto à fornicação de interesses próprios em detrimento da informação fidedígna, autêntica, por parte da Grande Imprensa, optei conscientemente pela Imprensa Nanica

"Estranhei, e de muito, o fato de se aceitar com palavra de crédito, a declaração de um doutorzinho pelego, dizendo da inexistência de falsificação de laudos por pressão policial no Instituto Médico Legal. Realmente é um espanto. Todo mundo no Brasil sabe que o IML é (ou foi) tido como legítima "fábrica de atestados", largamente utilizada pelo governo para encobrir ou não assumir a responsabilidade pelas mortes de líderes estudantis, intelectuais, jornalistas. Os atestatos davam como causa mortis acidente de automóvel, hemorragia, quando os opositores do governo realmente foram torturados, fustigados até à morte.

A crise do IML é tão somente devida a certos médicos inescrupulosos, destituídos de ética profissional (e humana), aliciados pelo sistema em seus dias de "glória", em troca de vantagens pessoais. Hoje, comprometidos, não podem berrar contra o monstro. Merecem, pois, serem destruídos por ele". (João Trigueiro, Curitiba, PR)

UNE e Baixada contra apreensão

● "Uma sociedade onde os cidadãos impossibilitados de viverem uma vida comunitária em torno de idéias e objetivos comuns, é uma sociedade doente, com valores desintegrados, onde as violências em toda as suas formas, inclusive a sexual, fazem parte do cotidiano da população.

O papel da Imprensa é pôr esta situação a nu, é veicular as informações, é mostrar os becos sombrios para que essa sociedade possa se repensar e, assim, descobrir um caminho comum. Para ser coerente com essa obrigação profissional, os jornalistas, no Brasil, têm enfrentado toda sorte de perseguições. E agora, mais uma vez, um jornal de imprensa alternativa é atingido por uma medida de arbítrio sob o pretexto de veicular matéria pornográfica, que denunciava um show de relações sexuais em boates de Copacabana. Mais uma vez, se delega poderes a uma só pessoa para julgar e ditar a moral de nossa sociedade.

E nós, representantes dos estudantes de comunicação, assim como de todo o setor estudantil engajados inevitavelmente nessa trincheira, nos colocamos ao lado das associações representativas de nossa futura categoria cuja tradição de resistência passamos a já compartilhar, na defesa da Liberdade de Comunicação e Expressão do Povo Brasileiro. Aos nossos companheiros do REPORTER, nossa solidariedade". **(Diretoria da UNE e Conselho Nacional de Entidades Gerais — CONEG)**

● "**O Jornal da Baixada** não poderia deixar de solidarizar-se com o **REPORTER**, um exemplo de como se deve fazer jornalismo neste país. O ato de apreensão, por ordem do ministro da Justiça, é arbitrário e não se justifica por uma questão de moral e bons costumes.

É um fato político, uma advertência grave.

As reportagens, o tom das páginas do **REPORTER**, incomodam, influenciam, encorajam outros jornais. Mexe com a cabeça de setores da opinião pública anestesiados pela massa de informações do rádio, tv e grandes jornais.

Quem aplaudiu a decisão do ministro Petrônio Portella, o artífice político da abertura, ignora ou faz questão de ignorar a qualidade de uma série de reportagens.

Na Baixada Fluminense, por exemplo, os repórteres deste jornal prepararam uma admirável matéria sobre os despejos nos Conjuntos Habitacionais. Reportagem completa, honesta, texto direto, claro.

Que outro jornal pretensamente popular cobriu o assunto com abordagem semelhante? Rigorosamente nenhum. O assunto não tem importância? Por que? Quase 20 mil pessoas ameaçadas de ir para a rua porque não conseguem pagar as taxas de juros escorchante do BNH não é de interesse jornalístico?

Quem aprovou o ministro da Justiça não assiste aos shows eróticos das boates de Copacabana e leva uma vida conjugal de perfeita felicidade. Mas assim que chega na Europa corre para ver os mesmos espetáculos. Acha um horror o palavreado atrevido do **REPORTER**, mas aplaude a Jane Fonda dizer "shit" e "fuck you", ou a Julie Christie querer "to suck your cock" nas telas do cinema.

(Alceu Nogueira da Gama, Editor — Diretor-Responsável do "Jornal da Baixada" — Pobre, atrevido, independente)

Cuidado com democracia de mentirinha

"Se a memória não nos falha, temos absoluta certeza que o conceito de Democracia é universal: consagra os mesmos princípios a qualquer cidadão, independente de sues colaborações políticas. Mas as máquinas governamentais contemporâneas, fazendo uso de seus sistemas de opressão, transformaram a soberania popular em histórias próprias do Barão Hieronymus von Muechhausen.

Todo indivíduo esclarecido, que prima pelo uso da razão acima de seus interesses particulares, sabe que a Democracia não surge por concessões ou esmolas dadas pelos que estão alojados no poder. Ela faz parte ativa de um conjunto de ações que, instalados na personalidade dos povos, conduzem à formação de sociedades justas, fortes e duradouras.

Portanto, acreditar-se que a Democracia é uma instituição que sofre "dilatações e contrações", dependendo dos homens que dirigem ilegitimamente os destinos nacionais, é profissão dos fantasistas.

Entre as notáveis mentiras contadas pelo Barão Muechhausen, que hoje fazem parte de inúmeros livros infantis, está a da Fortaleza de Otschakow, que ocorreu há mais de 200 anos. Para observar as formações inimigas sitiadas na referida Fortaleza, o velho Barão subiu na maior peça de artilharia que dispunha e, assim que disparada, montou numa bala de canhão e do alto fez suas observações e reconhecimentos. Depois, retornou às suas linhas, pegando uma carona noutro projétil que haviam disparado contra si

A mentira sistemática, empregada sabiamente, quando não se torna uma obra-prima da literatura, certamente perpetua-se como lenda popular. Os democratas brasileiros, para usarmos um exemplo bem caseiro, querem dar à Democracia um rumo meramente elitista. Enfim, entre o Barão de Muechhausen é nossos alquimistas da Democracia, as diferenças são poucas

(Carlos Alberto de Oliveira, São Paulo, SP).

● ● ● ● ● ● ● ● ●

O Sr. Adolfo Bloch, na sua oficina gráfica de Parada de Lucas, faz coisas da espécie com suas operárias: — obrigatoriedade de trabalhar mais de 60 horas semanais. As que se recusam são despedidas. — desrespeito a horário de almoço e descanso semanal. Qual desejarem fazer alguma reportagem sobre "capitalismo selvagem" ou "desrespeito à CLT" não deixem de entrevistar as ditas operárias." (Valdir Gouvêa Barreto, Rio de Janeiro, RJ)

O editorial do REPORTER nº 21, feito pelos presos políticos do Rio de Janeiro sensibiliza qualquer ser humano (José Luiz de Mello, Maceió, AL).

Bancário desmente banqueiro

"Há alguns meses, encontrando-se em evidência a greve dos bancários, lia neste jornal o problema da classe bancária no Brasil.

Não só identifiquei-me com a análise feita por vocês, como também no momento enfrentava a situação de ter sido demitido pelo banco em que trabalhava.

Após ter lido no número 22 a justificativa do diretor do Banco Econômico, senhor Paulo Maciel, que interessou questionar o artigo publicado por este jornal, sou obrigado a lhes escrever, replicando a maneira ludibriante, pouco verdadeira como foi afirmado por este diretor.

Tentar aquietar-me seria um ato de covardia, principalmente porque muitas pessoas que tiveram acesso à matéria não possuem conhecimento de causa.

As informações a seguir são fatos corriqueiros e que, por motivos óbvios, não foram mencionados pelo ilustre diretor. A começar pela jornada de trabalho, onde os funcionários classificados como escriturários trabalham, em média de sete e meia a nove horas por dia e recebem apenas 6 horas. Não se paga hora extra, mas a compensação por este tipo de irregularidade é feita através de conceitos confidenciais, onde semestralmente é enviado um relatório ao setor regional do banco, informando sobre o procedimento ideológico e a "colaboração" que o empregado presta à empresa.

Os critérios adotados para promoção do pessoal é totalmente fajuto, reservado aos funcionários mais puxadores de saco, incompetentes e possuidores de um bom nível social, além de uma personalidade de agiota (quem não tem noção de lucros não serve para ser bancário).

As irregularidades não param aí. Se você pretende candidatar-se a um banco particular, não é necessário exame de conhecimento. Basta que você utilize a cabeça, procurando uma pessoa prestigiada em sua comunidade e o seu desejo será realizado. Com isso ficará provado duas coisas importantes:

1º. Se a tal pessoa prestigiada conseguiu realizar seu pedido, ela ficará satisfeita com a influência exercida no banco.

2º. Por outro lado, o banco ganhará mais um cliente.

Diz o Sr. Paulo Maciel: "Eu costumo dizer a colegas que a carreira bancária corresponde a qualquer curso superior". Nesta afirmação ele foi mais infeliz, porque todo mundo sabe que o ensino superior no Brasil tornou-se uma verdadeira calamidade, profissionais incompetentes, iguais a muitos gerentes de bancos que não sabem nem dialogar com seus clientes.

Observamos que se o ensino universitário é uma vergonha, quanto mais a profissão de bancário. verdadeiro robô, com serviços corriqueiros, sem especialização nenhuma e como disse o próprio diretor: "qualquer um pode fazer".

O que acontece também é que eles aproveitam da situação dos funcionários morarem às vezes com os pais, para pagar-lhes o que bem entenderem. O problema mais crucial é de não deixar o funcionário pensar e, sim, fazer aceitar o que eles dizem, porque se o funcionário é teimoso, desses que não compra gato por lebre, a demissão é o único caminho cabível.

Em geral é sempre assim, quanto mais ignorante e obediente for o bancário, mais terá condições de crescer profissionalmente. Se o funcionário for do sexo feminino, terá necessariamente que ser bonita. Se for feia terá que ser rica. A apresentação pessoal tornou-se o verdadeiro princípio dos bancos." (Antônio José, Caxambu)

Revista do Rádio — RUA SANTANA, 136 — 6.º
Correio dos Fans

Desejo Saber: ....

Nome: ....

Endereço: ....

"Um tesão o seu jornal. Curti da primeira à última folha, em particular o tesão maior da minha vida, Emilinha Borba".

(Angelo Antônio Ribeiro, Niterói, RJ)

CARLOS ACHA PÉROLA NA LAMA

"No meio da parafernália que é este jornal, no meio de tanta pornografia, como pérola na lama surgiu esta reportagem com Emilinha Borba. Pena que vocês desperdiçassem tanto papel com inutilidade e não falassem mais desta mulher extraordinária, que há 40 anos canta e encanta a todos nós.

Que outras reportagens aconteçam, para engrandecer este jornal, para que o povo possa ver este ídolo, que é um misto de sonho real fantasioso. **(Carlos Alberto Campelo, Belford Roxo, RJ).**

ROMEU DIZ QUE ELA É O POVO

"Venho por meio desta agradecer a reportagem sensacional que vocês fizeram com o ídolo do Brasil: Emilinha Borba.

Só uma equipe de repórteres como a de vocês poderiam nos proporcionar a honestidade e seriedade com que foi tratado o assunto. Emilinha é isto: sinônimo de povo! Feminino de carnaval. É a maior!" **(Romeu Ferreira — Rio de Janeiro, RJ).**

JULIO SENTE AMOR NO TEXTO

"Gostaria de expressar a minha enorme alegria ao acabar de ler a reportagem publicada este mês com a cantora Emilinha Borba. Digo ao acabar de ler, pois confesso ter ficado um tanto temeroso antes de lê-la, porque tratando de um jornal taxado de **underground,** o mesmo poderia vir a usar de um vocabulário chulo e sensacional para falar de tamanha personalidade. Personalidade não só no que diz respeito a seus méritos artísticos, de fenômeno popular e de símbolo carismático, mas sobretudo personalidade — mulher, sensível e sensata, terna e emotiva e, por tudo isso, profundamente vulnerável.

Obrigado pela reportagem limpa e carinhosa. Parece fluir da mente e do coração de alguém que, como todos os brasileiros, têm em Emilinha um ídolo feito de amor. Ao José Antonio Nonato, os nossos parabéns". (Julio Cezar do Amaral, Rio de Janeiro, RJ)

WALTER PREVÊ PILARES CAMPEÃ

"Li com muita atenção, e até mesmo com emoção, a sensacional reportagem com aquela que é indiscutivelmente o único e verdadeiro mito brasileiro, Emilinha Borba. Meus parabéns ao repórter José Antonio Nonato e aos fotógrafos Chiquito Chaves e Roberto Musauer por esse maravilhoso trabalho sobre o fenômeno Emilinha Borba, a principal figura artística deste país, aquela que, pela ordem natural das coisas, é a oitava maravilha do mundo.

Parabéns à Escola de Samba Caprichosos de Pilares, do Rio de janeiro, pelo fantástico enredo que escolheu para o carnaval de 1980, "Emilinha Borba, é a maior", que, além de ser esse um tema muito justo e merecido, é o melhor enredo do ano e certamente dará aos Caprichosos o título de campeã do carnaval de 80. Nós, Emilinistas de São paulo, queremos entrar em contato com a direção dos Caprichosos, pois queremos também desfilar nesta agremiação. **(Walter M. dos Santos, São Paulo, SP)**

"Não entendi a suruba"

Como assíduo leitor deste conceituado jornal, apesar da distância da minha cidade, vi-me no direito, ao ler o número 23, de fazer uma pequena crítica. Ao ler a reportagem da última página — Suruba em Copacabana — não entendi bem a finalidade das críticas feitas pelo jornalista José Antônio Nonato às boates de Copacabana. **REPORTER** sempre foi um jornal que primou pela democracia verdadeira, sem falsos argumentos, em sentido amplo. Fala-se tanto em abertura, como já vi várias vezes nesse jornal e de repente este jornalista preocupa-se em vaiar um símbolo desta abertura. Pois bem, sabe-se que, apesar de ser exploração ao sexo, ninguém é obrigado a ir assistir, ninguém é obrigado a pagar. Paga quem quiser, assiste quem quiser.

Gostaria de dizer a este repórter que existem coisas mais vergonhosas para serem criticadas, existem outros tipos de exploração muito mais mesquinhos, e ele bem que deve saber, pois eu, um interiorano, sei e hoje em dia quase todo mundo sabe. Ele chegou a dizer que tudo isso é conseqüência da "largueza da abertura do Figueiredo". Ou este cidadão é um velho decadente ou está indo demais à igreja.

Por favor, não voltem a publicar reportagem deste tipo, com este tipo de crítica. O que ficaria bem seria uma reportagem completa sobre este novo tipo de espetáculo, caso contrário de nada está valendo o esforço de nosso presidente". **(Jairo Velloso, Bossoroca, RS)**

Correio Homossexual

O Homem, emocionado, agradece

• Por favor, mande-me o endereço do Jack, o argentino, pra que eu possa mandar o jornal pra ele. O jornal de vocês tá um tesão e já está quase valendo os vinte mangos que a gente paga por ele. Li no **Jornal da Tarde** que o Homem (Eduardo) teve que se explicar pros homens de Brasília. Falem pra ele não esmorecer e continuar lutando por seus ideais, que nós estamos com ele e contra essa sociedade burguesa e decadente que atende plenamente aos interesse da classe dirigente. **(José Luis de Almeida, Sorocaba, SP)**

• "Aproveito a oportunidade para cumprimentá-los pelo sucesso do jornal, cada vez mais identificado com as mazelas do povo deste país (?), e também para pedir-lhes o endereço do argentino Jack, com quem gostaria de corresponder-me. Despeço-me com um abraço amplo, geral e irrestrito". **(Marcos José da Cunha, Rio de Janeiro RJ).**

• *Alem destes dois, outros leitores escreveram pedindo o endereço do Jack. Como o Jack não autorizou a publicação do seu endereço, mandaremos através de cartas. Fiquem tranquilos, pois.*

"Gay, 35 anos, deseja manter correspondência com gays de ambos os sexos, que gostem de cães e gatos"

(Manoel Orlando Correia, Rio de Janeiro, RJ)

E por que não o Correio Heterossexual

"Sou leitor do jornal de vocês e aprecio sobremaneira o modo pelo qual vocês trabalham. Parabenizo-os pela forma corajosa e leal de mostrar os fatos como são.

Aprecio do mesmo modo o Correio Homossexual, que dá oportunidade a todos de viverem a forma de vida que lhes convém, mas acho que poderia haver um lugar no seu jornal para um Correio Heterossexual. É uma sugestão.

Acreditando que vocês irão transformar minha sugestão num fato, aproveito, e desde já envio meu "curriculum vitae": sou jovem, de 24 anos, quero me corresponder com jovens e/ou senhoras, de qualquer estado civil, para fins de amizade e sexo.

Acredito no seu jornal e estou com vocês contra todo e qualquer tipo de repressão". **(Nélio B. Enriquez, rua Baronesa 715/301, Jacarepaguá, RJ).**

"Rádice" também está com a gente

Amigos,

voltando de viagem — quando saí levei o **REPORTER** nº 23 — recebi a notícia da apreensão do número do Casamento. Gostaria de levar a vocês o sentimento de indignação em relação a mais este arbitrário ato de agressão governamental e colocar à disposição nossas páginas para o que for necessário. Apreciamos profundamente o trabalho e coragem de todos que fazem **REPORTER** e registraremos em nossa próxima edição o fato ocorrido. Com abraços de todos e em todos". **(Carlos Ralph, Editor da revista Rádice).**

TORNEIO ILUDE JOGADOR DO INTERIOR

Márcio, do Mixto de Cuiabá, veio ao Rio de Janeiro jogar contra o América pelo Campeonato Nacional. Humilde, arrimo dos pais, tinha esperança de ser essa a sua grande oportunidade. À noite, o irresponsável torneio o decepcionou: o Maracanã estava vazio. Nem Coutinho nem ninguém o viu atuar.

Foto Chiquito Chaves

Marcio, orgulhoso, faz pose

Márcio queria que Coutinho o visse. Sonho morreu no Maracanã.

Reportagem de Maria Helena Araújo

Foto: Roberto Musauer

— Olha, eu não sei nem o que vai me acontecer na hora em que eu tiver de entrar no gramado do Maracanã. Acho que vai ser a glória, vou realizar o meu maior sonho e até posso dizer que me sentirei realizado na carreira de jogador de futebol profissional. Não posso prever se vou tremer, ficar calmo ou me sentir terrivelmente emocionado, mas garanto que estarei realizando o meu maior sonho: pisar no gramado do maior estádio do mundo, que tanto a gente ouve falar.

A declaração, cheia de esperança e alegria, é de Márcio Gumercino Demetrius, um garotão de 21 anos, meio-armador do time do Mixto de Cuiabá, Mato Grosso, e foi feita numa manhã de quinta-feira, dia 22 de novembro, quando a sua equipe chegou ao Rio para disputar uma partida com o América, válida pelo Campeonato Nacional. Na praia de Copacabana, de calças arregaçadas e sapatos improvisados como chinelos, Marcinho recebia a notícia de que o jogo não seria disputado em Marechal Hermes e sim no Maracanã.

— O jogo vai ser no Maracanã? Puxa, eu ainda *não sabia! Espera aí que eu vou avisar o pessoal.*

E lá saiu o Marcinho correndo da praia até o Hotel Plaza, para avisar a seus companheiros que o jogo realmente tinha sido transferido de local. Boa parte da equipe iria realizar o mesmo sonho de Marcinho.

— Jamais imaginei que hoje fosse o grande dia, porque quando saímos lá da terra, o seu Milton Buzetto (o técnico) disse que nós íamos jogar no campo do Botafogo. Já era um grande negócio, mas no Maracanã...

Pelo menos uma coisa boa proporcionou esse confuso Campeonato Nacional a um jovem jogador, cheio de planos na cabeça e disposto a alcançar a glória de atuar nos grandes centros. Marcinho, um jogador apenas razoável, é mineiro e começou a jogar futebol no dente de leite do América Mineiro, passando depois pelo Vila Nova de Nova Lima e Palmeiras de Cuiabá, de onde foi vendido ao Mixto, por Cr$ 30 mil, sem luvas. No Mixto está há dois anos e quatro meses e ganhou a posição de titular há menos de um ano.

— Fui obrigado a sair de Minas, onde mora minha família, porque não tinha futuro lá. Só apareceu chance mesmo no futebol de Mato Grosso. Sei que não é o lugar ideal para que os grandes nomes do futebol observem o meu estilo de jogo, mas é lá que está o meu ganha-pão. Houve uma época em que apareceu um empresário, de nome Waldir, querendo me trazer para o *Americano de Campos. Era uma boa para mim, mas o negócio furou e acho que era* só cascata do cara.

Marcinho recebe atualmente no clube salários de Cr$ 12 mil, o que representa um grande progresso, segundo ele, já que o primeiro salário foi de Cr$ 2.500. Além disso tem os bichos, que, em caso de vitória, são de Cr$ 2.500. Mas esse dinheiro ele pouco vê, pois manda tudo o que recebe para a casa dos pais em Vila Nova, Minas Gerais.

— Sabe como é, a gente tem de ajudar. Minha mãe — Dona Maria de Lourdes — era lavadeira, mas conseguiu fazer um curso e agora é auxiliar de enfermeira, ganhando Cr$ 2.500 por mês. Meu pai — Ismael Demetrius — é pintor de parede e tira uma média *de Cr$ 800 por semana. Ao todo somos sete irmãos, sendo cinco mulheres. A* barra tá pesada e eu tenho que dar uma mão. Mas posso lhe fazer uma pergunta? Por que você veio me entrevistar?

Antes de ouvir a resposta, seu companheiro de equipe, o goleiro reserva Nelson Marques, de 29 anos, responde:

— Isso é o de menos. Entrevista promove a gente, cara! Lembra aquela vez que o Beleza (também jogador do Mixto) saiu numa revista? Foi uma festa em Cuiabá.

A sinceridade e inocência de Nelson provocam risos nos companheiros que estão ali do lado, assistindo à entrevista e ele toma conta do ambiente:

— Eu nunca joguei no Maracanã. Aliás, só conheço *de cartão postal. Nunca passei nem na porta porque nunca vim ao Rio. Mas em* compensação, já joguei contra o Pelé, como goleiro do União Tijucana, e contra o Zico, pelo mesmo clube. Enfrentar o Pelé foi a melhor coisa que aconteceu na minha carreira.

Nesse momento o roupeiro do clube que tinha ido ao hotel buscar uma camisa do clube para que Marcinho e Nelson posassem para a foto, chega com a resposta:

— Olha, infelizmente não vai dar, porque o treinador falou que só tem uma camisa para cada jogador e se a gente perder fica ruço.

— Puxa, que chato, logo na minha primeira entrevista — reclama Marinho, meio decepcionado, mas ainda disposto a contar muito sobre a sua curta carreira. *De repente, já bem mais descontraído, encarna no companheiro:*

— Pois eu tenho mais vivência que o Nelson. Pelo menos já passei na porta do Mineirão e, como dizem que é muito parecido com o Maracanã, posso dizer que já o vi de perto.

O maior clássico de Marcinho foi Operário x Mixto, disputado em Cuiabá,

DEPOIS DA GOLEADA, A VOLTA SEM GLÓRIA

mas ele lembra, com orgulho, que já jogou com bons clubes em Curitiba, Itabuna e Brasília.

— Foram jogos importantes na minha carreira e serviram para que eu sentisse novas emoções e conhecesse jogadores e lugares diferentes. Mas acho que nada se compara a esse Campeonato Nacional, que é o primeiro do qual participo. Eu não entendo muito bem porque os grandes craques, que saem em jornais todos os dias, pixam tanto o campeonato. Para mim posso dizer que é muito bom, pois dá a oportunidade de jogar em grandes estádios e conhecer os monstros sagrados do futebol brasileiro. Além do mais a gente viaja, vive conhecendo lugares famosos e só assim aparece oportunidade de que alguém importante nos veja jogando.

— Quem seria esse alguém importante?

— O "seu" Cláudio Coutinho, por exemplo — diz ele meio sem jeito, como se soubesse que é muito difícil, quase impossível ser lembrado no meio de tantos jogadores do futebol atual.

— Tenho esperanças que um dia ele me veja jogando e acho que vou dar tudo de mim. Só espero que ele goste. Sei que a Seleção é um sonho quase impossível, mas...

Nesse momento Marcinho perde um pouco da descontração que já havia adquirido e dá a impressão de retornar ao seu pequeno mundo: o futebol de Cuiabá, onde um dos maiores ídolos é Luís Carlos Beleza, o lateral direito do seu time, que já atuou pelo Santos.

— Acho que tô falando umas bobagens. Mas sonhar não faz mal a ninguém. Porém, eu tenho de pensar é no que é real e o real para mim é a decisão do campeonato estadual de 79, entre o Mixto e o Operário. Vai ser numa melhor de quatro pontos.

Por quê você acha que falar em Seleção e em craques está tão longe da sua realidade?

— Porque nós jogamos num centro menor e ninguém nos vê. Daí a dificuldade. Se você visse a alegria que é quando passa um jogo nosso, ou mesmo de outros clubes, direto para Cuiabá, pela televisão, você iria entender dessa distância que falo. Só para você ter uma idéia, os jogadores mais famosos que conheço são o Luís Augusto, que jogou no Vasco; e o Mazaropi, agora no Paraná.

Enquanto Marcinho fala, Nelson, que recebe salários de Cr$ 9 mil no Mixto, interrompe:

— Já que o Marcinho diz que passou na porta do Mineirão, eu digo agora que conheço o Reinaldo, do Flamengo. Ele é meu amigo mesmo. Aliás eu queria até passar na casa dele ainda hoje, mas tô perdido nesse Rio de Janeiro. Não sei nem prá onde fica a zona norte. Não é lá que ele mora?

A lembrança de Reinaldo faz Marcinho retomar à conversa e, sem inibição, ele diz que o seu maior ídolo não é Zico, nem Sócrates: é Adílio, meio-campo do Flamengo.

— Já vi o Adílio jogando, pela televisão, é claro, mas fiquei impressionado com a ginga dele. Ele joga bonito demais. Se pudesse escolher um craque para ser igual, escolheria ele. Gostaria de conhecê-lo pessoalmente.

— Se um dia tiver de enfrentá-lo num jogo, como se sentirá então?

Alguém diz, em tom de piada, que Marcinho vai pedir um autógrafo e esquecer do jogo, mas ele se defende:

— Acho que posso até me emocionar um pouco, mas garanto que na hora de brigar em campo vou lutar tanto quanto ele. Na hora o que vale é o meu ganha-pão e aí a gente tem de esquecer que está diante de um ídolo.

O sol vai esquentando. Já são quase meio-dia e o roupeiro volta para dizer que o técnico está chamando o pessoal para o almoço. Todos, sem exceção, dão uma última olhada na praia de Copacabana, e se encaminham para o hotel. Durante a caminhada, Marcinho continua falando da sua euforia e diz que não vê a hora de ir para o Maracanã:

— Agora que sei que o jogo vai ser lá, não vejo a hora de entrar no estádio. Conhecer o vestiário, o campo, a torcida. Deve ser bem diferente.

A tarde daquele dia 22 de novembro, quinta-feira, parece uma eternidade para Marcinho, mas finalmente o momento do seu grande sonho chega. A delegação segue para o Maracanã num ônibus especial e durante o percurso são poucos os que se distraem conhecendo um pouquinho melhor o Rio de Janeiro. A maioria parece muito concentrada e louca para entrar no maior estádio do mundo.

O ritual de sempre não pode faltar: a preparação nervosa para o jogo, os poucos repórteres que procuram os jogadores do Mixto até a entrada em campo, sem dúvida, decepcionante. O Maracanã recebeu naquele dia pouco mais de mil pessoas, que espalhadas na imensidão do estádio davam a impressão que o Maracanã estava deserto. Não haviam bandeiras, festas, gritarias e alguns torcedores que se aventuraram a ir ao estádio foram surpreendidos dormindo nas arquibancadas, tal a monotonia do espetáculo.

Não há dúvida de Marcinho e Nelson, assim como quase todo o time do Mixto de Mato Grosso, esperavam ver um Maracanã festivo como aparece nos cartões postais e conhecer de perto a alegria da torcida carioca. Mas o que viram foi um Maracanã deserto, tão aterrorizante para os que lá estréiam, quanto nos dias de grandes clássicos, em que novatos tremem com a pressão das torcidas. Dentro do que sabem, jogaram bem Marcinho e o restante do time, mas não conseguiram uma outra decepção: a derrota de 6 a 1 para o apenas razoável time do América, desclassificado do Campeonato Nacional.

A maioria reconheceu a goleada como justa, dando ênfase à melhor qualidade técnica do time do América. Mas todos, sem exceção, caíram na realidade do Campeonato Nacional, que traz aos grandes centros times despreparados para enfrentar adversários de qualidade técnica infinitamente superior, provocando goleadas que marcam a carreira de qualquer novato, como Marcinho.

O 6 a 1 estava lá "naquele placar bonito" — segundo os jogadores — e eles se preparavam para deixar o estádio e viajar para Cuiabá. Marcinho realizara um sonho e agora voltava à realidade da concentração onde mora, assim como Nelson, que voltava à sua república, no centro de Cuiabá. Apesar dos 6 a 1, estavam felizes, mas, infelizmente, o sonho que esse louco. Campeonato Nacional proporcionou, acabou.

Foto Chiquito Chaves

CUSTO DE VIDA VAI PIORAR

Escassez de alimentos

Dívida externa é câncer

Astros preveêm caos em 80

"És peixe? Terás um dia de muitas alegrias e, no amor, prepara-te para um conhecimento inesperado, que pode mudar tua vida... Para os nativos de touro, muito cuidado ao lidar com assuntos profissionais... E, para quem nasceu sob a regência de aquário, é bom evitar contactos com pessoas do signo de aquário..."

Horóscopos, horóscopos, horóscopos... Nos jornais, no rádio, na televisão e já nas bancas de jornais e nas livrarias, a tentativa de, através dos astros, quem sabe, poder ter notícias de um mundo melhor, no futuro. Época de fim de ano, então, sai até almanaque, todo mundo quer saber como é que os signos vão se comportar no ano que entra.

REPORTER também apresenta previsões para o ano novo. Feitas, de graça, pelo astrólogo Ernesto Fischer, que ficou famoso na política nacional, graças às previsões feitas a dois ministros do atual governo, Mário Andreazza e César Cals. Ao primeiro, que durante o governo Geisel ficou na geladeira, vovô Fischer assegurou que voltaria ao ministério, no mandato presidencial seguinte. Quanto ao segundo, o astrólogo não previu que ele ia ser empurrado pelos estudantes em Florianópolis, mas garantiu, antes que se começasse a falar em senador biônico, que ele seria conduzido ao Senado e até especificou que seria "sem o voto do povo". Como é do conhecimento geral, essas duas hecatombes, que os astros teriam provocado contra nós, acabaram acontecendo mesmo. Diante da autoridade dessas adivinhações e sabendo ainda, que o nosso horoscopista é mesmo íntimo das pessoas que se deram bem, tanto que atende até o Roberto Carlos e outros magnatas, fizemos nossas perguntas. Consultado o mapa celeste, as respostas foram de que, no ano que vem, sob a regência da Lua, as coisas vão piorar, "principalmente para os produtos de primeira necessidade no consumo do povo".

Aos políticos, "empenhados apenas em coisas secundárias e nos seus próprios interesses, enquanto a bolsa do povo é cada vez mais pobre", cabe a responsabilidade da situação de instabilidade que o país irá atravessar. A dívida externa, segundo o astrólogo, é outro dos fatores que impedem a resolução do problema do povo, "que é a panela cheia..." Por tudo isso, o mago Fischer assegura que "o custo de vida não poderá jamais baixar, nem estacionar, muito pelo contrário, e subirá mais e haverá até escassez e falta de produtos indispensáveis e prioritários no lar brasileiro".

Mas os astros informam que, vejam só, em 1984, haverá democracia, eleições diretas para governador e, a partir daí, para presidente e tudo. Tudo isso, informam as constelações do nosso céu, "sob um só comando", o do Presidente Figueiredo, "que levará seu mandato até o final". Democracia plena, portanto, só daqui a quatro anos. E, para quem acredita nas coisas lá do Céu, é bom ficar sabendo que tudo vai depender da capricórnia liderança do nosso presidente.

"És carneiro...?"

Texto de José Antonio Nonato
Fotos de Roberto Musauer

REPORTER

REPORTER

Janeiro de 1980 — ano III — nº 25 — Cr$25

AUTÔNOMO INDEPENDENTE

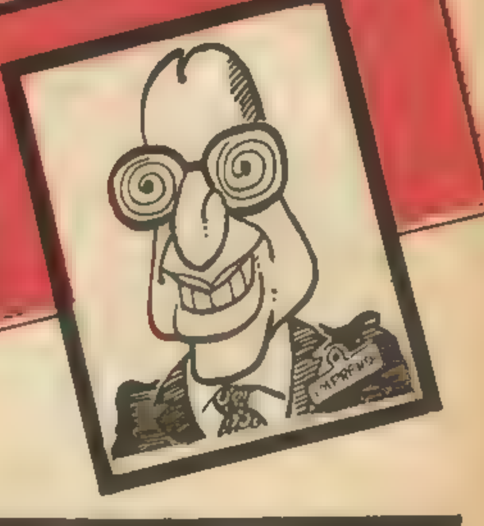
ESTUPRO EM FAMILIA

Violência sexual contra mulheres e crianças

P.3

UUUiiii! TEM HOMEM NU NA PRAIA

P.32



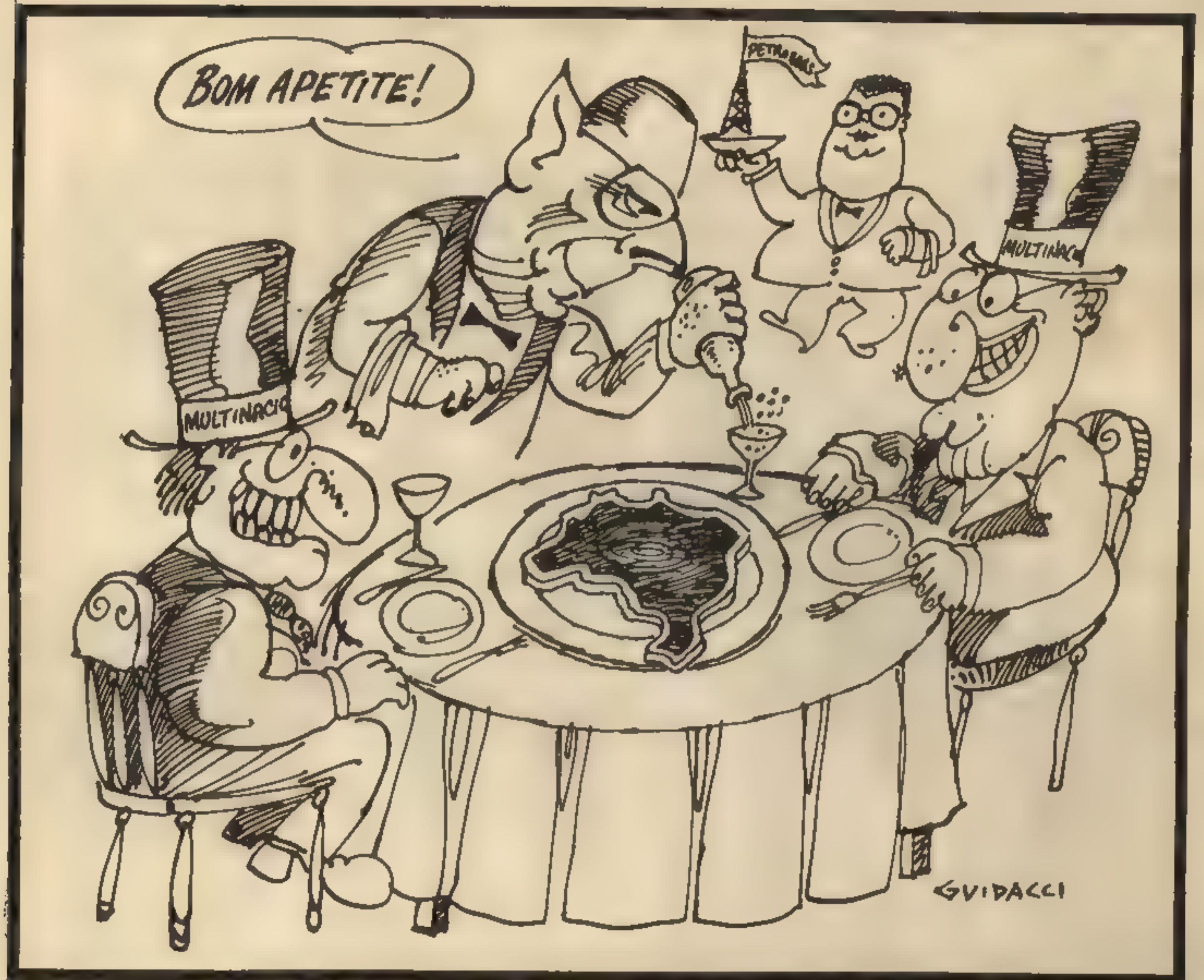
Maluf compra Imprensa

P. 21

MACONHA LIVRE

DEBATE

P.8



Após a repressão, o entreguismo

Acabou uma das décadas mais negras da história do Brasil. A década do arrocho sobre os salários, de repressão às manifestações políticas e reivindicatórias de sindicatos, estudantes e partidos. A década da censura e da perseguição. O Ato Institucional número 5 e o arbítrio que ele concedeu aos governos militares marcou os anos 70 com o estigma da intolerância, da tirania e do obscurantismo.

Os governantes, longe do povo e isolados da nação, tomaram decisões pelo país inteiro. Decidiram o rumo da economia, os limites da política e transformaram em lei o que era apenas a vontade de um grupo. Quem não era do grupo ou tinha outra vontade foi posto fora da lei.

Os objetivos foram alcançados. A economia brasileira está internacionalizada, tem crédito no exterior, a indústria se desenvolveu, tivemos até um milagre de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) acima da taxa de 10% durante alguns anos. Um novo Japão, diziam alguns tecnocratas. Na política e na sociedade tivemos também alguns fenômenos, obra de abertura proposta desde o tempo de Geisel. Foi-se o AI-5, abrandou a censura, permitiram maior liberdade de associação.

Os objetivos foram alcançados. Mas não eram bons objetivos. Nossa economia é hoje quase inteiramente dependente do exterior — o que significa que não produzimos o que nosso povo precisa, mas o que nossos parceiros internacionais precisam —, nossa dívida externa é maior do que podemos pagar, nossa indústria é controlada pela tecnologia estrangeira. A inflação passa dos 100%, sobem vertiginosamente os preços da alimentação, da habitação, da roupa, do transporte, nossa agricultura é pobre. Os empresários e atravessadores ganham dinheiro mas, para os assalariados, o custo de vida é insuportável.

Podemos ter esperanças na nova década? Claro, podemos e devemos. Mas devemos exigir mudanças, reformas. Chega de cinismo. Os homens que agora buscam remédio para a crise econômica foram os mesmo que, por imprevidência, a provocaram. Delfim Netto foi o pai do milagre e quer ser nossa bússola na tormenta que ele fingiu que não viria. Não nos enganemos. O discurso mudou mas a prática é a mesma. Dele e dos que ajudaram a aumentar a distância entre ricos e pobres e falam agoram em desconcentrar a renda. Ou o interesse popular se manifesta e provoca reformas como a financeira, industrial, agrária e tributária, ou a década de 80 vai ser a década do entreguismo, como a de 70 foi a da repressão política. O fim do sonho de um país livre, conduzido por seu próprio povo.

NOVO AUMENTO. CULPA AINDA É DO GOVERNO

Bem... quer dizer.... feliz ano novo... ahhh.:. Seguinte: vamos direto ao assunto. Eles começam aprontando uma inflação de 80 por cento (a oficial, não a que o povo sente, que é bem maior), o papel sobe assustadoramente e a gráfica aumenta em 75% o preço da impressão. Em sendo assim, tivemos que aumentar de novo o preço do jornal. Corta-nos o coração (de verdade), mas...

REPORTER

EDITORES — Alex Solnik, Chico Júnior, Luiz Alberto Bettencourt, Pipal (Arte)

REPORTAGEM — **Rio de Janeiro:** Tim Lopes, Marcos Dantas, Clarice Niskier, Vera Lúcia Dias, José Antonio Nonato, Sérgio Danilo, Silvia Duarte, Grice Faria. **São Paulo:** Rivaldo Chinen, Afanásio Jazadji, Maria José Arrojo. **Recife:** Eduardo Homem. **Salvador:** Marcos Vinicius Bittencourt. **Internacional:** Carlos Comjtini.

FOTOGRAFIA — **Rio de Janeiro:** Chiquito Chaves, Roberto Musauer. **São Paulo:** Amancio Chiodi, Wagner Avancini, Eliana Pastore, João Bittar.

CORRESPONDENTES — Paulo D'Alcantara (Paris), Cristina Duarte (Milão)

ILUSTRAÇÃO — Guidacci, Maurício Veneza.

ARTE — Analuce Estrella, Guidacci, Maurício Veneza, Maria Rita.

REVISÃO — Maria Teresa M. Pinto.

CIRCULAÇÃO — Eduardo Cúri

PROMOÇÃO E ASSINATURAS — Marco Antônio Vieira Souto

DEPARTAMENTO JURÍDICO — Modesto da Silveira, Luis Celso Araújo, Luiz Eduardo Greenhalg.

REPORTER Autonomo Independente — Uma publicação da Margem Editora e Programação Gráfica Ltda. **Rio de Janeiro:** Rua Miguel Couto, 134/11° andar, tel. 253-5038. **São Paulo:** Rua Santa Isabel, 33/8° andar, tel. 222-3103.

Composição e Impressão — Editora Mory Ltda. Rua do Resende, 65, Rio de Janeiro, tel. 263-7002.

Distribuição — Fernando Chinaglia S.A. Rua Teodoro da Silva, 907, Rio de Janeiro.

ESTUPRO

Loucura sexual na família

VIOLÊNCIA É CONTRA MULHER E CRIANÇA

Pai curra filha; tio agarra sobrinha; irmão come irmã. Estupro não é coisa só de marginal da rua. Acontece em casa de gente bem. Não sai nos jornais nem vai pra estatística, mas muita gente sabe disso, como a apresentadora de TV de São Paulo, Xenia Bier: as telespectadoras lhe escrevem se queixando que os maridos violentam as filhas. Um delegado do Recife conta: até hoje só viu três casos de estupro, todos em família. No Hospital das Clínicas de São Paulo, as mesmas histórias: menina de 15 anos atacada duas vezes pelo padrasto; pai tentando violentar uma filha de 5 anos, outra de 10 e uma de 11. Desses casos, a polícia nem fica sabendo. Nos casos que sabe, dificilmente o estuprador é condenado porque, como diz o Juiz Alyrio Cavalieri, do Rio, geralmente não há testemunhas de estupro. E a vítima, às vezes, se torna suspeita, como aconteceu com Marisa Nunes, de São Paulo. No verão, o número de estupros aumenta. Mas, a melhor maneira de fazer estatística é perceber que todo mundo conhece alguém que já foi estuprado ou quase.

Foto Hélio Campos Mello

Xenia: violência do pai é comum

O delegado: estupros em família

Marisa quer provar que não é prostituta

Pai, irmão, tio, padrasto. Todos eram estupradores.

R., um loirinho de 13 anos comia a irmã de 11 anos e o irmão, de 10. Numa boa. Sem violência. Até que um dia, R. cismou de contar tudo pro pai. O velho, educado na religião batista, porteiro de igreja no bairro de Bom Retiro, em São Paulo, não quis perdoar de jeito nenhum, nem o menino se ajoelhando a seus pés. Resolveu castigá-lo: jogou álcool no seu pinto. Deu queimadura, o que não foi o pior.

Desse dia pra frente, R. mudou. Até que teve de ser internado na Psiquiatria do Hospital das Clínicas, com o diagnóstico seguinte: "vê coisas; alguém está sempre vigiando-o". Crianças com casos como o de R. aparecem todo o dia no HC.

J.H.V.C., holandesa de cimento, tentou suicidar-se quatro vezes num ano, aos 15 de idade. Seu padastro, um engenheiro americano de posição, tentou violentá-la pela primeira vez quando ela tinha 10 anos. Não teve coragem de contar pra mãe. Quatro anos depois, o engenheiro atacou de novo, justamente quando ela estava convalescendo de uma tentativa de suicídio.

M.C. ficou ruim da cabeça aos 29 anos, mas já aos 11 o pai quis estuprá-la. Não conseguiu e investiu contra a irmã de M.C., um pouco mais velha. Anos antes, outra filha sua, esta de cinco anos, por pouco escapou dele. Nas três ocasiões os estupros só não se consumaram porque na hora H aparecia sua mulher.

A família de M.C. não é uma excessão. Xenia Bier, que tem um programa para mulheres na TV Bandeirantes de São Paulo, conta que recebe por mês umas 700 cartas de telespectadoras abordando os mais diferentes assuntos. O terceiro assunto mais citado, garante Xenia, é a "violência de pai para filha":

— Pasmem! — diz Xenia — as mulheres que me escrevem são as mães, que sabem que isso acontece, mas não comentam nem com o marido, nem com a filha, pelo medo de perder o marido, o emprego de esposa. E pior: me perguntam se eu acho que elas devem, imaginem, abandonar o marido. Isso é caso de polícia!

O delegado Francisco Edilson, da Delegacia de Costumes de Recife, Pernambucano, conta que são registrados muitos casos de sedução de meninas — média de 15 por mês, geralmente seguidos de gravidez — mas estupros mesmo ele só viu três em sete meses de Delegacia:

— Infelizmente, — diz ele — os três casos envolviam família: um pai e uma filha; um tio e uma sobrinha e no dia 3 de dezembro passado um irmão e uma irmã, ela de 14 anos.

No livro de queixas de delegacia consta que:

"O irmão a levou para um areal, onde contra sua vontade, a estuprou.

Marisa era vítima. Acabou como suspeita na delegacia.

— Pare aí! Sou investigador de polícia, me acompanhe!

Marisa Nunes, 20 anos, não entendeu nada. Era um sábado, dez e meia da noite, no centro de São Paulo, rua Martins Fontes. Ela ainda perguntou qual era o problema e o homem disse que uma mulher com a sua descrição tinha acabado de fazer um assalto.

— Vamos até a delegacia! — o homem comandou.

Eles subiram a rua Augusta, mas em vez de entrar na rua do 4º Distrito viraram à esquerda e chegaram à rua Frei Caneca. O homem tapou a boca de Marisa e a empurrou por um pequeno portão. Arrastou Marisa pelo corredor até abrir outra porta e a jogar dentro de um quarto. — Só quero que você troque de roupa — gritava o homem, enquanto ela chorava.

Diz Marisa:

— Gritou para eu parar de chorar e tirou minha roupa devagar, com a maior cara de sacana. Me comeu do jeito que quis e ainda perguntou quantas vezes eu tinha gozado. Quis que eu chupasse ele e como eu não quis, disse que ia colocar atrás. Colocou. Senti muita dor, gritei.

Tudo terminado, o homem ligou a TV e deixou Marisa ir embora. Ela procurou a polícia. Em pouco tempo, acompanhada por homens da **Rota**, Marisa voltou ao quarto. Seu estuprador estava lá e até o Modess que ela jogou atrás de uma poltrona foi encontrado, como ela tinha dito aos policiais.

Algemado, o estuprador chegou ao 4º Distrito. Aí a coisa mudou.

— Ele disse ao delegado — conta Marisa — que eu era uma puta e ele tinha me comprado por mil cruzeiros e depois só quis pagar 500; por isso, eu me vinguei.

denunciando estupro. Aí, o delegado já me olhou como se eu fosse uma prostituta. O homem ainda disse que os Cr$500 estavam na minha bolsa. Fui revistada e nada foi encontrado do dinheiro, mas sim um caderno com piadas e outras gozações. O caderno foi considerado pornográfico e apreendido no ato. Compreendi que, de vítima, passei a acusada. Fui fazer um exame de corpo de delito, enquanto meu estuprador era dispensado.

Conclusão: Marisa ficou na delegacia até cinco e meia da manhã. Disseram para ela voltar 20 dias depois para depor. Era 25 de novembro de 1979. Em dezembro ela voltou, já com advogado. Conseguiu-o de graça — ela ganha Cr$ 3.500 por mês — no Departamento Jurídico da Faculdade de Direito. Mas não adiantou nada: na delegacia o inquérito nem estava começado. E o delegado ainda disse à advogada Alice Soares Ferreira que "Marisa é prostituta e se o cara pegou, não houve estupro".

Solange Gibran, a outra advogada de Marisa, achou "muito estranho que o acusado nem tenha sido detido para averiguação, como ocorre em casos de estupro".

— Nem flagrante foi lavrado porque o delegado alegou falta de prova testemunhal.

Clodomir da Silva Parteira, 37 anos, casado, auxiliar de químico: este é o homem que Marisa acusa. Ela ainda vai lutar na Justiça para deixar tudo claro, como afirma num desabafo:

— O estupro até que não foi nada, perto da injustiça que sofri. Minha revolta é ter sido acusada de prostituição, mas isso não vai ficar assim.

"Me apontou um revólver e mandou eu tirar a roupa"

Eliana, formada em Comunicação e Sociologia, chegou recentemente da Europa, onde viveu durante vários anos. Em 1976, pegando uma carona na Bélgica, foi violentada por um maníaco sexual. Seu depoimento:

"Em 76, eu viajei por vários países, sempre pegando carona, numa época em que isso ainda era normal. Depois, começou a ficar perigoso. Na Bélgica, peguei carona com um cara pequeno burguês, normal, com aqueles adesivos típicos no painel do carro, tipo "não corra papai", que podia muito bem ser um pequeno burguês brasileiro. Lá pelas

Foto de Chiquito Chaves

Eliana foi violentada por um louco

tantas ele me apontou um revólver e disse: "não grite, senão eu te mato". Entrou com o carro numa estrada secundária, parou num bosque deserto e mandou eu sair, tirar a roupa e deitar no chão. Com a minha camisa, tapou minha boca e depois amarrou minhas mãos nas costas. Eu tentava argumentar, mas não adiantava. Aí, começou a me bater, me socava no estômago, me chutava a vagina. Como eu estava muito tensa, nervosa, ele dizia: "relaxa senão vou ter que começar tudo de novo. Nisso, ele pegou a vareta de óleo do carro e me enfiou na vagina. Depois, enfiou um galho, que me machucou muito, fiquei cheia de farpas na carne. Ele não teve nenhum contato sexual direto comigo. E sempre me batendo. E eu pensando: meu Deus, eu vou morrer às dez horas de uma manhã de sol, igual a uma estúpida, com um cara inteiramente louco me torturando. Ele chegou a um grau de excitação tão grande que pulou no meu pescoço, tentando me estrangular. Só aí eu reagi. Então ele me apontou o revólver de novo, entrou no carro e foi embora, com a minha mala, minha bolsa e todos os meus documentos. De repente, eu estava no meio da Bélgica, sem um puto no bolso e toda fudida, toda machucada, cheia de manchas roxas, a vagina sangrando". O pior é que o consulado brasileiro, pra variar, não quis me dar outros documentos.

Eliana deu queixa e soube que o cara já era conhecido na região, por já ter feito coisas do tipo bater punheta em frente a uma escola de meninas. Era casado, tinha dois filhos e foi diretor-presidente de uma firma que faliu. Tempos depois, ela recebeu a notícia de que o cara tinha sido encontrado e foi chamada para depor. Ele foi condenado a cinco anos para tratamento num hospital psiquiátrico. Hoje, por via das dúvidas, Eliana não pega carona "de jeito nenhum".

"Jamais pensei que eles fossem me currar"

— Tira a roupa meu anjo.

Recreio dos Bandeirantes, Rio de Janeiro, umas três horas da manhã, um branco, um negro e um mulato, tutti-frutti, vários sabores. A menina que estava com um revólver calibre 38 no ouvido tem 23 anos e é uma graça, jogando meiguice pra fora. Ela e o rapaz quase namorado tinham sido abordados pelo trio no Leblon e foram arrastados no carro dele até o Recreio. Estavam batento um papo, na praia, que podia ter futuro ou não, quando chegaram os três, tudo de berro em cima.

— Tira a roupa, menina.

Não tinha alternativa. Dois ficaram com ela e um se afastou com o rapaz, revólver sempre apontado na cabeça. Ela foi tirando a roupa, morrendo de vergonha duplamente, pois não tinha chegado nem a beijar o moço que agora a via ficar nua para ser violentada. Começaram a alisá-la pelas costelas, pernas, costas, bunda. E um perguntava pro outro, debochando: será que a mocinha dá pro gasto? E o outro respondia: acho que dá sim.

— Fica de quatro, menina.

"No caminho do Leblon para o Recreio eu tentei conversar com eles, disse que estava do lado deles, que entendia que a barra tava pesada e que se eles estavam assaltando é porque não tinha outra saída, que a gente ia dar todo o nosso dinheiro, minhas jóias, tudo bem. Jamais imaginei que eles fossem me currar. Mas, aconteceu. Primeiro, vieram dois. Um me botou por trás e o outro me obrigou a chupar. Os dois ao mesmo tempo."

Eles acabaram e saíram conversando, comentando sobre as qualidades e os defeitos da menina. E ela ali, arrasada moralmente e tendo que segurar a barra, pois ainda faltava um.

"Tinha uma hierarquia. O que me obrigou a chupar era o chefe. O que colocou por trás era o segundo na hierarquia. O terceiro veio depois e ia colocar pela frente. Só que ele brochou. O machão, revólver na mão, cheio de decisão e coragem, brochou. Foi a primeira vez que eu vi um homem brochar. Mas ele ficou fingindo que estava conseguindo e fazia os movimentos, gemia, mas na verdade o peru dele estava mesmo era nas coxas. Fingiu que gozou e saiu se arrumando na direção dos outros caras, como se fosse o maior ou melhor homem do mundo, o babaca. E não podia dizer pros amigos que tinha brochado senão ia pegar mal".

Deixaram a menina pegar a calcinha e mandaram o casal sair correndo.

O rapaz entrou em contato com um amigo, que trouxe roupas. Em seguida foram à delegacia mais próxima dar a queixa do assalto. Só do assalto. No registro não se fala de violência sexual. Menos uma nas estatísticas.

"Eu não queria que minha família soubesse. Nem meu namorado. Ele não ia entender nada. Fui pra casa e tomei um banho, um banho de duas horas, me limpando. O pior foi que o cheiro daqueles caras não saía de jeito nenhum. Fiquei uns dois meses sentindo aqueles cheiros repugnantes, asquerosos".

Durante quatro meses, apenas duas pessoas, além do rapaz, ficaram sabendo da história, como acontece em muitos outros casos desse tipo. Hoje, a menina contou sua história para um grupo de mulheres, reunidas para discutir a violência sexual.

COITO ANAL REVESTIDO

1 "No dia 17 de novembro de 1978, às 23 horas, na confluência das ruas Henrique de Mesquita e Vigário Morato (São Cristóvão, Rio) o denunciado abordou a vítima, ASF, dizendo-lhe: fique quieta e não grite! O que você traz nessa bolsa? Tendo dinheiro, você não morrerá, mas caso contrário morre agora mesmo

Ato contínuo, o denunciado subtraiu da bolsa da vítima toda a importância ali contida (Cr$ 700,00), mantendo-a sob ameaça de morte iminente, dominando-a pela força física e impossibilitando-a de oferecer resistência.

Consumado o roubo, o denunciado arrastou a vítima a um terreno baldio, situado ali nas proximidades, conhecido como Campo dos Bandeirantes, mantendo-a dominada fisicamente. Ao chegar ao local, o denunciado empurrou a vítima para um matagal, obrigando-a a despir-se. Diante da resistência da vítima, o denunciado tirou da cintura um chicote de couro, arrancando-lhe a roupa e constrangendo-a, mediante violência física, à prática de atos libidinosos

Tamanha era a fúria incontrolável do denunciado a submeter a vítima aos atos libidinosos que, ao beijá-la, arrancou-lhe parte do lábio superior

Revestido de extrema violência, o denunciado forçou a vítima a submeter-se à cópula anal, não logrando, no entanto, a consumação plena do ato, face à resistência obstinada da vítima (NDR: a moça ficou ferida no ânus, segundo seu depoimento)

Vendo frustrada a plena realização da cópula anal, o denunciado agrediu a vítima, produzindo-lhe escoriações pelo corpo, ameaçando-a de morte iminente e obrigando-a a receber o pênis em sua boca.

Enquanto a vítima lutava obstinadamente contra a plena realização do intento do denunciado, este, numa explosão de violência e acometido de fúria incontrolável, conseguiu, finalmente, imobilizá-la e submetê-la ao coito vaginal"

Esta denúncia faz parte de um processo que corre na 18ª VC do Rio de Janeiro. O acusado, um soldado do Corpo de Bombeiros, de 24 anos, foi reconhecido pela vítima, de 31 anos, porque logo depois do estupro deixou cair seus documentos, ao botar a roupa apressadamente. A moça apanhou de chicote, teve o lábio ferido e o cabelo retorcido e puxado violentamente. O acusado diz que não tem nada a ver com o caso e que perdeu seus documentos durante um assalto.

DE EXTREMA VIOLÊNCIA

2 *Maria Edneusa dos Santos, de 21 anos, mulher de um pregador evangélico foi estuprada em setembro ,passado, no bairro da Freguesia do Ó, periferia de São Paulo O casal comunicou o fato à delegacia e Maria foi interrogada, , tendo que contar aos policiais todos os detalhes das três horas passadas no mato com os estupradores. Este é seu depoimento, como registra o livro policial*

"Que o elemento de cor preta que a vítima ficou sabendo neste Distrito Policial chamar-se Milton Lopes de Lima tirou, digo, começou a tirar sua roupa e colocou seu membro na boca da declarante, dizendo que se sujasse a sua roupa, ela iria se dar muito mal. Que a declarante não sabe precisar, por estar bastante nervosa e com muita vontade de vomitar se o mesmo se satisfaz. Que, um outro elemento o qual a vítima também de pronto reconheceu neste Distrito, o qual ficou sabendo chamar-se Edson Lucas de Almeida, queria por toda a força tirar a sua saia. Que Edson conseguiu seu intento. Que, esse tal elemento Edson queria manter relação anal com a declarante, e esta, por sentir dor, gritou muito. Que, o outro elemento que a declarante reconheceu — César Augusto Nazaré — levantava o sutiã da declarante e chupava o seu seio. Que, quem mais abusou da declarante foi Milton Lopes de Lima. Que este realmente também marcou muito o pescoço da declarante, como sua cintura. Que, todos esses três elementos diziam para a declarante que queriam fazer amor com ela e quando um se satisfazia sexualmente, o outro começava novamente. Que, a declarante presume que ficou na mão desses três elementos umas três horas. Que a declarante ficou completamente nua, e depois dos três elementos a deixarem colocar a roupa, de novo a tiraram e fizeram com ela. Que, o primeiro que se satisfazia sexualmente, pegava um pano e mandava a declarante se limpar e se assim ela não procedesse, seria morta. Que, a declarante acha que cada um desses elementos se satisfizeram duas vezes cada, além de bolirem em seus órgãos genitais. Que, todos os três elementos jogavam a declarante no chão e queriam que ela ficasse deitada em cima deles, inclusive dizendo que a declarante é muito boa."

Estupro pode dar 8 anos de cana

O estupro e suas variações fazem parte, no Código Penal, dos "Crimes contra os costumes".

***Estupro. Art. 213** — Constranger mulher à conjunção carnal, mediante violência ou grave ameaça. Pena: reclusão de três a oito anos.*

***Posse sexual mediante fraude. Art. 215** — Ter conjunção carnal com mulher honesta, mediante fraude. Pena: reclusão de um a três anos.*

***Sedução. Art. 217** — Seduzir mulher virgem, menor de 18 anos e maior de 14, e ter com ela conjunção carnal, aproveitando-se de sua inexperiência ou justificável confiança. Pena: reclusão de dois a quatro anos.*

***Formas qualificadas. Art. 223** — Se da violência resulta lesão corporal de natureza grave, a pena de reclusão vai de quatro a 12 anos. Se do fato resulta a morte, a pena vai de oito a 20 anos de reclusão.*

***Presunção de violência. Art. 224** — Presume-se a violência se a vítima: a) não é maior de 14 anos; b) é alienada ou débil mental e o agente conhecia essa circunstância; c) não pôde, por qualquer outra causa, oferecer resistência.*

Daí entende-se o seguinte: que o estupro não é caracterizado apenas contra a mulher virgem (isso é sedução que dá uma cana menor). Que enganar uma mulher para conseguir a chamada relação sexual, é crime. No caso (art. 215), o problema da promotoria vai ser explicar o que se entende por mulher honesta. E o da defesa, o que é fraude (engano).

Se a mulher for menor de 14 anos, não tem escapatória, pois a Lei considera irresponsável e sem vontade própria o menor de 14 anos.

Alyrio Cavallieri

Parece até que a lei está contra a vítima

Segundo o juiz Alyrio Cavallieri, titular da 18ª Vara Criminal do Rio de Janeiro, a maioria dos acusados que chegam à Justiça, e são poucos em relação aos acontecimentos, são absolvidos.

— É difícil caracterizar o estupro porque nesse tipo de crime quase não existem testemunhas. Os poucos casos que chegam à Justiça — na grande maioria dos casos a gente sabe que as mulheres preferem não se submeter ao vexame do inquérito e do processo em si — há uma dificuldade muito grande de se fazer a prova. No estupro, para que se configure o crime, exige que tenha havido um constrangimento por violência ou, então, por coação. E isso fica muito difícil porque nunca tem testemunha. Segundo o juiz, quase sempre a mulher é violentada duas vezes: na hora do estupro e, depois, diante do juiz, nesse caso uma violência moral.

— Tive dois casos em que foi necessário usar de energia para evitar que as perguntas dos advogados de defesa dos estupradores se constituíssem em terrível vexame para as vítimas. Como, para que se caracterize o crime, há necessidade da prova de que a mulher foi constrangida mediante violência ou grave ameaça, a defesa consiste em destruir a acusação de violência, através da prova de que a mulher não resistiu, não fez oposição ao assédio.

Furar olhos, castrar, eram os castigos antigamente

Adalberto Pereira da Silva está preso na Casa de Detenção de São Paulo. A repórter Leila Reis foi ao presídio pra conversar com estupradores. Conheceu Adalberto (que não é). No dia seguinte, ela recebeu em casa uma carta dele. Além da cantada, o preso conta como são os estupradores e manda uma pesquisa feita na biblioteca da prisão sobre a punição ao estupro desde os tempos bíblicos.

"Não sou, e nem me aproximo de tal, nenhum expert no assunto" — diz Adalberto na carta — "mas por razões que deixarei de mencionar tenho contato com inúmeros indivíduos que nas mais variadas formas de coação praticaram atos sexuais normais e anormais, tendo como vítimas não somente mulheres adultas, mas sim pequeninos seres de tenras idades, de ambos os sexo, inclusive meninos, na faixa de 4 anos para cima. Só este fator é suficiente para provar que tais indivíduos (os infratores) são doentes mentais e como tal devem ser tratados."

"Ressalte-se que estes mesmos indivíduos que praticaram o sexo violento, via de regra contra vítimas infantis, já tiveram experiências sexuais normais e assim, no meu entender, só uma enfermidade mental o fez (ou faz) praticar o ato vil, porque não se concebe alguém em sã consciência pensar em satisfação sexual com um ser de 5.6 anos de idade."

"Os povos antigos reprimiram o estupro. Na legislação hebraica, aplicava-se pena de morte ao homem que violasse mulher desposada, isto é, prometida em casamento. Se se tratasse de virgem, porém não esposada, devia ele pagar 50 ciclos de prata ao pai da vítima e casar com ela."

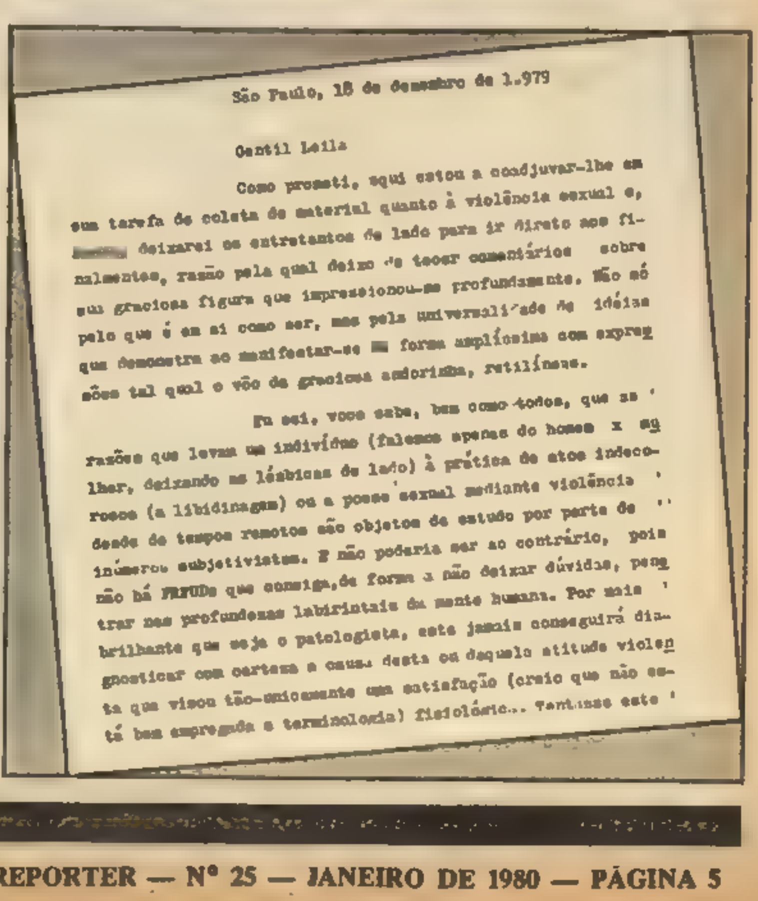
No Egito, a pena era a mutilação do membro . Na Grécia, primeiramente era imposta simples multa, depois acrescida da pena de morte. No Direito Romano, a violência carnal também tinha pena de morte, como no Direito germânico, espanhol e inglês. No Direito Germânico, era míster que a ofendida fosse virgem; em mulher deflorada não podia ocorrer esse crime. Na Espanha, a lei dava aos parentes da vítima o direito de matar o ofensor. E na lei inglesa, a punição com morte foi depois substituída pela castração e vazamento dos olhos".

"Durante os dois primeiros séculos após do Descobrimento, o estupro no Brasil punia-se com a morte. Como está nas Ordenações do Livro V, título XVIII, sob a rubrica do que dorme per força com qualquer mulher, ou trava dela, ou a leva per sua vontade:

Todo homem de qualquer estado e condição que seja, que forçosamente dormir com qualquer mulher, posto que ganhe dinheiro por seu corpo, ou seja escrava, morra por ello".

"Em 1830, o código mudou um pouco. No artigo 22 está escrito: Ter cópula carnal por meio de violência ou ameaça com qualquer mulher honesta — pena prisão por três a doze anos, e de dotar a ofendida."

"Já em 1890 a pena caía para três a oito anos de prisão, o que continua valendo até hoje."



São Paulo, 18 de dezembro de 1.979

Gentil Leila

Como prometi, aqui estou a coadjuvar-lhe em
sua tarefa de coleta de material quanto à violência sexual e,
[illegible] deixarei os entretantos de lado para ir direto aos fi-
nalmentes, razão pela qual deixo de tecer comentários sobre
sua graciosa figura que impressionou-me profundamente. Não só
pelo que é em si como ser, mas pela universalidade de idéias
que demonstra ao manifestar-se [illegible] forma amplíssima com expres-
sões tal qual o vôo de graciosa andorinha, retilíneas.

Eu sei, voce sabe, bem como todos, que as
razões que levam um indivíduo (falemos apenas do homem x mu-
lher, deixando as lésbicas de lado) à prática de atos indeco-
rosos (a libidinagem) ou a posse sexual mediante violência
desde de tempos remotos são objetos de estudo por parte de
inúmeros subjetivistas. E não poderia ser ao contrário, pois
não há FREUDs que consiga, de forma a não deixar dúvidas, pene-
trar nas profundezas labirintais da mente humana. Por mais
brilhante que seja o patologista, este jamais conseguirá dia-
gnosticar com certeza a causa desta ou daquela atitude violen-
ta que visou tão-sòmente uma satisfação (creio que não es-
tá bem empregada a terminologia) fisiológica... Tentasse este

No Recife, 80% dos casos de lesão têm sexo no meio

Nas diferentes delegacias de bairro da cidade do Recife, os responsáveis são unânimes em afirmar: olha, violência sexual acontece muito por aí, mas aqui na delegacia chegam poucos casos.

E o quadro não é muito diferente nas delegacias especializadas.

O delegado de Roubos e Furtos, Roldão dos Santos, diz categoricamente: os exemplos que eu tenho aqui nos meus seis meses de trabalho me permitem afirmar que estes casos não chegam a cinco por cento das ocorrências registradas.

Mas ele conta também que, no mesmo dia, tinha sido liberado um assaltante, com várias entradas na polícia, inclusive um latrocínio. Algumas semanas antes o rapaz, num assalto, estuprou uma moça "noiva e de família ilustre", mas a família insistiu para que o incidente não fosse registrado, embora ele tivesse confessado o estupro no inquérito. O delegado acha que este é um "aspecto sábio" da lei referente à violência sexual, porque "às vezes, um inquérito destes estraga mais a vítima, do que se o caso ficar em branco".

A única excessão entre as diferentes delegacias da cidade é, sem dúvida o primeiro distrito que cobre o bairro do Recife. Segundo o delegado Lamartine Correia, há dois anos na área e com orgulhosos 15 anos de cargo, 80% das 450 lesões corporais que chegam ao seu conhecimento, mensalmente, são de origem sexual. Ele acha normal porque "a área é muito propícia, visto que é onde vivem estas mulheres que procuram vender a carne do seu corpo".

Embora atuando num lugar onde, a rigor, são cotidianamente perpetradas agressões ao corpo da mulher, o delegado diz que a violência predominante não é do homem sobre a mulher, mas sim proveniente dos homossexuais e lésbicas "que são muito ciumentos, capazes de um ciúme doentio e de praticarem crimes sexuais muito bárbaros".

O delegado Lamartine acredita que a violência sexual está aumentado, e muito, não só no Recife como no país inteiro. Ao identificar as causas ele fala da televisão, mas acrescenta:

— Hoje em dia nós podemos dizer que 80% das nossas jovens não são mais

Fotos de Eduardo Homem e Sônia Correa

A menina de camiseta e saia foi violentada. A família fez ela contar a história

Delegado Roldão dos Santos: o melhor é o caso ficar em branco

Dona Maria de Lurdes, o que é sexual?

virgens e daí vem a concorrência com as mulheres profissionais. Além disso, os homens jovens já não têm mais a sensação do homem maduro. O homem de antigamente era realmente másculo, procurava conquistar a mulher através do amor e de histórias bonitas. Hoje em dia eles não estão acostumados... As mulheres andam, assim, despidas. Eles vêem a mulher tão despida e descoberta que acabam procurando outros artifícios.

Ele também afirma que hoje em dia tem mulher tarada:

— Olhe, eu tenho visto até caso de estupro de mulher para com homem, porque estamos no século XX e tudo é possível. Encontramos moças que saem de carro por aí raptando homens para ter relações sexuais".

Certamente o delegado não saberia responder como é que se obriga a um homem a ter uma ereção.

Estranhamente, a opinião do delegado Lamartine não é tão isolada ou policialesca como poderia parecer. Várias pessoas entrevistadas nas ruas do Recife concordam com ele.

É o caso de José Batista dos Santos, 43 anos, cobrador de ônibus. Ele não hesitou em afirmar que "a culpabilidade é do sexo feminino porque anda se oferecendo demais por aí."

Embora esteja apenas coberto, o formulário das carnes anda aparecendo. E se minha filha fosse estuprada, sendo o problema este que eu estou falando, era problema dela. A mulher deve se corrigir, andar coberta, composta e sem estar se oferecendo. Elas saem por aí mostrando o formulário, os elementos pela rua não se agüentam e aí já viu né?" —

A opinião de Edson Marques, soldado da PM, não foi muito diferente. Depois de dizer que era coisa de anormal, que acontecia nos subúrbios, no meio de pessoas sem cultura, ele acabou dizendo, confessando:

— Pra falar mesmo sério, no nosso ambiente existem pessoas que dão um certo motivo, tá entendendo?

Mas a grande surpresa foi mesmo o que disse Betânia, moça bonita de 23 anos, entrevistada saindo da praia em Boa Viagem.

— Olhe, eu acho que 50% da população hoje em dia é agredida sexualmente, e são os homens. Hoje em dia, as mulheres precisam mais de sexo que o próprio homem. Violência sexual em cima da mulher, só quando é caso de marginal, mas o que eu estou falando é de uma mulher querendo ter sexo com um homem e saindo atrás dele. Se fosse o homem não era agressão, porque ele precisa mais. A mulher na cama é fingida... Nem todas, eu mesmo faço por prazer, quando estou a fim telefono, mas acho uma agressão, porque veja só, o coitado tá em casa dormindo sossegado...

Já Dona Maria de Lurdes, vendedora de acarajé, ficou assustada com a pergunta. Chegou até a perguntar o que era sexual. Depois de entender disse:

— Se acontece é porque a mulher dá cabimento; outras vezes é porque homem é assim mesmo... porque é homem.

Se a filha de dona Lurdes fosse estuprada, ela nem levava pra polícia.

— O negócio tinha de ficar assim mesmo, porque justiça aqui não existe, justiça aqui é dinheiro.

No Morro da Conceição, em Casa Amarela, uma senhora entrevistada nos levou correndo pra casa, dizendo: "foi até bom ter aparecido essa pesquisa, parece até que vocês adivinharam!"

Acontece que no dia 15 de dezembro, num sábado, a sobrinha de dona Marina, quando saía de uma festa foi atacada por cinco rapazes da redondeza, inclusive conhecidos da família. A moça, de 16 anos, não queria falar, estava envergonhada. Mas com a família toda em volta, insistindo, falou o necessário:

— Eles me seguiram, botaram revólver, eu não podia gritar e ainda me levaram 250 cruzeiros. Tiraram a minha roupa e me mandaram nuinha pra casa.

No dia seguinte os rapazes foram à casa da moça e fizeram ameaças, caso fossem denunciados.

Ainda em Casa Amarela, mas fora dos morros, tem um lugar conhecido como Beco da Facada. Perto, tem um descampado, com um atalho que liga as duas ruas mais importantes do bairro: a avenida Norte e a Rosa e Silva. Eliane, enfermeira e que já trabalhou no Manicômio Judiciário, mora do lado do atalho e conhece todos os tarados que freqüentam a área.

— Eu só faço ver... Ele fazendo as cenas ali no meio do mato.

Mais violenta é a história, contada por um advogado de ofício a respeito de um caso ocorrido em Palmares, sertão Pernambucano, há três anos. O companheiro de uma cortadora de cana ficou em casa, sozinho, com a filha da mulher, de seis meses. Como a criança começou a chorar ele resolveu niná-la e durante o acalanto foi se excitando, teve uma ereção e acabou estuprando a criança, que morreu. Ele está preso no Manicômio Judiciário.

SUJEIRA

• Todo dia se vê tarado em Jornal. Maníaco, debilóide, 30 estupros nas costas. Põe em cana. E não tem explicação. Estuprou porque estuprou, é doente. Uma exceção na sociedade. Que ilusão. De repente, você fica sabendo de histórias de estupros na família, entre amigos, entre pessoas aparentemente sadias, alegres, inteligentes. E começa a ver que não é tão exceção o estuprador. Não adianta ficar prendendo estuprador e achando que com isso o estupro vai acabar. O estupro vai existir enquanto existir a repressão sexual. Enquanto as pessoas forem impedidas de viver o sexo como coisa normal.

Debate
ESTUPRO

Abuso dos machões é condenado pelas mulheres

Sete mulheres da Zona Sul do Rio de Janeiro, todas com curso superior ou fazendo faculdade, participaram de um debate sobre violência sexual organizado pelo REPORTER. Duas delas, Eliana e Maria (nome fictício, pois pediu para não ser identificada), foram violentadas e seus casos estão no início desta reportagem. Aqui, suas principais opiniões sobre o assunto.

Glória — Eu estava em Paris na época em que a Eliana foi violentada e há uma coisa que eu acho importante colocar, que é a diferença de reação das mulheres brasileiras, que, ao saberem do caso, perguntavam "por que você foi pegar carona sozinha?", enquanto as mulheres francesas tinham logo uma consciência diferente do problema, tipo "porra, ela foi violada, vamos nos mobilizar para fazer alguma coisa". E fizeram, acompanhando o julgamento, apoiando, ajudando. Aqui, a realidade é outra, você tem é Doca Street sendo absolvido e um grupo pequeno de feministas com apoio apenas da imprensa nanica, e olhe lá.

Estela — Eu acho que o mais importante é iniciar uma campanha feminista, demonstrando a todas as mulheres, e homens também, é claro, que ninguém pode passar a mão na sua bunda se você não quiser, que ninguém pode tirar a sua roupa se você não quiser, que ninguém pode te convidar a ir pra cama, ou te dizer que você é gostosa, se você não demonstrou estar a fim de tais intimidades.

Glória — Para mim fica cristalino que é uma luta por mudanças sociais, uma luta pelo poder. O estupro apenas consubstancia uma violência diária contra a mulher, no trabalho, nas ruas. É uma luta contra mil poderes que você já enfrentou, desde pequena, contra o primo machão, contra o irmão. Agora, como dar a volta por cima?

Cuca — A violência contra a mulher está na frase cotidiana "deu pra fulano por que não vai dar pra mim?" É a frase que mais caracteriza a mulher como objeto, como objeto de uso sexual pelo homem.

Eliana — No meu caso, procurar outras mulheres e discutir o problema de violência sexual foi uma forma de botar isso pra fora, de perceber o meu caso pessoal dentro de um universo maior, a violência cotidiana contra a mulher, como você chegar num botequim pra comprar um cigarro e ouvir "que bundão".

Vocês não acham que se deve denunciar o estupro?

Glória — Eu concordo plenamente, deve denunciar, apenas lembro das dificuldades para se conseguir isto aqui no Brasil. Existe uma relação entre a atitude individual e o apoio de um movimento. Volto a citar o caso Doca Street. Então o cara vai e dá quatro tiros numa mulher... e o que acontece no julgamento? Aquela palhaçada com apoio da grande imprensa.

Cuca — Acho que há uma diferença muito grande entre o assalto seguido de estupro e o estupro puro e simples. Este último mostra mais ainda o problema específico da mulher. Entre um tarado que te ataca na rua e um assalto há uma diferença muito grande. Neste último, fica flagrante que a violência é fruto das desigualdades sociais, dos desníveis gritantes existentes na sociedade brasileira.

Estela — A barra é outra, nego usa a condição da mulher muito mais como uma humilhação de classe. Estupra sabendo que ainda está humilhando mais o assaltado, aquele de quem você está tirando alguma coisa, tira então mais ainda, a intimidade da mulher.

Eliana — Outro dia eu estava andando na rua e o cara falou: "200 cruzeiros pra te chupar". Eu fiquei enfurecida. Nego se acha no direito de te olhar como se você fosse um sanduíche. Você conta, as pessoas riem. Não fica tão claro, assim contado, que é uma puta violência. O homem tem sempre o papel dominante. É o homem que vai conduzir a relação sexual. Não passa sequer na cabeça da mulher dizer: "assim não, eu quero assado". A sexualidade é definida em função do homem. Não é à toa que os manuais de biologia e de anatomia até hoje não têm clitóris. Nego elimina cientificamente a sexualidade feminina.

Lena — Numa pesquisa que eu fiz no Mangue, a maioria das mulheres tinha sido violentada, ou pelo próprio pai, ou pelo namorado, sendo depois expulsa de casa e caindo na prostituição. Também é muito comum a empregada doméstica violentada pelo filho do patrão ou pelo próprio patrão e, em seguida, ser mandada embora. Isto vai se repetindo seguidamente, até ela cair na vida. O problema da violência sexual assume proporções maiores entre as classes menos favorecidas, sendo comum o estupro de meninas de dez anos nas favelas.

Estela é contra a posição tipo "morro, mas não dou". As outras mulheres também condenaram o comportamento sexual do brasileiro

Lena — Eu acho que violência é você não poder ir ao centro com uma camiseta decotada, é você ter de pegar um táxi pra se livrar de um cara que te persegue.

Estela — A violência sexual contra a mulher tem muitas formas. Não vai ser pela repressão sexual pura e simples que a gente vai explicar o caso da mulher que esta semana foi morta com oito facadas (Angélica, morta na Gávea, RJ). A violência sexual contra a mulher é exercida constantemente.

Eliana — Logo que eu voltei, eu me revoltava por ver que algumas pessoas esperavam que eu estivesse com o nariz de cabeça para baixo por ter sido currada.

Maria — Você não se sentiu impotente pra cacete? Muitas vezes eu sentia raiva por não ter reagido, por não ter mordido o peru do cara.

Eliana — Eu saí viva e inteira, isso é o que importa. Depois, eu também sonhava que pulava do carro, dava um golpe de karatê no cara... mas hoje eu tenho certeza que agi certo e, por isso, estou aqui, viva. Ao invés de ficar me culpando, passei a pensar da maneira correta, culpando o verdadeiro culpado, esta merda de sociedade, estes homens machistas... Só depois de discutir muito foi que eu me conscientizei de ter feito o mais acertado.

Estela — A culpa tem a ver com aquela história de defender a honra até a morte, que nos incutiram na infância, você ter de morrer como Santa Maria Gorette. Aquela história de que você morre, mas não dá.

Reportagem de Álvaro Costa Filho e Chico Júnior (Rio), Alex Solnik, Leila Reis e Maria José Arrojo (São Paulo), Eduardo Homem, Luisa Vasconcelos e Sônia Correa (Recife).

Debate

MACONHA LIVRE! MACONHA LIVRE? MACONHA LIVRE...

Jurista diz que fumar maconha não é crime

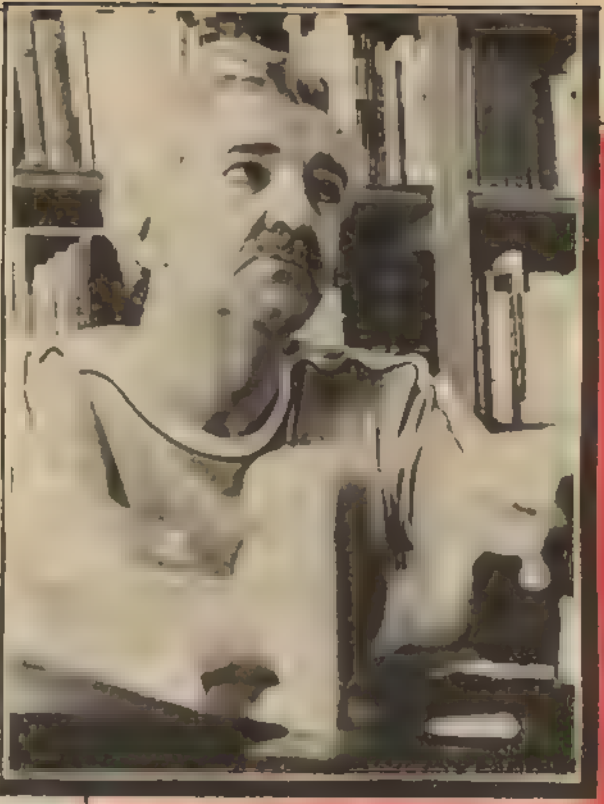


Foto de Custódio Coimbra

1

Com a publicação da matéria "Maconha no pacote contra a inflação", em maio do ano passado, **REPORTER** iniciou a discussão sobre o mercado e a utilização da "erva maldita", mostrando que seria uma boa para o país começar a exportar maconha para os Estados Unidos, o maior consumidor mundial da erva. No número passado, em reportagem feita em quatro Estados, mostramos que atualmente se fuma no país cerca de cinco toneladas de maconha por dia (a partir das pesquisas do professor paranaense Heber Vargas), movimentando a importância aproximada de Cr$ 25 milhões. Um mercado que já dá emprego a um grande número de pessoas, exatamente como no jogo de bicho.

O que a maconha movimenta no Brasil em termos de dinheiro, ainda é pouco em relação à Colômbia (o maior exportador dos Estados Unidos) e aos mercados norte-americano e europeu. Mas já mostra uma institucionalização da droga e a importância de começarmos a discutir a sua liberalização, mesmo parcial (como acontece nos Estados Unidos, Colômbia, Holanda, Dinamarca, Inglaterra e outros países), pois é a única maneira viável de esclarecer melhor à sociedade, principalmente a juventude sobre o que representa na realidade a tal da diamba. Além disso, vai permitir um melhor controle da droga, como acontece com o álcool, o que poderá impedir sua utilização pelos adolescentes.

E é talvez em cima da institucionalização do uso da droga que o jurista Heleno Fragoso acha que não deve ser considerado crime o uso da maconha.

— Acho que não se deve incriminar o uso da maconha, ou seja, não se deve prender, fazer processo e mandar para a cadeia quem usa a maconha. E essa tendência hoje é generalizada, embora não seja ainda a solução da nossa lei. Na nossa lei ainda é crime. No Brasil nós temos uma mentalidade muito repressiva, que prevalece em relação às pessoas que têm o poder de fazer as leis. Não vejo como muito provável que a situação no Brasil se modifique num futuro próximo.

Mas mesmo criticando a severidade da lei, Heleno Fragoso acha que não se deve regulamentar o uso da maconha.

— A solução da nossa lei atual é uma solução que deve ser mantida porque é mal usar maconha, como é mal usar toda substância dessa natureza.

Já o juiz criminal João de Deus Menna Barreto, um dos autores da atual Lei de Repressão aos Tóxicos, diz que a institucionalização ou o aspecto econômico da maconha não devem ser condicionantes para uma legalização ou regulamentação do uso.

— Se existe alguma substância que faça mal, que prejudique a saúde, nenhuma medida governamental justificando a entrada de divisas para o país, no caso de exportação, deve ser tolerada, deve ser aceita, porque em primeiro lugar está a saúde do povo. Quero dizer que, embora esteja sempre aberto para discutir qualquer tentativa, em qualquer sentido, de modificação da lei, por enquanto sou radicalmente contra porque estou embasado numa posição científica.

2

Foto de Rogério Carneiro

Mas a Associação Nacional de Instituições Financeiras (ANIF) da Colômbia não se preocupa muito com o dado científico e acha que o econômico deve prevalecer numa eventual legalização da maconha. Em abril do ano passado ela sugeriu ao presidente colombiano Turbay Ayala a legalização total da maconha para permitir que as exportações para os Estados Unidos, feitas clandestinamente, passem a representar divisas para o país. Um problema com o qual o Brasil ainda não está se preocupando.

Dentro da discussão sobre a legalização, aparece a revisão da atual Lei de Tóxicos (Lei 6.368, de 21/10/76), principalmente no que se refere ao tráfico (art. 12) e ao uso (art. 16), que dá uma pena menor, com direito a sursis. Atualmente, procura-se caracterizar o tráfico pela quantidade apreendida. Só que, em muitos casos, um grupo de pessoas se reúne numa espécie de cooperativa; cada um dá uma certa quantia em dinheiro e compra-se um peso grande, para evitar o risco de ter que comprar fumo freqüentemente numa boca. Assim, um ou dois do grupo se deslocam para um bairro de periferia (onde a maconha é sempre mais barata) e compra, por exemplo, um quilo para ser dividido. Não é tráfico, com o que concorda Menna Barreto. Mas segundo a polícia, é tráfico, pois com um quilo na mão ninguém pode alegar que é para uso próprio. Sobre isso, fala Heleno Fragoso:

— Os critérios usados para se condenar ou absolver alguém são pragmáticos e extremamente defeituosos e que facilmente conduzem a erros. Os critérios de quantidade são critérios enganosos. Por isso, eu acho muito importante a personalidade do agente, que poderá conduzir a outros indícios sobre a sua condição de usuário ou sua condição de traficante.

E a principal culpada de alguém chegar à Justiça enquadrado em artigo errado é a polícia, como diz Menna Barreto.

— O primeiro problema é que a polícia não tem exercido aquilo que a lei dá a ela para fazê-lo, isto é, os parâmetros. Parece até que não existem parâmetros. Muitas vezes, pela quantidade da droga, alguém é incriminado como traficante. Por isso, uma de nossas lutas é procurar conscientizar a autoridade policial. Em muitos processos, sucintamente é dito: foi encontrado com tanta quantidade de maconha, ou de qualquer outro tóxico. Então, está classificado no art. 12, do tráfico, quando não é isso. A autoridade tem que examinar caso por caso, com base nos parâmetros que a lei determina no artigo 37.

Pode ser que a liberação da maconha traga alguns problemas, mas a grande e principal vantagem é que será possível uma campanha de esclarecimento real da droga. O que é, o que faz, o que representa social, política e economicamente, que pontos do organismo e da mente ela atinge.

Luis Augusto Marinho Falcão, 23 anos, estudante de Economia da Universidade Federal de Pernambuco e vice-presidente da UNE para o

Nordeste não tem uma posição definitiva sobre a legalização.

— Não sei se a legalização vai resolver o problema porque o tráfico de drogas envolve muita gente importante, gente dos altos escalões do governo. Essa gente enriquece em troca de proteção a quem os faz enriquecer. Acho que a solução seria, primeiro, mudar o sistema social, tentar eliminar a corrupção que existe, acabar com os privilégios, e só então legalizar as drogas. Aliás, numa sociedade mais livre não ia nem precisar legalizar nada porque o cara ia fumar ou beber por puro prazer e não como uma válvula de escape. Mas quero deixar bem claro que não concordo com a discriminação e a repressão que se faz hoje contra os consumidores de maconha. E que se pintar mesmo uma possibilidade de legalização, possivelmente lutarei a favor dela.

A maconha é uma droga, um tóxico, tem um princípio químico ativo que produz determinados efeitos no comportamento humano. Isso todos nós sabemos, mas não basta para entendermos o complexo problema da utilização da **cannabis**.

Atenção: 1 quilo na mão não quer dizer tráfico

Devíamos entender, por exemplo, que ela não é tão ou mais perigosa do que várias outras drogas de utilização normal, como o tabaco, o álcool e até mesmo o antibiótico. Sobre isso, o Conselho Regional de Farmácia de São Paulo há alguns anos publicou um boletim sobre drogas, onde se lê o seguinte no capítulo "Potencialidade da maconha":

"Após inúmeras pesquisas realizadas concluiu-se que a maconha possui toxidade bem inferior à do ópio e da cocaína, por exemplo, e mais fraca, sob certos aspectos, até à do álcool".

Mas o mais interessante é que na discussão maconha/álcool, a tendência é justificar o uso do álcool por ser uma droga milenar e socialmente aceita, como diz Heleno Fragoso.

— O álcool sempre foi socialmente tolerável, o que não acontece com a maconha, que ainda é usada por certos grupos marginalizados.

Menna Barreto também concorda que a maconha pode ser mais fraca do que o álcool, mas isso não justifica a sua legalização.

— A maconha pode até ser menos perigosa do que o álcool, mas nem por isso ela deixa de ser perigosa e danosa à saúde pública. Veja bem, a lei tem uma obrigação e deve representar o estuário das manifestações intrínsecas da coletividade, num determinado momento histórico. E nesse determinado momento histórico nós estamos sentindo que é preciso reprimir realmente o uso da maconha porque, além de tudo, experiências têm mostrado que a maconha produz um alcatrão duas mil vezes superior ao alcatrão do cigarro comum. Casos de câncer têm sido detectados em muito maior número do que no cigarro comum.

Além de garantir que maconha provoca câncer, Menna Barreto a compara com o LSD, dizendo que o princípio químico ativo de um (THC) é o mesmo do outro, sem respeitar, porém, a diferença de potenciação de cada droga. E diz, ainda, que desconhece qualquer aplicação terapêutica da erva. Mas recentemente a Califórnia, Estado pioneiro na legalização nos Estados Unidos, iniciou um programa médico em que prevê a utilização experimental da maconha, durante cinco anos, em pacientes com câncer e glaucoma. Os médicos americanos concluíram que fumar maconha alivia o enjôo que acompanha o tratamento quimioterapêutico do câncer, além de proporcionar efeitos benéficos nos pacientes com glaucoma.

Para ilustrar, temos o caso do estudante norte-americano, Robert Randall, que sofria de glaucoma e começou a perceber que, coincidentemente, toda vez que dava seus tapinhas, sua visão parecia clarear. Randall, que tinha uma mini-plantação em casa, foi preso, mas recorreu à Justiça e ganhou. Hoje, tem direito a uma cota permanente e legal da droga. Está provado, também, e isso há pelo menos um século, que a maconha é um excelente remédio para a asma e bronquite. Em 1868, o jornal Diário do Povo, publicava um anúncio dos "Cigarros Indios de Cannabis Indica", recomendados para a cura de diversas doenças das vias respiratórias: asma, tosse nervosa, tísica, laríngea. Hoje em dia, vira e mexe os jornais e revistas publicam notícias, ratificando que a maconha cura asma e bronquite.

E tem mais: o químico colombiano Jaime Posada Valência, chefe do Departamento de Toxicologia da Polícia de Medelin, declarou, em agosto de 1972, que a maconha, aplicada externamente, pode curar a artrite. Os resultados positivos conseguidos por um grupo de cientistas atingiu os 90% dos casos.

Em compensação, outras correntes científicas afirmam que a maconha (**consumida em grandes doses**; no caso, de cinco a 12 cigarros por dia, em laboratório) podem esterelizar o homem ou fazê-lo procriar filhos anormais. Isso, segundo um estudo feito pela Universidade de Columbia (Estados Unidos) que diz, ainda, que o THC reduz a imunidade orgânica às enfermidades.

Em maio de 1978, um grupo de cientistas da Universidade da Califórnia divulgaram que fumar cerca de três cigarros de maconha por semana, durante longos períodos, pode causar danos significativos aos pulmões, danos bem maiores dos que os causado pelo tabaco.

Outros cientistas afirmam que o THC queima glicose (daí a necessidade de açúcar e a fome) e fosfato, provocando perda de memória (haja peixe no mercado, para compensar).

Sobre o aspecto científico da maconha, onde existem muitas controvérsias, o médico francês Claude Olievenstein (considerado uma das principais autoridades européias em drogas e recuperação de viciados, diz o seguinte:

"A periculosidade médica propriamente dita da maconha é sujeita a controvérsias científicas, depois de dezenas de anos de pesquisa e todos os argumentos, a favor ou contra, vindos dos laboratórios, não são de todo convincentes. O fato é que existem milhões de pessoas que fumam maconha há várias gerações, sem perigo aparente. Se as pessoas fumam maconha é porque ela produz efeitos, é claro. Esses efeitos são positivos e negativos. Os efeitos positivos são o prazer, a euforia, a distensão, a percepção artística. Os efeitos negativos (em caso de consumação intensiva) são a desmobilização pessoal e coletiva e, segundo certos especialistas, problemas de síntese mental e de memória".

De maneira geral, Olievenstein reconhece que a maconha não é tão perigosa no campo médico, mas se opõe à sua legalização no plano social, principalmente no que se refere à utilização por menores de idade. Para ele, o grande problema da droga não é a droga em si mas justamente o problema social que leva o indivíduo a fumar maconha, cheirar coca, injetar heroína na veia.

Fumo cura glaucoma, asma e alivia a dor do câncer

Em artigo assinado no jornal francês **Le Matin**, Olievenstein disse que "o indivíduo não chega às drogas duras através das drogas leves, como querem muitos, mas através dos problemas sociais que o levaram à primeira droga, seja ela qual for".

É claro que a maconha, sendo a mais barata e a que existe em maior oferta no mercado, deverá ser, quase sempre, a primeira. O que não significa dizer que todas as pessoas que fumam maconha vão usar obrigatoriamente, cocaína ou heroína.

Atualmente, com o tráfico desenfreado e incontrolável no Brasil, os traficantes estão atingindo todas as faixas etárias, principalmente os adolescentes dos grandes centros urbanos, que carregam uma carga muito pesada de problemas sociais e/ou familiares. Nesses casos, e em outros parecidos, a maconha deixa de ser um grande barato para ser uma enorme fuga. E, aí sim, pode ser perigosa e provocar a tal da dependência psicológica (está provado que a maconha não provoca dependência física), capaz de marginalizar ainda mais esses jovens.

E nessa discussão toda, com mil controvérsias sobre o que a maconha pode ou não fazer com as pessoas, tem até a afirmação do delegado de Entorpecentes de Pernambuco, Tito Aureliano, orgulhoso membro da Associação Internacional de Repressão às Drogas.

— Sabia que 80% das mulheres viciadas em maconha viram lésbicas e os homens se tornam bichas. Quer dizer, não fica bem sair por aí apregoando a legalização porque pega muito mal.

MACONHA LIVRE...

Direito de puxar é defendido por deputados

Quatro deputados ouvidos em São Paulo mostraram uma posição bastante aberta em relação à legalização da maconha e alguns foram até favoráveis.

O deputado João Batista Breda, psiquiatra clínico, autor de alguns trabalhos onde cita dados do consumo da maconha nos Estados Unidos, fala sobre o assunto:

— Não vejo condições de se legalizar a maconha, sem se discutir amplamente o assunto. Acho que esse problema tem que ser encarado seriamente, como todos os demais problemas das minorias raciais — homossexualismo, drogas em geral e aborto. Sou mais pelo uso do termo discriminalização em vez de legalização, como fez o presidente Carter nos Estados Unidos no documento que remeteu ao Congresso recentemente.

O deputado João Batista Breda acha que o consumo da maconha dá-se na classe média, ao contrário do que vive apregoando a impresa, que tenta fazer com que todo mundo pense que é o jovem de menor aquisitivo que consome a erva. Cita como exemplo os debates que são freqüentes nos Lyons e Rotarys da vida sobre a questão, uma prova de que são os filhos desses senhores que consomem a maconha.

— No fundo, no fundo mesmo é aquela velha questão: o sujeito fuma maconha como uma forma de contestar a sociedade, de se revoltar contra a sociedade consumista, a falta de liberdade, de democracia, de uma série de coisas. Numa mesa-redonda feita em 1972, na Escola Paulista de Medicina, os médicos chegaram à conclusão de que a maconha não é legalizada devido à pressão feita pelas indústrias de tabaco.

— Maconha cura glaucoma e asma brônquica. Há experiências, inclusive, de seu uso no tratamento da epilepsia. Entretanto, a legislação brasileira impede que se faça experiências desse tipo, quer dizer, impede que se use o ser humano como cobaia, ou como eles dizem **anima nóbili**. Trata-se de uma restrição na lei, assim como no Irã a maconha e a cocaína são liberadas, ao passo que o álcool é proibido, está tudo no Alcorão. É, portanto, uma restrição cultural — concluiu Breda.

O deputado Fernando Moraes disse que sua mulher já trabalhou com a maconha e seus efeitos, na qualidade de psicofarmacóloga, e garantiu que a maconha não altera ninguém nem física nem psicologicamente. Quanto ao problema da legalização da erva ele disse:

— Se for para se tentar solucionar um problema social, policial, aí sim, poderíamos até discutir.

Foto de Wagner Avancini

Breda: o assunto tem que ser discutido amplamente

Foto de Hélio Campos Mello

Airton: o comércio da maconha poderia ser perfeitamente legal

Para o Deputado Geraldo Siqueira, a legalização da maconha acabaria com o Esquadrão da Morte o gangsterismo da polícia, a corrupção. Ele também cita dados da ONU, que não classifica a maconha como droga, ou algo que não causa danos para a saúde.

O deputado federal Airton Soares defende a legalização:

— É óbvio que o Brasil tem problemas maiores do que esse: miséria, fome, analfabetismo. Mas são problemas decorrentes de toda uma estrutura social. O problema do uso e posse do entorpecente, especificamente a maconha, é um problema gerado por uma legislação superada, e que se torna uma problema social na medida em que transfere para a clandestinidade um comércio que que poderia ser perfeitamente legal.

Os empresários tidos como liberais, como José Midlin (Metal-Leve) e Laerte Setúbal Filho (Duratex), ligados à área de exportação, se recusaram a dar entrevista sobre o assunto. Midlin mandou avisar, através de sua secretária, que não seria possível falar sobre a possibilidade de se exportar maconha, e Setúbal sequer atendeu, ao ouvir o nome do jornal. O jurista Godofredo da Silva Telles procedeu do mesmo modo: não quis dar entrevista ao **REPORTER.**

Fumo legal tira a boca do traficante

De maneira geral, os traficantes são contra a legalização, pois com ela a distribuição de fumo vai passar para as mãos das grandes empresas, e a bandidagem, que controla o tráfico, vai ter que passar para outro campo marginal, como o assalto. Assim, alguns entrevistados disseram que, com a legalização, a criminalidade poderá aumentar ainda mais.

Por razões mais ou menos parecidas, a polícia também é contra a legalização, das mesma maneira que é contra a legalização do jogo do bicho. A razão é simples: para poder se desenvolver normalmente, o tráfego de maconha contribui, e muito, para aumentar a renda dos policiais. Atualmente, toda boca que se preze paga uma espécie de imposto para a polícia, para evitar problemas. Tranqüilamente, os carros da lei passam pelas bocas, principalmente as bocas do asfalto, e vão recolhendo a grana. Então, é claro, são contra a legalização, pois a sopa vai acabar.

Voltando à bandidagem, um traficante carioca, que esteve preso durante três anos no presídio Evaristo de Morais (o Galpão da Quinta da Boa Vista, onde montou uma boca de fumo), diz porque é contra a legalização.

— Em primeiro lugar, acho que ainda vai demorar muito para a maconha ser legalizada e quando isso acontecer os vaposeiros vão acabar porque a distribuição não vai mais estar na nossa mão. Hoje em dia, já é difícil pegar uma coisa boa, por causa das misturas. A legalização vai fazer com que se misture mais folhas, cocô de boi, terra e químicos do fumo. Já pensou você comprar num boteco um baseado industrializado pela Souza Cruz? Não vai dar barato nenhum, meu irmão, isso eu garanto.

Acusado de formação de quadrilha (art. 288) — roubou seis revólveres de uma firma de segurança, onde trabalhava, para montar uma boca de fumo no morro do Preto Forro, no Méier — continuou no ramo dentro do próprio presídio, dada a "facilidade e disposição contou que a maconha entra normalmente nos presídios, através dos próprios funcionários ou das visitas.

— No meu caso, quem trazia era um garoto, minha "mulher", que estava no meu cubículo. Ele dizia que ia ao médico para tratar dos hematomas que eu mesmo fazia durante os jogos de futebol (na cadeia, futebol não tem juiz, o bicho come solto) e pegava o bagulho com a minha irmã.

No Galpão há maiores dificuldades para se fumar ou traficar drogas e sempre rola uma brisola (cocaína) ou um bagulhinho (maconha).

— Há seis meses, eu vendia um baseado por um galo (Cr$ 50,00). Era do tipo "urigueler", entortava até chave de cadeia.

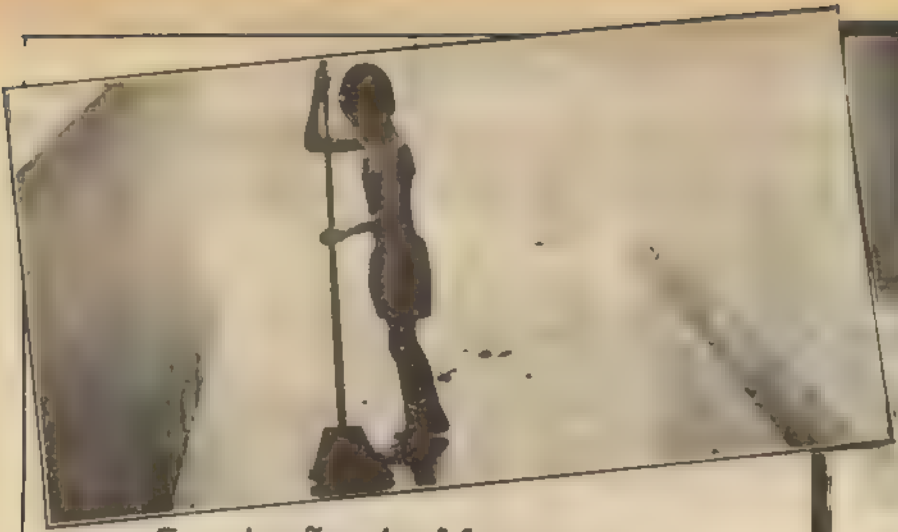
Depois que saiu da prisão, Ivo não conseguiu arrumar emprego e diz que se viu forçado a continuar na bandidagem, até que foi preso novamente, por "ciúme e olho grande", dedurado pelos concorrentes do lugar. Tinha conseguido juntar Cr$ 150 mil para comprar um terreno e lotear, mas teve que soltar Cr$125 mil para ficar livre.

— Só o comissário ficou com Cr$ 50 mil e ainda me deram um pau que quase me mataram.

Um conhecido boqueiro do Recife, traficante com vários processos por seu envolvimento com a maconha — atividade com a qual sustenta mulher, oito filhos e uma neta — também é contra a legalização.

— Não acho bom legalizar a maconha. Se legalizar, passa pra mão dos grandes, se hoje eles já ganham dinheiro por baixo do pano, legalizando vão controlar tudo, acabar com o nosso ganha pão. Seria voltar aos tempos dos escravos. E depois não ia ter graça nenhuma. Já pensou a coisa sendo vendida pela Souza Cruz? Eu prefiro que seja assim, escondido, emocionante. Uma contravenção, como eles dizem. Mas eu respondo: contravenção quem faz são eles, subindo o preço das coisas do jeito que estão subindo, obrigando um pai de família a usar a inteligência pra se virar pra sustentar os filhos. E tem mais: pode botar toda a polícia do mundo atrás, porque a maconha não vai acabar, não. Acabam as coisas feitas pelo homem, as coisas da natureza, as coisas feitas pelo ambiente, isso não acaba nunca.

Reportagem de Chico Júnior e Custódio Coimbra (Rio); Rivaldo Chinem (São Paulo) e Beth Salgueiro e Eduardo Homem (Recife)



Castigos medievais, sujeira, pedofilia, fome, falta de afeto: acontece de tudo nos orfanatos da FEEM. Nas fotos, o Instituto Pará Santíssimo, onde estão internadas 180 crianças de quatro a dez anos de idade.

Fundação do Menor trata crianças como animais

VIOLADOS NA ESCOLA DO GOVERNO DO RIO

"Criança, aqui encontrarás amor e segurança; e te será apontado um novo caminho".

Frases como esta são encontradas na maioria dos orfanatos mantidos pela Fundação Estadual de Educação ao Menor — FEEM — Infelizmente, esses slogans só ficam nas placas de inauguração.

No Centro de Recrutamento de Menores III — Edson Arantes do Nascimento (o Pelé) que teoricamente funciona como uma casa de triagem, ou seja, tem a função de distribuir os menores para as **casas definitivas**, as contradições começam no tempo de permanência da criança na instituição.

Se na teoria, ela deveria permanecer no máximo 90 dias, na prática há menores que aí ficam mais de cinco anos, uma vez que a Fundação não tem vaga em outros colégios para interná-los. Com isso, as instalações que já são precárias para 200 crianças, abrigam 450, todas na ociosidade, porque estando de passagem pela triagem "não há necessidade de nenhuma atividade didática".

Sendo uma escola mista que tem como internos menores de cinco a 17 anos, as meninas, principalmente as adolescentes, são trancadas para que não fujam para o dormitório masculino. Mesmo assim, isso às vezes ocorre, embora a diretora, afirme que nunca houve um caso de gravidez. Por causa dessa reclusão, a **babadagem**, namoro entre meninas, é muito comum, apesar de também ser reprimido quando flagrada.

As condições de higiene são péssimas, tornam-se comuns as doenças de pele, os piolhos e as conjuntivites. A lavanderia não dá conta da quantidade de roupa, e por isso ela não é fervida. Os banheiros, quando existem, são sujos; há dormitórios onde as privadas são móveis, isto é, colocadas no local no momento da necessidade. A comida, feita em muita quantidade, traz insetos como prêmios para os internos; os bandejões são engordurados, a esterelização aqui também não existe.

A falta de pessoas habilitadas para lidar com crianças é um problema sério. Os funcionários ganham salário mínimo e são na proporção de três para cada 100 internos. A porrada é utilizada como meio disciplinar, e embora seja terminantemente proibida pela direção, esta é a primeira a utilizá-la nos momentos de rebeldia.

Em algumas escolas, como a Santos Dumont, uma casa permanente na Ilha do Governador, há cubículos para castigar os mais rebeldes. Estes são fechados na cela uma média de três dias; ficam no escuro, sem roupa, não têm colchão, nem lencóis e recebem a comida por baixo da porta.

Os casos de violência sexual dos próprios funcionários do colégio são comuns na Ilha do Governador. Há até o caso de um vigia que tentou seduzir uma interna, e como essa se negasse a satisfazê-lo, chamou-a de lésbica. A menina reagiu violentamente e foi espancada por ele. Quando o fato veio à tona, ela foi punida por desacato à autoridade.

Entretanto, o abuso sexual não é privilégio da Escola Santos Dumont. Na Clínica Amendoeiras, uma casa de convênio em Jacarepaguá, as adolescentes são coagidas a trepar com os funcionários.

A situação dessas casas de convênio é muito precária, começando pelo fato da FEEM pagar somente Cr$ 1.300 por mês pela manutenção de bebês, e Cr$ 980 pelas crianças acima de dois anos de idade. Há colégios em que a situação é tão ruim, que as crianças fogem para conseguir o que comer.

No Instituto Pará, em Santíssimo, 180 crianças entre quatro e dez anos sofrem as conseqüências desse convênio. Instalações caindo aos pedaços, quantidade de camas insuficiente para todos os internos, e banheiros que se transformam em piscinas de urina e fezes. Além disso, a maioria dos colchões estão despedaçados, não há roupa de cama para as necessidades e as crianças trabalham varrendo o colégio ou carregando água.

O número de funcionários é pequeno (15), e muitos deles ganham menos que o salário mínimo. As crianças perambulam sujas e rasgadas, sendo comum terem feridas atrás das orelhas, frieiras abertas entre os dedos dos pés, e conjuntivites constantes. A porrada também é utilizada como corretivo e a ociosidade é a principal atividade ocupacional. As crianças ficam restritas a um pátio de cimento durante o dia, sendo que, quando chove, são trancadas em um galpão. Muitas delas não falam e ficam abobalhadas quando chamadas para dizer alguma coisa. Outras se aproximam para dizer o nome, e ficam muito espantadas quando se deparam com visitantes.

A carência afetiva é uma constante em todos esses colégios. Um gesto de carinho é recebido como um presente. Na medida em que um visitante se coloca próximo fisicamente de uma criança, é imediatamente rodeado por outras que chegam a pedir licença para tocá-lo. Só que isto só se dá por alguns minutos: ao perceber a infração nas leis de conduta da instituição um funcionário se aproxima para dispersar o grupo e impedir esses "prejudiciais arroubos de afetividade".

Reportagem de Vera Lúcia Dias
Fotos de Roberto Musauer

Brastel também passa o conto da casa própria

Reportagem de João Parreiras Horta

- *Janelas não têm vidro*
- *Quando chove, enche de goteira*
- *Teto pode desabar*
- *Caixa d'água transborda*
- *Desrespeitado o Código de Obras*

O stand de vendas da Brascasa

Foto de Roberto Musser

O anúncio publicado nos jornais mostra as vantagens do projeto. Até a Klabin, de propriedade do prefeito do Rio, Israel Klabin, está na jogaca.

Anúncios de página inteira publicados na imprensa estão oferecendo o que a Brastel Materiais de Construção, resolveu chamar de "O sonho de João": a Brascasa

Apregoada como "um esforço cooperativo da Brastel com a indústria de materiais de construção para realizar o sonho da casa própria", o que se oferece nos anúncios é um projeto arquitetônico "e todo o material" necessário para se construir uma casa básica com varanda, dois quartos, sala, banheiro, cozinha e tanque.

Em letras garrafais, o anúncio promete entregar imediatamente "todo o material" necessário, à vista, por Cr$ 51.094,00. Ou entregar o material em três fases, para que a casa vá sendo construída aos poucos, mediante o pagamento de 16 mensalidades iguais para cada fase

O que interessa para se avaliar a boa fé do anúncio é o que ele oferece em termos de mateiral para se construir. Está tudo detalhado, item por item, fase por fase, preço por preço Assim, para a fundação serão necessários 15 sacos de cimento (Cr$ 1.485,00), 1 m^3 de areia lavada (Cr$ 422,00), 1,5 m^3 de pedra nº 1 (britada), etc

Estranho é que não esteja incluído o preço do madeiramento (forma) para a laje, ou teto, da casa. Onde então moldar o concreto, que é uma mistura de cimento, areia, brita e ferro? Ora, este custo também pode ser eliminado. Basta que o comprador repasse a forma para outro comprador, pressumivelmente um colega de mutirão. E, nesta hipótese, só levará prejuízo o último comprador, que não terá a quem revender a forma de madeira. Um probleminha insignificante, não é mesmo?

Menos insignificante é a falta da impermeabilização no projeto. O método mais barato em utilização é uma camada de pixe Mas este, ou qualquer outro, não entra nas cogitações dos projetistas O chato é que o concreto expande com o calor e retrai com o frio O mínimo que pode acontecer é a água da chuva infiltrar se no concreto da laje (ou teto) e provocar goteiras. O máximo é o teto da casa cair sobre a cabeça dos moradores Mas, com uma ajudinha de São Pedro, quem sabe isso não aconteça? Pra que sermos pessimistas?

Porém, se chover vai ser terrível pois apesar do projeto detalhar cuidadosamente o custo das esquadrias de ferro para as janelas de casa esqueceu se lamentavelmente de incluir o preco dos vidros Mas que distracão! Acontece, é claro Ninguém e perfeito

Se o sonho do homem é este, imaginem o pesadelo...

Outra distracãozinha é que se prevê uma caixa d'água de 500 litros, da Brasilit, com tampa e tudo, ao preço de Cr$ 1.250,00, mas ninguem pensou em arranjar uma bóia para ela. Assim, o negócio é o comprador ficar de olho na caixa. De meia em meia hora ele vai lá olhar se a caixa já encheu. E aí fecha o registro da entrada de água Se não, a caixa vai transbordando, transbordando...

Em um ponto, contudo, o projeto não apresenta qualquer distração: o referente ao tamanho dos cômodos O Código de Obras estipula que para qualquer tipo de casa de dois quartos, um deles tem que ter um mínimo de 12 metros quadrados, e o outro um mínimo de nove. No projeto da Brascasa, temos um quarto com nove metros quadrados e outro com 7,35 metros quadrados

Esta pequena irregularidade, ao ser apontada por um grupo de formandos em arquitetura que visitou a Brascasa em exibicão na Rua Bela 1223, em São Cristóvão, no Rio, mereceu do vendedor de plantão o seguinte comentário

— Fizemos assim de propósito, porque pobre gosta de se reunir é na cozinha. Mas se o comprador quiser pode puxar no cumprimento até atingir o Código.

Detalhe curioso é que a área de cozinha é de 6,54 metros quadrados. Atende ao Código, mas é menos que os 7,35 m^2 do menor quarto. Temos, assim, uma ampliação do conceito machista de que lugar de mulher é na cozinha. Agora, pobre também é inferior.

Outro detalhe curioso é que o projeto não prevê nem informa os custos com mais madeira, mais concreto, mais tijolo, mais revestimento, etc. necessários para que a Brascasa atenda ao Código

Por falar em custos ampliados, se alguém adquirisse a Brascasa a prestação, comprando o material das três fases ao mesmo tempo, mas com 16 meses para pagar as prestacões de cada fase, o preço pularia de Cr$ 51.094,00 para Cr$ 80.592,00. O aumento seria portanto de pouco mais de 50% em dezesseis meses Com a inflação oficial calculada em torno de 70% em apenas doze meses, trata-se de uma verdadeira pechincha

Vendedor não sabe nada e doutor tá sempre ocupado

Boa tarde. Um amigo arquiteto me informou sobre a Brascasa. É com o senhor?

— Ah, sim, o que o senhor deseja?

Ver a casa, primeiro. Ah, é ali? Poxa, o anúncio que eu vi era por Cr$ 51 mil. Já aumentou pra 54?

— É. E esse preço é só essa semana. Depois vai passar pra 62 mil.

Então tá vendendo muito?

— Das 500 anunciadas só faltavam 33 até hoje de manhã.

Quem está comprando? Não é uma casa pra operários?

— Que operário, nada. Pra começar é preciso renda mensal de Cr$ 14 mil. Quem compra é particular. Ou empresa. A De Millus comprou 80.

Mas não é pra construir por mutirão?

— Mutirão? Não sei nem o que é isso. O nosso engenheiro arranja quem construa por Cr$ 130 mil. Pode pagar em 5 vezes.

O grilo é que não tem impermeabilização...

— Disso não sei, não. É com o doutor.

Parece também que os quartos não obedecem ao Código de Obras... São menores... Seria preciso aumentar o tamanho...

— Também não sei nada disso, não.

E o doutor? Posso falar com ele sobre isso?

— Ah, não. O doutor é muito ocupado. A gente só manda pra ele quem realmente comprar a casa. Melhor comprar logo porque o preço vai subir...

(Conversa do repórter com o vendedor da Brascasa, em exposição na Rua Bela 1223, em São Cristóvão, Rio, dia 18 de dezembro último).

Crianças brincam na rua do esgoto, que transborda de cocô na casa do motorista An

Durante uma semana, o repórter Tim Lopes e o fotógrafo Chiquito Chaves viveram na Cidade de Deus, 60 mil habitantes, a 50 minutos do centro do Rio. Andaram pelas ruas imundas, cheias de ratos e mosquitos, ouviram moradores, bandidos e "gente fina", viram a miséria das triagens e as doenças provocadas pela sujeira, desde meningite até desinteria. E documentaram esta violência, surda e diária, semente da outra, que os jornais exploram.

GOVERNO DEU A CIDADE DE DEUS AO DIABO

Luís Henrique esperando o médico que não apareceu

Dona Célia Martins Pena enxuga as lágrimas com um lenço estampado. Está aflita com o filho Luís Henrique, de 12 anos, morimbundo no seu colo, num banco da porta de entrada da Unidade de Atendimento Médico da Cidade de Deus. O menino é magro, amarelo é tem os olhos fundos. Há três dias sente fortes dores de cabeça. O médico não apareceu e a enfermeira disse que quando ele não vem de manhã, vem de tarde. A outra pediatra está de licença. Mas na Unidade, antes de tudo, falta álcool, algodão, esparadrapo e muito mais; a sala de reunião virou de Raio-X e não funciona, o laboratório também porque não foram providenciados dois bujões de gás. Telefone só no posto policial, do outro lado da Marechal Miguel Salazar Mendes de Morais. No pátio do posto médico, mães carregam filhos doentes nos braços e as enfermeiras dão atenção, confortando. Dona Célia, como as outras, sai à procura de socorro. Nervosa, acarinhando Luís sem saber o que o filho tem.

— Não sei, ele comeu uma manga e sentiu dor de barriga, isso faz três dias. Aí começou dar uma dor de cabeça. Eu não sabia o que fazia, dei tudo que foi remédio e nada de passar. Hoje eu trouxe aqui mas, não adiantou nada, como o senhor tá vendo. Prá mim é a sujeira do Rio, muito mosquito, muito lixo, isso deve fazer mal às crianças não é mesmo?

Na Unidade Médica, de março, até outubro, com todas as deficiências, foram atendidas 41.911 pessoas, a maioria crianças. As doenças mais freqüentes, segundo os médicos, são pela ordem, a verminose, desnutrição, vômitos, amigdalite, otite. Afinal de contas a cidade tem contra si o ônus de representar, dentro de Jacarapaguá, o centro de todas as doenças infecto-contagiosas. Na triagem do Rato Molhado, reduto de Ailton Batata, o fedor do esgoto no meio da rua é insuportável e as crianças andam descalças, quase nuas, brincando. Na Rato Molhado, Quadra 13, Maré Mansa, Barro Vermelho e no outro lado da Vida, as triagens são vagões com 16 cômodos cada um e onde moram, às vezes uma família de 12 pessoas em cada comôdo. Essas famílias estão "provisoriamente" instaladas ali desde as enchentes de 1966.

— As crianças coçam a noite inteira. Tem mosquito que não acaba, esse cheiro horrível. Pobre vegeta, não vive. O pessoal que vem consertar fica um minuto, diz que faltou peça e se arranca. Olha aqui a minha perna.

Dona Ester Santiago da Silva, de 46 anos, dez filhos, mostra a ferida de picada de mosquito que infeccionou. E indignada exibe a conta do esgoto, 412 cruzeiros. O

Dona Ester mostra a conta do esgoto, o preso com documentos e as crianças com suas armas de brinquedo

motorista Ari de Souza diz que essa é a grande violência.

— Aqui é tudo doentinho, com febre de mosquito, com dessaranjos, magros. Tenho sete filhos, vivemos completamente abandonados pelas autoridades. Olha só aqui na porta de entrada da cozinha.

Ari aponta a caixa de esgoto transbordando de cocô. Há três meses Carlos Antônio, de 13 anos, filho de Lina Maria morreu de meningite. A filha de Josefa, de 10 anos, não fala e nem ouve por causa da meningite. A mãe de santo Elzi Penha, da Tenda Espírita Espada Branca, diz que, prá tomar café de manhã, só fechando portas e janelas para diminuir o cheiro.

— Aqui nunca ninguém veio saber das condições em que a gente vive. Só querem saber dos marginais. Veja aqui a entrada da casa como está alagada, olha a rua que é um lixo. Quando chegamos aqui isso era um charco.

Meninos e meninas vão correndo atrás do repórter e do fotógrafo, as mulheres e homens vão aparecendo nos muros ansiosos por reclamar. Cecília, uma mulata bonita, de traços finos, é uma das mais revoltadas com a situação.

— A Saúde Pública e médico nunca estiveram aqui. Aqui a gente de noite dorme com um olho aberto e outro nas ratazanas e baratas voadoras. Esse Heitor Furtado veio aqui, arranjei votos prá ele, disse que fazia e acontecia e até hoje nada. Todos esses políticos são uma corja. Depois falam que a gente é marginal. Aqui tudo que é criança é doente, nunca tem vagas prá elas nas escolas, só pro pessoal dos apartamentos.

Entre um vagão e outro, um grupo de meninos fazem uma roda apertada e, nas pontas dos pés, olham pro meio do círculo onde dois outros jogam ronda. Ailton Batata apareceu numa bicicleta azul e sumiu logo depois, deu um toque: "entrevista? Teve um jornal que me deu na mão dez mil". Ailton mostra o **Jornal do Brasil** daquele dia, 9 de dezembro, com uma foto sua e a entrevista.

O ponto ecológico Maria Custódia da Conceição que devia ser arborizado, limpo, gramado, só existe na placa. Até porque o desrespeito começa com a polícia que atravanca o espaço da praça, esconde o modesto presépio com viaturas policiais, desde camburões, patrulhinhas até o Coração de Mãe. Ali no centro da Cidade de Deus estão as nove linhas de ônibus, o supermercado Três Poderes, a sorveteria, as quatro farmácias, a oficina do Adauto, o Orfanato São José e as 300 crianças, que esperam que Dona Ecléia Guazzeli, presidenta da (Funabem), Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor, cumpra a promessa de ajudá-las como já prometeu na primeira e última visitinha. Celso trabalha como jornaleiro numa banca em frente à lanchonete, confeitaria e padaria Del Rey, a mais movimentada. Ele mora na Vila Valqueire, e lembra do Presidente da República.

— Você não viu no Jornal Nacional o chefe da nação? O chefe da nação, cara, responder pra uma menina que seu pai recebesse salário mínimo, dava um tiro na cabeça... Pois é, eles são os primeiros a botar fogo.

Ao lado da lanchonete Del Rey fica o colégio José de Alencar onde estudam 3 mil alunos. Nesse domingo tem entrega de medalhas aos "Mafiosos", campeões de futebol de salão do quarto período. Tito, quinze anos, capitão do time, recebe a medalha da diretora Zuleide Passos Portinho, há dez anos a frente do colégio.

— Olha, meu filho, quem não jogou pedra quando criança? Reconheço que há um clima de insegurança como em todo o lugar, mas eu nunca tive problemas aqui. Também, eu não poupo esforços, podia estar em minha casa, na Tijuca, descançando ou até na praia... A gente faz torneios, ajuda, colabora.

O Conselho dos Moradores da Cidade de Deus se reúne aos sábados e domingos ali no colégio. O jornal **O Amanhã** e a revista **Nós** são editados pela diretoria. Os bares, biroscas, casas comerciais amanheceram pichadas pedindo o comparecimento dos moradores à Assembléia Geral. Pelas ruas, entradas e travessas os policiais, armados de metralhadoras e revólveres, exibem autoridade aos moradores. Pingüim, dono de um barzinho simpático, morador desde do início dá um depoimento.

— Falar da violência, de assaltos dessas coisas eu não falo. Prefiro reclamar do fio desencapado que qualquer trovoada ou chuva deixa tudo no escuro, do rio é só sujeira, podiam mandar dragar, das ruas mal calçadas. E nessa situação que a gente vive. Não tem nem sinal ali na praça e sempre tem atropelamento.

O padre Júlio Grootem, um holandês que há dez anos está na Cidade de Deus, teve a sua casa assaltada quando apareceram uns parentes com gravadores, máquinas de fotografar. Foi há três anos. O padre diz que o problema da Cidade de Deus é o reflexo do que acontece no resto do país, a crise econômica, social e que a única saída é escola com tempo integral". A blitz continua metendo medo.

Grande parte dos moradores, dos líderes da região, e a diretoria do Conselho temem que , por trás dessa onda toda em torno da violência na Cidade de Deus, exista de fato a ganância de grupos imobiliários. Dos Sérgios Dourados da vida, Carvalho Hosken, Gomes de Almeida Fernandes.

— Aqui tem que mudar tudo, até a polícia que não tem formação nenhuma para usar autoridade. São mal renumerados, se corrompem fazendo o jogo da malandragem ou fabricando bandidos. Alguns policiais já foram expulsos aqui do posto. Mas aqui a terra é boa, tem gente que tem inveja, pertinho da praia essas coisas, quer dizer o pessoal fica de olho grande. Agora, o que é pior mesmo é esse abandono que o pessoal se encontra no meio de tanta sujeira.

Quem fala com base é Nelson Gonçalves, segurança de bacana, 40 anos, pai de quatro filhos, morador na gleba 4, perto da triagem Maré Mansa. Chamado de Belafonte, uma pessoa preocupada com a comunidade. Faz política, da cobertura, conversa, discute em defesa da Cidade de Deus que ajudou a construir.

— Quando eu cheguei aqui não tinha nada. Gosto daqui o crime acontece em todo o lugar. Já estamos formando a Associação dos Moradores da Cidade de Deus. Não é prá dividir, não, é prá juntar mais, o pessoal brigar pelos seus direitos em todos os sentidos. Visitar as triagens, dá uma atenção pro pessoal que vive mal. Procurar uma liderança, uma cabeça aqui de dentro, somos 60 mil habitantes, podemos fazer um deputado.

PMs acusados de seqüestro e morte na Cidade de Deus

Mataram até o amigo do repórter

No primeiro dia que Chiquito Chaves e eu chegamos na Cidade de Deus, nosso medo era que fôssemos confundidos com tiras. Tinha um zum-zum-zum de que a Polícia Militar havia colocado uns secretas no meio da massa. Por onde passávamos sentíamos olhares desconfiados e ameaçadores dos moradores. Estranhos na área. Nino, um rapaz de 20 anos, calmo, voz mansa, foi o nosso primeiro contato. Abrimos o jogo quando ele tomava um copo de leite na padaria Del Rey. Dissemos que queríamos mostrar a violência das condições de vida a que o Estado submetia os moradores do conjunto. Entendeu logo e nos enturmou com a sua rapaziada. Ficou nosso amigo. Mas antes fez uma acusação que pode ter lhe custado a vida.

— Fizeram a maior covardia com aquele rapaz que eles prenderam aí no posto e deixaram fugir para matar. Não vou dizer que ele era inocente mas o que fizeram com ele foi uma crocodilagem. Eu vi quando atiraram pelas costas. Quando ele tombou o PM jogou o revólver do lado do corpo. Chiei, e tudo, no outro dia apareceu nos jornais que o cara de quadrilha tinha passado o revólver. Cascata, foram eles mesmos. Um deles até me jurou e tudo.

Jorge Elifas Cardoso da Silva, o Nino, estava desempregado, pai de um filho e mulher grávida de outro e disse que, se tivesse mente fraca, já tinha saído derrubando todo o mundo. Quinze dias depois toca o telefone na redação, dando conta que Nino e seu amigo Duda tinham sido seqüestrados e assassinados por três soldados da 18º Batalhão da Polícia Militar. Azar dos PMs que "esqueceram" de levar L., 17 anos que viu tudo e reconheceu como um dos assassinos o soldado Lins, que tinha tirado serviço no posto policial.

Este homem acaba de ser baleado

• Raimundo, ferido, sai do bar...

• cai, é seguro...

• a mulher tenta acalmá-lo...

• ele grita de dor...

• e perde as forças

O meu revólver, porra. Levaram o meu revólver. Já tombei dois. Não vou morrer, não, me dá água! Ninguém me segura, ninguém me segura! Já tombei dois.

Raimundo sai de um beco todo ensangüentado em conseqüência de um tiro que levou de raspão na cabeça. Está fora de si, cai e levanta, cambaleando, no meio da rua A, gleba, 2, Cidade de Deus. Grita desesperado. Entra no bar, pede água e sai no mesmo instante sem beber. Boca seca. Lábios brancos da saliva ressequida. Ele não pára, faz cara de dor, chora, grita, xinga todo o mundo. O sangue escorre da cabeça e se mistura com o ranho. Sai trocando as pernas em direção a um tabuleiro de frutas. O vendedor apavorado se assusta e tenta proteger a sua mercadoria. Impossível. No chão rolam em todas as direções laranjas, mangas e cajus. Raimundo esbraveja, empurra um caju boca à dentro. Dá uma volta em torno de si mesmo, cospe o bagaço da fruta e cai pesadamente na calçada. Alguém grita: "morreu". Que nada. Continua esperneando, resistindo.

O pipocar de bombinhas disparadas pelas metralhadoras e revólveres feitos de madeira e canos de antena de televisão nas mãos de meninos, se confundem com o tiroteio. De um lado, rapaziada de Ailton Batata, e do outro a do Torneira. Tudo metendo bronca. A zona de conflito está localizada na parte conhecida como Novo Mundo, na área das casas baixas dos vagões-triagens (como são conhecidas e onde os moradores vivem em total abandono). Ali moram muitas famílias que perderam as suas casas nas enchentes de 1968 e depois que foram abrigadas no Maracanã o Governo mandou prá lá. Esqueceram da Maré Mansa, Quadra 13 Vermelho, do outro lado da Vida e a do Rato Molhado. Nem médico nem a Saúde Pública. O esgoto corre pelo meio das ruas. Sem as mínimas condições de vida decente, por ali brota a violência. Atiraram os habitantes das favelas numa situação mais terrível: a de um verdadeiro gueto. E pela forma violenta como foram tratados, se vingam matando uns aos outros, assaltando. Tudo pivete com 13, 14, 15 anos que chegaram na Cidade de Deus quando ainda estava em construção, com um ano ou até meses de idade. Se criaram na merda.

35° graus e aquele solão na cabeça. Sufocante. Uma pequena multidão se forma no meio da rua R. As portas e janelas vão se abrindo devargarzinho para ver o que está acontecendo. Os olhos vão acompanhando o movimento muito doido de Raimundo. O pescoço dele está todo tingido de sangue. Ele não consegue ficar em pé, se equilibrar. Quando consegue, espreme os olhos, faz uma careta e solta um gemido. Cai de novo, desta vez em cima de umas caixas de bramas, para prejuízo do seu Manoel. O homem levanta de novo. Com o que resta de força distribui safanões em sua mulher, a única que tenta segurá-lo. Dão na mão dele duas pernas, 200 cruzeiros. Ele pega o dinheiro, amassa na mão e começa a perder definitivamente as forças. A mulher consegue colocá-lo dentro de um carro que vai direto para o hospital. A barra ficou pesada. O único comentário foi de que Raimundo havia entrado minutos antes na birosca com um tresoitão na cintura e pagando prá todo o mundo. Depois ficou calmo, riu, brincou e foi à luta. Minutos depois ele aparecia, de repente, no meio da rua ferido na cabeça e sem o revólver. Ninguém falou mais nada sobre o assunto. O pessoal foi se dispersando, desaparecendo nas travessas e ruas com nomes de personagens bíblicos e profetas judaicos. Travessa Menfis, rua dos Milagres, Salatiel, Josias, Exequiel, Abel e avenida Cidade De Deus.

Mas fica o clima de agitação, aquela tensão. Os PMs, em carros particulares, começam a correr de um lado para o outro. Gente se escondendo, pulando fora, no pinote. Passa um mulato, de uns 18 anos, montado num camelo (bicicleta) pedalando ofegante, com a máquina na cintura. E o coro tá comendo. Logo de manhã, ao nascer do sol apareceu o corpo de Betinho, 20 anos, morto com cinco tiros na cara, ali no Novo Mundo. Armaram a maior cilada prá ele. Segundo vizinhos, ele estava conversando com três amigas que moram perto da sua casa quando chegou Cláudia, com quem transava. Saíram às 8 horas da noite e no dia seguinte apareceu o cara morto. Sobraram tocos de velas, e o dito de um homem gordo de bermudas e sem camisa "aqui ninguém morre enganado. Se morreu é porque vacilou!" O rabecão já tinha passado e levado o corpo de Roberto das Neves que morava na Rua R, gleba 2 onde Raimundo apareceu com um tiro de fininho na cabeça, naquela manhã.

Na porta do hospital Cardoso Fontes, no alto da serra Grajaú-Jacarepaguá, o mais perto da Cidade de Deus, a mulher de Raimundo espera que digam alguma coisa sobre o estado de saúde do marido. Ela já sabe que não foi desta vez que o seu parceiro, ex-guarda de segurança, pai dos seus sete filhos, morreu. E sentencia:

— Não vai ficar assim. Ele vai à forra.

JANEIRO

DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
		1	2	3	4	5
6	7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28	29	30	31		

FEVEREIRO

DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
					1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	

MARÇO

DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30	31					

ABRIL

DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
		1	2	3	4	5
6	7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28	29	30			

MAIO

DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
				1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	31

JUNHO

DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30					

JULHO

DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
		1	2	3	4	5
6	7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28	29	30	31		

AGOSTO

DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
					1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24/31	25	26	27	28	29	30

SETEMBRO

DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
	1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	29	30				

OUTUBRO

DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
			1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30	31	

NOVEMBRO

DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30						

DEZEMBRO

DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
	1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	29	30	31			

DONOS DE ENGENHO NÃO CUMPREM ACORDO EM PERNAMBUCO

Euclides, um líder, no quadro negro, apontando os patrões que não estão cumprindo a lei.

Reunião com os delegados sindicais, em Rio Formoso.

Camponês não queria
A usina de ninguém
Queria salário justo
Uma terrinha também
Para criar e plantar
Prá engordar o xerém

Quando o campo estava
Na maior animação
Já começava a surgir
Uma organização
Veio golpe do Estado
Chamado revolução

Foi uma carta no campo
Mesmo arrasadora
O camponês viu de perto
A tal da metralhadora
No fim venceu os patrões
A grande classe opressora
(*cantador anônimo do Nordeste*)

TRABALHADOR DA CANA AMEAÇA NOVA GREVE

Reportagem de Eduardo Homem. Fotos de Valdir Afonso

ELES QUEREM

Tarefas de acordo com a lei — Férias, 13º, salário-doença

Terra pra cultivo próprio — Ferramenta e transporte gratuito

Os versos do cantador anônimo contam a história de antes e depois do golpe de 64. Antes, "a maior animação"; depois a fome, a miséria, e sobretudo o silêncio. Que em 1979 começou a ser rompido. Em setembro do ano passado, os trabalhadores dos municípios de São Lourenço da Mata e de Paudalho, prá espanto geral, cruzaram os braços. Ia começar a colheita da cana, riqueza dos usineiros pernambucanos. Falou-se de agitação, comunismo, os chavões de sempre. Mas os sindicatos desses dois lugares mantiveram-se firmes e motivaram trabalhadores e líderes de outros municípios. O resultado foi a assinatura de um acordo coletivo envolvendo 23 sindicatos de trabalhadores de cana, o Sindicato da Indústria do Açúcar, o Sindicato dos Cultivadores de Cana, com o governo do Estado servindo de testemunha.

O acordo tem 23 cláusulas estabelece um aumento salarial de 52 por cento, institui o delegado sindical em cada engenho e reafirma todos os itens do decreto-lei baixado por Castelo Branco em 65, que indicava o tamanho das tarefas do trabalhador até hoje letra morta nos canaviais.

José Rodrigues da Silva, 39 anos, antigo plantador de milho e feijão no agreste de Pernambuco, hoje presidente da Federação dos Trabalhadores Agrícolas do Estado — Fetape — diz que o acordo reafirma a lei apenas para lembrar aos patrões e autoridades dos direitos adquiridos pelos trabalhadores. "Os patrões nunca cumpriram os direitos trabalhistas. Mesmo agora, depois do acordo, eles só estão cumprindo o aumento de salário. Mas, como sempre fizeram, já aumentaram as tarefas. O próprio presidente do Sindicato dos Cultivadores Orlando Correia, fez ameaça ao sindicato da sua região dizendo que não quer delegado no seu engenho e disse que não fosse distribuída a tabela de tarefas para os seus trabalhadores."

O presidente da Fetape, entretanto, diz que os trabalhadores estão tomando consciência dos seus direitos de pessoas: "agora, depois desse acordo, nós estamos dizendo que eles não precisam trabalhar se o patrão não cumprir todas as cláusulas. Tem que aplicar a tabela das tarefas, tem que dar a ferramenta, tem que construir escolas, tem que pagar o salário-doença, tem que dar transporte e pagar as horas da viagem, tem que dar terra prá todo trabalhador com mais de 1 ano no engenho para plantar e criar animais domésticos, tem que pagar férias e 13º, tem que assinar carteira, tem que pagar adicional de insalubridade, tem que consertar as casas que estão caindo, tem que reconhecer o delegado sindical. Eles assinaram embaixo, o governador do Estado foi testemunha, então têm que cumprir. Caso contrário, os trabalhadores têm o direito legítimo de parar e exigir o pagamento das diárias"

É isso que os membros da Fetape, junto com os sindicatos atuantes da zona da cana estão dizendo aos trabalhadores. Em Rio Formoso, município ao sul do Recife, por exemplo, o repórter presenciou a primeira reunião dos delegados sindicais já eleitos com a diretoria do sindicato e um representante da Fetape, um experiente sindicalista chamado Euclides. Ele dizia para uma platéia atenta:

— A maior vitória dos grandes, dos poderosos é a desunião dos pequenos. Se a gente se une um ao outro, então fazemos também uma potência. Aí a gente pode chegar no engenho e gritar: 'ou dá o que prometeu, ou a gente vai parar essa pinóia todinha'. Aí as autoridades têm que vir para os engenhos conversar com a gente, como o presidente da República foi para São

Manoel Vitorino, de mala na mão, a Clovis de França: vitória será reforma agrária.

“Vitória mesmo do movimento sindical será a reforma agrária”

Lourenço da Mata. E porque foi pra São Lourenço? Porque lá é o seguinte, buliu com o delegado, buliu com a comunidade, porque tá todo mundo em torno dele. É um mangangá da peste. E lá os patrões tão cumprindo tudinho, tão dando terra prá plantar, tão respeitando a tabela, não tem uma criança sem escola, a ferramenta é o patrão quem dá.

Nessa hora Euclides olha para o quadro negro e observa as informações dos delegados sindicais. Na vertical o nome do engenho, na horizontal o número das quatorze principais cláusulas do acordo recém-firmado com os patrões. Em baixo de cada uma delas os delegados iam colocando um **S** ou um **N** conforme a cláusula estivesse ou não sendo cumprida no engenho em que trabalha. Euclides olha e pergunta:

— Aqui é não, não, não, não Qual é a nossa resposta diante desses nãos. É dizer não também? Isso aí é um contrato que foi feito e eles desrespeitaram.

Alguém lá de trás arrisca ainda tímido

— Lutar, né.

— Todo mundo junto

— Tem que lutar

Euclides diz como

— Os trabalhadores dos engenhos, junto do delegado e o sindicato, formam grupos prá fazer cumprir o acordo. Porque o governo não vai resolver o nosso problema não. Resolve na medida em que a gente botar fogo debaixo da panela pro feijão cozinhar. Quem faz respeitar a lei é o trabalhador. Tem que fazer igual menino chorão, que grita, esperneia, bate, morde até que a mãe lhe dá de comer

Em São Lourenço da Mata foi onde os trabalhadores de cana deram a primeira esperneada depois de 15 anos. Manoel Vitorino da Silva, secretário do Sindicato, diz que "a diretoria pensava que o povo não segurava o tanto que segurou. Mas os trabalhadores daqui já sabem que só fazendo um paradeiro é que conseguem os seus direitos. Agora mesmo os itens do acordo só são cumpridos com ameaça de greve"

Sobre a visita, com discurso e tudo, que o general Figueiredo fez ao município logo depois da greve, Manoel conta que "foi o primeiro que entrou no meio do trabalhador e falou. Agora, a intenção dele eu não entendo. Prometeu assistência igual a do trabalhador urbano, mas o documento em que os trabalhadores rurais pedem isso está na mão dele desde maio e até agora nada. Quer dizer, eu não vejo nenhuma bondade da parte do Presidente."

Clóvis de França da Silva, empregado da usina Tiúma, do empresário Antonio Ermírio de Moraes, diz que "depois da greve melhorou muito. Antes a gente era muito machucado".

No trabalho do canavial, 240 mil pessoas em Pernambuco.

Antonio Firmino

SÃO 240 MIL NA BATALHA

Um canavial é uma coisa linda Longas tiras verdes dançam ao menor vento numa extensão de quilômetros. Sua dimensão é impressionante, sobretudo no campo nordestino, onde o normal é a terra virgem esperando há séculos a mão do homem que joga a semente

Algumas vezes a cana dá uma flexa, que é um talo com uma pluma na ponta apontando para o céu Nesse tempo o vento fica cheio da penugem branca que a pluma solta, mas os plantadores fazem cara feia porque a pluma é um mau sinal da cana

De noite, o fogo que lambe as palhas da cana parece um exército coeso, formando em linha, avançando sem cessar. E a cana crepita, empretece de fumo, enche o vento de fagulha e fumaça

No dia seguinte, outro exército aparece homens ágeis, foice na mão cortando a cana. Cortando e amarrando em feixes com a folha que não queimou. Atrás vêm os jumentos, burros, cavalos, uma tropa de cangalha na qual os meninos jogam os feixes de cana. Quando acaba o dia de trabalho, o campo está limpo, a cana é triturada na usina e os homens, meninos, jumentos e burros estão pretos da cinza da cana cortada

Mais alguns dias e aparecem mulheres enroladas em trapos de muitas cores, sua única proteção do adubo químico que vão lançando à terra Começa um novo ano para a cana de açúcar.

Em Pernambuco existem 240 mil homens, mulheres e crianças trabalhando na roçagem, encoivaração, plantio, limpa, imunização, adubação, estrovengação, despalhação, cambito, corte e transporte da cana

Os primeiros trabalhadores da cana que eu encontrei quando comecei a fazer esta reportagem foram Geraldina Brito de Figueiredo e Antonio Firmino. Eles moram e trabalham no engenho Gindal no município de Serinhaém, distante uns 70 quilômetros do centro do Recife. Geraldina tem 34 anos, sete filhos vivos, doze mortos e um de oito meses na barriga Seu primeiro neto ia nascer naquele dia e ela voltava prá casa a uma hora da tarde, depois de trabalhar desde as cinco da manhã na limpa de um canavial. O resto do dia ia passar pescando, cozinhando, lavando panela e roupa, costurando, amamentando. E analfabeta de pai e mãe. O marido está doente há três meses, tuberculoso, e o auxílio que recebe são Cr$ 100,00 por semana da caixa-médica do engenho

Como é que vão as coisas por aqui, D Geraldina?

— Tá bom, tá bom

Geraldina, apoiando seu cansaço no cabo da enxada, responde sem me olhar. E a conversa podia terminar ali se Antonio Firmino, curioso com aquela gente de carro, papel, caneta e máquina fotográfica na mão não tivesse respondido por ela

— Tá bom de endireitar

Antonio tem 40 anos e trabalha naquele mesmo engenho desde o dia em que menino, seu pai o chamou para ajudá-lo a cumprir a tarefa mandad apelo patrão

O trabalhador da cana no Nordeste ganha o salário mínimo regional — Cr$ 2 499,00 — mas para isso ele tem que cumprir as tarefas determinadas, a cada dia, pelo ***cabo,*** *uma espécie de pau mandado do gerente, que transmite as ordens do dia aos trabalhadores. Assim, hoje o trabalhador pode ir roçar mato, amanhã cortar cana, depois outra tarefa qualquer E onde quer que o senhor determine, não importa se perto ou longe da sua casa*

A primeira coisa que Antonio diz estar bom de endireitar é tamanho das tarefas Desde 1965 existe uma tabela, baixada pelo então presidente da Republica, general Castelo Branco, determinando o tamanho das tarefas diárias para cada tipo de trabalho na cana. Nesses 15 anos o senhor de engenho jamais cumpriu a lei e acostumou-se a aumentar impunemente a tarefa sempre que os salários são aumentados. Por exemplo o trabalhador que está semeando em terreno plano tem que adubar 400 braças (1 braça é igual a 2,20 metros) para fazer juz ao seu salário diário. No engenho Gindal, entretanto, essa tarefa varia de 1.200 a 1 600 braças diárias, ou seja, o equivalente a 3 e 4 dias de trabalho.

"Tabela de tarefa aqui é bicho, diz Antonio O cabo manda fazer o que quer e o gerente ainda acha pouco e manda aumentar mais".

Outra reclamação de Antonio é que o patrão não cumpre a determinação legal de fornecer as ferramentas de trabalho a seus empregados e, como as tarefas podem mudar todo dia, o pobre tem que comprar com seu dinheiro a foice, a enxada, a estrovenga, o facão Se não compra, não trabalha

Outro direito dos trabalhadores, reconhecido pelo Decreto 57 020 de 1965, é um pedaço de terra de até 2 hectares para plantio de uma roça e criação de animais domésticos Antonio conta que "ainda outro dia o vigia do engenho matou um bode amarrado no mato, longe da cana Foi uma bexiga, o dono reclamou que aquilo não era direito e quando foi de tarde o vigia voltou com 4 policiais prá revistar e ameacar o dono do bode morto. Precisa uma providência que a coisa tá preta"

Geraldina ficou todo o tempo ouvindo e acabou sabendo que tinha direito a três meses de salário sem trabalhar por conta do filho de oito meses na barriga. Ela pare todo ano desde os 14 anos de idade e nunca soube disso. E parir e voltar pro campo trabalhar Hoje ela já tem os filhos maiores que tomam conta dos menores De início, os meninos ficavam amarrados no pé da mesa junto de um pedaço de rapadura e uma panela d'água

Geraldina, 34 anos, 7 filhos vivos, 12 mortos, um na barriga

PRA GARANTIR PROMOÇÃO PESSOAL

MALUF COMPRA IMPRENSA, RÁDIO E TV

O mais perigoso inimigo da liberdade de imprensa e do trabalho profissional dos jornalistas é, atualmente, em São Paulo — e dentro de pouco tempo, talvez, no Brasil — o governador Paulo Salim Maluf, com toda a sua sede de poder e o seu milionário esquema promocional.

Não é de hoje que Maluf procura utilizar-se da imprensa para aumentar a sua projeção pessoal e política. Quando prefeito nomeado de São Paulo (época de Costa e Silva), triplicou o quadro de funcionários da assessoria de imprensa, com o objetivo de encher os espaços de jornais e emissoras de rádio e tv de matérias promocionais. Na Secretaria dos Transportes (época de Médici), montou a mais equipada assessoria do governo Laudo Natel, com amplo esquema de distribuição de "notícias" para todas as publicações do Estado.

Agora, no Palácio dos Bandeirantes, Maluf entrou com força total e já demonstrou, em pouco tempo de governo, que tenciona ter toda a imprensa paulista sob controle. E não importam os meios. Desde a sua posse vem conseguindo dez minutos por mês em todos os canais de televisão, que através da recém-criada Rede Paulista de Televisão, transmitem seus discursos.

O secretário Blota Jr., aqui das Comunicações, tem garantido que essas transmissões são oferecidas pelas empresas, sem qualquer ônus para os cofres públicos. Mas quem conhece os mecanismos de distribuição da publicidade do governo — especialmente a das empresas estatais — sabe que existem mil maneiras de se fazer a compensação dos dez minutos mensais, sem causar prejuízos às estações de TV.

Para dominar a chamada "grande imprensa", Maluf tem-se utilizado de outros artifícios, como, por exemplo, dar bons empregos aos patrões. Foi assim que ele pegou o vice-presidente da **Editora Abril**, Rubens Vaz da Costa, e nomeou-o secretário do Planejamento. Neutralizou o trabalho jornalístico do **Grupo Folhas** com a nomeação de Carlos Caldeira Filho para a prefeitura de Santos. Encaminhou o presidente da **Fundação Casper Libero** (TV e rádio Gazeta), Joaquim Peixoto Rocha, para a presidência do Banespa — Banco do Estado de São Paulo.) Levou para o seu GAP particular (Grupo de Assessoria e Planejamento) o diretor-responsável do **Diário do Comércio**, João Escantimburgo e nomeou secretário de Comunicações o apresentador de TV, Blota Jr., que tem trânsito livre na **Record** (TV e duas rádios).

Com os **Diários Associados** (TV, jornal e rádio) não se sabe ainda qual o acordo estabelecido, mas, depois que o senador João Calmon esteve no Palácio dos Bandeirantes, logo no início da atual administração, os repórteres do extinto **Diário de S. Paulo** receberam ordens para não escreverem matérias negativas ao governo, pois "Maluf é simpático da casa" (Está fresco na menória o caso da demissão da equipe jornalística da **Tv Tupi**, comandada por Narciso Kalili, sendo uma das razões a exigência da casa de que houvesse nos telejornais noticiário mais amplo sobre Maluf.)

Tudo leva a crer também que a **Rede Capital de Comunicações** está sendo montada para dar sustentação ao projeto político de Maluf, cuja ambição, não é segredo, é chegar ao Palácio do Planalto. O proprietário da Rede, Edevaldo Alves da Silva, é advogado e amigo íntimo de Maluf e a voracidade da empresa (seis emissoras montadas em capitais de Estado em menos de dois anos) é um verdadeiro fenômeno no setor.

Objetivo é ser presidente da república

Segundo o boletim econômico **Relatório Reservado** de 5/11/79, a **Rede Capital** está também negociando a compra de duas emissoras de TV (**Alterosa**, em Minas e **Regional** de Brasília) e se candidata à concessão do canal 9, do Rio, que já foi do **Jornal do Brasil**. Ainda segundo o **Relatório Reservado**, está sendo convidado pra fazer parte da "Rede do Maluf" o ex-dono da **Última Hora**, Ari de Carvalho, que relançaria o jornal novamente em São Paulo, investindo nisso Cr$ 8 milhões.

Os profissionais da **Rádio Capital** têm ordens expressas (os que estão cobrindo a área governamental) de transmitir apenas notícias favoráveis a Maluf. Além disso, a **Capital** dedica especial carinho (normalmente três equipes) nas coberturas do governo itinerante — ou o "trem da alegria" — quando 90 emissoras entram em cadeia no país para mostrar as proesas do governador.

Em outras emissoras de rádio e TV, por ordem dos patrões ou das chefias dos departamentos de jornalismo, o noticiário relativo a Maluf recebe tratamento ameno, quase sempre isento de visão crítica. Em empresas mais arredias, o esquema malufiano utiliza-se dos chamados "cabeças de ponte", para filtrar, alterar ou mesmo amenizar o noticiário considerado negativo.

Desde a posse de Maluf, por exemplo, pelo menos dez repórteres já foram advertidos, por suas chefias, de que deveriam mudar a "linha" de suas matérias. Houve até o caso de o secretário Blota Jr telefonar, às 2 da madrugada, para o editor-chefe de um jornal e reclamar do pouco destaque dado a uma cobertura do governo itinerante na edição que acabava de rodar.

Há, também, o caso da demissão de um repórter do **Diário Popular**, Amundsen Limeira, que era setorista no Palácio dos Bandeirantes, sob a alegação de que suas matérias sobre o governo não estavam combinando com a linha do jornal, depois de receber a recomendação de que deveria se limitar aos aspectos positivos da ação governamental.

Nos últimos meses, os canais de TV de São Paulo passaram a exibir "documentários" com uma hora de duração, sobre as viagens do governo itinerante, filmes montados pela equipe da firma Lemos Brito. Aumentou também, nesse período, o espaço ocupado nas TVs pelo governador e seus assessores, para auto-promoção (seja em forma de entrevistas ou aparições em telejornais).

Maluf tentou atacar também no Rio, negociando com o **Jornal do Brasil** um acordo pelo qual o diário parava de noticiar o escândalo Lutfalla e Maluf concedia publicidade do governo de São Paulo. A tentativa foi denunciada, de forma indignada, pelo próprio **Jornal do Brasil**.

A última do Maluf (deu nos jornais) é que ele estaria financiando a instalação de uma emissora de TV em Alagoas. Os rumores foram confirmados por fontes do governo que esclareceram que o Banespa-Banco do Estado de São Paulo deu um bom empréstimo à futura TV Alagoas.

Hamilton de Souza

matéria publicada no jornal Unidade, do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo

SEXO, AMOR E PORRADA

120,00

Um livro de Chico Júnior

A filha entrou na sala e viu a mãe trepando com o noivo (da filha), sua primeira porrada na vida. O homem que mata o rato, que morreu que é para aprender a deixar de ser rato. A menina que tinha tudo na vida, mas não tinha amor e jogava cocaína nas veias, para compensar. A barra que é ver a mulher que a gente gosta trepando com o amigo no quarto do lado. O motorista que atropela o casal jovem e é linchado. O policial que é assassinado pelo professor de inglês. A tragédia urbana. O sexo gostoso no chão da sala. O choro que a gente chora quando está triste, alegre ou se emociona, simplesmente. O bom que é percorrer o corpo da mulher que se ama. O sexo de toda noite, o amor de todo mundo, a porrada de todo dia, nem sempre física, mas sempre forte, como toda porrada que se preze.

NÃO MANDE DINHEIRO AGORA

CODECRI margem

Nome ....

Endereço ....

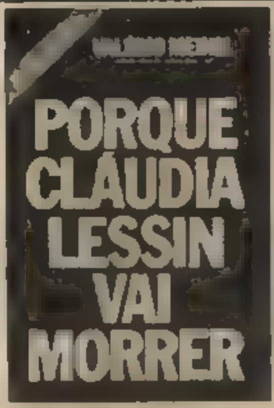
CEP ....

Cidade ....

Estado ....

Assinatura ....

OS DEZ MAIS DA CODECRI

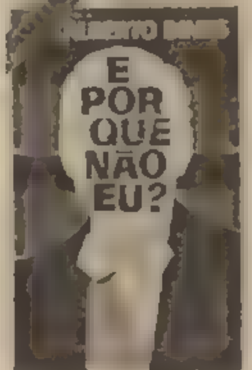


150,00

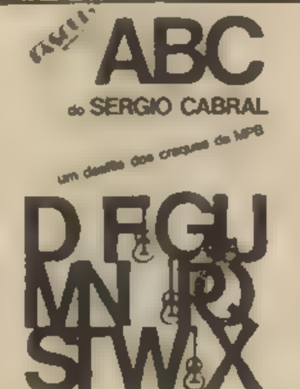
96,00

150,00

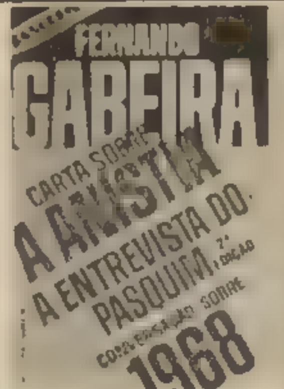
85,00



85,00



150,00



65,00

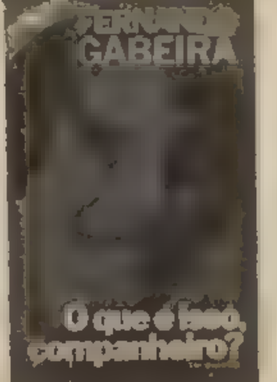
100,00

NÃO MANDE DINHEIRO AGORA

Preencha o cupom e remeta-o para Margem Editoria e Programação Gráfica (Rua Miguel Couto, 134/11º andar, CEP 20070, Rio de Janeiro). Os pedidos do Rio de Janeiro poderão ser feitos pelo telefone 253-5038.

200,00

185,00



CODECRI margem

Nome

Endereço

CEP

Cidade

Estado

Assinatura

01	02	03	04	05	06	07	08	09	10

Na compra de cinco livros, você tem 20% de desconto

AREIA E VENTO FAZEM MISTÉRIO EM ITAÚNAS

No alto, à esquerda, o vento vai desenterrando as madeiras do velho cemitério. Ao lado, Angele e Messias. Acima, Antero e Benedito seguram o mastro da igreja soterrada

Reaparece a cidade soterrada

A areia que há 40 anos vem cobrindo o povoado de Itaunas, no norte do Espírito Santo, começa agora a descobrir seu cemitério velho, ameaçando revelar os contornos da cidade soterrada.

Assim como não se sabe explicar de onde veio a areia, ninguém tem a menor idéia de para onde ela vai agora.

O Rio Itaúnas foi o limite da invasão da areia

Será que o mesmo fenômeno vai acontecer ao contrário, devolvendo a cidade soterrada a seus donos? E como seria esta fantástica Itaúnas, caso ela viesse de novo à luz?

Messias Felix de Gouveia, 84 anos, um dos mais velhos moradores das duas Itaúnas, é cético: "Para descobrir de novo a cidade, a areia vai ter de demorar pelo menos 40 anos. Esta areia não é dizer que venha do mar, nem vem da terra. Ela aparece no ar, soube, nasce como se fosse um pé de planta, um pé de árvore. Ela viaja muito, anda rápido e muda de lugar, mas ninguém vê ela andar."

Angela Camilo, 39 anos, empregado da prefeitura de Conceição da Barra, completa: "Ninguém sabe explicar direito esta coisa. Se a gente for analisar muito, acaba ficando besta."

O que sobrou do povoado de Itaúnas é hoje um punhado de casas do outro lado do rio, Itaúnas, limite natural diante da areia invasora. Uma igreja branca, coqueiros ao vento, campo de futebol, canoas atracadas nas margens, uma comunidade de 400 a 500 pessoas quase todas vivendo da pesca, os homens trabalhando também nas firmas que plantam eucaliptos. O povoado antigo era maior. Depois da areia, só ficou quem não teve recurso para ir embora.

O rio fica preso entre o mar e a terra por um braço de terra onde estão as dunas. Torna-se então manso como uma lagoa, espalhando suas águas escuras, como as da lagoa de Abaeté, em Salvador, Bahia, por mangues e brejos, excelentes viveiros de peixes e camarões. Na entrada da duna, uma porteira que parece não dar para lugar nenhum. Atrás dela, montes longuíssimos e ondulados de uma areia finíssima, com tons de branco, prata, ocre, cinza. Seus desenhos e geografia mudam aos caprichos do vento.

Pulquério Alves dos Santos, apelidado Sêo Antero, aposentado do Funrural com Cr$ 1.003 mensais, vivendo em Itaúnas há mais de 40 anos, descansa o corpo nos galhos do alto do pé de fruta-pão onde antes era sua casa. A cidade não existe mais, mas Antero fala como se estivesse viva, como se a camada de areia sob nossos pés fosse transparente. Usando a memória, mapeia a Itaúnas de suas lembranças.

— O último a sair fui eu, pra poder contar a história bem contada. Um dia de manhã tentei abrir a porta da casa e não consegui: estava enterrada. Foi aí que eu vim me embora. Antes a igreja velha, atrás dela o cemitério de brauna, a mata e a praia. Mas não tinha a areia. Aí começaram a derrubar os paus e vieram os primeiros montinhos de areia atrás do cemitério. Ela foi suspendendo, matando as árvores, veio atacando o cemitério, a igreja. O pessoal teimava, resistia, achava que a areia ia parar. Mas ela cobriu a igreja nova que fizeram, só ficou a rua de baixo, o beira-rio. Quando não puderam mais, transferiram a cidade para o lado de cá do rio.

Como não conseguem explicar os fenômenos, as pessoas recorrem à história, estórias, "causos" como diz sêo Antero: "Eu vou contar um antigo. A igreja velha tinha São Brás como padroeiro. Dizem que mandaram tirar São Brás, e botaram São Sebastião, que é santo de branco, guerreiro. A areia foi um castigo de São Brás. Já o meu pai de criação conta os missionários da igreja velha estavam fazendo sermão e tinha uns gaiatos da banda de fora fazendo anarquia. Os padres jogaram praga, disseram que Itaúnas ia ser arrasada, ia ser que nem rabo de jegue, só cresce pra baixo. E de fato isto aqui só tem crescido pra baixo.

— Dizem também, continua sêo Antero, que na Itaúna velha tinha uma serpente. Os missionários disseram que ia ter uma enchente muito grande e que o povo não tivesse medo, que eles iam no morro, cantar e rezar para amarrar a serpente e depois levá-la pro sagrado, pro mar. E, na enchente grande de 1942, muita gente diz que ouviu um bicho enorme descer pelo rio Itaúnas abaixo.

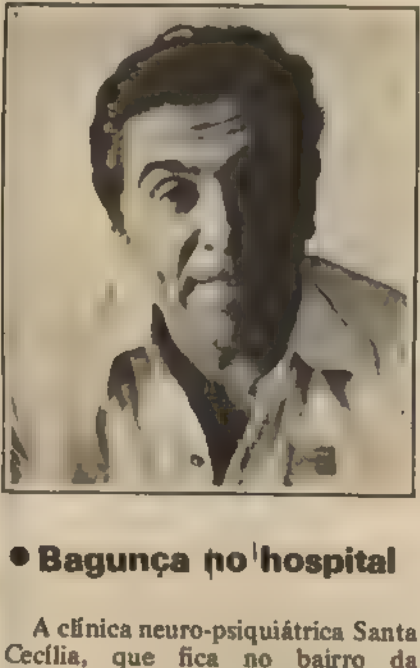
Reportagem e fotos de Elias Fajardo

Nem só de crime vive a Baixada Fluminense

O que você lê nos jornais sobre a Baixada Fluminense é a violência. Da polícia e do bandido. Por isso, resolvemos dar a você leitura mais amena.

• Rato no fubá

Alcebíades Rodrigues de Carvalho comprou um pacote de fubá no Supermercado Ideal, da avenida Plínio Casado, 149, em Caxias, para fazer um angu. Quando chegou em casa e entregou o pacote à sua mãe, a cozinha ficou empestiada de fedor de podre. É que, misturado com o fubá, havia um rato no pacote, ou melhor, pedaços já desfeitos de um rato morto. Alcebíades voltou ao supermercado, no dia seguinte, para trocar o fubá. O gerente da loja informou a Alcebíades que, se ele quisesse trocar o fubá, tinha que pagar mais Cr$33. Aí, Alcebíades botou a boca no trombone e começou a reclamar alto. O repórter Wanderley Novaes, de um jornal de Niterói, que estava fazendo compras, aproximou-se para saber o que estava havendo. E sugeriu a Alcebíadesque levasse o caso à polícia. Ao perceber que a coisa ia ficar feia para o lado do supermercado, o chefe de segurança do Ideal, Paulo César, entregou ao jornalista um envelope com Cr$ 500, tentando suborná-lo para que ele não acompanhasse Alcebíades ao distrito. Não adiantou nada. Alcebíades fechou questão, disse que não dava um tostão a mais por um produto que ele já tinha pago. E apresentou queixa à 59ª DP. **Aí, Alcebíades!**



• Bagunça no hospital

A clínica neuro-psiquiátrica Santa Cecília, que fica no bairro da Cerâmica, em Nova Iguaçu, é a única que tem credencial do INAMPS para prestar assistência médica e de ambulatório e internar pacientes com doenças psiquiátricas na cidade. O atendimento é um horror, e o quarto-forte onde os internos levam choques e injeções de sossega-leão, chama-se Coréia, nome daquele país em que houve aquela guerra terrível, na década de cinqüenta. E mais: dona Maria do Socorro Silva, internada com úlcera nervosa, passou vinte e três dias alimentada a copos de leite, três por dia; a doente Ana Rosa mostra a quem quiser ver, marcas de espancamento no braço e machucados no pescoço, porradas dadas por doentes mais agitados, na frente dos médicos; e, no pavilhão feminino, doentes com sífilis e gonorréia usam o mesmo banheiro e a mesma roupa de cama de outros doentes. O Chefe do Serviço Social do INAMPS em Nova Iguaçu, doutor José Haddad, disse que, para punir qualquer clínica que tenha convênio com o instituto, "é preciso que a denúncia seja grave". **Grave, para ele, só se for morte.**

• Fiscais que mamam

O Secretário de Governo de Nova Iguaçu pediu abertura de inquérito para apurar denúncia de que os fiscais da Prefeitura estão levando grana para tolerar a existência de comércio irregular, barraquinhas e coisas do gênero, que não pagam impostos.

• Bomba no bispo

As autoridades dizem que não conseguem apurar quem foi que jogou uma bomba na catedral de Nova Iguaçu, dia 20 de dezembro, fazendo voar hóstia para tudo quanto é lado, em ameaças ao bispo Dom Adriano Hipólito, que tem feito trabalho junto ao povo do local. Mas todo mundo já sabe que atentado é coisa do coronel José Ribamar Zamith, que foi do DOI-CODI, o órgão mais cruel de repressão da ditadura e está na relação dos torturadores, publicada pelo jornal Em Tempo. **Pelo visto, não adianta queixar-se ao bispo e nem à polícia.**

• Cabide de Empregos

Antes de entrar em recesso, a Câmara de Vereadores de Nova Iguaçu inaugurou um trem da alegria: quarenta e dois empregados novos, cada um com vencimento de 8 mil cruzeiros. Os vereadores querem ter, cada um, dois assessores. E, quem paga, naturalmente, é o povo. **Ação popular existe é para acabar com essas mamatas.**

Luis Ferrão

ASSINE O JORNAL QUE NÃO TEM MEDO DE ASSINAR EMBAIXO. BASTA LIGAR PARA 253-5038 OU MANDAR PELO CORREIO O CUPOM ABAIXO

Assine REPORTER

CUPOM DE ASSINATURA

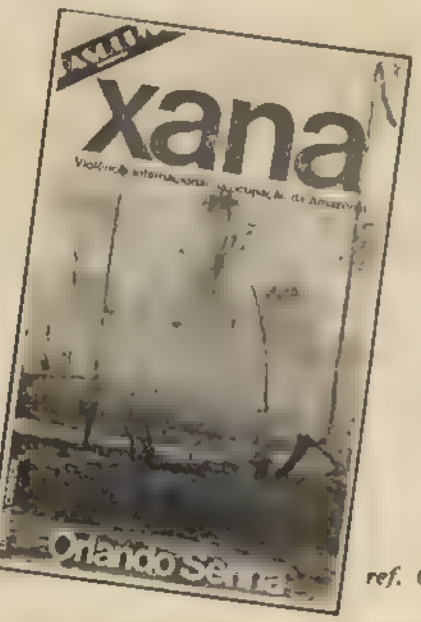
- Assinatura por 12 edições: 250,00
— Envie cheque nominal ou vale postal para:
MARGEM EDITORIA E PROGRAMAÇÃO GRÁFICA LTDA.
Rio de Janeiro: rua Miguel Couto, 134 conj. 1101/1104 20000 RJ
Você pode assinar o REPORTER, a partir do nº 0
Indique a partir de que número você quer sua assinatura..
Nome: ....
Profissão: ....
Endereço: ....
CEP: .... Cidade: .... Estado: ....

VIOLÊNCIA INTERNACIONAL NA OCUPAÇÃO DA AMAZÔNIA

xana

Romance, aventura, consciência, tragédia e grandeza _ a luta entre a sociedade brasileira e as multinacionais pela conquista da Amazônia _ a dramática intimidade de camponeses, operários, garimpeiros, colonos e índios colhidos na violência da Ocupação.

LEIA O LIVRO E SAIBA DE TUDO



- *trabalho escravo*
- *contrabando de armas*
- *matança de búfalos*
- *índios em pé de guerra*
- *cidades sem lei*
- *prostituição infantil*
- *quadrilhas internacionais*
- *assalto às reservas de material estratégico*
- *napalm e cabeças cortadas na guerrilha do Araguaia*
- *filmagem de "Iracema", prisioneiros da selva*
- *grilagem, corrupção e assassinato*
- *a Máquina, o fogo e os desfolhantes químicos*
- *sexo e loucura na Praça do Pecado*
- *a barra da Zona Franca.*

ref. 65. 264p. Cr$ 250,00

COMPRE HOJE MESMO EM TODAS AS LIVRARIAS OU PEÇA PELO REEMBOLSO POSTAL.

"Se eu fosse branco, bonito e americano faria mais sucesso que ele"

AGNALDO TIMÓTEO

"Estão jogando o Sinatra pra cima da gente"

Timóteo, no seu show, na Galeria Alaska, ponto gay na zona sul do Rio. Em cena com sua mãe e em casa: "não sou cafona, sou popular"

Antes que o Brasil vire, de uma vez, um cassino de Nevada, que é o lugar onde os astros da canção norte-americana costumam apresentar espetáculos para milionários, a peso de ouro, REPORTER pede licença para lembrar — não desfazendo da voz de Frank Sinatra — que o Brasil tem excelentes cantores. E que, para vê-los e ouvi-los, você não precisa ser milionário e nem se sujeitar a sentar na arquibancada do Maracanã, olhar pra um pontinho preto lá no meio do campo cantando uma música que não dá para ouvir direito, só para sair dizendo que ouviu A Voz.

Aos quarenta e três anos, no auge da carreira e com o timbre da voz, a emissão, a respiração e a musicalidade perfeitas, Agnaldo Timóteo vê todo esse assanhamento de deslumbre em torno das apresentações de seu colega americano e protesta:

— Se eu fosse branco, bonito e americano faria mais sucesso do que o Frank Sinatra...

Mais calmo, ele continua:

— Olha, esta onda toda que estão fazendo com a vinda do Frank Sinatra ao Brasil não me espanta, não. A cabeça dos brasileiros está totalmente alienada e, de agora em diante, só têm salvação os menores de dez anos, porque a turma dos dez para cima foi criada neste sistema de achar que tudo o que é americano, ou melhor, tudo o que vem de fora com idioma inglês é ótimo e está acabado. Isso é um processo promocional, está me entendendo, uma coisa muito grande, muito forte, que eles estão trabalhando nela há muito tempo e gastando muito dinheiro em cima. Para eles, o artista deles é uma mercadoria de exportação e se eles empurram tudo de lá para cima da gente, por que é que não iam empurrar também os músicos? Você vê, por exemplo, aqui no Brasil, as redes de televisão são fortíssimas. São elas que dizem o que é que o povo vai gostar e o que é que não vai gostar.

O meu caso, por exemplo. Você está me vendo, eu sou uma pessoa normal, um artista que tem um recado para dar. E acho que dou bem o meu recado, as pessoas me dizem que eu tenho uma voz bonita, canto bem. Pois bem, o Carlos Imperial, por exemplo, foi um dos que saiu espalhando que eu era cafona. Eu não sei bem o que ele queria dizer com isso, mas, junto comigo — disseram também que a Ângela Maria, o Nelson Gonçalves, o Cauby Peixoto, uma porção de artista populares eram também cafonas. Pronto. Daí em diante, é muito difícil você ver esses artistas dando sopa na televisão. Só vai gente que eles acham que é elegante, arrumada, bonitinha. Só quando eles precisam de um vozeirão para cantar uma música difícil, aí é que eles se lembram dos cafonas, porque os bonitinhos não vão saber dá um lá natural mesmo.

— Tenho 18 lps em português e 4 em espanhol, estou no que eu considero a melhor fase da minha carreira. Para chegar até aqui, vindo lá de Caratinga, sozinho, sem conhecimento, sem padrinho, dei um duro danado. Morei em todas as hospedarias da Lapa e fiz tudo o qe uma pessoa muito pobre feito e faria, no Rio de Janeiro, para sobreviver. Só não entrei para a máfia... Agora, se eu tivesse, como é que eles dizem, é um visual? É. Pois é, se eu tivesse esse tal de bom visual, que eles gostam, aí eles iam me promover e eu faria mais sucesso do que o Frank Sinatra. É engraçado, mas cantar bem, parece que é muito pouco.

— As coisas para mim sempre foram muito difíceis mesmo. A primeira vez que eu cantei na televisão, foi no programa do Jair de Taumaturgo, na antiga TV-Rio, que fica no mesmo lugar em que o Sinatra vai cantar agora, porque jogaram a televisão abaixo e construíram um hotel no lugar, lá no Posto Seis, em Copacabana. Bem, eu ficava paquerando tudo quanto era programa de televisão, porque eu já cantava por aí e estava doido para emplacar, fazer sucesso e a televisão ajuda, não é?

Então apareceu essa oportunidade, o Jair me chamou — ele sabia da minha mania de ser cantor — e me disse, olha, Agnaldo, vai ter uma chance para você no próximo programa **Hit Parade**, só que você tem que cantar em inglês, você topa? Então, você vai vender: o nome do programa já era **Hit Parade** e, ainda por cima, eu tinha que cantar em inglês. Acontece que eu estava num ponto em que não podia dispensar nenhuma oportunidade de ganhar um cachê e estava louco para cantar na televisão. Topei e cantei "The House of the Rising Sun", nervoso à beça, mas cantei. Quando acabou o programa, o Jair me disse que eu tinha ido bem, que estava tudo certo. Mas os diretores, eu soube depois, mandaram dizer que não tinham gostado daquele mulatinho que tinha cantado no programa. Os diretores eram o Walter Clark, que dirigiu a Globo durante muitos anos e o Boni, que ainda dirige. Eu queria saber é se eles vão assistir ao Frank Sinatra. Claro que vão... Mas não tem nada não, aonde eu chego no Brasil, canto para o povo e o povo gosta de mim. E é isso que está me importando."

Texto de José Antônio Nonato.
Fotos de Chiquito Chaves

Filho do Zé do Caixão critica o pai. Vai mostrar o horror social

TERROR JÁ TEM SUCESSOR

Não é uma história de terror. Acredita quem quer: o cineasta José Mojica Marins, criador do personagem Zé do Caixão, tem um filho que pode ser seu sucessor. Com 17 anos, já escreve os filmes do pai — sem contar o romance que escreveu aos 13. Pra quem conhece, o sonho do Zé do Caixão (personagem) é "continuar vivendo" num filho perfeito, o sucessor.

— Não sei se ele é meu sucessor — Mojica diz isso.

Mas confessa também que na hora em que o filho nasceu a primeira idéia foi essa: vai ser meu sucessor. O nome foi escolhido com paciência (e magia). Mojica só achava que não podia ser um nome qualquer. Pensou, pensou. Imaginou os duendes dos contos de fadas — ou gnomos — que para ele, eram cnomos ou coisa assim (ele é analfabeto, como se confessa). Depois, pensou em coronel, o homem que no Brasil do interior tem força, domina. Depois pensou no fel oferecido a Cristo. Juntou as três idéias, com as quais deu nome ao filho: Crounel. Como explica:

— Eu quis juntar a força do invisível, que é desses cnomos dos irmãos Grimm, com a força real dos coronéis, e mais o amargo do fel, ligado a Cristo, o Bem.

Duro foi registrar o nome. Nenhum cartório de São Paulo queria saber de botar Crounel num menino recém-nascido, coitadinho. Mojica rodou a cidade inteira, até encontrar um cidadão que só à vista de algumas cervejas e um longo papo sobre "evolução" achou legal colocar esse nome esquisito.

Mas valeu a pena. Hoje o tal Crounel é uma das figurinhas que faz funcionar o "Zé do Caixão Produções Artísticas Ltda.", numa salinha de um prédio da rua 7 de Abril, centro de São Paulo.

A entrada assusta qualquer um. Animais ferozes decoram o corredor, empalhados como troféus de caça. Ainda bem que logo ao sair do elevador dá pra ler o cartaz caseiro, escrito à mão, com uma seta: "Escritório do Zé do Caixão". Crounel está e é convidado formalmente a dar a primeira entrevista de sua vida (na verdade, é a segunda, mas a primeira, feita pelo Estado de SP, não foi publicada).

Ele é a cara do pai. Principalmente nos olhos e nas sobrancelhas. E é vidrado em terror. Desde sete, oito anos, o que lhe interessava na tv eram filmes desse tipo. Nem tinha visto os do pai. Claro, houve uma influência. Logo ao nascer, aliás. Mojica fez uma promessa em cima do filho que foi a seguinte: o menino não poderia cortar os cabelos até o pai ser reconhecido como cineasta.

Naquela altura, 1962, Mojica tinha feito dois filmes, ambos um desastre. Fracasso total. O nascimento do filho coincidiu com o filme que seria seu grande sucesso — "À Meia-Noite Encarnarei no Teu Cadáver". Filme também que pela primeira vez mostrou o personagem Zé do Caixão. Que, por sua vez, surgiu também de uma promessa, conta o cineasta:

— Eu estava 45 dias sem obrar (fazer cocô). Então, amigos bondosos fizeram uma promessa: eu nunca mais deveria cortar as unhas, para ficar bom. Quando as unhas estavam crescias começaram as filmagens de "À Meia Noite" e eu não podia cortar. Então adaptei a ele.

Unhas, filho, êxito, aconteceu tudo junto. Não foi rápido. Até o pai chegar à glória desejada demorou muito. Crounel ficou sem cortar cabelo até seis anos e meio. Já não aguentava mais as gozações dos amigos, que o chamavam de menina.

— A mãe fazia tranças ainda por cima — diz ele, rindo daquilo.

Finalmente chegou a idade de ir pra escola e o cabelo foi cortado. O pai já estava na crista da onda. Tanto que os coleguinhas de Crounel o chamavam de "filho do Zé do Caixão". A brincadeira era essa:

— Filho do Zé do Caixão! Filho do Zé do Caixão!

Foi um peso pro menino. Primeiro, ele achou que isso era um xingamento. Durante um tempo. Ao dez anos, pensou o contrário:

— Se eles falam isso, é porque meu pai é famoso.

Deu-se o inverso: O menino achava que o pai era o maior e aproveitava disso: em todo lugar que ia se apresentava logo: "sou o filho do Zé do Caixão". Deu um novo bode, porque ele queria e não podia ser o Zé do Caixão. Estudou, gostou de eletrônica, parapsicologia, ao mesmo tempo em que ouvia o pai falar sobre o que acontece depois da morte, etc, o que o marcou muito. A própria figura do pai marcou:

— Quando eu tinha dois anos — diz Crounel — eu achava que todos os adultos tinham barba e unhas compridas e que quando eu fosse grande eu também ia ter unhas compridas.

Mojica saboreia a entrevista do filho. Conta a novidade ao telefone:

— Veja só, meu filho dando entrevista. Ele é o astro.

Mais tarde, Mojica diz do filho:

— Eu sou o analfabeto, ele é a inteligência. Já leu tudo. Ele manda eu ler, mas só consigo ler histórias em quadrinhos. Só me interesso pelo visual.

Crounel ouve o comentário como se não fosse a primeira vez.

Mas ele é teu sucessor mesmo? pergunta, mais por piada. Ele leva a sério:

— Pode ser. Não sei. Pode ser qualquer um. Alguém que acate minhas idéias. Meu filho pode estar até na minha frente. Pode alcançar Deus antes de mim.

Sim, esses papos dos filmes ele também leva no escritório. Fala de maldições, diabo. E, principalmente, procura de Deus. Diz que procura Deus e que Ele pode estar em qualquer lugar até num "inferno". É complicado pra quem nunca falou disso antes. Entre Mojica e Crounel, são assuntos diários de anos. O menino se interessa, mas o quente pra ele não é o terror "visual", vampiros, múmias, bruxas; é o terror que possa acontecer de verdade.

— Posso fazer um filme de terror mostrando que Hitler nasceu de novo — diz Crounel — porque isso é possível. O terror das armas bacteriológicas. Acho mais terrível contar o mistério das pirâmides que mostrar múmias.

Isaac Asimov. Carlos Castãneda. etc são seus livros preferidos. Nesse ponto Crounel critica o pai, definindo-o como "isolacionista cultural", explicando assim:

— Se eu tivesse que construir um avião melhor que o Concorde, eu primeiro ia ver como é o Concorde; meu pai, não; ele ia começar inventando o avião, ele sempre quer começar do começo, sem se basear em nada...

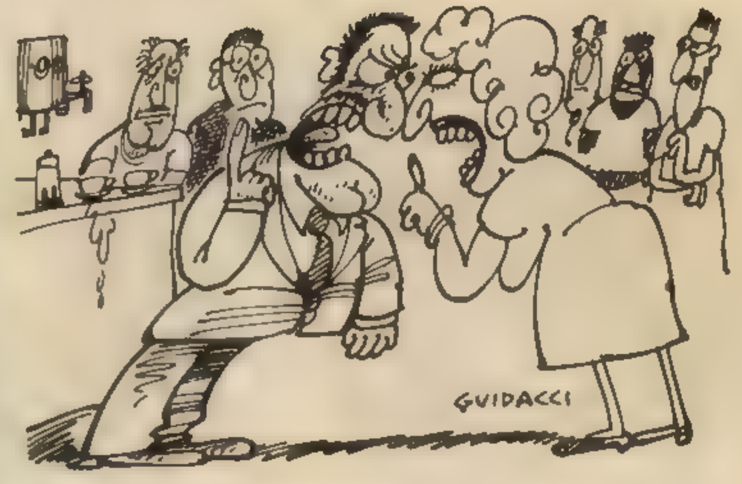
Texto de Alex Solnik.
Fotos de Valdir Benedeti

ESPERTAS

FOTO-ESPERTA

Foto de Eliana Pasicre

Setores governistas de São Paulo ficaram preocupados com o cartaz colado nas ruas, bem no dia da visita do Figueiredo (pouco tempo depois do desastre de Florianópolis). Seria outra agressão ao presidente? Só mais tarde souberam que era só o nome de uma das concorrentes de um festival de música, cuja final estava marcada para aquele fim-de-semana.



Casal faz escandalo no bar. Foi o Boal.

— Ei garçom, o que houve?
— O cara deu [redacted] bolacha na mulher
— Por quê?
— Sei lá, é por isso que eu não caso.
— Eu sou casado e minha mulher está em casa. Se quiser me trair, pode trair. Ser macho não é dar porrada na mulher, não. Ser macho a gente vê é na cama.
— Mulher gosta mesmo é de apanhar. No dia que encontrar uma que me bata, eu me apaixono.
— Por mais que o homem esteja errado, a gente fica mesmo é do lado dele. E a gente não resolve porque está acostumada com a violência.
— O cara tinha razão. A mina estava ali, sozinha, bebendo e ele pagou a maior geral.
— Eu tenho amante por questão de status. Eu posso fazer com ela o que não faço com minha mulher, que fica não, não. Ela não se importa que eu saia. Só não gosta que eu vá pro Bola Preta. Mais aí eu faço o seguinte: na cama, bem no meio do tchan, tchan, eu pergunto deixa eu ir? Se ela diz não, eu tiro o pau.
— Você percebeu que coisa louca? O casal já foi embora, deve estar trepando a essa hora e a gente não consegue fugir do assunto. Eu só não propus que se juntassem todas as mesas pra gente fazer uma seminário, porque aqueles dois ali estão muito exaltados.

Esses diálogos num bar carioca da Zona Sul duraram três horas. Tudo começou por causa da briga de um casal, encenada por dois atores que estavam colocando em prática a teoria do "teatro invisível" de Augusto Boal. A idéia é essa: atores chegam num lugar público e fazem alguma coisa que provoque discussão. No meio da discussão, os atores se retiram e a "peça" continua por si mesma, sem que ninguém se aperceba disso.

Norma Sá Pereira

Nasce uma escola

O Professor Argemiro do Nascimento é gaúcho de Santiago do Boqueirão e veio com sua mãe, a mulher dona Maria do Carmo e os nove filhos para o Rio de Janeiro, em 1962, depois de uma passagem por Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Faz seis anos que ele se mudou do centro da cidade para morar na Baixada Fluminense, precisamente no Parque Paulista, distrito de Imbariê, em Caxias. Foi um dos primeiros moradores do local, levantou a casa — ainda não está completa — onde mora com a família. Pegou no pesado num mutirão com a família, tijolo sobre tijolo, doações e ofertas e nos fundos da casa surgiu em março do ano passado o Centro Educacional Rio Grande do Sul, autorizado pela Secretaria de Educação. Em dez meses a escola já conta com 150 crianças com idade de até 14 anos.

Argemiro e sua obra

Foto de Chiquito Chaves

Teve um menino que desmaiou de fome quando entrou na sala de aula. A gente trouxe ele aqui prá casa e demos comida. Sem contar outros alunos, filhos de vizinhos que aparecem aqui para fazer curativos em cortes, feridas e estômago.

Quem fala é Cléia, uma das três filhas do professor, as outras são Tânia, que cuida da parte educacional e a Maria Inês. Subnutrição e verminose são os principais problemas constatados pelo médico João Carlos que há dois meses faz um trabalho de pesquisa e assistência com os alunos e os moradores do Parque Paulista que fundaram a Associação de Moradores no dia 25 de novembro passado. O presidente provisório é o petebista Argemiro do Nascimento.

Tim Lopes

Essa é boa. Lembram do "listão dos torturadores" publicado em 1978 no jornal "Em Tempo"? Pois bem, quatro dos acusados estão agora processando o semanário por "ofensa, injúria e difamação". E logo quem? Correinha (conhecidíssimo integrante do Esquadrão da Morte), um irmão de Fleury Marcos Paranhos, Fábio Lessa e Josecir Cuoco (irmão do galã da tv). O processo corre na Justiça Comum de Minas Gerais — onde fica a sede jurídica do jornal. "Em Tempo" já preparou sua defesa: entrevistou várias vítimas dos quatro policiais, cujos depoimentos estão guardados em lugar seguro, à prova de atentados.

Rivaldo Chinen

ESPERTAS

Geraldo Vandré quer entrar no rádio

Geraldo Vandré quer gravar com Fagner. Foi convidado para um show de 30 mil pessoas, no Rio. Ganhou um título da Câmara Municipal de São Paulo, o de Cidadão Paulistano. "Caminhando" repete o sucesso de 1968. E ele, o que acha disso?

Do show de 30 mil pessoas, irônico:

— Quero cantar num teatro de um lugar só...

Sobre as outras coisas não deu pra conversar no minuto que ele concedeu. Sim, marcou entrevista pro outro dia, mas não apareceu. E nunca mais nos dias seguintes pude encontrá-lo no seu apartamento-repartição pública: fazem parte da decoração três mesas de escritório, três cadeiras e máquinas de escrever. O detalhe é que sobre cada cadeira ficam sempre pendurados casacos de couro prêtos, iguaizinhos.

Outra novidade é que agora ele tem secretária, dona Bernadete. Só que ela nunca sabe onde ele foi ou quando vai chegar. Através de seus velhos amigos — que, pacientes, esperam sentados na sala — pude saber de algumas de suas atividades. Uma delas, diária, é a visita que faz à Rádio Bandeirantes FM de São Paulo. E lá fica um tempão, esperando uma brecha para realizar seu grande sonho: dizer, no ar, o prefixo da rádio.

Maria José Arrojo

D. Paulo procurado

Foto de Cristina Villares

O Cardeal

Pela CIA. É perigoso.

A maior organização de espionagem do mundo — a CIA — considera o cardeal Dom Paulo Evaristo Arns um dos perigos para o capitalismo no Brasil. Quem contou isso foi o advogado José Carlos Dias, que no final do ano passado visitou a sede da CIA nos Estados Unidos, a convite do governo americano. O advogado, que é ligado à Igreja — é presidente da Comissão de Justiça e Paz — conversou com os cabeças da "Central de Inteligência" e a maioria das perguntas que lhe fizeram foi sobre o cardeal. Queriam saber o que ele pensa, quais são suas convicções políticas. Os chefes da espionagem também pediram informações sobre as Comunidades de Base, criadas por Dom Paulo em São Paulo.

As Comunidades, aliás, preocupam também setores do governo brasileiro entre os quais o ministro Golbery. Em conversa recente com o secretário geral da CNBB-Conferência Nacional dos Bispos do Brasil — Dom Luciano Mendes de Almeida — Golbery comentou com ironia (depois que dom Luciano se referiu a um operário que lhe disse estar disposto a partir para a luta armada):

— Quem sabe esse operário não é fruto das Comunidades de Base?

Rivaldo Chinem

Por gays. É pecado?

Ex-frades dominicanos e beneditinos ficaram preocupados quando o papa classificou o homossexualismo como pecado. Homossexuais, mas cristãos, eles não querem renunciar a uma coisa nem outra. Reuniram-se para conversar e chegaram à conclusão de que o assunto deveria ser discutido com a Igreja brasileira.

— Será que nós, que somos cristãos e católicos praticantes, teremos que viver eternamente em pecado, por sermos homossexuais?, — argumenta um deles.

A primeira coisa que eles pensam é chamar o cardeal de São Paulo, dom Paulo, para um debate — de preferência público. Ruth Escobar já ofereceu seu teatro para isso. Existe até uma lista de possíveis convidados, como, por exemplo, a equipe do jornal Lampião.

Acham os homossexuais-cristãos que a posição de Dom Paulo sobre o problema "está melhorando": em 1978, num livro que ele mesmo escreveu, o cardeal condena o homossexualismo totalmente; no ano seguinte, em entrevista ao jornal "Movimento", afirma que o problema deve ser encarado seriamente "porque os homossexuais somam 4% da população mundial".

Esta nota vale como convite público ao cardeal. Esperamos que ele envie a resposta aqui pro REPORTER.

Maria José Arrojo

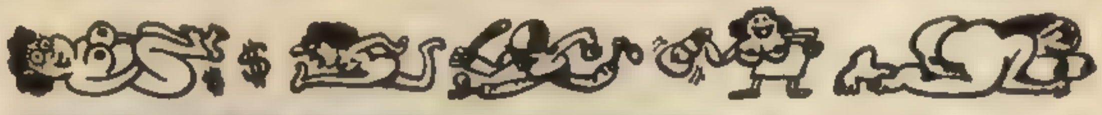


Foto de Wagner Avancini

Depois dessa foto, foi todo mundo parar na delegacia: **Branca** (debruçada na viatura policial), o fotógrafo Wagner Avancini e o repórter Rivaldo Chinen. **Branca** é uma das prostitutas que denunciou ao juiz Renato Laércio Talli violências e extorsão de policiais do 3º. Distrito, Centro de São Paulo. A existência de "caixinha" pra elas poderem trabalhar nas ruas. Rivaldo e Wagner foram entrevistá-la no local de trabalho, quando a polícia chegou (justamente do 3º. Distrito). Os policiais disfarçaram, disseram que estavam só atrás de um assaltante. Aí, Branca encostou na viatura e Wagner fotografou. Pra quê? Os policiais acharam que a foto podia comprometê-los (intimidade com prostitutas) e imediatamente agarraram Branca e a jogaram dentro do carro. Também fizeram Wagner e Rivaldo acompanhá-los à delegacia para explicar a razão da foto. O delegado de plantão, J. Duran, não quis saber de confusão e logo liberou os jornalistas — para em seguida liberar **Branca**. No dia seguinte, o chefe de Duran, William do Amaral, quis até abrir sindicância para apurar a "prisão de jornalistas", chamou Rivaldo pra conversar com ele, pra deixar bem claro que a polícia queria ficar bem com a imprensa. Aproveitando o papo, Rivaldo perguntou ao Dr. William (chefe do policiamento do Centro, onde circulam dez mil prostitutas) se existia mesmo uma "caixinha do lenocínio" na polícia. Ele não negou:

— Sabe? Tem caixinha no Judiciário, no Ministério da Fazenda, tem caixinha em todo canto. Mas, como provar?

DEU COBRA

Foto de Rogério Carneiro

A cobra apareceu morta, no centro do Rio, em novembro passado. Todo mundo parou pra olhar. Aí, um cidadão qualquer, revoltadíssimo, agarrou o bicho pela cabeça, levantou bem alto e berrou a plenos pulmões na esquina da rua Buenos Aires com a avenida Passos:

— Não é possível! Uma cobra nas ruas do Rio de Janeiro!

Juntou uma pequena multidão, mas o homem não disse mais nada: saiu andando em direção da avenida Rio Branco com a cobra na mão.

“Parabenizo o pessoal deste jornal por mais uma vitória: a de voltar mais firme e mais forte, não só às bancas, mas às mãos dos seus leitores e assinantes; à luta pela total liberdade da imprensa.”

(Alfredo Ciuccio de Magalhães, Rio de Janeiro, RJ)

Professor cai de porrada nos alunos

Alicerçados no direito à liberdade de expressão, alunos do Instituto de Planejamento e Estudos Ambientais (UNESP — Presidente Prudente) — mais precisamente do Curso de Estudos Sociais — fizeram publicar Boletim Informativo através do qual reivindicavam maior aplicação por parte dos responsáveis pela área de Geografia.

Pois bem, em resposta ao Boletim, um professor (se ainda pode-se assim considerá-lo), numa atitude tresloucada e animalesca, investiu contra um grupo de alunos, primeiramente com ofensas morais. Não obtendo o rebaixamento dos mesmos ao seu nível, passou — pasmem vocês — à agressão física, distribuindo socos e pontapés aos que se encontravam ao seu alcance, sendo que nem as moças escaparam da sua fúria insana.

Disso tudo restou algo de bom: a sensatez dos alunos que, apesar da efervescência própria da juventude, não revidaram a agressão desse energúmeno, cria dum sistema onde as manifestações e reivindicações, por mais justas que sejam, são rechaçadas e abafadas na base da força bruta; nunca através do diálogo e diplomacia.

(Otávio Cesar Romeiro, Presidente Prudente, SP).

FERROVIÁRIO RETIFICANDO

“Na edição deste mês foi publicado em seu jornal um artigo enviado por mim, e editado sob o título “Ferroviário conta os podres da Rede”, pelo qual estou imensamente agradecido, mas gostaria de fazer uma retificação, para que os meus colegas ferroviários de Santos Dumont, em Minas Gerais, não venham sofrer nenhuma represália. Na realidade, eles não têm nada a ver com a carta endereçada por mim ao seu jornal.

A verdade é que eu sou um ex-ferroviário e por saber de muitas coisas que acontecem com a classe, principalmente naquela cidade (fui lotado na ORT1.3/6 há alguns anos), foi que resolvi desabafar por intermédio do seu jornal.

Por isso, peço-lhe a gentileza de fazer uma ressalva na próxima edição porque, inclusive, a carta foi colocada no correio daquela cidade, na ocasião em que eu me encontrava em gozo de férias. Por isso, alguém da chefia da Rede pode pensar que o artigo publicado seja de autoria de algum maquinista, na ativa daquela divisão ferroviária, quando na realidade eu apenas me fiz passar por um deles.

(J.M. Ribeiro, São Paulo, SP).

Esquerda precisa ser repensada

Foto de Lucília Braga

Norma, secretária, ex-presa política

“Falar, escrever então. Pra insistir em coisas que estão e devem ser repensadas. Porque nós vivemos numa sociedade em estado de desespero, onde as vítimas, os humilhados, ofendidos, explorados, se degladiam entre si, enquanto os poderosos decidem a forma mais eficaz de continuar atazanando, expoliando, explorando toda uma população. E a esquerda se atropela por praças, bairros de periferia, corredores de sindicatos e do TRE tentando converter a população para suas idéias.

Uma esquerda que precisa ser repensada. Ser ideológica e culturalmente repensada, como a Teologia da Libertação repensou a Igreja. Repensar seu papel, seu compromisso, sua postura. Que hoje ainda é muito semelhante a dos antigos missionários da Igreja que iam converter os nativos. Como eles, a esquerda considera a abnegação, a capacidade de “doar a vida pela causa”, a virtude básica. Dotados deste despojamento, eles passam a ser detendores de todas as virtudes, especialistas em todas as áreas. A eles cabe não a inserção no povo, a pesquisa de sua cultura, a preocupação de aprender-ensinando, mas a conversão do povo às suas idéias, arrumadas e classificadas de antemão. E as discussões tornam-se tão estéreis como o debate religioso — os índios que não foram batizados vão ou não para o céu?

Os trabalhadores vão ou não se libertar? Depende de nossa capacidade de convertê-los às nossas idéias. O respeito à sabedoria e à cultura do povo é apenas um jargão ôco. Porque eles se comportam mesmo é como jovens senadores, com discursos e chamamentos prontos e acabados. O compromisso deles é muito mais com a coerência de sua própria visão de mundo do que com o movimento social vivo. E aí concorrem com quatro chapas diferentes à eleição da UNE, fazendo com que os estudantes botem fumacinha pelo cérebro para atinar com a resposta certa naquela múltipla escolha. Os discursos complicados, prontos e acabados, são estéreis porque não estimulam as pessoas a pensar, a desenvolver seu discernimento próprio. Elas acabam se inibindo, como os nativos, incapazes de argumentar frente à rebuscada cultura européia dos missionários.

Quando eu temia falar sobre minha experiência de vida é justamente porque não sabia como colocá-la de forma nova. E na forma antiga eu não queria. Não sou mais missionária. E nunca fui herói, ou melhor, talvez tenha sido. Tão herói e tão mártir como milhões de pessoas cujo dia-a-dia está recheado de exploração, humilhação, covardia, coragem, desânimo e um novo fôlego para a luta. E isso não é uma frase retórica. É um berro de protesto, contra os missionários que exigem e propagandeam que o comunista deve ser um herói. E a responsabilidade de ser a elite ética, política, ideológica da humanidade é tão grande que eles mal conseguem se descontrair dentro de suas casacas.

Que é isso, companheiro? Não há motivo para indignação. Não falo assim por despeito de quem fracassou no papel de herói. Não, companheiro, falo isso com muita tristeza. E com a necessidade, a obrigação, o dever que sinto — e muita gente sente — de batalhar para que a esquerda deixe de se portar como missionária. Esse vírus não é só teu nem da tua tendência. É um vírus que se adquire nos primórdios da militância. Abnegação é o que se exige. Dedicação total à tarefa de converter os outros. O que faz com que o operário engajado se vire para sua “massa” na maior indignação: “Mas como, você vai ao futebol domingo? E a reunião?”

A “massa” ou gagueja uma desculpa ou então assume na maior, tipo não me enche o saco. Uma relação tão semelhante à do padre com o paroquiano displicente... Cara, as pessoas precisam salvar a alma e a sociedade. E para isso o futebol é tão necessário quanto a reunião do comitê. A religião, o fumo, o samba, a cachaça não são em si alienantes. São imprescindíveis para o equilíbrio do indivíduo e da sociedade.

Compreender isso é deixar de ser uma categoria à parte, querendo botar o povo no bom caminho. Porque viver na pior, trabalhando feito um mouro, e nos fins de semana fazer reuniões sobre miséria e exploração não há Cristo que agüente. A revolução que se pode fazer é com todo mundo junto, aprendendo a melhor forma de gingar o corpo e partir pra briga. Como o negro e a capoeira.

Eu tava calada no meu canto, pensando em me preparar para algum dia fazer longas, coerentes e fundamentadas exposições sobre estes e outros assuntos. Mas recebi algumas sacudidelas, tipo “você só aprende e ensina falando, se expondo, sendo cobrada”. É isso aí. A princípio, discursos emocionais e mal articulados porque não vou me alinhavar sozinha mesmo. Sentar numa máquina, alinhavando as soluções para o mundo, ninguém tem competência pra isso, e eu muito menos. O que tenho é uma crença: a de que as palavras, mesmo balbuciantes, a gente deve soltá-las ao vento, para que o eco as articule melhor e as faça ressoar”.

Norma Sá Pereira, Rio de Janeiro, RJ

Correio Homossexual

"Queridinhos e queridinhas do REPORTER! Adorei o n.º 23 deste badalativo nanico e fiquei possesso ao saber da sacanagem que o Petrônio Portella fèz com vocês (aliás, com a nossa tão suada Liberdade de Expressão).

A matéria sobre a perda de tesão após o casamento foi muito importante, pois só assim podemos ampliar as discussões sobre o prazer e como sentí-lo, sem achar que estamos fazendo algum pecado. A estrutura católico-burguesa do casamento é algo draconiano, isto sem falarmos no rol moralista de preceitos e preconceitos que introduzem os iniciandos neste ato nefasto. Não pensem que só porque prefiro relacionamentos homossexuais é que estou pixando o casamento. Pelo contrário, é justamente por ter, de vez em quando, tais estruturas interferindo em meus relacionamentos, que são de minha livre e expontânea vontade, é que questiono e critico o ritual do casamento, tal como ele é apresentado.

Mas o que vem me agradando mais, em termos de trabalho, são as matérias que põem por água a baixo a moral burguesa que nos domina, além das coberturas sobre minorias marginalizadas (prostitutas, prostitutos, homossexuais...). A meu ver, o REPORTER abre espaço muito importante no que tange à informação e conscientização sobre o que acontece nos subterrâneos da marginalidade (criada pelo sistema).

Aproveitando o ensejo, mando um recado para os leitores homossexuais: gostaria de me corresponder com rapazes de todo o Brasil, a fim de trocar idéias e possível amizade. Tenho 21 anos, faço Comunicação. Tenho 1,75m e 75 Kg. Tenho preferência por jovens de 18 à 25 anos, o que não impede pessoas de idade superior de escreverem, pois serão bem recebidas. Correspondência para: Rua Santa Maria, 26 — apt.º 302 Estácio — RJ — CEP 20211."

(Antônio Carlos Moreira)

CORREIO HETEROSSEXUAL

"Quero dar o meu apoio à idéia do Nélio Enriquez. Acredito que seria uma boa o **Correio Heterossexual**, pois nessa época de abertura não há espaço para preconceitos de espécie alguma, muito menos sexual. Cada um faz de sua vida o que bem entender. O corpo e a mente foram feitos para serem usados e cada um escolhe como deve usá-los.

Por isso, sou mais um que acredita que o Correio Heterossexual deve ter um lugar neste jornal, que se diz independente e autônomo. Parabéns ao Nélio pela idéia, que mesmo não sendo muito original traduz o pensamento de muita gente, como eu e você.

Se, por acaso, você quiser me escrever, escreva para o REPORTER que o pessoal lhe dará meu endereço". **(Evaldo Silva, Rio de Janeiro, RJ)**

LEITOR REPORTER

Famílias de presos tomam presídio da Ilha Grande

Os presos da Ilha Grande festejaram o Natal de 79 rompendo todas as normas do sistema penitenciário e improvisando em poucas horas uma festa verdadeiramente humana, que a rígida programação oficial procurava apenas simular.

A festa oficial havia sido programada, como todo ano, para reunir presos e familiares em um grande descampado onde, ao som de *Noite Feliz*, executada pelo conjunto *Jovens Para Cristo — Equipe Salvasom*, se faria uma farta distribuição de brindes e textos bíblicos. Seriam apenas algumas horas de reunião, onde o congraçamento coletivo imposto impediria a confraternização mais íntima dos presos com seus familiares.

Acontece que, depois de longa e tumultuada viagem de caminhão pela perigosa estrada que dá acesso ao presídio, famílias e presos foram surpreendidos por um violento temporal. Eram quase mil pessoas correndo de um lado para outro sem ter onde se abrigar. A chuva não parava e o vento ia criando o pânico. Os presos exigiram que a direção do presídio abrisse as portas. Ameaçou-se assim um inédito motim de fora para dentro.

Em meio a muita água e discussão, o guarda Zaquezinho tirou sua arma e ameaçou atirar em todo o mundo. Aí o negócio esquentou. Os presos assumiram a defesa de suas famílias, colocando-se frente a frente com os guardas e exigindo alguma providência.

As portas finalmente se abriram e, pela primeira vez na história dos presídios brasileiros, as famílias tomaram celas coletivas e individuais.

O trabalho da cooperativa criada por eles, também merece registro especial. Os presos criaram essa cooperativa para atenuar a miséria que existe na prisão e, com isso, evitar mais violência. Através dela, eles podem adquirir desde cigarro e sabonete, até alimentação, pagando como puder e quando puder.

Tânia Coelho

Silvia critica Jairo e defende a "Suruba"

"Creio que Jairo Velloso confunde um pouco as intenções de denúncia de algumas reportagens. Começa pela confusão que faz entre liberdade e libertinagem. O que há nessas boates é sintoma de prostituição e prostituição, infelizmente, é conseqüência da insuficiência da sociedade baseada em moldes capitalistas, como a nossa. Por que em Cuba não existe disso? Porque a liberdade de se transar sexo existe em conjunto com condições materiais (motéis baratos, etc...). Então se não há repressão, nem proibição, fica sem sentido fazer shows desse tipo.

José Antônio Nonato denuncia exatamente esse aspecto, quando mostra a falsidade dentro desse tipo de "trabalho", onde as moças são obrigadas, pagas e compradas para serem, além de lésbicas e prostitutas, atrizes que atuam num palco cujo público (o consumidor capitalista) se diverte com a desgraça alheia.

O importante não é quem vai ou deixa de ir, quem quer ou não quer pagar pra ver. O importante é mostrar sempre os centros da decadência humana, sejam ou estejam eles sentados nas altas cúpulas do governo ou nessas boates.

Pondere mais a respeito disso antes de pichar um repórter que se preocupa em mostrar onde nos ferimos e não concordar em aumentar a ferida". **(Silvia de Castro, Campinas, SP)**

• A carta do Jairo ("Não entendi a suruba") pichava de leve a matéria do Nonato ("Suruba ao vivo em Copacabana"). Silvia não gostou.

Através desta carta venho pedir-lhes que façam uma reportagem a respeito da real situação na cidade de Deus, ressaltando bem os interesses dos grandes empreendimentos imobiliários que estão por trás disso tudo. Além da conotação racista da questão, visto que 90% da população da Cidade de Deus é formada por negros". **(Fernando de Jesus Pinho, Rio de Janeiro, RJ).**

Hipocrisia e mentira são leis

"Sabemos que a verdade incomoda à maioria das pessoas, especialmente as que estão por cima na ordem das coisas. Infelizmente a hipocrisia, a mentira e o eufemismo, são as únicas leis obedecidas pelas camadas mais altas desta sociedade apodrecida.

Isto parece explicar que **REPORTER** seja alvo de perseguição dos pseudomoralistas, que não se pejam em impor aos outros regras de conduta que eles jamais tiveram capacidade para seguir. Mas se a sociedade precisa ser focalizada em seus múltiplos aspectos, também o sexo, aspecto cultural de implicações éticas, deve ser analisado. Todos nós, de todas as religiões, dizemos palavrões ou freqüentemente, ou nos momentos de nervosismo: por que é imoral o palavrão impresso? Esta ditadura subdesenvolvida substituiu a imoralidade na escrita, pela imoralidade na ação? Prostituir as nossas riquezas naturais, o esforço físico dos nossos trabalhadores, destruir a paisagem, desrespeitar os seres humanos e os seres irracionais, cercear o pensamento e a expressão, limitar e restringir a ação política, perseguir, prender, torturar trabalhadores e estudantes, tudo isso está de acordo com as nossas legítimas tradições cristãs. Mas escrever tesão é imoral, grosseiro, obsceno, chulo.

Eu compro **REPORTER**, leio, discuto com meus amigos, levo pra casa, mostro pra minha mulher e minha filha, nós o aprovamos, respeitamos e acreditamos nele e que se danem os guardiães da moral e dos bons costumes. Não será um tesão em página de jornal que irá nos ofender ou preocupar, tanto mais que apesar de vivermos como classe explorada num pobre país do terceiro mundo, continuamos sentindo tesão. **(EGF, São Paulo, SP)**

Idolo da torcida nem no banco fica mais

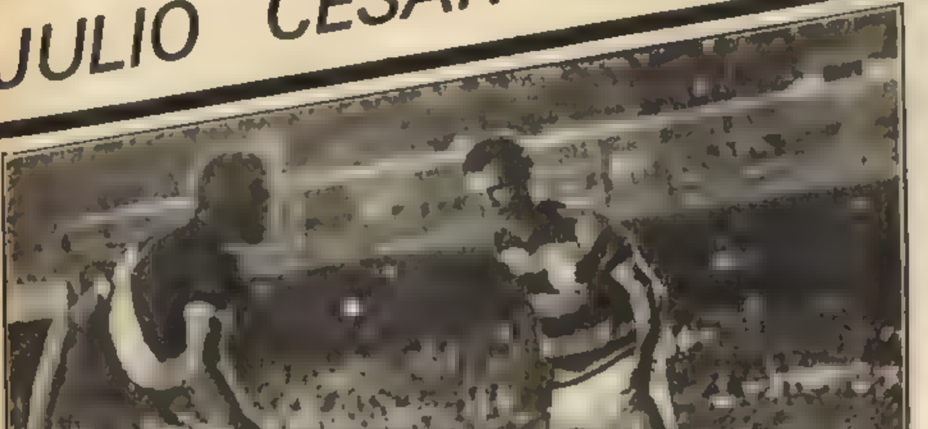
Magoado, quer ir pro Vasco em troca de Paulinho

Só ganha 20 mil e não deixam ele mostrar o jogo

VÃO ACABAR COMIGO!

JULIO CESAR CHIA BRABO COM O FLAMENGO

xto de Maria Helena Araujo
tos de Chiquito Chaves



O conjunto residencial de Cidade Alta, Cordovil, como qualquer um que se preza, é pobre, com prédios sujos, crianças mal nutridas jogando "pelada" nas ruas cheias de lixo. A falta de recursos é evidente na sujeira dos bares e nas dependências dos prédios. A presença de um carro da reportagem chama a atenção da molecada, que se mostra eficiente e prestativa quando sabe que estamos ali procurando Julio Cesar, ou melhor, Julinho, ponta-esquerda do Flamengo e um ídolo da torcida rubro-negra.

— Olha, ele mora aqui nesse prédio dos bancários, mas eu vi ele dando umas voltas de carro aqui dentro. É um carro preto, bacana, que ninguém tem igual aqui dentro. Mas se a senhora quiser eu levo vocês no apartamento da mãe dele, aqui do lado — diz um pivete que é o craque da pelada.

Aceitamos a sugestão e fomos até a casa da mãe do jogador, num prédio em condições bem inferiores que o de Julio Cesar. Quem nos atendeu foi Lúcia, a mulher do jogador, que lá estava fazendo companhia à sogra.

— Vocês por aqui. Não vai me dizer que querem uma reportagem com o Julinho! Nenhum repórter procura mais ele. Dizem que ele morreu.

Saímos acompanhados por Lúcia e demos várias voltas dentro de Cidade Alta à procura de Julinho, constatando mais de perto as precárias condições de vida daquele pessoal.

— O Julinho — diz Lúcia — adora ficar dando voltas com o carro por aí, mas vou deixar recado com a rapaziada, para ele ir para casa, que tem repórter e fotógrafo esperando, tá bom?

Paramos em frente ao prédio e ficamos na calçada esperando uns 10 minutos, até que um carro preto apareceu na esquina. Lúcia fez sinal e Julio Cesar se dirigiu até nós, mostrando-se surpreso com a nossa presença ali. Antes que pudéssemos nos aproximar, a molecada cercou o ídolo, pedindo ao fotógrafo que tirasse as fotos.

— Tá vendo — comenta Lúcia. É assim o dia inteiro. Eles adoram o Julinho.

Subimos para o apartamento 305 e lá sentimos o contraste de dentro do apartamento para fora. Carpete na sala, televisão a cores, uma aparelhagem de som lindíssima com quatro caixas e um poster do Flamengo tricampeão na parede.

— Por que você saiu da Tijuca para morar aqui, num quarto e sala?

— Existem momentos na vida em que não podemos escolher e eu queria comprar um apartamento. Como o dinheiro só dava para comprar aqui, decidimos ficar com ele. Custou Cr$ 175 mil, mas já está valendo uns Cr$ 300 mil — responde Julio Cesar com a ingenuidade de sempre.

Foi o dinheiro que você recebeu pelo tri?

— Foi. Sabe como é, a gente tem que investir em alguma coisa, né? Mas eu quero que você saiba que me emocionou muito se lembrando de mim. Agora que as pessoas insistem em dizer que estou por baixo, ninguém se lembra de

mim, me chamaram até de palhaço de circo, pode?

— O que fizeram com o Julinho — diz Lúcia — não se faz nem com cachorro. Sacaram ele do time e depois do banco, sem dar a menor explicação. Como eles podem dizer que o Julinho está mal, se não deixam ele jogar?

Julio Cesar escuta meio cabisbaixo a mulher falar, mas aparentemente concorda com tudo o que ela diz.

— Depois das duas distensões, que me fizeram até chorar, eu voltei bem no início do Campeonato Nacional, mas o "capitão" resolveu colocar na ponta uns caras que não são pontas. Isso é humilhante e me abate tremendamente. Estão tentando criar uma coisa falsa, e por isso dizem que estou numa fase ruim, mas eu sei que estou bem novamente. Fui considerado o maior ponta da Europa na excursão e agora nem para o banco do Flamengo eu sirvo? Dá prá desconfiar.

Julinho pede para "manerar" ao escrever a matéria e diz que não quer acusar ninguém em particular, principalmente porque poderá complicar mais ainda a sua situação no clube.

Lúcia não concorda com Julinho. Diz que o importante é contar tudo o que se passa e cita uma conversa que seu marido teve com Domingo Bosco, no início das férias:

— O seu Domingo Bosco chamou Julinho para conversar sobre a sua fase e o Julinho nesse ponto até que foi duro: disse ao Bosco que o Flamengo já fez muito por ele, mas que agora os dirigentes estão muito enganados se pensam que o estão ajudando forçando essa situação irreal.

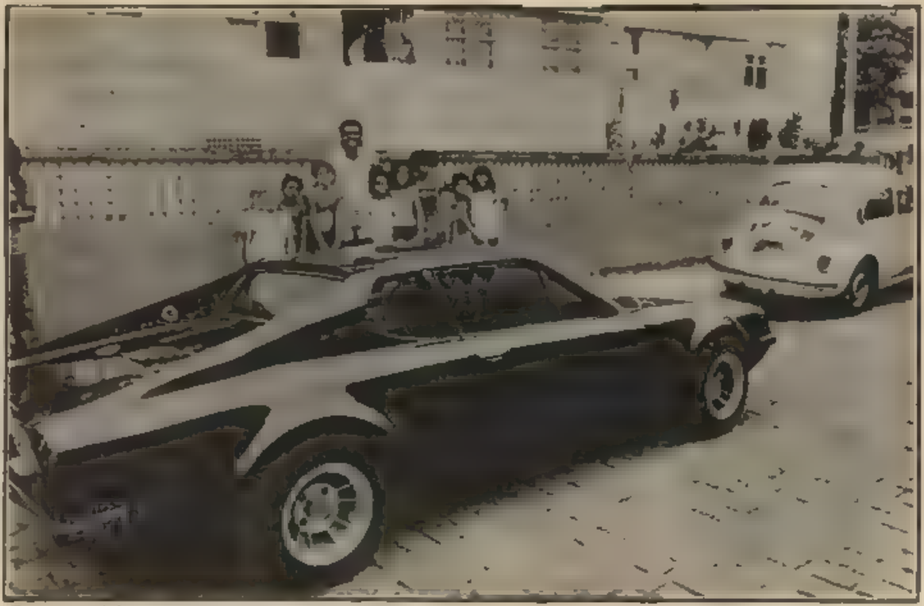
Como toda mulher de craque, que agüenta as barras e sufocos dentro de casa, Lúcia não foge à regra e procura desabafar contando histórias que ilustram bem a atual situação de Julio Cesar no Flamengo.

— Em novembro, soube que estava grávida e fui correndo para o Flamengo dar a notícia. Quando cheguei no campo, me deu até pena: os jogadores e a comissão técnica estavam reunidos no centro do gramado e o Julinho era o único que estava batendo bola sozinho, com uns garotos. Cheguei perto e ele me falou: "Tá vendo, preta, nem treinar mais com a moçada eu posso!" Aí eu dei a notícia do bebê e Julinho endoidou, saiu correndo para abraçar Cantarele e até esqueceu a barra daquele momento.

Emotivo e profundamente ingênuo, com um jeito meio criançola, Julinho ouve tudo calado e comenta:

— Sabe o que mais me irrita? É ver a galera gritando o meu nome nas arquibancadas. Tenho vontade de entrar na marra. Aliás se isso que está acontecendo comigo agora fosse há uns dois ou três anos, eu já teria aprontado alguma, sei lá, quebraria a Gávea ou coisa parecida. Mas agora tô mais quieto, maduro e vou esperar o dia certo de dar o troco.

Num recente jogo do Flamengo em Ribeirão Preto, Julinho foi relacionado para o banco, onde sua mulher diz que ele tem vergonha de ficar, por isso até se esconde. A torcida começou a gritar demo-



Companhias constantes: as crianças e o carro, apelidado de "Cláudio Adão". É preto e grande.

Lúcia, sua mulher, e o filho que vem em julho animam Julinho. Ela está revoltada com o Flamengo.

radamente o seu nome e Julinho não se conteve: chorou como criança e naquele momento constatou que estava perdendo a pureza e naturalidade, passando a ser somente um profissional.

— Foi isso mesmo o que aconteceu. Eu jogava no Flamengo só por amor. Tanto é, que ganho Cr$ 20 mil. Aliás, minto. Eles me deram um aumento de Cr$ 5 mil em outubro. Dá até para rir, não dá? Mas tudo isso, essa sujeira, me fez perder a pureza que eu tinha. Agora o meu contrato acaba e, apesar do enorme respeito que tenho pela torcida, não posso dizer que gostaria de ficar no Flamengo. Agora eu quero o que mereço e vou pedir alto. Será que um tricampeonato não pesa? E as propostas que eles recusaram para me vender? Tem gente no Flamengo ganhando até mais de Cr$ 60 mil sem jogar, será que eu que joguei a maioria das partidas do tri, não mereço?

Julinho gesticula, dá tapas na poltrona enquanto fala, demonstrando que no fundo está mesmo revoltado e vai desabafar a partir de 14 de janeiro, quando termina o seu contrato. Aí sim, ele faz questão de mostrar que está bem física e tecnicamente para pedir o que pensava em reivindicar quando explodiu no futebol. Não revelou a quantia pretendida, mas é possível que chegue a mais de Cr$ 100 mil de salário.

— Põe dinheiro nisso — comenta Lúcia.

Mas como ficará então essa situação já quase insustentável? Quem cederá, se é que alguém vai ceder? Quem precisa mais de quem?

— Olha — diz ele — eu não sei como as coisas vão se resolver. Só sei que aqueles argumentos que te falei vão pesar na balança. Estou envolvido numa transação com o Paulinho do Vasco, possivelmente uma troca e acho que isso seria o melhor para mim no momento. Uma troca de clube significaria um bom salário e paz novamente. Já não gosto de jogar no Flamengo como antes. É como eu te disse, os dirigentes acabam com a pureza da gente.

Julinho a todo momento se lembra das críticas recebidas e não esconde a mágoa de ter sido chamado de palhaço, inútil e jogador de circo.

— Vocês da imprensa que me desculpem, mas existem alguns críticos que não entendem o que significa jogar futebol por instinto. Eu sou assim, se cismar de driblar um cara três vezes seguidas vou fazer e não adianta dar ordens para cruzar. Eu acabo aprontando alguma. Agora vêm esses caras e me atacam dessa maneira. Eu queria ver se eu os acusasse de escrever mal e serem ignorantes...

Depois daquele jogo com o Atlético Mineiro em que Julio Cesar deu o seu show e passou a ser o dono da festa preparada para Pelé, as coisas se complicaram. Passou a ser um jogador visado e severamente marcado, muitas vezes por três homens. Segundo Julinho o que aconteceu naquele jogo foi um aborto da natureza. Uma dessas atuações que acontecem uma vez na vida outra na morte.

— Todo mundo queria que eu jogasse sempre aquilo. Mas naquele dia deu tudo certo, foi uma coisa sobrenatural. Daí em diante os adversários me caçavam em campo e coincidiu com a distensão. Me acusam de não saber jogar muito marcado, mas só posso provar que sei se me deixarem entrar em campo — diz ele com ironia.

O jogador já esteve por explodir com a comissão técnica do Flamengo, como aconteceu no jogo contra o Palmeiras. Júlio Cesar foi relacionado para concentrar, mas havia um jogador a mais para o banco. Um iria sobrar, era coisa certa. E quem sobrou foi ele mesmo.

— Tive vontade de explodir mesmo, chegar junto dos caras e saber o que estava acontecendo. Parece até que depois daquelas excelentes atuações que tive os dirigentes ficaram com com medo de eu me valorizar muito e criaram essa situação. Não posso afirmar que isso seja verdade, principalmente porque eles já fizeram muito por mim, mas que dá prá desconfiar, não tem dúvida.

— E essa história de dizer que você é biriteiro e maconheiro?

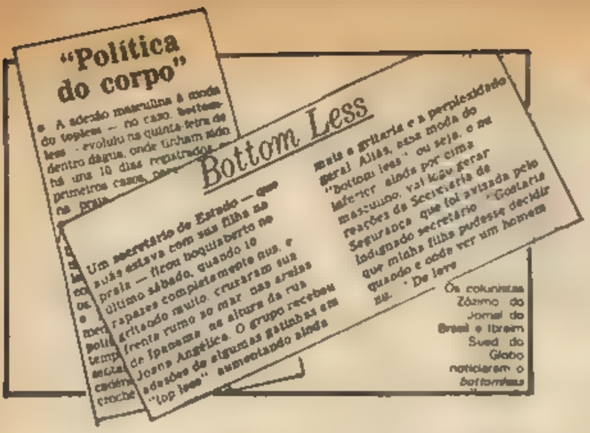
— Olha, nem cigarro eu fumo e só bebo refrigerante. Mas se você quer saber o porque dessa fama é fácil de explicar: é porque eu moro em Cidade Alta e todo mundo acha que aqui só tem marginal. Se eu morasse no Leblon não tinha essa fama, pode estar certa. Isso aí faz parte do trama pra me afundar cada vez mais.

Julinho pára de falar no assunto, pede a Lúcia que traga uma Coca-Cola com biscoitos e comenta sobre o filho que vem aí em julho.

— Tô doido prá ver o moleque. Em Belém, quando eu jogava no Remo, a Lúcia perdeu os gêmeos, foi um choque. Mas dessa vez vai sair tudo bem e esse filho vai me dar outra motivação. Estou com 23 anos e se não fizer um bom contrato agora, não conseguirei mais nada com o futebol. Vou para Belém agora e pode ser até que os caras do Remo comprem o meu passe, mas eu não gostaria de voltar para lá. Gostaria mesmo era de ir para o Vasco.

Como uma criança irriquieta, Julinho dá um salto da cadeira e vai buscar um par de chuteiras autografadas que recebeu de Menotti, técnico da Argentina.

— Tá vendo o meu prestigio! Eu nem uso elas prà não gastar.



Os colunistas Zózimo do Jornal do Brasil e Ibrahim Sued do Globo noticiaram o bottomless

HOMEM TAMBÉM TIRA ROUPA NA PRAIA

Pintos e maminhas em Ipanema

Os cronistas estão falando pelos jornais, o rádio e a televisão já comentaram e todo mundo já sabe que, na praia de Ipanema, no Rio de Janeiro, está na moda o tal do topeless. A expressão também vem dos Estados Unidos e significa alguma coisa assim como "sem a parte de cima". No caso, a parte de cima é o sutiã dos biquinis das gatinhas de Ipanema. Em outras palavras, neste verão, as sereias da praia estão começando a botar as maminhas de fora.

Todo mundo falando, o colunista Ibrahim Sued pedindo até providências à polícia, mas mostrar uma foto, que é bom, ninguém mostrava. E lá foi **REPORTER** para a praia, dia 13 de dezembro, quinta-feira de muito sol. Era Dia do Marinheiro e, às nove e meia da manhã, com batedores à frente, passou, pela avenida Vieira Souto, de terno, num carro preto e ao lado do Ministro da Marinha, o presidente Figueiredo. E enquanto iam chegando os banhistas, lá no meio do mar, a esquadra brasileira perfilada fazia exibições. Meio da semana, a praia não estava cheia. Mas, em frente à rua Montenegro, na altura do Posto 9, as areias ferviam. É que ali se reúne, todas as manhãs e tardes, um pessoal que os cariocas chamam de biutiful pípou — do inglês **beautiful people**, que quer dizer gente bonita.

Gente bonita mesmo. Tudo bem alimentado, criada ao sol, sem problemas, cheia de sorrisos. Uma ilha de bem-estar. E foi neste canteiro que brotou a idéia de destacar o busto. Uma idéia que não se sabe bem se surgiu por causa do sol forte na moleira, para imitar as praias da Europa ou, simplesmente, para botar para fora o índio que todos os brasileiros temos dentro de nós.

Às dez da manhã, todas as freqüentadoras tinham os peitos cobertos. O moço que vende refresco de limão e fica sempre zangado por ali, que é para ver os peitinhos mais bonitos, informa que "o negócio começa a ficar bom por aqui, lá pela uma da tarde..."

E nós lá, esperando. Deu meio dia e meia e, vindos da praia do Arpoador e completamente desenturmados do clima de cada um na sua, que vigora no pedaço, começaram a aparecer por ali uns rapazes. Pela cara, tinham sabido da novidade e vinham conferir.

Duas mocinhas já estavam em pleno topeléss e os rapazes começaram a fazer rodinha para espiar, rir e comentar. As coitadas, já que estavam sem sutiã, resolveram dar aquela de não está acontecendo nada, vamos em frente. Mas, a certa altura, foi impossível continuarem fingindo que não estavam mortas de medo do bololô de gente, que aumentava cada vez mais e, de repente, já gritava: "Pega, morde, chupa..."

Quase pânico. As duas trataram de vestir as blusas e ficaram quietinhas, ou viravam novas vítimas da violência sexual que anda por aí. E, no que se vestiram, frustraram a galera que, indócil, continuava concentrada na área, à espera de um bis. Cada vez juntava mais gente e já tinha até quem tivesse vindo da calçada, com roupa e tudo, para ver qual era a da beira da praia. Mas mamilo ao ar livre, mais nenhum.

Aquele nervoso geral e, lá pelas tantas, um cavalheiro começou a gritar: "Vocês querem nu? Pois eu vou ficar nu..." E, peladão, começou a pular nas areias. Gritos, vaias, assobios, uma senhora tapando o rosto da filha pequena e gritando que "se tua mãe ou tua filha estivessem na praia, eu queria ver se tu gostava, seu safado!", a praia parou para apreciar o desfile, que durou cinco minutos e acabou num mergulho.

Só uma hora depois a areia voltou à calma, todo mundo de novo apanhando sol e tomando banho de mar, sem assistência. Aí, fomos pedir às mocinhas que dessem uma declaração ao jornal, contando porque é que tinham aderido à moda, se era bom, quais as dificuldades em mostrar o busto. As duas ficaram por conta: "Não dou declaração nenhuma, não quero foto", gritou a primeira. "Se me fotografar, jogo areia na máquina porque minha família não pode saber", berrou a segunda, já com um punhado de areia na mão, que acabou jogando mesmo, com toda a agressividade. Para não falar do namorado, que também quis bater no fotógrafo.

O nudista foi mais tranqüilo e educado. Declarou chamar-se Paulo Ferraz, de 28 anos, artista plástico de profissão. E explicou seu gesto: "As mulheres também têm tesão, elas também querem ver as coisas que elas gostam".

Então, as fotos estão aí, para comprovar a quantas andam os costumes. Quando Pero Vaz de Caminha escreveu sua carta para o rei Dom Manuel, contando as novidades da terra de Santa Cruz, não se esqueceu de falar a respeito das xoxotas das índias. Disse que elas eram "altas e raspadinhas". O Ministro da Justiça do reino não censurou e nem apresentou a tal epístola. Quatrocentos e oitenta anos depois, apresentamos a nossos leitores o primeiro pinto da imprensa brasileira. Pequeno e cabeludinho.

Reportagem de José Antônio Nonato.
Fotos de Rogério Carneiro

REPORTER
PEQUENO, GROSSO E ...

REPORTER

Fevereiro de 1980 — ano III — nº 26 — Cr$ 25

AUTÔNOMO INDEPENDENTE

Infidelidade conjugal ataca de norte a sul

TODO BRASILEIRO É CORNO

P.3

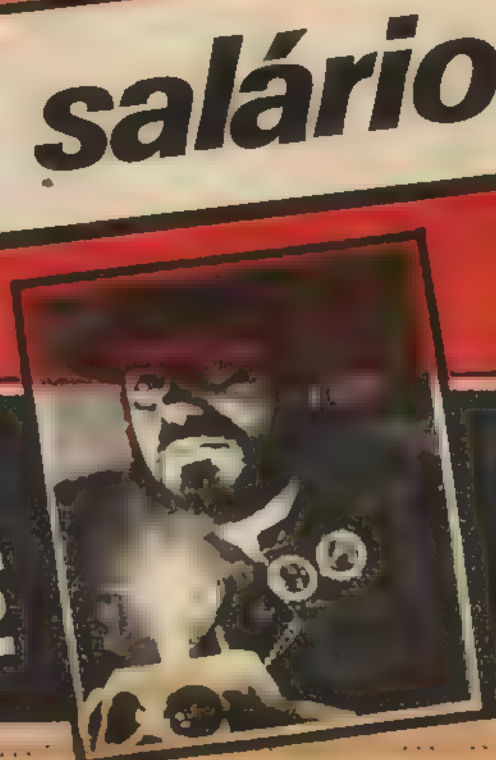
Escândalo de 73 se repete

Delfim manipula salário

P.2

A VIDA SEXUAL DE ZÉ DO CAIXÃO

EXCLUSIVO



P.19

Delfim manipula índice pra arrochar salários

O governo do general Figueiredo está manipulando os índices de preços, que servem para calcular os reajustes salariais dos trabalhadores. A exemplo do que já aconteceu durante o governo Médici, quando o ministro do setor também era Delfim Netto, o crescimento dos preços — hoje medido pelo Indice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC) — está sendo contido artificialmente na estatística oficial.

A manobra começou no mês de novembro. Segundo a revista **Conjuntura Econômica**, da Fundação Getúlio Vargas, entidade ligada ao governo e portanto fora de suspeita, o INPC de novembro foi "subestimado". O índice é calculado com base numa média dos aumentos do custo de vida nas principais capitais do país. Entre maio e outubro, o custo de vida cresceu assim:

Belém	35,3%
Fortaleza	27,9%
São Paulo	29,14%
Rio	28,92%
Recife	33,98%
Belo Horizonte	32,23%
Porto Alegre	29,48%
Salvador	32%
Curitiba	33,36%
Brasília	29,01%

A revista conclui que a médias destas taxas é 30,11%. O governo disse que o INPC do mês foi 26,6%.

No INPC de dezembro, base do reajuste de janeiro, aconteceu a mesma coisa. Entre todas as capitais pesquisadas, o menor aumento do custo de vida foi o de São Paulo, com 31,4%. O INPC, entretanto foi fixado em 28,2% o que é matematicamente impossível mesmo que os pesos de cada cidade no Índice sejam diferentes.

No INPC de janeiro, ao que tudo indica a operação vai continuar: ele ficou em 38,7% enquanto o custo de vida no Rio, por exemplo, entre julho e dezembro, subiu 40,68.

Manobra com preços vai continuar

A manipulação do Índice Nacional de Preços ao Consumidor faz parte da estratégia do ministro do Planejamento, Delfim Netto, para controlar a inflação.

Há algum tempo, a responsabilidade de calcular o Índice passou da Fundação Getúlio Vargas — cujo presidente, Julien Chacel, admitiu em depoimento no Congresso que fazia arranjos nos números por ordem de Delfim — para o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), órgão de maior respeito e credibilidade.

No último dia 25, depois de algumas tentativas para controlar o IBGE, pondo lá um homem de sua confiança, Delfim Netto conseguiu o que queria: a Fundação Getúlio Vargas vai calcular novamente o INPC, cabendo ao IBGE apenas a tarefa de recolher os dados.

É um verdadeiro escândalo. Manipulação de contas fazer parte de um plano de governo, como se o salário fosse o principal responsável pela inflação (ver também matéria na p. 10)

O BANQUEIRO MOREIRA SALES COMPRA ISTO É

O empresário Walter Moreira Salles, do Unibanco é o dono atual da revista Isto É e é quem vai bancar os novos projetos da Encontro Editorial anunciados por Mino Carta no número de encerramento do que ele chamou a "primeira fase" do Jornal da República. Mino contou em editorial que se havia "associado" com Fernando — filho de Walter —, mas jornalistas da área econômica flagaram um encontro de Mino com Walter no Rio de Janeiro poucos dias depois do empresário-jornalista ter tido um "almoço de negócios" com representantes do Unibanco dia 18/1, sexta-feira. No sábado, Mino abriu a contabilidade de sua editora para ser vista por eles e na segunda o negócio foi fechado. Os detalhes finais foram acertados com o número um, o próprio Walter no Rio: o Unibanco ficou com 51% das ações. Quem dava apoio financeiro à Isto É, antes disso, era o Banco Cidade de São Paulo. É a primeira vez que um grande grupo industrial e financeiro — que tem desde fazendas até indústrias petroquímicas, além do banco — entra com força no mercado editorial

Registro Civil das Pessoas Jurídicas nº [illegible]

REPORTER

EDITORES — Alex Solnik, Chico Júnior, Luiz Alberto Bettencourt, Pipsi (Arte)

REPORTAGEM — **Rio de Janeiro** — Tim Lopes, Marcos Dantas, Vera Lúcia Dias, José Antonio Nonato, Sérgio Danilo, Silvia Duarte, Grice Faria. **São Paulo**: Rivaldo Chinen, Afanásio Jazadji, Maria José Arrojo. **Recife** Eduardo Homem. **Salvador**: Marcos Vinicius Bettencourt. **Internacional**: Carlos Comitini

FOTOGRAFIA — **Rio de Janeiro**: Chiquito Chaves, Roberto Musauer, Rogério Carneiro. **São Paulo** — Wagner Avancini, Eliana Pastore, João Bittar

SECRETARIA GRÁFICA — Marco Antonio Vieira Souto Rezende

ILUSTRAÇÃO — Guidacci, Maurício Veneza.

ARTE — Analuce Estrella, Guidacci, Maurício Veneza.

CIRCULAÇÃO — Eduardo Curi

PUBLICIDADE — Carlos Sarmento

DEPARTAMENTO JURÍDICO — Modesto da Silveira, Luiz Celso Araújo, Luiz Eduardo Greenhalg

REPORTER Autônomo Independente — Uma publicação da Margem Editoria e Programação Gráfica Ltda. **Rio de Janeiro**: Rua Miguel Couto, 134/11º andar, tel. 253-5038. **São Paulo** Rua Santa Isabel, 33/8º andar, tel. 222-3103.

Composição e Impressão — Editora Mory Ltda. Rua do Resende, 65, Rio de Janeiro, tel. 263-7002.

Distribuição — Fernando Chinaglia S.A. Rua Teodoro da Silva, 907, Rio de Janeiro.

Infidelidade sexual ataca casados e solteiros

SOMOS TODOS CORNOS

Reportagem de: Chico Júnior e Ricardo Faria (Rio); Alex Solnik, Leila Reis, Maria José Arrojo e Rivaldo Chinem (São Paulo); e Beth Salgueiro (Recife).

Antigamente, independendo da classe social, trepar com alguém que não fosse o parceiro ou parceira com quem se estava vivendo, usava-se a expressão "botar chifre". Hoje, embora os folclóricos cornos ainda sejam usados, principalmente pelo povão, as classes mais esclarecidas estão "praticando relacionamento extra-conjugal" quando dão suas trepadinhas fora de casa. No final a coisa dá no mesmo e o que entra em cena é um negócio chamado traição, também conhecida por infidelidade ou adultério, segundo a lei.

Mas tenha o nome que tiver, geralmente as pessoas não assumem a infidelidade. Ouvimos muitas pessoas no Rio, em São Paulo e no Recife, muitas delas conhecidas nossas e que sabemos infiéis, (dentro do que a sociedade considera infidelidade), mas que simplesmente negaram esse fato, pois não querem colocar em risco seus relacionamentos. O certo é que, de uma maneira ou de outra, na prática ou perdendo-se em fantasias sexuais, todo mundo é um infiel em potencial. Daí, chegarmos a concordar com a atriz de televisão Lady Francisco, que foi categórica: TODO MUNDO É CORNO.

A atriz Lady Francisco diz que, hoje, ninguém escapa do chifre

Foto: Chiquito Chaves

Com ela também concorda Edla Lobo, 43 anos, secretária assessora e executiva de ministro de Estado (não disse que ministro). À pergunta "você já foi traída por algum homem?", respondeu tranqüilamente:

— Lógico! Que mulher não foi? Quem não foi! Olha, eu vou me espantar, cair dura se um dia ver alguém que não traiu ninguém. Já escutei muito homem dizer que põe a mão no fogo pela mulher... Ah, ah, ah. Mal sabe ele que o chifre dele tá lá em cima... E a mulher dele já tinha contado pra mim vários casos, até com o motorista, até com o assessor do marido, até com o melhor amigo do marido.

Ela, porém, diz que não trai e nem aceita a traição, quando descoberta.

— Eu não traio por problemas de foro íntimo. Talvez se um dia eu morar com um homem que eu não goste muito, eu vá traí-lo. Acontece que quando eu não gosto suficiente, parto pra outro porque tenho independência financeira. Então, não dependo de homem em termos de dinheiro, nem de status, não dependo de homem pra ser minha muleta. Então, eu ajo diferente por esse motivo, mas sou uma exceção.

Baiano, barbeiro no mercado de São José, em Recife, vai pelo mesmo caminho:

— Pode botar aí: 75% da população de Pernambuco bota galha. É difícil saber quem bota mais o outro pra trás. Às vezes, a mulher trai por sua condição financeira. O marido ganha salário mínimo e ela quer andar bonita. Então, o negócio é trair. Diz que vai na casa de uma amiga, ou vai trabalhar, mas vai é botar chifre nele. Eu mesmo me casei com uma funcionária pública que botou tanta galha em mim que eu quase não podia passar na rua. Deixei ela.

José. Motorista de táxi em Recife, se confessa um traidor, "graças a Deus". E diz que chifre não dói.

— Trair é uma das boas coisas da vida. Já traí umas dez. Se minha mulher botar chifre em mim, pagou, não tem nada. Chifre não dói. Não vou nem brigar com ela e tamos conversados. Mas eu digo: quando a mulher bota uma galha no homem, o homem já botou umas 200 na mulher.

Muitas palavras, vários comportamentos. Mas uma coisa é certa: de um modo geral, o machão brasileiro (e é o que predomina entre os homens) fica apavorado e sente até dor de barriga ao passar pela sua cabeça a possibilidade de um dia ser corneado pela mulher. Os mais exaltados chegam a encher suas cara-metades de porrada e alguns partem para o extremo de cometer o popular homicídio, em defesa da honra. E o pior é que, geralmente, são absolvidos e compreendidos.

Dar uma porrada, ou pelo menos pensar em dar, já é um reflexo condicionado de muito homem, como Rubão, diretor do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo, casado:

— Se minha mulher me trair, dou um pau nela.

Mas sorri em seguida e diz que é brincadeira.

— Vai depender muito do momento. Vou ficar muito triste e talvez me separe, não vou admitir isso. A gente tem pensamento de que a mulher da gente tem que ser só da gente e pronto.

Mas nem todas as reações são violentas, ainda bem. Alguns preferem o desprezo, outros a conversa, e muitos resolvem pagar na mesma moeda, como a paulista Aparecida Chaboco, 32 anos, metalúrgica, mãe solteira:

— Já traí sim e continuo traindo. Já fui traída várias vezes e me conformei porque pago na mesma moeda. Os homens são os mais infiéis, são uns cachorros ordinários. Eles podem estar junto com a mulher deles e tão olhando pra gente, fazendo sinal. É por isso que eu não caso. Sexo é só para aquela hora.

Se a mulher olhar por cima da cerca, já fica manchada

Depois, é cada um para o seu lado.

Carmelita, dona de casa em Recife, desconfia que o marido a está traindo, mas vai ficar na dela.

— Vou dar a ele o desprezo total, matar ele aos poucos. Acho que é assim que a gente deve fazer. Homem é a classe mais traidora que existe no mundo, não tem o menor respeito pela mulher. Se a mulher olhar por cima da cerca, já fica manchada. O homem não, faz o que quer e tudo bem.

O jornaleiro Adão Angelino Pereira, 42 anos, preferiu falar umas verdades para sua mulher, quando descobriu a traição.

— Ela foi até a minha banca e levei ela até o ônibus, falando umas verdades, mas conversando normalmente. Quando cheguei em casa, ela tinha ido embora. Aí os vizinhos começaram a me contar as histórias dela. Era leviana mesmo. Então eu me agigantei mais. Fiquei com dois filhos, formei. Achei que ela traiu ela mesmo.

Hoje, Adão transa com uma mulher casada, mas não concorda muito com isso.

— Acho que ela deve se separar do marido ou deixar de me procurar. Pra continuar comigo, tem que deixar o marido. Eu gosto dela, mas não tenho nenhum direito de viver assim.

De um modo geral, a mulher, devido a uma educação sexual repressora, aceita com mais passividade a infidelidade, embora cada vez mais estejam dando suas escapulidas. Afinal, dizem, todos têm o mesmo direito, ou seja, se o homem trai, a mulher também trai. Mas, verdade seja dita, não são muitas. A maioria ainda convive com o conceito de que ao homem são permitidos certos tipos de comportamento — como a infidelidade — rigorosamente proibidos às mulheres.

Doralice Mara dos Santos, 26 anos, balconista paulista, dá uma risadinha e diz que só abandona seu homem se ele trair demais.

— Quando trai só um pouquinho, não abandono não. Só quando vejo ele com duas, três mulheres.

Continua rindo meio sem jeito e diz que já foi traída muitas vezes, mas que não ficou nem um pouco chocada. E nunca traiu na vida.

— Prefiro ser traída — completa.

Alguns teóricos e teóricas do relacionamentos acham que a traição pode ser até um bom complemento para dar um molho especial às transações fixas. Sem ser uma teórica e sentindo na pele isso tudo, Marina Oliveira, 32 anos, funcionária de uma agência de turismo em São Paulo, diz que não gosta de "homem santinho".

— Acho que é até legal acontecer, a gente fica mais apaixonada. Você precisa de alguma coisinha, alguma empolgação. Eu acho que não existe traição. São as próprias pessoas que se traem. Eu acho que as pessoas precisam de um pouco de liberdade. Prender demais as pessoas faz mal pra elas. Eu acho que tem que fazer o que sentir vontade.

Natália, dona de casa pernambucana, também é conformada com esse negócio de infidelidade.

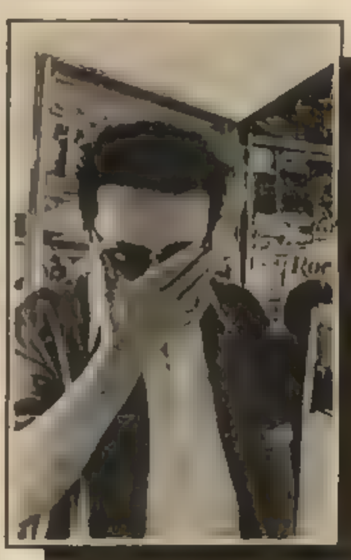
— O homem trai mais a mulher, mas isso é natural. É besteira a gente pensar que o marido é só da gente. É melhor se acostumar com a idéia de dividir ele com duas ou três. E defender o da gente porque senão ele vai embora. Ruim com ele, pior sem ele. Mas a mulher também trai, só que mais escondido. Eu mesmo, se encontrar um homem melhor que o meu, eu traio.

Parece mesmo que, pelo menos na classe média, as coisas estão se modificando um pouco. A advogada Kívia Maia Fragoso, especialista em Direito de Família, ouvida no escritório que divide com outras duas mulheres — Beatriz e Ana Maria — no Centro do Rio de Janeiro, dá sua opinião, baseada nos casos que vê no seu trabalho.

— A mulher de classe média não aceita mais a antiga tirania e busca uma relação de igualdade.

Mas reconhece que isso não acontece entre o povão e a burguesia.

— Nas classes sociais de menor poder aquisitivo, o problema é a sobrevivência e as pessoas se unem em torno do essencial, que é sobreviver. Não é possível questionar o comportamento do homem num nível crítico quando o problema é alimentar os filhos, conseguir trabalho, enfim, sobreviver. Com relação à burguesia, a infidelidade é encarada com mais leveza, a mulher é objeto, a família se une em torno do patrimônio. Nos casais de classe média ou inferior, o homem oprime em certo aspecto, mas também é oprimido. A mulher é quase sempre tratada de forma paternalista, machista, mas existe uma valorização da mulher, pelo menos enquanto mãe. Já na burguesia, geralmente, os homens são opressores em todos os níveis e têm com as mulheres uma



Adão transa com uma mulher casada. Não gosta da situação: acha que ela deve deixar um dos dois.

Doralice não abandona o cara que trai "um pouquinho". Só briga se o vê com duas, três mulheres.

Fotos de Wagner Avancini

Lula é tão fiel que dá pra desconfiar

Ao saber que a conversa era sobre infidelidade, o líder metalúrgico Luis Inácio da Silva, o Lula (34 anos, viúvo e casado pela segunda vez com Marisa, três filhos) foi logo dizendo:

— Põe aí, fiel à esposa.

Lula diz que a infedelidade depende do relacionamento do casal:

— Quando duas pessoas se dão bem sob todos os aspectos, principalmente sexualmente, não há razão para a infidelidade. Se houver, é safadeza.

Sua mulher já te traiu?

— Ela nunca me contou, pelo menos.

E se você soubesse, o que faria?

— Não sei qual a reação que teria, porque essas coisas vão muito de momento. Mas eu tentaria saber o que a levou a tomar tal atitude. Isso tem que ser entendido apesar da reação momentânea que eu possa ter. Acho que você deve exigir de você uma atitude que você gostaria que a pessoa tivesse, se você fosse o infiel. Como eu acho que, no meu caso, minha mulher deveria procurar entender minha ação, eu tenho por obrigação procurar, pelo menos, entender porque ela me traiu. Teria que reagir com ela, como eu gostaria que ela reagisse comigo. Vou discutir com ela, perguntar se ela gostou mais de transar com o cara do que comigo. Às vezes é importante a mulher trair a gente pra dar mais valor ao homem que tem.

Na sua terra, Garanhuns (Pernambuco), como a traição é encarada?

— Lá embora as pessoas se digam mais machonas, acredito que tenha muito chifrudo, porque isso sempre acontece.

Se eu trair Marisa será por safadeza

Fotos de João Bittar

E você já traiu sua mulher?

— Nunca traí a Marisa. A pior coisa que pode acontecer a um homem é a traição, não só da mulher, mas qualquer tipo de traição. O choque é sempre muito forte.

Por que as pessoas traem?

— De uma coisa eu tenho certeza: a mulher procura outro homem só quando o seu não a satisfaz em algumas exigências básicas. Se o cara passa duas, três semanas se satisfazendo fora de casa, ele é o próprio culpado dos seus chifres. Como ele vai poder exigir fidelidade da mulher?

As oportunidades de traição pintam mais para o homem?

— O homem tem mais possibilidade de trair porque sai mais de casa, tem contato com mais pessoas. Mas para a mulher que trabalha fora pintam mais oportunidades porque recebem mais cantadas. Dentro do meio em que convivo, as mulheres são mais atiradas que os homens.

E você canta?

— Me considero um cara tímido. Em toda minha vida nunca cantei uma mulher. Se alguma vez na vida aconteceu, é porque deu certo. Desde solteiro sinto dificuldade de cantar uma mulher.

Existe homem fiel?

— Existe, mas a grande maioria, se tiver oportunidade, chifra mesmo. E tem duas razões para isso. A primeira é por não ter o que procura em casa, a segunda é por vaidade: o sujeito fica muito orgulhoso de mostrar para os colegas e amigos que conquistou uma mulher.

Você diz o tempo todo que é fiel à Marisa, por que essa fidelidade toda?

— Marisa preenche todos os requisitos de uma mulher. Ela é boa mãe, excelente dona de casa e uma extraordinária companheira. Se algum dia eu traí-la será mais por safadeza do que por necessidade.

É besteira a gente pensar que o marido é só da gente

terrível relação de compra e venda. A mulher burguesa é condicionada a buscar um "bom" casamento e a aceitar seu papel de objeto decorativo.

Dentro dessa discussão de igualdade e divisão entra em cena a atriz Louise Cardoso, a Vânia da novela Marron Glacê.

— Quando você está com um cara, não tem nada a ver esse compromisso de não poder transar por fora. Não aprovo essa imposição do meu sexo ser só dele e o dele só meu. Ninguém pertence a ninguém e faço do meu corpo o que eu quero. O relacionamento tende a se deteriorar com essa tentativa de castração, porque a gente sempre sente vontade de fazer o que nos proíbem. Às vezes, uma terceira pessoa pode surgir rápido sem abalar a transa anterior. E se pintar mais forte, aí você faz a troca. Tive um cara por um bom tempo e só pensava nele. Um dia, pintou outro e nós transamos. Como o primeiro caso já estava desgastado e esse cara pintou forte, eu fiquei com ele. Antes bati um papo com o ex e chegamos à conclusão de que a terceira pessoa tinha vindo para definir a nossa situação, que já não estava boa. Veio para fazer um bem.

Na maioria dos casos, o homem brasileiro parte para o relacionamento extra-conjugal apenas por um aquestão de machismo, para mostrar aos amigos — e satisfazer sua onipotência — que pode comer quantas mulheres quiser. Isso é mostrado, inclusive, por Délcio Monteiro de Lima em seu livro **Comportamento Sexual do Brasileiro**. A "afirmação de masculinidade" é responsável por 47% dos casos de infidelidade; depois vem o "desajustamento sexual com 28% e "fuga à rotina sexual" com 25%. Mas com as mulheres a coisa muda radicalmente, pois 85% dos casos de infedilidade são causados pelo desajustamento sexual com o parceiro.

Manoel Messias da Silva, 27 anos, corretor de imóveis típico do machista e não esconde isso.

— Se o homem for traído pela mulher, a mulher tem que abandonar ele. O homem tem direito de trair a mulher, a mulher não. O homem deve ser livre, a mulher não. Os direitos da mulher têm que ser limitados porque a mulher tem sempre que ser inferior ao homem. A mulher tem que ter um homem só. Afinal, pô, o homem é o chefe mesmo.

Devanir Ribeiro, 35 anos, metalúrgico, casado há 13 anos, diz que já perdeu a conta "das puladas fora".

— Fidelidade é coisa do passado, tanto pro homem como pra mulher.

Você já discutiu suas traições com sua mulher?

— Não porque ela me mata, nunca vai aceitar.

E se você fosse traído?

— Isso eu já discuti com minha mulher e combinamos que a gente vai procurar analisar o porquê, descobrir a causa da infidelidade.

Por que o homem trai mais?

— O homem tem mais chance porque vive mais fora de casa. A maioria das mulheres passa o dia brigando com os filhos e cuidando da casa e nem tem tempo para pensar nessas coisas. Por isso que eu digo que não existe mulher fiel, e sim mal cantada. Taí o perigo da mulher trabalha fora. O homem é filho da puta mesmo e na primeira oportuniade ele vai em frente. A mulher não, é em São Paulo, é o exemplo mais fiel, se segura mais. Ela só trai por vingança ou quando o marido é impotente.

Antônio Carlos dos Santos, pintor de automóveis, divorciado, disse que traiu todas as mulheres que teve até agora. Mas admite que a infidelidade acabou com o seu casamento.

— A infedilidade gerou alguns conflitos, minha mulher não agüentou e eu não agüentei o ciúme dela.

E Antonio Carlos da Silva, 23 anos, auxiliar de escritório em São Paulo, define tudo.

— O homem tem a natureza de trair mesmo.

A advogada Kivia não aceita mais a tirania do homem

Empresário de 60 anos: sou corno sim

Um empresário da alta sociedade paulista, sessentão e que pediu para não ser identificado, dá o seu depoimento sobre a traição.

"Sou um sessentão boa pinta, gosto de mulheres. Vim de uma geração romântica que dançava e enxoxava mulheres, o máximo que se podia fazer.

Fui um terrível inimigo da traição, inclusive não concordando com a bondade de Cristo, que perdoou a adúltera.

Com o decorrer do tempo, as mulheres me ensinaram que a gente tem que se acostumar com a traição. Fui traído. Adaptei-me à nova onda, onde a traição não tem nenhuma importância. Ser corno dói para o machista e eu não sou mais machista. Quem não corneia quem?

Além de corneado nas minhas transas, considerome o mais corneado do mundo, pois amo todas as mulheres bonitas deste mundo louco e todas elas dão para outro e não para mim.

Cenas de ciúme, crimes passionais, isso tudo já era. O importante num relacionamento é que a mulher da gente dê pro outro, mas que volte ao ninho antigo. Isso dá uma sensação de "gostosão". Ela não encontra lá fora o que eu posso dar numa cama. Aprendi isso durante um longo período de vida, após muito sofrimento e muito ciúme. Corneio as mulheres, mas sei que elas corneiam muito mais os homens.

Se na minha idade eu não me acostumasse com o que vai por aí, eu estaria parado no tempo e viveria em constanté sofrimento. Pouco se me dá se me corneiam. Não prócuro nem saber. Posso garantir que vale o velho ditado: quem procura, acha"

Caso de Lidia Brondi quis ser chifrado

Em depoimento ao livro de Décio, o advogado carioca Haroldo Lins e Silva, especializado em Direito de Família, declara que "o adultério é a causa primeira na gradação legal dos motivos que autorizam a ação dos desquites. Justifica a sua posição primeira por se constituir no mais sagrado dos deveres impostos pelo casamento. Para quem milita no Direito de Família, é inegável que o adultério é responsável por um grande número de desquites".

Com o que não concorda a advogada Kivia, também especialista em Direito de Família. Ela diz que "não é o adultério que causa separação alguma".

— Quando ocorre esse tipo de violação dos chamados deveres do casamento, a relação já terminou há muito tempo, sendo então usada essa infidelidade para que se obtenha a separação. Isto porque, se a separação não for consensual, só pode ser conseguida unilateralmente se alegados fatos "graves" que se configurem em violação dos deveres do casamento ou conduta considerada desonrosa.

Procuro consertar o que não está bem para não precisar de outra pessoa

Essa é mais ou menos a idéia da graciosa Lídia Brondi, a Renata da novela Os Gigantes, por quem Fernando (Tarcísio Meira) morre de paixão.

— Infidelidade, pra mim, equivale a uma má relação. Geralmente, se joga a culpa só em quem trai, mas se houve infidelidade é porque a relação estava ruim. Aí, é o caso de se conversar e ver o que está faltando na transação, porque a traição decorre de carência. Eu procuro consertar o que não vai bem para não precisar transar outra pessoa em busca de solução. Mas admito que, às vezes, essa busca de resposta é necessária para definir a situação desgastada. Eu sei que é difícil para alguém admitir que você vá buscar soluções com outro cara. Nesses momentos, você tem que ser fria e racional para não deixar o ciúme estragar tudo de vez. Eu já tive um caso em que não havia abertura de diálogo e que me obrigou a transar com outro cara para depois terminar a relação. Não foi nem preciso dizer que havia ido com outro, porque a sensibilidade se encarregou de deixar as coisas claras.

Louise Cardoso, atriz, não aceita compromissos de exclusividade

Lady Francisco come todo mundo

Ouvida pelo repórter Ricardo Faria, na TV Globo do Rio de Janeiro, a atriz Lady Francisco (Leonora da novela Marron Glacê) resolveu escancarar, dizendo que todo mundo é corno e que todo mundo trai. Abaixo, seu depoimento.

"Eu não acredito em traição física, mas em traição de sentimentos. Já amei profundamente um cara que, inclusive, era minha grande paixão na cama. Mas quando eu viajava e encontrava um outro que me dava tesão na hora, discretamente ou não, porque não devo nada a ninguém, eu o comia, sem deixar de amar o que ficou em casa. Essa necessidade fisiológica não é traição. Agora, se o meu cara procurar uma outra mulher várias vezes, eu fico puta da vida, porque já está virando amor. Isso já é sacanagem no duro. Eu acho que sexo não tem nada a ver com amor. É claro que é muito melhor transar com quem se ama. Mas sem amor se faz tranqüilamente, e é gostoso também. Sem amor, eu transo o cara uma vez só. Descubro tudo, investigo e perco o interesse logo depois. Quando tenho tesão, quero comer o cara na mesma hora. Se começar a enrolar, fico irritada e não quero mais. Gosto de me satisfazer no momento exato do tesão. Ter um cara e transar com outro, só por necessidade, sem amor, não é traição. Isso, nós todas fazemos. Eu ponho a mão no fogo como todo homem ou mulher já fez isso. Seja mentalmente, por telepatia, carta, telefone ou ali mesmo, no motel, entrando agachada no carro para não ser vista por ninguém. Mesmo aquelas com 50 anos de casadas, por um momento ou de alguma forma, já traíram o marido. Em linguagem popular, todo mundo é corno. Até aquelas beatas, que vivem na igreja, já tiveram os seus pensamentos. O problema é que elas não têm a coragem, que eu e meia dúzia de mulheres temos, de dizer isso. Toda mulher já teve vontade de experimentar outra pica diferente da que o marido lhe dá. Elas escondem, porque o marido traído é um saco. O brasileiro tem dois grandes medos: um é ser traído e o outro é perder a potência. A mulher, desde menina, é educada sabendo que um dia seu marido verá uma bundinha mais bonitinha e irá atrás, mesmo que a cara não tenha nada a ver. Eu vivo quase sem homem fixo, porque não admito traição com amor. O último que fez isso, se deu mal. Eu quebrei a cara da outra e a dele. Dei porradas nele em pleno aeroporto interditado, com um monte de gente em volta. Hoje, tenho saudades sexuais dele. Já tive outros caras que eu não sentia nada. Aí, nem me importava de ser traída. Pode ir, porque não vale nada e é uma porcaria mesmo. Gostaria de estar sentindo ciúmes de alguém, agora. Mas procuro me controlar, porque sou muito possessiva. Não tenho mais saco para fazer joguinho e reconquistar o meu homem. Sinto-me muito garotona e gostosa para me apurrinhar, adulando e lambendo pé de homem. Agora se encontrar um cara que me aceite como sou, aí vai ser ótimo.

Foto de Chiquito Chaves

Quando tenho tesão, quero comer o cara na hora

SUJEIRA

• Estamos mal. Desde a absolvição do Doca Street, todo corneado pode usar uma arma pra "lavar sua honra". Se a própria Justiça aceitou o argumento da defesa, por que não? E não foi só a Justiça. Fora os poucos protestos, houve até mulheres que gostaram da atitude do machão. Pro REPORTER, isso é a maior sujeira. Ninguém pode matar porque o parceiro deu pro outro. Pode-se conversar, abandonar, esquecer. Na reportagem que publicamos, muitas pessoas revelam opiniões mais sensatas, e é pra elas que damos a maior força. A chamada traição não é o fim do mundo; muitas vezes é só uma procura sem fim da felicidade sexual.

Jovens corneados são pela "tortura verbal"

A repórter Maria José Arrojo ouviu jovens estudantes, bolsistas, artistas em começo de carreira e as promessas do jornalismo paulista, que freqüentam o badalado "Bar da Terra". São todos ciumentos, mas jamais teriam coragem de dar o típico soco no olho de suas namoradas, casos ou mulheres. Preferem o que eles chamam de "tortura verbal".

É o caso de Mário Moreira Leite, 26 anos recém completados e fotógrafo profissional. Marinho ficou casado, de "papel e tudo", durante um ano e meio e no fim do casamento pintou a traição. Mas a sua atitude mais drástica foi reclamar que ex-mulher não deu a descarga no banheiro ou que apertou o tubo de pasta de dente no meio. Ele conta:

— Quando pinta a crise de ciúmes, a gente agride a pessoa na transa do cotidiano. Então reclama dessas coisas, como apertar o tubo de pasta de dente no meio. Até a traição é melhor do que isso. A violência é barra pesada. Pintou violência, eu saio. Violência, só verbal.

Mas Mário admitiu a traição só porque foi fim de casamento. "Já era uma transa dispersa", explica. Foi assim: numa passagem de ano, sua mulher foi viajar sem ele e, na volta, a trágica notícia. Mas nem tão trágica assim, já que a única reação de Marinho foi um lacônico "é mesmo?"

— Mas se não fosse fim de caso eu ia ficar puto, não totalmente puto, mas ficaria puto. Não pode acabar a transa por causa disso, tem que haver um controle. Se trai, você tem culpa. Se é traído, tem que cobrar essa culpa.

Mas isso já faz parte do passado. Sentado na mesma mesa estava um dos "ex-rivais" de Mário, Cláudio Alves Marcondes, 23 anos, tradutor. Um dia, ao chegar em casa, cansado, louco pra dormir, Mário encontrou sua mulher justamente com o tal Claudinho. Agora, na mesa do bar, eles chegaram à conclusão de que "entre amigos, pode". Cláudio fala:

— A infidelidade é jogar sujo. Não existe traição. Quando você faz amor com alguém é um grau de intimidade que qualquer ruptura é sentida, percebida ou não. Traição é marcar e marcar é não perceber o que acontece. A única traição é olhar nos olhos da pessoa com quem você entrou nesse jogo e perceber que não existe mais.

Deixando a teoria de lado, Cláudio confessa que ficou numa grande "crise existencial" quando descobriu que sua primeira mulher estava tendo um caso com outro. Mas depois relaxou:

— Eu virei amigo dele por causa disso. Achei que se ela estava tendo intimidades com outro, esse cara deveria ser uma pessoa ótima.

Mas sua mulher, com quem foi casado durante dois anos, não gostou muito quando a história se inverteu. Cláudio foi transar uma amiga na sua frente. Depois de ficar mal vários dias, ela e Cláudio chegaram a um acordo: "Se tem um puta tesão por outra, tem que transar, mas não na frente". Acordo feito, casamento acabado. Por isso, hoje, o jovem tradutor mudou o conceito de traição.

— Traição é cruzar com a minha ex-mulher e ela me cobrar grana. É coisa de burguês.

Meia hora de papo sobre infidelidade e no "Bar da Terra" já não se falava em outra coisa. Num canto, um casal discutia, calmamente, mas discutia. Ele, com cara triste e de desconsolado. Ela séria, porém bem humorada. Pois é, eles falavam justamente da última traição dela, que pôs fim ao casamento.

Kazumi Manakata, 28 anos, bolsista, não se conforma até hoje, já alguns meses passados, com a pulada de cerca de sua mulher Luiza, 27 anos, professora. Quando Kazumi começa a contar o que para ele "foi uma barra", a ex interrompe:

Foto [illegible] Mário [illegible] Leite

Kazumi ganhou chifre. Foi uma barra

— Péra aí, depende o que você chama de traição. Pra mim, traição é quando é às escondidas.

Abatido, Kazumi começou a revelar coisas que nem sua mulher sabia e que classificou de "um horror". Aqui vai:

— Comecei a ficar grilado quando a gente ia em festas e ela ficava com outros caras. Mas ficava mais grilado ainda quando via que o outro era um páreo para mim. Sou passivo, ficava só olhando, mas puto da vida.

Luiza se defende:

— O que você considera um páreo? É quando trepa? Porque antes teve uns casos de envolvimento emocional sem trepadas, mas que no final eram mais importantes do que os outros.

— É quando o outro é um puta homem — responde Kazumi.

Por essa Luiza não esperava. Do alto de seu liberalismo, ela dá a sua versão:

— O ciúme existe, mas novas experiências são uma forma de melhorar o relacionamento. Se o caso fosse ao contrário, eu aceitaria. Mesmo sofrendo, não tem nada que cobrar.

Ele não concorda. E assim que saio da mesa ela continua na batalha para convencê-lo de que, no final da história, lavou, ficou novo.

Traição só existe quando a pessoa é pobre de espírito

Quando não amo ninguém transo a mil

"Existem dois tipos de infidelidade: a de sexo e a de cuca. O problema da infidelidade é um critério moral que não tem nada a ver. Ninguém é infiel por natureza, a não ser que tenha um desequilíbrio qualquer, decorrente de uma relação carente. Aí, ou você cura o desequilíbrio ou assume as conseqüências que ele traz. Quando se ama de verdade, duvido que se cometa traição. Você fica tão ligado, que pode pintar a gatinha mais linda que você não pensa em transar. Eu sou assim, embora muita gente ache que amar profundamente seja algo ridículo. No Brasil, as leis são muito influenciadas pela religião católica e proibem a infidelidade conjugal. Todo mundo sabe que a lei existe para não ser cumprida. Por isso é que se trai tanto aqui. Agora, quando não estou amando ninguém, eu transo a mil sem me preocupar com nada."

Denny Perrier, ator

Fotos de Chiquito Chaves

Quem me ama, acaba entrando na minha

Infidelidade não tem nada a ver com corpo, mas com a mente. As pessoas não entendem essa minha divisão. O corpo você pode transar com mil pessoas e a cabeça você transa com uma só, que é importante para você. Com as mil, você parte, depois do orgasmo, sem guardar lembranças. Com a uma, você fica junto e amando depois de gozar. As normas morais não me dão razão, mas quem me ama acaba entrando na minha.

João Paulo Adour, ator

Ela sai com a esposa de outro

Ferro's Bar, na rua Martinho Prado (SP), ponto de encontro de mulheres homossexuais. Numa das mesas, discutimos a traição e Marlene, uma moça loura, óculos coloridos enormes, vez por outra palitando os dentes, foi a escolhida pelo grupo para falar.

— A traição só existe quando a pessoa é pobre de espírito. Pobre de espírito não tem nada a ver com a pobreza material, pobreza de dinheiro. Uma pessoa evoluída sempre perdoa, mesmo que seja uma traição.

Quando a pessoa deixa de trair?

— Ora, quando ela cresce interiormente. Você sabe o que é espiritualismo? É a evolução do espírito, que evolui através da reencarnação.

Você já traiu?

— Confesso que essa é uma pergunta difícil para se responder.

Já foi traída?

— Já. Eu era menos evoluída. Senti ódio e revolta, mas depois senti pena por ser tão pobre de espírito. Ainda sinto pena, pois vejo que aquela pessoa é um irmão que está vários graus abaixo de mim.

Lúcia é pequenininha, tem cabelos curtos, se veste como homem. É uma lésbica assumida, não esconde a sua condição e acha que todo mundo devia transar numa boa, sem esconder a predileção sexual:

— Acho que traição é, em primeiro lugar, prender muito as pessoas. Por outro, demonstra falta de amor.

Você já foi traída?

— Por duas vezes, e nas duas me senti arrasada. As garotas me deixaram assim, bagunçaram a minha cabeça. Acho que estou exagerando um pouco no segundo caso, nessa vez eu fui mais forte para agüentar. Mas tudo bem, esqueci, procurei outra pessoa.

Já traiu?

— Nas transas que tive já fui infiel. Me arrependi depois, mas acho que foi um modo de me sentir realizada. De me sentir bem. A vida é assim. Temos que dar amor a quem tem.

E atualmente?

— Sozinha. Curtindo a vida. Sem ninguém e com todo mundo ao mesmo tempo. Sentimentalmente? Procuro ser carinhosa, sempre ao máximo. Sexualmente? Acho que é um pouco agressivo, não aquela milongueira. Geralmente tive transação com mulher casada; outras souberam disso e me usaram como cobaia, como experiência.

Como é que é a transação desse tipo?

— Acontece no ambiente de trabalho, na escola, na sua própria casa. Quando se é casada é difícil a gente transar, é tudo feito escondidinho. Tenho a uma transação com uma mulher casada, saímos todas as tardes. O marido não sabe, nem deve saber.

Rosana, 18 anos, motoqueira, faz ponto no Cachação, na rua Martinho Prado, onde as mulheres só querem papo com velho, "são eles que soltam uma grana firme na mão da gente só prá ver a gente se roçar":

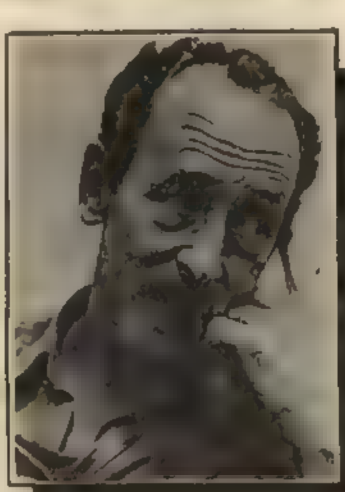
— Já fui traída sim. Fiquei com raiva, senti raiva, mas tudo bem.

Você já traiu?

— Se você tá com uma pessoa e sai com outra isso é traição? Então eu já traí sim. Mas me lembrando bem acho que não é nada sólido. A gente, quando começa uma transação com uma garota, nunca sabe se vai terminar amanhã, se depois, se nunca na vida...

Então porque a encucação?

— Sei lá. Acontece com todo mundo. Você sente dor, sente raiva, mas vai ver é só isso. É mais fácil acabar com tudo. Traição, afinal, é de homem com homem, mulher com mulher, até entre bichos pinta traição.



Infidelidade é uma coisa maravilhosa

"Eu sei que vou ficar mal visto com essa declaração, mas sou partidário dessa coisa maravilhosa chamada infidelidade. Sem ela, a vida não teria a menor graça".

Castro Gonzaga, ator.

ASSINE O JORNAL QUE NÃO TEM MEDO DE ASSINAR EMBAIXO.

BASTA LIGAR PARA 253-6031 OU MANDAR PELO CORREIO O CUPOM ABAIXO

Assine REPORTER

CUPOM DE ASSINATURA

- Assinatura por 12 edições: 250,00
— Envie cheque nominal ou vale postal para:

MARGEM EDITÓRIA E PROGRAMAÇÃO GRÁFICA LTDA.
Rio de Janeiro: rua Miguel Couto, 134 conj. 1101/1104 20000 RJ

Você pode assinar o REPORTER, a partir do nº 0
Indique a partir de que número você quer sua assinatura.

Nome: ....

Profissão: ....

Endereço: ....

CEP: .... Cidade: .... Estado: ....

Enquanto o Projeto Jari continua sua tarefa de colonização e ocupação da Amazônia, enriquecendo ainda mais seu proprietário, o norte-americano Ludwig, os peões curtem a miséria e a prostituição do Beiradão

Favela da Jari vive só da prostituição

Reportagem de Najar Tubino e Caco Schmitt.
Fotos de Zhé Netto.

— O Helena, conta a tua história pra ver se a Janete Clair se emociona:

— O meu pai trabalhava na Jari. Agora nem sei onde ele anda. Aí eu vim de Belém porque a zona daqui dá mais dinheiro e umas amigas tinham me falado. Cheguei e fiquei trabalhando de peruca pra ele não me reconhecer. Um dia, o coroa veio na boate e me tirou pra dançar. Tava meio bêbado e não me reconheceu. Depois, quis ir pro quarto comigo. Aí eu tirei a peruca e perguntei se ele não estava me reconhecendo. O velho se assustou, botou a mão na boca e saiu correndo. Nunca mais apareceu no Beiradão.

Isto não é uma "cascata" e nunca apareceu num caso especial da Globo. É apenas a história de Helena — ou Suzana, seu nome de guerra —, 18 anos de idade e prostituta desde os 15 anos, agora integrando o quadro de duas mil mulheres que vivem de prostituição nessa cidade. Que cidade? O Beiradão, até hoje apresentado como uma "grande favela sobre palafitas", na beira do Rio Jari, no lado do Território Federal do Amapá, em frente a Monte Dourado, capital do Projeto Jari. Na verdade, esse amontoado de seis quilômetros de palafitas, dentro da propriedade do bilionário norte-americano Daniel Keith Ludwig, com 82 anos, é a capital brasileira do Projeto Jari. Em 10 anos tornou-se a segunda cidade do território e a primeira em crescimento populacional, pois já está com 10 mil habitantes, mais de 2.300 casas e uma renda per capita de Cr$ 1 mil.

Ela nasceu em função de duas necessidades: dar moradia para os trabalhadores da empresa e servir de zona para milhares de peões que vivem dentro da mata e periodicamente visitam a cidade. Nessa região moram 35 mil pessoas. Somente trabalhadores fixos da Jari são 7.350, sem contar a Sasi (empresa criada pelos americanos para recrutar mão-de-obra), que coloca em média dois mil homens por ano, e os 21 empreiteiros que abastecem de peão o projeto. Os gatos, como são conhecidos os empreiteiros, trazem os peões do interior do Maranhão, principalmente nos municípios de Santa Inês, Pinheiros e Boa Vista, para realizar o serviço de corte de madeira, limpeza da plantação e desmatamento. É o maranhense que movimenta o projeto, forma a base da mão-de-obra e sustenta a zona de Mr. Ludwig.

— Efetivamente é um negócio que me chocou muito. Na nossa reunião do Projeto Jari cobrei da direção uma melhor assistência. Eles alegam que é terra de marinha, mas de marinha não é da Marinha. Aquela parte toda é do projeto... Aquilo lá até que é bem montadinho. As águas não entram em casa. O ministro Andreazza, acostumado com o Rio disse que parecia Copacabana e as favelas.

O delegado do Beiradão

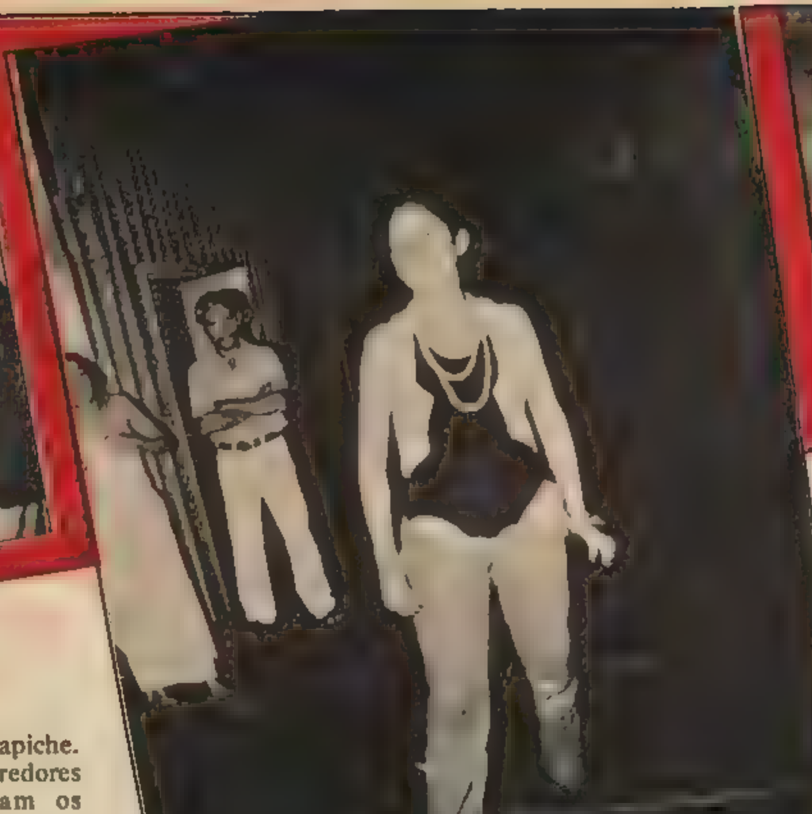
O governador do Amapá, Anibal Barcellos, carioca de 61 anos, nascido em Campos, ficou conhecendo o Beiradão apenas em julho passado, quando esteve com o ministro Andreazza no projeto. Como todo mundo, ele também acha que o Pará ficou com o filé mignon e o território com a carne de pescoço, pois ao invés de receber investimentos do milionário segurou a barra do Beiradão e do Beiradinha, uma outra favela de três mil habitantes, a 15 quilômetros rio abaixo. Esse povoado surgiu em conseqüência da fábrica de celulose, que triplicou a população em dois anos (em 77 eram 203 casas e 718 habitantes; hoje são 800 casas e três mil pessoas). E, como o Beiradão, o Beiradinha vive de prostituição, com 10 boates e 300 prostitutas.

— Tinha uma ordem de não construir, mas eu comprei uma velha padaria e comecei a reformar. Aí veio a ordem do doutor Moura (advogado da Jari) pra derrubar. Peguei minha espingarda, enchi os bolsos de bala e fiquei esperando. Vieram 20 homens da Segurança da Jari e um comissário, dos muitos que ela comprou. Que me lembre eles derrubaram umas cinco casas, mas da minha ficaram a uns 20 metros. Não vieram!

O valente cearense José Vieira, de 76 anos, um dos primeiros moradores da área, acompanhou desde o começo o crescimento do Beiradão. Até 74 os americanos usaram de todas maneiras para acabar com o povoado que os brasileiros construíram na margem do rio. A primeira vez, em 68, a companhia derrubou algumas das 10 casas existentes e, na segunda, em 74, quando já havia 400 casas novamente parou na resistência de Zé Vieira, hoje administrador do único posto de gasolina do lugar.

Enquanto os primeiros moradores resistiam para manter o povoado, Francisco dos Santos, conhecido por Azulão, trouxe as primeiras quatro prostitutas. Além disso, começou a primeira linha de barco, entre Macapá e Monte Dourado, abriu a primeira boate e construiu a primeira pensão. Das mulheres trazidas em 69 lembra até dos nomes: Mariazinha, Ambrósia, Paulina e Seringueira, assim conhecida por ter o corpo bastante cortado.

— Elas começaram a trabalhar e nem casa tinham.



O Beiradão, suas boates, as prostitutas, a diversão dos peões. Na última foto, Ludwig, enriquecendo mais ainda à custa disso tudo.

Moravam em rede atada no pau e depois botavam palha por cima.

Na região, arraial é sinônimo de festa. E os velhos castanheiros e seringueiros da Jari, ainda vivendo o tempo do extrativismo, classificam desse jeito o Beiradão. Uma festa que nunca termina. Durante o dia, até às 22 horas, o movimento do comércio é grande. Daí em diante, as boates entram em funcionamento e avançam pela madrugada.

Durante o dia, um comércio maluco, lado a lado, vende eletrodomésticos com pastel, peixe frito, pedaços de galinha, pão, cerveja e cachaça. Ao todo, 400 estabelecimentos comerciais, dos quais 80% mexe com bebida alcoólica; mais cinema, joalheria, barbeiro, dentista, advogado, dois cursos de inglês, um templo da Assembléia de Deus, funcionando ao longo do trapichão de 1,5 km, que forma uma espécie de centro da cidade.

Pelas oito horas da noite, as mulheres vão se posicionando no trapiche, em frente às boates. E logo em seguida começam a chegar os peões, do interior da mata, de Monte Dourado, cruzando o rio em lanchas a motor, conhecidas como **catraias**. Boate é que não falta pra escolher. Em toda beira se vê luzes coloridas, roxas, vermelhas, verdes. Aqui qualquer casa é transformada em boate; basta arranjar algumas mesas e cadeiras, reservar espaço para uma pista de dança e servir cachaça e cerveja, e pronto. Desse tipo, o Beiradão tem perto de 100, mas as maiores são a Real, no chamado Brega, numa das pontas do trapichão; e do Japonês e a do João Maranhão; no centro, e a Santarém. O Brega tinha show de strip-tease e de travesti, e tem a fama de ser o mais barra pesada, por concentrar o maior número das boates. Num sábado é comum se encontrar mais de 30 peões dançando discoteque no salão. Na madrugada os peões andam bêbados pelo trapiche. Entre as casas, nos corredores tipo de favelas, ficam os quartos das prostitutas, e por ali mesmo o cara se esconde para dar uma mijada, porque não tem banheiro em nenhum lugar. Só tem na boate do Japonês, local preferido dos gringos por causa da melhor qualidade das mulheres.

Cada "prosti" tem um acordo com o dono da boate. Pode pagar a bebida depois e tal, mas sempre precisa estar à disposição. Raimundinha gosta de becar bem, usa bota, tava com um vestido de 750 cruzeiros e acabou se endividando. Agora não consegue se mandar:

— Eu tô querendo saltar fora. Mas tô devendo 2.495,00 na boate do Alfredo. E se eu não pagar não posso sair. Aqui é assim. Saí lá do Alfredo porque não güento isto, não me submeto. O corpo é meu, vendo onde eu quero. Agora tô aqui, mas quero juntar dinheiro pra ir embora. Preciso ver a família, visitar os filhos.

Raimundinha quer voltar a Belém para ver os dois filhos, mas morre de medo, porque se fugir num barco o Alfredo manda a polícia dar um jeito nela. Outra bronca é entre as próprias mulheres. É que as "livre-atiradoras", mulheres que não têm vínculo com nenhuma boate, "roubam" a freguesia das outras e isso tem provocado muita reclamação. A maioria delas está vindo de Manaus, mas os grandes fornecedores são os municípios da região, entre eles Afuá, Almeirim, Santarém, Belém, Macapá e, de fora, os Estados de Goiás e Minas Gerais.

Um outro grande problema da região são as doenças venéreas. Em Monte Dourado, o diretor do hospital da Jari, o peruano Jorge Valdivia, diz que aparecem mais de 150 casos por mês. E nos primeiros cinco dias de funcionamento do Posto Médico do Beiradão, o enfermeiro Raimundo Gomes Monteiro terminou com seu estoque de Benzapen, Penicilina Benzatina, Sulfalen e Eritromicina, remédios usados no tratamento da gonorréia.

Mas a precariedade das condições de saúde do Beiradão não se resume a estes casos. O negócio é mais sério. Toda a população continua usando a água do rio Jari, completamente poluída, pois as 10 mil pessoas despejam as suas necessidades no rio

Não é à toa que das 44 crianças atendidas pelo enfermeiro num dia, a maioria apresentava sintomas de diarréia e verminose. Nos mesmos cinco dias de funcionamento do posto, ele distribuiu 100 vidros de rehidratante e 100 vidros de Elixir Paregórico, para tentar solucionar o grande número de casos de diarréia e verminose.

Mesmo assim o sub-prefeito, Evilásio Pedro de Lima Ferreira, declara o seu espanto:

— O Beiradão é o lugar mais abençoado do mundo. Vive todo mundo nesse amontoado louco e não tem doença. Só verme.

É muita confusão. Aliás uma situação fácil de se explicar. Numa temperatura média de 35° o consumo de cachaça durante um mês, somente no supermercado Beira-Rio — um dos maiores — chega a 400 caixas, segundo o proprietário Francisco Araújo. O sub-prefeito completa: "no tempo que eu era comerciante aqui, vendi 900 caixas de cerveja em apenas um dia".

O delegado José Maria Frano, há quase um ano no cargo e louco pra cair fora, diz o seguinte:

— Aí fora todo mundo acha que isto aqui é uma praça de guerra. Mas é quase...

No primeiro semestre do ano passado aconteceram nove homicídios, entre as 120 ocorrências mensais, a maior parte de lesões corporais e pequenos furtos. Frano critica a Jari:

— Eu já falei pro chefe da segurança deles que a Jari é responsável pela morte destes peões. Porque ela traz 300, 400 homens lá do interior do Nordeste, usa e depois demite. De vez em quando chega peão aqui na delegacia pedindo dinheiro pra voltar pra Macapá porque quer ir embora e não tem nem o da passagem.

Em Monte Dourado, na capital americana, funciona a Companhia Independente da Polícia Militar de Almerim (Pará), sob o comando do sargento Henoch Lobato, um velho gordo, baixinho, com fala mansa, e que não gosta de fotografias, e mais o sargento Raimundo Barros, na função de comissário civil.

O sargento Henoch e seus soldados desfilam por Monte Dourado em duas pick-up de propriedade da Jari. A empresa fornece os carros, a máquina de escrever, o prédio (só agora é que o governo está construindo um), a casa do comandante e a comida dos presos. O "pau-de-boi", um barracão com três portas fechadas a cadeado que o sargento qualifica de "três cômodos" funciona como prisão, e é a mais falada pelos peões, em razão do tratamento. Ali todos os presos ficam de cuecas, trabalham cortando do mato atrás do prédio da delegacia e apanham bastante. Pior quando são mortos.

O sargento Henoch trabalha diretamente ligado ao serviço de vigilância da empresa — são 130 vigias, com salário de 4 mil cruzeiros mensais, controlando todos os pontos estratégicos do Projeto. Quando surge uma confusão com os maranhenses lá vai o sargento, como aconteceu no dia 26 de julho de 79 quando os policiais foram buscar seis líderes de um movimento de protesto ocorrido no lugar chamado de Ponte 71, interior da mata. Os peões se revoltaram contra a comida servida pelos empreiteiros e fizeram uma confusão. O sargento foi buscar os líderes. Dois maranhenses não se entregaram e correram para uma elevação. Resultado: um morto, metralhado, e outro ferido.

Nosso espião na Economia abre a cabeça do otário e dá o toque:

A CULPA DA INFLAÇÃO É DO GOVERNO

Empréstimos baratos para os ricos e empréstimos caros para os pobres. Especulação financeira, com dinheiro do governo, pra enriquecer os banqueiros. Dívida externa pra comprar petróleo e aumentar as remessas de lucros das multinacionais. Estas são as principais causas da inflação no país, que chegou a 100%. A culpa é da política do governo.

Texto de Marcos Dantas

1

não dá para entender. O governo tem tanto poder, tem tanto poder e nunca consegue segurar a inflação.

— E não vai segurar nunca enquanto não agir sobre as verdadeiras causas da inflação.

— E quais são elas?

— Tantas: a especulação financeira, a dívida externa, os monopólios, os subsídios ao grande capital...

— Ei, péra aí. Assim não estou entendendo nada. O que é especulação financeira? É jogar na Bolsa?

— Não é só na Bolsa. Tem uma porção de papéis com os quais se pode especular. Nêgo especula até com caderneta de poupança...

— Como? Até que eu, vez por outra, boto lá meus cem cruzeiros e nunca consegui especular com nada.

— Você não, é claro. Mas tem gente que põe alguns cem milhões para ganhar com correção monetária e juros, sabendo por na hora certa e tirar na hora certa para ir ganhar dinheiro noutro lugar.

— E como é que se ganha esse dinheiro?

— Bem, aí a gente começa a entrar na história da inflação. Vamos a um exemplo: um industrial inventa uma empresa qualquer e convence o governo da importância de sua empresa que, por isso, merece crédito subsidiado...

O que é credito subsidiado?

— É o seguinte: se você for pedir um empréstimo num banco, o banqueiro vai lhe cobrar, pelo empréstimo, a correção monetária e o maior juro que ele puder. Como a correção monetária anda pela casa dos 60% e o maior juro que pode ser cobrado é 12% ao ano, esse empréstimo vai custar a você 72%. Por exemplo: você vai ao banco e pede um empréstimo de cem mil cruzeiros para comprar um carro. O banco vai lhe cobrar 72% por esse empréstimo, ou seja, você, que pediu cem mil terá que devolver 172 mil. Entendeu?

— Quer dizer que eu vou dá um duro danado no trabalho para pagar a um banqueiro que fica no bem bom de seu ar condicionado quase o dobro do que ele me emprestou?

— É por aí. Mas o industrial faz diferente. Ele pede cem milhões ao governo com juros subsidiados. Isso quer dizer que a correção monetária será menor e os juros quase nulos. Digamos, 20% de correção monetária e 2% de juros. Então, ele terá que pagar ao governo 122 milhões de cruzeiros pelo empréstimo. Ele pega esse dinheiro e, ao invés de montar a tal empresa, ele chega naquele banco que emprestou dinheiro a você a 72% e pergunta quanto o banqueiro pagará pelo dinheiro dele. Aí o banqueiro diz, digamos, 60%.

— Como é que é? Ele dá o dinheiro pro banqueiro e o banqueiro paga por esse dinheiro que ele tomou do governo muito mais do que o governo cobra?

— Isso mesmo. O banqueiro oferece ao industrial uma porção de papéis que podem se chamar CDBs, ORTNs, LTNs e outras letras exotéricas. O que existe de papel para especular dá para fazer um alfabeto. O industrial que devia 122 milhões ao governo, recebe 160 milhões do banqueiro. Com isso, ele faz a fábrica, paga o governo e ainda embolsa 38 milhões numa boa para gastar com iates, mulheres e boates.

— E cocaína, também, né?

— Da boa. Da boa.

— E o banqueiro faz o que com esse dinheiro?

— Empresta pra você, pra mim, pra quem tá fudido pelos 72% que eu lhe falei.

— Nessa história, só quem não está ganhando dinheiro é a gente.

— Pior, a gente perde dos dois lados porque de onde é que você acha que saí o dinheiro do governo para **substituir** o industrial?

— ?

— Dos impostos que a gente paga.

— Pelo menos, resta um consolo: o industrial também paga imposto...

— Engano seu. Quem tem dinheiro usa o que eles chamam de incentivos fiscais e não paga impostos de renda nunca. Assalariado é que paga porque desconta na fonte. Nesse país, só quem paga imposto é assalariado. Isso é rigorosamente verdadeiro, as estatísticas provam.

— Mas isso é uma sacanagem!

— Se fosse só isso.

— Tem mais?

2

Claro, isso é só o começo da história da inflação. O governo subsidia tudo, a indústria, a agricultura, a exportação, a importação. Na agricultura, então, chega a ser escandaloso: não tem nem correção monetária. O próprio governo acabou descobrindo que a maior parte dos créditos subsidiados concedidos à agricultura não eram aplicados na agricultura, mas na especulação com papéis, com terrenos, com imóveis... O total de subsídios concedidos pelo governo em 1978 foi de 30 bilhões de cruzeiros e esse número foi simplesmente o dobro do valor concedido no ano anterior.

— Tenho a impressão que eu não vi nem um centavo dessa dinheirada toda.

— E não viu mesmo não. O que você viu foram as conseqüências inflacionárias. E é muito simples: para sustentar isso, o governo tinha que emitir dinheiro. E inflação é basicamente isso. Emissão acelerada de dinheiro.

— Então é simples: basta suspender os subsídios que a inflação acaba.

— Quase simples. Aliás, o governo acaba de suspender os subsídios. Aquele pacote de dezembro foi para isso. De repente, o governo decretou "não tem mais subsídio". Quem quiser dinheiro pague o que o que o dinheiro estiver custando.

— Então, agora eles vão sentir na carne...

— Não, quem vai sentir na carne é você quando entrar no açougue e vir os preços da pá. Agora que o pensionista não tem subsídio. Além disso, como quem ganha dinheiro é rico e rico não paga imposto; como não dá para emitir acima de certos limites que aí os preços disparavam de vez; como o governo precisa de muito dinheiro, mas muito dinheiro mesmo para tocar projetos faraônicos como Itaipu, usinas nucleares, Ferrovia do Aço, etc, o governo toma empréstimos junto aos mesmos banqueiros que também emprestam dinheiro a você.

— Agora eu já sei: o governo paga 72%!

— Calma, meta na cabeça que o fudido é sempre você. Quando o governo quer dinheiro dos banqueiros, ele emite um papel chamado ORTN (Obrigações Reajustáveis do Tesouro Nacional) ou então LTN (Letras do Tesouro Nacional). Como os banqueiros sabem que o governo precisa de dinheiro, eles só compram esse papel, se o governo remunerar muito bem. Isto é, se uma LTN custa cem cruzeiros, o banqueiro aceita comprá-la, se o governo aceitar apenas, digamos 80 cruzeiros por ela. É o que eles chamam de **deságio.**

— E o governo concorda com isso?

— Concorda. É o que eles chamam **regras do jogo.**

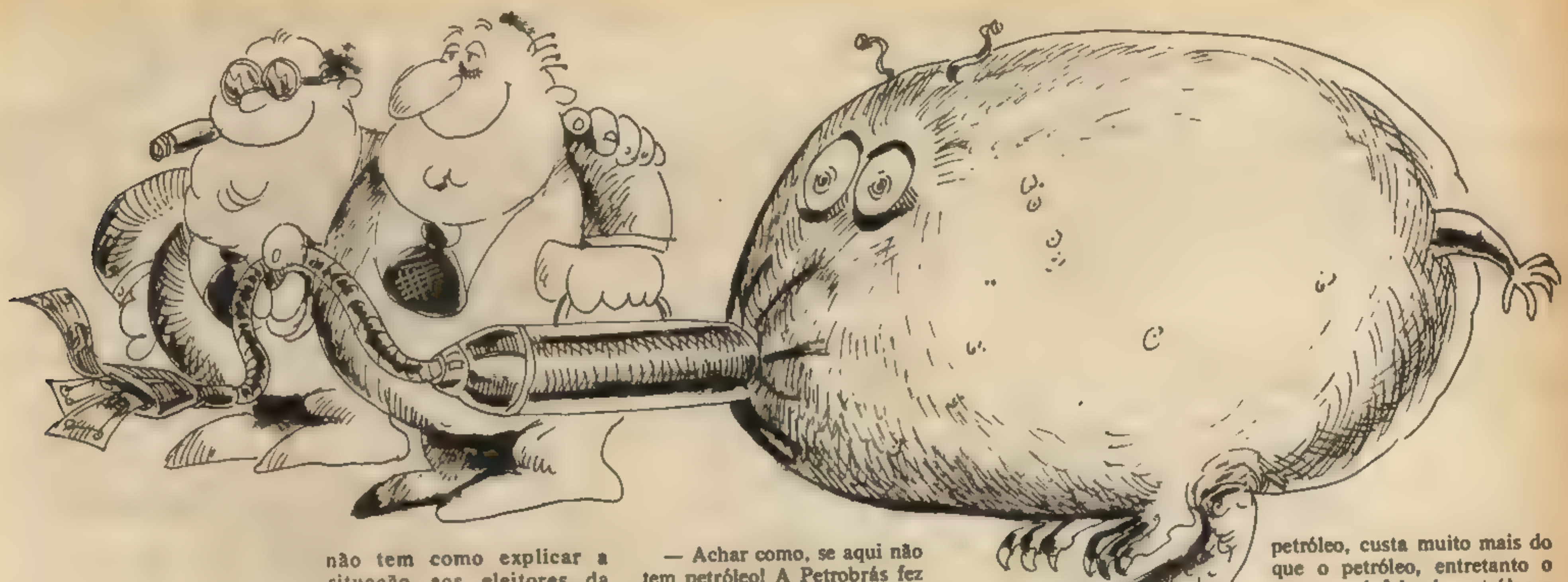
— E depois?

— Depois, quando o governo quiser de volta as LTNs terá de pagar os cem cruzeiros por cada uma delas.

— O banqueiro sempre sai ganhando...

— E não é só aí. O governo costuma controlar o volume de dinheiro que circula na economia através da venda e compra de LTNs. É o que eles chamam de mercado aberto ou **open market.** Quando o governo acha que tem dinheiro demais nas mãos das pessoas...

— Nas minhas mãos nunca tem dinheiro demais.



— Embora seja verdade, como eu lhe disse, inflação é excesso de dinheiro em circulação. Logo, quando tem muito dinheiro por aí, o governo vende LTNs para recolher um pouco de dinheiro. Vende com deságio, claro. E quando o governo acha que está faltando dinheiro, ele compra as LTNs que vendeu...

— Acontece que está sempre faltando dinheiro!

— Isso no seu bolso. No mundo dos banqueiros, o conceito de falta de dinheiro é outro. Lá eles falam em milhões e não no troco do ônibus. São os banqueiros que decidem quando falta dinheiro. Segundo eles, o mercado fica sem **liquidez**. Aí o governo concorda em comprar LTNs. Aí os banqueiros dizem que só vendem suas LTNs se o governo pagar caro, isto é, 120 ou 130 cruzeiros pela LTN que custaria cem cruzeiros. E como o dinheiro do governo está **caro**, os banqueiros dizem que o dinheiro está **caro** e aí fica tudo **caro**.

— Caramba! E por que é que o governo não manda os banqueiros enfiarem suas LTNs no cu?

— Porque aí, simplesmente, os banqueiros dizem que não têm dinheiro nem para remunerar aquele industrial que comprou um CDB com crédito subsidiado nem para emprestar uns tostãozinhos a você para comprar o seu carro. Aí a economia pára.

— Eh! Se os banqueiros não soltarem a grana, é como se estivessem fazendo greve!

— Só que empresário, banqueiro, gente fina não faz greve. Faz "locaute"...

— E nem vai preso.

— Claro que não. O presidente do Banco Central chama eles lá em Brasília para dizer que assim não dá. Pelo menos, é bom manter as aparências, fingir que o sol é para todos, se não o governo não tem como explicar a situação aos eleitores da Arena.

— Que barato! Os banqueiros roubam à vontade e o governo apenas pede para que eles metam a mão sem que ninguém veja.

— Cumpadre, se fossem só os banqueiros que metessem a mão, até que tudo não estava tão ruim. Pior são as multinacionais. Graças a elas, o Brasil tem uma dívida externa de 50 bilhões de dólares e só neste ano de 1980 terá que arranjar 21 bilhões de dólares sem saber onde.

— Ei, quanto é que é isso?

3 A dívida externa brasileira supera a 2 trilhões e 250 bilhões de cruzeiros. Este ano, o Brasil precisará arranjar quase 1 trilhão de cruzeiros para saldar seus compromissos com o exterior. Para você ter uma idéia do tamanho dessa dívida basta dizer o seguinte: se todo brasileiro, desde o mais recente recém nascido ao mais velho de nossos compatriotas fossem convocados para comparecer amanhã ao Banco do Brasil para depositar dinheiro destinado a pagar a dívida externa do país, cada um de nós teria que desembolsar nada mais, nada menos que 18 mil 750 cruzeiros.

— Putzgrila! Eu não ganho tudo isso em dois meses!

— Pois então veja porque você deve ao exterior mais que o dobro do seu salário. A maior de todas as sacanagens é a história do petróleo.

— É! Essa dos árabes resolverem aumentar os preços do petróleo foi foda!

— Os árabes estão certos. A riqueza é deles. Vai acabar em 30 anos. Eles tem mais é que cobrar caro para poderem ter dinheiro depois que o petróleo acabar. O problema não são os árabes. O problema é que o Brasil consome muito mais petróleo do que dispõe...

— Também a Petrobrás não acha...

— Achar como, se aqui não tem petróleo! A Petrobrás fez o que pôde. Provou que é boa para achar petróleo no traque mas nem ela nem ninguém pode inventar petróleo. Graças à Petrobrás não temos também que importar gasolina. O parque de refino da Petrobrás garante a autosuficiência. Você já pensou se, ao invés de importar petróleo, estivéssemos importando gasolina? Aí é que a vaca iria pro brejo com bezerro e tudo.

— Pô cara, e eu nunca tinha pensado nisso.

— Pois então pense. A Petrobrás não tem culpa de o Brasil consumir muito mais petróleo do que dispõe.

— E quem tem culpa?

— Respondo com outra pergunta: quem consome petróleo?

— Os carros?

— Então... temos um milhão de carros circulando no país e a indústria automobilística não pára de crescer, apesar de toda a crise.

— Como é que pode?

— Para a indústria automobilística é muito melhor produzir automóveis de que ônibus. E muito pior seria para ela se, ao invés de carros ônibus e caminhões, o Brasil baseasse seu sistema de transporte nos trens e navios. Por isso, há 15 anos o governo implantado pelos militares criou todas as condições para que a indústria automobilística se desenvolvesse. E ela cresceu tanto que hoje, se você parar a indústria automobilística, você pára o país e milhares de trabalhadores ficarão desempregados.

— Bem, isso não me [redacted]

— Nem a você, nem a mim. A indústria automobilística sabe disso e barganha. Se o governo adotar medidas que a prejudiquem, ela faz...

— ..."locaute"?

— Exatamente. Ela diz que vai reduzir a produção, despedir operários, o diabo.

— Então é por isso que o governo não raciona a gasolina?

— Olha aí, macaco tá começando a entender.

— É bom pra quem tem carro...

— Só que você não tem carro e a grande maioria do povo brasileiro não tem carro. E eu não preciso lhe dizer como estão os transportes nos subúrbios. Enquanto isso, o Brasil pega o pouco dinheiro que tem e queima no petróleo, exatamente porque é bom pra quem tem carro. É bom para a minoria que vai continuar gostando desse governo enquanto tiver gasolina para botar nos seus carros ainda que gasolina cara. Mas você sabe quanto nos custa isso?

4 O Brasil importou 6 bilhões de dólares em petróleo no ano passado. para pagar, pegou dinheiro emprestado lá fora. Há cinco anos que o Brasil vem pegando dinheiro emprestado no exterior para comprar petróleo para servir à indústria automobilística e aos felizes possuidores de automóveis. Resultado: no ano passado, o Brasil teve que pagar 15 bilhões de dólares por conta de sua dívida externa. Este ano, vai pagar 21 bilhões. A dívida externa brasileira custa mais do que o petróleo, custa muito mais do que o petróleo, entretanto o governo só fala do petróleo e finge que não sabe da dívida externa.

— Pelo jeito, o problema é racionar a dívida externa.

— Isso, em economia, tem outro nome: moratória. É o sujeito declarar que não tem dinheiro e não pagar. Tipo, "devo não nego, pagarei quando puder".

— E por que o governo não declara essa tal de moratória?

— Você acha que um governo que faz tudo que as multinacionais querem, vai declarar moratória? A sacanagem é tanta que boa parte dessa dívida externa constitui, na verdade, investimento estrangeiro no país que a gente paga como se fosse dívida.

— Como assim?

— Quem denunciou foi o ministro Rischbieter, o tal que o Delfim Neto demitiu. Mais de 14 bilhões de dólares da dívida externa são investimentos disfarçados. Só que, se forem registrados como investimentos, passarão a ser controlados pela Lei de Remessa de Lucros, que não permite a saída dos lucros estrangeiros com muita facilidade. Então, eles entram como financiamentos que podem ser rapidamente enviados de volta na forma de juros. O governo sabe disso, sabe que as multinacionais estão ludibriando a nossa lei e lesando o país, tornando o Brasil insolvente, retirando daqui o pouco dinheiro que temos, para enriquecer ainda mais os norte-americanos, japoneses, alemães. O governo sabe de tudo isso mas não faz nada. E tome o Brasil a inventar dinheiro para pagar sua dívida. E tome inflação.

— Engraçado de tudo isso é que sempre ouvi dizer que era o salário que provocava a inflação...

— Por acaso, alguma vez o seu salário cresceu mais do que os preços? Então...

A Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco, órgão do governo, prometeu aos camponeses do município de Neópolis, no sertão sergipano, que sua vida ia mudar. A empresa comprou as terras de um latifundiário, com quem os trabalhadores faziam a "meia", e anunciou que a área seria dividida em lotes, cada um ganhando o seu, junto com casa de alvenaria e mais tudo o que fosse necessário ao cultivo. Apenas 55 famílias — a meta era 300 só em 1979 — aceitaram a proposta e aí a Codevasf — começou a perseguir os outros. Chegou até a proibir camponeses de plantar pra comer e a pagar as mulheres que trabalhavam nas suas roças um sexto do salário mínimo regional. Os trabalhadores, revoltados, estão esperando a indenização que pediram na Justiça.

O Alto da Rolinha: água só no chafariz. As promessas da Codevasf pararam nas casas novas.

CAMPONESES EM REVOLTA NO SÃO FRANCISCO

Reportagem de Eduardo Homem
Fotos de Valdir Afonso

— Se o Presidente do Brasil sabe o que está acontecendo aqui, então ele também é ladrão. (Manoel, morador do Alto da Rolinha).

Ó aí Figueiredo, se não sabe fique sabendo. E se quiser ouvir de viva voz vá ao Alto da Rolinha, no município de Neópolis, do lado sergipano do Rio São Francisco, bem em frente de Penedo, cidade histórica alagoana. Procure Manoel, todo mundo conhece. Agora, chegue de mansinho porque o povo do lugar perdeu o medo de cara feia.

Todo mundo ali, até 5 anos atrás, trabalhava de meia (dividia a produção ao meio) com o proprietário das terras, um latifundiário chamado Zeca Linhares. Um belo dia chegou a Codevasf — Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco — empresa do governo, desapropriou o latifúndio, pagou Cr$ 27 milhões a Linhares e disse que tinha um projeto que ia fazer todo mundo ter terra prá plantar, casa, luz, água, escola, posto médico. Enfim, prometeu que daria pro povo coisas que ele não imaginava. Até o bispo de Propriá, cidade mais acima, D. José Brandão, aplaudia e defendia a Companhia em praça pública.

O projeto era o seguinte: as terras desapropriadas seriam divididas em parcelas e cada família, dependendo do tamanho, receberia uma maior ou menor; a Codevasf construiria um dique ao longo da margem do rio, de forma a impedir as cheias e permitir a construção de canais de irrigação, que dariam a água necessária no tempo certo; construiria também uma vila, com casas de tijolo e telha, onde haveria escola, ambulatório, água e luz; meio-ano as pessoas plantariam arroz, produto típico da região, e nos outros 6 meses fariam hortas, cuidariam das fruteiras, das roças de milho, feijão, macaxeira; uma cooperativa, pertencente aos futuros parceleiros — é isso que a Codevasf dizia que eles seriam — garantiria instrumentos de trabalho, adubos químicos, tratores e até bicicleta, televisão, geladeira, a preços menores que os das lojas. E compraria toda a safra a preços justos, eliminando a especulação.

O homem do campo ouvia aquilo e pensava no Paraíso prometido. Precisava ver os prospectos da Codevasf, um luxo. Tem um que diz assim:

— Vai ficar lindo o Baixo São Francisco! Um imenso e verde jardim, tanques para peixes aqui e acolá, com muita gente alegre e feliz, saudável e progressista, sentindo dia-a-dia o rendimento do seu trabalho, para viver uma vida digna e ainda fazer suas economias com que enfrentar as incertezas do futuro.

Até hoje só 55 famílias aceitaram ser parceleiras da Codevasf na fazenda Betume — o presidente da Companhia queria 300 esse ano. E a maioria delas ainda não foi embora porque está esperando que o Supremo Tribunal Federal confirme a sentença do Juiz de Aracaju que condenou a Codevasf a pagar aos 970 antigos meeiros do latifundiário Zeca Linhares as indenizações que lhes são devidas por seu tempo de serviço no Betume. Agora em 16 de março a primeira sentença judicial faz 4 anos. E nada.

Manoel chamou de ladrão os governadores de Alagoas, Sergipe e o então ministro do Interior, Rangel Reis. Na cara. Colher arroz pra Codevasf dá prejuízo.

Nesse tempo a Codevasf ameaça, tenta subornar, inferniza a vida das pessoas. Começou proibindo todo mundo de plantar um palmo de terra. Como não havia emprego na região e ela não empregava quem tinha entrado na Justiça contra ela, o povo morria de fome. Mas nêgo não arredava o pé. Aí ela botou o pessoal para trabalhar. Só que, atenção, pagou uma diária de Cr$ 20,00 às mulheres e adolescentes e de Cr$ 40,00 aos homens durante três anos, onze meses e quinze dias.

Desde 1977 até dezembro de 1979, uma companhia do governo chegou a empregar mulheres por 1/6 do salário mínimo regional. Impunemente.

E nêgo não arredou o pé. Mais que isso, abriu outro processo exigindo correção salarial, férias, 13º, juros e correção monetária dessa exploração toda.

A Codevasf hoje aumentou os salários, mas continua se recusando a assinar as carteiras profissionais. Quer que as pessoas trabalhem por empreitada, pensando assim aumentar o trabalho pelo mesmo dinheiro e se livrar dos encargos trabalhistas.

A estratégia é velha e em geral dava certo: causa perdida na Justiça, o poderoso fica enrolando o pobre até que ele não agüenta mais e se dobra.

Foi assim mesmo no Baixo São Francisco. A Companhia chegava nas terras de um posseiro e dizia: — pago Cr$ 20,00 a touceira de banana, Cr$ 80,00 o coqueiro (você sabe quanto custa 1 coco?) e Cr$ 85,00 o m2 da casa. Se o cara pedisse mais e pusesse pé firme, no dia seguinte tava o oficial de justiça acompanhado dos homens da lei, todos garantindo o trator que passava por cima do que estivesse em baixo.

De lá pra cá a bronca com a Codevasf só fez aumentar, mas aumentou também a disposição de luta do pessoal, José Francisco, Evaldo, Manoel , Mariinha, Noemia, Pedro, Raul, todo mundo fala da corrupção dos funcionários da Companhia. "O doutorzinho chega aqui e logo, logo compra um carro novo. Ano passado roubaram foi muito dinheiro da Cooperativa — Cobasf — tiveram até que mudar uns diretores".

O pior, entretanto, é quando o roubo se faz direto em cima dos trabalhadores, como o caso que José Francisco conta:

— Aqui eles têm mania de não pagar a primeira semana de trabalho de uma pessoa. Ficam prometendo que vai acumular com a segunda, com a terceira, e nada. Quiseram fazer isso comigo e mais outros mas a gente encrencou. Depois de quase um mês, um dia a turma entrou à força no gabinete do administrador do Betume, tudo de peixeira na mão e disse prá ele fazer a folha de pagamento na hora. Ele regateava, queria adiar mas quando viu a faísca de fogo que a peixeira fazia quando batia na parede, não teve jeito. E se não é assim a gente não recebe não. Fica prá eles.

É por tudo isso que o povo do Alto da Rolinha, umas 150 famílias, não quer saber de ser parceiro da Codevasf, nem se interessa em sair das suas casas de barro e palha prás de tijolo e telha da vila do Betume. As histórias dos parceleiros já chegaram lá no Alto.

José Martins está na mesma briga da indenização mas há

Mariinha, braço levantado: eu calei o ministro

dois anos pegou uma parcela de terra para plantar arroz. Ele diz que no primeiro ano foi uma maravilha, a Codevasf deu tudo de graça, adubo, trator, semente, até dinheiro prá sobrevivência antes da safra dava pra conseguir. Ano passado mudou tudo. Martins colheu 18 alqueires de arroz e apurou Cr$ 36 mil. Pagou Cr$ 20 mil do empréstimo no Banco do Brasil, Cr$ 10 mil a um agiota a quem ele teve que recorrer durante o ano e quando recebeu a conta da Coóperativa ele devia Cr$ 25 mil.

— Você ao menos sabe do que são esses Cr$ 25 mil, Zé?

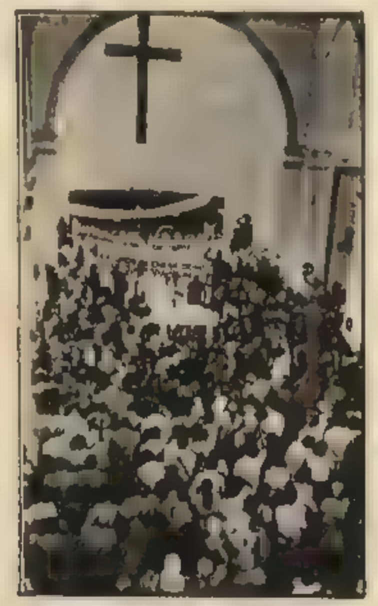
— Olhe, eles puseram 66 horas de trator a Cr$ 300,00 a hora. Só que o próprio apontador da Companhia me jura que ele anotou muito menos horas. Mandaram eu botar 18 sacos de adubo na terra e cobraram Cr$ 320,00 o saco. O resto eu não sei do que é não.

Quer dizer, José Martins entra em 1980 devendo Cr$ 25 mil à sua cooperativa e não sabe nem do quê. E assim acontece com muitos parceleiros. Teve um, na região de Propriá, onde a Codevasf implantou um projeto semelhante, que, antes de se tornar parceleiro era tido como homem rico. Tinha um terreno bom, 2 casinhas na cidade, uma bodega. Acabou devendo tanto à Companhia que se mandou prá São Paulo. Pois foram catar ele lá e tomaram tudo que o homem possuía.

Caso não falta prá contar. Os repórteres ficaram de 11 da manhã às 5 da tarde ouvindo o povo falar, acusar, xingar. E saíram emocionados de ter conhecido aquela gente. Afinal, não é todo dia que se encontram pessoas com coragem e certeza suficiente para dizer na cara de um ministro do Interior que ele é mentiroso e ladrão. Ele e todos os funcionários do governo que foram a Betume comer churrasco, tomar cerveja e depois arrotar pro mundo que a Codevasf está mudando a face do Baixo São Francisco.

— Eu queria ver o senhor, seu ministro, com tudo isso que o senhor diz que a gente tem — casa, água, luz, escola, médico — sem comida dentro de casa.

Eu calei a boca dele, diz Mariinha.



Arraes faz comício. Milhares de pessoas no protesto contra a Chesf, que acabou na Igreja de Petrolândia.

Hidrelétrica do governo despeja 190 mil pessoas

A Companhia Hidrelétrica do São Francisco — Chesf — construiu e administra 5 usinas hidrelétricas em Paulo Afonso, uma em Sobradinho e começa a construir outra em Petrolândia, a usina Itaparica.

Para construir essas usinas a Chesf desapropria milhares de hectares de terra, desaloja seus proprietários e paga a quantia que ela própria determina arbitrariamente. Para construir Sobradinho ela deslocou 70 mil pessoas e, agora, em Itaparica, ela vai mexer com 120 mil. Muitas dessas pessoas já foram expulsas durante a construção de Moxotó, e sua experiência alimenta a disposição geral de ninguém sair de suas terras e casas sem que as exigências sejam atendidas pela Chesf.

A Companhia, quando construiu Moxotó, usou o Exército para botar o povo prá fora. Seu Cipriano, um velho de 73 anos, é quem conta: "os doutores chegaram, junto com soldados do Exército que passaram uma corrente de ferro em volta da casa, amarraram num caminhão e derrubaram tudo. Depois os tratores passaram por cima das fruteiras e da minha roça. Perdi tudo que tinha".

Hoje os trabalhadores reajem à altura. Esta manifestação foi a segunda que fizeram num espaço de 3 meses. Um dos presentes dizia com firmeza:

— Os doutores da Chesf aprenderam a fazer, não é? Pois nós aprendemos a desmanchar. Aqui não vai ser igual a Sobradinho não. Ou eles respeitam nossos direitos e constroem a usina, ou a briga vai ser feia. Na manifestação em Petrolândia, milhares de pessoas reunidas no protesto, gritavam: O povo unido jamais será vencido!

REPORTER
SAÚDA O POVO E PEDE PASSAGEM PARA O SEU PERSONAGEM
DONA MARIA REVOLUÇÃO
ANTES DE MAIS NADA, PRECISAMOS FAZER UMA ENTREVISTA COM DONA MARIA REVOLUÇÃO. QUEM VAI?
EU VOU!
O ALEX NÃO, PELO AMOR DE DEUS!!! NÃO PUBLICAMOS, NO ÚLTIMO NÚMERO, A HISTORINHA DO ALEX E O PETRONIO PORTELLA PORQUE O HOMEM MORREU LOGO NO DIA QUE A HISTORINHA FICOU PRONTA.
PÉ FRIO!
MATOU O HOMEM DE ENFARTE!
ÊPA!
JÁ ESCOLHI O CHICO JUNIOR. É MAIS FÁCIL PARA CARICATURAR.
ENTÃO CAPRICHA NOS TRAÇOS DO BONECO.
GOSTARIA DE FAZER UMA ENTREVISTA COM A SENHORA.
VOU APARECER NA CAPA COM O TARCÍSIO MEIRA?
NÃO! EU SOU DA IMPRENSA NANICA.
AH! BOM... SABE, MEU JOVEM, EU NÃO QUERO FOFOCAS. EU SOU UMA SENHORA DE RESPEITO.
MINHA VIDA É UM LIVRO ABERTO!!! VOCÊ NÃO TEM O PÉSSIMO HÁBITO DE FOLHEAR MOLHANDO AS PONTAS DOS DEDOS, TEM?
EU PREFIRO PASSAR A LÍNGUA DIRETO.
QUANTOS FILHOS A SENHORA TEM?
TIVE CINCO FILHOS. DOIS JÁ MORRERAM. O MAIS VELHO MORREU NUM DESASTRE DE AVIÃO. O OUTRO DE DERRAME.
E OS OUTROS FILHOS VÃO BEM?
VÃO MUITO BEM. COMO TODA MÃE ZELOSA SEMPRE DEI PROTEÇÃO. E TUDO DO BOM E DO MELHOR.
MAMÃEÊÊ
O QUE FOI JOÃOZINHO?
O MAGALHA ESTÁ IMPLICANDO COMIGO!
ESSE MAGALHA!.. ESTÁ SEMPRE PROVOCANDO O CAÇULA.
ELE FALOU QUE, NESTE CARNAVAL, O BLOCO DELE VAI TER MUITO MAIS GENTE QUE O MEU.
Ô MAGALHA, POR QUE NÃO PARA COM ESSA COMPETIÇÃO.
QUEM É A FIGURA?
UM DOS MEUS ABORTOS
ÔBA!! TCHAUZINHO DONA MARIA REVOLUÇÃO.
É, NÃO VAI CONTINUAR A ENTREVISTA?
NÃO PRECISA! JÁ TENHO UMA CHAMADA DE CAPA DO RABO: "ABORTO EM FAMÍLIA."
GUIDACCI

REPORTERTUR

dá as dicas da folia barata e você só paga o jornal

CARNAVAL A 25 PRATAS

Solidário com os que não podem assistir ao desfile milionário das escolas de samba do primeiro grupo, na avenida Marquês de Sapucaí e que, este ano, está custando os olhos da cara, REPORTER colocou sua equipe carnavalesca à procura de dez acontecimentos que ninguém deve perder no carnaval carioca. Todos de graça, é claro. E que provam que, apesar da ganância do governo que proibiu aos pobres de assistirem ao desfile que eles criaram, o carnaval carioca ainda resiste e não vai morrer nunca.

• Entrada do baile dos enxutos

Na praça Tiradentes, sexta-feira, às onze da noite. O som é assegurado por um palanque de músicos que fica tocando na praça, ao lado da estátua de dom Pedro I. E, em frente ao teatro, no sereno, a massa assiste à entrada das bonecas, com suas mirabolantes fantasias e aplaude ou vaia, com entusiasmo. As bonecas agradecem, rodopiam, dão adeuzinhos ou bananas para o público; o clima é tragicômico e muito animado.

• Desfile do Cordão do Bola Preta

Evento que abre, oficialmente, o carnaval carioca. Os velhos, gordos e maravilhosos palhaços do Bola saem no sábado de manhã de sua sede, na Cinelândia e vão pelas ruas do centro, animadíssimos, a berrar que quem não chora, não mama, hino da agremiação.

• Banda de Ipanema

No sábado à tarde. Este ano vai estar quente, e, possivelmente, cheia de toplesses. A banda sai da praça General Osório, em Ipanema, e segue até o Jardim de Alá, pela Prudente de Moraes. Fantasia de intelectual — óculos, chinelo, bolsa de couro e sunga — fica muito bem.

• Cinelândia

O coração do carnaval do Rio de Janeiro fica por ali. Animação e ti-ti-ti, dia e noite, de sábado a terça. Um palanque de músicos dá o som até às dez da noite e, daí em diante, o povo pula, filando o som que vem do Bola Preta, num primeiro andar, e que tem excelente orquestra. Fantasias incríveis passam dia e noite.

• Clóvis, em Santa Cruz

A palavra clóvis vem do inlgês **clown**, que significa palhaço e, no carnaval carioca, são aqueles fantasiados de roupas de cetim multicolorido, com máscaras e uma bexiga de boi amarrado num pedaço de pau. Fantasia ingênua e linda, encontrada com freqüência no subúrbio de Santa Cruz, eles se concentram na praça dom Pedro II, na terça-feira, à tarde.

• Desfile dos blocos de embalo

Os principais blocos são o Cacique de Ramos, o Bafo da Onça e o Boêmios de Irajá. Sua coreografia não é marcada como a das escolas e todo mundo veste uma roupa só, diferente a cada ano. Vê-los na avenida Rio Branco, no desfile de domingo à noite, por volta das sete horas da noite é coisa inesquecível.

• Concentração em Madureira

Capital do samba, este subúrbio do Rio tem sua rua mais importante, a Edgard Romero, fechada ao tráfego e entregue aos carnavalescos, até quarta-feira. Passam blocos sem parar, o mais famoso dos quais, o das Piranhas, em que jogadores machões como o Moisés, saem de mulher, no sábado de manhã.

• Coretos na Baixada

Antigamente, em qualquer subúrbio do Rio, enfeitava-se o coreto da praça principal com motivos carnavalescos e, em volta deles, o povo sambava. Essa tradição continua sendo mantida pelas prefeituras municipais da Baixada Fluminense, que mantêm baile em seus coretos, todos os dias de carnaval, à tarde e à noite. Os músicos, experimentados em muitos carnavais, têm excelente repertório e sabem fazer o couro comer. Os coretos ficam nos seguintes locais: em Eden, na praça principal; em São João de Meriti, na rua da Matriz; na Pavuna, na rua Mercúrio; em Mesquita, na praça em frente à estação do trem; em Agostinho Porto, ao lado da estação; na praça Getúlio Vargas, em Belford Roxo; em Rocha Sobrinho, no conjunto do BNH; em Nilópolis, na praça das Flores; nas avenidas Marechal Floriano e Heliópolis, no Largo da Farrula e na praça Miguel Couto, em Nova Iguaçu; na rua Tomás Fonseca, em Morro Agudo; na rua Vital Brasil, em Austin e, na praça Roberto Silveira, em Caxias.

• Futebol de travestis

No final do Leblon, domingo à tarde, lá pelas quatro horas. Os meninos do Rio, pessoal do surfe e da pelada, usam graciosos modelinhos de beibidol e, de ano para ano, as mulheres também estão disputando um lugarzinho na linha. Todo mundo de porre e com música, um programa a beira mar.

• Desfile da Escola de Samba Quilombo

Fiel à tradição das antigas escolas de samba do Estácio e da Cidade Nova, a Quilombo desfila sozinha, sem amplificação de som e sem destaques espalhafatosos, mas com um bom samba e é sempre muito aplaudida. Na terça, por volta das nove da noite, na avenida Rio Branco.

Texto de
José Antônio Nonato

Figueiredo não prende nem arrebenta, não gosta de briga, o bicho que mais gosta é cachorro e para manter a forma física não precisa fazer halteres: trabalha 12 horas por dia como motorista de ônibus. Confessa que não entende nada de política, acha que a Revolução "não adiantou nada, só piorou" e admira Juscelino. Pode ser visto todo dia na direção do frescão Engenho de Dentro-Castelo, no Rio. Passageiros e colegas já se acostumaram a chamá-lo de Figueiredo — é a casa dele — e o nome pegou. Só dona Elza, sua mulher, está preocupada com isso e avisa nossos repórteres:
— Veja lá o que vocês vão fazer com meu marido. Não queremos complicações.

Figueiredo confessa:
"NÃO ENTENDO NADA DE POLÍTICA"

Sósia do presidente é motorista. Até os passageiros o chamam de Figuerédo

É a cara de um focinho do outro. No terminal Meneses Cortes, no centro do Rio de Janeiro, no meio da poluição, de fumaças e o ranger das carrocerias dos ônibus ele é conhecido como Figueiredo. Os passageiros do Engenho de Dentro-Castelo preferem até viajar com o presidente que é simpático e não precisou mudar sua imagem. Não tem pinta de caguete, nunca trabalhou no serviço de informações e o seu bicho preferido é o cachorro.

Se eu fosse presidente da República eu mandava procurar petróleo em tudo que é canto do Brasil e acabar com os assaltos e a marginalidade. Essa onda de violência

Gérson Teixeira, 54 anos, motorista profissional há 25 anos, trabalhando doze horas por dia, não precisa fazer ginástica para manter a forma. As costas largas e musculosas dão uma aparência saudável, mas diz que foi de tanto pegar na enxada em Ubá, Minas Gerais, onde nasceu. Quando tem uma folguinha, bate uma bola no time Luar de Prata, campeão da Rua Cristalina, onde mora, em Realengo Bairro, aliás de muito quartel e por onde muita gente que tá por cima aprendeu a mandar e desmandar. No time jogam os seus seis filhos todos encaminhados na vida, como faz questão de ressaltar. É Flamengo de coração e pó de arroz lhe dá alergia. Não gosta de briga, não prende e nem arrebenta, de paz.

Quando você soube que era a cara do presidente?

– Logo que ele começou a campanha, um colega viu a foto num jornal e chegou correndo: "você é a cara do presidente, Gérson não tem o que tirar e nem por." Daí prá cá só me conhecem como Figueiredo. Na Transporte Matias onde trabalho ninguém me chama pelo nome. Tudo é Figueiredo

E a revolução?

Fizeram para melhorar mas não adiantou nada. Continua até pior. Tudo caro. Custo de vida não melhora nunca. Tabela hoje, sai da tabela amanhã

E as reformas políticas?

– Olha, eu não entendo de política, não sei se você já reparou? Mas pelo o que eu vejo, com Magalhães, Brizola e Figueiredo puxando brasa prá sua sardinha, eu não sei como vai ficar. Pode ficar até pior do que está

Papo de política não agrada Gérson que muda de conversa bem na hora em que dona Elza, com quem vive há 28 anos, abre o portão. Um pouco assustada, cumprimenta e sai falando

— Veja lá o que quê vocês vão fazer com o meu marido. Não queremos complicação, por favor

Dona Elza dá uma volta na sua sala bem arrumadinha, nervosa Gérson pede calma

E o trânsito, tem solução?

– Não tem mais não, tem colegas que quando estão na direção viram valentes. Muitos carros nas ruas, tudo entupido. Nem com racionamento de gasolina vai adiantar. Quando teve aquele aumento de gasolina as ruas por uns dias ficaram vazias, mas já voltou tudo. Nem a idéia de carros com placa diferentes circularem dia sim, dia não, vai funcionar: os ricos vão comprar dois carros

E o topless?

– É bonito na mulher dos outros.

Gérson Batista de repente passa a mão pela cabeça e comenta: "ele tem um pouquinho mais de cabelos do que eu". Gérson usa pasta de dente Colgate, loção Johnson, gosta de cinema e pra ele não existe cantor maior do que o Roberto Carlos. Posa para fotos no jardim em frente da sua casa azul, no meio de três pés de roseiras carregadas. Mostra o pomar nos fundos, oferece uma goiaba e diz que os filhos vão fazer ali uma piscina. Faz um apelo aos colegas de classe que se sindicalizem

Você faz política sindical?

Eu sou apenas sócio e acho que todos os colegas de profissão deveriam se sindicalizar.

Quem foi o político quemais o impressionou?

– Juscelino Kubitschek. Esse foi um grande homem

O senhor é a favor das eleições diretas para presidente?

Sou sim. O chefe da nação tem que ser escolhido pelo povo. Pelo voto que é um direito sagrado de todo cidadão. É a única forma de acabar com a injustiça. Queria ver os ricos menos ricos e os pobres menos pobre

Reportagem de Tim Lopes
Fotos de Chiquito Chaves

Anuncie no REPORTER
150.000 LEITORES EM TODO O BRASIL
Ligue para 253-5038 ou 253-5077

Botou charuto aceso no ânus da atriz

Fumo anal é "sexo grosso"

— Tá vendo essa foto? Sabe o que a moça tá fazendo?

Ele joga a foto na mesa, como um chefão. E ele é chefão mesmo, da Boca do Lixo do cinema paulista, e tem o mesmo nome de conhecido mafioso assassinado em Nova York, Galante. Nosso Galante é Antonio Pollo, um tipo atirado, falador, comerciante. Quer ganhar logo a simpatia da pessoa, tratando-a, carinhosamente, de "gordinho".

Gordinho é ele. Além de baixo. Feio também é. Mas é o maior produtor nacional de pornochanchadas. Produz a rodo, uma atrás da outra. Associa-se com donos de cinema — vende o filme (ou "mercadoria", como ele chama) pra ele — e por isso tem sempre bons lançamentos.

Mas voltando à foto. Galante está tiririca porque a Censura interditou uma mercadoria dele, uma cópia (ele mesmo confessa) do americano "Golpe de Mestre".

— É a primeira fita proibida nessa abertura — lamenta-se, e ao mesmo tempo orgulha-se, discretamente.

A foto em questão é desse filme, "O Bordel". E Galante responde à própria pergunta:

Cena de "O Bordel". Proibida.

— Ela tá fumando charuto pela bunda! Tem alguma coisa demais nisso? Minha fita não tem nada mais que as outras. E a censura proibiu porque tem sexo grosso! Enquanto isso, todas as pornochanchadas européias são liberadas, como **Black Emanuelle, A Comilança.**

Por aí se vê como Galante entende de cinema. Chama A **Comilança** de filme apelativo:

— É uma pornochanchada plastificada, nada mais. Um verniz em cima, só.

Não é por falta de vivência que ele pensa isso. Começou em cinema há 25 anos, com 20. Começou de baixo, aquelas histórias. Primeiro, assistente de câmera. Uma função, aliás, que dá boas oportunidades de participação no comércio de latas de negativo.

Bem, vindo por baixo, por baixo, no começo dos anos 60 já pintava como o comerciante de cinema de hoje. Corre na Boca que os primeiros negócios foram assim: ele comprava baratíssimo filmes que algum produtor "enforcado" não conseguia terminar, faltando filmar alguma coisa. E assim foi indo. Investindo pouco e tirando o que desse. Além dos negócios com latas de negativo — que lhe rende bem até hoje. Foi também juntando equipamento e hoje tem de tudo, pra si e pra alugar. Aluga por muito, cobra caro. Quando é sua vez de pagar, regateia.

Faz parte também do folclore de Boca o episódio em que a atriz Wilza Carla ameaçou espatifar sua caríssima câmera de filmar porque ele se recusava a pagá-la como combinado. Faz menos de dois anos. Ela surgiu na janela de seu escritório, num segundo andar, fronteiriço ao frequentadíssimo Bar Soberano. Wilza segurava a câmera fora da janela e berrava:

— Me paga ou jogo!

Dizem que Galante implorou, chorou, esperneou, mas pagou na hora.

Negócios são negócios. A história pode ser folclore puro. Acontece que é uma boa explicação de "como subir na vida". Produtor anjinho não vai pra frente nunca. E Galante foi. É tão poderoso hoje que só compara sua força financeira com Mazzaropi, há décadas o milionário do cinema brasileiro.

Seu poder não veio da qualidade de seus filmes. Ele sempre prefere falar em quantidade. É o recordista brasileiro de velocidade em fazer filmes: gasta cinco meses pra cada. E já começa outro. Não pára.

— O cinema pra mim não é brincadeira, é indústria.

De vez em quando, Galante tem que esnobar e compra uma obra conhecida pra filmar. Há um mês comprou **O Milagre da Cela**, de Jorge Andrade, história baseada no episódio de Madre Maurina, freira de Ribeirão Preto, SP, presa, torturada e violada na delegacia de sua cidade, nos anos 70.

Com o faro que tem, o chefão da pornochanchada afirma que "filme político já é comercial", mas lembra que a história de Jorge Andrade "vai agradar a massa":

— O delegado se aproveita da situação, a freira se deixa usar e fica grávida dele.

Fico curioso. Será que nas filmagens dessas pornochanchadas uns não se aproveitam dos outros também, alguém fica grávido?

Galante não admite e dá um testemunho:

— Já fiquei com meus atores e atrizes, todos nus, corpo a corpo, lado a lado e só tenho elogios pra eles. Ninguém pensa em sexo. E quem sai da linha, eu mando embora, sem piedade.

Uma declaração política, claro. É de sua política, também, fazer elogios aos donos de cinema, os tais exibidores que os cineastas em geral detestam e até acusam de boicote. Galante jura de pé junto que não existe boicote:

— O exibidor só corta a fita nacional muito "fechada". Fita comercial ele passa todas.

"Comercial" quer dizer:

— Que tenha sexo. E uma boa história.

Tem que ter sexo sempre, em qualquer filme?

— Sempre! Fora as fitas "livres". Fita "proibida 18 anos" precisa de sexo, que é importante, é a nossa vida. Eu gosto de sexo, você não gosta?

Imagino o "gordinho" pelado, numa cama... Ele continua:

— Se você vê uma mulher bonita não olha? Não imagina uma porção de coisas? A mente do povo é essa hoje, sei lá.

Reportagem de
Alex Solnik

REPORTER publica em capítulos, a partir deste número, a história pessoal do rei do terror, escrita por ele mesmo. No primeiro capítulo, ele conta que já com um ano de idade gostava de ser tocado pelas mulheres e rejeitava homens. Aos dois anos, a babá pegava no pinto dle e o chupava "carinhosamente". Já naquela época, ele queria mais. *Atenção! As frases em negrito são de autoria de Zé do Caixão; o resto do texto é de José Mojica Marins.*

CONFISSÕES ÍNTIMAS DE ZÉ DO CAIXÃO

1º CAPÍTULO

Aos 2 anos, a babá chupou meu pinto

Caros leitores, a mão que escreve estas linhas pertence ao corpo de José Mojica Marins, mas, nem sempre as palavras a serem traçadas são de autoria desta mesma pessoa, embora os lábios que a pronunciam são os mesmos. Acredito que a maioria de vocês leu o livro, assistiu o filme, ou, pelo menos ouviu falar da grande obra "O Médico e o Monstro", de Robert Louis Stevenson, cujo tema versa sobre a duplicidade da personalidade do eminente médico dr. Jeckil, em cujo corpo também desenvolvia-se a sinistra figura de Mr. Hide. Para mim, foi ótimo e esclarecedor conhecer a obra, pois só aí vim poder explicar certas facetas do meu comportamento, que antagonizam comigo mesmo, surpreendendo a quem conhece meu caráter.

Por isso, advirto àqueles que, por ventura, revoltaram-se com a linguagem que em determinados pontos será desenvolvida, o motivo de tanta diferença, já que não consigo controlar estas mudanças. Para quem conhece meu trabalho, posso identificar essa outra pessoa em mim como Zé do Caixão, que, apesar de ter sido criado apenas em 1963 já fazia parte de meu subconsciente desde ou antes mesmo de minha vinda ao mundo. Sim, pois ao contrário do dr. Jeckil, que fabricou sua própria maldição, eu não tive esta liberdade de escolha. Talvez, contando as circunstâncias de minha vida, poderão compreender melhor.

Nasci às 12:30 hs., no dia 13 de março de 1929. A hora e a data deram origens a muitas conjecturas maliciosas por parte de amigos e críticos, embora sem fundo verídico, é claro. **Embora este é o horário dos espíritos, das forças ocultas, quando a Morte e seus sequazes estão à procura de vítimas, segundo os tolos supersticiosos. Talvez eu seja realmente a encarnação definitiva de Marquês de Sade, dos Bórgias, de Nero, Calígula, de Átila e de outros homens entre os poucos que salvaram-se da ridícula teia de sentimentos, mas seguiram seus instintos.** Nasci, com toda a boa-sorte divina, filho de pessoas maravilhosas, pais realmente. Meu pai, já falecido, era toureiro, uma profissão emocionante na época. Minha mãe ajudava-o e, pelo que lembro-me desde o início eram felizes. **Imperfeitos, essa é a verdade, como a maioria senão a totalidade dos seres deste mundo ao qual pertenço e que pretendo mudar.**

Zé do Caixão aos 3 anos e meio

Outra curiosidade acerca de minha vida pré-natal consiste no fato de ter nascido um tanto atrasado, segundo própria definição de minha genitora, D. Carmem, a quem o destino possibilitou estar comigo até hoje, como um dos maiores motivos para o ânimo em que levo minhas obras. Ao invés dos tradicionais 9 meses, nasci aos 10 meses e meio. **Era necessário, pois para a formação de uma inteligência maior, desligada das constâncias imbecis dos humanos normais, um tempo maior, uma preparação mais específica para constituir a perfeição.** É claro, que o tempo do nascer de um homem, mais ou menos que o normal, nunca poderia influir em sua evolução posterior. O que quer que possa ser motivo de meu problema não deve estar ligado a este fator.

Possuindo, talvez como dom, uma memória excepcional, mantendo vivas lembranças dos primeiros meses de vida. Lembro-me perfeitamente dos carinhos de minha mãe e pai, logo no momento em que abri os olhos, sem ver nada entretanto. Eu chorava, não sei por qual motivo. **Havia uma mão áspera em meu corpo, desagradável. Eu tinha plena consciência de minha posição superior, e fiz sentirem isto, até entregarem-me às mãos hábeis e carinhosas de uma enfermeira. Percebi, no início de minha passagem por este mundo sem sentido, que, se procurasse a perfeição, só poderia encontrá-la no sexo feminino.**

Quando tinha já 1 ano de idade, como toda criança, chorava, gritava, até darem-me o que queria. Só não lembro-me exatamente qual o motivo do choro. **Eu não chorava, não como os imbecis imperfeitos, protótipos da decadência fixada da espécie humana. Eu tentava a comunicação com o mundo. Meu corpo precisava sentir as mãos delicadas das mulheres a brincarem comigo, meu rosto, meu corpo, e meu pintinho. Maldição humana esta de a mente ser condicionada a um corpo repleto de imposições. A excitação era grande, ele queria levantar, mas não conseguia controlá-lo, apesar de meu ego superior. Teria de esperar o tempo, mas não admitiria o toque desagradável de um homem.** Não sei porque, mas poucas pessoas eu deixava que me tocassem. Meu pai era uma delas, ele que no futuro seria, talvez, a figura mais importante de minha formação. **Havia um único homem, na verdade, a quem eu não poderia impedir o toque, talvez por conveniência, pois o sentido de sobrevivência é importante e, nesta condição ridícula de inanição em que me encontrava precisava de alguém para preparar-me nas condições necessárias à minha missão.**

Aos dois ano, com a mudança de meus pais para um cinema que iriam gerir, o trabalho tornou necessário que contratassem alguém para cuidar-me. A moça escolhida, à qual afeiçoei-me imediatamente, parecia gostar muito de mim, um apoio que toda a criança pequena precisa. **Gostava quando ela, com aquele corpo moreno, torneado, encostava-se e roçava-se e roçava comigo, quando deixava minha boca correr pelos seus largos seios, quando não só pegava em meu pinto, mas, carinhosamente, chupava-o. Já sabia, então, onde estaria a perfeição e como procurá-la.** As atitudes que esta moça tomava comigo, hoje consigo explicar melhor, no fato de ele ter tido um noivo e, por mais desejo que tivesse, não podia satisfazê-lo, o que não poderia haver problemas comigo. Parece-me, entretanto, que a experiência não me desagradou, muito ao contrário. **Eu sentia o desejo de possuí-la naquele momento, misturarmos nosso sangue, no único momento válido vivido por um desses inúteis seres. Era-me difícil a comunicação sem palavras, mas procurava-me fazer entender pelos gestos e toques, indo profundamente por aqueles pelos macios e reluzentes, aquela depressão funda que a mulher fazia que não permitia que eu pusesse a mão, o que dava-me vontade de matá-la, pois cada um deve saber o que quer e ela queria ser possuída.**

Algo na minha vida, acontecido aos 3 anos e meio marcou-me profundamente, e, hoje, quando recordo, chego a achar engraçado. **Já era hora, eu precisava sentir totalmente um corpo feminino, uma brecha em que pudesse chegar ao cume, pela primeira vez. Eu queria ter uma relação...**

JOSÉ MOJICA MARINS

● *Não percam, no próximo número, o segundo capítulo, contando a primeira relação sexual de Zé do Caixão, aos quatro anos de idade.*

Quem é só e passou dos 30 agora tem clube

Baile do Clube dos Corações Solitários

Fotos de Rogério Carneiro

Oriza Rebello da Silva, gaúcha de Lagoa Vermelha, desquitada e mãe de seis filhos, uma mulher bonita e cheia de energia, há seis anos veio morar no Rio de Janeiro. Sem problemas financeiros, pois recebe pensão do ex-marido e com cinco filhos já casados, Oriza não achava muito jeito de gastar a sua vitalidade, porque na cidade onde não conhecia ninguém ela aprendeu bem cedo que são poucos os lugares em que uma mulher pode chegar sozinha, divertir-se e ir embora, sem problemas.

Depois de passar um ano dividida entre sair com as filhas ou as noras e fazer programas que não podia escolher, ou ter que enfrentar situações delicadas quando saía sozinha (os homens não entendiam como é que uma desquitada bonita queria voltar para casa desacompanhada), Oriza foi fazer uma viagem pela Europa. E, na França, numa cidadezinha cujo nome ela já não lembra, tomou conhecimento de que o clube local promovia bailes semanais para aproximar os solteirões do lugarejo às moças que estavam ficando ou já eram titias. De volta, Oriza resolveu organizar no Rio de Janeiro, o seu Clube dos Solitários, que já funciona há quatro anos e meio e tem sua reunião semanal um baile no clube Copaleme, na Ladeira Ary Barroso, às sextas, a partir de nove e meia da noite, com animação do Conjunto Copa Rio, preço de 250 cruzeiros por pessoa e bebidas — refrigerantes e cerveja — pagos à parte.

O filho Sérgio, uma irmã desquitada, quatro amigas solitárias e dedicadas Dagmar, Ina, Lísia e Noêmia — deram uma força na criação do clube e ajudam a mantê-lo em funcionamento até hoje. A equipe providencia anúncios diários no **Jornal do Brasil** e no **Globo**, atende ao telefone os solitários que desejam informações (e que ficaram sabendo que o ambiente "é família") assegura som e bebidas na reunião semanal, recebe os novos participantes de cada semana, faz sala aos antigos freqüentadores, vende ingressos para todos, mantém uma discreta vigilância para ver se no salão o baile segue calmamente e barra, na porta, os que têm menos de trinta anos.

— Bom, você sabe — explica Oriza (que, para efeitos do clube, trocou esse nome pelo de Marisa) — nós barramos os que têm menos de 30 anos porque isso aqui não pode virar discoteca, não é? E, sabe como é, se chegar muita gente jovem aqui não vai ser a mesma coisa. O clube é feito justamente para pessoas mais velhas que querem botar um pouquinho de festa na sua solidão e acham que já não têm idade para isso, são inibidos e tímidos. Se começar a aparecer garotada com essa mentalidade de "eu vou me dar bem com uma coroa", vai estragar todo o nosso trabalho.

Antonio e Nilde

Sem estragar o trabalho, entre as dezenas de solitários que povoam o salão — quase todos de camisa de manga comprida, calça vincada e bem passada, sapatos escovados, cabelos às vezes raros, quase sempre grisalhos e sempre curtos — o jovem José Renato é uma exceção. De sapato salto carrapeta, topete e com uma jinga de corpo na dança que mostra que ele está longe do reumatismo. O moço, que tem 25 anos, admite que gosta mesmo é de uma coroa, confessa que consegue driblar a portaria há muitas sextas-feiras e declara que, na concorrência com os sessentões, que são a maioria dos sócios, tem se dado muito bem e rara é a sexta-feira em que não sai acompanhado do clube, tanto que não quer tirar fotografia e nem chamar atenção sobre si, preferindo ficar na de comequieto entre as solitárias do Leme.

Já não foram as mesmas as intenções de Antônio Aragão e de Nilde Hersen da Costa, que há seis meses, numa sexta-feira sem programa, resolveram aparecer no clube, ele por recomendação de um amigo, ela para levar o pai viúvo e sócio ativo. Antônio, português, contador, charmoso, encontrou Nilde, morena carioca, comerciante, cheinha de corpo e graciosa.

Na primeira contradança, mudos de emoção, não se falaram. Daí em diante, começaram a conversar um pouco e, no fim do baile, Antônio pediu o telefone e Nilde não deu, "não ficava bem, assim, na primeira vez, não é"? Na sexta-feira seguinte, novo bailarico, novo pedido delicado e enérgico e Nilde aceitou a corte. Antônio e Nilde casaram-se alguns bailes depois e são felicíssimos. Quase toda sexta-feira eles aparecem no clube, onde já têm muitos amigos, e fazem uma horinha da saudade, rodopiando abraçadinhos no soalho encerado com capricho, apontados com simpatia e, às vezes, com um suspiro de inveja por outros solitários e solitárias que ainda esperam por seu par.

Maria José "o sobrenome, me desculpe, não posso dar", é farmacêutica, tem 50 anos e está na dança há mais ou menos um ano. Avó, viúva, ela vai ao clube "só para ter uma diversão" e acha que está muito bem solitária. Outra dançarina que não está preocupada em arranjar um par constante é Maria da Graça "também não posso dar o sobrenome", modista "de alta costura", residente em Copacabana, viúva há dois anos, que chegou ao clube levada por Maria José. Maria da Graça, ruiva, magrinha e delicada, só agora começa a botar para fora o lado alegre e dançador de uma mulher que foi casada com "um marido machão e autoritário", que não a deixava ir a lugar nenhum e nem a levava a qualquer divertimento. Mesmo assim, Maria da Graça o amava e, enquanto ele foi vivo, amargou a de ficar em casa. Agora ela confessa que está muito mais feliz, embora sinta falta do finado. E diz que não quer se submeter a outros homens, que é muito melhor ser livre. Sentadas numa mesa onde os cavalheiros não lhes dão um segundo de descanso, as duas Marias distribuem sorrisos e gentilezas a todos os paqueradores que se acercam, mas no fim da festa, pegam seu táxi e vão cada uma para sua casa, esperar por novo encontro e novas aventuras, sexta que vem.

O garçon do estabelecimento se chama José Maria Azevedo, tem vinte e oito anos e gosta do local, porque "as gorjetas são boas e o pessoal não esquenta". Nem podia esquentar mesmo, que a idade, já não permite muito e, além do mais, a 250 cruzeiros a cabeça, o baile só reúne mesmo um tipo de solitário classe média mais para o fino, que não gosta de provocar e nem de participar de vexame. Sob as luzes vermelhas, verdes e azuis que iluminam fracamente a pista de dança, os casais dançam e papeiam. O velhinho que conseguiu dançar inteirinho vem trazer, ofegante, a sua dama de volta à mesa. A gordona tímida aproveita-se da permissão que as mulheres têm para também tirarem os homens e se atraca, num bolero com um careca. A cinquentona horrorosa, de óculos fundo de garrafa e toda desengonçada, tenta acertar o passo com aquele senhor distinto enquanto a outra, mais feia ainda e que ninguém chamou para dançar, baila sozinha, em volta de si mesma, cantando alto, junto com o **crooner**, que ela também já foi criança e já foi rei. E o discreto bate coxas prossegue até as duas e meia da manhã de sábado, "como se fosse em família", insiste Marisa, a organizadora do clube e a mulher mais bonita do salão. E quando se pergunta quando é que vai chegar o seu príncipe encantado, ela fica surpresa de alguém achar que ele está nessa de esperar marido.

— Meu prazer é ajudar os outros e dançar um pouco também. Mas eu sou solitária por convicção e estou satisfeita com isso. As pessoas têm mania de achar que estar sozinha é a mesma coisa que estar triste. Não é nada disso! E agora me dá licença, que eu tenho que atender aquele senhor ali, que está me chamando para dançar...

Reportagem de José Antônio Nonato

Refugiada uruguaia casou com travesti brasileiro

Eles vivem no Brasil escondidos. Não recebem documentos, não podem trabalhar, nem morar. Primeiro, porque dificilmente teriam um fiador, segundo porque, ao alugar um apartamento, o zelador do prédio manda a ficha do inquilino para o DOPS. Seus passos são vigiados pela polícia, algumas vezes de maneira ostensiva (a colaboração entre as polícias sul-americanas é clara). São argentinos, uruguaios e chilenos, refugiados políticos e exilados, calculados em mais de 100 mil.

A maioria mora no eixo Rio-São Paulo, de preferência no litoral. Há os que simplesmente fugiram de seu país — exilados — e os que são reconhecidos como "refugiados políticos" pela Organização das Nações Unidas. O Brasil, no entanto, não aceita essa classificação e trata ambos os grupos da mesma maneira. Alguns desses refugiados, apesar dos riscos que correm, resolveram contar, pela primeira vez, ao **REPORTER** suas experiências no Brasil:

— Meu nome é Juan. Há dois anos estou no Brasil. Tive que fugir de Rosário (interior da Argentina) porque eu era delegado de seção de uma fábrica e os militares estavam atrás de mim. Quando cheguei em São Paulo, morei numa pensão perto da Estação Rodoviária. Depois de um mês estava sem dinheiro e não conseguia trabalho. Eu ia aos bairros de periferia e me oferecia como pintor. Cheguei a pintar uma casa inteira em troca de comida. Agora tenho um bom trabalho, mas como não tenho papéis para morar no Brasil, cada seis meses tenho que ir à fronteira renovar meu visto.

Juan trabalha numa fábrica, junto com outros uruguaios e argentinos. O esquema é clandestino: eles batem o cartão de ponto e guardam consigo, para o fiscal não saber. Trabalham no fundo da fábrica, e se chega alguém estranho eles são avisados e saem por alguma porta. O dono da fábrica aproveita-se da situação e exige deles o máximo. Diz Juan:

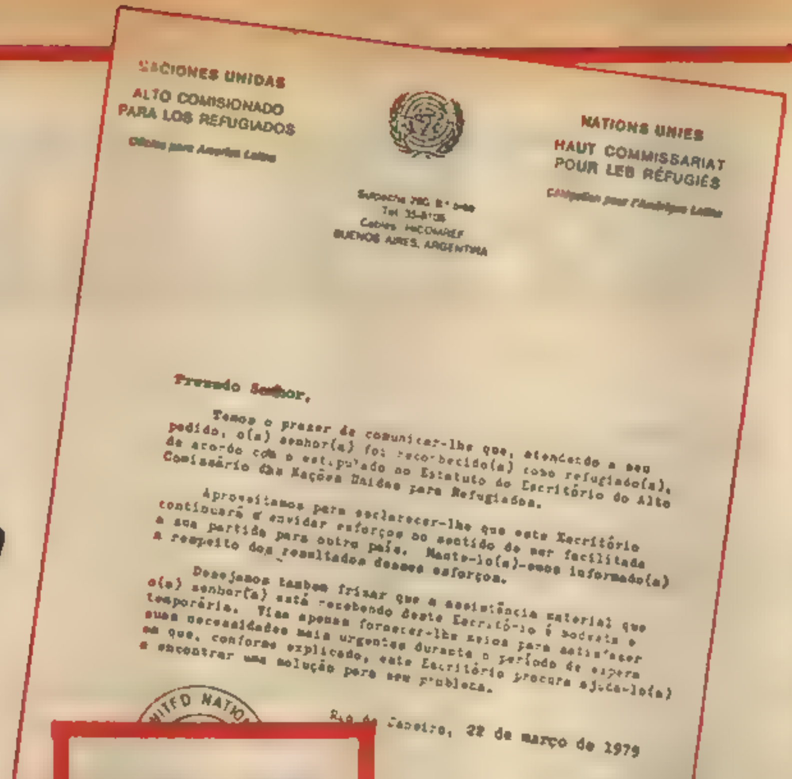
— No começo, ele me obrigou a trabalhar sete semanas seguidas das 7 da manhã às 10 da noite, inclusive sábado e domingo. Eu não podia recusar. Na época das greves do ano passado também foi muito duro: nós, exilados, tivemos que ficar trabalhando.

Juan não se sente seguro no Brasil, muito pelo contrário:

— Tenho amigos brasileiros, mas tenho que me cuidar. Não posso sair muito tarde da noite, porque corro o risco que me peçam documentos e o visto. Sei de gente que já foi deportada por causa disso. Mas ainda não tive problemas com o DOPS.

Um compatriota de Juan não teve a mesma sorte: ao alugar um apartamento em São Paulo entrou numa fria. Ele não quer dizer seu [redacted].

— Como estava sem documentos, não quis preencher a ficha para o DOPS, exigida pelo zelador. Quinze dias depois, o zelador "contou confidencialmente" à dona da casa que o DOPS havia perguntado por mim e já estava me seguindo. Um carro de quatro portas, com um gordo enorme ao volante, ficou uma semana inteira em frente ao prédio. O gordo estava sempre lendo a mesma revista Isto É, com a capa sobre a volta dos exilados. Depois, desapareceu. Claro que eu saí desse apartamento.



Nᴀᴄɪᴏɴᴇs Uɴɪᴅᴀs — ALTO COMISIONADO PARA LOS REFUGIADOS — Oficina para America Latina

NATIONS UNIES — HAUT COMMISSARIAT POUR LES RÉFUGIÉS — Délégation pour l'Amérique Latine

Suipacha 760 8° piso
Tel 35-8126
Cables HICOMREF
BUENOS AIRES, ARGENTINA

Prezado Senhor,

Temos o prazer de comunicar-lhe que, atendendo a seu pedido, o(a) senhor(a) foi reconhecido(a) como refugiado(a), de acordo com o estipulado no Estatuto do Escritório do Alto Comissário das Nações Unidas para Refugiados.

Aproveitamos para esclarecer-lhe que este Escritório continuará a envidar esforços no sentido de ser facilitada a sua partida para outro país. Mantê-lo(a)-emos informado(a) a respeito dos resultados desses esforços.

Desejamos também frisar que a assistência material que o(a) senhor(a) está recebendo deste Escritório é modesta e temporária. Visa apenas fornecer-lhe meios para satisfazer suas necessidades mais urgentes durante o período de espera em que, conforme explicado, este Escritório procura ajudá-lo(a) a encontrar uma solução para seu problema.

Rio de Janeiro, 22 de março de 1979

Esta é a carta que a ONU dá aos refugiados políticos e que o Brasil não reconhece.

A dificuldade de morar é tão grande que há exilados apelando para soluções bastante criativas. Corre, entre eles, a seguinte história:

— Uma uruguaia se casa com um travesti e desta maneira conseguiu residência no Brasil. Os benefícios foram mútuos. Ela pegou a carteira modelo 19 e (que permite a residência no país) ele deu uma satisfação à família, pois casaram-se no interior, onde moram os pais dele.

Em média, os refugiados ficam dois anos no Brasil. É o tempo que leva para serem aceitos por algum país europeu (o que está cada vez mais difícil). Enquanto uns se vão, outros chegam — a repressão continua forte, principalmente na Argentina. Tanto que pessoas escondidas no Brasil continuam sendo procuradas em seus países, como conta um ex-metalúrgico argentino:

— Há dois meses houve uma greve na fábrica onde eu trabalhava, na Argentina, e a polícia foi de novo me procurar em casa de minha mãe.

Há muitos jovens entre os refugiados, como Eduardo, de 20 anos. Ele teve que fugir de Buenos Aires quando um colega de faculdade, com quem alugava um apartamento, desapareceu. Eduardo estudava Direito e trabalhava num banco. Aqui no Brasil, se vira como auxiliar de escritório, mas é obrigado a mudar de emprego no máximo de cinco em cinco meses:

— Cinco meses é o tempo que me dão para eu apresentar os papéis. Como não os tenho, sou obrigado a arrumar outra colocação, e assim por diante. Gostaria de continuar estudando, mas com o salário que ganho, isso é uma ilusão. De qualquer maneira, estou mais tranqüilo aqui que na Argentina.

O clima de "abertura política" não entusiasma os refugiados. Eles estão mais preocupados agora do que no ano passado, pois a tensão social é maior e eles temem uma reviravolta. A preocupação de quase todos eles está nessas palavras de Washington, uruguaio de 40 anos, pai de dois filhos, advogado, mas que no Brasil trabalha como caixeiro-viajante:

— Vivi dois anos na Argentina desde que saí de Montevidéu, mas em 1976, quando a situação ficou perigosa lá, vim pro Brasil. São três anos que estou aqui. Não entendo muito bem porque, mas justamente agora que parecia que haveria mais liberdades, agora que os exilados brasileiros voltaram, sinto uma intranqüilidade e me recordo do que aconteceu na Argentina em 1974, 75: abertura para algumas liberdades, seguida de um duro fechamento.

TELEX

• *ÁFRICA DO SUL: Uma nova organização racista, a "Odal Klan", acaba de ser fundada na África do Sul, sob o sinistro lema de "Os brancos são homens superiores". Esta nova organização, inspirada no modelo da juventude hitlerista da Alemanha e na Klu Klux Klan americano, conta já com 5 mil membros.*

• *CHILE: O Partido Comunista Chileno não abre mão da possibilidade de luta armada contra o regime do general Pinochet. Numa entrevista coletiva clandestina dada no mês passado, na capital chilena, os dirigentes comunistas Pedro Veus e Manuel Chacón disseram que sua organização "adere à via pacífica, sem descartar a luta armada como método para derrubar a ditadura militar que governa o país".*

• *URUGUAI: Palavras de um militar, coronel Silva Ledesma, tentando convencer a imprensa de que em seu país há liberdade democrática: "Todos os dias são postas em liberdade algumas pessoas, umas vezes por cumprimento da pena, outras por liberdade antecipada ou boa conduta. Mas também, às vezes se faz por razões humanitárias. E, em alguns casos, como de enfermidades graves (**devido a torturas sofridas**), põe-se em liberdade o réu para que passe os últimos dias com sua família". **Quer dizer, para que morra em sua casa e não nos quartéis.***

• *Um grupo de mercenários norte-americanos invadiu, 23 de novembro, a ilha de Espírito Santo, uma das mais importantes do arquipélago das Novas Hébridas, no Oceano Pacífico, e controla a situação depois de expulsar as autoridades locais e cerca de 30 policiais. O grupo é chefiado por um latifundiário que há cinco anos tentara apoderar-se da ilha de Abaco, nas Bahamas, no Oceano Atlântico, com apoio de vários negociantes influentes na região.*

O principal objetivo dos aventureiros seria tornar a ilha de Espírito Santo, de 20 mil habitantes, numa "zona de comércio livre" e estender a influência de Washington sobre a região, quando a França e a Inglaterra se retirarem das Novas Hébridas em 1980.

As Novas Hébridas, que há três quartos de século vive sob dominação franco-britânica, deveria eleger em breve uma assembléia representativa e vários conselhos gerais, última etapa que conduziria o arquipélago à independência.

ESPERTAS

Mulheres vs. curra, silicone e esquerda

Periferia discute "estupro"

A matéria "Estrupo em família" que saiu no número passado do REPORTER foi discutida pelas mulheres do Clube de Mães do bairro de São Domingos, em Osasco, SP.

Mulheres que viveram em cidades pequenas do sertão da Bahia, Pernambuco e Paraíba contaram, com certa vergonha ou temor, que o estupro em família é muito freqüente nesses lugares. Glauce, uma das que mais falaram, relatou:

— Na minha cidade (na Bahia), estes casos são muito comuns. A baiana de 13 anos já é praticamente uma mulher. Por causa do trabalho diário na roça, seu corpo, nessa idade, já é bem formado. Então, o pai trata de fazê-la. Eles normalmente dizem: filha minha, antes de sair por aí rodando, tem que passar por minha mão. A filha não quer, e o pai bate nela, muitas vezes prende até a boca da menina pra ela não morder.

[illegible]

Grã-finas vão na onda dos travestis

Se a sua mulher parece uma passa — de tão seca e enrugada — e chegar em casa, qualquer sexta-feira dessas, bunduda que nem no tempo de solteira, ou com as maçãs do rosto esticadinhas, desconfie...

E pode ter certeza que madame anda freqüentando o Luís Paulo, um curioso que, no oitavo andar da Galeria Condor do Largo do Machado, vem se dedicando à última coqueluche das granfinas do Rio: auto mutilação através de injeção de silicone.

O silicone, substância que se diz cancerígena, é o que os travestis vêm usando, há muito tempo, para fabricar seus peitos artificiais. E que, agora, chega à cara das dondocas, sem orientação médica nem nada. É chegar, pagar três milhas e levar duas ferroadas, uma em cada lado da bochecha. O que Luís Paulo não diz é que, além do perigo do câncer, o silicone tem outros inconvenientes: às vezes, escorre e, em lugar de deixar mais cheias as maçãs das deslumbradas, pode deixá-las com uma papada ainda maior. E dura. Como, cavalheiro? Se Luís Paulo também endurece a flacidez dos homens? Não, Luís Paulo só trata de nádegas peitos e rosto.

José Antonio Nonato

Esquerda ataca discussão de pernambucanas

Nos dias 11 e 2 de fevereiro um grupo de mulheres de Olinda e Recife promoveu um encontro aberto para discutir vários assuntos que dizem respeito à libertação feminina. Os temas centrais eram: "O por que do movimento de mulheres" e "como levar adiante a luta da mulher".

Foram discutidos assuntos como sexualidade, discriminação no trabalho, trabalho e emprego doméstico, controle da natalidade, com a participação de mulheres de outros estados nordestinos.

Convém dizer que foi um parto difícil para o Ação Mulher, sair dos fundos da casa, dos lugares íntimos e obscuros aonde as mulheres naturalmente discutem seus problemas e chegar na porta da rua dizendo: Olhem nós existimos e queremos falar.

Além das dificuldades comuns a todos os grupos de mulheres que tentam se organizar, como a desconfiança feminina, o silêncio, o medo de falar em público e outras coisinhas mais, as mulheres de Recife também enfrentaram durante mais de um ano e meio muitas pressões externas.

De um lado a carga pesada e tradicional da família e do machismo canavieiro pra quem até hoje lugar de mulher se não for na cozinha é no puteiro. Mas não foi só isso, já que também do outro lado dito 'progressista', o comentário mais comum era que "papo de mulher é secundário, só faz desviar a atenção da questão central da luta de classes etc. e tal".

Mas como diz o velho ditado, água mole em pedra dura tanto bate até que fura assim a teimosia foi mais forte que a maré vazante e o grupo conseguiu finalmente crescer e chegar na porta da rua pra falar das suas reivindicações.

Sonia Corrêa

Os 80 mil habitantes de Paulo Afonso, Bahia, bebem água totalmente poluída. Paulo Afonso está cercada por cinco usinas hidrelétricas — a mais famosa tem o mesmo nome da cidade — e as usinas formam lagos cuja água a população consome. Acontece que nos lagos desaguam todos os esgotos da região e o tratamento é nenhum. Aliás, a estação de tratamento está sendo construída há oito anos e não fica pronta por falta de interesse do governo. Frederico Fausto, vereador da ex-Arena, diz que o governo Antonio Carlos Magalhães não dá bola pro lugar "porque é escassamente povoado, portanto pouco rentável politicamente".

No ano passado, o governo baiano publicou lista de cidades que têm água tratada, e Paulo Afonso estava incluída. A população ficou revoltada com a mentira da Empresa Baiana de Saneamento, Embasa, contra a qual existe uma verdadeira "frente única" na cidade, formada por estudantes, comerciantes, vereadores, sócios do Lions Clube. Nicolson Chaves presidente da Associação Comercial, contou que a última da Embasa foi aumentar em mais de 100% a taxa mínima da água contaminada: de Cr$ 45 para Cr$98

Eduardo Homem

João Gilberto passa fome

Dia 25 de janeiro, o cantor João Gilberto completou 20 dias trancado num quarto de hotel. Ele se "isolou" sozinho e é visitado apenas pelos mais chegados no apartamento 902 do Hotel Eldorado de São Paulo. Mas o mais trágico é que a gravadora de João, a Warner, está pagando apenas as diárias, a comida não, e por essa razão, no mesmo dia 25 faziam 12 dias que João não comia nada. A informação é dos camareiros do hotel. Eles contam que nos primeiros dias a Warner pagava também as refeições de João e mesmo assim ele só beliscava alguma coisa. O único passatempo de um dos gênios da música tem sido assistir tv em seu quarto com o som desligado. Além da velha mania de falar no telefone até por uma hora seguida. João não quer que os amigos se preocupem com ele: garante que o "isolamento" acabará antes do carnaval, quando irá à Bahia para em seguida voltar aos Estados Unidos.

Revista italiana quer a maconha livre

Uma das principais revistas da Europa, a italiana **L'Europeu**, resolveu apoiar a proposta do Partido Radical para a legalização da maconha na Itália, "pois a não periculosidade desta substância está amplamente demonstrada em todos os níveis, inclusive jurídico."

Além do Partido Radical, várias personalidades italianas se manifestaram a favor da descriminalização da maconha. Na lista das primeiras adesões à proposta, **L'Europeu** publica os nomes de 50 pessoas — deputados, jornalistas, médicos, sociólogos, senadores, professores — entre elas o próprio diretor da revista, Mário Pirani.

Segundo a revista, "a absurda perseguição aos consumidores, cultivadores e fornecedores da maconha deve cessar imediatamente, pois o álcool e o tabaco, reconhecidamente danosos à saúde, são usados sem problemas. E no final da lista, **L'Europeu** avisa aos seus leitores: quem quiser aderir à briga que é só escrever para lá. É uma idéia, é uma idéia. Qualquer coisa, caríssimos leitores, estamos aí.

Chico Júnior

ESPERTAS

Kubitschek tinha amante na via Dutra

A morte do ex-presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira não foi um mero acidente na rodovia São Paulo-Rio; não se tratou de uma "fechada" no carro feita por um motorista de ônibus. Acontece que há alguns indícios de que sua morte tem algo a ver com a repressão política do chamado Cone Sul, e há inclusive algumas particularidades bastante incríveis com a morte de Orlando Letellier, ex-ministro de Allende, um chileno assassinado devido à sua atuação política mais chegada ao povo.

Esta é a tese que foi levantada inúmeras vezes pelo deputado federal Airton Soares, da bancada dos autênticos. De repente, Airton recebe um recado de dona Sara, viúva de Juscelino, dizendo que ele deveria parar de fazer insinuações desse tipo, porque se fosse feita uma investigação mais demorada, como queria o deputado, apareceria um problema para ela. É que, segundo Airton, o velho Juscelino tinha uma amante às margens da via Dutra, e voltava para casa justamente depois de dar uma trepada com ela, fato conhecido por Dona Sara.

Rivaldo Chinen

TRABALHADORES, 2 a 0

Bóias-frias fundam sindicato

Bóias-frias de São Paulo vão ter sindicato. A notícia é de Guaimbê, cidade da região noroeste do Estado, de 7 mil habitantes, metade dos quais vive no campo. Pequenos proprietários, meeiros, arrendatários e bóias-frias já estão se inscrevendo e as eleições da primeira diretoria estão marcadas. O candidato a presidente e a outros cargos de direção são todos bóias-frias, o que já é um bom indício. O sindicato seguramente não estará nas mãos dos patrões.

Quando o Sindicato dos Trabalhadores Rurais começar a funcionar os bóia-frias estarão mais fortes para enfrentar problemas, como o que surgiu no ano passado, na região de Lins. Houve uma verdadeira greve de bóia-frias, que durou um dia, porque os "gatos" quizeram diminuir a diária de Cr$ 100 para Cr$ 80. Os trabalhadores se recusaram a subir nos caminhões e só voltaram a trabalhar quando os "gatos" voltaram atrás.

Rivaldo Chinen

Operários são anistiados

Os profissionais e trabalhadores afastados de suas funções por razões políticas desde o golpe militar em 1964, obtiveram mais uma pequena vitória na luta pela reintegração em seus cargos ou a indenização a que tinham direito. Oito trabalhadores, funcionários da Mafersa S.A., afastados desde 1964 juntamente com outros 32 entram na justiça com pedidos de reintegração. A empresa não quis reintegrá-los às antigas funções e propôs um acordo em que indenizava os trabalhadores pelo tempo de serviço.

O total pago aos trabalhadores, após acordo realizado no Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de São Paulo foi de cerca de Cr$ 1,5 milhão. Diga-se de passagem que a mesma empresa apresentou um lucro disponível em 1978 da ordem de Cr$ 666 milhões.

Os advogados que acompanharam o caso, entre eles Suely Perrone, afirmam que todos os trabalhadores afastados ou demitidos por razões políticas em virtude da Lei da Anistia, podem entrar na justiça solicitando suas readmissões ou indenizações.

Raquel Soares

Foto de Laureci Altino Cordeiro

Greve nacional, promete a UNE

No flagrante, uma das cenas da rocambolesca visita de Figueiredo a Florianópolis, em novembro passado. Sete estudantes foram responsabilizados pelo tumulto e serão julgados em janeiro. Podem ser condenados de um a quatro anos de prisão, por "ofensas ao presidente da República", artigo 33 da Lei de Segurança Nacional. Se houver condenação, a União Nacional dos Estudantes — UNE — promete uma greve nacional logo no início das aulas, em março.

Nova Iguaçu queima dinheiro

A Prefeitura de Nova Iguaçu, RJ, vai gastar Cr$20 milhões no carnaval, incluindo ornamentação da cidade, construção de arquibancadas, subvenção de blocos e o Grande Baile Iguaçuano, que será realizado num clube de elite — anunciou o Presidente da Comissão de Carnaval, Alkir Lopes. Simultâneamente e em local diferente, evidentemente, o Prefeito Ruy Queiroz, pediu a seus Secretários Municipais "contenção de despesas de todos os órgãos públicos, para possibilitar a intensificação do programa de saneamento básico".

Dois livros da pesada nas ruas

Depois de ser traduzido na França, Itália, Inglaterra, Tchecoslovaquia e outros países, o poeta Aricy Curvelo chega às bancas e livrarias do Brasil com o seu primeiro livro, **Os Dias Selvagens Te Ensinam**. Lançado pela Editora Vega, Aricy é considerado por alguns críticos, como Fabio Lucas Curvelo, "tão influente quanto Carlos Drummond de Andrade".

Outra novidade do começo do ano será um livro a respeito do projeto Jari, ainda sem título. Os repórteres Caco Shmidt, Najar Tubino e Zhé Netto passaram 16 dias visitando clandestinamente o país de Ludwig. O lançamento é da Codecri.

Wanda Figueiredo estourando na praça

• Pedidos para Margem Editoria e Programação Gráfica Ltda.
Rua Miguel Couto, 134, 11°, tel. 253-5038, Rio de Janeiro. Cr$ 150,00 cada.

Correio Homossexual

• Vi a reportagem sobre Dom Paulo em relação à moral da Igreja Católica em relação ao homossexualismo. Sou, também, ex-religioso e ainda trabalho como agente de Pastoral, e sou gay.

Acho que a simples proibição da atividade homossexual está longe de ser uma moral elaborada. E, lógico, é a posição de celibatários. Então, pediria a vocês (ou a Maria José, que assinou o artigo) que me mande o endereço desse grupo que pretende discutir com Dom Paulo a respeito de homossexualismo e religião. (Terêncio Hill, Campinas, SP)

N.R. Terêncio, pode aguardar que o grupo fará contato com você.

CORREIO HETEROSSEXUAL

1 *"Moças e senhoras, ansiosas em desfrutarem um relacionamento sócio-sexual, sadio e gostoso. Em busca da libertação de estímulos altamente gratificantes e de uma vivência maior. Escrevam-me: Nero Ribamar — Caixa Postal, 010 — 20170 — Rio de Janeiro — RJ."*

2 "Embora o Evaldo Silva não ache lá muito original a idéia de Nelio Enriquez, de se criar a coluna "Correio Heterossexual", eu, particularmente, acho que essa idéia vem de encontro a muitos leitores deste jornal, que além de esperarem um mês para tomarem conhecimento das sacanagens que andam fazendo com o povo, possam criar também novas amizades, quer por meio de correspondências, como de "transas".

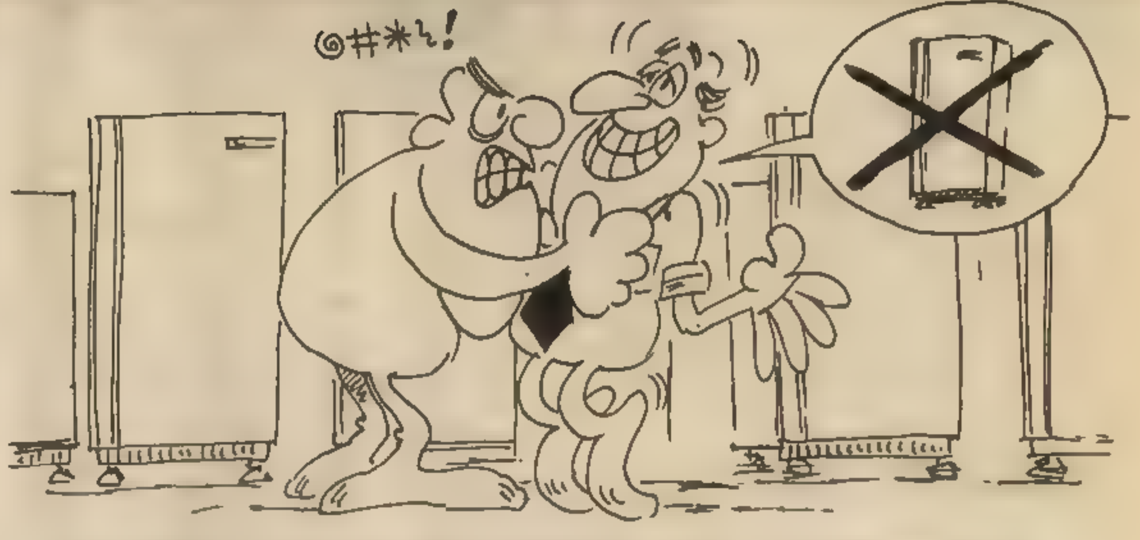
Aproveitando o ensejo, mando as minhas características aos jovens de ambos os sexos: **tenho 37 anos, 1,75m, 78 kg, corpo atlético, moreno claro, cabelos e olhos castanhos escuros. Cartas com fotos para a rua Visconde de Ouro Preto, nº 62 — 3º andar — GEPRO — Botafogo — RJ." (Alfredo Ciuccio de Magalhães).**

★

Táxi-pirata ataca também em Corumbá

"Tendo lido com muita atenção as suas reportagens, sinto que finalmente já se faz no Brasil uma imprensa real, voltada para os interesses do povo, daquele que sofre injustiças. Estou enviando alguns exemplares do jornal **A Gazeta**, onde somos um modesto repórter. E como no **REPORTER** apareceu um artigo sobre os táxis-piratas, envio-lhes um exemplar nosso, onde o maior problema dos taxistas de Corumbá é a piratagem dos táxis bolivianos. Outro assunto muito importante é sobre a prefeitura de Corumbá, onde agora o governo tem se revelado um verdadeiro atentato à democracia: demissões, perseguições, mordomias, desvio de verbas, agiotagem, politicagem, etc. No momento, o Conselho de Entidades de Classes está preparando um abaixo-assinado, com mais de uma centena de assinaturas, para ser enviado ao governador do Estado e presidente da República."

(Benedito Lima Corumbá, SM).



GARSON DEVE GELADEIRA AO COMPRADOR

"Em 14 de dezembro de 1979, tendo recebido meu 13º salário e necessitando comprar uma geladeira que daria de presente de Natal à minha esposa, dirigi-me a diversas lojas à procura do melhor preço. Chegando à **Garson**, *loja Botafogo, o vendedor ofereceu-me o melhor preço e, assim, resolvi comprá-la naquela loja. A referida geladeira encontrava-se em falta na cor desejada, mas o vendedor assegurou-me que mandaria entregá-la até o Natal. A geladeira foi paga à vista, no ato da compra e, até agora, decorrido um mês, nenhum sinal da mesma. Milhões de desculpas são dadas, mas não se vê a solução. E isse em pleno mês de janeiro quando mais se tem necessidade de geladeira, e com minha esposa grávida.*

Não há sequer um órgão que possa defender o pobre do comprador. O mesmo produto, no espaço de um mês passou de Cr$ 6.700 para Cr$ 9.840, não me possibilitando receber de volta o dinheiro para efetuar a compra em outra loja

É isso aí, os grandes sempre em cima dos pequenos! Cuidado com a Garson!!!" **(Procópio Panajote, Papanis, Rio de Janeiro, RJ)**

Quero dirigir a toda equipe do REPORTER um elogio especial por duas matérias de excelente qualidade, ***Estupro*** **e a** ***Cidade de Deus*****, que vêm comprovar o compromisso em mostrar uma imprensa sem restrições, com uma linguagem dia a dia e verdadeira. As duas reportagens foram simplesmente impressionantes e mostraram o miolo da coisa, o problema desde a raiz.**

Confesso que na matéria sobre estupro as declarações são tão autênticas que chegaram a me dar pavor, mas devo dizer que é mais do que certo, é necessário mostrar este assunto, como foi mostrado, para que as pessoas tomem conhecimento do que realmente acontece a sua volta. A famosa Cidade de Deus, tão "cantada em verso e prosa" por tantos outros jornais, só foi mostrada em detalhes pelo REPORTER. (Cristina O. Sequeira, Rio de Janeiro, RJ).

Esquerda exigente, sim. Intransigente, não.

"Não conheço a Norma Sá Pereira, mas me chamou a atenção uma posição que ela assumiu (que foi publicada no número passado) pedindo reflexão à esquerda. Principalmente a reflexão daqueles que pensam que a individualidade, cultura e costumes das pessoas são propriedades de ideologia dos grupos deles. Eles querem moldar a gente da maneira que entendem como sendo certa. Aquele comentário que fizeram (em vez de nos atacar, por que você (Norma) não ataca a ditadura?), a pretexo do que escreveu a Norma, é a prova de que alguns querem apenas confundir. Eu não estou alimentando uma discussão para dividir a esquerda — e este argumento denota fragilidade? — neste momento importante de reafirmação, de reconstrução dos movimentos de base políticos. Achei válido, sim, o desabafo de quem já penou nas garras da repressão. E não temeu reclamar o encabrestamento que certas pessoas desejam exercer sobre os outros, aparentemente dóceis.

Será possível que os intransigentes não percebem? O trabalhador, o intelectual, o analfabeto, que agora está sendo contactado, não pode — e não deve abrir mão — de determinadas prerrogativas, tornar-se acrítico para as rabujices dos caras doutrinadores. O momento é este companheiro; entender-se com as bases, tornar-se amigo, construir junto, dividir igualmente o poder de decisão, este é o trabalho. E não há lugar para os dependentes ideológicos da esquerda ortodoxa.

O jogo da direita é a corrupção. Arregimentar pela corrupção é o bom negócio deles. A esquerda, já que não quer que permaneça esse vício num outro regime próximo, que continue unida, mas sem intransigência. Os canhetas que se cuidem, pois os paranóicos também têm inimigos de verdade.

São sérios os riscos de uma consciência prevalecer sobre as outras — criando uma falsa consciência — não se esqueça, companheiro. Quando você chega para mim e diz que devo cercear a minha conduta, terá que pedir isto e caminhar comigo. Mas com toda a honestidade, seja maleável e admita também suas fraquezas, o seu desconhecimento na maneira de conduzir determinados trabalhos. As realidades são diferentes — que jargão chato, cacete! E será preciso frisar sempre: ninguém é de ferro, para viver eternamente entre o silêncio e o berro. Chiou com dignidade a Norma." **(Luiz Ferrão — Nova Iguaçu, RJ.)**

Briga ecológica é com a gente mesmo

"Será que **REPORTER** compra uma briga ecológica? Por favor, tomem consciência do que está acontecendo na cidade onde os senhores moram. Onde eu moro. Onde moram seis milhões de pessoas! Olha, se eu fosse vocês abria um espaçozinho no jornal e todo santo mês metia o pau no que tão fazendo com uma cidade que — juro — tinha tudo pra ser a mais bonita do mundo (conheço mais de 150 cidades por aí afora; dá pra avaliar).

Comecei a escrever assim que cheguei em casa, depois de ter passado pelo parque Lage onde, ao lado, já estão em fase de acabamento, os edifícios cujas obras o falecido prefeito Marcos Tamoio (quando ele recebeu o cargo — in memoriam — já era falecido) em bora hora embargou. Na época, lutou o professor Marcello Ipanema mas sem sucesso! É só dar uma busca nos arquivos e vão encontrar a causa do embargo da obra: o rebaixamento do lençol d'água pra fazer as obras tava matando uma porrada de árvores no parque. É oportuno saber quem e por quanto liberou as obras, não é? Por falar em quem, lembro que o **Pasquim** comentou há algum tempo sobre a "doação" do morro Dois Irmãos a uma construtora! Mas ficou nisso.

O falecido prefeito Israel Klabim deu entrevista na TV dizendo que é contra a cobrança de ingresso na Floresta da Tijuca por que (observem o motivo do santo) aos domingos, a área adjacente à entrada da Floresta se tornaria um caos, devido à demora para pagamento do pedágio — quem, mandou ir de carro!

Olha gente, eu topo uma guerra ecológica com as ditas autoridades se os mestres do assunto encararem-na em primeiro lugar. Vocês dão o apoio e começam a coisa, ok? Consultar o arquiteto Marcos de Vasconcelos (desmatamento do Sumaré), professor Manes Bandeira (assessor jurídico da Light) quanto à história da Floresta da Tijuca. Que apareça um Ruschi, um Lutzemberger carioca enquanto é tempo (se bem que já não seja)." (**Eduardo Chaves — Rio de Janeiro, RJ**)

"Todos sabem sobre a Cidade de Deus, e das injustiças contra ela lançada; sobre Ipanema e o topless agitando as praias cariocas; sobre cantores nacionais esquecidos e internacionais em plena fama no Brasil; sobre jovens que caem nas garras dos marginais da cidade grande e viram vítimas de suas sádicas brincadeiras de amor. Enfim, todos estão bem informados sobre o que se passa no mundo contemporâneo, mas pouca coisa se faz por ele, pois o amor à vida está morrendo no fundo de cada pessoa, só restando o amor pela tecnologia"

(Tadeu O. Marins, Rio de Janeiro, RJ).

FAVELADO É UM CIDADÃO

Lá vai o favelado,
humilde, pensativo e comportado.
Lá vai o favelado,
ignorado por alguns,
por outros humilhado.
Lá vai o favelado
Ele é igual a todos.
É quem paga dobrado,
Por que ele é favelado?
Porque o direito dele é ignorado!
Porque não é conhecido como um ser capacitado,
e com isso não consegue caminhar de braços dados.
Nos setores mais famosos,
ele é discriminado.
Até dentro de seu lar
ele sofre atentado.
E se acaso reclamar
ainda é ameaçado.
Bota a boca no trombone
amanhece amordaçado.
Viver na favela é bom,
é só não nos faltar a comida.
Muitos não trocam seus barracos
pelos apertamentos da vida.
Favelado tem sua linguagem
Favelado tem bom coração.
Os atos por ele praticados
culpado é o arroz e feijão.
Se não fosse a guerra da fome
favelado era um cidadão.

Marcão, compositor-cantor do Vidigal, favela da Zona Sul Carioca

---

Coisinha do pai

"Quando você mexe, vira e revira pra achar uma posição mais cômoda, ou apenas nada na barriga da mamãe, eu acho que cê tá querendo dizer alguma coisa. Acho que é um choque ou um toque. Você é uma criança que já sabe dançar. Eu percebo pela sua maneira de rolar aí no útero materno.

Acho mesmo que você está achando esse espaço (que lhe foi reservado por nove meses) muito limitado para seus embalos. Quando você chuta, dá aqueles chutes abalando nossos corpos (o meu e o de sua mamãe...) me parece que cê tá querendo dizer que é chocante.

Cê acha bonito quando ficamos "os três" unidos num abraço, seu espírito fica livre descarregado. A gente percebe que tudo muda, é uma revoluça mental. Nós vamos mesmo fazer esse jogo juntos. O suave desvario dos meus sonnos trás você sorrindo. E uma fotografia. Este é um sonho místico lá no Amazonas. É um filme.

Cê tá vindo aí, num se aveche não. Você vai iluminar o planeta no início dessa década que tá pintando "nova era". Tempo de mudar... assim... tomada de choque.

Cê vai nascer na folia, fevereiro, carnaval e alegria. Quando você chegar, a gente vai ouvir muito o Jorge Mautner e Luiz Melodia.

Será que vou tocar rock?

Acho que a Baby Sperança vai escrever alguns versos. O Joênio e o Ray (seu padrinho) prometeram quadros... O Ray é uma espada de luz. Você vai gostar dele. A madrinha inda não pintou, assim como seu nome. Pensei em Torquato. A mamãe Baby disse que quando você tiver 50 anos, talvez este sirva.

Tô pensando aqui... se você nascer menina. Se você nascer menina seu nome vai ser Naiade ou Manhã, ok? Eu acho esses nomes bonitos.

A Baby disse que quer te ver primeiro pra saber com qual nome você se parece. Ela disse que talvez você pinte com uma cara de Altina ou de Joaquim...

Quando você pintar por aqui, acho que vou chamar o sol pra te conhecer. Quero que cê seja muito amigo (a) da natureza. A lua vai te iluminar. Vou abrir a janela. Tô te esperando pra gente conversar.

A gente vai ter muito que aprontar.

A gente vai brincar.

Acho mesmo que ninguém vai conseguir saber quem é mais criança: se sou eu ou você.

Legal, cê vai nascer no verão.

Eu nasci na primavera.

Tchau. Um beijão na ponta do narizinho.

Aroldo Pereira, Montes Claros, MG.

Nos pedágios das rodovias paulistas, caixas-frias funcionam na calada da noite, cobrando pedágios dos veículos que por ali transitam. Estou fazendo esta denúncia porque domingo p.p., um guarda da DERSA obrigou-me a entrar num "box" que estava com luz vermelha. Dessa maneira o mecanismo eletrônico de contagem de veículos não funciona. Pedi um recibo ao aborrecido funcionário, e, ele me jogou três na cara sem autenticação. Também não poderia autenticar com a máquina desligada. A quadrilha é bem organizada. Tem até rádio para avisar a aproximação do fiscal. Pergunta: quem fiscalizará os fiscais? (Paulo Roberto P. de Alencar — Carapicuíba — SP).

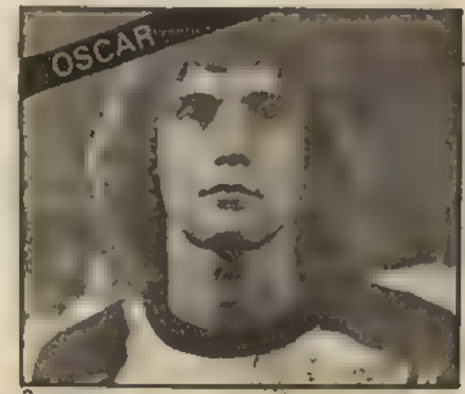
Repórteres indicam os craques que vestirão a verde-amarela em 82

ESCALAMOS A SELEÇÃO PRA COPA DA ESPANHA

Reportagem de Maria Helena de Araújo

7 votos

4 votos



3 votos

8 votos

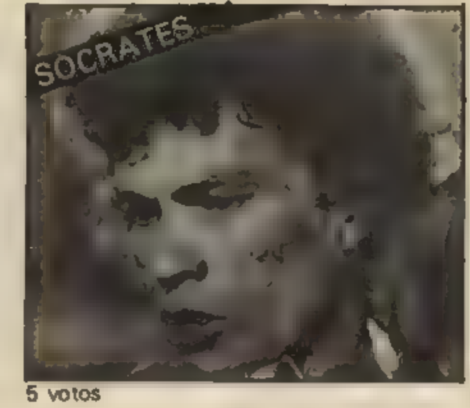
9 votos

10 votos

11 votos

9 votos

7 votos



5 votos

8 votos

Qual será a Seleção Brasileira de 1982? A pergunta está na ponta da língua de cada torcedor brasileiro neste início dos anos 80. A curiosidade em torno do assunto é enorme, principalmente agora que o novo presidente da CBF, Giulite Coutinho, espera dar melhores rumos ao futebol brasileiro. Mas quem seria capaz de responder com exatidão a tal pergunta, se nem mesmo o técnico, o homem que vai comandar as feras, foi escolhido?

Só mesmo fazendo uma pesquisa nas ruas poderíamos talvez chegar a uma equipe. No entanto, levando-se em consideração a paixão clubística e bairrista do torcedor chega à conclusão que o resultado não seria lá muito convincente. Partindo deste princípio é que REPORTER resolveu escolher onze jornalistas esportivos, que vivem o dia a dia do futebol, nos clubes, nos campos, nos bastidores junto à dirigentes da CBF, para que cada um escalasse a sua equipe, projetando o pensamento no futuro e levando em consideração ítens da maior importância, como por exemplo: idade, capacidade físico-técnica, classe, categoria e desinibição em relação a uma Copa do Mundo.

Apurados os votos, o resultado não chegou a ser surpreendente, a não ser em algumas posições de titulares. No entanto, a Seleção reserva apontou muita gente nova e inexperiente em Seleção, capaz de chegar a 82 com todo fôlego e disposição. De acôrdo com as 11 seleções escaladas, a equipe titular ficou assim definida: Leão (7 votos), Mauro (4 votos), Oscar (3 votos), Amaral (8 votos), Júnior (9 votos), Batista (10 votos), Falcão (11 votos), Zico (9 votos), Tita (7 votos), Sócrates (5 votos) e Zé Sergio (8 votos).

Na Seleção reserva algumas surpresas, que se bem analisadas, poderão tomar o lugar de alguns titulares: Carlos (2 votos), Toninho ou Rosemiro (3 votos), Polozzi ou Mauro Galvão (2 votos), Mauro Galvão (2 votos), Pedrinho (2 votos), Guina (1 voto), (Falcão eleito por unanimidade, não teve escolhido o seu reserva), Carlos Alberto ou Paulo Cesar (1 voto), Jorginho (2 votos), Roberto (3 votos) e Joãozinho (3 votos).

Sem dúvida nos reservas, ou seja, nos segundos mais votados é que estão as opções para a Copa na Espanha. Mauro Galvão, um garoto de 18 anos, campeão brasileiro pelo Internacional e que esteve na Seleção que disputou o Pré-Olímpico na Colômbia, foi considerado titular absoluto por alguns, o mesmo acontecendo com Jorginho, ponta-direita do Palmeiras, com 20 anos. Até mesmo Carlos Alberto, do Palmeiras foi lembrado para o meio campo, disputando a posição de reserva com o controvertido Paulo Cesar Lima.

No meio destas 11 seleções escaladas pôde-se também tirar outras conclusões surpreendentes: Falcão, a julgar pela unanimidade dos votos, será o grande craque da Copa de 82, coisa que no momento é encarada até com uma certa naturalidade, levando-se em consideração as últimas atuações do jogador, premiado recentemente como o melhor do futebol brasileiro na temporada de 79. Outra surpresa recaiu nos votos para Sócrates. Ele, que até bem pouco tempo causou polêmica ao disputar a posição de melhor jogador do país com Zico, recebeu apenas cinco votos do total de 11, o que representa um número aquém da expectativa. Aliás alguns jornalistas que não votaram no seu nome ou até mesmo aqueles que optaram por ele, fizeram restrições. Sandro Moreira, do **Jornal do Brasil**, por exemplo, escalou Baltazar, do Grêmio, para a posição de centro-avante e justificou a ausência de

Sócrates, sempre com a habitual ponta de bom humor:

— Ele bebe muita cerveja!

Outro cronista que fez sérias restrições à sua escalação, mesmo tendo votado nele, foi Sergio Noronha, da **TV Educativa:**

— O Sócrates precisa antes de mais nada mostrar-se interessado na Seleção. Ele mesmo já declarou que na sua vida a Seleção não é a coisa mais importante, o que eu acho muito justo. Mas para um jogador ir à Copa do Mundo, é preciso ter interesse pela coisa, se cuidar e, por enquanto, ele ainda está dividido entre o futebol e a medicina.

Pelos votos: o reserva de Sócrates é Roberto, mas outros apareceram, como por exemplo Bira, do Internacional, Reinaldo, do Atlético e Baltazar, do Grêmio. A lateral direita também foi um parto difícil. Dos 11 jornalistas ouvidos, nenhum deles tinha o nome certo de imediato. A maioria levou de cinco a 10 minutos para escolher um nome, assim mesmo sem muita convicção. Mauro, do Guarani, acabou levando a melhor sobre Toninho, Nelinho e Rosemiro (o reserva, empatado com Toninho). Para muitos, Toninho e Nelinho estão fora de cogitação, pois até lá não apresentarão condições físicas ideais, devido à idade.

E o capitão Carpeggiani? Apesar do futebol que apresentou no tricampeonato do Flamengo e da liderança que exerce dentro e fora do campo, não foi sequer lembrado. Todos acharam que ele já terá inclusive, abandonado o futebol quando chegar a época da Copa. Estará com 33 anos e, pelo cansaço que já apresenta em algumas partidas, não terá mesmo vaga na equipe. O meio-campo, aliás, foi o setor em que os jornalistas tiveram menos dificuldades em votar. Batista recebeu 10 votos, ficando Guina, do Vasco, com um: Falcão obteve a totalidade, enquanto Zico recebeu nove. O meio-campo, portanto, pode-se dizer, é o setor mais certo da Seleção, ou não é?

Segundo sete jornalistas, Leão irá emplacar a sua terceira Copa do Mundo. Mas a sua escolha se deu mais por falta de alternativas para a posição do que propriamente por méritos. Os que votaram nele não o fizeram com muita convicção e os comentários eram iguais:

— É o Leão mesmo, não tem outro...

Carlos continuou como o eterno reserva e dois nomes novos surgiram: Gilmar, do Palmeiras, e Paulo Goulart, do Fluminense, como opções. A zaga central foi a que mais opções apresentou, num total de sete nomes citados: Polozzi, Mauro Galvão, Luís Pereira (que deve voltar ao futebol brasileiro), Marinho (Flamengo), Amaral, Oscar e Luís Cláudio (Botafogo). As

No escrete reserva, as três promessas

4 citações

2 votos

1 voto

maiores surpresas ficaram por conta de Luís Cláudio, do Botafogo, e Marinho, zagueiro recém contratado pelo Flamengo ao Londrina. O jornalista Antonio Maria Filho, do **Jornal do Brasil**, responsável pela cobertura diária do clube, justificou o seu voto:

— Só quem acompanhou o jogador de perto é que pode conhecê-lo bem e este Marinho é um cracão. Vai à Copa como titular, pode escrever:

A ponta direita também não deixou de ser uma surpresa, tal o número de votos para Tita: sete. Foi outro caso em que o comportamento do jogador em campo teve mais valor do que a sua técnica. Os que votaram nele ressaltaram até mesmo uma limitação técnica como autêntico ponta-direita mas a garra, e disposição do jogador, que é considerado um dos mais violentos do futebol carioca, suplantou o aspecto técnico. Para a sua reserva, o ainda amador Jorginho, com dois votos e com opções Zico e Nilton Batata. Na esquerda, Zé Sérgio, que em 78 era conhecido apenas como "o primo de Rivelino", ganhou fácil de Joãozinho, do Cruzeiro, por oito a três.

Portanto, entre opções e surpresas, só mesmo um jogador é considerado titular absoluto, incontestável, digno dos maiores elogios: Falcão, com muita justiça. Como ele recebeu a totalidade dos votos, na sua reserva ficou uma lacuna a ser preenchida pelo leitor.

Mesmo sem um técnico escolhido (a apuração foi feita antes do técnico ser conhecido), os jornalistas não tiveram dúvidas em apontar a sua seleção. Todos, porém, tiveram a mesma reação ao perguntarem:

— Mas será que o técnico escolhido aceitará tais jogadores?

Por filosofia de trabalho ou de disciplina, pode ser até que novos nomes surjam com um Telê Santana, um Zagalo, um Evaristo Macedo. Mas por méritos técnicos, é bem provável que o técnico escolhido não se distancie muito da Seleção eleita para 82. Dentro dos critérios em que a Seleção foi escolhida ela é bem coerente e pode ser o time de estréia na Espanha em 82.

O time titular de cada um e as opções

[illegible]

CARLOS ALBERTO RODRIGUES (Repórter de O Globo)

[illegible]

JOÃO AREOSA Redator do Jornal do Brasil

[illegible]

GERALDO MAINENTI (Repórter de O Globo)

[illegible]

ANTONIO MARIA FILHO (Repórter do Jornal do Brasil)

[illegible]

ARISTÉLIO ANDRADE (Chefe de redação de Placar no Rio)

[illegible]

SERGIO NORONHA (Comentarista da TV Educativa)

[illegible]

MILTON COELHO DA GRAÇA (Chefe de redação de O Globo)

[illegible]

SANDRO MOREYRA (Repórter do Jornal do Brasil)

[illegible]

MANOLO EPELBAUM (Correspondente de Goles e Clarín Argentino)

[illegible]

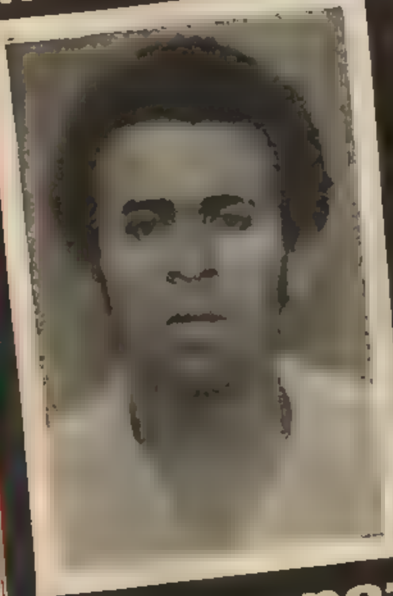
TELMO ZANINI (Repórter do Estado de São Paulo)

[illegible]

MICHEL LAURENCE (Editor de Esportes da TV Globo)

A votação de Sócrates [illegible] Falcão [illegible]

MAIS UM

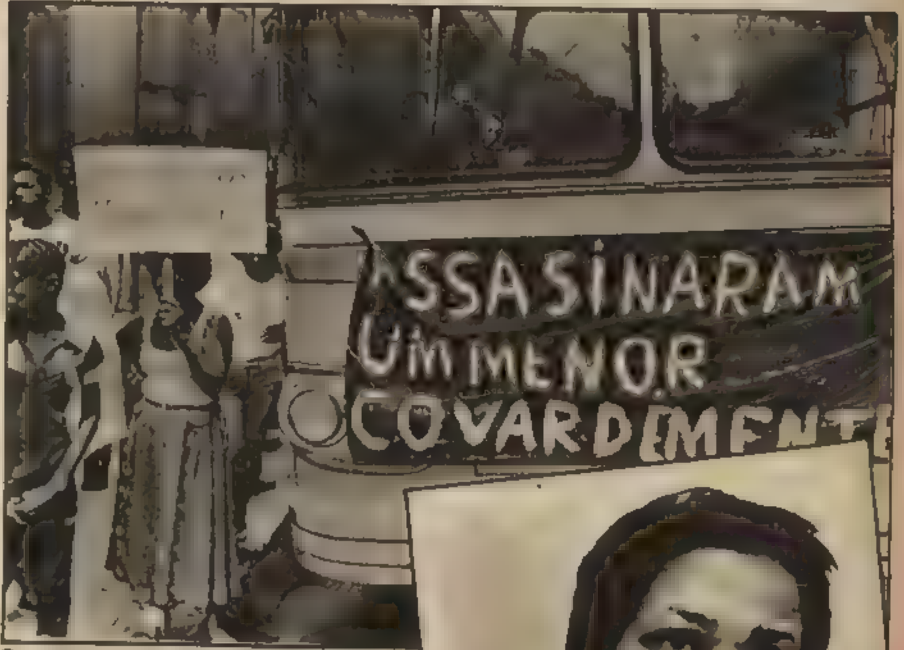


Este rapaz foi morto pela PM

Testemunha revela crime do Vidigal

No dia 12 de janeiro, durante uma batida da PM no morro do Vidigal, zona sul do Rio de Janeiro, o jovem Amauri da Conceição foi morto. Os policiais alegaram que ele portava um saco de maconha e que tinha resistido à ordem de parar, entrando inclusive em luta com um deles. A Associação dos Moradores da favela, com apoio do advogado Sobral Pinto, fez passeata de protesto contra o assassinato em frente ao Instituto Médico Legal no dia 16 de janeiro, pedindo providências às autoridades.

Marcão *(Marco Antônio Silva de Oliveira), que trabalha na Associação cuidando da parte cultural e é o encarregado do jornal da comunidade, o "Mensageiro", estava na favela na hora do crime e revela a verdade sobre o caso: Amauri não carregava maconha nenhuma, era trabalhador e foi friamente assassinado a tiros de* ***escopeta****, arma de grosso calibre usada até pra caçar animais. Abaixo o seu relato.*



O protesto na rua

Sábado, 12 de janeiro, 11 horas da manhã, na favela do Vidigal. Lá vinha o camburão da PM para mais uma investida no morro, como de costume. Eles conhecem o morro na palma da mão. Quem forneceu o mapa a eles foram alguns birosqueiros do final da estrada do Tambá, assim que eles começaram a subir. Hoje qualquer camburão da PM que sobe o morro do Vidigal conhece o caminho e os birosqueiros. Mas nesse sábado, 12 de janeiro, foi muito triste. O camburão subiu e, quando chegou no final da Estrada do Tambá, todos saltaram e o motorista desceu com o camburão vazio para esperá-los lá na Avenida Niemeyer. Os PMs vieram por dentro da favela, como sempre pelo caminho da Pedrinha.

A intenção deles era sair atrás da boca de fumo. Mas bem longe da boca eles encontraram com um rapaz chamado Amauri, de 18 anos, que ia inclusive servir no quartel dentro dos próximos meses. Amauri estava fazendo um biscate carregando areia e contava o dinheiro que acabava de receber quando surgiram os PMs. Ele ficou nervoso pois levou um susto com os PMs apontando a arma e dizendo: "Não adianta, fique parado". Um deles agarrou Amauri, furioso, e no corpo a corpo Amauri, apavorado, chegou a empurrá-lo, querendo se defender pois não estava entendendo nada. Aí um dos policiais falou com bastante raiva para o outro: "saia da frente dele"! O colega obedeceu e ele apontou a arma e atirou covardemente no rapaz. Este tiro foi com uma arma chamada **escopeta**, de grosso calibre. Dizem até que é arma de matar búfalo.

O rapaz recebeu o tiro, tentou correr, cambaleou e caiu no mesmo lugar. Quando o policial percebeu o que tinha feito ao rapaz, começou a mudar de cor e se apavorar. A primeira coisa que eles fizeram foi não deixar ninguém se aproximar do rapaz. Quando perceberam que o rapaz tinha falecido, eles não sabiam o que fazer. Abandonaram o corpo e fugiram. No meio do caminho encontraram a irmã do rapaz, que estava com a filhinha de 4 anos no colo e já ia para o local. E ela ficou perguntando: "moço, por que o senhor matou meu irmão? O que foi que ele fez?"

Os policiais mandaram ela calar a boca e continuaram andando rapidamente, com a moça atrás, até que chegaram na rua, a irmã de Amauri em pânico, ainda atrás deles. Nisso chegou um táxi. Eles fizeram sinal, entraram e a moça, segurando a porta do carro, quase foi arrastada. Os PMs seguiram para encontrar o camburão na Avenida Niemeyer.

À medida que os favelados foram tomando conhecimento do fato, foram se revoltando, em poucos minutos toda a favela estava sabendo do ocorrido. E todos os moradores começaram a pedir justiça.

Quando os policiais souberam da pressão dos moradores, começaram a dizer que o rapaz era bandido e tinha puxado a arma contra eles e inclusive atirado. Só se eles fossem homens-moscas não seriam atingidos por uma bala que teria vindo de tão perto. Eles também disseram que o rapaz estava com um saco de maconha. Mais tarde ficamos sabendo que um deles se apresentou na delegacia local todo rasgado e sujo, alegando que tinha sido luta corporal com o garoto.

Todos no Vidigal sabiam que Amauri era trabalhador biscateiro e estudava à noite. Ele foi mais uma vítima, como tantas outras, que a PM vem fazendo nas favelas. Depois de morto ainda foi difamado por eles.

Agora, nós, favelados, estamos perguntando às autoridades competentes: até quando vai continuar a matança nas favelas?

Agora a PM está fazendo uma campanha contra a Associação de Moradores do Vidigal em programa de televisão. Estão dizendo que a boca de fumo está financiando ônibus para os favelados fazerem passeata, e também que já morreram quatro policiais no Vidigal. Tudo isso é mentira. Eles querem encontrar desculpas para um crime que cometeram em cima de um inocente pois esta mesma turma já estava acostumada a subir o morro toda a semana e, o que é pior, de armas na mão e de cão pra trás, deixando sempre os favelados em pânico. Muitas pessoas já foram presas por eles em outras oportunidades e liberadas, minutos após, assim que entregavam tudo de valor que tinham.

Queremos informar às autoridades que a Associação dos Moradores trabalha especificamente na urbanização da favela e seus diretores são pessoas de muita responsabilidade. Gostaríamos que a PM provasse as acusações que vem fazendo, pois podemos abrir um processo por calúnia contra eles.

Dona Maria Conceição

Mãe exige punição para os culpados

Maria da Conceição, mãe de Amauri, está revoltada. Ela diz que foi muito maltratada na delegacia, quando foi tratar do caso. "Me trataram com muita ignorância". Ela disposta a "seguir os conselhos da Associação dos Moradores e do doutor Bento Rubião, do escritório do Sobral Pinto, pra punir os culpados".

Dona Maria conta que, no momento em que Amauri foi agarrado pediu para sua sobrinha ir chamá-la, mas ela não saiu do lugar, senão ela chegaria a tempo de impedir o "acontecimento covarde". Ela jura, porém, que a coisa não vai ficar assim porque o falecido não devia nada aos policiais.

— 'Na luta para não ser algemado ele estava resistindo à prisão quando foi jogado para o lado e baleado em seguida. O policial que atirou, escondeu a ***escopeta*** *(arma do crime) atrás de uma árvore, disfarçando a atenção dos curiosos que iam chegando. Ele só apanhou a escopeta na hora de fugir, depois que sentiu que tinha matado o rapaz.*

REPORTER

REPORTER

Março de 1980 - ano III - nº 27 - Cr$ 25

AUTÔNOMO INDEPENDENTE

MASTURBAÇÃO NAS RUAS

Homens e mulheres discutem o sexo solitário

P.10

FOTOS CHOCANTES do carnaval 80

P.29

Análise comprova:

A ÁGUA ESTÁ MATANDO

NO RIO E EM S. PAULO

P.3

Operário do ABC tem seios

Culpa é do patrão

P.18

O livro proibido da OLP

P.6

Editorial do leitor

"Estive lendo o nº 26 do REPORTER e gostaria de parabenizá-los pela retratação nua e crua da nossa realidade. Creiam-me, desopilei o fígado com aqueles depoimentos "cornais" tão nítidos e reais, ri gostosamente e até propaguei bastante o jornalzinho pela audácia de suas publicações. É gostoso quando se lê algo tipo essas de humor/real, mesmo dosado daquilo que se chama pornochanchada, que não passa dessa salada do cotidiano e que poucos (as) têm a coragem de Lady Francisco ou a petulância de pôr a boca no trombone e assumir a sua realidade."

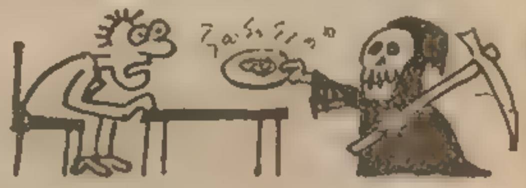
(Malan — universitária, quartanista de Letras — Secretária — Petrolina — PE)

700 milhões de crianças não têm água

Um bilhão de crianças do mundo estão entre a vida e a morte por causa das condições em que vivem, informa a ONU (Organização das Nações Unidas). 700 milhões não têm água potável nem privada, 254 milhões vivem na pobreza absoluta, 52 milhões trabalham como adultos. Cinco milhões morrem por doenças contagiosas, 10 milhões ficam aleijadas por causa dessas doenças, 15 milhões morrem antes de completar cinco anos. Nos países ricos, as crianças são assassinadas pelos pais ou tutores: em 1978, 77 mil morreram assim nos Estados Unidos e 25 mil na França, do total de 250 mil no mundo.

Carioca come carne com câncer

Cinco milhões de quilos de carne foram apreendidos nos açougues do Rio em 1979 porque estavam podres ou contaminados. A contaminação é por nitrato e sulfito de sódio, que provocam o câncer. Esses elementos químicos são usados pelos frigoríficos para dar côr à carne. O açougueiro às vezes também utiliza essas químicas e ainda lesa o freguês de outro modo: as pelancas, nervos aparas, sebo, moe tudo e vende como carne de primeira. Tais fatos foram denunciados pelo diretor do Departamento Geral de Vigilância Sanitária da Secretaria Municipal de Saúde.



A TV-Tupi bateu o recorde de demissões num começo de ano em que os profissionais de jornal, rádio e tevê de São Paulo só tiveram desgostos. Primeiro fechou o Jornal da República: 40 jornalistas na rua. Em fevereiro, 30 repórteres e editores da Rádio Globo foram jogados na rua, junto com o chefe, Marco Antonio Gomes. Depois, o chefe de jornalismo da TV-Cultura (emissora do governo do Estado), Paulo Roberto Leandro, caiu. As demissões da Globo e da Cultura foram quase simultâneas, e em ambas parece ter havido interferência do governador Maluf: na Globo, os demitidos foram substituídos por uma equipe da Rádio Record, emissora amicíssima de Maluf; na Cultura, o dedo do governador foi identificado claramente, até numa ocasião em que durante entrevista à Cultura ele nem olhou a cara do repórter. Mas, na Tupi, os demitidos foram 300, artistas e funcionários das três novelas da casa, empregados, como todos os outros da emissora, que estavam fazendo greve por salários atrasados desde novembro. Mas a Tupi fez mais com eles: despediu-os, mas toda noite os transmite pelo vídeo, passando tapes de antigas novelas de sucesso.

De 6 a 31 de março, fotógrafos do REPORTER e de outros órgãos da imprensa alternativa exporão seus trabalhos na Associação Brasileira de Imprensa, à rua Araújo Porto Alegre 71, 9º andar. Todo mundo lá!

Registro Civil das Pessoas Jurídicas nº [illegible]

REPORTER

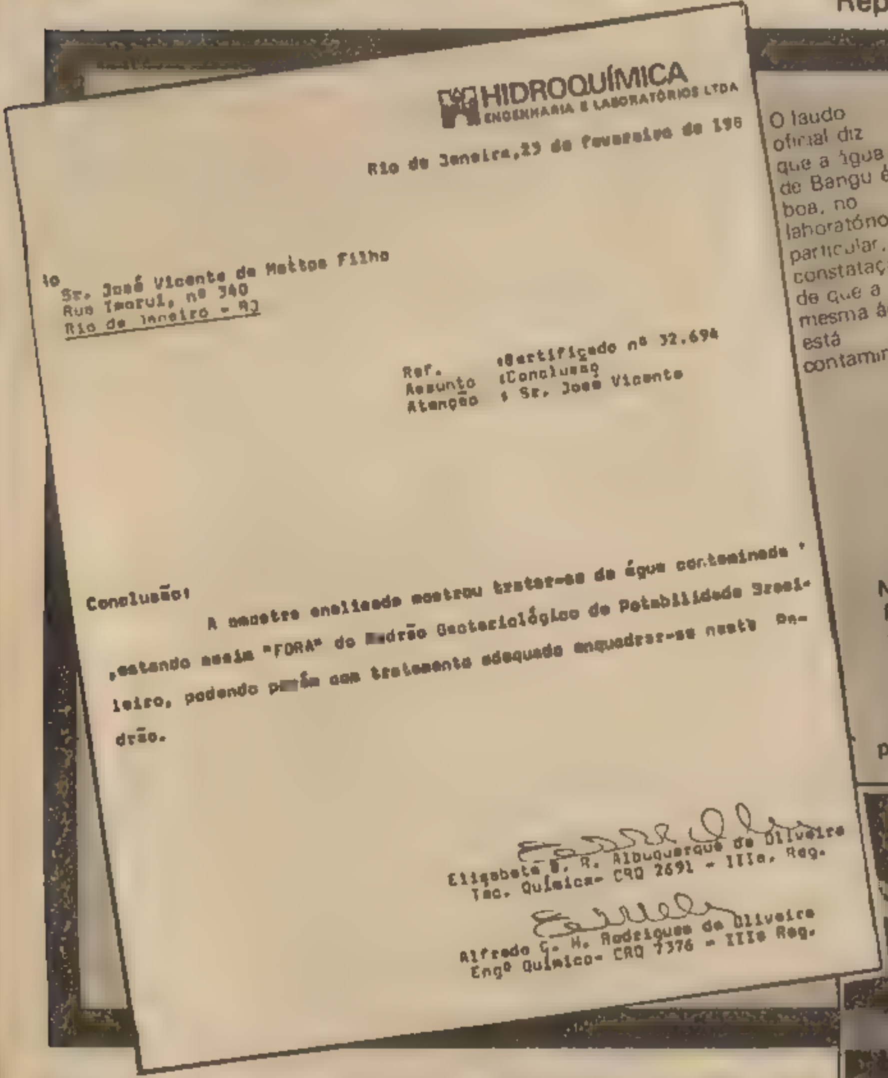
EDITORES — Alex Solnik, Chico Júnior, Luiz Alberto Bettencourt, Pipsi (Arte)
REPORTAGEM — Rio de Janeiro — Tim Lopes, Marcos Dantas, Vera Lúcia Dias, José Antonio Nonato, Sérgio Danilo, Silvia Duarte, Grace Faria. São Paulo: Rivaldo Chinen, Afanasio Jazadji, Maria José Arrojo. Recife: Eduardo Homem. Salvador: Marcos Vinícius Bettencourt. Internacional: Carlos Comitini
FOTOGRAFIA — Rio de Janeiro: Chiquito Chaves, Roberto Musauer, Rogério Carneiro. São Paulo: Wagner Avancini, Eliana Pastore, João Bittar
ILUSTRAÇÃO — Guidacci, Maurício Veneza
ARTE — Analuce Estrella, Guidacci, Maurício Veneza
REVISÃO — Maria Teresa Martins Pinto
CIRCULAÇÃO — Eduardo Curi
PUBLICIDADE — Carlos Sarmento
DEPARTAMENTO JURÍDICO — Modesto da Silveira, Luiz Celso Araújo, Luiz Eduardo Greenhalg
REPORTER Autônomo Independente — Uma publicação da Margem Editoria e Programação Gráfica Ltda. Rio de Janeiro: Rua Miguel Couto, 134/11º andar. Tel. 253-5038. São Paulo: Rua Santa Isabel, 33/8º andar, tel. 222-3103
Composição — Editora Mory Ltda. Rua do Resende, 65, Rio de Janeiro, tel. 263-7002
Impressão — Gráfica Editora Jornal "HOJE" Ltda. Rua Kennedy, 101 a 111 Nova Iguaçu-RJ, tel. 767-9402
Distribuição — Fernando Chinaglia S.A. Rua Teodoro da Silva, 907, Rio de Janeiro

Cuidado com a torneira!

NOSSA ÁGUA MATA

Análise revela: no Rio, contaminação. Em São Paulo, câncer

Reportagem de Grice Faria



HIDROQUÍMICA
ENGENHARIA E LABORATÓRIOS LTDA

Rio de Janeiro, 23 de fevereiro de 198

Ao
Sr. José Vicente de Mattos Filho
Rua Imorui, nº 340
Rio de Janeiro - RJ

Ref. : Certificado nº 32.694
Assunto : Conclusão
Atenção : Sr. José Vicente

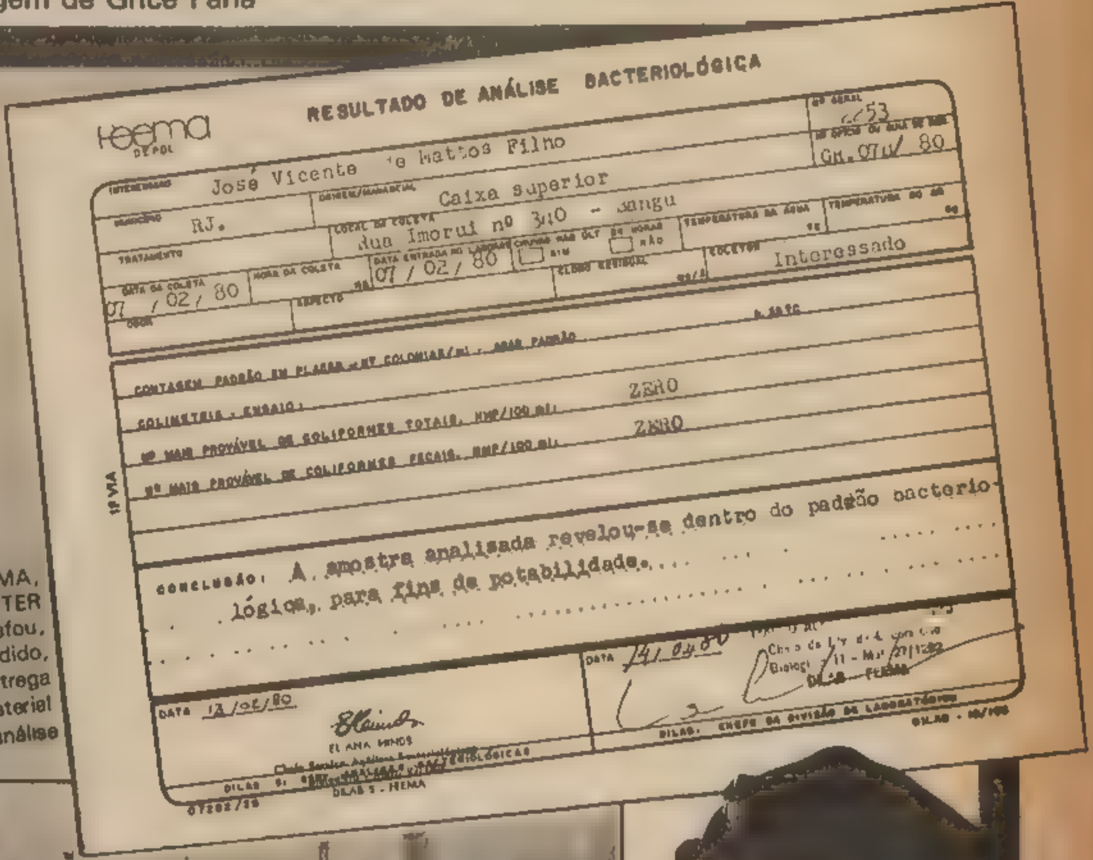
Conclusão:

A amostra analisada mostrou tratar-se de água contaminada, estando assim "FORA" do Padrão Bacteriológico de Potabilidade Brasileiro, podendo porém com tratamento adequado enquadrar-se neste Padrão.

Elisabete B. R. Albuquerque de Oliveira
Téc. Química- CRQ 2691 - IIIa. Reg.

Alfredo C. M. Rodrigues de Oliveira
Engº Químico- CRQ 7376 - IIIa Reg.

O laudo oficial diz que a água de Bangu é boa, no laboratório particular, a constatação de que a mesma água está contaminada



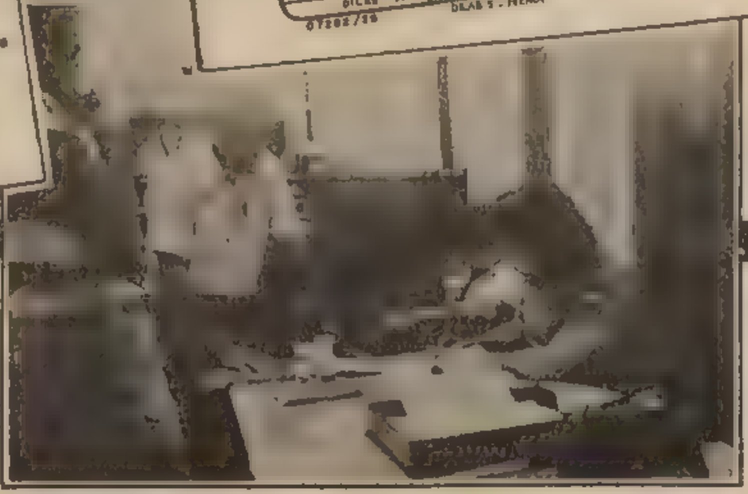
feema
RESULTADO DE ANÁLISE BACTERIOLÓGICA

José Vicente de Mattos Filho
Caixa superior
RJ.
Rua Imorui nº 340 - Bangu
07 / 02 / 80
07 / 02 / 80
Interessado
ZERO
ZERO

CONCLUSÃO: A amostra analisada revelou-se dentro do padrão bacteriológico, para fins de potabilidade.

DATA 13/02/80
DATA 14/02/80

Na FEEMA, REPORTER fotografou, escondido, a entrega do material para a análise

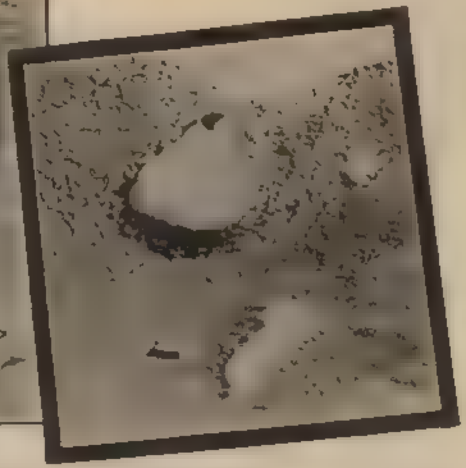


Cariocas e paulistanos estão seriamente ameaçados de doenças infecciosas e até mesmo de câncer, pelo simples fato de beberem um copo de água de suas torneiras. Em Bangu, no Rio de Janeiro, a comunidade se queixa de frequentes vômitos e diarréias, e já houve até casos de crianças que foram internadas em estado de coma e de outras que não conseguiram sobreviver à poluição causada pelo fedorento líquido com que matam a sua sede ou lavam seus corpos e seus utensílios. E em São Paulo, onde a população consome água vinda da represa de Billings — um grande lago onde vão desafogar os canos dos esgotos — já existe um movimento organizado e que luta por melhores condições de vida.

REPORTER ouviu as queixas e constatou o pior: as autoridades responsáveis pela qualidade da água do Rio de Janeiro mentem à população: uma amostra de água comprovadamente contaminada foi considerada boa para beber pela Fundação Estadual de Engenharia do Meio-Ambiente.

Alô, é do REPORTER? Eu me chamo José Vicente da Silva Filho, moro em Bangu e queria fazer uma denúncia: é que o pessoal daqui está bebendo água contaminada. O caso é que tinha um vazamento de água na esquina da avenida Santa Cruz com a rua Boibi. Nós chamamos a Cedae (Companhia Estadual de Águas e Esgotos) para fazer o conserto, mas quem apareceu foi o DER (Departamento de Estradas de Rodagem). E sabe o que é que eles fizeram? Colocaram uma manilha de trinta metros ligando o vazamento ao esgoto e taparam tudo, que é para evitar acidentes, porque com o chão sempre molhado, tinha muita derrapagem. Acontece que a água de beber chega na casa da gente poluída, porque o cano de esgoto transborda e as duas águas se misturam. Vocês não acham que isso é assunto para uma reportagem?

Em Bangu, REPORTER percebeu que o problema é antigo, a grita é geral e as providências, nenhuma. Os moradores, em 1979, deram queixa do fato e denunciaram o "conserto" à XVII Região Administrativa, em documento protocolado sob o número G.O./097/79. E nada. Este ano voltaram à sede da R.A. e foram informados de que "é isso mesmo, existem mais de mil casos assim no Rio de Janeiro, não se pode fazer nada...", informação verbal prestada pelo finado funcionário Hermínio. E, enquanto o Estado se confessa impotente, os moradores sofrem as conseqüências da loucura que é contaminar água potável com água de esgoto. João Vicente, por exemplo, disse que, acometido



João Vicente, autor da denúncia, mostra o buraco mal consertado (embaixo, em detalhe) e onde água limpa e cocô estão misturados

de diarréias, dores no estômago e muitos gases, procurou o médico e foi aconselhado a tirar chapas, que nada revelaram. Procura daqui, examina ali, os médicos não atinavam com o mal de João Vicente, até que um deles recomendou que ele não bebesse mais água, a não ser mineral. "Aí eu passei a tomar só Minalba e Fanta Limão. E fiquei bom..."

Nem todos os moradores (50 mil) de Bangu, entretanto, tiveram a sorte de João Vicente. A menina Cláudia Reis, de 13 anos, foi uma das mais sacrificadas vítimas de poluição, e sua mãe a internou na Santa Casa da Misericórdia de Angra dos Reis, em estado de coma. E o médico que tratou de Cláudia, doutor Pinho, disse que a doença chegou a atacar o coração e provocou um derrame pulmonar, para não falar do estado do rim da menina, que em breve ia ficar "todo corroído e furadinho que nem uma renda". O médico disse, ainda, que a doença podia ter duas causas: ou contato muito íntimo com animais, ou ingestão de água poluída. A mãe de Cláudia disse que não tinha bicho em casa, mas que sua filha bebia sempre água da bica.

O casal João e Nette de Oliveira, pais das meninas Michelle e Milene, também denunciaram que suas filhas estão constantemente com problemas de estômago. E disseram que levam as meninas ao médico, ele manda mudar a dieta e dá remédios, as meninas melhoram, mas, daí a uns dias, os problemas reaparecem, o que só pode ser devido à água de Bangu. Por via das dúvidas, e para que não aconteça com suas filhas o que ocorreu com a menina Ana Paula, que morreu aos seis anos de idade com fortes dores na barriga e diarréia constante, eles pararam de dar água da bica, mesmo filtrada, a suas filhas.

Tantos casos, tantas denúncias, REPORTER resolveu investigar o "x" do problema, que era a água do encanamento mal feito. Em reunião com os moradores, ficou decidido que ia se fazer uma coleta na rua e o material seria levado à FEEMA (Fundação Estadual de Engenharia do Meio-Ambiente) para análise. Quando chegamos à FEEMA para apanhar o vidro apropriado para a análise, uma surpresa: a FEEMA informou que só analisaria águas de caixa ou de cisterna, sob a alegação de que eles não precisam examinar a água que vem da rua, porque a Cedae informa sobre a qualidade dessa água. Essa informação é oficial (embora sigilosa) e merece crédito. O que significa dizer que a Cedae não erra e que a poluição só pode vir das caixas de água ou das cisternas dos particulares, nunca da rua.

Mas se a FEEMA, a Cedae, o DER, o Estado e todos os órgãos comprometidos com a pouca-vergonha da água cheia de cocô são espertos, REPORTER e moradores foram mais: com a mesma água apanhada no cano que vem da rua, mas dizendo que era "água de cisterna", voltamos à FEEMA, pagamos a taxa de Cr$ 600 e requeremos a análise. Mas, certo de que a FEEMA não estava muito a fim de achar que a água era ruim, REPORTER levou parte da mesma água a um laboratório de análise particular, a Hidroquímica Engenharia e Laboratórios Limitada, que fica na praça Saens Peña, 55, sala 409, e que cobrou Cr$ 1.830 para fazer o exame.

Dia 25, os resultados ficaram prontos. Não deu outra: a simpática funcionária Elizabeth, que entregou o laudo da Hidroquímica, ao ver o resultado do exame chegou a recomendar que a água daquela "cisterna" fosse tratada com um remédio chamado Clor-in. Já a FEEMA — podem olhar o laudo — não fala nada dos tais coliformes fecais, que são bactérias das fezes.

Contaminação matou uma menina dessa família

Responsável pela água só bebe mesmo mineral

Parece incrível, mas é verdade: o engenheiro Roberto Lozinsk, um dos responsáveis pelo estudo que a Fundação Estadual de Engenharia do Meio-Ambiente (FEEMA) vem realizando no rio Paraíba do Sul, só bebe água Indaiá, segundo ele por causa do acentuado gosto de cloro que contém a água que corre pelas nossas torneiras. Mas a realidade é que, para quem vê de perto o que fazem com a água que bebemos, todo cuidado é pouco.

Mais de 80% da população do Rio de Janeiro, incluindo a Cidade do Rio de Janeiro, dependem da água do Paraíba do Sul, elevada em Santa Cecília e lançada no rio Guandu, um dos mananciais que abastece o Rio. Essa água vem recebendo diariamente uma grande carga de poluição, e a pergunta que fica é se o tratamento que ela recebe, no qual entra até sulfato de alumínio (além de decantação, filtração, cloração e outros bichos), é suficiente para eliminar as substâncias tóxicas que descem pelo rio. Tudo indica que não, pois é necessário um tratamento especial. Mas na FEEMA ninguém quer conversar sobre esse delicado assunto, preferindo sorrir e falar de futebol.

Sabe-se, por exemplo, que o limite de cloro residual que deve conter a água é 0,5 miligramas por litro. Mas os moradores próximos das estações de tratamento chegam a beber água com até cinco miligramas por litro, como já foi verificado em Niterói.

Em 1951, várias análises químicas, físicas e bacteriológicas foram feitas no Paraíba do Sul, na altura de Barra Mansa e Volta Redonda, sendo constatado, já naquela época, um alto grau de poluição. Esse estudo mostrava que no futuro as águas do rio estariam altamente poluídas, devido às impurezas jogadas frequentemente no Paraíba, o que realmente aconteceu.

Atualmente, no trecho compreendido entre o Funil e a foz, existem quase 90 indústrias, sendo que apenas cinco têm algum tratamento de esgoto em funcionamento: Indústrias Químicas Resende, Cyanamid, Bijouteria Petrópolis, Du Pont e a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN). Mas isso não quer dizer muita coisa, pois a CSN, por exemplo, tem tratamento em apenas uma das 14 saídas de esgoto. Lançando diariamente 820.920 metros cúbicos de carga tóxica — entre elas o cianeto, que simplesmente pode matar — a CSN é responsável pela maior quantidade de poluição tóxica lançada no rio. Mesmo com a fiscalização da FEEMA, as indústrias continuam poluindo o rio, pois aproveitam os fins de semana para a lavagem de seus reservatórios. Por isso, é comum se ver na segunda-feira peixes boiando, mortos ou quase.

As indústrias, como sempre, não estão nem um pouco preocupadas com a saúde da população e simplesmente ignoram esse negócio de instalar sistemas e filtros de tratamento de esgotos. Dizem que sai muito caro. Só a CSN terá de gastar 800 milhões de cruzeiros para instalar o sistema em todos os seus canais de escoamento. As indústrias privadas alegam que as indústrias do governo poluem muito mais e não fazem tratamento. Por isso elas também não fazem. Assim, vamos bebendo água poluída, enquanto eles não chegam a uma conclusão.

Siderúrgica do governo suja o rio

O rio Paraíba do Sul é depositário dos mais diversos tipos de poluição, a começar pelo cocô puro e simples e que os técnicos chamam de poluição fecal. O cocô e o cádmio (considerado um poluente crítico) estão presentes em toda a bacia em teor acima do considerado normal. Depois vêm o chumbo e o cromo, metais pesados também encontrados acima dos limites. O fenol surge com mais intensidade em Volta Redonda, enquanto as combinações organo-cloradas já destruíram a fauna e a flora entre Barra Mansa e Resende. Os óleos também estão presentes em todo o curso principal do Paraíba. São jogados pelas siderúrgicas e pelos postos de gasolina.

Os lixos são outros poluentes em grande escala. São amontoados pelas margens e, quando vem chuva forte, toda a porcaria é levada para o rio, o que torna o Paraíba do Sul um autêntico veneno.

A indústria campeã no lançamento de substâncias tóxicas no rio é a Companhia Siderúrgica Nacional, que despeja 820.920 metros cúbicos de carga tóxica por dia, a saber (números arredondados): Níquel — 1.132 kg; Cobre — 108 kg; Chumbo — 2.273 kg; Ferro — 28.134 kg; Zinco — 428 kg; Cádmio — 157 kg; Manganês — 207 kg; Cromo — 144 kg; Cianeto — 1.355 kg; Enxofre — 319 kg; Fenol — 708 kg.

S.P.

Médicos sanitaristas põem a culpa na Light

Trinta por cento dos óbitos infantis — cujo total é de cerca de 70 por mil nascidos vivos — ocorridos na Grande São Paulo são causados pelas doenças diarréicas, provenientes de consumo de água de poços contaminados, uma vez que o povo não dispõe de rede de abastecimento público e muito menos de coleta de esgotos.

Quais as razões desse descaso do governo?

Durante dezenas de anos, desde 1893, a Light exerceu tremenda influência junto às autoridades municipais, estaduais e federais e promoveu profunda degradação ambiental através de reversões hídricas — inverter o curso natural do rio — com um único objetivo: acumular águas e, aproveitando a queda de 700 metros da Serra do Mar, gerar energia elétrica em Cubatão.

Mesmo combatida por grandes engenheiros patriotas, a Light, a partir do final da década de 40, conseguiu seu grande objetivo: fez o rio Pinheiros, que corria naturalmente em direção ao interior do Estado, correr na direção oposta, para desaguar na represa Billings. Progressivamente a represa passou a receber todos os esgotos jogados no Pinheiros, Tietê e Tamanduateí. E hoje está recebendo pelo menos 90 toneladas de esgoto por segundo para gerar a energia de Cubatão.

A população crescia e começou a haver crises de abastecimento de água, porque a água era utilizada para gerar energia e não para beber ou sanear. Em 1969, na administração Abreu Sodré, foi iniciada a obra faraônica chamada Sistema Cantareira, planejada para ser a principal fonte de abastecimento de água da capital. Além dos gastos enormes, o projeto acarreta prejuízos econômicos, sociais e ecológicos à população da região da cidade de Piracicaba: os rios Juqueri, Jaguari e Piracicaba estão sendo sugados de tal maneira que o Piracicaba, por exemplo, está tão raso que pode ser atravessado a pé quando passa pela cidade.

O Sistema Cantareira já funciona em parte e deve ser completado em 1982. Esta não foi, porém, a melhor solução possível. Sairia muito mais barato eliminar a barragem Edgard de Souza (onde o rio Pinheiros é bombeado para mudar de direção) e fazer o Pinheiros voltar ao seu curso natural, para o interior. Dessa maneira, a represa Billings não receberia todos os esgotos industriais e fecais da cidade seria abastecida pelo rio Grande e seus afluentes, que são bem limpos.

Essa hipótese, porém, nunca foi aproveitada; e a represa Billings foi-se transformando na grande cloaca que é hoje. Muitos planos se fizeram para o tratamento dos esgotos de São Paulo, e o mais coerente deles não foi aproveitado na administração Paulo Egydio Martins porque mais uma vez colidia com os interesses da Light.

Projetado em 1974/75, o plano, chamado Solução Integrada, chegou a ser inicado até que Paulo Egydio, após um ano e meio de silêncio, o cancelou e trocou por outro. A explicação: na Solução Integrada, os esgotos seriam lançados depois da Barragem Edgar de Souza; não iriam para a Billings, portanto não poderiam ser aproveitados para gerar energia em Cubatão. Nesse plano, também, o tratamento dos esgotos seria feito numa região despovoada, o Vale do Juqueri.

Brecado pelo governador, o plano ganhou outro nome: passou a se chamar Sanegram. Dessa vez, o destino dos esgotos voltou a ser a Billings e a estação de tratamento ficou localizada em Barueri, região densamente povoada. Além disso, para chegarem a Barueri, os esgotos terão de ser bombeados para transpor a altura de 22 metros, o que implica obras caríssimas e um enorme gasto de energia.

O Sanegram — previsto para ficar pronto no ano 2.000 a um custo de Cr$80 bilhões — vai limpar 85% da sujeira da Billings. Mas, nessa altura — daqui a 20 anos — a população de São Paulo será de 24 milhões e a quantidade dos esgotos dessa gente toda (sem contar as fábricas) também será em dobro. Portanto, mesmo com os 85% de limpeza, a poluição da Billings será igual ou pior que a de hoje. Mais: o Sanegram vai acabar com o único manancial de água potável que existe na região metropolitana de São Paulo (rio Grande e seus afluentes); vai poluir mais ainda o mar de Santos, pois depois de passar pela usina de Cubatão os esgotos serão jogados nessa cidade; vai colocar em risco a saúde da população de Barueri e de Carapicuíba, onde ficará a estação de tratamento, cujos resíduos perigosos encherão o ar de mau-cheiro e germes; vai beneficiar as grandes empreiteiras, pois sofisticada tecnologia importada será usada no Sanegram.

Desde o ano passado, numerosas entidades têm protestado contra o projeto e até uma ação popular foi movida contra o governador Paulo Egydio e o presidente da Sabesp (hoje prefeito de São Paulo) Reynaldo de Barros. O juiz da 6ª Vara deu ganho de causa aos réus, embora o próprio perito nomeado pelo juiz tenha apresentado laudo contrário ao Sanegram.

• **(Comissão de Defesa da Billings, Associação dos Médicos Sanitaristas do Estado de São Paulo, Sindicato dos Médicos de São Paulo)**

Represa Billings, um mar de detritos

Fotos de Wagner Avancini

Paulistanos protestam por uma água mais bebível

Doutor Luís Gustavo: água dá câncer

Câncer, pólio e hepatite

A água contaminada provoca muitas doenças perigosas, algumas fatais. É o caso da desidratação, poliomielite, febre tifóide, hepatite, verminose, disenteria. Só a pólio pode ser curada com vacina; todas as outras só são eliminadas mediante saneamento básico. A população atingida é a da periferia da cidade que consome água de poço (contaminada pelas fezes das fossas) e representa 60% dos habitantes de São Paulo. Mas os outros 40% também correm perigo, pois a água encanada não é de confiança, como explica o pediatra Luis Gustavo Enge:

— Mesmo depois de tratada, a água que consumimos pode estar contaminada com sais e detergentes que o tratamento não elimina. Mas não sabemos o nível da contaminação, pois a Sabesp (a companhia de águas e esgotos de São Paulo) nunca fez uma análise da água. Se fez, não divulgou. Nos Estados Unidos foram encontrados 17 componentes químicos na água e a nossa situação deve estar muito pior.

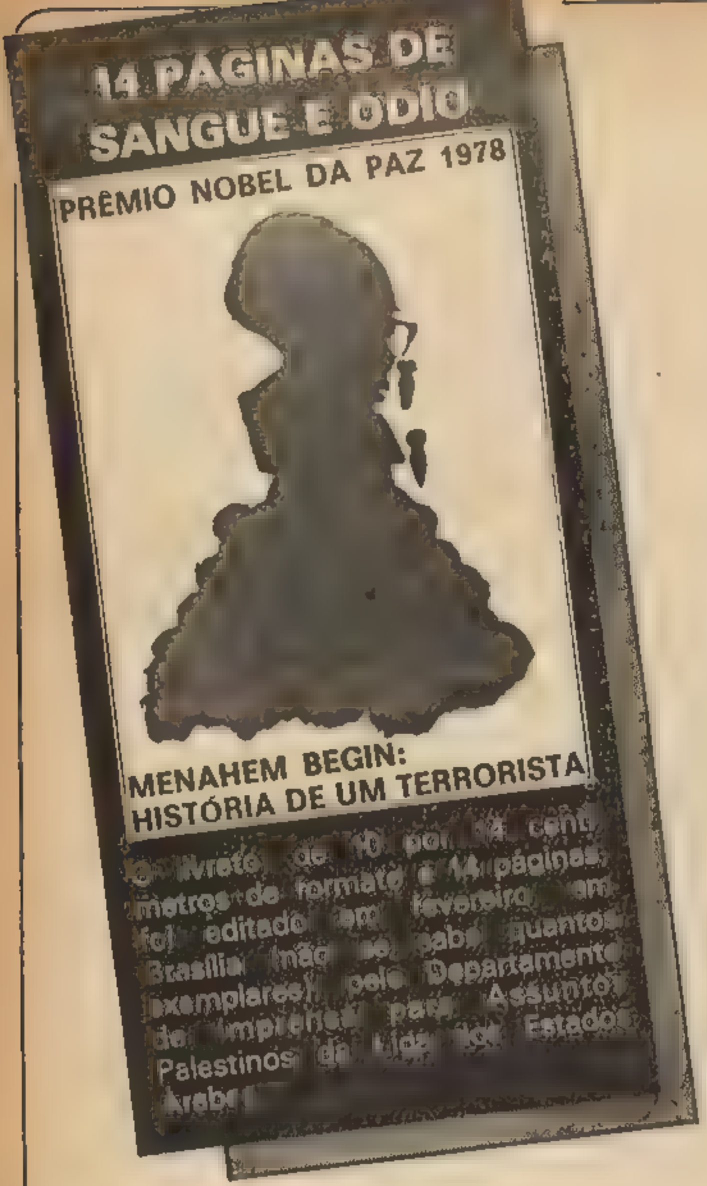
O Dr. Enge não confia na água de torneira nem pra cozinhar, mesmo depois de filtrada, "pois o filtro só retém o barro". Acha, inclusive, que seu consumo pode até provocar câncer:

— É certo que nossa água contém inseticidas e compostos clorados, muitos deles cancerígenos. A água que o paulistano bebe pode produzir câncer no fígado.

Rivaldo Chinen

INÉDITO, PROIBIDO E BOICOTADO

Livro acusa premier judeu: É NAZISTA!



O livreto, de 10 por 14 centímetros de formato e 14 páginas, foi editado em fevereiro, em Brasília (não se sabe quantos exemplares), pelo Departamento de Imprensa para Assuntos Palestinos da Liga dos Estados Árabes

A OLP — Organização para a Libertação da Palestina — quer abrir um escritório que represente oficialmente os palestinos no Brasil. Enquanto não chega a autorização do governo brasileiro, o representante da OLP, médico Farid Sawan, escreveu e distribui o livro Menahem Begin: História de um Terrorista. **A distribuição do livro, ainda não publicado na íntegra por nenhum outro órgão de imprensa no Brasil (graças a pressões dos judeus, acusa Sawan), pode resultar na sua expulsão do Brasil, sob as acusações — já formuladas pela Embaixada de Israel — de que se trata de atividade que ofende um chefe de Estado estrangeiro e é discriminatória e anticonstitucional.**

Farid Sawan, autor do livro

"Menahem Odgefofith nasceu em Brest Litovsk (Polônia), em 1913. Desde seus tempos de estudante fez parte das juventudes sionistas, sendo discípulo de Jabotinsky (o principal instigador da violência sionista e criador da organização Irgum).

Foi detido em 1941, quando as tropas soviéticas entravam na Polônia, sob acusação de colaborar com o Serviço de Inteligência inglês. Foi condenado a 8 anos de prisão, sentença que não cumpriu, pois foi anistiado ao assinar com Stalin um acordo com Dikoniski. Em 1942 deixou a Polônia rumo à Palestina. Quando Menahem chegou à Palestina, esta se encontrava sob o domínio britânico. O imperialismo inglês tinha-se comprometido com o movimento sionista para a criação de um "Lar Nacional Judeu" na Palestina. Este compromisso ficou selado na declaração Balfour, em 1917. Neste aberrante documento, dirigido por Lord Balfour a Rotschild, a potência colonizadora (Inglaterra) vende, literalmente, aos sionistas um país que não lhe pertence (Palestina), transformando "de facto" os palestinos em estrangeiros dentro de sua própria Pátria. Sobram palavras para comentar este feito, já que em 1917 os palestinos representavam 95% da população total da Palestina, sendo proprietários de 98% das terras.

De 1917 a 1948, a Inglaterra favoreceu a emigração maciça de judeus para a Palestina, abafando energicamente os protestos da população autóctone, que não aceitava tal quantidade de imigrantes. (Em 1936, os palestinos decretavam uma greve que durou 6 meses, em protesto pela atitude do colonialismo inglês). As autoridades inglesas castigavam duramente os palestinos que tinham posse de armas, enquanto permitiam aos sionistas armarem-se até os dentes. O objetivo era simplesmente, que os palestinos se encontrassem em inferioridade de condições, de forma que não pudessem enfrentar as organizações sionistas. Neste contexto (1942), chega Menahem Begin à Palestina, e imediatamente se engaja na organização sionista Irgun. Um ano depois, em 1943, ocupa sua chefatura. Menahem Begin é responsável direto por todos os atos de terror cometidos por esta organização.

Na sua ação terrorista, Begin parte da idéia de que o povo palestino não existe. Ele chama os palestinos de "habitantes árabes de Eretz Israel". Desde a sua chegada preconizou a "limpeza" da Palestina de todos seus habitantes "não judeus" (95% da população), já que não haveria em Israel lugar para eles.

Convencido de que os palestinos só abandonariam sua Pátria pela força, passou a agir imediatamente, atacando as cidades e as aldeias (indefesas) palestinas com o seu Irgun, perfeitamente equipado e treinado. O método preferido pelos atacantes era rodear a cidade, de noite ou ao amanhecer, e, divididos em grupos, derrubar as portas, pulverizar o interior de casas com rajadas de metralhadora, e completar o serviço dinamitando as paredes (1). Assim, desapareceram 385 cidades palestinas (2).

Perante todo este terror cometido contra populações totalmente indefesas, as autoridades inglesas reagiam com palavras de censura, mas só com palavras.

As emissoras de rádio sionistas, depois de cada massacre, transmitiam continuamente o relato dos crimes, afirmando que a mesma sorte teriam os palestinos que permanecessem em suas casas. Menahem Begin explica, cheio de orgulho, que o terror teve uma ação psicológica importantíssima sobre os palestinos, e que essas operações foram imprescindíveis para a criação do Estado de Israel.

Em 1946, irritado porque as autoridades inglesas pretendiam limitar as práticas terroristas do Irgun, Menahem Begin ordenou a explosão do hotel King David, de Jerusalém. Naquele momento, o hotel era utilizado como hospital militar. O saldo foi 97 mortos e inumeráveis feridos.

Em 1947 ataca, com seu conhecido e eficaz método, as cidades palestinas de Haifa, Jaffa, El Bireh e Jerusalém. Já nesta época os palestinos, com grandes dificuldades, começavam a se organizar para defenderem suas casas. Muitos camponeses vendiam seus cavalos e vacas para comprar um modesto fuzil. Este início da resistência palestina exasperou Menahem Begin, que então decidiu "dar uma lição nos árabes". Para isto planejou, junto com a Haganah e o Palmach (outras organizações sionistas), a matança de Deir Yassin. Esta era uma aldeia palestina próxima a Jerusalém, onde até então judeus e palestinos haviam convivido harmoniosamente, sendo um exemplo do que poderia ter sido possível se os sionistas não estivessem afogados no seu ódio.

Antes do amanhecer, quando todos dormiam, os sionistas rodearam a aldeia. Um padeiro que àquela hora saía deu a voz de alarme. Como se isto fosse o sinal combinado, os "heróis" sionistas começaram sua espantosa chacina, casa por casa. Mataram à faca tudo o que encontraram com vida

1942: BEGIN CHEFIA O TERROR

Begin: estadista ou terrorista?

na aldeia, infligindo às vítimas horríveis mutilações. Os homens de Menahem Begin, ao encontrarem mulheres grávidas, faziam apostas entre si, se seria menino ou menina. A dúvida logo se esclarecia: abriam com a faca o ventre da mulher. O total das vítimas foi de 254, na sua maioria mulheres e crianças, já que os homens trabalhavam fora do povoado; os sobreviventes foram expostos, nus, em caminhões, pelo bairro judeu de Jerusalém, e por onde passavam eram cuspidos e insultados. O próprio Menahem Begin descreve esta chacina, qualificando-a como um ato heróico, peça-chave do exôdo palestino.

No dia 10 de abril, o delegado da Cruz Vermelha Internacional, Jacques Renier, devido à intensa repercussão do fato e o clamor mundial que se levantou na ocasião — apesar de não encontrar solicitude por parte das autoridades do mandato — foi até Deir Yassin a fim de elaborar um relatório sobre os fatos ocorridos: "Chego, como meu comboio, à aldeia.

385 cidades palestinas foram dizimadas

A tropa está em uniforme de campanha, com capacete. Todos jovens e até adolescentes, homens e mulheres armados, granadas e grandes sabres empunhados. A maior parte deles ainda suja de sangue. Uma moça bela, mas de olhar criminoso, exibe seu sabre ainda gotejante, que ela ostenta como um troféu. É a equipe de limpeza, que cumpre muito conscientemente sua tarefa.

1947: um hotel explode e mata 97

"Tento entrar numa casa. Uma dezena de soldados logo me rodeia, apontando para mim o cano das metralhadoras; o oficial me proíbe de entrar. Levaremos os mortos, se os houver, disse-me. Rebento, então, numa das mais belas cóleras de minha existência, e vomito em cima deste criminoso tudo o que penso sobre seu modo de agir, ameaçando-o de todas as iras do mundo; depois empurro os que me cercam e entro na casa.

"O primeiro quarto é sombrio, tudo em desordem, mas não tem ninguém. No segundo, entre os móveis espatifados, os cobertores, os cacos de toda sorte, alguns cadáveres frios. Aqui fizeram a limpeza à baioneta, depois à granada, terminaram-na à faca, está à vista. Mesmo espetáculo no quarto seguinte, mas, ao sair, ouço um suspiro. Procuro por todos os lados, verifico cada cadáver, até que encontro um pezinho ainda quente. É uma menina de dez anos, toda estropiada por uma granada, mas ainda viva. Como pretendo removê-la dali, o oficial procura impedir-me, atravessando-se na porta. Empurro-o e passo com meu precioso fardo, protegido por meu guarda-costas, um bravo. A ambulância, carregada, parte com ordem de regressar o mais depressa possível. Uma vez que a tropa ainda não ousou atacar-me diretamente, tenho a possibilidade de continuar. Ordeno que transportem os cadáveres desta casa para o caminhão e entro nas casas seguintes. E assim por diante. Em cada casa se me depara o mesmo horrível espetáculo. Encontro, apenas, duas pessoas vivas: duas mulheres, das quais uma velha avozinha escondida atrás de um molho de lenha onde se mantinha imóvel há pelo menos vinte e quatro horas."

No mesmo ano, 1948, Menahem Begin ordenou o assassinato do conde Folke Bernadette, mediador enviado pela ONU, que denunciou energicamente as práticas sionistas.

No seu livro **Revolução**, verdadeira apologia do fascismo e da contra-revolução, Menahem Begin considera que o assassinato de palestinos, a demolição de suas casas e o roubo de suas terras eram atos de liberação, já que assim a terra palestina era "liberada e redimida", passando de mãos não judias a mãos judias.

Hoje em dia, em 1979, o sr. Menahem Begin se nega a falar em territórios ocupados; para ele são "territórios liberados". Porém, Menahem Begin não conseguiu ainda se liberar dos palestinos e por isso o terrorismo sionista continua hoje contra eles. O regime militar aplicado pelo governo sionista aos palestinos que ainda vivem na terra ocupada (um milhão e meio) é puramente fascista.

Em 75, a ONU diz que sionismo é racismo

Exemplo disto são as "medidas administrativas" seguintes:

1 — Castigo coletivo contra as comunidades ou famílias suspeitas de albergar simpatizantes da OLP, ou simplesmente contra famílias cujo membro tenha denunciado a opressão sionista. Esses castigos coletivos podem variar desde a proibição de deslocamento, proibição de plantar e colher, demolição de vivendas, até a expulsão e o confisco de todos os bens da família ou comunidade suspeita. Os jornais nos oferecem exemplos todos os dias.

2 — Prisões sem julgamento por tempo indefinido; os palestinos não têm possibilidade alguma de apelação, pois se encontram sob jurisdição militar.

3 — Operações de intimidação da população civil por parte de patrulhas israelenses (paralisação de transportes coletivos, destruição de móveis e utensílios, destruição de plantações).

4 — Tortura sistemática de todos os presos políticos palestinos, reconhecida e denunciada pela Cruz Vermelha Internacional, Anistia Internacional, Liga Israelita dos Direitos Humanos, revista **Times**.

Para se liberar dos palestinos no exterior, os que foram expulsos e sobreviveram miseravelmente em acampamentos com suas famílias, Menahem Begin os presenteia dias após dia com napalm, bombas de fragmentação e bombas de explosão retardada, quer dizer, armas especialmente concebidas para destruir populações civis. A desculpa apresentada internacionalmente, e amplamente repetida pelos meios sionistas, é que se trata de "operações de castigo contra terroristas". Além de assassinar palestinos desde 1942 até nossos dias, Menahem Begin os insulta, atribuindo-lhes um qualificativo que só a ele, pessoalmente, corresponde. O sr. Begin sabe perfeitamente que para acabar com a resistência palestina tem que acabar com o povo palestino, e põe "mãos à obra", como em 1942. Quando algum jornalista ingênuo pergunta ao sr. Begin pela sorte e destino dos palestinos, este responde: "Quem? De quem você está falando? Essas pessoas não existem".

Numa recente pesquisa de opinião entre alemães que viveram sob o regime nazista, sem estar implicados nele, nem militar nem politicamente, a grande maioria declarou que era totalmente ignorante a respeito do inferno dos campos de concentração, que estava acontecendo nas suas próprias portas.

Não permitamos que hoje, em 1979, aconteça outra vez o mesmo, não permitamos que a poderosa propaganda sionista oculte aos olhos do mundo o inferno em que foram lançados os palestinos. **"**

• *(1) Citado por Moshe Menuhim, judeu anti-sionista nascido na Palestina*

• *(2) Citado por Israel Sahai, professor de Química da Universidade Hebraica de Jerusalém e presidente da Liga Israelita dos Direitos Humanos. Também anti-sionista militante, ameaçado de morte por grupos fascistas israelenses.*

Metalúrgicos do ABC estão prontos pra negociar com os patrões.

Lula manda recado pro ministro do Trabalho:

Foto de João Bittar

Murilo Macedo, ministro do Trabalho

Se os patrões forem duros, vamos à greve!

Lula, líder dos trabalhadores

Foto de João Bittar

Este ano os trabalhadores se organizam melhor do que na greve de 79 (foto)

Os três sindicatos dos trabalhadores metalúrgicos do ABC estão na reta final da campanha salarial para a assinatura do acordo coletivo de trabalho, que tem no dia 1º de abril a data base.

O fato de os metalúrgicos do ABC enfrentarem pela primeira vez as negociações com os patrões, tendo a nova política salarial do governo como pano de fundo, poderia parecer apenas um detalhe a mais. Se for lembrado, porém, que a nova política nasceu da necessidade de combater os movimentos grevistas que dominaram o ano de 1979, isso é muito importante, já que, sem sombra de dúvidas, os trabalhadores do ABC formam a vanguarda do movimento trabalhista brasileiro, que tem à frente o presidente do sindicato de São Bernardo, Luís Inácio da Silva, o **Lula**.

A campanha salarial e as negociações com a classe patronal estão sendo bem diferentes daquelas do ano passado, quando o Ministério do Trabalho decretou intervenção nos sindicatos de Santo André, São Bernardo e São Caetano, afinal levantada graças às pressões que os trabalhadores exerceram.

No ano passado, segundo Osmar, metalúrgico da MGM de São Bernardo, "a organização baseou-se em dois aspectos: organização interna nas fábricas, mantida desde as greves de maio de 78, e uma comissão de salários, formada por representantes das empresas de São Bernardo, eleitos em reuniões realizadas na sede do sindicato. Como a maioria das fábricas estava representada, a comissão garantia a unidade do movimento, ainda que sua função específica fosse fiscalizar o cumprimento das decisões da categoria nas assembléias".

Realmente, essa organização teve pleno êxito. E prova disso é que toda a categoria parou quando, numa segunda-feira do ano passado, foi decidida a greve. O único problema que a comissão de salários teve dificuldade de enfrentar — a possibilidade não havia sido prevista — foi a intervenção no sindicato, que comprometeu parcialmente o trabalho de organização.

Agora, no entanto, tudo na medida do possível tem sido levado em conta. É o próprio Osmar quem explica: "Valendo-nos da experiência do ano passado, e principalmente da intervenção em nosso sindicato, resolvemos que, além da fábrica, deveríamos também construir uma ligação com o bairro. Essa ligação não se limita apenas a locais, mas também à elaboração de um clima de apoio às nossas reivindicações, para ser usado em caso de emergência".

A verdade, entretanto, é que a campanha deste ano não se compara com a do ano passado, onde havia muito mais entusiasmo. O **Jornal do Brasil**, na edição de 24/2, tem uma explicação. A indiferença se deve ao que ele chama de **carnê do Lula** (desconto dos dias parados em prestações mensais), o que, além de ser de mau gosto, é também falso. Basta lembrar que nas greves dos metalúrgicos de São Paulo em nenhum momento se pensou em receber os dias parados. Além disso, os três sindicatos do ABC já formaram seu fundo de greve para fazer frente às dificuldades de uma paralisação.

Lula tem também uma forma de entender a apatia aparente dos trabalhadores: "O nível de consciência aumentou. Poderíamos dizer que, em termos de clima, 1979 estava melhor, mas a grande vantagem deste ano é que o nível de consciência dos trabalhadores aumentou muito e isso irá beneficiar o movimento pela campanha salarial porque as pessoas estão mais maduras."

João Lins Pereira, presidente do sindicato de São Caetano do Sul, também acha que no ano passado o trabalhador estava mais motivado, isso porque "eles hoje já fizeram greve e portanto já sabem o que é isso". João Lins não quis dizer com isso que a greve do ano passado saiu por curiosidade, mas que hoje o trabalhador está mais conscientizado. "É verdade que alguns estão ainda meditando, enquanto outros estão dispostos a tudo o que vier."

O raciocínio de João Lins se ajusta bem à afirmação de Valdo, metalúrgico da Volkswagen: "Este ano ainda estou na expectativa. Tudo está diferente do que aconteceu no ano passado, pois todos sabiam que teríamos greve. Acredito que atualmente todos os metalúrgicos de São Bernardo estão esperando o comando do sindicato".

A greve vem sendo levantada nas reuniões e assembléias e também na propaganda que os três sindicatos fazem junto aos trabalhadores. Mas afirmar que ela irá ocorrer, ninguém pode. José Cicote, diretor do sindicato de Santo André, diz: "São os trabalhadores metalúrgicos do ABC que vão resolver no momento exato. Nós estamos mobilizando para isso. Agora, se vai acontecer ou não, é outra coisa".

O clima favorável às negociações, que o governo federal parece querer construir, ao veicular "balões de ensaio" dizendo que a reivindicação do delegado sindical será concedida, e também através do ministro Delfim Netto, ao afirmar que as negociações serão rápidas, está sendo olhado com desconfiança pelos metalúrgicos, e é bem interpretada por **Lula**.

"As palavras de algumas autoridades representam o medo que elas têm da organização dos trabalhadores. Veja as contradições nos ministérios. A Secretaria de Planejamento fala de negociações rápidas. Ou os patrões cedem logo o que os trabalhadores querem ou o governo vai querer impor um acordo conveniente. De outro lado, a posição patronal do ministro do Trabalho, quando manda um recado por meio de um dirigente sindical, dizendo que, se se repetir 79, será feita uma nova intervenção no nosso sindicato, desta vez irrevogável. Esse ministro, que diz ter Carteira de Trabalho, mostra que os altos cargos e os altos salários fizeram ele mudar de lado. Se pensa com isso nos amedrontar, aqui vai um aviso para ele: nem os trabalhadores terão medo e nem tampouco os dirigentes sindicais vêem seus cargos como emprego efetivo. Por isso, se houver intransigência patronal, a dose de 79 será repetida."

Osmar, que no ano passado perdeu o emprego por causa da greve, além de ser um dos assinantes do **carnê do Lula**, não tem dúvidas em afirmar que "os metalúrgicos de São Bernardo têm clareza de que a greve depende dos patrões. Nossa organização está montada. O clima para greve é dominante em todos os locais de trabalho". Isso é o suficiente para confirmar as palavras de **Lula** e desmentir o **JB**, quando afirma que os trabalhadores estão com os dias parados na garganta.

No ano passado, as negociações foram travadas com a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, a Fiesp. Este ano os trabalhadores procurarão os sindicatos patronais (cerca de vinte). A mudança é explicada por **Lula**: "Os patrões sempre mandam pessoas sem poder de decisão e até mesmo despreparadas. Como achamos que é o sindicato que deve tratar do interesse de seus filiados, escolhemos esta forma, evitando a Fiesp".

O mês de março marcará o auge da campanha, quando serão realizadas várias assembléias, sempre em conjunto, pelos três sindicatos do ABC, ao mesmo tempo em que as negociações com os patrões serão desenvolvidas. O clima para a utilização da greve, como forma de pressionar os empregadores, é muito favorável.

Reportagem de Silvio de Souza

DEPUTADO PEDE DESAPROPRIAÇÃO DO PROJETO JARI

O projeto ocupa, no Pará e Amapá, uma área de 37 mil km2

O território da Holanda só tem 36 mil km2

Câmara Federal denuncia apoio ilegal de Geisel a Daniel Ludwig

O deputado Modesto da Silveira (PMDB-RJ), relator da Comissão da Câmara dos Deputados que investiga o Projeto Jari na Amazônia, pediu sua imediata desapropriação pelo governo brasileiro. Motivo: a corrupção que envolve sua instalação e os problemas de segurança nacional que o país terá depois da morte do dono do projeto, o milionário norte-americano Daniel Ludwig, hoje com 82 anos. Modesto quer também um inquérito para apurar ações de favorecimento do grupo multinacional por parte de alguns funcionários do governo, como o chefe da Casa Civil, general Golbery do Couto e Silva, e do secretário particular do presidente Figueiredo, Heitor de Aquino.

Modesto: Jari não trouxe nenhum benefício pro país

A Bélgica tem 30 mil

A Alemanha Ocidental, 24 mil

O BNDE (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico) avalizou um empréstimo de US$ 150 milhões para o Projeto Jari, do norte-americano Daniel Ludwig, contrariando a legislação que o proíbe de dar financiamentos ou aval a empresas estrangeiras.

As investigações da Câmara dos Deputados chegaram à conclusão de que o Projeto Jari não trouxe nenhum benefício social para o país — gerou apenas uma favela de 20 mil pessoas na Amazônia, em que os habitantes vivem de salário mínimo — e criou um problema sério de segurança nacional. O Jari ocupa uma vasta área de fronteira do Brasil com as Guianas, onde quase não existe população e o governo não tem como controlar.

Além disso, o projeto foi implantado burlando várias leis brasileiras. O grupo americano foi autorizado pelo presidente Ernesto Geisel a importar todos os equipamentos de que necessitava, ignorando a Lei do Similar Nacional, que proíbe a importação do que se pode fabricar no país. Essa importação foi feita apesar dos protestos da Associação Brasileira para o Desenvolvimento da Indústria de Base e do Sindicato da Indústria de Construção Naval.

Para apoiar o Jari, o governo Geisel baixou uma **Exposição de Motivos Interministerial**, considerando o empreendimento de "elevado interesse regional" e importante para o país. Com base nesse documento, o grupo recebeu isenção de imposto para importar, entre 1976 e 1985, cerca de US$ 370 milhões e ainda foi dispensado de pagar Imposto sobre Produtos Industrializados, Imposto de Renda, impostos municipais e até a Taxa Rodoviária Única para os seus 5 mil veículos.

Embora o governo dissesse que o Jari não tinha qualquer incentivo fiscal ou financeiro, a realidade constatada pelos deputados foi outra totalmente diferente. O povo brasileiro estava pagando — ao deixar o governo de cobrar impostos — para o bilionário Daniel Ludwig montar seu império na Amazônia.

Governo ajudou a tomar terras

Os deputados constataram ainda grandes irregularidades nos títulos de terras que a Jari está tentando registrar. Verificou-se que existem, pelo menos, cinco versões diferentes sobre a extensão do Jari.

A versão do ministro do Interior, Mário Andreazza, que é de 450 mil a 600 mil hectares, contada em seu depoimento na Câmara, é considerada ingênua.

O presidente do Incra (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), Paulo Yokota, tem uma outra, bem mais moderada: a dimensão seria 430 mil hectares, mas somente 93 mil hectares estariam registrados legalmente.

Uma terceira versão é do próprio Incra, em relatório à comissão, indicando que já estão cadastrados 1 milhão de hectares para efeito de cobrança de tributos. Isso significa que a empresa está ocupando esta área e poderá exigir sua posse dentro de mais 10 anos, comprovando o pagamento de tributos.

O presidente da Entrerios Comércio e Indústria (empresa que administra o Projeto Jari e é a **holding** das companhias de Daniel Ludwig no Brasil), Francisco Posser de Andrade, disse, em seu depoimento à comissão, que a empresa já considera como áreas legítimas de sua propriedade um total de 1.632.000 hectares. Mas, segundo adiantou, a empresa está tentando reunir a documentação para legitimar mais 3.522.168 hectares. Ele acredita que se todos os títulos de posse da Jari forem reconhecidos, ela poderá tornar-se dona de uma área de 6 milhões ha.

Os títulos de posse que a Jari está apresentando são tão absurdos que prevêem a posse de terras numa área de mil quilômetros, que vai do Brasil até dentro do território da República do Suriname. O deputado Modesto da Silveira observa que, se a empresa insistir na posse dessa área no país vizinho, poderá até criar um problema de fronteira grave para o Brasil.

Na realidade, a Jari comprou, a preço simbólico, um título de propriedade totalmente irregular de uma fazenda no município de Almeirin. O título indica que a fazenda tem apenas 25 quilômetros de frente por mil quilômetros de fundo, ou seja, uma extensão maior do que a de muitos estados brasileiros. A legalidade desse título vem sendo contestada por alguns órgãos oficiais. Mas a contestação é muito cuidadosa. Em 1976, o Incra entrou com uma ação judicial contra a Jari e o chefe do Gabinete Civil da Presidência, general Golbery do Couto e Silva, enviou ofício ao ministro da Agricultura pedindo providências.

O relatório mostra também que o plano de deixar o Projeto Jari como herança para uma fundação de combate ao câncer, da Suíça, é uma manobra do bilionário Ludwig. A fundação, na verdade, está registrada, mas em nenhum de seus artigos está dito que ela será do governo suíço. A fundação é registrada como uma sociedade comercial, e seu principal acionista é o próprio Ludwig. Assim, quando ele morrer, o Projeto Jari fica como herança para uma entidade de "assistência social". Mas nos Estados Unidos, em seu testamento particular, ele pode deixar a fundação de herança para alguma outra nação que esteja financiando seu projeto de ocupação de áreas no Brasil.

UM IMPÉRIO QUE BUSCA PARAÍSOS FISCAIS. E ACHA

A cabeça do império de Daniel Keith Ludwig é a National Bulk Carriers (NBK), sediada em Nova York. Trata-se de uma empresa de transporte marítimo, especializada em petróleo. A NBK controla a Oceanic Tankship (OT), sediada no paraíso fiscal do Panamá. Paraíso fiscal é o nome que o mundo financeiro dá a certos países que se prestam a proteger toda a sorte de mutretagem das multinacionais. A OT, por seu turno, controla outra empresa em outro paraíso fiscal: a Universe Tankship (UT), na Libéria, Africa. E é através da UT que o Grupo Ludwig chega ao Brasil.

A UT controla duas grandes empresas no país: a Jari Florestal, com sede em Belém, e a Entrerios Comércio e Administração, com sede no Rio de Janeiro. A Jari tem três subsidiárias, todas ligadas ao faraônico projeto no Amapá: a Madeiras do Jari, a Navegação Sion e a Navegação Jari. A Entrerios, por seu turno, é especializada em montar associações com testas-de-ferro brasileiros e na criação de empresas fantasmas (só existem no papel) de mineração. Dessa forma, além de oito "empresas" de mineração, a Entrerios participa de sociedades com o conhecido testa-de-ferro Augusto Trajano de Azevedo Antunes, da Veragro (empresa agropecuária) e da EBM (que explora as minas de ferro de Águas Claras), e faz parte também da Companhia de Seguros Universal.

HOMENS E MULHERES DISCUTEM O "ATO SOLITÁRIO"

MASTURBAÇÃO CHEGA ÀS RUAS

Reportagem de Gleise de Castro, Terezinha Aparecida Helio Belik, Ricardo Faria, Rivaldo Chinen, Alex Solnik Chiquito Chaves, Roberto Musauer e Fabio Watson

Cada vez mais as pessoas estão se masturbando em lugares públicos. Na rua, banheiros, praias, cinemas, estações. Às vezes é para começar uma transa homossexual, outras é um gesto solitário mesmo — com a vantagem de que na praia, por exemplo, a motivação existe ao vivo. Quem se exibe geralmente é o homem, a não ser no carnaval (veja foto). Mas este não foi o único assunto da reportagem. Aliás, o assunto surgiu porque muitas entrevistadas reclamaram das pessoas "que fazem no descoberto". Adultos e adolescentes, anônimos e artistas, jogadores de futebol, um padre e um sexólogo contaram ao REPORTER por que se masturbam. Coisa tão antiga que a palavra masturbação surgiu no século I d.C. e quer dizer em português "sujar com a mão".

Foto de Chiquito Chaves

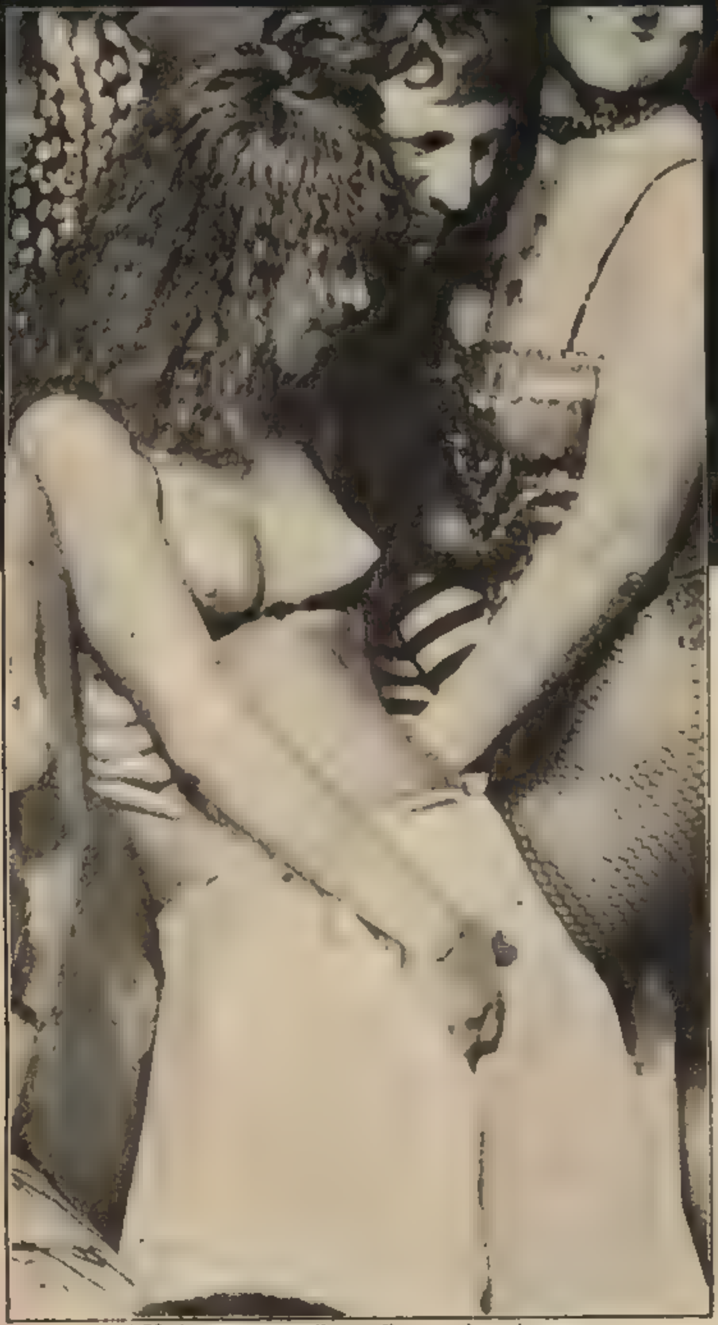


Foto de A. Cavalcanti

Rio, carnaval 80: homens e mulheres fizeram de tudo

Quando Onan encontrou a maneira de se satisfazer sozinho, sem contato com a mulher com quem casou obrigado por Jeová (Deus), ele não sabia que estava começando algo que a humanidade toda iria fazer dali pra frente. E chamaria a coisa por uma palavra derivada de Onan: onanismo. Mas o nome mais "comercial" surgiria no século I d.C., escrito pela primeira vez pelo poeta romano Marcial: **masturbare**. Diz o sexólogo paulista Salomão Rabinovitch que o poeta montou essa palavra juntando outras duas: **manu** e **estuprare**. Em português, **sujar com as mãos**.

No Brasil, tanto onanismo quanto masturbação são palavras pouco conhecidas. O povo chama de **punheta; punhetagem; descascar uma banana, uma abobrinha, um sabiá, uma bronha; enriçá o pincel; puxá um carrinho de mão.** Pela quantidade de sinônimos se vê o quanto o ato é popular o que não quer dizer que as pessoas falem disso tranquilamente.

Pelo contrário. Muita gente nem sabe do que se trata. Como Socorro Araújo Silva, dona-de-casa de 34 anos, dois filhos, moradora no bairro de São Domingos, periferia de São Paulo:

— A gente não conhece isso, acho que porque sempre vivemos presa em casa.

— Uma vez, no colégio onde eu estudava, veio um moço ensinar sexualidade — conta a cunhada de Socorro, Francisca Almeida Nascimento, 26 anos. — Ele não conseguiu nem começar, pois logo veio o diretor da escola, um padre, e foi logo gritando que isso não era coisa da religião que Deus deixou. Então a gente não fica sabendo de nada desses assuntos, né?

Uma vizinha delas, Sonia Maria da Silva, 20 anos, revela que suas amigas mais novas perguntam se masturbação faz mal, se perde a virgindade.

— Dependendo da colega, digo que faz mal sim — diz Sonia.

Ela mesma encara masturbação com muitas dúvidas:

— Acho uma coisa comum, boa, mas proibida. Não pratico, mas acho boa, porque mata o desejo.

Lucimar Pires dos Santos, outra vizinha, 27 anos, mostra como a desinformação é grande:

— Eu não sabia que mulher fazia isso. Foi meu marido quem me contou.

A desinformação leva

algumas mulheres a menosprezar as que se masturbam:

— Mulher que faz isso é frouxa, é ruim, não consegue arrumar homem — garante a empregada doméstica Maria Nilda, 26 anos. No que é apoiada por Glauce Maria Gouveia Dias, 19 anos:

— Não pratico porque acho que não tenho precisão. Algumas mulheres precisam porque não têm onde arranjar homem.

Pra provar, conta a história de uma amiga:

— Ela era muito preta, com o cabelo arrepiado, e quando tinha tesão passava a mão "nessas partes" e chegava a enfiar banana, dessas de enfeite. Nunca teve relações com homem e ficava tarada quando via um.

As mulheres têm certeza de que os homens se masturbam mais do que elas. E também acusam os homens de se masturbarem em público.

— Homem tem mais necessidade. Se ele não fizer, ele morre — é a opinião de Hilma de Lima Santos, 24 anos, garçonete. — Conheço o caso de um homem que não conseguia chegar numa mulher e fazia masturbação em público.

TINHA PRAZER COM O NARIZ DO MICKEY

— Esse negócio de homem se masturbar em público é tara — critica Sonia Maria.

— Tem muitos que fazem escondido — concorda Francisca. — Agora, esses que fazem no descoberto acho que é sem-vergonhice mesmo.

O serralheiro Justino Brito dos Santos, 42 anos, de São Paulo, acha que as mulheres "fazem" muito mais do que os homens e até explica como:

— Garanto que a maior parte das mulheres bate punheta com o calcanhar ou com uma banana. Eu já tive uma nêga, a Chiquinha Preta, que me disse que gozava duas vezes no banheiro quando pensava em mim.

Justino não tem vergonha em falar de si mesmo:

— A primeira vez que eu **descasquei um sabiá** foi com 14 anos. Eu tava em cima de um pé de árvore. Quando escapuliu aquele troço o susto foi tanto que fiquei até meio tonto. Caí de bunda no chão.

Até hoje ele tem "essa necessidade":

— Diz que Deus não serve com uma coisa dessas, mas cada qual se vale do que tem.

Metade da sua vida Justino passou num puteiro. Lembra que as meninas inventavam muitas poesias com masturbação no meio. De duas se recorda bem:

— A punheta bem batida/ Só na mão de reservista/ Os culhão fica ligeiro/ E a galą some de vista.

— Dona Maria com seu bole-bole/ Tá com o peito duro/ E o tabaco mole/ No tempo da trovoada/ Os pássaros molham o bico/ As meninas de hoje em dia/ Enfiam o dedo no periquito.

Ainda tem gente achando que **punheta** "faz mal pra saúde e pra responsabilidade", como diz o operário Raimundo Carlos de Morais, 29 anos:

— Eu vi com meus olhos o médico de Cajazeira, dr. Júlio, rejeitá de receitá um moço da cidade. Ele já tava tão fraco e abatido que o dr. falou: "Tenha vergonha, cabra safado; vai pra casa e deixa de pensá nisso daí".

Raimundo se convenceu de que masturbação deixa "o sangue ruim", dá calo na mão, "incha os peito" e até emagrece, como aconteceu com um conhecido seu:

— De tão viciado, foi magrando, magrando, até que foi internado no hospital.

Mas nem todo operário pensa assim. O problema do metalúrgico Edivaldo Teles Lopes, 21 anos, é ter um lugar onde se masturbar sozinho:

— Na cama, antes de dormir, tem dia que eu fico louco. Prendo a boca pra não fazer barulho (tem mais duas pessoas no quarto), me jogo pra beirada da cama e fico assim até gozar. Aí, e só assim, durmo numa boa.

Para Edivaldo, "punheta é uma coisa simples: a pessoa tá num sufoco e tem que se contentar de alguma forma":

— Acontece quando o sujeito tá no banheiro e começa a se esfregar com o sabonete até sentir aquela quentura. Punheta é o jeito.

O sufoco, no caso da professora de inglês Cynthia Margaret Almeida Prado, 28 anos, acontece porque não tem marido:

— Eu sou separada, sabe. Quando a vontade é muito grande e não tem ninguém pra transar, daí eu me masturbo.

Ela explica como:

— Faço com o dedo no clitoris movimentos circulares. A primeira vez que me masturbei eu tinha oito anos. Mas só cheguei ao orgasmo aos 12, com o chuveirinho do bidê bem forte.

Laura Maria Figueiredo, 19 anos, estudante de teatro, sempre chega ao orgasmo se masturbando; numa relação sexual, nem sempre. Mesmo assim, prefere a relação:

— Eu me masturbo, sim, mas não tem regularidade. Depois, pinta um vazio não muito forte,mas de qualquer forma um sentimento de solidão. Mas tudo bem. Acho bom me masturbar. Mas acho também perigoso se você se acomodar e evitar relações, preferindo a masturbação. No fundo, mesmo sem prazer, eu prefiro a relação sexual porque é outro papo, é o calor de outra pessoa.

Esse calor também atrai mais a dançarina Solange Camargo, 26 anos. Diferente das outras mulheres, ela nunca chega ao orgasmo com a masturbação. Só com um homem:

— É uma coisa tão difícil... Sozinha, é impossível.

Solange lembra que aos 12 anos gostava de se masturbar com o nariz de um **Mickey Mouse** de pano. Por isso, hoje, ainda gosta de ter uma almofada por perto. Mas deixa bem claro o que prefere:

— Atualmente não me masturbo, porque trepo. Quer dizer, a masturbação aparece às vezes como sensibilização, pode ser até antes de uma

Campeonato de bronha na Copa da Alemanha

Os jogadores brasileiros ficaram dois meses concentrados na Alemanha, na Copa do Mundo de 74. Um dos selecionados, o beque Alfredo Mostarda, do Palmeiras, diz que o sufoco era grande

— Nos treinos, só bagulho vinha pedir autógrafo. Você olhava debaixo do braço e via aqueles pêlos todos

Pra desafogar um pouco, a Comissão Técnica deu uma folga de uma noite na Suíça, que não foi nem comentada na época pra não atrapalhar os jogadores casados

— Não conseguimos nada na boate. As mulheres eram muito caras. O Piazza, que falava inglês, conversou com elas. Era 600 paus pra dar uma trepadinha de galo, e 1200 a noite toda. Caro demais

Outro desafogo foi quando, na volta para concentração, os jogadores compraram um projetor e alguns filmes pornográficos, tudo sonoro. E faziam sessões na concentração

Nesse ambiente de filme pornográfico, um que não se segurou foi o Piazza. Bateu uma, ficou de pau duro e bateu outra em seguida.

Quem não se segurava também era o goleiro Valdir Peres e o ponta Dirceu: faziam até campeonato de punheta

— Eles apostavam quem batia mais. Um vinha e dizia: hoje dei quatro; e o outro: e eu dei cinco.

Tudo depende da pessoa, diz Alfredo

— Se a pessoa não pensar em nada, não vir nada, não tem problema. Pelo menos, pra mim, que sou casado. Agora, se ficar na concentração pensando: hoje, se eu não pegar uma mulher, eu tô fudido, aí não tem jeito

Masturbação não é assunto que agrada o jogador. O veterano Valdir Moraes, ex-goleiro, hoje auxiliar de técnico, garante que "em 32 anos de futebol nunca vi um caso de masturbação". Pedrinho, lateral esquerdo do Palmeiras e da seleção, concorda em parte:

Beto Fuscão: 'Na concentração é uma prática constante"

Fotos de Wagner Avancini

Alfredo e a Copa de 74: "Quanta masturbação!"

— O jogador geralmente está a caminho do amadurecimento, não precisa fazer uso disso. Eu sou contra. Acho que a masturbação prejudica

Com 22 anos, Pedrinho acha que o problema da masturbação nas concentrações deve ser resolvido de alguma maneira. Por exemplo: permitindo que os jogadores levem consigo suas mulheres, como já acontece na Europa

O médico do clube não fala sobre masturbação ao jogador. Pelo menos é o caso do médico do Palmeiras, Luís Carlos Scarpelli. Ele diz que não é o único a proceder assim, porque simplesmente nunca foi procurado por um jogador pra esse tipo de conversa. Mas acha "válida a masturbação, até um certo limite". Uma vez, numa concentração, ele quase pegou um jogador se masturbando

— Entrei no quarto pra fazer revisão e vi um jogador fazendo movimentos rápidos, como quem se masturba. Inclusive, é um jogador casado. Não falei nada pra ele, não tive coragem de comentar. Foi o único caso que eu presenciei nos meus dois anos de futebol

O beque Beto Fuscão, nove anos na profissão, acha que "no futebol brasileiro ninguém ainda se preocupou com esses problemas, como a masturbação, mas sem dúvida que ninguém gosta de uma concentração prolongada. Mas o problema é importante e ainda vai ser discutido um dia, quando a própria classe se reunir pra falar sobre isso. No futebol europeu se conversa muito sobre esses assuntos. Aqui, não. Pra se ter uma idéia a nossa profissão foi regularizada somente há pouco tempo"

Nas concentrações que você conheceu a masturbação é constante?

— É uma prática constante. Claro que no fim pode causar sérios problemas. Só conversando com o doutor mesmo. O doutor é uma pessoa muito mais instruída e pode conhecer mais profundamente esse problema

trepada, o que é muito bom, facilita o orgasmo.

Solange se apavorava, na infância, só de pensar em contar ao padre sobre masturbação. Imaginava os castigos mais terríveis. Aliás, mesmo para se masturbar, ela fantasiava. Só se masturbava depois de imaginar uma história, com cenário e tudo, história na qual ela era sempre estuprada. Depois que contou ao padre pela primeira vez, ficou aliviada: o castigo era rezar um Padre-Nosso e três Ave-Marias.

A estudante paulista Bernardete, 17 anos, foi mais radical e se masturbou pela primeira vez numa ocasião religiosa:

— Comecei a me masturbar com oito anos, bem no dia da minha primeira comunhão.

Veio o remorso:

— Eu pensava: que heresia, que pecado, será que o padre vai me salvar?

Mas cadê coragem? Ela nunca tocou nisso nas confissões:

— Só inventava coisas no confessionário. Morria de medo de falar na masturbação.

Essa foi também a saída do sergipano Manfredo Bahia, ator de teatro em São Paulo. Desde pequeno ele era coroinha, "sem deixar de fazer punheta", como se diz no Sergipe. Pra não ter que confessar isso ao padre toda hora, ele achou uma solução original: sabendo que o castigo era um Padre-Nosso e três Ave-Marias, não confessava nada: fazia punheta e rezava em seguida.

A gerente da Livraria Duas Cidades, de São Paulo, Maria Antonia Pavan, 33 anos, nunca confessou ao padre seus "atos solitários" (como os padres conservadores chamam):

— Tinha medo do inferno, era o fim do mundo.

No colégio, Maria Antonia teve um professor de Ciências que dizia que a "masturbação leva ao vício, o que prejudica a vida sexual posterior". Com tudo isso, ela só conheceu a palavra masturbação aos 14 anos:

— Conheci a palavra num livro que explicava as diversas fases da masturbação. Então, eu fiz pra experimentar.

A experiência não durou muito:

— No começo, senti uma sensação de culpa, achava que aquilo era prejudicial pra saúde. Talvez por isso, pela culpa, eu não tenha continuado.

Para a maioria das pessoas, masturbação é coisa de adolescente. Uma fase, depois passa. Aceitável enquanto o jovem não consegue arranjar homem ou mulher. Mas os próprios adolescentes contestam isso. Como um menino de 15 anos, do bairro de São Domingos, em São Paulo. Pedro Tenório Cavalcante Filho diz que os casados também batem:

— Tem muito cara que já acostumou da mulher e fica batendo punheta.

Outro de 15 anos, Donizete do Carmo, não nega do que gosta:

— Descascar banana é coisa boa. Faço isso sempre que vou tomar banho.

Num bar da avenida Paulista, em São Paulo, um grupo de estudantes dos dois sexos, entre 16 e 18 anos, vibrou ao saber que a entrevista era sobre masturbação:

— Oba, que legal! — gritaram Rubens, Valéria, Vladimir e Bernardete. Todos contaram que se masturbam:

— Aprendi tudo na escola, com professores e colegas — diz Emi, 16 anos — mas a relação deve ser um negócio bem mais gostoso.

— Me masturbo quando vejo qualquer negócio que lembre sexo: uma cena erótica, uma foto, um filme — conta Valéria, 18 anos. — Faço com ginástica. Um dia vi na tevê uma aula de ioga e tinha um movimento que eu vi que era bom pra se masturbar. É uma sensação e tanto!

Para Vladimir, "quem não se masturba é doente":

— Acho um barato. Um prazer, sei lá. Quando a transa com uma menina acaba eu começo a me masturbar através das recordações.

Cartaz do Cine Marrocos (SP) convida à masturbação

A técnica do banhista: deita em cima e manda ver

Exibicionista pego em flagrante

Um senhor estava se masturbando há algum tempo no banheiro da barca Rio-Niterói. Quando a barca encostou ele desceu e correu direto para o banheiro da estação de Niterói. Foi então que o repórter o abordou. Ele estava assustado, suando. Primeiro, não conhecia a palavra masturbação. Quando soube, sua primeira reação foi dizer

— Meu negócio é mulher.

Não disse o nome, só a idade: 60 anos.

— Eu sempre trabalhei na lavoura. No meu tempo essas coisas era muito vergonhoso. Era feito escondido no mato. Hoje em dia ninguém tem mais vergonha. Nesses banheiros da cidade todo mundo toca.

E o senhor?

— Eu não faço mais essas coisas por causa da idade.

Tá, mas por que o senhor acha que as pessoas tocam?

— Ah! É pra aliviar, né?

O senhor pensa em alguém, quando o senhor toca?

— Mas eu não toco mais punheta.

Então, quando o senhor tocava, em que o senhor pensava?

— Em alguém que eu via e gostava.

E agora?

— Olha, eu estou atrasado pra ir pro INPS

Só mais uma perguntinha: o senhor não fica com medo de pegarem o senhor se masturbando?

— Eu não faço mais essas coisas.

Mas eu vi o senhor tocando no banheiro.

— Eu... Eu não, eu tava mijando. Com esse problema de coluna fico muito tempo pra mijar

Assustado, olhou o relógio e foi embora.

Banheiros públicos de estações de trem, barcas, cinemas, escadarias, praias são lugares onde se encontra gente — sempre homens — se masturbando. Nos banheiros, a masturbação está ligada ao homossexualismo: é o primeiro ato de aproximação Um se exibe, masturbando-se, para o outro ver. E escolher

— Logo quando eu chego na estação das barcas vou direto pro banheiro. Sempre pinta uma transa boa. Eu fico lá dentro uns dez minutos me masturbando e sacando os caras. Sempre chega um que fica do meu lado

Quem conta isso é Antonio, auxiliar de escritório, morador em São Gonçalo, confins do Rio Tem 20 anos e justifica o que faz

— Depois de um dia de trabalho, tenho que descarregar...

O bancário Luís Fernando, 30 anos, gosta de masturbação de todo jeito. Gosta até de ver outros se masturbarem na sua frente. Diz que com 12 anos chegava a tocar até cinco por dia, mas foi no quartel que começou a tocar para outros e vice-versa:

No Aterro do Flamengo (RJ) ele se acaricia em paz

— Um amigo começou a falar em mulher e ficamos excitados. Cada um começou a se masturbar. Aí eu falei para ele: toca em mim que eu toco em você e aquela coisa toda...

Essa mania Luís Fernando não perdeu:

— Eu moro em Niterói e trabalho no Rio. Sempre pego a barca e se encontro alguém legal me masturbo. Se ele gostar, tudo bem, a gente pode até fazer um programa.

No banheiro da Central do Brasil (estação ferroviária), no Rio, José Soares, 21 anos, se considera "muito visado porque tenho pau grande". Diz que aparece no banheiro "só quando passo pela cidade" e desabafa, desbaratinando:

— É preciso acabar com essa viadagem no banheiro, pra ver se a gente consegue mijar em paz

José Soares conta que "os viados daqui já me ofereceram 300 paus por uma trepada", mas ele nunca topou. Nega também que faça alguma coisa no banheiro, embora seja apontado por todos como frequentador assíduo

— Não toco punheta. Eu acho que isso é pra um cara que é feio, não se veste bem, é incapaz de arranjar uma mulher

A masturbação nas praias do Rio também é frequente, segundo o relato de um policial que não quis se identificar:

— Na praia, quase todos os dias há mulheres se queixando de que têm caras tocando punheta quase em cima delas. Veja você, eles são espertos. Tinha um que se sentava na areia e fingia ler jornal. Ele fazia um buraquinho no jornal por onde olhava as mulheres enquanto tocava punheta

Do Flamengo ao Arpoador, a masturbação corre solta, pois não falta motivação. Dizem os conhecedores que o "paraíso dos punheteiros" é a praia do Flamengo, com muitas árvores, lugares isolados e muita areia. Dizem também que uma das maneiras para se masturbar na areia mesmo, sem ser visto, consiste em abrir um buraco no chão e se deitar de bruços. Outros preferem dentro dágua mesmo, cobertos até a cintura

PRO SEXÓLOGO, TUDO BEM: NÃO É DOENÇA

Com todo cuidado, o sexólogo paulista Salomão Rabinovitch fala de masturbação. Aliás, nem chama de masturbação e, sim, manipulação.

— O sentimento de culpa acompanha o ato desde o início da civilização judaico-cristã, que via o sexo não como prazer, mas como procriação.

O sentimento permanece em muita gente, enquanto outros encaram com mais naturalidade:

— Há casais onde o parceiro abandona o coito no meio e vai satisfazer-se sozinho no banheiro.

Isso não traz problemas pro casal?

— Cada casal encontra sua maneira de amar. Desde que encare que o prazer pode ser alcançado de várias maneiras, não há problema nenhum.

Masturbação não é doença. Nem quando a pessoa só se masturba:

— Não são doentes. São pessoas que têm dificuldade de se relacionar com os outros. Não são loucos, tampouco.

A menina é a primeira a descobrir o local da masturbação, mas é o menino quem passa por experiências diferentes:

— Os meninos costumam se reunir em grupo e fazer diversos concursos. Quem consegue um número maior de vezes, quem ejacula mais longe... Isso faz parte da infância, da adolescência do menino. Muitas vezes, porque o pai não orienta. Na verdade, ele também não sabe o que dizer. As pessoas não têm informações sobre o sexo, não conhecem o próprio corpo. O pai pensa: eu aprendi na rua, ele também vai aprender.

Por causa da falta de informação todo mundo procura publicações e filmes sobre sexo:

— As pessoas vão não porque estão liberadas, encaram o sexo com naturalidade; vão se informar, ver se descobrem alguma coisa, procuram uma luz. Os tabus sexuais não caíram apesar de se ver *topless* na praia, filmes pornográficos aos montes.

Fotos de Wagner Avancini

Cada casal encontra seu jeito de amar

PRO PADRE, É PECADO SIM: EGOÍSMO

É pecado, sim. O pároco da Igreja Imaculada Conceição, em São Paulo, frei Ismael Martignago, explica que "o mundo de hoje não nega o pecado em si; o pecado é um **não** ao amor, é um **não** à vida, é um **sim** ao egoísmo, ao egocentrismo. A masturbação também é um gesto de egoísmo, é uma recusa da pessoa contra o próprio amadurecimento, é uma involução da pessoa que se fixa em si mesma, é quase que uma recusa de ser gente em plenitude".

Mas frei Ismael não é conservador. Professor de Teologia Moral, reconhece:

— A moral cristã não é escravidão a um código de leis, não é uma contabilidade regulada pelo ativo-passivo. Quem ama não precisa de lei. Sabe no momento certo as coisas certas que deve fazer.

Em parte, a própria Igreja pode levar uma pessoa à masturbação:

— Toda educação repressiva é masturbatória, porque é frustrante. Num passado não muito remoto, em muitas áreas da Igreja, a educação era alarmista, repressiva, principalmente em colégios internos.

Mas a família tambem pode ser responsável:

— Num casamento infeliz, as brigas entre pai e mãe atingem principalmente a menina. Mais tarde, ela talvez até sendo mãe de vários filhos, não consegue ter prazer sexual com o marido. Então se masturba.

Celibatário consciente não precisa

Na juventude é coisa compreensível; depois, é problema:

— A maioria dos jovens passa por uma etapa masturbatória, e isso é compreensível. Dependendo do ambiente, o percentual chega a 80, 90 e até 99%. No ambiente rural, a incidência é menor, muito menor. No sexo masculino, a incidência é em dobro. Existem adultos de meia-idade, de idade avançada, que se masturbam. Uns não superaram a fase masturbatória da adolescência e precisam de tratamento, não por causa da masturbação em si, mas pelos problemas que gera o costume insuperável de se masturbar. Outros, por solidão causada pela viuvez ou pelo celibato forçado. Quem entra numa síndrome masturbatória não sabe o mal que pratica contra si próprio.

Frei Ismael, também celibatário, diz que "as pessoas que se dedicam ao celibato por uma opção bem consciente dificilmente se masturbam".

— Para isso é necessário uma grande capacidade de amar, maior que a capacidade comum. Exige estrutura interna forte e um bom equilíbrio emocional.

Por quem elas vão ao piano

● *REGINALDO FARIAS — Eu não quero e nem pretendo ser um símbolo sexual. Essa de símbolo é um lance capitalista para faturar. Se as mulheres me consideram um objeto de venda, se querem comprar um poster meu nu para procurarem se realizar, tudo bem. Mas eu, particularmente, acho isso ridículo. E garanto que nunca vou posar nu para revista nenhuma, porque não me considero um sabonete.*

● *FÁBIO JUNIOR — Será que isso acontece mesmo? Olha, essa situação das mulheres se realizarem com fotos minhas me envaidece e também é muito engraçada. Eu acho que as pessoas estão carentes afetivamente. Esse aspecto está uma bagunça muito grande e o homem está perdendo a sua postura como ser humano. A esse nível, eu considero a masturbação uma coisa doentia. Sei lá, mas não consigo conceber isso direito.*

● *KADU MOLITERNO — Isso me envaidece. Não conceituo essas pessoas que se masturbam vendo fotografias como doentes, mas acho que estão com falta de... de alguém. Não chega a ser uma neurose, mas também não deixa de ser um problema. É estranha e engraçada essa situação de motivar as mulheres através de minhas fotos. Eu daria um recado para essas garotas: arranjem um namorado. Essa de curtir foto não é uma boa.*

● *DANTON JARDIM — Quando a gente posa para revistas, não está prevendo o que vai acontecer na cabeça das pessoas. Cada pessoa absorve de uma maneira. Assim como os homens se realizam vendo fotos de mulheres nuas, as mulheres têm o direito de fazer o mesmo. Não é tara, mas apreciação do que lhe é devido. Se eu posar nu e evidenciar qualquer sensualidade a mulher tem o direito de sentir o que quiser. É humano e natural.*

Por quem eles tocam umazinha

● *BETTY FARIA — Se um cara faz isso é porque ele não está satisfeito com a sua companheira, não está com a cabeça feita. Isso pode acontecer também com os caras que estão sozinhos e ficam estimulados pelas fotos. Eu considero uma coisa natural. Eu namorei um rapaz que havia se realizado com uma foto minha antes de me conhecer. Ele estava vivendo com uma mulher, mas o relacionamento não ia bem e ele recorreu a minha fotografia publicada na Playboy. Quando ele me contou esse episódio eu morri de rir. Realmente, é uma coisa engraçada.*

● *BRUNA LOMBARDI — Não vendo uma imagem sexy. Além disso, não acho que as pessoas se liguem no clichê das mulheres que saem de biquíni nas revistas. As cabeças são muito mais ricas do que isso. Inclusive, o cara pode se masturbar pensando na vizinha dele, que é gorda, em vez de pensar em mim. Nunca pensei na possibilidade de alguém se masturbar por mim. Não me ligo nisso. Não consigo me enxergar nisso. Toda a transa das revistas eróticas é muito pouco erótica, pouco imaginativa...*

● *CHRISTIANE TORLONI — Eu posei recentemente para uma revista especializada, embora não estivesse totalmente despida. Mas não foi um lance de me jogar como produto de consumo. Eu queria fazer essas fotos porque admirava o trabalho da fotógrafa. Já havia perdido ótimos papéis em cinema porque os caras achavam que eu não tirava a roupa. Agora, eu mostrei que a coisa não é tão radical assim. Quebrei aquele tabu. Se existem caras que só se realizam através da masturbação, que se masturbem. Eu não condeno. Cada um com a sua tara. Tem homem que só fica satisfeito depois que fuma quatro maços de cigarros por dia. Outra tara. Uns compram fotos e outros cigarros. Eu nunca ouvi dizer que alguém tivesse se matado por fotos de mulher nua.*

● *MARTHA ANDERSON — Já fiz milhares de fotos seminua e considero humano e natural o fato dos homens se realizarem através delas. A mulher, embora esconda, também sente prazer fazendo isso. Se eu tomo conhecimento de que um cara se masturbou motivado por uma foto minha, primeiro fico coradinha, depois entendo já que o provoquei com minha sensualidade e, por último, lamento ter sido possuída sem amar o tal homem. Seria melhor se eu estivesse presente de corpo e alma na transação.*

● *PEPITA RODRIGUES — Olha, não sou contra essas revistas de nu, acho até que se os modelos forem bonitos farão um bem para os olhos de quem as compra. Agora, realizar-se sexualmente através dessas fotos é muita pobreza. Tá certo que se eu soubesse de algum cara que tivesse chegado ao êxtase com uma foto minha ficaria envaidecida. Mas eu acho que seria mais válido ele estar com outra mulher pensando em mim. Sozinho e com uma foto é algo digno de pena.*

● *LADY FRANCISCO — Eu acho que estou fazendo um grande bem à sociedade, principalmente na iniciação sexual dos garotos. Eu recebo muitas cartas de meninos entre 15 e 22 anos, contando que se masturbam vendo minhas fotos. Eles descrevem o pensamento, a masturbação e chegam a pedir que eu lhes mande calcinhas usadas e fotos mais sexy. Eu acho incrível e considero uma homenagem ser pensamento dos homens que estão com tesão e sozinhos na cama. Eu também recebo muitas cartas de presidiários perguntando o que eu acho deles se masturbarem vendo minhas fotos. Eu acho que masturbação é muito bom, porque é uma ginástica para o órgão, que nunca vai ficar atrofiado. Pelo contrário, ele aumenta e fica maravilhoso.*

● *ZEZÉ MOTA — Essa situação faz bem para o nosso ego, ao mesmo tempo em que é uma loucura. É muito difícil para mim entender isso, porque nem quando era virgem eu me masturbava. Ainda mais agora que tenho possibilidades de ter o contato físico real. Bem, cada um faz o que lhe dá prazer. Mas eu vejo aí uma vitória da raça negra. Antes, a ariana era símbolo sexual, depois veio a mulata e, de repente, inventaram que eu era o mais recente símbolo sexual. Eu não sou contra esse tipo de masturbação.*

EM RECIFE,
OS BORDÉIS DE LUXO

Repórter vira prostituta e conta tudo

Nossa repórter Beth Salgueiro resolveu investigar, do lado de dentro, as altas transações ligadas à prostituição de luxo que se esconde por trás de agências de modelos fotográficos. Em dois dias ela conseguiu trabalho com uma das cafetinas mais famosas do Recife, passou no exame de corpo (a cafetina achou-a muito magra e aconselhou que ela "realçasse mais o traseiro"), teve seu michê fixado em Cr$ 3 mil e atendeu até o primeiro freguês que, informado da situação, ajudou-a na reportagem.

Fotos de Pedro Luis

No alto, à esquerda, a repórter, sentada no chão, perto da janela, conversando com as "colegas". Acima, uma delas acerta um encontro pelo telefone e a repórter espera sua vez. Ao lado, o prédio da cafetina Dione.

— É aqui que mora a Dione?

A mulher que me abriu a porta do apartamento — num edifício no centro comercial do Recife — era uma dona-de-casa agradável, bem vestida e ligeiramente perfumada. Uma senhora bem conservada e simpática. Sim, era ali que morava a Dione; inclusive estava falando com a própria. Será que eu não queria entrar?

No apartamento bem espaçoso e de pouca mobília, três mocinhas se esparramavam nas almofadas enquanto comentavam os melhores lances da novela que a televisão a cores jogava no ar. Todas trabalhavam com a Dione, uma mistura de dona-de-casa e cafetina.

Me apresentei dizendo que tinha acabado de chegar de Salvador e estava com dificuldades para conseguir emprego. E que algumas pessoas me aconselharam a procurá-la. Sua atitude mudou bruscamente: acabou-se a simpatia e passei a ser olhada com olhos de mercadoria avaliada pelo comprador. Rapidamente me levou para outra sala, longe das meninas, que se tinham ouvido a nossa conversa não ligaram a mínima e continuavam a ver televisão.

Primeiro, quis saber de tudo: como é que eu soube de sua existência, quem me havia dado seu endereço, se já havia transado com algum homem por dinheiro, se não tinha preconceito de fazer as coisas mais estranhas em matéria de sexo. Sobre minha saúde, se eu tinha feito exame ginecológico recentemente, ela não se mostrou interessada.

Então, começou a regatear. Disse que eu era muito magra, que provavelmente não seria possível trabalharmos juntas porque eu fugia dos padrões de mulheres de que dispunha. Inclusive, parecia uma *hippie*, imagine! Mas estava a fim de examinar meu corpo. Mandou que eu tirasse a roupa e desse umas voltinhas. Fez algumas críticas, só para me deixar bem claro quem era quem naquele jogo: quem mandava era ela. E eu já estava me sentindo como se fosse um pedaço de carne pendurado num açougue.

Logo, ela mudou de tática e disse que eu dava pra quebrar o galho, que tinha uma pele muito bonita e uma conversa interessante. Mas, não se esqueceu de me dar alguns conselhos: "Minha filha, homem gosta de mulher bem pintada e perfumada. Mulher bem vestida. Nada dessa carinha lavada e esses vestidinhos estampados. Use calças compridas justas, que realcem seu traseiro, porque essa é a parte preferida pelos machos. Todos eles gostam mesmo é de uma boa bunda. Nunca se esqueça de ser atenciosa, delicada e boa ouvinte, mesmo que a conversa lhe encha o saco. O freguês voltará sempre se você souber fazê-lo feliz".

Dione fixou meu cachê em Cr$ 3 mil e mandou que eu telefonasse diariamente ou aparecesse por lá, para saber das novidades. Ah, ela ia esquecendo: do meu cachê, 10% deveriam ser entregues a ela pelo agenciamento.

Passei uma semana frequentando o apartamento. Sentei nas almofadas, vi televisão e estremeci a cada toque do telefone. Conversei muito também. Soube que Dione tem o número de seu telefone nas portarias dos melhores hotéis e no caderninho dos executivos mais bem sucedidos da cidade. Ela atende a cada pedido depois de cobrar uma taxa de Cr$ 500,00, e sempre exige os 10% das garotas. O cliente diz a sua preferência por uma mulher assim ou assado, ela consulta o caderninho e põe os dois em contato. Tudo é feito através do telefone. Dione jamais viu seus clientes pessoalmente. Se o par quiser, ela pode alugar para o encontro um dos 15 apartamentos que mantém no edifício, cobrando mais uma taxa, que varia conforme o tempo gasto e as bebidas consumidas. Geralmente as garotas preferem ir para um motel.

As meninas, na sua frente, têm com ela um relacionamento na base do carinho e do respeito, mas quando ficam sozinhas mostram todo o seu rancor. Jane, moreninha arredondada que lixa sempre muito cuidadosamente as unhas, está ali há oito meses e assume todas as dificuldades da profissão, principalmente porque tem uma filha de dois anos que está com a mãe, no interior. É muito bonita e tem uma base de dois encontros por dia. Sobre Dione, diz:

— Ela é uma sanguessuga. Está enriquecendo à nossa custa. Se por azar a gente pega uma doença ou uma barriga, ela faz como fez com a Helô: dá um chute na bunda e diz para voltar só quando estiver em condições. O aborto fica por conta de cada uma. Pra ela, a gente só interessa enquanto puder ganhar bastante, pra também encher o rabo dela de dinheiro.

Glorinha, alta e loura, está até pensando em abandonar Dione, depois que descobriu que ela estava olhando pela porta entreaberta uma transação sua num dos apartamentos. "Essa mulher é louca", diz ela, gesticulando muito, como sempre:

— Ela não trepa e goza só de ver a gente trepar. No outro dia joguei isso na cara dela e ela negou, mas até hoje está implicando comigo. Só não saio daqui porque aqui a freguesia é fina e segura.

Dione diz que nunca transou por dinheiro, "graças a Deus", mas que não condena as meninas:

— Acho até que elas são muito corajosas em deitar com um homem muitas vezes repugnante. Mas acho que, já

que aceitam essa vida, têm a obrigação de servir o homem muito bem, porque ele está pagando. E esses caras têm muito dinheiro e são generosos. Já pensou se um deles se agrada de uma das meninas e casa com ela?

Bom, isso nunca aconteceu, mas Dione, raciocinando desse jeito, ficou rica. Em seis anos de trabalho como "empresária" tem quinze apartamentos (além daquele em que mora com o marido e os três filhos), uma Belina do ano e mais dois apartamentos alugados a famílias na praia de Boa Viagem, a mais fina da cidade. Atualmente trabalha com uma rede de quinze meninas, entre 17 e 25 anos, todas muito bonitas e elegantes. Algumas delas passam as tardes no apartamento, conversando bobagem, vendo televisão e ligadíssimas no telefone. A maioria prefere telefonar diariamente e deixar um número para recados.

Eu preferi passar as tardes no apartamento. No terceiro dia ligou um turista e, depois de uma ligeira discussão, a escolhida para "servi-lo" fui eu. Desconversei, disse que não estava preparada e não fui, mas notei que as meninas e a Dione me olhavam muito desconfiadas. No dia seguinte, a primeira ligação, logo no começo da tarde, foi ostensivamente oferecida a mim. Fiquei com medo de perder a reportagem, se recusasse, e resolvi entrar no jogo pra ver no que ia dar.

O cliente marcou encontro embaixo do prédio, e lá estava à minha espera dentro de um Fiat cor de chumbo. Era um jovem moreno, uma pessoa normal, que eu até poderia achar simpático se não estivesse tão tensa e nervosa. Não estava a fim de perder minha reportagem, mas não podia admitir a hipótese de ser comprada por 3 mil cruzeiros.

Fomos para o apartamento dele, próximo dali, batendo um papo besta sobre a cidade, ele que pensava que eu era de Salvador. Lá, algumas bebidinhas, beijinhos, abraços, e quando ela tentou começar a brincadeira resolvi contar-lhe tudo. Falei que era jornalista, que estava fazendo uma reportagem, me senti ridícula ali, mostrando a carteirinha de imprensa. O homem, de cara fechadíssima, eu esperando a todo momento uma chuva de bofetões, como nos melhores filmes, que passavam acelerados em minha cabeça.

De repente ele começou a rir sem parar. Falava que não entendia por que isso tinha de acontecer logo com ele. Falava e andava, me culpando por ter acabado com o seu tesão, e dizia que a pior coisa do mundo é a gente não satisfazer o tesão. Eu estava muda, mas começava a me irritar. Depois gritei também com ele, e então começamos a rir os dois. Logo estávamos conversando, ele dizendo que sempre teve muita vontade de ser jornalista. O resultado é que trabalhamos em conjunto nesta matéria. Ele conhecia profundamente o mercado e me confirmou muitas informações. Me deu outras tantas que eu, sozinha, jamais poderia obter.

E foi assim que aconteceu. Não voltei mais ao apartamento de Dione. Ela deve estar pensando que eu lhe passei a perna nos 10%.

Um dia no bordel: música, conversa à toa, todo mundo esperando o telefone tocar

"Alto nível" é oferecer moça de família

Fotógrafo profissional procura moças fotogênicas para trabalhos publicitários. Paga-se muito bem. Fone...

Anúncios como esse, publicados nos domingos nos classificados dos principais jornais do Recife, encobrem uma atividade que vem ganhando força no Nordeste: a das prostitutas de alto nível. Que não são, é claro, as prostitutas compulsórias, que chegam à cidade grande sem outra opção de trabalho e que deram ao Recife o apelido irônico de "Resífilis, a Venérea Brasileira". As novas prostitutas são mocinhas de boa família, bem vestidas e bem alimentadas, geralmente em busca de dinheiro fácil e emoções fortes.

Se no Rio e em São Paulo existe tal prática, por que o Recife ia ficar para trás? Na avenida Conde de Boa Vista, que liga o centro da cidade à Zona Norte, todos os edifícios da parte comercial funcionam como locuis de encontros, quase sempre sob o comando de uma mulher mais velha, que funciona como empresária.

No edifício Canadá, o contato é com a Eulália; no Sion, com Dione e Ari, esta última a mais famosa e antiga cafetina de primeira classe da cidade; no edifício Santa Rita, a Juliana e, no prédio ao lado, o Pirapama, são tantas as agências disfarçadas que nem vale a pena relacionar; no Pirapaminha, Ruth atende, pelo telefone, a clientes dos grandes hotéis; no Módulo, um edifício redondo que fica no fim da rua, funciona a célebre Lia. Além desses, em outros locais da cidade, também está em franco crescimento esse tipo de negócio: no cais José Mariano, Lina, Evaristo Galois e Zigmund Katz são especializados em meninas de menos de 18 anos, sendo que Katz chega ao requinte de oferecer a seus clientes colegiais trajando uniforme escolar. Na estrada da Imbiribeira fica a excitante mansão da Edith, que cobra quase 10 mil cruzeiros por uma transada com uma das garotas da casa, que é fechada, cercada de muros altos e cujo portão só se abre quando o freguês se identifica com três piscadelas do farol do carro. Aí, um porteiro abre a porta e, lá dentro só sabe o que se passa quem já entrou, mas é certo que as bebidas são sempre estrangeiras e que entre os clientes está gente muito importante, deputados, senadores, homens de negócio e até o ministro Mário Andreazza.

As meninas não têm INPS, é claro, e se ganham bem também gastam muito, principalmente em butiques. Poucas se preocupam em gastar dinheiro com uma revisão médica periódica. A maioria quer mesmo é comprar roupas, cosméticos, bijuterias, sapatos e discos. Além disso, vivem nos cabeleireiros e fazem massagens com frequência. Têm, em média, 23 anos, mas as mais novinhas estão começando no ramo aos 14, tão logo se tornam moças. No momento, a estrela dessas bonequinhas de luxo é a prostituta Cristiana, que saiu do Recife para o Rio e, segundo as antigas colegas, conseguiu sair pelada numa reportagem da Fatos *e* Fotos. *As que ficaram estão torcendo para que Cristiana consiga realizar o sonho de todas elas: trabalhar numa novela da Globo.*

ASSINE O JORNAL QUE NÃO TEM MEDO DE ASSINAR EMBAIXO.

BASTA LIGAR PARA 253-5031 OU MANDAR PELO CORREIO O CUPOM ABAIXO

Assine REPORTER

CUPOM DE ASSINATURA

- Assinatura por 12 edições: 250,00
— Envie cheque nominal ou vale postal para:

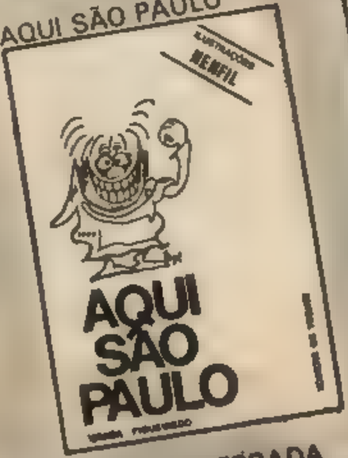
MARGEM EDITORIA E PROGRAMAÇÃO GRÁFICA LTDA.
Rio de Janeiro: rua Miguel Couto, 134 conj. 1101/1104 20000 RJ

Você pode assinar o REPORTER, a partir do nº 0
Indique a partir de que número você quer sua assinatura.

Nome: ....
Profissão: ....
Endereço: ....
CEP: .... Cidade: .... Estado: ....

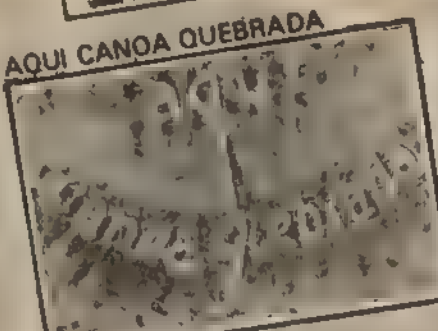
Wanda Figueiredo estourando na praça

AQUI SÃO PAULO



AQUI RIO

AQUI CANOA QUEBRADA



• Pedidos para Margem Editoria e Programação Gráfica Ltda. Rua Miguel Couto 134, 11º. Tel: 253-5038 Rio de Janeiro
• ATENÇÃO: na compra dos 3 livros ganhe 20% de desconto
• Cr$ 150,00 cada

margem

Nome ....
Endereço ....
CEP ....
Cidade ....
Estado ....
Assinatura ....

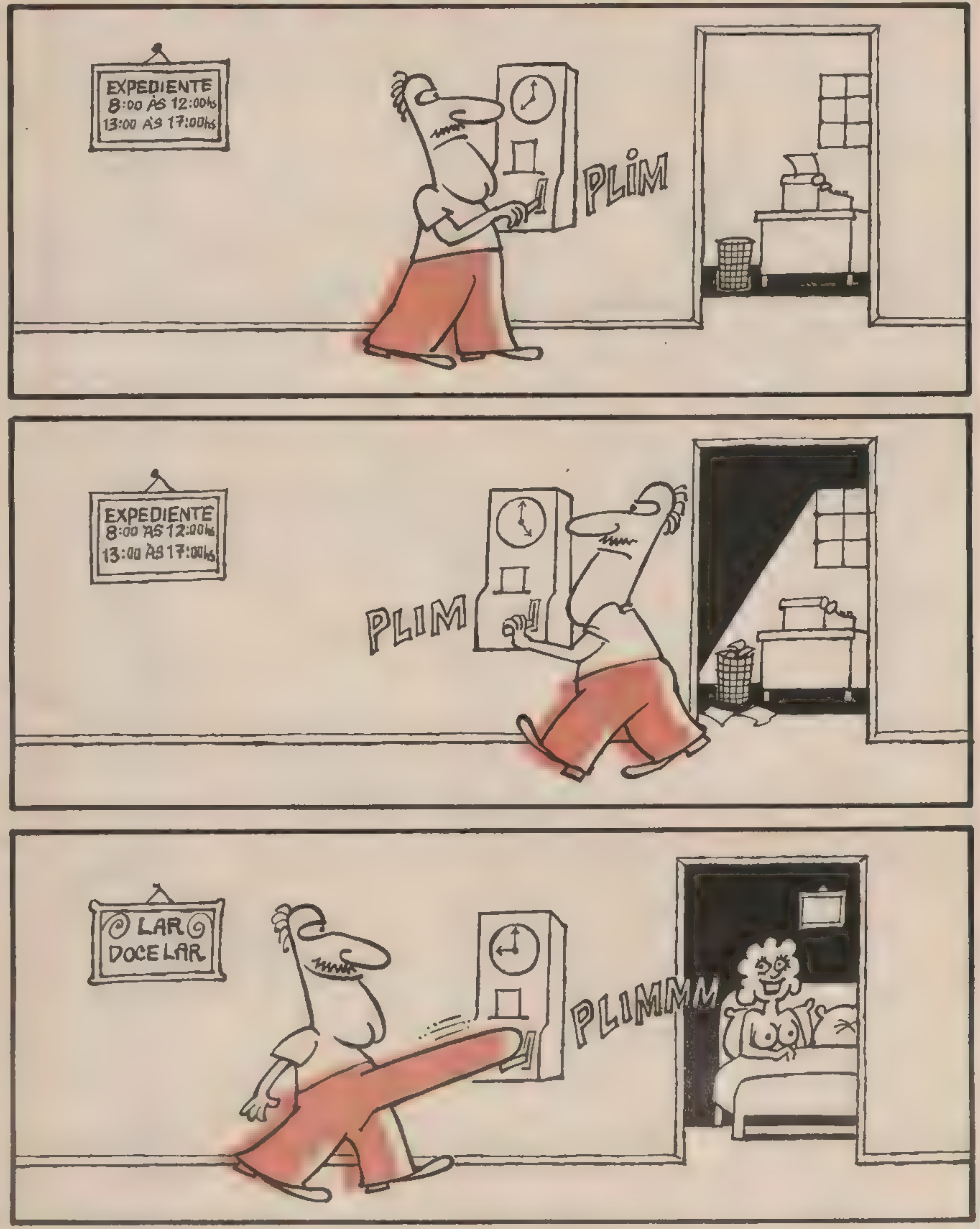
DONA MARIA REVOLUÇÃO

GUIDACCI

CENTRAL REPÓRTER DE HUMOR

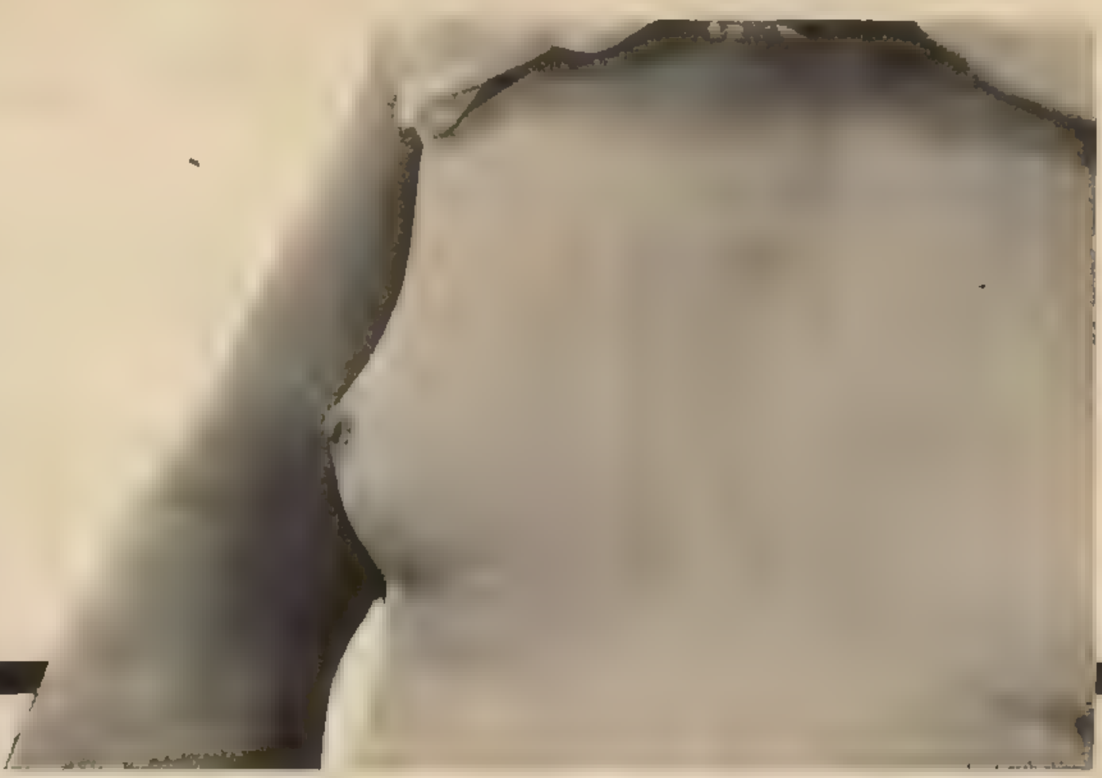
A VIDA DURA DE Sr. IQUIPAU BRASIL

GUIDACCI



Multinacional Fontoura Wyeth provoca esterilidade...

Manoel, 53 anos e uma tragédia: seios de donzela



Reportagem de Rivaldo Chinen
Fotos de Wagner Avancini

PÓ DA PÍLULA CRIA PEITO NO OPERÁRIO

Manoel começou a trabalhar na seção de secagem e empacotamento de hormônios da indústria química Fontoura Wyeth (São Paulo) em abril de 1973. Um mês depois começaram a aparecer uns caroços no bico de seu peito, que ainda ardia muito e foi inchando até ficar igualzinho a um seio. Se ele espremia o mamilo, o pus espirrava. A dor atingia também as costas e ele sentia frio na espinha. Manoel ficou mais de um ano sem ter relação sexual porque a aspiração do pó das pílulas anticoncepcionais, feitas com os hormônios, o tornou impotente. Ele trabalhava apenas com uma máscara e luva, o corpo sem proteção nenhuma. Em 76, a Fontoura o demitiu e não pagou a indenização a que teria direito. Manoel é hoje doente e infeliz: seus peitos ainda ardem e ele perdeu a coragem de se expor. Muitos de seus colegas de trabalho estão na mesma situação e as moças que atualmente trabalham na seção sofrem os efeitos do veneno: têm menstruação o mês inteiro, dores de cabeça e eczemas. Segundo o doutor Mário Victor Assis Pacheco, pra elas, a pior consequência do pó é a atrofia do ovário. Podem ficar estéreis.

O peitinho de Manoel é desses pequenos, de pomba, de donzela. Mas já foi bem mais volumoso, a ponto de ele ter de ficar usando muita roupa por cima, e mesmo assim todo mundo notar logo, tanto que era conhecido entre os colegas de trabalho como o "homem-mulher". Manoel não é um travesti, e garante que não é chegado nessas coisas. Ele é um operário que foi prejudicado pela poeira fina produzida durante a fabricação de pílulas anticoncepcionais, quando trabalhou nos laboratórios Fontoura Wyeth, no período de 1973 a 76. Ainda hoje seus peitos doem, "é aquela queimação, arde que nem pimenta", diz ele.

Manoel foi registrado no dia 26 de abril de 1973 como auxiliar do departamento industrial, salário de Cr$ 430,00 mensais. Não foi a primeira vez que tinha trabalhado na Fontoura; ele já tinha passado pela fábrica de 1954 a 71, mas em fabricação de penicilina (guarda até hoje uma foto ao lado de Alexander Fleming, o descobridor da penicilina, que inaugurou a fábrica aqui no Brasil em 54). Sua desgraça foi ter ido parar na seção de secagem e empacotamento dos hormônios da Fontoura Wyeth.

— Com um mês de trabalho eu já estava atacado pelo remédio. Éramos seis naquele setor, a gente fazia a formulação e levava para a máquina transformar em comprimidos. Era um setor isolado, com ar condicionado, só para aquele fim. Com um mês comecei a ficar "mocinha". Apareceu uns caroços no bico do peito que queimava que nem fogo. Aí começou. Inchou, foi inchando, até ficar como peito de mulher. Eu não tirava a camisa nem em casa, de tanta vergonha.

Manoel conta ainda que espremia o peito e saía um pus pelo bico. "Chegava a guinchar de pus", conta ele. Era chamado pelos colegas de "homem-mulher", "homem dos peitões", mas as dores não eram localizadas só no peito. Suas costas também doíam, ele sentia uma sensação de frio percorrendo a espinha. "Tirei uma chapa e ela acusou um sintoma." Tem mais: o pênis arriou, ele ficou impotente, brochou de vez:

— Fiquei um ano sem ter relação. Aliás, o pinto não dava nem pra fazer xixi. A dor era forte, a tal ponto que eu pensei em me suicidar pra acabar com aquilo tudo. Minha mulher era forte, uma mulher saudável, que me contentava. Ao me ver assim ela dizia: "Mané, vamos deixar isso pra la".

Manoel pensando em se matar, os colegas de trabalho gozando com sua cara e a de seus colegas também infelizes afetados como ele por aquele pozinho que entrava pela pele, pois trabalhava com apenas uma máscara no nariz e luva nas mãos.

— Era uma proteção muito farjuta porque a gente tinha contato direto com o pó. A gente aspirava o pó através da pele. Você sabe que nossa pele respira, não é mesmo? A gente suava e nossa pele absorvia tudo aquilo. E com isso os peitos cresciam e o pau arriava. Fiquei um ano nesse serviço.

Depois disso tudo a solução seria procurar um médico. E Manoel recorreu ao departamento médico da empresa. Enrolaram tanto que nessa de vai-não-vai ele acabou fazendo tratamento na Gastroclínica e Maternidade da rua Borges Lagoa, 1450 (bairro Paraíso), com o Dr. Cássio Ravaglia, inscrito no Conselho Regional de Medicina sob o número 2439, a serviço dos laboratórios Fontoura Wyeth.

— O Dr. Cássio dizia que, do rebanho, eu fui o mais atingido. Ele me mandou fazer um exame clínico de líquido seminal, realizado num laboratório da rua Cincinato Braga, mas os resultados foram "normais". Eu tenho comigo todos esses exames. Fui procurar o médico do nosso sindicato, o dr. Djalma, que parece que já não está mais lá, e ele acabou sendo comprado pela firma. Sabendo que eu estava doente, me deu alta, alegando que eu não tinha nada de anormal.

Enquanto vai relatando, Manoel tira do paletó umas receitas para comprovar o que diz: o médico do sindicato pediu um exame de estrógenos urinários, que considerou "normal" o seu caso. O INPS, hoje Inamps, também entrou na jogada e, de acordo com o relatório médico apresentado — que está em mãos de Manoel — ele não tinha nada que pudesse comprovar uma "anormalidade". Ou, mais especificamente: "No exame físico, nada de anormal foi encontrado em seus membros superiores; nos inferiores foram detetadas varizes, estrógenos no sangue e na urina. Data: 19 de maio de 1977. Assinado, dr. Osvaldo Salzano, do INPS, agência Brás, ref. processo 2011256 de 27 de setembro de 1976". Em outras palavras, o médico do INPS colocou todos os problemas de Manoel, só ignorou seus peitos que, naquela época, como ainda hoje, doem.

Enquanto tudo isso ia acontecendo, a Fontoura tirava os operários desse setor e fazia revezamento. Tirava um, colocava outro, chegou a proibir os colegas de Manoel de fazerem comentários e deboche em cima dele e dos outros afetados na fabricação da pílula. Ameaçou de mandar embora quem fizesse gozação pra cima deles, independente de tempo de serviço na firma. E mais: chamou a imprensa para desmentir os peitos.

A história é mais ou menos a seguinte: o repórter Antonio Carlos Felix Nunes, na época trabalhando no *Notícias Populares*, jornal sensacio-

e impotência. Burla a lei trabalhista e fica impune

nalista, espécie de *O Dia* em São Paulo, deu um furo, obtido na mesa do vice-presidente do sindicato dos químicos. Era um processo em nome de Francisco Praxedes Filho, 28 anos, que trabalhava com Manoel. Praxedes tinha um tio médico, que o aconselhou a procurar o sindicato para denunciar. Só que o vice-presidente da entidade, Augusto Lopes, procurou esconder o fato dos jornais, mas o repórter Antonio Carlos botou pra frente e a denúncia tornou-se manchete nos jornais e na televisão.

A Rede Globo entrou no assunto — para desmentir a denúncia. Os cinegrafistas foram à sala do gerente dos laboratórios Fontoura e Manoel foi chamado para dar um depoimento negando tudo. Falou de costas, apareceu apenas uma vaga silhueta no vídeo, na noite de 15 de abril de 1976, "uma quinta-feira da Paixão, eu me lembro bem". A emissora foi mais além, mostrando o setor em que Manoel trabalhava, com homens operando com escafandros. No dia seguinte todo o cenário era desmontado.

Depois disso, Manoel foi afastado do emprego, sob pretexto de estar em tratamento médico. Ia para a fábrica todos os dias, assinava o ponto e voltava para casa. Um dia foi procurar seu cartão na chapeira e não o encontrou. A firma o demitiu no dia 15 de abril de 1976 e ele recebeu apenas Cr$ 6.800,00. A rescisão do contrato foi feita na Delegacia do Trabalho, com a supervisão do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Químicas e Farmacêuticas, através de seu presidente, Waldomiro Macedo, um homem que costuma ficar em cima do muro, visto por alguns trabalhadores como pelego. Manoel diz que ele "foi um safado, pois me deixou ir embora assim doente".

Hoje, com 53 anos de idade, Manoel ainda sente os peitos arderem. Sua potência voltou, se não ao normal, pelo menos ao ponto de dar uma por mês: "Tô mais ou menos, não sou como antigamente porque você sabe que nordestino mete mesmo". Quando alguém diz que o fator psicológico pode ter influído muito nesse caso, Manoel responde logo que "nada disso, não adianta vir com essa história porque o negócio é quente mesmo, pois não tínhamos proteção nenhuma". Uma vez o médico da firma falou em operar, em estirpar seus seios, mas ele não quis:

— Três colegas meus operaram. Mas não adiantou. Continua a mesma coisa. Os peitos voltaram a crescer de novo. Esse mal só sai com a morte. Pode operar cinquenta vezes que sei que vou continuar a mesma coisa. Embora tendo diminuído, hoje as dores continuam. Sinto queimação, um frio e um calor nas minhas costas. É por isso que eu não largo esse paletó. Hoje eu sou um homem afetado, sou doente, tenho medo de me expor. Trabalho em fábrica, tenho medo de que as mocinhas de lá saibam que eu tenho peitos. Se eu, que trabalhei na fabricação de pílulas, fiquei assim com esses venenos, imagine quem toma.

Manoel não foi o único afetado. As moças que trabalham nesse setor se queixam de ter uma menstruação constante. É um corrimento que não acaba mais, o mês todinho. E quanto mais jovem, pior para elas. Ficam desreguladas totalmente. Têm dores de cabeça, algumas aparecem com eczemas; e quando tudo isso fica mais evidente a empresa afasta as meninas da seção. Depois, devagarzinho, elas são mandadas embora.

Médico atesta: hormônio deforma macho e fêmea

O dr. Mário Victor Assis Pacheco, ginecologista, secretário-geral da Associação Médica do Rio de Janeiro, tem denunciado os inúmeros malefícios da pílula, tanto para quem a toma como para quem a fabrica. Ele confirma o que chama de "fenômeno patológico da feminização do homem", causado pela absorção continuada de hormônios sexuais femininos sob a forma de poeiras finas através das mucosas da boca, via aérea superior e da pele:

O doutor Mário Victor

— Tanto faz ser jovem como ser de mais idade, mas os que já ultrapassaram os 50 anos são os mais atingidos.

— Ao aspirar o pó fino dos hormônios — explica o dr. Mário Victor — o homem ganha caracteres sexuais secundários da mulher, principalmente ginecomastia, queda de pêlos, mudança do timbre da voz, diminuição ou perda do apetite sexual e da potência, além de possíveis modificações psíquicas de comportamento.

— Os hormônios sexuais femininos artificiais, sendo absorvidos continuamente, especialmente se em altas proporções, mantêm freado o setor da hipófise masculina produtor de outros hormônios que estimulam os testículos. A não estimulação dos testículos resulta na cessação da produção de espermatozóides pelas células germinativas. Ou seja, torna o homem estéril, infecundo. A não estimulação dos testículos, devido à frenação da hipófise, resulta também na cessação de produção normal do hormônio macho natural, a testosterona. O que significa também tornar o homem insuficiente glandular em seu aspecto social. A feminização do jovem em geral é reversível, desde que reduzido o tempo da exposição ao pó e desde que se trate convenientemente, obtendo dessa forma sua cura, o que é muito mais difícil no homem que já tenha ultrapassado os 50 anos de idade.

— Já nas mulheres que trabalham com a fabricação da pílula, desde que não sejam devidamente protegidas, marcharão inevitavelmente para a atrofia ovariana, — denuncia ainda o dr. Mário Victor — com consequente envelhecimento precoce, irreversível para a maioria.

— Os maiores riscos de acidente de trabalho na manipulação de hormônios sexuais ocorrem realmente na fase de síntese, ou seja, da própria produção ou manipulação. Mas também podem surgir nas seções de embalagem e de empacotamento e até mesmo na de expedição e em salas de depósito de grandes estoques. O que deveria levar as empresas a fazer um rodízio frequente entre os operários que trabalham nessas seções.

Wyeth é aquele do Biotônico Fontoura

Anfertil, Evanor e **Nordette** são as três marcas de pílula que Manoel ajudou a fabricar. Elas são vendidas em qualquer farmácia ao preço de Cr$ 30,00, têm 21 comprimidos cada caixinha e não precisam de receita médica, embora na bula seja feita essa exigência.

A Fontoura Wyeth tem 2.850 operários e fica localizada na Via Anchieta, caminho de São Paulo para Santos. Uma parte da fábrica fica na rua Caetano Pinto, no Brás, mas já está quase desativada, pois funciona desde a fundação, do tempo em que a Fontoura era essencialmente nacional. Em 1954 ela associou-se ao laboratório Anakol, americano, e passou a fabricar a penicilina. Deixou de ser aquela do famoso Biotônico Fontoura, que explorava a figura do Jeca Tatu, de Monteiro Lobato, criado, aliás, pelo famoso escritor só para servir de propaganda para o produto.

Sindicato se omite e evita reclamações

A Federação dos Trabalhadores das Indústrias Químicas e Farmacêuticas do Estado de São Paulo não tem feito muita coisa pra proteger seus associados. Há um ano pediu vistoria nas 13 fábricas de pílulas anticoncepcionais do Estado, mas elas recusaram, sem maiores explicações. A direção do sindicato mandou ofício à Delegacia Regional do Trabalho reclamando resposta das indústrias. Até hoje as autoridades não tomaram nenhuma providência.

Augusto Lopes, diretor da Federação — que escondeu da Imprensa a primeira denúncia — diz que só tomou conhecimento de três casos de deformação: uma operária do Laboratório Organon, que tinha corrimento constante, o operário Francisco Praxedes, da Fontoura Wyeth, e uma outra operária, empregada na Johnson & Johnson. Augusto e Alcy Nogueira, este presidente da Federação, garantem que as condições de trabalho na Fontoura são boas.

2º CAPITULO

Aos 5 anos, três aventuras amorosas: com uma filha-de-Maria, com a amante do dentista e com menininhas de sua idade. Assim continua a autobiografia de José Mojica Marins.

Atenção: as frases em negrito são de Zé do Caixão; as outras, do Mojica mesmo

CONFISSÕES ÍNTIMAS DE ZÉ DO CAIXÃO

Zé do Caixão com sua personalidade independente: senhor do reinado feminino no mundo a que pertence

PALITO DE FÓSFORO AJUDA NA RELAÇÃO

Se há algo com que fui grandemente dotado desde o meu nascimento, sem dúvida foi a memória. As passagens de minha infância, desde a mais tenra, permanecem tão cristalinas que às vezes mal posso precisar quão distantes no tempo elas estão. Só não posso explicar — e talvez nunca poderei — os estranhos "pontos brancos" em minhas recordações. É como se um filme fosse exibido sem algumas partes, e pela sequência da história pudéssemos fazer apenas suposições. Após esses "rasgos na lucidez", muitas vezes pilho-me dizendo coisas que, na verdade, não quero, como se não pudesse controlar minha própria voz.

Uma das minhas lembranças mais desconcertantes data dos meus 4 anos de idade. No bairro onde morava, em São Paulo, existia uma igreja de congregados marianos, pessoas muito religiosas, de fortes noções sobre moral e poder. Minha mãe, muito cristã, era amiga desses rapazes e dessas filhas-de-Maria, como se designavam as moças daquela comunidade. Quase toda tarde eles vinham em casa tomar um lanche e discutir temas religiosos e morais. Quanto a mim, gostava deles, pois me tratavam bem. Eu gostava principalmente de uma moça, muito bonita e na flor da idade. Talvez, a mais religiosa de todas, pela maneira de falar. Algo nela, entretanto, me hipnotizava, praticamente, não sei por que motivo.

Religião. Artefato criado por imbecis para proteger e desculpar seus atos e pensamentos sádicos. Hipócritas que não acreditam no que dizem e crêem no que desprezam. Símbolo da decadência e da fraqueza de espírito humano.

CORTOU PÊLOS DA MOÇA COM MACHADINHA

Mudei-me daquele bairro depois de algum tempo. Já tinha mais de 5 anos e começava a trocar os primeiros dentes. Recordo-me, com dor, de ter ido ao dentista, que tratou de arrancar alguns, com muito sofrimento de minha parte. Ele foi pouco hábil e acabei ficando com a boca inchada por dias. Não é preciso dizer que nem queria ver o homem na minha frente. **Ele havia feito de propósito, eu sabia. Malditos os que se utilizam de uma posição para conseguirem interesses e realizar instintos à custa dos inocentes. Aquele corpo pequeno sofria injustamente. Haveria uma desforra, pela eternidade, eu jurava.** Não sei por que, comecei a seguir o dentista. Na época fiquei curioso, pois ele costumava visitar uma mulher muito bonita, que morava no

local. Mas não entrava pela frente. Pulava o muro que dava para o quintal, onde havia muitas árvores.

Na época, impressionado com os filmes que via, já que minha família morava em um cinema na condição de gerente, supus que aquele homem fosse um bandido que viesse assaltar a casa. **Então, era ali que estava a minha vingança. O desejo carnal era forte demais. A mulher tinha um corpo que precisava ser melhor explorado. Eu a queria e iria tê-la, a meu modo.** Desconheço de que maneira a idéia me veio à mente, pois era precoce demais para ter conceitos de ótica.

O fato foi que, roubando algumas lentes de projetor, construí um binóculo e me pus a observar o que o homem fazia depois de entrar na casa. **Seguindo seus instintos sádicos, o maldito jogou a mulher ali no chão, tirando à força a roupa dela. Percebi que ela gostava da violência. Vi suas pernas abertas e aquela fonte mágica pedindo por mim. Esperei até que ele estivesse dentro dela, pronto para gozar.** Eu não entendia nada do que via, mas comecei a gritar que a esposa do dentista vinha vindo. Ele saiu correndo, quase desesperado, com as calças caindo. Eu continuava sem entender. **Chegara a minha vez. Corri para dentro do quintal e, quando cheguei, ela ainda estava ali, com aquele corpo arfante, nu, perfeito, refazendo-se do susto. Quando me viu, confundiu minha pessoa, mas não era preciso que soubesse quem eu realmente era. Na verdade, era necessário que, por enquanto, ninguém soubesse. Agachei-me e peguei naquelas coxas grossas e experientes, fixando-me naqueles pêlos negros e reluzentes, como nunca tinha visto. Era selvagem, sem dúvida. Quis repelir-me, mas em uma simples conversa eu a convenci de que seria melhor que ela fizesse o que eu mandasse. Usei a única arma que ela conhecia e da qual se valia muitas vezes: a chantagem.** Mesmo sem ter um motivo eu queria brincar com aquela mulher.

Vesti minha fantasia de índio e, armado com uma machadinha, voltei para a casa. **Ela já estava dócil, amansada. Retirou toda a roupa, peça por peça, sem saber por que eu pedia aquilo. Novamente vieram à luz aqueles vastos pêlos e eu pus-me a cortá-los. Ela ajudou, com uma faca. Possuía uma verdadeira caverna de prazer, que fui descobrindo à medida que limpava o caminho. Percebia que ela gostava, embora reclamasse quando eu a tocava lá dentro. Pedi para que tirasse minha roupa. Hipócrita, relutava, mas nunca retrocedia. Fiz com que abrisse as pernas ao máximo, demonstrando todo o ardor daquele sexo incomparável. Meti-me por entre aquelas coxas e urinei da mesma maneira como sabia ser possível. Ela gozou. Quando saí ela ainda se contorcia de prazer. Munido de um punhado de pêlos, preparava a última parte daquela missão. O homem ainda estava impune.** Cheguei em casa e não me lembrava de onde vinha. Aquele tufo de pêlos em minha mão.

Zé do Caixão aos sete anos: rosto de anjo, mente de demônio

Nem entendi, nos dias que se seguiram, o porquê daquela mulher tratar-me tão bem. Mas — e isso para mim foi a maior lacuna — lembro-me de ter falado com a esposa daquele dentista, não sei bem exatamente o quê. O fato é que ela correu até a casa da mulher, completamente fora de si. Depois, não se viu mais nem uma nem outra. Mudaram de lugar.

PÓ-DE-MICO NAS CALCINHAS DAS AMIGAS

Durante toda a infância e adolescência tive como companheiros rapazes mais velhos do que eu. Por incrível que possa parecer, aos 6 anos, mesmo franzino, dirigia um grupo de garotos com o dobro de minha idade. **Seres inferiores precisam de um líder, e eu vim para isso. Eles sentiam que eu era a distância que nos separava. Respeitavam-me, pois era o único a não disfarçar minhas vontades, como um tolo que não sabe o que quer. Enquanto eles satisfaziam seus desejos com o próprio corpo, e muitas vezes com o de outro do mesmo sexo, contrariando o natural, eu procurava unir-me com a chave da minha perfeição: a mulher.** Meninas de todas as idades também brincavam conosco, pois naquela época a adolescência e a segregação sexual demoravam a acontecer.

Talvez, toda a minha condição de liderança adviesse da extrema criatividade que eu possuía, descobrindo brincadeiras novas quase sempre. O estranho é que, quando pensava em algo, era como se estivesse acostumado a fazê-lo. O processo de pensar também era intrigante; às vezes falava coisas que nem tinha imaginado, como um ato reflexo.

Por exemplo, da vez que conversei com o carregador de fitas sobre seu estado triste daquele dia. Disse-me que estava preocupado, pois antes de casar teria de ir com a noiva fazer um exame pré-nupcial. Explicou-me que tal exame servia para evitar que pessoas cujos sangues não combinavam não casassem entre si, gerando problemas para os filhos, que não nasceriam normais. Surpreendi-me conversando como um adulto, com uma capacidade de compreensão sobre o assunto a qual eu não possuía.

Havia tido uma idéia. Meus desejos há muito não eram atendidos, e eu sentia que, para sobreviver, precisava ter o que queria. Seria fácil ludibriar aquelas criaturas infantis. Novamente inventei uma brincadeira sem ter pensado, que só poderia ser explicada pela conversa que tive com o homem das fitas. Organizei um consultório médico nos banheiros do cinema.

Contando com quatro casais, preparei-me para realizar as consultas pré-nupciais tal qual tinham sido descritas pelo homem. Eu e um amigo seríamos os médicos. A princípio decidimos que atenderíamos a todos juntos, mas depois, como se algo me forçasse a dizê-lo, falei para que ele atendesse os rapazes; eu me encarregaria das moças. **Quase me estragou o plano. Tinha de ficar alerta ou aquela mente inferior acabaria por me dominar. Tinha agora o que queria e sabia como agir. O medo era a primeira forma. Foi fácil incutir naquelas frágeis mentalidades que suas vidas dependiam de que todas as minhas ordens fossem cumpridas. Mandei-as lavarem-se. Despiram-se fora do meu alcance visual, mas consegui ir até onde estavam suas roupas sem ser notado. Peguei as quatro calcinhas e** — isto nunca saberei por que — coloquei pó-de-mico nelas. Eu não costumava brincar daquela maneira, mas uma força maior do que a minha me impelia a fazer aquilo.

Quando elas saíram do banho tratei de me esconder, envergonhado, pois sabia não ser sorte ver aquilo, embora possuísse uma certa curiosidade infantil. Vestiram-se e vieram falar comigo, terminada a consulta. Apliquei-lhes uma injeção de brincadeira, como a fazer exame de sangue, e perdendo outra vez o controle de minhas palavras vi-me atemorizando-as sobre a consequência de terem escolhido o par errado. Mandei que voltassem se, por acaso sentissem qualquer reação. A maneira como eu falava não era normal e senti que realmente as deixei com muito medo. **Agora faltava pouco. Logo aquelas "xoxotinhas" viriam procurar-me. Desta vez eu estaria corporalmente preparado. Foi com muito custo que consegui controlá-lo, e iria testá-lo com corpos de minha mesma compleição. Iria alimentar-me na força do prazer para me liberar um dia e realizar o fim pelo qual vim.**

Logo as meninas voltaram, coçando-se no ventre e nas nádegas. Eu não sabia o que fazer, ainda mais sentia o pavor na face de cada uma. **Chegara a hora. A primeira era branca, excitante, e deduzia nem ter pêlos. Foi-me fácil dominá-la e convencê-la a tirar toda a roupa ali mesmo. Estava enganado. Já começava a desenvolver-se e alguns montes esparsos surgiam, como ilhas em um oceano, no qual eu era o único explorador. O teste havia sido positivo. Eu conseguia levantá-lo. Abaixei as calças e vi: ele estava duro, rijo. Expliquei à inocente atemorizada que era a única maneira de salvá-la. Introduzi-me naquelas perninhas brancas e senti novamente a sensação, a certeza da supremacia. Ia e vinha dentro dela, incapaz, pelo tamanho, de fazer-lhe mal, mas suficientemente grande para dar-lhe prazer. Eu havia entrado no caminho cedo, graças a mim. Eu queria mais, descontar todo aquele tempo inativo, e mais a coceira que eu sentia no pau. Notei então que começava a dominar aquele corpo, finalmente.**

As outras três seguiram-se, uma após outra, apresentando as mesmas reações. Iniciavam-se, na verdade. Enquanto meu pau explorava seu interior, elas conheciam tudo que há para ser sabido, por um breve momento. Aquela havia sido apenas a primeira vez, mas eu tinha certeza de que nunca me veria mais sem meu alimento. Elas não poderiam mais passar sem aqueles momentos. Mas agora eu queria algo mais: elas eram inexperientes, frágeis, e eu procurava a perfeição.

● *No próximo número, não percam: "uma garrafa no ânus da professora, o início da depravação".*

DENÚNCIA DE LEITOR

Funcionário de um dos maiores supermercados do país escreveu ao REPORTER contando coisas terríveis que se passam lá dentro. Empregados trabalham até 12 horas sem receber hora extra. A empresa não deposita o FGTS de ninguém. Gratificação dos funcionários sai de um fundo clandestino. A segurança mantém trabalhadores em cárcere privado. A assistência médica é uma demagogia. REPORTER foi conferir e não deu outra: o leitor tinha razão.

CASAS SENDAS espanca, explora, corrompe e sonega

Sendas é muito mais você...
Duvidamos que alguém venda mais barato...
Brasileiros a serviço da boa alimentação...
Sendas: Vinte anos de amor e carinho...

A propaganda maciça tenta convencer que a Casas Sendas, uma das mais fortes organizações comerciais do Brasil, é uma empresa nacional honrada, respeitável e honesta. Será mesmo? Os milhões que são gastos nos jornais, rádios e televisões não falam dos podres da organização. Na verdade, a Sendas é tão eficiente quanto qualquer multinacional no que diz respeito à sonegação de impostos, manipulação de preços, desrespeito a direitos trabalhistas e até a agressões físicas a seus empregados. REPORTER recebeu uma carta da Comissão de Defesa dos Empregados da Sendas, criada no ano passado por funcionários de quase todas as filiais do Rio para denunciar publicamente algumas das muitas irregularidades da empresa. Apuramos o que foi possível e duvidamos que alguém explore mais seus empregados. Acompanhem conosco os trechos da carta-denúncia (que não foi assinada, por motivos óbvios) e a constatação das irregularidades que comprovam que Sendas, na verdade, são brasileiros a serviço da exploração.

Trabalhadores lesados

"A Sendas está prestes a executar mais um ato de corrupção, juntamente com a fiscalização do INPS. É o seguinte: a Sendas utiliza muitos trabalhadores avulsos, que estão vinculados ao Sindicato dos Estivadores do Estado do Rio de Janeiro. Mas desde 1972 não recolhe o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS) desses trabalhadores avulsos. O BNH já confirmou o débito, de quase Cr$ 4 milhões, fora os juros e a correção monetária. Acontece que quem fiscaliza o recolhimento do FGTS é o INPS, que também fornece a declaração de quitação das empresas. A Sendas vai pagar aos fiscais Cr$ 1 milhão em suborno para obter a declaração de que nada deve. O Sindicato dos Estivadores, no entanto, nada sabe sobre isto."

Constatado — As mercadorias importadas pela Casas Sendas são desembarcadas nos armazéns 9 e 10 do Cais do Porto do Rio de Janeiro. Aqui, os estivadores são pagos apenas para descarregar os navios e armazenar as mercadorias no porto. Mas, a pedido da diretoria da Casas Sendas, o encarregado do serviço de desembarque obriga os estivadores a levarem as mercadorias do navio para os carros da Sendas, na avenida Rodrigues Alves. Os estivadores nada ganham por este serviço extra. Os trabalhadores avulsos não têm carteira assinada e a Sendas não recolhe o seu FGTS. O ex-funcionário da Sendas, Jorge, apelidado no cais do porto de **marcha-a-ré**, conta como a Sendas explora o trabalho quase de graça dos estivadores:

— Nenhum estivador gosta de carregar os caminhões da Sendas. A empresa não paga a eles. Eu trabalhei quase 7 anos na Sendas como carregador. E quando ia para o cais receber as mercadorias importadas era muito difícil conseguir um ajudante estivador. Tínhamos, então, que fazer o trabalho de dois, ou seja, ir ao navio, pegar a carga e levar para o caminhão. Fui despedido em novembro do ano passado. A Sendas mandou eu procurar os meus direitos na Justiça. Estou lutando há 4 meses para receber o meu FGTS que a Sendas nunca depositou. Estou sobrevivendo graças à ajuda de parentes e amigos.

Sonegação de impostos

"Nos áureos tempos (depois de 1964), a Sendas era uma das maiores sonegadoras de impostos do Brasil. A Sendas corrompe um alto funcionário da Varig, que atua no Galeão, de nome Domingos, para facilitar os contrabandos da família Sendas e de seus cumpinchas. Mas vamos falar de um caso de sonegação relativamente fácil de ser provado: a Sendas dá uma pálida gratificação anual a seus funcionários (apenas os diretores e cumpinchas recebem uma quantia maior). Só que esta gratificação é paga pelo tal "Caixa 2". A Sendas tem quase 18 mil funcionários e agora vejam só a impunidade: paga gratificações pelo "Caixa 2", isto é, clandestinamente, e nada acontece."

Constatado — Segundo revelou um funcionário — não deu o nome temendo ser demitido — a Sendas paga no final do ano uma gratificação para compensar o baixo salário que paga a seus funcionários. Mas esta gratificação "extra" não consta na declaração de rendimentos do tal funcionário, o que comprova a sonegação.

Segurança espanca

"A segurança particular da Sendas tem 800 homens sob o comando irregular de um major da ativa da PM chamado Calheiros. Eles espancam não só empregados, mas também aqueles que se atravessam no caminho da Sendas. Entre muitos outros processos existe um na 15ª Vara Criminal, movido por um ex-funcionário que foi mantido em cárcere privado e espancado pela segurança. A Sendas mantém também um fichário com dados pessoais de funcionários para prejudicá-los quando quiser. A maioria trabalha mais de 12 horas por dia. E a empresa paga, no máximo, duas horas extras, seja homem, mulher, idoso ou jovem, como é o caso dos "marrequinhos" (garotos que carregam embrulhos)."

Constatado — A caixa D.S.P., que trabalhava numa filial da Sendas em Nova Iguaçu, foi transferida para a filial de Campo Grande porque se recusou a assinar um vale de Cr$ 1 mil que estava faltando na sua "féria". Ela disse que pagaria somente a metade da diferença. E a outra caixa, que havia trabalhado na parte da manhã, a outra metade. Mas o gerente da loja já estava de marcação com a D.S.P: "Eu comecei a trabalhar às 16 horas, e se havia "estouro" não poderia ser responsabilizada sozinha". Segundo ainda D.S.P., a Sendas não paga hora extra coisa nenhuma: "Nas filiais de Nova Iguaçu e de Campo Grande é comum caixas, carregadores e subgerentes trabalharem das 8 até as 22 horas. E só recebem o salário-mínimo".

Saúde desprezada

"Quanto à assistência médica, além de precária, é puramente demagógica. E a Sendas ainda obtém lucros. Como? Simples. A empresa fez convênio com o Inamps para a prestação de assistência total a segurados e dependentes. E o Inamps ainda devolve mensalmente à Sendas quase Cr$ 2 milhões."

Constatado — Antônio Marques Soares, ex-empregado da Sendas em São João de Meriti, teve socorro negado à sua esposa, parturiente, numa clínica que mantém convênio com a Sendas para assistir os funcionários. Ele foi à clínica (não se lembra o nome, sabe apenas que fica na rua da Matriz, em São João de Meriti) pedir uma ambulância e, descaradamente, a recepcionista disse que não havia ambulância. Antônio disse a ela uns desaforos. Para ganhar o filho, a mulher de Antônio teve que ir para a maternidade de ônibus.

Outro caso de demagogia da Sendas: o carregador Walter sofreu um acidente em Nova Iguaçu, quando descarregava um saco de batatas, no dia 17 de fevereiro passado. Socorrido pelos companheiros, Walter foi ao caixa pedir um vale de Cr$ 400 para pegar o táxi e ir para casa e ainda comprar remédios. O caixa deu-lhe apenas Cr$ 50. Hoje, Walter está se recuperando em casa, no bairro da Posse, em Nova Iguaçu. Se tem remédios e algumas frutas para comer, deve agradecer a seus amigos. A assistente social da Sendas, que tanto aparece na televisão, ainda não foi visitá-lo.

72 escolas da Baixada Fluminense receberam macarrão estragado. Ministério da Agricultura envolvido no escândalo

Merenda escolar já vem podre

Maria José, responsável pela merenda, guarda o arroz e o macarrão estragados no depósito há um ano

Duzentos quilos de macarrão estragado foram servidos como merenda escolar para crianças de 72 escolas do município de Duque de Caxias, na Baixada Fluminense. O produto fazia parte de um lote de mil quilos de macarrão e 420 quilos de arroz, tudo deteriorado, comprados em fevereiro de 1979 pela prefeitura na Cooperativa Central de Abastecimento. Essa cooperativa, a Cocea, é ligada ao Ministério da Agricultura, e por essa razão os fatos foram abafados até hoje.

Em abril apareceram os primeiros casos de doença. Um aluno da Escola Municipal Carmela Dutra, de Nilópolis (município vizinho de Duque de Caxias) foi internado no Hospital Municipal com convulsão estomacal. Seu nome é Robson Teles Góes. Em maio, o arroz e o macarrão foram recolhidos pela prefeitura — depois de muitas reclamações de pais de alunos — e estocados na garagem do Serviço de Alimentação Escolar, onde continuam jogados até hoje.

A diretora do Serviço, Maria José Trindade, conta que há um ano está tentando devolver a mercadoria à Cocea, que se recusa a trocar por mercadoria boa ou dinheiro mesmo:

— Eles mandaram simplesmente jogar tudo fora.

E ela se defende:

— Minha obrigação eu cumpri: comuniquei à Cocea que a merenda estava estragada. Sou clara, muito honesta. E não admito que se levante suspeitas de irregularidades na minha administração. A compra obedeceu aos critérios legais de concorrência.

O Serviço compra, por mês, 50 toneladas de alimentos (Cr$ 3 milhões) da Cocea: além de arroz e macarrão, salsicha, feijoada, carne-seca, fubá e farofa. Tudo enlatado. Os produtos, antes de serem distribuídos às escolas, ficam armazenados até por 180 dias. Mas Maria José Trindade nega que a compra de merenda estragada seja uma rotina no Serviço:

— Esta foi a primeira vez.

Verdade ou não, o certo é que a diretora da Escola Municipal Machado de Assis, Dilma de Assis, conta que em outubro passado encontrou vários insetos numa lata de salsichas incluída na merenda. A respeito disso nada foi comentado, mesmo porque as diretoras das escolas já se acostumaram a jogar direto no lixo a merenda deteriorada.

Mas fornecer às escolas merenda estragada não é a única irregularidade de que o Serviço é acusado. Irregularidade, sim, porque a comida recebida deveria ser fiscalizada e há funcionários para isso. Há suspeitas também de que funcionários levam para casa parte da comida. A suspeita foi confirmada, em parte, na garagem onde se encontram o arroz e o macarrão.

Primeiro, as funcionárias tentaram impedir que repórter e fotógrafo entrassem na garagem. Lá dentro havia sacos de arroz abertos, latas avulsas de salsicha e meio saco de feijão. A diretora Maria José Trindade, no entanto, alegou que a/ suspeita não tinha fundamento, pois os sacos abertos eram "devoluções feitas pela colônia de férias da prefeitura e pela LBA (Legião Brasileira de Assistência), que ia distribuí-los entre os flagelados da enchente de janeiro último".

Patifaria na Saúde de Nova Iguaçu

Trailer da Saúde enferruja numa garagem

Dos quatro trailers para atendimento médico volante comprados pela prefeitura de Nova Iguaçu em 1976 — gestão Joaquim de Freitas — três estão sumidos e o outro está enferrujando num estacionamento do centro da cidade. Adquiridos para combater a poliomielite (220 mortos em 1976), cada trailer custou na época Cr$ 223 mil e foi utilizado apenas seis vezes.

Quem pediu para comprá-los foi o ex-secretário de Saúde, José Carlos do Valle, devido à falta de postos de saúde na cidade. O milhão e meio de habitantes de Nova Iguaçu têm apenas três postos para atendê-los: no Centro, em Mesquita e em Belford Roxo. Nos outros bairros só existe atendimento médico particular. Quanto a hospitais, o problema é pior ainda: os bairros de Morro Agudo, Queimados, Vila de Cava, Japeri e Cabuçu, que têm juntos 500 mil habitantes, não têm um só hospital, situação idêntica à de quatro anos atrás.

O atual secretário de Saúde, Hildebrando Cianni Marins, não quis saber de justificar o sumiço dos trailers. Fez mais: recusou-se a receber o REPORTER, nas duas vezes em que foi procurado. Primeiro, na sua clínica particular, quando deu a desculpa de que havia "muitos clientes para serem atendidos, com consulta já paga". Depois, disse que só poderia dar entrevista mediante hora marcada com a secretária do Posto Médico da Prefeitura. Em resumo: saiu pela tangente e nada declarou.

Se o secretário não diz nada, quem dirá? O fato é que os trailers foram desativados inexplicavelmente. Tanto que no ano passado o diretor da Fundação Iguaçuana de Saúde e Bem-Estar Social, Celso Almeida, pediu um trailer desses para atender casos de desidratação que estavam ocorrendo na média de 22 por semana. Seu pedido nunca foi atendido. Há dois anos os trailers azuis não são mais vistos circulando pelos bairros.

Coisa muito estranha, pois o atendimento volante é defendido por muitas autoridades municipais, como o diretor de um dos centros de saúde, Telêmaco Boldrim. Ele acha que a prefeitura não tem condições de construir postos de saúde em todos os bairros:

— A população aqui é carente demais, sob todos os aspectos. Como o município não pode fazer postos de saúde, a melhor iniciativa seria fazer o atendimento em sistema de rodízio, ou seja: levar médicos, equipes e equipamentos até os bairros.

Ou seja: utilizar os tais dos trailers.

Reportagem de Luis Ferrão

Fotos de Roberto Musauer

Anuncie no REPORTER

150.000 LEITORES EM TODO O BRASIL

Ligue para 253-5038

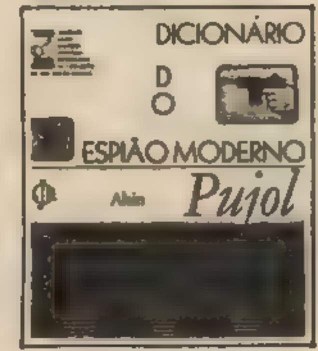
MORRA DE MEDO COM OS NOVOS LIVROS DA JOSÉ OLYMPIO

Cr$ 110,00

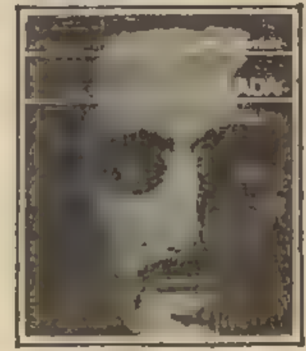
Cr$ 85,00

Cr$ 100,00

Cr$ 80,00



Cr$ 85,00

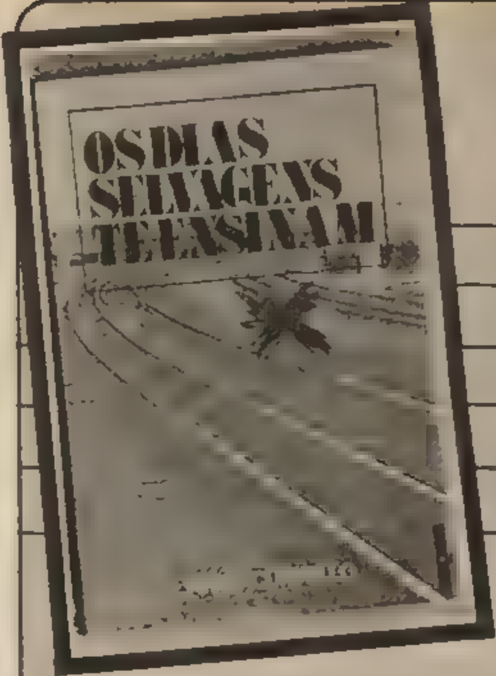


Cr$ 120,00

• Pedidos para Margem Editoria e Programação Gráfica Ltda.
Rua Miguel Couto 134, 11º — tel: 253-5038 — Rio de Janeiro
• ATENÇÃO: Na compra de dois livros ganhe de brinde mais um: KUNG FU, de Howard Lee..

margem

Nome ....
Endereço ....
CEP ....
Cidade ....
Estado ....
Assinatura ....



ARICY CURVELLO

Os Dias Selvagens te Ensinam

Cr$ 120,00

Um livro de poemas que tem tudo para ser um dos maiores sucessos do ano, marcando a estréia de Aricy Curvello, em lançamento recente da Editora Vega, de Belo Horizonte. O prefácio é nada menos que um ensaio do Professor Fábio Lucas sobre a poesia de Aricy Curvello, considerado um dos melhores poetas jovens brasileiros. O REPORTER leu e recomenda.

margem

Nome ....
Endereço ....
CEP ....
Cidade ....
Estado ....
Assinatura ....

SEXO, AMOR E PORRADA

Um livro de Chico Júnior

A filha entrou na sala e viu a mãe trepando com o noivo (da filha), sua primeira porrada na vida. O homem que mata o rato, que morreu que é para aprender a deixar de ser rato. A menina que tinha tudo na vida, mas não tinha amor e jogava cocaína nas veias, para compensar. A barra que é ver a mulher que a gente gosta trepando com o amigo no quarto do lado. O motorista que atropela o casal jovem e é linchado. O policial que é assassinado pelo professor de inglês. A tragédia urbana. O sexo gostoso no chão da sala. O choro que a gente chora quando está triste, alegre ou se emociona, simplesmente. O bom que é percorrer o corpo da mulher que se ama. O sexo de toda noite, o amor de todo mundo, a porrada de todo dia, nem sempre física, mas sempre forte, como toda porrada que se preze.

NÃO MANDE DINHEIRO AGORA

CODECRI **margem**

Nome ....
Endereço ....
CEP ....
Cidade ....
Estado ....
Assinatura ....

O sonho dos vascaínos é vibrar com essa equipe. Jorge Mendonça e Pintinho já estão vestindo a camisa da cruz de malta, mas falta muito para o supertime

Contratações não convencem e Roberto ainda é chorado

Galera do Vasco quer um novo Expresso da Vitória

Reportagem de Maria Helena Araújo

— Dona Dulce, a senhora acredita em macumba?

— Ah, sei lá meu filho. Se for para o bem, eu acredito.

— Então eu vou fazer uma bem grande hoje à noite pra impedir que a diretoria do Vasco compre o Pintinho!

O diálogo se passou entre um torcedor vascaíno anônimo, integrante de uma facção da torcida, e Dulce Rosalina, chefe na Renovascão, nos corredores do Maracanã, momentos antes da partida de estréia do time no Campeonato Brasileiro, contra o América. Se o torcedor anônimo cumpriu o que prometeu, a macumba não deu certo e Pintinho está agora em São Januário, para desespero da maior parte da torcida vascaína, insatisfeita com a aquisição do craque.

Mas por que essa insatisfação, já que aos poucos a diretoria vai cumprindo o que prometeu, ou seja, montar um supertime?

— Minha filha — diz Dulce Rosalina — o Pintinho é realmente um craque, mas é levado demais para se adaptar ao esquema de São Januário e pode até desagregar.

Nas palavras de Dulce Rosalina se reflete o pensamento da maioria vascaína, que ainda não está satisfeita. Muito pelo contrário. A saída de Roberto Dinamite foi um golpe muito forte e nem mesmo a compra de dois bons jogadores — Jorge Mendonça e Pintinho — satisfizeram os torcedores, que ainda cobram da diretoria o tal supertime prometido.

— Essa diretoria do Vasco caminha a passos de tartaruga. Mas eu — desabafa Eli, chefe da Força Jovem — nunca me iludi. Falaram em contratar Edinho, Falcão, Batista e muitos outros. Eles têm dinheiro para isso, eu sei, mas a folha do clube seria a mais cara do futebol mundial, não acha? Então, pra que eu vou me iludir?

— Mas o Jorge Mendonça vai substituir bem o Dinamite — retruca um torcedor que ouve a conversa de Eli.

— Você é apenas um garoto que nunca viu o Vasco com um grande time. Se você tivesse visto jogar craques como Pinga, Sabará, Almir, Orlando, Coronel e outros, não estaria dizendo essa besteira. Roberto Dinamite era acima de tudo um símbolo do Vasco e não vai ser qualquer um que vai substituí-lo bem. Jorge Mendonça é um bom jogador, mas vai ter que rebolar muito pra fazer a gente esquecer o Dinamite.

Em resumo, a galera do Vasco continua agitada com as promessas da nova diretoria. Estão cobrando uma compensação para a saída do Roberto e cada vez vêem as coisas mais difíceis. Pelo que se pode sentir no convívio com as diversas facções de torcida, as contratações de Jorge Mendonça e Pintinho pouco representaram diante da perda de um ídolo, feito e consagrado em São Januário. É como diz Eliane Peixoto, de 15 anos, integrante da Força Jovem:

— Nem mesmo a compra do Zico faria a gente esquecer o Dinamite.

A insatisfação da torcida pode ser sentida mais forte quando se fala na venda de Leão.

— Eles compram jogadores bons e vendem craques. Que time eles querem formar desse jeito? Leão é um dos melhores goleiros do mundo e quem viria substituí-lo?

Além de insatisfeitos com a saída de Roberto e com a possível perda de Leão, os torcedores acham que a diretoria do Vasco anda comprando mal. A própria Dulce Rosalina, que na época das eleições para a presidência do clube apoiou a oposição, reconhece que com o dinheiro da compra de Pintinho poderiam ter trazido o Batista.

— Com essa grana eles podiam trazer o Batista, que ia arrumar o nosso meio-campo. E para a zaga compravam o Edinho.

E para substituir bem o Roberto, quem a diretoria deve comprar? Falcão?

— Não, de jeito nenhum. Eu não queria o Falcão nem pintado no meu time. É muito exigente, põe muita banca. Olha, para falar a verdade, nós não temos que pensar em termos de substituir Roberto, porque ele é insubstituível. Devíamos pensar em reforçar outros setores carentes com grandes craques. Faz muito tempo e acho que vou morrer sem ver novamente um time como Barbosa, Augusto, Rafagnelli, Eli, Danilo e Jorge, Friaça, Lelé, Jair, Isaías e Chico.

A velha-guarda sabe o que é bom e com toda razão não se contenta com pouco, principalmente quando ouviu da diretoria a promessa de formar um novo Expresso da Vitória. Mas não é só o povão que sente a falta de craques. Os entendidos no assunto, como por exemplo o próprio Chico, jogador citado por Dulce Rosalina, do time de 1945, tem os seus sonhos como torcedor do clube.

— Na minha época o número de craques era espantoso e eles eram menos valorizados. Atualmente os craques são poucos e supervalorizados. Por isso, não culpo como torcedor a atual diretoria do Vasco. Os craques quase não existem e quando surgem custam uma fortuna. A compra de Jorge Mendonça foi muito boa, mas um só não resolve o problema. Na minha modesta opinião, acho que para formar um grande time, como aquele do qual tive a honra de

Erasmo quer Sócrates

A saída de Roberto Dinamite foi um golpe muito forte dado pela nova diretoria. E por isso a torcida exige um novo ídolo para gritar o seu nome

O velho guerreiro diz que para esquecer Roberto só Falcão

Pro Rei, a venda foi uma bosta

participar, é preciso comprar mais quatro bons jogadores.

— Quem?

— Dentro das posses do Vasco, Falcão, Zé Sérgio e Amaral. Aí, sim, como torcedor do Vasco, eu ficaria plenamente satisfeito. Mas quem é que vende esses jogadores?

Se vende ou não, a torcida não quer saber. Quer é time e, se possível, um novo ídolo para gritar seu nome nas arquibancadas. Até os mais ilustres torcedores do clube não escondem seu desapontamento e desabafam pra valer.

— Foi a primeira sacanagem dos anos 80 — disse Sérgio Cabral ao tomar conhecimento da saída de Roberto. E de antemão disse:

— Nem o Falcão resolve o problema. Roberto é ídolo e ídolo é insubstituível. Se atualmente o Vasco comprar a Seleção Brasileira não vai ser a mesma coisa. Fiquei desolado.

Mas se para Sérgio Cabral nem mesmo a Seleção Brasileira o faria esquecer Roberto, o mesmo não se pode dizer de outro famoso torcedor do time, Erasmo Carlos. Ele, como Sérgio Cabral, ficou muito chateado com a perda de um grande jogador e amigo, mas apresentou suas soluções para o problema:

— Para substituir Roberto só mesmo pensando de Sócrates para cima. Não admito pensar por menos, e não me venham com reforços lá do Arapiraca porque não vamos engolir. Além do Sócrates, a diretoria tinha de comprar mais três jogadores: Tita, Falcão e Batista.

Erasmo Carlos não faz por menos. Mas será que a grana que o Vasco tem em caixa daria para realizar esse sonho?

— O Vasco tem agora de aplicar muito bem essa grana — diz o símbolo vascaíno que é Chacrinha. Quem aguentava o Roberto Dinamite no Vasco era o Agatirno, mas agora o homem foi pra Espanha e não adianta chorar. Talvez o Falcão resolvesse essa parada.

Mas eu fiquei triste, porque a saída do Roberto representa a ausência de gols na equipe.

Roberto, porém, nem para todo mundo é insubstituível. Do pessoal vascaíno que chiou brabo quando seu ídolo se foi, Martinho da Vila foi um dos mais sensatos:

— Fiquei muito triste. Como brasileiro, lamentei a sua ida às vésperas de uma nova Copa do Mundo, mas como amigo fiquei feliz, porque foi um excelente negócio para ele. Acho que vai ser difícil esquecê-lo, mas Jorge Mendonça foi bem comprado e ainda podíamos ter Paulo Cesar e Serginho. Faríamos um bom time novamente.

Paulinho da Viola, outro vascaíno roxo, também não deixou de fazer seu protesto:

— Para mim, a saída de Roberto, levando-se em consideração que a diretoria promete um grande time, foi lamentável. Começamos perdendo um grande ídolo. Só não fico mais triste porque sei que para ele foi uma boa. Para a sua posição, acho que só existe um jogador no Brasil capaz de fazer o mesmo papel: Reinaldo, do Atlético Mineiro, que tem as mesmas características.

Paulinho da Viola sabe das coisas e, se viu a última exibição de Reinaldo no Maracanã, contra o Fluminense, deve ter reforçado sua opinião. O craque mineiro fez de tudo em campo, ao estilo do Dinamite, e não tenham dúvidas de que cairia como uma luva no ataque vascaíno.

Protestos, protestos e algumas apalvras de crédito para a nova diretoria são a tônica da torcida vascaína em cada canto do Brasil. Do mais humilde ao mais ilustre torcedor, como por exemplo o Rei Roberto Carlos, que em poucas palavras definiu todo seu desapontamento com a perda do xará:

— Olha, quem seria o homem para substituí-lo eu não sei. Só sei que a saída do Roberto foi uma bosta!

Entre protestos, desabafos, opiniões e sugestões vindas de todos os tipos de pessoas ligadas pela mesma paixão, chega-se, porém, a uma conclusão: a diretoria prometeu um novo Expresso da Vitória e a torcida acreditou que isso era possível, passando a fazer planos. Mas logo na primeira iniciativa a diretoria deu um golpe muito forte na galera, que agora exige o que lhe prometeram. Em dobro. Pelas sugestões de torcedores, conhecidos ou não, vê-se que eles sonharam com um timão que, se eleito, poderia ser este: Leão (se não venderem, é claro), Orlando, Oscar, Edinho e Marco Antonio; Pintinho, Falcão e Batista; Jorge Mendonça, Reinaldo e Zé Sérgio.

Sem dúvida, um grande time, escolhido e desejado pela galera, capaz de esquecer assim a perda de Roberto e, quem sabe, fazer lembrar, mesmo que de longe, o Expresso.

Da Viola prefere Reinaldo

Fotos de Roberto Musauer

Para Sérgio Cabral, ídolo é ídolo

LEITORES

A Comissão Pró-Índio do Rio de Janeiro vem tornar pública sua indignação diante do atentado contra o líder Kaingang Angelo Cretan, no último dia 22 de janeiro.

A tensão na área já vem desde 1949, sem que o órgão tutelar tenha efetivado medidas eficazes para conter as constantes investidas de grandes grupos econômicos e famílias poderosas da região sobre suas terras.

Exigimos imediatas investigações sobre o caso, pois as recentes declarações dos responsáveis por sua apuração nos deixam temerosos de que se repita o que ora ocorre com as investigações sobre a morte do líder Pankararé, Angelo Pereira Xavier, no dia 26 de dezembro último.

A impunidade dos responsáveis por tais fatos só fortalece aqueles que não escolhem métodos para alcançar seus intentos.

Esperamos que a Funai procure atacar as causas deste conflito, garantindo aos grupos indígenas em questão o que lhes cabe por lei.

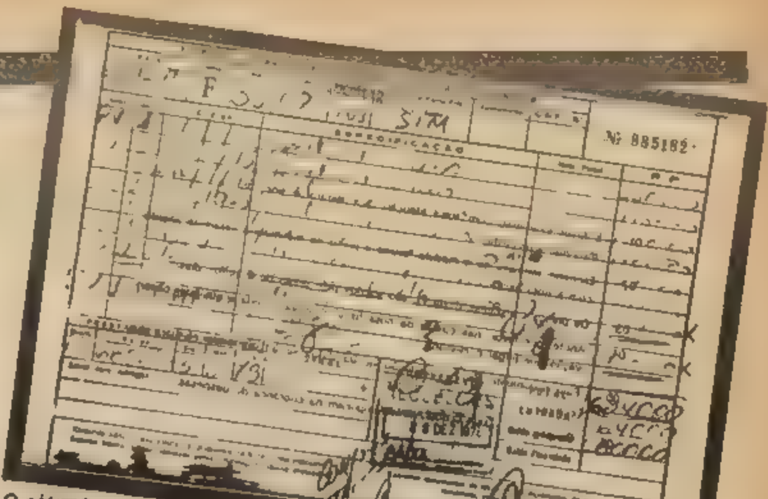
(Comissão Pró-Índio/RJ)

Moradores da Rocinha lutam para legalizar suas terras

"Há mais de um ano que a União Pró-Melhoramentos dos Moradores da Rocinha (U.P.M.M.R.) vem lutando contra os grileiros da favela e pela legalização da posse da terra para os moradores. Finalmente conseguimos nossa primeira grande vitória: a assinatura do projeto de lei da vereadora Bambina Bucci, que desapropria por interesse social uma área de 47.000 m² e legaliza a posse das 60 famílias que lá vivem.

Já foi dado o primeiro passo, que é o censo dos moradores, para se obter dados para a realização desses projetos. Porém, estas vitórias do povo contrariam os interesses dos grileiros e exploradores em geral, que estão lutando de todos os modos para impedir a urbanização da Rocinha. Eles já fizeram queixas-crimes sem fundamento na 15ª DP contra Diretores, distribuíram pela comunidade, há 3 meses, milhares de xerócopias de uma pretensa "Carta Aberta" acusando os Diretores da U.P.M.M.R. de "subversivos", "invasores de terras" e de estarem "instaurando a ditadura do proletariado" na Rocinha. Esta "Carta Aberta" se dizia de autoria do sr. Almir Guimarães e do "Mora" (Movimento de Organização e Renovação da Associação), que é um grupo que surgiu em agosto de 1979, logo depois do crescimento da luta pela posse da terra.

Queremos declarar de público que ninguém se intimidará com as ameaças dos inimigos do povo, e que nossa melhor proteção é o próprio povo da Rocinha, como ficou demonstrado na festa do dia 26 de janeiro, onde NÃO HAVIA UM ÚNICO POLICIAL OU GUARDA-COSTA. Em breve veremos o fim dos grileiros da Rocinha e, esperamos, de todas as favelas do Rio." **(Eleonora Castaño Ferreira — Diretora de Relações Públicas da U.P.M.M.R.)**



O sétimo item da nota é o cinzeiro, que Luiza não queria

Ponto Frio Bonzão dá outra de ladrão

"Comprei no Ponto Frio Bonzão em 28/12/78 duas alianças fininhas e quatro aneizinhos, só de ouro, vagabundo, que à vista, em qualquer lugar, custava Cr$ 400,00 cada um, perfazendo o total de Cr$ 2.400,00.

Pois bem: 1.º) A vendedora, conversando muito e fazendo contas fora do meu alcance, numa máquina de calcular, não me dizia o preço da mercadoria; 2.º) Fez com que eu assinasse em branco várias notas (o que é comum fazerem no Brasil, em todas as casas onde compro a crédito); 3º) Esta é que foi a pior — impingiu-me dois cinzeiros (pequenos, de pedra), dizendo que era oferta, bonificação de festas que havia sobrado do Natal.

Quando cheguei em casa verifiquei a Nota Fiscal e constatei que os cinzeiros me custaram Cr$ 400,00 e mais um seguro de Cr$ 100,00. Voltei na loja para falar com o gerente e este me disse que se devolvesse os cinzeiros aumentaria o preço das jóias (?). Como não podia retroceder na compra, pois não aceitam devolução de jóias, tive que pagar uma entrada de Cr$ 640,00 e mais 11 prestações de Cr$ 660,80, que perfazem um total de Cr$ 7.908,80.

A Nota Fiscal diz que o valor total da compra é de Cr$ 5.740,00. Os juros para pagamento em 12 meses está certo?

Ah! É verdade. Eles não querem devolver a promissória total assinada por mim. Tenho guardado o carnet de pagamentos, todo pago em dia, caso venham cobrar-me outra vez." **(Luiza — Rio de Janeiro — RJ)**

Ricardo apóia Norma e critica esquerda

Concordo plenamente com a Norma Sá Pereira quando ela pede reflexão à esquerda brasileira. E quem disser que a gente não pode discutir a atuação da esquerda porque isso seria deixar de atacar a ditadura está sendo ridículo. Porque... está na hora de corrigir um monte de erros e desvios que só prejudicam o avanço da luta pelo socialismo. Afinal, uma esquerda fraca só pode favorecer a ditadura.

...depois de 64 e principalmente de 68 a esquerda passou a ser comandada por "intelectuais". O termo em si já é ridículo, porque no Brasil qualquer estudante se considera intelectual (considero intelectual quem produz conhecimento, tem um trabalho realizado, e não o que simplesmente assimila o que os outros produziram.) O fato de termos lideranças "intelectuais" esconde um tremendo preconceito de classe, ou seja: só quem conhece marxismo é que sabe como fazer uma revolução, e como os proletas "não têm acesso à cultura" então nós, a "classe média consciente"... é que vamos dizer a eles o que devem fazer em seu próprio benefício.

Essa posição é completamente falsa... não é preciso conhecer a teoria marxista para ser revolucionário... pois se fosse assim o socialismo não seria para os pobres, mas sim para os estudiosos.... É preciso, sim, conhecer as contradições entre o capital e o trabalho, saber o que é ser explorado, e isso nossos operários conhecem melhor que qualquer teórico pequeno burguês... saber que existe o socialismo e que se pode chegar lá através da organização do proletariado.

Os trabalhadores são capazes de conduzir a luta pelos seus próprios interesses, como estão provando agora com a criação do Partido dos Trabalhadores, liderado por trabalhadores.

...Isso que em geral chamamos de esquerda brasileira é na verdade uma pequena burguesia radicalizada, com inquietações políticas e pretensões intelectuais à liderança. Os pobres, os humildes, os fudidos — a verdadeira esquerda — são desprezados por esses "teóricos", que mesmo depois de passarem por provações terríveis, como torturas e exílios, sempre acabam por cima, dando entrevistas em luxuosos apartamentos, virando personagens de filmes... E o povo? E os operários que foram perseguidos depois do golpe de 64, que ficaram de armas na mão sem saber o que fazer, quando a elite dirigente corria para as embaixadas... E os trabalhadores que foram assassinados, torturados ou tiveram que fugir (não para Paris, mas para qualquer lugar, para um futuro incerto), largando família e o pouco que tinham? Esses nunca viraram personagens de cinema.

É por isso que a Norma Sá Pereira tem razão quando pede reflexão à esquerda. Ela sacou bem o paternalismo da esquerda. Eu acrescentaria que esse paternalismo não é apenas uma atitude intelectual equivocada, mas é antes de tudo uma atitude de classe, de quem se considera superior porque tem mais dinheiro, porque é bem nascido.

O Brasil é um país onde a relação classe-cultura é muito típica. Existe uma classe dominante completamente ligada cultural, política e economicamente à Europa e aos Estados Unidos, classe essa que além disso é branca e racista (não se mistura). Do outro lado o povo, com uma cultura própria, desligada de origens étnicas rígidas, ou seja, uma espécie de geléia geral, muito rica e que evolui rapidamente. A "esquerda", no entanto, parece vir toda da classe dominante, o que é uma baita contradição, e imbuída da velha atitude paternalista de impor a cultura aos pobres ("para o seu próprio bem").

Me parece que compreender essas coisas é fundamental para uma proposta política correta, onde nós nos desliguemos definitivamente dos ideais de uma burguesia aculturada, fantoche e paternalista e nos coloquemos ao lado do povo, da sua cultura e dos seus interesses, não como promotores desses interesses, mas como aliados da classe trabalhadora brasileira.

Ricardo Alves de Souza — Porto Alegre — RS

• A carta de Norma Sá Pereira, a que Ricardo se refere, foi publicada no número 25, de janeiro último. Nela, Norma critica a esquerda, que tenta converter o povo às suas idéias, sem considerar as condições reais de vida das pessoas. Catequese, pra ela, não é política.

★★★

A situação terrível do povo, que se agrava cada vez mais a cada dia que passa, não sabemos até onde vamos parar com tanto absurdo e tanta exploração da bolsa popular.

Não é de agora que a Companhia de Eletricidade de Alagoas (CEAL) vem cobrando de seus usuários contas exorbitantes de ninguém suportar e não ter mais condições de possuir iluminação elétrica em casa.

Nos recibos de conta de luz de Enildo J.D. Santos, Praça dos Camelôs 175 — Parque Rio Branco, ele pagou Cr$ 47,10 pelo mês de agosto/79, Cr$ 94,50 pelo mês de novembro/79 e Cr$ 216,19 pelo mês de janeiro/80.

Constantemente se vê o entra-e-sai de pessoas no escritório da CEAL reclamando as contas pesadas e fora do limite, que variam de um mês para o outro. Fatos dessa natureza é para apertar cada vez mais o cinto dos alagoanos, que não sabem mais como vegetar, quanto mais viver. (José Luiz de Melo — Maceió — AL).

★★★

CORREIO HETEROSSEXUAL

• "Tenho 29 anos, saúde de ferro, casado, pessoa de fino trato, MACHO com M maiúsculo. Às mulheres solteiras, desquitadas, viúvas e mal casadas, que desejem um homem (MACHO) para algumas horas de amor, sem compromissos, mandar coordenadas e fotos para

PAULO ROBERTO — Caixa Postal, 13.089 — 20211 — Rio de Janeiro — RJ.

LEITORES

Como o jornal chegou a Moçambique

CORREIO RASGA E ROUBA

Assinantes chiam contra violação do REPORTER

Não foi uma nem duas vezes que os assinantes do REPORTER reclamaram por cartas e telefonemas que o jornal não chegou a suas mãos. Estão estrilando, e com razão, pois um funcionário de uma agência dos Correios, aqui no Rio, viu várias vezes colegas seus rasgarem a tira que envolve o exemplar de assinante para lerem o jornal. Mas não são apenas esses os fãs do REPORTER que não respeitam a correspondência alheia.

O alto escalão da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, atuando junto com órgãos de segurança, também gosta de fazer o mesmo. Temos dois exemplos: em julho de 1978 mandamos um exemplar para Moçambique que chegou lá rasgado; há duas semanas recebemos uma correspondência de Paris que foi entregue aberta aqui na redação e com o carimbo de "Liberado pela DRF".

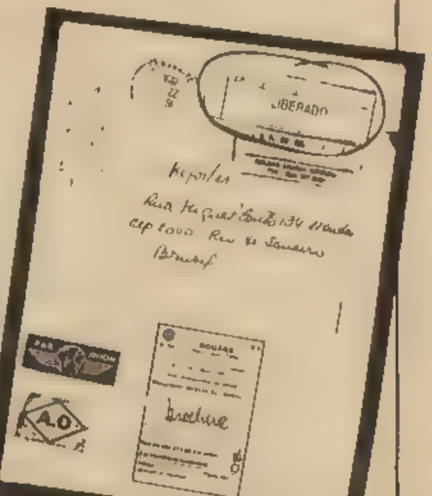
• "Tendo solicitado uma assinatura do jornal REPORTER, recebi no final do mês passado o recibo em apreço, mas estou estranhando quanto ao fato de não ter chegado às minhas mãos os jornais referentes aos meses de janeiro e fevereiro." **(Carlos Eduardo Pinto — Cianorte — Paraná)**

• "Não recebi **nunca** o jornal pelo correio, sendo obrigado a adquiri-lo nas bancas e quase perdendo certas **raridades**. Entrei várias vezes em contato com o seu pessoal aqui de São Paulo, que foi muito gentil, inclusive me enviando os números que eu reclamava não ter recebido. Quero mesmo é ter os meus REPORTER numa boa, sem encher o saco de ninguém e sem correr o risco de ficar com a minha coleção mutilada." **(Waldemir Marques — São Paulo)**

• "Leitora assídua deste conceituado jornal, venho por meio desta lamentar não poder renovar essa assinatura, em virtude do não recebimento ou da demora na entrega do mesmo, ocasionando duplicidade nos exemplares adquiridos, já que o tenho que comprar nas bancas." **(Anarlete Tavares — Rio de Janeiro)**

• "Em novembro de 79 fiz uma assinatura deste jornal, solicitando do número 15 a 27, exceto o 23, que já tinha, assim como os anteriores, mas até esta data recebi apenas os números 24 e 26. Gostaria de contar com a sua atenção, pois quero completar minha coleção." **(Francisco Antonio Brito Nogueira — Feira de Santana — Bahia)**

• "Mandei o cupom de assinatura por um ano, pedindo os números a partir de outubro de 79. Bom, recebi o número de dezembro de 79, não recebi o de janeiro de 80 e recebi três jornais de fevereiro." **(Edméa Alvares da Silva — Belo Horizonte — Minas Gerais)**


Correspondência liberada pela "DRF"

Mulher também tem tesão

"Senhores, eu tomo a liberdade de escrever a seu conceituado jornal REPORTER para falar sobre a matéria "Todo brasileiro é corno". O que eu acho é que esse conceito social brasileiro tem que mudar por um motivo de adaptação ou por motivo de força maior. Porque ninguém é de ninguém, e quem tem o que é seu dá a quem quer. Isto é válido sobretudo para as mulheres. É comum a gente ver uma mulher loura e bonita com um crioulo. A idéia que se tem é que está errado, mas pensando bem isto é problema dela. Esta regra também é válida para as mulheres casadas que, por um motivo ou outro, resolvem ter uma intimidade com outro, o que no português relaxado significa "trepar". Daí então o marido não pode exigir fidelidade da mulher. O homem precisa entender que a mulher não é uma casa ou um automóvel. É um ser humano que tem raciocínio e também tem fome de sexo, muito embora o sistema social não admita isso. Mas a traição propriamente dita a cada dia amplia-se mais. Eu, de minha parte, não tenho nenhuma experiência prática, pois conto apenas com dezenove anos. O que falo, ou melhor, o que escrevo baseia-se apenas em uma visão panorâmica das classes mais baixas, uma vez que esse problema nas classes privilegiadas é reprimido.

Outra coisa que me chama a atenção são as reportagens. Homens e mulheres querem ter mais vantagem e isso não é justo, porque o essencial para a mulher é o homem e o que é essencial para o homem é a mulher." **(Junior Rodrigues — Belford Roxo — RJ)**

●●●

Tô mandando esta em resposta à nota **Esperta** do Chico Jr. chamando todo mundo pro pau na briga pela maconha. Já que as cinco toneladas diárias que se queima de bagulho neste país o tornam um assunto eminentemente popular, é bom que os políticos que comporão o novo código partidário comecem a considerar o "problema" por esse novo prisma: o da reivindicação popular. Essa fumaça precisa de espaço político pra se espalhar, senhores políticos comprometidos com as causas populares. Sintam que no ar já tem mais fumaça que a dos aviões de carreira, e decidam: quem vai empinar esta bandeira? Se marcarem bobeira, a direita arrebata essa bandeira e a utiliza para interceptar um avanço qualquer da política jovem. Libera-se a maconha num momento decisivo para a participação do jovem no processo político, e o dinheiro das **multis** faria o resto: todo mundo chapado e sem fazer nada.
(Benedito Ademir Camargo — Itu — SP)

●●●

"Eu hoje vou romper com a sociedade!
Vou procurar nos antros da cidade
Toda felicidade que não vi!
Vou errar, em nome do desejo,
Desmunhecar, feliz, entre dois beijos
E tornar-me, com ardor, um travesti!
Nas alcovas furtivas da alegria,
No delírio infernal de alguma orgia,
Eu vou me misturar com a gente *gay!*
Vou entregar-me todo, sem receio,
E talvez encontre nesse meio
O verdadeiro amor com que sonhei!
Quem sabe eu desse modo aceite a vida,
E possa suportá-la, assim perdida,
Até que a farsa chegue ao seu final!
Vou ser um cancro na cidade grande,
Só vou buscar prazer por onde ande,
Nem que me torne, assim, um ANORMAL!"

(Jotacê — São Bernardo do Campo — SP)

Foto de Rogério Carneiro

Foto de Chiquito Chaves

O carnaval do Rio foi um vale-tudo. Todo mundo se soltou. Até senhoras de idade tiraram a roupa no meio da rua. Os homossexuais botaram pra quebrar. O sexo mexeu com as cabeças. Nessa página começamos a mostrar as fotos mais excitantes da grande bacanal. Nas três seguintes tem mais.

TODO MUNDO NU. OBA!

Foto de Chiquito Chaves

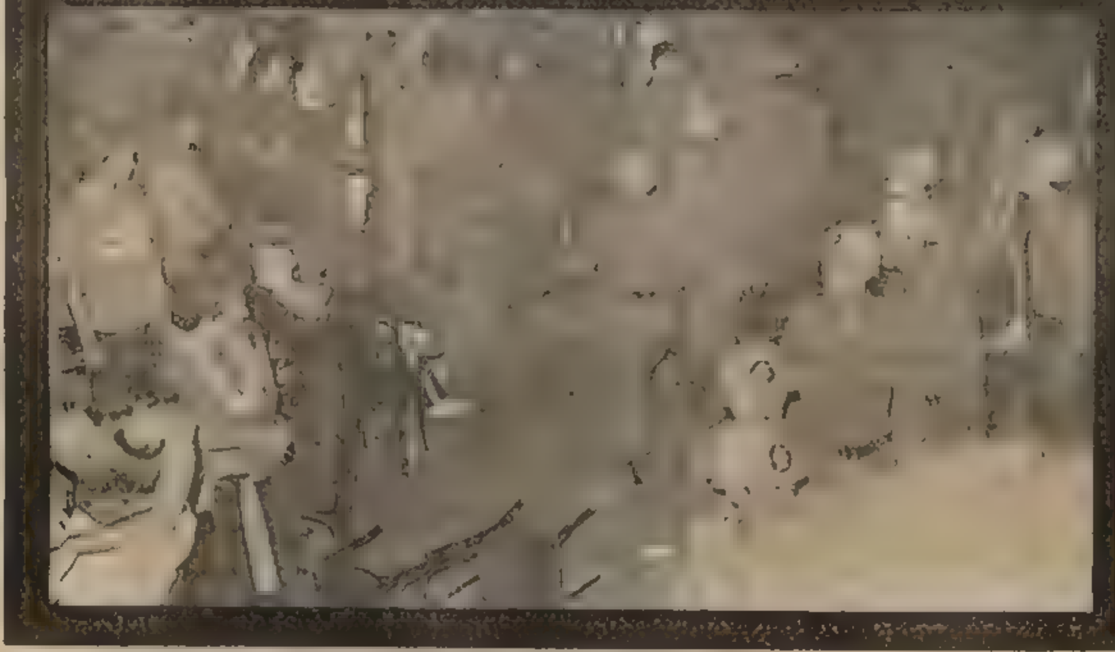
Foto de Chiquito Chaves

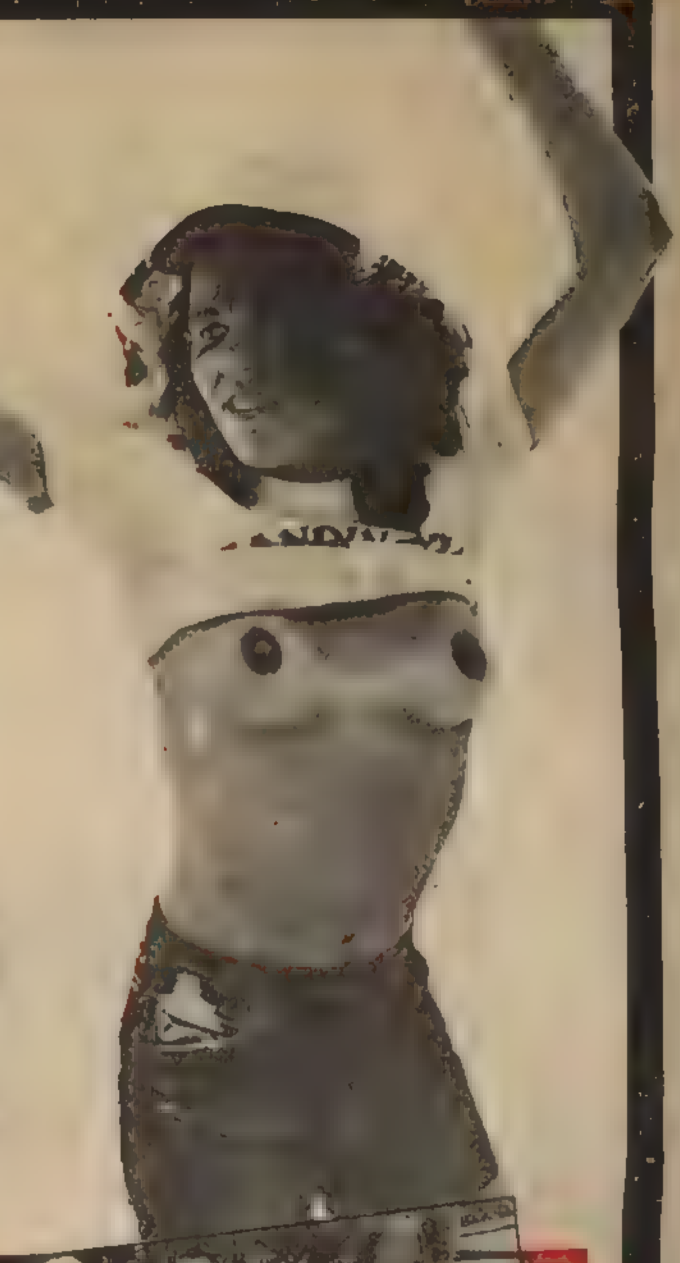
Foto de Rogério Carneiro

Fotos de A. Cavalcanti

Essas cenas do clube Monte Libano não são nada perto do que aconteceu lá dentro e não foi fotografado

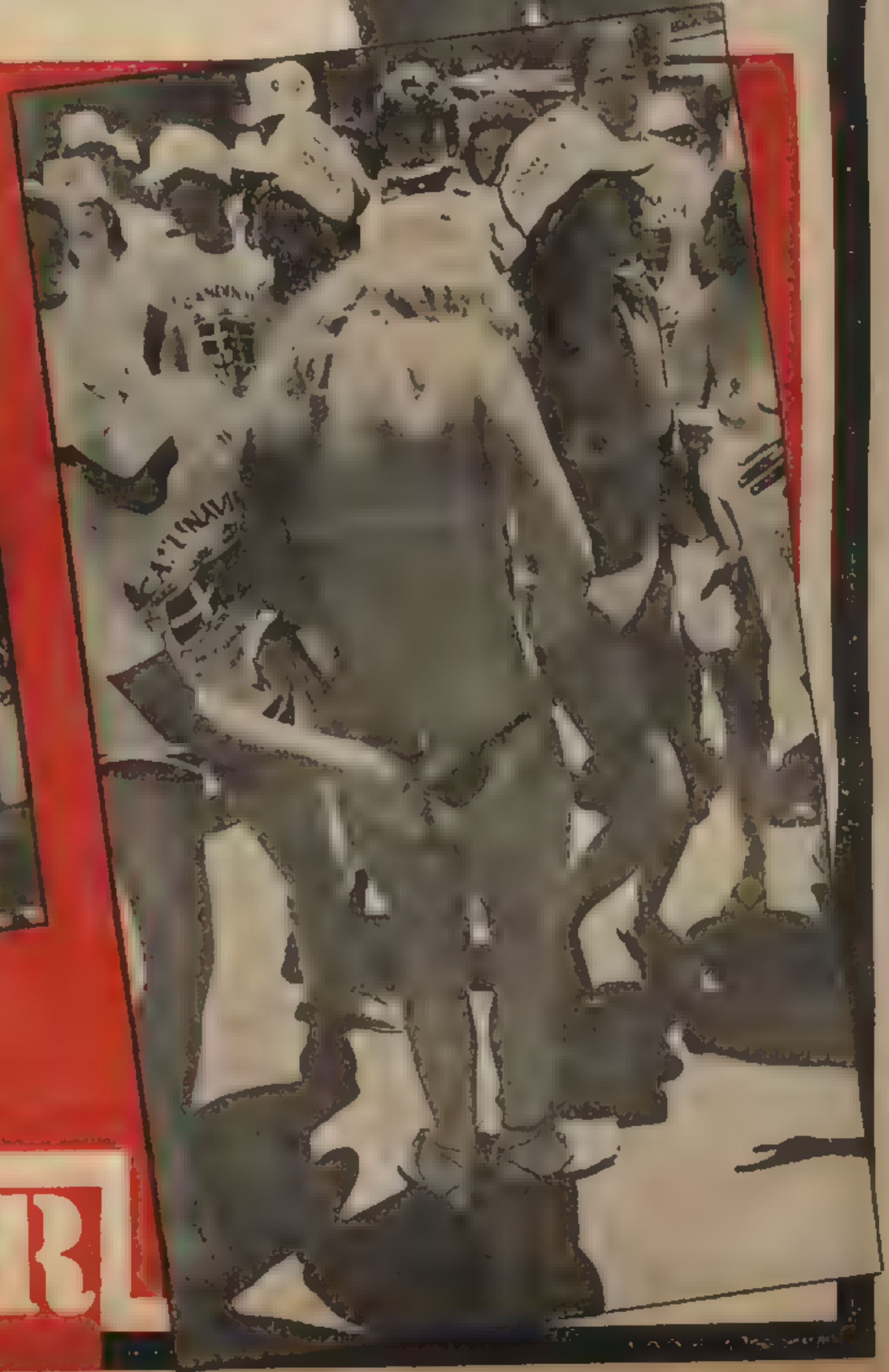
Baile no Flamengo: siriricas de deixar todo mundo vermelho; no fim, a polícia fez a coisa ficar preta





AS PEITUDAS

Sem sutiã no carnaval não pode? Pois as moças da boate Escandinávia, no Rio, nem estavam aí. Fizeram um bloco e desceram a Rio Branco, no sábado de carnaval, às onze da manhã, balançando ao compasso do samba. Foram peitudas, mesmo.



REPORTER

ACABOU O MISTÉRIO

Abril de 1980 - ano III - nº 28 Cr$25 AUTÔNOMO

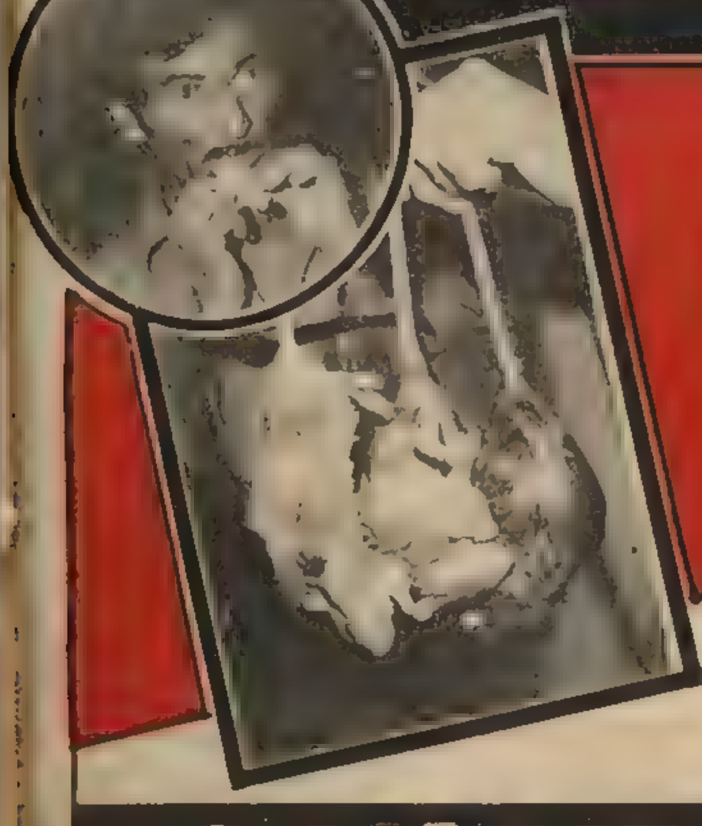
ESTE É O MÃO BRANCA

P.3

Eles reclamam dos pais

CRIANÇA TAMBÉM QUER SEXO

P.21



Paulista come rato

P.13

Jogadores rejeitam

MULHER NA CONCENTRAÇÃO

P.30

ESCÂNDALO NO METRÔ

P.8

MAIS 4 PROCESSOS

Este número que você vai ler agora vai ser examinado com uma lupa pelo secretário de Justiça do Rio, Erasmo Martins Pedro, que vai tentar encontrar alguma coisa para nos processar de novo. É a informação que temos: começa uma campanha sistemática contra nós.

Tivemos prova disso quando, no dia 4 de março, fomos enquadrados pelo citado secretário em quatro processos de uma vez, referentes a edições do ano passado: agosto, setembro, outubro e novembro. Acusados de "imoralidade" e por "denegrir autoridades". O gozado é que o processo de novembro já tinha sido iniciado antes. Os quatro processos envolvem mais de uma dezena de pessoas da maneira mais arbitrária possível: colaboradores que escreveram só numa edição ganharam quatro processos.

E outros absurdos.

Desta vez, Brasília lava as mãos e tudo é acionado pelo Rio. Diretamente pela 6ª. Delegacia de Polícia, que ficha todo mundo e faz os interrogatórios perguntando, por exemplo, por que o jornal escreve palavrões. Já se tornou rotina neste país: os assuntos culturais são tratados pela polícia.

Mas não somos apenas nós as vítimas do atual recrudescimento da repressão à imprensa. O mesmo se dá em relação ao **Coojornal** e, mais recentemente, ao **Pasquim** e à **Tribuna da Imprensa**, ao Movimento, **Em Tempo**, **Hora do Povo**, todos eles jornais que mantêm linha editorial independente da orientação ou das benesses do Planalto. Trata-se de campanha mesmo — já denunciada aqui mesmo ainda no ano passado — cujo objetivo é sufocar vozes discordantes de qualquer maneira, sob pretexto de que atrapalham a "abertura". Atrapalham, na verdade, os planos do governo de se perpetuar no poder, de continuar agindo nas sombras, de não ter que dar satisfações ao povo sobre o que acontece à Nação.

Um equívoco e duas respostas

*1 O editor do **Pasquim**, Sérgio Jaguaribe, o Jaguar, afirmou, em entrevista à **Tribuna da Imprensa**, no último dia 16 de março que a linha editorial do* **REPORTER** *irritava o governo com o seu estilo e "quem pagava o pato era o **Pasquim**".*

Absurda e lastimável a opinião do ilustre jornalista.

*Absurda porque o **REPORTER**, evidentemente, não é o responsável pelas leis de Imprensa e de Segurança Nacional que permitem do poder executivo apreender publicações nas bancas sem consultar a Justiça. **REPORTER**, ao contrário, tem sofrido a violência de tal arbítrio, que já lhe apreendeu 3 edições e lhe move nada menos que 9 processos — é seguramente, nos últimos dois anos, o jornal mais processado do país.*

*Lastimável porque o desastrado editor não precisava defender a sua liberdade atacando a de um outro jornal. Isso significa aceitar a legislação repressora vigente, queixando-se apenas que ela se tenha voltado contra o alvo errado. Por tal raciocínio, o **REPORTER**, e não o **Pasquim**, deveria ter sido apreendido. E aí estaria tudo certo para o Jaguar.*

*Trata-se de uma estranha linha de defesa da liberdade de imprensa para um jornal de oposição e tradição do **Pasquim**. E pior: fica a impressão de que, para o Pasquim, **REPORTER** é apenas um concorrente incômodo que seria afastado se o Ministério da Justiça fosse mais atento.*

*Aliás, em telefonema a um funcionário de tal ministério em Brasília, o gerente comercial do **Pasquim**, José Inácio, consumou o seu papel de assessor do ministro Abi Ackel, sugerindo literalmente que o jornal a ser apreendido era o **REPORTER**.*

Ataques despropositados, como a entrevista e o telefonema, servem apenas ao governo e à repressão contra a imprensa, que já está em curso.

O que eu posso dizer sobre a
apreensão é que essa "abertura" che-
ga até a me dar saudades da repres-
são —, disse o humorista Jaguar, di-
retor d'*O Pasquim*. Pelo menos, na
época da censura a gente sabia até
onde podia ir. Acho, inclusive que o
jornal não traz nada demais, mesmo
porque o *Pasquim* tem até sido acusado,
do, ultimamente, de ser um jornal mo-
derado, de linguagem acadêmica, de-
pois que surgiram outros jornais mais
no estilo do *Repórter* e da *Hora do Povo*.

Jaguar considera a apreensão d'*O*
Pasquim uma espécie de gota d'água,
porque, segundo conseguiu apurar
"junto a fontes do Ministério da Jus-
tiça, mesmo porque de oficial não há
qualquer informação, é que a apre-
ensão teria a ver com a linha que
vem adotando ultimamente o jornal
Repórter. É claro que *O Pasquim* na-
da tem a ver com o *Repórter*, mas no
final a gente é que paga o pato.

Por considerar uma arbitrarieda-
de do regime militar, Jaguar vai im-
petrar mandado de segurança, muito
embora saiba que, como das outras
vezes, não vai adiantar muito. Segun-
do ele, a apreensão começou, ontem,
em São Paulo. Depois, extendeu-se a
Belo Horizonte, Curitiba, Juiz de Fo-
ra e, por fim, Rio de Janeiro.

A Tribuna do dia 16

*2 É isso mesmo, Jaguar. Depois da sua declaração, nós temos que confessar mandamos apreender o **Pasquim**, como aliás já tínhamos mandado processar o **Coojornal**, o **Movimento**, o **Interview** e algumas outras revistas pornográficas, aquelas que publicam indecências. Ah! Íamos esquecendo: mandamos também tirar de cena um espetáculo do grupo de teatro Oficina, em Brasília. Imagine você que os atores andavam nus pelo palco.*

Esse negócio de nu, aliás, é um problema para nós, Jaguar. Não sabemos mais o que fazer. Já liberamos o nu frontal da mulher nas revistas especializadas depois da página 4, mas o pessoal não ficou satisfeito. Parece que tá todo mundo querendo tirar a roupa e nós não conseguimos mais segurar. A moral do mundo moderno é decadente, nós sabemos, mas do jeito que a coisa vai, não se sabe onde ela vai parar.

E não é só isso, Jaguar. Temos que ser sinceros com você: além de fazer censura de costumes e de imprensa, nós temos um outro acordo com o governo. Quando morreu o Petrônio, lutamos pela indicação do Abi, num trabalho de bastidores, e fizemos a ele a promessa de exagerar sempre o nosso sensacionalismo, afrontando radicalmente a moral do povo brasileiro e das autoridades com as nossas irreverências políticas. Assim, o governo teria motivo pra processar também outros jornais, com a desculpa de que a coisa tava se alastrando.

Pra disfarçar, o governo abre também um processo contra nós cada vez que a gente entrega um co-irmão.

Foi uma pena, Jaguar. Se você tivesse soltado aquela capa depois de nos avisar, nós teríamos contornado o problema. Vocês poderiam entrar também no esquema e tudo bem. Da próxima vez, telefone antes pra gente que faremos um contato direto pra você. Não se esqueça. Esperamos uma comunicação sua.

REPORTER

EDITORES — Alex Solnik, Chico Júnior, Luiz Alberto Bettencourt, Pipsi (Arte)

REPORTAGEM — **Rio de Janeiro:** Tim Lopes, Marcos Dantas, Vera Lúcia Dias, José Antonio Nonato, Sérgio Danilo, Grice Faria. **São Paulo:** Rivaldo Chinen, Teresa Moreira, Gleise de Castro, Hélio Belik, Silvio de Souza. **Recife:** Eduardo Homem, Beth Salgueiro. **Salvador:** Marcus Vinicius Bettencourt

FOTOGRAFIA — **Rio de Janeiro:** Chiquito Chaves, Roberto Musauer, Rogério Carneiro. **São Paulo:** Wagner Avancini, João Bittar, Cristina Villares, Ricardo Giraldez, Hélio Campos Mello. **Recife:** Valdir Afonso

REVISÃO — Maria Teresa Martins Pinto

ARTE — Analuce Estrella, Guidacci, Maurício Veneza

CIRCULAÇÃO — Eduardo Curi

PUBLICIDADE — Carlos Sarmento

DEPARTAMENTO JURÍDICO — Modesto da Silveira, Luiz Celso Araújo e Luis Eduardo Greenhalg

REPORTER Autônomo Independente é uma publicação da Margem Editoria e Programação Gráfica Ltda. **Rio de Janeiro:** Rua Miguel Couto, 134/11º andar, tel: 253-5038. **São Paulo:** Rua Santa Izabel, 33/8º andar, tel: 222-3103

Composição e fotolito — Editora Mory Ltda. Rua do Resende, 65, Rio de Janeiro.

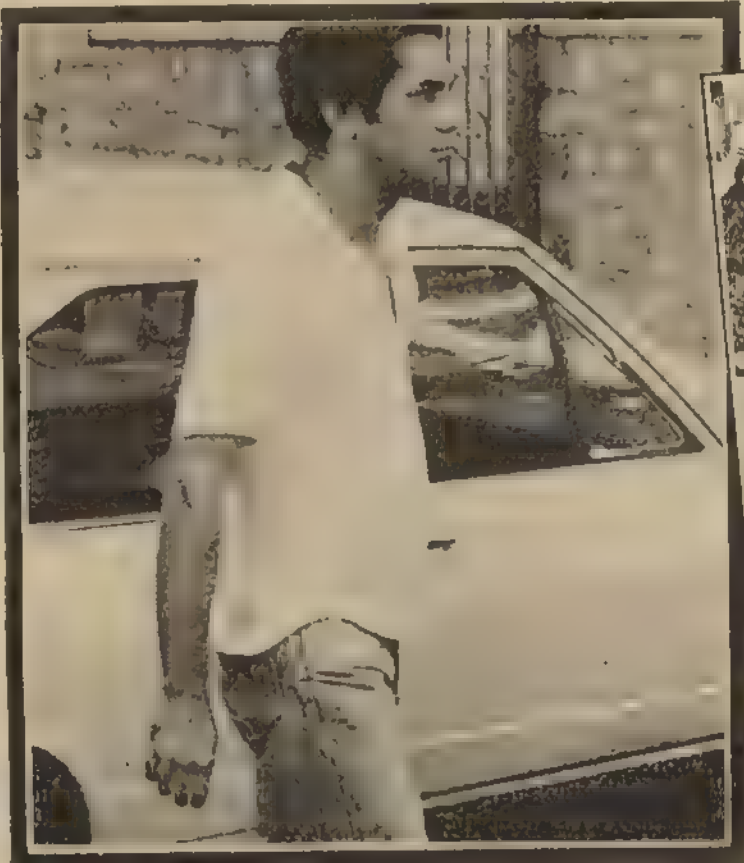
Impressão — Jornal de Hoje, Nova Iguaçu, RJ

Distribuição — Fernando Chinaglia S.A. Rua Teodoro da Silva, 907, Rio de Janeiro

Jornalista inventou tudo

MÃO BRANCA É REPORTER DE "UH"

A falta de assunto e as notícias rotineiras sobre os assassinatos na Baixada Fluminense levaram o repórter Jorge Elias a criar o Mão Branca, que acabou saindo de seu "domínio" e passou a ser um ótimo negócio para Ary de Carvalho, o dono do jornal carioca "Ultima Hora" : o jornal mais do que dobrou a tiragem com as histórias inventadas sobre o "justiceiro".



Jorge Elias, criador do personagem Mão Branca

Fotos Rogério Carneiro

A RECEITA DE UM HERÓI POPULAR

O misterioso personagem surgiu no noticiário policial, pela primeira vez, em setembro do ano passado, dizendo-se porta-voz do **Esquadrão da Morte**; mas somente no dia 6 de fevereiro deste ano ele passou a despertar a atenção popular. Era a primeira vez que se ouvia falar nos telefonemas do **Mão Branca**. Fugindo à rotina dos cinco meses anteriores, começou a anunciar as desovas (abandono de corpos em locais desertos), como também a questionar o problema da violência, a relatar detalhadamente as execuções, além de criticar severamente a ineficácia da polícia no combate ao banditismo, agradando em cheio aos leitores menos avisados.

O fenômeno **Mão Branca** começou após uma conversa, pelo telefone, do repórter Jorge Elias, do jornal **Ultima Hora**, com o repórter de setor daquele jornal, Manoel Batista de Almeida, de plantão na delegacia de Nova Iguaçu.

Papo vai, papo vem, ocorrências já anotadas, passaram a reclamar da vida. Manoel dizia que a Baixada era um lugar desprotegido, violento. Elias queixava-se de que aquelas três execuções, tão rotineiras, descritas na linguagem jornalística tradicional, renderiam no máximo 20 linhas. Afinal, ninguém estava dando a menor importância a **presunto** na Baixada. As vítimas são sempre **pés de chinelo** e os crimes jamais são apurados. A ação do **Esquadrão da Morte** não estava interessando nem mesmo aos muitos promotores de Justiça que se haviam tornado famosos à custa dele.

Telefone desligado, anotações sobre o encontro de três corpos, a página de assuntos policiais a ser editada, a escassez de assuntos e as renovadas queixas do editor. Andando de um lado para o outro na redação, Jorge Elias resolveu dar vida ao **Mão Branca**. Antes, ainda hesitou entre **Mão Branca, Mão Pelada** e **Ruço**. Optou pelo primeiro, por ser mais sério, por se encaixar melhor na personalidade que pretendia criar. **Mão Branca** não mais seria apenas um porta-voz das renovadas execuções, mas advogaria uma causa, mostraria por que matava bandidos, as falhas da polícia, do sistema judiciário e também a insegurança do povo. Seria um tipo ousado, irônico, debochado, fácil de ser entendido.

Partindo deste gancho, a matéria, que normalmente teria 20 linhas, cresceu. Ganhou quatro laudas (120 linhas) e a aprovação da direção do jornal. A conversa do **Mão Branca** com o delegado Romeu Diamant, de Nova Iguaçu, valorizou o assunto, rotineiro e contra o qual sabidamente não existe polícia ou justiça que dê jeito. Estava criado o personagem.

No dia seguinte, alguns telefonemas para a redação acabaram assegurando a continuidade do assunto, a sobrevivência do **Mão Branca**. A partir daí, o carrasco tornou-se matéria obrigatória, com amplas chamadas na primeira página. **Mão Branca** passou a telefonar diariamente para as delegacias de polícia da Baixada Fluminense e para a redação do jornal, anunciando as execuções, revelando os locais das desovas, criticando com veemência o aparelho policial. Pelo telefone falou até com o senhor Barreto, administrador do necrotério de Nova Iguaçu, a quem, de forma educada, pediu desculpas por tratá-lo de **Vela Acesa.**

O sucesso do personagem elevou, surpreendentemente, a vendagem de **Ultima Hora**, dobrou a tiragem (de 50 para 100 mil exemplares). As reportagens sobre o **Mão Branca** são redigidas depois que Manoel tenha todo o movimento do dia, na Baixada, bem como as descrições dos corpos encontrados em locais desertos. Em cima disso Jorge Elias cria os diálogos do **Mão Branca** com os policiais.

— Meu caro delegado — diz em uma das matérias — leve velas porque o homem morreu sem luz. Não se preocupe, agora temos menos um a ameaçar a sociedade, a levar pânico, pavor e medo aos homens de bem. Sou um vingador rancoroso desta sociedade aflita, meu caro delegado, e encontrei a fórmula mágica para acabar com o banditismo: a morte, doutor. Bandido não se recupera, jamais regenera, fique certo. O cárcere apenas corrompe. Nosso sistema penitenciário está falido, não há mais jeito.

— **Mão Branca** — respondeu o delegado — a pena de morte, a execução indiscriminada desse ou daquele criminoso nunca, em parte alguma do mundo, reduziu a criminalidade, está provado. A violência apenas gera violência; você é um criminoso como outro qualquer, igual aos que foram executados.

Jorge Elias só não contou com a repercussão que **Mão Branca** acabaria tendo. O povo sofrendo, sendo assaltado, roubado, inseguro, não vendo solução, acabou depositando no personagem toda a esperança. **Mão Branca** acabou sendo visto como o vingador que, no fundo, muitos gostariam de ser.

Se a intenção do repórter foi despertar a atenção dos leitores de seu jornal para os crimes que se repetiam na Baixada Fluminense, bem

como provocar a apuração de tais crimes, cujos inquéritos ainda permanecem empoeirados nos cartórios das delegacias de polícia e varas criminais, sua idéia falhou. O **Mão Branca** caiu no gosto popular, transformou-se num mito, roubou-lhe o sossego e acabou tornando-se a grande saída para os criminosos, os quais passaram a depositar nas costas do suposto carrasco (muito larga, por sinal) todas as suas execuções.

No submundo, o efeito psicológico causado pelo personagem também foi maior do que se esperava. Apavorados, muitos bandidos trataram de abandonar os refúgios em Nova Iguaçu, Belford Roxo, Queimados, Morro Agudo e Austin. E, no final do mês de fevereiro, dois assaltantes recusaram-se a sair dos xadreses da delegacia de Nova Iguaçu, embora a Justiça lhes tivesse concedido habeas-corpus. Explicaram que estavam com medo que **Mão Branca** os procurasse para um possível "acerto de contas".

A **Ultima Hora** continuou aumentando a vendagem, o **Mão Branca** não podia mais parar. Mas só as reclamações e reivindicações populares não eram suficientes para sustentar o discutido personagem. Os leitores exigiam explicações maiores. Jorge Elias passou, então, a criar uma personalidade para o **Mão Branca**, transformando-o, aparentemente, num justiceiro, objetivando aumentar ainda mais a vendagem do jornal.

Nos diálogos criados, quando um ou outro policial procurava mostrar ao **Mão Branca** que ele estava agindo de forma errada, o carrasco procurava ser objetivo, sucinto e rápido:

— Você já foi assaltado, teve sua casa invadida, sua mulher ou filha violentada? Responda-me!

A precisão do personagem levou o leitor a uma certeza: a de que **Mão Branca** sofreu na pele alguma agressão, daí sua revolta, o ódio que passou a ter dos bandidos.

Era preciso torná-lo sempre atual. Daí, dias antes do carnaval, ao falar de uma execução ocorrida em Nilópolis, Jorge Elias acabou citando o samba da Beija-Flor, num diálogo entre **Mão Branca** e um policial da delegacia daquele município. Ao descrever o crime, disse:

— Ele pode ver, meu caro delegado, melhor do que ninguém, o sol da meia-noite, o brilho do cano fumegante do meu revólver.

Dom Adriano Hipólito, bispo da diocese de Nova Iguaçu, com seus sermões dominicais contra o **Esquadrão da Morte**, ia encontrar em **Mão Branca** um inimigo ferrenho. Em seus telefonemas, anunciando as execuções e desovas, **Mão Branca** diria:

— Agora vou lavar minhas mãos na pia batismal da catedral de Santo Antônio da Jacutinga. Os sermões e preces de dom Adriano não estão sendo ouvidos. Bandidos são filhos do diabo. Portanto, o lugar deles é no inferno e é para lá que eles estão indo.

Mão Branca, ao descrever suas execuções, não escondia como realizava as desovas no rio Guandu, e explicava os melhores métodos para sumir de vez com os corpos. Dizia que todo bandido chora na hora da morte, demonstrando sua covardia. Criticava ainda uma entrevista do diretor do Departamento de Polícia Metropolitana, delegado Aladir Ramos Braga. Chamou o apresentador de televisão Flávio Cavalcanti de impostor, cínico e mentiroso, logo após ter exibido a filmagem de uma entrevista com um falso **Mão Branca**.

Acusado por alguns de matar apenas bandidos **pés de chinelo**, **Mão Branca** acabou invadindo a Zona Sul. Visitou a Galeria Alaska, "um antro de perdição bem em frente a uma delegacia". Não satisfeito, passou a realizar um policiamento preventivo, ordenando aos porteiros de edifício que se recolhessem às 22 horas, ao invés de ficarem batendo papo na frente dos prédios.

— A partir de amanhã não quero ver porteiros na rua depois das 22 horas. Eles facilitam a ação dos ladrões, ficam conversando, distraídos, com as chaves das portarias nos bolsos. E por isso, em razão de tamanha facilidade, muitos apartamentos estão sendo invadidos e saqueados. Aquele que não obedecer minha ordem terá o merecido castigo.

Foi até o Baixo Leblon e ameaçou explodir a Pizzaria Guanabara, alegando que acabaria com a troca de "talco" e mataria todos os traficantes de narcóticos que habitam as noites do badalado bairro.

Os policiais também começaram a usar o personagem. Os que recebiam os telefonemas divulgados pelo jornal sabiam que eram falsos, mas não ousavam desmenti-los. Muito pelo contrário. Bem ou mal, matando ou não, **Mão Branca** mostrava os problemas existentes na instituição: a falta de combustível, a péssima manutenção dos carros, os salários baixos, a inutilidade de se arriscar para prender um bandido

Executados mais 5 bandidos

MÃO BRANCA DESAFIADO PARA DUELO

TODO MUNDO NA ONDA DO CARRASCO

Não foi difícil para os jornais, rádios e televisões descobrirem que o Mão Branca estava aumentando rapidamente as vendas da Ultima Hora. Então, o personagem adquiriu várias personalidades e passou a frequentar os espaços de O DIA, jornal do governador Chagas Freitas, a dar declarações na Rádio Globo, no Fantástido da TV-Globo, e até a aparecer encapuzado e com luvas brancas no programa do Flávio Cavalcanti, na TV-Tupi: A meta, uma só: vender mais jornais ou aparecer com ótimos índices de audiência no Ibope.

Assim, Mãos Brancas passaram a telefonar para várias redações. A coisa, então, acabou virando bagunça. As declarações contraditórias e as características do Mão Branca de Jorge Elias foram sendo "desrespeitadas". Enquanto o carrasco da Ultima Hora apresentava seus executados sempre com os pés e as mãos amarrados com cordas de náilon azul, além de apresentarem outros sinais de violência (queimaduras de cigarros e marca de algemas nos pulsos), os outros jornais pegavam qualquer crime, desde que fosse de autoria desconhecida ocorrido na Baixada Fluminense ou em qualquer outro lugar.

Tornaram-se marcantes as diferentes aspirações dos vários Mãos Brancas, que variavam de acordo com a filosofia de cada empresa. A TV-Globo, por exemplo, colocou no ar apenas a gravação de uma voz que, em tom baixo, dentro dos padrões globais de qualidade, explicava pausadamente por que era a favor da pena de morte, sem cometer um único deslize, sem usar gíria, falando da criminalidade e da atal crise que atravessa o sistema penitenciário.

Já a TV-Tupi usou de todo lirismo e amadorismo. Seu Mão Branca não foi apenas uma voz: ele foi mostrado dentro de um fusca verde, usando um capuz negro para ocultar o rosto, além das luvas brancas. E deu uma entrevista "exclusiva" à repórter Mary Fontes, da equipe do apresentador Flávio Cavalcanti. Contestado pelo **Mão Branca** *da Ultima Hora, reapareceu no programa seguinte reafirmando sua existência e chegando mesmo a indicar "uns presuntos ali na frente" mas sem enumerá-los, tornando-se demasiadamente estranho aos olhos dos telespectadores interessados. Esse Mão Branca não sabia, com exatidão, quantos bandidos havia executado, o que levou, logo a seguir, o secretário de Justiça, Erasmo Martins Pedro, convidado especial do programa, a desmentir com veemência sua existência, deixando o apresentador embasbacado. Aquela reportagem serviu também para que os ouvintes da Rádio Continental, que assistiam ao programa, identificassem a voz de seu antigo locutor João Ramos Filho, o Mão Branca do Flávio Cavalcanti, atual repórter do programa do apresentador da TV-Tupi.*

Esquadrão mata há 20 anos

Ontem, o Esquadrão no banco dos réus: hoje, Mão Branca, um mito e muitos mortos, tudo sob palmas da multidão. O caldo engrossa e a coisa é séria porque ninguém sabe quando, nem onde, tudo isso vai parar. De camarote, a cúpula policial de agora e as que ruminam o capim da pastagem farta de outros tempos assiste ao espetáculo, como se não tivesse nada com isso

Mão Branca não é nada mais do que a marca nova de um velho tema: o Esquadrão da Morte, que surgiu nas mesmas condições, pondo as leis e os regulamentos de lado, jogando pra cima as lições do Direito e deixando pra depois a defesa dos direitos humanos que anda pelo mundo.

O Esquadrão nasceu lá pelos idos de 1957/58, quando o general Amauri Kruel comandava a polícia carioca. A moda era assaltar casais, violentar as mulheres, matar os homens e roubar o que sobrasse. Era prato do dia, também, o assalto a lojas. E o comércio, que paga impostos, gritava. Já os traficantes andavam por aí, mas discretamente: ainda era feio fumar maconha e tomar pico, engolir bolinha ou cheirar pó. O roubo violento era o forte a combater no Rio.

O general deu meia-volta na tropa e colocou-a frente a frente com o crime. Em seguida, a ordem definitiva: a morte dos bandidões, dos chefes de gangues, dos reincidentes frequentadores dos livros de ocorrência das delegacias. Ferro quente nos homicidas, nos ladrões, nos envolvidos com drogas, nos puxadores que começavam na depenação de carros. Pelas vielas dos favelões caminhava a horas mortas um grupo de policiais decididos, com missão certa, mas perigosa: conter o crime, matando ou morrendo, que era do ofício. Entre matar e morrer, os policiais, é claro, preferiram viver. Bandidos tombaram. Buck Jones, Mineirinho, muitos outros até mesmo sem nome nas manchetes dos jornais. Metralha nas sacas de feira, lá iam Eurípedes Malta, Sebastião, Itagiba, João de Deus Bispo. Era o Grupo de Diligências Especiais, criado no gabinete do general Kruel para dar a resposta ao crime que assustava o povão. Mas a imprensa o batizou de Esquadrão da Morte. E ficou valendo.

Hoje, quantos Mãos Brancas andam por aí na execução sumária, ninguém sabe, mas na visão desesperada do povo da rua ele é alguém que assumiu e foi em frente, descobrindo e matando como um vingador. E foi assim que sua imagem se alastrou pelas manchetes dos jornais.

Até agora, tudo andou "certo". Ninguém morreu errado, como naquela diligência da noite de 25 de fevereiro de 58, na encosta do morro de São João. As rajadas de bala contra os bandidos que assaltavam trabalhadores na subida para aumentar as paradas do jogo de ronda mataram o motorista da televisão Tupi, Edgar Faria de Oliveira, que morava ali perto. A morte errada acabou com o Esquadrão, cujos integrantes foram prestar contas à Justiça, condenados e, depois, em novo julgamento, absolvidos. Não dera certo o Grupo de Diligências Especiais criado pelo general Kruel. Se valeu a intenção, o julgamento cabe aos tempos. E os novos tempos são agora, depois de uma outra experiência não feliz: os Homens de Ouro do general Luís de França Oliveira, que se debandaram entre processos, acusações e dúvidas, com poucos fora de qualquer suspeita. Entre estes, Elinto Pires, que morreu agora, assassinado por um guarda penitenciário com poderes de polícia, tanto poder que dava proteção a uma quadrilha de traficantes do morro de São Carlos, que abastecia o complexo presidiário da rua Frei Caneca

Mão Branca vai deixar raiz, como raiz que é do Esquadrão da Morte. Enquanto o sistema penitenciário for uma escola de crimes, mas um bom negócio para alguns, como para o chefe da guarda Claudeniro Ramos, o Cavaca, assassino de Elinto.

Depois da morte do detetive Milton Le Coq, assassinado pelo bandido Cara-de-Cavalo em 1964, morreu Perpétuo de Freitas, considerado, assim como seu colega, um dos maiores policiais de todos os tempos na polícia carioca. Perpétuo não foi morto por um bandido, mas por um policial, o investigador Galante, que não aceitava, como outros companheiros, que Perpétuo pegasse vivo o assassino de Le Coq. Assim como a morte de Perpétuo revelou uma polícia despreparada e sem comando, falida em seus recursos e métodos e, por isso mesmo, sofrendo na própria carne os golpes do crime, a morte de Elinto Pires nos mostra uma versão ainda pior do nosso organismo policial. Ficou-se sabendo, pela carteira de identidade exposta nos jornais, que os guardas de cadeia, como Cavaca, exercem também o poder de polícia, mesmo fora de sua função de vigilante de presos.

José Monteiro

O preço da cenoura na rota do "justiceiro"

Dejanir (foto maior): sou a favor de matar bandido. Amintas: os crimes são de responsabilidade do secretário de Justiça

Antônio Carlos: o Mão Branca deve continuar a limpeza

SUJEIRA

• É importante ressaltar que, existindo ou não, *Mão Branca* é apenas a consequência natural da violência social que existe no país, é consequência da descarada propaganda incentivada pelo governo e divulgada por órgãos de comunicação, como a TV-Globo, que dá força à pena de morte e abre espaço para o general Muricy dizer que todo mundo tem que ter uma arma em casa, para o secretário de Segurança de São Paulo dizer mais ou menos a mesma coisa e incentivar a classe média (afinal, o povão não tem condições de comprar armas) a se defender dos criminosos, uma espécie de vale-tudo, onde o governo lava as mãos e passa para a população uma responsabilidade que deveria ser sua.

Fábio Antunes Amorim, 46 anos, funcionário público, assaltado na rua Araújo Leitão, no Engenho Novo, preferiu telefonar para a redação de **Ultima Hora**, à procura do **Mão Branca**, em vez de se queixar à polícia.

A senhora Mathilde da Cunha Avellar, 62 anos, residente em Copacabana, insatisfeita com o preço da cenoura na feira-livre da rua Hilário de Gouveia, reclamou com o feirante dizendo que aquilo era um roubo. Maltratada, ficou furiosa e achou que apenas uma pessoa poderia dar solução ao impasse e à carestia: o **Mão Branca**.

A menina Bárbara Heliodora, 6 anos, de tanto ouvir falar no personagem, bateu o pé e decidiu não ir mais ao colégio, nem mesmo sair à rua, explicando aos pais: "O tal **Mão Branca** está matando muita gente, e quem me garante que ele também não vai matar criança?"

Nos últimos dois meses, a redação do jornal **Ultima Hora** recebeu centenas de cartas de pessoas procurando o novo herói popular, contando seus problemas e pedindo justiça para casos pessoais. **Mão Branca** passou a ser visto como a única pessoa que poderia solucionar os casos mais incríveis, além da criminalidade. **Mão Branca**, "defensor dos fracos e oprimidos", comentado e amado mais do que odiado.

Para saber o que pensam do **Mão Branca** na Baixada Fluminense, local de ação do "justiceiro", o repórter **Chiquito Chaves** foi até Nova Iguaçu e colheu alguns depoimentos nos bairros de Belford Roxo, Heliópolis, Piam, Changrilá e Miguel Couto.

Antônio Carlos Lima, eletricista, 21 anos, já foi assaltado e diz: "Lógico que sou a favor do **Mão Branca**".

— Vê o seguinte: o trabalhador recebe seu pagamento e, no meio do caminho, indo para casa, é assaltado como eu fui. Cheguei de moto na minha casa, vagabundo pintou, me arrochou e ainda por cima queria levar a moto. O **Mão Branca** devia ver isso. O pior é quando malandro mata pai de quatro filhos, levando o salário. Tem tarado por aí à solta, tem de tudo. Se eu pudesse matava bandido, porque bandido é filho-da-puta. A gente trabalha pra fazer nossa casa, compra móveis, geladeira, se enche de prestação, vagabundo vem e rouba! Não é sacanagem? Por isso sou a favor da justiça feita com as próprias mãos. Se o **Mão Branca** mata bandido, ele está certo. Matar bandido é legal; ilegal é deixar ele solto por aí. Prender não adianta porque ele foge ou solta uma grana pros homens. Eu mando dizer a esse **Mão Branca** pra ele continuar a limpeza, principalmente aqui em Belford Roxo.

Juarez Silva, também eletricista, concorda com o colega, mas pelo menos sabe que "tudo isso aí é fruto de problema social, dos salários baixos e da inflação". Mas acrescenta:

— Se eu fosse assaltado e encontrasse o bandido, eu o mandava pra barreira do inferno, numa boa. Sou a favor de matar marginal, principalmente se for estupro. Já pensou chegar em casa e encontrar o cara lá? Só matando. Eu diria ao **Mão Branca** pra ele continuar. Avante Brasil! Os juristas são contra, baseados nos direitos humanos, mas eu queria ver esses homens sofrendo o problema na carne.

Dejanir Rodrigues Bastos, pedreiro, 45 anos, já teve sua casa roubada três vezes. Sua opinião não difere muito das duas anteriores.

— A marginalidade começa cedo, com esses garotos que roubam e logo depois vão matando direto. Pivete não pode ser considerado menor. Você pega um garoto de 14 anos que já mata que nem adulto. Pra mim, ladrão, assaltante, baderneiro não têm recuperação. Sou a favor de matar bandido.

Mas Fernando Amaral, também eletricista, 33 anos, reconhece que a criminalidade vem desde a infância, mas nem por isso é a favor do **Mão Branca**.

— Não sou a favor de ninguém matando bandido. Todos nós temos direito a um julgamento, inclusive o criminoso. Sou contra o **Mão Branca**, sou contra esse tipo de arbitrariedade. A lei existe pra ser cumprida. A criminalidade no Brasil vem do berço. O povo, em geral, as crianças, são mal preparadas, gerando revolta.

Amintas Teperino, 51 anos, suplente de vereador pelo MDB e agora no PP, foi em cima do lance dizendo que "o Mão Branca não existe; isso é um nome inventado pela imprensa para vender jornal". E acrescenta:

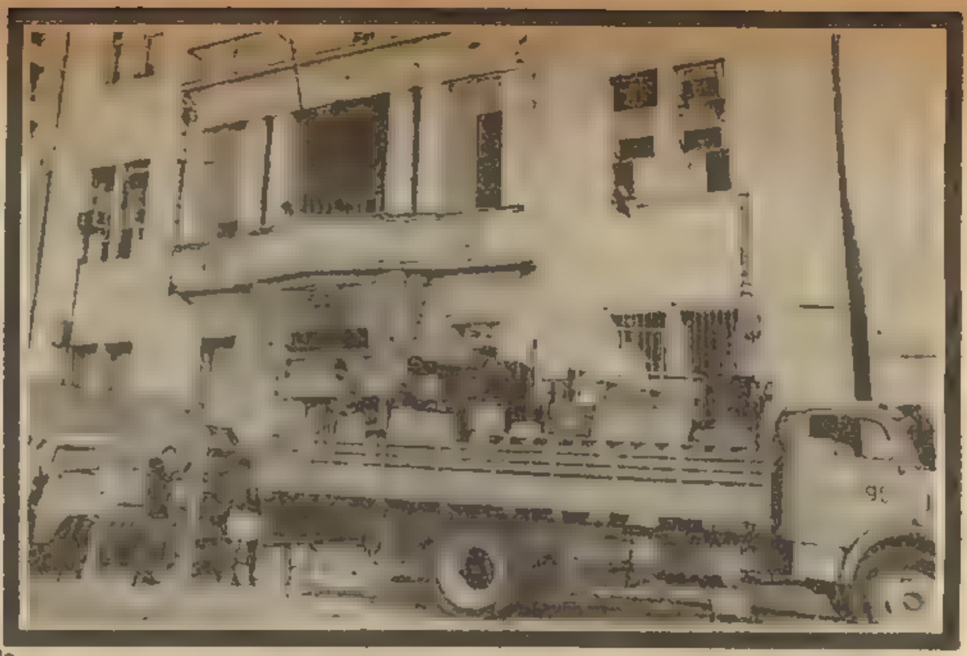
— Os crimes que aparecem por aí são de inteira responsabilidade do secretário de Justiça do Rio de Janeiro, dr. Erasmo Martins Pedro. Sou contra polícia fazendo justiça. Ela deve, isto sim, ser mais especializada para garantir a ordem, e não é matando que se vai corrigir nada. Quem mata comete um crime. No nosso país, a falta de emprego gera a criminalidade. Veja essas crianças que não conseguem escola, nem trabalho, que ficam por aí jogadas na rua e mais tarde viram assaltantes, roubando seus próprios irmãos. Os assaltos começaram com a Revolução, a partir de 1964. Antes, quase não se falava de assalto; agora é uma calamidade, assaltos de todos os tipos.

Abdiar Edmundo Marques, 51 anos, militar reformado, acha que todo mundo deveria matar bandido, mais ou menos o que sugeriram o secretário de Segurança Pública de São Paulo e o general Muricy, que deram seus recados através da TV-Globo: querem que a população se arme para se defender dos bandidos.

— Sou a favor da pena de morte para bandido. Agora, se antes de tudo existe alguém com coragem para matar assaltante, que mate. Assaltante é comida de urubu. Já fui assaltado duas vezes em Nova Aurora e, se pego o cara, eu mato, esfacelo, sem dó nem piedade. O **Mão Branca** não existe. Tanto faz mão branca, negra, o que for. O que eu sei é que a polícia mata bandido e conta com o meu apoio.

O professor de matemática Robenildo Angelo de Moura, 33 anos, diz que o assaltante também é explorado, e por isso é contra o **Mão Branca**.

— No país existe uma Justiça. Precária ou não, é uma Justiça. Todos têm direito à defesa. A criminalidade é um problema social gerado pelo sistema, que deve ser solucionado pelo sistema, aumentando o mercado de trabalho na cidade e no campo, especificamente com a reforma agrária. A criminalidade aumentou com o desemprego.



Estudantes protestaram contra a demolição do prédio, que continuou, apesar da contra-ordem do

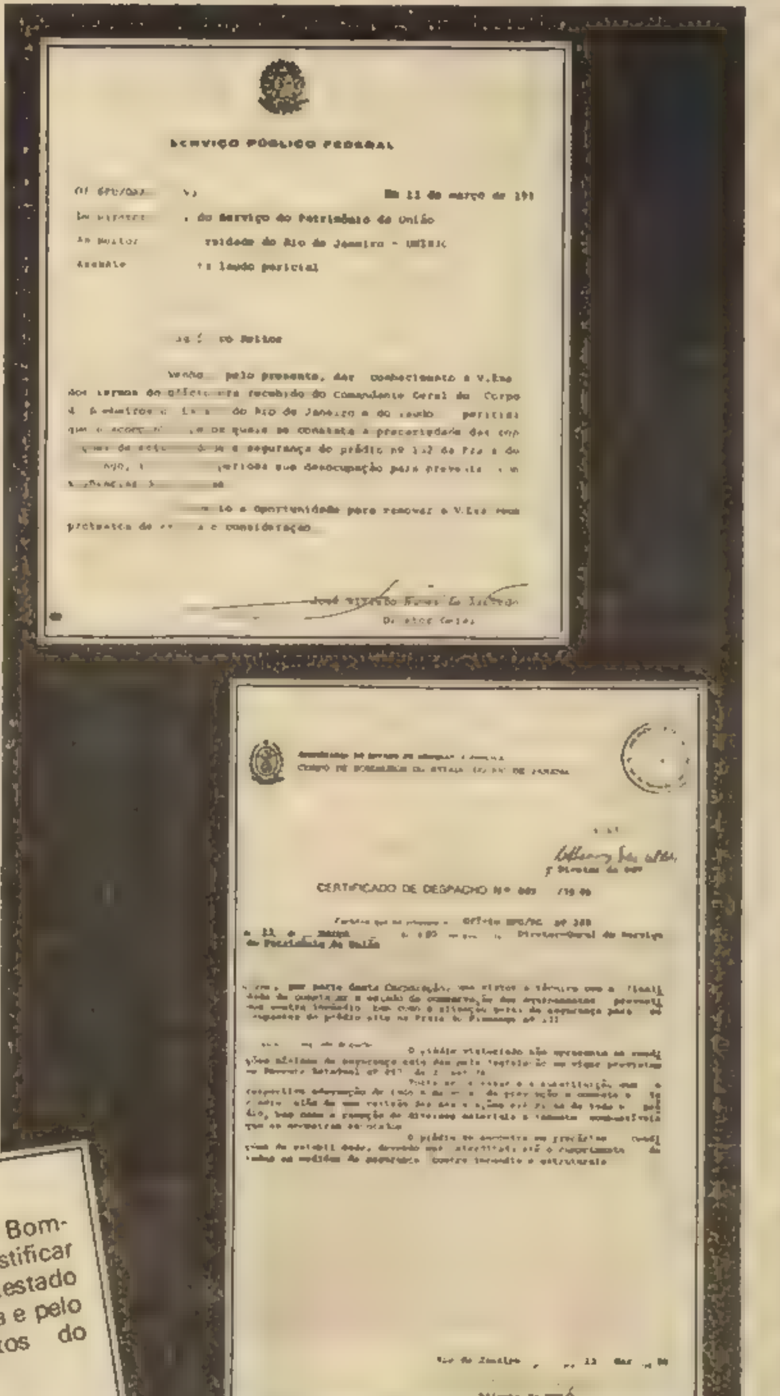
Dizem que foi o irmão do HOMEM

GOVERNO MANDA DEMOLIR PRÉDIO DA UNE EM SEGREDO

Reportagem de Celeste Cintra Fotos de Rogério Carneiro

A antiga sede da União Nacional dos Estudantes — UNE — na Praia do Flamengo, depois de invadida pela polícia no último dia 13, está sendo demolida. A medida é justificada a partir de um laudo do Corpo de Bombeiros sobre a insegurança do prédio, que é contestado pelo Clube de Engenharia e pelo Instituto de Arquitetos do Brasil. Os governos federal e estadual não assumem imediatamente a demolição, que acaba sendo suspensa por liminar do juiz da 3ª Vara Federal, Carlos Aarão Reis, à ação cautelar impetrada pelos advogados dos estudantes. A liminar é desrespeitada e a demolição prossegue, levando o próprio juiz ao prédio. A partir deste dia — 21 de março — Carlos Aarão Reis recebe ameaças de morte.

Da invasão, até agora **REPORTER** pôde comprovar o desrespeito das autoridades estaduais e federais a um prédio de valor histórico inegável e à autonomia universitária. Em todo o episódio também fica clara a intenção de impedir que a UNE volte a ocupar o prédio e o acobertamento dos autores das ordens. Até agora, por exemplo, ninguém sabe de onde são os operários que fazem a demolição: policiais disfarçados? Empreiteiros de uma firma particular? As informações são contraditórias e, quando as perguntas vão mais fundo, vem logo a resposta: "Não se esqueça de que o reitor da Uni-Rio (era uma faculdade da Universidade que estava funcionando no prédio por ocasião da invasão) é irmão do homem".



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Rio, 13 de março de 19

CERTIFICADO DE DESPACHO

O laudo do Corpo de Bombeiros, que serviu para justificar a demolição, foi contestado pelo Clube de Engenharia e pelo Instituto dos Arquitetos do Brasil.

No dia 13 de março, os alunos do Centro de Artes e Letras da Universidade do Estado do Rio — Uni-Rio — realizavam uma assembléia na faculdade (antiga sede da UNE) e discutiam a tomada simbólica que a entidade pretendia fazer do prédio no dia 2 de abril. O assunto era pauta de uma reunião porque, quando a data fora marcada, esperava-se que o prédio da Praia do Flamengo já estivesse desocupado, uma vez que o Centro de Artes iria ser transferido para o antigo prédio da Psicologia, na Praia Vermelha. Como a mudança atrasara, via-se a possibilidade de adiar a data da ocupação.

No meio da discussão, os estudantes ouviram os gritos e viram a faculdade ser invadida por policiais armados de revólveres, metralhadoras, bombas de gás lacrimogênio e de efeito moral, escopetas e escudos.

O tenente-coronel Vidal, que comandava a operação, dizia a todos que "obedecessem suas ordens para não usar de violência", e retirava do prédio, através de um corredor polonês, os alunos — cerca de 500 — professores e funcionários em geral. Ninguém pôde voltar para apanhar seus pertences, que estavam nos armários. O decano do Centro, Pernambuco de Oliveira, visivelmente emocionado, dizia "não ver motivos para tal medida, já que os alunos estavam tranquilos". No dia seguinte passava mal do coração, sendo obrigado a manter repouso total.

Ainda no dia seguinte, nenhuma explicação oficial. O reitor da Uni-Rio, Guilherme Figueiredo, nada falava e se negava a receber a imprensa. Os policiais, que já tinham colocado um cadeado na porta da UNE, revezavam-se em esquema especial na porta e no interior do prédio, afirmando apenas que "cumpriam ordens superiores".

E chega o fim de semana (a invasão fora numa quinta-feira), e com ele a primeira explicação oficial: Guilherme Figueiredo dizia, em nota não assinada e sem papel timbrado, que, "devido à insegurança do prédio, os alunos seriam transferidos para a Casa Juliano Moreira e para o Hospital Pinel, na Praia Vermelha. A mudança começa a toque de caixa e móveis, pianos, cenários ficam expostos no pátio, ao sol e à chuva, empilhados num canto.

A mudança para os dois prédios, que foram desocupados também a toque de caixa, foi feita depois de um pedido de Guilherme Figueiredo a Brasília e provocou grande insatisfação na área médica. Ela gerou o deslocamento de 120 funcionários da Divisão de Saúde Mental (Dinsam), sendo que uma parte foi da Praia Vermelha para São Cristóvão, onde o prédio, ocupado por dois outros serviços do órgão, foi desocupado, indo então os restantes 120 funcionários para outro serviço no Centro da

Juiz Carlos Aarão Reis, que foi ameaçado de morte

cidade. Já no Pinel, a ida da faculdade para o local provocou o término do único serviço gratuito de assistência psicológica infanto-juvenil.

Para o diretor do Dinsam, Paulo Mariz, o serviço "não acabaria porque passaria, mais tarde, para outro local do Pinel, onde há, normalmente, espaços ociosos"; mas, a seguir, ele diz não querer discutir o assunto porque "gosta mesmo é de frevo". Já a Sociedade de Medicina e Cirurgia e o Sindicato dos Médicos do Rio de Janeiro, que encaram a vida mais seriamente, enviaram notas de protesto ao Ministério da Saúde, até agora não respondidas.

Ninguém sabe quem autorizou

No dia 17 surgia o famoso laudo do Corpo de Bombeiros, datado do dia 13 (dia da invasão) e encaminhado ao diretor do Serviço de Patrimônio da União, dizendo que o prédio da UNE "não apresenta as condições mínimas de segurança exigidas pela legislação". E, mais adiante: "O prédio se encontra em precárias condições de estabilidade, devendo ser interditado até o cumprimento de todas as medidas de segurança (contra incêndios e estruturais)".

A primeira dúvida surgiu em relação à data: se o laudo é do dia 13, data em que ninguém viu os bombeiros no prédio fazendo vistoria, e encaminhado ao SPU, como chegou ao reitor da Uni-Rio no mesmo dia 13, para que este mandasse invadir o prédio, à tarde, por questões de segurança, conforme foi alegado pela polícia, devido às condições do prédio?

A segunda contestação foi feita por Hélio de Almeida, representando o Clube de Engenharia, e Rui Veloso, do Instituto de Arquitetos do Brasil. Ambos afirmam que "os bombeiros exorbitaram de suas funções porque não têm capacidade para falar em condições de estabilidade". E se ofereceram para vistoriar o prédio, o que, evidentemente, não foi aceito pelo governo federal, para quem o prédio foi devolvido, segundo Guilherme Figueiredo.

No dia 18, os vizinhos do prédio denunciam a retirada das telhas, embora a polícia negasse. Pelos fundos, dos prédios altos, via-se perfeitamente que não restava mais uma telha na antiga sede da UNE. Era o início da demolição, negada a princípio por todos, inclusive pelo diretor do SPU, José Alfredo Azevedo, que dizia "não terem partido do órgão ordens a respeito da demolição", e acrescentando:

— As ordens são acima do Ministério da Fazenda. Afinal, o reitor é irmão do homem.

No dia seguinte ele assumia a demolição, dizendo não saber a data em que a mesma seria feita, embora ela continuasse a todo vapor.

Na demolição, as irregularidades sobram e a pergunta continua no ar: quem está demolindo? O SPU assume a ordem, mas diz não saber quando começará, nem quem vai fazer. Nenhuma firma particular põe o cartaz na porta assumindo a obra, conforme determina a lei. A Região Administrativa local não sabe de nada, o mesmo acontecendo com a Secretaria Municipal de Obras. O Corpo de Bombeiros diz não ter nada a ver com o assunto. A 9ª Delegacia de Polícia, apontada como autora por um homem que se identificou como o delegado, usando falsa identidade, afirmava que nem tinha homens para tal e que "o prédio da UNE era assunto do DGIE — Departamento Geral de Investigações Especiais — da Secretaria de Segurança (delegados Othon Alves e José Alberto Lage). E os "operários" contavam histórias confusas dizendo não saber quanto ganhariam e que tinham sido contratados por uma firma cujo nome não sabiam, situada na rua Senador Dantas, 117.

Telhas saem pelos fundos

O prédio começava pouco a pouco a desaparecer: sem telhas e vigas, parte do teto afundado, buracos em todas as paredes e sem vidros. E os protestos se sucediam através de associações diversas e da comissão mista de alunos e professores do Centro e das entidades estudantis — União Estadual de Estudantes e União Nacional de Estudantes.

Constituídos como advogados dos estudantes, Paulo Matta Machado e José Augusto Cabral impetraram ação cautelar tendo à frente a presidente do Sindicato dos Artistas, Vanda Lacerda. A liminar é concedida pelo juiz da 3ª Vara Federal, Carlos David Aarão Reis, no dia 20, e a demolição pára. No dia seguinte, pela manhã, a demolição recomeça com marteladas mais rápidas e pedaços de parede caindo na rua. Os policiais na porta limitam-se a dizer que "veio ordens maiores para continuar".

Sabedor da situação, o juiz da 3.ª Vara Federal vai ao prédio e determina que todos desocupem o local cumprindo suas ordens. Do prédio saem, então, mais de vinte "operários". Solicita também policiamento federal para o local, mas não consegue.

Desde então o juiz Carlos Aarão Reis tem recebido ameaças de morte. Por telefone dizem que seu carro e sua casa vão explodir, o que também acontecerá ao prédio da UNE. Nele, à noite, a demolição continua com holofotes, apesar da porta do prédio estar lacrada e apesar da liminar da Justiça.

Os estudantes, em atos públicos e numa ação popular, ainda lançam a palavra de ordem: "A UNE somos nós, nossa força e nossa voz".

BECHARA JALKH

CONVIDA: SEJA UM DETETIVE COMO EU!

Aprenda comigo uma das profissões mais fascinantes – e também das mais prestigiosas e rendosas. Em qualquer campo de atividade (indústria, comércio, bancos, seguros, etc.) os serviços de um Detetive Particular são cada vez mais necessários – e bem pagos. Comigo você aprenderá todas as técnicas que me permitiram resolver os casos mais famosos e difíceis. E aprenderá também a utilizar aparelhos ultra-sofisticados, que ninguém mais possui no Brasil. Vamos. Comece o quanto antes a trilhar o caminho do sucesso, que muitos profissionais que aprenderam comigo estão percorrendo. Envie o cupom e receberá, grátis, livreto contendo todas as informações sobre nossos cursos.

Profissões regulamentadas por Lei em todo o território nacional
Para ambos os sexos sem limite de idade

DETETIVE CRIMINAL
DETETIVE PROFISSIONAL
(Particular)
SEGURANÇA FÍSICA DE EMPRESAS
(Perito)

INSTITUTO DE INVESTIGAÇÕES CIENTÍFICAS E CRIMINAIS

PR. OLAVO BILAC, 28 – 13.º AND. (MERCADO DAS FLORES)
C POSTAL 215 ☐ CEP. 20.000 ☐ TELS.: 222-6166, 222-2852, 283-2048 E 283-2098 ☐ RIO

Cursos por Correspondência

NOME
RUA N.º
CIDADE
ESTADO CEP

Na Tijuca o trabalho nem na metade Na Lapa, material apodrece

Cr$ 40 bilhões gastos e até agora nada

ESCÂNDALO! METRÔ DO RIO É OBRA SEM FIM

Desde 1975, quando a obra começou a ser acelerada, o Metrô do Rio de Janeiro gastou mais de Cr$ 40 bilhões e, direta ou indiretamente, afetou a vida de 2,5 milhões de pessoas. Durante o governo Geisel, que queria prestigiar a administração do almirante Faria Lima, a obra foi alimentada com verbas fabulosas, chegando a empregar 18 mil operários em 1978. Agora, com a briga entre o governador Chagas Freitas — que não quis entrar para o PDS, partido do governo — e a administração federal, o Metrô está sem pai: as obras estão paralisadas, com prejuízos diários de Cr$1,2 bilhão; o pré-metrô, que atormentou a vida de 600 mil pessoas entre Pavuna e Maria da Graça, está abandonado. Na Tijuca, o trabalho, que deveria durar 30 meses, já leva dois anos e não chegou nem à metade; está parado, com risco de desabamento, pois as escoras são provisórias. Apenas mil operários trabalham hoje no monumental empreendimento, embora na Justiça do Trabalho existam 40 mil processos contra as empreiteiras que exploraram os trabalhadores. A população, que não foi consultada sobre a conveniência da obra, tem apenas o direito de sofrer com os engarrafamentos de trânsito provocados por ela, com os buracos e lagos das escavações: ninguém sabe quando o metrô vai continuar. Tudo depende do jogo de empurra entre os governos estadual e federal, cada um tentando tirar o corpo fora daquilo que é, certamente, uma das maiores demonstrações de incompetência administrativa e corrupção da história do país.

Não acredito que a briga entre o PDS e o PP tenha prejudicado o metrô. Caminhos divergentes dos governos federal e estadual não podem prejudicar os interesses do povo.

Quem leu nos jornais do Rio esta absurda declaração do ex-presidente da Companhia do Metropolitano, Noel de Almeida — feita logo após o seu pedido de demissão — está certamente longe de imaginar que a realidade é justamente o contrário: foi a briga entre o PDS, de Figueiredo, e o PP, de Chagas, que efetivamente parou as obras do metrô e, com isso, adiou indefinidamente a operação da chamada **rede básica**, com 37 quilômetros, que corta a Cidade do Rio de Janeiro dos bairros de Botafogo até a Pavuna, alcançando também a Tijuca.

A história desse desfecho se confunde com a história da obra, que nasceu sem que a cidade fosse consultada e chegou hoje ao seu maior impasse — a quase paralisação — também contra os interesses da cidade. Em outras palavras: há cinco anos, quando o presidente Geisel deu plenos poderes à Companhia do Metropolitano e alimentou as obras com vultosas somas, estava empenhado em brindar o governador que ele escolhera para o Rio, Faria Lima, com um trunfo poderoso contra os seus adversários políticos. Agora, o trunfo do passado se transformou, mais uma vez, numa poderosa arma contra os mesmos inimigos. A diferença é que, desta vez, ao invés de obras a todo vapor, houve a paralisação do metrô, com custos superiores a Cr$ 1,2 bilhão por mês e conseqüências inimagináveis para o futuro do sistema de transporte de massa do Rio.

De uma situação para outra, há também um outro ponto comum: se mudaram os homens que manipulam, no país, os cordéis das decisões políticas, as suas vítimas — a população — continuam as mesmas. Direta ou indiretamente, cerca de 2,5 milhões de pessoas são atingidas pelas obras do metrô. Pelo menos, por mais quatro ou cinco anos, toda essa gente — segundo as estimativas mais conservadoras — terá de suportar os problemas que cotidianamente angustiam suas vidas: poeira, falências de lojas comerciais, assaltos, tráfego congestionado e, particularmente, transporte difícil. Dificílimo.

O futuro chegou

Exatamente no dia 5 de março de 1979, esta frase podia ser lida num grande balão içado sobre as estações do metrô na Cinelândia, Cidade Nova e também na Glória. Esta data e a frase são muito importantes para a compreeensão das crises que há cinco anos se avolumam e tumultuam a construção do trem subterrâneo. Naquele dia, a obra viveu seu último grande momento de glória: foi festivamente inaugurada pelo presidente Geisel que, num dos últimos atos de seu governo, garantiu formalmente os recursos para sua conclusão até 1980. Ironicamente, a frase, com o tempo, passou a representar justamente o contrário do ufanismo que simbolizava há pouco mais de um ano: em lugar de esperança, passou a significar uma espécie de alerta para todos os grandes problemas que envolveram o planejamento e a construção da obra, alvo de maciça propaganda oficial.

Mas quais são esses problemas? Numa das visitas que fez recentemente à obra, o ministro dos Transportes, Eliseu Resende, não fez segredos de sua posição: "O metrô tem estações suntuosas, distantes da capacidade econômica do país para construí-las". Era uma referência objetiva ao elevado custo da obra, uma das mais caras do mundo, no gênero, com estações todas revestidas de mármore e equipamentos eletrônicos dos mais sofisticados. O sistema de bilhetagem do metrô do Rio — informam os técnicos — é tão sofisticado quanto o do metrô de Paris. É capaz de trabalhar com 108 tipos de bilhetes diferentes, o que, na prática, corresponde a um desperdício: numa cidade como o Rio, onde o pobre gasta duas vezes mais com transporte do que o rico, qualquer transporte de massa deverá tender para a tarifa única como primeiro passo para corrigir as distorções criadas com a tarifa por quilômetro. A diminuição dessa distorção era, aliás, um dos pilares da propaganda do metrô. Por que então um sistema de bilhetagem tão sofisticado?

— Independente do sistema de bilhetagem há muitos outros desperdícios — admitem técnicos e até diretores da companhia. — Por que comprar máquinas de trocar dinheiro que não terão, na prática, qualquer utilidade?

Essas máquinas — encontradas apenas em algumas estações de metrôs de cidades desenvolvidas da Europa — foram compradas com a desculpa de que serviriam para diminuir as filas nos guichês de compra de bilhetes. Ao todo, são 10 máquinas (a única instalada, mas que não funciona, encontra-se na estação Cinelândia) condenadas a permanecer longo tempo guardadas no depósito do Metrô, na Ilha do Fundão. É o mesmo destino de dezenas de equipamentos, todos sofisticados e sensibilíssimos às oscilações de temperatura, já entregues pelos fornecedores, mas que não têm nenhuma perspectiva de instalação este ano. Com o atraso da obra, todo o serviço de montagem também atrasou. Resultado: o Metrô começa a lutar com sérias dificuldades para estocar todos esses equipamentos eletrônicos, muitos a exigir salas climatizadas, hoje inexistentes na proporção necessária.

Rescaldo do milagre

O metrô do Rio é filho do chamado **milagre econômico**, que a crise do petróleo e o acirramento das contradições sociais no país desmascararam. A idéia da obra é muito antiga. O primeiro projeto data de 1911. Era uma linha de 30 quilômetros, idealizada pelo engenheiro Álvaro Oliveira, ligando o Centro à Cascadura. Nos anos que se seguiram, os projetos se multiplicaram, mas não saíram do papel. Talvez, o mais importante deles tenha sido o previsto pelo Plano Agache (ou Plano Diretor de Remodelação, Extensão e Embelezamento do Rio) que, entre 1926 e 1936, defendeu a construção de três linhas de metrô: a primeira, entre a estação Central e o Largo do Machado; a segunda, do Centro a Niterói, e a terceira, entre Copacabana e a Ilha do Governador.

Polêmico, considerado prioritário para a cidade e com a construção sempre adiada, o metrô começou a tomar contornos de realidade em 1968. Nessa época, o consórcio teuto-brasileiro Hochtief-Deconsult-Construtora Nacional sugeriu a construção de 66,8 quilômetros de linha, com 54 estações, até 1990, em duas etapas: a primeira, entre a Praça Saens Peña e

OS RESPONSÁVEIS

Foto Rogerio Carneiro / Foto Chiquito Chaves

Geisel deu dinheiro para Faria Lima tocar as obras. Figueiredo não deu para Chagas Freitas e o metrô parou

Copacabana, com 21 quilômetros, deveria ficar pronta até 1975; as outras duas seriam feitas mais tarde, ligando a Praça Saens Peña a Jacarepaguá, e o Centro a Niterói. Ironicamente, em 1975, havia apenas alguns vestígios da obra, caminhando morosamente entre a Glória e a Central do Brasil. Foi nessa época que o projeto sofreu transformações radicais e, como uma imensa cicatriz, os canteiros do metrô se espalharam por 35 quilômetros do Rio.

Voltar a 1975 é importante para entender o que ocorre hoje com o metrô. Quando a obra começou a parar no fim do ano passado, alguns técnicos se apressaram a explicar que ela estava sendo surpreendida por uma conjuntura adversa. Quer dizer: seu planejamento extremamente aquecido se chocara com a política de desaquecimento da economia, que reduziu drasticamente os investimentos públicos. Na prática, essa explicação carecia de sentido. Em 1975, os planejadores do metrô podiam não ter previsto, em toda a sua extensão, os efeitos da crise econômica no país, mas sabiam perfeitamente que seu agravamento representava sério risco para a obra. Daí, a política posta em prática pelo governador Faria Lima e o presidente do Metrô, Noel de Almeida: abrir todas as frentes da obra, efetuar todos os contratos e construir o máximo possível, de forma a tornar o metrô irreversível mais pelos incômodos que representaria inacabado do que propriamente por sua prioridade. Esta estratégia nunca foi segredo.

O que sempre foi mantido no mais rígido sigilo foram os efeitos e o custo dessa estratégia. Em 1975, a aceleração da construção do metrô começou com um fato inusitado: o aliciamento em massa de milhares de operários fora do Rio para virem trabalhar na obra. Iludidos pelas promessas de alojamentos confortáveis, aparelhos de televisão, salários bons e possibilidade de ascensão no trabalho, eles chegaram em massa e hoje se encontram sem grandes opções na cidade. Do contingente de mais de 18 mil homens que empregava há dois anos, o Metrô não mantém, hoje, mil operários. Pelos planos de dois anos atrás, deveriam ser mantidos este ano — mesmo se tivesse ocorrido a conclusão da linha básica — pelo menos 8 mil homens empregados nas obras de ampliação. Foram canceladas as ampliações pelo menos por mais 7 anos e as obras estão quase paradas. Assim como os cronogramas, a capacidade de absorção de mão-de-obra, este ano, é desconhecida.

— O número de processos de operários contra empreiteiras — admite a Justiça do Trabalho — congestionou todas as juntas de julgamento e conciliação. Ao todo, são mais de 40 mil processos — o correspondente à metade do volume de trabalho. Em pouco mais de um mês, este ano, houve 3 mil queixas.

Um levantamento da Companhia do Metropolitano feito em 1979 — aliás, a única pesquisa sobre o assunto — já delineava nas suas entrelinhas essa perspectiva sombria. Constatava que apenas 12% dos operários que trabalhavam na obra eram da Cidade do Rio de Janeiro. Os outros 88%, em sua maioria, vieram de Minas (20,2%), Paraíba (10,3%), interior do Rio (9,6%), Per-

NOEL CAIU DEVAGAR, VÍTIMA DE CHAGAS

A demissão de Noel de Almeida da presidência do Metrô era esperada desde o primeiro dia do governo Chagas Freitas. Os acordos entre Chagas e o governo federal, logo após a sua posse, permitiram que a medida fosse prorrogada. Não tivesse ocorrido a cisão de Chagas com o grupo do PDS, e Noel permaneceria, sem grandes problemas, mais um ano à frente da companhia, tentando corrigir os erros que sua administração acumulou.

A gota d'água pra quebrar o pacto foi a decisão do governo federal de subjugar o grupo de Chagas por meio de um monástico controle da liberação das verbas. Para o Metrô, tal política foi catastrófica: as obras pararam, a cidade começou a reclamar, os empreiteiros demitiram em massa os operários que ainda sobravam nos canteiros. O resultado: Noel gradativamente foi perdendo terreno, envolvido pela pressão dos chaguistas e pelos erros administrativos — a maioria desconhecidos do grande público e dos jornais — que Chagas Freitas reuniu num dossiê, como derradeiro trunfo.

A tática de Chagas foi simples: colocou dois homens de sua confiança no Metrô — Orlando Castello Branco, diretor administrativo, e Ivan Cascão, diretor de planejamento — e, aos poucos, assumiu o controle da companhia. Quando Noel saiu, era apenas uma figura decorativa dentro do Metrô. O poder estava todo em mãos do diretor administrativo, que já tinha, inclusive, a prerrogativa de demitir e admitir pessoal. Nos últimos dois meses de sua administração, Noel praticamente não apareceu no Metrô: ficou a maior parte do tempo de férias, aparecendo apenas esporadicamente no seu gabinete. Nesta época, sua demissão já era considerada irreversível.

Foto Rogerio Carneiro

Demissão de Noel foi política

O caráter político da demissão ficaria claro mais tarde, quando, no dia 6 de março, Figueiredo veio prestigiar seu pedido de demissão. Contrariando todas as praxes da rotina administrativa, o pedido de demissão de Noel (que normalmente deveria caber ao secretário de Transportes) foi anunciado pelo ministro Said Farah, numa ostensiva demonstração de hostilidade a Chagas Freitas. Como Noel e Chagas têm telhados de vidro, tudo se passou cavalheiristicamente, sem um atirar pedras no outro. Noel alegou razões familiares e pessoais pelo pedido de demissão de um cargo que ele ocupou quase cinco anos, e Chagas manteve o silêncio, enquanto as obras mergulhavam na sua maior crise.

Foto Custódio Coimbra

Fotos Chiquito Chaves

REPORTER de 78 denunciou a comida podre e os acidentes. Jorge perdeu a perna e Severino, quase. Sem indenização

nambuco, Ceará e Bahia (20,4%) e o restante, de outros estados. Foi uma técnica hábil para superexplorar a mão-de-obra: de uma só vez, os empreiteiros conseguiram inflacionar o mercado e garantir, pela desagregação provocada pelo choque cultural, a inexistência de qualquer reação organizada contra as condições de vida nos canteiros. A gravidade do problema só começou a surgir com os quebra-quebras de 1978, que foram contidos com medidas paliativas (reforma de alojamentos, shows de mulatas, distribuição de ingressos para futebol, etc), e depois definitivamente neutralizados com a crise que atingiu a obra.

Em 1978, a pesquisa do Metrô oferecia também outros dados para reflexão: a metade do contingente de operários era de recém-chegados ao Rio; do total, apenas 44% tinham apenas uma ano de Rio de Janeiro, e só 33% trabalhavam há um ano na construção civil. Antes de trabalhar no Metrô, 19% dos operários se dedicavam à atividade agrícola e outros 40,8% não tinham atividade definida.

Analisando a pesquisa, a socióloga Ana Maria Brasileiro (do Instituto Brasileiro de Administração Municipal) chegou a duas conclusões: a primeira delas, evidentemente a mais importante, é a própria distorção do modelo econômico brasileiro, que "é concentrador de renda" e tem sua base nos grandes centros urbanos, onde o poder público é o maior investidor. A outra constatação está diretamente ligada à frustração de vida dos trabalhadores atraídos pela obra: ao serem admitidos no Metrô — observa a socióloga — eles tiveram apenas uma ligeira melhoria na escala social por conseguirem entrar no setor formal de trabalho (com carteira assinada e 13° salário), mas estavam longe de alcançar os benefícios a que teriam direito.

Ana Maria Brasileiro chegou a essas conclusões através de dados da própria pesquisa oficial: o número de operários que, antes do Metrô, não tinham emprego (18,8%), a idade média (os operários com mais de 40 anos representavam apenas 9,6% do contingente) e o pouco tempo de permanência no Rio.

— O Metrô é apenas um empregador formal, como será no futuro uma outra obra pública. Isto é fácil de constatar. Primeiro, o número de operários desempregados é atenuado pelo fato de 20,9% dos trabalhadores recrutados terem entre 16 e 20 anos. Esse contingente de mão-de-obra geralmente trabalha no setor informal e, portanto, não tem carteira assinada. Para efeitos estatísticos, é considerado desempregado. Outro aspecto: o fato de existir um número reduzido de operários com mais de 40 anos. Isso mostra a discriminação do pessoal idoso, que é dispensado depois de ter suas forças sugadas. Há ainda um terceiro: o número de operários recém-chegados, o que, evidentemente, criou problemas de adaptação.

Herança dos erros

A superexploração dos operários não foi a única falha grave da tumultuada história do Metrô. "Não nego que, na época em que o grupo de trabalho da fusão optou pelo metrô, em 1975, houve um erro de definição de prioridades. O ideal seria fazer a Linha 1, Botafogo-Tijuca, e aplicar o restante das verbas na rede ferroviária, que corta áreas nas quais vivem 83% da população do Rio. Se isso não foi feito é porque na época não havia clima para investir na rede ferroviária. Seus técnicos, inclusive, pensavam em desativar as linhas do subúrbio, embora nada se dissesse oficialmente" (entrevista do ex-subsecretário de Transportes do Rio, Paulo Buarque Nazaré, ao jornal O **Globo**, em 15 de agosto de 1979, quando, pela primeira vez, o metrô teve a sua prioridade, como obra, questionada).

A falha a que se referiu Paulo Nazaré era a construção da Linha 2 e do pré-metrô. O projeto original de 1968 teve que, em 1975, ser modificado por causa das óbvias dificuldades de construção do metrô na Zona Sul e pela impossibilidade de levar suas linhas da Praça Saens Peña até Jacarepaguá. Como não havia reserva de espaço, toda a área estava ocupada por prédios, e demoli-los exigiria investimentos elevadíssimos com desapropriações.

"LAGOS" DO PRÉ-METRÔ MATAM 5 EM 2 ANOS

No dia 13 de novembro de 1979, Renato Dias, de 11 anos, morreu afogado num lago formado pelas águas empoçadas pelas chuvas no canteiro de obras do pré-metrô, em Vicente de Carvalho. Era a quinta vítima da falta de segurança que passou a ser o traço característico das obras, desde que começaram a ser abandonadas em agosto de 1979.

A primeira morte por afogamento, no pré-metrô, ocorreu no dia 18 de agosto de 1978. Valdemar Mendonça, de 11 anos, morreu num buraco de cinco metros de profundidade e 20 de largura, em Inhaúma, quando brincava com um grupo de colegas. Um deles, Eduardo Ramos de Carvalho, de 17 anos, tentou salvá-lo e quase morreu.

Em dezembro do mesmo ano, outra morte: Edson de Oliveira, de 15 anos, se afogou num buraco da avenida Automóvel Clube, também quando brincava com colegas. O "lago" fôra transformado pelas crianças numa espécie de piscina, onde tinham livre acesso, apesar das águas estarem infectadas e inundarem área reservada apenas aos trabalhadores do pré-metrô.

Foto Chiquito Chaves

Neste buraco, em Maria da Graça, Edson, 15 anos, morreu afogado

A quarta vítima foi Edvaldo Cosme da Silva, de 17 anos. Ele morreu quando tentava atravessar um "lago" de água estagnada, no canteiro do metrô, perto do viaduto de Del Castilho. No mesmo local, dois meses antes, seu colega Hamilton Azevedo Aguiar, de 15 anos, quase morre também afogado; só foi salvo graças à intervenção de um grupo de colegas, que conseguiram tirá-lo do fundo do "lago", onde seus pés ficaram presos na lama. Edvaldo morreu no dia 7 de agosto.

No dia 20, portanto, 13 dias após sua morte, novo acidente com morte no pré-metrô. A vítima foi a funcionária pública Zilma Lucas Brandão, cujo corpo foi encontrado por moradores da favela Pára-Pedro, em Colégio. Ela morreu afogada numa vala que, na noite anterior, as fortes chuvas tinham inundado. Em todas as ocasiões, o Metropolitano limitou-se a "lamentar" os acidentes, sem tomar qualquer providência para assistir as vítimas. E o que é pior: os buracos e as poças de água continuam existindo.

Obra do pré-metrô na Pavuna afetou 600 mil pessoas. Está parada

A constatação dessa realidade não impediu que novos e graves erros fossem cometidos. O pré-metrô foi aberto com um custo de 8 milhões de dólares por quilômetro, (a remodelação da rede custaria US$ 3,3 milhões por quilômetro), à custa de desapropriações caras e do remanejamento de 27 quilômetros das adutoras de Acari e Ribeirão das Lajes. Oficialmente, a companhia explicava a obra (motivo do atraso da construção do pré-metrô, hoje parado) com o benefício social que levaria ao subúrbio. Na prática, a história era outra: a linha do pré-metrô deveria correr sobre o leito da antiga ferrovia Rio do Ouro. Como a ferrovia foi erradicada e seu leito ocupado pela Linha Verde, o pré-metrô, entre Maria da Graça e Pavuna, teve que abrir seus próprios caminhos, interditando boa parte da avenida Automóvel Clube e tumultuando a vida de mais de 600 mil pessoas que, teoricamente, deveriam ser beneficiadas pela obra a partir deste ano.

A construção do metrô foi extremamente difícil e custou caro ao Rio. Não só pela degradação de bairros inteiros, onde a população não conseguia nem dormir, por causa das máquinas que trabalhavam de madrugada, num ritmo incessante, para garantir a irreversibilidade da obra. Fruto de uma época de planejamento fechado e de total descaso para com a opinião pública, o metrô deixou também outras cicatrizes: uma delas é a ocupação da rua Conde de Bonfim, onde ficará (entre a Praça Saens Peña e a rua Dona Delfina) uma das garagens dos trens do metrô na Linha 1. O plano original era construir a garagem na avenida Maracanã, desapropriando a atual fábrica da Brahma. Houve pressões, a fábrica ameaçou fechar suas portas no Rio e o governo acabou cedendo. No trecho interditado da Conde de Bonfim, as obras estão paradas: o comércio reclama dos prejuízos e a população do descaso dos dirigentes do Metrô. Quando começaram, em 1976, as obras do metrô na Tijuca deveriam durar 30 meses; já se passaram quase quatro anos e a obra não está nem na metade.

— A obra na Tijuca não pode ficar parada indefinidamente porque pode haver desabamentos — admite Noel de Almeida, ex-presidente do Metropolitano. Não há risco imediato, mas as obras não podem ficar paradas cinco ou seis anos. As escoras são provisórias e programadas para obras que deveriam durar um ano.

As dívidas

Como filho do **milagre econômico**, o metrô do Rio não prescinde de seu traço mais marcante: o endividamento externo. Quem um dia escrever uma história séria sobre a construção do metrô terá de reservar um longo e minucioso capítulo para contar como evoluiu seu endividamento externo e qual sua relação com a compra de equipamentos importados, caríssimos, e muito avançados para a realidade brasileira. É o caso dos freios dos carros comprados à Budd Company, nos EUA: de tão evoluído, o sistema de freios do metrô carioca ainda não é fabricado em larga escala pelos americanos. Por isso é que os trens, quando freiam nas estações, fazem tanto barulho: o material, hoje, não pode ser trocado por falta de dinheiro para pagar o fornecedor estrangeiro. Daí, os técnicos do metrô terem de se desdobrar para improvisar soluções com o equipamento nacional disponível.

Em 1976, o metrô gastou, com juros, amortizações financeiras, encargos e garantias contratuais, quase a mesma quantia que despendeu com suas obras civis: Cr$ 1,6 bilhão. Em 1977, os gastos com compromissos financeiros atingiram quase 3 bilhões de cruzeiros. Três anos depois, tais dívidas atingiram a, aproximadamente, Cr$ 10 bilhões, isto é, mais da metade do orçamento para este ano (Cr$ 18 bilhões). Por causa dos elevados custos dos empréstimos e das dívidas com as empreiteiras (Cr$ 1,2 bilhão acumulados do ano passado), os investimentos na obra ficarão, este ano, limitados a Cr$ 2 bilhões, conduzindo, assim, à paralisação do pré-metrô e da Linha 2. Para concluir essas duas obras, o Metrô precisaria segundo seu ex-presidente, de Cr$ 3 bilhões. Em 1975, o então secretário de Transportes do Rio, Josef Barat, anunciava aos jornais que o pré-metrô precisaria de Cr$ 1,8 bilhão para ser construído. Hoje, com a obra praticamente pronta, ainda precisaria de um investimento pelo menos igual ao anunciado pelo ex-secretário.

Ao todo, as dívidas do Metrô somam US$750 milhões (cerca de Cr$ 40 bilhões). Cálculos conservadores indicam que, até o seu final, mais Cr$40 bilhões terão de ser consumidos. Como não há prazos de conclusão da obra nem este número inclui as conseqüências da paralisação prolongada de, pelo menos, um trecho de 17 quilômetros da linha básica, é claro que também esta previsão é falha. O que, aliás, no caso do Metrô, já virou rotina.

Ricardo, comerciante

Lixo e poeira afastam freguesia

"A dificuldade do comércio aumentou por causa do acúmulo de lixo, da poeira e do difícil acesso, havendo uma redução na freguesia, é claro. Já se passaram 2 anos e 2 meses, sem nenhuma definição dos órgãos competentes, o que aumenta o descrédito da população nas obras do governo. Eu só queria que o governo investisse realmente no problema para sanar as dificuldades de transporte que o carioca passa. Se terminarem a obra, tudo melhora. Da forma que está é que não pode continuar."
(Ricardo José, comerciante)

Williams, operário

Tirou garoto do "poço" em cima da hora

"Pra mim, o metrô não vai melhorar nem piorar minha vida, mas será de grande utilidade para a população do Rio. Devido ao problema do petróleo e à distância pro trabalho, esse meio de transporte é bastante útil pela sua rapidez. Agora, com essa parada na obra, eu vejo a grande irresponsabilidade do governo, porque gastam dinheiro em projetos de menos utilidade e esquecem do metrô, que vai servir ao povo mesmo.

Eu trabalho aqui na firma (Queiroz Galveas) há 7 meses e meio, e esse buraco já estava aqui. Já morreram três e eu mesmo já salvei um há dois meses, um garotão de 16 anos. O apelido dele é Galo; ele tava por aí soltando pipa com a garotada da favela Bandeira-2, escorregou e caiu numa fossa de 3 metros, cheia de merda. Tirei a roupa e fui catar o garoto; nisso, pisei num fio solto e levei um tremendo choque, saí de novo pra retirar os fios e puxei o garoto, que tava desacordado. Fiz respiração boca-a-boca, fiz massagem nos pulmões dele, aí ele começou a vomitar aquela coisa toda. Foi horrível, os outros moleques tavam apavorados, mas continuam por aí soltando pipa."

(Williams Pereira Gomes, operador-deslizante, ganha ... Cr$1.600,00 por semana)

João e o buraco fatal

Morador ainda paga taxa pelos buracos

"Aqui na Pavuna tudo ficou mais difícil depois que o metrô veio pra cá. A antiga avenida Automóvel Clube, cujo nome atual não sabemos, ficou uma bagunça; os ônibus, em vez de passarem pela rua Afonso Terra, passam pela obra do pré-metrô. No ano passado, um ônibus da linha Penha-Pavuna rolou pelo buraco da obra e, há pouco tempo, um fusca com um casal foi vítima do mesmo acidente.
Os moradores já não sabem mais onde pegar as conduções. Quando anoitece fica que nem breu; antes da obra tinha estrada, poste, sinal e tudo, mas agora, depois das 8 horas, é uma invasão de assaltantes. Tem mais: a Prefeitura está obrigando os moradores a cimentar as calçadas que eles esburacaram; dá prazo de 2 meses, senão tem multa de Cr$11.000,00 por mês de atraso. Se a gente reclama, eles dizem que não podem esperar e que a obra não vai parar."
(João Quinta da Silva, operador de máquinas, 45 anos)

Foto Chiquito Chaves

Es[illegible] trilhos e cabos pegando sol e chuva no depósito do Fundão

Foto Rogerio Carneiro

A nova rua Paulo VI, no Flamengo, entregue aos espigões

Metrô vira dono de terra e entra na especulação

Foto Chiquito Chaves

Nelson, jornaleiro

É o povo que sustenta a obra

"Quando vim trabalhar aqui, a banca já estava no prejuízo, a obra já tinha começado. Há 2 anos eu vim pra substituir meu primo que morreu. Naquela época o metrô estava em pleno andamento. Quando chovia, ficava uma lamaceira que não dava pra passar; à noite, era um perigo. Eles prometeram inaugurar dia 15, mas até agora nada. Eu tenho a impressão de que tem político metido no meio, interessado em faturamento; amanhã aparece uma placa nova dizendo que foi ele quem conseguiu. Quem paga não é o governo federal, nem estadual; somos nós que pagamos com nossos esforços. Se eles não terminarem agora, depois o prejuízo é muito maior." (Seu Nelson, banca de jornais da antiga avenida Automóvel Clube, atual (Linha Verde)

Depoimentos a Chiquito Chaves

Ao longo destes anos, além de buracos, queixas ou eventuais aplausos pelo funcionamento precário de 7 das 29 estações projetadas para as linhas prioritárias, a Companhia do Metropolitano acumulou também, e principalmente, numerosos terrenos. Localizados em áreas privilegiadas da cidade, a história da compra desses 3.056 imóveis não é trazida a público. E, no entanto, para torná-la possível, foi necessária a intervenção do Estado, que declarou os imóveis de utilidade pública para efeito de desapropriação.

Há algum tempo que a Companhia do Metropolitano deixou de ser apenas uma prestadora de serviços de transporte, razão principal de sua criação. Silenciosamente foi-se transformando também em grande proprietária de terrenos urbanos, financiados com dinheiro público, sobre os quais não dá satisfação. Algumas das desapropriações incluíram terrenos muito maiores do que os necessários para as obras, ou seja, ao atendimento da instalação de centrais de concreto, canteiros de obras, alojamentos de trabalhadores, e à própria passagem das linhas do metrô. Estocar terrenos, mesmo nos períodos de maior dificuldade financeira, foi sempre a política do Metrô.

Podendo, em muitas situações, simplesmente alugá-los pelo tempo de duração da obra, com menores gastos e dívidas, optou contudo, como sistemática, pela compra de imóveis. Para se ter uma idéia do significado das desapropriações, basta dizer que, no final de 1974, elas representavam cerca de 20% dos investimentos globais da companhia, perdendo apenas para as aplicações em obras civis. Para os terrenos desapropriados ao longo do pré-metrô esta relação se altera: as inversões na compra de 832 imóveis constituíram o principal item de investimento. Ao longo da Linha 1 (Botafogo-Tijuca) foram realizadas outras 1.976 desapropriações.

Escolhidos a dedo pelo Metrô, muitos dos terrenos desapropriados estavam situados em áreas então degradadas, e eram ocupados por casarios antigos. Abrigavam, sobretudo, população pobre, sem possibilidade alguma de defender seu interesse, o que terminou na sua expulsão, involuntária, para locais mais distantes.

Em Botafogo, no Catete, na Cidade Nova, foram muitos os proprietários que saudaram as propostas do Metrô com contentamento. Era a oportunidade de se livrarem de inquilinos incômodos, ao mesmo tempo em que, para o Metrô, tratava-se de alto negócio, na medida em que as transações eram feitas com base em valores de venda extremamente baixos. Alguns proprietários mais poderosos, como é o caso da empresa de veículos Auto Modelo S.A., localizada na rua Haddock Lobo, não aceitaram a proposta do Metrô. Partindo para a Justiça, ela conseguiu, mediante a contratação de caros advogados, conservar a maior parte de sua propriedade, limitando a expropriação à parcela do terreno que coincide com a faixa de utilização do metrô.

— Todas as vezes que comparecemos à assessoria jurídica da Companhia do Metropolitano fomos muito bem tratados — declarou ao REPORTER um proprietário de imóvel, atingido por desapropriação no Estácio. — Na verdade, explicou ele, era difícil argumentar com o Metrô quando ele alegava interesse social para justificar a compra que estava propondo. O coronel Leandro, um dos diretores da companhia, pessoalmente levava a cabo as discussões sobre valores das avaliações, e orgulhava-se muito do alto índice de acordos amigáveis obtidos.

Sobre os terrenos resultantes dessas desapropriações, no entanto, pouco se fala. Alguns permitiram a reurbanização das áreas em que se localizavam. Como o metrô só utiliza o subsolo, liberando a superfície, em outras áreas surgiram novas ruas. É o caso, por exemplo, da rua Paulo VI, paralela à rua Marquês de Abrantes, em Botafogo. A nova via, em apenas um ano, estimulou vários lançamentos imobiliários luxuosos, de empresas particulares. Para as áreas, agora de propriedade do Metrô, que destino estaria reservado? Apesar do sigilo com que se procura esconder as informações relativas às desapropriações, sabe-se, no meio técnico, que já foi aprovado pela Secretaria Municipal de Obras da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro um projeto integrado para a construção de dois prédios de escritórios e um de garagem, em terreno no Catete, junto à rua Machado de Assis.

Essas vagas, ao contrário do que seria de esperar, não estariam disponíveis para servir à integração dos vários meios de transporte, isto é, carros particulares/metrô/ônibus, mas exclusivamente para atender aos compradores daqueles conjuntos comerciais.

Para uma outra grande área livre, nas imediações da Estação de Botafogo, foi pensada a construção de um **shopping-center**. Para realizar o projeto — uma torre de 37 andares, garagens, etc. — o Metrô manteve contatos preliminares com um grupo internacional, ignorando os problemas que o empreendimento imobiliário necessariamente causaria ao gerar novos fluxos de veículos em área já totalmente congestionada.

As artimanhas do Metrô, no entanto, não acabam aí, destinando ao uso privado terras desapropriadas por interesse público. A Companhia do Metropolitano participa, no momento, de uma conspiração que só irá beneficiar seus credores, o grosso deles banqueiros internacionais. Assim é que, de repente, a atual crise financeira do Metrô é insistentemente exibida como chaga que o governo federal e o estadual procuram evitar. Por detrás dessa aparente divergência, na verdade está se preparando também caminho para a solução milagrosa — a venda dos terrenos estocados. Anunciada pelo secretário estadual de Planejamento, membro do Conselho de Administração do Metrô, no dia da posse do novo presidente da empresa, tal milagre foi cuidadosamente preparado. Além de não saldar a gigantesca dívida do Metrô, deixará a sacrificada população da cidade a pé, a assistir à especulação dos terrenos acumulados pela Companhia do Metropolitano à sua custa, indo beneficiar a particulares, os que mais ganharam com a valorização que os terrenos tiveram com as obras e com a renovação urbana.

Cresce a contaminação!

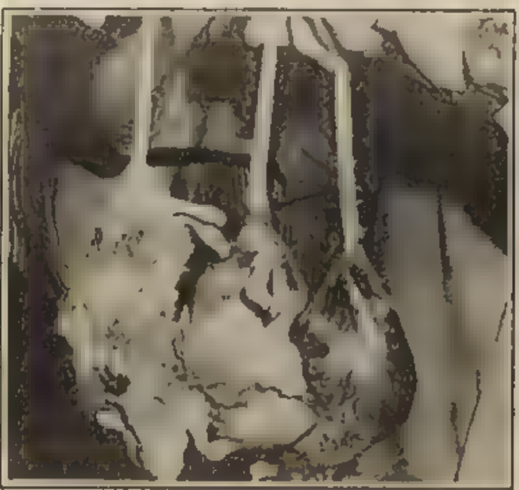
Perigo na marmita, na fábrica, na verdura. E o pior:

PAULISTA COME RATO

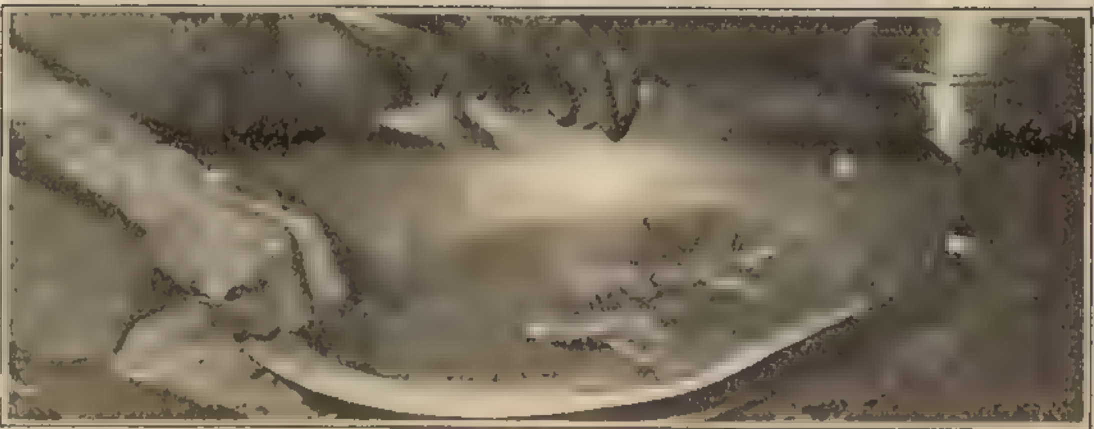
Reportagem de Raquel Soares e Rivaldo Chinen

Na falta de carne, o pedreiro Zé Candinho e seus vizinhos, da favela de São Bernardo do Campo, comem rato — como se vê nas fotos tiradas por Nelson Canessa, durante um almoço em fevereiro. Mas quem não come rato pode contaminar-se de outras maneiras: comendo de marmita — um foco de bactérias; almoçando na fábrica — um convite ao colesterol; descolando uma verdura — cheia de inseticida. E não é só: o drama é que não dá pra comer nada com total segurança, e quem diz isso é um especialista no assunto, o professor Baruffaldi. Veja nas páginas seguintes o perigo de contaminação a cada garfada.

Zé Quirino ajuda Candinho a lavar e tirar a pele


O prato do dia

Pelado, pronto para fritar


A lavagem, numa bacia qualquer

Zé Candinho (o jovem sentado), degusta a ratazana

Zé Quirino experimenta um pedaço

Sansão, caçador de ratos

Marmita do brasileiro: arroz, feijão e bactérias

É gostoso comer rato... parece frango...

Despreocupado, tomando uma pinguinha, o pedreiro Zé Candinho até sorri ao fazer esta declaração em seu barraco do Jardim Petroni, São Bernardo do Campo, SP. Mas suas revelações são cada vez mais aterradoras:

— Sempre comi rato. Quando falta mistura, o jeito é caçar um. Pobre também tem vontade de comer carne — argumenta o jovem de 26 anos.

E por que não comer gato?

— Os gatos da favela já acabaram — informa o pedreiro com naturalidade. O fim deles não precisa explicar.

E os cachorros?

— Cachorro não pode tocar. É amigo do homem.

Lá fora, na porta do barraco, o cachorro vigia. O magro animal, de nome Sansão, além das tarefas costumeiras de qualquer cão, tem uma especialidade: é o caçador de ratos de Zé Candinho.

A preparação da refeição é simples: caçado o roedor, Zé Candinho dá nele uma lavagem sumária, prepara tempero à base de cebola e, sem arrancar a pele, frita o bichinho, após decepar a cabeça e o rabo. Mas para os filhos não recomenda o quitute.

— Sei que pode não ser bom para a saúde, mas eu mesmo não me incomodo.

Um dia depois dessa entrevista, feita no dia 21 de março, o pedreiro Zé Candinho quase foi linchado pelos vizinhos. Só não foi porque fugiu. O grupo de 50 moradores, revoltado, não aguentou quando o **Diário do Grande ABC** abriu a manchete:

Fotos de Wagner Avancini

Requentadas dentro de uma caixa improvisada (como a do pedreiro Josué) ou em cima de uma chapa (como a do operário Eduardo), as marmitas sempre fazem mal.

Todo dia aparece um novo alimento contaminado

"Favelados estão comendo rato". No mesmo dia os tais vizinhos cansaram de procurar Zé Candinho e Zé Quirino — este também comeu rato, num almoço no barraco do pedreiro. O almoço foi até fotografado e estamos publicando as fotos pela primeira vez.

A revolta dos favelados chegou ao clímax no sábado. Os barracos dos dois Zé foram ameaçados de destruição. Zé Candinho saiu de circulação amedrontado, pois o pessoal queria obrigá-lo a comer um rato vivo pra parar com essa história, que estava denegrindo a imagem da favela. Até as 7 da noite o pedreiro não tinha voltado pra casa. A polícia já tinha até chegado pra "garantir" sua vida.

Zé Quirino não estava apavorado, no sábado. Deu entrevista criticando o pedreiro, nem sequer lembrando o fato de que 15 dias antes ele mesmo tinha participado do almoço de rato:

— Se a onda pega, daqui a pouco estarão comendo barata, tudo o que aparecer por aqui. E, com isso, o que vem é a decadência cada vez maior.

Comer rato deve ser a pior combinação de fome com comida contaminada. Mas isso não é tudo: nos primeiros dias de março o professor Renato Baruffaldi chocou a população paulistana ao afirmar que no leite B, consumido pela classe média, havia inclusive coliformes fecais, além de outros microorganismos nocivos à saúde. Para a pesquisa, ele examinou todas as marcas de leite na hora em que os caminhões faziam a entrega nas padarias.

No dia seguinte, outro especialista, Augusto Taunay, diretor do famoso Instituto Adolfo Lutz, deu aos jornais uma bomba ainda maior:

— Contaminação do leite não é nada; a carne está muito pior.

Sim, já em 1977 o mesmo Renato Baruffaldi falava da carne, também contaminada. Como também já se falou de macarrão contaminado, verdura, pão, o que mais? A pergunta deve ser invertida. Deve ser: o que ainda se pode comer com segurança?

O que não está contaminado?

O professor Baruffaldi não consegue responder:

Só é possível dizer que o panorama existente não é muito bom. Ainda não há levantamento suficiente, mas a coisa anda mal, pois a cada dia há uma nova denúncia de produto contaminado...

Não há levantamento. Depois que o professor Baruffaldi contou a situação do leite, só uma coisa foi feita: uma reunião de representantes do governo, produtores e especialistas. Mais para dar um basta nessa conversa de leite contaminado.

Logo no dia da denúncia de Baruffaldi o secretário de Saúde de São Paulo apareceu na televisão garantindo que o leite bem fervido elimina qualquer contaminação. Na reunião deu-se sequência a esse tipo de idéias. O produtor de leite, Pedro Nelson Gonçalves, suspeitou até de manobras internacionais:

— Pode ser que essas denúncias sejam incentivadas pelas multinacionais. Denegrindo nosso leite B, venderão mais seu leite em pó.

Nos hospitais também não se pode avaliar a situação da comida contaminada. Ou não se pode ou não se quer. A respeito de internações causadas por intoxicação alimentar, não há números no Hospital das Clínicas, o maior da América Latina. Diz o diretor-executivo, dr. Fernando Proença Gouveia, que muitas doenças podem ser causadas por alimentos condenados:

— Tuberculose, câncer e outras doenças graves podem ser originadas pela qualidade da comida, mas não há condições de se saber quando e quanto.

Tudo são suspeitas. Quando o macarrão foi acusado de conter fungos e bactérias, levantou-se a questão de que, após cozido, não havia perigo. Mas a sanitarista Maria Bernadete de Paula Eduardo não está tão certa disso:

— Nada prova que o macarrão fique saudável depois do cozimento.

Para as verduras, a mesma coisa. Também este ano se lembrou de novo que as verduras de São Paulo — e que são exportadas para todo o Brasil — estavam infectadas pela água usada na irrigação: água de rios sujos como o Tietê. Além dos inseticidas usados na cultura. Veio a solução: é só colocar as verduras em vinagre durante meia-hora, se possível junto com cloro. A sanitarista Maria Bernadete acha que não:

— Não adianta colocar de molho. O inseticida não fica na camada superficial da verdura, mas, sim, entranhado nas camadas intercelulares.

Não adianta pôr de molho: verdura tem inseticida

O que comer?

A marmita do brasileiro há muito tempo não se preocupa com isso. Aceita qualquer coisa e a contaminação é certa. Basta calcular quem come de marmita no Brasil para avaliar o número de candidatos à contaminação. Ou seria melhor perguntar: quem não come?

Contaminação, sim, foi o que constatamos com uma simples experiência. Apanhamos duas

Restaurante de fábrica malha a comida pra economizar

Maria Bernadete condena a marmita

marmitas de trabalhadores braçais e as levamos para serem examinadas pela nutricionista Luisa Nader. Ela concluiu que, além de ser muito pobre, a comida fazia mal porque estava fermentada, por estar muito tempo fora da geladeira:

— A comida era um foco de bactérias. As condições higiênicas eram péssimas. Veja bem, a comida poderia ter ficado na geladeira, na casa do trabalhador, mas essa é uma época de calor. O pessoal vai com a marmita no ônibus, e aquilo está preparado há 4 ou 5 horas, sem refrigeração. A comida sedimentada cultua a bactéria. Também precisa ver em que condições o operário come aquilo, se suas mãos estão limpas, se não há poeira caindo na comida.

A primeira marmita do teste foi obtida num prédio em construção. Josué Avelino Siqueira a esquentava num forno improvisado, com uma caixa de maçãs e duas lâmpadas de 150 watts. Não havia na obra, é claro, geladeira pra guardar a marmita. O encanador, de 31 anos e Cr$ 6 mil por mês, não teve medo nem vergonha de exibi-la (e trocá-la por uma refeição comercial comprada num bar). Ele tinha para almoço arroz e feijão. Só. Sequinhos, sem tempero. Contou como a marmita era preparada:

— A mulher prepara de noite, põe na geladeira. Pego ela às 5 da manhã e vou trabalhar. No serviço, deixo a marmita num canto até comer às 10 horas.

A outra marmita é de um operário, Eduardo de Melo Rocha, menino de 16 anos. A fábrica de botões, no bairro da Casa Verde, fica impregnada por um violento odor de thinner (um solvente) e o auxiliar de expedição não traz na marmita mais que o feijão e o arroz.

Deu cachaça pra matar a fome do recém-nascido

— Este rapaz — diz a nutricionista Luísa — deveria comer alimentos ricos em proteínas por causa da contaminação química. Carne, ovos, iogurte, queijo...

Sobre as duas marmitas a conclusão é uma:

— Se esses operários não estiverem doentes, não dou mais de três meses pra eles acabarem arriados no chão.

Nas marmitas, disse Luísa, só havia proteína vegetal.

— Brasileiro come mal mesmo; a única coisa é manter a energia pra ele continuar vivo.

E, aí, Luísa não está falando só de marmitas. Ela já trabalhou como nutricionista em fábricas e conhece alguns jeitinhos das cozinhas que acabam com a saúde do trabalhador.

Baruffaldi condena o leite

Bife à milanesa, por exemplo, passa várias vezes na farinha de rosca na água e no ovo, engrossando mais para o bife parecer grande, fofinho.

Carne de segunda, pra ficar macia, recebe um banho de leite de mamão.

Para o óleo das frituras render mais, adiciona-se restos de abacaxi. Todas essas invenções são um veneno para o estômago:

— Comendo essas coisas, o trabalhador vai engordar na proporção de um quilo por ano. Mas, no final do tempo de serviço, ele poderá morrer de tanto colesterol no corpo.

Fome dá vontade de comer doce, pão, produtos que também contaminam o corpo, diz Luísa:

— Esses alimentos, à base de hidrato de carbono, só incham o estômago e provocam cárie dentária. Não é à toa que a anemia, cárie dentária e deficiência em cálcio são as maiores doenças registradas em São Paulo.

Hidrato de carbono é o remédio do pobre. Por isso, a cachaça geralmente substitui o almoço, o jantar, ou é complemento calórico importante. Ao mesmo tempo que destruidor do aparelho digestivo. Alta contaminação. Pois a mesma cachaça é usada por muitas mães da periferia para alimentar os filhos.

Taunay condena a carne

Luísa conheceu uma dessas mães. Seu nenén foi parar no hospital por causa da cachaça.

— A mãe explicou que tinha dado pinga porque a criança estava com fome e não parava de chorar.

Crianças pobres também se contaminam com as comidas prontas que a propaganda entucha. Sopinhas, por exemplo:

— A criança alimentada assim, mais tarde vai ficar hipertensa, fora o fato de perder o reflexo de sucção.

De tanta propaganda, as próprias mães se entusiasmam com essas sopinhas. Uma vez, Luísa trabalhou numa creche e estava preparando um cardápio só com produtos naturais, à base de cará, nhame e carne moída. As mães não estavam gostando nada e um dia perguntaram:

— Quando é que a senhora vai pôr no cardápio as sopinhas da Nestlé?

Ponha CUBA na parede!

Agora você já pode por em sua parede as fotos de A... Boccato, sele...

Peça pelo reembolso postal. Você receberá seus posters nesta embalagem especialmente lacrada.

Queiram enviar-me pelo reembolso postal os seguintes posters

nº 1 Quantidade ___ nº 2 Quantidade ___ nº 3 Quantidade ___

Nome ___

Endereço ___

Cidade ___ Est. ___ CEP ___

Pedidos
À Editora Graffiti
Caixa Postal 58.111
CEP 01302
São Paulo

Não querendo recortar o anúncio faça o pedido por carta

Se você tem problemas de saude sexual sobre os quais não gosta de fazer perguntas, lembre-se de uma coisa: há muitos outros homens como você. Mas aqui está um livro para ajudá-lo!

A Saúde Sexual do Homem

do Dr. Philip R. Roen

Famoso urologista norte-americano responde a todas as suas perguntas!

Um livro que oferece conselhos simples e úteis para os homens desde a adolescência à idade madura

Escreva com letra bem fácil de ler para evitar enganos
Não se esqueça do CEP (código do Correio de sua cidade)
NÃO MANDE DINHEIRO AGORA. Pague quando receber a encomenda

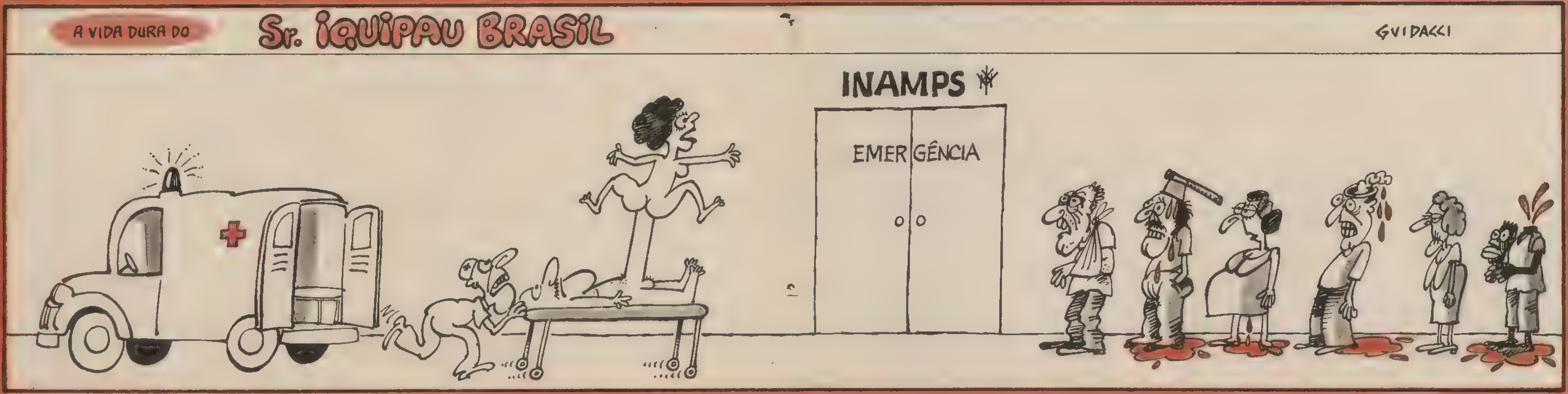
MANDE HOJE MESMO O SEU PEDIDO, RECORTANDO E PREENCHENDO O CUPOM ABAIXO

MARGEM EDITORIA E PROGRAMAÇÃO
Rua Miguel Couto, 134 – 11º andar – 20070 – Rio de Janeiro, RJ
Peço enviar-me pelo Reembolso Postal ___ exemplar(es) de A SAÚDE SEXUAL DO HOMEM, a Cr$ 200,00 cada.

Nome ___
Rua ___
Cidade: ___ Estado ___
CEP ___
assinatura

Na compra de 2 ou mais exemplares não cobraremos as despesas postais

central **REPORTER** de humor



Sebastiana

Maria José

Rosa Virginia

Pela greve, contra o aborto, a favor da autonomia

ALÔ, ALÔ, ABC! FALA A MULHER-OPERÁRIA

Reportagem de Silvana Baroni. Fotos Wagner Avancini

Sebastiana, Maria José, Maria do Carmo, Glória, Rosa Virginia são metalúrgicas do ABC. Têm de 20 a 26 anos, solteiras, casadas, desquitadas, mães solteiras [illegible] pouco a [illegible] aquela que transa [illegible] partido, vai às assembléia [illegible] seus depoimentos montam um depoimento só, como se as cinco fossem uma só mulher. A nova mulher do centro operário mais politizado do país.

CASAMENTO

● [illegible] ando [illegible] Num namoramos, num casamos e vivemos numa boa durante seis anos. Meu marido era muito legal, mesmo assim não deu certo. Por que então vou namorar de novo, casar de novo, largar de novo? Já sei de cara que não vai dar certo. Casamento é a pior desgraça que inventaram. Eu falo por experiência própria. Casamento é a maior alienação. É alguém que paga tuas contas, mas te poda. Você vive feito um fantoche na mão de alguém. Só vou me casar no dia que eu tiver minha condição financeira razoável. Num vou casar pra ser lavadeira de ninguém.

● Eu, se não for namorar com um rapaz inteligente, que troque idéia comigo, não namoro. Hoje em dia é raro encontrar homem inteligente: quando acha já tem dono. Namorado que em vez de elevar a gente só abaixa. Senta numa praça e fica ali só no beijo e no abraço, enquanto no mundo tem miséria, inundação, seca. Meu marido, acho que eu larguei ele mais por isso: inteligência ele não tinha nenhuma.

● Casamento eu não curto. Você pega um cara e uma menina [illegible] juntos e, se der, tudo [illegible] separa [illegible]

● [illegible] normais sentem necessidade de ter não só um companheiro, mas filhos também. Agora, namorado firme eu nunca tive, porque acho que sou do estilo antigo e todo mundo tá querendo a mesma coisa. Você vai conversar com um rapaz, ele já quer te levar pro motel e a gente vai tirando logo o corpo fora. O dia que eu achar que não é válido ser virgem, aí eu pego e dou, tudo bem. Pode ser que eu não case virgem, mas aí tem que gostar do fulano.

POLÍTICA

● *Já tô até me preparando pra fazer piquete. Tenho certeza de que este ano vai ser muito pior do que no ano passado. O pessoal tá super-revoltado. Trabalha aí ganhando uma micharia. Fica doente e no INPS tem que morrer primeiro pra ser atendido. Tá cada [illegible]*

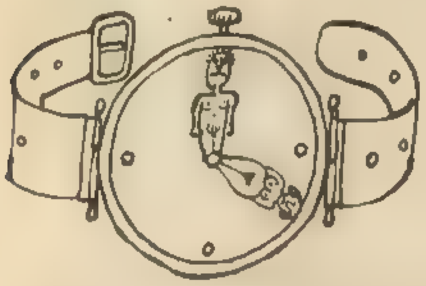
● *Meu chefe queria que eu estourasse a produção, aí eu me neguei e outro dia tinha uma ferramenta estragada. Ele veio na maior grossura e atirou (a ferramenta) no meu pé. Não acertou. Aí eu fui denunciar pro engenheiro e ele disse que da próxima vez era pro cara ter melhor pontaria. Você entendeu agora? Eles querem chefe que não tenha o mínimo de estudo*

Glorinha

Carmen

porque, se tivesse, teria educação também.

● *O Maluf eu acho um chato. O Murilo Macedo, se eu pudesse, eu mandava cortar a cabeça dele. Só quer ajudar a si próprio. Vou te falar. Juntando tudo, não vale droga nenhuma. João Figueiredo fala, fala e no fim não sai nada, só promete. O Figueiredo ainda tem uma vantagem: é realista. Mas o Maluf é um otimista, fica falando que tem petróleo em São Paulo e não é nada disso. Eu gosto é da realidade.*



SEXO

● Mulher normal é aquela que aceita o homem na hora que ele quer. Tem muitas mulheres que o homem quer, ela não quer, aí ela quer, ele não quer. Isso é chato, né? Eu sou difícil pra fazer sexo. Às vezes gosto, às vezes não gosto. Tem dia eu não tô muito a fim, mas se ele quiser eu transo, acho que é dever da mulher. Acho que quando a mulher não quer fazer sexo, ela não sente nada, mas o homem sente. É chato para a mulher. Seria melhor não transar, mas eles não acham assim. O homem desgosta da mulher porque, quando ela não quer, ele sai pra procurar outra. Por isso, se a gente quiser ter um homem, tem que cumprir as vontades dele.

● Anormal é mulher que vive uma com a outra. Mas nesse ponto eu não sou muito informada, não posso falar sobre isso. Sei lá, talvez é uma coisa que a pessoa pegou por um problema. Que nem no interior:' minha mãe falava que menina não podia brincar com menino porque homem não é de se brincar. Então talvez a pessoa pegue um trauma.

● É normal quando a mulher quer, mas não demais. Três, quatro vezes na noite. Isso aí também já é demais. Uma vez por noite acho que seria normal, não desgasta nem o homem, nem a mulher.

● Eu não tenho nem tempo. Saio com um cara aí. Não é sempre, não, de vez em quando. Transo só com ele. Acho muito banal esse negócio de transar com um, com outro. Se tem um, fico com ele e vou em frente. Dois, três, quatro já é demais, não é comigo.

● Discutir sexualidade, só com a barriga cheia. Hoje em dia a mulher tem liberdade sexual, mas pra vender lá fora. Tem mulher que trabalha nove horas por dia e fim-de-semana tem que ser prostituta na rua. Isso é liberdade ou uma eterna prisão? Eu só queria conseguir minha independência financeira. Daí eu pensava em outras coisas.

● Quando eu tenho tempo, eu curto sexo. Eu gosto mesmo de homem de olhos azuis.

● Eu jamais teria coragem de transar com uma mulher. Agora, os homens, pô, se eles são assim, o que que a gente vai fazer? Deixa eles, coitados. Tem muitos aí que são fudidos mesmo. Esses caras trabalham nessas firmas vagabundas aí, são uns ferrados mesmo. Na minha turma tem muita mulher lésbica, apesar de que eu não topo.

● O topless foi muita promoção pra uma coisinha à toa. Acho tão normal! Ficam explorando qualquer coisa que acontece na classe média pra alienar os outros dos seus problemas. Por mim, pode vir um homem sem calção na rua que tudo bem; ele tá na dele, eu tô na minha. Se meu corpo tivesse bom, eu usaria topless, mas não brigaria pra legalizar isso.

ABORTO

● *Acho que o dia que o pessoal não passar mais fome no Brasil vai ser uma boa legalizar o aborto. Tô cansada de ver levantar bandeira pra coisa que só beneficia a classe média, que nem o negócio do divórcio. Aposto que se for pra legalizar o aborto, todos os parlamentares vão assumir, porque isso é um peso. Quanto menos pessoas tiver no Brasil, é melhor pro governo, é menos uma boca que ele vai ter que se preocupar.*

● *Sou totalmente contra a liberalização do aborto hoje. Porque nos hospitais hoje em dia não se tem condições de tratar nem de uma gripe. Dizem que morre mulher por causa de aborto, mas não é só de aborto que mulher morre, não. O INPS é uma safadeza, não tá conseguindo tratar de coisa séria, quanto mais de aborto. No nível social baixo mesmo, a mulherada tem princípios religiosos e nunca faz aborto numa boa. Devia dar primeiro salário bom pra mulher pra ela decidir de cuca fresca, não por necessidade. Tenho certeza de que se chegar o aborto no Brasil o pessoal mais pobre é que vai fazer aborto pra burro, mas porque não tem condições.*

DROGA

● No lugar onde eu moro, tem droga a rodo. Tinha uma colega que começou a transar droga porque tinha raiva de não ter banheiro em casa.

Se acabassem com as favelas, acabaria a droga na classe baixa. Porque o pessoal usa droga mais porque tem vergonha. Um rapaz vai muito numa discoteca, vê gente da classe média e fica com vergonha de ser favelado. Aí, vai ficando com grilo e, pra se libertar, entra nessa. Isso eu falo pela classe baixa. Agora, a classe média eu acho que usa droga por pura safadeza.

● Tenho vontade de conhecer gente que usa droga, mas não quero experimentar.

GERAIS

● Nem sei como é a juventude porque não aproveitei nada dela. Mas, pelo que eu vejo, a turma se diverte aí.

● Fim de semana eu não saio de casa. Vou lavar roupa, encerar chão, cozinhar, limpar. Fico com a minha filha e assisto televisão. Gosto de música, do Chico, Bethania, Roberto Carlos, Elton John. Férias eu fico por aqui mesmo. Fui só uma vez pra Minas.

● Eu gostaria de ganhar na Esportiva, aí eu ia viver uma vida calma. Gostaria de morar no interior com bastante conforto, ter minha casa numa cidadezinha afastada com minha filha.

● Creio em Deus, mas só raramente vou à igreja. Tem padre que é maravilhoso, mas só pra trocar idéia.

FEMINISMO

● *Os homens não querem mulheres no sindicato. Não convidam a gente. Nem recebem amistosamente. Na diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos devia ter uma mulher. Mulher se entende melhor com outras mulheres. Tem assuntos que ela não vai tratar com os homens. Acho que os homens e as mulheres deviam lutar juntos pelas mesmas coisas e não dividido. Mulheres lutam pela creche; os homens pelo salário deles. Os homens deveriam também lutar pelas creches, e as mulheres, pelos salários dos maridos.*

● *A barra é difícil porque mulher quando entra pra essas coisas de política, ou se desmoraliza ou é super-respeitada. Eu sou uma pessoa super-respeitada, imponho minhas idéias. Mas muitas mulheres se desmoralizam, querem impor idéias em cima de uma cara e um corpo bonito, isso acontece sempre. Jogo sujo. Aparece aí com uma carinha bonita e não aparece nunca mais. Cara e corpo de mulher bonita nunca vai levar o Brasil pra frente. Aqui (no diretório do PT — Partido dos Trabalhadores) tem pouca mulher; pouca, mas autêntica. Aqui eu quero o máximo de respeito. Tem mulher aí que um dia tá grudada num alemão, outro dia aparece com um chinês. Aí não dá.*

● *Acho legal a evolução da mulher. O congresso (de mulheres que houve em São Paulo no mês de março) é sinal de que as coisas estão avançando. As mulheres querem ganhar igual aos homens, ter melhores condições de vida, ser mais livres. Acho que todas as mulheres, o que elas mais querem é ter igualdade com o homem no serviço. Mas eu não sou feminista, eu sou feminina.*

PATRÃO RECUSA DIÁLOGO!

Silvio de Souza

Balancê do ABC

A Brasinca foi a única empresa de São Caetano que concordou em dialogar com o Sindicato dos Metalúrgicos. Todas as empresas do setor na cidade — mais de 100 — foram convidadas e só quatro responderam, mesmo assim três por telefone. A conversa com os representantes da Brasinca foi esquisita: primeiro, eles concordaram com 80% das reivindicações dos operários — em compensação rechaçaram a estabilidade no emprego e a semana de 40 horas. Depois disso, estranhamente, disseram que não poderiam decidir nada sem o sindicato patronal. Se não podiam, por que vieram?

Lula só fala com homens que vão decidir

Este ano tudo é diferente: as empresas colocaram pessoal de segundo escalão para iniciar as negociações, esperando que os operários fossem representados pelo primeiro. Se enganaram. No dia marcado houve uma surpresa: Lula, Benedito Marcílio e João Lins — líderes dos metalúrgicos de **São Bernardo, Santo André e São Caetano** — escaldados pela campanha de 1979, não compareceram; também mandaram seus homens de segundo escalão. A tática dos sindicalistas baseia-se no fato de que as empresas mandam primeiro tais representantes para irem cansando Lula e companhia, enquanto eles mesmos não têm poder de decisão. O próprio Lula explica:

— Na hora em que eles colocarem na mesa pessoas com poder de decisão, nós também sentaremos; mas enquanto for pra dar canseira, eles não vão ver a nossa cara.

Volks e GE obrigam feridos a trabalhar

Patrão sabe o que faz. É moda no ABC dar prêmios para os setores que tenham o menor número de acidentes de trabalho durante o ano. O que acaba beneficiando a empresa, que não sofre baixa na sua produção, e o governo, que mostra os números para as entidades internacionais como se eles espelhassem a realidade.

Mas o que acontece nas fábricas é outra coisa.

Na Volkswagen, outro dia, um trabalhador do setor 1224 cortou o dedo e, se fosse levado para a enfermaria, certamente levaria alguns pontos no ferimento. Mas, para evitar a perda de pontos, o encarregado do setor fez o curativo na mão do metalúrgico, que continuou trabalhando normalmente. Isso também é comum na GE, de **Santo André**, onde, para garantir o prêmio, é comum ver trabalhador na produção com o braço engessado.

Assim é fácil diminuir o número de acidentes no trabalho.

●●● ●●● ●●●●●

A decisão dos metalúrgicos do ABC de não fazer horas extras durante a campanha salarial provocou reações chocantes nas empresas.

A ZF, de São Caetano, para garantir aqueles que desejassem fazer horas extras, colocou um policial da PM para que o "furão" tivesse garantida a sua integridade física.

Na Brastemp de São Bernardo, um dos chefes de setor (Mestre Jonas) tentou advertir um trabalhador por sua recusa em fazer trabalho extraordinário. Mas a solidariedade dos trabalhadores do setor, parando as máquinas, acabou evitando a punição.

Médico da fábrica é o segurança

A Infusa, de **Santo André**, pode ser considerada a "empresa padrão", tão grande é a atenção dispensada pelos empresários aos trabalhadores. Para se ter uma idéia da "proteção" oferecida pela empresa, basta dizer que lá não existe uma enfermaria para oferecer os primeiros socorros aos acidentados.

Aquele que tiver o azar de se acidentar durante o trabalho vai ter que se contentar com os curativos feitos pelo guarda da segurança da Infusa. De quebra, o refeitório da empresa parece chiqueiro. E a Cipa, que é uma comissão de segurança formada por trabalhadores, como a lei exige, existe para inglês ver.

Na Cofap, comer é risco de vida. Falta uma ponte

A Cofap—aquela dos amortecedores que tanto fala em segurança — tem duas fábricas no ABC. Uma em **Santo André** e outra em **Mauá**. Só que tem apenas um restaurante que serve a todos os seus funcionários. Na hora do almoço, os trabalhadores da unidade que não tem restaurante são obrigados a atravessar uma perigosa avenida, colocando suas vidas em risco para comer. O que os metalúrgicos da Cofap querem é muito pouco: mais um restaurante ou, em último caso, uma passarela ligando as duas unidades da empresa.

Puxou o saco do chefe e foi despedido

Deu o sangue pro patrão e acabou no meio da rua. Isso aconteceu com um operário da construção civil de **Diadema**, que trabalhava na Indústria e Comércio Elem, pequena empresa de móveis.

O trabalhador pegou uma pneumonia e procurou o convênio médico, que lhe concedeu alguns dias de licença pra ele se recuperar. Preocupado em manter o emprego, o operário pediu ao médico que lhe concedesse alta mesmo não estando em condições de voltar a trabalhar.

De volta ao trabalho, foi chamado ao departamento do pessoal depois de uma semana e demitido sob a alegação de que estava "atrasando a produção".

Agora, doente, quatro filhos e desempregado, está na rua da amargura. Quanto à produção, está com a saúde tinindo.

Curioso! Polícia apóia sindicato

Um grupo de trabalhadores saiu uma noite pela periferia de São Bernardo colando cartazes que convocavam os metalúrgicos para as assembléias que se realizariam no Estádio da Vila Euclides, um campo de futebol no centro da cidade.

Quando estavam quase no fim da tarefa, uma viatura da Polícia Militar se aproximou do grupo, cercando-o ameaçadoramente. Quando o oficial percebeu que se tratava de cartazes da campanha salarial, chamou os soldados de volta ao veículo dizendo: "Ah, são os meninos do sindicato. Deixem eles em paz".

●●●●●●●●●●●●●

● "Vou meter o pé na bunda e mandar pro meio da rua." É o que diz sempre o dono da Metalúrgica Madope, de *Santo André*, quando algum trabalhador reclama das muitas irregularidades da empresa: como falta de segurança no trabalho, inexistência de local próprio para as refeições, descumprimento do acordo coletivo de trabalho, etc.

Guarda da Nordon mata até cadelinha

O Ulisses **Zoinho**, guarda da Nordon, de **Santo André**, outro dia pegou uma cachorrinha que estava sendo criada pelos trabalhadores da empresa e a levou no colo para fora da fábrica. Aí, puxou seu revólver e abateu o bichinho.

Foi formada uma comissão de operários, que procurou a gerência contando o ocorrido e mostrando a preocupação com o **Zoinho**. O guarda, com a maior cara de pau, disse que matara a cachorra em "legítima defesa", sendo então apoiado pela empresa. A maior preocupação dos metalúrgicos da Nordon agora é se defenderem da "legítima defesa" do **Zoinho**, que sempre anda com a arma pendurada na cintura e é conhecida por todos como 38.

● As mulheres que trabalham na TRW Gemmer Thompson, de *Santo André*, estão passando um aperto danado com as determinações da chefia, que naturalmente obedece às instruções da empresa. Já há algum tempo os operários têm que ir ao banheiro apenas num horário estipulado, como se necessidades fisiológicas funcionassem na base do relógio. O pior é que muitas vezes as trabalhadoras precisam explicar o que querem fazer no banheiro para conseguirem sair da produção.

Emprego só pra nadador

Para ser metalúrgico no ABC, agora também precisa saber nadar. Parece piada, mas não é. Durante esse período do ano, as chuvas torrenciais inundam uma parte de **São Caetano do Sul**, onde existem várias empresas metalúrgicas, como a Matarazzo, a Mannesmann e a Confab.

Numa das enchentes, essas três empresas ficaram completamente ilhadas, impossibilitando a entrada do pessoal do turno das 6 da manhã. Quase todos os trabalhadores voltaram para casa, mas alguns "nadadores" enfiaram-se na água até o pescoço e entraram.

A maior surpresa aconteceu no dia seguinte: os "faltosos" foram avisados de que deveriam repor o dia "perdido", punição, depois, cancelada pela ação do sindicato.

APESAR DOS TABUS E DA FAMÍLIA...

CRIANÇA TAMBÉM QUER SEXO

"Liberação" não mudou as cabeças

Reportagem de Fábio Watson, Gleise de Castro, Teresa Moreira e Vera Lúcia Dias

Foto de Valdemir Benedetti

Vera e Edson não transam por causa dos pais e da sociedade

Foto de Wagner Avancini

Regina e Nilza transam com os namorados

Foto de Wagner Avancini

Gilberto e Michele: virgindade não é mais problema

Freud revolucionou o mundo dizendo que as crianças tinham (e têm) desejos sexuais. Foi um horror, na época, mas ainda hoje tem muita gente que acha que na cabeça da meninada só passa bala, chocolate e inocentes brincadeiras de pique, esquecendo-se das tradicionais brincadeiras de médico e casinha, onde meninos e meninas vão dando vazão às suas fantasias sexuais.

Saindo pelas ruas do Rio de Janeiro e de São Paulo para saber alguma coisa da sexualidade das crianças, contada pelas próprias, o que se vê é muita falta de informação e repressão, com a família e seus tradicionais conceitos (ou preconceitos) e tabus quase sempre presentes nos depoimentos da maioria dos adolescentes entrevistados. E por isso os meninos carregam o machismo herdado dos pais, fazendo valer os conceitos do tipo "a garota que dá não serve para ser a **mina de fé**, a namoradinha firme", enquanto as meninas acham que sexo não pode ser praticado como esporte, tem que ser feito com amor, o que as levam a considerar um outro conceito familiar: mulher tem que casar virgem. Conta-se nos dedos as adolescentes que têm vida sexual e usam um método anticoncepcional.

O que se vê, no cômputo geral, é que a abertura sexual, se é que existe, não atingiu ainda os adolescentes, como informa o psiquiatra Jorge Matsumoto: "Existe ainda uma barreira muito grande no campo sexual, e essa abertura de cena que falam por aí não é com todo mundo".

Mas, indiferentes às discussões em torno da liberação sexual por que passa o país e ignorando totalmente as teorias sobre a função do orgasmo e direitos da mulher ao prazer, os adolescentes estão aí, às voltas com os "problemas" da sua sexualidade — principalmente os homens, que têm mais espaço social para viver suas transações, dando vazão aos seus desejos. As meninas sentem vontade de ir além dos abraços e beijinhos em seus namoros, mas o medo dos pais e do que vão falar os colegas em geral as impedem de ir adiante, como explica a menina Vânia, paulista de 12 anos.

— Tem uns meninos que já vão avançando, e se a menina deixa beijar saem falando mal delas pros outros.

Vera Cristina e Edson, tomando vitamina no bar do Calcenter (ponto de encontro de adolescentes em São Paulo), confirmam o medo geral. A menina, tímida, diz que nunca transou.

— Tem muita coisa que impede: os pais, a sociedade. E também nós somos muito crianças ainda.

Edson diz que às vezes pinta oportunidade deles transarem, mas não chega a acontecer.

— Eu gostaria, acho normal, mas a sociedade e os pais dela impedem.

Edson já tem experiência sexual. A primeira vez foi com uma prostituta, quando tinha 13 anos. Depois disso tem transado nas festinhas, quando os pais de algum amigo estão viajando. Normalmente, é convidado um número certo de rapazes e moças, que é para ninguém ficar na mão.

Eduardo, 14 anos, morador no bairro carioca de Copacabana, diz que "em casa meus pais falam de um jeito comigo, mas aqui na rua a gente aprende de outro jeito". Kátia, sua namorada, 13 anos, complementa:

— É difícil pros pais da gente saberem que a

gente transa. Eles morrem de medo da gente ter filho, mas do que eles têm medo mesmo é da gente sair dando pra todo mundo.

Sônia, paulista de 17 anos, já teve uma experiência sexual, uma vez só, com o namorado. Diz que gostou, mas não repetiu porque tem medo dos pais descobrirem.

Tomando sorvete numa lanchonete colorida do Shopping Center Ibirapuera (SP), Sandra e Valéria, ambas com 14 anos, falam do relacionamento com os pais:

— Faz dois dias — diz Valéria — eu terminei com o meu namorado por causa dos meus pais. Eu gostava muito dele, mas meu pai ficou sabendo porque minha mãe contou. Daí, ele me proibiu de falar com o menino. Nem fui eu que terminei com ele. A Sandra falou com ele por mim.

Sandra não se conforma com essa situação:

— A gente tem que conseguir a liberdade. Os adultos querem que a gente seja sempre criança. Não aceitam que a gente entre no mundo deles.

Vânia, que ouvia tudo atentamente, também fala:

— Nem os pais, nem os professores falam abertamente. Escondem muita coisa da gente. Eu quero que eles leiam no jornal o que a gente pensa.

Mas existem crianças e adolescentes que têm um tipo de educação menos repressiva e assumem suas transações, como a carioca Daniela, 13 anos, rolando suavemente em cima de seus patins na pista da Lagoa Rodrigo de Freitas.

— Pode escrever aí — diz ela com muita segurança. Não vejo nenhum problema em transar com os caras. Podem me chamar do que quiser, meus pais sabem que eu transo e não acham nada demais. E acho a maior caretice você ficar fazendo essas perguntas.

E saiu de cabeça erguida, patinando e com outras meninas atrás.

Daniela é uma exceção, é claro, pois o que se vê é uma repressão generalizada, como a que aconteceu numa escola municipal do bairro de São Domingos, periferia de São Paulo. No ano passado, a direção da escola convidou uma orientadora da Johnson & Johnson para fazer uma palestra sobre menstruação e tirou os meninos da sala. A

Foto de Roberto Musauer

Margareth conversa tudo com a mãe

Foto de Valdenir Benedetti

Lair: menstruação só interessa à mulher

orientadora educacional, Lair Garcia Toledo, explica:

— Os meninos saíram da sala porque, como é uma informação só para meninas, eu acho que seria só do interesse delas mesmo.

A virgindade é um tema sempre presente e controvertido. Uma menina carioca de 14 anos, moradora em Copacabana e que pediu para não ser identificada ("meu pai me mataria"), diz que um sarrinho "não tira pedaço de ninguém, mas trepar são outros quinhentos". Na sua opinião, a menina que dá perde o respeito, e é por isso que pretende se conservar virgem até o casamento.

— A maioria dos homens quer uma virgem pra casar, então eu vou casar virgem. Faço de tudo, mas trepar mesmo, não trepo.

Nem todos têm a cuca aberta

Com que idade o jovem se inicia sexualmente? Segundo o dr. Jorge Matsumoto, médico assistente de psiquiatria infantil do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas (SP), a pessoa se define sexualmente quando explode a puberdade (púbere significa cabelo). O que poderíamos concluir que a meninada estaria apta para começar a transar aí por volta dos 12 anos. Mas Matsumoto chama a atenção para o fato de que isso tudo depende muito do sistema sócio-cultural.

— Numa pesquisa feita na África, constatou-se que entre os indígenas a relação sexual é muito mais precoce, inclusive porque os pais mantêm relações na frente dos filhos. Aqui, as informações vêm muito mais de fora do que de dentro de casa. Apesar de se dizer que há uma abertura de cuca, inclusive com esse negócio de educação sexual nas escolas, existe ainda uma barreira muito grande no campo sexual, no sentido de desinformação mesmo. Há toda uma grita dos pais com relação à educação sexual, uma preocupação em saber o que os professores estão ensinando. Eu digo que seria muito mais importante orientar os pais do que os próprios professores. Existe, também, o aspecto religioso. É na 2.ª infância (que vai dos 7 anos ao início da puberdade) que a criança começa a interiorizar aspectos de moralidade, religião, justiça. Tudo isso cria um problema de repressão sexual. A criança sempre se baseia nos adultos. Se nessa fase os pais começam a dizer "isso é pecado, isso é sujo, é nojento, é feio", a criança vai achando que sexo é coisa feia, que é horrível. Ela vai, então, encucando uma série de valores que vão originar uma série de situações negativas a um desenvolvimento normal. Por isso, a faixa em que ocorre a "estréia" sexual é muito relativa. Começa quando os caracteres sexuais estão desenvolvidos.

Com relação às meninas, parece que elas estão começando mais cedo do que em tempos atrás.

— É, eu acho que a mulher está se emancipando sexualmente mais cedo. Mas é importante não confundir liberdade sexual com libertinagem. Acho que está havendo muito problema nesse sentido.

E o que você chama de libertinagem?

— Acho que seria "transar numa boa", como o pessoal fala, sem pensar muito no que pode acarretar. Ou achar que aquilo é uma boa, que assim ela está sendo mulher, que ser virgem já era, etc.

E você acha isso errado?

— Depende do aspecto sócio-cultural, do aspecto religioso. Essa abertura de cuca não é com todo mundo. Com os meninos acontece uma coisa muito interessante: quando o jovem adquire seus caracteres sexuais secundários, ele é impelido pelos próprios pais, pela família, a se tornar homem. Então, existem as iniciadoras: empregadas, primas, tias, prostitutas.

E as meninas, com quem elas iniciam?

*— Aí é que está o problema: o homem é impelido a ser macho e a mulher é reprimida. Há, com a mulher, um controle muito rigoroso, e isso é muito prejudicial. Um dos derivativos é o homossexualismo, que é mais fácil, que você pode ver nesses internatos, nesses colégios de freiras. Outro derivativo é a masturbação. Hoje em dia há muito mais permissividade para as moças, como você pode ver as cocotinhas aí tomando pílula, transando. Mas há também um aumento do índice de doenças venéreas advindo de uma situação de promiscuidade social — a pessoa começa a transar com um, com outro... Aumentou o número de sífilis. Tem um caso, quando eu estava dando aula numa faculdade. Uma menina veio com um exame de urina: "Professor, o senhor é médico, né? Eu queria saber se esse remédio que eu estou tomando é certo, porque eu tenho esse bichinho aqui". Esse bichinho era o **eschirichia coli**, um bacilo. Eu disse, então: "Você já transou atrás, né? Ela ficou toda vermelha e perguntou como é que eu sabia. Eu expliquei que esse bichinho é normal no trato intestinal. Mas quando ele se introduz nas vias urinárias é uma coisa muito séria. Esse problema advém de a pessoa ter um coito anal e em seguida um coito vaginal. Então é preciso saber isso, porque tem gente que gosta de transar por trás. Então eu aconselhei a moça a transar primeiro na frente e depois atrás.*

Foto de Wagner Avancini

Dr. Matsumoto: é importante orientar os pais

A psicóloga Maria Tereza Costa Barros diz que está havendo mudanças no comportamento sexual dos jovens, mas que algumas idéias antigas ainda persistem. Daí a menina estabelecer o critério do amor para ter uma vida sexual e o menino criar os seus para diferenciar a garota legal da de transação. Essa defasagem entre a idéia e a prática é produto da educação recebida em casa e gera muitos conflitos.

— Na minha experiência com adolescentes percebi que a sexualidade é um tema sempre presente. No meu atendimento de ambulatório em hospital pude ver que eles geralmente têm problemas com a família, que cerceia sua liberdade impondo horários e proibições a determinados programas. Quanto à conduta específica desses jovens, pude verificar que sexo sempre foi falado como coisa proibida, ou seja, nunca usam as palavras exatas para falar, por exemplo, das partes do corpo. Geralmente, quando os assuntos são tratados, são enfocados com a conotação de "veja lá o que você vai fazer, hem!" Os pais não se dão conta de que estão preparando os filhos para terem uma vida sexual.

Contradizendo essa opinião, Michele Italo, 17 anos, que mora na Praça da Bandeira (Rio), disse que se casaria com uma menina que não fosse virgem, "desde que ela não fosse uma prostituta". E faz questão de afirmar que atualmente são as meninas que tomam a iniciativa.

— Na minha primeira experiência sexual, no ano passado, foi assim, e com uma namorada que tive depois no colégio, também.

Para Regina, 14 anos, moradora no Catete (Rio), para transar é preciso existir amor. Ela namora há dois anos um rapaz de 17 e foi com ele que, no ano passado, teve sua primeira experiência sexual.

— Até a gente transar eu só tirava sarrinho e não podia imaginar que ia ser tão legal. A gente transa sempre na minha casa, quando não tem ninguém. Mas a minha mãe confia muito nele, mais até que em mim.

Ela acha que o sexo os aproximou mais e diz que embora não use anticoncepcionais, nunca engravidou.

Nilza, 15 anos, e Margareth, 13 anos, contam que suas famílias sabem que elas têm vida sexual, mas não permitem que tenham relações em casa. Assim, só podem transar quando todos saem, ou na casa dos namorados, também na base da "oportunidade".

Nilza diz que quando contou para a irmã, com quem vive, que havia tido sua primeira experiência sexual, ela ficou chocada.

— Chorou um pouco, mas depois disse que eu podia contar com ela. Foi ela quem me orientou para tomar pílula. E foi ótimo porque enquanto eu não tomava e a menstruação atrasava, eu ficava morrendo de medo de estar grávida. Agora não tenho mais esses sustos.

Mais ou menos o mesmo aconteceu com Margareth, que há dois anos namora o rapaz com quem teve sua experiência há três meses. A única diferença é que sua mãe sempre conversou sobre sexo e nunca lhe disse que só poderia transar depois que se casasse.

Márcia, 15 anos, moradora no Méier (Rio), começou sua vida sexual aos 13 anos com um namorado dois anos mais velho. Depois dessa experiência, já transou com outros rapazes, mas diz que em sua casa a repressão é muito grande e que sexo é considerado pouca vergonha. Criada por uma tia "muito careta", Márcia nunca teve oportunidade de conversar sobre sexo. Tudo o que sabe aprendeu com amigas da mesma idade. Para ela, sexo faz parte do relacionamento e acha erradas as pessoas que afirmam que mulher só pode ter vida sexual depois do casamento. Márcia não usa nenhum

Foto de Roberto Musauer

Márcia (de cabeça baixa) diz que sofre muita repressão em casa

método anticoncepcional e dá graças a Deus por nunca ter engravidado.

Para Gilberto, 16 anos, morador na Tijuca (Rio), uma menina que "dá por amor" pode ser sua namorada, mas mesmo assim todas as vezes que transou foi com amigas e nunca com namoradas.

— Geralmente tenho a namorada e os meus casos por fora. Fico sempre com medo de transar com minha garota, ela ser virgem e eu ter que assumir a responsabilidade. Só trepo quando tenho certeza de que a menina já deu. Agora, um sarrinho é essencial pro namoro, né?

Com exceção do dia em que apareceu uma espinha em seu pênis, Gilberto nunca conversou sobre sexo com o pai. O que aprendeu foi na rua, com os colegas e "fazendo". Esse aprendizado vem desde os 13 anos, quando pela primeira vez teve relação sexual com uma amiga.

O inspetor de turmas do Colégio Municipal Rivadávia Correia (Centro do Rio), Jorge da Silva, afirma que passado o primeiro mês de aula, tempo necessário "pro pessoal se sentir em casa", os alunos saem "em bando" para tirar sarro na Praia do Flamengo e na gruta do Campo de Santana. Mas admite que mesmo dentro da escola "pintam transações".

Inspetor Jorge: a meninada transa até dentro da escola

Foto de Roberto Musauer

Curso de sexo não fala de problema sério

Falando muito e apressadamente, a coordenadora do setor de orientação educacional do Departamento de Planejamento, Orientação e Controle da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, Regina Célia Haydt, 30 anos, repete várias vezes que educação sexual hoje é um modismo, mas que o projeto que coordena encerra toda a seriedade dos profissionais de educação.

— Nosso trabalho é muito simples, é parte de um processo normal de ensino. A educação sexual faz parte da cadeira de Ciências, mas os professores, muitas vezes por excesso de matéria, passam por cima.

Lembra que o projeto é experimental e está sendo aplicado em 15 das 278 escolas municipais que existem hoje em São Paulo. São cerca de mil alunos de 5.ª e 7.ª séries que passam anualmente pelas aulas de educação sexual.

— Veja bem, nós nos baseamos em valores universais, nos valores da família e da comunidade em que a criança está inserida. O curso é informativo e pretende esclarecer os jovens sobre reprodução, higiene e saúde. Problemas sérios, como o homossexualismo, não são tocados nas aulas.

Regina explica que o curso surgiu a pedido de diretoras de escolas onde havia muitos casos de jovens grávidas e onde os adolescentes eram pegos se masturbando nos banheiros.

— Os diretores e professores não sabiam como agir e se comunicavam com a gente. A partir daí surgiu o treinamento: as escolas se inscrevem e trazem sua equipe técnica que, sob orientação de médicos e psicólogos, vão aprendendo a lidar com os problemas que abordarão no curso. Esse treinamento visa a conscientizar o professor de que ele não pode ter preconceitos, ele não pode ser contra nem a favor. Deve manter a neutralidade para melhor orientar os alunos.

Em cada classe existe uma caixinha de perguntas, onde os alunos depositam suas dúvidas. Mas por que a caixinha? Regina tenta explicar, dizendo que existe muita inibição por parte dos alunos. Daí, a caixinha salvadora.

Explicou ainda que o curso tem a participação dos pais, que são reunidos na escola pouco antes de começarem as aulas e recebem todos os folhetos que serão usados.

Foto de Valdenir Benedetti

Regina Célia: respeitamos os valores da família

— Normalmente os pais acompanham com interesse o desenvolvimento do filho. No final do curso eles participam para comentar as mudanças ocorridas no comportamento dos filhos. Essas observações farão parte da avaliação final do aluno na disciplina. Nosso projeto não assume a responsabilidade de suprir a educação familiar. Respeitamos os valores da família; o nosso trabalho seria mais uma complementação. Acho que tem sido muito proveitoso, pois os pais comentam que as aulas facilitam o relacionamento com os filhos.

A avaliação dos alunos do curso de educação sexual é feita através de um exame de seus conhecimentos teóricos, da observação das atitudes de cada um e também de uma auto-avaliação do estudante.

E embora nunca tenha conversado com nenhum dos alunos que assistem às aulas do programa que ela tanto defende, Regina não perde a oportunidade de dizer:

— Creio que nosso curso veio de encontro a uma necessidade dos jovens.

Lana, 16 anos, já tem uma filha

José Carlos só vai casar com virgem

— O laboratório, o porão e os corredores lá de trás são os lugares preferidos pelo pessoal do sarro. Agora, é muito arriscado, porque se um professor pegar, suspende. Lembro de um caso que houve aqui no ano passado com uma menina de 16 anos: ela foi expulsa porque foi encontrada com cinco garotos dentro do banheiro. Essa menina era fogo, cantava tudo que era garoto.

Jorge acha que as meninas que namoram muito no colégio querem ficar "faladas", e afirma que não são poucas as que correm de boca em boca. Faz uma ressalva, entretanto, para as que "dão por revolta", e diz que são muitas as que "caem na vida" e até engravidam, para agredir os pais.

Seguramente, esse não foi o motivo que levou Lana, 16 anos, moradora em Copacabana, a transar pela primeira vez com o namorado, aos 15 anos. Conta ela que já namoravam há dois anos e que ela o queria muito. Hoje, têm uma filha de quatro meses. Quanto à reação da família, sua mãe ficou muito mais chocada quando descobriu a caixa de pílulas em suas coisas do que quando recebeu a notícia da gravidez.

— Ela me deu todo o apoio. Disse que eu devia deixar a criança nascer e que ela ficaria do meu lado no que fosse preciso. Até criaria o neném se eu quisesse. Felizmente não houve necessidade: vivo com meu namorado e minha filha numa boa.

Apesar de ter agido de forma diferente, Lana acha que toda moça deve casar virgem, porque casamento é "uma coisa muito bonita".

José Carlos de Alencar, 16 anos, Copacabana, também concorda com esse conceito. Acha que com namorada só se deve "tirar sarrinho", e chega a afirmar que jamais se casaria com uma menina com quem tivesse trepado. Mesmo que fosse aquela com quem teve sua primeira experiência, aos 14 anos. Acha, entretanto, que deveria existir "motéis para adolescentes".

Aninha tem 14 anos e estava no meio de um grupo de rapazes e moças que contavam suas experiências. Diz que transou a primeira vez com um cara que conheceu na praia, bem mais velho do que ela.

— Aí veio aquele papo, eu fui até a casa dele e aconteceu.

Depois aponta para os rapazes e diz:

— Mas esses caras aí só querem saber de trepar com a gente. Pra transar assim, eu prefiro fazer comigo mesmo.

E vão assim, em suas buscas, procurando jogar pra fora suas fantasias, fantasias que estão na cabeça de todo mundo, na cabeça da menina Márcia, de 12 anos, paulista da periferia, cujo maior sonho é ficar moça logo.

— Outro dia eu tive um sonho sobre isso. Eu estava deitada e, quando levantei, a cama tinha uma mancha de sangue.

Sua amiga Elaine, de 10 anos, também conta um sonho.

— Sonho sempre com vampiro. Uma vez sonhei que ele me pegou dentro de um carro e fez comigo. Daí eu fiquei esperando um filho, também vampiro.

Na favela se aprende tudo em casa mesmo

Entre a meninada das favelas, o problema da repressão já não existe tanto, segundo o depoimento de Neguinho, um menino de 10 anos morador na favela carioca do Cantagalo.

No morro a gente começa cedo — diz. Tem mulher que faz de graça e tem também umas neguinha que é só a mãe num tá olhando que nós papa. Neguinho não tem pai, mora num barraco com a mãe e oito irmãos e passa o dia vendendo bala na rua.

Maneco, 12 anos, amigo de Neguinho, diz que também começou cedo.

— Quem me ensinou foi o meu tio. Ele pegou uma mulher e me chamou pra ver. Depois me botou em cima dela. Agora, a gente vai à luta.

Betinho, 14 anos, mora na Rocinha e diz que aprendeu em casa mesmo.

— Quando a gente vai pra casa, vê o pai fazendo na mãe da gente e aí aprende, ora.

Fotos de Roberto Musauer

Leda e o filho chegam a fazer terapia familiar

Mãe fica sem graça com o filho

É sabido que a maioria dos pais não conversa sobre sexo com seus filhos, achando que sexo não é coisa que se discuta. Leda Maria da Conceição, costureira, diz que não se sente muito à vontade para conversar com o filho de quase 12 anos que a bombardeia com mil perguntas sobre sexo. Como não vive com o marido, é ela mesmo quem tem que dar as respostas

— Ele quer saber tudo, como é que se transa, o que o homem sente, o que a mulher sente e tem horas que ele chega a detalhes que me deixam acanhada

Leda sabe que o filho nunca teve uma experiência sexual e compreende que ele está em uma idade em que começa a se sentir homem; diz que sua curiosidade "é muito natural" Na medida do possível ela tenta explicar o que ele lhe pergunta, e diz sempre que ele "ainda não tem idade para ter relações". Mas há certas coisas sobre as quais ela só consegue conversar na terapia familiar, que faz com o filho há dois anos

— Quando ele começa a me perguntar em que posição é melhor, de que maneira deve tirar a roupa da menina, se seu pau é de bom tamanho, e o que ele tem que fazer para a moça gozar, eu realmente fico constrangida e desconverso Levo o assunto para a terapia, para junto com a psicóloga conseguir dar uma explicação a ele. Tenho plena consciência de que é importante saber dessas coisas

Assuntos de sexo nunca foram conversados com os filhos por Antonio da Silva, faxineiro, pai de oito crianças Levantando às três da madrugada para chegar às sete e meia no prédio onde trabalha, em Copacabana (mora em Nilópolis), ele confessa nunca ter tido tempo para "falar dessas coisas"

Para Lourdes - Gomes Batista, também costureira, esse tipo de dificuldade "não existe". Ela tem um filho de 13 anos e, na medida em que é "pai e mãe ao mesmo tempo", sabe que tem que conversar sobre sexo de forma natural Para dar uma idéia de como se sente à vontade com o filho, conta um episódio que ocorreu há seis meses

— Ele chegou em casa dizendo que precisava conversar comigo. Disse que sabia ser um papo para bater com o pai, mas na medida em que não tem pai perto, queria falar comigo mesmo. E me explicou que estava sentindo necessidade de procurar uma mulher, e que os colegas tinham dito que ele poderia encontrar na rua Alice. Perguntou se eu daria o dinheiro para ele ir Acabou nem precisando porque transou com uma lá em Santa Teresa, que não precisava pagar

Lourdes aponta como sua maior preocupação as cantadas de homossexuais, e por isso alerta muito o filho para não "dar papo para esse tipo de gente" Outra de suas preocupações são as doencas venéreas e a possibilidade do filho vir a transar com uma garota virgem, vindo a engravidá-la

— Um dia eu cheguei em casa do trabalho e tinha uma garota com ele. Os dois ficaram muito sem graça quando me viram, mas a explicação dele foi de que estavam ouvindo música. Mas, sabe como é, né, eu tenho que alertá-lo

Luciola Maria Freire, bancária aposentada, diz que nunca teve esse tipo de problemas com os filhos, um casal de 16 (a menina) e 15 anos. Afirma ela que seu papo sempre foi "amplo, geral e irrestrito". no que toca à sua e à vida sexual deles

— Sei que minha filha transa e nunca me grilei com isso. Minha única preocupação foi orientá-la sobre métodos anticoncepcionais. Nosso papo sempre foi muito aberto e ela sabe detalhes da minha vida sexual com o pai. Meu filho também tem toda a liberdade para conversar sobre sexo, e quando digo conversar não significa que eu falo e ele me ouve; ambos expomos nossas idéias e dúvidas

Aliciamento para o PDS

CHEFE MILITAR FAZ CAMPANHA

Comandantes de unidades militares estão fazendo propaganda do partido do governo, o PDS, e aliciando políticos para que concorram, por essa legenda, nas próximas eleições.

A denúncia foi feita por um oficial do exército brasileiro que citou, como exemplo, o caso de um candidato a prefeito pelo PTB em um município paulista que está sendo pressionado pelo comandante da guarnição local para mudar de partido.

— O fato é grave — diz o oficial — porque envolve a corporação num trabalho partidário e mobiliza oficiais numa tarefa que nada tem a ver com sua rotina profissional. Certamente a ordem pra fazer isso não veio por escrito, pelos canais normais, mas a verdade é que os chefes militares estão empenhados na arregimentação para o PDS.

Segundo o mesmo oficial, que participou, com o falecido general Hugo Abreu, das articulações pela candidatura do general Euler Bentes à presidência da República em 1978, a situação no exército, agora, é francamente favorável ao governo:

— Discretamente, sem alarde pela imprensa, os salários dos militares foram aumentados em quase 70% de dezembro para cá. Um suboficial, que ganhava Cr$ 12 mil por mês, está ganhando Cr$ 20 mil; um oficial, que ganhava Cr$ 20 mil, recebe agora quase Cr$ 30 mil. Isso os faz pensar: "Puxa, eles estão se lembrando do exército, estão dando a abertura, já tem muitos partidos, a democracia é essa mesma". Essas reações amenizam qualquer oposição ou queixa que um ou outro tenha.

Exemplo de como as opiniões políticas oscilam dentro da oficialidade — de acordo com circunstâncias e conveniências — é a atitude em relação ao governador Paulo Maluf, de São Paulo. Antes, os militares da área o detestavam, era o político menor, ultrapassado, demagogo, desacreditado e sem idoneidade. Agora, os comandantes das unidades do interior do Estado disputam uma paradinha nas suas viagens para oferecer-lhe um banquete, uma recepção no quartel, com discurso e tudo.

A capacidade de convencimento que têm os esquemas do poder é muito grande. Eles jogam as coisas no ar, trabalham as reações dos comandantes mais influentes e conseguem verdadeiros prodígios. Até hoje, por exemplo, alguns oficiais não entendem como o general Emílio Médici convidou Delfim Netto para o seu ministério. Pouco tempo antes, quando chefiava o SNI, Médici chegou a organizar uma operação para prender Delfim que, segundo ele, tinha ligação com contrabando de café. A ação foi cancelada, já em andamento, por um telefonema do próprio Médici, ao oficial que chefiava o trabalho.

Meses depois o general convidava o economista para sua equipe de governo.

Luiz Alberto Bettencourt

SINDICATO TAMBÉM SOB PRESSÃO

— Que merda de secretário! Nem sabe onde está meu currículo!

É o secretário de Trabalho do governo Maluf, SP, reclamando da ineficiência em seu gabinete. Sebastião de Paula Coelho não mede as palavras. Um repórter tenta falar com ele por telefone. A resposta é:

— Ora, manda esse merda se fuder! Ele que venha aqui! Quer tudo por telefone!

O currículo é uma grande preocupação do secretário, que vai procurá-lo sozinho, nos papéis da estante. Enquanto justifica sua indicação:

— Vejo na minha indicação uma forma que o governador encontrou para homenagear a classe trabalhadora. Eu só tive dois empregos em 34 anos de serviço: primeiro fui operário, depois passei a ser advogado de sindicato; em dezenas de sindicatos.

Dr. Coelho fica de cócoras, procurando o currículo. Percebe que está sendo fotografado e intimida o profissional:

— Você quer me fuder, é?

Mas, no fim, o currículo é só uma sinopse com três itens na seção **profissões**: técnico em contabilidade; professor; bacharel de Direito.

— Sou um trabalhador melhorado — diz ele.

Sem dúvida. Em 1964 o governo nomeou uma junta interventora no Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo. Interventor: Joaquim dos Santos Andrade, até hoje no posto. Logo que assumiu, Joaquim contratou os serviços profissionais do dr. Coelho, que serviu ao sindicato de várias maneiras.

Fotos Wagner Avancini

O secretário de Trabalho de Maluf alicia sindicalistas

— Quando a coisa esquentava, ele sempre procurava o SNI (Serviço Nacional de Informações) — conta um ex-advogado do sindicato.

Defender os trabalhadores, dr. Coelho nunca defendeu. Como num caso ocorrido em 1975: dois operários da fábrica Sofunge morreram e outros passavam mal do estômago. Suspeitou-se da água da firma. De fato, na caixa d'água foi encontrado um rato morto. O advogado do sindicato que cuidava do caso quis abrir três ações contra a Sofunge: por acidente, por indenização e uma criminal pela morte dos operários. Mas o chefe do departamento jurídico era o dr. Coelho. Quando soube o que estava acontecendo, ele procurou o advogado e conversou com este na base do "quem manda aqui sou eu". Conclusão: o processo criminal não foi movido por interferência do dr. Coelho.

Na época em que vários líderes metalúrgicos foram presos, em 1973, o dr. Coelho nem se interessou. Foi procurado com insistência pelas esposas dos presos — Valdemar Rossi, Antonio Flores e Vitor Giannoti — mas não moveu uma palha. Elas tiveram de contratar um advogado particular.

Hoje, refestelado na poltrona anatômica, ele se diz "amigo dos trabalhadores". "Mui amigo", como diz o personagem de Jô Soares da televisão. Sua tarefa principal atualmente é aliciar dirigentes sindicais para o PDS (partido do governo).

— Já consegui 1.200 fichas de filiação — diz, como se estivesse falando de fichas de pôquer. E mostra as cópias das inscrições.

O que pensa de Maluf:

— É uma pessoa simplesmente extraordinária. Nunca fui seu amigo, não o conhecia pessoalmente.

Filho de bóias-frias, dr. Coelho já vendeu banana, trabalhou em feira-livre, foi operário na São Paulo Alpargatas, **office-boy** na Federação dos Metalúrgicos. Com todo esse passado de trabalho, ele considera o PT — Partido dos Trabalhadores — uma aberração que atenta contra a democracia e até contra o cristianismo:

— Não acredito na subsistência de um partido como esse, que fomenta a divisão de classes. Aceitar um partido de trabalhadores é aceitar um partido antidemocrático, anti-social, que contraria qualquer princípio cristão.

Rivaldo Chinen

ESPERTAS

DENÚNCIA DE LEITOR

Fotografamos tudo!

Casamentos, divórcios, velórios, batizados, posições sexuais, primeiras comunhões, formaturas, aquela nêga maluca que anda pelada na rua, seu filho, sua mãe, qualquer parente, formaturas, exibicionistas, invertidos, vedetes, artistas, espetáculos, luas-de-mel e até fazemos três por quatro para documentos. Procurem Rogério e Chiquito pelo telefone 253-5038. Tratar com Lucília.

PROIBIDO LER

CASSANDRA RIOS

A Escritora mais proibida do Brasil.

Há anos Cassandra Rios enfrenta a censura. Mas segue escrevendo os livros eróticos de maior sucesso no Brasil.

Com a mudança de Governo e abrandamento da censura, os seus livros voltam a circular.

Ler Cassandra Rios é sentir prazer.

A VOLÚPIA DO PECADO - 368 pags Cr$ 360,00 Ref. 1549
A SERPENTE E A FLOR - 190 págs Cr$ 180 00 Ref. 0471
CARNE EM DELIRIO - 190 págs Cr$ 150,00 Ref 0620
TARA - 194 pags Cr$180.00 Ref 0642
A NOITE TEM MAIS LUZES - 230 págs Cr$ 200 00 Ref 0375
VENENO - 356 págs Cr$ 250,00 Ref 0638
TESSA A GATA - 122 pags. Cr$ 150,00 Ref 5735
MACARIA - 200 pags Cr$ 200,00 Ref 1572
MARCELLA - 136 págs Ce$ 140,00 Ref 5728
MARIA PADILHA - 124 pags Cr$ 150 00 Ref 1402
PATUA - 104 pags Cr$ 150,00 Ref 1403
O GAMO E A GAZELA - 259 pags. Cr$ 230 00 Ref 1325
AS VEDETAS - 344 págs Cr$ 320,00 Ref 1315
MUROS ALTOS - 354 págs. Cr$ 300 00 Ref 0370
NICOLETA NINFETA - .5c pags Cr$ 140 00 Ref 0731
UM ESCORPIÃO NA BALANÇA - 252 págs Cr$ 240.00 Ref 0691
GEORGETTE - 216 pags Cr$ 210,00 Ref 1548
UMA AVENTURA DENTRO DA NOITE - 102 págs Cr$ 140,00 Ref 1435

Grátis: *Um livro-brinde (sera um romance de agradável e fascinante leitura) para pedidos no valor ou acima de Cr$ 500,00 E voce não paga as despesas postais*

PREENCHA O CUPOM IMEDIATAMENTE
ENVIE HOJE MESMO PARA
MARGEM EDITORIA E PROGRAMAÇÃO GRÁFICA
Rua Miguel Couto, 134 – 11º and. – Rio de Janeiro – RJ – 20070
NÃO MANDE DINHEIRO AGORA. Só pague ao retirar seu pedido no Correio

Recorte nosso endereço e cole no envelope

MARGEM EDITORIA E PROGRAMAÇÃO GRÁFICA
Rua Miguel Couto, 134 - 11º and
Rio de Janeiro – RJ
20070

Escreva com letra bem fácil de ler para evitar enganos

Desejo receber pelo Reembolso Postal os livros assinalados:

☐ Ref 1549 ☐ Ref 0471 ☐ Ref 0620 ☐ Ref 0642 ☐ Ref 0375 ☐ Ref 0638
☐ Ref 5735 ☐ Ref 1572 ☐ Ref 5728 ☐ Ref 1402 ☐ Ref 1403 ☐ Ref 1325
☐ Ref 1315 ☐ Ref 0370 ☐ Ref 0731 ☐ Ref 0691 ☐ Ref 1548 ☐ Ref 1435

Nome ____
Endereço ____
Cidade ____ Estado ____
CEP ____

____
Assinatura

Foto João Bittar

O espanto, depois da "votação secreta"

O estranho fim da greve dos portuários

— Amanhã até o meio-dia isso acaba.

Era o Bacurau, líder dos portuários, chegando ao sindicato depois das negociações com o enérgico capitão dos Portos, Antonio Eduardo Cesar de Andrade Brasília tinha mandado acabar com a greve naquele dia e o capitão foi encarregado de transmitir a ordem e fazê-la cumprir.

— Manda o pessoal pra casa que amanhã tem mais — continuou Bacurau, causando estranheza nos grevistas, que há quatro dias não arredavam pé do sindicato.

— Mas, como? — perguntavam eles.

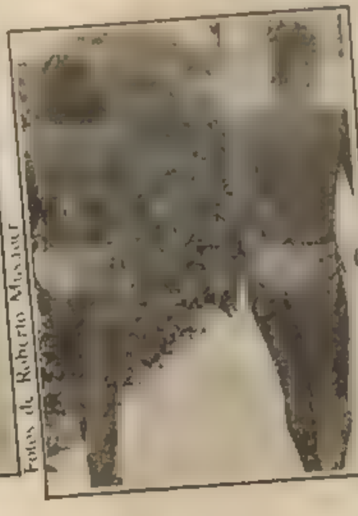
Em seguida, o comando de greve se reuniu — das sete da noite à uma da manhã — para decidir como terminar greve tão convicta e organizada. Tão unânime que dispensou piquetes.

Nessa noite, os líderes perderam a calma, expulsaram jornalistas do sindicato, impediram os profissionais de fotografar sem nenhum critério. Aliás, só tínhamos permissão de fotografar as assembléias e, nessa noite, nem isso, porque às 2 da manhã, quando Bacurau pegou o microfone para anunciar o fim da greve, foi vaiado. Seus homens de segurança — seis — não deixam fotografar a cena "que mostrava divisão".

— Seus vendidos, seus frouxos! — gritavam os grevistas inconformados, enquanto Bacurau falava da beleza da greve, sempre com verbos no passado. E propunha votação secreta da proposta patronal: 7,5% em vez dos 15% pedidos (ou Cr$ 3.300).

Mas o mais estranho é que o próprio capitão dos Portos dirigiu as assembléias do dia seguinte, sexta, às 5 da tarde (os portuários são divididos em quatro categorias, que fizeram quatro assembléias), passando, por telefone, os resultados de uma pra outra antes que as votações terminassem. Tanto que, no fim, os números da apuração nem foram divulgados. A proposta patronal foi "aceita" e a greve acabou.

João Bittar



SHORTLESS

Moda de meia-estação na praia de Ipanema, Rio. Um calçãozinho de plástico transparente que as moças usam sem nada por baixo. Tomara que não faça frio.

Capitão da PM tortura em Volta Redonda

Na quarta-feira, 5 de março, pela madrugada, num bar da Ponte Alta, bairro de Volta Redonda, repetiu-se o abuso de poder pela Polícia Militar.

Dois operários da CSN — Companhia Siderúrgica Nacional — terminaram de tomar sua cervejinha, único lazer que a cidade oferece, e tiveram problemas com a conta. O capitão Adilson, chefe da PM, estava à paisana e entrou na discussão. Quando os dois operários deixaram o bar, numa Brasília, o capitão disparou 9 tiros, furando o pneu do carro. Os operários fugiram a pé. Ele voltou ao bar e obrigou outros operários a darem o endereço dos que saíram perseguidos.

Por volta de 5h30m da manhã, ambos foram presos e algemados no corredor do edifício onde mora um deles, pelo próprio capitão e mais um outro PM (ambos à paisana), que chegaram num Corcel azul, sem placa.

Aí começou o drama dos operários Adão Rosa, 56 anos, casado, 30 anos de CSN, e Alfredo Henrique Batista, 34 anos, solteiro, 11 anos de CSN.

Saíram do edifício e foram levados para o batalhão sediado na Vila Americana, bairro na periferia da cidade. Lá, o capitão Adilson pediu um coturno novo para melhor pisotear os dois operários. Foram levados para uma sala de torturas, amarrados com cordas de náilon. A tortura foi abrir a boca com o gancho do martelo, enfiar o cassetete pela boca até atingir o esôfago, pisadas pelas costas, cabeça, peito e toda a sorte de pancadas com o cassetete.

Quando viram que não aguentariam mais, os policiais militares levaram os dois operários para a delegacia, por volta das 9h25m da manhã, mas o delegado se recusou a recebê-los, chamando logo um advogado, que solicitou a presença de autoridade competente. A autoridade mandou que os PMs se encarregassem de levá-los ao hospital com urgência. No trajeto, ainda foram vítimas de outras agressões.

O estado de Adão é grave. Perdeu o baço, está com o fígado perfurado e com problemas nos rins, além de hematomas por todo o corpo.

Alfredo foi atingido na coluna vertebral, está com a laringe e o esôfago inflamados, sem poder falar, devido à introdução do cassetete, além de marcas de coturno pelo corpo todo.

(Ana Maria Dias — Volta Redonda — RJ)

ESPERTAS

Foto de Chiquito Chaves

• Obras na catedral do Rio de Janeiro, um elefante pesadão e cinzento, que fica na avenida Chile. Operários que trabalham sem equipamento de segurança. Se um cair e morrer, melhor, deixa de se preocupar com essas questõezinhas de sobrevivência, pobreza, coisas, enfim, da vida, e vai diretinho pro céu.

José Antonio Nonato

Gilberto Freire não contou tudo ao Playboy

Provocaram intenso rebuliço no soçaite pernambucano as declarações do "príncipe dos sociologos", Gilberto Freire, de que, lá pelos idos de 1920, tinha experimentado transas homossexuais. Gilberto, conhecido internacionalmente por ter escrito o livro **Casa Grande e Senzala**, acaba de fazer 80 anos, e seu aniversário foi comemorado às expensas do governo estadual, que gastou mais de Cr$ 5 milhões nas homenagens. Entre uma velinha e outra, Gilberto deu uma entrevista à revista **Playboy**, onde conta suas aventuras amorosas com homens, ressalvando que elas não foram satisfatórias.

Os comentários variam muito, indo desde afirmativas de que "o Gilberto está gagá, coitado", até que "foi a coisa mais importante que ele disse depois de ter escrito **Casa Grande**". Segundo se comenta, as declarações chegaram a provocar complicações coronárias no "imortal" Nilo Pereira, cumpincha de Gilberto e ex-presidente da Academia Pernambucana de Letras.

Mas, pelo que apuramos, ouvindo um "entendido" no assunto, Gilberto nem de longe contou tudo sobre suas experiências homossexuais. É certo que até bem mais recentemente ele tinha um amigo, Bartolomeu Bastos, que na intimidade podia pegar em tudo, menos nos originais dos livros que Gilberto escrevia. Conta-se também que na época em que a praia da Boa Viagem era um imenso coqueiral, Gilberto deixava sua casa grande em Apipucos e ia passear na companhia dos meninos que moravam nas "senzalas" da região.

Agora, os **gays** pernambucanos, ainda muito perseguidos pelo machismo nordestino, têm uma resposta na ponta da língua para qualquer provocação: "Se até o Gilberto deu..."

Eduardo Homem

■

Forte sufoco e neguinho apelando pra qualquer expediente, a fim de uma grana: aos domingos, na Quinta da Boa Vista, um dos maiores jardins públicos do Rio de Janeiro e que fica lotado de piqueniques familiares, bandos de ciganos estão atacando.

O golpe é aplicado, geralmente, em cima dos homens. Chega uma cigana bonita, toda colorida e de olhar sensual, agarra sua mão e começa a ler. As previsões são sempre as mesmas: tem uma pessoa querendo prejudicar você no seu trabalho; seu fígado precisa ser tratado; uma mulher loura está querendo entrar na sua vida, e por aí afora.

Mas ela não pergunta, antes de começar, se você quer que ela leia a sua sorte e, uma vez começada a leitura, vai falando e não pára mais. Resultado: quando acaba a leitura, ela quer dinheiro. E, para conseguir, começa a rogar as piores pragas do mundo, ameaçando você com os piores castigos do inferno, se não lhe pagar, vejam só, 500 cruzeiros.

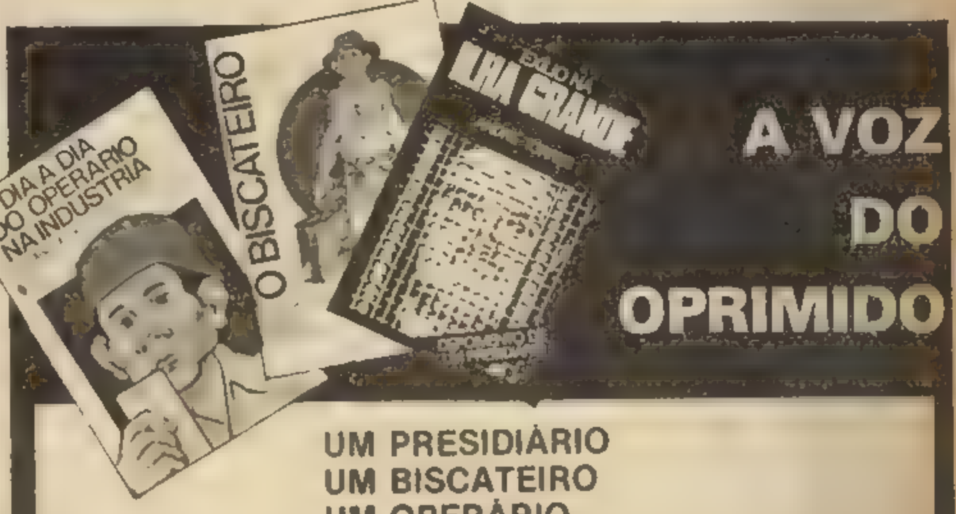
José Antônio Nonato

Não haverá nenhuma cena escandalosa numa das poucas peças brasileiras que fala, mesmo de passagem, do amor entre duas mulheres. O tema principal de "Calabar" — de Chico Buarque e Ruy Guerra — é a traição, mas Ana e Barbará (aquela música famosa ""Bárbara, Bárbara, nunca é tarde, nunca é demais") são personagens centrais — ainda porque Calabar morre logo no início. Marta Overbeck (que fará Ana) e Tânia Alves (Bárbara) ainda não sabiam, depois de 20 dias de ensaios, como o diretor Fernando Peixeto iria colocar em cena as palavras da música: "no fim da noite serei tua", "consolar teu leito de viúva", etc. Elas acham, porém, que não haverá nenhuma cena forte "porque o amor entre elas não é de lésbica, sapatão, essas coisas".

— É um amor de solidariedade — diz Marta. — Bárbara fica viúva de Calabar e Ana vai ser sua melhor amiga, conselheira. No começo, Bárbara é a guerrilheira e Ana, a puta; no fim, Bárbara se torna puta, também. Dizem elas que a peça não é realista, "é poética", por isso "não haverá necessidade de mostrar o amor de maneira naturalista": — Não haverá nenhum chupão — avisam. Um beijo, talvez.

A estréia está marcada para 1º de maio, em São Paulo.

Alex Solnik



**UM PRESIDIÁRIO
UM BISCATEIRO
UM OPERÁRIO**

contam com suas próprias palavras e do seu ponto de vista *o que é* a vida do outro lado do sistema capitalista. Com isso nos revelam um universo totalmente desconhecido

01 — **Exílio na Ilha Grande**, de André Torres
Depoimento de um presidiário, 220 pág. Cr$ 180,00
A história do único sobrevivente de um pacto de luta até a morte pela liberdade

02 — **O Biscateiro**, de Abdias José dos Santos
3ª Edição, 68 pág. Cr$ 65,00

03 — **O dia-a-dia do operário na industria**, de Abdias José dos Santos
2ª Edição, 132 pág. Cr$ 110,00

NAS BOAS LIVRARIAS OU PELO REEMBOLSO POSTAL

Não envie dinheiro agora. Preencha o cupom e remeta-o imediatamente pelo Correio para a

Desejo receber pelo reembolso postal os livros nos
NOME ____
ENDEREÇO ____
CIDADE ____
ESTADO ____
CEP ____
Preencha o cupom de forma legível

EDITORA VOZES

Caixa Postal 23
Rua Frei Luís, 100
25 600 Petrópolis, RJ

Filiais **São Paulo** (36-2064 e 256-0361), **Rio de Janeiro** (220-6445 e 359-3661), **Brasília** (223-2436), **Porto Alegre** (25-1172), **Belo Horizonte** (222-4152), **Recife** (222-6991 e 224-3924), **Curitiba** (233-1392)

PERSIANAS E VENEZIANAS
Novas e consertos.
Qualquer marca.

Também fazemos fechamento de varandas, janelas e boxes em alumínio. Portas sanfonadas, cortinas japonesas e venezianas plásticas (PVC). Atende-se em qualquer bairro. *Orçamento grátis.*

Técnico: *JOSÉ EDVALDO*

Rua do Senado, 230/716 (RIO). Tels: 263-1205 e 252-2534

CORREIO HETEROSSEXUAL

• "Rapaz moreno, 30 anos, 1m72, 72 quilos, um amante insaciável, porém um perfeito cavalheiro. Se você procura uma pessoa compreensiva para uma amizade sincera, ou para um contato íntimo sem compromisso, estou a seu dispor. A mulher é a arte maior da natureza. Saber lhe dar compreensão, carinho e prazer é minha obrigação de homem. Caso queira enviar foto, retribuo enviando a minha." **(Rubens — Caixa Postal 21.074 — Rio de Janeiro — RJ — CEP 20.000)**

●●●

• "Sou um jovem de 23 anos sem preconceitos, por isso quero iniciar transas com mulheres de qualquer idade, mas de bom nível social. Obs.: só transas, rejeito outro compromisso." **(S.F.P. — Caixa Postal 54.220 — Higienópolis — CEP 01000 — São Paulo — SP)**

●●●

• Somente pra mulher.

"Se você é bonita, precisa de distração, carinho, sexo (bastante) e tem condição de custear uma noitada, escreva para **EGO — Caixa Postal 10.015 — Campo Grande — RJ,** dando o número de seu telefone ou outro meio de comunicação."

●●●

• "Fiquei profundamente interessada nas declarações do leitor Luiz Fernando, bancário, residente em Niterói. Desejo que ele entre em contato comigo, inicialmente por carta." **(Charlene Oakes, Caixa Postal 10058 — CEP 23.000 — RJ)**

ARQUITETOS ALERTAM:

Justiça bloqueou obras em Itaipu

"O Núcleo Regional de Niterói do Instituto de Arquitetos do Brasil e o Departamento do Rio de Janeiro desejam expressar sua estranheza diante do silêncio que vem mantendo a grande imprensa com relação ao caso Itaipu, Distrito de Niterói

Em junho de 1979, pescadores desta localidade moveram Ação Popular pretendendo a paralisação das obras que vêm sendo realizadas na região, que apresentam uma ameaça ao patrimônio público.

No dia 21 de dezembro de 1979, o meritíssimo Dr. Juiz Federal Carlos David Santos Aarão Reis, numa sábia decisão, concedeu medida liminar favorável a esta Ação, embargando as obras na lagoa de Itaipu e sua orla, nos jazimentos arqueológicos, nas encostas da colina vizinha à Piratininga, no canal aberto de ligação da lagoa com o mar, assim como no loteamento propriamente dito

Apesar disto, notícias vêm sendo veiculadas pela imprensa minimizando o fato, afirmando que dentro em breve a situação voltará ao "normal", visto que as obras serão liberadas. Distorções dessa ordem favorecem apenas a interesses econômicos de particulares, uma vez que permitem o prosseguimento da comercialização dos lotes sem que os proprietários em potencial estejam cientes de que estes não podem ser utilizados, na medida em que o embargo proíbe toda e qualquer construção

O IAB, como representante da categoria dos arquitetos e consciente de sua responsabilidade frente à sociedade, sente-se no dever de alertar a população, que não vem sendo devidamente informada sobre o ocorrido. **(Instituto de Arquitetos do Brasil, Núcleo Regional de Niterói, RJ)**

O que me leva a escrever é pra falar sobre masturbação. Esta reportagem pirou minha cuca. Só lendo, já fiquei com uma puta vontade de tocar uma punheta. Há pessoas que acham a masturbação um caso anormal. Se for homem, dizem que é porque o cara não tem mulher. Não é nada disso. Sou universitário, tenho um relacionamento muito fácil com as gatinhas e normalmente dou uma trepada por semana.

Pô, gente, esse lance de masturbação pra mim é uma coisa que deixa o corpo numa legal. Se vejo um seio durinho, pequenininho, se ficar de papo com a gatinha dá logo uma vontade louca de correr para o banheiro. Mas é isso aí; sexo a dois é muito bom, mas há momentos em que a punheta traz um close diferente. Está aí o meu recado. (José Raimundo C. Rocha — Rio de Janeiro — RJ)

UM JORNAL PARA SE LER EM PÚBLICO

SIM. E DAÍ?

Com esta afirmação, uma garota reagiu quando lhe falei do jornal. Textualmente colocando, foram estas as palavras: "Um jornal que não dá pra ler em público".

Agora, por que não dá?

Porque desperta o interesse de quem está em volta? Desperta, e daí? Tem mais é que chamar a atenção, pois o leitor é atraído pelos temas e manchetes dos jornais. Agora, o porquê mesmo é porque ele aborda temas que a Grande Imprensa não tem interesse (ou peito) de publicar. Discutir, provocar controvérsias, essa é a função dos meios de comunicação, pelo menos numa sociedade aberta.

Tudo está mudando, e não podemos ficar de braços cruzados vendo o tempo passar. Temos que interferir e influenciar essa mudança, senão "eles" fazem como querem e nos "entregam pronta" (a mudança). Aí, mudar fica mais difícil. O negócio é agir agora, na construção dos alicerces de uma mudança que ainda não é estrutural, como a pretendida, mas que mesmo assim fornece uma margem de intervenção. **(José Carlos Silveira Duarte, Rio de Janeiro)**

Ela foi currada pelo Zé Barbosa

"Venho relatar um dos milhares casos de violência sexual que sem dúvida ocorreram neste carnaval 80, optando por este tipo de denúncia porque não estou a fim de me envolver com a justiça porca de que disponho.

Moro em Olinda, Recife, há dois anos e sete meses, e há pouco menos que isso conheci o artista plástico olindense Zé Barbosa, recém-chegado de Paris. Classificaria minha relação com ele como cordial e respeitosa, apesar de suas demonstrações de machismo. Pois bem, este homem se achou no direito de, na madrugada de sábado para domingo de carnaval, carregar-me completamente adormecida, exausta e biritada, da sala de sua casa para seu quarto, despir-me e currar-me. Isso, com a casa repleta de familiares seus e amigos em comum, como se fosse a coisa mais natural do mundo, o que bem demonstra o pensamento das cabeças daqui.

Pra mim, não foi nada normal acordar com um homem em cima de mim. É uma agressão da **porra!** Agressão que as mulheres têm que se preparar para combater, denunciar e vingar!

Não reagi na hora. Foi pegar as roupas, enfiar no corpo e sair rindo feito uma idiota até encontrar uma amiga e contar: 'Fui currada. Fui currada e não fiz nada!' À tarde voltei lá com um grupo de mulheres, preocupadas com este tipo de opressão. Precisava protestar e elas me deram força. Lá estava o Zé. Eu entrei a xingar, querendo mais é dar porrada, arrebentar o saco dele. Mas não consegui, por conta de alguma coisa que deve ter a ver com a impotência que não me deixou reagir quando acordei. Essa impotência é um fato e precisa ser superada. Por isso voltamos na tarde seguinte para ouvir isto:

— Como mesmo! Tá na minha cama, eu como! O que é que vocês querem? Isso tá acontecendo de montão por aí, pela praça do Carmo. É carnaval, e nós távamos bêbados. Eu me entendo com ela.

Como se eu tivesse tido alguma oportunidade de opção. Ele disse até que comeria as filhas de duas das mulheres lá presentes, de 9 e 10 anos, se as encontrasse dormindo em sua casa. Exagero de um machão que não admite o nervosismo que o leva a dizer uma besteira dessas.

Esse Zé tem razão quando diz que o que fez foi a coisa mais normal do mundo, ainda mais no carnaval, quando isso acontece em cada esquina. Mas a razão dele não quer dizer que esta coisa esteja certa. São as mulheres que têm que mudar essa aceitação coletiva do erro, da violência. Enquanto existir essa violência, a cada caso é bom que haja uma denúncia pública, para que não pensem que estamos acomodadas, preguiçosamente ou medrosamente instaladas na posição de subjugadas.

E abrir inquérito não adianta. A culpa sempre recai sobre a mulher. O Zé sabe disso, tanto que me sugeriu (com um cinismo nojento) dar **parte do caso na polícia,** como que sabendo que para ele não pegava nada, ainda mais que não houve sopapo da parte dele nem resistência da minha.

Esse Zé sabe disso, como muitos Zés e Manés por aí."

(Angela T. Freitas, Olinda, PE)

É isso aí!

"Enfim, uma publicação corajosa na imprensa brasileira. REPORTER é o órgão que faltava para denunciar aquilo que realmente oprime o povo.

O que vocês reportam é a realidade que infelizmente nossa grande imprensa se omite em comentar. Principalmente os abusos que as multinacionais cometem em nosso país.

Espero que prossigam seu trabalho, sempre com esta combatividade contra os absurdos que se cometem por esse Brasil afora, em que sempre as grandes vítimas são os menos favorecidos economicamente. O que é uma constante em toda a América Latina."

(Sérgio Rubens Alencar — Rio de Janeiro — RJ)

"Eu me amarro no danado desse jornal"

(Walter Borba, RJ)

Maria Helena Araújo

UMA REPÓRTER NO

☆VESTIÁRIO☆

1 *Num debate entre os cinco técnicos de maior importância atualmente no país (Zagalo, Cláudio Coutinho, Brandão, Aimoré Moreira e Telê), um tema foi discutido o nível cultural do jogador brasileiro Segundo os cinco técnicos, este é um fator fundamental para a evolução do futebol no Brasil Assistindo ao debate estava Ademir Menezes, um dos maiores craques do passado, que não se conteve e comentou ironicamente: "Pelo que estou vendo, eles querem uma seleção de intelectuais. Podem até não ter intimidade com a bola, mas têm de ser cultos".*

●●●

2 *Comentário de Aimoré Moreira sobre a nova safra de técnicos que vem cuidando das categorias inferiores e até mesmo dos profissionais de futebol "Existem muitos técnicos no Brasil dirigindo times sem ter a menor condição para isso Possuem um nível cultural inferior ao dos próprios jogadores, sem falar nos que são perfeitos marginais"*

●●●

Coutinho não lembra Nilton

• De Cláudio Coutinho para uma platéia de aproximadamente 50 jornalistas: "Júnior vem crescendo muito de produção e já tem um futebol comparável ao de Nílton Santos."

Ao ouvir isso, Sandro Moreira, jornalista do Jornal do Brasil, depressa arrematou: "Coutinho é mais jovem do que eu pensava. Nem viu Nílton Santos jogar!"

QUARENTINHA TÁ NUMA BOA

• Desabafo de Quarentinha (Botafogo, década de 50, tinha um foguete no pé esquerdo): "Não estou na miséria, nem bêbado e nunca fui pedir esmola em Marechal Hermes, que não sei nem onde fica. Só queria saber quem teve a idéia de sair espalhando isso por aí!

Zico joga duro pra Telê ver

• Durante toda a primeira fase da Taça de Ouro, os jornalistas esportivos notaram uma mudança muito forte no jogo de Zico. O jogador, acusado por muitos de pipoqueiro e craque do Maracanã (só jogaria bem no Maraca), começou a dar carrinhos para ajudar a sua defesa, a isolar a bola pra qualquer lugar, sem falar em algumas arrepiadas inesperadas. E todos se perguntavam qual o motivo de tal mudança. Seria uma ordem de Coutinho ou uma necessidade de Zico provar que as acusações sobre ele eram infundadas? Nada disso. Dias depois viria a explicação óbvia: Telê Santana, novo técnico da seleção, declarava nos jornais: "Não gosto de jogador que não marca e combate". Estava explicado. Zico sabe das coisas!

• Fim de jogo no Maracanã, Marco Antônio, do Vasco, e Jair do Internacional, se encontram no vestiário para uma entrevista. Enquanto Marco Antônio, de banho tomado, observa, Jair começa a remexer em sua sacola, tirando de dentro dois tipos de shampoo, três de creme rinse, um tubinho de Wella (para amaciar o cabelo), uma água de colônia, dois tipos de desodorante (um bastão e outro spray) e mais uma água de colônia. Diante de todo aquilo, o lateral do Vasco só teve um comentário a fazer, por sinal muito oportuno: "Você parece mais representante da Avon do que jogador de futebol!"

Zé Mário é titular do banco

• O técnico Orlando Fantoni pode até não estar sendo bem sucedido na sua volta ao Vasco, mas de falta de diplomacia jamais poderão acusá-lo. Um exemplo disso aconteceu quando Pintinho foi contratado, o que levou Zé Mário ao banco de reservas. Muito contrariado, o jogador sentou no banco, mas logo se animou quando ouviu Fantoni dizer numa entrevista: "Você será o titular da posição ao meu lado no banco". E o Zé ficou todo satisfeito!

Na roda viva da Taça de Ouro, o Flamengo está sempre nos aeroportos do país inteiro e, obviamente, Zico é o mais fotografado e procurado pela imprensa. Só que o jogador já se mostra meio irritado com as legendas das fotos que são publicadas em vários jornais. Basta o craque pegar uma criança no colo — o que é mais do que comum — pra dizerem que se trata do seu filho. Com toda razão Zico desabafa: "Vão pensar que tenho um filho em cada estado do Brasil, pô! Pega mal!"

João Avelino, técnico há 30 anos: faltou mulher em 74

Velha raposa dá receita de 82

Concentração pra Copa tem que ter sexo

— A Comissão Técnica de 1974 falhou.

Fala João Avelino, técnico de futebol há 30 anos.

— Acompanhei as Copas, inclusive a da Alemanha. Em 58, 62 e 70 a Comissão Técnica contratou mulheres de alto nível, examinadas pelo dr. Hílton Gosling e pelo dr. Lídio Toledo, para os jogadores da seleção brasileira. Afinal, seis meses de concentração. Se eram 22 jogadores, se contratava 25 mulheres para ficar à disposição e os jogadores podiam escolher. Na Alemanha não houve isso e o Brasil nem se classificou. Ninguém é mais sexo do que o brasileiro.

Uma das raposas do nosso futebol, conhecido como "71", Avelino acha que o brasileiro não está preparado para se concentrar junto com a esposa:

— Na Holanda, Alemanha, todo mundo leva sua esposa. Mas por quê? Porque são muito mais preparados que nós. A própria mulher sabe que vai meter na quinta-feira e na sexta; depois, só na segunda; terça, não, porque na quarta tem jogo de novo. O homem brasileiro não se contenta com uma trepada.

Pra dar um exemplo, "71" cita um caso havido em 1952, quando teve de levar um jogador numa casa de prostituição porque ele não parava de se masturbar:

— Ele se chamava Denones, hoje é dentista. A lavadeira do Atlético Mineiro descobriu que o lençol dele sempre aparecia manchado; o médico foi ver, era esperma. Três, quatro vezes por semana. Então, conversamos com ele e o levamos numa casa na Avenida Dom Pedro. Era véspera do jogo, 3 da tarde. No dia seguinte ele foi o melhor jogador em campo.

A vida sexual do jogador é normal?

Avelino pensa para responder e se safa com essa:

— Acho que vou lhe dizer que sim. Porque jogador, nos três primeiros anos de casado, tem três filhos consecutivos.

Aos poucos, ele mesmo vai se desmentindo ao mostrar que a vida sexual do jogador é controlada pelo clube:

— O jogador é muito controlado. Se pesa 76 quilos e depois do jogo cai para 73, no dia da reapresentação, segunda, terça, ele tem que estar com 76 de novo. Se não, é sinal de que sua vida está irregular.

— Se o jogador pega doença venérea, é punido pelo clube.

— Quando o time cai fisicamente eu converso com os jogadores: "O que está acontecendo com você? Não tá chutando de primeira, o chute tá fraco, você tá abusando... tá chegando muito na boca do cofre... o sexo não vai acabar nunca, devagar com o andor".

— Se o time tá com muito princípio de distensão é porque há excesso de relações, de namoro, como chamamos. Eu até oriento: "Cuidado, não vai pôr na coxinha porque tem problema, dá distensão... não vai ter relação em pé ou no carro, que cansa mais..." Que a distensão na virilha vem do excesso de relações em pé ou no carro.

Bolinação também não é recomendável:

— Se fica beijando, esfregando, bolinando na mulher, o esforço é maior do que se fizesse o sexo.

O jogador precisa despender muita energia sexual porque seu preparo lhe dá mais força, treinando, tomando vitaminas — com isso "71" concorda — mas qualquer excesso pode dar em zebra:

— O jogador é muito cobiçado pelas mulheres. O solteiro e o casado. Depois do jogo recebe telefonemas, mensagens: "É sua fã, viu o jogo, quer te encontrar"; "Tá esperando no carro lá fora". Tem que orientar pra ele não partir pro excesso, que ele perde a posição de titular.

Até esse ponto, "71" sempre foi claro e firme nas suas afirmações. De repente, por causa de uma pergunta, ele gagueja — a primeira e única vez durante a entrevista:

E se você encontrar um caso de homossexualismo em sua equipe?

— Aaa-iinda nããão en con trei — disse o técnico que mais times treinou no Brasil. — Não sei qual a reação minha. Ia analisar ele como vítima ou despreparação ou casualidade. Não trabalhei ainda com esse tipo no clube. Se for um grande jogador, discreto, sem me prejudicar, nem levaria o caso à diretoria. Não sou contra. Não sou contra topless, nem o homem de boate.

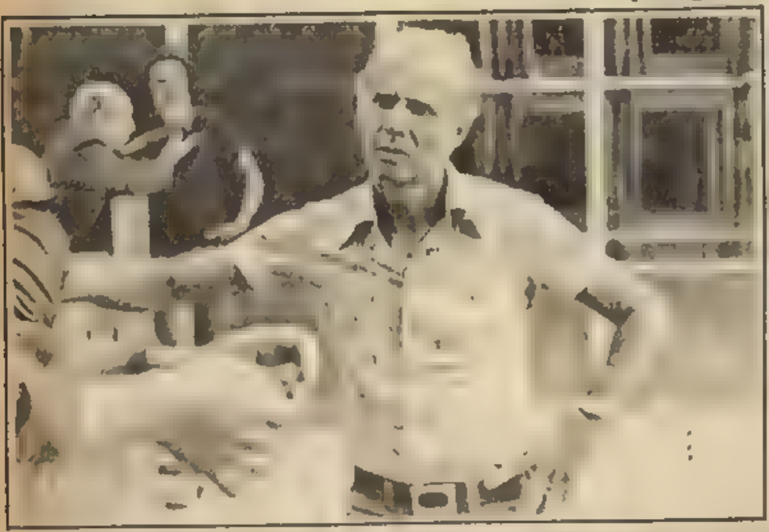
Alex Solnik

"Fuscão" lançou debate, mas reação da galera dá medo

JOGADOR ACHA LOUCURA

MULHER NA CONCENTRAÇÃO

Reportagem de Maria Helena Araújo. Fotos Chiquito Chaves



Pro Zagalo, "é inviável". Leão diz que é "impraticável". Orlando acha "um sonho" e Toninho afirma que mulher desune o grupo.

"Aqui no Brasil o futebol já poderia ter adotado o sistema europeu de concentração, onde é permitida a entrada das esposas dos jogadores, que se concentram junto com eles quantos dias forem necessários. Isso seria muito bom se fosse adotado aqui."

A declaração, publicada no REPORTER de março, é de Beto Fuscão, zagueiro do Palmeiras, e talvez nem ele mesmo saiba da repercussão que teve a sua idéia entre os jogadores do futebol carioca. Nos principais clubes do Rio — Flamengo, Vasco, Fluminense, Botafogo e América — a idéia foi discutida e o assunto virou polêmica, levando os profissionais de futebol, incluindo aí técnicos e preparadores físicos, a debaterem demoradamente o assunto: mulher pode ou não pode concentrar junto com o marido?

Alguns são parcialmente a favor, acham a idéia "uma boa"; outros são radicalmente contra e a maioria examina os aspectos favoráveis e desfavoráveis, sem porém chegar a uma conclusão exata sobre o assunto. Num aspecto, porém, quase todos concordam: "O jogador brasileiro não tem estrutura para encarar com naturalidade tal mudança. Não haveria, também, uma conscientização da torcida e dos dirigentes, de que isto é uma coisa natural, inclusive já adotada por vários clubes na Europa, sem falar no exemplo da seleção da Holanda"

Leão, goleiro do Vasco, que já participou de três Copas do Mundo e tem uma personalidade muito forte, exercendo quase sempre uma liderança natural sobre seus companheiros, é radicalmente contra:

— Acho a idéia do Beto impraticável até a longo prazo. Logo de cara iríamos esbarrar num problema incrível: o que é esposa? Já pensou se de repente os solteiros se achassem no direito de levar suas amantes ou suas namoradas para a concentração? Por isso, deveríamos ter uma conscientização sobre o que significa o termo esposa. Caso contrário vira zona.

Será que Beto Fuscão pensou nessa hipótese lembrada por Leão? É bem provável que não, como também não deve ter refletido sobre outros aspectos que o goleiro lembra:

— E o respeito mútuo dentro de uma concentração, onde, é lógico, existiriam diferenças de níveis sociais e culturais? Para se viver em comunidade é preciso uma série de coisas, e o jogador brasileiro não tem nem terá tão cedo a cabeça feita para aguentar essa idéia. Acho, sim, é que a concentração para os casados deveria ser abolida. Poderíamos nos concentrar apenas 12 horas, e nesse período não é necessária a presença da mulher.

Guina, porém, também jogador do Vasco e carinhosamente chamado de Caipira, parece ter a cuca mais fresca que a de Leão, e em rápidas palavras expressou o que pensa do assunto:

— Eu sou solteiro, mas isso não quer dizer que não sinta as mesmas vontades e necessidades dos jogadores casados. Acho que para nós a presença da mulher na concentração seria uma boa. Não haveria problema. Mas torcedores e dirigentes não perdoariam. Na menor falha durante uma partida as críticas viriam em cima de nós e das mulheres. Você acha que o torcedor do Vasco não vai culpar a minha mulher se eu perder um pênalti? Vão logo dizendo: "Também, passou a noite em claro!"

Guina foi rápido e rasteiro. Em poucas palavras ele resumiu o que seria um dos maiores obstáculos para a implantação da idéia: o torcedor e o cartola. Uma opinião muito parecida com a de Rondinelli, o zagueirão do Flamengo, casado há 2 anos.

— De repente a gente poderia perder um jogo para um time pequeno, como aconteceu contra o Botafogo da Paraíba, e seríamos linchados; sem falar no vexame a que estaríamos expondo nossas mulheres. Parece que estou vendo o torcedor gritando na saída do estádio depois de uma derrota: "Nós sustentamos vocês pagando ingresso não é pra passar a noite na farra com mulheres!" Ou até poderiam dizer pra elas: "Tá vendo o que vocês fizeram com eles? Assim não dá pra jogar futebol!"

— Seria ridículo — prossegue Rondinelli. — É como dizem por aí: "O Brasil é um país maravilhoso, mas vocês viram o povinho que jogaram nele?"

Mas, para quem não sabe, no Brasil temos jogadores que já passaram por experiência parecida, como é o caso de Orlando, lateral do Vasco. Ele, enquanto esteve no Santos, pôde sentir mais ou menos o que significa a presença da mulher ao seu lado. E, pelo visto, aprovou.

— No Santos, as nossas mulheres iam no sábado de manhã para a concentração, um lugar maravilhoso, cheio de lagos e com muita área de lazer. Fazíamos churrascos em grupo, conversávamos, jogávamos. À noite elas voltavam para casa. Mas acho que poderiam até dormir, porque não acho que o sexo seja prejudicial na véspera das partidas. É só saber dosar. Sou casado há 10 anos e muitas vezes tive de me privar

de ter relações porque eu mesmo achava que não ia ser uma boa. Conheço, porém, jogadores que quatro ou cinco horas antes dos jogos mantêm relações sexuais e nada sentem de anormal. Mas isso tudo é um sonho, pelo menos nos próximos cinco anos. Aqui no Vasco as coisas ficam mais difíceis ainda, porque conselheiros e torcedores jamais admitiriam tal coisa. Pra falar a verdade, 60% dos jogadores têm estrutura, mas os outros 40% poderiam entornar o caldo.

Paulo Goulart, goleiro do Fluminense, analisa vários aspectos da idéia:

— Os nossos campeonatos aqui no Brasil não exigem isso. São viagens e concentrações rápidas. Ninguém morre se deixar de fazer sexo uma noite. Aliás, acho esse negócio de dizer que sexo faz mal uma grande bobagem. O sexo é só psicológico. Se você transa achando que vai te prejudicar, acaba jogando pessimamente no dia seguinte. Sou a favor dessa idéia no caso de excursões programadas. Aqui, nos nossos campeonatos, acho que nem mesmo as mulheres iriam aceitar.

Um pensamento parecido tem Edinho, zagueiro do Fluminense, 24 anos, solteiro. Mas além dos aspectos abordados por Paulo Goulart, o zagueiro vê outros inconvenientes:

— A maioria dos clubes no Brasil concentra em hotéis, e só isso já seria um aspecto negativo, porque um homem e uma mulher num quarto de hotel o que fazem? De maneira nenhuma isso seria uma concentração. É prejudicial. Acho válido em viagens. Além disso, os filhos também seriam um problema. Como deixá-los em casa? Essa idéia não tem nada a ver.

Talvez, de todas as justificativas, a melhor, mais simples e direta tenha sido a de Zezé, ponta-esquerda do Fluminense e solteiro:

— Quem consegue concentrar com mulher por perto?

Zezé é um garotão ainda, iniciando no futebol, e deve ter suas razões para pensar assim. Mas não é essa a mesma opinião de seu companheiro Givanildo, jogador experiente, com mais de 30 anos:

— Concordo com o Beto Fuscão em parte. Peguei épocas em que o jogo era no domingo e concentrávamos na quinta-feira à noite. Aí era dose pra leão aguentar a barra. Nesse caso, acharia superválido a presença da mulher. Atualmente, porém, ficamos só um dia concentrados e isso não significa nada. Acho, inclusive, até bom a mulher ficar longe, porque considero que o sexo na véspera do jogo é prejudicial. É opinião minha e sei que depende muito dos costumes de cada um. Sou casado há sete anos e acho que a idéia só seria válida em concentrações longas.

É CLUBE DO BOLINHA MESMO

Jorginho e Mococa, sorridentes

É o Rosemiro!

Os jogadores do Palmeiras pas- [redacted] 10 dias concentrados no início do ano. Sem mulher, mas com muita pose pra fotografia. No Santos, o relax é completo na mesa de massagens. A presença feminina incomodaria todo mundo

Fotos João Bittar

Cesar, o centro-avante descansa

Zé Carlos (Santos)

Em pé, da esquerda pra direita, Rosemiro, Polozi (dois encobertos) e Mococa. Agachado, Jorginho, alisando a perna, Pires

O medo, porém, sobre como o torcedor iria encarar isso é uma constante na cabeça dos jogadores. Todos eles, sem exceção, falaram no assunto e alguns, como Paulinho, atacante do Vasco, foram até mais longe:

— Acho que mais de 30 dias concentrado sem mulher não dá pé. Mas temos que respeitar o conceito de moral do torcedor. Ele pensa que vai virar farra. Nós, jogadores, sabemos que não é nada disso, mas o que fazer se o torcedor não entende que nós não somos santos?

Mas o que pensariam alguns dos integrantes de comissão técnica, que dão duro a semana inteira na moçada, tentando buscar uma melhor forma físico-técnica? Será que eles aprovariam ou veriam nisso uma maneira de prejudicar seus programas de trabalho?

— Pra falar a verdade, eu não cheguei a uma conclusão — diz Paulo Roberto, preparador físico do Fluminense. — Tem aspectos favoráveis e outros contrários. Quando o casal vive bem, há até a possibilidade de afetivamente o jogador se sentir melhor e, por isso, jogar melhor. Quanto ao sexo, acho que também não teria consequências prejudiciais no aspecto físico, desde que a relação fosse com a própria esposa, sem os excessos de uma aventura. Eles aliviariam tensões e teriam até mais vigor físico. Mas, por outro lado, existem problemas graves: os possíveis desentendimentos conjugais poderiam prolongar-se dentro da concentração, o que sem dúvida prejudicaria o rendimento do atleta. Seria muito difícil formar uma comunidade entrosada, partindo do princípio de que cada mulher tem a sua personalidade. E, além disso, acho que os solteiros seriam prejudicados. Já pensou o cara estar jogando o seu pingue-pongue, com o pensamento longe, e de repente aparecer um companheiro seu com um mulherão do lado? Os solteiros iam enlouquecer! Juntando os aspectos positivos e negativos, posso dizer que não é uma boa.

A opinião agora é de um treinador, que por acaso é Zagalo, tricampeão mundial, como técnico e jogador. Com o olhar espantado diante da pergunta, Zagalo diz com absoluta convicção:

— Mulher na concentração? Sou radicalmente contra! Isso representaria a involução do futebol brasileiro. Seria a própria desconcentração. Quanto ao tabu do sexo, acho que tudo o que é demais na vida é prejudicial. Como ex-jogador e como técnico, acho a idéia totalmente inviável.

Pelo espanto de Zagalo e convicção com que defendeu sua opinião, mulher parece ser mesmo "coisa do diabo". Até mesmo o baiano Toninho, muito bem casado, pai de dois filhos e tricampeão pelo Flamengo, não aprovou a idéia, argumentando que seria um prolongamento da vida em casa, ou seja, em vez de unir o grupo, a presença da mulher iria afastar os jogadores uns dos outros. Os problemas seriam discutidos entre o próprio casal, o que para Toninho não é bom:

— Nós, que jogamos em equipe, precisamos discutir os nossos problemas uns com os outros. Se nossas mulheres se concentrassem conosco, nós passaríamos a conversar e dar mais atenção a elas, o que, pela lógica, afastaria muito o grupo.

Por tudo o que foi exposto por jogadores e integrantes de comissão técnica, a idéia de Beto Fuscão não ganhou adeptos, pelo menos no futebol carioca. Se Beto Fuscão é de opinião que a presença da mulher é benéfica, a maioria pensa o contrário. Coisas do tipo: "Mulher é invenção do satanás, a tentação do mal, vira a cabeça dos mais carolas" e por aí vai. Por enquanto, o nosso Beto Fuscão vai ter de sustentar sua idéia sozinho, porque os clubes de futebol, no Rio, são iguais ao Clube do Bolinha: "Mulher não entra!"

Concurso de homem em Copacabana

MENINO DO RIO É PAULISTA

Reportagem de José Antonio Nonato
Fotos de Rogério Carneiro

Um paulista de Itu é um dos mais fortes candidatos para ganhar o concurso Garoto Copa-80 — batizado pelo REPORTER como "Menino do Rio" — promoção de uma boate carioca, a Leloir. Marcos William Aoad, de 19 anos, ganhou a semifinal da terceira semana de março.

O desfile dos candidatos acontece aos domingos, à meia-noite. (Final em abril.) Tem júri, como qualquer concurso de miss, e dele participam dois cirurgiões plásticos e um delegado de polícia. Primeiro, tem desfile em traje passeio e, depois, de sunga. Quanto menor a sunga, melhor, pois há um prêmio para a sunga mais curtinha.

Os garotos são apresentados e entrevistados diante do júri e do público. Revelam suas medidas, seu signo, suas alegrias e tristezas. São, na grande maioria, migrantes do interior do Brasil que, sem possibilidades de emprego, batem perna pelas ruas de Copacabana, de madrugada, à procura de alguma transação com homens ricos.

Com Marcos não foi diferente. Está no Rio há um mês — chegou depois de dar baixa no Exército — e nesse tempo já conheceu um "senhor simpático", a quem chama "meu amigo e protetor" e quem deu a idéia para Marcos entrar no concurso.

A ex-noiva, Mary, e a família, ficaram para trás. Como também os planos de fazer um curso de computação. Marcos passa o dia hospedado na casa do "amigo", assistindo tevê. Prefere filmes policiais com muito mistério, ou então o Programa Flávio Cavalcanti, que acha "ótimo". Fora a tevê, ocupa-se em folhear revistas de mulher nua.

Mulher nua mesmo, Marcos?

— Claro — ele responde, engrossando a voz. — Porque o meu caso, ô meu, é mulher. Eu faço esses programas com homens por causa de dinheiro, e assim mesmo depende muito da grana...

Falar em dinheiro, ele se lembra do passado — tão recente — em que dependia, para qualquer coisa, do dinheiro do pai. Lembra-se também da irmãzinha de dois anos, fica comovido e promete:

— Um dia eu volto pra casa da minha família, independente, sem precisar nada do meu pai, nem dinheiro. Quero mostrar que sei me virar sozinho.

Por enquanto ele está maravilhado com a vida fácil do Rio. Bem diferente do primeiro dia, quando, completamente sem dinheiro, ele e os 12 amigos que o acompanharam foram a pé da rodoviária até o Arpoador, só pra conhecer a cidade. Ainda com os amigos, ficou num hotel barato do Flamento por uns dias, quando os trocados acabaram e os amigos resolveram voltar. Menos Marcos, que já tinha conhecido o "amigo e protetor".

Como qualquer miss escolada, Marcos usou uma tática muito especial para ganhar dos outros sete candidatos. Favorecido, também, pelo folclore — divulgado pela própria cidade — de que em Itu tudo é maior. Ele explica:

— Bom, quando vi que o negócio do concurso era a sunga, eu já vi tudo... Então, como eu era o sétimo concorrente a desfilar, enquanto não chegava minha vez fiquei no camarim só com a "arma" na mão, me preparando. Quando anunciaram meu nome, eu já estava que estava, a sunga parecia que ia estufar. Aí eu entrei, e quando o pessoal viu o volume, eu ganhei.

REPORTER

Maio de 1980-Ano III-Número 29-Cr$30

AUTÔNOMO INDEPENDENTE

Depoimentos de mulheres solitárias

VIRGENS E LOUCAS POR SEXO

P.9

O GOLPE DO GOVERNO EM SP

P.3

Os segredos de Roberto Carlos

P.32

OS REIS DO ABORTO

P.14

Governo declara que o país é ilegal

O governo tratou a greve dos metalúrgicos do ABC paulista como uma questão de polícia, sob o argumento de que a greve era ilegal, como decretou a Justiça Trabalhista. Com base nisso as autoridades afastaram os empresários das negociações, evitaram acordos, prenderam e cassaram lideranças sindicais, ameaçaram a Igreja, acusando-a de criar uma questão com o Estado ao apoiar a greve. Por último, o desespero: mais prisões, demissões em massa, um "estado de sítio".

As alegações são falsas. O primeiro a desrespeitar a Justiça foi o governo. Depois da primeira votação do Tribunal Regional do Trabalho, em São Paulo, julgando-se incompetente para opinar sobre a ilegalidade do movimento, o comandante do II Exército, general Milton Tavares, pressionou pessoalmente o presidente do TRT, Nelson Virgílio, para alterar a decisão. Numa segunda sessão, o Tribunal fez o que o governo queria. Estava aberto caminho para a polícia. Mas, e aí! Isso resolveu alguma coisa? Absolutamente nada. A greve continuou, a produção ficou parada mesmo. E agora, quando as lideranças sindicais depostas voltarem à liberdade? O governo acha que, por estarem depostas, não são mais lideranças, não vão participar de assembléias, falar, conduzir opiniões, liderar? E o Lula, por estar cassado, não vai ser o que é, um líder operário? E se continuar sendo, vão decretar a ilegalidade do Lula? É claro que não; o sindicalismo e a oposição são forças políticas, não sucumbem ao choque da tropa.

A Igreja não criou nenhuma questão com o Estado, amparando uma greve "ilegal", simplesmente porque o governo não é o Estado. Foi uma espécie de ato falho do regime vigente, que monopoliza o poder. O Estado inclui a Justiça e o Parlamento. E o parlamento não discutiu a Lei de Segurança, a Lei da Greve, a Lei do Salário, a Lei da Imprensa. São decretos-leis, e não leis. Foram decretados pelo governo, que o povo não aceita, os trabalhadores não aceitam, os jornalistas e os leitores não aceitam.

Nesse caminho, o governo acaba decretando a ilegalidade da nação. Pede pra ela se mudar e governa em paz. Sozinho.

Wagner Avancini

Era impossível conter essa multidão. Foi o que disse o comandante da PM, coronel Arnaldo Braga, quando os operários se reuniram em São Bernardo para a passeata de 1.º de Maio. Em Brasília, o governo ameacava decretar a prisão preventiva dos líderes já presos, prender outros mais e proibir qualquer manifestação de rua no ABC. Além da ocupação militar das vias de acesso à região. Um estado de emergência localizado. Entre os empresários, muita confusão: o candidato à presidência da Federação das Indústrias de São Paulo (Fiesp), Luiz Eulálio Vidigal Filho, criticava a intervenção oficial nas negociações e dizia que o governo queria controlar tudo.

REPORTER dobra venda em 1 ano

REPORTER está com a maior tiragem nacional (70 mil exemplares atingidos no número passado) e a maior venda entre todos os jornais da Imprensa Alternativa. No primeiro trimestre deste ano, nossa venda no Rio de Janeiro foi praticamente de 90% da tiragem, enquanto São Paulo vendia 88,1% de média mensal. Esse aumento (dobramos a tiragem e mais que dobramos as vendas) se vem verificando desde o início do segundo semestre do ano passado, que fechou com uma venda nacional de quase 80%, contra 67,7% do primeiro semestre

1980

PRIMEIRO TRIMESTRE	REPARTE	VENDA	%
RIO	[redacted]	83.441	89,1
SÃO PAULO	50.000	44.060	88,1

1979

RIO DE JANEIRO	REPARTE	VENDA	%
1.º SEMESTRE	76.686	52.898	69,0
2.º SEMESTRE	147.780	126.503	85,6
TOTAL	224.466	179.401	80,0
SÃO PAULO			
1.º SEMESTRE	61.444	41.508	67,6
2.º SEMESTRE	91.365	69.830	76,4
TOTAL	152.809	111.338	72,9
INTERIOR E OUTRAS CAPITAIS			
1.º SEMESTRE	53.493	35 327	66,0
2.º SEMESTRE	62.550	44 575	71,3
TOTAL	116.043	79.902	68,8
TOTAL			
1.º SEMESTRE	191 623	129.733	67,7
2.º SEMESTRE	301 695	240 908	79,8
TOTAL	493 318	370 641	75,1

REPORTER

EDITORES — Alex Solnik, Chico Júnior, Luiz Alberto Bettencourt, Pipsi (Arte)

REPORTAGEM — Rio de Janeiro: Tim Lopes, Marcos Dantas, Vera Lúcia Dias, José Antonio Nonato, Sérgio Danilo, Grice Faria. São Paulo: Rivaldo Chinen, Teresa Moreira, Gleise de Castro, Hélio Belik, Silvio de Souza. Recife: Eduardo Homem, Beth Salgueiro. Salvador: Marcus Vinicius Bettencourt

FOTOGRAFIA — Rio de Janeiro: Chiquito Chaves, Roberto Musauer, Rogério Carneiro. São Paulo: Wagner Avancini, João Bittar, Cristina Villares, Ricardo Giraldez, Hélio Campos Mello, Eliana Pastore. Recife: Valdir Afonso

REVISÃO — Maria Teresa Martins Pinto

ARTE — Analuce Estrella, Guidacci, Maurício Veneza

CIRCULAÇÃO — Eduardo Curi

PUBLICIDADE — Carlos Sar-[redacted]

DEPARTAMENTO JURÍDICO — Modesto da Silveira, Luiz Celso Araújo e Luís Eduardo Greenhalg

[redacted] Independente é uma publicação da Margem Editoria e Programação Gráfica Ltda. Rio de Janeiro: Rua Miguel Couto, 134/11.º andar, tel: 253-5038 São Paulo: Rua Santa Izabel, 33/8º andar, tel: 222-3103

Composição e fotolito — Editora Mory Ltda. Rua do Resende, 65, Rio de Janeiro.

Impressão — Jornal de Hoje, Nova Iguaçu, RJ

Distribuição — Fernando Chinaglia S.A. Rua Teodoro da Silva 907, Rio de Janeiro

SENADOR DENUNCIA MANOBRA

GOVERNO FABRICOU A CRISE DO ABC

Cadeias dos quartéis estavam prontas, afirma oficial do Exército

Reportagem de Alex Solnik, Luiz Alberto Bettencourt e Rivaldo Chinen

O ACORDO DESPREZADO

Foto Wagner Avancini

Severo Gomes intermediou acordo entre patrões e sindicatos: estabilidade de um ano no emprego. O governo não o considerou.

O governo federal preparou a crise na região industrial do ABC paulista. Dez dias antes da prisão de Lula e de outros líderes dós trabalhadores, seis grandes quartéis de São Paulo — em Osasco, Carapicuíba e Barueri — receberam ordens de preparar suas cadeias. Quem conta é um oficial do Exército que participou da condução dos trabalhos:

— A ordem não explicava os motivos da decisão, mas os xadrezes foram arrumados, pintados, consertada a instalação hidráulica.

A preparação militar para combater a greve no ABC foi importante porque coroava uma operação política do governo: forjar uma crise, dificultar negociações, forçar impasses, declarar ilegal o movimento, desorganizá-lo com a ação da polícia e cassar as lideranças sindicais. Objetivo: (1) conter a crescente influência política dos maiores sindicatos do país; (2) afastar o Partido dos Trabalhadores (PT), de Lula, de sua base sindical; (3) endurecer a situação política em São Paulo, o maior centro eleitoral do país, usando a disposição do governador Paulo Maluf para reprimir e a do comandante do II Exército, general Milton Tavares, mas evitando uma intervenção direta.

O senador Teotônio Villela (PMDM-AL) chegou a denunciar no Congresso que Delfim Netto era responsável por um golpe de direita em São Paulo, mas logo depois, no dia 30 de abril, prometia dados que comprovariam que o governo "forjou a crise no ABC".

O comportamento das autoridades nas semanas que antecederam o dissídio trabalhista no ABC evidencia, de fato, sua intenção. Primeiro, foi o ministro do Planejamento, Delfim Netto, a pedir que os reajustes salariais fossem menores, culpando-os pela inflação. Delfim queria uma revisão salarial que prefixasse o percentual de produtividade no trabalho adicional ao aumento. Era uma antecipação da posição do Palácio do Planalto — Delfim é um "ministro do Palácio", como dizem os políticos, porque seu regime fica no próprio Planalto ao lado de Golbery, Figueiredo, do ministro-chefe do SNI, do ministro da Comunicação Social e dos chefes das Casas Civil e Militar. Depois, já mais próximo da greve, a orientação do ministro Murilo Macêdo aos empresários foi endurecer as negociações.

Quando o Tribunal Regional do Trabalho (TRT) de São Paulo declarou-se incompetente para julgar a legalidade da greve, a decisão pegou de surpresa as autoridades. Não contavam com o voto independente de alguns juízes. Na segunda sessão do mesmo tribunal, a coisa foi diferente: juízes togados da primeira votação foram substituídos por juízes classistas (da classe dos empresários), e o resultado foi a declaração de ilegalidade do movimento.

Aí entrou a polícia sobre os operários, enquanto o governo anunciava a intervenção nos sindicatos de Santo André, São

Bernardo, São Caetano e Diadema. Um último acordo entre patrões e empregados, celebrado com a intermediação do empresário liberal Severo Gomes — ministro da Indústria e do Comércio no governo Geisel — foi posto de lado pelo governo. Os sindicatos tinham proposto reduzir a pretensão de 1 ano de estabilidade no emprego para quatro meses apenas. Os patrões propuseram dois meses, o acordo ficou em três. O governo respondeu prendendo Lula e outros líderes, e na semana seguinte ameaçando a Igreja, que apoiava os grevistas. O líder do governo, Jarbas Passarinho, disse que poderia ser criada uma questão entre o Estado e a Igreja, e o próprio presidente Figueiredo declarou que o cardeal de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns incitava à greve. O Deops, em relatório do inquérito sobre os grevistas, sugeriu o enquadramento de Dom Cláudio Hulmes bispo de Santo André, na Lei de Segurança Nacional

A crise "dramática" tinha sido criada. Os políticos mais importantes do país correram a São Paulo, mas não fugia a um impasse: a greve não acabava, apesar de estar sendo comandada pelo 4.º escalão de lideranças operárias

O governo precisava "fechar o ABC" com o menor custo político. A intenção não era fechar tudo. Aí o governador Paulo Maluf e o comandante do II Exército, general Milton Tavares, começaram a agir. Os dois são homens duros, de direita, crescem quando a situação exige repressão, estão sempre prontos para o fechamento. Este é o terreno político de ambos. Maluf não tem chance em eleição direta para o governo de São Paulo, muito menos para a Presidência da República. Tavares é um oficial de informações, fundou o Centro de Informações do Exército — CIEX — base do poder do general Sylvio Frota, ministro do Exército de Geisel demitido em 1977 por pronunciamentos que afrontaram a autoridade do presidente da República. Frota queria fechar mais e Tavares estava com ele.

O governador e o general foram os executores da operação. O governo lavou a face, fingiu surpresa com as prisões, mas as prisões prosseguiram. Golbery, até sugeriu a Dom Ivo Lorscheiter, presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), que o endurecimento ia continuar. Rumores de golpe de direita. A direita era o próprio governo, mas os golpistas que se expuseram foram Maluf e Tavares. E também Delfim Netto, associado a uma política de repressão às reivindicações dos metalúrgicos.

Melhor assim para o governo. Maluf e Delfim ficam caracterizados como golpistas de direita, mais isolados, mais fracos no páreo para a presidência, na sucessão de Figueiredo. Se o governo mantiver o endurecimento em São Paulo, eles desfrutarão do "prestígio" de terem sido testas-de-ferro de um golpe que não deram, mas que dariam.

O sucesso seria total, não fosse um dado que, ao que parece, não foi corretamente avaliado: a extraordinária organização coletiva dos metalúrgicos do ABC, que lhes permitiu suportar um embate de 30 dias, sem lideranças, sem piquetes, sem local de reunião e contra intensa propaganda oficial em rádio, TV e jornal. E manteve a produção parada.

Nos relatos seguintes, leia como, nos quartéis (segundo a palavra do mesmo oficial do Exército), a impressão que se tinha era a de que o general Milton Tavares e o governador Maluf — com o apoio de Delfim Netto — tinham assumido a iniciativa de reprimir a greve. O diretor do Departamento de Ordem Política e Social, Romeu Tuma, confessou a Dom Paulo Evaristo Arns que ia pedir demissão porque "quem mandava em tudo era o general Milton".

UMA OPERAÇÃO MILITAR

A polícia tinha um plano para ocupação de São Bernardo. O senador Teotônio Villela percebeu a manobra.

"Golpe de direita". Boato vai à tropa

OS TRÊS "CONSPIRADORES"

Tavares, Maluf e Delfim executaram a política do governo, que deu um "golpe".

Delfim Netto, Paulo Maluf e general Milton. Estes os nomes citados pelo oficial que concedeu entrevista ao **REPORTER** como os responsáveis pela implantação do clima de terror em São Paulo: "Esse é o clima dos quartéis"

Comenta-se em áreas militares que o principal interessado na crise é o general Milton "um homem de extrema direita que estaria aproveitando a situação grevista para fechar novamente o regime". Não há dúvida, entre os militares, de que o general Milton tomou toda a iniciativa após a decretação da ilegalidade da greve.

Sabe-se, também, que ele não poderia fazer o que fez, e do jeito que fez, sem que o governador Maluf estivesse de acordo. Os militares também estão cientes das ligações do governador com elementos de extrema-direita do Exército, como, por exemplo, o general Sylvio Frota.

Mas, ao mesmo tempo, o general Milton deveria contar também com o apoio de Brasília. Com que militares ele teria condições de obtê-lo? Após examinar os nomes do Alto Comando, do Ministério do Exército e da chefia do SNI, oficiais de serviço em São Paulo chegaram à conclusão de que atualmente iniciativas como a do general Milton não teriam respaldo com militares da cupula. O mais provável, raciocinam esses oficiais, é que esse respaldo teria vindo da parte de Delfim Netto, "um dos homens mais duros dos que cercam o presidente da República"

Tal raciocínio explica em parte a primeira reação de Brasília após a prisão de Lula, que foi indecisa e indefinida. Num primeiro momento, o ministro Abi-Ackel teria declarado a um deputado de São Paulo que o presidente Figueiredo não concordara com a medida. Mas, no dia seguinte, o ministro voltou atrás e deu a entender que Brasília via a repressão com bons olhos.

Dia 9 de abril, dez dias antes da prisão de Lula, os três grandes quartéis de São Paulo — em Osasco, Carapicuíba e Barueri — receberam ordens de limpar seus xadrezes. A ordem não explicava nada. Só se sabe que os xadrezes foram arrumados, pintados, consertada a instalação hidráulica, num momento em que a greve do ABC estava mansa. Ninguém pode provar de quem partiu a ordem, mas a lógica militar faz ver que a pessoa mais certa para isso seria o comandante da área, o general Milton Tavares de Souza, chefe do II Exército.

Desde esse dia ele tomou a iniciativa no combate à greve. Ninguém desconhece, no Exército, as atitudes duras do general Milton, que é qualificado por alguns como expoente da extrema-direita. Por outros, é tido como o expoente máximo da extrema-direita no Exército. Imaginava ele lotar as prisões dos quartéis? Ou usaria várias prisões para ir transportando presos de uma a outra, para escondê-los?

Quando a greve foi declarada ilegal, o general Milton botou tropas na rua. Para surpresa dos próprios soldados e oficiais. É voz corrente que no Exército, hoje, não há disposição para ações como essa. Só mesmo a ordem vinda de cima movimenta as tropas. Na sexta-feira, dia 18, a ordem colheu de surpresa os militares do 4.º BIB — Batalhão de Infantaria Blindada — situado em Osasco. Homens e tanques ocuparam posições avançadas nas proximidades do ABC e se recolheram em seguida.

Enquanto isso, uma última tentativa de negociação estava sendo feita em sigilo. Emissários de Lula conversavam com um empresário liberal — não é do setor metalúrgico — a respeito do ponto central em discussão entre patrões e grevistas, a questão da estabilidade. Os metalúrgicos pediam um ano de emprego garantido; os patrões não queriam dar nem um dia. Na negociação com o empresário liberal, os representantes dos operários concordavam em baixar a estabilidade para quatro meses. O tal empresário entrou em contato com o Grupo 14 — dos empresários metalúrgicos — que achou exagerado o prazo, mas topava dar dois meses. No fim da conversa, o Grupo 14 aceitou subir para três meses. Estava nesse pé o diálogo, quando a notícia estourou como uma bomba, no sábado, dia seguinte: estavam presos Lula, outra dezena de dirigentes sindicais e os advogados Dalmo Dallari e José Carlos Dias.

As prisões foram feitas pelo Deops e o Doi-Codi. O estilo foi inconfundível: todos os presos tirados de casa ainda de madrugada, entre 6 e 6 e meia, de pijama, ameaçados por metralhadoras manipuladas por agentes que não se identificaram. Sequestros, portanto. Os homens especializados no setor são aqueles que até há bem poucos anos executavam tais missões para o Doi-Codi, um apêndice do II Exército. Sob ordens, portanto, do general Milton.

Claro que Maluf participou dos planos do general Milton. Reuniram-se (e a imprensa deu) os dois, mais o chefe do Deops, Romeu Tuma, dias antes das prisões. A amizade Maluf-Milton pode ser notada também dentro dos quartéis paulistas. Militares que não simpatizavam com Maluf passaram a mudar de atitude, chegando a disputar entre si o privilégio de receber o governador. Não dá para provar, mas essa mudança provavelmente partiu de instruções da cúpula militar, e a cúpula militar de São Paulo é o general Milton.

SENADOR DENUNCIA MANOBRA

GOVERNO FABRICOU A CRISE DO ABC

Cadeias dos quartéis estavam prontas, afirma oficial do Exército

Reportagem de Alex Solnik, Luiz Alberto Bettencourt e Rivaldo Chinen

O ACORDO DESPREZADO

Foto Wagner Avancini

Severo Gomes intermediou acordo entre patrões e sindicatos: estabilidade de um ano no emprego. O governo não o considerou.

O governo federal preparou a crise na região industrial do ABC paulista. Dez dias antes da prisão de Lula e de outros líderes dos trabalhadores, seis grandes quartéis de São Paulo — em Osasco, Carapicuíba e Barueri — receberam ordens de preparar suas cadeias. Quem conta é um oficial do Exército que participou da condução dos trabalhos:

— A ordem não explicava os motivos da decisão, mas os xadrezes foram arrumados, pintados, consertada a instalação hidráulica.

A preparação militar para combater a greve no ABC foi importante porque coroava uma operação política do governo: forjar uma crise, dificultar negociações, forçar impasses, declarar ilegal o movimento, desorganizá-lo com a ação da polícia e cassar as lideranças sindicais. Objetivo: (1) conter a crescente influência política dos maiores sindicatos do país; (2) afastar o Partido dos Trabalhadores (PT), de Lula, de sua base sindical; (3) endurecer a situação política em São Paulo, o maior centro eleitoral do país, usando a disposição do governador Paulo Maluf para reprimir e a do comandante do II Exército, general Milton Tavares, mas evitando uma intervenção direta.

O senador Teotônio Villela (PMDM-AL) chegou a denunciar no Congresso que Delfim Netto era responsável por um golpe de direita em São Paulo, mas logo depois, no dia 30 de abril, prometia dados que comprovariam que o governo "forjou a crise no ABC".

O comportamento das autoridades nas semanas que antecederam o dissídio trabalhista no ABC evidencia, de fato, sua intenção. Primeiro, foi o ministro do Planejamento, Delfim Netto, a pedir que os reajustes salariais fossem menores, culpando-os pela inflação. Delfim queria uma revisão salarial que prefixasse o percentual de produtividade no trabalho adicional ao aumento. Era uma antecipação da posição do Palácio do Planalto — Delfim é um "ministro do Palácio", como dizem os políticos, porque seu regime fica no próprio Planalto ao lado de Golbery, Figueiredo, do ministro-chefe do SNI, do ministro da Comunicação Social e dos chefes das Casas Civil e Militar. Depois, já mais próximo da greve, a orientação do ministro Murilo Macedo aos empresários foi endurecer as negociações.

Quando o Tribunal Regional do Trabalho (TRT) de São Paulo declarou-se incompetente para julgar a legalidade da greve, a decisão pegou de surpresa as autoridades. Não contavam com o voto independente de alguns juízes. Na segunda sessão do mesmo tribunal, a coisa foi diferente: juízes togados da primeira votação foram substituídos por juízes classistas (da classe dos empresários), e o resultado foi a declaração de ilegalidade do movimento.

Aí entrou a polícia sobre os operários, enquanto o governo anunciava a intervenção nos sindicatos de Santo André, São

Bernardo, São Caetano e Diadema. Um último acordo entre patrões e empregados, celebrado com a intermediação do empresário liberal Severo Gomes — ministro da Indústria e do Comércio no governo Geisel — foi posto de lado pelo governo. Os sindicatos tinham proposto reduzir a pretensão de 1 ano de estabilidade no emprego para quatro meses apenas. Os patrões propuseram dois meses, o acordo ficou em três. O governo respondeu prendendo Lula e outros líderes, e na semana seguinte ameaçando a Igreja, que apoiava os grevistas. O líder do governo, Jarbas Passarinho, disse que poderia ser criada uma questão entre o Estado e a Igreja, e o próprio presidente Figueiredo declarou que o cardeal de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns incitava à greve. O Deops, em relatório do inquérito sobre grevistas, sugeriu o enquadramento de Dom Cláudio Hulmes bispo de Santo André, na Lei de Segurança Nacional

A crise "dramática" tinha sido criada. Os políticos mais importantes do país correram a São Paulo, mas não fugia a um impasse: a greve não acabava, apesar de estar sendo comandada pelo 4.º escalão de lideranças operárias

O governo precisava "fechar o ABC" com o menor custo político. A intenção não era fechar tudo. Aí o governador Paulo Maluf e o comandante do II Exército, general Milton Tavares, começaram a agir. Os dois são homens duros, de direita, crescem quando a situação exige repressão, estão sempre prontos para o fechamento. Este é o terreno político de ambos. Maluf não tem chance em eleição direta para o governo de São Paulo, muito menos para a Presidência da República. Tavares é um oficial de informações, fundou o Centro de Informações do Exército — CIEX — base do poder do general Sylvio Frota, ministro do Exército de Geisel demitido em 1977 por pronunciamentos que afrontaram a autoridade do presidente da República. Frota queria fechar mais e Tavares estava com ele.

O governador e o general foram os executores da operação. O governo lavou a face, fingiu surpresa com as prisões, mas as prisões prosseguiram. Golbery, até sugeriu a Dom Ivo Lorscheiter, presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), que o endurecimento ia continuar. Rumores de golpe de direita. A direita era o próprio governo, mas os golpistas que se expuseram foram Maluf e Tavares. E também Delfim Netto, associado a uma política de repressão às reivindicações dos metalúrgicos.

Melhor assim para o governo. Maluf e Delfim ficam caracterizados como golpistas de direita, mais isolados, mais fracos no páreo para a presidência, na sucessão de Figueiredo. Se o governo mantiver o endurecimento em São Paulo, eles desfrutarão do "prestígio" de terem sido testas-de-ferro de um golpe que não deram, mas que dariam.

O sucesso seria total, não fosse um dado que, ao que parece, não foi corretamente avaliado: a extraordinária organização coletiva dos metalúrgicos do ABC, que lhes permitiu suportar um embate de 30 dias, sem lideranças, sem piquetes, sem local de reunião e contra intensa propaganda oficial em rádio, TV e jornal. E manteve a produção parada.

Nos relatos seguintes, leia como, nos quartéis (segundo a palavra do mesmo oficial do Exército), a impressão que se tinha era a de que o general Milton Tavares e o governador Maluf — com o apoio de Delfim Netto — tinham assumido a iniciativa de reprimir a greve. O diretor do Departamento de Ordem Política e Social, Romeu Tuma, confessou a Dom Paulo Evaristo Arns que ia pedir demissão porque "quem mandava em tudo era o general Milton".

UMA OPERAÇÃO MILITAR

Foto Hélio Campos Mello

João Bittar

A polícia tinha um plano para ocupação de São Bernardo. O senador Teotônio Villela percebeu a manobra.

"Golpe de direita". Boato vai à tropa

OS TRÊS "CONSPIRADORES"

Tavares, Maluf e Delfim executaram a política do governo, que deu um "golpe".

Delfim Netto, Paulo Maluf e general Milton. Estes os ... citados pelo oficial que ... edeu entrevista ao REPORTER como os responsáveis pela implantação do clima de terror em São Paulo "Esse é o clima dos quartéis"

Comenta-se em áreas militares que o principal interessado na crise é o general Milton "um homem de extrema direita que estaria aproveitando a situação grevista para fechar novamente o regime". Não há dúvida, entre os militares, de que o general Milton tomou toda a iniciativa após a decretação da ilegalidade da greve.

Sabe-se, também, que ele não poderia fazer o que fez, e do jeito que fez, sem que o governador Maluf estivesse de acordo. Os militares também estão cientes das ligações do governador com elementos de extrema-direita do Exército, como, por exemplo, o general Sylvio Frota.

Mas, ao mesmo tempo, o general Milton deveria contar também com o apoio de Brasília. Com que militares ele teria condições de obtê-lo? Após examinar os nomes do Alto Comando, do Ministério do Exército e da chefia do SNI, oficiais de serviço em São Paulo chegaram à conclusão de que atualmente iniciativas como a do general Milton não teriam respaldo com militares da cúpula. O m... is provável, raciocinam es... oficiais, é que esse resp... teria vindo da parte de ...elfim Netto, "um dos home... mais duros dos que cerca... o presidente da República"

Tal raciocínio explica em parte a primeira reação de Brasília após a prisão de Lula, que foi indecisa e indefinida. Num primeiro momento, o ministro Abi-Ackel teria declarado a um deputado de São Paulo que o presidente Figueiredo não concordara com a medida. Mas, no dia seguinte, o ministro voltou atrás e deu a entender que Brasília via a repressão com bons olhos.

Dia 9 de abril, dez dias antes da prisão de Lula, os três grandes quartéis de São Paulo — em Osasco, Carapicuíba e Barueri — receberam ordens de limpar seus xadrezes. A ordem não explicava nada. Só se sabe que os xadrezes foram arrumados, pintados, consertada a instalação hidráulica, num momento em que a greve do ABC estava mansa. Ninguém pode provar de quem partiu a ordem, mas a lógica militar faz ver que a pessoa mais certa para isso seria o comandante da área, o general Milton Tavares de Souza, chefe do II Exército.

Desde esse dia ele tomou a iniciativa no combate à greve. Ninguém desconhece, no Exército, as atitudes duras do general Milton, que é qualificado por alguns como expoente da extrema-direita. Por outros, é tido como o expoente máximo da extrema-direita no Exército. Imaginava ele lotar as prisões dos quartéis? Ou usaria várias prisões para ir transportando presos de uma a outra, para escondê-los?

Quando a greve foi declarada ilegal, o general Milton botou tropas na rua. Para surpresa dos próprios soldados e oficiais. É voz corrente que no Exército, hoje, não há disposição para ações como essa. Só mesmo a ordem vinda de cima movimenta as tropas. Na sexta-feira, dia 18, a ordem colheu de surpresa os militares do 4.º BIB — Batalhão de Infantaria Blindada — situado em Osasco. Homens e tanques ocuparam posições avançadas nas proximidades do ABC e se recolheram em seguida.

Enquanto isso, uma última tentativa de negociação estava sendo feita em sigilo. Emissários de Lula conversavam com um empresário liberal — não é do setor metalúrgico — a respeito do ponto central em discussão entre patrões e grevistas: a questão da estabilidade. Os metalúrgicos pediam um ano de emprego garantido; os patrões não queriam dar nem um dia. Na negociação com o empresário liberal, os representantes dos operários concordavam em baixar a estabilidade para quatro meses. O tal empresário entrou em contato com o Grupo 14 — dos empresários metalúrgicos — que achou exagerado o prazo, mas topava dar dois meses. No fim da conversa, o Grupo 14 aceitou subir para três meses. Estava nesse pé o diálogo, quando a notícia estourou como uma bomba, no sábado, dia seguinte: estavam presos Lula, outra dezena de dirigentes sindicais e os advogados Dalmo Dallari e José Carlos Dias.

As prisões foram feitas pelo Deops e o Doi-Codi. O estilo foi inconfundível: todos os presos tirados de casa ainda de madrugada, entre 6 e 6 e meia, de pijama, ameaçados por metralhadoras manipuladas por agentes que não se identificaram. Sequestros, portanto. Os homens especializados no setor são aqueles que até há bem poucos anos executavam tais missões para o Doi-Codi, um apêndice do II Exército. Sob ordens, portanto, do general Milton.

Claro que Maluf participou dos planos do general Milton. Reuniram-se (e a imprensa deu) os dois, mais o chefe do Deops, Romeu Tuma, dias antes das prisões. A amizade Maluf-Milton pode ser notada também dentro dos quartéis paulistas. Militares que não simpatizavam com Maluf passaram a mudar de atitude, chegando a disputar entre si o privilégio de receber o governador. Não dá para provar, mas essa mudança provavelmente partiu de instruções da cúpula militar, e a cúpula militar de São Paulo é o general Milton.

O SAMBA DA CRISE

DELFIM E O ZEPELIM

De tudo que é ministerio
Descobriu todo o misterio
Esta sempre interessado
Com seus olhos perscruta
Com seu cerebro computa
Os espaços ocupados

Teimoso como mula
Ele insiste e articula
Aterroriza os incautos
E o murrinha do ministro
Já virou superministro
E aspira ao Planalto

A quem quer que ele ajude
Manipula e ilude
E tem que se demitir
Ele explora e pede bis
E é por isso que o pais
Vive sempre a exigir...

Saca fora o Delfim
Saca fora o Delfim
Ele é feito pra roubar
É pior do que cupim
Ele enrola qualquer um
Maldito Delfim

Até que no horizonte
Surgiu feito um mastodonte
Um disforme artefato
Ameaçou as mordomias
Condenou as regalias
Fazendo gato e sapato

Toda a corja em debandada
Já corria na esplanada
Pronta pra virar Pompéia
Mas do traço fumegante
Desce um louco de turbante
Com proposta a coréia

Quando vi nesta colônia
Tanta gente inidônea
Decidi logo intervir
Mas meu plano criou mofo
De aquele gordo bolofo
Esta inflação reduzir

O bolofo era Delfim
Mas não pode ser Delfim
Ele é feito pra roubar
É pior do que cupim
Ele enrola qualquer um
Maldito Delfim

Mas não é que o desgraçado
Tao ladrão e tão safado
Intrigara o estrangeiro
O visitante funesto
Que se presumia honesto
Se amarrou no milagreiro

Sucede que o gorducho
Nosso ministro de luxo
Era cheio de frescuras
E domar a inflação
Lhe cheirava confusão
É parada das mais duras

Ao sentir a negativa
O ministério em comitiva
Foi pedir sua adesão
Figueiredo num amplexo
Dom Vicente genuflexo
Magalhães com um bilhao

Doma ela, vai Delfim
Doma ela, vai Delfim
Você tem que nos livrar
Você pode conseguir
Você enrola qualquer um
Bendito Delfim

Foi tamanha a insistência
Tanta foi a interferência
Que ele não fez mais fiasco
Pra não levar xeque-mate
Entregou-se a tal combate
Como um guerrilheiro basco

Mas fez tanta da besteira
Foi forrando a cartucheira
Até desinflar seu lado
E antes que desse na vista
Foi-se embora com o turista
No seu Zepelim recheado

Comemorando a vitória
O Planalto cantou glória
Convocou a Rede Globo
Mas logo sentiu o embuste
O Delfim formou um truste
Fez o Planalto de bobo

Tira a calça do Delfim
Corta o saco do Delfim
Ele é feito pra roubar
É pior do que cupim
Ele enrola qualquer um
Maldito Delfim.

●●●

LINHA DE MONTAGEM

Linha Linha de montagem
A cor a coragem
Cora coração
Abecê abecedário
Opera operário
Pé no pé no chão

Eu não sei bem o que seja
Mas sei que seja o que será
O que será que será que se veja
Vai passar por lá

Pensa pensa pensamento
Tensus tem sustento
Fé café com pão
Com pão com pão companheiro
Para paradeiro
Mao ir mão irmao

A mao, o ferro, a ferragem
O elo, a montagem do motor
E a gente dessa engrenagem

Pois quem toca o trem pra frente
Também, de repente
Pode o trem parar

Eu não sei bem o que seja
Mas sei que seja o que será
O que será que será que se veja
Vai passar por lá

Gente que conhece a prensa
A brasa da fornalha
O guincho do esmeril
Gente que carrega a tralha
Aí, essa tralha imensa
Chamada Brasil

(Sambe, sambe, São Bernardo
Sanca, São Caetano
Santa, Santo Andre
Dia a Dia Diadema
Quando for, me chame
Pra tomar um mé)

...mbe, sambe, São Bernar...
...ndre
...Diadema
...ne chame
...omar um mé)

●●●

• A versão de *Geni e o Zepelim* é uma composição anônima que circula ... fins de abril em gabin...

• *Linha de Montagem* é a música que Chico Buarque ia cantar no ABC, num *show* proibido

Hélio Campos Mello

Dom Paulo recebeu telefonema do chefe do Deops...

Wagner Avancini

... Romeu Tuma, que disse: "eu ia me demitir"

Chefe do Deops se irrita com general

Domingo, dia 20, um dos locais de maior tensão, em São Paulo, era a casa de Dom Paulo Evaristo Arns. O sobrado da rua Mococa, no tranquilo bairro do Sumaré, foi visitado (longe da imprensa) por personalidades políticas, militares e até por alguns empresários. De todos os encontros, o cardeal recebia notícias negras, sopradas no pé do ouvido: o governo já teria em mãos um dispositivo para colocar em ação tão logo achasse o momento preciso. Uma espécie de AI-6, um estado de emergência para São Paulo, ou até estado de sítio, que poderia incluir até mesmo a queda do governador Maluf e sua substituição por uma junta militar. E, no pacote, a volta da censura à imprensa.

Apesar desse clima, na segunda-feira o cardeal celebrou missa na catedral da Praça da Sé, em solidariedade à greve, com a presença da mulher de Lula. Mas, na quarta-feira, dia 23, Dom Paulo chegou a desabafar:

— A crise chegou ao auge. Realmente. A barra pesou mesmo na quarta-feira.

Foi o dia em que o presidente Figueiredo disse ao país que "Dom Paulo estava incitando à greve" e que "a CNBB não era a Igreja". Se os operários estavam presos "por incitação à greve" Dom Paulo tinha sido ameaçad... prisão. (O porta-voz de Figueiredo, Said Farhat, explicara que "padres serão tratados como pessoas comuns".)

Ainda na quarta-feira, Dom Paulo confidenciou aos mais próximos:

— Seria uma pena que continuássemos a viver nesse clima, porque uma explosão em todo o território nacional levaria a um saldo inútil. Aliás, acredito que as autoridades não poderiam fazer isso impunemente

Quinta-feira: a tensão já podia ser vista na ca... pelo Centro de São Paulo. Um silêncio estranho, uma sensação de que alguma coisa estava para acontecer. Dúvida no ar. Havia uma assembléia marcada para São Bernardo, e só na última hora veio uma ordem de Brasília garantindo sua realização. Ordem que coincidiu com a fulminante visita do presidente da CNBB, Dom Ivo Lorscheiter ao ministro Golbery. O número 1 da Igreja brasileira fora tomar satisfações após as palavras ofensivas de Figueiredo. O que conversaram mesmo não se sabe. Nem Dom Ivo revelou o clima do encontro. Soube-se em São Paulo, porém, via Dom Paulo, que Golbery tinha sido muito duro com Dom Ivo. O general garantira, primeiro, que os empresários não sentariam para negociar de novo e, segundo, que as praças públicas não seriam abertas para assembléias.

Estranhamente, a praça foi aberta. Estranho também foi o telefonema recebido por Dom Paulo quinta-feira. Era do chefe do Deops, Romeu Tuma.

— Estou com minha carta de demissão pronta — disse Tuma.

Queixou-se de sua impotência diante dos acontecimentos, dominados, segundo ele, totalmente pelo general Milton. E, para encerrar, Tuma disse que só não entregava a carta de demissão ... finalmente a praça tinha sido liberada para a assembléia, evitando-se o conflito entre policiais e operários. Tuma também afirmou que a ordem de ...ação tinha vindo de Brasília

A quinta-feira de Dom Paulo foi muito movimentada. Em sucessivos contatos nas suas diversas áreas, o cardeal tomou conhecimento do seguinte: que o secretário de Segurança, desembargador Otávio Gonzaga Jr., também estava muito irritado diante da ...nça isolada do general ...mo acontecendo com o próprio governador Maluf, cujo estado de ânimo foi descrito por políticos como "inseguro"; que Delfim Netto estaria prestes a cair, e já teria dito que, caso isso acontecesse, levaria junto alguns ministros e até o governador Maluf.

Por que Maluf cairia com Delfim?

A explicação pode estar nesta revelação: toda a onda de propaganda de Maluf (olhos na presidência) estaria sendo financiada por grandes empresários paulistas, como Sebastião Camargo Corrêa (Construtora Camargo Corrêa). Este já declarou a amigos que deu Cr$ 80 milhões para Maluf. Tais gastos extraordinários são usados como argumento, pelos empresários, para conseguirem aumento de preço em seus produtos, junto a Delfim, engordando a inflação. (Essa informação é de um empresário muito respeitado e que ouviu da boca de Sebastião Camargo Corrêa lamentações a respeito da enorme quantia que dispende com Maluf.)

Sexta-feira: Dom Paulo estava mais calmo. Não havia apreensão em sua casa, nem no "local de trabalho", a Cúria — que fica, por sinal, a menos de 50 metros da Secretaria de Segurança Pública.

Notícias dos jornais também estavam mais calmas, mas eram notícias do dia anterior: na sexta-feira, novamente foi proibido fazer assembléia na praça. Para completar, foi proibido pela segunda vez o *show* da Vila Euclides com Chico Buarque de Hollanda, onde ele cantaria sua mais nova música, composta há poucos dias em homenagem à greve do ABC.

No sábado, a coisa esquentou de novo. Um dos operários que substitui os diretores do sindicato presos, conhecido como Alemão, foi preso com muita violência. (Sem contar que, dois dias antes, outro dirigente, Rubão, também tinha sido preso, forçado por metralhadoras.) Alemão estava num carro oficial, acompanhado dos políticos Orestes Quércia, Freitas Nobre e outros, quando policiais quiseram levá-lo. O políticos não deixaram

REPORTER lança LAR, suplemento popular de decoração e interiores:

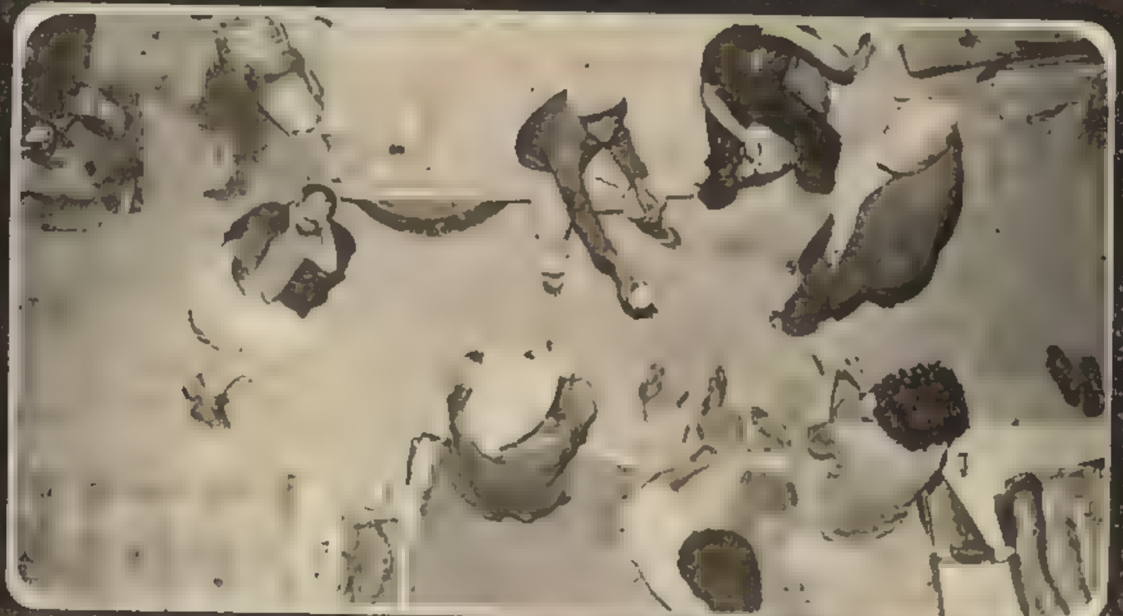
Fotos de Valdenir Benedetti

Às estatísticas oficiais do governo paulista contam 1 milhão de favelados. Nos cortiços da capital mora outro milhão. Nos terrenos clandestinos, quase 2 milhões. Viadutos, albergues, alojamentos de obras nem entram nas estatísticas. Mas 300 mil miseráveis entram em São Paulo todo ano. Pode-se dizer que aproximadamente 4 milhões de pessoas — metade da população — moram na maior cidade do país nas condições mostradas pelas fotos.

Viaduto da Baixada do Glicério: ambiente tranquilo para a sala de TV, com poltrona e uma pequena lareira

Favela de Heliópolis: um quarto em U; iluminação baixa e muito espaço para a imaginação

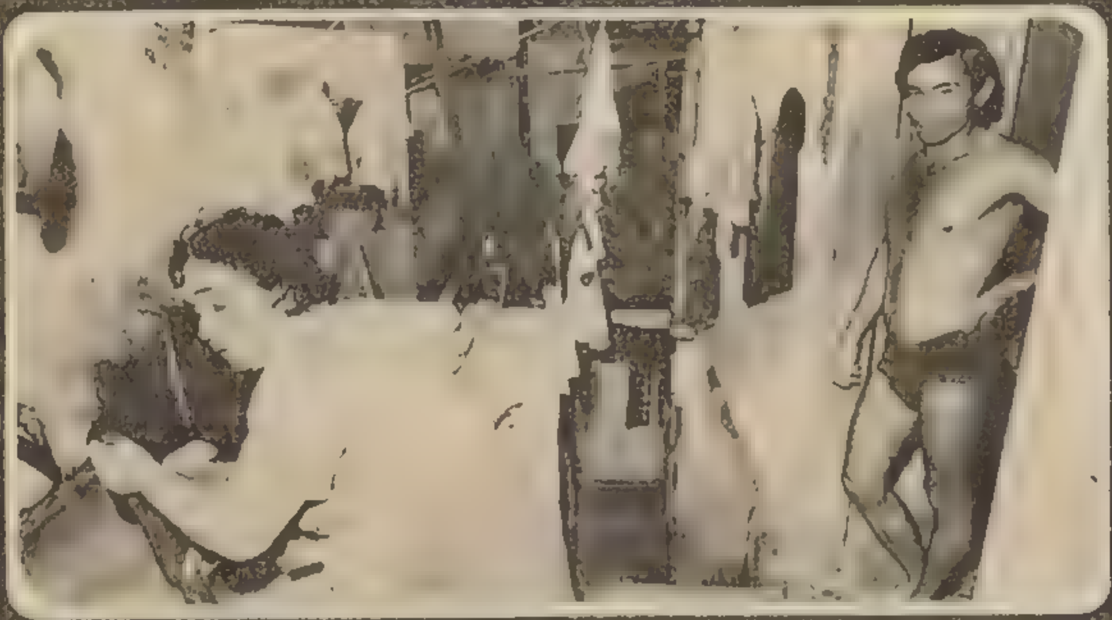
Cortiço de Campos Elíseos: no cômodo das crianças, uma cama [illegible]



[illegible]

LAR

Cortiço de Campos Elíseos: para repouso, uma peça ampla, bem arejada, também com armário aparente



Cortiço de Campos Elíseos: a área de serviço, com muito sol e lugar para quarar a roupa

Favela de Heliópolis: banheiro, ao ar livre, lançando a novidade: piscina portátil com sol direto.

Viaduto da Baixada do Glicério: numa recepção, um dos convidados pede delicadamente a garrafa de uísque

FLÁVIA

EXCLUSIVO

- **Prisão uruguaia é laboratório de tortura**
- **Onze dias de pernas abertas e mãos para cima**
- **Foi ameaçada no Uruguai para não falar**
- **Está escondida em São Paulo**

Wagner Avancini

Flávia chegou emocionada com a multidão que foi recebê-la no aeroporto de São Paulo

Flávia, como é a tortura no Uruguai?

— Posso dizer que lá no Uruguai eles chegaram a um refinamento técnico muito grande na questão de tortura física. Mas eu até agora não tive conhecimento de um requinte tão grande na parte da tortura psicológica. Nesse aspecto acho que o processo uruguaio é especial, ou seja, eles atingiram um alto grau de especialização quanto ao trabalho de destruição psicológica dos prisioneiros.

Flávia Schiling não falou muito sobre o Uruguai na entrevista coletiva que deu ao chegar ao Brasil, em abril. Nesta entrevista exclusiva — só concedida com a condição de que o endereço de Flávia não fosse revelado — ela fala mais das prisões onde sofreu durante sete anos e meio:

— Punta Reyeles (a prisão onde ficou a maior parte do tempo) é um laboratório. Um laboratório muito bem organizado, uma máquina que funciona muito bem e cujo objetivo não é a neutralização política da pessoa, mas sim a destruição do prisioneiro.

— Que tipos de tortura são utilizados?

— Vão desde as coisas fáceis de fazer, quanto à técnica, como o "plantão": ficar de pé com os braços levantados e as pernas abertas, que embora pareça simples consegue levar as pessoas a terem alucinações no fim de alguns dias. Conheci um caso de onze dias de "plantão" que o cara estava totalmente louco, já nem aceitava o colchão para deitar. Não podia mais sair da posição. A tortura física e a tortura psíquica estão completamente ligadas. Os dois trabalhos são constantes. A parte psíquica tem como motor o medo. O medo de quem se sente totalmente desamparado, noção de total inferioridade frente à onipotência do torturador. Em Punta Reyeles isso ocorre de forma menos acentuada, se bem que em épocas de interrogatório se mantém o trabalho de destruição psíquica que tem como motor o medo. Está implícito o corte de todos os laços afetivos da pessoa com sua família, com seu companheiro... na tentativa de criar a mesma situação de desamparo da pessoa e, nesse caso, a atuação do carcereiro como onipotente...

— Que informações vocês tinham sobre o mundo nas prisões uruguaias?

— O nível de informação era praticamente nulo. Em 1979, apenas começamos a ouvir, através de alto-falantes, pedaços de noticiários de rádio. Isso apenas a partir de 28 de janeiro de 1979. Fora isso, não tínhamos nenhum tipo de informação.

Flávia não quer falar muito sobre o Uruguai. Qualquer coisa que disser e o governo uruguaio não gostar, quem vai sofrer serão os prisioneiros que ficaram em Punta Reyeles. Ela teria recebido ameaças bem claras desse tipo quando foi libertada.

Ela está bem. Mas quer um psicólogo

Como esta Flávia Schilling? Sua chegada ao Brasil foi uma festa e tudo o mais, mas depois do primeiro encontro com os jornalistas ela saiu de circulação e agora evita mesmo contatos desse tipo. Sabe-se apenas que ela está começando a ser examinada por uma equipe de médicos, dentistas, psicólogos e funcionários de hospitais que fazem parte do Núcleo de Profissionais de Saúde do Comitê Brasileiro de Anistia, seção São Paulo. São 13 pessoas, as primeiras que vão ter idéia do estado de saúde de Flávia.

Os exames apenas começaram. As primeiras impressões, porém, são muito boas. Claro, ela está muito abatida, abaixo do peso — 49 quilos — mas seu estado emocional e sua vontade de viver surpreendem. Todos os seus problemas clínicos advêm das prisões uruguaias e de até antes delas, da sua captura. Como a bala que furou seu pescoço e cuja cicatriz permanece até hoje.

A gastrite não pára de doer. Mesmo na festa de seu aniversário, dia 26 de abril, quando completou 27 anos, ela reclamou de dores na região do esôfago, a tal "queimação", que tem origem, principalmente, no sistema nervoso. Tensão. No sistema nervoso se concentram os maiores problemas da ex-presidiária.

Os profissionais do Núcleo acreditam que as maiores seqüelas dos ex-presos são psicológicas. Pois, durante o tempo de prisão, como no caso de Flávia, a tarefa principal dos policiais é tentar desestruturar a personalidade das pessoas. Olhando para Flávia, e mesmo conversando com ela, nota-se que é calma, tranquila, não demonstra medo, nem raiva. Mas ela mesma sabe que à medida que voltar ao cotidiano sofrerá por causa das lembranças que guarda, por isso já pediu ao Núcleo a ajuda de um psicólogo. Pelo menos, para ter uma pessoa a quem possa relatar os terríveis momentos por que passou.

Será difícil para ela superar os traumas uruguaios. Os três anos em que permaneceu dentro das solitárias de várias prisões, onde passava o dia inteiro encarando uma parede, que ficava a apenas meio metro de seu rosto. A aflição de ser mordida por cães policiais insuflados pelos guardas. Marcas das mordidas ainda podem ser vistas em suas pernas. Será difícil esquecer, também, os absurdos trabalhos forçados a que era submetida. Era obrigada, por exemplo, a carregar pedras a fim de construir um muro; quando ele estava quase pronto, era derrubado pelos guardas que mandavam ela começar tudo de novo, carregando outras pedras para erguer um novo muro que seria também destruído.

Além de tudo isso, é bom entender que a vida de Flávia não se normalizou completamente só porque ela voltou ao Brasil. Ela está sendo superprotegida pelos familiares, pois ninguém descarta a possibilidade de que ela sofra algum atentado, já que seu nome passou a representar a anistia brasileira.

Por isso, ela mora num endereço que pouca gente conhece, não sai muito na rua, nem acompanhada, só o necessário. De certa maneira, está escondida. Só no dia do aniversário a regra foi quebrada, pois sua festa aconteceu no Centro Acadêmico da Faculdade de Medicina de São Paulo, onde mais de 100 pessoas foram cumprimentá-la. Fora isso, ela saiu mesmo foi para regularizar sua documentação.

O peso do nome Flávia Schilling também não está fácil de carregar.

— Quero apenas Flávia — já confessou a amigos.

Toda a publicidade em torno transformou a ex-presa numa personalidade pública, uma espécie de estrela que não pode ir a lugar nenhum sem ser reconhecida.

Outro problema de que o Núcleo de Profissionais de Saúde vai cuidar em Flávia é o ginecológico. Durante os sete e tantos anos de prisão ela adquiriu um tumor no útero, embora benigno, e que foi operado ainda no Uruguai.

Altino Dantas Jr.

MULHERES QUE VIVEM SOZINHAS

● *"Eu achava que beijar na boca era nojeira. Sexo, nunca. Quero morrer sem ele. Não teria homem só por desejo, mas por amor. Não amei, não me entreguei"*

● *"Faz 10 anos que meu marido morreu. Não nego que, às vezes, minha carne trema de vontade. Mas eu não dou. Sou honesta, não sou uma viúva alegre"*

● *"Casamento hoje não tem amor. A fêmea fica em casa esperando dinheiro, a única coisa que o macho apresenta. Pinta até porrada. Prefiro ficar na minha"*

Reportagem de Beth Salgueiro, Fabio Watson e Luiz Alberto Bettencourt

Elas não se casaram. Algumas por escolha, outras por falta de escolha, vivem sozinhas, sustentadas pelo seu próprio trabalho, sem homem. As virgens têm nojo ou medo do sexo e esperam o "homem certo" enquanto tocam umazinha pra esquecer a aflição. Muitas se transformam em mulheres de aço, profissionais eficientíssimas e racionais que vivem suas emoções no horário do expediente. Das 9 às 18. As solteironas, depois de muitas transas infelizes, são como viúvas delas mesmas e sentem saudade do companheiro que na verdade nunca tiveram. Trabalho incessante, ressentimento com os homens e o mundo são os refúgios naturais. As solteiras por convicção são feministas de outra época: combatem os privilégios que o casamento dá aos homens e criticam o comportamento da maioria das mulheres casadas que, por se sentirem dominadas pelo macho, revidam e agem como cafetinas dos maridos. Elas preferem evitar a confusão e ficam sozinhas. Entre todas essas mulheres, um ponto em comum: a sensação de marginalidade que cerca tudo o que não é certinho.

Elas são virgens. Por medo, nojo, vergonha.

Denise tem 26 anos, estuda Biblioteconomia na Universidade do Rio de Janeiro — Uni-Rio — e diz que ainda é virgem: "Ainda não chegou a hora". Ela estuda muito, é secretária, fala o tempo todo, é engraçada, desembaraçada, mas o humor não esconde uma preocupação: "Morro de medo de ficar solteirona. Já tive várias oportunidades de transar, mas na hora H eu pulo fora. Assim que eu me formar, quero casar logo.

A reação dos amigos ao fato de ser virgem não incomoda Denise — "eles brincam comigo, eu nem ligo" — mas perturba muito Ana Maria, assistente social, 33 anos: "Todas as pessoas que eu conheço pensam que eu já transei; morro de vergonha de dizer que sou virgem".

Ana conta que saiu de casa aos 25 anos por não aguentar mais os pais, já teve vários namorados ("que nunca deram em nada"), que mora com uma amiga, com quem conversa às vezes sobre sexo: — Mas eu não tenho tempo pra pensar nessas coisas, não. Eu trabalho muito. Antigamente eu me descabelava, sexo não saía da minha cabeça. Hoje estou mais tranquila.

Você acha que existe algum problema de cuca pra você ainda estar virgem?

— Olha, não sei. Quando eu era pequena eu vi os meus pais transando. Não sei se isso tem a ver, só sei que me marcou muito. Depois a educação, né. Eu sempre aprendi que sexo era sujeira.

E você não sente vontade de transar?

— Vontade eu sinto, né!

E aí?

— E aí, quando a vontade é muito grande, eu me masturbo.

O que você está esperando pra transar?

— Sabe que eu não sei! Olha ... o dia que pintar, pintou.

E se não pintar?

— Se não pintar de jeito nenhum, agarro o primeiro que estiver passando na rua.

Esperar parece a palavra chave. Esperar o homem certo, condições ideais, cuca fresca, loteria esportiva, qualquer coisa que adie o problema e diminua a ansiedade. É o caso de uma senhora (ela preferiu não dizer o nome), moradora na Ilha do Governador, Rio de Janeiro, de história interessante. Ela é professora, dá aula no supletivo, mora com a mãe viúva e com irmãs mais moças e namora há 10 anos o português, dono do bar. Teve educação rigorosa e repressiva e, hoje, sua maior preocupação são os afilhados, mais de trinta, entre alunos, filhos de amigos e simpatizantes.

"Um dia vai aparecer o homem certo", ela sonha enquanto dá conselhos às afilhadas: "Cadê o broto? Você tem que ir a mais festinhas, dar em cima dos rapazes, homem gosta de mulher mais agressiva". As moças ficam meio sem graça, mas ela não desiste: "Cuidado pra não ficar que nem eu, hein!"

O "noivo" a leva ao cinema, ao teatro e às casas dos afilhados, em dia de aniversário. Ele sabe todas as datas e, no dia de cada festinha, passa na casa dela, não fala, a acompanha até a casa do aniversariante e fica esperando na porta. Quando a rotina é alterada por uma briga qualquer, é ela quem sempre procura a reconciliação.

Um trauma levou uma outra professora, de 37 anos e que também preferiu não dizer o nome, a desistir de relação sexual. "Quando eu era adolescente quase fui currada por três rapazes. Depois disso comecei a me afastar de qualquer possibilidade", ela explica com certa revolta. Mora com os pais, não tem namorado, nem informação sobre as coisas do sexo: "Meus pais sempre foram superprotetores, eu sou filha única. Eles nunca falaram

sobre sexo comigo. E eu não gosto de falar sobre sexo, isso é problema de cada um". A resposta seca é a melhor saída para acabar com a incômoda entrevista. Uma última pergunta, um revide quase agressivo:

Você pretende se casar?

— De jeito nenhum. Quero morrer virgem.

Em Antonia Maria da Silva, a "Tonha", 51 anos, cozinheira de um bar na praia de Gaibu, Pernambuco, a virgindade prococou grande tristeza. Ela conta com o olhar parado: "Não tive a sorte de casar. Qundo eu era nova, era muito bonita, tinha muitos rapazes à minha volta, mas eu desdenhava, não queria nenhum, sempre pensando que podia achar coisa melhor. Recebi abraços e beijos na face. Na boca eu achava que era nojeira. Depois, o tempo foi passando e passei a ter vontade de um namorado, mas ninguém me procurava mais. Às vezes tenho tristeza de ser virgem, de não conhecer esse lado da vida, de não saber sequer o que é um beijo na boca. Agora sou velha, minhas preocupações são outras. Não perco muito tempo pensando em homem."

Esta senhora procura o marido ideal. Há 47 anos.

[illegible] 65 anos, assistente social por vocação, é de família tradicional, frequenta a sociedade, é amiga de ministros, personalidades, figuras importantes. É virgem, e nunca se casou porque, na hora H, ela que lutava tanto pra vencer o jugo do pai e da mãe, "achava que não tinha sentido ser subjugada por um homem":

Eu só me interessaria por um homem muito superior a mim. Homem pra mim ou é um Deus ou nada. Ele teria que ser [illegible]te, culto, íntegro, moral [illegible] Eu teria que adorá-lo, [illegible] uma espécie de [illegible]

[illegible] ações de amigo [illegible] ou d[illegible] atualmente, acha [illegible] que agiu certo. As mulheres, pra manter [illegible] aparências, concordam [illegible] ardo quer [illegible]

[illegible] seca, mas ela só podia me pegar com luvas esterilizadas. Meus pais viveram 54 anos juntos, em perfeito entendimento; tinham divergências, é claro, mas nunca as expuseram aos filhos; tinham respeito e compreensão um pelo outro. Esse é o ideal que eu busco; não quero coisas aqui e ali. Quero esse ideal, que não existe. Meu pai me meteu uma coisa na cabeça: casamento não é negócio, é baseado apenas em afeto, não num cálculo mensal".

Por uma ou por outra razão, ela procurou sempre ser auto-suficiente pra não depender de homem. [illegible]meçou a trabalhar cedo, a m[illegible] Trabalha [illegible] cartório, faz petições, cuida [illegible] dos problemas dos irmãos [illegible] ritmo parecido com o que [illegible] anos, quando con[illegible] e financiament[illegible] da pra construir [illegible] junto habitaciona[illegible] época de Magalhães [illegible]tos só pra gente que ganhava salário mínimo. Ela fez de tudo, conseguiu apoio de ministros, tirou dinheiro da Caixa Econômica [illegible] brigou com gente importante, ma[illegible] [illegible]bra. O conjunto tá lá [illegible] compradores ga[illegible] salário mínimo da [illegible] família com pen[illegible] afeto que [illegible] sobrinhos". O trabalho segurou boa parte das dificuldades; ela diz que "não se sente só porque não tem tempo".

E o sexo, como a senhora viveu sem ele?

— Enchendo a cabeça de trabalho. Mas isso (o sexo) é mais importante pra mim do que parece. Eu tenho medo de enfrentar um vazio agora, se meu irmão morrer antes de mim. O sexo não faz o equilíbrio do casamento. Só o amor faz, mas ele é muito importante. Eu senti e sinto falta de afeto e aí de sexo. Mas os dois juntos, nunca dissociei uma coisa da outra. Agora não se escandalize [illegible] vou lhe dizer: hoje eu [illegible] deixaria nenhum jovem casar [illegible] papel. Que todos tivessem as experiências que quisessem — sem ter filhos, é claro — e depois [illegible]

Por que então a senhora não seguiu o próprio conselho?

[illegible] as épocas eram [illegible] minha época isso [illegible] a um [illegible]ândalo. Eu gostava muito de namorar, mas dentro dos moldes da época. Nunca bebi, nunca cheirei lança-perfume nem tomei bolinha pra ficar alegre ou fazer as coisas que quero. Fui controlada. E tem mais: porque mulher mistura sexo e amor, não separa. Quem não consegue isso, [illegible]lher. A mulher que gosta [illegible] de drogas, que quer [illegible] mulher [illegible] por bens e con[illegible]

A senhora seria um cisne se tivesse se casado?

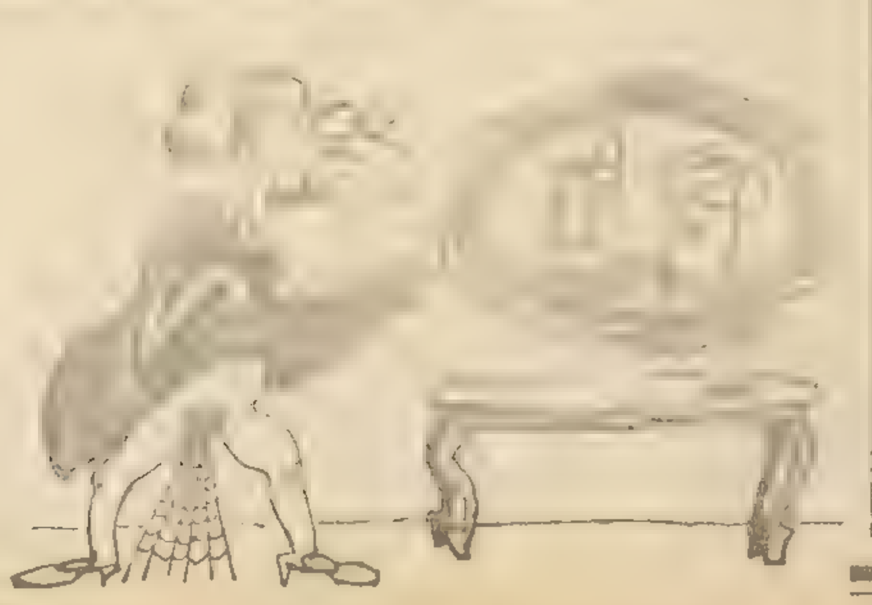
— Ahh! Lógico! Sempre tive medo de frustração no casamento e sempre tive vontade de encontrar o homem que me completasse. Mas hoje é diferente; homem e mulher não cultivam mais o amor... Eu nunca tive vontade de dormir com alguém porque não amei ninguém. Nem que me matassem eu me entregaria por ameaça; mas, por amor, eu até fugiria de casa. E meus pais sabiam disso. O homem se prende muito pelo lado sexual...o homem pode amar uma mulher e sentir atração por outra — eles se[illegible] as coisas, a mulher não.

A senhora nunca teve vontade de ter sexo por desejo, e não por amor?

[illegible] Não, nunca separei. Só teria desejo por alguém que eu amasse. Aí, o amor suplantaria tudo, minha moral, a religião, tudo. Mas eu sempre fui feliz e tranquila, nunca amei meus namorados. Chutava todos aqueles que eram apresentados como "partidos", os bons casamentos. Partido pra mim só o político e eu não gosto de políticos. Veja você, até o Lula, que começou tão bem, mas agora está se aproveitando dos seus companheiros pra fazer carreira. Os ricos são sempre infelizes porque o dinheiro gera desconfiança. Eu sempre fugi dos "partidos".

O fato de a senhora ser virgem atrapalha suas relações com os homens?

De jeito [illegible] [illegible] eu encontrar um homem com [illegible] homem [illegible] então fico na expectativa. E morro na expectativa.



Na Roma antiga, ser invicta era uma boa

As virgens, hoje, estão desprestigiadas pela sociedade, mas, nas origens do culto da castidade, a situação era bem outra.

Na mitologia greco-romana as entidades representavam um fenômeno natural ou um fato social. Para nossos ancestrais latinos, na Roma antiga, a deusa Vesta simbolizava a preservação da castidade. Era a protetora do lar. Em torno de seu altar as famílias se reuniam. O culto da deusa virgem, e do lar, marcava a passagem do homem, da condição de nômade para uma vida estável, em família.

As "tias" de hoje devem ser a memória preservada dessa deusa pagã que, amada por Apolo e Netuno, preferiu jamais oferecer de si o corpo e a alma, jamais se corromper pela paixão. Só que Vesta, por isso, tornou-se digna das mais altas honras, enquanto a solteira-virgem atual continua sendo até um ponto de convergência das famílias, mas destinada a cuidar dos filhos das outras ou ser o centro das chacotas domésticas por não ter cumprido o que a sociedade cristã e capitalista exige dela. O casamento.

Mas, voltando à casta deusa Vesta: além do altar que existia em cada casa romana, a deusa também era homenageada nos altares públicos em cerimônias simples, cujos objetos do culto eram água e fogo. As Vestais, sacerdotisas de Vesta, eram encarregadas de manter aceso o fogo, dia e noite, sempre. Essas virgens eram escolhidas, por sorteio, entre as famílias mais nobres. Entravam no colégio sacerdotal entre 6 e 10 anos e ali permaneciam até os 30 anos, castas e puras. Em 11 séculos, apenas 20 Vestais, segundo a lenda, romperam o voto de castidade e foram condenadas à morte, o que demonstra que as vantagens adquiridas pela condição de virgem compensavam a ausência do amor carnal.

Lamentavelmente, de tudo isso, a única herança assimilada pelos latinos foi a repressão à sexualidade da mulher.

Solteira só casa se tiver carinho

Fernanda, 47 anos, secretária da presidência de um dos maiores bancos estatais do país, foi e é cortejada por ministros e altos funcionários do governo. Descontraída, alegre, muito bem vestida, ela dá a impressão de estar numa boa quando explica por que não se casou

— O que eu vejo por aí é um bando de mulheres que procuram o casamento como emprego vitalício, uma forma de garantir o sustento pro resto da vida. Os homens parece que compensam isso afastando a mulher de suas vidas. Nessas rodas de sociedade e de governo com as quais convivo, a regra é não falar nada sobre trabalho com as mulheres, como se elas não existissem. A única meta comum é ganhar dinheiro, ficar rico, ter apartamento, barco, casa de campo, passear muito, receber amigos, sempre com a preocupação de mostrar charme, finesse, elegância, etc. O negócio é frio demais, nem parece que há alguma transa de afeto. Não há compreensão recíproca, carinho, atenção. São as secretárias que se lembram do aniversário dos filhos e das mulheres. Eles entram na agenda como os outros compromissos.

Compromisso, obrigação, rotina. Para Fernanda, o casamento é isso e mais, é algo que não tira a liberdade dos homens, mas submete inteiramente a mulher:

— Elas se conformam rapidamente com a situação, desistem de qualquer pretensão própria, de estudar, trabalhar, ter algo seu, e ficam em casa esperando dinheiro. Essa frieza talvez seja uma maneira de se vingarem do machismo dos maridos, mas o resultado é terrível. Não digam que isso acontece só com os ricos, não; é assim em todas as camadas sociais, evidentemente com diferenças no padrão de vida. A maioria das mulheres tá nessa de que o marido é o melhor patrão; pobres, remediadas, milionárias, a transa é se segurar no homem.

Fernanda já teve várias propostas de casamento, balançou algumas vezes, mas seu temperamento e a vida infeliz dos casais que a cercam tiraram sua coragem:

— Em alguns momentos eu pensei muito, mas quando me imaginava dentro de casa, sem poder sair, só tomando conta de criança, desisti.

Suas atitudes de independência chocam muito o meio convencional em que vive. Suas amigas se espantam com os pretendentes que ela recusou, com a estabilidade dos seus namoros e com a sua solidão:

— Vivem me perguntando se eu me sinto sozinha, se não tenho vontade de casar. Casar, não; tenho vontade daquela coisa de envelhecer com alguém, ficar junto de um homem quando não tiver força pra continuar sozinha. Mas, mesmo assim, se for possível ter uma relação tranquila, com carinho, tolerância, compreensão. Se não, prefiro continuar sozinha.

A última surpresa das amigas de Fernanda foi a decisão que ela tomou de continuar a trabalhar depois da aposentadoria, no final do ano.

— Eu comecei a trabalhar com 17 anos e não parei. Agora, todo mundo me diz para aproveitar, viajar pelo mundo, curtir o tempo livre, e não entendem por que eu quero trabalhar. Não entendem que o meu tempo pode ser livre trabalhando em

Solteirona tem raiva de homem. Já sofreu muito.

Raiva de homem e impossibilidade de amar algum foi o que sobrou das transas de Maria do Carmo da Silva, 45 anos, dois filhos, um de cada pai, biscateira:

— Quando eu tinha 18 anos amei muito um homem que morreu. Ele me deu um filho. Depois achei outro, que não amava tanto, mas que necessitava de carinho, que me deu outro filho. Com esse segundo homem vivi cinco anos de inferno, de muito sofrimento. Ele me batia, judiava das crianças, chegava bêbado e só faltava derrubar a casa. Eu aguentava tudo calada. Afinal ele era o homem da casa, eu tinha dois filhos e precisava de alguém que me ajudasse a dar comida pra eles. Um dia eu parei e pensei: por que tenho de aguentar tudo desse homem, que eu não amo e que só me faz mal? Então mandei ele embora. Ele não foi e eu peguei as crianças e saí de casa. Agora crio os dois sozinha, faço biscates, eles já estão grandinhos e estudam, também fazem biscates aqui e ali. Vamos vivendo. Não quero mais saber de homem. Amor eu não posso sentir mais porque o que tinha foi todo pro primeiro. E homem pra mim hoje quer dizer sofrimento e lágrimas. Não quero, não. Muito obrigada

Iraci Gomes, 36 anos, lavadeira, foi mais feliz que Maria — embora seja viúva duas vezes — mas sente na carne a falta de homem. O que a impede de transar, justifica ela, é a honestidade e as preocupações com os seis filhos

— Quando meu primeiro marido morreu, eu era jovem e quatro meses depois estava casada com o segundo. Com esse vivi seis anos, em cada um tive um filho. Faz dez que ele morreu. Não nego que tem dias que sinto a minha carne tremer e sei muito bem o que é, não é? Quem mente é filho do diabo. E eu tenho a graça de acreditar em Deus, sou protestante da Assembléia de Deus. Então sou viúva, sou honesta, não pretendo nunca mais me casar. Primeiro, porque não vou mais encontrar um marido como o que tive, bom, fiel, generoso. Depois, porque meus filhos mais velhos vivem me dizendo que, se entrar outro homem pela porta da frente, eles saem pela dos fu[illegible] decidi que [illegible] uma viúva [illegible] uma viúva ale[illegible]

alguma coisa e não apenas badalando.

Maria Lúcia, 32 anos, é diarista e faz companhia a pessoas idosas à noite para reforçar a grana. É de outra classe social, mas os problemas com homem são parecidos com os que Fernanda descreve. Para Maria Lúcia, é preferível batalhar sozinha do que aturar a "covardia" dos homens:

— Vejo minhas amigas cheias de marcas de porrada, cheias de raiva, falando mal pra caramba dos caras. Pra que eu vou entrar numa dessas? Quando tiver a fim, eu junto as trouxas com alguém que goste mesmo de mim. Mas nada de papel passado; quando não der mais pé, eu salto fora.

A vida é difícil, mas Maria Lúcia vai aguentando. Três vezes por semana ela praticamente não dorme à noite, sai das faxinas em casa de família e vira acompanhante de pessoas velhas. Evitar a prostituição e o roubo, pra ela, já são grandes vitórias:

— Na minha classe, mulher sem homem é puta ou faz uns ganhos por aí. São pouquíssimas as que conseguem se sustentar. Eu consegui, tenho meu canto — moro numa vaga num apartamento na Glória — minhas coisas, meus amigos, dou pra quem quero quando tô a fim.

ELAS FAZEM AMOR GOSTOSO AOS 50

O SEXO NA MENOPAUSA

Marília Balbi

50 anos é a idade do renascimento sexual? Ao contrário do que muitos possam imaginar, muitas mulheres estão plenamente felizes sexualmente nesta idade. Já não possuem a jovialidade dos 25 anos, da época em que casaram, mas estão tranquilas. Para muitas, é o renascimento tranquilo, descontraído, do amor com meio século de vida. E a menopausa não passa de uma possibilidade sossegada da prática sexual, sem o medo da gravidez.

Para a médica Drina Ungarette, presidente da Associação Brasileira de Mulheres Médicas, 61 anos, a idade não é empecilho para a sexualidade:

— Ser homem ou mulher com condições de saúde e um companheiro, o estímulo sexual irá existir, principalmente mais descontraído. Após os 50 anos a mulher perde o medo da gravidez. Os métodos anticoncepcionais não são garantidos; só mesmo a cirurgia, tanto no homem como na mulher, é que acaba com o risco da gravidez. Às vezes o homem fica com receio quanto à cirurgia, com medo da perda da virilidade, mas isso é bobagem. Mas com a menopausa a gravidez deixa de existir. Muitas vezes acontece à mulher ter estímulos sexuais, só que não é procurada. Existem casais, que são raros, que aos 80 anos mantêm um comportamento sexual normal e estimulante.

Dona Léa Passalaqua, 52 anos, tradutora, conta um caso semelhante:

— Meu médico contou-me uma história que muitos diriam impossível, mas o caso é que sua paciente de 80 anos estava com erupção no seio. A família, muito preocupada, fez prognósticos. Mas a paciente, para espanto até do médico, perguntou-lhe, muito aflita, se o problema do seio não era porque ela havia tido relações com o marido, de 82 anos, e havia sentido muito prazer.

— Taí — diz dona Léa — o marido vê a companheira com o mesmo amor dos 40 anos.

— No meu caso, depois de dois casamentos que não deram certo, estou só esperando a minha vez, porque não faço nada há 12 anos. Se encontrar um companheiro voltarei a sentir estímulo e garanto que tenho até um caso.

Para mulheres que possuem uma vida sexual normal, o desejo sexual continua existindo. Cecília Prada, escritora:

— Estou entrando na casa dos 50 anos. Não estou em menopausa. Acho que apesar dos 80 anos que uma mulher atinja, haverá o estímulo sexual. A libido é coisa permanente. Acho até que com a idade há um renovamento de energia. Começamos a ter a noção de tempo. Há um renascimento. Na medida em que se envelhece há um certo reforço na consciência, pois a vida não é eterna. Por que reprimir? Neste sentido estou liberta. Sei que muitas ainda não se libertaram. Eu sinto mais energia. O essencial é a gente gostar da gente. Eu, quando tinha 20 anos, não gostava de mim; só aos 40 anos a minha consciência como pessoa aflorou forte.

Feliz aos 50 anos é também dona Maria José, casada com cinco filhos:

— Para mim não teve diferença nenhuma desde que casei. Sei que devo estar na menopausa, mas por enquanto isso não atrapalhou para fazer sexo. Depende do estado de espírito. Acho que é preconceito dizer que com idade o prazer muda. Acho que só lá pelos 80 anos. Graças a Deus sou muito feliz no sexo com a minha idade; só não sou totalmente por falta de dinheiro. Se faço bastante? Bastante também não; faço o normal, quando se sente vontade.

Para dona Maria Helena, 51 anos, prendas domésticas, dizer que a atividade sexual da mulher fica reduzida aos 50 anos não passa de preconceito:

— Acho até que nesta idade melhora a vida sexual; não tenho mais preocupação com a gravidez. Acho também que a menopausa não tem nada a ver com libido, depende da cabeça de cada pessoa. Se não houver equilíbrio, não se faz nada direito. Eu digo que agora tenho mais prazer, mais tranquilidade.

Dona Alda, com 58 anos, moradora na Vila Nova Conceição, SP, tem sua vida sexual também normal:

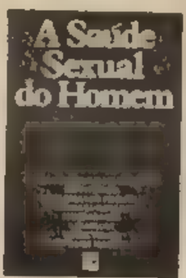
— Desde que casei em 1950, no Rio, sexo nunca foi um tabu, um problema entre eu e meu marido. Nunca tive problemas, por isso não concordo que digam que depois dos 50 anos a mulher já não sente mais prazer ou que a sua atividade sexual esteja reduzida. Sou feliz, acho até que como uma jovem de 35 anos.

Apesar de também acreditar que tudo não passa de um tabu, dona Ruth, de 51 anos, moradora na Vila Buarque, SP, diz que não tem atividade sexual há muitos anos:

— O meu problema é que tenho aversão pela pessoa com quem vivo. Fico jejuando, não há excitação. E para se ter prazer é preciso uma união perfeita. Sou do sexo do amor e carinho. Não me separei por causa dos meus filhos. Hoje me arrependo.

Se você tem problemas de saúde sexual sobre os quais não gosta de fazer perguntas, lembre-se de uma coisa: há muitos outros homens como você. Mas aqui está um livro para ajudá-lo!

A Saúde Sexual do Homem



do Dr. Philip R. Roen

Famoso urologista norte-americano responde a todas as suas perguntas!

Um livro que oferece conselhos simples e úteis para os homens desde a adolescência até a idade madura.

Não prive a si próprio e seus entes queridos da oportunidade de conhecer os conselhos sensatos que o Dr. Philip Roen oferece neste livro essencial. E, por apenas Cr$ 200,00 você terá as respostas às perguntas que o afligem.

Escreva com letra bem fácil de ler para evitar enganos.
Não se esqueça do CEP (código do Correio de sua cidade).
NÃO MANDE DINHEIRO AGORA. Pague quando receber a encomenda.

MANDE HOJE MESMO O SEU PEDIDO, RECORTANDO E PREENCHENDO O CUPOM ABAIXO.

MARGEM EDITORIA E PROGRAMAÇÃO
Rua Miguel Couto, 134 – 11º andar – 20070 – Rio de Janeiro, RJ
Peço enviar-me pelo Reembolso Postal . . . exemplar(es) de A SAÚDE SEXUAL DO HOMEM, a Cr$ 200,00 cada.

Nome: ____
Rua ____
Cidade. ____ Estado: ____
CEP: ____ ____
assinatura

Na compra de 2 ou mais exemplares não cobraremos as despesas postais

CASSETA popular

Um órgão na abertura do governo

Casseta Popular é o nome de um jornal de humor, mimeografado, feito por estudantes de Engenharia da UFRJ, que circula no campus universitário do Fundão (Rio). Agora, a Casseta é também uma seção do REPORTER.

Uma turista se preparando para ir ao "shopping"

Guia nordestino do Rio

Beto Silva, Hélio da Penha e Marcelo Madureira

Uma paisagem bucólica: Marina da Maré

O povo brasileiro é um felizardo. Como o argentino, vive viajando. Estivemos lendo alguns relatórios e ficamos maravilhados de ver que 40 milhões de brasileiros gastam seu tempo conhecendo seu rincão. Vivem em "vacaciones". Fizemos uma análise da situação e chegamos, inclusive, à conclusão de que o plano habitacional do BNH não deve mais financiar a construção de casas e, sim, de trailers, para que o nosso povo possa aproveitar melhor suas merecidas férias. Observamos a tremenda falta de infra-estrutura de nosso turismo doméstico e a incompetência da Embratur em acolher nossos turistas, que são bastante distraídos, tanto que na maioria das vezes não trazem dinheiro e roupas. Só lembram de trazer aquela filharada toda!

Portanto, a **Casseta Popular** elaborou um guia para o nosso turista nordestino, vulgo "Paraíba". Este guia é válido só para o Rio de Janeiro, a cidade maravilhosa.

● COMO CHEGAR

Levando em consideração que o avião, além de dar medo, não permite apreciar a paisagem, condiz mais com o espírito da viagem uma carona na carroçaria de um caminhão, que faça sentir no rosto o vento fresco e a sensação de liberdade, muito de acordo com a sua velha calça desbotada.

● ACOMODAÇÕES

Caso você não tenha feito sua reserva no Sheraton ou no Méridien, as pontes e viadutos são sempre uma boa opção.

• O viaduto Paulo de Frontin, por exemplo, conta até com piscinas. Porém o movimento é intenso, podendo provocar **stress**. Além disso, é muito longe do **shopping**, na Zona Sul. (Cotação: ★★★)

• O viaduto da Ilha do Fundão (junto da avenida Brasil) é aconselhado para aqueles que preferem um ambiente mais intelectualizado, devido à proximidade do campus universitário. Mas, eventualmente, acontecem problemas com os nativos dali, que insistem em morar naquelas favelas mal-cheirosas e vivem a pedir coisas. (Cotação: ★★)

• A Lagoa apresenta os melhores viadutos. Não por suas acomodações, pois os viadutos são relativamente padronizados. Entretanto, os serviços ali oferecidos são excelentes. Quadras de tênis, área para **roller-skates**, ciclovias, pedalinho, clube Caiçaras, sem contar com o privilégio da vista panorâmica e a proximidade do **shopping**. (Cotação: ★★★★★)

Se você pretende uma estada mais longa, pode procurar os bucólicos bangalôs que se espalham por cima dos morros ou as marinas, bangalôs em cima de palafitas, onde você sai e entra em casa de barco. E quando a maré está alta, se você tiver sorte, pode encostar a canoa ao lado da cama. Algumas moradas recomendadas: Palazzo da Catacumba, Village da Rocinha, Marina da Maré ou o Borel Hills.

● COMIDINHAS E BEBIDINHAS

Come-se muito bem nos bares da Central e nas grandes cadeias, não só as penitenciárias como também as alimentícias: Mac Manoel's, Magron e Pobry, onde a boa pedida é você chegar, bater com a mão no balcão e pedir: "Bota umazinha aí! Purinha!" E seu repasto está garantido. Quando quiser fazer uma extravagância com sua patroa, vá ao Angu do Gomes e rache um prato.

● TOURS

O Rio é rico em diversões. Basta ter imaginação. Vislumbrar as paisagens da cidade maravilhosa é algo de matar de emoção. Aliás, mata mesmo, principalmente se for do alto de um andaime de um prédio em construção. As viagens de trem também são emocionantes. Às 6 horas da manhã, ou de noite, você pode conseguir um lugar na janela (do lado de fora, é claro), na porta (pendurado), ou mesmo em cima do trem segurando um fio de alta tensão. As viagens são curtas, porém divertidas, e os destinos aprazíveis: Paracambi, Nova Iguaçu, Japeri, por aí. Alguns gostam tanto destes locais que chegam a fixar residência na Baixada Fluminense, onde é abundante a plantação de presuntos. Há também os passeios de camburão, que costumam acabar na invernada de Olaria.

● SHOPPING

Antes de tudo, um conselho: nunca vá sozinho. Outra coisa: na gíria carioca, **shopping** é o mesmo que fazer um ganho. No caso de dificuldade de obter a moeda corrente, compre um berro. Recomendamos um três-oitão, pois aqui no Rio os comerciantes são tão zelosos com suas mercadorias, se apegam tanto a elas, que é preciso convencê-los a se desfazer delas. Para isso use o três-oitão. No Rio, também se pratica muito o escambo. Portanto, você dá uma ameixa nos cornos do vendedor e ele lhe dará em troca o objeto desejado. Nesse tipo de transação geralmente não tem troco.

Devido ao constante reajuste dos preços dos derivados do petróleo, a inflação no Brasil é um fato, em que pese o denodo com que nossas autoridades vêm tentando combatê-la. O Rio de Janeiro não é uma exceção. Portanto, viajante, não se assuste com os preços, nem pergunte quanto custa a mercadoria; vá logo comentando: "Isso é um assalto!!"

● VIDA NOTURNA

As meninas do Rio são todas muito oferecidas, é uma libidinagem só. Portanto, aproveite. Mas ao fazer seu programa não vá só. Vá sempre acompanhado pelo menos de seu grande amigo três-oitão, que aliás é o seu cartão de crédito na cidade grande. E é só escolher a garota. O procedimento é parecido com o de suas compras, mas ao invés de falar "Isso é um assalto", substitua por "Isso é uma curra!!"

Esperamos que este seja útil aos 40 milhões de viajantes que andam pelo Brasil, vagando pelas filas do Inamps, em péssimas condições de trabalho e saúde, se subempregando, dormindo debaixo de viadutos, vendendo chicletes nos sinais de trânsito, se humilhando de todas as formas. Sigam os nossos conselhos que são o caminho do sucesso e depois não vão se queixar.

MÉDICOS DE RECIFE, SÃO PAULO E RIO

Ufa! Eles não dão conta da freguesia

O dr. Carlos Roberto, do Rio, que já foi até preso, diz que tem calo nas mãos de tanto fazer aborto; dr. João Burro, do Recife, não tem tempo nem de conversar; dr. Isaac Abramovicz, de São Paulo, trabalha em ritmo industrial e até ameaça clientes: "Se eu for preso, você também vai". As clínicas vivem cheias, com filas pelos corredores.

Reportagem de Beth Salgueiro e Eduardo Homem

OS ABORTEIROS

Este já fez 30 mil abortos

Ele assinava um cheque de Cr$ 15 mil quando a repórter entrou em seu consultório.

— Quando foi que veio a sua última menstruação? — perguntou, sem sequer levantar a cabeça.

E se assustou quando soube que a repórter não estava grávida e queria apenas conversar.

— Aqui não se conversa, aqui se trabalha — disse ele, dando uma pancada seca na mesa.

E é verdade. Ali no consultório, ele, o médico João Elihimas, mais conhecido na cidade do Recife como **João Burro**, trabalha duramente. Há 31 anos exerce a profissão e, segundo seus cálculos, já fez pelo menos 30 mil abortos. O consultório é o mais velho e desmantelado possível, com plantas de plástico empoeiradas, tapetes gastos e gordurosos. O próprio médico tem um ar de coisa usada e sebenta. Seus braços naquele dia tinham cinco curativos manchados de sangue. Os óculos, cuja lente do lado direito, um pouco embaçada, indica um princípio de catarata, tinham uma das hastes emendada com fita durex. Dizem que ele está quase cego e que na verdade quem faz os abortos é sua enfermeira.

Dizem tanta coisa contra ele, mas ninguém consegue pegá-lo. Quem já utilizou seus serviços conta que ele faz tudo a cru, sem anestesia, num canto do consultório, e quem está na sala de espera pode ouvir os gemidos da que está na mesa de parto, encoberta apenas por um biombo de pano sujo. Cada aborto custa Cr$ [illegible] mil, muito barato em relação ao preço cobrado pelos outros [illegible], e talvez seja esse o motivo da fila [illegible] na sua porta antes que ele [illegible] às oito da manhã.

[illegible] problemas [illegible] não consegue [illegible] uma nova gravidez [illegible]

Valdir Afonso

João Burro: 31 anos de janela

Em 1969, a menor EBMS morreu de uma infecção depois de haver feito um aborto com João Elihimas. Sua mãe levou o médico ao tribunal, sob a acusação de prática de crime de aborto. No dia 13 de abril de 1971 ele foi julgado e absolvido. O Conselho Regional de Medicina, seção de Pernambuco, cassou a sua licença, mas o **dr. João Burro** apelou para o Conselho Federal e continua seu trabalho no mesmo consultório de um prédio no centro comercial do Recife. Todo mundo sabe

É evidente que repórteres e fotógrafos são considerados inimigos, e para fotografá-lo deve-se usar uma teleobjetiva na hora em que ele sai para almoçar.

Antes de se conscientizar de que estava conversando com uma jornalista [illegible] alguma coisa [illegible] que se ele [illegible] legalizar o [illegible]

Médico ameaça cliente. Ele é do Doi-Codi.

Em São Paulo, na Clínica João Moura (rua João Moura, bairro de Pinheiros), um certo dr. Isaac Abramovicz faz uma média de 50 abortos por dia. Claro, ele usa o método de sucção, moderníssimo, muito prático para o médico e muito seguro para a mulher. Fiz um aborto lá em setembro do ano passado, pelo qual paguei Cr$15 mil.

A casa tem um grande porão. Na parte de cima funciona a clínica, onde ele e a mulher atendem de tarde. Para entrar, toca-se uma campainha e através de um buraquinho na porta uma enfermeira quer saber para que a pessoa veio. Depois de aberta a porta, entende-se a demora: tem uma tranca de ferro e cinco ferrolhos. Segundo a enfermeira, uma preocupação contra os ladrões. Depois de preenchida a ficha, há um encontro com o médico. Ele examina e cobra no ato quanto vai ser a operação. Depois faz assinar, junto com o acompanhante, um termo de responsabilidade, onde se lê que a pessoa está na clínica apenas para fazer uma curetagem. Quando eu lhe perguntei o porquê disso, ele deu um risinho cínico.

— Eu tenho de estar bem seguro, não é?

No dia seguinte, de manhã, fui fazer o aborto. Quando cheguei, às oito horas, recebi uma ficha. A de número 22. Na sala de espera, já cheia, as pessoas não se falavam nem se olhavam. Um silêncio pesado. A clientela: mocinhas, moças, jovens senhoras. Às 11 horas fui chamada. Desci as escadas, cheguei num verdadeiro hospital: cinco enfermeiras, máquinas industriais de esterilização e dez quartos. Uma enfermeira [illegible] que [illegible] uma [illegible] Na sala de [illegible] Depois

Tomo uma anestesia na veia do braço. Acordo não sei quanto tempo depois, deitada numa cama num dos quartos. Ao meu lado, mais duas moças. Percebo macas passando rapidamente.

Na saída, ainda zonza de anestesia, o médico diz:

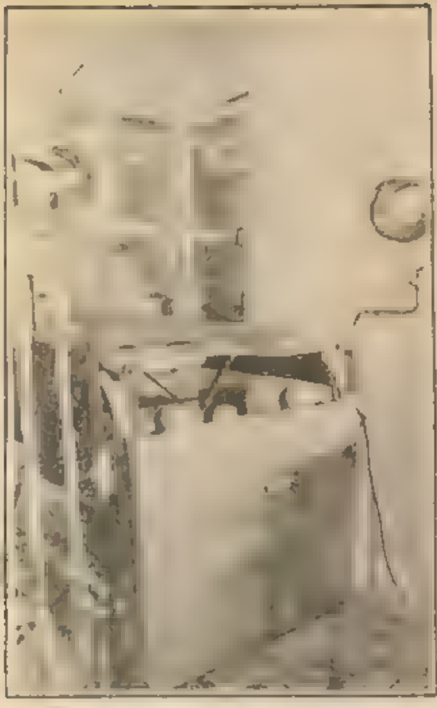
— Não saia agora porque tem muito policial rondando aqui a minha clínica e se eles te vêem assim eu posso ser preso. Mas não se engane: se eu for preso você vai junto comigo. Porque você sabe que isso é ilegal e tanto eu quanto você estamos sendo cúmplices nesse ato. E não se esqueça de que eu estou lhe fazendo um favor.

Beth Salgueiro

***NR.** O dr. Isaac é um dos aborteiros mais procurados pela classe média de São Paulo, principalmente estudantes da Universidade de São Paulo. Ou por causa da localização, próximo à USP, ou por recomendações. O mais gozado (ou triste) é que o dr. Isaac, durante os recentes anos de tortura no Brasil assinou atestados de óbito de presos políticos, cujos corpos nunca viu. Já existem provas de que ele, juntamente com o conhecido dr. Harry Shibata, acobertou a verdadeira causa-mortis de muitas pessoas.*

SUJEIRA

● Esta matéria não é pra entregar ninguém. É só pra mostrar que o aborto é um fato consumado e triste: é feito nas piores condições, sem cuidado, sem respeito à mulher. Uma das razões pelas quais ele é feito assim: é clandestino, não precisa dar satisfações. E, por ser criminoso, torna a mulher cúmplice. Ela, por isso, não pode reclamar muito. Se o aborto foi feito às claras, em bons hospitais, com bons médicos, fiscalização correta do Estado e puderem ter acesso a ele mulheres de todas as classes sociais, boa parte dos absurdos mostrados nessas páginas será eliminada



Podena ser o interior de qualquer clínica de abortos do Brasil. Mas esta é a do dr Carlos Roberto no Rio bairro de Bonsucesso

Uma clínica de fundo de quintal

Dona Marina, do bairro de Mogados, Recife, abre o jogo sem nenhuma desconfiança quando vê o casalzinho chegar. Ela faz aborto, sim. Há 23 anos que faz isso, portanto tem muita prática e a mocinha não precisa ficar nervosa que nada de ruim pode lhe acontecer.

Ela faz as curetagens num quarto nos fundos do quintal. Usa anestesia, a moça dorme e não sente nada. Acha um crime quem usa sondas ou outros líquidos que trazem sérios riscos à vida da paciente. Como enfermeira, sabe manejar com precisão os instrumentos necessários à curetagem e diz que em todos esses anos nunca "ninguém se queixou. Sai todo mundo satisfeito. A menina sai limpinha, sem dor, bem tratada, o rapaz satisfeito porque sou discreta e cobro barato".

Até dois meses de gravidez, o aborto sai por Cr$ 5 mil. Depois disso é mais caro, mas ela não se arrisca quando a barriga tem mais de quatro meses. Aceita casos que suas amigas enfermeiras não se arriscam a fazer, porque confia muito na sua competência. E a freguesia é enorme:

— Tem dias que esse terraço está com uma fila de mocinhas. Sempre foi assim. E até hoje não tive nenhum problema

Cr$200 mil foi o preço da sua liberdade

O dr. Carlos Roberto Cardoso da Silva ficou conhecido nos jornais do Rio. Chegou a ser preso, num flagrante de aborto, no início deste ano. Proibido de trabalhar pelo juiz Alberto Motta Moraes, conseguiu através de um mandado de segurança, voltar à sua clínica. E escapou de ficar preso pagando uma fiança de Cr$200 mil num prazo de 24 horas.

Ele tem 27 anos e se lembra bem das dificuldades de um formando de Medicina:

— Sem capital, o recém-formado tem uma dívida para com o sistema de crédito estudantil que lhe deu condições de estudar. E o que faz pra pagar? Arranja emprego num hospital público, ganhando Cr$ 12 mil por mês. E sem poder trabalhar em outro hospital. Pra compensar, o que faz? Arranja empregos sem registro, trabalha para "tubarões", comerciantes da Medicina. A verdade nua e crua é essa: o médico é obrigado a cometer tais erros.

Quando fala da quantidade de abortos que faz por dia, o dr. Carlos Roberto faz um gracejo:

— De quinze pra mais.. dá até calo nas mãos...

— É verdade que existe uma máfia dos aborteiros?

— É. Na verdade, é a classe mais desunida que existe. E a polícia é mesmo corrupta; existe uma certa organização de médicos que paga à polícia para garantir o "ponto". Quando um dos integrantes desse grupo é incomodado, aí, sim, nós nos unimos e damos um jeito.

O dr. Carlos Roberto se orgulha de fazer abortos com um aparelho de sucção, uma espécie de aspirador. Diz que existem só uns vinte deles no Brasil e seu preço é 1 milhão de cruzeiros. Tentamos fotografar o engenho, mas o sócio da clínica, dr José Carlos, não deixou de jeito nenhum, numa conversa por telefone que terminou em palavrões

(Dr. José Carlos falando): — É simplesmente impossível fotografar o aparelho, porque é russo (importado da União Soviética), e só isso é capaz de me comprometer...

Dr. Carlos Roberto: a máfia existe

— Mas não vamos divulgar a procedência...

— Olha, o aparelho é idêntico a uma máquina de lavar... fotografe uma máquina de lavar e pronto...

— O senhor está brincando..

— Essa máquina é meu ganha-pão e eu não posso me arriscar a perdê-la. Além disso, eu recomendaria que o senhor não brincasse com tal tipo de coisa...

— O senhor não vai perder seu ganha-pão. Vai mostrar apenas um dos mê...

— Por favor, não insista mais, o senhor já está sendo impertinente. Eu tenho aqui no consultório cinco mulheres loucas pra tirar o filho e o senhor está me ocupando nesse telefone...

A voz do médico sumiu. Uma voz de mulher finalizou o papo:

— Olha aqui, garoto por que [illegible] não vai fotografar a sua mãe, hein? Aproveite e vá pra puta que o pariu, falou?

Provavelmente tinha sido a secretaria. Pelo telefone, ainda dava pra [illegible] rinho das cliente da clínica [illegible] bairro de Bonsucesso [illegible] mando a moça bateu, violenta [illegible]

Aderiu depois de ver úteros perfurados

Quase 40 anos de [illegible] excelente cirurgião [illegible] pernambucano admite que [illegible] muitos anos fez aborto, mas [illegible] defendendo a ética médica ou qualquer outra norma moral

O doutor diz que começou a fazer abortos a partir de sua vivência como médico de ambulatórios do INPS. Nesse trabalho ele viu, durante anos a fio, um número incontável de mulheres com o útero perfurado, com o intestino saindo pela vagina, muitas das quais morriam ou ficavam impossibilitadas de terem filhos devido a abortos feitos por curiosos. Diante dessa realidade, que ele próprio afirma continuar a mesma ou ainda pior hoje em dia, resolveu passar a fazer abortos.

Ele é totalmente favorável à legalização do aborto, pelas mesmas razões que o levaram a infringir a lei e a chamada ética médica. Outro ponto [illegible]

[illegible] a proibição do aborto [illegible] do por motivos que nada [illegible] m religião, moral ou ética [illegible] diz que lá [illegible] de saúde nos bairros, onde [illegible] mulher pode ir em um [illegible] de seu trabalho realizar o aborto e voltar para o escritório ou fábrica. É simplesmente uma necessidade social de controlar o crescimento da população japonesa, porque o país é pequeno e com limitadíssimos recursos naturais.

Nos Estados Unidos, onde o aborto era proibido, as mulheres simplesmente dirigiam-se a uma agência de turismo e compravam uma passagem de avião para Londres, em cujo preço estava incluído o do aborto que iriam realizar. O movimento era tão grande que começou a ter significação econômica, e o aborto foi legalizado nos Estados Unidos.

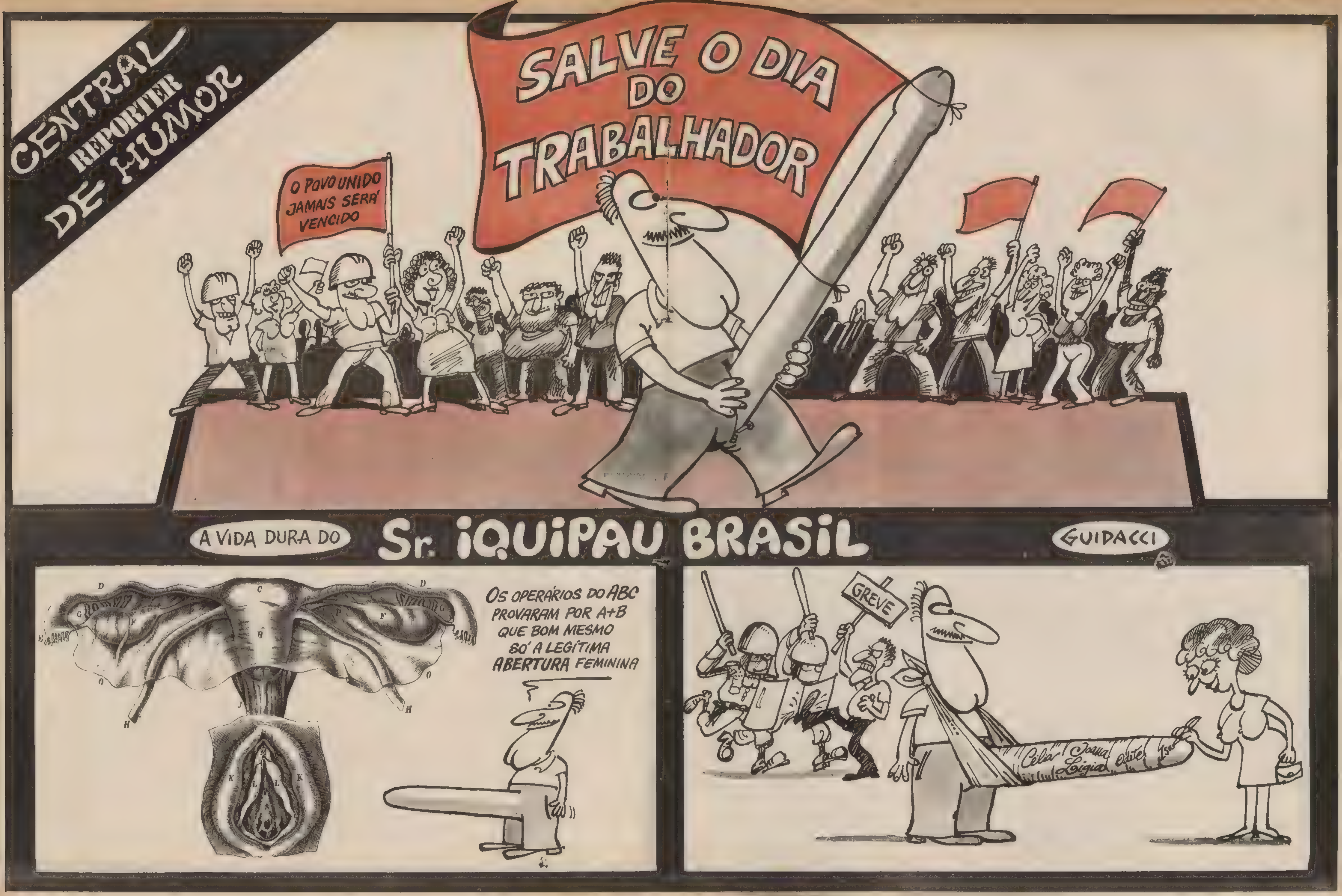
Subiu na vida trabalhando no beliche de casa

— Já fiz muito aborto, agora não faço mais. E estou muito arrependida dos que fiz.

Quem fala assim é Zinha, enfermeira do bairro da Várzea, no Recife. Ela diz que não faz mais, embora muita gente assegure que continue fazendo, sim. Com 38 anos e 13 filhos, dos quais 10 são vivos, Zinha se "arrumou" fazendo aborto. Como chefe de enfermagem de um hospital do Recife, seu salário não chega a Cr$ 10 mil. Por um aborto cobra, ou cobrava, Cr$ 4 a 5 mil. E confessou que fazia mais ou menos uns 10 por mês

[illegible] táxi dos velhos tempos, mas na garagem tem um Opala novinho. "Ele nunca soube que eu fazia isso. Deus me livre!", diz ela. Não desconfiava nem quando ela se trancava algumas horas num quarto com uma menina, o filho mais novo em cima do beliche e ela trabalhando na cama debaixo? "Não, ele pensava que eu fazia curativos ginecológicos, só isso, nada mais."

Curativos ginecológicos é o que ela diz que faz hoje. Conta que seis meses atrás sua mãe morreu de câncer e pediu na hora da morte pra ela deixar aquele tipo de trabalho. "Hoje só faço curativos. Quando chega aqui uma menina querendo tirar a criança eu dou conselho pra ela deixar. Acho que [illegible] minha missão é essa", diz ela [illegible] muito convincente


CENTRAL REPORTER DE HUMOR
SALVE O DIA DO TRABALHADOR
O POVO UNIDO JAMAIS SERÁ VENCIDO
A VIDA DURA DO Sr. iQUiPAU BRASiL
GUIDACCI
OS OPERÁRIOS DO ABC PROVARAM POR A+B QUE BOM MESMO SÓ A LEGÍTIMA ABERTURA FEMININA
GREVE
Célia Joana Lígia Odete Isa

Três bandidos — um em liberdade e dois presos — falam de suas vidas, suas prisões, da corrupção policial e carcerária. O primeiro é um rapaz de 20 anos, especializado em arrancar cordões e relógios pelas ruas do Centro e da Zona Sul do Rio. O outro é Naval, 21 anos, um dos assaltantes do Banerj (de onde levou, junto com outros companheiros, Cr$ 6 milhões, em janeiro), marcado para morrer. O terceiro tem 30 anos e é um ex-assaltante de bancos: André Torres, pseudônimo com o qual escreveu um livro (Exílio na Ilha Grande) sobre uma parte de sua vida de bandido.

1

Cansado de viver na bandidagem e ter que ficar se escondendo, ele quer parar de roubar

Ladrão de rua tem ódio de executivo

Parque do Flamengo, Rio, em frente ao hotel Novo Mundo, 10 horas da noite de uma sexta-feira. Pelada comendo solta nos campos de terra batida, iluminados pelos "negrões" (postes imensos que iluminam a conhecida área de lazer). Carros e ônibus passavam em alta velocidade, zunindo.

— Eu tava com um revólver Schimitão 32, com um outro parceiro, quando a gente viu um casalzinho se chegando pra baixo de uma árvore. Dei um tempo. Quando deitaram na grama fui logo dando a decisão: vai passando tudo, relógio, cordão, dinheiro, tudo! A mulherzinha tremja que nem vara verde e o cara na maior marra, cantando de galo: "Eu não dou! Eu não dou, porra!" Não tinha jeito, eu com o revólver no peito dele dizendo olha que eu te mato, vou te apertar, e o cara nada, fazendo jogo duro. Tive que me adiantar.

Você apertou o gatilho?

— Não se trata disso. Quando se faz um assalto, um ganho, quem tem que correr é a vítima, não você. Se atira e mata, quem vai sair correndo é você, não é mesmo? Tu não vai ficar parado que nem dois de paus. Na Baixada, onde neguinho tá na de horror, sai apertando sem mais nem menos. É o desespero, fome malandro, tais pensando o [illegible]

ninguém, tem 20 anos, é magro, imberbe, cabelos pretos, nascido e criado na Lapa, que da malandragem antiga só mudou o comportamento. A barra continua pesada como em qualquer canto da cidade. A noite é o esconderijo. A boate Casa Nova, decadente, continua imperando. O terno de linho branco e a camisa de seda foram trocados pelo tênis, pela jaqueta. A navalha pelo revólver. Pra arranjar um trocado ele faz de tudo: rouba, assalta e é bem considerado na área por ter especialidade que é "puxar corda" (arrancar cordão, relógio).

Como é puxar corda?

— É o seguinte: você vem andando na rua, na avenida Rio Branco, por exemplo, ou na Nossa Senhora de Copacabana, na hora do **rush**, e desponta uma pessoa com cordão no pescoço. Já filmei. Vou dar uma volta e atacar pela frente. Tudo psicológico. Você surge de repente na frente da pessoa e **vapt**, arranca o cordão do pescoço da vítima no movimento da corrida. E sai driblando a multidão. Corre um quarteirão, 50 metros, e vai parando devagarzinho, cabeça baixa, disfarçando, enxugando o suor da testa. Se recompondo. Com o susto, a pessoa nem te viu e nem você a ela. A vítima fica em estado de choque, nem fala. Não admito ninguém passar por mim com [illegible]

Tem gente que gasta 30, 50 mil na H. Stern, na Amsterdã Sauer para andar com um cordão no pescoço. Isso me afronta, não deixo passar mesmo. Às vezes você não tá numa de roubar, mas é tanta moleza... Vendo a grama do ouro por 400 cruzeiros, conheço bem jóias e relógios.

Esperto, com ginásio feito no colégio Deodoro da Fonseca, na rua da Lapa, onde foi o rei de roubar mariola da cantina, diz que quer mudar de vida pra ficar numa boa com a mulher, antes que seja tarde. Já foi preso nove vezes, pendurado no pau-de-arara, mas diz que nunca assinou nada

— O máximo que eu fiquei foi 15 dias num distrito desses daqui do Centro. Todos granneiros. Um bom argumento é [illegible]

pra sair mole. Aturar cana te deixa arrasado. Começa pela comida, aquela água preta que eles dizem que é feijão e angu de fubá. Eles servem naquelas **quentinhas** velhas. Às vezes são só quatro para 10 homens na cela e muitos acabam comendo com a mão. Isso sem contar quando você é pendurado no pau-de-arara e sente na carne aquela maquininha de choque, de deixar qualquer um louco. Sempre tem um mais filho-da-puta que roda a manivelinha rindo

Numa das muitas ladeiras que dão acesso ao morro de Santa Teresa, E.C.G. vai enrolando um baseado "pra ficar ativo, de cabeça feita", e [illegible] que entrou para o crime por causa de um assalto que sofreu. [illegible]

— Eu trabalhava como boy numa empresa pequena que tinha um velho encurvado cheio de complexos. Com o primeiro salário, comprei uma calça de veludo cotelê, uma camisa maneira e sapato no Souza. Aí fui numa festa em Bonsucesso e quando saltei do ônibus fui encostado na parede por quatro elementos. Falei pra eles que era da mesma arma mas os caras, com os revólveres nos meus cornos, me deram um esporro e me deixaram de cuecas. Não voltei mais pro emprego e comecei a soltar os bichos.

Já foi linchado?

— Sabe por que o puxador de corda é respeitado? Porque é preciso ter culhão pra sair correndo no meio da massa. Tem sempre um pra botar a perna na frente. Junta gente e cai porrada em cima. Tá todo mundo na bronca. É o pai que teve a filha currada, o cara que perdeu o irmão e aqueles que vão tirar uma casquinha. É a única hora que você reza pra polícia chegar. Isso aconteceu comigo na rua Barão da Torre, em Ipanema. Ganhamos um casal de velhinhos num apartamento. Eles eram gringos e o comparsa amordaçou os dois com um lençol, mas o nó foi fraco. Conseguimos levar 11 mil cruzeiros, uma calculadora e umas jóias. Quando chegamos na rua os velhos já tinham gritado, ficamos cercados, apanhamos pra danar. Foi um alívio quando chegou a patrulhinha. Os PMs nos pegaram, a gente negando, negando. Aí eu pedi pra falar com o cabo em particular. Eles recolheram a calculadora, as jóias e os 11 mil cruzeiros que estavam no meu bolso. Foi o trato. Na delegacia foi registrado como conflito generalizado. Me safei. Por isso que te digo que muita gente induz a roubar, inclusive a [illegible]

“Tem gente que gasta Cr$ 30 mil para andar com um cordão de ouro no pescoço. Isso me afronta.”

roubou os outros. O meu chapa, a polícia é toda ratazana. A patrulha é chamada de ratrulhinha.

E.C.G. age do Estácio à Zona Sul, com incursões por toda a avenida Rio Branco, Copacabana e Ipanema, onde “está a nota preta”. Não tem paradeiro fixo. Pode estar numa hospedaria na Central ou na Praça Tiradentes, se escondendo, agitando, sempre fazendo alguma coisa.

— Ué, rapaz, vagabundo é a imagem do cão. A gente, que tá nessa vida, tem que dar valor ao objeto porque se não o “intrujão” sai ganhando. Eu ganho uma média de 400 cruzeiros por dia nas transações. Até quando não tô fazendo nada pinta um dinheiro. Às vezes aparece um parceiro apavorado, querendo passar uma peça qualquer, e como sabe que estou enfronhado na situação pede pra mim. Fica sempre uma porcentagem.

Qual é a do intrujão?

— Intrujão é o receptador. Fica na esquina e compra tudo que é máquina de fotografar, cordão, relógio, tudo o que pintar, até cachorro. Esses dias pintou no pedaço um pastor alemão de três meses que foi roubado lá no Estácio. O intrujão levou por 1.500 pratas. Horas depois, um camelo (bicicleta) saiu por 3 mil.

Já sentiu medo?

- Já. Uma vez, quando pensei que ia virar assassino, e outra, quando pensei que fosse morrer. Uma coroa vinha passando com uma bolsa baluda (cheia de valor), mala cheia, aí perguntei [illegible] horas. [illegible] [illegible] puxei a bolsa dela de repente, no meio da rua, ela firmou. Eu puxo daqui, ela puxa dali, aquele nervoso. E a velha não soltava. Eu, já apavorado, dei um puxão e ela se estabacou no chão. Vi logo sangue. Fiquei com pena da velhinha e saí na disparada com a sensação forte de ter machucado uma pessoa. Da outra vez pensei que ia morrer, quando, com outro cara, entrei num hotelzinho do Estácio, às 10 da manhã. Quando subimos os primeiros degraus o cara que estava comigo já tinha o ferro (revólver) na mão. Meu anjo da guarda sempre aparece. Não é que eu vejo pelo espelhinho, lá no alto, o espanhol apanhando a arma e botando embaixo de um pano! E eu falando pro parceiro: “Esconde o revólver, esconde o revólver!” O cara, doidão, sem entender nada. Descemos aquela escada com chumbo chovendo nas nossas cabeças.

— Você sabe o que é pris direta? — pergunta E.C.G. mostrando as mãos, dedos compridos, unhas cuidadas. E responde:

— Você fica de abajour (ele espreme os olhos, encolhe o pescoço e coloca a mão na testa como se estivesse se protegendo do sol), só filmando as pessoas na avenida. Num lance, passa uma pessoa desligada. Você vem por trás e rapidinho enfia a mão no fundo do pora (bolso) e traz o [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] ser feito em [illegible] [illegible] outro parc[illegible]

Frustrado jogador de futebol, tendo chegado a treinar no Vasco e no Flamengo, onde diz que não deu sorte porque não tinha pistolão, E.C.G. guarda grande mágoa dessa época e diz que não faria feio porque não é de pisar na bola. Hoje, ele não tem mais esperança de jogar num time, até porque com 20 anos seu corpo franzino, churriado pelas picadas, não resistiria às botinadas de um Moisés.

— Eu sempre tive medo de tomar picada. Eu vivia era dando garrote (segurando o braço do viciado) pra achar a veia do cara. Ele mesmo se aplicava. Depois eu ficava na cobertura pro cara não cometer uma loucura. E o que você vê não é brincadeira: o homem começa a se esconder atrás da porta, com medo da polícia, pega a faca da cozinha, diz que vai matar, vai saltar lá embaixo, e aquele medo da polícia, babando, transtornado. O cara que toma pico é rejeitado na área porque é muita sujeira, fica dando bobeira, completamente fora de si. Fica desenturmado. Eu achava que se furasse a veia do meu braço ia ficar saindo sangue eternamente. Me piquei algumas vezes, mas minha mulher me tirou dessa, dei graças a Deus. Quando tava nessa de pico, eu chegava ali na ladeira do Leme com um revólver e uma carteira, dessas do Montepio do Exército, e ficava esperando lá embaixo. Pintava um viciado vindo da boca, aí eu gritava: secreta, secreta do Exército! Cadê a cocaína! Cadê a cocaína, rapaz! O pleiboizinho ficava nervoso, cheio de grilo e dava tudo. Viciado mesmo, sem poder jogar nos canos (na veia), ele rouba até a mãe, dá a volta no irmão e gasta uma nota preta.

Já foi preso por tóxico?

— Nunca fui. Uma vez estava apertando um charro (cigarro de maconha), passando a saliva no papel, sozinho, numa parada aqui perto, quando vi uma porção de revólveres apontados em minha direção. Eram os homens. Não tinha escapatória. Não adiantava engulir, jogar fora. Consegui convencer o tenente a levar uma conversa em particular comigo. Abri o jogo, dizendo que gostava de queimar um bagulhinho, que era pai de filhos, que ele me dispensasse se não eu ia ficar no derrame (prejuízo). Mas nessas delegacias por aí, se você tiver dinheiro, você sai mole de um flagrante. Difícil é na Polícia Federal. Lá, pra você ficar livre, tem que dar de bandeja os nomes e endereços de dois traficantes.

Das infrações de E.C.G., talvez a mais amena seja a de matar a fome. Aí, ele até se diverte e come do melhor, uma das coisas de que mais gosta. E vira “invisível”.

— O “invisível” é um barato. Você sai rindo. Sabe esses restaurantes que atendem no balcão? Fica aquela porção de gente comendo, bebendo apressado. Só quem está te atendendo é que sabe se você pagou ou não. Come legal mesmo, eu sempre escolho o do melhor. Antes, você já sacou do lado de fora uma pilastra ou uma banca de jornal. Barriga cheia, você some e se esconde atrás da pilastra ou da banca. Fica de longe vendo o que vai pintar. O copeiro sai correndo de dentro do balcão até a porta, olhando de um lado pro outro, querendo correr atrás, sem poder. Geralmente é um paraíba, coitado. O português dá-lhe um esporro, fica aquela confusão e você acha engraçado.

Num banco do Passeio Público, olhando o movimento de um gato brincando com um graveto, E.C.G. não se descuida, olha pra tudo que é lado. Levanta apressado, dando o toque:

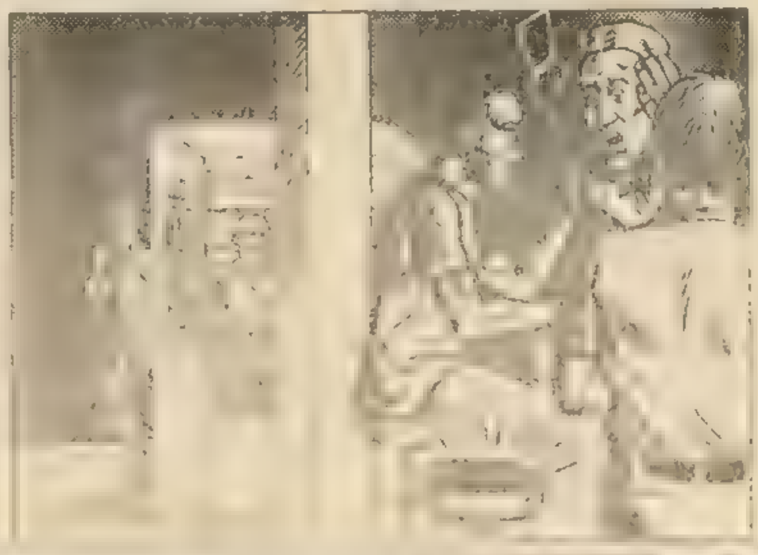
— Aí vem um polícia, vamo nessa.

Em frente ao cinema Palácio, atravessando a rua Senador Dantas, sem querer ele dá um esbarrão num homem de meia-idade, elegantemente vestido. O homem encara e fala alguma coisa. Ele esbraveja.

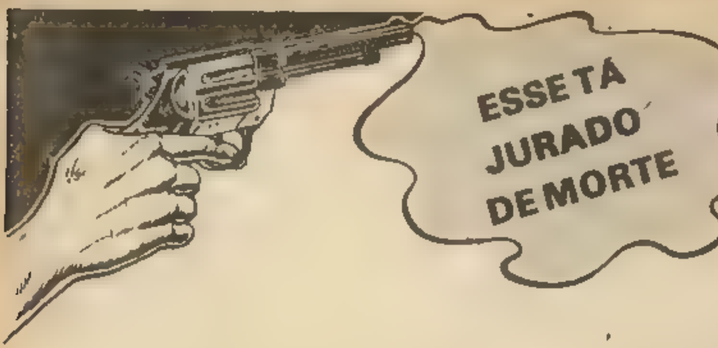
— Vai se foder! Eu tenho uma bronca desses executivos que andam de gravata, na maior marra. Esses dias dei uma porrada na cara de um, ali em frente do edifício Avenida Central. Eu estava no ponto de ônibus, numa de paz, e veio um engravatado desses e começou a me tirar de cima embaixo. Disse pra ele: não vou te roubar não, meu chapa. Mas fiquei com tanta raiva que dei logo uma porrada nos cornos dele e saí correndo. Esses são os piores; roubam sem tocar na mercadoria. Fazem parte do governo, desse governo safado. Se fosse um governo bom, não tinha greve, não tinha crise de fome.

— Não tô a fim de queimar fumo toda hora e cheirar pó no meio de uma rapaziada que só fala em matar e roubar. Não há uma conversa sadia. Tô a fim mesmo é de dar uma parada [illegible] arranjar uma batalha. Vou [illegible] daqui por diante eu [illegible]

— Nessa política, você sa[illegible] [illegible] vale é a lei de Mur[illegible] [illegible] de si. Eu que[illegible] [illegible] rego pra ver [illegible] [illegible] legal [illegible]



Ian Lopes



2 Naval não espera mais nada da vida

Naval só quer saber de fugir

Jorge Batista Sanches é o nome do Naval, um jovem bandido de 21 anos que começou sua vida de crimes aos 11 anos, quando assassinou o proprietário de um supermercado que estava assaltando. Nove anos depois, após uma temporada na Funabem, matou durante um assalto o dono de uma churrascaria, no Grajaú. Foi preso e enviado para o presídio da Ilha Grande, de onde fugiu meses depois.

E foi em liberdade que se juntou à quadrilha formada pelo Portuguesinho (condenado a mais de 300 anos de prisão), com quem tramou o assalto à agência Mayrink Veiga do Banerj, no Rio, de onde o grupo levou Cr$ 6 milhões.

Depois do assalto, a quadrilha começou a "cair", inclusive o chefe, Portuguesinho. Dos sete integrantes do grupo, quatro já estão mortos, sendo dois assassinados pelo Portuguesinho dentro do xadrez da Delegacia de Roubos e Furtos. Além desses dois, Portuguesinho também jurou de morte o Naval, acusando-o de não ter dado cobertura num assalto a um supermercado, logo depois da ação no Banerj. O interessante é que as duas mortes aconteceram horas depois de termos conversado com o Naval, na própria DRF. No dia seguinte os jornais noticiavam o crime e ninguém entendia como Naval tinha escapado.

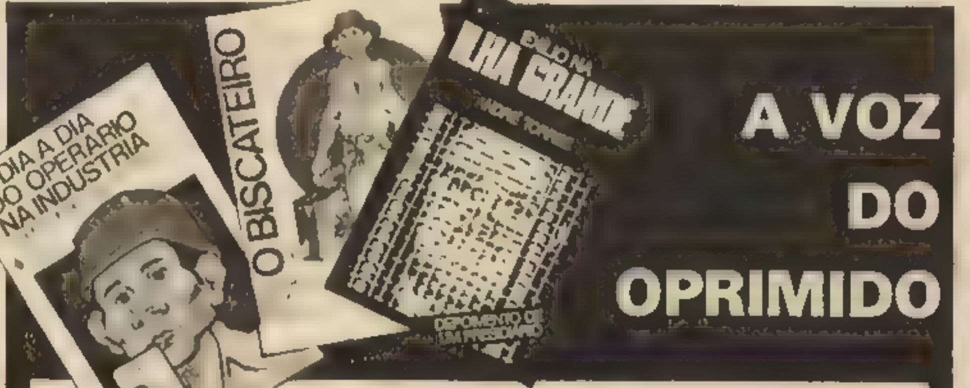
Diga-se de passagem que escapar é uma palavra sempre presente na vida de Naval. Desde que entrou para o crime, vive fugindo.

— Eu vou voltar para a Ilha Grande e fugir novamente. Aquilo lá não é vida pra ninguém. Você fica o dia inteiro sem fazer nada. Sei que vou ficar um tempo isolado, numa cela de um metro quadrado, mas assim que sair vou começar a pensar em fugir. Depois, assalto outro banco, ganho uma nota e me mando do país. Olha, não adianta prender bandido e mandar pra essas cadeias. Lá, o marginal não se recupera. O que tinha de existir era colônia penal, onde o detento plantaria e trabalharia para viver. Poderia também estudar para poder ter um mercado de trabalho quando saísse da prisão. Isso é que o governo tinha que fazer.

Depois da temporada na Funabem, Naval tentou mudar de vida, ingressando no Corpo de Fuzileiros Navais, onde ficou um ano, até ser expulso por ter sido preso em flagrante num assalto à mão armada.

Bandido assumido, Naval já não espera mais nada da vida:

— Minha vida já não tem mais validade nenhuma. Sou um marginal assumido. O bandido só tem duas perspectivas de futuro: roubar e morrer. Agora mesmo eu só fui preso porque estava dormindo longe do meu revólver. Caso contrário, tinha reagido à bala.



A VOZ DO OPRIMIDO

UM PRESIDIÁRIO
UM BISCATEIRO
UM OPERÁRIO

contam com suas próprias palavras e do seu ponto de vista *o que é* a vida do outro lado do sistema capitalista. Com isso nos revelam um universo totalmente desconhecido.

01 — **Exílio na Ilha Grande**, de André Torres.
Depoimento de um presidiário, 220 pág. Cr$ 180,00
A história do único sobrevivente de um pacto de luta até a morte pela liberdade

02 — **O Biscateiro**, de Abdias José dos Santos.
3ª Edição, 68 pág. Cr$ 65,00

03 — **O dia-a-dia do operário na indústria**, de Abdias José dos Santos.
2ª Edição, 132 pág. Cr$ 110,00

NAS BOAS LIVRARIAS OU PELO REEMBOLSO POSTAL

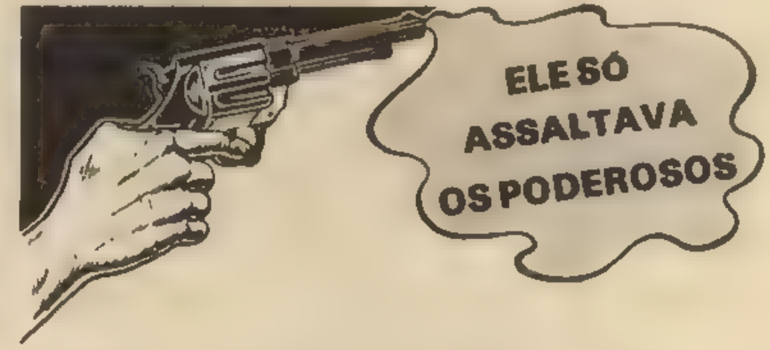
Não envie dinheiro agora. Preencha o cupom e remeta-o imediatamente pelo Correio para a

EDITORA VOZES

Caixa Postal 23
Rua Frei Luís, 100
25.600 Petrópolis, RJ

Desejo receber pelo reembolso postal os livros nºs
NOME
ENDEREÇO
CIDADE
ESTADO
CEP
Preencha o cupom de forma legível

Filiais: **São Paulo** (36-2064 e 256-0361). **Rio de Janeiro** (220-6445 e 359-3661). **Brasília** (223-2436). **Porto Alegre** (25-1172). **Belo Horizonte** (222-4152). **Recife** (222-6991 e 224-3924). **Curitiba** (233-1392)



3 Virou bandido por causa da repressão social

*André Torres é o pseudônimo de um preso, ex-assaltante de bancos, que escreveu um livro (**Exílio na Ilha Grande**), onde focaliza, principalmente, suas várias fugas das prisões pelas quais passou. Condenado a mais de 400 anos, teve sua pena reduzida para cerca de 80, graças ao trabalho de sua advogada, que deve conseguir uma redução de pena ainda maior. E, se tudo isso der certo, ainda este ano André poderá estar em liberdade. Ele só lamenta que não seja uma liberdade total, pois hoje em dia precisa de uma cadeira de rodas para se locomover: depois de sua última fuga, levou um tiro na espinha que o deixou paralítico.*

Como Lúcio Flávio, de quem era amigo, André é de uma família suburbana carioca, classe média, de Bonsucesso. E como Lúcio Flávio, Portuguesinho e Fernando CO (todos do mesmo bairro), aproveitou a onda dos assaltos políticos, em 67/68, formou uma quadrilha e saiu por aí, no que chama de sua luta, só atacando os poderosos, como os bancos: "Era uma luta contra a repressão", diz.

Condena os assaltos contra trabalhadores e diz que assaltar banco é muito fácil: "Olha, dá até para manter duas quadrilhas organizadas, uma pra assaltar de manhã e outra de tarde".

Como é que um cara como você, boa pinta, de classe média, vira bandido?

“A única alternativa era partir para a violência”

— Virar bandido é uma resposta à repressão social que a gente sofre ao sair dessa tal classe média. No princípio, a nossa luta era apenas pra ter aquilo que nunca conseguiríamos trabalhando. Os rapazes tinham o pai como exemplo. O pai dava duro durante 12 ou 14 horas por dia e pouco levava para casa, pouco oferecia à família. A única alternativa que o pessoal tinha para conseguir alguma coisa era participando, partindo para a violência. É pouco o apoio que o pessoal tem. Claro que quando o pessoal se sente oprimido, ele reage. Por mais que os rapazes queiram sair dessa, trabalhar pelo país, eles não podem. O governo não oferece nada a esses jovens. A maioria do pessoal que está nas cadeias, primeiro eles trabalharam. Mas não deu certo por causa de patrão, de família, muitas coisas. Daí passaram a delinqüir e logo tiveram complicações com a polícia e com a Justiça. Daí, fica impossível retroceder. A sociedade faz o bandido. Existe também toda uma provocação por parte da repressão e de grupos formados por jovens de outros bairros.

No seu livro, você mostra que não se conformava com a prisão e fugiu várias vezes. Qual dessas fugas foi a mais difícil?

— Foi uma fuga da Ilha Grande, quando eu cheguei a nadar 11 horas durante à noite. Fiz uma jangada e fugi com um companheiro, o Ronaldo. Mas ele desistiu e resolveu voltar quando viu os cações. Depois de remar seis horas, eu adotei uma tática, que é para todo mundo pensar que eu tinha morrido. Abandonei a jangada e nadei até Angra dos Reis. Depois que eu fui recapturado, ninguém acreditava que eu pudesse estar vivo.

É possível pagar por uma fuga da Ilha Grande?

— Claro, mas uma fuga não tem preço. Às vezes pode sair até de graça, pode ser facilitada. Mas sempre dá para pagar porque os carcereiros são corruptos por natureza. O Portuguesinho (chefe da quadrilha que recentemente assaltou o Banerj, no Rio, e que já foi capturado), por exemplo, pode até se dar ao luxo de visitar a comunidade quando quiser. Ele sai quando quer.

Como foi que você levou esse tiro na espinha?

— Um dos rapazes foi preso, torturado e obrigado a dizer onde a gente se encontrava. A polícia, então, passou a ir no local. Um dia eu apareci por lá com um companheiro e eles estavam esperando. Assim que paramos o carro e apagamos os faróis, começaram os tiros. O motorista, ferido no braço, conseguiu sair com o carro e me deixou numa rua qualquer do bairro. Fui acordar na cirurgia do Souza Aguiar, contando uma história pro médico.

Se não tivesse acontecido isso, como você estaria?

— Olha, eu teria que continuar nessa luta, entende. Teria que continuar como o Portuguesinho, o Lúcio Flávio, que acabou morrendo por causa da fama. O Marujo, o cara que matou o Lúcio, só fez isso porque pensava que matando o Lúcio ia ter a mesma fama. O resultado foi que ele também acabou sendo facilmente executado.

“Todos os carcereiros são corruptos por natureza”

Qual é o maior problema do sistema penal brasileiro?

— A falta de recursos. Isso eu vejo desde a primeira vez que eu entrei lá. Mas isso faz parte do esquema deles, não dar recursos que é para não recuperar ninguém. O pessoal fica preso, abandonado, sem direito a nada. Por isso tenta a fuga, a liberdade para voltar a assaltar. Muitos estudam, estudam, estão sempre estudando e não conseguem entrar em uma faculdade. Sempre há um obstáculo. Muitos fazem o vestibular, passam e não conseguem frequentar a faculdade. Mas para um eles deram esse direito: o Mariel. Esse cara é muito odiado na cadeia e o pessoal só fica esperando uma oportunidade para agarrá-lo. Ele só faz menosprezar o pessoal.

Você acha que o Esquadrão da Morte resolve o problema da criminalidade?

— Não resolve, não resolveu e nunca vai resolver. O que eu tenho visto é que hoje os caras ficam matando por aí. Amanhã, seis gatos pingados são apanhados e vão ficar chorando, dizendo que não suportam ficar presos. Aí eles saberão, atrás das grades, o que é ser criminoso. Eles pagarão pelo que estão fazendo agora porque também serão chamados de criminosos. Os poderosos não querem saber se o criminoso é aquele que assalta por aí ou o que mata bandido. Para eles, todos são criminosos. Esse pessoal ainda não entendeu direito o ideal dos poderosos.

“A falta de recursos é o maior problema das cadeias”

Você assaltava os poderosos?

— Só. Nunca assaltei para magoar as pessoas. Eu fico sentido quando sei que um rapaz armado, despreparado, assalta um proletário ou uma pessoa indefesa na esquina. O pessoal trabalhador não é para ser agredido. Essa gente merece é apoio. Esse pessoal que está por aí assaltando, garotos inexperientes, deveriam partir para uma maior. Precisam ter mais ambição, precisam se organizar.

Lendo o teu livro, é de espantar a quantidade de assaltos que você fazia.

— E cada vez mais debochado, mais cínico. Mas o que eu queria mesmo era reorganizar a minha vida e tentar uma vida normal, trabalhando no comércio por conta própria.

Alguém consegue isso?

— Consegue, sim. Eu conheço e não é nem um nem dois. Tem gente que consegue.

Durante o tempo em que vocês estiveram juntos com os presos políticos, deu para aprender alguma coisa?

— Pelo que eu vi, eles estavam muito distantes da realidade. Era um grupo de classe média que, após perder certos privilégios, passou a reagir contra esse sistema. São inteligentes, mas não tinham uma ideologia, mas não tinham objetivo político para tomar o poder ou assumir uma liderança continuada, como os assaltantes de bancos, como eu e outros, que tínhamos essa capacidade de luta para continuar até o fim. Esse pessoal não foi; parou. Mas aprendemos muito com eles, como fazer carta-denúncia, greve de fome. Aprendíamos conforme a necessidade.

Chico Júnior

BECHARA JALKH

CONVIDA: SEJA UM DETETIVE COMO EU!

Aprenda comigo uma das profissões mais fascinantes – e também das mais prestigiosas e rendosas. Em qualquer campo de atividade (indústria, comércio, bancos, seguros, etc.) os serviços de um Detetive Particular são cada vez mais necessários – e bem pagos. Comigo você aprenderá todas as técnicas que me permitiram resolver os casos mais famosos e difíceis. E aprenderá também a utilizar aparelhos ultra-sofisticados, que ninguém mais possui no Brasil. Vamos. Comece o quanto antes a trilhar o caminho do sucesso, que muitos profissionais que aprenderam comigo estão percorrendo. Envie o cupom e receberá, grátis, livreto contendo todas as informações sobre nossos cursos.

Profissões regulamentadas por Lei em todo o território nacional. Para ambos os sexos sem limite de idade

DETETIVE CRIMINAL
DETETIVE PROFISSIONAL (Particular)
SEGURANÇA FÍSICA DE EMPRESAS (Perito)

INSTITUTO DE INVESTIGAÇÕES CIENTÍFICAS E CRIMINAIS

PR. OLAVO BILAC, 28 – 13.º AND. (MERCADO DAS FLORES)
C. POSTAL 215 □ CEP. 20.000 □ TELS.: 222-6166, 222-2852, 283-2048 E 283-2098 □ RIO

Cursos por Correspondência

NOME
RUA Nº
CIDADE
ESTADO CEP

EXPLORAÇÃO DE MENORES

André

Vera Lucia

Damião

Wagner Avancini

2 milhões e 500 mil crianças são trabalhadores do Brasil

Cresce o número de crianças que trabalham no Brasil. De cada 100 pessoas que procuram emprego, oito têm menos de 14 anos. Ao todo, já são 2,5 milhões os menores de 14 anos empregados, explorados e marginalizados pelos patrões, pelo governo e até pelos sindicatos.

Calada, os cabelos arrumados, pernas cruzadas, Maria Marileide Viana espera sua vez de se queixar do patrão na Delegacia Regional do Trabalho de São Paulo. Com 15 anos já é obrigada a enfrentar esse tipo de problema. Onde trabalhava — uma fábrica de confecções, ramo que emprega 80% de mão-de-obra menor de idade — estava ganhando Cr$ 3.600 por mês como ajudante-geral. As moças maiores, pelo mesmo serviço, recebiam Cr$ 4 mil. Inconformada, ela se queixou disso ao patrão. Foi despedida.

Com quantos anos a criança começa a trabalhar no Brasil? No campo, com cinco, seis. Dificilmente uma criança do campo não trabalha logo que tenha força. Sessenta anos atrás, em 1920, a situação era bem melhor. Havia até uma lei proibindo os menores de 14 anos de trabalhar. E menores de 18 não podiam trabalhar à noite. Em 1967, uma nova lei baixou a idade mínima para 12 anos. Hoje, meninos de 14 varam noites, e uma das preocupações da primeira-dama de São Paulo, Silvia Maluf, é arranjar empregos para menores de 14.

Não dá pra dizer exatamente, mas calcula-se que 2,5 milhões de brasileiros de menos de 14 anos trabalham. (Informa o livro "A situação da criança no Brasil".) Esse número equivale a 6,5% de toda a força de trabalho do país. Trabalhadores completamente marginalizados, pois 86% não possuem carteira assinada. E recebem — quando recebem — salários aviltantes.

Das quinze crianças com que conversamos em São Paulo, o para... do Brasil, nenhuma ganhava mais de Cr$ 4 mil por mês. Na

Walter

lavoura nem se fala: a criança nem tem salário, está "ajudando" o pai e a mãe. Segundo o professor e sociólogo José de Souza Martins, 1/3 das famílias do campo recebe menos de um salário-mínimo, e outro 1/3 não recebe nada em dinheiro.

Nas olarias, Brasil afora, a criança também é explorada. Meninos de 10 anos em diante enfrentam uma árdua jornada de trabalho que começa a uma hora da manhã e se estende até o meio-dia, quando há um descanso e o retorno no meio da tarde para secagem dos tijolos. Esse regime de trabalho foi constatado por dom Benedito Ulhoa Vieira, bispo de Uberaba, Minas Gerais.

Se no campo a participação da criança no trabalho nem se discute — pra comer, tem que produzir — na cidade está ficando assim também, como se vê por números divulgados pelo Dieese (órgão de pesquisas econômicas dos sindicatos de São Paulo). Diz esse instituto que, entre 1958 e 1969, dobrou o número de trabalhadores nas fábricas, ao mesmo tempo em que o salário real do chefe de família diminuía em 36,5% no período. Daí se conclui que os novos operários são os filhos menores das famílias que não se aguentam com o ordenado do pai.

Um desses novos operários é André Luiz Barbosa, de 15 anos. Metalúrgico. A mãe não deixa que ele fale muito, mas em poucas palavras ele revela uma revolta. Depois de trabalhar dez meses na Metalúrgica Moreno, em São Paulo, ganhando Cr$ 17,50 por hora, fazendo a mesma jornada de trabalho dos grandes, André foi despedido pelo patrão.

— Estranho — diz o menino. — Depois de dez meses ele chegou e disse que eu não estava me adaptando no serviço. Depois desse tempo todo ele vem e me diz um negócio desses...

A mãe fica preocupada, pede para ele se moderar, mas André desembucha:

— Condições de trabalho? (Sorri.) Vivia sujo... era um trabalho pesado.

Agora, o futuro de André — ou seu sonho — é mudar de profissão:

— Quero ser **office-boy**. Pelo menos não vou andar com a roupa cheia de graxa o dia todo...

Mas trabalho de **office-boy** também não é fácil. Que o diga Walter Souza Filho, que aos 15 anos tem um ar de funcionário público derrotado. Fica todo curvado pra carregar a pasta tipo executivo, cheia de fotocópias para entregar aos fregueses da loja para a qual trabalha. Das oito da manhã às seis e meia da tarde Walter corre as ruas de São Paulo para, no fim do mês, receber quase Cr$ 3 mil. Almoço, para Walter, não existe. Passa mesmo é a sanduíche. A escola, Walter abandonou na 5.ª série. Ele faz parte, assim, do enorme contingente de 12 milhões de crianças que não vão à escola, 45% dos brasileiros que têm entre cinco e 14 anos.

Dificilmente as crianças reclamam. Os empregadores se aproveitam disso para burlar as poucas leis que os protegem. É o caso do menino Gil Guimarães, de 16 anos. Trabalhando num forno de fundição de peças de tevê na fábrica Fe-Ad, em São Paulo, ele nunca usou máscara, luvas de vez em quando, e nem sabia que a fábrica é obrigada a lhe dar leite pra beber.

Conta Gil que dos 200 funcionários da Fe-Ad a maioria é formada por menores, ganhando todos salário-mínimo e controlados por um severíssimo esquema de fiscalização para garantir a produção.

— Fica um velho olhando a gente o tempo inteiro — desabafa Gil. — Só dá pra ir no banheiro quando um outro menino dá uma mão, ficando um pouco na máquina porque ela não pode parar.

Na rua, as crianças se viram muito. Trabalham de camelô, patrulheiro mirim, guardador de carros, catador de papel, pipoqueiro. Ocupações de certo modo autônomas, mas só de certo modo, pois as crianças estão sempre sob ordens dos adultos. Como o pequeno vendedor de bijuterias Josias de Luna Cavalcante, "estabelecido" nas ruas do bairro de Pinheiros. Ele arma sozinho sua barraca — de propriedade de um adulto — e recebe por dia algo em torno de Cr$ 100.

Quando o menino é catador de papel, enfrenta outro problema, a prefeitura:

— Tenho que prestar muita atenção — conta Damião Josias da Silva, 14 anos que parecem seis — pois se os fiscais da prefeitura chegam, arrancam minha carrocinha à força...

Ninguém olha pelos meninos. Nem os sindicatos. Eles nem sabem quantos menores estão filiados, pois, para eles, "todos são trabalhadores". Dessa maneira, até os sindicatos entendem que as crianças que trabalham já são adultos.

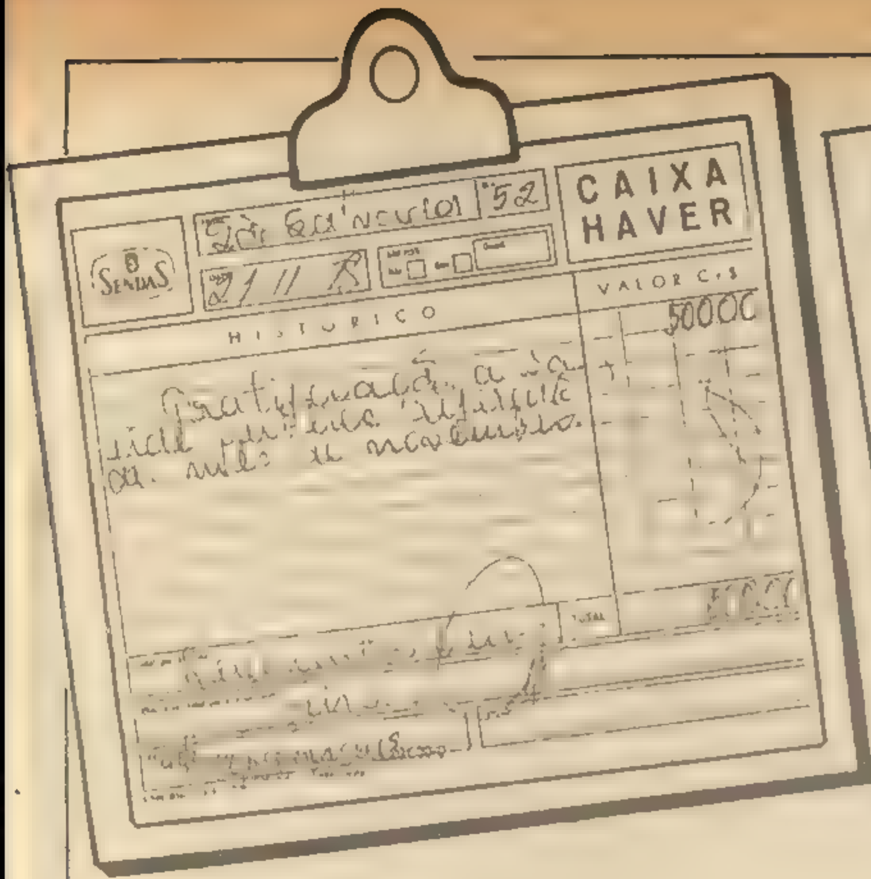
Sem sindicato, sem coisa alguma que os defenda, as crianças não têm para quem explicar suas dificuldades. A balconista Vera Lúcia Santiago, de 15 anos, ainda está tentando estudar, coisa que se torna cada vez mais difícil:

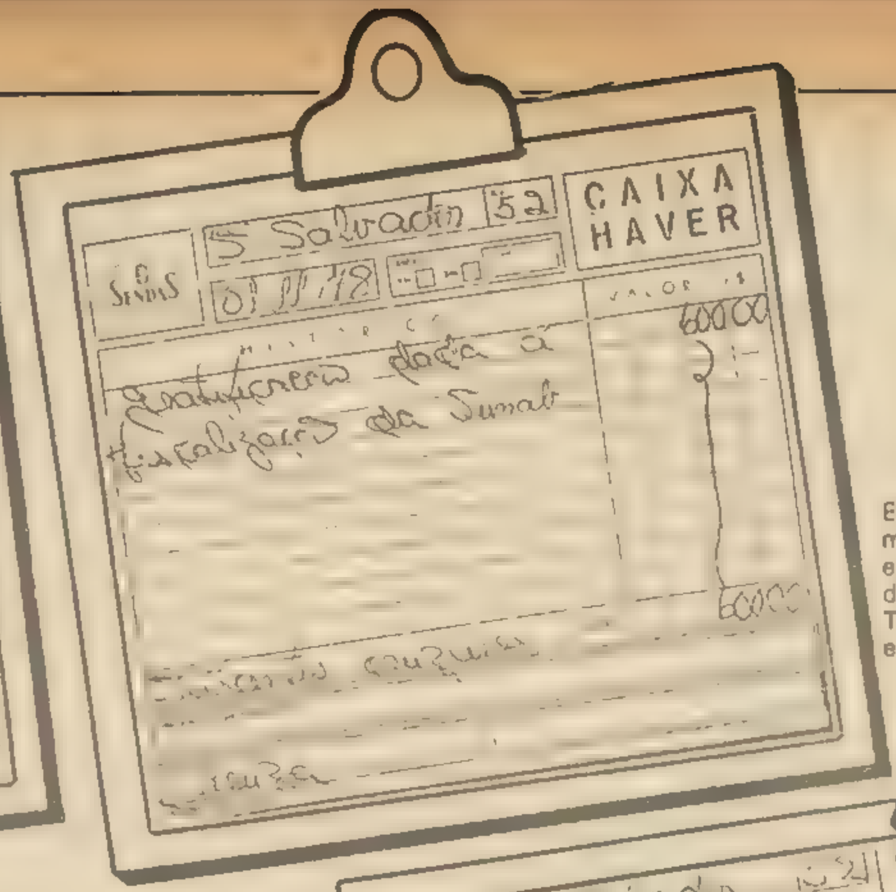
— Chego na aula cansada — ela se queixa — depois de atender centenas de pessoas aqui na loja.

E as pessoas cansam:

— Todos os fregueses são muito chatos. Eles pensam que somos inferiores a eles.

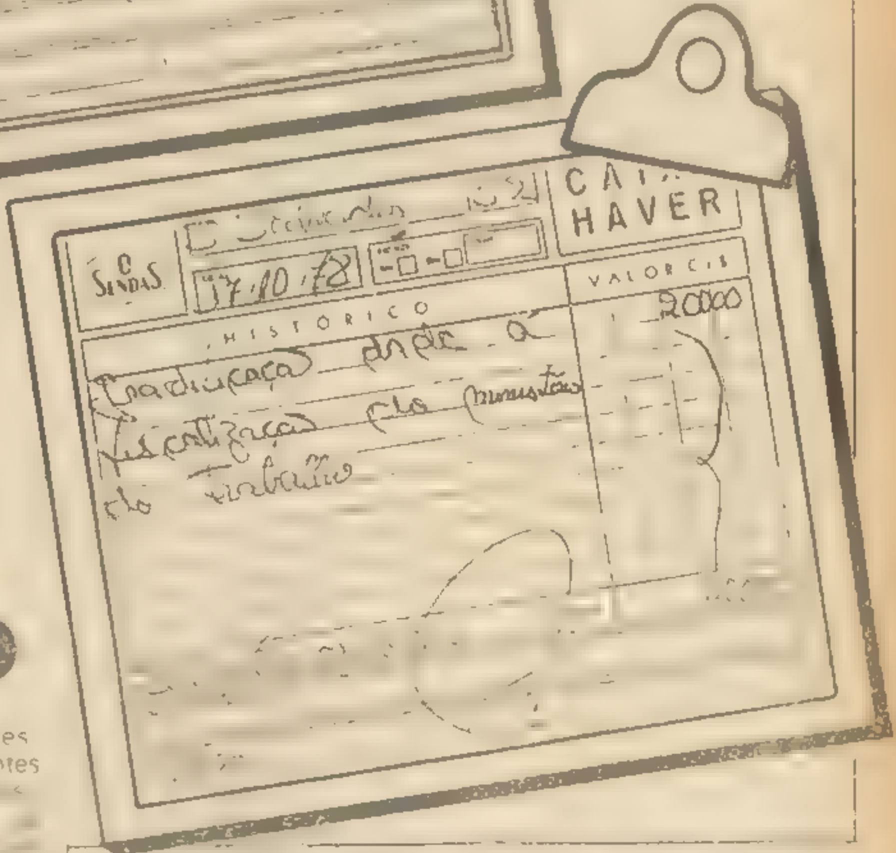
Rivaldo Chinen





DENÚNCIA DE LEITOR

Estes documentos mostram três fiscais entrando na grana do Ministério do Trabalho, da Sunab e da Saúde Pública



CORRUPÇÃO AGORA TEM RECIBO

Sendas suborna fiscais do governo

[illegible] fiscais da Saúde [illegible] do Ministério do Trabalho e da Sunab, que em 1978 andaram levando grana por fora das Casas Sendas, em forma de gratificação.

Pelo que se sabe, fiscais do Estado não estão autorizados a levar gratificação de empresas. Mas o que se vê nos documentos trazidos [illegible] por funcionários da própria Casas [illegible] esta empresa, [illegible] ano de 1978, [illegible] os fiscais que [illegible] frequentemente a [illegible] Salvador, em [illegible] (RJ), já fechada [illegible] o pessoal que [illegible] ncia, a Sendas obrigava (e obriga, pois a festa continua) os gerentes a assinarem os recibos de gratificação, para, no caso de confusões posteriores, a empresa escapar e dizer que a corrupção é iniciativa [illegible] dos [illegible] rentes [illegible] bém são os gerentes que assinam [illegible] de final de [illegible] fiscais, [illegible] escoces, qu[illegible] havendo até [illegible] que todo final [illegible] com um carrinh[illegible] comida pelas [illegible] sem pagar um [illegible]. Cortesia da casa, dizem.

Bem, a denúncia está aí, comprovada e com recibos datados. Cabe agora ao Estado verificar isso direitinho. Ou deixar rolar.

Cuidado com a carne moída e o frango

Os funcionários da Sendas que nos procuraram deram d[illegible] ótimas dicas para os consumidores habituais [illegible] diz [illegible] não compre [illegible] muito menos frango [illegible]

[illegible] Eles vão co[illegible] e colo[illegible] que ainda escapam. Só que esses pedaços não aguentam nem mais um dia na geladeira. E mesmo comendo uma coxa ou um peito no dia da compra, o freguês corre o risco de ter pelo menos uma caganeira.

ASSINE O JORNAL QUE NÃO TEM MEDO DE ASSINAR EMBAIXO. BASTA LIGAR PARA 253-5038

Assine REPORTER

Endereço: ....

CEP:.......... Cidade:.......... Estado: ....

JARI INFORMA:

Americano é primeiro até no avião

A fábrica de celulose do Projeto Jari, o milionário empreendimento do norte-americano Daniel Ludwig, está matando o rio Jari. Um de seus lixos químicos — a lixívia — é despejado diretamente no Jari, sem nenhum tratamento, conforme conclusões de engenheiros e técnicos da própria fábrica. O assunto já chegou ao conhecimento da Assessoria de Assunto Sigilosos da Sudam (Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia), mas a única providência até agora foi tomada pelo próprio Projeto: um dos funcionários encarregados de estudar o problema da poluição, e que verificou sua periculosidade, foi despedido agora em março. Trata-se do técnico brasileiro Odair Nascimento.

A poluição, no entanto, foi constatada até mesmo pela engenheira Beatriz Redko, também empregada da Jari e que comunicou a situação à cúpula da companhia em memorial de circulação interna. Com relação a Odair, havia outros agravantes. Foi ele o primeiro a denunciar discriminação aos empregados brasileiros do Projeto Jari:

— Os técnicos estrangeiros, japoneses, finlandeses, norte-americanos, sobretudo chilenos, gozam de todas as regalias, enquanto os brasileiros são marginalizados — reclama Odair.

A discriminação não é só salarial. Há também discriminação nas moradias: as melhores, são dadas aos estrangeiros, mesmo que seu **status** seja igual ao dos brasileiros.

Até na hora de tomar avião os brasileiros ficam por baixo:

— É comum ver-se técnicos brasileiros desalojados do avião poucos minutos antes do vôo, só porque na última hora um técnico norte-americano resolve ir a Belém, nem que seja só pra fazer turismo.

Brasileiro viaja se tiver sorte

Odair (de perfil): dispensado

Outra coisa que fez a Jari ficar com raiva de Odair foi sua denúncia de que a fábrica de celulose do Projeto é uma das poucas, no Brasil, que não paga aos operários adicional de periculosidade e insalubridade. Quem quiser reclamar tais pagamentos pode fazê-lo, mas tem que viajar 16 horas de barco para isso, pois a junta de Conciliação e Julgamento fica no município de Breves. Pelo menos Cr$ 5 mil devem ser gastos. E mesmo depois de tudo isso, é quase impossível o empregado ganhar alguma ação contra a Jari. Até hoje a Jari não perdeu nenhuma.

Nos últimos quatro meses tem crescido o descontentamento entre os funcionários do Projeto — por causa de uma empresa que a Jari criou, chamada Santo Antonio, que explora ônibus, clube, supermercado — e nesse período já houve 40 dispensas. A maioria desse pessoal entrou com reclamações trabalhistas, sem resultado.

SASI — SERVIÇOS AGRÁRIOS E S[illegible]TURAIS LTDA.

CORRESPONDENCIA INTERNA | Nº MTD - 175 / 78

DATA 27 / 07 / 78

PARA : DEPTO DE OPERAÇÕES COMUNITÁRIAS
DE : SAIS LTDA.
ASSUNTO : OSSADA

1. Solicitamos a devida permissão dessa Administração, para que possamos recolher a ossada que as cozinhas dos restaurantes jogam fora.

2. Essa ossada, como já foi feito há pouco tempo, se destinaria à distribuição gratuita com a população das Silvi-Vilas.

Atenciosamente,

FAL/cr.
cc: 1.1.2

Até com osso grátis peão da Jari se contentava, em 1978; agora, a situação piorou mais.

Liberado o contrabando em geral

Capital da muamba. Comprar contrabando é a coisa mais fácil na Jari. Aparelhos de som uísque, cigarros entram sem nenhum problema pelos rios Solimões, Tocantins, Tapajós e Santander, através dos navios da Frota Amazônica.

— A própria Segurança do Projeto é a primeira a comprar esses produtos. — conta Mário Pereira de Barros Filho, ex-gerente do Departamento de Operações Comunitárias da Jari.

— Todo mundo em Monte Dourado tem aparelho de som importado — continua Mário. — O pessoal do nível intermediário e do ***staff*** *(a cúpula) consome uísque das marcas Royal Salut, Dimples, Something Special, Balantines*

Monte Dourado, portanto, é a segunda Zona Franca do Brasil, sem que o Brasil tome conhecimento disso.

Democracia: agora, todos são explorados

Acabou a mordomia. Os peões foram tratados como subgente desde o começo, mas os técnicos tinham certas regalias que aos poucos foram acabando. O início do fim foi a criação da empresa Santo Antonio, em dezembro passado. Ela passou a explorar todos os serviços lucrativos do Projeto. Condução, por exemplo. O ônibus que vai de Monte Dourado — capital do Jari — até Munguba, não custava nada. Hoje, essa viagem de apenas sete quilômetros custa Cr$ 15.

Os preços dos dois supermercados que servem aos técnicos eram 40% mais baratos em relação a Belém, capital do Pará. Desde a criação da Santo Antonio isso acabou. Os preços são os mesmos de Belém. Mesmo assim, estão abaixo dos preços que pagam os moradores do Beiradão, a favela dos peões.

Até os serviços de lavanderia, gratuitos antigamente, agora são cobrados (e muito bem cobrados) pela Santo Antonio.

Brasileiro tem ouro tão bonzinho

Trezentos quilos de ouro já teriam sido contrabandeados do Jari para Belém, onde foram vendidos a Cr$ 600 a grama. O garimpo se situa no próprio rio, ao Norte da cachoeira de Santo Antônio, e sua produção e exploração é um dos grandes segredos do Projeto. Sabe-se que o chefe do negócio — em regime de concessão — chama-se Gabriel Santander que, aos poucos, vem sendo tratado pelo Projeto de modo a que abandone a exploração, pela qual dá uma parte do ouro à Jari; agora, acusando Santander de desvio de material, a Jari quer é ficar com o ouro todo.

O petróleo ser nosso

Petróleo na Jari!

Correm notícias de que a companhia americana Atlantic já estaria procurando petróleo na região Sudoeste do Jari, às margens do rio Arraiolos. Essas terras são de origem terciária, o que, segundo técnicos, dá boas possibilidades de exploração. A região está sendo transferida para a Atlantic, que, além de petróleo, se interessa pela produção de álcool e tem intenções de formar canaviais. Também a própria Jari estuda a possibilidade de entrar no negócio do álcool. Uma área de 30 mil hectares reservada para plantar cana, no Amapá, mas a Jari só começara a produção quando tiver certeza de que o álcool é um negócio de lucros compensadores.

Quanto à Atlantic, prepara-se para pedir a área do rio Arraiolos para explorá-la sob contrato de risco.

Área de caça só pro chefão

Nem os macacos escapam no Projeto Jari.

Um dos manda-chuvas da fábrica de celulose, o norte-americano Robert Gilvary, tem, para seu uso, uma reserva especial de caça que se localiza perto da área de garimpo. Gilvary se diverte levando grupos de amigos para caçar em sua reserva. Nessas incursões, segundo testemunhos de moradores do Beiradão, os caçadores visam principalmente os macacos-guariba, os maiores da Amazônia e que estão em extinção.

Gilvary também é conhecido por manter viva, em sua casa de Monte Dourado, uma onça pintada, animal cuja caça é proibida em todo o Brasil.

IMPRENSA EM PERIGO

PREFEITURA AMEAÇA JORNALEIROS EM MINAS

A contradição

A banca de cima, em frente à prefeitura, é elogiada por ser "organizada". A de baixo, na rua Goitacazes, que também expõe nas laterais, é multada.

A prefeitura de Belo Horizonte está restringindo a exposição de jornais e revistas nas bancas, sob a alegação de que os jornaleiros exageram na tentativa de atrair leitores e causam grande poluição visual à cidade.

O secretário-adjunto de serviços urbanos da prefeitura, Landulfo Dornas, filho, afirma que o prefeito "quer recuperar a cidade", que estava "sem dono", e que as restrições impostas às bancas "estão inseridas num amplo programa de fiscalização". Dornas afirma que "a determinação é cumprir o que está na lei".

A lei a que se refere a autoridade é a de número 2.119, de 24 de agosto de 1972, mas, segundo Paulo Cesar Bregunci, assessor da diretoria de fiscalização de posturas municipais, ela não fala "taxativamente sobre a exposição de publicações nas bancas". Paulo vai mais além, afirmando que, na sua opinião, "a parte de cima das bancas poderia perfeitamente ser aproveitada. O diretor do mesmo departamento, Achilles, ácha que não pode.

A divergência entre os três funcionários mostra, na opinião de muitos jornaleiros, que não existem critérios para as proibições impostas às bancas. A prefeitura faz uma interpretação subjetiva da lei; não executa algo que esteja claramente expresso. O próprio diretor, Achilles, deu prova disso quando, ao sair da prefeitura depois da entrevista, olhou para uma banca e classificou-a de "organizada". E a banca expunha jornais e revistas nas suas "orelhas", exatamente o que ele dissera ser proibido momentos antes, em seu gabinete.

O mesmo Achilles, entretanto, classifica de "desorganizada" a banca na esquina da rua Goitacazes com Bahia, ponto de grande movimento e que tem excelente nível de venda.

Os jornaleiros não gostaram das proibições e puseram a boca no mundo.

O protesto: venda vai diminuir

Ivo Rodrigues, jornaleiro há 12 anos, que trabalha na banca Minas Gerais, acha muito esquisita a proibição da prefeitura

— Só em Belo Horizonte é que a exposição polui visualmente. Eu já estive em São Paulo, Juiz de Fora, Brasília, Rio de Janeiro, Goiânia e nunca vi isso lá. A exposição aumenta a venda em pelo menos 50%.

Ivo admite também que a venda do ponto deve ser controlada. Mas não pode ser impedida "Transferir por doença, mudança ou melhor negócio, deve. Comercializar, especulando, não. Devia-se permitir a transferência depois de 4 ou 5 anos de permanência no ponto, com exceção para acidentes que causem invalidez.

Geraldo Hilário, da banca Hermes, já ganhou concursos por arranjos de exposição.

— A beleza da banca é a exposição, é não deixar a banca aparecer. Expor na parte da frente e nas laterais. Hoje existem pelo menos 1200 publicações, mas o tamanho da banca é o mesmo de há quase dez anos, quando não havia nem 600.

Reportagem de Eduardo Curi.

Fotos Maurillo Bezerra

Tem general na redação

"Estadão" demite três sindicalistas

Três jornalistas se candidataram a uma chapa para juiz vogal na Justiça do Trabalho, entre eles a redatora da **Agência Estado**, Elizabeth Lorenzotti. Um dia antes das eleições, em que por sinal a chapa de Elizabeth foi a vencedora com margem de 100 votos, ela foi chamada pela direção da agência. Estava demitida: "A senhora faltou um dia no carnaval", alegou o chefe. Acontece que Beth tinha faltado, sim, mas isso foi no dia 16 de fevereiro, e a eleição para vogal tinha sido no fim de março. Acontece que a chapa fora registrada dia 20 de março, e sua demissão se deu no dia 24. Segundo a Delegacia Regional do Trabalho, é declarada a estabilidade do profissional na empresa a partir do momento em que se registra a chapa. Pelo sim, pelo não, Beth continua na rua, e vai entrar com uma ação de reintegração nas suas funções.

"Diário Popular" faz hora-extra pra Figueiredo

Terminado o expediente na editoria local do **Diário Popular** — um dos três jornais lidos pelo general Figueiredo; os outros, de São Paulo, são a **Folha** e o **Estadão** — o redator David Rajnowicz Neto coleta as cópias das matérias que sairão no dia seguinte, faz uma sinopse, coloca num envelope e leva à Empresa Brasileira de Notícias, ex-Agência Nacional, que fica na rua 7 de Abril, prédio dos **Diários Associados**. Esse fato é conhecido amplamente por todos os profissionais daquele jornal, que não vêem o redator da sinopse do Figueiredo com bons olhos; afinal, esse moço entrou no jornal depois de numerosas demissões feitas contra os grevistas.

O Diário Popular, **um jornal que vive de anúncios classificados, não deveria nem ser mencionado, dada a sua pouca importância. Mas acontece que em sua redação andam acontecendo coisas de arrepiar. Botaram agora um general para aterrorizar nossos coleguinhas jornalistas. Chama-se general Mozlul Moreira Lima, conhecido por sua posição anticomunista. É amigo do coronel Erasmo Dias, do governador Paulo Salim Maluf e do general Ednardo D'Avila, afastado pelo ex-presidente Geisel do II Exército por fatos comprovados de tortura a presos políticos nos quartéis sob seu comando. O general Mozlul, bastante amigo dos donos do** Diário Popular, **escreve há 20 anos, diariamente, um editorial. Agora, que foi reformado pelo Exército, arrumou emprego na redação. Fica numa gaiola de vidro observando quem trabalha e quem não trabalha, e já conversou com todos os funcionários da casa que participaram da última greve dos jornalistas. Advertiu-os "para não fazerem mais isso".**

Operário prensado no prédio da "Folha"

Pois é, coisas estranhas continuam acontecendo na **Folha**. O ascensorista José Bonifácio do Espírito Santo, 29 anos, solteiro, mulato, foi prensado entre o 4.º e o 5.º andar do prédio do jornal às 23h50m do dia 17 de abril. De acordo com o boletim de ocorrência feito pelo 3.º Distrito Policial, "apurou-se que havia no elevador outra pessoa, esta não identificada, e que o elevador parou devido a um defeito, e quando a vítima tentou sair, ele voltou a funcionar, prensando-a e ocasionando a sua morte". O perito Barbosa, da Polícia Técnica, ao chegar no local estava irritadíssimo: os bombeiros tinham removido o corpo, obedeceno ordens de alguém da direção da **Folha**, que com isso procurava evitar que o fato viesse ao conhecimento público. No dia seguinte, o jornal **Notícias Populares**, do mesmo grupo, dava apenas uma nota de falecimento na página 2, sem dizer o motivo da morte do "funcionário desta empresa".

Comunista não pode trabalhar

Gildo Marçal Brandão entrou no jornal **Folha de S. Paulo** em 1976. Primeiro foi editorialista, depois foi redator na editoria Nacional. No começo deste ano apareceu o anúncio de um novo semanário no país, a **Voz da Unidade**, órgão oficial do Comitê Central do Partido Comunista Brasileiro. Gildo assina como editor desse jornal. No mês de abril, o terceiro número da **Voz** nas bancas, Gildo é chamado pelo editor-chefe da **Folha** e é demitido. "O Boris — disse Brandão — justificou minha demissão dizendo que a função de redator na **Folha** era incompatível com um semanário supostamente partidário (usou outra expressão, mas, que me lembre, o sentido foi exatamente esse)." Aliás, acrescentou, a demissão já estava dentro de suas previsões.

PRECONCEITO

1- Eles dizem, no 13 de Maio "Hoje é teu dia, hein!" E eu digo: "O nosso!"
2- Clínicas particulares não empregam enfermeiras negras
3- Empregadas domésticas estranham se a patroa não for branca
4- Negros ganham concursos, mas não são promovidos na faculdade

Reportagem de Zelão Rodrigues

Na loja, atendidos por último

Vera Lúcia Alves é servente e afirma que, onde trabalha, os brancos acham que "preto só serve pra limpar o chão que eles sujam, mais nada". Trinta e um anos, servente há cinco anos na Faculdade de Higiene e Saúde Pública de São Paulo, dois filhos, Vera Lúcia acha que os pretos devem formar grupos e procurar soluções próprias para seus problemas específicos: discriminação no trabalho, nas escolas, nas lojas, nos restaurantes, em todos os lugares:

— O preto precisa se impor e não andar de joelhos. Há tantos casos de discriminação que a gente até perde a conta. Aqui mesmo na Faculdade há casos de pessoas concursadas que não são promovidas por serem pretas. Nas lojas também há discriminação, porque sempre somos atendidas depois dos brancos, ainda que cheguemos na frente. Há cerca de dois anos abri a boca no Mappin, porque fiquei lá esperando que me atendessem e nada. No final, tive que bronquear. Aí negro é sem educação, é isso, é aquilo. Primeiro eles nos desrespeitam, depois, quando reagimos, somos recalcados, complexados, etc. Por isso eu acho que preto deve casar com moça preta. Os pretos estudados devem procurar moças pretas porque têm acontecido de muito preto formado ir procurar moça branca pra casar. Às vezes, tudo bem entre os dois, há realmente amor — o que é difícil — mas quando chega a hora de apresentar à família, o negro precisa levar seu **curriculum vitae**, seus diplomas e títulos, senão a barra pesa.

— Os pretos vivem enfiados com os brancos. Eles deveriam se organizar melhor e sozinhos promoverem uma maior discussão de seus problemas específicos, buscando uma conscientização da verdadeira situação. Ninguém nega esse papo de "negro quando não caga na entrada caga na saída" e outros. Aqui mesmo onde trabalho já sei que no 13 de maio vão acontecer aquelas brincadeiras que eles acham muito originais: "Hoje é teu dia, hein!" E eu respondo: "O nosso", porque sei que branco também já foi escravo e parece que eles procuram se esquecer disso.

— Por isso, eu sou a favor de uma separação mesmo. Preto para um lado, branco para o outro, como nos Estados Unidos. O negro tem que estudar e acabar com essa mania do branco de que a gente está aqui para servi-lo. Todos nós sabemos que a cor não mancha ninguém. Então eles devem saber que somos gente também. Aliás, se o preto não mancha o branco, o branco também não mancha o preto, o que é bom pra todo mundo. Estou a fim de comemorar o Dia da Abolição, mas não com flores e aquelas babaquices no largo Paissandu, em São Paulo, mas pra valer. Participo da passeata e o que mais for, pela raça. Só como exemplo, vou contar uma coisa: uma vez trabalhei de empregada doméstica numa casa em que a mulher sempre evitava empregar pretas. E isso porque disseram a ela que preto cheirava, não tomava banho. Quando fui trabalhar lá ela me contou isso na maior cara de pau e ainda acrescentou: "Engraçado, você não cheira".

Vera Lúcia discute até hoje com sua mãe a besteira que é o casamento: "Se eu pudesse voltar atrás, nunca me casaria. Sou viúva, fiquei apenas um ano e meio casada, e minha mãe dizia pra tomar cuidado e poder um dia casar de véu e grinalda. Casei, mas o que sofri antes não foi brincadeira. Tinha que ficar no sarro, apenas. E hoje até minha mãe reconhece que aquilo era besteira. Com minha filha pretendo manter um diálogo aberto. Vou ensiná-la da melhor forma o que sei e o que entendo da vida. Sem preconceito e sem tabus.

Na faculdade, até aventais são separados

Dulce Mara de Oliveira, telefonista e servente, diz que os brancos negam que exista esse preconceito, mas nós que somos pretos sabemos, porque sentimos que há, pois ninguém é bobo". Vinte e nove anos, um filho de 8, Dulce trabalha na Faculdade de Higiene de São Paulo e conta que lá até os aventais dos serventes pretos são separados dos outros. Dulce entende que os brancos querem que "o negro saiba qual é o seu lugar", mas reage e diz que os pretos têm que lutar pelos seus direitos, de frente, sem abandonar nunca sua disposição de serem tratados com igualdade pelos brancos e pelos patrões.

Para Dulce, o negro "deve demonstrar ao branco que não serve apenas para limpar a sujeira dele, mas que também é gente e precisa ser respeitado como tal. Quando eu era solteira, namorei um branco, filho de um alemão, de família conhecida. Eu entendia que ele não tinha preconceito e que estava tudo bem. Um dia, fomos a um passeio e nos reunimos num grupo no qual estava uma amiga minha, preta (Dulce é mulata). Meu namorado chegou pra mim e disse: Você eu levo, tudo bem, os outros também, mas a negra não. Pra mim, acabou o namoro na mesma hora.

Dulce tem problema com seu filho, que é mais claro do que ela.

*— Outro dia, estávamos vendo a série **Raízes**, na tevê, quando meu filho disse: **Que negrada!** Eu conversei com ele, expliquei, etc. Mas eu percebo que quando saímos, vamos ao clube, ele procura sempre a companhia das crianças brancas. E quando está com os primos dele, que são pretos, suas brincadeiras são mais agressivas. Vai ser uma luta, mas eu vou conseguir explicar tudo a ele, inclusive os problemas que eu, mãe dele, enfrento por ser preta.*

Filha branca discrimina mãe

Quando a filha de Amélia Nascimento está na escola, no relacionamento com as outras crianças, tudo bem. Mas na hora que Amélia vai buscá-la (a filha é clara), as outras crianças partem firme para a agressão, o que criou um problema para Amélia:

— Minha filha agora está arrumando uma solução na cabeça dela, que é ter uma mãe branca, ainda que conviva comigo, me adore e tudo o mais. Mas eu ainda acho melhor ver o racismo nas crianças, que é bem definido e naturalmente oriundo da educação e da estrutura social em que vivemos, do que o preconceito mascarado e disfarçado dos adultos. Mas isso não diminui o problema do relacionamento com a minha filha. Além disso, ela fica em casa o dia todo com a empregada e tudo contribui para complicar ainda mais a situação.

Na escola, a filha de Amélia também é visada

— As brincadeiras que ela enfrenta na escola são todas em cima de racismo e todo mundo sabe que isso, para a criança, é uma merda.

Até as empregadas têm preconceito racial, conta Amélia:

— As empregadas preferem uma patroa branca. Eu nem sei me comportar como patroa, porque todo negro é de origem humilde, senão miserável. A gente não adota aquele comportamento de imposição, e isso já é uma barra. Em outras camadas sociais eu acho que o problema é menor, mas na classe média é foda, porque o negro "saiu de seu lugar"

Nem os palavrões são bem vistos se é negro quem fala:

— Eu, por exemplo, falo muitos palavrões, mantenho um comportamento altivo e os caras não gostam disso. No meu caso, aprendi a brigar contra essas coisas e passo por cima das agressões.

Ela trabalha na Editora Abril, em São Paulo. Sente que sua produção é avaliada de um modo preconceituoso:

— O negro é discriminado até nas suas atividades. Você tem que ser gênio, ou então é burro. Às vezes há uma supervalorização de seu trabalho e te chamam de gênio, como se fosse difícil entender que o negro faz aquilo normalmente. Não sei por que os caras não aceitam que você desenvolva naturalmente suas atividades.

Para Amélia, nem o Dia do

Trabalho nem o Dia da Abolição devem ser comemorados:

— Quem tem motivo para comemorar são os patrões — diz, lembrando-se da forma como o governo encara as reivindicações dos trabalhadores, demonstrada na última greve do ABC: com polícia armada, cães, bombas.

Na sua profissão, ela também passa por muitos momentos de dificuldades no emprego. Muitos jornalistas estão sendo demitidos, jornais e revistas estão fechando, e a ameaça ronda Amélia na empresa em que trabalha, pois há pouco tempo o departamento de revistas técnicas — Abriltec — foi fechado. Na área de Amélia — revistas femininas — a coisa não está melhor: a editoria em que trabalha (comportamento) está ameaçada de extinção.

Amélia já foi casada com branco, mas acha que até na hora do vamos ver há preconceito:

— Negro no meio de branco é sempre o agressor, nunca o agredido. Você está sendo agredido toda hora e, quando revida, é o agressor. Sempre que posso saio na porrada, porque não tem jeito. A gente tem que se comportar como é. As pessoas aceitam ou são obrigadas a aceitar. Mas é uma barra. Ao contrário do que dizem, os dados estão sendo contestados: o branco não é a maioria na sociedade brasileira, pois precisa considerar as misturas raciais. E tem muito "branco" descendente de negro por aí.

Pacientes não confiam na enfermeira

Aldalice de Castro Augusto, atendente de enfermagem, já foi recusada em vários empregos por ser preta e já sentiu o horror de perceber que alguns doentes preferem ser atendidos por brancos, além de às vezes olharem esquisito para ela, com um certo receio.

Aldalice sente discriminação no trabalho, mas no seu relacionamento social, não. Muito expansiva e descontraída, diz que consegue se impor nos ambientes que frequenta e acha que essa deve ser a maneira mais natural de enfrentar qualquer discriminação, isto é, à vontade. Ela tem 34 anos e 5 filhos, de 6 a 17 anos.

Aldalice: "O mercado de trabalho está difícil e não é possível comemorar o Dia do Trabalho, porque está todo mundo desempregado. Pra se ter um salário razoável é preciso trabalhar 12 horas. As clínicas particulares não aceitam pretos pra trabalhar, então somos obrigados a trabalhar em hospitais pequenos, ganhando salário menor".

Aldalicé acha que o "sexo faz parte da vida de todo mundo e, feito com amor, não tem problema nenhum. Eu tenho duas filhas, uma de 15 e outra de 13, e não pretendo para elas a mesma educação rígida que tive. Com meu filho de 17 anos, discuto tudo: sexo homossexualismo, tóxicos, e procuro orientá-lo. Saberei compreender se houver algum grilo com ele"

PROIBIDO LER

CASSANDRA RIOS

A Escritora mais proibida do Brasil.

Há anos Cassandra Rios enfrenta a censura. Mas segue escrevendo os livros eróticos de maior sucesso no Brasil.

Com a mudança de Governo e abrandamento da censura, os seus livros voltam a circular.

Ler Cassandra Rios é sentir prazer.

A VOLUPIA DO PECADO - 368 págs. Cr$ 360,00 Ref 1549
A SERPENTE E A FLOR - 190 pags Cr$ 180,00 Ref 0471
CARNE EM DELIRIO - 190 pags. Cr$ 150.00 Ref 0620
TARA - 194 pags Cr$180 00 Ref 0642
A NOITE TEM MAIS LUZES - 230 págs Cr$ 200,00 Ref 0375
VENENO - 356 págs Cr$ 250.00 Ref 0638
TESSA A GATA - 122 pags Cr$ 150.00 Ref. 5735
MACARIA - 200 págs Cr$ 200.00 Ref. 1572
MARCELLA - 136 págs. Ce$ 140,00 Ref 5728
MARIA PADILHA - 124 pags Cr$ 150,00 Ref 1402
PATUÁ - 104 págs Cr$ 150,00 Ref 1403
O GAMO E A GAZELA - 259 pags Cr$ 230.00 Ref 1325
AS VEDETAS - 344 págs. Cr$ 320,00 Ref 1315
MUROS ALTOS - 354 pags Cr$ 300,00 Ref 0370
NICOLETA NINFETA - 150 pags Cr$ 140,00 Ref 0731
UM ESCORPIÃO NA BALANÇA - 252 págs Cr$ 240,00 Ref 0691
GEORGETTE - 216 págs Cr$ 210,00 Ref 1548
UMA AVENTURA DENTRO DA NOITE - 102 págs. Cr$ 140.00 Ref 1435

Grátis: *Um livro-brinde (será um romance de agradável e fascinante leitura) para pedidos no valor ou acima de Cr$ 500,00. E você não paga as despesas postais*

PREENCHA O CUPOM IMEDIATAMENTE
ENVIE HOJE MESMO PARA
MARGEM EDITORIA E PROGRAMAÇÃO GRÁFICA
Rua Miguel Couto, 134 — 11º and. — Rio de Janeiro — RJ — 20070

NÃO MANDE DINHEIRO AGORA Só pague ao retirar seu pedido no Correio.

Recorte nosso endereço e cole no envelope

MARGEM EDITORIA E PROGRAMAÇÃO GRÁFICA
Rua Miguel Couto, 134 - 11º and
Rio de Janeiro - RJ
20070

Escreva com letra bem fácil de ler para evitar enganos

Desejo receber pelo Reembolso Postal os livros assinalados.

☐ Ref 1549 ☐ Ref 0471 ☐ Ref 0620 ☐ Ref 0642 ☐ Ref 0375 ☐ Ref 0638
☐ Ref 5735 ☐ Ref 1572 ☐ Ref 5728 ☐ Ref 1402 ☐ Ref 1403 ☐ Ref 1325
☐ Ref 1315 ☐ Ref 0370 ☐ Ref 0731 ☐ Ref 0691 ☐ Ref 1548 ☐ Ref 1435

Nome ____
Endereço ____
Cidade ____ Estado ____
CEP ____

____
Assinatura

ESPERTAS

FOTO ESPERTA

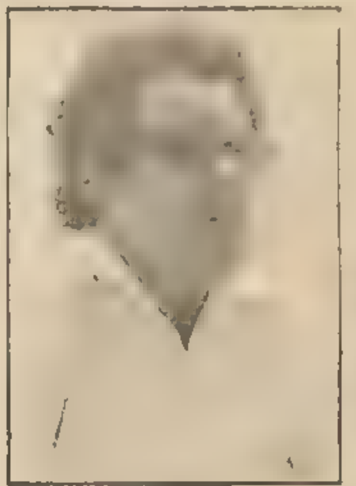
Foto de A. Dorgnan

"Deste planalto central, desta solidão que em breve se transformará em cérebro das altas decisões nacionais..."
Foto do livro e da exposição *Brasília Ano 20*

Nilópolis vai muito mal de saúde

O município de Nilópolis ficou badalado depois que a Escola de Samba Beija-Flor conquistou o título de tricampeã do carnaval carioca. Mas a população local pouco ou nada ganhou com o prestígio alcançado por sua escola de samba. O município é pequeno e os problemas são muitos, principalmente na área da saúde: os postos municipais estão sempre cheios por falta de médicos; o único subposto do Estado está com o aparelho de Raios-X quebrado há quatro meses; as ambulâncias, sempre enguiçadas; e até doenças como tuberculose, sarampo, tifo e poliomielite, consideradas doenças sob controle pela Organização Mundial de Saúde, ainda fazem muitas vítimas em Nilópolis.

O município tem a maior concentração populacional da América do Sul, com 10 m² para cada habitante. Espremido na Baixada Fluminense, entre os municípios de São João de Meriti, Rio de Janeiro e Nova Iguaçu, Nilópolis tem hoje quase 160 mil habitantes que enfrentam problemas primários, como a falta de rede de esgotos públicos, os montes de lixo e a rede de abastecimento de água potável, restrita às residências do Centro do município.



Dr. Edmir: os recursos são poucos

Situado no Centro, o posto estadual é uma pequena construção com poucas salas divididas em consultórios. No quintal espaçoso, mais de 200 pessoas enfileiram-se a partir das 18 horas, na tentativa de conseguir número para consulta no dia seguinte. Isso porque os médicos são poucos para o grande número de doentes. O diretor do posto, dr. Edmir Lopes Coelho, reconhece que o atendimento não supre as necessidades do município:

— A finalidade principal do posto é prestar assistência médica, consultas e internações. Os recursos são poucos e o governo do Estado prometeu contratar mais médicos, pois atualmente só temos dois por dia e não podemos atender mais de 20 pessoas.

Fotos de Claudio Passos

No posto, mais sujeira do que saúde

Os serviços mais requisitados são o fornecimento de atestado médico e abreugrafia para carteira de trabalho. Mas, estranhamente, o aparelho de Raios-X do posto está quebrado há quatro meses, enquanto do lado tem uma clínica particular que cobra Cr$ 100,00 por chapa.

Por causa disso, o cobrador Sérgio Duarte Amorim, depois de voltar pela sétima vez ao posto para fazer uma abreugrafia, insultou os médicos e acusou o diretor de estar consentindo corrupção dos empregados.

— Não é possível acreditar que uma máquina possa ficar parada por tanto tempo, sem conserto. Xinguei e xingo. É uma palhaçada ter que pagar Cr$ 100,00 por uma chapa, quando o posto tem uma máquina. E quem não tem dinheiro para pagar?

Luis Ferrão

I SALÃO DE CARTUNS & ILUSTRAÇÕES DA BAIXADA

• Cartunistas de todo o Brasil: entre os dias 16 e 25 de maio será realizado o I **Salão de Cartuns e Ilustrações da Baixada Fluminense,** no Espaço Livre do Creet (Rua Nelson Ramos, 80 — Centro). Até o dia 13 de maio todos podem inscrever-se. Mande até três trabalhos, coloridos ou não, [illegible] para a rua Alfredo Soar[illegible] 19, Nova Iguaçu. O prêmio é de Cr$ 5 mil (melhor cartum e melhor ilustração). Os trabalhos vencedores serão publicados nos jornais iguaçuanos **Agora, Correio da Lavoura** e Revista **Equipe. E no Reporter.** Ah, sim! Haverá exposição entre os dias 16 e 25 Horário integral.

Luis Ferrão

Filho de Ataulfo roubou samba

A Justiça reconheceu **Esperanças Perdidas**, um dos sambas mais tocados no Brasil na década de 70 (... "não posso ficar, eu juro que não"...) é roubado. Os verdadeiros autores são Davi Moreira da Silva e Nelson Custódio Maria, que fizeram o samba em 1967 e em 11 de setembro daquele ano registraram a composição no 19º Ofício de Notas. Cada um dos parceiros ficou com uma cópia da partitura e ambos começaram a procurar quem estivesse disposto a [illegible] Ninguém fez fé no [illegible] desses compositores [illegible] anônimos, o tempo pa[illegible] nada de gravação. Mas, para Nelson Custódio Maria, as esperanças não estavam de todo perdidas e ele levava sempre consigo na pasta, entre os documentos, a partitura e a letra daquele samba em que acreditava [illegible]

[illegible] na sociedade arrecadadora de que é sócio, no Catete, e roubam-lhe a pasta. Daí a seis meses quem levou um susto foi o parceiro Davi, que estava vendo o programa do [illegible] "quando me [illegible] cantar um samba dele e de Décio Carvalho chamado **Esperanças Perdidas.** Achei engraçado a coincidência e prestei atenção: era o nosso samba, inteirinho..."

Os verdadeiros autores começaram, então, a batalha pelo reconhecimento de seu samba. Que só terminou em 1980, quando a 5.ª Câmara Cível do Tribunal de Justiça do Estado confirmou, sem [illegible]ção, a sentença do juiz da 16ª Vara Cível, que já tinha dado ganho de causa a [illegible] Davi [illegible] Nelson [illegible] até o fim quando [illegible] com alguma coisa, Davi apareceu na redação dizendo que escolheu o **REPORTER** para dar, em primeira mão, a notícia de sua vitória:

"Eu sei que vocês [illegible] de fazer essas reportagens [illegible] que arran[illegible]

ESPERTAS

DENÚNCIA DE LEITOR

Trabalhador não tem segurança no Rio-Su

Trabalhar no Rio-Sul é risco de vida

"Eu, leitor e admirador desse jornal, considero-me no direito de pedir, implorar, mandar, exigir, etc... que façam imediatamente uma pesquisa e consequente reportagem sobre as terríveis condições [illegible] impostas aos trabalhadores da [illegible] obra Shopping Center Rio Sul, que por si só [illegible] é um atentado à natureza, à cidade, à paisagem e, principalmente, ao indivíduo.

Tive oportunidade de comprovar:

o controle repressivo:

a falta de ar (sim senhor, os trabalhadores trabalham sem ar para respirar);

a falta de ventilação, que provoca temperaturas de 40 graus em ambientes fechados, sórdidos;

— a falta de água para qualquer coisa;

— a falta de instalações sanitárias: as pessoas mijam em latas, cagam em jornal e jogam no lixo;

— falta de segurança total: as pessoas trabalham sem nenhum aparato de segurança; trabalham embaixo de andaimes com tudo quanto é espécie de material caindo em cima, em meio a britadeiras e fios elétricos descasados por toda parte.

A pressa com que é feita a obra não permite que os empreiteiros cuidem da segurança no trabalho e exigem o máximo de produtividade dos operários.

Ali vocês verão os seres humanos levados às máximas consequências da degradação física e moral. E o que é pior: muitos são recrutados diretamente nas fontes de mão-de-obra "naturais": Nordeste, Minas, Espírito Santo, etc.

Denunciem as empreiteiras e seus chefes, pois eles é que [illegible]os responsáveis pelas [illegible]mas do Mão Branca [illegible] que aquilo e outras obras [illegible] que são fabricantes de [illegible] oltados assaltantes e [illegible]ficantes. Os tais empresários é que deveriam ser fuzilados. (**Pedro da Silva, Rio de Janeiro, RJ**)

• Fomos lá checar. Entrevistamos três operários. [illegible] identificaremos por [illegible] óbvios, e não deu [illegible]. Abaixo, os [illegible]

[illegible]m servente: "Não tenho [illegible]amento, durmo num [illegible]aozinho que cot pret. [illegible]alho sem descanso das [illegible] da manhã à meia-noite, com uma hora pra almoço e janta. O banheiro tá sempre fechado, eles vivem dizendo que não tem água. Então mijo numa lata e cago num jornal. Segurança, a gente não tem nenhuma. Volta e meia morre um. E não tenho carteira assinada, como 90% do pessoal que trabalha aqui".

Outro servente: "Falta comida quase todo dia. Trabalho direto e só durmo de uma às sete da manhã. Os caras da segurança vivem ameaçando a gente, e se um cabra pensa em reagir eles saem dando porrada".

Um pedreiro: "Geralmente a comida está estragada, quando tem. O alojamento para os peões é muito pequeno. Então a gente tem que dormir ao relento. Três vezes por semana fico sem dormir, fazendo hora extra, direto. O pior é que na hora do pagamento vem sempre errado. Água falta muito, quase todo dia. Além disso, a gente tem muito medo do pessoal da segurança, que bate na gente quando cisma. Um dia morreu um peão eletrocutado e na mesma hora o pessoal da segurança sumiu com o cadáver dele".

Politicagem braba na polícia paulista

Olhando os gráficos na polícia paulista, o delegado-chefe do Degran, Maurício Guimarães Pereira, resolveu aumentar a produtividade e pensou em remanejar os delegados dos distritos. Começou pelos investigadores: em janeiro, remanejou 189 tiras, e sua dor de cabeça começou aí. Dizem que ele não duraria muito. Na segunda semana de março ele transferiu 11 delegados lotados em distritos das seccionais sul, oeste e centro. De repente, um deles se enerespou: Pascoal Mantecca, que desde 1971 é o titular da 36ª Delegacia (Vila Mariana), que dá fundos para os porões do Doi-Codi.

Pascoal Mantecca foi ao comandante Milton Tavares, do II Exército, em seguida se dirigiu a Brasília, e de lá saiu uma ordem para o Maluf, que a endereçou imediatamente [illegible] [se]cretário de Segurança Pública, desembargador Otávio Gonzaga Júnior. O secretário tinha informações seguras de que havia necessidade de se transferir o delegado Mantecca, pois se tratava de mudança em setores precários. Falou com Maluf que daria toda força ao delegado Guimarães Pereira, mas passados alguns dias ele foi chamado pelo governador. "Mantecca deverá voltar para a 36ª Delegacia o quanto antes. É um pedido que não posso deixar de atender", disse Maluf a Gonzaga Júnior.

O delegado Maurício Guimarães Pereira ainda procurou o secretário de Segurança Pública, conversaram longamente e, em seguida, ele apresentou seu pedido de demissão. Maurício Guimarães, ex-jornalista, um dos delegados que colocou o ex-secretário de Segurança Pública, Erasmo Dias, na parede, numa greve de delegados de polícia, poderia dar uma boa entrevista, mas não quis falar ao **Reporter**. "Motivos de ordem ética", alegou.

Rivaldo Chinen

O pessoal do projeto Mambembinho, que apresenta peças infantis pelo Brasil, está distribuindo uns questionários para os pais que levam seus filhos ao teatro. Nesses questionários, os pais devem responder o que acham do teatro infantil, etcétera e tal. O primeiro erro já começa aí, ou seja, as perguntas são dirigidas aos pais e não às crianças, consideradas, como sempre, "uma coisa à parte." Tão à parte que às vezes eu me pergunto para quem são feitas as chatíssimas (opinião da minha filha, de seis anos) peças infantis, que parecem ser escritas por meia dúzia de intelectuais completamente alheios ao entendimento infantil. Cheios de teorias na cabeça, mas teatro infantil que é bom, picas.

É raro ver uma peça que prenda realmente a atenção da criança, que tenha o dinamismo da criança, que fale com e para a criança. Em quase três anos frequentando teatro infantil, o que eu e minha filha vemos são peças monótonas, arrastadas, como a última a que assistimos, o *Boi da Cara Preta*, do Mambembinho. Uma peça que são duas: a que está divagando pelo palco e a balbúrdia da criançada na platéia. Falta alegria, pessoal, alegria.

Chico Júnior

Prédio de Carapicuíba é um inferno

Quarenta e oito famílias de Carapicuíba são as vítimas mais novas da Cohab de São Paulo. Elas estão morando em apartamentos que compraram dessa companhia municipal de habitação, mas foram enganadas desde o começo: não puderam ver os apartamentos, compraram no escuro, e quando foram ver o que havian comprado no papel não era o que receberam para morar. Além de serem menores, mais baixos, feitos com material de terceira qualidade, os apartamentos têm vazamentos, são inundados com uma pequena chuva, o prédio não está em rua asfaltada (como mencionava o contrato), as crianças não têm onde brincar e, ainda por cima, desde dezembro os moradores têm que aguentar o cheiro de esgoto a céu aberto, atrás do prédio. Claro que já houve reclamações, principalmente de um dos moradores. Mas, em vez de ser atendido pela Cohab, ele foi ameaçado. Ele queria apenas ter direito ao que tinha comprado, mas o diretor da empresa, Celestino Bourrul Sangirardi, respondeu, em carta, que o morador estava agitando muito e que era bom parar com isso.

Visitamos o prédio — Bloco C, rua Brasília — que faz parte do Conjunto Habitacional de Carapicuíba, e constatamos que o morador tinha razão. Os apartamentos são péssimos, estreitos, mal-acabados. O prédio parece velho, mas tem apenas dois anos de vida (se bem que demorou oito anos para ser construído). Insetos, ratos, e até caranguejos passeiam sossegados, pois nenhum órgão da prefeitura se preocupou em eliminá-los.

Além disso, os moradores vivem em regime policial — e nisso se incluem todos os 40 mil moradores do conjunto. Eles não podem, por exemplo, hospedar ninguém em casa, nem parentes. Para hospedar parentes têm que pedir autorização especial com justificativa para a estada. O conjunto é árido, tem escola, mas não tem professor (o professor que chega dura pouco, logo vai embora), e foi construído para famílias de baixa renda.

Alex Solnik

PRESIDENTE DA UNE CRITICA

LUTA PARTIDÁRIA ATRASA MOVIMENTO ESTUDANTIL

Quando se pergunta às várias entidades estudantis cariocas quais as propostas do Movimento Estudantil para este ano, as respostas são parecidas: há uma campanha nacional para o aumento de verbas federais para a educação e a luta contra o excessivo aumento das anuidades nas universidades particulares. Além disso, existem programas específicos pela melhoria dos laboratórios, instalação de bibliotecas, alimentação, alojamentos e transportes para as escolas mais distantes.

Mas, na prática, nem tudo está indo como os programas mandam, principalmente por parte de alguns Centros Acadêmicos (CA) e Diretórios Centrais de Estudantes (DCE), que estão deixando de lado as recém-iniciadas lutas específicas ao quadro estudantil, para usarem as entidades em campanhas partidárias, gerando conflitos entre os membros de diretorias e deixando a maioria dos estudantes alheios e confusos. Essas campanhas partidárias vêm afetando a unificação do Movimento Estudantil, inclusive deixando preocupado o presidente da União Nacional dos Estudantes, Rui César Costa.

— Uma das questões mais polêmicas do ME é a questão dos partidos. Depois de muita discussão chegamos à conclusão de que o compromisso da UNE é com a luta oposicionista. Trabalharemos junto com os quatro partidos de oposição, no sentido de levar a luta concreta contra o regime militar e pelas reivindicações estudantis. Outra posição importante da diretoria da UNE é ser contrária à formação de movimentos estudantis de partidos. Recentemente o PMDB inseriu em seu estatuto, e fez uma reunião nacional dos estudantes, formando o movimento estudantil nacional do PMDB. Nós achamos isso perigoso, e a primeira consideração que a gente faz é que só existe um ME no país, coordenado pela UNE.

Dos 15 diretores da UNE, oito estão no PMDB e dois no PT. Para Rui, isso só é preocupante se a diretoria começar a trabalhar efetivamente por um partido, "mas isso não está acontecendo". Sobre a participação das entidades estudantis nas campanhas partidárias, Rui é totalmente contra.

— A UNE critica esse tipo de coisa. Essa questão viola claramente a deliberação do Conselho Nacional de Entidades Gerais (CONEG) e essas entidades serão criticadas pela diretoria.

No Rio de Janeiro, depois de visitarmos várias faculdades, entrevistar membros das entidades, ouvir a vanguarda, os calouros, a oposição, participar de assembléias, atos públicos e atos culturais, a conclusão é a de que o ME está bastante dividido e a participação dos estudantes na política, como um todo (inclusive a estudantil), é pequena. O que se vê é que está faltando dentro do movimento uma campanha maior de conscientização junto à massa estudantil para se chegar à luta única e nacional, como pretende a UNE.

Foto de Rogério Carneiro

[illegible] Nós somos contra a formação de movimentos [illegible] de partido. A UNE critica [illegible] tipo de coisa

A independente (não está filiada a nenhum partido) Carla, vice-presidente do CA de Matemática do Fundão (UFRJ), disse que os problemas específicos estão sendo deixados de lado.

— Os alunos de Informática lutam pela regulamentação do curso e formaram um núcleo para levar em frente sua reivindicação. Agora vem o CA e diz que a iniciativa foi dele. Aqui só querem fazer campanha partidária e nós, os independentes, estamos tentando barrar, através do voto, o que achamos errado.

O CA de Matemática é formado por 10 membros ativos, sendo cinco a favor da campanha partidária, inclusive usando o nome da entidade para a propaganda. Como cinco são contra, essa proposta foi anulada.

No CA de Engenharia o clima é bem diferente: reina a brincadeira e a gozação, mas a campanha partidária está deixada de lado. No momento, eles estão trabalhando para a realização do Congresso Interno, que será realizado neste mês de maio. Segundo Orlando Carneio, do CA, "esse congresso será o espelho do movimento na escola; se tudo correr bem, vai ser uma demonstração de que o movimento está bom; se for o contrário, é porque o movimento está uma merda.

No Fundão, as lutas têm sido isoladas. Um exemplo é o trabalho da Comissão Comunitária, criada para reivindicar melhorias no alojamento, que está em péssimas condições. Na escola do Largo de São Francisco, o ME também está dividido e o calouro sente dificuldade para entrar em um dos grupos, como diz a estudante Sarita:

— A gente quer participar, mas não consegue. E não é só aqui, é em todo movimento estudantil. A vanguarda é muito fechada e cria o distanciamento da massa dos estudantes.

Outro estudante, Fernando, também faz críticas.

— A diretoria usa a entidade, os materiais, o espaço físico para fazer a política dela. E leva aos conselhos estaduais e gerais suas posições, sem que os alunos tenham opinado.

Na UERJ parece existir maior unidade, pois a luta do momento é contra a utilização das verbas — que deveriam ser usadas na escola — para montar um aparelho repressivo, com policiais sem farda. Essa repressão vai desde a proibição de colocar cartazes nas paredes até o impedimento da volta do professor Darcy Ribeiro para fazer palestras, depois que ele criticou o baixo nível do professorado e a qualidade do ensino.

Na luta contra o aumento das anuidades, a PUC e a Veiga de Almeida estão na vanguarda. A PUC iniciou seu boicote, abrindo uma conta em nome do DCE, onde serão depositados os pagamentos das mensalidades com o aumento de 35% (tem faculdade que aumentou mais de 100%). João Diaz Rocha, do DCE, acha que "essa luta será longa, pois é necessário que o conjunto dos estudantes perca o medo e passe a pagar a escola na nossa conta". Outra iniciativa que tomaram foi ir, juntamente com a reitoria, ao MEC para fazer um pedido de Cr$ 283 milhões para cobrir as despesas da universidade. Só que até agora não receberam nenhuma resposta do ministério.

Dentro da luta contra o aumento das anuidades, a Veiga de Almeida já saiu vitoriosa, depois de passar 110 dias em greve e conseguir a redução do aumento de 180 para 42%. Foi uma luta isolada e considerada a maior vitória concreta este ano.

Reportagem de Grice Faria

PERSIANAS E VENEZIANAS
Novas e consertos. Qualquer marca.

Também fazemos fechamento de varandas, janelas e boxes em alumínio. Portas sanfonadas, cortinas japonesas e venezianas plásticas (PVC). Atende-se em qualquer bairro. *Orçamento grátis.*

Técnico: *JOSÉ EDVALDO*

Rua do Senado, 230/716 (RIO). Tels: 263-1205 e 252-2534

MERCADO FOTOGRÁFICO
COMPRA · VENDE · TROCA
MAQUINAS NOVAS E USADA HASSELBLAD • NIKON • NIKORMAT • MINOLTA • PENTAX • MAMYA • ROLLEI • CANON F1 • YASHIKA • PROJECT • 16 mm • S/8 OBJETIVAS DIVERSAS P/ TODAS MAQUINAS • PROJETORES • AMPLIADORES • FILTROS • LEICAS
R. Gonçalves Dias, 89 — 4º Andar — Tels. 232-9811 224-1185

CORREIO HETEROSSEXUAL

● Sou um garotão de 20 anos, estudante de arquitetura e muito admirador da beleza do Brasil, principalmente nossas mulheres. Gostaria que entrassem em contato comigo mulheres de qualquer idade que morem no litoral paulista ou cariocas e queiram ter minha companhia por um fim de semana. (**Cassio Artur — Caixa Postal 54.220 — CEP 01000 — São Paulo — SP**)

● **Meu hobby** é colecionar fotos de bumbuns de garotas de qualquer raça ou idade. Caso você tenha alguma foto sua que possa me remeter, ou ficaria muito grato. (**Jorge — Caixa Postal 2.626 — CEP — 01000 — São Paulo — SP**)

● Só para mulheres. Se você é uma jovem senhora enxuta e precisa de muito carinho e muito sexo e tem condições de custear as despesas, escreva-me. Sou jovem, 30 anos, moreno, sem preconceitos, e quero iniciar transas com jovens senhoras. (**Tato — Caixa Postal 2.516 — 20010 — Rio de Janeiro — RJ**)

● Casal jovem, de bom nível social e boa aparência, deseja conhecer casais com as mesmas qualidades e sem preconceitos, para um relacionamento sexual livre. Obs.: o casal deverá ser cuca feita, sem grilos de qualquer espécie e, acima de tudo, que ame o sexo total, sem compromissos ou interesses de qualquer espécie. Mandar endereço e fotografias para (**Caixa Postal 13.109 — CEP 20430 — Rio de Janeiro — RJ — Bonie & Cleide**)

● Rapaz jovem, 19 anos, deseja corresponder-se com mulheres sequiosas de prazer, que morem ou venham a estar no Rio. Escrevam para **Celso. (Caixa Postal 36.006 — CEP 20850 — Rio de Janeiro — RJ)**

● Sou um jovem de 21 anos, moreno, pré-universitário, desejo manter contatos com o pessoal da turma gay, para transas sem compromissos. Escrevam para **Charles Junior, Caixa Postal 10.058 — CEP 20000 — Rio de Janeiro — RJ**)

"Nos, os auxiliares de enfermagem, temos um órgão chamado Conselho Regional de Enfermagem — COREN — que fica na rua Pedro Guedes, na Tijuca, que só existe para levar nosso dinheiro. Não faz nada pela classe, cobra uma mensalidade de Cr$ 400,00 (e se atrasar cobra uma multa com juros e correcao monetaria) e, alem do mais, é por si só desnecessario, pois já temos nosso certificado registrado pelo MEC. Nos salvamos vidas e queremos agora uma entidade que nos ajude." (*Maria da Glória, Rio de Janeiro, RJ*)

Sobre um Brasil subjetivo e incompreensível

"Apesar das acusações feitas por setores radicais do governo, falando mil e uma besteiras sobre a imprensa alternativa, acho que ela é necessária num país em que aos poucos o povo vai conquistando seu lugar na câmara das opiniões, das críticas, enfim, do envolvimento político-social que é de direito numa sociedade que se diz democrática.

Nosso país, atualmente, é o mundo dos objetivos e dos subjetivos, palavras das quais se utiliza nosso ministro do Planejamento, quando, por exemplo, não consegue explicar por que estamos com uma inflação de 81%. Quando a televisão entrevista nossas autoridades, só conseguimos entender uma coisa: que o povo precisa se sacrificar mais ainda em prol da nação. E isso quando estamos sendo enganados por esta ridícula 'reforma partidária, cujo objetivo não foi restaurar a democracia, e, sim, enfraquecer a oposição. Quando somos chamados indiretamente de burros e idiotas, pois não podemos discernir o que é de boa ou má moral, pois a censura se encarrega de decidir.

O povo tenta entender, porém não consegue compreender." (**Laiz Caetano, Nova Iguaçu, RJ**)

"ENTREGUISMO E POLUIÇÃO"

Ando sem inspiração
Também com tanta poluição ..
Sonora, visual, na alimentação
Como conseguir concentração?

Ando tão sem alegria
Sem vontade ou filosofia...
Também, quem de categoria
Pra defender nossa ecologia?

Peixes morrendo no rio
Pássaros sem dar um pio
Nossa Amazônia por um fio
Quem assumir esse desafio?

Tanta fumaça de fábrica
Deixando nossa cara pálida...
Tanto ladrão estrangeiro
Deixando nossa boca inválida...
Tanto estrangeiro ligeiro
Deixando nossa mata cálida...
Tanto interesse por dinheiro...
Tirando nossa vida plácida...

Ando sem inspiração
Também com tanta poluição...
De gringos,gusanos, corrupção
Como conseguir concentração?"

(*Sílvia de Castro Campinas — SP*)

Exmo. Sr. Presidente da República Gen. João Figueiredo

"Que Deus o abençoe.

Dentre os milhões de brasileiros tão satisfeitos com o governo de V. Excia. encontra-se este seu subordinado. Já tenho dado provas cabais na difícil conjuntura de 1964, quando lutei com risco da própria vida em defesa dos ideais revolucionários.

Lamentavelmente tenho que recorrer à V. Excia. no sentido de fazer prevalecer a justiça. Fui reformado há mais de 20 anos por doença grave, que me tornou total e permanentemente inválido para qualquer trabalho, não podendo exercer atividades civis e não podendo prover meus meios de subsistência. Mesmo assim não foram respeitadas as condições de saúde, de chefe de família de revolucionário e nem ao menos a de cidadão brasileiro.

Tudo se iniciou por uma simples disputa de terreno assunto da competência da autoridade judiciária brasileira. Fui vítima de uma sequência de violências e medidas arbitrárias por parte de alguns militares da Força Aérea Brasileira, que usaram da própria instituição. Com a sentença do STM, julgando-se indigno com o oficialato e em consequência a cassação do posto e patente, medida inconstitucional, imposta pela Port. 005/GMI de 07 01 1980 D.O. de 08 01 1980, Pág. 342 sou considerado perante a lei como "Falecido por morte real.

Não cometi nenhum crime, nem existe contra minha pessoa sentença passada em julgado, nem atentado contra a Segurança Nacional, e nem tampouco atos demeritórios que pudessem recomendar a minha incompatibilidade com o oficialato. Por isso, a pena que me foi imposta não tem figura nem forma de juízo. Os conceitos de obediência e disciplina têm limitações e não podem ser invocados para dar cobertura, imunidades ou privilégios, a quem atenta contra a dignidade de um chefe de família honrado, contra a inocência da criança e contra os direitos e garantias previstos em leis que regem este país.

Em abril de 1976 fui punido injustamente com 30 dias de prisão, tendo cumprido oito dias incomunicáveis no xadrez do Hospital Central da Aeronáutica e 22 dias no cassino da Base Aérea dos Afonsos. Constam no Conselho de Justificação as mesmas acusações infames que provocaram a prisão. Assim sendo, fui punido duas vezes pelos mesmos motivos. Na carta enviada a V. Excia., em 06 08 1979 e que por certo motivou a tomada de medidas [illegible], denunciei uma grande parte do que vinha acontecendo. Não concordaram, porém, aqueles que se propuseram a lutar em favor do coronel Hélio Levi Ilha, com a atitude que assumi no dever e necessidade de comunicar às autoridades superiores, atitude essa que, para os covardes e [illegible] pode [illegible] atentado a princípios [illegible]plinares.

Lamento profundamente ter [illegible] usar até meios de di[illegible] com a finalidade de levar esta [illegible] conhecimento de V. Ex. Denunciei à secretaria do Ministério da Aeronáutica, em anos anteriores toda a [illegible]tenção e ameaças do coronel Ilha, e assim colocou-me com [illegible] ajuda de seus ami[illegible] diante do Conselho [illegible] depois conseguiu seu intento, auxiliado por um brigadeiro, [illegible] ministro, do STM. Tudo [illegible] bem plan[illegible] [illegible] sofrendo [illegible] filhos [illegible] [illegible]dades e [illegible] a V. Excia. que sejam [illegible] [illegible] que estão [illegible] (parte) há mais de dois anos, e o restante desde janeiro do corrente. Em nome da lei, faça com que sejam (respeitados) os direitos adquiridos.

Não será, portanto, ao lado de homens capazes da prática de tamanha brutalidade que V. Excia. terá o caminho aberto para levar este país a uma democracia.

Em nome dos ideais revolucionários, clamo por justiça e solicito à V. Excia.que sejam atendidos os pedidos feitos na carta dirigida também ao sr. ministro da Aeronáutica. Subscrevo-me atenciosamente, esperando que meu presidente tenha entendido o desespero de um oficial e pai de família injustiçado. (**Milton Mascaro, Rio de Janeiro — RJ**) "

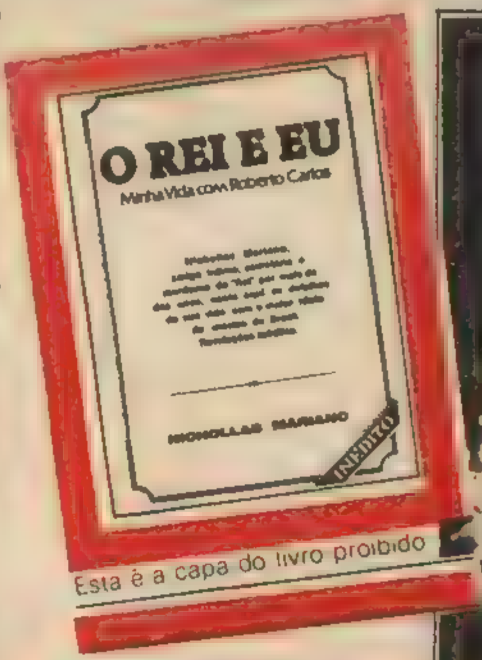
● **Pra quem não sabe, a história (já publicada duas vezes no REPORTER) é a seguinte: o ex-tenente Mascaro acusa o coronel Ilha de ter usado seu poder dentro da FAB para conseguir a posse de um terreno que Mascaro diz ser seu e onde mora com a família.**

OS SEGREDOS DE ROBERTO CARLOS

PROCESSO CONTRA EX-MORDOMO É SECRETO. NOVA AUDIENCIA EM MAIO

Segredo de Justiça. O processo criminal em que Roberto Carlos acusa seu ex-amigo José Mariano da Silva (ou Nichollas Mariano) de injúria e difamação não pode ser visto por ninguém. José Mariano escreveu um livro — **O Rei e Eu** — onde descreve o tempo em que foi, desde propagandista e secretário, até mordomo de Roberto Carlos. Antes de ser lançado, o cantor brecou o livro na Justiça.

O processo corre na 9.ª Vara Criminal de São Paulo. Os funcionários do Forum ficam assanhados só de ouvir falar nesse processo, mas não podem contar nada. Só sabem que a próxima audiência está marcada para este mês de maio. O advogado de José Mariano — Antônio Cláudio Mariz de Oliveira — também não quer falar sobre o caso. Nem sabe como encontrar seu cliente para ser entrevistado. As informações sobre seu endereço são vagas. No Forum, suspeita-se de que mora no Rio — sem endereço certo. O advogado não revela o endereço de jeito nenhum. Apenas confirma que seu cliente está com sérias dificuldades econômicas.



Esta é a capa do livro proibido

O livro não foi escrito por outra razão: dinheiro. Depois do rompimento com o ídolo (José Mariano foi despedido), ele não conseguiu trabalhar em mais nada, não conseguiu sobreviver, quase se torna alcoólatra. Pois tinha passado uns vinte anos vivendo em função da carreira de Roberto Carlos.

Como literatura, o livro não tem muito interesse. Interessa, sim, porque mostra de que maneira começa a carreira de um ídolo da música e como a imagem que o público tem dele é diferente de como ele é. O começo, por exemplo: José Mariano conta que era discotecário da rádio Carioca, do Rio de Janeiro, quando recebeu o primeiro disco de Roberto Carlos — **Louco por Você** — e simpatizou com as músicas e com o cantor. Resolveu dar uma força pro Roberto: não só tocando suas músicas nos programas da rádio, como também entrosando-o no meio. Foi assim que ele apresentou a Roberto a filha do dono da rádio Carioca, Magda Fonseca, que acabou namorando o cantor.

Coisas incríveis Mariano fazia para Roberto aparecer no mundo do disco. Naquela época — início da década de 60 — o quente eram os programas de rádio, com muitos concursos tipo "novo ídolo da juventude". Era importante ganhar esses concursos, como também tocar as músicas de Roberto nos programas. O esquema de Mariano era muito simples: ele mesmo e um grupo de fãs (que tinham simpatia por Roberto, mas que davam despesas, como Mariano confessa) "fabricavam" votos: escreviam cartas — milhares delas — para os concursos a fim de eleger Roberto "rei da juventude"; e telefonavam para os **disc-jockeys** pedindo para tocar músicas de Roberto.

Mas o sucesso não foi tão rápido. **Malena, Suzi, Triste Abandonado** foram alguns nomes de músicas que não pegaram, anteriores a **Splish Splash**, o primeiro e relativo sucesso. Enquanto batalhava esses discos, Roberto tinha como sobreviver: batia ponto no Ministério da Agricultura, no Rio. Mariano, secretário e amigo, vivia na casa de Roberto, junto com a família do cantor: dona Laura, mãe de Roberto, o pai (falecido) e o irmão.

Mariano e Roberto eram amigos, faziam planos. Iriam ficar ricos (juntos), teriam belos carros. A obsessão por carros, em Roberto, não é só promocional. Ele realmente sonhava com um carrão logo que ficasse famoso. Mas seus sonhos iam além. Ele teria que ser o maior cantor do país, conquistar o primeiro lugar. Enquanto Roberto sonhava, Mariano agia: até balconistas de grandes lojas do Rio eram cantadas pelo secretário (os meios ele não revela) para encher vitrinas com os discos do amigo.

Alegres (e trágicas) excursões são lembradas. Excursão era se apresentar em circos no interior do Estado do Rio, ou, no máximo, em auditórios. Uma vez, quase houve linchamento, quando Roberto chegou três horas atrasado a um **show** em Teresópolis. Quando chegou, teve que fugir porque havia gente querendo pegar de pau tanto Roberto quanto Mariano.

A carreira começou a ficar séria depois de **Calhambeque**. Foi uma coincidência: Erasmo Carlos apareceu na casa de Roberto com a versão de uma música italiana que falava em carro, justamente na época em que Roberto tinha batido seu carro numa viagem, acidente do qual resultou uma morte. Apesar de seu amor pela velocidade, como Mariano explica, o cantor ficou chocado com a morte que provocou e ficou uns dois meses sem querer cantar. Quando Erasmo apareceu com a letra de **Calhambeque**, Roberto ficou animado e a música explodiu no país.

As portas começaram a se abrir. Empresários famosos procuravam contratar Roberto, que decidiu se mudar para São Paulo, onde tinha mais chances de crescer. Mariano ficou no Rio. E aí começou a separação dos dois amigos. Roberto criou seu próprio esquema de empresários e assistentes, no qual Mariano não estava incluído. Mariano não podia acreditar no que via: tinha dificuldades até para chegar ao ex-amigo. Era o início do ídolo.

Para a amizade não acabar totalmente, Roberto convidou Mariano para ser seu mordomo no apartamento que tinha acabado de comprar em São Paulo. Mariano topou na hora. Só pra ficar ao lado de Roberto. Não exigiu nenhuma regalia, ele que tinha até uma procuração de Roberto com a qual podia até movimentar a conta bancária do cantor. Passou a atender as milhares de pessoas que procuravam Roberto; mulheres que queriam sexo (e até se ofereciam antes a Mariano, com a condição de ter Roberto depois), gente que queria empréstimos ou oportunidades. Mariano tomava conta da casa, acompanhava dali a carreira do amigo. Desfrutava do grande sucesso: tinha o direito, por exemplo, de escovar os dentes com uísque escocês em vez de água.

Dinheiro não faltava. Milhares de cruzeiros eram esquecidos nas gavetas. Todos os caprichos podiam ser satisfeitos. Uma vez, por exemplo, Nice Rossi, a mulher de Roberto, telefonou do Rio e mandou Mariano vir de São Paulo, urgente, num táxi-aéreo só para ele dizer para ela, na frente de Roberto, com quem o cantor estivera tal dia, tal hora. Mas não foi só por isso que Mariano não gostava de Nice: não simpatizou com ela desde o primeiro dia. E por causa dela foi despedido: confessou a Roberto que não gostava de Nice, e o amigo falou que não podia trabalhar na sua casa quem não gostasse de sua mulher. Foi o suficiente para tudo acabar.

Alguma superstição? Pode ser. Mariano conta que Roberto acreditava em muita coisa. Nunca pronunciava, por exemplo, a palavra "azar"; dizia "falta de sorte". Não usava roupa de cor marrom ou roxa. Não voltava a fita do gravador. Não tirava do peito o medalhão. Acreditava que certas pessoas traziam sorte e por isso colocava músicas delas em seus LPs. Mas o sucesso também trouxe a paranóia. Quando Ronnie Von estava para ser lançado, Roberto imaginou que era um plano para acabar com ele. Preocupado mesmo, fez até uma música — **Querem acabar comigo** — baseada nesse acontecimento.

O capítulo das aventuras amorosas de Roberto não é muito explorado no livro de Mariano. Ele conta apenas suas relações com uma cantora, cujo nome não é revelado, mas a descrição só pode ser de Maysa. Mariano não fala nada sobre o caso com a atriz Iris Bruzzi, por exemplo. Diz, sim, que o apetite do cantor não era dos menores, e o que atrapalhava mesmo nessas horas era a perna: tanto que ele dificilmente tirava a roupa.

Todo mundo fala da perna de Roberto, mas ninguém sabe com certeza. É o maior grilo dele, segundo Mariano. Ainda menino, com 10 anos, Roberto teve a perna esmagada por um trem, em Cachoeiro do Itapemirim, onde nasceu. A partir daí ele sempre tentou esconder o problema de todo mundo, até do grande amigo Mariano, que só ficou sabendo de tudo quando virou mordomo. Um dia, Roberto pediu para ele ajudar a colocar a perna mecânica. Quebrado o gelo, Mariano até levava a perneira para ajustar num especialista no Rio, o **Alemão**. Mas para os outros, Roberto não mostrava sua perna nunca. Uma vez umas moças viram, pelo muro da casa, o cantor na piscina, de **short**: Roberto ficou tão irritado que no dia seguinte pôs a casa à venda.

José Mariano virou Nichollas porque foi o melhor nome de mordomo que encontrou (Nichollas era o nome do filho da Brigitte Bardot). Quando foi pro olho da rua, ainda sobreviveu um pouco da fama de ter sido "mordomo de Roberto Carlos". Foi até lançado como cantor, gravou uns discos. Mas não durou muito. Tentou outras profissões, vendeu livros, abriu inferninhos, foi garçom, trabalhou em computadores, foi juiz de futebol, gerente. Nada deu certo.

Mariano ainda teve que pedir a Roberto que lhe arranjasse um emprego, com que o cantor concordou, mas nunca cumpriu. Desesperado, na pior, Mariano lembrou-se da velha procuração, foi ao banco e retirou Cr$ 3 mil da conta milionária. Roberto ficou sabendo e não aceitou desculpas: cancelou a procuração e rompeu definitivo com Mariano.

REPORTER

Alex Solnik

REPORTER

Junho de 1980-ano III-nº 30 - Cr$30

AUTÔNOMO INDEPENDENTE

R.G. do Norte começou o controle da natalidade

GOVERNO ESTERILIZA MULHERES

P.3

Fotos na P.22

NUS NO VESTIÁRIO

Virus misterioso ataca no Rio

Escola Americana foi fechada

P.6

OBJETOS SEXUAIS

Indústria do prazer fatura milhões

P.18

CAMPANHA CONTRA OS NANICOS

O governo começou uma campanha para acabar com a imprensa alternativa. A imprensa que faz oposição. Usando como pretexto os abusos que teriam sido cometidos pelo Jornal carioca **A Hora do Povo** — acusado de publicar falsas listas de autoridades brasileiras que tinham conta bancária na Suíça —, o ministro Said Farhat, das Comunicações Sociais, declarou: a legislação atual é frouxa porque não permite adequada reparação de danos morais provocados por matérias jornalísticas nem responsabiliza diretamente os jornalistas que distroem fatos.

Como remédio, o ministro propunha uma nova Lei de Imprensa, mais dura, facilitando a rápida punição judicial dos autores de artigos "injuriosos". Ao mesmo tempo, os jornais anunciavam que, novamente, o Palácio do Planalto estudava medidas econômicas para asfixiar os jornais nanicos. A idéia é dificultar-lhes o registro, exigindo das editoras que os sustentam "idoneidade," "responsabilidade empresarial" e, o mais importante, elevado capital mínimo para funcionamento.

Um verdadeiro cerco, que procura desarticular uma área de oposição, e repete o que já foi feito com os partidos políticos, pelas restrições ao registro das legendas, e com os sindicatos atuantes, através da intervenção no ABC e da cassação dos líderes metalúrgicos.

Os assessores da ofensiva a qualificam de pedagogia legalista. Podia ser também falsa gentileza, cinismo ou hipocrisia se não fosse o que é: uma tentativa de bloquear a manifestação de crítica, de independência, de oposição ao regime, de todos os setores ligados ao movimento popular.

Nem a Lei atual é frouxa nem **A Hora do Povo** é responsável pelo endurecimento. Pela Lei de Segurança Nacional, que atinge a imprensa, e pela Lei de Imprensa, o governo pode: (1) processar jornalistas que ferirem o "espírito" da Segurança; (2) suspender o registro do jornal no Cartório das Pessoas Jurídicas; (3) cassar profissionalmente os responsáveis por publicações apreendidas, ou que tiverem registro suspenso, impedindo-as de comandarem outros jornais ou revistas; (4) impedir que empresas que tiverem registros suspensos editem novas publicações no mesmo gênero; (5) apreender jornais e revistas nas bancas antes de consultar a Justiça. Enquadramento sumário. Pessoal, profissional, administrativo e econômico. O que falta mais? Camisa de força, polícia na redação?

O governo coloca falsamente a questão da responsabilidade. Se as leis fossem elaboradas democraticamente e os tribunais fossem autônomos e independentes, a Justiça estaria apta a condenar a leviandade da imprensa.

O ministro e suas declarações antecipam apenas mais um pacote, talvez o de junho, desse governo que veste a paisana para disfarçar o porte militar.

Moças — rapazes

Para trabalho no Censo de 80, sem prova, mediante inscrição no PDS. Salário a partir de Cr$ 15 000,00 mensais. Infs. na Rua André Cavalcanti, 106.

CENSO DE 80: SÓ TRABALHA QUEM É DO PDS

O governo vai usar o Censo de 1980 para aumentar as bases municipais de seu partido, o PDS, empregando recenseadores sem concurso, desde que eles se filiem à sua legenda. A denúncia foi feita por deputados da Oposição e confirmada pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, que revelou a influência, nas indicações, de Guilherme Romano, o homem do general Golbery, ministro da Casa Civil, no Rio. Jessé Montello, presidente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), entretanto, afirmou que haverá concurso, mas não comunicou a data. O diretor do Instituto que organizava a seleção demitiu-se. No dia 27, num pequeno anúncio publicado no jornal *O DIA*, a Escola de Estatística do IBGE pedia "moças e rapazes para trabalho no Censo de 80, sem prova, mediante inscrição no PDS. Salários de Cr$ 15 mil". A prova concreta. E a responsabilidade, ministro? Manipular emprego público não é crime?

REPORTER

EDITORES — Alex Solnik, Chico Júnior, Luiz Alberto Bettencourt, Pipsi (Arte)

REPORTAGEM — Rio de Janeiro: Tim Lopes, Marcos Dantas, Vera Lúcia Dias, José Antonio Nonato, Sergio Danilo, Grice Faria. **São Paulo:** Rivaldo Chinen, Teresa Moreira, Gleise de Castro, Hélio Belik, Silvio de Souza. **Recife:** Eduardo Homem, Beth Salgueiro. **Salvador:** Marcus Vinicius Bettencourt

FOTOGRAFIA — Rio de Janeiro: Chiquito Chaves, Roberto Musauer, Rogério Carneiro. **São Paulo:** Wagner Avancini, João Bittar, Cristina Villares, Ricardo Giraldez, Hélio Campos Mello, Eliana Pastore. **Recife:** Valdir Afonso

REVISÃO — Maria Teresa Martins Pinto

ARTE — Analuce Estrela, Guidacci, Maurício Veneza

CIRCULAÇÃO — Eduardo Curi

PUBLICIDADE — Carlos Sarmento

DEPARTAMENTO JURÍDICO — Modesto da Silveira, Luiz Celso Araújo e Luís Eduardo Greenhalg

REPORTER Autônomo Independente é uma publicação da Margem Editoria e Programação Gráfica Ltda. **Rio de Janeiro** Rua Miguel Couto, 134 11.º andar tel 253-5038. **São Paulo:** Rua Santa Izabel, 33 8.º andar, tel: 222-3103

Composição, fotolito e impressão — Editora Mory Ltda. Rua do Resende, 65, Rio de Janeiro.

Distribuição — Fernando Chinaglia S A. Rua Teodoro da Silva, 907, Rio de Janeiro

Maria da Guia França, 31 anos, foi uma das primeiras brasileiras esterilizada na Maternidade Januário Cicco, em Natal, pelo novo sistema chamado Anel de Yon, criado por médicos americanos e introduzido no Brasil pelo Projeto Hope, em janeiro deste ano. Quatro mulheres pobres são esterilizadas toda semana em Natal, onde está sendo feita a primeira experiência de controle da natalidade do país. Veja nesta reportagem: quem são as mulheres esterilizadas; o que pensam os médicos; qual é a posição da Igreja; e que os governadores do R.G. do Norte são escolhidos, desde 1973, conforme sua simpatia pelo controle de natalidade.

MÉDICO AMERICANO ENSINOU OPERAÇÃO

Governo do R.G. do Norte esteriliza mulheres

CONTROLE DE NATALIDADE JÁ COMEÇOU

Reportagem de Beth Salgueiro. Fotos de Valdir Afonso

Estão esterilizando as mulheres mais pobres do Rio Grande do Norte, Estado escolhido pela Benfam (Sociedade Civil de Bem-Estar Familiar) para iniciar o programa de controle da natalidade no país. Na Maternidade Escola Januário Cicco, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, onde foi fundada a primeira clínica da Benfam no Estado e onde são preparados futuros ginecologistas, todas as tardes de quarta-feira são feitas quatro operações gratuitas de ligaduras de trompas por um método sofisticadíssimo, pelo qual a mulher não sente dor e pode ir para casa no dia seguinte.

O método está sendo utilizado pela maternidade desde janeiro. Nele, o médico se utiliza do laparocópio, um aparelho até então de uso restrito aos diagnósticos de tumores abdominais, mas agora adaptado pelos cientistas da universidade americana John Hopkins, de Nova Iorque, na colocação de um anel de metal no canal da trompa, impedindo a fecundação. O método foi desenvolvido por um professor de nome Yon, daí receber o nome de anel de Yon.

O médico Iaperi Araújo — professor da Maternidade Januário Cicco — participou na Universidade John Hopkins de um curso sobre avanço em saúde reprodutiva e, na volta, trouxe consigo o aparelho, que apesar de ser caríssimo, com um custo estimado em Cr$ 500 mil, veio de graça para Natal. Um presente dos americanos do Projeto Hope, palavra cujo significado é "esperança".

Com o laparoscópio veio um médico americano, que de janeiro a fevereiro deste ano ensinou ao dr. Iaperi Araújo como usá-lo corretamente. Nesses dois meses, 12 mulheres serviram de teste para o professor e o aluno. O dr. Iaperi, conhecido em Natal como pintor abstracionista e eventual crítico de arte, nunca é encontrado para falar sobre o assunto. Mas o diretor da maternidade, professor Leide Morais, faz questão de explicar que "a Benfam não tem nada a ver com isso". Ele confirma a esterilização de mulheres na sua maternidade, mas diz que "a coisa não é feita assim tão descuidadamente, pois temos nossos critérios, quais sejam: só realizar a operação em mulheres com mais de 30 anos e um mínimo de três filhos, e depois que elas tenham sido liberadas pela junta médica que examina previamente todas elas. Damos preferência às que apresentarem alto risco na gestação, como as diabéticas, as cardiopáticas ou as com problemas renais graves".

O dr. Leide Morais considera o método do professor Yon como o mais viável em termos de planejamento familiar, não só porque necessita apenas de anestesia local e poucas horas de repouso para a paciente, como principalmente porque é reversível:

— No momento em que a paciente desejar ter filhos novamente, é só retirar o anel e o canal da trompa voltará a funcionar como sempre.

Ele não conseguiu comprovar ainda essa irreversibilidade, pois faz só cinco meses que as operações começaram e nenhuma das 72 mulheres esterilizadas até agora voltou para desfazer a operação.

O celeiro das cobaias é a favela de Mãe Luíza, um morro que fica entre o mar e o privilegiado bairro do Tirol, a poucos minutos do Centro de Natal e a dois passos da maternidade. Ali mora Maria da Guia França, de 31 anos, uma das primeiras a usar o

A operação em Maria da Guia foi feita pelo dr. Iaperi Araújo

Francisca quer ser operada

anel de Yon. Ela é servente da maternidade, tem três filhos e está muito feliz na sua nova condição de mulher estéril.

Como servente, seu salário é de Cr$ 2.300,00 mensais que, somados aos biscates do marido pedreiro, atualmente com a perna quebrada, mal dão para viver na casa de apenas dois cômodos. O filho maior tem quatro anos.

Cobaia do anel de Yon conta tudo

— Minha mãe teve 13 filhos — diz Da Guia — e eu, desde oito anos, fui obrigada a trabalhar na casa dos outros para ajudar a segurar a barra em casa com meus irmãos menores. Não queria isso pra mim. Tomei pílula dois anos, dada pela Benfam, mas passei mal e o médico mandou parar. Quando apareceu por lá aquela história de operação, eu comecei a pensar muito no assunto.

Ela pensou mesmo. Ficava com medo da anestesia, mas o dr. Iaperi conseguiu convencê-la de que tudo ia dar certo, e ela decidiu fazer do dia pra noite:

— Corri em casa, peguei a autorização do meu marido e me internei. Não precisei nem fazer exame médico.

Quem operou Da Guia foi o americano, com o dr. Iaperi ao lado, observando. Antes, eles lhe deram um remédio que encheu de gás seus intestinos, para que os médicos pudessem ter certeza onde cortar. Depois, abriram um pequeno orifício abaixo do umbigo, introduziram o laparoscópio — que tem uma luz muito potente para observar o interior da cavidade abdominal — e em meia hora ela estava esterilizada. No dia seguinte tinha muitos gases, mas não sentia dor e estava em casa.

— A operação só é feita nas quartas-feiras porque é o plantão do dr. Iaperi. Ele trabalha tanto, coitado! É uma atrás da outra, fora os casos normais da maternidade. E não chega pra quem quer. Até julho não tem mais vaga pra operar. Essa operação pode ser feita com até três meses de gravidez. Foi o que ele disse a uma amiga minha. Disse que o neném nasce, mas ela não terá outro.

Quem não está satisfeito com o dr. Iaperi é Francisca de Sá, quase vizinha de Da Guia. Ela sonha em pôr o anel de Yon, embora nem desconfie o que seja isso. Mas o médico se recusa porque ela tem apenas 29 anos. Seu perfil médico é terrível: em 1971 foi no posto da Benfam e colocou um DIU, ficando dois anos com ele, sem exames, até que passou a ter muita dor e febre. No pronto-socorro, os plantonistas perceberam que o DIU estava infeccionado. Depois, sem qualquer controle, engravidou e teve uma filha. Dois meses depois foi ao posto da Benfam de novo e recebeu uma caixa de Ovular, um anticoncepcional que já foi tirado do mercado. Como perdia sangue direto, parou e teve outra criança. De novo recebeu outro anticoncepcional da Benfam, dessa vez Neovlar, mas com esse menstruava de 15 em 15 dias. Mudou para Anfertil e sentia muita dor. Mudou outra vez para Anaciclin, e outra vez teve hemorragias.

Araken acha que Inamps deve distribuir o DIU

Médico quer programa no Brasil todo

— Aqui no Rio Grande do Norte estamos fazendo a mais importante experiência de planejamento familiar do Brasil. Estamos com **know how** bastante para orientar as autoridades federais quando for iniciado o programa de controle da natalidade a nível nacional.

Quem fala assim é o coordenador dos programas de saúde da Secretaria de Saúde do Estado, médico George Tarcísio, um simpático e jovem doutor, descaradamente orgulhoso do trabalho que faz em conjunto com a Benfam. Embora diga que o governo "faz um planejamento, dá uma opção às famílias de terem quantos filhos desejarem", de vez em quando ele escorrega no vocabulário e acaba dando ao programa o nome correto de controle da natalidade.

O diretor da Benfam no Rio Grande do Norte, que controla o maior número de funcionários e clientes cadastradas da entidade, o também médico Araken Irerê Pinto, concorda que pode oferecer essa experiência ao país, e chega ao ponto de dizer que "as autoridades darão uma prova de burrice se não procurarem utilizar-se da nossa experiência, que não é nada mais nada menos que uma continuação da experiência mundial em planejamento familiar".

Enquanto George Tarcísio, como pessoa ligada a um organismo oficial, acha bem provável que o Brasil vá adotar a experiência da Benfam — "a gente não deve questionar muito as ligações desses organismos; se eles podem atender os nossos objetivos, vamos com eles; é claro que mantendo as nossas condições" — Araken Pinto vibra e sonha com a idéia de poder trabalhar a nível nacional com a rede do Inamps.

— A Benfam passa, no momento, por uma fase de estrangulamento. Estamos com pouco dinheiro. O IPPF (International Parent Hood Planning Foundation), que financia nossos programas, está diminuindo a verba, o que é natural. O Estado é que está cobrindo as nossas despesas. Se o governo federal entrasse nessa, seria o ideal.

O dr. Araken é um ardente defensor do DIU (Dispositivo Intra-Uterino) como método anticoncepcional. Diz que, a princípio, usou bastante no Rio Grande do Norte, mas parou, não por causa das pressões da Igreja, como se comenta, mas porque esse método exige uma estrutura médica muito sofisticada e, inclusive, o produto não é fabricado no Brasil.

— Mas se o governo federal quiser, pode importar facilmente. O Inamps dispõe de uma estrutura maior e um grande número de médicos, que poderian fazer o controle das pacientes com DIU na maior tranquilidade.

As pílulas são mais práticas para o dr. Araken, mas ele é a favor de novas experiências, e com os comprimidos não dá para ir mais longe.

— Até o final do século não aparecerá nada de novo em matéria de pílula anticoncepcional. As fontes de matéria-prima são muito caras e os laboratórios não estão dispostos a arriscar. Dizem que a ONU agora vai patrocinar uma pesquisa, mas em todo caso é coisa para longuíssimo prazo.

Por isso o dr. Araken quer brigar pelo DIU, que tem, segundo ele, 99% de eficácia.

Diz que às vezes fica desanimado de ver "tanta incompreensão e egoísmo nesse mundo", e que as pessoas não entendem que ele e a Benfam só querem "atender as necessidades de milhões de nordestinos desinformados".

— O cara que mora em Ipanema, que tem dois filhos e vive muito bem é quem faz um artigo contra a Benfam, esculhambando uma coisa que ele mal conhece. A esse pessoal eu informo que a China comunista tem um dos melhores programas de planejamento familiar do mundo e que Cuba, a Cuba tão endeusada da esquerda, também tem convênio com o IPPF.

Planejamento: exame rápido, pílula na mão

Posto de Saúde de Igapo, área da periferia de Natal. Nas paredes, cartazes mostrando uma família pequena, com dois filhos bem alimentados, alegres, felizes, e os pais sorrindo. Sobre suas cabeças, a frase: "Planejamento Familiar. Um direito de todos, um dever de cada um".

Na sala, muitas mulheres sentadas esperam na fila a hora de receber pílulas anticoncepcionais. Seus filhos não são nem um pouco parecidos com as crianças do cartaz. São crianças barrigudas, pálidas e quietas. Não sorriem, ficam agarradas à saia da mãe. Dona Alizete, a distribuidora, faz a ficha de uma novata. Pra quem já é cliente antigo, ela dá três caixas de Neovlar e pede que volte daqui a três meses com as caixas vazias, que são o sinal de que a paciente seguiu o tratamento. As novatas fazem uma ficha com alguns dados medicos e recebem uma caixa. No mês seguinte é que será feito um exame medico. Dona Alizete olha somente se a mulher tem varizes, ou anemia, ou pressão alta. Diz como se toma a pílula, recomenda que se ela sentir alguma coisa deve voltar pra fazer um exame e manda embora com os comprimidos. Admite que muitas mulheres não dizem que se sentem mal "com medo do exame medico".

Rosa ja recebeu as três caixinhas e esta indo pra casa. Faz três anos que ela usa esse metodo. Primeiro, tomava Evanor, mas ficou com uma inflamacão e parou por ordens medicas. Então teve uma criança. Agora, toma Neovlar e diz que esta se dando bem.

— Estou mais gorda e algumas vezes sinto tonturas, mas a moça disse que é assim mesmo.

As outras sorriem, não falam, dizem apenas que é bom tomar pílula, porque "filho demais é castigo".

Os primeiros contatos da Benfam com a população são feitos nos dias de distribuição de alimentos no INAN (Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição), quando as educadoras fazem palestras, projetam filmes e distribuem panfletos para a população. O material de propaganda dá enfase ao fato de que é ruim pôr muitos filhos no mundo se não se tem condições de alimentá-los e educá-los. Nunca se fala que o ideal seria os pais terem um salario descente que permitisse criar quantos filhos quisessem ter. O folheto que conta a historia de João e Maria e o mais procurado. Numa historia em quadrinhos colorida e comunicativa. João pensa que, com o dinheiro que ele gastaria criando três ou quatro filhos, pode comprar uma casa, uma televisão, etc. E que terá sempre uma mulher bonita e bem tratada, com quem ele dormirá satisfeito à noite.

Depois das palestras, a família e convidada a visitar o posto de saude e escolher o método que deseja utilizar. Nos filmes, ela é apresentada a varios metodos, mas na verdade so dispõe mesmo é da pilula.

No Estado, Benfam tem apoio oficial

A principal força e característica do controle da natalidade no Rio Grande do Norte é que existe um convênio colocando à disposição da Benfam toda a rede de hospitais, maternidades, postos de saúde, minipostos e outros recursos da Secretaria de Saúde. Além do apoio que é dado pela universidade, da qual o diretor da Benfam é professor.

O convênio foi assinado no governo de Cortez Pereira (70-75), que já no final do mandato percorria o sertão inaugurando postos da Benfam e discursando ao povo. Um de seus discursos mais conhecidos e escandalosos tem um trecho que diz o seguinte: "Antigamente havia assuntos proibidos. Hoje, não. Principalmente este, que o povo tem o dever e a necessidade de conhecer para viver melhor. Sabe lá o que é ouvir o grito de um filho pedindo pão e não ter pão para dar? Jogar filhos no mundo para que eles se arrastem pela vida é realmente ferir a dignidade humana... Não tenham medo, pais, não tenham medo, mães, procurem a clínica de planejamento familiar. Assim vocês estarão fazendo a coisa mais certa na vida, evitando ter filhos desgraçados, sofridos e angustiados".

Com Cortez Pereira era tudo às claras. A Benfam existia, o governo apoiava e pronto. O diretor do órgão, Valter Rodrigues, chegou até a receber no seu governo o título de "Cidadão Potiguar". Quando o governador seguinte, Tarcísio Maia, assumiu, houve uma expectativa, pois ninguém sabia o que ia acontecer. Mas ele escolheu para vice-governador o médico Genibaldo Barros, ex-secretário de Saúde, signatário do convênio com a Benfam. Então, continuava tudo bem. Houve apenas uma mudança estrutural, que foi a estadualização do órgão. Ou seja, a Secretaria de Saúde assumiu as atividades da Benfam e lhe deu o nome de Programa de Mobilização dos Recursos Comunitários para o Planejamento Familiar. E o secretário de Saúde de Tarcísio Maia é o atual governador, Lavoisier Maia.

Segundo o presidente da Comissão de Justiça e Paz do Rio Grande do Norte, Dermi Azevedo, há duas fases distintas de atuação da Benfam:

— A primeira vai de 1973 a 1978, quando o organismo agia abertamente; a outra se conta a partir de 1978, quando a estrutura de saúde do Estado assumiu o programa. Atualmente, ninguém sabe onde acabam os limites de uma e começam os da outra.

Essa mudança estrutural implicou também uma mudança filosófica da instituição, e eles passaram a fazer seminários, para os quais eram convidados todos os líderes da comunidade, os reais e os potenciais. Para Dermi Azevedo, isso é "gravíssimo".

— A partir daí começou a existir uma elite pensante de acordo com a filosofia da Benfam no Rio Grande do Norte. Está todo mundo domesticado. Os jornais são comprados e as notícias alteradas a favor da Benfam. Então, todos sabem o que acontece e denuncia-se — porque ainda existem pessoas que denunciam — mas fica por isso mesmo.

O presidente da Associação dos Profissionais Médicos, Hermano Paiva, é um dos que sempre denunciam a Benfam aos jornais. Ele é contra os métodos drásticos utilizados, principalmente porque diz que "a pílula mais fraca contém 50 vezes mais hormônios do que o organismo necessita".

— No início do programa aqui em Natal eles colocavam o DIU. Fizemos tanto alarde, que eles pararam. Mas sabemos que existem pelo interior muitas mulheres que ainda usam o DIU, remanescentes dessa época, sem exame médico. Devem estar infeccionadas e não sabem.

Igreja era a favor. Agora é contra.

A Igreja do Rio Grande do Norte, representada pelo arcebispo Dom Nivaldo Monte, é hoje a mais ferrenha adversária da Benfam no Estado. Mas não foi sempre assim. No princípio, até os primeiros anos da década de 70, era comum ver-se o arcebispo em contatos amistosos com médicos e a diretoria da Benfam. Dom Nivaldo até participou de um congresso sobre planejamento familiar em Londrina, no Paraná, em 1973. Mas a partir dai sua atuação passou a ser de combate, e hoje não perde uma oportunidade, uma entrevista aos jornais, em que possa descer o malho nos métodos da Benfam.

Dom Nivaldo: povo precisa de alimento

— Minhas divergências com eles estão nos métodos que eles usam — diz Dom Nivaldo. — Antes, dei meu apoio porque imaginava que os propósitos da Sociedade Civil de Bem-Estar da família eram puramente educativos, de levar uma opção de planajamento às famílias brasileiras, coisa que a Igreja aceita.

Mas a partir do momento em que começaram a usar pílulas anticoncepcionais indiscriminadamente, Dom Nivaldo Monte, um arcebispo considerado reacionário pelos setores liberais, tomou posições mais avançadas. Em 1974 ele pediu intervenção federal no programa da Benfam. E hoje ele brada:

— O importante não é limitar artificialmente a natalidade, mas alimentar o povo, diminuir a pobreza, porque é fato mais do que sabido que as deficiências biológicas são os fatores mais preponderantes da fecundidade.

Dom Nivaldo vê uma "incongruência" da parte do Estado em relação ao controle da natalidade e o apelo erótico.

— Enquanto se freia a fecundidade, distribuindo-se pílulas e colocando-se DIUs como quem come pão, dá-se uma ênfase desesperada às propagandas com apelo sexual e erótico. Então, o que se quer? Um povo oprimido, que vive em condições indignas, faminto e, portanto, muito fecundo, é solicitado a todo momento a procriar através do rádio e da televisão. Depois disso é que tentam pôr um freio à vida. Está tudo errado. Devia-se dar alimento — físico e espiritual — ao povo.

Planificação familiar é para dar lucro

Em um de seus documentos, a Benfam dá os motivos de sua criação: "preocupando-se com o bem-estar da família, foi a Benfam fundada em novembro de 1965, com as seguintes finalidades básicas:

— planejamento familiar;

— combate ao aborto provocado por emprego de métodos anticoncepcionais;

— tratamento do casal estéril;

— detecção precoce do câncer ginecológico.

Na verdade, não foi bem isso. Em maio de 1965, grande número de sociedades civis com fins lucrativos, destinadas ao controle da natalidade em algumas dezenas de países, reuniram-se em Genebra, à sombra do IPPF (International Parent Hood Planning Foundation), para avaliar o êxito de seus programas. Ali, perceberam que o único grande país do mundo que não tinha uma entidade de planejamento familiar era o Brasil

Em novembro daquele ano, durante a 15.ª Jornada Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia, no Rio de Janeiro, nascia a Benfam. Seu principal objetivo — segundo o presidente da Sociedade de Ginecologia e Obstetrícia, e depois secretário-executivo da Benfam, médico Valter Rodrigues (hoje, o diretor da entidade) — era "ajudar os brasileiros a planejar sua família (um direito humano básico) e combater o aborto". A Benfam nascia, assim, com o aval de uma instituição de saúde.

No ano seguinte, a Benfam iniciou suas atividades, formando seis acordos de prestação de serviços de planejamento familiar com órgãos oficiais e privados (em geral, clínicas ou postos de saúde). Basicamente, limitava-se à distribuição de pílulas e à colocação de DIUs.

Nesse mesmo ano foi criada uma CPI na Câmara dos Deputados para investigar as atividades da Benfam na rodovia Belém-Brasília, mas não ficou provado que a entidade esterilizasse mulheres na Amazônia. O programa prosseguiu, chegando até o Nordeste.

Em 1971, a Benfam ganha o governo federal, que a reconhece como entidade pública. Em 1975, o ministro da Saúde, Paulo de Almeida Machado, admite a distribuição de pílulas para a população feminina, instituindo um programa que se chamou Programa de Controle da Gravidez de Alto Risco.

Controle já tem estatística

No primeiro balanço estatístico da Benfam, dando conta de sua atuação entre 1973 e junho de 1975, foram distribuídos 351.066 ciclos de pílulas entre 56 mil mulheres, num total de seis ciclos para cada uma. Mas a direção do órgão diz que é impossível saber ao certo, pois todo o controle de dados é feito por computador, no Rio.

Sabe-se apenas que existem 359 postos nos 150 municípios do Estado, 80% dos quais localizados nas áreas de saúde. Os demais funcionam nos centros comunitários e nas residências de voluntários, existindo também a distribuição a domicílio. No segundo semestre do ano passado, a Benfam utilizou 448 distribuidoras, treinadas em três meses pela Secretaria de Saúde, e 76 educadoras, que realizaram 1.015 palestras para um total de 58.413 assistentes. Foram realizadas também 3.106 visitas domiciliares. De 1973 até o primeiro semestre do ano passado foram atendidas 149 171 mulheres. E só no primeiro semestre do ano passado, 5 638 mulheres receberam cartelas de pílulas.

Maurinete diz que a mulher do povo tem estratégia própria de controlar a natalidade

Mulher do povo sabe o que faz

Todas as mulheres ouvidas conhecem a Benfam e sabem que seu papel é "dar aqueles comprimidos pra gente não ter mais filho". Aparentemente, todas concordam com isso. Mas a socióloga Maurinete Ferreira Lima, que passou três anos trabalhando na periferia para a sua tese de mestrado em Saúde Pública ("Fecundidade e Comportamento Reprodutor"), acha que não é assim.

— A mulher do povo — diz — tem uma estratégia própria, que é ditada por sua realidade e não pela ideologia que lhe enfiam na cabeça.

Maurinete diz que as mulheres potiguares vão aos postos, recebem as pílulas e a maioria das vezes não tomam. Quando tomam, suspendem o tratamento ao menor sinal de perturbação orgânica. Elas têm bem nítido o risco da pílula, e o que faz decidirem o número de filhos que desejam ter é a prática diária, pois sabem que a mortalidade infantil caminha lado a lado com a natalidade:

— A mulher sabe que não pode se arriscar a ter poucos filhos, não só porque alguns podem morrer, como também, e principalmente, porque os que vivem são a sua força de trabalho. Uma mulher pode fazer picolés e dar pra seus oito filhos venderem, no que estará auxiliando grandemente o orçamento familiar.

Maurinete acha uma sacanagem impor-se um programa de planejamento familiar para a classe mais pobre.

— A classe média foi impedida de participar da força de trabalho e, em vez de pressionar o governo para este assumir a situação, com a criação de creches, por exemplo, preferiu tomar uma atitude individualista, evitando filhos. Tudo bem. Mas impor isso às camadas mais pobres é bobagem.

Para a socióloga, toda essa discussão em torno do assunto só tem um motivo:

— Toda vez que há uma crise no modelo econômico, fala-se logo em planejamento familiar.

No que é apoiada pelos médicos do Centro de Estudos da Saúde — Cebes — que promovem seminários, debates livres e discussões sobre o assunto na cidade. Eles têm uma teoria sobre a razão dessa discussão a nível nacional em torno do planejamento familiar. Acham uma grande coincidência a visita de Robert MacNamara ao Brasil e, logo depois, esse projeto de um programa de planejamento familiar. Contam que o ex-governador Cortez Pereira viajou para os Estados Unidos assim que assumiu e conseguiu um financiamento do Banco Mundial para construir vilas populares. Na esteira, trouxe o programa de controle da natalidade.

No final do ano passado, o sr. MacNamara veio ao Brasil, liberou 400 milhões de dólares para solucionar problemas de favelas em São Paulo, empréstimo que ele considera "de caráter social", e que foi concedido com juros abaixo das taxas de mercado. Logo depois sai o programa de controle da natalidade para todo o Brasil.

CARTAS DESCREVEM AGONIA QUE JÁ DURA 15 DIAS

- **Saúde Pública diz que é bactéria benigna**
- **Pediatra teme epidemia de virus perigoso**

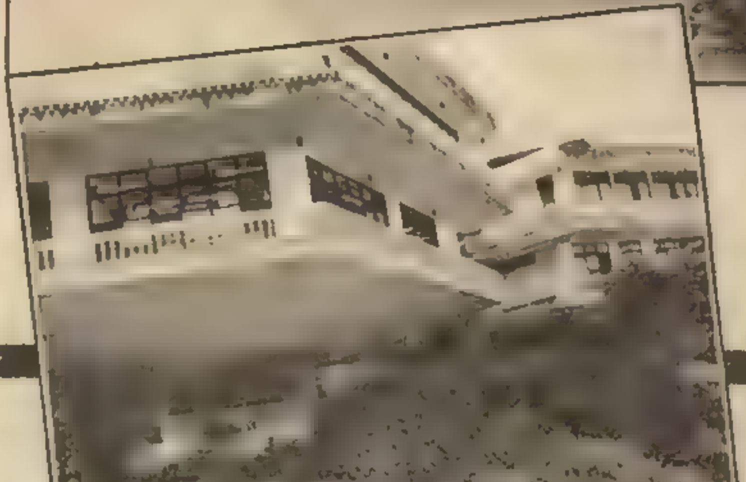
DOENÇA MISTERIOSA NA ESCOLA AMERICANA

Freqüentado pela colônia norte-americana e por filhos de diplomatas, o colégio foi interditado no dia 30 de maio. Havia 100 alunos doentes.

Reportagem de Tim Lopes. Fotos de Rogério Carneiro

Dia 14 de maio, uma estranha doença começou a atacar os alunos da Escola Americana, uma das mais caras do Rio (Cr$ 10 mil por mês). Crianças e adolescentes apresentavam enjôo, diarréia e febre, sintomas que em apenas duas semanas atingiram 100 dos 1.200 alunos. Aí, a escola foi fechada, depois de ter feito todos os esforços para identificar o estranho mal: autoridades médicas foram consultadas, bebedouros desligados, comida e empregados da cozinha examinados.

Um pediatra de renome examinou dois dos doentes e descobriu que se tratava de um virus perigoso que em poucos dias poderia provocar uma epidemia. Talvez de poliomielite. E comunicou á escola sua suspeita. No entanto, a Secretaria de Saúde e o Instituto Manguinhos — que também examinou alunos — sustentam que não se trata de nada grave. Toda essa movimentação vinha acontecendo sem conhecimento da imprensa ou pronunciamento das autoridades sanitárias da cidade.



Funcionários da Feema — órgão oficial de controle do meio-ambiente — visitam a Escola Americana, que fica na Zona Sul, na Estrada da Gávea, vizinha de uma das maiores favelas do Rio, a Rocinha.

O funcionário da Secretaria de Saúde assustou-se: — Surto de diarréia na Escola Americana teve sim, mas já foi debelado há duas semanas. Não tem mais nada.

Tentando encerrar o assunto, foi o que disse um dos assessores de imprensa da Secretaria Municipal de Saúde, que fica no Méier, na Zona Norte do Rio, atrás do hospital Salgado Filho. Espantando-se com a nota emitida pelo posto de saúde da 4.ª Região Administrativa que o repórter lhe mostrou, o assessor não teve outra saída a não ser comunicar o fato ao diretor do Departamento Geral de Saúde Pública do município. Antes, porém, indagou:

— Vocês são de que jornal?

— Do **REPORTER**.

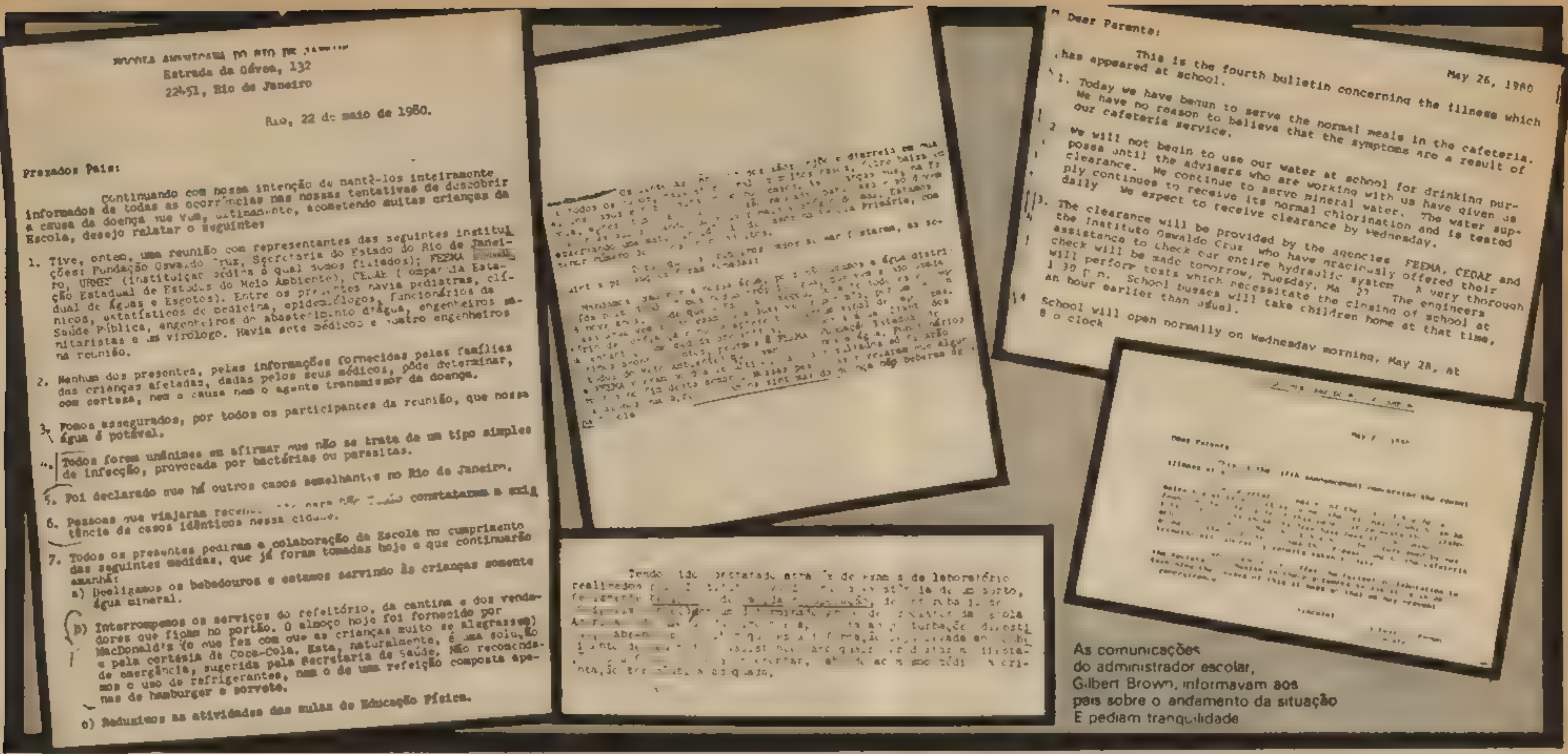
— Hi, lá vem cacete!

Na confortável sala do 2.º andar do edifício n.º 81 da avenida Almirante Barroso, no centro da cidade, a reportagem foi recebida pelo médico José da Conceição, diretor do Departamento Geral de Saúde Pública do município. Com a preocupação constante de afirmar que não era um surto de graves proporções e auxiliado por dois médicos que estão examinando o caso, José da Conceição falou:

— Nós fomos informados do problema nove dias depois que apareceram os primeiros sintomas de diarréia e vômito nos alunos. Mesmo assim, através de uma amiga de uma funcionária que trouxe ao nosso conhecimento o que estava ocorrendo. Tomamos no mesmo instante todas as medidas necessárias, inclusive interditamos a escola a partir do dia 30 (de maio), até que se descubra onde está a fonte da contaminação. Acreditamos que esteja ligada a algum vazamento na rede de esgotos que tenha entrado nos canos de água potável. Porque a água do poço artesiano da escola não tem problema algum, até porque são feitos, segundo a escola, exames de quinze em quinze dias. Como a escola é grande, são oito blocos, nós precisamos fazer uma investigação minuciosa para descobrir onde está a contaminação que, com certeza, deve estar no trajeto da água até chegar nos bebedouros e torneiras. A bactéria já detectada é a **Shigella Sonnei**, e não tem tanta gravidade.

— Mas a escola diz em uma de suas cartas enviadas aos pais dos alunos que não se trata de um tipo simples de infecção, provocada por bactérias ou parasitas.

— A escola foi mal-assessorada. Ela quis se livrar da responsabilidade. Quando perguntamos ao diretor da escola por que não tínhamos sido avisados, ele respondeu que pensou que alguém tivesse avisado. Lá é uma escola de alto nível, freqüentada por filhos de diretores de grandes empresas. Foram 100 casos de alunos que passaram mal, o que evidentemente dá um caráter epidêmico, mas não chega a assumir graves proporções. Mandamos desligar a água dos bebedouros e das torneiras, fizemos



As comunicações do administrador escolar, Gilbert Brown, informavam aos pais sobre o andamento da situação E pediam tranqüilidade

Exame indica: pode ser pólio

Pediatra respeitado, de uma das maiores clínicas do Rio, examinou duas crianças da Escola Americana atacadas pela doença. Foi categórico: "É vírus mesmo; a perturbação não foi causada por contaminação de bactérias, através de água ou comida". Ele recebeu um questionário da escola pedindo informações sobre as pesquisas que realizou com seus pacientes. E respondeu, confirmando sua opinião: "Fiz cultura das fezes das crianças — a mãe delas, que não bebeu água nem comeu na escola, também ficou doente — e afastei a hipótese de ser uma bactéria a causadora da doença. É problema virótico mesmo, e não elimino a possibilidade de que seja o vírus da poliomielite que, em crianças protegidas pela vacina, se manifesta com os sintomas que estamos observando: diarréia, febre, dor intestinal, uma gastroenterite". O pediatra acha que as autoridades médicas deviam ter tomado providências: "Se existisse saúde pública no Brasil, a essa hora a população já teria sido avisada para tomar algumas providências aconselháveis em casos de epidemia". Epidemia? "É. O problema não é só da escola, é da cidade. Acho que estamos na iminência de uma epidemia regional. Configura-se um caso típico de saúde pública e ninguém faz nada. Se esse vírus ataca crianças mal-alimentadas, desprotegidas fisicamente, ele pode ser fatal. Por enquanto, só atacou crianças que têm defesas e recursos financeiros. Mas, e depois?" O pediatra, no entanto, elogia o comportamento da Escola Americana que, a seu ver, agiu corretamente, avisando pais e autoridades: "Os meus pacientes foram internados e curados com antibióticos, mas as pessoas, de modo geral, já deveriam estar tomando providências coletivas, como evitar aglomerações, tomar mais cuidados com água e comida".

Luiz Alberto Bettencourt

exames das funcionárias da cafeteria, pedimos exames de fezes aos alunos atacados pelo surto e estamos esperando os resultados. Enquanto isso, continuamos com as nossas investigações. Trabalhando em conjunto com a Feema que, em dois laudos, constatou que a água não pode ser nem usada.

— Mas não pode ser um vírus, doutor?

— Não, não, já examinamos e está afastada qualquer possibilidade de ser um vírus. Todos os testes foram negativos.

— Um pediatra que atendeu a algumas crianças disse que pode ser um vírus da poliomielite.

— Ele está enganado. O que ele devia ter feito, já que atendeu tantos alunos, era ter avisado o posto de saúde mais próximo, e não ficar emitindo informações que não correspondem à verdade.

— Inclusive, a mãe de uma criança, que não bebeu água da escola, sofreu alguns distúrbios. Será que é o mesmo mal?

— Ora, isso pode ter acontecido da criança ter ido ao banheiro e, ao sair, não ter lavado as mãos e feito um carinho na mãe; aí passou. Pra mim, isso tudo é resultado daquela briga do Sabin com o ministro. Só foram atacados alunos de 13 a 19 anos.

Antes de terminar a entrevista, o dr. José da Conceição fez questão de mostrar um mapa do município onde estão localizados os postos de vacinação contra a poliomielite e deu detalhes:

— O Dia Nacional da Vacinação contra a poliomielite vai ser no dia 14 de junho e estamos preparados para receber todas as crianças de menos de cinco anos para se vacinarem nos 1.315 postos espalhados pelo município. Pedimos aos pais que levem seus filhos no posto de saúde mais próximo de casa. Estou te dando essa notícia em primeira mão — completa José da Conceição.

Tudo começou no dia 14 de maio, quando várias crianças da Escola Americana apareceram com sintomas de doença. A direção observou o número de faltas, que aumentava a cada dia, e a constante procura da enfermaria por parte dos 1.200 alunos, todos filhos de dirigentes de multinacionais, de embaixadores e gente de grana, que paga 10 mil cruzeiros por mês para o filho estudar. No dia 19 de maio foi enviada a primeira carta pela direção da escola aos pais dos alunos, assinada por Gilbert C., Brown, administrador escolar. Trechos da carta:

"Os sintomas apresentados são: enjôo e diarréia em quase todos os casos, mal-estar geral em muitos casos, febre baixa em alguns casos e febre alta em poucos casos. As crianças que na escola apresentam esses sintomas são mandadas para casa e só devem voltar às aulas quando não houver mais vestígio do mal. Estamos observando maior incidência de casos na escola primária. Mandamos examinar a nossa água, pois não usamos a água distribuída pela Cedae. Temos nossa própria água, que é examinada duas vezes por mês por um laboratório de confiança e nunca apresentou nenhum sinal de impureza. Diante dos últimos acontecimentos, pedimos à Feema (Fundação Estadual de Engenharia do Meio-Ambiente) que examinasse a nossa água. Os funcionários da Feema estiveram aqui no dia 1o. O exame de saúde dos empregados da cozinha foi renovado em março último, e todos os resultados do laboratório foram satisfatórios, não havendo nenhum indício de doença contagiosa."

Autoridades recomendam Coca-Cola

O velho lotação amarelo que sobe e desce levando passageiros que moram na favela da Rocinha passa na Estrada da Gávea, em frente à Escola Americana. O movimento dos ônibus da escola, dos carros com os pais e motoristas particulares é confuso. Ainda mais com aquela algazarra de saída de colégio, tudo falando inglês. No dia 22 de maio foi distribuída outra carta pela direção do colégio, assinada pelo administrador. A situação já era grave. Dizia o seguinte:

"Tive, ontem, uma reunião com representantes das seguintes instituições: Fundação Oswaldo Cruz: Secretaria de Estado do Rio de Janeiro; Urmes (instituição médica à qual somos filiados); Feema (Fundação Estadual de Engenharia do Meio-Ambiente); Cedae (Companhia Estadual de Águas e Esgotos). Entre os presentes havia pediatras, clínicos, estatísticos de Medicina, epidemiólogos, funcionários da Saúde Pública, engenheiros sanitaristas e um virólogo. Havia sete médicos e quatro engenheiros na reunião. Todos foram unânimes em afirmar que não se trata de um tipo simples de infecção, provocada por bactérias ou parasitas. Foram registrados outros casos semelhantes no Rio de Janeiro. Pessoas que viajaram recentemente para São Paulo constataram a existência de casos idênticos nessa cidade. Desligamos os bebedouros e estamos dando água mineral às crianças.

Aulas suspensas, alunos voltam para casa

Manguinhos: é bactéria, coisa simples

Na Unidade Médica do Departamento de Saúde Sanitária do Instituto Oswaldo Cruz (Manguinhos), localizado no castelo da avenida Brasil, uma fila de mães com filhos no colo. Gente de baixa renda, subnutrida. O médico que fez os exames da água da Escola Americana fica nervoso com a presença dos repórteres. Foi ele quem isolou a bactéria Shigella Sonnei e telefonou para alguns pais pedindo exames de fezes.

— Já foi constatado bactéria. Quem está cuidando disso agora é a Secretaria de Saúde. Isso é coisa simples, não tem nada de grave. Eu não tenho mais nada que ver com isso. Por favor, podem se retirar que estou atendendo essas crianças.

— Que poderia acontecer se essa bactéria pegasse em crianças subnutridas?

— Seria a mesma coisa, nada de grave. Só prova que filho de rico também adoece. Por favor, tenho que trabalhar.

Apesar de se terem identificado na hora da entrevista, dois médicos de Manguinhos estiveram, depois, na redação, pedindo para que seus nomes não fossem citados, pois há um regulamento interno segundo o qual ninguém pode falar sem ordem da presidência do Instituto.

Interrompemos os serviços do refeitório, da cantina e dos vendedores que ficam no portão. O almoço hoje foi fornecido por MacDonald's (o que fez com que as crianças muito se alegrassem) e pela cortesia da Coca-Cola. Esta, naturalmente, é uma solução de emergência, sugerida pela Secretaria de Saúde. Não recomendamos o uso de refrigerantes nem o de uma refeição composta apenas de hamburger e sorvete."

Busca de foco interdita o colégio

As aulas começam às oito horas da manhã e vão até às duas e meia da tarde. Os alunos não usam uniforme. Todos vestem **jeans**, camisas com nomes de universidades americanas, chinelos de dedo. Moças bonitas, olhos azuis, rapazes atletas, todos de aparência saudável, de todas as nacionalidades, com idades que variam entre sete e 19 anos. No dia 23 de maio, nova carta da escola endereçada aos pais:

"... tendo sido constatado, através de exames de laboratório realizados pelo Instituto Oswaldo Cruz, a existência de um surto, felizmente benigno e de rápida recuperação, de enterobacilose (**Shigella Sonnei**). Até o momento ainda não sabemos qual o agente transmissor. A bactéria se espalha pela comida, pela água e por contato direto. A doença é altamente contagiosa, porém pode ser benigna. Nossa água está sendo submetida a novos exames e pedimos, também, novo exame de saúde dos empregados da cozinha. Ambos estão sendo feitos por instituições públicas e particulares. Só voltaremos a servir almoço e a ligar os bebedouros quando estivermos absolutamente certos de que nem a nossa comida nem a nossa água são fontes transmissoras."

Na terça-feira, dia 27, as aulas foram encerradas às 13h30m, uma hora antes dos dias normais, para que fosse feita uma verificação minuciosa. O imenso colégio, com oito blocos, linda vista, campos de basquete, quadras de vôlei, futebol de salão e **rugby** (futebol americano) foi fundado nas primeiras décadas deste século. Há uma indisfarçável preocupação no rosto dos funcionários da escola, onde seus filhos também estudam. No saguão da cafeteria, técnicos da Feema e médicos da Saúde Pública examinam a água de todos os lugares, colocando o material em tubos de ensaio. Funcionários da escola saem com garrafas plásticas de água mineral. Os alunos vão saindo pelos corredores e escadarias, onde se lê a palavra **walk** (ande, caminhe) em vermelho. Naquela mesma terça-feira foi enviada à escola uma nota emitida pelo Centro Municipal de Saúde Píndaro de Carvalho Rodrigues, da VI Região Administrativa, em nome do médico José Jacomo Marcozzi, solicitando o comparecimento, ao refeitório da escola, no dia 29, às 9 horas, dos responsáveis pelas crianças que apresentaram sintomas dessa doença, este mês, trazendo todos os exames laboratoriais realizados.

Nesse mesmo dia, na parte da tarde, fomos recebidos pelo dr. José da Conceição, diretor do Departamento de Saúde Pública do município, que disse que a escola, a partir do dia seguinte (30 de maio), ficaria interditada até ser localizada a fonte de contaminação.

BECHARA JALKH
CONVIDA: SEJA UM DETETIVE COMO EU!

Aprenda comigo uma das profissões mais fascinantes – e também das mais prestigiosas e rendosas. Em qualquer campo de atividade (indústria, comércio, bancos, seguros, etc.) os serviços de um Detetive Particular são cada vez mais necessários – e bem pagos. Comigo você aprenderá todas as técnicas que me permitiram resolver os casos mais famosos e difíceis. E aprenderá também a utilizar aparelhos ultra-sofisticados, que ninguém mais possui no Brasil. Vamos. Comece o quanto antes a trilhar o caminho do sucesso, que muitos profissionais que aprenderam comigo estão percorrendo. Envie o cupom e receberá, grátis, livreto contendo todas as informações sobre nossos cursos.

Profissões regulamentadas por Lei em todo o território nacional
Para ambos os sexos sem limite de idade

DETETIVE CRIMINAL
DETETIVE PROFISSIONAL
(Particular)
SEGURANÇA FÍSICA DE EMPRESAS
(Perito)

INSTITUTO DE INVESTIGAÇÕES CIENTÍFICAS E CRIMINAIS
PR. OLAVO BILAC, 28 – 13.º AND. (MERCADO DAS FLORES)
C. POSTAL 215 ☐ CEP. 20.000 ☐ TELS.: 222-6166, 222-2852, 283-2048 E 283-2098 ☐ RIO

Cursos por Correspondência

NOME
RUA N.º
CIDADE
ESTADO CEP

MIRO DEMITE KLABIN COM APOIO DO PLANALTO

- *PREFEITO DO RIO CAIU POR PRESSÃO CHAGUISTA*
- *DEMITIDO RECUSOU EMPREGUISMO DO GOVERNADOR*
- *GOLBERY E DELFIM TAMBÉM QUERIAM A DEMISSÃO*
- *VEREADORES DO PP LIDERARAM O BOICOTE*

Caiu o prefeito do Rio. Até hoje os cariocas continuam se perguntando: por quê? Afinal, nem os grandes jornais, a Prefeitura ou o governo do Estado deram explicações convincentes para a saída de Israel Klabin.

Seu afastamento vinha sendo cogitado há vários meses nos gabinetes do Palácio Guanabara. As razões eram as mesmas que determinaram sua demissão do cargo: 1 — desentendimentos com os políticos chaguistas — particularmente com os chefes da campanha do deputado federal Miro Teixeira à sucessão do governador Chagas Freitas — quanto ao acesso à máquina administrativa da Prefeitura; 2 — atritos constantes de Klabin e seu secretário de Planejamento, Matheus Schnaider, com o ministro Delfim Netto sobre a ajuda federal ao Rio.

Embora os problemas de Israel Klabin e Matheus Schnaider com Delfim Netto estivessem desgastando o relacionamento de Chagas Freitas com o Palácio do Planalto — consta, inclusive, que o ministro Golbery do Couto e Silva mais de uma vez telefonou para o governador queixando-se das reiteradas críticas de Klabin ao governo federal — o que determinou sua queda foi a animosidade que se criou entre a sua administração e a orientação política do comando chaguista.

Klabin e Schnaider cansaram de repetir que fariam um governo eminentemente técnico, se possível acima das divergências político-partidárias. Esssa postura, mantida até o fim de sua efêmera administração, teve conseqüências graves na área chaguista. Os vereadores, deputados estaduais e federais do Partido Popular, afastados da máquina oficial de empregos e favores durante os quatro anos do governo Faria Lima, esperavam que, com a volta de Chagas ao Palácio Guanabara, o atendimento de suas reivindicações no município do Rio de Janeiro se processasse sem maiores dificuldades.

Equivocaram-se. Para conseguir a transferência de um funcionário de uma repartição municipal para outra um deputado chaguista entrava imediatamente em choque com um secretário de Klabin. A contratação de correligionários era entravada pela mão-de-ferro de Matheus Schnaider, que controlava toda a política de pessoal do município. Um simples pedido de pavimentação de uma rua em Bangu era engavetado na Prefeitura.

Esta situação gerou descontentamentos na Câmara de Vereadores e na Assembléia Legislativa. Projetos de lei aprovados pelos vereadores do PP foram vetados por Klabin, sumariamente. Qualquer pedido de deputado estadual do PP era transferido para o Palácio Guanabara. Na audiência que semanalmente o governador concede aos políticos de seu partido, avolumavam-se as restrições ao comportamento de Klabin. O gabinete do deputado Miro Teixeira passou a coordenar a oposição ao prefeito.

Os vereadores do PP, orientados por Miro, devolveram à Prefeitura uma mensagem de Israel Klabin que previa aumentos de até 7 mil por cento no Imposto Predial. Meses depois, a Câmara rejeitou o veto do prefeito a um projeto que concedia benefícios a 80 por cento do funcionalismo municipal, através de gratificações por serviços técnico-científicos.

O estopim da crise entre os chaguistas e a Prefeitura foi a manifestçaão do 1.º de maio na quadra do Salgueiro. O deputado Miro Teixeira solicitou à Secretaria de Desenvolvimento Social "cobertura" à sua presença no comício. Isto significava: contratar ônibus, mobilizar correligionários, fazer faixas e criar um clima de euforia na chegada do futuro candidato a governador. A Prefeitura não tomou conhecimento do pedido e o resultado não poderia ter sido pior: Miro foi vaiado e hostilizado pelas quase 10 mil pessoas presentes no Salgueiro.

No dia seguinte, Miro exigiu de Chagas a saída de Klabin. A solução honrosa para a crise foi deslocar o prefeito para a presidência do Banerj — onde, comenta-se, não ficará por muito tempo — nomeando para o Conselho de Contas o presidente do banco, José Luís de Magalhães Lins.

A insistência do prefeito em considerar o Rio falido, caso o governo federal não liberasse recursos a fundo perdido, incompatibilizou-o com o ministro Delfim Netto, que segue rigorosamente a política do governo federal de restringir o crédito ao único governo estadual que não é do PDS. Mais ainda: Klabin foi advertido por Chagas Freitas de que suas observações sobre a situação financeira do Rio "eram negativas, politicamente", segundo informou ao REPORTER fonte credenciada do Palácio Guanabara.

O conflito Klabin x Delfim se tornou tão evidente que o primeiro telefonema que Chagas Freitas recebeu no dia seguinte à notícia da saída do prefeito foi do ministro do Planejamento, que estava em Buenos Aires acompanhando a visita de Figueiredo à Argentina.

— Parabéns, governador. Quem vai ganhar com a saída do Klabin é o Rio — teria dito Delfim, segundo a fonte do Palácio Guanabara.

Semanas antes, empresários do setor imobiliário se tinham queixado ao ministro do Planejamento dos recentes decretos de Israel Klabin congelando os gabaritos em toda a área de influência do metrô.

— O Klabin caiu porque não foi hábil politicamente. Quis ser um técnico a serviço da cidade e mexeu com interesses acima de sua cabeça — disse um assessor direto do deputado Miro Teixeira.

Em Nilópolis, com apoio de Chagas Freitas

PREFEITO CORRUPTO VOLTA A ATACAR

- É a segunda vez que mete a mão no dinheiro público
- Agora tem até inquérito policial
- Promotora que apurava a denúncia foi afastada do caso
- Vice-prefeito só quer saber do dele

Nilópolis, na Baixada Fluminense, vive em eterna bagunça administrativa, com o pessoal de Chagas Freitas fazendo o que quer e o que bem entende

Acima, João Batista, o prefeito que virou caso de polícia. Ao lado, o vice Zélio, que não quer entrar na guerra, enquanto espera o seu cair do céu

O governador Chagas Freitas transferiu para Niterói a promotora da 1.ª Vara Criminal de Nilópolis, Márcia Arelano Paiva, que estava atuando no inquérito policial instaurado em setembro do ano passado para apurar crime de responsabilidade do prefeito João Batista da Silva, que gastou Cr$ 4 milhões dos cofres públicos sem autorização da Câmara de Vereadores.

A transferência da promotora está provocando manifestações em Nilópolis, pois a decisão do governador foi tomada depois que a promotora pediu informações à Procuradoria Geral de Justiça para saber se tinha competência para apurar as acusações contra o prefeito chaguista. Depois de receber informações positivas, ela passou a atuar no caso, entregando pessoalmente as intimações às pessoas envolvidas.

Denunciado pelo vereador Manuel Malaquias (PDT), o prefeito João Batista chegou a ameaçar alguns repórteres que correram à Prefeitura para saber com detalhes o que é que o prefeito reincidente acabara de fazer. João Batista foi prefeito de Nilópolis pela primeira vez em 1964 e em menos de dois anos era destituído do cargo, envolvido em negócios fraudulentos e crime de estelionato, num grande processo que até hoje está arquivado.

Essa nova história de corrupção começou em 1978, como explica o vereador Malaquias:

— No dia 14 de outubro de 1978 o prefeito João Batista encaminhou para apreciação da Câmara o projeto de lei solicitando autorização para abertura de crédito da ordem de Cr$ 4.081.000,00 para realizar algumas obras. No dia 14 de novembro o pedido foi rejeitado por 9 votos contra 8, motivo pelo qual o projeto foi retirado e o fato comunicado por escrito ao prefeito pelo então presidente da Câmara, vereador Jerônimo Alberto de Carvalho.

Em março do ano seguinte, 1979, o vereador Malaquias foi eleito 1º Secretário da Câmara e, examinando alguns documentos, verificou que o pedido de abertura de crédito suplementar, que não havia sido aceito, estava com a data rasurada.

— Examinando mais atentamente encontrei uma publicação oficial da Prefeitura no jornal **Gazeta de Notícias** (de pequena circulação), em que o prefeito mandou publicar o decreto 32, dando como aberto o crédito que os vereadores lhe negaram.

Diante disso, o vereador pediu abertura de inquérito policial, registrado sob o número 204/79, na 57.ª Delegacia. Para o caso foi designada a promotora Márcia Paiva, agora afastada.

Segundo Malaquias, a maior dificuldade para se incriminar João Batista é o fato de a maioria dos vereadores de Nilópolis serem amigos seus, além de contar com apoio de deputados ligados a Chagas Freitas, como Gilberto Rodrigues (PP), Jorge David e Simão Sessim (PDS), que prometeram pedir ao governador o embargo do inquérito. E parece que a coisa está funcionando direitinho. Diariamente, vários políticos do PP vão ao gabinete do prefeito para tranquilizá-lo. João Batista, que chegou a ficar adoentado com essa confusão toda, agora já pode comer e dormir direito.

O vice-prefeito de Nilópolis, Zélio Barbosa, encontrado tomando um cafezinho no Bar do Gabriel, disse que não quer se meter nessa guerra e só quer mesmo é saber do seu lado.

— Eu estou do meu lado, meu amigo. Eu quero é saber de mim, tá entendendo? É porque, se eu não ficar de olho, eles fisgam o maior pedaço e não deixam nada pra mim.

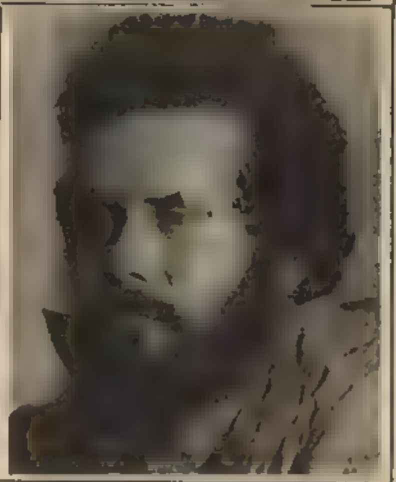
E diz que, se houver eleição, é candidato em potencial a prefeito pelo PP. Tudo em família.

Orgulho de vereador é ser marginal

O vereador Malaquias, exercendo o seu primeiro mandato, foi eleito com 760 votos. Para ele, o grande problema político no Brasil é que "as autoridades não se respeitam mais". E cita o exemplo do Congresso, que como representação política popular "acata imposições arbitrárias do Executivo, como prorrogação de mandatos, intervenção nos municípios e política de arrocho salarial". Em sua casa, ele fala de Nilópolis:

— O município atravessa uma fase dura, economicamente. Não temos indústrias de transformação; a única "indústria" que funciona aqui é a de impostos. Quando fiz o pedido de inquérito policial contra a ilegalidade da abertura de crédito pelo prefeito, não fiz como um ato de raiva. Eu sou pela reconquista dos poderes do Legislativo. Mas fui abordado por colegas que, em vez de me reanimarem, me amedrontavam dizendo que eu ia ser cassado.

Para mim, é fator de vaidade ser marginalizado por essa classe, porque eu sou assim e ninguém vai me mudar.



O vereador Malaquias, autor da denúncia contra o prefeito

Advogado foi advertido por militares

Para entender melhor como as coisas acontecem em Nilópolis, fomos ouvir o advogado José Gouvêa Filho, que foi eleito vereador da cidade em 1965. Conhecido por seus discursos contra a "bagunça administrativa", chegou a ser advertido por oficiais militares responsáveis pela segurança dos municípios da Baixada Fluminense.

Para Gouvêa, Nilópolis precisa reconquistar poderes políticos, diluídos com a divisão da cidade em três áreas de influência:

1. A área do atual prefeito, orientada pelo deputado chaguista Gilberto Rodrigues.

2. A área dos deputados pedessitas Simão Sessin e Jorge David, que estão aliados ao poder econômico dos banqueiros de jogo do bicho Anísio e Nelson Abraão, também ligados à Escola de Samba Beija-Flor.

3. A área do grupo parlamentar autêntico (PMDB, PT e PDT), que é a menor.

— Os erros de planejamento — diz Gouvêa — são forçados pelo fracionamento do poder político. Quando eu fui vereador havia ainda a área de influência dos militares, que chegavam a advertir pessoalmente os políticos que mais se destacavam pela combatividade. Há também o aspecto da desmoralização do poder municipal, pois nem sempre ele dá uma resposta objetiva às necessidades e anseios da população.

Reportagem de Luís Ferrão
Fotos de Cláudio Passos

LAGOA-BARRA É ILEGAL

GOVERNO ESCONDE PROJETO QUE BURLA CÓDIGO FLORESTAL

Entrevista a Luiz Alberto Bettencourt. Fotos Chiquito Chaves

O presidente do Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB), Fernando Burmeister, o presidente do departamento regional do Instituto, Rui Veloso, e Alfredo Brito, membro da direção nacional, denunciam o traçado da ligação Lagoa-Barra, que prevê a construção de uma pista na encosta da PUC, no Rio de Janeiro, e de um viaduto que cortará ao meio o conjunto habitacional da rua Marquês de São Vicente, é ilegal. O governo federal, que através do ministro da Agricultura, Amaury Stabile, vetara o plano por ferir o Código Florestal, derrubando mata virgem, voltou atrás e suspendeu o veto sem justificativas. Moradores, arquitetos e engenheiros querem embargar a obra com ação popular, mas não podem: o projeto do Departamento de Estradas de Rodagem (DER), com informações exatas sobre a planta da estrada, e que deveria ser de conhecimento público, está escondido e o Departamento não o mostra a ninguém. Os depoimentos dos três arquitetos, reunidos num só, revelam a verdadeira "intervenção secreta" que o Rio sofreu, beneficiando apenas a PUC e as imobiliárias.

Fernando

Rui Veloso

Alfredo

« A pressão da indústria imobiliária para "ocupar a Gávea" era muito grande. Trata-se de uma área com poucos habitantes, "nobre", com estrutura de serviços que a Barra da Tijuca — frente de expansão da indústria imobiliária — ainda não tem. A ligação através da Gávea permite, assim, caracterizar a Barra como extensão da Zona Sul sofisticada, tornando mais rentáveis os investimentos lá feitos pelas imobiliárias

A PUC também estava interessadíssima na solução da pista na encosta. Para ela, foi um grande negócio imobiliário. Por um antigo plano de alinhamento da área, a universidade tinha limites à sua expansão, e a encosta representa cerca de 40 mil metros quadrados de um terreno de grande inclinação, no qual ela não poderia construir nada. Esse terreno foi desapropriado para derrubada da mata e construção da pista, e em troca o Estado cedeu à PUC uma área de 25 mil metros quadrados em terreno plano e edificável que pertencia à Companhia Estadual de Habitação (Cehab). Essa área, que já era uma conquista pública, passou, assim, para as mãos de um grupo particular. Como parte do pagamento, a Cehab recebeu do governo um outro terreno na avenida Brasil, certamente menos valorizado, para construir habitações populares que, originalmente, seriam construídas na rua Marquês de São Vicente, na Gávea, do lado da PUC

A transferência do terreno da Cehab para a PUC foi assinada pelo secretário-geral do Ministério da Fazenda, Márcio Fortes, que atuava como ministro interino durante uma viagem do então ministro Karlos Rischbieter. Márcio é filho de João Fortes, industrial imobiliário, ex-presidente da Associação dos Empresários Cristãos e muito ligado à universidade

O grande negócio era uma forma de conciliar o interesse da PUC com o projeto da pista na encosta. Aí, entretanto, começaram a surgir dificuldades: a Associação dos Moradores da Gávea e o IAB protestaram contra o traçado da pista, apresentaram solução alternativa a própria Prefeitura do Rio de Janeiro, através das secretarias de Obras e Planejamento, era contra a decisão, manifestava essa posição em reuniões fechadas, e o governo Chagas Freitas começou a ter desentendimentos com a administração federal

A solução apresentada pelos moradores da Gávea, com apoio do IAB, tinha perfeita viabilidade técnica: era um túnel que passaria por baixo da terra, em frente à PUC, sem afetar as fundações de seus prédios. Era melhor para todos porque preservaria a área da superfície como espaço universitário e evitaria o desmatamento da floresta na encosta. Essa solução certamente não seria mais cara do que a adotada.

O convênio entre a PUC e o DER chegou a ser assinado e dele nasceu um projeto — o que está em execução. O Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF), que não tinha feito vistoria no local da obra, concluiu, em laudo, que a estrada não poderia passar pela encosta por se tratar de floresta de conservação permanente, em terreno de mais de 45 graus de inclinação.

O ministro da Agricultura, Amaury Stabile, a quem o IBDF está subordinado, acolheu a decisão técnica e vetou oficialmente o traçado. Começa então uma ofensiva do governador Chagas Freitas para alterar a ordem do governo federal. Primeiro, ele tenta resolver alguns problemas jurídicos da transferência do terreno da Cehab para garantir apoio da PUC à solução da pista na encosta. Como o terreno da Cehab valia mais que a área desapropriada na PUC, não se podia fazer uma troca pura e simples porque a propriedade pública estaria sendo lesada. Reunido com procuradores do Estado, Chagas encontra a solução: o governo estadual doou à PUC a parte do terreno da Cehab que correspondia ao valor da área da universidade a ser desapropriada. O resto lhe foi cedido em "comodato", recurso jurídico que significa dar direito de uso do imóvel sem, no entanto, dar posse. A PUC ficou satisfeita.

Para mudar a posição do ministro Stabile e do governo federal, Chagas levou o problema ao presidente Figueiredo, em Brasília. Figueiredo, numa visita ao Rio, discutiu também a questão. O Código Florestal, elaborado na administração do marechal Castello Branco, é rígido: por ele, o veto só poderia ser derrubado se a solução tivesse um interesse social — inundar uma encosta para construir uma barragem, por exemplo — ou se não existisse um projeto alternativo, que evitasse o desmatamento

No caso, havia um projeto alternativo — o do túnel, proposto por moradores, arquitetos e engenheiros — e não havia interesse social que justificasse o desmatamento. Figueiredo, apesar de não ter como justificar legalmente a mudança de decisão, alterou a posição do governo federal. O ministro Stabile, depois de uma reunião no Rio com o ministro dos Transportes e o diretor do DER, cancelou o veto e deu autorização para que a estrada fosse construída.

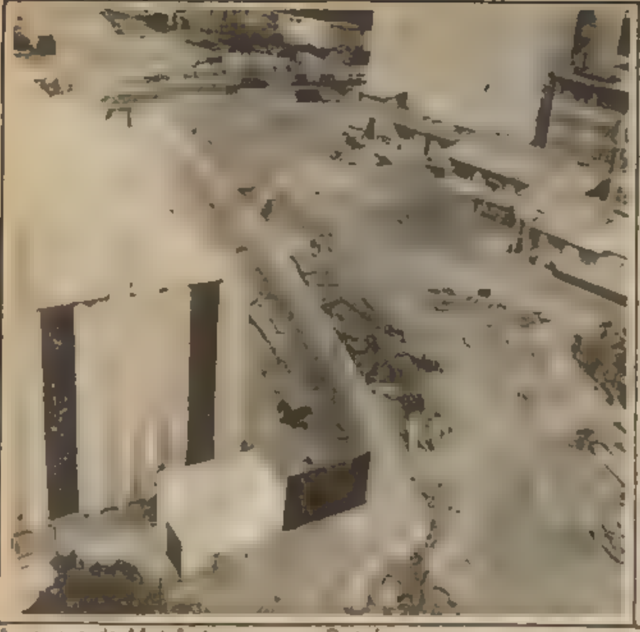
Um esquema de imprensa foi montado para impedir que manifestações contrárias à mudança de posição do governo ganhem destaque. No **Jornal do Brasil**, por exemplo, um documento do IAB em conjunto com o Clube de Engenharia não recebeu qualquer divulgação.

O IAB, então, procurou saber qual a explicação do ministro para alterar o seu veto. Mandou ofícios para o governo estadual, o DER, o IBDF e o Ministério da Agricultura. Nenhuma resposta O ministro Stabile declarou aos jornais que "ninguém mexeu uma palha" para apresentar uma alternativa. É mentira! Os moradores apresentaram uma que foi sistematicamente ignorada pelas autoridades. O IAB organizou um seminário no Clube de Engenharia e convidou representantes do ministro, do DER e da PUC. A universidade mandou uma carta dizendo que só discutia o assunto "com pessoas sérias". A carta foi lida no plenário do encontro. Fica claro que nem os moradores nem o IAB têm condições de fazer o detalhamento da alternativa que apresentavam. Isso é trabalho de um escritório. O governo, portanto, desrespeitou o Código Florestal, que ele mesmo invocara quando vetou a estrada na base da força do poder autoritário. Até o convênio entre a PUC e o DER é absolutamente ilegal porque foi assinado antes que a comunidade de moradores e técnicos tivesse meios de reclamar o cumprimento do Código

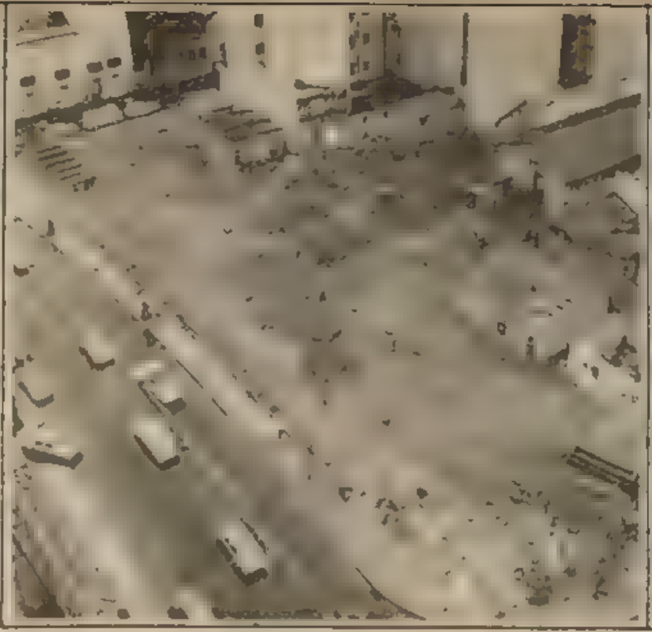
A violência contra a cidade vai mesmo se consumar: cortar o conjunto da Marquês de São Vicente pela metade é certamente o primeiro passo para demoli-lo de vez e conquistar mais uma área (valorizadíssima) para a indústria imobiliária. Depois que o conjunto for cortado, estarão criadas condições que justificarão a remoção de seus moradores para locais distantes. O viaduto, atravessando um conjunto habitacional popular, será o cartão postal do Rio. Um processo mais violento que as usuais remoções.

O IAB vai mover uma ação popular contra a derrubada do conjunto, contra a arbitrariedade. E quer apoiar os moradores da Gávea, que vão abrir ação popular contra o traçado da estrada. Acontece que, para instruir tal ação, é preciso uma prova concreta das intenções do governo estadual e federal de derrubar a mata e construir a ligação. O projeto do DER, que detalha a planta da obra, é a prova necessária. Acontece que o DER não o mostra a ninguém, embora já haja até uma empresa particular, a Odebrecht, vencedora de uma concorrência pública para construir a estrada. Uma obra pública, feita com dinheiro público, com empreiteira contratada e que o DER se nega a levar a conhecimento do público. É uma intervenção secreta na cidade. O IAB, que já pediu vistas do projeto através de ofícios, estuda os meios judiciais

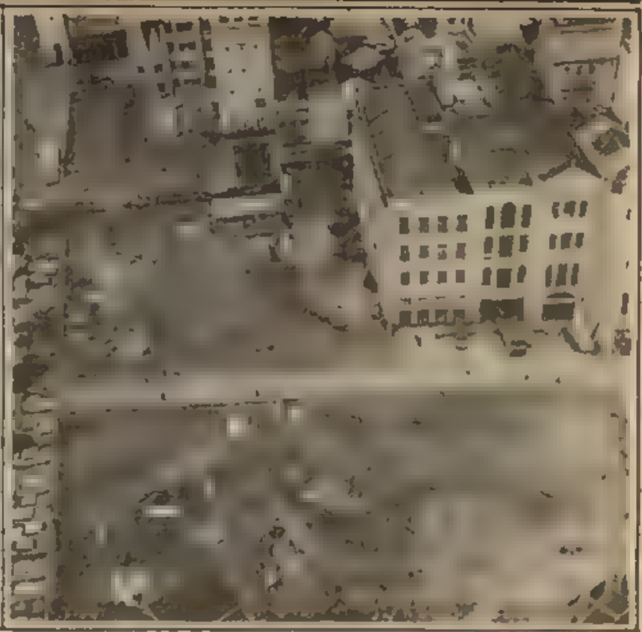
requerê-lo na Justiça — e poder, assim, embargar a obra com uma ação popular. A OAB deve ser chamada a colaborar para romper o bloqueio de informações »



A riqueza do Metrô terrenos em Botafogo



no Catete



no Centro

Estado e empresas disputam fortuna imobiliária

BRIGA DE FOICE PELOS TERRENOS DO METRÔ

Moradores querem áreas para parques e jardins

Reportagem de Antonio Marques. Fotos de Rogério Carneiro

O Metrô, proprietário do maior patrimônio imobiliário do Rio, quer vender seus valiosos terrenos, comprados com dinheiro público, sob o argumento de que precisa de dinheiro para pagar suas dívidas e reduzir os prejuízos com a operação das linhas.

Os empresários do setor imobiliário também querem os terrenos, não só por seu alto valor, mas também porque têm interesse em liberar os gabaritos para construção de edifícios em toda a área do metrô. Donos das áreas, eles poderiam pressionar para construir espigões na altura que quisessem. A campanha dos empresários foi intensificada há mais de um ano e quase leva o prefeito Israel Klabin a desistir de tomar posse. É que Noel de Almeida, então presidente do Metrô, queria criar uma empresa imobiliária para vender os terrenos para a iniciativa privada, o que foi vetado pela Presidência da República. O plano foi arquivado, mas a briga continuou. Em 19 de maio último, pouco antes da saída do prefeito Israel Klabin da Prefeitura, foi cancelado um seminário no qual líderes comunitários e técnicos discutiriam os destinos dos terrenos. A idéia predominante era construir áreas de lazer nos espaços liberados. Os empresários, que não seriam convidados ao debate, pressionaram a Prefeitura para cancelá-lo.

Há 5 anos, o plano era construir, nos terrenos liberados com o fim das obras do Metrô, grandes empreendimentos imobiliários e explorá-los conjuntamente com a iniciativa privada. À primeira vista a idéia parecia muito prática: o Metrô cederia os terrenos para a iniciativa privada construir e, como pagamento, receberia parte dos prédios para serem explorados durante 20 ou 30 anos. O restante dos imóveis a própria companhia exploraria, através de uma subsidiária.

Para executar planos tão ambiciosos, a companhia tinha, na época, um forte argumento: a renda da exploração dos prédios, todos espigões, seria revertida em favor da operação do metrô, contribuindo para cobrir parte de seu déficit, estimado em Cr$ 750 milhões por ano. Não temia oposição da Prefeitura, nem da comunidade, por razões óbvias: contava com o respaldo do todo poderoso general Geisel e, por isso, podia ditar, sem consultar ninguém, o destino das áreas de influência do metrô.

Tudo isso criava muitas facilidades. Planejando sem consultar a comunidade, o Metrô conseguiu utilizar os recursos públicos em função de seus interesses. Assim, promoveu desapropriações em massa ao longo de sua **linha básica,** desalojando milhares de famílias e desapropriando centenas de imóveis. A operação tinha fortes justificativas técnicas: o metrô estava atravessando áreas densamente povoadas e as desapropriações tinham de ser elevadas por força da necessidade de instalações dos canteiros e alojamentos para mais de 10 mil operários. Na sua passagem, o Metrô demoliu todo o casario antigo que pôde desapropriar a baixo custo e, em nome da utilidade social das áreas, começou um processo de estocagem de valiosos terrenos, com fins puramente especulativos.

As intenções da companhia não foram logo descobertas. Nos primeiros anos após a fusão, a rapidez da execução da obra e os problemas criados pela ocupação de bairros inteiros não deixou que ninguém tivesse tempo para refletir ou questionar o processo de desapropriação.

Os planos imobiliários do Metrô só se tornaram públicos em 1978, quando, numa palestra na Associação Comercial, o presidente da companhia, Noel de Almeida, fez um apelo para que a Prefeitura evitasse liberar prédios com mais de 10 andares no Catete, a fim de evitar a saturação das estações do metrô no bairro. Um jornalista que se interessou pelo assunto acabou descobrindo um fato insólito: o Metrô estava negociando com a Prefeitura a aprovação de quatro projetos imobiliários, dos quais três ficariam no Catete e um ficaria em Botafogo. O pior: os prédios quebravam o gabarito dos dois bairros e tinham altura que oscilava entre 13 e 30 andares.

Por que então o presidente do Metrô pedia o controle dos gabaritos?

Na prática, o perigo de saturação das estações existia. Mas a preocupação de Noel de Almeida era outra. Nos bastidores, os projetos imobiliários do Metrô já começavam a sofrer forte oposição dentro da Prefeitura e do Instituto Brasileiro de Administração Municipal. Os empresários do setor imobiliário estavam reagindo e protestando contra as intenções especulativas da empresa, e a Prefeitura, pressionada por todos os lados, tinha também outro problema: os projetos do Metrô quebravam todos os gabaritos da rua do Catete e de Botafogo, onde os espigões, se construídos, multiplicariam por duas ou três vezes os problemas de tráfego das ruas Voluntários da Pátria e São Clemente.

A pressão chegou a um ponto que o governador Faria Lima determinou o arquivamento dos projetos. A partir daí os sonhos imobiliários do Metrô começaram a ruir. Na Prefeitura, os projetos originais foram sendo sucessivamente modificados até serem totalmente esquecidos, quando, com a mudança de governo, o poder da Companhia do Metrô começou a se diluir e seu presidente foi se desgastando até ser forçado a pedir demissão pelo governador Chagas Freitas.

No dia de sua posse, o novo presidente do Metrô, Carlos Theophilo de Souza e Mello, deu o golpe final nos sonhos da diretoria

anterior: "Vou vender os terrenos: a companhia está em crise financeira e precisa desfazer-se de seu patrimônio" — disse ele em declaração aos jornais. A declaração foi feita no dia 19 de março e marca o início do segundo capítulo da história dos terrenos do Metrô.

A primeira constatação da nova administração do Metrô foi que seria impossível vender de imediato os terrenos: não havia um levantamento preciso das áreas, que sequer estavam registradas em nome da companhia. Além disso, as pressões sobre a necessidade de destinar os terrenos à construção de praças e prédios públicos (ambulatórios' escolas, etc) tinham aumentado.

Resultado: o Metrô resolveu adiar para 1981 a venda dos imóveis que, seguramente, poderão também se ver envolvidos numa batalha jurídica. Legalmente, há possibilidades de os proprietários recorrerem na Justiça contra a venda dos terrenos — hoje avaliados em Cr$ 2 bilhões, num cálculo considerado imperfeito — caso fique comprovado que o Metrô desapropriou mais áreas do que necessitava, com fins especulativos.

INDÚSTRIA QUER LEILÃO PARA COMPRAR OS IMÓVEIS

Os empresários da indústria imobiliária têm feito severas críticas ao projeto de utilização dos terrenos que foram desapropriados pelo Metrô. No entanto, seus interesses são tão anti-sociais quanto os da companhia. A diferença é apenas essa: os empresários, ao contrário da comunidade, querem tirar para si a maior parte dos lucros na exploração dos terrenos

Há provas evidentes desta realidade. Em nenhum momento os empresários, nas declarações que têm feito aos jornais, defenderam a utilização dos terrenos para construção de praças e jardins, levando em consideração que o metrô atravessa áreas densamente povoadas. Pelo contrário: são favoráveis ao leilão dos terrenos, o que lhes dará vantagem.

Motivos: o leilão impedirá que os ex-proprietários dos terrenos recorram judicialmente para reivindicar um direito que perderam por força de decretos de desapropriação aplicados sob a justificativa de seus fins sociais. Além disso, um leilão os colocaria em nítida vantagem para comprar os terrenos, a custos altamente compensadores.

Para se ter uma idéia do valor dos terrenos, basta dizer que um apartamento de dois quartos (60 metros quadrados) próximo ao metrô está custando Cr$ 2 milhões. No pré-metrô, o mesmo apartamento poderá custar de Cr$ 800 mil a Cr$ 1 milhão, dependendo das simplificações que os empresários venham a obter no Código de Obras para baratear os custos de construção e, assim, aumentar os lucros. Como os terrenos são muitos e os gabaritos podem ser facilmente liberados até 40 andares ou mais, o negócio se transforma numa mina de ouro

Associação de bairros vai até a Justiça pra impedir espigões

Pela primeira vez, no Rio, o Metrô terá dificuldades para pôr em prática seus planos: as associações de moradores de Botafogo, Catete e Tijuca resolveram pressionar a companhia e até recorrer à Justiça, se necessário, para impedir a construção de espigões nos terrenos remanescentes das desapropriações no início das obras.

São mais de 142 mil metros quadrados que se espalham por toda a linha básica — de Botafogo à Pavuna, atingindo também a Tijuca — tomando, às vezes, quarteirões inteiros, como são os casos de Botafogo e Catete. A idéia da companhia é vendê-los para diminuir o impacto da grave crise financeira que praticamente paralisou suas obras este ano, mas a população dos bairros atingidos tem outros planos para os terrenos.

— No Catete, nós colocaremos piquetes nas áreas e impediremos no peito que o Metrô construa espigões — garante o presidente da Associação dos Moradores do Catete, Mariano Gonçalves Neto.

Mariano, que já correu o risco de ser preso em 1978, quando saiu às ruas de alto-falante em punho pedindo à população para se mobilizar contra o Metrô, está organizando os moradores do bairro para defenderem seus direitos:

— Há mais de quatro anos que o Metrô só nos cria problemas. A obra destruiu a rua do Catete, tirou o sossego dos moradores e trouxe prejuízos incalculáveis para o comércio. Nada mais justo que o Metrô agora nos retribua, cedendo os terrenos. Na área de influência do Catete vivem 50 mil crianças sem locais para diversão.

Como Mariano, o presidente da Associação Comercial da Tijuca, Jorge Washington Montillo, também tem posição definida: ele quer que a comunidade seja ouvida para discutir o destino dos terrenos, evitando, assim, "que os técnicos decidam tudo sozinhos":

Eu quero que o Metrô venha nos explicar por que desapropriou tantos terrenos pequenos na Tijuca, sem necessidade. Aliás, o problema é de toda a cidade. Precisaria haver uma sindicância na Câmara para apurar os critérios de desapropriação da companhia, que tem vários outros problemas a explicar: empreguismo, mordomias e a construção de uma sede suntuosa em Copacabana.

Mais discreto, o presidente da Associação Comercial de Botafogo e do Catete, Alvaro Pires de Azevedo, evita criticar diretamente a companhia, mas não faz sefredo de suas insatisfações:

— Nós vamos fazer um levantamento sobre os terrenos existentes em Botafogo e no Catete e vamos nos movimentar para que eles não sejam usados à nossa revelia. Quando chegou em Botafogo e no Catete, o Metrô desapropriou os prédios sem ligar para o destino dos comerciantes. Todos foram expulsos com uma mão na frente e outra atrás.

FALAM OS MORADORES

Em três bairros, ouvimos a opinião dos moradores sobre o destino a ser dado pelo governo estadual aos terrenos do Metrô

BOTAFOGO

• *Com toda a vantagem que muita gente morando por aqui pode trazer, ainda prefiro praças de lazer e de esportes.* (Aluísio Machado Borges, 50 anos, proprietário do bar Timone)

• *Estacionamento. Isso aqui é um atropelo. A gente quer passar e quase é atropelada. Esporte também é importante. Aqui na Voluntários não tem nenhum divertimento, não tem nada.* (Maria do Carmo Serqueira, 41 anos, empregada doméstica)

• *Prefiro uma praça com coisas pra gente se divertir. Aqui em casa a gente já não tem nenhuma vista e já perdemos toda a privacidade do terraço. Edifício ia ser muito ruim.* (André Ricov Dutra, 11 anos, estudante)

• *Acho que aqui daria um edifício. Acho edifício muito bonito. Enfeita.* (Maria Hortência Perini, viúva)

• *Acho que deveriam fazer áreas de lazer. A rua está bem congestionada.* (Paulo da Silva, 33 anos, porteiro)

• *Já que nesse pedaço do quarteirão, entre a São Clemente e a Voluntários, vão construir a estação do metrô, acho que deveriam fazer um edifício-garagem. Pra mim, como comerciante, isso aumentaria as vendas. Passamos quatro anos muito ruins e a esperança é o lucro que a estação pode dar.* (Alzira Gonçalves, comerciante)

• *O que falta são lanchonetes onde a gente possa comer. Aqui só tem a Sears e o Bob's. Também precisamos de praças, áreas de lazer. Só temos uma pracinha lá no final .da São Clemente, perto de uma favela. De edifício, já chega.* (Nini da Silva, doméstica)

• *Sou defensora de áreas de lazer para as crianças, o que evitaria a travessia da Praia de Botafogo, que é a outra opção que temos. Para os mais velhos seria legal, pra estudar, sentar debaixo de uma árvore... No nosso tempo a gente tinha lugar pra brincar, mas agora as crianças não têm.* (Margarida Chagas de Vasconcelos, 32 anos, digitadora de computadores)

CATETE

• Acho que deveriam construir praças. É disso que as crianças precisam. Tem muito carro atrapalhando tudo. E edifício já tem muito. **(Elton Monteiro Inácio, 14 anos, estudante)**

• Construir parques de diversão, pro meu negócio era uma boa. Jardins e parques de diversão, calçadas bem feitinhas. Edifício não. **(Francisco Rabelo, 42 anos, pipoqueiro)**

• Essa gente tinha que tomar vergonha e fazer parques e jardins. Edifício, lá pra longe. A área daqui do Catete já tá muito congestionada. **(Eduardo Evangelista, 67 anos, comerciante)**

• Aqui na rua do Catete devia ter mais estacionamento devido ao movimento. O pouco espaço não comporta os carros, que ficam escondidos porque os guardas não deixam a gente parar. **(Edilson Almeida, 32 anos, comerciante)**

• Acho que poderiam construir um outro museu bem aqui, do lado do Museu da República. **(Rozana Statuto, 11 anos, estudante)**

• Não tem nada melhor pra fazer do que umas praças para esporte. **(Francinês Alves, 17 anos, estudante)**

• Praça ficava muito mais bonito. Pra que edifício? A população não ia lucrar nada com isso. Quem ia, eu não sei, mas queria saber. **(Joana D'Arc Soares, 28 anos, estudante)**

TIJUCA

• *Transformar tudo isso em praça seria uma boa. Daí, quem sabe, pudéssemos reviver os velhos tempos da Praça Saens Peña. Acho que não cairia bem fazer espigões por aqui. Seria simplesmente uma jogada para valorizar mais a área, para alguém ganhar mais dinheiro.* (Sérgio Orind, 20 anos, estudante)

• *Lógico que devem plantar árvores. Area de lazer, ecologia, minha filha. Precisamos de um cinturão verde. Poderíamos integrar a Quinta da Boa Vista com a Praça Saens Peña.* (Cezar Lobo, 25 anos, desenhista)

• *Eu sugiro estacionamento. O problema de carros é muito grande. Praça também é uma boa, tem muita criança que necessita de área verde. Antes de edifícios, há outras coisas primordiais.* (Celina Coceli, 42 anos, funcionária pública)

• *Pra mim, praças. Espigão nunca. Edifício não dá mais.* (Luís Carlos de Mendonça, 33 anos, PM)

• *Acho que essas áreas devem ser garantidas pelo governo e transformadas em áreas de lazer. Pra que vender pra empresas particulares, como estão pensando? Chega de tanto sufoco e espigão.* (Rosangela Chaves, 18 anos estudante)

• *Edificar aqui pra quê? A população da área já é grande demais.* (Carlos Ludolf, 70 anos, funcionário aposentado)

• *A solução é ajardinar. Precisamos de áreas de lazer. Chega de edifícios. O espaço já está muito pequeno por aqui.* (Joaquim Botelho, 67 anos, industrial aposentado)

Depoimentos a Lea Cristina

PARA COMPENSAR PARALISAÇÃO

Empresas vendem carro quebrado

"As empresas do ABC estão querendo lançar mais carros no mercado para compensar os dias parados, sem ligar para a qualidade dos produtos, como faziam antes. Logo, um monte de carros sairá das fábricas com o OK do controle de qualidade pregado no pára-brisas, mas com ferrugem ou com a pintura pipocando."

A denúncia foi feita pelos trabalhadores de São Bernardo e Diadema, que no dia em que a greve chegou ao fim prometeram boicotar a produção. O boicote, porém, não está ocorrendo, garantem os metalúrgicos. Dizem eles que o boicote está partindo das próprias empresas, que aprovam a qualidade de qualquer porcaria para depois responsabilizarem os trabalhadores.

"A maior prova de que isso é verdade está ocorrendo na Volkswagen. A empresa está oferecendo carros aos funcionários com 21% de desconto, mas sem garantir a pintura. O que nunca aconteceu lá dentro", disse um metalúrgico da empresa.

Admitido motorista cego

A falta de critérios na admissão de trabalhadores está assustando os metalúrgicos do ABC. Antes da greve, existia um número muito grande de exigências — um trabalhador foi até obrigado a fazer duas obturações nos dentes, antes de começar no seu novo emprego. Mas agora, depois da greve, quando a produção é pequena para o número de compradores, as fábricas estão apelando.

Na Volks aconteceu um caso que é uma verdadeira piada. Um trabalhador foi admitido como motorista sem ter feito exame médico. Depois de alguns dias, sofreu um acidente de trabalho: uma fagulha entrou e se fixou no seu olho esquerdo.

Encaminhado ao departamento médico, a fagulha foi extraída e no local foi feito um curativo. Quando o médico que o atendia começou a preparar o material para tapar seu olho contundido, o trabalhador reagiu e falou: "Mas, doutor, como eu vou dirigir se o senhor só vai deixar meu olho cego aberto?"

O Coojornal faz a cabeça da Elis.

Faça como a Elis: assine o Coojornal, o jornal que faz a cabeça do pessoal que pensa.

12 edições por apenas Cr$ 440,00

Preencha o cupom e remeta-o junto com vale-postal ou cheque para a Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre Ltda
Rua Comendador Coruja 372
Porto Alegre - 90 000 - RS

Cupom de assinatura Coojornal

Profissão

Patrões protegem os "furas"

Os fura-greves estão sendo defendidos pelos patrões no ABC. As empresas acharam uma forma de protegê-los, mudando os "furas" para seções diferentes daquelas em que eles trabalhavam antes da paralisação. Assim, os metalúrgicos não conseguem saber se o "estranho" é um fura-greve ou um funcionário novo.

A Comissão de Salário fez uma campanha junto aos metalúrgicos para evitar atritos entre os trabalhadores.

"A gente fez ver aos metalúrgicos de São Bernardo que os trabalhadores que agüentaram durante 25 a 30 dias não são traidores. Se eles voltaram a trabalhar, isso ocorreu porque eles não suportaram as pressões econômicas, da polícia, etc. Nossa obrigação agora é ficar do lado deles para que, na próxima vez, eles agüentem até o fim", disse um integrante da Comissão.

Balancê do ABC

INSEGURANÇA CAUSA MORTE DE OPERÁRIO

A falta de segurança no trabalho fez mais uma vítima no ABC, no dia 19 de maio último. Desta vez trata-se de José Soares de Araújo, funcionário da **Confab**, de São Caetano, que trabalhava na construção de uma plataforma marítima usada pela Petrobrás na procura de petróleo em alto mar.

José Soares de Araújo, soldador, 32 anos, casado, quatro filhos, perdeu a vida quando uma peça despencou da estrutura da plataforma e o atingiu, esmagando-o enquanto estava de cócoras nas proximidades, esperando a sua vez de pegar o maçarico de solda.

Segundo um dos trabalhadores da empresa, o acidente poderia ter sido evitado caso a empresa obedecesse aos critérios de segurança na fabricação das plataformas. "Eles sabem que o calor dos maçaricos dilata o material da plataforma, mas assim mesmo deixaram de fixar dois vergalhões, que teriam evitado a morte do Zé."

"O pior — continuou o companheiro do soldador — foi o corpo do Zé ficar dois dias no IML esperando para ser liberado. E depois, na hora do enterro, a **Confab** não queria deixar a gente ir. Eles liberaram só uma kombi, mas a gente arrumou carona e saiu no peito."

* *

No setor 1.081 da *Volkswagen*, a chefia, aproveitando-se do fim da greve, está tratanto os trabalhadores como gado. Até mesmo as idas ao banheiro estão sendo reguladas na empresa. A nova moda lá é que, para o peão ir ao banheiro, ele é obrigado a esperar alguém para substituí-lo na produção. Só assim a chefia libera a saída. Quem estiver estourando, mesmo que for doente, vai escutar os chefes dizerem: "Mija aí no pé da máquina".

* *

Mordomia para imprensa dar força ao novo modelo

Enquanto a Volkswagen nega os aumentos reivindicados pelos metalúrgicos de São Bernardo, que ficaram 41 dias em greve, a empresa gasta milhares de cruzeiros em mordomias para o lançamento do carro Gol, realizado no mês passado na cidade paulista de Campos do Jordão.

Cerca de 150 jornalistas de todo o Brasil foram a Campos do Jordão, cidade conhecida por seu clima de montanha e onde o famoso Dudu da Loteca deu o maior golpe na praça. Com as passagens pagas, chegaram profissionais de Belém, Manaus e de todas as capitais brasileiras para verem o novo carro da Volks e publicarem gratuitamente suas impressões nos respectivos jornais. Aliás, esta é a publicidade mais barata e eficiente que existe.

Os jornalistas foram instalados em quatro hotéis da cidade, todos eles de quatro estrelas, isto é, luxuosos, e que cobram a diária de Cr$ 1.800,00 por cabeça. Claro que as bebidas — diga-se de passagem, estrangeiras — foram servidas à vontade e fora do preço da diária, que a multinacional também pagou.

Na noite que lá passaram, os "convidados" tiveram a oportunidade de assistir a um **show** com Rosemary, Caubi Peixoto e outros artistas do **Beco**, uma das casas noturnas mais caras de São Paulo. De quebra, um "cafetão" oferecia aos jornalistas ótimos programas com "lindas moças" da cidade.

Para completar a mordomia e tornar o lançamento do carro Gol "inesquecível", a Volkswagen deu a cada um dos jornalistas um minigravador da marca Nisei, no valor de 10 mil cruzeiros.

Governo faz campanha contra Lula e Igreja

Está em curso uma campanha de difamação pública contra o cardeal de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns, o bispo de Santo André, Dom Cláudio Hummes, e o líder dos metalúrgicos, Lula. A coordenação da campanha está sendo feita pelo Departamento de Ordem Política e Social, em São Paulo. O objetivo é desmoralizar os três, cuja liderança política no Estado assusta o governo em Brasília.

Lula sofrerá ataques pessoais, episódios de sua vida particular serão levantados de modo a apresentá-lo como alguém que não tem condições de ser um líder operário e muito menos político, hoje de prestígio nacional.

Dom Paulo, acreditem, será apresentado ao público como mulherengo, dono de um verdadeiro harém. Sobre Dom Cláudio, uma historinha: recentemente, na sede da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), em Brasília, um militar tachou-o de **playboy**, numa conversa com Dom Luciano, secretário-geral da Confederação. Recebeu uma resposta dura.

O governo acha que Dom Paulo aprova a participação de Dom Cláudio; como se um precisasse do consentimento do outro para agir. Ignora que as duas dioceses são distintas e cada um manda no seu canto. A hierarquia da Igreja não é militar.

Rivaldo Chinen

Dom Paulo, Dom Cláudio e Lula serão difamados pelo Deops

VOLKS PRENDE EX-GREVISTA EM CÁRCERE PRIVADO

"Você não está demitida ainda e não sei nem se será demitida. Mas faço uma exigência: que você fique na sala de telex (uma saleta isolada) e não saia dela, não converse com ninguém da seção, não pise na seção."

Essas foram as primeiras palavras que Rosângela Grunemberg, funcionária do Departamento de Compras Produtivas da Volkswagen do Brasil, ouviu de seu gerente, W. Imgaertchen, ao retornar ao trabalho depois de 41 dias de greve que os metalúrgicos do ABC fizeram. Ela foi a única de seu setor que ficou parada durante todo o período.

A atitude do "capataz" da Volks deixou Rosângela sem serviço, sem comunicação com seus companheiros de trabalho, e até mesmo sem contato com o exterior da empresa, já que ela não pôde nem ao menos atender a telefonemas.

Rosângela tentou reagir, "mas ele me ameaçou dizendo que me mandaria para a segurança industrial, lembrando ainda que ele era o gerente e, portanto, a autoridade maior no departamento. Disse ainda que não ficaria bem uma moça direita, de boa família, que nunca lhe deu problemas disciplinares, ir parar na segurança por desacatar as ordens da chefia. Para completar, avisou a todos os funcionários da seção que eles estavam proibidos de conversar comigo".

"Fiquei na situação de uma criminosa de alta periculosidade: presa, incomunicável. É um ato de violência, uma tremenda arbitrariedade. Durante a minha ausência ele tinha espalhado para toda a seção que eu estava demitida e que eu iria lavar garrafas. Para justificar sua atitude ele alegou que minha prisão se devia a dois motivos: (1) ter participado da greve; (2) ter chegado muito feliz quando a greve acabou."

O mais absurdo da situação de Rosângela é que os departamentos competentes da empresa já emitiram ordens por escrito ao gerente para liberá-la do cárcere e fazê-la retornar às atividades normais, enquanto não se define a situação. Mas o gerente nazista passa por cima de tudo, deixando a funcionária grevista encarcerada.

S.S.

QUEREM DERRUBAR CHEFE DO DEOPS

Conseqüências da greve: o secretário de Segurança Pública de São Paulo, Otávio Gonzaga Jr., declarou, por intermédio de seu secretário de imprensa, que não dará mais entrevistas até o mês de julho. Prefere ficar calado, por enquanto. No meio da greve ele quase pediu demissão.

Outro que pode sair é o chefe do Deops paulista, Romeu Tuma. A extrema-direita está querendo puxar seu tapete. Tuma, que foi colocado na polícia política para ser o homem da abertura, cumpre perfeitamente seu papel. Abriu as portas aos jornalistas, conversa com eles facilmente e até retirou do velho prédio todos os instrumentos de tortura. Agora os extremistas acham que ele está mole demais — acham também que ele afrouxou com Lula. Começaram, então, uma campanha para derrubá-lo.

Se Romeu Tuma cair, deverá subir Edsel Magnoti — o encarregado do inquérito de Lula — delegado que já foi apontado por presos políticos como torturador. Para alguns advogados da área política, a queda de Tuma — se ocorrer — representará efetivamente o fim da abertura.

Alex Solnik

Extrema direita está revoltada com Tuma

CENSURADO TELEFONE DO CARDEAL DE SP

Durante todo o tempo que durou a greve dos metalúrgicos de São Bernardo, o telefone de Dom Paulo Evaristo Arns, cardeal de São Paulo, esteve grampeado. O padre Rubens, de Vila Palmares, em Santo André, queria falar com seu bispo, Dom Cláudio Hummes, mas a ligação caía sempre na residência de Dom Paulo, na capital. De vez em quando era Dom Cláudio quem tirava o fone do gancho e falava — sem ter discado número algum — com Dom Paulo Evaristo Arns.

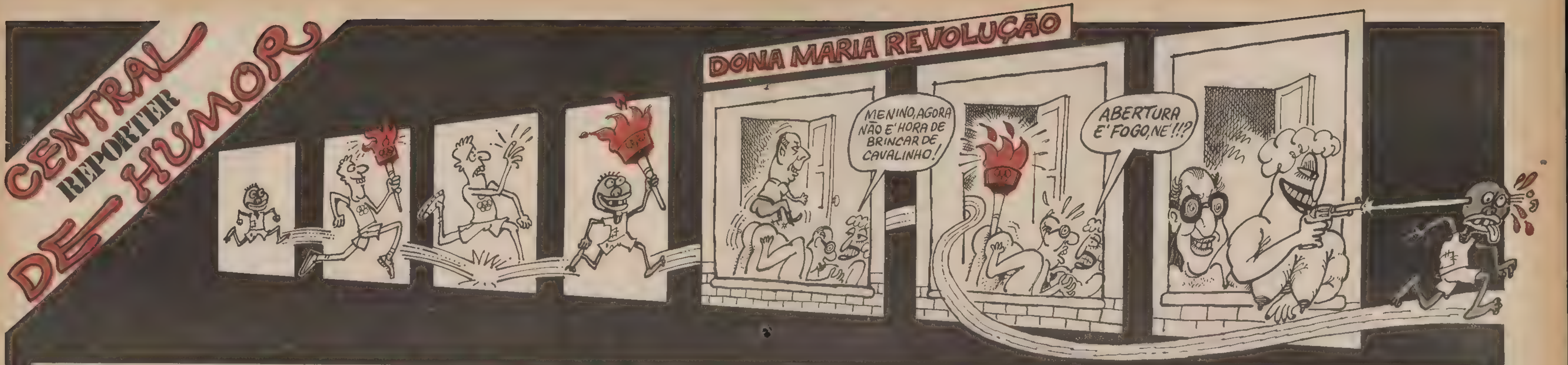
Outro telefone censurado foi o do senador Teotônio Villela (PMDB-Alagoas), que se destacou muito durante a greve como mediador, fazendo uma espécie de "ponte" entre os operários e o raivoso comandante da Polícia Militar, o coronel de Exército Arnaldo Braga, ex-chefe do Doi/Codi, afastado depois da morte do operário metalúrgico Manoel Fiel Filho, em 1976. Teotônio falava pelo telefone com o secretário de Segurança Pública de São Paulo e, de vez em quando, uma voz o advertia: "Cuidado, senador, devagar aí; vê se manera nessas informações". Até o secretário de Segurança estranhava essas "ordens".

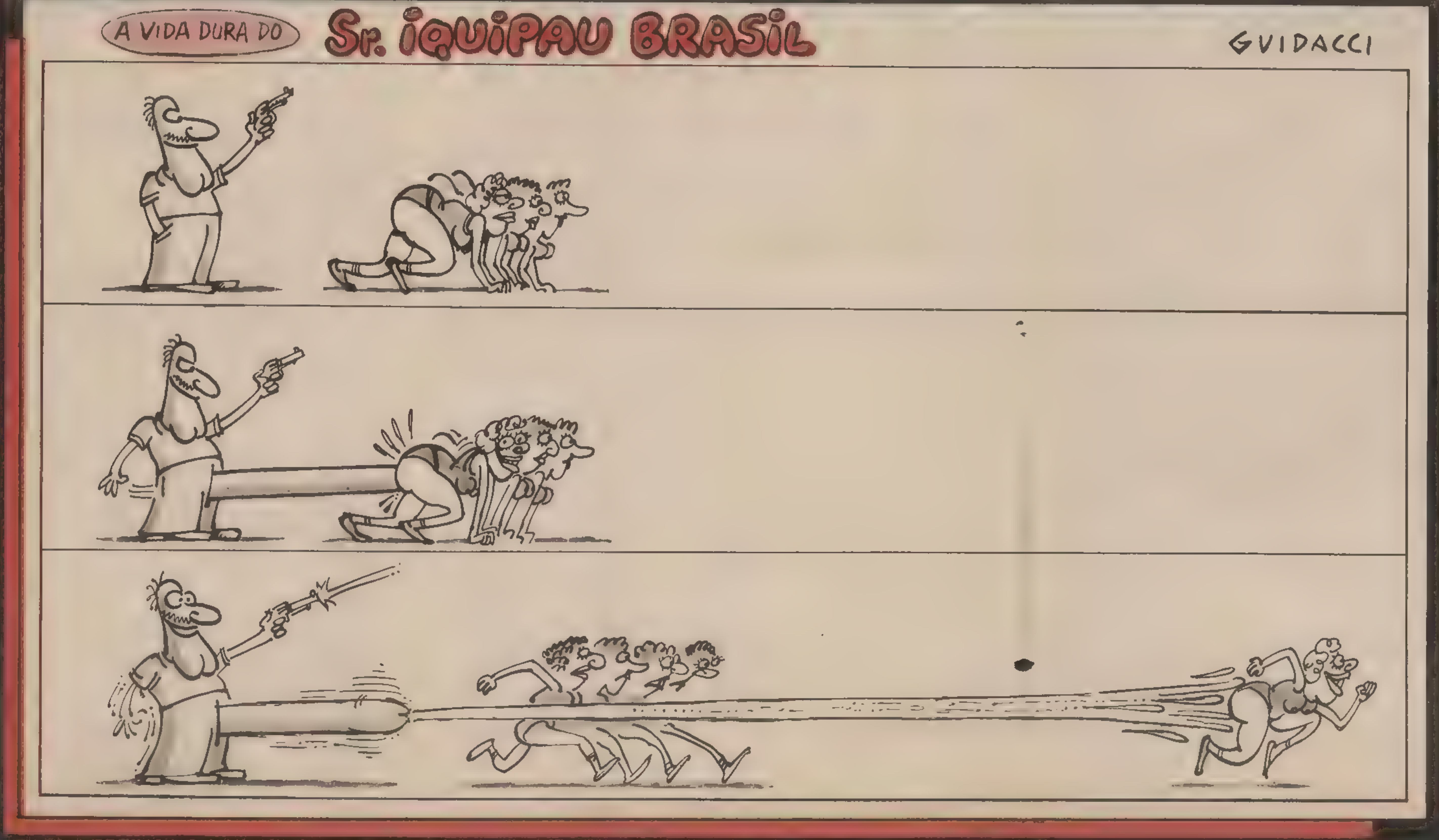
Rivaldo Chinen

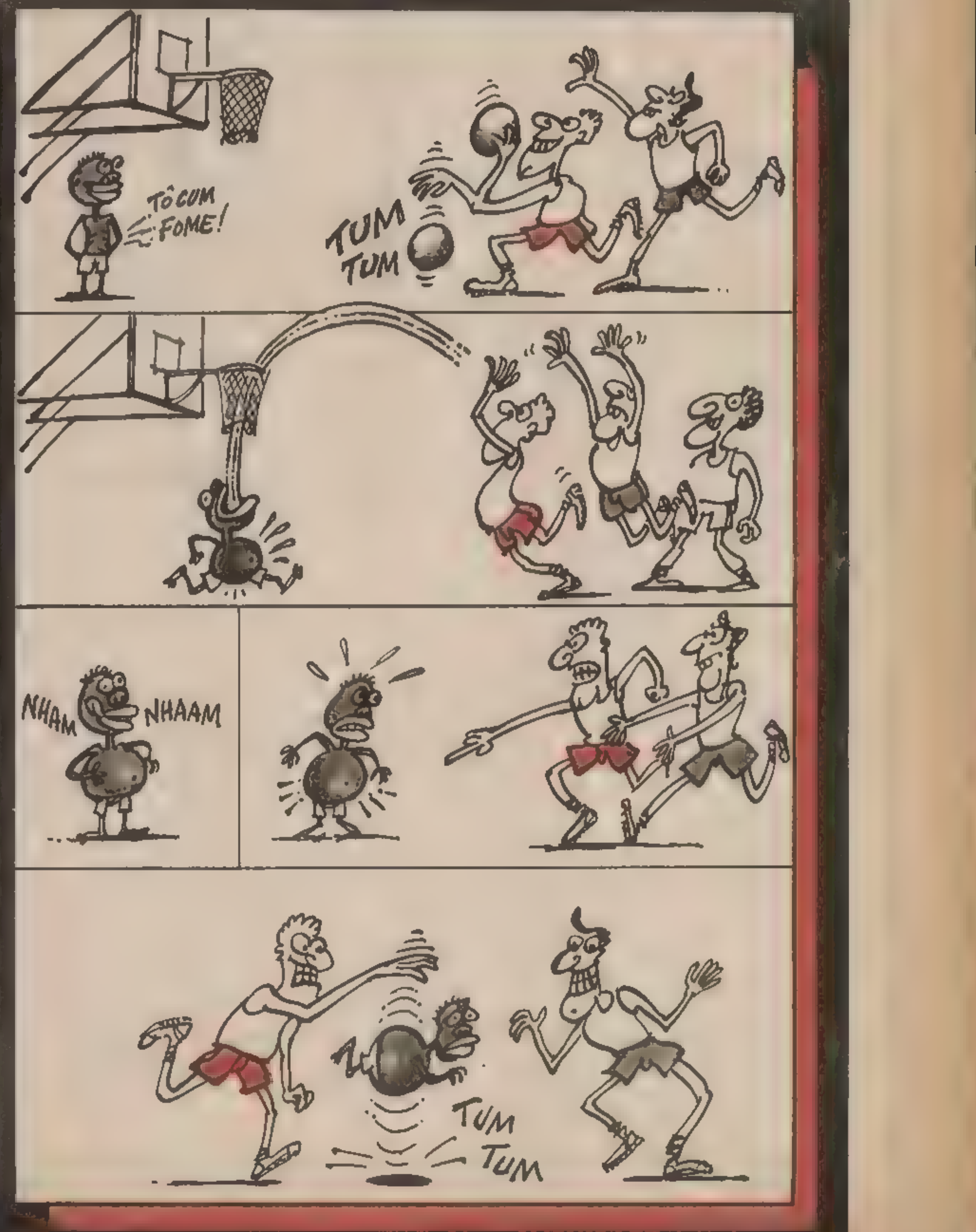
Extremista aconselhou general

Foi uma guerra. Para o general Milton Tavares de Souza, comandante do II Exército, sediado em São Paulo, cada dia da greve no ABC era dia de batalha. Fez parte da rotina desses dias uma reunião com pessoas de vários setores, com as quais o general desejava trocar impressões sobre a luta. Uma das presenças constantes nas reuniões era a do jovem Carlos Barbieri, conhecido elemento da extrema-direita. Barbieri, que também é companhia constante do proprietário da Rede Capital de Comunicações, Edval Alves da Silva, já foi presidente da Associação Anticomunista Mundial, quando tinha 23 anos de idade. Hoje deve estar com 26. Idéias de Barbieri, portanto, devem ter sido utilizadas pelo general Milton na "Guerra de São Bernardo".

Rivaldo Chinen


CENTRAL REPORTER DE HUMOR
DONA MARIA REVOLUÇÃO
MENINO, AGORA NÃO E' HORA DE BRINCAR DE CAVALINHO!
ABERTURA E' FOGO, NE'!!?


A VIDA DURA DO
Sr. iQUiPAU BRASiL
GUIDACCI


TÔ CUM FOME!
TUM TUM
NHAM NHAAM
TUM TUM

Indústria do prazer fatura milhões em São Paulo

OBJETOS

Anel Mágico, Oral Sex, Superman, Erotic, Pênis Duplo:

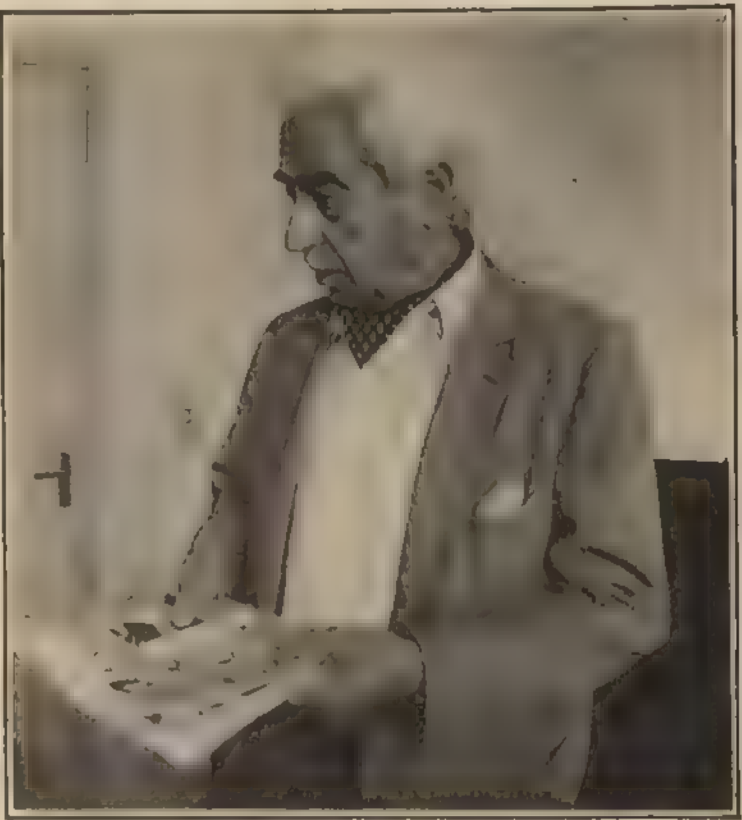
O búlgaro Marcos Ivanov Mantchev se veste com a sobriedade esportiva da década de 20. Terno Príncipe de Gales, **écharpe** colorida e bufante. Acompanha-o um sorriso ancião, um olhar que lembra às vezes o dos velhos mestres do passado, de Viena e outros reinos distantes de uma Europa já morta. Os cabelos, todos brancos, dão-lhe um ar estranho, de maestro de sinfonias inacabadas. Mantchev já fez de tudo; hoje ele sonha. Sonhos eróticos. Muito eróticos.

Pois foi exatamente esse estranho búlgaro, hoje com 71 anos e aficionado por gueixas, o pioneiro dos artefatos eróticos em nosso país, precursor da Alvan e inventor do Anel Mágico Erector e do Superman. Suas histórias merecem atenção, pois são a memória de uma página escondida de nossas tradições.

Mantchev foi capitão do Exército da Bulgária durante a Segunda Guerra Mundial e, segundo costuma dizer, "amigo íntimo do ministro da Guerra". Foi exatamente numa discussão alegre com alguns amigos militares, um deles coronel médico, que Mantchev ouviu pela primeira vez a palavra Erector, que viria a imortalizar no Brasil. Falava-se, durante um animado jantar, sobre as formas de se manter o membro rígido. O coronel sugeriu um elástico amarrado no pênis. O Erector. Palavra até então jocosa, de raízes desconhecidas na etimologia búlgara.

Chegando ao Brasil, depois da frustrada experiência militar na Bulgária, Mantchev trabalhou com várias especialidades. Fez de tudo, conforme afirma com orgulho. Até que, inspirado pelo problema de um seu amigo fazendeiro aqui do Brasil, o búlgaro terminou achando a fórmula para manter rijo os membros amolecidos. Ele conta a conversa.

— Esse meu amigo fazendeiro me disse uma vez que tinha problemas sérios com sua mulher. Com outras donas ele era um homem perfeito sexualmente, mas com sua mulher não conseguia nada. Bastava olhar para ela e o fracasso era total.



Marcos Ivanov, o pai, criou o Anel Mágico, inspirado em idéias de militares búlgaros, durante a Segunda Guerra Mundial; o filho, Ivan, continuou produzindo o Anel e lançou outros objetos, como o Superman, que ele mesmo exibe na foto

Pensei então na velha fórmula sugerida pelo coronel médico. Cortei uma tira de borracha de um aparelho de medir a pressão e daí tirei o primeiro Anel Mágico, que resultou em imenso sucesso. Meu amigo fazendeiro não só conseguiu satisfazer a mulher, como depois se habituou a fazê-lo sem o apetrechó. Foi então que, pressionado por outro amigo, acabei registrando a patente do invento.

Agora, aos 71 anos, Mantchev diz que tem sonhos eróticos constantemente. O mais comum é aquele onde lhe chega uma gueixa e começa a acariciá-lo. Ele, então, apontando-lhe o membro rígido, diz que este se chama John. No final, a japonesa lhe pergunta quantos anos tem e ele responde sorrindo: 71. Depois de piscar, Mantchev olha desconfiado para seu filho, que nem desconfia que esse sonho pode ser a mais mágica das realidades.

O filho, Ivan Marcos Mantchev, seguiu a trilha do pai. Arranjou um sócio, Álvaro Gomes, com quem desenvolveu projetos de novos objetos sexuais, com os quais seu pai nunca tinha sonhado. Mas, apesar disso, o Anel Mágico continua sendo o carro-chefe da empresa: segundo Álvaro, 2.500 anéis são vendidos por mês, a Cr$ 530 pelo reembolso postal e a Cr$ 450 nas farmácias. Quer dizer: só com o anel, a firma fatura perto de Cr$ 1 milhão por mês.

O anel é feito de silicone atóxico, graduado de acordo com o tamanho do órgão do freguês — que pode variar de 3 a 4 centímetros de diâmetro. A função desse Anel Mágico não é enfeitar o dedo dos impotentes, como imaginaram erroneamente alguns leitores apressados da propaganda veiculada sobre o produto em quase todas as revistas masculinas do país. O Erector que, conforme a publicidade da empresa apregoa, é "sexacional", tem por objetivo combater ejaculações precoces. Esse anel de borracha cor de carne tem uma saliência anatômica que impede o fechamento do canal seminal durante o aperto, evitando assim o represamento do sêmen. Uma retenção contínua de esperma pode trazer conseqüências nada agradáveis para o usuário. Mas, segundo os fabricantes, o anel está registrado no Departamento Nacional de Saúde desde 1953.

Álvaro Gomes, sócio de Ivan Mantchev, faz um perfil de seus fregueses, com toda a autoridade no assunto:

— Cerca de 30% dos aparelhos que vendemos mensalmente são para os rapazes que gostam de uma sacanagem sem método. Muitos vêm aqui e compram vários para levar para os amigos, uma brincadeira inconseqüente. Os outros 70% são pessoas que realmente têm problemas e necessitam desse produto para ajudar a resolvê-los.

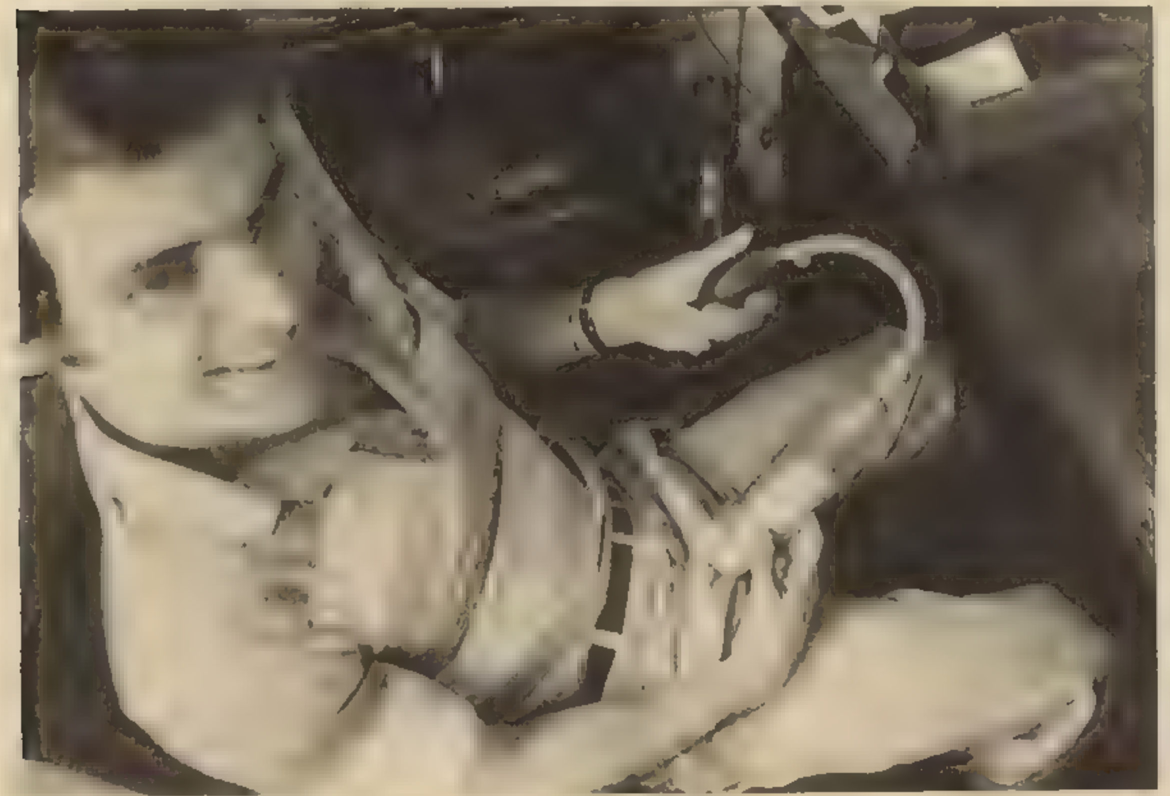
Além do Anel Mágico Erector, a Alvan fabrica, também, o Superman. Coincidentemente com a impressão de força que o nome sugere, o acessório Superman consiste numa vigorosa réplica do pênis humano, com todas as suas

De pai para filho desde a Segunda Guerra Mundial

SEXUAIS

Reportagem de Antonio Pavone
Fotos de Valdenir Benedetti

tudo para satisfazer a mulher ou o homem



Álvaro e a bombinha que massageia o pênis; sobre a mesa, os vários tipos de "anéis mágicos", que são os campeões de venda da firma

saliências cuidadosamente reproduzidas num trabalho artesanal. Dois tamanhos: 12 e 16 centímetros de comprimento. O Superman vem acompanhado de uma cinta elástica, preparada especialmente para aqueles que não desejam encaixá-lo no membro, mas simplesmente usá-lo de forma mais criativa. Superman também é uma criação Mantchev já bem antiga. A intenção do criador foi a mais humana possível: pensava ele, ao criar tão importante réplica do órgão masculino, nos mutilados e nas viúvas insaciáveis, personagens quase sempre esquecidos pela ortopedia convencional.

— Todo mundo quer ter um pênis extra — afirma Álvaro Gomes, sem nenhuma falsa modéstia em relação ao produto que fabrica. — Já que todos precisam, nós o fabricamos, sem nenhum falso moralismo para nos impedir. Muitas revistas masculinas do primeiro time, como **Status** e **Playboy**, evitam publicar anúncios sobre os nossos produtos por mero falso moralismo. Nos Estados Unidos, um vibrador a pilha custa 9 dólares e uma boneca inflável uns 20 dólares, preços acessíveis à maioria da população. Lá, as publicações são totalmente livres. Aqui nós temos um vibrador nacional, o "Personal Vibrator", produzido por Yuan Feng. No entanto, a propaganda diz que ele deve ser usado como massageador do rosto, dos nervos. Você já viu um massageador para o rosto do tamanho e do formato certinho de um pênis?

O mais recente lançamento da dupla Álvaro e Ivan é o Erotic, que sai no mercado este mês. Trata-se de um anel afrodisíaco, com finalidades especificamente estimulantes do orgasmo. Antes desse anel afrodisíaco a dupla já lançado, com sucesso, o primeiro e único preservativo para o sexo oral que se tem notícia no Brasil e mesmo no mundo. É o Oral Sex, com sabor de baunilha, que se encaixa anatomicamente na língua do freguês e produz "indescritíveis delírios" na mulher. Na verdade, é uma capa de plástico com algumas saliências.

— Os anéis afrodisíacos existem para estimular o clitóris da mulher — salienta Álvaro, o jovem empresário, enquanto segura uma estranha peça de borracha fálica — e nós resolvemos criar o Erotic dentro desse molde. Só que nós bolamos algo diferente, um "bichinho muito doido" que excita ao mesmo tempo o ânus e a vagina. É muito simples. Nós fizemos um anel com uma pequena lingueta. Esse anel, quando colocado no pênis, fica na posição exata para excitar os dois orifícios ao mesmo tempo, produzindo calafrios em qualquer mulher.

Segundo Álvaro, os apetrechos eróticos produzidos pela sofisticada tecnologia desse setor existente nos Estados Unidos têm por finalidade, quase que exclusivamente, excitar apenas a mulher. Para os homens, são poucos os estimulantes.

— A maioria dos artifícios eróticos norte-americanos visam a excitação da mulher, através de estímulos clitorianos e anais. Existem, nos Estados Unidos, os mais variados tipos de aparelhos, que fazem verdadeiros atos sexuais apenas ligados na tomada. Os vibradores já se tornaram comuns entre as mulheres americanas, e quase todas sexualmente ativas têm um de reserva em casa, caso seu homem chegue atrasado ou mesmo para atender a uma inesperada excitação.

Álvaro faz uma digressão sociológica e afirma que o brasileiro, apesar de ser chegado a uma sacanagem, ainda é muito retraído em diversos aspectos. Os povos europeus e mesmo o americano são mais descarados e menos preconceituosos em relação aos acessórios eróticos. Um exemplo típico é o da boneca erótica, que fez grande sucesso na Inglaterra: ela tinha o rosto da rainha Elizabeth e o povo esgotou o artigo, enriquecendo seu proprietário, que agora está sendo processado por esse "ultraje" à Sua Majestade.

— O brasileiro é meio desconfiado — confidencia Álvaro. Ele gosta de aparecer perto dos amigos, mas na hora do vamos ver ele é mais ou menos retraído. Por essa razão, acho que ainda demoraremos um pouco para termos uma boneca erótica de fabricação inteiramente nacional.

Para mostrar o alto grau de desenvolvimento da sacanagem eletrônica norte-americana, Álvaro exibe o catálogo Erotic Sex Devices, com 270 fotos e mais de 200 artigos. Dentre os produtos apregoados nesse manual de libertinagem sádico-elétrica está o "punhetômetro", a "vagina de bolso", "o cabeção", "o Rolls-Royce da masturbação", "O Frade Bonzinho" e a sofisticada "Love Machine" ou "Fucking Machine", o que, se traduzirmos, corresponderia a uma "Máquina de Amar".

SUJEIRA

Ejaculação precoce e impotência são problemas sérios para muitos e muitos brasileiros. Apesar disso, nunca mereceram atenção dos órgãos oficiais, como o Ministério da Saúde. Não há uma política sexual no país. É por isso que produtos pseudomedicinais, como os apresentados nessas páginas, são vendidos a rodo, sem nenhuma garantia de resolver o problema, ou pelo menos não fazer nenhum mal. O Anel Mágico, por exemplo: os fabricantes dizem que ele foi aprovado pelo Departamento Nacional de Saúde, em 1953, mas isso não quer dizer nada, pois esse órgão não existe mais. E nem precisa ser médico para perceber que o tal anel, dependendo da força com que apertar o pênis, pode reter a circulação do sangue, com graves conseqüências. Sem falar no preço absurdo: Cr$500 por uma tirinha de silicone.

Antes, eles tiravam o dinheiro todo. Agora, a renda é dividida.

MORTE DO CAFETÃO. NA ZONA, SÓ LEMBRANÇA.

Reportagem de
Vera Lúcia Sastre
Colaborou: Efe Pinto

Quando se fala em malandro, hoje, pensa-se logo no bandido, no ladrão ou em outro tipo de marginal. Antigamente tudo era diferente e o malandro carioca era um homem respeitado, tanto por sua conversa como por saber viver sem trabalhar e sempre à custa de alguém. Principalmente das mulheres que faziam vida nas zonas do baixo meretrício do Mangue, da Lapa ou dos famosos **rendez-vous** da rua Alice, da Senador Dantas, da Riachuelo e de Copacabana, em número superior a 200.

O malandro era sempre um cafetão. Trajava-se bem, tinha automóvel e muitos anéis de ouro e brilhantes nos dedos. O cafetão, normalmente, tinha mais de uma fonte, isto é, mais de uma mulher se virava pra ele e lhe dava boa vida. Muitos deles chegaram a enriquecer. Até mesmo muitos nomes da atual política foram, antes, grandes cafetões. Alguns deles, já em altos postos na polícia, estão cheios de moral e fazem questão de não se lembrar do tempo em que tomavam dinheiro de mulher.

E há as histórias famosas que corriam pelas bocas da malandragem carioca, como a do vendedor Mário Moldes da Costa Mendes, que cafetizava uma jovem na boate Bolero, em Copacabana, chamada Jóia Rodrigues. Um dia, Jóia se apaixonou por outro e resolveu trocar de cafetão, dando seu dinheiro semanal para um mais jovem e mais bonito. Mário, que morava em um hotel por conta de Jóia, quando perdeu a boca resolveu liquidar o rival. Mas este, também peitudo, enfrentou a parada. Mário perdeu e acabou se matando em um quarto do Hotel Rio, que até hoje funciona na Praça Tiradentes, em frente à igreja protestante.

Tem ainda a história de Lírio da Costa, que era policial e deixou seu cargo para viver à custa das mulheres. Com isso, chegou até a montar uma pequena indústria em São Cristóvão, até que uma de suas "minas", indignada por ele ter outra fonte de renda — uma sua colega — dedurou Lírio, arranjou provas e ele foi processado. Lírio não deixou de ficar rico, pois tinha seu dinheiro bem guardado em banco. E naquela época rendia juros.

Os cafiolas de hoje são bem diferentes e só procuram explorar uma determinada mulher. Como o ex-motorista de madame que, insatisfeito com o salário mínimo que ganhava "para ajudar os bacanas a enriquecer", trocou sua distinta carreira pela de cafetão na **zona** do Mangue. Diz que se chama Alex, mas depois resolve trocar o nome para Dal. Carioca, 30 anos, machão. Os olhos estão vermelhos de tanto fumar um baseado. É o cafetão dos anos 80.

Dal não tem nada a ver com o cafetão dos anos 50 — época áurea da prostituição no Mangue — que era um homem elegante, vestindo terno de linho branco e sapato bico fino. Hoje, usa **short** de náilon, do tipo surfista, e sandálias de dedo. Dal explora Maria, de 22 anos, mineira de Carangola. Seu objetivo: juntar dinheiro para comprar um bar.

Ex-aluno do Colégio Militar do Rio de Janeiro, filho único de oficial reformado da PM e inimigo dos "regimes militares", logo no primeiro ano de colégio Dal foi expulso: meteu a faca na barriga de um sargento. Dal, que não suporta bebida alcoólica, tem várias opiniões formadas. Por exemplo, acha um absurdo um sargento da PM ganhar Cr$ 25 mil "só para espancar a população".

No bar da Soraya, na **zona**, a decoração é carnavalesca. As mesas são forradas com toalhas de plástico, estampadas com as paisagens do Rio. As paredes são cor-de-rosa. Travestis, batidas Dubar de sabores artificiais e jogos de flipper. Dal cobra Cr$ 200,00 por cada trepada de Maria, e a dona da casa recebe Cr$ 15,00 de comissão:

— Quando peguei a Maria — conta Dal — ela era pior do que a Geni. Agora ela trabalha pra gente abrir um bar e sustentar também a nossa filhinha de dois anos.

Fotos de Chiquito Chaves

Comprido ficou rico em outra época

Maria usa **collant** exibindo as pernas bonitas e lisas. Diz que se acha gorda pra ficar nua como as outras mulheres da **zona**, que desfilam de calcinha e sutiã. A mulher de Dal, perto das outras, é linda. Seu cabelo é liso, tingido de louro, tem boa pele e sorriso bonito. Dal está na **zona** há seis anos. Primeiro conheceu a prostituta Marlene. Depois morou com Salete, Maria e Ana ao mesmo tempo. Agora só tem a Maria, que chega a ter 20 relações por dia, das 6 às 11 da noite. Seus fregueses não são paraíbas do Metrô. São doutores, advogados, tudo gente fina. Mas muitas vezes ela tem aborrecimentos. Os caras tomam porres e se recusam a pagar. Ou então pedem pra botar um pepino na bunda deles durante a relação. Segundo Dal, são machões somente lá nos tribunais.

Dal e Maria têm casa em Anchieta, subúrbio do Rio, onde a criança fica com a mãe dela, que desconhece as transações da **zona**. Foi em Anchieta que Maria começou a se prostituir. Teve pais de criação, casou-se aos 16 anos, não agüentou a barra e foi viver com donos de boca-de-fumo. Dal a conheceu nessa época. Ele acha que Maria está levando uma vida muito decente desde que se conheceram.

— Mas eu quero mesmo é sair daqui da **zona**. Isso aqui é podre, horrível, um inferno — desabafa.

A família de Dal desconhece sua fonte de renda. Ele se considera ovelha-negra, pois seus pais são casados há 35 anos e não sabem o filho que têm. Sensível, Dal diz que acredita no amor, no pensamento positivo e no poder da mente. Ele e Maria gostam de ir à praia em Ipanema, assistir filmes à tarde na tevê e ouvir discos de Roberto Carlos. Dizem que têm uma casa bem mobiliada em Anchieta, com televisão colorida, aparelhagem de som e conjunto estofado.

— Não me considero um cafetão, pois não tenho dez mulheres. Eu não exploro minha mulher, tirando todo o dinheiro dela. Ela trabalha para o nosso sustento. Sozinha, não teria cabeça para o negócio.

Dal não tem ciúmes de Maria, nem medo dela se apaixonar por outro homem. Maria afirma que se garante, que faz tudo profissionalmente: "Gostoso mesmo, só o Dal".

Nas ruas do Mangue as mulheres andam mostrando o corpo decadente, deformado, coberto de estrias, celulites e marcas roxas. Algumas fazem ponto no bar do Cauby, onde tudo acontece. Ricão, policial aposentado, recebe dinheiro que empresta a juros. Desta maneira livra muita gente da desgraça. É com o dinheiro emprestado por Ricão que muitos pagam à polícia, subornam PMs ou pagam advogados. Quase todo mundo no Mangue tem parente preso, a maioria cumprindo pena por assalto. Ricão não se envolve com os problemas pessoais de ninguém, só empresta o dinheiro. Aos 58 anos, bem vestido, usando um enorme brilhante no dedo e relógio e pulseira de ouro, ele confessa que foi um cafetão.

— Só que no meu tempo as mulheres eram lindas. Eu não era bonito, mas tinha uma boa estrela. Por isso arranjava tantas mulheres. Só de uma vez tive cinco. Inclusive a francesa Geni, que hoje é dona de um bar na Galeria Alasca (famoso ponto noturno de Copacabana).

O ex-cafetão se diz proprietário de alguns imóveis no Mangue. Herança do pai, que deixou ainda outras posses na Praça da Bandeira. Ricão hoje está preocupado com sua família. Mulher e dois filhos adultos trabalhando. Moram na Penha, mas têm casas de veraneio. Sua última compra foi o Puma GT, com motor de Opala, por Cr$ 800 mil.

— A mulher gosta de cafetão policial porque se sente mais segura — diz Ricão. — No meu tempo eu tirava todo o dinheiro delas. Se você der dinheiro à prostituta, no dia seguinte ela não quer trabalhar.

Soraya, dona do bar que fica num sobrado, confessa que no tempo dos bons cafetões era bem melhor. Ex-vedete de teatro de revista no Rio Grande do Sul, ajudou o cafetão Comprido a enriquecer. Eles já estão sepa-

Dal, o cafetão: "Eu não exploro a minha mulher. Ela trabalha para o nosso sustento"

Dal e a mulher Maria trabalhando para comprar um bar

rados há alguns anos, mas têm um filho de seis anos vivendo em Minas. Comprido tem um ponto de jogo-do-bicho na **zona**:

— Isto aqui hoje é decadente. Ser cafetão agora significa dividir copo de leite. Eu ganhei muito dinheiro com a Soraya. Agora já não dá mais.

Comprido está no Mangue há 25 anos, e há 15 tinha nove mulheres na casa da Jurema, que morreu há pouco tempo. Diz que as mulheres trabalhavam de salto alto, penteadas e bem vestidas, e jamais, por questão de honra, se amigavam com gente da polícia. Ele acha que as prostitutas tinham uma certa consciência do que estavam fazendo e evitavam morar lá dentro do Mangue. Comprido se considera um grande administrador, que guardava e aplicava o dinheiro de suas mulheres. Diz que foi ele quem conseguiu a casa para a Soraya trabalhar. Depois, assumiu uma família. A filha vai se casar em julho.

Outra mudança no Mangue está no caráter das prostitutas. Disto, os velhos cafetões reclamam. Antes, elas jamais serviriam de isca pro freguês ser roubado. Eles lamentam ainda o uso excessivo de drogas na **zona**, o que contribui para a decadência. Comprido entrou na **zona** do Mangue como vendedor ambulante de roupas finas. Naquela época se podia até vender jóias. Hoje, quem descuidar tá ferrado. É assalto na certa.

À noite, no Mangue, o movimento é maior. Dal está preocupado com o 1.º BPM, carro n.º 520.126, dirigido pelo motorista Arquimedes, que o persegue. Acusam o cafetão Dal de vadio, e ele não sabe como se livrar dos PMs, que exigem Cr$ 400,00 por dia. Já foi preso duas vezes e solto pelo advogado da **zona**, Nicolino Lagrutta. O advogado passa por ali todo final de tarde, certamente pra falar com seus clientes.

Os tempos mudaram. Hoje em dia, muitas vezes, o cafetão — profissão que tem seus dias contados — resume-se na falsa garantia dada por alguns tiras, principalmente às mulheres que trabalham na noite até mesmo como bailarinas de inferninhos. Em alguns casos, os cafetões são também os leões-de-chácara das casas noturnas: as mulheres que freqüentam as boates e também as que trabalham no **show** precisam de segurança para suas atividades. A maioria dos cafetões arranja os fregueses pra suas mulheres, pois conhecem mais os "coronéis" e os que são bons de grana. E com isso vão vivendo com a mulher; ela mesmo pagando o aluguel do apartamento ou do quarto onde vivem e também onde recebem os fregueses. Na hora do encontro, o cafetão se manda.

Bailarina matou o gigolô

*A bailarina Isis Clarice Leite Diniz, 24 anos, é uma mulher marcada pelo sindicato dos gigolôs de São Paulo, por ter matado um deles, Luís Carlos Guedes dos Santos, vulgo **Arrepiado** ou **Sidnei Magal**, em frente ao teatro Natal, na avenida São João, num domingo à noite. O gigolô, que a havia espancado naquele mesmo lugar, no sábado, voltou a chutá-la violentamente. Isis sacou do revólver e acertou-lhe um tiro no coração.*

*Isis conta que conheceu **Arrepiado** há um ano, nos bastidores do teatro de revista onde ela fazia **strip-tease** e ele trabalhava como sonoplasta. Um dia ela ficou doente, não foi trabalhar, ele bateu na porta de seu apartamento. Depois que ficou boa ela não quis mais vê-lo, mas o gigolô entrava no apartamento à força, arrombando a porta a pontapés.*

*Não adiantava fugir do rapaz, ele insistia em ficar cafetizando a bailarina. Ela arrumou um namorado, não adiantou. Deu ordens para o porteiro do prédio não mais deixar o gigolô entrar, também não adiantou nada. Ele a esperava na porta e ali mesmo começava a bater nela. Batia pela manhã, no intervalo do **show** e à noite.*

***Arrepiado** sabia muito bem que Isis não poderia morar com ele porque o apartamento não era dela, e sim de um velho comerciante de sua cidade, Tatuí, interior de São Paulo. Um coroa cheio da grana que vinha de vez em quando marcar ponto. Mesmo assim o gigolô entrava no apartamento e fazia coisas realmente de arrepiar.*

— Ele cortava o pulso com a faca e deixava sangrar. Depois pegava um revólver e apontava pra minha cabeça. Dizia que ia dar um tiro certeiro quando o sangue estivesse fazendo ele perder a força. Ele apagava o cigarro no meu corpo. Olha aqui (mostra o braço), eu tenho marcas visíveis.

Isis cansou de apanhar e matou seu cafetão

*No sábado 17 de maio, de noite, o gigolô deu tantos socos na barriga da bailarina que ela não agüentou e caiu. O pior é a humilhação de ter apanhado na frente de outras mulheres. Ele a ameaçou de cortar-lhe a cara a faca. Mesmo assim ela não cedeu ao que ele queria. Queria dinheiro, que ela entregava para o coroa que montara seu apartamento. Chegou a entregar na mão do velho quase Cr$ 200 mil, juntado em anos de trabalho como **strip-girl**, profissão dessas moças que tiram a roupa num palco vagabundo e fedorento ante o olhar sedento da rapaziada na platéia.*

*Isis tirava a roupa em dois teatros de revista. Tinha registro em carteira e ganhava Cr$ 11 mil por mês em cada um deles. Fora isso ela se virava numa boate, onde ganhava Cr$ 800,00 por noite, mais a comissão das bebidas. E ainda estudava supletivo; estava na 7.ª série. Começou como recepcionista num escritório de advocacia e chegou a ser tachada pelos jornais como "a rainha do **strip-tease** em São Paulo".*

Rivaldo Chinen

Se você tem problemas de saúde sexual sobre os quais não gosta de fazer perguntas, lembre-se de uma coisa: há muitos outros homens como você. Mas aqui está um livro para ajudá-lo!

A Saúde Sexual do Homem

do Dr. Philip R. Roen

Famoso urologista norte-americano responde a todas as suas perguntas!

Um livro que oferece conselhos simples e úteis para os homens desde a adolescência até a idade madura.

Não prive a si próprio e seus entes queridos da oportunidade de conhecer os conselhos sensatos que o Dr. Philip Roen oferece neste livro essencial. E, por apenas Cr$ 200,00 você terá as respostas às perguntas que o afligem.

Escreva com letra bem fácil de ler para evitar enganos.
Não se esqueça do CEP (código do Correio de sua cidade).
NÃO MANDE DINHEIRO AGORA. Pague quando receber a encomenda.

MANDE HOJE MESMO O SEU PEDIDO, RECORTANDO E PREENCHENDO O CUPOM ABAIXO.

MARGEM EDITORIA E PROGRAMAÇÃO
Rua Miguel Couto, 134 – 11º andar – 20070 – Rio de Janeiro, RJ
Peço enviar-me pelo Reembolso Postal . . . . exemplar(es) de A SAÚDE SEXUAL DO HOMEM, a Cr$ 200,00 cada.

Nome: ____
Rua ____
Cidade. ____ Estado. ____
CEP: ____
assinatura

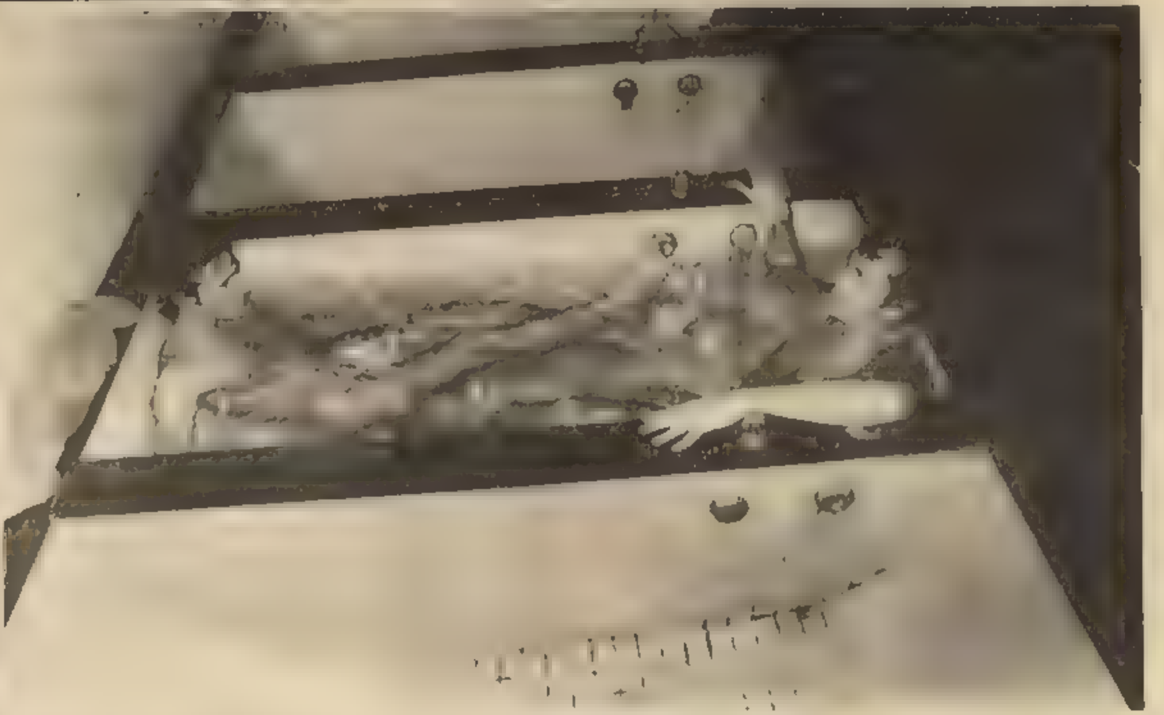
Na compra de 2 ou mais exemplares não cobraremos as despesas postais

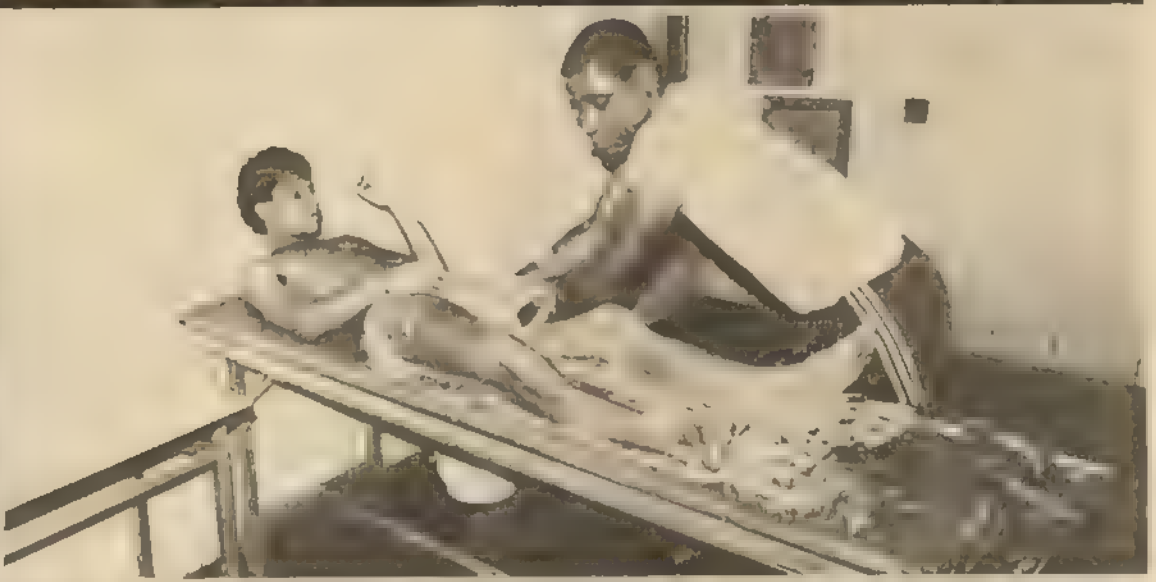
NA INTIMIDADE DOS CRAQUES

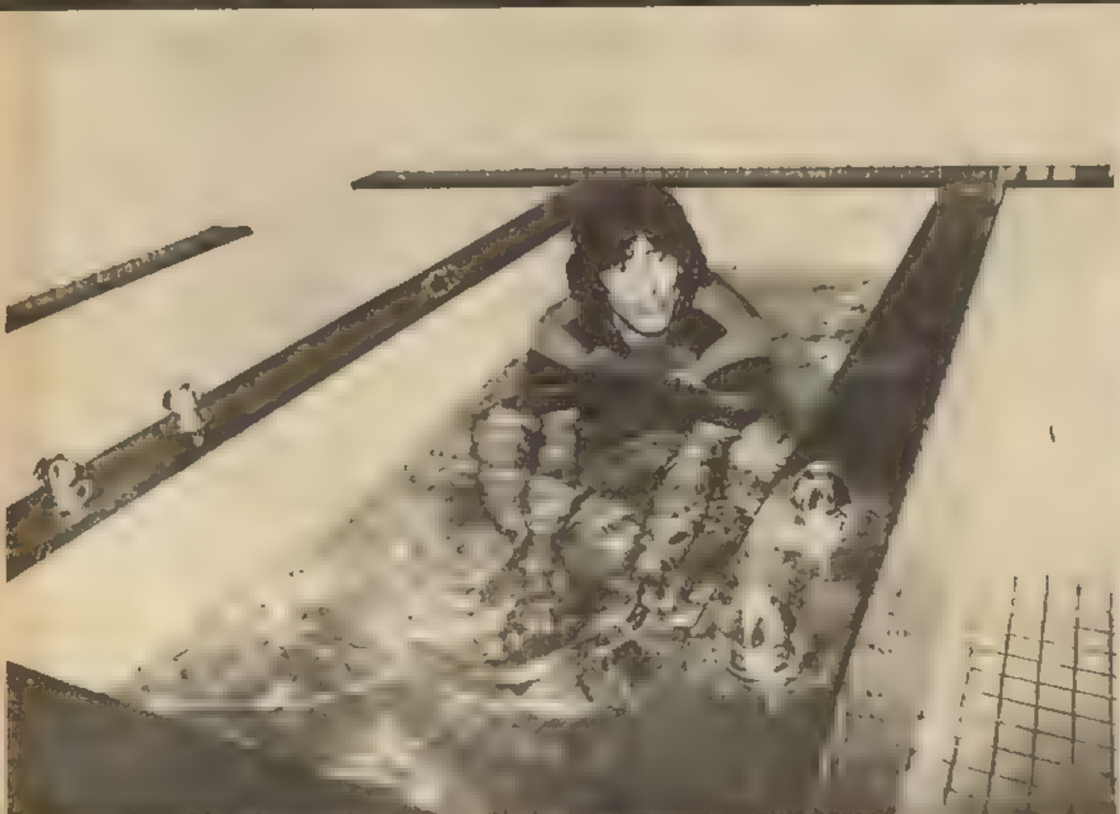
Fotos de Chiquito Chaves
e Custodio Coimbra

O vestiário é a curiosidade do torcedor. É o lugar proibido onde o ídolo vira gente, toma banho, bebe água, escova dente, penteia cabelo, fica nu — e só meia dúzia de bem-aventurados pode ver. Pra satisfazer a vontade da galera, nossos repórteres deram o que os radialistas chamam de "mergulho nos vestiários". Eis o resultado:

Ancheta, do Grêmio

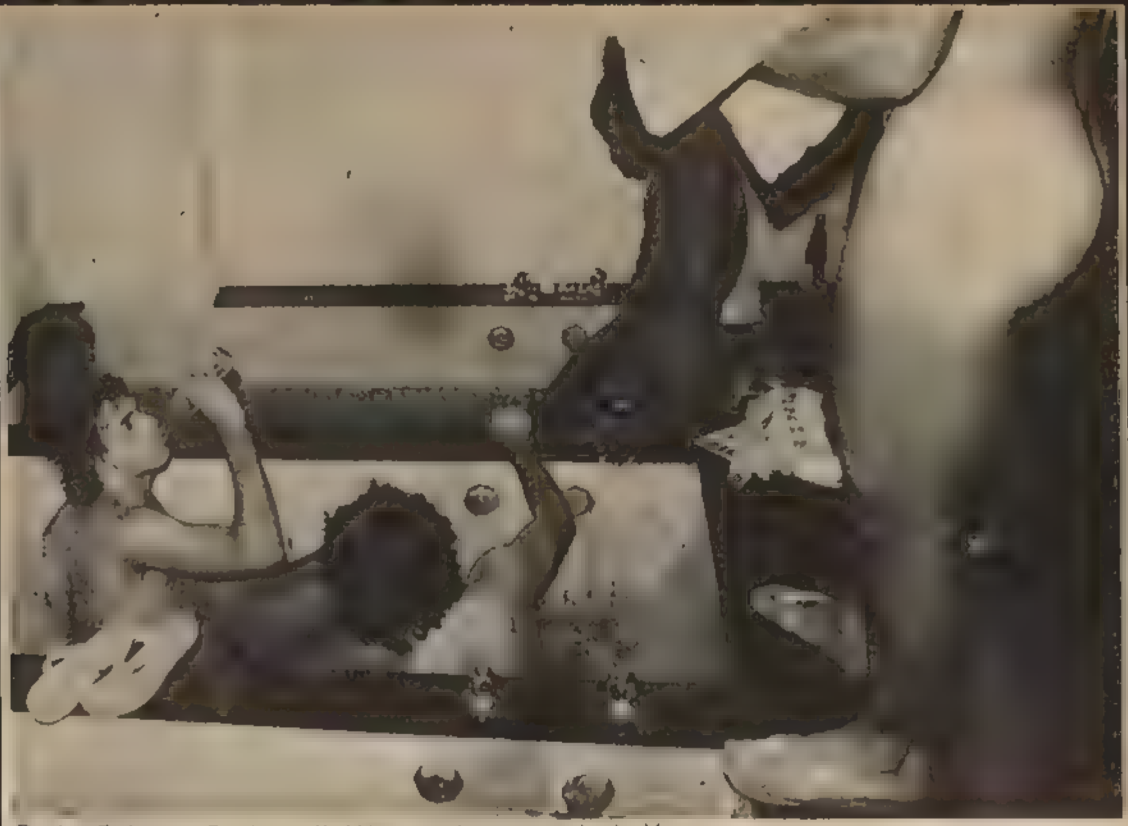

Zico e Raul, do Flamengo


Edvaldo, do F[illegible]


Nunes, do Flamengo

Cláudio Adão, do Botafogo

[illegible]



Dudu, Roberto, Paulinho II, Wilsinho (encoberto), do Vasco

Tita, do Flamengo

Roberto, do Vasco

Roberto, do Vasco

Givanildo, do Fluminense

Adílio, do Flamengo

Café não era normal. Tomavam no vestiário. Corriam como loucos. Revoltados dançavam.

DOPING NO FUTEBOL

A vítima foi Tiquinho, jogando pelo Ceará Sporting

Entrevista a Maria Helena Araújo

São 15 horas em Marechal Hermes e os jogadores do Botafogo começam a chegar para o treino. Entre eles está um que chama a atenção, por ser franzino e baixinho. É Tiquinho, que se reintegrou ao Botafogo de volta do Nordeste, onde jogou pelo Ceará Sporting durante dois anos. A presença da repórter procurando-o chega a deixá-lo perturbado e temeroso.

— Não adianta que não dou mais entrevista. Tenho medo de me complicar. Sabe como é...

Tiquinho se esquiva e entra no vestiário. Um amigo seu que observava a conversa se aproxima e diz:

— Você quer conversar com o Tiquinho sobre os problemas de **doping** lá no Ceará, não é? Vai ser difícil, sabe. Ele anda fugindo de entrevistas, mas como eu sou muito amigo dele, vou ver se o convenço.

Entrou no vestiário e momentos depois saiu dando o OK.

—Tá legal — diz Tiquinho. — A gente pode conversar, mas vê lá a confusão que você vai me arrumar. Você quer saber se existia realmente **doping** no Ceará? Pois eu acho que existia muita coisa estranha lá. Passei dois anos e, no princípio, ia tudo bem. Fui recebido no Castelão (estádio de futebol em Fortaleza), onde desci de helicóptero. Era respeitado, mas depois as coisas mudaram.

O quê, por exemplo?

— Eu achava estranho que em alguns jogos eu corresse tanto. Olha, pra falar a verdade, eu fazia coisas em campo que nem mesmo eu acreditava. Dava piques incríveis, driblava com tremenda habilidade. Mas, quando saía de campo e relaxava, começava a me sentir mal. Aí vomitava, tinha diarréias terríveis a achava tudo muito estranho.

Tiquinho agora parece ter esquecido o receio que tinha de falar. Prossegue contando a história e mostrando revolta:

— Isso aconteceu umas três ou quatro vezes comigo e eu passei a me policiar mais. Percebi que não era só eu que

Tiquinho foi chamado de louco por recusar o estimulante

corria feito um louco em campo e que passava mal depois. Então, pensei comigo: deve ser alguma coisa que comemos ou bebemos que faz mal. Mas, e a correria, com se justificaria? Eu também não sou um ingênuo, e em pouco tempo deixei de tomar o café que ficava no vestiário. Era ali que estava a chave do problema. O café não era normal.

O jogador se retrai um pouco, pára de falar. Percebe que está tocando num assunto do qual, embora muito se fale, pouco se prova. De repente ele diz que já falou tudo o que sabia, mas cede a uma pergunta:

Todos os que tomavam o café eram enganados ou alguns sabiam?

— Eu, por exemplo, estava sendo completamente enganado, mas fiquei sabendo que alguns jogadores, que não vou citar o nome, tomavam sabendo que o café é que provocava aquela correria desenfreada.

Alguém obrigava os jogadores a tomar o café?

— Não, ninguém nunca fez isso, mas era uma coisa quase que natural. O café ficava na garrafa térmica e chegava uns 40 minutos antes do jogo começar. Todo mundo tomava, dois, três, até quatro cafezinhos, era normal. Qualquer pessoa que entrasse ali estava arriscada a beber o café. Mas, sozinho, eu não podia fazer nada, e no clube existia uma panelinha. A gente tinha que dançar conforme a música. Eu não agüentei e saí fora. Mas antes passei por maus pedaços.

Você foi prejudicado por se ter negado a entrar na dança?

— Eu não sei se foi por isso que as coisas aconteceram ou se eles já estavam aprontando mesmo uma pra mim. Só sei que fui afastado do time. Mas eles não queriam me perder. Meu empréstimo estava acabando e a diretoria queria me enrolar. Assinaram um compromisso de, na renovação do empréstimo, me darem Cr$ 130 mil na mão e eu aceitei. Tudo corria bem, embora eu estivesse fora do time. Mas, no jogo em que o São Paulo nos venceu, houve a confusão toda: entrei no vestiário depois do jogo e o vice-presidente de futebol, Adelmo Aquino, me chamou e rasgou a promissória na minha frente, dizendo que não tinha mais compromisso nenhum.

Tiquinho mostra agora toda a revolta que o fez retornar ao futebol carioca. Sabe que não havia a menor condição de jogar mais num clube que o homenageia na chegada e que o engana quando o empréstimo está para ser renovado.

— O pior não foi isso. Quando ele rasgou a promissória, eu só tinha uma saída: ir embora. Foi aí que ele alegou que eu não estava no meu estado normal e que precisava de um psiquiatra. Disse pra todo mundo que eu era desequilibrado, louco. Não havia mais condições de trabalho pra mim num clima desses. Lembro-me perfeitamente de que eu cheguei a babar depois de alguns jogos por causa do tal café. Minha boca ficava seca, eu me sentia mal. Comecei a imaginar então o quanto isso não devia estar me prejudicando organicamente. E os outros que não sabiam também? Se eu continuasse na dança, dentro de pouco tempo estaria arrasado fisicamente. Vim de volta e contei tudo para o presidente Borer. Foi melhor assim.

Mas você nunca pensou em procurar o sindicato para fazer uma denúncia?

— Já pensei, sim. Acho que quando tiver uma oportunidade de ir a São Paulo vou procurar o Zé Mário para conversar sobre as coisas estranhas naquele clube. Quero saber o que ele vai dizer quando eu lhe disser que pagamento no Ceará só saía quando o time ganhava. Se estivéssemos numa fase ruim, não tinha grana. No momento, acho que o sindicato só pode me ajudar pessoalmente na questão do meu Fundo de Garantia. Nessa história toda só queria destacar o treinador, Daltro Menezes, que foi sempre amigo e sempre me respeitou. O resto...

Na verdade, a única coisa boa que Tiquinho arrumou no Ceará foi o casamento. De volta do pesadelo, ele quer esquecer tudo o que passou e tem esperanças de que o Vasco tente seu empréstimo junto ao Botafogo, onde ele está, sem contrato.

Modelo nacional não passou dos testes

MULTINACIONAIS BOICOTAM CARRO ECONÔMICO

ELE É BARATO E GASTA POUCO

Fotos de Eliana Pastore

José Maria, da Puma: "fomos boicotados" Acima, o Mini-Puma e o Itaipu.

Reportagem de Hélio Belik

1 No fundo da antiga fábrica DKW-Vemag, na Vila Carioca, São Paulo, onde recentemente a Puma instalou seu almoxarifado e depósito de peças, foi abandonado o primeiro protótipo do **Mini-Puma**. Sujo, encoberto por uma nuvem de poeira, o modelo em nada se parece com o que foi, em 1974, quando brilhava no Salão do Automóvel, em São Paulo.

Projetado em 1971 pelo engenheiro Milton Masteguin e executado em apenas quatro meses para ser apresentado ao presidente Geisel no Salão do Automóvel, o **Mini-Puma** trazia uma nova concepção em matéria de transporte no Brasil. Pequeno (2,50m x 1,50m), leve (500 kg) e econômico (20 km/litro), o modelo tinha capacidade para 4 pessoas e mais um bagageiro.

Embora econômico, quando ainda o consumo de combustível nem era motivo de preocupação, a grande vantagem do **Mini-Puma** estava no preço. Na época, ele foi estipulado em torno de 9 mil cruzeiros, contra os 16 do Fusca.

No entanto, para produzir o **Mini-Puma** seria preciso ampliar as instalações da fábrica, comprar máquinas e contratar mão-de-obra especializada. Foi quando a diretoria resolveu pedir um empréstimo de 5 milhões de dólares no exterior. Os bancos estrangeiros, como única condição, exigiram que o empréstimo fosse avalizado pelo governo. O governo não só negou o aval como não deu explicação alguma. Mesmo assim a Puma continuou insistindo na questão. E somente veio a abandoná-la quando, em 1973, a Fiat, com total apoio do governo, começou a se instalar em Minas Gerais.

O pior é que a Fiat trazia, junto com o projeto do 147, o projeto de um carro de características quase idênticas às do **Mini-Puma**, o **Fiat 126**, lançado pouco depois na Itália para substituir o também pequeno e econômico **Fiat 500**. Quando a Fiat se instalava no Brasil, o **126** estava disputando com o 127 (adaptado, virou **147** no Brasil) uma vaga no mercado nacional. Só que, com o **126**, a Fiat ficaria sozinha no mercado, com um carro a um preço muito baixo. Pressões, principalmente da Volkswagen, impediram o lançamento do **Mini-Fiat**.

Mas, analisando o episódio da não concessão do aval à Puma, o diretor-comercial da empresa, José Maria Hellmeister, tira suas conclusões:

— A culpa não foi do governo. Estou mais inclinado a acreditar que existe um boicote da indústria automobilística contra nós.

2 João Augusto Conrado do Amaral Gurgel é um homem perspicaz, um Cláudio Bardella da indústria automobilística nacional. Em 1973, início da crise do petróleo, ele concluía as pesquisas para fabricação do **Itaipu**, a marca registrada da Gurgel para toda uma linha de carros elétricos. O primeiro protótipo, muito semelhante aos carros criados para a ficção científica, tinha 10 baterias com autonomia de até 80 quilômetros.

Assim como o **Mini-Puma**, o protótipo do **Itaipu** foi apresentado ao presidente Geisel no Salão do Automóvel de 1974. Recebeu muitos elogios e promessas que nunca chegaram a se concretizar. Gurgel não obteve sequer isenção de impostos para trazer do exterior os componentes necessários para a fabricação do carro elétrico. A primeira partida de motores que comprou da França foi embargada na Alfândega, que exigia o pagamento de Cr$ 200 mil. O carregamento, enfim, foi liberado depois de muita negociação, com o consentimento do ministro Ueki, das Minas e Energia.

Reclinado numa confortável cadeira Giroflex de seu amplo escritório em São Paulo, João Gurgel fala:

— Não guardo nenhum rancor do governo. A verdade é que nunca existiu uma conscientização por parte das autoridades para o problema energético. No Brasil pode faltar petróleo, mas energia é coisa que não falta. Mais da metade do nosso potencial hidrelétrico não é utilizado. Sem falar da energia solar e marítima, fontes inesgotáveis, que até agora pouco foram pesquisadas.

A favor da livre iniciativa, onde "quem chegar primeiro leva a melhor parte do bolo", João Gurgel, de boca cheia, orgulhoso, fala dos projetos de sua empresa:

— No dia 24 de junho estaremos lançando a pedra fundamental de nossa segunda unidade em Rio Claro. A nova fábrica estará voltada totalmente para a produção de carros elétricos. E, já no fim de 1981, estaremos lançando 50 carros elétricos por mês, tipo **pick-up**, com capacidade para 400 quilos de carga. Enquanto a General Motors americana está estudando o motor a bateria e diz que daqui a cinco anos poderá lançar seu primeiro carro elétrico, nós vamos produzir o nosso com a tecnologia que temos no momento; com a pesquisa, iremos nos aperfeiçoando aos poucos.

Não se entende, porém, por que a Gurgel abandonou a idéia do projeto inicial, que não era um carro de carga, e sim um veículo para a cidade, concorrente direto dos grandes fabricantes.

3 Mas muito antes do **Mini-Puma** e do **Itaipu**, o arquiteto Ari Antônio da Rocha - havia projetado o **Aruanda**. Premiado em 1964 no Brasil e em 1967 no Salão de Turim, Itália, seu carro se havia revelado o mais revolucionário da época. Menor que uma **Romi Isetta**, o **Aruanda** pesava 300 quilos, tinha capacidade para 3 pessoas e era ainda mais econômico do que o **Mini-Puma**. Numa entrevista concedida à revista **Quatro Rodas**, Ari da Rocha, o criador, explicou sua idéia:

— O projeto era um libelo contra o desperdício. Eu achava um absurdo um carro de duas toneladas transportar 70 quilos, o peso do motorista. As pesquisas mostram que a grande maioria dos automóveis conduz apenas uma pessoa, ou seja, o grande esforço do motor é para transportar o próprio veículo. Por isso consome tanta gasolina.

Quando chegou da Itália, em 1967, o **Aruanda** sofreu sua primeira derrota. Quiseram cobrar, na Alfândega, imposto de importação por um carro brasileiro. O segundo golpe no **Aruanda** foi em 1968, quando o governo da Bahia pretendia instalar uma fábrica de automóveis no Centro Industrial de Aratu. A construção de uma fábrica do **Aruanda** já estava acertada, faltando apenas um parecer favorável do Sindicato dos Fabricantes de Automóveis. O parecer foi negado, pois o sindicato desaconselhava a produção de um carro tão simples e barato, "sob pena de as grandes cidades ficarem atulhadas desse veículo".

MERCADO FOTOGRÁFICO COMPRA-VENDE-TROCA
MAQUINAS NOVAS E USADA HASSELBLAD • NIKON • NIKORMAT • MINOLTA • PENTAX • MAMYA • ROLLEI • CANON FI • YASHIKA • PROJECT • 16 mm • S/8 OBJETIVAS DIVERSAS P/ TODAS MAQUINAS PROJETORES- AMPLIADORES FILTROS - LEICAS
R. Gonçalves Dias, 89 4º Andar Tels. 232-5011 224-1195

ESPERTAS

IMPRENSA

Estadão tropeçou

A matéria publicada pelo jornal **O Estado de S. Paulo** no dia 16 de maio com o título "Um golpe de Cr$ 2 milhões contra banco" não convence a ninguém. Relata que, com apenas duas bisnagas de plástico nas mãos, Vanderlei Barreto extorquiu uma agência do Bradesco, na avenida Paulista, levando a grana. Um repórter e um fotógrafo do jornal dos Mesquita presenciaram e registraram a cena. No entanto, o que o **Estadão** não conta é que esse assalto foi planejado e pautado pelo chefe da redação, Mário Lúcio Franklin, dois dias antes de publicada a reportagem

Quando soube do sucesso do assalto, Mário Franklin entrou eufórico na redação e berrou: "Nós temos a matéria do ano. Um assalto, um assalto!" Bota de novo o ouvido no radinho de pilha, contorce o rosto e entra direto na sala do editor-chefe, Oliveiros S. Ferreira, dando agora a triste notícia: que o assaltante havia fugido com o dinheiro. Mas não era isso que ele, Franklin, havia combinado com o assaltante. Oliveiros não agüentou: teve um ataque do coração e precisou ser socorrido às pressas.

No Rio, o Sindicato dos Jornalistas Profissionais lançou nota oficial protestando contra o fato de os repórteres terem sido expostos à punição judicial por falta de zelo e ética dos patrões. E pede ainda a elaboração de um Código de Ética que impeça as empresas de envolverem seus profissionais em aventuras policiais.

Rivaldo Chinen

Censura na Globo

Menos de um mês de programa no TV Mulher, da rede Globo, o repórter de polícia Afanásio Jazadji saiu do ar. Foi a censura, alegou o diretor do programa, Nilton Travesso. Afanásio dava conselhos para as donas de casa de como adotar normas elementares de segurança nas casas, e parece que ia bem, a se medir pelo número de cartas recebidas: 38 em uma semana, agradecendo-lhe por terem aprendido coisas aparentemente simples, mas importantes, como marcar bem os detalhes da fisionomia de um assaltante, por exemplo. Ou de reparar em certos detalhes com mais atenção.

As mulheres achavam que Afanásio orientava os espectadores, mas a censura fez outro julgamento: achou que, em vez disso, ele dava dicas para os assaltantes e ladrões, chamando a atenção para novos métodos de trabalho, ensinando novos truques. Ou seja, que ele não alertava donas de casa, mas, sim, disseminava práticas criminosas.

Rivaldo Chinen

Nanico ganha prêmio

Com a reportagem "O homem sucumbirá sob seu próprio lixo", feita pela repórter Mariza Bigio, o jornal nanico **Direto** abiscoitou o segundo prêmio (Cr$ 50 mil) do concurso Feema de Defesa do Meio-Ambiente. O primeiro prêmio (Cr$ 70 mil) foi para o jornal **O Estado de S. Paulo.**

Há algum tempo, a presidente da Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor (Funabem), Icléa Guazelli, apoiada pelo ministro da Previdência, Jair Soares, denunciou que os médicos que trabalham na unidade de Quintino (Rio) estavam fazendo, indiscriminadamente, operações de fimose nas crianças internas. Segundo a denúncia, 87 crianças já tinham sido operadas. Como foi uma acusação dirigida aos méidocs, o sindicato da classe no Rio de Janeiro pediu a formação de uma comissão de sindicância para apurar a denúncia. A conclusão: não era nada disso e, segundo o médico Almir Valadares, do sindicato, a taxa de operações de fimose na Funabem é inferior ao índice de muitas casas de saúde que mantêm convênio com o Inamps. Diante dessa constatação, o sindicato pediu um desmentido público à sra. Guazelli e ao ministro Jair Soares. Eles prometeram o desmentido, mas até agora nada. Registre-se, pois

Chico Júnior

Franz Lehher no IV Encontro de Comunidades Rurais. "não deixam a gente usar adubo barato"

Multis assassinam a terra

Franz Lehher, um austríaco de 83 anos e há 50 no Brasil (trabalhou para Getúlio Vargas), é um dos maiores conhecedores de adubos no país. É também um dos maiores críticos das indústrias multinacionais de adubos que, segundo ele, "estão matando a terra e até impedindo que se use adubos bons e baratos".

Essa interferência das multinacionais nos problemas agrícolas brasileiros foi denunciada por Franz durante o IV Encontro Nacional de Comunidades Rurais, no Vale das Flores, Minas Gerais, entre 22 e 25 de maio passado.

Segundo o técnico, um dos adubos mais baratos e abundantes por aqui é o minério de fósforo. Em Minas Gerais mesmo há enormes jazidas. Mas ninguém consegue comprar o minério: as multinacionais compram tudo, mandam pra Santos, onde o transformam em superfosfato que, depois, é vendido como adubo, só que dez vezes mais caro. O fósforo, pelos cálculos de Franz, poderia custar uns Cr$ 200 por tonelada.

Outro adubo que não se pode usar no país é pó de chifre de boi.

— É tudo exportado — diz Franz. — Eu tento comprar e não consigo.

Esterco, capim, lixo também são adubos recomendáveis que os fazendeiros muitas vezes não usam porque são obrigados a comprar adubos químicos. Até nos financiamentos do Banco do Brasil há uma cláusula assim: o empréstimo só é autorizado se o cliente se comprometer a usar adubo químico na plantação.

[illegible]

Roberto Carlos era amigo do torturador Fleury

O livro **O Rei e Eu**, de Nicholas Mariano (ex-mordomo de Roberto Carlos), estava sendo apreendido nas bancas do Rio de Janeiro pelo Deops e por policiais federais paulistas, a pedido de Roberto Carlos.

Quem faz a denúncia é o próprio Nicholas:

Roberto entrou com um mandado no Deops paulista para apreender meus livros, apesar de o juiz da 1.ª Vara Cível do Rio ter liberado a venda para os cariocas.

Nicholas recorda que, na época em que morava com Roberto Carlos, o cantor tinha muito boas relações com o depois afamado torturador Sérgio Fleury. O delegado (morto misteriosamente há um ano) foi guarda-costas de Roberto de 1966 a 68 por conta do governo de São Paulo, mas, além de cumprir seu papel, tornou-se amigo do cantor e freqüentava a casa. Diz Nicholas:

Várias vezes Fleury esteve em nossa residência. Almoçou... Nos acompanhava aos programas da Jovem Guarda. Às vezes saía com Roberto à noite. Eles tiveram realmente um relacionamento grande naquele período. O próprio Sérgio Ornstein, hoje secretário de Roberto, andou muito com Fleury... andavam sempre passeando pra lá e pra cá.

Alex Solnik

Nicholas, ex-mordomo, conheceu Fleury

ESPERTAS

OPERÁRIOS

1 Já começou a movimentação no Sindicato dos Metalúrgicos do Rio de Janeiro para as eleições de renovação da diretoria, marcadas para novembro próximo. Os trabalhos vêm sendo conduzidos pelo Movimento União dos Metalúrgicos, promovendo reuniões na sede do sindicato, em São Cristóvão, e distribuindo prospectos com Proposta de Programa na porta das fábricas. Cerca de 60 fábricas, em pouco mais de um mês de atuação, já foram atingidas pelos ativistas sindicais.

De acordo com o programa que a União dos Metalúrgicos já vem discutindo junto às bases, a nova diretoria do sindicato deverá comprometer-se a cumprir fielmente as decisões das assembléias gerais, a promover eleições (e não indicar, como é feito atualmente) para os representantes das diversas áreas, a ampliar a participação da mulher nas atividades sindicais, etc. A nova diretoria deverá ainda se fazer mais presente nas portas das fábricas, delegando a administradores profissionais as tarefas burocráticas do sindicato que, inclusive, permitirão uma completa reformulação do quadro de funcionários da entidade, hoje totalmente infiltrada de agentes policiais e alcagüetes.

Do ponto de vista salarial e trabalhista, a União dos Metalúrgicos propõe que a nova diretoria lute por reajustes salariais de acordo com o custo de vida, unificação nacional do salário mínimo, férias pagas em dobro, estabilidade no emprego, jornada de 40 horas semanais, fim das horas extras obrigatórias e outras reivindicações da categoria.

Neste mês de junho, no dia 29, a União dos Metalúrgicos promoverá uma grande festa no Clube do Jardim América (rua Padre Boss, 86), com feijoada, apresentação teatral e *shows* musicais, com vistas a angariar fundos para a campanha e possibilitar a discussão dos temas de sua proposta de programa.

2 *O Papa que já foi operário não vai se encontrar com os operários do ABC, porque a Igreja entende que, como ele não pode estar com todo mundo, pelo menos deve se encontrar com as lideranças. Acontece que em São Paulo tem um movimento no qual Lula está engajado — que se chama* ***unidade sindical*** *— e do qual fazem parte pelegos e não pelegos. Joaquinzão dos Santos Andrade, o pelego do maior sindicato da América Latina (400 mil trabalhadores), faz parte dessa tal unidade.*

Então ficou o dilema: como fazer com que o Papa se encontre com os líderes operários e nessa leva acabe encontrando o Joaquinzão? Como também não vê-lo, se existe esse pacto, a tal unidade? Lula acha que vale a pena arriscar o encontro, embora tenha consciência dos frutos que o pelego colherá em um bate-papo desse porte. Mas o bispo Dom Angélico Sândalo, de São Miguel, responsável pela Pastoral Operária de São Paulo, já pensa o contrário.

Salvador libera maconha

No carnaval, um jornalista foi preso no saguão do aeroporto de Salvador, quando desembarcava para correr atrás do primeiro trio elétrico que encontrasse pelo caminho. Delito: posse de maconha. Um rapaz encostou do seu lado, apresentou uma carteirinha e se identificou como polícia federal. O jornalista foi levado para uma sala, onde já estavam vários outros jovens, presos pelo mesmo motivo. Era delegacia de entorpecentes.

Os policiais se limitaram a apreender o fumo de todo mundo e a pegar o nome de cada um. Só isso. Nada de inquérito, nada de flagrante, apenas "uma punição de rotina", segundo o policial que o prendeu. Ninguém foi autuado.

Duas coisas se tiram desse episódio:

●

1. Seria uma loucura para a polícia de Salvador enquadrar todo mundo que estivesse portando ou fumando maconha pela cidade. Não iam fazer outra coisa, e haja escrivão para pegar tanto depoimento, virando a noite e ficando com os dedos doendo de tanto abrir inquérito. O mais fácil e racional seria apenas advertir os usuários e liberá-los.

●

2. Como não houve inquérito nem flagrante, também não houve, a princípio, o registro de entrada dessa maconha toda. Pergunta-se: o que foi feito dela?

Chico Júnior

Cidade de Deus espera promessa

A Cidade de Deus pergunta: e os 10 milhões que a Prefeitura prometeu aplicar em melhoramentos e áreas de lazer na comunidade?

— Eles pensam que vão nos iludir, mas estão muito enganados. É isso que me revolta. Uma obra dessa por 10 milhões de cruzeiros. Disseram que era ritmo de São Paulo novo e está parecendo obra de igreja: faz quatro meses e não sai disso aí. Então, por que prometem? A gente tem que brigar pela gente mesmo. Se depender de mim, não vai entrar político nenhum aqui. Chega de Brândios, Mesquitas, Furtados... E não vai adiantar nada dar dinheiro para cabo eleitoral. A comunidade tem que dar apoio à associação. É daqui de dentro que temos de tirar nosso líder. Veja aí que serviço porco: botaram asfalto em cima da lama.

A queixa é de Nelson Gonçalves, presidente da Associação dos Moradores da Cidade de Deus, um dos líderes da comunidade, com atuação nas glebas 1 e 2 e nas triagens que, apesar das más condições de vida dos moradores, nunca recebeu visita das autoridades. A não ser de político em época de eleição. A associação pergunta até hoje pelos 10 milhões de cruzeiros que a Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro prometeu aplicar na comunidade como forma de amenizar a violência. Ficou a promessa como demagogia. De concreto, continua existindo o abandono das "autoridades" e o olho grande das imobiliárias. O lixo continua nas ruas, o matagal tomando conta das praças, os mosquitos, os esgotos espalhados pelas travessas, as doenças, o tráfico de drogas, o desemprego, a miséria. Não faz um mês, uma moça de 16 anos matou com um tiro de revólver uma menina de 10 anos num gueto daqueles. Fugiu, alegando que a arma disparou.

— Só pegando nas armas. O feijão 50, a carne 120, e só dá eles, só dá eles — protesta Bentola, um estivador que diz que "onde a verdade está a mentira não chega perto". Em frente à casa de Bentola, água empossada e mosquitos.

Tim Lopes

Nelson: chega de políticos aqui

ASSINE O JORNAL QUE NÃO TEM MEDO DE ASSINAR EMBAIXO.

BASTA LIGAR PARA 253-5039 OU MANDAR PELO CORREIO O CUPOM ABAIXO

Assine REPORTER

CUPOM DE ASSINATURA

- Assinatura por 12 edições: Cr$ 320,00
- Envie cheque nominal ou vale postal para:

MARGEM EDITORIA E PROGRAMAÇÃO GRÁFICA LTDA.
Rio de Janeiro: rua Miguel Couto, 134 conj. 1101/1104 20000 RJ

Você pode assinar o REPORTER, a partir do nº 0
Indique a partir de que número você quer sua assinatura..

Nome: ....
Profissão: ....
Endereço: ....
CEP: .... Cidade: .... Estado: ....

SHOW BIS

O reggae taí. Aperte um.

O reggae está aí, com força total, depois que o grande mercado empresarial internacional, o MIDEM, decidiu que este gênero de músicas invadiria o mercado do mundo ocidental.

E com ele chegaram os apelos de legalização da maconha feitos pelas três estrelas máximas do reggae internacional — Bob Marley, Jimmy Cliff e Peter Tosh — que estiveram recentemente no Brasil

—Erva — diz Jimmy Cliff — é parte de uma cultura. A Bíblia mostra que a erva foi criada para o ser humano. A erva foi feita para a cura do homem, como o mato para a alimentação do gado.

Copo de suco na mão, vestido de macacão verde e boina — que esconde o cabelo, mas deixa ver a ponta do baseado atrás da orelha — Cliff diz que fumar maconha é tão natural quanto beber água.

Peter Tosh preferiu ser menos discreto e foi logo acendendo um na sua coletiva à imprensa do Rio. Ganhou um baseado de uma repórter, foi exaustivamente fotografado e distribuiu o que tinha aos presentes.

— Na Jamaica, cada um queima o seu. É mais legal se cada um tem o seu, mas quando tenho divido com todos.

Disse que gostou da maconha brasileira, mas achou excessivo o componente químico. Reclamou que a seda (papel) brasileira não tinha cola, e acabou fazendo longos charos enrolados em papel de pão, como nos morros cariocas.

Tanto ele como Jimmy Cliff deram várias declarações sobre a marginalização provocada pelas leis contra a maconha. Alegam que o "sistema mundial a fez ilegal porque é impossível controlá-la. Qualquer um pode plantar, em qualquer lugar, a qualquer hora. Portanto, eles não podem controlar com o objetivo de fazer dinheiro disso para manipular. Então, eles a consideram ilegal." Tosh chama de shitstema (shit, merda em inglês; e sistema) essa rede "que está toda em ruína onde a verdade é sempre posta de lado."

—Não é o governo que controla o país, porque um país sem povo não é um país.

*Tosh acha que a legalização da maconha pode ser uma boa saída econômica não só para a Jamaica, mas para todo lugar onde ela é produzida. Por sua posição favorável à utilização da maconha, Peter Tosh já teve problemas em todos os países onde se apresentou, menos no Brasil. Publicamente, ele já aconselhou ao governo da Jamaica a legalização da maconha. Sua campanha com **Legalize it** (Legalize-a, no primeiro disco) custou-lhe alguns problemas com a política de seu país. E no segundo disco apresentou a canção **Mark of the beast** (Marca da besta), onde conta o espancamento que sofreu na prisão.*

*No Brasil, o homem que introduziu o **reggae** no país (através da canção **No Woman no cry**), Gilbert Gil, já foi preso por posse de maconha, e no julgamento declarou que fumava mesmo. Recentemente, com a vinda dos Jamaicanos, Gil declarou:*

—Esse negócio de maconha ser droga é conversa de polícia

Peter Tosh também acha que maconha não é droga. Ele é até contra as drogas, que considera destrutivas. Só aceita os processos naturais. Sobre as propriedades medicinais da maconha, diz:

— Pode ser provado que a erva é antibiótica e a única coisa capaz de curar glaucoma.

Pedro Redig

Alice Viveiros de Castro: o cooperativismo é o sucesso de *Rio de Cabo a Rabo*

Elke Maravilha e Gugu Olimecha

COOPERATIVA REVIVE TEATRO-REVISTA

Há sete meses em cartaz no Teatro Rival (RJ), **Rio de Cabo a Rabo** marca a volta do verdadeiro teatro de revista aos palcos cariocas. Trabalham na peça 23 atores e músicos em regime de cooperativa, com exceção de Elke Maravilha, especialmente convidada.

A saída para a cooperativa surgiu com a crise do teatro empresarial. Ela se apresenta como uma alternativa para atores e diretores insatisfeitos com as limitações dos empresários, interessados apenas em montar peças que garantam um sucesso imediatò, sem maiores riscos financeiros. Atores e diretores reunidos substituem o empresário, numa espécie de coogestão, onde cada um participa com seu capital-trabalho.

Alice Viveiros de Castro, que além de atriz acumula atualmente a função de assistente de direção, fala do nascimento de **Rio de Cabo a Rabo**.

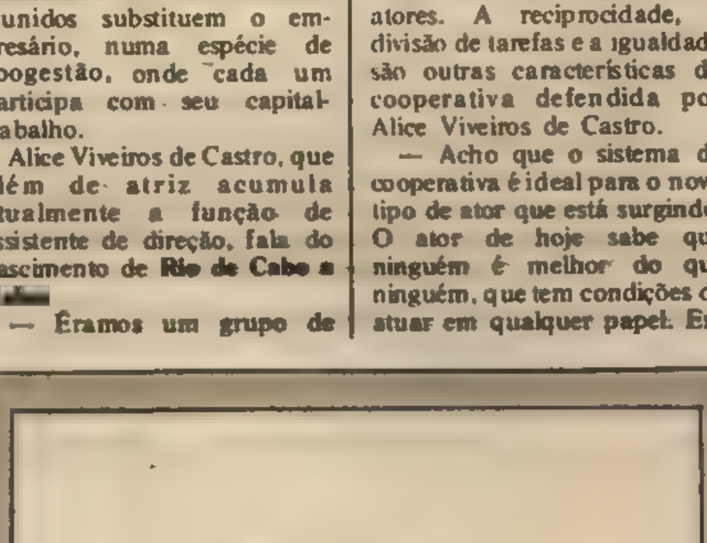
— Éramos um grupo de amigos e já tínhamos trabalhado juntos em outras ocasiões. Há muito tempo estávamos querendo montar um espetáculo cômico que tivesse música, dança e que falasse do tempo presente, através de um humor crítico. O teatro de revista era a fórmula ideal. Tradicionalmente ele sempre teve essa função. Assim, procuramos o Luís Mendonça, que tem uma grande experiência como diretor musical, e com o Gugu Olimecha.

Tanto Luís Mendonça, responsável pela direção, como Gugu Olimecha, autor do texto, trabalham na peça como atores. A reciprocidade, a divisão de tarefas e a igualdade são outras características da cooperativa defendida por Alice Viveiros de Castro.

— Acho que o sistema de cooperativa é ideal para o novo tipo de ator que está surgindo. O ator de hoje sabe que ninguém é melhor do que ninguém, que tem condições de atuar em qualquer papel. Em **Rio de Cabo a Rabo** conhecemos as falas de todos os personagens. Outro dia, por exemplo, duas atrizes tiveram que ser substituídas e tudo foi resolvido em apenas uma hora. Conhecemos todos os papéis. Tudo foi discutido em conjunto: o ensaio, o próprio texto, tudo foi questionado em grupo, porque senão não pode haver cooperativa. Essa liberdade que existe entre nós cria uma igualdade que acaba se refletindo em cena.

Rio de Cabo a Rabo conta a história de uma deslumbrada turista americana — Rosalin, interpretada por Elke Maravilha — que vem ao Rio em busca dos mitos da Cidade Maravilhosa e acaba descobrindo uma cidade de misérias e injustiças, o salário mínimo, crianças famintas mortas por balas perdidas, o mundo da polícia, das torturas e das cordinhas de náilon.

Virgílio Duarte



Por ter atraído a atenção de dezenas de cartunistas e ilustradores de São Paulo, Minas, Rio e Mato Grosso, o "I Salão de Cartuns e Ilustrações na Baixada Fluminense" deixou um ótimo saldo. É que, além dos profissionais graficos, foi possível fazer encontros de grupos de teatros, cineclubistas, musicos e jornalistas locais, que mostraram trabalhos durante o Salão e discutiram problemas gerais profissionais.

O vencedor do concurso de cartuns foi Hélcio, de Nova Iguaçu, e Sérgio Canda venceu o de ilustrações, cada um recebendo Cr$ 5 mil pelos trabalhos. O júri foi composto pelos cartunistas e ilustradores Crespo, Franz e Guidacci, este último aqui do REPORTER.

Luís Ferrão

Dólar literário é mais caro

O dólar para importação de livros custa Cr$ 100, o dobro do câmbio atual. Pode parecer uma medida de proteção às editoras nacionais, mas acontece que certos livros podem ser adquiridos no exterior mais facilmente que aqui. Dois exemplos: El Expansionismo Brasileño, de Paulo Shilling, não está editado no Brasil, mas sua edição argentina encontra-se à venda na livraria Ler, de São Paulo, por Cr$ 1.000. O mesmo ocorre com outro livro brasileiro, há muito tempo esgotado, o famoso Geopolítica do Brasil, do general Golbery. Em castelhano, porém, foi editado na mesma coleção do livro de Paulo Shilling, e está na mesma livraria e pelo mesmo preço. A sorte é que livro já se compra a prestação.

Alex Solnik

● O poeta Carlos Drumond de Andrade não permitiu a publicação de seu retrato num bilhete da Loteria Federal, que realizaria uma extração especial em sua homenagem. Tal como foi feito com o sociólogo Gilberto Freyre, na passagem de seus 79 anos. Embora aberto ao diálogo e acessível, Drumond se mantém irredutível: além de se recusar a entrar para a Academia Brasileira de Letras, não gostou da idéia de ver seu retrato nas paredes da Loteria Federal. É um poeta de ferro.

Semana da Cultura na rua da Carioca

Pelo terceiro ano consecutivo, a Sociedade dos Amigos da rua da Carioca vai realizar, de 17 a 21 deste mês, a Semana da Cultura, com uma programação diária que começa com uma exposição de artes plásticas, na terça-feira. No dia 18 haverá a Feira de Cordel e, no dia seguinte, um *show* de Música Popular Brasileira coordenado por Albino Pinheiro. Dia 20 acontecerá uma tarde de autógrafos, com a presença de mais de 100 escritores. O encerramento será no sábado, quando haverá um desfile de bandas durante a manhã.

Foto de Chiquito Chaves

David e Maurício: o Boca Livre quer continuar independente

Boca Livre ainda quer continuar independente

Escolhido no ano passado pela Associação de Críticos de Arte de São Paulo como o melhor conjunto vocal do ano, o Boca Livre pode ser considerado "a experiência independente que deu certo". Ou, pelo menos, a que deu mais certo, com 50 mil discos vendidos até o mês passado.

Com essa marca, não atingida por muitos artistas ligados às gravadoras, era de se esperar que o Boca Livre recebesse convites para gravar, o que realmente aconteceu. Mas eles preferem continuar independentes, e dois integrantes do conjunto, Maurício Maestro e David Tygel, explicam por quê:

— Em primeiro lugar, é bom que se diga que não existe nenhuma briga com as gravadoras. Só que, no nosso caso, descobrimos que a produção independente dá um lucro maior do que se estivéssemos ligados a uma gravadora.

Para a primeira tiragem de 5 mil discos, o conjunto investiu Cr$ 400 mil e começou vendendo de mão em mão. O som agradou em cheio e de repente o Boca estava aí, livre e com um disco fazendo sucesso, tocado nas rádios do Rio e de São Paulo. Foi um caminho curto, mas que exigiu muito trabalho e identidade de seus quatro componentes — Cláudio Nucci, David Tygel, Maurício Maestro e Zé Renato. O disco está entre os quatro mais vendidos no Rio e em São Paulo.

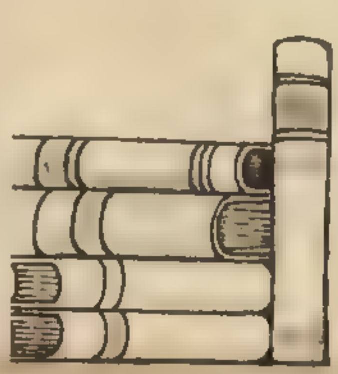
— Uma gravadora está muito comprometida com a venda — diz David. É muito difícil, num primeiro disco, a aceitação integral do artista, no que ele tem de subjetivo. Sempre existe uma ou outra proposta de produtor visando o retorno mais rápido possível do capital investido. Queríamos uma liberdade total de criação. Essa liberdade que tivemos não encontraríamos numa gravadora. Já tínhamos um ano de grupo e sabíamos exatamente o que queríamos, independente da vendagem ou do sucesso. Queríamos o som Boca Livre.

— As gravadoras — diz Maurício — têm medo de investir em algo novo que possa não dar certo. Nós não tínhamos apenas uma perspectiva comercial, de vender um produto. Nossa perspectiva era a de apresentar algo que nos satisfizesse musicalmente, artisticamente. Por isso, escolhemos o caminho da produção independente.

O Boca Livre foi formado no início de 1978 e em setembro surgiu o disco. David Tygel e Maurício Maestro se profissionalizaram em 1967, quando faziam parte do Momento Quatro, junto com Zé Rodrix e Ricardo Sá Rego, hoje formador da dupla Têca e Ricardo.

O próximo trabalho importante do grupo é a participação no Projeto Pixinguinha, se apresentando nos Estados, mas em julho o Boca quer fazer um show na Zona Norte do Rio.

Chico Júnior/Virgílio Duarte



Negro. Poesia. Exilado. Índio.

Depoimentos de um ex-exilado Reinaldo Simões narra o ambiente, as perseguições e a fantástica aventura de ser exilado. Optando pela forma ficcional, Reinaldo lançou esta [illegible] pela Alfa Omega "Os [illegible]quenses" um romance [illegible] sobre a paixão, vida e [illegible]tas dos exilados latino-americanos.

Temos que aprender com o povo do Xingu. Um livro oportuno "Os índios e nós", de Anthony Seeger, Editora [illegible] uma série de textos autônomos num volume único, possibilitando ao leitor não especialista acesso a uma série de ensaios até então de divulgação restrita ao âmbito das revistas especializadas. Um material quase didático, que permite conhecer os modos de vida e a organização social dos índios Suyá, habitantes do Parque Nacional do Xingu. E, com isso, pensar a nossa própria maneira de viver. Apesar de **brazilianist** americano, Seeger realizou um trabalho sério, objetivo e verdadeiro, revelando uma nova súmula informativa sobre o descaso oficial em relação ao problema do índio brasileiro.

Quilombismo. A primeira teoria política dos negros do Brasil está na praça: "Quilombismo", de Abdias Nascimento, editada pela Vozes. O quilombismo é a praxis afro-brasileiro de resistência política e social ao fato colonial escravista. É um texto denso que desmente com todas as vogais o conceito tão manipulado de "democracia racial brasileira", através de uma pesquisa estatística e bibliográfica. Abdias abre o debate sobre o racismo brasileiro e analisa as formas de resistência social e política do negro brasileiro.

Gullar aos 50 "A poesia, quando chega, não respeita nada. Nem pai nem mãe. Quando ela chega de qualquer parte de seus abismos, desconhece o Estado, a sociedade civil, desrespeita o código de águas, relincha como puta nova em frente ao Palácio da Alvorada. E só depois reconsidera: beija os olhos os que ganham mal, embala no colo os que têm sede de felicidade e de justiça. E promete incendiar o país." Este é o grave acontecimento que está sendo esperado: mais um livro de Ferreira Gullar. E, como diz o próprio poeta, nem Deus nem a polícia poderiam evitá-lo. "Na vertigem do dia" será lançado este mês pela Civilização Brasileira. Antecede a comemoração dos 50 anos do jovem Gullar, com a publicação, num só volume, de toda a sua obra poética, com o título "Toda Poesia" (1950-1980).

Sérgio Danilo

● A editora Nueva Imagem e o semanário Proceso, ambos do México, vão dar um prêmio de 10 mil dólares ao vencedor do concurso "Militarismo na América Latina", aberto a autores de todo o continente para os gêneros ensaio, novela e humor. Serão escolhidos quatro trabalhos, mas apenas um receberá o prêmio em dinheiro. Os outros, e também o vencedor, serão publicados pela editora. Os trabalhos deverão ser enviados até o final de julho, pois em agosto o júri se reunirá para apontar os selecionados. No júri, as presenças dos escritores Gabriel Garcia Marquez, da Colômbia, e Julio Cortazar, da Argentina, e do sociólogo brasileiro Teotônio dos Santos Júnior. Os interessados devem entrar em contato com a Nueva Imagem (Calle Sacramento, 109 — México 12 — DF; ou Apartado Postal, 600 — México, 1 — DF).

● **será que ainda posso te chamar de rio (Tietê)?**

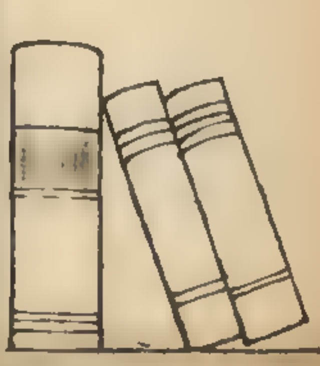
apesar do parto lamacento das tuas águas
se é que ainda posso chamar de água essa coisa gelatinosa que se comprime
mal-se-move, espremida entre as tuas margens

primeiro — Tietê — eles cagam em ti
(atualmente são 10 milhões de estômagos a trabalhar)
depois — Tietê — eles dizem que você está podre, que fedes, que não és, rio que agonizas

que homens são esses — Tietê — que não sabem sequer
o cheiro da bosta que diariamente produzem?

(Este é só um curto trecho do poema "A Confissão para o Tietê", do livro de mesmo nome — e com muitos outros poemas — escrito por Antônio Mendes. Editado pelo autor, o livro é vendido mediante pedido a Edições Marco Zero Ltda, rua Zamzibar 555, Casa Verde, São Paulo.)

Alex Solnik



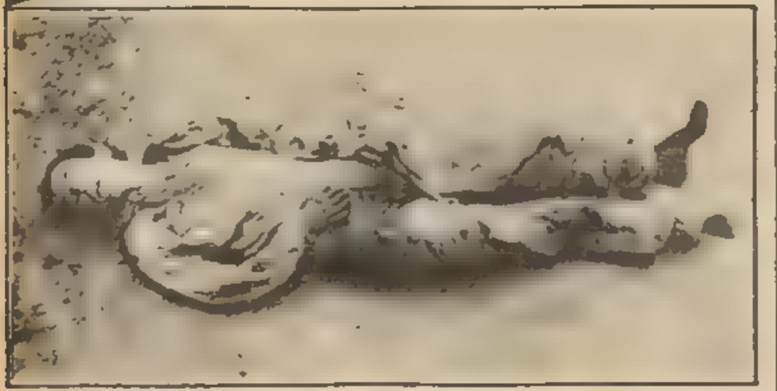
CORREIO HETEROSSEXUAL

1 **Mulheres insatisfeitas,** não se masturbem; procurem o Tato que estará sempre na página deste jornal esperando por você. Não fique envergonhada, pois o Tato não tem preconceitos. Venha aproveitar o prazer que você até agora não encontrou. Basta custear as despesas. **Tato: Caixa Postal n.º 2516 — Rio — CEP 20.010.**

2 Senhor de 40 anos, com boa situação financeira, solteiro, bem apessoado, bom porte físico, insaciável em qualquer modalidade sexual, procura companhia para diversas transas. Respostas para **Osmar de Souza — Av. Tenente Aviador Nilton Campos Soares n.º 1.174, São João de Meriti — RJ.**

3 O jornal **REPORTER** conseguiu abrir muito interesse dentro de mim. Gostei muito das reportagens do ABC, do aborto praticado sem autorização governamental e de uma série de outras reportagens. O jornal não usou de apelação e o sucesso aconteceu como devia. Valeu a pena ter lido pela primeira vez o jornal.

Tenho um pedido: gostaria de ver publicada a minha carta no Correio Heterossexual, da seguinte maneira: rapaz jovem, 23 anos, universitário, bom nível social, deseja corresponder-se com mulheres carentes de amor e sexo, meigas e alegres, para uma transação com ou sem compromisso. Peço foto. Sigilo absoluto. **Cartas para Caixa Postal 44.081, CEP 22.180, Rio de Janeiro — RJ. Pseudônimo: Bony.**



Médicos da Bahia devem cassar dedo-duro

"Hipócrates, o Pai da Medicina, instituiu um juramento para seus seguidores. Ele é repetido solenemente em todos os atos públicos de renovação da comunidade médica. Assim acontece há milênios, qualquer que seja o regime social dominante, não importando a raça, a religião ou a filosofia dos novos esculápios. O juramento universal, porém, não foi cumprido pelo médico Armindo de Souza, de Ibotirama, interior da Bahia.

A traição ocorreu na noite de 12 de dezembro de 1971, minutos depois de Armindo de Souza haver examinado e reconhecido o capitão Carlos Lamarca. O médico procurou correndo os comandados do general Argus de Lima, chefe supremo da caçada, e revelou a presença e identidade do oficial foragido e perseguido de morte.

Desnutrido, tresnoitado, sufocado pela asma, em extrema penúria física, o guerrilheiro Lamarca confiara cegamente no sagrado segredo profissional jurado pelos médicos. Todavia, afrontando o castigo dos céus e o repúdio das criaturas honradas, o doutor Armindo de Souza atraiçoou o enfermo. Tudo está no relatório do Exército publicado pelo veríssimo Coojornal, em fevereiro de 80.

Deixo ao Conselho Regional de Medicina da Bahia o julgamento de Armindo de Souza. Ele não é digno de continuar exercendo nossa humanitária profissão.' ***(Dr. Adão Pereira Nunes, Rio de Janeiro, RJ)***

DENÚNCIA DE LEITOR

Sendas rouba até indenização de trabalho

"Há muito tempo venho lendo as reportagens deste jornal, inclusive duas a respeito da Casas Sendas. Envio aqui mais uma denúncia, uma pequena amostra do que é a Sendas.

Todos os funcionários, quando são despedidos, são obrigados a entrar num acordo com a firma, acordo este que é pura palhaçada. Não sei como a panelinha do Ministério do Trabalho ainda não viu isso.

Aqui vai o esquema do acordo

1. O sujeito é enviado ao escritório da firma, em São João de Meriti, o que já é um contratempo, pois há filiais na Zona Sul e em Niterói.

2. Dali é enviado à sala dos chefes, depois de enrolado no papo, isto é, amaciado.

3. Se tem direito a Cr$ 400 mil, eles oferecem Cr$ 150 mil. Se não aceita a oferta, é mandado à Justiça do Trabalho e, por descaramento, a firma oferece um advogado pra roubar a seu favor.

4. Aí entra a maior palhaçada: o sujeito é obrigado a viver de biscate porque sua carteira continuará assinada de quatro a seis meses, aguardando que alguém tome providências, isto é, para o sujeito se desesperar e aceitar qualquer oferta.

Aí vão alguns nomes de funcionários que tiveram de aceitar o acordo depois de esperar por muito tempo, ou que ainda estão esperando. Fernando Alcântara, 10 anos de casa; Wilmar Gomes dos Santos, 8 anos; Jorge Leôncio, 2 anos; Jorge Lima, 8 anos; Edson Tozzi, 2 anos.

Não assino porque não posso me comprometer."

Ele quer ver a cadeia de perto

Venho por meio desta comunicar que sou leitor deste jornal há muito tempo e, por sinal, gosto demais. Na última edição do número 29 estranhei a ausência de duas reportagens. A primeira sobre Zé do Caixão e a segunda sobre esportes. Mas tudo bem, aproveito a oportunidade para parabenizá-los pela coragem e veracidade de suas notícias, principalmente as policiais. Peçam aí ao Tim Lopes e ao Chico Júnior pra ver se conseguem uma reportagem dentro de um presídio, pois eu acho que eles vão ter muita matéria para escrever. É isso aí amizades. Espero que o próximo número do **REPORTER** *venha fervendo de notícias boas.* **(José Luiz de Oliveira Silva — Rio de Janeiro, RJ)**

Nunca é tarde

"**REPORTER** é quem prova isso durante os seus quase três anos de existência, quando na sua luta sem trégua está atingindo a década das 30 edições bem sucedidas no plano e no confronto dos inconforma dos

Seu nascimento foi oportuno na segunda década do regime de exceção dos golpistas de 31 de março de 1964. Portanto, não chegou tarde e veio para ficar, abrindo seu próprio caminho pelas frestas esquecidas pela censura ditatorial. E alicerçou sua razão e objetivos em três importantíssimos fatores

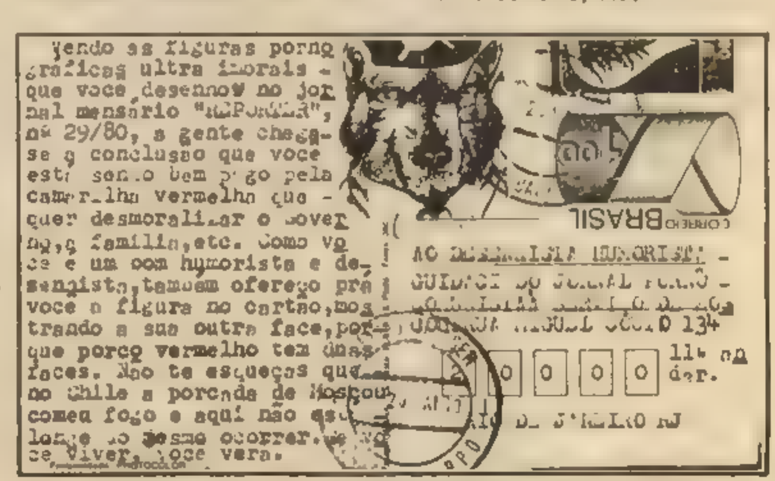
1. Na coragem de seus fundadores em criá-lo e defendê-lo

2. No realismo da atividade cotidiana de um novo jornal, capaz de driblar a grande imprensa na conquista de espaço, de novos horizontes e de leitores próprios, chegando até ao povão

3. No informalismo da atividade cotidiana de um novo jornal que balançou a opinião pública, quebrou os tabus e incomodou os órgãos de repressão, acostumados ao comodismo da imprensa formalista

Por isso é que o **REPORTER** é capaz de patentear e informar o inédito e o proibido pela repressão da ditadura temente à verdade. E é nisto tudo que se encontra a sua garra e a de sua gente porque se espelha na tradição do fato, da verdade, da coragem e nas questões políticas que desagradam os governos habituados à proteção do poder e da mentira

O jornal não está na esquerda e nem na direita porque está na verdade, é atual como a vida, imprevisível como os fatos, dinâmico e resistente como o fogo nas madeiras duras que a tempestade não apaga porque se transforma em fogaréu a cada sopro mais forte dos vendavais repressivos." **(Argemiro do Nascimento, Rio de Janeiro, RJ)**



• Cartão postal, com vista aérea da cidade de Araraquara (SP), foi enviado ao nosso desenhista, Guidacci. Assinado por Benedito Farias, CEP 14.800

CASSETA *popular*

Um órgão na abertura do governo

Essa tal de abertura

Nós, que somos jovens, tomamos Coca-Cola e usamos calça Lee, não conhecíamos até hoje essa tal de democracia. Aliás, a gente tinha até um pouco de medo de tanto ouvir falar na desordem, na baderna, na corrupção, na invasão das multinacionais, na inflação, enfim, naquilo tudo que tinha no Brasil antes de 64 e que, graças a Deus, hoje não tem mais. Quer dizer, hoje não tem mais Brasil.

Hoje, que a gente já cresceu e já foi à zona, não tem mais medo de democracia. A gente já sabe o que é democracia: é um montão de xoxota no cinema e nas revistas.

Isso porque, desde que começou a abertura, a Lei de Segurança Nacional continua atuando, continuam prendendo líderes sindicais, a censura política continua... A única coisa que mudou foram as mulheres peladas nas revistas. Peladonas mesmo. Antes, na democracia relativa, só aparecia peito, bunda e coxa. Quando alcançarmos a democracia plena, então, estaremos vendo até o útero das artistas de cinema.

Imaginem como será o comunismo?! Deve ser uma sacanagem de fazer gosto!

Ainda bem que nossas autoridades, muito responsáveis como sempre, estão dando democracia em doses homeopáticas! Do contrário, eu não ia aguentar ... Magro, de olheiras fundas, pálido ... tudo por causa do exercício da democracia brasileira!

Aliás, a gente nem reclama da inflação. Tamos de acordo com as autoridades e achamos que a inflação é o preço da democracia. É como na rua Alice: ora!

Às vezes a gente fica pensando: será que é isso mesmo a democracia? Como é que quando a gente vê no Jornal Nacional as passeatas na Itália tá todo mundo vestido? Será que é porque lá faz frio?

E esse negócio de eleger presidente, fazer greve sem tomar porrada, jornal sem ser censurado, sem ser apreendido na gráfica e todas as correntes políticas se expressando livremente? Ah! Isso deve ser os tais "excessos" que nossas tão zelosas autoridades combatem.

A CASSETA NA BOCA DO POVO
(e nas mãos também)

O que é a Casseta?

A Casseta é isso que tu tá segurando... segurando e lendo!

Era um jornal da Escola de Engenharia da UFRJ. Era. Hoje a **Casseta Popular** é um órgão dentro de outro órgão (de imprensa). Enfim, conseguimos um jeito de penetrar, sem vaselina, no seio das amplas massas (penetrar nos seios? Esse negócio tá esquisito! Mas deve ser bom. — Gracie, venha cá! Tire a roupa!).

PAUSA

Onde estávamos? Ah, sim, falávamos do jornal. A Casseta é um jornal crítico, mordaz, atuante, representativo, sacana e engraçado pra cacete (tomara!).

É um órgão rígido e inflexível ... na defesa dos nossos interesses e de todos os interessados em nós. A Casseta não é um órgão de cúpula, mas um órgão de cópula. Desvinculado de qualquer compromisso com a verdade ou com a mentira, com a seriedade ou com a leviandade, contra o lógico. Enfim, somos contra!

O uso da Casseta é aberto a todos: jovens e velhos, crianças e homens, mulheres e mocinhas. Contudo, não se esqueçam: a Casseta não é brinquedo. Damos pau a quem merece e não dispensamos ninguém!!!

A EDITORIA

CLASSIFICADOS

Cuba urgente

CRIMINOSOS

Chegou a sua vez! Nada de concorrência!

Seu mercado de trabalho no Brasil está como dos engenheiros, médicos, advogados: saturado. A avenida Copacabana já tem mais assaltante do que assaltado. Já tem até assaltante fazendo fila na porta de banco. Saia dessa de uma vez por todas! Não. Não deixe de ser mau elemento! Venha pra Cuba que o sucesso lhe espera. Trabalho é que não falta! Pois todos os nossos canalhas, vagabundos, alcaguetes, escroques, punguistas e traidores se mandaram para Miami. Deve ter sido o concurso para a máfia. Maiores informações e datas de partida com nosso contato na Baixada Fluminense. Falgêncio Caveirinha.

A luta de classes deve ser travada às 5 e meia da manhã de uma segunda-feira. Isso porque é nessa hora que os trabalhadores já estão acordados pra ir pro trabalho e os burgueses também estão acordados, porém bêbados e cansados de suas surubadas e bandalheiras. Ah, sim! E felizmente a classe média ainda está dormindo.

CASSETA POPULAR S/A

"O ORGÃO DO POVO"

Orgão de cópula, rígido e inflexível, reto e grosso (às vezes pendente)
Endereço: Rua A, lote B, casa 3 fundos. Jardim Fartura, Inhaúma, RJ

EXPEDIENTE

Diretor-presidente Jorge Luis Videla
Diretor-executivo: Mão Branca
Redator Clark Kent
Editor Adirson de Barros
Tesoureiro Delfim Netto

Diretor de sacanagem [illegible] A tollah Kome Himem; diretor [illegible] Sunda, diretor de movimento estudantil, Erasmo Dias, diretor da da jovem Austregesilo de Ataude, diretor de relações publicas Farid Sarrada, diretor de arte Paulo Salim Maluf, diretor de bunda Souza, diretora de peitos Fafá de Belém; diretor de pés P Portela (+) assistente espiritual: d Vicente Scherer, garoto de recados Chico Junior

CORRESPONDENTES

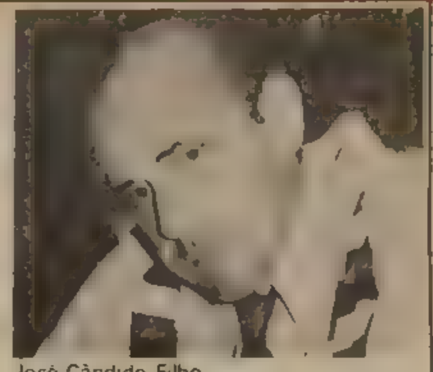
Jerusalém J C de Nazaré. **Londres** Margareth Tatcher, **Patópolis** Irmãos Metralha, **Gotham City** o Charada, **Tokio** Nacional Kid, **Afeganistão** Brejnev; **Nova Iorque**: Andrei Gromiko, **Moscou:** Zbigniew Brezinsjkmw. **São Bernardo** M Macedo, **Pirapora de Bom Jesus** a mãe de alguem, **Tibet** Lomsang Rampa, **Paraguai**: Martim Borman, **Cuba** Fidel

CONSELHO EDITORIAL

Chico Buarque de Holanda, Wilza Carla, Sônia Braga, Michel Frank, Victor Jara, Edith Piaf, Jimmy Hendrix, Zico, Borrachinha, Mãe Joana, Creuza da Prado Junior, Jimmy Olsen, Gonzaguinha, Ronaldo Balassiano, Miro Teixeira, Antônio Houaiss, Caio Prado Jr., Luis Carlos Prestes, Chacrinha, Abelardo Barbosa, Gustavo Corção (+) Menahim Begin, Adolpho Bloch, Adolph Lindenberg, H Romeu Pinto, C Bento, Alisando Crescio Pinto O Niemeyer, Modesto da Silveira (Motta e Jaquito Kapeller

Abihael Pinheiro da Silva

Lourival Alves Melquedes


José Cândido Filho

Salvador Anunciatto

Maria Kaiser

José de Lima Neto

Comunista mata criancinha, é opressor, tira a liberdade das pessoas. É assim que propaganda oficial pinta o regime comunista. Pra saber o que os populares pensam a respeito, fomos às ruas, em São Paulo e Recife fazendo a pergunta: *o que é o comunismo?* Uma resposta se repetiu algumas vezes: *comunismo* (visto como coisa ruim) *é o salário mínimo.*

Povo diz quem são OS COMUNISTAS

Reportagem de Marcia Fadul. Fotos de Eliana Pastore

Comunista é aquele que é contra o governo, está sempre atacando e querendo derrubar o presidente. Age na base da força. A polícia é comunista, assim como médicos. (Antonio José Cardoso, 20 anos, boy)

Coisa boa não deve ser, procuram de toda maneira uma adesão maior de pessoas para trabalharem em conjunto. Querem igualdade, mas na realidade somente a cúpula fica numa boa. (Sonia Maria Vasquez, 34 anos, representante comercial)

Comunistas agem como se fossem os donos do mundo, no que estão muito errados. Todo mundo tem direito a uma parte. (Ernesto Gonçalves da Silva, 49 anos, porteiro)

Comunistas são subversivos, são homens que procuram a lei através da ignorância, de seqüestros e crimes. Formam grandes grupos e pretendem uma maior igualdade entre as pessoas. (Manoel Mendes Teixeira, 19 anos, garçom)

Comunistas agem como se fossem socialismo: só vive quem tem grana. Aqui no Brasil é tranqüilo, todo mundo dá um jeitinho e acaba tudo bem. (Salvador Anunciatto, 50 anos comerciante)

Sou do regime capitalista, acho a nossa república ótima. (José Cândido Filho, 38 anos, gerente)

Comunista é o cara que dorme na rua, anda pedindo esmola para os outros e não trabalha. Os ricaços não dão bola pra nós que somos pobres. Eu não tenho nem onde morar. Todas as noites durmo dentro da minha carroça e tomo banho no chafariz. (Rosalino Ferreira, 50 anos, carroceiro)

Comunistas são os caras da Rússia, bolchevistas. Esse regime é péssimo porque não oferece oportunidades. Num sistema como o nosso, a pessoa trabalha e vai pra frente, lá não existe isso. (José de Lima Neto, 54 anos, comerciante)

Comunista é um ateu cheio de complexos e contra a democracia. Age insuflando a desarmonia e defendendo seus pontos de vista. (Sílvio Santos Fernandes, 49 anos gráfico)

Comunismo é um tipo de bagunça, uma cambada de desordeiros. Ouvi mais ou menos isso sobre o comunismo, apesar de ter minhas dúvidas se é realmente isso. (Lincoln Leopoldino dos Santos, 29 anos, balconista)

Comunistas são pessoas que atrapalham ainda mais essa confusa política que está aí. Na greve do Lula, eles atrapalharam mais os metalúrgicos, enchendo de bobagens suas idéias para que investissem contra os policiais. (Robson Silva Reis, 16 anos, auxiliar de escritório)

O comunista tem liberdade de falar o que bem entender, liberdade de opinar. Conheço alguns comunistas bem influentes, acho o regime deles ótimo. (Carlos Fernandes Lavoratto, 21 anos, empregado de fliperama)

Sou contra o comunismo, interferem na liberdade do povo, tomam toda a propriedade do indivíduo, é um roubo qualificado e descarado. (João Garófalo, 71 anos, alfaiate)

Não sei, nunca ouvi falar, mas sei que é um regime aí... Não acrescento mais nada, não, esse negócio de comunismo é fogo, tenho medo. (Maria Kaiser, 52 anos, vendedora de frutas)

Não entendo nada de comunismo, só entendo de putaria, sacanagem. (Laura, 26 anos, prostituta)

Comunismo é algo de ruim para o país. Acontece que ocorre o seguinte: o patrão faz você de escravo, você não tem direito de almoçar, de ter um tempinho pro café. É só trabalho, trabalho, assim não dá. O comunista tem que se unir ao povo. (Lourival Alves Melquedes, 37 anos, desempregado)

Comunistas são pessoas que lutam, que brigam pelos seus direitos no sentido de melhorar as condições do povo de seu país. Acho ótimo esse tipo de ação, tem mais é que brigar. (Nalva Silva, 22 anos, estudante)

Comunismo é uma melhor e mais justa distribuição de bens, onde não existe propriedade privada, enfim, uma preocupação maior com o povo. O povo hoje tem uma idéia errada do comunismo. A verdade é que o comunismo é uma coisa muito boa, e nós somos aqui no Brasil o paraíso das multinacionais. Não existe democracia aqui. (Edna Rita Queiróz, 21 anos publicitária)

Comunismo e socialismo teórico é válido. Na prática, não funciona. É provado pela História. Nosso sistema é capitalista adequado ao sistema econômico do nosso país. (Edson Tanabe, 21 anos, técnico eletrônico)

O comunismo é agressivo, é bom para quem está lá em cima, tomando champanhe francesa. (João José Bernasconi, 76 anos, aposentado)

O comunismo é bom para a pobreza, para os ricos é péssimo. (Edevaldo Gomes de Souza, 35 anos, técnico em computadores)

Comunismo é a igualdade do povo, não existindo pobres e ricos, todos numa mesma faixa. Todo mundo está a favor dessa igualdade. (Antonio Faria, 43 anos, bancário)

Comunista é a pessoa que trabalha sempre contra o nosso país. (Abihael Pinheiro da Silva, 62 anos, zelador)

Comunismo é a falta de comida. Se o povo tivesse comida, não tinha comunismo. Comunismo é o salário mínimo. (Motorista de táxi que não quis se identificar)

Comunistas são esses patrões miseráveis que querem o que taí: miséria. Eles são inimigos do povo. Eles é que querem o comunismo. O salário mínimo é comunista. Veja só, o governo deu aumento de 45% e aqui no banco o patrão só deu 37%. Pegaram o Lula, prenderam e depois de 15 dias é que fizeram o mandato de prisão. Isso é que é comunismo. (um bancário que também não quis dizer o nome).

REPORTER

REPORTER

Julho de 1980 | Ano III - Nº 31 - Cr$ 30 | AUTÔNOMO INDEPENDENTE

Delegado admite

POLÍCIA TOLERA USO DE MACONHA

P.3

Confissões do craque da seleção

Nunes topa sexo grupal

P.18

BRIGA DE GALO

Deputado e juiz no jogo proibido

P.19

TFP FAZ TREINO MILITAR

P.8

Ao leitor

Caro amigo,

REPORTER pretende, através desta pesquisa, conhecer melhor você e sua família, seus interesses e necessidades, para melhorar cada vez mais nosso jornal. Para nós, é fundamental sua participação. O leitor do REPORTER é uma pessoa muito especial.

Vamos sortear 200 assinaturas entre os leitores que colaborarem com esta pesquisa, e os sorteados passarão a receber gratuitamente, durante 6 meses, o REPORTER em casa. Além disto, a todos que participarem nos enviando esta página preeenchida, enviaremos gratuitamente um exemplar desta edição para não prejudicar sua coleção. Então, mãos à obra: pegue a caneta, responda o questionário abaixo e remeta para MARGEM EDITORIA E PROGRAMAÇÃO GRÁFICA LTDA., Rua Miguel Couto 134/11.º — CEP: 20070 — Rio de Janeiro. Aguarde a relação dos sorteados que publicaremos nas próximas edições. Até lá!

ASSINATURA GRÁTIS

1 — Você é:
Homem ☐ Mulher ☐

2 — Sua idade é:
☐ até 20 anos
☐ 21 — 25 anos
☐ 26 — 30 anos
☐ 31 — 35 anos
☐ 36 — 40 anos
☐ 41 — 50 anos
☐ 51 — 60 anos
☐ mais de 60 anos

3 — Você é:
casado (a) ☐ solteiro (a) ☐ outros: ☐

4 — Na família você é:
chefe ☐ cônjuge ☐ filho (a) ☐ outros ☐

5 — Seu nível de instrução é:
☐ Primário incompleto
☐ Primário completo
☐ Universitário Qual o curso?................
☐ Ginásio
☐ Científico

6 — Você:
estuda ☐ trabalha ☐ estuda e trabalha ☐

7 — Se trabalha:
profissão .... cargo que ocupa ....
....

8 — Quantas pessoas moram em sua casa? ....
....

9 — Sua casa é própria ou alugada? ....
....

10 — Quais dos aparelhos abaixo você tem em sua casa?
☐ TV preto e branco
☐ TV a cores
☐ Rádio AM
☐ Rádio AM/FM
☐ Aparelho de som
☐ Máquina de lavar
☐ Automóvel — marca.............................. Ano ....

11 — A faixa de renda mensal de sua família é:
☐ menos de Cr$10.000
☐ de Cr$ 10.000 a Cr$ 20.000
☐ de Cr$ 20.000 a Cr$ 30.000
☐ de Cr$ 30.000 a Cr$ 40.000
☐ de Cr$ 40.000 a Cr$ 50.000
☐ de Cr$ 60.000 a Cr$ 80.000
☐ mais de Cr$ 80.000

12 — Você ouve rádio habitualmente? Sim ☐ Não ☐

13 — Em quais horários?
☐ 6:00hs às 9:00hs
☐ 9:00hs às 12:00hs
☐ 12:00hs às 14:00hs
☐ 14:00hs às 17:00hs
☐ 17:00hs às 19:00hs
☐ 20.00hs às 22:00hs
☐ 22:00hs às 24:00hs

14 — Qual a rádio que você mais gosta?
na faixa AM ....
na faixa FM ....

15 — Você vê TV regularmente? Sim ☐ Não ☐

16 — Que programas você mais gosta? ....

17 — Você lê algum jornal diário?
Sim ☐ Não ☐ Qual?...........................

18 — Você lê algum outro jornal da Imprensa Alternativa?
Sim ☐ Não ☐ Qual?...........................

19 — Você lê livros?
Sim ☐ Não ☐ Quais mais gostou?.................
Qual a sua preferência?
☐ policial
☐ romance
☐ humor
☐ terror
☐ poesia
☐ contos eróticos

20 — Você vai ao cinema? Sim ☐ Não ☐ Quantas vezes por mês? ....

21 — Você vai ao teatro? Sim ☐ Não ☐ Quantas vezes por mês? ....

22 — Você lê revistas? Sim ☐ Não ☐ Quais? ....

23 — Qual seu cantor (a) preferido (a)?
....

24 — Qual o seu escritor (a) preferido (a)?
....

25 — Como conheceu o **REPORTER**? ....

26 — Além de você, quantas pessoas lêem o seu exemplar do **REPORTER**?........

27 — Você já é assinante do **REPORTER**? Sim ☐ Não ☐

28 — Como você define o **REPORTER**?.........................

29 — Que reportagem você mais gostou das publicadas até hoje no **REPORTER**? ....

30 — Você é leitor assíduo do **REPORTER**? Sim ☐ Não ☐

31 — Que assunto (s) você gostaria de ler no **REPORTER**? Dê sugestões.
....
....
....
....
....
....
....
....

● **Obrigado.** Estas informações nos ajudarão a fazer um jornal melhor e sempre dentro das preferências dos nossos leitores, que como você, opinam e acreditam na força de um jornal popular.

CENSURA!

O Conselho de Defesa Econômic[o] (Cade), órgão subordinado a[o] Ministério da Justiça, pediu complet[o] relatório da situação econômica d[o] jornal REPORTER. Na ânsia de obte[r] rapidamente as informações, enganou-se até no endereçamento da correspondência, ao dirigi-la "à empres[a] REPORTER", e não à editora que o dirige, esta sim responsável pel[a] resposta.

O Cade foi criado pela lei 4.137 de 1962, para reprimir abusos do poder econômico, crime condenado [na] Constituição do país. Desse objetivo resulta seu poder, sua competência, suas atribuições. Utilizá-lo para pescar informações de editoras [e] jornais independentes é criar mais um instrumento de controle da imprensa, conforme, aliás, prenunciou em palestra recente na Escola Superior de Guerra o ministro da Comunicação Social, Said Farhat.

É o início do arrocho econômico contra a imprensa alternativa. Se querem informações para uma "pesquisa" sobre abuso do poder econômico no setor de imprensa, que peçam aos grandes produtores, que têm equipamento próprio, papel assegurado e podem ditar seus preços ao mercado.

Sustentar a investigação sobre [a] vida de uma pequena empresa n[a] legislação que combate os monopólio[s] é cinismo ou incompetência do burocrata de plantão. É desrespeitar [a] lei, manipulando-a com objetiv[o] político: calar a imprensa de oposição, ameaçando-a permanentemente com devassas fiscais, financeiras, contábeis, administrativas.

Não temos nada a esconder. Pagamos nossos impostos, nossas contas estão em dia. Mas oficiamos ao Cade, explicando que vamos nos recusar a responder a seus questionários porque achamos a solicitação ilegal. Vamos lutar contra mais uma exorbitância do governo na Justiça. [E] já temos o apoio do Sindicato do[s] Jornalistas do Rio e de toda [a] imprensa nanica.

REPORTER

EDITORES — Alex Solnik, Chico Jr., Luiz Alberto Bettencourt, Pipsi (Arte)
CHEFIA DE REPORTAGEM — Ricardo Bueno
REPORTAGEM — **Rio de Janeiro** Tim Lopes, Luis Ferrão, Maria Helena Araújo **São Paulo** Rivaldo Chinen, Silvio de Souza, Helio Belik, Teresa Moreira **Recife** Eduardo Homem, Beth Salgueiro **Salvador** Mariluce Moura **Brasília** Antonio Beluco Marra
FOTOGRAFIA — **Rio de Janeiro** Chiquito Chaves, Rogério Carneiro **São Paulo** Wagner Avancini, Eliana Pastore, Valdenir Benedetti **Recife** Valdir Afonso, Xirumba
ARTE — Analuce Estrella, Guidacci, Mauricio Veneza
CIRCULAÇÃO — Eduardo Cúri
PUBLICIDADE — Carlos Sarmento e Kelin Keller (contato)
DEPARTAMENTO JURIDICO — Luis Celso Araújo e Luiz Eduardo Greenhalg
REPORTER Autônomo Independente é uma publicação da Margem Editora e Programação Gráfica Ltda **Rio de Janeiro** Rua Miguel Couto 134/11.º andar, tel 253-5038, 253-5077, 233-4331 **São Paulo** Rua Santa Isabel 33/8.º andar, tel 222-3103, 222-5825 **Recife** Av. Conde da Boa Vista 121, Grupo 707, tel 222-1224
Composição, fotolito e impressão — Editora Mory Ltda, Rua do Resende, 65, Rio de Janeiro
Distribuição — Fernando Chinaglia S A Rua Teodoro da Silva, 907, Rio de Janeiro

Fumar maconha está deixando de ser crime

- *DELEGADO BAIANO DIZ QUE NÃO AUTUA QUEM FUMA*
- *PROMOTOR CARIOCA QUER REVISÃO DA LEI DE TÓXICOS*
- *CONSUMO AUMENTOU, MAS PROCESSOS NO RIO DIMINUÍRAM*
- *ERVA É LIBERADA EM PRAIAS E SHOWS*

Reportagem de Antonio Beluco Marra, Beth Salgueiro, Chico Júnior e Mariluce Moura

Embora na maioria dos casos a notícia ainda seja escamoteada, as autoridades policiais brasileiras estão diminuindo a repressão ao uso da maconha.

— Nós já não autuamos a pessoa que é presa na rua portando um ou dois cigarros de maconha. O viciado não é um criminoso e, por isso, a polícia o está tratando com tolerância, evitando registro de flagrante e instauração de inquérito, sobretudo quando se trata de uma pessoa que é detida pela primeira vez. Quando se trata de jovens, em vez de prender preferimos orientá-los e aconselhar a família.

A declaração é do delegado titular de Tóxicos e Entorpecentes da Bahia, Juvenal Gentil.

Na realidade, a única novidade nessa declaração é que uma autoridade policial resolveu assumir essa tolerância com o usuário da maconha, pois é visível que em várias capitais e cidades do país a repressão diminuiu bastante, e em muitos locais se fuma maconha abertamente, principalmente no carnaval, em **shows** e nas praias cariocas. Para se ter uma idéia, no **show** de Gilberto Gil e Jimmy Cliff, no estádio da Fonte Nova, em Salvador, no dia 25 de maio, o consumo foi bastante alto e não houve repressão, o mesmo acontecendo no Recife.

Em Salvador, no último carnaval, fumou-se maconha abertamente pelas ruas da cidade. E as poucas pessoas presas não foram autuadas. Apenas tiveram seus nomes anotados e a maconha apreendida. O que também não é nenhuma novidade em Salvador, de acordo com declarações do próprio delegado.

— Em 1971, decidimos escolher uma área de não desagregação social para fazer uma **blitz**. Escolhemos a Barra, um bairro de classe A, e limitamos uma área pequena, do Farol até o Barravento. Em duas horas, prendemos 63 pessoas, com idades que variavam de 18 a 24 anos, e que conduziam desde cigarros de maconha até LSD. Levamos todos para a delegacia, mas em vez de autuá-los fizemos uma ficha simples de cada um, liberamos todos, e no dia seguinte fomos bater de porta em porta, à procura dos pais. Mas, a partir do momento em que nos identificávamos como policiais, as portas se fechavam. E os nossos propósitos eram os melhores possíveis.

Em Olinda, também no último carnaval, o bloco "Segura a coisa" praticamente liberou a maconha na cidade. A grande maioria de seus integrantes sambava e frevava pelas ruas fumando seu baseado. Nos intervalos das músicas gritavam numa só voz: "liberdade pra maconha! liberdade pra maconha!"

Tanto em Salvador como em Olinda, sabe-se que existiram acordos que permitiram o uso da maconha no carnaval. No caso de Salvador, comenta-se nos bastidores policiais que houve uma orientação da Secretaria de Segurança Pública, e mesmo do governador do Estado, no sentido de que não houvesse repressão, por razões de interesse turístico. É a liberação servindo como ponto de venda, atração de mais

gente. O delegado Juvenal Gentil não admite isso publicamente, mas diz que a polícia estava mais preocupada em atuar sobre os traficantes e sobre a grande partida de aromatizador de ambiente, usado como lança-perfume.

— Quem tinha o seu baseado, usou. Mas não foi na escala em que se diz — acrescenta o delegado.

No Recife, funcionários da Polícia Federal e da Delegacia de Entorpecentes dizem que no carnaval foi feita uma reunião com diretores de clubes da cidade e do interior de Pernambuco, na sede da Polícia Federal, onde ficou determinado que os foliões portadores de pequenas quantidades de maconha, "desde que caracterizado que era para consumo próprio", não deveriam ser molestados.

— Prender, seria impraticável — diz um policial que pediu para não ser identificado — pois a gente não ia fazer outra coisa, e aí não haveria carnaval.

Detalhe importante: a orientação deixava bem claro que a maconha deveria continuar com seu legítimo dono, ao contrário de Salvador, onde a polícia apreendia o fumo da rapaziada presa.

Conversando com o repórter Antônio Beluco Marra, em Brasília, um delegado disse que não reprime o consumo da maconha na capital federal porque não tem meios e porque não existe lugar nas prisões.

— Não dá para prender, meu caro. Onde é que vamos botar essa gente toda? Estamos tentando pegar os traficantes, mas o consumidor, nem tanto.

O consumo de maconha no Brasil está aumentando. Isso quem diz é a própria Polícia Federal. No ano passado, o delegado Alceu Rocha, coordenador central de polícia da Polícia Federal, disse que em 1978 o consumo de maconha cresceu 199% em relação a 1977. Em março do corrente ano, o jornal carioca **O Globo** anunciava que "Especialistas confirmam que há maior consumo de maconha".

Mas uma visita ao Forum do Rio de Janeiro mostra que, enquanto o consumo aumenta, o número de processos diminui, o que significa dizer que o número de prisões também diminuiu. Uma clara evidência de menos repressão. Em 1978 foram julgados 1004 flagrantes de tóxicos (a maioria de maconha). Em 1979, apenas 724, ou seja, 280 menos.

ADVOGADO PROCESSA GIL E CLIFF

Gilberto Gil e Jimmy Cliff estão sendo processados no Recife sob a acusação de "incitarem a juventude ao uso da maconha", durante o show que realizaram juntos pelo Brasil. O advogado Teócrito Guerreiro, autor da denúncia, não assistiu ao espetáculo e usou como referência uma notícia publicada no Diário de Pernambuco, *onde é dito que milhares de jovens fumavam cigarros de* marijuana, *enquanto no palco se cantava a música* Legalize it *(Legalize-a).*

O fato de que essa música não foi cantada em nenhum dos shows *porque não faz parte do repertório de Jimmy Cliff, mas do de Peter Tosh, não perturba o advogado:*

— Estou me baseando numa notícia do jornal e, se for mentira, quem vai ser processado é o jornalista que a escreveu. Além disso, esses jamaicanos chegaram ao Brasil fazendo a apologia da maconha. O próprio Gilberto Gil já foi processado por isso e se confessou um viciado.

A representação pública contra Gil e Cliff tem base nos artigos 12 e 18 da Lei de Tóxicos, que prevê uma pena de 5 a 20 anos para seus infratores. No momento, a representação se encontra na Delegacia de Entorpecentes, que vai abrir inquérito e encaminhá-lo ao promotor para denúncia. O próprio advogado não acredita que dê algum resultado (embora seu sonho seja ver Jimmy Cliff expatriado para cumprir pena no Recife) porque, infelizmente, na nossa terra, a justiça não é feita para os ricos. O código penal brasileiro vale apenas para os três P, que são os pobres, os pretos e as prostitutas. Sou um desiludido com a Justiça. Se pudesse, faria uma lei que obrigasse o cumprimento de todas as outras leis".

O advogado Teócrito Guerreiro tem verdadeira ojeriza pela maconha, e não vê nenhuma incoerência no fato de pensar assim e ao mesmo tempo ser o defensor predileto dos traficantes que são autuados pela polícia.

— Defendo a situação jurídica deles e não as suas atividades. Incoerente é o governo, que proíbe por tanto tempo músicas lindíssimas como "Caminhando", de Geraldo Vandré, que é absolutamente inofensiva, e deixa passar um LP desse jamaicano, onde ele aparece na capa fumando um baseado.

E, segundo o promotor Neje Hamaiti, da 18.ª Vara Criminal do Rio, não é só os processos que estão diminuindo. As condenações também.

— Estamos caminhando para uma nova abordagem do entorpecente — diz ele.

O senhor acha que o uso da maconha deve deixar de ser crime?

— Não sei ainda se a maconha deve ser descriminalizada. O que sei é que o critério que deve conduzir à descriminalização deverá ser um critério científico.

E acrescenta:

— O problema do entorpecente, e notadamente da maconha, precisa de uma urgente revisão. Dentro da sistemática penal, a maconha já recomenda uma abordagem mais branda. Na praia que eu freqüento, entre o Castelinho e a Garcia D'Ávila, a maconha já está descriminalizada. Então, não faz sentido o seu uso não ser crime em Ipanema e ser na Tijuca, por exemplo. E tem outro detalhe: também dentro das cadeias a maconha está descriminalizada. Todo mundo sabe que se fuma abertamente, e são raros os casos que chegam aqui. Está certo que a lei não pode ser revogada pelo desuso, mas quando a lei entra em conflito irremediável com a realidade, ela acaba suscetível a muitas interpretações.

Em dezembro do ano passado, falando ao repórter Chico Júnior, o juiz João de,

Promotor Neje quer abrandar repressão

Rapaz de boa família não é condenado

Deus Menna Barreto, um dos autores da Lei de Repressão aos Tóxicos, deu indícios dessa "nova abordagem", ao explicar que, hoje, juízes e promotores usam cada vez mais o artigo 37 da lei, que diz o seguinte:

"Para efeito de caracterização dos crimes definidos nesta lei, a autoridade atenderá à natureza e à quantidade da substância apreendida, ao local e às condições em que se desenvolveu a ação criminosa, às circunstâncias da prisão, bem como à conduta e aos antecedentes do agente."

Isso significa dizer que, levando-se em consideração a conduta e os antecedentes do agente (infrator da lei), a autoridade judiciária pensa duas vezes antes de condenar um trabalhador, um estudante, um "rapaz de boa família". E também pensa duas vezes antes de caracterizar o tráfico (artigo 12, que tem uma pena de reclusão de três a 15 anos) ou o uso (artigo 16, pena de detenção de seis meses a dois anos).

Considerado um promotor progressista e humano, o dr. Neje é um dos que mais se utiliza dos critérios do artigo 37, mas adverte:

— Minha abordagem não é generosa, não tem conotação de natureza poética ou re-

ASSINE O JORNAL QUE NÃO TEM MEDO DE ASSINAR EMBAIXO.

BASTA LIGAR PARA 253-5038 OU MANDAR PELO CORREIO O CUPOM ABAIXO

Assine REPORTER

CUPOM DE ASSINATURA

— Assinatura por 12 edições: Cr$ 320,00
— Envie cheque nominal ou vale postal para:
MARGEM EDITORIA E PROGRAMAÇÃO GRÁFICA LTDA.
Rio de Janeiro: rua Miguel Couto, 134 conj. 1101/1104 20000 RJ
Você pode assinar o REPORTER, a partir do n.º 0
Indique a partir de que número você quer sua assinatura..
Nome: ....
Profissão: ....
Endereço: ....
CEP: .... Cidade: .... Estado: ....

ligiosa. Minha abordagem é humana. Não acredito na pena e na penitenciária tal qual elas existem modernamente, e considero uma desonestidade intelectual ou ignorância incurável afirmar-se que o crime pode ser extinto através da duplicação das penas.

Polícia livra pequeno consumidor

Mas é claro que nem tudo são flores e não é que vamos sair por aí pensando que o uso da maconha já deixou de ser crime. Principalmente porque ainda existe muita confusão na política de repressão ao tóxico, e cada Estado tem seus próprios parâmetros, seus próprios métodos de ação.

Se depender de Brasília, por exemplo, vai levar tempo para a maconha ser liberada, ou pelo menos descriminalizada. No Departamento de Polícia Federal ninguém admite sequer comentar o assunto com jornalistas. Mesma atitude no Ministério da Justiça: "Não há nada de novo sobre o assunto; a nível de ministério, não há nenhum debate sobre a maconha", garante um assessor do ministro Abi Ackel. E acrescenta: "Acho que ninguém está pensando em liberar a maconha atualmente".

No Rio, tanto na Delegacia de Entorpecentes como na Polícia Federal as mesmas respostas evasivas. No terceiro andar do prédio onde funciona a antiga rodoviária e onde está instalada a Delegacia de Entorpecentes, o delegado substituto, dr. Reali, procurado pelo REPORTER, diz que pensou bastante sobre o assunto e achou que quem deve falar sobre repressão à maconha é a Polícia Federal, "que fica bem aqui pertinho e eles lá sabem de tudo".

Mas não sabem, ou não querem dizer. Tanto que a primeira reação do assessor de Comunicação Social (cuja função é filtrar as notícias) é dizer que "esse negócio de maconha é com o Ministério da Saúde". E depois de alguma conversa pede que ouçamos Brasília, "porque eles lá sabem de tudo".

Em Brasília, o que se vê é uma certa desconexão nas ações da polícia, pois enquanto um delegado diz que não está reprimindo o consumo, outras jurisdições têm agido com extremo rigor em algumas ocasiões, mesmo quando o usuário porta pequenas quantidades. Isso aconteceu na festa anual de Pirinópolis (uma pequena cidade de Goiás que fica cheia de gente de Brasília que vai assistir à cavalhada.) A polícia de Brasília fez um cerco nas estradas que levam a Pirinópolis e revistou carros e ônibus. Rejane, uma jovem de 21 anos, diz que "os soldados estavam armados de metralhadoras e revistavam tudo, brincando com a gente: e a erva, onde está a erva?" Aconteceram algumas prisões.

Atualmente, em Brasília, onde se vê maior repressão é na cidade satélite de Taguatinga, onde a população chegou a fazer uma manifestação pública para protestar contra o assassinato de um comerciante. Para mostrar serviço, a polícia tem dado várias batidas e, segundo um repórter policial que trabalha na área, "quem está pagando o pato são os maconheiros".

Para o promotor carioca Neje Hamaiti, "a polícia só prende quem não tem a menor significação com o problema do tóxico; só prendem o fichinha".

Mas, quando se conversa com policiais do Rio e de São Paulo, descobre-se que até as prisões de fichinhas já estão incomodando alguns delegados, que não vêem sentido em ter trabalho com uma apreensão de algumas trouxinhas ou um baseado na mão de um consumidor. Muitas vezes os policiais dispensam (no papo ou na tradicional compra do flagrante) o usuário ou o pequeno traficante, pois sabem que o delegado vai acabar aliviando o flagrante.

É certo que no Rio, em São Paulo e em Salvador cada vez mais os flagrantes estão sendo aliviados. O único problema é que, na maioria dos casos, a polícia fica com a maconha apreendida. E, como não há flagrante, não há registro da apreensão. E o que faz a polícia com essa maconha? Fuma, revende, ou joga fora?

UNIVERSIDADE TAMBÉM DEBATE O JERERÊ

O pau comeu no debate sobre "A Questão da Maconha", dia 13 de junho na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo. Foi à tarde, com auditório cheio. Perto de 400 pessoas. Todas, de certa maneira, ligadas com o tema do debate.

Na mesa, um estudante provocava comentários por fazer restrições à maconha:

— Não precisamos disso para nos libertar.

Tais comentários eram prontamente respondidos por outros estudantes, que ora falavam da contribuição da maconha à criatividade e outras vezes explodiam em discursos surpreendentes:

— Os especialistas em maconha somos nós! — exclamou um estudante, cansado de ver chegar à mesa perguntas do tipo se maconha faz mal.

Havia gente para responder. Dois médicos: Jamil Almansur Haddad e João Batista Breda. Ambos psiquiatras, o primeiro poeta e o segundo também deputado.

Breda era um dos que não opunham argumentos ao uso livre de maconha, e até afirmou:

— É o melhor calmante que já surgiu, o mais completo tranquilizante. Sobre os efeitos, Breda comentou:

— Todas as pesquisas são contraditórias. O que se sabe é que acelera a pulsação. De 80 para 100. Nada mais.

Jorge Mautner, também na mesa, falou parecido com Breda:

— Maconha sereniza o ânimo, reduz o ego agressivo e militarista.

Ele disse também que nos shows *musicais se fuma normalmente, sem repressão.*

O estudante da mesa — representante do jornal O Trabalho *— nunca disse ser contra o uso, mas sempre mencionou o fato de que "a maconha desviaria do caminho da revolução", mais ou menos isso. Na platéia, os estudantes tentavam lhe dizer que as duas coisas podiam ser feitas ao mesmo tempo.*

Mas o que acirrou os ânimos foi outra afirmação do rapaz do jornal O Trabalho *(chamado por todos de "bicho"). Ele afirmou que, quem consome maconha, contribui para o monopólio dela, que é feito pela polícia. Aí a discussão esquentou. A platéia respondeu que não dá pra dizer que a polícia tem monopólio, quer dizer, ninguém gostou de ser acusado de parceiro de policiais.*

Foto Wagner Avancini

REPORTER, pendurado na parede, ajudou a discussão

Mautner foi mais objetivo e deu um recado econômico:

— A Cacex (órgão do Banco do Brasil que controla as exportações) deveria estar pensando já na maconha como opção econômica, senão a Colômbia chega antes e fica com tudo.

O debate foi caótico, no bom sentido. E até foi elogiado por Mautner, que o viu "em flashes*. rebentando". Não havia uma direção. Falava-se de uma coisa e depois de outra. O sentido ideológico, policial, a parte médica, a luta pela "descriminalização". Era natural, pois pela primeira vez aquelas pessoas, tachadas em outros meios até de criminosas, podiam falar ali, abertamente, de seu "crime". Por isso, todo mundo tinha um olhar cúmplice.*

Surgiu a idéia — de Mautner — de sair da reunião um comitê que organizasse novos debates, que iniciasse no Brasil o movimento pela "descriminalização" da maconha. Debates públicos, palestras — tornar o assunto público, tirar o aspecto criminal que lhe puseram.

— Isso é muito bonito — gritou um estudante lá no fundo — mas eu quero ver é na periferia! Lá é que sofre quem fuma maconha! Lá é tido como bandido mesmo. Na periferia é que precisa ter reunião de esclarecimento.

Jamil não acreditava em nada disso:

— Não adianta querer liberar a maconha. O Brasil não tem autonomia para isso.

Mautner respondeu em cima:

— Discordo; soberania tem. E se o Golbery quiser organizar um debate sobre a maconha, eu vou... e vou sambando...

Alex Solnik

Diplomata, que Itamarati chamou de "louco", revela:

Ele trabalhava no "setor especial", em Lisboa

BRASIL TEM SERVIÇO SECRETO NO EXTERIOR

SNI CONTROLA OPERAÇÕES NAS EMBAIXADAS

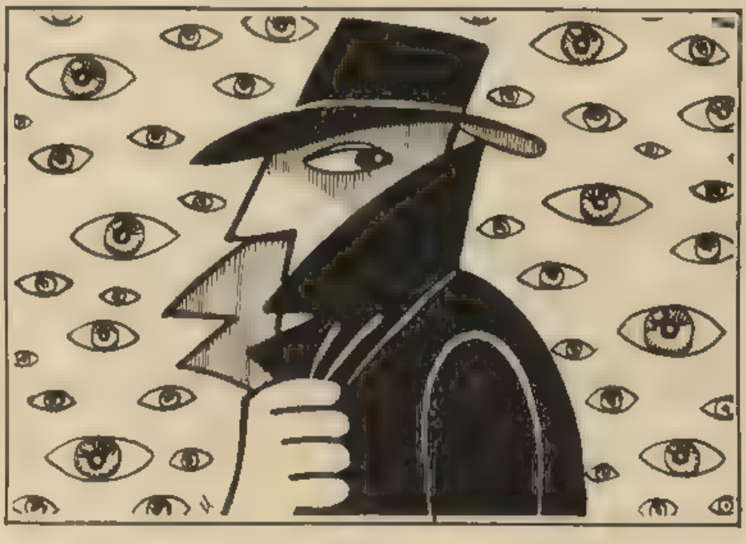
Pela primeira vez, a existência de um serviço brasileiro de informações no exterior foi reconhecida publicamente por um diplomata a serviço do Itamarati: Jacques Guilbaud, 42 anos, afirmou que estava trabalhando no setor especial do serviço diplomático em Lisboa, uma agência que, segundo Guilbaud, "faz serviço de inteligência".

As declarações do diplomata foram publicadas pela revista canadense **The Globe and Mail** do dia 29 de maio último, assinada por Arthur Johnson e Mark Lukasiewicz sob o título "*Diplomata teme por sua segurança se voltar ao Brasil*".

Com efeito, Jacques Guilbaud, diplomata brasileiro de carreira, foi chamado recentemente pelo Itamarati para regressar ao Brasil, mas se recusou a sair do Canadá, onde pediu asilo, declarando que estava ameaçado no Brasil por causa de seus esforços para denunciar a corrupção no serviço diplomático.

Segundo Guilbaud, ele teria sido enviado a Portugal para investigar as alegações de que "três emissários diplomáticos brasileiros tinham sido recrutados pela KGB, o serviço de informações da União Soviética. O recrutamento teria acontecido em 1960 na cidade do Cairo".

As alegações de Guilbaud podem parecer fantasiosas para a maior parte dos observadores nacionais e estrangeiros, mas existem outras versões sobre o verdadeiro motivo de o Itamarati ter chamado Guilbaud de volta ao Brasil. Uma coisa é certa: Guilbaud não tem nada de louco.



Há algum tempo ele vem sendo seguido e observado em vários países pelo Serviço Nacional de Informações (SNI), que parece conhecer bem suas atividades fora do país. Então, Guilbaud teria inventado a história das infiltrações da KGB para ocultar suas verdadeiras atividades, até agora pouco claras, e escapar das pressões para sua volta ao Brasil.

Guilbaud teria sido um ex-funcionário do SNI, que depois teria brigado com seus superiores? Na reportagem da revista canadense, ele afirma apenas que deu a si mesmo o título de primeiro secretário da embaixada brasileira em Lisboa, a fim de esconder sua verdadeira missão. Para os funcionários das outras embaixadas disse que estava ali para recolher informações sobre os comunistas brasileiros em Portugal.

O que teria acontecido entre Jacques Guilbaud e o embaixador brasileiro, general Carlos Alberto Fontoura? Guilbaud afirma aos jornalistas que ele havia descoberto, além das infiltrações da KGB, "que um diplomata brasileiro na Europa comprou uma casa muito cara e debitou-a na conta do governo brasileiro, declarando o triplo do custo e embolsando a diferença. Mas — disse ainda Guilbaud — o embaixador Carlos Alberto Fontoura recusou-se a passar as informações ao ministro das Relações Exteriores do Brasil".

Guilbaud confessou também que procurou passar suas informações a uma pessoa de seu "setor especial" na embaixada de Lisboa; "o homem (seu contato), entretanto, estava impotente para fazer qualquer coisa".

Guilbaud disse ter completado seu relatório em agosto de 1978, e "estava claro que João Baptista de Oliveira Figueiredo seria o próximo presidente do Brasil. Figueiredo e Fontoura — completou ele — tinham sido ambos da polícia secreta brasileira ("brazilian secret police").

Na reportagem de **The Globe and Mail**, fica claro que havia um problema grave entre Jacques Guilbaud e o embaixador Fontoura, mas a reportagem não dá mais detalhes. Apenas a revelação de que o embaixador tentou por todos os meios afastar Guilbaud de Portugal, arranjando-lhe uma transferência para Kingston, na Jamaica. Guilbaud parece não ter concordado com sua partida, terminando por aceitar o posto no Marrocos, onde ficaria apenas três semanas. E decidiu então se transferir para o Canadá, onde, segundo a reportagem, "ele poderia deixar o serviço diplomático e começar uma nova vida".

Guilbaud revela aos jornalistas que "estava tão ansioso para chegar a Toronto que pagou do próprio bolso as despesas para sair do Marrocos com a família".

Guilbaud, entretanto, não dá mais detalhes sobre sua relação com o general Fontoura, nem sobre o setor especial da embaixada brasileira em Lisboa para o qual trabalhava.

O serviço de informações das embaixadas brasileiras no exterior não se encontra nos organogramas dos serviços diplomáticos. O SNI no exterior, cuja atuação foi reconhecida por Guilbaud de público pela primeira vez, está ligado diretamente ao Adido Militar, que pode ser um representante do Exército, da Marinha ou da Aeronáutica. Todas essas forças têm homens do SNI. Mas é possível que em Portugal seja o próprio embaixador um ex-homem do serviço de informação.

A única informação dada por Guilbaud nesse sentido foi a de que teme voltar ao Brasil por causa das represálias de um Esquadrão da Morte, que ele liga, de certa maneira, ao serviço de informações. Disse Guilbaud que, quando trabalhava para o serviço especial de informações (**The Special Branch of the diplomatic service**), teve acesso às operações desse Esquadrão, que estaria "matando os oponentes políticos do regime militar".

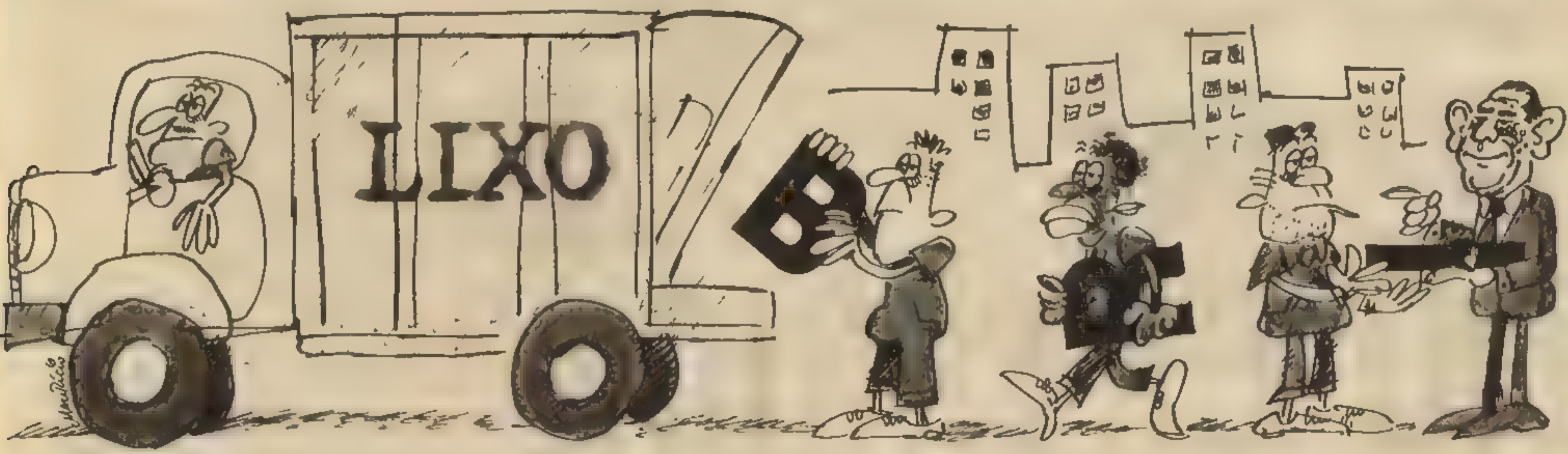
— É por isso — completou Guilbaud — que os rostos das vítimas são sempre desfigurados.

Antonio Beluco Marra

MULTINACIONAIS DOMINAM ENERGIA NO BRASIL

A PETROBRÁS VAI ACABAR

SOLUÇÃO É ENTRAR FIRME NO PROÁLCOOL



A Petrobrás, a maior empresa totalmente brasileira, poderá acabar em 20 ou 30 anos. Essa é a opinião de técnicos da empresa estatal, ouvidos pelo **REPORTER**, e que não se conformam com a política de liquidação desse patrimônio do povo brasileiro que vem sendo desenvolvida pelo governo:

— O ministro das Minas e Energia, Cesar Cals, e outras figuras do primeiro escalão governamental não querem que a Petrobrás entre na exploração do álcool, do carvão e de outras fontes de energia. Como o petróleo acaba daqui a uns 30 anos, isso significará o fim da Petrobrás.

Os técnicos argumentam que todas as grandes empresas petrolíferas do mundo, sentindo que o petróleo está acabando, vêm realizando investimentos em outras áreas de produção de energia. A Esso, por exemplo, já entrou na energia solar, no carvão e na energia nuclear. A Shell, no carvão e na energia solar. E a Mobil Oil, na energia solar.

— Por que não permitir que a Petrobrás entre no Proálcool e na exploração de carvão e, a exemplo das outras empresas petrolíferas, se transforme numa companhia de energia? — perguntam os técnicos da empresa estatal.

A alegação do governo é que o programa do álcool está reservado às empresas privadas. Como a Petrobrás é uma empresa oficial, tem que ficar de fora.

— Isso é uma grande bobagem — dizem os técnicos da Petrobrás. — Esta é a única empresa que tem, no momento, um sistema de tanques, navios e oleodutos para transportar com eficiência o álcool produzido no Brasil. Aliás, a própria iniciativa privada reconhece isso. Tanto assim que boa parte do álcool que vem abastecer os mercados do Rio e de São Paulo é transportada atualmente pela Petrobrás, a um preço três vezes menor do que o cobrado pelas empresas particulares.

GUERRA COM EMPRESÁRIOS

Aliás, o problema do transporte do álcool está provocando uma guerra de bastidores entre a Petrobrás e a iniciativa privada. Os empresários querem, pouco a pouco, assumir a responsabilidade completa do armazenamento e transporte do produto, tirando a Petrobrás da jogada. A estatal, porém, apresentou um projeto ao governo para montar uma rede de tanques por todo o país e armazenar o álcool. Esse projeto já foi aprovado pelo Conselho Nacional do Petróleo (CNP), mas está sendo atacado pela iniciativa privada.

Os empresários sabem que, se a Petrobrás montar a rede de tanques, acabará também controlando a distribuição do álcool através dos postos da Petrobrás Distribuidora. E a iniciativa privada, que só pensa nos seus lucros, quer barrar o avanço da empresa estatal.

— Caso o governo entregue o Proálcool completamente à iniciativa privada, estará cometendo um grave erro — dizem os técnicos da Petrobrás.

— O governo parece não ter percebido que o problema do álcool é de segurança nacional, pois trata-se de um produto vital para o funcionamento da economia brasileira. Imagine só quando os usineiros souberem que está para ser decretado um novo aumento nos preços do álcool. O que acontecerá? Ora, eles vão estocar o produto à espera desse aumento e vai faltar álcool para movimentar carros e ônibus. É a mesma história do óleo de soja. Quando os empresários sentem que há possibilidade de aumento de preços, somem com o produto. Só que, com o álcool, as consequências para a economia são muito piores do que a especulação com o óleo de soja.

Para os técnicos da Petrobrás, a atuação da empresa estatal seria totalmente diferente, pois ela está mais voltada para atender os interesses nacionais do que para garantir lucros.

— Prova disso é o que anda acontecendo com a gasolina. A Petrobrás vem tendo grande prejuízo com a venda desse derivado do petróleo, pois o preço no mercado interno não cobre os gastos com a importação. Para cobrir seus "buracos", a Petrobrás está tendo que apelar para empréstimos do Banco do Brasil e do Tesouro Nacional. Empréstimos de dezenas de bilhões de cruzeiros. Mas, apesar disso, nunca houve qualquer problema com o abastecimento de gasolina. Alguém pode imaginar a iniciativa privada tendo comportamento semelhante?

A batalha que está se desenvolvendo agora em relação à rede de tanques é decisiva. Caso o governo ceda às pressões da iniciativa privada e exclua a Petrobrás do Proálcool, uma situação muito curiosa poderá surgir nos próximos anos. Dizem os técnicos da empresa estatal:

— Vamos ter uns três ou quatro xeiques nacionais controlando a produção de álcool. O pior é que eles vão fazer sua fortuna com dinheiro público, pois o governo os está enchendo de empréstimos. Dinheiro deles, investimento próprio, é muito pouco. Além disso, é bastante provável que, com essa história de reservar o Proálcool para a iniciativa privada, o capital estrangeiro acabe entrando no programa. Aí, veremos a Esso, a Shell e outras empresas petrolíferas estrangeiras produzindo álcool no Brasil, enriquecendo aqui, e a Petrobrás fora do programa, barrada pelo governo. Convenhamos que isso é o fim da picada.

PRESSÃO DOS TÉCNICOS

Os técnicos da Petrobrás acham muito estranho que o governo queira enfraquecer a empresa no momento em que, no mundo todo, as companhias petrolíferas estatais ganham cada vez mais força.

— Até mesmo nos Estados Unidos, reino da iniciativa privada, a criação de uma empresa estatal para o petróleo está em debate. Só o Brasil está nadando contra a maré e golpeando a Petrobrás. Será que o governo brasileiro é o único esperto?

O corpo técnico da Petrobrás está se mobilizando, pressionando a diretoria, para que adote uma posição firme em defesa dos interesses da empresa e do país. A diretoria sabe que o futuro da empresa é negro se ela ficar presa apenas ao petróleo, mas tem que agir com cautela, pois o presidente da Petrobrás está subordinado ao ministro das Minas e Energia, que quer entregar tudo à iniciativa privada.

— A verdade é que ninguém dentro do governo tem coragem de assumir abertamente a defesa da Petrobrás, com medo de se queimar. Basta dizer que quem está a favor da entrada da Petrobrás no álcool e no carvão é acusado de estatizante e fica logo sob suspeição dos empresários e de diversos setores do próprio governo — dizem os técnicos da Petrobrás.

Enquanto o governo e a iniciativa privada cercam a empresa estatal, a situação do Brasil vai se agravando.

— O petróleo continuará subindo, disparando de preço. O barril está a 30 dólares, daqui a pouco vai passar para 40, depois para 50, e ninguém segura mais. Para se livrar da dependência do petróleo importado, o Brasil precisaria acelerar muito o Proálcool e o programa do carvão. E isso seria possível com a entrada da Petrobrás nessas áreas, em especial porque a empresa já tem tecnologia e gente preparada para produzir álcool e carvão. É só o governo dar o sinal verde que a empresa começaria a se mexer.

Ricardo Bueno

A entrada principal do sítio-quartel em Itaquera

TFP faz treinamento militar em SP

Reportagem de Rivaldo Chinen. Fotos de Wagner Avancini

Jovem militante distribuindo panfletos no centro de São Paulo

Arsenal tem rifles, revólveres e metralhadoras para 200 pessoas

Os militantes da seita Tradição, Família e Propriedade — TFP — aparentemente rapazes bem comportadinhos, com a camisa abotoada até o pescoço, recebem treinamento militar num sítio de Itaquera, bairro da Zona Leste São Paulo, a mais pobre da cidade.

O local fica a uns trinta quilômetros do Centro e para chegar até lá gasta-se uma hora de carro ou de trem e duas horas se a viagem for de ônibus. No bairro moram muitos nordestinos e paranaenses, e são comuns os surtos de doenças tidas como graves, devido à falta de esgotos e saneamento em áreas vizinhas. Itaquera tem uma vida religiosa agitada, com muitos grupos organizados nas comunidades de base. E o bispo da região é D. Angélico Sândalo, o mais progressista de São Paulo.

A sede da TFP é um casarão localizado no meio de um terreno elevado e bastante amplo, todo arborizado, que ocupa quase um quarteirão. Bem perto, num antigo colégio, funciona a extensão desse quartel, onde são guardados os armamentos, como rifles, revólveres e metralhadoras, e onde a capacidade para alojamento comporta cerca de 200 militantes.

É nesse lugar que se fazem os chamados "treinamentos de vivacidade", de acordo com um ex-militante. Chegam diariamente novos tefepistas, geralmente rapazinhos argentinos, chilenos, uruguaios, americanos, que vêm em regime de "intercâmbio". Trata-se de um sítio todo cercado de muros altos, de propriedade de uma senhora de origem libanesa, conforme revelou uma ex-cozinheira da TFP que, inclusive, teve a infelicidade de ter um filho tefepista. "Eu mesmo odiava isso tudo, mas meu filho entrou para a TFP, o que é que vou fazer?", lamenta ela.

A dona do sítio ainda mora em Itaquera, e já tentou várias vezes retomar a posse dele, mas a TFP sempre arruma um jeito pra que ela desista da idéia. Se ela alega que o filho não tem emprego (é engenheiro), eles logo arrumam uma colocação. Se a mulher diz que está precisando de dinheiro, também dá-se um jeito. E assim vão protelando a data da entrega.

Nesse sítio, os militantes que vão fazer os treinamentos dormem em celas medievais — tudo da TFP é em estilo medieval, até as portas neste sítio, recentemente construídas — onde cabem apenas o leito e um cabide.

Fleury apreendeu mas teve que devolver tudo

Tocam sinos o dia todo, de hora em hora. Nesse momento, os meninos interrompem a conversa, ou então se levantam de um dos bancos de madeira, e ficam perfilados, orando. Depois, fazem o sinal da cruz e continuam fazendo o que estavam fazendo antes. Mas há o chamado "código de chamada" por toques de sino, uma linguagem que só os militantes entendem. Um toque significa apresentar-se no pátio; dois, alardo (formação de guarda) diante do estandarte enorme que eles têm lá; e assim por diante. Alguns militantes se apresentam de hábito, para dar um ar de clima "mais solene, mais sacral", segundo um ex-militante. É uma vestimenta toda branca, do tipo que os lutadores usam.

De vez em quando eles empunham espada e lutam. Tanto que os vizinhos já viram rapazes treinando espada. Esse ex-militante explicou que o uso da espada é mais do que uma prática medieval.

"Quando acontecer o que a TFP espera, a chamada hora da verdade, do vamos ver, seus militantes esperam pegar todo mundo desprevenido, e empunhar espada, que é um jeito fácil de matar sem você poder se defender. Afinal, não é todo mundo que leva consigo um escudo."

Os militantes que vão fazer adestramento marcial em Itaquera se recolhem cedo, não sem antes fazerem a última oração da noite. O sino também soa muito cedo, bem de madrugada, e ouve-se o toque de apresentar-se ao pátio. Quem se atrasa é punido com uma série de ginásticas, depois de ser despertado a golpes de uma vara de bambu, sob os gritos de "acorda, vagabundo".

Depois vem a ordem de rastejar. A ex-cozinheira garante ter visto os rapazinhos rastejando em volta do casarão, sob olhares de um tal João Clá Dias, que os vigiava com a vara de bambu na mão. O militante que erguesse a cabeça mais do que o tolerado levava um golpe de vara: "Se fosse numa guerra, você teria levado um tiro na cabeça", berrava o homem. Em seguida, os rapazinhos entravam no mato e atravessavam uma armação de arame farpado. Finalmente, chegavam ao riacho que corta a propriedade, de fundo lodoso, onde há uma espécie de túnel construído com madeira, de uns 40 centímetros de abertura e 5 metros de comprimento.

Numa das clínicas particulares de Itaquera é muito comum o atendimento, quase que diário, de tefepistas. "Eles vêm aqui para tomar soro, mas nunca deixam mulher aplicar injeção neles, são meio esquisitos", disse uma enfermeira, que nunca entendeu como é feito esse atendimento. "Sou paga para fazer meu trabalho e pronto", justificou. Na verdade, depois de alguns minutos de conversa, essa enfermeira deu a entender que não conseguia imaginar como é que os rapazes ficavam tão fracos, a ponto de precisarem de tomar soro.

A ex-cozinheira disse que os meninos tinham pavor desse tal Clá Dias, que ela nem sabe se ainda treina os militantes, mas que falava bem alto: "Castigo, por terem se sujado", e vinham mais exercícios. Toque de recolher. Depois, o sino poderia vir de novo na madrugada, os rapazinhos atentos. Quando todos esperavam mais exercícios, poderia haver apenas algumas orações. Essa senhora chegou a ver alguns mocinhos de castigo numa pequena sala, à luz de vela e ajoelhados em posição de oração em frente a um dos estandartes.

Essa senhora viu uma vez um dos adestramentos de gabinete dos rapazinhos. Eles estavam numa sala e descuidaram, deixando a porta entreaberta. Os meninos estavam encenando um interrogatório a respeito de uma fita gravada ou com apontamentos, supostamente apreendidos pelos comunistas. Os militantes tinham então que dar explicações, sem mentir, mas com argumentos sérios e precisos, "capazes de silenciar o interrogador". "Aliás, acrescentou o ex-militante — difícil mesmo é manter um diálogo com um tefepista, que ele te ganha sem o mínimo esforço. Afinal, tem treinamento para isso." Esses treinamentos, que vão desde o estudo das seitas secretas até o marxismo, são feitos no Jardim São Bento, Zona Norte de São Paulo, onde antigamente se treinava esgrima, mas agora é apenas um local de reflexão.

O finado delegado Sérgio Paranhos Fleury ouviu alguém dizer, mais ou menos em 1975, que na Zona Leste havia treinamento de guerrilha. Com sua fúria anticomunista, Fleury foi com toda sua equipe para lá, invadiu o sítio, prendeu todo mundo e mandou confiscar todos os armamentos. Tinha fuzil, metralhadora, rifles, revólveres com silenciadores, todo tipo de armamentos. Só que Fleury se deu mal nessa operação, pois alguns minutos depois teve que devolver todo o armamento para a TFP, conforme ordens superiores recebidas pelo rádio da polícia.

Curiosidade, mistério, fascínio — tudo cerca esses dois sítios da TFP para os moradores de Itaquera, acostumados a verem aquela área sempre coberta, de onde saem de noite uns meninos acompanhados por cachorros pastor alemão. Eles dão a volta no quarteirão e depois se recolhem. De manhãzinha é comum se ouvir os sinos, depois os rapazes gritando bem alto, com todo o fôlego: "Tradição! Família! Propriedade!"

Moradores protestam contra agitação do grupo no bairro

Uma comissão de moradores dos bairros de Santa Cecília e Higienópolis foi constituída só para denunciar os excessos dos integrantes da seita TFP. "Eles têm trazido inquietação geral: de vez em quando surgem jovens armados até de metralhadoras, que agem como se estivessem montando um esquema de segurança para alguma autoridade muito importante, vigiando as entradas de edifícios, as esquinas e todo o movimento das ruas"

A comissão presenciou o espancamento de um rapaz na porta do seu edifício. Deitado de costas na calçada, o rapaz era pisoteado pelos integrantes da TFP, que pisavam em suas mãos, estômago e boca. Os tefepistas continuavam pisoteando o rapaz, indiferentes aos apelos dos seus pais, já bastante velhinhos. A cena só terminou com a chegada de uma viatura policial, que por sinal não levou os agressores presos.

A impunidade é, aliás, uma das características desse grupo. Muita gente ri deles, mas não vêem o perigo que está por trás de cada rapazinho de terno e gravata, cabelo rente, bem penteadinho, os botões até o pescoço sempre, sem mostrar os braços para ninguém.

Fizeram campanha contra o divórcio — e mesmo assim o divórcio chegou ao Brasil. Fizeram outras campanhas, contra os padres progressistas. Já foram acusados várias vezes de manteram fichários secretos e de levarem a sua luta contra o comunismo ou a Igreja "infiltrada de comunistas" ao nível da delação. Sempre negam, é verdade.

Em novembro de 1969, quando Carlos Marighela foi morto, os rapazinhos da TFP deixaram de usar o escudo da Congregação Mariana na lapela. Como também pararam de circular pelas ruas, temendo uma represália dos grupos de esquerda. Afinal, tinham condenado veementemente o comunismo, e chegaram a lançar manifestos contra o líder comunista Carlos Marighela.

Na madrugada de 4 de junho daquele ano uma bomba explodiu na sede da rua Martim Francisco n.º 669. Entre os objetos atingidos havia uma porta, uma cadeira de estilo e uma pequena imagem de Nossa Senhora da Conceição. Os restos da porta foram recolhidos e emoldurados. A cadeira não foi consertada; permanece na sede como relíquia, a imagem foi restaurada, e no local foi construído um oratório dando para a rua, onde muita gente coloca rosas, outros rezam silenciosamente.

A casa que serve como depósito de munições

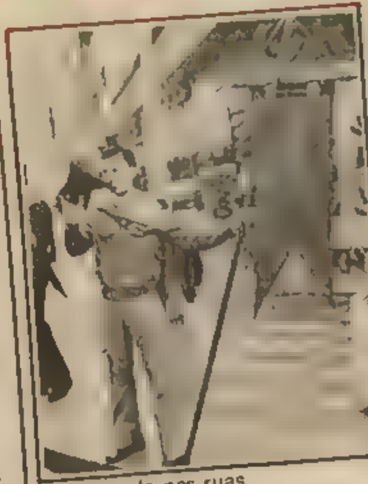
Muitos quartéis

• A TFP mantém outros sítios, além de Itaquera. Em Campos, Estado do Rio, onde fica a Diocese de D. Castro Mayer, seu protetor espiritual, que imprime o jornal "Catolicismo", também há um sítio. Em Minas Gerais, na localidade de Venda Nova (Belo Horizonte) há um outro; na verdade dois campos de treinamento, o primeiro nas proximidades do Sesc e outro na fazenda da cidade de Moeda. Em todos eles o sistema de segurança é rigoroso.

A TFP organiza ainda cursos de formação anticomunista na maior parte das cidades brasileiras, como Recife, Salvador, Porto Alegre. No Uruguai, Argentina e Chile, ou eles usam esse mesmo nome ou então têm denominações diferentes. Há certa semelhança com a AAA argentina, que fez 1.750 vítimas em dois anos (74 a 76).

Nos Estados Unidos, é a família toda que entra para a TFP, ao contrário do Brasil, onde geralmente só entra um menino da família. Lá a TFP ganhou um presentão. Uma família doou para a entidade uma sede em Washington tão bem localizada que é à prova de explosão nuclear.

Na Europa, um militante, Martin Afonso Xavier da Silva, provocou um desastre. No dia 28 de Julho de 1979 ele foi preso pela polícia francesa, ao tentar dar um golpe em nome do escritório do empreiteiro Adolfo Lindenberg. Recebeu indevidamente 1 milhão de francos — quase Cr$ 6,5 milhões — para aplicar no Brasil. Só que com esse alerta as autoridades da Polícia Judiciária francesa passaram a desenvolver um trabalho paralelo, a de investigar e, por fim, encerrar as atividades da TFP naquele país.


Propaganda nas ruas

Plínio, o Deus

• *A sede central da TFP no Brasil fica na esquina das ruas Maranhão com Itacolomi, no bairro Higienópolis, São Paulo. Parece um castelo. É onde o professor Plínio Correia de Oliveira, fundador da seita e presidente do Conselho Nacional, dá o expediente. É onde guardam um estandarte com mais de 2 metros de altura e uma coroa de prata toda trançada com fios de ouro.*

***É ele quem começa e acaba tudo na TFP**, dizem a respeito de Plínio, que prefere ser chamado de **Dominus Plinius** (Plínio, o senhor). As sedes principais da TFP ficam nesse bairro. Tem o Alcacer, na rua Aureliano Coutinho, onde ficam os membros de famílias bem postas, mas que têm raiva por uma única exigência: a de servirem de motoristas para o dr. Plínio. Imagine quem se formou em Direito, em Administração, virar bacharel do volante! A **São Milas**, na rua Martinico Prado, que serve de hospedagem e onde são feitas reuniões plenárias e onde fica o serviço de relações públicas, que tem características de quartel de exército.*

A Aureliano, da rua Aureliano Coutinho, é de nível popular. Lá fica o restaurante Sagres, mantido para uso dos militantes da TFP. Mas eles ainda ocupam vários apartamentos no bairro.

*No Jardim São Bento, Zona Norte, fica a sede especial, onde se estudam seitas secretas e dogmas. É uma das **abadias-quartel**.*

***Dominus Plinius** almoça na cantina Roma, na rua Maranhão, esquina com avenida Angélica. Aos domingos, é visto na pizzaria Chic, no Brás, acompanhado de alguns meninos, que descem de carrões cor cinza, para surpresa dos frequentadores da casa.*

Ele tem 71 anos. Ingressou aos 19 no movimento das Congregações Marianas. Em maio de 1933 foi eleito deputado federal à Assembléia Constituinte. Foi integralista. Advogado, professor de História das Civilizações e de História Moderna e Contemporânea da PUC-SP, militou ativamente nas organizações católicas.

Ela recusou o panfleto; ele insiste

De redator-chefe do boletim do movimento mariano de São Paulo, chegou a presidente da Junta Diocesana da Ação Católica, onde conheceu o Monsenhor Antonio de Castro Mayer, na época vigário-geral, e o padre Geraldo de Proença Sigaud, capelão da Ação Católica. Teve outros conhecimentos, como o da família real de Orleans e Bragança. Seu livro "Revolução e contra-revolução", escrito em 1959, foi prefaciado por Sua Alteza Imperial o Príncipe Dom Pedro Henrique de Orleans e Bragança.

Sua mãe, dona Lucila, falecida em 1967, é venerada pelos integrantes da seita. Muitos militantes transformaram a oração "Ave Maria" em "Ave, dona Lucila, cheia de graça... Santa Lucila, mãe de Plínio, rogai por nós". Perguntaram uma vez se dona Lucila era santa e responderam: "Posso dizer que sim, mas como a Igreja ainda não a reconheceu como tal, podemos ter uma devoção particular"

Slides e papo

• **A TFP ganha os meninos de duas formas: uma é no interior, promovendo excursões para as sedes das capitais, onde projetam *slides* coloridos mostrando os sedes em outros países; a outra é através de conversas nas escolas.**

Quando a TFP arrumou o sítio de treinamento em Itaquera, procurou ganhar os meninos da região. Pobre tem vez na TFP. Fizeram assim: levaram a imagem de Nossa Senhora de Fátima pelas ruas, com farta propaganda dizendo que ela derramava lágrimas. Todos os que visitavam o local eram obrigados a assinar uma ata. Depois, os meninos eram procurados em casa. Um deles contou que já não agüentava mais de tanto ser procurado, dia e noite. Até que foi atender os rapazinhos da TFP de cuecas. Eles nunca mais voltaram.

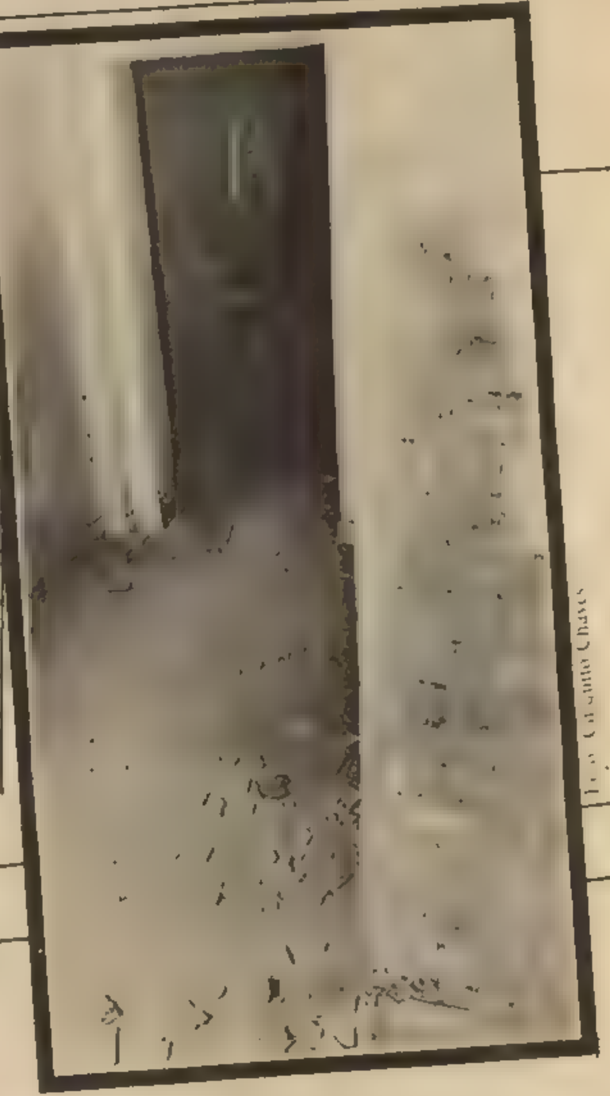
Os militantes

• *Na rua, os tefepistas não destoam de qualquer outro jovem. Frequentam universidades, estão em colégios, mas não trabalham. "Faz mal para o espírito", revelou um deles. Usam pijama para dormir e os botões do paletó devem ser abotoados até a gola. Em hipótese alguma trocam-se na frente de um companheiro. São recrutados entre os jovens estudantes dos colégios jesuítas e nas universidades católicas. A maioria tem entre 18 e 25 anos. Não andam com mulher, mas garantem que também não são homossexuais.*

Andam armados, geralmente com revólveres calibre 38, com silenciadores.

Inamps entrega doentes a hospital particular

Exemplo de abandono dos hospitais do Inamps: no de Bangu, as obras estão paradas, embora falte pouco para que ele funcione. Não há interesse em inaugurá-lo e ele vai se acabando por dentro



MULTINACIONAL DOMINA PREVIDÊNCIA

Reportagem de Chico Júnior

O Instituto Nacional de Assistência Médica e Previdência Social (Inamps), que deveria, como o próprio nome diz, cuidar da assistência médica da população brasileira, está se transformando em um grande triador de doentes, para entregá-los de bandeja à rede privada.

Segundo o sanitarista Carlos Gentile de Mello e o coordenador do Departamento Científico do Sindicato dos Médicos do Rio, Vivaldo de Lima Sobrinho, isso faz parte da política deliberada do governo de privatizar a medicina, ou seja, entregar a assistência médica às multinacionais da saúde.

E isso não é difícil de verificar. Há seis anos, o Inamps (ex-INPS) tinha 60 hospitais próprios. Hoje tem apenas 49. Mas, enquanto vem diminuindo o número de hospitais públicos, os da rede privada têm aumentado assustadoramente. Para se ter uma idéia, há 10 anos havia cerca de mil clínicas e hospitais particulares credenciados pelo governo para atender a população. Em 1978, esse número elevava-se a 5.312.

Os números mostram, ainda, que em 1973 os hospitais próprios do Inamps internaram 139.424 pessoas. Em 1978, foram 173.750 internações, o que representava um aumento de 24,6%. Mas a rede privada internou pouco mais de três milhões e meio de pessoas em 73 e mais de seis milhões e 700 mil em 78. Um aumento de 91%.

Na área de psiquiatria, então, a coisa piora. O Inamps simplesmente não tem um único hospital psiquiátrico, apenas ambulatórios, deixando os 12 milhões de doentes mentais brasileiros (10% da população) nas mãos das empresas privadas ou soltos por aí. É a área mais cobiçada pelos empresários, tanto que em 1978 havia 351 hospitais psiquiátricos contra 232 de Obstetrícia. Investe-se muito mais na loucura do que no nascimento. E os empresários sabem que investir na indústria da loucura é lucro certo.

Segundo Carlos Gentile, o Centro Psiquiátrico Pedro II (do Ministério da Saúde), no Rio de Janeiro, está com 1.200 leitos vagos, enquanto a Casa de Saúde Dr. Eiras, de propriedade do ex-ministro da Saúde do governo Costa e Silva, Leonel Miranda, está sempre superlotada, com 800 previdenciários.

A explicação do atual presidente do Inamps, Harri Graef, para essa situação, é que os custos com os hospitais próprios são superiores aos que o governo tem com a rede privada. E por essas e outras o governo acredita que a rede privada tem condições de dar uma assistência médica melhor à população. Só que, recentemente, em visita à Casa de Saúde Dr. Eiras, o secretário-geral do Sindicato dos Médicos do Rio, Eraldo Bulhões, constatou as péssimas condições dos pacientes ali internados. Alguns, devido aos maus tratos recebidos, chegaram a morrer. Isso, para não falar nas também péssimas condições de trabalho dos médicos.

— Não é por acaso — diz Gentile — que os hospitais próprios têm custo elevado. Isso faz parte da política de privatização, pois fica muito fácil convencer a todo mundo, principalmente ao Delfim (Ministro do Planejamento), que a rede privada representa custos menores para o governo. É visível que a prioridade médica previdenciária é privilegiar os produtores de serviços do setor privado. E o que vai acontecer é o Inamps cada vez mais se transformar num triador de doentes.

— Essa política de privatização — acrescenta Vivaldo — começou a ficar mais clara a partir de 1967, com a criação do INPS (Instituto Nacional de Previdência Social), quando passou a ser estimulado o convênio com a rede privada. O pior é que se usa para isso o dinheiro do povo, que é quem paga a Previdência. Também é importante verificar que a assistência médica primária (medicina preventiva) não é estimulada. Estimula-se, isso sim, a assistência médica curativa, que favorece a indústria de medicamentos e a de equipamentos médicos. E a triste realidade é que quem determina a política de saúde no país são as multinacionais do setor.

No texto que apresentou aos participantes da 7.ª Conferência Nacional de Saúde, realizada em março, em Brasília, o ministro da Previdência Social, Jair Soares, diz que "estima-se que 30 mil médicos recém-formados trabalham em condições de subemprego" e que "os serviços públicos de atenção à saúde funcionam com um nível de 60% de ociosidade".

— Enquanto isso, manda-se os doentes para a rede privada — diz Gentile. — O Sanatório Alcides Carneiro (para tuberculosos), em Correas (RJ), está funcionando com apenas 30% de sua capacidade; e os doentes são encaminhados para um sanatório particular, na mesma cidade. O mesmo acontece com o Conjunto Sanatorial Rafael de Paulo Souza, do Ministério da Saúde e que fica em Jacarepaguá. Dos seus 1.200 leitos, apenas 300 funcionam. E tem mais: no ano passado, o Inamps recebeu 40 hospitais da Legião Brasileira de Assistência e que foram quase todos desativados, inclusive o caso mais gritante, que foi o Hospital Infantil do Morumbi, em São Paulo, com 400 leitos e de excelentes padrões técnicos.

Segundo Gentile, um leito hospitalar vazio custa cerca de 80% do que se gasta com um leito ocupado.

Estado sustenta clínica

Internações	73	78	Crescimento (%)
Hospitais do Inamps	139.424	173.750	24,6%
Rede Privada	3.568.627	6.790.078	48,5%
Hospitais do Inamps		1973 — 60 1978 — 49	

A prova: Inamps tem menos hospitais e particulares atendem os segurados.

Meta dos novos postos é deter natalidade

Foto Chiquito Chaves

Vivaldo Lima

Uma das resoluções da 7ª Conferência Nacional de Saúde foi a instalação, em cinco anos, de cinco mil postos de atendimento médico na periferia dos grandes centros e no interior do país. A notícia foi anunciada por Jair Soares com um certo estardalhaço na imprensa. Os postos serão utilizados, a princípio, para a assistência primária.

— Até aí, tudo bem — diz Vivaldo de Lima Sobrinho. É claro que o ideal é termos uma assistência primária. E o mais correto e resolveria 80% dos problemas de saúde da população, principalmente porque esses postos cuidariam de imunizar o povo. Só que a gente não pode esquecer que o financiamento para a construção desses postos é do Banco Mundial e do Banco Interamericano de Desenvolvimento, que condicionou o empréstimo ao programa de controle da natalidade. Então, ninguém pode garantir que esses postos não venham a ser utilizados para esterilizar a população de baixa renda.

Tese também defendida por Gentile, que diz:

— Tudo indica que o controle da natalidade está por trás dos postos

O que se pretende com a construção dos cinco mil postos é evitar que a população brasileira mais carente fique doente. Se isso der certo, todos os hospitais, inclusive os da rede privada, vão ter menos internações. Mas o que vai acontecer na realidade é o governo ter acesso a uma população já doente e que, atualmente, não recebe os cuidados mínimos. Os postos vão funcionar como catalizadores de doentes e também triadores para a rede privada. Pode-se supor que a longo prazo os postos venham a resolver, em parte, os problemas de saúde do brasileiro, fazendo assistência primária, cortando o mal pela raiz. Só que saúde da população só melhora com desenvolvimento social, e nisso ninguém fala. Resumindo: o brasileiro tende a continuar doente e as empresas médicas tendem a enriquecer cada vez mais.

Só que agora com mais uma vantagem: se antes o doente tinha que ir ao Inamps para ser conduzido ao hospital particular, agora o Ministério da Previdência vai ao doente. Mais rápido e mais fácil.

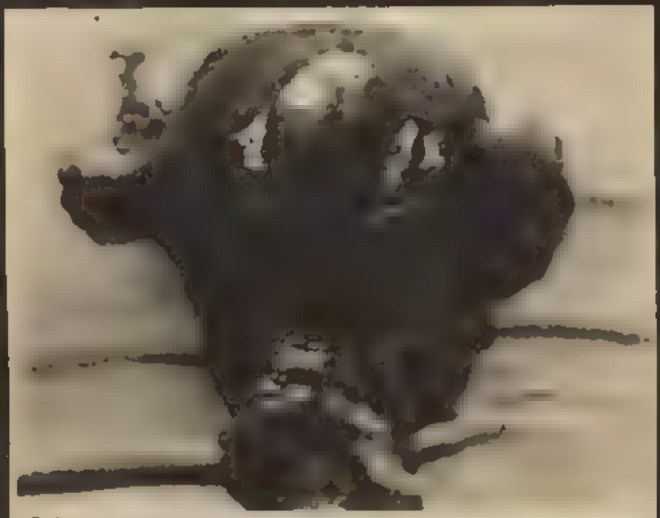
Grupo denuncia impasse, mas ministro ignora

No início do ano passado, o ministro Jair Soares pediu um socorro financeiro ao governo, alegando que o Inamps não tinha dinheiro para realizar seus programas. Instituiu-se, então, um grupo de trabalho, que começou um estudo para dimensionar os serviços assistenciais, com os recursos disponíveis do Instituto. O grupo também tinha a incumbência de racionalizar a demanda de serviços médicos prestados. E, ainda, rever os critérios de credenciamento (convênio) das clínicas particulares.

A conclusão do estudo mostrava que, como está, o modelo de assistência médica é gerador de distorções e o controle é inviável. Então, o grupo impunha uma reformulação da política médica, o que, fatalmente, iria contra os interesses da rede privada.

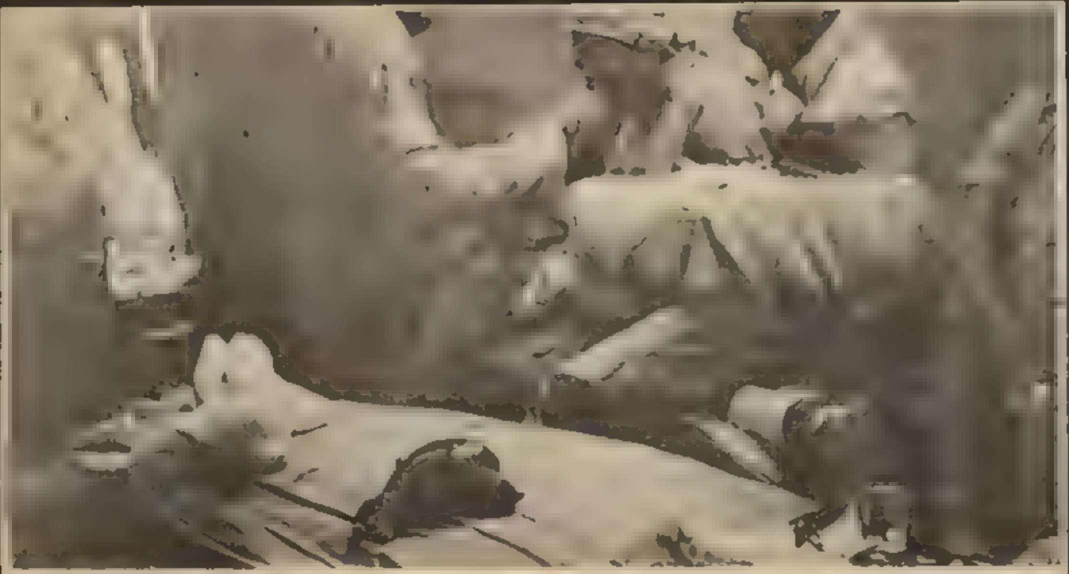
Diante desse quadro, a solução encontrada pelo ministro Jair Soares foi pedir ao presidente da República a desativação do grupo, ao mesmo tempo em que dizia que o Inamps não precisava mais de dinheiro. Coincidentemente, em março deste ano, durante a realização da 7.ª Conferência Nacional de Saúde, em Brasília, Jair Soares informava que o Inamps começava a credenciar mais 570 hospitais da rede privada.

Mulher perde útero por aborto mal feito



O útero retirado

As fotos foram tiradas numa maternidade do Recife durante a extração de um útero. A operação foi necessária porque o órgão já estava se deteriorando, depois que a mulher injetou um líquido pela vagina para provocar aborto de um feto que, pela aparência, tinha 4 meses. Casos como este são diários nos hospitais da cidade, dizem as "parteiras".



fica em cima de um leito...

enquanto medicos costuram a paciente

Fotos de Angela Maria Teixeira de Freitas

OPOSIÇÃO DIZ QUE MACIEL ENGANA E CORROMPE ELEITORES

Jarbas, presidente do PMDB no Recife, acusa

Marcos Maciel, governador acusado de manipulação

Fraude do governador em Pernambuco

O governador de Pernambuco, Marco Maciel, está espalhando no interior do Estado que não vai haver eleição direta no país, e, com isso, tenta trazer para o PDS as lideranças de oposição, oferecendo ainda vantagens que vão de empregos a benefícios pessoais.

Jarbas Vasconcelos, presidente do PMDB pernambucano, denunciou no Recife que visitou 23 cidades do interior e em todas ouviu queixas de pressão por parte do governo. Inclusive, em algumas delas, foi procurado por pequenos comerciantes ligados ao PMDB que pediam providências, pois estavam sendo pressionados com cobranças rigorosas de impostos caso não se filiassem ao PDS.

Na maioria das vezes, segundo Jarbas, a "cantada" funciona assim: o vereador ou qualquer cargo que seja, não aceita logo passar para o partido do governo, argumentando que a oposição vai ganhar as próximas eleições, com Marcos Freire no governo do Estado, etc. Então, o governador ou seus emissários dão a certeza de que não vai haver eleições diretas "nem pra prefeito, quanto mais pra governador".

— Marco Maciel está à direita do sistema. Está exercendo no interior uma ação corruptora, uma manobra para manter o *status quo*, o que permitirá que indique o seu substituto — diz Jarbas Vasconcelos.

O primeiro caso conhecido foi o do presidente do PMDB no município de Ribeirão, Laércio Gomes de Oliveira. Homem pobre, de família numerosa, que se sustenta fazendo biscates. Laércio foi chamado ao palácio pelo governador, que lhe ofereceu emprego público onde ganharia um mínimo de quatro salários regionais, caso fosse pro PDS. A oferta foi recusada e a história chegou ao diretório regional do PMDB. Não foi o mesmo caso do vereador José Eraldo Lopes, de Palmares, que sucumbiu às promessas de ver todos os seus problemas pessoais resolvidos, inclusive títulos retirados do protesto. Agora faz parte do partido do governo.

Mas o governador Marco Maciel não está agindo apenas nas bases. Os deputados estaduais mais vacilantes foram cantados. Para o seu partido, Marco Maciel já levou os deputados Alcir Teixeira e José Fernandes, do PMDB, e o prefeito de Jaboatão, Geraldo Melo, do PDT. E já cantou muitos outros, como os deputados Augusto Ferrer, do PDT, e Newton Carneiro, do PMDB. Nenhum dos dois aceitou. Ferrer, porque é o único eleito pela oposição no seu município, Vitória de Santo Antão, a terra da cachaça Pitú.

Newton Carneiro diz que está sendo cantado diariamente, até em casa. Um dos deputados mais votados na última eleição, ele representa os moradores dos morros e alagados, os flagelados da cheia, "os abandonados da sorte", segundo sua própria definição. Ele já foi do MDB, depois passou para a Arena, onde sua votação caiu consideravelmente, o que o fez voltar para a oposição. "O pessoal do PDS não me oferece suborno em troca da minha adesão. Diz apenas que lá eu teria mais condições de atender os pedidos dos meus eleitores, o que não deixa de ser verdade." Admite que "apenas por isso" fica muito tentado a aceitar o convite: "só não mudei ainda porque minhas bases são de oposição, e se eu passar para a situação não serei reeleito. Sou um deputado pobre, que gasta tudo o que ganha com os eleitores. Eu estou com eles, sofro as mesmas barras de sobrevivência. E digo uma coisa: quem passou pro PDS pensando em ganhar votos, está redondamente enganado. O povo não agüenta mais esse governo".

Na verdade, o deputado Newton Carneiro não chega a ser propriamente um deputado pobre. Suas roupas remendadas escondem um grande latifundiário, que recentemente vendeu à Cohab 228 hectares de terra de sua propriedade, no município de Cruz de Rebouças, para construção de casas populares. No momento, está numa situação muito cômoda e não precisa passar pro PDS: oficialmente, faz parte da oposição, e assim não perde o eleitorado, mas vota com o governo no plenário, o que lhe garante ótimas relações de amizade com Maciel e o prefeito do Recife, Gustavo Krause, que de vez em quando são solicitados a resolver problemas de suas bases.

O deputado Alcir Teixeira foi cantado de uma maneira tão tentadora que não resistiu. A ele foi ofertado um cargo de procurador do IPSEP (a previdência estadual), caso não conseguisse ser eleito pelo PDS, além de um emprego público para seu secretário. Seu irmão, o vereador Valmir Teixeira, também foi convenientemente procurado, mas a família Teixeira achou por bem que pelo menos um deles permanecesse no PMDB. Assim, enquanto um fazia média com o eleitorado pobre, basicamente de oposição, o outro teria acesso à área do governo, cujos dividendos seriam repartidos irmamente entre os dois.

O caso mais escandaloso de adesão ao PDS, no entanto, foi o de Geraldo Melo, prefeito de Jaboatão, município que tem a quinta arrecadação fiscal do Nordeste. Geraldo Melo, ex-MDB, ex-PTB, era um brizolista ardoroso até alguns dias atrás, segundo seus correligionários. Participou no Rio da convenção que escolheu a nova sigla do partido trabalhista — PDT —, inclusive tirou fotografias abraçado com Brizola e fez parte da mesa diretora da reunião, representando os prefeitos do Brasil. Quando voltou ao Recife, chegou a afirmar que "ficar com Ivete Vargas é o mesmo que ficar com o PDS". Quatro dias depois, assinava o livro de registro no PDS, na presença de toda a imprensa local e de um Marco Maciel risonho e satisfeito.

O namoro de Geraldo Melo com o PDS teve como cupido o ex-governador Moura Cavalcanti. Comentam seus antigos companheiros de partido que lhe foi oferecido o cargo de vice-governador indireto de Pernambuco, em dupla com o atual prefeito Gustavo Krause, o que ele recusou alegando que "se esse cargo fosse bom, o Papa teria um vice". Ele quer mesmo é a prefeitura do Recife. E sua investida já começou: as ruas do Recife estão cheias de **outdoors** onde se vê um grande retrato seu, colorido, e o texto: "um milhão de metros quadrados em obras construídas. Geraldo Melo na prefeitura de Jaboatão".

Reportagem de
Beth Salgueiro

Ministro bolou esquema para eleições

O ministro da Previdência Social, Jair Soares

Foi o ministro da Previdência, Jair Soares, quem montou o esquema de manipulação eleitoral que o governo está pondo em prática. Na época ele era deputado do PDS, eleito pelo Rio Grande do Sul. O atual ministro defendeu a idéia de que as bancadas indicassem seus representantes em cargos na Previdência Social As superintendências do INPS, da Legião Brasileira de Assistência (LBA), Funabem, Central de Medicamentos e Federal de Seguros, entre outras, poderiam estar à disposição dos deputados e, ao que tudo indica, eles fizeram a maioria das nomeações. Outros ficaram a cargo dos governadores estaduais.

O esquema foi bolado no início do mês de março e partiu de uma idéia bem simples: explorar a dependência das prefeituras e dos governos estaduais em relação ao governo federal. As prefeituras ficam com apenas 8% do que arrecadam e os governos estaduais com 30%. O resto vai para os cofres do governo federal, que redistribui o dinheiro para alimentar os programas regionais. Logo, prefeito ou governador que não rezar pela cartilha do governo fica no sufoco porque vai ter que suar muito para conseguir dinheiro para seus programas.

Antonio Beluco Marra

Câmara aprova corrupção do prefeito de Nilópolis

CASSARAM VEREADOR QUE DEU ENTREVISTA AO REPORTER

O vereador Manuel Malaquias, do PDT

— Quando fiz o pedido de inquérito policial contra a ilegalidade da abertura de crédito pelo prefeito, não fiz como um ato de raiva. Eu sou pela reconquista dos poderes do Legislativo. Mas fui abordado por colegas que, em vez de me reanimarem, me amedrontavam dizendo que eu ia ser cassado. Para mim, é fator de vaidade ser marginalizado por essa classe, porque eu sou assim e ninguém vai me mudar.

Por ter dado esta declaração ao REPORTER (leia edição de junho, número 30), o vereador Manuel Malaquias (PDT-RJ), foi afastado do cargo de 1.° Secretário da Câmara de Vereadores de Nilópolis. Por 13 votos a 6, Malaquias foi punido, pois seus colegas são da opinião de que "mesmo os atos ilegais do prefeito João Batista da Silva não podem ser contestados".

Em março do ano passado, ao consultar os arquivos da Câmara de Nilópolis, Malaquias tomou conhecimento de que o prefeito João Batista (PP) abrira um crédito público de Cr$4 milhões por conta própria, sem a autorização prévia dos vereadores. Uma semana depois ele pediu a abertura de um inquérito policial para apurar crime de responsabilidade do prefeito. O inquérito 204/79, aberto na 57.ª Delegacia Policial, ainda não chegou ao final. E, em Nilópolis, muita gente acha que o prefeito não será punido por ter praticado mais um ato ilegal, pois ele é ligadíssimo ao governador Chagas Freitas, que já afastou a promotora da 1.ª Vara Criminal de Nilópolis, Márcia Arelano Paiva, que atuava no caso.

João Batista da Silva está cumprindo o seu segundo mandato como prefeito de Nilópolis. Quando exercia o primeiro, em 1964, foi afastado do cargo depois que se envolveu em negócios fraudulentos e estelionato.

Quando a edição do REPORTER chegou às bancas de Nilópolis, esgotou-se rapidamente. Muitos comerciantes do centro da cidade compraram vários exemplares e distribuíram entre fregueses e amigos. O prefeito ficou tão irritado que formou um grupo para espancar o repórter deste jornal, Luis Ferrão, e seu colega, também jornalista, Marcos Manso, que reside em Nilópolis. Marcos chegou a ser ameaçado na porta do Clube Nilopolitano, dia 10 de junho, por quatro homens que se diziam a serviço do prefeito João Batista.

Luis Ferrão

Figueiredo usa UNE para atacar Chagas

Até violência entra na disputa

A PM e os federais cercaram o prédio da UNE, desviaram o trânsito e baixaram o cacete

No Rio de Janeiro, mais uma disputa entre o PDS, o partido do governo, e o PP do governador Chagas Freitas: os dois grupos não conseguiram segurar a batata quente da violência policial contra parlamentares e estudantes, na manifestação do dia 13 de junho, em frente ao prédio da União Nacional dos Estudantes (UNE). Ambos culpados, um partido jogou para cima do outro a responsabilidade pelo grave incidente.

Quanto à repressão policial, não há dúvida: foi praticada tanto pelos brutamontes da Polícia Militar — portanto, a mando do governador Chagas Freitas, do PP — como pelos atentos agentes da Polícia Federal, teleguiados de Brasília pelo Ministério da Justiça.

Mas, do episódio da demolição do histórico prédio da UNE, além das suspeitas de que há empresas imobiliárias interessadas em construir no local um espigão, ficou a certeza de que o governo federal desferiu um golpe no já combalido estômago do governo fluminense. E isto com um propósito deliberado: desestabilizar, progressivamente, a única administração estadual que não está nas mãos do PDS

No caso da UNE, a maior prova de que a PM não agiu sozinha ao espancar os manifestantes foi a nota distribuída pelo insuspeito presidente da União Estadual dos Estudantes, Amâncio de Carvalho, acusando os agentes federais de terem incitado os soldados contra os estudantes. O vereador Antônio Carlos, do PMDB, um dos agredidos, confessou que ouviu um dos agentes gritar: "Pau nos que estiverem de terno e gravata!" Eram os parlamentares.

Outra evidência de que Brasília apostou no desgaste do PP neste episódio foi a pronta e indignada reação do líder do governo no Senado, Jarbas Passarinho. No dia seguinte à violência, ele acusou o governo do Estado de ser o responsável "pelo desrespeito às imunidades dos parlamentares agredidos" e exigiu a punição dos policiais envolvidos, "como exemplo de que cenas como aquelas não interessam ao governo federal, que se empenha na abertura". Na verdade, a repulsa da opinião pública transferiu-se mesmo foi para a PM — por extensão, ao PP.

A demolição da UNE, no entanto, é apenas um fato que comprova a estratégia do Palácio do Planalto de minar os currais eleitorais do chaguismo. E, todos sabem, os homens de Brasília não brincam em serviço. Sempre que podem, baixam o sarrafo em Chagas Freitas. Uma prova? Há muitas

Desde a posse do governador, do PP, o Metrô carioca vive à míngua. O governo federal só libera recursos para pagar as faturas em atraso das empreiteiras responsáveis pela obra mediante comprovação prévia. Dinheiro vivo para tocar o bonde, só mesmo o do Estado

As pressões financeiras para arruinar a administração chaguista também se manifestam de outra forma: Chagas pediu aos ministros Delfim Netto e Ernane Galvêas a liberação de Cr$6 bilhões em ORTEs (Obrigações Reajustáveis do Tesouro do Estado), para cobrir o rombo orçamentário do Rio. Delfim e Galvêas, entretanto, não se dispõem a dar mais do que Cr$4,5 bilhões.

Enquanto isso, para contornar o bloqueio econômico imposto pelo Palácio Guanabara às prefeituras fluminenses do PDS, o BNDE (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico) tem liberado vultosos empréstimos a fundo perdido aos prefeitos governistas de Niterói, Nova Iguaçu e Campos. Já o novo prefeito de São Gonçalo, Arismar Dias, do PP, empossado depois que Chagas Freitas e o deputado Miro Teixeira supervisionaram a derrubada, pela maioria chaguista na Câmara de Vereadores, do prefeito Jaime Campos, do PDS, não viu ainda a cor de um centavo de Brasília. (Ver também a matéria **Capitão Farol**)

É bom não esquecer também o motim dos oficiais da PM, só encerrado depois que receberam polpudos aumentos em seus soldos. A PM, como se sabe, embora vinculada à Secretaria de Segurança, é controlada pela Inspetoria Geral das Polícias Militares — órgão do Ministério do Exército. Na Bahia, onde manda o governador do PDS, Antonio Carlos Magalhães, um grupo de soldados que reivindicou melhorias salariais foi duramente reprimido. Lá, como o governo é do PDS, a ordem para o motim não veio de Brasília e a manisfestação foi considerada como insubordinação. Tem mais: Israel Klabin foi demitido da prefeitura carioca não só porque desafiou o esquema eleitoral chaguista, como também por pressões do governo federal. O desdobramento da demissão foi pior ainda para Chagas: o irmão do general Figueiredo, escritor Guilherme Figueiredo, irritado porque o seu candidato à sucessão de Klabin Francisco Mello Franco — foi preterido, exonerou-se dos dois cargos que tinha no Estado (presidente da Fundação de Arte do Rio de Janeiro — Funarj — e diretor do BD-RIO) e divulgou uma carta malcriada, com um punhado de acusações dirigidas ao governador e a seu próprio irmão. Será que Guilherme fez tudo isso sem pensar que estaria desgastando Chagas Freitas?

Político astuto, Chagas já percebeu que, se não abrir o olho, o PP vai dançar nas próximas eleições. E mexeu a primeira peça no tabuleiro da briga com o governo federal: nomeou Carlos Alberto Andrade Pinto, um "Delfim boy" (homem de confiança do superministro do Planejamento), para secretário estadual de Planejamento. Trata-se de uma jogada desesperada para amenizar um pouco o ódio federal contra o seu governo.

SÃO GONÇALO, NO RIO DE JANEIRO, JÁ TEM XERIFE. WILLIAM HENRY DE ALMEIDA, CAPITÃO DO EXÉRCITO, USA ATÉ A POLÍCIA MINEIRA PRA "FAZER VALER A LEI". ELE É O ...

Capitão Farol

O ex-capitão Almeida, agora Capitão Farol

Prefeito do PP emprega ex-militar pra descobrir corrupção do PDS

Nunca vi cobra picar alguém sem ser molestada.

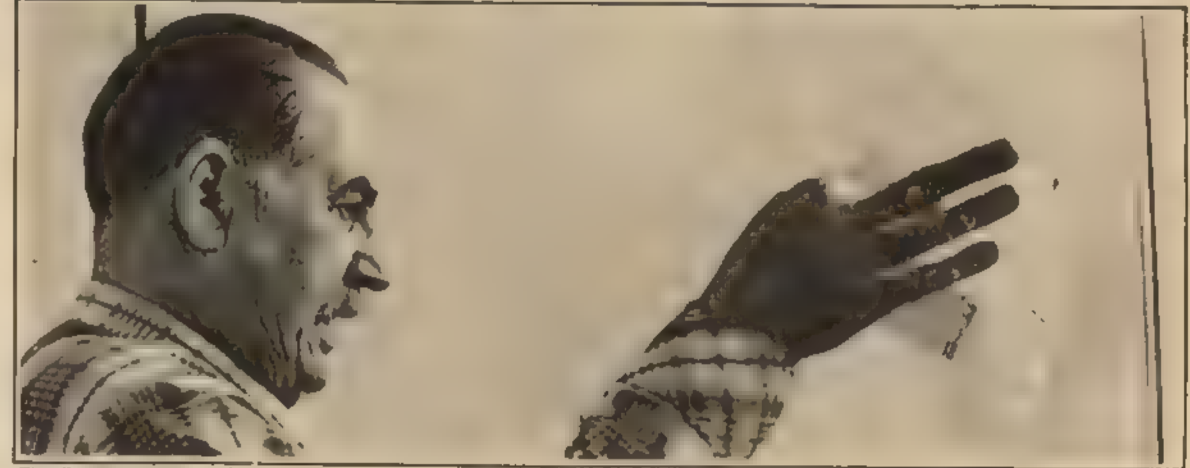
Com esse ditado, o capitão-reformado do Exército, William Henry de Almeida, mais conhecido como Capitão Farol, de 61 anos, justifica o seu procedimento por ter mandado fechar dez lojas comerciais do centro de São Gonçalo que não respeitaram o decreto da Câmara instituindo a semana inglesa. A semana inglesa em São Gonçalo tem uma característica muito própria. O comércio funciona até as 18 horas de sábado e só pode reabrir na segunda-feira, à 1 hora da tarde. A verdadeira semana inglesa é, porém, diferente: o comércio funciona até sábado ao meio-dia e reabre na segunda-feira pela manhã. Esse é o sistema originalmente adotado na Inglaterra.

De chapéu Panamá, botas, armado de revólver calibre 38 cano longo, o Capitão Farol é tido como homem de confiança e cumpridor fiel das ordens do prefeito Arismar Dias, do Partido Popular (PP) de Tancredo Neves e Chagas Freitas. Ele ficou conhecido como xerife de São Gonçalo, cidade-dormitório, vizinha a Niterói, a apenas 20 minutos do Rio de Janeiro, quando invadiu a prefeitura, autoproclamando-se chefe da Guarda Municipal (antes da publicação de qualquer ato oficial) e barrando funcionários ligados ao deputado federal José Torres (PDS). Esses funcionários queriam entrar no prédio, depois que uma liminar na Justiça reintegrou Jaime Campos à Prefeitura. Campos foi, em seguida, cassado pela Câmara de Vereadores, assumindo então o presidente da Câmara, Arismar Dias.

— Eu apenas cumpri minhas funções. Eles queriam retirar 1.350 documentos e outros papéis que comprometiam a administração de Jaime Campos. Juntei trinta guardas municipais que já estavam sob minha liderança, alguns grupos de polícia mineira (grupos clandestinos de extermínio) e cerquei a prefeitura. Não deixei sair nada. Eu já tinha até cópias das chaves onde estava guardado o armamento. Estava tudo preparado para uma ação mais violenta.

Ex-membro dos órgãos de segurança, Almeida foi delegado do Serviço Militar do Exército de 1957 a 1968, é a favor do Esquadrão da Morte e acha que o povo não está preparado para abertura política. Ele pede ao fotógrafo para não tirar a foto dele com óculos porque acha "horrível, ainda mais com o seu chapéu". Ele foi candidato a vice-prefeito nas eleições de 1976 e fala em tom inflamado:

— Naquele ano, por infelicidade e desgraça, foi a minha sublegenda que elegeu o verdadeiro xerife, o Jaime Campos. Porque xerife não sou eu, que porto um revólver 38, uso botas, esporas e bombacha, apesar de não ser gaúcho e tomar chimarrão a toda hora. Xerife é aquele almofadinha, cheiroso, com riso de gesso, vaselina, que



Ele diz que a corrupção foi grande na administração de Campos (PDS-RJ). E promete moralizar S. Gonçalo nem que seja à força

abusa dos direitos que lhe outorgou o povo com o seu voto para fazer malversação do dinheiro público e fazer da política balcão para os seus negócios escusos.

O ex-prefeito de São Gonçalo, Jaime Campos, do PDS, foi afastado sob acusação de desvio de verbas da merenda escolar. A primeira providência do novo prefeito, Arismar Dias, foi convidar para chefiar a Guarda Municipal o Capitão Farol, mineiro de São João Del Rey, mas gonçalense desde os sete anos.

Na sede da Guarda Municipal, 100 metros da prefeitura, o capitão-reformado do Exército fala gesticulando, abrindo os braços. Não pára.

— Tinha desvio de verbas em todos os setores e, em vez de um secretariado, tinha uma quadrilha. Com exceção do secretário de Fazenda. Aí na frente da sede, no estacionamento da prefeitura, era lotado de carros do ano de todas as cores. Veja você, um dia desses veio aqui uma mulher cobrar os seus vencimentos, pegar o contracheque. Dona de uma butique em Copacabana, ela só vinha pra receber. E Jaime agora está tentando fazer do partido do governo sua couraça. Porque quem faz política com a crise da gasolina, com as filas do INPS, atacando o governo Geisel, subvertendo a ordem pública, distribuindo feijão na crise para catar votos, gastando o que não tinha, não pode querer se filiar ao partido do governo. E tem mais: o ex-prefeito é um grande equilibrista; tão equilibrista que não quis decretar a semana inglesa no ano passado para ficar de bem com as grandes lojas de eletrodomésticos.

Por que Capitão Farol?

— Esse apelido vem da minha profissão de domador de muares do ex-14.º Regimento de Infantaria de São Gonçalo. Quando sentei praça em 1937 domavam no quartel os muares de uma maneira que eu não aceitava, isto é, com um saco de areia molhada sobre o dorso; eram açoitados para que corcoveassem com aquela carga. Eu fui ao major e dei uma sugestão: montaria os muares. Ele espalhou para todo o quartel fazendo pouco caso, dizendo que era farol. Fui lá, montei, domei e o apelido ficou. Só foi mudando a patente.

E a revolução de 64?

— Sou revolucionário autêntico, apesar de hoje estar no partido da oposição. Tivemos a infelicidade de perder de maneira trágica o presidente Castelo Branco. A revolução se engoliu a si mesma. Não quero atribuir responsabilidades à revolução, porque a minha fazenda tem 17 alqueires e encontro dificuldades em administrá-la; imagina administrar um país como o Brasil. Acredito que o governo federal, entre o cristão falso de joelhos murmurando orações e o herege sincero, fique com o último.

O Capitão Farol levanta da cadeira, passa a mão no chapéu, suspende a calça larga até a cintura e sai para frente da sede da Guarda: o movimento na rua é grande. A população da cidade é de 800 mil habitantes — em 1970 eram 400 mil — e cada vez mais absorve correntes migratórias de nordestinos que deixam de procurar a Baixada Fluminense, relativamente saturada. Tentam sobreviver entre a miséria e a violência.

— Essa prefeitura é uma podridão; estou investigando tudo. Ganho pelo Exército 68 mil cruzeiros agora, mais 18 mil como chefe da Guarda. O chefe de Turismo do Jaime Campos, meu vizinho, morava numa meia-água e fez dali uma mansão, enquanto eu não consigo terminar a minha casinha.

Diz o Capitão Farol, orgulhoso da notoriedade repentina que ganhou, que nunca foi informante de órgãos de segurança.

— É mentira. E mesmo que fosse não poderia falar que era. Isso é coisa de secreta português. Sou ex-comandante da Força Expedicionária Brasileira e, nos meus 37 anos que passei no Exército, tenho uma folha limpa. Fui considerado insubstituível.

Reportagem de Tim Lopes
Fotos de Rogério Carneiro

Jornal carioca lança novo "herói"

SAI *MÃO BRANCA*, ENTRA *ESCOPETA*

Jorge Elias, o repórter que criou o nome **Mão Branca** (ver REPORTER n.º 28), a quem foi atribuída a responsabilidade de pelo menos 600 crimes praticados este ano no Rio de Janeiro, foi afastado do jornal **Ultima Hora.** A diretoria da casa decidiu encostar o repórter porque ele, há três meses, vinha exigindo da empresa um aumento salarial por ter conseguido, com o **Mão Branca**, aumentar a venda do jornal. **Ultima Hora** era uma publicação quase falida, e sua editora, a Arca S/A, viveu nos últimos três anos de lucros oriundos da impressão de jornais e revistas de terceiros. Depois que inventou o personagem **Mão Branca,** Jorge Elias conseguiu que o jornal saísse da tímida tiragem de 30 mil exemplares para o pique de 120 mil (segundo se anuncia) atuais. **Mão Branca** continua "trabalhando", e todos os dias vários corpos aparecem em locais diferentes, mas Elias não está escrevendo nem mais uma linha para UH. A diretoria afastou de sua função o "pai" do famoso **Mão Branca**. E ainda tachou-o de "louco e irresponsável", motivo pelo qual o repórter se encontra atualmente encostado pelo INPS e tendo seu salário integralizado pela empresa. Mas o jornal **Ultima Hora** não deixou seu espaço em branco e contratou outro repórter de polícia, conhecido da casa, o Jarbas Domingues, que é também diretor da Escola de Samba Portela.

Vargas Júnior, o chefe de reportagem de **Ultima Hora,** descobriu o Jarbas numa firma de segurança particular, exercendo um cargo de chefia, e convidou-o para voltar a trabalhar em UH. Sobre Jarbas, um incidente ocorrido em 1964 é até hoje contado nas redações: o apresentador de tevê Flávio Cavalcanti invadiu a redação do **Ultima Hora.** Jarbas estava lá e ficou fulo da vida porque, além de tomar bordoadas do Flávio, teve sua capa preta incendiada na porta da redação.

Para mostrar que está com força total, Jarbas entrou mudando o jornal. Achando que a imagem do **Mão Branca** está desgastada, ele lançou um novo personagem, o **Escopeta,** que, assim como seu antecessor, tem a finalidade de encobrir os crimes de autoria "desconhecida" que se praticam hoje no Rio.

Luis Ferrão

Uma foto do Papa João Paulo II, com porta-retrato, à venda numa banca de jornais no centro do Recife.

IBGE LEVA 4 MESES PRA COMPRAR 1 ESCADA

E COMPRA MAIS CARO

Uma operação simples, como a troca de uma escada de madeira numa pequena loja do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no Rio, pode transformar-se num processo da mais alta complexidade, envolvendo engenheiros, arquitetos e um orçamento de nada mais nada menos que 152 mil cruzeiros!

Tudo isso começou quando o chefe do **Dedis** pediu à **Supat** que encaminhasse à **Deobi** o pedido para substituir urgente a escada da livraria situada na rua Franklin Roosevelt, centro do Rio de Janeiro. Havia um bom motivo: a escada existente era precária e já provocara dois acidentes com funcionários do IBGE.

Tudo bem. O pedido foi feito no dia 28 de fevereiro e, apesar de toda a urgência, as obras só começaram a 9 de junho. Nesse meio tempo, a chefe do **Divep** enviou o arquiteto Manoel Luiz para ver o local, apresentar solução e orçar. Isso, a 11 de março. O arquiteto respondeu à solicitação (isto é, foi lá, viu e orçou) em 18 de março. E o chefe do **Divep**, no dia 21, encaminha o seu estudo ao **Deobi.**

O estudo reunia uma planta da nova escada e um orçamento. Segundo o arquiteto, a obra sairia por 54 mil cruzeiros, sendo 3 mil para desmontar a escada, 25 500 para comprar madeira nova e outros 25 500 cruzeiros para pagar mão-de-obra e outros encargos.

O **Deobi** deve ter concordado, pois no dia 28 o arquiteto Manoel Luiz recebeu ordem para "preparar convite". Os convites saíram quase um mês depois, no dia 20 de maio, expedido pelo **Deobi**. E, apesar de nas Páginas Amarelas existirem dezenas de firmas do gênero, apenas quatro foram convidadas. Das quatro, só uma aceitou: a Móveis Esquadro S.A., que pediu pelos serviços a bagatela de 152 mil 460 cruzeiros. No dia 28 de maio, dois dias depois de receber a proposta, a chefe do **Divep**, talvez por prudência, encaminhou "à apreciação superior" o orçamento da Móveis Esquadro. E o superior chefe do **Deobi**, no mesmo dia 28 — velocidade inédita nesse processo — solicitou autorização ao "sr. superintendente" para adjudicar a obra e efetuar a despesa de 152 mil 460 cruzeiros.

O "sr. superintendente" só precisou de dois dias para aprovar o "resultado da licitação", e mais dois se passaram para que saísse o **empenho**, norma burocrática que libera a verba. Com todos os carimbos: **Dedor, Diceo, Supat,** etc. No dia 4, o **Difis** comunicava à Móveis Esquadro a aceitação da proposta.

Uma simples escada requereu do IBGE 16 folhas de despachos diversos, quatro meses de trabalho, a intervenção de uns cinco organismos internos, tudo, supostamente, como sempre supõe a burocracia, para assegurar a lisura do negócio.

Só que ninguém se preocupou em averiguar por que o orçamento da empresa contratada era apenas 98 mil 400 cruzeiros mais elevado que o do próprio IBGE. Incorporou as **comissões?**

Marcos Dantas

Ministério adia eleição sindical no Recife

As eleições para o Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Recife foram adiadas três vezes, sob a alegação de falhas no edital de convocação. Por três vezes as duas chapas concorrentes entregaram à Delegacia do Trabalho toda a documentação exigida de cada um dos candidatos, com nome, endereço, filiação, número dos documentos, nome do órgão que trabalha e cargo que ocupa. Com as eleições finalmente marcadas para 31 de julho, todos os candidatos foram chamados ao gabinete do delegado do Trabalho, Alexandre Kruse, que agora exigiu a mesma documentação e informações, só que de três anos atrás. Os jornalistas entregaram, mas muitos se perguntam quem no governo precisa de tanta informação sobre candidatos ao seu sindicato.

Homero Fonseca

MAIS UM *MAPPIN TORTURA E DEMITE FUNCIONÁRIO*

Cipriano de Oliveira estava trabalhando na loja Mappin, em São Paulo, quando foi acusado, pelo chefe da segurança — Monteiro — e pelo gerente — Vicente — do roubo de um aparelho de som. Foi imediatamente preso pelos dois num "quartinho" dentro da loja, onde aguardou a chegada de investigadores do 3.º Distrito Policial, chamados por seus captores.

Eram 11 e meia da noite da véspera de 1.º de Maio. Cipriano, de 28 anos, que há um ano era empregado do Mappin, foi conduzido ao distrito, espancado, e permaneceu preso e incomunicável durante oito dias. Ele não sabe o nome dos policiais que o prenderam. Lembra-se de que eram três homens: um era gordo, baixinho e barbudo; outro, mais alto, tinha a testa amassada; o terceiro era gordo, baixo, mas sem barba. Os dias de prisão Cipriano passou a pão e água:

— Nem comida eles dão — queixa-se ele.

Ele não tinha nenhuma passagem na polícia, nada ficou provado contra ele, e depois de oito dias foi colocado de novo na rua, sem nenhuma explicação

Foto Wagner Avancini

Cipriano foi espancado na delegacia

Livre, inocente, voltou ao Mappin para trabalhar. No Departamento do Pessoal foi recebido com uma pergunta:

— Por que não veio trabalhar esses dias todos?

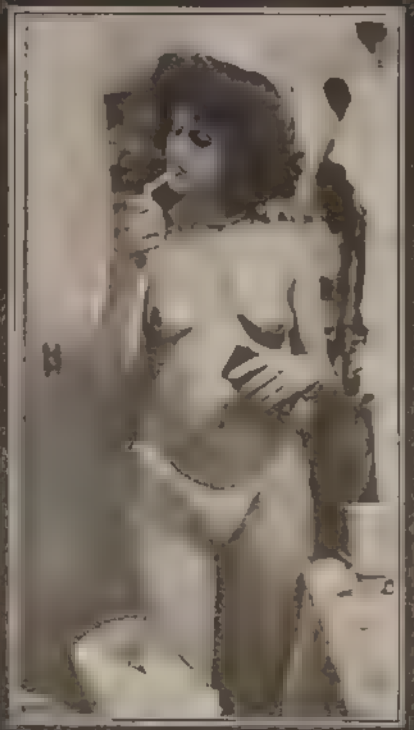
Em seguida, foi dispensado. Despedido por justa causa. Seu salário era de Cr$ 3.020 por mês.

Alex Solnik

OS BASTIDORES DO STRIPTEASE

Camarins do Teatro Natal, São Paulo. Do meio-dia à meia-noite, as mulheres tiram a roupa no palco e continuam sem ela nos bastidores, para enfrentar o calor. Em cima do teatro fica o edifício Século XX, um dos maiores prédios de prostituição da cidade, alvo predileto dos "comandos de limpeza" do delegado Wilson Richetti.

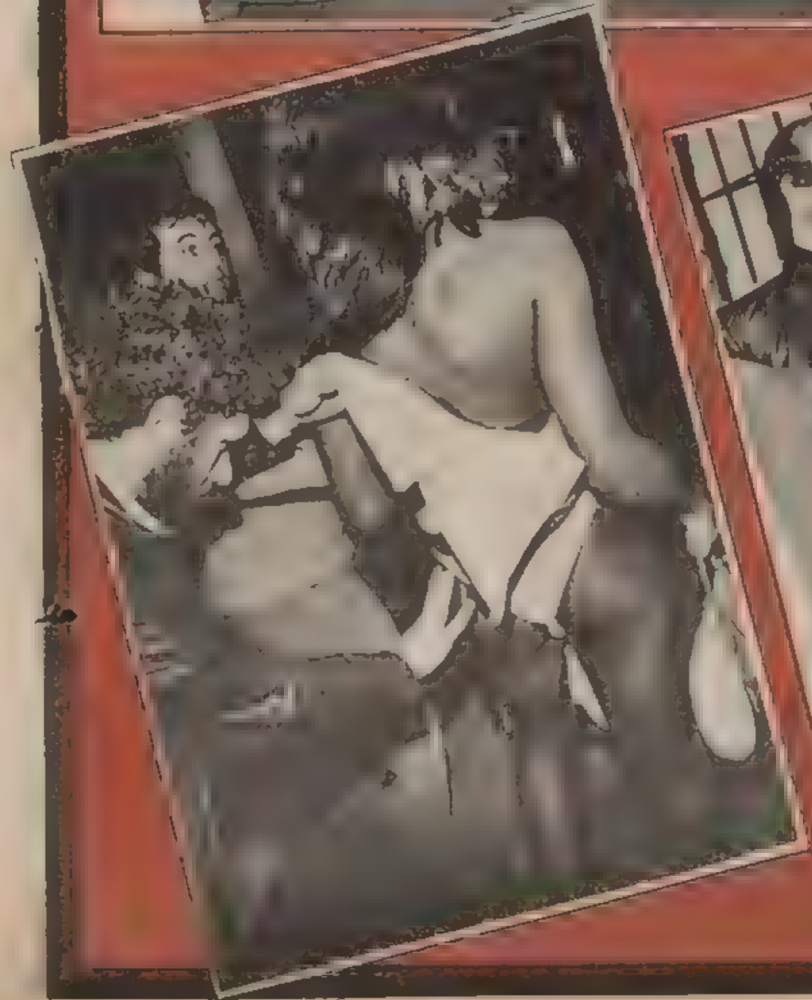
Fotos de Eliana Pastore



Delegado quer "limpar" centro de SP

CAÇADA A MULHERES

São Paulo tem 100 mil prostitutas - 10 mil nas ruas do Centro — segundo estatística da polícia. O delegado Wilson Richetti, recém-nomeado para a área, tomou como missão principal acabar, com a "sem-vergonhice", para tranquilizar comerciantes e famílias. Comandos noturnos são encarregados de "limpar a cidade, custe o que custar", com todos os requintes de sadismo



Pela 1ª vez, um jogador fala sobre sua vida íntima

NUNES, O MACHO

Ele topa sexo grupal e, na semana de jogo, só dá duas

Elas passavam tudo na cara da gente. Ganhei uma e fui fundo. Mesmo tímido, eu subi para o quarto com ela. Sou cabra-macho, não ando com homossexual. No meio do campeonato, só duas por semana." Quem fala é Nunes, jogador do Flamengo, abrindo o jogo sobre sua primeira experiência, sua indiferença às cantadas de homem e sua rotina sexual. Depois do Santa Cruz, Fluminense e Monterey, no México, ele agora é ídolo no Mengão. Fez o gol do Campeonato Nacional e está na seleção. É a primeira vez que um craque famoso fala abertamente sobre sua vida pessoal

Jogador de futebol é um superdotado?

Eu me considero um homem normal Depende do que a mulher estiver a fim uma, duas, três... O meu máximo foi duas, mas sempre que transo me coloco à disposição da mulher. Dou quantas ela quiser, mas sempre com um tempinho para o intervalo, porque não sou leão. O que ela quiser eu topo, dependendo também da mulher, né?

Qual o numero ideal de relações por semana que um jogador pode ter?

— Quando estou disputando um campeonato, não passo de duas. Mais, já prejudica!

A virgindade da mulher ainda é importante pra você?

— Olha, pra mim isso nunca teve valor. Aliás, conheço muita gente que casou com prostituta e se deu bem. Acabou sendo o casamento ideal. O dia que tiver uma filha, vou educá-la, mas vou deixá-la também escolher o caminho. Acho que toda mulher é livre e pode optar entre dar ou não e para quem dar.

Relaxando os musculos, depois do jogo

Com quantos anos você teve a primeira relação sexual e como foi?

— Foi uma loucura. Eu tinha 13 anos e estava em Feira de Santana. Meu pai havia viajado e deixou cinco contos comigo. Troquei tudo em nota miúda e fui à luta com os colegas. Na boate, eu me espantava. Elas passavam tudo na cara da gente e foi uma loucura. Ganhei uma e fui fundo. Mesmo tímido, eu subi para o quarto com ela. Antes de mais nada ela disse que custava 15 mangos. Eu não tinha, mas não podia dar meia trava. Dei a primeira, dei a segunda. Senti que era bom demais. Botei as calças e, quando ia saindo, ela contou o dinheiro e viu que só tinha 5 mangos. Deu um tapa na porta, me segurou pelo colarinho e eu, muito malandro, não havia abotoado a camisa. Ela fez força e eu acabei deixando ela com a minha camisa na mão. Dei no pinote. Pulei muro e o diabo e nêgo atrás me chamando de caloteiro. Foi um barato. Inesquecível.

Você toparia sexo em grupo?

— Claro que sim. Comigo não tem essa não! Aliás, já experimentei várias vezes e é o maior barato. Excita! É claro que é muito mais na base da sacanagem, mas tudo é válido. É um lance diferente, mas, pra dizer a verdade, bom mesmo é a dois.

E o suingue, você toparia?

— Não. Não gosto de bater soro... Isso eu não topo, por mais aberto que seja.

Você transaria com uma lésbica?

Nunes pensa muito e responde: — Transaria, sim. Nunca aconteceu comigo, mas acho que, se pintasse, faria ela gostar da "coisa". Insistiria até ela sentir que homem é mais gostoso que mulher.

O que você faria ao descobrir que um companheiro seu de clube é homossexual?

— Olha, eu não me meto na vida de ninguém. Respeito todos, a partir do momento que não me cantem, nem se cheguem de maneira estranha. Se o cara der um lance, eu vou ficar pau da vida. Mas se ele ficar numa boa, tudo bem. Comigo é difícil pintar, sabe...

Você já foi cantado por algum dirigente na época de juvenil ou profissional?

— Já houve muita cantada, mas de pessoas não ligadas diretamente ao futebol. Geralmente, amigos de fora, gente meio desconhecida, que parte da primeira pergunta que você me fez, sobre se o jogador de futebol é um superdotado. Eles acham que nós, como machos, somos o máximo da coisa e, quem sabe... Mas eu não tô nessa!

Você nunca foi cantado por dirigente, mas os fãs, o que dizem pra você?

— Esses, sim, posso dizer sinceramente que vão fundo. Uma vez, em Bonsucesso, um amigo meu me chamou pra sair. Estávamos caminhando na rua e, de repente, pára um carrão do lado dele. O cara abre a janela e diz: "Tô nuzinho, acabei de transar com um lourão. Tá a fim?" Meu amigo diz que não tem nada a ver e o cara responde: "Tem muito companheiro do Nunes que já deu pra mim. Só não vou falar o nome porque pega mal".

E fora do Brasil, onde alguns jogadores se deslumbram?

— Pra falar a verdade, agora, recentemente, na Itália, eu tava na porta do hotel com o Andrade e o Hélio, goleiro. Aí pintaram uns italianos, cheios de marra! Começaram a elogiar o físico da gente e dar lance. Eles eram três, quer dizer, um pra cada um. Mexeram os lábios, mostraram o físico e sussurraram algumas coisas que dava pra perceber que era cantada da braba, mas ninguém se deixou levar. No fundo, nós somos bons profissionais, e não é por esses lances que a gente vai deixar se levar. Afinal, eu sou cabra-macho, não?

Entrevista a
Maria Helena Araújo.
Fotos Chiquito Chaves

Se você tem problemas de saude sexual sobre os quais não gosta de fazer perguntas, lembre-se de uma coisa: ha muitos outros homens como você. Mas aqui está um livro para ajuda-lo!

A Saúde Sexual do Homem

do Dr. Philip R. Roen

Famoso urologista norte-americano responde a todas as suas perguntas!

Um livro que oferece conselhos simples e úteis para os homens desde a adolescência até a idade madura.

Não prive a si próprio e seus entes queridos da oportunidade de conhecer os conselhos sensatos que o Dr Philip Roen oferece neste livro essencial E, por apenas Cr$ 200,00 você terá as respostas às perguntas que o afligem

Escreva com letra bem facil de ler para evitar enganos
Não se esqueça do CEP (codigo do Correio de sua cidade)
NÃO MANDE DINHEIRO AGORA. Pague quando receber a encomenda

MANDE HOJE MESMO O SEU PEDIDO, RECORTANDO E PREENCHENDO O CUPOM ABAIXO

MARGEM EDITORIA E PROGRAMAÇÃO
Rua Miguel Couto, 134 11º andar – 20070 – Rio de Janeiro, RJ
Peço enviar-me pelo Reembolso Postal ______ exemplar(es) de A SAÚDE SEXUAL DO HOMEM, a Cr$ 200,00 cada

Nome ______
Rua ______
Cidade ______ Estado ______
CEP ______ ______
assinatura

Na compra de 2 ou mais exemplares não cobraremos as despesas postais

Deputados, militares e juízes participam do jogo proibido

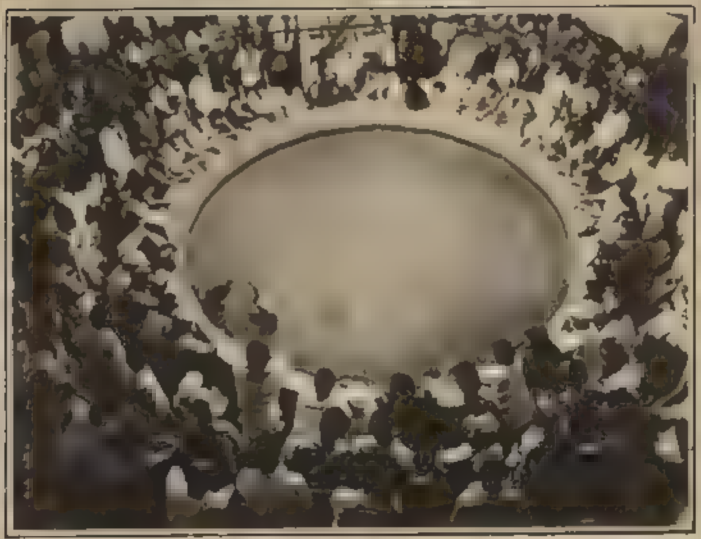
Briga em Varginha, Minas

Foto Valdenir Benedetti

Até Cr$ 5 milhões numa só briga

O galo pula e desfere o golpe com a espora. No Recife

Costurando a pálpebra pra evitar que o sangue feche o olho



Palácio do Galo, a maior rinha do Brasil

Fotos Sidney Waismann

BRIGA DE GALO

COMEÇA DIA 23 DE JULHO O CAMPEONATO NACIONAL

Um coronel da reserva, Mário Franco, é o presidente da maior rinha de galos do país, em Olinda, Pernambuco; o deputado Athiê Jorge Coury tem até placa numa rinha de Santos, em São Paulo; um ex-juiz de Direito e advogado, Mauro Rezende Frota — primo do general Sylvio Frota — é o presidente da rinha de Varginha, Minas Gerais. Nossos repórteres estiveram nas três cidades. Apesar da proibição de Jânio Quadros, em 1961, as brigas são feitas abertamente. Existe até um Campeonato Nacional, com tabela e regulamento impressos. E milhões de cruzeiros em apostas.

Reportagem de Valdenir Benedetti, Alex Solnik, Rivaldo Chinen e Eduardo Homem

Apostas milionárias no Palácio

'Aqui é como se os galos fossem um baralho. A gente aposta no jogo que parece melhor." A comparação quem faz é Aruá, um galista "doente" que não perde uma briga no Palácio do Galo, o Maracanã das brigas de galo do país, em Olinda, Pernambuco: são 800 lugares sentados. Nem bem os bichos se encaram, as apostas começam. Na primeira escaramuça o vozerio aumenta, e quando um galo bica o pescoço do outro e se prepara pro golpe de espora, o ambiente ferve de tensão. — Aí se ganham e perdem fortunas — diz o presidente do Palácio do Galo, o coronel R-1 Mário Franco. E ele continua: "Há apostas de 3, 4, 5, milhões de cruzeiros em uma só briga. Aqui mesmo, no Recife, já vi um galista jogar Cr$1.160.000 num galo. E ganhar." As apostas, dos mais variados tipos e sem nenhum registro além do berro e da memória dos apostadores, podem ser feitas a qualquer momento da briga, que dura uma hora e quinze minutos divididos em três rounds ou águas — depois de 20 minutos os galos têm direito a um refresco de dois minutos, quando são lavados e massageados. Depois de alguns minutos, já se adivinha o favorito, e as apostas passam a ser "5 por 1 que o amarelo não perde", "mil por 500 que o preto não passa da terceira água" Quem briga são os galos, mas eles são os anônimos do espetáculo: a tabuleta que anuncia a briga dá o nome do criador (do galo só informa o peso, a cor e se ele já foi tucado — nocauteado — pra prevenir o apostador desavisado); depois da vitória ou da derrota, os galistas exclamam: "eu hoje só fiz perder"; "cheguei, matei e vou embora"; "ganhei"; "morri"; matei". O Palácio do Galo tem três tambores (as arenas onde se briga), um bar, "apartamentos" para os galos e um salão social onde as mulheres dos galistas esperam os maridos, fazendo tricô

Fotos Valdenir Benedetti

Cabem trezentas pessoas na rinha de Varginha. Mulheres não se vê. Só dá mesmo homem — velhos, jovens e crianças.

Em Varginha, até menor entra. O juiz deixou.

O Centro Esportivo Varginense, todo erguido em alvenaria, telhado de amianto, é um dos clubes mais conhecidos em Varginha, cidade ao sul de Minas Gerais, a 298 quilômetros de Belo Horizonte. Ali funciona abertamente a rinha de galos da cidade, com capacidade para 300 pessoas. Vem gente de muito longe, de todas as partes do Brasil. Eles encostam seus carrões último tipo, passam pela catraca na portaria — entrada a Cr$ 150,00 por cabeça — e vão direto para os apartamentos dos galos. Cada galista tem direito a um apartamento, um quartinho com doze gaiolas individuais, protegidas por telas de náilon, para evitar que os pernilongos maltratem as aves. A diária custa Cr$ 2 mil.

"Aqui só tem médico, engenheiro, fazendeiro, general, comerciante", diz orgulhoso Hélio Roso, 67 anos, 58 de briga de galo, ofício que aprendeu com o pai, que era tratador. "Os galistas são uma família; na hora da luta todo mundo briga, fica exaltado, mas acabou se abraça e vai embora, não sem antes tomar um uísque junto." Hélio Roso fala de tudo, só não gosta de tocar em um assunto: Jânio Quadros. "Ih, menino, agora você estragou o meu dia."

Hélio Roso conta que o decreto de Jânio Quadros proibindo a briga de galo (decreto federal baixado por ele em 1961, mas revogado pelo galista mineiro Tancredo Neves em 62), foi uma forma dele se vingar do velho Adhemar de Barros, que era conhecido galista, e de quem Jânio tinha uma diferença pessoal. Já o boticário Florideu Gervásio, que vive dos remédios que inventou há uma década para estancar a hemorragia dos galos de briga, dá outra versão:

— Aquela tal da Adelaide Carraro, que trepava com todo mundo, aliás é um direito dela, mas que não venha dizer em público, contou para o Jânio Quadros que seu pai tinha sido morto numa rinha. O Jânio acreditou na lorota dela e proibiu a briga de galo. Não conheci o pai da Adelaide Carraro, mas ouvi dizer que ele era patoteiro, um trambiqueiro que botava veneno nas esporas.

Mas quem tem combatido as brigas de galo com insistência são as sociedades protetoras de animais, sob a alegação de que tudo aquilo não passa de um espetáculo de sadismo. O advogado e ex-juiz de Varginha Mauro Rezende Frota — primo do general Sylvio Frota, ex-chefe de gabinete do presidente Geisel — diretor-presidente da rinha, discorda desse ponto de vista:

— Toda corrida de automóvel deixa um saldo de três a quatro queimados.

— Além disso — prossegue — o galo briga por instinto. Se você não formar um criatório organizado, eles se matam até descobrirem quem é o comandante, o chefe da manada. Vão se liquidando um por um até sobrar só o chefão. O pintinho começa a brigar com 30 dias de vida.

Briga de galo é coisa de velho. Mas a rinha de Varginha é freqüentada por crianças; muitas delas fazem apostas e informam seus pais (que já não enxergam direito) como vai o andamento das lutas. É a única rinha no Brasil onde o juiz de Direito da cidade permite a freqüência de menores de idade. Ele deu um parecer segundo o qual é "inconcebível" que os meninos tratem dos galos e não os vejam nas rinhas.

Costurando a pálpebra

O esporão na perna do galo

Tirando pele, pra não sangrar

Bico de proteção

Biqueira para treino

Luva para amaciar o golpe

Fotos Sidney Waismann

Vale Cr$ 50 mil. E só dura dez lutas.

Um galo de briga dura dez lutas. Depois está inutilizado. Isto, apesar de todo o cuidado com que é tratado, como verdadeiro atleta. Come do melhor, recebe treinamento — se for galo de grandes studs (ou cocheiras), como o Marajá, o maior do Recife. O dono, um comerciante, o dr. Silaibe, trata os galos com vitamina de cenoura, tomate, banana, ovos e ração balanceada (cacau, arroz em casca, milho pisado).

Os galos do Marajá têm à sua disposição um treinador e dois ajudantes, cada um com salário — Cr$ 8 mil por mês — e prêmios por vitória.

Logo cedo começam os treinos: corrida em círculo (para dar agilidade às pernas), exercícios para o pescoço, pulos, coices. O galo aprende a dar o golpe principal: voar para dar com a espora no pescoço do outro. Fora isso, os golpes são as bicadas no pescoço, esporadas na barriga.

Também fazem parte dos treinos lutas com *sparrings*, quando os galos são protegidos na cabeça e vestem "luvas" nas esporas — estas, aliás, segundo o último regulamento nacional, devem ser de alumínio, com 2,5 centímetros de comprimento. Um galo de briga pode valer até Cr$ 50 mil. Por isso, os galistas ficam desesperados quando perdem. Derrota nem sempre quer dizer morte: o galo perde se quebrar a asa, se sair correndo, se piar como galinha, se ficar no chão mais de trinta segundos. E, se não acontecer nada disso, a luta pode empatar. Depois de lutar, o galo pode levar até um mês para se recuperar, quando então enfrenta outro adversário.

Na rinha de Santos, deputado ganhou placa

Parece uma granja. Dezenas de galos cantando, um clima de fazenda. Portas abertas, sem guarda, sem pagar nada. Estamos em Santos, Estado de São Paulo. Um clube qualquer, é domingo. Dentro do ginásio, algumas dezenas de homens sentam-se em torno de uma arena de três metros de diâmetro. A tensão, os gritos, o nervosismo não se compara com nada. Futebol, boxe, luta-livre. Os homens ficam transtornados mesmo. Por um olho acompanham as bicadas, as esporas; por outro, vão apostando, sobem ou descem, conforme a sorte do favorito.

Pois, durante a luta, há muitas reviravoltas. O galo começa ganhando, colocando o outro na parede, e de repente fica por baixo. Em todos esses movimentos, muitos milhares de cruzeiros podem estar em disputa.

— Aqui é um lugar de pobre — diz o dirigente do clube paulista exibindo o recorte do decreto que cancela a proibição de Jânio Quadros. — Aqui é o lazer do pobre, por isso somos perseguidos.

Há pobres, e ricos também. Comerciantes, dentistas, aposentados. São facilmente identificados pelo grito de aposta. Puxam todas as apostas. Apostam com muitos ao mesmo tempo.

— Cinco mil por mil!

Junto com os rostos transtornados e o berreiro dos números, outros desabafos são ouvidos:

— Mata!

— Acaba com ele!

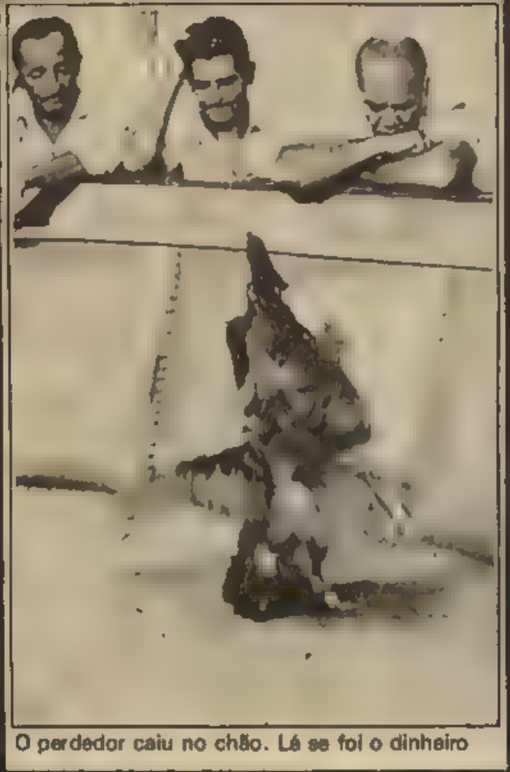
Provocações, esculachos, incentivos; todos agem como se os galos ouvissem e tentam comandá-los.

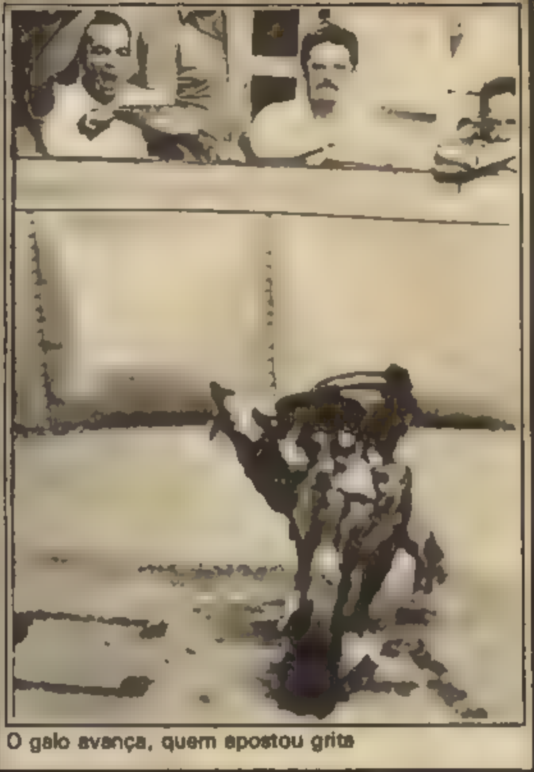
— Nós amamos os galos — diz outro dirigente do clube, dr. Ferrari, galista desde dez anos de idade. — Damos do melhor pra ele comer, treinamos, tratamos dele como se fosse um pugilista. E lutamos pela preservação porque, se não houver mais briga de galo, o galo de briga vai deixar de existir.

As domingueiras começam às oito da manhã, vão até meia-noite. Por isso, o clube tem serviço completo, do bar ao restaurante. Sempre tem alguém biritando, ou porque ganhou ou perdeu. E, na hora do almoço, o prato principal pode soar como caçoada: frango a passarinho.

Mas não é piada: foi o almoço de um domingo de junho. Numa parede, com destaque, uma placa de bronze comemorativa da inauguração do clube, há dez anos. Em grande letras na placa, o nome do deputado Athiê Jorge Coury.

— Todos os galistas são ademaristas — conta Ferrari. — Por isso o Jânio cismou de proibir. Mas sei que ele na juventude também freqüentou rinhas. Ele ia na da rua São Paulo, 124.


O perdedor caiu no chão. Lá se foi o dinheiro


O galo avança, quem apostou grita

Fotos Eliana Pastore

Muitos políticos e gente conhecida são galistas. Por exemplo: Assis Chateaubriand.

— Chateaubriand tinha um galo que ficou famoso, um grande campeão, o Capacete de Aço — conta outro diretor — que uma ocasião enfrentou outro grande campeão, o Trem Blindado, do Osvaldo Aranha. Foi em 1932. Essa luta ficou na história.

Quem ganhou?

— Os dois eram muito bons. Só podia empatar.

— A briga de galo é tradição do povo brasileiro — explica Ferrari. — Desde que o português a trouxe pra cá. Ela sempre existiu.

Os frequentadores estranham a presença de máquinas fotográficas. Sabem que o delegado da área não incomoda, mas vai que ele sai. Querem aparentar indiferença, mas alguns ficam preocupados com a reportagem:

— Vai dar complicação!

Mas o importante é a luta. E as apostas se sucedem. Aposta-se em tudo:

— Aposto mil que este não perde.

— Pode não ganhar, mas no mínimo empata.

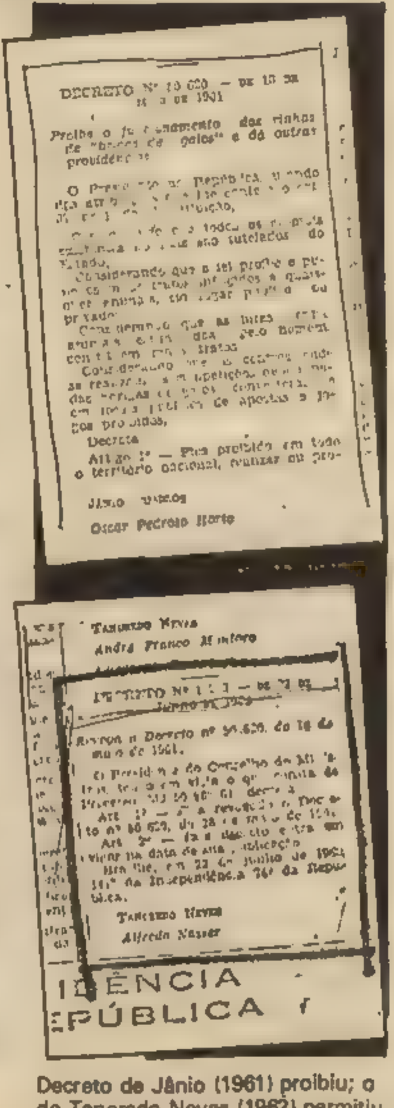
A aposta é feita entre duas pessoas e selada entre as duas. Oficialmente, não há nada. Nenhum papel. As partes se acertam e não dá pra fugir da palavra.

Pode-se apostar durante o tempo todo que a luta dura: seis **rounds** de 15 minutos cada, com 3 de descanso, como no boxe. Não há apostas miúdas. Perde-se e ganha-se muito. Uns Cr$ 20 mil numa manhã, para um apostador médio.

Adelaide

Carraro fez Jânio proibir

No livro "Eu e o governador", escrito na década de 60, Adelaide Carraro revela ter influenciado o governador Jânio Quadros na proibição de brigas de galo. Ela diz ter sido amante de Jânio em 1959. Num fim-de-semana que passaram a dois, Adelaide lhe contou uma história triste: a de como seu pai morrera. Segundo Adelaide, sua família tinha um galo chamado Quiriri que o vizinho gostava de levar às brigas. Um dia, Quiriri estava apanhando muito e, então, o irmão menor de Adelaide invadiu a rinha para salvar o animal. O tal vizinho, que tinha apostado em Quiriri, não se conformou e deu um pontapé no moleque, provocando imediata reação do pai. Na confusão, surgiu uma faca e o pai de Adelaide caiu morto. Jânio ouviu a história de Adelaide e prometeu: — Quando eu for presidente, vou proibir a briga de galo no país.


DECRETO Nº 50.620 — DE 18 DE MAIO DE 1961

Proíbe o funcionamento das rinhas de "brigas de galos" e dá outras providências.

Decreta:

Jânio Quadros

Oscar Pedroso Horta

Tancredo Neves

André Franco Montoro

Alfredo Nasser

...IDÊNCIA ...PÚBLICA

Decreto de Jânio (1961) proibiu; o de Tancredo Neves (1962) permitiu

Torneio leva 5 meses e tem 5 sedes

As brigas pelo Campeonato Nacional seguem um rígido regulamento, elaborado pela Coordenadoria Galista do Brasil, cujo presidente é o industrial paulista José Daniel Tosi. O campeonato — em disputa da Taça Nacional — começa dia 23 de julho em Belém do Pará, uma das cinco cidades escolhidas para sede. Em cada cidade haverá cinco dias de lutas. Assim, em Belém, de 23 a 27 de julho; em Vitória, Espírito Santo, de 27 a 31 de agosto; em Belo Horizonte, Minas, de 24 a 28 de setembro; em Curitiba, Paraná, de 22 a 26 de outubro, e em Extrema, Minas Gerais, de 26 a 30 de novembro.

Sai vencedor o galista que conseguir maior número de pontos, somados os cinco torneios: dois pontos pela vitória (três, se ela acontecer antes do primeiro refresco); um ponto pelo empate e dois pontos negativos em caso de derrota.

O prêmio para o primeiro lugar é "lindo quadro com galo de ouro em alto relevo", para o galista, e outro — "tratador com galo no colo, todo banhado em ouro, de 20 centímetros de altura" — para o tratador. O segundo lugar dá ao galista um "quadro com galo de ouro em alto relevo" e ao tratador "um galinho de ouro".

Às vezes, um galo não aguenta e foge

Foto Sidney Waismann

O impresso, com o calendário para 1980

1º partido político com maioria operária

PT é mesmo dos TRABALHADORES

97,10% dos delegados presentes ao I Encontro Nacional do Partido dos Trabalhadores (PT), realizado no início de junho em São Paulo, são realmente trabalhadores assalariados. Vivem do salário. A conclusão é de uma pesquisa realizada no próprio Encontro: ao lado da urna de votações, nosso repórter perguntou a 238 participantes (34% do total) a sua profissão. Como categoria, os operários são a maior bancada, com 24 delegados, o que é inédito na história dos partidos políticos brasileiros.

Lula e a direção eleita conseguiram 91% dos votos

O Congresso: 2 dias de debates com 402 delegados

Reportagem de Daniel A. Reis. Fotos de Wagner Avancini

Queríamos saber onde trabalhavam os delegados presentes ao Encontro Nacional do PT, sua composição social.

Considerando-se como delegados todos os que tinham direito a voz e voto, chegou-se ao total de 403 pessoas, assim distribuídas:

• 313 delegados eleitos pelos núcleos de base;

• 34 convidados (em função de sua participação na luta popular);

• 45 dirigentes sindicais (adeptos ou simpatizantes do PT e também convidados por sua participação na luta popular);

• 11 membros da Comissão Nacional Provisória.

Ouvimos 138 delegados, ou seja, 34,24%, o que poderá servir como uma boa amostragem do conjunto dos delegados presentes.

A seguir, os dados absolutos e os respectivos percentuais:

As profissões dos delegados

	N.º	%
Operários	28	20,28
Trabalhadores rurais	6	4,34
Bancários	4	2,89
Assistentes sociais	2	1,44
Agentes pastorais	2	1,44
Costureiras	1	0,72
Comerciários	6	4,34
Eletricitários	1	0,72
Radialistas	3	2,17
Auxiliares de enfermagem	1	0,72
Empregados em publicidade	2	1,44
Funcionários públicos	1	0,72
Professores primários	4	2,89
Técnicos médios	8	5,79
Empregados em farmácia	1	0,72
Engenheiros	6	4,34
Médicos	5	3,62
Jornalistas	15	10,86
Professores (secund. e universit.)	16	11,59
Advogados	9	6,52
Urbanistas	1	0,72
Economistas	5	3,62
Sociólogos	3	2,17
Veterinários	2	1,44
Parlamentares	1	0,72
Atrizes	1	0,72
Estudantes universitários	1	0,72
Pequenos proprietários (comerciantes)	3	2,17
TOTAIS	138	100%

Assalariados têm 50,7% dos votos

Algumas conclusões que podem ser tiradas dos números ao lado:

*• como categoria isolada, **os operários constituem a maior "bancada"**, o que é inédito na história dos partidos políticos brasileiros;*

• operários e trabalhadores rurais, juntos, somam o total de 34 delegados, ou seja, 24,63% do total;

— os trabalhadores em serviços urbanos (bancários, comerciários, funcionários públicos, etc) somam 36 delegados, ou seja, 26,08% do total

• isto significa que o conjunto de trabalhadores urbanos e rurais, que vivem de salários modestos e que não possuem diplomas superiores, ou seja, o tão falado povão, soma o total de 70 delegados, (34 operários e trabalhadores rurais + 36 trabalhadores urbanos = 70 total), ou seja, 50,72% do conjunto dos delegados, o que é outro lance inédito na história dos partidos políticos brasileiros;

• isto não quer dizer, no entanto, que a classe média não tenha um peso ainda considerável

— só jornalistas, professores (secundários e universitários) e advogados somam 40 delegados (16 professores, 15 jornalistas e 9 advogados), ou seja, 28,98% do total ;

— assim, a "bancada" de jornalistas e professores soma 31 delegados, maior, portanto, que a operária;

— de outro lado, o conjunto dos doutores soma 63 delegados, ou seja, 45,65% do total, um peso considerável, sobretudo se temos em consideração o seu "verbo" fácil.

• um outro dado impressionante: só pintaram 3 proprietarios (pequenos comerciantes), constituindo apenas 2,17% do total, um numero quase inexpressivo.

Conclusão: na medida em que os delegados que possuem diplomas universitarios ganham a vida com seus salários, temos que 134 delegados, em 138, ou seja, 97,10% dos delegados presentes ao Encontro Nacional, vivem de seu trabalho.

***Entretanto, o Quem é Quem** do PT não ficaria completo sem uma análise da direção nacional eleita pelos delegados presentes. Uma direção bastante representativa porque reuniu 91% dos votos proferidos. Fazem parte dela:*

• 6 operários (Lula, Jacó Bitar, Joaquim Arnaldo, Osmar Mendonça, Wagner Benevides, J. Ibraim)

• 2 trabalhadores rurais (Vanderley Farias Sousa e Manoel da Conceição)

• 2 professores (Weffort e Luis Soares Dulci)

• 1 bancário (Olívio Dutra)

• 1 jornalista (Hélio Doyle)

• 2 parlamentares (Freitas Diniz e Antonio Carlos)

• 1 velho combatente das causas populares (Apolônio de Carvalho).

Ou seja, em 15 elementos (11 efetivos e 4 suplentes), mais de metade, 8, são trabalhadores urbanos e rurais. Apenas 2 parlamentares

Enquanto nos demais partidos políticos brasileiros só falam parlamentares, ex-parlamentares e aspirantes a parlamentar, todos briosos filhos da classe média, daí pra cima, no PT, os trabalhadores pintam como delegados e são eleitos para a direção nacional. É um contraste que chama a atenção.

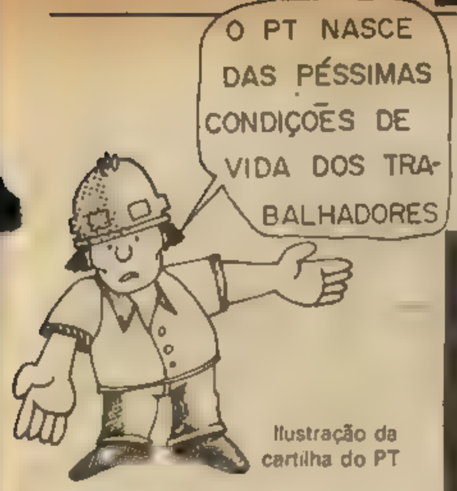


Ilustração da cartilha do PT

Acharam que pesquisa ia comprometer

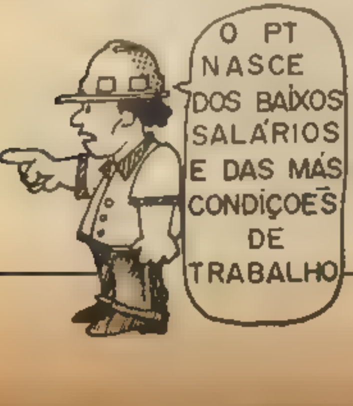
O REPORTER realizou a pesquisa na boca da urna. Depois da votação perguntava aos delegados sobre suas profissões. Os trabalhadores respondiam sem constrangimento. Mas o pessoal de classe média revelava preocupações curiosas, e que não deixam de ser sintomáticas do "clima" existente no Encontro Nacional.

Um advogado cutucou seu amigo: "Olha aí, o REPORTER quer "provar" que o PT não é um partido de trabalhadores."

Um jornalista brincou: "Põe aí que sou um operário... sim, em termos de consciência sou um operário..."

Um técnico médio (desenhista) quase implorou: "Não sou um técnico, amizade; sou operário, trabalho na produção; sou tão explorado como um operário." Como o repórter anotou "técnico", comentou: "Isso aí é uma injustiça... vai parecer que sou da classe média.."

Uma professora primária quase fez um comício: "Vou logo avisando que não sou da classe média... ganho menos que operário; aliás, bota aí que sou mulher de operário; bota aí que sou operária, dá no mesmo..." Como o repórter havia colocado "professor", exaltou-se: "Professor não, essa não; não pode ser, eu não sou mesmo da classe média. Só descansou quando o repórter criou a categoria "professor primário", atendendo ao fato de que os professores primários não podem ser, em nível salarial e de titulação, comparados com os professores secundários e universitários.



Bases mudaram posição sobre favela e campo

A presença de trabalhadores no Encontro Nacional não foi simbólica. Suas intervenções modificaram muitas vezes o rumo da discussão. Dois exemplos

1) Estava em discussão o quarto ponto do Programa melhores condições de vida. Uma deputada defendeu a tese de que o PT não deveria lutar por "melhorar" as favelas, mas sim para erradicá-las, terminar com elas. Parecia que o plenário ia aprovar isso quando um delegado de Minas Gerais, velho favelado, pediu a palavra

"Companheiros, ela (referia-se à deputada) nunca deve ter morado em favela. Mas eu já moro lá há 48 anos. Então se eu for pedir o fim das favelas, vou morrer favelado, vivendo nas piores condições, porque não dá pra acabar com as favelas rapidamente. Peço portanto aos companheiros que aprovem a luta pela melhoria das condições nas favelas

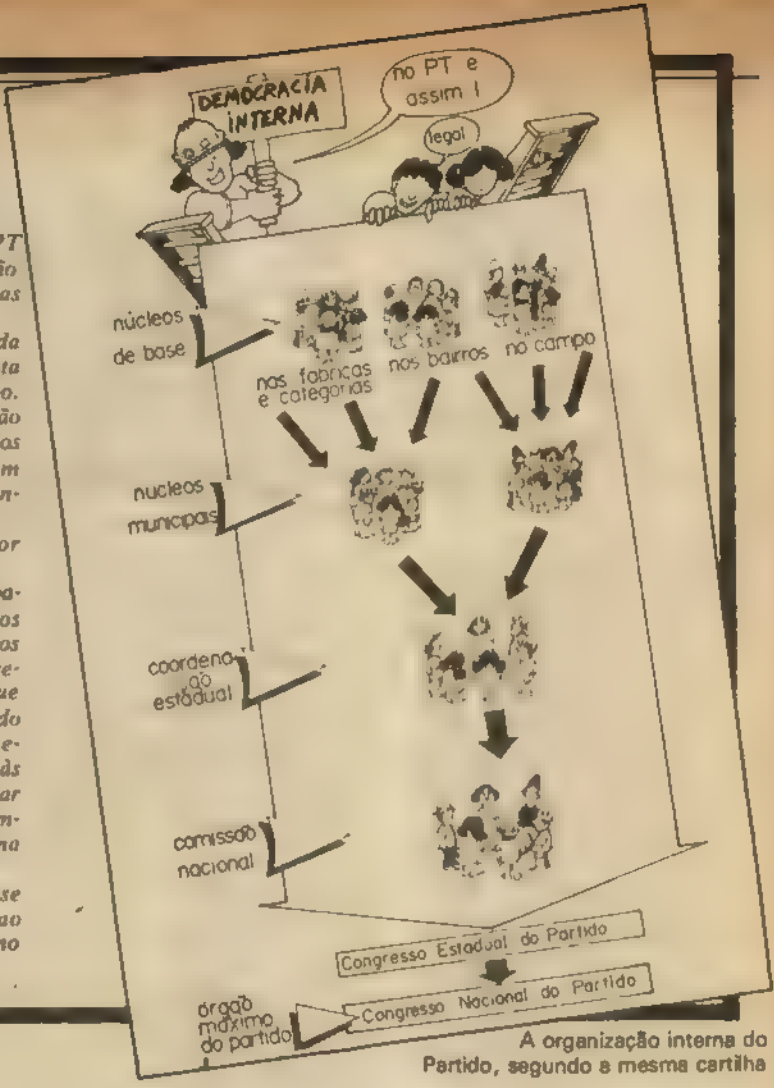
A idéia foi aprovada e passou a constar do programa do PT dentro do ponto IV: urbanização e criação de serviços básicos nas favelas e bairros populares.

2) Discutia-se a questão da extensão da legislação trabalhista urbana ao homem do campo. Argumentava-se que a legislação era "ruim" mas que, apesar dos pesares, era um "progresso" em face dos "problemas" enfrentados pelos trabalhistas rurais.

Um delegado, trabalhador rural, pegou o microfone

"Companheiros, nós trabalhadores, rurais, não queremos leis que os próprios operários estão lutanto contra. Não queremos o Fundo de Garantia, que acabou com a estabilidade do trabalhador nas cidades. Queremos leis nossas, adaptadas às nossas condições. Pode até levar mais tempo. E queremos, companheiros, isto sim, a reforma agrária

Ninguém mais defendeu a tese da extensão das leis urbanas ao campo, e esta idéia não entrou no programa do PT.



A organização interna do Partido, segundo a mesma cartilha

'Se grito não for forte, ninguém ouve'

Luís José Ribamar Osório Lopes, 50 anos, casado, filho de Campo Maior, Piauí, 14 filhos, 7 morando com ele, e 7 espalhados por Brasília e Teresina, viajou 56 horas de ônibus para estar em São Paulo.

Ribamar.

"Campo Maior vive da criação de gado, da cera de carnaúba, do tucum, do arroz, milho, feijão e mandioca. Sou trabalhador rural que pega no rabo da enxada e trabalho também com o gado: tiro leite de vaca, laço rês no curral, pego rês dentro do mato, monto cavalo saltador, tenho também uma pequena criação de porcos. Tudo isso no meu pedaço de terra de 22 hectares onde trabalho com meus 7 filhos que ficaram, na propriedade de Matinhos, em Campo Maior.

• Entrei no PT porque sou trabalhador rural, porque sentia necessidade de me filiar a um partido. Comecei na participação sindical para defender meus direitos. Mas vi que não tinha força política, o sindicato é uma organização de classe, não é um partido político. Já o PT, sendo uma organização política, tem possibilidades de defender praticamente o trabalhador.

• Sou membro da Comissão Estadual do PT, mas não valorizo isso além da conta, não sinto isso como promoção. Promoção sinto por pertencer ao Partido.

• A população de Campo Maior, na medida em que vai entrando em contato com o PT, vai gostando, vai criando simpatia. Ainda não encontrei um trabalhador que, lendo a lei do Partido, os estatutos, dissesse que aquilo não estava certo. Tinha mais de vinte anos que eu pensava no PT, numa idéia assim. Antes do PT eu me considerava um eleitor. Sempre vi que era um homem que só podia votar, nunca fui convidado a participar. No PT é diferente...

• No Piauí já temos 10 núcleos, cada um com 200 a 250 pessoas. Já temos 13 comissões criadas e teremos mais 13 até o dia 18 de junho. E, em mais 54 municípios, temos contatos, gente querendo trabalhar, formar novos núcleos. Uma coisa importante: tudo o que fizemos foi com recursos próprios, dos trabalhadores. Os trabalhadores nunca impediram que os fazendeiros fizessem política e agora esperam que os homens de letras não atrapalhem o trabalhador; somos muito sofridos e esperamos agora ter a nossa vez.

• A reforma agrária é uma necessidade. Os trabalhadores ficam sem trabalhar e tanta terra... tem uma coisa que me dá uma grande revolta: a saída dos filhos da gente. Para São Paulo, para o Pará, Maranhão, Brasília, saem de lá para ganhar o pão. Lamento muito porque tanta terra que temos lá...

José Granjeiro Mendes, 39 anos, casado, 7 filhos vivos, carpinteiro, levou 27 horas de viagem para chegar a São Paulo; mora em Rio Branco, de onde é natural, no Acre.

"Escolhi o PT porque pode ser uma solução para os trabalhadores; para isso, porém, o PT não deve ser que nem os outros partidos.

• A diferença entre o PT e os outros partidos: Já cheguei a uma conclusão — os outros partidos não fazem nada, apenas prometem; já o PT está nascendo da própria luta e mais tarde poderá ser muita coisa, poderá ganhar a confiança dos trabalhadores.

• A gente vem sentindo muitas dificuldades para reivindicar direitos da gente. Os outros partidos, como já disse, pouco fazem, e o que fazem é em benefício de quem tem dinheiro. Ora, as pessoas da periferia se não gritarem, se não pedirem com força, dificilmente obterão alguma coisa. Nos bairros periféricos falta quase tudo: falta água, esgoto, pavimentação. Tem luz, mas só na semana passada a taxa veio com aumento de 50%.

O PT é em geral criado pelo trabalhador, a sua força será a união dos trabalhadores. Quando os trabalhadores compreenderem que eles devem se unir para obter tudo aquilo que lhes é devido... mas o trabalhador ainda não está a par de sua força... somente através de uma conscientização é que ele poderá tomar consciência do que pode ser o PT. Se nós confiarmos em nós mesmos, temos uma força!"

No Programa, sete lutas

Em relação ao programa político do PT o Encontro aprovou as seguintes plataformas de lutas.

1 — Liberdade de organização partidária e sindical;
2 — Desmantelamento dos órgãos de repressão política e fim da legislação de exceção;
3 — Combate à política salarial.
4 — Por melhores condições de vida.
5 — Reforma Agrária ampla e maciça e sob o controle dos trabalhadores;
6 — Independência Nacional:
7 — Apoio aos movimentos de defesa dos direitos das mulheres, dos negros, índios e de todas as minorias oprimidas.

Esse conjunto de pontos, em torno dos quais agrupa-se uma série de reivindicações específicas, constituirá a linha de orientação para o PT a nível nacional. A "ditadura militar" foi apontada como o grande inimigo no caminho da realização do programa do PT.

*Além do programa, os filiados do PT discutiram estatutos, afirmando-se a visão de um partido democrático, construído de baixo para cima e cuja unidade de base é o **núcleo** (de bairro ou de local de trabalho) onde deve enraizar-se todo o poder no interior do PT.* **(Ver quadro acima)**

Para guardar junto com o título de eleitor,

OS HOMENS-

Tem muito lobo querendo virar carneiro na oposição brasileira

Gente que apoiou o golpe de 64 e agora se diz contra ele. Este é um trabalho para mostrar quem é oposicionista de verdade e quem apenas se finge de democrata. São 14 perfis para você ler e guardar junto com o título de eleitor, pois poderão ser muito úteis na hora de votar.

Reportagem de
Alex Marques
e Roberto Vilar

Miro Teixeira

Era um bem comportado estudante secundarista no dia 31 de março de 1964. Foi como reporter policial de "O Dia" que conheceu e se aproximou de seu padrinho político — o então deputado federal Chagas Freitas. Eleito bionicamente para o governo da antiga Guanabara, Chagas fez de Miro deputado federal, com 140 mil votos. E daí para a frente Miro usou e abusou da poderosa máquina eleitoral chaguista. Parlamentar de atuação medíocre, reelegeu-se em 1978 com 525 mil votos, recorde brasileiro. Aumentou o seu poder no Estado: demitiu o prefeito Israel Klabin, que se recusava a colocar a prefeitura carioca a serviço de sua campanha à sucessão de Chagas Freitas; colaborou na derrubada de dois prefeitos eleitos pelo povo — os de São Gonçalo e de Petrópolis — através de pressão sobre vereadores locais; e é acusado pela oposição estadual de demitir do serviço público os correligionários de políticos que não ingressaram no PP. Apesar disso, Miro faz força para convencer o eleitorado de que é oposicionista.

Franco Monturo

É um político inegavelmente bom de urna. Foi eleito para o Senado com 6 milhões de votos. Uma consagração popular, conseguida devido ao apoio da Igreja e do inegável caráter plebiscitário da última eleição parlamentar (1978). Fez nome no MDB paulista graças a um valioso catálogo de cabos eleitorais. Sua ambição maior: o governo de São Paulo. Conservador, Montoro permanece fiel, apesar de sua combatividade, à ideologia do seu partido de origem, o partido Democrata Cristão (PDC).

Thales Ramalho

Velha raposa do PSD, Thales fez uma carreira sem nenhuma expressão em Pernambuco, com votos quase sempre contados. Deputado federal em 64, bandeou-se para o MDB, onde foi durante dez anos secretário-geral. Fazer oposição popular nunca foi seu forte. Muito ao contrário: em 1970, quando a repressão atingia seus mais altos índices, teve a audácia de, numa conferência parlamentar em Haia, afirmar que "a Oposição desconhecia oficialmente a existência de 12 mil presos e desaparecidos políticos no Brasil". Freqüentador assíduo do gabinete do falecido ministro Petrônio Portela, era apontado como ministeriável quando o general Figueiredo escolhia seus ministros. Tornou-se líder do Partido Popular (PP) na Câmara e até hoje só foi à tribuna uma vez para exaltar os 80 anos do ultraconservador sociólogo Gilberto Freyre.

Lula

O seu prestígio é incontestável. Como também é incontestável a sua coragem e capacidade política. Após a última greve do ABC paulista, o regime parece ter se convencido definitivamente que não conseguirá fazê-lo mudar de camisa. Por isso, cassou seu mandato, ganho pela segunda vez, pelo voto direto — coisa que os homens do poder desconhecem e temem — e o prendeu. Dias depois, Lula ganhava a presidência do Partido dos Trabalhadores — PT. A ascensão de Lula é coisa recente: em 1975, foi eleito presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema — centro nevrálgico da indústria automobilística. Em 78, liderou a primeira grande greve dos metalúrgicos de São Paulo. Vitorioso, entrou de pé direito no cenário da luta de massa contra o regime e o arrocho salarial. Virtual presidente da Central Única de Trabalhadores, se esta vier a se organizar, seu futuro no momento parece estar mesmo no PT. Numa eleição para o parlamento, será imbatível.

Miguel Arraes

"Tenho duas mãos e o sentimento do mundo". Com este verso de Carlos Drummond de Andrade, Arraes tomou posse como governador de Pernambuco, em 1962, após uma campanha eleitoral em que enfrentou, ao lado das massas populares, a polícia, os usineiros e os latifundiários. Quando 4 anos antes havia sido consagrado nas urnas para prefeito do Recife. Sua breve passagem pelo governo pernambucano não o impediu de fazer uma administração verdadeiramente revolucionária. Pelo acordo do campo, os donos de engenho foram obrigados a pagar aos seus empregados o salário-mínimo regional (até então, só recebiam um terço do que tinham direito). Os "coronéis" que não cumpriram o acordo tiveram suas fazendas interditadas pela polícia. Foi com a garantia do governo estadual que 200 mil trabalhadores rurais fizeram uma greve de quatro dias, que dobrou a intransigência patronal e, entre outras melhorias, garantiu a jornada de trabalho de oito horas por dia. Não havia condições de construir escolas para as 100 mil crianças sem instrução. Arraes resolveu o problema: transformou as igrejas dos bairros operários em salas de aula. Tudo isso foi posto por terra em março de 64. Preso, espancado e indiciado em vários inquéritos, foi absolvido por unanimidade de todas as acusações. Exilado 15 anos na Argélia, retornou após a anistia e filiou-se ao PMDB. É imbatível no voto direto.

Luís Carlos Prestes

É o único oposicionista que viveu e combateu todas as ditaduras do século no país. A sua história, vergonhosamente banida dos currículos oficiais, se confunde com a própria História do Brasil. Líder da Coluna que recebeu o seu nome e lhe valeu o título de **Cavaleiro da Esperança**, Prestes foi preso pela primeira vez em dezembro de 35, depois de sufocado o movimento comunista de novembro. Condenado a 30 anos de prisão, permaneceu no cárcere até 18 de abril de 1945, quando foi beneficiado pela anistia. Elegeu-se senador — o mais votado do Rio de Janeiro, então Distrito Federal — pelo partido Comunista Brasileiro, mas teve a 7 de janeiro de 1948 o seu mandato cassado. No ano anterior, a 7 de maio, o PCB fora proscrito. Com prisão preventiva decretada, Prestes mergulhou na ilegalidade, de onde só saiu no início da década de 60. Com o golpe militar de 64, foi obrigado novamente a se tornar clandestino e, mais tarde, com o aumento da repressão, a sair do país. Em outubro do ano passado ele voltou anistiado com duas bandeiras de luta: a revogação da Lei de Segurança Nacional e a legalização do PC. Empenhado em promover a volta de todos os comunistas ao PCB e defensor de uma autocrítica severa contra o pacifismo do PC na luta contra o regime militar, acabou derrubado do cargo de secretário-geral e passou a ser alvo de crítica dos seus ex-companheiros. Nos comícios e atos públicos é, porém, dos poucos líderes atuais do PCB que desperta entusiasmo no público.

nossos repórteres revelam a verdade sobre...

DA OPOSIÇÃO

Tancredo Neves

Se recuarmos um pouco no tempo, o encontraremos como fiel colaborador de Getúlio Vargas — foi ministro da Justiça no governo constitucional do ditador do Estado Novo. Em setembro de 1961, tomou posse como primeiro-ministro do presidente João Goulart. Durou exatamente 10 meses no cargo. Como foi o governo do hoje defensor de controles sobre as multinacionais e de modificações na Lei de Segurança? Quem responde é o insuspeito economista Cibilis Viana (do PDT, o partido de Brizola): "O sr. Tancredo, através de seu Conselho de Ministros, buscava atrelar a economia brasileira como apêndice da economia capitalista mundial, invocando razões de segurança do mundo ocidental". Foi deputado federal de 62 a 78, quando se elegeu para o Senado. Líder da facção moderada (adesista, para alguns) do antigo MDB, sempre fez "oposição pró-forma". Escolhido presidente do PP, manteve sua fobia anticomunista e definiu-se politicamente: "Faço oposição ao governo, jamais ao regime".

Ulysses Guimarães

Ele desmente, mas sempre aparece alguém para acusá-lo de golpista em 64. De qualquer forma, até hoje Ulysses não esclareceu convincentemente se votou ou não no marechal Castello Branco para presidente da Republica. São suspeitas que carecem de maiores explicações, mas que em nada invalidam o comportamento sempre elogiado desse veterano político paulista, ex-ministro da Indústria e do Comércio (gabinete parlamentarista de Tancredo Neves) e que hoje preside o maior partido de oposição do país. Presidente do MDB durante dez anos, foi uma das vozes mais implacáveis contra os desmandos do regime militar. Comandou o partido nas vitórias eleitorais de 74, 76 e 78, enfrentou cassetetes, bombas e cães da polícia e denunciou torturas aos presos políticos. Resistiu. E empurrou a Oposição no caminho da anistia, da reorganização sindical e da UNE, e lutou bravamente contra o AI-5 ("este ato é forte para cassar e torturar, mas é diariamente derrotado pelo custo de vida"). Não poupou a Lei Falcão ("eleição sem rádio e Tv é mímica de uma farsa"), o "pacote de abril" ("reformar o arbítrio é confirmá-lo") e o general Geisel e a Arena ("o general é o ventríloquo, e a Arena é o seu boneco mais obediente e famoso").

Teotônio Villela

Em 31 de março de 1964, o então vice-governador de Alagoas resolveu voltar atrás de sua obstinada posição legalista, defendida até a véspera do golpe, e aliou-se aos militares que derrubaram o presidente João Goulart. Dirigindo pessoalmente seu automóvel, naquele dia ele comunicou ao comandante do 10.º Batalhão de Caçadores, sediado em Alagoas, coronel Carlindo Simão, que o governo do Estado estava solidário com o golpe. Era o início de uma adesão ao regime militar. A mudança de posição se deu na prática: áspero crítico dos atos institucionais, defensor da anistia, da liberdade sindical, de eleições e das liberdades públicas, foi o único arenista que votou contra a indicação do general Figueiredo à presidência. Na greve dos metalúrgicos foi à rua defender os trabalhadores.

Ivete Vargas

A sobrinha-neta de Getúlio Vargas era deputada federal, pelo PTB, em 1964. Elegeu-se cinco vezes à Câmara, sem o menor brilho. Nunca se destacou como oposicionista. Aliás, ela própria confessa que sua estreita amizade com o general Golbery do Couto e Silva vem de longa data. Nem por isso escapou do vendaval de cassações, em janeiro de 1969. Há dois anos, reapareceu com o projeto de reorganizar o PTB, àquela época na ilegalidade. Saiu na frente de Brizola e pediu o registro do partido. Com a volta de Brizola do exílio, dois PTBs começaram a se formar, e a briga só acabou há dois meses, quando a Justiça Eleitoral, estranhamente, presenteou Ivete com a sigla. Brizola a acusa de ser "uma populista de direita que serve de testa-de-ferro aos planos de Golbery de transformar o PTB em linha auxiliar do governo".

Paulo Brossard

É o caso típico de uma madalena arrependida do arbítrio. Hoje senador pelo PMDB gaúcho e líder no Senado, o fazendeiro Paulo Brossard trabalhou bastante pela queda de João Goulart. Era deputado estadual pelo conservador Partido Libertador quando, em junho de 1964, assumiu a Secretaria de Justiça do Rio Grande do Sul. Logo, apresentou suas armas: mandou suspender por 24 horas a TV-Gaúcha por ter, num programa de variedades, permitido que uma manequim desfilasse de monoquíni. A TV recorreu à Justiça e ganhou uma liminar contra sua decisão arbitrária. Pois Brossard não se conformou e mandou a PM invadir a emissora. Não é de se estranhar a sua atitude; afinal, ele considerou o golpe militar como "legítima reação de autodefesa da Nação contra a anarquia". Em 1970, perdeu a eleição ao Senado para o arenista Daniel Krieger, mas poderia ter vencido se Brizola, do exílio no Uruguai, não tivesse dado ordem para que sua legião de adeptos votasse em branco.

Dom Evaristo Arns

Quando a História do Brasil destes últimos anos de resistência popular contra o regime for escrita, o cardeal Arns — que em outubro completará dez anos à frente do Arcebispado de São Paulo — terá de merecer um capítulo especial. É o líder da corrente progressista da Igreja, que tem desferido violentos golpes contra o regime ao firmar clara e inequívoca posição ao lado do povo. A sua história é rica: denunciou os torturadores do DOI-CODI paulista, organizou um movimento que assiste mais de 200 mil pobres da periferia paulista, deflagrou a primeira campanha nacional pós-64 contra a carestia, abriu as portas das igrejas para que os operários do ABC se abrigassem contra a fúria da polícia e as perseguições do governo. Defendeu a democracia, o sindicalismo e os direitos humanos no Brasil sem fazer discriminações contra ninguém. Aos opositores que tentaram intrigá-lo com as forças anticomunistas foi taxativo: "Gregório veio a São Paulo me dar um abraço".

Leonel Brizola

Dele se pode dizer que é, no mínimo, um homem polêmico. Em agosto do ano passado, "Veja" afirmava: "O demagogo de 1960, radical de 1963, fidelista de 1967 e social-democrata de 1977 volta ao Brasil com a anistia e mostra-se tão cauteloso quanto vago". Em 1959 e 62, quando governou o Rio Grande do Sul, ele revolucionou o Estado: utilizou a Polícia Militar para garantir a posse dos colonos nos latifúndios improdutivos, deflagrou uma vigorosa campanha de educação política antiimperialista pela rádio Mayrink Veiga, que chegou a ter audiência de dez milhões de pessoas; e foi, sem dúvida, o principal organizador da resistência popular que garantiu a posse de João Goulart, após a renúncia de Jânio, em agosto de 1961. Eleito deputado federal pela antiga Guanabara, com 200 mil votos, foi o líder da esquerda mais popular da América Latina — depois de Fidel Castro, é óbvio — nos anos 60, no entender do seu ex-colaborador e hoje adversário, economista Paulo Schilling. De retorno ao Brasil, perdeu para Ivete Vargas o PTB e partiu, com seu novo partido, o PDT, para um plano ambicioso: fundi-lo com o PT de Lula. "Isolados — diz Brizola — eu e Lula temos cada um uma granja. Juntos, podemos formar uma poderosa cooperativa, com mecanização e tudo."

ESPERTAS

Foto Eliana Pastore

Cientista denuncia contaminação atômica

Todas as usinas nucleares brasileiras estão na beira do mar (três em Angra dos Reis e duas no litoral paulista). O físico Mário Schemberg, um dos maiores nomes da comunidade científica brasileira, disse ao REPORTER, *porém, que há "boas razões para não se construir usinas atômicas em praias. Uma delas é que aquela região de Iguape (São Paulo) é um viveiro de peixes muito grande. Angra também. Havendo algum vazamento nos reatores, a água leva radioatividade para o mar, o que altera as condições biológicas. E nós todos vamos ser afetados por isso, pois comemos os peixes".*

Quanto à descoberta de um depósito clandestino de material radioativo em Itu (cidade do interior de São Paulo), Schemberg diz que "não é nem lixo atômico de reator. É de minério de urânio. Mas tem radioatividade ali. Então, se uma pessoa pegar uma carga de radioatividade ali, pode também ficar com câncer e demais doenças". O problema do lixo atômico, segundo ele, é grave. "Até hoje não foi dada nenhuma solução para ele. Leva milhares de anos para as substâncias se degradarem. Algumas levam até um milhão de anos."

Shemberg também afirmou que há grandes possibilidades de haver petróleo no Brasil, porque existem no país muitas bacias sedimentares. Lembrou também que foi o general Geisel "quem decretou que o Brasil seria um país importador e não exportador de petróleo. Ele e Shigeaki Ueki. Isso, para espanto do mundo, que acha que o Brasil poderia ser exportador".

Eleise de Castro

Operário da construtora sumiu na triagem

Agenor Ferreira dos Santos, peão da Camargo Corrêa e um dos líderes da revolta ocorrida na usina da hidrelétrica de Tucuruí (que está sendo construída no Pará), foi violentamente torturado pela empresa tanto no Pará como em São Paulo. Com 25 anos, mas aparentando o dobro, Agenor revela que os peões recrutados para Tucuruí em várias partes do Brasil são tratados como animais pela Camargo Corrêa, obrigados a comer comida de péssima qualidade e vigiados 24 horas por dia pelos guardas de segurança. Estes têm à sua disposição verdadeiros campos de concentração, onde não faltam as saletas de tortura.

"Uma vez, durante o jantar, lá em Tucuruí, deixei cair um copo, que se espatifou no chão. Ninguém percebeu o fato na hora. Isso pelo menos foi o que eu pensei. Mas, na mesma noite, um pouco depois da janta, fui agarrado no meu quarto e arrastado para uma cela que eles construíram no local e fui espancado. Eles me davam murros em todas as partes do corpo e também usavam cassetetes de borracha. Diziam que eu estava apanhando para aprender a não quebrar copos."

Alguns meses depois houve uma grande revolta em Tucuruí contra as péssimas condições de trabalho, num sábado de Aleluia, no último dia 5 de abril. A Polícia Militar interveio e Agenor foi considerado um dos líderes do movimento. Então, a segurança da Camargo Corrêa começou a agir. "Eles vieram no meu alojamento e queriam que eu "dedasse" meus companheiros. Como eu não disse nada, começaram a me esmurrar, chutando meus órgãos genitais. Mesmo assim não disse nada. Eles se irritaram com a minha atitude, pegaram uma mangueira bem grossa, me bateram com ela e a introduziram no meu ânus. Até hoje minha bexiga parece que vai estourar. Não consigo urinar direito."

Mandado para São Paulo, sem emprego, Agenor foi aconselhado por alguns amigos a procurar a Camargo Corrêa para receber algum auxílio, em função dos sofrimentos por que passara. Foi empregado como servente nas obras do Metrô e começou a contar o que tinha acontecido no Pará. Resultado: foi de novo espancado pela guarda de segurança. "Um dia, eles ficaram furiosos comigo e me obrigaram a comer a carteira funcional da empresa."

Depois de tanto sofrimento, Agenor deu queixa à polícia. O 1º Distrito Policial só registrou a queixa depois de muita insistência. Foi lavrado, então, o Boletim de Ocorrência 4548. Agenor acabou indo parar no Cetren — Centro de Triagem e Recolhimento — do governo estadual. De lá ninguém sabe seu destino. E o coronel que toma conta do Centro não gosta muito de falar no assunto. Quem procura saber do paradeiro de Agenor recebe respostas ríspidas.

Antonio Pavone

Palácio dos Bandeirantes, São Paulo: lá dentro, Maluf oferece banquete a tecnocratas do setor de transportes; cá fora, o banquete dos garçons.

Aos gritos de "o sindicato é nosso", um grupo de 200 metalúrgicos de São Bernardo conseguiu realizar uma assembléia em frente ao sindicato, atualmente sob intervenção, depois de três tentativas frustradas reprimidas pela polícia, que chegou a apelar para a violência.

Lula, o único orador, fez duras críticas aos empresários, que nunca estão dispostos a negociar com os trabalhadores. Citou como exemplo o caso dos metalúrgicos do ABC, e lembrou que o mesmo está acontecendo com os funcionários da TV-Tupi: apesar da legalidade de sua greve, não conseguem falar com os empresários. "O que falta é vergonha", disse Lula, lembrando que a Tupi é presidida por um senador da República, o biônico pelo Espírito Santo, João Calmon.

Lula afirmou, também que "temos que nos preparar para a greve, sem saber se ela é ou não legal. Quando um companheiro for mandado embora, vocês têm que parar". Quanto à intervenção no sindicato, disse que "se existe alguém demais, é o interventor, os alemães, os americanos. Lugar de interventor é no Palácio do Planalto. A luta é para recuperar o sindicato para os trabalhadores e não para o Lula".

Silvio de Souza

Bomba!

Uma bomba, utilizada para reprimir manifestações, estourou nas mãos de uma criança de doze anos e decepou dois dedos de sua mão esquerda. Isso aconteceu durante a filmagem, em São Paulo, de "2.ª-feira, greve geral", dirigido e produzido por Leon Hirszman.

Quatro bombas foram deixadas no chão, sem qualquer cuidado, e um dos meninos que trabalhava como figurante no filme resolveu brincar com elas. Um dos artefatos estourou, atingindo sua barriga. O menino foi rapidamente levado para o pronto-socorro municipal da Lapa, sem um dos dedos e com outro preso apenas na pele. Os médicos costuraram esse dedo, já que o outro estava guardado no congelador da produtora de Hirszman e só foi encontrado pela cozinheira da empresa uma semana depois.

Da Lapa, o menino foi transferido para o Hospital Albert Einstein, onde submeteu-se à nova operação, para garantir a mobilidade dos dedos que sobraram em sua mão. Leon Hirszman, que vai gastar nesse filme 22 milhões de cruzeiros em associação com a Embrafilme, lamentou abertamente que o episódio não tivesse ganho as páginas dos jornais, "porque seria promoção para o filme".

Silvio de Souza

ESPERTAS

TV-Tupi paga Cr$4 milhões por mês a João Calmon

De janeiro a maio, morreram quatro funcionários da TV-Tupi de São Paulo, vítimas de enfarte agudo do miocárdio: Walter Tasca, 56 anos, diretor de TV; o "Beija-Flor", 50 anos, repórter; Aloísio Matos, o "Felpudo", técnico de som; e Benedito Batista Guimarães, 31 anos, operador de vídeo. Benedito teve enfarte dois dias depois de receber um "pagamento" com cheque sem fundo. Ele recebera às seis da tarde da véspera de 1.º de Maio. No dia 2 foi ao banco: nada. Morreu.

A história desse e de outros pagamentos frios foi contada por David Nasser — que já pertenceu ao condomínio da Tupi — no jornal **O Estado de S. Paulo**. Nasser revela que o governo do Estado de São Paulo havia depositado Cr$60 milhões em publicidade na conta da Tupi. "Aí, então, o Leori Moura, um rapaz decente que caiu na asneira de ser diretor da TV-Tupi, sabendo que havia Cr$60 milhões no Banespa, tranqüilamente emitiu os cheques do pessoal a noite toda. Quando terminou de assinar, entregou e todo mundo riu. Quando foram receber, não havia fundos. O Leori procurou saber o que houve e foi informado de que o dinheiro destinado ao pagamento dos funcionários havia sido retirado, certamente pelo biônico (Nasser não pronuncia o nome do senador João Calmon por supeıstição). O rapaz ficou desnorteado. E qual a solução que deram para o problema? Mandaram-no embora."

Além dos que já morreram de enfarte, a situação da Tupi, que não paga seus funcionários há mais de 5 meses, fez outras vítimas. Henrique Seyssel Filho, de 35 anos, precisou ser internado às pressas no Hospital Unicor, no dia 17 de junho, com enfarte agudo do miocárdio. Passou lá algumas horas e se restabeleceu. Já Roberto Aguiar Valim, 35 anos, operador de câmara, tomou veneno. E Juraci de Mutiis, 39 anos, chefe do Departamento de Cenotécnica, está internado desde os primeiros dias de maio na Clínica Maia: "quase fiquei maluco", diz ele. A crise na Tupi, os salários atrasados, os compromissos que não puderam ser saldados, o desespero da esposa o levaram a tornar-se um homem agressivo e a dizer coisas desconexas.

Enquanto os funcionários da Tupi enfrentam situações de desespero, e alguns até morrem, o senador biônico João Calmon, que dirige o condomínio que administra a empresa, recebe seus salários e suas verbas de representação rigorosamente em dia. Sua retirada mensal, até recentemente, era de Cr$ 2.162.810,00. Mas Calmon, ainda por cima, ganhou um aumento de 80%, o que significa que seus ganhos estão agora próximos de Cr$ 4 milhões.

Reginaldo Fernandes

Empresa	Salário	Representação
Jornal do Comércio de Manaus	Cr$ 37 034,00	Cr$ 5 556 00
Provincia do Pará	Cr$ 66 679,00	Cr$ 10 001 00
O Imparcial do Maranhão	Cr$ 27 783,00	Cr$ 4 167 00
Correio do Ceará	Cr$ 44 452,00	Cr$ 6 667 00
Diário de Nata	Cr$ 37 044 00	Cr$ 5 156 00
O Norte da Paraiba	Cr$ 37 044,00	Cr$ 5 156 00
Diário de Borborema de C Grande	Cr$ 35 191,00	Cr$ 5 258 00
Jornal de Alagoas	Cr$ 16 669 00	Cr$ 2 500 00
Diário de Pernambuco	Cr$ [illegible] 037,00	Cr$ 30 005 00
Diário de Notícias de Salvador	Cr$ 18 522 00	Cr$ 2 778 00
Estado de Minas	Cr$ 233 377 00	Cr$ 35 006 00
Diário Mercantil de Juiz de Fora	Cr$ 25 930 00	Cr$ 3 889 00
Diários Associados de Porto Alegre	Cr$ 25 930 00	Cr$ 3 889 00
Diários Associados Limitada (Rio de Janeiro)	Cr$ 83 349 00	Cr$ 12 502 00
Sima (empresa de distribuição de notícias sediada no Rio de Janeiro)	Cr$ 7 408 00	Cr$ 1 111 00
Jornal do Comércio do Rio de Janeiro	Cr$ 251 899,00	Cr$ 37 784 00
Empresas de São Paulo (TV-Tupi, Canal 4; Diário da Noite; Rádio Tupi e Rádio Difusora)	Cr$ 800 000 00	Cr$
Total	Cr$1 986 000 00	Cr$177 810 00
Total geral Cr$	Cr$2 162 810 00	

A Secretaria de Comunicação Social (Secom), que tem como função vender a "boa imagem" do governo, tem um orçamento realmente fantástico: Cr$ 772,2 bilhões. Esse orçamento é mais de 800 vezes superior ao do Ministério da Saúde, que não passa de Cr$ 9,6 bilhões, e mais de 20 vezes maior que o do Ministério da Educação, que teve de se conformar este ano com Cr$ 34,6 bilhões. Além disso, o orçamento da Secom é maior também que o da Previdência Social, que arrecada 8% do salário de cada trabalhador e tem à sua disposição, este ano, Cr$ 545,4 bilhões.

O único ministério que consegue bater a Secretaria é o das Minas e Energia, cujo orçamento é de Cr$ 1,2 trilhão.

Ricardo Bueno

Na URSS também há cartolas, como prova esta foto tirada no Maracanã depois da vitória sobre a seleção brasileira. Até aí, nada demais. O detalhe é que a elegância não é muito respeitada. Um dos cartolas está de terno, gravata, mas com as canelas à mostra. Não usa meias. Terá sido apenas esquecimento?

Escola Americana troca água

Só muito depois que o REPORTER denunciou o mal que atacou parte dos alunos da Escola Americana foi que a notícia mereceu atenção da grande imprensa. Apenas 11 dias depois, *O Estado de S. Paulo* publicou uma nota sobre o assunto e, no dia seguinte, *O Globo* saiu com uma manchete no alto da página: "Escola na Gávea reabre com água ozonizada". Depois, durante quatro dias, o Jornal carioca continuou acompanhando o assunto. Quando o REPORTER foi às bancas, no dia 4 de junho, com uma chamada de capa ("Vírus misterioso ataca no Rio — Escola Americana foi fechada"), o problema na Escola Americana ainda não causara vítimas fatais. Mas três dias depois se soube que a estudante Miryam Blanco tinha morrido ainda em maio e mais de 120 funcionários do estabelecimento continuavam tendo problemas com diarréia, vômito, dor de cabeça e febre. A escola foi desinterditada no dia 9 de junho, pois a Secretaria de Saúde alega que a bactéria *Shigella Sonney* — a causadora da doença, segundo a Saúde Pública — não tem tanta gravidade, embora uma carta enviada aos pais dos alunos reconheça que não se trata de um tipo simples de infecção. Para ser liberada, a escola teve que passar a consumir água mineral, e será obrigada a fazer nas férias uma série de obras exigidas pela Secretaria de Saúde.

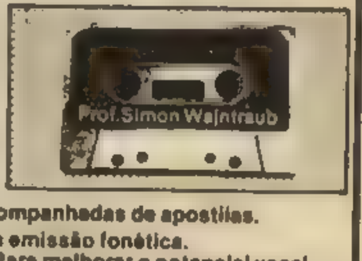
Tim Lopes

Motoristas não querem álcool

Motoristas de táxi de São Paulo estão abandonando o álcool. É isso mesmo. Quem pôs motor a álcool quer trocar; quem não pôs, não quer saber mais. Dizem os motoristas que o álcool está saindo mais caro do que a gasolina, pois o gasto é muito maior. Com o álcool, não fazem mais de cinco quilômetros por litro, quase a metade da gasolina. Com o álcool a Cr$ 18,00 o litro, dá prejuízo. Além disso, o carro a álcool "puxa" menos na hora de subir ladeira. Exige que o carburador seja limpo uma vez por mês. E o carro não anda quando o álcool chega à "reserve". Todos esses problemas o motorista teve que descobrir na praça, porque quando comprou o motor a álcool não foi avisado de nada. O que mostra que esses motores foram lançados sem testes prévios: quem está testando é o motorista de táxi.

Você sabe muito, mas não transmite nada!

Prof. Simon Wajntraub, idealizador do método cibernético para correção dos problemas de fala e diretor de um centro de pesquisa nesta área com filiais em vários estados brasileiros, resolveu implantar um sistema por correspondência para você aprimorar a sua comunicação [illegible].



Três fitas cassete acompanhadas de apostilas.

1 — DICÇÃO: Para melhorar a emissão fonética.
2 — IMPOSTAÇÃO DA VOZ: Para melhorar o potencial vocal.
3 — ORATÓRIA: Técnicas vocais para - LOCUÇÕES, REUNIÕES, CONFERÊNCIAS, DISCURSOS.

E também poesias de Simon Wajntraub interpretadas por ele mesmo.

ATENÇÃO!

É importante frisar que estas fitas não têm valor para pessoas portadoras dos seguintes problemas fonatórios - GAGUEIRA, VOZ FINA, ROUCA, ANASALADA, PERDA DA FALA, ATRASO DE LINGUAGEM
Nestes casos a correção necessita de um acompanhamento técnico, com a nossa equipe de fonoaudiólogos em uma das nossas filiais
Rio de Janeiro - Rua Santa Clara, 75 Sala 402 — Tels.: 236-5185 e 236-5223, DDD 021
Brasília - CNB 5.010 TEL: 226-5751
Goiânia - Parthenon Center 1.313
Belo Horizonte - Rua Paraíba, 1.317, Sala 217 e Salvador-BA.

1 fita com apostila - Cr$ 750,00.
As 3 fitas com as apostilas - Cr$ 2.000,00
Envie vale postal ou cheque nominal ao CENTRO DE PESQUISA DA FALA. Rua Santa Clara, 75 Sala, 402 - Copacabana, Rio de Janeiro — CEP 20041 — Faça o pedido p/tel. ou carta

"E boas falas"

ESPERTAS

Governo censura cobertura do Papa

A Secretaria de Comunicação Social (Secom), do governo federal, está procurando exercer rigoroso controle sobre a cobertura da imprensa a respeito da visita do Papa. Para evitar "notícias desagradáveis", a Secom censurou nomes de profissionais que não considera confiáveis, porque têm uma visão crítica da realidade brasileira. Diversos diretores de rádio ficaram desesperados porque, em cima da hora, tiveram que trocar vários nomes das equipes que haviam escalado para fazer a cobertura. Outro dia, na rádio Capital, na sala do diretor Hélio Ribeiro, um funcionário contava as observações de um coronel da Secom: "Valéria ... esta aqui não esteve cobrindo a greve do ABC?" ... "Ramos Gadelha, não; tem posição anti-sionista?" ... e assim por diante.

Mirna Gorzich

Foto Rogério Carneiro

• REPORTER **virou trabalho de uma turma do curso de Comunicação da PUC, no Rio.** Uma experiência que deu certo — **é o título da pesquisa que mostra como o jornal foi criado, se desenvolveu, ganhou público com uma proposta de imprensa popular independente. No dia da apresentação do material recolhido,** REPORTER **foi chamado para contar, ao vivo, seus dois anos e meio de vida.**

SUPERMERCADO ROUBA ATÉ NO PREÇO DA SOJA

Como o feijão preto sumiu, e quando aparece é por 60 cruzeiros o quilo, o governo resolveu colocar à disposição do consumidor uma mistura de feijão preto com soja, que os tecnocratas de Brasília chamam de **black and white**. Acontece que, ao comprar um quilo dessa mistura de gosto duvidoso, o consumidor está sendo lesado.

É simples provar isso. O feijão preto está tabelado a Cr$ 23,60 o quilo e a soja teve seu preço determinado pelo governo em Cr$ 18,00 o quilo. Ora, somando esses dois preços e dividindo por dois dá Cr$ 20,80. Mas o quilo do **black and white** vem sendo vendido a Cr$ 32,00, o que é no mínimo estranho.

Estranho também é o sumiço do feijão preto, porque nos bastidores técnicos do governo dizem que feijão há, só que está escondido. Onde? Alguns se arriscam a dizer que uma parte anda escondida nos depósitos da Casas Sendas e da Casas da Banha, esperando que o tabelamento seja suspenso. Os donos dos supermercados estão esperando que o governo deixe os preços livres para então encherem as prateleiras com o produto e cobrarem o que quiserem.

Quem está com muito feijão nas mãos também são as cooperativas e os grandes tubarões do atacado, que compraram o produto barato dos pequenos produtores. Estes venderam o saco de 60 quilos por aproximadamente Cr$ 1.000,00, e os atacadistas agora estão revendendo esse feijão a Cr$ 2.400,00 na Bolsa de Cereais do Rio. Um lucro de Cr$ 1.400,00 por saco.

Wilson Timótheo

Há cerca de um ano o Instituto Nacional de Propriedade Industrial (INPI), um órgão do Ministério da Indústria e do Comércio, mudou-se da Praça Mauá para um prédio mais moderno na Praça da Bandeira, no Rio. A mudança custou Cr$ 19 milhões. Depois da mudança é que o INPI descobriu que o andar a que tinha direito na Praça da Bandeira não possuía solidez suficiente para agüentar seu enorme arquivo, com processos sobre registros de patentes. Resultado: o INPI teve que voltar atrás e se mudar de novo para a Praça Mauá. Torrando, é claro, mais Cr$ 19 milhões.

Ricardo Bueno

Indústria do ABC corta salários pela metade

As demissões continuam atingindo os metalúrgicos de todo o ABC, onde os patrões pinçam os ativistas sindicais, de preferência. E não são só eles que estão perdendo o emprego.

Na General Motors, de São Caetano, por exemplo, o metalúrgico que atingiu o teto de cerca de 74 cruzeiros a hora é "trocado" por outro de 39 cruzeiros.

Mas a situação continua mais séria em São Bernardo, onde aproximadamente 5 mil trabalhadores foram demitidos. Destes, cerca de mil por "justa causa".

O fundo de greve dos metalúrgicos de São Bernardo continua em plena atividade para ajudar esses trabalhadores demitidos. No final do mês de junho duas atividades foram realizadas para arrecadar dinheiro: uma quermesse no "arraial", montada no estádio da Vila Euclides, e um show de música, sob a liderança de Chico Buarque, que vinha sendo adiado desde a greve porque a Polícia Federal proibia.

Sílvio de Souza

Villares tira descanso dos trabalhadores

Na Ferropeças Villares, uma das empresas do poderoso grupo Villares, em São Bernardo, os trabalhadores estão sendo obrigados a tomar o café sem parar a produção, desde que a empresa suspendeu a parada de 10 minutos a que os funcionários tinham direito, e que servia na verdade como um descanso.

Uma metalúrgica perguntou para a chefia como é que ficava a situação daqueles que não tomam café, já que perderam os 10 minutos: "Quem não toma café não existe", respondeu o chefe. O que ele não respondeu é quem vai pagar as cinco horas mensais a mais que os trabalhadores passaram a dar para os Villares.

Sílvio de Souza

PROIBIDO LER

CASSANDRA RIOS

A Escritora mais proibida do Brasil.

Há anos Cassandra Rios enfrenta a censura. Mas segue escrevendo os livros eróticos de maior sucesso no Brasil.

Com a mudança de Governo e abrandamento da censura, os seus livros voltam a circular.

Ler Cassandra Rios é sentir prazer.

A VOLUPIA DO PECADO - 368 pags Cr$ 360 00 Ref 1549
A SERPENTE E A FLOR - 190 pags Cr$ 180,00 Ref 0471
CARNE EM DELIRIO - 190 pags Cr$ 150 00 Ref 0620
TARA - 194 pags Cr$180 00 Ref 0642
A NOITE TEM MAIS LUZES - 230 pags Cr$ 200 00 Ref 0375
VENENO - 356 pags Cr$ 250.00 Ref 0638
TESSA A GATA - 122 pags Cr$ 150 00 Ref 5735
MACARIA - 200 pags Cr$ 200.00 Ref 1572
MARCELLA - 136 pags Cr$ 140,00 Ref 5726
MARIA PADILHA - 124 pags Cr$ 150 00 Ref 1402
PATUA - 104 pags Cr$ 150 00 Ref 1403
O GAMO E A GAZELA - 259 pags. Cr$ 230,00 Ref 1325
AS VEDETAS - 344 pags Cr$ 320 00 Ref 1315
MUROS ALTOS - 354 pags Cr$ 300,00 Ref 0370
NICOLETA NINFETA - 150 pags Cr$ 140 00 Ref 0731
UM ESCORPIAO NA BALANÇA - 252 pags Cr$ 240,00 Ref 0691
GEORGETTE - 216 pags Cr$ 210 00 Ref 1548
UMA AVENTURA DENTRO DA NOITE - 102 pags Cr$ 140,00 Ref 1435

Grátis: *Um livro-brinde (será um romance de agradável e fascinante leitura) para pedidos no valor ou acima de Cr$ 500,00 E você não paga as despesas postais*

PREENCHA O CUPOM IMEDIATAMENTE
ENVIE HOJE MESMO PARA
MARGEM EDITORIA E PROGRAMAÇÃO GRÁFICA
Rua Miguel Couto, 134 — 11º and. — Rio de Janeiro — RJ — 20070
NÃO MANDE DINHEIRO AGORA. Só pague ao retirar seu pedido no Correio.

Recorte nosso endereço e cole no envelope

MARGEM EDITORIA E PROGRAMAÇÃO GRÁFICA
Rua Miguel Couto, 134 11º and
Rio de Janeiro – RJ

Escreva com letra bem fácil de ler para evitar enganos

Desejo receber pelo Reembolso Postal os livros assinalados.

☐ Ref 1549 ☐ Ref 0471 ☐ Ref 0620 ☐ Ref 0642 ☐ Ref 0375 ☐ Ref 0638
☐ Ref 5735 ☐ Ref 1572 ☐ Ref 5728 ☐ Ref 1402 ☐ Ref 1403 ☐ Ref 1325
☐ Ref 1315 ☐ Ref 0370 ☐ Ref 0731 ☐ Ref 0691 ☐ Ref 1548 ☐ Ref 1435

Nome ____
Endereço ____
Cidade ____ Estado ____
CEP ____

Assinatura

Leio assiduamente esse SUPER jornal REPORTER que, sendo pequeno no tamanho, é grande no conteúdo e, neste número 30, uma reportagem tomou conta de mim e deixou-me com água na boca. Refiro-me aos jogadores do Flamengo, campeoníssimos do Brasil, nus no vestiário. Que maravilha, gente! O Tita, o Nunes (que infelizmente não mostrou o que ele tem de bom e gostoso), o Roberto e Wilsinho, que mesmo não sendo rubro-negros são homens maravilhosos. Repitam a dose, por favor! E não esqueçam do Zico, Rondinelli, Mazaropi, Edinho, Dé e outras maravilhas do futebol. (Valmar Santos — São Paulo — SP)

TORCEDOR QUER VER A REALIDADE DO FUTEBOL

"Em intenção de colaborar envio algumas sugestões. O que pretendo realmente opinar é sobre a parte esportiva, em particular sobre o futebol, pois para mim é de interesse saber temas sobre a estrutura futebolístico atual, já que curso o 3º ano de educação física e vou me especializar em futebol. Sendo assim, é importante não só profissionais, como o povo que sustenta e faz esse esporte ser o que é. O mais importante é que vocês sejam originais, e não repetir o que podemos encontrar em outros jornais e revistas; então selecionei algumas sugestões que gostaria de ver na reportagem

*— **As torcidas** — os torcedores suas alegrias e frustrações, as dificuldades financeiras para assistir o jogo, chegar ao estádio, a mulher no futebol, as apostas entre os torcedores, os seus sonhos de falarem com seus ídolos, os penetras dos vestiários.*

*— **Os times** — seu ambiente natural, o sonho, esperança, as ilusões, o time antes do jogo, o vestiário da vitória, da derrota.*

*— **Os jogadores** — quem são, o que pensam, como chegaram lá, a sua vida profissional.*

Um tema que nunca li em lugar nenhum, que embora ocorra, é do homossexualismo. Seria interessante uma reportagem sobre isso, não sabendo apenas opiniões, mas buscando fatos, que surgem, mas que em futebol é muito encoberto. Por favor, não divulguem nomes, pois o jogador precisa manter uma imagem perante o preconceituoso público brasileiro, que só admite os machões.

Sobre as fotos, gostei da gozação com os jogadores do Palmeiras, e considero melhor publicar fotos originais e criativas, aquela sobre os pelados no vestiário achei que foi válido, embora não vou admirá-las, pois o que gosto é de mulher, mas acho que o público feminino e gay merece. Só que vocês só mostraram os clubes cariocas, e vocês sabem que essas fotos indiscretas dos jogadores do Rio, pode funcionar como uma vanglória dos paulistas, gaúchos, etc, de considerarem seus vestiários protegidos contra vocês, e eles vão gozar os cariocas, por mostrarem as bundinhas de seus ídolos."

*(**Zé Luiz — Rio de Janeiro**)*

DENÚNCIA DE LEITOR

Sendas segue roubando na indenização

"Faltei um sábado e ao chegar na segunda-feira para o serviço fui chamado ao escritório. Queriam me dar uma suspensão de 3 dias. Falei que não aceitava e me demitiram. Me disseram então para voltar 8 dias depois e acertar as contas.

Quando voltei, perguntaram se eu queria fazer acordo. Tenho direito a receber 30 mil e quinhentos cruzeiros, sem contar 14 dias que trabalhei. O sujeito do Departamento de Pessoal disse que me dava 12 mil cruzeiros. Não aceitei e combinei voltar oito dias depois. Fui lá de novo e ele quis me dar 15 mil. Falei que não dava e aí ofereceram 17 mil. Eu disse para ele: se vocês quiserem acordo têm que me dar 25 mil. Aí tá tudo certo. O sujeito falou que não e disse que se eu quisesse receber que botasse a questão na Justiça. Disse que eu não fosse mais lá porque ele ia bater com a porta na minha cara.

Fui para o Ministério do Trabalho e estava lá na porta quando apareceu um sujeito e acabou me levando a um advogado (Newton Silveira de Souza, Av. Churchill, 94 — sala 507). Lá me disseram que iam ficar com a minha questão e que ia ter que pagar 30% do que recebesse. Assinei duas folhas de papel em branco e o advogado só apareceu para me dizer que estava tudo bem, 'vamos ver como é que fica'.

Severino de Oliveira

Agora não sei o que vai ser daqui pra frente" (Severino de Oliveira — Rio de Janeiro)

CORREIO HETEROSSEXUAL

● "Em virtude da mulher brasileira se queixar de que é mal amada, "O Divino" está colocando seus serviços sexuais à disposição de todas as mulheres, independentemente de cor ou idade, afim de proporcionar-lhes o verdadeiro prazer da vida. "O Divino" promete sigilo absoluto. (**Caixa Postal, 2516 — CEP 20010 — Rio de Janeiro**)."

● *"Se você é uma garota que curte sexo (total) e está precisando de companhia, escreva-me e se possível envie foto. Sou moreno, 1.70m, 26 anos.* (**Mário — Caixa Postal, 1.607 — CEP. 20010 — Rio de Janeiro**)."

● "Só para mulheres: rapaz moreno-claro, jovem universitário, financeiramente estável, deseja corresponder-se com mulheres de 20 a 35 anos, mesmo bissexuais, para troca de idéias ou... Favor, se possível, enviar fotos desinibidas ou não na primeira carta para: **Beto — Caixa Postal, 4806 — CEP.20100 — Rio de Janeiro**)."

● "Profissional liberal, universitário, 30 anos, socialista, militante de partido legal de oposição, boa aparência, procura companheira atraente e progressista, até 35 anos, para relacionamento descontraído e eventual futuro compromisso. Cartas com foto para **Ulysses — Caixa Postal, 4549 — CEP. 20100 — Rio de Janeiro.**"

● *"Se você leu um anúncio publicado no REPORTER de maio, e escreveu para Charles Junior — Caixa Postal, 10.058, e não obteve resposta, por favor escreva para o seguinte endereço: Rua 21 de abril, 13 — apt.º 201 —* **CEP. 24240 — Niterói — RJ — Charles O. Junior.**"

ATENÇÃO, MULHERES!!

"É com o máximo prazer que venho por meio desta me parabenizar com o Jornal REPORTER pelo seu trabalho junto aos seus leitores. Participo do Correio Heterossexual com muito orgulho, pois através deste iniciei relacionamento com mulheres que escreveram-me. E é justamente por causa destes relacionamentos que eu sugiro ao jornal a realização de uma matéria envolvendo a mulher e o correio heterossexual. Sabem vocês que a mulher fica indecisa, envergonhada talvez, em corresponder-se com os anunciantes do correio e dizer que está carente de amor, carinho, afeto ou sedenta de sexo. Tudo isto é atribuido à idade, pois ela não se acha mais aquele brotinho de alguns anos atrás e acha que está caindo no ridículo.

É preciso que vocês digam a elas que o importante é ser mulher, sentir o que toda mulher sente, e não levar em conta a idade que tem e sim o calor intenso que ela possui de um amor louco que só conseguirá extravazar havendo um contato carnal. Espero que não me entendam mal e desculpe-me pela intromissão, mas estou dizendo aquilo que sinto em meus contatos"

("Tato", "O Divino" — Caixa Postal, 2516 — CEP. 20010 — Rio de Janeiro).

Marinha também engana funcionário

A barra anda pesada no Arsenal de Marinha, no Rio de Janeiro. Um funcionário do Arsenal veio à redação do REPORTER e denunciou como estão as coisas lá. Seu nome não pode aparecer, senão ele perde o emprego.

"No Arsenal o horário de entrada é às 7 horas e 15 minutos. Quem chega um minuto atrasado, quer dizer às sete e dezesseis, perde um terço do salário do dia.

Se o funcionário falta e traz atestado do INPS, esse atestado não é aceito pelo Arsenal. O funcionário leva advertência e logo após suspensões que variam de 1 a 20 dias, sem remuneração.

Além disso, no Arsenal todo mundo é mensalista. Pela lei trabalhista o mensalista só perde o dia que não trabalhou. Mas lá perde o domingo e se tiver feriado na semana também perde o feriado.

A comida é feita em local pouco higiênico, com baratas e ratos. E os fiscais do Ministério do Trabalho estão proibidos de entrar no Arsenal para ver problemas de insalubridade e saber se o INPS está sendo recolhido ou não.

No dia do pagamento é uma bagunça danada. São só seis guichês para fazer o pagamento de 8 mil funcionários. Se você não quiser entrar na fila, tem que jogar 100 cruzeiros na mão do marinheiro que está no guichê.

Outro problema é o pernoite. Se você for escalado para o pernoite e não ficar, se mandar às 5 horas, na volta ganha justa causa. E esse pernoite nunca é avisado com antecedência, só no dia, deixando a família de quem fica lá preocupada.

Tem mais. Os chefes te perseguem para pedir demissão, porque no Arsenal eles mandam funcionários embora para admitir outros com salários menores. Se tem aumento de salário em maio, em abril eles demitem gente à bessa. Já chegaram a demitir 1.200 funcionários de uma vez só. Como se tudo isso não bastasse, você entra às 7.15 e só sai às 5 da tarde. Eles não te deixam sair no meio do expediente de jeito nenhum. Se a tua mulher tiver passando mal, vai morrer. Pra ela entrar lá dentro tem que enfrentar uma burocracia danada. E na saída, no final do expediente, homens e mulheres são revistados por sargentos pra ver se não estão levando alguma coisa. Uma humilhação danada".

SHOW BIS

Blow-up, um show cheio de sacanagem

Um show de mulheres bonitas. E peladas.

– Carlos Imperial está de volta às noites cariocas. Blow-up, *sua nova produção, pode ser vista todas as noites na boate Capricornius, na Av. Prado Junior, a partir da uma da madrugada. O* show *tem a duração de uma hora e se caracteriza pela presença de mulheres bonitas: Vera Garrido, Sonia Montenegro, Kelly, Bianca, Lilian Vernon, Vilma Duarte, Lucia Cortez, Liana Lemos, Cecilia Zalazar e Marli Mendes, "as meninas do Imperial". O espetáculo é conduzido pelo showman Jan Jackson e conta ainda com a participação do bailarino Alex Matos. A coreografia é de Cecilia Zalazar, que já trabalhou antes com Carlos Imperial em outras produções e se apoia em jazz, música clássica e pop em ritmo de discoteque. O ponto culminante do* show *é o* streap-tease *completo de Marli Mendes, a mais nova descoberta de Carlos Imperial. Considerada pelas pessoas que têm assistido ao show uma das mulheres mais bonitas que já pintaram numa boate carioca, Marli Mendes, natural do Rio Grande do Sul, esta ha alguns meses no Rio, e pela primeira vez se apresenta num* show.*Com* Blow-up, *Carlos Imperial pretende iniciar "um processo de renovação das noites cariocas, atualmente sem muitas opções, melhorando o nível dos espetáculos, sempre com a presença de mulheres bonitas". Com esse objetivo foi criado o Centro Artístico Copacabana, coordenado por Sandra Escobar, onde as "meninas do Imperial" aprendem dança, balé, arte dramática e expressão corporal.*

Virgílio Duarte

Luís Gonzaga, o pai, decidiu finalmente entrar para a política, coisa que já vem pensando fazer há algum tempo. Vai se candidatar a deputado em Pernambuco, com a pretensão de fazer alguma coisa pelo povo, trabalhar ao lado do povo. Até aí, tudo bem. Só não se sabe se ele vai conseguir isso dentro do PDS, o partido do governo e pelo qual vai se candidatar. Como é que se faz alguma coisa pelo povo dentro de um partido antipopular?

Chico Júnior

Ednardo ataca de maconha, mãe, filha e guerrilha

Foto de Rogério Carneiro

Ednardo

Manga rosa, maria joana, massa. Três termos usados para denominar a maconha aí pelo Brasil. E que estão na música **Manga Rosa**, do último disco do cearense Ednardo (diga-se de passagem, uma das mais bonitas do disco).

Uma saudação à maconha, Ednardo?

Dá um sorriso maroto, diz que fica sem graça diante da máquina fotográfica, aperta as mãos e fala manso: "Que isso, rapaz! Não vá me complicar."

Então explica.

— É difícil explicar uma poesia, mas vamos lá. A **Manga Rosa** toca no tabu da maconha, é claro, mas não se trata de fazer apologia, e sim de falar numa coisa que taí, uma coisa que é fumada pelos índios e que não faz mal pra eles. Sem supervalorizar a maconha. Mas a **Manga Rosa** é muito mais ampla do que isso, mais ampla do que qualquer entendimento. Para você ter uma idéia, massa quer dizer povo também. É uma música que tem sensualidade porque chupar manga é muito próximo de chupar o peito, que é próximo do amor. Eu usei na música uma trilogia que é muito importante pra mim: minha mãe (Maria), minha mulher (Rosane, Rosa) e minha filha (Joana). Daí os versos Maria Rosa/Rosa Maria Joana/Peitos gostosos. Portanto, é uma música muito importante pra mim e que representa todo o espírito do disco. Por isso, ela abre o disco.

Desde **Pavão Misterioso**, Ednardo não aparecia nas paradas. Mas agora taí de novo com **Enquanto engano a calça**, "uma história bem curtinha, fácil de cantar, porque cantar parece com não morrer", onde ele diz que utiliza a brincadeira para abrir a cabeça das pessoas, para abrir o coração das pessoas. Uma música que mostra a importância de se valorizar a vida.

— Valoriza a vida porque nos últimos 15 anos se valorizou muito a morte.

Em Araguaia, outra bela música do disco, Ednardo fala da morte, do companheiro morto na triste guerrilha. Araguaia fala da guerra que a gente enfrenta no dia-a-dia, e ao mesmo tempo é, como ele define, uma música reportagem, que utiliza um acontecimento e presta uma homenagem aos companheiros mortos.

— A guerrilha era uma lacuna na música, não tinha nenhuma referência musical. Alguns companheiros meus de faculdade morreram lá. A violência é uma coisa triste, a morte também, mas é importante a gente entender que Araguaia é o curso do rio, que é o curso da vida. E que é o "meu Araguaia", como eu digo na música. Afinal, eu tenho direito de ter um Araguaia.

O disco é cheio de brasilidade, feito com a preocupação de quem quer apresentar uma reportagem musical do Brasil.

— Pra isso eu andei muito pelo Nordeste. Me apresentava numa cidade e ficava uns 10 ou 15 dias por lá, vendo o povo, sentindo a região. Isso me permitiu ver uma série de coisas que eu não veria ficando no Rio ou em São Paulo. O trabalho fica muito diluído. É importante, por exemplo, você sentir Brasília, a encruzilhada do Brasil, onde tem gente de todo canto. É importante entender aquela cidade.

Agora, Ednardo está acabando de gravar mais um disco, que será lançado em agosto, no Ceará, quando também será lançado o disco Massa-Feira (gravação ao vivo do festival artístico e cultural de Fortaleza), produzido pelo próprio Ednardo e onde ele canta com o também cearense Belchior. Depois vem descendo, e em setembro se apresenta no Rio e em São Paulo, mostrando mais Brasil.

Chico Júnior

FUNARTE FOTOGRAFA A CLASSE MÉDIA

● A Classe Média Brasileira é o tema da exposição de fotografias que pode ser vista até o dia 11 deste mês na Funarte (rua Araújo Porto Alegre, 80 — Rio), reunindo 64 trabalhos de 39 fotógrafos de todo o Brasil. A exposição, coordenada por Zeka Araújo, merece ser vista.

Foto de Chiquito Chaves

● O Núcleo de Fotografia da Funarte informa que no dia 7 de julho a fotógrafa norte-americana Elaine O'Neil fará uma palestra no Centro Cultural Cândido Mendes (rua Joana Angélica, 63 — Ipanema), onde ela está expondo junto com o também americano William Burke. A palestra será acompanhada de projeção de *slides* e debates.

● Outra da Funarte: os fotógrafos, profissionais e amadores, estão convocados para participar da coletiva "Visita do Papa ao Brasil". O Núcleo não quer apenas expor o retrato do Papa, mas mostrar todo o movimento em torno de sua visita. Cada fotógrafo deverá mandar até cinco fotos, no tamanho máximo de 28cm para as fotos quadradas e até 36cm para as retangulares, em cor ou preto e branco. Deverá enviar, ainda, duas fotos de cada original, no tamanho 18×24, em papel brilhante e em preto e branco, para impressão do catálogo da exposição e para divulgação na imprensa.

● A Galeria de Arte da Fundação Casa do Estudante do Brasil está apresentando a exposição de Alice Varajão, Carlos Nogueira "Bill", José Rosário e Plínio Menezes Cortes, composta de fotos/textos, com o título "Carinho, Amor e... Velhice". O endereço é praça Ana Amélia, n.º 9 — Castelo.

LIVROS

● **Entreguismo** — Com a coordenação do jornalista Ricardo Bueno, a Editora Vozes lançou "O ABC do entreguismo no Brasil", um levantamento mostrando as origens da política entreguista em nossa história e como foi intensificada depois do golpe de 1964. Anteriormente, o autor havia publicado com sucesso (já na terceira edição) "Por que os preços sobem", tão didático quanto este

● **Conselheira** — A Nórdica está lançando um livro de crônicas de Marina Colasanti — "A nova mulher" — seguindo uma iniciativa de promover a literatura cuja preocupação central seja a questão da identidade da mulher nos dias de hoje. A autora se situa no nível de crônicas-conselhos de alguém que já se considera devidamente amadurecida Falta talento

● **Revelação** — Afinal, um escritor do cotidiano, um escriba do urbano e um talento promissor na nova geração de contistas brasileiros: João Gilberto Noll. Lançado neste início de mês, "O cego e a dançarina" marca a estréia do autor com um livro interessante. A militância política aparece de forma tocante em "Ruth e conversações de amor". O sexo desponta como ponto de convergência do livro e o monólogo "Irmã linda" desvenda a solidão de uma freira frente à vida sexual.

● **Guerrilha** — O comandante revolucionário, o estadista, o teórico e o político se reúnem em "Passagens da guerra revolucionária", primeira edição brasileira do livro de Ernesto Che Guevara, editado pela Codecri, numa tradução de Olga Savary. Sua importância está em que Che pôde escrever neste livro uma história da qual participou, na luta contra o regime de Fulgêncio Batista, o ditador cuja derrota marcou a etapa inicial da revolução cubana

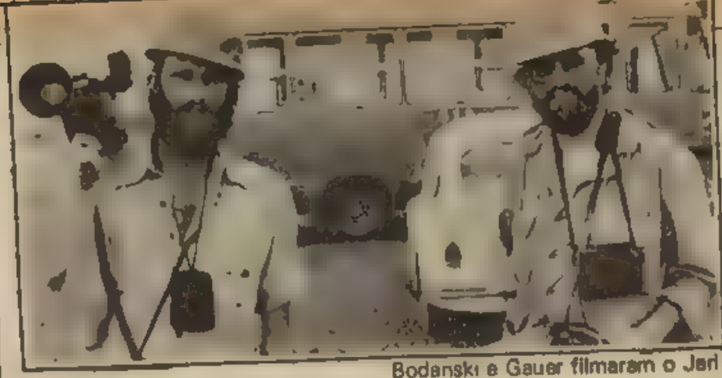
● **Henry Miller** — Inimigo da decadência e do consumo, adversário impiedoso do sexo mecânico, opositor do casamento convencional, morreu Henry Miller, uma espécie de "último puritano" às avessas, embora temível adversário da hipocrisia e do falso moralismo. Ficou mundialmente famoso como o escritor que trouxe respeito à literatura pornográfica. Seus livros mais conhecidos no Brasil são as novelas autobiográficas: "Trópico de Cancer", "Trópico de Capricórnio" e a trilogia "Sexus, Plexus e Nexus". Miller foi um escritor da própria vida: experimentou várias atividades profissionais, de coveiro a vendedor de livro, de lixeiro a mendigo.

● **China** — Fartamente ilustrado com fotos e charges, outro jornalista, Henfil, conta em livro sua visita à China, feita, como faz questão de frisar, antes da chegada da Coca-Cola. Ao lado da descrição do cotidiano, com suas profundas diferenças da vida ocidental, o livro reúne bom número de informações sobre as condições sócio-econômicas e culturais da população chinesa Lançamento da Codecri.

● **Os mais vendidos** — Pesquisa do REPORTER no Rio e em São Paulo indica, segundo os livreiros, os três livros mais vendidos: 1.º) "O que é isso, companheiro?", de Fernando Gabeira (Codecri); 2.º) "O Projeto Jari — A Invasão Americana", de Jaime Santchuk (Brasil Debates); 3.º) "Dicionário do Palavrão", de Mário Souto Maior (Guararapes).

Sérgio Danilo

JARI AGORA É FILME QUE DENUNCIA O PROJETO



Bodanski e Gauer filmaram o Jari

Jari, documentário filmado por Jorge Bodansky e Wolf Gauer, coloca diante de nós, com a dimensão que só a imagem é capaz de transmitir, o que acontece no "País de Mister Ludwig". O Projeto tem sido alvo de várias denúncias, através de artigos e reportagens; um livro já foi publicado, Jari — A Invasão Americana, de Jaime Sautchuk, mas pela primeira vez temos a oportunidade de ver cenas filmadas no local.

O filme só pôde ser realizado graças ao senador Evandro Carreira (PMDB-AM), que conseguiu incluir os dois cineastas na comitiva da CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito) da Devastação da Amazônia, encarregada de elaborar um relatório sobre o Projeto Jari.

Na verdade, a presença dos senadores acabou se transformando numa "visita cordial". Não houve nenhum atrito entre os senadores e os dirigentes do Jari. A CPI foi recebida com muita tranqüilidade e honrarias. Semanas antes o ministro Mário Andreazza já tinha preparado todo o "roteiro" da inspeção. Ele só esqueceu de incluir Jorge Bodansky e Wolf Gauer entre seus personagens.

Câmara na mão, os dois foram filmando, "arrastados pelos acontecimentos". Depois que os senadores foram embora, eles ainda permaneceram dois dias no Jari, justamente num fim-de-semana, ocasião em que puderam entrar em contato com os trabalhadores e registrar suas condições de vida. Diga-se de passagem que nenhum dos parlamentares chegou a conversar com os trabalhadores.

O filme ganhou uma força muito grande com os contrastes criados durante a montagem. As cenas se entrecortam revelando toda a teatralidade que envolveu a inspeção, o cinismo e as mentiras dos dirigentes do Jari, a devastação da floresta e a miséria dos trabalhadores. Enquanto o sr. Avertano Rocha, suplente de um senador biônico do Pará e um dos dirigentes máximos do Projeto Jari, diz aos senadores que lá não existem prisões, um trabalhador denuncia o assassinato de dois companheiros, simplesmente porque haviam reclamado da má qualidade da comida. Outros falam dos policiais, das porradas, das arbitrariedades que são constantes e naturais.

Enfim, em meio a cenas em que Avertano Rocha e Francisco Andrade (o homem mais importante na hierarquia do Projeto) defendem o ambicioso projeto de Mr. Ludwig, vemos os trabalhadores, nas portas dos barracões onde são alojados (alguns desses barracões mal permitem que um homem fique de pé), falando do isolamento, das doenças, da malária, do desprezo dos dirigentes do Jari: "Se a gente reclama de alguma coisa, eles dizem que isso é bobagem, é coisa de peão".

A rotatividade da mão-de-obra no Projeto Jari atinge 100% ao ano. Qualquer problema — doença, inclusive — o cara é demitido. "A onça comeu o fulano", é o que costumam dizer ironicamente os operários quando alguém é mandado embora.

N'O Dia o povo é ladrão e assassino

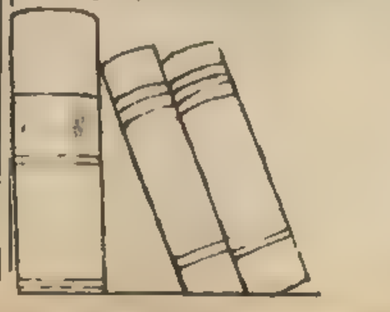
Um jornal que engana as camadas populares? Sim. Isso é óbvio. O que poderíamos esperar do governador Chagas Freitas, de Sandra Salim, Marcelo Medeiros e outros chaguistas senão demagogia. Um jornal que só noticia crimes de forma fragmentária, ocultando o contexto social? Sim. Basta folheá-lo da primeira à última página. O Dia, reconhecidamente, é um jornal que induz seus leitores à imobilidade política. Mas não foi simplesmente nas "promessas" de Miro Teixeira que o professor Antônio Serra encontrou o efeito de desmobilização política que marca esse jornal. No livro "O desvio nosso de cada dia" — uma análise crítica do jornal O Dia (Editora Achiamé) — ele mostra que este efeito é produzido de forma mais sutil, situando-se entre o discurso político demagógico e o noticiário policial.

Em todas as colunas que os chaguistas dedicam aos "menos favorecidos" eles se apresentam como os intermediários entre o povo carente e "queixoso" e o poder vigente. A imagem que acaba prevalecendo é a de um povo que não tem voz própria, que não sabe se dirigir ao poder, que não sabe lutar. O Dia surge, assim, como a voz do povo, o intermediário entre o povo carente e impotente e o poder. Passivo, o povo existe apenas enquanto queixa; sempre falado através de seus intermediários, jamais ator de suas próprias reivindicações.

— Nas páginas de O Dia — diz Antônio Serra — o povo só é apresentado como elemento ativo na figura do assassino, do ladrão, da prostituta, do traficante, do perverso, do desviante, aquele que ultrapassou as fronteiras entre a legalidade e a ilegalidade, entre a normalidade e o desvio. Fronteiras muito frágeis nas camadas populares. A todo momento o jornal coloca seus leitores diante do dilema: continuar sendo um bom cidadão ou ir para o outro lado, o lado da desordem? A maioria das notícias, sejam policiais ou exóticas, é escrita à maneira da literatura de cordel. Num tom dramático, o jornal adverte seus leitores de que o perigo está em toda parte, que ele próprio, inesperadamente, pode ser vítima de suas próprias paixões.

Assim, O Dia coloca diariamente seu leitor diante de um espelho, onde ele pode se ver como o bom cidadão carente, mas protegido por seus porta-vozes, ou então, virtualmente, como o futuro delinqüente ou transgressor da ordem

— Para o leitor de O Dia — conclui Antônio Serra — a leitura é o reencontro cotidiano de sua condição de excluído, de habitante de um universo marginal, em permanente perigo de desvio. Momento de distanciamento, em que é posto como observador dos fatos, é também um dos momentos de "se ver" nos crimes, nos riscos, na punição, balanceando sucessivamente o papel de transgressor e inocente. A dramatização dos fatos, estilo cultivado naquele jornal, é o que permite tal vivência. Ser o próprio sujeito cúmplice diário de sua sujeição.



Música ajudou guerrilha na Nicarágua

A guerrilha na Nicarágua usou a música para ensinar às pessoas o manejo de armas, o preparo de explosivos, etc. Verdadeiros manuais de ataque, cantados com alegres melodias, foram gravados pela Frente Sandinista de Libertação Nacional num disco chamado Guitarra Armada, em março de 1979. Os autores e cantores são os irmãos Carlos e Luis Enrique Mejía Godoy. Nomes das músicas do LP: "Que es el Fal", "Las Municiones", "Carabina M-1", "Memorandum Militar 1-79", "Un Tiro 22". Eis um pedaço da letra de "Los Explosivos": "Cuales son los ingredientes/ del detonante casero?/ Está el nitrato de amonia/ y está el aluminio negro./ El perclorato, el nitrato/ e el clorato de potassio/ y otros muchos materiales/ como asfalto, goma o caucho./ Quando se acerque el momento/ de la ofensiva final/ a la calle todo el pueblo/ a poner su grano — e — maiz/ queremos ver en tu casa/ para las bombas construir/ carbón vegetal y grasa/ azúcar y aserrin./ Si el tal nitrato de amonia/ te cuest mucho encontrar/ en las fábricas de abono/ lo podes recuperar/ si es el aluminio negro/ lo consigo por quintales/ en las fábricas y [illegible]/ [illegible] [illegible]// [illegible] de un explosivo// [illegible] como ninguno/ me refiero al conocido/ por fórmula R-1/ lleva en nitrato de amonia/ 85 por ciento/ un diez de aserrin le pongo/ y un cinco aluminio negro./

Alex Solnik

A peça discute a enorme perplexidade da gente diante do governo e dos rumos que o país está tomando. A peça é aberta engraçada. Anselmo Vasconcelos, que fez com tremendo sucesso o travesti no filme "A República dos Assassinos", trabalha pela primeira vez com o Grupo Aldeia, formado na Escola de Teatro no início dos anos 70. É o principal personagem na peça "Os sobreviventes", do premiado Ricardo Meirelles, que está sendo encenada no Teatro Opinião, no Rio, de quarta a domingo, às 21h30m, a preços populares. A peça se divide em dois atos, de 1954 a 1964, e de 1964 até 1974, e conta a história de uma família da classe média que vai se transformando à medida em que as coisas vão acontecendo no país.

Tim Lopes

Mulher procura parceiro pra transar em cena

QUERO HOMEM!

Até agora, todos falharam na hora H

A ex-bancária Míriam Cabral, de 28 anos, está sem parceiro para a cena erótica da boate carioca: os homens não conseguem se excitar na frente do público. O salário é uma tentação: Cr$ 2 mil por noite pra cada um.

Há dois meses, Míriam Cabral procura um parceiro para transar com ela num **show** de uma boate em Copacabana, Rio. O espetáculo parece apetitoso: duas trepadas por noite e 60 mil cruzeiros por mês para cada um. Mas os que tentam não têm conseguido.

Massagista profissional e ex-bancária, 28 anos, Míriam reclama dos homens:

— Faço de tudo, mas na maioria dos casos não tem jeito. O peru deles não sobe. Estou precisando mesmo desse dinheiro, mas tem dois meses que não posso fazer o **show**. Quando pergunto se um cara topa, ele diz que sim. Tira uma de machão e diz que faz. Vai até combinar com o dono da casa. Chega lá no palco, na hora H, é uma brochura só. Tenho que fingir, mas fica sem graça.

Quando sente que o peru do parceiro não vai endurecer, Míriam fica mostrando o corpo, joga a bunda pra cima, mostra tudo. Todas às vezes diz que se abre toda e que dá o que o público quer ver. E se eles não vêem ação, respondem com vaias. "De outro jeito", conta Míriam com um sorriso maroto, "se o público percebe que o cara tá lá dentro de mim, sem qualquer problema, daí bate palmas e começa a me chamar de Geni".

O **show** dura 20 minutos, e há um intervalo de uma hora entre cada apresentação. Míriam prefere não dizer o nome da boate, pois acha que o dono não vai gostar. Diz apenas que fica na rua Duvivier.

Conta que a melhor época do **show** foi em dezembro do ano passado, quando começou. Seu parceiro era um tipo atlético, que dava conta do recado direitinho. Dois meses depois ela pediu que ele fosse despedido, pois estava se tornando inconveniente. Ele havia se apaixonado por ela e não a deixava mais em paz.

Daí pra frente começaram os problemas de Míriam com os homens. Ela se lembra de um professor de Matemática que, segundo ela, foi o pior de todos. Na segunda tentativa ele chorava no palco, e insistia em dizer em seu ouvido que estava cheio de tesão por ela. Mas o pau dele não levantava e Míriam tinha que encobri-lo.

Zé Carlos, um mulato forte, também não conseguia ter êxito. Vendo que ele não ia, uma colega de Míriam resolveu subir no palco para tentar alguma coisa. Míriam diz que caiu fora porque sabia que a menina é sapatão e ia querer tirar a casquinha dela.

Para Míriam, o trabalho é fácil. A pessoa precisa apenas ter uma grande confiança em si mesma e não transar nenhum tipo de preconceito.

— Não vejo mistério. O **show**, quando bem feito, realmente me excita muito. Saio dali um foguete. É uma pena que os homens não estejam colaborando.

Revela ainda que o único problema do primeiro deles, o Marcos, era falar demais.

— Se ele ficasse quieto! O dele é do jeito que eu gosto: grosso, grande e carnudo.

REPORTER

Reportagem de Léa Cristina
Fotos de Rogério Carneiro

REPORTER

Agosto de 1980 - ano III - nº 32 - Cr$ 40 - AUTÔNOMO INDE

GRÁTIS
Discos para o leitor
P. 28

A vida no soçaite com inflação de 100%

ORGIAS DE RICO NA CRISE

Fala uma ex-presidiária

Mulher na cadeia

P. 8

Brizola quer casar

JORNALEIRO DÁ CHAPAS DO TERROR

SP - FIAT LS 9596

RJ - PASSAT RP 0837

P. 4

Méridien, Othon, Copacabana P. 25

HOTEL DE LUXO OFERECE SEXO

GARANTA A CIRCULAÇÃO DESTE JORNAL

Governo é o padrinho

INQUISIÇÃO CONTRA NANICOS!

Sobre os atentados de grupos clandestinos de direita à bancas de jornais, pessoas, entidades e partidos ligados ao movimento popular, três coisas estão claras.

1 — Se a polícia, e portanto o governo, não têm participação direta nos incêndios e fuzilarias, também não mostram o mínimo interesse em elucidá-los.

2 — O governo, com sua inércia, legitima propositadamente a ação da direita fascista e a usa para desestabilizar o quadro político, contendo a arrancada eleitoral da oposição (tem eleição direta pra governador em 1982) e impondo depois, com sua "autoridade", uma ordem política "equilibrada". De centro.

3 — É a oposição ao regime político do país que está sendo tratada à bala. São os que criticam o governo que sofrem atentados em cinco Estados, numa operação nacional e militarmente coordenada.

A tática é conhecida e não surpreende mais ninguém.

Conclamamos todos que apóiam a imprensa de oposição a garantirem sua circulação, repudiando a censura das bombas e seus padrinhos no governo.

4 maneiras de apoiar a imprensa da Oposição

Leitor, você pode garantir a circulação do REPORTER, enquanto persistirem as ameaças às bancas de jornais:

1 — Exija o jornal na banca, encomende se for preciso, ou procure-o nos pontos de venda que a imprensa alternativa montou nos centros das capitais;

2 — Assine e dê de presente assinaturas anuais do REPORTER. São só Cr$ 400 cada — Escreva para Margem Editoria — Rua Miguel Couto — 134/11° andar — CEP: 20070;

3 — Auxilie o jornaleiro que foi atingido pela violência. Dê o que puder nos postos de coleta — ao lado da banca danificada — ou deposite numa conta bancária aberta com esse fim. O banco e a conta serão anunciados pelos jornais diários;

4 — Denuncie as panfletagens e incêndios de bancas à qualquer redação da imprensa alternativa. Anote as chapas dos carros usados.

Quando querem, prendem

Foto Valdir Afonso

A polícia não consegue descobrir quem está praticando atos de terror contra a oposição brasileira. Mas, a polícia de Recife descobriu rapidamente o autor de uma pichação de muro da cidade (Xô, Figueiredo): a alemã Ingeborg Sinna. Ela foi presa, enquadrada na Lei de Segurança e foi expulsa do país dia 31 de julho.

Carta aos jornaleiros

AMIGO Jornaleiro

Elementos não identificados estão ameaçando, através de panfletos, atentar contra as bancas que venderem as publicações da imprensa alternativa

Uma banca foi incendiada em São Paulo e outra em Belo Horizonte No Rio em Madureira, houve um atentado a bomba
Muitos jornaleiros atemorizados e sentindo falta de cobertura
das autoridades estaduais e policiais inexplicavelmente omissas
em garantir a propriedade privada estão deixando de vender
esses jornais Esta omissão das autoridades que deveriam
providenciar policiamento ostensivo e eficaz nos locais amea-
çados dificulta por parte dos jornaleiros o cumprimento do
artigo 11 do decreto 1601 de junho de 1978, que obriga os
proprietarios das bancas a receberem todos os jornais, desde
que a venda não seja proibida por lei

Foi criado o Fundo de Apoio aos Jornaleiros, para que se
possa ressarcir os prejuizos causados pelos criminosos. Nas
Camaras Estaduais e Federais parlamentares denunciam esse
terrorismo de elementos interessados em comprometer a aber-
tura politica

É estarrecedor que a policia ainda nao tenha identificado esses
criminosos que estao impedindo o livre exercicio da profissão
de duas categorias jornaleiros e jornalistas.

Nao nos deixaremos intimidar e tentaremos de todas as ma-
neiras mobilizar a opiniao publica no sentido de exigir das
autoridades o respeito à lei e à ordem publica.

PASQUIM. REPORTER. HORA DO POVO. UNIDADE SINDICAL
VOZ DA UNIDADE. MOVIMENTO. EM TEMPO. COOJORNAL

Esta é a carta que os jornais nanicos estão dando aos jornaleiros. Criamos um fundo de apôio para cobrir prejuízos das bancas atingidas. E atenção, jornaleiro: se tiver problemas, procure a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) na sua capital. Ela vai lhe dar assistência jurídica gratuita.

ASSINE REPORTER

REPORTER

EDITORES — Alex Solnik, Chico Jr., Luiz Alberto Bettencourt, Pipsi (Arte)
CHEFIA DE REPORTAGEM — Ricardo Bueno
REPORTAGEM — **Rio de Janeiro:** Tim Lopes, Luis Ferrão, Maria Helena Araújo **São Paulo.** Rivaldo Chinen, Silvio de Souza, Hélio Belik, Teresa Moreira **Recife:** Eduardo Homem, Beth Salgueiro **Salvador:** Mariluce Moura. **Brasília:** Antonio Beluco Marra
FOTOGRAFIA — **Rio de Janeiro.** Chiquito Chaves, Rogério Carneiro. **São Paulo:** Wagner Avancini, Eliana Pastore, Valdenir Benedetti **Recife** Valdir Afonso, Xirumba
ARTE — Analuce Estrella, Guidacci, Maurício Veneza
CIRCULAÇÃO — Eduardo Curi
PUBLICIDADE — Carlos Sarmento e Keline Keller (contato)
DEPARTAMENTO JURÍDICO — Luis Celso Araújo e Luiz Eduardo Greenhalg
REPORTER Autônomo Independente é uma publicação da Margem Editora e Programação Gráfica Ltda. **Rio de Janeiro.** Rua Miguel Couto, 134/11.° andar, tel. 253-5038, 253-5077, 233-4331 **São Paulo:** Rua do Seminário, 155/sala 30, tel 227-7175. **Recife:** Av. Conde da Boa Vista 121, Grupo 707, tel 222-1224
Composição, fotolito e Impressão — Editora Mory Ltda., Rua do Resende, 65, Rio de Janeiro
Distribuição — Fernando Chinaglia S A. — Rua Teodoro da Silva, 907 Rio de Janeiro

Itamaraty mandou jornais "abafarem o caso"

DIPLOMATA BRASILEIRO É ESPIÃO DOS EUA

ELE TRABALHAVA PARA A CIA

O funcionário do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, diplomata de carreira, Jacques Claude François Michel Fernandes Vieira Guilbaud, nascido em Lisboa, é agente da Agência Central de Inteligência dos Estados Unidos (CIA). Há muito tempo, e recentemente, foram obtidas, no Itamaraty, em Brasília, provas de sua vinculação aos serviços de espionagem norte-americanos.

Quando ia ser desmascarado pelas autoridades diplomáticas brasileiras, ele botou fogo no circo e criou uma situação delicada: pediu asilo político ao governo do Canadá, onde servia na embaixada do Brasil, alegando perseguições por ter denunciado que o Esquadrão da Morte, grupo de extermínio que fingia matar marginais, executava mesmo os adversários do regime político brasileiro.

"Por isso, os restos das vítimas são sempre desfigurados por esses quadros pára-policiais" — ele disse numa entrevista coletiva a jornalistas, dada em Toronto, Canadá, há três meses, para justificar o asilo que pedia.

Toda essa história fantástica rola nos corredores do Itamaraty, em Brasília, desde o pedido de asilo político, inédito e insólito, para um diplomata brasileiro. O asilo foi negado, Guilbaud foi dado como louco por alguns — o que não é — , mas frontalmente acusado de espião da CIA por outros.

Não há provas, à vista, de nada, mas seus acusadores lembram que ele sempre teve a fama de ser excessivamente "americanista", tendo, por isso, alguns atritos com notórios partidários do regime brasileiro, de linha nacionalista de extrema-direita, como o embaixador Raul Fernando Belford Roxo Leite Ribeiro.

Quando serviu em Lisboa, Guilbaud cismou de denunciar Raul Fernando de ligações muito estreitas com o Serviço Nacional de Informações (SNI) e de ter feito negócios ilícitos na compra de uma casa pela representação diplomática brasileira. Levou a denúncia ao então embaixador Carlos Alberto Fontoura (também de insuspeitadas ligações com o SNI, pois fora seu chefe), que negou-se a dar-lhe seguimento, mesmo porque a denúncia era infundada.

Agora, Guilbaud, apertado contra o muro, volta a repetir vagas denúncias de que "um diplomata" fez negócios escusos com a compra de uma casa em Portugal. Acusa também outros diplomatas de terem sido recrutados pela KGB, a polícia secreta da União Soviética, no Cairo, na década de 60.

Nada disso é verdade, a não ser na fantasiosa imaginação de Guilbaud, que pensa mais em sair-se honrosamente do desmascaramento a que seria submetido muito em breve, sem nenhuma honra.

O Itamaraty, surpreendido pela reação inesperada do seu funcionário, passou a preparar legalmente seu afastamento dos quadros diplomáticos, para evitar escândalos. Tudo foi arranjado para que o episódio desapareça das manchetes dos jornais. Primeiro, fez-se uma cortina de silêncio em torno do caso: não se conseguia informação em nenhuma fonte oficial; segundo, os grandes jornais foram "orientados" pelo governo para boicotar o assunto, apesar de seu potencial noticioso.

Às claras, soube-se apenas que foi constituída uma comissão de inquérito, com três membros, à luz do Regulamento do Funcionalismo Público. A comissão começou a trabalhar e enviou a Toronto seu chefe, o ministro Rubens Ricupero, para colher mais informações sobre o caso e, se possível, ouvir Guilbaud pessoalmente.

Ricupero ficou quase duas semanas em Toronto, enviou várias convocações a Guilbaud, que as ignorou solenemente. Voltou de mãos abanando esta semana. Agora, a comissão tem até 6 de agosto para dar seu parecer final sobre o caso e, muito provavelmente, concluirá que Guilbaud deve ser afastado por abandono de emprego ou "problemas psíquicos".

Avesso a escândalos, o Itamaraty não quer cutucar a fera acuada em Toronto. Guilbaud continua morando lá irregularmente — deveria ter sido expulso do Canadá quando seu aviso foi negado — mas, por outro lado, está suficientemente amordaçado pela própria inverossimilhança de suas acusações: já perdeu até mesmo o crédito da imprensa.

Entre os colegas, seu afastamento é visto como um desabafo: ele sempre foi temido por suas vinculações extremistas de direita (muito embora essa tendência tenha escorrido por uma vertente nova, quando a CIA passou a ser inimiga do Brasil, após a política de direitos humanos do presidente dos Estados Unidos, Jimmy Carter), e nunca teve amigos. Suas promoções na carreira sempre vieram com muito atraso, sinal de que as cúpulas do Itamaraty o desdenhavam — ele ocupava o posto de primeiro-secretário.

Assim, o parto será sem dor e sem gemidos. O assunto morrerá abafado, "como é preciso", para o bem de todos, dizem diplomatas brasileiros que conhecem o caso.

Reportagem de
Carlos Marchi

OS CARROS DO TERROR

JORNALEIROS DÃO A PISTA

Jornaleiros do Rio e de São Paulo identificaram dois carros cujos ocupantes os ameaçaram: Fiat LS 9596 (SP) e Passat RP 0837 (Rio). Um jornaleiro carioca informou que sua banca foi visitada pela Polícia Federal para depois aparecer pichada. O delegado Tuma, do Dops de São Paulo, acusou agentes do Doi-Codi pelo seqüestro do jurista Dalmo Dallari, mas confessou: "não consigo entrar lá dentro para prendê-los".

Reportagem de Tim Lopes, Rivaldo Chinen e Alex Solnik

Foto Hélio Campos Mello

A banca queimada em São Paulo em julho

A Polícia é suspeita

A pista é esta: um Passat preto, ano 80, vidro fumê, placa RJ-RP 0837, ocupado por dois homens: um branco, com entradas na cabeça, de aproximadamente 45 anos, o outro, um garotão, de uns 28 anos, tipo atlético; que na manhã do dia 24 passado estiveram na banca da Praça do Carmo, entre a Avenida Brás de Pina e Estrada Vicente de Carvalho, quase em frente à 38.º Delegacia Policial.

São eles que estão aterrorizando os jornaleiro nos subúrbios do Rio de Janeiro. Segundo o Detran, a placa é "fria" e pertence originalmente a uma Brasilia branca, cujo proprietário, um engenheiro, mudou-se do endereço que consta no fichário daquele órgão há dois meses. Procurado na residência atual, o engenheiro não sabia explicar a coincidência das placas. O movimento na Praça do Carmo é intenso, o jornaleiro Séttimo Acri, dono de 30 bancas, consegue dar algumas informações, mais desconfiado do que apavorado.

— Os caras chegaram de manhã na banca perguntando se eu trabalhava com os jornais **Hora do Povo**, **Pasquim** e REPORTER. Como já estava sabendo das ameaças, através do meu irmão, que possuiu uma banca em Osvaldo Cruz, que foi panfleteada e riscada, aí eu parei de vender esses jornais. Eles têm boa saída, vendem bem. Se me dessem garantias, eu continuaria vendendo, mas sou pai de quatro filhos e tenho que zelar pelo meu patrimônio.

Na madrugada do dia seguinte (25) na Praça Patriarca, em Madureira, em frente à padaria Petit Madri, uma bomba explodiu na banca de Filomeno Amato. Nas fechaduras da banca

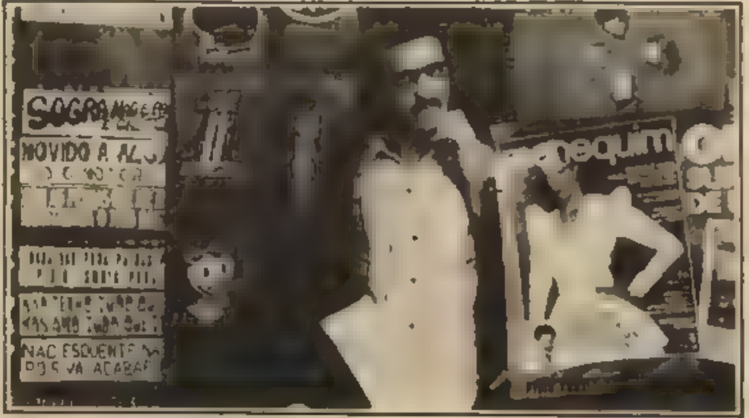


Foto Chiquito Chaves

Séttimo viu o carro do terror.

botaram **durepox** (cola) e muitos panfletos dizendo que "o seu pavio está aceso, cuidado". **Zé** (foi assim que se identificou) que trabalha para o Filomeno, disse que antes das ameaças sempre expôs os jornais alternativos em toda a banca.

— Depois que apareceram esses bilhetes aí, o seu Filomeno mandou parar de expor o jornal. Meu irmão, é isso que tenho que dizer, a banca está aí estraçalhada, 35 mil de preju, quem vai pagar?

Em Vila Isabel, nas imediações da Praça Niterói, o velinho da banca não quis se identificar, estava revoltado:

— Aqui em Vila Isabel eu fui o primeiro a ter a minha banca panfleteada. Cheguei um dia aqui cedo e estava tudo pregado na parede. Teve um moço que viu um homem saltar de um carro preto e pregar esses papéis aqui e em outras bancas aqui por perto. Segundo o moço que me falou o homem estava armado. Isso pra mim é a polícia — ninguém duvida que é — as provas todas levam a isso: como é que um homem de manhã pode estar colando panfleto e armado? Esses são os verdadeiros terroristas. Nós jornaleiros não temos nada a ver com isso.

Na estação de Ramos, subúrbio da Leopoldina, no Rio de Janeiro bem em frente à estação, na rua Professor Lacê, Carlos Andrade, 26 anos, jornaleiro:

Fiquei puto por que eu cheguei um dia de manhã, depois de tomar umas e outras na noite anterior, e encontrei a banca cheia desses papéis, falando que iam acender o meu pavio. Ainda tenho panfleto desses colado aqui, é o último que resta. Eu vou continuar vendendo os jornais, tenho todos aqui na minha banca. Além do jornal vender bem fala a verdade, é por isso que ele está sendo perseguido. Algum tempo atrás teve aqui o pessoal da Polícia Federal, na época da apreensão da **Hora do Povo**. Eles chegaram e perguntaram se eu tinha esse jornal e o REPORTER. Eu falei que tinha apenas dois exemplares do jornal de vocês, o resto já tinha sido vendido. Foi quando eles se apresentaram como policiais e saíram levando os meus dois jornais. Quinze dias depois a banca amanheceu pichada.

Chapa branca ronda bancas. Delegacia recusa apôio.

As jornaleiras Maria Teresa Lou e Regina Maria da Silva receberam, dia 31 de julho, em São Paulo, uma ajuda de Cr$ 80 mil dos jornais alternativos para poderem comprar uma banca nova em substituição à que foi queimada na madrugada de 22 de julho. O prejuízo total delas foi de mais de um bi — Cr$ 800 mil só de estoque — e esse dinheiro elas receberão de um fundo criado pela imprensa alternativa, através de venda de bônus.

Maria Teresa e Regina são das poucas mulheres que mantêm, sozinhas, banca de jornal em São Paulo. Estavam trabalhando há um ano no bairro do Itaim, esquina de São Gabriel com Joaquim Floriano. Local movimentado, de muita venda. Todos os jornais alternativos eram vendidos lá, "não por que dê dinheiro, mas por que a gente gosta", dizem elas.

Quando receberam o primeiro panfleto de ameaças, em 25 de junho, Maria Teresa e Regina foram registrar queixa no 15.º Distrito. Para surpresa delas, foram as única a fazer isso embora muitas bancas tivessem recebido os panfletos. Pediram proteção para trabalhar, mas os policiais disseram que não podiam fazer nada, só pediram para elas não se preocuparem.

Foto Eliana Pastore

Regina, a vítima

Um jornaleiro que não dorme de preocupação é Juraci Barbosa, com banca na avenida Paulista. Ele não dorme mais: passa as noites acordado, rondando a banca, "esperando por eles":

— Eu vou pegar eles. Se ninguém pegar, eles vão ficar impunes. Eu não gosto de me curvar.

Silene Aparecida Leite, jornaleira do bairro de Pinheiros conseguiu identificar o carro em que estava um homem que ameaçou sua banca: um Fiat azul LS9596. O homem tem mais ou menos 35 anos, barba e cabelos grisalhos. Outros jornaleiros estão denunciando que suas bancas estão sendo vigiadas por carros com chapas brancas (oficiais).

Tuma acusa Doi-Codi de sequestro. Mas não age

Foto Juca Martins

"Kojac", do Doi-Codi

— Se eu pudesse, eu invadiria o Doi-Codi e prenderia os culpados pelo atentado ao professor Dalmo Dallari. Só que eu não posso fazer isso, não consigo.

Foi este o desabafo de Romeu Tuma, chefe do Dops de São Paulo, a subordinados e advogados de presos políticos. Tuma também forneceu uma pista para identificação de "Kojac", o agente que foi fotografado reprimindo a greve no ABC e as vaias contra Maluf na Freguesia do Ó.

— "Kojak" é do Doi-Codi — garantiu o chefe do Dops.

CCC anunciou agitação. TFP tem exército. Deu no jornal

Em entrevista ao REPORTER n.º 15 (março de 79), o advogado Cassio Scatena contou como agia o CCC — Comando de Caça aos Comunistas —, e anunciou que o grupo estava se preparando para voltar a agir. Na entrevista, ele afirmou que participou de pelo menos uma reunião, quando foi tomada a decisão de quebrar o Teatro Ruth Escobar, onde era encenada a **Roda Viva**. Da reunião, conta Scatena, participaram elementos do CCC, da TFP e militares do II Exército.

Fatos como a invasão do teatro e outros, do período de 1968, jamais foram apurados pela polícia. A única pista foi fornecida pela revista **O Cruzeiro** que publicou um listão com gente do CCC. Mas a polícia não foi atrás.

Quanto à TFP, também nunca foi incomodada pela polícia. Apesar de ela possuir até quartéis clandestinos (REPORTER 31). Nos últimos dias, manifestações teefepistas aconteceram em vários pontos de São Paulo, inclusive no Itaim, bairro da banca incendiada. A TFP sai às ruas "comemorando 50 anos de luta contra o comunismo".

Foto Chiquito Chaves

A "brincadeira": 35 mil de prejuízo e vendas paradas

Dops acha atentados "uma brincadeira"

No velho prédio da rua da Relação com a rua dos Inválidos, no centro do Rio de Janeiro, fica o DPPS (Departamento de Polícia Política e Social), órgão da Secretaria de Segurança do Estado. No 3.º andar um policial atende na porta de ferro que dá para o fundo de um corredor. Pede para aguardar. Volta um minuto depois. A sala do delegado Artur Brito Pereira, responsável por investigações sobre os atentados às bancas, é pequena, e com móveis antigos. Jornais diários, alternativos, revistas semanais, um radinho de pilha e uma televisão ocupam a sua mesa. Gordo, engravatado, ele se ajeita na cadeira e atende à reportagem.

— Estamos investigando, estamos investigando. Ainda não há nada de concreto. Isso é brincadeira de criança. Muita brincadeira. Não há nada de mais, foi uma bombinha. Isso é criançada; pega no orelhão e ameaça o jornaleiro. Não temos nada de concreto ainda.

E a segurança do jornaleiro?

— Prevenir é impossível. Um policial em cada banca não dá. Isso é uma escalada, começou em São Paulo, Minas; aqui as conseqüências não foram tão graves. Eu sou contra esses atentados, isso fere à idéia. A oposição tem que existir, ainda mais quando ela é permitida pelo governo, quer dizer, o governo permite essas publicações.

Delegado, há pichações nos tapumes do Metrô com a inscrição da PFP (Partido Falangista Patriótico).

— O quê? PFP? Nunca tinha ouvido falar. Mas essas inscrições estão cheias por aí e não vejo nada de mais. Tem Lerfa Mú, Mumu, Malu, acho até normal. Nem sei o que quer dizer isso. Antigamente era um tal de CC ou CCC, Caça de Comunista, não dá pé mesmo.

Só no Rio de Janeiro foram abertas 13 sindicâncias para apurar atentados de natureza política, praticados contra pessoas e instituições, desde de 1976. Os autores dos atentados nunca foram descobertos. Todos os processos estão arquivados.

— Arquivados, não. O acautelamento das sindicâncias não implica, necessáriamente, no arquivamento delas. A gente está sempre vendo se há ligação de um atentado com outro. Isso é praxe mas até agora foi impossível descobrir algum implicado. Qualquer novidade eu comunico a vocês.

Na ante-sala um policial abre a pasta em que está a sindicância n.º 11/1980, com o depoimento do jornaleiro Filomeno Amato, que teve sua banca de jornais e revistas danificada pela explosão de uma bomba. No mesmo processo o jornaleiro Ítalo Novelo, da banca n.º 39, da Rua Barão de Mesquita, esquina com rua Uruguai, pede garantias para trabalhar em paz. O policial com a voz pausada fala, antes de fechar a pasta:

— O inquérito já foi aberto, estamos só esperando o laudo, que não vai modificar muita coisa do que o perito já fez. Não vai se apurar nada.

Há 100 metros dali, no moderno prédio da Secretaria de Segurança, onde fica o general Edmundo Murgel, secretário de Segurança, ninguém fala nada sobre os atentados. No gabinete atapetado, o porta-voz Secretaria, delegado Edgar Façanha, procura atender ao repórter, respondendo com poucas palavras.

— É ordem do secretário de segurança e do governador do Estado apurar com rigor esses atentados. Eu, particularmente, acho difícil descobrir alguma coisa, não temos vestígios de nada. Isso é só para assustar, você viu que a bomba não matou ninguém, não feriu ninguém.

Governo mineiro justifica incêndios

A direita anda ativa e articulada em Minas Gerais e alguns grupos da chamada linha dura, que ainda não engoliram o processo de abertura política, estão bem representados dentro do próprio governo mineiro. Esses grupos estariam, inclusive, organizando a **Operação Cristal** envolvendo civis e militares e cujo objetivo seria provocar o fechamento através de ações terroristas.

Um dos grupos mais atuantes nessa operação é o Movimento Militar Constitucionalista Mineiro, cujos membros participaram ativamente do desmantelamento de organizações de esquerda. Além disso, a organização Tradição Família e Propriedade (TFP) está se movimentando muito em Minas, tendo procurado realizar contactos com certas áreas do governo Francelino Pereira.

Este, revelou uma fonte credenciada ao REPÓRTER, está dividido entre a ala liberal e a ala dura. Da primeira fazem parte os secretários Paulo Haddad, Celso de Azevedo e Fagundes Neto. Na ala dura estão os secretários Paulino Cícero e Márcio Garcia Vilela, além do secretário de Segurança, coronel Amando Amaral, que junto com o diretor do DOPS tem nas mãos o comando de toda a polícia mineira, considerada notável pelo seu grau de violência.

Que o coronel Amando Amaral não é flor que se cheire fica claro através do diálogo que manteve com um representante da imprensa nanica, que foi reclamar dos atentados contra as bancas de jornais. Disse então, o coronel:

— Vocês radicalizam, eles respondem.

— Mas, coronel, nós publicamos jornais legais, não queimamos bancas.

Diante disso o coronel Amando saiu-se com esta pérola:

— Vocês incendeiam com idéias.

Prefeito de Nilópolis proíbe o REPORTER

Foto Claudio Passos

O prefeito Batista

Aproveitando-se do clima de terror contra os jornaleiros, o prefeito de Nilópolis, João Batista da Silva, do Partido Popular (de Chagas Freitas), ameaçou punir as bancas que colocassem o REPÓRTER em exposição com destaque. A intenção do prefeito era impedir a venda do jornal que nos números 30 e 31 (de junho e julho últimos), denunciou irregularidades cometidas por sua administração.

Em julho, o REPÓRTER mostrou o abuso de poder da prefeitura, que gastou mais de Cr$ 4 milhões sem prévia autorização da Câmara de vereadores. O vereador Manuel Malaquias (PDT) conseguiu que fosse instaurado um inquérito policial contra o prefeito; e por contar essa história a edição do jornal esgotou em Nilópolis. Já em julho a denúncia teve desdobramento: graças a manobras do prefeito, Manuel Malaquias acabou sendo afastado do cargo de 1.º secretário da Câmara Municipal.

Para dar força às suas ameaças, o prefeito de Nilópolis aproveitou-se de um decreto antigo que obriga os jornaleiros a construírem bancas de acrílico, substituindo as atuais bancas comuns de zinco. Para a maioria dos jornaleiros isso é impossível, pois uma banca de acrílico custa Cr$ 300 mil.

COMPAREÇA!

11 DE AGOSTO

Ato Público Nacional

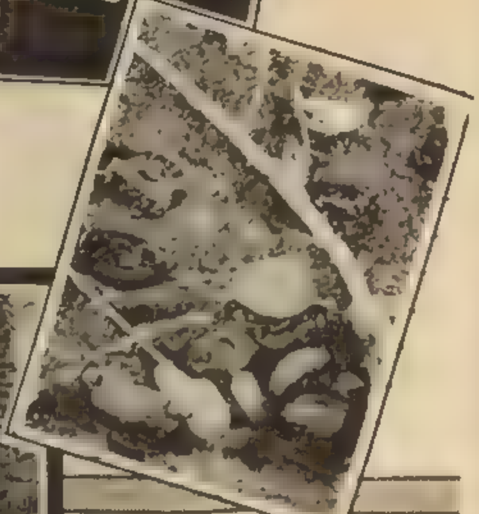
em Repúdio aos Atentados

SP: Teatro Tuca, 19 hs

Rio: Cinelândia, 17 hs

CASAS DA BANHA, SENDAS, DISCO VENDEM OS PRODUTOS

Hortas contaminadas no Rio



Caramujos na horta do Disco

Reportagem de Luiz Ferrão
Fotos de Chiquito Chaves

Os supermercados Casas da Banha, Disco e Sendas vendem legumes e verduras contaminados, que são cultivados em hortas localizadas em Nova Iguaçu. Quem passa próximo a essas hortas, de ônibus, não vê nada de mais. As grandes plantações de couve, alface e agrião, com seus muros brancos e tanques de água, dão até um toque especial à paisagem urbana.

Mas quem conseguir penetrar nas hortas ficará estarrecido. Em muitas delas os tanques de lavar verduras estão cheios de água parada e podre; em vez de água tratada, as verduras são regadas diariamente com água contaminada; há grande quantidade de lagartas brancas e caramujos espalhados entre as verduras; o inseticida aplicado além de contaminar as verduras atinge também a água armazenada.

A horta que abastece as Casas da Banha de Nova Iguaçu e feiras livres de Belford Roxo, Mesquita e do Centro da cidade, fica na rua Dr. Barros Junior, entre os números 200 e 456. A horta não pertence às Casas da Banha, mas o supermercado se abastece nela, pois fica bem perto de sua loja, e, assim, não há despesas com o transporte das verduras e legumes. Apesar dessa proximidade, o gerente das Casas da Banha, Raimundo Sobrinho, diz ignorar completamente as condições em que as verduras e os legumes são cultivados.

Nessa horta a imundície é completa. Entre os canteiros de couve, alface e espinafre, há uma grande plantação de agrião. E no tanque onde são semeadas as sementes do agrião, há centenas de caramujos, lagartas brancas e cobras d'água. Uma grande bomba puxa a água parada do tanque improvisado para regar diariamente as verduras. Um lavrador que fazia covas para mudas de cebolinha fica com receio de falar:

— Eu não sei se a água é contaminada. A vala vem daquelas casas (aponta para uma rua ao lado). Só você falando com o dono. Ele mora na Barra da Tijuca. O nome dele é Francisco Monteiro.

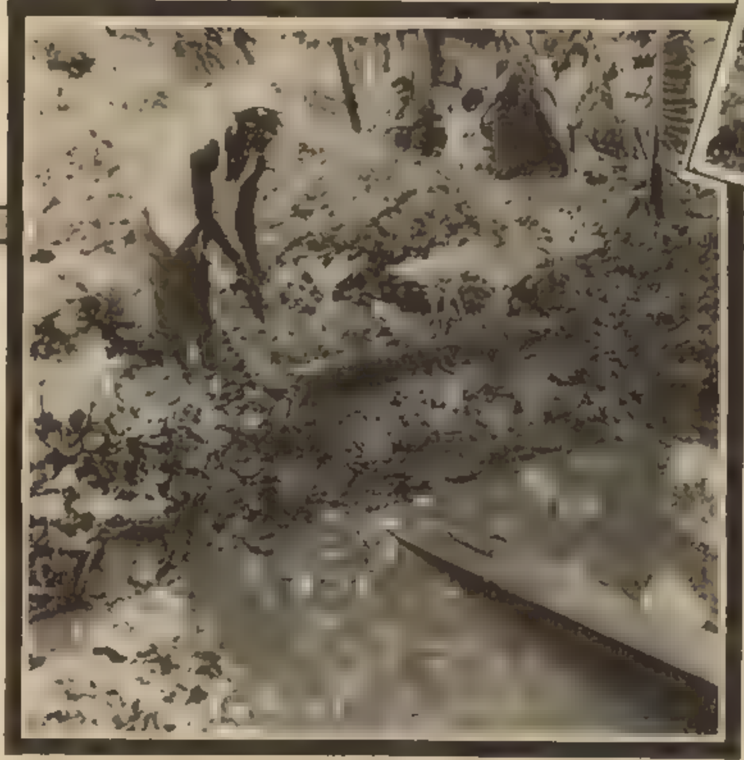
A hora que abastece as Casas Sendas fica um pouco distante do centro de Nova Iguaçu. É preciso andar por uma estrada que sai junto à rodovia Presidente Dutra, no distrito de Austin. A aparência é melhor do que a da horta das Casas da Banha, mas as condições de higiene estão longe de serem, sequer, razoáveis. No centro da horta há uma vala de água com um lodo verde de onde saem muitos bichos. Ao lado da horta mora um agricultor, que possui um cachorro. Há um forte cheiro de bosta de cachorro no ar e o zumbido das moscas é intenso. O agricultor tem os pés rachados e o calcanhar bem aberto. O dono da horta, Nelson Nascimento, procura se justificar:

— A doença de meus empregados é comum lá fora. É doença do fígado. Não é sujeira da horta, não. Mesmo assim vou mandar destruir os tanques velhos para evitar as moscas e os caramujos.

O gerente das Casas Sendas de Nova Iguaçu, Roberto Bonfim, a exemplo do gerente das Casas da Banha, também se faz de inocente:

— Doenças? Não sei disso, não. Temos controle absoluto da qualidade das mercadorias. Só compramos mercadorias de qualidade assegurada. Mas acho que a fiscalização maior compete ao governo.

Essa jogada dos gerentes, de falarem pouco sobre as compras de verduras e legumes dos pequenos e médios plantadores de Nova Iguaçu, não se deve apenas à contaminação dos alimentos. Há uma outra jogada irregular por trás disso: as compras são, em muitos casos, feitas sem nota fiscal. Quem denuncia isso é o agricultor José Luiz Carvalho Sobrinho, que trabalhou na horta que fornece para as Casas da Banha entre 1972 e 1978:



A Horta *da Banha:* saem bichos do lodo podre

Roberto, da Sendas, mentiu

— O dono da horta, seu Monteiro, tinha seis empregados, mas só assinava a carteira profissional de quatro. E dizia que não podia ter tantas despesas, porque os supermercados pagavam muito pouco e compravam sem nota fiscal.

A horta que fornece para o Disco também é uma sujeira só. Fica à rua professor [illegible]uris e além de possuir valas centrais com caramujos e lagartas, tem uma enorme fossa junto ao canteiro de couve. As mudas de agrião são criadas numa grande vala, onde há pedaços de bosta e outros detritos. A sujeira é tanta que o proprietário da horta tem, freqüentemente, problemas com gafanhotos, lagartas brancas, caramujos e até cobras.

Manoel "Gotinho" sem proteção

Para combater essas pragas, os lavradores aplicam constantemente um inseticida chamado Thiobel, altamente tóxico. Se alguém por descuido ingerir uma verdura ainda "suja" de inseticida poderá ter tosse, vômitos, hipertensão arterial, colapso respiratório, confusão mental e outras doenças. Nas hortas de Nova Iguaçu, a plicação é feita sem nenhum cuidado, e os legumes e verduras chegam a ficar queimados.

Além disso, os lavradores que usam o inseticida não têm roupas apropriadas para realizarem esse trabalho. Assim, correm o risco de absorvê-lo através da pele ou por via oral. E isso causa envenenamentos e doenças de pele. "Gotinho", que aplica inseticida na horta que fornece ao Disco, diz que não se protege adequadamente "porque o dono da horta não compra o material necessário".

Os donos das hortas dizem que seus lucros são pequenos. Os lavradores que trabalham para eles vivem miseravelmente. Quem lucra, então, com as vendas de legumes e verduras? A resposta é fácil: a parte do leão dos lucros fica com os supermercados, que compram barato e vendem caro. Nélson Nascimento, que fornece para as Casas Sendas, afirma que vende 1 dúzia de molhos de couve por Cr$ 18,00. Pois bem, a Sendas vende cada molho desses até por Cr$15,00. Assim, a dúzia que é adquirida por Cr$18,00 pode acabar rendendo para o supermercado Cr$ 180,00.

O governo do estado não ignora as condições das hortas, embora nada de efetivo tenha feito contra elas até agora. Nos últimos doze meses os comandos sanitários da Secretaria de Saúde já multaram a Sendas três vezes e às Casas da Banha. Mas as acusações foram por venda de carne e peixes estragados. A comercialização de verduras e legumes continua impune, expondo a sérios riscos a saúde da população.

A Secretaria da Fazenda, por sua vez, já tem provas de que os supermercados sonegam impostos através da venda de verduras, frutas e legumes. A jogada é simples: esses alimentos estão isentos do pagamento do ICM. Então os supermercados vendem outros produtos e registram essas vendas como se fossem de hortifrutigranjeiros, livrando-se assim do pagamento do imposto. Mas, apesar de saber disso, a secretaria até agora não puniu supermercado algum, permitindo assim que estes engordem seus lucros de forma irregular.

CLUBES COAGEM ÁRBITROS

Juiz carioca denuncia

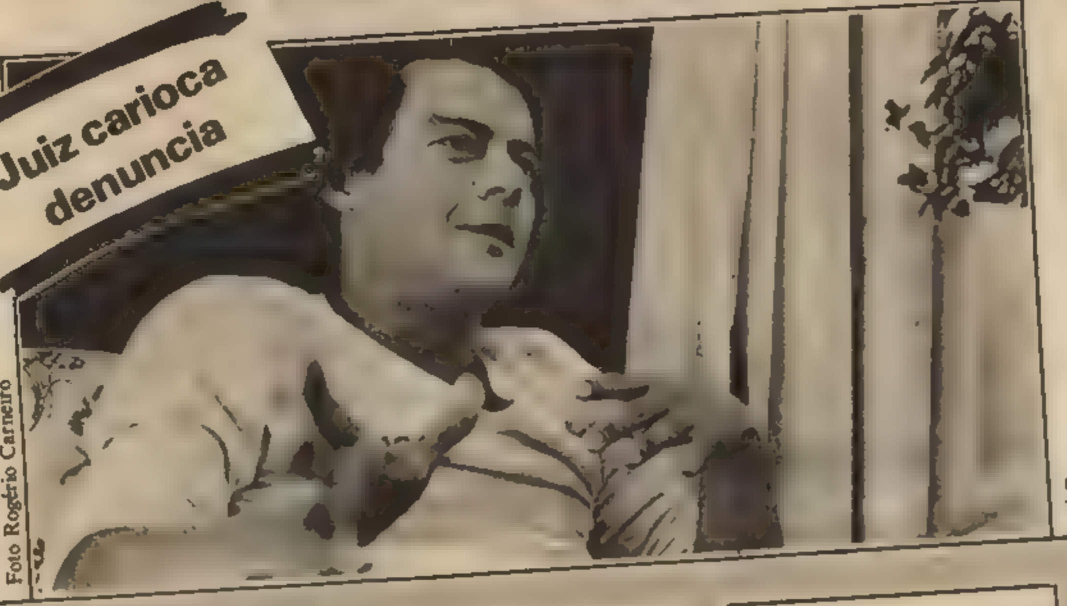


Foto Rogério Carneiro

O juiz Teodoro de Castro

- Supermercado suborna bandeirinha na Bahia
- Dirigente troca 2 vacas por vitória no Recife
- Pênalti na final do Nacional vale 1 milhão
- Técnico manda fazer falta "por rodízio"

— É preciso criar um órgão autônomo de juízes, ligado ao Conselho Nacional de Desportos, em que só o governo tenha força e que seja autônomo, imune às pressões dos clubes. Do jeito que as coisas estão atualmente, o árbitro no Brasil é uma ilha, cercado de coações por todos os lados e, de vez em quando, banhada por altas ondas de suborno.

Quem diz isso é Teodoro Fernandes de Castro, juiz da Federação Carioca de Futebol. Nascido em Catolé do Rocha, na divisa da Paraíba com o Rio Grande do Norte, ele é um dos poucos que se dispõem a falar sobre as irregularidades nas arbitragens. Por isso, passou dois, dos seus sete anos de carreira, sem apitar, vetado pelos clubes.

A carreira de juiz de futebol, segundo ele, é muito precária, com poucas garantias, e isso é uma das razões pelas quais a violência vem crescendo no futebol brasileiro.

— Nós juízes não temos seguro de vida, atendimento médico e muito menos uma entidade de classe nacional. Então nos sentimos desamparados. A maioria apita com um olho no jogo e outro no banco dos cartolas. O jogo de conveniência leva a concessões, e a violência acaba prevalecendo. O juiz é coagido a tal ponto que conta até 10 antes de dar um pênalti ou anular um gol. O medo de um veto faz com que ele ignore as leis.

Além da possibilidade de veto, a corrupção ronda os juízes. Ao falar do problema, Teodoro conta um episódio que acontece todos os anos, em Salvador, por ocasião do Campeonato Nacional.

— Quando o Nacional começa, conhecido dono de uma cadeia de supermercados emprega tudo que é bandeirinha nas suas lojas, com bons salários e sempre lembra: "os clubes de fora vêm, jogam e vão embora, enquanto vocês ficam aqui e dependem do emprego, não é?"

Teodoro mesmo já foi vítima de uma tentativa de suborno.

— Aconteceu comigo em Pernambuco, num jogo entre Íbis e Caruaru. O dirigente chega prá você de mansinho e diz: ô fulano, se eu perder esse cargo de presidente, que tanto lutei prá conseguir, vai ficar ruim prá mim. Vê se dá uma mãozinha, que uma lava a outra. Chega a ser cômico. O que ele me oferecia eram duas vacas leiteiras. Claro que não aceitei e o jogo terminou zero a zero.

E pênalti num grande jogo, quanto é que custa? Diz Teodoro:

— Todo homem tem seu preço, é o que dizem. Eu, pelo que conheço, posso dizer que se fosse o caso de existir um corrupto apitando no Maracanã, numa final do Campeonato Nacional, cobraria Cr$ 1 milhão para dar um pênalti. Mas poderia ser mais caro, dependendo do momento da partida. Quanto mais perto do final, melhor, pois não há tempo do adversário reagir.

A corrupção atinge até a punição dos jogadores através dos cartões.

— Alguns juízes brasileiros costumam cobrar Cr$ 500 por cartão amarelo. Se for o terceiro da série é mais caro. Se for cartão vermelho é mais caro ainda.

Atualmente, diz Teodoro, tudo é feito para garantir um resultado, tirar um jogador de campo e ganhar um jogo.

— Os técnicos de jogadores juvenis já criaram o que chamam de pancada profissional, que é a chamada falta por rodízio. Um jogador do time adversário, geralmente muito hábil, é o visado. Então, vários jogadores do time adversário começam a bater nele. O que não pode acontecer é o mesmo bater duas vezes, porque aí, se ele já levou o amarelo, acaba levando o vermelho. Mas, se há o rodízio de falta, o risco de levar o vermelho não existe e quem acaba saindo de campo é a vítima escolhida. A única maneira de evitar isso, é dar o cartão vermelho logo que se percebe a manobra.

Para Teodoro se não for criado um órgão forte, que proteja os juízes, a violência e a corrupção vão continuar, prejudicando o futebol brasileiro. Na situação atual, a manipulação das arbitragens começa antes mesmo do jogo ter início:

— Estou cansado de saber de dirigentes que pressionam e acabam mudando árbitros nos domingos de manhã, horas antes do jogo. Às vezes recebemos telefonemas nos domingos das próprias federações: olha fulano, se alguém te telefonar, diz que você está doente, não vai poder apitar e que já foi substituído. Isso não passa de um grande conchavo. Em Salvador, por exemplo, a reunião de árbitros é tão fechada que nem Al Capone conseguiria entrar. Em Recife fui impedido de fazer uma palestra para árbitros. Sabe porque? Por que sabem que eu não sou comprometido e, por isso mesmo, abro o bico.

Justiça abre inquérito contra Sport

A Federação Pernambucana de Futebol está julgando um caso de suborno, ocorrido no campeonato deste ano. Dirigentes do Sport Clube Recife, um dos maiores times de Pernambuco, tentaram subornar o zagueiro William "Olhão" e o goleiro Batista do América para que amolecessem um jogo. O objetivo do Sport era ganhar por muitos gols, para se distanciar do seu principal adversário, o Santa Cruz.

William e Batista recusaram o suborno. Mesmo assim o Sport venceu por 5 x 0. Antes do jogo, corriam boatos na cidade do Recife de que o Sport faria de tudo para ganhar o jogo. Sabendo disso, o técnico Schiller Diniz, do América, orientou seus jogadores para que denunciassem qualquer tentativa de suborno.

O primeiro a ser procurado foi o goleiro Batista. O intermediário foi Levi de Aquino, conhecido por Levi *Papa Frango*, ex-goleiro do América do Rio, despedido há dois anos por motivos óbvios. Levi propôs a Batista que levasse dois frangos, pelo que receberia Cr$ 60 mil.

— Toquei ele para fora de casa aos gritos, e só não lhe dei uns tapas porque minha mulher não deixou. Isso não é proposta que se faça a um homem decente, diz Batista.

Levi foi então atrás do zagueiro William "Olhão", que topou o negócio na hora. O trato era que ele fizesse dois pênaltis, ganhando 10 mil por cada um. A cantada final foi dada na cidade de Gravataí, onde estava a diretoria do Sport.

— Comi uma galinha assada e tomei muita cerveja. Os caras não sabiam que nesse jogo eu estava no banco, devido a uma distensão na virilha. Na hora o Levi me deu Cr$ 5 mil em cheque, e mais Cr$ 5 mil, em cheque, de um diretor, o Homero Lacerda, que é presidente do Conselho Deliberativo.

Domingo de manhã William entregou os 10 mil ao presidente do America, Fernando Guerra. Desde então, William e Batista têm recebido visitas de pessoas desconhecidas, e o zagueiro está até usando revólver.

A imprensa pernambucana não noticiou a tentativa de suborno e a diretoria do América estava disposta a esquecer o caso, segundo o capitão Fraga, diretor de futebol.

— Aí eles vieram com uma história de que o cheque em nosso poder era resultante do pagamento de uma compra feita numa loja de tintas de propriedade do presidente do Sport, mostrando inclusive uma nota fiscal falsificada. Aí era demais.

Com isso o América não quis mais conversa. Não aceitou os quatro jogadores que o Sport queria lhe dar em troca do silêncio sobre o suborno. Um inquérito contra o Sport foi aberto no Tribunal de Justiça Desportiva de Pernambuco. O principal acusado é Levi *Papa Frango*, que desapareceu misteriosamente.

Entrevistas a Beth Salgueiro

William, zagueiro (ao lado) e Batista, goleiro (abaixo)

Fotos Valdir Afonso

Ele crê na fusão com PT

BRIZOLA QUER

O homem que armou o povo em 64 defende o "jogo político"

Porto Alegre, 27 de agosto de 1961. Três horas da madrugada. Pelo rádio, a voz grave e sonora do governador Leonel Brizola começou a despertar os lares gaúchos. Exaltado, ele conclamava à resistência à bala, se necessária, para garantir a posse do seu cunhado, João Goulart, na presidência da República. Era a primeira vez, naquelas 48 horas de angústia que se seguiram à renúncia de Jânio, que alguém ousava ameaçar com a guerra civil os poderosos ministros militares que, de Brasília, tramavam contra o governo constitucional.

E o governador não ficou nas promessas. Formou a "Cadeia da Legalidade". Ocupou militarmente as rádios Guaíba e Farroupilha. Requisitou 3 mil revólveres da fábrica Taurus, todos calibre 38. Armou o povo, montou trincheiras em torno do Palácio Piratini e garantiu o desembarque de Goulart em Porto Alegre no dia 1º de setembro. No dia 7, Goulart tomava posse e Brizola se tornou o líder popular mais famoso e temido (pelos capitalistas, claro) da América Latina, depois do cubano Fidel Castro.

5 de maio, 1963. Vamos encontrar o governador com um mandato de deputado federal pela antiga Guanabara, assegurado por consagradores 200 mil votos. Ele está num comício em Natal e, sem rodeios, acusa de "golpista e gorila" o comandante da guarnição local do Exército, o general Antônio Carlos Muricy. E não fica aí: conclama os soldados das três forças a pegarem em armas para garantir as reformas de base.

– É preciso colocar mais fogo na fogueira e aumentar a pressão contra o Congresso para conseguir a aprovação das reformas indispensáveis à vida brasileira — afirmava, exaltado.

2 de abril, 1964. O deputado está inquieto. O golpe militar está praticamente vitorioso, mas ele quer resistir. Em porto Alegre, último foco de resistência legalista no país, ele toma a palavra e, incisivo, dirige-se a Jango:

– Organize aqui o seu governo, presidente. Nomeie o General Ladário Ministro da Guerra e, quanto a mim, só desejo a Pasta da Justiça. Vamos resistir.

Pouco depois, o deputado estava no exílio. Nos anos que se seguiram, seria banido da história oficial do país. Mas quem é esse homem que uns idolatram, que os historiadores sérios ressaltam a coragem e que o regime tanto temeu e perseguiu?

Brizola, antes de 64. O círculo preto destaca o Padre Alípio de Freitas.

Quem chega ao amplo escritório — cedido por um amigo —, do luxuoso edifício localizado no Leblon onde Brizola está instalado, tem logo uma surpresa. Bem conservado para os seus 58 anos, o homem que atende pelo nome de Brizola não tem nada do incendiário agitador que se tornou lendário após o golpe de 64. Também nada tem do irresponsável que seus inimigos tentaram incansavelmente criar. Pelo contrário: é um homem comedido, muito educado, que fala como se fosse um computador — pensa em tudo que vai dizer, evita fazer acusações, externar rancores ou mesmo citar nomes de militares. Só raramente ousa referir-se a Figueiredo, mas mesmo assim de forma discreta: "Se ele quiser, pode entrar para a História como o presidente da transição democrática".

Luta armada, expropriação de multinacionais, reformas de base, educação de massa, são expressões banidas do seu vocabulário. O exilado mais temido pelo regime é hoje um social-democrata — condição que ele revela com orgulho — que quer disputar o poder no jogo político tradicional. "O povo não quer violências; quer é soluções para seus problemas", costuma confidenciar a pessoas que privam de sua intimidade. Prudente, não gosta de dar entrevistas de improviso — exceção feita apenas à grande imprensa, no dia-a-dia: "sou o responsável por um partido e tenho responsabilidades. Não posso falar sem refletir", explica ele. O partido a que Brizola se refere é o PDT (Partido Democrático Trabalhista), o novo front do ex-Governador desde que a governista Ivete Vargas ganhou na Justiça a sigla do antigo PTB.

Seu destino político, se o PDT fracassar, é um enigma tão grande quanto a realidade da mudança de personalidade que sofreu o ex-Governador nos longos anos de exílio. Se as coisas derem certo, ele vai para o PT do Lula, com seus correligionários. Da sua personalidade, o único indício de que o revolucionário do passado sobrevive sob a capa do político moderado é a sua obstinada reação a renegar o passado. "Se fosse preciso, faria tudo de novo", disse no meio da entrevista que concedeu, por escrito, ao REPORTER.

"Grupos civis alimentam a violência da direita"

De 1964 para cá, o seu nome foi banido da História do Brasil. O senhor poderia se apresentar às novas gerações?

— Sou o que sempre fui. Agora, é natural que o tempo nos modifique. Só não mudam os que não conseguem acompanhar o próprio ritmo da vida, que é, por natureza, cambiante. Minha luta sempre foi frontal. Não sou homem de manobras. Não sei jogar no segundo ou no terceiro lance, como tantos políticos. Entendo os preconceitos, os enganos, os julgamentos errados a meu respeito. Ao longo desses 16 anos de autoritarismo, as novas gerações não tiveram possibilidades de conhecer a história do nosso País.

Em que dia começou o golpe militar de 64? Poderia ser evitado se o governo João Goulart não tivesse sido tão vacilante?

— A partir de certo momento, o presidente Goulart verificou que não tinha mais condições de resistir, a não ser com um alto custo, um grande tributo de sangue, e não se sentiu com o direito de impor nada ao povo. O que ocorreu em 64 vinha de longe. Muitas tentativas anteriores a 64, mas com a mesma inspiração, já tinham sido feitas, como em 51, 55 e 61. Sobre 64 e o regime que daí resultou, tenho uma certeza: se o presidente Goulart tivesse imaginado o que ocorreria com o nosso povo, de forma alguma teria agido com tanta boa vontade e tolerância.

Por que os militares deram o golpe em 64?

— Toda uma articulação de interesses e grupos, visando à instauração do autoritarismo no Brasil, foi adquirindo, com o tempo, uma conexão militar. Embora minoritários em 64, conseguiram, aos poucos, envolver o conjunto das Forças Armadas em seus propósitos. Tinham e têm um fundamento elitista: cultivaram a idéia de que eram criaturas superiores, iluminadas, capazes de impor ao povo suas fórmulas. O resultado foi um grande fracasso.

Por que, num determinado momento do exílio, o senhor fez a opção pela luta armada como forma de combate à ditadura?

— Não se tratou de uma opção. Prevalecia a nossa aflição com o sacrifício imposto ao nosso povo do que, propriamente, convicções ideológicas. Tanto assim que a razão, com o tempo, prevaleceu diante do sacrifício inútil. O povo soube enfrentar a violência e a humilhação. Digeriu o regime.

Esta opção não teria mais efeito se fosse feita às vésperas do golpe?

— É difícil dizer. Praticamos a democracia, mas nunca tivemos uma tática, embora tivéssemos uma visão estratégica correta. Estávamos vendo que o tempo se carregava, ia chover. Daí a idéia de organizar o povo através do grupo dos 11. Naquele tempo, como hoje, acreditávamos que a construção da nova sociedade terá que ser feita num ambiente de liberdade. Ainda no dia 23 de março de 1964, escrevi um artigo no "Panfleto", da mais pura e elevada pregação democrática. Ao ler esse texto, agora, depois de 16 anos, me senti muito confortado.

A revista "Veja" disse que o senhor era demagogo em 60, incendiário em 63, foquista em 67 e social-democrata na atualidade. Qual desses quatro é o verdadeiro Brizola?

— Sinceramente, não sei explicar tanta diversidade de qualificações. O que posso assegurar é que a essência de toda a minha atividade pública não está marcada por essas características. Combati e fui combatido. Construíram muitas deformações a meu respeito. Muitas, hoje, causam embaraços a quem as formulou.

De todos os golpistas de 64, qual o senhor gostaria de julgar, hoje?

— Não pretendo julgar ninguém, especialmente aqueles dos quais procuro guardar distância. Assim como não lhes reconheço autoridade para julgar-me. O juiz é o povo.

CASAR COM LULA

Reportagem de Dênis de Moraes e Francisco Viana

"Muitos desses militares vêm passear, exibir aqui sua banda e seus uniformes. Muitos deles feitos com tecidos do Rio Grande, com a lã de nossos rebanhos cuidados pelos peões de nosso interior, por nossos homens do campo, que nesta hora, ardentes de patriotismo, desejam ir até o sacrifício para lavar a dignidade da pátria enxovalhada por três ministros prepotentes, que desejam sufocar as liberdades, que desejam atropelar o regime e frustrar a vontade do povo. Se pensam que estão nos assustando com esses barcos de guerra, especialmente com o Minas Gerais, estão muito enganados."

Em 5 de setembro de 1961, durante a vitoriosa Campanha da Legalidade, pela posse de João Goulart

Em 64, o senhor exilou-se; agora, afirma que nunca mais sairá do país. Enfrentaria um retrocesso a bala?

— É muito difícil a gente falar sobre hipóteses.

"Se a democracia de que dispomos continuar sendo uma espécie de cobertura legal para o esbulho de nosso povo, aqui declaramos num solene juramento: denunciaremos esse sistema como instrumento de opressão e de domínio de nossa pátria e caminharemos para os meios de luta a nosso alcance. Mais vale perder a vida lutando que perder a razão de viver."

Em 22 de maio de 1962

Quem é presidenciável no Brasil?

— Existe muita gente em nosso país em condições de dirigir e coordenar um bom governo.

Tancredo Neves é presidenciável?

— Por que não? É um dos homens mais experientes e lúcidos do Brasil.

O PTB é o Partido Trabalhista Brasileiro; o PDT é o Partido Democrático Trabalhista; o PT é o Partido dos Trabalhadores; o PMDB tem um departamento trabalhista; e até o PDS fala em cogestão. Não é muito partido para pouco trabalhador?

- Não. É sempre positivo que alguém se proponha a trabalhar pela organicidade do povo. Agora, o que existe em matéria de partidos e de programas é muito farisaísmo. Os trabalhadores saberão separar o joio do trigo.

O PDT é uma ponte para uma fusão com o PT, ou tem projeto próprio?

— Não somos nenhuma espécie de ponte. Com o PT, pretendemos caminhar, quando possível, paralelamente. Assim como duas linhas de uma estrada de ferro. Juntos, procuramos, fraternalmente, levar o trem ao seu destino.

Lula e Brizola poderiam conviver no mesmo partido? Quem iria liderá-lo?

— Seria incompatível qualquer pretensão de prevalência de um sobre o outro.

Teme um golpe de direita como conseqüência da crise econômica?

- Não. Estou convencido de que a própria crise será um fator de abertura. Quem, em 16 anos, não resolveu os problemas do país, não resolve mais. Mais autoritarismo, para quê?

"O Brasil e os brasileiros não podem continuar assim. Aqui vai a palavra de quem só deseja uma saída para essa situação, quem deseja ver o país reestruturado e reformado, quem quer ver o país livre da espoliação internacional. Se os poderes da República não decidem, por que não transferimos essa decisão para o povo brasileiro?"

Em 13 de março de 1964

A direita voltou a agir violentamente no Brasil. A direita é só policial-militar?

— Não sou especialista em direita. Mas creio, no caso, que o seu centro alimentador seja civil. Grupos de interesses dominantes que envolvem, na maioria dos casos, pessoas ingênuas, que são levadas a praticar as maiores brutalidades.

Se o senhor chegasse ao poder, o que faria no dia seguinte: a) queimaria os arquivos do Dops; b) desativaria os serviços de informação e segurança; c) estatizaria o sistema financeiro; d) acabava com o latifúndio; e) desapropriaria empresas multinacionais que comprovadamente lesassem o país; f) socializaria a medicina; g) o que faria com os monopólios de comunicação?; h) a polícia garantiria os direitos dos trabalhadores contra os patrões?

— É raciocinar com base num idealismo, numa hipótese remota. Todos os itens contêm uma inspiração correta que qualquer governante deveria seguir com os métodos que considerasse adequados.

"O processo espoliativo é como uma doença insidiosa. Dir-se-á que ela reclama muito mais uma intervenção cirúrgica que um tratamento clínico. Somos, sim, contra um sistema econômico internacional que tem sua sede nos Estados Unidos e que é a fonte, a causa dos sofrimentos e de toda a sorte de deformações na vida dos povos cujas economias domina, como é o nosso caso e de toda a América Latina. E temos razões de sobra para odiar este sistema de espoliação que nos vem tornando a vida insuportável."

Em 25 de novembro de 1961

Por que o senhor repete tanto que o trabalhismo é o caminho brasileiro para o socialismo?

— O trabalhismo é um movimento com raízes, com um corpo de doutrinas inspirado nos valores do trabalho, inteligível para o nosso povo. Através dele, chegaremos à construção de uma sociedade igualitária.

"Estamos nos preparando para orientar e conduzir uma revolução que desejamos se processe pacificamente. Revolução dos métodos políticos e administrativos, mais especificamente no que diz respeito às reformas estruturais que o povo reclama. Caminhamos pela senda da ordem e da legalidade, mas estaremos prontos para enfrentar qualquer tipo de luta."

Em 11 de novembro de 1961

O povão nunca entendeu bem (ou não recebeu explicação) a causa de sua briga com Ivete Vargas. Poderia contá-la com detalhes?

— Tenho certeza de que o nosso povão entendeu muito bem essa história. Esse foi o grande engano dos que procuraram esta armação judiciária contra nós, os verdadeiros trabalhistas.

Qual a sua opinião sobre a visita do papa João Paulo II ao Brasil?

— Antes de o papa chegar, fizeram-me a mesma pergunta. E eu respondi: a presença do papa vai reunir multidões imensas, como nunca ocorrera a um só tempo em nossa História. Eu estava certo. Os efeitos da visita do papa nunca seriam somados em favor do autoritarismo. Bem ao contrário, seriam a favor da liberdade, da justiça social e da participação.

PDS e PP no Rio

VEREADORES NÃO TRABALHAM DESDE 1976

Tem até prêmio de Cr$ 2 mil para quem vai à Câmara

Reportagem de Luis Ferrão. Fotos de Claudio Passos

Quatro vereadores estão no plenário lendo jornais. E outros três compondo a mesa que dirije os trabalhos. O presidente da Câmara Municipal ainda não chegou (está uma hora atrasado, como sempre). O vice-presidente abre a sessão. Na galeria, três ou quatro jornalistas transitam inquietos, aguardando a leitura das mensagens e projetos que serão apreciados para a primeira votação. Está na pauta de discussões a convocação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito para apurar as causas do surto de tifo que, em Nova Iguaçu, já fez centenas de vítimas; o pedido de aumento para os servidores municipais que ganham abaixo do salário-mínimo regional; leitura da carta de protesto, enviada pelo Movimento Amigos do Bairro, contra a construção do novo prédio da Prefeitura, preterindo obras mais urgentes, como a instalação de esgotos e calçamentos nas principais ruas da cidade.

Aberta a sessão, chega o presidente. Neste momento está sendo lida a mensagem do vereador da oposição, Bento Gonçalves (PMDB), pedindo a criação da Comissão de Inquérito sobre o tifo. E, logo a seguir, o vereador Arruda Câmara pede que seja examinado o quorum, para verificar se há condições de apreciar as mensagens com o número mínimo de vereadores (2/3 mais 1), determinado pelo Regimento Interno da Câmara. A constatação: mais uma vez (pela terceira vez em um mês) não poderá haver trabalho porque não estão presentes 8 dos 21 vereadores.

Em Nova Iguaçu, além das faltas constantes dos parlamentares às sessões da Câmara Municipal existem cinco vereadores que não apresentaram projetos nem falaram da tribuna desde o início de seus mandatos, em 1976. A **Bancada do Silêncio**, como ficou sendo conhecida depois que o jornalista Artur Cantalice assim a nomeou, tem quatro vereadores do PDS, o partido do governo, e um do PP, partido do governador Chagas Freitas, que só abrem a boca para bocejar durante as poucas sessões a que comparecem. São eles: Francisco Ferreira Lima, Almir Cordeiro, Gibaldo Dantas e Adauto Vargas (PDS); e Sebastião Portes (PP).

A baixa freqüência dos vereadores nas sessões da Câmara forçou até a criação de um prêmio especial, para estimulá-los a comparecerem. O vereador é presenteado com cerca de Cr$ 2 mil cada vez que vai às sessões.

O vereador Adauto Vargas, em quatro anos de mandato, fez apenas um pronunciamento, congratulando um casal de noivos seus amigos, dando-lhes os parabéns pelo casamento, em outubro do ano passado.

— Seus eleitores conhecem a sua atuação na Câmara?

— Eles sabem — diz Adauto — e sabem que em vez de dizer besteiras eu fico quieto.

A Câmara de Nova Iguaçu tem 74 funcionários e cada vereador 1 assessor e 1 oficial de gabinete. A Câmara consome Cr$ 37 milhões da Receita Municipal e esta quantia deverá ser reajustada este ano para pagar o aumento de salário dos vereadores. Cada parlamentar tem direito a um automóvel da Prefeitura, um motorista e gasolina à vontade, cujos gastos chegam a Cr$ 200 mil mensais. As funções de assessor e oficial de gabinete (com remuneração de Cr$ 19 mil para cada), foram criadas em maio deste ano, o que foi taxado pelo vereador Bento Gonçalves (PMDB) de "empreguismo descarado".

A apatia dos vereadores e a indiferença da Prefeitura Municipal para com os problemas de Nova Iguaçu, faria supor que nenhum deles gosta de política e aceitaram concorrer aos cargos que hoje ocupam simplesmente pelo salário e as regalias que usufruem, pois têm possibilidades de empregar parentes e amigos.

Para o vereador Mário Marques, líder do Governo Municipal (PDS), a ausência de vereadores na Câmara e a falta de participação no debate se deve à incerteza que se instalou no meio político, com a reforma partidária e o adiamento das eleições.

Para o ex-líder da Arena, na Câmara, vereador Adjovaldo Silveira, a carreira parlamentar, hoje, é apenas um emprego, no qual não vale a pena arriscar quase nada. Agora no PP, Adjovaldo acha que os Vereadores do partido do Governo devem, como ele, fazer uma higiene mental.

— Abandonei o partido do Governo para fazer uma lavagem cerebral. A Arena fechou o Legislativo em 1978. A Arena massacrou o povo. E, hoje, nessa abertura que aí está, ainda há resquícios da ditadura que só com a reconquista das prerrogativas do Legislativo poderemos remover. Tenho vergonha desse partido, que me deixou tão mal diante dos meus eleitores.

A BANCADA DO SILÊNCIO DE NOVA IGUAÇU

Francisco Lima (PDS) — Gibaldo Dantas (PDS) — Adauto "Kojak" Vargas (PDS) — Sebastião Portes (PP)

PREFEITO DO PDS DESPACHA EM CASA

O prefeito de Nova Iguaçu, Ruy Queiroz (PDS), talvez atingido pela preguiça dos vereadores, também se tornou motivo de brincadeiras na cidade.

Quase ao completar quatro anos de mandato, Ruy Queiroz já fez 23 mudanças em seu gabinete. Os secretários foram remanejados, alguns deles quatro vêzes, como é o caso do secretário de Educação e o de Governo. Tudo isso para atender às pressões do grupo que elegeu Ruy — do PDS.

Para gozar o Prefeito, alguns moradores de um bairro pobre de Nova Iguaçu, a Chatuba, fizeram um judas no Dia de Aleluia, no qual colaram placas criticando-o. Um jornal de humor do município, ao fazer a escolha das personalidades do ano e suas respectivas fantasias, escreveu que o Prefeito sairia fantasiado de "Pudim de Cachaça" no carnaval de 1980, porque ele é "freqüentador assíduo dos bares da cidade".

Ruy Queiroz visita seu sítio particular no distante município de Paulo de Frontin (RJ) três a quatro vezes por semana. É lá que despacha com seu secretariado, de quinta-feira a domingo. Ele detesta jornalistas e só dá entrevistas ao ***Jornal de Hoje****, que faz as publicações oficiais. Quando é abordado em solenidades, o prefeito desconversa e nada fala.*

O presidente da Câmara, Vereador Ricardo Gaspar (PDS), é filho do conhecido ***Cacique Político de Belford Roxo*** *(o Distrito mais populoso de Nova Iguaçu), Antonio Gaspar. Ele foi eleito presidente mesmo sem nunca ter-se revelado político hábil ou bom orador. Perguntado por que permanecia sempre calado, ele disse:*

— O município não tem dinheiro para fazer obras.

O maior colégio eleitoral da Baixada

Nova Iguaçu é a cidade da Baixada Fluminense que possui o maior colégio eleitoral. Isso quer dizer que, na região, o município indica o maior número de representantes no grande colégio eleitoral nacional que indicará, de forma indireta, o novo presidente da República, em 1986.

Com 1 milhão e 500 mil habitantes, ela é a quarta cidade que mais arrecada o Imposto sobre Circulação de Mercadorias (ICM) no Estado do Rio de Janeiro. Essa posição, porém, não significa que a cidade esteja em boa situação financeira: os servidores são mal pagos, todas as obras públicas estão paralisadas e nem o surto de tifo está sob controle, pois diariamente surgem notícias de várias mortes causadas pela doença em diversos pontos de Nova Iguaçu. Apesar disso, a Prefeitura do PDS inaugurou recentemente a sua sede própria.

No dia da festa, o Movimento Amigos de Bairro, que congrega quase 100 associações, foi impedido, por forte esquema policial, de mostrar cartazes contra a obra, o próprio Prefeito Queiroz, e seus convidados especiais, o ministro da Justiça, Abi-Ackel, e dos Transportes, Eliseu Resende.

Foi logo depois da estação do Engenho Novo, no Rio.

Eram 18 horas do dia 10 de julho

Rede Ferroviária anuncia recorde de passageiros...

CORTADO AO MEIO PELO TREM

Fotos de Chiquito Chaves

Os trens continuaram a passar, mutilando o corpo

Os pulmões caíram entre os dormentes

O coração do rapaz foi jogado longe

A Rede Ferroviária Federal anunciou, recentemente, que bateu o recorde diário de passageiros transportados pelos trens suburbanos do Rio de Janeiro: 684 mil. A procura crescente pelos trens, um meio de transporte barato, não é acompanhada porém de uma melhoria dos serviços. A linha Auxiliar (Central-Belford Roxo) opera, por exemplo, com 250 trens, quase todos em estado precário. Alguns são de 1937. Apelidados de cacarecos, não oferecem conforto nem segurança. A maioria dos que neles viajam têm que ir em pé, em vagões sem luz e sem ventilação.

O resultado dessa falta de conforto e segurança é trágico: os acidentes se sucedem e, em alguns casos, são fatais. No mês passado um rapaz negro caiu do trem e desmaiou. Outros trens vieram e cortaram seu corpo. Seu coração e seu pulmão foram atirados longe. Nas estatísticas da Rede ele será apenas mais um número, mais um acidentado, mais um pingente que se deu mal.

Casos de acidentes fatais deverão continuar acontecendo ainda por muitos anos, pois, apesar de todas as promessas costumerias da Rede, a modernização dos serviços dos subúrbios é lenta e insuficiente para atender à demanda. O Programa de Remodelação e Modernização dos Subúrbios prevê, para 1984, ampliar a capacidade de transporte do sistema de trens suburbanos para 1,2 milhão de passageiros. Promessas como essas já foram feitas muitas outras vezes, inclusive em 1975, quando o governo Geisel lançou um pomposo programa de melhoria do serviço de trens cujas metas nem de leve foram alcançadas.

A desculpa para o fracasso é sempre a mesma: falta de dinheiro. Uma desculpa estranha, pois para obras completamente inúteis como a ponte Rio-Niterói ou a construção da luxuosa sede do Banco Central em Brasília dinheiro não falta.

Enquanto isso os trens de subúrbio, que poderiam conduzir, segundo a própria Rede, 3 milhões de passageiros por dia, transportam mal apenas a quinta parte disso.

Ricardo Bueno

...ro leitor. Agora ... vez você conhecer ... homens do ...erno. Aliás,

OS DONOS

... todo ...idade é pouco. São democratas da boca para fora, mas ... hesitam em ...regar o país às multinacionais, em ...rimir greves, ...ndar prender os trabalhadores e arrochar seus salários. Esta também é uma reportagem para você ler e guardar junto com o título de eleitor

Reportagem de Alex Marques e Roberto Vilar

Murilo Macedo

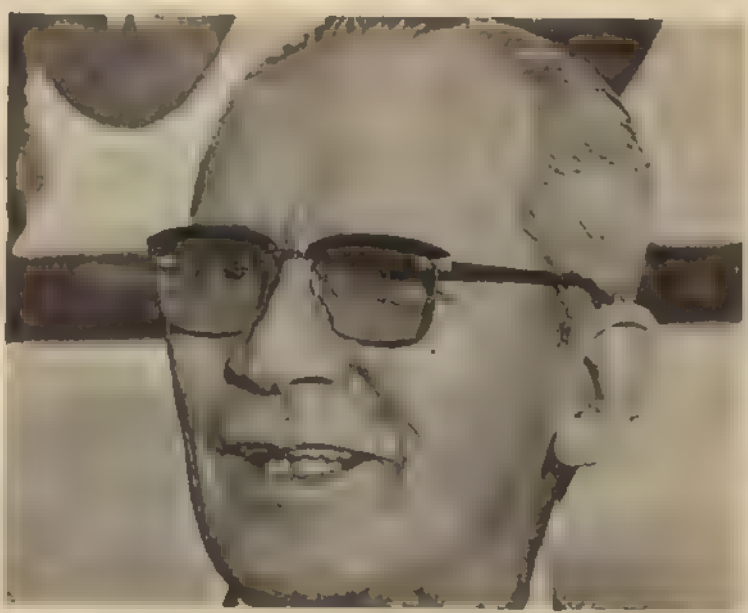
Passará à História, sem margem de erro, como o mais autoritário e prepotente dos ministros do Trabalho dos governos militares pós-64. Nem mesmo o ultradireitista Jarbas Passarinho conseguiu transformar o Ministério do Trabalho em sede tão autorizada da repressão e do arbítio. Diretor licenciado do Banco Nacional (seu patrão é Magalhães Pinto, presidente de honra do autodenominado Partido Popular), ex-secretário da Fazenda de São Paulo, conseguiu, em menos de dois anos à frente da pasta, fechar sindicatos com tropas da PM, reprimir greves legítimas com bombas, cassetetes e cães amestrados, expurgar da carreira sindical líderes como Luís Inácio da Silva (Lula), Olívio Dutra e Benedito Marcílio. Programou a ocupação militar do ABC e aceitou todas as investidas dos órgãos de segurança contra os operários. Recentemente, em pesquisa de opinião realizada junto a empresários, foi apontado como o ministro ideal. É compreensível: em nenhum momento, justificou o nome do cargo que ocupa.

José Sarney

"Esse Sarney é um corrupto, um sujo". Com estas palavras o falecido senador Vitorino Freire, arqui-inimigo do presidente do PDS, definiu esse político maranhense de finos bigodes e pretensiosamente metido a escritor (escreveu dois livros na vida e chegou à Academia Brasileira de Letras). Deputado federal pela UDN em 1958, elegeu-se governador do Maranhão em 63. Conspirador contra João Goulart, bajulou Castello Branco, Costa e Silva e cia, e sempre foi recompensado. Todas as denúncias de vendas ilegais de terras no Maranhão foram arquivadas pelo Supremo Tribunal Federal. Para sorte dos maranhenses, em 1978 impediram-no de voltar ao governo estadual (o SNI teria desaconselhado sua indicação, face ao escândalo que provocaria). Em seu estado, formou uma oligarquia temida por suas violências, principalemnte em questões fundiárias. Recentemente, declarou: "No Maranhão, estou acima do bem e do mal". No governo, no entanto, sua cotação não é das maiores; afinal, o PDS está se desmanchando em vários estados e, no Congresso, só obedece à liderança com ameaças (perda de favores, pressões econômicas).

Jarbas Passarinho

Não faz muito tempo, um repórter perguntou ao coronel-senador Jarbas Passarinho o que mais temia. E ele respondeu: "Os comunistas. Estudo o marxismo para destruí-los". De fato, esse homem carrancudo não fez outra coisa em sua vida a não ser servir ao regime e caçar comunistas. Tem uma carreira política relativamente recente. Começou-a pelo caminho mais fácil: cassado o governador do Pará em 1964, nomearam-no para substituí-lo. Em 1966, elegeu-se para o Senado, onde está até hoje. Seu governo no Pará é de triste memória para os paraenses: realizou obras secundárias, perseguiu adversários políticos e foi contemplado pela "Folha do Norte" com um arsenal de denúncias de corrupção (vendas ilegais de terras, nomeações em profusão de correligionários e má aplicação dos recursos públicos). Passarinho sempre refutou as acusações e perde a esportiva quando alguém recorda aqueles tempos. No governo Costa e Silva, foi ministro do Trabalho — e, nessa condição, diz ter se orgulhado de assinar o AI-5. Em sua gestão houve repressão a greves e intervenções em sindicatos. Com o general Médici, pulou para o Ministério da Educação. Nunca a censura foi tão implacável; nunca o decreto-lei 477 eliminou da vida universitária tantos estudantes.



Golbery do Couto e Silva

Um leitor perspicaz não deixará de perceber que a grande imprensa tem feito um bem-calculado esforço para entronizar um novo democrata na história recente do país. Trata-se, sem dúvida, do misterioso general Golbery — hoje, um homem freqüentemente brindado com definições do gênero "Maestro da Distensão", "General do Diálogo", "Mago da Abertura" entre outros tratamentos elogiosos. Quem leu a longa reportagem de capa que recentemente lhe dedicou a revista *Veja*, sguramente vai ficar inclinado a realmente acreditar nas boas intenções deste velhinho simpático, inteligentíssimo e voraz devorador de livros. Se o leitor, além de perspicaz, for também curioso, irá vasculhar os arquivos de algum jornal ou coleções de revistas antigas. E bem provável que descubra, se bem que com certo esforço, um Golbery bem diferente. Um conspirador que iniciou sua carreira em 1953, tentando derrubar Getúlio; que em 55 ficou oito dias preso por tramar contra a posse de Juscelino; e que, desde 61, foi um dos mais incansáveis inimigos de João Goulart. Em 64, o leitor irá encontrá-lo organizando o Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais — IPES —, embrião do SNI, do qual ele seria o primeiro e todo-poderoso chefe. No IPES, Golbery montou uma vasta rede de espionagem, chegando a manter 3000 telefones sob seu controle. Em 65, vamos encontrá-lo aconselhando Castello a adiar as eleições; no Governo Costa e Silva, caiu no ostracismo, que se prolongou no governo seguinte, época em que dirigiu a poderosa multinacional Dow Chemical. Voltou ao poder com o general Geisel, com quem fundou a Escola Superior de Guerra, e permanece até hoje no Palácio do Planalto. Seus dois livros "Geopolítica" e "Planejamento Estratégico" são, a um só tempo, manuais do regime e do anticomunismo. Sem dúvida, um democrata no melhor estilo das histórias de ficção.

Ibrahim Abi-Ackel

Minas está com azar mesmo. Se não bastasse ter que engolir Francelino Pereira, na hora em que poderia se projetar nacionalmente, teve um de seus políticos mais mediocres escolhido para ministro da Justiça. Abi-Ackel não tem cura, cochicham os mineiros: é ruim de voto. Eles têm razão. Em 76, não conseguiu eleger-se à Câmara; ficou como suplente. Só assumiu o mandato porque um deputado pediu licença para ser secretário de Estado. Considerado um político do terceiro escalão, a duras penas elegeu-se em 78. E todo mundo sabia que ele pretendia ingressar no PP, com a reforma partidária. Não o fêz porque, após a morte de Petrônio Portela, o general Golbery fez as contas e percebeu que se o PDS não tivesse uma bancada forte em Minas, perderia a maioria na Câmara. Vocabulário pedante, conservador, cercou-se da fina flor da intelectualidade de direita para assessorá-lo no ministério. Os resultados aí estão: cresceu o número de atentados terroristas em todo o país — todos mantidos sob a mais completa impunidade. A violência está nas ruas e o ministro fala em volta do "Cosme e Damião"

Jânio Quadros

Foi o político que mais contribuiu para frustrar expectativas de mudanças no país. Sua renúncia no dia 25 de agosto de 1961, abriu inexoravelmente o caminho para o golpe militar de 1964. Por que Jânio Quadros renunciou? Ninguém sabe ao certo. Ele também nunca teve interesse em dar qualquer explicação concreta aos seus seis milhões de eleitores. Talvez, porque por trás do seu gesto esteja — como suspeitam muitos políticos — uma tentativa golpista para fechar o Congresso (instituição que ele sempre viu com restrições) e assumir poderes ditatoriais. Aliás, a renúncia sempre foi a tática de Jânio para fortalecer seu poder pessoal e colocar-se acima dos partidos e instituições. Quando era governador de São Paulo, ameaçou renunciar uma vez, agredindo a Assembléia que bloqueara um projeto seu: **"Vou renunciar, não governo com vagabundos".** Na presidência, tentou o golpe mais uma vez e fracassou, abrindo caminho para a mais profunda crise político-militar da História do Brasil. Admirador das idéias de Golbery e partidário de governos fortes, como o nosso, Jânio está de volta ao esquema do Palácio do Planalto, e fazendo pose de democrata com o PTB

DO PODER

Francelino Pereira

Não tem o brilhantismo do Petrônio Portella, seu antecessor na presidência da defunta Arena, nem o indiscreto charme de bufão do seu colega paulista, Paulo Maluf. É uma figura insípida que começou a se tornar conhecida no país por causa de duas frases lapidares: "A Arena é o maior partido do Ocidente" e "Que país é este?". Eleito deputado federal em 63, manteve-se na obscuridade até assumir, no apagar das luzes do governo Geisel, a presidência da Arena. Pelo modo servil com que cumpriu todas as ordens do Planalto, acabou sendo brindado, contra a vontade dos mineiros (mesmo os mais obscurantistas), com o governo de Minas — onde faz uma melancólica administração. Tem se notabilizado pela forma feroz com que reprime as massas: sua polícia agiu violentamente contra a greve dos professores mineiros, e a greve dos operários da Fiat. Aliás, é em Minas que a extrema-direita tem tido mais facilidades para agir. Se vier a democracia, é candidato certo ao ostracismo. Aliás, onde sempre viveu.

Delfim Neto

Nenhum trabalhador brasileiro pôde esquecê-lo: foi o arauto e executor implacável da política de arrocho salarial nos governos Costa e Silva e Médici. Pai do chamado milagre econômico — que excluiu mais de 70% da população brasileira do acesso a condições de vida condignas —, Delfim nunca hesitou em utilizar o arsenal legislativo de exceção para beneficiar as classes produtoras. É dele a idéia da manipulação dos índices da Fundação Getúlio Vargas, em 73 — até hoje lembrada pelos sindicalistas autênticos, como forma de denunciar o arrocho salarial. No governo Geisel, perseguido por militares descontentes com sua política econômica funesta, ficou em Paris confinado, como embaixador, gozando de mordomias, até voltar ao país no fim do governo passado, envolvido por uma onda de denúncias de corrupção. Quem não lembra do rumoroso Relatório Saraiva (dossiê das propinas que ele teria recebido em Paris)? Hábil negociador e protegido de fortes grupos empresariais paulistas, voltou ao poder, tão forte quanto antes, com promessa de dar "um jeito" nos problemas que ele mesmo ajudou a criar. Prometeu frear a inflação em 40%, mas já vamos para 100%, com os preços disparando e os salários desaparecendo no fim do mês, como que por milagre. Tem esperanças de ser governador de São Paulo, e presidente da República, e entre os homens do regime é dos que não pensariam duas vezes no fechamento político, se isto o mantivesse no poder. Há rumores de que os militares deram-lhe prazo de um ano para acertar os ponteiros de economia.

Paulo Maluf

Não se pode negar que esse obscuro engenheiro foi longe demais nos seus sonhos paranóicos de poder. Empresário, ótimo relacionamento com os generais Médici e Geisel, fama de golpista em 64 (só fama, porque até hoje há muita fumaça em torno de sua verdadeira posição naquele triste ano), língua solta, marido de mulher rica. Esta a receita do dr. Maluf. Um dia, nomearam-no prefeito de São Paulo (dizem que foi um "presente carinhoso" de dona Yolanda Costa e Silva). E o homem se aproveitou e não largou mais o pote. Fez a administração-padrão desses últimos 16 anos: desinteresse pela comunidade, obras equivocadas e muito burburinho na oposição (o prefeito andou fazendo bobagens com o tesouro, dizia o MDB). Secretário de Transportes no governo Paulo Egydio, Maluf andou metendo os pés pelas mãos e as contas da Secretaria foram parar no Conselho de Contas — no fim, pelo sim ou pelo não, foram arquivadas. Acionista do grupo Lutfalla, quase teve sua candidatura ao governo paulista vetada pelos órgãos de informação, afinal o grupo deu aquele rombo na praça. Geisel e Figueiredo queriam Laudo Natel para governador, mas Maluf trabalhou em silêncio e ganhou (é esta a palavra?) os votos dos convencionais da Arena. Hoje, tem-se como certo que Maluf faz o pior e mais odiado governo da história daquele Estado. Quer ser presidente da República, mas, como disse seu ex-assessor Oscar Klabin Segall, "apostando no fechamento do regime, para ser a opção da direita". Sua polícia reprime greves, prende estudantes e operários, bate em quem o vaia (à paisana e com soco inglês, né governador?). Os atentados terroristas sucedem-se em São Paulo (Dallari, Bierrembach, José Carlos Dias etc.) e todo mundo aponta o dedo para o responsável pelo clima de terror, violência e incompetência administrativa (as usinas nucleares no litoral, os empréstimos no exterior). É ele próprio.

Otávio Medeiros

Dele o país sabe apenas que é um dos homens mais fortes do regime militar, e virtual candidato à sucessão de Figueiredo, caso não seja convocada a Constituinte, nem surja uma alternativa civil para a presidência. Ainda em 64, quando era instrutor na Escola Militar das Agulhas Negras, juntou-se ao grupo de oficiais conspiradores de que fazia parte o coronel João Baptista de Figueiredo. Logo após o golpe, aliou-se a Figueiredo e outros oficiais para transformar o antigo Serviço Federal de Informações e Contra-Informações no todo poderoso SNI — cujo primeiro chefe seria o general Golbery do Couto e Silva. Trabalhou como assistente de Figueiredo no gabinete militar do general Médici, de onde saiu em 1973 para o posto de adido militar da embaixada do Brasil em Israel. Lá, onde está a sede de um dos mais avançados serviços de espionagem e contra-espionagem, permaneceu dois anos aprimorando seus conhecimentos. Em 75 voltou ao Brasil, foi promovido a general de brigada e, em seguida, nomeado diretor da Escola Nacional de Informações — instituição que forma os quadros técnicos para o SNI. No dia 14 de julho de 78, ele deixou o cargo para assumir a chefia do SNI em substituição ao general Figueiredo

A. C. Magalhães

É um dos políticos mais hábeis do país e um dos que melhores serviços prestou ao regime. Em 1964, vamos encontrá-lo na Câmara chamando Jango de "frouxo" e "vendilhão da pátria". Não agia intempestivamente. Fazia parte do esquema golpista, que passou a apoiar logo que detectou sintomas de debilidade no governo constitucional. Data desta época a sua amizade com o coronel (hoje general presidente) João Baptista de Figueiredo, articulador de vários setores civis e militares no golpe. Oportunista, ele aproximou-se de Castello Branco através de Luiz Viana Filho, então chefe da Casa Civil, e conseguiu, quando este foi indicado governador da Bahia, o cargo de prefeito da capital. Fez [illegible] administração eficiente, [illegible] a cidade de infra-estru[illegible] [illegible] pensava em ser gover[illegible] E conseguiu. Então não [illegible] em esmagar [illegible] Magalhães (seu padrinho [illegible] o próprio Luiz Viana [illegible] nador Lomanto Junior [illegible] [illegible] con hec[illegible] todo o país [illegible] boicote financeiro contra o "Jornal da Bah[illegible] quase levou [illegible] [illegible]tor chefe, João Carlos T[illegible] Gomes. Amigo do grupo [illegible] [illegible]ano, conseguiu a presiden[illegible] Eletrobrás no governo Geisel [illegible] [illegible] ao seu apoio incondicional a Figueiredo volt[illegible] ao governo d[illegible] estado. O seu sonho é a presidencia da Republica

Bueno Vidigal

Desponta como a jovem guarda do empresariado fortemente alinhado com o regime. Em 1964, tinha 24 anos e ainda vivia sob a proteção agradável do império financeiro da família Bueno Vidigal. Herdeiro da fortuna, elegeu-se mais tarde presidente do Sindicato da Indústria de Peças e Equipamentos (Sindipeças), e representa o setor privado no Conselho Monetário Nacional. Agora, para se fingir de empresário moderno, bem intencionado, e mais camarada com os operários, lança-se à sucessão da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) — o clube privativo dos grandes patrões do país. É um homem de direita, anticomunista, mas não gosta de ser chamado assim. Diz-se interlocutor de Lula — que o odeia. Diz-se tolerante com as esquerdas, mas declarou que "se Miguel Arraes veio para a briga contra a burguesia", vai lutar "para jogá-lo no mar". Define a função do empresário: "Ele deve defender a distribuição de maiores lucros, ou o aumento da participação dos salários no bolo". Incoerente ao extremo, pleiteia eleições diretas, mas não admite que se eleja o presidente da República pelo voto direto. Sempre que pode, afirma que "o brasileiro é capitalista nato. Filiado ao PDS.

Mais uma obra pra beneficiar imobiliárias e empreiteiras

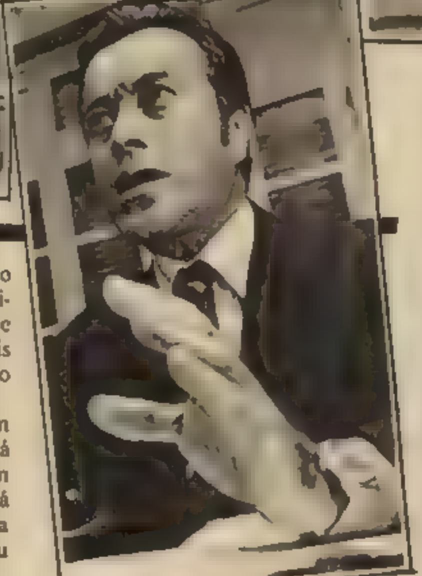
CAOS E LOUCURA.

É o Metrô em Copacabana

Reportagem de Antonio Marques e Rogério Carneiro (fotos)

O trânsito vai piorar mais ainda

Atravessar a rua já é risco de vida


Araken Lima

O impasse está criado. O ministro dos Transportes, Eliseu Resende, e a Companhia do Metropolitano do Rio querem, a todo custo, levar o metrô para Copacabana, o mais famoso bairro do Rio de Janeiro. A população da área — uma das mais densamente povoadas do mundo — é contra o projeto. O que fazer?

Para o presidente da Associação Comercial de Copacabana, Araken Lima, só há uma solução:

— Vamos deflagrar uma campanha contra a obra, apoiada por mais de 40 associações comerciais e de moradores da zona sul.

A campanha tem dois objetivos bem claros: condenar a execução da obra em Copacabana, até que fique pronta a construção da rede básica entre Botafogo e Tijuca e os subúrbios do Rio, que se arrasta há mais de 10 anos; e só apoiá-la no futuro, se a tecnologia aplicada for moderna, a fim de evitar transtornos à vida do bairro, onde o turismo é vital para o comércio.

A verdade é que os planos de expansão para Copacabana não resistem a nenhuma análise mais aprofundada. Técnica e politicamente a obra não é prioritária. No plano técnico, por examplo, a ampliação só se justificaria se fosse obedecido o projeto original do Grupo de Trabalho da Fusão (entre os antigos Estados do Rio e da Guanabara). No seu diagnóstico sobre os problemas de transporte do Rio, o grupo defendeu a tese de ampliar o metrô de Botafogo à praça General Osório até 1984. Motivo, a nova linha permitiria aumentar em 500 mil pessoas (1/3 do volume de passageiros previsto para a rede básica, com 37 quilômetros) o movimento do metrô, eliminando mil ônibus e dois mil automóveis do tumultuado tráfego da zona sul.

Além da economia de combustível, a obra, ao retirar o tráfego das ruas, diminuiria alguns problemas graves do bairro de Copacabana: falta de locais de estacionamento, poluição (sem o metrô, em 1984 Copacabana terá 79 toneladas anuais de gás carbônico, óxido de nitrogênio e hidro-carbonetos) e engarrafamentos permanentes. Mas não só pelo seu elevado custo e dificuldades técnicas de execução, como também pelo seu reduzido interesse em relação a outras áreas da cidade, reconhecidamente carentes de transporte, a obra é discutível

As justificativas do governo, à primeira vista, são duas: o fato de o bairro ser um importante centro de oferta de empregos (127,6 mil em 1979) e estar praticamente saturado.

Na prática porém, esses argumentos são como uma nuvem de fumaça. Disfarçam a verdadeira natureza da obra: um projeto para beneficiar os proprietários de imóveis que, com o metrô veriam seus edifícios de apartamentos mais valorizados do que atualmente. O raciocínio é lógico: a facilidade criada por um transporte como o metrô inevitavelmente resultaria em maior concentração urbana em Copacabana, aumentando o custo da moradia e os lucros do setor imobiliário

Por trás da obra estão, também, os interesses das empreiteiras que, no princípio da década de 70, cresceram mais do que poderiam e hoje andam em dificuldades financeiras devido à crise econômica e à desaceleração das obras públicas. Não é por acaso que os únicos recursos liberados este ano pelo ministério dos Transportes para o metrô são destinados quase que exclusivamente ao pagamento de atrasados dos empreiteiros (mais de Cr$ 1 bilhão) e para custeio da obra bruta

Com o investimento em Copacabana o governo permitirá que os empreiteiros coloquem em operação sofisticadas máquinas já ociosas por força do fim da obra bruta do metrô, que exigiu grande volume de escavações. Como o problema que mais atinge a população no momento são os incomodos que a obra causa ao tráfego, a estratégia pode ser aplicada de forma bastante simples: fecham-se os buracos da linha básica, faz-se um arremedo de urbanização, monta-se lentamente os equipamentos e abre-se uma nova frente de obras em Copacabana, dando grandes lucros aos empreiteiros.

São por esses motivos que o governo quer a obra, mesmo num pequeno trecho, com 1.800 metros, encravados no morro de São João. A obra é pequena, mas será cara: Cr$ 2,2 bilhões a preços atuais. Para ser realizada exigirá equipamentos modernos e tecnologia avançada (o que vai de encontro ao interesse das empreiteiras), em oito frentes de trabalho distribuídas por três pontos: a rua Fernando Guimarães, o morro de São João e a praça Cardeal Arcoverde, onde ficará parte da estação do morro de São João, a ser ligada à rua Barata Ribeiro através de tapetes rolantes que levarão os passageiros para as plataformas.

Fica ainda mais evidente a vontade de beneficiar as empreiteiras quando se sabe que a própria Companhia do Metropolitano já admitiu várias vezes que o projeto poderia ser adiado por seis ou sete anos, sem prejuízos para o bairro. Para isso bastava que fossem adotadas algumas medidas bastante simples propostas pelo chamado PIT — Plano de Integração de Transportes, hoje arquivado. Entre elas, destacavam-se a eliminação de grande número de linhas superpostas, responsáveis pela concorrência ruinosa entre os ônibus, a criação de faixas seletivas e uma melhor operação dos sinais. O custo destas medidas seria, no mínimo, 20 vezes mais barato que o metrô, com uma vantagem: prepararia a integração futura do sistema de transportes com o metrô.

Só na Praça, 10 mil são contra

Segundo a Companhia do Metropolitano, aproximadamente 35 mil pessoas vivem próximo da região em que será construída a primeira estação do metrô em Copacabana. Elas serão diretamente atingidas pelas obras, que começarão na praça Cardeal Arcoverde. A notícia de que o metrô chegaria a Copacabana provocou a mobilização dos moradores do bairro. Foi fundada, inclusive, uma associação de moradores da praça Cardeal Arcoverde, e mais de 10 mil pessoas já estão dispostas a lutar contra a obra.

Para o presidente da Associação dos Moradores de Copacabana, Araken Lima, o ideal seria que o metrô fosse construido em Copacabana obedecendo aos padrões seguidos em Londres. Recentemente ele esteve lá e, por curiosidade, foi ver a construção de um novo trecho do metrô da cidade — cuja linha figura entre as melhores do mundo — e ficou supreso:

— Não há qualquer interferência na vida da cidade e tudo é feito sob o solo, sem que a população sequer perceba. O engenheiro que conversou comigo ficou estarrecido quando contei nossos problemas.

Além do tumulto, a população de Copacabana não aceita a demolição do teatro Gláucio Gil e da escola Aquino Correia.

— É um absurdo, diz Laura Oliveira, vice-presidenta da Associação dos Moradores da praça Cardeal Arcoverde. No ano passado, as crianças da 6.ª, 7.ª e 8.ª séries foram transferidas para a Urca, sob a alegação de que a obra deveria começar logo. Não houve obras e tudo ficou indefinido. Por que destruir uma escola e um teatro, num país onde essas duas coisas fazem tanta falta?

No ano passado a administração do teatro Gláucio Gil, pertencente ao governo estadual, recebeu um comunicado de que ele iria abaixo e que um outro teatro seria construído em local diferente. Mas nada disso aconteceu, embora o governo afirme que o comunicado continua de pé. Essa situação deixa inquietos os funcionários do teatro, alguns com 15 anos de casa. Segundo um deles, "vai ter muita gente chorando quando esse teatro cair. Mas vai ter mesmo".

A maioria dos moradores, do bairro, entrevistados, entre perplexa e desinformada, não vê necessidade de que se comece a furar em Copacabana sem que o resto das obras do metrô tenha sido terminada. A maioria é contra o modo como são realizadas as obras, o desperdício de dinheiro, a falta de respeito com as condições de vida do bairro e a falta de segurança quanto ao término da obra.

Já houve até um abaixo-assinado de pais de alunos das escolas estaduais para que as obras não fossem iniciadas e o grosso dos comerciantes tem a esperança de que todos se unam "para impedir uma obra que só traz agonia". Opinião compartilhada pelo ator Osmar Prado, que estava ensaiando no teatro Gláucio Gil, para quem o metrô como meio de transporte "é paliativo sem ser de fato solução".

Para ele a solução é outra:

— Nós temos é muito carro particular circulando. A meu ver a solução seria o desenvolvimento de veículos coletivos, para que as pessoas não usassem o carro particular. Você já imaginou o que será para Copacabana uma obra do vulto do metrô? Vai ser um inferno. O melhor mesmo é pegar uma bicicleta. Pistas para ciclistas era uma solução interessante para o trânsito. Eu às vezes venho ao Gláucio Gil de bicicleta. Sabe quanto tempo demoro? Meia hora, de Laranjeiras. Pego a rua das Laranjeiras, desço a Pinheiro Machado, pego a São Clemente, entro na Real Grandeza, desço a Siqueira Campos, entro na Avenida Copacabana e estou aqui. É simples.

O ator Osmar Prado sugere bicicletas, e menos carros, pra melhorar o trânsito. Na Praça Cardeal Arcoverde, uma escola e um teatro vão abaixo.

Esta praça vai sumir

Esta rua será desfigurada

Uma rua quase centenária, onde os passarinhos ainda cantam nas árvores durante o dia vai ser desfigurada em Botafogo, caso se concretizem os planos do metrô de ampliar sua linha até Copacabana. Trata-se da rua Fernandes Guimarães, onde a apreensão aumenta à medida em que o noticiário sobre as obras ganha espaço nos jornais. Nos últimos seis meses, seus moradores incorporaram à rotina cotidiana perguntas como: "para onde ir?", "o que irá acontecer aqui?" e, enfim, "quais as casas que serão desapropriadas?".

Quinze casas desta rua, em Botafogo, serão destruídas.

É o caso, por exemplo, de d. Maria da Glória, de 60 anos. Ela mora no primeiro imóvel que o metrô vai demolir quando ampliar a linha: é uma casa de dois quartos, duas salas, quintal amplo e aluguel de Cr$ 6.166. Dona Maria vive em companhia de oito pessoas e, desde que leu a notícia nos jornais, está desorientada:

— Desde o princípio do ano estou apreensiva. Eu não sei para onde ir: vivo aqui há mais de sete anos, o aluguel é acessível, a casa é ampla e a rua calma. Não vamos encontrar nada igual em lugar nenhum do Rio, salvo se formos para um local distante, no subúrbio. Se isto acontecer, nossa vida vai piorar muito: meu marido é aposentado, vive doente e ganha pouco. Além disso, o resto do pessoal daqui da casa terá de gastar mais dinheiro para chegar ao trabalho.

As desapropriações são uma incógnita, já que a Companhia do Metropolitano pouco divulga sobre elas. Afirma-se que o lado direito da rua Fernando Guimarães seria demolido, mas ninguém tem concretamente informações a respeito do número de casas, do valor das indenizações, nem dos prazos que os moradores teriam para se mudar. No governo passado, estava praticamente certo que seriam demolidas pelo menos 80 casas nas ruas Fernando Guimarães, general Polidoro, Dom Manoel e Álvaro Ramos, em Botafogo. Em Copacabana não haveria demolições, com exceção da praça Cardeal Arcoverde. Ali desapareceriam o teatro Gláucio Gil e a escola municipal Dom Aquino Correia. A praça seria, então, transformada num canteiro de obras e mais tarde destruída definitivamente para dar lugar a um grande terminal de ônibus.

Agora, devido à escassez de recursos, o número de desapropriações caiu para 13 e tudo indica que se reduzirá ainda mais. Além da falta de recursos, o Metrô não tem condições políticas de voltar a promover desapropriações em massa, porque já estão desmascarados os objetivos especulativos que revestiram boa parte das desapropriações (mais de 3 mil) da rede básica.

No ano passado, quando o metrô pela primeira vez admitiu uma data para iniciar as obras em Copacabana, chegou a ser elaborado um decreto de desapropriação, nunca assinado pelo governador Chagas Freitas. Apesar do sigilo mantido até hoje sobre os números das casas atingidas, o REPÓRTER conseguiu apurar que da lista constavam, entre outros, os seguintes imóveis: Rua Dom Manoel, 38, 44, 46; rua General Polidoro, 55; rua Álvaro Guimarães, 112, 117, 139, 125, 146; rua Fernando Guimarães, 2, 4, 6, 8, 10, 12, 14, 16, 18, 20, 22, 97, 100, 101, 102. Dessas habitações, 24 seriam totalmente destruídas.

Cel Fabriciano, 23 de junho de 1980.

Ilmo. Sr. Diretor,

Para sua informação, comunico-lhe a confirmação do recebimento do 1º exemplar, das remessas do REPÓRTER, o qual fiz a assinatura.

Fiquei muito emocionado pela rapidez da entrega e com as notícias do jornal.

Sem dúvidas, é o jornal que não tem medo de assinar embaixo. Por isso, á bastante tempo que leio e recomendo aos meus amigos.

Aqui na cidade, pouca gente conhece o jornal. Mesmo assim, logo que chega nas bancas, acaba.

Eu pelo menos tenho todos, porque um Sr. dono de uma banca aqui guardava-o para mim. Agora com a assinatura tudo tornou-se mais fácil e simplificado.

Espero que vocês continuem com essa rapidez e, boa vontade de levar a notícia e a verdade ao povo brasileiro. Isto é importante e útil

Muito obrigado

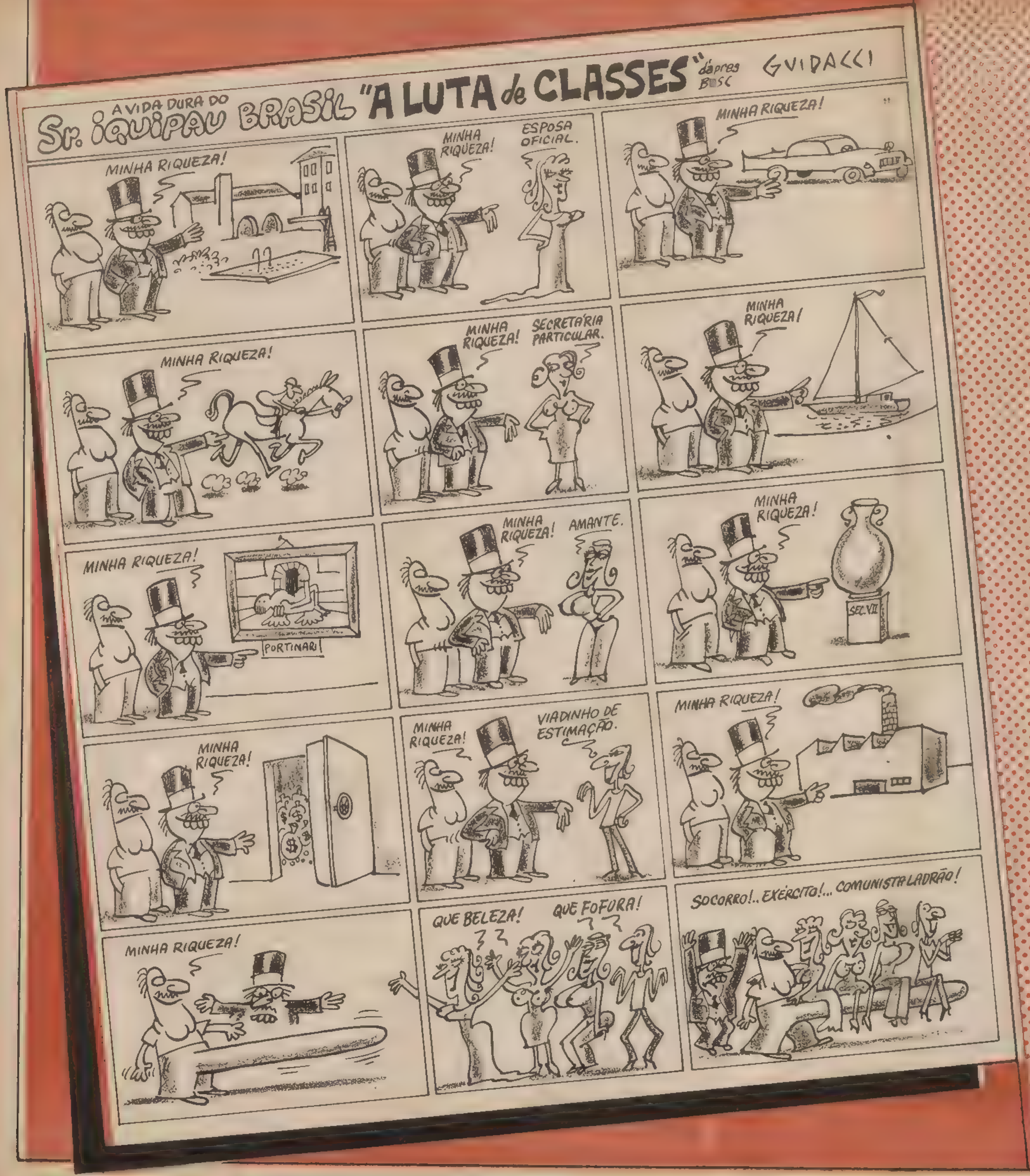
assine REPORTER

CUPOM DE ASSINATURA

Assinatura por 12 edições: Cr$ 400,00
Envie cheque nominal ou Vale Postal para:

MARGEM EDITORIA E PROGRAMAÇÃO GRÁFICA LTDA.
RUA MIGUEL COUTO, 134/11° — 20070 — Rio de Janeiro

Nome: ....
Profissão: ....
Endereço: ....
CEP: .... Cidade .... Estado ....


A VIDA DURA DO
Sr. IQUIPAU BRASIL "A LUTA de CLASSES"
d'apres BOSC
GUIDACCI
MINHA RIQUEZA!
MINHA RIQUEZA!
ESPOSA OFICIAL.
MINHA RIQUEZA!
MINHA RIQUEZA!
MINHA RIQUEZA!
SECRETÁRIA PARTICULAR.
MINHA RIQUEZA!
MINHA RIQUEZA!
PORTINARI
MINHA RIQUEZA!
AMANTE.
MINHA RIQUEZA!
SEC. VII
MINHA RIQUEZA!
MINHA RIQUEZA!
VIADINHO DE ESTIMAÇÃO.
MINHA RIQUEZA!
MINHA RIQUEZA!
QUE BELEZA!
QUE FOFURA!
SOCORRO!.. EXÉRCITO!... COMUNISTA LADRÃO!

DIREITA VOLVER MANIFESTAÇÕES ORQUESTRADAS S.A.
apresenta
o Grande, o Sensacional
PRESTIDIGITADOR
SALIM MALUF
OLHEM BEM PARA OS MEUS OLHOS! AGORA, VOCÊS VÃO DORMIR,... E QUANDO ACORDAREM EU SEREI O PRESIDENTE DA REPÚBLICA.
CAIXINHA DOS POLÍTICOS
S. PAULO

Uma família que ganha Cr$4.500, mensais paga 16,4% de tributos; quem ganha Cr$160 mil, paga apenas 4,9%. Dois advogados denunciam injustiça de taxar serviços básicos.

Até imposto no Brasil explora os mais pobres

POLÍTICA DO GOVERNO CONCENTRA MAIS A RENDA

Reportagem de Marise Cardoso. Fotos de Rogério Carneiro

— Ao contrário da Declaração dos Direitos Humanos, — diz o advogado Márcio Donicci — segundo a qual todos os homens têm direito à habitação, alimentação e higiene, os brasileiros pagam, para sobreviver, vários impostos como o Predial e Territorial Urbano, o sobre Energia Elétrica, a Tarifa Básica de Limpeza Urbana e as Taxas de Água e de Incêndio. Esta última, por exemplo, já está incluída no Imposto Predial e Territorial Urbano, mas vai ser paga em separado. No Brasil, pagar impostos está tão relacionado com o fato de viver em sociedade, que o indivíduo que não tiver C.P.F. não existe, não tem crédito. Por isso, atualmente, a Secretaria da Receita Federal detém mais informações sobre os brasileiros que o próprio SNI.

Sem receber em troca os direitos equivalentes aos impostos, os cidadãos brasileiros pagam tributos, diariamente, de forma direta e indireta, através de taxas mensais ou anuais, dos descontos nos seus salários, ou quando consomem produtos, inclusive os bens de primeira necessidade, como os gêneros alimentícios, sobre os quais incidem principalmente o ICM — Imposto sobre Circulação de Mercadorias — e o IPI — Imposto sobre Produtos Industrializados.

O mais grave é que no Brasil os pobres e as famílias de classe média pagam mais impostos do que os ricos, ao contrário do que acontece na maioria dos demais países. Para o advogado Luiz Roberto Nascimento e Silva, a emenda constitucional n.º 18, de 1965, e a Reforma Tributária, de 1967, foram responsáveis pelos privilégios concedidos aos ricos.

— A partir dessa reforma acabou-se com a taxação dos lucros imobiliários, eliminou-se a tributação dos ganhos de capital (ou seja, ganhos com a venda de imóveis e ações, por exemplo), reduziu-se o imposto incidente sobre herança para dois por cento, praticamente eliminando-o. Assim, formou-se um conjunto de privilégios fiscais muito grande beneficiando sempre a classe alta. Por isso, a grande massa trabalhadora, que desconta a cédula C do Imposto de Renda, é mais vitimada pelos impostos do que as pessoas que têm rendimento de capital.

— Os tributos indiretos, que representam 70% da receita tributária no Brasil, são injustos na medida em que penalizam o consumidor sem levar em conta seu poder aquisitivo, diz Nascimento e Silva.

— Surge então o que se chama de regressividade, que é a capacidade dos impostos indiretos de retirar das famílias modestas frações maiores de sua renda do que das pessoas mais ricas. Uma pesquisa do Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Sócio-Econômicos (DIEESE), em 1978, provou que numa família com renda mensal de Cr$ 4.500, os impostos indiretos retiram 16,4% dessa renda, enquanto que numa família com Cr$ 160 mil o percentual é de 4,9%.

Por isso o sistema tributário brasileiro é uma das causas da péssima distribuição da renda no país. Segundo o Banco Mundial, o Brasil apresenta um dos maiores índices de concentração de renda no mundo, só sendo superado por países como a África do Sul, a Rodésia e o Gabão.

O advogado Luiz Roberto Nascimento e Silva observa:

— A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio do IBGE, realizada em 1976, mostrou uma concentração da renda maior que a observada pelo Censo de 70. Este, por sua vez, tinha apresentado índices de concentração superiores aos de 1960. Em 1960, 5% da população detinha 28% da renda nacional. Em 1970. Em 1970, esses mesmos 5% de ricos detiveram 35% da renda e, em 1976, sua fatia aumentou, indo para 46%.

— O absurdo do sistema tributário brasileiro chega a tal ponto que o empregado arca com os recolhimentos no seu salário, que servem para favorecer sua demissão do emprego, observa Mário Donicci.

— Os recolhimentos feitos com base no salário do empregado, tais como FGTS, PIS e INPS, são parcelas retiradas de seu salário, que servem para o patrão demiti-lo quando quiser. Além disso, é absurdo exigir que o profissional autônomo pague ISS, INPS e Imposto de Renda para exercer a profissão. Outro exemplo é o dos pedágios nas estradas, porque o pagamento dessas taxas está incluído na Taxa Rodoviária Única.

Para Márcio Donicci, o contribuinte brasileiro, ao contrário do contribuinte dos países desenvolvidos, não está acostumado a exigir pelo que paga.

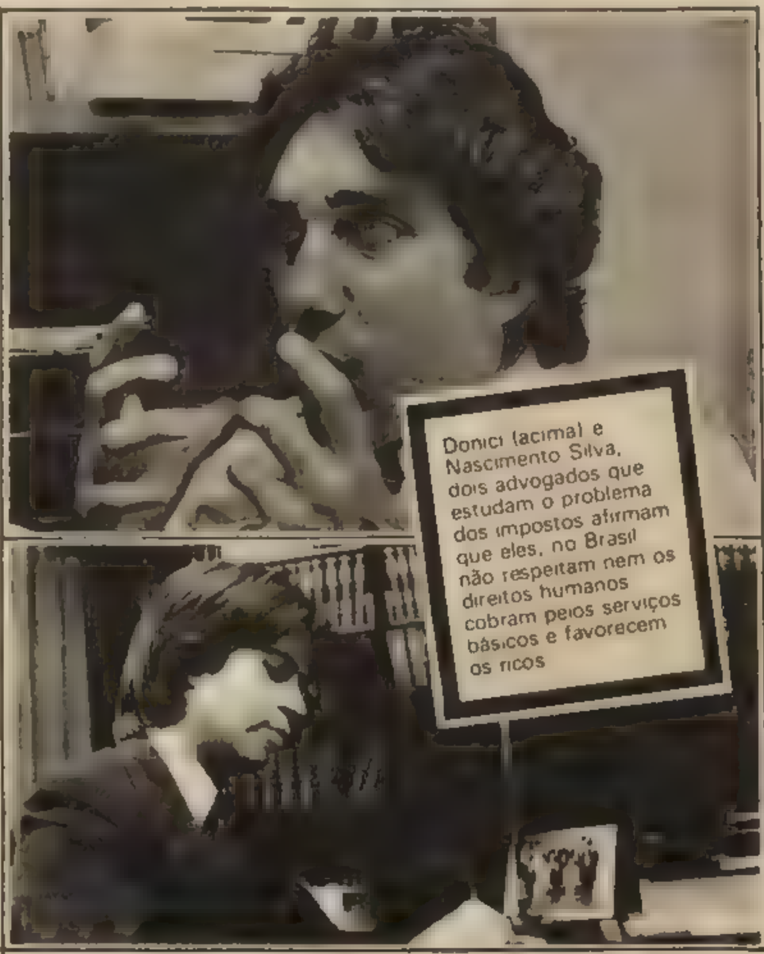
— O contribuinte americano, por exemplo, sabe de antemão que um funcionário público recebe seu salário às custas dele, contribuinte, e que todo serviço público, se existe, é graças ao pagamento dos tributos feito por ele. Por isso, exige serviço, exige ser bem tratado pelo poder público e seus funcionários, sem autoritarismo e sem arbítrio.

Outro aspecto grave do sistema tributário brasileiro é que o grosso da arrecadação vai para as mãos do poder central, do governo federal, deixando os Estados e municípios carentes de recursos. Com isso, eles não têm como atender às necessidades da população e ficam eternamente dependentes dos favores do governo federal para realizar até investimentos básicos, como os ligados à melhoria do sistema de transportes e construção de casas populares.

Os principais impostos, o de Renda e o IPI são federais, e o ICM que é estadual é distribuído pelo governo da União, diz Luiz Roberto Nascimento e Silva.

A desculpa para essa centralização é que o governo federal teria capacidade de aplicar os recursos arrecadados melhor que os prefeitos, que desperdiçavam dinheiro construindo fontes luminosas. Só que, segundo o economista Carlos Lessa, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, essa alegação é tola:

— O governo federal não se saiu melhor do que os prefeitos, pois também gastou rios de dinheiro em obras inúteis. A ponte Rio-Niterói é de responsabilidade do governo federal e a Transamazônica também. A construção de fontes luminosas pelo menos tinha uma vantagem: criava empregos no interior. O governo federal nem isso conseguiu.



Donici (acima) e Nascimento Silva, dois advogados que estudam o problema dos impostos afirmam que eles, no Brasil não respeitam nem os direitos humanos cobram pelos serviços básicos e favorecem os ricos

Município, Estado e União juntos cobram 11 taxas

Veja aqui como a prefeitura, o governo estadual e o governo federal metem a mão no seu bolso, através da arrecadação de taxas e impostos.

• **Imposto de Renda** (federal) —

Renda anual até Cr$ 94.200 — isento
De Cr$ 94.201 mil a Cr$ 133.400 mil — alíquota: 5%
de Cr$ 133.401 mil a Cr$ 174 mil — alíquota: 10%
De Cr$ 174.001 mil a Cr$ 227.600 mil — alíquota: 15%
De Cr$ 227.601 mil a Cr$ 227.601 mil a Cr$ 297.200 mil — alíquota: 20%
De Cr$ 297.201 mil a Cr$ 391.500 mil — alíquota: 25%
De Cr$ 391 501 mil a Cr$ 507.500 mil — alíquota: 30%
De Cr$ 507.501 a Cr$ 667 mil — alíquota: 35%
De Cr$ 667.001 a Cr$ 870 mil — alíquota: 40%
De Cr$ 870 001 mil a Cr$ 1.377.500 milhões — alíquota: 45%
De Cr$ 1.377.501 milhões a Cr$ 2.030 milhões — alíquota: 50%
Acima de Cr$ 2.030 milhões — alíquota: 55%

• **Imposto sobre Produtos Industrializados** (federal) — varia de zero a 365 por cento, dependendo do tipo do produto.

• **Taxa Rodoviária Única** (federal) — varia dependendo do tipo, da potência e do ano do veículo. Para automóvel, o valor mínimo para 1980 é de Cr$ 1.150 mil, e o máximo, para carro importado, acima de 220 CV (cavalo vapor) é de Cr$ 146.988 mil. A taxa é anual, paga na rede bancária, à vista ou até em três parcelas, se o valor for acima de Cr$ 2.480,20. (Esse valor de referência muda de seis em seis meses). A T.R.U. dá direito ao emplacamento do carro.

• **INPS** (federal) — É descontado 8 por cento sobre o salário do empregado. Para os profissionais autônomos, os valores variam dependendo do tempo de filiação do assegurado ao Instituto:

Valor mínimo: Cr$ 664.
Mais de 1 ano até 2 anos: Cr$ 1.122 mil
Mais de 2 anos até 3 anos: Cr$ 1.683 mil
Mais de 3 anos até 5 anos: Cr$ 2.805 mil
Mais de 5 anos até 7 anos: Cr$ 3.928 mil
Mais de 7 anos até 10 anos: Cr$ 5.611 mil
Mais de 10 anos até 15 anos: Cr$ 6.733 mil
Mais de 15 anos até 20 anos: Cr$ 8.416 mil
Mais de 20 anos até 25 anos: Cr$ 10.100 mil
Mais de 25 anos: Cr$ 11.222 mil

Não existe carência para assistência médica e para auxílio funeral. Há um ano de carência para o auxílio doença e para o auxílio natalidade, e há 5 anos de carência para aposentadoria por idade. O mínimo para aposentadoria por tempo de serviço são 30 anos.

• **Fundo Nacional de Telecomunicações** (federal) — Essa taxa corresponde ao acréscimo de 30 por cento sobre o valor da conta, percentual que também está incluído nas ligações em telefones públicos, através do preço das fichas.

• **Imposto sobre Circulação de Mercadoria** (estadual) — Incide na diferença entre o valor de compra e o valor de venda. Foi criado com a Reforma Tributária de 1967. A alíquota varia dependendo do tipo de operação. Nas internas, nos estados das regiões sul e sudeste é de 15 por cento, e no norte, nordeste e centro-oeste é de 16 por cento. Quando as mercadorias são enviadas do sul e sudeste para o norte, nordeste e centro-oeste, a alíquota é de 10 por cento, e do norte, nordeste e centro-oeste para sul e sudeste é de 11 por cento.

• **Imposto sobre Serviço** (municipal) — Varia de Cr$ 1.140 mil a Cr$ 2.280 mil, dependendo da profissão. É pago anualmente, na Secretaria da Fazenda do Município do Rio de Janeiro.

• **Tarifa Básica de Limpeza Urbana** (municipal) — Foi criada em 1975 e cobrada a partir de 1976, depois da fusão, quando deixou de ser uma receita do governo do município, incluída no Imposto Predial e Territorial Urbano. O valor mensal da taxa é calculado multiplicando-se Cr$ 0,5758 pela área quadrada do imóvel. Para se obter o valor anual, multiplica-se esse resultado por 12. Ela representa o pagamento de um serviço executado pela Comlurb, que é a remoção do lixo domiciliar.

• **Taxa de prevenção e extinção de incêndios** (municipal) — Os valores, em Uferj, variam de Cr$ 228 a Cr$ 912. São isentos os imóveis residenciais com menos de 50 metros quadrados de área, e os situados a mais de 70 quilômetros das sedes dos municípios onde estejam instalados os sistemas de prevenção e extinção de incêndios.

• **Imposto Predial** (municipal) — É calculado com base no valor venal do imóvel. Os percentuais variam dependendo da característica, ou seja, se é residêncial, comercial ou industrial; e dependendo do bairro e da área construída.

• **Imposto Único sobre Energia Elétrica** (federal) — A última atualização, da portaria 065 de 7 de maio de 1980, determina o valor de Cr$ 1.507 mil por mil quilowats/hora. Para consumidor residencial é cobrado 50 por cento do valor fixado; para o comercial, 60 por cento; e para o industrial, 16 por cento. Os imóveis industriais que consomem mais de 2 mil quilowats /hora, por mês, pagam o empréstimo compulsório da Eletrobrás. Para se calcular, multiplica-se o total de quilowats /hora por 0,48977.

Para os demais casos, multiplica-se a quantidade de quilowats/hora por: consumidor residencial 0,75350; comercial 0,90420; e industrial 0,24112.

Sílvio de Souza

Balancê do ABC

GOVERNO FALSIFICA ÍNDICE DE SALÁRIOS

O governo está buscando uma estranha solução para "baixar" a inflação e, com isso, dar reajustes mais magros aos trabalhadores. O ministro do Planejamento, Delfim Netto, e o ministro do Trabalho, Murilo Macedo, já acertaram os ponteiros, e decidiram que a inflação não vai ser mais medida pelo Índice Geral de Preços, da Fundação Getúlio Vargas, mas sim pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC), do IBGE. O detalhe é que todo mês o INPC é inferior ao índice da Fundação.

Assim, a inflação ficará menor num passe de mágica embora os preços continuem subindo com a mesma velocidade que antes. Além dessa manipulação de índices, Delfim e Murilo Macedo chegaram a sugerir que a política salarial deveria ser modificada pelo Congresso pois é "liberal" demais (embora os salários dos trabalhadores continuem subindo menos que a inflação). Mas a manobra não foi bem sucedida, pois as lideranças do PDS avisaram aos ministros que nem mesmo os parlamentares do partido do governo estavam dispostos a votar em medidas para aumentar o arrocho salarial.

Oposição de metalúrgicos promete vencer em S.P.

Os metalúrgicos de São Paulo, Osasco e Guarulhos já estão se movimentando para a campanha de renovação do acordo de trabalho com os patrões, em novembro próximo. Além dos patrões, os metalúrgicos terão que enfrentar os pelegos que dominam os sindicatos de São Paulo e Guarulhos.

O pelego Joaquim dos Santos Andrade, o Joaquinzão, já começou a convocar reuniões por fábrica, mas está mais preocupado em meter o pau nos sindicalistas que lhe fazem oposição, do que em discutir a campanha salarial.

Apesar de suas manobras, Joaquinzão deverá ter sérias dificuldades para controlar os trabalhadores quando a campanha começar, porque a oposição este ano está bem organizada, contando inclusive com associações de trabalhadores em várias regiões de São Paulo. Assim, os metalúrgicos de São Paulo não dependerão mais da boa vontade de Joaquinzão para conseguirem locais em que se reunir.

As empresas do ABC estão roubando dias de férias dos trabalhadores. É o que denuncia um boletim distribuído pela Comissão de Salários e pela diretoria deposta do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo. A desculpa para esse roubo é a greve que a categoria fez em abril/maio.

O negócio é o seguinte: a greve durou 26 dias úteis. Mas as empresas estão contando os sábados, domingos e feriados como dias de trabalho. Pela lei em vigor, o trabalhador que faltar 26 duas úteis tem direito a 12 dias de férias. Mas pela contagem das empresas, os trabalhadores não estão conseguindo, sequer, um dia de folga.

A General Motors, de São Caetano, está usando a rotatividade da mão-de-obra com grande intensidade para assim reduzir salários. Durante maio e junho, 303 trabalhadores foram demitidos da seção MVA e outros contratados, com salários mais baixos, naturalmente.

Além disso, as condições de trabalho nessa multinacional continuam longe de serem boas. Na seção de ferramentaria os banheiros andam uma imundície e não há, sequer, chuveiros para que os operários tomem banho depois do serviço.

Na Delfos, almoxarife é o médico

A Delfos, de São Caetano do Sul, é uma empresa pequena, mas as sacanagens que faz com seus empregados são grandes. Os operários contratados ficam freqüentemente sem registro vários dias, o que poder ser fatal em caso de acidente, pois a empresa tem a chance de alegar que nada tem a ver com caso. E o empregado não tem como provar seu vínculo com a empresa.

Na Delfos não há qualquer tipo de assistência médica, a não ser a dada pelo "Negão do Almoxarifado", que dá primeiros socorros e chega ao absurdo de passar receitas médicas.

Os trabalhadores da Delfos estão sob constante pressão. Há uma ordem da diretoria que os obriga a receber o pagamento em no máximo meia hora. Só que o salário é pago por uma agência bancária, que, nos dias de pagamentos, fica repleta. Mesmo assim, quem se atrasa é descontado no seu salário.

Greves contra atrasos da Fichet

A Fichet, grande fábrica de estruturas metálicas de Santo André, vem atrasando o pagamento de seus 3 mil funcionários. O problema começou no dia 25 de junho, quando a empresa sempre faz um adiantamento de salário correspondente a 100 horas de trabalho.

Um dos dirigentes da empresa desceu à fábrica e, vendo os operários de braços cruzados, confirmou que o adiantamento só sairia dia 3 de junho. "Pois então ficaremos parados até lá", foi a reação dos empregados. Após seis horas de paralisação, um porta-voz da empresa comunicou que o adiantamento seria pago naquele dia, o que acabou acontecendo.

No dia 12 de julho, novos problemas. O pagamento prometido não saiu e os operários acabaram mesmo recebendo com atraso. Para os operários os problemas da Fichet estão ligados às despesas que a empresa fez com a compra de equipamentos destinados a uma barragem que constrói na Nigéria. Essa compra, que inclui basculantes, motoniveladoras, pás carregadeiras, teria descapitalizado a empresa. Sim, porque encomendas não faltam. Prova disso é que a Fichet funciona 24 horas por dia.

Os leitores pediram reportagens sobre "o lado de dentro das prisões", aí está: o repórter Tim Lopes entrevistou uma ex-presidiária, que não quiz se identificar, e a acompanhou nas visitas que ela faz, em sua folga quinzenal, ao companheiro, ainda preso. Ela trabalha agora no jogo de bicho.

VIDA NA CADEIA

Depoimento de quem viveu no presídio de mulheres

O táxi pára na rua Frei Caneca, na porta do presídio Milton Dias Moreira. 50 anos, ela é magra, alta e feminina. Traz a marca de um tiro na mão direita e o peito queimado de água quente. Atravessa a rua apressada, num bonito conjunto mostarda, destaque para a túnica ao estilo Mao-Tsé-Tung. Os cabelos ondulados, mechas grisalhas, o rosto pintado com distinção. Bem diferente daquela imagem, de óculos pendurado no pescoço atrás de um balcão de jogo-de-bicho, no centro da cidade. No bicho ela trabalha o dia todo, inclusive sábados e domingos desde que saiu do presídio Talavera Bruce, só de mulheres, onde passou grande parte de sua vida. Foi presa várias vezes por prostituição, desacato a autoridade e uma por tráfico de drogas, quando cumpriu a sua maior pena, quatro anos. O resto, como ela mesma diz, foi "cadeia de recado": tirava seis meses, um ano de cana e saía fora. Folga de quinze em quinze dias e ocupa esse dia para visitar o parceiro na cadeia, amigo de fé, há 20 anos preso. Ele foi condenado por homicídio e outras broncas.

A revista é rigorosa. As mulheres na fila com bolsas, pacotes, maços de cigarros nas mãos, biscoito e as crianças. O soldado armado de metralhadora na porta. Vão entrando pequenos grupos que recebem um cartão com o nome e o número do preso. Esse cartão será entregue ao preso no seu cubículo por um interno que auxilia na administração. Ao descer das galerias, o cartão fica com o guarda de plantão. Sou mandado entrar num pequeno compartimento e o guarda me apalpa de cima a baixo. Antes de entrar no pátio, onde os presos esperam a visita, outro policial dá um cartão para os que estão visitando pela primeira vez o presídio. Um aviso em tom ameaçador:

— Não me perca esse cartão se não você fica aí guardado.

Ela conhece de tudo um pouco. A liberdade e a prisão. Perdeu a mãe quando mal tinha entrado nos três anos de idade, foi internada num colégio na zona norte. Mas antes foi criada por uma família que a mandou para o instituto Oscar Klark, que recebia filhos de tuberculosos.

— Eu via uns lençóis sujos de sangue e diziam prá mim que era aborto. Eu nem sabia o que era isso, era pequena. Na minha primeira menstruação eu tava numa roda com as meninas e falei que tinha abortado. Outra vez eu falei a mesma coisa e todo mundo saiu de perto. Não é que a diretora me expulsou sem ao menos pedir para eu ser examinada! Me mandou direto para o SAM (Serviço de Assistência ao Menor). Foi a minha maior tristeza; aquele colégio era tudo prá mim e até hoje guardo recordações. Fiquei maluca, prá mim o dia virou noite.

No pátio as crianças brincam no playground, os presos estão com as suas melhores roupas, alguns passam de um lado para o outro. Com direito a visitas íntimas, os outros com certeza estão nos seus cubículos. Em volta do pátio, a cantina, os bancos e as mesas de cimento; nas paredes estão desenhados escudos do Vasco da Gama e do Flamengo e as samambaias viçosas crescem nos cantos das grades de ferro por causa da umidade. As paredes descascadas, goteiras, ladrilhos soltando do chão. O som de um alto falante com um ruído irritante chama pela guarda. Ela olha com ternura para o seu parceiro, brinca, dá um soquinho no rosto dele como gesto de carinho. Em cima da toalha de matéria plástica florida, mamão, biscoito, latas de conserva e a garrafa térmica de café. Ela conta a sua entrada no antigo SAM, enquanto toma um gole de café.

— Ih, foi um choque. O colégio era dirigido por freiras e nós sempre andávamos vestidas, de camisola, sem falar nome feio. Quando cheguei lá só via meninas de combinação, de calcinhas, coisa que eu nunca tinha visto. Eramos três donzelas, a Dulcinéia, a Analgiza e eu. Antes de entrarmos lá foi feito exame ginecológico. Mas eu era levada mesmo, consegui logo um namoradinho que era da cozinha. Eu era bonita, esperta. Não falo mal do SAM porque matou muito a minha fome. Mas todos os vícios eu aprendi lá.

E o namorado?

— Deu até briga. O cara começou a me flertar. Gostei. Aí apareceu a **Paulista Branca** que tirava uma de xerife da área. Começou a pegar os bilhetes que eu recebia e lia alto prá todo mundo, aquilo ia me torturando. Era muita humilhação. Ela dizia: "o homem vai ser meu, e tal e coisa." Eu não agüentava tanta provocação. Pedi pro cara me passar uma faca. Um dia, no jantar, o cara deu sinal que havia uma faca dentro do tacho de feijão quente e eu maloquei a faca dentro do sutiã. Esperei a primeira oportunidade, encarei a **Paulista Branca**, na época o terror do SAM. Eu não sabia que prá matar uma pessoa tem é que furar mesmo. Eu achava que tinha que rasgar. Cortei a mulher de cima a baixo e as tripas saíram. A mulher tomou medo de mim e ficou desmoralizada. Eu tinha 12 anos.

E a primeira cadeia de verdade?

— Cedo comecei a me virar na rua. Já bebia muito. Eu tinha 21 anos, fazia ponto na Praça Mauá e fui beber umas cachaças na Lapa quando apareceu a polícia. Naquele tempo o camburão era preto e vermelho. Os homens vieram tirar satisfação; não deu outra: enchi os tiras de pedradas. Fui presa por desacato a autoridade. Naquele tempo, as prostitutas eram muito perseguidas, qualquer coisa a polícia vinha em cima, metia em cana e dava porrada. A gente tava aqui tava ali, você sabe, puta mora andando. Não esqueço de um delegado chamado Bonilo Dulcílio que perseguia mulheres. Ele era do 7.º distrito. Um dia apareceu no jornal que ele havia se matado com um tiro no ouvido. Descobriu que a mulher o traía. Ficou tomando conta do nosso rabo e esqueceu de olhar o da mulher dele. Foi um dos dias mais felizes da minha vida.

Fotos de Chiquito Chaves

A ex-detenta durante o depoimento e, depois, saindo da redação

O relato dela é interrompido quando chega um rapaz de cabelos carapinha e olhos verdes. Novo de cadeia, o rapaz tinha vacilado e estava pedindo desculpas ao companheiro da ex-presidiária, que responde:

— Prejuízo pouco é lucro, meu irmão.

De radinho de pilha, relógio no pulso, perfumados, os que não recebem visitas ficam andando de um lado para o outro olhando de soslaio os que vêm da rua, meio desconfiados, mas ansiosos para iniciar uma conversa, um contato que lhes traga algum conforto. No refeitório alguns casais trocam carícias, namoram. De repente, o grito desesperado de uma menina de uns cinco anos chama a atenção. Mas muitos fingem que não estão vendo a briga de duas mulheres, uma jogando a bolsa na outra.

O ex-sargento Augusto, condenado por várias mortes, dá uma gravata numa das mulheres, a menina sai gritando, chamando pela mãe. Diz um presidiário:

— Ele é do Esquadrão da Morte, um safadão, canalha. Foi expulso do exército. Se a briga fosse com outro interno, as mulheres já tinham ido para fora e o cara para o cubículo. Mas ele é da turma do Vianinha, do Oto, do Saulo, tudo polícia.

Quando os guardas aparecem já está tudo calmo. Uma das mulheres foi embora. A outra ficou sentada no banco.

— Se eu fosse a mulher dele, dava com a bolsa na cara dele. Ele é safado. Sabe que a mulher (que levou a gravata) vem sempre aqui porque ele marca com a outra.

Ajeitando o cabelo, sem esconder a vaidade de ter sido uma mulher disputada e ainda em plena forma, como faz questão de frisar, ela fala do amor na cadeia:

— A cadeia é uma fábrica de amor, um depósito de sofrimento. Um mundinho. Aqui é o amor da necessidade. Eu já tive presa e sei o que é isso. Eu visito esse meu camarada ha mais de seis anos e não tiro parlatório (onde a relação sexual é permitida) com ele. Antigamente a gente ainda ia pro cubículo, mas brigava tanto que, quando a visita acabava, a gente só tinha dado umazinha. Eu me sinto bem dando essa cobertura prá ele, levando uns cigarros e ele parece até que já gosta da cadeia, tá familiarizado. Me jura amor, mas não acredito. Eu não amo ele, gosto dele, você entende? Tenho pena. E já disse prá ele que quando sair pode ir à luta procurar mulher, arranjar uma cocotinha. Não vou ser eu que vou tirar o recalque dele, não. Eu já disse, se ele sair e tiver um homem na minha casa, eu vou arranjar um canto pra ele ficar. Se eu tiver sozinha, ele dorme comigo.

Cabelos brancos, bem penteados, 47 anos, forte, com cicatrizes de estocadas e tiros, o companheiro dela é muito respeitado no presídio. Corajoso, não foge do pau. Ela conta que uma vez numa briga ele levou uma estocada e correu atrás do outro interno até enterrar o punhal nele:

— Esse homem tomou um medo tão grande, que quando me via saía correndo e se jogava no chão segurando as pernas do primeiro guarda que encontrava.

São quase cinco horas da tarde. A sirene toca. A visita acabou. Os presos vão saindo, acompanhados das mulheres e do filhos. No espaço entre as galerias e a porta de ferro que dá para o corredor de saída, abraços e beijos apaixonados marcam a despedida. Ela se despede do companheiro prometendo voltar daqui a 15 dias. Afinal, a amizade deles tem mais de 30 anos, quando se cruzaram pela primeira vez na praça Mauá.

Na rua Frei Caneca, em frente ao presídio, a maioria das visitas está parada no portão, sem sair do lugar. Do outro lado da rua uma mulher gorda, de blusa preta com bolinhas brancas espera a outra, morena, magra, bem mais nova, preferida do ex-sargento Augusto. De blusa amarela, calça de brim, a morena sai em direção à mulher gorda, que mete a mão na bolsa e tira uma garrafa de Coca Cola. As mulheres se embolam no chão, a menina fica berrando. O pessoal que acabou de sair da visita incentiva a briga, os guardas ficam assistindo, sem chegar perto. A mulher mais magra, descabelada, sangrando pelo nariz, sai correndo e pega um táxi. A outra sai vitoriosa, carregando a filha que soluça. A ex-presidiária comenta:

— No meu tempo era a navalha. Eu sempre fui boa na navalha. Nunca ninguém me tirou uma da mão.

MULHER ACUSA A POLÍCIA POLÍTICA

Desaparecido o funcionário da Transbrasil

Reprodução de Eliana Pastore

Silvio e Ana na festa de casamento

Ele sabia de contrabando feito através da empresa

Ana Maria Lacerda está denunciando, há dois anos, o desaparecimento do seu marido, Silvio Bonano Marques, operador de computadores da companhia aérea Transbrasil, no aeroporto de Congonhas, na capital de São Paulo.

Para Ana, o que houve foi um sequestro planejado pela própria Transbrasil, em acordo com o Departamento de Ordem Política e Social (Deops), a polícia política do Estado, porque Silvio havia denunciado, em conversas com amigos, que eram feitos contrabandos através da empresa. Ana não sabe se tais contrabandos eram feitos em conivência com a direção da Transbrasil, ou se um grupo — talvez de policiais — utilizava funcionários e aviões para embarcar as mercadorias.

●●●

Silvio desapareceu no dia 8 de setembro de 1978 na Cidade Ocian, Praia Grande (Santos), quando jogava bola com alguns amigos e familiares. Ele sumiu quando sua mulher Ana Maria e sua irmã Cecília entraram na água para um mergulho. A mãe de Ana Maria disse ter visto Silvio num carro, junto a uma pessoa que o obrigava a abaixar-se, apontando para o apartamento onde estavam hospedados. À noite ela foi à delegacia de Praia Grande para dar queixa. Depois, foi ao necrotério, aos hospitais, penitenciárias __ tudo em vão.

Um irmão de Silvio procurou o velho escrivão de polícia, Milton Braga, e pediu sua ajuda nas investigações. Ele garantiu à família de Silvio que podia "ficar tranquila, pois o Silvio será solto amanhã e voltará para casa".

No dia seguinte mudou de conversa, e até aconselhou os familiares a não pensarem em vingança, e que não comentassem nada com ninguém. O zelador do prédio onde a família de Silvio ficava hospedada revelou que o edifício estava totalmente cercado por policiais, e que melhor seria que Ana Maria voltasse para São Paulo. Mas ela ficou em Santos.

Ana Maria foi procurada por um amigo de Silvio, de nome Laercio, também funcionário da Transbrasil, que lhe disse que o Deops de São Paulo havia localizado Silvio "muito machucado" num hospital de Santos.

Ioli Luzia Gomes, a chefe de Silvio na empresa, também garantiu essa versão, mas pediu para que ela não tomasse nehuma providência, pois a Transbrasil cuidaria do caso.

Na Transbrasil, Ana Maria foi atendida por um "tal Dr. Aldo", advogado da empresa, que foi com ela a Santos. O delegado disse para ela que seu marido não estava morto, mas certamente "aproveitando a vida", e que dentro de três meses aparecia.

Ana Maria procurou a Ordem dos Advogados do Brasil-OAB-SP, a Comissão de Direitos Humanos da Assembléia Legislativa de SP e a Comissão de Justiça e Paz, que mandou ofício ao falecido ministro da Justiça Petrônio Portela, em 1979, sem que tivesse obtido resposta do orgão ate agora

Para ela o desaparecimento do marido tem somente uma explicação

__ Ele contava que se fazia contrabando na Transbrasil; não sei quem, nem como era feito esse contrabando. Mas o Silvio me dizia que existem outros funcionários que também estão desaparecidos. Entre eles há, inclusive, um piloto.

A vida dos ricos com inflação de 100%

Milionários em crise

Edevaldo Alves da Silva é um dos novos ricos de São Paulo. Discreto, não dá entrevista nem deixa fotografar sua casa, prá ninguém saber que no meio da sala tem uma cachoeira natural. Dono da rádio Capital, das Faculdades Metropolitanas Unidas e de um escritório de advocacia, não se abala com a inflação: come faisão e lagosta. Paulo Egydio, Maria Pia Matarazzo e Chiquinho Scarpa também não se assustam.

Texto de Jamile Fadul

- *Vestidos de ouro*
- *Sabonete importado*
- *Gorjetas de Cr$5 mil*
- *Cinemas em casa*

A primeira-dama — que adora jogar gamão — numa recepção elegante da sociedade paulista

De dentro do bolo, sai uma mulher nua

Chiquinho Scarpa, numa festa, pegou a Bruna Lombardi (há quatro anos) enfiou numa caixa e deu de presente para um amigo dele. Eles alugam as meninas — do "Planeta dos Homens", das novelas de tv, como Sonia Braga —, põem numa caixa e dão de presente numa festa de despedida de solteiro. Ou senão colocam elas no meio de um bolo de papelão, de onde saem nuas, dançando. Ganham fortunas prá fazer isso. Coisa de Cr$ 800 mil. O Chiquinho tem muito disso.

Às vezes, o Chiquinho pega a mulher põe no meio de três, quatro homens: todos eles transam com ela. Às vezes, até duas, três mulheres.

Os executivos transam com mulheres contratadas por hotéis de luxo. O gerente tem um catálogo, o freguês pode escolher a cor da pele, dos olhos. Telefona, a mulher vai. Conheço diversas dessas mulheres. A Bianca, lindíssima, deve ganhar uns Cr$ 40 mil por dia. Pagam tudo prá ela; ganha apartamentos, investe.

Cachoeira natural na sala de visitas

Na casa de Edevaldo Alves da Silva, uma das mais bonitas do Morumbi, tem uma cachoeira natural na sala — um monstro — cercada de vegetação; dá impressão que você está ao ar livre. A casa é um desbunde, é coisa de louco. Tinha um heliporto, agora não tem mais Tem quadra de tênis, três piscinas, 24 suítes. É maior que a do Paulo Egydio Martins, ex-governador. A do Paulo Egydio tem seis mil metros de área construída; a do Edevaldo dá uns oito mil. Os sofás são todos de seda clara. No meio da sala, um cavalo em tamanho natural, em cobre. Mil objetos, cristais bico-de-jaca que nem existem mais.

A casa do Oscar Klabin Segall — um dos donos de todo o papel-imprensa do país — também é muito bonita. Tem quinze empregados. Tem muitos tapetes persas. Imensos, de metros e metros a perder de vista. Duas lareiras. Cachorro — tem um empregado que só cuida do cachorro. Dois ou três guardas vigiam a casa. Oscar tem milhões de terrenos. É um dos maiores donos de terra em São Paulo. Apartamentos de aluguel; casas no Morumbi, as tem a perder de vista.

Foto João Bittar

Klabin tem 15 empregados em casa

Nas casas dessas pessoas os lencóis são todos gravados, bordados. Quando dorme alguém lá, eles mandam gravar na hora. Na casa da Maria Pia Matarazzo — herdeira da fortuna — os guardanapos dos convidados são gravados com seus nomes Antes do almoço, na casa de Maria Pia, há um banho de piscina, de onde os convidados saem para vestir roupões oferecidos pela anfitriã; amarelos para os homens, brancos para as mulheres

Chiquinho Scarpa (cervejaria Caracu) usa em casa talheres (só) folheados a ouro. Os guardanapos são todos de linho. Todos os carros têm as iniciais do nome dele e o brasão da família.

Compras de comida nessas casas é feita por atacado. Compra-se para um mês, dois, guarda-se em enormes dispensas, congeladores. Come-se: faisão, lagosta, pato, caviar, sardinhas importadas, até as torradas do café da manhã são estrangeiras

Casas como a de Edevaldo têm até cinema, projeção 35mm. Ele aluga filmes que passam nos cinemas e os vê em casa.

Maluf ganhou iate de 2 bi e meio

O último presente que Edevaldo Alves da Silva deu a Paulo Maluf foi uma lancha no valor de dois bi e meio, quase um iate. Pro Hélio Ribeiro (diretor da rádio Capital) ele deu, no ano passado, um Mercedes e uma casa.

O Di Genio (dono do curso Objetivo) também dá presentes desse tipo. Quando aniversaria a mulher de um general amigo dele; às vezes ele nem a conhece; dá um carro do tipo Passat, ou Alfa.

Prá uma menina que Edevaldo chama de "afilhada" — filha de um casal amigo dele e da mulher — deu um dos maiores anéis de brilhantes de São Paulo, porque a menina está desenganada.

No Natal passado, Edevaldo deu prá todas as secretárias dele um relógio Rolex de ouro e, para o pessoal da rádio Capital, deu um rádio-gravador que deve custar uns Cr$ 35 mil.

No aniversário do cabeleireiro Carlucho, a Maria Pia Matarazzo deu de presente prá ele uma Honda 750 e um tapete persa de sete metros.

Diversão é amassar carros parados

Vários Mercedes podem ser encontrados na garagem de Edevaldo e de outros de seu status. Inclusive as crianças têm seu carro, com chofer — eles são uma verdadeira paixão dos milionários. E também as placas do carro. Dá prá conhecer o milionário pela placa do carro: 1111, 2222. Outros pagam o que for prá conseguir uma placa com as iniciais deles, ou deles e de suas mulheres.

A loja de automóveis preferida é a Dacon, nos Jardins (SP). São carros de 700 mil. Às vezes, quando vão prá oficina, o mecânico cobra Cr$150 mil. Um carro na moda é o Galaxie, custa Crsta Cr$ 800 mil Os executivos usam de preferência o Landau.

Em Ribeirão Preto, onde as pessoas são muito mais ricas que em São Paulo, um filho de uma dessas famílias, gordo, imenso, tinha uma brincadeira que era assim: ele amassava qualquer carro estacionado, sentando com seu peso no capô e, quando o dono chegava, rindo, ele assinava um cheque, falando: eu pago, eu pago...

Foto Wagner Avancini

Bruna já foi presente

Edevaldo ao lado de Paulinho, filho de Figueiredo

Avião de amantes no 'week-end' carioca

As mulheres geralmente tomam aula de idiomas em casa. São caríssimas: Cr$ 2 mil por hora. Elas, quando não podem ir ao cabeleireiro, mandam vir em casa. Os cabeleireiros cobram uma exorbitância. No Carlucho — o cabeleireiro do salão Colonial, o mais badalado —, prá lavar a cabeça e passar uma escova, sai Cr$ 2.500. Prá cortar uma franja é Cr$ 500. Cortar o cabelo, Cr$ 1.500.

Se o cabeleireiro vai em casa, a despesa sobe prá Cr$ 8 mil, Cr$ 10 mil, com a gorjeta, Cr$ 15 mil. Algumas mulheres dão até Cr$ 12 mil de gorjeta.

Elas apenas supervisionam o funcionamento da casa, têm uma equipe de empregados. Não deixam que faltem flores — as floriculturas fornecem todo dia — nem o estoque de faisões, adquiridos em chácaras especiais.

Elas tomam aula de etiqueta, para se comportar em público. Sabem até como escolher o lugar adequado para sentar em mesa de restaurante. Escolhem à luz sob a qual vão sentar, de maneira que suas rugas não apareçam muito.

Geralmente, elas têm seu próprio carro, com chofer. Mercedes, Landau, Passat. Vão às joalherias, fazem compras de 2 bilhões.

Praticam esportes diferentes, como o gamão. Duas adversárias que se enfrentam constantemente são Maria Helena Curi e a primeira-dama, Dulce Figueiredo.

As solteiras recebem muitos convites para viagens. O milionário solteirão pega um grupo de meninas, põe no seu avião e leva pro Rio. Hospeda todas no Hotel Regente, em Copacabana, e ainda paga todas as suas compras em butiques cariocas. Antonio Carlos do Prado é um que já fez muito disso

Os vestidos são caríssimos Uma vez, Maria Lucia Saas Calfat foi a uma festa com um vestido todo bordado a ouro.

1 bi e 200 na festa e 50 mil no bar

Edevaldo é um dos maiores fregueses do restaurante Padock Por noite a conta sai Cr$ 40 mil, Cr$50 mil. Ele não bebe, mas vai chegando gente, bebendo, e ele paga tudo. A gorjeta menor pro garçon é mil cruzeiros. É também cliente do bar-restaurante Gallery. A maior festa no Gallery, no ano passado, foi ele que deu: custou um bi e duzentos. Quando seus filhos fazem aniversário ele fecha o Gallery prá festa dos meninos. (Além disso, em casa mesmo eles têm uma "boatezinha" só deles.)

Nos restaurantes caros, como o Le Tambouile — frequentado por Paulo Maluf — uma dose de uisque sai por Cr$ 500. No Padock, um suco de melão custa Cr$ 120. Os preços de vinhos do Le Tambouille começam em Cr$ 7 mil e vão até Cr$ 16 mil

Nas festas, os convites são todos nominais. Se a pessoa não vai, tem que avisar antes, pois os lugares são todos marcados Muita gente, já pagou milhões prá comprar o convite de alguém.

Na festa, todos perguntam onde você mora e você tem que dizer que é numa casa de 15 bi, senão é mixo. Quem não é convidado para as festas diz depois que não foi porque estava doente ou tinha viajado prá Europa. As conversas são sempre as

— Sabe que minha casa no Marrocos. .

— Ah, meu cavalo perdeu a corrida ontem...

— O meu vison...

Antes de viajar, dedetiza a ilha

Essa gente não usa nada nacional. As roupas, óculos, lenços, perfumes sabonetes, tudo é importado. Eles viajam muito à Europa. O Edevaldo vai quatro, cinco vezes por ano. Ele vai de Concorde: leva quatro horas e custa Cr$ 125 mil; por jato normal é Cr$ 60 mil. Quando ele tinha avião — teve dois, um de oito lugares, outro de 16 — ia passar fins-de-semana no México. Os filhos e a mulher também só usam roupas importadas. No inverno, vai-se para a Suiça. Outros, vão à Europa jogar gamão, como o médico Geraldo Medeiros, o preferido do hight-society paulista. (Atualmente, ele está lá.)

Viagens pelo Brasil; esse pessoal tem casa em Búzios, Ilha Bela. O Paulo Egydio tem uma ilha em Ubatuba. Quando ele vai prá lá, primeiro manda helicópteros prá dedetizar a ilha. Perto dali, em São Sebastião, os Fuada têm uma praia particular de 25 mil metros quadrados.

Pagam diárias de Cr$ 25 mil a ministros

Quando vêm prá São Paulo, Figueiredo e os ministros são convidados prá jantar na casa do Edevaldo. Mas não dormem lá. Ele aluga uma suite no Maksoud Plaza ou no Ceasar Park. O Flavio Cavalcanti, o Abi-Ackel — esse pessoal. Sai Cr$25 mil a diária. Põe um carro com chofer à disposição Ele nem sabe quantos carros tem.

O Edevaldo e o Maluf são muito amigos. Às vezes o Maluf vai tocar piano na Casa da Manchete para poucos convidados e o Edevaldo vai. O Figueiredo liga pro Edevaldo. Nei Braga idem. Quando veio o presidente do Banco Mundial, o Robert MacNamara, onde ele ficou? Na casa do Edevaldo E quem ficou o tempo todo com ele? Foi Edevaldo. Alugou até um jatinho da Lider prá levar o MacNamara prá todo lugar Inclusive ficou bravo porque saiu muito caro. Ele levou o MacNamara pro Palácio do Planalto, lá pro Figueiredo e depois voltou com ele aos Estados Unidos.

No ABC:

Mataram o filho bastardo do Matarazzo

Baronesa é suspeita

Foto Valdenir Benedetti

Os executores do crime na prisão

Um caso policial abala a cidade de Santo André, a mais populosa do ABC paulista: o engenheiro Francesco Restivo, executivo da Rhodia, e filho bastardo de Ciccilo Matarazzo, foi assassinado no dia quatro de julho, em sua casa, com pancadas de barra de ferro na cabeça, e tiros, num lance ainda não esclarecido, mas envolvendo a sua mulher, a americana e baronesa Marianne Mischutin. Marcos Aurélio Simões Tolesano e Dagoberto Garcia, além da mulher de Marcos, Fátima, ao que tudo indica, o pivô de toda a história.

Duas versões, por enquanto, dominam a elucidação do crime: 1ª, Marcos e Dagoberto teriam a promessa de Marianne de receberem 200 mil cruzeiros para liquidarem o marido; 2ª, Marcos e Dagoberto teriam matado Restivo após uma conversa, onde o primeiro exigia satisfação das críticas dirigidas pelo engenheiro à sua mulher, Fátima. E a reação acabou resultando na morte de Restivo

O certo é que por detrás de tudo isso está um emaranhado de casos. Pela sua função, Restivo viajava constantemente para a Europa, liberando Marianne, de 32 anos, com quem estava casado há mais de doze anos.

Marianne, por sua vez, era amiga de Fátima, e, ao que se diz na cidade, mantinham relações sexuais, tendo inclusive sido apanhadas no banheiro da boate Turim, e expulsas por sua proprietária. É certo que o engenheiro não gostava de Fátima, chegando até mesmo a expulsá-la de sua casa, uma mansão da Rhodia localizada na avenida Dom Pedro, num local dos mais sofisticados da cidade

O que se revelou, é que na véspera do crime, Restivo participou de uma reunião que foi até altas horas da madrugada, enquanto Marianne, com seu conhecimento, foi jantar na casa de Fátima, onde deveria dormir. Numa determinada hora, Marcos e Dagoberto, também presentes, deixaram a casa e se dirigiram para a mansão de Restivo, e quando este chegou, por volta das três horas, deu-se a discussão e o crime. O barulho, no entanto, chamou a atenção dos funcionários de um motel, vizinho à mansão, e a polícia acabou detendo os dois em flagrante.

Mariane ficou sabendo do crime uma hora depois, quando a polícia foi até a casa de Fátima avisar

Marcos e Dagoberto, presos na Cadeia de Santo André, "preferem deixar esfriar a cabeça" para falarem sobre o caso, deixando claro, inclusive para o juiz, que apanharam para fazer a confissão envolvendo Marianne. Já a americana, presa em Ribeirão Pires (município próximo a Santo André) para falar à imprensa exige a presença de seu advogado, Décio Francisco Pereira, que por sua vez não está interessado em que a cliente fale

Para o advogado Décio, Marianne é uma mulher de bem, que tinha uma "amizade distante" com Fátima, que conhecia há apenas quatro meses e que "essa conversa de lésbica não passa de uma mentira inventada pela imprensa local, interessada em sensacionalismo". Mas é verdade que no mandado de prisão de Marianne, expedido durante o inquérito policial, a americana aparece como autora intelectual do assassinato do marido

Silvio de Souza

Em São Paulo, operários desempregados, emigrantes sem ocupação e moças que querem ser atrizes são enganados por firmas clandestinas que, através de anúncios, prometem o estrelato, salários de até Cr$ 45 mil e contrato na hora. Na verdade, os candidatos pagam um "curso de artista" que às vezes dura 1 ano e, no fim, são poucos os que conseguem um bico mal remunerado numa novela. Nossa repórter visitou 4 agências — nenhuma delas registrada na Junta Comercial — , foi convidada, para o tal curso e para participar da comédia Chapeuzinho Vermelho; descobriu que essas empresas, como disse um dos entrevistados, são verdadeiras...

Cinema e Filmes
P TV, estamos precisando de pessoas ambos os sexos c ou s prática p filmar fora da Capital, ganho .. 15.000 a 32.000, c todas despesas pagas. Av. Rangel Pestana, 2419, próx. Largo da Concórdia, das 8 às 18 horas. 23

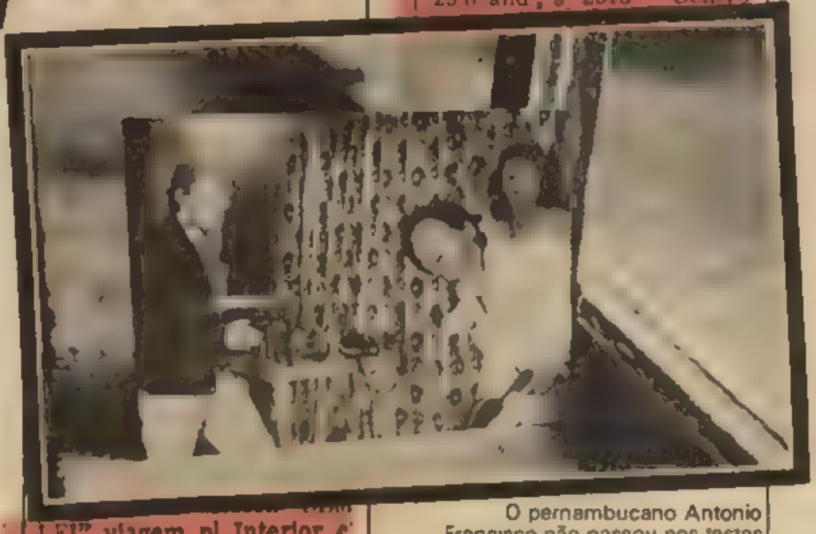
CINEMA
FILME FAROESTE

soas ambos os sexos c ou s prática p' filmar fora da Capital, ganho 16.000 à .. 23.000, c todas despesas pagas. R. Conde de Sarzedas, 67, 2 o, s 2. Pça. João Mendes. 8 às 18 horas

Filme - Bang-Bang
URGENTE
Pessoas de ambos os sexos c' ou s prática. Sal. de 18 a 25 mil livre de todas as despesas. Rua Carneiro Leão, 39 - Brás, trav. Rangel Pestana, das 8 às 19 horas. 21

TV & Comerciais
Moças, rapazes qualquer idade e crianças p trab. novelas, filmes p cinema, comerciais p TV, não exigimos prática boa oportunidade inclusive p manequins p feiras e desfiles. - Tr. Av. Prestes Maia, 241, 25 o and , s 2518 - Centro

FÁBRICAS DE PROSTITUIÇÃO



LEI" viagem p| Interior c' despesas pagas. Contrato de Cr$ 5-10-20 a 100 mil. R. Brig. Tobias, 110, 11.o, s 1.102 - Pça. Correio, das 9 às 19 hs. Direto c| a Produtora. 22

O pernambucano Antonio Francisco não passou nos testes (diálogo com a mulher e cena de crime) e foi convidado para o "curso", pagando Cr$ 600 por 6 meses.

"Você posaria nua"? — pergunta a moça que atende numa dessas agências, na rua Santa Ifigênia n.º 176, 2.º andar. Ante a resposta negativa ela continua: "Não tem importância. Aqui só posa nua quem quer, quem é mulher, porque moça eu não acredito que fique nua, não. Às vezes elas dizem que são moças, mas eu não acredito".

O ambiente é sinistro, sufocante. A iluminação é de luz negra. Moças de vestidos longos e decotados atravessam a sala São funcionárias da agência. Tento puxar conversa com o rapaz que está sentado à minha frente. Ele espera a namorada que está conversando lá dentro. Ela sai e sou chamada.

A produtora oferece vagas em filmes de bang-bang, mas para isso o candidato tem que fazer um curso de 6 meses. É o que diz a recepcionista. "Você paga Cr$ 1.000,00 de inscrição e Cr$ 800,00 por mês. Tem também as fotografias que custam mais Cr$ 600,00. Se você se sair bem a gente manda as fotos para a TV Bandeirantes e você pode trabalhar em propagandas". Além disso, ela me pergunta se posso viajar nos fins de semana para filmagens. Digo que sim, desde que me deixem levar um acompanhante. "Não, acompanhante não pode. Atrapalha as filmagens".

Entra então um rapaz na sala — o Martins — que parece ser o diretor da agência. Ele me encoraja: "Acho que você deve fazer o teste. Você tem jeito para artista e nós estamos precisando de moças como você para o filme **Chapeuzinho Vermelho**".

O Actor Studios é a mais tradicional e bem montada firma do ramo em São Paulo. Seu anúncio aparece todo dia nos classificados do **Diário Popular: Estamos filmando 300 pessoas, qualquer idade, para participação imediata no cinema e na TV. Teste e contrato na hora. Comparecer urgente na Av. Prestes Maia, 241, 25.º andar"**. Atraída por essa promessa uma multidão aglomera-se, logo pela manhã, na sala 2.518 do Palácio Zarzur e Kogan, onde existem, pelo menos, três outros escritórios do gênero

Uma secretária alta e loura fica na recepção e conta a história de sua rápida e gloriosa carreira de estrela de filmes pornô. "Foi tudo muito fácil. Como vocês, eu também li o anúncio no jornal" — diz para os que estão esperando chamada para a entrevista particular. "Naquela época eu estava desempregada e resolvi fazer o teste. O diretor olhou para mim, pediu que eu falasse alguma coisa e logo firmamos o contrato. Agora sou figurante de todos os filmes da Actor e, nas horas vagas, sirvo de recepcionista. Tudo é questão de sorte".

Mas, para João Alberto, que já correu diversas agências, a coisa não é tão fácil assim. "Vou continuar tentando, mas sei que o que eles querem mesmo é dinheiro. Numa firma, tive que pagar 600 cruzeiros para fazer o teste. Eles até tiram sua fotografia e você leva para casa, mas ninguém chega a passar no teste. O primeiro teste que eu fiz foi lá na rua Santa Ifigênia. Eu tinha que beijar uma menina toda perebenta e apertar as tetinhas dela. O sujeito não precisa ser bonito para entrar no cinema. Basta ter um pau grande e que funcione na hora certa. Para mim tudo bem, eu como todas as minas e até a mulher do diretor, se ele pedir. Mas se fosse com aquela menina — a recepcionista — seria bem melhor".

João Alberto é de Itú, "onde as coisas são realmente grandes", e já está há 3 meses em São Paulo. Desempregado, mora com a tia em Osasco e bate perna todo dia, procurando um modo fácil de ganhar dinheiro. "Meu sonho é fazer cinema — diz João — mas faço qualquer coisa para voltar para casa com os bolsos cheios de grana"

Dificuldades está encontrando, também, Antonio Francisco, um pernambucano tímido e franzino, que está em São Paulo há um ano e quatro meses. "Trabalhei na Bozano como auxiliar de expedição, mas fui despedido". Desempregado há quatro meses e vendo os anúncios tentadores sobre ganhos fabulosos como ator resolveu "tentar a carreira artística"

Primeiro foi a Antron Filmes. Depois procurou a Dani Filmes. "Eu vim aqui há uns 10 dias. Eles disseram que tinha um teste e que se eu passasse ia ser contratado. Paguei Cr$ 500,00 de taxa. Eles disseram que eu tinha que ser mais agressivo no papel e que tinha dado as costas para a câmera. Mas isso aconteceu uma vez só". Ele mostra as fotos e chama atenção para uma em que aparece meio de lado, meio de costas. "Foi a fotógrafa que passou por trás de mim", diz Antônio ressentido.

"Eles disseram, então, que eu podia fazer um curso de 6 meses pagando Cr$ 600,00 por mês pra me desenvolver, pra ter mais condições". Antônio está de volta à Dani Filmes para ver se consegue nova chance, pois não tem dinheiro para pagar o curso. "Só se eu arrumar um emprego, daí vou poder pagar".

Para Antonio Martins Filho, gerente da Cinedistre, produtora e distribuidora de filmes nacionais, nem todas as agências vivem de aplicar golpes. "Existem algumas agências que não sérias, que não iludem o candidato. São devidamente registradas. Nós pagamos cachês a essas agências sérias, que pagam os figurantes Quando nós precisamos de figurantes, trabalhamos com a Tobias Foto, Cine, Som Limitada. Essas são agencias sérias".

Para Antonio Martins as agências picaretas, "são verdadeiras fábricas de prostitutas. Esses camaradas sabidos levam meninas ingênuas à prostituição. Fazem testes com elas, de fotografia ou de filme, muitas vezes sem filme na máquina. As meninas ficam despidas ali, iludidas com as promessas de sucesso, vão freqüentando esses lugares e daí partem pra perdição.

Provavelmente por esses e outros motivos é que os donos das agências não gostam muito de falar sobre suas atividades. Daniel Silva, da Dani Filmes, fica surpreso quando é procurado pelo repórter: "Eu não dou entrevistas. Posso pensar, talvez, daqui a uns 30 dias." Mas acaba revelando alguma coisa. Daniel Silva ("nome artístico", diz ele) já foi ator, tendo trabalhado em "A Vingança de Chico Mineiro", "Tráfego de Fêmeas", "Mulheres Violentadas" e "Ninguém Segura Essas Mulheres" (produzido por Sílvio Santos). Aponta os cartazes desses filmes, pregados nas paredes da sala. "Sempre fiz papel de bandido", observa.

Além da agência, Daniel tem um grupo de teatro, com um estúdio na Rua Rangel Pestana (SP), onde dá um curso cuja mensalidade, segundo ele, é de Cr$ 500,00. "Eu dou teoria e prática. Não sou como muitas pessoas que exploram o indivíduo, cobrando às vezes Cr$ 1.000,00. Aí a pessoa fica um ano nesses cursos e sai sem saber nada. Vai procurar uma produtora e não consegue nada".

Sempre muito desconfiado com a reportagem ("qual a intenção de vocês?"), ele volta a dizer que não engana as pessoas. Mas acaba se traindo, quando fala a respeito do curso de teatro. "Tem gente que não tem jeito para artista. Mas a gente não pode chegar e dizer que ele não tem jeito. É como o médico que não pode desenganar um paciente que tem uma doença grave". O jeito, portanto, é ir enrolando o candidato e tirar dinheiro dele.

Reportagem de Gleise Castro e Hélio Belik.
Fotos de Wagner Avancini

COPACABANA PALACE, OTHON, MERIDIEN

SERVIÇO ESPECIAL PARA TURISTAS

Hotéis de luxo alugam quartos e mulheres

Elas dizem que alemão é mal educado, argentino não paga e bons são americanos e franceses

Basta dirigir-se à portaria ou a qualquer funcionário do Othon Palace Hotel, na avenida Atlântica: em poucos minutos se resolve o problema do hóspede solitário que quer companhia feminina ou masculina; ou o problema do casal desejoso de uma "troca". O Othon — aquele mesmo que proibiu a entrada da repórter Glória Maria por ser negra — facilita a prostituição de alto luxo, indicando prostitutas, ou lugares onde são encontradas, e as "hospedando". Elas são admitidas mediante preenchimento de uma ficha, medida recente tomada pelo Othon "porque tem umas prostitutas que roubam, fazem miséria", conforme uma delas reconhece.

— Mas no Copacabana Palace eu nem preencho ficha — continua Sonia, enquanto observa o movimento do bar Meia Pataca, vizinho ao Othon, ponto de encontro com os turistas.

— Em todos os hotéis a gente entra — completa Lucia, amiga de Sonia — inclusive no Meridien, onde já fui com um italiano. Só é difícil no Nacional e no Intercontinental: só dá prá entrar passando pela boite e depois subindo pela escada de incêndio. No carnaval fiz assim.

Elas explicam como apanham seus fregueses:

— A gente fica aqui sentada, tomando alguma coisa. Vem sempre um turista e senta. Aí, é só combinar o preço, subir pro hotel ou prá outro lugar.

O pessoal do hotel leva algum nisso?

— Às vezes... Outras vezes quem leva são os motoristas de táxi... Mas quase sempre a gente transa sozinha, dá menos confusão...

Até um tempo atrás, o pessoal do Othon defendia o seu por fora, mas acontecia de o hóspede não pagar a mulher e esta fazia o maior rebu, dedando todo o mundo.

Só que todo mundo sabe de tudo, até os garçons do Meia Pataca:

— A gente já conhece elas todas, toda noite estão aqui.

E aqui no bar, ninguém chia?

— Nada, é até vantagem. Do lado de um hotel como esse é impossível não ter mulher da noite, e se o pessoal chega aqui e não encontra elas, vai tudo embora.

No Meia Pataca, o movimento não começa antes de 10 da noite, mas no Othon é o dia todo: em média, quinze prostitutas entram e saem diariamente. Sem contar os casais que alugam quartos por uma noite (ou dia), exatamente como num motel. Com a diferença de que no Othon uma noite sai por Cr$4 mil.

Os funcionários do Othon não recusam serviço — se há perspectiva de uma gorda gorjeta. Certa vez, um casal de hóspedes nordestinos mostrou vontade de encontrar outro casal "para relacionamento". Atrvés de alguns contatos, os camareiros conseguiram localizar o tal casal. E os dois casais passaram o fim-de-semana no mesmo quarto.

Quando o hóspede está acompanhado da esposa, pode-se fazer como um turista argentino, nessas férias: mandou a mulher às compras no Rio-Sul e rapidamente correu à portaria. Recebeu um exemplar da publicação "Rio Este Mês", distribuída em todos os hotéis, onde encontrou várias indicações de "casas de massagem" que oferecem até automóvel para buscar o freguês na porta do hotel e levá-lo de volta.

Uma regra o pessoal do Othon tem como sagrada: jamais indicar aos turistas mulheres que vivem telefonando pro hotel, se oferecendo. Algumas são universitárias, têm apartamento próprio, insistem, mas dificilmente conseguem alguma coisa: o pessoal do hotel tem muito medo de que os hóspedes sofram um "suadouro".

Não são só mulheres as procuradas por hóspedes; homens também. Nesse caso, os funcionários logo indicam a galeria Alaska ou a boate Sótão. Na volta — avisam — não tem problema. O hóspede pode subir ao quarto com seu companheiro. Se o companheiro for "prostituto", nada demais: só preencher uma ficha, como se faz com as mulheres.

Esse "serviços" do hotel não são exclusivos dos hóspedes. Nas últimas férias, um grupo de argentinos estava num apartamento alugado, eram seis homens. O responsável pelo grupo entendeu-se no Othon e conseguiu encontros pros conterrâneos, sendo que quatro pediram mulheres, e dois, homens.

Mas voltemos ao Meia Pataca. Sonia e Lucia ainda não arranjaram companhia e continuam relatando suas aventuras com os turistas. Começam por informar que seu preço vai de Cr$ 3 mil a Cr$ 4 mil "depende do cara".

O freguês paga adiantado?

— Só quando o cara é argentino a gente cobra adiantado — diz Lúcia —. Os outros pagam numa boa.

Sônia também não gosta dos argentinos:

— Se a gente não toma cuidado, eles não pagam mesmo. Agora, quem paga melhor é o americano.

— E o francês — completa Lúcia.

— Já os alemães — revela Sônia — são muito sem educação, muito grossos.

Os turistas gostam de sexo normal ou inventam coisas diferentes?

— Ih, tem cada uma! — exclama Lúcia —. Peguei uma vez um gringo que me levou pro quarto dele e pediu prá esperar um pouco. O cara entrou no banheiro e quando voltou estava todo vestido de mulher, com calcinha, sutiã e tudo. Eu fiquei olhando meio assim. Ele pediu prá eu tirar a roupa dele peça por peça, devagarinho. Quando ficou pelado, ele se masturbou, pagou e eu fui embora.

Sônia também tem histórias de taras dos turistas:

— Tem um que todas as férias vem pro Rio. Ele tem uma coleção de botas, cano-longo. Manda a gente tirar a roupa, colocar a bota e ficar desfilando. Só isso. Quando eu canso de desfilar, pego minhas coisas, cobro e vou embora.

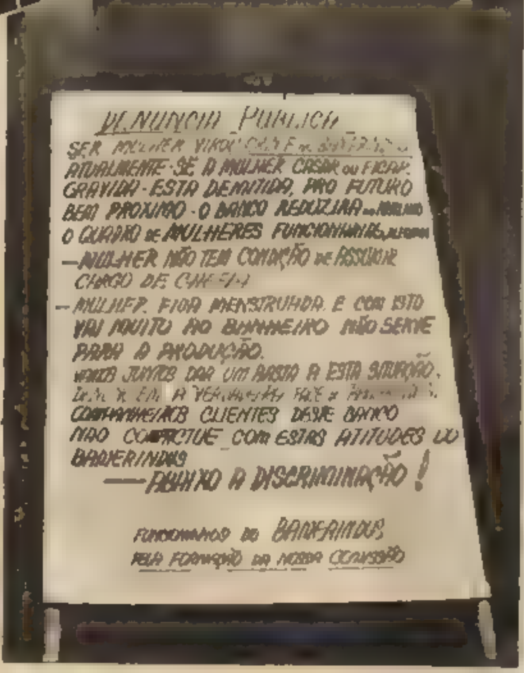
Outro turista que Lúcia não esquece é um italiano:

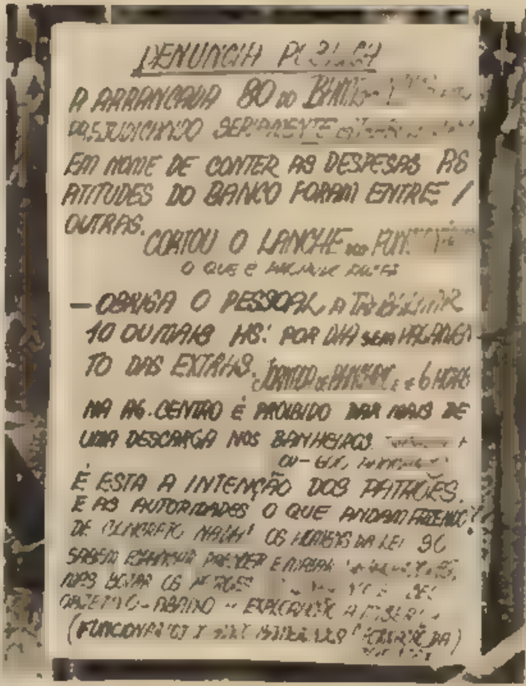
— Ele me levou pro Meridien. Quando eu ia tirar a roupa dele, ele disse não. Tirou sozinho a roupa dele, botou milho na minha não e pediu prá jogar o milho no chão e bater nele. Fo engraçado: o cara de quatro, peladão, comendo milho e levando porrada.

Reportagem de Fabio Watson,
Fotos de Rogério Carneiro

DENÚNCIA PÚBLICA

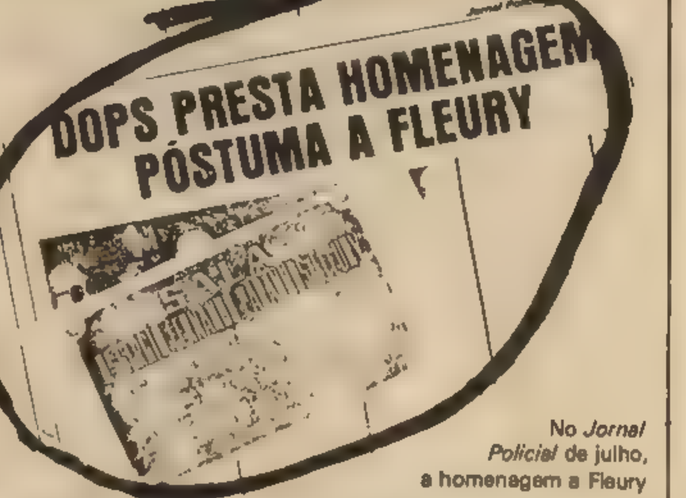
ESPERTAS





Fotos Eliana Pastore

1 **Denúncia nas ruas de São Paulo: o Bamerindus está maltratando seus empregados, em especial as mulheres. No Bamerindus "ser mulher virou crime", acusa o cartaz feito pelos funcionários do banco. Até menstruação é motivo para demissão.**



No *Jornal Policial* de julho, a homenagem a Fleury

O delegado Sérgio Paranhos Fleury — considerado o policial que mais torturou no Brasil — deixou saudades entre alguns de seus colegas. Prova disso, é que, por iniciativa dos investigadores José Monteiro da Fonseca e Miguel Lopes de Oliveira, do Dops, e "com o apoio integral do diretor do Dops Dr. Romeu Tuna", segundo o **Jornal Policial**, Fleury foi homenageado por ocasião do primeiro aniversário de sua morte.

Uma das salas do Dops ganhou o nome de Fleury, e a homenagem foi feita com placa de bronze e tudo. No documento em que solicitaram a homenagem, os investigadores Fonseca e Oliveira afirmaram: "o nome do Dr. Fleury jamais se apagará da memória dos bons policiais e do povo ordeiro, para que assim, lá do alto, ele nos ilumine na difícil trajetória de defender a Sociedade Brasileira, na luta diuturna de combate ao crime, à subversão, à anarquia, que tentam minar nossas instituições e ferir nosso ordenamento jurídico, tentando nos arrebatar o direito à Vida e à Liberdade".

2 Recebemos de um bancário, que não quis se identificar temendo represálias, uma carta denunciando a disposição dos banqueiros para as negociações salariais de setembro: eles vão engrossar.

Isso fica claro através de uma circular enviada pelo presidente da Federação Nacional dos Bancos (Fenaban), Teóphilo de Azeredo Santos, aos presidentes de bancos de todo o país. Nela, Teóphilo recomenda aos bancos que mobilizem desde já seus diretores de pessoal para que "expliquem" aos bancários que os bancos estão em apertos devido à limitação do crédito e ao tabelamento dos juros. "Assim —diz a circular — soluções fora da realidade acima redundarão fatalmente em demissões, o que ninguém quer ... o problema salarial resolve-se automaticamente, pela correção semestral, por força da lei, havendo, portanto, pouca coisa ainda a discutir"

FOTO ESPERTA

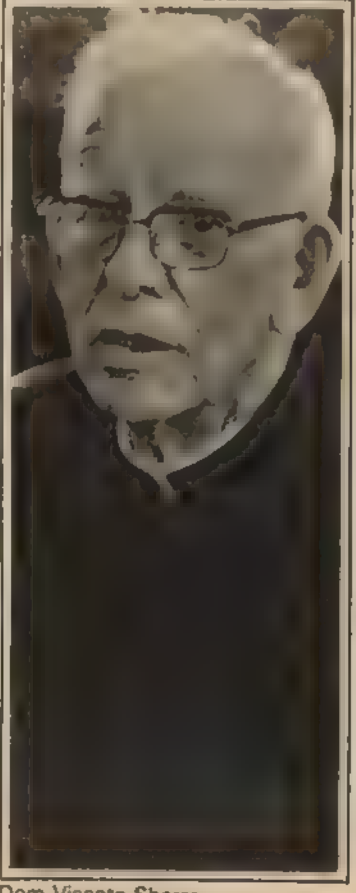
Foto de Fernando Santos

César e Vanderlei, do Palmeiras, num momento de descontração.

Aposentado o pastor Sherer

Uma carreira está chegando ao fim — e dificilmente deixará saudades. É a de dom Vicente Sherer, cardeal do Rio Grande do Sul. Anticomunista fanático, conspirou contra o governo de Leonel Brizola, no Rio Grande do Sul; pôs-se de joelhos, em pleno centro de Porto Alegre, no dia em que os militares depuseram o presidente João Goulart e, por essas e outras, sempre foi tido em alta conta pelo regime militar que tomou conta do país a partir de 1964.

Ardoroso defensor do capitalismo, declarou certa vez que "não é o regime capitalista que promove a injustiça social, mas sim os ricos inescrupulosos". Porta-voz avançado da direita radical, condenou a adoção do divórcio saindo às ruas em passeata, acompanhado de beatas. Além disso, acusou o extinto MDB — que apresentou o projeto de lei que instituiu o divórcio — e os arenistas, que nele votaram, de "materialistas e desagregadores da família".



Dom Vicente Sherer, um conspirador

O presidente da Associação dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), Mário Garnero, é um espertalhão. Sem consultar os associados da entidade que preside, ele saiu dando declarações públicas de que o governo deveria reduzir os impostos e aumentar os prazos de financiamentos dos carros a álcool, a principal beneficiária seria a Volks que tinha mais de 4 mil carros a álcool estocados.

A iniciativa de Garnero causou surpresa, e a Fiat saiu publicamente contra ele, dizendo que seus carros a álcool estavam vendendo muito bem e que não precisa de favor nenhum do governo O governo não parece disposto a atender ao pedido de Garnero que, não por acaso, é diretor da Volkswagen (representando o sócio minoritário o grupo Monteiro Aranha).

Ricardo Bueno

Macrobiótica mata Raquel

Na madrugada de uma segunda-feira, dia 21 de julho, morria em Mariporã, município próximo a São Paulo, Raquel Delgado, professora de história em Santo André, com pouco mais de 30 anos. Como a cantora e compositora Tuca ela, provavelmente, foi vítima do guru da macrobiótica, o japonês Kakuchi.

Raquel tinha perdido a mãe no começo do mês. Estava deprimida e não tinha mais confiança na medicina. Foi, então, participar de um seminário sobre macrobiótica numa comunidade do guru, em Mariporã, para se livrar dos "vícios ocidentais" e resolver os problemas criados por uma úlcera que mantinha sob controle através de medicação tradicional.

Raquel passou a fazer o chamado "tratamento do arroz", sem obter sucesso. Tanto assim que, quatro dias antes de morrer, já não conseguia deter a alimentação em seu organismo. Mas, quando consultada se desejava ser atendida por um médico, recusava.

Segundo uma amiga de Raquel, ela ficou contemplativamente à espera da morte, que aconteceu com "serenidade"

Sílvio de Souza

ESPERTAS

O papa ainda dá o que falar

Foto Custódio Coimbra

Fotos Rogério Carneiro

• O governo fez de tudo para esvaziar a ida de fiéis à Aparecida (SP), quando da visita do papa João Paulo II. Montou um gigantesco aparato de segurança que transformou a cidade numa verdadeira praça de guerra. Mais de 30 mil policiais e soldados foram mobilizados, como se os fiéis fossem um exército inimigo que estivesse invadindo terras brasileiras.

Indulto papal não resolveu

Antônio de Almeida, 40 anos ex-presidiário, foi indultado pelo governo quando o papa esteve no Brasil. Agora, em liberdade, está na pior

Tô jogado na rua, comendo resto de lixo, na merda. Não tenho condicões de tirar meus documentos que ficaram na praça da Harmonia, num albergue noturno

Ele cumpriu 3 anos e 4 meses por um homicídio que cometeu, quando foi assaltado com sua família, na porta das lojas Americanas, na Tijuca

Antônio e mais 13 pessoas estão dormindo sob a passarela que vai dar no Museu de Arte Moderna, no Rio

A polícia chega aqui toda noite de metralhadora e lanterna na mão. Acorda todo mundo, bota em fila

Direita ataca Delfim e quer recessão

A Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro, transformou-se num dos principais centros de oposição ao ministro do Planejamento, Delfim Netto. Dois de seus principais economistas, Mário Henrique Simonsen e Octávio Gouvêa de Bulhões, defendem abertamente uma política de recessão para combater a inflação, e resolver os problemas do balanço de pagamentos.

Esses dois estão em estreito contato com o embaixador brasileiro em Londres, Roberto Campos, que também é adepto de uma política de arrasa quarteirão, provocando desemprego e fome, para fazer com que os preços subam mais devagar.

Delfim não topa adotar uma política desse tipo e por isso já está sendo mal visto pela extrema direita, que sonha em levar Campos e Simonsen de volta aos ministérios da Fazenda e do Planejamento. As críticas dos economistas da Fundação e de Roberto Campos contra sua política de manter a economia em crescimento moderado, irritaram profundamente Delfim. Ele respondeu, dizendo que os que defendem a recessão têm empregos muito bem remunerados e não seriam ameaçados com o desemprego provocado por uma política de violento desaquecimento da economia. Só Mário Henrique Simonsen tem um cargo no Citibank que lhe dá 200 mil dólares por ano, o que em cruzeiros significa quase 11 milhões.

Ricardo Bueno

Mora na rua pra fugir das enchentes de Recife

Cansada de sofrer com as enchentes do Recife, Dasdores resolveu seu problema de moradia: juntou caixas velhas e alguns pedaços de plástico, e construiu sua casa na calçada do cais José Mariano, embaixo da copa de um antigo e frondozo oitizeiro.

Ali ela vive com o gato, e está concluindo, ao lado da sua, uma casinha para o cachorro. Dasdores é faxineira das Lojas Brasileiras, que ficam em frente da sua casa, e desde que começou lá, há seis anos, acertou com o gerente de não receber salário, mas todas as embalagens não utilizadas pela loja. Essas caixas e engradados ela revende para uma fábrica de papel e consegue tirar uma média de Cr$ 150,00 por dia. Não paga aluguel, luz ou água. Sua comida, faz ao lado, num fogão improvisado com latas velhas. Alguns dias tem até convidados à mesa.

Sua casa é protegida por uma imagem de São Sebastião na entrada, e por uma parafernália de santos e orixás, devidamente cultuados com flores, velas e fitinhas bentas. Diz que se sente muito protegida.

— Esse cais é caminho de tudo que é malandro da cidade. Mas nenhum deles me incomoda. Dou um bom dia prá um, cafezinho pro outro, e eles me chamam de tia. De noite faço minhas orações e durmo de consciência mais tranqüila que muita gente por aí.

José da Silva Pereira montou um consultório em Teresópolis, (Rio de Janeiro) para tratar de cachorros. A plaqueta indica veterinário, mas na porta há outra mais discreta com os dizeres: "psiquiatria animal" ao lado de um emblema do Credicard. E o emblema do cartão de crédito é explicável, pois cada consulta custa Cr$ 1.500,00

Para Jorge Pereira, irmão e procurador do psiquiatra, a assistência aos cachorros se justifica plenamente. Segundo ele, há uma interação homem-cão-neurose, ou seja, se o cachorro tem dramas existenciais é porque herdou esse mal do dono. Como exemplo, cita o caso de um cão São Bernardo que vivia num apartamento de quarto e sala em Copacabana com muita gente à sua volta. Acontece que o São Bernardo precisa de espaço, não pode ficar esprimido. Resultado: todo mundo ficou com uma coceira medonha pelo corpo. O dr. José Pereira achou logo a chave do mistério e recomendou que se soltasse o cão num campo.

Rivaldo Chinem

Foto Rogério Carneiro

Doentes nus no hospital de Nova Iguaçu

No hospital do Serviço de Aposentadoria dos Servidores (Sase) em Nova Iguaçú, RJ, os pacientes são obrigados a permanecer nus em suas camas, pois as roupas simplesmente desaparecem.

Internada com derrame cerebral, uma senhora fica deitada nua, debaixo do cobertor, sem falar ou fazer qualquer movimento (foto). Sua neta reclamava do sumiço do guarda-pó branco que trouxera para o hospital.

— Olha lá, aquela roupa suja e velha eles não levam, tá ali encostada. Mas a roupinha nova, desapareceu. Isto não é a primeira vez que acontece, e uma porção de gente aqui já teve o mesmo problema".

Léa Cristina

SHOW BIS

Chico Júnior

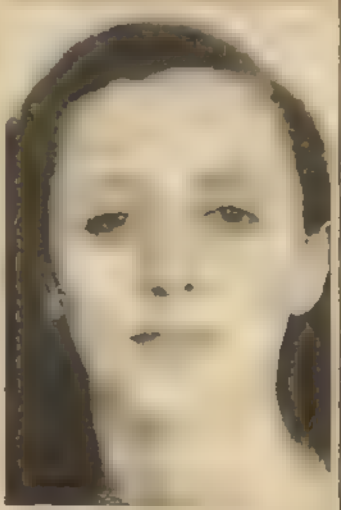
Foto Rogério Carneiro

Essa moça é a Marli Mendes, fotografada no camarim da boate Capricornius (Copacabana, Rio), onde ela tira a roupa todas as noites para deleite da rapaziada. E tira a roupa toda, é bom que se diga, pois em tempo de abertura o nu é total. Além de Marli, gaúcha de 22 anos, o show "Blow Up" apresenta uma "explosão de mulheres."

Deus é, e sempre foi, garantia absoluta de vendas. E taí a Amelinha com uma musiquinha sem maiores mistérios, mas que tá vendendo que nem pão quente. Segundo a CBS, a música "Foi Deus que fêz você", de Luiz Ramalho, lançada em compacto, já vendeu 200 mil discos e caminha para um recorde na música brasileira. E do jeito que tá indo, não é nada difícil para Amelinha ganhar o MPB-80, o festival da TV Globo.

Amelinha

1 Aline bota mais discos na praça



★ *Aline, independente, está partindo para a prensagem da segunda edição de seu primeiro disco. Para alegria geral, a primeira já foi toda vendida e agora serão colocados no mercado mais cinco mil. O disco, muito bem produzido, reúne composições de Aldir Blanc e João Bosco, Márcio e Telo Borges, Caetano, Ivan Lins e Vitor Martins, Kátia de França. Nele, Aline apresenta talvez a melhor interpretação de "O cavaleiro e os moinhos", da dupla Aldir Bosco. Enquanto agita a prensagem da nova edição, Aline está trabalhando em cima do show que apresentará no final de agosto no Teatro Pixinguinha (SP) e no início da segunda quinzena de setembro no Teatro Ipanema (Rio). O show vai se chamar "Esta é a sua vida" e o roteiro é do Aldir Blanc*

2 Vem aí o novo LP de Elba

Foto Frederico Mendes/CBS

★ *Depois de participar do Festival de Arte Negra, na Martinica, Elba Ramalho parte para concluir a gravação de seu segundo disco, "Capim do Vale", a ser lançado no mês que vem. Desde que saiu o seu primeiro disco ("Ave de Prata"), Elba já fêz perto de 150 shows em todo país e neste mês participará do Projeto Pixinguinha, junto com Vital Farias, apresentando-se em Cuiabá, Campo Grande (MS), Manaus e Belém. A moça tá com a corda toda*

lançamento

Foto de Wilton Montenegro/Odeon

Teca e Ricardo: Um som musical e político

"Com vocês, Têca e Ricardo, musicos, inéditos no país, três discos gravados na França, há quase cinco anos vivendo de música brasileira, e só disso, em Paris."

Esse texto é parte da abertura da matéria "Têca e Ricardo — A nova canção do exílio", publicada no número Zero (novembro/77) do **REPORTER**, um número sobre anistia. Uma matéria que apresentava uma dupla de musicos e compositores brasileiros da melhor qualidade, exilados (Ricardo foi banido do país em 1969), vivendo há oito anos em Paris, três discos gravados na época (hoje são quatro), segurando a barra que é fazer música brasileira na Europa sem fazer concessões — como ter que cantar bossa-nova, sambão, carnaval e, se possível, em francês. Um trabalho que não deixava nunca de lado o Brasil, a música daqui, a política daqui, a seca, a greve do ABC, o folclore, a ciranda, o samba-canção, o frevo.

Com a anistia, Têca e Ricardo voltaram. Chegaram em dezembro do ano passado e no mês seguinte já estavam na briga, procurando espaço para apresentar sua música. E é o que estão fazendo agora, lançando o primeiro LP ("Povo daqui") no mercado brasileiro. Um disco com 11 músicas, cinco já gravadas lá fora (e agora regravadas) e seis inéditas, tudo produzido com muito carinho, muita clareza e um som diferente, feito com uma parte do corpo lá fora e outra aqui dentro, um som forte

"É diferente" — como diz Têca — "na medida em que era um som que estava longe dos modismos, do comercial, do dia-a-dia, mas sem estar longe das raizes. Tudo isso dentro de Paris, que é um centro cultural muito grande, onde se ouve musica do mundo inteiro, musica que também te influencia, no sentido positivo"

Têca e Ricardo compõem, cantam, tocam, e Ricardo ainda é o arranjador de todas as musicas. Um trabalho adulto, reunindo a sanfona de Sivuca, que estraçalha em "Aguaceiro", uma das músicas mais bonitas do disco (e já nos primeiros lugares no Rio e em SP); a voz do Boca Livre; a guitarra, o violão, o baixo e o cavaquinho de Leonardo Ribeiro companheiro desde os tempos de Europa; a mão do maestro Guerra Peixe; e mais Toninho Horta, Antônio Adolfo, Novelli, Nelson Angelo e uma porção de gente boa "Um disco bem Brasil, rapaz" exclama Ricardo.

Para ele, o disco representa um momento muito importante na vida da dupla, pois pela primeira vez vão ter uma resposta direta do público brasileiro. E o recado, já estão dando através de um disco que não dissocia o musical do político.

De toada em toada, o Boca Livre já está caminhando para a venda de 100 mil discos, marca simplesmente sensacional para quem começou vendendo disco de mão em mão. E enquanto esse primeiro disco do conjunto vai vendendo, trabalha-se já na produção do segundo, que será gravado em outubro e lançado em novembro. Até lá, quem quiser (e, principalmente, puder) conferir a qualidade musical do pessoal é só chegar no Hotel Nacional, onde o Boca vai se apresentar durante quatro dias, na segunda quinzena deste mês, acompanhado do conjunto vocal Céu da Boca, composto de 12 pessoas.

Discos de Roberto Carlos, Fagner, Zé Ramalho, Joanna, Dominguinhos, Simone, Djavan, Joyce, Fátima Guedes, Gonzaguinha, Téca e Ricardo e outros artistas da CBS, RCA e Odeon.

Recorte o cupom abaixo, responda as três perguntas e mande tudo, com nome e endereço, para Margem Editoria (rua Miguel Couto, 134/11.º andar — RJ). Nós sortearemos seis respostas com cinco discos para cada uma. No mês que vem, sortearemos mais discos para os leitores.

- Qual é a melhor música do mês? ....
- Que cantor (a) você gostaria que esta seção entrevistasse? ....
- Como você acha que esta seção deveria ser? ....

nas paradas

Foto de Chiquito Chaves

Djavan: questionando o amor

Djavan continua falando de amor. Mas não é fácil

Vira e mexe, e olha o amor nas paradas.

Claro. O amor é o veio da vida, amor é abrangente, amor é mutável, como a vida.

Como compositor, Djavan já chegou antes nas paradas falando de amor com "Álibi", música gravada pela Bethânia e escolhida para dar título ao seu penúltimo LP. Agora ele chega cantando seu próprio amor, "Meu bem querer", música feita para alguém, "num momento de grande paixão".

Mas é o bem querer de todo mundo, numa música simples, com termos puros, como "meu encanto", que é um termo bastante carinhoso usado no Nordeste.

Batalhando há sete anos, desde que chegou de Alagoas (durante quatro anos foi crooner das boates cariocas "Number One" e "706"), e por algum tempo considerado um "compositor complicado", Djavan diz que com "Meu bem querer", atingiu o auge da sua simplicidade, mesmo com algumas dúvidas em relação ao cantar o amor.

— Eu vivo me questionando, como é difícil falar de amor. Isso, porque depende muito do estado de espírito. "Álibi" foi um momento, e chegou até a provocar um certo conflito com a minha mulher, porque foi feito em cima de uma situação vivida anteriormente. "Meu bem querer" já faz parte de outro momento.

O importante, para Djavan, é encontrar sempre um espaço na sua música para cantar o amor.

— O amor é o que segura, tem que existir. Não interessa se ele tá machucando muito ou se é bonito. É como eu digo em Álibi "no amor a tortura está por um triz".

"Meu bem querer", uma das músicas mais tocadas atualmente, faz parte do último LP de Djavan, onde aparece compondo com Chico Buarque a música título do disco "Alumbramento". Chico também aparece cantando uma composição sua ("A Rosa") em dueto com Djavan.

Djavan considera "Alumbramento" o disco mais importante de sua carreira, resultado de muito trabalho e muita criação. Resultado da busca de sete anos.

— Mas eu sabia que ia chegar lá, tinha certeza. Não é aquela certeza onipotente; é consciente, que é para dar mais certeza à certeza.

luzes da ribalta

☆ Com mais de 20 músicos gravando, o mercado da produção independente já está se tornando um bom negócio. Tanto que o Luis Carlos, da Eldorado — principal distribuidora dos "nanicos musicais" —, e o Cesare, que era da Continental, estão abrindo uma firma própria, a Distribuidora Independente, para distribuir toda a rapaziada. A idéia é boa, não resta dúvida, mas tem gente reclamando de duas coisas: o disco será entregue à distribuidora em consignação (antes, era vendido para a Eldorado) e o músico só recebe quando a loja pagar. Para o pessoal que não é ligado às gravadoras, o prazo de recebimento da venda dos discos é importante. Mais que importante, é vital.

★ **Márcio Borges e Milton Nascimento vão começar a escrever um musical, que, se tudo der certo, será apresentado ainda este ano. A idéia já estava na cabeça dos dois há vários anos e parece que agora vai sair.**

☆ E por falar nos mineiros, é bom a gente ir gravando um nome: Telo Borges, irmão do Marcinho e do Lô. Telo, 22 anos, é um tecladista da pesada e parceiro de Márcio na música "Vento de Maio", uma das mais bonitas do LP "Via Láctea", de Lô. A música também está no disco de Aline.

★ **Todos os domingos, a partir das 9 da noite, durante os ensaios do Grupo Carnavalesco Oba Oba da Vila, no Maxwell (Tijuca, Rio), roda de samba com a presença de compositores das escolas e muita mulata. E o Grupo Oba Oba está agitando uma outra, só que na Zona Sul. Trata-se da Feijoada Musical, na boate Oba Oba (Visconde de Pirajá, 499), que acontece todos os sábados, tendo, como acompanhamento, flauta, cavaquinho e violão.**

☆ Prá quem gosta de frevo, a CBS colocou no mercado um LP da pesada: "Asas da América". O disco reúne as vozes de Elba Ramalho, Alceu Valença, Caetano Veloso, Geraldo Azevedo, Jackson do Pandeiro, Gilberto Gil e até Chico Buarque, que canta o ótimo frevo "Salve a torcida" de Carlos Fernando.

★ **João de Aquino, que acaba de lançar o LP "Asfalto", está de show marcado para o início deste mês (de 5 a 10), no Teatro Ipanema, Rio. Vale a pena chegar a conferir o som do moço.**

☆ Dez anos depois de ter lançado seu último disco, Rildo Hora volta como intérprete. Com produção de Martinho da Vila e participação especial de Guerra Peixe, Hermeto Pascoal, Toninho Horta, Radamés Gnatali, Luiz Eça e João Donato, o LP reúne composições de Rildo Hora e Sérgio Cabral, algumas inéditas e outras bastante conhecidas, como "Os meninos da Mangueira".

LIVROS

Sergio Danilo

• **Mad Maria** — A Editora Civilização Brasileira lançou um novo livro de Márcio de Souza, autor de "Galvez, o Imperador do Acre" e "Operação Silêncio". Trata-se de "Mad Maria", uma fotografia e uma denúncia sobre a região amazônica e a fantástica construção da estrada Madeira-Mamoré.

• **Mulher Aranha** — Manuel Puig lançou pela Codecri seu mais novo livro: "O Beijo da Mulher Aranha." Puig, conhecido mundialmente por seus livros, parece ter alcançado com este lançamento um lugar definitivo na literatura contemporânea.

• **Rosa Negra** — Romance. O personagem central é líder de uma organização de esquerda. Além das lutas internas do partido e as externas, com os militares, ele sofre um outro tipo de repressão, por gostar de homens. Ficção baseada na realidade, escrita por um ex-preso político: Osvaldo Rocha. Editora Livramento.

• **Colcha de Retalhos** — O registro da experiência e a reconstrução da memória nacional fazem parte deste livro de Antônio Cândido, lançado pela Paz e Terra: "Teresina, etc." Nessa série de 10 ensaios, o velho professor aposentado pela Universidade de Campinas (Unicamp) relata a presença no Brasil da socialista italiana Teresa Maria Carini. Outro ponto importante do livro é a reprodução do clássico "A verdade da repressão", publicado originalmente pelo jornal **Opinião**. Neste texto, Antônio Cândido mostra como a polícia e o policial, além da coação externa, física e moral sobre o indivíduo, também se internalizam na consciência do ser humano, perseguindo ou só vigiando.

• **Anarquismo** — Edgard Leuenroth, militante anarquista, organizou e manteve, durante os últimos 50 anos o mais completo e único arquivo da imprensa operária e da história social da América Latina, hoje de propriedade da Unicamp. Teórico e militante a um só tempo, Edgard — que morreu em 1968 aos 86 anos, depois de 70 anos de vida política e sindical — é reeditado em livro pela Mundo Livre. Sua obra, até hoje inédita no Brasil, merece um estudo maior de críticos e leitores, num momento em que o anarquismo volta a ser estudado por Edgar Rodrigues, Caio Túlio Costa, Paulo Sérgio Pinheiro e John Foster Dullers.

• **Discutindo** — "Um pequeno breviário de ação evangélica popular e política da Igreja nos dias de hoje". Esta é a recomendação do escritor católico Tristão de Athayde sobre o livro do cardeal Evaristo Arns, lançado pela Editora Loyola: "Discutindo o papel da Igreja".

• **Rumo ao desastre** — Depois de "Porque os preços sobem" e "O ABC do entreguismo", Ricardo Bueno lança mais um livro na praça: "Pró-alcool, rumo ao desastre". O autor procura comprovar que o programa do álcool, como está sendo conduzido, não é a salvação nacional. A linguagem do livro é simples e direta. Lança o debate democrático sobre os rumos da substituição do petróleo pelo álcool.

• **Terror policial** — Os repórteres Rivaldo Chinem e Tim Lopes lançarão no próximo mês, pela Global, o livro "Terror Policial", uma série de reportagens que mostra o submundo, e personagens famosos, da chamada crônica policial, como o carioca Mariel e os paulistas Fleury e Raul Careca. Vale a pena esperar.

• **Conto do Vigario** — De Brasília, Luiz Augusto Gollo, que já foi um dos editores do **REPORTER**, lança o seu primeiro livro de contos: "O conto do vigário". Gollo usa nos seus contos e estilo jornalístico de escrever, mostrando histórias curtas, com linguagem objetiva.

• **Os mais vendidos** — Pesquisa do **REPORTER** no mês de julho: 1. "O ABC do entreguismo no Brasil", coordenação de Ricardo Bueno, Vozes; 2. "À mesa de jantar", de Laurita Mourão, Nórdica; 3. "Os prazeres do sexo", de Alex Confort, Brasiliense.

●●●

Franklin Maxado, ou Maxado Nordestino, além de poeta é também xilógrafo, fazendo palestras sobre cordel e folclore, bem como é apresentador de cantoria de viola e forró. Nasceu em 1943 em Feira de Santana, Bahia, sendo poeta profissional desde 1975, quando deixou o jornalismo e a advocacia. Possui publicado quase 100 títulos. Tem domicílio em São Paulo, expondo na praça da República, aos domingos.

Essa é a apresentação de um cara que resolveu viver de poesia, e a melhor forma encontrada foi o livrinho de cordel. Sua mais recente publicação é o "Horóscopo das Bichas", já em segunda edição. Além deste, Franklin tem mais de 100 livrinhos publicados. Alguns títulos: Romance do vaqueiro marciano da égua; O frio de São Paulo está desmoralizado;

O crioulo doido que era um poeta popular; Carta de um pau de arara apaixonado pra sua noiva; A bela história da Jaci, a prostituta virgem e santa; O japonês que ficou roxo pela mulata; A sorte de seu Cornélio ou o corno convencido.

CJ

Prisão especial também tortura

DENÚNCIA

"O diretor da Divisão de Segurança Especial, delegado de polícia José Augusto Gomes Alves, talvez pelas funções extras que exerce, desde que assumiu este cargo de confiança em 15 de março de 79, tem sido inadimplente diante dos inúmeros problemas administrativos e disciplinares, criando com isto, um clima de insatisfação e revolta entre os 22 presos especiais, que por vezes, tal o estado de tensão reinante diante das recessões e soluções pendentes, são levados a cometer violências e atentados entre si, ficando assim mais prejudicados e expostos às arbitrariedades, pois, como "norma disciplinar", são trancados em suas celas por tempo indeterminado, ficando sem a visita de seus familiares, sem acesso ao telefone, sem banho de sol, e o que é pior, sem nenhuma condição de fazerem qualquer defesa, num desrespeito flagrante aos Direitos Humanos e ao próprio RPERJ (Regulamento das Prisões do Estado do Rio de Janeiro), se é que somos regidos por este regulamento, pois, afinal, aqui é uma Divisão de Segurança Especial e não um presídio ou uma penitenciária.

É preciso entender definitivamente que, embora não haja nesta atitude uma tortura física, há a tortura moral, que aniquila o indivíduo de maneira às vezes bem mais irrecuperável, e, além disto, toda e qualquer tortura é mais que um hábito; é vício pelo qual todos são responsáveis. Quando a sociedade se permite tolerar a tortura, até mesmo na sua expressão mais **benigna**, como a tortura moral, e praticada nos seus membros mais indefesos — os presos — permite que se enfraqueçam suas defesas naturais contra esta monstruosidade. Daí, vir a ocorrer o grave perigo de poder receber mais naturalmente a tortura em todos os graus, e em todo o mundo.

Resta saber se o governo do Estado está conivente e omisso diante desta calamidade. Se está, isto representa um tenebroso crime cometido pela própria Justiça de nosso Estado; por isto, precisa, e deve, ser denunciado ao público, não só por **REPORTER**, mas por toda a imprensa, pois o que se passa em nossas prisões, é extremamente grave e requer providências urgentes do senhor ministro Abi-Ackel, para evitar que se alastrem chagas profundas e incuráveis em nossa sociedade"

Por temer represálias, preferiu não se identificar. (Rio de Janeiro-RJ)

Mais uma das Casas Sendas

"O meu compadre trabalhou 5 anos e seis meses nas Casas Sendas de Campo Grande. Não aguentando mais as viagens turísticas de Rocha Miranda a Campo Grande pediu transferência. Foi o desastre dele. Começou uma perseguição de um ano até que o mandaram mesmo embora. Dois dias depois mandaram uma carta para ele comparecer no escritório em São João de Meriti.

Ofereceram simplesmente o seguinte, damos a você cinco mil cruzeiros; ou você aceita ou coloque o caso na Justiça, e ainda damos a cobertura jurídica com "advogados" e etc.

Amigos, o meu compadre colocou o caso na Justiça, mas depois de seis meses teve que retirar e receber os míseros cinco mil cruzeiros para não morrer de fome com a família. Amigos, alguém tem que dar um jeito, pois o salário é o mínimo, e para receber os direitos o ministério do Trabalho fecha os olhos". **(Celso — Rio de Janeiro — RJ).**

Loja enrola freguês

"Tudo começou quando resolvi comprar um "jogo de copa" no dia 12/04/80 na Loja Presidente, filial nº 29, Travessa Almerinda Freitas em Madureira. Fui atendido pelo vendedor, Sr. Josemar, que como todo vendedor me ofereceu inúmeras vantagens.

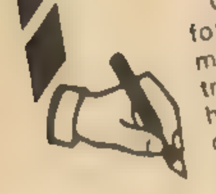
Fiquei então com o plano de pagamento em 5 vezes sem juros, sendo obrigado a pagar uma prestação na abertura do crédito para garantir a mercadoria (isto dito pelo vendedor), e apresentar um fiador, que estaria tudo liberado para a entrega.

Bem, arranjei o fiador e paguei a referida prestação no dia 22/04/80 e fiquei esperando a mercadoria. Se não me falha a memória uma ou duas semanas depois é que chega, mas em que estado·

— as cadeiras — que vinham especificadas na nota fiscal — de pés cromados estavam mais arranhadas do que panela de pensão de 2ª Classe.

— do buffet, estavam faltando os puxadores das respectivas gavetas.

Aí, eu as devolvi com promessas de que eles mandariam "novas" na semana seguinte. Não mandaram. Eu telefonei para a loja e eles alegaram que a mercadoria ia chegar da fábrica, em S. Catarina, e que na próxima semana mandariam e, entrando semana, saindo semana até hoje não mandaram." **(Inácio Lopes — Realengo — Rio de Janeiro)**



"Adorei a reportagem "Nus no vestiário". Repitam a dose, mas com jogadores do meu clube: Botafogo de Futebol e Regatas. Eis alguns que gostaria de ver na reportagem: Renato Sá, Marcelo, Mendonça, Gil, Edson, e etc ... Os santistas Nilton Batata, Toninho Vieira e Pita. Outra coisa: por que nas fotografias de mulheres mostram tudo: de frente, de trás, de lado, etc.. e de homens só de trás e, quando de frente, sempre é tapada a parte genital com a mão, com uma toalha, com um pano qualquer? Por que este tabu? Por que este preconceito contras as mulheres?"

(Soninha Amaral — Rio de Janeiro — RJ).

Admiro muito vocês, a ponto de gastar trinta notas todo mês.

Sei que esse jornal é formado por cabeças competentes, loucos, jovens, sei lá! Sei também que estamos subindo por onde se desce, mas estamos subindo.

Gosto da maneira simples que qualificam as mais "sagradas" potências, essa coragem incrível de escrever a verdade, o que o povo gosta de ler.

Sou estudante, filho de metalúrgico, sei que não é fácil ficar calado. Hoje, o povo já, está se tocando. As verdades eles já sabiam, essa sacanagem pública de muito tempo. Só temiam dançar. Outra, que tem muita gente que adora sofrer, só reclama. Se fosse preciso, eu daria minha vida pelo direito do povo, pelo menos assim não ficaria vivo vendo tanta covardia.

Acredito que por escondidas vai acontecer alguma coisa, sei que qualquer coisa. Acho que não estou sozinho. Existem muitos cabeludos escondidos em seus porões esperando a "hora", qualquer hora. Sou criticado até por minha família. Acho que nasci em um mundo errado, quero se direito, mas, para ser direito tenho que ser errado.

Moro em Osasco, em SP. Aqui é agitado. Sei que tem muita coisa que interessa a vocês. Sou um fã indescritível, meus amigos também. Tô aí com a rouxinha. Vivendo todo dia como se fosse o último. Um dia vou estar eerto por agir assim. **(Joãozinho Podre — São Paulo — SP).**

CORREIO HETEROSSEXUAL

● "Não viva infeliz o resto da vida, lembre-se que você é mulher e, como toda mulher inteligente, você precisa de carinho, amor e sexo, principalmente. Procure o "Divino", ele não tem preconceitos quanto a cor ou idade. O "Divino promete sigilo absoluto". **Caixa Postal, 2516 — CEP20010 Rio de Janeiro — RJ.**

● **"O dia-a-dia agitado exige cada vez mais momentos de prazer para o nosso corpo. Às vezes, por timidez, ou por temor à indiscrição, não procuramos o que necessitamos.**

Você! Moça ou senhora. Enfadada com a rotina ... Dê um tempo e se descontraia. Chame o Nick pela Caixa Postal, 50010 — CEP 20170 — Rio de Janeiro"

● "Liberal executivo, solteiro, 31 anos, nível superior, mulato, 1.76m de altura, 84 quilos, desejando manter contato com senhoras, moças ou casais, para troca de idéias, com possível e amplo relacionamento, com cuca altamente liberal em todo sentido; favor enviar fotos que serão devolvidas acompanhas pela nossa na primeira resposta". **(Liberal executivo — C. Postal, 1898 — CEP: 20010 — Rio de Janeiro — RJ).**

● **"Recado para Armando Jr : peço ligar-me a qualquer dia e hora; procurar por Selma Duarte e deixar-lhe qualquer recado, com toda a discrição possível".** (CID J.H.B A. — Rio de Janeiro — RJ).

● "Você quer viver algo especial? Tenho 45 anos bem vividos, esportivo, 1.85m e 76Kg (forte mas magro), considerado divertido por minhas amigas. Obviamente de esquerda, senão não estaria escrevendo para um jornal porra-louca como este, mas para Playboy e suas mulheres de plástico. Se você é casada, noiva, ou seja lá o que for, sou mudo como a coruja da anedota. Sabor de acaso e aventura. Quem sabe se não teremos um dos grandes momentos de nossas vidas? Ou um dos pequenos mas muito bons?" **Escreva para Raymond Grancher — Caixa Postal, 11513 — São Paulo — SP.**

● **"Rapaz com muita carência afetiva e introvertido quer se corresponder com mulheres de todo o Brasil, para amizade e transa. Quando estou numa boa sou bonito. Tenho 22 anos e possuo deficiência física. Não estudo. Gosto muito da cultura e minha cor preferida é o verde."** (Tuca — Rua dos Meninos, 108 — CEP: 09500 São Caetano do Sul — SP)

OBRIGADO LEITOR

Mais assinatura grátis

Os leitores do REPORTER responderam com entusiasmo a pesquisa publicada na página 2 da última edição. Recebemos mais de 600 cartas, número que já terá crescido quando o jornal chegar às bancas. Vamos, portanto, continuar com o levantamento e, quem ainda não tiver preenchido o questionário abaixo, que o faça agora e remeta para **Margem Editoria e Programação Gráfica Ltda — Rua Miguel Couto 134/11° andar — CEP: 20070 — Rio de Janeiro.** Vamos sortear mais 200 assinaturas entre os leitores que nos responderem e eles receberão gratuitamente o jornal durante 6 meses em casa. Além disso, todos que recortarem esta página para nos enviar suas respostas, receberão um outro exemplar do jornal. A coleção não será desfalcada. Escrevam, mencionando nome e endereço no envelope. Na edição de setembro publicaremos a relação dos sorteados.

Queremos conhecer você, leitor, que prá nós é a pessoa mais importante do jornal. Ajude-nos a melhorar o REPORTER!

1 — Você é:

☐ Homem ☐ Mulher

2 — Sua idade é:

☐ até 20 anos ☐ 36 — 40 anos
☐ 21 — 25 anos ☐ 41 — 50 anos
☐ 26 — 30 anos ☐ 51 — 60 anos
☐ 31 — 35 anos ☐ mais de 60 anos

3 — Você é:

☐ casado ☐ solteiro ☐ outros

4 — Na família você é:

☐ chefe ☐ cônjuge ☐ filho ☐ outros

5 — Seu nível de instrução é:

☐ primário incompleto ☐ científico
☐ primário completo ☐ universitário
☐ ginásio Qual o curso?......
....

6 — Você:

☐ estuda ☐ trabalha ☐ estuda e trabalha

7 — Se trabalha:
profissão ....
cargo que ocupa ....

8 — Quantas pessoas moram em sua casa?
....

9 — Sua casa é própria ou alugada?
....

10 — Quais dos aparelhos abaixo você tem em sua casa?

☐ TV preto/branco ☐ Rádio AM/FM
☐ TV a cores ☐ Aparelho de som
☐ Rádio AM ☐ Máquina de lavar
☐ Automóvel — marca.......................ano............

11 — A faixa de renda mensal de sua família é:

☐ menos de Cr$ 10.000,00
☐ de Cr$ 10.000,00 a Cr$ 20.000,00
☐ de Cr$ 20.000,00 a Cr$ 30.000,00
☐ de Cr$ 30.000,00 a Cr$ 40.000,00
☐ de Cr$ 40.000,00 a Cr$ 60.000,00
☐ de Cr$ 60.000,00 a Cr$ 80.000,00
☐ mais de Cr$ 80.000,00

12 — Você ouve rádio habitualmente? ☐ Sim ☐ Não

13 — Em que horários?

☐ 6hs às 9hs ☐ 17hs às 19hs
☐ 9hs às 12hs ☐ 20hs às 22hs
☐ 12hs às 14hs ☐ 22hs às 14hs
☐ 14hs às 17hs

14 — Qual a emissora que você mais gosta?
na faixa AM ....
na faixa FM ....

15 — Voce vê TV habitualmente? ☐ Sim ☐ Não

16 — Que programas você mais gosta?
....

17 — Você lê algum jornal diário? ☐ Sim ☐ Não Qual?
....

18 — Além do REPORTER, você lê algum jornal de Imprensa Alternativa? ☐ Sim ☐ Não Qual? ....
....
....

19 — Você lê livros? ☐ Sim ☐ Não ....

20 — Que tipo de livro você prefere?

☐ policial ☐ poesia ☐ reportagem
☐ humor ☐ outros ☐ contos eróticos

21 — Você vai ao cinema? ☐ Sim ☐ Não Quantas vezes p/mês? ....

22 — Você vai ao teatro? ☐ Sim ☐ Não Quantas vezes p/ mês? ....

23 — Você lê revistas? ☐ Sim ☐ Não Quais? ....
....

24 — Qual seu cantor preferido? ....

25 — Qual sua cantora preferida? ....

26 — Qual seu escritor (a) preferido (a)?....................

27 — Como conheceu o REPORTER? ....
....
....

28 — Além de você, quantas pessoas lêem o seu exemplar do REPORTER?..........................

29 — Você é assinante do REPORTER? ☐ Sim ☐ Não

30 — Como você define o REPORTER? ....
....
....
....

31 — Que reportagem você mais gostou das publicadas até hoje no REPORTER?..........................
....
....
....

32 — Que assuntos você gostaria de ler no REPORTER?

☐ Futebol ☐ Política ☐ Saude ☐ Humor
☐ Custo de vida ☐ Artes e espetáculos ☐ Sexo
☐ Meio ambiente ☐ Condições de vida ☐ Crime
☐ Penitenciárias ☐ Economia ☐ Drogas

Outros — ....
....
....

GARANTA A CIRCULAÇÃO DESTE JORNAL

ASSINE REPORTER

Na platéia ninguém olha

PORTO DE SANTOS, SP

"Cassius" e "Daniela" no palco da boate "Marrom Glacê"

SEXO SOLITÁRIO NA BOATE DO CAIS

Eles se esforçam Duas noites por semana "Cassius Boy" e "Daniela Stevenbel" simulam um ato sexual no palco da boate "Marron Glacê" (Cais de Santos, SP), e garantem que ficam excitados. A platéia, porém, como se vê nas fotos, nem se mexe Casais formados de prostitutas e seus fregueses acompanham os movimentos de Cassius e Daniela com total indiferença

Ele se auto-intitula "príncipe erótico da Baixada Santista", tem 19 anos e faz questão de dizer que é homem mesmo, conta até vantagem

Dou três por noite

Tem saudades do tempo em que o espetáculo era mais realista

– Cheguei a fazer oito apresentações em outra boate **(Fugitivé)**, quando transava mesmo com a mulher, sem tapa sexo como hoje

Para acabar com as apresentações, o gerente deu a desculpa de que "as ejaculações sujavam o palco"

Mas o pioneiro dos "shows realistas" de Santos, uma cidade conservadora, onde até hoje o deputado do governo, coronel Erasmo Dias exerce muita influência é "Primo Henrique". Ele conta que a idéia foi do gerente do **Fugitive**, depois de uma viagem ao Canadá, onde viu esses shows E escalou "Primo", conhecido bailarino do cais, para os primeiros espetáculos "Primo" topou por "amor à arte", pois não gosta de mulheres Inclusive, nunca subia nada em cena

Tudo acabou porque o marido de "Primo", muito ciumento, exigiu que ele desistisse do número

Ele me viu em pleno show e ficou desolado

Por causa dessa fama criada por "Primo" é que "Cassius" toda vez que fala dá um jeito de mencionar sua preferência por mulheres e seu brilhante desempenho sexual

Na primeira noite que fiz o show, fui prá cama com duas garotas

"Cassius" não se conforma por ter que usar "tapa sexo", uma exigência da Censura. Talvez por essa razão a platéia não delire, como acontece num outro show do cais santista na boate "A Boneca" duas mulheres se acariciam no palco, enquanto o público se manifesta como se comemorasse um gol de placa do Pelé

Para manter a forma física, Cassius dorme o dia todo. Tranqüilo e satisfeito, como confessa, por faturar Cr$ 15 mil por mês com seu trabalho; o mesmo que levanta Daniela, uma tímida mineira que está no strip de passagem. Quer mesmo é estudar jornalismo

Enquanto não consegue, batalha para enfrentar o público noturno

– No começo, nas primeiras apresentações, sofri muito com o público, por causa da minha timidez. Agora, melhorou me acostumei a ver a platéia como se fosse uma parede

Mas isso não atrapalha a concentração

– Chego a ficar excitada em muitos momentos do show.

Boa "atriz" ela é. Simula perfeitamente urros de amor dignos de uma ninfomaníaca

Reportagem de
Antonio Pavone
Fotos de
Wagner Avancini

REPORTER

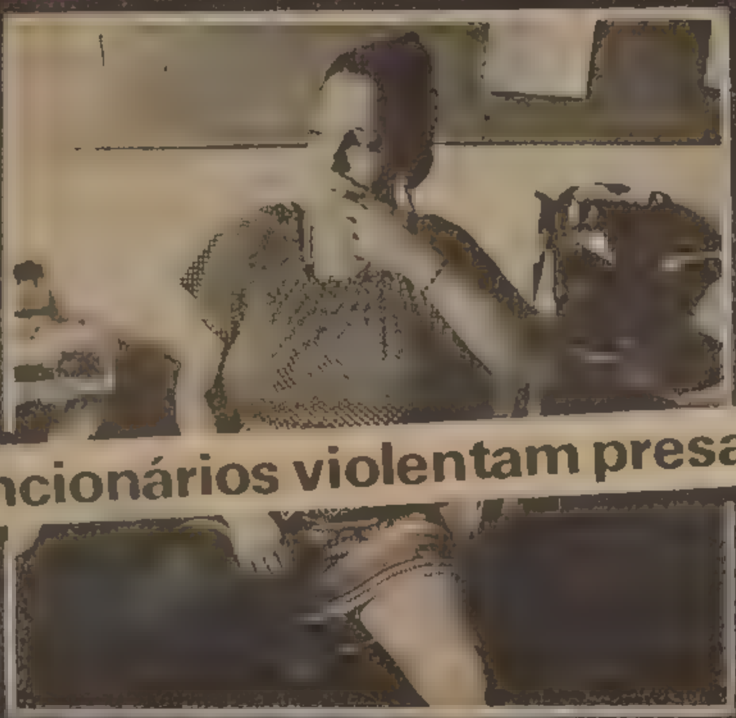
REPÓRTER

Setembro de 1980 — ano III — nº 33 — Cr$40

AUTÔNOMO INDEPENDENTE

LEITOR! Imprensa livre povo livre

SEXO ATRÁS DAS GRADES



Funcionários violentam presas

Detentos viram homossexuais

INDEPENDÊNCIA ERA MENTIRA!

P.14

BEIJO É LIVRE

Flagrantes de casais nas ruas

CHEGA DE OMISSÃO

Estamos com medo. Não dos atentados a bomba, porque eles nós denunciamos há dois meses; eles nós sabemos a quem interessa, o que pretendem, a quem querem calar — e temos certeza de que não calarão. Temos medo da irresponsabilidade desse governo que precisa de cadáveres para investigar crimes. Temos medo da irresponsabilidade do ministro Golbery do Couto e Silva, o cérebro político do Planalto, que, logo depois do bárbaro atentado à Ordem dos Advogados do Brasil, no qual morreu a funcionária D. Lyda, e à Câmara de Vereadores do Rio, em que um homem perdeu um braço e ficou cego, declarou que a ação tanto podia ser da esquerda como da direita. Idênticas sandices foram proclamadas dias antes pelos comandantes do I e II Exército. O ministro da Marinha chegou a dizer que os atentados às bancas de jornais não eram coisa séria porque ainda não havia morrido ninguém. Ele estava pedindo um morto, um mártir, e agora o tem, embora tenha também as mãos sujas de sangue. Ele e o governo que, mesmo depois de consumada a tragédia, continua a provocar confusão na opinião pública e até a estimular a continuação do terror.

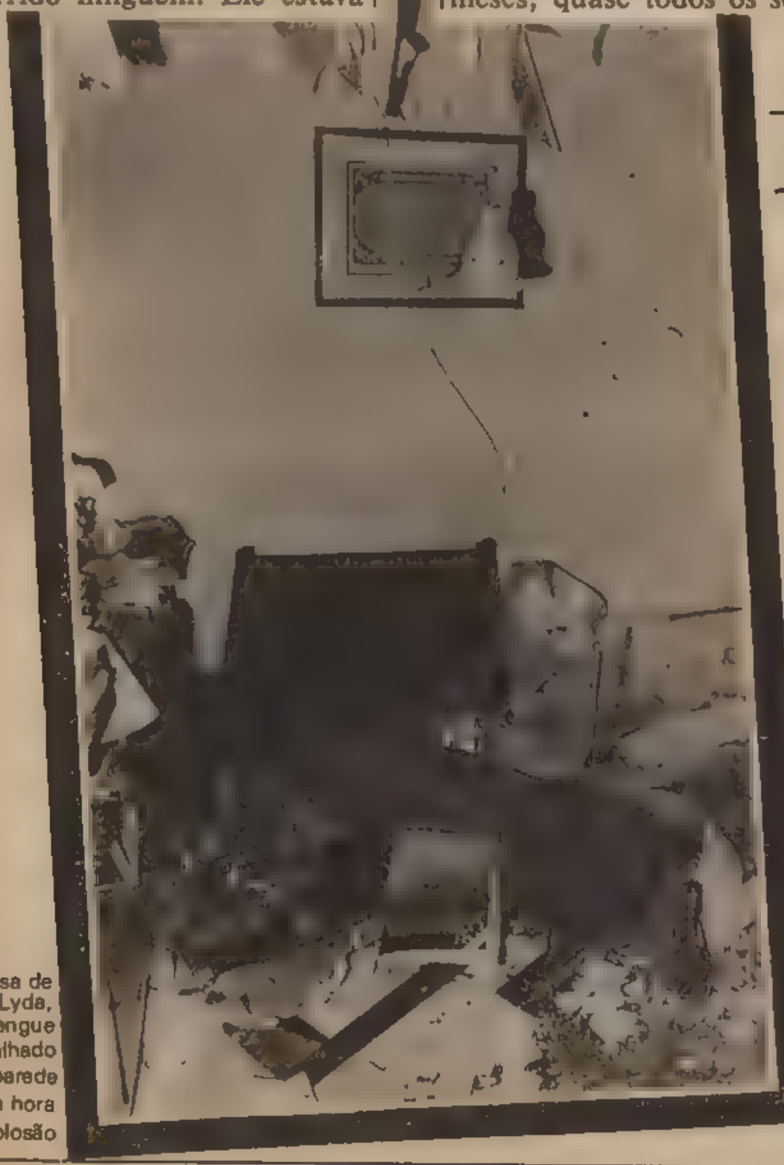
Como pode uma autoridade deixar de admitir que os atentados são promovidos por grupos fascistas de extrema-direita se os próprios grupos reconhecem e admitem a autoria das ações? Como pode a autoridade, depois de um assassinato e uma mutilação políticas, dizer que "é muito difícil desvendar crimes políticos", como disse o ministro da Justiça? Como pôde o governo negar-se a envolver, durante dois meses, a polícia federal em problema claramente nacional, pois os panfletos de intimidação aos jornaleiros, que antecediam os incêndios, eram os mesmos em sete Estados?

Dessa ausência programada temos medo. Há dois meses, quase todos os setores organizados da sociedade brasileira pedem providências imediatas para conter, pela ação policial, o terrorismo crescente. Pede a Igreja, pedem todos os partidos — inclusive o PDS, o partido do governo — associações de profissionais liberais, entidades profissionais, sindicatos, a Federação nacional das associações de moradores, a Ordem dos Advogados do Brasil, a Associação Nacional dos Jornais, a Associação Brasileira de Imprensa, jornalistas e jornaleiros. Em editoriais, os principais jornais diários do país fazem apelos contundentes para garantir a segurança da população, das bancas de jornais, de entidades e partidos ameaçados.

Além de não ter respondido com alguma providência prática a nenhum desses reclamos, o governo procura lançar dúvidas quanto à origem política dos atentados. E acha muito complicado investigá-los. Direita ou esquerda? A inércia e a incompetência propositadas continuam a estimular o crime.

Barbaridade! O país está sendo conduzido por um bando de encapuzados e o general Figueiredo é uma espécie de chefe de polícia de Chicago na época dos **gangsters**: pode não ser conivente, mas é impotente e omisso. Disso seu governo já é culpado diante dos brasileiros. Resta-lhe resgatar o mínimo de respeito da população, descobrindo os criminosos com a eficiência que o monumental aparato policial-militar deste país sempre demonstrou ao combater organizações de oposição ou passeatas pacíficas de estudantes.

Só assim ele pode lavar a mancha de cumplicidade que pesa sobre sua administração; só assim ele pode demonstrar que não precisamos fugir da polícia e das autoridades como se fossem eles os terroristas; só assim ele pode provar que não está em curso um plano oficial para conturbar a situação política, culpar a Oposição pelos atentados e justificar o endurecimento.



A mesa de D. Lyda, seu sangue espalhado na parede e a hora da explosão

O 10º processo contra nós

Às 14h45m da quinta-feira, 28 de agosto, a recepcionista da Margem Editoria recebeu um telefonema: "É do **REPORTER?**" *Com medo, ela respondeu que não, mas a voz retrucou: "É sim. Vai explodir uma bomba aí às 3 horas da tarde". E desligou. Cinco minutos depois, outro telefonema, a mesma voz de homem disse apenas: "Faltam dez minutos, broto". Avisada, a PM evacuou o prédio onde fica a sede do jornal, no centro do Rio. Quando os policiais estavam retirando o pessoal da redação, outro telefonema, desta vez da 6.ª Delegacia Policial, comunicando que os editores teriam que comparecer para prestar depoimento no dia seguinte. Motivo: o Ministério da Justiça abrira outro processo — o décimo contra este jornal em menos de três anos de atividades — alegando atentado à moral e aos bons costumes nos números 27 (março), 26 (fevereiro), 25 (janeiro) e o especial de dezembro. Por que o governo, num momento como o que o país vive, resolve processar um jornal que está sendo perseguido por terroristas, tomando por base edições publicadas há seis meses? O governo subscreve e avaliza a perseguição — processou todos os números do* **REPORTER** *desde o n.º 21 (setembro de 79) e todos os colaboradores que assinaram matérias nessas edições — e mostra o claro propósito de nos combater sem trégua. Ao lado do terror.*

Fotos de capa: Wagner Avancini (detentos), Rogério Carneiro (presa), Chiquito Chaves (beijo)

REPORTER

EDITORES — Alex Solnik, Chico Jr., Luiz Alberto Bettencourt, P psi (Arte)
CHEFIA DE REPORTAGEM — Ricardo Bueno
REPORTAGEM — Rio de Janeiro. Tim Lopes, Luis Ferrão, Maria Helena Araujo. **São Paulo:** Rivaldo Chinen, Silvio de Souza, Hélio Belik, Teresa Moreira. **Recife:** Eduardo Homem, Beth Salgueiro. **Salvador:** Mariluce Moura. **Brasília:** Antonio Beluco Marra
FOTOGRAFIA — Rio de Janeiro: Chiquito Chaves, Rogério Carneiro. **São Paulo:** Wagner Avancini, Eliana Pastore, Valdenir Benedetti. **Recife:** Valdir Afonso, Xirumba
ARTE — Analuce Estrella, Guidacci, Mauricio Veneza.
CIRCULAÇÃO — Eduardo Curi
PUBLICIDADE — Carlos Sarmento e Keline Keller (contato)
DEPARTAMENTO JURÍDICO — Luís Celso Araújo e Luiz Eduardo Greenhalg
REPORTER Autônomo Independente é uma publicação da Margem Editoria e Programação Gráfica Ltda. Rio de Janeiro Rua Miguel Couto, 134/11.º andar, tel 253-5038, 253-5077, 233-4331. **São Paulo:** Rua do Seminário, 155/sala 30, tel: 227-7175. **Recife:** Av. Conde da Boa Vista 121, Grupo 707, tel 222 1224
Composição, fotolito e impressão — Editora Mory Ltda., Rua do Resende, 65, Rio de Janeiro
Distribuição Fernando Chinaglia S.A — Rua Teodoro da Silva, 907. Rio de Janeiro

No Rio, só os casados já podem; em São Paulo, nem isso

O diretor, coronel Guedes, diz que quartel, apesar da disciplina, também tem homossexual

Laurinha subornou guardas pra poder amar

Foto Rogério Carneiro

Na Casa de Detenção de São Paulo, só duas opções: masturbação ou homossexualismo. Os presos já pediram para ter sexo com suas mulheres, há quatro anos, mas hoje poucos têm esse desejo. A maioria se conforma ou acha que não merece tanto — que é, aliás, a posição do diretor, o coronel Guedes. No Rio, as presas conseguiram visita sexual recentemente; as mais antigas, como Laurinha (foto), tiveram que ficar no lesbianismo: "No começo eu não queria, depois acostumei e viciei: hoje, livre, fico à vontade com meu marido". Nas prisões femininas, os funcionários se aproveitam para violentar presas e cobram gorjeta para deixar as mulheres se amarem.

Falta de sexo sufoca presos

Reportagem de Rivaldo Chinen e Tim Lopes

Fotos de Wagner Avancini

"PERDEMOS A LIBERDADE, MAS NÃO O TESÃO"

SP

Machismo impede amor com mulheres

Nós percorremos alguns pavilhões da Casa de Detenção de São Paulo (feita para 2 mil pessoas, tem hoje 6.308) E ouvimos alguns presos sobre o problema da falta de relacionamento sexual com a mulher, e como é que ele encara a questão.

Osvaldo Antonio de Souza, o **Pudim**, preso há 14 anos, pena de 20, por homicidio:

— Eu não tinha coragem de trazer minha mulher pra cá. Lá em Brasília, onde eu já estive, é assim: o cara deixa a criança no colo de alguém, pega a mulher pelo braço e entra com ela num barraco, todo mundo olhando. É mal, né? Eu não teria coragem. Prefiro ainda apelar pra mão.

Manoel Sales, há 8 anos preso (faltam mais 6 meses) por assalto:

— Aqui tem muita desmoralização. É por esse motivo que não traria minha mulher, caso fosse casado. O homem tem que ter seu controle. E tem que saber que ao entrar aqui na cadeia a regra é essa. Eu tenho esse ponto de vista, cada um tem o seu.

Airton Leme de Oliveira, 22 anos, preso há três anos, falta um para ele sair. Sua namorada deixou de visitá-lo:

— Pra mim é normal, tudo bem. Acho que todo ser humano precisa de ter contato. A gente necessita de trocar umas idéias, fazer umas relações. Pra mim como pra todo mundo, acredito, seria uma boa.

Antonio Dias de Brito, 34 anos, solteiro, condenado há 9 anos por tentativa de homicídio, já cumpriu cinco:

— Não estou de acordo porque isso desmoralizaria a mulher. Vão pensar lá fora: "essa é uma mulher de cadeia". Aqui tem quatro, cinco, vinte, trinta presos numa só cela. Se fosse cela individual, como é a Penitenciária do Estado, tudo bem. Mas aqui não daria certo.

Afonso da Silva Franco, 32 anos, 14 de cadeia por homicídio, está preso há 5 meses:

— Vontade a gente tem. Mas nossa mulher ficaria mal vista. Na parte carnal sou a favor, mas na moral sou contra. A solução, por enquanto, é a masturbação.

"Pudim" (foto ao lado) prefere "apelar pra mão". Airton (na cozinha) é dos poucos que acham "uma boa" ter mulher na Casa de Detenção

Rucas Arche, 32 anos, casado, 2 filhos, cumpre pena há 6 anos de um total de 66 por roubo e assassinato de PMs:

— Se você trouxer sua mulher pra ter relacionamento sexual, vão ficar de olho nela. Se você jogar aqui dentro uma lata de vaselina, 500 facas e uma mulher, quem vai ser agarrada é a lata de vaselina, tamanho o número de homossexuais. Se colocar sino no pescoço de cada homossexual, você não vai dormir de noite de tanto barulho.

Lupércio Ferreira de Lima Costa, 72 anos, preso por flagrante de tóxico há 48 dias, foi massagista da seleção brasileira de basquetebol em 1958:

— Seria bom se pudéssemos receber nossas mulheres. O coronel Guedes é competente. Cai governo, entra governo, ele continua no posto. É sinal de que tem competência. Esperamos que ele seja favorável a isso também (o repórter diz que o coronel Guedes é contra, então Lupércio muda de opinião). Ah, ele é contra? Pois eu também sou. Pensando bem, até que não sou favorável, não.

Maurício Luiz Gonçalves, 32 anos, casado, 2 filhos, preso há 2 anos, cumpre sentença de 114 anos por assalto:

— A maioria do pessoal que está aqui não tem recursos financeiros. Aí é que começa um grande problema. Porque, se a mulher tiver um filho lá fora, o que é que acontece? O menino vai ser mal-visto, ser tachado de filho de preso, essas coisas. Acho que se pensassem num planejamento familiar, quem sabe... Mas assim, sem recurso nenhum, sou contra

Mulher quer transar na visita

Domingo, 11 horas da manhã, uma fila imensa na porta da Casa de Detenção. Com uma caravela de madeira na mão, o primeiro presente do marido para ela, Maria de Jesus fala sobre a possibilidade de ter relacionamento sexual com o marido:

— Seria bom, pois assim a gente ficaria mais junto e se sentiria mais. Se tem condições ou não, devido ao prédio, ao número muito grande de presos, eu não sei. O que sei é que eu ficaria muito feliz se pudesse ter relações com meu marido, como tinha quando ele estava aqui fora.

Maria Helena está com o marido preso há dois anos por assalto:

— Deve haver algum problema que impede isso. Mas dizer que privar alguém de ter sexo é reeducar, o que dizer então de se juntar um preso com outros mais perigosos? Isso é reeducar?

Flor Diniz tem o marido preso há duas semanas por furto:

— A gente vive correndo. Visita correndo, tem que sair logo. Seria tão bom! Se a gente continuasse assim eles gostariam e quem sabe não mais pensariam em cometer outro crime ao sair daqui.

Cacilda Moraes visita o marido há dois anos e meio. Ele está preso por assalto.

— Se tem preso demais, o jeito é soltar os que têm bom comportamento. Não acho humilhação a gente ter relacionamento sexual e os outros ficarem vendo, ficarem sabendo. É só selecionar aqueles que apresentam mais condições.

Maria Gonçalves, cujo marido está preso há 5 anos (metade da pena) por roubo, também é favorável:

— Bom, muito bom. Assim a gente não pode nem conversar. Hoje, por exemplo, dia do aniversário dele, perdi a condução. Cheguei algumas horas atrasada e não pude vê-lo. Tem outra coisa: ultimamente não sei por que meu marido começou a desconfiar de mim. Acha que estou traindo ele. Coitada de mim, com três filhos pra criar, vou pensar noutro homem com meu marido preso?

Maria de Jesus e o presente do marido

Casa de Detenção de São Paulo: mulher, só em fotografia

Carta pedia liberdade sexual

Há quatro anos, os presos da Casa de Detenção de São Paulo apresentaram uma petição ao juiz corregedor dos presídios, ao diretor do Departamento dos Institutos Penais do Estado e ao secretário de Justiça para que lhes fosse permitido exercer a atividade sexual. Segundo eles, sexo na prisão poderia restaurar o equilíbrio emocional, normalizar o funcionamento do sistema cardiovascular, restabelecer muitos outros condutores do sistema nervoso e "tudo mais que a medicina recomenda". Desde essa época os presos de São Paulo não mais tocaram no assunto. Foram publicadas várias cartas dos detentos no Jornal da Tarde, em apoio aos argumentos de um ex-secretário de Justiça, segundo o qual, "conseguimos provar e mostrar que o Estado líder da Federação não tem condições de resolver a problemática existente; que o sistema está errado; que relacionamento sexual só existe para os privilegiados; que todo mundo tem medo da verdade porque ela fere as suscetibilidades da mentira; que jamais será encontrada qualquer solução".

Diretor acha que detento é igual a padre

Para o coronel Fernão Guedes de Souza, há vários anos diretor da Detenção, manter relações sexuais na cadeia é algo inadmissível: "Imagina você construir um parlatório onde o camarada vai ter relações sexuais com a mulher, e todo mundo fica olhando". Guedes prossegue dizendo que "a gente que tem amor à mulher não vai expô-la a um ridículo desses".

Mas, coronel, o pior ainda é não ter sexo.

— E os padres, que não têm? Se por motivo religioso o padre não tem sexo, para o preso o motivo ainda é maior. Se deixarmos isso acontecer, vamos ser tachados, e com razão, de cafetões.

Em seguida, o coronel Guedes dá outra razão para que não se introduza o relacionamento sexual com a mulher do preso:

— Educamos o preso para que ele saiba se controlar. Nós temos uma disciplina muito boa. Com quase 7 mil homens aqui dentro, você acha que o camarada vai trazer a mulher dele pra ter relações? Tá louco? Afinal, uns 6 mil são solteiros.

Mas, coronel, se não tiver mulher, o preso vai acabar mesmo é apelando para o colega de cela!

— É a imprensa menos avisada que gosta de explorar isso. Diz que aqui é um antro de homossexuais. Não é verdade. Aqui dentro os homossexuais representam apenas 0,825% da população carcerária. Nós separamos eles quando notamos que são pederastas. Tem um pavilhão aqui só de pederastas, esses sem-vergonhas e desmoralizados. Além disso, aqui tem tanta pederastia como tem nos quartéis, nas escolas, por aí afora. É como a maconha. Em todo lugar corre a maconha; mas onde é que as manchetes dos jornais a localizam? Aqui na cadeia.

Rio

Lesbianismo sim. Mas só com suborno

— Eu entrei em cana com 19 anos pela polícia federal. Fui apanhada em flagrante num ganho que estava fazendo num navio de gringos, na Praça Mauá. A polícia foi a primeira a me dar o toque: "Vai chegar lá em Bangu vai ter que se esfregar, vai dar pras fanchonas". Eu era bonitinha nessa época; corpo bonito, mas me garantia. Quando cheguei lá, tem aquele período, prova de silêncio. Eu, só na minha. Sabonete, toalhinha, perfume, tudo na minha mão. Aí veio o bilhete: "Amanhã no banho de sol vou ficar pertinho de você". Não tô sabendo quem é ainda. Eu, de shortinho, camisa amarrada embaixo dos seios, umbigo de fora. Tirei um lastro da cama e fiz um estoque de madeira afiadinho. Botei na cintura e me enrolei num lençol pra esconder a arma. Perto de mim sentou uma mulher e veio com aquelas conversas. Dei porrada, arrebentei com ela. Fiquei 35 dias no isolamento, de castigo. Quando saí, a mulher veio me dar decisão: "Poxa, sou considerada, como é que você me dá uma dessa!" Aí eu disse: "É isso mesmo, qual é a bronca?" Acabou virando minha mulher. Gostou de mim.

Laurinha é baiana de Ilhéus, revoltada com a vida, 36 anos, com marcas de facadas, estocadas por todo o corpo, sem contar os cortes no braço esquerdo, encrespado de cicatrizes produzidas por gilete. Mãe de três filhos, confessa que o maior amor de sua vida conheceu na cadeia

— Eu até hoje gosto dela. Mas ela tá na rua, na felicidade. A gente viveu um grande amor. Teve um dia que ela apareceu de batinha, fazendo de conta que estava grávida de mim. Quando eu tava de castigo, aparecia uma pá de mulher querendo gavionar o meu pessoal. Era boa de dar. Mas quando saía do castigo, voltava tudo.

Como é que você fazia sexo com a companheira?

— Fazia o jogo da polícia. Dava 100, 200 mangos na mão, aí eles faziam o jogo, botavam a mulher dentro do cubículo da gente. Uma vez me entregaram. Quando as guardas chegaram, me pegaram enrolada num lençol e a mulher que estava comigo embaixo da cama. Mas eu ficava satisfeita. Você acaba viciando. Hoje eu tô com um cara que me satisfaz, mas quando eu quero roçar me penduro na perna dele e vou fundo. Levei muito flagrante de beijo. Aí ia pro castigo e acontecia no pátio do amor.

Pátio do amor?

— Chegar no pátio do amor é só casal, mulher com mulher. A guarda tá lá, não pode ninguém ficar trocando carícia. Desabafa uma com a outra, porque as mulheres são tudo frágeis, fica naquele negócio: "Será que lá na rua a gente vai se ver?" Porque só pinta mesmo o papo da rua. Qual é o preso que não fala na rua? A mulher lá dentro sente muita falta de carinho, de uma amizade, de uma conversa. Cá fora ela tinha o marido dela, lá dentro ela não tem. Então experimenta pra ver se é bom.

Qual foi a primeira vez que você experimentou?

— Eu já tinha visto em boate a transação. Achava ridículo ser mulher de outra mulher. Eu gosto de mandar, meu signo é Sagitário. Aí eu encarnei mesmo. Se eu não tirar uma de comer, vão me comer. Mas eu passava sempre de castigo. Às vezes roubava álcool da enfermaria, aí fazia uma batida, deixava a mulherada doida. Quando eu saía do castigo era uma festa, só dava eu. Eu não gostava de trabalhar. Tinha mulher que trabalhava pra mim.

E a polícia tem mulher lá dentro?

Tem, sim. O Alcino tem a *Playboy*, o Valter tem a Janaína, o Altamiro tem a *Ratinha*. A diretora era mulher de todos. Mas a *Playboy* entregou tudo, levou umas porradas, ficou na *surda* porque tinha ficado com ciúmes de uma mulher novinha que apareceu lá e o Alcino se engraçou pro lado dela. O escândalo chegou ao juiz. Ela entregou o bilhete do Alcino falando em amor pra uma visita, que levou na Vara de execuções. Deu a maior merda. Foi tudo parar na Febem. Foi a única turma que barbarizou lá no presídio.

Funcionários fazem orgias na prisão

Muitas brigas?

— Ih, se tem. Vi uma vez na sala de tapete uma mulher enfiar a tesoura na outra. Foi na cara. Enfiou e saiu rasgando. A outra também pegou da tesoura e rasgou a cara. Tudo por causa de ciúmes de mulher. Veja o tesão o que que faz. Pra mim não tem mais jeito, a não ser que tenha muita segurança no presídio, não tenha polícia pilantra, corrupto, que não seja comprado. Se a pessoa tiver dinheiro, resolve tudo. O meu velho chegava no presídio com seda japonesa. Dava um corte pruma guarda daquelas, eu passava uma semana comendo ela.

Qual a solução?

— O presídio, para ser presídio mesmo de recuperação, tem que ter uma boa polícia, que não seja

Fotos Rogério Carneiro

Laurinha começou a transar mulher na prisão...

.. e ficou viciada até hoje

ladrona, corrupta. Uma boa administração e a recuperação. O apoio pra quem sair lá de dentro. Eu saí com a carteira condicional, que eu rasguei. Tem que sair é com carteira profissional, carteira de identidade. Saí gorda com aquela comida braba, com uma muda só de roupa, com três filhos pra criar. Queria que eu fizesse o quê?

E a sociedade?

— A sociedade é porca. Ela que inventou esse negócio de bacanal. Você vê casal da sociedade doido pra fazer uma sacanagem. Passam na praia de carro e arrumam logo uma piranha bonitinha. Coitada, tá precisando e se sujeita a isso. Vai fazer o jogo do velho e da velha. Então, pra mim, a pilantragem vem da sociedade.

Que é o amor pra você?

— Amor é amor, amor é o desejo. Fazer sexo, fazer amor. Mas a gente não pode se deixar impressionar pelo amor. Gostar a gente gosta porque às vezes a gente acostuma com a outra. Pra mim, o amor acabou.

E a violência sexual?

— Eu acho que o homem é animal.

Beijo dá castigo. Mas guardas comem presas

"Chega uma hora que nem dedo resolve. A idéia fica dançando, a gente tonta, os peitos duros. Sei que é falta de homem. Quando tava nessa, afinzona mesmo, tomava uma porção de barbitúrico ou água com sabão e picadinho de Espada de São Jorge. Ficava espumando, passando mal. As guardas me pegavam e me levavam pro hospital. Não tomava pra morrer, não. Era só pra chegar do lado de fora. O primeiro macho que eu visse fora do presídio, sabendo que não era polícia, eu agarrava. Ninguém dispensa. Sabe que tá lacrado, selado mesmo. Sabe que não tem ninguém comendo."

Rita Pavone dá uma gargalhada pastosa. Corpo manchado, marca de picos e muitos anos de cadeia. 32 anos com cara de 50. Pele amarela.

Ela lembra do apelido que ganhou no presídio porque cantava todas as músicas da cantora italiana. Dividiu a comida com os ratos **na surda** do presídio feminino Talavera Bruce, em Bangu, no Rio de Janeiro. Incendiou o pavilhão de meninas Anchieta, no antigo SAM, no bairro de Quintino, quando tinha onze anos e estava grávida. "Achei o fim da picada mulher pegar em mulher. Pra fazer filho, meu negócio é grande, grosso e duro. Nunca gostei de transar com mulher. Já assisti muito roça-roça, mas eu não gosto.

Tomo remédio pra passar mal ou saio na mão. Eu recebia uma galeria de bilhetes. Na hora do banho era aquele negócio: "Ô Ritinha, toma o sabonete"... "Olha a toalha"... "A escova". Traziam tudo na mão. Tudo querendo. Mas eu nunca gostei disso. Também não era de atrasar não. Se tivesse que tomar conta do "come quieto" eu tomava." **Come quieto?** "É um cobertor do lado e do outro. Porque lá a cama é beliche. Atualmente tem parlatório, mas só pras casadas. Amante, amasiado, não entra. Aquela que não tem ninguém e se sujeitar a se masturbar, tudo bem. Se não aceitar, vai ter que ficar dando volta pelo cubículo, pelo corredor e agarrar uma a força. É o único jeito.

Quem não quiser agarrar, espera a hora da guarda recolher para as celas e sai na mão. Quer dizer, são cinco dedos em cada mão. Se tocar com cada um, são dez vezes que se goza, não é mesmo?" **E a repressão sexual lá dentro?** "Ih, se a polícia via qualquer transação, até beijinho, era o maior castigo. Pendurava a gente no pau-de-arara e tome borrachada, choque elétrico, o diabo. Cada borrachada faz aqueles dois lanhos vermelhos. Depois eles pegam o fio e botam as duas pontas na tomada e as outras duas eles raspam. Fica o araminho, que eles fazem escorregar pelo visgo vermelho do lanho. Seu Valter, seu Altamiro, seu Alceu eram os diabos! As primeiras mulherzinhas que entravam no presídio eram deles. E se não fossem entravam no pau. Se a mulher engravidasse, eles baixavam a porrada pra mulher abortar.

Enfiavam remédio goela abaixo pra pessoa abortar de qualquer maneira, nem que a gente dissesse "pelo amor de Deus, deixa nascer, eu tenho quem banque". Não adiantava nada. Quando as presas políticas chegaram é que isso foi acabando. Elas botaram a boca no mundo.

Mas se a gente cumprimentasse, pegasse um livro, uma revista delas, as guardas davam um pau na gente. Eles não deixavam a gente conversar com elas porque eram subversivas. Seu Altamiro, seu Valter, fizeram muitos filhos em presas, lá. Eles selecionavam as presas ao gosto deles pra trabalhar na faxina, bater máquina, e saíam comendo todo mundo, emprenhando, encachaçando, maconhando, valia tudo." **O que te assustou na cadeia em relação ao sexo?** "Nada mais assusta. Um dia o Dom Eugênio Sales promoveu aquele negócio de "Família que nasce unida permanece unida". Então a cadeia ficou aquele burburinho.

Tinha o concurso da cela mais limpa, mais bem decorada, uns limpavam as grades, o chão, o corredor, os serviços mais pesados, como desentupimento, carregar lataria de óleo. Capinar ficava por conta dos presos do Esmeraldino Bandeira. Eu não esqueço.

A Vanda, uma das internas, com 15 anos de cana, foi escolhida pra fazer a faxina na capela. Nisso entra um dos presos, com 9 anos de cana, e pede pra Vanda acender o cigarro dele. Aí, meu filho, não teve Deus nem Nossa Senhora, saiu o piço mesmo. Ela com 15 anos de cadeia e ele com 9, era filho na certa.

Seu Altamiro soube, levou ela pra sala, deu-lhe um pau e obrigou ela a tomar o remédio. Ela recusou, penduraram ela no pau-de-arara e barbarizaram. O cara, então, nem se fala. Ficou todo ensanguentado. Agora eles ficam lá com suas presas, no ar condicionado, assistindo televisão, escolhendo suas internas, no bem-bom. Nas celas é tudo sofrimento.

GARANTA A CIRCULAÇÃO DESTE JORNAL

ASSINE REPORTER

Fotos de casais, no Rio, que gostam do que é bom, na rua mesmo

BEIJO LIVRE

Aterro do Flamengo

Foto Custódio Coimbra

Foto Custódio Coimbra

Aterro do Flamengo

Foto Chiquito Chaves

Praia de Botafogo

Foto Chiquito Chaves

Barra da Tijuca

Foto Chiquito Chaves

Barra da Tijuca

Foto Chico Ybarra

Aterro do Flamengo

Estação da Leopoldina

Foto Chiquito Chaves

Campo de São Cristóvão

Foto Walter Ghelman

Café Lamas

Foto Walter Ghelman

Praia do Leblon

Foto Chiquito Chaves

Estupros na PUC

Universidade, em São Paulo, esconde casos de violência sexual contra alunas 'pra evitar escândalo'

A Pontifícia Universidade Católica de São Paulo não gosta de "escândalos". Por isso, procura esconder cuidadosamente os casos de estupro que acontecem em suas dependências. Casos que são comuns, muitos deles praticados por alunos da própria escola. A desculpa é que, se um caso desses chegasse aos jornais, a universidade ficaria desmoralizada. Assim, os advogados da PUC recomendam às alunas violentadas que fiquem quietas e simplesmente esqueçam o assunto

Uma moça foi violentada quando ia para o curso de jornalismo, à noite, por um rapaz que a ameaçou com um pedaço de pau com um prego na ponta. Uma semana depois a jovem recebeu um convite para conversar com a reitora, Nadir Kfouri Conta ela:

— Ofereceram-me advogado, psicólogos para tratamento e ginecologista Tive que relatar o que acontecera, para que tomassem providências. Mas o meu depoimento foi tomado de forma muito estranha, só para dar a impressão de que seria possível abrir um inquérito para solucionar o caso Quando tive de assinar o depoimento, percebi certos detalhes como "quando se dirigia à PUC", em vez de "quando, no pátio da PUC", o que seria correto porque eu já estava no campus da universidade Percebi então que comecavam a me desestimular da idéia de levar o caso adiante

Pouco depois isso ficou plenamente confirmado

— O advogado da PUC fez de tudo para que eu desistisse do caso. Disse que eu passaria por uma série de vexames, tais como servir de chacota para policiais", que eu me machucaria mais no processo do que já havia me machucado, que eu teria "que abrir as pernas para qualquer um". Completando, o advogado disse "Infelizmente nossos policiais são assim"

O advogado, responsável por esses e outros casos da PUC, é Eduardo Muylaert, que tranquilamente afirma que "tudo o que foi possível ser feito para a elucidação dos casos de estupro que chegaram em minhas mãos foi feito". Ele afirma que não é advogado da PUC, mas apenas professor de Direito da universidade e que, a pedido da reitoria, colabora nesses casos. E faz uma ameaça

— Em se tratando de assunto tão delicado, é bom que se tome muito cuidado com as declarações que envolvem o nome de uma instituição como a Católica Se algo surgir como não-verdade, saberemos como agir

Já no caso dos estupros, o advogado parece não ter tido tanta pressa em agir, pois nenhum deles foi esclarecido até agora. Eduardo Muylaert procura se defender

— Você é homem e sabe como é difícil para uma mulher provar que foi estuprada. Nós fazemos o possível, mas elas mesmas desistem quando percebem tudo o que terão de fazer para provar o que dizem ter acontecido

Quando lhe é dito que uma das moças afirmara que fora induzida por ele a desistir do processo com frases tais como "você serviria de chacota para os policiais" e "teria que abrir as pernas pra qualquer um", Eduardo Muylaert nega

— Não disse isso e jamais diria

A moça que foi violentada confirma, porém, a história e dá outros detalhes para mostrar como a PUC procura abafar os estupros

— No dia em que conversei com a diretoria da PUC fiquei sabendo que outra moça fora violentada quatro dias depois de mim Depois de várias tentativas, consegui descobrir seu nome. A reitoria sempre fez questão de ocultar o nome dela para que não nos encontrássemos. Depois de alguns meses, quando a encontrei, ela, que era estagiária, se tinha tornado funcionária da PUC e negou-se a colaborar

A funcionária tinha sido violentada dentro da sala de aula. Conta a moça que foi procurá-la

— O rapaz que a violentou tinha as mesmas características do meu agressor Quando o caso chegou ao conhecimento da reitoria, tudo o que foi oferecido a mim foi oferecido a ela: advogados, psicólogos e ginecologista para lavagem vaginal. A PUC fez com que ela ficasse quieta, alegando que um escândalo não seria desejável

A história se repetiu com uma outra moça, que foi violentada no Centro Acadêmico

— Eu tinha saído das aulas um pouco atrasada e passei pelo Centro Acadêmico. Vi luzes acesas e decidi entrar. Lá dentro estava um rapaz que eu conhecia de vista e que era aluno da PUC. Conversamos por alguns instantes, até que o rapaz caminhou em direção à porta, fechou-a e veio em minha direção Sorrindo, aparentando muita tranquilidade, pediu-me para que lhe quebrasse um galho. Ele me agarrou, me deitou no chão e me violentou. Já era tarde e não encontrei ninguém para dizer o que tinha acontecido. No dia seguinte, bem de manhã, procurei entrar em contato com a reitora Fizeram-me esperar horas no corredor e depois me avisaram que ela estava ausente e só voltaria uma semana depois. Como eu já sabia de fatos anteriores que haviam sido denunciados à reitoria e que nada fora feito, desisti da idéia e fui embora

Uma outra moça foi violentada por um rapaz, aluno da escola, a quem pediu carona

— No caminho de casa ele me violentou e me fez descer do carro. Levei o caso ao conhecimento da reitoria. Disseram que iam tomar providências. Uma semana depois o aluno estava normalmente jogando bola na universidade Chamei alguns amigos, contei o que havia acontecido e eles, sabendo que a PUC não tomaria nenhuma providência, chamaram a polícia e prenderam o rapaz Fui à delegacia e dei um depoimento detalhado na presença de vários policiais

No dia seguinte a jovem foi à PUC. A história se repetiu: advogado, psicólogos e ginecologista foram postos à sua disposição, e o advogado procurou tirar de sua cabeça a idéia de levar o caso avante. O aluno que a violentara continuou circulando tranquilamente pela universidade

— Alguns dias depois entrei no Centro Acadêmico e lá estava ele. Cinicamente comentou que "eu devia estar apaixonada por ele" O pessoal que estava ali, revoltado com a afirmação dele, tomou as minhas dores e bateu bastante nele

A reitora da PUC, Nadir Kfouri, decididamente não gosta nem de ouvir falar nos estupros. Procurada pelo REPORTER para defender a universidade das acusações das alunas, reagiu de maus modos. A secretária foi conversar com ela sobre o assunto e, na volta, ao abrir a porta, ouviu-se a voz da reitora: "Diz pra esse cafajeste que está aí fora que eu não quero e não tenho nada a conversar com ele"

O repórter então perguntou se aquilo era com ele. A secretária, meio sem graça, disse que não, o que é no mínimo curioso, pois na sala de espera não havia mais ninguém

Reportagem de Rinaldo Campos de Oliveira

Everaldo da Silva era temido na cadeia. Hoje "cura doenças", expulsando Satanás da cabeça dos pobres

É O GALEGUINHO DO COQUE, EX-BANDIDO

Estuprador virou crente em Recife

Reportagem de Beth Salgueiro.
Fotos de Valdir Afonso

Ontem era o Galeguinho do Coque, bandido que assaltava à mão armada e pegava de tudo que era tóxico, principalmente de pico na veia. Mulher era com ele: comia, estuprava. Na cadeia era o xerife: fazia de mulher todos os presos novos, "primeiro os que tivessem o pênis mais grande". Galeguinho do Coque antigamente arrepiava: era temido pela cidade e perseguido pela polícia.

Hoje é José Everaldo da Silva, um temente a Deus, crente na Bíblia, um santo homem. Não fuma, não bebe, não cobiça a mulher alheia, não rouba mais. Everaldo ainda é o Galeguinho do Coque, ele próprio se diz, mas agora como missionário da Casa da Benção, no Recife. Sua missão é abrir brechas para que a fé entre nas pessoas pobres de Pernambuco e assim as liberte dos problemas estomacais, da espinhela caída, da paralisia, da dor de cabeça, da dor de corno. De qualquer corpo Everaldo tira um espírito do mal: um Exu, um Tranca-Rua, uma Pomba-Gira que tenha encarnado pra encher o saco do pobre homem ou mulher. E a pessoa sai satisfeita, aliviada, dando graças a Deus e um trocado pro Galeguinho.

O missionário Everaldo é o produto maior da Casa da Benção em Pernambuco. O missionário Jair, nos seus programas da Rádio Capibaribe, anuncia Everaldo como o Galeguinho do Coque, prova evidente dos poderes do Cristo, manifestados através da Casa da Benção.

Fomos entrevistá-lo no Jardim Paulista, uma das maiores vilas populares do Grande Recife, construída pela Cohab. Ele prega no Casarão, sede da administração, que serve à Casa da Benção às segundas e quartas-feiras. O vigia do lugar, Cocota, foi o primeiro a brincar com a história, arremedando o missionário, ridicularizando o ritual.

Quando Everaldo chega, Cocota pergunta: "Cumé aquela história preu pará de fumá?" O missionário, rápido, pergunta: "Quantos maços você fuma por dia?" "Dois", responde Cocota. Aí Everaldo faz as contas: tantos cruzeiros por dia, tantos por mês, X por ano. "Com esse dinheiro você resolvia seus problemas; não ia ficar falando mal do governo, não ia reclamar nem o décimo-terceiro."

Positivamente Galeguinho não parece um bandidão. Baixinho, gordinho, fala fina, tem uma cara de criança, mesmo com 24 anos.

Você é missionário da Casa da Benção há muito tempo?

— Vou fazer um ano, ainda. Antes eu era batista, mas deixei porque eu tinha necessidade de fazer mais, de dar mais de mim e não podia. Eu não tenho curso de Teologia, só conheço um pouco da Bíblia, mas queria fazer o bem na prática, e isso só foi possível na Casa da Benção. Então vim pra cá.

Everaldo não tem curso algum, mas se é verdade metade do que ele conta sobre o Galeguinho a escola da vida já lhe ensinou muita malandragem. Pro bem e pro mal. Por isso, não é surpresa quando se ouve, do lado de fora das sedes da Casa da Benção, que ele não passa de um charlatão que se aproveita da boa-fé e do desespero do povo para ganhar dinheiro.

Abertamente, em alto e bom som, Everaldo pede dinheiro às pessoas que frequentam a Casa da Benção. Pede e insiste, falando sobre as despesas que tem com o carro de som, os santinhos que distribui — 50 centavos cada um — o transporte, o aluguel, a luz, os impostos. Contesta os que o acusam de cobrar, alegando que não cobra, mas sim pede. Quem quiser e puder, dá. E as pessoas dão 50, 100, 200 cruzeiros. Há até quem dê um, dois mil cruzeiros.

Você acredita, Everaldo, que todas essas mulheres que vêm reclamar de alguma doença, de um aperreio, estão possuídas por algum espírito maligno?

— Não é isso. Eu sei que há mulheres que não têm doença alguma, que apenas ficam atraídas pelo missionário e que querem que eu vá lá e passe a mão na cabeça delas. Outras têm superstição, acham que estão sofrendo, mas na realidade não estão. Então eu vou lá, faço aquela prece, mando que o espírito saia e ela fica acreditando que o espírito saiu. Assim ela fica boa, através da fé. É uma boa fé, não é má fé.

Pelo sim, pelo não, Everaldo unta os dedos no azeite bíblico Beira Alta e sai bezuntando quem diz que está sofrendo. Em seguida se põe a gritar com satanás, mandando-o sair, por ordem de Deus. E o diabo sai. Pelo menos é o que dizem os crentes.

A Casa de Deus não se mete em política, afirma Everaldo, mas explica que se um prefeito dá um terreno pra construir uma sede da Casa da Benção, ele retribui votando e pedindo voto pro político.

Seu Ivo, trabalhador e morador do Jardim Paulista, diz com ironia:

— Assim é fácil. Antes ele assaltava, agora o povo dá. Eu queria é ver ele ali, dando duro na pavimentação daquela estrada.

ADVOGADO QUER INDENIZAÇÃO

Posseiro castrado pela construtora

Um sonho mau, um pesadelo? Até hoje o posseiro Eufrasino Alves Baptista, de 43 anos, custa a crer no que lhe aconteceu numa tarde do verão de 1978, quando oito homens bem vestidos, que ele conhecia de vista, bateram palmas defronte de sua casa, localizada numa área de terra próxima à Fazenda Tamboré, na comarca de Barueri, perto da capital de São Paulo.

Foto Wagner Avancini

Eufrasino foi aleijado por homens da Jubrin Engenharia

Os homens eram funcionários da Jubrin Engenharia e arrombaram a porta da casa de Eufrasino, pegaram-no à força e o levaram para dentro de um carro que estava estacionado em frente à propriedade do posseiro.

Depois disso, Eufrasino relembra os fatos com dificuldade. Os jagunços o espancaram e um deles aplicou-lhe uma injeção anestésica. Antes de perder a consciência, o espantado posseiro notou que um homem de avental branco pegara um bisturi e, numa operação rápida, arrancara-lhe os órgãos genitais. Não aguentando a dor, Eufrasino desmaiou.

O posseiro só acordou muito tempo depois no hospital São Germano, em Osasco. Enquanto convalescia, Eufrasino era assistido por alguns cirurgiões, e ele se lembra de um, de origem japonesa, que atendia pelo sugestivo nome de Massasaco. Eles tentaram aplicar-lhe uma verdadeira lavagem cerebral.

O pesadelo não parou aí. Eufrasino passou por vários hospitais, e em cada um deles, afirma, enfermeiros e médicos lhe aplicavam injeções muito dolorosas para confundir seus pensamentos. Quando ele falava da operação que havia sofrido no carro, médicos e enfermeiras tentavam convencê-lo de que tudo não havia passado de uma alucinação. Mas Eufrasino tinha certeza de que seus órgãos genitais haviam desaparecido, entre outras coisas porque a operação fora mal realizada (até hoje ele manca da perna direita, sendo obrigado, inclusive, a usar muleta).

Eufrasino entrou no hospital com 72 quilos e, ao receber alta, tinha apenas 32. Sua mulher, ao saber que ele tinha sido castrado, o abandonou. E, ao voltar para casa, Eufrasino teve uma surpresa ainda maior: nada restara em sua casa. Até mesmo as panelas haviam sido levadas. Tratores e máquinas faziam a terraplenagem de sua terra e a Jubrin Engenharia já a havia requisitado, confirmando sua tradição de violência na disputa por terras na região de Barueri.

Sem ter a quem apelar, Eufrasino procurou a polícia e hoje há um processo parado na comarca de Barueri, com o número 2157/9, que relata todo o drama do posseiro. O advogado de Eufrasino é Adilson Teixeira, que se iniciou há pouco na profissão e tem um modesto escritório no centro de Osasco. Adilson foi designado pelo juiz da 1.ª Vara da Comarca de Barueri para dar assistência jurídica gratuita ao posseiro castrado. Diz ele:

— Não sei quanto valem os testículos de um cidadão, mas acredito que a Justiça deve dar a cada um o que é de seu direito.

O advogado pediu uma indenização pelos danos materiais sofridos por Eufrasino que, na época em que perdeu seu sítio, tinha 30 galinhas, 40 porcos e plantações de algodão, milho, cana-de-açúcar e outras culturas. Apesar de acreditar na Justiça, Adilson acha que é muito difícil Eufrasino ganhar a questão, pois os interesses econômicos que atuam contra ele são poderosos.

A posição do advogado parece ser bastante realista. Há mais de dois anos o processo está parado no forum. Além do processo, existe um Boletim de Ocorrências na delegacia do município em que estão relacionados alguns dos envolvidos. São eles o capataz Wilson Barbosa, Albino Nunes de Souza, Jair Munhoz e outros jagunços.

Até agora nada foi feito para prendê-los. Ao contrário, quem continua ameaçado é o próprio posseiro, que conta um estranho atropelamento de que foi vítima há pouco tempo, nas ruas desertas de Barueri. Certamente não por acaso. O carro que quase o atropelou trazia o símbolo da Jubrin pintado na porta.

Reportagem de Antonio Pavone

MEDO E REVOLTA EM EXU

Luís Gonzaga quer expulsar posseiros

Luís Gonzaga, **Rei do Baião**, cantador do sofrimento e abandono do povo nordestino, não se revela na prática tão preocupado assim com a sorte desse povo. Latifundiário, dono das melhores terras de Exu — município que fica a 680 quilômetros de Recife — Luís Gonzaga está de olho grande numa área vizinha à sua fazenda Asa Branca, área essa de propriedade do Ministério da Agricultura, que fica no bairro de Itamaragi.

O **Rei do Baião** sonha em fazer ali um centro cultural em memória dos costumes do sertão. Só que há um detalhe: essa área já está ocupada por 47 famílias, que não têm onde morar. Luís Gonzaga já mexeu os pauzinhos e conseguiu que o Ministério da Agricultura doasse as terras para o governo de Pernambuco, que se mostrou interessado no projeto. E na cidade espalhou que os camponeses tinham que se mudar até setembro.

Os agricultores estão com medo. Eles não têm documento algum que lhes garanta a permanência na terra. Mas não foram para lá sem nenhum motivo. Quem lhes deu autorização foi Moura Cavalcanti, em 1976, quando era governador de Pernambuco e foi a Exu inaugurar uma agência do Banco do Estado. Moura Cavalcanti não tinha autoridade legal para isso, mas as famílias estavam tão necessitadas que ele não teve outra saída.

A área, de 120 hectares, estava abandonada, apesar de ter sido demarcada para uma escola agrícola. Oito galpões chegaram, inclusive, a ser construídos há 10 anos, para que funcionassem como salas de aula. Hoje, esses prédios estão caindo aos pedaços. Mas é nesses arremedos de casa que o pessoal mora, com a família e os animais de estimação. E a terra está plantada com milho, feijão, mamona, arroz, fava e algodão.

A vida é miserável, a renda das famílias, baixíssima. Já na fazenda Asa Branca, de Luís Gonzaga, a coisa é bem diferente. Além dos canaviais, do gado, do açude e de algumas plantações bem cuidadas, há um hotel — o Itamaragi — que é hoje o melhor de Exu. O centro cultural seria uma grande jogada para atrair turistas para esse hotel. Com sua implantação, Luís Gonzaga levaria para lá a Missa do Vaqueiro, paralisada há dois anos por desavenças entre seu idealizador, o padre João Cancio, e o governo do Estado. Luís Gonzaga foi quem fez a música da missa, que é uma homenagem a seu primo, Raimundo Jacó, um vaqueiro assassinado misteriosamente na caatinga.

Antônio Pedro da Silva, uma espécie de porta-voz do sítio, diz que Luís Gonzaga pessoalmente nunca foi falar com eles. Quem faz toda a onda é Aprígio Saraiva, o administrador, e três empregados (Elias, Geraldo e Zé de Elvira). Esse pessoal derruba cercas durante a noite, bota animal dentro da roça pra comer a plantação e não deixa as crianças usarem o caminho que passa por dentro da fazenda.

Diz Antônio:

— Luiz Gonzaga não enche o saco. Só uma vez ele entrou aqui e ficou olhando as casas da gente e dizendo pro homem que estava com ele: "Isso aqui eu vou derrubar tudo. Aqui vai ser um grande campo de vaquejar".

Já Joaquim Albuquerque dos Santos não se ilude:

— Se o pessoal dele apronta assim, é porque tem ordem do patrão. É ou não é?

As desavenças entre o pessoal de Luís Gonzaga e os posseiros já resultaram até em cadeia. Um dia (em fevereiro deste ano) surgiu um incêndio no canavial do **Rei do Baião**. O administrador deu parte na delegacia, acusando o pessoal do sítio de ter posto fogo. A polícia foi lá e levou quatro homens, escolhidos ao acaso. Joaquim foi um deles:

— Ficamos presos de sexta a domingo, sem intimação, sem interrogatório, sem nenhuma acusação formal. O pessoal do sindicato apareceu e a polícia não deixou ninguém entrar. Veio o padre e também não entrou. Ninguém falava nada. No domingo mandaram a gente embora.

Devido a acontecimentos desse tipo, o clima está tenso. Para tornar sua expulsão mais difícil, os posseiros estão construindo uma série de benfeitorias na área, como casas de barro no meio das roças. E eles estão alertas, para não serem expulsos sem muita luta. Outro dia, no meio da noite, caiu um pedaço de telha da casa de Adalberto Gomes de Oliveira. Com o barulho, muitos dos posseiros saíram de faca e foice na mão, pensando que era um ataque. Eles contam isso hoje dando muitas risadas.

O sítio agrícola ainda está recebendo gente, que se conforma em ficar com os piores pedaços de terra, já que os melhores foram repartidos. Um dos que chegaram há pouco foi **Mestre Profi** (Porfírio Fernandes de Souza), que até há poucos meses trabalhava na fazenda Asa Branca. Depois de um desentendimento, **Mestre Profi** foi mandado embora por Luís Gonzaga, que ficou com a casa onde ele morava, a roça e lhe pagou 2 mil cruzeiros de indenização. A casa já existia quando **Mestre Profi** foi para lá, mas a roça — dizem seus amigos — valia muito mais do que o Luís Gonzaga pagou.

Beth Salgueiro

Estes são alguns dos posseiros que o cantor Luís Gonzaga (foto acima) pretende expulsar agora em setembro.

Polígono das Secas vai virar deserto

Quarenta por cento da região conhecida como Polígono das Secas, que abrange a maior parte do Nordeste brasileiro, estão rapidamente se transformando em deserto. São 366 mil quilômetros quadrados de futuros desertos de pedra e areia, onde não existirá qualquer sinal de vida, vegetal ou animal. Quem repete esse denúncia há 40 anos é o professor Vasconcelos Sobrinho, um velhinho de aspecto frágil, mas incansável, apesar dos 72 anos. Vasconcelos Sobrinho diz que a desertificação não é um processo exclusivo do Brasil. Um terço das terras do mundo, hoje, é deserto, que avança à razão de 60 quilômetros quadrados por ano. O professor explica que isso se dá em áreas ecologicamente frágeis, com poucas chuvas e ainda por cima esparsas, temperaturas elevadas e solo raso, mas, sobretudo, devido à ação do homem. Ele cita as queimadas que antecedem os plantios e a criação de animais em grandes extensões de terra como as causas mais flagrantes da desertificação. Suas observações ao longo dos últimos 40 anos o levam a afirmar que terras sertanejas, antes povoadas por uma fauna rica que vivia em uma caatinga alta e densa, hoje foi dizimada junto com a vegetação. Resta o solo exposto, habitado por répteis. Vasconcelos Sobrinho não tem muitas razões para ser otimista. Mas ele não desiste, não perde oportunidade de fazer suas denúncias. E não deixa seu trabalho na Sudene — "ainda estou lá de teimoso" — onde começou a mapear o que ele considera as áreas críticas de desertificação no Nordeste. Mesmo como funcionário da Sudene, não deixa de criticá-la, reconhecendo que até hoje nada se fez de positivo para combater o mal que ele aponta. O professor diz que a desertificação é um perigo até mesmo para as usinas hidrelétricas do rio São Francisco e de outros rios da região, porque aumenta nas barragens a quantidade de terra e areia acumulada, que acabam chegando até as turbinas, danificando-as. Ele afirma que a Companhia Hidrelétrica do São Francisco — Chesf — sabe disso, mas não se incomoda: "A Chesf opera como todo aparelho estatal quer resultado agora, para que seus dirigentes se realizem politicamente, e o resto que se dane". Das medidas adotadas pelo governo federal recentemente para combater os efeitos da seca no Nordeste, Vasconcelos Sobrinho só concorda com a construção de cisternas domésticas para que cada família possa recolher a água da chuva para seu uso durante o ano. O resto, inclusive as frentes de trabalho, ele considera politicagem da pior espécie, "uma política paternalista que é degradante, porque acostuma o povo a ficar dependente do governo. Imagine que as folhas de pagamento das frentes de trabalho ficam nas mãos de prefeitos e chefes políticos locais, que faturam com o desespero do sertanejo. O governo sabe gastar dinheiro, mas não sabe ou não quer aplicá-lo bem. O capital do país vem sendo desperdiçado há décadas"

Foto Valdir Afonso

Vasconcelos Sobrinho

Eduardo Homem

MERCADO DE RESTOS

MULHERES VARREM MIGALHAS PRA REVENDER

Nas imediações do Mercado Central de São Paulo se desenvolve um outro mercado, menos conhecido. Um mercado paralelo e marginal de velhos, doentes, mulheres e crianças que compram, vendem, revendem e comem tudo o que acham pelo chão. Nesse comércio, tudo vale: galinhas mortas, já em decomposição, são vendidas, aos pedaços, nas feiras próximas. Quilos e mais quilos de cebolas e alhos verdes ou semi-apodrecidos são por sua vez vendidos aos restaurantes da Praça da Sé e do centro bancário.

Até há algum tempo uma centena de mulheres corria pra junto dos caminhões frigoríficos, que chegavam carregados de peixe das 4 às 7 da manhã. Elas se atiravam desesperadamente para conseguir uma cabeça, um rabo ou um peixe inteiro em decomposição que era jogado fora. Alguns dizem que foi preciso até chamar a polícia e fazer um cordão de isolamento em torno dos caminhões.

Hoje a briga pelo peixe é bem menor, pois os donos dos frigoríficos não jogam mais o peixe podre fora. Dona Maria Marcelina, uma pernambucana com 7 filhos, observa:

— Eu sei que o peixe vinha estragado. Mas não é que tão dizendo agora que toda comida de São Paulo está contaminada! Então, olha só, dá tudo na mesma.

Mas a batalha continua. Só que agora é pelos cereais. Muitas das mulheres que brigavam pelo peixe, agora viraram "varredouras". Elas chegam às 7 da manhã equipadas com seu material de trabalho, ou seja, uma vassoura de piaçava ou mesmo um pedaço de pau amarrado com galhos de árvores. Ficam então nas portas dos armazéns. Quando os caminhões descarregam os cereais, uma quantidade considerável de grãos cai pelas calçadas. As "varredouras", então, empunham suas vassouras e rapidamente juntam os grãos espalhados. Assim, elas chegam a recolher por dia 7 quilos de arroz, feijão, milho e soja, que depois de lavados e peneirados são vendidos nas vizinhancas.

Além das "varredouras", duas por armazém, existem as "ciscadeiras". Estas vivem curvadas e agarram qualquer coisa que caia no chão. Não conversam e ficam de olhos bem abertos para que nada seja perdido. Um tomate cai da mão de um freguês, surge logo a "ciscadeira" para recolhê-lo. O japonês das frutas dá dois mamões para os porcos comerem num chiqueirinho, a ciscadeira entra em cena e antes que um porco dê a segunda mordida ela arranca o mamão da boca do animal.

Já as "ceboleiras" ficam nas calçadas da rua Santa Rosa e na antiga Américo Brasiliense. Dona Edite, que trabalha no ramo há 26 anos, diz que elas compram barato um saco de cebola estragada, descascam, lavam, dão um polimento com um pano e revendem muito mais caro. Até bons restaurantes estão entre os clientes das "ceboleiras".

Hélio Belik

Fotos Eliana Pastore

O que cai no chão é catado: tomate, cebola ou grãos de cereais

Delfim imita Pinochet e aumenta desemprego

A fome e o desemprego poderão atingir muitos trabalhadores brasileiros no ano que vem. O governo parece decidido a partir para a recessão, ou seja, reduzir o crescimento da economia, cortar os investimentos das empresas públicas e, com isso, dar menos oportunidades de trabalho aos que precisam desesperadamente ganhar um salário para viver.

A alegação oficial é que, com menos gente recebendo salários, as compras de mercadorias cairam e com isso a inflação recuaria. O ministro do Planejamento, Delfim Netto, vive dizendo que não quer a recessão mas, na prática, está aplicando essa política. Há poucos dias o presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico, Luis Sande, botou a boca no mundo e revelou que o orçamento das empresas estatais vai ser reajustado em apenas 30% no ano que vem. Como a inflação certamente será muito superior a isso, a verdade é que as empresas estatais vão ter em 1981 muito menos dinheiro para aplicar que este ano.

E daí? Daí que, com menos recursos para aplicar em novos projetos ou na ampliação de instalações já existentes, acabarão mandando gente embora. E não é só isso. As empresas estatais, tendo menos dinheiro na mão, vão reduzir as compras que fazem nas empresas privadas, que também despedirão muita gente. Assim, toda a economia será afetada

Um outro problema grave é que o governo decidiu que, para fazer seus cálculos, a inflação no ano que vem será de 40%. É evidente que na verdade os preços subirão muito mais que isso. Mas, ao estabelecer que a inflação ficará em 40%, o governo vai reajustar tudo nessa base, inclusive o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS). Assim, o fundo do trabalhador vai minguar porque será reajustado a níveis muito inferiores às altas de preços.

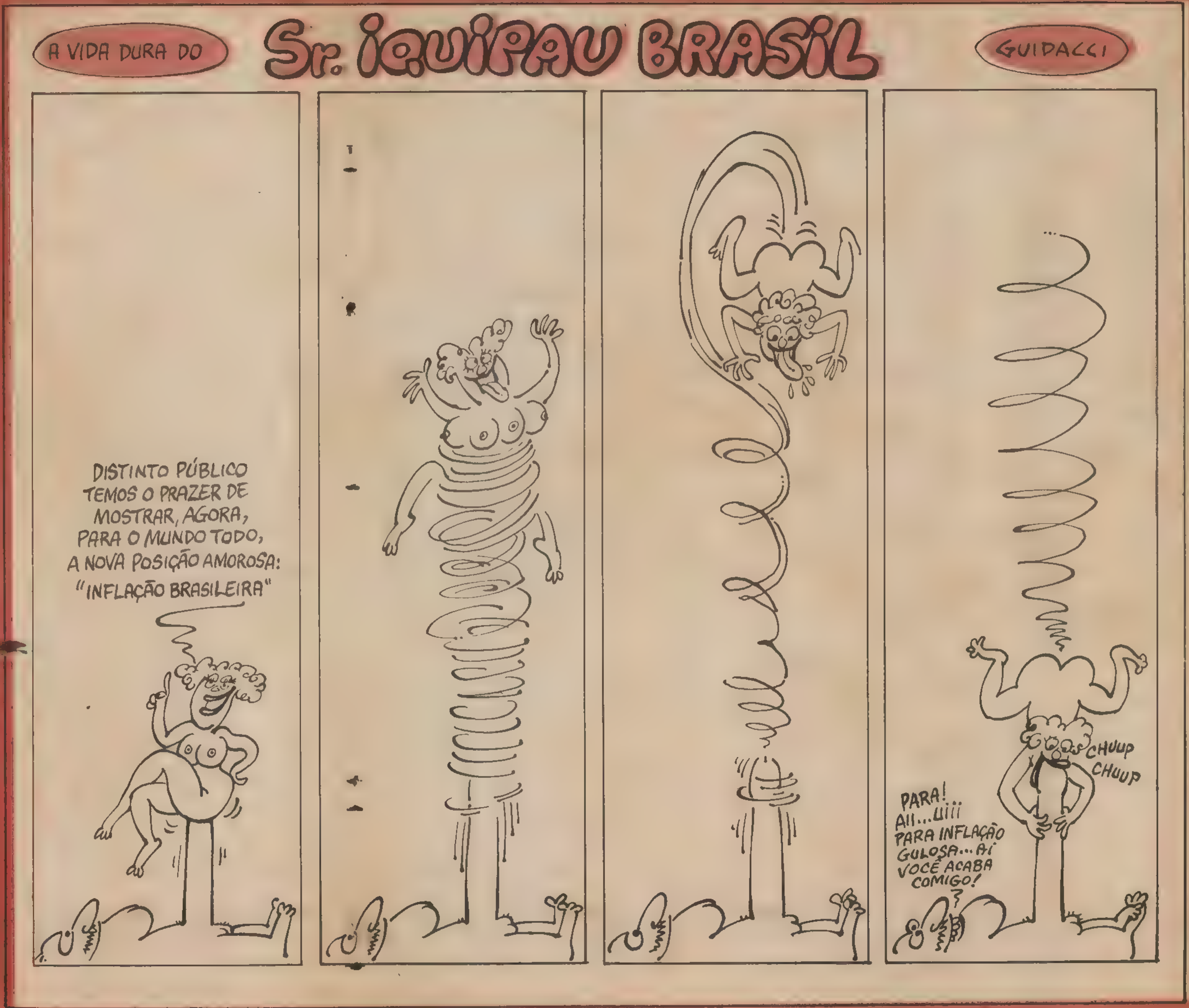
Em qualquer situação, esse esvaziamento do FGTS seria uma desgraça. Mas na época de recessão é ainda pior, pois os trabalhadores que forem demitidos de seus empregos receberão como compensação um FGTS dos mais raquíticos, já que no Brasil não há seguro-desemprego, como acontece em outros países (Estados Unidos, por exemplo)

A política de recessão, que Delfim Netto diz ser contra, mas vai aplicando, é defendida abertamente pelo presidente do Banco Central, Carlos Langoni. Para ele, o negócio é botar para quebrar, reduzir violentamente o crescimento, mandar gente aos montes para a rua e esperar que em dois ou três anos a inflação caia bastante.

Tal esquema é muito parecido com o que foi aplicado no Chile pelo general Pinochet. Lá, para combater a inflação, o governo adotou uma política de arrasa-quarteirão e os resultados foram desastrosos. De cada 10 chilenos em condição de trabalhar, 3 ficaram sem emprego. A fome aumentou dramaticamente e muitas empresas nacionais foram à falência. Com isso, as multinacionais tomaram conta do país

Ricardo Bueno

CENTRAL REPORTER DE HUMOR



3

Dia do "fico"

Os fatos — Quando a França foi afinal derrotada, em 1815, D.João VI já tinha aprendido a gostar do Brasil. E foi ficando por aqui (D. João VI tinha muito de João Goulart: "Vamos deixar as coisas como estão pra ver como é que fica"). Até que em agosto de 1820 explodiu uma revolução em Portugal e os portugueses resolveram convocar uma assembléia constituinte, as Cortes Gerais Extraordinárias Constituintes da Nação Portuguesa. A principal preocupação das Cortes era arrochar o Brasil. Daí que chamaram D. João VI de volta. Se não voltasse, perderia o trono. Depois de muita vacilação D. João voltou, em março de 1821, deixando no Brasil seu filho, D. Pedro, como substituto. As Cortes não ficaram satisfeitas e ordenaram a D. Pedro que também regressasse a Portugal. A essa altura (dezembro de 1821) as "elites" brasileiras já estavam sentindo a barra e pediram ao príncipe que não voltasse. D. Pedro vacilou, vacilou (quem sai aos seus não degenera) e acabou ficando. A decisão foi anunciada em 9 de janeiro de 1822 e ficou conhecido como o dia do "fico".

A mentira — A história oficial afirma que o dia do "fico" é um "marco" fundamental na história da independência do Brasil. D. Pedro, pressionado pelas manifestações populares, teria dito: "Como é para o bem de todos e felicidade geral da Nação, estou pronto; digo ao povo que fico". Seguiu-se um delírio geral, muitas festas, e nossa independência teria ficado praticamente assegurada.

A verdade — As Cortes portuguesas eram politicamente burras. Se D. Pedro partisse, aí sim, a independência seria irreversível. D. Pedro era vivo e tinha consciência disso. Numa certa ocasião, chegou a observar: "Se eu partisse do Brasil, ele se tornaria independente; ficando eu, ele persistiria unido a Portugal". Na verdade, até o 7 de setembro de 1822, data em que festejamos a independência, D. Pedro considerou a hipótese de Brasil e Portugal ficarem unidos, gozando o nosso país de uma autonomia relativamente grande. Quer dizer, o "fico" prolongou uma situação de indefinição, ao invés de significar "um passo" decisivo na caminhada da independência. E tem mais: aquela famosa frase nunca foi dita por D. Pedro, foi redigida por um parlamentar brasileiro. E também não é fato que o povo tenha pressionado D. Pedro a ficar. O povo de índios, negros, escravos e trabalhadores livres das cidades estava inteiramente por fora dessa jogada.

4

Nas mãos da Inglaterra

Os fatos — As Cortes portuguesas continuavam insistindo para que D. Pedro voltasse. Ameaçavam. Adotavam em relação ao Brasil uma atitude dura, colonialista. As "elites" brasileiras pressionavam o príncipe para proclamar a independência do Brasil e ficar aqui como "Imperador". O clima estava cada dia mais pesado. Começavam a estourar conflitos entre brasileiros e portugueses em algumas cidades do país. No caminho de São Paulo para o Rio de Janeiro, D. Pedro recebeu, precisamente no dia 7 de setembro, novas ordens das Cortes, mais impertinentes do que nunca. Não aguentou mais e deu o grito: independência ou morte! Foi o grito do Ipiranga. O Brasil ia ficar formalmente independente.

A mentira — A história oficial celebra o grito e as festas, a coragem e a decisão do jovem imperador, a satisfação e o contentamento do povo em geral. Conseguíramos a independência: nenhuma potência estrangeira mandaria mais em nosso povo e nosso país. Até hoje comemoramos o dia 7 de setembro. Graças a D. Pedro e a seu conselheiro, José Bonifácio, também chamado o Patriarca da Independência.

A verdade — Comecemos pelo menos importante: o grito. Ele não foi tão firme assim. Tanto é que, em 22 de setembro de 1822, quinze dias depois do grito, numa carta a seu pai, D. João VI, D. Pedro declara-se "príncipe regente do Reino do Brasil", assinando-se como "súdito" do destinatário, isto é, de D. João VI.

Entretanto, o mais importante é perguntar: ficamos mesmo independentes? Na verdade, ficaram independentes os senhores de terra, de escravos e de mulheres, além de uma minoria intelectualizada (nem todos) que vivia nas cidades. Basta conferir a primeira constituição do Brasil, que foi promulgada em 1824: os negros continuam escravos, os índios continuam sendo desprezados (e massacrados), e só podem votar as pessoas que têm rendimentos anuais elevados "provenientes de bens de raiz, indústria, comércio ou emprego". A constituição também criou o "poder moderador", que foi o AI-5 da nossa independência: o imperador ficava autorizado a "dissolver a câmara, convocar, adiar ou prorrogar a assembléia geral, sancionar decretos, nomear senadores, suspender magistrados, perdoar ou moderar penas impostas, conceder anistia, etc..." O pacote de abril de 1978, no governo do general Geisel, é uma brincadeira de criança perto do "poder moderador". José Bonifácio, conselheiro de D. Pedro, não vacilou e começou logo a baixar o pau: desarticulou a imprensa alternativa da época. Não mandou queimar bancas de jornais, mas deportou, exilou, prendeu e mandou espancar intelectuais da oposição. Seus nomes: Cipriano Barata (preso), Gonçalves Ledo (exilado), Januário da Cunha Barbosa (deportado), Luiz Augusto May (espancado). São nomes que merecem o carinho da nossa lembrança porque souberam ver, apesar de suas limitações, que a independência não era completa, nem era pra todos.

Mesmo a "elite" não ficou, nem queria ficar, independente. Ficou independente de Portugal. Mas passou para as mãos da Inglaterra. O Brasil assinou imediatamente com aquele país um tratado-arrocho, privilegiando as mercadorias inglesas. Começava um novo tipo de dependência, a econômica, que sofremos até hoje.

A Inglaterra ainda nos fez curtir um último vexame: pagar 2 milhões de libras esterlinas a Portugal para que fosse "reconhecida" a nossa independência. Por que exatamente "2 milhões"? Porque era a dívida de Portugal com a Inglaterra. Quer dizer: o Brasil pagou e a grana foi direitinho para Londres. Um vexame histórico: pagar à potência colonizadora pela própria independência!

5

Luta armada

Os fatos — O grito do Ipiranga não resolveu a parada. Foi preciso lutar para conquistar a independência proclamada. Houve conflitos armados entre os colonialistas e os brasileiros nos seguintes estados: Pará, Maranhão, Piauí, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul.

Na Bahia o pau começou a quebrar antes mesmo do grito do Ipiranga e só terminou em 2 de julho de 1823.

A mentira — A história oficial passa como gato sobre brasas pela luta e pelos conflitos armados que marcaram também a nossa independência. Enfatiza mesmo é o grito do Ipiranga e as festas, ocultando, sempre que pode, a participação popular na luta armada pela independência nacional. Raramente faz a ligação entre a revolução de 1824 e o descontentamento com a situação criada depois da independência. Finalmente, quando fala em luta, é para celebrar chefes militares e oficiais estrangeiros que andaram naquela época por aqui, contratados por D. Pedro, cujos nomes indigestos todas as crianças são obrigadas a decorar. Mal se sente o cheiro do povo no episódio da independência.

A verdade — O povo lutou bastante pela conquista da independência. Ficou de fora das jogadas palacianas, do dia do "fico", do "grito" e das festas. Mas, quando chegou a hora da onça beber água, quando em alguns estados os colonialistas resolveram engrossar o caldo e a barra pesou, aí o povo participou ativamente para expulsar e derrotar militarmente os portugueses. Depois que passou a onda, o povo constatou que saíra logrado. E foi principalmente por isso que a revolução de 2 de julho de 1824, a Confederação do Equador, teve tanta participação popular. A própria direção da revolução, que num primeiro momento era constituída apenas por grandes proprietários e por intelectuais, ficou meio apavorada com a extensão rápida do movimento (Pernambuco, Maranhão, Bahia, Alagoas, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará) e, sobretudo, com a profundidade da participação popular.

Os rebeldes cantavam trovas nas ruas: "Marinheiros e Caiados,/ Todos devem se acabar./Porque só pardos e pretos/O país hão de habitar".

Os "marinheiros" eram os portugueses; os "caiados" eram os brancos. A Confederação do Equador foi esmagada. A falsa independência prevaleceu.

Livros consultados

- Alencar, F., Carpi, L. e Venicio Ribeiro, M. — **História da Sociedade Brasileira** (os trechos entre aspas foram extraídos quase sempre deste livro). Ed. Ao Livro Técnico — RJ, 1979
- Rufino dos Santos, J. — **O dia em que o povo ganhou** — Ed Civilização Brasileira, RJ, 1979
- Vianna, H. — **História do Brasil** — Ed Melhoramentos, SP, 1975 (os trechos sobre a história oficial foram extraídos deste livro, compêndio clássico da história "careta" deste país)

Oficiais queriam prender comandantes de batalhões, fazer greve com os soldados e até reprimir o jogo-do-bicho, a grande fonte de renda. As causas da insatisfação são os baixos salários, o trabalho excessivo sem alimentação e o controle do Exército sobre a corporação.

PM revoltada

A PM do Rio de Janeiro vive uma crise sem precedentes. Soldados e oficiais nunca estiveram tão descontentes. Baixos salários, excesso de trabalho, má alimentação, descontentamento com o comando-geral (exercido por um coronel do Exército) e até um motim de oficiais já foi feito.

O recente motim da oficialidade é um exemplo do inconformismo diante dessa situação. Exigiu-se um aumento substancial dos soldos, com o que não concordava o comando-geral. Os oficiais amotinaram-se e foram ao Palácio Guanabara cobrar a elevação dos salários diretamente do governador Chagas Freitas. O clima era tão tenso nos gabinetes que o deputado Miro Teixeira, braço-direito de Chagas, precisou separar o deputado e coronel da PM Murilo Maldonado e o então secretário de Planejamento, Francisco Mello Franco, que quase trocaram socos por causa de divergências sobre o percentual de aumento a ser concedido.

Os oficiais mais exaltados queriam assumir posições radicais caso não fossem concedidos os reajustes: reprimir o jogo-do-bicho, prender alguns comandantes de batalhões e até levar os soldados a cruzarem os braços. Nada disso foi noticiado pela grande imprensa, mas ocorreu, segundo a autorizada fonte ouvida pelo REPORTER.

Afinal, os soldos foram reajustados. Mas a repressão ao movimento dos oficiais veio a reboque: foram exonerados o chefe e o subchefe do Estado-Maior — cargos de confiança do ministro do Exército — e 10 oficiais foram transferidos, alguns dos quais para outros estados. O coronel Narciso de Oliveira, que protestou contra esses atos, foi preso, incomunicável.

Embora se tenha verificado um aumento nas faixas salariais (o próprio Chagas enviou, em junho último, uma mensagem à Assembléia Legislativa propondo reajustes nas gratificações), um soldado da PM com algum tempo de serviço não ganha mais de Cr$ 16 mil. Um coronel recebe menos de Cr$ 75 mil — o que não corresponde aos salários pagos aos coronéis do Exército.

Novos problemas, no entanto, se aproximam. Em vários quartéis — segundo contou o coronel-deputado Murilo Maldonado — os soldados demonstram grande insatisfação pela falta de apoio dos comandos. Muitos têm sido acusados de crimes que não cometeram, sem que os chefes providenciem defesa ou desmintam as acusações. As expulsões sumárias de praças também têm repercutido mal entre os 25 mil homens da PM — efetivo que se vem reduzindo porque muitas vagas não são preenchidas. Só este ano 65 soldados foram expulsos, acusados de crimes e de corrupção.

E mais: a decisão do ministro da Justiça, Ibrahim Abi-Ackel, de colocar todos os efetivos das PMs no policiamento ostensivo criou um dilema para os soldados da PM fluminense. Antes, eles trabalhavam 6 horas na rua, comiam no quartel e completavam sua rotina de trabalho em tarefas burocráticas. Agora, passam 8 horas na rua, perdem a hora do rancho e têm que gastar do própriq bolso se quiserem comer.

Mas o comandante-geral da PM, coronel Aníbal Henriques, não se assusta com nada disso. Há poucos dias, ao discursar numa triste cerimônia de expulsão de seis policiais envolvidos em crimes, o coronel declarou:

— Nos bons e maus momentos a PM está sempre presente.

O deputado Murilo Maldonado

Foto Rogério Carneiro

Deputado: tropa diminui em mil homens por ano

Aos 58 anos, na reserva desde 1976, quando se elegeu vereador pelo MDB com 25 mil votos, o coronel Murilo Maldonado é uma espécie de líder dos soldados e oficiais da PM do Rio descontentes com os rumos da corporação. Em 1978, esse ex-chefe do Estado-Maior da PM foi eleito deputado estadual, transferindo para a Assembléia Legislativa seu arsenal de críticas ao secretário de Segurança, general Edmundo Murgel, e ao comandante da PM, coronel Aníbal Henriques. Embora filiado ao PP, partido de Chagas, o governador, Maldonado já pediu várias vezes a exoneração de ambos.

Por que há crise na PM?

— Porque há falta de qualidade em seu pessoal, os efetivos são insuficientes para o cumprimento das múltiplas missões e os meios materiais não são adequados. A crise é agravada pela falta de confiabilidade dos soldados e dos oficiais nas medidas tomadas por dirigentes amadores. Sim, porque o general Murgel e o coronel Aníbal são amadores em matéria de segurança pública.

Quais os antecedentes dessa crise?

— A PM da Guanabara sofreu uma crise de insatisfação quando o governo Geisel acabou com a igualdade salarial que existia entre as Forças Armadas e a corporação. E, durante seus quatro anos de governo, Faria Lima ignorou os reclamos do pessoal da PM carioca. Ele agiu de má fé, pois existia uma legislação de exceção que vedava recurso ao Poder Judiciário por parte do pessoal que se sentia prejudicado.

Como se explica o motim da oficialidade da PM? É verdade que durante a assembléia que levou ao motim uma das propostas foi que se passasse a fazer repressão ao jogo-do-bicho para valer?

— O motim foi consequência daqueles direitos feridos, que até agora não foram sanados integralmente. Não houve proposta sobre o jogo-do-bicho. Na reunião no Clube dos Oficiais houve sugestões violentas e extralegais e outras mais ponderadas, que prevaleceram. A rebelião na PM ocorreu porque o pessoal vinha sem êxito pleiteando aumentos. Quando todo mundo já contava com os aumentos, o inepto secretário de Planejamento, Francisco Mello Franco, propôs que fossem descontados dos novos índices os aumentos concedidos no ano anterior, em caráter emergencial. Vieram os protestos e a oficialidade levou o caso diretamente ao governador. Era uma reivindicação legítima.

Por que há insatisfação nos quartéis da PM?

— Três são os motivos: baixos salários, regime de trabalho e alimentação. O regime de trabalho dificulta a alimentação dos soldados. O soldado, em vez de dar 6 horas de serviço fora do quartel, passou a dar 8. Ora, além do serviço contínuo, ele tem que receber instrução e dar prontidão. Além de sobrecarregar o profissional, os novos turnos de serviço deixaram de coincidir com os horários de alimentação.

Por que a oficialidade anda tão descontente?

— Depois da fusão houve um grande desestímulo à oficialidade jovem face aos novos quadros, que foram organizados visando apenas a situações pessoais. Os jovens tenentes que deveriam ter sido promovidos a capitães em 75 por causa da fusão dos quadros, não o foram até hoje. E mais: no quadro atual, constituído por cerca de 400 capitães, o último na lista de promoções pode botar as barbas de molho porque só chegará a major daqui a 100 anos. A média de promoção é de quatro por ano, um verdadeiro disparate.

Como sair da crise?

— O problema é que o claro nos quadros da PM é uma coisa aberrante: 5 mil homens. A evasão anual, entre excluídos, licenciados, mortos e reformados atinge de 800 a 1.000 homens. No ritmo atual, esse claro jamais será preenchido. O problema maior da PM não é o aumento dos efetivos, mas a complementação dos quadros.

Em 64, acabou autonomia e a crise começou

A crise na PM do Rio é tão antiga quanto o regime que ela ajudou a instalar no país, em 31 de março de 1964. Até então as Polícias Militares tinham autonomia, e isso significava independência dos comandos, comandantes escolhidos na própria oficialidade da corporação e relações em pé de igualdade com as Forças Armadas.

Tudo isso acabou com a implantação no país da chamada doutrina da segurança nacional. Hoje, as PMs são rigidamente subordinadas às Forças Armadas e, além da preservação da ordem pública, têm que participar da repressão política, o que nunca esteve entre suas tarefas. Agora, os comandantes das PMs, com exceção de Minas Gerais e Rio Grande do Sul, não são mais nomeados pelos governadores e, sim, pelo ministro do Exército, e os cargos antes reservados a oficiais de carreira foram progressivamente ocupados por militares do Exército. Além disso o Exército criou a Inspetoria Geral das Polícias Militares para controlar a ação das PMs.

Os atritos entre o Exército e a PM não demoraram muito a surgir. Já em 1966 o então governador da Guanabara, Negrão de Lima, decidiu substituir o comandante-geral da PM, o coronel de carreira Edson de Moura Freitas, pelo coronel do Exército Darci Lázaro. A medida, inspirada por Brasília, gerou protestos, e alguns oficiais acabaram presos.

Desde então os conflitos se multiplicaram e a situação da PM se agravou. Hoje ela goza da incômoda posição de ser a organização policial-militar de pior conceito junto à população.

PAOLA CONFECÇÕES REVENDEDORES

A mais completa PRONTA ENTREGA do Rio.
Blusas — Saias — Conjuntos — Vestidos em malha e tecido — Jogos de camisolas
Desconto de 60% p/ revendedores
Avenida Ernâni Cardoso, nº 240
Cascadura — RJ
Falar c/Peter — Fone: 350-6150

Mais um

D. Áurea, mãe de *Cabelo*

CABELO ERA ADORADO NO MORRO DO BOREL

Rei da boca morto pelo PM

Há pouco tempo, policiais do 6.° Batalhão da PM fluminense subiram o morro do Borel, na Tijuca. Lá, conseguiram encontrar o traficante **Cabelo**, que controlava uma boca de fumo no morro e o encheram de bala. **Cabelo**, ferido, ainda tentou entrar na casa de uma moradora do morro para pedir auxílio. Talvez ainda conseguisse escapar com vida. Mas os PMs foram implacáveis e o liquidaram de vez.

Quem conta essa história são moradores do Borel, onde a morte de **Cabelo** até hoje causa revolta. Ele era considerado uma excelente pessoa no morro, um sujeito que transava bem com os moradores e os ajudava a enfrentar as dificuldades que iam surgindo. Diz um deles: "Quando aparecia um ladrão, ele dava logo um jeito de limpar a área, arrochava o sujeito, e os moradores ficavam em paz".

Cabelo cultuava, portanto, a política da boa-vizinhança. Além disso, ele não fazia transações com fumo perto do local onde morava, para não comprometer os moradores. Segundo Jorge Benedito, operário que mora no Borel, **Cabelo** deixou saudades. Já o pessoal da PM os moradores não querem ver nem de costas. Diz Jorge Benedito:

— É um absurdo o que vem acontecendo ultimamente no Borel. A boca-de-fumo fica quase no pé do morro e eles sobem até o largo, que fica praticamente no topo do morro, e saem pedindo documento e atirando em todo mundo. Outro dia chegaram a ferir um próprio companheiro. Geralmente essas revistas são feitas quando estão bêbados. Saem dando tiro sem mais nem menos e pra tudo quanto é lugar. Eu, por exemplo, estou sem documento nenhum e minha casa fica perto daqui. Sei que posso morrer de uma hora para outra. É só eles cismarem com a minha cara. Sou trabalhador, batalho em construção lá no asfalto, mas isso pra eles não interessa. A gente aqui no morro não tem garantia nenhuma.

Sandra Maria, que estava tomando cerveja com Jorge, confirma:

— Não sei por que eles ficam tirando braba com a gente. Ficar pegando trabalhador? Pra quê? Deve ser só pra mostrar serviço. O Borel é um morro tranquilo. Não existe morte por aqui, o pessoal é de paz. Lá no morro da Formiga, onde a barra é mais pesada, eles não fazem nada.

Uma prova de que **Cabelo** era popular é que para irem ao seu enterro os moradores fretaram três ônibus e sete Kombis, e ainda teve gente que acompanhou a pé. Para a família dele a morte foi um golpe sério, não só porque gostavam muito dele, mas também porque **Cabelo** era o braço direito, era quem fazia frente no grosso das despesas. Seu pai, Paulo Bernardo da Silva, é dono de uma tendinha no Borel. É ele quem conta:

— No dia em que ele foi morto, tinha saído comigo pra buscar umas biritas pra tendinha. Os policiais apareceram por aqui, me tiraram dinheiro e levaram os documentos dele. Ele ia se apresentar no quartel daqui a um mês e já estava tudo pronto pra ele ir lá. Daí eu saí pra acabar de resolver o lance das biritas e, quando voltei, encontrei a tendinha vazia e ninguém em casa. Senti logo que alguma coisa de ruim tinha acontecido e tomei um gole de cachaça. Sabia que se tratava de morte. Senti o clima pesado e até agora tô no ar.

Dona Áurea, mãe de **Cabelo**, começa a chorar, enquanto seu Paulo, olhos vermelhos, faz força pra evitar as lágrimas. Diz ela:

— A gente cria um filho com sacrifício e na hora em que ele tá ajudando a gente é morto pela PM. Parece que é uma desgraça que vem me perseguindo. Nem tinha acabado de enterrar o outro irmão ... (também morto pela PM e mais velho que **Cabelo**).

— Pra falar a verdade, ele me ajudava muito, era um ótimo filho. Tá fazendo a maior falta, pois tenho passado necessidade com os mais moços. Quando a gente sabe que o filho é ladrão, a gente até fica calada. Mas ele era um ótimo filho e agora só posso acreditar na justiça de Deus, que pode tardar, mas não falha.

Perto da tendinha passa seu Cirino, vizinho de **Cabelo** e também muito revoltado com a morte do rapaz:

— Esse menino era boa gente. Só não vi nascer. Conhecia desde que era um ratinho pequenininho. Nunca tive má informação dele. Nunca ofendeu ninguém. Aqui em cima todo mundo adorava ele. Quando ele morreu foi um estrondo pro povo. Ele era legal.

Para os moradores, o fato de **Cabelo** transar com fumo não tinha nada demais. Num momento em que a barra anda tão pesada, em que ganhar dinheiro está tão difícil, o tráfico é visto apenas como uma maneira de sobreviver. Para eles, vender fumo é encarado com a mesma naturalidade que vender peixe. O que só leva a aumentar a bronca com a morte de **Cabelo**.

Reportagem de Tânia Kukel

A HORA É ESTA!

PRECISAMOS DE VOCÊ!

Receba o jornal em sua casa! São só Cr$ 400 por ano

assine REPORTER

CUPOM DE ASSINATURA

Assinatura por 12 edições: Cr$ 400,00
Envie cheque nominal ou Vale Postal para:

MARGEM EDITORIA E PROGRAMAÇÃO GRÁFICA LTDA.
RUA MIGUEL COUTO, 134/11° — 20070 — Rio de Janeiro

Nome: ....

Profissão: ....

Endereço: ....

CEP: .... Cidade .... Estado ....

BIOMAGNETISMO

SUCESSO!

Trata-se de um elemento científico, o "Biofor Dinamic", de ondas magnéticas altamente benéficas, cujo princípio básico é uma combinação especial de doze metais intensamente magnetizados, entre os quais o ouro. O objetivo do "Biofor" é equilibrar e fortalecer o seu magnetismo natural, um potencial extraordinário que existe em você e deve ser trazido à tona.

CRUZ BIOMAGNÉTICA

O elemento bioativo da cruz tem o poder de equilibrar o seu magnetismo pessoal. A cruz biomagnética atrai o sucesso, dá vitalidade e energia. — Cr$ 550,00.

BRACELETE ENERGÉTICO

O bracelete contém um milagroso potencial curativo para quem sofre de dores reumáticas, artroses, enxaqueca e problemas de coluna. — Cr$ 550,00

TATOR MODERNO

São 80 cartas com a simbologia egítica, um livro explicativo e o chaveiro energético. Qualquer pessoa pode ler as cartas. O Tator aponta o caminho do sucesso. — Cr$ 650,00

PIRÂMIDE POWER

A pirâmide constitui a mais poderosa força do universo, acumulando energia que deriva de forças naturais. Acaba com a insônia, fadiga, mal-estar, afastando o fantasma da velhice e melhorando a potência sexual. — Cr$ 550,00

GRATIS

Os segredos sobre o seu magnetismo pessoal lhe serão revelados no método ilustrado "Força Vital" que acompanha inteiramente grátis cada um destes produtos.

Escreva a Cx. Postal 118 — CEP 20010 — RJ, ou vá ao Centro de Difusão do Biomagnestimo, Rua Gonçalves Dias 75 s/2A, RJ.

As pistas que

Ortiz, o neonazista, não foi encontrado, mas tem escritório no centro de São Paulo. Um rapaz mais que suspeito foi liberado. **Kojak**, fiscal da prefeitura, não foi identificado. A falsa mala-bomba nem foi investigada.

Ortiz, neonazista, prega uma "revolução"

Reportagem de Rivaldo Chinen e Alex Solnik. Fotos de Wagner Avancini

A mala bomba do Tuca

"Ricardo" ficou à vontade no Dops

Marca de dedos na bomba foi ignorada

O Dops de São Paulo participou ativamente do Ato Público de Repúdio aos Atentados. Foram seus agentes os primeiros a entrar no local do Ato, o Teatro da Universidade Católica: duas horas antes da hora marcada, foram chamados para desmontar uma mala encontrada no palco pelos organizadores da cerimônia. Tal mala — conforme telefonema anônimo — conteria uma bomba.

Os agentes da equipe especializada em explosivos não se mostraram espantados nem preocupados com a mala. Segundo testemunhos insuspeitos, como o do advogado Luiz Eduardo Greengalgh, os especialistas pegaram a mala como se já tivessem certeza de que não continha nada, pois um deles, para abri-la, usou de uma faca — o que provocaria uma explosão se a mala não fosse apenas uma brincadeira de mau-gosto.

Mas o episódio da mala foi esquecido. O Dops não se preocupou em saber quem colocou a mala no palco, não se tiraram impressões digitais, nada. Só que o Dops não terminaria por aí sua participação no Ato.

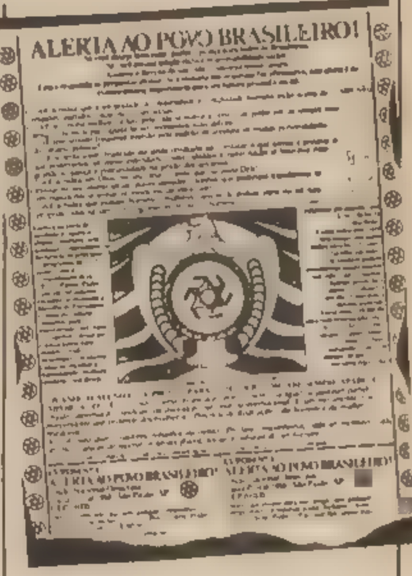
Alguns minutos após o início da cerimônia, um forte cheiro de gás lacrimogêneo começou a perturbar o público. O mesmo cheiro que já foi sentido no Congresso Nacional — durante a votação da Anistia — e na Assembléia Legislativa de Porto Alegre.

Como aconteceu na capital gaúcha, também no Tuca foi apanhado em flagrante um rapaz, acusado de provocar o incidente: jogava no chão pequenos bastões que espalhavam o gás nauseante. Detido por estudantes, o rapaz foi encaminhado aos organizadores do Ato — entre eles o advogado José Carlos Dias e vários deputados. Interrogado por eles, o rapaz apresentou por documento só uma carteirinha de estudante do Mackenzie, na qual seu nome era Ricardo Amorim Novaes. Logo os interrogadores perceberam que "Ricardo" estava escondendo alguma coisa, pois não deu uma informação correta: não conhecia as matérias de seu curso (Economia) nem o nome dos professores. O endereço que deu simplesmente não existia e o local de trabalho que forneceu — uma loja de autopeças — não confirmou estar ele empregado ali. Estranhamente, porém, o dono da loja — que não foi visitado pela polícia e, sim, pelo deputado Eduardo Matarazzo Suplicy — ao mesmo tempo em que negava ter "Ricardo" por empregado, lembrou-se, ao ver sua fotografia, de que aquele rosto tinha realmente estado na sua loja para comprar aros de pneu. Estranho também é o endereço da loja: rua Joaquim Floriano, a mesma onde uma banca de jornais foi incendiada em julho.

Mas nenhuma dessas pistas foi utilizada pelo Dops — que chegou ao cúmulo de mandar duas agentes "entrevistar" o deputado sobre suas investigações. "Ricardo" também não foi perturbado pelo Dops. Levado do Tuca para a delegacia do Dops, foi liberado na mesma madrugada, apesar de não ter nenhum documento. Ele não foi sequer identificado, além de ter sido visto batendo papos amigáveis com policiais por vários deputados que o acompanharam até ali, entre os quais Flávio Bierrenbach.

Procurado pelo Dops tem sala no centro

No mês passado, a revista **Veja** publicou um anúncio de uma organização de visíveis conotações nazistas, chamada União Nacional dos Omecratas. O anúncio — pedindo adeptos para a organização e vendendo um livro chamado **Povo, Pátria, Poder** — repercutiu tão mal que o Dops teve que investigar para saber quem colocara o tal anúncio. Depois de alguns dias, porém, o Dops informou não ter encontrado os responsáveis pela propaganda e o caso foi esquecido.



O responsável pela propaganda e autor do mencionado livro pode ser encontrado, entretanto, facilmente por qualquer pessoa. Tem escritório numa galeria da rua da Consolação. Na porta há um cartão simples anunciando "UNO — União Nacional dos Omecratas — atendimento normal a partir de 18/8, horário comercial". Além disso, o livro **Povo Pátria, Poder** se encontra à venda livremente, numa livraria vizinha à galeria, a Mandurí.

Francisco Ortiz, autor da "obra" e representante da UNO, se apresenta como "empresário, professor e cientista social brasileiro, descendente de ilustre e atuante família de militares e políticos, possuidor de profundos e abrangentes conhecimentos técnicos, econômicos e de administração de grandes empresas industriais e de consultoria".

Ortiz, no livro, prega a "Revolução dos Protomens", uma raça superior que deveria dirigir os destinos da humanidade. Para ele, não existem classes sociais, e sim "raças". Ele divide os homens em três "raças": a dos homens (que são os trabalhadores), a dos anti-homens (que têm dinheiro e poder e estão nos cargos de mando) e a dos protomens (que também têm dinheiro e poder, que usam para realizar o progresso da civilização).

Os protomens — inteligentes, criativos, bons de caráter, etc — devem derrubar do poder os anti-homens. Para fazer essa "revolução" foi criada a União Nacional dos Omecratas (palavra formada com o som "om", que significa "poder e consciência absoluta universal").

Para ser um "omecrata", o candidato deve contribuir com Cr$ 200 por ano — e assim será um "membro registrado". Para ser "membro ativo" a coisa muda um pouco: o candidato contribui com 1% de sua renda líquida mensal — "salário e outras remunerações e ganhos", como frisa o folheto.

a polícia não segue

Fiscal municipal coage jornaleiros

Funcionários da prefeitura andaram recolhendo revistas de mulher pelada das bancas do centro de São Paulo. Depois, voltaram advertindo os jornaleiros de que, se continuassen a expor essas revistas em primeiro plano, voltariam a recolhê-las. Outra recomendação: que não expusessem mais os jornais da imprensa alternativa, "pois as bombas estão aí", como recomendou um fiscal da prefeitura.

Aliás, é interessante notar o porte atlético dos fiscais da prefeitura de São Paulo: têm tamanho para funções mais perigosas que as de simples fiscal. Em julho, quando o REPORTER estava sendo vendido na Praça do Patriarca, um fiscal se aproximou rapidamente do vendedor e já foi tentando arrancar os jornais de sua mão, gritando:

— Não pode vender isso aí!

O vendedor (por sinal, jornalista) pediu que o homem se identificasse: era fiscal da prefeitura. Depois de desistir de arrancar os jornais e deixando apenas uma advertência, o fiscal atravessou a praça e se encontrou com dois colegas de trabalho, também altos e fortes como ele

Falando em fiscais da prefeitura, já se tem como certo que o indivíduo conhecido por **Kojak**, que foi fotografado batendo com soco-inglês nas pessoas presentes ao "governo itinerante" do Maluf na Freguesia do Ó, pertence mesmo aos quadros da Administração Regional desse bairro. Até a mulher que vende cachorro-quente na frente da Regional o conhece:

— Todo dia ele aparece aqui, mas não tem hora certa. Ele chega e logo em seguida sai, dentro de um carro.

Culpa é do Doi-Codi, diz o federal

Um agente da Polícia Federal de São Paulo dá sua versão dos últimos acontecimentos: os atentados às bancas estão sendo feitos por policiais do Doi-Codi, órgão que, segundo o informante, é composto por gente do Exército, da Marinha, da Aeronáutica, do Deops, da Polícia Federal e da Polícia Militar

Conforme o federal, "o CCC — Comando de Caça aos Comunistas — nada tem a ver com os atentados, pois o trabalho desse grupo tem sido o de se infiltrar nos movimentos populares". A Polícia Federal, ainda segundo o policial, também se infiltra nesses movimentos:

— Até nos movimentos de homossexuais participam agentes federais. Quanto aos atentados às bancas, o agente explicou que em todos há uma característica: são bombas (ou incêndios) preparadas por quem entende do ofício. Mais precisamente, as Forças Armadas.

— Claro que eles poderiam explodir bancas, mandar tudo pelos ares — contou o agente — mas preferem explodir só parte das bancas, o que é mais eficiente. Só pra mostrar que estão na ativa.

Em entrevista reservada a jornalista da **Folha de São Paulo**, um membro do CCC declarou no mês passado que seu grupo "está fora dos atentados, preocupado apenas em se infiltrar nos movimentos populares", o que confirma a informação confidencial do agente federal.

Área de segurança violada em Brasília

Em Brasília, mais de um atentado a uma banca de jornais: às 3 horas e 54 minutos da madrugada de sexta-feira, dia 22 de agosto, uma bomba explodiu na banca Tadeu, a mais conhecida da cidade.

A banca Tadeu e também uma distribuidora de jornais e revistas abastece diariamente o Ministério da Justiça, o EMFA e o Ministério do Exército. Ela se situa na Rodoviária, o local mais movimentado da cidade e considerado área de segurança. Aí não se toleram manifestações políticas, panfletagem ou coisas do gênero — e há sempre policiais de plantão e viaturas da RP. Ora, a bomba foi colocada sem que os policiais tomassem conhecimento. E, quando explodiu, um jornalista da sucursal de **O Estado de S. Paulo** ainda chamou a atenção dos agentes policiais para "um homem magro, cerca de 1 metro e 70, moreno claro, cabelos encaracolados, bem vestido, com o braço engessado, "que acabara de declarar o seguinte: "Enquanto esses teimosos persistirem em vender jornais, irão explodir novas bombas". Os agentes da polícia, entretanto, não tomaram conhecimento do homem. "Estamos aqui para fazer a perícia e não para realizar investigações", disse um dos agentes.

A banca Tadeu está vendendo e expondo todos os nanicos do país. E já provocou com esta atitude uma mudança no espírito de outros vendedores de jornais e proprietários de bancas. Nas duas outras bancas da Rodoviária existe o mesmo espírito de resistência: "Não vamos deixar nem de expor nem de vender", diz um dos funcionários, que não quer se identificar.

O secretário de Segurança, coronel-de-exército Paulo Azambuja, afirma que toda a polícia "está empenhada em esclarecer o atentado", mas confessa que até agora "não temos ainda nenhum suspeito".

ACADEMIA **FAIXA PRETA** 1 e 2

Aulas de: taekwon do, kung-fu, capoeira, karatê, aikidô, boxe, ginástica feminina, nunchaku.

ACADEMIA 1 – rua General Roca 947, sobrado Tijuca (Saens Pena Rio. Tel: 288 5648

ACADEMIA 2 – rua São Francisco Xavier 198, sobrado. Tijuca (em frente ao Colégio Militar) Rio. Tel: 284 5639

Trabalhadores do carvão protestam contra condições de trabalho

- Jornada diária de 12 horas
- Falta proteção, botas e macacão
- Escuridão provoca cegueira
- Pulmões não resistem contaminação

Estes homens deviam usar equipamento de proteção, mas trabalham, sob uma temperatura de 60 graus, com o corpo nu.

ESCRAVIDÃO NAS MINAS

Apenas um em cada três mineiros de carvão consegue viver mais de 50 anos, no Brasil. Trabalhando em minas a céu aberto ou subterrâneas, as condições de vida dos mineiros de carvão do Sul do país são as mesmas dos mineiros dos países desenvolvidos no século passado: salários baixos, ausência de equipamentos de proteção e uma carga de trabalho de quase 12 horas por dia, em total desrespeito à legislação que estipula uma jornada de seis horas.

O Brasil está desenvolvendo um ambicioso plano de produção de carvão (Procarvão). Seu objetivo é multiplicar a produção nacional, de 5 milhões de toneladas por ano em 1980, para 30 milhões em 1985. Os investimentos envolvidos nesse plano chegam a 8 bilhões de dólares. Mas nele não há qualquer preocupação com a melhoria das condições de trabalho dos mineiros. Para mudar essa situação e opinar sobre o plano, os sindicatos de trabalhadores das minas de carvão do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina estão reivindicando ao governo que lhes dê representação no Conselho Nacional do Petróleo.

Os trabalhadores querem evitar a excessiva mecanização das minas, que provocaria o desemprego em massa, e definir com mais rigor a legislação de proteção ao meio-ambiente e aos mineiros. Atualmente, um grande número de trabalhadores ainda desce para as minas descalço, pois as empresas ignoram uma regra estabelecida a nível mundial sobre o uso de botas. Muitos trabalham apenas de calção, em vez de macacão, como seria recomendável, devido à falta de ventilação nas minas. Em algumas, a temperatura no verão chega a 60 graus.

As desgraças não param aí. O gás desprendido pelo carvão, em contato com os rios subterrâneos que inundam as minas, gera um ácido que corta a pele. Como se isso não bastasse, a iluminação, tanto nas minas estatais — CRM, no Rio Grande do Sul, e Próspera, em Santa Catarina — como nas particulares é péssima. Isto, apesar dessas minas serem formadas por largas galerias, que permitem a colocação de uma perfeita rede de iluminação.

Nos países desenvolvidos (Estados Unidos, Alemanha e outros), as minas são bem iluminadas e o trabalhador não é obrigado a ficar praticamente no escuro. Assim, ele não perde a visão em dez anos de trabalho, como é comum acontecer no Brasil. Além disso, os mineiros daqui não usam máscara ou qualquer proteção nos olhos. Como aspiram gás durante 10 horas de trabalho, costumam sair das minas com os olhos totalmente vermelhos.

As empresas de mineração pouco se importam com a rápida destruição de sua mão-de-obra, pois até agora não tiveram dificuldade para substituí-la. Nessas empresas não existem refeitórios e é muito comum o mineiro almoçar no próprio local de trabalho, ou seja, dentro da mina. As empresas também não servem a seus trabalhadores qualquer tipo de refeição, e nem ao menos o tradicional copo de leite para evitar intoxicação.

As minas funcionam sem parar 24 horas por dia. E a maioria dos mineiros trabalha mais de um turno para dobrar o salário que, em condições normais, seria de Cr$ 10 mil em média. Trabalhando dois turnos, 12 horas por dia, a maioria consegue chegar a Cr$20 mil. Mas o preço desse prolongamento da jornada de trabalho é o encurtamento da vida. Um mineiro tem direito a se aposentar após 15 anos de serviço; porém, como geralmente ele dobra a jornada, acaba, na prática, trabalhando o correspondente a 30 anos. Como resultado disso, muitos não conseguem se aposentar, pois morrem antes, com doenças respiratórias.

Reportagem de Walter Diogo

Os mineiros comem no local de trabalho. As empresas não dão nem o copo de leite, que evita intoxicação e é exigido por lei.

A draga substitui 1500 homens

Máquina vetada nos EUA reduz emprego aqui

A mecanização das minas melhorou pouco as condições de trabalho dos mineiros e teve uma consequência perversa: reduziu as oportunidades de emprego. Em Criciúma (Santa Catarina), a Companhia Siderúrgica Nacional tem uma máquina — Marion 7.900 — importada dos Estados Unidos na década de 1960. Nos EUA, a máquina não podia ser usada por pressão dos sindicatos, já que provocava a dispensa de mão-de-obra. Aqui no Brasil está substituindo 1500 homens. Apesar de seu nome de mulher, a máquina não tem o mais leve sinal de beleza. Seu aspecto é, na verdade, desagradável: uma draga com 50 metros de altura, que anda igual a um robô. Esse monstrengo, com uma única caçambada, enche três caminhões fora de estrada. Essa mecanização, observam representantes dos mineiros, é absurda num país que precisa criar muitos empregos por ano, como o Brasil. E esse é um dos pontos que os trabalhadores querem discutir em relação ao Procarvão. Para eles, é essencial que a multiplicação da produção venha acompanhada de uma ampliação das oportunidades de trabalho.
Para garantir isso, o governo precisa impedir o uso de determinados equipamentos nas minas que serão implantadas a céu aberto e que começarão a funcionar nos próximos meses.
Para o deputado federal Walmor de Luca, do PMDB de Santa Catarina, é preciso também dar grande atenção à questão do meio-ambiente. Segundo o deputado, a legislação brasileira não faz exigências sérias para garantir a proteção do meio-ambiente e dá margem a que as empresas atirem os rejeitos da mineração em qualquer lugar, poluindo rios e gerando doenças. Além disso, as mineradoras mantêm estoques de carvão em torno de cidades e vilas. Logo, os mineiros que moram perto dos locais de trabalho são os mais prejudicados. Suas casas estão, inclusive, sempre pretas devido ao pó de carvão.
Para Walmor de Luca, a falta de atenção do governo para com o meio-ambiente nada tem de casual. A legislação é frouxa para, na verdade, atrair as empresas multinacionais do setor. Estas têm problemas nos países desenvolvidos, pois lá a proteção do meio-ambiente é levada a sério, o que se traduz numa legislação rígida. Aqui a destruição é legalmente permitida e a mão-de-obra barata. Uma combinação irresistível para as multinacionais.

ESPERTAS

Cr$10 milhões pra melhorar imagem do PDS

Um almoço na casa de veraneio do prefeito de Nova Iguaçu, Ruy Queiroz, foi o ponto de encontro de políticos do PDS que pretendem investir 10 milhões de cruzeiros para tentar recuperar o partido na Baixada Fluminense. A figura central do almoço na casa do prefeito, situada no município de Paulo de Frontin, foi o empresário Guilherme Romano (o homem do general Golbery no Rio de Janeiro). O médico, ligado aos líderes nacionais do partido do governo, quer aplicar os Cr$10 milhões do Planalto no **Jornal de Hoje**, o diário editado em Nova Iguaçu e que circula em toda a Baixada. O dono do jornal, Valcir Almeida, que é suplente de deputado estadual pela antiga Arena, já está anunciando mudanças, apesar de se ter notícias de que seu parque gráfico foi arrendado para um importante industrial do Rio. Com o dinheiro de Guilherme Romano serão contratados mais 10 repórteres (três já foram até convidados), comprados alguns carros e ampliado o espaço físico da redação. Sabe-se que a situação financeira do **Jornal de Hoje** não estava boa. Mas, depois do almoço, parece que as coisas melhoraram. Guilherme Romano já visitou o jornal e deu até entrevista

Luis Ferrão

• • • • • • • •

A Fundação Getúlio Vargas continua fazendo das suas nos cálculos da inflação. A Fundação apresentou o índice de preços por atacado de julho como sendo 8,4%. Mas, na verdade, o IPA (que entra no cálculo da inflação) atingiu 9%. Mesmo assim Delfim Netto não gostou e anda pressionando para que sejam preparados índices mais "aceitáveis". O assunto ainda quente e diversas reuniões já foram realizadas em Brasília. Não deixa de ser interessante, também, que enquanto a inflação sobe o INPC (Índice Nacional de Preços ao Consumidor), base dos reajustes salariais, do IBGE cai

Ricardo Bueno

Prefeito de Nilópolis demite médicos

Trinta e dois médicos da rede hospitalar do município de Nilópolis foram demitidos porque não se filiaram ao partido do prefeito João Batista da Silva (PP). O prefeito alegou "contenção de despesas" para mandar os médicos embora. Mas, uma semana antes das demissões (23 de agosto), João Batista convocou seus correligionários para um grande banquete de 200 talheres, no qual foram distribuídos mil chaveiros e flâmulas promocionais do município, representando gastos públicos no valor de Cr$200 mil. Na tribuna da Câmara de Nilópolis, as demissões repercutiram e houve pronunciamentos de vereadores do PDT e do PDS, que acusaram o prefeito de estar acatando ordens do governador Chagas Freitas, também do PP, que manda expulsar todos aqueles que ainda não aderiram ao seu partido.

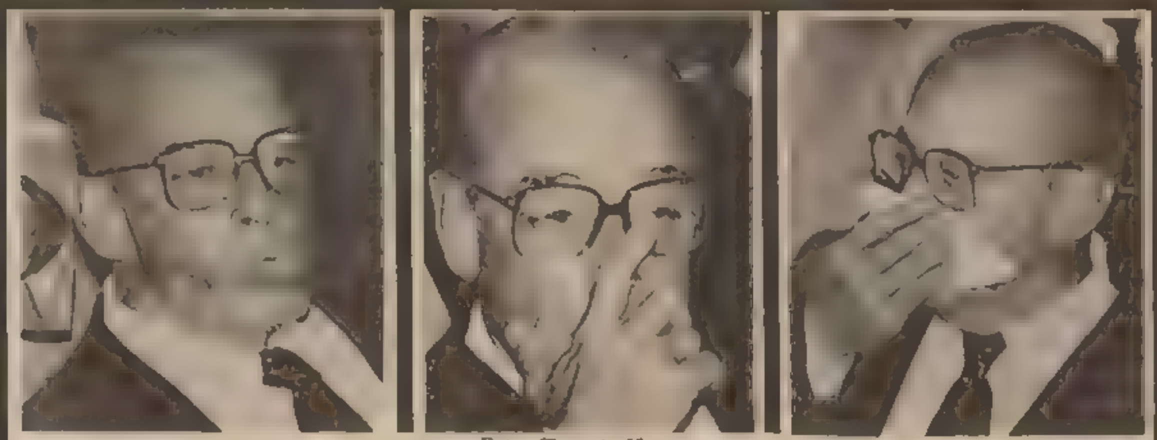
Luis Ferrão

Foto Rogério Carneiro

Marli Mendes

Fotógrafo agredido

Rogério Carneiro, fotógrafo do REPORTER, foi agredido e ameaçado com um revólver por um leão-de-chácara da boate Capricornius, em Copacabana. O "crime" de Rogério foi querer fotografar um dos números do *show: o strip-tease* feito pela gaúcha Marli Mendes (nome artístico). Esta, ao notar que estava sendo fotografada, não gostou e logo depois o leão-de-chácara abordou Rogério e o levou para o camarim. Ali, passou a agredi-lo a coronhadas e a pedir aos berros que Rogério lhe desse o filme. O fotógrafo do REPORTER resistiu e o leão-de-chácara ficou furioso. Engatilhou a arma e a encostou na testa de Rogério. Então disse: "Entrega ou morre!" Quando o fotógrafo acabou cedendo e concordando em entregar o filme, o leão-de-chácara apontou o cano da arma para o lado. E nada mais nada menos que a bela Marli Mendes apareceu para pegar o filme. Liberado, Rogério foi à rua e chamou um PM. Este exigiu a presença do dono da boate. O tumulto se formou na porta da Capricornius. O dono concordou em pagar o preço do filme e se desculpou pelas porradas. Apenas isso. O leão-de-chácara sumiu. E o filme arrancado das mãos de Rogério acabou sendo destruído. A autora da façanha, mais uma vez, foi a bela Marli Mendes



Fotos Chiquito Chaves

Figueiredo: algo de podre no ar

TFP recebe mulher de Videla

No dia em que o presidente da Argentina, Jorge Videla, esteve em São Paulo, foi programada uma visita de sua mulher ao Museu de Arte Moderna. Todas as redondezas foram cercadas pela polícia, ninguém podia se aproximar do local. Houve apenas uma exceção para os garotos da TFP, com seu cabelinho raspado e ternos escuros. Mas, para decepção dos cruzados da Tradição, Família e Propriedade, a primeira-dama argentina não apareceu.

Eliana Pastore

Foto Chiquito Chaves

Videla, no Rio, quebrando o protocolo

'Associados' desviam verba de sindicato

A Empresa Jornal do Commercio, de Pernambuco — dois jornais, uma tevê e cinco rádios — apesar de ter conseguido em 1977, junto ao Banco do Brasil, um empréstimo de Cr$ 87 milhões, com a condição de que parte desse dinheiro só poderia ser usada para cobrir débitos trabalhistas e obrigações sociais, até hoje não recolheu as contribuições do FGTS devidas desde 1972. Além disso, vem dando o golpe de tirar do salário de seus empregados a contribuição sindical e não pagá-la aos sindicatos dos gráficos, jornalistas, radialistas e dos comerciários desde 1969. O que se diz no Recife é que o atual atraso de pagamentos é decorrente de uma crise forjada pelos três atuais proprietários do JC, que estão brigando entre si para ver quem fica sozinho com o controle da empresa. Sabe-se também que o empréstimo do Banco do Brasil foi desviado para outras empresas pertencentes aos donos do Jornal do Commercio. Os espertalhões são: Antonio Farias, usineiro e ex-prefeito de Recife; José Ivanildo Cavalcanti, também usineiro e tio do ex-governador Moura Cavalcanti; e o grupo Galvão, proprietário da Imobiliária Morada Nova, da rede de supermercados Casa Assa e do Frigorífico Mafisa.

Eduardo Homem

Suspenso juiz que denunciou subornos

O juiz de futebol Teodoro Fernandes de Castro foi suspenso das rodadas iniciais do campeonato de futebol do Rio de Janeiro por ter dado entrevista ao REPORTER (nº 32), na qual criticava as pressões que os clubes fazem para subornar os árbitros. Segundo Teodoro, a principal conseqüência da falta de independência dos juízes é a violência nos jogos. Técnicos instruem os beques para bater cientificamente nos adversários, porque sabem que cartão vermelho só com fratura exposta. É bom avisar à Federação de Futebol do Rio de Janeiro que AI-5 nem o governo usa mais.

Luiz Alberto Bettencourt

SHOW BIS

Chico Júnior

lançamento

Foto de Edson Meirelles/RCA

Bezerra da Silva, falando a voz do morro

Samba de Bezerra da Silva vem do morro e da cadeia

Para a música subir ao morro (depois de gravada) ou baixar pelas bocas do subúrbio, nas periferias da vida, tem forçosamente que descer do morro, ou pegar o trem, ou ir em cana. É como a música de Bezerra da Silva, pernambucano de 46 anos, partideiro da pesada e que lança agora seu quinto LP (**Provando e comprovando sua versatilidade**).

Um disco onde a linguagem popular está presente, sem as adaptações da Zona Sul. Um disco onde, além do próprio Bezerra, os compositores são das favelas cariocas ou dos conjuntos habitacionais da periferia. Compositores populares da Cidade de Deus, do Morro do Macaco, do ex-Parque Proletário da Gávea, de Caxias e até da cadeia, onde Bezerra aprendeu a música **O crocodilo** com um dos autores, Fernando de Jesus (do Morro do Pavão), durante uma cana para averiguação numa delegacia de Copacabana.

E muito samba também dos pagodes da favela do Cantagalo, onde Bezerra morou vários anos. De lá, saía pelos morros cariocas, guardando de cabeça tudo o que ouvia (mais tarde comprou um gravador) e hoje é considerado o possuidor do maior e mais precioso acervo de música dos morros do Rio de Janeiro. Tanto que uma das músicas (**Coreto**) desse LP foi recolhida no Cantagalo há 15 anos.

Um LP que mostra um outro lado do samba, o samba cantado por quem vive mesmo o samba. Que mostra o samba com a linguagem dos morros, com todas as gírias que tem direito. Vale a pena ouvir o Bezerra. No mínimo, dá pra entender um pouco mais a vida dos morros e de sua música.

Logo depois de ter sido lançado nos Estados Unidos, o álbum *The Wall*, do grupo Pink Floyd — produtor de um som de altíssima qualidade — vendeu mais de 1 milhão de cópias. E a estimativa é ultrapassar os 10 milhões de discos, que na verdade são 20 milhões, pois o álbum é duplo. Ao mesmo tempo em que é agraciado pelas finanças, o grupo é premiado com a Clave de Prata de Musicoterapia (iniciativa filantrópica para auxiliar crianças deficientes através da musicoterapia), por serviços prestados à música inglesa. O prêmio foi entregue ao baixista do Floyd, Roger Waters, pela duquesa de Gloucester. Altas nobrezas, pois.

No Brasil, a CBS aproveita o sucesso de *Another Brick in the Wall* (parte 2, a que está nas paradas) e lança um compacto simples com essa música. A letra, acompanhada de um som que emociona, diz, entre outras coisas, que nós não precisamos de educação, nós não precisamos de controle; professores, deixem as crianças sozinhas. Dando um recado para que as pessoas tenham o direito de se curtirem como pessoas.

luzes da ribalta

★ Entusiasmado com a repercussão que o trabalho de João do Vale teve junto ao público de Luanda durante a visita da caravana cultural brasileira à Angola, Chico Buarque vai, pela primeira vez, produzir um disco, que é o LP de João e no qual Chico atuará também como cantor em uma das faixas. Já estão confirmadas as presenças de Maria Bethania e Nara Leão, as duas companheiras de João do Vale no **show** Opinião, musical que marcou época na década de 60

★ João do Vale também está presente no novo LP de Ednardo (Imã), assinando, em parceria com Luís Vieira, a música Na asa do vento, **considerada uma grande força no disco. Para Ednardo, seu novo trabalho não tem nada a ver com o disco anterior. O atual é o aprofundamento da idéia de fundir o urbano com o sertanejo. Vamos ver.**

★ Dois **shows** que devem ser vistos, para confirmar o bom trabalho apresentado nos discos: o de Aline, de 16 a 21 de setembro, no Teatro Ipanema (RJ); e o de Têca e Ricardo, de 11 a 14, também de setembro, no Teatro GV (SP).

★ Agepê, sambista da Ala de Compositores da Portela, estará no Cine Show Madureira (Rio), de 11 a 14 de setembro, apresentando o espetáculo Devagar também é pressa.

★ Foi censurada para execução nos chamados meios de difusão a música **Rock das Aranhas**, de Raul Seixas e Cláudio Roberto, incluída no último LP de Raul. A música conta a história de duas mulheres botando suas aranhas para brigar e a ansiedade de uma cobra que quer comer as duas aranhas. E termina dizendo que "cobra com aranha é que dá pé/aranha com aranha sempre deu jacaré/vem cá mulher/deixa de manha/minha cobra quer comer sua aranha

★ Depois de seis anos apresentando um bom trabalho sobre a cultura brasileira, o Grupo Maria Déia parte para gravar seu primeiro disco, numa produção independente. Para quem não se lembra, o Grupo Maria Déia participou das peças *Ponto de Partida*, com Guarnieri e Sérgio Ricardo (SP), e *Se chovesse vocês estragavam todos* (Rio), além de vários shows nestas duas capitais e ainda em Belo Horizonte. Como fazer um disco não sai barato, o grupo está realizando uma campanha de venda antecipada do LP. Quem comprar agora, por Cr$ 300, receberá no mês que vem um exemplar autografado pelo pessoal (quando sair, custará nas lojas Cr$ 400). Quem estiver interessado é só entrar em contato com o Chico ou a Beatriz, no telefone 232-8789 (Rio).

★ Beth Carvalho já terminou de gravar seu próximo LP. Das músicas escolhidas, uma chama a atenção pela parceria única e inédita: o samba **Consideração**, de Cartola e Heitor dos Prazeres, composta na década de 40. Heitor, já falecido, era artista plástico e um emérito tocador de ganzá na antiga Escola de Samba Unidos da Capela, cuja fusão com a Aprendizes de Lucas resultou na atual Unidos de Lucas.

1

*Pela primeira vez, Vera Gimenez, estrela de vários filmes de sacanagem, vai fazer teatro. É uma das atrizes de **Uma noite em sua cama**, comédia há cinco anos em cartaz na Espanha, traduzida e adaptada por Armindo Blanco. A peça estréia agora em setembro no Teatro Princesa Isabel (Rio), e tem a direção de Antonio Pedro. Com Vera Gimenez estão Nelson Caruso, Pedro Paulo Rangel, Luca de Castro e Melise Maia.*

2

Um acontecimento importante: está saindo o primeiro LP solo do ex-mutante Serginho Dias, que já está sendo considerado um dos melhores guitarristas internacionais. Para se ter uma idéia do trabalho do moço, basta ouvir a faixa *Terra*, do LP *Muito*, de Caetano Veloso, onde Serginho estraçalha uma cítara. O disco traz em destaque as participações especiais de Gal Costa e Caetano, que também entra como compositor.

Mais discos para os leitores. Os mais recentes lançamentos. Os cantores e os elepês que estão nas paradas. O que há de melhor na CBS, RCA e Odeon.

Recorte o cupom abaixo, responda as três perguntas e mande tudo, com nome e endereço, para Margem Editoria (rua Miguel Couto, 134/11.° andar — RJ). Nós sortearemos seis respostas com cinco discos para cada uma. No mês que vem, sortearemos mais discos para os leitores.

- Qual é a melhor música do mês? ....
- Que cantor (a) você gostaria que esta seção entrevistasse? ....

os premiados

A letra escolhida pelos leitores está aí do lado. E os sorteados do mês são os seguintes: Alexandre Jorge Immianowsky, Rio de Janeiro; Euclydes Martins, Rio de Janeiro; Fernando Firmino da Silva, Nova Iguaçu, RJ; Gilmar L. Pereira, Rio de Janeiro; Iara (ou Lara) Dantas, São Paulo; José de Morais, Lagoa da Prata, MG. Com exceção do José, para quem enviaremos os cinco discos, todos os sorteados devem comparecer às nossas redações, no Rio e em São Paulo (ver endereços no expediente) e retirar os discos. Continue escrevendo, minha gente. Mês que vem tem mais.

LETRA DO MES

FOI DEUS QUEM FEZ VOCÊ

Autor: Luiz Ramalho
Gravação: Amelinha

Foi Deus quem fez o céu
O rancho das estrelas
Fez também um seresteiro para conversar com elas
Fez a lua que pratela minha estrada de sorrisos
E a serpente que expulsou mais de um milhão do paraíso

Foi Deus quem fez você

Foi Deus quem fez o amor
Fez nascer a eternidade num momento de carinho
Fez até o anonimato dos afetos escondidos
E a saudade dos amores que já foram destruídos

Foi, foi Deus

Foi Deus quem fez o vento
Que sopra teus cabelos
Foi Deus quem fez o orvalho
Que molha teu olhar, teu olhar
Foi Deus quem fez a noite
E um violão plangente
Foi Deus quem fez a gente
Somente para amar, só para amar!

LEITORES

APOIO CONTRA O TERROR

1 "Lamentando profundamente os atos de terrorismo contra as bancas de jornais que vendem a chamada imprensa alternativa, arrisco sugerir que a venda dos jornais "alternativos", como o REPORTER, seja feita pelo método de jornaleiros pelas ruas da cidade.

Estou escrevendo no anonimato por pura covardia, ou seja, exerço função pública de pequena projeção, porém, com meus 37 anos, 2 filhos e homossexual, nada mais posso fazer a não ser comprar todas as edições "alternativas" e tentar botar na cabeça de meus patrícios "bundas moles" algo de positivo.

Compro todos os jornais do gênero, mas, sem emprego, nem isso poderia fazer. É questão de ser realista. Para ser sincero, não concordo com muitas idéias desses periódicos. Também não me preocupo em analisar os "ideais" daqueles que fazem a imprensa. Me basta que esclareçam a população em alguns tópicos. Afinal, os opressores temem essa imprensa, como se comprova com o terrorismo nas bancas.

Esclareço que escrevi esta carta em letra de forma porque minha caligrafia é ilegível. Meus medos não chegam a tanto.

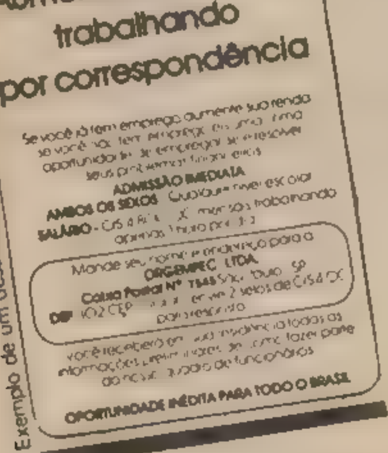
Espero que vocês não desanimem e continuem." (*Leitor Assíduo — São Paulo — SP*)

2 "Finalmente chegou a hora da revelação. A direita fascista, usando de violência contra a imprensa nacional, tenta desesperadamente se manter no poder. O povo acordou, o povo resistiu durante 16 anos e agora levantam-se as vozes que desmascaram a ditadura. ACABOU A FARSA! Só resta agora ao governo que se apossou do poder adiar as eleições para retardar o golpe fatal.

As publicações alternativas continuarão sendo vendidas, pois nem todas as armas do Exército, nem os porões do Doi-Codi e tampouco a TFP conseguirão fechar a boca do povo. Nosso total apoio aos jornaleiros, aos estudantes que saíram às ruas vendendo os "nanicos". Parabéns à TFP por ter tido "a coragem de mostrar a sua covardia" atrás da abreviação PFP. Juntem-se ao CCC, ao Dops, ao Doi-Codi, a quem quer que seja, pois continuarão a ser apenas siglas, enquanto nós formamos POVO, aquele cujo poder é bem maior.

A punição de vocês está próxima e o povo será o juiz.

PUNIÇÃO PARA OS TERRORISTAS!
VIVA A LIBERDADE DE IMPRENSA!" (*Raimundo Nonato — Jacarepaguá — RJ*)



Exemplo de um desses anúncios

"Venho através desta solicitar a V. Sas. para investigarem sobre algumas empresas anônimas que, pelos anúncios em revistas como **Grande Hotel**, oferecem empregos às pessoas, por correspondência, além de uma pá de garantias como: assistência médica, hospitalar e outras. Fazem a pessoa remeter uma quantia alta através de pagamento no Bradesco e, depois disso, não dão mais a mínima satisfação, deixando muita gente na ilusão. Eu fui uma dessas que caiu na armadilha do jogo sujo deles. Queria saber o que eles fazem com a ficha em que nós colocamos e assinamos o nosso nome, pondo, além de endereço, outros detalhes da nossa vida. Essa empresa de enganadores se situa em São Paulo e o anúncio eu mando anexo a esta carta. Gostaria de ver essa reportagem publicada no **REPORTER** com detalhes e o que devemos fazer para sair dessa enrascada" (**João Batista de Oliveira Rio de Janeiro — RJ**)

Firma protesta quem não paga duas vezes

DENÚNCIA

"Estando à procura de carpete para decoração de meu apartamento, em 5 de fevereiro do corrente ano telefonei para a Empresa Visual Arquitetura e Comércio Ltda., situada na Rua Bela Cintra, 755. Fui gentilmente atendido pelo sr. Odair Antonio de Souza, que marcou para as 20 horas do mesmo dia a vinda do orçamentista, sr. Agostinho de Oliveira Rosa, que apresentou-se munido do talão de orçamento n.º 609, com timbre da "Empresa" e cartões de visita da mesma. Feito o orçamento, foi contratado o serviço para o dia 9/2/80, quando então compareceu o sr. Jaime de tal, com o material necessário, nota fiscal n.º 0037 de fornecimento, nota fiscal n.º 0067 de serviços, executando com mediocridade os serviços de acabamento.

No dia 11/2/80 foi terminado o serviço, quando foi efetuado o pagamento através dos cheques 746.164 e 746.165 do Bradesco, agência Lapa (ao portador), em troca de duplicata n.º 37/67 com carimbo de quitação da "Visual" no verso. Decorridos 6 meses, recebo uma carta da Visual, na qual a referida empresa alega que a importância não foi recebida, embora o vencimento da duplicata fosse "contra apresentação", e que eu deveria comparecer ao seu escritório para quitação da dívida.

Em 4/8/80 apelei para o bom-senso da empresa, uma vez que tenho toda a documentação comprobatória do pagamento, recebendo a resposta de que as referidas documentações não eram verdadeiras e que nenhum dos "funcionários" envolvidos manteve vínculo empregatício com a empresa, e que a duplicata legítima está em poder da Visual.

Agora surge o impasse: se não pago a duplicata, poderei ser protestado ou terei de pagar para um advogado quase o equivalente ao valor da mesma. Se pago, estarei pagando por uma mesma dívida duas vezes." (*Bruno Matzick — São Paulo — SP*)

CORREIO HETEROSSEXUAL

● Dois entusiastas do amor livre, muito discretos e de boa aparência, 37 e 31 anos, loiro e moreno, respectivamente, bom nível cultural, curtidores da natureza, praias, música e cinema, dispomos de um apartamento de dois quartos onde teríamos encontros amorosos com igual números de garotas (exceto casadas), de 18 a 35 anos, residentes na Grande São Paulo, adeptas do amor livre, para a troca de idéias e futuros relacionamentos íntimos. Pede-se foto na primeira carta. Todas as cartas serão respondidas brevemente. (*M. Andrade e P. Pereira — Caixa Postal 20363 — CEP 04023 — São Paulo — SP*)

● Segundo as mulheres, em matéria de LEITO sou **expert**. Dizem ainda elas que eu tenho tudo para ser um bom parceiro: sou carinhoso, sexy, versátil, criativo, liberado, solto, sutil, exótico, erótico e mudo como um túmulo. Bem, se você é mulher (não importa seu estado civil, pois não sou preconceituoso) e está a fim de uma viagem no corpo de um homem forte, mantenha contato urgente comigo. Sou profissional liberal, 33 anos, branco, cabelo encaracolado, bigode, 1,78m, descontraído e objetivo. Guardo segredo. Devolvo sua carta no primeiro encontro para evitar possíveis aborrecimentos. Se a proposta lhe interessa, escreva, mande telefone e horários para eu me comunicar com você. Depois aproveitamos todos os segundos. Juntos, é claro. (*Ronaldo Belga — Rua Martins Júnior, 48 — apt.º 301 — Boa Vista — 50.000 — Recife — PE*)

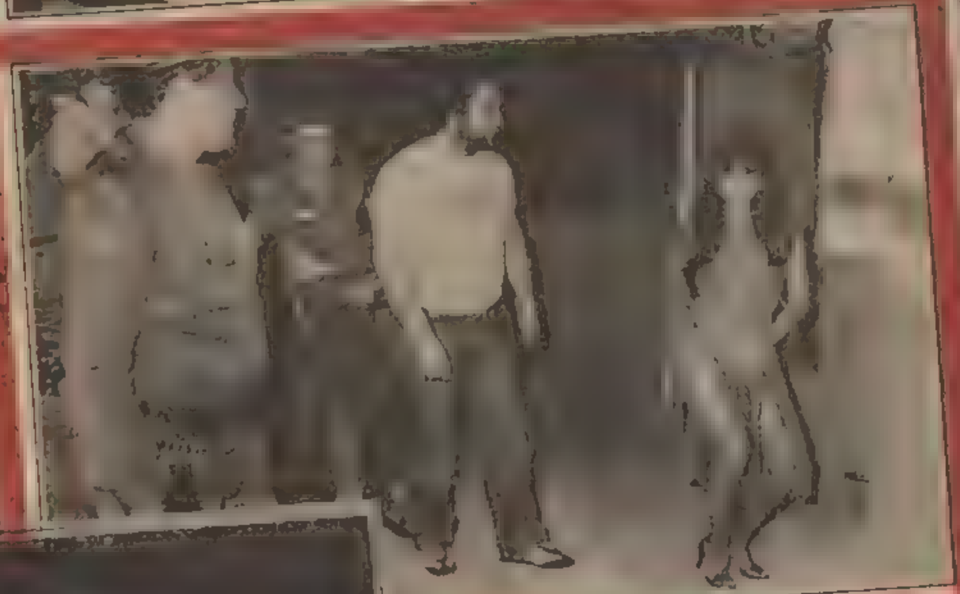
OS SORTEADOS

Esta é a relação dos leitores premiados com assinaturas semestrais grátis. Os sorteados devem escrever para **Margem Editoria — Rua Miguel Couto — 134/11.º andar — CEP 20070 — Rio**, confirmando nome e endereço

Ari Silva; Albenir Medeiros, Adalberto Rodrigues Rosa; Augusto de Oliveira; Antonio L. Lobato Filho; Antonio S. Freire; Antenor Pestana Fº; Alberto Vieira Santos; Antonio C. Matos de Oliveira; Antonia Primo; Augusto Cesar Rosa Costa; Ailton de C. Zampaglione; Allto Luz Hau; Adolso Góes Soares; Abiron de Oliveira; Alfredo Rangel Fº; Aluisio de Jesus; Carlos J. Justi da Silva, Carlos Ebert; Carlos Alberto Hahl; Carlos Alberto Rodrigues; Celso Apolinário; Claudionor J. de Lima, Clovis Antonio Rosa, Cleusa Elisabete Vieira; Carlos F. Pinto Oliveira; Célio Borges; Carlos A. Rodrigues de Lima, Cesar Augusto L. Franco; Dirceu Magalhães; Dermeval de Souza Fº; Dari Danir Raddatz; Djair Cossulin; Darcy Julio Francischelli; Dimas Campos Rosa, Décio Sabino; Denise Milanez; Edmilson N. Melo; Edson Alves Campos Fº; Elias Paulino da Costa, Eunice Sheices; Edmilson Lopes Correa; Elizabeth Leal; Edson Alves e Silva, Expedito G. Araujo; Edson Isaias; Edna Ribeiro Gomes, Eli Soares de Souza; Erivan Correa, Eduardo H. Ikeba, Enéas Rocha Martins; Fátima da Hora Cunha, Francisco Carlos Bitosuif; Fernando Firmino; Francisco Jurandyr A. Lopes, Francisco Wellington Lopes; Francisco Batista dos Santos; Fernando Largura; Fernando Firmino da Silva; Fernando Botelho Faria, Gilberto dos Santos Tertuliano; Gessé Resende de Matos; Gilberto Freitas Rossi, Germano Ferreira Dornelas, Gerson Lucas de Aquino; Gildásio Ferreira Lopes; Gilmar Dias da Silva, Gerson Azevedo; Hélio Menezes dos Santos; Hever Teixeira; Humberto Ferreira Almeida; Iremar Romano, Ivan de Sales Martins, Itamar Ribeiro Lima; Irene Amorim de Oliveira, Izaque de Castro Machado; Ivan Antunes Arneiro; José Geraldo da Silva; José Theodoro da Silva; Jorge Gomes da Silva; Jorge Souza de Oliveira, Jaime Chiarato Mendes, José Ferreira; Jair do Nascimento Filho, José Rialton G. Santos; José Carlos da Silva; José Anisio de Souza; Josias dos Santos; José B. Marques; Jorge Luiz Rodrigues, Jorge Luiz G. Santos; João Lourenço; José Dias Bicudo, José Cesário da Silva; José Miguel Fº; José Alcides de Barros; Jorge Diógenes de Souza; José Expedito Moreira; José Carlos G. Oliveira; Jorge Antonio de Souza; Jackson Pekim Lima; João Bueno de Aguiar; José Dias Bicudo; José de Morais; José Anibal Gonçalves Jr.; Julio Maria Aldino; José M. Barros Dominguez, José Antonio Zanotti; José Eraldo Silva; Luiz Bras Alves; Lindenbergue de Almeida; Laurindo Souza; Luis Reis Barbosa; Lázaro Geraldo Coura, Luiz Carlos Barros; Luis Claudio Câmera; Luis Brigido; Luiz Alberto de Oliveira; Luis Paulo Roque; Manoel Messias Castro Fº; Mario Mamoro; Maria Cristina F. Cesar; Mirante Empresa Jornalística; Maria Lucia L. Costa; Moisés Modesto; Marinalva L. dos Santos; Manoel Araujo Neto; Maria Betânia V. Lapenda; Marlene Godinho; Mario Jorge M. Tenório Manoel Nilson Rodrigues; Mauricio Rodrigues Silva; Melquiades Fernandez; Mauraci de Souza e Silva; Mario de Jesus; Maria Salete Ferreira; Marcos Antonio Rocha; Marco Antonio Farias, Maria Aparecida Falccioni; Maria Arlete L. de Araujo, Maria Regina Oliveira, Márcia G.R. Pacheco; Nilce de Almeida Nadia Escoriza Norberto Eduardo Nelson Machado Cunha; Nelson Rodrigues da Cruz; Nilza da Silva Bueno; Norival de Oliveira; Olivio Antonio Conte; Orlando Pauferro, Oscarito J. Campelo; Orlando Rafael Dias; Osvaldo Teles dos Santos, Paulo Daher Rodrigues; Paulo de Souza Carreirão; Paulo Moreira da Costa; Paulo Dias da Costa, Paulo Lopes da Rocha; Ronelho M. Pacheco; Ronivan Reis Magalhães; Raimundo Benevides Fº; Reizo O. Rosa; Ronaldo R. Rodrigues, Roberto Pinheiro; Ricardo S. Gervásio; Raul Cesar da Silva; Roberto N. Daiub; Rose Mary S. Almeida; Raimundo Nilo Mendes; Sonia Regina O. Sandes; Sidnei S. Vicente, Sérgio Luiz P. da Silva; Severino Gomes da Silva; Sérgio C. Mendes Santos; Sandra Rosa; Sebastião Ananias Gonçalves; Saul Fernando M. Cunha, Sebastião Dupont; Sérgio Zeppelin Fº; Sérgio Roberto Rodrigues; Terezinha Firmino; Telma Pessoa Pinto; Thomas José Netto; Ubiratan Barros da Paz; Valdeci F. Soares Valéria Regina Santos; Valdir Luiz; Vera Lucia de Souza; Vilmar Teixeira, Valdir Oliveira Alves; Vilma Maria dos Santos Paixão; Valter Nucci; Vinicius Rodrigues; Walkir Trindade dos Santos; Waldeck F. da Cruz; Wagner F. Castro; Waldir L. Machado; Welton F. dos Reis; Waldemar Nery Batista.

É o show da cantora sexy

NOITE DO BUM-BUM ENLOUQUECE SUBÚRBIO



Todo sábado tem **Noite do Bum-Bum.** É o nome do **show** que a cantora Gretchen faz nos subúrbios do Rio de Janeiro. Espetáculo que dura só 10 minutos — ela se apresenta em quatro lugares diferentes por noite — mas dá a maior confusão. Tanto que a cantora fica o tempo todo no palco escoltada por homens da PM. Ela não canta ao vivo (dubla uma fita), mas a platéia delira: mulheres desmaiam; homens pedem, aos gritos, a bunda da cantora. Ela entra de roupa, depois vai se desnudando e acaba num maiô bem cavado. Os mais nervosos, no **show**, são os policiais. Nem o fotógrafo escapa: "Não vai me fotografar batendo nos fãs" — adverte um PM.

Fotos Chiquito Chaves e Custódio Coimbra

REPORTER

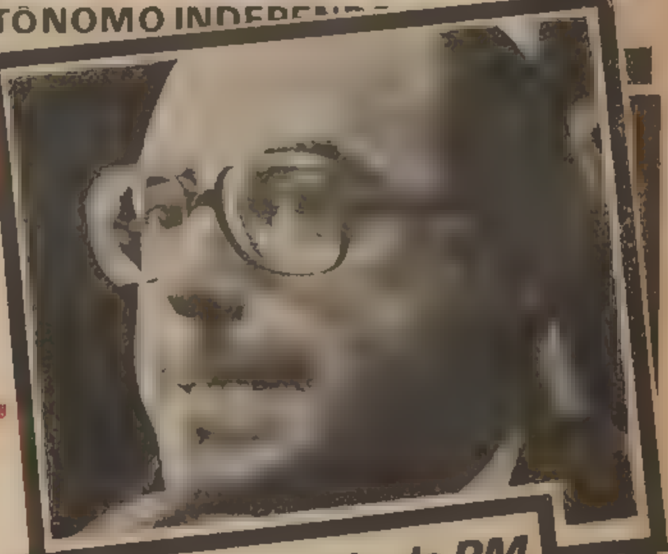
REPORTER

Outubro de 1980 — ano III — nº 34 — Cr$40

AUTÔNOMO INDEPEND

Repressão na Freguesia

AGENTE SECRETO ACUSA MALUF



Serviço Reservado da PM agiu por ordem do governador

P.3

TENÓRIO QUER MANDAR NA BAIXADA

POLÍCIA MINEIRA

Fotos inéditas da greve da construção civil (79)

P.5

Pobre ama apertadinho

EROTISMO NA FAVELA

P.12

Terroristas à solta. Governo não faz nada.

Lenta e gradualmente, como é do gosto dos governantes, chegam ao fim as investigações sobre os atentados terroristas responsáveis pelo assassinato da secretária da OAB, pela mutilação de um funcionário da Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro, pela destruição de dezenas de bancas de jornais em todo o país, pelos ataques contra jornais e personalidades da Oposição, livrarias, bares e sindicatos.

Segundo Dalmo Dallari, advogado esfaqueado por extremistas de direita há mais de três meses, "os terroristas foram punidos secretamente pelas autoridades". Ironia ou não, o fato é que cada vez se fala menos em apuração dos crimes, e as autoridades se escondem atrás da desculpa de que é difícil descobrir terroristas.

Não são levadas em conta as inúmeras descobertas feitas por jornalistas, políticos e advogados de todo o país. Em São Paulo, está provado que a Polícia Militar forneceu pessoal à paisana para agredir populares e reprimir trabalhadores em greve; em Brasília, um coronel do Exército foi preso quando rondava uma livraria ameaçada dois dias antes, e sua desculpa é que estava fazendo uma gracinha para uma amiga; no Rio, diversas pessoas testemunharam pelo menos dois atentados a bancas de jornal; em Belém, um ex-informante do Dops denunciou o chefe do CCC no Pará, contou em detalhes diversos atentados e ameaças das quais ele próprio participou, e tudo passa como se nada tivesse acontecido.

Assim, não há como deixar de apontar a liberalidade do governo para com os atentados terroristas de extrema-direita. Sabemos que isso deixa o ministro da Justiça irritado e que o faz deitar falação contra a Imprensa Alternativa. Por que alternativa?, pergunta nosso ministro na tevê. Ele acha que jornais como REPORTER contestam o governo e é só. Contestamos, isto sim, a maneira como o governo age em relação aos crimes de direita: não agindo. Enquanto bancas de jornais continuam sendo atacadas.

Foto de capa (Maluf) Juca Martins — agência F/4

Este é o poster oficial do Dops de São Paulo. Está afixado na sede do órgão (Praça General Osório) e é distribuído entre os amigos mais chegados dos agentes. O desenho é feito de tal forma que o revólver fica apontado para a pessoa que o olha, seja de que ângulo for.

Curador instala a cruzada moralista

Não bastassem a Lei de Segurança Nacional, a Lei de Imprensa, que vela a moral e os bons costumes, ainda aparece um distinto senhor, intitulado Curador de Menores da Comarca do Rio de Janeiro, que vê na Constituição do país o amparo para sua ação repressiva contra as chamadas revistas eróticas. Esse senhor acha que foi enviado por Deus para salvar os brasileiros da "avalanche pornográfica financiada pelo comunismo internacional", e, qual um aiatolá da TFP, brande sua caneta ordenando apreensões de exemplares em bancas e, até, cassações de títulos de publicações.

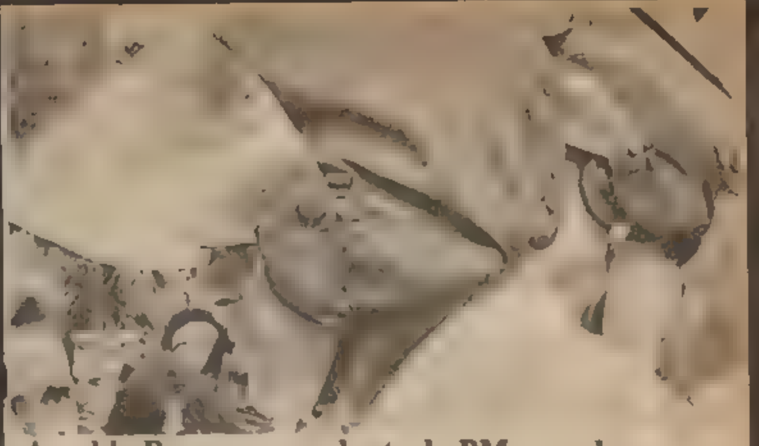
A que ponto chegamos: um único homem tem o direito de decidir sobre o destino de publicações que empregam centenas de pessoas, que são adquiridas por milhares de outras, que geram milhões de cruzeiros em impostos. A ele, o moralizador-mor, não importa nem mesmo que suas "boas" intenções estejam sendo usadas por policiais inescrupulosos para chantagear editores de revistas e livros eróticos. Em São Paulo e no Rio, revistas são recolhidas em algumas bancas e em outras não, e pelo menos um editor paulista já foi forçado a pagar para ter de volta exemplares de uma publicação apreendida.

REPORTER

EDITORES [illegible] Solnik, Luiz Alberto Bettencourt, Pipsi (Arte)
CHEFIA DE REPORTAGEM Ricardo Bueno
REPORTAGEM — RIO DE JANEIRO Tim Lopes, Chico J[illegible] Ferrão São Paulo Rivaldo [illegible] de Souza Hélio Be[illegible]k [illegible] Recife Eduardo Homem, Beth [illegible] Salvador Marluce Moura
FOTOGRAFIA Rio de Janeiro Chiquito [illegible] Carneiro São Paulo Wagner Avi[illegible] Valdenir Benedetti Recife [illegible]
ARTE [illegible] Guidacci, Maurício Venez[illegible]
CIRCULAÇÃO [illegible] Marques
PUBLICIDADE — Keline Keller (Rio) Dácio Lopes da S[illegible] (SP)
DEPARTAMENTO JURÍDICO — Luís Celso Araújo e Luiz Eduardo Gre[illegible]
REPORTER Autônomo Independente [illegible] Rio de Janeiro [illegible] São Paulo [illegible] Recife [illegible]
Composição fotolito e impressão Editora [illegible] Rua do Resende 65, Rio de Janeiro
Distribuição — Fernando Chinaglia S A — Rua Teodoro da Silva 907 Rio de Janeiro

Agente do Serviço Reservado entrega o esquema estadual

Policiais do Serviço Reservado, diretamente comandados por Maluf, participaram das violências



Arnaldo Braga, comandante da PM, mandou seu Serviço Reservado reprimir manifestantes

Fotos de Wagner Avancini

POLÍCIA DE MALUF AGIU NA FREGUESIA

Participaram do esquema estadual de repressão os Serviços Reservados e o Gabinete Militar do governador. Quem denuncia é um agente do SR e um PM que trabalha no Palácio. Diz ele: "Fui lá e bati; se precisar, vou de novo; foi o Tasso que mandou". Torquato Tasso é o chefe do Gabinete Militar. O chefe da PM, Arnaldo Braga, também enviou seus homens à Freguesia do Ó.

Reportagem de Rivaldo Chinen e João de Barros

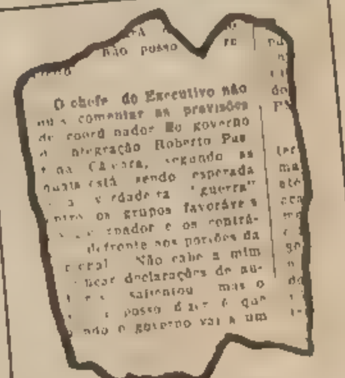
Na Assembléia dos deputados paulista há uma comissão que está investigando as violências praticadas na Freguesia do Ó. Pessoas do bairro, padres e até um deputado — Geraldo Siqueira — foram agredidos de forma coordenada por homens com chave-inglesa na mão, dia 21 de junho. Dia em que o governador Maluf foi ao bairro, dentro do chamado "governo de integração" — o bairro pede ao vivo, ao governador, tudo o que precisa.

A comissão já mostrou onde trabalham vários dos agressores que aparecem em fotografias. Quase todos trabalham em repartições municipais, o que compromete cada vez mais o prefeito Reynaldo de Barros. O jornal *Folha de São Paulo* publicou, no dia 26 de setembro, a versão de que o prefeito nada sabia sobre o que estava programado para a Freguesia do Ó.

Conta a *Folha* que, no dia 19, o prefeito assistiu à metade da reunião que na segunda parte tocou no assunto Freguesia. Francisco Nieto Martins, funcionário da prefeitura, mas homem de Maluf (segundo a *Folha*), teria dito então: a ordem é baixar o pau no sábado, dia 21. Diz o jornal que Nieto mandou os diretores das regionais escolherem 20 de seus funcionários mais fortes para a repressão aos protestos contra o governador, já programados.

Esses 300 e tantos funcionários deveriam comparecer, disse Nieto, à quadra da escola de samba Rosa de Ouro, às 5 e meia da manhã. E a senha entre eles seria "rosa de ouro".

O esquema municipal, portanto, está mais ou menos conhecido.



Não posso

O chefe do Executivo não ... comentar as previsões do coordenador do governo de integração Roberto Pastana Câmara, segundo as quais está sendo esperada ... "guerra" entre os grupos favoráveis ao governador e os contrários, defronte aos portões da Regional. Não cabe a mim ... declarações de ... mas o ... posso dizer é que ... o governo vai a um

A "bandeira" de Pastana no "Diário Popular"

Agente secreto do Estado acusa governo

— No caso da Freguesia do Ó atuaram agentes do Serviço Reservado da PM, subordinados ao comandante da Polícia Militar; os agentes lotados no Doi-Codi e os do Serviço Secreto do Maluf.

Foi o que disse ao REPORTER um agente do Serviço Reservado da PM. Um homem desse Serviço, o major Carlos Carvalho, já foi identificado em fotos atuando na Freguesia do Ó dia 21 de junho, e até confirmou sua participação, mas justificou: estava lá protegendo o governador.

Nosso informante confirma: há mesmo uma instrução orientando declarações como as do major Carvalho, o Taturana:

— Agora eles têm ordem para responder sempre, mesmo perante a Justiça, que estavam ali na Freguesia para dar proteção. E quem é que vai provar o contrário?

Os homens do Serviço Reservado da PM são chamados P-2. São em número de 100 na capital paulista. Funcionam nos 17 batalhões da PM, no Doi-Codi do II Exército e no Palácio dos Bandeirantes, a serviço do governador. Estes, segundo nosso informante, são trocados a cada mudança de governo:

— Não se pode servir a dois senhores — ele esclarece.

Fica clara, por esses informes, a participação do governo estadual no episódio da Freguesia do Ó. O comandante da PM, coronel Arnaldo Braga, fica também comprometido com o esquema. Ainda mais depois do que o secretário de Segurança, Otávio Gonzaga, disse ao repórter João de Barros em setembro:

— Eu não mandei ninguém da Polícia Militar para a Freguesia do Ó. Os homens da PM não podiam estar lá porque eu não os mandei para lá. Quem os mandou, eu desconheço.

Temos uma pista para o sr. Gonzaga: um PM que trabalha no Palácio dos Bandeirantes fez a seguinte confidência a dois jornalistas credenciados lá:

— Eu fui lá, bati, e se precisar faço tudo de novo. O Torquato mandou, e por isso estou tranquilo.

Torquato é Torquato Tasso, chefe da Casa Militar do Maluf.

Outro homem diretamente ligado ao governador, Roberto Pastana Câmara (coordenador da visita à Freguesia do Ó e a outros bairros), confessa ter "convocado partidários do governador para uma manifestação de carinho" dia 21 de junho. Entrevistado pelo repórter João de Barros, respondeu assim sobre os motivos da violência na Freguesia:

— O responsável pela segurança do governador é o chefe da Casa Militar, Torquato Tasso; e o responsável pelos funcionários municipais é o prefeito Reynaldo de Barros.

Três dias antes da visita à Freguesia do Ó, Roberto Pastana Câmara tinha dado uma **bandeira** incrível. Eis um trecho da matéria "Maluf não teme vaias", na página 3 do *Diário Popular* de 19 de junho: "O chefe do Executivo (Maluf) não quis comentar as previsões do coordenador do governo de integração, Roberto Pastana Câmara, segundo as quais está sendo esperada uma verdadeira "guerra" entre os grupos favoráveis ao governador e os contrários, defronte aos portões da Regional".

Serviço Reservado vigia polícia

A função dos P-2 é principalmente vigiar os PMs. "Afinal, devido aos baixos salários da corporação e à falta de preparo do policial, o PM acaba se envolvendo em corrupção, tráfico de entorpecentes, chantagem, uma série de sujeiras", conta nosso informante. Para combater essa "série de sujeiras" foi criado o Serviço Reservado, explica. Em cada batalhão — há 17 na capital — há um Serviço Reservado. E mais os do Doi-Codi, no II Exército e no Palácio dos Bandeirantes. O SR do Palácio é comandado por um oficial da PM, de major pra cima. Os P-2, além de vigiar, fazem relatórios sobre delegados de polícia e investigadores. São eles que descobrem as ligações desses policiais com pontos de bicho ou bocas de fumo. Alguns P-2 nem aparecem nos quartéis. Passam informações por carta, através de um portador, ao chefe do batalhão. E recebem os salários nos bancos, direto na conta.

Denúncias de ex-chefe do Cenimar

BOMBAS DA DIREITA TÊM APOIO INTERNACIONAL

Paramilitares franceses estiveram em Minas

Reportagem de Rivaldo Chinen. Fotos de Wagner Avancini

— O terrorismo parte seguramente da Direita e tem apoio internacional.

Quem diz isso é um homem muito bem informado. E de Direita. Chama-se Nelson Galvão Sarmento. Conversa com REPORTER nos corredores da Assembléia Legislativa de Belo Horizonte, onde ajuda a procurar responsáveis por atentados em Minas — campeã nacional de atentados.

Sarmento tem tudo para saber de muita coisa. Em 1964 já trabalhava em espionagem. Depois passou a chefiar o Cenimar — Centro de Informações da Marinha. Em Minas não tem mar, mas tem Cenimar. Além de prestar serviços ao Cenimar, ele foi "elemento de confiança da CIA", como diz. Trabalhou para a rede de espionagem nos escritórios de São Paulo, QG de toda a América Latina.

Com essa bagagem toda, Sarmento, quando fala, dá a impressão de saber muito mais. Confirma o fato a estratégia que ele armou caso sofra algum atentado:

— Tenho documentos importantes implicando muita gente graúda. Gravações. E está tudo muito bem guardado para ser revelado por minha família caso me aconteça alguma coisa.

Sarmento acha que o "apoio internacional" ao terrorismo pode ter duas fontes: Israel e França. Quanto ao primeiro país, a acusação é meio suspeita, pois o próprio Sarmento reconhece que foi nazista e agora sonha com "um nazismo mais aberto". Quanto à França, Sarmento garante que um comando de agentes secretos franceses, remanescentes da Guerra da Argélia, esteve na capital mineira:

— Eram do Exército Secreto da OAS e estavam chefiados por George Bideau. Fizeram alguns treinamentos de área em Belo Horizonte e se dirigiram em seguida para a Nicarágua. Só que foram expulsos pelos sandinistas. E retornaram a Belo Horizonte. O apoio que os terroristas estão tendo dessa gente é o que o Exército costuma chamar de apoio logístico, pois sem eles os caras não fariam o que estão fazendo.

Mas por que Sarmento se dispõe a contar tudo isso? Com a CIA, conta ele, desentendeu-se em 1967: prendeu um contrabandista americano de diamantes e minérios atômicos e "aí os americanos passaram a me hostilizar". Com os órgãos brasileiros de repressão ele também brigou, mas não esclareceu os motivos. Só diz que o sistema de repressão cria um Estado organizado dentro de outro e adverte:

— Se deixarem, os homens da repressão tomam conta do negócio.

Talvez sua desilusão com a Direita tenha origem numa constatação:

— A Esquerda no Brasil vai ganhar da Direita devido à burrice da Direita. As faltas, as leviandades, as besteiras, dão ponto à Esquerda. Aliás, esse negócio de Direita e Esquerda é tão confuso que eu estou na dúvida se sou direitista ou esquerdista. Porque no tempo do nazismo eu era favorável à sua implantação (do nazismo), mas hoje sou favorável a um nazismo diferente daquele, mais adaptado, mais aberto.

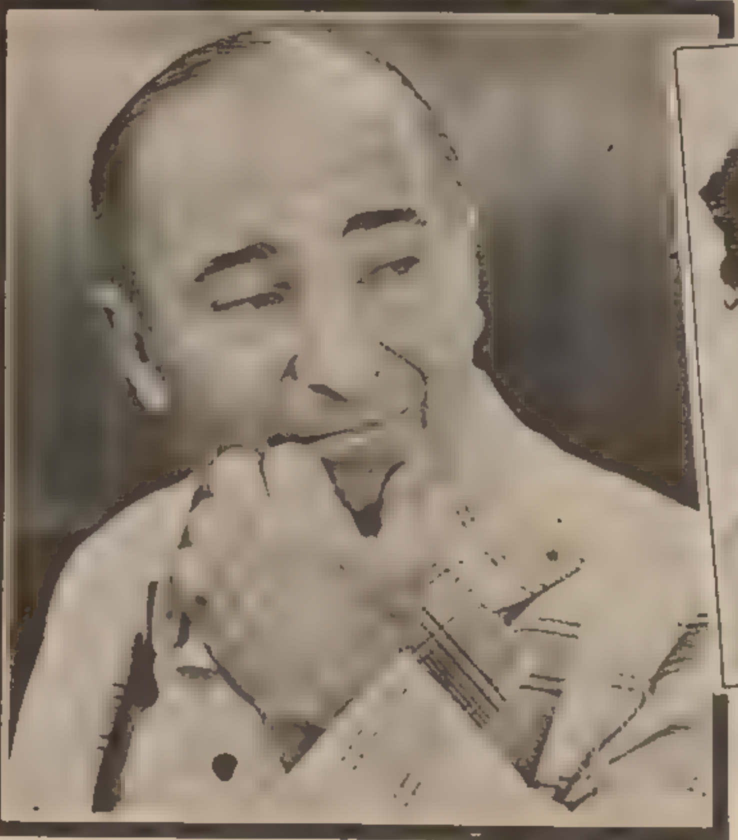
Sarmento sabe muito, fala muito, mas nomes mesmo, até agora, ele só apontou um: o de Luís Alberto Jasen:

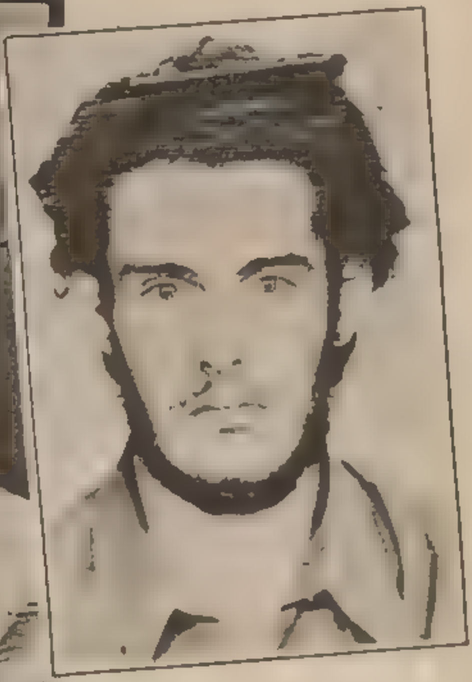
— Este rapaz é do CCC — garante Sarmento.

É impossível achar Jasen em Belo Horizonte, onde mora. Não está em lugar nenhum. E foi seu próprio pai quem o denunciou a Sarmento, preocupado porque o filho andava armado e falando em atentados.

Acusado de ser torturador na famosa lista de 233 nomes, Sarmento jura que seu trabalho não era esse. E revela que o Cenimar nunca se entendeu com o Exército:

— Nós, do Cenimar, éramos circunscritos à área estudantil. O Exército jamais concordou com isso. Nunca houve conciliação entre o Cenimar e o Exército. Se oficialmente os dois órgãos se davam bem, não sei. Na prática as relações eram muito duras. O pessoal do Exército quer saber de tudo, pensa que só eles têm o direito de conhecer todas as informações.





Sarmento, ex-chefe do Cenimar, em 64 "dedava" a Esquerda. Hoje, "deda" o rapaz da foto menor — Luís Jasen como sendo do CCC mineiro

Tourinho quer que generais o desmintam

O deputado Genival Tourinho é um dos homens mais ameaçados do país. O telefone de sua casa, em Belo Horizonte, não pára de transmitir ameaças. Ele não se importa mais

— Se eu ligasse, já estava louco

Camisa esporte, chinelo, o deputado e fazendeiro quer fazer crer que não, mas é claro que sua vida mudou depois de ter denunciado uma "Operação Cristal" que ameaçava a atual "abertura"

— E o plano mais diabólico do terrorismo no país — assegura o deputado.

Quais são as fontes que lhe informaram da "Operação"? Tourinho diz que a fonte é um homem só, um homem "penitenciado", como define. Alguém com quem trocou socos há 20 anos, depois não viu mais até recebê-lo em casa, este ano, acompanhado de dois amigos de confiança: do deputado

— Eu estava num palanque e o rapaz, ligado aos órgãos de informação, começou a me chatear. Aí perdi a paciência e parti pro pau. Foi em 1960

Se eu ligar pra ameaças, fico louco

Em 1980, o deputado não teve dúvidas em acreditar no ex-agente. Tanto que teve peito de dizer que dois dos chefes da "Operação Cristal" seriam o general Milton Tavares de Souza, comandante do II Exército (SP), e o general Antônio Bandeira, comandante do III Exército (RGS).

— Gostaria de ver um desmentido desses generais para que possamos nos sentir mais seguros

A casa do deputado é vigiada dia e noite por uma viatura do Dops. Para sua "segurança". Mas ele nunca tem certeza se de uma hora para outra os homens dessa viatura — um do Dops, outro da Polícia Federal — "em vez de me protegerem, vão me bater". O clima na capital mineira está assim

— Belo Horizonte virou uma espécie de Dallas brasileira, pela intolerância, pela incapacidade de aceitar idéias contrárias.

Em Brasília, porém, o deputado foi mais ameaçado do que em Minas. Os pneus do carro em que estava foram atingidos por tiros, quando se dirigia ao aeroporto. Os homens que dispararam fingiram ser assaltantes, mas se interessaram mais por documentos do que por dinheiro. Além disso, Tourinho está sendo processado com base na Lei de Segurança Nacional e pode ficar sem o mandato.

Metralhadoras foram usadas à vontade para acabar com a greve da construção civil, no ano passado. Acompanhadas de bombas de gás lacrimogêneo. Todos os policiais escalados para missões de rua são jovens, e não são excluídas as mulheres, como a que segura, tranquila, sua máscara contra gases.

REPRESSÃO À MINEIRA

Estas fotos, inéditas, mostram a polícia de Minas em ação na greve da construção civil, em agosto de 1979. Só agora alguns fotógrafos mineiros — que não querem ser identificados — tiveram coragem de passar seus trabalhos ao REPORTER.

BASTIDORES DOS ATENTADOS

Figueiredo foi duro com Milton

Como foi o famoso encontro Figueiredo-Milton Tavares, em São Paulo, logo após a explosão da bomba na OAB? Apesar de se terem encontrado a portas fechadas, na casa particular do comandante do II Exército, o tom da conversa foi tão alto que ultrapassou paredes. E uma versão é dada como certa, pelo menos nos meios jurídicos. A conversa teria sido mais ou menos assim (o presidente chegando bravo e dirigindo-se ao general):

— Segure seus radicais!

O general Milton não engoliu em seco e respondeu:

— Seguro coisa nenhuma! A Esquerda está solta, atuando, e o Doi-Codi continua fechado!

Por fim — segundo a versão — o presidente teria feito um "acordo" com o comandante: a Esquerda seria "encostada na parede" em troca da paralisação das atividades da Extrema-Direita.

Esta versão se confirma com a prisão, dias depois, de dois "trotskistas" em Barbacena, Minas. Ninguém entendeu por que o fato, tão restrito — eles foram acusados de jogar bombas na tranquila Barbacena — foi tão alardeado pela Secretaria de Comunicação, o Secom do Palácio do Planalto. Mais recentemente, editoriais de Mino Carta, na revista *IstoÉ*, e de Carlos Castello Branco, no *Jornal do Brasil*, insinuaram que a tática do governo seria realmente torpedear a Esquerda para a Extrema-Direita sossegar.

Quartéis não querem fechamento

Mesmo que a "Operação Cristal" exista mesmo, nos quartéis do Exército não há clima para levá-la adiante. É o que informa um oficial carioca. Para ele, a situação hoje é muito diferente de 1968 e, nos quartéis, ninguém deseja repetir aqueles episódios.

— Não há disposição das tropas para entrar em ação visando o fechamento do regime — diz o militar.

Em 68 — ele continua — elementos do próprio Exército participaram de ações com o fim de incriminar a Esquerda, o que foi uma maneira de mostrar "ao país, e à própria tropa, o perigo do comunismo". A jovem oficialidade, porém, embora hoje esteja mais apática em relação a atividades políticas, não aceita mais sequer pensar nesse tipo de ação.

Mas, e se o general mandar? A tropa não é obrigada a obedecer?

— Em princípio, sim — diz o militar — mas o general só manda quando sente que será obedecido pela tropa. E o clima atual não leva a crer nessa possibilidade.

O que se comenta muito nos quartéis, até hoje, é a condecoração que o governador Maluf recebeu do Exército no Dia do Soldado, 25 de agosto:

— Ninguém gostou disso. O repúdio foi total. Há um sentimento unânime de que um homem como Maluf jamais deveria ser homenageado pelo Exército.

O interessante é que até poucos meses atrás Maluf tinha um certo prestígio entre os militares de São Paulo. Comandantes disputavam o privilégio de convidá-lo para almoços. Hoje, tudo mudou. A atitude dos comandantes em relação a Maluf esfriou bastante.

— Esse tipo de mudança só pode ter sido uma orientação vinda de cima — diz o militar — pois no Exército a maior preocupação de um coronel é saber o que pensa um general. E, logo que sabe, passa a pensar como ele.

O militar acha que a mudança começou a ocorrer em maio passado, quando tanto Maluf quanto o chefe do II Exército, general Milton Tavares, conduziram a greve de modo mais violento que o recomendado por Brasília. Houve, inclusive, o episódio dos helicópteros sobrevoando a região da greve, o ABC. Brasília tinha ordenado ao general Milton que "não pusesse os pés no ABC". O assessor civil do general, Carlos Barbieri, teve então a idéia de sobrevoar a região, evitando "pisar" nela. É segura essa informação: partiu de dentro do próprio QG, da boca de um oficial de alta patente.

Quanto aos atuais atentados, o militar carioca tem certeza de que os responsáveis jamais serão punidos.

"Estudante" era agente do SNI

Os estudantes tinham razão: era mesmo agente dos órgãos de segurança o rapaz detido no Teatro da Universidade Católica de São Paulo no dia 11 de agosto, durante o Ato de Repúdio aos Atentados. O detido, que jogava pó químico na platéia, identificou-se como "Ricardo Amorim Novaes" e mostrou uma carteirinha de estudante do Mackenzie (universidade onde se localiza o principal núcleo do chamado CCC — Comando de Caça aos Comunistas). Levado ao Dops e solto logo em seguida, "Ricardo" sumiu. Agora sabe-se com segurança que ele trabalhava para o SNI — Serviço Nacional de Informações — escritório de São Paulo. Depois que sua foto saiu nos jornais, foi deslocado para continuar exercendo a mesma função em Porto Alegre.

Alex Solnik

Em Pernambuco, fazendeiros patrocinam Esquadrão da Morte

TOCAIADO LÍDER SINDICAL

Eram mais ou menos 6 horas da tarde do dia 18 de agosto passado. Zé Vaqueiro voltava pro seu sítio depois de mais um dia de trabalho no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Correntes, do qual era presidente. Caminhava sozinho pelo lugar chamado Barra do Nivaldo. Na virada de uma curva da estrada surgiu um carro rodando em sentido contrário. Zé não desconfiou de nada, até que o carro parou do seu lado e da janela surgiu o cano de uma espingarda calibre 12.

— Não me matem, [redacted] covardes!

Zé gritou e foi atingido no peito, caindo ensanguentado no chão. A dor era muita, mas Zé Vaqueiro ainda viu quando a porta do carro se abriu e um homem moço veio em sua direção com um revólver engatilhado: dois tiros à queima-roupa.

"Zé Vaqueiro era um homem honesto e por isso tinha muitos inimigos", explica o dr. Romildo Monteiro, delegado regional do Agreste Meridional de Pernambuco. "Ele foi vítima do Esquadrão da Morte", garante Marlos Duárte, vereador do PMDB de Garanhuns, cidade que fica a 50 quilômetros de Correntes.

O Esquadrão da Morte nessa região de Pernambuco, diz o delegado Romildo, são bandos de assassinos profissionais que cometem crimes em um município e se refugiam em outros, dentro de fazendas de gente que os protege.

O delegado Romildo sabe o que todo mundo sabe em Garanhuns, em Correntes, em todo Pernambuco: que os fazendeiros ainda usam jagunços pra resolver suas questões pessoais. No caso de briga entre eles ou contra gente como Zé Vaqueiro, o assassinato de emboscada é a solução mais utilizada. Um assassino de aluguel custa relativamente barato pra quem tem muito dinheiro. No caso de Zé Vaqueiro, a promessa pelo serviço era Cr$ 90 mil.

Como negócio, a transação é boa porque, em geral, os crimes vão pra lista dos insolúveis e a matança continua. Com a morte de Zé Vaqueiro, a coisa desandou um pouco, porque os dois assassinos contratados não eram profissionais do ramo e acabaram presos pouco depois, apontando o cara que fez o contrato.

Zé Mendes à esquerda, e Lula confessaram o crime

Verdadeiro mandante está solto

José Mendes de Lima arrendava uma roça na fazenda de Edu Carlos Silva. Um dia, Carlos Silva perguntou a Zé Mendes se ele teria coragem de matar um homem. Zé disse que tinha e Carlos mandou ele se preparar para fazer um serviço pelo qual ganharia Cr$ 90 mil. Mas Carlos não falou quem seria o **presunto** até o dia do crime. Pouco antes, Carlos disse que achava bom arranjar outro homem para participar, e Zé chamou Luís Gomes da Silva, o Lula, que ele tinha contratado há uns meses para ajudá-lo na sua plantação de feijão.

Zé Mendes tem 23 anos e Lula não sabe se tem 17 ou 18 anos, mas acha que é por aí. Nunca haviam matado nada. Mas a barra anda pesada pelos lados de Correntes: a seca acabou com o feijão, o milho e tudo o mais que se plantava na região. Quer dizer, juntou a fome com a perspectiva do dinheiro fácil e eles nem pensaram duas vezes.

No fim da tarde do dia 15 de agosto, Carlos Silva apanhou os dois em um bar de Correntes e, no caminho, disse que a vítima seria Zé Vaqueiro, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais do município. Zé Vaqueiro tinha um sítio de 7 hectares perto da fazenda de Carlos Silva, embora não se tenha notícia de qualquer desentendimento mais sério entre os dois.

Os desentendimentos de Zé Vaqueiro, "defensor intransigente dos direitos dos trabalhadores rurais", como o define o delegado Romildo, eram com outros fazendeiros, inclusive com

Para cuidar da segurança dos habitantes de 20 municípios, o delegado Romildo dispõe de dois auxiliares, um carro, algumas pastas de arquivo, uma mesa, uma máquina de escrever, um telefone e nenhum aparelho de tortura

Nivaldo Lucio, o Vadinho, um dos poderosos locais. As brigas eram quase sempre por conta de tentativas de expulsão de posseiros, que cultivam terras onde os proprietários querem colocar gado. Havia também disputas políticas com o prefeito de Correntes, e pelo menos uma ameaça pública de vingança pairava sobre Zé Vaqueiro: um rapaz chamado Dirceu fora afastado da direção do Funrural da cidade porque Zé Vaqueiro acusara-o de estar cobrando dos trabalhadores aposentados Cr$ 500,00 por cada carnê.

Em Correntes houve quem ficasse feliz com a morte de Zé Vaqueiro, embora a missa de corpo presente, celebrada por D. Helder, tenha sido assistida por mais de 5 mil pessoas, na maioria trabalhadores da região. A pressão foi grande e uma denúncia levou os assassinos à prisão. A espingarda e o revólver foram encontrados em poder dos dois, que acusaram Carlos Silva. Acontece que em Correntes e nas cidades vizinhas o próprio delegado Romildo sabe disso. Mas ninguém acredita que Carlos Silva seja o verdadeiro mandante do crime. Todo mundo sussurra que ele é apenas o intermediário.

Carlos Silva, no processo, vem negando a autoria intelectual do crime; mas no dia do primeiro interrogatório na Justiça de Correntes, que acabou não havendo por ausência do juiz Sócrates de França e do promotor Eudes Araújo, disse para quem quisesse ouvir que os fazendeiros Vadinho e outro conhecido como Nequinho tinham reunido o dinheiro para pagar a morte de Zé Vaqueiro. Dias depois, já na frente do promotor e do juiz, os três acusados negaram a autoria. Lula, na sua ingenuidade, disse que "o dotô mandô eu negá tudo", referindo-se às instruções de seu advogado, Osman de Holanda Cavalcanti, um dos mais caros de Garanhuns, contratado ninguém sabe por quem, já que Lula ganhava apenas Cr$ 120,00 por dia.

Entretanto, "dinheiro pra nós não é problema", disse o dr. Osman para seu colega Bartolomeu, advogado contratado pela Fetape — Federação dos Trabalhadores Agrícolas de Pernambuco — para acompanhar o caso do lado da acusação. "Na hora deu vontade de fazer um escândalo", conta o dr. Bartolomeu, "porque o Osman disse que minha presença estava sendo incômoda. Eu entendi isso como uma tentativa de suborno e também como uma ameaça velada. Mas não tenho provas. As únicas testemunhas fomos eu e ele".

Todo o esforço dos advogados de defesa é no sentido de libertar Carlos Silva, Zé Mendes e Lula, porque, com eles presos, a suspeita geral de que os verdadeiros mandantes estão soltos será mais facilmente confirmada. O delegado Romildo dizia contar com todo apoio da Secretaria de Segurança e do governador do Estado para elucidar completamente o crime, mas talvez ele não leve em conta que a política do interior ainda pesa muito nos votos do PDS pernambucano. O secretário de Justiça, por exemplo, tem na região de Correntes uma base eleitoral importante, embora Correntes nem tenha o que se chama de Justiça, ou seja, o promotor e o juiz são de outra cidade e aparecem, quando muito, uma vez por semana. O cargo de delegado está vago há meses.

Reportagem de Eduardo Homem
Fotos de Valdir Afonso

CURSO DE DETETIVE PARTICULAR

E AGENTE DE SEGURANÇA

Ingresse em uma das profissões mais rendosas do mundo. Faça o curso de detetive particular ou agente de segurança por correspondência. Você estuda, faz as provas, recebe o diploma, carteira funcional e o distintivo, sem sair de sua casa. O detetive particular é muito admirado, inclusive pelas mulheres, pelos intricados casos que investiga, aparelhado com incríveis e modernos aparelhos da eletrônica miniaturizada

Mantemos também um departamento de investigações, para atender a clientes de qualquer parte do Brasil.

ESCREVA AINDA HOJE

Solicitando informações à ASSUDEP Associação Universal dos Detetives Particulares, caixa postal, 7095 CEP 01000 — S. Paulo — SP, ou vá pessoalmente à Rua Oscar Freire, 232, c/8 — São Paulo (SP).

Em Pernambuco, fazendeiros patrocinam Esquadrão da Morte

TOCAIADO LÍDER SINDICAL

Eram mais ou menos 6 horas da tarde do dia 18 de agosto passado. Zé Vaqueiro voltava pro seu sítio depois de mais um dia de trabalho no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Correntes, do qual era presidente. Caminhava sozinho pelo lugar chamado Barra do Nivaldo. Na virada de uma curva da estrada surgiu um carro rodando em sentido contrário. Zé não desconfiou de nada, até que o carro parou do seu lado e da janela surgiu o cano de uma espingarda calibre 12.

— Não me matem, [redacted] covardes!

Zé gritou e foi atingido no peito, caindo ensanguentado no chão. A dor era muita, mas Zé Vaqueiro ainda viu quando a porta do carro se abriu e um homem moço veio em sua direção com um revólver engatilhado: dois tiros à queima-roupa.

"Zé Vaqueiro era um homem honesto e por isso tinha muitos inimigos", explica o dr. Romildo Monteiro, delegado regional do Agreste Meridional de Pernambuco. "Ele foi vítima do Esquadrão da Morte", garante Marlos Duarte, vereador do PMDB de Garanhuns, cidade que fica a 50 quilômetros de Correntes.

O Esquadrão da Morte nessa região de Pernambuco, diz o delegado Romildo, são bandos de assassinos profissionais que cometem crimes em um município e se refugiam em outros, dentro de fazendas de gente que os protege.

O delegado Romildo sabe o que todo mundo sabe em Garanhuns, em Correntes, em todo Pernambuco: que os fazendeiros ainda usam jagunços pra resolver suas questões pessoais. No caso de briga entre eles ou contra gente como Zé Vaqueiro, o assassinato de emboscada é a solução mais utilizada. Um assassino de aluguel custa relativamente barato pra quem tem muito dinheiro. No caso de Zé Vaqueiro, a promessa pelo serviço era Cr$ 90 mil.

Como negócio, a transação é boa porque, em geral, os crimes vão pra lista dos insolúveis e a matança continua. Com a morte de Zé Vaqueiro, a coisa desandou um pouco, porque os dois assassinos contratados não eram profissionais do ramo e acabaram presos pouco depois, apontando o cara que fez o contrato.

Zé Mendes, a esquerda, e Lula confessaram o crime

Verdadeiro mandante está solto

José Mendes de Lima arrendava uma roça na fazenda de Edu Carlos Silva. Um dia, Carlos Silva perguntou a Zé Mendes se ele teria coragem de matar um homem. Zé disse que tinha e Carlos mandou ele se preparar para fazer um serviço pelo qual ganharia Cr$ 90 mil. Mas Carlos não falou quem seria o **presunto** até o dia do crime. Pouco antes, Carlos disse que achava bom arranjar outro homem para participar, e Zé chamou Luís Gomes da Silva, o Lula, que ele tinha contratado há uns meses para ajudá-lo na sua plantação de feijão.

Zé Mendes tem 23 anos e Lula não sabe se tem 17 ou 18 anos, mas acha que é por aí. Nunca haviam matado nada. Mas a barra anda pesada pelos lados de Correntes: a seca acabou com o feijão, o milho e tudo o mais que se plantava na região. Quer dizer, juntou a fome com a perspectiva do dinheiro fácil e eles nem pensaram duas vezes.

No fim da tarde do dia 15 de agosto, Carlos Silva apanhou os dois em um bar de Correntes e, no caminho, disse que a vítima seria Zé Vaqueiro, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais do município. Zé Vaqueiro tinha um sítio de 7 hectares perto da fazenda de Carlos Silva, embora não se tenha notícia de qualquer desentendimento mais sério entre os dois.

Os desentendimentos de Zé Vaqueiro, "defensor intransigente dos direitos dos trabalhadores rurais", como o define o delegado Romildo, eram com outros fazendeiros, inclusive com

Para cuidar da segurança dos habitantes de 20 municípios, o delegado Romildo dispõe de dois auxiliares, um carro, algumas pastas de arquivo, uma mesa, uma máquina de escrever, um telefone e nenhum aparelho de tortura

Nivaldo Lucio, o Vadinho, um dos poderosos locais. As brigas eram quase sempre por conta de tentativas de expulsão de posseiros, que cultivam terras onde os proprietários querem colocar gado. Havia também disputas políticas com o prefeito de Correntes, e pelo menos uma ameaça pública de vingança pairava sobre Zé Vaqueiro: um rapaz chamado Dirceu fora afastado da direção do Funrural da cidade porque Zé Vaqueiro acusara-o de estar cobrando dos trabalhadores aposentados Cr$ 500,00 por cada carnê.

Em Correntes houve quem ficasse feliz com a morte de Zé Vaqueiro, embora a missa de corpo presente, celebrada por D. Helder, tenha sido assistida por mais de 5 mil pessoas, na maioria trabalhadores da região. A pressão foi grande e uma denúncia levou os assassinos à prisão. A espingarda e o revólver foram encontrados em poder dos dois, que acusaram Carlos Silva. Acontece que em Correntes e nas cidades vizinhas o próprio delegado Romildo sabe disso. Mas ninguém acredita que Carlos Silva seja o verdadeiro mandante do crime. Todo mundo sussurra que ele é apenas o intermediário.

Carlos Silva, no processo, vem negando a autoria intelectual do crime; mas no dia do primeiro interrogatório na Justiça de Correntes, que acabou não havendo por ausência do juiz Sócrates de França e do promotor Eudes Araújo, disse para quem quisesse ouvir que os fazendeiros Vadinho e outro conhecido como Nequinho tinham reunido o dinheiro para pagar a morte de Zé Vaqueiro. Dias depois, já na frente do promotor e do juiz, os três acusados negaram a autoria. Lula, na sua ingenuidade, disse que "o dotô mandô eu negá tudo", referindo-se às instruções de seu advogado, Osman de Holanda Cavalcanti, um dos mais caros de Garanhuns, contratado ninguém sabe por quem, já que Lula ganhava apenas Cr$ 120,00 por dia.

Entretanto, "dinheiro pra nós não é problema", disse o dr. Osman para seu colega Bartolomeu, advogado contratado pela Fetape — Federação dos Trabalhadores Agrícolas de Pernambuco — para acompanhar o caso do lado da acusação. "Na hora deu vontade de fazer um escândalo", conta o dr. Bartolomeu, "porque o Osman disse que minha presença estava sendo incômoda. Eu entendi isso como uma tentativa de suborno e também como uma ameaça velada. Mas não tenho provas. As únicas testemunhas fomos eu e ele"

Todo o esforço dos advogados de defesa é no sentido de libertar Carlos Silva, Zé Mendes e Lula, porque, com eles presos, a suspeita geral de que os verdadeiros mandantes estão soltos será mais facilmente confirmada. O delegado Romildo dizia contar com todo apoio da Secretaria de Segurança e do governador do Estado para elucidar completamente o crime, mas talvez ele não leve em conta que a política do interior ainda pesa muito nos votos do PDS pernambucano. O secretário de Justiça, por exemplo, tem na região de Correntes uma base eleitoral importante, embora Correntes nem tenha o que se chama de Justiça, ou seja, o promotor e o juiz são de outra cidade e aparecem, quando muito, uma vez por semana. O cargo de delegado está vago há [redacted].

Reportagem de Eduardo Homem
Fotos de Valdir Afonso

CURSO DE DETETIVE PARTICULAR

E AGENTE DE SEGURANÇA

Ingresse em uma das profissões mais rendosas do mundo. Faça o curso de detetive particular ou agente de segurança por correspondência. Você estuda, faz as provas, recebe o diploma, carteira funcional e o distintivo, sem sair de sua casa. O detetive particular é muito admirado, inclusive pelas mulheres, pelos intricados casos que investiga, aparelhado com incríveis e modernos aparelhos da eletrônica miniaturizada

Mantemos também um departamento de investigações, para atender a clientes de qualquer parte do Brasil.

ESCREVA AINDA HOJE

Solicitando informações à ASSUDEP Associação Universal dos Detetives Particulares, caixa postal, 7095 CEP 01000 — S. Paulo — SP, ou vá pessoalmente à Rua Oscar Freire, 232, c/8 São Paulo (SP).

Deputados examinam trabalhador espancado

CLIMA DE 64 NOS CANAVIAIS

Trabalhadores queriam melhores salários e condições dignas de trabalho. Patrões responderam com ameaças de morte, espancamentos, cerco policial. Governador nada fez para coibir a violência e até a equipe do REPORTER foi agredida.

Usineiros trataram greve à bala

— **Preparem-se que vai haver chumbo grosso!** — gritava um usineiro enfurecido pra quem quisesse ouvir, depois do segundo dia de negociações daquela que foi considerada a mais violenta campanha salarial já havida na região canavieira de Pernambuco desde 1964. Na mesma mesa sentavam-se, de um lado, representantes de 33 usineiros e 6 mil fornecedores de cana, tradicionalmente prepotentes e arbitrários. Do outro, 250 mil trabalhadores rurais de 41 municípios da Zona da Mata, desnutridos e explorados, mas agora animados por um sentimento de união e uma vontade de vencer como nunca se havia visto antes.

— **Esse ano vai ser diferente. Temos certeza da nossa importância para a economia do Estado e vamos brigar sem abrir mão de nenhum de nossos direitos** — dizia o presidente do Sindicato de Rio Formoso, José Paulo da Silva, antes das assembléias que votaram pela greve.

Por isso, nada do que aconteceu foi novidade. Nem a determinação dos trabalhadores, nem a incrível violência dos patrões. Para o primeiro encontro de negociações eles já vieram armados, com os revólveres mal disfarçados na cintura e a firme disposição de não ceder um milímetro. Negaram o salário de Cr$ 6.899,91, a tabela de produtividade (que é a mesma há 15 anos), negaram até o pagamento da hora-extra e o adicional de insalubridade, previstos pela CLT.

— **Tão pensando que ainda estamos no tempo do comunista Arraes?** — dizia um fornecedor de cana momentos antes de serem iniciadas as negociações.

— **Se vocês quiserem entrar em greve, que entrem. Problema de vocês. Por mim, pode todo mundo morrer de fome** — completava outro as provocações dirigidas contra os trabalhadores.

O grande trunfo dos patrões era um estudo sobre produtividade realizado por agrônomos da Associação dos Fornecedores de Cana, onde diziam provar que o trabalhador pernambucano trabalha menos e ganha mais que seus colegas do Rio, de São Paulo e de Alagoas. "**Nesses três estados, o trabalhador corta uma média de 4,5 toneladas de cana por dia, para receber uma diária de Cr$ 80,00. Os**

Capanga armado obriga bóia-fria a trabalhar

pernambucanos não chegam a 1,2 toneladas, pelas quais estão recebendo Cr$ 110,00. E ainda querem passar para Cr$ 230,00 por dia. Só pode ser piada", ironizava o presidente do Sindicato dos Cultivadores, Sílvio Carneiro Leão.

— **O pernambucano é o trabalhador mais preguiçoso do Brasil e o que pretende ganhar mais. A coisa chegou a tal ponto que nós não temos lucros há 5 anos** — informava o presidente da associação, Antônio Celso Cavalcanti.

O que os patrões não esperavam é que os trabalhadores estivessem tão bem assessorados por sua Confederação, a Contag, que fez um atualizado levantamento sobre o volume de subsídios líquidos concedidos pelo governo federal este ano aos produtores de cana-de-açúcar: segundo o documento, os subsídios "atingiram a Cr$ 2,1 bilhões, já descontados os impostos pagos".

— **Se o senhores não têm lucros, é um problema de incapacidade administrativa** — respondeu o presidente da Federação dos Trabalhadores, José Rodrigues da Silva, para espanto dos usineiros.

O argumento da produtividade dos trabalhadores da Zona da Mata de Pernambuco foi derrubado com estudos de organismos acima de quaisquer suspeitas, como o Instituto do Açúcar e do Álcool (IAA), Fundação Getúlio Vargas e Planalçúcar, que mostravam que Rio, São Paulo e Alagoas produzem mais porque se utilizam de máquinas e equipamentos agrícolas, que fazem em menos tempo o trabalho de um maior número de pessoas.

A partir desse momento, os empregadores se negaram a continuar negociando e pediram a instauração de dissídio coletivo.

Ao mesmo tempo, era inaugurada uma central de boatos que providenciava uma ampla divulgação, nos jornais, rádios e televisões, da presença de "elementos estranhos à classe que estão agitando nos engenhos, pedindo greve contra a vontade dos trabalhadores". Até Miguel Arraes — um nome muito citado no episódio — foi acusado pelo presidente do sindicato dos usineiros, Gílson Machado, de estar agitando no campo. Ainda assim, pacificamente, os trabalhadores pararam de trabalhar em 41 municípios.

No primeiro dia do movimento grevista começaram as violências. A diretoria da Federação da Agricultura e alguns assessores da Contag jantavam num grande restaurante no centro do Recife, quando foram abordados por um grupo de usineiros, um dos quais puxou um revólver aos gritos de "**filhos da puta! comunistas!**", sendo contido pelos companheiros.

Nos engenhos, a violência contra os trabalhadores era mais concreta. Nos municípios de Ribeirão, Timbaúba, Cabo, Ferreiros, Carpina, Escada, Amaragi, Paudalho e Moreno, os trabalhadores foram ameaçados de morte por administradores armados se não voltassem ao trabalho. Em Aliança e Vitória de Santo Antão, o próprio delegado de polícia foi à sede do sindicato ameaçar a diretoria, caso persistissem na greve.

Em Rio Formoso, o senhor de engenho Luís Lacerda de Melo furou os quatro pneus do carro do sindicato e ainda perguntou: **"Tá bom ou quer mais?"** No Engenho Vila Real, no Cabo, o proprietário, Flávio Carneiro Leão, expulsou a equipe do REPORTER aos gritos:

— **Se pego vocês por aqui de novo mando amarrar e vou arrastando até o IV Exército! E, se reagir, a ordem é atirar pra matar!**

Em São Lourenço da Mata, no engenho São José, do grupo Votorantin, onde um dos diretores é Eduardo Maciel, irmão mais novo do governador Marco Maciel, 30 policiais armados de metralhadoras, em quatro viaturas e na presença dos funcionários do engenho, prenderam os cinco delegados sindicais e espancaram quatro trabalhadores. Um deles, o mais ferido, Cláudio Manoel da Silva, contou aos deputados da Comissão de Agricultura da Câmara Federal, que vieram de Brasília para examinar a situação:

— **Levei 40 cacetadas nas costas. Na última, o cassetete quebrou e o soldado disse: esse aqui aguenta mais pancada que jumento.**

Não satisfeitos, os policiais ainda levaram relógios e radinhos de pilha dos trabalhadores presentes.

Mas o mais grave aconteceu em Nazaré da Mata, quando o delegado sindical do engenho Diamante, Manoel Braga da Cunha, foi baleado pelo administrador, Manoel Evaristo Ferreira. Ele tinha ido conversar com os bóias-frias e saiu de lá sangrando muito. Foi removido para um hospital.

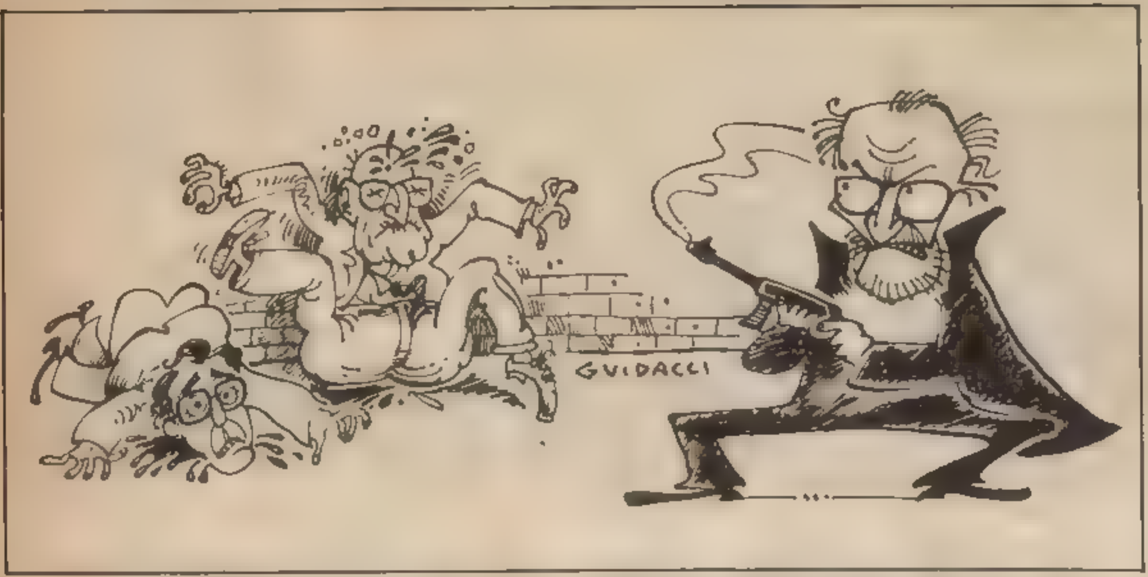
O deputado Carlos Bezerra, do PMDB de Mato Grosso, presidente da Comissão de Agricultura, depois de chamar essa greve de "o ABC do campo", dizia aos jornalistas:

— **Não posso afirmar com certeza, mas correm boatos de que a cúpula da extrema-direita brasileira está reunida neste momento no Recife.**

Como para confirmar suas palavras, uma das pessoas que compareceram às negociações, tentando ficar anônima, evidentemente, foi o coronel Darci Vilocq, torturador de Gregório Bezerra, ex-administrador da Usina Caxangá, de onde foi afastado por determinação federal. E, por grande coincidência, o general Antônio Bandeira, do III Exército, chegou de férias no Recife, ficando hospedado na Casa Grande da Usina Estreliana, a mesma onde em 1962 seu proprietário, José Lopes de Siqueira, assassinou, com rajadas de metralhadora, cinco trabalhadores que pediam aumento de salário.

Reportagem de Beth Salgueiro
Fotos de Valdir Afonso

Violência na Baixada começou quando fui cassado



TENHO 70 ANOS SEM NUNCA TER FEITO 69

"Ginecologista gostava de xavasca nova."

Essa manchete agressiva saiu no jornal **Luta Democrática**, do Rio, de 24 de setembro, e nada aconteceu. Por quê? A **Luta** é bem vista pelo Palácio do Planalto e é um dos jornais apoiados pelo governo federal no Rio de Janeiro (o outro é a **Ultima Hora**) na luta para enfraquecer **O Dia**, jornal de propriedade do governador do Estado, Chagas Freitas.

Esse é um dos capítulos da luta entre o PP (o partido de Chagas) e o PDS, que é muito fraco no Rio de Janeiro e está procurando por todos os meios aumentar seu prestígio para não sofrer uma derrota humilhante nas eleições de 1982. Para isso, o PDS está tentando atrair qualquer líder político que não pertença à máquina de Chagas ou não esteja engajado em um dos partidos de oposição. E um desses líderes é Tenório Cavalcanti, que ainda tem algum prestígio eleitoral na Baixada Fluminense, especialmente em Caxias.

Tenório, que voltou a ser colunista da **Luta Democrática**, foi recebido recentemente pelo general Figueiredo e pelo todo poderoso chefe da Casa Civil, general Golbery do Couto e Silva. Depois do encontro com Figueiredo, Tenório foi cercado pelos jornalistas. Mas, apesar de bombardeado pelos mais diversos tipos de pergunta, pouco revelou, deixando todo mundo frustrado e curioso.

De terno preto e colete (mas sem a capa preta que o notabilizou em certa época), e esmalte branco nas unhas, Tenório se limitou a afirmar:

— Eu disse ao presidente que me ajude a ajudá-lo.

O senhor saiu candidato?

— Não, não quero ser deputado nem nada. Mas tenho condição de eleger alguns. Uns sete, pelo menos..

Mas o presidente Figueiredo não o convidou para ser candidato?

— Sopa de mel não é pra boca de burro — respondeu Tenório.

O senhor disse isso ao presidente?

A pergunta ficou sem resposta.

O senhor pode dizer pelo menos qual é sua idade?

Tenório olha pros microfones

— Tira do ar que eu digo.

Os reporteres desligam os gravadores. Tenório ajeita a gravata.

— Tenho 70, sem nunca ter feito 69

Dá uma gargalhada, alguns tapinhas nos ombros dos repórteres e se despede: "Me desculpem por tudo". O assessor de imprensa da Presidência, Alexandre Garcia, fica pasmo e não faz comentário algum. Os jornalistas se afastam. Todo mundo ri

Antonio Belucco Marra

TENÓRIO VOLTA PARA COMBATER CRIME E CHAGAS

Só um homem podia governar Caxias: eu

Num papo de mais de duas horas com REPORTER, Tenório Cavalcanti falou sobre política, economia e Baixada Fluminense. Dizendo que está com Figueiredo, ele acha que um dos grandes problemas do Brasil é que o país "ainda não se libertou de uma prenha de antropófagos que se empanturram com a putrefação cadavérica de uma nação que está ficando enferma". Frases de efeito são comuns em Tenório, que se diz contra o capitalismo, contra o comunismo e a favor da humanização do capital.

Qual é o grande problema do Brasil, na sua opinião? O que é preciso atacar primeiro?

— Nós temos no Brasil um exército que faz revolução e não faz paredão, mas dá pescoção. Você tem liberdade pra dizer: pau sim, mas sem pão, não. É preciso que haja pão. Então, esta luta é que está em pauta.

Mas para resolver os problemas do Brasil não é preciso participação popular, debate?

— É preciso que haja debate e que se vá polindo o fundo da verdade política do país, para que ela brilhe. Mas a verdade tanto brilha como quebra, e quebra mais depressa do que brilha.

O senhor diz que é um revolucionario...

— Eu sempre fui.

O senhor foi revolucionário em 64?

— Não. Eu fui punido em 64. Fui acidentado no trabalho, porque quando a revolução chegou eu já estava fazendo a minha contra o governo que a revolução derrubou. Usou as armas para derrubar o homem, que já estava enfraquecido nas suas bases pela campanha que nós vínhamos fazendo.

Por que é que tem muita gente que não gosta do senhor?... Diz que o senhor "não passa de um pistoleiro...

— "O sapo não suporta o brilho do vagalume", como diz uma fábula de La Fontaine. O sapo engole brasa porque tem horror à luz. Então o homem que, pela porção de cultura, de valor efetivado neste país, conseguir fazer alguma coisa de útil pelo Brasil e por sua gente, sem ser comunista ou capitalista, mas escolher uma área de lutar para a humanização do capital, esse homem é facilmente considerado um louco, ou ladrão ou pistoleiro. Como não puderam me chamar das três coisas, me chamaram de pistoleiro. Se eu fosse deputado por São Paulo ou pelo Rio Grande do Sul ou por um Estado grande, eu seria tratado como intelectual, como jornalista, como líder. Como as massas me tratam quando eu ando nas ruas ainda hoje.

O senhor é um líder na Baixada Fluminense, um homem que conhece bem a área. A que o senhor atribui a miséria na [illegible]

Foto Chiquito Chaves

Posso eleger seis ou sete deputados

— Tome nota: o que falta na Baixada é o aproveitamento do homem como fator econômico. Eu fico com vergonha do muro das lamentações, da falta de cereais quando vejo caminhões enormes transportando feijão do Paraná, do Rio Grande do Sul, de São Paulo, para o consumo de 12 milhões de bocas do Estado do Rio de Janeiro, quando este Estado tem quatrocentos quilômetros de extensão de Baixada sem um pé de jerimum plantado.

Por quê?

— Porque há o privilégio de fazer situar as multinacionais nos mercados que não querem a produção barata para o consumo do povo. Não há polícia para elas. Há polícia para os marginais que bebem água de fossa misturada com água de chuva porque não têm água encanada em suas casas, nos morros, nos lares. Porque nem falar sabem, nem explicar sabem. Não há uma prisão aberta agrícola-pastoril para criminosos primários, que estão enchendo a paciência dos juízes. Precisamos de colônias penais de produção agrícola e pastoril em ilhas de campos fechados, sob o mais severo regime, para criminosos reincidentes.

E a violência na Baixada? A que o senhor atribui?

— Há violência porque me afastaram da autoridade que eu possuía dentro da Oposição para combater a injustiça.

Dizem que o senhor matou muita gente. O que é que o senhor diz sobre isso?

— No meu tempo, para ser

QUEM ME DEU A METRALHADORA FOI UM GENERAL

deputado, eu precisava de um colete de aço e de uma metralhadora, que sempre me era oferecida por um general do Exército. Eles vinham da guerra, me davam de presente e sabiam que davam na mão de um homem que tinha condições de pôr em risco a sua vida para defender os outros. Então, para ser deputado, era preciso colete de aço para defender as viúvas e seus filhos e a metralhadora para enfrentar os ladrões gerais. Caxias era uma cidade que não tinha Justiça, não tinha tribunais. O delegado de polícia tratava os presos com total desprezo. Jogava eles dentro do poço, no quintal da delegacia, porque não tinha onde enterrar, nem cemitério para enterrar. Caxias era uma cidade em que 70% dos que nasciam morriam no primeiro ano de idade. E essa cidade só um homem podia dirigi-la como dirigiu: Tenório, um homem que soube dirigir a sua cidade com a cabeça erguida.

Como é que o senhor vê o futuro do país nesse momento de crise?

— Eu acho que a segurança dos militares no poder, nesta hora, é a possibilidade de paz para todos nós.

O senhor acha que eles estão seguros?

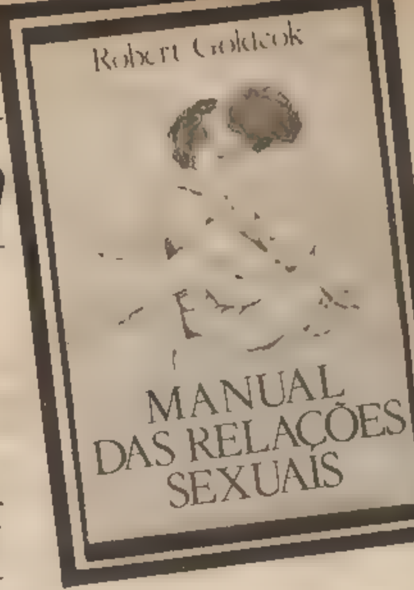
— Eu acho que estão, e aí do Brasil, com a extensão que tem, se eles não estivessem seguros.

Tim Lopes

Autor de manuais defende pornografia

- *Pornografia é salutar: alivia tensões*
- *Revistas eróticas curam frigidez*
- *Crianças deviam ler meus livros*

Depoimento exclusivo do escritor Robert Goldcok



Fotos Eliana Pastore

Robert: quatro livros, quatro sucessos de venda

Eu acho que a pornografia é salutar.

Moral e bons costumes é uma coisa muito velha, provinciana. E depende muito: pra mim, bom costume é trepar. Bom costume é a liberdade de sentir prazer.

Meu primeiro livro, **Corrida do Sexo**, já vendeu 20 mil exemplares, em três edições. É de 1974. Foi apreendido e proibido em 1978. Na minha opinião, é um livro que devia ser ensinado nas escolas. Devia ser um livro didático, matéria escolar.

Pra se ver como a pornografia só faz bem: há coisa de seis meses, uma pesquisa em prisões norte-americanas mostrou que 80% dos criminosos sexuais foram reprimidos sexualmente na infância — não leram, por exemplo, as famosas revistinhas que passavam de mão em mão. Não tiveram acesso à pornografia, a cinema erótico, a uma maior liberdade sexual. Essas pessoas não tiveram material pra elaborar seu mundo de sonhos sexuais, suas fantasias sexuais.

Na opinião de sexólogos, a literatura erótica, a arte erótica, têm como função básica alimentar a produção de fantasias sexuais. Que, por sua vez, vai servir de base à atividade masturbatória. Que é um alívio pras tensões sexuais.

Então, o que a pesquisa nos Estados Unidos quis dizer é que quanto mais pornografia o cara puder aproveitar em revistas ou filmes pra elaborar suas fantasias e com elas ter o alívio, que é a masturbação, menos oportunidade pra crimes de violência sexual vai haver.

À medida em que a pessoa começa a sentir que sua fantasia sexual é um negócio altamente positivo, é saudável, não é pecaminoso, ele não tá com idéia do **demo** na cabeça, ele vai aprender a elaborar mais, a transar mais, e ele vai passar a ter uma vida sexual mais rica. Porque sempre que possível ele vai concretizar sua fantasia sexual.

Nessa pesquisa nos Estados Unidos, eles viram que o impulso sexual está diretamente ligado à quantidade de produção de fantasias. Ou seja: quanto mais tesudo o cara, mais fantasia sexual ele produz; quanto mais frio, mais indiferente, menos fantasia sexual ele vai produzir. A partir daí, elaborou-se uma série de terapias para cura de impotência e frigidez. Cura-se com a estimulação de fantasias. Tranca-se o cara numa sala — esta é uma das experiências que fizeram — e submete-se aquela pessoa, geralmente extremamente moralista, avessa a esse tipo de coisa, a um material erótico: filmes, revistas, fitas gravadas com sons de orgias, fotos de gente trepando. E os resultados foram de 98% de êxito. Mulheres que nunca antes na vida tiveram orgasmo — nem com masturbação — chegaram ao orgasmo.

São saídas que a ciência está começando a transar a partir do que existe em termos do que se chama pornografia. E nós, no Brasil, ainda estamos na fase do "eu acho", "isso é imoral", sem nenhum fundamento científico.

Eu despertei para a sexologia na adolescência, quando percebi que no meu ambiente familiar havia uma relação extremamente explosiva, que era a do sexo. Que o sexo era muito importante, mas camuflado. Comecei a pesquisar, a perguntar às pessoas sobre suas relações, a ler sobre o tema. E a praticar. Meu aprendizado foi de autodidata.

Sempre quis saber das pessoas o porquê de tanta infelicidade, de tanto conflito, tanta insatisfação. Quase sempre a resposta estava ali, naquela palavrinha de quatro letras: sexo. Quando o sexo ia bem, tudo bem, tudo normal. Quando o sexo não ia bem, tudo mal: era a neurose, a frustração, a violência. Então, basicamente, eu aprendi na rua. Minha universidade foi a pessoa humana, cada uma, uma a uma.

O **Manual das Relações Sexuais** já vai pra quarta edição. Também já teve problemas com a polícia de São Paulo. Meu outro livro é **Desencontros na Cama**, que está no prelo. Tem também o **Arte da Paquera** e um que tá entrando em máquina agora, que é sobre sexo oral. O primeiro livro brasileiro sobre sexo oral. Ao todo, já escrevi cinco livros.

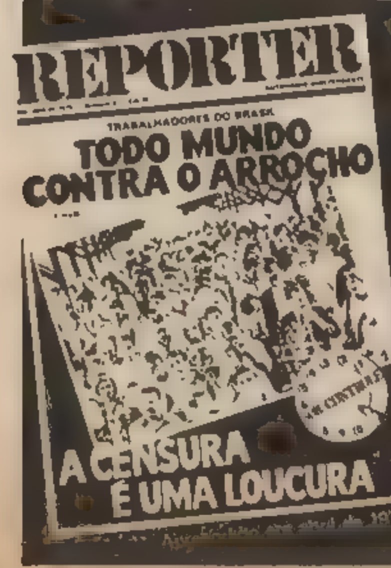
Noventa por cento das cartas que recebo são de mulheres. Mas eu acho que o maior comprador dos meus livros é o homem. Essas cartas são cartas de gente desesperada. Pessoas que não têm a menor condição de procurar um médico, um psicanalista, um sexólogo — que tem meia dúzia no Brasil. Cartas do tipo: "olha, o senhor é o meu último recurso", "não sei mais o que fazer da minha vida". E geralmente são problemas simples.

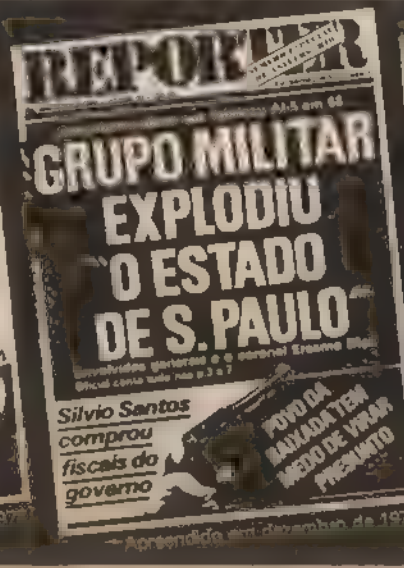
Robert é casado. Mas "em separado"

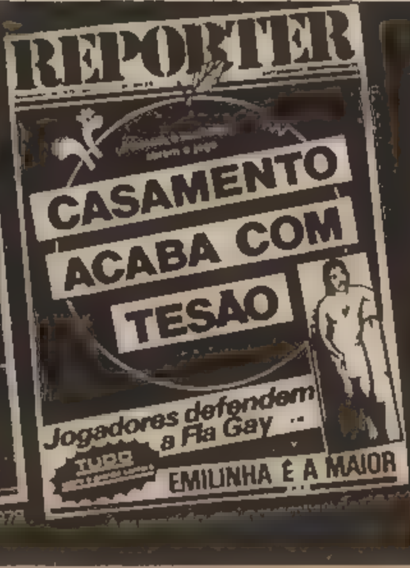
O autor vive com a mulher só nos fins-de semana

Na geração mais velha — como eu via em minha família — a insatisfação sexual era a característica. Os homens manifestavam a insatisfação tendo aventuras amorosas, e as mulheres, engordando, embuchando, ficando ranzinzas. Na nova geração, a insatisfação continua entre os casais, se bem que de forma mais aberta. Os maridos procuram mulheres; e as mulheres, homens. Mas a insatisfação sexual vem do fato de que o casal, quando casa, entra numa máquina, numa engrenagem que se chama Sistema: há necessidade de ter casa, eletrodomésticos, roupa de cama. Começa a busca desesperada pra consumir e pra manter a posição social. É uma nova família, que tem necessidade de dar satisfações ao Sistema. Nessa busca, o cara começa a trabalhar desesperadamente e sempre mais, porque sempre tem que comprar mais. E o tempo pro sexo vai ficando pouco, vai diminuindo. A energia pro sexo vai sendo menor. Minha alternativa para o casamento foi o "casamento em separado". Que é o marido e a mulher, quer dizer, os amantes, morarem cada um em sua casa. Cada um ser dono do próprio espaço. A classe média brasileira não aguenta isso. Eu sinto, minha mulher também. Me perguntam: cadê sua mulher? Eu digo: mora em outro lugar. Como? Então não é sua mulher? É. Não há mentalidade pra entender isso. O solteiro tem menos necessidades. Quando vou fazer compras, vejo que tudo está regulado para a família. O que não quer dizer que no "casamento em separado" não possa haver filhos. Pode. E eles continuam morando nas duas casas, como seus pais.

O JORNAL QUE NÃO TEM MEDO DE ASSINAR EMBAIXO







Assinatura por 12 edições: Cr$ 400,00
Envie cheque nominal ou Vale Postal para:

MARGEM EDITORIA E PROGRAMAÇÃO GRÁFICA LTDA.
RUA MIGUEL COUTO, 134/11º — 20070 — Rio de Janeiro

Nome: ....
Profissão: ....
Endereço: ....
CEP: .... Cidade .... Estado ....

assine REPORTER

REPORTER descobre o sexo na História do Brasil

Caso do Imperador com a Marquesa de Santos derrubou até ministros

TESÃO DE D.PEDRO ABALOU O IMPÉRIO

Conheceram-se no dia 7 de setembro. Ela enlouquecia a rapaziada. Tinha boca vermelha, "muito úmida". Era odiada pela Corte. Primeira-dama morreu de desgosto.

Pesquisa e texto de Daniel Aarão Reis   Ilustrações de Guidacci

Foi de amor o grito do Ipiranga

Domitila de Castro Canto e Melo, Titília para os intimos, Viscondessa, depois Marquesa de Santos, aos 16 anos casou-se pela primeira vez, e foi assim descrita pela crônica da época: "Criaturinha perturbante, linda boneca, leve como pluma, botão de rosa pelo amanhecer, talhe fino, cinturinha breve, ar petulante, belos olhos negros, profundamente negros, negríssimos, de um fulgor líquido. Boca vermelha, muito úmida, covinhas gaiatas do lado, tentadoras, morena de pele", enlouquecia a rapaziada do tempo.

Felício de Mendonça foi o primeiro amor de Domitila. Mas não a mereceu. Ciumento, voraz, machão, mineiro, o brutamontes, inspirando-se em Doca Street e não aguentando a dor de corno, deu duas facadas na coxa de Domitila, deixando-a esvair-se em sangue.

A menina se salvou e os dois se separaram.

Mais tarde, já com 25 anos, Domitila conheceria D. Pedro e seria a mulher de sua vida até 1828.

Domitila encontrou D. Pedro pela primeira vez num momento épico: o dia da Independência nacional. A chácara de repouso de sua família ficava próxima do riacho do Ipiranga, onde foi dado o famoso grito. Domitila viu tudo e o futuro Imperador viu Domitila... Paixão instantânea.

O príncipe, então com 24 anos, foi aclamado em São Paulo, e na noite da festa, no teatro repleto, uma convidada especial ocupou o camarote ao lado de D. Pedro: era Domitila, resplandecente.

Na mesma noite, altas horas, "D. Pedro, com um largo sombrero e uma imensa capa espanhola, negra como a noite", subia furtivamente escadas noturnas e entrava no quarto de Domitila. Começava o amor que duraria até 1828, explodindo a moralista e hipócrita Corte de São Cristóvão, no Rio de Janeiro.

Voltando ao Rio, D. Pedro não aguentou as saudades: chamou Domitila. Ela se estabeleceu na chácara de Mata-porcos, um lugar aprazível e cativante, onde o clima era sempre alegre, animado por Chalaça — que depois foi secretário de D. Pedro — e principalmente por Miquelina, um incrível cantador de modinhas. Diz-se que no Mata-porcos havia sempre festa, tudo ali "era uma ceiata, uma vinhaça, uma risada, uma turumbamba!"

A nobreza do Rio não perdoava. A inveja e o despeito comiam soltos os fígados daquela gente. Falavam mal da moça que viera de São Paulo, chamavam-na "a paulista" (não se sabe se foi daí que começou a curtição dos cariocas com os paulistas), rilhavam os dentes e imaginavam vinganças.

Certo dia houve função no Teatro da Constituição. Domitila, cansada da monotonia do Mata-porcos, resolveu assistir ao balé. Na porta do teatro, diante de toda a gente, escarnecida por todos, foi barrada sob a alegação de que não tinha "sangue azul" e de que não era "mulher direita".

D. Pedro reagiu à altura. Fechou o teatro, demitiu funcionários e, em revide, convidou Domitila para assistir a uma missa especial na capela de São Cristóvão. Naquela época, assistir missa na imperial capela era uma mordomia a que poucos tinham acesso: ia tocar o padre José Maurício e perorar o padre Francisco Mont'Alverne, um dos melhores oradores do Brasil. A lista dos convidados era mais fechada do que a do pessoal que vai ao cineminha particular do Abi-Ackel. D. Leopoldina, que não sabia de nada, estaria presente. Quando Domitila apareceu na capela, a Baronesa de Goitacazes não aguentou e retirou-se ostensivamente com suas amas e amigas. Novo vexame. A Corte reagia a sua maneira, mesquinhamente, à intrusa.

Bonifácio toma o partido da Corte, defende a honra de D. Leopoldina (embora todos soubessem que a relação de D. Pedro com ela era péssima) contra "a paulista" e pede, sem mediações, a expulsão de Domitila do Rio.

D. Pedro reage: "É mais fácil os ministros deixarem suas pastas que a sra. Canto e Melo deixar a Corte". José Bonifácio fincou pé. Demitiu-se e foi demitido.

Caiu também Martim Francisco, seu irmão e ministro da Fazenda. E sua irmã, D. Maria de Andrada, que era a Primeira-Dama do Paço. Tudo isso em 15 de julho de 1823. Era a queda da ala conservadora do partido brasileiro e de seu principal chefe.

Dias depois, com aprovação de D. Leopoldina, que pra variar continuava sem saber de nada, foi nomeada Primeira-Dama do Paço "a senhora paulista das mais apreciáveis virtudes: D. Domitila de Castro Canto e Melo" (**Diário Fluminense**, julho de 1823).

Bonifácio caiu de tanto fofocar

Deu-se que Domitila ia ser mãe. Era preciso vencer as resistências da Corte. D. Pedro, então, resolveu elevar Domitila à condição de nobre. Nomeou-a Viscondessa... de onde? de Santos, a terra dos Andrada, para humilhar o agora exilado e silenciado José Bonifácio.

D. Pedro resolvera reconhecer publicamente a filha, Isabel, que tivera com Domitila. Todos começavam, sem perder a inveja e o despeito, a reconhecer a superioridade da favorita do Imperador.

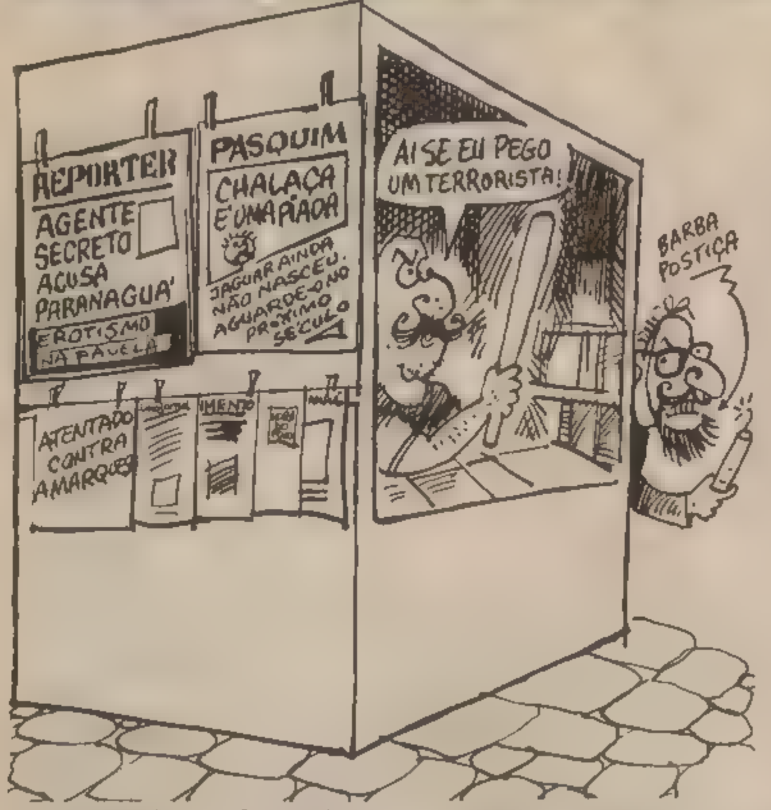
D. Pedro não se conformava em ter a Viscondessa tão longe, no Mata-porcos, e decidiu construir um palacete para ela, em pleno São Cristóvão, pertinho do Paço. Às vezes, em plena

sessão do Conselho de Ministros, D. Pedro se levantava e, de luneta, ia paquerar a Domitila das janelas do palácio.

Um baile retumbante assinalou a inauguração do palacete. D. Pedro distribuiu nomeações a granel: nomeou a filha, Isabel, Duquesa de Goiás, com tratamento de Alteza; o pai de Domitila virou Visconde de Castro. O cunhado virou Barão de Sorocaba, e os irmãos de Domitila viraram, todos, Moços Fidalgos da Casa Imperial. Finalmente, "em atenção a tão distintos serviços que sobremaneira têm penhorado Meu Coração", D. Pedro nomeou Domitila Marquesa de Santos.

Depois da inauguração do palacete, nada mais era preciso esconder. Até que D. Pedro passou duas noites e dois dias sem voltar ao Paço. Era demais para D. Leopoldina. Um mínimo de aparências deixara de ser respeitado pelo impulsivo Imperador. Sem alternativas, desesperada, a Imperatriz resolveu fazer as malas e partir.

Avisado por Chalaça, D. Pedro voltou correndo para São Cristóvão, intimou a Imperatriz a ficar. Um violento bate-boca aconteceu, então. Conta-se, inclusive, que teria havido agressão física por parte do Imperador — um pontapé que teria feito D. Leopoldina abortar. Saiu uma solução à portuguesa: a Imperatriz ficaria, mas D. Pedro partiria para o Sul do país, indo assumir o comando das tropas brasileiras que



estavam então em luta pelo controle da chamada Província Cisplatina (atual Uruguai).

A Imperatriz não aguentou as sequelas da discussão e das agressões que sofrera. Morreria pouco tempo depois, em dezembro de 1826, enfraquecida física e moralmente por tudo o que acontecera.

Sua morte provocou a ira da Corte e o desencadear de invejas e rancores. Como não podiam ou não tinham coragem para enfrentar o Imperador, resolveram escolher um bode expiatório: a Marquesa de Santos. Um bando de marginais, chefiados pelo Corta-orelhas (segurança de José Bonifácio), apedrejou a casa da Marquesa e, pulando o muro, tentou linchá-la. Domitila salvou-se por um triz, fugindo pelos fundos.

Logo que soube das novidades no Sul do país, e não tenho apego ao tipo de vida dos acampamentos militares, D. Pedro retornou imediatamente ao Rio, chegando em janeiro de 1827. Vinha bufando: logo de saída demitiu o chefe do governo, o Marquês de Paranaguá, por ter sido objetivamente conivente com a tentativa de linchamento da Marquesa.

Queriam linchar a linda Titília

Mas D. Pedro passara a carregar uma pungente consciência de culpa pela morte de D. Leopoldina. De outro lado, as intrigas contra sua amiga se multiplicavam. Era o partido português que não tolerava mais a presença e a influência da "brasileira". Começou a esfriar a relação amorosa entre o Imperador e Domitila.

Foi exatamente nesse momento que Chalaça, de forma calhorda e cafajeste, tentou atacar a Marquesa: propôs-se a persuadir D. Pedro a casar-se com ela, desde que Domitila se tornasse sua amante. Foi repelido e expulso com desprezo. E passaria a intrigar febrilmente pela derrota da Marquesa.

Realiza-se então o primeiro banquete em São Cristóvão depois da morte de D. Leopoldina. A Marquesa comparece, mas seu prestígio e força junto ao coração do Príncipe já não são os mesmos. Na mesma noite, remoído pelo complexo de culpa, D. Pedro abraça-se a um retrato de D. Leopoldina e tem uma crise epilética de desespero. A Marquesa tenta acudi-lo, mas em vão.

O quadro da ruptura estava formado. Diversos acontecimentos e fatores contribuíam para isso: as intrigas de Chalaça e do partido português (espalharam o boato de que a Marquesa estaria transando com um oficial do Paço, um velho amigo de São Paulo, o tenente Morais), o complexo de culpa mórbido que sentia D. Pedro e que o levava a não receber a Marquesa (ela nunca teve condições de lhe contar a respeito da proposta cafajeste de Chalaça) e, finalmente, uma inclinação crescente que o Príncipe tinha pela irmã da Marquesa: a Baronesa de Sorocaba. Nesse copo cheio pingou uma gota d'água: um atentado à bala à liteira da Baronesa de Sorocaba! Quem foi, quem não foi? Todos apontaram o dedo para a Marquesa de Santos.

D. Pedro redigiu um duro bilhete: "Torna-se indispensável que Vosmecê saia imediatamente da Corte. Fique certa de que esta é a minha derradeira resolução. Assim como a derradeira carta que lhe escrevo... Vosmecê cumpra com aquela obediência e respeito, que lhe cabem como minha súdita e, principalmente, como minha criada".

Domitila sofreu e partiu. A Corte festejou, pensando que a Marquesa nunca mais voltaria.

D. Pedro queria casar-se de novo. Missão diplomática fora enviada à Europa à cata

de nova esposa de puro sangue azul. Esta fora, inclusive, mais uma razão a pesar na expulsão da Marquesa da Corte. O Imperador havia formulado quatro critérios: nascimento, formosura, virtude e instrução, com ênfase para o segundo e o terceiro.

D.Pedro condena amante ao exílio

Mas as moças casadoiras da nobreza européia não queriam nada com o Brasil. Principalmente porque o pai de D. Leopoldina, o Imperador Francisco Leopoldo, e seu secretário de Estado, Metternich (o Kissinger da época), não perdoavam D. Pedro pelo que fizera com a princesa austríaca. E diziam cobras e lagartos do Brasil e de seu Imperador.. A expectativa mortificava D. Pedro. Várias tentativas foram recusadas. Era um vexame. D. Pedro sentia imperiais ardências. Até que bateu a saudade da morena e doce Domitila.

Não suportando por mais tempo a separação, D. Pedro então se decidiu: pegou da pluma e escreveu firme e impetuosamente, como era de seu estilo:

"Minha Marquesa do Coração! Impossível esquecer-me de Vosmecê um só momento. Eu não aguento mais esta separação. Venha! Venha, minha Marquesa, depressa, que aqui espera Vosmecê, de braços abertos, o seu fiel, constante e verdadeiro, Imperador."

D. Pedro foi esperá-la no caminho: foi o reencontro de Itaguaí. A Marquesa vinha bela e serena: voltava para o seu lugar.

No outro dia convocou-se um beija-mão. Toda a Corte viria a São Cristóvão render homenagem ao Imperador. À sua direita, no lugar da Imperatriz falecida, estava a deslumbrante Marquesa de Santos, "altaneira, a fronte erguida, os lábios frescos e sangrentos como duas amoras, o olhar faulhante de sobranceria, lantejoulada de diamantes, um colar de duzentas pérolas enrodilhado no colo", majestosa, autêntica Imperatriz do Brasil.

Disse um cronista: "Na festa... é a única mulher sentada. E, diante dela, sob seu olhar de vitoriosa, desfila, dobrada e rastejante, a Corte inteira..."

Ainda a Corte remoía o beija-mão em homenagem à Marquesa, quando explode uma bomba: é que, afinal, uma princesa havia aceito casar-se com D. Pedro. Era D. Amélia Augusta Eugênia Napoleona, Grã-Duquesa de Leuchtenberg, filha de príncipes e sobrinha de imperadores e reis. Purinho sangue azul na flor de seus 18 anos. Aceitava, mas fazia uma exigência: que a Marquesa de Santos se retirasse da Corte para nunca mais voltar. Era uma salvaguarda...

D. Pedro apequenou-se: "A Marquesa volta já para a Província! Volta já!"

Estava tudo acabado...

A Marquesa envelheceu envolvida pelo afeto, pelo carinho e pela admiração da juventude de São Paulo. Morreu venerada e querida.

A História oficial não a perdoou, mas quando se escrever uma História do Brasil livre de censuras prévias e de preconceitos, haverá simpatia por ela.

OS POBRES TAMBÉM AMAM

Poeta transa com irmãos e mãe do amante,

M. tem 19 anos e é um rapaz muito bonito. Está noivo e vai casar no fim do ano, mesmo depois de ter confessado à noiva que tem um caso homossexual há seis anos e que não pretende rompê-lo. Seu caso é O., um poeta de 46 anos, que o incentivou a estudar e que agora lhe arrumou um emprego público que dá um pouco mais que o salário mínimo por mês.

M. tem mais seis irmãos adolescentes e vive com a mãe e o pai numa casa mínima no bairro de Sapucaia de Dentro, um dos altos que caracterizam a periferia do Recife. O pai é servente de uma escola, a mãe é mãe-de-santo, todos fazem "bicos" na cidade. Sua história é estranha e aparentemente irreal, e só é contada porque M. conhece a repórter e fala sem acanhamento.

Conheceu O. num desses "bicos" na rua e transou com ele. O. é intelectual classe média, pessoa conhecida na cidade, e quando foi levado à casa de M. se apaixonou também pelos outros irmãos e depois pela mãe. Transou com todos. Aliás, continua transando, em troca de escola e algum dinheiro para as crianças. O pai não sabe de nada, segundo eles. É O. quem conta:

— Esse comportamento sexual pode parecer depravado para quem não convive com o pessoal de renda mais baixa, mas eu garanto que é normal nesses bairros. A casa de M. vira um terreiro de macumba nos fins de semana e recebe muita gente, que depois da função fica muito à vontade, conversando de tudo. Eu já não sou mais tão estranho no meio e eles me fazem confidências. Sei de uma senhora, por exemplo, que iniciou as três filhas sexualmente. Casos de homossexualismo entre mulheres são muito mais comuns do que se pensa, talvez porque as mulheres sejam naturalmente mais carinhosas umas com as outras do que os homens.

M. diz coisa parecida:

— Transo com homens porque gosto, mas gosto mais de mulher. Já transei com meus irmãos. A gente transa todo mundo desde pequeno. As brincadeiras das crianças sempre têm sexo no meio, e eu acho isso natural. As meninas brincam também com a gente até ficarem moças. Aí então a mãe prende em casa.

A iniciação sexual de M. foi com uma menina do bairro: — Ela não transava normalmente para não engravidar. Mas gostava de transar por trás. Me disse que as moças preferiam por trás porque pela frente era pra casar. Essa menina transava com as outras também, transava com todo mundo.

O irmão de M. — I. — de 15 anos, diz que sexo pra ele é uma coisa simples:

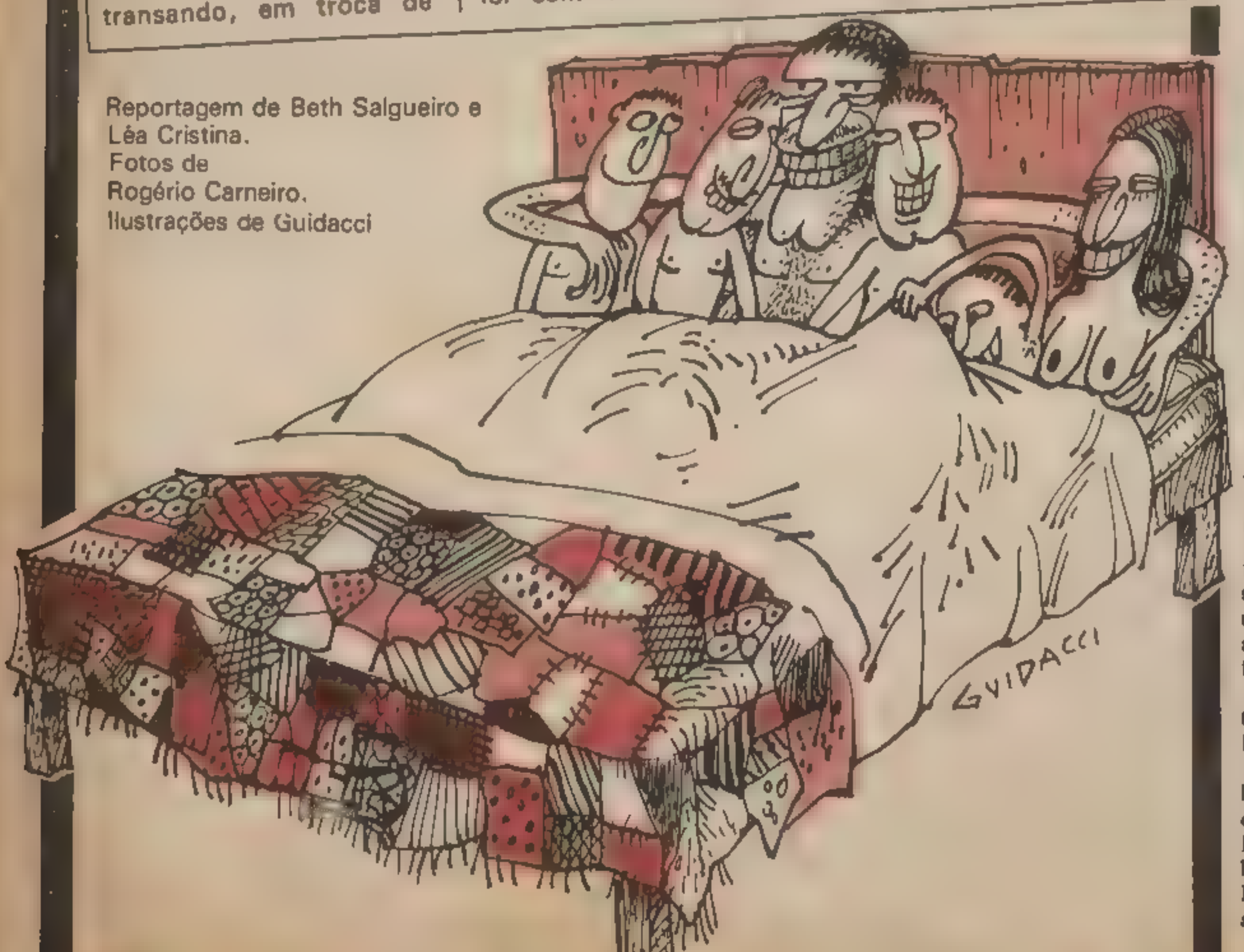
— A gente tá acostumado a ver irmão transar com irmão, pai com filha, mãe com filha, tudo numa boa. Agora, se chegar gente estranha, não dá pra notar nada, pois é tudo muito na moita.

O. confirma e acrescenta que quando começam a frequentar outro meio social — como escola — as pessoas "apresentam uma falsa moral, se envergonhando de coisas que antes faziam com a maior naturalidade. E muitas vezes, a partir daí, começam a transar por dinheiro".

A mãe de M., desconfiada porque não conhece a repórter, diz somente que vive bem com o marido e os filhos e que nenhum se mete na vida do outro. O pai é figura meio apagada na história.

A noiva de M. estranhou a relação familiar e a transação dele com o poeta, mas já aceitou o fato. Às vezes saem os três juntos: ela, M. e O.

Reportagem de Beth Salgueiro e Léa Cristina.
Fotos de Rogério Carneiro.
Ilustrações de Guidacci



Alaide obedece 'ou não se vive direito'

1 Dona Alaíde, da Vila Bandeirantes, no Rio, acha que os maridos não deixam as mulheres trabalharem fora com medo de serem traídos. Mas, para ela, quando a mulher quer, ela dá jeito de arranjar outro, mesmo dentro de casa

— É assim mesmo Não precisa nem sair do portão. Acho que a mulher deve trabalhar. Eu queria muito trabalhar, mas o Pedro não deixa. E eu tenho que obedecer a ele, ou não se vive direito. É ele que dá a última palavra. A mulher tem que ser dependente do marido para a casa andar direito

Na casa de Alaíde e Pedro há três cômodos para o casal e os três filhos. Ela não se sente à vontade quando o marido a abraça na frente dos filhos. Não quer que eles percebam nada e diz que os filhos também são muito envergonhados.

— Quando Pedro chega e vem me pegando as crianças vão logo pra outro lugar. Na frente das crianças não quero nada. Deus me livre!

Acha que o marido "ainda é muito forte", mas ela já se sente velha e doente para o amor físico

— Ele chega em casa e vem me pegando. Aí eu digo: "Não, Pedro, tô muito velha". Agora, tem vez que eu estou de bom-humor

2 **Ailton foi o primeiro e único rapaz que apreciou meu corpo. Ele é a minha vida. As crianças? Elas não ligam pra nossos carinhos e amores. Acho que elas gostam e ficam felizes.**

O único problema que o casal tem é a vida "de perdição" do Rio.

— Ele fica saindo pra ir aos bailes e aí eu brigo. Tamos casados tem 12 anos. Viemos da Bahia tem cinco anos, e nossas briguinhas começaram aqui. Lugar que tem mais perdição é aqui no Rio de Janeiro.

Maria só não gosta da perdição do Rio

3 Aos 39 anos, Ana de Oliveira diz que não tem mais idade para beijos e abraços Ela, o marido, cinco filhos e três cunhados dividem uma casa de três cômodos na Vila Bandeirantes, Nova Iguaçu. Quanto a fazer amor com o marido, com tanta gente do lado, não vê muito problema. Para ela, a solução é simples

Sexo não precisa de barulho, né? É só fazer quietinho.

Fala da responsabilidade dela e do marido em trazer dinheiro e alimento para casa e diz que o tempo de chamegos e dengos já passou. Acha que homem nenhum fica só com uma mulher, mas não se chateia com isso

— Eu não me iludo. Homem não tem só uma mulher mesmo. Só não quero é que venha botar a mulher no portão da minha casa. Dali pra rua, tudo bem. Não me iludo, não. E se meu marido arranjar uma velha com grana, é bom, que aí traz um pouco do dinheiro dela pra casa.

Não se importa também com uma possível curiosidade dos filhos sobre a vida sexual do casal

— Com as meninas sou eu que falo. Quando elas completam 12 anos eu chamo elas e explico tudo de sexo. Hoje em dia ninguém mais pode ser bobo.

E o que você acha da mãe solteira?

— É uma coisa que pode acontecer com todo mundo. No primeiro erro a gente perdoa. Agora, da segunda vez já não é mais erro, é falta de vergonha.

Dona Lorimar morre de vergonha dos filhos

4 — Esse negócio de sexo é só lá de madrugada, tarde da noite. Assim mesmo fico desconfiada que as crianças estão ouvindo. Sabe como é, todo mundo é muito curioso. Morro de vergonha dos meus filhos.

É assim que Lorimar Neves da Cunha, moradora na favela do Vidigal, Rio, fala de seu relacionamento sexual com o marido, José Cunha. O casal mora com os sete filhos num pequeno barraco de dois cômodos e José diz que o objetivo deles no momento — além de garantir o prato de comida de cada dia — é puxar um compartimento em cima do barraco. Há muito tempo eles estão com essa idéia, mas o salário mensal de Cr$ 4.100,00 de José não dá nem para a alimentação.

— A gente aqui fica muito embolado — reclama Lorimar. — Quando chove muito, então, é um problema. Entra água aqui pela sala e o jeito é dormir os nove no quarto.

Lorimar conta que transa pouco com o marido, pois prefere não se arriscar a fazer qualquer barulho. Quando transa, diz que a desconfiança de que os filhos estejam ouvindo lhe tira o prazer. Conta ainda que, ultimamente, tem achado o marido muito afastado dela. Quase não a procura e ela tem medo que ele arranje outra mulher.

Você não acha que está pensando pouco em você mesma?

— Acho, sim, e acho que estou me prejudicando, mas tenho muita vergonha das crianças. É chato olhar pra elas no dia seguinte.

Lorimar mostra ainda que também a intimidade dos filhos é perturbada. Quando as meninas estão menstruadas, os rapazes sempre pedem que a mãe as cubra durante a noite:

— De repente elas ficam com tudo aparecendo.

5 **Maria da Conceição da Silva, moradora no Vidigal, não tem muita complacência com mãe solteira:**

— Às vezes a gente dá um conselho e a pessoa não quer seguir. Aí já viu, né? Se enrolam toda.

Com 32 anos e oito filhos, Conceição também acha que não está mais na idade de demonstrações de amor perto dos filhos.

— Beijo na frente das crianças, nem pensar. Minha coisas são todas particulares.

Conceição e Adalberto moram numa casa de três cômodos, além do banheiro e da cozinha. A filha mais velha tem 13 anos e o mais novo tem dois. Com vergonha de falar em sexo, Conceição diz que tenta manter tudo bem escondido dos filhos. Conta que nunca falou em sexo com eles, nem mesmo com Célia Cristina, a mais velha. Para Conceição, Célia deve perceber o que acontece à sua volta, deve imaginar coisas, mas não pergunta nada. E ela prefere não falar.

— A televisão tá aí pra isso mesmo. Tem o colégio também. Eles vão aprendendo tudo e a gente não precisa falar.

Conceição não beija na frente das crianças

Pais fazem amor "como cachorros"

Dona Virgínia tem 47 anos e é casada com um pescador da praia do Janga, Recife. Tem três filhos — 13,12 e 11 anos — já fez três abortos e só não faz mais porque "liguei as trompas e não tenho mais preocupação". Nunca tomou pílula e faz questão que se saiba que transa apenas com o marido. Sua casa é frequentada por muitos pescadores, que a tratam respeitosamente, mas com galanterias, que ela aceita de bom grado, "pois me faz sentir bonita, né?" Ela desconfia que o marido tem casos na rua, mas "desde que eu não saiba, tudo bem". Casos de homossexualismo em seu círculo de amizades diz que não conhece, embora não tenha muito preconceito, porque "cada um faz o que quer de sua vida". As crianças estudam, mas passam muito tempo em casa, ou melhor, na praia Dentro d'água se masturbam uns aos outros com muitas risadinhas, conta dona Virgínia: "Mas isso é brincadeira de garoto mesmo". O sexo é visto principalmente nos animais Cavalos, bois e vacas, cachorros, gatos e aves que existem em abundância na praia do Janga. Uma vez, Joel, de 12 anos, diz que viu seus pais trepando e ficou olhando muito tempo sem ser notado: "Eles fazem igualzinho aos cachorros", foi seu comentário.

Controla filhos, grana e desejo

Dona Alice, 44 anos, mora no alto do Pascoal, um dos morros do Recife. "Sou casada há 23 anos com o mesmo homem. Eu sei que ele namora na rua, mas acho que isso é coisa de homem mesmo, não me importo. Desde que não falte nada em casa, tudo bem." Ela diz que por sua cabeça nunca passou a idéia de transar com outro homem e muito menos com outra mulher. Acha homossexualismo "uma nojeira" e aborto "um pecado" Não sabe o que é masturbação, mas quando a repórter diz que é se satisfazer sozinha fica vermelha e afirma que é muito controlada. As filhas ela traz na unha: "Quando vão às festas, têm de estar em casa na hora marcada, senão vou buscar. Os meninos são livres, sei que eles já procuraram essas mulheres que existem por aí, mas é o caminho do homem mesmo. As mocinhas, tenho de segurar" Se ela souber que um filho seu "fez mal a uma moça", diz que faz ele casar, porque "quem bole com quem está quieto é que quer tomar conta". Os filhos não sabem ler nem escrever, porque não podem estudar, já que têm de trabalhar. Ela fica em casa, segurando a barra: "Minha vida é controlar. Controlo o dinheiro, controlo meu marido pra não fazer besteira na rua, controlo meus filhos e a comida de casa. E também controlo meu corpo. Estou bem assim, graças a Deus.

Uma cama para três mulheres

Severina, conhecida por Comadre, também mora no morro do Pascoal É muito simpática e hospitaleira, mas se fecha e arruma logo o que fazer dentro de casa quando nota que o assunto é sexo. Ela é mãe solteira de um menino e mora numa casa pequena com mais duas mulheres e três crianças. Dorme na mesma cama com duas adolescentes Uma delas, Ana, de 13 anos, depois de muito papo diz que não tem namorado e que nem sequer ficou menstruada. A mãe nunca lhe falou nada sobre sexo. Tudo o que sabe aprendeu na rua com as colegas. "O que é que ela sabe?" (Risos) Na casa existe um forte sentimento religioso Lourdes, a mais velha das irmãs, com 21 anos, acha engraçado que se pergunte sobre sexo. Faz poses lânguidas e não quer falar. Diz que seu namorado é considerado "bicha" pelos irmãos e que é alvo de gozações por causa disso. Não sabe se o boato é verdadeiro ou não, e afirma que nunca transou com ele.

Amor "quente" aos 13 anos

Já Emília, que também mora ali por perto, é mais desinibida Com 13 anos, muito bonita, tem um namorado, Fernando, também de 13 anos. Antes dele chegar, conta que tem um namoro bem "quente", com beijos, abraços e apertões: "Ainda não tive coragem de ir até o fim porque me botam na cabeça que isso não se faz. Mas que me dá vontade, dá. Quando ele vai embora e eu fico sozinha, minha vontade é ter ele comigo, na cama"

Trocam peças de ouro por réplicas. E subornam a polícia.

Os golpes dos ciganos

Das igrejas, eles pegam objetos de ouro para restaurar. Depois, devolvem réplicas em metal. Um lustre do século 17 sumiu assim e foi parar na casa do milionário paulista Sebastião Camargo Corrêa. O padre descobriu tudo, mas não conseguiu o lustre de volta: um advogado, especialista em defender ciganos, resolveu a parada com um suborno à polícia de Cr$ 500 mil.

Reportagem de Teresa Moreira. Fotos de Valdenir Benedetti

Interior da casa de Giorgio Melotti. Todo o requinte ao gosto dos novos-ricos e uma preferência especial por trabalhos em ouro e prata.

Trambique com arte sacra é alto negócio

A empregada molha o jardim da casa de Giorgio Melotti, no bairro do Castelo, um dos mais caros de Campinas, São Paulo. Duas meninas andam de bicicleta. Diz a empregada que o patrão não está. Cigano, sempre viajando. Mas a patroa, sim.

A patroa se chama Norma. Pulseiras, anéis, correntes e brincos de ouro pelo corpo. A mesma riqueza no interior da casa. Muitos objetos sacros em ouro e prata, estofados de veludo.

Quais são os negócios do marido? Construção de casas, responde Norma, ela que não é cigana, mas como outras brasileiras casou com cigano e adotou este modo de vida: muitas viagens pelo Brasil e pela Europa. Em Campinas fica apenas dois a quatro meses por ano. Construindo casas, o marido e seus dois irmãos, Pierro e Guido.

— A família toda constrói casas — Norma salienta bem.

Mas não foi preciso andar muito para Norma ser desmentida: sua cunhada — Leonilda, mulher de Guido — que mora no mesmo bairro, contou que o negócio dos três irmãos era produção de artesanato sacro.

Na verdade, não é nem uma coisa nem outra. Tal como outros ciganos, os Melotti se dedicam a negócios com ouro. Até em escala internacional. Vendem, de fato, falsas barras de ouro na Itália. Dentro do Brasil, dedicam-se à "restauração" de objetos das igrejas. Ficam amigos de padres e os convencem de que são os melhores especialistas no assunto. Até que ganham confiança. Depois, "restauram" as peças, ficando com o original em ouro e entregando ao padre uma réplica perfeita, em metal dourado. Os objetos de ouro vendem a antiquários.

Nesse negócio correm milhões de cruzeiros. E nem sempre dá tudo certo. Uma vez um lustre "restaurado" por um cigano foi aparecer na casa do milionário paulista Sebastião Camargo Corrêa, dono de uma das maiores construtoras do país. O lustre, do século 17, todo em prata, foi avaliado em Cr$ 800 mil. Tirado de uma igreja carioca e sendo o roubo percebido meses depois pelo padre, o objeto só permaneceu na casa do milionário graças aos serviços do advogado do cigano, que gastou no caso, em subornos, a soma de Cr$ 500 mil.

Outra atividade que dá muito lucro aos ciganos é a retífica de instrumentos de precisão. Todos sabem que instrumento de precisão não tem retífica, porque qualquer desvio invalida o objeto. Mas ninguém resiste à lábia dos ciganos. Fechado o contrato, o cigano vai a São Paulo, troca aquela peça por uma usada, mas em melhores condições. Volta com o trabalho "feito" e cobra a tarefa por milímetro quadrado, que é uma coisa impossível de avaliar em instrumentos do gênero. Um trabalho que se previa custar Cr$ 2 mil sai por Cr$ 200 mil. O cara da firma, então, pede uma parte pro cigano, um suborno. Negócio fechado.

Outro ramo dos ciganos é o de roupas. Eles revendem no interior do país coisas que compram barato, como acolchoados de náilon. Compram, digamos, por Cr$ 70 e vendem por Cr$ 500, convencendo o freguês de que o acolchoado serve para o inverno e para o verão. Coisas assim.

Por tudo isso o cigano vive mudando de casa. Impossível permanecer muito tempo num mesmo lugar. Se bem que o cigano tenha a esperteza de não se "sujar" na cidade onde mora.

Campinas é a cidade preferida dos ciganos. É onde mora o maior número deles em toda a América Latina. E não é à toa. Campinas é um lugar estratégico. Fica perto de São Paulo, uma metrópole. O cigano sai pelo Brasil em carro com chapa de São Paulo, dá seus golpes dizendo que é de São Paulo. Ao mesmo tempo, ele se utiliza dos serviços de uma grande metrópole, sem ter que morar nela. Campinas, apesar de ser uma cidade grande, é um lugar bonito e tranquilo, e nada mais cativa os ciganos do que o belo e o contato com a natureza.

Advogado diz: "estelionato é meio de vida"

— Vou falar dos ciganos que conheço, daqueles para quem eu trabalho.

Quem fala é um advogado de São Paulo especializado em causas de ciganos. Jovem, muito bem vestido, não quer ser fotografado nem dar seu [redacted]

— Os ciganos são analfabetos, só têm esperteza para viver. Esta é a fonte de lucro deles e sua estratégia para conviver com um meio bastante hostil. Por isso, o estelionato é o meio de vida do cigano. O fato de serem mais viajados que outros grupos, e por isso mais experientes, faz com que ganhem muito dinheiro.

O advogado, bem aceito pelos ciganos, acha que eles desprezam demais os "outros":

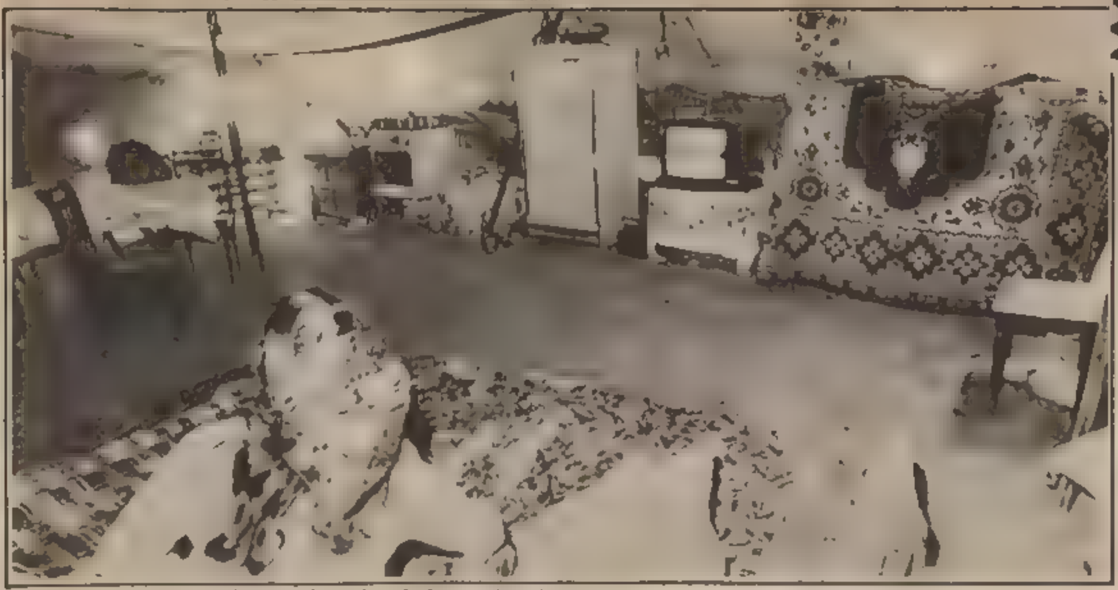
— O problema desse povo é que eles desprezam quem não é de sua raça. São espertos e acham que essa característica é exclusiva deles. Eles se acham os arianos, os *rom*. O resto é o *gadjo*. Eles se acham também os mais inteligentes. Encaram os outros povos como burros.

Mentir e roubar, ou seja, enganar, constitui orgulho para os ciganos. Desde pequenos eles são preparados para isso. O advogado conta um episódio em que uma menina cigana, interpelada pela mãe, foi tirando dos bolsos tudo o que pegara na casa do advogado, durante uma visita. Acontece que o advogado, sendo padrinho dela — pois é muito considerado pelos ciganos — não pode ser roubado. A mãe repreendeu a filha:

— Nesta casa não pode pegar nada! Nesta não, mas nas outras pode.

O mais importante para os ciganos é o dinheiro. Diz o advogado:

— Para esse povo, tudo se resume numa conta bancária. A importância de cada família na comunidade se mede pelo dinheiro. O respeito das outras famílias se consegue com a ostentação, seja em ouro, carros, mulheres, casas. O respeito dentro da comunidade quer dizer mais dinheiro. Só que ao lado disso há vários problemas. Um deles é a inveja e o constante perigo de delação entre as famílias rivais.



Uma tenda cigana: todos os eletrodomésticos e tapetes persas

Tchula manda na polícia de Campinas

Não precisa andar muito para confirmar o advogado. Em Campinas, o cigano George, que é da classe média, digamos, delata abertamente um cigano rico, chamado Jaime da Silva: "O Tchula, como a gente chama o Jaime, é um cigano rico pra burro. E manda na polícia de Campinas. Ninguém se mete com os filhos dele porque sabe que tem bronca. Mas também ele oferece jantar pro delegado e pros investigadores, gastando 30, 40 mil numa noitada! Assim, todo mundo é amigo, né?" O delegado de Campinas, Armando Malheiros, apesar de reprimir acampamentos ciganos, reconhece que tem amigos entre eles: "Não tenho nada contra os ciganos. Como em toda raça, há os bons e os maus. Inclusive, tenho vários amigos que são ciganos". No começo deste ano, barracas de ciganos foram queimadas. Malheiros jura que não foi a polícia: "A polícia é contra, mas pede pra sair, não queima". Em todo caso, ela só é contra as barracas e não contra os ciganos que moram em casas. A explicação seria simples: os ciganos acampados, de passagem por Campinas, não seriam tolerados pelos ciganos da cidade, pois poderiam sujar a barra dando seus golpes lá. Então, seria do interesse dos próprios ciganos da cidade dar um fim nos acampamentos. Mas isso tudo são hipóteses: o que se sabe de certo é que suborno para a polícia não falta. Os ciganos do bairro Jardim Eulina contam que pagam diárias de até Cr$ 3 mil para continuar em suas barracas. Sendo este o único bairro onde ainda há acampamento cigano, pode-se desconfiar que os ciganos só continuam ali mediante o suborno diário; e que outros acampamentos acabaram porque se recusaram a pagar. Pode também não ser nada disso, pois o delegado Malheiros é dado mesmo a moralismos. Já empreendeu, em Campinas, uma cruzada contra as prostitutas. (Se bem que essas cruzadas podem também ser impulsionadas pela necessidade de cobrança ou aumento de "pedágio".) Outra indicação a respeito do delegado: era amigo do falecido Sérgio Fleury. Logo que o famoso torturador começou a ganhar fama em São Paulo, chamou Malheiros, que estava em Campinas. Malheiros foi e ficou com Fleury até sua morte, em maio de 1979, voltando depois para Campinas. Pouco depois começou a perseguição aos ciganos e os incêndios nos acampamentos.

Cigana acusa imprensa pela perseguição

Os ciganos sempre fazem questão de dizer que são perseguidos, que na rua são olhados de "jeito diferente", como também na igreja. E que a "imagem" deles é deturpada pela imprensa, como diz Carmem, uma cigana de idade avançada do bairro campineiro de Parque Taquaral:

— Sabe, eu acho que existe muita confusão a respeito dos ciganos. Sempre a imprensa, os jornais, aparecem por aqui, perguntam um monte de coisas e mais tarde deturpam tudo, contribuindo para sujar a imagem dos ciganos.

Carmem se queixa das igrejas:

— Na rua, na igreja, as pessoas olham diferente. Por isso, deixamos de frequentar igrejas. Agora é o padre que vem até nossa casa.

Com seus três filhos, três noras, quatro netos e o marido, todos na mesma casa, a velha cigana — que por sinal não é cigana de nascença, mas gaúcha que casou com cigano — reclama da fama dos ciganos:

— Falam por aí que somos brigões, ladrões, mas nunca perguntam o quanto trabalhamos pra viver. Se acontece de um cigano comprar uma casa ou carro novo, já querem saber de onde veio o dinheiro. O Maluf é mais rico que todos os ciganos juntos. De onde vem o dinheiro dele?

Outros ciganos também têm a mesma queixa quando falam das perseguições. Caso de Rosângela, mulher de George:

— No Natal passado demos à polícia Cr$ 8 mil por três dias para ficarmos acampados.

Rosângela testemunhou um ataque policial a uma barraca:

— Eu cheguei a ver a barraca de uma cigana toda rasgada porque ela se recusou a pagar a diária. E o pior é que a gente não pode reclamar desses maus tratos porque aí é que a polícia persegue mesmo.

De um policial em particular Rosângela tem ódio:

— Ninguém aguenta a presença desse tal Tércio. Ele é o demônio em pessoa. Se aproveita que os homens estão viajando e explora a gente, levando nosso dinheiro em troca de proteção. Proteção contra ele mesmo.

Rosângela (com o marido, George) pagou à polícia para morar ·

CENSO 80

O CONTO DO IBGE

RECENSEADORES FORAM ENGANADOS

Quando o IBGE anunciou em julho o início dos trabalhos do Censo 80, muita gente se alegrou. Afinal, 130 mil vagas para recenseadores e supervisores se abririam. E, melhor ainda, o presidente do IBGE prometia sorridente, pela Rede Globo, salários entre 15 e 27 mil.

Mas a coisa toda já começou mal. É J., 20 anos, estudante de madureza, "um dos iludidos", como faz questão de frisar, quem conta:

— Só no posto em que me inscrevi devia ter uns mil candidatos. Os testes até foram fáceis, moleza mesmo. Acontece que os gabaritos, ou seja, as respostas certas, nunca foram divulgados. Eles apenas publicaram os nomes de quem passou e pronto.

Na época, correu um bochicho que garantia que o IBGE estava admitindo qualquer um que se filiasse ao PDS, o partidão do governo. O IBGE desmentiu, e centenas de candidatos que ficaram de fora ensaiaram uma ação para impugnar os exames. Mas tudo ficou por isso mesmo, e a suspeita de favoritismo continuou porque o IBGE não publicou os gabaritos das provas. E a reclamação não é pequena, pois só em São Paulo foram 164 mil candidatos para 8 mil vagas.

E as irregularidades continuaram.

Os recenseadores receberam treinamento durante cinco dias seguidos. Para aguentar cinco a seis horas seguidas de aulas por dia, eles iriam receber Cr$ 1.500,00.

— Isso aqui foi uma arapuca bolada pra enganar todo mundo — desabafou um recenseador. Durante o treinamento, sempre que a gente perguntava sobre pagamento eles vinham com mais promessas.

Até o final do treinamento ninguém sabia quanto e quando iria receber. A confiar no IBGE, não se ganharia menos de 15 mil por mês.

A verdade só apareceu dia 6 de agosto, um sábado, em boletim oficial que não chegou às mãos de nenhum recenseador. Os diretores dos postos de coleta deixaram nas mãos dos supervisores a tarefa ingrata de comunicar tudo aos interessados.

Um supervisor diz como foi:

— A bronca foi geral, e com razão. Primeiro porque ficou claro que os recenseadores iriam receber por produção, nada de fixo, nada de ajuda de custo. Segundo porque o boletim não estipulava data de pagamento, nem de treinamento, nem tampouco das pesquisas.

Entre os recenseadores, o boletim ficou conhecido como "o conto do IBGE". E parece que não exageravam: o IBGE iria pagar apenas cinco cruzeiros por pessoa entrevistada, e Cr$ 70,00 pelos questionários maiores (57 perguntas).

Resumindo, para ganhar os 15 mil prometidos, o recenseador teria que trabalhar de manhã até à noite. E mais: quem desistisse no meio do serviço não receberia indenização.

E, para melar de vez a situação, o IBGE decretou que pagaria em parcelas até fevereiro do ano que vem. Isso mesmo: os recenseadores trabalhariam de graça para o governo!

A gritaria que os recenseadores fizeram, em assembléias, cartas abertas à população e até mesmo a ameaça de greve, como aconteceu no ABC, trouxeram outras revelações.

A mais séria é a denúncia de que o IBGE aplicou os 3 trilhões de cruzeiros destinados ao Censo 80 no **open market** *(mercado aberto de títulos). Isso aumentou a revolta, já que, além de pagar mal e em gotas homeopáticas, o IBGE ainda usava o dinheiro para ter lucro.*

Segundo o advogado trabalhista Valter Uzzo, a lei é clara. Pelo parágrafo único do artigo 459 da Consolidação das Leis do Trabalho, uma atividade como a dos recenseadores tem de ser paga no máximo 10 dias após vencido o mês. Também outro artigo da CLT, de número 29, enquadra o IBGE: a carteira de trabalho dos supervisores, que não recebem por comissão, teria de ser devolvida em 48 horas, com as anotações devidas, o que não ocorreu.

Impossibilitados de voltar atrás para não perderem as pesquisas já realizadas, os 130 mil recenseadores do **Fala Brasil** *só têm como alternativa continuar a briga por seus direitos.*

O caso de H., dona-de-casa, é típico:

— Estou trabalhando das 7 às 20 horas, inclusive sábados e domingos, dias mais fáceis de achar o povo em casa. O IBGE não me paga o ônibus, não me paga o lanche, não me pagou o treinamento, e agora vem com essa de segurar o dinheiro até fevereiro. Desse jeito, até quem entrou por pistolão do PDS está reclamando.

QUESTIONÁRIOS TÊM FALHAS

Os questionários do Censo 80 têm, no mínimo, dois detalhes discutíveis. O primeiro é que todo peão de obra, esse enorme contingente de migrantes que trabalha em construções, é registrado como tendo "domicílio improvisado", uma maneira elegante de mostrar que no dia seguinte, terminado o prédio, o peão vai morar na rua. Outro detalhe é que de nenhum entrevistado se exige comprovação de renda. Uma recenseadora conta que até hoje nenhum rico habitante de palacete que ela entrevistou disse que ganhava mais de 20 mil por mês. Alguns bacanas chegam ao extremo de declarar que recebem salário mínimo. E grande também é o medo demonstrado pelos estrangeiros, principalmente latino-americanos, de que os órgãos de segurança usem os dados do IBGE para localizar e se livrar da multidão de clandestinos foragidos dos regimes assassinos da Argentina, do Chile e da Bolívia.

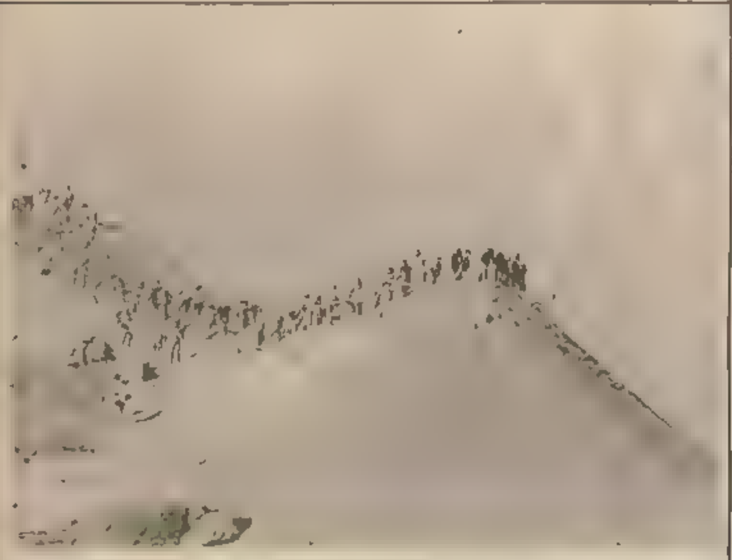
Ulisses Tavares

SERRA PELADA

ESTE OURO É NOSSO

O general Figueiredo disse certa vez que não dormia bem, preocupado com a dívida externa do Brasil, que anda atualmente na casa dos 55 bilhões de dólares. Para técnicos do Ministério das Minas e Energia, o general pode, porém, ficar tranquilo, pois as reservas brasileiras de ouro seriam de 12 mil toneladas e valeriam, aos preços atuais, 200 bilhões de dólares — quase quatro vezes a dívida externa. Esse otimismo esconde, porém, alguns problemas sérios. O grosso dessas reservas ainda não foi sequer olhado. E o governo teria que montar uma grande máquina de fiscalização, como há em Serra Pelada (fotos), para evitar que o ouro fosse contrabandeado. Atualmente, de cada quatro toneladas de ouro, apenas uma é negociada legalmente. As outras três são, em grande parte, contrabandeadas para o exterior. Assim, se nada mudar, o ouro não vai aliviar a barra da dívida externa e o general Figueiredo perderá outras noites de sono.

Fotos de Juca Martins (agência F/4)



Balancê do ABC

Silvio de Souza

Coferraz persegue operários demitidos

A Coferraz, de Santo André, que produz aço para construção, está cerceando o trabalho de 78 metalúrgicos que trabalharam na empresa. Tudo começou na greve de abril/maio passado. Por exercerem liderança dentro da fábrica, os operários foram dispensados por justa causa. Recorreram à Justiça do Trabalho e ganharam. Mas a Coferraz saiu para a desforra. Os 78 metalúrgicos, desde que foram mandados embora (entre abril e maio), já fizeram testes e foram aprovados em várias empresas, mas, na hora do vamos ver, sempre são dispensados com uma desculpa. Desesperados e com seu sindicato sob intervenção, ou seja, parado, os 78 metalúrgicos de Santo André estão apelando para outros sindicatos da região, e mesmo para a Federação da categoria, já que possuem família e precisam trabalhar para alimentá-la. É bom que se diga que o caso da Coferraz é apenas uma das várias "listas negras" que circulam entre as empresas do ABC, em envelopes fechados, com o carimbo CONFIDENCIAL.

Fundo de Greve tem registro e endereço

O Fundo de Greve dos metalúrgicos de São Bernardo e Diadema, depois de nove meses de espera, conseguiu seu registro público, de acordo com as exigências da lei. Associação Beneficente e Cultural dos Metalúrgicos é o seu nome oficial. E tem até mesmo sede: rua Alferes Bonilha, 47, SBC. O Fundo já conta com cerca de 1500 associados, que estão recebendo cartas pedindo para atualizarem suas mensalidades (Cr$ 30,00) e, mais importante ainda, pedindo a colaboração dos associados no sentido de ampliarem o número de metalúrgicos sócios do Fundo. A reconquista do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema, atualmente sob intervenção do Ministério do Trabalho, é uma das principais metas do Fundo de Greve.

●●●

● A Delanese é uma pequena metalúrgica do ABC, mas lá acontecem coisas que até o diabo dúvida. A última: todas as trancas dos banheiros foram retiradas para as chefias poderem controlar as privadas dos trabalhadores. Tem um chefe que foi promovido de chefe de obras para chefe de WC. A tarefa dele é ver se os metalúrgicos estão mesmo fazendo suas necessidades ou descansando no banheiro.

Dorival Antônio Badaró é o nome de um operário metalúrgico do setor 1.297 da Volkswagen que passou a ser odiado por seus companheiros durante a greve de abril/maio, realizada em São Bernardo e Diadema, onde está estabelecida a empresa multinacional. O motivo do ódio é dos mais justos: Dorival teria *dedado* alguns companheiros para a polícia, tornando-se evidentemente um inimigo dos metalúrgicos. É certo que por trás da ação de Dorival estava o "sonho" de melhorar de vida, e por isso ele se aliou com os patrões, traindo os companheiros. Há alguns dias, Dorival sofreu um acidente na empresa, no qual perdeu três dedos. Depois de ter ficado alguns dias licenciado, voltou para a Volks, onde acabou levando um pontapé da empresa, indo parar no olho da rua.

Dorival deve estar atravessando o caminho da amargura. Terá tempo suficiente agora para compreender o alcance de sua traição.

● Os metalúrgicos da General Motors, de São Caetano, que trabalham no setor de espuma, até há bem pouco tempo faziam exames médicos periódicos devido à periculosidade apresentada pelo serviço. Misteriosamente, a multinacional deixou de prestar esse tipo de serviço aos trabalhadores do setor, que se viram obrigados a desembolsar 540 cruzeiros por cada consulta. Um dos metalúrgicos foi encaminhado, depois da consulta, a uma série de exames com especialistas. Resultado: desembolsou a quantia de 1.620 cruzeiros, que na verdade é obrigação da General Motors, porque a empresa não oferece condições salubres para seus funcionários. Assim, ela acaba com a saúde e com os míseros cruzeiros dos trabalhadores.

Representante de empregados é "palhaçada"

A diretoria cassada do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema soltou um boletim onde justifica a posição contrária à Comissão de Representação dos Empregados, criada recentemente pela Volkswagen.

"Somos contra essa palhaçada por vários motivos:

"1. A tal representação tem em vista criar uma entidade paralela para enfraquecer o sindicato mais combativo do Brasil. É uma usurpação, pois só os sindicatos podem eleger ou designar representantes da categoria (art. 513 da CLT);

"2. A representação dos empregados nada pode fazer além de ir às chefias, com as calças nas mãos, pedir pelo amor de Deus para que parem de cometer injustiças;

"3. A tal Comissão nada pode fazer pelos salários de miséria do trabalhador;

"4. A representação, além de estar totalmente desligada do Sindicato, ainda fica inteiramente nas mãos da empresa, que pode vetar candidatos, cassar mandatos e modificar o sistema."

GM ludibria recrutas

O que as multinacionais fazem aqui nem Deus acredita. A General Motors, de São Caetano, explora a mão-de-obra de aprendizes em idade de prestação do Serviço Militar. Quando eles são convocados, a empresa — segundo o Sindicato dos Metalúrgicos de São Caetano — consegue junto ao Regimento local a dispensa dos rapazes para que eles continuem a trabalhar na fábrica. Pouco antes do período da prestação do Serviço Militar esgotar-se, a multinacional dispensa os jovens metalúrgicos, obrigando-os a se reintegrarem no Exército e, o que é pior, tentando com essa medida fugir das obrigações trabalhistas. Mas a brincadeira envolvendo o Exército parece ter acabado depois que o sindicato local moveu uma ação contra a General Motors na Justiça do Trabalho, onde a empresa foi derrotada e obrigada a pagar os prejuízos profissionais impostos aos aprendizes.

CONFIDENCIAL

Pra Gessy-Lever, Brasil é "nosso país"

Um documento interno preparado pela Gerência de Relações Industriais da Indústrias Gessy-Lever este ano dá uma idéia de como a multinacional se prepara para enfrentar os movimentos trabalhistas. Primeiro, há uma descrição interessante da situação econômica da mão-de-obra de São Paulo — cidade onde estão localizadas as fábricas da empresa — e do Brasil. Sobre São Paulo, o documento conta que a população de favelados subiu, em três anos, de 460 mil para 880 mil, representando 6% em 1977 e, em 1980, 10% da população. E que 80% dos favelados têm renda familiar de dois salários mínimos.

Há uma descrição minuciosa das "carências de serviços públicos em São Paulo": quantas ruas são calçadas e quantas não são (6490 km e 6010 km), quantas têm luz e quantas não têm (as primeiras ganham por 7200 km a 5400 km), quantos quilômetros de córregos são canalizados (500 são e 1600 correm a céu aberto), e até quantas creches são necessárias e quantas existem: para 88 existentes, faltam 1701 para atender à população.

No que se refere ao Brasil, que o documento da Gessy-Lever trata de "nosso país", os dados são os seguintes:

Somos a décima nação em economia no mundo; a sexta em população; a quarta em exportação de produtos agrícolas; a quinta em área geográfica; a terceira em exportação de soja; a décima em produção de automóveis; e a 42.ª em nível de vida.

Sobre a "nossa" dívida externa, diz o documento da multinacional:

O endividamento tem sido aplicado na formação do patrimônio. Tira-nos, entretanto, a liberdade, pois nos torna muito vulneráveis na elaboração da política externa.

Há também uma referência à "dívida social" do "nosso país":

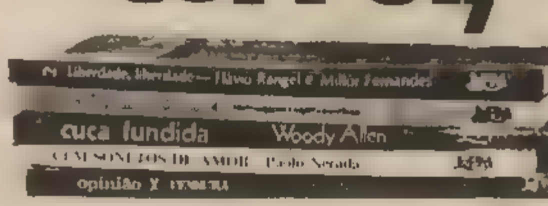
A Constituição assegura o ensino de 1.º grau gratuito. Temos dívida com 29 milhões de brasileiros sem escolas. Há dois milhões de menores abandonados. Cinco milhões de famílias vivem em favelas. Há 6.800.000 domicílios com um só dormitório. Seis milhões de domiciliados não têm instalações sanitárias. 40 milhões de pessoas não têm luz elétrica. 55 milhões não têm água [illegible]

O documento termina por discutir, em dois apêndices, as vantagens e as desvantagens de a empresa concordar com uma velha reivindicação dos trabalhadores, o Delegado Sindical. Há dois pareceres: um a favor, outro contra. O segundo afirma que "o delegado sindical vai interferir na administração"; que ele "seria um ponto de atrito entre a empresa e os empregados"; que "o delegado teria menos tempo para trabalhar"; e que os delegados acabariam por "formar uma casta, indesejável pelos trabalhadores e pela empresa".

Finalmente, o apêndice oferece várias sugestões de como o delegado sindical, "se tiver que ser aceito numa negociação em troca de outras concessões", pode ser boicotado dentro da empresa. Por exemplo: "A empresa não providenciará qualquer tipo de instalação ou facilidade para que o delegado sindical execute seu trabalho".

João de Barros

Contra o terror,



idéias!

Estamos lançando uma grande campanha de assinaturas do Coojornal, procurando neutralizar os efeitos dos atentados terroristas contra as bancas de jornais e revistas.
Participe você também da campanha contra o terrorismo e ajude a manter o Coojornal.
A cada três assinaturas do Coojornal que vender para seus amigos, parentes e colegas, você terá direito a escolher um destes livros:
Liberdade, Liberdade — Millôr Fernandes; Cem Sonetos de Amor — Pablo Neruda; Cuca Fundida — Woody Allen; Opinião x Censura — J. A. Pinheiro Machado; Gauchismo Trindade — cartuns de Santiago ... e Fabianestone
Se você vender cinco assinaturas do Coojornal, terá direito a escolher dois livros.
Para ganhar os livros você precisa encaminhar duas coisas:
1) Nome, endereço e profissão de cada assinante
2) O valor das assinaturas, através de vale postal ou cheque nominal para Coojornal

Preencha o cupom e remeta-o junto com vale-postal ou cheque para a Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre Ltda.
Rua Comendador Coruja, 372
Porto Alegre 90.000 RS

Cada assinatura anual custa apenas Cr$ 440,00

O QUE
AS MULHERES QUEREM
E VOCÊ PODE DAR
(com nossa ajuda)

ERECTOR®

ERECTOR® : uma invenção sexacional!
O Erector-Anel Mágico é um aparelho anátomo-fisiológico destinado a facilitar e manter a ereção masculina, indefinidamente.
Isso quer dizer que com o Erector você pode prolongar o ato sexual mesmo depois da primeira ejaculação. Dessa forma, você poderá satisfazer tanto as mulheres do tipo "difícil-de-chegar", com aquelas do tipo "uma-vez-só-não-chega".
Isso, sem falar no seu próprio prazer, que será substancialmente aumentado.

Erector® é ajustável, vem com instruções detalhadas, dura indefinidamente; é remetido a você em embalagem absolutamente discreta, e o mais importante: Erector® funciona, no duro!

Cr$ 590,00

ATENÇÃO
Erector® é o único aparelho aprovado pelo Depto. Nacional de Saúde sob nº 27.533 desde 27/5/1953, e indicado para casos de ejaculação precoce.

SUPERMAN®

Veja como SUPERMAN® age.
Superman é idêntico a um órgão sexual masculino em ereção e colocado sobre o seu próprio membro, e fixo ao corpo através de cinto especial.
A colocação é rápida e discreta, e a aparência, a textura e a consistência são perfeitas. Muitos homens com problemas de incapacidade ou insuficiência sexual estão se transformando em verdadeiros super-heróis do sexo. Mas, nada impede que você o use eventualmente, como uma excitante variação sexual...

Peça SUPERMAN® , voando!
Não perca tempo. Envie hoje mesmo o cupom e o pagamento. SUPERMAN será remetido a você em pacote lacrado, absolutamente discreto.
Escolha um dos dois tamanhos disponíveis:
Tamanho "UM": Compr. 14 cm, diâmetro interno: 3,5, diâmetro externo: 4,3.
Tamanho "DOIS": Compr. 16 cm, diâmetro interno: 4,0, diâmetro externo 4,8.

Cr$ 2.800,00

EROTIK

"Você é bom de cama..."

Rua Pelotas, 720 – CEP 04012 – Tel.: 549-4818

Elas vão pedir mais... vão estar sempre à sua disposição... vão recompensá-lo pelo prazer que você vai dar a elas.
ORGASMO não vai mais ser um sonho. Porque você vai ajudá-las a chegar lá... muitas e muitas vezes.
Tudo isso, com o seu talento, e com a ajuda de EROTIK.
Ele é o primeiro complemento "TRIPLEACTION", ou seja, o único complemento "TRÊS-EM-UM" da ALVAN.
VEJA: Colocado na base do membro, durante a relação sexual, os estimuladores especiais incorporados ao anel EROTIK tocam exatamente em duas áreas muito sensíveis da mulher: Clítoris e anus.
Enquanto os dois estimuladores excitam essas áreas, o seu membro se encarrega da entrada principal. E você fica ainda com as mãos livres para usá-las de acordo com a sua imaginação, e com as preferências de sua parceira.
Peça EROTIK hoje mesmo: e vá se acostumando a escutar elogios como este: "VOCÊ É MUITO BOM DE CAMA"...
EROTIK é seguro e sem contra-indicações. É durável. É garantido pela ALVAN, um nome já consagrado em produtos eróticos no Brasil.

PREÇO DE LANÇAMENTO: Cr$ 540,00

ORAL-SEX®

FINALMENTE A "CAMISINHA DE LÍNGUA"!!!

Hoje nós estamos na era do Sexo Total, e a língua já passou à condição de um segundo órgão sexual. Assim, porque não protegê-la?
Oral Sex® é isso: Além de tornar a prática do sexo oral absolutamente higiênica, ela aumenta o prazer da mulher porque tem saliências na ponta que provocam verdadeiros delírios de prazer! E tem mais! Além de tudo você fica com um excitante gostinho de baunilha em sua boca!
ATENÇÃO: Oral Sex® não é descartável. Lavou, está novo e pronto para outra.

Preço Cr$ 530,00

GRÁTIS

Na compra mínima de 3 produtos um livro: Segredos de um Fotógrafo de mulheres nuas.

H 26

ALVAN COMÉRCIO E REPRESENTAÇÕES LTDA.
CAIXA POSTAL Nº8535 – CEP 01000 – S.P.

SIM: Desejo receber os produtos abaixo discriminados.
Para isso estou anexando cheque nº .... ; vale postal nº ....

☐ EROTIK ☐ SUPERMAN TAMANHO ______
☐ ERECTOR ☐ ORAL SEX

Nome ....
End. ....
CEP......... CIDADE .... EST. ....

Atenção: Mande o cupom e seu cheque ou Vale Postal na mesma remessa, caso contrário não poderemos atender ao seu pedido.

Trezentas mil pessoas vivem do jogo-do-bicho em Pernambuco. Só no Recife há mais de 60 banqueiros, muitos reunidos em uma associação que paga Cr$200 mil mensais ao Hospital do Câncer. Por isso a polícia não leva grana e a sorte grande dá no rádio.

O bicho é legal

"Atenção, senhoras e senhores do Recife e do interior. Lápis e papel na mão. A rádio Jornal do Commercio, diretamente da boca da roda, traz até vocês a sorte grande de hoje. Confiram o jogo, meus amigos, porque deu pavão na cabeça! O primeiro prêmio da tarde é 5674, extração com garantia Aval!"

O radialista Zuca diariamente transmite o resultado do jogo-do-bicho para todo o Estado de Pernambuco, garantindo 100% de audiência no horário para a sua emissora. Mas hoje Zuca está gritando mais do que nos outros dias. Ele perdeu um bom dinheiro confiado no sonho que teve com o macaco, e agora se irrita com os menores ruídos.

E algazarra é o que mais tem ali, na sede da Aval — a Associação dos Vendedores Autônomos de Loterias — uma espécie de sindicato que congrega 60% dos banqueiros de bicho de Pernambuco e onde são feitas as duas extrações diárias oficiais do Estado. Na ampla sala, homens, mulheres e crianças se manifestam espalhafatosamente, pois os prêmios são sorteados pelo auditório. Quem quiser sortear se inscreve, assina a ata e roda os números. Depois, a rádio Jornal do Commercio irradia os resultados para cambistas, banqueiros e o público em geral, da capital e do interior.

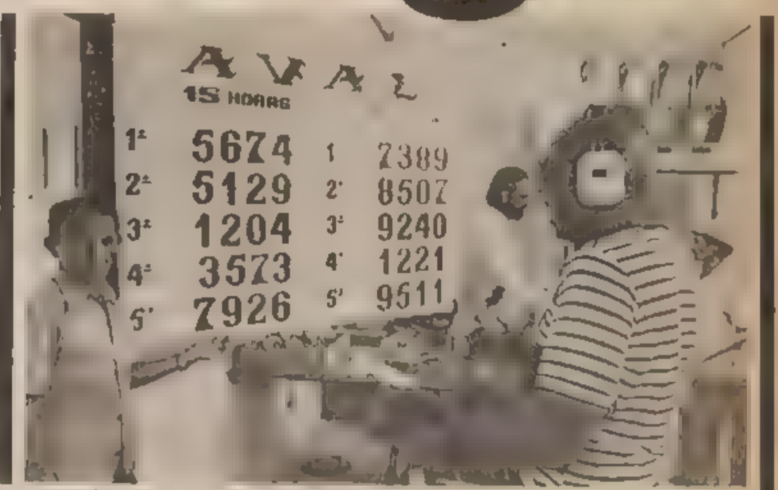
José da Rocha Carvalho, ex-banqueiro, que quebrou com a milhar 2587 há 11 anos passados, hoje homem de confiança da Aval e responsável pelo jogo, é quem manda as pessoas saírem da sala porque já está na hora de fechar. E diz que todo dia é assim: o prédio enche de gente, que pensa que bastou entrar ali e ver fazer o jogo para acertar na sorte grande.

A Aval é coisa muito recente. Tem apenas 11 meses. Antes, qualquer pessoa podia bancar jogo em casa mesmo. Bastava ter um razoável capital inicial, uma sólida credibilidade no meio em que vivia e uma rede de cambistas, que nem precisava ser muito grande. Era comum os grandes bairros saírem com seus bichos próprios no fim do dia. E era comum também gente ganhar e não receber.

— A gente precisava limpar a moral — diz Dráusio Henrique da Silva, o presidente da associação, que tem até registro comercial.

Hoje a Aval tem 40 sócios. Para entrar no grupo, cada um paga uma taxa de Cr$ 60 mil e mensalidades que vão de Cr$ 10 a Cr$ 20 mil, dependendo do volume de jogo individual. A polícia não incomoda porque o jogo-do-bicho é tradicionalmente livre em Pernambuco, e também porque foi feito um acordo de cavalheiros com o secretário de Segurança Pública, pelo qual os bicheiros devem pagar Cr$ 200 mil mensalmente para o Hospital do Câncer, em troca dessa liberdade de ação. Dizem as más línguas que nos onze meses de existência da associação os bicheiros só pagaram Cr$ 800 mil, mas a diretoria da Aval garante que é boato. Tanto que a partir deste mês a entrega será feita pela televisão, num dos programas de maior audiência da cidade.

A diretoria da Aval pretende limitar o número de associados a mais uns 10, "para poder manter a garantia de que os prêmios são pagos pontualmente".



O apostador faz sua fezinha livremente e depois ouve o resultado no rádio

Cambistas se unem contra banqueiros

O objetivo maior da Aval agora é o controle da extração da Loteria do Estado de Pernambuco, a Lotepe, atualmente sob a responsabilidade da organização Caçula, do Ceará. A Lotepe foi fechada pelo ex-governador Moura Cavalcanti, sob a alegação de que dava altos prejuízos para os cofres do Estado, e em seguida reaberta e posta em concorrência. Os pernambucanos a perderam para a Organização Caçula, e começou então uma guerra surda entre eles. Sozinha, a Lotepe não tem condições de segurar a barra da distribuição dos bilhetes, dependendo, como sempre dependeu, dos pontos de venda dos cambistas. Com a Lotepe nas mãos dos cearenses, os bicheiros continuavam recebendo os bilhetes, mas não os vendiam. Até que no ano passado houve o estouro: um comerciante do Ceará jogou o milhar de seu bilhete da Lotepe em quase todas as bancas da cidade e, se de fato recebesse o que teoricamente tinha direito, sairia da cidade com Cr$ 4 milhões no bolso. Mas os banqueiros não pagaram. Ao contrário, foram aos jornais denunciar a direção da Lotepe de haver fraudado o milhar para desacreditá-los. Agora eles estão em negociações. A Caçula não está mais interessada na loteria e os bicheiros pernambucanos conseguiram a concessão. Calcula-se que a transação fique em torno de Cr$ 3 milhões. Os banqueiros pensam em se utilizar da publicidade para criar uma nova imagem da Lotepe, e inclusive para vender melhor os bilhetes. Mas é possível que não contem com seus cambistas para isso. Como empregados, os cambistas não apóiam a Aval, pois acreditam que ela está virando um monopólio contra o qual precisam se defender. O cambista autônomo Moacir de Souza está até tentando a criação de uma Associação dos Cambistas do Estado de Pernambuco, que reivindica, principalmente, o pagamento das obrigações sociais e trabalhistas a todos os que trabalham no jogo-do-bicho. Os que vivem do bicho no Grande Recife chegam mais ou menos a 100 mil, triplicando caso se conte o interior. Deles, 20 mil mais ou menos são cambistas, dos quais uma quarta parte é autônoma. O resto trabalha diretamente para o banqueiro. E eles exploram: pagam salário mínimo e mais uma comissão pelo apurado no dia. Os autônomos têm uma comissão de 20%, enquanto os empregados recebem até 10%. Na qualidade de futuro presidente da associação, Moacir recebe denúncias, como o de uma cambista que tem o salário de Cr$900,00 e mais 2% de comissão. Diz Moacir: "O pior é que quando o banqueiro cisma com a cara do empregado manda ele embora sem pagar nada mais do que os dias de trabalho que faltam para completar o mês". O que os cambistas acham pior é que os banqueiros agora, depois da Aval, têm um código de ética entre si pelo qual ninguém pode tomar empregado do outro. "Isso é uma total desvirtuação das leis do mercado. E, traduzindo, quer dizer que o cambista vira escravo de seu banqueiro. Se perder emprego em uma banca, não vai arranjar em nenhuma outra." Moacir já foi convidado pela Aval para fazer suas assembléias numa sala que eles cederiam. Foi chamado até pra ser sócio da Aval. Mas ele dá um muxoxo e diz: "É claro que recusei! Onde já se viu empregado ficar sócio de patrão?" Ele pensa que sua categoria é forte e tem condições de negociar a assinatura das carteiras em troca da proposta de venda dos bilhetes da Lotepe. Diz que vai brigar muito e não arreda pé. Ao mesmo tempo, Moacir pretende pôr em prática seu sonho maior, caso seja eleito: juntar um capital de mais ou menos Cr$ 500 mil e abrir uma banca para abrigar todos os cambistas que ele sabe que estão desempregados. Vai ser uma banca sem a garantia Aval, é claro.

"Seu" Moacir, líder dos cambistas

Texto de Beth Salgueiro
Fotos de Valdir Afonso

ACADEMIA **FAIXA PRETA** 1 e 2
Aulas de:
taekwon-do, kung-fu, capoeira, karatê, aikidô, boxe, ginástica feminina, nunchaku.
ACADEMIA 1 — rua General Roca 947, sobrado. Tijuca - Sãens Pena, Rio. Tel: 288-5548.
ACADEMIA 2 — rua São Francisco Xavier 198, sobrado. Tijuca (em frente ao Colégio Militar) Rio. Tel: 284-5839.

Metralhadoras foram usadas à vontade para acabar com a greve da construção civil, no ano passado. Acompanhadas de bombas de gás lacrimogêneo. Todos os policiais escalados para missões de rua são jovens, e não são excluídas as mulheres, como a que segura, tranquila, sua máscara contra gases.

REPRESSÃO À MINEIRA

Estas fotos, inéditas, mostram a polícia de Minas em ação na greve da construção civil, em agosto de 1979. Só agora alguns fotógrafos mineiros — que não querem ser identificados — tiveram coragem de passar seus trabalhos ao REPORTER.

BASTIDORES DOS ATENTADOS

Figueiredo foi duro com Milton

Como foi o famoso encontro Figueiredo-Milton Tavares, em São Paulo, logo após a explosão da bomba na OAB? Apesar de se terem encontrado a portas fechadas, na casa particular do comandante do II Exército, o tom da conversa foi tão alto que ultrapassou paredes. E uma versão é dada como certa, pelo menos nos meios jurídicos. A conversa teria sido mais ou menos assim (o presidente chegando bravo e dirigindo-se ao general):

— Segure seus radicais!

O general Milton não engoliu em seco e respondeu:

— Seguro coisa nenhuma! A Esquerda está solta, atuando, e o Doi-Codi continua fechado!

Por fim — segundo a versão — o presidente teria feito um "acordo" com o comandante: a Esquerda seria "encostada na parede" em troca da paralisação das atividades da Extrema-Direita.

Esta versão se confirma com a prisão, dias depois, de dois "trotstkistas" em Barbacena, Minas. Ninguém entendeu por que o fato, tão restrito — eles foram acusados de jogar bombas na tranquila Barbacena — foi tão alardeado pela Secretaria de Comunicação, o Secom do Palácio do Planalto. Mais recentemente, editoriais de Mino Carta, na revista *IstoÉ*, e de Carlos Castello Branco, no *Jornal do Brasil*, insinuaram que a tática do governo seria realmente torpedear a Esquerda para a Extrema-Direita sossegar.

Quartéis não querem fechamento

Mesmo que a "Operação Cristal" exista mesmo, nos quartéis do Exército não há clima para levá-la adiante. É o que informa um oficial carioca. Para ele, a situação hoje é muito diferente de 1968 e, nos quartéis, ninguém deseja repetir aqueles episódios.

— Não há disposição das tropas para entrar em ação visando o fechamento do regime — diz o militar.

Em 68 — ele continua — elementos do próprio Exército participaram de ações com o fim de incriminar a Esquerda, o que foi uma maneira de mostrar "ao país, e à própria tropa, o perigo do comunismo". A jovem oficialidade, porém, embora hoje esteja mais apática em relação a atividades políticas, não aceita mais sequer pensar nesse tipo de ação.

Mas, e se o general mandar? A tropa não é obrigada a obedecer?

— Em princípio, sim — diz o militar — mas o general só manda quando sente que será obedecido pela tropa. E o clima atual não leva a crer nessa possibilidade.

O que se comenta muito nos quartéis, até hoje, é a condecoração que o governador Maluf recebeu do Exército no Dia do Soldado, 25 de agosto:

— Ninguém gostou disso. O repúdio foi total. Há um sentimento unânime de que um homem como Maluf jamais deveria ser homenageado pelo Exército.

O interessante é que até poucos meses atrás Maluf tinha um certo prestígio entre os militares de São Paulo. Comandantes disputavam o privilégio de convidá-lo para almoços. Hoje, tudo mudou. A atitude dos comandantes em relação a Maluf esfriou bastante.

— Esse tipo de mudança só pode ter sido uma orientação vinda de cima — diz o militar — pois no Exército a maior preocupação de um coronel é saber o que pensa um general. E, logo que sabe, passa a pensar como ele.

O militar acha que a mudança começou a ocorrer em maio passado, quando tanto Maluf quanto o chefe do II Exército, general Milton Tavares, conduziram a greve de modo mais violento que o recomendado por Brasília. Houve, inclusive, o episódio dos helicópteros sobrevoando a região da greve, o ABC. Brasília tinha ordenado ao general Milton que "não pusesse os pés no ABC". O assessor civil do general, Carlos Barbieri, teve então a idéia de sobrevoar a região, evitando "pisar" nela. É segura essa informação: partiu de dentro do próprio QG, da boca de um oficial de alta patente.

Quanto aos atuais atentados, o militar carioca tem certeza de que os responsáveis jamais serão punidos.

"Estudante" era agente do SNI

Os estudantes tinham razão: era mesmo agente dos órgãos de segurança o rapaz detido no Teatro da Universidade Católica de São Paulo no dia 11 de agosto, durante o Ato de Repúdio aos Atentados. O detido, que jogava pó químico na platéia, identificou-se como "Ricardo Amorim Novaes" e mostrou uma carteirinha de estudante do Mackenzie (universidade onde se localiza o principal núcleo do chamado CCC — Comando de Caça aos Comunistas). Levado ao Dops e solto logo em seguida, "Ricardo" sumiu. Agora sabe-se com segurança que ele trabalhava para o SNI — Serviço Nacional de Informações — escritório de São Paulo. Depois que sua foto saiu nos jornais, foi deslocado para continuar exercendo a mesma função em Porto Alegre.

Alex Solnik

ESPERTAS

Kenedy se vira na corda bamba

Foto de Chiquito Chaves

Kenedy sonha com caminhos mais altos

"Meu nome é João Kenedy, não sei quando nasci, só sei que sou menor e baiano. Minha profissão é aqui no asfalto. Falou em escrever ou em ler, não é comigo. Eu bem que gostaria, mas nunca deu. Depois que meu pai foi assassinado lá na Bahia, tudo ficou ruim pra mim e pros meus irmãos. Eu sou o mais velho. Outro dia mesmo eu vi o menor deles aqui no centro. Ele estava com fome e frio. Me deu a maior raiva, sabe como é,né? A gente vê uma pessoa da gente na pior e não pode fazer nada. Por isso é que eu resolvi me pendurar no fio. Tudo começou lá em São Paulo. Eu estava sentado numa praça, vendendo chiclete, quando vi um homem se equilibrando no fio. Não pensei duas vezes: comprei uma corda e comecei a treinar. Pensei em desistir, até que comecei a dar uns passos. Daí pra frente tudo ficou mais fácil. Vim pro Rio, comecei pela Praça 15. Eu tava na maior vergonha e com medo de não conseguir, mas tudo deu certo. Naquele dia consegui arrecadar Cr$ 600,00. Comprei comida e uma calça. No segundo dia não deu pra esperar: eu tava com um tesão danado e gastei o dinheiro com uma mulher. Meu maior sonho é atravessar num fio do Edifício Avenida Central até o Convento de Santo Antônio."

Chiquito Chaves

Em Minas, Caixa sequestra e aterroriza funcionários

A Caixa Econômica de Minas Gerais está perseguindo funcionários que formam o chamado Grupo de Arte, pois desenvolvem atividades artísticas. Essa perseguição começou no dia 8 de setembro, quando a Caixa facilitou o sequestro de dez funcionários, no 15º andar de sua agência central, por agentes da Delegacia de Falsificações e Defraudações. Segundo funcionários da Caixa, o sequestro foi planejado por superintendentes da instituição, insatisfeitos com o crescimento do movimento político liderado pelo chamado Grupo de Arte, que está procurando motivar o pessoal da Caixa, tradicionalmente apático e pouco reivindicador. A oportunidade para executar o plano surgiu quando o mensageiro Nílzio Antônio Costa, de 18 anos, foi preso no final de agosto por ter falsificado um cheque (ao que parece, de Cr$ 2.500,00). Quando interrogado, ele admitira ser viciado em maconha. Nílzio foi forçado, então, a apontar dez integrantes do Grupo de Arte como também apreciadores de um baseado. No dia 8 de setembro, o chefe de serviços da Caixa, Evandro Antônio Brasil, e a corregedora, Celeste Massara, chamaram os agentes da polícia e entregaram os dez funcionários para serem interrogados na delegacia. O sequestro foi bem planejado e quase não despertou a atenção dos 2 mil funcionários da Caixa, distribuídos por 17 andares. Pela manhã, Evandro Brasil entrou em contato com os chefes de seções, ordenando que determinados funcionários deveriam comparecer, às 13 horas, no 15.º andar, onde funciona a corregedoria. Quando os dez funcionários estavam lá, entraram dois policiais e os encaminharam para um elevador, que já estava esperando. De lá foram levados para a garagem e acomodados em três carros da Caixa. A saída foi discreta, como se nada tivesse acontecido. Na delegacia, os funcionários permaneceram incomunicáveis até às 19h 30m, sendo obrigados a escrever em várias folhas sem timbre cifras em valores aproximados ao do cheque falsificado. A diretoria da Caixa não fala sobre o assunto e a Assessoria de Comunicação Social afirma desconhecer o sequestro. Mas os funcionários acusados já resolveram constituir advogado para fazer sua defesa.

Nairo Almeri

Foto Eliana Pastore

Dr. João sente o chumbo no próprio pulmão

Gasolina polui a vida com chumbo

A gasolina brasileira é a mais rica em chumbo do mundo. Isso porque ela é de péssima qualidade e precisa ser reforçada com o venenoso produto. Jogado no ar pelos automóveis, o chumbo se deposita sobre plantações, animais e o próprio homem, atacando pulmão, fígado, ossos, rim, ao ser transportado pelo sangue. Por mínimo que seja, esse chumbo vai se depositando no corpo sem jamais ser expelido. O chumbo depositado nos produtos que comemos — animais, leite, verduras de beira de estrada — também entra no nosso sangue. E a quantidade de chumbo no sangue dos brasileiros é cada vez maior, garante João Targino de Araújo, médico que há dez anos estuda esse problema. "A situação mais grave é em São Paulo e no Rio — ele adverte — sendo que os índices de chumbo no ar em São Paulo nem são divulgados para não provocar pânico na população. O médico, que é dono de um instituto de análises clínicas, começou a se preocupar quando sinais de chumbo no sangue apareceram em mais de 3% de pessoas examinadas em seu laboratório. Numa pesquisa que fez em oficinas mecânicas, ele constatou a presença de mais de 53 microgramas de chumbo no sangue dos empregados. Aos poucos, o chumbo absorvido pelo corpo pode levar à morte. Os sintomas são: anemia, tonturas constantes, doenças respiratórias, crises renais, dores no fígado, cólicas intestinais. O próprio médico, com consultório numa rua de muito trânsito, a avenida Angélica, em São Paulo, sente tonturas todo dia.

Alex Solnik

Tudo vai subir por causa da guerra

Explodiu uma guerra entre o Iraque e o Irã e o governo brasileiro tremeu nas bases. Por quê?, se a maioria das pessoas não sabe direito nem onde ficam esses dois países.

A guerra é na região que mais produz petróleo no mundo, e só o Iraque vende para o Brasil 400 mil barris por dia, metade de todo o petróleo que o governo compra lá fora. Daí se explica a preocupação do general Figueiredo e seus ministros, e é bom que todo mundo se preocupe também, porque já já vai aumentar o preço da gasolina, do óleo diesel, do gás de cozinha, etc. Aí, todo mundo sabe, vão aumentar os preços do arroz com feijão, dos transportes, das roupas, das casas, do diabo a quatro. Sem guerra nem nada o custo de vida já anda nas alturas, imaginem com os árabes se matando e bombardeando poços, oleodutos e refinarias de petróleo lá na terra deles. Pior é que o governo vai aumentar seu chororô e se fechar ainda mais na hora de aumentar os salários

Contentes mesmo com a guerra devem estar os Estados Unidos e a Rússia. Primeiro porque esses dois países não gostam nada do tal aiatolá Komeini, que domina os iranianos com sua fé em Alá — o Deus deles. Perdendo ou não a guerra, o Irã vai sair dela muito enfraquecido militarmente e vai ter que ficar na moita durante algum tempo, deixando de conclamar seus irmãos muçulmanos na Rússia e em quase todos os países árabes da região a se rebelarem contra os governos locais. Deixa de ser uma ameaça e, dependendo do resultado do conflito, os Estados Unidos podem conseguir derrubar o aiatolá, libertar os reféns americanos presos e colocar de novo no governo algum descendente do falecido Xá Reza Pahlevi.

O Iraque, que compra armas principalmente da Rússia, de países europeus e do Brasil, vai ter que comprar muito mais depois da guerra. E os dois países, com suas economias abaladas, vão enfraquecer o bloco das nações produtoras de petróleo, facilitando as coisas para quem compra, isto é, Estados Unidos, Europa, Japão, Brasil e o resto do mundo.

De contrapeso, Estados Unidos e Rússia ainda levam vantagem sobre os outros países porque eles próprios são grandes produtores de petróleo. A Rússia até exporta e os Estados Unidos têm como se segurar.

Eduardo Homem

GUERRA NA RUA

• *"O quê? Guerra no Oriente Médio? Eu nem sei onde fica isso! Eu vejo na televisão uma porção de tiros, canhões. Acho que é por causa do petróleo. Então vai faltar gasolina, não é mesmo? Ih, já não chega a falta de feijão, agora vai faltar gás!" (José Francisco Morais, Niterói)*

• *"Tô por fora. Não entendo nada disso e tenho raiva de quem entende. Quero é tratar de mim e o resto que se dane. A guerra não é lá deles? Então, meu irmão, eles que se entendam." (Apontador de jogo-do-bicho)*

• *"Eu vejo na teve que o pessoal tá brigando. Mas guerra hoje tá em todo lado. O senhor não vê a guerra pra gente conseguir um quilo de feijão?* **(Creusa de Almeida, empregada doméstica)**

• *"Você tem que se preocupar com a guerra na Baixada. Lá é que morre gente por qualquer coisa. Todo dia, quando eu volto pra casa, fico rezando pra que não tenha acontecido nada com minha mulher e meus filhos. Que nenhum bandido tenha invadido minha casa pra fazer mal à minha família. Todo santo dia estou no meio dessa guerra. A outra é lá longe, nem sei onde fica."* ***(Edinéris Monteiro, morador na Baixada Fluminense, Rio)***

• *"Acho que vai ser uma boa pra classe. Se o governo racionar gasolina, o pessoal vai deixar o carro em casa e muitos vão andar de táxi. E, pelo jeito, essa guerra vai demorar muito." (Motorista de táxi do Rio)*

• *"Gasolina não vai faltar. O governo tá dizendo que tem reserva. Eu estou torcendo só pra que sobre pelo menos para meus passeios de fim-de-semana. Pode racionar à vontade..."* ***(Adair Fontes, funcionária pública)***

• *"Quem vai sofrer é o Brasil. O combustível não é a mola mestra do mundo? Então, meu filho, acho que as coisas vão ficar pretas. E não tem remédio."* **(João Gonçalves, paraibano)**

• *"Não adianta dar opinião nem contra nem a favor. Por favor, não me comprometa com esse negócio de política. Quero paz."* **(Homem de terno, pasta 007 na mão, na avenida Rio Branco, Rio)**

Tim Lopes

● Cassandra Rios, uma das escritoras mais proibidas do Brasil, foi agredida pra valer — com palavras e com sapato — num programa na TVS do Rio. Acusada de escrever baixa literatura, de desconhecer autores clássicos, como Tolstoi, Cassandra nem se abalou. E se sentiu recompensada ao chegar em casa. Entre tantos telefonemas de solidariedade que recebeu, um especialmente foi gratificante: o da secretária do ministro da Justiça, Abi-Ackel, que está numa "cruzada moralista" atualmente. A bênção e os elogios de uma secretária tão ilustre tranquilizaram a perseguida "rainha do erotismo".

Antonio Pavone

SHOW BIS

Chico Júnior

luzes da ribalta

• Vem aí um disco dos Borges, reunindo, além de Lô e Márcio, os outros cinco irmãos músicos: Telo (um tecladista da pesada que costuma se apresentar nos shows de Lô), Nico, Yé, Maryrton e a cantora Solange. E para dar uma força na qualidade musical, as presenças também mineiras de Milton Nascimento, Wagner Tiso e Toninho Horta. Na produção, Duca, mulher de Marcinho. Tudo em família.

• **Quem estava aguardando o disco do guitarrista Sérgio Dias, ex-Mutantes, se decepciona um pouco ao ver que tem muito canto e pouca guitarra. Serginho, sem dúvida um dos melhores guitarristas que existem por aí, dentro e fora do Brasil, apresenta um disco onde a maioria das músicas é cantada, abafando um pouco sua força maior, que é a guitarra. Tanto que nas faixas onde ele solta o instrumento dá para ver perfeitamente sua habilidade, sua competência.**

• Na praça o novo disco da paraibana Elba Ramalho — **Capim do Vale** — com a qualidade do primeiro e onde o Nordeste está presente em todas as faixas. Para explicá-lo, fala Elba: "É um disco onde nós todos — eu, os músicos e compositores — tentamos produzir um tipo de música que exprima a sensibilidade do Nordeste, um modo nordestino de criar música e poesia. O Nordeste não é apenas o sertão; é também as suas grandes cidades. E a gente quer mostrar a multiplicidade de sons, de ritmos e de formas com que a gente convive".

• **Aproveitando o embalo do lançamento do disco de Milton Nascimento pela Ariola, a Emi-Odeon, antiga gravadora do mineiro, bota no mercado o LP Paixão e Fé, que mostra uma visão dos 10 anos de carreira de Milton. No disco, coisas lindas como Fé cega, Faca amolada, Nascente, Tudo que você podia ser e Maria**

• Depois de ver a sua música **Aguaceiro** entre as mais tocadas nas rádios do Rio e de São Paulo, a dupla Têca e Ricardo volta do Sul, depois de alguns **shows** e de conseguir fazer a música aparecer nos primeiros lugares em Florianópolis, Curitiba e Porto Alegre. E, para completar a alegria, Simone acaba de gravar o samba-canção **Estrela da Canção**, de Ricardo.

lançamento

14 Bis: entre os melhores

1 14 Bis no "rock" e na toada

"Fazemos um som onde a melodia das canções venha envolvida por um ritmo em que se misturam a energia do **rock**, a simplicidade de uma balada, o brilho do som progressivo ou o encanto de uma toada mineira."

Quem diz isso é o tecladista do conjunto 14 Bis, o ótimo grupo mineiro que lança seu segundo disco pela Emi-Odeon. E as palavras de Vermelho sintetizam a atuação do conjunto, que utiliza os instrumentos e o vocal numa harmonia perfeita, tocando **rock** pauleira ou cantando a singela **Bola de meia, bola de gude**, de Milton Nascimento e Fernando Brandt, a canção que "é a cara do grupo, uma alegre balada sobre o menino que existe dentro de nós".

Uma outra música que também marca o conjunto é o tema instrumental **14 Bis**, um som onde Hely Rodrigues (bateria e percussão), Vermelho (teclados e vocal), Flávio Venturini (teclados e vocal), Sérgio Magrão (baixo e vocal) e Cláudio Venturini (guitarra) mostram toda a habilidade do grupo. Um som pra mexer com a moçada e que abre os **shows** do 14 Bis.

Com pouco mais de um ano de formado, sem dúvida nenhuma o 14 Bis está entre os nossos melhores conjuntos vocais e instrumentais. E quem quiser ver para crer pode dar um pulo entre 21 de outubro e 2 de novembro no Teatro Ipanema, no Rio, onde o grupo estará se apresentando. Para o pessoal da Niterói, o 14 Bis vai estar de 6 a 9 de novembro, no Teatro Leopoldo Froes.

Foto de Wilton Montenegro/Odeon

João Nogueira, Paulo César Pinheiro e Ivor Lancellotti

2 Paulo César Pinheiro

Falta voz e a coisa se complica quando entra em cena a voz de Baden Powell. Mas para que tanta voz? Seria pedir demais. E assim, mesmo sem uma voz boa, está aí Paulo César Pinheiro, um dos maiores poetas da música brasileira, num disco em que se apresenta com 10 de seus excelentes parceiros e de quem tem sempre uma história para contar: João Nogueira, Baden Powell, Mauro Duarte, Eduardo Gudin, Sivuca, Ivor Lancellotti, Guinga, Dori Caymmi, Maurício Tapajós e Tom Jobim.

Mas, se falta voz, em compensação tem esse time todo aí citado dando um **show** musical, com o Baden tocando seu violão e fazendo arranjos para várias faixas, o João Nogueira soltando seu samba maneiro, o Sivuca com a sanfona gostosa e o próprio Paulo César Pinheiro apresentando suas já conhecidas e importantes músicas, como **Minha esquina** (com João Nogueira), **Matita Perê** (com Jobim) e **Toada Brasileira** (com Ivor Lancellotti). Um disco de alta qualidade.

O som do Earth Wind and Fire no Rio e SP

Vem aí o pessoal da terra, do vento e do fogo, ou, mais precisamente, o Earth, Wind & Fire, um grupo de 12 crioulos (nove efetivos e mais três que seguram a barra nos instrumentos de sopro) que vem delirando platéias pelo mundo e colecionando títulos de "o melhor" em uma série de coisas. Um dos últimos "o melhor" foi conquistado por Maurice White, fundador do conjunto há quase 10 anos e considerado o melhor executante de instrumentos exóticos nos Estados Unidos, com a kalimba, uma espécie de piano africano, com pequenas teclas e dois orifícios na parte de baixo. Maurice também participa do vocal e toca baixo.

Como seus discos estão sempre entre os mais vendidos nos Estados Unidos e nos shows fica saindo gente pelo ladrão, o Earth, Wind & Fire vai se apresentar no Ibirapuera (dias 10 e 11 de outubro) e no Maracanãzinho (dias 24, 25 e 26), com a força instrumental e vocal que o caracteriza. Para se ter uma idéia, a parafernália material do grupo é composta de duas baterias, congas e outros instrumentos de percussão, duas guitarras, piano moog, sintetizador, dois saxofones, um trombone e um trumpete. Tudo isso misturado em arranjos da pesada e um vocal que, pra variar, deu ao grupo o título de melhor conjunto vocal de Rhythm & Blues (prêmio Grammy), nos Estados Unidos.

Por tudo isso vale a pena para o pessoal do Rio e de São Paulo ir conferir o som da rapaziada. Em tempo: o Earth, Wind & Fire tem quatro discos no mercado brasileiro (CBS) e a música After the love is gone, do último LP lançado aqui, andou pelas paradas.

OLHAI OS CROQUETTES

Teve gente que não gostou. Achou o espetáculo cheio de altos e baixos e um texto fraco. E, não resta a menor dúvida de que o texto de *TV Croquettes-Canal Dzi* poderia ser melhor (com menos lugares comuns), mais próximo da TV brasileira (já que o tema é a televisão), e mais distante da França, de onde os Dzi Croquettes voltam depois de seis anos. E também não resta a menor dúvida de que eles poderiam manter o *show* mais linear. Mas, sinceramente, isso pode até passar para um plano secundário se nos deixarmos contagiar pela alegria daqueles oito corpos (Cláudio Gaya, Cláudio Tovar, Ciro Barcellos, Wagner Ribeiro, Bayard Tonelli, Roberto Rodrigues, Fernando Pinto e Rogério de Poli), cuja finalidade principal é jogar liberação na cabeça dos que vão ao Café Concerto Rival (Rio) para vê-los. É simplesmente incrível a dinâmica e a participação cênica do grupo, e mais incrível ainda as várias danças que acontecem no palco. E entre os altos e baixos do espetáculo, o saldo é positivo. Tem mais alto do que baixo.

[illegible] do Rio, dia [illegible] das 15 às 18 [illegible] Cidinha [illegible] Aqui [illegible] a postos [illegible] às [illegible] sofridas

os premiados

A letra escolhida pelos leitores como a melhor do mês foi, como não poderia deixar de ser, **Agonia**, vencedora do festival global. E os leitores sorteados são os seguintes: Antônio Carlos Soares, Porto Feliz, SP; Roberto J.C., São Paulo; José Giarcísio do Nascimento, Viçosa, MG; Cláudio Aschkenasi, Petrópolis, RJ; Valci das Neves, Rio de Janeiro; José Manoel Barros Dominguez, Rio de Janeiro. Os sorteados do Rio de Janeiro, São Paulo (capital) e Petrópolis devem comparecer às nossas redações (ver endereços no expediente). Para os outros, mandaremos os discos pelo correio.

LEITORES

FALA BRASIL

Somos subdesenvolvidos
Temos um governo autoritário
Vivemos dependentes economicamente
E estamos nos transformando
(ou já nos transformamos?)
Numa filial norte-americana

Vivemos na miséria
Boa parte da população
Não tem nem onde morar
Mais de 40% são analfabetos
80% ganham salário mínimo
A inflação sobe assustadoramente

Não podemos eleger o presidente
Não podemos opinar
Temos que aceitar
Não foi Deus quem quis assim
Ele assiste calado a todas as burradas
Sofrendo como muitos
A incompetência de poucos
Que enchem o saco do Povo
Falando de causas
Queremos é soluçao!
Queremos é arroz e feijão!
Queremos informação!
Não somente as que interessam ao governo
Mas todas as que for possível obter
Queremos um governo democrático
Que lute pelo Povo
E não contra o Povo
Que aceite as críticas recebidas
E mire-se nelas para não receber outras
Queremos que acabem com essa divisão
Queremos que façam: do Povo-governo
Do governo-Povo
Que não haja exploração
E sim confraternizaçao
Queremos mesmo é liberdade
E condições para gozá-la
E quando alguém tentar limitá-la
Que receba seu castigo

Essa imensa tripulação
Quer confiar no timoneiro
E não provocar um motim

Edmar Paiffer

os sorteados

Esta é a relação dos leitores premiados com assinaturas semestrais grátis. Os sorteados devem escrever para Margem Editora — Rua Miguel Couto, 134/11.º, CEP 20070, Rio, confirmando nome e endereço.

Arlindo Norberto Morais; Antonio Manuel G. Barros; Alfredo Versati; Aldimar Francisco Carvezam; Antenor F. Albuquerque; Alexandre Inmianowski; Artur Dantas F.º; Antonio Carlos Soares, Alair dos Santos; Alberto Morais Neto; Adilson Correa, Ademir L. da Silva; Antonio H. Pereira; Angela M F. Oliveira; Ailton S. Mattos; André A.A Caciagli; Abrão Barros da Costa, Aloysio Cavalcanti F.º; Álvaro Mitelman, Benedito Marques; Benedito Milan; Breno Bello; Belarmino J. da Silva, Célio José Caribé; Ciro Assis Medeiros; Constância Maria Fernandes, Carlos A. Alves de Souza; Clair Carlos Manfroi; Celso Wagner Branco; Carlos Cesar Nanci; Celso Silveira Jr.; C. Jerônimo da Silva; Catarina Cid; Carlos A Abreu; Carlos da Silva; Daniel Henriques Sales; Domingos Alves da Silva; Daniel Soares Sampaio; Denise Lopes; Denis Padilha, Darcy Macedo; Dogivel da Silva; Domingos Canada; Edmar Rodrigues de Pontes; Edmar Parfer; Edson Soeiro; Eduardo Leonardo Engel; Eduardo Rocha Silva; Edmildo da Silva; Elpídio Galvão F.º; Elson Machado Aguiar; Edmundo Loiola F.º; Francisco Evangelista Silva F.º; Fernando Teles Silva; Francisco das Chagas Lemos, Francisco A. V. Nóbrega; Ferdinando C. Amaral; Flora Cardoso; Fernanda S. Chaves; Franklin V Silveira; Gerson Santos; Gilton Lisboa; Gilberto de Assis Brasil; Geraldo do Nascimento; Geraldo Eugênio A. Galindo; Gilberto N. S Sena; Gilberto Nunes Correa; Gelson Hélio Castro; Fletcher Pereira; Henrique de Deus; Heloisa P. Carneiro; Helena Costa Lima; Hélio Horta, Henriqueta Machado Lage; Ildeu Eduardo Alves; Israel Vera Santiago; Iara Dantas, Ismael Cotrim; Ilma C. Leão; José Roberto M. Brito; José Teobaldo Andrade; José Luiz A. Silva; Jonas Macedo; José Augusto Zulske; Jorge da Silva; José Sutero; João Lucio Barbosa, José Tsutomu Kon, José M O. Santana; José Carlos Aires; José C. Rodrigues de Souza; José Tarcísio Nascimento; Jerônimo Souza; José Vito Franco; João B. Dias de Oliveira, José Ferreira Bastos; Juarez S. Santos; Julio Cesar de Paula; Jorge Zacarias Santana; Jorge S. da Fonseca; J. A. Bonela; José Auresco; José Alberto Ferreira; José Estevan Martins; Jorge Laranja; Luis Emilio Vargas; Luis Rodrigues; Lourival Nunes de Souza; Luiz Carlos Belani; Luiz Luna; Luiz Freitas; Luiz Carlos R. Peres; Luiz E Alves Pinto; Luis Cecilio Cardoso; Lidia Bastos; Luciana Santos; Luis Dimas Alberti Milton Mussi; Maria do Rosário Costa; Marcelino Viola; Marcos A. A Sinflorio; Mario de Castro; Marco A Batista de Castro; Mirtes Castro; Miguel Souza; Manoelito P. da Silva; Mauricio G. Cordeiro; Mauro P. dos Santos; Manoel F. Boza; Manoel Almendro Fernandes; Marco A. Francisco; Marcio Santos; Milton C Albuquerque; Naldo Nonato Carvalho; Nilton Sotero Barros; Nilton Lopes Siman; Nélio S. Silva; Marcos A. Lucas; Nelson Caproni Jr.; Neide R Montes; Nanci Pierre; Nadir Silva Pinto; Odeilson Vasconcelos; Odyssée Souza; Osvaldo dos Santos; Osvaldo Fidelis; Odilon Bravin Abreu; Paulo José Barros; Paulo Jorge Couto; Pedro P Albuquerque Medeiros; Paulo A Carvalho; Patricia Carvalho; Penha Salgado; Pedro Paulo Paixão; Ruth Faria Figueira; Roberto Eidi Wada; Raimundo Vieira Carvalho; Regina Souza Bonfim; Roberto Silva; Rossana Silveira; Ricardo H. Miranda; Rubens A. Maciel; Roberto Bueno; Reinaldo Carranja; Ricardo Luis Dib; Raimundo A. C. Bezerra; Ronaldo Morais; Regina Pachoal; Robson Macieira; Rômulo Azevedo; Sebastião G. Viana; Sergio Paschoal Borges; Suely Rocha; Sandra Mara de Souza, Samuel Santos; Sérgio E. Ferreira; Solismar Rosa Lopes, Sérgio A. dos Santos; Suely Costa Bravo; Suely Pomoko; Sérgio Barros, Solange Dutra; Samuel Pinheiro Simão, Santoro Passos; Tânia Monteiro de Carvalho; Tulipa Mendel; Tânia Mara Raush; Telma Fidelis; Teobaldo Silva Teles; Tancredo Amaral; Tonia Porto Amado; Ubiratan Souza; Ubaldo Brasil da Silva; Vilma Gauté; Valdeci A Oliveira, Vicente Januário Jr.; Vinicius de Oliveira; Vitor P. Moreira; Vanda Serra Abrantes; Vicentina Braz e Silva; Volga Anderson; Wander Israel Santos; Walmir N. Penedo; Wilson Souza Migueis; Wagner Plaça.

Solidariedade é isto aí!

● "Sendo eu leitora assídua do REPORTER e também do **Pasquim**, acho-me no direito de manifestar meu protesto a respeito das lamentáveis ocorrências que têm havido ultimamente. Como não posso pegar pelo... cada um desses indivíduos armados de bombas e latas de gasolina, ajudo como sempre ajudei: não deixando de comprar mensalmente meu precioso exemplar. E gostaria que vocês deixassem público um aviso para o povo de São Paulo. Na banca da Estação Rodoviária Júlio Prestes tem REPORTER, **Pasquim** e todos os jornais "proibidos". Vão lá e comprem mesmo. Tem muitos exemplares e dá para todos." (**Heloísa — São Paulo — SP**)

● **"Acho vocês uns caras muito especiais, pois se não fossem eu não estaria em contato com vocês. Me considero também especial, pois não estou de acordo com toda essa sujeira. Essa minha cabeça tá com a de vocês. Espero que continuem do lado da verdade, só assim muito brasileiro vai abrir os olhos. A coisa tá preta lá em cima, gente. Tem máfia em tudo, até no salário de um lixeiro coitado. Espero que vocês continuem a falar sobre a sujeira da sociedade. Da política, que aqui no Brasil é a verdadeira máfia. Todo mundo rouba do pobre operário que ganha um salário de fome. Coitado do brasileiro. Gostaria de falar muito, mas se começar a falar muito a verdade os homens explodem a gente. Só falo isso porque sou louco: sou da rouxinha. Contem comigo no que eu puder ajudar."** (R.B. São Paulo — SP)

● "REPORTER emprega o sensacionalismo para chamar a atenção dos leitores, sacudindo-os para as doenças que açoitam a sociedade. É imprensa conscientizada e participante, que denuncia a injustiça e a hipocrisia. REPORTER deve continuar assim, falando a linguagem do povo, que é linguagem do sofrimento, mas é também a linguagem da esperança. Com relação às perseguições fascistas que vocês sofrem, não esmoreçam, não desistam, nós contamos com vocês." (**Elpídio Galvão — Carapicuíba — SP**)

● **"Leitor fidelíssimo do REPORTER, só agora resolvi assiná-lo porque o meu jornaleiro (o patrão dele) resolveu roer a corda. Gostaria de colaborar da maneira que vocês precisarem para barrar o terror fascista que está tentando interromper nossa convivência. É só falar!"** (Luiz Miguez — Rio de Janeiro — RJ)

● "Passamos por momentos delicados, onde a tensão é muito grande por parte daqueles que prezam a liberdade, seja ela qual for. Parabéns. É nesses momentos que descobrimos os verdadeiros heróis. Estamos do lado de vocês defendendo o direito de livre expressão. Não é uma minoria de "terroristas" (já que é essa a denominação dada a esses indivíduos) que vai privar o povo de informações, de saber a verdade do que ocorre em sua volta. Isso passará e este jornal ficará de pé, pois a imprensa alternativa conta com o apoio de todos que anseiam por uma democracia." (**Edmar Paiffer — São Paulo — SP**)

● **"Tenho acompanhado esta árdua luta de vocês, luta que tem por finalidade mostrar e instruir este humilde povão, que também não está alheio a essas sacanagens todas e sabe das dificuldades que estão encontrando. Parabenizo-os por este grande feito, pois sou leitor assíduo e sei das falcatruas e arbitrariedades que tentam contra nós (sinto-me da família do REPORTER). Estou sabendo das últimas novidades. Toquemos o barco a frente, pois o rio é grande e há muitos pescadores. "O povo acompanha e aprende/ Luta e defende/ Na sempre calada/ Com a cabeça voltada/ Sem dar vacilada." Gostaria muito se encontrassem um pequeno espaço para estas poucas linhas em nosso jornal e vê-las publicadas."** (Edymilson — São João de Meriti — RJ)

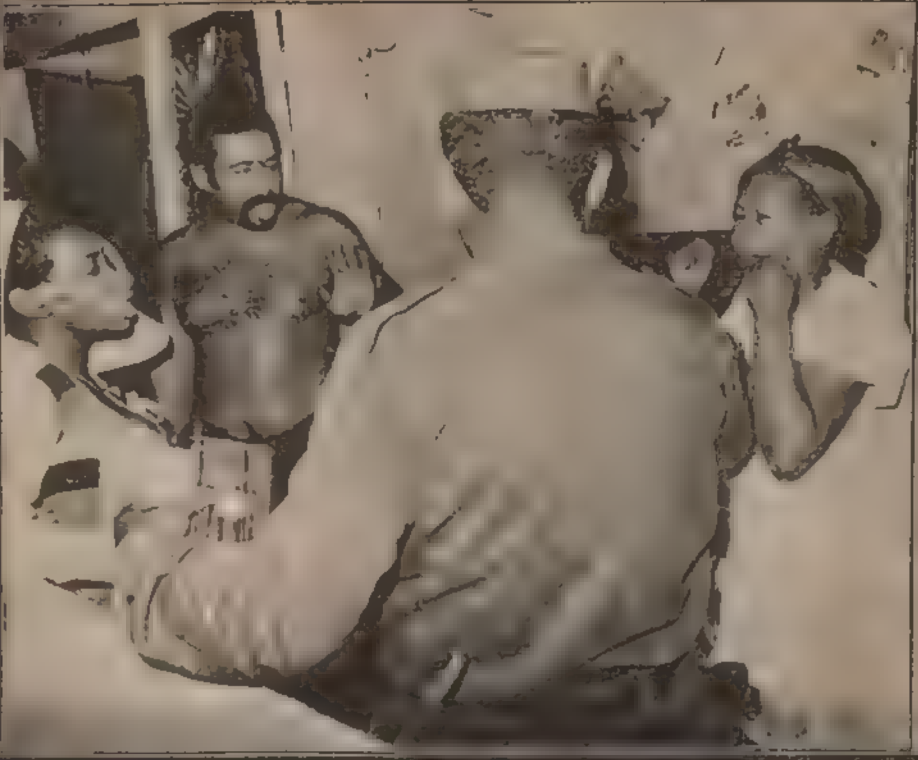
● "É com bastante satisfação que eu estou escrevendo esta carta para vocês, responsáveis pela edição do REPORTER. Quanto ao jornal, eu estou de pleno acordo e vocês têm meu apoio como leitor. Espero que vocês continuem mostrando todas essas novidades que nós vemos a cada nova edição. Para mim, todos os assuntos são bem interessantes, tanto que eu leio o jornal de ponta a ponta. O motivo maior desta carta é para fazer uma correção, pois eu moro em Itaquera/SP e, no n.º 31, vocês fizeram uma ótima reportagem sobre a TFP. Não concordei com algumas coisas que vocês disseram sobre Itaquera, pois todos fazem uma imagem negativa sobre esse bairro da Zona Leste. Itaquera fica a 25 quilômetros do centro da cidade, uma hora de ônibus ou 35 a 50 minutos de carro ou de trem. Quanto a esse problema de surto de doenças tidas como graves, não é bem assim. Quanto à reportagem, estou de pleno acordo, pois já morei do lado da TFP e até fiz parte daquela comunidade, mas só por dois dias, pois minha mãe não estava de acordo." (**José Ribamar — Itaquera — SP**)

● **A Congregação da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, em reunião realizada no dia 28 de agosto de 1980, aprovou, por unanimidade, voto de solidariedade à Ordem dos Advogados do Brasil, Câmara Municipal do Rio de Janeiro e jornal Tribuna Operária, que foram vítimas de atentados terroristas que provocaram a morte de Dona Lyda Monteiro da Silva, secretária da Ordem dos Advogados do Brasil, e ferimentos graves em José Ribamar, assessor da Câmara Municipal. Durante a mesma reunião, por iniciativa do Departamento de Comunicação Social, a Congregação da Faculdade de Filosofia decidiu também colocar seu saguão à disposição de todas as publicações que atualmente estão impedidas de chegar ao público através das bancas de jornais. Enquanto persistirem as ameaças, o saguão da FAFICH poderá ser utilizado para vendas [illegible] publicações recusadas pelas bancas.**

Gostaria de fazer uma crítica à seção de humor do REPORTER, visto que sabemos que existem coisas muito mais importantes para serem abordadas sem a necessidade de publicar a pornografia pela pornografia. O Guidacci tem capacidade, isto é [illegible] Essa [illegible] leitor, já que são usadas as duas páginas centrais para coisas que não nos dizem respeito. Sou um [illegible] admiro [illegible] crítica isolada e que seja usada crítica não seja uma crítica isolada [illegible] dos leitores. (*Geraldo Nascimento — São Paulo — SP*)

PM baixa o pau no Mangue

BLITZ NA ZONA



Mais uma ação oficial para acabar com a tradicional zona de prostituição do Rio, o Mangue: no dia 9 de setembro, um batalhão formado por PMs e funcionários da Secretaria de Fazenda municipal, arrebentou alguns cubículos das mulheres e bares clandestinos. O episódio serviu para amedrontar um pouco as 1.500 profissionais que ainda resistem à decisão da prefeitura de transformar definitivamente o Mangue na chamada Cidade Nova. As mulheres protestaram contra a violência e o desrespeito ao direito de moradia. Sabem que mais cedo ou mais tarde vão ter que sair dali, mas querem um lugar ondem possam "batalhar" sem serem molestadas. Os fiscais da Fazenda destruíram algumas garrafas de cachaça, vendidas ilegalmente nos tabiques. Os soldados prenderam dezoito pessoas que foram soltas no dia seguinte, e apreenderam pequena quantidade de maconha. Mas acharam tão pouco o fumo que ficaram até decepcionados, como se pode ver na ultima foto da página.

REPORTER

REPORTER

AUTÔNOMO INDEPENDENTE

Novembro de 1980 - ano III - nº 35 - Cr$ 40

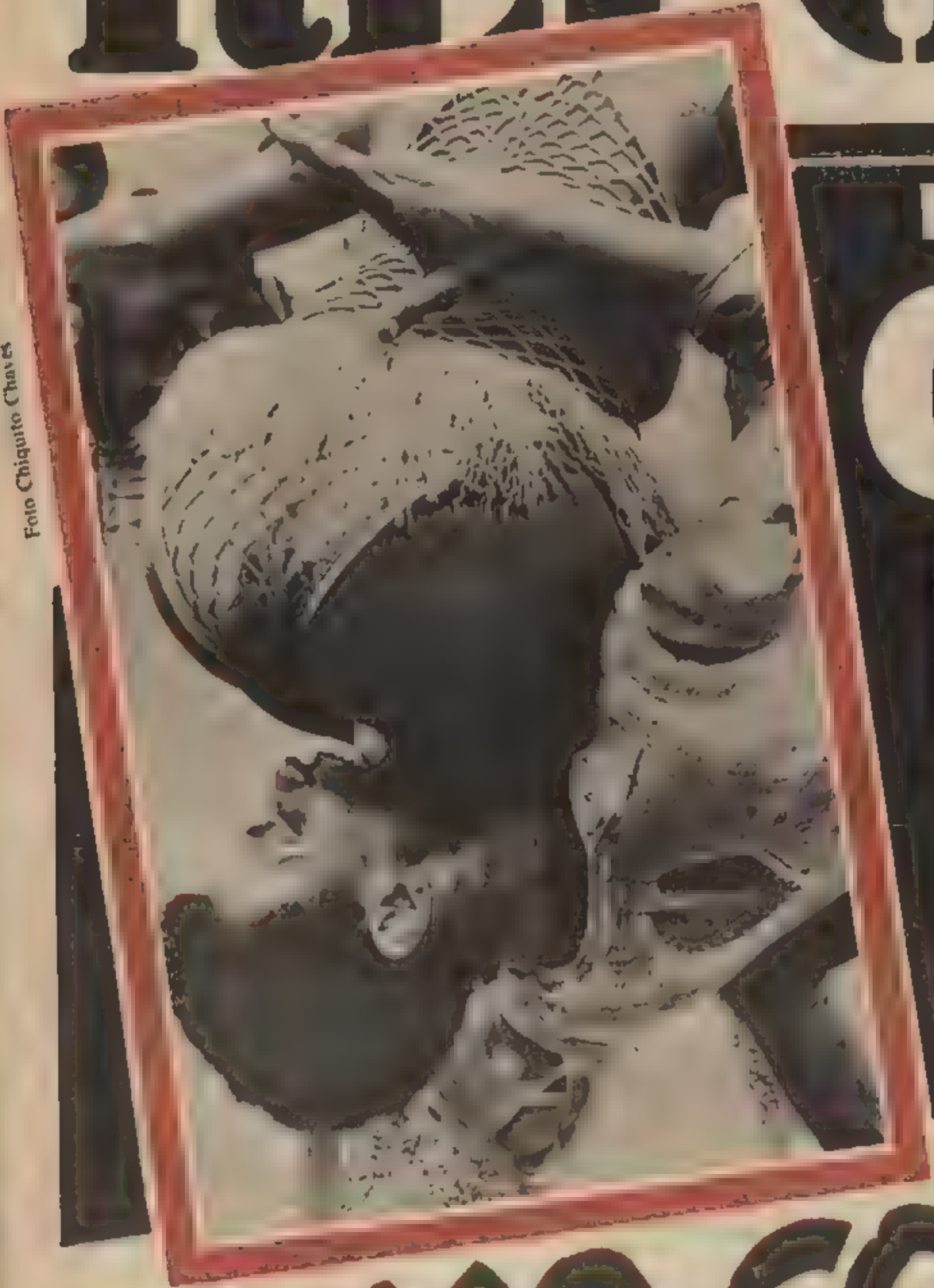


Foto Chiquito Chaves

Manipulação no orçamento favorece PP

CHAGAS DESVIA 27 BI

SEXO COM A BOCA

P.3

Nomeados os novos Bispos

P.20

BRIZOLA É CANDIDATO AO GOVERNO DO RIO

Empresários já fazem doações

Fundo pra fazer Maluf presidente

P.9

Assim o gigante dança!

A situação econômica do país é grave. O próprio ministro Delfim Netto, otimista por obrigação, admitiu a jornalistas brasileiros durante sua recente visita a Paris que o governo estava calculando que o preço do barril de petróleo se estabilizaria em 20 dólares – já chegou a 40 – e que a guerra entre o Irã e o Iraque acabaria logo (ela pode durar anos). A importação de petróleo aumenta o déficit nas contas do país com o exterior e exige mais empréstimos. A dívida com os banqueiros internacionais aumenta, o crédito fica mais caro e, só de juros, vai uma fortuna em dólares.

A exigência para novos empréstimos é a contenção do crescimento da economia. Menos empregos, salários mais arrochados, o povo vivendo cada vez pior e uma inflação que, em 81, vai continuar acima dos 100%. A política econômica tem que mudar. Mais empregos, melhores salários e fortalecimento do mercado interno indicam a direção que deve ser seguida para evitar que o gigante, a oitava economia do mundo ocidental, fique podre por dentro (na pág. 19).

Cai faturamento dos jornaleiros

O faturamento dos jornaleiros não vem tanto dos jornais, mas das revistas. Mais especificamente, das revistas eróticas. Desde que começou a onda moralista comandada pelo ministro Abi-Ackel, os prejuízos dos jornaleiros têm sido enormes. Encapadas, as revistas perdem seu grande ponto de venda que é a foto da capa. Por isso, as vendas caem. Junto com a queda de vendas, os editores resolveram também diminuir as tiragens. Somando tudo isso, o faturamento das bancas de São Paulo e do Rio tem caído por volta de 40%, de acordo com dados de uma das maiores distribuidoras de revistas do país. Os curadores de menores prometem continuar sua cruzada (leia matéria na página 10) e os jornaleiros ficam mais uma vez na pior.

FUQUE, FUQUE DO PDS PODE!

Estas são algumas das manchetes bem-humoradas com que o matutino carioca Luta Democrática, jornal apoiado pelo PDS, o partido do governo federal, brindou seus leitores no último mês. Um inglês que ia passando pelo Brasil não entendeu bem por quê. Enquanto isso, os curadores de menores das principais capitais do país, a pedido do ministro da Justiça, andam recolhendo revistas de mulher nua das bancas.

REPORTER

EDITORES — Alex Solnik, Luiz Alberto Bettencourt, Pipsi (Arte)
CHEFIA DE REPORTAGEM — Ricardo Bueno
REPORTAGEM — **RIO DE JANEIRO:** Tim Lopes, Chico Jr., Luís Ferrão **São Paulo:** Rivaldo Chinen, Silvio de Souza, Hélio Belik, Teresa Moreira. **Recife:** Eduardo Homem, Beth Salgueiro. **Salvador:** Mariluce Moura
FOTOGRAFIA — **Rio de Janeiro:** Chiquito Chaves, Rogério Carneiro. **São Paulo:** Wagner Avancini, Eliana Pastore, Valdenir Benedetti **Recife:** Valdir Afonso, Xirumba
ARTE — Analuce Estrella, Guidacci, Maurício [illegible]
CIRCULAÇÃO — Simeão Marques
PUBLICIDADE — Keline Keller (Rio) Dácio Lopes da Silva (SP)
DEPARTAMENTO JURÍDICO — Luís Celso Araújo e Luiz Eduardo Greenh[illegible]
REPORTER Autônomo Independente é uma publicação da Margem Editoria e Programação Gráfica Ltda. **Rio de Janeiro:** Rua Miguel Couto, 134/11º andar, tel.: 253-5038, 253-5077, 233-4331 **São Paulo:** Rua do Seminário, 155/sala 30, tel · 227-7175. **Recife:** Av. Conde da Boa Vista 121, Grupo 707, tel · 222-1224
Composição — Editora Mory, Rua do Resende 65, e Inúbia Editorial e Industrial S.A., Rua André Cavalcanti, 86 - RJ. **Impressão:** Cavallere Publicações Editora Gráfica Ltda. - RJ

Fotos Chiquito Chaves

Foliões, depois de algumas cervejas..

na avenida Presidente Vargas, centro do Rio

festejam o carnaval de 1980

PRAZER PELA BOCA

Na classe média, o medo diminuiu e a busca do sexo oral já é vista com menos preconceito. No Rio, um médico afirma que a prática, agora muito mais frequente, provocou um novo tipo de gonorréia, que se manifesta como infecção na gengiva ou na garganta.

Reportagem de Léa Cristina, Rivaldo Chinen e Beth Salgueiro

Posso dar uma chupadinha?

Essa cantada é famosa. Brasileiro que vê mulher tomando sorvete e tá a fim dela, solta logo essa. Pode ser grosseiro, vulgar, até machista. Pois mulher nenhuma jamais foi vista dizendo uma coisa dessa. Talvez porque nunca ninguém perguntou. Bastou perguntar — como fizemos, nas ruas, no trabalho, nas casas — para pintar respostas incríveis, como a da psicóloga carioca Regina Mendonça.

Mulher de 38 anos, noiva, pra ela sexo oral é parecido com chupar sorvete mesmo, como na cantada:

— Gosto depois de um bom banho e prefiro como fase de excitação. Me sinto bastante descontraída. Parece que estou chupando um picolé gostoso. Gosto mesmo é quando ele está pequenininho e faço ele crescer. — Mas ela não vai até o fim:

— Agora, do gosto eu não gosto, não. Parece uma água sanitária cremosa. Ou cuspo ou tiro da boca. E meu noivo não fica chateado. Faço por dois motivos: pra dar prazer a ele e porque me excita.

Pode parecer que Regina seja desinibida por causa da profissão. Mas uma simples funcionária pública do Rio, Teresa Rodrigues, três partos aos 26 anos, fala tranquilamente da sua intimidade:

— Em princípio, não gosto. Mas acho que depende da pessoa com quem se está transando. Tem que ter um pique bom de cabeça, sem nenhum grilo em cima. Desse jeito, sexo oral é legal, como outras coisas também.

Teresa só não gostava de fazer com o marido:

— Com meu marido não era legal. Não me amarrava. Agora tô transando com um carinha cheirosinho e novinho. O gosto dele é uma delícia. Ele é muito limpo, por dentro e por fora. Cheiro e gosto dependem do que a gente está sentindo.

Com limpeza, todo mundo se preocupa, homem ou mulher. Aldemar Brandão, carioca de 32 anos, fala nisso:

— Gosto, sim, mas dependendo da mulher e das circunstâncias. Tem que ser uma mulher fofinha, bonitinha, cheirosinha e apetitosa.

Aldemar deixa bem claro que não faz isso com "qualquer uma":

— O gosto, pra mim, é tipo amaro-cinzano, um pouquinho amargo, um pouquinho doce. O cheiro não é bom, o gosto também não é. Mas na hora da excitação não dá pra se ligar nesse negócio de cheiro e gosto. Faço, quando quero dar prazer a uma mulher que me inspira tudo isso; não é com qualquer uma.

Ainda existe a lenda de que quem gosta mesmo é prostituta. E os próprios homens imaginam isso, como o paulista Marcelo Pinheiro, solteiro de 22 anos, empregado de loja:

— Gosto muito, mas a mulher vê ainda com muita restrição, fica meio fechada, devido à educação. Mas, aos poucos, a gente vai chegando. Elas acham muita sujeira, tanto em se deixar chupar como em chupar. É mais com jeito, com o tempo. Agora, com prostituta é fácil, elas adoram.

Homem gosta de se mostrar muito à vontade, mas quem entra em detalhes mesmo é a mulher. Vejam o que diz uma estudante do Rio, de 19 anos, Heloísa Elena dos Santos:

— Gosto mais de botar ele, ainda pequeno, dentro da boca. Na hora do gozo, é ruim por causa do gosto. Não me dá nenhum prazer engolir aquilo. Simplesmente não consigo. Transo isso muito pouco. Me dá vontade de vomitar.

A maioria das pessoas, porém, transa isso muito. Um urologista do Rio contou a um cliente que o sexo oral é tão comum que novas doenças surgem por causa dele. Infecções na garganta e na boca, descobertas em seus pacientes e misteriosas a princípio, foram curadas quando o médico ligou as coisas.

Faz-se muito, mas pouca gente considera a coisa principal do ato amoroso. Selma Matos, 26 anos, carioca, não foge à regra:

— Gosto porque é mais um meio da gente sentir o companheiro. É mais um meio de excitação. É um carinho. Mas, pra mim, isso funciona como um complemento para alguma coisa. Nunca experimentei ir até o final.

Por que não ir até o fim?

— Não sei explicar por quê. O gosto e o cheiro eu acho muito bom. Bom mesmo. É gosto de pele. Adoro cheiro de pele, do jeito que estiver. Quando fazem em mim eu gosto, como gosto de qualquer manipulação.

As cariocas têm fama de extrovertidas. Mas é em São Paulo que uma dona-de-casa toda certinha, casada e com três filhos, como Fátima Aparecida, de 26 anos, posiciona-se a favor do sexo oral:

— Chupar pra mim é normal. Não tenho nada contra. Acho preferível falar do que ocultar. Minha prática? Não

sei dizer, não sei explicar. Sou casada, não tenho detalhes pra contar.

No início não foi fácil — ela confessa — e lembra bem da idade com que iniciou:

— Comecei a chupar depois dos 20. É normal. Percebi certa barreira, certa dificuldade no começo. Depois, tudo bem.

A hora de começar pode coincidir com o casamento. É o que diz uma auxiliar de escritório em São Paulo, de 18 anos, Maril Alves dos Santos:

— Eu não, eu não faço isso. Nunca chupei. Não é de mim fazer isso agora, estou noiva. Depois de casada, tudo bem.

Uma colega de Maril, Carlota Eny, de 19 anos, também espera o "tempo certo":

— Pra mim, é normal se fazer sexo oral. Só que não tenho experiência nenhuma. Olha, também não tenho curiosidade pra fazer isso. Quando chegar o tempo certo, tudo bem.

Um casal de namorados passeando no centro de São Paulo, ela com 20 anos, telefonista, chamada Nádia, ele, vendedor, de 21, Luís, ficam muito encabulados:

— Ainda não pensei muito sobre isso não — diz ele.

— Acho meio chato falar sobre sexo oral — diz ela.

— Se nós praticamos? Eu não — diz ele.

— Tenho nojo. Quando a gente quer mostrar que o sexo não é algo sobrenatural, que é alguma coisa normal em nossas vidas, os rapazes encaram a gente de outro modo, com preconceito, com medo — diz ela.

Cléo Guion, comerciário de 39 anos, casado, paulista, também responde com evasivas:

— Acho que depende muito de cada um. Qualquer questão relacionada a sexo deve ser resolvida a dois. Sempre a dois. Tudo deve ser permitido, desde que seja a dois, desde que leve à satisfação das duas pessoas.

Mas o senhor pratica, gosta?

— Bem... pode-se dizer que... bem... se existe a vontade, poderia praticar, desde que haja vontade de ambas as partes. Desde que nada forçado. Desde que no âmbito a dois, a quatro paredes. Só vejo problema na difusão da prática.

Um senhor de 52 anos, solteiro, criado no campo, foi o único a rejeitar o sexo oral de modo definitivo:

— Não posso dizer nada porque não conheço — declarou Josafá Gonçalves Moreira. — Nunca fiz. Acho que é errado. Por quê? Porque sim. Tenho nojo. Não existe mulher boa, mulher especial. Todas são iguais.

Exatamente o oposto diz um estudante de Artes Plásticas, de 17 anos:

— Quem é que não gosta de chupar uma mulher? — exclama Marcelo-Gil Gomes, de São Paulo. Das mulheres, ele tem reclamações:

— A mulherada reage de diferentes formas. Nem todas gostam. Você tem mais é que se chegar mais nela. Agora, é só começar que, quanto mais você chupa, mais dá vontade de continuar chupando. Só não gosto quando a mulher acabou de urinar. Aí falo pra ela dar uma lavadinha e mando ver.

Sexo oral libertou Cristina

Para a fotógrafa Cristina Villares, de São Paulo, sexo oral foi uma descoberta fundamental. Uma libertação:

– Somente agora, com 27 anos, chupando e sendo chupada numa cama, é que me libertei. Nunca tinha sentido prazer nem vontade de ter relações sexuais. Também não deixava ninguém chegar mais. Não curtia. Tinha um medo incrível de transar. É um problema de estrutura familiar. Tive uma repressão sexual forte por parte do meu pai. Ele achava o sexo nojento e um dia, só de me ver com uma roupa colante, no dizer dele "provocante", ele me rasgou a roupa toda. Eu tinha só 11 anos. Aos 14 saí de casa, mas desde essa época não pintou ninguém que fazia o sexo com amor e carinho. Tive algumas relações até muito violentas. Eu já tinha outro problema anterior. Quando fiquei menstruada pela primeira vez, não entendi direito. Peguei toda a minha roupa, inclusive a da cama, e lavei escondida. Mais tarde transei teatro, aprendi a me interessar pelo corpo. Hoje consegui me emancipar, e isso inclui o sexo oral, a chupada, como algo essencial.

Foto Wagner Avancini

Cristina, a fotógrafa

Marcelo conta como as mulheres fazem com ele:

— Tem mulher que agarra tanto meu pau que só falta engolir. Algumas agarram a cabeça e não querem largar mais.

Ele só tem 17 anos, mas já passou uma fase da qual detestava:

— Antigamente eu achava nojento, mas sempre tem a primeira vez. Foi por curiosidade. Eu tava na maior carícia, daí me aproximei, chupei, fiz ela me chupar e gostei.

Para algumas pessoas, sexo oral só se justifica se houver amor:

— Gosto de transar, desde que haja sentimento envolvido, o que dá mais ímpeto às coisas — afirma Paulo Faustino, jornalista do Rio, 24 anos. No momento em que há sentimento e desejo, não distingo cheiro ou limpeza.

— Pra fazer sexo oral com uma mulher, tem que gostar muito dela — é a opinião do carioca Fernando Abreu, 31 anos, auxiliar de escritório. — Saber que é da gente. Só da gente. Me excita muito sentir a minha mulher cheia de prazer.

Já o bancário João Henrique Feijó, carioca, 42 anos, quer mesmo é "aproveitar, apaixonado ou não":

— Não me restrinjo a estar apaixonado pela pessoa para transar sexo oral com ela. Quando acontece, o negócio é aproveitar. A gente tem é que perceber se a parceira está gostando. Cheiro e gosto não me dizem muito: nem pra bom, nem pra ruim.

O cheiro é fundamental, para a bibliotecária Márcia Denize, 33 anos, carioca. Ela suspeita até de ser meio doente nesse ponto:

— Numa hora uma coisa pode ser boa, noutra hora, a mesma coisa, com a mesma pessoa, pode não ser. Até o gosto pode ser bom. Tudo depende da cabeça. Agora, do cheiro eu gosto muito. Não sei se isso é alguma anomalia, mas adoro o cheiro de partes íntimas. Respiro até o fundo.

No Rio, uma só pessoa entrevistada declarou que nunca fez: o servente de pedreiro Paulo Roberto do Nascimento, de 20 anos:

— Até hoje nunca fiz isso. Sabe como é: pra solteiro fica mais difícil. E não foi por falta de tentativa. Não dei sorte

Ana Luísa Azevedo, dona-de-casa de Recife, 29 anos, casada, teve experiências horríveis:

— Não gosto nem de ouvir falar de sexo oral. Todas as minhas experiências de sexo oral foram muito mortificantes. Casei virgem e meu marido foi me ensinando as coisas devagar. Nunca senti nada durante as relações sexuais. Às vezes me dava vontade de que ele acabasse logo pra tirar o peso de cima de mim. A primeira vez que ele botou a boca lá naquele lugar eu não quis deixar, achei nojento. E quando ele me obrigou a botar o negócio dele na minha boca eu vomitei. Foi uma briga pra eu botar e eu vomitei. Você pode imaginar o quanto ele ficou brabo, mas eu não podia fazer nada, foi mais forte do que eu. Nesse dia ele me bateu. Como dona-de-casa eu sou ótima, como mãe também. Mas como mulher? Não sei, talvez eu não tenha tido um homem que valesse a pena.

No Brasil, sexo oral ainda pode ser chocante para muita gente. Mas outras civilizações encaravam o fato de modo natural, carinhoso até. É o que conta um livro norte-americano chamado **Joys of oral sex** (Prazeres do sexo oral). Na China Antiga — de acordo com o livro — nas famílias tradicionais, era costume usar sexo oral para acalmar as crianças. A mãe, avó, ou a irmã do menino podiam masturbá-lo, beijar

Fotos Wagner Avancini

Fátima: chupar é normal

Cléo: depende muito

Esperma é o grilo para as americanas

A escritora norte-americana Shere Hite enviou questionários a milhares de mulheres pedindo que descrevessem seus hábitos sexuais. A pesquisa resultou num livro, O Relatório Hite, antes proibido no Brasil e agora liberado. As norte-americanas revelam, em suas respostas, preferência pela masturbação, mas falam muito também sobre sexo oral:

— Algumas vezes eu gosto, apesar de não me entusiasmar de engolir sêmen. Queima minha garganta. Mas algumas vezes eu fico muito excitada.

— Eu não me importo em fazer isso, algumas vezes eu aprecio muito. Eu sei que meu parceiro se sente muito bem, e me agrada dar-lhe prazer.

— Eu detesto cair de língua num cara a menos que eu tenha uma grande consideração por ele. Faço isso quando eu não posso transar por estar menstruada, ou com uma infecção vaginal, ou grávida, e ele precisa de um alívio. O pênis é muito grande e me sufoca. Eu faço isso como um presente a quem eu amo. Do contrário, detesto. Eu não me importo muito com o esperma, que pode ser comparado à clara do ovo.

— Gozar está certo, desde que o esperma não termine na minha boca.

— Eu faço até gozar, mas evito engolir.

— Com um parceiro novo eu tenho um problema de como fazer com o esperma. Eu não gosto de engolir, mas fico embaraçada de cuspir fora.

— Eu gosto durante pouco tempo, mas não gosto que ele venha na minha boca. Eu gosto de fellatio misturado a um bocado de brincadeiras com o corpo, e não como acontecimento principal. Meu companheiro gosta de verdade e eu faço sempre, principalmente para satisfazê-lo. Eu nunca tive contato sexual com mulher, mas eu penso que, se tiver, cunnilingus poderia dar mais prazer do que fellatio. Eu não me sentiria invadida.

— Eu me sinto como se meu rosto fosse estuprado.

— O orgasmo me faz sentir como se estilhaços de um projétil tivessem sido atirados pela minha garganta abaixo.

— Você precisaria transar muito fellatio e cunnilingus para depois ter condição de decidir contra isso.

— Fellatio é legal, mas a minha boca se cansa de ficar escancarada.

— Fico pensando que vou me afogar e morrer. Eu não posso aceitar a idéia do esperma na minha boca. Estou certa de que ele vai urinar.

— Sinto que só consideraria a hipótese de chupar um pênis se alguém me apontasse uma arma carregada contra a minha cabeça. De jeito nenhum.

ou mesmo chupar seu pênis para que parasse de chorar

A invenção do batom segundo o livro, está ligada ao sexo oral As prostitutas na Fenícia — que corresponde hoje ao Líbano e à Síria — pintavam os lábios para mostrar aos homens que gostavam Mais tarde, pintar os lábios, ainda com o mesmo sentido, passou a ser chique. E uma das que mais se lambuzavam era Cleópatra. Seu apelido, inclusive — diz o historiador grego Meriochane — era **Abissal**, que quer dizer "desfiladeiro", "abismo", "cratera".

Gregos e romanos gostavam muito. Foram eles que inventaram a palavra científica da coisa, em uso até hoje. **Cunnilingus** — cunni é clitóris — para o ato do homem fazendo na mulher, e **fellatio**, a mulher no homem. Antes dessa palavra havia outra, algo como "lesbianizar", pois se fazia muito na ilha de Lesbos, onde moravam as prostitutas mais bonitas da Grécia. Com o tempo, "lesbianizar" se misturou com "feniciar" (Fenícia, onde inventaram o batom), e no fim o acasalamento das palavras deu **fellatio**. A outra palavra deu origem a "lésbicas", coisa que também se fazia na ilha

Catarina, a grande imperatriz russa, era páreo para a Cleópatra, diz ainda o livro Outros nomes famosos — Napoleão e Josefina, Rasputin, Lord Byron, Henrique VIII, da Inglaterra — são citados como grandes apreciadores. Até a Igreja discutiu o assunto no século 18. O religioso Alphonsus Liguori (que mais tarde foi santificado) escreveu um manual tipo pergunta-resposta para orientar seus fiéis. "É pecado mortal se o marido introduz seu pênis na boca de sua mulher?", pergunta o santo. E ele mesmo responde: "Desde que não poluísse a mulher e fosse apenas uma preliminar para o ato sexual",ele não via problema nenhum.

Nos dias de hoje, sexo oral é cada vez mais assunto de filmes e livros. **Medo de Voar**, autobiografia da poetisa norte-americana Erica Jong — muito vendido no Brasil — fala do ato pelo menos quinze vezes. Por exemplo:

— Eu me apaixonei por Bennett, em parte porque ele tinha os bagos mais limpinhos que eu já provei na vida.

— Eu iria estudar em Proseminar... e enquanto isso eu ficava pensando em chupar cada um dos masculinos membros (ahh...) da minha turma.

Josafá tenho nojo

Marli, só depois de casar

Geraldo tem medo

Pedreiro diz que não é muito chegado

Por ser do "mato", o pedreiro Geraldo Pereira da Silva, solteiro, 43 anos, de São Paulo, diz que não é "muito chegado":

– Não dá pra entrar assim de qualquer maneira, de qualquer jeito. Temos que ter um certo relacionamento mais íntimo com a mulher. A gente muitas vezes quer fazer certas coisas que não convém, não é? Chupar, mas chupar mesmo uma mulher, não sou muito chegado, não. Tem mulher de tudo quanto é tipo, o cara pode se sair até mal. Sou criado no mato, interior, fazenda, roça. Quer dizer, não tenho assim esse costume como aqui na cidade grande. Lá em Goiás, Mato Grosso, Paraná, lugar morto, ou o cara é casado ou procura mulher na zona.

Deep Throat (Garganta Profunda) é um filme norte-americano — inédito entre nós — que só fala nisso. Talvez seja o mais famoso exemplo de cinema pornô no mundo. Feito em 1973, conta a história de uma mulher cujo clitóris ficava na garganta. O casal do filme ficou tão famoso que escreveu livros sobre a experiência. O ator, Harry Reems, em **Aí vem Harry Reems**, revela que passou cinco horas convivendo com a atriz, Linda Lovelace, "mais duas horas com o piru na xoxota dela e mais cinco horas com o piru em sua boca".

Linda deu até aulas, em cursos especializados, e contou sua técnica no livro **Por dentro de Linda Lovelace**:

— Eu vou cada vez mais fundo, fazendo ritmo com o vai-e-vem. Quando sinto que está no fim, eu inspiro forte. A partir daí, é apenas uma questão de ajeitar a largura. Mas, uma vez que o piru atravessa os músculos da garganta, tamanho não é problema.

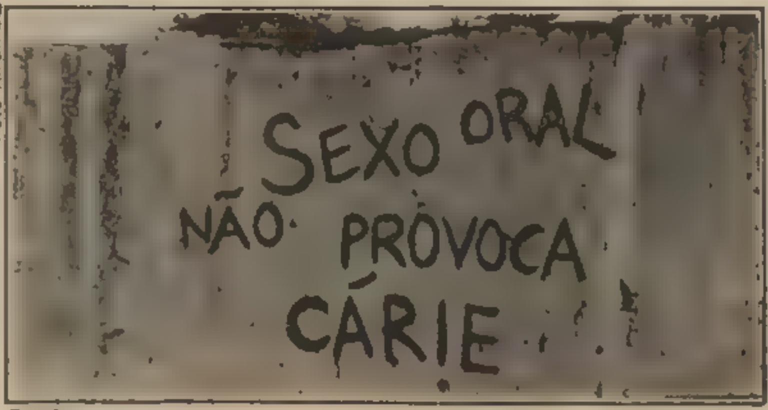
Atrizes do cinema pornô tornaram-se estrelas nos Estados Unidos. Linda, de gozação, lançou sua candidatura à Presidência da República, em 1976. E o nome **Deep Throat** serviu de apelido para a fonte que fornecia as informações aos dois jornalistas que trouxeram à tona o escândalo **Watergate**, depois do qual o presidente Nixon renunciou.

A estrela mais recente do pornô é a norte-americana Jody Maxwell. O filme chama-se **A chupadora-de-piru que veio do Missouri**. No papel-título ela consegue, ao mesmo tempo, fazer biquinho, assobiar e, sem perder o fôlego, cantar música caipira.

Filme que tem cena de sexo oral, visto no Brasil, é **Shampoo**. Lá pelas tantas, Julie Christie quer fazer ciúme em Warren Beatty num jantar de gala. Um senhor idoso, milionário, ao seu lado na mesa, pergunta o que ela desejaria, insinuando jóias, casacos de pele, imóveis...

— Eu gostaria de chupar seu piru — responde Julie e, no ato, entra debaixo da mesa a realizar seu desejo.

Foto Xirumba



Recife

Atores-estudantes gostam de usar a boca

Atores e atrizes pernambucanos do Teatro Universitário Boca Aberta, com média de 21 anos, reúnem-se para um debate sobre sexo oral, especialmente para este jornal:

— Antes de tudo, queria dizer que sexo oral é um nome muito antisséptico para uma coisa tão gostosa. Nós preferimos chamar de chupada mesmo. É mais simpático. (Fernando)

— É isso aí. E queria dizer também que todos nós temos muita dificuldade em verbalizar o sexo oral, que é uma coisa que praticamos, mas não sabemos falar a respeito. Que tal começar pela repressão sexual? (Rosário)

— A culpa dessa dificuldade é da nossa formação cristã. Sempre ouvimos que sexo é pecado, que sexo é papai e mamãe. Imagine as variações. A gente fica com uma resistência muito grande, não é? (Fernando)

Nesse momento entra a Juju, a mais velha do grupo, que é solicitada a dar seu depoimento sobre sexo oral. Ela responde, debaixo de vaias:

— Não posso falar porque estou de boca cheia.

— Vamos continuar o papo. Queria dizer que as nossas famílias funcionam como tribunal de inquisição com relação ao sexo, e que nas escolas as aulas de educação sexual são ridículas. Vive todo mundo alheio à realidade. Nós podemos falar assim porque somos uma minoria. (Alice)

— Eu acho que o sexo oral devia ser comentado com mais delicadeza para não assustar as pessoas. Tem gente que nem admite que trepa, imagine se vai dizer que chupa. A palavra chupar é pesada. (Rosário)

— Eu acho que mais pesado é o medo que as pessoas têm de sentir prazer. O sentimento de culpa que vem por se ter sentido prazer. (Juju)

— Sexo oral é um conhecimento maior que você tem da pessoa com quem você está transando. Tem que existir uma relação, e não só a atitude. Porque não dá pra chupar da primeira vez. Só se a coisa acontecer naturalmente, for daqueles casos de pá e pronto. (Fernando)

— Chupar uma pessoa querida é muito excitante. É um conhecimento maior do corpo dela. Mas ao mesmo tempo é uma coisa muito delicada, porque pode destruir uma relação. Se você não gostar do cheiro ou do gosto da pessoa, por exemplo. (Magdale)

— Acho que fazer sexo oral é até uma questão política. Deixa você mais livre e mais solto pra fazer outras coisas. (Edir)

— No sexo oral tem também um lance de domínio. O homem é mais chupado do que a mulher. (Faz uma rápida pesquisa no grupo e constata que as mulheres preferem ser chupadas e os homens preferem chupar.) O homem sentir uma mulher curvada sobre ele, chupando seu pau, lhe dá uma sensação de ser dono do mundo. É uma atitude machista, mas é assim. (Cláudio)

UM CASO IGUAL AO DA FREGUESIA DO Ó EM SÃO PAULO

Governo do Rio usa funcionários para agredir Oposição

Reportagem de Chiquito Chaves, Custódio Coimbra e Tim Lopes

Foto Custódio Coimbra

Foto Chiquito Chaves

*O negro forte, de bigode, dedo em riste, segurando a bolsa **capanga** na mão esquerda, que está descendo as escadarias da Assembléia Legislativa e ameaçando os manifestantes é o mesmo que, em setembro deste ano, cabelo mais crescido, agindo como fiscal, depredou bebidas e cubículos no Mangue.*

Em outubro do ano passado, durante a Convenção Regional do MDB, o deputado Raimundo de Oliveira e outros parlamentares que não seguiam a orientação do governador Chagas Freitas, hoje no Partido Popular, foram brutalmente agredidos por um bando de elementos chefiados pelo vereador Edgar de Carvalho Júnior, ex-dirigente do movimento estudantil, agora membro do grupo chaguista. Quase um ano depois — no dia 9 de setembro de 1980 — alguns desses elementos apareceram no Mangue, zona de prostituição do Rio de Janeiro, e destruíram casas e cubículos também de forma brutal, sob a alegação de que estavam combatendo o comércio clandestino de bebidas. Foi possível, então, identificá-los. Eles são "rapas" contratados pelo Serviço de Fiscalização de Ambulantes da Secretaria Municipal de Fazenda. Chagas Freitas, portanto, utilizou pessoal contratado pelo governo municipal para agredir membros da Oposição. Exatamente como fez, mais recentemente, o governador Paulo Maluf, de São Paulo, durante manifestações contra o seu "governo itinerante" no bairro da Freguesia do Ó. Lá, essa atitude gerou uma Comissão Parlamentar de Inquérito, que ainda está em andamento, mas já demonstrou com fotos e depoimentos que o Serviço Reservado da PM paulista e funcionários da Prefeitura da capital participaram de espancamentos de deputados da Oposição por determinação do governador.

Foto Custódio Coimbra

O negro, de bigode mexicano, braço direito erguido, com pulseira, que está falando com alguém mais embaixo nas escadarias, é conhecido como **Janjão**. Ele, de camisa redonda e listrada, casaco claro com gola escura, chefiou a equipe de fiscais que arrebentou portas no Mangue à procura de bebidas.

Foto Chiquito Chaves

Foto Chiquito Chaves

Foto Custódio Coimbra

O mulato forte, de bigode e costeleta, último à esquerda, camisa clara, calça escura, pulseira na mão direita, relógio na mão esquerda, que forma no bando que impedia a entrada dos delegados antichaguistas, é o mesmo que, com cara de esforço, segura uma geladeira pelo pé durante a batida no Mangue.

Leonel Brizola

Miro Teixeira

Brizola disputa o Rio com Miro

A guerra pelo governo do Estado do Rio de Janeiro já começou. Duas frentes de batalha foram abertas para 1982, ano em que, se tudo correr bem, deverá haver eleições diretas. Uma das frentes é liderada pelo czar chaguista, o deputado Miro Teixeira, afilhado político de Chagas Freitas, do PP. A outra é comandada pelo ex-governador Leonel Brizola, que espera liderar um bloco antichaguista, envolvendo o seu PDT, o PMDB, o PT e, quem sabe, até o PDS.

Além dos dois, há gente correndo por fora. O nome de maior peso é o do senador Saturnino Braga, do PMDB. Ele e Brizola terão que chegar a um acordo. Quem não se candidatar ao governo do Rio de Janeiro vai para o Senado. O partido de Brizola já está organizado em todo o Estado. Saturnino, semanalmente, lidera caravanas de políticos pelo interior do Rio de Janeiro em busca de apoio para sua candidatura.

Quanto a Miro Teixeira, seus métodos são conhecidos: empreguismo, promessas eleitoreiras e comícios com banda de música.

Com esta eleição para governador, o carioca vai quebrar um jejum de 15 anos. Por isso, REPORTER preparou um perfil dos novos partidos, para que você não seja enganado pelos candidatos.

Um partido popular só de banqueiros

O autodenominado Partido Popular — que o povão apelidou de partido dos banqueiros — conseguiu reunir a fina flor de colaboradores arrependidos do autoritarismo. Agora, posam de oposicionistas. Mas é difícil acreditar que Miro Teixeira, Chagas Freitas, Tancredo Neves, Thales Ramalho e Magalhães Pinto — dono do Banco Nacional e signatário do AI-5 — sejam realmente democratas, como se dizem atualmente

O PP é um saco de gatos, unidos pelo sentimento anticomunista e a ambição pelo poder. Nele estão udenistas, chaguistas, malufistas disfarçados e latifundiários. Banqueiros não faltam: Olavo Setubal, Cláudio Lembo e Herbert Levy são do Banco Itaú, Paulo Egydio é do Comind e ainda há o Magalhães Pinto.

O programa do PP fala em justiça social, distribuição de renda, direito de greve e coisas do gênero. Mas nada disso vale para os que trabalham nos bancos controlados pelos "democratas" do PP. A média de salários de seus funcionários, segundo levantamento realizado pelo sindicato dos bancos do Rio, não passa de Cr$ 5 mil. E mais: naqueles mesmos bancos, dezenas de bancários foram demitidos após a greve da categoria.

A atuação parlamentar do PP é dúbia. De um lado, o partido tem votado compactamente com a Oposição (rejeitou a Lei dos Estrangeiros e a prorrogação dos mandatos municipais) Mas, por trás do pano, age de maneira diferente. O governador Chagas Freitas demite do serviço público estadual os correligionários dos políticos que não optaram pelo PP. E em alguns estados o PP está se unindo ao partido do governo, como por exemplo em Pernambuco e no Rio Grande do Norte (onde o PP e o PDS combatem o PMDB)

Dos 67 deputados federais do PP, mais de 50 saíram da corrente adesista do antigo MDB Os outros são velhos arenistas que o regime descartou, em geral porque eram desprezíveis. Além disso, embora o PP defenda eleições diretas, dois de seus senadores são biônicos: Afonso Camargo Neto e Gastão Muller. Este, inclusive, foi líder do governo Médici no Senado e relator da nova Lei de Segurança Nacional, tendo sempre obedecido às ordens do Palácio do Planalto.

Miro Teixeira, o candidato do PP ao governo do Rio, tem se apresentado ultimamente como "socialista". Estranho, para quem é acusado, inclusive, de ter forçado os vereadores de Petrópolis e de São Gonçalo a cassarem dois prefeitos eleitos pelo povo

Se o homem perder, o PDT pode acabar

É difícil traçar um perfil do PDT. À primeira vista o partido é o próprio Brizola, e seu futuro está, sem dúvida alguma, estreitamente ligado ao futuro do antigo líder populista. Se a estrela de Brizola brilhar e ele conquistar o governo do Rio, como está em seus planos, o PDT crescerá. Caso contrário, o declínio do ex-governador do Rio Grande do Sul liquidará com suas pretensões de formar um novo partido.

Atualmente o PDT só tem força no Rio Grande do Sul, onde conta com o prestígio do filho de Getúlio Vargas, Manoel Vargas, e do filho do ex-presidente João Goulart, João Vicente Goulart, além de uma grande massa de adeptos que conheceram a administração de Brizola e viveram os idos de 64.

O PDT já sofreu duros reveses. O mais forte foi a perda da sigla PTB para Ivete Vargas, graças a uma manobra arquitetada pelo Palácio do Planalto. Outro abalo importante foi o fracasso da tentativa de fazer aliança com o PT — Partido dos Trabalhadores. O partido só não acabou indo por água abaixo porque conta com alguns quadros políticos muito categorizados: além de Brizola, Lisâneas Maciel, Neiva Moreira, Darcy Ribeiro, Doutel de Andrade e Cibilis de Rocha Viana.

Além disso, o PDT conta com o apoio financeiro da poderosa e milionária social-democracia alemã, cujos planos para a América Latina e o Brasil, em particular, são reformistas, mas comprometidos com o sistema

Desde que perdeu a sigla PTB, o PDT sofreu duras baixas, pois 13 dos 24 deputados comprometidos com Brizola foram para outros partidos. Assim, caso Brizola não ganhe a parada no Rio de Janeiro, só deverá restar ao PDT entrar no PMDB ou no PT.

De Botafogo ao Maracanã a linha está pronta, mas os trens não andam

MULTINACIONAIS PARAM METRÔ

Técnicos da companhia, no Rio, não podem montar o equipamento eletrônico para operar o trecho porque os fornecedores estrangeiros não dariam garantia de funcionamento e assistência técnica. 200 mil pessoas seriam beneficiadas.

O Metrô carioca poderia aumentar quase que de imediato sua capacidade de transporte – de 100 mil para 300 mil passageiros. Para isso bastaria que entrassem em funcionamento sete quilômetros de linhas, já totalmente prontas, entre Botafogo e Maracanã. Com isso a integração dos transportes poderia começar, com passagens válidas para ônibus e metrô, barateando os custos. E o próprio Metrô se beneficiaria, reduzindo suas despesas de operação.

O Metrô, entretanto, não tem meios para montar o sofisticado equipamento eletrônico europeu que comprou para operar essa linha. Os técnicos nacionais têm todo equipamento em mãos, mas temem instalá-lo sem a ajuda das empresas francesas que assessoram a obra. Caso os técnicos nacionais conseguissem montar o equipamento sem apoio externo, o Metrô economizaria vários milhões de cruzeiros. Mas as multinacionais que venderam o equipamento não dariam garantia em relação a seu funcionamento nem prestariam assistência técnica.

Os terrenos na superfície da linha estão sendo liberados, depois de feita a reurbanização, mas os trens ainda não correm entre Botafogo e Maracanã. Nas galerias, a obra vai se deteriorando, como ocorre na Estação do Largo do Machado e na do Largo da Carioca, um verdadeiro Maracanã debaixo da terra. Tudo isso porque o projeto jogou dinheiro fora, foi mal administrado e, pelo menos em alguns trechos, ameaça tornar-se um gigantesco esqueleto abandonado.

Foto Rogério Carneiro

A máquina de trocar dinheiro, exemplo do desperdício

Moeda mudou, máquina não serve mais

Os cálculos oficiais estimavam o custo do metrô em 1 bilhão e meio de dólares. Na prática, essa quantia já foi ultrapassada em mais de 500 milhões de dólares (aproximadamente Cr$ 30 bilhões) e a companhia já deve Cr$ 80 bilhões. Uma das razões disso foram os gastos inúteis, os desperdícios em estações luxuosas e equipamentos excessivamente sofisticados.

O metrô carioca tem, por exemplo, um sistema eletrônico que pode operar até 108 tipos diferentes de bilhetes. Um absurdo que a própria companhia reconhece, pois sabe que jamais haverá no Rio preços de passagem tão variados a ponto de ocupar tal equipamento. Como antes não havia limite nas despesas, usou-se e abusou-se na construção das estações, obras de urbanização foram feitas e refeitas, pesquisas caríssimas foram contratadas e encomendados carros e máquinas sofisticados.

Um exemplo do desperdício pode ser comprovado na estação da Cinelândia: logo na entrada pode-se ver uma das dez máquinas de trocar dinheiro (equipamento só encontrado nas estações mais modernas dos metrôs europeus), que hoje não têm utilidade alguma. Isto porque, com a alteração do tamanho das moedas, as máquinas se tornaram imprestáveis e a companhia não sabe o que fazer com elas.

Ao desperdício somam-se problemas técnicos nos equipamentos que não justificam o dinheiro aplicado, como ocorre com o excessivo ruído provocado pelo sistema de freios dos trens no momento das paradas. Um problema técnico que não se resolve com lubrificação, mas com troca de equipamento, que é importado dos Estados Unidos (patente da Budd Company) e cujo preço é bastante elevado. Como no Brasil não há interesse econômico para o desenvolvimento de outro sistema, o problema fica insolúvel.

A par do desperdício e dos problemas de ordem técnica soma-se a desativação de muitos setores do Metrô carioca, uma constante desde que o dinheiro começou a faltar. Sem recursos, o projeto todo acabou sendo simplificado em razão das alterações no cronograma de obras, o que levou à demissão de centenas de funcionários e à rescisão de vários contratos. A conclusão da obra é, hoje, um exercício de futurologia.

MANIPULAÇÃO NAS CONTAS DO ESTADO

Chagas desvia 27 bi do orçamento

O dinheiro, chamado de "reserva de contingência", vai pra máquina eleitoral do governador

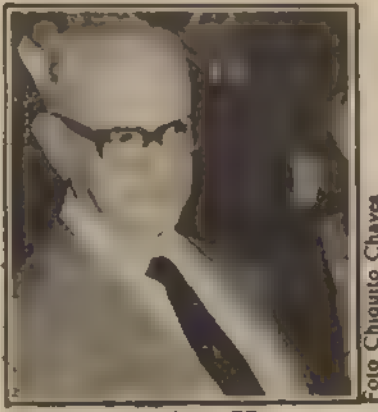


Foto Chiquito Chaves

Chagas, verba só pro PP

O governador Chagas Freitas descobriu uma fórmula mágica de tornar legal a aplicação de recursos públicos para fortalecer eleitoralmente o Partido Popular: incluiu no orçamento do Estado do Rio de Janeiro para o próximo ano uma reserva de contingência de Cr$ 27 bilhões. Como não é explícita a destinação desse dinheiro, o governador poderá aplicá-lo como bem entender, sem esbarrar em qualquer impedimento legal.

Com isso, o chaguismo resolveu uma de suas maiores dores de cabeça desde que reassumiu o governo estadual. Até agora, foi difícil para Chagas Freitas responder às acusações de que deslocou polpudas verbas para o atendimento de obras exclusivamente eleitoreiras, principalmente na Baixada Fluminense. Segundo fonte credenciada ouvida pelo REPORTER, o esvaziamento econômico do Rio de Janeiro, que hoje, à exceção do metrô (que é majoritariamente financiado pelo governo federal), não tem uma única obra de interesse social em andamento, estava previsto em todos os cronogramas chaguistas, pelo menos até as vésperas das eleições de 1982.

Os recursos antes destinados a planos de obras, melhoria dos transportes de massa e ampliação da rede de saneamento básico simplesmente foram desviados para fins políticos. Afinal, Chagas precisava atender às reivindicações de 40 deputados estaduais, 17 deputados federais e 13 vereadores da capital, além de prefeitos e vereadores do interior, seduzidos, com a reformulação partidária, a ingressar no PP.

Semanalmente, o governador e seu herdeiro político, o deputado Miro Teixeira, percorrem de dois a cinco municípios para inaugurar bicas d'água em longínquos distritos, ou o asfaltamento na travessa onde moram eleitores de um correligionário. Isso porque a fusão obrigou Chagas Freitas a estender os braços de sua implacável máquina eleitoral a 63 municípios, antes dominados pelo decadente cacique Amaral Peixoto. Hoje, ter maioria na Câmara de Vereadores de Piraí significa tanto para o governador, quanto o controle de uma zona eleitoral no Rio. É que, se não houver eleição direta em 82, o único meio de o PP conservar o poder será através do colégio eleitoral que elegerá o governador. Para isso, tem que ser apoiado pela maioria dos prefeitos e vereadores.

Para manter coesa e bem administrada a sua máquina de fazer votos, o PP montou no Palácio Guanabara o seu quartel-general. Embora seja Chagas Freitas uma espécie de czar do governo, é certo que as decisões de natureza política passam antes por uma sala contígua a seu ambiente, onde fica o deputado Miro Teixeira. Dali partem as ordens, que em geral desembocam nas mesas dos dois secretários estratégicos: o de Obras, Emílio Ibrahim, e o de Educação, Arnaldo Niskier. Quase sempre são pedidos de pavimentação de ruas e de transferência de alunos e professores.

Ou, então, os despachos da dupla Chagas-Miro atingem os dois eixos de sua política econômica: o presidente do Banerj, o multimilionário Israel Klabin, e o secretário de Indústria e Comércio, Carlos Alberto Andrade Pinto. Enquanto Klabin é o avalista de operações financeiras nem sempre recomendáveis, Andrade Pinto tornou-se um caça-níquel de luxo. Vive esmolando dinheiro ao seu dileto amigo, o ministro Antônio Delfim Netto.

Até 1982 haverá substituições de secretários que ainda resistem à idéia de ceder terreno às manobras de Chagas para conseguir apoio à candidatura de Miro Teixeira à sua sucessão. A saída de Edmundo Campelo Costa da pasta da Agricultura é fato consumado. Provavelmente entrará em seu lugar o ex-prefeito de Campos, José Carlos Barbosa. Outra versão insistente: o presidente do Metrô, Carlos Theophilo de Souza e Mello, só não foi exonerado recentemente porque é homem de confiança do ministro dos Transportes, Eliseu Resende. Chagas quer a todo custo passar o Metrô ao controle do governo federal, para ter mais de Cr$ 2 bilhões (a quantia que teria de investir na obra) em caixa e investi-los na sua conhecida política de clientela. Por isso, o Palácio do Planalto se tem recusado a assumir integralmente o metrô.

Hoje, é possível afirmar que a máquina chaguista já anda sozinha, com ou sem a presença do governador, porque tem uma sistemática própria, resumida no trinômio: clientelismo-malversação dos recursos públicos-demagogia. Tanto assim que Chagas sofreu um princípio de enfarte ao cair das escadarias do Palácio e nada mudou. Quem governou o Estado naqueles dias foi Miro Teixeira.

EMPRESÁRIOS JÁ FAZEM DOAÇÕES

Sete bi para fazer Maluf presidente

Empresários paulistas estão criando uma caixinha para sustentar a campanha presidencial do governador Paulo Maluf. Objetivo: recolher Cr$ 7 bilhões. A confidência foi feita, numa conversa informal, por elemento que pertenceu ao governo de Paulo Egydio, antecessor de Maluf. Segundo a mesma fonte, um grupo de empreiteiras já deu um lance forte: cerca de Cr$ 1,5 bilhão para financiar a arrancada de Maluf, que inclui, ainda, um forte trabalho pelas eleições indiretas para o próximo governo de São Paulo. Em caso de pleito direto, o atual governador não conseguirá ter homem seu no governo, possibilidade que dependeria apenas de dinheiro e negociação, caso a indicação fosse indireta.

Em São Paulo, meta é manter eleição indireta

— O problema sucessório de São Paulo está totalmente fora de época — foi o que o presidente do PDS (partido do governo federal) em São Paulo, Armando Pinheiro, teve a coragem de dizer a este jornal durante a convenção de seu partido, ocasião em que o nome de Maluf foi lançado à Presidência da República por Abi-Ackel, ministro da Justiça.

Fauze Carlos, líder de Maluf na Assembléia, e Calim Eid, chefe da Casa Civil do governador, disseram quase a mesma coisa. Mas nenhum deles achou fora de época lançar seu líder à Presidência de 1984.

O próprio Maluf disse ao REPORTER:

— O PDS é um partido democrático e como tal indicará seu candidato livremente, através de isentas convenções, porém somente em 1982. O fato de outros partidos lançarem candidato representa uma imposição de cima para baixo, sem que se consultem as bases, o que é inadmissível para quem pretende exercitar a democracia.

Mas, quando Abi-Ackel disse que votaria em Maluf para presidente, o governador não achou precipitação nem falta de democracia: aplaudiu com delícia as palavras do ministro da Justiça.

As declarações tão bem sintonizadas de Maluf e seus principais assessores escondem coisas, portanto. Sinceras é que não são. Uma coisa pode ser a dificuldade do partido em encontrar candidato para enfrentar os votos de um Franco Montoro. Outra, a aposta de que as próximas eleições estaduais ainda serão biônicas. Pois, esperar até 82 o candidato — como quer Maluf — seria um "suicídio político", na opinião de políticos do próprio PDS paulista que não são do time de Maluf.

Esses mesmos políticos do PDS apontam pelo menos um indício de que Maluf trabalha por indiretas em 82: o relacionamento estreito do governador com os delegados do partido que o puseram no poder — e que votarão na convenção de 82. São, na maioria, prefeitos do interior, que Maluf continua visitando sempre que pode, anotando seus nomes, datas de nascimento, etc, e também suas necessidades, pois a máquina do Estado trabalha para atendê-los. Experientes deputados antimalufistas do PDS garantem que só há uma razão para Maluf paparicar os delegados: ele crê nas indiretas e precisa dos delegados para colocar na sucessão alguém do seu grupo. Já que pretende ser presidente do país, ele precisa de um aliado no governo de São Paulo, devido à importância do Estado para o Brasil.

Com eleições diretas, dificilmente o grupo de Maluf terá sucesso. Por isso, se Maluf pensa na Presidência, tem que lutar pelas indiretas de governador para não perder São Paulo.

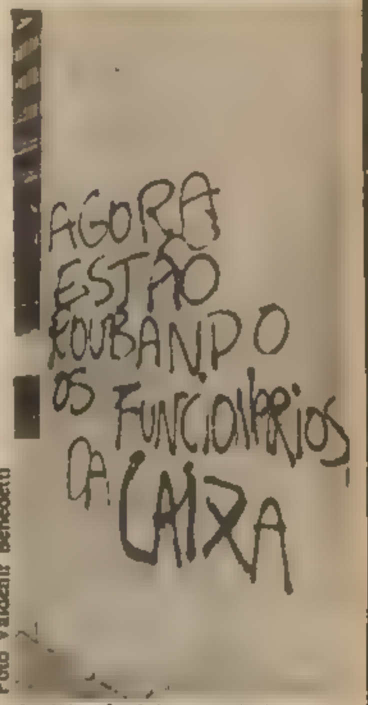


Foto Valdenir Benedetti

A pichação foi apagada logo

FUNCIONÁRIOS PAGAM PELO ROMBO DA CAIXA

Quem está pagando pelos escândalos da Caixa Econômica do Estado de São Paulo — Nossa Caixa — são os funcionários. Desde que foi descoberto o empréstimo a uma firma semifalida (Plásticos Dias) e o presidente da Caixa caiu, os funcionários passaram a ser tratados como responsáveis por tudo. Seus direitos mais elementares — como deixar os filhos na creche da empresa — foram cortados. Agora, cada família só pode deixar um filho na creche. Mas não é só: os funcionários são intimados pelos gerentes a trabalhar sábados e domingos — inclusive "emprestados" para o PDS, o partido do governo — e o ambiente de trabalho está péssimo: 25% da luz foram cortados (nos corredores, banheiros e elevadores), e até o papel higiênico está racionado. Na hora do almoço, a situação piora. A maioria das agências não tem nem marmiteiro, quanto mais refeitório. Na matriz da Caixa, o refeitório tem quatro mesas para atender 250 funcionários. No começo de outubro, a parede da matriz apareceu pichada certa manhã: "Agora estão roubando os funcionários da Caixa". Imediatamente a frase foi apagada. Mas o pânico continua. Enquanto vêem os cortes, os funcionários esperam o dia de serem também cortados. Eles contam que nem promoções estão havendo mais. E os funcionários encarregados que saem de férias não são substituídos como antes. Também as comissões a que os funcionários têm direito foram cortadas em 65%. Trinta motoristas — com mais de cinco anos de serviço — já foram despedidos, e os 5 mil funcionários temem que haja uma lista de dispensa de 3.400 pessoas.

[redacted]

120 MIL REVISTAS NA CADEIA

Cruzada moral arrepiou

Curadores seguiram ordem que Abi deu e não escreveu

Um levantamento parcial dos efeitos da recomendação (não houve ordem escrita) do ministro da Justiça, Ibrahim Abi-Ackel, aos curadores de menores, pedindo maior controle sobre a circulação de revistas eróticas revela que mais de 120 mil exemplares foram recolhidos aos porões da Polícia Federal. Em cinco capitais — Rio, São Paulo, Belo Horizonte, Salvador e João Pessoa — os Juizados de Menores não hesitaram em cumprir a recomendação de Abi-Ackel. O curador de São Paulo, Domingos Calderaro, mandou apreender, em um dia, 15 mil revistas. No Rio, o curador Carlos de Melo Porto não fez por menos: em uma semana foi o responsável pelo banimento das bancas de pelo menos 30 mil revistas. Mas a apreensão das publicações não ficou restrita apenas às capitais; ao contrário, alastrou-se pelo interior do país. Em quatro municípios fluminenses — Niterói, Campos, Nova Iguaçu e São Gonçalo — estima-se que 12 mil revistas foram recolhidas. No Estado de São Paulo houve apreensões em Campinas e Tupã (onde o juiz de menores ameaçou mandar prender os jornaleiros que, no futuro, voltassem a vender aquelas publicações). Nas cidades mineiras de Juiz de Fora e São Gonçalo do Sapucaí não restaram exemplares nas bancas. Em Salvador, a portaria expedida pelo curador de menores, Agnaldo Bahia Monteiro, não especifica as revistas e sentencia no seu artigo 1º: "Fica proibida a venda e a circulação de publicações que contenham material incompatível para a boa formação moral do menor de 18 anos..." Um mandado prévio e indiscriminado para apreender qualquer periódico. No Rio, o prejuízo médio dos jornaleiros foi de 60%, segundo algumas distribuidoras. Eles perderam mais da metade de seu faturamento.

Curador do Rio, ex-Doi-Codi

Melo se declara em guerra santa

Era para ser padre o curador de menores do Rio, Carlos de Melo Porto. O jovem seminarista alagoano largou tudo, com um desabafo: "Não posso enganar a Deus". Foi estudar Direito e, desde logo, tornou-se o inimigo nº 1 dos estudantes que tinham militância política. "Estudante deve estudar", dizia ele. Admirador de Ruy Barbosa, do general De Gaulle, do almirante Tamandaré e do marechal Deodoro da Fonseca, define-se como "homem de centro". Nem tanto, pois conspirou contra o governo constitucional de João Goulart e saiu de lenço branco no pescoço pra rezar na Marcha da Família com Deus pela Liberdade. De medíocre bacharel, passou a íntimo colaborador do regime. No governo do general Médici, foi convidado pelo brigadeiro João Paulo Penido Burnier para assumir a assessoria jurídica de órgãos militares responsáveis pela repressão política (Cisa, Cenimar e Doi-Codi). Sua tarefa: dar substância jurídica às sentenças das comissões de investigações sumárias, "às vezes oficialmente, às vezes oficiosamente", como gosta de distinguir. Acabou condecorado com todas as medalhas do mérito militar. Não fuma, não bebe, raramente vai à praia e detesta qualquer tipo de jogo. Tem uma grande frustração: a de não ter sido militar. Confessa-se desiludido com os descaminhos do golpe de 64: "A Revolução deveria ter acabado com a corrupção com a mesma violência com que combateu a subversão. Aí, sim, teríamos o país ideal". Aos 49 anos, decidiu fazer "a cruzada contra a pornografia", e seu primeiro despacho baniu das bancas mais de 15 mil revistas. Anticomunista doentio, diz que a estratégia das esquerdas, em nível internacional, se resume em três pontos: disseminar os tóxicos nas escolas; desmoralizar as autoridades constituídas; destruir a família através do erotismo e da pornografia. Diz não ter preferência partidária, "pois sempre votou nos homens, e não nos partidos". Católico, não suporta o chamado clero progressista, mas pareceu não se importar quando o compararam aos inquisidores da Idade Média. E se defende: "Faço uma guerra santa contra a pornografia. O Figueiredo devia estar fazendo a mesma coisa".

Foto Wagner Avancini

Curador de São Paulo, piscando

Calderaro não vai parar mais

Domingos Calderaro, um homem de tiques nervosos (não pára de piscar), é o responsável pelas apreensões de revistas em São Paulo. Com 46 anos de idade, dois filhos, há onze anos trabalha no Juizado de Menores e há cinco é o curador-titular. É ele quem dá ordens aos 50 comissários que executam as apreensões.

Esses comissários não ganham dinheiro. São bancários, comerciários, aposentados. De posse de uma carteirinha do Juizado, têm livre acesso a boates, cinemas, teatro. Mas, agora, sua missão principal é limpar as bancas de publicações **pornográficas** "para que o menor não tenha acesso a esse tipo de leitura", como explica o curador.

O início da caça não foi determinado por nenhuma ordem escrita. Sim, o curador garante que o ministro da Justiça não mandou apreender nada: ele, curador, é que resolveu colaborar com o Abi-Ackel depois de um apelo do ministro pela tevê.

[illegible] de Curadoria foram mobilizadas para a cruzada moralista. E um dos quartinhos do Juizado se transformou em depósito de revistas.

— As revistas poderão ser incineradas — diz o curador — depois de ser feita uma avaliação segura. Só serão queimadas aquelas que são pornográficas.

— Nós discernimos o erotismo da pornografia. Erotismo é próprio do ser humano. Se não houvesse erotismo, também não haveria sucessão genética. Já a pornografia é essencialmente o que é obsceno, o que provoca o atentado ao pudor.

Para ele, essa distinção é bem clara. As publicações pornográficas devem ter uma capa protetora para não ficarem à vista de crianças. Quanto às eróticas, tudo bem. Parece lógico, mas nem tanto. Pois o curador mesmo não disse que as revistas depositadas no quartinho ainda vão ser analisadas? Isso quer dizer que foram apreendidas para serem julgadas depois. E tem outra: afirma o curador que não lhe interessa "o conteúdo das revistas, e sim a forma como são expostas". Se a preocupação é só essa, o que ele vai analisar depois, pra decidir quais devem ser queimadas?

E a caça continua, senhor curador?

— Enquanto estou dando essa entrevista, há algumas viaturas nas ruas. Nós não vamos parar

Rivaldo Chinen

Foto Xirumbe

[illegible]

Campos lembra os bons tempos

— Toda mulher merece respeito, mesmo que seja amasiada. Desde que tenha um dono...

A opinião é do delegado do bairro de Boa Viagem, Recife, João Acioli, a primeira autoridade a tomar uma medida repressiva contra as revistas eróticas no país. Em junho deste ano o delegado "aconselhou" aos jornaleiros de sua jurisdição a não exporem nas bancas as fotos "indecentes" de mulheres nuas. O delegado se orgulha dos elogios que recebeu — "até padre fez sermão em minha homenagem" — e diz que tomou essa atitude depois que presenciou um menino de 8 anos se deliciando com um nu frontal, enquanto aguardava o troco do Pato Donald que comprara.

O delegado diz que não é radical nem reacionário, e considera a liberdade de imprensa "a coisa mais válida do mundo". Por isso critica o curador de menores do Rio.

Já o curador de menores do Recife, Wilson Campos, ex-delegado de Costumes por cinco anos, "louva a medida moralista de seu colega carioca, embora também ele tenha recomendado aos jornaleiros que não expusessem as revistas eróticas. "Pode vender, diz ele, mas deixa escondido dentro da banca."

O dr. Wilson não posa de moralista extremado: "Eu sou pelo meio-termo, nem oito nem oitenta. O nu em si não é erótico, mas agora está demais. Até homem anda aparecendo pelado em fotografia. Quando era só mulher..."

"No meu tempo — continua o curador — o joelho da mulher era sagrado. Hoje, nas praias, nas ruas, se vê quase tudo das moças." Mais saudosista ainda, recorda seu trabalho de delegado de Costumes e se pergunta: "Como vivem as prostitutas hoje em dia com tanta libertinagem pela rua? Hoje não tem mais rendez-vous, é só motel".

O curador também é a favor da liberdade de imprensa e não acha arbitrária uma medida extrema como a apreensão de revistas em bancas sem que os responsáveis sejam sequer ouvidos. "Quem quiser protestar tem aí os tribunais", disse ele, embora não soubesse precisar onde deveriam ir os editores das publicações apreendidas para reclamar.

[illegible]

15 MIL POR NOITE PRA MULHER POLIGLOTA

Mulher bonita, maquiada e bem vestida que entra no prédio 919 da avenida Ipiranga, em São Paulo, os homens olham com ironia. O ascensorista pergunta logo:

– Vai pro conjunto 1301?

No 13º, a mulher atravessa o corredor acompanhada por sorrisos e comentários vindos das salas:

– Gostosa...

Todo mundo no prédio sabe ou desconfia do que se passa por trás da porta, cuja placa diz apenas "Classe A".

O escritório é simples: apenas uma mesa com telefone. Uma morena de cabelos longos e sotaque nortista atende as candidatas atraídas por um anúncio de jornal que oferece trabalho para mulheres nas "Feiras do Anhembi".

– Olha, o negócio é o seguinte – diz a morena que gosta de ser chamada de Val. – Nós contratamos garotas para trabalhar como acompanhantes de hóspedes de hotéis aqui em São Paulo.

E como são esses hóspedes?

– São maravilhosos! Educadíssimos, de fino trato, estrangeiros e brasileiros. A coisa é muito bem feita. O cliente telefona, diz o tipo de mulher que prefere, a gente olha nosso fichário de fotografias... por sinal você precisa trazer a sua... a gente escolhe a menina, liga pra ela, ela vem até aqui e eu mesma a levo de carro até o hotel. A menina não fala de grana com o cara. Quem acerta isso sou eu. Enquanto ela sobe, o cara paga pra mim e eu guardo comigo a metade, que é da moça...

E quanto se ganha?

– Depende. Você fala inglês? Aí é 15 mil por noite, metade pra você, metade pra nós. Pra quem só fala português, dá 4 mil, 6 mil... Ah, outra coisa: se você quiser começar hoje, já pode, viu? Um cara finíssimo acabou de ligar e quer uma mulher sem falta.

Com que hotéis vocês trabalham?

Val não responde, mas um pouco antes, no telefone, ela tinha conversado com um hóspede do Hilton.

É só com o Hilton que vocês transam?

– Não – diz Val – a gente trabalha com muitos hotéis, mas você tem que concordar comigo que todos são muito finos, pois para um cara pagar o que a gente pede tem que ser muito rico...

E quanto às "Feiras do Anhembi"?

– A diária da Feira vai depender de você. Você pode querer ou não transar depois do expediente, mas isso vai depender de você. Você vai fazer o preço e escolher com quem quer passar a noite. A gente não tem nada a ver com isso.

Bom, mas o pagamento pra trabalhar na Feira varia de quanto a quanto?

– Mais ou menos de 2 mil a 4 mil... Agora, deixe aqui seu telefone, traga uma foto e venha mais tarde conversar com o Edno pra deixar tudo acertado. Vai dar tudo certo porque você é muito boa e bonita, viu boneca?

Rosiclér Bonaparte

Prostituição de soldados da Aeronáutica em São Paulo

Recrutas na batalha!

A praça da Biblioteca — oficialmente Dom José Gaspar — em São Paulo, desde a década de 60 é ponto de encontro de homossexuais. Este mês, porém, novos personagens frequentam o local. Bem jovens, fardados, reúnem-se em torno do Lanches La Cremerie e, encostados em carros, esperam seus fregueses. O movimento começa depois das sete da noite, quando a praça é liberada para automóveis (resto do dia é só para pedestres).

Os jovens fardados — conta-se, toda noite, perto de 30 — são recrutas da Aeronáutica. Não têm nenhum trejeito homossexual, estão ali para completar o soldo. Isso fica bem claro no depoimento de M.:

— Tenho uma noiva e os pais dela querem que nós casemos até o fim do ano. Mas, enquanto isso, venho aqui todas as noites. Assim, vou juntando uns trocados.

O michê dos recrutas varia muito. E, na maioria das vezes, nem é dinheiro: eles aceitam presentes, jantares, o que for. É o que diz outro recruta, J.:

— Não estou arrependido de fazer isso. A gente sempre ganha alguma coisa. Dá pra fazer um pé-de-meia. Os caras às vezes convidam pra jantar, pagam um montão de coisas, trazem mil presentes. Já ganhei até calça Levis e passagem pra [redacted]

Muito apressado, J. interrompe a conversa e apanha um táxi. Está atrasado para um jantar (com freguês) no bairro de Higienópolis, um dos mais sofisticados da cidade.

O maior medo dos recrutas é serem reconhecidos no quartel:

— Se sabem o que a gente está fazendo, pode dar prisão e até expulsão.

Os policiais que circulam pela praça não incomodam os recrutas.

— Quando eles passam a gente se esconde. Desconfio que sabem da nossa transa, mas não pertur-[redacted]

Não foi no quartel que os recrutas aprenderam a se virar:

— Lá no quartel o respeito é total — conta outro recruta. — A gente gosta muito dos oficiais. Eles são muito bacanas com a gente, mas é só isso. A coisa acontece mesmo na rua, de noite.

As cabeças raspadas não espantam a freguesia. Pelo contrário, até ajudam. A farda também é um bom ponto de venda:

— Tanto as mulheres como as bichas gostam muito de farda. Tem muito reco do Exército aí na zona (a zona das mulheres fica perto da praça). Eles não pagam nada às putinhas e fazem a maior festa.

Hélio Belik

Halteres aumenta tesão da mulher

Levantamento de peso não é só pra homem.

Prova disso é a paulista Elizabeth Koprowski, que há dez anos pratica o esporte. Casada com um halterofilista, ela tem certeza de que o exercício com peso não faz mal nenhum pra mulher; ao contrário, só faz bem. Principalmente do ângulo [redacted]

Há um ano Elizabeth abriu uma academia, a Spartacus, especializada em halterofilismo feminino. O sucesso foi razoável, pois hoje ela tem 100 alunas, de todas as idades, de 15 a 60 anos.

— Não foi fácil — ela confessa. — Existe o preconceito de que o halterofilismo deforma a mulher, mas isso não é verdade.

O maior exemplo é a própria Elizabeth que, com 32 anos e três filhos, pesa 55 quilos. Levantando peso adoidado. Conserva o corpo sem musculatura, não ficou pesadona, nem masculinizada

— As esportistas ficam grandonas e musculosas não porque praticam esporte, mas porque tomam certos hormônios que ajudam o crescimento dos músculos e dão mais força à mulher. Isso eu não faço comigo nem com ninguém. Prejudica muito a mulher sexualmente.

O halterofilismo sem hormônios, ao contrário, desenvolve a sexualidade na mulher, garante Elizabeth.

— Eu melhorei sexualmente depois de fazer halterofilismo. Estou bem melhor. Pratico sexo que é uma beleza.

A mesma disposição sexual ela nota em suas alunas:

Foto Valdenir Benedetti

Não é pra isso, mas ajuda, explica a professora

— Elas me confidenciam que com elas acontece a mesma coisa. Depois de [redacted] ficam mais dispostas pra tudo.

Não é à toa que há mulheres halterofilistas fazendo shows de sexo nas boates (com parceiros halterofilistas). Elizabeth não reprova esse tipo de exibição para as esportistas:

— Eu até aceitaria trabalhar numa boate, se fosse o caso e se fosse convidada.

Além de aumentar o apetite sexual da mulher, o halterofilismo ajuda a emagrecer, se for o caso; ou a engordar, se a mulher deseja. Um tratamento de beleza, por incrível que pareça. Deve ser acompanhado, é claro, de alguns complementos indispensáveis que a professora [redacted]

— Recomendo às alunas que não tomem pílulas de nenhuma espécie; não façam uso de açúcar refinado, de refrigerantes, pão ou enlatados; comam e bebam com moderação.

Três sessões semanais de hora e meia cada custam às alunas 2 mil cruzeiros por mês. Nem todas conseguem alcançar o recorde da professora — que levanta 80 quilos tranquilamente — mas empenham-se arduamente nos exercícios, que as deixam estafadas. A mulher cansada tem disposição pra sexo?

— Dizem que a mulher que faz esporte mais pesado chega em casa cansada. Não é verdade. Ela toma um banho e fica em forma. Quero ver qual é o homem que aguenta ela depois...

Elizabeth não duvida que o halterofilismo vai conquistar a mulher. Tanto que já anuncia o I Campeonato Brasileiro de Halterofilismo Feminino para o mês de janeiro de 1981, em São Paulo.

Rivaldo Chinen

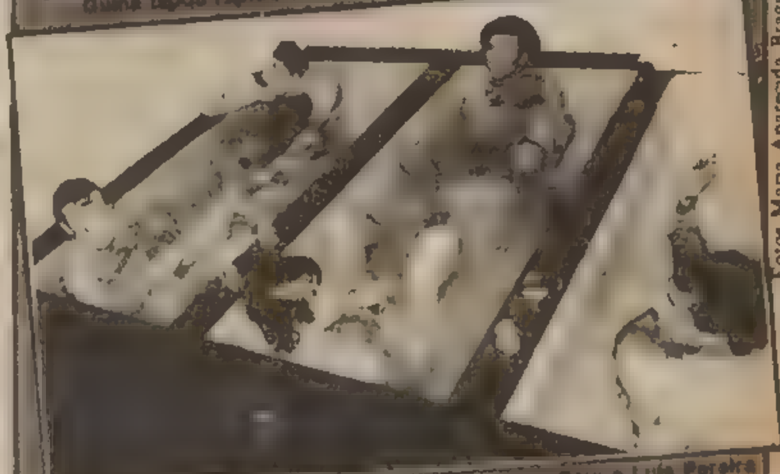
Foi até chamada de piranha

REBU NO VESTIÁRIO. ENTROU MULHER.

Domingo quente no Maracanã. Vasco e Flamengo na quase decisão do primeiro turno. Na geral, uma briga de torcedores acaba na morte de Luís Lopes da Costa, que dançou com um tirambaço no pescoço. No vestiário do Fla, depois do jogo que os eliminou, os jogadores do Flamengo enfrentaram outra dura batalha. Quando todos estavam ensaboados, perceberam, de repente, a presença de uma mulher, além de tudo fotógrafa. Foi um tumulto geral. "Que é isso?" — gritou Nunes. "É piranha" — disse alguém que já envolvia Maria Aparecida Braga, a inesperada visitante. Seu Lima, responsável pelo vestiário, foi agarrando logo o braço dela. "Não pode não, vai saindo. Como é que você entrou aqui?" Aí os jornalistas presentes argumentaram que a moça era profissional e que estava ali trabalhando, no que foram apoiados por Márcio Braga, presidente do Fla. Ela pôde então trabalhar em paz, enquanto os jogadores, antes excitadíssimos, se escondiam nas piscinas térmicas. No vestiário do Vasco, o mesmo rebu. Publicamos duas das fotos de Maria Aparecida

Chiquito Chaves

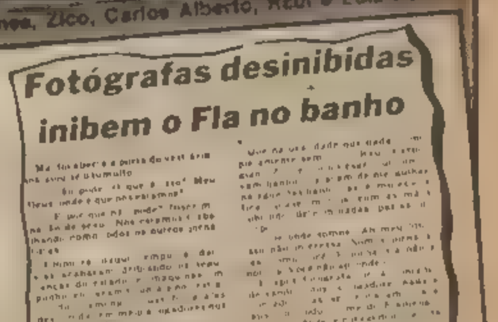
Quina tapou rápido com a toalha. Marco Antônio não percebeu



Nunes, Zico, Carlos Alberto, Raul e Luís Pereira

Fotos Maria Aparecida Braga

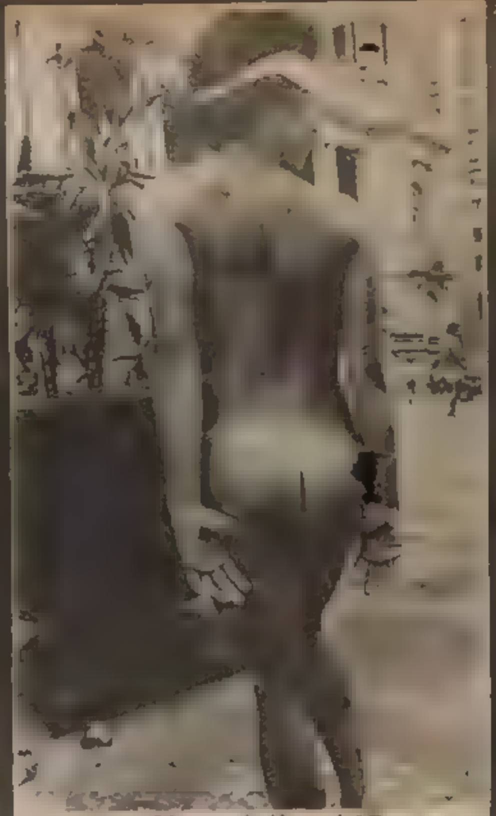
O Globo do dia 20/10 registrou com simpatia o lance de Maria Aparecida, mas se enganou. Na verdade, apenas ela entrou no vestiário; a outra, jornalista americana, estava atônita na porta do reservado, a cata de sua teleobjetiva, que tinha sido roubada.



Fotógrafas desinibidas inibem o Fla no banho

Menores cheirando cola

Ele engole e cospe o pinto ainda vivo

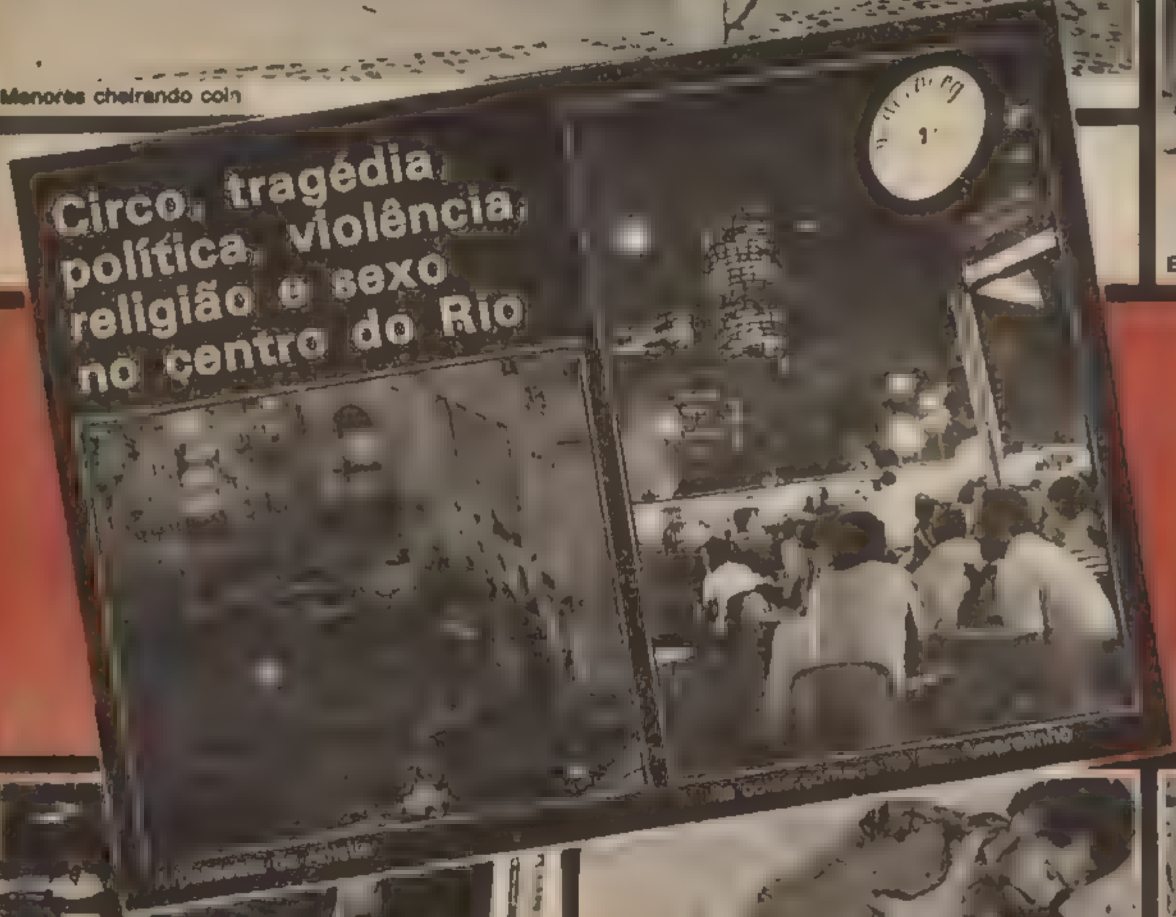


Ao fundo, a Câmara de Vereadores

Ela gosta de mostrar

Mergulho no meio dos punhais, um espetáculo

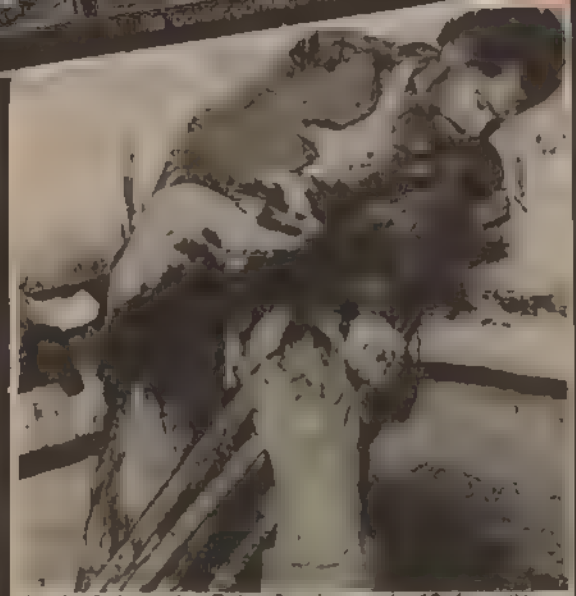
Bêbado dizia que era Cristo



Circo, tragédia, política, violência, religião e sexo no centro do Rio

CINELÂNDIA

Agredido com barra de ferro na cabeça



Foi às 6 da tarde. Rabecão chegou às 10 da noite

Ela tentou o suicídio

Homem que come fogo, engolidor de pintos, polícia baixando o cacete, agressão a mulher, assassinato, cachaça, comício de esquerda, agitação da direita, putas, travestis, hippie peituda, menores viciados, transe coletivo, baile. Tudo de graça, num espaço hoje denominado pela prefeitura de corredor cultural, porque foi reurbanizado para a circulação de pedestres, e que vai desde a rua Uruguaiana até quase a Lapa, no centro do Rio. É a Cinelândia, antigo centro dos cinemas da cidade e hoje uma espécie de vitrina da sua realidade.

A PRAÇA É DO POVO

Hitler e 10 mandamentos para salvar o Brasil

O pastor exorciza uma senhora, os outros esperam a vez, concentrados

Ladrão preso já desceu apanhando

A multidão queria linchar ela

A mulher ficou bêbada, quebrou um copo, foi agredida por populares e pelo policial

Armando Zanini e sua Falange. Fascistas nas ruas

DEODORO NÃO PROCLAMOU A REPÚBLICA

Quase que o 15 de Novembro gorou. O marechal era amigo de Pedro II e vacilava. Naquela cena histórica, ele deu vivas ao Imperador, quando todos esperavam um grito contra a Monarquia. Foi Benjamin Constant, o Golbery da época, quem resolveu a parada.

REPORTER conta a verdade sobre a História do Brasil

Na manhã de sol de 15 de novembro de 1889 tiniam as esporas e brilhavam as armas em São Cristóvão. A tropa da 2ª Brigada começara a marcha que iria derrubar a Monarquia e instaurar a República no Brasil. Na frente vinha o 1º de Cavalaria, com carabinas e lanças. Seguiam-no 60 alunos da Escola Militar com clavinas, revólveres e espadas. Mais atrás, elementos da Escola de Guerra seguidos pelo 2º de Artilharia com 16 peças e, finalmente, fechando o cortejo, o 9º de Cavalaria, que vinha a pé, por falta de cavalos. Ao todo, 450 homens decididos.

"Decididos, mas sem comando", pensava preocupado Benjamin Constant.

Em princípio, tudo correria bem. Contavam com a simpatia de quase toda a oficialidade do Rio de Janeiro. Dias antes, haviam recebido a adesão do general Deodoro da Fonseca, o chefe militar de maior prestígio na capital. A marcha que estava saindo de São Cristóvão era mais uma manifestação da rebeldia que grassava no Exército. Só em 1884 houvera 7.526 prisões (54 oficiais), para um efetivo de 13.500 homens. O Exército estava sendo desprestigiado e a situação chegara a tal ponto que os oficiais preferiam passar por bacharéis, e o próprio Benjamin Constant, tenente-coronel e cérebro do movimento republicano, era chamado de Sr. Doutor. A agitação no Exército vinha crescendo contra esta situação, e o punhado de republicanos dentro dele fazia o possível e o impossível para atribuir ao Império a culpa de todos os males.

Para aumentar o descontentamento nas fileiras, os republicanos espalharam o boato de que o governo imperial iria desarticular e destruir o Exército, em benefício de uma Guarda Nacional a ser formada e que seria uma espécie de guarda pretoriana do poder. O boato incrementou a agitação e começou a adquirir foros de verdade quando foi ordenada a transferência do 22º de Infantaria do tenente Carolino para a província distante. Outros regimentos seguiriam depois. Era preciso fazer alguma [illegible]

Em 9 de novembro reuniu-se o Clube Militar, com 116 oficiais presentes. Benjamin Constant, mais uma vez, comandou a reunião e recebeu plenos poderes para encaminhar um protesto ao Imperador, passando por cima do chefe do governo. A tensão aumentava porque, naquela mesma hora, na Ilha Fiscal, com absoluto desprezo pela aflição vivida pelo Exército, festejava-se retumbantemente a presença de um navio chileno no Brasil. O baile fora esplendoroso: segundo o Kosmos, jornal nanico da época, "... uma massa confusa de fardas plenas d'oiro, de reluzentes peitilhos e de negras casacas fúnebres junto ao caleidoscópio faiscante de jóias. Feérico!" O Exército curtia

Em 11 de novembro realizou-se nova reunião decisiva, a quarta desde o começo do mês. Deodoro vacilava. Benjamin pressionava. É que Deodoro era muito ligado afetivamente a D. Pedro, "queria levá-lo ao túmulo"; finalmente, Deodoro assentira: "Leve a breca a Monarquia, venha a República!" Também afirmam que teria dito: "Leve o diabo o trono, estou às suas ordens!" Ou então: "Já que o Benjamin quer, façamos a República!"

O fato é que concordara. E ganhara o apoio de Floriano Peixoto, que era o braço direito do governo imperial. No mesmo 11 de novembro, a 2ª Brigada, que ficaria célebre por ter iniciado a "Marcha de São Cristóvão", juraria de pés juntos que não admitiria nenhuma outra transferência de tropas. Senão, senão...

Garbo militar ou ataque de asma?

Acontecera, porém, um imprevisto: o golpe fora marcado para o dia 20 de novembro e a saúde de Deodoro piorava a olhos vistos – o comandante sofria de dispnéia, a popular asma. No dia 14, Benjamin confidenciara a um amigo: "... se Deodoro morre, a república vai gorar..." Era preciso fazer algo.

Um grupo de republicanos resolveu precipitar os acontecimentos: espalharam o boato na rua do Ouvidor, o centro boêmio da época, de que Deodoro e Benjamin seriam, ou já estavam, presos. E que a maldita ordem de transferência de novas tropas fora dada. Foi um ouriço tremendo nas mesinhas de mármore e nas redações dos jornais.

Quando o boato chegou em São Cristóvão, já veio superaumentado (quem conta um conto aumenta um ponto): foi um pega pra capar. A 2ª Brigada se levantou. Benjamin estava lá desde às 3 horas da matina, agitando.

Agora estavam ali, marchando. Viria Deodoro? Sabia-se que passara pessimamente a noite de 14 para 15 de novembro. Novo e fortíssimo ataque de asma quase o prostrara. Viria? E Floriano Peixoto? Aderiria mesmo ou continuaria em cima do muro?

De repente, na curva de uma esquina, surgiu o velho Deodoro, no alto de um cavalo. Foi uma ovação! A 2ª Brigada apertou o passo, mais segura da vitória.

Esboçava-se um enfrentamento. Desde a noite de 14 de novembro, o chefe do governo, Visconde de Ouro Preto, homem duro na queda, soubera dos boatos e da conspiração. Mas seu dispositivo militar era pior do que o do Assis Brasil, aquele que, em 1964, prometeu mundos e fundos ao João Goulart. No desespero, já na manhã do dia 15, o Visconde deslocou-se para o quartel-general. Pensou, como o ex-presidente do Chile, Salvador Allende, em 1973, que sua presença pessoal alteraria o rumo dos acontecimentos. Mas logo verificou que as tropas de seu "dispositivo" estavam mais pra desfile ou, no máximo, pra procissão, do que pra combate.

O enfrentamento ficou no esboço. Floriano entrevistou-se com Deodoro e, "para evitar derramamento de sangue", ambos renovaram o acordo secreto que se tornou público: os mais fracos seriam afastados, o Visconde seria preso, a República proclamada.

Deodoro entrou triunfante no pátio do quartel-general. Foi um delírio. Todos queriam aderir ao mesmo tempo. Apeou-se e subiu lenta e solenemente as escadarias (não se sabe se pelo sentido da história ou pelo ataque de asma da véspera) que levavam à sala onde estavam o Visconde de Ouro Preto e seus principais ministros. Chegando Deodoro ao piso superior, voltou-se para a multidão e proclamou:

Viva Sua Majestade, o Imperador!

Foi uma torrente de aplausos. Os republicanos ficaram atônitos.

Briga por amante liquida Monarquia

Entrando na sala, Deodoro comunicou a Ouro Preto: "O ministério está deposto. Outro será organizado de acordo com recomendações que levarei ao Imperador"... "Quanto ao Imperador, sou seu amigo, devo-lhe favores, seus direitos serão respeitados e garantidos."

Seguiu-se um desfile das tropas pela cidade. O comércio fechou as portas e todo o mundo veio para as janelas ver o que se passava. O problema é que ninguém sabia o que se passava. Um desfile? Por que, se naquela época ainda não se festejava a proclamação da república?

Disse um republicano ilustre: "O povo assistiu bestializado o nascimento da República". Os republicanos insistiam com Deodoro de que era necessário não brincar em serviço: urgia aproveitar a acefalia do governo e proclamar a república antes que fosse tarde e a reação se organizasse. Foi lembrado o exemplo do general Mourão Filho, que derrubara no grito o presidente João Goulart. Mas nada demovia o velho general. Depois do desfile, ele ordenou que as tropas voltassem para os quartéis e retirou-se para casa com uma recomendação expressa: "Não quero ser incomodado por ninguém". A cidade foi almoçar na expectativa, porque já era tarde e em dias históricos também se sente fome.

Nesse meio tempo, D. Pedro, que estava em Petrópolis, fora avisado e descia de trem para o Rio de Janeiro. O velho Imperador não levava fé na revolta. Estivera na véspera assistindo ao concurso da cadeira de Inglês no colégio que levava seu nome, e não vira nada de anormal. Quando recebeu os telegramas anunciando a revolta, D. Pedro estudava tupi, mas se dispôs logo a descer (não havia ainda ônibus de 10 em 10 minutos e não era tão fácil assim descer de Petrópolis). Procurava tranquilizar os familiares: "Conheço os brasileiros: tudo passará tão depressa quanto veio"... "Isso é fogo de palha. Conheço os meus patrícios". Ou então: "Não há nada, acredite; não sou marinheiro de primeira viagem". O monarca, considerado o único republicano do Império, pela tolerância com que tratava seus adversários políticos, mantinha sem muita convicção o leme do Estado. E afirmava: "Se os brasileiros não me quiserem, vou-me embora", e completava: "Se me mandarem embora, vou ser professor...", o que prova que de lá pra cá o Brasil mudou e muito, pelo menos para os professores... O fato é que D. Pedro, no fim da vida, considerava-se um monarca à força: estava de saco cheio de governar os brasileiros.

Ninguém entendia a parada. Nem ele

Mas desceu de Petrópolis e estava no Paço Imperial desde às 15 horas do dia 15, procurando uma solução política. Tentou demover Ouro Preto, que se demitira por não se considerar com força para debelar a revolta. D. Pedro ponderava: "Basta dissolver os batalhões revoltosos". E o Visconde redarguia judiciosamente: "Majestade, para dissolver batalhões é preciso, no mínimo, outros batalhões, e nós não temos nenhum". Que fazer? Ouro Preto sugeriu um novo nome para chefiar um novo governo: Gaspar da Silveira Martins, velho liberal gaúcho. A escolha não poderia ser mais desastrosa: Gaspar não só estava de viagem, e só chegaria no Rio no dia 17 de novembro, mas, e principalmente, era inimigo jurado de Deodoro. Primeiro, porque ambos haviam brigado por uma mesma senhora no Rio Grande do Sul e Gaspar levara vantagem. Segundo, porque o político gaúcho insultara Deodoro da tribuna do Senado, pondo em dúvida suas virtudes militares. Pois o Imperador aceitou a sugestão de Ouro Preto. Era precipitar o Império no abismo.

O país oscilava entre a República e a Monarquia. O dia 15 avançava e nada se resolvia. Se continuasse assim, o Brasil não festejaria nunca a República no dia 15 de novembro... Que fazer?

José do Patrocínio, vereador no Rio de Janeiro, tomou a iniciativa: reuniu alguns amigos e vários vereadores na Câmara Municipal e... proclamou a República, argumentando que a Revolução depusera ipso facto (de fato) a Monarquia (o que ficou conhecido como o manifesto ipso facto) e que "... o povo, pelo órgão de seus vereadores, declarava consumado o ato da deposição..." esperando "... que as patrióticas classes militares sancionassem a iniciativa popular, fazendo imediatamente decretar a nova forma republicana de governo nacional".

Foi um rebu dos diabos. Patrocínio rumou logo para a residência de Deodoro, acompanhado de umas duzentas pessoas. Chegando lá, não puderam avistar-se com o general, que "não queria ser incomodado por ninguém". Benjamin Constant limitou-se a informar, da sacada, que "o voto do povo seria considerado e que eles poderiam ir para casa..." O "povo" desmobilizou-se desconsolado...

Foi na boquinha da noite do dia 15 de novembro que o jornalista Sousa Ferreira chegou esbaforido no sobrado onde morava Deodoro. Vinha gritando:

– O Imperador mandou chamar para compor novo ministério...

– Quem? – bradou Deodoro.

– Gaspar...????

Deodoro levantou-se no ato e, virando-se para Benjamin, assentiu: a República nasceria.

Era já noite do dia 15 quando, no Instituto dos Cegos, do qual Benjamin era diretor, lavraram-se os primeiros decretos de constituição da República. No dia seguinte o governo provisório iria incorporado à Câmara Municipal prestar juramento solene.

Estava oficialmente proclamada a República.

Os republicanos correram para o telégrafo e anunciaram para o Brasil e para o mundo: "Povo, Exército e Marinha proclamaram a República no Rio".

Povo não tomou parte. Só porrada

O passo seguinte seria enfrentar a resistência. Mas não houve resistência.

Os grandes fazendeiros, que eram os donos do país, só pensavam em se livrar do governo imperial, supercentralista, que vivia se intrometendo em seus negócios e limitando o poder local dos donos da terra. A grande lavoura exigia o federalismo, ou seja, cada estado decidiria o que era melhor para si, cabendo ao governo central apenas coordenar as políticas estaduais.

Os senhores de escravos do Estado do Rio, último bastião do Império, tinham ficado loucos da vida com a libertação dos escravos em maio de 1888. O Império não tivera saída: fizera uma libertação lenta, segura e gradual (um processo de fazer inveja à atual abertura: arrastou-se de 1850 a 1888). A própria princesa Isabel confessaria mais tarde: "Eu tinha de assinar a lei, pois as fugas de negros faziam-me temer que tivéssemos cenas como as da Guerra de Libertação dos escravos nos Estados Unidos". Ou seja, o velho dilema: reforma ou revolução.. É melhor perder os anéis que os dedos. A princesa deu o anel e perdeu o trono, mas os fazendeiros salvaram as terras.

A Igreja também se afastara do Império, e aqui, na América Latina, fica difícil segurar a barra sem o apoio da Igreja.

Quanto aos partidos políticos legais – uma espécie de Arena e MDB da época – eram os primeiros a atacar e até a insultar a Monarquia e o monarca, a quem desancavam chamando-o de "Pedro-banana", "Rei-caju", "Beringela", etc. Quando a República foi proclamada, aderiram rápido para evitar equívocos.

De modo que não houve resistência e os republicanos puderam dormir tranquilos.

E o povo?

Bem, neste país o povo tem uma história, mas ela não se confunde com as datas oficiais. No Maranhão e na Bahia houve manifestações de negros contra a República – estavam desconfiados de que depunham o Imperador para restaurar a escravidão. Foram esmagados à porrada. Um negro morreu em São Luís enrolado na bandeira do Império.

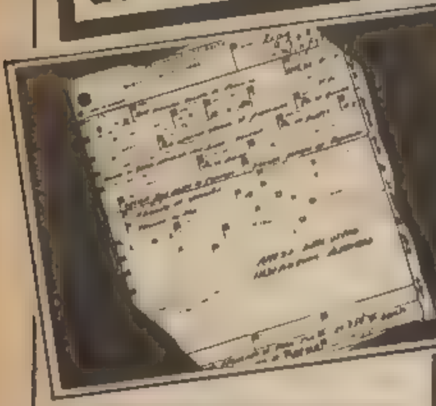
No Rio de Janeiro houve música e, enquanto o Imperador embarcava com sua família para o exílio, o povo cantava:

Saiu D. Pedro Segundo
Para o Reino de Lisboa
Acabou-se a Monarquia
E o Brasil ficou à-toa.

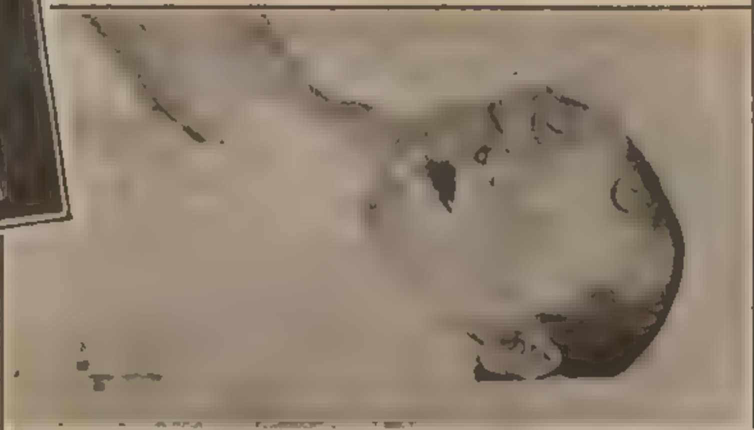
Pesquisa e texto de Daniel Aarão Reis Filho. Ilustrações de Guidacci

Foi no hospital Brasil-Portugal e quem acusa é a mãe, Sandra, de 16 anos

Sandra, a mãe



O médico Paulo Fernando de Faria Jóia atestou na declaração de óbito que o bebê morreu por falta de oxigênio dentro do útero e insuficiência placentária. Como então, pergunta a mãe, ele chegou a viver cinco horas e meia?



O fórceps furou a cabeça e a testa, em dois pontos

ERRO MÉDICO MATA BEBÊ

— Passei nove meses sonhando com meu neném. Cheguei a comprar a roupinha dele e até a encomendar o berço. Mas meu Leandrinho não viveu. Aqueles médicos mataram ele.

— Quem diz isso, revoltada, é Sandra Soares de Carvalho, de 16 anos, que na tarde do dia 2 de outubro último deu à luz um bebê, do sexo masculino, que veio a morrer 5 horas e 30 minutos após o nascimento, na maternidade da Casa de Saúde Brasil-Portugal, em Cascadura, no Rio, em consequência de uma negligência médica.

Segundo Sandra e seus familiares, o bebê, que se chamava José Léandro Soares de Carvalho, não morreu de "insuficiência placentária e anoxia intra-uterina", como atestou o médico Paulo Fernando de Faria Jóia na certidão de óbito. O que aconteceu, segundo eles, é que no parto foram utilizados instrumentos — fórceps — que causaram lesões na cabeça da criança.

O marido de Sandra, o ajudante de mecânico Arthur José de Carvalho, de 18 anos, inconformado com as razões apresentadas para a morte do filho, deu queixa na 28ª Delegacia Policial. O delegado Édson Sacramento registrou a queixa e sustou o sepultamento do bebê, que foi enviado para exames no Instituto Afrânio Peixoto.

Liberado com uma guia sem a *causa mortis*, José Leandro foi enterrado às 15 horas do dia 6, em um caixão branco, coberto de flores, no cemitério de Irajá, sem a presença da mãe. Sandra havia recebido alta poucas horas antes na Casa de Saúde Brasil-Portugal e estava em estado de choque.

Dona Gracieta Dantas Balão, mãe de Arthur e nora de Sandra, diz que vai levar o caso até as últimas consequências:

— Quero que a morte de Leandrinho sirva de exemplo para que outros erros médicos não se repitam. Vou contratar um advogado e processar o médico. Tenho fé em Deus. Ele vai pagar pela morte do meu neto.

O médico Paulo Fernando de Faria Jóia e seus assistentes serão chamados para prestar depoimento na 28ª DP, assim que o laudo cadavérico do Instituto Afrânio Peixoto estiver concluído. No atestado de óbito assinado pelo médico acusado há uma falha que a Medicina Legal teria muita dificuldade de explicar: como é que o bebê morreu de "anoxia intra-uterina" se conseguiu sobreviver 5 horas e 30 minutos, ou seja, viveu esse período fora do útero da [illegible]

Na casa 1215 da Estrada do Barro Vermelho, no bairro carioca de Colégio, Sandra ainda está traumatizada com a perda do filho, vivendo sob efeito de tranqui-[illegible]

— Tenho certeza de que houve negligência no parto do meu filho. Quando eu estava com nove meses completos e com dores horríveis, os médicos recomendaram supositório para baixar a febre e comprimidos para eliminar as dores e me mandaram embora dizendo que era rebate falso. No dia seguinte fui levada às pressas para a maternidade. Desta vez fiquei mais 24 horas internada para dar à luz. O parto foi horrível: duas enfermeiras e dois médicos estavam na sala e, após a anestesia, tentaram tirar meu neném à força com dois ferros. Vendo que algo de errado tinha acontecido, chamaram o doutor Paulo Jóia. Este então mandou que fizessem rápido a operação cesariana. Antes da cesariana, os médicos chegaram a me cortar toda para tirar o bebê, mas foi impossível. Não sei o que houve depois porque dormi por causa da anestesia. Parecia que eu estava no inferno.

Dona Gracieta, nora de Sandra, pressentiu que o neto tinha morrido quando foi impedida de vê-lo. Os médicos não a deixaram entrar no berçário. Funcionários e enfermeiras da casa de saúde começaram a alegar que o bebê não podia ser visto porque "estava muito doentinho". Segundo ela, os médicos montaram um atestado de óbito com uma causa falsa para a morte de José Leandro "para não reconhecerem o erro que praticaram":

— Meu neto tinha um buraco na cabeça e dois outros na testa. Não tenho dúvida de que esses ferimentos provocaram a morte dele. Por que os médicos não fizeram logo a cesariana? Quando apanhei o corpinho dele ainda vi escorrer um filete de sangue do [illegible]

Para Sandra, o parto foi feito sem cuidado porque sua internação na Casa de Saúde Brasil-Portugal era pelo Inamps.

— Meu marido é pobre. Se fosse rico, os médicos não deixariam meu bebê morrer. Acho que nem tentariam o parto normal com aqueles ferros horríveis. Eles teriam salvado meu neném com a cesariana. Sei que o dinheiro compra tudo na vida, mas isso não é motivo para eles terem cometido aquela barbaridade. Mataram meu filho...

Sindicato quer que CRM julgue

O secretário-geral do Sindicato dos Médicos, Heraldo Bulhões, disse que fatos como os que ocorreram na Casa de Saúde Brasil-Portugal refletem a péssima qualidade da assistência médica no Brasil. Além disso, casos como este deveriam ser julgados pelo Conselho Regional de Medicina (CRM), órgão encarregado de fazer cumprir o código de ética médica, que tem força de lei. "Não se deve condenar o médico nem tirar a razão do paciente; é preciso investigar o que ocorreu, mas parece que as autoridades não têm interesse nisso: o CRM foi fechado e os médicos com menos de cinco anos de exercício da profissão não podem ser eleitos — uma tentativa de conter a influência dos profissionais mais jovens e combativos." O sindicato, explica Bulhões, quer democratizar o CRM e punir, com a cassação do diploma, os "doutores comprovadamente mercenários e negligentes".

Reportagem de Lúcio Natalício
Fotos Darilio da Paixão

PM, Polinter e Delegacia envolvidas

Cigana diz que polícia roubou 48 kg de ouro

Madrugada do dia 13 de outubro de 1979. Sete assaltantes entraram na casa de dona Rosa Aristides Stanesco, chefe de uma família cigana que mora na rua Honório Bicalho, 26, na Penha – um subúrbio do Rio de Janeiro. Ela, suas quatro filhas – Dorothy, Princesa, Lolita e Nádia – e seus quatro netos pequenos foram acordados na porrada. Os assaltantes fizeram a limpa. Levaram uma Caravan, 48 quilos de ouro, valendo Cr$ 50 milhões, e jóias. E, para que não houvesse perseguição, sequestraram Jarquinhos, um garoto de 3 anos.

Aluísio, da Polinter: acusado

Entrar na casa foi fácil. Os bandidos tinham uma cópia da chave, fornecida pela empregada da casa, Maria Madalena Francisca Dias. Menos de dois meses depois a quadrilha da Baixada Fluminense tinha sido presa, mas a polícia alegou que conseguira recuperar apenas 2 quilos e 243 gramas do ouro roubado.

– O delegado Joni Siqueira e detetives de Duque de Caxias – entre eles Medigal – agiram compactuados com PMs do 9º Batalhão, entre eles ó capitão De Lima e um soldado conhecido por "Paulo Polícia". Estão nessa história também o delegado Mauro Magalhães e os policiais Almir Feijó e Aluísio, da Delegacia de Capturas da Polinter, sediada em Niterói.

A história toda, diz dona Rosa, é "uma grande sacanagem":

– Tudo começou em Duque de Caxias, onde o cofre roubado foi encontrado já arrombado e onde morava aquela bandida da Maria Madalena (a empregada). Lá, ela foi presa com jóias e, depois de ser colocada em liberdade, desapareceu. Logo depois foram presos por policiais de Caxias e pela PM os assaltantes Wilson Lucas de Miranda e João Carlos Ribeiro Araújo. Eles também estavam com bastante ouro, mas só foram apresentadas pouco mais de 300 gramas. Menos de dois meses depois foram presos pela Polinter os bandidos José William da Silva, o Zeca, Wilson Ferreira de Amorim, o Ruço, um outro de nome Albino e Hernandes dos Santos. Faltava apenas Édson Pereira da Silva, que foi preso depois e posto em liberdade, como os demais assaltantes. E os policiais deram o caso por encerrado sem a devolução dos 48 quilos de ouro, que até hoje estão faltando. Esses são fatos comprovados.

Dias depois do assalto, o menino Jarquinhos foi localizado. Os policiais vieram então com ameaças, diz dona Rosa:

– Inventaram que simulamos o sequestro do menino e passamos da condição de vítimas para a de criminosas. Certo dia apareceu na minha casa o detetive Feijó e fez uma proposta em nome do delegado Mauro Magalhães: 400 mil cruzeiros para que nosso tesouro fosse devolvido. Consegui, tempos depois, o dinheiro e procuramos o policial. Mas aí o preço do ouro tinha aumentado no mercado e eles voltaram atrás.

O caso já chegou, inclusive, ao conhecimento do ministro da Justiça, Abi-Ackel. Duas filhas de dona Rosa – Dorothy e Princesa Stanesco – depois de ficarem dois dias nas antesalas do Ministério, em Brasília, foram atendidas pessoalmente pelo ministro, que então prometeu que "todas as providências seriam tomadas". A Secretaria de Segurança Pública do Rio de Janeiro abriu inquérito contra os policiais. Mas até agora nada aconteceu.

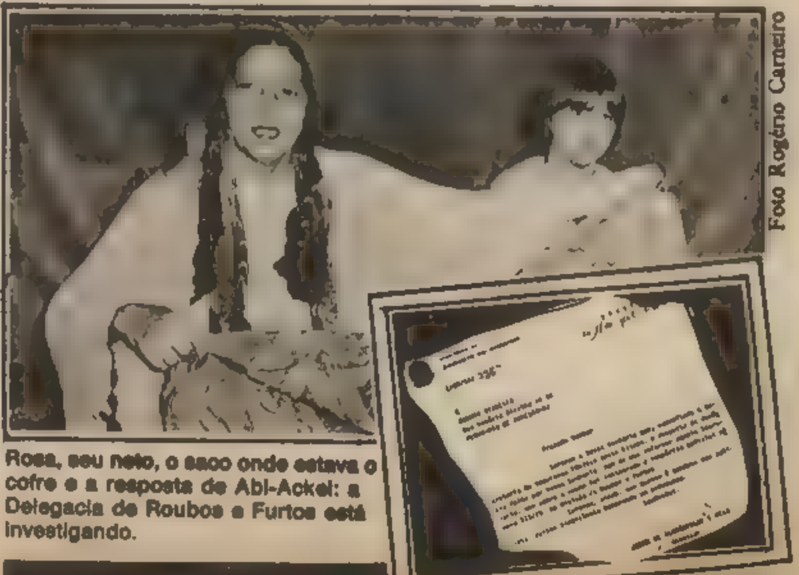


Foto Rogério Carneiro

Rosa, seu neto, o saco onde estava o cofre e a resposta de Abi-Ackel: a Delegacia de Roubos e Furtos está investigando.

ATENÇÃO!
Paulo Lopes está entrando no ar.

Crianças dormem na fila pra não perder o Paulo Lopes

A dura batalha de pedir emprego, muletas, remédio e comida pelo rádio

A miséria é o show

Fila de 10hs pra entrar no auditório

Reportagem de Tim Lopes
Fotos de Chiquito Chaves

São 14 horas. O show de Paulo Lopes vai começar.

– É revoltante, é revoltante. Eu sou cristão, mas não sei o que esse sujeito merece. Esse monstro, canalha, ordinário, crápula.

Paulo Lopes franze a testa, espreme os olhos e fala indignado pelo microfone da Super Rádio Tupi para milhares de ouvintes do Rio, São Paulo, Minas Gerais e Espírito Santo. A voz dramática do comunicador, líder absoluto de audiência no Rio, soa forte no acanhado auditório onde estão sentadas aproximadamente quinze pessoas, entre homens, mulheres e crianças, necessitados e com fome.

A denúncia que provocou o comentário amargo do apresentador, que lembra um pouco o ator Ney Latorraca (o Leandro, da novela Coração Alado), é de arrepiar. Num posto policial de Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense, a reportagem do programa descobriu que Antônio Carlos, 35 anos, casado, violentou a filha de uma vizinha de apenas dois meses. A mulher de Antônio Carlos, entrevistada na hora, afirmou que não queria mais ver o marido nem morto.

Paulo Lopes balança a cabeça pros lados, fala da Bíblia e de Deus (uma de suas práticas preferidas). A platéia se emociona.

Na rua, em volta do decadente prédio dos Diários Associados – outrora um império que tinha na revista O Cruzeiro seu carro-chefe – uma multidão espera na fila a oportunidade de ser atendida. Algumas famílias dormem dias debaixo da marquise, na esperança de chegar a Paulo Lopes pra pedir um emprego ou arranjar uma geladeira usada, um sofá velho, uma cadeira de rodas...

Lá em cima, no oitavo andar, Paulo Lopes ataca:

– Ó Jesus, essas donas-de-casa, em pé o dia inteiro e o serviço não aparece. Venha, Cristo, com sua força estranha! Venha ficar conosco!

Segurando a ponta da orelha direita, um cacoete, o apresentador vai falando para donas-de-casa, empregadas domésticas, motoristas de táxis, biscateiros, "aqueles que estão num leito de hospital e que estão nos ouvindo agora". No auditório, ninguém fala. Uns choram, outros estão de cabeça baixa. Dona Teresa, sentada ao fundo, soluça. Uma mulher de 63 anos, cega, pede a Paulo Lopes roupa e comida e uma ajuda pra sua filha:

– Ô seu Paulo, eu vim de São Paulo pra ver se o senhor me ajuda. Essa menina aqui é minha filha. Tem 10 anos e é muda e surda. Eu queria que o senhor arranjasse um aparelho pra ela. Me disseram que o senhor consegue.

Uma senhora de 75 anos, cabelos totalmente brancos, trouxe umas roupas "pro neto Paulo Lopes" distribuir pra quem precisa. Seu Antônio veio de Imbarié com uma abóbora de 20 quilos pra dar de presente. O cantor Altemar Dutra, de óculos escuros, faz uma visita e chama a atenção.

– Ô seu Paulo Lopes, eu vim aqui de novo pra arranjar um emprego, pelo amor de Deus!

Na platéia, muita gente chora

– Maria de Fátima, 18 anos, mãe de dois filhos, conseguiu entrar no programa pela segunda vez. Na primeira ela não deu sorte, mas voltou. Os pedidos vão se sucedendo: tijolo, telha, um olho de vidro, uma perna mecânica. Paulo Lopes pede aos ouvintes que atendam os necessitados, e os dois telefones não param de tocar. Mulheres grávidas também aparecem com grande freqüência. Muitas querem ligar as trompas logo depois que o filho nascer.

Além dos que entram na fila, que nas sextas-feiras chega a ter 500 pessoas, há os que mandam cartas. Chegam duzentas por dia. E nem todas são lidas.

No meio dessa movimentação toda, Paulo Lopes se mantém tranqüilo. Entre um anúncio e outro e os noticiários com reportagem de rua, ele rascunha no papel os quadros do programa: **Patrulha da Cidade, Você não tem consciência, Sabichão, Culpado ou Inocente** e **Paulo Lopes Juntinho de Você.** Num desses intervalos, ele fala ao REPORTER:

– Eu quero ouvir a queixa do cara. Um negócio espontâneo. Um programa solto. Não tem aquele negócio de açúcar. Estão todos aí, eu não sei de nada. Converso, falo. O que aparece de mulher pedindo pra conseguir hospital pra ligar as trompas não é brincadeira. Se eu quisesse, seria fácil pedir à Brastel ou ao Ponto Frio pra mandar vinte cadeiras de rodas, muletas. Mas eu prefiro usar meus ouvintes, um ajudando o outro.

A voz de Roberto Carlos toca alto no estúdio: "Jesus Cristo, Jesus Cristo, eu estou aqui".

"Desiludido de Copacabana" é o título de uma carta de José Francisco, que foi abandonado pela mulher, Sônia, e não quer mais viver. A carta é lida pausadamente no quadro "**Paulo Lopes Juntinho de Você**". O comunicador dá seu conselho: "Ô meu amigo, você tem que sair pra outra, essa mulher não te merece mais, ela já está vivendo com outro, só quer ver você sofrer, pare de pensar em bobagem". A voz desaparece e entra o bolero **Ébrio de Amor**, de Lindomar Castilho.

Logo depois, um outro pedido:

– Ô seu Paulo Lopes, eu vim aqui pedir ao senhor que ajude a mim e a minha filha. Estamos passando fome, sem roupa, sem nada. Um empreguinho qualquer.

Paulo Lopes promete ajudar. A platéia sofre com esses casos. Ele pede a seu assistente Valcir que dê no final do programa um pacote de maizena para a mulher e a filha.

"Que a prece seja como um bálsamo que nos protege", diz.

Dorinha Duval entra no ar. Não consegue falar. No microfone, só um choro convulsivo. Paulo Lopes comenta: "Minha gente, veja como é a vida, às vezes tudo vira sofrimento".

São 18 horas. Paulo Lopes, "um show de solidariedade", está chegando ao fim. As pessoas do auditório saem devagarinho. Os que pediram roupa e comida vão ganhar. Os que queriam um emprego terão de esperar. É uma sexta-feira. Ele diz uma prece e se despede dos ouvintes, prometendo voltar na segunda. Agora vai para Petrópolis, onde passa os fins-de-semana numa casa confortável, com piscina e tudo.

Nessa mesma sexta-feira ele recebeu uma notícia que lhe deu muita satisfação. O deputado chaguista (PP) Bráulio Mesquita o indicou para **Cidadão Carioca.** Mineiro, quando chegou no Rio há 10 anos ele dificilmente poderia imaginar que receberia tantas homenagens por ser visto um dia como uma espécie de "pai dos pobres"

Fracassa plano biônico da Volks

Nos próximos dias 16 e 17 de novembro, os 40 mil trabalhadores da Volkswagen do Brasil estarão elegendo uma comissão de trabalhadores da multinacional alemã, que deverá representá-los junto à direção da empresa, tratando de resolver seus problemas.

Os diretores cassados do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo mostraram mais uma vez, e na prática, por que não aceitam a representação, considerando-a o núcleo inicial de um sindicato paralelo, que irá simplesmente dividir a categoria.

A Volks convidou toda a imprensa brasileira para conhecer os 220 candidatos numa entrevista coletiva e, como autênticos "papagaios", todos demonstraram não terem sido convenientemente instruídos pela empresa. O desinteresse dos trabalhadores ficou patente, pois apenas a metade das vagas a candidatos foi preenchida (eram 420 vagas e só 220 foram ocupadas).

A maior parte dos candidatos é constituída de burocratas e subchefes (os chefes estão impedidos de se candidatarem), que buscam uma promoção pessoal. O regulamento publicado pela Volks exigia que os candidatos deveriam se apresentar à comissão eleitoral com uma lista de pelo menos 50 indicações, mas como o desinteresse estava muito grande, a exigência foi abolida, e até mesmo quem tivesse duas, como aconteceu, foi aceito.

Valmir Braga, conhecido na Volks como **Chacrinha**, expulso da diretoria do Sindicato de São Bernardo por uma assembléia que o considerou traidor da categoria, é um dos candidatos à representação. Outro candidato é filiado ao PMDB de São Bernardo e revelou numa conversa com um dos diretores cassados que sua intenção é ser candidato a vereador e que, se fosse possível tal coisa, passaria imediatamente para o PT. Com a reação do diretor, resolveu permanecer no PMDB. Finalmente, outro velho metalúrgico abriu o jogo: "Estou nessa porque faltam dois anos para minha aposentadoria e vou garanti-la com os dois anos de estabilidade que o representante tem".

Por tudo isso é que se espera uma pequena participação durante as eleições. Dois "candidatos" deverão somar o maior número de votos: **Lula e João Ferrador**, este último o símbolo dos metalúrgicos de São Bernardo.

Dirigente de má-fé sai do PT

O pelego João Lins, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Caetano do Sul, é provavelmente o primeiro militante do Partido dos Trabalhadores – PT – expulso em razão de sua conduta frente a uma entidade de trabalhadores.

O sindicato de São Caetano terá eleições no início de 81 para mudar a diretoria e, em cumprimento às exigências legais, deveria fazer publicar um edital de convocação para as eleições, quando então os interessados deveriam apresentar as chapas.

Mas o pelego deu o tombo na oposição: mandou publicar o edital num jornal obscuro, impedindo assim uma disputa democrática nas eleições. O núcleo do PT de São Caetano chamou João Lins e exigiu uma retratação e nova publicação do edital, mas o pelego não aceitou a exigência e acabou sendo expulso.

Na tentativa de sair por cima da "carne seca", João Lins disse para a imprensa que "saía do PT porque ele estava desvirtuando-se de seus princípios, devido à ação de grupos radicais".

Para a oposição, liderada por José Ferreira da Silva, o Frei Chico, que é irmão do Lula, resta a esperança da Delegacia Regional do Trabalho de São Paulo aceitar os argumentos de que houve má-fé, obrigando assim João Lins a fazer um novo edital, ou conseguir com que os metalúrgicos de São Caetano não dêem quorum nas três votações previstas pela lei, para daí então poder concorrer com o pelego.

Balancê do ABC

[illegible]

Diminuir a jornada sem máquinas mais produtivas significa diminuir a produção e manter o consumo, isto é, aumento do custo de vida e da inflação. A jornada de 40 horas não é simples porque teria que reformar todo o processo de produção metalúrgica brasileiro e por isso deve ser bem estudada. Já começamos a estudar." Quem está pensando que esse trecho foi escrito pela Federação das Indústrias do Estado de São Paulo errou. Ele é parte de um boletim, distribuído aos metalúrgicos paulistas, em que a diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo justifica a não inclusão; nas negociações com os empresários, da semana de 40 horas de trabalho, reivindicada pela oposição ao pelego do maior sindicato de trabalhadores da América Latina, Joaquim dos Santos Andrade. A oposição fez um boletim em resposta, afirmando que "o conteúdo mostra claramente que a diretoria só está preocupada em defender os lucros dos patrões. A posição da diretoria é de traição aos trabalhadores, que vêm lutando pelas 40 horas semanais".

O policiamento da segurança da Volkswagen continua bastante eficiente. Às vésperas do dia 26 de outubro, quando foi realizado um ato público no estádio da Vila Euclides em protesto pelo enquadramento de 13 trabalhadores na Lei de Segurança Nacional, um ferramenteiro da empresa foi apanhado em flagrante passando uma lista para levantar fundos destinados à confecção de uma faixa. O trabalhador, que havia sido "dedado" por seu chefe, foi chamado pela segurança para dar explicações. Temeroso de perder o emprego, telefonou para um companheiro pedindo que limpasse seu armário e rasgasse a lista.

Pelego segue Fiesp e chama a segurança

Os metalúrgicos das cidades de São Paulo, Osasco e Guarulhos acabam de negociar o dissídio coletivo da categoria com os patrões, representados pelo Grupo 14 da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo. Como sempre acontece, os três sindicatos saíram para as negociações com uma pauta unitária, e também, como sempre acontece, romperam a unidade durante as conversações com os patrões.

O primeiro sindicato a se afastar foi exatamente o que prega a unidade, o de São Paulo, presidido pelo pelego Joaquim dos Santos Andrade, que fez com que sua categoria aceitasse as propostas da Fiesp.

Mas isso foi de pouca importância perto dos acontecimentos que envolveram as assembléias da categoria realizadas em um cinema na Zona Leste da cidade. Joaquim contratou guardas, os *Décio Malho* – figura criada para motivar a campanha – que distribuíram porradas a valer naqueles que se opunham às suas pretensões.

Que Joaquim dos Santos Andrade defende os interesses dos patrões não é novidade (leia matéria sobre as 40 horas semanais), mas este ano chegou ao extremo. Sua atitude, no entanto, pode ser entendida porque, no ano que vem, haverá eleição no seu sindicato para a renovação da diretoria e o pelego quer permanecer ainda mais três anos, para desgosto dos metalúrgicos paulistas.

Rexroth faz exigência ilegal

Apesar de o governo ter baixado decreto no ano passado, abolindo a exigência, as empresas metalúrgicas do ABC continuam a fazer triagem política na hora de admitir novos trabalhadores, ao exigirem dos candidatos atestados de antecedentes criminais e ideológicos passados pela polícia política.

A Rexroth Hidráulica Ltda, de Diadema, na região do ABC, entrega a todos os candidatos uma cadernetinha onde estão escritas as normas da empresa, as vantagens, etc. Numa das páginas que trata da admissão, há uma lista enorme de documentos a serem apresentados (número de fotografias, carteira de trabalho, de identidade, etc) e, escrito a mão, pelo Departamento do Pessoal: atestado de antecedentes criminais e atestado da Ordem Política e Social.

Ao escrever a mão, a empresa está procurando não assumir que faz tal exigência – o que acontece em um grande número de outras empresas – porque ela é ilegal, já que a eficiência de um metalúrgico no torno, na ferramentaria ou em qualquer outro setor não pode ser medida por atestados.

O JORNAL QUE NÃO TEM MEDO DE ASSINAR EMBAIXO

Assinatura por 12 edições: Cr$ 400,00
Envie cheque nominal ou Vale Postal para:

MARGEM EDITORIA E PROGRAMAÇÃO GRÁFICA LTDA.
RUA MIGUEL COUTO, 134/11º — 20070 — Rio de Janeiro

Nome: ....

Profissão: ....

Endereço: ....

CEP: .... Cidade .... Estado ....

assine REPORTER

Nosso espião na economia descobre a verdade e prova:

TUDO VAI PIORAR EM 81

Ricardo Bueno

1

Banqueiros apertando o laço

Quem achou 1980 ruim, que se previna. É provável que 1981 seja muito pior na área econômica.

Para começar, há o problema do balanço de pagamentos, ou seja, das contas do Brasil com o exterior. Para que o balanço de pagamentos não feche no vermelho, será preciso arranjar lá fora uns 20 bilhões de dólares em 1981. Daí as freqüentes viagens do ministro do Planejamento, Delfim Netto, ao exterior. Ele está tentando convencer os banqueiros a emprestar essa grana toda ao Brasil.

Como é que se chega a esses 20 bilhões de dólares? O déficit da balança comercial (que registra as importações e exportações) deve alcançar 3 bilhões de dólares. Além disso, há o déficit da balança de serviços (que registra os juros da dívida externa, os pagamentos de tecnologia, os gastos com fretes, seguros e viagens internacionais), que deve ficar nuns 10 bilhões de dólares. Temos, então, 13 bilhões de dólares. Acrescentando-se a isso mais 7 bilhões de dólares para amortizar as parcelas da dívida que vão vencer no ano que vem, temos 20 bilhões de dólares, ou seja, 1 quatrilhão e 200 trilhões de cruzeiros pelo câmbio atual (dólar a Cr$ 60,00).

2

Desemprego, perigo à vista

Caso os banqueiros internacionais emprestem essa grana toda, o Brasil estará em maus lençóis. Terá que pedir arrego, renegociar a dívida. Solicitar prazos mais longos para pagar os 55 bilhões de dólares que deve.

Mas, mesmo sendo otimista e supondo que os banqueiros emprestem essa grana toda ao Brasil, a coisa ficará preta. Os banqueiros querem, para abrir generosamente seus cofres, que o Brasil resolva o problema da inflação e da balança comercial. Como? A fórmula deles é manjada: aplicar a recessão, o desaquecimento violento da economia. Isso significa que as empresas investiriam menos, criariam menos empregos e pagariam menos salários. Com isso, a procura por mercadorias e serviços cairia. Assim, dizem os banqueiros, a inflação recuaria e as compras lá fora também (as empresas precisariam de menos matérias-primas e máquinas).

O governo brasileiro já deu sinais de que vai acatar a proposta dos banqueiros. Os cortes nos gastos das empresas públicas são uma prova disso. O resultado é que vão ser criados menos empregos, mais gente vai passar fome e privações. O desemprego, que já atinge 7 a 8% da população em condições de trabalhar no Rio e em São Paulo, deverá avançar perigosamente, superando os 10%.

3

Salários atrás da inflação

Em épocas de desemprego e recessão, fica mais fácil para as empresas aplicarem o arrocho salarial. É possível que isso aconteça no Brasil em 1981. Como há mão-de-obra sobrando, já que o desemprego é alto, as empresas mandam gente embora e contratam outros trabalhadores com salários mais baixos. É a prática da rotatividade, uma arma que os empresários usam impunemente, pois desde o golpe de 64 que a estabilidade do trabalhador no emprego foi liquidada e substituída pelo FGTS.

Assim, é provável que em 81 os salários (mesmo com os reajustes semestrais) subam bem menos do que a inflação. Mesmo para categorias bem organizadas politicamente, como os metalúrgicos de São Paulo e do ABC, a luta para arrancar das empresas um salário que cubra o avanço da inflação não vai ser fácil. O próprio Lula, em encontro recente com jornalistas, admitiu isso. A recessão diminui o poder de barganha dos trabalhadores, e isso é especialmente grave num país como o Brasil, em que a inflação anda acima dos 100% ao ano e deverá continuar altíssima em 1981, pois o próprio governo, para salvar o balanço de pagamentos, vai alimentá-la.

4

Ninguém segura esses preços

Pode parecer estranho dizer que o governo vai engordar a inflação, quando vive afirmando que combatê-la é uma de suas prioridades. Mas, para tentar salvar a balança comercial, como exigem os banqueiros internacionais, o governo vai ter que estimular as exportações e barrar as importações. E daí? Daí que, para conseguir isso, terá que acelerar as minidesvalorizações do cruzeiro ou partir para uma maxidesvalorização, como fez no final do ano passado.

O que é que uma maxidesvalorização provoca? Bem, o dólar passa a valer mais cruzeiros. Vamos supor que fosse adotada agora uma maxi e o dólar passasse de 60 para 80 cruzeiros. Se um importador fosse comprar uma máquina lá fora, teria que pagar 80 mil cruzeiros, se ela custasse 1000 dólares. Com o dólar a 60 cruzeiros, pagaria pela mesma máquina apenas 60 mil cruzeiros. Assim, a desvalorização do cruzeiro encarece todos os produtos que o Brasil importa. Comprando mais caro, os empresários cobram também mais caro pelo que vendem. A inflação dispara. Junta-se a isso preços bem mais salgados para o petróleo, em função da guerra Irã-Iraque, e dá para sentir que não se deve apostar numa inflação menor do que 100% em 1981.

5

Vamos votar em 82. E aí?

A situação, portanto, é grave. Inflação alta, desemprego, baixo ritmo de crescimento econômico e dificuldades sérias para pagar a dívida externa.

A saída seria mudar o modelo econômico, partindo para a distribuição da renda e dando ênfase aos bens de consumo popular, como roupas, calçados, tecidos, habitações baratas, etc, que quase não utilizam matérias-primas importadas. Mas o governo não está disposto a isso. Sua jogada é manter o modelo concentrador de renda e exportador e, para tal, não hesitará em partir para a recessão.

Mas medidas que provoquem desemprego e mantenham a inflação alta são impopulares. Não será surpresa se, devido a seu desprestígio crescente, o governo perder as eleições para governador – marcadas para 1982 – e até a maioria no Congresso Nacional. No Rio, em São Paulo e no Rio Grande do Sul, por exemplo, certamente serão eleitos governadores de oposição. E aí, os resultados das eleições serão respeitados? Como diria o Dr. Batalha (personagem do Jô Soares): "Isso, só Deus sabe, só Deus sabe".

GOVERNO ACABA CONFLITO COM A IGREJA

Expulsos dom Ivo Lorscheiter e dom Paulo Evaristo Arns

finalmente liberado!

"Dia nove de outubro fez treze anos que Ernesto G. Valle deixou fisicamente o mundo dos vivos, para conviver conosco através do mito que é a transmutação (conversão) de seu testemunho histórico. Nesse sentido, sua presença é plena e nós somos, como ele foi, o prolongamento de um ideal que não nasceu conosco e que, mesmo apesar de nossa morte, terá continuidade. Matam-se pessoas, mas não se matam os grandes ideais de amor à Humanidade que moveram sua ação. O poema que segue, em anexo, foi redigido por mim quatro anos após sua morte. Permaneceu inédito até então, não por covardia do autor, mas por questões táticas. Uma expressão de sentimento, de então, poderia ser tomada como provocação, e isso não era interessante para o processo, pelo menos do meu ponto de vista. Hoje libero para o corpo dessa Redação e para seus leitores, se julgarem por bem publicá-lo. A intenção do autor foi a de abrir seu coração e prestar uma homenagem merecida a essa grande figura histórica e a de compartilhar esse sentimento e essa homenagem com os leitores desse bravo jornal." **(José Maria Mineiro — Rio de Janeiro — RJ)**

CHE

Ausência
de quem se foi
de quem nos deixou
somente a essência.

Essência que pé tudo:
palavra e esperança.

Sentença selada
do acaso ou ocaso
morte que é vida.

Ausência-presença
palavra que é verbo
presença contida.

Che, comandante,
meu canto é teu canto
na bandeira que trago
contigo convivo.
Tua guerra é minha guerra
tua chama teu povo
teu povo meu povo
teu povo comigo.
Meu braço teu braço
o braço que fica
prolonga o amigo.

Che comandante
ausência-presença
presença constante
na luta do povo
do povo que sigo.

Che comandante
contigo caminho
estrada que é longa
estrada sentida
de dentro de nós
por isso que digo:
CHEgará o dia
em que o ideal **será** real

O regime, na sua sinistra cruzada terrorista, acaba de perpetrar mais um atentado contra o direito de se fazer oposição neste país. Hoje pela manhã, três elementos que não se identificaram, trajando roupas civis, sob protestos e pavor de minha esposa, invadiram a minha residência e promoveram verdadeiro festival de vandalismo, coisa típica e marca registrada dos autodenominados órgãos de segurança nacional, excrescência de triste memória que hoje, de Norte a Sul do país, ressurgem como vermes, levando a intranquilidade à família brasileira. Esses indivíduos, sem nenhum mandado de busca emitido por autoridade competente, reviraram toda minha casa à procura do talvez ou do quem sabe; espalharam pelo chão livros, revistas, roupas, documentos pessoais, enfim, tudo o que encontraram, e impediram minha esposa de recolocar as coisas no lugar para que, segundo eles, quando eu retornasse do trabalho, visse aquela cena patética e ficasse convencido de que eles estão seguindo meus passos e que são capazes de tudo para implantar o medo e o terror nas pessoas que, como eu, optaram pela causa do povo e fazem dela a razão maior de existir. Os facínoras perguntaram à minha esposa o que eu fazia, onde trabalhava, se estava do lado do governo ou do lado do povo e se eu era comunista. Vendo eles o estado de choque, de perplexidade em que ela se encontrava, disseram-lhe que ficasse calma porque era a mim que eles procuravam e que a ação que tinham acabado de praticar era "apenas um aviso" que eu saberia "entender muito bem" quando chegasse do trabalho. Quero deixar registrado que sou membro do Centro Brasil-Democrático (Cebrade) e do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), entidades nacionais de oposição, devidamente registradas e legais; que sempre estive e sempre estarei do lado do povo brasileiro na sua luta contra a fome, a miséria, a opressão, o entreguismo e a corrupção. **(João Felício de Oliveira Filho - Feira de Santana - BA)**

"Lamento muito não poder confirmar que recebi meu primeiro exemplar do REPORTER como esperava. Anexo estou devolvendo o que restou dele. Infelizmente não tenho condições de informar o autor ou autores da violação de minha correspondência. Só posso confirmar que recebi estas páginas do jornal e o envelope todo rasgado DIRETAMENTE DO CORREIO LOCAL. (Luiz Carlos Zarur — Lapa — SP)"

• Nota da Redação: o jornal que chegou às mãos do leitor só tinha as páginas de 11 a 14

Ele grita e pede ação pela liberdade

"O homem não se libertou dessa escravidão em que vive há séculos. O que ocorreu foi a necessidade de haver assalariado, pois só assim foi mais fácil para a classe dominante explorar ainda mais a classe dominada: "eles trabalham, eu dou uns trocados e depois volta tudo pra minha mão". E nós, o que fazemos? Cadê toda a classe oprimida? Por que não resolvemos ainda fazer uma corrente, onde todos nós, de mãos dadas, gritaríamos: liberdade! Não podemos esquecer que somos a maioria. Viu, nêgo! Então, o que estamos esperando? Os dias vão passando. O cerco, a cadeia, vai se fechando e nós esperando a hora propícia. Enquanto esperamos, aumentam as filas na busca do feijão, aumentam as mensalidades escolares, aumentam a fome, a miséria, o desemprego, a agonia, enfim, a miséria total. Não acredito que o ser humano veio ao mundo pra trabalhar noite e dia sem descanso, pra não receber o suficiente pra viver. O nosso grito pelas nossas necessidades é a nossa própria consciência." **(Cenira V. da Silva — Duque de Caxias — RJ)**

Eucalipto em lugar de feijão

..."No município de Conceição da Barra, Estado do Espírito Santo, principalmente no litoral próximo ao mar, nas propriedades que pertenciam a lavradores, hoje só se plantam eucaliptos, de onde grande parte está sendo queimada para o carvão. Seus proprietários são firmas reflorestadoras como estas: Flonibra, CBF, Acesita, CVRD e Tecniflora. Estas organizações do ramo de eucalipto começaram a pagar Cr$ 2.000,00 por alqueire dessas terras, que na verdade valiam em torno de Cr$ 60.000,00 o alqueire. Isso deixou muita gente desabrigada, pois venderam suas terras com medo do eucalipto plantado secar seus terrenos. Outros, intimidados por agentes das firmas, deixaram de criar porcos, galinhas e outros animais. Essas terras somam mais de 5.000 alqueires, comprados de dezenas de proprietários que produziam de tudo. Hoje só se vê florestas de eucaliptos. O avanço continua, as firmas comprando terras e acabando com as belezas das matas virgens, sua flora e sua fauna. O mesmo vem acontecendo nos municípios de Mucuri, Caravelas e Alcobaça - todos na Bahia. Ninguém faz nada para impedir a plantação de eucalipto. O que deveriam estar plantando era feijão, milho, arroz, café, em vista da crise de alimentos por que passa a Nação." **(Aglaé Pinheiro - Nanuque - MG)**

CORREIO HETEROSSEXUAL

● "Só para mulheres, rapaz solteiro, moreno claro, 30 anos, universitário, sem preconceitos. Se você está precisando de carinho e também tem para dar, curte sexo e tem condições de custear as despesas por algumas vezes, entre em contato com DIMBA, independentemente de idade e cor. Guardo sigilo absoluto. **(Dimba - Caixa Postal 17.063 - Rio de Janeiro - RJ - CEP: 21.470)**

● "Casal, 27/22 anos, iniciante na prática do Swing e Menage a Trois, branco, 1,82m, cabelos e olhos castanhos, morena, 1,66m cabelos e olhos castanhos. Bom nível cultural, extrovertidos, sem tabus. Deseja corresponder-se com casais e/ou moças e mulheres bissexuais. Garantimos e exigimos sigilo absoluto. Cartas se possível com telefone para **Caixa Postal, 3.816 - CEP: 20100 - Rio de Janeiro - RJ."**

Se você tem problemas de saúde sexual sobre os quais não gosta de fazer perguntas, lembre-se de uma coisa: há muitos outros homens como você. Mas aqui está um livro para ajudá-lo!

A Saúde Sexual do Homem

do Dr. Philip R. Roen

Famoso urologista norte-americano responde a todas as suas perguntas!

Um livro que oferece conselhos simples e úteis para os homens desde a adolescência até a idade madura.

Não prive a si próprio e seus entes queridos da oportunidade de conhecer os conselhos sensatos que o Dr. Philip Roen oferece neste livro essencial. E, por apenas Cr$ 200,00 você terá as respostas às perguntas que o afligem.

Escreva com letra bem fácil de ler para evitar enganos.
Não se esqueça do CEP (código do Correio de sua cidade).
NÃO MANDE DINHEIRO AGORA. Pague quando receber a encomenda.

MANDE HOJE MESMO O SEU PEDIDO, RECORTANDO E PREENCHENDO O CUPOM ABAIXO.

MARGEM EDITORIA E PROGRAMAÇÃO
Rua Miguel Couto, 134 - 11º andar - 20070 - Rio de Janeiro, RJ
Peço enviar-me pelo Reembolso Postal . . . . exemplar(es) de A SAÚDE SEXUAL DO HOMEM, a Cr$ 300,00 cada

Nome: ______
Rua: ______
Cidade: ______ Estado ______
CEP: ______
assinatura

Na compra de 2 ou mais exemplares não cobraremos as despesas postais

ESPERTAS

Lotérica em SP faz mural contra Maluf

Há mais de dez anos, a vitrina de uma casa lotérica do bairro da Liberdade, em São Paulo, é um mural anti-Maluf. Por causa disso, o dono da lotérica, Antônio Manene, firme nos seus 79 anos, recebe ameaças de morte por telefone e visitas mal-encaradas: "No dia em que o Maluf voltou daquela viagem ao Oriente (no primeiro semestre), estiveram aqui alguns funcionários da Caixa Econômica, usando inclusive carro da empresa, e retiraram todos os recortes da vitrina. Um dos funcionários me disse que era genro do Maluf."(Nota da redação: o genro do governador é seu secretário particular, Marco Antônio Michaluate.) Antônio não se intimidou e montou o mural de novo. Mais uma vez foi ameaçado: "Na mesma noite em que Dalmo Dallari foi sequestrado, telefonaram para minha casa avisando que iria acontecer o mesmo comigo se não parasse com o mural". Três dias depois do telefonema, o mural foi novamente recolhido. Desta vez, por agentes do Dops: "Eles levaram tudo e ainda me ameaçaram na frente de meus netos e de minha nora, que se encontravam na loja". O incidente fez Antônio pensar: "Não posso deixar de ligar coisa com coisa: quem sequestrou o Dallari foi quem me ameaçou de retirar os recortes. E quem retirou os recortes foi o Dops. Portanto..." Nem depois disso Antônio desistiu de seu mural. E não é só ele o ameaçado. Seu filho, que é policial, já deixou de ser promovido: da Vila Matilde, onde está, seria transferido para o Centro, onde fica a lotérica. Estava tudo certo, mas como Antônio continuou com o mural, a promoção do filho foi sustada. Quando Maluf foi nomeado governador, a casa lotérica de Antônio apareceu com uma enorme faixa de luto. Antônio falou com amigos deputados para oficializarem o luto em todo o Estado, mas não conseguiu. O que conseguiu foi atrair a repressão, pois desse dia em diante não teve mais paz. A bronca que ele tem do Maluf não é gratuita. Está diretamente ligada ao comércio lotérico: "Antes do Maluf ser prefeito de São Paulo (em 1968), a Caixa Econômica destinava 14 bilhetes da Loteria Federal a cada velho ou inválido. Logo que assumiu a prefeitura, Maluf reduziu a cota pela metade. Ele fez isso para favorecer os grandes atravessadores de bilhetes, inclusive alguns oficiais do Exército, que compram grandes quantidades e revendem para os pequenos cambistas, o que força o bilhete a custar mais caro que o preço marcado. Por causa do Maluf, a praça da Sé, onde se reúnem os pequenos cambistas, transformou-se no mercado da vergonha, com velhos e paralíticos sendo explorados pelos atravessadores.

Ulisses Tavares

Foto Valdenir Benedetti

Antônio recebe até ameaças de morte

● Fila do feijão num supermercado de Campo Grande, no Rio.

Delfim não conseguiu os dólares

O ministro Delfim Netto não conseguiu nenhum crédito novo para o Brasil durante sua recente viagem à Europa e ao Japão. Todos os financiamentos acertados já eram velhos e tinham sido negociados anteriormente. Os banqueiros internacionais fecharam temporariamente seus guichês a países como o Brasil porque entraram em cena tomadores de dinheiro mais sólidos como França, Itália, Japão e Alemanha. França e Japão importavam muito petróleo do Irã e do Iraque e, com a guerra, estão em dificuldades, precisam de dólares para recompor as importações a preços mais caros. Os banqueiros dizem que o governo brasileiro cometeu grave equívoco: pensou que a guerra seria relâmpago e que o Brasil logo voltaria a receber os 400 mil barris de petróleo iraquiano, dando-se ao luxo de barganhar taxas de empréstimo no mercado de eurodólares um pouquinho mais baratas, quando o prudente seria conseguir empréstimos antes da guerra. Agora, a taxa de juros anual dos financiamentos pulou de 2% para 14%.

AI-5 continua no BNH

O BNH vive ainda o clima do AI-5. O presidente, José Lopes de Oliveira, demitiu um funcionário do departamento de planejamento por ter ele convidado dois economistas que fazem oposição à política econômica do governo para fazerem palestras num curso dado a funcionários do banco.

Maria da Conceição Tavares fez a primeira conferência e Carlos Lessa, uma outra. O segundo debate com Lessa, porém, foi cancelado

A diretoria do banco não havia sido informada e, quando soube, requisitou as fitas gravadas das palestras.

Logo depois demitiu o autor da iniciativa.

Ricardo Bueno

Atenção, trabalhadores: mudanças vão ocorrer na Federação das Indústrias de São Paulo, com reflexos nos sindicatos, depois da posse de Luís Eulálio Bueno Vidigal. Importante empresário paulista confidenciou a jornalistas que, se os patrões pretendem agora o fortalecimento de suas entidades de classe — acabando com os sindicatos de gaveta criados para dar votos nas eleições da Federação — é justo também permitir que as organizações dos trabalhadores sejam dinamizadas. O primeiro sintoma da nova atitude seria a aceitação do delegado sindical, reivindicação antiga dos metalúrgicos paulistas. Nas atuais negociações entre patrões e empregados na indústria química, a discussão sobre o assunto foi aberta; em 1981, nas conversas com os metalúrgicos do ABC, o delegado será aceito sem traumas, garante o confiante empresário.

●●●●●●●●●●●●●●●●●●●●●●●●●

O Banco Brascan, aquele que era dono da Light e foi favorecido com a grande negociata no final de 1978 — a Light, que já era brasileira, foi comprada a peso de ouro pela Eletrobrás — está mais pessimista com o Brasil do que o nosso espião na economia (ver matéria na página 19). O banco, nos estudos que faz sobre a conjuntura, garante que a inflação em 1981 não será inferior a 100%. A previsão é de 105%.

Isso, se as coisas forem bem. Se o consumo de derivados do petróleo continuar a ser contido por aumento de preços, a inflação poderá passar de 150%, recorde absoluto na história do país. O Brascan acha que o governo já deveria ter racionado as compras de combustível usando um sistema de cotas ou cupões.

ACADEMIA **FAIXA PRETA** 1 e 2

Aulas de:
taekwon-do, kung-fu, capoeira, karatê, aikidô, boxe, ginástica feminina, nunchaku.

ACADEMIA 1 — rua General Roca 947, sobrado. Tijuca - Saens Pena, Rio. Tel: 288-5548.
ACADEMIA 2 — rua São Franc Xavier 198, sobrado. Tijuca (em frente ao Colégio Militar) Rio. Tel: 284-5839.

ESPERTAS

Oração por Delfim em Nova Iguaçu

No bairro de Morro Agudo (município de Nova Iguaçu, no Rio), a Casa da Benção, na rua Santa Luzia, 169, os fiéis entraram em regime de vigília constante. E, na porta da igreja, uma grande faixa com letras garrafais diz: "Estamos orando pelo ministro Delfim Neto". É que em Morro Agudo existem mais de 80 mil pessoas, a maioria delas subempregadas e desempregadas. E, por sugestão do missionário José Alexandre Moura, todo mundo decidiu fazer uma corrente de oração para que os atos do ministro dêem certo. Na porta da igreja param muitos curiosos para saber por que as orações pedem pelo ministro Delfim e não pelos moradores do local, que moram em casas sem esgotos, correm riscos constantes de assaltos e estupros e não têm assistência médica. E o missionário José Alexandre explica que, para entrar na corrente, não precisa ser também um desempregado. Basta ter fé em que o ministro do Planejamento vá resolver os problemas da Nação. A Casa da Benção está sempre vazia. Mas o missionário José acredita que o "ministro vencerá pela perseverança que Deus lhe deu".

Luís Ferrão

Figueiredo deu o "conto da casa"

— Figueiredo prometeu uma casa pra mim e agora estou sendo despejado.

O menino Maurício Antônio Costa, de 14 anos, viajou de ônibus sozinho, de Brasília a São Paulo, para denunciar esse fato aos jornais. Diz ele que em 15 de março de 1979 conseguiu conversar com o presidente:

— Eu estava no ginásio de esportes de Brasília. Fiquei chorando. O general Danilo Venturini se aproximou de mim e perguntou por que eu estava chorando. Quando eu falei que queria falar com o presidente, ele imediatamente abriu passagem e fiquei frente a frente com o Figueiredo.

O menino, que morava com a mãe e seis irmãos numa casa cujo aluguel não conseguia pagar, pediu uma casa a Figueiredo e, na hora, foi atendido:

— O presidente anotou meu endereço e tudo.

Três dias depois a casa chegou. Pelo menos foi o que o menino pensou. A imprensa também:

— Passei um mês dando entrevistas. Fizeram a maior propaganda do presidente às minhas custas. Fui usado.

Em abril, Maurício recebeu o carnê de prestações da Sociedade de Habitações de Interesse Social Ltda.: teria de pagar Cr$ 930 por mês durante 25 meses. Desesperado, pediu ajuda à primeira-dama de São Paulo, Sylvia Maluf, quando ela esteve em Brasília. A mulher de Maluf prometeu ajudar o menino:

— Você paga as três últimas prestações que eu pago o resto — disse ela.

Disse, mas não cumpriu. As prestações começaram a atrasar. Quando Sylvia Maluf esteve de novo em Brasília, foi cobrada pelo menino. Aí ela deu mil cruzeiros e falou:

— Por enquanto você

Foto Valdenir Benedetti

Maurício: "Fui usado"

me esquece, faz de conta que eu não existo.

Maurício tentou ainda visitar o general Danilo Venturini. Não conseguiu passar do portão. O general mandou recado avisando que ele não podia entrar, nem ali, nem no Palácio do Planalto. O ministro Said Faraht, da Secretaria de Comunicação Social, e Alexandre Garcia, secretário de imprensa, atenderam Maurício e prometeram que o presidente iria recebê-lo. Só prometeram.

Maurício, que já foi engraxate e vendedor de frutas, agora só vive de bicos. Trabalha de vez em quando para o deputado Ralph Biasi, ajuda numa empresa de transportes e recebe de presente, do ministro das Comunicações, Haroldo de Mattos, Cr$ 1.000,00 todo fim de mês.

O pai de Maurício abandonou a família quando o menino tinha sete anos. Trabalhava no Incra e por isso eles tinham casa de graça, como todos os funcionários desse órgão do governo. Em 1978, o pai pediu demissão e a família perdeu a casa. Aí começou o desespero. Se até o fim do ano Maurício não pagar o carnê, vai todo mundo pra rua. Por enquanto, luz e água já foram cortadas.

— Eu tô aqui em São Paulo, mas o pensamento tá em minha mãe e nos meus irmãos — diz Maurício, como um adulto. — Meu pai, quando foi embora de casa, disse que eu ia virar um marginal. Mas não vai ser preciso, não. Ele não conseguiu segurar a barra com minha mãe, mas pode deixar que eu seguro.

Alex Solnik

Foto Chiquito Chaves

No centro do Rio. O da calça branca dançou

Foto Valdir Afonso

Estacionamento Joana Bezerra, vazio às 10 da manhã

Estacionamento inútil custou 82 milhões

Este é o Joana Bezerra, o maior estacionamento periférico do Recife. Custou à prefeitura da cidade a bagatela de 82 milhões de cruzeiros e a centenas de famílias da favela do Coque a remoção para local de difícil acesso e distante do trabalho. Até hoje, segundo os próprios guardadores do estacionamento, a média de automóveis guardados lá não passa de 200 — a foto foi tirada às 10h30m da manhã, hora em que o local deveria estar cheio. Mesmo com os ônibus luxuosos utilizados para transportar exclusivamente os usuários do Joana Bezerra até o centro da cidade e vice-versa (cujo preço não está incluído nos Cr$ 82 milhões), o estacionamento só ficou lotado durante a missa que João Paulo II rezou para centenas de milhares de pernambucanos. Mas naquele dia estava proibido o estacionamento de automóveis no Joana Bezerra.

Eduardo Homem

Os jornaleiros da Linha Auxiliar são os bons de bola do Rio. Faturaram o 7º Campeonato de Futebol dos Jornaleiros do Rio de Janeiro. Ganharam a partida final, dia 20 de outubro, da Ilha do Governador, por 1 a 0. Na foto, os campeões.

FEIJÃO CRITICA GOVERNO E DEIXA O PAÍS

PRIMEIRA ENTREVISTA DO FEIJÃO NO EXÍLIO

Ricardo Bueno

EXCLUSIVO

O feijão preto sumiu das panelas das donas-de-casa cariocas. Ninguém sabia por onde ele andava. Mas o REPORTER, num sensacional furo de reportagem, conseguiu descobri-lo, confortavelmente instalado numa praia da Riviera francesa, cercado de belas mulheres adeptas do *topless*. Exilado, desgostoso com o governo brasileiro, o pretinho não queria dar entrevista de jeito nenhum. Depois de muita insistência acabou concordando, desde que o papo fosse gravado, para que seu pensamento não aparecesse deturpado. A seguir, a entrevista, na íntegra.

Por que é que você está tão amolado, rapaz?

– O produto da casa está desprestigiado. As donas-de-casa só dão bola pra esse estrangeiro que chegou aí. Mas a culpa não é delas A culpa é do governo, que não me prestigiou nos últimos anos. Só deu bola pra essa tal da soja. Antigamente eu tinha muito cartaz. Não sei se você se lembra, mas as crianças marchavam na escola cantando: um dois, feijão com arroz, três, quatro, feijão no prato. Agora eu não estou no prato de quase ninguém.

Explica essa história aí da dona soja. Por que é que o governo só deu bola pra ela, pretinho?

– Ora, meu caro. Os homens que mandam neste país só queriam saber da agricultura de exportação. O negócio era produzir alimentos pra vender lá fora, pra gerar dólares. Por isso eles deram toda força pro plantador de soja, os grandes fazendeiros, e deixaram o coitadinho do pequeno produtor que me plantava completamente abandonado. Não deram crédito a ele, não deram assistência técnica, sempre compraram a produção dele por uma micharia. Aí a produção começou a cair. O pequeno produtor, em muitos casos, abandonou suas terras. Vendeu pro grande plantador de soja.

Peraí. Acho bom você provar o que está dizendo. Isso não é só ciúme da dona soja, não?

– Realmente eu não me dou com essa senhora. Pra mim foi o maior martírio quando me puseram no mesmo saco com ela nessa tal de sojoada. Ainda bem que esse negócio não deu certo. Mas, pra te mostrar que não estou mentindo, vou te citar uns dados que li outro dia num trabalho de um economista lá de São Paulo. No período 1967/78 a produção de soja aumentou 29,7% ao ano. E eu? Minha produção caiu 1,6% ao ano. Enquanto isso, a população aumentava. Resultado: a produção de feijão por habitante despencou. Hoje em dia é 20% menor do que na década de 50. Uma vergonha.

Quer dizer então...

– Peraí que eu ainda não acabei, meu chapa. Um estudo da Fundação Getúlio Vargas mostra que a produção de feijão da safra 1979/80 ficou 60% abaixo do que a população tem condições de comprar. Como eu fiquei raro, escasso, meu preço começou a disparar. Um ano atrás, se você fosse num comerciante atacadista, podia me comprar a 15 cruzeiros o quilo. Agora, só a 115 pratas. Quer dizer, em um ano eu aumentei 750% de preço. Foi nisso que deu a política do governo.

Mas o governo diz que a culpa não é dele, que ele deu azar, que a culpa é de São Pedro, que anda administrando mal o tempo e provocando quebra nas safras...

– Se você acredita nisso, você é ingênuo. Como é então que a produção de soja se multiplicou rapidamente? Como é que o mau tempo não impediu que a dona soja fosse cada vez mais produzida? E ela é plantada na mesma área em que eu sou plantado. Hoje em dia a safra brasileira do pretinho aqui não passa de 2,5 milhões de toneladas. Há uns 8 anos está nisso. Já a safra da soja pulou de quase nada pra mais de 15 milhões de toneladas. São Pedro só faz maldade comigo? Isso é mentira. O culpado foi o governo que, como eu já disse, abandonou o meu produtor.

Tá legal. Mas agora vai ficar tudo bem, não é? O ministro da Agricultura foi pra televisão dizer que vem por aí uma grande safra de feijão, inclusive de feijão preto.

– Ha! Ha! Ha! Esse tal de Amaury Estábulo... Estábulo, né?

Stábile.

– É, Stábile. Esse cara é um brincalhão. O pessoal que eu conheço na Fundação Getúlio Vargas não diz isso, não. A safra das águas do pretinho aqui deve chegar este ano a umas 450 mil toneladas. E a das secas, colhida lá no Nordeste, a umas 165 mil toneladas. Uma produção de 615 mil toneladas. Acontece que a procura aqui pelo pretinho é de mais de 800 mil toneladas. Portanto, vai continuar faltando feijão, meu chapa.

E o preço?

– O preço? Bem, duvido que alguém consiga me comprar a menos de 100 pratas o quilo no final deste ano e no ano que vem.

Quer dizer que estamos mal?

– Estamos. O governo vai ter é que importar de novo. E não sei se tem parente meu lá fora pra comprar. Se não tiver, o negócio vai ficar cada vez mais feio.

Quer dizer que não há saída?

– Só vai haver saída se o governo passar a dar muita força ao pequeno agricultor que me planta. Se ele não fizer isso, as porradas nas filas vão continuar por muito tempo. Resta saber até quando o povo vai ter saco pra aguentar isso.

REPORTER

REPORTER

Edição de aniversário 3 ANOS

Dezembro de 1980 — ano IV — Nº 36 — Cr$40,00 AUTÔNOMO

Coronel Aníbal de Melo Henriques, no Rio

CHEFE DA PM INCITOU SOLDADOS A QUEIMAR BANCAS

Em S. Paulo

DESCOBERTO TERRORISTA QUE AMEAÇOU JORNALEIROS

André Luiz Rizzo, da Falange Pátria Nova

P.4

Figueiredo na Academia

P.12

Recife

VEREADOR ESTUPRA MONGOLÓIDE

P.9

MULHER VALE 5 MILHÕES EM SERRA PELADA

Travesti lamenta falta de macho

Abi-Ackel imita Falcão e apreende com violência

Até encerrarmos os trabalhos desta edição, quase 20 mil exemplares do número anterior, de novembro, haviam sido apreendidos nas bancas. No Rio de Janeiro, a Polícia Militar seqüestrou mais mil jornais, isto é, invadiu bancas e desobedeceu frontalmente a lei que a obriga a deixar comprovante — afinal, trata-se de uma mercadoria com preço fixado, transportada com nota fiscal, que paga imposto e tem valor econômico; já que não se respeitam os direitos políticos, que pelo menos se respeite a propriedade. A polícia age com métodos de marginal e sua violência mais uma vez se voltou contra nós.

O estilo de combate à imprensa do terceiro ministro da Justiça de governos militares com quem este jornal lidou é, quanto à execução das operações, parecido com o de Armando Falcão, ministro da área no governo Geisel. A ordem de apreensão não esclarece nada, a editora não é avisada que vai ser punida e muito menos sabe por que está sendo penalizada. Desta vez, nem a Polícia Federal sabia. Abi-Ackel, quase 15 dias depois da apreensão, procurado pela ABI, em Brasília, justificou a decisão pelas "obscenidades contidas na matéria *Sexo com a boca*", duvidando até da veracidade dos depoimentos íntimos nela registrados.

Não inventamos reportagens, senhor ministro. Se o fizéssemos, não seríamos jornalistas; seríamos meros aventureiros, indignos e incapazes de administrar profissionalmente algo de tão importante socialmente como um jornal. Não somos falsificadores, e nossas matérias não são biônicas nem preparadas em laboratório. Temos certeza de que a arte de trabalhar com a proveta é, no Brasil, privilégio do governo do qual o senhor participa. Foi com ela que se inventaram dois terços do Senado federal, muitos prefeitos, todos os governadores estaduais e até o presidente da República.

REPORTER JÁ TEM TRÊS ANOS

REPORTER está fazendo três anos, ao longo dos quais conseguiu algo precioso: a confiança de seus leitores. Na recente pesquisa que fizemos para avaliar preferências e opiniões dos que nos lêem, uma coisa ficou clara: este jornal é visto como "o que diz a verdade" sobre muitos assuntos, entre eles sexo e política.

Normalmente esta seria uma época de festas. Entretanto, os atentados contra as bancas nos meses de junho, julho e agosto e a apreensão da edição passada não permitem muitos festejos.

Depois da repressão ao noticiário político, o governo federal usa agora a obsoleta legislação que protege a "moral e os bons costumes do povo brasileiro" para ferir jornais de oposição. A luta para garantir a circulação deste jornal, portanto, continua, e a guerra econômica movida pelas autoridades impede o refresco da comemoração ou o presente de uma edição especial ao leitor que, tolerante, há de compreender que, no momento, a grande festa é essa: estar na banca com a combatividade, a independência e a honestidade de sempre (veja matéria na pág. 18).

Modesto acha que moral é falsa alegação

Ex-advogado deste jornal, o deputado federal Modesto da Silveira (MDB-RJ) fez na Câmara, dia 18 de novembro, pronunciamento contra a apreensão do número passado. Alguns trechos do seu discurso: "A desculpa verbal oferecida pela polícia federal para fazer as apreensões e incomodar diretores e jornalistas do REPORTER é que uma reportagem do nº 35 traz matéria obscena sobre sexo oral. Tudo é permitido pelo Ministério da Justiça, desde que faça parte dos papéis circenses para distrair a nação de seus reais problemas políticos, sociais e econômicos. Entretanto, quando se trata de jornal como o REPORTER, que é capaz de fazer um retrato global, portanto, também político, de uma realidade que se precisa esconder, então nada é permitido. A polícia federal já apreendeu, ilegalmente, milhares de exemplares".

Correio abre malote e viola remessas

A Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos está violando correspondência da Margem Editora. O malote especial desta empresa, que saiu de sua sede, no Rio, dia 14 de novembro e chegou a sua sucursal, em Recife, dia 17, foi aberto, seu conteúdo revolvido e até o cadeado foi mudado. Tanto assim que, para abrir o malote em Recife, foi preciso fazer outra chave que se adaptasse ao novo molde. Grande parte das assinaturas do REPORTER, enviadas pelo Correio, não estão chegando ao destino. Os exemplares são rasgados ou lidos pelos funcionários que, entretanto, não os remetem. Contra isso estamos tomando as providências legais cabíveis.

Margem agora é SA

A Margem já está registrada na Junta Comercial do Rio como sociedade anônima de 16 jornalistas profissionais e um comerciário, que a criaram exclusivamente com a força de seu trabalho. Os sócios são Alex Solnik, Analuce Estrella, Chico Júnior, Eduardo Homem, João Batista Pinheiro, Gilberto Menezes Cortes, Luiz Alberto Bettencourt, Marcus Vinicius Bettencourt, Marcos Dantas, Rivaldo Chinen, Rui Xavier, Tim Lopes, Verônica Asbeg, Walter Diogo e Wilson Thimóteo Júnior.

REPORTER

EDITORES — Alex Solnik, Luiz Alberto Bettencourt, Pipsi (Arte)
CHEFIA DE REPORTAGEM — Ricardo Bueno
REPORTAGEM — RIO DE JANEIRO: Tim Lopes, Chico Jr., Luis Ferrão **São Paulo:** Rivaldo Chinen, Silvio de Souza, Hélio Belik, Teresa Moreira **Recife:** Eduardo Homem, Beth Salgueiro. **Salvador:** Marliuce Moura
FOTOGRAFIA — Rio de Janeiro: Chiquito Chaves, Rogério Carneiro. **São Paulo:** Wagner Avancini, Eliana Pastore, Valdenir Benedetti **Recife:** Valdir Afonso, Xirumba
ARTE — Analuce Estrella, Guidacci, Maurício [illegible]
CIRCULAÇÃO — Simeão Marques
PUBLICIDADE — Keline Keller (Rio) Dácio Lopes da Silva (SP)
DEPARTAMENTO JURÍDICO — Luis Celso Araújo
REPORTER Autônomo Independente é uma publicação da Margem Editoria e Programação Gráfica Ltda. **Rio de Janeiro:** Rua Miguel Couto, 134/11º andar, tel.: 253-5038, 253-5077, 233-4331 **São Paulo:** Rua do Seminário, 155/sala 30, tel.: 227-7175. **Recife:** Av. Conde da Boa Vista 121, Grupo 707, tel.: 222-1224 **Composição** — Editora Mory, Rua do Resende 65, e Inúbia Editorial e Industrial S.A., Rua André Cavalcanti, 86 - RJ **Impressão:** Cavaliere Publicações Editora Gráfica Ltda. - RJ

TESTEMUNHA REVELA A VERDADE 10 ANOS DEPOIS

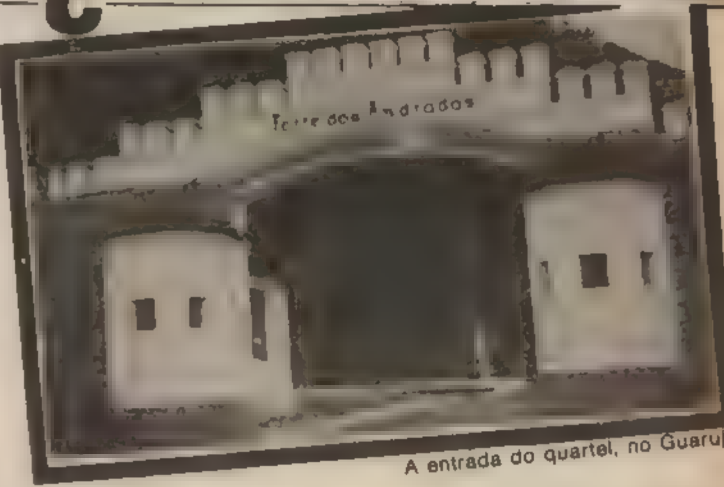
BACURI FOI MORTO NO QUARTEL

Envolvidos o então major Milton Vanderlei e os tenentes Frota e Alexandre

Em dezembro de 1970, a imprensa noticiou a morte de Eduardo Leite, o* Bacuri*, militante da organização política Ação Libertadora Nacional, como resultado de "um tiroteio com forças policiais". Agora, Rinaldo Campos de Carvalho, que na época servia como recruta no Forte dos Andradas, no Guarujá, São Paulo, revela que* Bacuri *ficou preso lá, de onde saiu morto.

Foto Eliana Pastore

Rinaldo, testemunha da morte



A entrada do quartel, no Guarujá

Em julho deste ano, um universitário chamado Rinaldo Campos de Carvalho apareceu na redação do **REPORTER** para dar a seguinte notícia:

– Eu sei como morreu **Bacuri**. Eu vi

Bacuri, ou Eduardo Leite, foi um dos militantes da ALN – Ação Libertadora Nacional – mais perseguidos pelas forças de segurança. Era admirado na organização, e sua coragem e decisão ficaram conhecidas pelos policiais. Participou de muitos assaltos a bancos e chefiou o seqüestro do embaixador alemão Von Holleben em julho de 1970, no Rio. Dois meses depois, em setembro, **Bacuri** foi preso ainda no Rio. Daí, caiu nas mãos do delegado Fleury, no Dops de São Paulo. De lá foi retirado uma noite, ninguém sabia para onde. Até que no dia 9 de dezembro de 1970 os jornais publicaram comunicado do Derex – Departamento Regional de Polícia São Paulo Exterior – anunciando a morte de **Bacuri** durante uma perseguição no litoral.

Esta versão era a única que se tinha até Rinaldo falar

– Eu servi no Forte dos Andradas, no Guarujá, como recruta em 1970. Foi nesse quartel que **Bacuri** ficou preso, de setembro a dezembro. E de lá saiu morto

Da redação, Rinaldo foi encaminhado ao CBA – Comitê Brasileiro pela Anistia. Seu depoimento foi checado. E ele até apresentou outro recruta que serviu com ele e também confirmou a passagem de **Bacuri** pelo quartel do Guarujá.

A história de Rinaldo começa numa manhã do fim de setembro daquele ano, 1970. Ele estava em formação, no pátio do quartel, quando chegou uma perua Veraneio com cinco homens. A perua já tinha atravessado o portão de entrada e o recruta concluiu: só podia ter entrado com a permissão do comandante, o major Milton Wanderlei

– O comandante cumprimentou os homens da viatura – conta Rinaldo – e deu ordem para que seguissem caminho até a praia do Bueno, onde havia uma cela na praia, uma solitária. Logo depois que a perua chegou, mandaram os soldados construírem uma cerca de arame farpado em torno da cela, de uns dois metros de altura.

Enquanto a cerca era construída, o preso – que foi retirado de um saco de lona – ficou algemado às grades da cela. Para efeito interno, foi informado aos soldados que o preso era um bêbado, pego rondando o quartel.

Rinaldo conseguiu aproximação com o prisioneiro porque era o motorista. Ele transportava, da sede do quartel até a cela, os tenentes Santos Costa e Alexandre A aproximação com o preso estava proibida, mas um dia o tenente Santos Costa mandou Rinaldo apanhar a bandeja de almoço e, nessa ocasião, ele pôde trocar as primeiras palavras com o prisioneiro

– Ele tentou fazer amizade, pediu ajuda – diz Rinaldo

Mas só dias mais tarde houve um papo mais longo. E aí o preso contou que se chamava Eduardo Leite, **Bacuri**, e precisava de ajuda, pois tinha certeza de que estava para ser morto.

Num dos encontros, **Bacuri** pediu que fosse à casa de sua família avisar onde ele estava preso

– Ele pediu lápis e papel – diz Rinaldo – mas achei isso perigoso. Guardei o endereço de cabeça e fui pra São Paulo. Mas, na frente da casa, havia uma perua Veraneio. Fiquei assustado e não entrei.

No dia em que saiu nos jornais um mandado de prisão contra **Bacuri** – como se ele estivesse foragido – a certeza de ser assassinado aumentou. Quando ele foi tirado do Dops, uma noite, no maior sigilo, ele já desconfiava disso. E mais desconfiado ficou quando soube que os jornais haviam noticiado sua fuga

– Na noite em que **Bacuri** ficou sabendo do mandado de prisão – Rinaldo continua – tentou fugir abrindo um buraco na parede com um cano da pia. Fez um buraco que estava remendado, pois por ali havia fugido outro preso.

Mas a fuga não deu certo. **Bacuri** foi visto. E o algemaram nas grades por toda a noite até a chegada do comandante. O major Milton Wanderlei ordenou, de manhã, que o preso fosse transferido para um túnel que era depósito de munição pesada, num morro a 3 quilômetros do quartel.

– Dentro do túnel – lembra Rinaldo – havia quartinhos e um banheiro. **Bacuri** foi colocado nesse banheiro. Não havia iluminação, nem ventilação E muita umidade. Ele reclamou bastante, não queria ficar preso ali. A ferida na sua perna, acho que esquerda, uma marca de pus de dez centímetros de diâmetro, estava cada vez pior.

Em protesto por ser encarcerado ali, **Bacuri** começou uma greve de fome

– Mais ou menos no 12º dia da greve de fome – Rinaldo prossegue – de novo a mesma viatura que havia trazido **Bacuri** chegou no quartel. Com os mesmos cinco homens

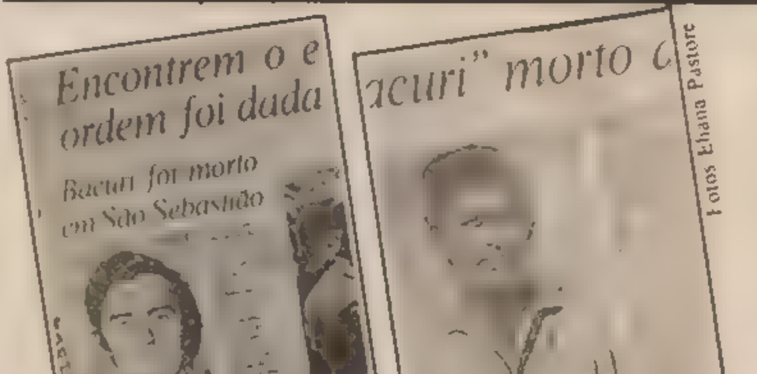
No dia anterior havia sido seqüestrado no Rio o embaixador da Suíça, Giovanni Enrico Bucher. Em troca de sua libertação eram pedidos vários presos. O primeiro da lista era **Bacuri**.

– A viatura foi até o túnel acompanhada pelo comandante Milton Wanderlei, o tenente Frota e o tenente Alexandre. E eu dirigindo. **Bacuri** já estava de um jeito que nem conseguia levantar. Os homens entraram no banheiro dizendo a ele que ia ser levado para um hospital militar. Pediram que eu o levantasse e o levasse até a pia para se lavar. Em seguida, mandaram que eu saísse.

Ainda deu tempo de Rinaldo ouvir, de fora do banheiro, um barulho seco.

– Escutei uma pancada. Não sei se era tiro. Ou o barulho de uma cabeça batendo na parede. Só sei que logo depois o corpo dele foi retirado do banheiro no mesmo saco de lona em que chegou. E do saco caíam gotas de sangue

Reportagem de Alex Solnik



Encontrem o e
ordem foi dada
Bacuri foi morto em São Sebastião

acuri" morto
Uma alocução de

Fotos Eliana Pastore

A Cidade de Santos (9/12/70) publicou a nota da polícia sem questionar a versão dada, além de duas fotos de Bacuri inteiramente diferentes.

Polícia disse que ele reagiu a bala

A morte de **Bacuri** *foi noticiada no dia 9 de dezembro de 1970 no jornal* **Cidade de Santos** *(do grupo* **Folha de São Paulo**), *com a publicação de um comunicado do Derex — Departamento Regional de Polícia São Paulo Exterior. Dizia o jornal:*

"As forças responsáveis pela segurança interna de São Paulo, possivelmente valendo-se de informações colhidas em documento apreendido em poder de Yoshitane Fujimori, lugar-tenente do ex-capitão Lamarca, empreenderam diligências em São Sebastião, conseguindo localizar o terrorista Eduardo Leite, vulgo **Bacuri**, *que conseguira evadir-se quando da prisão do líder terrorista Joaquim Câmara Ferreira, ocorrida em outubro passado. Pouco antes de se estabelecer o cerco, Eduardo Leite evadiu-se do refúgio fazendo uso de uma perua kombi de chapa S125331 e seguiu pela estrada do litoral até Santos Perseguido, foi alcançado próximo da divisa de São Sebastião. Vendo-se acuado, ofereceu tenaz resistência a tiros, tombando morto após cerrado tiroteio. Em poder de Eduardo Leite foi apreendido um revólver calibre 38 e farta munição".*

Eduardo Leite foi morto aos 25 anos

Fotos Wagner Avancini

André Luiz...

... com sua turma na faculdade

...ao lado de um troféu

ESTUDANTE DA PUC ATACOU BANCAS EM S.PAULO

Jornalista viu quando ele colava o panfleto **Cuidado, teu pavio está aceso**, que aterrorizou os jornaleiros de todo o país durante 2 meses, e o reconheceu depois numa foto.

TEXTO JOÃO DE BARROS

Na madrugada do dia 17 de julho deste ano, o repórter da revista **Exame** Clayton Rogério Duarte Netz, que está disposto a depor em juízo, aguardava o ônibus no primeiro ponto da rua Joaquim Floriano, no Itaim Bibi, próximo à avenida São Gabriel, na capital paulista. Dois jovens que ocupavam um Passat branco, placa JK-2695, estacionaram o veículo junto à banca de jornais dessa esquina, de propriedade de Maria Teresa de Paula Lou. (No dia 21 de julho essa banca foi queimada.)

A princípio, o jornalista não deu muita atenção aos dois jovens. Entretanto, ele estranhou quando um dos ocupantes do automóvel – alto, forte, de óculos, casaco preto de couro, barba aparada – identificado e reconhecido pelo jornalista como sendo André Luiz de Moraes Rizzo, desceu do Passat e, rapidamente, tratou de colar um panfleto na parte lateral da banca.

Curioso, o jornalista esperou que o Passat partisse a todo vapor – a operação não demorou mais que um minuto – arrancou o panfleto e, em seguida, leu, pasmo, a ameaça reivindicada pela organização que se autointitulava Falange Pátria Nova "Cuidado, teu pavio está aceso".

O jornalista, então, decidiu trocar o ônibus por um táxi e, alguns minutos depois, subiu num Volkswagen e passou a "fazer o trajeto natural" de quem ruma para Pinheiros. Foi um chute certo. Na avenida Faria Lima, pouco antes do Clube Pinheiros, novamente ele avistou André Rizzo e seu companheiro repetindo a operação em outras bancas. Pediu, então, para que o motorista reduzisse a velocidade. Pouco depois, o Passat branco ultrapassava o táxi, estacionava alguns metros adiante, próximo ao CAL-Center, e repetia a operação. Dali, o Passat seguiu pela Faria Lima, entrou na Teodoro Sampaio e desapareceu.

Para certificar-se de que a placa que havia anotado era a correta, o jornalista pediu ao motorista que lesse a chapa do Passat, e ficou surpreso quando verificou que os números não coincidiam. E, por acreditar que seu estado de tensão poderia tê-lo levado a equívoco, denunciou à imprensa a placa anotada pelo motorista – **JK-8695.** Esta pertencia a um automóvel marca Volkswagen, de uma agência locadora.

O jornalista passou então a investigar a placa que havia anotado – **JK-2695.** No Detran, obteve o nome e o endereço do proprietário do veículo: André Luiz de Moraes Rizzo, rua Mazzini, 11, Cambuci. Seus compromissos profissionais, no entanto, afastaram-no da pista, e ele não logrou rever o carro e os terroristas.

Mas, de posse de tais informações, há cerca de dois meses o repórter João de Barros e o fotógrafo Bruno Barbosa da Silva decidiram levar o caso adiante. E bastou um telefonema para a casa do terrorista para que mais alguns dados fossem levantados: André Rizzo era estudante de Direito do Mackenzie, tinha pouco mais de 20 anos e era filho do advogado Agostinho Rizzo e de Gilkar Helena de Morais.

As primeiras informações, contudo, não eram totalmente corretas, visto que André Rizzo não é estudante de Direito do Mackenzie, mas da Pontifícia Universidade Católica, embora mantenha excelentes relações de

No Mackenzie, aumenta terror da direita

Alunos do Mackenzie, acompanhados de pelo menos um agente do Dops — Antônio Carlos Laudaris, o Lalau — já fizeram dez atentados dentro da universidade, de 1977 até hoje. Tiros, bombas, arrombamentos, depredação de urnas, intimidações lembram o estilo CCC de 1968.

De 1977 pra cá, pelo menos 10 atentados conhecidos marcam a presença do CCC — Comando de Caça aos Comunistas — na Universidade Mackenzie, em São Paulo. Revólveres foram usados em alguns dos atentados. Como em agosto de 77: sete tiros atingiram a casa de um dos diretores do Diretório Acadêmico da Arquitetura e, junto com eles, foi jogado no jardim um cano contendo uma lista de ameaças aos outros diretores.

Arrombamentos, pichações e bombas tornaram-se rotina. Em maio de 78, o Diretório da Arquitetura (Dafam) foi invadido e pichado: "Bom dia CCC", "Estamos vigilantes", "Leninistas tiranos". Em 28 de setembro de 78, numa assembléia-geral de estudantes, explodiram no auditório rojões dobrados e amarrados. Ninguém saiu. Em seguida, foram lançadas bombas de gás lacrimogêneo. Bombas desse tipo também foram jogadas na sede do Dafam.

Dia 14 de maio de 79: novas bombas lacrimogêneas na sala do Dafam. O chefe da segurança interna do Mackenzie, Gilberto Ribeiro Chaves, disse que a bomba era da polícia e a guardou. Foi aberto inquérito na 4ª Delegacia, mas alguns dias depois a bomba, misteriosamente, havia sumido. Sem provas, o inquérito parou.

Novas pichações cobriram o **campus** da universidade em 30 de agosto de 79, dia de eleições para a UEE — União Estadual dos Estudantes: "Fora UEE", "Chegamos com tudo", "Te cubram", "Comunas, tremei", "CCC", "ONE", "Fleury é nosso herói". Nos dias 3 e 4 de outubro, eleições para a UNE — União Nacional dos Estudantes: um estudante de Direito, Otávio César Ramos, quebrou duas urnas de votação — a da Engenharia e a da Economia. No mesmo dia, estudantes que protegiam as urnas no ato de tirá-las do Mackenzie, foram perseguidos por uma perua Chevrolet C-14, cor cinza. De dentro da C-14, um revólver foi apontado em direção aos estudantes. Um dos ocupantes da C-14 foi identificado: Antônio Carlos da Silva Laudaris, ou **Lalau**, agente do Dops.

Arrombamento no dia 26 de outubro de 79: o Diretório Acadêmico da Faculdade de Tecnologia foi invadido e pichado. No mesmo dia, faixas e cartazes de grupos de oposição às eleições dos diretórios foram arrancados do **campus**. Doze dias antes, um membro de uma das chapas, a Oficina, foi cercado por Otávio César Ramos (o mesmo que tinha quebrado as urnas em outubro) e outros. É ameaçado com dois revólveres.

Mais gás, mais explosões. Dia 14 de novembro, o Diretório da Arquitetura, cheio de gente, recebeu uma carga de *sprays* de gás lacrimogêneo. Os vidros da sala foram quebrados e bombas explodiram do lado de fora. Uma semana depois, durante reunião convocada pelo Dafam para discutir o problema da segurança no **campus**, uma bomba explodiu em frente ao prédio da Arquitetura, enquanto Eduardo Sampaio Nardelli, ex-presidente do Dafam, dava entrevistas. Logo depois, Nardelli foi ameaçado por Marcos Milward Miranda. Dizendo-se estudante de Direito do Mackenzie e membro da Polícia Militar, Miranda gritou: "No próximo atentado eu mato você!"

Em 29 de abril de 1980, mais uma violência de Otávio César Ramos (o mesmo das urnas e das ameaças à chapa Oficina). Ele, mais Mário de Barros Fontes Neto (ex-aluno), Marcos Milward Miranda e Antônio Carlos Laudaris (o agente do Dops que estava na C-14 perseguindo estudantes nas eleições da UNE) arrancavam cartazes de uma editora, das paredes do Diretório da Faculdade de Tecnólogia, quando foram vistos por Sílvia Mulé de Siemenson, secretária do Diretório da Arquitetura. Otávio César Ramos gritou com Sílvia, colocando em dúvida a legalidade de sua permanência no Brasil (ela é estrangeira). Disse depois que era preciso "dar um jeito nela" e, apoiado pelos colegas, ameaçou de agressão Sílvia e o secretário do Diretório da Tecnologia ali presente.

Agência Estado

Otávio César Ramos, estudante de Direito, quebra urnas de votação e, junto com agente do Dops, ameaça com revólver.

amizade com estudantes mackenzistas, especialmente com Fábio França Fleming, atual presidente do Diretório Central dos Estudantes daquela universidade.

Mas foi na PUC que repórter e fotógrafo conseguiram traçar um rápido perfil de André Rizzo: proclama-se ferrenho anticomunista (para alguns colegas, costuma dizer que é social-democrata); foi recusado na Academia Militar das Agulhas Negras por problemas físicos, provavelmente visuais; é extremamente violento (certa vez tentou destruir os móveis do Centro Acadêmico); é muito admirado pelos colegas de grupo, que o têm como "um verdadeiro líder"; e, vez por outra, costuma perambular armado pela cidade.

Aliás, esse último detalhe foi possível constatar. No sábado, 21 de setembro, fazendo-se passar por Renato, um amigo, o repórter telefonou a André para saber onde ele iria à noite. Resposta:

– Vou a um baile de fantasia com o pessoal, na rua Haddock Lobo, na casa da Eliana. Vai todo mundo pra lá.

O prosseguimento da conversa deu margem a que ele desconfiasse que o repórter não era Renato, seu amigo. Pediu-lhe o telefone, recebeu um qualquer e disse-lhe que telefonaria mais tarde confirmando o endereço. Por volta de meia-noite e meia André chegou no seu Passat à rua Haddock Lobo, altura do número 1862, fantasiado de **cowboy** e armado. Na festa, ele afirmou:

– Nunca se sabe o que pode acontecer. Meu negócio é mandar bala.

No final de junho deste ano, André Rizzo liderou um movimento estudantil na PUC, lançando a Chapa Chama – Chapa do Movimento Acadêmico – às eleições do DCE da universidade. Sua plataforma eleitoral consistia em "retirar o poder dos grupos que só se têm preocupado com os problemas externos da universidade, que nada mais são do que extensão dos partidos políticos". Assim, defendia "o academicismo, ensino para todos, modernização da biblioteca, restaurante digno", e posicionava-se "contra o patrulhamento ideológico".

Fora da universidade, André Luiz de Moraes Rizzo liderou o movimento de protesto contra o governo cubano, realizado na avenida Faria Lima, em meados deste ano, na época da ocupação da embaixada peruana em Havana. Durante a manifestação, que contou com a participação de inúmeros estudantes do Mackenzie, Rizzo afirmou: "Precisamos apoiar o povo cubano e acabar com os comunistas".

Segundo alguns colegas do terrorista, André reúne-se com companheiros num sítio do bairro conhecido por **Portão**, em Atibaia, de propriedade de seu pai, onde cultua o nazismo com o assentimento da família e esmera-se no estudo da confecção de textos anticomunistas.

O mais importante, porém, não é o perfil direitista de André Luiz de Moraes Rizzo, mas a certeza do jornalista da Editora Abril, testemunha e fonte desta reportagem que, ao ver uma fotografia com vários rostos, assegurou, apontando para André:

– É este aqui mesmo.

Comandante da PM estimulou atentado às bancas

Documento escrito por oficiais da Polícia Militar do Rio, que circulou nas últimas semanas nos meios políticos e militares, acusa o comandante da corporação, o coronel de Exército Aníbal de Melo Henriques, de ter, numa reunião matinal com oficiais superiores no quartel-general, "incitado seus subordinados à violência contra as bancas de jornais". Segundo a denúncia, Henriques teria dito aos oficiais: "Já deviam ter queimado essas bancas há mais tempo".

REPORTER teve conhecimento do documento na Secretaria de Segurança, na tarde do dia 5 de novembro, quando se realizava a reunião mensal dos delegados da Baixada Fluminense com o general Edmundo Murgel. Um delegado que tinha cópia do documento recusou-se a fornecê-lo, temendo a repercussão da denúncia. Dias depois, no entanto, nosso repórter conseguiu uma xerox com outro jornalista, que não pôde divulgá-la através do jornal em que trabalha.

Antes de publicar a reportagem, REPORTER procurou uma credenciada fonte da Polícia Militar, com mais de 40 anos de serviço e livre acesso na corporação, para confirmar a autenticidade do documento e verificar se as acusações são realmente verdadeiras. Só então decidiu-se pela publicação.

Ex-chefe da PE no lugar de Aníbal

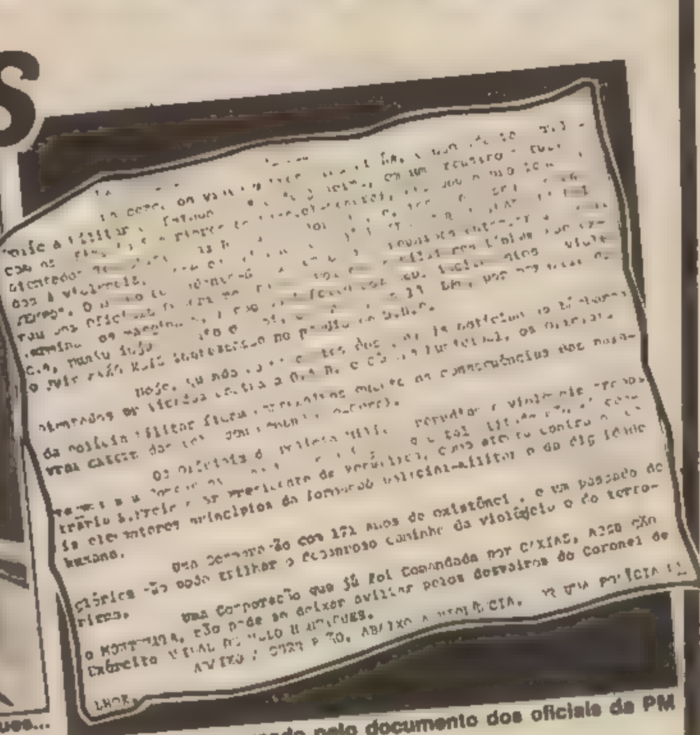
A divulgação do manifesto dos oficiais da PM contra o coronel Aníbal de Melo Henriques veio agravar ainda mais a situação do comandante da corporação. Na verdade, a escolha de Henriques para o cargo deveu-se a um acordo que foi feito na época da nomeação, pelo ministro do Exército, Walter Pires, do general Edmundo Murgel para a Secretaria de Segurança do Rio. Murgel, que servia em Juiz de Fora, a princípio não queria aceitar a indicação, e só concordou com a mudança se pudesse interferir na escolha do comandante da PM.

Foi aí que surgiu o primeiro problema: o comando da PM, em qualquer Estado, é da exclusiva responsabilidade do comandante militar da região. No caso do Rio, essa autoridade é o comandante do I Exército, general Gentil Marcondes Filho. Como era do interesse de Brasília – particularmente do Serviço Nacional de Informações – que um oficial ligado aos órgãos de informação comandasse a PM, fazendo dobradinha com Murgel, o general Gentil Marcondes Filho teve de aceitar a nomeação de Melo Henriques.

Desde então, os rumores de que Henriques não duraria muito tempo no cargo se tornaram insistentes. Ele conseguiu desagradar ao governo federal no episódio da repressão policial ao ato público contra a demolição do prédio da UNE, em maio passado, quando estudantes, populares e parlamentares foram violentamente espancados. Além disso, a deterioração da imagem da PM, com o aumento do índice de criminalidade e o envolvimento de soldados em casos de corrupção e crimes, trouxe dores de cabeça ao governo do Estado, em mãos do PP. Chagas Freitas várias vezes tentou a remoção de Henriques, mas nunca obteve êxito.

Com a punição de vários oficiais após a greve branca do oficialato da PM, cresceu nos quartéis a oposição a Henriques. O dado mais recente revela que ele deverá ser substituído em março de 1981 – época em que o general Murgel também será afastado de seu cargo. Uma evidência disso é a não inclusão do comandante da PM na lista de promoções a general-de-brigada, em dezembro. Antes de passar à reserva, ele terá que ser preterido novamente nas promoções de março – e o será, segundo o REPORTER apurou. Com isso, estará livre o caminho para seu afastamento definitivo da corporação. Já há, inclusive, consenso quanto ao seu sucessor: deverá ser o coronel Paulo Beutenmüller, ex-comandante da Polícia do Exército.

Coronel Aníbal de Melo Henriques...



...acusado pelo documento dos oficiais da PM

Oficiais denunciam corrupção também

O REPORTER conseguiu uma cópia do "Manifesto contra a corrupção" – documento elaborado por oficiais da PM contendo acusações contra o coronel Aníbal de Melo Henriques. Antes da publicação, foi ouvida a mesma fonte credenciada que atestara a autenticidade da denúncia sobre os atentados às bancas de jornais. A fonte analisou as acusações do manifesto e fez observações sobre elas:

1 – Após assumir o comando da PM, o coronel Aníbal foi homenageado com um jantar por um grupo de coronéis. Na ocasião, recebeu de presente um relógio Rolex, de ouro.

● De fato, recebeu o relógio, à altura do homenageado.

2 – O coronel Aníbal gastou mais de Cr$ 2 milhões da corporação para reformar uma casa da PM em Botafogo, onde passou a residir com sua família. Sua esposa exigiu tudo do melhor.

● É verdade. Os comandantes do Exército, da Marinha e da Aeronáutica têm o mesmo direito.

3 – Desde que assumiu o cargo, o coronel Aníbal passou a receber, em sua casa, alimentação da corporação. No início, recebia a alimentação diretamente do Centro de Manutenção de Material; atualmente, recebe da Ajudância Geral.

● É verdade.

4 – Gastou cerca de Cr$ 3 milhões da PM na aquisição de 10 Opalas para a mordomia dos coronéis, sendo que um serve a ele e outro à sua esposa. Enquanto isso, os batalhões estão com radiopatrulhas velhas, sem peças de reposição, caindo aos pedaços.

● As duas afirmações correspondem à verdade.

5 – Propôs ao secretário de Segurança que Cr$ 5 milhões e 100 mil, consignados no Orçamento do Estado, fossem utilizados na compra de imóveis para residência dos comandantes dos 8º e 10º Batalhões.

● A informação é verdadeira, mas a medida também é correta. Os oficiais das Forças Armadas que servem fora de seus estados também moram em casas da corporação.

6 – Em seu aniversário, o coronel Aníbal recebeu dos já citados coronéis um grosso cordão de ouro.

● Não sei. Mas não é improvável.

7 – Cada filho do coronel Aníbal recebeu de presente um Chevette, do ajudante-geral do comando, coronel Hélio.

● Não sei, mas o coronel Hélio tem fama de venal.

8 – O coronel Aníbal comprou um Mercedes-Benz.

● Dizem que ele trouxe do exterior, quando era adido militar.

9 – Ao completar um ano no comando, o coronel Aníbal foi homenageado pelos mesmos coronéis com um jantar no Le Buffet, de custo elevadíssimo, pago com dinheiro da corporação.

● Desconheço, mas não costumam cometer tal tipo de burrice.

10 – Por ocasião do movimento vitorioso por melhores vencimentos, que culminou com a ida dos oficiais ao Palácio Guanabara, o coronel Aníbal foi o maior omisso na questão, permitindo que os oficiais arriscassem e, no fim, determinou que os coronéis se entendessem com os oficiais inferiores. Depois, exonerou o chefe do Estado-Maior, o chefe de gabinete e transferiu oficiais, tudo para permanecer no comando, beneficiando-se das mordomias.

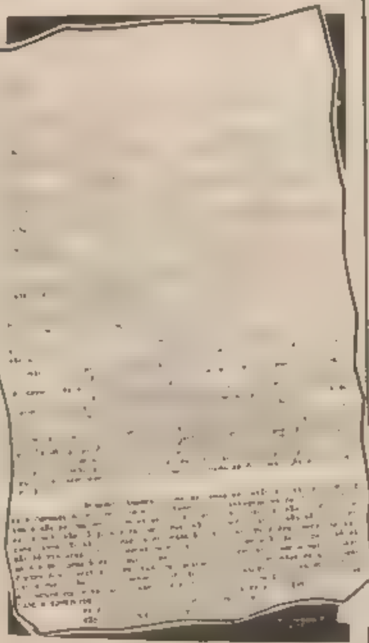
● É pura verdade.

11 – No hospital da PM, não há filmes para raios-X, nem gase para curativos. São poucos os enfermeiros, a roupa de cama é insuficiente e o elevador está quebrado.

● Já há filmes para raios-X e gase, mas o elevador continua parado.

12 – Nas unidades operacionais não há viaturas e peças de reposição, a alimentação da tropa é péssima e o uniforme, de má qualidade.

● Viaturas, há mais ou menos. Peças de reposição, realmente, não existem. A alimentação nunca foi boa na PM. Mais grave é que apenas 30% das verbas destinadas à compra de ração para a tropa chegam às unidades da corporação. Os 70% restantes ficam retidos na Caixa de Economia da Corporação e na Diretoria-Geral de Finanças



Em outro documento, os oficiais pedem: "Não deixem que esta vergonha continue".

Foto João Bittar

O senador biônico Amaral Furlan (ao lado de Maluf) ajuda o PDS como pode

Festinhas do biônico dão voto pro PDS

O senador biônico Amaral Furlan, do PDS (o partido do governo), é muito chegado a escândalos noturnos e festinhas incrementadas. O palco preferido para essas festas é seu apartamento em Brasília, mobiliado com dinheiro do Senado. Os vizinhos do senador andam muito irritados, pois as festas costumam resultar em brigas e discussões. O *hall* de entrada do prédio já foi depredado. E numa das últimas festas uma moça acabou sendo hospitalizada.

O síndico do prédio, o libanês Yussef Elias (que mora no Brasil há 22 anos), pressionado pelos moradores, cortou a energia elétrica durante uma das festas do senador porque ninguém conseguia dormir. Furlan o procurou e ameaçou: "Você sabe que tem aí uma lei para expulsar estrangeiros"?

As festas são dadas, em geral, nas quartas e quintas-feiras, e as moças transportadas freqüentemente em carros do Senado. Um motorista fica a noite inteira aguardando o fim da festa, pouco antes do sol aparecer.

Amaral Furlan não nega que aprecia festinhas ("não sou santo", diz), mas gosta até de dar uma de defensor da moralidade. No Senado, onde foi colocado por indicação do general Ernesto Geisel, quando este era presidente da República, apresentou um projeto para defender a privacidade dos cidadãos. Sua fonte de inspiração foram as fotos em que Jacqueline Onassis aparecia ■

O biônico já foi vereador por Sertãozinho (São Paulo), e conseguiu se eleger deputado cinco vezes. Com o AI-2 ingressou no MDB e, pouco tempo depois, mudou de time, passando para a Arena. Até recentemente possuía amplo gabinete no primeiro andar do Palácio Bandeirantes, mas acabou sendo expulso de lá. Agora, ocupa um conjunto de salas no quinto andar do Banco do Estado de São Paulo (Banespa), localizado na praça do Patriarca.

As relações de Amaral Furlan com o governador Paulo Salim Maluf, ao que parece, não andam das melhores. Participante ativo de solenidades e festas, nunca foi convidado, porém, para as reuniões promovidas pelo governador, cuja lista de presenças é organizada por dona Sylvia Maluf.

Com a recente decisão do Congresso de acabar com a figura do senador biônico (no mesmo dia, aliás, em que foram restabelecidas as eleições diretas para governador), Amaral Furlan dificilmente conseguirá voltar ao Senado, findo seu atual mandato. Numa eleição direta, suas chances são praticamente nulas.

Se as coisas, porém, continuarem como estão, é até provável que se repita o que aconteceu durante a recente campanha de filiação ao PDS, promovida em São Paulo por Maluf. O subchefe da casa Civil do governador, Antonio Carlos Nardoni, quando queria convencer um correligionário, afirmava: "Vamos lá, vamos lá, na quarta-feira a gente vai a uma festinha do Furlan, em Brasília".

6 mil, a noite no hotel dos milionários

Dia primeiro de dezembro completa um ano de vida o hotel mais luxuoso do Brasil, o Maksoud Plaza, de São Paulo. Onde o pernoite mais barato sai por Cr$ 5.800 a cabeça, com direito a café da manhã. Ministros brasileiros, príncipes árabes, presidentes de multinacionais acomodam-se nos 45 mil metros quadrados de área construída, 337 apartamentos, 34 estúdios, 45 suítes e 4 duplex, contando para servi-los 24 horas por dia com 740 funcionários, entre cozinheiros, mordomos, **valets**, *camareiras, motoristas particulares, cabeleireiros e até contínuos para serviços de rua*

Os preços da hospedagem sobem junto com os andares, os quais se percorre em quatro elevadores panorâmicos, feitos com puro cristal. Os andares mais caros, chamados andares **vips**, *vão do 20º ao 23º, que é onde ficam pessoas famosas, como Ibraim Sued, autoridades como os ministros Abi-Ackel, Hélio Beltrão, Said Farhat, ou personalidades estrangeiras. No último andar está a suíte presidencial, Cr$ 31.800 por noite, 140 metros quadrados, um verdadeiro apartamento onde não falta nada, nem mesmo um telex e uma máquina de xerox.*

A direção do hotel está proibida de dizer quem já ocupou as suítes presidenciais (são duas). O presidente Figueiredo nunca ficou, é certeza. O general Videla, da Argentina, passou um dia – ou na suíte Bela Vista (Cr$ 25.950 por noite) ou na Duplex (Cr$ 24.350) ou na Brasiliana (Cr$ 15.900). Sabe-se que nas Brasilianas já ficaram ministros brasileiros, cujas contas foram assinadas por eles e remetidas diretamente à Casa Civil da Presidência da República, que goza de um desconto de 10% por ser cliente assídua do hotel. Como é o caso também do Itamaraty, que manda para lá delegações de visitantes estrangeiros

O governador de São Paulo, Paulo Maluf, não teve dúvida em hospedar lá os delegados do PDS daquela famosa convenção em que seu nome foi lançado à Presidência pelo ministro da Justiça. Não se sabe, porém, se ele teve desconto, nem tampouco se pagou do próprio bolso. (Para não dar essa informação, o hotel alega que não tem papéis por escrito: tudo fica arquivado na memória do sistema de computação.)

Os computadores, aliás, começam no **hall** *de entrada e estão presentes nos apartamentos. Comandam tudo. As fichas dos hóspedes vão para o computador. O hóspede pede tudo o que quer por meio de computadores, a um leve toque de dedos. Comida, bebida, filmes, serviços.*

Há um circuito de tevê interno que exibe todos os sucessos que estão nas telas dos cinemas, alugados pelo hotel. Renovada mensalmente, a seleção cinematográfica é uma das razões que faz com que não se precise sair do quarto para nada. Nem da cama, ao menos, pois todos os comandos do computador ficam na cabeceira, ao alcance das mãos. Se o hóspede prefere locomover-se, tem à sua disposição, no hotel, dez bares-restaurantes, piscina aquecida e climatizada, **solarium** *(para tomar banho de sol), jardim de inverno de 1500 metros quadrados, massagista, barbeiro, etc.*

Se o hóspede deseja receber convidadas para almoço ou jantar íntimo, o hotel oferece dependências especiais, o Vip Club, um restaurante para 25 pessoas cuja refeição mais barata sai por Cr$ 2.760 a cabeça, sem contar a "entrada" (no mínimo Cr$ 245) e as bebidas (de Cr$ 2 mil a Cr$ 3 mil por pessoa). Os pratos são os mais sofisticados. Um cardápio que inclui torta de legumes ao molho de tomate, lagosta ao molho de manteiga e laranja, filé de faisão ao creme **paprika, charlote royale** *de abacaxi com melão e maracujá, frutas da época e café guarandisi, sai por Cr$ 4.380 cada pessoa.*

Nos outros restaurantes do hotel podem ser encontrados os mais variados pratos da cozinha nórdica, francesa, italiana.

Quanto à questão mulheres, o dono do hotel, Henri Maksoud, está querendo moralizar. (Ele mesmo tem dependências próprias lá dentro, uma super-suíte duplex de 340 metros quadrados.) Mesmo assim, podem ser conseguidas as mais diferentes mulheres com os porteiros e ascensoristas. Como em todo hotel que se preze, eles têm um vasto fichário, com fotos – rosto e corpo – medidas e o que a mulher faz e não faz na cama. A que faz tudo chega a cobrar 300 dólares (Cr$ 18.000) por duas horas de deleite.

Jamile Fadul

Foto Wagner Avancini

A entrada do Maksoud Plaza, hotel de personalidades e políticos

EDGAR CHEFIOU A "GANG DOS FISCAIS"

Foto Custódio Coimbra

Edgar Carvalho quer ser prefeito do Rio

O chefe do grupo de "fiscais" da Secretaria Municipal de Fazenda envolvido na agressão ao deputado Raimundo de Oliveira e ao vereador Antônio Carlos de Carvalho, espancados na Convenção Regional do MDB, realizada em outubro do ano passado (REPORTER nº 35) é o vereador Edgar de Carvalho Junior, hoje no Partido Popular (PP), de Chagas Freitas.

Conhecido como *Edgarzinho Porcalhão* devido à freqüência com que picha muros e bancas de jornais, ele tem um sonho: tornar-se prefeito do Rio de Janeiro, o que só será possível se o PP ganhar as eleições para governador em 1982. Sua atuação como vereador não o recomenda, porém, para qualquer cargo público. É o rei das moções, das congratulações. Em quatro anos, protocolou mais de 40 mil. Na Comissão de Justiça foi contra a criação da taxa do lixo, mas em plenário votou a favor. Criticou os aumentos extorsivos do Imposto Predial, mas se retirou do plenário na hora da votação.

A carreira de Edgarzinho é marcada pela picaretagem, pelo oportunismo. Ela se iniciou na década de 60, no movimento estudantil, no Centro Acadêmico Cândido de Oliveira (Caco), da Faculdade Nacional de Direito. Ousado, ele defendia a luta armada para derrubar o governo. Em 1968 rompeu com a Dissidência da Guanabara, grupo que "rachara" com o Partido Comunista Brasileiro, do qual era simpatizante, dizendo pomposamente que ia "fundar uma nova organização" de esquerda.

Em vez disso, procurou seguir um caminho bem mais comportado. Enquanto alguns de seus ex-companheiros ingressavam na luta armada, Edgarzinho tornou-se repórter policial de *O Dia* e começou a bajular Chagas Freitas (seguindo o exemplo de Miro Teixeira). Para ganhar popularidade, posou de artista plástico. Saía vestido com uniforme do Flamengo pelas ruas do Rio e convocava pessoas que passavam para jogar bola com ele. Chamava a isso levar a arte ao povo.

Afinal, conseguiu eleger-se vereador, tendo sido o mais votado (cerca de 115 mil votos) nas eleições de 1976. Então, usou e abusou das pichações. Anos mais tarde essa atividade se multiplicou tanto que alguns funcionários da prefeitura do Rio pensaram em multá-lo. Mas o então prefeito Israel Klabin (hoje presidente do Banerj), anistiou-o, por ordem expressa de Chagas Freitas. Síndicos de vários prédios e donos de bancas de jornais o estão, porém, processando, inconformados com os prejuízos causados por suas pichações.

Hoje, com 30 anos, baixinho e falastrão, ele se diz admirador de personalidades tão distintas como Getúlio Vargas (possivelmente na época do Estado Novo, quando Getúlio era ditador), Jânio Quadros e João Goulart. Além disso, se autodefine como "um homem público bom de voto, liberal e democrata".

Ambicioso, dificilmente abandonará a tática de se popularizar pichando paredes, embora saiba que isso desagrada a muita gente. Recentemente enviou carta ao *Jornal do Brasil* dizendo-se "cansado de sofrer pressões". As "pressões" eram cartas de leitores publicadas pelo jornal condenando seu comportamento político e as pichações

Foto Pedro Luiz

Muitos povoados como este já estão completamente abandonados

Dono de terra lucra com a seca

Plano de emergência da Sudene para trabalhadores rurais dá crédito aos proprietários. PDS manipula as inscrições. Êxodo ameaça despovoar sertão.

Em outubro, a Fundação Joaquim Nabuco, do Recife, por encomenda da Superintendência do Nordeste (Sudene) e do governo do Ceará, promoveu um seminário a portas fechadas para debater os resultados de uma pesquisa feita na área seca do Nordeste. A conclusão foi surpreendente: o que os proprietários de terras da região mais temem não é a seca, mas que ela se acabe.

Graças ao plano de emergência da Sudene, a situação nunca esteve tão boa para os proprietários: crédito subsidiado para os imóveis de mais de 100 hectares, dinheiro a fundo perdido para benfeitorias em terrenos de menos de 100 hectares,e trabalhadores pagos miseravelmente pelo governo mantidos em regime de escravidão nas propriedades, sem direitos trabalhistas ou previdenciários e sujeitos a toda sorte de exploração.

Este mês, o presidente Figueiredo esteve nos estados secos, disse que não havia dinheiro para perenizar os rios e declarou-se satisfeito com o clima de paz que pôde constatar. Mostraram-lhe os perímetros irrigados e esconderam-lhe o lado crítico.

Seca e miséria, no Nordeste, não são novidades. Mas a elas, agora, são acrescentadas as injustiças da execução do plano de emergência. O fato está sendo denunciado em documentos produzidos pela Igreja e pelos sindicatos de trabalhadores rurais. Dos 700 mil relacionados no plano, pelo menos 30% não são trabalhadores rurais e, sim, proprietários de terras, seus parentes, comerciantes, vereadores, professoras e seguidores dos chefes políticos.

Além disso, muitas propriedades são inscritas com documentos falsos. Em Tauá, na região cearense do Inhamuns, o prefeito Joaquim Souza Bastos, do PDS, propôs um "jeitinho" para incluir a propriedade de José Correia, do sítio São Bento, no pagamento a fundo perdido. Só que José Correia tinha mais de 100 hectares e por isso não tinha direito.

A Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Rio Grande do Norte, depois de ouvir 104 sindicatos, produziu documento mostrando que a continuidade do plano de emergência em pouco contribuirá para uma reação adequada aos problemas do Nordeste. Os salários são baixos, os atrasos na liberação dos recursos são freqüentes e as áreas são incluídas na emergência através de critérios político-partidários.

Em Santana dos Garrotes, sertão da Paraíba, 300 agricultores de diversos sítios enumeraram os problemas: saída forçada de muitas famílias para o Sul do país; famílias que se alimentam apenas uma vez por dia; muitos agricultores sem condições de fazer uma feira no sábado; trabalhadores sem crédito no comércio.

4 ÔNIBUS SAEM POR DIA DE PATOS

Enquanto o ministro do Interior, Mário Andreazza, nega haver êxodo rural porque o governo está controlando as estradas federais que dão acesso ao Centro-Sul do país, casas e povoados inteiros, como o de Morada Nova, no município de Mombaça, sertão do Ceará, estão abandonados. Em Patos, Picos e outras cidades importantes, o Censo constatou que a população diminuiu. As empresas de ônibus responsáveis pelo transporte de passageiros passaram a pagar anúncios nas rádios locais para divulgar os horários de partida para o Sul. Em Patos, cidade com pouco mais de 60 mil habitantes, mas centro de uma região com 52 municípios, a empresa Brasília mantém quatro horários diários de partida.

De Quixaba, sertão da Paraíba, segundo o prefeito Edmilson Pereira Lima, já partiram este ano 600 pessoas. Em Santana dos Garrotes, a mesma coisa. Em muitos povoados e distritos só ficaram os velhos.

— Outra seca — disse Edmilson — será uma liquidação. Vai embora todo mundo.

Não há critério, igualmente, para o crédito às médias propriedades. Quem possui 1.000 hectares, por exemplo, desmembra o imóvel em dez e passa a receber a fundo perdido por cada 100 hectares, empregando a si próprio como trabalhador e aos parentes.

A maioria dos projetos agropecuários financiados pela Sudene não funciona. Localizados nas zonas mais privilegiadas,às margens de grandes açudes, nada produzem e alguns ainda recebem dinheiro da emergência, segundo denuncia o prefeito de Quixaba, Edmilson Pereira Lima.

O Projeto Sertanejo, concebido para apoiar tecnicamente as pequenas e médias propriedades, só conseguiu preparar seis projetos, quatro dos quais foram aprovados.

Os perímetros irrigados fomentam brigas entre os colonos. Em 70 anos, conseguiram assentar apenas pouco mais de duas mil famílias. As que foram expulsas estão sofrendo o flagelo da seca. No perímetro de Várzea do Boi, no Ceará, 380 famílias foram desalojadas para serem substituídas por apenas 112.

Reportagem de R. Ferreira

BAIRROS ALERTA!

A partir deste número, o REPORTER terá uma seção sobre problemas dos bairros. Se você tem alguma denúncia importante a fazer, sendo ou não membro de alguma associação de moradores, em qualquer cidade do país, escreva-nos.

Em Realengo, Cehab cobra e some

No Conjunto Habitacional D. Pedro I, em Realengo, subúrbio do Rio, os problemas vêm se acumulando sem que a Cehab (a companhia estadual de habitação) tome qualquer providência. Atrás do conjunto há um valão que fede muito e onde se acumulam mosquitos transmissores de doenças. Nos prédios existem vazamentos que vão de alto a baixo e rachaduras ao nível do solo que abrigam ratos e baratas

Embora existam no conjunto quatro escolas públicas, não há creches e o posto de saúde da Fundação Leão XIII funciona em más condições. Além disso, a recém-criada Associação de Moradores vem sofrendo pressões do pessoal do PP (o partido de Chagas Freitas), que formou uma associação paralela para tentar esvaziar o movimento popular, que conta com apoio da arquidiocese local.

Quando algum morador atrasa a prestação do apartamento, a Cehab o remove para outro conjunto mais distante. Só nesses momentos é que ela dá o ar de sua presença, embora os problemas que os moradores querem ver solucionados já se arrastem há 10 anos.

Crianças mostram o ninho de ratos

No Irajá, dívida com BNH só cresce

No Conjunto Habitacional Avenida Brasil, em Irajá (RJ), o problema é com o BNH, que fez uma avaliação do custo da obra que os moradores consideram muito estranha. Segundo Antônio Hermógenes, da Associação dos Moradores do Conjunto Habitacional Avenida Brasil, "na carta-compromisso o preço estimado era de 462 UPC, num prazo de 15 anos. Depois de pagar durante 4 anos, eu estava devendo 549 UPC, embora já tivesse desembolsado 230 UPC". E as prestações foram esticadas para 25 anos

O conjunto apresenta uma série de problemas, como vazamentos e rachaduras que indicam o afundamento do solo. A construtora deveria ter feito um fundo para executar a reparação, mas não soltou um centavo até hoje. O Inocoop (cooperativa habitacional), alegando que a empresa estava falida, pediu Cr$ 11 milhões ao BNH para a realização das obras de reparo, e os moradores terão que arcar com essa despesa

Os consertos começaram em julho, mas estão sendo mal feitos, dizem os moradores. As rachaduras e vazamentos foram tapados com material inadequado, que não resiste às contrações e dilatações provocadas pelas variações de temperatura, e acaba caindo em pouco tempo. A pintura é superficial.

A Acchab está com um processo na 6ª Vara Criminal para apurar o custo final de cada apartamento e contestar o BNH. "Estamos pagando para não sermos despejados, mas não concordamos com o preço que nos impuseram", diz Danilo Gonzales, presidente da associação.

Cosme Velho contra sujeira do Disco

As condições higiênicas dos dois supermercados Disco que existem no bairro de Laranjeiras (Zona Sul do Rio de Janeiro) são deploráveis. Segundo José Henrique Penido e Consuelo Ventura, das associações de moradores de Laranjeiras e do Cosme Velho, legumes velhos e frutas podres se misturam a ratos e baratas. A falta de limpeza já causou, inclusive, acidentes "Pessoas caíram e se machucaram por causa de óleo e de detritos esparramados no chão", diz Consuelo.

As associações fizeram um abaixo-assinado, que reuniu 2.500 assinaturas, e conseguiram uma reunião com a diretoria do Disco, em janeiro. O serviço melhorou. Mas apenas por uma semana

Já que o Disco não se emenda, os moradores estão pensando em levar para Laranjeiras um Varejão da Ceasa. O problema, ainda não solucionado, é arranjar um local para instalá-lo.

Lise Torok

Ele é do PDS de Olinda

O criminoso, vereador Élcio Siqueira

Vereador estupra mongolóide

O vereador Élcio Siqueira, do alto de seus 1,90m e cinco mandatos pelo PDS (o partido do governo federal) de Olinda, Pernambuco, é conhecido como um homem violento e que gosta de provocar brigas. Vez por outra aparece nos jornais, muito mais pelas confusões que arruma do que mesmo por sua atividade parlamentar, que se resume em providenciar documentos para seus eleitores.

Em maio deste ano, no entanto, Élcio Siqueira foi personagem de uma história que deu muito o que falar. Sangrando muito e com uma crise de choro, a menina Josefa Teixeira da Silva, de 11 anos, que tem o corpo deformado por uma doença conhecida por hidrocefalia, ou cabeça d'água, deu entrada no prontosocorro de Olinda contando ter sido atropelada por um Opala. Quem a levava era a mulher do vereador, proprietário do carro que possivelmente havia atropelado a menor.

Depois dos primeiros e superficiais exames, o médico achou melhor encaminhá-la para a perícia, que atestou: Josefa tinha sido estuprada e seu agressor ainda lhe transmitiu uma doença venérea. O caso foi para a delegacia de plantão e dali para os jornais, provocando escândalo e revolta na cidade.

Negando o tempo inteiro o estupro, inclusive dizendo que o laudo do IML era falsificado e que nunca tinha visto a menina antes do acidente, o vereador Élcio Siqueira deu a sua versão do caso: vinha no carro com a mulher, quando surgiu na sua frente a menina, carregando duas garrafas de refrigerante. Sem tempo para frear, Élcio acabou batendo no corpo da menina, levemente, porque vinha em velocidade controlada. Na queda, uma das garrafas entrou na vagina de Josefa, provocando a ruptura de seu hímen. Em outras palavras: a garrafa de refrigerante é quem estuprou a menina. Quanto à doença venérea, o vereador diz que "isso é fácil de se pegar em qualquer assento por aí".

Em outro depoimento, os pais de Josefa, uma família muito pobre de Olinda, que vive num reduto eleitoral do vereador do PDS, demonstraram uma lealdade a toda prova a Élcio Siqueira, a quem chamam de "grande amigo de muitos e muitos anos". Eles não só confirmaram a versão do refrigerante, como ainda negaram que o automóvel tivesse batido na menina ("só fez assustar ela", disseram), retirando assim dos ombros do vereador até mesmo o acidente de trânsito. O processo acabou arquivado por falta de denúncia.

Agora o promotor pediu a reabertura do inquérito e a nomeação de um curador para representar os direitos de Josefa, e o tribunal lhe concedeu a liminar, o que está animando a Câmara de Vereadores de Olinda, que deseja ver Élcio Siqueira bem longe.

O acusado está muito seguro de si: "Não acredito que possam fazer algo contra mim. Não existem provas. Isso tudo é jogada da Oposição para me desmoralizar e ao meu partido". A família da menina, agora com a casa pintada de novo e um belo jardim, mantém a posição anterior: "Contra seu Élcio eu não assino nada; ele é o melhor amigo que a gente tem", diz Ulisses, o pai de Josefa. A mãe vive tendo crises nervosas quando se fala no assunto. Nenhum deles se deixa fotografar, "só com autorização de seu Élcio".

E Josefa? Repetindo a mesma frase sempre que é abordada ("não aconteceu nada disso, é tudo uma injúria contra o seu Élcio"), Josefa tem agora um relógio novo no pulso, um Orient reluzente que ela não cansa de olhar.

Reportagem de Beth Salgueiro
Foto Xirumba

Picapau, cagüete da 59ª DP, no Rio, sabe que será "queimado"

ESTE HOMEM VAI MORRER

Luís da Costa Meneses, o Picapau

Cabelos despenteados, olhos vermelhos, rosto magro. Sempre atento a qualquer movimento ou ruído estranho. Esta é a imagem de *Picapau*, um homem marcado para morrer. Diz ele: "Já esgotei minha quota de milagres. Por duas vezes escapei da morte certa. A primeira, escondido dentro de um armário, quando a casa de minha sogra foi invadida de madrugada por Carlinhos P2 e Vidigal, homens da 59ª DP. Não me encontrando, ameaçaram minha mulher. A segunda, no dia seguinte, quando Ridan Prado Júnior, um alcagüete da 59ª DP, mais o guarda municipal Renato e uma prostituta me prenderam no centro de Duque de Caxias e me colocaram num táxi. Fui parar na 33ª DP, em Realengo. Lá, não houve registro da minha entrada". A sorte de *Picapau* — Luís da Costa Meneses — um alcagüete da 59ª DP, foi que o repórter Jorge Elias, informado de sua detenção, percorreu todas as delegacias até encontrá-lo e denunciou a prisão ilegal. Mas por que Luís virou um "arquivo que deve ser queimado?" O que sabe este homem? A perseguição começou no dia em que ele apareceu num programa de televisão e acusou Carlinhos P2 e outros policiais de terem ficado com parte dos 40 quilos de ouro roubados da família Stanesco (de ciganos). "Ano passado fui detido por vadiagem. Na delegacia, vi Carlinhos P2 deitado num beliche, usando como travesseiro uma sacola. De dentro dela rolou uma moeda de ouro. Só sei dizer que os ciganos nunca mais viram seu ouro." Na madrugada do mesmo dia a casa de sua sogra foi invadida. No dia seguinte *Picapau* foi preso e acusado de ter participado de um dos crimes de maior repercussão em Caxias: a morte do estudante José Paulino de Sousa, de 15 anos, assassinado no dia 20 de maio deste ano. José Paulino foi seqüestrado, torturado e morreu. Seu cadáver apareceu em Jardim Gramacho. Segundo depoimento assinado por Luís na delegacia de Caxias, o tenente da PM Francisco de Paula da Costa e o cabo Antônio Batista de Freitas teriam matado o garoto porque ele não quis revelar onde se encontrava sua mãe, Iara Paulino, que seria receptadora do ouro roubado dos ciganos. *Picapau* teria ficado no carro, esperando, durante a execução. Na delegacia, o tratamento dispensado a *Picapau* era o melhor possível. Mas ele sabia que só seria assim enquanto fizesse o jogo de Geraldino, braço direito de Jonny Siqueira, então delegado de Caxias. Geraldino dizia a *Picapau* que toda a PM estava querendo matá-lo por ter acusado o tenente Francisco de Paula, e que eles, da Polícia Civil, queriam mantê-lo vivo. "Minha situação era desesperadora. Geraldino dizia que se eu não acusasse o tenente e o cabo, iria segurar a bronca sozinho. E que, se mudasse meu depoimento inicial, me jogariam na cela de presos comuns, com o pessoal da barra pesada. Não sou um homem burro. Falo inglês fluentemente. Nunca matei, nem roubei." Para *Picapau*, o relaxamento de sua prisão de pouco adiantou, porque a perseguição continua e, a essa altura, ele próprio acha que só acabará com a sua morte.

ACADEMIA **FAIXA PRETA** 1 e 2

Aulas de:
taekwon-do, kung-fu, capoeira, karatê, aikidô, boxe, ginástica feminina, nunchaku.

ACADEMIA 1 — rua General Roca 947, sobrado. Tijuca-Sãens Pena, Rio. Tel: [redacted]
ACADEMIA 2 — rua São Francisco Xavier 186, sobrado. Tijuca (em frente ao Colégio Militar) Rio. Tel: 284-5839.

O NOVO ESQUADRÃO DA MORTE

Na Rota, polícia militar de S.Paulo, a ordem é matar

Estamos em guerra! A expressão brota facilmente da boca dos 700 policiais que compõem a Rota (Rondas Ostensivas Tobias de Aguiar), tropa que este ano já matou 100 pessoas em São Paulo, todas descritas pelos matadores como "delinqüentes abatidos em tiroteio".

— Fundada em 1970, treinada para combate à guerrilha, greve, passeatas, criminosos, a Rota representa muito para os policiais, capazes de trabalhar 24 e até 48 horas seguidas por um salário mensal de Cr$12 mil.

— Se perguntarmos a um dos nossos homens se ele prefere a noiva ou a Rota, certamente ele dirá que prefere a Rota — afirma com orgulho o capitão Fabrini, relações públicas da tropa.

O tenente Conti Silva

O tenente Conti Lopes

Folheto de propaganda da Rota

Armados com revólveres calibre 38 e bombas de gás lacrimogêneo, os homens da Rota saem para a rua depois de duas horas de treino diário: uma hora de exercícios físicos e de tiro, outra de bate-papo, onde cada um faz autocrítica de como agiu no dia anterior.

As 40 viaturas, com quatro homens cada, podem sair à rua sem destino, patrulhando apenas ou já com objetivo certo. O Serviço Reservado deles prepara, com antecedência, um fichário com nomes de criminosos, fotos, lugares onde andam, etc. De posse desse material, os policiais muitas vezes saem à procura dessas pessoas, que identificam apenas por fotos.

— A gente chega num ponto em que a gente percebe se o sujeito é marginal ou cidadão de bem — argumenta o tenente Conti Lopes, 36 anos, apontado por muitos de seus subordinados como "o melhor policial" que conhecem.

A sensação de matar, para este tenente, é muito parecida com a emoção de marcar um gol. Ele conta um episódio em que matou um assaltante: foi numa mansão da Vila Maria, onde o homem fez um assalto e prendeu a dona da casa como refém, enquanto dezenas de policiais cercavam a casa. O tenente Conti Lopes diz que entrou na casa à valentona e foi recebido com um tiro "que não acertou por obra do destino":

— Aí eu fiz só um disparo — prossegue o tenente. — Bastou para acertar a fronte do indivíduo. Ele caiu, foi socorrido e morreu ao dar entrada no pronto-socorro.

E o que o tenente sentiu?

— Os segundos necessários para o bandido agir são fatais. Ou você atira ou não atira. A gente fica tenso, mas é só no momento. Depois, é como o centroavante no futebol que marca um gol. A gente ganha a parada, então a gente vibra. Queira ou não queira, estamos numa guerra. Dentro dessa guerra, é óbvio, ou é o marginal ou é a gente.

Essa filosofia do "matar ou morrer" é incutida na cabeça da tropa diariamente:

— Todos os dias, quando entramos de serviço, procuramos tirar o policial da rotina, fazer ele esquecer que tem mãe, filhos, irmã. E sempre temos em mente, por exemplo, que quando vamos a uma padaria tomar café pode ter um bandido lá dentro. Nós não sabemos que ele é bandido, mas ele nos reconhece pela farda. Por isso temos de estar sempre atentos.

Outro tenente, Conti Silva, 30 anos, também instrutor, entende que o bandido de hoje não tem recuperação:

— Antes ele usava arma calibre 22, hoje só usa 38, 45, metralhadora. Esse bandido não se recupera mais para a sociedade. Ele assalta para entrar na sociedade de consumo dele, para ter dinheiro e mulheres. E, quando mata alguém, diz com orgulho que matou um "gambé". Portanto, não tem recuperação.

Prender não adianta, explica o tenente:

— A perversidade cresce dia a dia. E a punição não está sendo correspondida. Além disso, o advogado do bandido arruma mil argumentos para ele se safar. E, quando ele vai preso, sai de lá pós-graduado em crime, aprende mil coisas que a gente não tinha conhecimento

Tais argumentos, defendidos por um dos comandantes da Rota, deixam perceber que a orientação da tropa não difere muito da adotada pelo já extinto — em São Paulo — Esquadrão da Morte: acabar com o alto índice de criminalidade, eliminando os criminosos.

Além dos criminosos, a Rota está pronta até mesmo para enfrentar índios, como revela o tenente Gilson Lopes, 26 anos, outro que é visto dentro da tropa como "exemplo", "herói":

— A gente está preparado pra tudo. Pra combater os bandidos mais ferozes, mais organizados, e até terroristas. Índios, bandidos, subversivos

Contando um episódio por que passou, o tenente confirma que, por alguma razão, os índios não saem de sua cabeça:

— Perto de Ribeirão Pires — na Grande São Paulo — tínhamos uma informação de que estavam acampados vários homens armados com metralhadoras e carabinas. Pensamos: ou são índios ou bandidos com tática de guerrilha. Colocamos em prática nosso conhecimento de combate a guerrilheiros, mas no fim constatamos que era o bando do Cascata, perigoso marginal com várias passagens pela polícia.

Rivaldo Chinen

Esta seção será escrita por detentos de um presídio do Rio de Janeiro. Para preservar a sua segurança dentro da cadeia, eles usarão um nome de guerra comum: Treme Terra. Os fatos narrados são rigorosamente verdadeiros.

Portaria da Lemos de Brito viola cartas e rouba dinheiro

A situação que impera na portaria da Penitenciária Lemos de Brito (Rio de Janeiro) é vergonhosa. Há bastante tempo os internos vêm sendo lesados por funcionários da portaria. O dinheiro enviado por seus familiares e amigos, através de cartas, está sumindo.

O interno José Martins, que está cumprindo pena de 7 anos, sempre recebeu correspondências de seus familiares contendo dinheiro para suas despesas. Para sua surpresa e dos demais companheiros, descobriu que as correspondências vêm sendo violadas por funcionários da portaria. Esses não têm direito algum de fazer isso, pois já existe um serviço de censura que abre as cartas e que fica sob a responsabilidade do guarda Luís Gonzaga.

No dia 22 de agosto último, José estava aguardando correspondência de sua companheira, com Cr$ 1.000,00 Mas nada recebeu. Nos primeiros dias de setembro esperava nova correspondência, desta vez com Cr$ 500,00, e nada apareceu. Tendo reclamado ao responsável pelo setor, recebeu a informação de que não chegara carta alguma para ele.

No dia 13 de setembro, perguntou à sua companheira que fora visitá-lo se não havia mandado as cartas com dinheiro. Ela disse que sim. José pediu, então, que a próxima carta fosse registrada. Tal foi feito no dia 15 de setembro em Varre-Sai, município de Natividade. A exemplo das outras, esta carta, com Cr$ 500,00, também sumiu.

De posse do registro, a companheira de José reclamou junto ao correio. Um funcionário fez a diligência e comprovou que a carta fora recebida pelo chefe da portaria da Lemos de Brito, João F. de Jesus. O interno José comunicou então ao diretor o que estava acontecendo e relatou as providências tomadas por ele e sua companheira. O diretor determinou a abertura de um inquérito com prazo de 20 dias. O prazo já se esgotou sem solução alguma, pois não passou de um inquérito de compadres. Os funcionários que o realizaram foram Marlene da Silva Monção (chefe do serviço social), José Dutra Resende (agente de segurança penitenciária) e Waldelir Martins Esteves (chefe da seção de subsistência).

É o caso de se perguntar: Quem são os ladrões? Somos nós que cumprimos pena? Ou são os que vestem farda para disfarçar, com carteira dada pela Secretaria de Justiça?

Há ainda o caso do interno Enolde França Malesone, que ficou sem Cr$ 4.000,00 enviados por sua companheira em Goiás. Que safadeza! Como podemos nos recuperar para a sociedade com exemplos desta natureza? Já não temos nada, nossa família é que nos veste e calça dentro das prisões e ainda somos roubados!

Esperamos que após a publicação desta canalhice possamos receber os poucos cruzeiros que nos são enviados para suprir as necessidades de sobrevivência no cárcere da Lemos de Brito.

Esta é apenas uma pequena amostra da vergonhosa situação do sistema penitenciário, que está falido.

Como pode haver uma solução honesta para um caso como esse, quando os próprios colegas de trabalho é que vão investigar os funcionários desonestos? Isso só é feito para que a roupa suja seja lavada dentro de casa, sem que ninguém lá fora saiba o que se passa dentro do sistema penitenciário.

Olha aí: a verdade é que, se gritar pega ladrão, não fica um

Treme Terra

Guerra de calcinha na fábrica paulista

Roubos por necessidade aumentam em São Paulo. Operária da De Millus presa com 10 calcinhas teve apoio das colegas e saiu briga com a segurança.

— Esse pessoal que rouba, pensa que não vai causar dano nenhum. É apenas uma calcinha ou uma cuequinha. Mas eles não sabem que milhares de pessoas fazem isso por dia

O desabafo de um comerciante da rua José Paulino, bairro do Bom Retiro, em São Paulo, dá uma idéia do aumento de pequenos furtos na cidade. Até pouco tempo atrás só eram atacadas grandes lojas — como o Mappin — e supermercados maiores, e muitas vezes apenas por brincadeira. Agora, os pequenos furtos são feitos por necessidade mesmo e se tornam tão comuns que contam até com a conivência dos empregados:

— Eu trabalho na seção de laranja e limão — conta um atendente de um supermercado do bairro do Butantã — e, quando gosto da freguesa, ponho meia dúzia a mais no saco dela. Ninguém percebe, e às vezes ganho uma boa noitada. As laranjas são só pra começar um bom contato.

No Jumbo Eletro da praça Roosevelt não existe essa integração vendedor-cliente. Pelo contrário, a freguesia é tão vigiada que a segurança percebe quando alguém apanha um chocolate na prateleira e calmamente o come. Mas, quando alguém é pego, mesmo que for com apenas uma chupeta, passa por maus momentos. É o que conta um universitário do bairro de Pinheiros:

— Eu vou sempre no mesmo supermercado da rua Teodoro Sampaio e sempre "levo" muita coisa pra casa. Coisa grande e cara. Mas um dia cismei de afanar uma chupeta pro meu sobrinho. Me pegaram em flagrante. Me levaram pruma sala e um sujeito gordo, de brilhantina no cabelo, falou que eu já estava com cartão amarelo e que da próxima vez iria pra delegacia.

Bons lugares para pequenos furtos são também as fábricas de roupas íntimas. A De Millus, uma das maiores, começou a desconfiar e implantou uma severa fiscalização: após o expediente, as funcionárias tiram toda a roupa no banheiro e são revistadas por uma mulher. Depois da implantação do esquema, foram descobertas operárias que saíam com cinco calcinhas no corpo, três sutiãs, etc. Um dia, como punição a uma empregada pega vestindo dez calcinhas, a segurança tentou prendê-la no banheiro. Aí, todas as funcionárias da linha de produção ficaram revoltadas e começou uma verdadeira guerra de calcinhas pela fábrica: durante horas, era só calcinha e sutiã voando pra todo lado. A polícia foi chamada. Falando por megafones, os policiais conseguiram acalmar as moças depois de muito tempo. Como castigo, elas tiveram que passar a noite toda na fábrica arrumando a bagunça.

Hélio Bellk

Júlio César Pereira

O jóquei de **Big Lark** chicoteando a cabeça de **Baronius**

Desfalques, sonegação de imposto, fraude nas apostas provocam intervenção do governo

Chico Eduardo, o "dono" do clube

CORRUPÇÃO NO JÓQUEI

Clube paga até telefone do presidente

O Jóquei Clube Brasileiro, um império inexpugnável, começa a ruir fragorosamente. O governo federal já decidiu que a intervenção é inevitável, faltando apenas decidir o momento certo e a forma, devendo ser preferida uma auditoria contábil a cargo do Ministério da Agricultura, conforme requerimento do deputado Léo Simões, principal denunciante dos escândalos e roubalheiras envolvendo a entidade.

Os efeitos da desastrosa administração do clube foram detidamente relatados ao ministro da Agricultura, Amaury Stábile, através de parecer de seu consultor jurídico, Luís Cássio dos Santos Werneck, em documento datado do dia 6 de outubro de 1980. No final, o ministro "aprova a manifestação" de Werneck e manda que a Comissão Coordenadora da Criação do Cavalo Nacional – CCCCN – "adote as providências necessárias".

A história começa há mais de 25 anos, quando Francisco Eduardo de Paula Machado assumiu a presidência do clube e o transformou num feudo seu e de sua família. De lá para cá não teve pra ninguém. Aí daqueles que se atreveram a contestar qualquer ato da administração.

Hoje, a situação é muito diferente. Chico Eduardo é um homem só e encurralado.

Tão encurralado que foi difícil esquivar-se da bofetada desferida pelo sócio Célio Assunção, titular do Stud Celta e dono do Banco Mineiro, na reunião do dia 30 de novembro, realizada na sede social, depois de violenta discussão com troca de xingamentos escatológicos ("você é um proprietário de merda", "você que é um presidente de merda") e o envolvimento das progenitoras, que nada tinham a ver com o assunto.

Mas onde Chico Eduardo começa a perder definitivamente a parada é no relacionamento com o Planalto. Por mais que se esforce, não consegue do presidente João Figueiredo nada além de desprezo, embora seja conhecido de todos o amor do general por cavalos e pelo cheiro que eles exalam. Também esta é uma história que vem de longe. Do tempo em que Figueiredo era "apenas" Chefe do Serviço Nacional de Informações. Enxergando as possibilidades de Figueiredo vir a ser o presidente, o general Meton Gadelha sugeriu a Chico que lhe outorgasse o título de sócio proprietário. Chico não levou fé e esnobou. Só seria possível com uma lista de trezentas assinaturas de associados. O general Gadelha se mexeu, conseguiu a lista, Chico teve de dar o título, mas Figueiredo, mordido, não apareceu nem para recebê-lo, mandando um representante.

FIGUEIREDO APOIOU BIG LARK

Desde então Figueiredo não permitia nenhuma tentativa de aproximação. Ao contrário de Chico, Mathias Machline, dono da Sharp, quando vislumbrou as chances de Figueiredo, deu empregos de diretor (regiamente remunerados) aos seus dois filhos, João e Paulo Renato, consolidando daí por diante uma forte amizade. No Grande Prêmio Brasil (Sweepstake) deste ano, o cavalo de Mathias Machline, Big Lark, ganhou a corrida por pequena diferença sobre Baronius, de propriedade de Chico Eduardo, num resultado discutível, por causa dos prejuízos mútuos que os jóqueis se causaram.

O resultado foi confirmado sob grande confusão, com agressões e cenas de pugilato na raia. Chico Eduardo, inconformado, tentou desclassificar, no dia seguinte, o cavalo adversário. Chegou mesmo a anunciar a sua intenção através do Jornal Nacional, da TV-Globo, momentos antes da reunião da Comissão de Corridas. Mas não pôde levar a idéia adiante porque recebeu um recado bem explícito, através do diretor Antônio Carlos Amorim: "O filho do Figueiredo está aí e diz que se houver desclassificação do Big Lark as conseqüências serão graves".

Um novo episódio, mais recente, foi a pá de cal em cima de qualquer nova tentativa de Chico. Mário Trigo, aquele que foi dentista da seleção brasileira e hoje dirige o Hipódromo de Brasília, organizou um programa especial e deu o nome de uma das provas a Figueiredo, que confirmou sua presença num domingo de manhã. Chico foi convidado por Trigo e, quando soube que Figueiredo estaria presente, não teve dúvidas: aceitou o convite e partiu para Brasília. Era a chance de desfazer "mal-entendidos" e se aproximar de novo do poder. Acontece que Figueiredo, quando soube da presença de Chico, não compareceu, preferindo almoçar no restaurante Gafe com o filho.

Acostumado à pompa e ao poder incontrastável, hábil manipulador dos órgãos públicos e do tráfico de influência, Chico Eduardo já não conta sequer com o apoio da grande imprensa, que até então nunca lhe havia faltado. Isto se prova com a entrevista publicada pelo Jornal do Brasil em 30/10/80 (amplo destaque, mais de meia página) com dois de seus principais adversários políticos, tais como José Carlos Fragoso Pires e Júlio Bozano. Nos tempos da opulência, Chico teria interceptado a entrevista com um simples telefonema para o dono do jornal. Desta vez, Nascimento Brito não só autorizou a publicação como se recusou a atendê-lo, prometendo-lhe apenas o direito de defesa.

VOCÊ JOGA MIL, SÓ MARCAM 500

Nessa entrevista, que é, portanto, um marco histórico para o turfe, Pires e Bozano renovaram as críticas já formuladas anteriormente num documento elaborado pela Sociedade Protetora do Turfe do Rio de Janeiro e encaminhado ao Ministério da Agricultura. Eis um trecho importante do documento, que se refere aos 5 por cento da arrecadação de apostas desviadas para gastos não especificados: "Com isso, uma entidade turfística do significado do Jóquei Clube Brasileiro sonega ao fomento da criação ponderável parcela dos recursos para destiná-la a fins estranhos ao turfe, como por exemplo a edificação, no Rio de Janeiro, de imensa e faraônica sede social no centro da cidade, que nada tem a ver com a atividade turfística em si. Na verdade, o fausto, os prazeres e a mordomia servidos em forma de saunas, restaurantes, garagem gratuita, etc, constituem o tripé sobre o qual erigiu-se, de fato, um inelutável esquema de poder. Concedendo esta nababesca mordomia a custo zero – a sede social da cidade é o único clube na face da terra que dispensa a imprescindível taxa de manutenção – o poder eternizado no Jóquei Clube Brasileiro dá considerável subsídio para que se entenda por que um título seu custa Cr$ 1.000.000,00, enquanto que por apenas Cr$ 200.000,00 qualquer turfista autêntico pode se tornar sócio do Jóquei Clube de São Paulo, dono do mais rentável, movimentado e bem aparelhado hipódromo do país".

Alinhar todas as acusações é uma tarefa gigantesca; mas, certamente, uma das mais graves é a que envolve o artifício contábil aplicado às apostas, que permite o cômputo de apenas uma parte delas. Trocando em miúdos: quando um apostador joga Cr$ 1 mil num cavalo, o computador (totalizador) só registra metade, ou uma percentagem um pouco maior, para não dar na vista muito ostensivamente. Considerando que o movimento por corrida (são quatro por semana) está em torno da média de Cr$ 18 milhões, pode-se afirmar que há uma fábula de dinheiro sonegada em impostos ao governo.

Mas, há, também, casos de roubo mesmo, caracterizado, como nos dá conta uma minúscula notinha publicada em *O Globo*, no dia 2 de novembro: foi descoberta uma quadrilha que acertava seguramente nas corridas, através de talões em branco, preenchidos após os resultados. E mais e mais escândalos, como os que envolvem desfalques na tesouraria (só um deles no valor de mais de Cr$ 6 milhões), dinheiro de um concurso de 13 pontos subtraído aos apostadores (o volante do único acertador, com prêmio de mais de Cr$ 1 milhão, estava fraudado e alguém embolsou o dinheiro, que não reapareceu acumulado na semana seguinte).

E assim vai chegando ao fim essa desastrada administração do Chico, cuja desfaçatez e certeza da impunidade pode ser constatada no catálogo de endereços da Telerj. Quem procurar avenida Vieira Souto, 498 – 301 – tel. 227-1764, vai encontrar o Jóquei como assinante. É a residência do Chico, mas quem paga é o Jóquei. Até isso.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS DE CÂMBIO

Fotos Chiquito Chaves

Na Academia Brasileira, quem tem câmbio, prestígio, poder, compra as letras, vira literato e imortal. O preenchimento das vagas na Academia Brasileira de Letras com critérios políticos está sendo denunciado por muitos acadêmicos, como Menotti del Picchia — "sou contra essa entrada sem fim de políticos, pois a Academia Brasileira é de letras e não de política" — e Alceu Amoroso Lima. Mas não adianta. Para a vaga aberta com a morte de Octavio de Faria, já se candidatou o ministro da Educação, Eduardo Portella, concorrendo com um dos maiores poetas do Brasil, Mário Quintana, de 74 anos. Segundo Josué Guimarães, romancista e amigo do poeta, o ministro pressionou acadêmicos que ocupam cargos na área do ministério a apoiarem a sua candidatura. Foram feitas também multas pressões para que Quintana desistisse de concorrer, o que acabou abalando o seu estado de saúde. Conhecendo as pretenções literárias de ministros e políticos, REPORTER preparou um breve perfil de alguns possíveis candidatos à imortalidade com suas obras:

Golbery do Couto e Silva — Estilo rococó, frases longas, parágrafos imensos sem uma vírgula,mas pensamento profundo. Autor de **Geopolítica do Brasil**, espécie de epopéia da vocação guerreira da nação. Escreveu ainda um prefácio para um livro de memórias do falecido ministro da Justiça, Petrônio Portella, e escreve diariamente dezenas de bilhetes para seus assessores, todos eles, segundo testemunhas, num português brilhante. No prelo, de sua autoria, **O General**, inspirado em **O Príncipe**, de Maquiavel.

Ernane Galvêas — Prosador de qualidades — conta prosa demais — ensaísta de espírito, é uma das maiores promessas da ficção brasileira. Começou escrevendo compêndios — **Manual da Aviação Comercial no Brasil** — mas partiu rapidamente para o romance, estourando com o recente **Como me tornei herói seqüestrando aviões**.

Delfim Netto — Primeiro economista que abandonou a aridez do texto científico para dar asas à imaginação. E assim, como quem sonha, escreveu ensaios delirantes e criativos como **A inflação será de 50%; A panela do povo não ficará vazia; Essa dívida pago eu;** e o sensacional **Os banqueiros internacionais são covardes**. Prepara agora um novo livro de contos eróticos sob o título provisório de **A poupança é nossa**.

João Figueiredo — Contista rural, seu texto é fortemente influenciado, entretanto, por fantasias futurológicas através das quais procura mostrar a sua visão da sociedade. Na linha de George Orwell, escreveu **A revolução dos eqüinos**, em que descreve, num país imaginário, um regime ditatorial instalado pela elite dos cavalos. Prepara agora **1982 e 1984**, continuações do romance anterior, nas quais relata o que aconteceu nas duas vezes em que os cavalos permitiram que os outros animais também votassem para escolher o rei da bicharada.

Cesar Cals — ex-desenhista industrial — projetou os orelhões da companhia telefônica do Rio — percebeu que seu destino era a poesia. Começou com um livro leve, nostálgico, **Ai que saudades do meu Ceará**, coletânea de poemas da sua fase jovem,e promete agora uma viagem maior: **Um dia serei vice-presidente**, texto moderno em que confunde fantasia e realidade com vigor e estilo.

Ibraim Ackel — Também conhecido como Abi-Ackel, era um obscuro contista policial mineiro antes de ser descoberto por Golbery do Couto e Silva que, lendo obra sua, acreditou estar diante de uma promessa. E realmente estava. Revelado ao público, Ibraim soltou a vela e produziu peças indiscutivelmente criativas como **O caso de D. Lyda, Quando explodem as bombas, Quem matou o padre?** Arrisca-se agora na sátira, prometendo o livro **Eleição atrapalha**, crítica aos países que fazem votações cada quatro anos.

Paulo Maluf — Também pianista, é decididamente um homem das artes, inclusive as militares, não fossem seus os ensaios sobre ataques rápidos a alvos imóveis como **Freguesia do Ó e Espancamento do Advogado**. Como pérola na sua curta carreira, tem ainda **O dia em que derrotei Paris**, romance sobre a vida de um governador que queria tirar da capital francesa o título de cidade-luz, melhorando a iluminação da sua cidade. Prepara agora a biografia imaginária de um político famoso com o sugestivo título de **Eu Presidente**.

O presidente da Academia Brasileira de Letras, Austregésilo de Athayde

O vice-presidente Aureliano Chaves e o presidente Figueiredo

O ministro da Justiça, Ibraim Abi-Ackel

Aureliano Chaves, Figueiredo e Austregésilo

Austregésilo e o ex-ministro da Justiça, Armando Falcão

O governador de Pernambuco, Marco Maciel

O governador de São Paulo, Paulo Maluf, e o de Minas, Francelino Pereira

O ministro da Educação, Eduardo Portella

TRATO COM JUIZES GARANTE IMPUNIDADE

Polícia mantém tortura a presos em Santo André

Pau-de-arara, choque elétrico, palmatória, sal, cabo de vassoura, cordas de náilon, pedaço de roupa – tudo é usado nas delegacias de Santo André, no ABC paulista, por investigadores de polícia e delegados. O inspetor de quarteirão e ex-motorista de ônibus Clidenor Anselmo Brilhante, 28 anos, que pretendia ser policial e hoje tem pavor de ouvir essa palavra – afinal, foi torturado até ficar com seus testículos completamente inutilizados – fez uma série de denúncias nesse sentido ao juiz-corregedor Caetano Sorrentino.

– Tudo o que eu vi eu conto – diz Brilhante. – Só não contei pro juiz os casos de corrupção, as "caixinhas", porque eu não participei diretamente de nenhum desses casos. Mas que elas existem, é certo. Só que as coisas são feitas nos chamados altos escalões, ou seja, entre delegado, investigador e escrivão. Digamos que alguém comprou mercadoria roubada, vai ter chateação como receptador, **intrujão**, mas é chamado de lado pelo doutor e ali fazem o acerto. Aliás, é bem melhor assim porque evita muitas dores de cabeça pro fulano.

Clidenor Anselmo Brilhante trabalhou durante os últimos 5 anos como colaborador da polícia. Sempre pelos lados de Santo André. Percorreu todas as delegacias, tinha amizade com todos os tiras. Afirma não ter participado de tortura – só presenciado – por uma razão muito simples:

– Eu sou motorista de ônibus, tinha medo dos bandidos me reconhecerem ao volante e ser apagado altas horas da noite.

Brilhante conta que estava presente na inauguração da 5ª Delegacia de Santo André, e que, entre comes-e-bebes, entrou com um pessoal numa salinha dos fundos:

– Aí aconteceu o inesperado. A inauguração da delegacia foi **sui generis**. Nunca tinha visto algo assim. Penduraram um bandido num pau-de-arara, rodaram a maquininha de choque elétrico até ele gritar. Assim inauguraram, batizaram a delegacia.

Outro caso que ele diz ter presenciado: um sujeito estava sendo torturado com fios elétricos; eles descarregavam 110 volts direto nele. Daí jogaram um balde d'água, deu um curto-circuito no prédio, o rapaz ficou preto, torrado, e tiveram de levá-lo imediatamente para o hospital. Brilhante também afirma ter visto um sujeito no pau-de-arara com a boca cheia de sal. Os investigadores colocavam um copo d'água na frente do torturado e molhavam seus lábios. Ele, com uma sede danada, se negando a colaborar, a dar o serviço pros tiras. Daí os investigadores saíam da sala, iam comer uma coxinha, um salgadinho no bar em frente. Depois de algum tempo voltavam calmamente e continuavam a encher a boca do sujeito de sal.

– Também vi muita gente caída no chão, a perna sendo aberta e enfiado um cabo de vassoura no ânus, na vagina. Vi **língua de boi** (palmatória) sendo batida violentamente nas mãos de algumas prostitutas. Vi muita gente querendo gritar, mas não podendo nem soltar um **ai** porque estava com a boca tapada de pano. Eu também fiquei com a boca tapada, um pedaço de flanela bem apertado, enquanto era torturado pelo investigador Sérgio Sistenari e pelo delegado Percival Cione, que puxava os cordonês amarrados nos meus testículos.

Brilhante foi parar numa sala de tortura depois de ter dado alguns tiros no prédio do 3º Distrito, em Vila Palmares. Não sabe direito por quê. Só sabe que quiseram implicá-lo em alguns casos, ele não quis assinar a confissão e acabou no pau, mas depois contou tudo para o juiz-corregedor, Caetano Sorrentino, acrescentando:

– Em Santo André todo mundo tortura; e se algum delegado não for conivente, fatalmente irá para outra cidade. É removido logo. Isso também acontece com o juiz. Se ele abrir sindicância, logo arrumam uma **treta** para ele. O maior cuidado que a polícia tem nessas horas em que está torturando alguém é com os juízes independentes, ou que apareça algum repórter que não tenha rabo preso com eles.

Rivaldo Chinen

Brilhante, ex-colaborador, denunciou o esquema das delegacias de Santo André

Foto Wagner Avancini

Foto Xirumba

Um fusca 1300 que está sendo adaptado para o gás

Mecânico reinventa carro a gás no Recife

Reportagem de Beth Salgueiro

Um combustível baratíssimo, que permite rodar um mês inteiro e gastar apenas Cr$ 900,00, foi descoberto em Recife e está fazendo o maior sucesso atualmente. A mágica é simples: basta usar um bujão de gás de 13 quilos. Dá para rodar 170 quilômetros, sem problemas. Quatro bujões permitem 680 quilômetros e significam um desembolso de apenas 900 pratas.

Cerca de mil motoristas já aderiram ao bujão de gás, em Recife e em cidades do interior de Pernambuco. Outros só não fizeram o mesmo ainda porque têm medo de entrar em cana. Mas como quem regula a utilização dos bujões de gás é o Conselho Nacional do Petróleo e o delito é caracterizado como de trânsito e não penal, ninguém pode ser preso por causa disso.

O inventor do dispositivo, o mecânico Jurandir Moreira da Silva, já roda com bujão de gás desde 1970. Inicialmente ele o utilizou num Galaxie, e agora num Opala. Depois que saiu a resolução do CNP, em 24 de dezembro de 1976, ele foi denunciado e detido com o carro. O Detran tentou enquadrá-lo num artigo do Código Penal sobre explosivos, mas não conseguiu. Entre outras coisas, porque a perícia considerou o dispositivo de Jurandir muito seguro.

Jurandir cobra Cr$ 30 mil para deixar um carro pronto para rodar com bujão de gás. Seu sistema é muito simples. Em carros grandes, de 6 cilindros, o bujão fica atrás, na mala. Um furinho no piso dá passagem a uma mangueira de alta pressão que conduz o gás até o motor. O fio passa através do radiador, para que seja aquecido, e o butano líquido que está no bujão passa a ser transformado em gás para ser injetado no carburador.

Nos carros pequenos, o bujão é colocado do lado do motor, e a mangueira do gás entra direto no carburador. O aquecimento é feito com a utilização da energia do motor. Jurandir ainda coloca um relógio de dois tempos na saída do gás para que o motorista possa utilizar gasolina em caso de necessidade.

No caso de um Volks 1300, o sistema depois de pronto é completado com dois bujões de gás, colocados atrás do banco traseiro. E a mangueirinha de controle é deslocada para junto do motorista. Para maior segurança, ele, antes de desligar o carro, tem que fechar a torneira para que todo o gás acumulado na mangueira queime. Depois, basta desligar a ignição.

Sistema é seguro

Para William Arruda, perito técnico da Secretaria de Segurança de Pernambuco, "um carro movido a gás é, de certa maneira, mais seguro até que um carro movido a gasolina. Se houver incêndio num bujão, basta colocar o dedo e impedir a saída do gás. Já a gasolina se propaga rapidamente, e tentar conter seu avanço é pior".

Para Sebastião Campelo, engenheiro do Instituto de Tecnologia de Pernambuco, "o gás é um combustível por excelência. É largamente utilizado no mundo inteiro. Nos Estados Unidos existem frotas de caminhões movidos a gás. No Japão, a maioria dos táxis se utiliza do gás como combustível. No Brasil, apenas as empilhadeiras e outras grandes máquinas agrícolas têm permissão para utilizá-lo, porque é um produto subsidiado pelo governo".

Mas, para Raimundo Nonato, diretor-regional do Conselho Nacional do Petróleo em Pernambuco, a utilização do gás em carros de passeio deve ser coibida: "Já pensou se todo mundo começa a usar gás no carro? Vai ser uma loucura. O gás é barato porque o governo paga uma parte de seu custo para que possa ser utilizado nas cozinhas brasileiras. Sua proibição em relação aos automóveis tem por finalidade, principalmente, a destinação social do gás".

As prostitutas não exigem, mas os garimpeiros de Serra Pelada gostam de pagar muito. Em um mês, uma carioca conseguiu comprar carro, apartamento e butique

Mulher vale até 5 mi na terra do ouro

Nem só os garimpeiros estão enriquecendo com o ouro de Serra Pelada, no Sul do Pará; as mulheres também. Cariocas, inclusive, sol queimado de Ipanema. É verdade que nos limites do garimpo mulher não entra (nem arma, nem álcool), mas bem do lado há uma pequena cidade, Marabá – centro da guerrilha do Araguaia nos anos 70 – onde há mulheres para todos e mais bem pagas do que em qualquer outro lugar do mundo.

A informação é de um homem de cinema, o paulista Sebastião de Sousa, que passou 20 dias na região trabalhando num documentário para a TV-Bandeirantes. Ele conheceu uma garota carioca típica, num hotel da cidade, e nem imaginou o que ela estava fazendo por lá. Aí, um dia, a equipe foi filmar na **Chicona**, a mais importante casa da **zona**. E a garota estava lá. Tímida e assustada no começo, ela acabou contando ter sido atraída pelo ouro de Serra Pelada:

– Uma amiga minha esteve aqui e em pouco mais de um mês ganhou o suficiente para abrir uma butique no Rio, comprar um apartamento e um carro. Por isso eu vim.

E você? – perguntou Sebastião – **Já faturou muito?**

– Não, nem tanto – a moça regateou.

Já deu pra conseguir o quê? Um carro?

– Um carrinho – ela confessou.

Fusquinha? – insistiu Sebastião.

– Um Mustang – a moça acabou reconhecendo

É assim na **zona** de Marabá: os garimpeiros enriquecidos pagam pelas mulheres mais do que qualquer **sheik** das Arábias·

– Tem garimpeiro que dá 5 milhões pra mulher por uma noite – diz Sebastião – 5 milhões novos, cinco bi antigos!

Chicona, a dona do bordel, contou para Sebastião um caso interessante: um garimpeiro chegou e pediu a mulher mais gorda da casa Mandou ela tirar a roupa e, com tapioca, grudou notas de mil cruzeiros pelo corpo todo da mulher. E assim, com ela coberta de dinheiro, levou-a pra cama.

A incrível soma de dinheiro que muitos garimpeiros conseguem está mudando completamente os valores. Em Marabá, por exemplo, uma lavadeira cobra Cr$ 400 para lavar uma camisa. Em Serra Pelada, os preços das coisas não são elevados, mas os salários são, disparados, os mais altos do país:

– Um trabalhador braçal não ganha menos de Cr$ 1500 por dia – conta Sebastião

Num bar do garimpo – que não é o único – Sebastião encontrou um rapazinho de 16 anos cuja função era lavar pratos. Ganhava Cr$ 20 mil por mês. O gerente do bar – um boteco de madeira – faturava mensalmente Cr$ 190 mil (mais do que um engenheiro da Docegeo – a subsidiária da Vale do Rio Doce que explora a mina – ganha em Belém do Pará). Os bares vivem lotados, mesmo sem ter cachaça ou cerveja.

– Os garimpeiros vão no bar beber guaraná – diz Sebastião – e o movimento é enorme, em todos os bares

Um dos açougues – são oito ao todo – vende 1200 quilos de carne por dia. Ao preço de São Paulo.

– Realmente, tem muita gente achando muito ouro – Sebastião relata – o que tá desbaratinando a cabeça deles. Claro, tem aqueles que não acham nada. Mas, no geral, se vê garimpeiro com muitos dentes de ouro, um relógio de ouro no pulso, jóias no pescoço, um gravador enorme, daqueles que só falta piscina. A tara do garimpeiro é relógio de ouro e gravador. Quem não tem, não é garimpeiro.

Depois disso, vêm outras loucuras

– Conheci um garimpeiro, chamado Zé Maria, que já tinha achado 1200 quilos de ouro. Pago a Cr$ 900 a grama. Bom, ele tinha Cr$ 900 milhões na Caixa Econômica. Mas não ligava muito pra isso. Um dia ele me disse: ganhar dinheiro não é nada: bom mesmo é encontrar ouro na terra.

Mas o dinheiro mudou tanto as pessoas, que muitas saem pro garimpo empetecadas de jóias, relógio e, dentro da bolsa capanga, todo o dinheiro que tiverem, até 1 milhão de cruzeiros. Outra mania dos "bem burrados" (os enriquecidos, na linguagem local) é entrar no restaurante e pagar pra todo mundo que estiver lá na hora. Ou conquistar as mulheres – que não as prostitutas – das maneiras mais exóticas.

– Conheci uma assistente social da Funai – conta Sebastião – por quem aquele tal do Zé Maria se apaixonou, de vista. Queria casar e tudo. A menina nem ligava. Ele então bolou o seguinte: todo dia fretava um avião de Santarém – onde também tem garimpo – até Marabá. Dá Cr$ 120 mil ida e volta. Pelo avião, mandava pra ela, todo dia, uma pepita de ouro do seu garimpo de Santarém.

O cineasta achou estranhíssima a paisagem humana do garimpo – "15 mil homens, só homem, por todo lado" – mas notou em todos os ambientes, seja casas de comércio ou alojamentos (só não visitou templos protestantes), uma decoração comum: fotos de mulheres peladas forram todas as paredes disponíveis.

Alex Solnik

TRAVESTI LAMENTA FALTA DE MACHO

— Tenho pena das mulheres, pois atualmente não existem mais homens. 99% são viados enrustidos, por isso entram nessa de bater em mulher.

Quem diz isso é Ivone de Carlo, um travesti nascido em Porto Alegre que faz ponto no bairro da Lapa (centro do Rio de Janeiro). Ele (ou ela) e outras dezenas de travestis tomaram conta das ruas do Rio; as mulheres bateram em retirada para as boates.

Como as mulheres são suas concorrentes na luta pelas carícias masculinas, muita gente pensa que os travestis detestam as representantes do sexo feminino. Mas, a exemplo de Ivone de Carlo, os travestis revelam, de maneira geral, bastante simpatia pelas mulheres. Roberta Vermont, de Porto Alegre, diz:

— A mulher é que nem pêssego. Tem que ser tratada com muito carinho. Quando me achei, aos 11 anos, com um rapaz de 18, me tornei mulher. Afinal, era esse meu maior desejo.

Embora "ame as mulheres", Roberta não admite qualquer transa sexual com elas:

— Sexo com elas não dá. Dá azia. Ela foi feita para o homem. Agora, como o travesti é moda, as mulheres estão virando sapatão. Veja o caso das novas cantoras brasileiras.

Já Anália fugiu da Argentina para se virar no Brasil, pois lá a ditadura militar está botando pra quebrar em cima dos travestis.

— O Videla está mandando prender tudo que é travesti. Eu passava uma semana solta e um mês presa. Já aqui posso me considerar uma verdadeira mulher. Só tenho uma crítica à mulher atual: está bruta e largada. O travesti é mais fino e elegante.

CONTRA O CASAMENTO

Roberta Vermont e Anália, embora gostem das mulheres, discordam completamente em alguns pontos. Quanto ao aborto, por exemplo. Deve a mulher praticá-lo para evitar filhos que não deseja?

Roberta não vê o aborto com bons olhos:

— Sou inteiramente contra. Acho que quem não quer, não faz. Quem não tem condição de parir, não deve meter. Elas deveriam tomar anticoncepcional. Travesti toma anticoncepcional para ficar com o corpo bonito, para o homem passar a mão e sentir prazer.

Já Anália defende o aborto, dando ao problema conotação social:

— É algo natural. Nos países pobres essa é a única saída das mulheres.

Quanto ao casamento, porém, ela não mostra simpatia alguma:

— Acho o casamento uma negociata, principalmente se tratando de nossos países. As mulheres são todas semi-analfabetas e só pensam mesmo no peso do dinheiro, pois são inseguras economicamente e emocionalmente. Assim é o perfil da mulher latina: burra e idiota. Elas nasceram para escolher um rapaz com alguma posse financeira e fazê-lo gozar, mais nada.

Dizendo-se psicóloga, Anália vai mais além em sua análise do casamento:

— A mulher em geral prefere pegar um "porco rico" ao invés de uma pessoa que tenha condições de lhe proporcionar uma vida sexual intensa. Aí, com o passar do tempo, é óbvio que surgem as frustrações.

Dessa frustração, nascem sonhos:

— As mulheres sonham com uma sacanagem intensa. Só que elas não dizem isso a ninguém.

Anália afirma que está muito satisfeita no Brasil e que vai ficar aqui por bastante tempo. Em especial porque os homens brasileiros são melhores que os argentinos:

— O brasileiro é mais sacana, gosta mais de sexo oral. O argentino ainda tem medo.

Portella Nunes, da UFRJ, pede mudança na Lei de Tóxicos

Psiquiatra afirma que maconha não é crime

Fumar maconha deve ser considerado crime? De jeito nenhum, segundo o professor Eustáquio Portella Nunes, diretor do Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro e irmão do ex-ministro da Justiça, Petrônio Portella.

– O maior perigo do uso da maconha é submeter seus usuários a experiências policiais. Eu não tenho dúvida de que cinco dias de detenção em qualquer estabelecimento policial é mais maléfico para um jovem do que cinco anos de uso diário de maconha. A maconha não tem sequer as contra-indicações do álcool, e seus malefícios podem ser nivelados ao uso continuado do tabaco.

Para o professor Portella, a legislação que trata do problema da maconha precisa ser imediatamente modificada.

– Somente o aparato policial, a corrupção, é beneficiada pelo fato de a maconha ser considerada crime. As famílias são as mais prejudicadas, pois se envolvem com os flagrantes nas delegacias e passam a ver o jovem como um criminoso. A juventude que fuma maconha sabe que seu uso não causa grandes males psíquicos ou físicos. Ao mesmo tempo, essa mesma juventude sabe que quem toma porres tem freqüentemente comportamento anti-social. Uma lei que nivela a maconha a drogas mais pesadas não tem respeitabilidade, entra em desacordo com a experiência dos próprios jovens, que, nesse terreno, conhecem melhor a maconha do que quem fez a lei.

Nos Estados Unidos, treze estados já retiraram a maconha da lista das substâncias consideradas tóxicas. Mais de 13 milhões de americanos usam a maconha há anos, habitualmente, sem que nada demais tenha acontecido.

Portella: só a polícia se beneficia da repressão

Diz o professor Eustáquio Portella

– Esta experiência maciça nos Estados Unidos, e também na Jamaica e na Costa Rica, nos dá uma certa segurança para pedir a modificação da atual lei de tóxicos, que nivela a maconha a drogas como os opiáceos e a cocaína. É um absurdo prender um jovem por ser portador de maconha. Nesse caso, você poderia proibir também a venda e o tráfico de tabaco. Através de uma repressão policial desastrosa, tentam resolver um problema que não é problema.

A alegação de que a maconha seria uma substância criminógena é um absurdo do ponto de vista científico, segundo o professor Portella. Nenhum laudo do Instituto Médico Pericial conseguiu comprovar tal lenda.

– Também não é verdade que a maconha induza ao uso de outros tóxicos. Existe, sim, o perigo provocado pela proibição, que coloca a juventude em contato com os traficantes. Os fumantes de maconha persistem como fumantes de maconha, e não é por a fumarem que passarão para outras drogas. É sugestiva a experiência dos soldados americanos no Vietnã. A quase totalidade abandonou o uso de drogas pesadas, como a heroína, quando retornou ao seu país.

Diante disso tudo, das provas que se acumulam dia a dia em favor da descriminalização da maconha, o professor Portella considera um absurdo a internação do usuário da erva.

– Nunca vi ninguém que se tenha beneficiado por ser internado em clínicas de recuperação. Pelo contrário, se as internações são demoradas, causam apenas prejuízo. Por isso, nossa idéia é modificar a lei de tóxicos, porque, enquanto a proibição ao uso da maconha persistir, só causará problemas à família brasileira.

Clínicas dopam fumantes e faturam alto

Diversas clínicas ganham muito dinheiro com a internação de fumantes de maconha. Trata-se de um negócio rendoso. No Hospital Psiquiátrico de Urgência, no Humaitá, Zona Sul do Rio de Janeiro, o psiquiatra José Luís Golos Sicoli traçou um quadro das internações: "Os pacientes que recebemos são mais de casos de emergência. Ficam aqui quatro ou cinco dias. Depois nós os encaminhamos para clínicas maiores, como a do Humaitá, da Gávea ou a Santa Margarida. A família é quem traz a ordem judicial e escolhe a clínica. No caso de pacientes condenados, a internação tem que ser feita em clínicas onde haja confinamento. Nos últimos anos, os casos de internação policial aumentaram porque a lei que distingue o viciado do traficante é relativamente nova, tem dois ou três anos". O internamento sem ordem judicial é difícil, mas às vezes ocorre: "Em geral são menores de doze ou treze anos. A família descobre que ele está puxando fumo. Fica assustada e quer interná-lo". Os que já foram internados detestaram a experiência. É o caso de A. Neto, um jovem de família tradicional que foi confinado pela mãe e pelo avô no Hospital Psiquiátrico de Urgência: "A ambulância veio me buscar no domingo de manhã. Acordei com três grandalhões do meu lado. O motorista meteu a mão debaixo do meu braço e disse: finge que somos velhos amigos. Do tempo que passei na clínica não lembro de quase nada. Ficava o dia inteiro dormindo. A comida vinha sem garfo e faca. Da janela eu via o Colégio Pedro II (no Humaitá). Fiquei impregnado duas vezes. Não conseguia falar, a língua enrolada, por causa dos remédios que me davam lá. Todo mundo ficava tão dopado que quase não se ouviam os gritos. Todo mundo sem reagir. Faz dois anos, isso. Uma semana custou Cr$ 15 mil". A experiência de A. R. também foi desagradável: "Fui levado para a clínica que fica na rua Visconde Silva (Santa Edwiges) umas cinco vezes, sendo medicado no ambulatório. Até que um dia um médico disse que eu tinha que ficar no repouso, pois estava muito nervoso. Senti que tinham me enganado quando pedi para sair e comprar uma revista e não deixaram. Me deram uma injeção na veia para dormir, quando comecei a reclamar. Colocaram um falso paciente junto com os outros para espionar. Pulei o portão. Só ouvi nêgo gritando: "Seu Francisco, tão fugindo!"

Reportagem de Álvaro Costa Filho
Foto Chiquito Chaves

O JORNAL QUE NÃO TEM MEDO DE ASSINAR EMBAIXO

Assinatura por 12 edições: Cr$ 400,00
Envie cheque nominal ou Vale Postal para:

MARGEM EDITORIA E PROGRAMAÇÃO GRÁFICA LTDA.
RUA MIGUEL COUTO, 134/11° — 20070 — Rio de Janeiro

Nome: ....

Profissão: ....

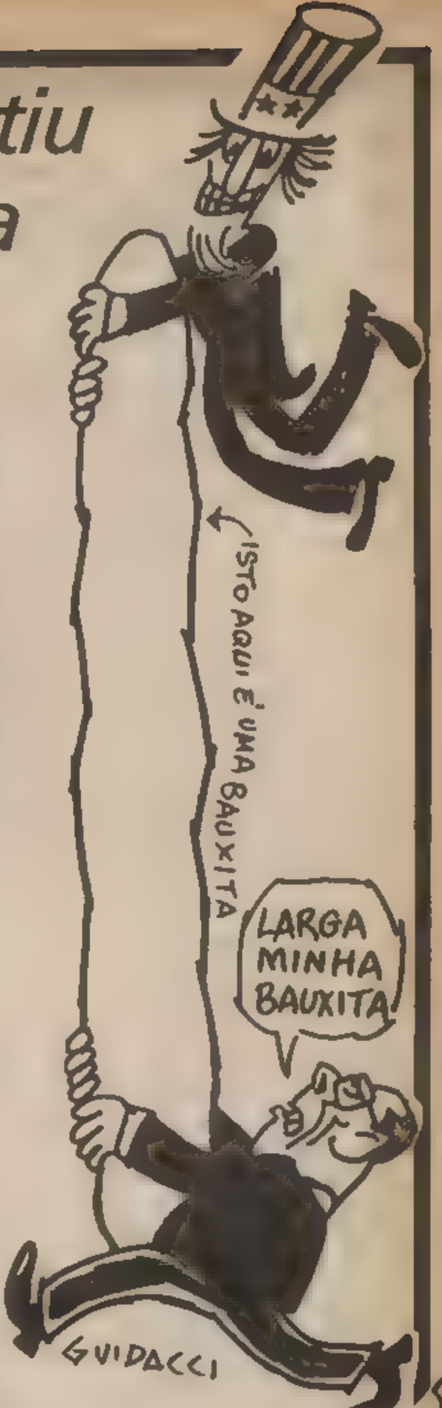
Endereço: ....

CEP: .... Cidade .... Estado ....

assine REPORTER

Ludwig mentiu sobre reserva de bauxita

O bilionário norte-americano Daniel Ludwig, dono do famoso Projeto Jari, e a Alcoa (poderosa empresa americana de alumínio), mentiram ao governo brasileiro. Pelo menos é o que afirma um relatório confidencial da Docegeo, subsidiária da Vale do Rio Doce, encaminhado ao Ministério das Minas e Energia. Ludwig vendeu as reservas de bauxita (matéria-prima para produção de alumínio) que possuía nas margens do rio Trombetas (no Pará) para a Alcoa. Então, afirmou que as reservas eram de 500 milhões de toneladas. Com as 260 milhões de toneladas que já possuía, a Alcoa ficaria com 760 milhões – cerca de 20% das reservas brasileiras do minério. Na verdade, diz a Docegeo, a jazida de Ludwig teria nada menos que 900 milhões de toneladas. Assim, a Alcoa dominaria reservas de 1,2 milhão de toneladas e controlaria perto de 35% da bauxita nacional. Assim, a Alcoa passaria a mandar no setor do alumínio no Brasil, e provavelmente "sentaria" em cima das reservas compradas de Ludwig para utilizá-las quando fosse de seu interesse, mesmo que com isso prejudicasse o Brasil. O governo resolveu barrar a transação e é possível que a bauxita de Ludwig vá parar em outras mãos. Nas mãos de quem? Uma coisa parece certa: será de um outro grupo estrangeiro qualquer. Pois o governo não está preocupado em preservar as riquezas nacionais, mas, sim, em fazer com que a bauxita de Ludwig estimule algum grupo estrangeiro a investir algumas centenas de milhões de dólares no Brasil.



Sobe custo de vida e salário diminui em 81

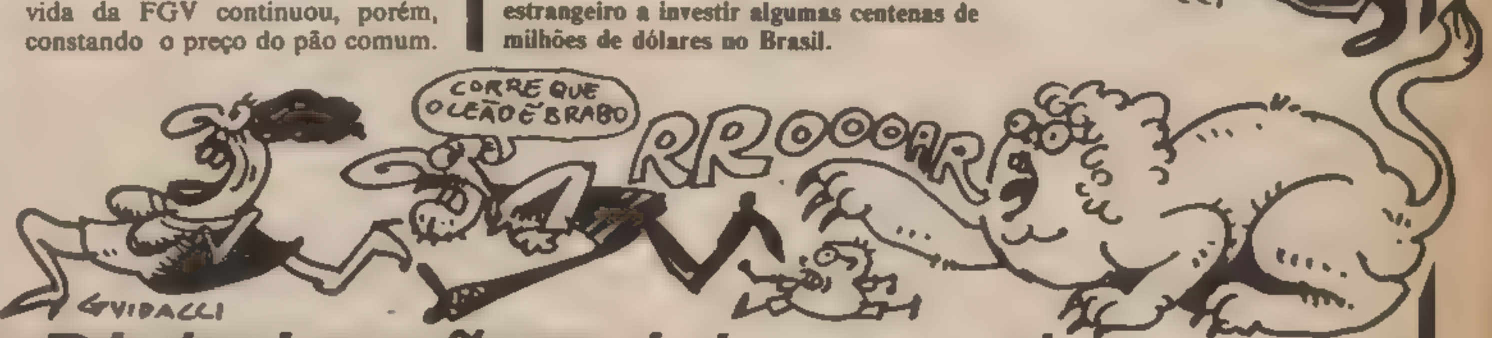
O governo vive dizendo que, com os aumentos semestrais, os salários não estão mais perdendo a corrida para a inflação. Em especial, os salários do pessoal de baixa renda (até 3 mínimos), que tem direito ao valor do Índice Nacional de Preços ao Consumidor mais 10% no reajuste. Mas os dados continuam mostrando que os salários ainda marcham bem atrás da inflação.

O salário médio, segundo dados do IBGE, subiu 73,6% nos 12 meses encerrados em agosto. Nó mesmo período, o custo de vida, calculado pela Fundação Getúlio Vargas, ficou em cerca de 85% e a inflação perto dos 105%. Como explicar isso? É fácil. As empresas estão utilizando a rotatividade para achatar os salários. Despedem um trabalhador e contratam outro para a mesma função, com salário mais baixo.

Prova disso é o que anda acontecendo na indústria da construção civil. Um estudo publicado pela revista *Conjuntura Econômica*, da Fundação Getúlio Vargas, mostra que 60% dos trabalhadores desse setor estão no emprego há, no máximo, 6 meses. Quer dizer, a maioria do pessoal fica pouco tempo no mesmo emprego.

Essa rotatividade permite que as empresas paguem baixos salários. Na indústria da construção, por exemplo, a manobra de substituir um trabalhador por outro mais barato leva a que o reajuste determinado pelo INPC não seja cumprido pelas empresas. Um aumento de 38%, segundo o INPC, provoca uma elevação salarial de apenas 30%.

Há ainda uma outra sacanagem. Mesmo que os salários subissem no mesmo ritmo que os índices do custo de vida, o trabalhador estaria sendo lesado. A razão é simples e bem conhecida: os índices são mutretados, "puxados" para baixo através de uma série de manobras. O caso do pão, por exemplo, é sensacional. A Sunab baixou uma portaria, em julho de 1979, elevando de 70 para 90 centavos os preços do pão francês especial. Esse pão havia sido criado nove meses antes, mas ainda não estava sendo vendido. O preço do pão francês comum foi mantido em 60 centavos, mas ele desapareceu rapidamente, dando lugar ao especial. Do índice do custo de vida da FGV continuou, porém, constando o preço do pão comum.



Dinheiro não vai dar pras despesas

Imposto aumenta

Quem paga o imposto de renda não terá boa vida. O "leão" (ou seja, o governo, [redacted] ceita Federal) vai corrigir o imposto de renda recolhido na fonte em apenas 55%. Quer dizer, para o pessoal da Receita Federal, a inflação em 81 será de apenas 55%. Ora, mesmo os mais otimistas admitem que as altas de preços no ano que vem chegarão a 70%. Muito provavelmente irão a 100%.

Assim, o assalariado que recolher 20 mil cruzeiros, terá esse dinheiro corrigido para apenas 31 mil cruzeiros. Com uma inflação de 100%, deveria poder corrigir sua grana para 40 mil cruzeiros. Nesse caso, o assalariado foi burlado em 9 mil cruzeiros. Grana que será engolida pelo guloso leão gover-[redacted]

Luz mais cara

Provavelmente ficarão cada vez mais salgadas. A Eletrobrás está muito endividada. Só aos banqueiros internacionais ela deve US$ 7 bilhões, ou seja, cerca de Cr$ 420 bilhões. No ano que vem, a empresa terá que pagar aos credores pelo menos US$ 1,2 bilhões, o que dá Cr$ 72 milhões (considerando-se que 1 dólar vale mais ou menos 60 cruzeiros)

Para arranjar essa massa de recursos, é evidente que a Eletrobrás vai querer botar a mão no bolso do consumidor. E isso será feito elevando o preço da energia elétrica que fornece às residências, indústrias, etc. Essa hipótese fica ainda mais forte quando já se sabe que o orçamento da empresa estatal para 81 foi fixado em Cr$ 400 bilhões, e isso não dá para cobrir seus gastos.

Feijão a Cr$ 100

O governo já admitiu: feijão preto só a 100 pratas o quilo. Além disso, é muito provável que, no ano que vem, o Brasil ainda tenha que importar batata, leite e uma série de outros produ-[redacted]sez, os preços disparam.

Mas mesmo para produtos com boas safras, os preços subirão. A elevação dos custos de produção dos alimentos vem sendo brutal, pois boa parte das coisas utilizadas para aumentar a produtividade (como os fertilizantes e os defensivos) utilizam petróleo. E o preço do petróleo continuará a subir em 81. Para completar a brincadeira, os intermediários estão à solta, prontos para elevar os preços entre o produtor e o consumidor em até 500%.

Aluguéis disparam

Os aluguéis vão disparar no ano que vem. As prestações da casa própria também. Este ano subiram cerca de 50%, pois esse foi o valor da correção monetária.

Já em 81, os aluguéis e as prestações da casa própria serão reajustados de acordo com a variação do Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC), calculado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que mede as altas do custo de vida. Este ano o INPC vai ficar na casa dos 90% e, no ano que vem, com a esperada aceleração da inflação, não deve ficar abaixo de 100%.

Assim, quem paga, por exemplo, Cr$ 10 mil de aluguel, passará a pagar Cr$ 20 mil. A saída para muita gente será atrasar os aluguéis e as prestações da casa própria. Correndo o risco de despejo, é claro.

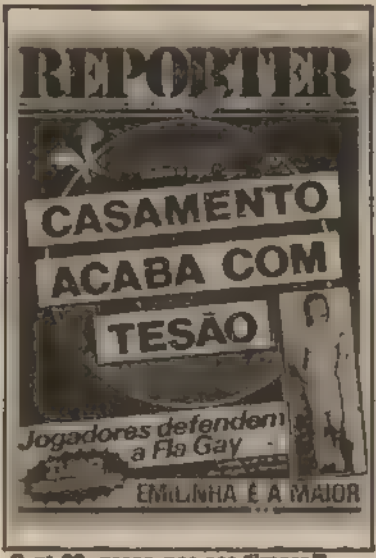
T[redacted]

3 anos de pau no REPORTER

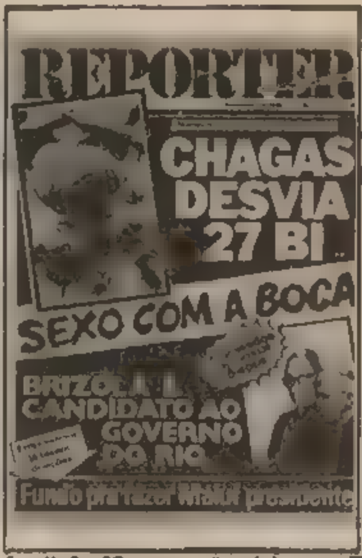
Em 3 anos de atividades, este jornal sofreu 4 apreensões e 12 processos, entre eles o movido pelo hoje deputado Erasmo Dias, acusado de ter participado do atentado à bomba contra o jornal O Estado de S. Paulo, em 1968. Quase 70 mil exemplares, das edições 5, 14, 23 e 35, estão presos na Polícia Federal. Mais de Cr$ 2 milhões de prejuízo imposto pela "guerra econômica".

Edição nº 5 apreendida

O nº 14, apreensão e 2 processos



O nº 23, preso por ser "imoral"



A edição 35 causou "perícia moral"

Governo tenta impor censura prévia e falha

30 de março de 1978. Num telefonema seco, dois agentes da Polícia Federal, que se identificaram como "Mário" e "Wilson", pediram à empresa distribuidora do REPORTER que, antes de pôr a próxima edição do jornal nas bancas, enviasse três exemplares para "exame prévio". Avisados, os editores do jornal procuraram o superintendente regional (interino) da Polícia Federal no Rio, Edir Carvalho, que confirmou: "Brasília" queria ler o jornal antes que ele circulasse. Os editores e o advogado Modesto da Silveira pediram-lhe que fizesse a determinação por escrito, formalizando a exigência. O ministro da Justiça era Armando Falcão, havia ainda o AI-5, mas o governo do general Geisel não queria usá-lo abertamente numa área como a imprensa, arriscando-se a uma repercussão imediata e negativa. Preferia impor a força nos bastidores, sem fazer barulho.

O superintendente pediu tempo para responder se a ordem do "exame prévio" poderia ser escrita, afirmou que era apenas "um pedido", ameaçou com "conseqüências", consultou a hierarquia e sugeriu que editores e advogado procurassem diretamente o Ministério da Justiça, em Brasília.

Paulo Leite, assessor do ministro Falcão, foi cordial, conversador, explicou que recebera muitos protestos pelas fotos dos bailes de carnaval — inclusive a do camarote do então governador Faria Lima no Canecão — publicadas na edição número 3 do REPORTER (fevereiro de 78, a primeira a vender mais de 20 mil exemplares), e reclamou das fotos de mendigos fazendo sexo nas ruas do Rio na edição que estava nas bancas — o número 4, mais de 25 mil exemplares vendidos, o primeiro a lembrar que o movimento estudantil e as passeatas nas principais capitais do país em 1968 estavam fazendo 10 [illegible]

Era dia 5 de abril, pouco antes do número 5 ir pras bancas, e o governo se recusava a escrever a ordem de censura prévia. Paulo Leite indicou que os editores do jornal deviam fazer um pedido "por escrito" ao chefe da Polícia Federal, coronel Moacir Coelho, solicitando que a comunicação do exame prévio fosse formalizada. Coelho entregaria o pedido ao ministro Falcão. O ministro, entretanto, ao mesmo tempo, declarava que só quem podia dar informações sobre o caso era o coronel Coelho, e negava-se a comentar alguma coisa. O presidente regional da ABI em Brasília, Pompeu de Sousa, tentou obter uma audiência com Falcão, que se esquivou. No dia 13, o advogado do jornal, Modesto da Silveira, entrou com mandado de segurança para garantir a circulação do número. O porta-voz do governo, coronel Rubem Ludwig, assegurava que não havia intenção de censurar a im-[illegible]

No Rio, os originais da edição número 5 entraram na gráfica que, desde o dia 11, estava vigiada por elementos da Polícia Federal com ordens de impedir a saída do jornal para a distribuição. O cerco policial foi criticado em todo o país, motivou protestos de parlamentares, sindicatos e entidades de jornalistas, mas não foi levantado. A exigência era apresentar as matérias antes da impressão "e esperar a resposta de Brasília". Na sexta-feira, dia 14, pela manhã, Pompeu de Sousa conseguiu contato com o coronel Moacir Coelho, que lhe garantiu não haver "mais nada contra o jornal, e que o cerco à gráfica seria levantado". A edição estava liberada. Na verdade, o cerco ostensivo foi levantado, mas policiais disfarçados — e não percebidos pelos jornalistas — continuaram a vigília. Assim, logo que o número 5 chegou às bancas, no dia 15, começou a ser recolhido. "Uma armadilha inqualificável", como disse Pompeu de Sousa.

Violência e rapidez na 1ª apreensão

A apreensão do número 5, sob o comando do ministro Falcão, foi a mais rápida e eficiente de todas as que o jornal sofreu. Na madrugada de sexta-feira, logo depois que a edição começou a ser impressa, telex do ministro — que, por coincidência, estava no Rio de Janeiro — mandava retirar todos os exemplares das bancas, com base no artigo 54 da Lei de Segurança Nacional.

Cedo, pela manhã, a escuta de reportagem do jornal **O Globo** *captava a ordem de recolhimento da edição, transmitida a "todas as viaturas em trânsito". A Polícia Federal, ainda mais num sábado, não se mostrava disposta a, sozinha, executar a tarefa. Entraram na operação os camburões das delegacias e a Polícia Militar, que simplesmente invadiam as bancas e levavam o jornal sem deixar, como manda a lei, os autos de arrecadação. A arbitrariedade, aliás, foi repetida agora na edição 35: os federais deixavam um documento com o jornaleiro, mas a polícia estadual, na verdade, seqüestrava os exemplares.*

Trinta mil jornais haviam sido distribuídos na noite de sexta para sábado. Até terça-feira da semana seguinte, cerca de 15 mil haviam sido recolhidos. Na gráfica, onde rodavam os repartes de São Paulo e das outras capitais na manhã de sábado, 30 mil exemplares foram apreendidos, de noitinha, pelo delegado de entorpecentes da Polícia Federal, prova de que todo o contingente disponível na repartição foi mobilizado para cumprir a irada ordem do ministro Falcão.

Ao todo, pouco mais de 45 mil exemplares da edição foram recolhidos ao xadrez da Federal na zona do porto do Rio de Janeiro. Cr$ 500 mil de prejuízo e o início de uma luta de 30 dias para conseguir saber se o número 6 poderia sair: a portaria do ministro era redigida de forma a deixar dúvidas sobre se a "proibição de circulação em todo o território nacional" se referia apenas ao número 5 ou se as autoridades queriam cancelar até mesmo o registro do jornal

30 dias para esclarecer o ato de Falcão

A liberação do número 6 foi uma via crucis. Depois da apreensão (15/4), Falcão negava audiências, não explicava nada, a Polícia Federal declarava-se mera executora de ordens. Não se sabia se a edição seguinte poderia sair ou se, saindo, estaria dando pretexto a uma outra armadilha, através da qual o ministro da Justiça, por "reincidência no crime", poderia ter base para cancelar o registro do título do jornal, impedindo definitivamente sua circulação

Já no dia 2 de maio, o coronel Moacir Coelho recebeu os editores do jornal e o presidente da ABI em Brasília, Pompeu de Sousa, mas explicou "que não sabia interpretar o despacho de apreensão do número 5". Pompeu de Sousa procurou Falcão, não foi atendido, mas deixou um ofício perguntando se a proibição de distribuição se referia apenas ao número 5. Quatro dias depois, com muitos telefonemas, negaceios, idas e vindas, desencontros, o secretário-geral do Ministério da Justiça, Paulo Cabral, garantiu a Pompeu de Sousa que o ministro apreendera apenas o número 5, podendo as edições circularem normalmente.

Depois da definição, Pompeu convoca a imprensa para uma "cruzada" contra o artigo 54 da Lei de Segurança, pelo qual o governo podia apreender jornais e prender jornalistas por todos os motivos que lhe fossem convenientes. E ainda pode.

Pressão econômica já em 78

No inquérito sobre a edição nº 5, comandado por um delegado da área da Fazenda, Carlos Roberto Lobo, o interesse principal era saber de onde a Margem, editora do jornal, retirava sua receita e se recebia algum tipo de ajuda ou doação. O interesse pela saúde financeira das empresas que editavam jornais de oposição foi retomado meses mais tarde pelo Centro de Informações do Exército, que recomendou uma guerra econômica (taxações, exigência de capital mínimo, pressão com o Imposto de Renda, devassas e auditorias) como o meio mais eficiente para calar a imprensa alternativa.

Quando tais recomendações se tornaram públicas, através de reportagem do jornal **O Estado de S. Paulo**, *o então ministro da Justiça, Petrônio Portella, desautorizou-as, negando expressarem elas uma posição de governo. Em maio de 1980, o ministro das Comunicações do governo Figueiredo, numa conferência na Escola Superior de Guerra (ESG), lançou novamente a estratégia da pressão econômica, agora acrescida de uma "lei de responsabilidades", através da qual o Planalto pensava processar diretamente os autores de matérias consideradas injuriosas a personalidades da República.*

Semanas depois, o Conselho de Defesa Econômica (Cade), órgão do Ministério da Justiça, criado para combater os abusos do poder econômico, reprimindo o monopólio e defendendo a economia popular, pedia, por escrito, "para efeitos de pesquisa", dados sobre a editora do REPORTER. O Cade, dirigido pelo deputado Eduardo Galil (PDS), conhecido por suas ligações com grupos policiais (Doi-Codi) e de extrema direita, talvez quisesse mostrar serviço ao governo, mas informações foram oficialmente negadas por entenderem o REPORTER, a Associação Brasileira de Imprensa e muitos outros jornais da alternativa, como **O Pasquim, Coojornal, Movimento** *e* **Hora do Povo**, *que se estava criando um outro instrumento de censura à imprensa. A lei que criou o Cade não podia ser invocada para solicitar dados de empresas evidentemente não monopolistas — não têm elas nem gráfica, nem papel, vivendo de serviços prestados por terceiros e incapazes, portanto, de ditarem preços ao mercado*

● O decreto de anistia, assinado em 79, sob pressão de uma luta intensa de muitos setores da sociedade brasileira, favoreceu este jornal nos dois processos movidos pelo Ministério da Justiça com base na Lei de Segurança Nacional: o número 5 e o número 14.

Apesar da anistia, os 45 mil exemplares da edição nº 5 — a apreensão do 14 foi pequena — continuam presos na Polícia Federal, à espera de julgamento do pedido dos editores para que ele seja liberado e novamente distribuído às bancas.

A VERDADE SOBRE A HISTÓRIA DO BRASIL

2 processos na mesma edição

Fevereiro de 1979. Antes de sair — o ministério de Figueiredo tomava posse em março — o ministro Armando Falcão, em seu último ato contra a imprensa, mandou apreender a edição número 14, instalando dois processos contra o mesmo número: um, através do decreto lei de imprensa, por atentado à moral e aos bons costumes, contra a reportagem **Lésbicas metem o pau na repressão**; outro, através da Lei de Segurança, por injúria e desrespeito à figura do presidente da República, contra a matéria **Quem manda no Brasil é o Golbery. Figueiredo é a Rainha da Inglaterra**, ilustrada por uma fotomontagem do corpo da rainha Elizabeth, da Inglaterra, com a cabeça do presidente Figueiredo.

Portella avisa mas apreende

A mais polêmica das apreensões do REPORTER foi a do número 23. A manchete **Casamento acaba com tesão** e a contracapa **Suruba ao vivo em Copacabana** foram os motivos alegados pelo ministro Petrônio Portella para a primeira ação de censura da sua administração. Portella, entretanto, foi o único dos três ministros da Justiça dos governos militares com quem este jornal lidou a assumir imediatamente sua decisão, liberando nota através de sua assessoria. O jornal já estava na segunda edição — vendeu ao todo 53 mil exemplares — quando começou a ser recolhido.

Como das outras vezes, a decisão de apreensão não foi submetida à Justiça, e o governo, agora preocupado com a "moral e os bons costumes" do povo brasileiro, usava o decreto-lei de imprensa com fins políticos, para tirar das bancas um jornal de oposição

Chagas pressiona com 7 inquéritos

O governador do Rio de Janeiro, Chagas Freitas, estimulado pelo uso das leis de exceção sobre moral e bons costumes com fins políticos, seguiu o exemplo de Portella, mas com inexplicável atraso. Em 4 de março de 1980, através da Procuradoria do Estado, mandou abrir inquérito, com base no decreto lei de imprensa, indiciando todos os colaboradores, repórteres e editores do jornal, desde o número de agosto de 1979 até o de março de 1980. Por que, em março de 1980, abrir processo contra uma edição de seis meses atrás não foi difícil entender, depois que o advogado do jornal deu uma vista nos autos.

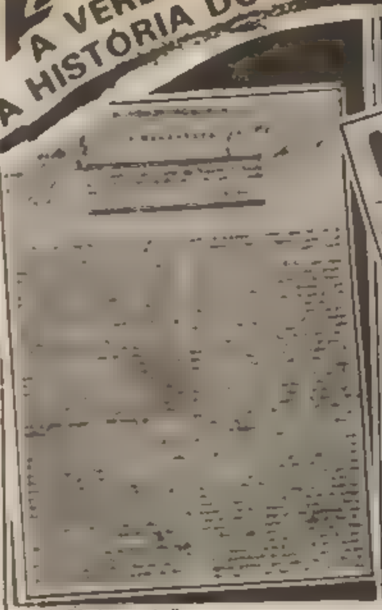
O inquérito, dessa vez, corria pela 6ª Delegacia Policial, no Rio de Janeiro, repartição sem condições de realizar um trabalho de investigação num processo político. Os autos pareciam o samba-do-crioulo-doido: o editor Alex Solnix foi indiciado por ter escrito o anúncio de um livro, colaboradores que escreveram apenas numa edição foram processados por outras das quais não participaram nem estavam no expediente do jornal. Tudo mostrava que a intenção do governo estadual não era fazer um processo, queria incomodar, desgastar, levar os jornalistas a passarem tardes inteiras na delegacia, sendo identificados, tirando impressões digitais... Intimidação política que o governador fazia, com base nas leis de exceção, contra um jornal que frequentemente denunciava a corrupção e a violência do esquema chaguista de administração, hoje alugado ao Partido Popular (PP).

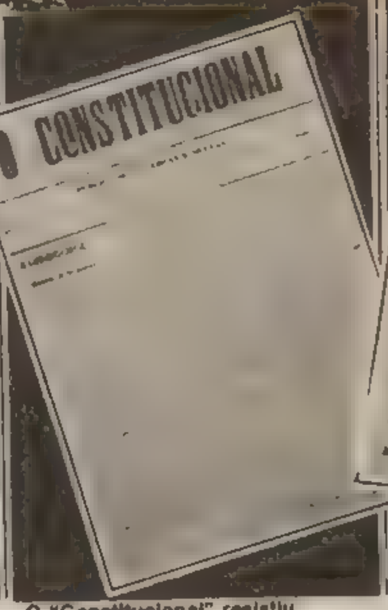
Abi-Ackel faz perícia moral

Apesar da mudança relativa dos tempos, o estilo da apreensão do atual ministro da Justiça, Ibraim Abi-Ackel, é semelhante ao do ministro Falcão. Nada é dito, nada é assumido, nada é respondido. A apreensão da edição número 35 (novembro de 80) foi feita sem qualquer comunicação aos editores, a mercadoria, em muitos casos (operações da PM e delegacias), era simplesmente confiscada, bancas invadidas, nenhum documento para o jornaleiro, como manda a lei. Nem a Polícia Federal sabia a razão da apreensão, embora editores e colaboradores do jornal fossem chamados para depor numa "investigação" sobre a matéria **Sexo com a boca**. Definida a responsabilidade pela publicação da matéria, a Federal, segundo a delegada Maria Stella, vai realizar "uma perícia para saber se ela é ou não imoral".

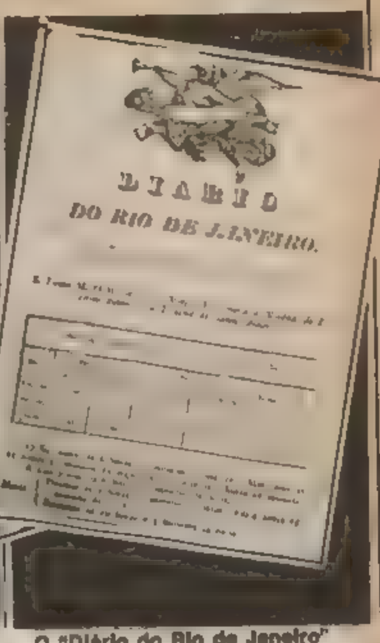
E se a "perícia" concluir que não é, vamos receber o jornal de volta? A pergunta de um dos editores embaraçou um pouco a delegada, que respondeu:

— Isso eu não sei. A apreensão foi uma medida administrativa do ministro. A razão eu não sei. Suponho que tenha sido por causa dessa matéria sobre sexo oral, mas não posso afirmar.


"A Malagueta"



O "Constitucional" resistiu



O "Diário do Rio de Janeiro" fazia propaganda do governo

Guerra contra nanicos tem quase 2 séculos

Quando o ministro Abi-Ackel censura e reprime o **REPORTER**, não está sendo nem um pouquinho original. Há mais de 159 anos que a imprensa alternativa enfrenta o arbítrio, a violência e a prepotência do Estado

No princípio foi a luta. O primeiro jornal independente foi o **Diário Constitucional**, e surgiu em 4 de agosto de 1821, em Salvador, Bahia. Nasceu lutando para que os baianos elegessem um governo comprometido com a independência brasileira. Os colonialistas queriam um governo com maioria portuguesa para "amaciar" na luta pela independência. Foi uma luta dura e bonita

Os colonialistas começaram "cercando" o jorna' brasileiro com ataques violentos e ameaças desferidas por órgãos pagos pelos comerciantes portugueses. Passaram depois para as pressões sobre as tipografias, para o boicote do papel, para o aumento dos preços dos materiais utilizados normalmente pelo jornal. Em seguida vieram as ameaças diretas e os assaltos às casas dos redatores, dos impressores e mesmo dos vendedores de jornais

Mas o **Diário Constitucional** resistia. Foi então que os reacionários apelaram para o estilo Doi-Codi: "... à frente de tropilha de militares, o coronel Almeida Serrão invadiu a oficina, proibiu o dono de continuar a imprimir o jornal, correu à residência do redator e, não o encontrando, quebrou os móveis à vista da família, terminando por assaltar as lojas onde se vendia a folha, depredando-as'

O pessoal do **Diário** teve de fugir de Salvador, indo para o interior, onde se reuniu às tropas brasileiras. Voltaram vencedores a Salvador daí a meses, editando **O Independente Constitucional**.

A censura era, porém, rigorosa proibiu a impressão de livros e arrochou tanto a circulação que até o almanaque Capivarol tinha de circular na base do contrabando Só os padres podiam ter livros

A proibição de impressão de livros só foi levantada quando chegaram ao Brasil D. João (**o Fujão**) e a família real portuguesa. O Estado português mudara-se para cá e precisava de uma gráfica. Organizou-se então, com o material trazido pelo ministro da guerra, a Impressão Régia, a avozinha da nossa imprensa oficial. Já nasceu enquadrada, pois menos de um mês depois a direção da gráfica recebia a incumbência de "examinar os papéis e os livros que se mandassem publicar, e fiscalizar para que nada se imprimisse contra a religião, o governo e os bons costumes". Contra essas restrições é que iria se colocar o valente **Diário Constitucional**

Sempre engajados na luta, começaram a pipocar os jornais independentes: **O Paraense**, de 1822, participando ativamente da rebelião popular da Cabanagem, **O Novo Diário**, de 1837, inspirando a Sabinada na Bahia, **A Sentinela do Serro**, em Minas Gerais, combatendo a política conservadora em 1830, **O Nazareno, O Homem do Povo** e **O Proletário**, deixando sua marca no movimento revolucionário praieiro, em Pernambuco. No Rio de Janeiro, a partir de dezembro de 1821, apareceu **A Malagueta**.

Entre todos, porém, dois exemplos merecem ser citados: Cipriano Barata e Frei Caneca. Cipriano José Barata de Almeida começou suas atividades jornalísticas em 9 de abril de 1822 com a **Sentinela da Liberdade na Guarita de Pernambuco**, que teve 66 números. A partir desse momento, Cipriano nunca teve mais sossego. Constantemente preso e mudando (ou sendo mudado) de cadeias, Cipriano sempre arranjava um jeito para seu jornal chegar às ruas. O título variava conforme a prisão ou o lugar onde se encontrasse o autor. Foram saindo as **Sentinelas** Sentinela da Liberdade na Guarita de Pernambuco Atacada e Presa na Fortaleza do Brum por Ordem da Força Armada Reunida; Sentinela da Liberdade à Beira Mar da Praia Grande em Niterói; Sentinela da Liberdade na Guarita do Quartel General de Pirajá na Bahia de Todos os Santos; Nova Sentinela da Liberdade na Guarita do Forte de São Pedro na Bahia de Todos os Santos; Sentinela da Liberdade Hoje Presa na Guarita da Ilha das Cobras em o Rio de Janeiro; Sentinela da Liberdade Hoje Presa na Guarita de Villegagnon em o Rio de Janeiro; Sentinela da Liberdade Hoje Presa na Guarita da Fragata Niterói em o Rio de Janeiro; Sentinela da Liberdade Mandada Despoticamente para o Rio de Janeiro e de lá para o Forte do Mar da Bahia donde Generosamente Brada Alerta!; e, finalmente, Sentinela da Liberdade em sua Primeira Guarita, a de Pernambuco, Onde Hoje Brada Alerta!

As Sentinelas vão de 1822 a 1835, mostrando que a luta pela liberdade não se esgotara com a independência. Cipriano Barata desanca a ditadura de D. Pedro I e da **gang** neocolonial que estava usurpando a independência para as "elites". Preso quando da dissolução da Assembléia Constituinte, curte uma cana duríssima e só é solto em 1831 pelo movimento que iria depor D. Pedro. Livre, ainda volta a publicar suas **Sentinelas** em Salvador e no Recife Cipriano faleceu em extrema pobreza, dando aulas de francês para comer

O outro destaque vai para Frei Joaquim do Amor Divino Caneca, principal animador do **Tífis Pernambucano**, que saí em 25 de dezembro de 1823. Já não se trata da luta pela independência. Como Barata, Frei Caneca vai denunciar a farsa da independência, atacar o arbítrio e condenar o racismo.

O **Tífis Pernambucano** é o porta-voz da Revolução Pernambucana de 1824, que se levantara contra a ditadura de D. Pedro. Esmagada a insurreição, o Frei é preso, acusado de "aprender o ofício de soldado, de ser declamador, capitão de guerrilhas, de fugir com os rebeldes". A imprensa oficial cai em cima: "infame, ridículo, desprezível, bandido". A cana foi duríssima: "... pés atados por grilhões e uma gargalheira dura no pescoço...", Frei Caneca é condenado à morte no Recife depois de um julgamento sumário. "Desautorado das ordens religiosas, foi fuzilado no lugar da forca das Cinco Pontas, às 9 horas da manhã de 15 de janeiro de 1825

(Nota: dados e dicas recolhidos de Nelson Werneck Sodré — História da imprensa no Brasil — Ed. Graal, RJ, 1977)

Pesquisa e texto de Daniel Aarão Reis Filho. Fotos Rogério Carneiro

ESPERTAS

Oposição de eletricitário ganha eleição e pelego chia

A vitória da Oposição, através da chapa 2, nas eleições dos eletricitários pernambucanos está sendo contestada pela ex-diretoria (chapa 1) e por representantes da chapa 3, que durante a campanha eleitoral também se dizia de oposição. Apesar da grande diferença a favor da chapa 2 (mais de 2 mil votos para 3.437 eleitores), a chapa 1 encaminhou um documento à DRT reclamando do quorum da eleição. A chapa 3, através de xerox do documento original, também subscreveu a reclamação. Alegam os derrotados que engenheiros e técnicos vinculados a outros sindicatos além dos eletricitários votaram, o que não seria legal. Mas o Tribunal Regional do Trabalho já firmou posição sobre isso e não há como usar esse subterfúgio para impugnar a vitória da chapa 2. A categoria dos eletricitários está enquadrada como sendo de segurança nacional, o que significa que não pode, em hipótese alguma, entrar em greve. Por isso, o governo não tem o mínimo interesse em que uma chapa de oposição ganhe o controle do sindicato e mobilize a categoria como em 1979, quando, apesar da proibição, os trabalhadores da categoria entraram em greve. Prova da preocupação do governo com os eletricitários é que em 1979, uma semana antes da deflagração da greve, o Exército realizou manobras na hidrelétrica de Paulo Afonso. O exercício consistia em "tomar" a usina, colocando um soldado armado do lado de cada operador.

Eduardo Homem

'Povão' também apreendido pela Federal

A edição número 7 do jornal **Povão**, editado em Recife, foi apreendida pela Polícia Federal sob a alegação de que publicara na capa parte da canção do padre Reginaldo Veloso, da paróquia de Casa Amarela, em protesto contra a expulsão do padre Vito. Agentes da Federal foram também à redação, buscando mais exemplares. Na verdade, o governo quer reprimir a Igreja e a imprensa.

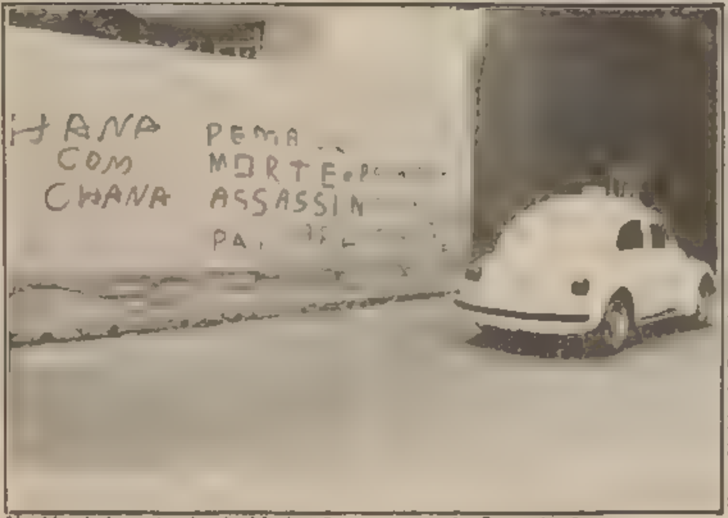


Foto Valdenir Benedetti

No túnel de entrada do Minhocão, na avenida Consolação, São Paulo, a pichação pela pena de morte

Em SP, defesa da pena de morte pelo rádio

"Pena de morte para os assassinos de meu pai, Arlindo Bettio." A pichação apareceu na primeira semana de novembro nos muros da praça Roosevelt, centro de São Paulo, em letras garrafais. O estranho, porém, é que na rádio Record, onde o falecido fazia (e seu irmão, Zé Bettio, ainda faz) os programas de maior audiência de São Paulo, ninguém conhece filho algum de Arlindo. Sabem apenas que ele tem uma filha, professora de profissão que mora em Salvador, Bahia.

Quem fez a pichação? Os Bettio (há ainda outro irmão, Oswaldo, também radialista) não falam de jeito nenhum à imprensa. Mas, através dos programas – três horas de duração atravessando a madrugada e mais quatro pela tarde – Zé Bettio tem feito sua campanha particular a favor da pena de morte, acompanhada de críticas ao governador Maluf.

Os matadores de Arlindo Bettio – Itamil Tavares Lopes e João Antônio Novais – foram presos em Parati, Rio de Janeiro, onde estão até hoje.

Omar Cupini Jr.

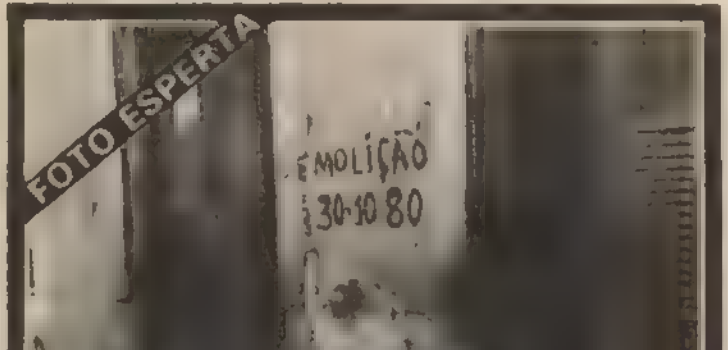
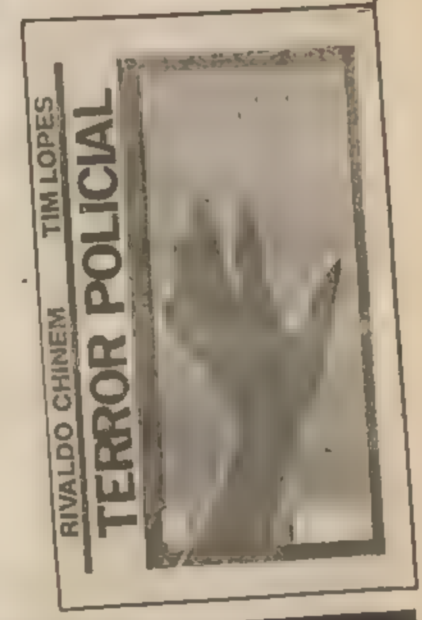


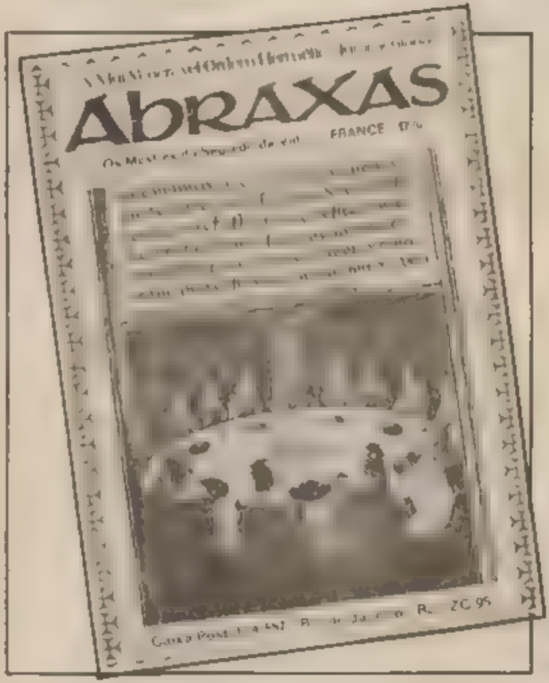
Foto Chiquito Chaves

As casas do Mangue, zona de prostituição do Rio, estão sendo demolidas pela prefeitura, mas os cachorros da área ainda não foram avisados.

Um livro sobre os crimes da polícia

Dois repórteres deste jornal, Tim Lopes e Rivaldo Chinen, estão lançando o seu primeiro livro. Terror Policial, *da editora Global, é um livro de reportagens sobre alguns personagens famosos da crônica de crimes e da repressão política. Texto direto, corajoso, ele fala de homens como Fleury, Mariel e* Raul CCC Careca. *No início de dezembro, nas livrarias*





Panfleto da seita Abraxas, os "mestres do segredo da vida"

Seita ganha 1 milhão na venda de talismã

Aparentemente é algo muito pomposo. Afinal, a Abraxas se apresenta como uma ordem hermética juramentada, destinada a proporcionar sabedoria, riqueza, amor e felicidade aos que comprarem seus preciosos talismãs, tais como o "anel da sagrada cobra secreta de Mali", a "mão vudu" (que afasta o mal e a inveja), o talismã chinês da riqueza (tchang Dan) e o "célebre olho mágico".

Na verdade, a Abraxas não passa de um cubículo localizado na rua Visconde de Pirajá 295, 8º andar, que manda fabricar talismãs vagabundos de plástico que lhe custam, no máximo, 100 cruzeiros, e os revende por 600 cruzeiros. Um negócio que proporciona lucro superior a Cr$ 1 milhão por mês e que permite a seu proprietário, o argentino A.C. Barnes, ir freqüentemente à Europa.

Além de Barnes, os "veneráveis mestres" da Abraxas são um distinto crioulo conhecido como Chico, que mora em Nova Iguaçu, e sua mulher, que confecciona os "saquinhos místicos" onde são colocados os talismãs. O gerente da Organização é um argentino conhecido como Quique, que mora em Copacabana, estuda na Universidade Federal Fluminense e tem um Opala.

Para manter o sigilo do negócio, o pessoal da Abraxas adverte em seus folhetos que opera exclusivamente através do Correio e que seus "estatutos" vedam "conceder entrevistas, consultas e demais atendimentos pessoalmente". Quando alguém bate na porta, os "veneráveis mestres" morrem de medo, pois não querem que nenhum estranho mate sua galinha dos ovos de ouro

Gilberto de Souza

ESPERTAS

Congresso de sexologia só debate doenças

Se houve uma coisa que faltou no I Congresso Brasileiro de Sexologia, realizado no Rio, foi a importância do amor para um bom desempenho sexual. Praticamente não foi levantada a importância da afetividade para um relacionamento com maior prazer. Toda a abordagem sexual ficou em cima de temas de gosto duvidoso. A primeira exposição abordou Lesões de Medula Espinhal e Sexo. Depois de sair paralítico dessa experiência, o ouvinte caiu de cara em outra doença bastante repulsiva – a doença de Parkinson e o sexo. O psiquiatra Isaac Charam, presidente da Sociedade Brasileira de Sexol[illegible], que promoveu o congresso, afirmou que os casos mais comuns em consultórios são a ejaculação precoce e a impotência sexual, nos homens, e a frigidez e a dor durante a relação sexual, nas mulheres. Desses, o único que mereceu alguma atenção foi a impotência sexual. Talvez por não discutir o que realmente tem importância, o congresso acabou melancolicamente com apenas 30 participantes, quando eram esperados pelo menos 300.

Rose Cintra

Suspensa a loteria de Pernambuco

A Secretaria de Fazenda de Pernambuco suspendeu a extração da Loteria do Estado por tempo indeterminado. Um mau negócio para os bicheiros que, através da Associação dos Vendedores Autônomos de Loteria (Aval), controlavam desde a impressão dos bilhetes até o pagamento dos prêmios. O secretário de Fazenda, que tomou a iniciativa alertado por uma CPI formada pela Câmara dos Deputados, dizia desconhecer a jogada dos bicheiros, que controlavam a loteria desde setembro. Para conseguir isso, boicotaram a organização Caçula do Ceará, que venceu em 1977 a concorrência para ficar com a Loteria. Tantas fizeram que a Caçula passou o negócio para a Aval, recebendo em troca Cr$ 3 milhões. Agora, a Aval entrou pelo cano pois, com dois meses, o negócio não deu sequer para cobrir o investimento inicial.

Beth Salgueiro

Políticos e polícia desmatam o Itatiaia

O Parque Nacional de Itatiaia está ameaçado. Localizado nos municípios de Resende, Itamonte e Bocaina de Minas, esse parque tem 12 mil hectares. Em torno dele há um "cinturão" florestal, considerado de preservação permanente, que vem sendo destruído por serrarias no lado mineiro, nas cabeceiras do rio Grande, um dos formadores do Paraíba.

Uma dessas serrarias pertence ao prefeito de Bocaina, Mário Cota (é a Santo Antônio do Rio Grande). Outra, a Rio Preto, do ex-prefeito da mesma cidade, Genésio de Carvalho, especializou-se em devastar a região do Vale da Prata, cuja reserva florestal está avaliada em Cr$ 500 milhões.

Contra as serrarias existe um pequeno grupo de pessoas (ex-engenheiros, jornalistas, médicos e físicos) que formam um núcleo comunitário no Vale das Flores. Há quatro anos eles vêm convocando a Polícia Florestal para barrar os desmatamentos, mas esta nada faz, pois tem apenas um Fusca para fiscalizar 28 municípios. Da luta participa também a Associação de Proteção da Natureza nos Vales da Bocaina, encabeçada pelo agricultor Lino Mateus.

Os serralheiros e fazendeiros estão tentando boicotar e desmoralizar o movimento ecológico. Espalharam, segundo Lino, que seus representantes sobrevivem plantando maconha, e ameaçaram derrubar as árvores que os defensores da natureza plantaram. Um dos serralheiros, Afonso Pedro, chegou, inclusive, a fazer uma denúncia contra Lino Mateus. Acusou seu empregado, Antônio Garrafão, de cortar dez árvores para a construção de duas casas, que foram vendidas por Luís Emílio da Silva, cujo pai, de 67 anos, está doente, sem poder sair da cama. Afonso Pedro "esqueceu-se", porém, de mencionar que Lino já plantou mais de 3 mil árvores.

Lino depôs em Bocaina e o processo a que responde vai a juízo na cidade de Aiuruoca, sede da comarca da região. Enquanto isso, os serralheiros e fazendeiros continuam tranquilos. O tenente da Polícia Florestal, quando aparece, vai tomar cafezinho na casa do prefeito de Bocaina. E o atual diretor do parque de Itatiaia, um coronel da Aman, não se preocupa muito com a preservação da área, ao contrário de seu antecessor, Paulo César Ramos, removido para Brasília.

Lise Torok

Foto Lino Mateus

Desmatamento do Parque de Itatiaia, na região do Vale do Prata

Deu polícia na festa do Partido dos Trabalhadores (PT), dias 8 e 9 de novembro, em São Bernardo, São Paulo. As "autoridades" não gostaram das brincadeiras na quermesse. Numa barraca, o apelo encha a boca deles indicava que as pessoas deviam jogar bolas dentro das bocas de caricaturas de Delfim, Maluf e Figueiredo. Outra barraca mandava pôr o rabo no burro, uma réplica de Figueiredo. A moça responsável pela primeira barraca foi levada para a delegacia, ante a reação dos participantes, acalmados então pelo líder metalúrgico Djalma Bom.

Alex Solnik

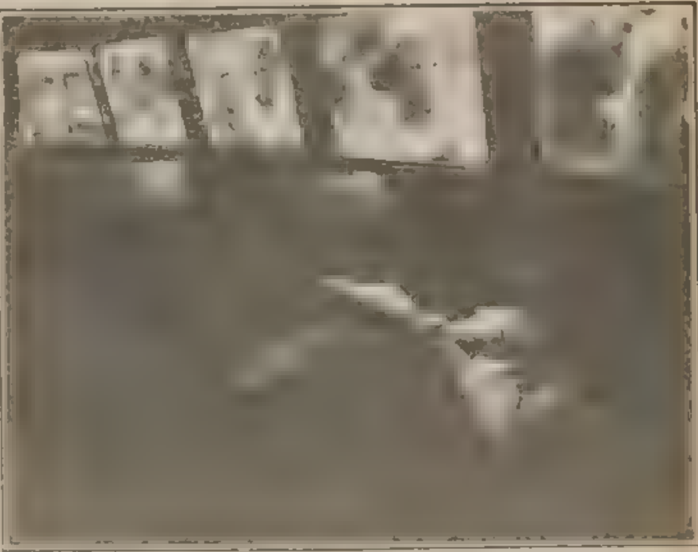


Foto Valdenir Benedetti

Todo quebrado, o assaltante foi recolhido a uma viatura do DSV – departamento de trânsito de São Paulo – depois de ser atacado e quase linchado pela multidão enfurecida.

Foto Xirumba

Os donos dos ônibus urbanos estão chegando a requintes na sua tentativa de evitar que crianças e adultos viajem sem pagar a passagem. No Recife, algumas linhas instalaram verdadeiras gaiolas de grades, onde o passageiro fica preso até pagar a passagem. O diabo é que, se pinta um acidente, a possibilidade de sair do ônibus é muito menor, porque a porta traseira fica praticamente bloqueada.

LEITORES

1 "Estou muito contente por ter esta enorme felicidade de poder receber gratuitamente este jornal, que eu considero como o melhor da imprensa alternativa, pelo trabalho que nele vocês se empenham, sem medo de dizer a verdade.

A verdade que o povo precisa saber, pra ir abrindo os olhos e se conscientizando sobre o que este governo brasileiro é na realidade.

Sabem, lá onde eu moro é que é vida. Todos os pássaros são verdes, só chove quando nós queremos. Lá até parece a Suécia bacana: se leva o bagulho e deixa a grana e irmão não rouba de irmão.

Ao contrário do que se no Palácio do Planalto gritassem "pega ladrão", não iria ficar um, meu irmão.

Estamos aí, sou da rouxinha, pago por ela e ela me dá o que quero. Agora só não sei por que eles não a legalizam, pois é o melhor calmante, a melhor vitamina e, por que não, o maior barato.

"Não deixeis cair no desgoverno pior."

"Mas livrai-nos deste, que é um mal maior." **(Ademir Silva – São Paulo – SP)**

2 **"Fiquei muito feliz ao ver que fui uma das sorteadas para assinaturas semestrais. Foi a primeira vez que ganhei algo em sorteio.**

Parabéns ao Daniel Aarão Reis, que me fez rir bastante com o Tesão de D. Pedro, e a Beth e a Léa, afinal, todos os que batalham no REPORTER. Continuem firmes, a gente está aqui pra ajudar, comprando todos os números."(Odysséa P. de Souza – Botafogo – RJ)

★★★

3 "Quero cumprimentá-los pelo excelente jornal do qual já sou leitor assíduo. É muito bom, e também necessário, que a gente tenha um "Jornal Verdade" num país onde hoje predominam as mentiras. Inclusive coleciono este jornal desde o nº 25, para evitar que eu fique sem algum exemplar, pois a concorrência é grande.

Contem comigo para que o REPORTER continue existindo, pois ele é de suma importância na vida do povo brasileiro, que infelizmente é carente de verdades." **(Ricardo A. Garcia – Campo Grande – RJ)**

Campanha salarial

Não dá não dá
Pra ficar parado não
O operário é quem trabalha
E o lucro é do patrão

Olha seu moço
Essa vida de operário
Com este baixo salário
Não dá pra comprar pão
Por outro lado
O patrão sem fazer nada
Tem uma vida folgada
À custa de nossas mãos.

O companheiro
da fábrica e construção
Formamos união
De todas as categorias
Vamos lutar
Com muita fé e coragem
Nós temos maior vantagem
Somos grande maioria

Olha doutor
Digo com sinceridade
Sem a estabilidade
Não podemos trabalhar
Pois o patrão
Quando quer nos manda embora
Se precisa a qualquer hora
Põe um outro no lugar

O companheiro
Pra acabar com esse mal
Nosso piso salarial
Nos dá muita garantia
Se o patrão manda o peão embora
Tem que pôr outro na mesma hora
Outro com a mesma garantia

(Sérgio P. Borges — Ribeirão Pires - SP)

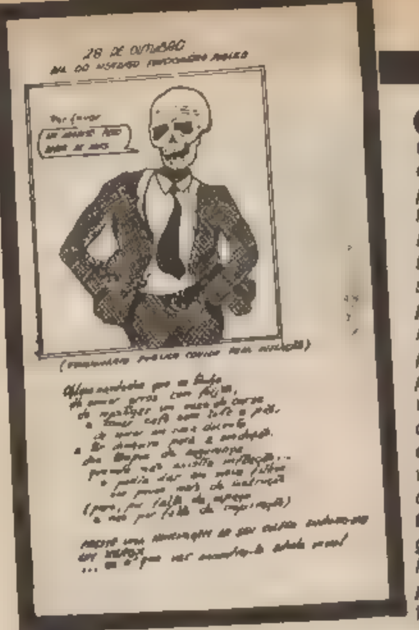
●●●●●●●●●●●●

Resolvi assumir a nossa causa indígena (como opção de vida) e trabalho com o povo MAKUXI (a maior nação dentro do Brasil), 15.000 índios que conseguiram "sobreviver" a tantos massacres (geno e etnocidas) e que aos pouquinhos vão formando uma consciência – como pessoa humana, como povo e nação...

Aqui, amigos, desenvolvo um trabalho modesto, onde tento abranger não só a Medicina em sua forma **curativa** (através de nosso pequeno hospital), mas também no âmbito da medicina preventiva (adaptada à cultura local); e ainda estudo a medicina indígena, cujo arsenal terapêutico é incomensurável. Nas aldeias, inicio devagarzinho, já que ainda faço treinos "a cavalo", visto que este tipo de transporte (que muito aprecio) é o que melhor acesso nos dá às comunidades.

Gostaria que me considerassem amiga, que pudéssemos manter um contato de vez em quando, o que muito me faria feliz, visto que só enriqueceria nosso trabalho.

(Sandra Maria – Boa Vista – Roraima)



"A xerox que estou enviando é uma gozação (uma caveira de terno e gravata), mas na realidade traduz perfeitamente a situação do funcionário público federal no Brasil. É inadmissível que funcionários com longos anos de serviço estejam ganhando tão pouco, como por exemplo um motorista com 17 anos de INPS percebendo Cr$ 6.728,00. E é pensando desta forma que envio a vocês este folheto, pedindo para que reservem um pequeno espaço e publiquem algo a respeito, valorizando um pouco o serviço desse pessoal, contribuindo assim, talvez, para a conscientização do governo, ao mesmo tempo homenageando o funcionalismo público." (Tarciso C. Anjos — Rio Negro — PR)

●●●●●●●●●●●●●●●●●●●●●

Governo expulsa Vito mas acolhe Rockefeller

"Tendo acompanhado pelos jornais a sucessão de fatos acontecidos em Ribeirão (PE), a propósito da atitude assumida pelo padre Vito Miracapillo, que se negou a celebrar missa comemorativa pela "Independência" do Brasil, vemos concretizar-se mais um ato, fruto do arbítrio que se abate sobre aqueles que, neste país, comprometem-se com a verdadeira independência do povo brasileiro. Tal atitude parte daqueles que tentam contar a todo custo a caminhada do povo que hoje busca a sua livre organização para a conquista de uma sociedade sem explorados e exploradores.

Vimos recentemente ser aprovado no Congresso Nacional o Estatuto dos Estrangeiros, que compreendemos como parte do projeto de "abertura" política do governo, condenada por todos os setores comprometidos com a luta pelos direitos humanos em nosso país, e vemos agora suas conseqüências. Achamos importante denunciar que há hoje no Brasil dois estatutos dos estrangeiros: um, que impede a presença e cerceia a liberdade de pessoas como o padre Vito; outro, que escancara as portas de nossa economia e de nosso território aos Ludwig e Rockefeller (entre outros), estes, sim, interessados na total alienação de nossos recursos e do trabalho do povo da cidade e do campo, contando com o incentivo e o apoio daqueles que hoje nos governam – devemos indagar, com que legitimidade?

Queremos manifestar nossa solidariedade ao padre Vito e a todos aqueles que lutam e se arriscam pela libertação do povo. Ao mesmo tempo repudiamos sua expulsão do país, que consideramos ato desleal, leviano e antidemocrático do governo, este sim, perante o povo, persona non grata." **(Carlos Cesar dos Santos, Dinair Fernandes dos Santos, Edmundo A. Gomes Filho, Rogério Antonio B. da Cruz, José Carlos Euzébio e Edson Diogo Tavares)**

★ **Eu, como leitor assíduo, quero tomar a liberdade e fazer uma pergunta a vocês aí, que sabem das coisas, e fazer um comentário também.**

Pergunta: Por que que o reajuste salarial é de 84% ao ano e o reajuste inflacionário é de 100% ao ano?

Comentário: Na greve dos metalúrgicos do ABC, em abril passado, numa reunião entre o ministro do Trabalho e empresários, veio um telefonema de que uma bomba estava prestes a explodir no prédio. Imediatamente o local foi evacuado, ficando somente o sr. ministro, que não quis sair. A polícia procurou em todos os lugares e não encontrou a bomba. Aí o sr. Murilo Macedo desabafou: "Para mim, bomba mesmo são os metalúrgicos do ABC. Aquilo sim é que é bomba. Não esta, que supostamente estaria aqui". R. V. Carvalho — São Bernardo do Campo — SP)

ASSINE REPORTER

O MELHOR DA LITERATURA BRASILEIRA SELECIONADO PARA VOCÊ

Em cada um destes livros escolhidos para você está um grande momento da literatura nacional.
Aplaudidos pela crítica, consagrados pelo público.
Editora Record, onde os bons livros se tornam bestsellers.

Dalton Trevisan
LINCHA TARADO
Ref 1705

Dezoito contos que se parecem com os anteriores? Absolutamente. Dezoito contos novos as mesmas histórias, mas sempre novas histórias que surgem a cada página e pegam o leitor irremediavelmente. O terrível mundo de Trevisan único original grotesco engraçado e cruel. "A importância da obra de Dalton Trevisan está além de suas qualidades intrínsecas no fato de ter projetado, no país e fora dele, a literatura de uma província e dimensionar uma província literariamente carece de muito talento. De forma que este último livro de contos vem acrescentar-se a uma produção já respeitável, que se define como uma das melhores representações da short story brasileira." (O Globo – Rio) 159 págs. Cr$ 270,00

José Louzeiro
EM CARNE VIVA
Ref 1640

Romance de grande impacto baseado na história real de um ativista político nos terríveis tempos da repressão. Um José Louzeiro cada vez mais engajado nas nossas verdades. Zuzu Angel, a grande inspiradora. Este livro registra com toda crueza os momentos de terror vividos pelos brasileiros durante o arbitrário regime militar, especialmente entre 68 e 72, quando as forças de opressão achataram a juventude que queria pensar, reagir, contestar. Este não é um livro ameno romântico. É um romance-verdade. A própria linguagem é áspera, dura, brutal. A história contada pelo autor reflete o real, um momento da realidade brasileira. É o registro detalhado de muitos acontecimentos que certamente estarão nos compêndios da história brasileira. 427 págs. Cr$ 890,00

João Antônio
MALAGUETA, PERUS E BACANAÇO
Ref 1720

A Editora Record lança a 7ª edição deste livro que é um clássico da literatura brasileira. Editado pela primeira vez em 63 recebeu a consagração crítica. Hoje adotado em escolas, é lido pelas novas gerações e tem o mesmo sabor de novidade porque revê a o submundo da cidade de São Paulo com histórias do proletariado e expõe as vicissitudes dos deserdados da classe média paulista numa linguagem e num estilo literário que não data o texto, mas lhe confere uma permanente atualidade. "João Antônio optou, neste sua obra de estréia por caminho poucas vezes trilhado pelos nossos escritores (e Lima Barreto é um desses raros exemplos) – aquele que ultrapassa o terreno das confissões pessoais e dos chorosos problemas da classe média e vai além em sua preocupação por mostrar o que chamaríamos de povo brasileiro (Agnaldo Silva) 159 págs. Cr$ 270,00

Jeferson Ribeiro de Andrade
SENHORAS E SENHORES, A VOZ DO BRASIL
Ref 670

Um repórter-escritor transforma a realidade em matéria de ficção. Este livro é uma ficção reportagem. Jeferson faz-se a testemunha crítica de tempos incertos, angustiados, num gênero testemunhal em que os monólogos e diálogos extraídos da rotina diária dos meses de bares se transformam em verdadeiras assembléias do povo. O livro é feito de contos, quase reportagens vivas, numa narrativa plástica de grande poder criativo. Tratando de coisas do aqui e agora com grande dose de humanidade, de sensibilidade estética recriadora, ficção haurida do real quotidiano." (Mario Arias Perez – Correio do Povo – Porto Alegre) Uma literatura nova e atual 104 págs. Cr$ 180,00

Recorte e envie HOJE MESMO o seu pedido. Ou peça por carta ao REPÓRTER – Rua Miguel Couto, 134 – 11º andar – RIO DE JANEIRO – RJ. – 20.070

NÃO MANDE DINHEIRO AGORA. Você só pagará quando receber a sua encomenda, na Agência do Correio

AO REPÓRTER
Rua Miguel Couto, 134 – 11º andar – RIO DE JANEIRO – RJ. – 20.070
SIM, queiram enviar-me o (s) Livro (s) abaixo assinalado (s)
☐ Ref 1705 ☐ Ref 1640 ☐ Ref 1720 ☐ Ref 670

NOME
ENDEREÇO
CIDADE EST
CEP

ASSINATURA

OFERTA ESPECIAL. Na compra de todos os livros Você não pagará as despesas postais.

Roubou até as cestas de lixo

Eremildo perde o poder na UFRJ e limpa sala na saída

Eremildo Viana, em 1963

Depois de doze anos de ditadura, o professor Eremildo Viana foi derrubado da direção do Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Nesse período ele dedurou 44 professores; alterou o currículo, praticamente eliminando as aulas de História Contemporânea; deixou o prédio ser invadido por ratos e piolhos de pombos, que agora ameaçam a saúde dos que lá estudam e trabalham; e sufocou as manifestações políticas de estudantes e professores.

Eremildo foi substituído por uma mulher, a professora Philomena Gebran (auxiliar de ensino), que vai trabalhar para democratizar o departamento. Antes de sair, Eremildo deu um último golpe: levou todos os móveis – mesas, cadeiras, armários – deixando a sala da direção vazia. Apoderou-se também dos livros, do arquivo e até mesmo das cestas de lixo. Depois desse roubo, Eremildo sofreu nova derrota: foi afastado da pós-graduação de História, sendo substituído pela professora Eulália Lobo, a quem logo depois de 64 dedurara.

A vitória de Philomena Gibran, em reunião plenária dos membros do Instituto de Filosofia (18 a 15) foi imediatamente referendada pelo Conselho Deliberativo por 11 a 1. O único que votou a favor de Eremildo foi ele mesmo. Duas horas depois de derrotado, quando estudantes e professores ainda comemoravam a vitória de Philomena, ele recorreu ao Conselho Universitário alegando que uma auxiliar de ensino não podia chefiar um departamento

Na reunião do Conselho Universitário, Eremildo contou com apoio de professores da Faculdade de Direito e dos ex-reitores Pedro Calmon e Moniz de Aragão (que propôs uma caça às bruxas contra todos os auxiliares de ensino da UFRJ). Mas todos os demais membros do Conselho Universitário votaram a favor da posse de Philomena. Em menos de um mês, Eremildo sofria sua terceira derrota.

Medíocre professor de História da Idade Média, ele começou a ficar conhecido como dedoduro ainda em 1964. Logo depois do golpe, enviou ao general Arcy da Rocha Nóbrega, presidente da recém-criada Comissão de Investigações da Universidade do Brasil, uma lista de 44 professores que fariam parte de uma suposta célula comunista conhecida como Anchieta. Entre os acusados estavam Darcy Ribeiro, Leite Lopes, Eulália Lobo, Maria Yedda Linhares e Manoel Maurício de Albuquerque.

A delação foi considerada pelo general Arcy Nóbrega, encarregado de apurar a "infiltração subversiva" na universidade, uma "solicitude talvez excessiva para um primeiro contato", já que o governo militar estava no poder apenas há um mês e 18 dias. Os professores nada sofreram por falta de provas. Mais tarde, em 1969, alguns deles acabaram, porém, sendo cassados, em nova etapa de caça às bruxas instituída pelo regime militar.

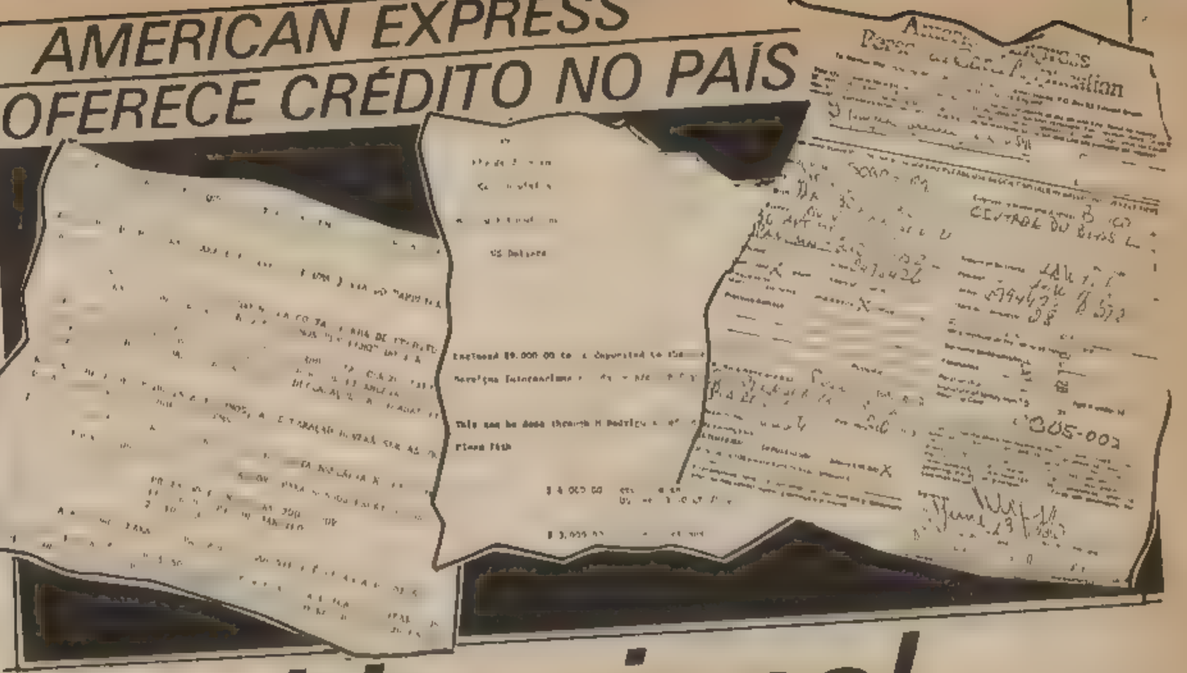
Ironicamente, quem acabou se saindo mal com as atividades da comissão de investigações foi o próprio Eremildo. Ele recebeu a acusação de corrupto e chegou a ser indiciado "por falsificação de recibos e prática de falsidade ideológica durante o período em que exerceu a direção da Faculdade de Filosofia, entre 1957 e 1963".

O relatório da comissão de investigações considerava Eremildo "moralmente incompetente para o exercício de função pública, sobretudo para o magistério". O documento foi enviado à Justiça e ao Ministério da Educação. Mas, devido aos bons serviços prestados por Eremildo ao regime militar, acabou sendo arquivado.

Hoje, Eremildo se diz decepcionado porque fizeram uma revolução "para voltar tudo ao mesmo ponto". E justifica suas atividades de dedoduro dizendo que "procurei servir a meu país, a meu modo".

Celeste Cintra

AMERICAN EXPRESS OFERECE CRÉDITO NO PAÍS



Multinacional do cartão burla Brasil

ALTO ESCALÃO APROVEITA E VIAJA COM MAIS DÓLAR

Há algumas semanas, jornalistas cariocas receberam a denúncia de que milhares de dólares tinham sumido de um cofre-forte do escritório carioca da American Express do Brasil Serviços Internacionais Ltda., filial da maior multinacional de cartões de crédito do mundo. Funcionários brasileiros estavam sendo acusados de ladrões e foram submetidos a interrogatórios humilhantes por detetives particulares. O caso foi, porém, abafado. A empresa não deu queixa do roubo à polícia, pois é ilegal armazenar dólares no Brasil.

A partir desta sacanagem, foi possível descobrir diversas outras irregularidades praticadas pela American Express, cujo escritório está localizado num luxuoso prédio na praia do Flamengo. A multinacional anda oferecendo livremente seus cartões de crédito de uso internacional a cidadãos brasileiros ou a estrangeiros residentes aqui. Acontece que isso é ilegal, pois o Banco Central proíbe que um brasileiro saia do país com mais de 1000 dólares. Mas os felizes possuidores dos cartões da American Express podem contornar essa barreira tranqüilamente. Fazem despesas sem limite lá fora (muito acima dos mil dólares que podem levar) e depois as contas são cobradas aqui. Uma maneira muito prática de burlar a lei.

Para disfarçar essa irregularidade, a companhia utiliza um truque. Exige que o interessado em obter seu cartão tenha conta bancária no exterior. Assim, pode alegar que ele pagou suas despesas com dólares guardados regularmente fora do país (geralmente em contas secretas). Fica muito mais difícil, porém, arranjar uma desculpa para explicar a jogada de emitir cartões, pois isso não está entre as funções permitidas ao escritório da American Express. Mas o governo faz vistas grossas a essa mutreta. Provavelmente porque muita gente importante seria incomodada, caso as atividades da multinacional fossem bloqueadas. Afinal, da lista de donos de cartões com código especial fazem parte o presidente da Empresa Brasileira de Turismo (Embratur), Miguel Colassuono, e um diretor do Banco Econômico, Frank Sá.

Caso respeitasse a lei, a American Express poderia apenas prestar serviços aos estrangeiros portadores do cartão que visitam o Brasil e aos estabelecimentos comerciais (hotéis, restaurantes, lojas, etc) que aceitam o American Express Card. A multinacional deveria, portanto, limitar-se a atender a um ou outro turista que, por exemplo, tivesse perdido seu cartão aqui. Além disso, forneceria aos estabelecimentos filiados as notas de despesa próprias para o devido reembolso, que é feito pela matriz americana através do Banco Econômico, intermediário autorizado para essas operações.

Mas isso é o que a empresa menos faz. Suas atividades mais importantes são oferecer cartões internacionais a brasileiros (já possui cerca de 5 mil clientes), distribuir os formulários de solicitação do cartão e fazer sindicância das informações prestadas pelos interessados. E mais: a filial brasileira da American Express tem autorização da matriz para efetuar a cobrança de clientes, inclusive em dólares. Toda quantia assim obtida é registrada numa conta em nome do presidente da filial, o americano Winifield K. Reynolds.

Dessas cobranças é que vieram os dólares que sumiram dos cofres da companhia. Seus funcionários procuram negar tudo e alegam que foi Reynolds quem levou os dólares, quando saiu de férias. Mas há documentos para provar as mutretas da American Express. Documentos que mostram, aliás, que entre seus clientes estão altos funcionários do Banco Central, como o advogado Diógenes Sobreira. O mesmo banco oficial que deveria ter todo interesse em brecar as atividades da multinacional, para evitar a saída disfarçada de dólares, que só conbribui para alimentar ainda mais a já gigantesca dívida externa brasileira.

Marcelo Fagá

ROCKEFELLER APERTA FIGUEIREDO

O banqueiro americano David Rockefeller veio ao Brasil dar o recado do Fundo Monetário Internacional (FMI) : conter o crescimento da economia e arrochar os salários.

REPORTER

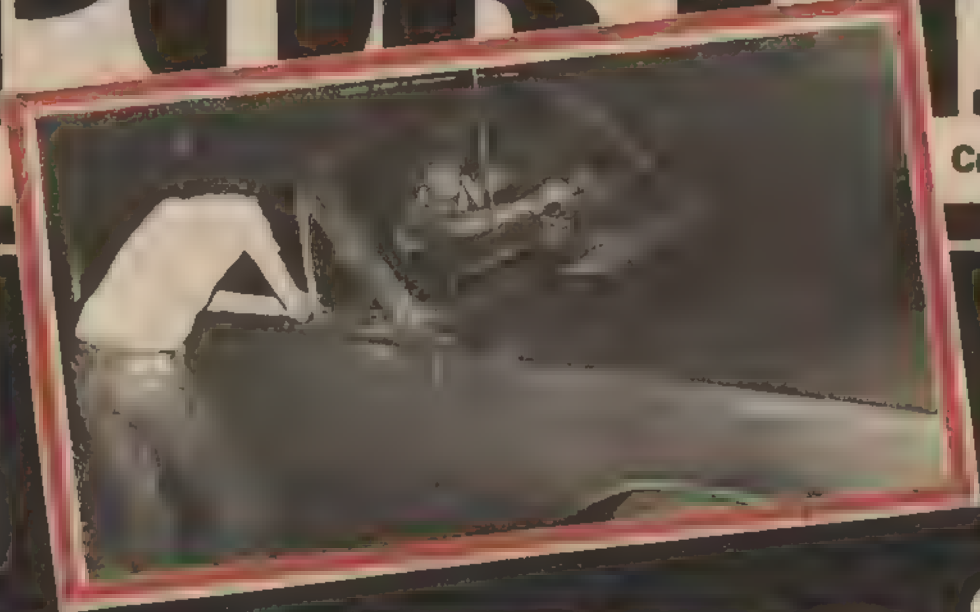
Futebol americano é diferente

AUTÔNOMO INDEPENDENTE

REPORTER

Janeiro de 1981 - ano IV - nº 37

Cr$40,00



Eles são caubóis na noite de Copacabana

ARRAES É CANDIDATO

P.4

PROSTITUIÇÃO DE MENORES

P.18

PROVA DO MODESS NA FÁBRICA PAULISTA

P.15

Na FUNABEM

INTERNO DENUNCIA TERROR DE INSPETORES

P.6

operação sapatão

POLÍCIA ATACA LÉSBICAS

CUIDADO COM A FICHA DO CREDIÁRIO!

SPC trabalha pro SNI

P.3

Delfim vai obedecer

FMI quer desemprego em 81

O ministro Delfim Netto vive negando, mas o Brasil já está conversando na moita com o Fundo Monetário Internacional (FMI) e adotando a política recomendada por esse organismo. A receita é manjada: redução das taxas de crescimento, menos oportunidades de emprego e arrocho salarial. Esse é o panorama já delineado para 81.

Nos próximos meses a situação poderá piorar, pois o Brasil deverá sentar formalmente à mesa de negociações com o FMI para conversar sobre o problema da dívida externa. Para apoiar a política econômica brasileira, o Fundo deverá exigir uma arrocho salarial ainda mais forte e novos cortes nos investimentos. Só assim recomendará aos banqueiros internacionais que façam novos empréstimos ao Brasil.

Nada disso é dito claramente pelo governo, cuja retórica escapista é de que somos um país viável a longo prazo. E daí? A longo prazo todos estaremos mortos e o que a sociedade brasileira quer são soluções para os problemas de agora.

Um governo democrático colocaria os problemas claramente e discutiria com os mais diversos setores da sociedade o que fazer e quem teria que pagar para enfrentar a crise em que estamos metidos até o pescoço.

Aqui, os tecnocratas se limitam a mentir cinicamente e a recomendar que o povo aperte o cinto para pagar por uma crise que não provocou.

O acordo que REPORTER não fez

A reportagem **Descoberto terrorista que ameaçou jornaleiros**, estampada na capa da nossa edição de dezembro, foi também publicada na revista ISTOÉ e no jornal **Movimento** com textos quase idênticos.

A investigação – da qual resultou a denúncia de que o estudante André Luiz Rizzo pichou bancas em São Paulo com o panfleto **Teu pavio está aceso**, da Falange Pátria Nova, exigindo que jornais da imprensa alternativa não fossem mais vendidos – foi, entretanto, iniciativa deste jornal.

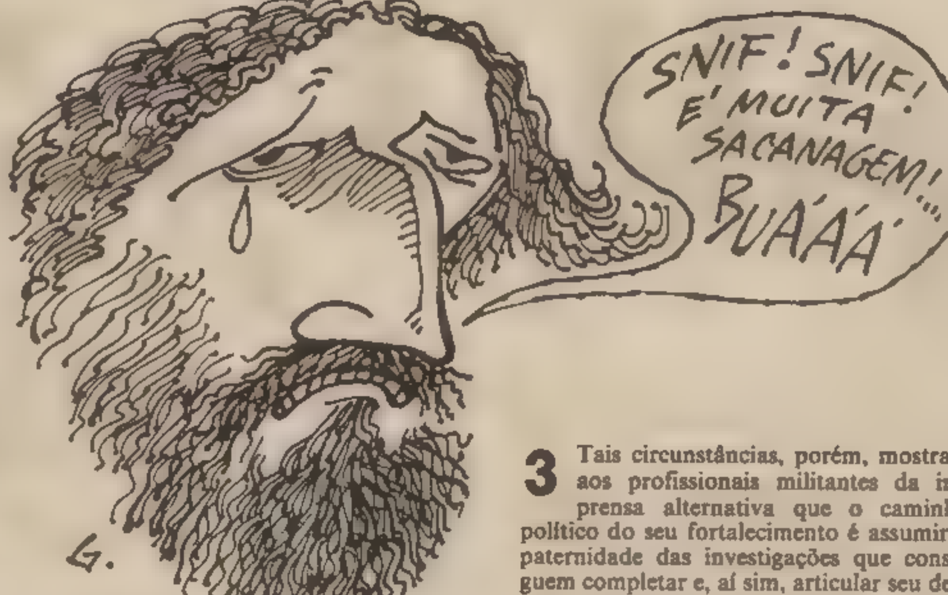
Em setembro, o editor do REPORTER em São Paulo, Alex Solnik, de posse do testemunho de um jornalista, Clayton Netz, que vira Rizzo em ação, chamou o repórter João de Barros e o fotógrafo Bruno Barbosa da Silva, contratando-os, em regime de **free lancer**, para o trabalho e se responsabilizando pelo custeio das despesas decorrentes. Gastou, com isso, mais de Cr$ 15 mil, de acordo com as notas fiscais entregues à redação, e Cr$ 5 mil a título de adiantamento feito a João de Barros.

Para dar maior segurança à importante divulgação que iríamos fazer, Solnik procurou o presidente do Comitê Brasileiro pela Anistia em São Paulo, Luís Eduardo Greenhalg, também advogado deste jornal, para trocar e checar informações. Por sugestão dele, a publicação da matéria ficou na dependência do início de um inquérito sigiloso que a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), seção paulista, realizaria com as informações apuradas pelo REPORTER.

Quando a reportagem estava pronta, o repórter João de Barros e o fotógrafo Barbosa da Silva resolveram vendê-la para a revista ISTOÉ, com a concordância do advogado Greenhalg que, então, retirou a exigência de só publicar algo sobre o terror em São Paulo (houve também um atentado contra o seu próprio escritório) quando a OAB iniciasse sua investigação.

A decisão foi apenas comunicada ao editor Alex Solnik, que não participou de nenhuma das reuniões que a prepararam e tampouco sabia que outros jornais estariam "financiando" a investigação.

João de Barros, criticado por sua atitude, disse que o REPORTER estava exigindo uma exclusividade a que não tinha direito porque, segundo acordo que fizera com Solnik, a matéria seria publicada nos jornais de grande circulação do país e "depois oferecida a todos os jornais da imprensa alternativa". Greenhalg, embora alegasse "ter sido enganado por João de Barros", que lhe afirmou que Alex Solnik "sabia de tudo", confessou que seria mesmo melhor que tão importante revelação fosse feita, primeiro, por uma revista de maior circulação.



Sobre o episódio, temos a declarar

1 Nos últimos anos, apesar da insuficiência de recursos humanos e materiais, a imprensa alternativa foi muito mais criativa, crítica e polêmica do que os jornais de grande circulação que, por conveniência econômica, subordinam a investigação jornalística a seus interesses de grandes empresas. Os jornais alternativos revelaram tanto ou mais fatos importantes, e cuidadosamente escondidos pelo regime militar e pelo anos de censura prévia, do que os grandes jornais. **Movimento**, aliás, é exemplo disso.

2 A vitalidade da reportagem é, portanto, a matéria-prima fundamental de que se alimentam os jornais de menor porte que querem se firmar como alternativa de leitura para o público que os compra. A outra necessidade que têm os **nanicos** é que as denúncias que fazem, repercutam, cheguem a um público ainda maior e sustentem pressões que contribuam para modificar situações existentes. Isso é difícil porque, muitas vezes, os jornais de maior circulação não têm interesse em dar eco a certas revelações incômodas ao poder ou botar azeitona na empada de quem levantou a lebre.

3 Tais circunstâncias, porém, mostram aos profissionais militantes da imprensa alternativa que o caminho político do seu fortalecimento é assumir a paternidade das investigações que conseguem completar e, aí sim, articular seu desdobramento. Interessa não só repercutir a matéria, mas o próprio jornal, demonstrar que foi ele quem quis e pôde tomar os riscos da reportagem.

4 A revelação, assim associada à iniciativa do jornal alternativo, contribui para mudar algo e para fazer crescer a publicação, que aparece como veículo respeitável, responsável, confiável. Apenas a força da reportagem pode ampliar o raio de alcance dos jornais de oposição

5 Quem, a pretexto de **raciocínio político**, alega que em certas ocasiões matéria trabalhada por e para jornal nanico deve ser publicada na imprensa diária, está sendo imediatista, se ilude. Não se trata de repercutir apenas o conteúdo da reportagem; trata-se de repercutir a capacidade que um jornal, um setor qualquer da Oposição, teve de investigar, procurar, descobrir – o que, diante da pobreza de seus meios, já é uma vitória.

6 Acordos para publicação conjunta de matérias são importantes. Depende de como sejam feitos. Depende basicamente, para ser acordo, que as partes envolvidas estejam cientes do que negociam e avaliem seus interesses. Em diversas ocasiões, REPORTER fez acordos com jornais de grande circulação para divulgação de reportagens que iria publicar, desde que o crédito da iniciativa lhe fosse concedido e que a publicação fosse feita no mesmo dia. Entre jornais de oposição são possíveis também tais entendimentos, assim que a importância das matérias justifique. Aí também, entretanto, os diferentes níveis de participação no trabalho comum devem ser ressaltados e creditados.

7 Não se tratava disso, no caso em questão. Em nenhum momento o repórter João de Barros e o advogado Greenhalg disseram o que pretendiam fazer ou discutiram suas intenções com o editor Alex Solnik. Apenas o driblaram com negaceios. Não houve acordo porque o jornal que tomou a iniciativa da investigação, o REPORTER, sequer foi consultado sobre o propósito de divulgá-la em cadeia.

8 O repórter e o advogado, para não ficarem mal, inventaram na última hora uma justificativa que desse racionalidade política à atitude impensada que fere qualquer ética de comportamento profissional, e ainda se esquecem da indispensável seriedade que deve pautar as relações entre pessoas.

9 Dizer que, depois de publicada na revista ISTOÉ, a reportagem estaria à disposição dos jornais alternativos é pilhéria. Ela estaria também à disposição de quem a comprasse na banca e, a não ser que outra publicação resolvesse copiá-la, não vemos como aproveitá-la. Ao contrário, se publicada no REPORTER, outros jornais e revistas de circulação maior poderiam repercutir as revelações, contribuindo para que as pistas que elas abrem fossem realmente examinadas

O presidente do Comitê Brasileiro pela Anistia em São Paulo e o repórter João de Barros, que quer ser um verdadeiro jornalista, já deveriam ter aprendido, pelo exercício de suas profissões e de suas posições que, sem integridade pessoal, ninguém está apto ao contundente exercício político de dizer e defender a verdade.

REPORTER

EDITORES — Alex Solnik, Luiz Alberto Bettencourt, Pipel (Arte)
[illegible]
REPORTAGEM — Rio de Janeiro: Tim Lopes. São Paulo: Rivaldo Chinen, Sílvio de Souza, Hélio Beik, Teresa Moreira. Recife: Eduardo Homem, Beth Sagueiro. Salvador: Marilúce Moura
FOTOGRAFIA — Rio de Janeiro: Chiquito Chaves, Rogério Carneiro. São Paulo: Wagner Avancini, Eliana Pastore, Valdenir Benedetti. Recife: Valdir Afonso, Xirumba
ARTE — Analuce Estrella, Guidacci
CIRCULAÇÃO — Simeão Marques
PUBLICIDADE — Keline Keller (Rio), Isaias Justo Reis (São Paulo)
DEPARTAMENTO JURÍDICO — Luís Celso Araújo
REPORTER Autônomo Independente é uma publicação da MARGEM S.A. EDITORA E GRÁFICA. Rio de Janeiro: rua Miguel Couto 134/11º, tel. 253-5036, 253-5077. São Paulo: rua do Seminário 155/sala 30, tel. 227-7175. Recife: Av. Conde da Boa Vista 121/Grupo 707, tel.: 222-[illegible]
Composição: Editora Mory, rua do Resende 65 e Inúbia Editorial e Industrial S.A., rua André Cavalcanti 56 — RJ
Impressão: Cavaliere Publicações Editora Gráfica Ltda. Tel.. 231-2912 (Jornal Hoje) — RJ

Chagas ordena

PRIORIDADE DO ESTADO E DO MUNICÍPIO É ELEGER MIRO EM 82

- Diretor de órgão público que não obedecer será demitido
- Mudança no secretariado para evitar "resistências"
- Conclusão do trecho Botafogo-Tijuca ainda este ano
- Prefeitura será obrigada a investir na zona rural

O governador Chagas Freitas determinou a todos os órgãos públicos do Estado do Rio de Janeiro que, a partir de janeiro, atendam, com prioridade, as reivindicações dos políticos – 17 deputados federais, 47 estaduais, prefeitos e vereadores – que estão trabalhando na campanha do deputado Miro Teixeira (Partido Popular - PP) à sua sucessão, em 1982

Espera-se para março uma mudança no secretariado estadual. Serão substituídos os secretários que resistem à interferência da máquina eleitoral do chaguismo na administração pública. Outra conseqüência da decisão de Chagas Freitas: será considerada como investimento prioritário em 1981 a conclusão da linha 1 (que liga Botafogo à Tijuca) do metrô. Após insistir junto ao governo federal para que assumisse os ônus da linha 1, Chagas resolveu mudar sua estratégia em relação ao metrô. É que até as eleições de 82 o metrô poderá se tornar mais uma fonte de votos para o Partido Popular. Com a operação do trecho Botafogo-Tijuca, 700 mil pessoas viajarão diariamente, com conforto. O retorno eleitoral compensaria os gastos de mais de Cr$ 3 bilhões com o metrô – verba que Chagas tinha reservado para aplicar na campanha de Miro Teixeira.

Foto Chiquito Chaves — Foto Custódio Coimbra

Chagas e Miro, o herdeiro

O Palácio Guanabara pretende entregar a políticos ligados ao esquema de Miro Teixeira as Secretarias de Agricultura e Justiça, dando à última um objetivo definido: construir, em dois anos, dois presídios pequenos no interior do Estado.

O ex-prefeito de Campos, José Carlos Vieira Barbosa, assumirá a vaga de Edmundo Campelo Costa na pasta da Agricultura. Barbosa é um dos mais poderosos **caciques** no norte fluminense, região densamente povoada e com o segundo maior eleitorado do Estado.

Os deputados federais Márcio Macedo e MacDowell Leite de Castro disputam a Secretaria de Justiça, cujo titular, deputado Erasmo Martins Pedro, acaba de ser nomeado para o Tribunal de Contas. A substituição de José Machado Costa na presidência da Fundação Leão XIII é fato consumado. Miro já se queixou mais de uma vez a Chagas das dificuldades que Machado Costa vem criando ao PP. A fundação é fundamental, do ponto de vista eleitoral, porque presta assistência social às favelas e populações carentes.

Também se cogita da substituição do secretário de Saúde, Sílvio Barbosa da Cruz, que, embora amigo de Chagas, tem sido obstáculo para o livre acesso dos políticos do PP aos ambulatórios do Estado. O grande sonho dos chaguistas é trocá-lo pelo médico Nova Monteiro, atual diretor do Hospital Miguel Couto.

No primeiro escalão, as substituições já começaram: o coronel Walter Bianchi foi demitido do Detran porque reagiu contra interferências no órgão. O novo diretor-geral, coronel Caldas Neto, foi indicado para o cargo pelo secretário de Transportes, Adhyr Veloso, fiel colaborador do governador.

Também a Prefeitura do Rio terá que participar mais ativamente da campanha de Miro. As Secretarias de Obras e Desenvolvimento Social já receberam recomendação para modificar seus planos de investimentos para 1981. Chagas Freitas e Miro Teixeira querem aplicar recursos em urbanização de favelas e em melhoramentos nos bairros da Zona Rural, onde se concentram mais de 20% dos votos da cidade.

Com essas providências, o comando chaguista espera superar a apatia dos secretariados estadual e municipal em relação à campanha de Miro para governador. Uma coisa é certa, informa fonte do Palácio Guanabara: o governador não vai tolerar eventuais resistências de seus auxiliares. Quem não cumprir as ordens será imediatamente substituído.

Ficha do consumidor vai às agências de repressão política

SPC TRABALHA PRA POLÍCIA E SNI

Um complexo sistema de processamento de dados e controle com 10 milhões de fichas (nome, endereço, filiação, renda, conceito bancário, etc) transformou o Serviço de Proteção ao Crédito (SPC) num dos mais eficientes centros de informação de todo o país. A constante atualização de seus cadastros, além de devorar a dignidade dos que não pagam seus crediários em dia, serve ainda à polícia – que deseja saber o passado de algum suspeito – e ao Serviço Nacional de Informações, órgão responsável por boa parte das prisões políticas efetuadas depois de 1965.

O consumidor, quando preenche aquela minuciosa ficha que o habilita (ou não) a comprar uma mercadoria qualquer a crédito, não imagina que as informações poderão, um dia, ser analisadas, não apenas pela polícia, mas também pelos órgãos de repressão política do governo, como o Doi-Codi, Dops, Deops, etc. O risco é sério, em especial para os homônimos (pessoas com nomes iguais).

O Serviço de Proteção ao Crédito, segundo seus diretores, tem, entretanto, o maior cuidado para não causar dissabores à pessoa errada. Quando os dados de uma consulta sobre alguém não coincidem integralmente com as informações da ficha que tem em seus cadastros, o SPC responde: "Temos ficha negativa com igual nome, mas com os seguintes dados" – e os enumera.

Cabe então ao órgão que solicitou os dados verificar, mediante outras informações, se a pessoa procurada é ou não a que está sendo investigada. Já a polícia e o SNI não foram tão escrupulosos. Prendiam todos os "suspeitos", e estes é que tinham que comprovar que eram inocentes.

Os computadores do SPC atuam em estreita colaboração com um outro órgão, o Serviço Cadastral de Informações (SCI), que no Rio é subordinado ao Clube dos Diretores Lojistas. Em São Paulo, a ligação é com a Associação Comercial. Para um ex-diretor do SPC, Kurt Leonard, um alemão naturalizado brasileiro conhecido como **Tio Kurt**, o órgão não pode ser responsabilizado pela veracidade ou pela utilização final dos dados que coleta:

– Somos uma cooperativa, ou melhor, um robô que recebe e manipula informações cedidas pelos clientes. Nada mais.

Essa colaboração com o Serviço Cadastral de Informações permite ao SPC fornecer em menos de 10 minutos informações detalhadas não só sobre pessoas físicas, mas também a respeito de empresas (pessoas jurídicas). Quanto à pessoa física, a ficha completa fornece seu nome, endereço, filiação, nível de renda, imóveis que possui, participação em empresas, experiência comercial e industrial, conceito bancário e notas desabonadoras sobre sua idoneidade financeira.

No caso das pessoas jurídicas, a ficha completa consiste na apuração da data de sua organização, ramo de atividade, capital, nomes dos diretores, ligações com outras empresas (direta e indiretamente), idoneidade comercial e idoneidade financeira. Além disso, o SPC faz sindicâncias junto aos fornecedores da empresa.

O raio de atuação do SPC atinge todo o país através de convênios com SPCs locais. Poucos dos que compram a crédito escapam de sua vigilância. Embora seus diretores procurem apresentar a atividade do órgão como absolutamente inocente, dizendo que ele "não faz nada por vontade própria, apenas transmite dados", quando preencher sua fichinha para comprar alguma coisa a crédito, lembre-se de que um dia esses dados poderão ir parar em mãos muito desagradáveis e perigosas...

NOVO PROJETO FAVORECE PDS

Governo faz plano pra enganar eleitor em 82

Para garantir a eleição da maioria dos governadores e formar uma bancada parlamentar expressiva, o governo federal vai enviar no próximo ano ao Congresso um projeto de lei introduzindo profundas alterações no sistema eleitoral. Entre elas, a adoção do voto distrital e da sublegenda para governador, a instituição do voto vinculado e a extinção do voto de legenda. Mantidas as atuais regras eleitorais, os partidos de oposição venceriam o pleito de 1982. O fracasso do modelo econômico, a inflação galopante e o processo de abertura limitado desgastaram o regime e seu partido, o PDS. Então, para o governo, chegou a hora de mudar o sistema eleitoral. Valorizando os votos do interior do país através de artifícios como o voto distrital e o voto vinculado, o PDS poderia equilibrar as eleições no Sul do país e continuar majoritário no Norte e no Nordeste. Para que o eleitor não seja iludido pela propaganda oficial, que vai justificar as reformas alegando que visam ao aperfeiçoamento do sistema eleitoral, REPORTER explica a seguir como seriam as eleições de 1982 se o Congresso aprovasse o pacotão do governo.

Voto distrital puro — o país seria dividido em tantos distritos eleitorais quantas forem as cadeiras a serem preenchidas no Parlamento. Em cada distrito, os partidos têm o direito de inscrever um candidato. Será vitorioso o que tiver maior número de votos.

A adoção desse sistema reduziria bastante a eleição de deputados pelo eleitorado de esquerda, cujos votos, em geral, são espalhados pelos principais centros. Nesse caso, não há votos de cabresto e a mensagem eleitoral é eminentemente ideológica. O grande beneficiado com a medida seria o PDS, que se mantém de pé graças ao clientelismo político e aos votos do eleitorado rural e dos pequenos centros do interior. Com o voto distrital, o município do interior passa a ter o mesmo peso eleitoral da capital do Estado.

Voto distrital misto — divide-se o país em distritos, que representam a metade das cadeiras a serem preenchidas no Parlamento. Assim, metade das vagas continuaria sendo preenchida pelo atual sistema de voto proporcional.

Essa fórmula produziria menos efeitos negativos para a Oposição, pois se teria certeza de que, pelo menos na eleição proporcional, as chances oposicionistas seriam maiores do que as do governo. Além disso, embora parcialmente, seria preservado um espaço para a eleição de deputados com votos de esquerda. Para o governo, é interessante o voto distrital misto porque seu partido já entra na eleição com possibilidades de conquistar a maior parte das vagas nos distritos.

Sublegenda para governador — cada partido poderia concorrer aos governos estaduais com até três candidatos.

A medida visa exclusivamente a resolver os problemas do PDS nos estados em que vários de seus grupos políticos disputam a indicação do candidato a governador. Teria um efeito negativo nos partidos oposicionistas: poderia estimular a luta interna para a escolha dos candidatos.

Voto vinculado — o eleitor seria obrigado a votar em candidatos do mesmo partido para vereador, deputado estadual, deputado federal, prefeito, senador e governador.

Como em muitos municípios as disputas locais pesam mais do que as questões nacionais, o governo quer forçar o eleitorado — principalmente o do Norte e do Nordeste, que vota preferencialmente nos candidatos do partido do governo a vereador e prefeito — a apoiar o PDS aos demais postos eletivos. Essa manobra prejudicaria bastante a Oposição, cuja votação poderia ser superior à do governo nas eleições majoritárias (senador e governador)

Extinção do voto de legenda — o eleitor não votaria mais no partido, e sim em listas de candidatos indicados pelas agremiações

É a manobra mais evidente do governo. Quer apagar da memória popular a sigla do PDS. Assim, o eleitor seria convencido a votar em nomes, sem se lembrar de que por trás dele está um governista ou um oposicionista. É provável que esse sistema não seja adotado, para que o governo possa se beneficiar do artifício do voto vinculado.

A concepção de todo o novo **pacotão** é, em sua maior parte, do ministro Golbery do Couto e Silva, um veterano e competente profissional do ramo

PMDB vai lançar Arraes para deputado federal

Marcos Freire para governador de Pernambuco, Jarbas Vasconcelos para prefeito do Recife e Miguel Arraes para deputado federal. Esta é, mais que provavelmente, a linha de frente a ser armada pelo PMDB pernambucano para as eleições de 1982. Se até lá a escolha dos prefeitos das capitais continuar prerrogativa do governador eleito, Jarbas deverá se candidatar a deputado federal, engordando de votos a legenda do seu partido, para depois ser indicado prefeito do Recife

Foto Wagner Avancini

Miguel Arraes

A vaga do Senado caberá provavelmente a um membro do PDT, o partido de Brizola, dentre os quais destaca-se a figura do banqueiro, usineiro e industrial Armando Monteiro Filho, ex-ministro da Agricultura de Juscelino e membro do antigo MDB desde sua criação. Armando Monteiro, apesar de não ser tão bom de voto quanto outros oposicionistas pernambucanos, é mais rico que todos juntos, fator da maior importância em uma campanha majoritária contra o esquema que certamente o governo federal irá armar para o PDS fazer o sucessor do governador Marco Maciel.

Além do mais, Pernambuco é talvez o único estado do país em que a coligação dos partidos oposicionistas está praticamente formada. Do PTB da gorda Ivete Vargas ao PT do Lula, ambos partidos nanicos em Pernambuco, passando pelo PP de Thales Ramalho e pelo PDT, todo mundo apóia Marcos Freire para o governo. Nenhum desses partidos teria uma alternativa que não provocasse risos, e o único que dispõe de quadros de boas possibilidades eleitorais é o PDT. Daí a possibilidade de da candidatura de Armando Monteiro para o Senado. De resto, algumas prefeituras sem grande importância talvez fiquem com o PP, restando ao PTB e ao PT brigarem pelo 3% dos votos do estado para garantir seu registro definitivo como partido político.

Quanto a Arraes, sua posição causa polêmica. Muita gente do PMDB gostaria que ele fosse para Brasília ou São Paulo, "onde teria projeção nacional", o que é uma forma educada de dizer que ele, em Pernambuco, está atrapalhando porque gasta mais tempo com seu escritório político particular do que com o partido, acompanha Jarbas e Freire nos comícios, mas disfarça pouco sua atitude francamente hostil ao candidato das oposições ao governo estadual. É que, segundo membros do partido, ele ainda pensa em se candidatar a governador. Ele não fala sobre o assunto, diz que a convenção pode escolher qualquer nome, e seus auxiliares negam até mesmo que ele tenha essa pretensão.

Tenha ou não, a verdade é que ele não considera Freire como a melhor opção para suceder o atual governador Marco Maciel (PDS). Depois, entretanto, que o presidente nacional do PMDB, Ulysses Guimarães, afirmou que Marcos Freire "será o candidato das oposições", resta a Arraes trabalhar para poder influir no programa e na linha de atuação do provável futuro governador de Pernambuco.

Eduardo Homem

SANDRA CRIA PDC PRA NEGOCIAR VAGA NO SENADO

Sandra Cavalcanti quer governar o Rio. Ex-udenista, golpista em 1964, braço direito de Carlos Lacerda na remoção criminosa de várias favelas da Zona Sul para a periferia, Sandra tem dois trunfos 1.016.228 votos, ganhos quando disputou (e foi derrotada) uma cadeira para o Senado em 1978, e sua coluna no jornal **Ultima Hora**, *que não tem medido esforços para agradar o eleitorado conservador*

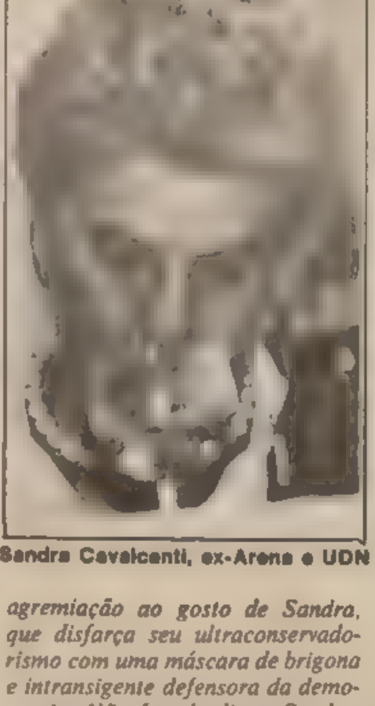
Por seu apoio ao golpe de 1964 ao lado de Lacerda e da União Democrática Nacional (UDN). Sandra foi presenteada com a presidência do BNH Ficou pouco tempo no cargo. A causa de sua saída foi uma rumorosa briga com o então ministro do Planejamento, Roberto Campos. Voltou à vida política, elegeu-se deputada pela Arena (hoje PDS) e, novamente, entrou em conflito com líderes do governo

Dessa vez, os alvos foram o ex-governador Faria Lima e o ex-prefeito Marcos Tamoyo, responsáveis, segundo Sandra, por sua derrota nas eleições de 78. Concorrendo ao Senado, ela perdeu a vaga para Nélson Carneiro, candidato do extinto MDB, que obteve mais do dobro de seus votos.

Incompatibilizada com o PDS, Sandra dedicou os últimos meses à procura de uma legenda que garantisse seus sonhos de poder. No PP, foi rechaçada. Lá já tem cacique demais. No PTB, a história se repetiu. A alternativa foi o PDC (Partido Democrata Cristão) É uma agremiação ao gosto de Sandra, que disfarça seu ultraconservadorismo com uma máscara de brigona e intransigente defensora da democracia. Não é nada disso. Sandra, como o PDC, é contra a reforma agrária, contra a estatização dos setores mais importantes da economia e a favor do capital estrangeiro

Fotos Chiquito Chaves

Isto é o PDC: antigo, conservador e sonolento. A foto é da convenção



Sandra Cavalcanti, ex-Arena e UDN

O PDC, fundado em 1960, tem suas origens numa dissidência de direita, da ex-UDN, famosa por seu conservadorismo Como o partido agora é inexpressivo e seus adversários (Brizola ou Saturnino Braga e Miro Teixeira) são muito fortes, tudo indica que Sandra está querendo fazer uma barganha eleitoral com o PP, PDS ou PTB. Dá seus votos (que dificilmente passariam dos 500 mil, numa eleição para governador) e negocia uma vaga para o Senado; ou então a de vice-governador. Nada está bem claro. Só o sonho de poder de Sandra Cavalcanti, que tem 50 anos, acalentado desde 1976, quando ela, então deputada, se iludia acreditando que haveria eleições para governador em 1978

Detalhe: os partidos em que Sandra Cavalcanti militou sempre contribuíram para aumentar a exploração do povo brasileiro; a ex-UDN e o ex-PDC apoiaram a candidatura Jânio Quadros, o maior fiasco da história do país; a Arena foi o sustentáculo da ditadura militar

Investigação prova:

Militar domina cargos públicos no Brasil

Quase duas décadas após o golpe de 1964, os militares brasileiros continuam dominando praticamente todos os setores da vida pública. Levantamento realizado pelo REPORTER revela que são militares 8 dos 26 governadores de Estados e Territórios, 17 dos 22 secretários de Segurança e 6 dos 17 ministros civis. Pelo menos 50 cargos executivos de órgãos federais são ocupados atualmente por coronéis e generais.

REPORTER pesquisou apenas a presença de oficiais das Forças Armadas, da ativa ou da reserva, no primeiro e no segundo escalão de órgãos públicos. Há, seguramente, quase duas centenas de militares atuando em outras áreas da administração. Um exemplo: por determinação do Serviço Nacional de Informações, todas as assessorias de segurança e informações dos ministérios e das empresas estatais são, obrigatoriamente, chefiadas por oficiais graduados (de major a general). Também não é novidade que outros tantos militares ocupam postos de direção na iniciativa privada.

Embora 35% dos governadores tenham formação militar, a pesquisa mostrou que são poucos – apenas dois – os prefeitos de capitais saídos da caserna: o do Rio, comandante Júlio Coutinho, e o de Campo Grande (MS), sargento da reserva e deputado federal Levy Dias.

Dos governadores, são militares da reserva o do Paraná, Ney Braga (general-de-brigada); do Ceará, Virgílio Távora (coronel); do Distrito Federal, Aimé Lamaison (coronel); do Pará, Alacid Nunes (coronel); do Amapá, Aníbal Barcellos (coronel); de Roraima, Otomar de Souza (brigadeiro); de Rondônia, Jorge Teixeira (coronel); e de Fernando de Noronha, Gastão de Carvalho (coronel).

Os ministros civis que são militares: o coronel Cesar Cals, das Minas e Energia; o coronel Haroldo Corrêa de Mattos, das Comunicações; o general (da ativa) Rubem Ludwig, da Educação; o coronel Mário Andreazza, do Interior; o general Golbery do Couto e Silva, do Gabinete Civil; o general (da ativa) Octavio Aguiar de Medeiros, do SNI. É bom lembrar que o secretário particular do general-presidente João Baptista de Figueiredo é o ex-major Heitor Aquino Ferreira. E que seu assessor especial é o coronel Paiva Chaves.

São bacharéis em Direito apenas cinco secretários de Segurança – os de São Paulo, Pernambuco, Sergipe, Rio Grande do Norte e Amazonas. Não se pode esquecer também que os comandos das Polícias Militares estaduais são exercidos por oficiais do Exército.

O MEC é quase um quartel

Entre os setores governamentais, o de Educação é o que registra a maior presença de militares, a começar pelo ministro-general Rubem Ludwig. Substituiu recentemente o professor Eduardo Portella. Seu secretário-geral é o coronel Sérgio Pasquali, ex-presidente da Fundação Rondon. Outros órgãos do MEC dirigidos por militares: Conselho Nacional de Desportos, general Cesar Montagna de Souza; Secretaria de Educação Física, coronel Péricles Cavalcanti; Comitê Olímpico Brasileiro, major Sílvio Padilha; Comissão Nacional de Moral e Civismo, general Adolfo João de Paula Couto. Das 10 confederações filiadas ao CND, duas são presididas por generais – as de Hipismo e Boxe; três por coronéis – as de Esgrima, Tiro e Atletismo; e uma por almirante – a de Iatismo. Vale lembrar que a Academia Brasileira de Letras tem entre seus **imortais** o general Lyra Tavares, ex-ministro do Exército na Junta Militar de 1969.

O setor de Minas e Energia também é dominado por militares. O marechal Adhemar de Queiroz e o general Araken de Oliveira fazem parte do Conselho de Administração da Petrobrás. A Eletrobrás e a Itaipu Binacional são presididas pelo general Costa Cavalcanti. A Norquisa (ligada ao setor petroquímico) está nas mãos do ex-presidente Ernesto Geisel. O presidente do Conselho Nacional do Petróleo é o general Oziel Almeida Costa. Há vários oficiais do Exército como diretores-administrativos de empresas estatais. Exemplos: o coronel Alzir Nunes Gay, em Furnas Centrais Elétricas; o general José Pinto Rabello, ex-comandante do I Exército, na Nuclebrás; o general Evandro de Souza Lima, na Eletrobrás; o coronel Antônio João, no Metrô do Rio.

Três órgãos federais na área de Abastecimento são controlados por militares: a Sunab, pelo general Glauco de Carvalho; a Cibrazem, pelo coronel Sally Szajnferber; e a Cobal, pelo coronel Antônio Salles Leite. Todos os delegados regionais desses órgãos são coronéis da reserva. A Comissão de Criação de Cavalos é presidida pelo general Alcy Jardim de Mattos, irmão do ministro da Aeronáutica, Délio Jardim de Mattos.

No setor de Comunicações, foram constatados três casos: a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos é chefiada pelo coronel Adwaldo Boto; a Telebrás, presidida pelo general José Antônio Alencastro e Silva; e a Telerj, dirigida pelo coronel Nélson Souto Jorge.

Dois generais de quatro estrelas – Fernando Bethlem e Samuel Alves Corrêa – foram nomeados embaixadores por Figueiredo. Bethlem chefia a embaixada em Assunção, no Paraguai, e Alves Corrêa, a representação diplomática em Bagdá, no Iraque.

Na área de Transportes, congestionada de militares no governo Geisel, a situação se alterou. São poucos os órgãos por eles orientados. A Rede Ferroviária Federal é presidida pelo coronel Carlos Aloísio Weber, enquanto o Detran fluminense está entregue ao coronel João Francisco Caldas Neto. Já o secretário de Transportes do Estado do Rio de Janeiro é o comandante Adhyr Veloso de Albuquerque.

Na Fazenda, há o caso único do coronel Walter Perachi Barcellos, diretor do Banco do Brasil há dez anos. No Ministério do Interior, destaca-se o coronel Nobre da Veiga, presidente da Funai. A administração do garimpo de Serra Pelada está entregue ao major Luchini, também conhecido como Curió. As agências regionais do SNI também são comandadas por oficiais do Exército.

Até no Congresso os militares podem ser encontrados. O líder do PDS no Senado e virtual presidente da Casa no próximo biênio é o coronel Jarbas Passarinho. Preside a Comissão de Segurança Nacional da Câmara o general-deputado Alípio de Carvalho, do PDS paranaense. Transformados em deputados, lá estão o coronel Antônio Erasmo Dias, ex-secretário de Segurança de São Paulo, e o marechal Paulo Torres, ex-governador do antigo Estado do Rio.

Citadas TV-Globo, Rádio e TV Gaúcha, Zero Hora e Hora do Povo

III Exército pede que anunciante boicote "imprensa comunista"

JORNALISTAS PROTESTAM E MINISTRO EVITA RESPONDER

No dia 26 de agosto deste ano, diversos empresários, insistentemente convidados, compareceram ao quartel-general do III Exército, em Porto Alegre. Estavam lá também políticos, entre eles o prefeito da capital gaúcha e o governador do Estado. Durante duas horas assistiram a um painel sobre o "avanço do marxismo internacional", apresentado pelo general Sebastião Castro e dois outros oficiais superiores.

Os militares procuraram mostrar que os movimentos de reivindicação operária e a cobertura feita pela imprensa "fazem parte de uma conspiração comunista internacional", cuja finalidade é "desestabilizar o regime e criar um clima de confusão propícia para, num segundo momento, tomar o poder e acabar com a iniciativa privada, num regime filiado a Moscou".

Segundo um dos empresários presentes, os expositores usaram a técnica da "lavagem cerebral" e repetiram diversas vezes: "Os senhores precisam entender que são os financiadores dessa imprensa comunista. É preciso tomar consciência disso e deixar de ser ingênuo".

Alguns empresários não esqueceram e revelaram o fato a jornalistas. E, assim, o painel chegou ao conhecimento da Federação Nacional dos Jornalistas Profissionais, que o denunciou em carta encaminhada ao ministro do Exército, general Walter Pires, no dia 29 de outubro.

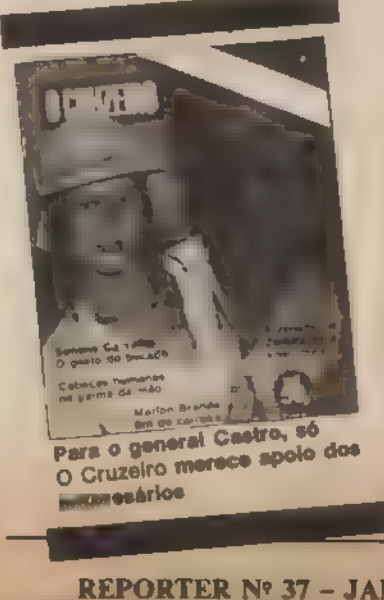
Durante a exposição, os oficiais do III Exército, então chefiado pelo general Antônio Bandeira, criticaram a TV-Globo (novela **Chega Mais**), o jornal **Zero Hora**, a Rádio e TV-Gaúcha e o semanário **Hora do Povo**. A edição de 23 de agosto do jornal **Zero Hora** foi dissecada pelos expositores, em especial o general Sebastião Castro. Ele quis provar que havia vinculação entre a notícia da chegada do presidente argentino, Jorge Rafael Videla, e dois outros artigos que tratavam do nazismo e do espancamento de populares pela Brigada Militar de Porto Alegre. O objetivo era ligar Videla ao nazismo e à estrutura militar interna do Brasil.

Ao final do painel, os visitantes foram conduzidos para outra sala, onde havia um mural exibindo jornais da imprensa alternativa e páginas de revistas masculinas, com fotos de mulheres nuas. Para o general Sebastião Castro, a publicação que merecia o apoio dos empresários era a revista **O Cruzeiro**, da qual exibiu um exemplar e que qualificou de "publicação séria, não comunista". Na mesma hora, dois cidadãos que participaram da reunião e do almoço realizado logo depois se apresentaram para faturar publicidade para a revista. Acabaram acertando alguns anúncios, entre eles das empresas Adubos Trevo, Macroatacado Ughini e Banco Iochpe de Investimentos.

O painel não foi a primeira ação de oficiais do III Exército contra a imprensa para "mostrar" que boa parte dos meios de comunicação tem ligações diabólicas com o comunismo da União Soviética.

No dia 27 de agosto, em homenagem prestada ao Exército pela Federação das Associações Comerciais do Rio Grande do Sul por ocasião da passagem do Dia do Soldado, o general Bandeira voltou a atacar a imprensa. Dois dias depois foi a vez do general Sebastião de Castro. Na solenidade de recepção do fogo simbólico, o comandante da 3ª Região Militar, sediada em Santa Maria, malhou a imprensa de maneira geral e o humorismo político em particular por estar sempre "instilando o sentimento de descrédito da classe política e até mesmo autoridades, sempre apresentadas como corruptas e caricatas".

O documento encaminhado pela Federação dos Jornalistas ao ministro do Exército foi protocolado no Ministério, em Brasília, em meados de novembro. O general Walter Pires, embora procurado insistentemente por representantes da Federação, negou-se a receber os jornalistas durante dois meses. Diante disso, só restou o recurso de protocolar o documento, para comprovar oficialmente sua existência e tornar impossível qualquer alegação de que as atividades dos oficiais do III Exército eram desconhecidas dos superiores.



Para o general Castro, só O Cruzeiro merece apoio dos empresários

6 menores denunciam terror dos inspetores e dão nomes

TORTURA NA FUNABEM

Inspetores da Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor no Rio, torturam internos surrando-os com canos de plástico e porrete que visam a cabeça e os olhos, improvisando paus-de-arara nas balizas das quadras de esporte e submetendo-os a relações homossexuais. Um menor morreu asfixiado numa cela. A Fundação afastou o inspetor Luís Carlos de Lima, mas readmitiu outros, expulsos por tortura na administração anterior, e tenta esconder o sistema de terror de suas escolas. A Liga Brasileira de Direitos Humanos quer processar os culpados.

Reportagem de Tim Lopes
Fotos de Chiquito Chaves e Rogério Carneiro

Juiz ouve tudo e não examina as vítimas

Dos seis menores que foram torturados e seviciados na escola João Luiz Alves, da Funabem, na Ilha do Governador, no dia 7 de novembro passado, quatro contaram para o juiz de menores do 2º Ofício, Alberto Craveiro, nos mínimos detalhes, o sofrimento por que passaram nas mãos dos inspetores da instituição.

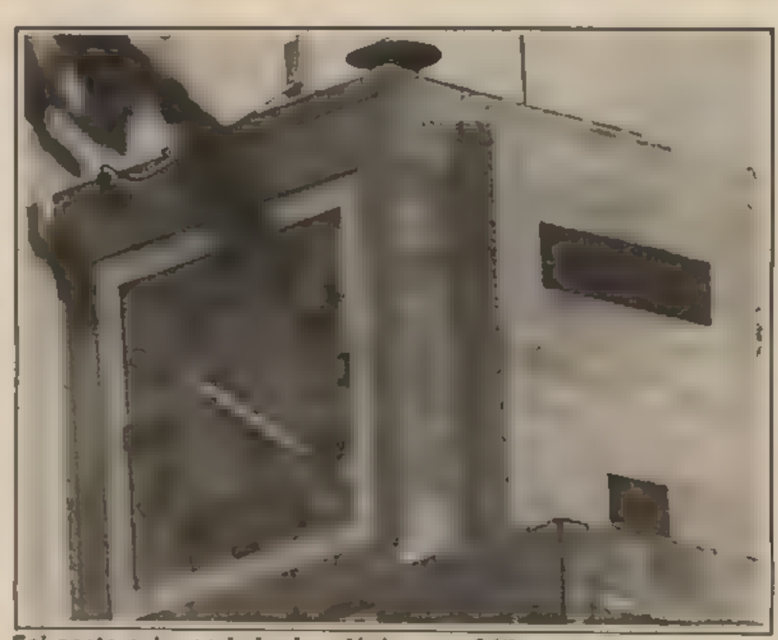
Os depoimentos foram tomados quase um mês depois quando, com certeza, as marcas dos espancamentos já não eram visíveis. Mesmo assim os menores R. M., E. L. S., C. A. M. e A. R. S., que não foram encaminhados a exames de corpo delito, afirmaram ao juiz que o inspetor Luís Carlos Lima foi quem mais bateu. Os inspetores Gilsão, Batista e Paulinho Verone assistiram às torturas e impediram que os menores tentassem fugir da sala. Os depoimentos estão no inquérito nº 2210/80, guardado nos arquivos do Juizado de Menores. Estranho é que os menores C. A. A. C., e F. H. C. e **Sabará** – o mais visado – foram autorizados pelo juiz a passar o fim-de-semana em casa, nas vésperas do depoimento marcado para o dia 1º de dezembro. Não voltaram para a escola. E a Funabem nem se preocupou em localizá-los. Afinal, supõe-se que a entidade conheça a família e o endereço do interno sob sua guarda.

O menor R. mostrou ao juiz que levou cinco pontos na cabeça em conseqüência de uma paulada que recebeu do Lima. E ficou com os braços e ombros feridos; a expressão que usou para o juiz foi de que ficou machucado e ensangüentado. C. A. M. ficou com os braços e a cabeça inchados e disse que **Sabará** foi obrigado a ter relações sexuais com outro menor na frente dos inspetores. A. mostrou para o juiz os pontos que levou na vista esquerda, e a expressão que usou para o juiz foi de que **Sabará** "foi obrigado a chupar o pau dos outros meninos e o chefe da disciplina Werner ameaçou estourar a outra vista dele".

A advogada Eny Moreira, da Liga Brasileira dos Direitos Humanos, que no dia 19 de novembro entrou com petição junto ao juiz Campos Neto solicitando abertura de inquérito sobre espancamentos e sevícias sofridas pelos menores, disse em entrevista ao jornal O Globo, do dia 12 de dezembro, que para os inspetores que torturam menores não basta uma punição administrativa: "Tem de haver um processo-crime; eles terão que ser processados pelos crimes que cometeram. Está havendo omissão da Funabem, do Juizado de Menores e do Ministério Público".

A Funabem mandou um ofício para o juiz dizendo que as denúncias eram verdadeiras e que o inspetor Luís Carlos Lima fora afastado de suas funções.

Afastado ou não, é difícil acreditar que mudem os "métodos" de tratamento, até porque outros inspetores que foram demitidos por maus tratos pela ex-presidente da Funabem, Ecléia Guazzeli, foram readmitidos pela atual administração. A Funabem é, na verdade, um cabide de empregos. Verba não falta, mas são 4.600 funcionários para 1.200 menores internados. Para provar que as denúncias são verdadeiras, a reportagem deste jornal ficou de plantão em frente à Delegacia de Menores; no Juizado de Menores e na Funabem colheu dois depoimentos: um de A. C. L., 14 anos, que depois que sofreu torturas só fala em matar; e outro de J. C. J., também de 14 anos, que ainda não virou a cabeça.



Foi nesta cela, ao lado do relógio, que Célio morreu asfixiado com o lixo queimado

"Seu" Jair surra o "Guitarra" todo dia

Em frente à Funabem, na avenida Clarimundo de Melo, no bairro de Quintino, Zona Norte do Rio, alguns menores que têm permissão pra sair conversam do lado de fora. A conversa gira em torno do tratamento dispensado pelos inspetores aos alunos. E o grupo todo acusa Lima, ex-PM, Batista, Celso, Jacaré e Jair como os inspetores mais violentos. Um dos alunos aponta para o céu e fala de seu significado:

— Ali o castigo é o pior, meu amigo. É um cubículo que fica em cima do relógio. Embaixo tem uma lixeira, o cara não dá nem pra se mexer. Em 1976, entre agosto e setembro, morreu um menor de nome Célio. Botaram ele de castigo e esqueceram. Quando foram queimar o lixo ele morreu intoxicado. Abafaram o [redacted]

O relógio enguiçado fica no alto do prédio da Escola Quinze de Novembro, na entrada principal da Funabem. Tem a casa 1, casa 2 e casa 4, que é para identificação; ainda existe a Triagem, o Centro de Recuperação de Menores, o Setor de Recolhimento Provisório e o Ginásio para as meninas. Um inspetor passa e cumprimenta os alunos.

— Viu como eles são cínicos, covardes? Brigam em casa com a mulher e vêm tirar o recalque em cima da gente. Eu mesmo já perdi dois empregos por causa deles mesmos. Eles cismam com a tua cara e pronto. A gente pra trabalhar precisa pegar na portaria a permissão pra entrar e sair. As duas vezes que perdi o emprego foi assim mesmo:

No Centro de Recuperação, menores descansam no chão

"Hoje você não vai trabalhar. Acabou o talonário, estamos sem papel de permissão"

No Juizado de Menores, na avenida Presidente Vargas, J. C. J., o **Guitarra**, 15 anos, está inquieto. De cabeça raspada, andando de um lado pro outro, fala gaguejando. Ele foi ao Juizado pra se queixar.

— Eu fugi de lá. Pulei o muro e vim pedindo carona até aqui. Não agüento mais todo dia levar palmatória do seu Jair. Na semana passada botaram todo mundo de joelho embaixo da chuva. Eram uns quarenta alunos. O **seu** Jair começou a me bater só porque eu estava torcendo pro time contrário ao dele na pelada. Aí ele ficou com raiva e me bateu. Eu vim aqui porque se ficar quieto é pior. Eles pensam que a gente é frouxo, aí deitam e rolam, começam a dizer para os maiores que a gente é otário, bobão.

Você gosta da Funabem?

— Eu gosto de lá. Eu fui pra lá porque não tinha ninguém pra me criar. Minha mãe morreu e meu pai sumiu. Estou internado faz um ano. Vim de Cachoeiro do Itapemirim com sete anos e fui pra Padre Miguel, mas fiquei pouco tempo porque lá a minha avó me botava pra pedir esmola na rua e eu nunca aceitei isso. Pedi pro meu padrinho pra me internar aqui.

O que você acha dos inspetores?

— Os que têm lá é pra bater nos outros. Esses dias levei 30 bolos na mão, dado com um pedaço de pau.

Por quê?

— Eu estava brincando e fiz uma coisa errada. Em vez dele me chamar a atenção — "ô **Guitarra**, chega aqui, não é assim que você deve fazer" — em vez de trocar uma idéia legal, eles metem o pau.

Você já roubou?

— Isso graças a Deus eu nunca pensei. A única coisa que mais eu penso é na cabeça. Eu quero ter algum futuro amanhã ou depois, ser uma pessoa, alguém na vida.

[redacted]

— Não. Eles dizem sempre pra mim esperar um pouco, esperar um pouco...

Na cabeça de A.C., o Gui, a marca da paulada do inspetor Valmir

Luís Carlos, gola da camisa levantada, foi agredido pelo homem indicado no círculo, entre outros. À esquerda de Luís, outro interno que teve as pernas quebradas pelos inspetores.

Valmir quebrou cabeça de "Gui" a paulada

O corpo franzino balança toda vez que tosse. A. C. L., o **Gui**, tem 14 anos; de bermuda, camisa em cima do ombro, pé no chão, ele acaba de sair da Divisão de Segurança e Proteção ao Menor, instalada num prédio velho da rua do Lavradio, quase esquina da avenida Mem de Sá, na Lapa. Passou três dias preso. Ainda desconfiado, ele aceita conversar com o repórter. Fala em vingança o tempo todo. Mostra as costas lanhadas

— Botaram a gente pelado e tacaram o pau. Tem um garoto lá que ficou com as pernas destroncadas. Eu nunca mais vou esquecer daquele tira.

Por que você foi preso?

— Por suspeita. Foi na sexta-feira, na feira da Praça da Bandeira. Os PM tinham prendido um colega meu, eu estava perto e corri. Eles mandaram bala em cima de mim. Deram dois tiros. Um acertou o farol de um carro e o outro passou zunindo pelas minhas costas. Aí eu parei. Me botaram no camburão e me trouxeram pra Delegacia de Menores (DM).

Gui mora no morro de São Carlos, é órfão de pai e mãe. Essa é a segunda vez que é preso. A primeira foi em março. Ficou quatro meses internado no Instituto Padre Severino, na Ilha do Governador, que volta e meia está no noticiário por denúncias de maus tratos dos inspetores nos menores.

— Foi também na feira. Cismaram que eu era ladrão, quebraram todo o meu carrinho e me levaram pra DM. Lá o inspetor Valmir quebrou a minha cabeça com uma paulada. Olha só a cicatriz. Fui encaminhado ao juiz, que falou que o meu caso era de internação. Fiquei lá quatro meses e fugi; não agüentei aquela barra. Lá é assim: se você sujar a mesa na hora da comida, ganha meia dúzia de bolo com pedaço de borracha de mangueira d'água. E se brigar eles fazem a mesma coisa. Botam no corredor e jogam água fria. Eles sempre dão um coro bem dado quando a gente entra. É pra gente ficar com medo e não fugir.

Tem outro tipo de castigo?

— Tem a bicicleta. Botam a gente de cabeça pra baixo e começam a bater.

Como?

— Amarram os pés da gente e penduram na baliza da quadra. E tome porrada. Aquele Valmir, da DM, não vou esquecer mais dele. Quando tiver um **ferro** (revólver) vou fechar ele. Ele trabalha na DM e na 18ª Delegacia. Quando a gente vê esses inspetores na rua eles tiram uma de bonzinho, cumprimentam e dizem que têm filho pra criar e tudo. São uns covardes.

Como é de noite lá na Padre Severino?

— Meu chapa, você tem que dormir com a bunda na parede e o olho aberto, se não os maiores te jantam. Não tem essa de entrar chorando, pedindo minha mãezinha, que é pior. Mas os inspetores são os primeiros a fazerem a sacanagem. Teve um dia lá que um maior veio de gracinha pro meu lado. Aí eu falei que era muito homem, que na rua sou esperto, lá dentro que não vou dar mole

Gui devora um sanduíche e fala mal do angu e da batata crua servida na Divisão de Menores.

— Lá a gente só consegue comer de sorte. Os inspetores botam os grandões pra servir, aí eles só adiantam o lado deles. E quem é bobo de reclamar!

Que é que você acha da polícia?

— Acho uma malvadeza. A primeira vez que a polícia me encostou a mão foi lá no morro, eu tinha sete anos. Meu padastro tinha brigado com um vizinho por causa de um barraco. Veio a polícia e baixou o pau no meu padastro e o outro ficou rindo. Me deram um tapa na cabeça e mandaram eu ir embora. Da outra vez foi uma senhora que estava de barriga. Ela estava vendo o corpo de um homem que havia sido morto quando chegou a polícia empurrando todo mundo. Essa moça caiu no chão de barriga. Fiquei com muita raiva.

Você rouba?

— Olha, depois que eles quebraram o meu carrinho de feira e me colocaram na Padre Severino, quebraram a minha cabeça, me queimaram com colher quente e tentaram ainda que eu desse o rabo pra outro maior, eu resolvi soltar os bichos. Via meus colegas maiores sempre com dinheiro no bolso, indo a baile e tudo, com o "bobo" no pulso, aí resolvi também fazer uns ganhos. Mas eu só pego relógio e cordão. Só ando na mão. Agora é que vou procurar um revólver. E se o Valmir, o seu Mário Leite, da Padre Severino, que me encheu de bolo porque apanhei uma manga na árvore, aparecer na minha frente, vou matar. Vou matar quem me deve.

Luís pediu certidão e foi agredido

Quando fez 18 anos, no dia 27 de outubro do ano passado, Luís Carlos Nunes de Souza foi mandado embora da Funabem, sem lenço e sem documento. Ele passou 12 anos lá dentro, tendo inclusive direito ao seu certificado de conclusão do curso de pintor de automóveis. Até hoje ele não o recebeu. No dia 9 de dezembro, mais uma vez, Luís Carlos foi à escola tentar receber seu certificado, mas foi barbaramente espancado pelos guardas de segurança, na porta de entrada da Funabem. "Tava entrando na escola, abotoando minha camisa e apagando o cigarro. Eu mesmo reconheci o meu erro. Quando me dei conta e fui me corrigir, fui agarrado por um guarda de segurança, enquanto outro me dava porrada na cara. Fui posto porta a fora da escola. Eu só quero é que a Funabem me dê o certificado como prometeu, no início do curso, pra eu poder trabalhar. Eu tô arriscado a ser pego na rua e parar na cadeia. Isso eu não quero; apanhei quieto, aceitei conselho de que o curso adiantaria a minha vida quando saísse da escola, mas estou vendo que foi só promessa. A gente vai buscar o nosso direito e ainda é espancado."

Luís Carlos, depois da agressão

Juizado alega falta de verba e pessoal

– Aqui no Juizado não existe e nunca existiu maus tratos aos menores. Temos, sim, é deficiência de pessoal, de transporte. Temos 120 homens, quando precisávamos de 500, e temos quatro camburões pra rodar por essa cidade com 6 milhões de habitantes. Temos que fiscalizar as festas da cidade como a da Penha, da Feira da Providência e principalmente o carnaval. Cinemas, bailes, tudo, além de ficar atendendo o telefone de gente que liga pra cá pedindo pra gente prender garotos que jogam bola na rua ou que estão fazendo barulho.

– Se a gente fizesse uma ronda das 6 da tarde às 6 da manhã, em conjunto com a Polícia Militar e com a Polícia Civil, acabaria recolhendo tranquilamente 200 menores. Me diga agora onde vamos internar esses garotos, se órgãos responsáveis estão abarrotados?

Com a experiência de quem trabalha com menores há mais de 20 anos, um funcionário do Juizado reclama ainda da verba para gasolina, que é irrisória para traçar um plano de trabalho. Nos corredores do Juizado, mães e responsáveis estão procurando os filhos, outros estão ali para assinar o termo de responsabilidade

– Existem duas categorias de menor: o menor de comportamento irregular, delinqüente, e o menor desamparado, desassistido. O menor que é detido na rua pela Polícia Militar ou pela Polícia Civil, ou mesmo pelo Juizado, é encaminhado à Divisão de Segurança e Proteção ao Menor, onde é feito o auto de investigação.

O Juizado de Menores

Mas o menor, quando é preso, é levado para a delegacia do bairro.

– Nem sempre. Quando o menor é preso em flagrante, ele pode ficar detido na delegacia durante 24 horas com permissão do juiz. Isso, para apurar algum crime. Aqui temos três critérios: (1) quando o menor é detido perambulando pela rua, chamamos a família e contamos as condições dele; (2) quando o menor comete alguma ação anti-social, um pequeno furto, por exemplo, manda-se chamar o responsável e se coloca em liberdade assistida, que antes chamava-se de liberdade vigiada; e (3) temos ainda os reincidentes, que são internados no Instituto Padre Severino ou na Escola João Luiz Alves, na Ilha do Governador. Agora, os menores homicidas e traficantes de tóxicos são encaminhados diretamente ao Instituto Muniz Sodré, em Bangu.

Assessor diz que internos é que provocam

— Menor até dez anos a gente consegue reeducar e, mesmo assim, é difícil. Imagine esses galalaus que já passaram dos 14, uns que têm o braço do tamanho da minha coxa e que ficam provocando os inspetores. Se nem a gente tem estrutura, calcule esses funcionários que têm que cuidar desses menores-maiores. Tem sempre um que vai perder a cabeça, cometer um absurdo. Pra te dar um exemplo, esses dias eu estava brincando com a minha neta de três anos, que me jogou um brinquedo que quase me pegou no rosto. Instintivamente eu dei uma palmada nela. É a defesa.

O assessor de Comunicação Social da Funabem, Valter Cunto, procurou de todas as formas falar sobre o lado positivo da Funabem, que este ano, segundo ele, atendeu 1 milhão de menores em todo o Brasil. Mas com certeza a distância entre o seu gabinete, no 4º andar do nº 38 da rua Visconde de Inhaúma, no centro do Rio, e a Escola João Luiz Alves e o Instituto Padre Severino, na Ilha do Governador, o impede de dar informações elementares.

Como um inspetor de menores é preparado? — Isso eu não sei

Qual o salário de um inspetor? — Também não sei.

Quantos menores estão internados nos órgãos da Funabem? — Não tenho idéia.

— A gente traz um passado nada bom, que é o antigo Serviço de Assistência ao Menor (SAM). Não entendo por que quando alguém é preso, seja menor ou maior, os jornais falam que é egresso da Funabem.

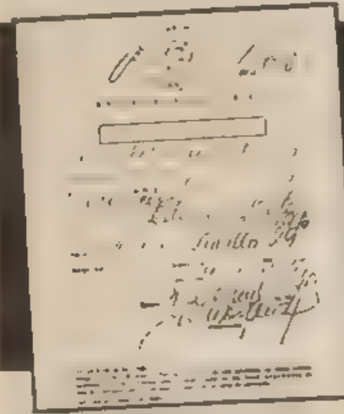
União é processada pela morte de Bacuri

Rinaldo Campos de Oliveira – e não **Carvalho**, como por lapso foi publicado na nossa edição de dezembro – é a principal testemunha do processo em que o pai de Eduardo Leite, **Bacuri**, responsabiliza a União pela morte de seu filho.

Bacuri fora dado como morto num tiroteio, em 1970. Na edição de dezembro deste jornal, essa versão foi desmentida por Rinaldo, que há dez anos serviu como recruta no Forte dos Andradas, no Guarujá, cujo comandante era o major Milton Wanderlei. Rinaldo contou ter visto **Bacuri** encarcerado no forte, de setembro a dezembro de 1970, e retirado de lá num saco de lona do qual caíam gotas de sangue. **Bacuri** estava debilitado, pois estava fazendo greve de fome há duas semanas.

Em janeiro, com autorização por escrito de Rinaldo, principal testemunha (outra testemunha é Roberto Assis, vice-presidente do PMDB de Santos), o processo para responsabilizar o governo federal pela morte de **Bacuri** dará entrada na Justiça.

Em dezembro, Rinaldo Campos de Oliveira – que é estudante de jornalismo e colaborador deste jornal – esteve em Santos, no cemitério de Areia Branca, onde **Bacuri** foi enterrado. Abaixo, o seu relato.



Bacuri foi enterrado, pelo pai

Atestado confirma versão da testemunha

"O cemitério de Areia Branca fica na divisa de Santos com São Vicente. Perto do matadouro municipal e do 2º Batalhão de Caçadores do Exército. A folha do livro que registrava o sepultamento de **Bacuri** estava quase totalmente destruída. Pôde-se ler, no entanto, o seguinte: primeiro, ele foi enterrado como indigente. E, passados cinco anos, como ninguém reclamasse seu corpo, ele foi jogado na vala comum. Fora sepultado por seis cruzeiros novos – moeda da época – pagos pelo pai, Alberto Colin Leite, no Muro dos Adultos nº 29, jazigo nº 7. Hoje, neste local, está sepultado um operário.

"A morte de **Bacuri** está registrada como tendo acontecido em Boracéia, estrada de Bertioga, às 20 horas do dia 8 de dezembro de 1970. O atestado de óbito, assinado pelo legista Aloísio Fernandes, dá como causa-mortis **hemorragia interna e fratura de crânio por ferimento perfuro-contuso.**

"A existência de fratura de crânio confirma o que vi e ouvi no dia em que policiais à paisana foram à cela de **Bacuri**, situada num banheiro do depósito de munições do quartel. Os policiais disseram a **Bacuri** que iam levá-lo a um hospital, cuidar de sua perna – o prisioneiro desconfiava de gangrena. Aí, pediram que eu saísse. Eu fiquei do lado de fora da cela e ouvi um barulho seco vindo lá de dentro: me pareceu uma pancada na cabeça com alguma coisa ou o barulho de cabeça batendo contra a parede.

"Depois desse barulho vi os policiais retirando **Bacuri** num saco de lona, do qual caíam gotas de sangue. Jogaram o saco na perua Veraneio e se retiraram do quartel."

Rinaldo Campos de Oliveira

Sono faz justiça e dá 4% de produtividade

Mozart Amaral se apóia no braço e viaja

O juiz José Levy dorme sem disfarçar, Gustavo Barbosa usa óculos escuros e Floriano Maciel põe as mãos no rosto

JUÍZES DORMEM NO DISSÍDIO DE BANCÁRIO

A verdadeira justiça é cega e dorme bem. As fotos mostram que esse é o lema dos juízes do pleno do Departamento Regional do Trabalho (DRT) que, no dia 11 de dezembro – como ocorre todas as quintas-feiras – reuniram-se para julgar, entre outros, o dissídio coletivo dos bancários do Rio.

A discussão do acordo levou uma hora e meia e foi se arrastando desde o início, a ponto de o juiz Gustavo Simões Barbosa só interromper a soneca para discordar veementemente dos 4% de produtividade concedidos aos bancários por seu colega Geraldo Magela. Ele achava que 3% eram mais justos e lembrou que, no mês anterior, em "dissídio semelhante", havia dado 3%. "Mantenho minha posição para ser coerente com minhas decisões", sentenciou Barbosa.

Enquanto ele discordava, Magela confeccionava aviãozinho de papel ao lado do juiz Costa Leite que, cabeça imóvel, **viajava** num sono profundo.

No fundo da sala, um advogado classista resmungava: "Eles dão essas estimativas sem base nenhuma, de forma arbitrária. O tribunal não tem meios para julgar a produtividade de uma empresa (o percentual atribuído à produtividade é o verdadeiro aumento salarial, porque os outros reajustes apenas compensam a inflação)".

"A estrutura arcaica do poder judiciário – dizia outro advogado – é realmente a principal responsável pelo acúmulo de processos na pauta de julgamento e por esse estado de coisas."

O pleno do DRT é composto por 15 juízes – 11 togados e vitalícios (bacharéis em Direito) e 4 representantes classistas, que são temporários. Todos, porém, são nomeados diretamente pela Presidência da República. O relator, juiz que estuda o processo, e o revisor, espécie de fiscal do relator, são os únicos que estudam os assuntos. Os outros, literalmente, vão na onda porque só tomam conhecimento das cláusulas dos dissídios na hora do debate.

No caso dos bancários, das 27 cláusulas pedidas, apenas nove foram aprovadas. A criação do delegado sindical, de creches nos locais de trabalho e do salário-substituição que, segundo bancários, eram as reivindicações principais, não foram atendidas.

O dissídio, entretanto, foi considerado "bom" pela categoria profissional. Tão bom que os banqueiros ainda não o cumpriram porque o presidente da Federação Nacional dos Bancos, Theophilo de Azeredo Santos, mandou que todos os bancos esperassem sua publicação no **Diário Oficial** para requererem efeito suspensivo na instância superior.

Texto e fotos de Custódio Coimbra

Costa Leite ressona e Geraldo Magela dorme com o aviãozinho

Guilherme Dale coça o olho e não acorda

CASEIRO NEGA ÁLIBI DE RIZZO, O TERRORISTA

Foto Wagner Avancini

André Rizzo ameaçou jornaleiros

Todos os acusados de participação em atos de terrorismo este ano em São Paulo já foram interrogados pelo Dops paulista. O órgão policial tomou conhecimento das acusações através da edição de dezembro deste jornal, em reportagem que foi também divulgada, depois, por quase todas as publicações do país.

As primeiras reações do acusado André Luiz Rizzo e de seu pai, o advogado Agostinho Rizzo, foram bastante suspeitas. Entrevistados por jornais diferentes, deram respostas muito semelhantes, como se tivessem combinado. Tanto o pai como o filho atribuíram as acusações à "ascensão de André na política estudantil dentro da PUC (Pontifícia Universidade Católica), onde concorreu às últimas eleições na chapa Chama ao diretório da Faculdade de Direito. E perdeu.

André disse também aos jornais que não poderia estar em São Paulo no mês de julho, pois estava passando férias no sítio da família, em Atibaia. O caseiro do sítio, entretanto, declarou a uma revista que a família costuma passar apenas o fim-de-semana no local, desmentindo que eles tivessem ficado lá o mês inteiro. Mas, mesmo que as férias tenham sido de um mês inteiro, seria facílimo André dar um pulo até São Paulo – a 60 quilômetros do sítio – e voltar.

Todos os depoimentos no Dops foram longos. O de André durou três horas. O de Mário Fontes – acusado de atirar contra a sede do CBA (Comitê Brasileiro pela Anistia) levou mais de três horas. Foram interrogados a portas fechadas, vedado o acesso à imprensa. A íntegra dos interrogatórios não foi divulgada.

FOME MATA FETO E CRIANÇA NO RIO

Mortalidade infantil por "debilidade congênita" cresce em todo o país. Reportagem em Jacarepaguá revela que, de 1385 enterros, 529 foram de menores até 10 anos.

– Não se passa um só dia sem um enterro de criança para entristecer a gente – diz um funcionário do cemitério do Pechincha, acompanhando com os olhos o cortejo da menina Rosângela.

Ele empresta à repórter o livro de registros. Pela profissão das pessoas mortas vê-se que o Pechincha é o cemitério dos pobres de Jacarepaguá, um bairro do Rio de Janeiro: são marceneiros, pedreiros, biscateiros, aposentados, domésticas. Em todas as páginas há nomes de crianças: recém-nascidos com horas ou dias de vida, bebês de até dois anos, fetos de seis, sete meses de gestação.

Só este ano, até o início de dezembro, houve 1385 enterros, dos quais 529 de crianças até 10 anos – quase 40% do total. 498 eram crianças de menos de dois anos, vítimas de desidratação, pneumonia, gastroenterite, debilidade congênita, anemia. Em todos os casos, a origem das doenças é uma só: fome.

O Pechincha não é uma exceção. Jacarepaguá não é uma aberração. Pelo contrário: a mortalidade infantil provocada pela fome é um problema gravíssimo em todo o Brasil, e vem piorando, segundo os últimos dados disponíveis, que vão até 1977. O governo federal procura esconder a situação e vive afirmando que a mortalidade infantil caiu, baseado nos dados de São Paulo (capital) entre 1973 e 1977. Mas dados preparados pelo professor João Yunes, da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, mostram que em todas as demais capitais do Brasil a mortalidade continua crescendo. Diz ele, em um trabalho elaborado recentemente:

– Ao se analisar a evolução da mortalidade infantil, verificou-se que, de cada 100 óbitos que ocorriam no Brasil em 1968, 25 eram de crianças menores de um ano. Para os demais anos, seu valor foi sempre maior, tendo alcançado em 1975 seu valor máximo, ou seja, 31,4%.

Mesmo esses dados provavelmente subestimam a mortalidade infantil, pois as estatísticas oficiais são baseadas em levantamentos mal feitos, que escondem as mortes de muitos recém-nascidos. O caso do Pechincha é ilustrativo. Os próprios funcionários do cemitério reconhecem que os relatórios que fazem não são confiáveis. Para "facilitar o serviço", as sepulturas em concreto, chamadas de nichos, são tidas como sepulturas de adultos, mesmo que recebam corpos de crianças, coisa que acontece freqüentemente.

Enterro de criança no Pechincha, cemitério dos pobres de Jacarepaguá

Visita a casas mostra panela vazia

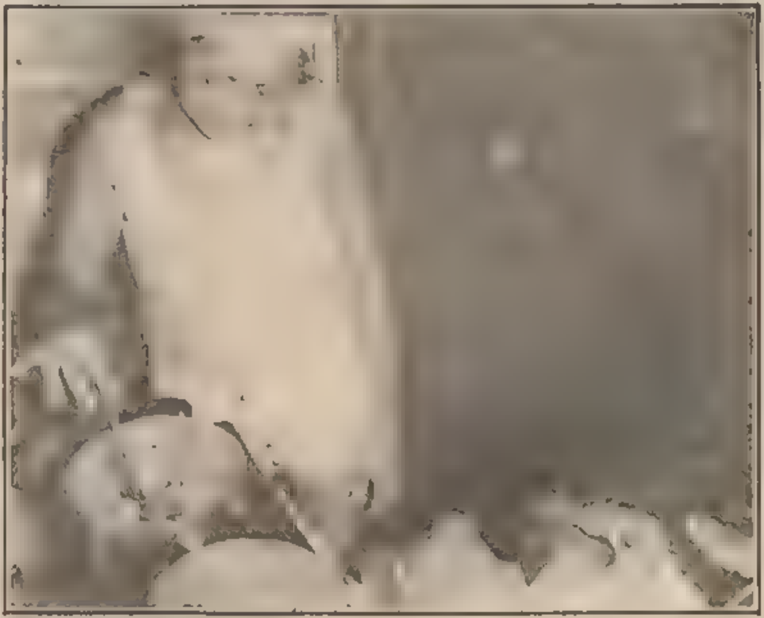
O ministro Delfim Netto prometeu, há pouco mais de um ano e meio, que iria encher a panela dos pobres. Mas na Gardênia Azul, que apesar do nome poético é um dos lugares mais pobres de Jacarepaguá, as panelas continuam melancolicamente vazias. Foi o que a repórter constatou, destampando as panelas de diversas famílias que moram lá.

D. Maria Rita da Silva Lourinho, moradora na rua Aparaí, tem nove filhos entre 2 e 18 anos de idade. O salário de seu marido, gráfico, é de Cr$ 2 mil por semana. Nas panelas, o último quilo de feijão (comprado na fila) e um pouco de arroz. A vizinha dos fundos, d. Maria Xavier, tem dois filhos, um de três e outro de seis anos. Seu marido é carpinteiro e ganha Cr$ 3 mil por semana. Sobre o fogão, as panelas têm um resto de feijão, arroz, macarrão e um molho ralo de carne moída. Tudo em pouca quantidade, deixando aparecer o fundo das panelas.

A moradora do 300 da rua Aparaí, dona Vera Luce Cardoso, não está – trabalha em casa de família e recebe Cr$ 3 mil por mês. Quem atende é a filha mais velha, que mostra as panelas: arroz, repolho e uma sardinha pra dividir entre cinco irmãos. Não haverá jantar. No 310, d. Nilza Alemonje Coelho e seus sete filhos já almoçaram. Ela mostra os restos de comida nos pratos sobre a pia e comenta:

– Sem feijão, as crianças não comem direito, deixam tudo nos pratos.

No 328, uma vila de sete barracos, Augusta e Cleonice Pereira, irmãs, moradoras das casas 1 e 7, já deram almoço às crianças: arroz, sardinha e o último feijão que tinham em casa. Nivea Maria de



Falta leite pro bebê de Nivea

Souza, da casa 3, come com o prato sobre os joelhos: arroz, farinha e sardinha. Ela mostra a filhinha, de 3 meses, que dorme dentro do barraco:

– Minha preocupação é essa menina, porque tem que tomar leite todo dia e eu nem sempre posso comprar.

O marido de Nivea é porteiro em Botafogo, com salário mínimo. Passa a semana dormindo no prédio em que trabalha pra não gastar o dinheiro da passagem. Para as mulheres que moram na vila, a promessa de Delfim Netto de que vai encher a panela dos pobres não passa de uma piada e Nivea completa:

– Ele nunca passou dificuldade na vida, senão não faria essas patifarias.

Os apertos são os mesmos no 271, onde moram três famílias. Alda Regina Coelho Rangel fez para o almoço salsicha com molho de um tomate, assim mesmo porque arranjou o tomate com a vizinha. Lúcia Rangel é a que tem a melhor comida em casa: ensopadinho de galinha (feito com as asas e os pés), arroz e um restinho de feijão. D. Elsa Rangel, sogra das duas, diz que "não fez fumaça":

– Tinha aí um arroz e um macarrão de ontem, eu só esquentei.

As três conhecem Delfim Netto e o qualificam com diversos adjetivos. Todos impublicáveis.

No Departamento Feminino do Diretório Regional do PMDB da 13ª Zona Eleitoral, que abrange Jacarepaguá, Vila Valqueire, Cascadura e Marechal Hermes, as mulheres (algumas de classe média) também têm muitas reclamações a fazer:

– Chegamos à conclusão de que todos nós temos duas, três panelas que não usamos mais. É isso que está acontecendo com a classe média – diz Sara Did Ibe, enfermeira do Inamps.

Ela fez uma pesquisa no Posto de Assistência Médica de Jacarepaguá, onde trabalha, para saber se médicos e enfermeiras tinham panelas fora de uso. Todos possuíam tabuleiros e fornos de bolo que não utilizam mais. As panelas maiores, que servem para fazer um bom cozido ou uma feijoada, estão em grande parte aposentadas:

– O que isso significa é que Delfim, pra encher nossas panelas, diminuiu o tamanho e o número delas – diz dona Sara.

Arroz, repolho e uma sardinha pra 5 pessoas

Açougueiro diz que vende pouca carne

A situação de aperto na Gardênia Azul, com as panelas cada vez mais vazias, se reflete nas fracas vendas do comércio local. Na esquina de Aparaí com rua Menta, na Mercearia Porongo, Martinho Batista diz que sofre tanto quanto seus fregueses:

— Só vendo miudezas: um tomate, duas batatas, meia dúzia de bananas. Tiro uns Cr$ 15 mil por mês. Ainda não acabei de pagar a loja e estou endividado até o pescoço.

Na esquina em frente, entre a rua Menta e a rua Marujá, seu Valdecy, dono do açougue, diz que vende atualmente metade da carne que vendia há um ano:

— Com a alcatra a Cr$ 240,00 o quilo e até a carne de segunda caríssima, a Cr$ 180,00 o quilo, não dá pra vender mesmo.

Nesse instante, um garoto pede 250 gramas de carne moída. Logo depois aparecem dois senhores: um compra meio frango e o outro meio quilo de acém. Diz seu Valdecy:

— Está vendo? Tenho que cortar os frangos pra vender só a metade, ou só o peito e as coxas.

Outro homem chega e compra 50 cruzeiros de fígado. Quando sai, seu Valdecy comenta:

— Agora estão comprando assim. Pelo preço, e não por peso. Vai ver esses Cr$ 50,00 de fígado vão alimentar sete, oito pessoas.

Em mais de meia hora, ninguém pede um quilo de carne.

— Antes, eu vendia dois, três quilos por pessoa. Hoje, o que eu vendo mais é carne moída, que dá pra "esticar" fazendo bolinho ou molho pra macarrão. Cada vez que a carne chega aqui, eu pago mais Cr$ 10,00 por quilo e tenho que aumentar meu preço. Vou te dizer uma coisa: até amanhã tenho que arranjar Cr$ 20 mil pra pagar o frigorífico e não tenho nem a metade

Reportagem de Mariza Bigio
Fotos Rogério Carneiro

Foto Rose Cintra

O Encontro dos Trabalhadores Rurais em Cachoeiras de Macacu

Posseiro pede ao Incra pra cumprir a lei

Num encontro promovido pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Cachoeiras de Macacu, Federação dos Trabalhadores em Agricultura do Rio de Janeiro e Comissão Pastoral da Terra, mais de 500 agricultores se reuniram no sítio Shalom, em Macacu, para discutir seus problemas e formas de encaminhar suas lutas. O debate acabou centralizado em torno do caso da fazenda de São José da Boa Morte, que já se arrasta há mais de 15 anos.

Essa fazenda foi desapropriada em 1964, através de um decreto-lei, e mais de 100 famílias nela se instalaram e promoveram benfeitorias. Dez anos depois, barracos foram queimados e famílias despejadas. A fazenda, com 4.800 hectares, voltou aos antigos donos por ordem do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra). Quem são esses donos? Impossível responder, pois oito grupos estão disputando a posse da fazenda de São José da Boa Morte e a Justiça ainda não deu uma resposta à questão.

Em janeiro de 1979, um novo capítulo da luta pela posse dessa fazenda: cerca de 100 agricultores invadiram a área com seus familiares. Casas foram queimadas, plantações destruídas e efetuadas 89 prisões, inclusive a do padre Joaquim, que fora prestar solidariedade aos agricultores.

Até hoje o impasse continua, pois as terras da fazenda estão abandonadas. A reivindicação dos agricultores é que seja cumprido o decreto-lei de 1964, que lhes garante a posse da terra. Para pressionar o Incra, os agricultores de Cachoeiras de Macacu lotaram mais de 10 ônibus e vieram ao Rio. Um documento, assinado por 32 sindicatos rurais dos municípios do Rio de Janeiro, foi entregue ao coordenador regional do órgão, Antônio Américo Ventura. Ele se recusou a revelar se o parecer de sua coordenação havia sido ou não favorável à desapropriação.

No dia 12 de janeiro será julgada a liminar de despejo de cinco famílias que ainda habitam a fazenda. Os agricultores consideram o Incra, que desrespeitou o decreto-lei presidencial, como o principal culpado por toda a situação. E, se a desapropriação não for confirmada, ameaçam agir por conta própria ocupando a fazenda no peito e na raça. Na manifestação em frente à coordenação do órgão, eles agiram pacificamente. Agitaram bandeiras de suas associações e exibiram faixas e cartazes. Uma delas dizia: "Agricultor sem terra é cidade sem feijão".

Rose Cintra

Confirmada denúncia do REPORTER

Metrô eleva gabaritos dos prédios da Glória, Catete e Botafogo

A **copacabanização** dos bairros de Botafogo, Catete e Glória é quase um fato consumado. Motivo: o Metrô conseguiu, através de uma série de manobras e pressões, que a Prefeitura acatasse suas propostas de construção de prédios com alturas variáveis entre 12 e 24 andares ao longo de sua linha, naqueles bairros.

Como este jornal denunciou em várias oportunidades, o Metrô, grande proprietário de terrenos (hoje avaliados em Cr$ 2,5 bilhões), tem interesse na liberação dos gabaritos. É a forma de ter altos lucros com seus terrenos, que se espalham por quarteirões inteiros e se supervalorizam pela proximidade das estações.

A decisão de elevar os gabaritos, congelados em 10 andares há três anos, foi tomada em dezembro após uma Câmara Técnica que se prolongou por três meses, reunindo representantes do Metrô, da Secretaria de Planejamento da Prefeitura, da Secretaria Municipal de Obras, da Fundação de Desenvolvimento da Região Metropolitana (Fundrem) e do Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB). Os representantes das associações dos bairros atingidos foram tolerados apenas como observadores, sem direito a voto nem qualquer interferência. Eles queriam evitar construções altas, como as de Copacabana, justamente para evitar a degradação do nível de vida e a rápida transformação dos bairros de Botafogo, Catete e Glória em grandes centros de comércio.

– O presidente da Câmara Técnica, Rui Pernambuco, que é também coordenador de planejamento do município, contrariou as decisões de seus próprios técnicos e impôs os gabaritos mais altos. Foi o caso do Largo do Machado, onde os técnicos propunham gabarito de 13 andares e Rui Pernambuco, com os votos da Fundrem e da Secretaria Municipal de Obras, o elevou para 24, contra os interesses dos moradores – denunciou o presidente da Associação de Moradores do Catete, o advogado Mariano Gonçalves.

O que ocorre é o seguinte: os dirigentes do setor de transportes do Rio estão querendo concentrar grande quantidade de serviços, comércio e residências (em arranha-céus) ao longo do metrô para forçar sua utilização em massa e, ao mesmo tempo, poder cobrar tarifas caras. É a alternativa para viabilizar o investimento (hoje estimado em mais de US$ 2 bilhões, cerca de Cr$ 130 bilhões), sem estatizar todo o sistema de transportes coletivos que vai funcionar integrado ao metrô.

Se houver grandes concentrações populacionais ao longo das linhas, o governo não precisará fazer integração total do sistema de transportes coletivos, preservando, assim, os elevados lucros dos empresários.

No caso dos terrenos, a desvalorização seria iminente se vencesse as propostas dos moradores de Botafogo, Catete e Glória. Além de controlar os gabaritos, eles querem também transformar os terrenos do Metrô em praças, escolas, hospitais, enfim, utilizá-los comunitariamente.

Na gestão do ex-prefeito Israel Klabin (atual presidente do Banerj), os interesses do Metrô foram temporariamente ameaçados. Klabin queria que a comunidade participasse dos destinos dos terrenos, alternativa que o Metrô sequer admite ser discutida. A Câmara Técnica que discutiria o assunto foi um dos motivos de seu afastamento da Prefeitura.

Na gestão de Júlio Coutinho, as comunidades foram excluídas e há ameaças até de as câmaras técnicas serem abolidas na Prefeitura. Pelo menos, para as áreas de influência do metrô, onde existem os terrenos remanescentes das desapropriações. Um outro indício das tramas que se desenrolam em torno dos terrenos é a omissão total do Metrô quanto ao fornecimento de dados sobre o assunto à Câmara Técnica. Em todas as ocasiões que a extensão dos terrenos foi questionada, a resposta de seus dirigentes foi sempre a mesma: "São terrenos muito pequenos". Um argumento que o mais leigo dos observadores pode facilmente desmentir: basta percorrer as áreas próximas do metrô para verificar.

Chuva sempre enche Butantã em São Paulo

"A população pode ficar tranquila, pois será solucionado o problema das enchentes. A obra será concluída no meu governo. Um pequeno bueiro entupido poderá ainda provocar um alagamento, mas aquelas grandes enchentes que aconteciam, de um ou dois metros de água, definitivamente irão terminar. Quero acreditar que nos próximos 50 anos não teremos mais enchentes."

O governador Maluf declarou isso em 31 de outubro de 1979. E este ano já está sendo desmentido. As poucas chuvas de dezembro já estão apavorando moradores de muitos bairros próximos aos rios Tamanduateí e Pirajussara. A chuva do dia 1º de dezembro fez um estrago grande na região do Pirajussara. Derrubou postes e muros, entrou por janelas e portas. Dentro das casas, as águas subiram mais de um metro.

Francisca Bezerra já tentou vender a casa, mas ninguém quer comprar. O jeito, então, é se preparar pra próxima enchente. Ela montou a geladeira, o guarda-roupa e a cama em cima de calços.

Dona Vera, vizinha de Francisca — as duas moram na av. Laudo

Fotos Wagner Avancini

Geladeiras já ficam suspensas

Ferreira de Camargo — quase se afogou na enchente de dezembro:

— Quando começou a chover, pus os seis filhos em cima da mesa. Mas a água já chegava na minha barriga e prometia subir mais. Tentei forçar a porta da rua, mas ela não abria porque a pressão da água era muito grande.

Ela começou a berrar. Os vizinhos ouviram e chamaram os bombeiros. Só assim ela e os filhos se salvaram, tirados pela janela.

Quem mora em casa ainda se salva. Mas, nas favelas, a enchente acaba com os barracos. Os favelados do Pirajussara — bairro do Butantã — são recolhidos em abrigos improvisados, em três escolas públicas. Na verdade, ficam amontoados pelo menos 30 em cada sala de aula, sem nenhuma higiene. E, para comer, as assistentes sociais servem uma sopa de água de batata.

As assistentes sociais são odiadas no Butantã. A moradora Magda da Silva reclama delas

— Uma assistente botou a mão na cintura e disse que não ia me dar um colchão novo porque era só colocar o colchão molhado no sol que ele secava num minuto. E eu sei que a Prefeitura tem uma sala cheia de colchões pra distribuir.

No caso dos favelados, as assistentes são intermediárias na compra do novo barraco pelos que perderam o seu. Funciona assim: o favelado procura um barraco em pé nas redondezas, a assistente vai lá e compra. Dizem os favelados que nessa transação corre dinheiro por fora: em algumas favelas, quem controla vendas e compras de barracos é o presidente da associação. E, muitas vezes, ele exige 5 ou 10 mil cruzeiros de comissão.

Hélio Belik

BAIRROS

Em Brasília Teimosa, casa pra todos

Brasília Teimosa, bairro popular do Recife com mais de 25 mil pessoas, vai acabar com os inquilinos. Lá, todos serão proprietários: cada um terá sua casa e a posse da terra onde ela está construída.

Desde 1956 a ameaça de remoção pesava sobre os primeiros moradores que formaram o bairro, ocupando terrenos que pertenciam à Marinha. Mas os ventos da abertura política e as eleições de 1982 fizeram com que o prefeito do Recife, Gustavo Krause (que pretende se candidatar a governador), aceitasse uma idéia totalmente nova: a Prefeitura realizaria o que a população do bairro sugerisse em matéria de urbanização, saneamento e lazer.

Nasceu, então, o projeto Teimosinho, resultante de três meses de discussão do povo com técnicos do Centro de Pesquisa e Ação Social — organização independente paga pela Secretaria de Obras do Estado. O ponto central está relacionado com a posse da terra. De agora em diante, os proprietários de mais de um imóvel têm que escolher um para morar, sendo obrigados a vender os demais para os próprios inquilinos. Acertado o preço, a companhia habitacional do município faz o empréstimo e viabiliza o negócio. Os eventuais conflitos entre proprietários e inquilinos serão resolvidos por uma comissão formada por um membro da Comissão de Justiça e Paz de Olinda e Recife, um da própria comunidade, outra da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), um da companhia habitacional e um da Prefeitura.

Além disso, os moradores de Brasília Teimosa fizeram um plebiscito para escolher o trajeto da linha de ônibus que serve ao bairro. E o resultado da votação terá que ser acatado pela empresa que presta esse serviço.

S. Teresa pede policiamento à Prefeitura

A falta de policiamento continua sendo um problema sério em Santa Teresa (bairro localizado na zona central do Rio de Janeiro). Na rua Oriente, um comerciante foi recentemente assassinado e uma comissão de moradores do local decidiu se mobilizar para obter segurança. Um memorial e um abaixo-assinado foram encaminhados ao chefe de gabinete do governador Chagas Freitas, Marcial Dias Pequeno. Os moradores esperam que alguma providência seja tomada e que a inoperante delegacia de polícia existente no bairro passe a servir para alguma coisa.

ALERTA!

Laranjeiras chia contra via paralela

O secretário de Obras da Prefeitura do Rio de Janeiro, Renato Almeida, decidiu desencavar um projeto de 40 anos: construir uma via paralela à rua das Laranjeiras, com 1.200 metros de extensão. Só que a obra, além de custar Cr$ 200 milhões, vai exigir a desapropriação de 130 edificações – 4 escolas, 2 clínicas e uma praça, entre outras – o que prejudicará um número muito grande de famílias que moram em Laranjeiras.

Representantes da associação de moradores de Laranjeiras têm sérias objeções ao projeto e desejam que representantes das secretarias de Obras, Planejamento e Desenvolvimento Social debatam o assunto com a população antes que qualquer decisão seja tomada. Só assim, dizem, será possível julgar se a obra é boa ou não.

Os moradores estranham que a Prefeitura queira iniciar esta obra, quando a estação do metrô no Largo do Machado ainda não está concluída. Só após o término dessa estação, que permitirá a integração do sistema de ônibus com o metrô e afetará profundamente o tráfego no bairro, deveria ser tomada qualquer decisão com relação à nova via de transporte que a Prefeitura está querendo executar.

Representantes da associação de moradores observam, também, que foram feitas diversas outras sugestões ao Detran há mais de dois anos, para que o trânsito em Laranjeiras fosse melhorado. Entre elas, o alargamento da rua das Laranjeiras em alguns pontos estratégicos, a criação de retornos e a mudança de mão das diagonais.

Não seria o caso, indagam os moradores, de tomar essas medidas em vez de partir para a construção da via paralela? Afinal, esse é um projeto caro e que transformará a vida do bairro num verdadeiro caos

Banerj põe na rua moradores da Pavuna

A financeira do Banco do Estado do Rio de Janeiro (Banerj), que é dirigido pelo ex-prefeito Israel Klabin e está subordinado ao governador Chagas Freitas, está ameaçando de despejo os moradores do conjunto habitacional Nova Pavuna. A financeira Delfin faz a mesma ameaça, e a associação de moradores, com apoio da Federação das Associações de Moradores do Rio (Famerj), pede que as prestações sejam compatíveis com a renda dos mutuários. Aí, todo mundo vai pagar direitinho.

Esta é uma seção sobre problemas de bairros. Se você tem alguma denúncia a fazer, sendo ou não membro de associações de moradores, em qualquer cidade do país, escreva-nos.

SALÁRIOS SÃO BAIXOS E GREVE É PROIBIDA

Estado explora e reprime funcionários

Já houve tempo em que o funcionário público tinha um salário acima da média de outras categorias. Ser funcionário público era um privilégio, sinônimo de segurança. Desde 1964, porém, a situação mudou radicalmente. Só em 1975 os salários dos servidores federais subiram mais do que o custo de vida. Em 1964, por exemplo, os salários aumentaram 20% e o custo de vida, medido pelo Dieese – Departamento Intersindical de Estatísticas – subiu 79,2%. Em 1967, a remuneração dos funcionários avançou 25% e o custo de vida mais de 40%. Em 1973, o reajuste foi de 15% e os preços cresceram 23%. Em 1980, o arrocho chegou a ser escandaloso: 56,25% de reajuste contra 80,4% de elevação dos preços. O reajuste de 82%, agora determinado pelo governo federal, não refresca nada, pois o custo de vida anda na casa dos 100%. Além do arrocho, os funcionários públicos são prejudicados de diversas outras formas. Não têm 13º salário, não se beneficiam do reajuste semestral e dos aumentos por produtividade e estão proibidos de fazer greve, pois sua atividade é considerada de segurança nacional. Como se tudo isso não bastasse, os funcionários públicos não podem se organizar em sindicatos. O artigo 566 da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) proíbe.

SP nega abono e PDS corrompe

Há funcionários públicos federais e estaduais que ganham, inclusive, menos que o salário mínimo. Um agente de portaria (funcionário federal) recebe atualmente apenas Cr$ 4.778,00. Só em 1º de janeiro, quando terá 35% de aumento e passará para Cr$ 6.450,00, ele ganhará acima do mínimo. Em 1º de abril irá para Cr$ 9.565,00, completando os 82% determinados pelo governo federal, através do decreto assinado pelo general Figueiredo no dia 11 de dezembro.

Para os funcionários públicos de São Paulo, a situação não é melhor. Os funcionários de referência 1 a 14 ganham apenas Cr$ 5.778,50. Essas referências incluem serventes, porteiros, atendentes, faxineiros e outros. O deputado Eduardo Suplicy (PT) apresentou um projeto para a concessão de um abono de emergência, para ver se aliviava a barra do pessoal. Aprovado pela Assembléia, o projeto foi vetado pelo governador Paulo Maluf e retornou à Assembléia. Mas não há quorum para derrubar o veto.

O secretário de Administração, Wadi Helu, diz que o governo do Estado tem uma reserva de contingência para aumentos salariais de Cr$ 71 bilhões. Mas só será usada quando a Secretaria de Fazenda concluir os estudos que vem fazendo sobre a situação do funcionalismo.

Gélson acusa o deputado Leitão da Rosa (PDS-RJ)

Antônio diz que servidor [illegible]

Maria faz biscates mesmo

João de Deus nega problemas

Devido aos baixíssimos salários que recebe, o funcionário público tem, freqüentemente, que fazer biscates para sobreviver, diz Antônio Carlos Andrade, de 27 anos, um dos diretores da União Nacional dos Servidores Públicos:

– Quando entrei para o funcionalismo público, há cinco anos, meu salário era de 2.456 cruzeiros, o que correspondia a 3,8 mínimos. Hoje eu ganho 10.953 cruzeiros, menos que dois salários mínimos.

A luta da União Nacional dos Servidores Públicos, conforme ficou decidido em assembléia realizada em São Gonçalo, município do Estado do Rio de Janeiro que conta com 8 mil funcionários, é para que os servidores tenham direito ao reajuste semestral, ao 13º salário e à sindicalização.

– O que prejudica a briga pelos nossos direitos é que tem uma porção de companheiros presos por favores. Ganham uma miséria, passam dificuldades e ficam quietos. Usam o puxa-saquismo para tirar proveito. Fazem armações com os chefes de seção e vão para a rua ganhar dinheiro da melhor forma possível. Eu posso falar porque tenho 32 anos de serviço público, trabalhei, chiei, para ganhar os 14.714 cruzeiros que consigo hoje. Aqui em São Gonçalo, quem distribui os cargos de chefia é o deputado federal Osmar Leitão da Rosa (do PDS).

Esse tráfico de influência é usado, inclusive, diz Gélson Lopes, para beneficiar militares:

– Há alguns anos acabaram com a função de guarda no serviço público. Eles viraram agentes de portaria e agora suas funções estão sendo exercidas por guardas de empresas particulares, a quem o Estado paga 20 a 25 mil por mês por cada guarda contratado. Isso foi feito para estimular essas empresas, geralmente dirigidas por militares. Se a função ainda é necessária, por que a extinguiram?

O único que parece achar que vai tudo muito bem é João de Deus, um pelego de 57 anos que controla a Associação dos Servidores Civis do Brasil, entidade que congrega em seus quadros 350 mil funcionários de todo o país. Diz ele:

– Não tem crise nenhuma no funcionalismo público. Eles não se esforçam para melhorar e depois culpam o governo. E a pobreza do passado é maior do que a pobreza do presente. Eu já tive bicho de pé. Hoje não tem mais isso. Tem é muita vadiagem. Não há desemprego, há malandragem. Veja só os professores pedindo aumento. Pra quê? Eu sou professor, vou entrar em férias agora e só volto em março. Quer coisa melhor do que isso?

Para João de Deus, que foi candidato a deputado pela extinta Arena e não conseguiu se eleger, a culpa dos problemas atuais, da luta dos servidores por reajustes semestrais, é do governo:

– Esse reajuste que o governo fez para resolver o problema do ABC desgraçou tudo. Os empresários são obrigados a dar dois aumentos por ano. É evidente que só as grandes empresas vão conseguir dar isso, e assim mesmo com muitas dificuldades. O mais grave é que o governo esqueceu que é patrão também.

Enquanto João de Deus diz que os funcionários são "uns preguiçosos", Maria de Lourdes da Silva, de 29 anos, tem uma experiência que não confirma isso. Como funcionária pública, ela ganha salário mínimo e para poder viver vende balas e doces em frente ao Ministério do Trabalho, no Rio de Janeiro, ajudando sua irmã Guiomar. Com isso, consegue ganhar mais uns 80 a 100 cruzeiros por dia.

– A situação do funcionário foi boa até 1963. Depois só andou pra trás. Parece caranguejo. Me lembro do Saps, na Praça da Bandeira, do Calabouço, lugares onde a gente comia bem. Tinha até passe para o bonde, no tempo do Juscelino. Hoje a gente chega no fim do ano e tem que ficar quase que esmolando pra comprar uma coisinha qualquer pra gente.

Reportagem de Laís Oreb, Ricardo Bueno e Tim Lopes. Fotos Chiquito Chaves

Inflação vence reajustes

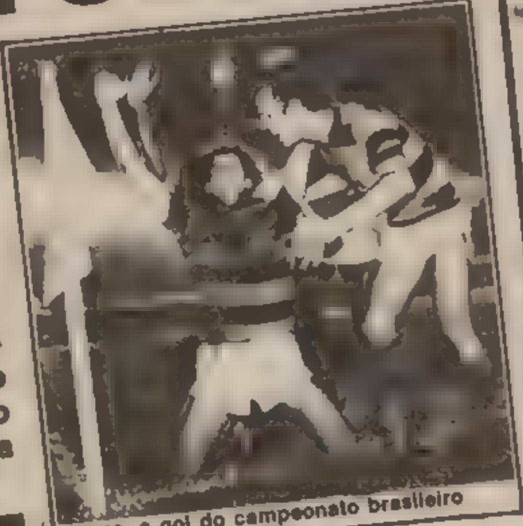
Anos	Reajuste [illegible] funcionários	Custo de vida calculado pelo DIEESE (*)
1964	20%	79,2%
[illegible]	—	76,0%
1966	10%	48,1%
1967	25%	40,4%
1968	20%	22,5%
1969	20%	23,0%
1970	20%	21,7%
1971	20%	22,1%
1972	20%	22,8%
1973	15%	23,0%
1974	20%	31,5%
1975	30%	26,9%
1976	30%	38,8%
1977	30%	41,6%
1978	38%	38,7%
1979	40%	42,5%
1980	56,2%	80,4%

* **Fonte:** *Tabela preparada pelo economista João Sabóia, da Universidade Federal Fluminense.*

MARACANÃ

É DIA DE JOGO!

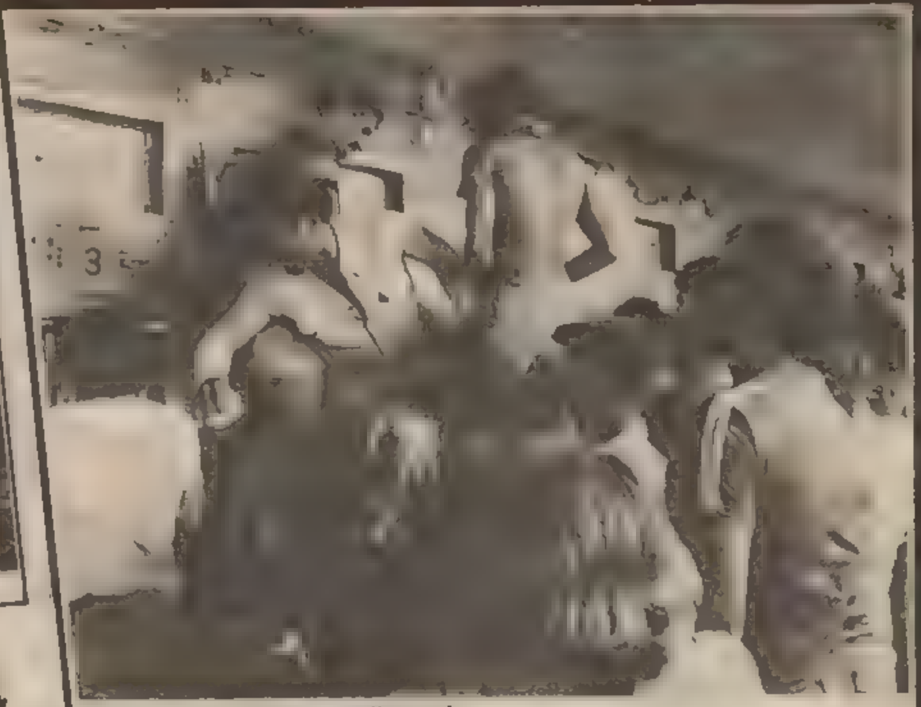
Quem vai ao "maior estádio do mundo" em dia de grande jogo sabe por que o clima se parece com carnaval. Tá todo mundo mais solto, sangue correndo quente, grito de arranhar a garganta. Na arquibancada e na geral o suor chega a colar os corpos das pessoas. Só o humor e a imaginação do torcedor são tão fortes quanto a agressividade e a violência da festa monumental.



Nunes, o gol do campeonato brasileiro

Fotos de Chiquito Chaves, Custódio Coimbra e Rogério Carneiro

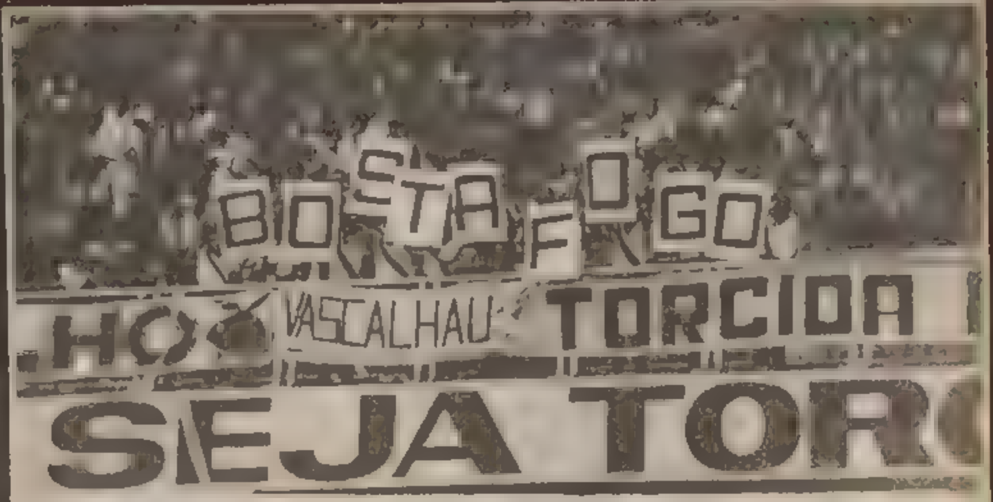
REPORTER



Tumulto para comprar arquibancada

Roberto Dinamate

Só tem homem na Vasmachão



A faixa é da torcida do Vasco, gozando o Botafogo

O tricolor fugiu do hospital, passou mal, foi pro Pronto Socorro

Na geral, só dá mesmo pra ouvir o jogo

Torcida do Mengão parte pra cima. A do Atlético Mineiro reage como pode

A galinha do tri

O demônio tricolor

Rubro-negro agredido por vascainos

A cadeia do estádio

Menores presos

Todo mundo, inclusive o famoso Beijoqueiro mija em qualquer lugar

O fosso, entre o campo e a geral, depois de um jogo

FALA O PRESO

Guarda provoca até família dos detentos

Certos guardas penitenciários provocam os presos e seus familiares, criam problemas nos dias de visita, para que os detentos se rebelem e façam agitação dentro dos presídios. Essa é a maneira desses guardas mostrarem que seu trabalho é importante e assim conseguirem aumentos salariais.

Existem turmas, a bem da verdade, que não provocam e procuram conseguir seus objetivos através da Ordem e da Lei, mas há funcionários que são verdadeiros provocadores. A lei nº 3.274 (regime penitenciário), que rege os sistemas penais do Brasil, diz em seu artigo 2º inciso II: Pessoal técnico especializado em normas e administração penitenciária desde o diretor ao pessoal de vigilância interna (guardas). Como não há ninguém especializado, cria-se o problema e os guardas apelam para obter aumentos.

É compreensível que os guardas procurem reivindicar os seus direitos, mas não é justo que provoquem os presos para que haja um novo massacre como o de 13 de junho de 1977. Assim procedendo, os guardas estão mais do que nunca reafirmando que não conhecem a lei nº 3.274 que os rege. Para se ter uma idéia das turmas que vivem espezinhando e provocando os internos, citarei o inspetor Vivaldo de Oliveira, conhecido entre os internos como **Cara de Cachorro**, *um dos que, sem medo de errar, não conhece a lei e, portanto, não está capacitado para ser guarda, que dirá inspetor.*

Homens desse tipo não merecem jamais aumento. Alguns fazem jus ao aumento pretendido, mas não sujeitos como o **Cara de Cachorro**. *Quem faz agitação? Será que somos nós? Quem são os piores? Quem quer agitação? Será que somos nós internos os subversivos da ordem? Afinal, não há razões para provocação. A Penitenciária Lemos de Brito, em vista do passado, está em paz, e para que essa paz permaneça é necessário que se evite provocações da parte de gente como o* **Cara de Cachorro**. *Já chega o que nos é levado por parte de algumas* **aves de rapina** *e nós não bronqueamos.*

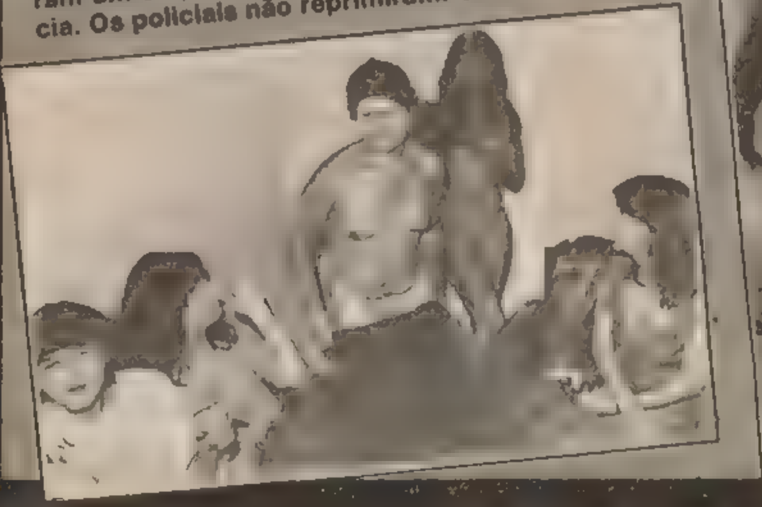
Queremos que nossos familiares não fiquem sendo provocados por esses **Caras de Cachorro** *da vida. Fico por aqui e peço às autoridades que não façam vista grossa para este alerta, pois muito se precisa fazer para melhorar o sistema penal do Estado do Rio de Janeiro.*

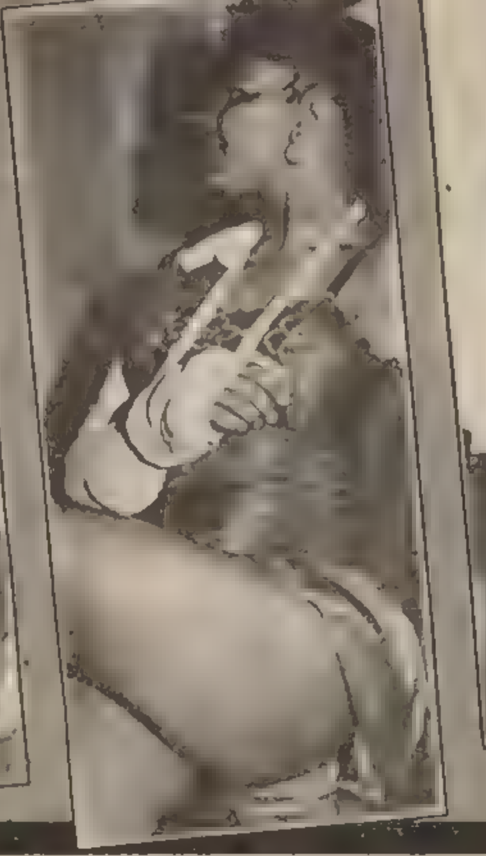
Treme Terra

Esta seção é escrita por presos de uma penitenciária do Rio de Janeiro. Para preservar sua segurança dentro da cadeia, eles usam um nome-de-guerra comum: Treme Terra. Os fatos narrados são rigorosamente verdadeiros.

STRIP-TEASE NA DELEGACIA

Dia 27 de novembro, à tarde, teve um show na Delegacia de Homicídios do Deic — Departamento Estadual de Investigações Criminais de São Paulo. Vinte travestis foram à delegacia fazer reconhecimento de Carlos Pinezzi Filho, que andava atirando em travestis de São Paulo e da região industrial do ABC. Que era ele mesmo, era. Mas, na hora de mostrarem os ferimentos ao delegado Joffre Sandin, os travestis começaram a tirar a roupa e, no fim, fizeram um strip-tease improvisado na sala da delegacia. Os policiais não reprimiram. Olharam, apenas.





Fotos de Valdenir Benedetti

Ouro clandestino

Comércio misterioso em S. Paulo movimenta Cr$50 milhões por mês. Polícia não comenta o assunto.

"Ouro, compra-se." A placa é sempre a mesma, e há um número cada vez maior delas exibidas no centro de São Paulo. Os endereços, porém, são sempre diferentes: avenida Ipiranga, rua 24 de Maio, av. Cásper Líbero, rua Direita, etc. Só na rua São Bento há três endereços onde se pode vender ouro de qualquer valor. Um comércio misterioso que arrecada, em 200 endereços diferentes, quase 15 quilos de ouro por dia, o que representa, em dinheiro, por volta de Cr$ 450 milhões mensais.

Nessas lojas, ou postos, os funcionários são instruídos para não dizerem nada. Esquivam-se, muitas vezes nem sabem (ou não querem dizer) quem são seus patrões. Negam-se também a comentar o que é feito com todo esse ouro, para quem é revendido. Dão qualquer resposta. Insinuam que é vendido para joalheiros, depois de fundido.

Mas a Associação dos Joalheiros de São Paulo não concorda. Ricardo Vega, seu presidente, considera esse comércio "paralelo e ilegal". O ouro é comprado de qualquer pessoa, até de ladrões, pois os funcionários das lojas não perguntam de onde vem o metal.

– Não dá pra ler na testa que a pessoa é ladrão – justifica-se um desses funcionários, que não tem nome, nem rosto; o pouco que diz é no maior sigilo.

Outro funcionário de uma das lojas da rua São Bento insinua o envolvimento de policiais:

– Eu vi e ouvi um policial, daqueles da perua branca e preta, pedir dinheiro para um indivíduo que estava deixando a loja, a fim de não lavrar o flagrante. O indivíduo reclamou: "Assim não dá, trabalho pra sustentar vocês!"

A polícia não quer falar sobre o comércio de ouro. O delegado de Furtos do Deic – Departamento Estadual de Investigações Criminais – disse a este jornal que só poderia falar com autorização do diretor. O diretor, por sua vez, afirmou que só autorizaria caso o secretário de Segurança Pública aprovasse. E o secretário Otávio Gonzaga Jr. não aprovou.

Os postos de compra de ouro mudam sempre de endereço. No número 59 da rua São Bento está estabelecido um senhor de origem síria, cujo primeiro nome é Sérgio. Embora seja antigo nesse comércio, está no endereço há um mês. O ponto foi passado pelo italiano Guido Cerri Neto que, por sua vez, mudou-se para outro endereço.

Os postos são muito simples. Geralmente, pobres saletas onde trabalha um funcionário que atende ao balcão e um avaliador. Não há segurança ostensiva, apesar do estoque valioso. O avaliador não dá atenção à jóia que é comprada: preocupa-se apenas com o ouro que há nela. Indício de que esse ouro será fundido. Se vai virar uma nova jóia ou uma barra, não interessa à loja divulgar. Nem à polícia investigar.

Agência Rau

A propaganda é aberta...

e compra-se até 75 gramas por dia

Fotos Valdenir Benedetti

DETETIVE CRÊ EM ROUBO, MAS NÃO AGE

Quem informou que há em São Paulo 200 lojas que compram ouro foi um detetive da Delegacia de Furtos do Deic — Departamento Estadual de Investigações Criminais. Quer dizer: a polícia suspeita mesmo que as lojas comprem ouro roubado, funcionem como intrujões. O cálculo do total de ouro comprado por dia foi feito da seguinte maneira: foram visitadas 20 lojas do centro de São Paulo e a média de compra deles era de 70 a 75 gramas por dia. O preço pago é a metade da cotação do ouro no dia. Assim, uma grama de ouro 16 vale Cr$ 400. Algumas lojas são muito simples: apenas uma sala dividida em duas por vidro. Como na rua São Bento 181, sala 49. Dois rapazes ficam lá. Rubens Teixeira no balcão e Carlos avaliando. Ambos dizem que nunca lidaram com ouro, estão aprendendo o serviço. Mas são eles que decidem quanto pagar. Nessa loja não há nenhum esquema de segurança, nenhum guarda armado. Já na loja da rua 24 de Maio 188, sala 217, o balconista atende de arma na mão. Esta loja é a mais luxuosa das que foram visitadas.

'Prova do modess' na fábrica paulista

Teste é pra ver quem está menstruada, porque só virgens e solteiras podem trabalhar na metalúrgica Ultra

O Conselho Regional de Medicina poderá cassar o registro profissional do médico Romeu Frota, se for confirmada a denúncia de que ele manda as operárias da Metalúrgica Ultra, de São Paulo, "a maior indústria de zíper do país", mostrarem o modess uma vez por mês, provando que não engravidaram.

A "prova do modess" é denunciada por Maria Aparecida Malavazzi. Ela trabalhou na Ultra pouco tempo, há dois anos, mas no começo já sentiu a barra:

– No exame médico para admissão, primeiro o médico me perguntou se eu era virgem. Eu disse que sim com a maior cara de pau. Era casada e já tinha um filho, mas menti porque eles não admitiam mulher casada. Depois ele perguntou o dia da minha menstruação e a enfermeira anotou numa ficha.

Antes desse dia ela foi despedida por faltar três dias "pra cuidar do meu filho". Assim, ela conheceu a "prova do modess" da boca de outras operárias, e o clima que isso criava na "maior indústria de zíper do país", como o encarregado-geral, Fábio Crispim, classifica a Ultra.

– Era uma vergonha – continua Maria. Elas tinham que baixar a calcinha e mostrar o modess para a enfermeira. Voltavam do consultório vermelhas, e as mais antigas até faziam gozação com elas. Eu ficava morrendo de medo e pensava: se eu engravidar, vou passar sangue de galinha no modess.

Porta da metalúrgica. São 380 operárias (sem contar os homens). Difícil conversar com elas na saída. Arredias, tímidas. Notam-se operárias grávidas – elas já passaram da fase de experiência. Das novatas, pelo menos uma confirma a existência da "prova do modess":

– Quando eu fui admitida, eles falaram que no dia da minha menstruação eu fosse lá pra enfermeira olhar – diz M. S., de 27 anos, empregada há seis meses.

Da enfermeira, ela não tem reclamação nenhuma:

– A enfermeira é legal, me tratou muito bem.

N. C., de 22 anos, três de Ultra, confirma o controle, em parte:

– Eles me chamaram quando eu estava menstruada, mas não pediram pra eu mostrar. Acreditaram em mim.

M. I., de 35 anos, teve que contar, no Departamento Médico, se morava com outro homem depois de se desquitar:

– Sou desquitada e eles perguntaram se eu morava com outro homem. Eu disse que não. Depois, pediram pra eu avisar quando eu ficasse menstruada. Mas nunca mostrei o modess.

O encarregado da metalúrgica, Fábio Crispim, confessa que as grávidas são rejeitadas:

– Não admitimos grávidas porque elas vão ficar paradas, sem produzir, durante vários meses.

A comprovação da gravidez, segundo Crispim, é apenas "visual". Outros métodos ele desconhece. Se houverem, a culpa é do médico:

– A empresa nunca impôs isso ao médico. Ele tem autonomia dentro da área dele. Isso deve ser um controle dele, para dar assistência e orientação às mulheres.

Mas ele admite a existência da "prova do modess" em pequena escala:

– Olha, dizer que isso existe é exagero, porque eu sei que não é em larga escala. E também não posso dizer que não existe, porque ela (Maria Aparecida) confirmou.

Não deu pra encontrar o dr. Frota na Ultra. No dia da entrevista com o encarregado-geral, ele disse que o médico não estava. No dia seguinte a recepcionista informou que o doutor tinha saído de férias pra Pernambuco.

Médico da empresa pode ser cassado

A prova do modess foi considerada "antiética" pelo presidente do Sindicato dos Médicos, Aglimeron Cavalcanti. Mas ele encontra uma atenuante para o proceder: "O médico, na medicina de grupo (clínicas que mantêm convênio com empresas), está apenas cumprindo sua função e perde muito de sua autonomia. Certas coisas é a empresa que determina e ele tem normas a seguir. De qualquer modo, se existe isso (a prova do modess), é uma atitude reprovável do colega, uma atitude antiética que não tem respaldo da categoria. Se o Conselho Regional de Medicina tiver conhecimento disso, ele pode punir o médico. As punições vão de advertência à suspensão do registro. Nesse caso, ele não vai poder mais exercer a profissão, se for realmente provado o ato antiético. Segundo Aglimeron, muitos médicos já denunciaram ao sindicato que eram obrigados pelas empresas a aplicar o teste de gravidez nas operárias: "Isso é muito comum em muitas empresas. A mulher só é admitida se o exame for negativo". Esse comportamento, Aglimeron não considera "antiético": "É uma conduta natural do médico. Se uma mulher chega no consultório e diz que sua menstruação está atrasada, o médico naturalmente vai pedir o exame imunológico (teste de gravidez). Só que na medicina de grupo o resultado desse exame não vem para o médico: vai direto pro Departamento do Pessoal da empresa. Ele apenas requisita o exame. O laboratório é que entrega o resultado para a empresa. E há casos mais graves, que são as demissões de mulheres grávidas".

Gleise de Castro

Depois da "operação", uma festa...

...reabriu a boate Cachação

Fotos [illegible] Vilares

OPERAÇÃO - SAPATÃO

— Pega aquela ali!

A estudante de 22 anos estava num ponto de ônibus da rua Martinho Prado, em São Paulo, na noite de 15 de novembro. Nem assim escapou da **Operação-Sapatão** do delegado Richetti.

— Parece que a gente tem uma estrela na testa — diz ela, um mês depois.

A rua Martinho Prado faz parte do **gueto** das lésbicas, palavra que elas usam para designar os bares que freqüentam. Nessa rua está o Ferro's, o mais tradicional ponto de encontro desde a década de 60. Local de freqüentadoras famosas, como as moças da seleção brasileira de basquete de vinte anos atrás. Quase todas da cidade de Piracicaba. Quando vinham à capital, iam pro Ferro's direto.

Mais recentemente, coisa de cinco anos pra cá, perto desse bar nasceram vários outros: Cachação, Canapé, Último Tango. Em 15 de novembro, todos esses lugares foram invadidos pela polícia. Quem fosse (ou tivesse cara de) lésbica, ia pro camburão. Não importava que tivesse documentos, carteira profissional assinada...

— Me levaram pra dentro do Cachação — conta a moça de 22 anos — e fui logo mostrando meus documentos. Mas o polícia disse: não interessa documento, você é **sapatão.**

O camburão deixou a moça — como também os outros 200 presos — na 4ª Delegacia de Polícia, numa travessa da rua Augusta. Ela ficou lá de meia-noite às três da manhã. E só saiu depois de dar dinheiro.

— Primeiro me colocaram numa cela com mais 50 pessoas — continua a estudante — e mais tarde houve uma seleção. Quem tivesse boa aparência, estivesse bem vestido, era tirado pra outra cela. Junto ao policial que fazia essa escolha estava uma lésbica que conhecia a turma presa e ajudava na triagem.

A moça — que não quis dar seu nome — diz que

O novo bar, só pra mulheres

numa certa altura começou a se falar em dinheiro. Ela escutou alguém na cela (uma assistente social encanada) dizer: eu pago 2 mil. Aí ela notou que ia ter que desembolsar alguma coisa pra sair livre e ficou apavorada:

— Eu só tinha 100 cruzeiros no bolso.

Ela não sabe direito quem recebia esse dinheiro das presas. ("Talvez um funcionário subalterno".) Sabe, sim, que quem dava mais saía mais cedo. E ela, uma das últimas, deixou os Cr$ 100, apavorada:

— Pensei que não aceitassem tão pouco.

No fim, todo mundo teve que pagar. Quanto tivesse. A moça não viu ninguém sendo fichado, mas a polícia ficou com os nomes e os números de todas.

Um mês depois dessa **operação,** o ambiente na rua Martinho Prado era desalentador. Bares e boates vazias. Até na rua, pouca circulação. Sinal de que daqui pra frente as lésbicas não terão sossego nem nos poucos bares "em que são confinadas", como se expressa a estudante de 22 anos.

Ela circula no **gueto** desde os 17 anos e precisa muito disso:

— Só nesses bares a gente encontra gente como nós, só lá somos aceitas, estamos em casa.

Fora desses lugares — em casa, no trabalho, na escola — o que existe é discriminação:

— Até na Universidade de São Paulo — continua a estudante — onde as pessoas se consideram avançadas, os homossexuais não são aceitos. Principalmente as lésbicas. No trabalho, quando descobrem, somos mandadas embora. Lá em casa minha mãe não consegue entender por que eu sou assim, por mais que eu tente mostrar a ela que estou bem assim, não tenho nada de anormal.

No emprego, pra se manter, a lésbica tem que trabalhar mais do que as outras, pois além de tudo ela não vai dar pro patrão.

Agressões verbais na rua ela ouve demais. Acha que o homem vê na lésbica uma rival:

— O homem pensa assim: essa aí não dá pra mim e ainda pode roubar minha mulher.

Pra lutar contra essas violências dirigidas às lésbicas e aos homossexuais, já existem oito grupos organizados em São Paulo. Dois mistos, quatro de homossexuais e dois de lésbicas. Todos estão em formação, pois começaram mesmo nos primeiros meses de 1980, quando o delegado Richetti promoveu os famosos **rondões** que caçavam travestis. Para esses grupos organizados, as ações da polícia em novembro foram uma continuação daqueles **rondões.** Mas, apesar desse clima todo, a dona do bar Cachação, conhecida por **Pelé,** não está muito preocupada e até fala bem de Richetti:

— Conversei com ele, fui muito bem tratada e concordei com ele em que a **Operação-Sapatão** foi um mal necessário. Havia maus elementos que freqüentavam aqui e agora sumiram.

Confiante nos negócios, **Pelé** inaugurou, no dia 11 de dezembro, uma nova boate. Só para mulheres.

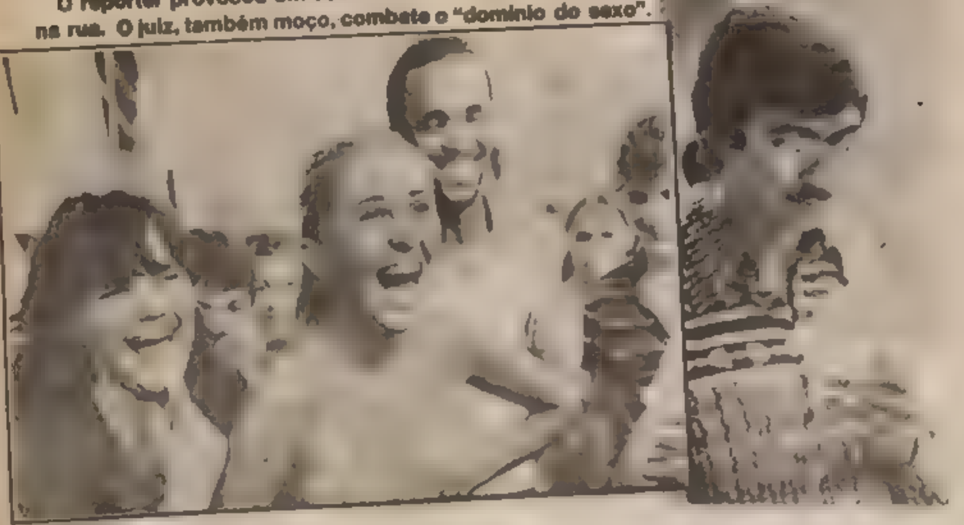
Omar Cupini Jr.

No interior de SP, sentença pune "libidinagem" com multa

JUIZ PROÍBE NAMORO E BEIJO

O repórter provocou um debate sobre moral com jovens na rua. O juiz, também moço, combate o "domínio do sexo".

Fotos Wagner Avancini



Em dezembro, o delegado de São Joaquim da Barra desencadeou uma verdadeira cruzada moral, a chamada "Operação Moral Ordinária", que resultou na prisão de 12 casais, alguns deles menores de idade, em lugares diversos: na praça, no cinema e até no portão da casa de uma garota de 15 anos, Adriana. Ela conta que estava apenas conversando com seu namorado, ambos sentados em suas cadeiras. É costume no interior se colocar as cadeiras nas calçadas em noites mais quentes e conversar. A mãe dela, evidentemente, estava de olho.

Dona Mafalda Barbosa Mambrini se exalta ao falar do delegado que executou essa tal "Operação". Diz ter conhecimento de seu triste passado, de explorador de mulheres na zona da cidade:

— Ele era sargento da PM, depois casou com uma viúva que o fez estudar, prestar concurso e se tornar delegado. Mas eu é que sei bem de sua vida... Pergunta pra cidade toda aonde foi a filha dele, que, segundo consta, é amante de deputados lá em [illegible]

O certo é que o delegado Sebastião de Freitas, o Tião popularmente conhecido, chegou a fechar a boate do clube Espigão, o único da cidade que não agüentou e teve de tomar essa medida pela falta de freqüência.

Já o namorado de Adriana, Sérgio Mendes Rosa, açougueiro e criador de porcos, se refere ao delegado de maneira nada poética. Teve de pagar Cr$ 4 mil de fiança pra sair da cadeia, e a acusação feita pelo policial que o prendeu foi a de que sua namorada estava sentada em seu colo. "Imagine eu fazer isso na frente da casa dela, se eu tenho carro e a gente pode sair por aí", defende-se

O padre Francisco Sabattini, pároco da igreja matriz — que fica no meio da praça dos namorados — garante ter visto muitos namorados encostados na parede de sua igreja, e diz que recebe mil reclamações de famílias que não suportam ver tanto escândalo. Mesmo assim, ele é contrário à atitude violenta tomada pelo delegado Tião, atitude que partiu do juiz da cidade, dr. Nilton Messias de Almeida. E defende a "conscientização".

Para cumprir a determinação do juiz, o delegado Tião utilizou-se dos serviços de sete comissários, também nomeados pelo mesmo juiz. Só que na cidade se levanta outra questão: esses comissários teriam condição moral para procederem dessa forma? Contam o caso de um deles, Sinézio de Paula, proprietário de uma loja de sucos naturais, conhecido na cidade como "Sinézio Cornudo", porque, segundo dizem, sua mulher, que é professora primária, já deu pra todo mundo — e isso até seus alunos sabem e comentam na [illegible]

As meninas de São Joaquim da Barra são uma graça. Vestem-se de modo descontraído, procuram seguir a moda de Ipanema, no Rio, expõem conceitos sem confusão alguma e se mostram bastante revoltadas.

— Tá errado eles vigiarem a moral da gente. Cada pessoa tem a sua vida. Glauce vai falando ao lado do namorado, Renato, ambos de 15 anos. Estamos no centro da cidade. Chega uma quarentona, dona Matilde, que interfere no nosso papo.

— Vocês têm pais? E eles não vêem isso? Por acaso vocês são pão para serem amassadas? O delegado e o juiz estão fazendo isso pro bem de vocês.

Mário, 16 anos, argumenta que há uma lei que faculta à professora primária esclarecer seus alunos sobre os problemas sexuais. Pergunta para a tal senhora se por acaso ela é contra. Ela diz que a juventude não está sendo orientada para o sexo, e que a televisão é a maior corruptora dos costumes.

O diálogo fica cada vez mais interessante. De um lado as crianças de 15 anos, em média, argumentando, defendendo o direito de se acariciar em qualquer lugar, mesmo na praça pública; do outro, a mulher de moral rígida defendendo a atitude das autoridades. Começa a juntar gente na rua. A calçada fica totalmente tomada, estão ali mais de 50 pessoas, todas sem falar nada, apenas assistindo. Param os carros. Curiosidade geral.

Dona Matilde conta que viu algumas cenas "escandalosas" na praça da matriz: "Vi uma cena de sucção no seio e outras piores", diz ela rangendo os dentes. Tudo isso é pela falta de temor a Deus, argumenta essa velha senhora. Uma garotinha responde que tudo se deve, isto sim, à distância entre as duas gera[illegible]

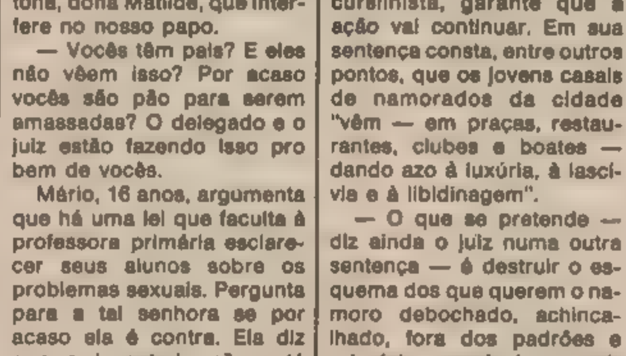
— A senhora já namorou do seu jeito. A gente namora do nosso jeito. Nós acompanhamos a evolução do tempo.

Esbravejando furiosamente, dona Matilde se retira da multidão, que continua discutindo a questão sexual.

Enquanto isso, o juiz Nilton Messias de Almeida, de 33 anos, pai de três garotinhas, cursilhista, garante que a ação vai continuar. Em sua sentença consta, entre outros pontos, que os jovens casais de namorados da cidade "vêm — em praças, restaurantes, clubes e boates — dando azo à luxúria, à lascívia e à libidinagem".

— O que se pretende — diz ainda o juiz numa outra sentença — é destruir o esquema dos que querem o namoro debochado, achincalhado, fora dos padrões e princípios morais da comunidade; é evitar o surgimento de uma juventude covarde, dominada pelo vício e pelo sexo...

[illegible]



A pichação ironiza os conservadores, que acham o juiz um [illegible]nsor e amigo dos jovens. Muy amigo, dizem eles.

Filha de Reich critica atraso sexual do Brasil

Eva Reich, filha do famoso sexólogo Wilhelm Reich, que denunciou a repressão sexual como instrumento que as classes no poder usam para conter a liberdade do povo, esteve em São Paulo no mês de dezembro. Nesta entrevista, ela diz que o Brasil está 60 anos atrasado em matéria de sexo, pede liberdade para a mulher controlar a natalidade, abortar e amar sem preconceitos, e diz que a onda de filmes, revistas e jornais pornográficos mostra que a repressão sobre a sexualidade do brasileiro é grande: "O pornográfico é o que estimula a passividade, um homem se masturbando diante da foto de uma mulher; o erótico incentiva uma relação". Ao ver a matéria Sexo com a boca, que o ministro Abi-Ackel considerou imoral e motivo para apreender este jornal e processar seus diretores, Eva considerou-a "saudável. – Este tipo de reportagem faz bem, aproxima as pessoas, mas o poder costuma reprimir o erótico e permitir a pornografia – diz Eva Reich. Seu pai foi discípulo de Sigmund Freud, o fundador da psicanálise, mas brigou com o mestre por causa de sua teoria sobre a repressão sexual que, segundo ele, era a base a partir da qual as neuroses se desenvolviam. Suas idéias levaram-no também a ser expulso do Partido Comunista Alemão, já que ele se empenhava em tornar política a luta pela liberdade sexual. Tornou-se incômodo para vários países, teve que passar a vida viajando e acabou nos Estados Unidos onde, de início, suas opiniões foram bem recebidas. Suas experiências com a manipulação da energia do corpo humano, para curar a rigidez causada pela repressão da sexualidade durante a infância, a adolescência, foram, entretanto, classificadas de "charlatanismo" pela justiça norte-americana, e Reich morreu na cadeia em 1957. Seus principais livros são Repressão Sexual, A Função do Orgasmo, Análise do Caráter, Escuta, Zé **(um discurso dirigido ao homem "normal", de classe média) e** Fascismo e Psicologia de Massas.

A moral repressiva está perdendo a batalha contra a livre sexualidade?

– Eu não posso me expressar melhor sobre o Brasil porque vocês não têm controle da natalidade e, sem ele, é impossível ter uma revolução sexual. A primeira reivindicação é proteção para a mulher e controle da natalidade; de outra maneira as mulheres só podem mesmo sentir pavor da gravidez ou recorrer a um médico particular, o que, para a maioria, é impossível por ser muito caro. O que seu país precisa é um sistema de clínicas públicas. Se eu vivesse aqui, começaria com Kombis, que entrariam nas favelas e no sertão para orientar sobre controle da natalidade, sem limite de idade ou condição social. Procuraria fazer isso com a ajuda voluntária de pessoas que quisessem trabalhar. A revolução sexual depende de que a mulher tenha controle e autonomia sobre seu próprio corpo – e isso inclui o direito de abortar.

Para uma verdadeira revolução sexual, o casamento tem que acabar?

– Esse é um problema. O casamento já está indo por água abaixo em vários países. A gente deveria poder ter filhos, se quisesse, sem ser obrigado a viver junto. Nos países onde a revolução sexual está bem avançada, 50% das pessoas têm filhos e não vivem junto com o parceiro. Estão surgindo famílias nas quais o próprio pai assume a educação do filho. A dissolução do casamento tradicional é o preço da revolução sexual. Reich, entretanto, partiu do princípio de que, se você exerceu bem sua sexualidade na adolescência, é mais fácil ficar junto.

É possível o orgasmo com o mesmo parceiro a vida toda?

– Eu fui monógama por 20 anos, mas meu marido não. Parece que a mulher, pelo fato de receber o parceiro dentro de si, se abre mais para o relacionamento, tende a ser mais monógama e os homens tendem a gostar de mais mulheres. Isso, porém, vai ser sempre discutível sem a revolução sexual.

O brasileiro costuma se iniciar sexualmente com prostitutas...

Foto Wagner Avancini

Eva Reich quer libertar a mulher

– Isso costuma provocar ejaculação precoce. O Brasil está 60 anos atrasado, e o pior é que a mulher está sendo contida por conceitos de pureza, virgindade, enfim, proibida de viver a vida dela sem ser chamada de putona. Ela não vai conseguir quebrar esse tabu sem a criação de lugares especiais nos quais os adolescentes possam exercer sua sexualidade livre da família.

Qual a idade ideal para o jovem iniciar-se sexualmente?

– Em 1975, numa convenção da Associação Americana de Educação Sexual, eu vi um gráfico que mostrava que, na Suécia, 100% dos homens e das mulheres tinham iniciação sexual entre 15 e 18 anos. Já o gráfico dos Estados Unidos indicava apenas 50% para as mulheres e 100% para os homens até 16 anos. Isso significa que poucas mulheres atendiam muitos homens ou os homens estavam se satisfazendo com mulheres mais velhas.

O que a senhora acha do swing, a troca de [illegible]

– Isso me parece que seria ótimo para os adolescentes. A sociedade devia permitir, com lugares especiais para todos experimentarem. Já para adultos, não sei se funciona tão bem. Para alguns,pode dar certo.

E o homossexualismo?

– Reich, apesar de se ter batido pelo direito de pessoas do mesmo sexo se relacionarem, achava que era preciso toda uma geração viver dentro da revolução sexual para se descobrir que o natural é o heterossexualismo.

Entrevista a Ulisses Tavares

MACHÃO, MINA, SAPATÕES E BISSEXUAIS NO JOGO DA CANTADA

PAQUERA!

Jovens falam sobre as formas de sedução. Lésbicas e mulheres que transam 2 sexos acham a cantada feminina mais sutil. A do homem geralmente é grossa e ele se espanta se é paquerado.

Reportagem de Ulisses Tavares e Lou Moreira. Fotos Wagner Avancini

na rua Augusta é assim: ele encosta, puxa papo, ganha telefone ou vai pra cama. Em cima do carro, ela chama mais atenção

Ele agride e quer sempre a iniciativa

As mulheres paqueram, tomam a iniciativa de abordar um homem ou são sempre paqueradas? Paqueram, diz Regina Machado, atriz e cantora negra, de 25 anos. "Quando estou a fim de alguém eu ataco. Às vezes levo pra transar em casa, se for mais perto. Não preciso nem saber o nome, o que vale é o pique."

Fátima

Regina

Fátima Porto, 27 anos, atriz de cinema e tevê, também toma a iniciativa:

– No Rio, pela primeira vez, eu segui um cara que me pareceu bonito, como um homem faz com a mulher que lhe interessa. Segui ele até sua casa, cantada direta para entrar no apartamento dele. Ele morreu de vergonha quando eu abri o jogo e não topou, mas ficamos muito amigos.

Mas, em geral, é o homem quem toma a iniciativa. E as cantadas são freqüentemente grosseiras. A própria Fátima Porto já teve uma experiência muito desagradável:

– Uma vez eram duas horas da manhã. Eu estava saindo do teatro. Um cara buzinou, desceu e me agarrou. Não pensei duas vezes. Dei com o joelho com toda a força no saco dele. Ele caiu. Me vinguei de anos de humilhação, de ser mulher nessa sociedade machista em que o homem não te pergunta se você quer ir ou não com ele.

Marli Gonçalves, 22 anos, jornalista, chega a achar certas paqueras "fascistóides".

– Imagine que outro dia os caras arrumaram um holofote de luz, desses que a Rota usa pra flagrar bandido, e atiraram aquele facho em mim. Ficam rindo e falando gracinhas, e a gente ali, sem poder fazer nada, impotente pra se defender.

Jussara, 20 anos, bissexual, já foi até agredida na rua:

– Eu estava no ônibus sentada e do meu lado tinha um homem de uns 40 anos. Eu estava muito cansada, até cochilava, e quando fui me levantar percebi que o cara tinha colocado a mão entre as minhas pernas. Tentei me controlar e sair sem escândalo, mas não deu pra agüentar. Ele me olhou como se fosse o todo-poderoso, com muita malícia. Peguei a pasta e dei-lhe no meio da cara. Outro dia fui agredida na rua. Um homem me seguiu e me deu uma joelhada entre as pernas, assim sem mais nem menos. Como se fôssemos animais.

Rosa "ganhou" Márcia, mas com humor

As mulheres que são lésbicas ou bissexuais têm quase todas a mesma opinião sobre cantadas: os homens não estão com nada, engrossam. Já as mulheres, poucas ainda, que têm coragem de cantar outra mulher têm muito mais sutileza. Para comprovar isso, uma jornalista que já fez um trabalho com lésbicas conta uma história que começou num bar:

Márcia

— Rosa, uma bissexual que tem uma vida muito atribulada, estava lá. Ela é uma figura carismática, muito segura sexualmente. Márcia, uma heterossexual convicta, 17 anos, muito bêbada, começou a ficar excitada e, no meio do papo virou para Rosa e disse: "Que tal irmos lá para casa, beber alguma coisa, conversar?" Rosa aceitou, é claro. No meio do caminho Márcia lembrou que estava menstruada e disse: "Acho que não vai dar, estou menstruada". Aí Rosa, que é muito inteligente, saiu com uma tirada belíssima: "Não tem importância, não ligo para regras".

Essa mesma jornalista teve um caso com Cyntia, uma mulher até então heterossexual, de 30 anos, e que estava divorciada.

— Ela fazia um trabalho sobre creches populares e fui entrevistá-la. Nos encontramos num bar e, papo vai, papo vem, ela disse que eu tinha alguma coisa de estranho. Eu respondi que talvez fosse o fato de eu transar com mulheres. Depois disso notei que os nossos papos foram ficando mais maliciosos. Cyntia marcou uma nova entrevista, em sua casa. Fui e, depois de algum tempo, apareceu o cara com quem ela transava. Interrompemos a entrevista. Ele me levou até a porta e se despediu com um abraço quente e demorado. Dois dias depois nos encontramos novamente e ela confessou: "Depois que você saiu fui transar com meu amante, mas não transei com ele, transei com você". Fiquei emocionadíssima, sucumbi à cantada e tudo foi ótimo.

Ana, 18 anos, lésbica, secundarista e bancária, é uma das que acham que a mulher sabe dar cantadas com muito mais sensibilidade do que os homens:

— Cantadas masculinas são vulgares, machistas e sem nexo. As mulheres são mais carinhosas, mais sutis e sabem te cantar docemente, sem agressões. Uma das melhores cantadas que já recebi foi no colégio. Era um dia de chuva. Cheguei toda encharcada, a camiseta e a calça clara colaram no meu corpo. Fui ao banheiro torcer um pouco a roupa e uma garota assoviou quando eu passava pelo corredor das outras classes. Torci a roupa de forma a ficar pouco transparente, senão o professor não me deixaria entrar na sala de aula. Quando eu voltei com a roupa não tão mais colada, ela exclamou: "Que pena! Depois nos encontramos no intervalo, trocamos poesias, falamos de Simone".

Certas mulheres não têm, porém, a coragem de cantar outras diretamente e usam intermediários, diz Beth, 21 anos, bissexual:

— Entrei no Ferro's (bar de lésbicas, em São Paulo). Ia passando entre as mesas, quando um homem acompanhado me chamou: "Você fica muito bem com essa calça; ela deixa sua bunda redonda". Aí eu respondi: "Gostou da etiqueta ou da bunda?" Ele respondeu: "Gostei de tudo. Aliás quem mais gostou foi minha mulher".

Na rua Augusta, papo amoroso pára trânsito

Para os motoqueiros, a paquera na rua Augusta tem fronteiras bem definidas: vai da lanchonete Wells, perto do cine pornô Majestic, até pouco abaixo do Jack in The Box, outra lanchonete, quatro quadras mais adiante. E dias certos: sextas, sábados e domingos, a partir das 20 horas.

"É o melhor lugar do mundo", segundo Brasa, um motoqueiro de 32 anos e que há 10 anos freqüenta a Augusta, "ininterruptamente". A paquera é fácil e o resultado rápido: ir para cama e tchau. O namoro mais prolongado que ele teve durou um mês.

São quatro os tipos de garotas que gostam de transar com os motoqueiros, segundo eles: as "galinhas", geralmente estudantes saindo da adolescência, que trocam uma trepadinha ou transa rápida por algumas voltas de moto; as casadas, que aproveitam a ausência dos maridos e surgem de carro com as amigas à procura de companhia; as desquitadas; e um quarto grupo que inclui travestis, bichas e universitárias da classe média alta. Só que os motoqueiros são machistas: "Bicha a gente dá pau".

Uma entusiasta da paquera na Augusta é Maria Cristina Rivas, loura, 18 anos, estudante de artes plásticas. "Sempre que estou sozinha venho aqui. A maioria paquera legal. Só fica ruço quando eles bebem e as brincadeiras passam a ser barra pesada." No Fiat amarelo que o pai lhe deu, Maria Cristina vai acompanhando devagar e sem pressa o tráfego lento formado por rapazes e moças que, como ela, estão ali paquerando. A pé, de carro ou de moto o esquema é sempre o mesmo: o homem toma a iniciativa, a garota dá o número do telefone. Em três quarteirões, Maria Cristina deu 32 vezes o telefone para marcar encontros. "Em 90% dos casos é o número errado: 10% é dos carinhas que me agradaram e que podem render mais tarde, durante a semana." O encontro geralmente é marcado fora da rua Augusta, alguns dias depois, com mais calma, para que os pares possam combinar melhor os programas.

Quem não gosta da paquera na Augusta são os motoristas de ônibus. "Eu já levei mais de seis horas para atravessar aqui", desabafa Antônio Beneditos, que há dois anos dirige um ônibus da CMTC que faz linha pela Augusta. Ele não reclama em voz alta, pois os rapazes costumam reagir depredando os ônibus e batendo nos motoristas que buzinam ou xingam. "O pior é que nem paquerar eu paquero", diz Antônio: "Meu negócio é em casa mesmo, com a patroa".

Foto Chiquito Chaves

A.C. diz que mata pra "não sentar na boneca"

CAUBÓIS DA MADRUGADA

Em Copacabana, menores ganham a vida com sexo. São os...

Reportagem de Chiquito Chaves e Tim Lopes

Na Galeria Alaska, no posto seis, em Copacabana, a qualquer hora do dia o movimento é intenso. São homens, mulheres, meninas e meninos, todos tentando ganhar a vida. À noite o movimento cresce, a galeria vira passarela, um desfile de travestis, bonecas, machões, caras esquisitas de gente em busca de prazeres diferentes. Cada um anda como quer, se exibindo. Mas o que chama a atenção são os midnight kids ou taxi boys, os caubóis da madrugada, menores de 15, 16, 17 anos, que vivem do aluguel do corpo por qualquer dinheiro. Pra matar a fome, descolar um teto pra passar a noite e sonhar que no outro dia pode se dar melhor "achando um gringo endinheirado". Gente de todo o lugar — argentinos, alemães, italianos e menores desgarrados da família e de seu local de origem — que vai tentar levantar uma nota transando com bichas. Às vezes até sem se importar com dinheiro, mas procurando um apoio, um encosto. A tentativa, apesar de excitante, é desgastante, difícil, ao contrário do que dizem muitos menores que procuraram deslumbrar o repórter falando das altas quantias — 2, 3 mil cruzeiros — que recebiam nos encontros com homossexuais. Um deles, que jurava "viver bem", foi encontrado, de madrugada, todo encolhido, dormindo num banco do calçadão em frente à galeria.

Pára o carro, o caubói se chega, vem o papo, sai um acerto

M. mora com travesti e fatura 20 mil

Os **midnight cowboys** se espalham da rua Santa Clara à Galeria Alaska e freqüentam as boates Carinhoso e Lelois. Vão para a batalha quase toda noite, mas atualmente não estão faturando muito. É o que diz Marcos S., 17 anos, carioca:

– Para uma bicha sair comigo, tem que botar na minha mão, na horinha, 3 mil cruzeiros. Tá dando pra tirar uns 20 mil por mês.

Para tentar economizar alguma coisa, Marcos está morando na casa de dois travestis:

– Travesti de peito e tudo, com direito a sacanagem, comida e televisão.

Marcos saiu de casa há uns cinco meses. Morava com seus pais na Ilha do Governador:

– Meu pai é oficial de Marinha. Saí de lá porque ele me deu uma porrada, depois de um flagrante de fumo. A barra ficou pesada. Só volto pra casa depois que melhorar.

Mas melhorar não está fácil. Michê anda difícil, diz Marcos:

– Aqui na Galeria Alaska o ruim é a polícia. Eles não dão sossego e isso espanta o freguês. Sabe como é: tem bicha conhecida, que se descobrirem quem ela é, dá bode.

Quando a situação aperta muito, a solução é se virar de outra maneira, mais perigosa que o michê:

– Quando a maré tá baixa, tenho até que roubar. Já roubei algumas vezes. Até um motorista de táxi já assaltei. É o jeito. Se não levo dinheiro pras bichas pra pagar a diária, elas ficam danadas comigo. Minha pele é que está em jogo. Nisso tudo tenho pena da minha mãe. Ela pensa que eu estou morando com uma mulher.

Antônio José F. C., 16 anos, carioca, diz que está se virando porque a mesada que o pai lhe dá não serve pra quase nada:

– Tá todo mundo se virando. Garotão que quiser grana e andar bem, tem que fazer michê. Com a inflação, a mesada de meu pai não dá. Eu estudo em Ipanema e moro lá com meus pais. O que mais quero é comprar uma moto e estou no michê pra isso. Meu pai não quer me dar uma. Diz que vou morrer.

Relação marcada pela violência

Assassinatos de homossexuais são freqüentes na crônica policial. A violência contida nos depoimentos dos prostitutos já demonstra a bronca que eles têm das bichas, o que muitas vezes explode em crimes requintados de crueldade. Um dos mais rumorosos casos desse gênero ocorreu no Rio de Janeiro em 1969. Nessa época, a imprensa, que estava obrigada a calar sobre a violência da ditadura, deitou e rolou sobre o chamado "Caso do Dragão Vermelho". Décio Escobar, poeta, pintor, ex-diplomata, homossexual, foi estrangulado em seu apartamento. Eram muitos os freqüentadores de sua casa, todos muito jovens e todos suspeitos, a princípio. Alguns estudantes de boa família surgiram, então, no noticiário, engrossando o escandaloso caso. Um rapaz tentou se matar, pulando do sexto andar de um edifício. A polícia e a imprensa especulavam em torno de um possível ritual de morte, hipótese surgida em razão do gosto de Escobar por pessoas e objetos orientais. Enfim, quatro rapazes confessaram o crime, ocorrido numa noite de muita droga e violência. Depois do assassinato, os quatro jovens depredaram o apartamento e roubaram objetos de valor. Em agosto de 1979, Simão Carneiro, um decorador que foi campeão de desfiles de fantasias no carnaval, foi morto a tiros na porta de sua casa, no Rio de Janeiro, por um rapaz que, anteriormente, fora protegido da casa. Bronqueado por ter sido expulso, resolveu se vingar assaltando e matando Simão. Durante o ano de 1980 ocorreu, no Recife, uma série de crimes envolvendo homossexuais, o que gerou um protesto do Grupo de Atuação Homossexual dirigido à polícia. A nota exigia das autoridades a elucidação dos crimes e criticava a imprensa por fazer sensacionalismo em torno da sexualidade das vítimas.

Selma Abrantes

A.C. transa, rouba, mata e odeia bicha

– Qual o preço que você cobra pra fazer um programa?

– Um barão, mas quando é gringo varia entre 3 e 5 mil cruzeiros, e ainda vou lá e roubo tudo o que ele tem. Não sou daqui, aproveito mesmo

Quem diz isso é Antônio Carlos R., de 15 anos. Ele é um dos **midnight cowboys** (garotos que transam com bichas) que atuam nas proximidades da Galeria Alaska, o local **gay** de Copacabana.

Para fazer seus programas, Antônio Carlos vai na casa das bichas ou então a hotéis. Quais? indaga o repórter.

– Lá no hotel Passeio, na Gomes Freire. Mas tem outros hotéis que aceitam rapazes. Aqui em Copacabana mesmo tem um, lá na Djalma Ulrich. Tem o My House e o Catedral, na rua das Marrecas, no Centro. O Othon e o Meridien (dois hotéis de alto luxo, em Copacabana) também aceitam, mas só até 9 horas da noite. Mas bom mesmo é ir para o apartamento das bichas. A gente traz tudo.

Antônio Carlos, como muitos outros meninos que atuam como **midnight cowboys**, teve problemas com a família e fugiu para o Rio. Na cidade grande, sem conhecer ninguém, a única maneira que encontrou para sobreviver foi vender seu corpo, transar com bichas:

– Estou no Rio há um ano. Sou filho de criação de uma família rica. Eles têm uma fábrica de papel higiênico, a Impasa. A Claudinha Teles foi fazer um **show** lá na minha terra (na Bahia). Fui ao hotel e ela me disse que o Rio de Janeiro era ótimo e que eu ia me dar bem. Nem pensei. Peguei umas caronas e cheguei aqui. Procurei o endereço de umas pessoas conhecidas. O local não existia, me dei mal. Fui procurar a Cláudia Teles lá na gravadora dela. Não consegui nada. Contei uma história prum cara. Disse que estava doente. Ele me deu uma grana e vim para a praia ver o mar, que era o meu sonho. Dormi ali mesmo, de mala e tudo. No dia seguinte tinham roubado tudo. Fiquei no maior desespero. Liguei pra casa dos meus pais. Eles disseram que eu me virasse.

Aí Antônio Carlos C. começou sua vida de **midnight cowboy** no Rio:

– Perambulei alguns dias, até que conheci um tal de Carlos Gil que trabalhava na TV-Globo. Fui pra casa dele e roubei tudo. Tem que roubar mesmo. Pra ser um sujeito homem tem que matar, roubar, fazer de tudo, senão acaba sentando na boneca.

Antônio Carlos C. já matou dois. E encara isso quase que como um fato normal.

– Um foi no Rio, na praia. Era madrugada, eu tava deitado. Pintou um cara com umas conversas estranhas, queria me agarrar. Embolamos na areia. Uma arma caiu de seu bolso, eu peguei e dei dois tiros nele. A sorte é que a vida me ensinou a viver. Peguei a arma, dei mais uns tiros por aí e vendi por 6 mil cruzeiros.

A segunda morte foi em São Paulo, num presídio:

– Fui preso em São Bernardo, com maconha. Me levaram pro presídio de adulto mesmo. Lá tinha um cara que ficava me enchendo, pensando que eu era viado. Tentei fugir do presídio, mas os homens me pegaram, me deram porrada e me quebraram duas costelas. Quando voltei pra cela o cara ainda me encheu. No dia seguinte o almoço era galinha. Eu peguei os ossos da coxa e fiz um estoque. À noite ele me chamou, fui dormir com ele. Quando ele dormiu não acordou mais: espetei várias vezes a barriga dele.

Antônio Carlos diz que está na pior e cansado de ser **midnight cowboy**. Se pudesse, pulava fora:

– Se desse, fugia daqui. Ia viver em outro país. Atualmente estou na pior, moro nas pedras do Arpoador. Hoje mesmo fui acordado pelos tiras. Estava deitado e quando abri os olhos vi um homem grande me apontando uma arma e me mandando pular na água com roupa e tudo. Meus documentos estão molhados até agora.

Talvez pela vida difícil que leva, Antônio Carlos C. passou a detestar os homossexuais:

– Se um dia tiver um filho e ele for viado, mato ele.

Foto Chiquito Chaves

A.C. gosta de mulher e batalha só pela grana

Foto Chiquito Chaves

A Galeria Alaska, centro de prostituição

Pablito diz que tem amor e muita ilusão

— Eu cheguei aqui no Brasil com 12 anos. Sozinho. Minha família, que estava envolvida com contrabando de uísque e cigarro, foi toda eliminada pelas Forças Armadas do meu país. Só eu me salvei porque não estava em casa, perto do aeroporto clandestino de Hernandarez, em Foz do Iguaçu. Mergulhei nos tóxicos, cheirei pó, fumei maconha e viajei. Superei todos os meus sentimentos. Não sou machão, mas também não sou viado. Meu vício é fumar cigarro. Nem álcool eu bebo mais. Procuro alguma coisa além do prazer, porque gozar a gente goza da mesma maneira, seja com homem ou com mulher.

Encostado na pilastra dentro da Galeria Alaska, imberbe, pinta de galã, 17 anos, paraguaio de Porto Stroessner, Pablito não se considera um **midnight kid** *(garoto da noite) ou* **taxi-boy** *(rapaz de aluguel). Os olhos azuis aparecem quando ele tira os óculos escuros. A camisa de madras aberta no peito exibe um cordão fino de ouro. Logo, um travesti sem maquilagem, com a barba por fazer e os peitos de silicone saindo da blusa não resiste e faz um pssiu. O paraguaio finge que não vê, fazendo charme.*

— Gosto de travesti. Tem uns que fazem mais gostoso que muita mulher. Transo por dinheiro, mas também procuro amor. Tem muito machão forte que diz que faz e acontece, mas é o primeiro a dar a bunda. Conheço muitos. Não tem essa de ganhar 3 mil, 4 mil cruzeiros, não. Isso é cascata. A gente ganha, mas muitos são iludidos. Prometem carro, apartamento, moto, mas é só promessa Você sabe que a barriga fala mais alto. Com fome você faz qualquer coisa. E na hora, entre quatro paredes, acontece de tudo. Não tem essa de eu sou o macho e o cara é a bicha. Tem muito rapaz que vira bicha pelas contingências. Veja você, quando um puto velho vê um menino pela primeira vez, vem com aquela conversa paternalista, prometendo mundos e fundos. Enquanto isso vai dando a comida, a dormida e botando sonhos na cabeça do garotão. Quando ele se dá conta já é tarde, está fazendo qualquer sacanagem com qualquer um por 100, 200 cruzeiros.

Sobre violência, Pablito tem opinião:

— Eu sei com quem eu saio, não sou capaz de roubar um fio de cabelo. Acho uma tremenda sacanagem os caras saírem com as bichas pra roubar. Acho uma covardia quando o extremo chega entre a violência e o prazer. Apesar de muitos viados milionários que levam a gente pra casa ou pro hotel dizerem que vão dar tanto e acabarem botando 100 cruzeiros na tua mão. Você tem vontade de fazer o cara engulir. Eu não gosto daqui (da Galeria Alaska). Vim porque tem muito jogo sujo. Meu negócio mesmo é ficar nos bares do Intercontinental, Rio Palace, tomando suco de laranja, suco de tomate, uma cervejinha. Só flertando. Sempre aparece uma mulher sozinha ou uma bicha disposta a fazer amor. Gasto um dinheiro no bar do hotel para os seguranças não desconfiarem de mim, mas vale a pena. O lucro é sempre alto e o nível do contato, da conversa, estimula a gente. Eu estudei pouco, mas tenho uma cultura razoável, apesar da idade.

O paraguaio diz que mora na Gávea com um amigo, que assinou o termo de responsabilidade no Juizado por ele ser menor. Fala que sua preocupação é botar comida em casa, comprar roupas e perfumes. Se julga um "aventureiro liberal" que gosta de música calma e de silêncio. Não pensa em trabalhar.

— Eu não trabalho porque esta sociedade capitalista é filha-da-puta. Você faz um serviço, trabalha e tudo, e na hora de receber é sempre uma dificuldade. O salário mínimo não dá nem pra comprar roupa. Estou usando uma calça que custou 3 mil cruzeiros. Você acha que vou ser escravo? Eu sou **bon vivant**, *com dinheiro ou sem dinheiro. Por isso já te disse: não me humilho pra ninguém.*

REPORTER é o jornal mais vendido da imprensa alternativa.

No primeiro semestre de 1980, nossa venda foi superior a 50 mil exemplares. Um recorde entre os jornais de oposição.

No segundo semestre, apesar das bombas dos terroristas, o interesse dos leitores segurou a barra e garantiu nossa circulação.

A aceitação do jornal nos estimula a lançar mais de uma edição por mês em 1981.

REPORTER está cada dia mais vivo. Fique do nosso lado. Faça sua assinatura.

assine **REPORTER**

Assinatura por 12 edições: Cr$ 400,00

Envie cheque nominal ou Vale Postal para:

MARGEM S.A. Editora e Gráfica

Rua Miguel Couto 134/11º — 20070 — Rio de Janeiro

Nome: ....

Profissão: ....

Endereço: ....

CEP: .... Cidade: .... Estado: ....

Donas-de-casa fundam liga contra pornografia

Elas combatem coito anal, sexo grupal, homossexualismo e feminismo

Trinta donas-de-casa do bairro de Santana, São Paulo – muitas da mesma rua, a Padorowski – fundaram em setembro de 1980 uma "liga antipornográfica". Conseguiram apoio de censores da Polícia Federal, deputados do PDS, de um jornal de bairro, a Gazeta da Zona Norte, e em outubro já tinham um programa semanal de duas horas na rádio Capital.

– A onda de pornografia invade nossas casas e incomoda nossas famílias – diz Marlene, senhora de seus 40 anos, alta e loira, uma das líderes da "liga".

Pornografia para ela – como para as outras "senhoras da rua Padorowski", como são conhecidas – não são apenas as revistas, os filmes, os programas de tevê. Pornográficas são as relações sexuais que fogem do "normal". Coito anal, por exemplo, para elas é um "modismo" que "provoca hemorróidas, alarga o canal anal e a pior conseqüência é moral, pois desvaloriza os praticantes desse ato".

Do sexo grupal, dona Marlene é "a principal inimiga", apesar do "grande sucesso" da prática, por ela admitido:

– É uma aberração sexual, isso foge às regras da natureza. Não existe nenhuma espécie animal que pratique um ato desses. É o produto da insatisfação neurótica de algumas pessoas. A juventude se deixa levar por esses apelos indecentes porque se sente profundamente angustiada e sem diálogo com a família.

Outra coisa que elas não admitem é homossexualismo. Para irmã Eugênia, da Ordem de São José, que funciona no programa como psicóloga, esse "é um problema de profunda autodesvalorização do ser humano", é a "busca da satisfação periférica", "desvirtua o erotismo lírico e responsável". Ela também acha que muitos jovens partem para o homossexualismo "para não parecerem fora de moda". Ela define assim o homossexual:

– Pessoa profundamente infeliz e insatisfeita, pois sofre da falta de aceitação de seu sexo desde o nascimento.

O sucesso do movimento é enorme, garantem as senhoras. Muitas cidades do Brasil já se manifestam contra a pornografia. Contam que em Brasília já houve uma passeata de mulheres. No sul do Paraná, muitas famílias participam do Dia do Basta, desligando os aparelhos de tevê às seis e meia da tarde, pois depois só tem pornografia. Em Pelotas e Porto Alegre foram criadas "ligas" como a de São Paulo. E muitas listas de abaixo-assinados correm o Brasil para exigir das autoridades "medidas concretas em defesa da moral e dos bons costumes".

Os jovens são a preocupação principal. A receita de irmã Eugênia:

– O jovem não deve ter ignorância total do sexo nem desenfreada liberdade. Tanto o bordel – para o rapaz – como a prisão em casa – para a moça – são nefastos para a juventude.

A definição mais clara do movimento quem dá é dona Marlene:

– Nosso movimento é em defesa da família.

– Não queremos sair por aí em passeata – diz outra senhora, a dona Cândida. – Achamos que a transformação deve vir de cada lar. Queremos que a força da opinião pública derrube a pornografia.

– No começo, pensamos só em movimentar a opinião pública – completa dona Marlene. – Agora, pensamos que nosso trabalho é educar esse povo para que ele possa barrar o avanço da pornografia.

Elas não querem ser de jeito nenhum confundidas com feministas. Até repudiam o feminismo, como explica dona Marlene:

– Repudiamos o movimento feminista porque nossa intenção não é estar nem a frente nem atrás dos homens. As feministas supervalorizam a mulher porque são radicais e frustradas e querem tomar o poder dos homens. Para nós, a mulher tem papel fundamental dentro do lar: é mãe, dona-de-casa, e educadora dos filhos.

Teresa Moreira

Combate Sexual da Juventude

Como você está combatendo a repressão sexual?
Como está transformando a sua realidade imediata?

Na Rádice o depoimento da juventude, o papo de Reich.
O enfoque político da sexualidade,
as questões relativas à informação e educação sexual.
Monogamia, virgindade, masturbação, relações homo, hetero
Os locais e alternativas encontradas,
a imagem de uma vida sexual ideal.
Tudo numa linguagem verdade, direta, informal.

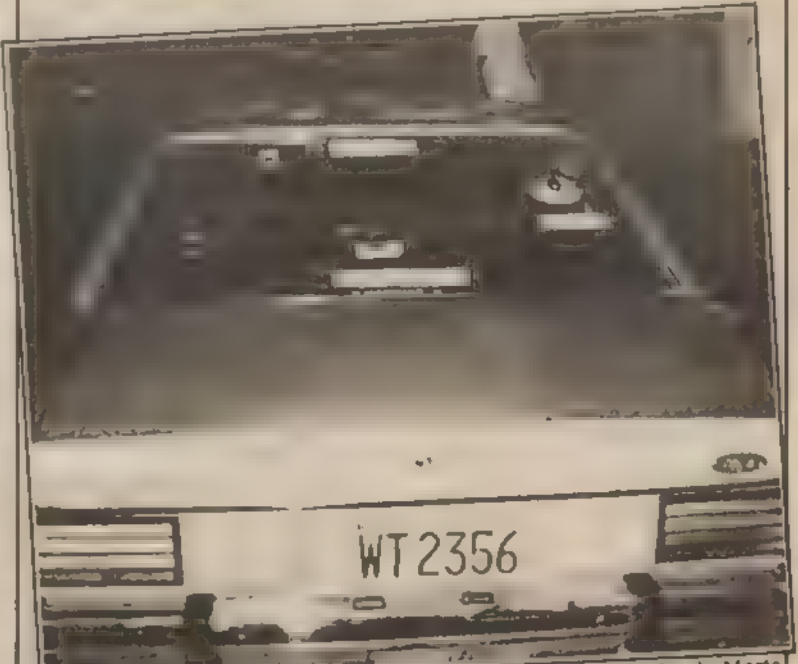
Rádice – Revista de Psicologia,
uma revista para leitores inteligentes e sensíveis.
Peça ao jornaleiro.

Mariel põe a mão no rosto e, depois, ameaçou o fotógrafo

MARIEL FOI AO SAMBA DO 'BOLA'

Texto e fotos de Chiquito Chaves

Às 21 horas de 18 de dezembro último, Mariel Mariscott, conhecido ex-policial que cumpre pena por vários crimes como membro do Esquadrão da Morte, estacionou seu carro na rua Álvaro Alvim, centro do Rio, e guardou tranqüilamente sua arma no bagageiro. Caminhou em direção à Cinelândia, quando uma loura saiu de um bar e tacou-lhe um beijo. O fotógrafo entrou em ação, Mariel botou a mão na frente da máquina, dizendo: "Cuidado, cara, vê lá o que você vai fazer com essa foto! Se você me prejudicar..." Mais tarde, por volta da meia-noite, ele saiu do clube Bola Preta, acompanhado de quatro caras parrudos. Sabe-se que Mariel goza do privilégio de estar sob custódia do juiz Francisco Horta e pode se locomover com certa liberdade. Não se entende, porém, como tal benefício foi concedido a um criminoso de tais antecedentes. Fininho, policial paulista condenado nas mesmas condições de Mariel, está preso sem regalias. O Homem de Ouro carioca, entretanto, fica na rua até madrugada, freqüenta os jogos do Maracanã e os bares da moda, como o Florentina, no Leme.



No vidro do carro, o emblema do Esquadrão da Morte

ACADEMIA **FAIXA PRETA** 1 e 2

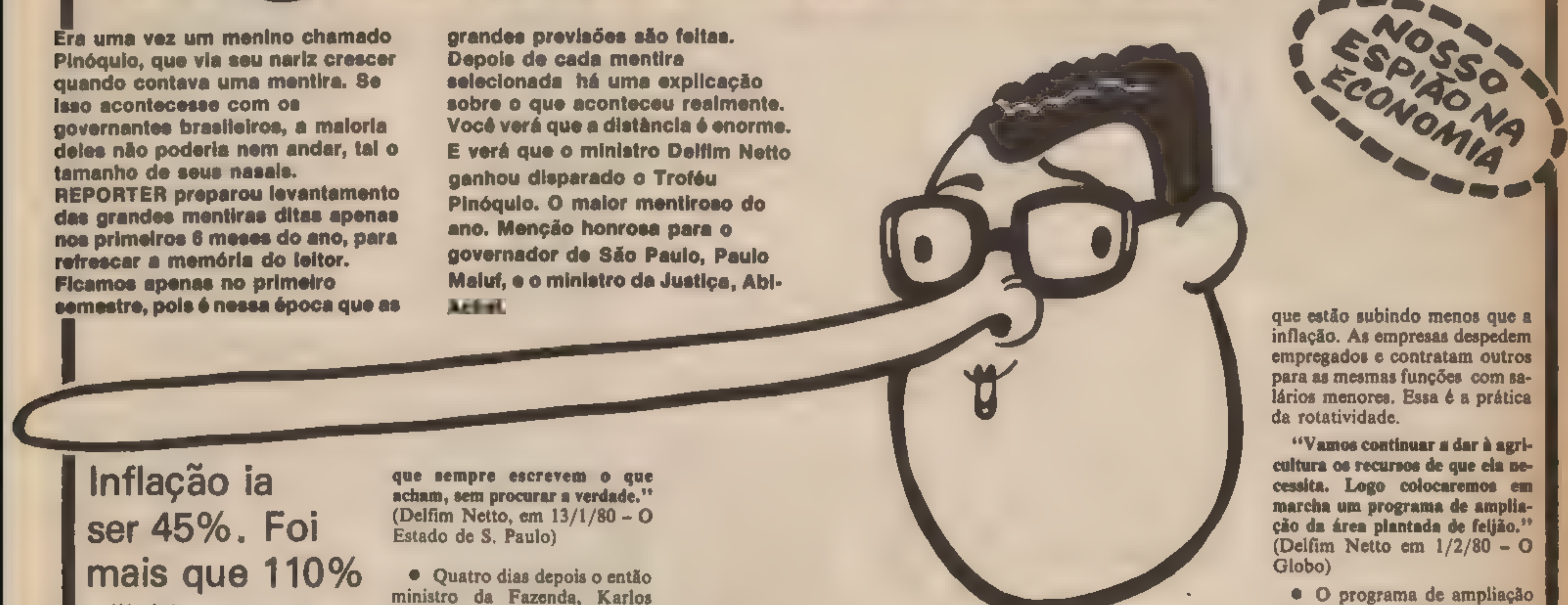
Aulas de:
taekwon-do, kung-fu, capoeira, karatê, aikidô, boxe, ginástica feminina, nunchaku.

ACADEMIA 1 – rua General Roca 947, sobrado. Tijuca – Sãens Pena, Rio. Tel: 288-5548.
ACADEMIA 2 – rua São Francisco Xavier 186, sobrado. Tijuca (em frente ao Colégio Militar) Rio. Tel: 284-5839.

Delfim supera Abi-Ackel e ganha Troféu Pinóquio...

As grandes mentiras de 80

Era uma vez um menino chamado Pinóquio, que via seu nariz crescer quando contava uma mentira. Se isso acontecesse com os governantes brasileiros, a maioria deles não poderia nem andar, tal o tamanho de seus nasais. REPORTER preparou levantamento das grandes mentiras ditas apenas nos primeiros 6 meses do ano, para refrescar a memória do leitor. Ficamos apenas no primeiro semestre, pois é nessa época que as grandes previsões são feitas. Depois de cada mentira selecionada há uma explicação sobre o que aconteceu realmente. Você verá que a distância é enorme. E verá que o ministro Delfim Netto ganhou disparado o Troféu Pinóquio. O maior mentiroso do ano. Menção honrosa para o governador de São Paulo, Paulo Maluf, e o ministro da Justiça, Abi-Ackel.



Inflação ia ser 45%. Foi mais que 110%

"A balança comercial será equilibrada em 1980. Vamos exportar 20 bilhões de dólares e vamos importar exatamente 20 bilhões de dólares." (Delfim Netto em 14/1/80 – O Estado de S. Paulo)

● A balança comercial, que registra as importações e as exportações, já apresentava até novembro um déficit de US$ 3 bilhões. As importações chegaram a US$ 23 bilhões.

"O Brasil é o único país do mundo onde a imprensa publica o que quer e não é necessário provar nada. Desde 1964 sou amigo do Rischbieter e por isso não compreendo os noticiários que informam sobre possíveis divergências entre nós. A culpa cabe unicamente aos profissionais da imprensa, que sempre escrevem o que acham, sem procurar a verdade." (Delfim Netto, em 13/1/80 – O Estado de S. Paulo)

● Quatro dias depois o então ministro da Fazenda, Karlos Rischbieter, apresentava seu pedido de demissão, por divergências com Delfim. Um dos motivos: um relatório preparado pelo Ministério da Fazenda previa um déficit na balança comercial de US$ 3 bilhões. Delfim o taxou de ridículo, pois apostava no equilíbrio da balança. Onze meses depois verifica-se que Rischbieter estava completamente certo

"A taxa inflacionária este ano ficará ao redor de 45%."

"A técnica de combate à inflação é ir montando diques para reduzir a velocidade do aumento de preços, e estamos montando vários desses diques, de tal forma que esta velocidade vai diminuindo. As coisas estão armadas de tal jeito que a inflação vai cair, realmente." Delfim Netto em 20/1/80 – Jornal do Brasil)

● Desde então, o ritmo da inflação aumentou assustadoramente, arrebentando com todos os "diques" do ministro Delfim Netto. Nos 12 meses encerrados em novembro, a inflação estava em 113%. O dobro (e mais alguma coisa) do que o ministro previra.

"A atual política será seguida à risca, utilizando-se o mecanismo do INPC (Índice Nacional de Preços ao Consumidor), que reajusta a maior parte dos salários em níveis superiores aos da taxa de inflação." (Delfim Netto em 18/1/80 – O Estado de S. Paulo)

● Em 15 de outubro, o governo, por inspiração do ministro Delfim Netto, enviou ao Congresso Nacional um projeto mudando a política salarial para arrochar os altos salários. Os que ganham de 15 a 20 mínimos têm agora um reajuste semestral de apenas 50% do INPC contra 80% anteriormente. Os que recebem mais de 20 mínimos têm 50% do INPC até o correspondente a 15 salários mínimos. Acima disso, têm que negociar diretamente com a empresa. O projeto do governo foi aprovado 40 dias depois pelo Congresso, por decurso de prazo.

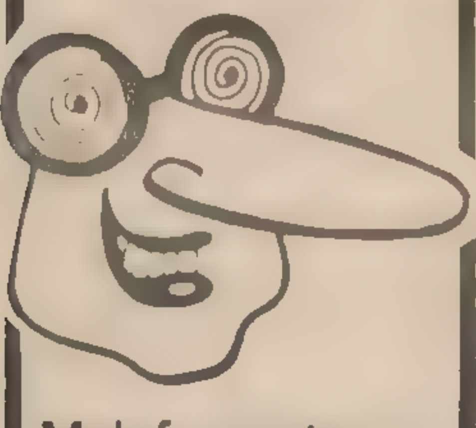
● Quanto aos baixos salários, há uma série de dados indicando que estão subindo menos que a inflação. As empresas despedem empregados e contratam outros para as mesmas funções com salários menores. Essa é a prática da rotatividade.

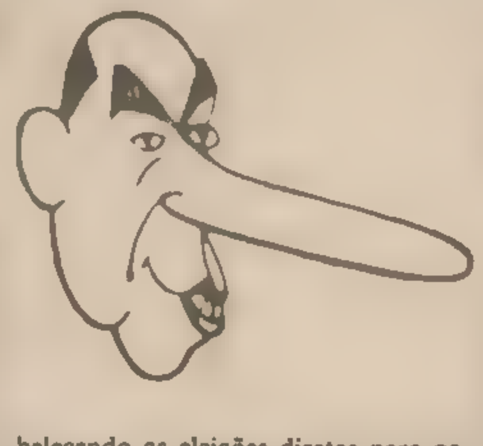
"Vamos continuar a dar à agricultura os recursos de que ela necessita. Logo colocaremos em marcha um programa de ampliação da área plantada de feijão." (Delfim Netto em 1/2/80 – O Globo)

● O programa de ampliação da área plantada de feijão preto foi um imenso fracasso, pois o governo incentivou o plantio em áreas erradas e em época inadequada. No Paraná, por exemplo, graças às pragas e a uma série de adversidades climáticas, o plantio suplementar de feijão foi totalmente destruído. Resultado: faltou feijão preto e o pau comeu nas filas no Rio de Janeiro, com a polícia chegando a espancar a população e a atacá-la com bombas de gás lacrimogêneo.

"Este ano o governo formará estoques reguladores de produtos alimentícios para tranqüilizar os agricultores." (Delfim Netto, em 22/5/80 – O Estado de S. Paulo)

● O Brasil acabou tendo que importar carne, trigo, milho e leite.





Maluf apostou na indireta para 1982

"Já está tudo decidido. Não haverá eleições diretas em 82. Isso o Figueiredo me garantiu, e quem continuar com a Oposição, essa Oposição irresponsável, corre o risco de ser preso como comunista." (Paulo Salim Maluf em 30/1/80 – Jornal da Tarde)

● Meses depois o Congresso Nacional aprovava projeto do governo restabelecendo as eleições diretas para governador. Serão realizadas em 1982.

"O que está escrito na lei – está estabelecido na Constituição – é que as eleições deverão se ferir no dia 15 de novembro de 1980. Se você perguntar ao ministro da Justiça se haverá eleições, eu lhe respondo: o governo cumprirá a lei. A lei maior, que é a Constituição, que se sobrepõe a todos os nossos interesses." (Abi-Ackel em 2/2/80 – O Estado de S. Paulo)

● O governo enviou projeto ao Congresso Nacional eliminando as eleições de 15 de novembro. Graças à submissão do PDS, que diz amém a tudo que o Palácio do Planalto ordena.

"A tendência é baixar o preço do feijão." (Amaury Stabile, ministro da Agricultura, em 12/4/80 – O Estado de S. Paulo)

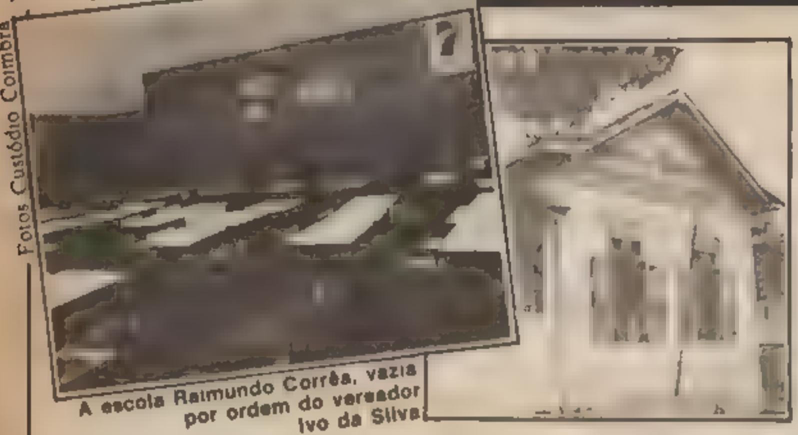
● Quando o ministro disse isso, o quilo do feijão estava a Cr$ 55,00 para o consumidor. Hoje, quem quiser comprar feijão preto no supermercado, não pagará menos de Cr$ 130,00. E, mesmo com a entrada da safra do ano que vem, o feijão não custará menos de Cr$ 100,00 o quilo.

"Não será preciso intervir nos sindicatos do ABCD para impedir a continuação das greves. Só estou pensando em terminar a greve. É isso que me preocupa..." (Murilo Macedo, ministro do Trabalho, em abril/80 – O Estado de S. Paulo)

● O governo acabou intervindo nos sindicatos e afastando suas diretorias, inclusive a dos metalúrgicos de São Bernardo, presidida por Luís Inácio da Silva (Lula). Os sindicatos estão até hoje sob intervenção.

ESPERTAS

Aluno que não vai à festa do PP perde ponto



Fotos Custódio Coimbra

A escola Raimundo Corrêa, vazia por ordem do vereador Ivo da Silva

No dia 3 de outubro, as aulas do curso supletivo da Escola Municipal Raimundo Corrêa foram suspensas para que todos os alunos comparecessem a uma festa do Partido Popular (PP) em Campo Grande. A condução era grátis, por oferta do vereador Ivo da Silva (PP), sócio de várias empresas de transporte da região, que deslocou a maior parte da frota para levar os alunos para marcar presença na solenidade. Resultado: faltou ônibus nas linhas que servem à área. Os alunos da Raimundo Corrêa, porém, sabem que não se tratava de convite: quem não fosse, se arriscava a perder pontos nas provas finais, ameaça velada feita pela diretora da escola, Ângela. Eles já estão habituados ao estilo de atuação dos chefes políticos do PP. Há pouco tempo foram obrigados a trabalhar de graça numa fábrica de plásticos, por interesse da direção da escola e do partido, sob a alegação de que faziam um "estágio técnico".

Custódio Coimbra

Morreu Cartola, mestre do samba. O morro parou

"Vai chorar/vai sofrer/e você não merece/mas isso acontece/ Se eu ainda pudesse fingir que te amo/ah, se eu pudesse, mas não posso, não devo fazê-lo/isso não acontece" **(Acontece)**. *"Quem me vê sorrindo/pensa que estou alegre/o meu sorriso é por consolação/porque sei conter para ninguém ver/as lágrimas do meu coração"* **(Quem me vê sorrindo)**. *"Tive, sim/outro grande amor antes do seu, tive sim/...mas vou calar/pois não pretendo amor te magoar"* **(Tive sim)**...

Ninguém vai esquecer dos lindos sambas de Cartola, o fundador do Bloco dos Arengueiros que deu origem à Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira. Quem não conhece as **Rosas Não Falam** ou **O Mundo é um Moinho?** Pois é, no dia em que o corpo do compositor foi levado para o cemitério do Caju, o morro ficou em silêncio. Pouca gente deixou de ir ao enterro. No **Buraco Quente**, a entrada do morro mais cantado do Brasil, as tendinhas, biroscas e bares estavam a meia-porta. Pelos becos, entradas, entradinhas, vielas e pinotes que, como um veio, formam o corpo da favela, só havia saudade. Um grande vazio.

Tim Lopes

Foto Chiquito Chaves

Dor e desespero no enterro do fundador da Mangueira

Foto Xirumba

"Pra nós nem calçada tem"

Édson diz que deficiente é marginalizado

20% da população brasileira têm algum tipo de deficiência física. O número de aleijados, cegos, surdos e mudos, paralíticos só não é exato porque o governo jamais aceitou colocar nos Censos que realiza a cada dez anos uma pergunta sobre o assunto. Esse medo é que Édson van Lumen, 30 anos, paralítico desde os 2, aponta como a razão para a Organização das Nações Unidas ter designado 1981 o Ano Internacional do Deficiente Físico.

Édson participou do I Congresso do Deficiente Físico, realizado em novembro em Brasília. Como não é membro de qualquer associação de deficientes, foi como observador e diz que as grandes reivindicações surgidas no Congresso foram a redução de 50% da Taxa Rodoviária Única para os deficientes, direito a estacionamento livre nas cidades e até mesmo o direito de pagar apenas metade do preço da gasolina. Ele explica:

– Essas associações todas são presididas por antigos normóides (Édson não usa o termo normal, por considerar que todos temos alguma deficiência física) que, já adultos, sofreram algum acidente que os deixou com problemas físicos. São sempre privilegiados que querem aproveitar a deficiência física para manter seus privilégios e a estrutura econômica do país. Para ele, "não adianta um aleijado ter cadeira de rodas, mesmo motorizada, porque do jeito com que os caras constroem as ruas e calçadas é sempre impossível um deficiente sair sozinho. Até as portas dos quartos e dos banheiros das casas da Cohab têm uma largura menor do que a bitola de uma cadeira de rodas.

Eduardo Homem

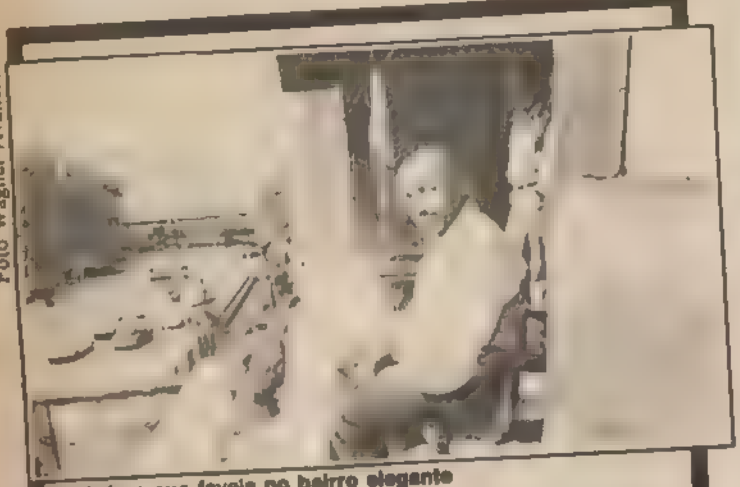


Foto Wagner Avancini

Antônio e sua favela no bairro elegante

A idéia da favela suspensa foi surgindo aos pou[redacted]
A idéia da favela suspensa foi surgindo aos pou[redacted] Primeiro, o servente de pedreiro Antônio José Ribeiro morava sozinho no edifício em construção. Depois, as obras pararam — assim estão há 14 anos — e Antônio construiu dois cômodos no segundo andar para acomodar "conhecidos do Nordeste que não podem pagar aluguel". Hoje, são seis "inquilinos" que pagam até Cr$ 200,00 por mês.

Um deles, o carpinteiro João Manoel, acha que a grande vantagem de morar nessa favela suspensa — além do baixíssimo aluguel — é a localização privilegiada:

— O ponto é bom — diz ele. E quanto a isso não há dúvida: fica na avenida Angélica, num bairro residencial caríssimo em São Paulo (Higienópolis), e ao mesmo tempo está perto do centro da cidade.

Gieise de Castro

Nova Iguaçu faz torneio de sinuquinha

Atenção, pessoal do Baixada! Começa dia 20 de janeiro o 1º Campeonato de Sinuquinha de Bairros de Nova Iguaçu. A comissão organizadora convida todos os proprietários de bares (sinuquinha é a sinuca de botequim) e diretores de equipes para se inscreverem até o dia 18.

No dia 2 de dezembro acabou o torneio Taça de Ouro, vencido pela equipe **Tacos da rua Argentina**; *no 2º lugar ficou o Unidos do Taco, de Miguel Couto. Para comemorar a vitória, os campeões ofereceram um churrasco e premiaram os melhores tacos do campeonato passado: Alberto, Geraldo, Jorge,* **o mágico do taco**, *Oliveira e João.*

Arnaldo Garcia é um partideiro da pesada que conseguiu, com talento e força de vontade, produzir seu próprio disco. Trata-se de um compacto duplo que vai alegrar as rodas de samba do verão carioca, enfocando temas muito bem-humorados, como é típico no partido alto. As músicas são: Geni, a milionária, Cantar partido é de lei, O pinel e Nêga rameira. **Carioca de Osvaldo Cruz, Arnaldo já participou [redacted] conjuntos musicais, é compositor de sambas para blocos de carnaval e agora lança pela etiqueta independente Fonopress a segunda edição de seu disco (as primeiras 3 mil cópias foram vendidas em dois meses). O compacto, é claro, não está à venda nas lojas de discos, mas pode ser adquirido pelo telefone [redacted].**

No fim de novembro, o Centro de Artes da Universidade Federal de Pernambuco realizou uma tarde de criatividade com os alunos das diversas faculdades. A idéia foi de 6 artistas plásticos do Recife, que chamaram o acontecimento de Gestual. Em um dos painéis, como não podia deixar de ser, pintou a maconha, como a mostrar que a erva já ganhou de vez as cabeças dos universitários do Brasil.

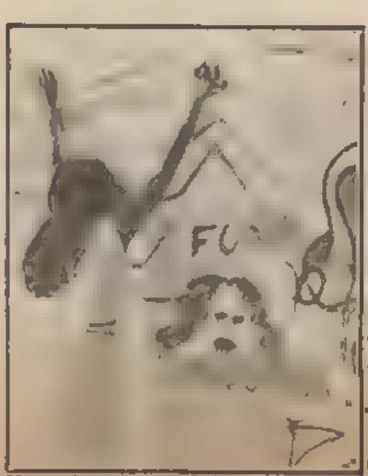


Foto Ângelo Lima

Maconha no mural dos universitários do Recife

Negligência mata bebê em S. Paulo

No dia 12 de abril deste ano, um bebê de 13 meses morreu no Hospital das Clínicas de São Paulo por descuido das enfermeiras. Desde então, a mãe, Maria das Graças Brás, tenta, sem resultado, responsabilizar judicialmente o hospital pelo ocorrido.

Alberto Tiago Brás, o bebê, estava internado na Unidade Pediátrica, com um tumor no ouvido direito. A mãe ficava o tempo todo com ele. Uma hora ela saiu pra ir no banheiro e o bebê ficou sob cuidados de duas enfermeiras plantonistas. Quando a mãe voltou do banheiro, o filho estava à morte.

— Calma — disseram as enfermeiras Maria Aparecida e Zilá — o

Quando chegou a médica, dra. Alice, uma das enfermeiras lhe disse que elas tinham se distraído, enquanto a criança pulou do berço. A médica mandou a enfermeira calar a boca. A enfermeira ainda reclamou da falta de funcionários no hospital.

A mãe deu queixa na 14ª Delegacia. O diretor da Unidade Pediátrica, dr. Proença, foi convocado para depor. Disse então à mãe que "infelizmente aconteceu, mas o nenê ia morrer mesmo, pois aquele tumor atrás do ouvido era leucemia". O delegado de plantão, dr. Oddoni, disse à mãe:

— Antes seu filho morrer agora do que virar bandido quando crescer.

Foto Wagner Avancini

LEITORES

Dimas dá força lá de Belém

"Os meus parabéns pelas denunciantes reportagens. A do estudante André Luiz Rizzo é uma delas. E agora, como vai ficar? O que a polícia vai fazer (fez)?

Quanto ao número anterior, o último apreendido, na minha opinião foi um dos melhores. Muito bom mesmo. Foi através dele que fiquei sabendo que o crápula do Chagas desviou 27 bi. Esperamos que vocês continuem a mostrar os podres desse nosso "governador" e sua equipe — Miro, Edgarzinho Porcalhão, etc.

Estou desenvolvendo uma boa propaganda deste jornal aqui, inclusive no interior. Espero que a venda aumente para vocês. E, em repúdio a esta última apreensão, farei uma assinatura tão logo falte apenas um exemplar para acabar a minha. Estou com vocês e não abro. Vão em frente." **(Dimas C. Rosa — Belém — PA)**

●●●

"Quero deixar registrada minha decepção ao saber que o exemplar nº 35 foi retirado das bancas. Como sempre, o povo brasileiro foi tolhido de conhecer as nossas verdades, que vocês retratam tão bem." (Ricardo A. Garcia — Campo Grande — MS)

●●●

Distribuidor acha quem nos lê subversivo

"Aqui em Curitiba ninguém sabia por que o REPORTER não tinha vindo. Eu quase perdi a cabeça com o dono da distribuidora do jornal. Eu ia diariamente perguntar se veio ou não, aí ele me chamou de "subversivo" porque eu gosto de ler o REPORTER. Eu chamei ele de puxa-saco e ele partiu pra luta, mas veio a radiopatrulha e tudo ficou nisso mesmo. Eu acho que sou livre para ler o que quiser. Hoje eu comprei o jornal em outra banca do centro. O cara grosso se chama Waldemar Guinhone, gerente da Distribuidora Guinhone, na rua 15 de Novembro. Parabéns pela reportagem sobre o Hotel Maksoud. Eu já fui Relações Públicas deles aqui em Curitiba. O que vocês publicaram é apenas água com açúcar. O brabo mesmo é lá dentro. Os funcionários do "Palácio Malufista" ganham na base da propina até 50.000 por delegações. E as despesas das delegações são pagas pelo Maluf, ou melhor, pelos paulistas. Eu confirmo tudo com provas." **(Wilson da Silva — Curitiba — PR)**

Fanatismo do curador só prejudica o povo

Venho por meio desta declarar que esses curadores de menores que vão contra a pornografia estão por fora. Primeiramente, a pornografia hoje é moda no mundo inteiro. Como no nº 35, os curadores falam contra a pornografia, achando que isso é contra a moral, e que os menores não podem ver isso. Basicamente, no progresso de um povo, todo mundo tem que levar a sério para progredir. Mas muito sério demais cansa a rotina e tudo se torna apático. Se o povo quer progresso, tem que se dedicar a sério.

Porém, nas suas atividades, tem que ter 80% de coisas levadas a sério e 20% de atividades não sérias, ou sènão um pouco de depravação, um pouco de pornografia para não cansar a rotina.

Trabalhar é bom, mas divertir também é bom para o espírito. São pessoas arbitrárias as pessoas que não mostram o que são capazes, que não exercem o seu interior, o que têm de belo. Principalmente esse curador de menores do Rio de Janeiro, que é o doutor Carlos de Melo Porto, que disse, numa entrevista num jornal, que vai declarar a guerra-santa à pornografia.

No meu entender, hoje em dia o individuo que vai atrás de religião, de seguir rigidamente as normas de uma religião, estará por fora. Principalmente no nosso tempo, quem manda mais hoje é a ciência. Seria muito mais interessante para ele ser bom curador de menores se andasse de favela em favela e entrevistasse os menores e especulasse a eles quais os problemas, quais os acontecimentos graves, depois ele fizesse uma análise do que acontece. Então acredito que ele deve deixar o lado religioso de lado e seguir a realidade e os acontecimentos do dia-a-dia. Na Dinamarca, por exemplo, a pornografia em excesso cansou o povo e fez com que se criasse uma nova moral. Esses curadores dando em cima, eles acabam levando o povo a gostar mais da pornografia.

(Jovem Campineiro – Campinas – SP)

Sacanagem em debate

1 "... gostaria que enfocassem artigos relacionados com o passado de nossos estudantes, antes de 1964, do tempo do protesto contra a invasão francesa, em 1710, até o fechamento da UNE em 1965 por Castello Branco, de 1965 a 1979, enfim mostrar a todos que teve época que o estudante universitário brasileiro era ouvido e respeitado.

Aproveito a oportunidade para sugerir algumas mudanças que deveriam ocorrer no jornal: "Correio Heterossexual" e "Prazer pela Boca", pois além de o pessoal entrevistado não condizer com a realidade, as colocações feitas são muito infantis e as frases mal empregadas, pois o leitor que lê este artigo e não conhece o jornal fica decepcionado. Ele fica decepcionado não pelo artigo, mas pela maneira como foi escrito. Os leitores, na maioria, são universitários e precisam da leitura e do conhecimento de um jornal que fala de verdades.

Sugiro também que se faça uma coluna literária, com poesias, contos, crônicas, etc, para dar ênfase ainda maior a este jornal."

(Roberto Conci – Bento Gonçalves – RS)

2 "Eu queria saber por que o REPORTER está saindo com tão poucas páginas. O primeiro número do jornal que eu li foi o 14, tinha 32 páginas e agora só vem com 24. Qual a razão, posso saber? Daqui a pouco só teremos a capa e a contracapa no REPORTER. Algumas seções, como a dos discos, a do Sr. Iquipau Brasil, sumiram. Enfim, o REPORTER atual está muito "santinho". Por favor, gente, mais sacanagem neste jornal, tá legal? É disso que o povo gosta e o REPORTER, como um jornal do povão, tem que matar a cobra e mostrar o pau – sacou? Um arrocho bem supimpa do irmãozinho e leitor assíduo." **(Walter Castro – Lagoa – RJ)**

● **NOTA DA REDAÇÃO: o número de páginas foi reduzido depois dos atentados contra bancas de jornal, como medida de economia. A grana tinha que ser aplicada, de preferência, na manutenção de uma tiragem alta – em julho, tirávamos 70 mil exemplares e fomos obrigados a reduzir para 35 mil porque os jornaleiros, com medo, não pegavam o REPORTER. Pra voltar rapidamente aos 70 mil, tivemos que diminuir o tamanho do jornal mas, em troca, aumentamos o número de matérias por edição. Suas sugestões, Walter, foram anotadas. Obrigado pelo incentivo. Quanto à falta de sacanagem, os culpados são o curador de menores do Rio e o ministro da Justiça, que estão usando o pretexto de atentado à moral para punir publicações que fazem oposição ao governo.**

EM ESPIRAL

Estou cansado de viver na solidão,
No desespero, na calúnia e no sofrimento
Quando há tantas coisas bonitas para apreciarmos.
Não vejo mais rostos sorrindo, olhares sinceros,
A pureza e a verdade dos homens.

Não vejo mais velhos abraçados,
Amigos... amigos... casamentos felizes,
Penso no suicídio, na morte e no esquecimento,
Penso nos mutilados, nos órfãos e nos oprimidos,
Vejo olhos profundos de tanta luta e pouca glória.
Vejo a pele envelhecida pela calúnia sem verdade,
Vejo vidas fracassadas por um simples erro.

Sinto a dor na carne machucada pela violência,
Vejo o sangue quente correndo nas estradas,
Vejo homens presos injustamente,
Vejo veias marcadas pelas drogas na busca da liberdade.

Sinto a faca fria que entra no meu corpo
Pela mão assassina de um homem.
Sinto o remorso no peito por não poder fazer nada,
Quero fugir do mundo,
Quero esconder-me das multidões.

Meu coração é duro,
E do meu rosto nem mais lágrimas caem,
Sinto medo da vida, do abismo e de mim mesmo.
O que quero é apenas encontrar a paz.

(Roberto Conci — Bento Gonçalves — RS)

O MELHOR DA LITERATURA BRASILEIRA SELECIONADO PARA VOCÊ

Em cada um destes livros escolhidos para você está um grande momento da literatura nacional.
Aplaudidos pela crítica, consagrados pelo público.
Editora Record, onde os bons livros se tornam bestsellers.

Dalton Trevisan
LINCHA TARADO
Ref.: 1705

Dezoito contos que se parecem com os anteriores? Absolutamente. Dezoito contos novos as mesmas histórias, mas sempre novas histórias que surgem a cada página e pegam o leitor irremediavelmente. O terrível mundo de Trevisan, único, original, grotesco, engraçado e cruel. "A importância da obra de Dalton Trevisan está – além de suas qualidades intrínsecas – no fato de ter projetado no país e fora dele a literatura de uma província e dimensionar uma província literariamente carece de muito talento. De forma que este ... livro de contos vem acrescentar-se a uma produção já respeitável, que se define como uma das melhores representações de short story brasileira." (O Globo – Rio) 159 págs. Cr$ 270,00

José Louzeiro
EM CARNE VIVA
Ref.: 1640

Romance de grande impacto baseado na história real de um ativista político nos terríveis tempos de repressão. Um José Louzeiro cada vez mais engajado nas nossas verdades. Zuzu Angel, a grande inspiradora. Este livro registra com toda crueza os momentos de terror vividos pelos brasileiros durante o arbitrário regime militar, especialmente entre 68 e 72, quando as forças de opressão achatarem a juventude que queria pensar, reagir, contestar. Este não é um livro ameno, romântico. É um romance-verdade. A própria linguagem é áspera, dura, brutal. A história contada pelo autor reflete o real, um momento da realidade brasileira. É o registro detalhado de muitos acontecimentos que certamente não estarão nos compêndios da história brasileira. 427 págs. Cr$ 690,00

João Antônio
MALAGUETA, PERUS E BACANAÇO
Ref.: 1720

A Editora Record lança a 7ª edição deste livro que é um clássico da literatura brasileira. Editado pela primeira vez em 63, recebeu a consagração crítica. Hoje, adotado em escolas, é lido pelas novas gerações e tem o mesmo sabor de novidade porque revela o submundo da cidade de São Paulo, conta histórias do proletariado e expõe as vicissitudes dos deserdados da classe média paulista numa linguagem e num estilo literário que não data o texto, mas lhe confere uma permanente atualidade. "João Antônio optou, nesta sua obra de estréia, por caminho poucas vezes trilhado pelos nossos escritores (e Lima Barreto é um desses raros exemplos) – aquele que ultrapassa o terreno das confissões pessoais e dos chorosos problemas da classe média e vai além em sua preocupação por mostrar o que chamaríamos de povo brasileiro." (Agnaldo Silva) 159 págs. Cr$ 270,00

Jeferson Ribeiro de Andrade
SENHORAS E SENHORES, A VOZ DO BRASIL
Ref.: 670

Um repórter-escritor transforma a realidade em matéria de ficção. Este livro é uma ficção-reportagem. "Jeferson faz-se a testemunha crítica de tempos incertos, angustiados, num gênero testemunhal em que os monólogos e diálogos retirados da rotina diária das massas de baixo se transformam em verdadeiras assembléias do povo. O livro é feito de contos, quase reportagens vivas, numa narrativa plástica de grande poder criativo, tratando de coisas do aqui e agora, com grande dose de humanidade, de sensibilidade estética recriadora, ficção haurida do real quotidiano." (Mario Arias Perez – Correio do Povo – Porto Alegre) Uma literatura nova e atual. 104 págs. Cr$ 180,00

Recorte e envie HOJE MESMO o seu pedido. Ou peça por carta ao REPÓRTER – Rua Miguel Couto, 134 – 11º andar – RIO DE JANEIRO – RJ. – 20.070

NÃO MANDE DINHEIRO AGORA. Você só pagará quando receber a sua encomenda, na Agência do Correio.

AO REPÓRTER
Rua Miguel Couto, 134 – 11º andar – RIO DE JANEIRO – RJ. – 20.070
SIM, queiram enviar-me o (s) Livro (s) abaixo assinalado (s):

☐ Ref.: 1705 ☐ Ref.: 1640 ☐ Ref.: 1720 ☐ Ref.: 670

NOME ______
ENDEREÇO ______
CIDADE ______ EST. ______
CEP ______
ASSINATURA ______

OFERTA ESPECIAL Na compra de todos os livros Você não pagará as despesas postais.

DELFIM VAI AFOGAR O PAÍS EM 81

O ministro Delfim Netto, em entrevista à revista norte-americana Newsweek, culpou a seca no Nordeste pela disparada da inflação, já que ela provocou quebra de safras de diversos produtos alimentares. Talvez por isso é que, para combater as altas de preços em 81, Delfim decidiu afogar o país nas águas turvas da recessão e do desemprego, seguindo o modelo ditado pelo Fundo Monetário Internacional (FMI).

REPORTER

AUTÔNOMO INDEPENDENTE

REPORTER

Fevereiro de 1981 — ano IV — nº 38 — Cr$ 40,00

DEBATE NA ZONA

Jarlene, bissexual
Cláudia, travesti
Sorriso, lésbica
Rose, prostituta
Euzimar, prostituta

Fotos Chiquito Chaves

O AMOR NÃO EXISTE

GOZO SÓ POR DINHEIRO

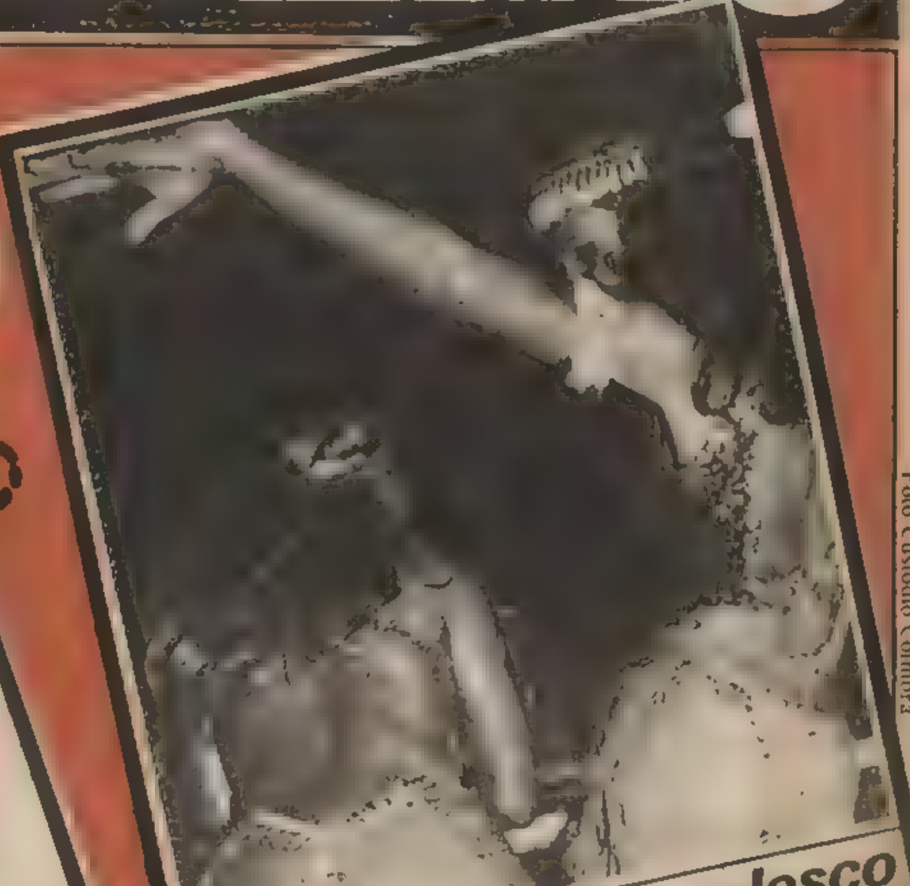
P.3

Fala o coronel Palacios, depois da cadeia

ROUBO NO DETRAN CRESCE EM JANEIRO

S. Paulo

P.10



Nosso pré-carnavalesco

Foto Custódio Coimbra

P.22

COMUNISTAS CONDENAM MACONHA

P.5

EXCLUSIVO

O plano de Chagas pra eleger Miro

P.20

ASSALTADO O PRESIDENTE!

A imprensa tentou esconder, mas REPORTER descobriu: o bando do Mussula, ladrão da Janete Clair, entrou nas estrebarias do Palácio e roubou até nosso presidente.

Interventor na Funabem é morto

No dia 19 de janeiro, o advogado Cláudio Magalhães, 39 anos, da Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor (Funabem), foi baleado na porta de sua casa, na Barra da Tijuca, Rio. Cinco dias depois ele morreu na Clínica São Bernardo, que estava sob proteção de policiais. Cláudio presidia a comissão de sindicância instalada para apurar denúncias de torturas a internos, algumas delas publicadas na última edição do REPORTER. A polícia estranhou que os supostos assaltantes tivessem levado apenas o revólver, deixando dinheiro e relógio da vítima. Há suspeita de que se trate de atentado para impedir o prosseguimento das investigações que Cláudio dirigia.

Governo protege ladrão da Tieppo

Ao transferir para a guarda da Polícia Federal — ia para o Banco Central — os documentos da contabilidade clandestina da corretora Tieppo, que fazia aplicações ilegais em dólares no exterior para altas personalidades, inclusive um ministro de Estado, o governo decidiu: não serão revelados os nomes desses investidores, que burlaram as leis do país especulando com dólares no mercado-negro.

Se os ladrões fossem de raia miúda, sairiam com fotos e currículos nos jornais; como são empresários poderosos, homens de governo e milionários, tudo é encoberto e nenhum dos criminosos irá para a cadeia. Ao mesmo tempo, dois jornalistas do semanário Hora do Povo, **que publicou relação de figurões que mantinham contas secretas em bancos estrangeiros, foram condenados a mais de um ano de prisão pela Justiça Militar, sendo o jornal suspenso por 4 semanas.**

Viva a democracia à brasileira!

Doi-Codi ataca artistas também

Na madrugada do dia 23 de janeiro, em frente do número 200 da rua da Lapa, agentes do Doi-Codi, órgão de repressão política reunindo policiais e militares, atacou um grupo de artistas plásticos que transportava um mural por eles considerado subversivo. O trabalho, um enorme quadro de 2 metros quadrados, tinha no centro a palavra **fome** e textos e fotos referentes ao trabalho **cozinhar-te**, premiado no III Salão Nacional de Artes Plásticas e, por isso, deveria participar de uma exposição itinerante que mostraria as obras mais importantes. A Fundação Nacional de Artes (Funarte), entretanto, recusou o mural, alegando que ele não cabia no avião. Os artistas, então, decidiram que ele permaneceria na Cinelândia, onde se realizava uma feira de poesia. Acabado o encontro, eles levavam o mural para guardá-lo no bairro da Glória, quando foram abalroados por uma camioneta veraneio cinza com dois homens, que se disseram do Doi-Codi, atacaram os artistas, rasgaram o trabalho, tachando-o de comunista, e levaram os pedaços.

Casa do Arquiteto faz 60 anos

O Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB) está completando 60 anos de fundação. Trata-se de uma das entidades que mais se tem destacado na defesa do meio-ambiente e da participação da comunidade nas decisões sobre planejamento urbano. O IAB programou um ciclo de debates sobre o mercado de trabalho em Arquitetura e a valorização profissional dos arquitetos. Foram expositores Oscar Niemeyer e Villanova Artigas. Também se discutiu o papel das entidades de classe no processo de redemocratização do país, num painel que reuniu os presidentes da OAB, Seabra Fagundes, da ABI, Barbosa Lima Sobrinho, e do próprio IAB, Fernando Burmeister. As comemorações foram encerradas com um baile-show na Esplanada dos Arcos, no Rio, no dia 30 de janeiro.

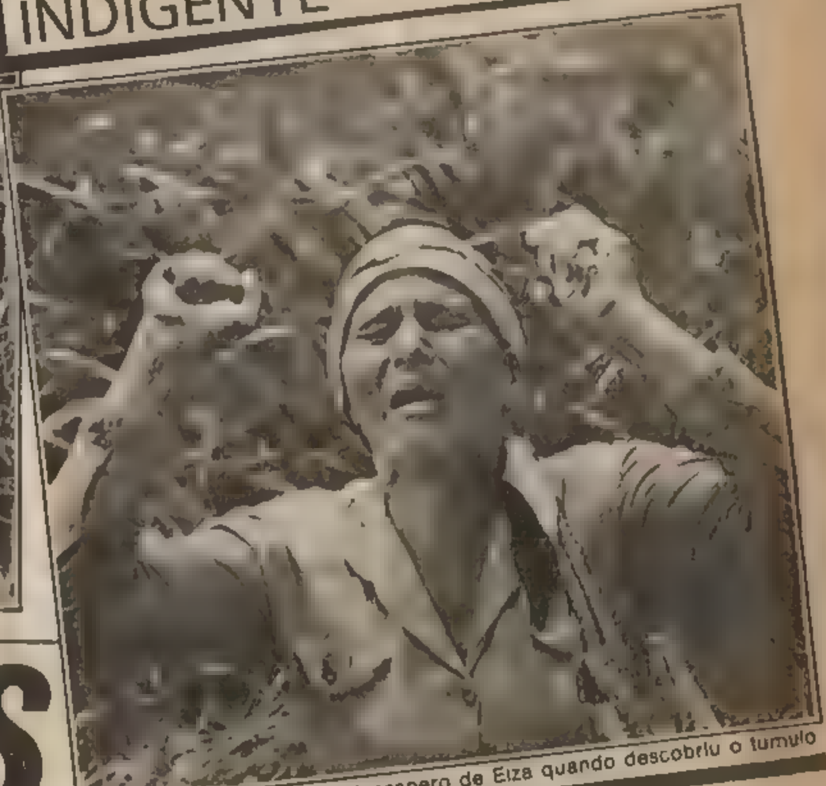
ERRO DA REDAÇÃO: Márcia (foto) saiu na edição passada como pivô de uma paquera lésbica, por engano nosso. Ela tinha sido entrevistada na matéria, mas falando de outras coisas; e, como nas entrevistas de lesbianismo apareceu outra Márcia, aconteceu a confusão desagradável. Perdão, Márcia.

REPORTER

EDITORES — Alex Solnik, Luiz Alberto Bettencourt, Pipsi (Arte)
CHEFIA DE REPORTAGEM — Ricardo Bueno
REPORTAGEM — **Rio de Janeiro:** Tim Lopes. **São Paulo:** Rivaldo Chinem, Sílvio de Souza, Hélio Belik, Teresa Moreira. **Recife:** Eduardo Homem, Beth Salgueiro. **Salvador:** Mariluce Moura
FOTOGRAFIA — **Rio de Janeiro:** Chiquito Chaves, Rogério Carneiro. **São Paulo:** Wagner Avancini, Eliana Pastore, Valdenir Benedetti. **Recife:** Valdir Afonso, Xirumba
ARTE — Analuce Estrella, Guidacci
CIRCULAÇÃO — Simeão Marques
PUBLICIDADE — Kelina Keller (Rio), Isaías Justo Reis (São Paulo)
DEPARTAMENTO JURÍDICO — Luís Celso Araújo
[illegible] de MARGEM S.A. EDITORA E GRÁFICA. **Rio de Janeiro:** rua Miguel Couto 134/11º, tel. 253-5038, 253-5077. **São Paulo:** rua do Seminário 155/sala 30, tel. 227-7175. **Recife:** Av. Conde da Boa Vista 121/Grupo 707, tel. 222-1224
Composição: Editora Mory, rua do Resende 65 e Inúbia Editorial e Industrial S.A., rua André Cavalcanti 86 — RJ. **Impressão:** Cavaliere Publicações Editora Gráfica Ltda. Tel.: 231-2912 (Jornal Hoje) — RJ

ELE FOI ASSASSINADO E ENTERRADO COMO INDIGENTE

Cemitério de indigente é assim: a cruz da cova de Eliezer, de nº 13, estava encoberta pelo mato



O desespero de Elza quando descobriu o túmulo

LEVOU 9 MESES PRA ENCONTRAR O CADÁVER DO FILHO

Advogado acusa policiais do posto de Austin, na Baixada Fluminense

"Um homem de cor parda, presumíveis 30 anos, encontrado morto por estrangulamento na altura do nº 49.800 da avenida Brasil, em Campo Grande." Esse é o registro no livro de indigentes do Instituto Afrânio Peixoto. O corpo deu entrada com a guia 151, da 35ª Delegacia Policial, em 16 de maio do ano passado.

Quatro dias antes, Eliezer Pereira de Souza, de 23 anos, tinha ido prestar queixa no posto policial de Austin, na Baixada Fluminense. Nunca mais sua mãe o viu. E, no dia 5 de junho, cerca de 3 semanas depois, ele foi enterrado como indigente, apesar de registrado no Instituto Félix Pacheco, órgão responsável pela emissão de carteiras de identidade.

Para achá-lo, dona Elza Pereira de Souza, uma baiana de 55 anos, peregrinou nove meses por delegacias, postos policiais, hospitais, necrotérios. Finalmente encontrou seu filho, no dia 23 de janeiro de 81, enterrado numa modesta cova, cercada de mato, no cemitério dos indigentes em Santa Cruz, na Zona Rural do Rio de Janeiro. Seu desespero comoveu até os coveiros, acostumados a testemunhar a dor alheia:

– Nunca pensei que meu filho acabasse caluniado. Maldade que fizeram com ele. Não agüento tanto sofrimento, meu Deus, me ajude. Como é que meu filho foi parar aqui nesse cemitério, separado do campo sagrado?

O campo sagrado é um cemitério ao lado. O de indigentes é um vasto matagal, em que as cruzes das sepulturas mal aparecem. Para achar a sepultura de Eliezer (a de número 13 da quadra A) foi preciso que os coveiros utilizassem pás e enxadas. Outra prova de abandono a que está relegado o cemitério é um caixão quebrado, cheio de ossos, deixado ao relento.

O sofrimento de dona Elza, que ao achar a sepultura do filho se ajoelhou e rezou um padre-nosso em meio a um pranto incontido, começou no dia 12 de maio do ano passado. Seu filho, que fora internado várias vezes em hospitais psiquiátricos desde que caíra de um trem, foi ao posto policial de Austin prestar queixa sobre uma briga de vizinhos envolvendo crianças:

– Os policiais disseram que ele tinha que prestar queixa às 10 da noite. Falei pra ele não ir, mas depois que ele caiu do trem ficou meio bobo, inocente. Ele foi e não apareceu mais. No dia seguinte fui perguntar por ele. Os policiais me trataram com deboche. Até agora não sei por que fizeram isso com meu filho. Ele tinha todos os documentos e, quando ficava atacado, era passivo, não saía de perto de mim, tinha que dar remédio a toda hora e comida na boca.

Dona Elza chora. De 15 em 15 dias ela ia ao necrotério de Nova Iguaçu para examinar os corpos recolhidos diariamente na Baixada Fluminense.

– Olhava gaveta por gaveta, procurando meu filho. Nunca enjoei.

Ela esteve no Instituto Afrânio Peixoto três vezes. Finalmente, examinando os livros de registro da época em que seu filho tinha sumido, descobriu uma pista. Foi então ao Félix Pacheco com a carteira de trabalho do filho. Comparadas as impressões datiloscópicas, ficou constatado que o corpo que dera entrada com a guia 151, da 35ª DP, era o de Eliezer.

Tentando se conformar, com a voz embargada, dona Elza diz:

– Nunca se sabe o que vai acontecer com o filho da gente. De repente, o filho que a gente criou com tanto carinho, deu nome, educação, é assassinado e enterrado como desconhecido.

O inquérito nº 297/80 da 35ª DP, sobre a morte de Eliezer, foi enviado para a Delegacia de Homicídios no dia 25 de setembro. O advogado Luís da Rocha Brás, o mesmo do caso Marly (empregada que enfrentou o batalhão da PM em Nova Iguaçu para descobrir os assassinos de seu irmão), disse ao REPORTER que vai cuidar do caso de dona Elza:

– Mandarei um ofício ao secretário de Segurança Pública e ao comandante-geral da Polícia Militar historiando o fato, juntando xerox da documentação que obtivemos, para que seja determinada rigorosa apuração que venha a apontar os responsáveis pelo seqüestro e morte de Eliezer. Até prova em contrário, os acusados são os policiais do posto de Austin, distrito de Queimados.

IML agora enterra em 24 horas

"A ordem do diretor é enterrar todo mundo, identificado ou não, até sem autópsia. Os médicos depois que se virem para conseguir um laudo. As geladeiras têm que ser esvaziadas. Não tem mais essa de esperar oito dias pra ver se aparece alguém reclamando o corpo." Quem diz isso é um funcionário do Instituto Afrânio Peixoto, antigo Instituto Médico Legal (IML), hoje em péssimas condições devido a omissão do governo Chagas Freitas. Lá dentro o cheiro é insuportável e os funcionários, quando podem, saem para dar uma voltinha e respirar um ar menos fétido. Os moradores das vizinhanças, quase 10 mil pessoas, evitam fazer refeições em casa para fugir do mau cheiro. No Instituto, as geladeiras não funcionam, os elevadores estão pifados e os corpos se amontoam por 10, 15 dias. O Instituto Félix Pacheco demora para tirar as impressões datiloscópicas, e isso atrasa o sepultamento. Os corpos, em geral, são de pessoas que vieram do interior tentar a vida no Rio e que morrem sem que a família saiba disso. Outros estão ali porque a família não tem dinheiro para pagar um caixão. E em certos casos os corpos têm marcas de facadas e ferimentos a bala, e as famílias não tomam providência alguma em relação ao enterro para não se envolverem com a polícia. Esses casos não são raros, pois todo fim-de-semana chegam ao Instituto uns 10 a 15 corpos feridos. A solução do diretor do Instituto — enterrar todo mundo em 24 horas — é condenada pelo advogado Luís da Rocha Brás: "Tal procedimento implicaria graves dificuldades de natureza processual para qualificação e tipificação do crime. Dependendo das circunstâncias, um cadáver teria que ser exumado, por interesse da Justiça, o que é caro. E o pior é que o cadáver exumado geralmente está em condições que impossibilitam a verificação da causa da morte"

Fotos Chiquito Chaves
Reportagem de Tim Lopes

Carta revela verdade sobre causas da revolta

CHANTAGEM E MASSACRE NA CADEIA

Na Penitenciária de São Paulo presos são espancados, taxados de loucos, e guardas forjam flagrante de maconha. Para sair no Natal eles têm de pagar um "pedágio" que varia de 20 mil a 50 mil cruzeiros.

Foto Valdenir Benedetti

Olimpio, ex-preso, faz a denúncia

Um jogo de futebol interrompido por causa da chuva. Incitação à rebelião, tendo como líder a atriz e empresária Ruth Escobar, que com outros atores criou um grupo teatral na prisão. Essas as versões oficiais para explicar a rebelião do último Natal na Penitenciária de São Paulo, em que 81 detentos ficaram feridos, segundo Olímpio de Almeida, ex-preso político e hoje agente da Pastoral da Igreja. "E o espancamento só não foi mais violento devido à interferência de Dom Paulo Evaristo Arns", diz ele.

Mas as versões oficiais, apresentadas pelo diretor da Penitenciária, Bruno Vizzoto, são inteiramente falsas. Os presos se rebelaram porque foram roubados, achacados. Para se beneficiarem da licença de Natal eles têm que pagar um "pedágio" de Cr$ 20 mil a Cr$ 50 mil, pois só assim conseguem que a papelada necessária para sair seja liberada. O esquema também funciona na Casa de Detenção. O dinheiro é recolhido por presos que trabalham no Setor Judiciário, mas depois certamente vai parar em outras mãos. Neste último Natal apenas 41 conseguiram sair na Penitenciária. Alguns dos que ficaram se rebelaram.

A versão do diretor da Penitenciária, Bruno Vizzoto, que chegou a afirmar que foram presos do próprio grupo teatral que incriminaram Ruth Escobar, desmoronou no dia 27 de dezembro. Um dos presos escreveu uma carta à atriz contando como foi ameaçado e obrigado a acusá-la. Três homens da guarda do prédio disseram que, se não agisse assim, seria obrigado a tomar injeções até ficar louco. Diz o preso, na carta:

— "Se nós te levar pro hospital dizendo que você enlouqueceu, eles vão te encher os canos de **sossega leão** (injeção de calmante) e você não vai mais voltar à razão".

A ameaça foi feita por Amauri, um dos homens do "choque interno", a guarda do presídio, enquanto Sofia (também do "choque") olhava e Lázaro ficava do lado de fora vigiando.

Foto Nair Benedito

Ruth Escobar recebe um presente dos presos

O preso ficou apavorado e conta na carta a Ruth Escobar:

— Comecei a me lembrar dos que já passaram pelas mãos deles: Artur Silva, hoje louco no manicômio; Malaquias, que também enlouqueceu com drogas; Luís Carlos Rocha, que também está enlouquecendo aos poucos.

O preso foi levado pelos homens do "choque" à sala do diretor da Divisão Penal, Acrísio Soares:

— Aí foi feito o depoimento. Quase tudo foi ditado pelo dr. Acrísio, como se ele já soubesse o que eu tinha que falar.

Antes de ser levado para a sala do diretor, o preso soube de Sofia por que queriam botar Ruth Escobar no fogo:

— Nós estamos segurando o maior rabo de foguete por termos batido nuns caras e a coroa está botando a boca no mundo. Podemos até ser exonerados.

Os torturadores: Luís, Osvaldo, Mário, Manuel

"Aqui está parecendo um campo de concentração, tal a violência que impera por parte dos funcionários; a PM entrou aqui e todos tiveram que ficar nus e se deitar no chão do lado de fora das celas, com as mãos na nuca e o rosto no chão." A denúncia faz parte da carta que um preso enviou no dia 27 de dezembro à atriz e empresária Ruth Escobar

Violências como essa fazem parte do dia-a-dia dos que estão presos na Penitenciária de São Paulo É a lei extra-oficial, a que é aplicada na prática. O regulamento escrito, com os direitos e deveres do preso, não é aplicado. Os detentos não têm acesso a ele. A imprensa também não. Um dos motivos é que do regulamento constam também os deveres dos guardas. E isso não interessa divulgar.

Em vez da leitura do regulamento, o preso que chega à Penitenciária é recebido pelo diretor, Bruno Vizzoto, com o seguinte recado:

— Aqui dentro você não vai encontrar só santinho, porque não tem santinho aqui. Você vai encontrar tóxico aqui dentro. Mas está na cabeça de você seguir isso ou não

Essa foi a experiência de um ex-preso que, além da Penitenciária, passou pela Casa de Detenção, pela Colônia Agrícola e esteve em outras cadeias. D.A M V., de 32 anos, diz que os homens da guarda da prisão (o "choque interno") andam armados com barras de ferro de meio metro de comprimento e dão cacete por qualquer motivo· deixar roupa secando na janela; discussão no campo de futebol suspeita de uso de maconha; reclamações contra a má qualidade ou o gosto da comida. Diz ele

— Vi um companheiro que foi agarrado pelo "choque" só porque estava fazendo trabalhos manuais escondido, em sua cela

Além do "choque interno" (uma equipe de 12 homens) a Penitenciária de São Paulo conta com o serviço de repressão, guardas (12 por pavilhão) e enfermeiros. Eles circulam pelos corredores tentando descobrir um sintoma qualquer de "loucura" nos presos.

— Basta um preso acompanhar uma música no rádio de pilha para ser tachado de louco — revela L.A.M.V. — O "louco" é, então, colocado numa cela forte, uma cela igual às outras, mas sem janelas

Foto Wagner Avancini

Vizzoto, o diretor da Penitenciária: aqui tem tóxico

Os guardas controlam a disciplina de maneira brutal. Não permitem que o preso ande com a camisa fora da calça. Ou que pare na galeria para conversar com outro preso. Quando querem, colocam maconha numa cela para forjar um flagrante. Além disso, distribuem punições por conta própria. Colocam, por exemplo, o preso no amarelo — o que significa deixá-lo na cela às vezes por um mês, sem direito a banho de sol ou visitas.

Os homens mais violentos da Penitenciária de São Paulo são bem conhecidos. Sua impunidade é acobertada pela direção do presídio e demais autoridades encarregadas do sistema penitenciário. Segundo o ex-preso Olímpio de Almeida, fazem parte dessa lista "verdadeiros bandidos", tais como Luís Antônio de Paula, chefe de Disciplina do Pavilhão 5 (já processado por maus tratos e corrupção); Osvaldo Faravão, carcereiro do Pavilhão 5, conhecido torturador; Mário Domingos, torturador que age na lavanderia do Pavilhão 6, e Manuel de Freitas, também torturador e homem de confiança do diretor Bruno Vizzoto. A "especialidade" de Manuel é bater nos presos com corrente de ferro.

Reportagem de Rivaldo Chinem

SNI impõe a Chagas sucessor de Murgel

A briga entre o PDS (partido do governo federal) e o PP (partido do governo estadual) acaba de fazer mais uma vítima no Rio de Janeiro: o general Edmundo Murgel. A carta com o pedido de demissão que ele entregou no dia 28 de janeiro ao governador Chagas Freitas foi apenas um ato protocolar. Ele foi demitido da Secretaria de Segurança na semana anterior, quando o chefe do Serviço Nacional de Informações (SNI), general Octavio Aguiar de Medeiros, veio ao Rio decidir os termos da exoneração e o nome do substituto. Chagas queria há quase um ano demitir Murgel, mas Medeiros impôs como condição que ele, Medeiros, nomeasse o novo secretário. E nomeou o general Waldyr Alves da Costa Muniz — como REPORTER havia antecipado na sua edição de dezembro.

Na verdade, o general Murgel — nomeado para o cargo após um acordo entre o ministro do Exército, general Walter Pires, e o chefe do SNI — caiu praticamente sozinho. Foram muitos os escândalos que envolveram a Secretaria de Segurança em seus 20 meses de gestão. Entre eles, o caso dos motéis de alta rotatividade, em que delegados do alto escalão ofereceram proteção policial aos donos daqueles estabelecimentos em troca de um pagamento mensal, algo em torno de Cr$ 100 mil cada um. Outro caso rumoroso foi a brutal repressão ao ato público contra a demolição do prédio da UNE, em que populares, estudantes e deputados foram espancados pela Polícia Militar, obedecendo ordens expressas de Murgel. Na época, o líder do governo federal no Senado, Jarbas Passarinho, condenou veementemente o episódio.

A saída de Murgel, desde então, era dada como certa. E consumou-se com dois fatos: a incompetência para conter a violência na cidade e o envolvimento da polícia em denúncias de corrupção ou de complacência com o jogo-do-bicho. Denúncias que, embora antigas, foram feitas pelo deputado Péricles Gonçalves, do PP — evidentemente com a aprovação de Chagas Freitas, que estava atrás de um pretexto para exigir de Brasília a exoneração de Murgel, mesmo tendo que aceitar a nomeação de outro general do Exército para o cargo.

Murgel foi tão inábil que conseguiu se incompatibilizar com as bancadas chaguistas na Assembléia Legislativa e na Câmara Federal, a ponto de o deputado Miro Teixeira — homem forte do governo do Estado — romper relações com ele. Enfim, foi demitido com o aplauso geral. O único que saiu em sua defesa foi o comandante da PM, coronel Aníbal Henriques, que acusou a imprensa de ter sido a responsável pelo seu afastamento. A reação de Henriques é fácil de ser explicada: graças a Murgel, que o indicou para o cargo, ele ficou quase dois anos sem pagar aluguel, andando de carro oficial e gozando de mordomias, enquanto nos quartéis os soldados trabalhavam quase 12 horas por dia, recebendo pouco mais de Cr$ 16 mil.

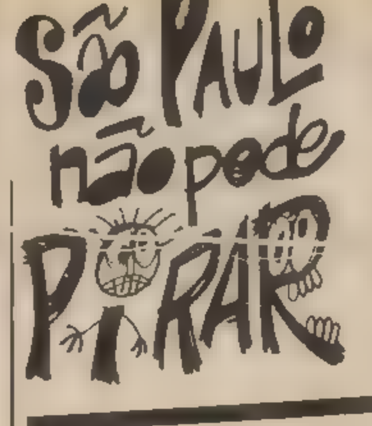
PCBR, PC do B, OSI

Grupos de esquerda contra maconha

"Convergência" a favor, MR-8 e PCB sem posição

"A esquerda falar sobre maconha? Parece até piada... Não tem sentido, é secundário, ninguém discutiu. A fome, o desemprego, a repressão e a ditadura dão mais pano pra manga. Não sei o que vocês estão querendo provar com uma matéria dessas. Não vou falar, desligue esse gravador." **Ninguém quer provar nada. É que a discussão sobre a descriminalização da maconha está na rua. Até um juiz de Direito já propôs...** "Já sei, já sei, é o Álvaro Mayrink. Vocês precisam saber que ele é professor de Direito Penal Militar e não é um cara progressista. É muita falta de assunto, um juiz libera um viciado em maconha e a imprensa cai em cima Por que vocês não vão entrevistar a direita, a burguesia e esses figurões do governo que ficam cheirando cocaína nos bares e boates? De política a gente conversa, mas de maconha, negativo." O rápido e tortuoso diálogo acima, mantido com um ex-militante do Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR), expressa a posição de boa parte dos comunistas brasileiros, que consideram a maconha uma "arma da burguesia e do imperialismo para desmobilizar as massas e os revolucionários e, assim, manter a exploração econômica e seu domínio político". É verdade que nem todos os comunistas são tão radicais. Há mesmo os que não se negam a afirmar que fumam um **baseado** de vez em quando. Dois militantes do Movimento pela Emancipação do Proletariado (MEP), por exemplo, afirmam que sua organização não tem qualquer posição oficial sobre o assunto, e depois confessam que "um fuminho de vez em quando não faz mal a ninguém". Quer dizer, também na questão da maconha há comunistas e comunistas REPORTER entrevistou militantes das principais organizações existentes hoje no Brasil: Partido Comunista Brasileiro (PCB), Partido Comunista do Brasil (PC do B), Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8), Convergência Socialista, Organização Socialista Internacionalista (OSI), PCBR e MEP. De todos, só a OSI tinha um documento interno para discussão entre seus membros expressando a posição oficial da organização virulentamente contra. A posição da OSI, uma organização trotskista de âmbito internacional, é toda baseada na verificação da degradação moral da sociedade capitalista e da degeneração individual provocada pela decadência dos costumes. A OSI culpa também os social-democratas e os stalinistas, seus arquiinimigos dentro da esquerda, pelo que ela chama de moda de contestação da moral burguesa E o hábito de fumar maconha, cada vez mais presente entre a juventude do mundo ocidental, seria um desses modismos contestatários. Diz ainda que a distribuição da maconha no Brasil é controlada pela polícia, o que provaria o interesse das classes dominantes na sua difusão Recomenda, por fim, que seus militantes tenham uma atitude política, e não moralista, em relação a quem fuma maconha. Esse tipo de teoria sobre a **canabis sativa** traz problemas até mesmo para militantes da própria OSI que gostam de um fuminho. Um deles se confessa extremamente culpado toda vez que dá um **tapa**: "Tenho que esconder dos meus companheiros e, embora discorde da posição da organização, se quiser permanecer dentro dela vou acabar parando de fumar porque tenho que respeitar o centralismo democrático". Já a Convergência Socialista, prima-irmã da OSI, porque também é trotskista, tem a postura mais liberal sobre a maconha. Um dirigente afirmou que fuma, que não vê nada demais, e acha mesmo que sua organização deveria entrar na briga pela descriminalização Essa posição talvez venha do fato de ser a Convergência a organização comunista mais preocupada com as questões de comportamento dos diversos setores sociais. Eles têm um grupo de homossexuais com grande atuação em São Paulo e discutem freqüentemente a questão feminista. Essa preocupação não é comum na esquerda brasileira. O MR-8, por exemplo, não tem posição definida a respeito da maconha. Um importante membro da organização observa que, "como as massas são muito preconceituosas, os militantes devem procurar não ter comportamentos que prejudiquem seu trabalho político". Não considera necessário haver uma política da esquerda sobre a descriminalização, embora afirme condenar a repressão sobre os que fumam. Acha também que, com o ascenso do movimento de massas, essas questões vão perder substância, pois "primeiro vêm as modificações estruturais na economia e na política". Para ele, um estado socialista não terá necessidade de reprimir a maconha porque seu consumo não prejudicará a nova ordem. Outro membro do MR-8, entretanto, acha a maconha um "instrumento do imperialismo". Para um militante do PC do B, a questão se resume no seguinte: "Você acha que um partido que desenvolveu a primeira e única guerra de guerrilhas no Brasil com o apoio do povo (Araguaia) vai se preocupar com maconha?" Para ele o fumo "é um desvio ideológico e está minando a personalidade da juventude brasileira. Chegou à classe média urbana durante a sangrenta ditadura do general Médici, junto com o milagre econômico do corrupto Delfim Netto, quando centenas de jovens morriam sob as torturas dos órgãos de repressão". O PCB hoje está rachado em pelo menos duas tendências: seu Comitê Central é eurocomunista, inspira-se no PC italiano, e Luís Carlos Prestes chefia o outro grupo, ligado ao PC soviético. A questão da maconha não divide euros de prestistas porque não há posição sobre o assunto. Os euros dizem estar avançando nas discussões sobre as questões de comportamento, das quais a mais importante para eles é o feminismo. Grupos na Bahia têm discutido o homossexualismo Os prestistas parecem, como de resto, mais ortodoxos e avessos a esses problemas — maconha, inclusive — havendo mesmo o caso de um simpatizante impedido de entrar na organização por sua condição de bissexual e por gostar de maconha. Gregório Bezerra, líder prestista, em conferência no DCE, no Recife, ano passado, declarou-se frontalmente contra o homossexualismo e o uso da maconha

Reportagem de Eduardo Homem e Ronaldo Lapa



Filho de Maluf não paga pedágio

Humilhante: o filho do governador Paulo Maluf, Paulinho Maluf Júnior, meteu-se num bate-boca de beira de estrada com um encarregado do pedágio da via Imigrantes. O primogênito batia pé e se recusava a desembolsar os Cr$ 50, pois era filho de quem era. O paciente funcionário explicou que só carro com chapa oficial não pagava, mas Maluf Jr. irritou-se, entrou no seu veículo e retirou-se. Pouco depois o pai deu ordens ao funcionário pra deixar o filho passar sem pagar. E o filho não pagou. Além disso, dias depois, o funcionário foi demitido. O filho do governador freqüenta muito a via Imigrantes: está de namoro com a filha do prefeito do Guarujá, aquele que tem o maior salário de prefeito do país — Cr$ 370 mil por mês. O namoro está um tanto conturbado. Eles tinham brigado e voltavam às boas em dezembro, mês em que se deu o entrevero no pedágio acima narrado.

Delegado entrega policial por amor

Foi um delegado do Dops, Olavo Reno, quem identificou o advogado Mário Fontes como autor dos tiros na sede do Comitê Brasileiro pela Anistia (CBA)—São Paulo, em julho passado. O delegado soube, inclusive, que Fontes vendeu, no dia seguinte ao atentado, a arma do crime, uma 9mm. Um forte motivo levou o delegado a contar esses fatos: o caso de amor que tem com a filha de um médico da Comissão de Direitos Humanos da Igreja, que não engole a idéia de ter um genro policial. Este — talvez pra amolecer o coração do futuro sogro — mostrou serviço, entregando um terrorista.

Tieppo leva grana até de corrupto

Mário Nicolli, cunhado de Delfim Netto, foi um dos milionários que perdeu muito dinheiro na **Operação Samanta**, esquema armado pela Corretora Tieppo para brasileiros investirem dólares no mercado financeiro dos Estados Unidos. Uma operação clandestina e criminosa. Este Niccoli é o mesmo que, associado à Petracco, produz placas de automóveis para o Detran paulista. Produz para o Detran é modo de dizer: na verdade, todo ano o Detran abre concorrência para escolher o fornecedor de placas. E todo ano a Petracco-Nicolli ganha. Chegou a vez de Nicolli perder alguma coisa.

Brasília libera pornografia pura

Um médio editor paulista prepara-se para jogar no mercado seis novos títulos de revistas eróticas. Ele dispõe de informações seguras de Brasília de que o governo pretende ser liberal com essas publicações: "Eles só não querem sacanagem misturada com pobreza, nem nus na capa" — explicou o editor.

O fim da censura dos telefones

Um engenheiro romeno estabelecido em São Paulo pôs à venda uma pequena caixa blindada que serve para bloquear a censura telefônica: a máquina não deixa o telefone ser censurado. O engenheiro, George Sallinas, recusa-se a explicar como o aparelho funciona, temendo copiadores. Dois anos atrás, quando ele lançou um aparelho de escuta telefônico, viu seu invento roubado por um empregado, que abriu uma firma própria concorrendo com o ex-patrão. Sallinas garante a eficiência do novo aparelho, que custa Cr$ 28 mil.

Governador ameaçado de morte

Há poucos meses, um paciente internado no Sanatório Charcot fugiu e foi agarrado dentro do Palácio dos Bandeirantes, depois de declarar que ia assassinar o governador por estrangulamento. No Charcot, ele era visto fazendo discursos políticos para os outros pacientes. Mas tudo terminou bem: agarrado, voltou ao Charcot, ficou mais um tempo e já está nas ruas. As ameaças de deficientes mentais ao governador não cessaram, porém: em janeiro apareceu na redação paulista do REPORTER um rapaz dizendo que um grupo de maçons do interior de São Paulo estava planejando matar Maluf e o haviam encarregado da tarefa. Como ele não estava a fim, denunciava o grupo. Só que ele não soube explicar o plano, parecendo mais uma fantasia semelhante à do paciente do Charcot.

Estupro impede matrícula na PUC

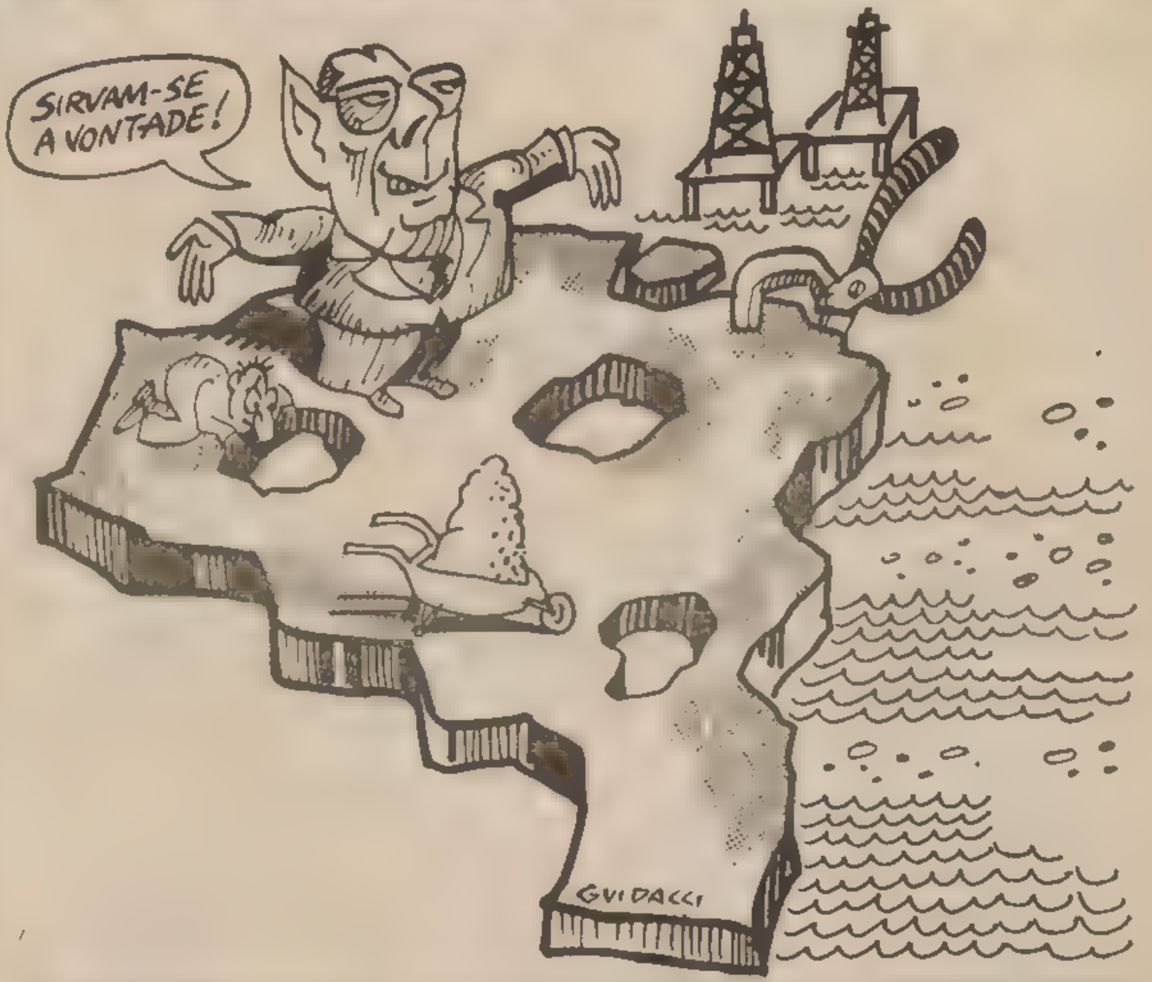
No ano passado, um estudante de Jornalismo da PUC de São Paulo publicou matéria neste jornal contando vários casos de estupro acontecidos na faculdade. Em janeiro, ao tentar se matricular no 3º ano, encontrou um obstáculo: não podia fazer matrícula antes de prestar depoimento, confirmando a autoria da reportagem. Um curso de Jornalismo de tão conceituada universidade deveria dar aos alunos lições de liberdade de imprensa e não de cerceamento e inquisição.

Pequeno Dicionário mostra como o governo brasileiro

A comprovação do entreguismo

O ESCÂNDALO

Pesquisa e texto de Marcos Dantas



A

ALUMÍNIO — metal que serve para fazer da chaleira ao avião. No Brasil, 2/3 da produção são de empresas estrangeiras: a Alcan (canadense) e a Alcoa (americana). O resto é do grupo nacional Votorantim. Um grande plano para expandir a produção brasileira de alumínio está em curso. Só que todos os projetos são de grupos estrangeiros: a **Albrás**, onde o governo brasileiro (isto é, o povo) entra com o dinheiro e os japoneses da Nalco ficam com o alumínio; a **Alcoa**, que vai poluir e destruir a belíssima cidade de São Luís do Maranhão; a **VAW** (alemã), que vai ajudar a poluir o Suape, em Pernambuco; a **Shell** (holandesa), que ainda está escolhendo o lugar para sua fábrica. São todos projetos que investirão milhões de dólares e darão pouco emprego. Mas, como sempre acontece nesses casos, criarão favelas de milhares de marginais, prostitutas e subempregados. A maior parte do alumínio a ser produzido por essas multinacionais é para exportação, daí que o Brasil chegará ao final da década como um dos maiores produtores de alumínio do mundo, mas precisando importar alumínio para assegurar seu próprio consumo interno: ou seja, o alumínio brasileiro irá até os Estados Unidos e depois voltará com seus preços devidamente majorados.

O interesse das multinacionais em colocar esses projetos no Brasil, mais particularmente no Norte, é que na Amazônia tem bauxita (ver abaixo) e energia elétrica. Para fazer alumínio é fundamental energia elétrica barata. Pois o governo brasileiro ainda concedeu subsídios às multinacionais, que pagarão pela energia menos do que ela custa. Ao contrário dos árabes, que cobram de todo o mundo pela energia deles (o petróleo) o que ela custa, o Brasil vai dar a americanos, japoneses e alemães energia quase de graça. Quem paga? Ora, o povo!

B

BAUXITA — minério argiloso de onde se extrai o alumínio. O Brasil tem a terceira maior reserva de bauxita do mundo. Quer dizer, tinha. A maior parte da bauxita brasileira foi entregue à exploração de grupos estrangeiros. A Alcan, a Alcoa e Ludwig repartiram as jazidas das margens do rio Trombetas. O grupo inglês Rio Tinto Zinc ficou com as jazidas de Paragominas. A americana Reynolds e Ludwig têm reservas ao longo do rio Amazonas. Mais uma vez o governo ajuda (isto é, o povo), entrando com o dinheiro, enquanto as multinacionais ficam com a bauxita, pela qual pagam preço de banana e levam para processar no exterior. Tem coisa pior ainda: a Vale do Rio Doce, empresa estatal, tem uma grande reserva de bauxita no Pará. Mas, devido a um acordo internacional, só pode explorá-la se a Rio Tinto Zinc permitir

C

CASSITERITA — É o minério do estanho (ver abaixo). Extraído do solo através do garimpo, ainda é majoritariamente produzido por brasileiros. Mas o governo tem feito tudo para tirar os garimpeiros das áreas de cassiterita em Rondônia e Goiás e entregá-las a grandes empresas, especialmente estrangeiras. A maior empresa nacional de exploração de cassiterita já pediu concordata. E os garimpeiros, muitas vezes, são enganados pelas multinacionais e delas recebem armas e equipamentos para defender suas áreas (em troca da produção, é lógico), aumentando a confusão no setor.

COBRE — Até hoje o Brasil importa cobre. Há um grande projeto do governo se instalando na Bahia para explorar as minas de Caraíba. Mas a maior jazida foi recentemente descoberta na região de Carajás. Pertence, por enquanto, à Vale do Rio Doce, mas as multinacionais já se ofereceram para explorá-la. Pode ser desnacionalizada a qualquer momento.

CROMO — Metal muito usado na siderurgia. Toda a produção brasileira é feita na Bahia por uma empresa controlada pela Bayer, alemã.

D

DIAMANTE — A roubalheira é total. Tanto com diamantes quanto com outras pedras. A maior parte da produção, extraída de garimpos, é contrabandeada. O que sai legalmente é vendido em bruto, embora a produção lapidada valha muitas vezes mais. Em 1973 o Brasil exportou 2 mil quilos de pedras brutas, ganhando apenas US$ 16 milhões, e 2 mil quilos de pedras lapidadas, ganhando nada menos que US$ 19 milhões. Os grandes joalheiros internacionais não têm, óbvio, nenhum interesse em que surja uma forte indústria de lapidação no país.

E

ESTANHO — Metal que, entre outras coisas, serve para fazer folha de Flandres. Como é fácil de fundi-lo a partir da cassiterita, a indústria foi, durante muito tempo, nacional. Há pouco mais de cinco anos, entretanto, o maior produtor de estanho do mundo — Antenor Patiño — comprou a maior fábrica nacional, a Cesbra. A maior concorrente da Cesbra, o grupo Mamoré-Paranapanema, já pediu concordata

F

FERRO — O Brasil é o maior produtor de minério de ferro do mundo e a Vale do Rio Doce é a maior companhia mundial na exportação dessa riqueza essencial. As reservas brasileiras estão no Quadrilátero Ferrífero de Minas Gerais e na Serra dos Carajás (Pará)

Quadrilátero Ferrífero — Além da Vale, diversos grupos estrangeiros extraem minério em Minas Gerais. A maioria os transporta através de uma estrada de ferro e do porto da própria Vale, que tira bons lucros com essa exploração. Mas o mais importante desses grupos, o consórcio internacional MBR, liderado pela Hanna e ajudado pelo conhecido testa-de-ferro Azevedo Antunes, exporta seu minério pelo porto de Sepetiba, após transportá-lo pela Rede Ferroviária Federal pagando tarifas subsidiadas. Ou seja, o povo paga para que a Hanna tenha minério barato nos Estados Unidos e ainda possa concorrer com a Vale no mercado japonês. A entrega das jazidas de minério de ferro de Águas Claras à Hanna é uma história tão escandalosa que chegou a colocar contra o governo do general Castello Branco (autor desse crime de traição nacional) o então governador Carlos Lacerda que, como todos sabem, ajudara Castello a chegar ao poder derrubando o presidente João Goulart.

Carajás — É a maior jazida de minério de ferro do mundo. Descoberta pelos americanos da empresa siderúrgica U.S. Steel, foi recuperada pelos brasileiros depois de muita briga e hoje pertence à Vale do Rio Doce. A Vale (isto é, o governo, isto é, o povo brasileiro) construirá uma ferrovia e um porto para escoar o minério de Carajás. Até aí tudo bem: só que os grupos estrangeiros resolveram transformar o projeto num empreendimento grandioso, onde aproveitarão a custosa estrutura a ser implantada pelo Brasil para desenvolver outros empreendimentos industriais e agrícolas. Em torno de Carajás deverão surgir usinas metalúrgicas de cobre, ferro-ligas, alumínio, além de plantações de soja, arroz, cana, etc. Isto é, a Vale vai tirar o ferro, o cobre, o manganês e outros minérios existentes na região, transportá-los em sua ferrovia até as usinas das multinacionais, que transformarão esses minérios em metais e os venderão ao exterior pelo porto construído pela Vale. É claro que o minério sempre custa barato e o metal, processado, custa dez vezes mais. O Brasil vai ficar com o prejuízo do minério barato (ver bauxita, manganês, etc), da energia barata (ver alumínio) e de todos os pesados custos de implantação da infra-estrutura, cabendo às usinas estrangeiras ficar com o lucro.

Em 1950, por ocasião da Guerra da Coréia, o Brasil exportava minério de ferro a US$ 20 a tonelada. Hoje exporta a US$ 17, e nesses 30 anos nunca conseguiu preço maior do que aquele. Considerando a inflação brasileira e mundial, dá para perceber quanto vale hoje o minério de ferro brasileiro. *Sabe quanto vales? Zero, é o que vales*

FOSFATO — Não se faz agricultura sem adubo. Não se faz adubo sem fosfato. Até uns cinco anos atrás o Brasil importava quase todo o fosfato que consumia, e a reduzida produção nacional era feita pela multinacio-

ofereceu as riquezas do nosso solo às multinacionais

DOS MINÉRIOS

nal Bung & Born (Quimbrazil). Mas a Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais (CPRM) e a Vale do Rio Doce descobriram grandes reservas no oeste de Minas Gerais, o que foi suficiente para a Bung & Born desencadear intensa campanha pela *privatização* do fosfato. Perdeu. A Petrobrás entrou no jogo e acabou dona de quase tudo. Assim, a produção de fertilizantes fosfatados no Brasil está virando um virtual monopólio estatal.

M

MANGANÊS — Esse minério é fundamental na siderurgia. A maior jazida do Brasil está no Amapá e vem sendo dilapidada há quase 30 anos pela empresa norte-americana Bethleheem Steel, ajudada pelo testa-de-ferro brasileiro Augusto de Azevedo Antunes. O manganês é todo exportado para os Estados Unidos por preços que não sobem nunca em termos reais. A jazida, entretanto, vai acabar em 20 anos, tanto que o governo só permite exportação de 2 milhões de toneladas anuais. O manganês é a maior riqueza do Amapá, mas o Amapá hoje continua tão pobre quanto era há 30 anos. Daqui a 20 anos, no lugar do manganês, haverá um grande buraco e o Amapá continuará sendo... o Amapá.

Enquanto isso, a siderurgia brasileira, localizada no Centro-Sul do país, usa cada vez mais manganês importado da África, pois a Bethleheem Steel se recusa a desviar parte de sua produção para o Sul. O Brasil paga pelo manganês importado mais do que ganha com o manganês que a Bethleheem exporta.

Uma nova e grande jazida de manganês foi descoberta na Serra dos Carajás (ver ferro). Antunes, o **sócio** da Bethleheem, já manifestou seu interesse por essa também.

N

NIÓBIO — O Brasil é o maior produtor desse metal de largo uso siderúrgico. Só que toda a produção é feita por uma única empresa, pertencente exatamente ao maior consumidor mundial, a norte-americana Molybdenium Corp., ou Molycorp. A Molycorp processa no Brasil as etapas menos nobres da metalurgia e deixa para fazer o mais nobre e valioso em suas usinas nos Estados Unidos. Além disso, como o nióbio pode substituir o vanádio — metal que serve para fazer ligas de aço — e a Molycorp é a maior produtora mundial de vanádio, ela trata de impedir que o Brasil tenha uma política de exportação de nióbio independente e capaz de roubar mercado ao vanádio. Ou seja, a Molycorp no Brasil produz apenas a quantidade de nióbio que a Molycorp nos Estados Unidos quer. (Ver também **pirocloro**)

O

OURO — Primeiro foram os portugueses que levaram todo o ouro que puderam encontrar na superfície. Agora são os sul-africanos da empresa Anglo-American que estão tomando conta do ouro. Compraram a maior e mais antiga mina do Brasil — Morro Velho — e se associaram à exploração do ouro em Jacobina, Bahia, com o indefectível Azevedo Antunes. Querem também as minas que a Vale do Rio Doce descobriu na Bahia e no Pará.

Mas ouro dá mesmo é em garimpo. Eles existem às centenas, perdidos nas matas amazônicas e servidos de bons (e clandestinos) campos de aviação, por onde o ouro some do Brasil. Oficialmente, a produção de ouro no Brasil é avaliada em mais ou menos 6 mil toneladas por ano. Extra-oficialmente, sabe-se que ela chega a mais de 15 mil toneladas.

O mais famoso garimpo do Brasil é o de Serra Pelada, embora seja o mais novo. O governo quis badalar Serra Pelada porque lá a polícia e os dedoduros chegaram juntos com os garimpeiros e puderam instalar um regime de quartel. Existem garimpos organizados há mais de 20 anos a partir da iniciativa dos próprios garimpeiros, que nele vivem razoavelmente bem, sem polícia, mas viveriam melhor se tivessem escolas e hospitais. É certo que o ouro desses garimpos se evapora. Mas não é menos certo que o governo, embora saiba disso há muito tempo, jamais andou por lá. É porque um regime policial dificilmente se daria bem neles; e outros tipos de profissionais, com diplomas e conhecimentos de medicina, engenharia, pedagogia, o governo não se preocupa em mandar para lá.

P

PETRÓLEO — Durante muito tempo se acreditou que o Brasil poderia ser rico em petróleo. Hoje está provado que petróleo em abundância dá em poucos países no mundo. Em compensação, aquela crença levou o povo brasileiro a lutar pelo monopólio estatal do petróleo e pela criação da Petrobrás. Graças à Petrobrás, o Brasil pode hoje comprar petróleo diretamente nos países produtores, transportá-lo em navios próprios, refiná-lo em nossas refinarias e controlar a distribuição, que ainda é feita, em parte, pelas multinacionais Esso, Shell, etc. Se a situação está ruim, muito pior estaria se os brasileiros estivessem comprando gasolina refinada em Roterdam, como fazem muitos países do mundo. Por isso, os interesses dos grandes trustes do petróleo não se cansam de lutar para desmoralizar a Petrobrás, culpando-a por uma situação sobre a qual ela não tem qualquer responsabilidade. Afinal, como um país sem petróleo pôde-se dar ao luxo de montar todo um sistema de transporte em cima de caminhões e carros, desativando suas ferrovias e sua navegação de costa?

A Shell, a Esso, etc conseguiram uma grande vitória sobre a Petrobrás que foi a abertura dos contratos de risco. Cinco anos depois se desmoralizaram: a Petrobrás, apesar das dificuldades, continua achando mais petróleo no Brasil do que as multinacionais contratadas, e ainda permanece assegurando o suprimento importado, apesar das constantes crises nos países árabes e no mundo.

PIROCLORO — Outro escândalo. Do pirocloro se extrai o nióbio (ver). A maior jazida do mundo pertencia ao governo de Minas Gerais, que a negociou em condições pouco esclarecidas com o banqueiro Walter Moreira Salles, que logo se associou à Molycorp (ver nióbio), ou seja, transferiu para um grupo estrangeiro o controle do pirocloro nacional. O Brasil — isto é, a Molycorp no Brasil, com o apelido de CBMM — é o maior produtor mundial, só que, como acontece com o nióbio e por causa disso, não tem nenhum controle sobre essa produção.

POTÁSSIO — Assim como o fosfato (ver), é fundamental como fertilizante agrícola. O Brasil importa todo o potássio que consome. Entretanto, tem potássio para atender a seu consumo durante séculos. O minério está no fundo da terra, em Sergipe. Pertencia à CPRM. Ao invés de explorar, *privatizou*, entregando a jazida a um dos mais conhecidos picaretas nacionais, Linaldo Uchôa de Medeiros, que tratou de deixar o minério onde ele sempre esteve, embaixo da terra. Enquanto isso, as multinacionais faturavam exportando potássio para o Brasil. Felizmente o império financeiro de Linaldo veio abaixo e a Petrobrás tomou conta das jazidas de potássio. Com 15 anos de atraso, deve entrar em produção nos próximos dois anos.

S

SHELITA — Minério de onde se extrai o tungstênio (ver), metal essencial para a poderosa indústria de lâmpadas (dele se faz o filamento). O Brasil é o maior produtor mundial e exportador, mas metade da produção já está em mãos de grupos estrangeiros.

T

TUNGSTÊNIO — Embora seja o maior produtor mundial de shelita (ver), o Brasil simplesmente não fabrica um só quilo de tungstênio. As multinacionais retiram daqui a shelita, fabricam lá fora o filamento de tungstênio e reexportam para as fábricas de lâmpadas localizadas no Brasil. Claro que shelita custa barato e tungstênio custa caro.

U

URÂNIO — Agora se descobriu que o Brasil tem urânio. Para dar e vender. Espera-se que não dê. Por enquanto as reservas estão nas mãos da Nuclebrás, mas o monopólio estábelecido na década de 60 foi quebrado no governo Geisel, que permitiu a associação da Nuclebrás com grupos estrangeiros para pesquisar e explorar urânio no Brasil. A única associação até agora feita foi com um grupo alemão e o resultado tem sido, até certo ponto, frustrante, o que prova mais uma vez que os brasileiros não têm muito o que aprender com estrangeiros quando se trata de achar minério em seu próprio país.

Campanha milionária mobiliza todo o Estado

O PLANO DE CHAGAS PRA ELEGER MIRO EM 82

EXCLUSIVO

- Obras só na Baixada, que rende mais de 1 milhão de votos
- Fundrem comanda tudo e investe apenas em município amigo
- Gastos totais de Cr$ 200 bilhões em 81
- Urbanização rápida de favela atende 600 mil eleitores
- Secretários não podem recusar pedidos do PP
- Intervenção na Prefeitura
- Administração regional vira escritório do candidato

Para eleger Miro Teixeira governador e manter a maioria das bancadas estadual e federal, o Partido Popular vai gastar o que for necessário. Em dinheiro e em obras que dêem votos. Por isso, o governo do Estado é, hoje, o maior cabo eleitoral do PP, movimentando quase Cr$ 200 bilhões por ano para evitar qualquer surpresa em 1982.

A estratégia do Palácio Guanabara é simples: todos os investimentos públicos estão sendo feitos em áreas densamente povoadas, com colégios eleitorais expressivos. "Este é o ano da Baixada Fluminense", costuma dizer o governador Chagas Freitas. E será. Estima-se que 75% do orçamento do setor de obras (aí incluídos os projetos de saneamento básico e transportes) serão consumidos pelos quatro municípios – São João de Meriti, Duque de Caxias, Nilópolis e Nova Iguaçu – que formam o maior contingente eleitoral do Estado (algo em torno de 1 milhão e meio de eleitores).

Para administrar essas obras, Chagas elevou à condição de gerente-geral da Baixada o presidente da Fundação para o Desenvolvimento da Região Metropolitana (Fundrem), arquiteto Fawler de Melo. É ele quem controla os repasses de verbas do governo federal na área de desenvolvimento urbano. Isto significa que Brasília só recebe do Estado do Rio de Janeiro projetos que interessem politicamente à máquina eleitoral do governador. Por isso mesmo a liberação dos recursos é extremamente lenta, e são inúmeros os projetos que ganham o timbre de "arquive-se".

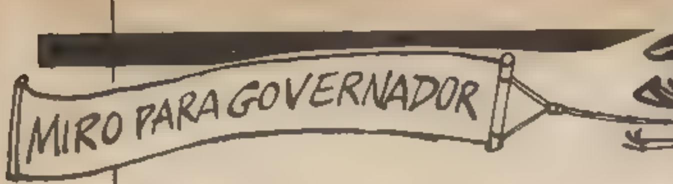
Nas mãos da Fundrem, e não nas das secretarias, está o poder de definir onde se vai investir. O critério é o seguinte: atender as regiões mais carentes, principalmente em Caxias e Nova Iguaçu, os municípios mais populosos. Das quatro prefeituras, apenas a de Nova Iguaçu não é controlada pelo PP, e sim pelo PDS. Esta é a que mais sofre, pois o governo estadual executa projetos sem fazer convênios, como ocorre com todas as demais. Assim, a responsabilidade pelas obras acaba sendo, aos olhos da população, exclusiva do Estado.

A grande obra na Baixada, até as eleições, será a construção da nova adutora de água, ligando Xerém a Guandu. O PP espera obter um dividendo eleitoral de mais de 400 mil votos. Outras pequenas obras, com interesse político, são planejadas pela Secretaria de Obras, cujo titular, Emílio Ibrahim, ainda aspira à sucessão de Chagas Freitas. Talvez por isso passou a ser marginalizado no Palácio: no primeiro ano de governo era o homem forte; hoje, é apenas um secretário sem poder.

A Fundrem também é o instrumento de pressão política do chaguismo sobre os prefeitos que não aderiram ao PP. Não se dará qualquer ajuda a quem não for do partido. Exemplo disso: dois grandes aterros sanitários serão construídos em São Gonçalo e Petrópolis, ambas prefeituras do PP. Mas os estudos técnicos demonstram que a situação de recolhimento do lixo é muito mais grave no norte fluminense. A prioridade técnica, no entanto, não se impõe frente aos números: São Gonçalo e Petrópolis têm, juntos, 600 mil eleitores. A própria coleta domiciliar de lixo – até há pouco tempo um privilégio do Rio e de Niterói – está chegando, pelas mãos dos chaguistas, à Baixada. Em São João de Meriti, a população não precisa mais jogar dejetos em terrenos baldios porque o governo estadual gastou mais de Cr$ 40 milhões para pôr em prática o serviço.

E, assim por diante, as deficiências reais do Estado não prevalecem diante dos interesses políticos do governador. É precária a rede de esgotos na Região dos Lagos, onde em vários municípios não há água encanada. Não há providências, porque naquela área há prefeitos da Oposição. Mas, para evitar que haja enchentes, vai-se gastar perto de Cr$ 100 milhões para drenar e canalizar os rios que servem à Baixada.

Para conciliar a campanha de Miro Teixeira com a necessidade de preservar a maioria na Assembléia Legislativa, Chagas estabeleceu um critério: as secretarias estaduais devem atender, rapidamente, a todos os pedidos que os deputados fizerem, desde que não impliquem aumento de despesas. Os pedidos de iluminação de ruas, calçamento e pavimentação de logradouros são admissíveis porque, no começo do ano, cada deputado recebe uma cota de requisições de obras. Apenas aqueles que são bons de voto ou que desfrutam da amizade pessoal do governador e de Miro Teixeira podem exceder o número de pedidos. Nenhum secretário de Estado pode recusar um desses pedidos sem antes ligar para o gabinete de Chagas.



Coutinho ia ser demitido. Preferiu se enquadrar

As favelas também estão nos planos da campanha de Miro Teixeira. Estima-se que a população favelada do Grande Rio é de mais de 600 mil pessoas. Nos últimos anos registrou-se um crescimento dos votos oposicionistas — excluindo o PP — naquelas áreas, embora o chaguismo ainda continue sendo o mais votado.

A estratégia para as favelas está definida: o Estado, em convênio com a Prefeitura, vai urbanizá-las, não importa quanto gaste, nem a qualidade dos serviços que irá prestar. Há dois meses, com banda de música, faixas ufanistas e muitos discursos, o prefeito Júlio Coutinho e o deputado Miro Teixeira foram à favela da Rocinha assistir ao início das obras de urbanização do grande valão, por onde correm os esgotos das casas de seus 100 mil moradores.

Até o fim do ano, a Secretaria de Desenvolvimento Social começará a urbanizar a maior favela do Rio — a do Jacarezinho — onde vivem, em condições precárias, aproximadamente 140 mil cariocas. Para realizar esta obra, a Prefeitura terá que aumentar em mais de 30% sua dívida externa, porque recorrerá a empréstimos a bancos estrangeiros, além de utilizar doações da Unesco. Os chaguistas esperam que, antes das eleições, a maioria das favelas já tenha recebido melhorias, mesmo que em algumas isto signifique apenas um poste de luz ou uma calçada de cimento.

Para consolidar seu trabalho nas favelas, o chaguismo enfrenta atualmente um sério problema: ainda não conseguiu que a Fundação Leão XIII, órgão que faz assistência social nas favelas, se entrosasse com a campanha de Miro. Desde a posse de Chagas Freitas, a Fundação já teve três presidentes — todos demitidos a pedido de Miro. O atual, José Machado Costa, está para ser demitido por divergências quanto ao envolvimento do órgão em problemas políticos. Além de exigir que a Fundação Leão XIII convença os favelados a votarem nos seus candidatos, o comando chaguista quer que ela atenda também às reivindicações das escolas de samba do Grande Rio, outra poderosa fonte de votos. Em troca de faixas de agradecimentos a Miro Teixeira e políticos do PP, algumas escolas de samba pedem equipamento de som, pintura das quadras e segurança durante os ensaios. Sempre conseguem. Tanto assim que na agenda de Miro as noites de sábado são sempre reservadas para visitas àquelas agremiações.

Outra decisão tomada pelos chaguistas: valorizar os administradores regionais. Este era um velho plano de Chagas Freitas, já que os administradores sempre foram cabos eleitorais em seus bairros, mas haviam sido desprestigiados no governo Faria Lima. A partir de agora, os órgãos públicos municipais e estaduais receberão das Administrações Regionais listas de pequenos pedidos de moradores e, sempre que possível, têm ordens para executá-los. Dos atuais administradores, poucos são os que não trabalham para os candidatos de Chagas há pelo menos 12 anos. E alguns são eternos candidatos derrotados (sempre concorrem às eleições, mas nunca se elegem). As Administrações não terão verbas próprias, para evitar que seus titulares as utilizem em causa própria. Mas terão apoio para se transformarem em verdadeiros escritórios políticos da campanha de Miro Teixeira.

Crédito externo pra aplicar no Jacarezinho

A Prefeitura do Rio está, desde o começo de janeiro, sob a intervenção do governador Chagas Freitas. Cansado de ouvir reclamações dos políticos do Partido Popular (PP) sobre as dificuldades de acesso à máquina administrativa do município, Chagas apresentou ao prefeito Júlio Coutinho duas propostas: sua demissão do cargo ou uma completa modificação em seus planos de trabalho. Coutinho escolheu a segunda. Fonte do Palácio Guanabara esclareceu que os problemas entre Coutinho e os políticos do PP começaram dois meses depois de sua posse, quando os pedidos de emprego ou de urbanização de logradouros deixaram de ser atendidos prontamente e passaram a ser submetidos à apreciação dos órgãos técnicos da Prefeitura. Em pouco tempo, deputados estaduais e vereadores fizeram fila à porta do gabinete do deputado Miro Teixeira – o coordenador político do governo estadual e candidato à sucessão de Chagas Freitas – para reclamar do prefeito. Miro, que depende do apoio desses políticos em sua campanha eleitoral, tentou contornar a crise em mais de um encontro com Júlio Coutinho. Nos últimos meses de 1980 a situação se agravou: alguns deputados não foram convidados para inaugurações de obras da Prefeitura em seus redutos eleitorais. Com isso, o governador resolveu intervir. Sabe-se que ele determinou ao prefeito uma revisão no plano de obras para este ano, dando-se prioridade aos investimentos nos bairros suburbanos e da Zona Rural – onde se concentram mais de 60% do eleitorado do PP. Outra decisão do governador: a partir de agora, qualquer projeto da Prefeitura terá de ser aprovado, previamente, pelos técnicos do governo do Estado. Motivo: na avaliação do comando chaguista, a candidatura de Miro Teixeira tem sofrido sérios prejuízos com algumas decisões da Prefeitura. A gota d'água foi o anúncio, pelo subsecretário municipal de Planejamento, Armando Abreu, de que as associações de bairros não mais participarão das Câmaras Técnicas, seminários que propõem soluções para os problemas urbanos do Rio. Houve protestos, os jornais criticaram a medida e o PP ficou sem argumentos para se aproximar, como planejava, das associações. Já havia, inclusive, reuniões marcadas do deputado Miro Teixeira com representantes de alguns bairros, com o objetivo de tentar conseguir apoio à sua candidatura. Também foi comunicado a Júlio Coutinho que desagradaram ao governo estadual os resultados da Câmara Técnica que tratou da ocupação do solo nas áreas de influência do metrô. É que as associações de bairros não concordaram com o projeto e fizeram duras críticas à Prefeitura. O raciocínio do Palácio Guanabara é simples: embora Miro Teixeira se empenhe para dar um caráter oposicionista à sua campanha para governador, ele está vinculado aos governos municipal e estadual. Os deslizes da equipe de Júlio Coutinho, por isso, serão evitados ao máximo. Admitem-se até mudanças no secretariado municipal, para adaptá-lo às necessidades da campanha eleitoral. De uma coisa Júlio Coutinho não pode se esquecer, diz a fonte: qualquer problema que ele venha a criar aos planos políticos do PP custará o seu afastamento do cargo. Se isso não foi feito agora é porque Chagas não quer sofrer o desgaste de ter que demitir, em menos de três anos de mandato, dois prefeitos (o primeiro foi Israel Klabin).

REPORTER é o jornal mais vendido da imprensa alternativa.

No primeiro semestre de 1980, nossa venda foi superior a 50 mil exemplares por mês. Um recorde entre os jornais de oposição.

No segundo semestre, apesar das bombas dos terroristas, o interesse dos leitores segurou a barra e garantiu nossa circulação.

A aceitação do jornal nos estimula a lançar mais de uma edição por mês em 1981.

REPORTER está cada dia mais vivo. Fique do nosso lado. Faça sua assinatura.

assine **REPORTER**

Assinatura por 12 edições: **Cr$ 400,00**

Envie cheque nominal ou Vale Postal para:

MARGEM S.A. Editora e Gráfica

Rua Miguel Couto 134/11º — 20070 — Rio de Janeiro

Nome: ....

Profissão: ....

Endereço: ....

CEP: .... Cidade: .... Estado: ....

Em S. Paulo, coronel sai da cadeia e faz nova acusação:

Corrupção no Detran cresceu em janeiro!

– Em janeiro, enquanto estive preso, a corrupção no Detran se tornou mais feroz. Em dezembro, quando fiz as denúncias, a caixinha parou devido às repercussões. E parou justamente no fim do ano, quando o movimento é maior. Em janeiro eles quiseram recuperar o faturamento perdido e o "pedágio" voltou com força total.

Muito tranqüilo, o coronel PM Sydnei Palacios não pestanejou ao dar estas declarações exclusivas ao REPORTER, dia 25, depois de deixar a prisão disciplinar de vinte dias a que foi condenado por acusar o chefe da Casa Civil do governador Paulo Maluf, Calim Eid, de participar do esquema de corrupção no Detran paulista.

Seguro do que diz, o coronel Palacios afirma ter "testemunhos de funcionários graduados na administração pública comprovando as denúncias que fiz". E cita o caso de um funcionário do Detran afastado por suspeita de corrupção e que hoje trabalha no gabinete de Calim Eid:

– Celso Ubirajara Russomano, do Det-4, foi acusado de favorecer donos de auto-escolas e despachantes na expedição de placas. Quem o afastou foi um delegado (Nota da redação: o nome é Francisco Nascimento) que tentou moralizar o Detran e também caiu. Hoje, Russomano serve no gabinete de Calim Eid.

O coronel Palacios afirma que todas as auto-escolas de São Paulo são obrigadas a participar da caixinha do Detran, localizada no setor de Habilitação.

– Os alunos da escola que se recusa a contribuir jamais passam nos exames, fazendo com que ela fique com fama de auto-escola que não aprova seus candidatos. Por isso, quem quer tirar carteira de habilitação é obrigado a desembolsar Cr$ 4 mil de propina ou pagar Cr$ 18 mil e ficar em casa esperando o documento, garante Palacios.

Foto Hélio Campos Mello

Coronel Palacios foi preso por denunciar corrupção

"Sou do Palácio" é a senha

Citar o Palácio dos Bandeirantes, sede do governo de São Paulo, é meio caminho andado para tirar uma carteira de motorista no Detran. A informação foi passada para uma arquiteta por um funcionário do próprio Palácio. A moça, no dia de seu exame de motorista, mesmo envergonhada, não teve dúvida em dar a senha pro examinador:

– Sou do Palácio do Governo.
– De que Secretaria?
– Do Planejamento.

Tudo bem. Foi entrar no carro, receber todas as dicas do homem e no fim gratificá-lo com mil cruzeiros. Essa história, muito recente, confirma as acusações do coronel Palacios. Aliás, todo mundo em São Paulo sabe da corrupção no Detran, e até mesmo os funcionários do órgão falam disso abertamente. Um dia após a prisão do coronel, um datilógrafo, enquanto batia as guias de recolhimento de um candidato à renovação da carteira de habilitação, comentava:

– Quem oferece corrupção é pior do que quem recebe.

Minutos depois, o mesmo datilógrafo vira-se para o candidato e pergunta:

– Você trouxe selo?
– Não, ninguém falou de selo.
– Vou quebrar seu galho. Eu ponho o selo e você me dá um cafezinho.

Na parede, por trás da mesa do funcionário, uma placa bem visível anuncia: "Não vendemos selo". E o diabo do selo custa apenas um cruzeiro. Quer dizer, é uma coisa ridícula que parece existir apenas para alimentar o datilógrafo de "cafezinho" o dia inteiro. Resultado: ali na frente de uma porção de gente que espera sua vez, funcionário e candidato praticam sua corrupção microscópica.

Alex Solnik e Rivaldo Chinem

Metrô carioca aumenta custos do transporte

2 mil ônibus saem das ruas

O governo gastou mais de Cr$ 130 bilhões, a custos atuais, no metrô, sob a alegação de que o povo precisava de transporte bom, rápido e barato. Mas tudo não passou de uma farsa. O governo Chagas Freitas não quer racionalizar as linhas de ônibus para facilitar o acesso ao metrô. Para utilizá-lo, o passageiro acabará tendo que fazer vários transbordos, o que elevará seus gastos com transportes. Para que houvesse melhoria do sistema de ônibus, o comando dessa atividade teria que ser centralizado e o número de empresas significativamente reduzido (atualmente há 50 em ação). Embora Chagas não queira enfrentar essa situação, um problema ele terá que resolver até dezembro: o metrô, ainda em 81, vai operar 30 quilômetros de linhas, exigindo a retirada de 2.000 ônibus. Se tal não ocorrer, a concorrência entre os dois sistemas de transportes será ruinosa para ambos e para a população. A resistência de Chagas em introduzir melhorias no sistema de transportes pode ser explicada pelos grandes interesses em jogo. As empresas de ônibus movimentam diariamente Cr$ 180 milhões em dinheiro vivo e há indicações de que seus lucros chegam a Cr$ 90 milhões. Grande parte desse lucro é conseguido às custas da população pobre. Como no Rio a tarifa é por quilômetro, quem mora nos subúrbios e em grande parte da Zona Norte (onde a renda é menor) paga quase duas vezes mais que o morador da Zona Sul. Com o metrô, essa questão poderia ser resolvida se o governo, como acontece nos países desenvolvidos, fixasse uma tarifa única para todos os meios de transportes. A desorganização que impera no setor de transportes se reflete na máquina oficial. Diversos órgãos, com burocratas bem pagos, metem a colher no setor. Só no Rio de Janeiro funcionam o Detran, DTC, CTC, Metrô e Conerj (Companhia de Navegação do Rio de Janeiro), na Secretaria de Transportes; DGTC e Secretaria de Obras, na Prefeitura, e a Rede Ferroviária Federal. A racionalização do sistema de transportes tornaria parte dessa burocracia inútil, o que a leva a ser contrária a mudanças. Uma posição que reforça a estratégia de Chagas Freitas de deixar tudo como está.

Foto Chiquito Chaves

Saturnino Braga, do PMDB

Saturnino quer usar melhor os coletivos

"Para resolver o problema dos transportes coletivos no Rio é preciso diminuir o número de empresas que controlam o serviço de ônibus. Só assim será possível racionalizar os trajetos e utilizar melhor a frota já existente." Quem diz isso é o senador Saturnino Braga, candidato do PMDB ao governo do Rio de Janeiro na eleição direta de 1982.

Para ele, do jeito que as coisas estão atualmente, com um número enorme de empresas, todas as linhas de ônibus têm que ser lucrativas, pois cada empresa controla um número muito pequeno de linhas. Resultado: os trajetos têm que ser inutilmente esticados para aumentar a quantidade de passageiros transportados. "Reduzindo o número de empresas, cada uma delas poderia ficar com mais linhas. Aí daria para fazer um jogo: uma empresa poderia ficar com algumas linhas pouco lucrativas, e isso seria compensado pelos ganhos nas outras linhas. A partir daí poderíamos manejar melhor o sistema de transportes coletivos", diz Saturnino Braga.

Outro ponto considerado essencial pelo candidato do PMDB é reduzir a esfera de circulação dos automóveis para que os ônibus fizessem as viagens com mais rapidez. Cálculos realizados por órgãos oficiais indicam que cerca de 70% das pessoas que se deslocam no Rio utilizam o ônibus como meio de transporte. Assim, se os ônibus fizessem mais viagens, poderiam transportar quase toda a população do Rio.

Mas a redução do peso do transporte individual fere poderosos interesses estabelecidos, entre eles o da indústria automobilística, que emprega mais de 450 mil pessoas e tem ligações (através das encomendas que realiza) com um sem número de outros setores industriais.

Outras idéias a estudar, para melhorar a situação dos transportes coletivos, seria a mudança de horário de certas atividades econômicas para evitar engarrafamentos pela manhã e no final da tarde e uma maior integração das diversas modalidades de transportes. Para Saturnino Braga, há um grande desentrosamento entre o metrô, o serviço de ônibus e os trens. Essa falta de coordenação é provocada, em parte, pelo fato de que na administração dos transportes estão envolvidos não só a Prefeitura do Rio de Janeiro e o governo do Estado, mas também o governo federal (que controla a Rede Ferroviária).

BAIRROS

Chaguista racha União da Rocinha

As associações paralelas são mais um problema grave na luta diária das associações de moradores. Na favela da Rocinha, Zona Sul do Rio, Eleonora Castanho, que não é nem moradora da comunidade, com o deputado federal Miro Teixeira (Partido Popular) e a Fundação Leão XIII por trás, já fez de tudo para esvaziar o movimento popular.

O resultado foi a criação de duas associações com o mesmo nome — União Pró-Melhoramentos dos Moradores da Rocinha — que agora brigam na Justiça. Segundo Renato Moura, presidente da ASPA (Ação Social Padre Anchieta), entidade de ação cultural na Rocinha, "a União foi uma só por 18 anos, até que em 79 a presidente Silvana cansou de ser manipulada por Eleonora, que fazia até mudanças clandestinas nos estatutos, e então houve a divisão: Eleonora fundou outra União, com sede na localidade da Cachopa, enquanto a antiga fez novas eleições e conservou a sede do Bairro Barcelos".

Segundo Oliveira, presidente eleito da União, "antes das eleições Eleonora moveu um processo na Justiça, alegando ilegalidade dessa associação, e pagou moradores para distribuir panfletos ameaçadores à votação com o logotipo do jornal **O Dia** atrás. Ela também tentou impedir a posse da nova diretoria — que tinha a presença de deputados, associações de moradores e até do senador Nelson Carneiro — mandando um pessoal da Fundação Leão XIII".

Para o padre Cristiano, desde 74 trabalhando na Rocinha e há dois anos morando lá, "Eleonora sempre usou todo mundo, do partido do governo à Oposição, entrando em todas as repartições públicas sem se importar com as tendências", e teve voz na favela — "dentro da própria igreja era difícil convencer as pessoas das mentiras que ela falava".

Oliveira ainda declara: "Dizem que ela é policial e que está aqui para evitar todo um trabalho de organização dos moradores; nove pessoas daqui já foram parar no Dops por causa dela, inclusive o padre Cristiano e dois ex-presidentes da associação"

A opinião é unânime com relação aos objetivos políticos de Eleonora: ela quer se eleger deputada e seu irmão, vereador, ambos pelo PP, e por isso veste pele de cordeiro. Encabeçou uma carta ao presidente Figueiredo, assinada por moradores, pedindo a desapropriação, por interesse social, de toda a favela e a legalização da posse da terra, acusando ainda a vereadora Daisy Lúcidi de estar defendendo os grileiros e recebendo dinheiro das imobiliárias.

A origem da polêmica é uma área de 47 mil metros quadrados na Cachopa, adquirida há 10 anos pela Igreja Evangélica da Libertação, em nome do pastor Almir Guimarães, fundador da mesma, que é acusado pelos moradores de fazer ameaças de despejo, sem a documentação legal do terreno.

Eleonora conseguiu a desapropriação dessa área pelo ex-prefeito Israel Klabin, mas até agora não houve a avaliação para indenização porque, segundo Ariovaldo, genro do pastor, não há interesse da Prefeitura em indenizar uma área de Cr$ 500 milhões. Ele acha que o governo está patrocinando a invasão de seu terreno, com 132 construções novas, a maioria de alvenaria.

ALERTA!

Federação quer adesões em todo o Estado

A última reunião do conselho de representantes da Federação das Associações de Moradores do Rio (Famerj) discutiu o processo eleitoral com 45 associações de moradores.

Segundo César Campos, presidente da entidade, foi feito um levantamento de 90 associações com as quais a Famerj vem trabalhando desde 78, quando então a lista era de apenas 15. São todas associações de conjuntos habitacionais, loteamentos ou bairros, e o maior empenho da Famerj no processo eleitoral é a formalização da filiação dessas associações, a regularização perante a Federação.

Para Jô Resende, presidente do conselho, "o registro em cartório das associações é importante para evitar o paralelismo", ao mesmo tempo em que dá às entidades o direito de responder como pessoas jurídicas.

O representante do Movimento Amigos de Bairro (MAB) do município de Nova Iguaçu, Ivo, afirma que é importante fortalecer a Famerj junto aos conjuntos de moradores do Estado, para que ela tenha filiações em todo o Rio de Janeiro.

Só condução leva 1/3 do salário

"Com o último aumento de 45% nas passagens de ônibus, o trabalhador que ganha salário mínimo e mora em regiões como Cidade de Deus, Baixada Fluminense, Zona Oeste, passa a gastar a terça parte de seu salário com transporte."

A afirmação é de Hermes Cavalcante, da Associação de Moradores de Vila Coqueiros, que realizou um trabalho onde mostra que a única alternativa que sobra para os trabalhadores é o trem. "Acontece – diz Hermes – que os trens já estão transportando quase 700 mil pessoas por dia, estourando em muito sua capacidade. Por isso, mais de 70% do transporte de massa são feitos pelos ônibus, e os altos preços das passagens estimulam o crescimento das empresas particulares que exploram esse tipo de condução. Assim não é possível, ninguém agüenta mais, só o povo paga pela crise", conclui, irritado, Hermes Cavalcante.

Lise Török

Associações de bairros que tenham jornais ou boletins, enviem para REPORTER, rua Miguel Couto 134, 11º andar, CEP 20070, Rio. Vamos divulgá-los.

Moradores afastados do planejamento da cidade

Prefeitura entrega Rio a imobiliárias

As imobiliárias ganharam. Como REPORTER denunciou em várias oportunidades, as associações de bairro acabaram finalmente sendo afastadas pela Prefeitura de qualquer discussão sobre o planejamento da cidade. A decisão já estava tomada desde a posse do prefeito Júlio Coutinho, no ano passado, mas só agora foi tornada pública oficialmente. No 1º Seminário sobre Regiões Administrativas, em janeiro, o subsecretário de Planejamento, Armando Abreu, informou que a medida era uma imposição técnica: além de tomar muito tempo da Prefeitura, as associações não tinham capacidade técnica, segundo ele, para discutir os destinos da cidade. Não é nada disso. A decisão anunciada por Armando Abreu foi o último lance de uma partida de xadrez que a Prefeitura vem jogando há dois anos, em defesa das imobiliárias. A história é a seguinte: em 1978, as associações de moradores do Cosme Velho, do Grajaú e de Laranjeiras conseguiram, através do diálogo direto, que a Prefeitura controlasse parcialmente o crescimento imobiliário desenfreado. Houve reação das imobiliárias e foi tentada uma solução intermediária: as chamadas Câmaras Técnicas, seminários de discussão com participação das associações de bairros. Também não deu resultado. A alternativa foi a medida radical. Segundo o presidente da Famerj (Federação das Associações de Moradores do Rio), César Campos, a posição da Prefeitura só evidencia o seu isolamento: "Como planejar o crescimento da cidade sem ouvir os principais interessados? A resposta é clara: a Prefeitura parece estar mais a serviço das imobiliárias do que da população". A confirmação das palavras de César Campos está nos acontecimentos dos últimos dois anos. Com a reação das imobiliárias após os êxitos dos moradores do Cosme Velho em 78, foram criadas as Câmaras Técnicas com apenas um representante da comunidade, três da Prefeitura e dois das imobiliárias. Mesmo assim, as comunidades conseguiram êxito nas Câmaras Técnicas da Gávea e de Laranjeiras. Na última Câmara Técnica, a situação se inverteu: as imobiliárias saíram de cena estrategicamente e as associações de bairro perderam direito ao voto. Mais uma vez fracassou a Prefeitura. Os representantes dos bairros denunciaram a falta de critério dos trabalhos e a existência de um "pacote", já pronto, para liberar os gabaritos na ZE-9, zona urbana especial que corta toda a área do metrô. Por que a mudança de estratégia do município e das imobiliárias? Na ZE-9 ficam hoje os terrenos mais valiosos do Rio. Só o Metrô tem estoques avaliados em mais de Cr$ 2,5 bilhões, a preços do ano passado. Sem a liberação dos gabaritos, os lucros das imobiliárias ficarão restritos e o governo não conseguirá pôr em prática seu plano de superconcentrar a população na área de influência do metrô para continuar cobrando caro pelas passagens. "Nós fomos para a Câmara Técnica da ZE-9 discutir assuntos sérios", diz Jô Resende, presidente da Associação de Moradores do Cosme Velho. "Integração de transportes, uso dos terrenos do Metrô, restrição ao uso do automóvel, etc. Mas nada disso estava na pauta. A Prefeitura já tinha um projeto pronto e foi o que aprovou. Nós só passamos a ser encarados com seriedade depois que começamos a fazer denúncias pelos jornais." As denúncias das associações de bairro sobre o desvirtuamento da Câmara Técnica da ZE-9, que se limitou apenas ao trecho Botafogo-Glória, foram confirmadas pelo Instituto dos Arquitetos do Brasil, Seção do Rio de Janeiro. Uma nota nesse sentido chegou a ser divulgada. Menos de um mês depois a Prefeitura fez seu último lance: fechou o diálogo, voltando à época do primeiro governo Chagas Freitas, quando a Associação de Moradores da Gávea, pioneira no Rio, fechou por falta de canais para se comunicar com o poder público; e a especulação imobiliária tomou conta da cidade. "A diferença é que agora a realidade mudou. Nós vamos continuar trabalhando e a Prefeitura terá de nos ouvir. Queira ou não, nós continuaremos lutando pelo diálogo e trabalhando. Do nosso lado está a população", diz César Campos.

Favelados paulistas denunciam:

Abandonadas creches públicas da periferia

"Uma creche a cada 8 dias", diz a campanha publicitária da Prefeitura de São Paulo. Sem dúvida, o número de creches públicas aumentou bastante nos últimos anos – eram 4 em 1978 e hoje são 70. Acontece que de pouco adianta construir creches se a própria Prefeitura não fornece as condições para seu funcionamento.

A creche da favela São Remo é do tipo considerado ideal por técnicos da Prefeitura para resolver o problema na cidade: foi construída pelos favelados e depois entrou em convênio com a Prefeitura. Mas o convênio não melhorou nada.

– A Prefeitura demorou três meses para soltar o dinheiro – conta a funcionária Maria Élia. – Não aparecia médico e nem professora. Aí não agüentamos mais, chamamos os jornais e a tevê. Só assim o dinheiro do convênio apareceu, mas em compensação a favela encheu de mulher de político, gente do Palácio e da Prefeitura. Querendo ajudar, começaram a internar crianças em hospital, internaram até quem não estava doente. Chegou muito alimento, os funcionários foram pagos, mas as 60 crianças não tinham condições de ficar na creche: não havia berços, brinquedos, nem parquinho. Médico também nunca apareceu. Um dia só apareceu uma moça da Prefeitura para brincar com as crianças. E nunca mais.

Até que a creche foi depredada:

– Os próprios favelados quebraram – conta Maria Élia. – Foi no Natal. A rádio Cidade resolveu fazer uma festinha aqui, trouxe presentes, só que em vez de serem distribuídos entre o pessoal, eles foram guardados na creche. Os favelados se irritaram e invadiram a creche para pegar os presentes. Aproveitaram e destruíram, roubaram chuveiros, até as telhas arrebentaram. Aí, a creche fechou. E está assim até hoje. Não veio ninguém da Prefeitura ver o que aconteceu.

Em outra favela, São Domingos, no Butantã, há dois anos a Prefeitura está "terminando" a obra iniciada pelos moradores. Eles ergueram um barracão de madeira sozinhos, num mutirão. Quando a Prefeitura entrou para completar, complicou tudo.

– Sempre aparece aqui um engenheiro, mede tudo, vai embora e não volta mais – conta um favelado, José Lopes. Depois de dois meses vem um saco de cimento, um pouco de areia, e tudo se perde porque a Prefeitura não manda ninguém para trabalhar.

Celina Hilário, outra favelada, disse que a "Prefeitura usou 600 mil cruzeiros para fazer obras já feitas pelos moradores, como o teto da creche. E o muro construído há quatro meses foi tão mal feito que já está com rachaduras. Por fim, a Prefeitura considerou a creche concluída, sem portas internas, sem pias na cozinha, os trincos das janelas quebrados".

Essa é outra creche que não funciona por falta de condições. A Prefeitura já voltou atrás, reconheceu que a construção não ficou boa e promete reformar tudo de novo. Ninguém sabe quando.

Favelados irritados invadiram a creche da favela São Remo...

...que continua abandonada até hoje

Fotos de Wagner Avancini

Outro exemplo do que acontece numa creche da Prefeitura vem do Jardim Ester, inaugurada há 7 meses. Há duas mil crianças na região, mas a creche tem capacidade para 45. A comida é decente, mas médico, por exemplo, apareceu só uma vez, agora em janeiro.

– Se dependesse da Prefeitura, isso aqui não funcionava – dizem os funcionários. – Toda hora acontecem problemas elétricos e hidráulicos que a Prefeitura não atende. Nós é que temos de resolver tudo sozinhas, gastando até dinheiro do próprio bolso quando queima um fusível, o que é comum. Inauguraram essa creche sem infra-estrutura básica. Embora a comida seja boa, não há um lugar fresco para conservar os alimentos. A cozinha e a dispensa são verdadeiras estufas, muitos produtos se perdem.

Os salários das funcionárias são baixíssimos. Uma pajem ganha Cr$ 5.400,00 por mês por 8 horas diárias. E, se alguma funcionária sai, o cargo é preenchido só depois de uns três meses por causa da burocracia exigida.

Para denunciar esse tipo de situação é que, em março do ano passado, surgiu na periferia de São Paulo o Movimento de Luta por Creche que, usando números da própria Prefeitura, afirma serem necessárias cerca de mil creches para atender as crianças da periferia da cidade.

Teresa Moreira

Hippo, Regine's e Castel disputam a noite do Rio

[illegible] de A. Cavalcanti

GUERRA DE BOATES

Régine Choukroun

REPORTER

A inauguração, no final do ano passado, do Chez Castel, filial carioca de uma rede internacional de propriedade do francês Jean Castel, tornou muito dura a disputa pelos clientes que gostam e podem freqüentar os lugares da moda. Agora são três as boates que, por serem mais sofisticadas, conferem até status a quem as freqüenta: além do Castel, o clube Regine's, da também francesa Régine Choukroun, e o Hippopotamus, do brasileiro Ricardo Amaral, empresário de sucesso no ramo que já expandiu seus negócios até Paris, onde mantém o Le 78. No Rio, segundo os entendidos, há lugar para os três, mas como o que está por dentro hoje está out (por fora) amanhã, o segredo do negócio é a propaganda. A casa deve estar sempre em evidência para atrair os consumidores. O Regine's e o Hippo, com pequenas diferenças de imagem, têm um esquema infalível, bem ao gosto dos cariocas, mesmo os que têm grana: promovem, com a frequência que lhes interessa, o BLT (boca-livre-total), convidando artistas, personalidades, colunáveis, preparando festas exóticas (numa delas, Régine entrou na boate num trono carregado por anões com o corpo pintado), animadas por figurantes contratados (rapazes e moças), geralmente com pouca roupa e que se misturam aos convidados elevando a temperatura ambiente. As celebridades, e os jornalistas que aderem ao BLT, levam a imprensa, dão cobertura às "noites memoráveis", promovem o clube, que, nos dias seguintes, fatura à vontade. O Regine's, por exemplo, até há pouco tempo oferecia todo domingo um jantar com pratos frios e gratuitos a uma selecionada lista de convivas, todos eles capazes de, com suas presenças ou com notinhas nas colunas sociais, agradecerem a comida farta e a bebida importada. Jean Castel, que chegou por último, está disposto a manter outra filosofia, e por isso muitos temem por sua sorte. Ele não gosta do BLT e prefere que sua casa seja mantida "por dois ou três casais que gastam", do que por centenas de colunáveis que deixam o talão de cheques na gaveta. Na noite do Ano Novo, apenas 30 pessoas se requebravam na pista do Chez Castel, entre elas o milionário Baby Monteiro de Carvalho, o empresário José Carlos Nogueira Diniz e o ex-ministro do Planejamento, Reis Velloso, agora presidente do grupo Veplan. O Hippo, que atualmente atrai um público mais jovem que seus concorrentes, mostrou que se deve pôr restaurante ao lado da boate, porque comida é bom faturamento. O Regine's, que só servia um prato de macarrão de madrugada, vai seguir o exemplo. Peça importante na máquina desse tipo de boate são as pessoas que são colocadas à frente do negócio. Danuza Leão, a relações públicas mais cotada do momento, era do Regine's, passou pro Hippo por um salário não inferior a Cr$ 500 mil, dando sua vaga a Claude Amaral Peixoto. Não satisfeita, Régine contratou Marcelo Figueiredo, sobrinho do presidente da República, como seu executivo. Alegre como o tio, ele tem mostrado que sua linha será a do BLT. Mais austero, Castel trouxe como gerente o paulista Dercy Ribeiro do Prado. Seu lema pode ser "menos festas e mais dinheiro no caixa".

Na foto só tem BLT

Ela anima mesmo

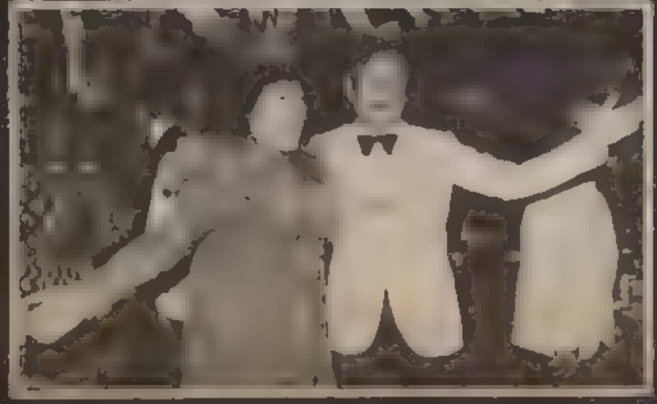
Foi a noite de Circo Louco

A juventude dourada do Hippo

Régine, anões e anjo na Festa Romana

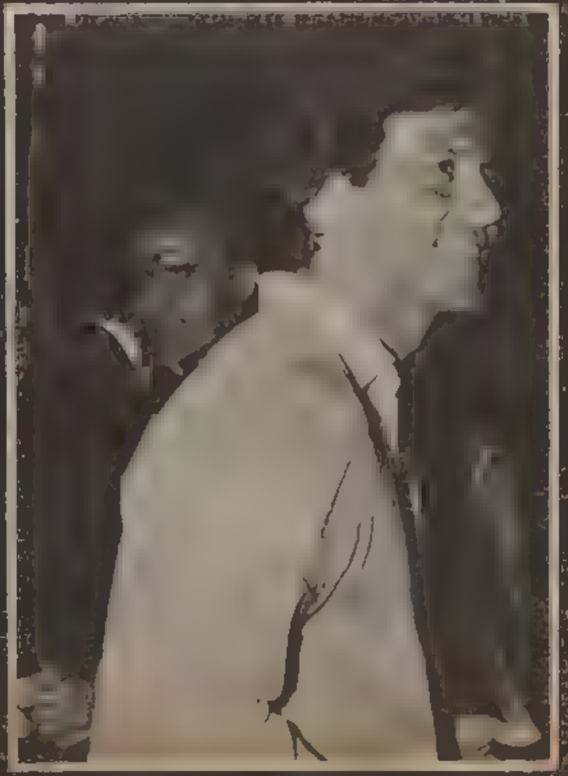
Elas são dançarinas contratadas por Régine para animar

Reis Velloso e senhora no Castel



Régine e o banqueiro de bicho Castor de Andrade

O deputado federal Miro Teixeira na pista do Hippo



No fundo, à esquerda, Nogueira Diniz, no Castel

BEIJOS E ABRAÇOS MELHORAM A CABEÇA

A DANÇA DO AMOR

A biodança é um tratamento pelo qual, através de toques no corpo dos parceiros, as pessoas exercitam a sensibilidade e reaprendem a relaxar.

Na praia de Fortaleza, Ceará, uma estranha dança provocou reações agressivas nas pessoas que olhavam: sobre a areia, homens e mulheres ensaiavam passos harmoniosos, ao mesmo tempo em que se abraçavam

– Pega, lincha! – eram os gritos da rua.

– Sem-vergonhas!

Era a primeira vez que a **biodança** aparecia em público, nos quatro anos em que existe no Brasil. Foi criada e trazida pra cá por um psiquiatra e antropólogo chileno, Roland Toro.

– A biodança é uma técnica de contato – explica ele – usando a música, a dança e movimentos capazes de ajudar o indivíduo a superar o bloqueio do toque.

Pra explicar de maneira bem simples, é isso: as pessoas entram numa sala, tiram os sapatos e começam a dançar, brincar, imitar animais, se acariciar, se tocar.

– Essa ternura que surge do contato é a verdadeira solidariedade – diz Toro.

Dez mil brasileiros já tiveram essa experiência com Toro. Gente de todas as classes, doentes e sãos. Ele deu aulas para leprosos no Hospital Souza Aguiar, no Rio; para cegos, no Instituto Padre Chico, em São Paulo; para executivos, em Serra Negra; para crianças excepcionais, operários, epilépticos.

– A biodança não é uma panacéia – avisa Toro.

Mas a verdade é que as pessoas sofrem transformações depois da biodança. Um executivo, diretor de uma indústria de autopeças, conta o que sentiu depois de uma semana de aulas:

– Antes de fazer biodança eu via a greve do ABC como uma chateação. Isso porque eu só via números, percentuais e produção, onde na verdade existem pessoas com as mesmas necessidades, filhos e vontade de progredir como eu. Confesso que isso me deixou em conflito, mas sinto que precisava dessa sacudidela.

Fotos Wagner Avancini

As pessoas dançam, brincam, se tocam. É a biodança

– A biodança se propõe a dar a cada indivíduo condições de sentir seu próprio corpo, o corpo do próximo e, mais adiante, o corpo da natureza – explica Toro.

Ele não acha que isso vai resolver todos os problemas do mundo, não é uma tábua de salvação, é apenas "uma possibilidade de deter, através da afetividade e da fraternidade, a onda de destrutividade recíproca". E de destrutividade ele entende bem, pois esteve no Chile quando, em 1973, o presidente Allende foi assassinado e grande parte da população foi aprisionada e torturada no Estádio Nacional

– A patologia do ego é que é o grande inimigo. É ela que leva a mulher a querer um casaco de peles, por exemplo. É ela também que explica a tristeza de uma Suécia, onde há grande liberdade sexual, mas cada um está empenhado em conseguir seu orgasmo, sua sensação. Há relação sexual, mas não relação humana de afeto.

Dá pra imaginar que uma pessoa como Toro, que fala tão difícil, é um embromador que aproveita de conhecimentos pra faturar uma grana. Por isso é bom saber que o dinheiro é o menos importante em seus cursos: 70% de suas aulas são gratuitas. E, em vez de esperar alunos em seu estúdio de São Paulo, ele se desloca pela cidade e pelo país levando a biodança até as pessoas. Seu plano mais ambicioso é fazer uma aula no Maracanã

– Não é loucura pensar nisso. Só precisaria de algumas centenas de professores para dirigirem 100 mil pessoas.

Mas a biodança não é só espetáculo, nem divertimento. Através do toque existe a possibilidade de melhora até em crianças excepcionais. Melhora verificada em testes

– Em seis meses, crianças deficientes conseguiram um avanço de até dois anos – revela Toro.

O mesmo já aconteceu com cegos que, após a biodança, adquiriram mais segurança. E com machões empedernidos, que conseguiram abraçar sem preconceito outro homem. E com garotas fúteis, que acabaram se engajando em lutas sociais.

Ulisses Tavares

Boca do Lixo é campeã de doença venérea

10 casos de gonorréia por dia na mais famosa zona de S. Paulo

A Boca do Lixo de São Paulo é a campeã de doenças venéreas da cidade. Não é preciso nenhuma estatística pra apontar isso, mesmo porque estatísticas não existem. Basta verificar a olho nu.

O movimento começa às 9 da manhã. Mulheres de todas as idades — algumas de até 60 anos — ocupam as esquinas e os bares das ruas próximas à Rodoviária. Não são bonitas nem gostosas, mas também cobram pouco: Cr$ 100.

Nos bares, o sistema é de ficha. O freguês se dirige à caixa registradora, paga e recebe um **ticket** que apresenta à mulher. Bem, nem todas são mulheres: os travestis já chegaram também aí, se bem que não tenham nada dos caros travestis das imediações do Hilton Hotel.

Zuleika — barba mal aparada, nenhum seio, braços musculosos — circula na rua dos Andradas carregando uma queixa constante:

— Por mim eu cobrava Cr$ 500, mas esse povo é mais morto de fome do que eu.

O povo dele é o migrante que chega. O peão de obra. O **boy**. Por isso não dá pra pedir mais de Cr$ 100 e levar o candidato para um quartinho de um prédio velho, sem água na torneira.

O drama é a água. Não existe. Não só no prédio de Zuleika; todos os prédios são assim. Uma mulher — geralmente gorda — sentada na porta, vigia os quartinhos às vezes subdivididos por uma cortina. Nenhum asseio. Quase sempre as mulheres se lavam numa bacia de águas turvas e partem pro próximo.

Quem ganha com isso são os farmacêuticos. Na farmácia Gusmões, rua do mesmo nome, o dono fornece alguns numeros

— Só aqui aparecem uns dez casos de gonorréia por dia.

Pra se curar, o doente gasta uns Cr$ 600.

— Mas a culpa é dos homens — garante Raul, o dono. — Eles é que trazem as doenças.

Outro farmacêutico da rua completa a estatística de Raul:

— Peão de obra, por exemplo, de cada três um já vem do Nordeste com uma **gonô** mal curada — afirma com a experiência de quem atende na **zona** há 20 anos.

As prostitutas mais velhas lembram com saudades dos tempos do ex-governador Adhemar de Barros:

— A **zona** era mais organizada.

— Tinha tabuleta na porta proibindo entrada de menor.

— Havia médico fazendo exames constantes na gente.

Elas acham que a situação piorou de 1964 pra cá:

— Daí pra frente quem aparece por aqui é só a polícia

Nenhum secretário de Saúde jamais foi visto na área. Nem funcionários menos graduados. E eles poderiam ver cenas chocantes, como a de um prédio semi-abandonado da rua General Osório, onde várias prostitutas se utilizam da mesma bacia e do mesmo latão de água pra se lavarem.

As mulheres — temendo assustar a freguesia — nunca mencionam as condições higiênicas. Pra elas está tudo bem. A única inovação dos últimos anos é a caixa registradora:

— Tem gente que reclama — diz Marlene. — Alguns até desistem de trepar por causa dessa máquina. Mas se não fosse assim eu ia pra falência. A gente levava muito cano.

A despreocupação das mulheres com as doenças é a mesma dos departamentos de saude da Prefeitura. Existem na cidade apenas três postos que atendem doenças venéreas. Simplesmente atendem. Não existe nenhum plano de controle e erradicação, apesar de muitas vezes aparecerem nos jornais entrevistas de médicos contando que o problema vem aumentando. No Hospital das Clínicas, há 61 anos funciona a Liga Contra Sífilis e Doenças Venéreas, fundada pelos médicos-estudantes do hospital. Ana Maria Kondo, atual presidente, revela que a Liga pode fazer muito pouco.

— Promovemos palestras em escolas, igrejas, mas não temos condições de fazer um trabalho de campo.

Estatísticas a Liga não possui. A não ser as suas próprias: em cada plantão aparecem 12 novos pacientes. Ana Maria também não sabe de nenhum plano do governo para acabar com essas doenças:

— Se existe algum plano eficiente de controle e profilaxia da sífilis em São Paulo, eu desconheço.

Ulisses Tavares

Longe do centro de São Paulo, onde mora a maior parte da população, a despreocupação da mocidade acaba mais cedo pela necessidade de trabalhar, a impossibilidade de estudar e o hábito de conviver com a violência. Aqui, o depoimento e as experiências de nove adolescentes entre 15 e 20 anos.

FALAM OS JOVENS DA PERIFERIA

Reportagem de Teresa Moreira

Aos 16 anos, uma menina rica ou de classe média está preocupada com namorados, estudos, viagens e lazer (ir ao cinema ou à discoteca, comprar um par de patins, etc). Mas para uma boa parte das meninas de São Paulo que moram nos bairros da periferia (a 20, 30 quilômetros do centro da cidade) a vida é muito diferente. Cleide, de 16 anos, trabalha duro. Desde os 11 anos saiu da escola:

— Meu pai tirou, pra eu poder trabalhar

Moradora da favela de São Remo, Zona Sul, ela foi trabalhar como doméstica e teve uma experiência dolorosa: o filho do patrão deu em cima dela e acabou agarrando-a:

— Um menino de 18 anos, olhava pra mim, me perseguia. Falava pra eu dar pra ele. Um dia me pegou no banheiro, chupou meu peito e passou a mão em mim. Fiquei com raiva, com vergonha, depois gostei. Mas saí de lá e nunca mais voltei.

Trabalhando agora em outra casa de família ela diz que lá não se diverte.

— Não dá tempo nem de conversar. Minha vida lá é só trabalho.

Virgindade, que para as meninas de 16 anos da classe média é algo que não preocupa, para Cleide deve ser levada a sério. Ela acha que se não for virgem vai ser mais difícil arranjar um marido:

— Alguém que sustente a casa e me deixe cuidando da casa e dos filhos, sem trabalhar fora.

Nos fins-de-semana Cleide dá umas voltas com os amigos, vai a parques de diversões e padarias e às vezes faz coisas um pouco mais ousadas:

— Vou pro escuro com um amigo de que gosto mais dar uns beijos e passar a mão. Nada sério.

Quanto ao futuro, Cleide quer ser "mais livre", já que seus pais, que são crentes, a vigiam muito. Apenas uma coisa a preocupa:

— Tenho medo de ficar louca.

Givaldo foi preso, apanhou, é ladrão

Para os meninos da periferia a barra também é pesada. Óculos escuros, voz grossa, cara séria, Givaldo, de 15 anos, mora sozinho num barraco de Rio Pequeno. Figura respeitada nas redondezas, ele diz que para viver "faz mil tretas".

– Furto, dou uns rolês pelo centrão da cidade, curto uma com meus camaradas.

Givaldo foi preso aos 13 anos e aí começou a pensar "numa batalha diferente":

– Eu vinha voltando pra casa, à noite, depois do trabalho. Tava perto de um carro roubado, sem saber de nada, quando a polícia me pegou. Tomei cana sem dever nada e fui parar no Juizado. Na Febem (Fundação do Bem-Estar do Menor) o pau é grande. Fiquei invocado e agora sou trombada.

Ele já caiu na mão da polícia duas vezes, por roubos leves, e diz que fazer acordo é fácil:

– A gente entra na política deles. Reparte a grana e sai numa boa.

Os planos de Givaldo incluem deixar essa vida quando crescer:

– Quando ficar maior, vou arranjar um trampo leve, como mecânico ou coisa desse tipo. Trabalho duro eu dispenso.

E casamento, formar família?

– Casamento, só depois dos 30.

Sexo e drogas ainda são tabus

Na periferia de São Paulo, o apelo à marginalidade em que Givaldo acabou envolvido é muito forte. Por isso, muitas mães gostam quando seus filhos entram num grupo da Pastoral da Juventude, que funciona em muitas paróquias. No Jardim Elba, divisa de São Paulo com Santo André, a pastoral é formada por 20 jovens, de 13 a 21 anos. Um garoto de 16 anos conta o que fazia antes de entrar para a Pastoral:

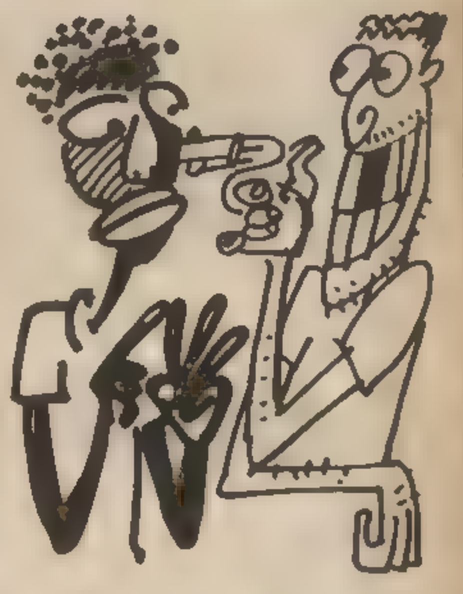
– Eu vivia no bar, fumando e bebendo. Só gostava de bater bola, era zueiro. A Pastoral me ajudou a descobrir os outros, a deixar de ser alienado, a me preocupar com os problemas do bairro.

Mas alguns, como Neide (20 anos), acham a Pastoral da Juventude pouco aberta:

– Aqui no grupo só são discutidos problemas sociais. Com isso cortaram muitas etapas do nosso desenvolvimento. Quando o grupo surgiu, há 7 anos, a gente debatia vários assuntos, inclusive sexo. Mas isso foi sendo barrado por gente de fora do grupo. Quando se fala de sexo, as pessoas saem da sala ou dão risadinhas.

Doroty, de 18 anos, tem outras críticas ao grupo:

– Uma vez a polícia metralhou uns meninos drogados bem perto daqui. A gente sentiu necessidade de discutir o problema do vício e da violência porque teve gente que apoiou a polícia, dizendo que viciado tem que morrer mesmo. Mas não conseguimos nada.



José desistiu de contar assaltos

O problema das drogas é uma preocupação, em especial das mães. Numa reunião com o professor Paulo Freire, que criou há alguns anos um método revolucionário de alfabetização, as mães de Santo Amaro levantaram a questão do que fazer com os filhos que fumam maconha. A resposta foi que elas deviam dar amor aos filhos e não considerá-los criminosos por fumarem maconha. De maneira geral, a vigilância das mães e dos pais é muito mais rígida sobre as filhas do que sobre os meninos. "Minha vida sempre foi de casa para o trabalho, do trabalho para casa. E meu pai sempre controlando se eu chego um pouco mais tarde", diz Kelly, de 20 anos. Seu pai não a deixa sequer ir ao cinema: "Ele diz que lá dentro é muito escuro". Para fugir desse cerco, as meninas do bairro de São Domingos, região Oeste, bolaram uma solução diferente: fundaram um grupo de teatro. Isaura, Lindaura, algumas primas e vizinhas são as responsáveis pelo funcionamento do teatro, num sobrado azul. Sábados à tarde junta muita gente para ver os espetáculos. Cada jovem conta sua história, e a partir daí a peça se desenvolve. A noite na periferia de São Paulo envolve muitos perigos. José, de 19 anos, do Jardim Santo Antônio, região Oeste, diz que já perdeu a conta de quantas vezes foi assaltado: "Eu tinha que ter uma fábrica de relógio. A violência tá uma coisa louca". Raimundo, 18 anos, colega de trabalho de José, diz que na favela onde mora, em Vila Dalva, a barra é parecida: "Já fui assaltado várias vezes e acredito que os marginais partem pra violência como aventura, mesmo sem precisar assaltar pra viver. Fazem isso pelo prazer da agressão". Ozéias, de 16 anos, trabalha numa lanchonete da Cidade Universitária e mora na favela do lado. Também ele tem problemas: "Faz um mês que trabalho aqui e já me acostumei com esse ritmo. O único problema é voltar pra casa por esse caminho ali atrás, que é escuro. Uma vez me pegaram e só não morri porque reconheceram que eu morava na favela".

Falso aumento da reserva em moeda estrangeira do país engana banqueiros

Delfim mente pra ter crédito externo

Um alto funcionário do governo federal revelou, recentemente, em conversa com economistas de oposição, que o ministro do Planejamento, Delfim Netto, manipulou as reservas cambiais para enganar os banqueiros internacionais. As reservas cambiais são dólares, marcos, libras e outras moedas estrangeiras que o Brasil armazena para cobrir rombos que surjam no seu balanço de pagamentos, que registra as transações de um país com o exterior. Oficialmente o governo anunciou que o Brasil fechou 1980 com US$ 6,9 bilhões de reservas. Na verdade, as reservas não passariam de US$ 5,9 bilhões – US$ 1 bilhão a menos do que o divulgado.

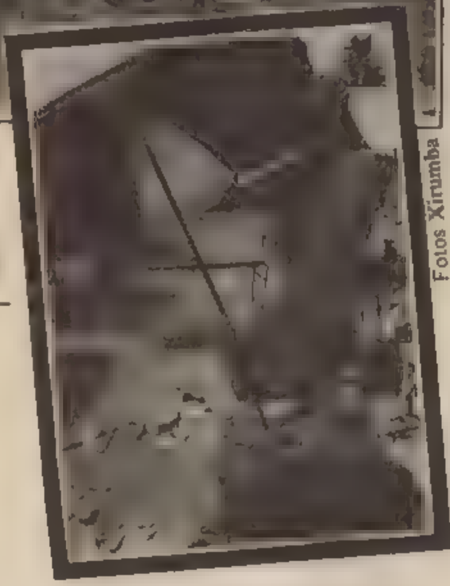
Como foi feita a manipulação? Segundo o funcionário, e representantes no Brasil dos banqueiros internacionais, Delfim (e sua turma) colocou nas reservas linhas de crédito que até então dela não faziam parte. Essas linhas de crédito são os pré-financiamentos às exportações com prazo inferior a um ano. Aí é que a porca torce o rabo. O Fundo Monetário Internacional (FMI) não aceita que dólares que estejam num país há menos de um ano entrem nas reservas. A razão é simples: esses dólares podem estar sendo usados apenas para atividades especulativas e acabam não indo para as reservas. Ao colocar os pré-financiamentos às exportações nas reservas, Delfim desrespeitou as normas do FMI, que são aceitas internacionalmente.

Essa manipulação não foi, é claro, feita por acaso. Um país, para manter sua credibilidade internacional e conseguir empréstimos junto aos banqueiros, tem que possuir reservas cambiais que cubram pelo menos três meses de importações. Ora, as importações brasileiras devem chegar no ano que vem a pelo menos US$ 25 bilhões. Isso significa que vamos gastar, mensalmente, cerca de US$ 2,1 bilhões com compras lá fora. Multiplicando por 3, temos US$ 6,3 bilhões. Com reservas (verdadeiras) de apenas US$ 5,9 bilhões, o Brasil não teria o suficiente para garantir 3 meses de importações. A solução, de acordo com a denúncia do alto funcionário do governo, foi manipular e chutar as reservas para US$ 6,9 bilhões.

Essa jogada está, porém, custando caro a Delfim. Sua credibilidade junto aos banqueiros internacionais, que já era pequena, foi ao fundo do poço. Esse alto funcionário do governo acredita, inclusive, que se o Brasil tiver que negociar empréstimos com o Fundo Monetário Internacional, o atual ministro do Planejamento terá que ser afastado do cargo, pois o FMI não aceitaria conversar com alguém tão desmoralizado quanto Delfim. Para seu lugar poderia ir o ex-ministro do Planejamento, Roberto Campos, ou então o banqueiro paulista Olavo Setubal, membro do Partido Popular (PP). Aliás, comenta-se que Delfim só não caiu até agora porque o governo não encontrou quem aceitasse o cargo. Roberto Campos já teria sido inclusive convidado, e recusou-se a pegar a batata quente. Mas, se a situação apertar, ele deve ser chamado de novo pelo Planalto.

Ricardo Bueno

Barracas de carne dos abatedouros clandestinos na feira de Olinda



Fotos Xirumba

MATADOUROS ILEGAIS ABASTECEM RECIFE

Cerca de 8 toneladas de carne bovina e 6 de carne de porco abatidas clandestinamente são vendidas por dia no Recife. O Ministério da Saúde acredita que 60% da carne que o recifense come hoje não passam por fiscalização, não paga os impostos devidos, nem está em condições higiênicas para ser usada como alimento

O problema atinge os três grandes matadouros industriais que até o ano passado abasteciam não só o Estado de Pernambuco, mas também a Paraíba. Segundo João Padilha, diretor do maior deles, o Marajó, autoridades graduadas estão envolvidas no comércio clandestino de carne. Ele diz estar juntando documentos para provar que algumas dessas autoridades "recebem comissão dos matadouros ilegais para facilitar as transações"

Em janeiro foi preso em flagrante, quando colocava dois traseiros de boi na mala de seu Chevrolet, **Galego Napoleão**, *ou José Gomes da Silva, dono do maior abatedouro clandestino, com sede no bairro de Camaragibe. O fiscal do Dipoa, divisão de fiscalização de abates do Ministério da Agricultura, levou-o à delegacia para formalizar a prisão. No dia seguinte o fiscal soube que o delegado não lavrara o flagrante e ainda liberara a mercadoria apreendida (a carne que estava no carro, mais 12 bois, cinco carimbos e talões de notas fiscais.) Os fiscais dizem que o delegado foi comprado por Cr$ 60 mil*

Eles revelam ainda que três funcionários do Dipoa, demitidos por corrupção, estão trabalhando para matadouros ilegais, "ensinando todos os macetes para driblar a fiscalização". Eles falsificam carimbos, notas de inspeção e notas fiscais

A sonegação dos impostos envolvidos nessas operações é fabulosa. Para se ter idéia, uma compra legal de boi deixa no local de origem Cr$ 3.600,00 de Imposto sobre Circulação de Mercadorias (ICM) por cabeça, mais Cr$ 1.600,00 para o Estado onde ele é abatido, além da taxa de Cr$ 850,00 do Funrural e dos Cr$ 750,00 do PIS O Estado – e os contribuintes – perde, portanto, cerca de Cr$ 6.800,00 em cada cabeça de gado abatida clandestinamente.

A saúde da populaçãq também é afetada No Recife, os matadouros industriais, que atuam legalmente, produzem apenas para o Inamps, hospitais públicos e particulares, refeitórios industriais, polícia militar, universidades, dois supermercados e algumas repartições estaduais. A carne das feiras, e principalmente do mercado popular, o São José, é clandestina. Os animais são mortos em cima de folhas de bananeira e lavados nos riachos ou com água de poço, sem qualquer higiene. O abate é feito às pressas, de madrugada, para que a carne chegue à cidade antes do amanhecer, quando a fiscalização é maior.

Os "traficantes" de boi são homens ricos e formam uma pequena máfia que emprega muita gente. Violentos e temidos, eles juram de morte quem os entregar à fiscalização e, por isso, ninguém "sabe de nada" quando é indagado por repórteres e se esconde quando chegam os fiscais. Já houve até troca de tiros entre o pessoal dos abatedouros e os PMs que sempre acompanham os funcionários do Dipoa. Certa vez, o carro que conduzia os fiscais do Ministério da Agricultura que tinham ido ao município de Tapera foi bastante danificado: os quatro pneus foram furados e os fios da ignição do motor arrancados. Os fiscais não tinham lavrado nenhum flagrante, mas tiveram que voltar de carona pro Recife

Na hora da matança os chefões nunca estão presentes Eles circulam entre os barracões e cada um domina uma área. Os principais estão nos bairros de Cavaleiro, Camaragibe, Araçoiaba, Iputinga, Cajueiro Seco, Barra do Jangada e Igarassu.

Enquanto isso, há crise nos matadouros legalizados: João Padilha, diretor do Marajó, afirma que foi obrigado a demitir 400 de seus 600 funcionários

Beth Salgueiro

Nosso leite tem urina, formol e água oxigenada

O leite que o brasileiro toma tem, além de água em grande quantidade, urina, formol, cloro e água oxigenada. Quando uma partida de leite com más condições de higiene é descoberta, vai para a industria de sabão. Quem diz isso é o médico sanitarista Aroldo Quevedo, chefe da Seção de Leite e Derivados do Serviço de Inspeção de Produção Animal, órgão do Ministério da Agricultura Mas como a fiscalização é falha, em geral quem acaba ingerindo essa porcaria é mesmo o consumidor As condições higiênicas de fabricação do leite são deploráveis Pelas formas que disciplinam a ordenha, o produtor deveria realizá-la em local coberto e acimentado, longe de excrementos A área teria que ser lavada duas vezes por dia e as vacas tratadas cuidadosamente para evitar brucelose ou tuberculose. Mas a maioria dos produtores não obedece a essas regras. Além disso, o leite não chega nos horários estabelecidos às portas das usinas e o transporte é feito em charretes e burros, em vasilhames sujos, e o produto nem ao menos é coado. As usinas também fazem das suas Durante seis anos o consumidor foi enganado por elas, com a conivência do governo federal. Qualquer leite com teor de gordura abaixo de 3,2% é considerado água O leite C vendido no Brasil tinha apenas 2% de gordura. Para chegar aos 3,2% de gordura o leite C no ano passado virou especial, subiu cerca de 100% de preço e transformou-se em leite especial. A promessa do governo é de que, com o aumento, o consumidor passaria a contar com um produto de melhor qualidade. Mas como a fiscalização sobre os produtores é quase nula, as condições de higiene pouco ou nada mudaram. Algumas famílias de alta renda pensam que podem escapar do mar de urina e de outras porcarias que corrompem o leite comprando o chamado Longa Vida, muito mais caro que todos os outros. Mas para o doutor Quevedo, este é um dos piores tipos de leite "Em que é melhor? Em nada. Pela temperatura em que foi processado (140 graus), o Longa Vida perde as vitaminas, que foram destruídas Além disso, leva muitos produtos químicos, entre eles o formol — razão pela qual 30 mil litros foram apreendidos recentemente em Salvador."

Foto Eduardo Homem

Camponeses protestam contra construção da barragem de Itaparica

REVOLTA NO VALE DO SÃO FRANCISCO

Governo provoca enchente para expulsar posseiros

Reportagem de Beth Salgueiro

As enchentes do rio São Francisco, que anualmente desabrigam milhares de pessoas, são provocadas pelo governo que, assim, encontrou a maneira mais prática de afastar a população dos vales ribeirinhos, cujas terras muito ricas são escolhidas para a implantação de grandes projetos agrícolas de exportação.

A denúncia foi feita por 120 líderes sindicais dos cinco Estados banhados pelo rio, e que realizaram, no fim de janeiro, no município de Carnaíba, sertão da Bahia, o 6º Encontro dos Sindicatos do Vale do São Francisco.

– Assim é fácil – diz Anacleto Coimbra, velho camponês de Bom Jesus da Lapa, Bahia, que perdeu quase tudo nas enchentes. Chega aquele mundão de água e o cabloco fica pensando que foi Deus quem mandou, que é a natureza, e sai de sua terra caladinho, sem reclamar. Não sabe ele que os **hôme** podia fechar as **comporta** e evitar as enchentes. É só querer.

Os velhos camponeses contam que antes das barragens só havia cheia de 30 em 30 anos. O rio ia enchendo devagar, dava tempo de todo mundo se mudar com suas coisas pra outro lugar. Quando as águas baixavam, ficava um barro limoso e rico, que tornava as terras ainda mais férteis. Agora tudo mudou, como conta Silvestre Aprígio da Silva, de Glória, Bahia:

– Quando a gente dá fé, a água já tá aqui. É rápido, não dá tempo nem de piscar o olho. É uma água limpa, que vem com tanta força que cava sulcos no leito do rio. A margem fica assim como uma duna de areia. Então aquela terra só vai servir pra plantar daqui a uns seis meses ou um ano. Nunca mais que a gente teve safra de melão e melancia em junho, porque a cheia sempre acontece em fevereiro.

Depois de 78, quando foi inaugurada a barragem de Sobradinho e houve a primeira grande enchente, começaram também, coincidentemente, a serem implantados os grandes projetos do governo federal. Na parte mineira do rio, especialmente em Pirapora, Januária e Manga, existem grandes grupos nacionais e multinacionais explorando o reflorestamento para a produção de carvão, que vai alimentar as indústrias siderúrgicas. Tem muito japonês nessa área.

– Ali eles plantam eucalipto nas terras de cultura. O que significa que nunca mais vai se poder plantar outra coisa ali. Só eucalipto. O abastecimento da população, que antes era feito pelas pequenas roças da margem do rio, agora é feito pela Central de Abastecimento de Belo Horizonte. Compra-se legumes caros e estragados, denuncia João Ferreira de Carvalho, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Pirapora.

Da Bahia até Pernambuco, Alagoas e Sergipe podem ser encontrados os projetos de irrigação da Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco (Codevasf), para a criação de grandes plantações de algodão, cana-de-açúcar, mandioca (Programa Nacional do Álcool), melão e frutas finas, para exportação. Todas essas áreas eram antes ocupadas com plantações de feijão, legumes, comida para a população.

Quem vivia nas terras, os verdadeiros donos, foram afastados para agrovilas a 700 quilômetros do rio. Na construção da barragem de Sobradinho, 72 mil pessoas perderam suas terras. Outras 50 mil foram afastadas pela Codevasf, com indenizações irrisórias.

Muita gente foi embora para São Paulo. Quem quis ficar nas agrovilas, longe da pesca no rio, para sobreviver precisa trabalhar como bóia-fria, os homens ganhando Cr$ 550,00 por semana e as mulheres Cr$ 250,00.

– Quem tem uma casa, mesmo de agrovila, que seja decente, é porque teve sorte. Em Porto das Folhas, Sergipe, fizeram umas casas tão pequenas que não cabia uma família inteira. O pessoal não aceitou e vive em casas de papelão, na beira das estradas. (João de Moura, do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Propriá, Sergipe.)

Ninguém sabe para onde foram os milhões destinados pelo governo para amparar os desabrigados nas enchentes. Em Pernambuco o caso foi mais grave: o governo do Estado recebeu 500 mil marcos do governo alemão para construção de casas nos municípios de Petrolina, Juazeiro e Santa Maria da Boa Vista. Passados dois anos o dinheiro sumiu e não existe nenhuma casa. Uma observadora do governo alemão veio ver em dezembro como estavam as obras. Soube que o dinheiro tinha sido entregue ao Prodecor (Programa de Desenvolvimento de Comunidades Rurais, do Ministério da Agricultura), e que ainda não tinha chegado à área atingida. Pediu então prestações de contas à Prodecor, através de sua embaixada em Brasília, e até agora não obteve resposta.

Há corrupções ainda maiores, como a denúncia de que os diques, que atualmente protegem as cidades das enchentes, são construídos sem concorrência pública por uma companhia de nome **Cowan Rodoférrea**, cujo maior acionista seria o ministro Mário Andreazza.

INAMPS ESCONDE, SINDICATO ACUSA:

Acidente de trabalho mata 4.500 operários

Recentemente três metalúrgicos que trabalhavam em fábricas da Zona Oeste da cidade de São Paulo morreram devido a acidentes de trabalho. Outro fraturou a espinha e vai ficar paralítico para sempre. Tragédias como essas são comuns no Brasil. A última estatística do Inamps, de 1977, aponta a ocorrência de 1,6 milhão de acidentes, de que resultaram nada menos que 4 500 mortes. Os dados são tão escandalosos que, há 3 anos, eles sumiram de circulação. Apesar de sua gravidade, eles ainda subestimam a realidade, pois acidentes considerados menores, como cortes de dedo e escoriações, não são registrados. Amável Barroca, diretor do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, conhece de perto os acidentes que acontecem na Zona Oeste, que conta com 40 mil metalúrgicos espalhados por 650 fábricas. Ele diz que, há poucos dias, o carpinteiro Alexandre Lombardo fraturou a espinha. Uma pilha de madeira desabou sobre ele. A empresa, como sempre, procurou jogar a culpa do acidente sobre o trabalhador. Mas, pouco antes do acidente, Alexandre denunciara no jornal do sindicato o empilhamento irregular de madeira na metalúrgica Voith. Gedion Rodrigues Santana e Francisco Carlos Belko morreram. Consertavam uma máquina perto do laboratório de testes e ela explodiu. O ar estava carregado de material inflamável e as janelas fechadas. "Uma fagulha lançada da máquina em conserto seria suficiente para detonar o ambiente de gases concentrados", explica Amável Barroca. O supervisor de segurança chegou a insinuar que a culpa foi de Gideon, que estaria fumando. Mas Amável duvida: "O Gideon era muito experiente, pertencia inclusive à Comissão Interna de Prevenção de Acidentes. Jamais iria fumar num ambiente desses". Dias depois dessas duas mortes, outro metalúrgico faleceu no bairro do Brás. Antônio Calado Muniz foi degolado por uma prensa na metalúrgica Aliperti, no dia 18 de dezembro. Ele trabalhava mais de 12 horas. Ganhava Cr$ 15 mil e, com as horas extras, chegava a Cr$ 30 mil. A hipótese mais provável para o acidente é que Antônio tenha subido num cavalete quando a prensa pifou. O cilindro voltou a funcionar, ele se desequilibrou e caiu de cabeça. Foi guilhotinado. O caso está registrado no Boletim de Ocorrências 5657/80, do 6º Distrito.

Antônio Pavone

CANTINHO DA SERESTA

LANCHONETE GEANE LTDA.
Bebidas nacionais e estrangeiras
Serestas sextas, sábados e domingos
Sextas e sábados das 22h às 4h. Domingos das 16h às 22h
Direção de Oliveira e Jane

Av. José Mariano dos Passos, 1169
(Igrejinha) BELFORD ROXO

ATENÇÃO!

N. Iguaçu faz torneio de sinuquinha

[illegible] de Nova Iguaçu [illegible] Fluminense, anuncia que o primeiro turno vai começar no dia 8 de fevereiro.

Participam do torneio o Cantinho de São Jorge, do Jardim Esplanada, o 27 de Setembro, o Ponto Certo, de Miguel Couto, o Igrejinha e o Argentina, ambos de Belford Roxo.

No dia 24 de janeiro a comissão elegeu a nova diretoria, presidida pelo Jorge, e que conta ainda com Moisés, Alberto, Oliveira, Carlinhos e Waldir.

Os comerciantes Manoel Casa Grande e Raul, de [illegible] Santa Inês, estão apoiando o campeonato.

PELO TELEX INTERNACIONAL

A CIA VOLTA A ATACAR

Reagan leva os homens duros do serviço secreto ao poder

A linha dura da CIA – a famigerada Agência Central de Inteligência dos Estados Unidos – está de volta com Ronald Reagan. A começar pelo vice-presidente dos EUA, George Bush, um antigo diretor da CIA, os homens mais importantes da equipe do novo presidente americano estiveram envolvidos na chamada "guerra suja" levada a cabo pela espionagem americana há poucos anos: assassinatos, atentados, suborno ou "acidentes" para acabar com a raça de adversários incômodos.

Relativamente contida durante o governo Carter, devido a investigações realizadas por uma comissão do Senado americano, a CIA agora estará sujeita apenas à fiscalização de seu velho e radical admirador, o senador Barry Goldwater, partidário de utilizar-se "pequenas bombas nucleares" para resolver conflitos regionais que envolvessem interesses americanos. Agora, ele é que preside a Comissão de Relações Exteriores do Senado americano.

Com a certeza de ter campo aberto, a equipe de Reagan anunciou aos quatro ventos que, durante os próximos anos, a CIA voltará a ter "maior liberdade de ação", o que inclui a retomada, com toda a força, de ações clandestinas em outros países. O que são essas ações clandestinas? Além da espionagem disfarçada pelo trabalho de "missionários", "jornalistas" e "pesquisadores", esses também denominados "brazilianists", há o funcionamento de um sistema que permite a interceptação e a escuta de comunicações por telex e por telefone em toda a Europa. No Brasil, não é por acaso que vários "amigos dos Estados Unidos" trabalham em concessionárias de serviços telefônicos

Mas a ação clandestina vai muito além. Depois de tentar injetar LSD no psiquiatra Daniel Ellsberg, que entregou a jornais documentos provando a montagem de uma rede de mentiras para permitir a intervenção militar americana no Vietnam, a CIA desenvolveu uma pistola de dardos envenenados que matam sem deixar marcas.

Nas horas críticas ninguém se preocupa com aparências. Foi assim com o ex-ditador Diem, que depois de servir fielmente aos americanos no Vietnam foi sumariamente eliminado quando começou a ser visto como "um problema".

Às vezes, em casos menos prementes, são montados "acidentes" para eliminar indesejáveis. Esta é uma das formas de ação da seção de "ajustes de contas", segundo admitiu publicamente Howard Hunt, ex-agente condenado por invadir a sede do partido Democrata em Watergate. Essa seção, por exemplo, eliminou "num país sul-americano" um agente que tentara fazer chantagem por conta própria. Coincidência ou não, mais ou menos na mesma época um funcionário do consulado americano no Rio "suicidou-se por problemas psicológicos", atirando-se pela janela de seu apartamento em Copacabana.

Além disso, a CIA age através do suborno. Temos um exemplo em casa. Em 1962, quando era necessário montar uma Oposição contra o então presidente João Goulart, a CIA financiou a campanha de vários candidatos, gastando, segundo o embaixador Lincoln Gordon, algo em torno de 5 milhões de dólares. O suborno foi executado por duas entidades irmãs: o Instituto Brasileiro de Ação Democrática – IBAD – e pelo Instituto de Pesquisas Econômicas e Sociais – IPES – onde pontificavam o hoje chefe da Casa Civil da Presidência da República, general Golbery do Couto e Silva, e o general Antônio Manta. O Congresso brasileiro chegou a realizar uma investigação a respeito, mas todos os documentos são mantidos até hoje em sigilo.

O time que promovia e patrocinava ações desse tipo está agora saindo de novo da toca. Depois do vice-presidente Bush, os "falcões" estão representados pelo secretário de Estado, general Alexander Haig: foi da cabeça dele que surgiu a idéia de bombardear o Vietnam com napalm, uma substância que adere ao corpo e que queima a carne até o osso. Ele também articulou, junto à multinacional ITT – representada no Brasil pela Standard Elétrica – e com o grupo Rockefeller o golpe que derrubou e assassinou no Chile o presidente Salvador Allende.

Por falar em Rockefeller, ele hoje emprega no Rio Jack Wyant, ex-adido de imprensa da embaixada americana no Rio, que gostava de oferecer viagens internacionais a jornalistas cariocas em troca de apoio à posição americana no Vietnam. Sempre apontado como integrante da CIA, Wyant, que fala português quase com sotaque de Ipanema, é hoje um dos mais prestigiados interlocutores do presidente da Associação Comercial do Rio de Janeiro, Ruy Barreto.

A vitória do Partido Republicano trouxe de volta ao poder o conhecido general Vernon Walters, antigo oficial de ligação do 5º Exército americano com os contingentes da FEB, na campanha da Itália. Famoso por suas ligações com militares brasileiros, ele era o adido militar da embaixada americana quando a CIA articulou a derrubada do governo Goulart. Em estreita articulação com os golpistas, Walters acionou, com o então secretário de Defesa, Robert MacNamara – hoje presidente do Banco Mundial – e com o ex-embaixador Lincoln Gordon a "Operação Brother Sam", enviando para a costa brasileira um porta-aviões, seis contratorpedeiros, um navio para transporte de helicópteros, quatro petroleiros, seis aviões de carga, oito de abastecimento, um de comunicações e um posto de comando aerotransportado, além de 110 toneladas de armas e munições. Tudo para garantir o sucesso do "movimento espontâneo" que derrubou o último governo eleito no Brasil.

Pouco antes da vitória de Reagan, Vernon Walters veio ao Brasil "para rever velhos amigos", numa viagem que ele classificou como "meramente sentimental". Em apenas três dias de permanência por aqui o general, que também foi diretor da CIA durante o governo Nixon, conseguiu encontrar-se com autoridades que nunca estão acessíveis a milhões de brasileiros: começou pelo chefe do Serviço Nacional de Informações, general Octavio Aguiar de Medeiros, passando depois pelos generais Reinaldo Mello Almeida, ministro do Superior Tribunal Militar, Brum Negreiros, antigo secretário de Segurança do Rio, Ivan de Souza Mendes, Arnaldo Calderari e Paulo Campos Paiva. No Rio, esteve também com o general Meira Mattos e foi ciceroneado constantemente pelo marechal Cordeiro de Farias.

Estes fatos dão uma idéia do que o Brasil e o mundo poderão enfrentar nos próximos anos de governo Reagan. Um dos caminhos preferidos, segundo revelou o ex-agente John Stockwell, é o suborno de polícias locais. O agenciamento de jornalistas, que chegou a ser proibido, também voltará: como evidência de que lá também existem leis que "não pegam", o novo chefe da CIA disse há poucos dias que "nenhum americano pode ser privado da oportunidade de servir a seu país".

SPC AJUDA SNI A PRENDER JORNALISTAS E MEP

Quando alguém do departamento de cobrança do Serviço de Proteção ao Crédito (SPC) bater na sua porta, tome cuidado. Ele pode, na verdade, estar recolhendo dados para o Serviço Nacional de Informações (SNI), que o utiliza para suas operações de espionagem. Durante a "distensão política" do general Geisel, esse esquema funcionou para a prisão de jornalistas no Rio, em 1975, para o seqüestro e encarceramento de professores da Universidade Federal Fluminense e Universidade Federal do Rio de Janeiro, e para a prisão de engenheiros, jornalistas e estudantes acusados de pertencerem ao Movimento de Emancipação do Proletariado (MEP), em 1978.

As investigações preliminares para checagem de endereços foram feitas pelo SNI em nome do departamento de cobrança do SPC — uma entidade privada mantida por contribuições dos comerciantes, em troca das informações que dá sobre a confiabilidade dos compradores. Alguns ex-presos políticos, mesmo depois da anistia, ainda instruem seus familiares para que não dêem qualquer informação, se ela for solicitada por alguém que se diz do SPC.

Além do departamento de cobrança, os computadores do SNI também costumam solicitar muitas informações ao cadastro de informações do SPC. Ele e o departamento de cobrança, dizem orgulhosamente os diretores do Serviço de Proteção ao Crédito, movimentam diariamente 15 mil fichas, fazendo uma atualização constante de endereços e sendo por isso freqüentemente consultados por autoridades federais, estaduais e municipais.

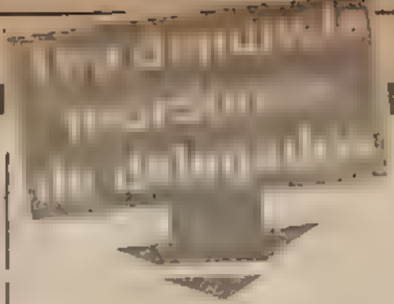
No caso da polícia, a delegacia ou vara criminal em questão solicita, através de formulário próprio dirigido ao presidente do órgão a que o SPC estiver ligado (Clube dos Diretores Lojistas ou Associação Comercial), o nome, endereço, filiação, renda, conceito bancário e "notas desabonadoras" do consumidor. De posse desses dados, emite o mandado de prisão. Se o sujeito for encontrado, as informações tanto podem contribuir para sua absolvição como para acrescentar-lhe alguns anos de cadeia.

No caso do SNI, além do SPC ele se utiliza das declarações do Imposto de Renda e de suas fichas, da escuta telefônica e do material publicado em jornais. Criado em 1964 pelo general Golbery do Couto e Silva, atual chefe da Casa Civil, ele funciona como os olhos e os ouvidos do regime.

Seu início foi modesto. Ocupava uma sala, do empresário Glycon de Paiva, no 27º andar do edifício Avenida Central, no Rio de Janeiro. Dois anos depois (1966) a organização básica estava montada. Em seus arquivos, localizados na agência central de Brasília, já figuravam o nome de 100 mil pessoas tidas como militantes de partidos de esquerda ou simpatizantes. Em todo o país, 20 mil telefones foram grampeados para que as conversas pudessem ser gravadas.

Atualmente o SNI é uma máquina gigantesca que, além da agência central e das agências estaduais instaladas nas capitais, coordena o trabalho do Centro de Informações do Exército, do Centro de Informações e Segurança da Aeronáutica, do Centro de Informações da Marinha, do Centro de Informações do Ministério das Relações Exteriores e das Divisões de Segurança Interna que funcionam nas autarquias e sociedades de economia mista.

LEITORES



Papai-mamãe é sexo da idade da pedra

"Lendo REPORTER do mês de janeiro de 81, tive a imensurada tristeza de ler uma nota intitulada *Donas-de-casa fundam liga contra pornografia*. Bonito ato, de relevante importância para maior respeito entre os povos de todo o mundo. Só que esse tipo de assunto não deve ser discutido a nível de dona-de-casa, que vivem o dia todo nas ruas indagando como será que os vizinhos se relacionam sexualmente em suas casas. Tenho a dizer que esse é um grande problema de nossos dias, em que já não se tem a consciência do que seja sexo. O sexo para pessoas inteligentes e sãs não tem fronteira, nem início, nem fim. Um bom desempenho sexual reativa todo um sistema de saúde mental e intelectual. Essa de que o sexo é somente entre homem e mulher e é só, que se resume em a mulher abrir as pernas e o homem introduzir-lhe o que ele tem de mais belo e puro, é uma de medieval, idade da pedra

Esse falso moralismo dessas pessoas tão pobres e podres realmente me arrasa. Quando eu penso que os tempos estão avançando, me entra meia dúzia de analfabetas, pessoas que passam toda a vida nas trevas de um lar, muitas vezes um lar sem paz, sem amor, sem estrutura.

Quanto à madre, irmã de caridade (esse tipo de irmão que se esconde dentro de uma máscara de esconder frustrações por não ter tido oportunidade de descobrir a vida ainda em vida, nós seres privilegiados não precisamos) Eugênia, da Ordem de São José (se São José fosse vivo expulsaria dos seres vivos), essa psicologia dos tempos em que esse estudo maravilhoso ainda tentava engatinhar, não sabe que cientistas e analistas, psicólogos de verdade, se dedicaram ao estudo do homossexualismo e chegaram à conclusão de que essa prática é normal como o heterossexualismo, e acrescentam ainda que o homossexual ama e vive mais intensamente que os heteros, porque conseguem amar seres de igual semelhança. Autodesvalorização é se esconder por trás de uma roupa diferente e ditar normas de conduta quando não as tem em seu poder.

A psicologia dessa irmão (ou irmã) é arcaica e caduca como seus padrões de vida. Posso apostar que a mesma deixou de ser virgem ainda aos 15 anos, e aposto ainda que adorou. Psicologia que condena a prática do homossexualismo não é o estudo da mente e do comportamento humano, e sim um estudo isolado e pessoal da pessoa. Uma profissional dessa categoria nunca deveria usar seu diploma para entender o problema das pessoas, visto que ainda não conseguiu resolver e entender os seus. Deixo aqui minha profunda tristeza." (*Ricardo Straus – Rio de Janeiro*)

Na edição anterior do REPORTER, um dos matadores da perigosa ROTA disse que bandido é comparável a índio. Eu, por força da natureza, sou índio e não escondo isso. Mas não somos bandidos e nem pretendemos ser. É crime querer que a Lei Pró-Índio faça-se cumprir e exigir nossas terras de volta? Tem pessoas que acham que o índio quer demais. Não queremos pedir roupas e sapatos, queremos ter condições de adquirir isso com nosso próprio dinheiro. Não queremos demais, isso a lei nos assegura. Não temos nenhuma culpa de sermos índios, e assim continuaremos por muito tempo até que nos calem a boca com um tiro na cabeça. E por tudo isso acham que somos bandidos. Ser bandido é metralhar e matar inocentes estudantes que, como eu, estudam para deixar de ser tão ignorantes como o pessoal da ROTA. Em breve estarei retornando a meu lugar de origem e tudo isso será apenas uma triste e revoltosa recordação.

(Samuel Marcos — Índio Terena — MS)

"Em defesa do sofrido povo brasileiro que paga impostos, é chegada a hora de nós, policiais pequenos, denunciarmos que não somos funcionários públicos, mas empregados de certos delegados de polícia que usam e abusam dos bens do Estado a seu belo prazer.

Carros preto e branco para o serviço policial não tem e, os que tem, estão caindo aos pedaços, sem as mínimas condições de trafegabilidade. Mas, carros último tipo, com as cores da moda e com a gente de motorista, existem aos montes para nossos superiores usarem em proveito próprio, dos familiares e dos amigos.

Embora não tenha pessoa mais indicada para chefe de polícia que o atual ocupante do cargo, a Polícia Civil nunca esteve tão por baixo, pois há certos delegados de polícia que só sabem ir pra frente da tevê dar força pra facínora e amedrontar policiais." (Sérgio Toniolo — Porto Alegre-RS)

Violência contra ricos é sinal de luta de classe

"Frente aos crescentes assaltos praticados contra membros das classes privilegiadas e/ou contra suas propriedades, tem feito a grande imprensa, o rádio e a televisão enorme estardalhaço. É que agora a violência não se volta contra pessoas simples do povo e nem se restringe à periferia dos grandes centros urbanos (Baixada Fluminense, no caso do Rio). A violência dos assaltantes volta-se agora contra os que detêm o poder (ou parcelas do mesmo) e o capital, como se, de repente, emergisse na mente dos assaltantes, em sua maioria oriundos das classes mais baixas, uma conscientização política que os leva a um típico exemplo de acirramento da luta de classes: expropriar da burguesia e classes afins aquilo que lhes tem sido roubado há séculos de opressão. (Aos intelectuais pequeno-burgueses travestidos de esquerdistas que, provavelmente para não perderem o hábito, vomitarão algum rótulo queimatório para cima de mim, devido às minhas conclusões nada reformistas, minha gargalhada de desprezo que eu já estou de saco cheio, pois na hora de quebrar o pau eles acabam é defendendo seus interesses de classe.)

Talvez seja uma visão utópica ou apocalíptica, mas eu gozo só de antever o dia em que as favelas descerão sobre as cidades a cobrar o que lhes foi negado E aí é que eu quero ver." (*Alfredo Rangel – Rio de Janeiro – RJ*)

"Em 1974 comprei um terreno sem entrada para pagar na época Cr$ 376,80 por mês, sendo reajustado pelo salário mínimo, num total de 120 prestações Cada vez que o salário aumentasse, a prestação também mudava. Mas em 1975 saiu uma lei que proibia cobrar na base do salário mínimo. Fomos falar com o dono do terreno e ele disse que a lei saiu em 75 e o contrato foi feito em 74.

Agora o salário mínimo sobe de 6 em 6 meses. Reunimo-nos todos e colocamos na Justiça. Na época eu estava desempregado, tinha que dar Cr$ 3.000,00 para iniciar o processo, então eu falei com o advogado e ele não aceitou que eu pagasse depois e me devolveu o contrato. Mas os advogados (contra e a favor) são amigos até da polícia, de vez em quando pedem mais um pouco de dinheiro para fazer umas papeladas. Nisso já se passou mais de um ano e nada. Nós não somos contra o salário mínimo, que para pagar um operário até que é muito pouco, deveria ser uns Cr$ 15 000,00. Mas o trato foi mudado Queríamos saber se temos direito ou não" (Sérgio Borges — São Paulo — SP)

REPORTER consultou seu Departamento Jurídico e, em princípio, Sérgio, você tem que pagar segundo os reajustes semestrais do salário mínimo, já que esse é o referencial estipulado pelo seu contrato para pagamento das prestações. De qualquer forma, nossos advogados dizem que só uma análise mais aprofundada dos termos do contrato permitiria um parecer definitivo. Vale a pena você consultar um advogado.

Luiz quer prostituta livre de preconceito

Fiquei perplexo ao ler uma notícia no *Globo* de 18/01/81. "Prostituta diz que soldados lhe tomaram Cr$ 500,00". Me deixou estarrecido pela carga de preconceitos que carrega.

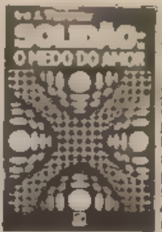
Ora, uma moça, prostituta, tudo bem. Mas ela é achacada por dois soldados da PM e um motorista de táxi marginal, agredida e roubada em Cr$ 500,00, grita, chama atenção de policiais que levam todo mundo pra delegacia e o "delegado" solta os caras dizendo que não pode dar crédito à palavra de uma prostituta. Onde estamos?

Uma prostituta é animal? É um ser inferior? Não é gente? Será que uma moça dessas não pode dar queixa de agressão e furto do qual foi vítima? Que justiça é essa? Se fosse filha de um ricaço, mesmo sendo galinha, como são muitas das filhas dos ricaços, então os caras seriam presos.

Que cinismo é esse? Então os caras são soltos na maior por um delegado preconceituoso, que diz não poder dar crédito a uma queixa-crime de uma prostituta? E deixa os caras soltos pra continuarem a achacar as moças e os motoristas de táxi honestos que fazem ponto no local? E se houver represália e essa moça aparecer morta em algum lugar ermo? Vai ser mais uma morte, mais um crime sem autor, mais uma vida que não vale nada porque a moça vende seu corpo pra sobreviver?

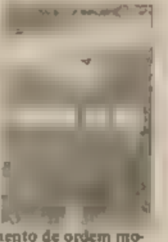
Que país é esse?" (*Luiz da Silva – Niterói-RJ*)

Livros Que Ajudarão a Trazer Harmonia e Felicidade a Sua Vida Sexual



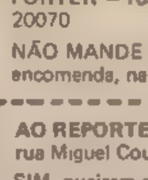
SOLIDÃO O MEDO DO AMOR – A razão por que muitos de nós jamais conseguimos nos libertar dos grilhões negativos da solidão é pelo fato de insistirmos em atribuir aos outros a responsabilidade por nossos temores individuais de amar Neste livro, um especialista em Análise Transacional faz excelente estudo do problema que atinge a tanta gente e explica o que fazer para nos mantermos a salvo da solidão, promovendo o amor em nossas vidas
Ref. 1045 – Cr$ 210,00

A SAÚDE SEXUAL DO HOMEM – Philip R Roen – Se você tem problemas de saúde sexual sobre os quais não gosta de fazer perguntas, lembre-se de uma coisa há muitos outros homens como você Mas aqui está um livro para ajudá-lo. O autor é famoso urologista norte-americano e responde a todas as suas perguntas. Oferece conselhos simples e úteis para os homens desde a adolescência até a idade madura.
Ref. 892 – Cr$ 300,00

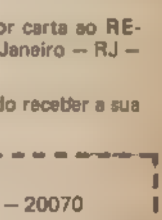


TUDO O QUE VOCÊ QUERIA SABER SOBRE SEXO – Tudo aquilo que a maioria dos adultos não sabe e deveria saber, sobre o sexo, mas tem medo de perguntar, constitui a matéria deste excepcional livro de um especialista famoso no assunto, Dr David Reuben, que para evitar qualquer julgamento de ordem moral aborda todas as questões com objetividade, contrapondo o conhecimento à ignorância e a confiança ao medo Uma leitura recomendada com entusiasmo
Ref 510 – Cr$ 420,00

COMO AUMENTAR A SATISFAÇÃO SEXUAL – Muito além do que você jamais poderia imaginar Do mesmo Autor de "Tudo que Você Queria Saber Sobre Sexo" Este desinibido livro deu a milhões de pessoas os fatos essenciais sobre a sexualidade humana. Nos últimos anos nenhum outro livro foi mais lido e discutido Muitos conselhos úteis. Cr$ 320.00
Ref. 832 – Cr$ 350,00



O VÍNCULO DO PRAZER – William Masters e Virginia Johnson – Duas das maiores autoridades mundiais em Sexologia, William Masters e Virginia Johnson, revelam o segredo da satisfação total baseados em pesquisas científicas e clínicas, incluindo transcrições de entrevistas com jovens recém-casados, com pessoas casadas há muito tempo e também com praticantes do sexo grupal. Um livro verdadeiramente indispensável para a perfeita compreensão da Nova Sexualidade
Ref. 1187 – Cr$ 330,00



O BEIJO MAIS ÍNTIMO – G. Legman – O uso erótico da boca para acariciar é, depois das mãos e dos próprios órgãos genitais, a técnica erótica mais valiosa e mais eficaz Tudo o que você queria saber sobre o Orogenitalismo. Consideração especial é dada à descrição de posições, movimentos e especialidades de excepcional valor nos atos orogenitais de todos os tipos. Algumas dessas técnicas especiais jamais apareceram impressas em qualquer idioma. Uma leitura oportuna, já que com a atual liberdade sexual, a arte e os prazeres do amor oral se encontram em primeiro plano entre as experiências humanas. 240 págs.
Ref. 1592 – Cr$ 380,00

Recorte e envie HOJE MESMO o seu pedido. Ou peça por carta ao REPORTER – rua Miguel Couto, 134 – 11º andar – Rio de Janeiro – RJ – 20070

NÃO MANDE DINHEIRO AGORA. Você só pagará quando receber a sua encomenda, na Agência do Correio.

AO REPORTER
rua Miguel Couto, 134 – 11º andar – Rio de Janeiro – RJ – 20070
SIM, queiram enviar-me o(s) livro(s) assinalado(s): M-5
☐Ref. 832 ☐Ref 892 ☐Ref. 1592 ☐Ref. 1045 ☐Ref. 1187 ☐Ref. 510
Nome ____
Endereço: ____
____ Est.: ____
CEP. ____
Assinatura: ____

OFERTA ESPECIAL: Na compra acima de Cr$ 1.000,00, você não paga as despesas postais e recebe 1 livro-brinde.

DEBATE NA ZONA

Travesti, bissexual, fanchona e duas prostitutas

O AMOR É ROMANCE E PRAZER, SÓ QUANDO A GRANA CORRE

O que pensam do sexo, do amor, do prazer e da própria vida. O que pensam sobre o mercado de trabalho. Foi com essa idéia que quatro jornalistas do REPORTER estiveram durante três horas conversando com cinco personagens que batalham, correm atrás da grana, atraindo fregueses na **zona** do Mangue, Rio de Janeiro. Um bissexual, uma fanchona, um travesti e duas prostitutas, pagos, naturalmente, contaram um pouco de suas vidas, de suas experiências e frustrações. Não perderam o sentimento, mas dizem que gostam mais do dinheiro do que do amor. Até por uma questão de sobrevivência.

O Mangue está arrasado. Nem só os escombros dão essa idéia. As pessoas cambaleantes, mulheres desdentadas, algumas bonitas, meninas, velhas, ladrões, malucos, rufiões de segunda categoria reforçam a decadência. Mas a **zona** tem vida. Pelo corredor estreito do sobrado nº 37 da rua Afonso Cavalcante passa um senhor baixinho, equilibrando uma caixa com dez garrafas térmicas com café. A tampa do poço está meio aberta, vê-se a água azulada. Subimos uma escada. Adilson, barrigudo, de gestos delicados, abre a porta com finura. Entramos. Na sala há tamboretes de plástico, um colorido de peixinhos e flores pelas paredes, onde se destacam os escudos do Vasco, do Flamengo, do Santos, uma toalha da boate Escandinávia, da Praça Mauá, e imagens de santos de umbanda tendo como fundo a figura sorridente do Papa João Paulo II. Mas o que chama a atenção mesmo é um vasto papagaio verde no alto da parede como grande símbolo da casa.

Cauby, dono do bar mais conhecido da **zona**, é quem apresenta os entrevistados: Jarlene, que se diz "homem sexual"; Cláudia, cara lisa, é o travesti; Sorriso, ou Escopeta, a fanchona; Euzimar, a prostituta atraente; e Rose, que acha tudo uma festa.

O debate foi feito na boate de um travesti amigo de Cauby

Rose só quer marido se ele a sustentar

Rose fugiu da casa do pai, um comerciante de Ilhéus, com 13 anos Saiu prą comprar carne e está vendendo a dela na **zona**, desde então. Teve um companheiro por sete anos e o cara dizia que guardava o dinheiro dela na caderneta de poupança. Há um ano o homem se mandou e Rose ficou na mão. Mas nem por isso perdeu o bum-humor e a alegria de viver.

Você ainda dá dinheiro pra homem?

— Não, a gente aprende. Eu agora não quero homem que vive da minha batalha, quero um que me sustente. Se não for assim, prefiro ficar sozinha

Você acredita no casamento?

— Acredito, porque já vi multas colegas casarem. E eu não sou olho grande, não quero homem por causa de dinheiro. Tenho que gostar mesmo

Como foi seu começo aqui na zona?

— O motorista da Scania em que eu vim de Ilhéus me deixou aqui. Eu cheguei e não entendi nada, não sabia o que estava vendo, pensei que era um desfile, sei lá. Aí fui numa casa e pedi à dona pra me deixar ficar com ela. Ela disse "não pode, você é menor", mas eu insisti e acabei ficando. Então ela me ensinou como devia fazer. Disse que era pra cobrar quinze cruzeiros, cinco pro quarto e dez pra mim. Depois arranjei um cafetão, era um cara da Marinha, um homão. Ele aí me proibiu de tomar tóxico, de beber com as meninas nos bares, de beijar na hora de transar. Não podia nem tirar o sutiã

Rose: "Eu não quero mais homem que vive de minha batalha"

Como é que você gosta de fazer sexo?

— Olha, eu já fiz de tudo na vida. O que você imaginar eu já fiz. E gosto de tudo. Só não transo roçação com outra mulher. Meu negócio é homem. Quando saio com um homem pra fazer um programa e o cara dá uma e logo quer dormir, eu fico injuriada. Digo logo: "Se for pra dormir eu fico em casa, ô meu."

Por que você acha que uma cidade precisa ter uma zona?

— Porque tem muita mulher que não sabe ler, não sabe escrever e não consegue emprego em lugar algum. E também aqui é o lugar onde os homens podem fazer todo tipo de sacanagem que eles não fazem com as mulheres deles Eu mesma tenho um freguês, oficial de Marinha, que vem com um velho. Ele me come e o velho come ele Tem um outro que traz um pepino e sempre pede pra enfiar nele Eu só faço isso e ele me dá mil cruzeiros

Você gosta da zona?

— Olha, aqui a gente aprende de tudo que é bom e de tudo que é ruim. Tem amor, tem briga, confusão, é sempre o maior movimento, parece uma festa, sei lá. E eu tô aqui pra ganhar meu dinheiro e poder andar por aí bem vestida, cheirosa, que ninguém diz que eu sou puta. Mas eu já tenho 30 anos e toda mulher tem que sair daqui um dia.

Sorriso: "Sexo aqui vale até Cr$ 700"

Sorriso diz que no Mangue tem liberdade

Sorriso é carioca, bem malandrinha. Tem 8 anos de **zona** e um filho de 14 que vive com a avó. Seu apelido é **Escopeta**, arma predileta de um amigo seu que, de vez em quando, ela ameaçava pegar pra assustar a rapaziada. Sorriso, na **zona**, é mulher como outra qualquer, mas ela gosta mesmo é de roçar com outra menina e de uma chupada de cabo a rabo chamada Rio-Niterói

O que é o sexo pra você?

— Ah, é o maior barato. Eu, quando estou transando, quero ir até de manhã. Eu acho que sou muito tarada Quando eu era casada e procurava meu marido e ele dizia que estava cansado, eu ficava na maior bronca

Você transava quando era pequena?

— Claro, no colégio interno. Tinha uma menina que era minha amiga e a gente sempre roçava. Essa eu até encontrei uns dez anos depois, ela casada, com filhos, e a gente voltou a transar.

Você só transa mulher?

— Não, transo homem, também. Mas não me amarro, não. O sexo da mulher dá mais prazer. Eu chego a ficar toda esfolada Agora, tem homem que traz a mulher pra gente transar em três e também tem muito machão que entra aqui só pra ser roçado

Você tem prazer com homem?

— Não, só quando eles chupam. E é o que aparece mais hoje em dia

Você acha que hoje o sexo está mais livre que antigamente?

— Muito mais. Hoje todo mundo transa. Mas aqui na **zona** o sexo sempre foi mais livre, né.

Você acha o sexo uma coisa instintiva ou a gente aprende?

— Aprende, né Eu mesmo ensino. Tem freguês que vem me chupar esfregando o nariz, nem sabe onde fica o clitóris. Aí eu digo: não é assim não, faz assim e tal...

Quanto está valendo o sexo na zona?

— Depende do freguês. Vale Cr$ 200,00, Cr$ 300,00, até Cr$ 700 00

falam sobre sua vida de batalha com o sexo

IMPOSSÍVEL

Entrevista de Eduardo Homem
Rivaldo Chinem e Tim Lopes
Fotos de Chiquito Chaves

Cláudia: "Tá difícil pegar freguês como travesti"

Cláudia já foi "boy" e transa todas

Cláudia hoje é travesti. Trabalha no Mangue há mais de três anos. Veio de Araçatuba, São Paulo, da casa da avó, com 15 anos, e andou pelo mundo se virando como boyzinho. Quer dizer, topava qualquer parada em matéria de sexo.

Você, que é bem novinha, como está a transação aqui na boca?

— Hoje está mais difícil pegar homem como travesti. É mais fácil pegar como mulher, embora de vez em quando apareça um cara que gosta de um babado. Mas eu pego como mulher e quando chego no quarto eu engano: boto a **neca** no meio das pernas, escondo, e aí tudo bem. Eu levo a vida assim.

Como você faz pra esconder o pinto?

— Olha, eu pego o homem, ele tá pensando que eu sou mulher. Levo ele pro quarto, que é bem escuro, tiro a roupa, tiro o biquíni e, quando o homem vem pra cima de mim, a **neca** está presa do lado e ele vai nas coxas e nem percebe. Também posso levantar as pernas pra ele transar atrás pensando que é na frente. O cara só percebe se passar a mão por baixo.

Os caras não desconfiam do tamanho dos seus peitos?

— Eles às vezes perguntam, mas aí eu digo que sou novinha, né. É interessante, porque os homens que fazem confusão são os falsos ricos, aqueles que vêm aqui quando a mulher tá de regra em casa. Muitas vezes eles transam com as mãos apoiando na cama pra não ter contato de pele com a gente. Têm nojo.

Você gosta de fazer sexo?

— Ah, se um homem entrar em mim, não precisa mais nada, eu gozo. E se for pra eu entrar nele, eu também gozo.

Você nunca brochou?

— Até hoje, não. Não sei o que é isso.

E pro cliente, é importante que vocês gozem?

— Não, eles não estão nem aí e o meu departamento de gozar é outro.

Então pra você existe o amor?

— Não, o que existe é curtir uma chinfra com um cara que a gente tá a fim, um hoje, outro amanhã.

Você já teve uma transação fixa com alguém?

— Uma vez eu arrumei um cara que me dava toda cobertura, roupa, dinheiro, então eu acostumei com ele. Mas um dia ele me pediu pra entrar nele e aí eu fui embora, porque homem que é homem não dá pra outro.

Você tem fregueses fixos, que te procuram sempre?

— Tenho. Inclusive tive um que era tenente da Marinha. Eu transei com ele quase três meses. Transava com ele como mulher. Aí, um dia, eu disse pra ele que era travesti. Hoje ele passa por mim e nem me olha.

Como você descobriu que era homossexual?

— Eu tinha 13 anos e morava com minha avó em Araçatuba. Lá tinha um menino mais velho, vizinho meu, que eu admirava muito. Tinha assim uma tara por ele. Um dia ele foi na minha casa brincar comigo e minha avó não estava. Aí ele pediu pra eu dar pra ele e eu cedi.

Te causou algum problema ser homossexual?

— Não, a gente entoca, né. Depois minha avó começou a saber, meus parentes também, aí eu saí de lá e fui me virar por aí. Hoje, a única pessoa que me admite na casa dela é minha avó. Meus parentes não querem nem me ver. Mas eu não estou nem ligando pra eles.

Jarlene gosta de gozo com sabor-dinheiro

Jarlene, nascido Carlos, tem muita experiência de prostituição. Em 13 anos de batalha já foi travesti da boate Les Girls, em São Paulo, fez michê na Vieira Souto, no Rio, e hoje se defende na zona do Mangue e onde tiver um cliente interessado em transar com bicha.

Qual a diferença entre transar por amor e por dinheiro?

— Amor pra mim não existe, é uma ilusão. Amor é coisa daquele tempo de Romeu e Julieta, negócio de jogar trança pela janela. Aqui em primeiro lugar vem o dinheiro, depois vem o gozo com sabor de dinheiro, amor de barriga cheia. Eu, se fosse viver de amor, morria de fome

E aí, se não existe amor, o que é que liga as pessoas?

— Aqui, o que se chama de amor é um relacionamento, como no meu caso, um homossexual que vive com outro pederasta, um ativo, outro passivo. Não tem essa de um ser macho e o outro viado, não; os dois são homossexuais. Então, muito bem, no relacionamento desses dois caras, um mais feminino que o outro, pode haver um gozo diferente, mais forte. Aí vem a demagogia conjugal e diz que isso é amor. Se for amor, é só naquele momento.

Você faz o papel do homem ou da mulher?

— Eu sempre fiz a parte feminina. Aliás, é o meu fraco. Daí, o que me prende ao meu companheiro é o dinheiro que ele me dá. Ele me garante financeiramente, moralmente, fisicamente e sexualmente

O que você faz pra ele te dar tanta coisa?

— É como se fosse um casal, marido e mulher: lavo, passo, cozinho, espero ele arrumadinha, toda depiladinha, cara raspadinha, de biquíni, sutiã, camisolinha, falando mais miaaado, assim, agradando ao macho

E o teu marido, na cama, sempre faz o papel do homem? Nunca inverte?

— Não, ele é sempre o macho e eu sou sempre a **lady**. Nesse tipo de transação é assim. Agora, na batalha, quando eu vou garantir o meu cachê, o freguês me usa naquilo que ele tem vontade

Jarlene: "Se fosse viver de amor, morria de fome"

Tem muita gente tarada na zona?

— Não, aqui não. Tara a gente encontra é na Zona Sul, lugar de michê classe A. No Les Girls, em São Paulo, por exemplo, eu encontrava muito tarado, gente que pedia pra bater de chicote, amarrar, enfiar cada tipo de consolo que você nem acredita. Mas aqui na zona não dá nem tempo, a trepada é muito rápida. Muitas vezes o freguês não chega nem a gozar.

Você é um homossexual assumido?

— Não vou dizer que sou assumido porque eu não vou na casa dos meus pais pedir a bênção como homossexual. Em alguns ambientes continuo com vergonha de assumir minha condição homossexual, como todo mundo tem vergonha. Você vai sair com uma plaquinha pendurada dizendo "gosto de babado forte?"

Como foi que você descobriu seu gosto sexual?

— Eu tinha 17 anos e estudava agronomia em Jaboticabal, mas aquilo não me satisfazia. Então um dia, até era dia das mães, eu fugi com dois amigos e fui pra São Paulo. Lá arrumei um emprego e fui morar num edifício onde também morava um **boxeur**, que sempre conversava comigo, ficava me esperando no elevador. Uma vez ele me convidou pra ir no Paulistano, eu fui, e na volta acabamos no apartamento dele pra papear e tomar uns drinques. Conversa vai, conversa vem, pintaram uns papos diferentes, daí uns beijinhos, carícias e a gente acabou transando.

Você já tinha trepado com mulher?

— Não, nunca, eu era zero quilômetro. E minha primeira experiência sexual não foi boa. Eu nunca me realizei com o **boxeur**, embora ele se realizasse comigo. Então aquilo mexia comigo, eu achava que não estava certo, tinha vergonha de ser viado, me achava um cara anormal.

Você já sofreu alguma agressão forte por conta de ser homossexual?

— Já faz uns anos, foi quase uma curra. Eu resolvi ir na praia do Flamengo de biquíni e sutiã, e fui. Nem tava jogando pluma nem nada; tava na minha, desfilando na areia. De repente começou uma gritaria e foi tanto homem em cima de mim, tanta mulher dizendo pega, mata, esfola. Tiraram biquíni, tiraram sutiã, foi horrível, não tinha nada embaixo, né, só uns pedacinhos de papel pra encher um pouquinho.

Você sabe da existência dos movimentos homossexuais que brigam contra o preconceito?

— Sei que existe e eu uso brinco na orelha, na orelha esquerda, lado do coração que eu estou cheio de amor pra dar.

Aqui na zona as mulheres ficam na bronca de vocês estarem disputando os homens com elas?

— Não, hoje não. Elas aceitam. As pessoas que são retas, são bem queridas. Tanto faz ser travesti, puta, viado. Antigamente é que era fogo, a gente pegava um homem e ia toda dengosa subindo a escada, balançando a bunda, tomando o maior cuidado pra não deixar cair nada. Aí vinha uma mulher e soprava pro cara nas costas da gente: "Esse aí é viado".

Euzimar queria lavar, passar, cozinhar

Euzimar sonha ser pessoa de bem

Euzimar é maranhense, está na **zona** há 4 anos e, ironia, foi pra lá pelas mãos de seu maior amor. Esse homem, depois de viver com ela durante 4 anos e tomar todo seu dinheiro, casou com sua melhor amiga. Euzimar, ao contrário das outras moças, tem um ar triste, parece que vai chorar.

O que você gostaria de ser?

— Eu gostaria de ter meu marido, minha casa e viver pra mim mesma, entende? Lavar, passar, cozinhar. Queria ser uma pessoa de bem, nunca pensei em levar uma vida [illegible]

Então, você acredita no amor?

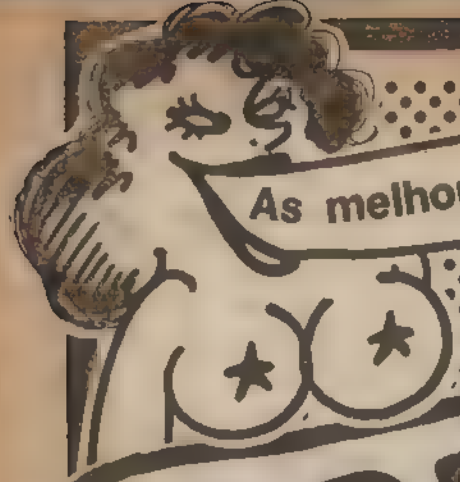
— Eu acredito. Durante os 4 anos que eu vivi com esse homem, tudo o que eu ganhava eu dava pra ele.

Você acha que a vida conjugal acaba com o tesão?

— Eu acho que não, pra mim não. Quando ele chegava do trabalho cansado e não queria transar, eu não ligava, porque também não precisa trepar todo dia, né.

Você imagina um casal vivendo sem trepar?

— Acho que o casamento segura, sim. Eu acho que se o cara gostar da mulher e a mulher do cara, dá pra manter o casal.



As melhores fotos do carnaval de 80

PRÉ-CARNAVALESCO DO REPORTER

Fotos de Chiquito Chaves e Custódio Coimbra

Flagrantes das ruas do Rio durante os três dias de loucura do ano passado são, como dizem os locutores de rádio, um bom aperitivo para a folia que se aproxima com força total.

Bafo da Onça, o bloco famoso

Rapazes se divertem na Cinelândia

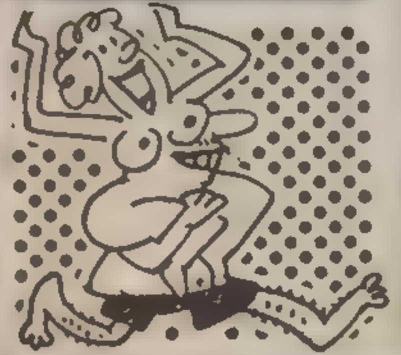
Folião de mão no centro

Dois travestis no Paulistinha

Um caubói e um travesti

A bunda é do Bola Preta, o ônibus é o Camarista-Méier

Travestis no mais antigo baile de rua do Rio, o Paulistinha



Eles, com bunda de silicone, saudavam o público no Paulistinha

Quase nua no desfile das escolas

Só tem homem

Banda da Sá Ferreira pede passagem

Carnaval 81

Ninguém se lembrou da fantasia no banho de mar da Riotur

FOLIA NA PRAIA

Muito samba e pouca roupa

No dia 25 de janeiro, a Riotur promoveu mais um banho de mar carnavalesco na praia do Flamengo. O traje exigido era uma fantasia, mas os foliões que obedeceram desistiram rapidinho, não só dos enfeites como de qualquer roupa. O calor estava demais.

O famoso mestre-sala Bicho Novo da São Carlos, bem acompanhado

Fotos de Chiquito Chaves e Custódio Coimbra

Eles tiraram tudo mesmo

Blusa e bermuda era traje a rigor

A saia caiu, ele gostou

Isso foi antes do mergulho

REPORTER

GOSTOSO ATÉ DEBAIXO D'ÁGUA

AUTÔNOMO INDEPENDENTE

REPÓRTER

agora quinzenal

De 5 a 17 de março de 1981 -ano IV - nº 39 - Cr$ 50,00

Explosão de travestis, caricatos, gays e bofes

CARNAVAL FOI DOS HOMENS

Mais de 100 fotos picantes

O GRANDE SHOW ERÓTICO

Topless

Pegação

Foto Custódio Coimbra

Lança-perfume

MULHERES OLHARAM A FESTA DOS HOMENS

O carnaval carioca de 81 foi uma festa dos homens. Machões, caricatos, bofes, travestis, sapatões, bichas e **gays** comandaram a folia nas ruas e nos salões. As mulheres assistiram à manifestação masculina com diferentes reações de passividade, e só "entraram na roda" as chamadas piranhas; as outras olharam, remexendo as cadeiras, paradas, sem fantasia. Na Zona Sul, os foliões eram **gays**, travestis mais elegantes, velhos escondendo as rugas com a maquilagem, moços de corpo bonito, cheio de idéias sobre liberação sexual, como na Banda de Ipanema. Na Zona Norte e no Centro dominaram os caricatos, que se fantasiavam de mulher e viravam fêmea durante três dias para assumir o expediente de funcionário na quarta-feira, e os bofes, como o Bloco das Piranhas, que vêm dos antigos carnavais de sujos. São homens, machos demais, que se pintam, põem saia, blusa, colar, brinco e requebram o traseiro. Nos bailes, os homens são os donos das mulheres. Elas ficam cercadas, nos camarotes, entram duas com um cavalheiro e as que fazem **topless** estão protegidas. Poucas mostraram os seios sem medo de serem agarradas ou convidadas para uma produção qualquer. Comentário entre duas mulheres, depois que passou um grupo de rapazes com enchimento no peito e muito batom: "Olha lá, são jovens, bonitos. São homens mesmo".

Fotos de Chiquito Chaves, Custódio Coimbra e Wagner Avancini

Sábado, avenida Rio Branco

Fotos Custódio Coimbra

Elas olham

Fotos Chiquito Chaves

Bloco das piranhas do Santo Cristo, no Centro

Fotos Wagner Avancini

O machao Moises, do Bangu, mais relaxado

Esta edição de carnaval, que inicia a nossa periodicidade quinzenal, foi um desafio para a equipe do REPORTER. Em quatro dias apuramos e editamos a cobertura do carnaval. A vitória é, principalmente, dos fotógrafos Chiquito Chaves, Custódio Coimbra e Wagner Avancini, apoiados pelo repórter Tim Lopes, a secretária de redação Lucília Braga, os contínuos Ivan e Ricardo e os motoristas Jorge, Paulo Roberto e Harley. Menção honrosa para Marko, da agência Tempo, que trabalhou no laboratório fotográfico.

REPORTER

EDITORES — Alex Solnik, Luiz Alberto Bettencourt, Pipsi (Arte)
CHEFIA DE REPORTAGEM — Ricardo Bueno
REPORTAGEM — **Rio de Janeiro:** Tim Lopes. **São Paulo:** Rivaldo Chinem, Sílvio de Souza, Hélio Belik, Teresa Moreira. **Recife:** Eduardo Homem, Beth Salgueiro. **Salvador:** Mariluce Moura
FOTOGRAFIA — **Rio de Janeiro:** Chiquito Chaves. **São Paulo:** Wagner Avancini, Eliana Pastore, Valdenir Benedetti. **Recife:** Valdir Afonso, Xirumba
ARTE — Analuce Estrella, Guidacci
CIRCULAÇÃO — Simeão Marques
PUBLICIDADE — Isaias Justo Reis (São Paulo)
DEPARTAMENTO JURÍDICO — Luís Celso Araújo (Rio), Carlos Eduardo Costa Pereira (Recife)
REPORTER Autônomo Independente é uma publicação da MARGEM S.A. EDITORA E GRÁFICA. **Rio de Janeiro:** rua Miguel Couto 134/11º, tel.: 253-5038, 253-5077. **São Paulo:** rua do Seminário, 155/sala 30, tel.: 227-7175
Recife: Av. Conde da Boa Vista 121/grupo 707, tel.: 222-1224
Composição — Editora Mory, rua do Resende 65, e Inúbia Editorial e Industrial S.A., rua André Cavalcanti 86 — RJ
Impressão — Cavaliere Publicações Editora Gráfica Ltda. Tel.: 231-2921 (Jornal Hoje) — RJ

De Ipanema a Madureira, eles rasgaram a fantasia. Caricatos e travestis sempre houve no carnaval, mas 81 foi uma explosão, misturada ao lança-perfume e ao ***topless*** *de salão.*

Foto Wagner Avancini

Em Madureira, uma rua de homens

Foto Wagner Avancini

Quanto amor pra dar!

Foto Custodio Coimbra

Eles tinham direito de entrar no teatro Municipal

Foto Chiquito Chaves

Ele gostou do nariz dele

Foto Chiquito Chaves

Olha só a cobrinha dela!

DIA 18 TEM OUTRO NA BANCA

Nunca se viu tanto homem vestido de mulher. Foi uma coisa tão evidente que até a imprensa diária registrou. 'Eles' resolveram botar tudo pra fora, roubando o espetáculo.

O tipo leva-vantagem

Fotos Wagner Avancini

Gracinha da mamãe

Oba! Descobri "um" homem

Foto Wagner Avancini

Foto Wagner Avancini

As deslumbradas do subúrbio

Foto Wagner Avancini

Soy macho, tchê!

Foto Lize Torok

Dona-de-casa exemplar

Foto. Wagner Avancini

Esta senhora detesta carnaval

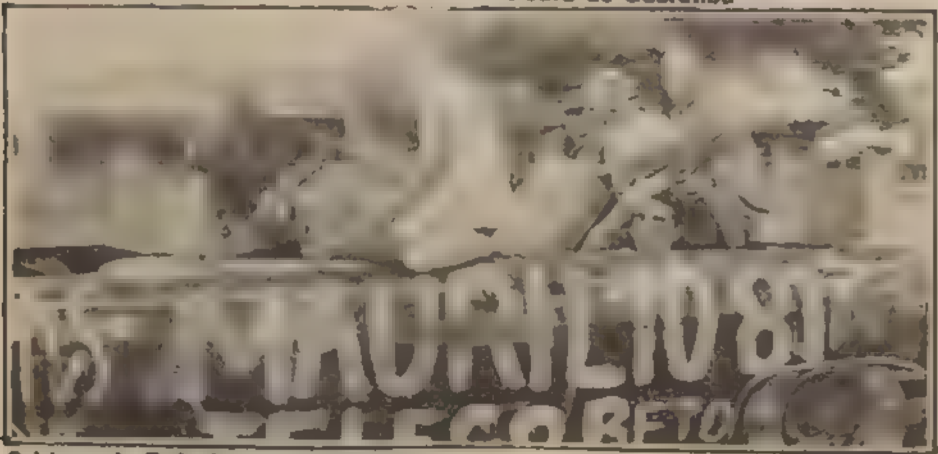
Fotos Custódio Coimbra

Clovis agarrando menina em Campo Grande

Porrada no bloco das piranhas de Bangu

O pescador de piranhas de Campo Grande

O bloco dos garis, em Pedra de Guaratiba

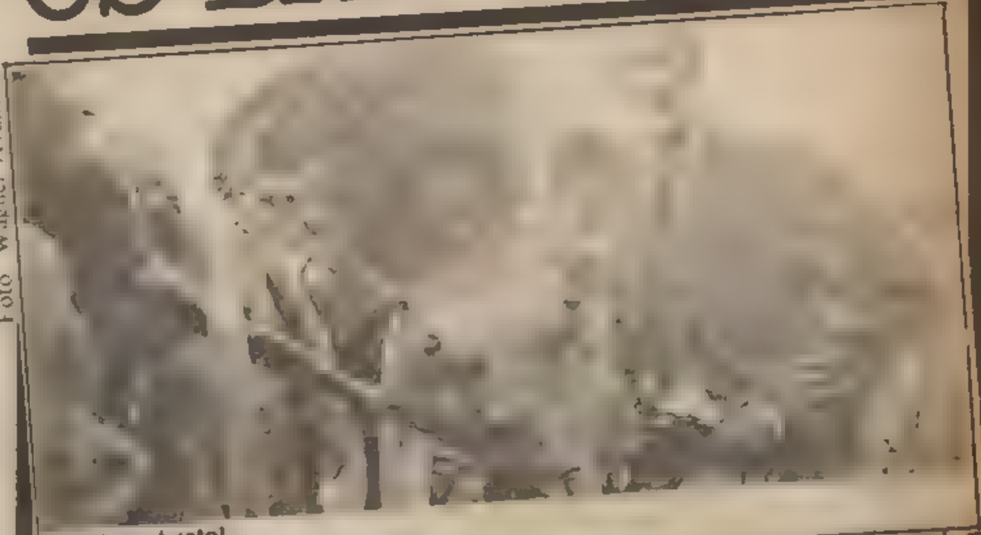


O bloco do Exército, em Santíssimo

Eles usam o humor pra criticar a situação

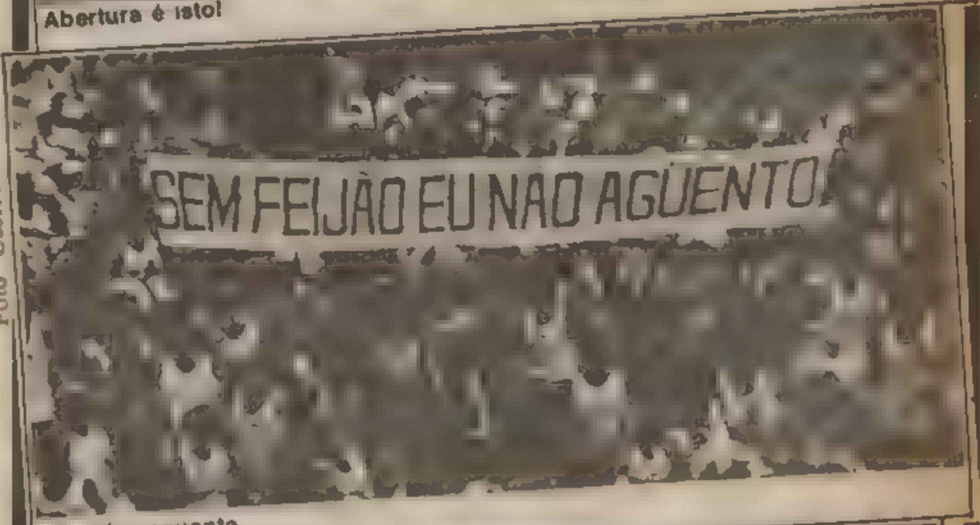
OS DA POLÍTICA

Foto Wagner Avancini



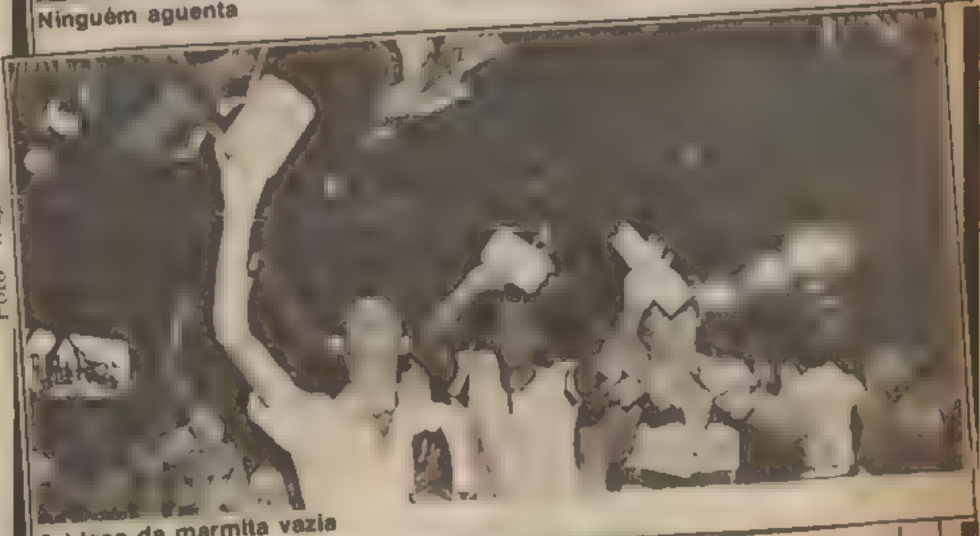
Abertura é isto!

Foto Custódio Coimbra



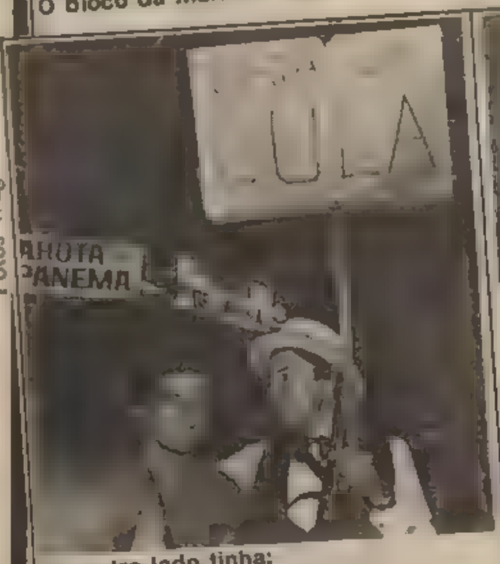
Ninguém aguenta

Foto Wagner Avancini



O bloco da marmita vazia

Fotos Wagner Avancini



Do outro lado tinha: "Nem que seja pra chatear"

Os supermercados fazem o que querem com a Sunab

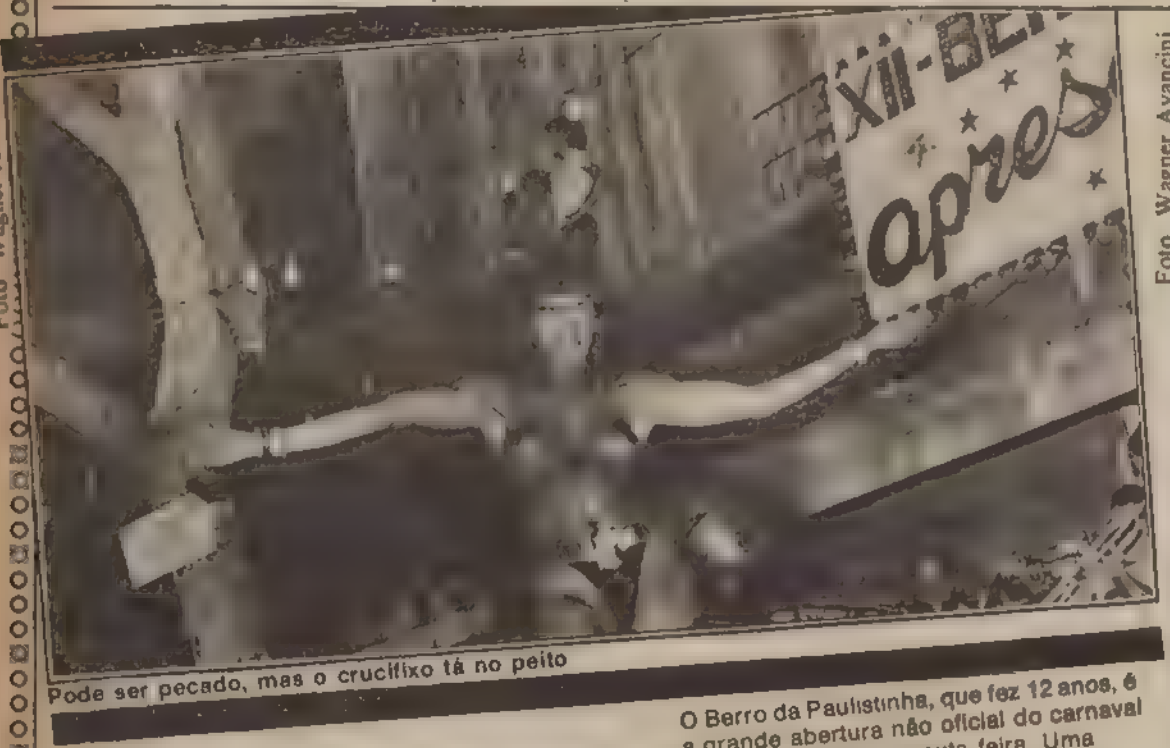
REPORTER AGORA É QUINZENAL

Toda primeira e terceira quarta-feira nas bancas

PAULISTINHA!

Os travestis encantaram homens e mulheres; e mudavam de roupa na varanda do hotel, sob o delírio da platéia.

Foto Wagner Avancini



Pode ser pecado, mas o crucifixo tá no peito

Foto Wagner Avancini

Cai nos meus braços, malandro

O Berro da Paulistinha, que fez 12 anos, é a grande abertura não oficial do carnaval carioca, sempre na sexta-feira. Uma grande festa de rua que os bicheiros Manola e Zinho oferecem, com grandes mordomias, a policiais, artistas, jornalistas, celebridades, amigos em geral, e que os travestis alegram com sua graça. Foram 9 mil litros de chope para os 5 mil convidados, fora a garrafa de uísque escocês em cada mesa, salgadinhos e o concurso de fantasia das **bonecas**, com Cr$ 110 mil em prêmios. Roberta Vermont, morenão de 1,70m, ficou com os Cr$ 50 mil do primeiro lugar.

Foto Wagner Avancini

Mulher mesmo tinha no júri: Vilma, do Planeta dos Homens, Monique Lafont, Adele Fátima e Heloisa Raso

Fotos Chiquito Chaves

Lady Francisco, da TV-Globo, se refresca

Manola, o dono da festa

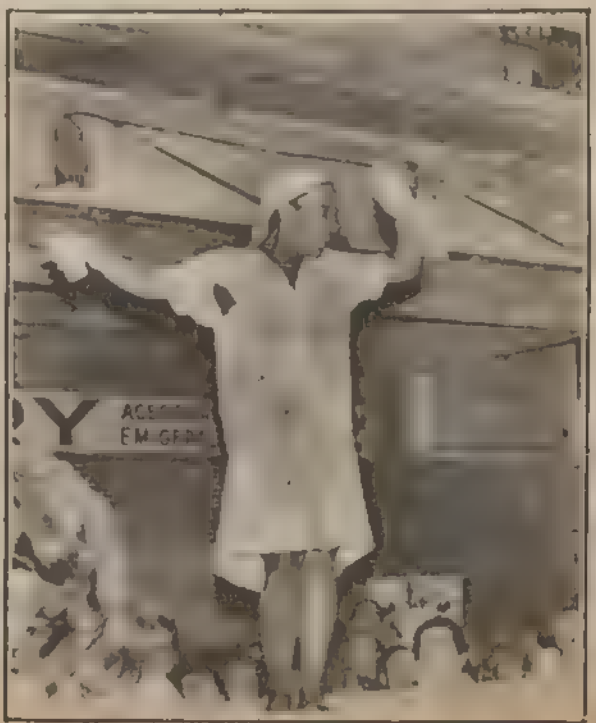
Foto Wagner Avancini

Nem [illegible] é pra mostrar

Foto Wagner Avancini

Uma potra. Ou é potro? Com todo o respeito

Foto Wagner Avancini



Maria Mulambo, travesti aposentado

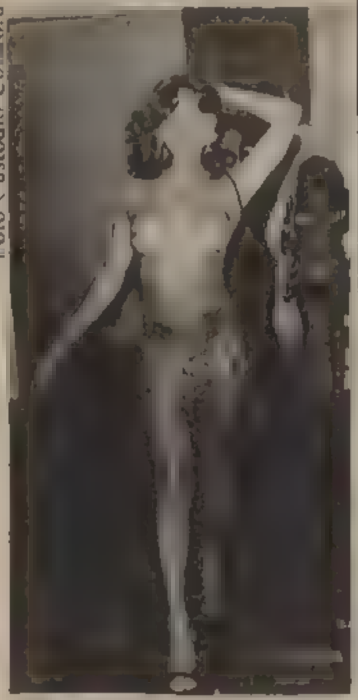
Foto Custódio Coimbra

Pausa que refresca

Bastidores do Berro

REPORTER entrou no hotel em que os travestis trocavam de roupa e fotografou os camarins do desfile

Foto Custódio Coimbra



Corredor também é passarela

Foto Chiquito Chaves

São mulheres se beijando. Garantimos

Foto Chiquito Chaves

O casal namorando na cama

Ninguém ouviu quando a polícia proibiu

Lança-perfume foi a droga do carnaval. Argentinas, chilenas, falsificadas, o importante era molhar o lenço

Foto Custódio Coimbra

Toma essa, meu bem!

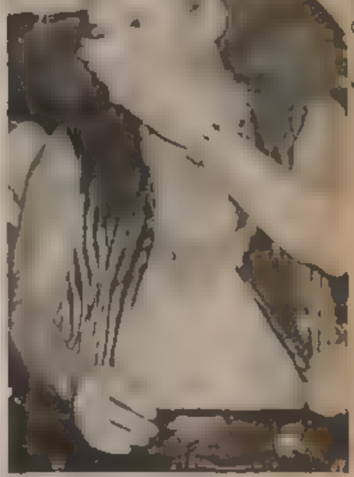
Foto Chiquito Chaves

"Vapores" oferecendo lança na Banda de Ipanema

Foto Custódio Coimbra

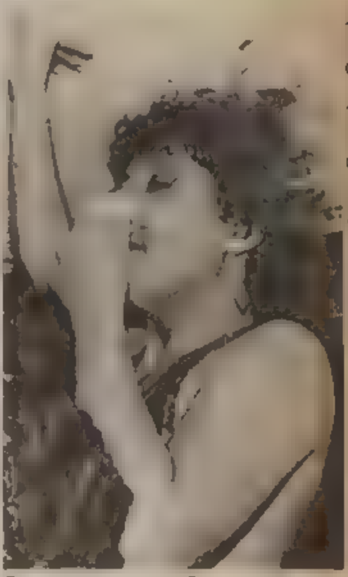
Cheirada coletiva

Foto Custódio Coimbra



Eu posso, e daí?

Foto Custódio Coimbra



Se segura, se não o teto cai

Foto Wagner Avancini

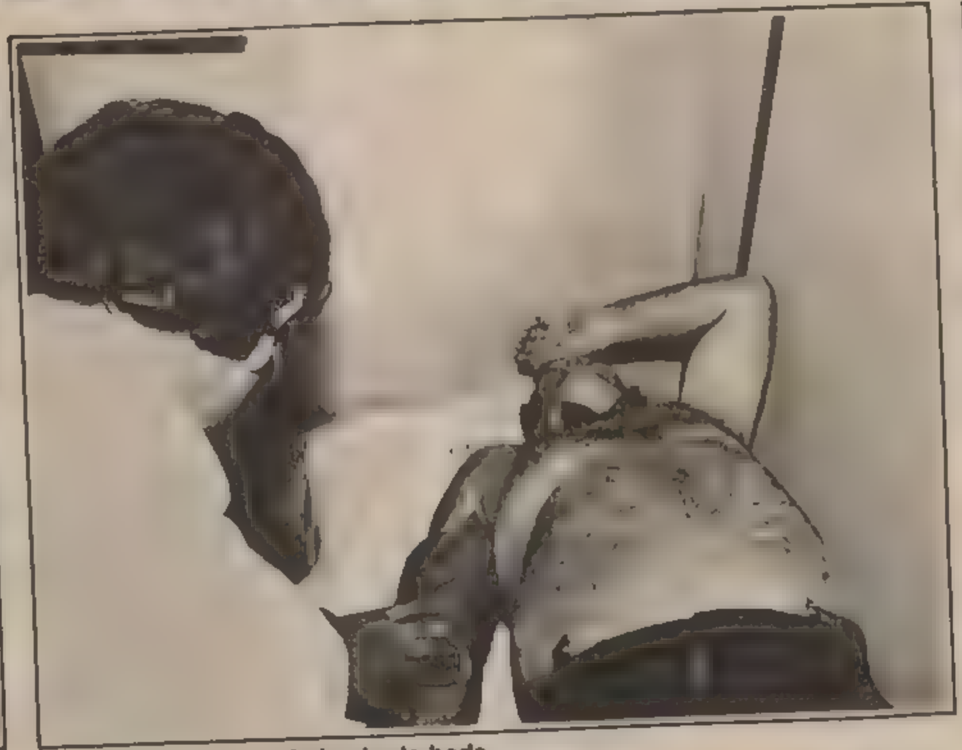
O olho dele balançou

UNIDOS DA AVENIDA

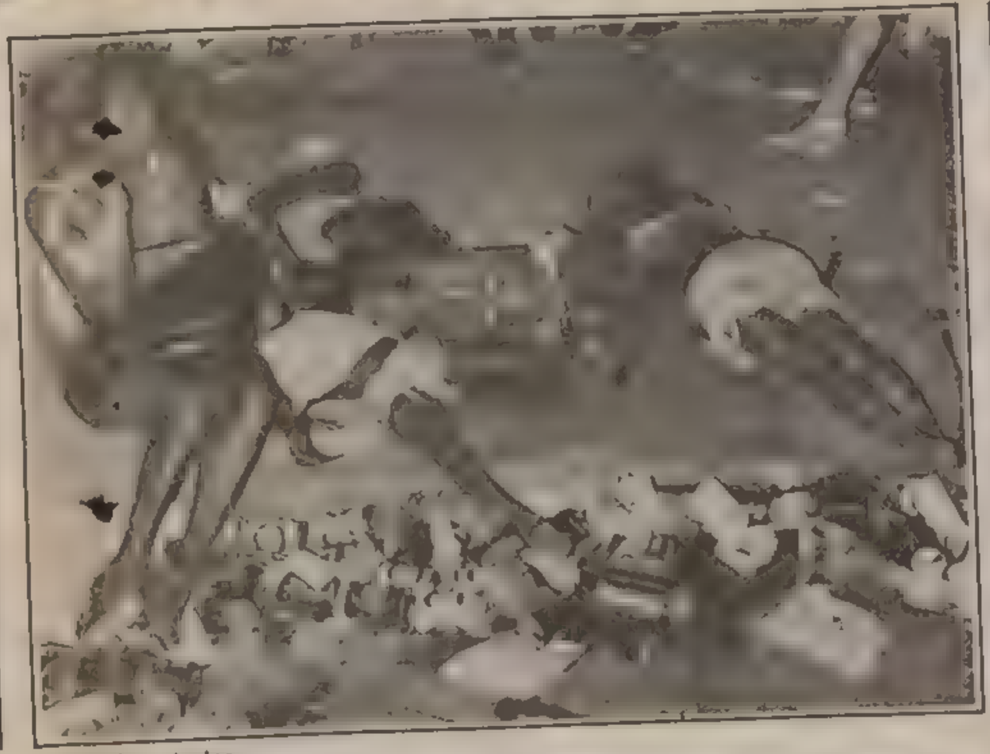
O desfile das escolas de samba na Marquês de Sapucaí uniu gente tão diferente, como a família que comeu no camarote em baixela de prata e a que dormiu no chão sem estrelas; como o chefe do SNI, general Octavio Medeiros, e o bicheiro Anísio, acusado de seqüestrador. Um espetáculo que emociona.

O PP, de Miro Teixeira (beijando o deputado Geraldo Leite), ficou com 18 mil ingressos da avenida pra distribuir entre seus apaniguados.

Aniz Abraão, o Anísio, tranqüilo



Presidente da Vila Isabel caiu de bode



Chão de estrelas

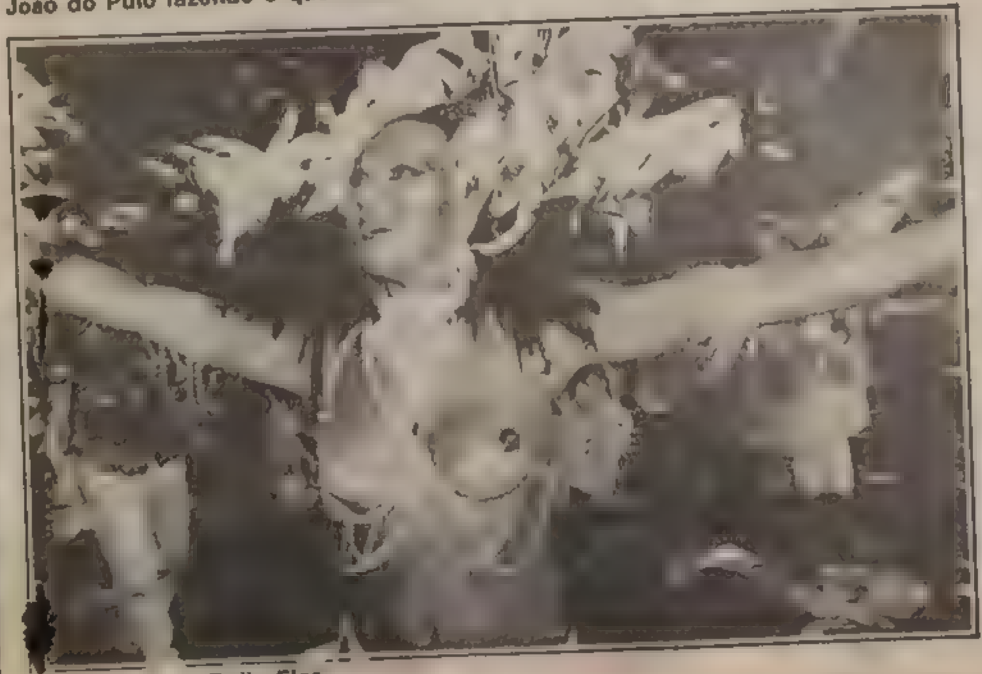
Kelly, vaiado

As pernas da Gal

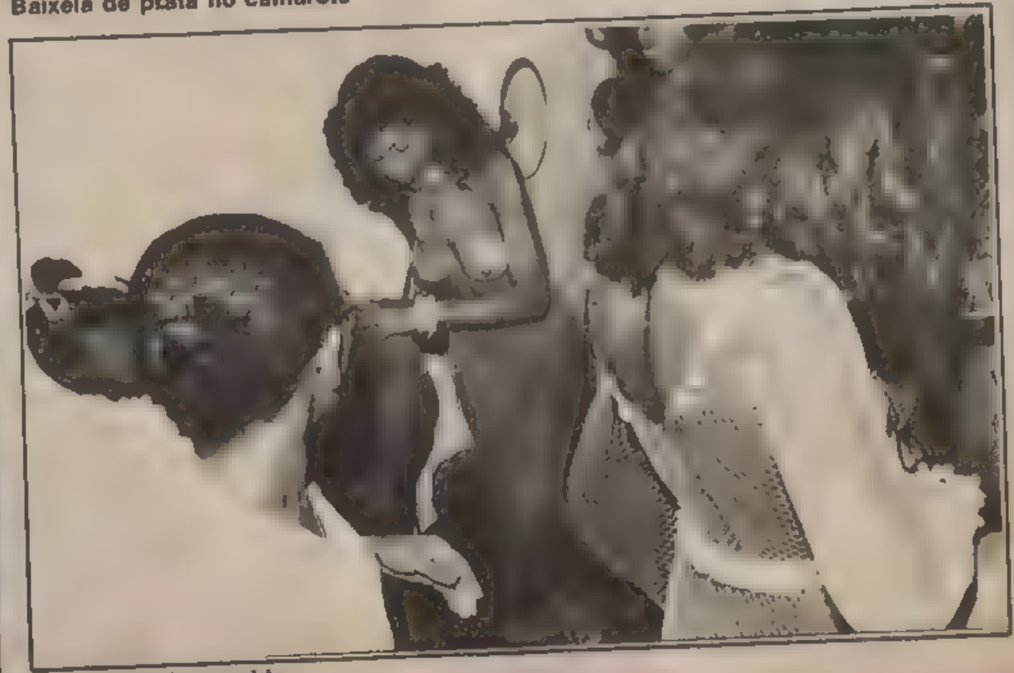
João do Pulo fazendo o que sabe

Baixela de prata no camarote

O general Medeiros fez tudo pra não ser fotografado. Flagrado bebendo, mandou um agente de segurança apreender o filme do nosso fotógrafo.



O "topless" da Beija-Flor



O camarim da avenida

LOUCURA NO SALÃO

Fotos de Chiquito Chaves, Custódio Coimbra e A. Mesquita

Fotos Custódio Coimbra

O beijo do alpinista

Olhe na frente

Olhe atrás

O Vermelho e Preto, do Flamengo, e os bailes do Clube Monte Líbano são os maiores shows eróticos do carnaval carioca. Espetáculos quase teatrais, em que as pessoas fazem de tudo, no salão e nos camarotes, pra mostrarem o sexo.

Foto Chiquito Chaves

Um olho na parceira, outro no fotógrafo

Foto Chiquito Chaves

Só faz cócegas

Foto A. Mesquita

Eles examinam, ela ri

Foto A. Mesquita

Preparando a mordida

Foto Chiquito Chaves

Marinheiro de 3ª viagem

Foto Chiquito Chaves

A bunda, ele mostrou pro público

Foto Chiquito Chaves

Vendo tudo por baixo

VISTA A CAMISA DO REPORTER!

APENAS Cr$ 300,00

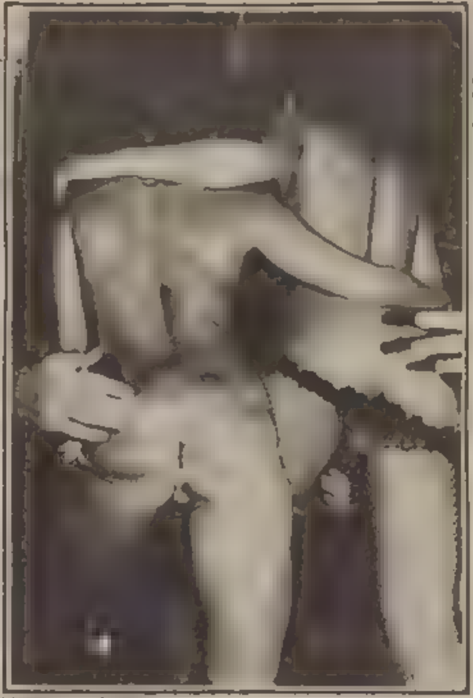
MARGEM S.A. Editora e Gráfica

Nós calculamos: o folião rico que começou o pré-carná no Baile do Havaí, pagando 7 mil pelo convite com direito a duas gatas, passou pelo baile de Máscaras do Jirau, continuou no Circo da Regine e chegou ao Vermelho e Preto, gastou cerca de Cr$ 163 mil.

Foto A. Mesquita

Aberto pra balanço

Foto A. Mesquita



Vento a favor

Foto A. Mesquita

Calma, dá pra todos!

Foto A. Mesquita

Fotógrafa dos States virou modelo no Pão-de-Açúcar

Foto Custódio Coimbra

Entornando o caldo

Foto Custódio Coimbra

Avançar!

Foto Custódio Coimbra

A mão biônica

Foto Custódio Coimbra

Senta na boneca

Foto Custódio Coimbra

Uma vez Flamengo, sempre Flamengo

No carnaval mesmo, se ele foi ao Pão-de-Açúcar, Baile da Cidade, escolas de samba e Golden Room do Copacabana Palace, deixou, tudo incluído, mais Cr$ 275 mil. Na folia toda, foram-se cerca de 437 barões, com bebida, comida e fantasia.

Foto Custódio Coimbra

Peito de mármore

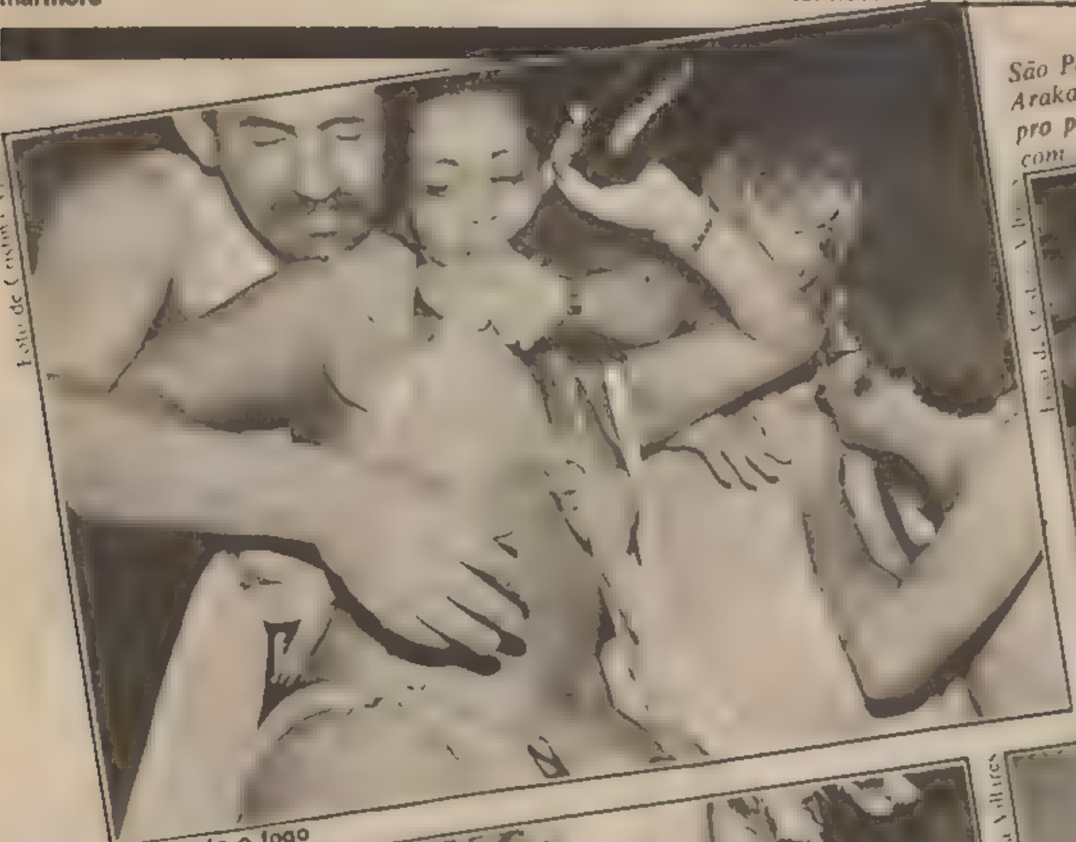
Foto Chiquito Chaves

O corte foi nosso

Câimbras na língua

São Paulo mostrou o que tem no Arakan Clube. Era o fotógrafo chegar, pro pessoal avançar na foliã mais próxima, com mãos e dentes

Foto de Cristina Villares



Apagando o fogo

Quatro a uma

A descoberta da índia

O próximo!

Foto A. Cavalcanti

Lance real no Iate: ela, doida, teve que ser tirada da água

Gritaram tira, ela tirou
e, depois, posou de frente

Foto A. Cavalcanti

Craque Doval, ex-Fla, olha
atento o que ela mostra

Uma revista pagou modelos pra posar com pouca roupa na **Noite do Havaí**, mas o baile murchou cedo. O pré-carnavalesco do Sírio só foi animado entre os convidados, que deram tudo pra aparecer.

Carinho, afeto, delicadeza,
mãos dadas, todo o respeito

Foto Chiquito Chaves

Carnaval biônico é assim: a Manchete **produziu sua própria folia pra garantir fotos na festa do Iate Clube, que foi bem comportada e acabou na hora certa, apesar do soco que a atriz Florinda Bulcão deu num admirador. O Sírio não foi "família" apenas nos camarotes.**

Foto Chiquito Chaves

No Sírio, ele mostrou por que quis, mas não causou calafrios

Foto Chiquito Chaves

Com tanta vontade, ele, se pudesse, tirava ela da mesa

Foto Chiquito Chaves

Armação pra fotógrafo: ele estica a língua, ela ri

Pela primeira vez, em 17 anos, o baile homossexual da gafieira Elite foi fotografado.

Bom astral, muita transa. Na festa do Vasco, polícia e euforia nos camarotes.

Foto Custódio Coimbra

Ela cheirou o que pôde. Muita lança nos camarotes do Vasco.

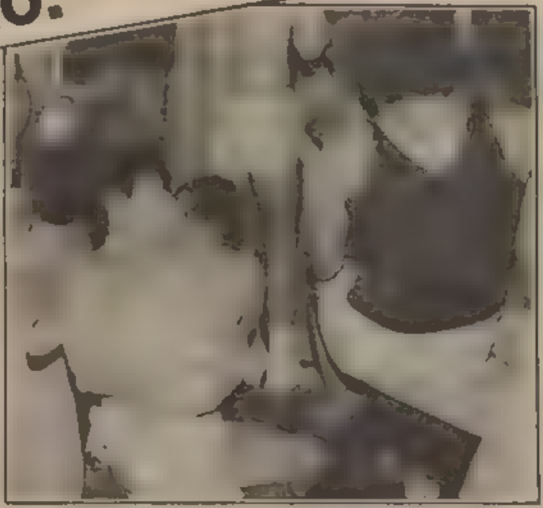
Foto Custódio Coimbra

No meio, o mais alto olhou com inveja; eles estavam em outra

Os gays brincaram. O Almirante foi frio.

Foto Custódio Coimbra

Agarrão e beijo à vontade, mas nem assim o salão pegou fogo



As duas pararam pra descanso e carinho

Foto Custódio Coimbra

Muita cerveja, o beijo delas saiu gostoso

Foto Custódio Coimbra

3 casais namorando, outros querendo. Às 2 da manhã quebraram a luz do banheiro.

ASSINE REPORTER E GANHE UMA CAMISETA

A camiseta você recebe junto com o primeiro jornal.

Assinatura por 24 edições: Cr$ 1.050,00
Envie cheque nominal ou Vale Postal para:
MARGEM S.A. Editora e Gráfica
Rua Miguel Couto 134/11º — CEP 20070 — Rio de Janeiro

Nome: ....

Profissão: ....

Endereço: ....

CEP: .... Cidade: .... Estado: ....

Indique o tamanho de sua camiseta: de 42 a 52 ....

Mamãe eu quero mamar

Há 5 anos, o bloco abre o carnaval de sábado no centro do Rio:

Fotos de Chiquito Chaves

Sem papas na língua

PEITUDAS 81

O **Rei Momo**, Edson Santana, já disse. a Banda da Escandinávia, que sai da boate do mesmo nome, depois do Baile do Biquíni, é a grande largada da folia e revive os antigos cordões que partiam da praça Mauá, ao lado do porto do Rio O desfile começa no tradicional bairro da Saude, com as mulheres mostrando os peitos, apesar da proibição da polícia, e é patrocinado por Agostinho Abreu, dono da boate, e Aníbal Gonçalves, candidato a vereador em 82 que ainda não escolheu seu partido. **Neném chorou no grelo**, de Edil, Alan e Jonemar, foi o samba do bloco

Liberdade, liberdade

Olhai, em também tenho

Será que eu perdi alguma coisa?

REPORTER

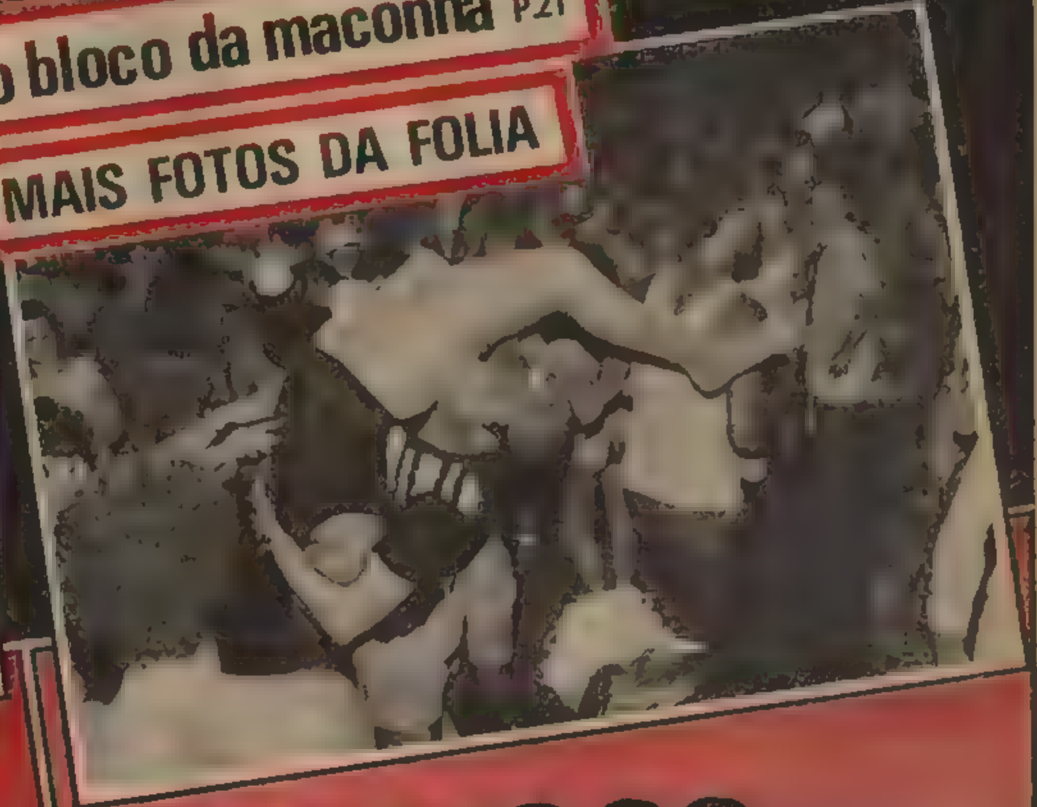
agora quinzenal

De 18 a 31 de março de 1981 — ano IV - nº 40 - Cr$50,00 AUTÔNOMO INDEPENDENTE

Carnaval está vivo! P.19

Saiu o bloco da maconha P.21

MAIS FOTOS DA FOLIA



DELFIM TEM PAI DE SANTO

P.7

MAFIOSO EXPULSO VOLTA AO BRASIL

Busceta em S.Paulo

P.3

Maluf explora bicheiros e motéis

PRA CAIXINHA DA CAMPANHA 84

P.5

MATOU MARIDO APÓS 22 ANOS DE AMOR

P.10

REPORTER AGORA É QUINZENAL

Depois de três anos de periodicidade mensal, REPORTER agora vai chegar a seus leitores duas vezes por mês. A mudança se impunha, tanto pelo fato de nossas vendas se concentrarem nos primeiros quinze dias de exposição em banca, como pelo próprio espírito do jornal. Queremos fazer uma publicação vibrante, perto do fato, direta, sem rodeios.

O quinzenal vai nos dar atualidade, capacidade de acompanhar mais de perto o que acontece. Vamos fazer um jornal melhor. Esperamos que vocês, leitores, gostem e continuem dando força. Pra começar, esta edição traz novidades: quatro colunas — política, economia, polícia e artes e espetáculos — assinadas por quem entende do assunto e pode dar opinião segura. Na edição do dia 1º de abril — não é mentira, não! — estréia a coluna de futebol, área que também passaremos a cobrir com mais regularidade. Vamos ter também cobertura mais diversificada de cinema, televisão, teatro, **show** e, pelo menos, uma entrevista por número.

É isso aí, torçam por nós e escrevam dizendo se gostaram das mudanças.

Um recorde no carnaval

O quinzenal começou bem. Tanto pela disposição de nossa equipe — que pôs na rua a edição de carnaval na quarta-feira de cinzas, às 10 horas da manhã — quanto pelo resultado de vendas. Em 24 horas, 50 mil jornais foram vendidos, obrigando a impressão de mais duas tiragens, num total de três edições e 150 mil exemplares distribuídos às bancas.

Foto Marcio di Pietro – Agência Ágil

Bem representado

O Bloco do Pacotão saiu no carnaval de Brasília criticando a corrupção, o preço dos alimentos, a dívida externa, o regime político. O general Golbery, chefe da Casa Civil, compareceu bem representado.

REPORTER

EDITORES — Alex Solnik, Luiz Alberto Bettencourt, Pipsi (Arte)
CHEFIA DE REPORTAGEM — Ricardo [redacted]
REPORTAGEM — **Rio de Janeiro:** Tim Lopes. **São Paulo:** Rivaldo Chinem, Sílvio de Souza, Hélio Belik, Teresa Moreira. **Recife:** Eduardo Homem, Beth Salgueiro. **Salvador:** Marluce Moura
FOTOGRAFIA — **Rio de Janeiro:** Chiquito Chaves. **São Paulo:** Wagner Avancini, Eliana Pastore, Valdenir Benedetti. **Recife:** Valdir Afonso, Xirumba
ARTE — Analuce Estrella, Ana Maria Martins, Guidacci
CIRCULAÇÃO — Simeão Marques
PUBLICIDADE — Isaías Justo Reis (São Paulo)
DEPARTAMENTO JURÍDICO — Luís Celso Araújo (Rio), Carlos Eduardo Costa Pereira (Recife)
REPORTER Autônomo Independente é uma publicação da MARGEM S.A. EDITORA E GRÁFICA. **Rio de Janeiro:** rua Miguel Couto 134/11º, tel.: 253-5038, 253-5077. **São Paulo:** rua do Seminário, 155/sala 30, tel.: 227-7175
Recife: Av. Conde da Boa Vista 121/grupo 707, tel.: 222-1224
Composição — Editora Mory, rua do Resende 65, e Inúbia Editorial e Industrial S.A., rua André Cavalcanti 66 — RJ
Impressão — Cavaliere Publicações Editora Gráfica Ltda. Tel.: 231-2921 (Jornal Hoje) — RJ

CADE ATACA OUTRA VEZ

Endereçada a uma **Editora e Programação Gráfica**, chegou à redação nova carta do Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade), órgão subordinado ao Ministério da Justiça, solicitando informações sobre nossa empresa e seus sócios e nos ameaçando com processos, caso nos neguemos. Como o nome da firma é **Margem Editora e Gráfica S.A.**, poderíamos não levar a sério a correspondência que, de início, revela o pouco zelo funcional de seus autores. Querem eles pressionar o jornal REPORTER. Não se interessam muito em saber nem que editora o dirige, como pessoa jurídica responsável.

Não é a primeira vez que isso acontece. Em junho de 1980 recebemos idêntica solicitação, com idêntico equívoco de endereçamento. A resposta de então é a mesma que daremos agora: não vamos atender ao pedido porque julgamos tratar-se apenas de uma tentativa para constranger nossa liberdade de expressão e que não está respaldada pelo texto da lei 4.137, que criou o Cade e que define sua competência e atribuições. O Conselho foi formado para reprimir abusos do poder econômico e práticas monopolísticas de mercado pelas quais algumas empresas, usando sua força, impõem seus preços a concorrentes e consumidores. REPORTER – tadinho do REPORTER – está longe de poder impor seus preços, mesmo porque não é ele que os determina. Como não tem equipamento gráfico nem estoque de papel e filme, sofre as oscilações de preços daqueles de quem contrata serviços e compra matérias-primas.

Se o Cade, como diz em seu pedido, quer as informações para estudo e pesquisa, tem necessariamente que dar à sua investigação um caráter setorial: estará ele realizando um trabalho sobre os monopólios no setor de imprensa? Pediu dados aos grandes grupos jornalísticos do país, eles, sim, capazes de ditar seus interesses ao mercado porque possuem sofisticados parques industriais?

Se o fez, responderemos a todas as perguntas e aplaudiremos a iniciativa. Se não fez essas consultas – e duvidamos que tenha feito porque nos certificamos disso – evidenciará apenas o conteúdo discriminatório e ilegal de sua solicitação ao REPORTER.

Certos de nossas razões, vamos expô-las nos juízos competentes, com apoio da Associação Brasileira de Imprensa e do Sindicato dos Jornalistas do Rio, que, ano passado, já tinham denunciado as incursões do Cade na imprensa alternativa como forma de tolher a liberdade de imprensa. Acreditamos, por outro lado, que um governo que diz defender o diálogo e a justiça está na obrigação de fundar suas ações pelo menos na lei existente. Pressionar REPORTER com a lei que coíbe monopólios é tão exdrúxulo quanto seria coibir os monopólios com a Lei de Imprensa.

TIEPPO PODE SER DA MÁFIA

Federal diz que operação é típica de mafiosos e delegado fala em "quadrilha internacional"

José Mário Tieppo, diretor-presidente da corretora Tieppo, responsável por um estouro de Cr$ 3,5 bilhões no mercado de capitais de São Paulo, e seu ex-sócio Giorgio Moroni, que se suicidou no dia 11 de dezembro, possivelmente pertenciam à Máfia. O delegado Romeu Tuma, diretor do Deops, recebeu essas informações por diversas vias, enquanto investigava as 144 caixas da famosa Caixa 2 da conta Samantha (através da qual Tieppo fazia aplicações especulativas no mercado norte-americano de matérias-primas). Posteriormente o assunto passou para a esfera da Polícia Federal e Tuma parou as investigações, que quase o levaram a perder o cargo.

De acordo com informações obtidas na polícia, grande parte dos dólares confiados a José Mário Tieppo e a Giorgio Moroni saíram do país pela rota da Argentina. Tieppo recolhia os dólares dos aplicadores, cerca de 70 colunáveis de São Paulo, e remetia para a Argentina. Por coincidência ou não, a Argentina é a principal base de operações da Máfia na América do Sul.

Na Polícia Federal, nenhum investigador ou delegado confirma a conexão Tieppo-Máfia, simplesmente porque, segundo eles, não há elementos para comprová-la com segurança. Mas um agente daquele órgão confidenciou ao REPORTER:

– Estão enfatizando muito a questão da papelada, falando da existência da Caixa 2 (contabilidade paralela), da conta Samantha, e esquecem da fuga de divisas (dólares), que é o mais grave. Esta é, inclusive, uma das características dos negócios da Máfia.

O delegado Romeu Tuma chegou a falar de "uma quadrilha internacional", referindo-se ao caso Tieppo. Um sinal de que ele tinha dados seguros a respeito disso, pois, segundo o agente da Polícia Federal, a polícia paulista é normalmente bem informada:

– Se não investigou mais é porque não interessa.

Rivaldo Chinen

José Mário Tieppo

Tomaso Busceta está no Brasil

Tomaso Busceta

Tomaso Busceta, membro da Máfia que foi expulso do Brasil em dezembro de 1972 por tráfico de drogas, está de volta.

— Ele opera em Ubatuba, litoral norte de São Paulo, e inspeciona pessoalmente o carregamento de drogas que chega através do porto de São Sebastião.

Quem diz isso é um agente da Polícia Federal, que fez investigações por conta própria a partir de informações dadas por um alcagüete. Ele contou pelo menos 13 guarda-costas na mansão de murada alta em que Busceta reside e que pega meio quarteirão na praia de Ubatuba.

Busceta faz parte da União Corsa (uma das ramificações da Máfia no Brasil) e, antes de ser preso, agia como manda o figurino da Máfia. Era cercado por uma aura de respeitabilidade, que incluía a associação com brasileiros — no caso, Homero de Almeida Guimarães, ex-fiscal do INPS, com cuja filha, Teresa Cristina, acabou casando. Ele chegou a fundar uma assessoria jurídica para disfarçar suas atividades, e conseguiu que seu filho, Benedetto, se naturalizasse brasileiro, de acordo com um processo que depois o Ministério da Justiça considerou ilegal.

Além de Busceta, outras pessoas muito manjadas trabalham para a União Corsa. Entre elas o casal Ercílio Paiva, o Gravatinha, e Laura Garcia, donos da boate La Licorne, em São Paulo, onde prostitutas de luxo se alugam a artistas, empresários e até ministros. Laura já esteve detida duas vezes na Polícia Federal por suspeita de tráfico de mulheres e de entorpecentes. Mas foi rapidamente liberada, graças a amigos influentes.

O casal que controla o La Licorne esteve metido em complicações também quando Katia Regina, uma das "meninas de Laura", morreu em circunstâncias estranhas há alguns anos. A versão oficial é de que Katia, viciada em drogas, teria se suicidado pulando do sétimo andar do prédio onde morava. Porém, horas antes de morrer, durante uma briga com Gravatinha e Laura, a moça dissera que tinha "muita coisa pra contar". Alguns personagens arrolados pela polícia por pertencerem ao seu círculo de amizades reapareceram meses depois, no escândalo Busceta.

Rivaldo Chinen

Cosa Nostra em S. Paulo: droga, jogo, lenocínio

Pelo menos três ramificações da Máfia operam no Brasil. A Máfia siciliana, conhecida como Cosa Nostra, a União Corsa, francesa, e a chinesa. A Máfia siciliana explora o lenocínio e o jogo organizado. Já a francesa e a chinesa operam principalmente com o tráfico de entorpecentes.

Das três, a siciliana é a mais fechada. Um de seus melhores negócios é o contrabando de ouro. Grande parte da produção nacional (cerca de 90%) vai clandestinamente para o exterior, sob controle direto da Máfia siciliana.

A exploração do lenocínio pela Cosa Nostra no Brasil inclui o tráfico de "escravas brancas" e de mulatas, enviadas principalmente para a Alemanha. A organização chega a colocar anúncios nos jornais e o teste é simples: poses fotográficas, sem roupas, é claro, e prova datiloscópica para fazer ficha.

O jogo é feito em cassinos clandestinos, montados em apartamentos luxuosos e bastante discretos na área dos Jardins, em São Paulo. Quando a polícia suspeita do local, o esquema é rapidamente desmontado ou então o policial é chamado para fazer um acerto. É muito comum que mais tarde esse policial passe a tomar parte no corpo de segurança dos [illegible].

Quanto ao tráfico de entorpecentes — controlado pelas máfias francesa e chinesa — envolve cocaína, heroína, sal de anfetamina e maconha. A cocaína, consumida em larga escala nas boates da rua Major Sertório, vem normalmente de Cuiabá, onde é refinada para exportação. Mas pode vir também de um sítio no interior de São Paulo, em Porangaba, onde há uma famosa cozinha em que as folhas são [illegible].

Outro ponto muito freqüentado é o hotel Avanhanduva, no centro de São Paulo, onde corre cocaína, sal de anfetamina e maconha. O proprietário do hotel é um velho freqüentador das celas da Polícia Federal, Pedro Fanganielo, primo de um delegado da polícia estadual paulista e ex-sócio do delegado Fleury (já morto) em negócios no Guarujá. Pedro trabalha para a União Corsa (a mesma de Busceta).

Já a heroína é distribuída através da Boca do Lixo. Mas comprovar isso, dar um flagrante, é muito difícil, pois as transações são feitas com muita discrição por seus ativos proprietários.

Controle da natalidade em marcha no Nordeste:

A médica Vilma, da Benfam, quer o DIU usado em massa

Fotos Valdir Afonso

Lenira Araújo. útero perfurado

Benfam usa Diu e abandona pacientes

— Se depender de Benfam, entidade particular encarregada do controle da natalidade, até o fim do ano todas as mulheres pernambucanas estarão recebendo pílulas anticoncepcionais.

Quem diz isso é a médica Maria Vilma de Oliveira, coordenadora da Benfam, casada, um filho, e que garante orgulhosa que até o final de 81 a entidade terá 500 postos espalhados pelos 197 municípios pernambucanos.

Estatísticas da Benfam indicam que ela está atendendo atualmente a 360 mil mulheres e que mensalmente mais 5 mil se inscrevem no programa de controle da natalidade. Dos diversos métodos anticoncepcionais, o mais utilizado é a pílula, mas dona Vilma não esconde sua simpatia pelo dispositivo intra-uterino (DIU), proibido no Brasil pelos danos que causa à saúde da mulher.

— Não trabalhamos com o DIU há três anos, pois não existem facilidades para importação, nem pessoal médico para fazer o atendimento às pacientes

Ela tem esperança de que o DIU volte a ser utilizado em massa, "mas isso vai depender da colaboração do governo". Essa colaboração já está surgindo, em especial pelo programa nacional de controle da natalidade, coordenado pelo Ministério da Saúde.

— Agora somos procurados pelas prefeituras para conferências, cursos e atuação concreta nos postos de saúde. No município de Brejão, perto de Garanhuns, fomos recebidos em janeiro com faixas e banda de música pelas famílias da cidade.

O governador Marco Maciel também tem dado apoio à Benfam. Quando ele foi inaugurar um centro comunitário no município de Grevatal, posou sorridente ao lado dos responsáveis pelo programa de controle da natalidade. Além disso, diz satisfeita Maria Vilma, o setor empresarial também vem se mostrando receptivo aos programas da Benfam.

— Já temos convênios em funcionamento com 50% das indústrias do Grande Recife e, se Deus quiser, em abril estaremos trabalhando com as mulheres canavieiras da Zona da Mata, em colaboração com a Associação dos Fornecedores de Cana.

O entusiasmo da coordenadora da Benfam desaparece quando se pede a ela para falar das mulheres que foram tratadas com DIU, há alguns anos, e depois abandonadas pela entidade.

— Nós não abandonamos essas mulheres. Isso é calúnia. Elas estão sendo atendidas na Maternidade Oscar Coutinho pelos doutores José Remígio, Luís Peixoto de Carvalho e Marta Vani, que são nossos funcionários há muitos anos. Diariamente chegam mulheres àquela maternidade para revisão.

Os três médicos, procurados pelo REPORTER, negaram porém que a maternidade seja posto da Benfam e que eles tenham qualquer vínculo com a entidade. Luís Peixoto chegou a dizer que a Benfam já acabou: "Não sei por que vocês vivem teimando em desenterrar coisas tão antigas".

Lenira Araújo e Maria do Socorro Sátiro também confirmam que não recebem qualquer tipo de assistência naquela clínica ou em qualquer outra ligada à Benfam. Socorro, de 45 anos, foi uma das primeiras mulheres do Recife a colocar o DIU; desde então já se passaram 16 anos. Nos dois primeiros anos ela fez exames periódicos e, quando abriram novos postos da Benfam, voltou a ser examinada.

— De repente o médico foi embora e até hoje não fui examinada.

Hoje em dia ela nem sabe se ainda está com o aparelhinho dentro do corpo. Já Lenira teve menos sorte: pôs o DIU há 7 anos e com 15 dias notou que seu corpo reagia mal. O médico disse que era assim mesmo e deu-lhe alguns remédios. Com dois anos ela começou a ter hemorragias que iam e voltavam, mas já não encontrava médicos da Benfam a quem pedir orientação. Ficou com uma inflamação crônica e no ano passado acabou resolvendo ir a um médico particular, que levou um susto: o DIU havia sido colocado de maneira errada e o útero estava perfurado.

Dizem que em breve a Benfam iniciará no Recife um trabalho de ligação de trompas em massa, utilizando um aparelho chamado laparoscópio. Três médicos que pertencem à Benfam estão chegando da Universidade John Hopkins, dos Estados Unidos, para entrar em ação e executar o que já anda sendo feito em Natal, capital do Rio Grande do Norte. A coordenadora da Benfam nega, treme, fica indignada, quase grita:

— É uma calúnia. A utilização do laparoscópio para ligação de trompas é criminosa, porque é irreversível. Não temos nada com isso. O que acontece no Rio Grande do Norte é de responsabilidade exclusiva da Universidade Federal.

Beth Salgueiro

Metalúrgicos do ABC preparam nova greve

"O clima não é o mesmo do ano passado, mas ainda é bom. A categoria não perdeu o ânimo, diz um dirigente sindical." A campanha salarial dos metalúrgicos da região do ABC paulista, que atinge seu ponto máximo em abril, está centralizada no Fundo de Greve. Dela participam todos os ex-diretores, afastados dos sindicatos pelo Ministério doTrabalho, inclusive **Lula**. Mas as dificuldades são maiores que em 1980. Com o sindicato na mão, era mais facil arranjar papel, tinta e veículos. Este ano, com a grana arrecadada dos trabalhadpres e outras contribuições, estão sendo preparados cartazes, distribuídos boletins, realizadas visitas à porta das fábricas em carros com auto-falante. As demissões ocorridas na indústria automobilística e a condenação de **Lula** e de outros dirigentes sindicais assustaram um pouco. "Foram pancadas que deram pra ficar tonto", diz Júlio de Grammont, do Fundo de Greve. As demissões na Volkswagen teriam chegado a 8 mil e não a 4 mil, como a empresa divulgou. É o que diz o pessoal ligado ao Fundo de Greve. Muitos voltaram para o Nordeste, pois com o desaquecimento da economia não há onde conseguir emprego no ABC. Apesar desse panorama pouco favorável, os trabalhadores estão dispostos a tudo para conseguir um bom acordo salarial, inclusive entrar em greve. No ano passado, o papo sobre greve só começou a pintar mais concretamente em meados de março, e este ano a história não deverá ser muito diferente. Até agora os metalúrgicos estão se reunindo nos bairros. É a primeira vez que esse tipo de reunião vem sendo realizada e o local é o meio da rua. Como muitas pessoas, além dos metalúrgicos, acabam participando, as reuniões transformam-se num forum livre de debates, onde quem quiser fala. Isso já aconteceu nos bairros de Baeta Neves, Alves Dias, Jardim Ipê, Serraria, Maricene e Serrazópolis. Em cada uma delas estavam presentes, em média, mil pessoas. As reivindicações a serem feitas aos patrões ainda estão sendo debatidas, mas algumas delas começam a surgir com mais força. O pedido de aumento salarial deve girar em torno de 53%, mais 15% de produtividade. Além disso, os metalúrgicos querem 40 horas semanais de trabalho, reajuste trimestral dos salários, 100% para horas extras, estabilidade no emprego e aceitação por parte das empresas da figura do delegado sindical.

Beth Salgueiro

EM RECIFE:

MULHERES SE ENCONTRAM E O PAU COME

Saiu até tapa no II Encontro da Mulher Pernambucana. Convocado por 12 entidades de predominância masculina, o encontro conseguiu reunir cerca de 600 mulheres e alguns homens, em geral militantes de diversas tendências políticas de esquerda. Os grupos feministas não compareceram, as associações de predominância feminina, como a das empregadas domésticas, também não, porque não concordaram com a imposição dos temas a debater, que foram a carestia e o controle da natalidade.

As mulheres do povo que compareceram – uma para cada 10 militantes – não sabiam sequer por que se comemorava o dia da mulher a 8 de março. "Não estou entendendo bem o que ela está dizendo, mas deve ser uma coisa importante", afirmou muito séria Antonieta de Campos Gomes, lavadeira, moradora nas imediações da Casa da Criança de Olinda, onde foi realizado o encontro. Acabara de falar a socióloga Tania Zapata, que analisar ; a situação política e econômica do país.

Nos grupos de estudos era a mesma coisa: duas ou três falavam, sempre militantes, e as outras ouviam e concordavam. As propostas já vieram prontas, escritas e mimeografadas. Apesar disso estourou uma briga. Algumas moças não queriam que as mulheres se reunissem em departamentos femininos nos sindicatos, pois achavam que separar as mulheres dessa forma era uma discriminação. Começou, então, uma grande discussão. Clarice, grávida de 3 meses, ponderou: "Não sei por que essa briga, se somos todas mulheres". Alzira Mindelo, ex-presidente do DCE da Universidade Federal e atualmente no PMDB, rebateu:

– Engano seu, nós somos diferentes. Vocês, feministas, só querem discutir o orgasmo, o prazer, vocês são mulheres objeto. Um dia vocês serão esmagadas pela massa.

Alzira falava aos gritos e com o dedo no nariz de Clarice. Em determinado momento deu-lhe um forte tapa na cara. Juntou a turma do deixa-disso e alguém disse que Clarice estava grávida, mas Alzira não se acalmou:

– Não tenho nada com isso. A gente tem que defender nosso ponto de vista. Se tiver razão, vale até agressão.

Procurada depois pelo REPORTER, Alzira disse que foi empurrada e empurrou Clarice. Ela acha que divulgar o fato é denegrir o grandioso encontro das mulheres.

Clarice, agredida

CORRUPÇÃO NO GOVERNO DE SÃO PAULO

Com bicheiros

Foto Hélio Campos Mello

Foto Wagner Avancini

Nos motéis

Foto Wagner Avancini

Foto Eduardo Simões – Ag. F-4

Foto Agência Folhas

• Calim Eid (alto à esquerda), chefe da Casa Civil, controla a contribuição dos bicheiros, como Ivo Noal (alto à direita). Rubens Liberatori, diretor da polícia da Grande São Paulo, e Paulo Pestana (ao lado), assessor de Eid, também [illegible]

Foto Valdenir Benedetti

• Vice-governador José Marin (no alto) dá cobertura à "arrecadação" nos hotéis de alta rotatividade. O delegado Richetti cobra taxa mensal de Cr$ 7.500 de cada um.

CONTRAVENÇÃO FINANCIA CAMPANHA MALUF-84

A avaliação corre de boca em boca em certos setores da polícia de São Paulo: desde os tempos de Adhemar de Barros, de quem se dizia que "rouba, mas faz", não havia uma vinculação tão forte entre a contravenção e o governo estadual como no reinado de Paulo Salim Maluf. Aliás, a grana arrecadada da contravenção é que vem financiando boa parte das jogadas de Maluf para tentar chegar à Presidência da República.

Um governo empenhado numa campanha milionária para ocupar o Palácio do Planalto não dispõe de meios para cobrir legalmente todos os custos. Se o Banespa e a Caixa Econômica podem financiar obras particulares ou até de outros governos estaduais, frequentemente é preciso contar com dinheiro vivo e sem recibo para atender a correligionários que não foram beneficiados com empréstimos a juros baratos ou cargos públicos. No episódio recente da eleição do vereador Paulo Rui de Oliveira para a presidência da Câmara Municipal de São Paulo, segundo políticos do próprio PDS (o partido de Maluf), recorreu-se à "caixinha" para cobrir parte dos acordos que o governador fez com Paulo Rui. Para atraí-lo e acomodar outros vereadores, Maluf teria gasto Cr$ 32 milhões. Assim, derrotou o vereador João Brasil Vita, que o ex-governador Laudo Natel queria colocar na presidência da Câmara.

A "caixinha" conta com várias fontes de abastecimento, que beneficiam o governo estadual e também a polícia. Uma delas é a propina arrancada das casas de carteado que funcionam semiclandestinamente na avenida São

Foto João Bittar

• A "eleição" de Paulo Rui para a presidência da Câmara custou Cr$ 32 milhões

João — a principal via de São Paulo. Manancial mais importante é o jogo-do-bicho, e as ligações entre grandes bicheiros e personagens muito bem colocados no governo, na polícia e no Legislativo são freqüentes

O principal banqueiro de bicho de São Paulo, o industrial Alfredo Parisi, é sogro do advogado Miguel Telles, que é irmão do delegado-geral de polícia, Celso Telles. Parisi é também amigo íntimo de Paulo Pestana, assessor do chefe da Casa Civil do governo estadual, Calim Eid. Já Ivo Noal, que controla o jogo no Centro e na Zona Norte da capital paulista, além de compadre de Paulo Pestana, conta com a proteção do deputado Erasmo Dias (do PDS), ex-secretário de Segurança de São Paulo. Erasmo já admitiu publicamente que sua campanha eleitoral foi financiada por bicheiros. Entre estes estavam Alfredo Parisi e Ivo Noal.

Com tal esquema de influências, os bicheiros estão a salvo da polícia. Esta, quando age contra os banqueiros, faz apenas uma encenação. Foi o que ocorreu no dia 14 de janeiro último, quando, numa operação cercada de grande estardalhaço, policiais do 4.º Distrito estouraram uma "fortaleza" de Ivo Noal, na avenida Angélica. Como no tempo de Adhemar de Barros — em que os próprios bicheiros escolhiam os pontos a serem "flagrados" pela polícia — Noal ficou sabendo antecipadamente de tudo e refugiou-se no Paraguai, onde é dono de uma rede de motéis. Os quatro cambistas presos na "fortaleza" saíram da cadeia rapidamente, devido ao imediato pagamento de fiança.

O edifício onde Noal operava fora denunciado no dia 5 de dezembro do ano passado pelo cambista Nilson de Paiva Barbosa. Por se ter desentendido com Ivo Noal, ele procurou espontaneamente a polícia e não só citou os locais onde o bicheiro possui bancas, como os veículos que utiliza na arrecadação de apostas. Em seu depoimento, até agora mantido sob sigilo, denunciou delegados e investigadores que recebem suborno dos bicheiros para não incomodá-los. O próprio Barbosa deu Cr$ 40 mil ao delegado Getúlio Paelo Prado, do 1.º Distrito Policial, para livrar de um flagrante um cambista de Noal. Da lista do cambista constavam ainda o chefe dos investigadores da Seccional Guarulhos, Aduzindo Uribe — que arrecadaria Cr$ 25 mil por mês de cada ponto de bicho localizado em sua área — e o delegado-assistente Natanael da Silva Abreu, do 38.º Distrito.

Por determinação do delegado Marcondes Loureiro da Costa, da Seccional Norte, as denuncias do cambista foram investigadas e logo nos primeiros dias realizados alguns flagrantes. Mas o caso não prosseguiu. Na semana do Natal um telefonema do diretor do Departamento de Polícia da Grande São Paulo (Degran), Rubens Liberatori, e outro de Paulo Pestana, da Casa Civil, obrigaram o delegado Loureiro da Costa a interromper as investigações.

Uma outra fonte que irriga a "caixinha" da corrupção são os motéis, achacados quase sem disfarces. O esquema (tradicional) funciona com muita eficiência. Sob o comando do delegado Wilson Richetti, da Seccional Centro, investigadores circulam pelos pontos de arrecadação a cada dia 10, recolhendo o pedágio que todos os proprietários de hotéis de alta rotatividade pagam aos "inspetores de quarteirão". Estes são proprietários escolhidos pela polícia para recolher o pedágio em sua área.

Richetti, nomeado no início do ano passado para a Seccional Centro, já conseguiu aumentar o pedágio de Cr$ 4.500,00 para Cr$ 7.500,00 por mês. Na Zona Sul, a operação tem a cobertura do delegado seccional José Paulo Bonchristiano, nomeado para o cargo pelo vice-governador José Maria Marin. O assistente de Bonchristiano, delegado Antônio César Donghian, é o gerente da "caixinha" na área sul. Ele tem laços familiares importantes. Sua mulher é prima de D. Neusa, mulher do vice-governador Marin.

Apesar da corrupção estar comendo solta, alguns policiais não andam muito satisfeitos com Maluf. Eles não se conformam que gordas quantias sejam subtraídas da "caixa 2" dos distritos (alimentadas pela contravenção, é claro) para financiar a escalada de Maluf à Presidência da República. Com a divisão do bolo, fica mais difícil utilizar o dinheiro da "caixa 2" para pagar aos civis que atestam a "veracidade" dos flagrantes forjados contra os que se recusam a pagar pedágio à polícia.

João Marcos Guimarães

MAIS UMA CISÃO NO PARTIDO DO GOVERNO

Bicheiros do PDS em Recife vão pro PDT

O jogo-do-bicho não fez nenhum deputado ou vereador eleito no Recife. Porém, indiretamente, através de ligações de amizade pessoal com alguns bicheiros, os deputados Osvaldo Rabelo e Maviael Cavalcanti, do PDS estadual, e Paulo Andrade Lima, do PDT, puderam aumentar sua votação e chegar à Assembléia Legislativa. Há, porém, um caso muito interessante: nas últimas eleições, o delegado de polícia Roldão Joaquim dos Santos, acostumado a dar e receber cobertura dos bicheiros, resolveu sair candidato a deputado.

Um pouco antes ele tinha conseguido convencer o governador Marco Maciel a autorizar a criação de uma associação de bicheiros, o que possibilitaria o fim "da corrupção na polícia, acostumada aos subornos para garantir a ação do jogo ilegal", ao mesmo tempo em que se daria uma destinação social à parte do dinheiro arrecadado no jogo-do-bicho no Estado. Sem se comprometer oficialmente, Maciel concordou e foi fundada a Aval — Associação dos Vendedores Autônomos de Loterias — que, mensalmente, teria o compromisso de doar Cr$ 200 mil para o Hospital do Câncer do Estado.

Roldão conseguiu unir os bicheiros em torno de si e saiu suplente de deputado, com 10 mil votos. Se estivesse no PMDB, teria sido eleito, mas muitos desses votos foram tirados de Osvaldo Rabelo, Maviael Cavalcanti e Paulo Andrade Lima, que se sentiram ameaçados até que, ano passado, começaram a exigir a criação de uma CPI para apurar a legalidade da existência da Aval.

A CPI foi instaurada, foram ouvidos muitos depoimentos, e o fim foi drástico: a Secretaria de Fazenda resolveu fechar a associação, com base em irregularidades fiscais. Roldão Joaquim dos Santos considerou na época, e considera até hoje, que o fechamento da Aval "foi uma traição de Maciel, que não cumpriu a palavra dada a mim e a outros cidadãos presentes à conversa". Em represália, resolveu que este ano não pertence mais ao PDS: passou com todos os votos de seus bicheiros para o partido do Brizola, o PDT.

A verdade sobre nossa história

ERA PADRE O 1º CORRUPTO DO BRASIL

Em 1640, eram os espanhóis e os holandeses quem mandavam no Brasil. Ué, mas nós não fomos colônia de Portugal? Fomos, sim, mas entre 1580 e 1640 houve um revertério: é que o rei de Portugal, um jovenzinho chamado Sebastião, deu uma de machão e cismou de ir combater os árabes. Na famosa batalha de Alkacer-Kibir, ninguém sabe como, o rei sumiu e até hoje os portugueses acham que um dia ele volta. Mas o fato é que ele não voltou e então Portugal ficou sem rei. O pior é que D. Sebastião, sempre ocupado com cavalos e batalhas, não teve tempo de brasear e ter um filho que pudesse assumir o trono quando ele desaparecesse. Quem então seria o rei? O parente mais próximo era um tio: o cardeal D. Henrique, mas era velhinho, tinha 66 anos, e não agüentou a barra, morreu logo. Daí foi o caos: e agora, quem seria o rei? Como fazer? Candidatou-se D. Felipe II, rei da Espanha – tinha um vago parentesco com D. Sebastião, mas, em compensação, tinha muito dinheiro e muitos canhões. Com estes argumentos poderosíssimos, fez-se aceitar pelos portugueses. Virou rei de Portugal e da Espanha e nós, de tabela, viramos colônia da Espanha.

A primeira medida de Felipe II foi proibir o comércio do Brasil com a Holanda, velha inimiga da Espanha. Os comerciantes holandeses ficaram putos da vida, naturalmente, e resolveram, então, invadir a parte do Brasil que era rica em açúcar: chegaram, viram e venceram, tomando Pernambuco e boa parte do Nordeste. O Brasil ficou dividido: metade colônia da Holanda, metade da Espanha. A situação ficou assim até que... em 1640, deu-se a rebordosa... A Espanha estava numa situação caótica, o rei Felipe IV só sabia posar pra retrato e fornicar – teve 32 filhos ilegais, fora os legais – o duque Delfim-Olivares, ministro do Planejamento, metia os pés pelas mãos, o reino estava mesmo numa pior. Foi aí que um português ilustre, D. João, duque de Bragança, virou a mesa e proclamou a independência de Portugal. Quando a poeira baixou e se viu que a Espanha não tinha poder nem saco pra reconquistar Portugal, D. João tratou logo de mandar uma caravela para o Brasil anunciar a boa nova, tentando convencer os brasileiros a continuarem colônia de Portugal. Todo mundo ficou na maior tensão: o Brasil aceitaria voltar a ser colônia de Portugal? Ou preferiria continuar sendo colônia da Espanha e da Holanda?

D. João, para se garantir, resolveu ter uma idéia (rei português quando resolve ter idéia, sai debaixo!): chamou um jesuíta, de muita confiança, muy amigo, padre Francisco Vilhena, e lhe disse:

– Padre, estou numa pior. Não sei se o Brasil vai ficar conosco. E sem o pau dos brasileiros (o popular pau-brasil), sem o açúcar deles, meu reino não dura um minuto. Daí, vou lhe dar várias cartas com minha assinatura, selos reais, firma reconhecida, etc, para que o senhor procure o pessoal lá na colônia, converse com eles e dê as cartas aos homens mais fiéis a Portugal e a mim. Agora, o diabo é que não sei quem é fiel e quem é infiel; não conheço os caras, daí o senhor, padre, é que está encarregado de ver isso.

O padre Vilhena não se fez de rogado: tomou a primeira caravela de carreira e se mandou pros trópicos. Chegando aqui, encontrou os portugueses e os holandeses na maior confraternização. Já que Portugal ficara independente, não era mais necessário brigar... uma embaixada lusa estava mesmo de partida – ia assinar um tratado de paz com os holandeses. Padre Vilhena não vacilou e se mandou pra lá, pois Pernambuco era o coração da produção de açúcar, o petróleo da época.

No Recife, Vilhena agiu rápido e mandou chamar primeiro o João Fernandes Vieira, mais rico que os xeiques da Arábia que contrataram o Rivelino. Torcendo as mãos, "muito labioso, todo ronha e ardil, muito falante e fino", o padre, depois de cercar o lourenço bem cercadinho, revelou que dispunha de cartas d'el rei, louvando e elogiando os "homens fiéis" a Portugal e a D. João, mas os nomes dos destinatários seriam preenchidos por ele, Vilhena. E que o João Fernandes Vieira poderia ser um deles, desde que... resolvesse "contribuir" com cem dobrões de oiro. Vieira não conversou – pagou e levou uma cartinha.

No dia seguinte houve fila na porta do escritório do padre. Todos os senhores de engenho, de escravos, de mulheres e de açúcar queriam levar sua cartinha. O padre repetia a cada um deles: "a mão direita lava a mão esquerda". Dava as cartas e recebia os dobrões, e assim encheu arcas e arcas do metal lourinho, criando a tradição brasileira do "homem da mala".

Terminada a distribuição, o padre só pensou em se mandar. E deu sorte porque justamente ia passando uma caravelinha pelo porto do Recife em direção a Portugal. Lá se foi o Vilhena entupido de ouro.

Na viagem, não quis conversa com ninguém: tratava mal a tripulação e seu único passatempo era contar as milhas que o navio andava diariamente. Quando houve a passagem pelo Equador e todo mundo caiu na gandaia, como é tradicional, o padre nem quis saber – ficou no camarote contando os dobrões. Só interrompia a tarefa pra fazer aquele pipi apertado de aflição e de desespero. Tava seco pra chegar ao Reino e botar o ouro em segurança.

Quando chegou na Ilha da Madeira, Vilhena deu um suspiro, sobretudo porque estava ancorado no porto um grande galeão que ia zarpar naquela horinha pra Portugal. Fez-se o transporte do padre e do ouro pro galeão. Mais alguns dias e tudo estaria arrumado. Padre Vilhena seria muito mais rico que o Maluf e o Delfim juntos. Lá se foi o padre, fumando seu tabaquinho no convés do navio. Já nem estava tão rabugento.

Em meio à tranqüilidade geral, porém, estourou um grito cavernoso: PIRATAS!!! Foi um deus-nos-acuda, um pega-pra-capar, um ai-Jesus! O navio corsário aproximou-se rápido. Logo-logo os piratas estavam saltando para o convés do galeão. Todo mundo se rendeu, como é de praxe, menos o padre: armado de trabucos e bacamartes, lutou até a última bala, mas não pôde conter a fúria dos assaltantes.

Bem amarrado, Vilhena foi mandado para o Norte da África e vendido lá como escravo. Acabou seus dias dando açuquinha a dromedários e fazendo bilubilu nos camelos do deserto do Saara.

Moral da História: malufistas, olho, os piratas tão rondando!

Dicas e dados de Paulo Setúbal, do livro "Nos bastidores da História", Cia. Ed. Nacional, Rio de Janeiro, 1928.

Daniel Aarão Reis Filho

DELFIM TEM PAI-DE-SANTO

O ministro do Planejamento, Delfim Netto, pelo jeito não acredita que a ciência econômica, com todo seu complicado instrumental matemático, e o bando de tecnocratas que o servem sejam suficientes para encontrar soluções para o problema da inflação, da dívida externa, da falta de feijão, etc. Ele anda apelando também para um pai-de-santo. O escolhido é Walter Logun Edê, um pernambucano do Recife que volta e meia vai a Brasília — com tudo pago, é claro — dar orientação a Delfim. Pai-de-santo preferido dos colunáveis, ele atende também a deputados, secretários de Estado, condessas paulistas, empresários e gente do Palácio do Planalto. Detentor de importantes segredos da política brasileira, Walter Logun Edê diz que em toda a história do Brasil governo e candomblé sempre mantiveram boas relações. Pela procura intensa que seus trabalhos tiveram no final do ano passado por parte dos políticos, ele prevê que a situação tende a se agravar nos próximos anos e diz que muita gente ligada ao poder está com as malas semi-arrumadas para se mandar para o exterior assim que o pior acontecer. Para seu cliente Delfim Netto, as previsões são, porém, otimistas. Logun Edê diz que Delfim trocará o Ministério do Planejamento por um cargo ainda mais importante. Como ele também prevê que o general Golbery do Couto e Silva terá que se afastar da chefia da Casa Civil em 1981 devido à doença, é fácil adivinhar para onde iria Delfim. Com 32 anos, formado em pedagogia, Logun Edê é um pai-de-santo muito bem sucedido: dá cerca de 50 consultas por dia a mil cruzeiros cada uma. Trabalhando cerca de 12 horas por dia, ele divide seu tempo entre três centros: um em Jacarepaguá, no Rio de Janeiro, e dois em São Paulo. Isso, sem falar nos chamados que recebe do interior de São Paulo e de várias capitais brasileiras. Graças a essa intensa atividade e aos inúmeros presentes que recebe (geladeiras, aparelhos de ar condicionado, lustres, quadros, etc), ele trocará em breve sua modesta, escura e mal arejada quitinete na avenida São João, em São Paulo (embaixo do barulhento Minhocão), por uma casa bem mais confortável. Dizendo-se "babalorixá do verdadeiro candomblé da Bahia", ele trabalha na linha Gege, seita semi-extinta, de dialeto difícil, que cultua os vudus, fazendo trabalho para o Bem e para o Mal, indistintamente: "Meu santo Logum Edê é muito forte. É o príncipe da nação do Gege. Pelo menos cinco pessoas que fizeram trabalhos contra mim morreram em situações estranhas. Sem eu fazer qualquer trabalho. Meu orixá cuidou deles sozinho".

Foto Wagner Avancini

Walter Logun Edê, pernambucano, orienta nosso ministro

SÃO PAULO NÃO PODE PIRAR

Mesquita viu lista da Tieppo

O Jornal da Tarde publicou matéria de última página colocando em dúvida a eficiência do Dops e sugerindo corrupção no caso Tieppo. Romeu Tuma, diretor do órgão policial, ficou irritado e procurou Rui Mesquita, diretor do jornal, no prédio marrom do Estadão, às margens do Tietê. No meio da conversa, Tuma sacou de dentro de uma pasta preta a famosa lista dos investidores do caso Tieppo e exibiu a Rui. Enquanto Mesquita lia a lista, Tuma disse: "Aposto que aí no meio pelo menos a metade é amigo do senhor". Mesquita balançava a cabeça, afirmativamente. No fim do papo, o diretor do jornal falou a Tuma: "Vou lhe provar que não interfiro em nada na linha editorial do meu jornal: não vou passar essa lista pra redação". De fato, não pas-[redacted]

Federal quase prendeu Maluf

Os desentendimentos do governador com a Polícia Federal, que emergiram agora no caso da detenção do Prêmio Nobel da Paz (Maluf e o diretor da Polícia Federal em São Paulo teriam trocado insultos por telefone), não são de agora. Há dois anos, logo que Maluf assumiu, foi vítima de um terrível engano. Os federais estavam aguardando traficantes de cocaína — tripulantes de um vôo Manaus-Brasília-São Paulo. De posse do número do vôo, os agentes foram ao aeroporto. Chovia. Quando chegaram, o avião já tinha pousado. E havia a informação de que os tripulantes já seguiam para o hangar numa perua Kombi. Os federais entraram na pista para interceptar a viatura. Desceram já de armas na mão e a cercaram. Demoraram um pouco para perceber o ocupante da Kombi: nada menos que o governador recém-nomeado. Ele estava assustado — contam policiais que estavam na missão — encolhidinho. Não foi fácil fazer os agentes baixarem as armas e se convencerem de que não era ele o tripulante traficante.

Cinzeiros voam na Editora Três

Voaram pesados cinzeiros na sala da diretoria da Editora Três. Os contendores eram os sócios Luiz Carta e Domingos Alzugaray. Brigavam porque estão sem dinheiro. E isto se reflete na editora. A equipe — já mínima — da revista Status, foi reduzida com algumas demissões. E a revista Homem também economiza: neste carnaval, em vez de botar fotógrafos na rua, comprou fotos do carnaval 80 no jornal Notícias Populares. Outra preocupação dos dois é a possível saída da estrela do jornalismo da Três, Daniel Más, cobiçado pela multinacional Playboy. Mino Carta, então, está nervoso, porque na queda de uma dessas corretoras apareceu um cheque seu, em dólares, completamente sem fundos.

Palacios nega que foi da Oban

Circulam na Polícia Militar informações de que o coronel Sidney Palacios teria participado da "caça aos terroristas", nos anos negros da repressão. E teria integrado o bando da Oban — Operação Bandeirantes. Em outros setores, fala-se que ele estaria se lançando candidato a deputado. Recolhido à prisão, o coronel desmen ɔjo bas as notícias. "Fui consultado para integrar a Oban, mas nunca me interessei por crimes políticos. Meu negócio é o crime comum", declarou o coronel ao repórter. Sobre as eleições, disse que vem recebendo convites de dirigentes do PP, PMDB e PTB, "mas ainda não sou candidato". Quanto à detenção, não está de toda ruim: ele pratica esportes, recebe visitas, lê quatro jornais por dia, em aposentos que contam com sala-de-visitas, refeitório particular e uma suíte. Fica no 2º Batalhão de Choque.

'Lança-perfume' lança o Jânio

Por incrível coincidência, o sucesso da música Lança-Perfume acontece ao mesmo tempo em que Jânio Quadros, o homem que proibiu o lança-perfume, volta à política. Jânio já tinha perdido um olho ao receber em cheio, no rosto, um jato do éter maluco. Até hoje — com absoluto segredo — o ex-presidente ostenta um olho de vidro, imperceptível.

Tuma não fala sobre Rizzo

Reconhecido como um dos homens da "abertura" em São Paulo, o delegado Romeu Tuma está perdendo aos poucos essa fama, junto com a de receber jornalistas para francas conversas. Negou-se, em fevereiro, a dar uma entrevista para este jornal, ressalvando que concorda em ser entrevistado por outros órgãos da imprensa. E é verdade: aparece muitas vezes nos noticiários da TV-Globo. Além de negar entrevista para nós, ele também não fala nada sobre o processo do estudante André Luiz Rizzo, visto colocando panfletos de ameaça a bancas de jornais. O processo se arrasta desde fins de novembro. Nada foi divulgado. Sabe-se apenas que o acusado apresentou 50 testemunhas de defesa.

UMA COLUNA DE POLÍTICA

O da política

Daniel Aarão Reis Filho

Eles querem também as cuecas da Oposição

A abertura estará perigando?

Há elefantes no ar: em fevereiro, os ministros militares soltaram notas oficiais muito ameaçadoras, só porque alguns torturadores foram denunciados. Eles ameaçaram: se as denúncias continuarem, a abertura pode fechar.

Em seguida, houve mais dois lances: a disputa para a presidência da Câmara dos Deputados e a condenação dos líderes sindicais de São Bernardo. No episódio da Câmara, o governo, capitaneado pelo secretário particular do Figueiredo, Heitor Aquino, jogou pesado: nove governadores baixaram em Brasília para cabalar votos; mil e uma promessas de nomeações, mordomias, etc, foram acenadas. Mas o que pesou mesmo foram as ameaças – à boca pequena comentava-se que, se o Marchezan não fosse eleito, tudo poderia acontecer, até a abertura poderia ir pro brejo. O próprio líder do governo no Senado, Nilo Coelho, anunciou: "A abertura é maior do que a que todos os brasileiros desejam". E o Aquino não deixava por menos: "Quem for contra o Marchezan é contra a abertura". O jogo pesado deu resultado: parlamentares da Oposição se encolheram e votaram no Marchezan.

No julgamento dos líderes operários, a barra também pesou: cada um pegou uma média de três aninhos de cadeia; só porque lutaram por melhores condições de vida e salários decentes.

Mesmo com essas vitórias na mão, o governo não sossegou. Quando muita gente pensava que a abertura estava garantida e que um clima de tranqüilidade ia pairar na vida política, vieram mais duas pedradas: a mensagem do "presidente da República" à Câmara e as declarações do líder do governo na Câmara, deputado Cantídio Sampaio.

O presidente mandou dizer o seguinte: "Olha, eu estou fazendo o possível para agüentar a abertura, mas se as Oposições e o povo não colaborarem, vou ser obrigado a fechar".

O líder do governo foi ainda mais longe: "Se não vier o consenso, todos correremos o risco do que vier a acontecer". E lembrou o fato de que os "presidentes" Castello Branco e Costa e Silva também acabaram "obrigados" a editar o AI-2, em 1965, e o famigerado AI-5, em 1968. Ou seja, nós levamos o pau, agüentamos uma barra das mais pesadas, e quando vem a porrada ainda somos os culpados. Haja Deus!!!

Negócio seguinte: o governo sentiu, por ocasião da eleição do Marchezan na Câmara, que, se jogar pesado, muitas áreas da Oposição arriam as calças. Quer dizer, vale a pena jogar pesado. Mas os homens já não conseguiram as vitórias que queriam? Já não elegeram o Marchezan? Já não condenaram o Lula e seus companheiros? Já não paralisaram as denúncias de torturas? Tudo isso é verdade, mas o governo quer mais. Ele não se contenta com gols que fez: quer golear.

Mas o que é que ele quer?

Quer modificar o jogo eleitoral. O governo tá pensando nas eleições de 1982, que vai renovar toda a Câmara, dois terços do Senado e todas as câmaras de vereadores do país. E tem mais: vai eleger governadores em todos os Estados. E tem mais ainda: elegendo a Câmara, vai definir os homens que vão eleger o sucessor do Figueiredo porque, pela lei atual, quem escolhe o presidente são os deputados e não o povo. Quer dizer, as eleições de 1982 são muito importantes. E o governo tá acostumado a ganhar e quer continuar ganhando. Daí que ele está "amaciando" o nosso couro com as ameaças. Olho vivo, porque vem por aí um pacotão eleitoral de meter medo no diabo. E vai ser assim: "Ou dá o pacotão ou fecha a abertura". Depois das calças eles querem as cuecas.

Reduzida a verba de assistência a mendigos

A Fundação Leão XIII recolheu, nas ruas do Rio, em 1980, 1.616 mendigos. São bêbados, doentes mentais e desocupados que vivem em estado de miséria absoluta. Um dado interessante: em relação a 1979, houve uma redução de cerca de 40% no número de mendigos recolhidos, já que naquele ano foram 2.636.

Os psicólogos da Fundação Leão XIII fizeram um questionário para tentar compor um perfil desses mendigos. Poucos não responderam. Do total, 453 (77%) são solteiros; 96 (16,5%) casados; 26 (5%) viúvos; 4 (0,6%) desquitados; e 2 (0,4%) com situação ignorada.

Quanto aos Estados de origem, 257 (44,2%) nasceram no Rio; 92 (16,1%) em Minas Gerais; 43 (7,4%) em São Paulo; 39 (6,7%) em Pernambuco; 34 (5,8%) na Bahia; 22 (3,7%) no Espírito Santo; 21 (3,6%) na Paraíba; 16 (2,7%) no Ceará; 11 (1,9%) em Alagoas. Outros 38 não souberam informar onde nasceram, e 4 são estrangeiros.

Em relação à escolarização, uma conclusão inesperada: 305 (52,9%) sabem ler e escrever, embora 205 (35%) sejam analfabetos. Apenas 54 (9,2%) têm o primeiro grau completo. E apenas um conseguiu chegar ao segundo grau. Outro tem curso superior incompleto. Doze não responderam.

A maioria dos mendigos exerceu profissões que não requerem mão-de-obra especializada. Eram serventes 183 (31,1%); prendas domésticas, 133 (22,7%); pintores, 42 (7,2%); lavradores, 34 (5,8%); comerciários, 23 (3,9%); mecânicos, 23 (3,9%); pedreiros, 18 (3%); sapateiros, 5 (0,8%). Com outras profissões não reveladas há 187 mendigos (31,8%). Sem profissão anterior, apenas 3 (0,5%).

Quanto à cor, 171 (29,4%) são brancos; 205 (35,3%) negros; e 205 (35,3%) mulatos. Com relação às faixas etárias, 159 mendigos (27,4%) têm de 31 a 40 anos; 147 (25,3%) de 21 a 30 anos; 111 (19,1%) de 41 a 50 anos; 69 (11,8%) de 51 a 60 anos; 69 (11,8%) com mais de 61 anos; 18 (3%) de 18 a 20 anos; 2 (0,4%) de 5 a 9 anos; 3 (0,6%) de 15 a 17 anos; e 1 (0,2%) com menos de 4 anos. Apenas dois mendigos não responderam.

Dos 1.616 mendigos recolhidos, 1.035 estiveram mais de uma vez nos albergues da Fundação Leão XIII. Os mendigos não podem permanecer por mais de 30 dias nesses locais, pois é necessário que haja rotatividade para que outros possam ali se abrigar.

Um dos principais problemas que os psicólogos da Fundação enfrentam para tentar ressocializar o mendigo é a falta de verbas. O governo do Estado não tem interesse em desviar recursos para esse serviço, porque 85% do orçamento da Fundação Leão XIII são aplicados na assistência social às favelas da cidade. Motivo: mendigo não dá voto; favelado, sim.

Rio investe no carnaval, mas obras estão paradas

Se o governo do Estado do Rio de Janeiro tivesse aplicado o que gastou no carnaval do Rio em obras, teria conseguido, por exemplo, concluir o trecho do metrô entre Botafogo e Maracanã, cujo cronograma está atrasado por falta de Cr$ 800 milhões para sua execução. Com isso, 800 mil pessoas poderiam viajar diariamente com conforto e rapidez.

Com as obras paradas há quase dois anos por falta de verbas, o pré-metrô precisa de Cr$ 600 milhões para operar entre Maria da Graça e Acari, beneficiando 200 mil pessoas por dia. O governo estadual alega não dispor desses recursos e recorreu ao Ministério dos Transportes para obter o financiamento. Dificilmente vai conseguir a liberação da verba, porque o governo federal sabe que qualquer empréstimo será aplicado em política.

Há inúmeros projetos arquivados porque o Palácio Guanabara não concede financiamento. É o caso da ligação das barcas entre a Ilha do Governador, São Gonçalo e a Praça 15, que reduziria o tempo de viagem e o preço das passagens. Custo do projeto: Cr$ 400 [illegible].

A colocação de faixas exclusivas para ônibus no Aterro do Flamengo, Copacabana, Botafogo e Jardim Botânico só depende da liberação de Cr$ 350 milhões. Não há dinheiro, diz a Secretaria de Planejamento do Estado, e com isso o Rio está deixando de economizar 20% de combustível naquelas áreas e de encurtar, em média, 15 minutos o tempo de cada percurso.

Nenhuma escola municipal ou estadual foi construída até agora pelo atual governo. Apenas foram reformadas dezenas de antigas construções. Motivo: falta de verba. A cidade também não ganhou nenhum posto de saúde, sob a mesma alegação.

O túnel Rebouças está às escuras porque a Secretaria de Transportes não dispõe de recursos para mudar seu sistema de iluminação. A construção das cabinas de Polícia Militar terá que ser financiada por empresários, porque a PM não tem dinheiro. Os concursos públicos para o magistério estão desaparecendo, porque a Secretaria de Educação não tem recursos para pagar o pessoal. O mesmo acontece com os médicos. Enfim, só há dinheiro no Estado do Rio de Janeiro para os políticos do PP conquistarem [illegible]

PP usa associação de bairro pra obter voto

O governador Chagas Freitas está definindo uma nova estratégia de relacionamento com as associações de bairro, quer que todo e qualquer diálogo fique limitado às regiões administrativas, para que deputados de seu partido, o PP, possam capitalizar eleitoralmente qualquer benefício que as comunidades venham a obter.

Os primeiros passos nesse sentido estão sendo ensaiados pelo deputado (estadual) Beto Gama, uma espécie de aprendiz de cacique dos subúrbios cortados pela linha do pré-metrô, entre Maria da Graça e Pavuna. Como vem enfrentando resistência das associações, Gama resolveu apelar para a violência, demitiu a assistente social Valquíria de Castro, que trabalhava na 22.ª Região Administrativa e ameaçou várias outras pessoas com igual punição.

Prestigiado por Chagas, Gama tem feito esforços para dar impressão de parlamentar atuante. Em julho do ano passado, quando Gaspar Vasconcelos, de 60 anos, e seu neto Cristiano, de 3 anos, morreram num buraco aberto pelo Metrô, ele se apressou em tirar dividendos da reurbanização feita às pressas na praça Copérnico, na Pavuna. Após a entrega festiva da obra, onde não faltaram faixas e alto-falantes anunciando a proeza do parlamentar do PP, a praça foi abandonada e a família de Vasconcelos esquecida.

Agora, Beto Gama está fazendo outra jogada demagógica, mandou asfaltar inúmeras ruas próximas da linha do pré-metrô, completamente abandonada. Desperdício de verbas. Como as ruas não foram preparadas para o tráfego pesado que estão recebendo há cinco anos, logo a camada de asfalto se transformará em grandes buracos.

O problema só seria solucionado com a retomada imediata das obras do pré-metrô, que deveriam estar concluídas desde 1979. Mas nesse assunto Beto Gama não toca. Chagas Freitas está usando a obra abandonada e o sofrimento imposto à população do subúrbio para conseguir verbas do governo federal. Este, por sua vez, está condicionando o apoio financeiro à submissão do PP ao PDS.

Nas associações de bairro já há reação contra a manobra de Chagas. Uma prova dessa determinação nos subúrbios está correndo um abaixo-assinado, que já obteve mais de 2 000 adesões, reivindicando a reincorporação da assistente social demitida por Gama nos quadros da 22.ª Região Administrativa.

Via Paralela só interessa à imobiliária

A Via Paralela, que começará a ser construída em agosto como alternativa à rua das Laranjeiras, no Rio, faz parte do conjunto de obras rodoviárias destinadas a facilitar o acesso da Zona Sul à Barra da Tijuca, onde a indústria imobiliária fez pesados investimentos, muitos dos quais sem retorno, porque a procura por apartamentos caiu bastante. O prefeito Júlio Coutinho admitiu que a obra beneficia "mais a cidade que o bairro". A demolição do casario antigo do bairro das Laranjeiras também permitirá a construção de novos espigões. Para os moradores, a obra é incômoda e desnecessária. Um investimento caríssimo. Basta dizer que apenas o viaduto sobre o viaduto já existente, que dá acesso ao túnel Santa Bárbara, custará Cr$ 120 milhões, quantia necessária para operar a estação do metrô no Largo do Machado, antiga reivindicação dos moradores de Laranjeiras. Como a Prefeitura só tem dinheiro para construir 400 dos 1.600 metros da via, a obra inacabada vai piorar o trânsito e, mesmo quando ficar pronta, não será a solução ideal: há um ano, por sugestão dos moradores, o Detran fez um estudo técnico e concluiu que, para melhorar a circulação de veículos, não era preciso gastar muito. Apenas sincronizar os sinais e melhorar algumas ruas. O movimento dos moradores contra a obra tem ainda outras razões: ela vai desalojar duas mil pessoas, destruir quatro escolas e transformar definitivamente Laranjeiras em bairro de passagem.

VISTA A CAMISA DO REPORTER!

APENAS Cr$ 300,00

Envie cheque, seu nome, endereço e o tamanho da sua camiseta (de 42 a 52), para MARGEM S.A. Editora e Gráfica.

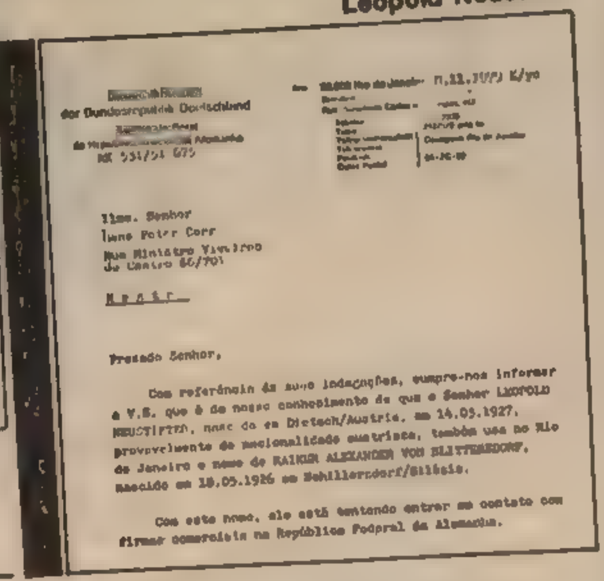
Rio: Rua Miguel Couto 134/1?? — CEP 20070 — RJ
São Paulo: Rua do Seminário 155, sala 50 — CEP 01034 — SP
Recife: Av. Conde da Boa Vista 121, sala 707 — PE

Foto Chiquito Chaves

A fachada da loja

Ele é "Alex", dono da joalheria Desirée

Consulado alemão afirma: Alex é Leopold Neustifter



der Bundesrepublik Deutschland

NK 531/51 673

Rio de Janeiro, 11.11.1979 K/ym

Ilmo. Senhor
Hans Peter Corr
Rua Ministro Viveiros de Castro 86/701

Nesta

Prezado Senhor,

Com referência às suas indagações, cumpre-nos informar a V.S. que é de nosso conhecimento de que o Senhor LEOPOLD NEUSTIFTER, nascido em Dietach/Austria, em 14.03.1927, provavelmente de nacionalidade austríaca, também usa no Rio de Janeiro o nome de RAINER ALEXANDER VON BLITTERSDORF, nascido em 18.05.1926 em Schillersdorf/Silésia.

Com este nome, ele está tentando entrar em contato com firmas comerciais na República Federal da Alemanha.

FALSÁRIO AUSTRÍACO AGE EM COPACABANA

O dono das joalherias Desirée Jóias, em Copacabana, e da boate Acapulco, no Leme, Rio de Janeiro, é o falsário austríaco Leopold Neustifter, de 54 anos, que fugiu para o Brasil em 1963 com um passaporte roubado em Salzburg (Áustria), no qual se fazia passar por Alfred Moser. Atualmente ele usa o aristocrático nome de Rainer Alexander von Blittersdorf, com que anuncia em jornais da Alemanha procurando atrair investidores de Berlim Ocidental para suas empresas no Brasil.

Um dos que caíram nesse conto do vigário foi o economista Hans Peter Corr, que está processando o falsário na 3ª Vara Cível do Tribunal de Justiça. Hans foi lesado em Cr$ 400 mil, aplicados numa nova firma de jóias que Neustifter dissera pretender fundar. Só que Hans Corr descobriu que Cr$ 400 mil não eram de maneira nenhuma capital suficiente para abrir uma firma para comercializar jóias e que o dinheiro na verdade iria parar na Desirée Jóias.

Hans Corr conseguiu descobrir a verdadeira identidade de Neustifter através de pedidos de informações encaminhados aos consulados da Áustria e da Alemanha. Os diplomatas alemães disseram que ele realmente usava o nome de Rainer von Blittersdorf e os austríacos comunicaram que o falsário está "sendo procurado pelo Tribunal de Justiça de Klagenfurt, processo nº 18 VR 2009/61, para ser detido por crime de fraude, conforme informações recebidas das autoridades austríacas competentes..."

Esse não é o único caso em que Neustifter está envolvido na Justiça. Ele é dono também da Euranex Exportação, que fica na rua Barão de Ipanema 15, grupos 201 e 202 (Copacabana), e um de seus ex-empregados o acusa de lesar direitos trabalhistas, em processo que corre na 26ª Junta de Conciliação.

No mesmo prédio funciona também a Desirée Jóias, e o síndico, Júlio Reis Rocha, está acionando o falsário na 19ª Vara Cível "porque ele usa todo o corredor do edifício com trabalhos de sua joalheria. Isso atrapalha todos os moradores".

O mesmo Júlio Reis Rocha está processando Neustifter por calúnia na 6ª Vara Criminal. O falsário o acusou, e ao lapidador de jóias Franco Evaristo Rocha, de terem assaltado a Desirée Jóias em março do ano passado, levando Cr$ 4 milhões em esmeraldas. Júlio diz que tudo não passa de vingança, pois emprestou a sala 208 ao austríaco e, quando acabou o prazo, este não queria devolvê-la. Franco Rocha também se julga perseguido, pois trabalhou um ano na Desirée sem nada receber e foi embora.

Júlio Reis Rocha, dono de uma oficina eletrônica, tem em seu poder um documento que historia a vida de Neustifter desde os 12 anos de idade. Escrito em **portunhol**, uma mistura de português com espanhol, e sem assinatura, o documento faz acusações gravíssimas contra o falsário. Diz, por exemplo, que ele fugiu da casa paterna aos 12 anos e saiu da Áustria para a Alemanha. Foi, então, colocado numa escola especial para servir aos nazistas, que então ocupavam o poder. "Aos 16 anos, Neustifter era oficial com muitos galões e condecorações." Terminada a guerra, com a derrota nazista, ele ficou preso em Salzburg, de onde conseguiu fugir.

O desconhecido autor do documento afirma, também, que em 1950 o falsário foi preso por crime de extorsão. Em 1952 ou 1953, sua esposa, Rosa Kues, com quem casara em 1947, pediu desquite devido aos maus tratos que sofria e por não querer se envolver nos crimes do marido. Ameaçada de morte por ele, mudou-se para a Suíça, levando consigo o filho do casal. Para sair da cadeia, em 1954, Neustifter teria falsificado todos seus documentos, fazendo-se passar por solteiro.

Ele se casou pela segunda vez logo depois, com uma moça de boa família de Graz (Áustria). Em 1956 voltou à cadeia, por falsificação de documentos, e nessa época sua segunda esposa descobriu que ainda era casado e pediu anulação do matrimônio. O falsário, conhecido atualmente em Copacabana por Alex, tantas fez que, em 1961, o Ministério Federal de Comércio da Áustria proibiu que ele trabalhasse em qualquer espécie de negócio ou comércio naquele país. Em novembro de 1961 ele estava mais uma vez na cadeia, acusado de chantagem. Foi solto em maio de 62.

Com vários processos para responder, procurado em diversos países da Europa, decidiu então fugir para o Brasil, onde chegou em fevereiro de 1963, acompanhado de Elfreide Kellner, conhecida como Jane. Tinha na época 35 anos. Agora, é um respeitável comerciante que, segundo alguns de seus vizinhos, reverencia um retrato de Hitler em seu apartamento na avenida Atlântica, 2536 (Copacabana), onde guarda brasões do regime nazista. Dizem que todo dia ouve de pé, com a mão erguida, em posição marcial, o hino da Alemanha nazista.

Apesar dos processos que tem contra si, no Brasil e no exterior, e de seu passado criminoso, Neustifter não parece preocupado. Afinal, costuma dizer, "tenho dinheiro e compro todo mundo".

Sílvio Paixão

UMA COLUNA DE POLÍCIA

SIRENES & CAMBURÕES

Aroldo Machado

Caso Misaque-Jatobá vai pra gaveta

Há dias, a Delegacia de Furtos de Automóveis (DFA), do Rio, prendeu uma quadrilha que **transava** com dólares falsos; a Delegacia de Roubos e Furtos (DRF) está investigando o seqüestro e o assassinato do ex-cabo do Doi-Codi, Júlio Gonçalves Marques Leitão e os seqüestros de Luís Carlos Jatobá e Misaque José Marques, a testemunha do seqüestro do cabo. E a Delegacia de Homicídios continua **na sua**, aguardando que esses crimes caiam no esquecimento para, então, juntá-los aos 6 mil que lá estão, há anos, sem solução.

Não seria o caso de a DFA prender ladrões de carros, da DRF investigar assaltos e da DH os crimes de morte? Em tudo isso há duas coisas importantes: o tóxico e o jogo-do-bicho. Segundo a própria polícia, o **Cabo Júlio** era um importante traficante de cocaína de Copacabana. Pior ainda: sua base de operações era exatamente a poucos metros do 19º Batalhão da Polícia Militar, onde o capitão Levy de Araújo Rocha era o chefe do serviço de radiopatrulha. Para acabar com o tráfico nas proximidades do quartel, o capitão Levy só encontrou um meio: chamar o ex-PM Ney Gonçalves Terra. Este, como bom soldado, seqüestrou e matou seu superior hierárquico, o cabo Júlio. Mas, para a **diligência**, Ney contou com um grupo que incluía alcagüetes da Delegacia de Furtos de Automóveis e integrantes da **Polícia Mineira**, responsável por dezenas de execuções na Baixada fluminense.

Embora parte do grupo tenha sido presa pelo delegado Rogério Mont Karp, para quem eles trabalhavam como alcagüetes, até hoje suas armas não foram encaminhadas à Delegacia de Homicídios para serem enviadas ao Instituto Carlos Éboli, juntamente com projéteis retirados de diversos cadáveres encontrados na Baixada. É que, se isso ocorrer, muitos crimes serão esclarecidos. Daí, um outro risco: os criminosos poderão **abrir o bico** e denunciar muitos policiais, que estariam envolvidos em matanças.

Enquanto os crimes da Baixada merecem um simples registro, o furto de algumas jóias da casa de veraneio do contraventor Aniz Abraão David, o **Anísio**, mobilizou um aparato policial nunca visto pelos humildes moradores de Piratininga, na Região dos Lagos. Logo depois, Misaque José Marques, que por sorte escapara de morrer com o **Cabo Júlio**, e Luís Carlos Jatobá eram seqüestrados na praia, em pleno dia e sob olhares atônitos de várias testemunhas, que hoje desejam saber quais as garantias que a polícia poderá lhes dar. É que, além do poder econômico de Anísio, os dois seqüestros foram praticados por policiais, certos de sua impunidade. Esses policiais sabem que não serão **pendurados** (colocados em pau-de-arara) para confessar os crimes.

O delegado Arnaldo Campana, encarregado do esclarecimento do caso, é o mesmo que, quando na Delegacia de Homicídios, investigou vários crimes da família do fazendeiro Júlio Avelino, de Vassouras. Na época, policiais foram apontados como pistoleiros, mas, como é esperado no caso Misaque e Jatobá, todos estão soltos. Para a polícia, a única grande diferença entre os pistoleiros que matavam para os Avelino e os que atuaram nos seqüestros de Misaque e Jatobá são os corpos: até hoje, os corpos dos dois seqüestrados, mais o de Altair dos Santos, o **Chapiscão**, suspeito de ser um dos ladrões das jóias de Anísio, não foram encontrados. Também estão desaparecidos os cadáveres do advogado André Luís Teixeira Santos e do delinqüente Waldomiro Alves de Jesus, o **Dudu**, ligados ao tráfico de cocaína.

Foto Marko Agência Tempo

ESPIÃO À BRASILEIRA

Trabalhando como espião dos órgãos de segurança, Raimundo Carneiro da Silva Araujo, o Raimundinho, é uma das testemunhas arroladas pela Polícia Federal contra o também espião (da CIA) Ronald James Walters, acusado de autoria dos atentados a bomba contra a sede da Ordem dos Advogados do Brasil — OAB — e da Câmara de Vereadores, no Rio. Raimundinho, como é chamado, revelou que "acusa Ronald de conspiração contra o presidente João Figueiredo".

Em suas horas de folga, o espião, que disse ter enviado relatório reservado ao Centro de Informações do Exército — CIE — sobre as atividades de Ronald, gosta de curtir a cachaça Velho Barreiro. Além disso, seu quarto é decorado com fotos de galãs da tevê, como Francisco Cuoco, Tarcísio Meira e outros.

Aroldo Machado, Ag. Tempo

Pra sair da cadeia, quem cumpriu pena paga 2 mil

O sistema de assistência judiciária existente nas penitenciárias nada faz em benefício dos presos, a não ser indicar advogados ou estagiários que participam de uma "panelinha" e que cobram de Cr$ 2.000,00 a Cr$ 5.000,00 para fazerem a retirada dos documentos processuais. A denúncia foi encaminhada ao REPORTER, através de uma carta, pelo ex-preso Daniel Rufino Batista.

Quando o atual diretor da Penitenciária do Estado de São Paulo, Bruno Vizotto, assumiu o posto em julho de 1980, cerca de 1.000 a 1.500 presos começaram uma greve de fome, pois não tinham acesso à cópia dos processos. O cerceamento desse direito, garantido pelo Código Penal, impedia que os presos fizessem suas próprias revisões, unificações de penas, pedidos de habeas-corpus e se utilizassem de outras faculdades da lei. De posse das cópias dos processos, os presos poderiam funcionar como seus próprios advogados, pois muitos deles, após vários anos de cadeia, se tornam craques em direito penal.

As reivindicações dos presos foram expostas ao diretor Bruno Vizotto, em reunião realizada na sala de cinema logo depois que ele assumiu. Ficou acertado, então, que em 15 dias os presos teriam uma máquina xerox à sua disposição no setor de prontuários. Passados seis meses, deveria ser realizada outra reunião, para que os presos fizessem nova avaliação da situação.

Transcorridos 15 dias, a máquina xerox realmente foi adquirida e colocada a serviço dos presos que, com as cópias dos processos, passaram a fazer as petições que julgavam cabíveis. Essa situação, porém, durou pouco e, em setembro (3 meses após a posse do novo diretor), os reclusos já estavam pensando em solicitar nova reunião com ele para dizer o que estava ocorrendo.

Nessa época, a empresária e atriz Ruth Escobar já estava realizando seu trabalho cultural junto aos presos, através da encenação de peças de teatro. Quando explodiu a rebelião na penitenciária, em dezembro de 80, o diretor Bruno Vizotto procurou culpá-la pelo que acontecera. O estopim da revolta foi uma confusão entre funcionários e alguns presos em torno de uma bola de futebol. Os funcionários recolheram a bola e impediram que os presos jogassem. O impasse se alastrou por todo o presídio e os presos se amotinaram, pois já estavam insatisfeitos com a falta de acesso aos processos, com os espancamentos freqüentes a que eram submetidos e com sua colocação arbitrária em celas fortes.

Por essas e outras, é inverídico atribuir a culpa da rebelião de Natal a Ruth Escobar, afirma Daniel Rufino. "A rebelião foi somente germinada pela própria autoridade, quando de sua promessa de normalizar a situação processual do presídio. A mim, particularmente, seria de mui grande importância prestar quaisquer esclarecimentos perante as autoridades competentes, como profundo conhecedor do direito penal brasileiro, que me tornei na cadeia."

A denúncia de Daniel sobre o prolongamento irregular das penas é confirmada por outra carta enviada por um preso de São Paulo, que afirma existirem casos de presos que, por falta de condições financeiras, já que cada documento processual é cobrado por funcionários corruptos, permanecem detidos além do prazo fixado pela lei. Um desses é Edgard Barbosa de Andrade, cuja pena já acabou há 11 meses. Ele está detido no Pavilhão 8 da Casa de Detenção de São Paulo. O número de seu prontuário é 36.283.

Levaram a lingüiça pra matar a fome

"Fome, foi por fome mesmo", diz Kátia, de 16 anos, com um nó na garganta, enquanto a irmã Vânia, de 15 anos, chora baixinho. As duas, algemadas, na frente do policial de plantão na delegacia de Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense Estado do Rio de Janeiro. O cabo da radiopatrulha 54-0692 vai tomando nota no bloco de ocorrências. Elas foram pegas em flagrante quando iam saindo de um supermercado (Casas da Banha) com três quilos de lingüiça escondidos dentro das roupas. Foram entregues pelo gerente aos soldados da radiopatrulha, que imediatamente colocaram as algemas nas duas e as levaram para a delegacia.

"Tenho oito irmãos menores, um com três meses. Minha mãe trabalha como diarista na Zona Sul e eu fico em casa cuidando dos menores. Eles já tinham acordado, chorando de fome. Não tinha pão nem nada. Quando minha mãe saiu pra trabalhar, eu combinei com a Vânia pra gente ir ao supermercado ver se roubava alguma coisa pro almoço. Não demos sorte." O policial de plantão disse que iria dispensá-las mais tarde. "Só não vou soltar agora pra não dar confiança. Isso mostra bem como tem gente por aqui passando fome. Miséria braba."

Tim Lopes

Foto Chiquito Chaves

Kátia, 16, Vânia, 15, na miséria

Foto Chiquito Chaves

Jacira, desesperada, na delegacia de Nova Iguaçu

UM ACIDENTE TERRÍVEL, DIZ DELEGADO

Mulher mata "único amor" após 22 anos de casamento

– Eu amava tanto ele. A gente se conhecia desde os 10 anos de idade. Foi o único homem da minha vida. Foi o meu único amor. Meu Deus, como foi acontecer isso comigo!

Dona Jacira dos Santos Pinheiro, 40 anos, chora desesperadamente na sala do delegado Elson Campelo, da delegacia de Nova Iguaçu, no Estado do Rio de Janeiro. Alguns policiais tentam acalmá-la dizendo que tudo não passara de um acidente. Dona Jacira não se conforma, abafa o choro no lenço. Numa briga, ela matou o marido, Valter Pinheiro, de 47 anos, com dois tiros, dentro de sua casa, na rua Valter Lemos de Azevedo, em Nova Iguaçu:

– Foi no domingo. Ele saiu pra comprar uma galinha pro almoço. Demorou um pouco e, quando chegou, estava tonto, tinha bebido. Ele às vezes bebia, eu pedia pra ele não beber. Nessas horas ele ficava nervoso, agressivo, e queria me bater. A gente brigava, ele puxava meu cabelo, eu mordia ele. Mas quando passava a bebedeira, tudo voltava ao normal. Ele tinha um revólver Castelo que eu sempre escondia. Nesse domingo ele conseguiu pegar a arma e partir pra cima de mim.

Dona Jacira se recompõe:

– Quando ele apontou o revólver pra mim, eu fui mais rápida, peguei o revólver e atirei. Quando vi que ele caiu sem vida, apontei o revólver na direção da minha cabeça, mas o vizinho não deixou que eu me matasse. Eu queria morrer, ele foi o único amor da minha vida. Passamos 22 anos juntos, sofrendo. Temos três filhos. Não sei o que vai ser da minha vida.

A mulher, logo depois da tragédia, se apresentou na delegacia. O delegado disse que dona Jacira responderá pelo crime em liberdade, até porque, "com 22 anos de casada, um dia enfrenta a pressão do macho e o que pode acontecer é imprevisível. Pra mim, foi um acidente terrível".

Tim Lopes

FALA O PRESO

PORTARIA TAMBÉM ROUBA EM S.PAULO

"Existe aqui na Casa de Detenção de São Paulo o setor de "pacotes", que funciona na portaria. Acontece que os funcionários que trabalham ali vêm, há muito tempo, extraviando gêneros alimentícios, tais como uva, pera, manga, enlatados, que não podem entrar.

Também algumas publicações não podem entrar no presídio, tais como REPORTER, **O São Paulo, Ele e Ela, Close e Hora do Povo.** *Tenho provas de que as "encarregadas do serviço de pacotes e revistas", Lídia e Áurea, levam pra suas casas esses objetos "proibidos", assim como permitem que pessoas passem com maconha aos domingos, cobrando de Cr$ 6.000,00 a Cr$ 8.000,00 por cada meio quilo que entra.*

Além disso, certas senhoras, mães de presos, passam por vexames incríveis. Para entrarem aqui aos domingos, elas são obrigadas a ficar nuas para serem revistadas, sendo humilhadas pelas recalcadas funcionárias do presídio. Neste setor existe a "caixinha" para pegar a senha de ingresso ao presídio, cuja taxa varia de Cr$ 100,00 a Cr$ 200,00.

As filas são intermináveis. A própria administração dificulta a entrada de parentes no presídio, tentando, assim, fazê-los desistir da visita. Os guardas, na portaria, "cantam" as mulheres, irmãs e filhas dos detentos. O encarregado da portaria, aqui na Casa de Detenção, é o Dimas.

Coruja, *o que fala pouco, mas observa muito (preso de São Paulo).*

'QUADRILHA DO DETRAN' ROUBA MOTO NO RIO

Eles "apreendem" motocicletas como se fossem funcionários do trânsito, com roupa e talão de multa falsificados e até um caminhão.

Reportagem
Agência Tempo

Roubar motos tornou-se um negócio altamente lucrativo no Rio de Janeiro. Embora a Delegacia de Roubos e Furtos de Automóveis não tenha estatística a respeito, calcula-se que cerca de 100 motos são surripiadas mensalmente, só na Zona Sul. As marcas preferidas são Honda e Yamaha.

Enquanto a polícia nada faz pra impedir os roubos, um grupo de quatro homens, conhecidos como "a quadrilha do Detran", opera com grande sucesso. Eles receberam essa denominação porque colocaram em prática um esquema simples e audacioso: em cima de um caminhão com as cores do Detran, usando jalecos idênticos aos de seus funcionários e munidos de um talonário de multas, eles "recolhem" as motos estacionadas nas calçadas.

Recentemente, esse grupo "apreendeu" 27 motos estacionadas nas imediações da Universidade Santa Úrsula, em Laranjeiras. O proprietário de uma Honda ainda tentou impedir que ela fosse embarcada no caminhão. Um dos ladrões entregou-lhe a "multa" destacada do talão e foi incisivo: "Sua moto está estacionada em local proibido e vai para o Detran". O estudante, temendo danos na sua moto, ainda se prontificou a ajudar no embarque.

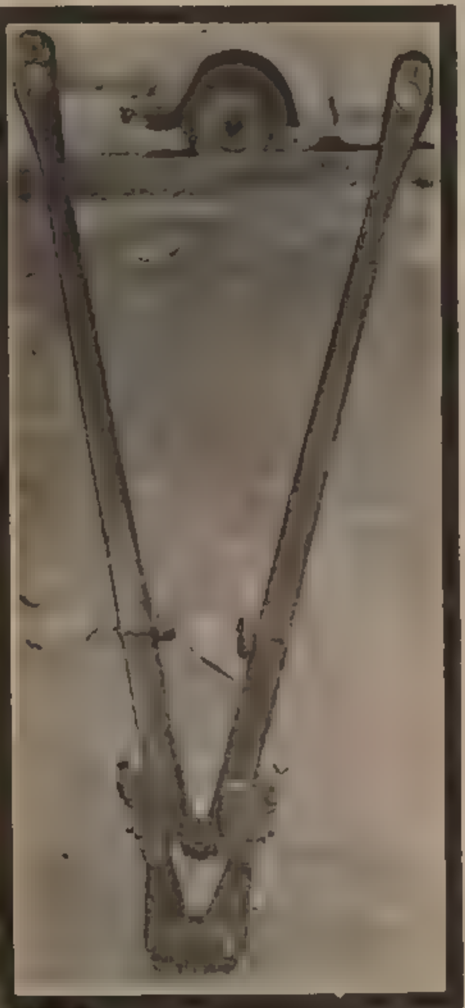
Além dessa quadrilha, outros grupos agem nas ruas cariocas. Eles usam o **tesourão** (enorme tesoura de pressão empregada na construção civil) para romper cabos de aço ou as correntes que os motoqueiros utilizam para prender suas motos. A operação dura, em média, 1 minuto. A seguir, elas são transportadas em uma Kombi e desmontadas nos esconderijos das quadrilhas. As peças acabam vendidas separadamente em oficinas e lojas especializadas.

Os locais preferidos pelas quadrilhas são ruas de pouco movimento da Zona Sul, especialmente da Urca. Os roubos acontecem quase sempre de noite. Além dessas quadrilhas organizadas há os **puxadores**, que furtam a moto pra passear, principalmente nos fins-de-semana, abandonando-a quando acaba a gasolina. Existem, ainda, motoqueiros isolados que, necessitando de uma peça para sua própria moto, roubam e depenam uma outra guardando e vendendo tudo que não utilizam. A dificuldade de obter peças para reposição é que estimulou esse comércio clandestino.

Graças aos roubos, ficou fácil encontrar material nas dezenas de lojas especializadas em motocicletas ou mesmo em pequenas oficinas de subúrbio. Como o estoque dessas lojas não é fiscalizado, elas funcionam tranqüilamente como receptadoras e dão alento ao roubo e desmonte de motos.

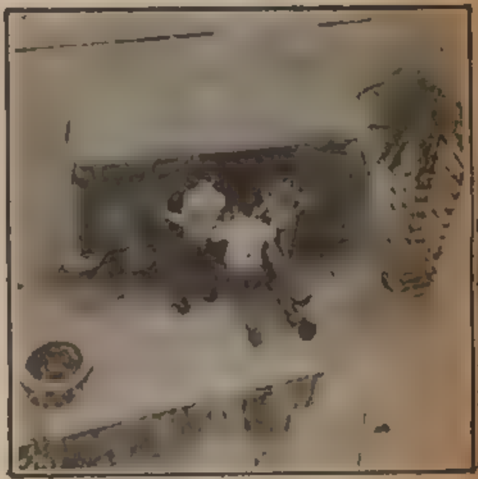
Outro golpe empregado pelos **puxadores** individuais é adquirir uma moto de 50 cilindradas. A seguir, ele rouba uma moto mais possante, da mesma marca, cujo número de cilindradas termine em 50. Na documentação, o ladrão só tem o trabalho de datilografar o primeiro algarismo correspondente ao número de cilindradas da moto roubada. Depois de colocar as placas da moto de 50cc na moto mais possante e remarcar a numeração do chassis, ele anda "legalmente".

Geralmente, essas fraudes só são descobertas quando o motoqueiro sofre um acidente e sua moto é removida para o Detran ou para a Delegacia de Roubos e Furtos de Automóveis. Por isso é que dezenas de motos, das mais variadas marcas e cilindradas, estão recolhidas no depósito do Caju, sem que ninguém apareça para buscá-las. Algumas já totalmente depenadas ou corroídas pela ferrugem, devido ao sol e à chuva, continuam aguardando pacientemente que um dia a polícia identifique seus proprietários.



A "tesoura" corta o cabo que prende a moto ao poste

O veículo, já solto...



...vai pra Kombi. Em 2 minutos

Lojas compram dos ladrões e revendem

M. A. R., de 17 anos, é um perito em desmontar motos roubadas. Ele começou com 15 anos, roubando uma bicicleta Calói 10, no Méier:

— Era só pra passear. Depois passei a vender cada uma a 5 ou 6 mil cruzeiros. Na época eu trabalhava com um amigo. A gente chegava na porta de um supermercado, colégio ou desses cursinhos. Metia o "tesourão" no cabo de aço que prendia a roda a um poste. Depois **ganhei** muitas motinhas, dessas que andam por aí sem placa. Agora só ganho moto grande, de 125cc pra cima.

Os locais mais fáceis para roubar motos são as proximidades do Maracanã, em dia de jogo, as garagens dos prédios da Lagoa Rodrigo de Freitas ("os porteiros dormem a noite toda", diz M. A. R.) e a Barra da Tijuca.

— A moto mais roubada é a Yamaha RD-350. Suas peças são caras e difíceis de serem encontradas nas lojas. Um motor RD-350 vale Cr$ 15 mil. A Honda também é muito disputada, suas peças têm boa saída. A moto mais difícil de ser roubada é a Suzuki. São poucas no Rio, é de fácil reconhecimento.

Roubar uma moto é uma "transa facílima", diz M. A. R.

— Não adianta o dono colocar corrente, cabo de aço ou outras bobagens. Basta a gente meter um **tesourão** e cortar tudo. Quando o cara está decidido a roubar uma moto, ele já vai preparado pro golpe. Leva um alicate de corte, um **tesourão**, uma chave de fenda e um capacete pra não dar **bandeira**. Depois que o cabo de aço é cortado, a gente quebra a tranca do guidom com a chave de fenda, arrebenta os fios do comando e faz uma ligação direta. Se eu estiver roubando uma moto e o dono chegar, eu corro. Agora, se eu já estiver montado nela, ele não me pega de jeito nenhum.

Depois que a moto é roubada, vai para um esconderijo onde é desmontada, explica M. A. R.

— O quadro é serrado e jogado num bueiro ou em outro lugar. A gente raspa o número do motor e vende ele inteiro. Esse número não é necessário, basta apenas ter o número perfeito do chassis. A polícia não pode fazer nada. Você diz que levou um tombo e trocou o esqueleto do motor, a parte numerada. Quanto às peças, as mais procuradas são o carburador, o cilindro e a camisa que cobre ele. A falta de peças no mercado é uma das razões do grande número de roubos de motos. Só dá motoqueiro comprando peça roubada.

O grosso do lucro dos roubos não fica, porém, com quem faz o assalto, mas sim com os compradores de peças roubadas.

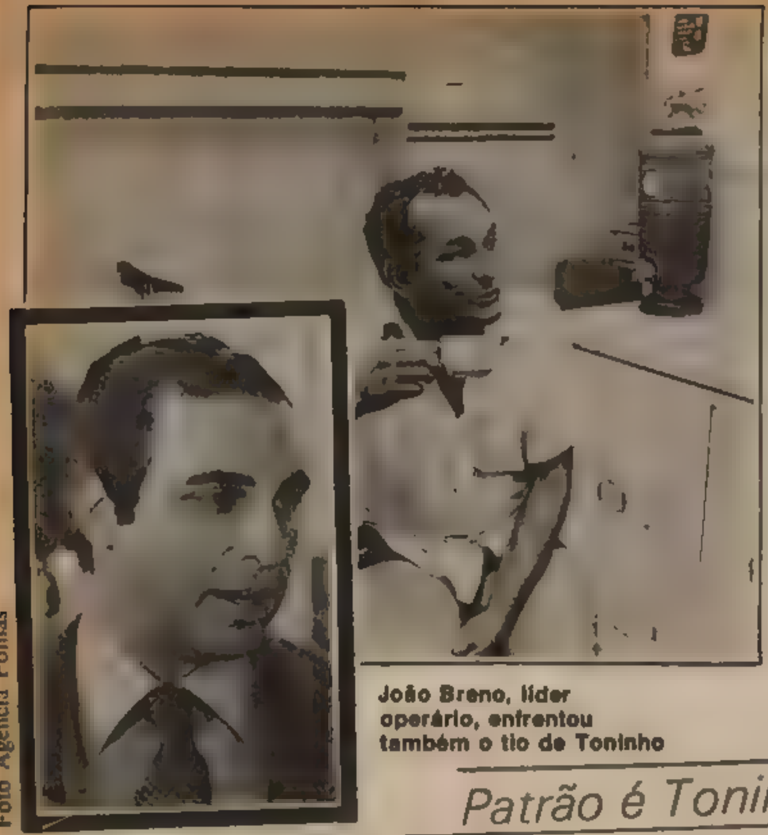
— Tem oficinas e lojas espalhadas por todo o Rio: Ipanema, Botafogo, Copacabana, Abolição, mil lugares. Uma peça roubada é vendida por 10% de seu valor. Os donos das oficinas ou lojas especializadas têm um lucro de 90%. Ganham muito nas transações.

Para M. A. R., é muito difícil impedir um roubo. Não há pega-ladrão que consiga isso.

— Há uma chance pra dificultar. Se forem unidas duas ou mais motos com várias correntes. Cortar a corrente com duas motos chama mais a atenção dos pedestres. Se você colocar uma corrente com um cadeado com quatro fendas, dificulta. A corrente deve ser colocada na roda, pegando por cima do quadro, no garfo. Mas mesmo assim ela pode dançar.

No Detran, os "quadros" das motos roubadas, abandonados

Foto Agência Folhas



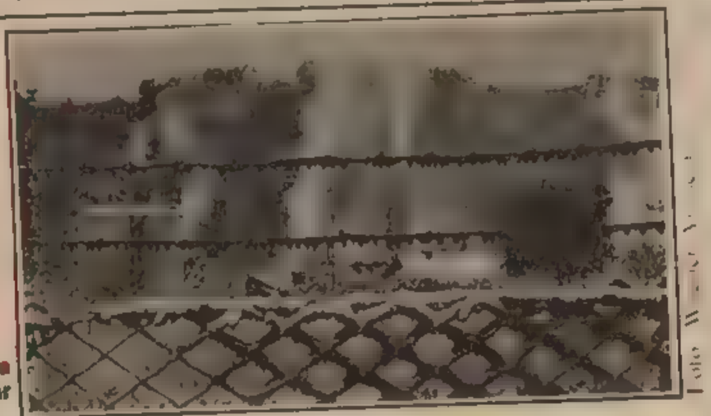
João Breno, líder operário, enfrentou também o tio de Toninho

O cartão de Natal que ele manda aos amigos

Patrão é Toninho, ex-playboy

TERROR DOS ABDALLA DE VOLTA A PERUS

Num leilão a que concorreu sozinho, o ex-playboy paulista Toninho Abdalla recuperou a fábrica de cimento localizada em Perus, antiga propriedade da família, confiscada em 1974 pelo presidente Geisel para pagar dívidas com o governo e fornecedores. Os operários – líder João Breno à frente – temem que volte a poluição e o sistema de terror da época de J. J. Abdalla, o "mau patrão", tio de Toninho.



O pó branco da poluição vai aumentar

Toninho Abdalla ficou conhecido em São Paulo pelas briguinhas com outro jovem milionário, Chiquinho Scarpa. Competiam pra ver quem era mais rico, quem podia mais. Batalhas inocentes, mas com boa dose de ódio de parte a parte. Agora, a partir de fevereiro, Toninho vai começar outra briga, mais pesada: com os operários de Perus. Dia 6 de fevereiro ele fechou negócio, ficando com a famosa fábrica de cimento onde, nos idos de 60, aconteceu a maior greve da história do país: a dos Queixadas, que durou sete anos e atravessou os governos João Goulart, Castello Branco e Costa e Silva. De 1962 a 69.

Há dois anos Toninho não é visto nas rodas grã-finas. Deixou, porém, uma imagem impagável. O gumex no cabelo, sempre de terno, sempre fazendo de tudo pra aparecer nas colunas sociais mais que Chiquinho. Antes, era o tio de Toninho, J. J. Abdalla, hoje numa cadeira de rodas, inválido. Este ficou conhecido como "mau patrão", nome que ganhou do jornal O Estado de S. Paulo. Tantas Abdalla fez contra seus empregados e o governo que, em 1974, Geisel não agüentou mais: confiscou parte de seus bens, inclusive a fábrica de cimento, para recuperar impostos federais que o industrial sonegava. Os interventores prometeram fazer mais coisas além disso pagar salários atrasados e diminuir a poluição produzida pelo pó de cimento, uma poluição histórica. Talvez a poluição que deu início ao movimento ecológico no Brasil, tão escandalosa era. Mas, em vez de atacá-la com filtros, os interventores federais apenas desligaram três dos quatro fornos, quase acabando com a fábrica. A produção baixou de 500 mil para 80 mil sacas por mês.

Os interventores, então – comenta-se em Perus – esperaram até recuperar os impostos que Abdalla devia e este ano fizeram o leilão. Para os empregados, que hoje não passam de 300 (sem contar os da mina de calcário em Cajamar, ao lado de Perus), o futuro com o jovem Abdalla é ameaçador. João Breno, sobrevivente da greve dos Queixadas, líder dos operários, acha que, logo de cara, o novo dono vai ligar todos os fornos, enchendo de pó branco os telhados e os pulmões dos moradores de Perus. É possível: depois de concorrer sozinho ao leilão para comprar a Perus (pagando Cr$ 790 milhões), porque as outras empresas de cimento achavam que ela não valia nada, Toninho Abdalla recusou oferta do grupo Votorantin, de quase Cr$ 750 milhões além do que tinha pago. E pediu empréstimo ao BNDE para transformar a Perus na maior fábrica de cimento da América Latina, com 6 mil toneladas por dia de produção.

Os operários temem ainda que muitos sejam demitidos, numa operação-limpeza do novo rei de Perus. Não é por acaso que os velhos jagunços – triste memória dos anos 60 – já estão sendo vistos de retorno a seus velhos postos, em Cajamar.

– Os Abdalla nunca tiveram sutileza pra bater nos operários – diz João Breno – como as multinacionais, por exemplo. Estas batem com luva de pelica: os Abdalla dão chicotadas.

Acomodado em sua cozinha, que construiu sozinho e de onde já saiu preso sob a mira de fuzis, João Breno não tem ilusões.

Mas o pessoal de Perus é de ferro. Nos anos 60, é bom lembrar, durante greve de fome em frente ao palácio do governo estadual (então Campos Elíseos), João Breno apanhou sem se mover. Apanhou tanto que sua perna foi fraturada, e até hoje ele manca. Não é mole. Está na fábrica desde 1954, firmão. Por 19 vezes foi suspenso, três vezes demitido. Mas sempre voltou. E hoje é internacional. Ficou amigo do Prêmio Nobel da Paz de 1980, o argentino Adolfo Perez, a quem, aliás, hospedou, na casinha de Perus, no dia 25 de fevereiro.

Hélio Belik

Fadiga causa impotência em 58 mil metalúrgicos

Em São Paulo, médico cria 10 mandamentos pra recuperar a saúde sexual do trabalhador

Todos os dias o médico Davi Lerer é procurado na sede do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo por trabalhadores com problemas de impotência.

— Uma pesquisa da Faculdade de Higiene e Saúde Pública — diz ele — mostrou, por amostragem, que 58 mil metalúrgicos da nossa cidade têm esse problema. Esse número vem aumentando agora, com o fantasma da recessão que se aproxima.

As causas, na maioria das vezes, originam-se do excesso de trabalho:

— Apenas 10% dos casos de impotência têm causas orgânicas, como fimose acentuada, micropênis, tumefações escrotais, inflamações nos testículos. A má alimentação também pode causar impotência. Mas 90% dos casos por mim constatados têm origem psicossomática, ou seja, a partir do cérebro afetam diretamente os órgãos genitais; são os casos da síndrome da estafa ou fadiga crônica.

Tão grave quanto a impotência é o problema da audição. O barulho nas metalúrgicas brasileiras é ensurdecedor, muito acima dos níveis verificados em fábricas européias que Davi Lerer conheceu durante o exílio de 11 anos.

— A Cetesb (órgão do governo estadual que controla a poluição do ar, da água e do barulho) fecha os olhos diante dessa situação, fazendo uma ou outra autuação pra inglês ver. Quem perde com isso é o trabalhador, pois o barulho da prensa vai deixando ele surdo e impotente.

Lerer elaborou um decálogo — "dez mandamentos contra a impotência" — para orientar o trabalhador:

1. Não pensar que a doença é irreversível, pois o problema pode não ser grave e a potência voltar naturalmente.

2. Não tomar hormônios, pois estes, ao contrário de ajudar, podem atrofiar as células reprodutoras.

3. Não mudar de parceira, pois experiências comprovaram que isso não resolve.

4. Não determinar tempo para a cura.

5. Evitar o excesso de álcool e fumo.

6. Não usar drogas.

7. Não forçar uma situação. Caso não consiga ter relações no momento desejado, não dê ordens a seu pênis. Espere condições propícias para a ereção e o orgasmo, que poderão, por exemplo, dar-se num fim-de-semana tranqüilo, quando você estiver descansando.

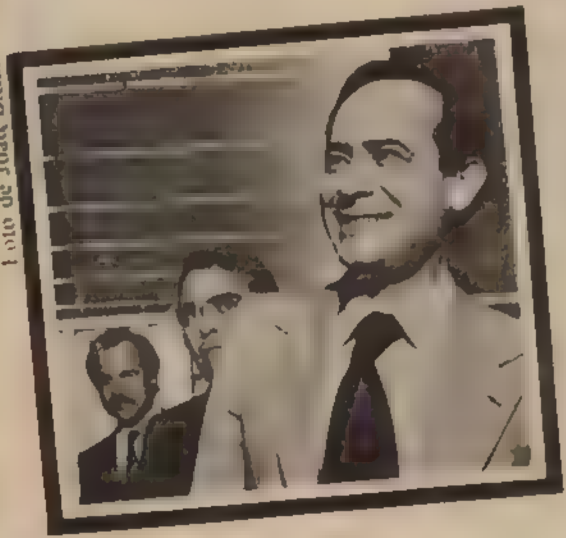
8. Coma bife de fígado, alimentos ricos em proteínas como ovos, frutas.

9. Não crie tensões desnecessárias no lar. Tente manter um ambiente calmo em casa, para contrabalançar a agressividade do mundo exterior.

10. Não se limite ao clássico "papai e mamãe". Tenha imaginação!

Antonio Pavone

Foto de João Bittar



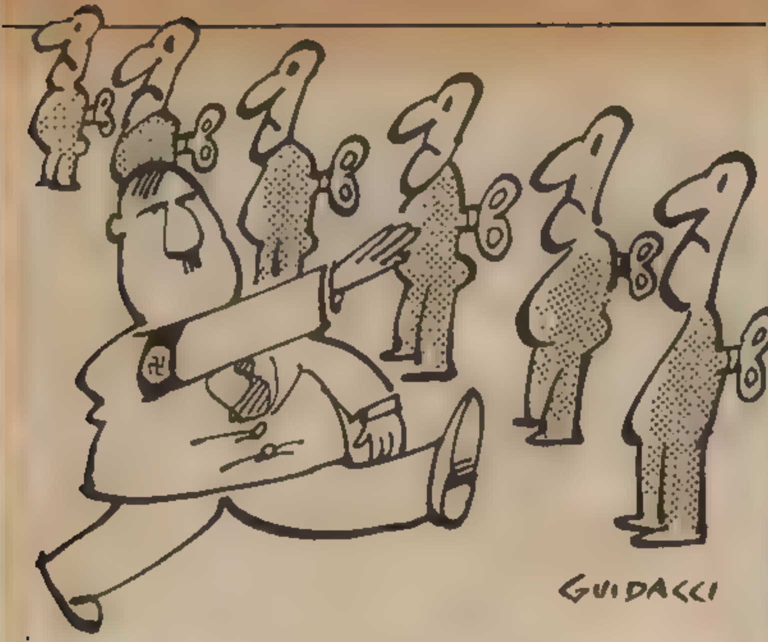
Lerer diz que a doença não é irreversível

Hora extra é lei na Ford e na Mercedes

A Ford e a Mercedes-Benz obrigam determinadas seções a fazerem hora extra, mesmo contra a vontade dos trabalhadores. É exatamente isto que está ocorrendo no setor 8.340 da Ford de São Bernardo do Campo, onde o feitor Correia e o líder Décio obrigam os metalúrgicos a fazerem serão. Esses mesmos dois chefetes, por outro lado, criam as maiores dificuldades quando um trabalhador tem necessidade de procurar o médico.

Na Mercedes vem ocorrendo o mesmo problema. O metalúrgico José Dácio foi demitido por se negar a fazer horas extras. Na seção onde José Dácio trabalhava, os trabalhadores são obrigados a serem de circo, pois o setor fica todo tomado de eixos de caminhões e, para andar lá dentro, é necessário ficar pulando o tempo inteiro, arriscando-se a um acidente de trabalho.

Sílvio de Souza



Brastemp faz festa à moda de Hitler

A Brastemp, indústria metalúrgica de São Bernardo do Campo, conhecida por todos por fabricar geladeiras e máquinas de lavar roupas, localizada a menos de 100 metros da sede do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo, atualmente sob intervenção, realizou durante o mês de janeiro uma demonstração muito comum na Alemanha nazista de Hitler.

Num domingo, às 22 horas, depois da jornada de trabalho, os operários receberam ordem de limpar os setores onde trabalham e, além disso, foram orientados para voltar no dia seguinte com a barba e o cabelo cortados e de uniforme limpo.

Logo de manhã, os supervisores da indústria colocaram os operários em filas indianas e avisaram que deveriam bater palmas após um sinal de um dos chefes. De repente chegou o diretor-presidente da Brastemp, que passou "revista nas tropas" e recebeu a combinada salva de palmas.

Era a festa "singela" que os "trabalhadores prepararam" para comemorar os 30 anos de trabalho do "seu" presidente da Brastemp.

Mas, se o presidente da Brastemp vibrou com a demonstração que fazia Hitler arrepiar, faz olhos grossos para uma série de problemas que afetam os metalúrgicos da empresa: falta de condições no setor de usinagem, que chega a temperaturas insuportáveis devido ao teto, que é extremamente baixo; no galpão em frente à manutenção, os operários trabalham recebendo calor no peito e chuva nas costas, e nos vestiários os metalúrgicos se trocam com revezamento, porque não cabem todos lá dentro.

Silvio de Souza

Proibiram índio xocó de andar na terra dele

Os índios xocó — apenas 150 pessoas vivendo na ilha de São Pedro, em Sergipe — foram proibidos recentemente de atravessar suas próprias terras, onde se instalou uma fazenda da família Brito. Com isso, ficou difícil o acesso às povoações onde vendem seus produtos — panelas e fogareiros de barro. Agora, para fazer seu pequeno comércio, única fonte de renda com que contam, têm que cruzar o rio São Francisco de barco. Desesperados, os xocós estão mandando cartas aos jornais pedindo o fim da proibição.

Sem a renda conseguida com as vendas de fogareiros e panelas, os xocós não terão como adquirir uma série de produtos importantes para sua sobrevivência, como o sal. Além do comércio, eles se dedicam à agricultura e plantam algodão, milho, feijão, macaxeira, abóbora e melancia.

A carta denunciando a família Brito é de 2 de fevereiro e está assinada pelo índio Acacio Santiago Sobrinho, membro do Conselho da tribo.

"Nós xocó tivemos a infelicidade de encontrar esta família Brito que fez da gente escravo por muito tempo, cachorro de taleira. Agora mesmo como todo Brasil já sabe que nós ganhamos a questão da ilha de São Pedro, pois foi filmado pela televisão por todo país até pelo estrangeiro veio a televisão da França filmar nessa questão, graças a Deus estamos mais ou menos, mas os Brito acharam que nós como brazileiro igual a eles e outro qualquer não tem direito de pizar no nosso solo onde pertence a nós filho da terra mesmo.

"Quando a precizão é nós que vamos derramar nosso sangue pela nossa pátria, nós e ninguém de fora, e porque agora esta família tranca estradas que a partir de nossos pais e avós nós conhece elas, ninguém tem o direito pizar nem perto pois existe gente paga por esta família para não deixar nenhum xocó andar por ela pois se travessar a estrada será fuzilado na hora, mas nós com isto não vamos tentar, pois existe a autoridade para resolver estes problemas dificel, então nos fomos ao Juiz de direito, nada foi rezolvido, fomos ao Prefeito, nada foi rezolvido, então nós queremos dizer ao público que ainda existe em nosso país brazileiro terra que o próprio brazileiro não tem o direito de pizar, esta terra é o sítio Caiçara, município de Porto da Folha, Sergipe..."

Entidades médicas denunciam:

CLÍNICA DO INAMPS TORTURA OS DOENTES

Pacientes são reunidos no pátio e, à distância, recebem jatos d'água de uma mangueira, ao mesmo tempo em que são escovados como animais. Esta é apenas uma das muitas violências cometidas na clínica Serraverde para doentes mentais, que fica na Grande Belo Horizonte e tem convênio com o Inamps. Quem faz a denuncia é Teresinha Francisca Moreira, 37 anos, que trabalhou lá de 1977 a 1980.

O hospital tem 700 pacientes, em sua maioria alcoólatras, e uma comissão do Inamps o visitou em janeiro. Formada pelos médicos Márcio Sampaio, Paulo Saraiva, Raquel de Oliveira Vignani, Lenir Pinto de Miranda e Márcio Augusto Reis, nada de irregular constatou, embora as condições higiênicas sejam precárias e os pacientes, frequentemente espancados. Segundo Teresinha Francisca, os doentes levam socos e pontapés e são submetidos à lobotomia, condenada na maioria dos hospitais:

— A lobotomia leva os pacientes à apatia total e à demência

O dia-a-dia na Serraverde é insuportável, diz Teresinha:

— Na unidade 3 há cerca de 100 homens. Vivem nus em três amplos salões ou em cubículos, numa promiscuidade completa, sem sanitários, às vezes defecando e urinando no próprio dormitório.

Hora de comer, diz ela, é também hora de apanhar:

— Quando formam fila para a refeição, os pacientes podem ser espancados pelos "guarda-pátio", sob alegação de que estão organizando a fila. Presenciei vários casos de fratura daí originados.

As mulheres recebem o mesmo tipo de tratamento na Unidade 5:

— São 70 mulheres. As unidades 5 e 3 são unidades de castigo. Para lá são mandados os doentes que a direção considera mal comportados

Nas demais unidades o tratamento não é muito melhor, a começar pela falta de médicos

— Há momentos em que o hospital fica inteiramente sem médicos, entregue a uns poucos estudantes de medicina

A orientação dos tratamentos é caótica, diz Teresinha:

— Auxiliares de enfermagem, com curso primário no máximo, aplicam medicamentos e sedativos sem qualquer interferência ou instrução do psiquiatra

Outra acusação grave da ex-funcionária:

— A direção do hospital dá alta aos pacientes que não são de seu agrado ou são inconvenientes, independente de seu estado de saúde

Apesar disso tudo e das fotos tiradas por um fotógrafo amador, que confirma algumas das acusações, a comissão do Inamps afirmou em seu relatório que

"Não foram observadas, durante a visita à clínica, as irregularidades apontadas. Os internos com os quais tivemos contato se apresentaram em boas condições, não se confirmando, portanto, a alegação da existência de péssimas condições de cuidados aos pacientes."

E mais:

"Durante a visita, os pacientes se apresentavam bem vestidos. Também durante a visita não foram observadas falhas comprometedoras da higiene e cuidados dos internos. Não houve, durante nossa permanência, a prática de banho coletivo nos pacientes. Por outro lado, foi verificada a existência de chuveiros em todas as unidades em numero suficiente."

O estranho é que a comissão do Inamps não deixou que os repórteres entrassem junto com ela para vistoriar a clínica. Os representantes de entidades médicas — Célio de Castro e Antônio Soares Simone — também foram barrados. Essas entidades médicas, nada menos que sete, elaboraram dias depois um relatório contestando a auditoria do Inamps na Serraverde, que desobedeceu a regras impostas pelo próprio órgão. Uma delas exige que a avaliação do desempenho hospitalar seja feita "através de diálogos mantidos pelos membros da comissão com os pacientes internados ou pessoas das famílias dos pacientes, para indagar da qualidade e maneira de atendimento, totalizando sempre vinte entrevistas." Como a comissão passou apenas algumas horas na Serraverde, é difícil acreditar que tal número de entrevistas tenha sido realizado

O relatório das entidades médicas conclui, então:

"A Superintendência Regional do Inamps não teve a preocupação real de fazer uma auditoria na clínica, mas preocupou-se apenas em rebater superficialmente as denúncias, tentando melhorar o nome da clínica junto ao publico."

Uma das pistas para explicar a displicência do Inamps está no fato de que um dos sócios da Serraverde, o médico Mário Ibrahim, já foi superintendente do órgão. Aliás, ele ocupava esse cargo quando a clínica foi fundada.

Norma Abreu

PARTO NO TÁXI

Hospitais superlotados levam motoristas paulistas a fazer curso especial e levar tesouras no porta-luvas para atender as mulheres

Nos vinte primeiros dias de fevereiro deste ano, pelo menos 60 mulheres deram à luz em táxis e em viaturas da PM, em São Paulo. Esses casos são tão comuns que um motorista de táxi só recebe cadastramento da Prefeitura depois de passar por um curso de primeiros socorros para parturientes. Lá eles aprendem como fazer partos e dar socorro às mulheres que não agüentam chegar até a maternidade e têm seus filhos no carro mesmo.

No ponto de táxi da Praça da República, no centro de São Paulo, quase todos os motoristas já fizeram um parto e têm histórias para contar. Francisco Dias, 25 anos na praça, observa:

— Isso só acontece porque a gente pega uma mulher num bairro distante, roda com ela por vários hospitais que nunca têm vagas e no fim ela acaba tendo o filho no próprio carro.

Estudos recentes da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo mostram que os 3.500 leitos-maternidade da capital paulista são insuficientes para atender à população feminina da cidade. Por isso, o atendimento nos hospitais é precário e, em alguns deles, como a Casa Maternal Leonor Mendes de Barros, no Brás, os leitos chegam a ser ocupados por duas mulheres ao mesmo tempo.

Antônio Teófilo, motorista de praça há 16 anos, diz que já está acostumado a fazer partos em seu táxi. Ele carrega sempre duas tesouras no porta-luvas para alguma eventualidade.

— Depois que faço o parto sempre levo a mulher pro hospital porque a gente nunca sabe o que pode acontecer. O carro sempre tem alguma sujeira, e tanto a mãe como a criança podem pegar alguma infecção. Mas às vezes meu táxi é mais limpo que algumas maternidades que existem por aí. Já vi mulher tendo filho em corredor imundo, sem nenhuma assistência.

Antônio Teófilo diz também que essa falta de higiene, conjugada com a irresponsabilidade de alguns médicos, levam muitas crianças a morrerem antes mesmo de nascerem:

— Lembro de uma mulher que pegou o táxi quase na hora de ter o filho. Mas não foi atendida porque o médico disse que ainda faltava muito tempo para a criança nascer. Na volta para casa começou o trabalho de parto, mas a mulher não tinha forças para expulsar a criança. Fomos para o Hospital das Clínicas e, quando chegamos lá ela estava com a criança pela metade no meio das pernas, já morta e embrulhada num saco plástico.

Para **Feio**, motorista de táxi há três anos, os partos em táxis e viaturas da PM ocorrem principalmente porque falta assistência médica à mulher durante a gravidez:

— Hoje em dia a situação piorou ainda mais. Está difícil até nascer em táxi porque ninguém mais tem dinheiro para ir pro hospital em carro de aluguel. As mulheres vão de ônibus mesmo.

Quanto à Polícia Militar, recebe todo dia inúmeros telefonemas pedindo auxílio para mulheres que estão para dar à luz. Os mais freqüentes são no meio da noite e vêm de bairros da periferia, onde é difícil achar táxi e onde não há hospitais nas imediações. Segundo os motoristas de táxi, de cada 10 patrulheiros, um já fez parto.

No registro de ocorrências da PM, é raro o dia em que não aparece pelo menos um caso de parto nos camburões do Tático Móvel. Os patrulheiros estão bem treinados para enfrentar essa situação e nunca têm problemas quando levam a paciente para o hospital, pois os prontos-socorros atendem na hora as mulheres que são levadas pela polícia.

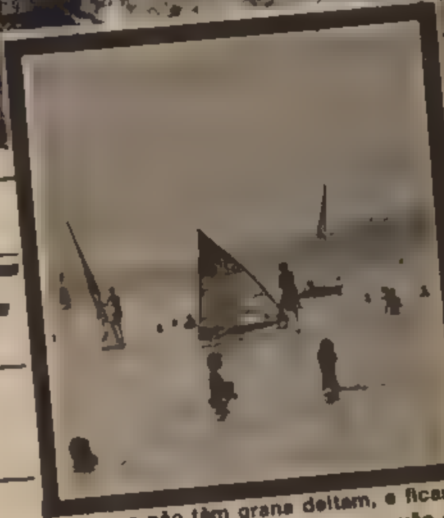
Márcia Baldijão, da Faculdade de Saúde Publica da USP, diz que um dos problemas mais sérios de São Paulo é que todos os grandes hospitais que têm convênio com o Inamps estão na região central da cidade:

— Existem locais como Capela do Socorro, Santo Amaro e Parelheiros, que não contam com nenhum hospital geral. Por isso, é comum o parto antes da mulher chegar ao hospital.

Márcia diz também que há sempre leitos disponíveis em São Paulo, só que nos hospitais particulares, e a esses as mulheres pobres não têm acesso:

— Elas vão para as casas maternais gratuitas. Lá se amontoam em leitos, sem assistência e na maior sujeira.

Teresa Moreira



Os que não têm grana deitam, e ficam, radinho na barriga. Os ricos vão de "windsurf" na água barrenta

Fotos Wagner Avancini

São Paulo vai à praia:

WINDSURF NA LAMA

Represa do Guarapiranga, o maior depósito de esgotos da cidade, é usada como praia por mais de 20 mil paulistas nos dias de sol. Banho, pedalinhos, barcos e até windsurf são as distrações dos freqüentadores, que não se importam com a água cor de chocolate.

Trinta e um graus, céu azul, anuncia o locutor da rádio em FM. As moças passam bronzeador nos corpos, há muito **windsurf** na água misturado aos pedalinhos, barco a remo e lancha. De vez em quando passa um hidroavião. Alguns cachorros tomam banho na água barrenta, cor de chocolate. Em vez de areia branca e fina, há matinho. E, no lugar dos castelos feitos pelas crianças, há buracos com lama.

Paulista de todo o canto da cidade vai, nos fins-de-semana, para a represa do Guarapiranga, na Zona Sul da cidade, pelos lados de Santo Amaro. Em dia de sol chega a ter 20 mil pessoas, de acordo com os cálculos dos bombeiros, que patrulham a área com lancha a motor. Eles se julgam os responsáveis pela diminuição do número de mortos em afogamento nessas águas. Antes morria muita gente. Bebiam muito e comiam às pressas a farofa trazida de casa. De tanto chamar a atenção das pessoas, os bombeiros dizem que o número de mortos diminuiu em suas estatísticas:

– A gente manda o pessoal entrar na água só até a altura do tórax, porque mais do que isso é afogamento na certa.

O movimento na "praia" dos paulistas começa cedo. A partir das 6h 30m já tem gente entrando na água doce do Guarapiranga, a mesma água que, tratada, é oferecida à população da Zona Sul da cidade. Muita gente joga cacos de vidro, e isso chega a ser um problema para os bombeiros. Os garotos se cortam e é preciso socorrê-los depressa.

Castelo, Praia do Sol, Riviera, Praia do Eucalipto, Parque Municipal, esses são os nomes das "praias" do Guarapiranga. Devido ao aumento da gasolina, tem crescido a freqüência nesses lugares. Os comerciantes – que cobram, aliás, preços de cidade praiana – calculam que o aumento da freqüência foi de 200% ou até 300%.

– Com três litros de gasolina você pode vir aqui, vindo do centro da cidade, por exemplo, enquanto que para descer até Santos você gasta no mínimo vinte litros

No meio da represa pode ser visto tanto um pedalinho – trinta minutos de passeio a Cr$ 100,00 o casal – como um hidroavião (quinze minutos de vôo a Cr$ 850,00). Contrastes. Os mais abonados, por exemplo, não entram na água. Param seus carros no estacionamento das churrascarias, sentam nas mesas com guarda-sol, tomam um chope com algum fruto do mar e vão embora.

Ricos também costumam cobiçar um título do Clube de Campo São Paulo, ultrafechado, que fica na Praia do Sol. Só entra gente com nome tradicional: Filizzola, Maluf, Matarazzo, etc. Gente com o chamado "sangue azul", de estirpe, nobres. O animador de televisão Sílvio Santos quis entrar para esse clube. "Se Maluf entrou, eu também entro", confidenciou para um amigo. Só que foi barrado. Ele é o chamado "novo rico". Não tem tradição. Por vingança ou coincidência, Sílvio Santos comprou uma mansão que dá direto para as águas daquela represa, no lado oposto do clube grã-fino que não o aceitou. E é visto de vez em quando no hidroavião, saindo de casa.

Mansões finas é que não faltam ao longo dos 33 quilômetros de área da represa, dos quais apenas 6 mil metros são freqüentados. Isso porque a Light, sua proprietária, permitiu que clubes e mansões fechassem a passagem para a água com arame farpado. A legislação diz que a menos de 50 metros da área com relação ao nível da água não se pode cercar nada. Mas o que é que vale a legislação para os ricos? Um bombeiro testemunha:

– Já vi mansões tão lindas que pensei que elas só existissem nos filmes ou nos cartões-postais da Suíça.

Longe das mansões estilo suíço, o que se vê, à beira d'água, são moças estendidas sobre uma toalha velha, fina, barata. Crianças costumam entrar na água com bóia de borracha, e os rapazes brincam de modo violento pegando um no pulso do outro e virando cambalhota a dois. Muitos trazem comida de casa, repartem entre os familiares e fazem o banquete ali mesmo. Dizem que muita gente exagera na comida, bebe o dia inteiro, e é comum haver discussão por questões triviais. Mas eles mesmos dizem que isso não tem importância, já que ali só dá trabalhador. Malandro, só de noite, quando tudo fica escuro.

– Aqui a gente tem que começar cedo, porque chega três, quatro horas da tarde, começa a chover. São Paulo é assim mesmo. Dá um calor brabo, mas chega a tardinha o tempo vira. É um mundo louco – afirma um velho freqüentador da represa, que ele insiste em chamar, por questão de hábito, de "praia". A praia dos paulistas.

Rivaldo Chinem

Está pronto o primeiro filme no qual os atores transam em cena

Cinema brasileiro já faz sexo total

Já está pronto o primeiro filme nacional em que os atores fazem diante das câmeras o ato sexual completo. Chama-se **A Paixão de Maria Madalena** e o diretor é Ody Fraga, que tem 20 anos de cinema na Boca de São Paulo — como é conhecida a rua Triunfo, onde são realizados 90% dos filmes paulistas.

Maria Madalena é uma esposa de classe média que mora em São Paulo (capital). Um dia, encontra o marido com uma prostituta em seu próprio quarto e vê tudo o que eles fazem. Não fica aborrecida por causa da traição, mas quer que o marido faça com ela o que fez com a prostituta. Ele não concorda e o casal se separa.

Maria Madalena vai viver numa cidade do interior. Conhece um adolescente, Edu. Apaixonam-se. O garoto tem uma namorada e Maria Madalena torna-se sua rival "usando todos os recursos de mulher adulta", diz a sinopse do filme. A namorada, Glorinha, "compete com a mesma arma de Maria: o sexo. Nessa luta, porém, Maria possui outra arma poderosa, o dinheiro". Acaba comprando Edu e vencendo a batalha

Ody Fraga não encontrou problemas para filmar:

— O astro do meu filme é muito jovem, sem bloqueios, uma beleza. Fez sexo sem culpa e sem deboche. A equipe técnica também foi ótima, todos trabalhando com o mesmo respeito que teriam se estivessem filmando a vida de Cristo.

Para Ody, sexo sempre foi um sucesso no cinema. Tanto, diz ele, que um dos primeiros filmes do cinema mundial era **A Banheira** e mostrava uma mulher tomando banho:

— Acontece que a sociedade é hipócrita e o cinema tinha que disfarçar. Cecil B. de Mille, por exemplo, sabia muito bem como fazer isso: pra satisfazer a hipocrisia social inventou a Bíblia erótica, com aqueles filmes de Sansão e Dalila. Hoje, felizmente, somos menos mentirosos.

— Quem sustenta o cinema nacional somos nós aqui, da Boca. Se o cinema nacional dependesse da **Idade da Terra** (de Glauber Rocha) e outros filmes ditos intelectuais, estava perdido. Sexo é que lota cinema e permite a realização dos **Bye Bye Brasil** da vida. Hoje, qualquer um sabe que se não fosse a pornochanchada o cinema brasileiro tinha fechado as portas.

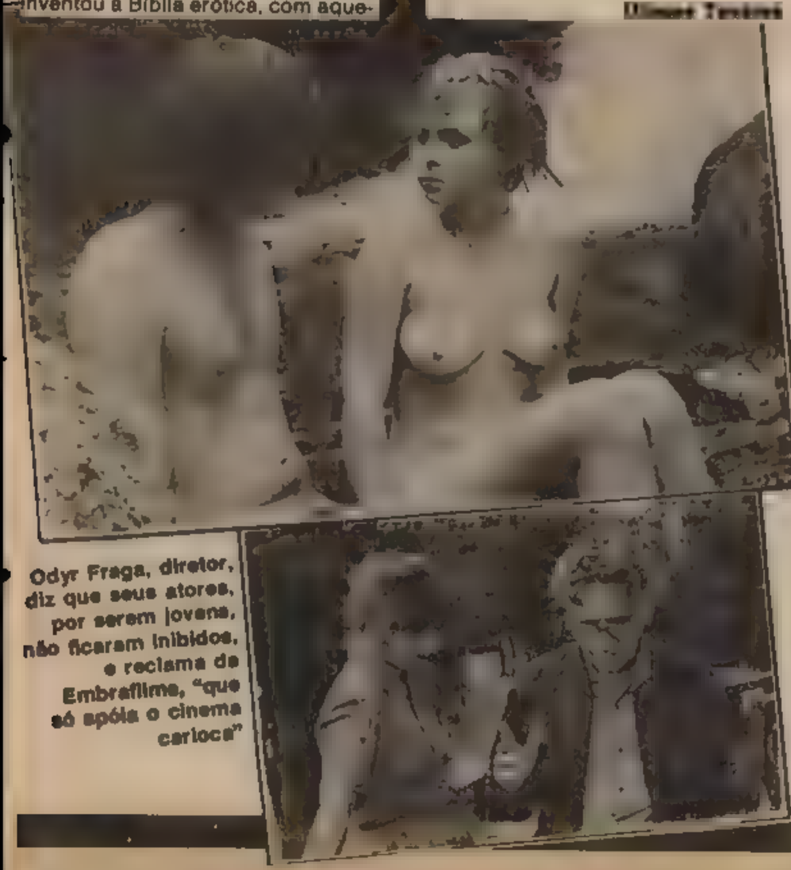
Para comprovar a preferência da Embrafilme pelo cinema carioca, Ody diz que em 1980 foram feitos 60 filmes em São Paulo, dos quais apenas 9 conseguiram financiamento da empresa oficial. Já o Rio realizou 36 filmes, sendo que 20 conseguiram grana da Embrafilme

Além de sustentarem o cinema brasileiro, Ody Fraga acha que as pornochanchadas democratizam o sexo, colocando-o ao alcance do povo:

— Pessoas ricas têm acesso a todo tipo de filmes pornográficos Alguns chegam a produzir seu próprio material. Advogados, médicos, engenheiros, intelectuais e tecnocratas têm franco acesso a essa modalidade de lazer. O povo, não. É injusto, é fascista. Por isso fizemos **A Paixão de Maria Madalena**, para colocar ao alcance do povo, ao preço de um ingresso de cinema, o que é privilégio dos que possuem poder econômico. Sexo também é cultura.

Para que o público possa ver **Maria Madalena** falta, porém, vencer uma barreira: o atestado liberatório da Censura Federal. Caso o filme receba sinal verde, outros deverão surgir, com os atores fazendo sexo pra valer em cena. Mas aí haverá um outro problema: muitos atores não topam essa jogada, dizem diretores de filmes pornográficos, pois brocham em cena.

[illegible]



Odyr Fraga, diretor, diz que seus atores, por serem jovens, não ficaram inibidos, e reclama da Embrafilme, "que só apóia o cinema carioca"

Foto Custódio Coimbra

Sarro vale, mas ele quer a virgem e ela quer casar sem ter dado

Virgindade ainda é tabu no subúrbio

- **"Adoro levar nas coxinhas, mas não dou nem morta"**, Diana, 20 anos
- **"Nós temos medo da violência, tanto a dos rapazes como a dos nossos pais"**, Sheila, 15 anos
- **"Acho o casamento furado, mas vou me casar pela tradição"**, Maristela, 18 anos
- **"A gente tem sempre uma garota certinha e outras de bagunça"**, Nilton, 16 anos

Essas frases são uma amostra do que anda pensando boa parte dos jovens dos subúrbios do Rio sobre sexo, virgindade e casamento. Herdeiros da visão conservadora de seus pais, eles se debatem entre os preconceitos e tabus impostos sem discussão e os novos padrões de comportamento transmitidos pelo cinema, pela televisão e por outros meios de comunicação.

Maristela e suas primas Sandra, Maria José e Rose falam sobre o casamento à saída do cinema Madureira II.

— Eu não penso em casamento, só quero estudar — diz Maristela, reprovada no vestibular. — Acho o casamento **furado**.

— Eu não acho — diz Maria José, mostrando a aliança de noiva (ela vai casar este ano).

— A verdade é que nós todas vamos acabar nos casando — confessa Maristela, apoiada pelas primas.

Elas acham que devem permanecer virgens até o casamento, como manda o figurino familiar, para não dar "desgosto aos pais".

Algumas moças do subúrbio dizem que não dão a menor bola para a tradição, mas acabam respeitando-a por medo. É o caso de Diana (da Penha), morena bonita e sensual. Ela diz que no portão de sua casa, à noite, faz de tudo — e adora.

— Vou à lua — diz, excitadíssima, descrevendo seus namoros Ela não quer se casar ("Não vou trocar uma prisão por outra") e diz que detesta crianças. Mas, apesar de tirar grandes sarros, se reprime e continua virgem. Não por respeito à tradição, mas por medo:

— Meu pai é uma fera. Ele pegou minha irmã transando com o namorado na escada e fez um escândalo, quase mata os dois. Em poucos meses eles foram obrigados a casar.

Diana já chegou, inclusive, a ir até a porta de um motel, mas fugiu correndo:

— Deixei o cara dentro do carro, de boca aberta, atravessei a rua e tomei um ônibus que ia passando. Faço qualquer coisa nas coxinhas, na bundinha, mas dar não dou. Nem morta.

As colegas de Diana — Renata e Sheila — ouvem suas aventuras sexuais e não param de rir. Quando o assunto é com elas, pouco falam. Só Sheila arrisca uma opinião:

— Nós temos medo é da violência. Os rapazes só andam em bandos, perseguindo a gente. Se a gente sai de noite, corre o perigo de ser violentada. E tem também a violência de nossos pais: se eles souberem que saímos da linha, podem nos bater e tirar toda nossa liberdade, que é pouca.

Embora considerem o casamento a única opção para o futuro, não têm dele uma visão romântica:

— Ultimamente, a coisa mais difícil é um casamento dar certo. Geralmente termina antes de dois anos — diz Leila, que está noiva.

Mesmo assim ela acha que a mulher só deve ir pra cama com um homem depois de casada com ele, "mesmo que seja para descasar logo depois".

Os parceiros de escola e de brincadeiras de Diana e suas colegas são os rapazes da turma da UVA (União dos Vagabundos Anônimos), que moram na rua Guaíba, na Penha. Mas, de vagabundos, Nílton, Marcos, Vilmar, Valmir, Paulo e Clóvis não têm nada, pois todos trabalham, apesar da pouca idade. Valmir, o mais velho, tem 19 anos e está servindo o Exército. Nílton, de 16 anos, é o mais falador, líder do grupo.

— A gente vai até onde a menina deixa — diz Valmir. Tem muita menina que não é mais virgem e dá pra transar numa boa. Mas, se não se tiver cuidado, elas pegam uma gravidez e aí a gente está perdido.

Apesar do medo da gravidez, eles não têm informações sobre métodos anticoncepcionais e consideram seu uso um problema que diz respeito exclusivamente à mulher. Eles não controlam, por exemplo, se a moça toma pílula ou usa tabela. Não é da alçada deles, dizem.

Casar, só mesmo com mulher virgem. Nílton, apoiado por seus colegas, diz que quer ser "o primeiro", quando casar com alguém. Para ele, moças como Diana são "maluquinhas" (ele diz isso depois que Diana vai embora), porque estão jogando fora a única chance de mulher, que é casar e arranjar "quem a sustente".

— Está vendo? — diz Leila, indignada. — A gente tem que pensar assim porque os homens pensam assim. Se não agirmos de acordo com o que eles querem, vão nos discriminar

Já o pessoal da chamada barra pesada, que gosta de curtir um fumo e "não é de dar satisfações em casa", é bem mais liberal com relação às mulheres. É o caso de Luís, que se diz "o gostosão de Madureira", e de Milton, de Nova Iguaçu:

— Esse negócio de virgindade é besteira — diz Luís. — A gente tem muitas coisas para fazer, em vez de casar e encher a mulher de filhos.

— As garotas tinham que se soltar — diz Milton — pois estão com a faca e o queijo na mão: se todas começassem a fazer sexo numa boa, como os caras fazem, num instante iam acabar com essa história de virgindade e casamento, que são coisas de 30 anos atrás.

Além do pessoal da barra pesada, há jovens que questionam seriamente os padrões da tradicional família suburbana. Mário, Janete e Alex fazem parte de uma turma do Méier e acham que o problema da virgindade é muito complexo e depende da cabeça de cada um:

— Em nossa turma, temos virgens e não-virgens, machos, bichas, tudo — explica Mário. — Não discriminamos ninguém, porque não vivemos com sexo na cabeça. Passeamos juntos, acampamos, estudamos, discutimos nossos problemas, e ninguém quer ser dono da verdade.

— Eu namoro uma garota virgem, mas nem por isso acho que vou casar com ela — fala Alex.— A Janete transa com o Mário e todo mundo sabe disso. Já os outros têm namoradas dentro e fora da turma. E o Caco, que é bicha, transa em outras esferas, mas anda com a gente sem que ninguém se sinta mal por isso. Cada um age como quer

Marilza Biglo

caixa 2

Ricardo Bueno

Só o governo não vê que tudo está caindo

Os sinais estão aí para quem quiser ver. Tudo está caindo (menos a inflação, é claro), e a perspectiva de recessão vai se transformando numa sombria realidade. Recentemente, num encontro com técnicos do governo, um dono de supermercado (o Pão de Açúcar, de São Paulo) revelou que suas vendas tinham caído 4% em janeiro (em comparação a janeiro de 80) e completou: "Para um povo que já se alimenta tão mal, como o brasileiro, isso é uma tragédia".

Com os preços pela hora da morte, os consumidores estão cortando os gastos com enlatados, carne, leite, verduras e até feijão. Para que ninguén se iluda, pensando que as coisas vão melhorar, o governo já anunciou dois novos aumentos do leite; e o chamado "especial" (que de especial não tem nada) custará 43 pratas o litro, antes que o primeiro semestre se encerre.

As vendas de automóveis também minguaram 40% nos dois primeiros meses do ano (em relação a 1980). As de televisores e geladeiras recuaram 20%, as lojas de roupas e sapatos estão com estoques encalhados e por aí vai. Caso as coisas continuem assim, o desemprego avançará inevitavelmente, pois as indústrias (com menos encomendas) e o comércio vão despedir gente.

Vão, não. Já estão despedindo. Dados do Ministério do Trabalho indicam que o número de empregos em São Paulo caiu 1,1% em dezembro e 0,7% em janeiro. Nesses dois meses, 180 mil pessoas perderam o emprego (só a Volkswagen demitiu 4.752 trabalhadores).

O governo alega que esse desaquecimento da economia, essa redução das vendas, é necessário para combater a inflação. Botar gente na rua é a solução para que a procura por mercadoria caia e os preços subam menos velozmente. Só que a inflação não recua. Em janeiro superou os 6%. Em fevereiro, também. Para março, as perspectivas não são melhores, e tudo indica que no final do primeiro trimestre a inflação deva alcançar a casa dos 20%.

Estamos caminhando, portanto, para a combinação genial de inflação com recessão. Mas o governo, que anda mais perdido que bode cego, insiste em dizer que é preciso ter paciência, que sua política econômica daqui a pouco vai dar resultados e que os que o criticam estão de má-fé. Acontece que o povo não tem mais paciência, e a crescente violência que tomou conta dos grandes centros urbanos, em especial o Rio de Janeiro, é um reflexo disso.

Do jeito que as coisas vão, com mais gente desempregada, o pega pra capar vai piorar e as soluções do tipo botar mais polícia na rua, criar postos da PM nos bairros, fazer batidas constantes nos ônibus, etc, servirão pouco.

Esse verdadeiro Deus nos acuda só será amenizado quando os preços dos alimentos baixarem, os intermediários que especulam com a comida do povo forem postos na cadeia e o pequeno produtor tiver terra para plantar; quando a indústria de bens de consumo popular (vestuário, calçados, roupas, etc) for estimulada e tiver multiplicada suas vendas, criando mais empregos.

O governo despreza tudo isso com uma arrogância espantosa. Mas essa convicção de que está fazendo tudo certo talvez ficasse seriamente abalada se os homens que o comandam tivessem um mínimo de contato direto com a população, sem a presença de um batalhão de guardas de segurança. O ministro Delfim Netto, que é um homem que gosta de desafios, devia fazer o seguinte teste: sair sozinho numa caminhada pelo centro do Rio ou de São Paulo. Se conseguisse sobreviver incólume por dois quarteirões, ele poderia se dar por mais satisfeito do que um sujeito que acerta sozinho na Loteria Esportiva.

Compra ilegal de materiais para Campos:

PETROBRÁS LESADA EM Cr$ 75 MILHÕES

A Petrobrás foi lesada em cerca de US$ 1 milhão (aproximadamente Cr$ 75 milhões). Funcionários da empresa, pertencentes ao Secim-2 (Setor de Compras de Importação), em combinação com representantes no Brasil de empresas multinacionais, fizeram manobras para elevar irregularmente os preços de diversos equipamentos importados para serem utilizados na bacia de Campos (a mais importante do país).

A empresa abriu inquérito sigiloso para apurar a jogada, e o chefe do Secim-2, Oscar Teixeira Martins, foi afastado do cargo e demitido. O mesmo aconteceu com o subchefe Francisco e o comprador Pavão. A equipe contava com outro comprador, Wilson Marçola, que, ao que parece, tinha conhecimento das irregularidades, mas delas não participava. A Petrobrás queria que Marçola pedisse demissão, mas este, considerando-se inocente, não aceitou a sugestão. Marçola continua na Petrobrás, mas sem exercer qualquer função.

A jogada armada pelos funcionários do Secim-2 é fácil de explicar. Eles abriam concorrência para a importação de um determinado equipamento. A proposta com preço menor era considerada a vencedora. Só que, no mesmo dia, depois que as outras concorrentes já tinham sido eliminadas, essa proposta era substituída por outra da mesma empresa, só que de valor muito mais alto. Parte da diferença de preço entre a primeira e a segunda proposta ia para o bolso dos funcionários do Secim-2. Dizem que, no caso de um equipamento para pescaria de fundo de poço (para pegar uma broca que quebra e cai no poço, por exemplo), a proposta inicial de US$ 200 milhões teria sido colocada de lado. Em seu lugar entrou uma outra proposta de US$ 280 milhões.

A Divin (Divisão de Segurança e Investigação) já tem toda a história apurada, pois descobriu, inclusive, uma espécie de caixa-2 (contabilidade paralela), em que estavam registradas as transações irregulares. Resta saber agora se a Petrobrás vai divulgar a história algum dia e se as multinacionais nela envolvidas serão responsabilizadas criminalmente e eliminadas do quadro de fornecedores da empresa estatal.

Ricardo Bueno

Golbery cobre o rombo da Corretora

A proteção do general Golbery do Couto e Silva, chefe da Casa Civil da Presidência da República, vale ouro. O caso da corretora Laureano não deixa dúvidas quanto a isso. Há pelo menos quatro anos o governo vinha, através de uma série de expedientes, ajudando essa corretora. A explicação para tal generosidade é que a Laureano foi dirigida até 1977 por Golbery do Couto e Silva Jr., filho do general Golbery. Graças a tal amizade, Roberto Laureano (dono do negócio) contava com a proteção do Palácio do Planalto. Se assim não fosse, o Banco Central já teria feito o que é sua obrigação: intervindo na corretora e decretado sua liquidação, pois a Laureano estava com um rombo de Cr$ 1,2 bilhão. Em vez disso, o BC deu um jeito para que a Brastel (a que vende "a preço de banana") comprasse a Laureano.

O acerto não foi difícil, pois a corretora já devia Cr$ 350 milhões à Brastel. A Laureano afundou, apesar de a Caixa Econômica Federal ter adquirido suas Obrigações da Eletrobrás, encalhadas por falta de comprador, e de o Tesouro Nacional ter dado um aval para que a corretora obtivesse empréstimos externos. O Banco do Brasil também entrou na dança e fez empréstimos à Laureano. Mas o mais escandaloso nessa história toda é que a Laureano há muito tempo vinha negociando **contas de luz** com seus clientes (será que o Banco Central não sabia disso?). "Essas operações eram registradas, para efeito de contabilidade e informação dos clientes, com a designação Oret, que parecia significar Obrigações Reajustáveis da Eletrobrás. Mas, na verdade, os clientes estavam mesmo era aplicando em contas de luz de indústrias, que não tinham sido trocadas por Obrigações da Eletrobrás por uma série de problemas", segundo o jornal **O Globo**. Todo o mercado financeiro sabia da situação da Laureano e o negócio começou a pegar mal. A Bolsa de Valores, a Comissão de Valores Mobiliários e o próprio Banco Central passaram a pressionar o Planalto para que tomasse uma decisão. Foi então que o governo montou o esquema para que a Brastel comprasse a Laureano. A Brastel diz que "é uma mãe". Nesse caso, o governo é que agiu como uma mãe, pois para comprar a corretora a Brastel deverá futuramente ganhar a carta-patente de um banco de investimentos e talvez generosos financiamentos oficiais — a preço de banana, é claro.

[redacted]

"E viva a abertura!"

Ainda hoje ecoa o júbilo frenético da Galeria Alaska, Copacabana, Rio: Rogéria, o travesti, foi reconhecida oficialmente pelo governo como uma grande atriz. Ela ganhou o prêmio de atriz-revelação do troféu Mambembe-80, do Serviço Nacional de Teatro, por seu trabalho na peça O Desembestado, sucesso ao lado de Grande Otelo. E para que não se diga, futuramente, que o governo está incentivando a proliferação do gay-star-system, o SNT usou de um eufemismo: estava premiando o ator transformista e não o travesti. Mas a própria Rogéria se recusa a ser classificada de "transformista"; ela é travesti mesmo, de peitinho e tudo, o que não impede de receber prêmios por suas atuações artísticas. Rogéria dá "vivas" à abertura governamental e, trêmula de emoção, garante que até o fim do ano fará sua conquista definitiva: um quadro semanal na televisão, para ser vista, via Embratel, por todo o Brasil.

Rogéria, premiada

★★★★★★★★★★

Vera ia fazer teatro, desistiu

★★★★★★★★★★

Termina Coração Alado e Vera Fischer perde a chance de faturar o êxito da Vivian (mas como, se a televisão desgasta?). Ela bem que andou lendo alguns textos de teatro, mas não se definiu por nenhum, e a tão esperada estréia teatral dessa ex-miss que se tornou atriz de verdade não se dará agora. Mais viva, Débora Duarte, a instigante Catucha, saiu na frente da "rival" e estreou Quem é Amélia, do espanhol Alfonso Paso, no Teatro Princesa Isabel, Copacabana. É a história de um casal atípico, em que a mulher dita liberdades eróticas fora do comum. Anselmo Vasconcelos, um bom ator que não se vê na TV, Rosita Tomás Lopes, Martim Francisco, Maria Zilda, Eduardo Conde e Nelson Dantas completam o elenco.

CANECÃO É A GLÓRIA?

Conhecemos uma meia dúzia de artistas (cantores e atores) que considera o palco do Canecão um imperativo para todo aquele que pense no "verdadeiro" sucesso. Sem uma passagem por lá, estaria desatualizada a folha de serviço do artista. Eliana Pittman sempre pensou assim. E enquanto não chega a vez do Canecão carioca, ela faz **show** no similar paulista (não é a mesma coisa), ao lado de Cauby Peixoto. Alcione também pensava que a glória era o palco do Canecão. Foi pra lá, quebrou a cara. Por quê? Segundo a cantora, pela falta de assistência dos donos da casa. No Canecão, diz-se simplesmente que o **show** de Alcione não vingou. A imagem dela estaria gasta pelas contínuas aparições, para todo o Brasil, no **Alerta Geral** da TV-Globo. Se aparecer continuamente na TV faz perder público ao vivo, já podemos, então, rezar pela alma do Paulo Gracindo. Depois do sucesso no teatro, ele levou seu espetáculo de 50 anos de carreira para o palco do Canecão. E, corajosamente, acrescentou ao título do **show** sua fama de "Bem-Amado" da televisão. No caso da Alcione e do Gracindo, duas questões diferentes: uma (dizem), que a televisão "mata"; outra, que a televisão consagra. Em qual das duas, afinal, está o xis do problema? Cartas para a Redação.

O curador Carlos Niño, de novo em cena

CUIDADO COM O CURADOR!

Mais uma investida do curador de menores Carlos de Mello Porto, o mesmo que determinou a apreensão do disco **O mal é o que sai da boca do homem**, de Baby Consuelo e Pepeu Gomes. Ele insiste em tirar do elenco da peça **Blue Jeans** o ator Luís Carlos Niño, de 16 anos, só porque ele representa, no palco, o travesti "Gracindo Tropical". Desta vez, contudo, parece que o curador não vai conseguir, pois a mãe de Luís Carlos, a atriz Ilva Niño, já se pronunciou, em Juízo, a favor do trabalho do filho. É de estranhar que se insista na proibição do trabalho do ator, quase seis meses depois da peça estar em cartaz, com o maior sucesso de público. Mal sabe o doutor curador que Luís Carlos Niño é do ramo desde os cinco anos de idade — um homenzinho que dá duro e sabe das coisas.

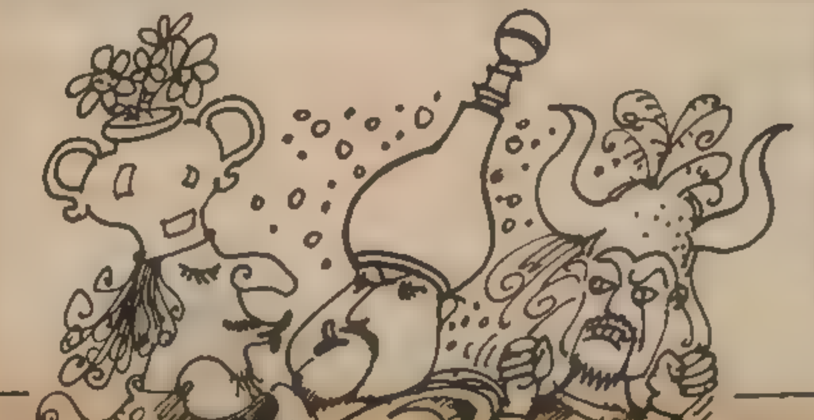
É PRECISO CANTAR ...

1 — Definidas as quatro eliminatórias do MPB-81 da Rede Globo: cada uma terá 12 músicas e serão apresentadas nos dias 10 de abril, 8 de maio, 10 de julho e 14 de agosto; a finalíssima, no Maracanãzinho, será dia 12 de setembro. O júri do festival da Globo será no mesmo sistema do ano passado, com pessoas de vários setores profissionais, para dar uma média de avaliação próxima do gosto do telespectador. Dorival Caymmi deverá presidir o júri.

2 — Também a Rede Bandeirantes aciona sua pauta musical. Já é certo que voltarão a ser realizados os Especiais da emissora. E alguns deles terão o atrativo extra de recrutar artistas que não entram na programação da Globo, como é o caso de Chico Buarque. É provável que seja com ele o primeiro dos programas.

3 — E, no disco, vem por aí mais um mineiro, compositor e cantor: Daltoni. Quem está produzindo o LP dele é o Arthur Laranjeiras.

4 — Maria da Graça Costa Penna Burgos, ou simplesmente Gal Costa. A série de especiais musicais dirigida por Daniel Filho continua sendo, no gênero, a melhor coisa da TV brasileira. O de Gal Costa foi solto, brilhante, comovente, particularmente nas aparições de Elis e Grande Otelo.



O carnaval não terminou para os desfilantes de fantasia: até sábado de Aleluia eles estarão se apresentando em clubes do Rio e, depois, em muitas cidades do Brasil. Mas do frescor e do brilho desses campeões de luxo e originalidade ficou a cena de ciúmes do Evandro de Castro Lima, quando soube que o Clóvis Bornay o havia traído, beijando um outro concorrente, vencedor do concurso do Clube Sírio e Libanês. Bornay reconhece que, ao longo de 20 anos, tem reservado seus beijos para Evandro, mas não resistiu ao luxo de Michel Vidal (o pivô da briga) e mandou-lhe um beijo nas faces de carmim. A TV mostrou para todo o Brasil.

MULTIDÃO

Começou bem a quinzena teatral, depois que baixou o pano sobre as libertinagens carnavalescas. Algumas promissoras estréias: no Teatro Villa-Lobos, Henriete Morineau e Diogo Vilela vivem a história de amor de uma mulher de 70 anos e um jovem de 20. ***Ensina-me a Viver*** *("Harold and Maude"), de Collin Higgins. Mais gente no elenco: Nathalia Thimberg, Carlos Kroeber, Lafayette Galvão, Helena Rego, Telmo Faria, Beth Ertal, Miguel Oniga e Paulo Biniano. ★ No Teatro Vanucci, uma comédia de Mário Prata, para ser vista só em horários vespertinos:* ***O Cordão Umbilical****. No elenco, Rodolfo Bottin, Adriana Feldatto, Rogério Fabiano Jr. e Verônica Berardo. ★ E, no Teatro Gláucio Gil,* ***Os Pequenos Burgueses****, de Gorki. Direção e cenários de Jonas Bloch. Um elenco grande que tem, entre outros, Hélio Ary, Betina Viany e Lourdes Mayer, mas que suscita uma expectativa: a avaliação do trabalho, em teatro, de Fernanda Torres, a filha da grande Fernanda Montenegro ★ E a própria Fernanda (mãe), continua em cartaz (Teatro Ginástico) no belíssimo texto de Domingos de Oliveira,* ***Assunto de Família****. E o espetáculo vale um repeteco, porque quem está fazendo a velha matriarca, em substituição à Carmem Silva, é Yolanda Cardoso. Duas linhas de interpretação diferentes: com Yolanda, na forma dela "tutelar" a família, aflora mais o grotesco da situação. O trabalho de Carmem era mais suave, tinha uma certa "complacência" no tom do incrível império matriarcal daquela família udenista ★ Uma frase muito boa do paulista Cláudio Lembo sobre o comportamento do governador Paulo Maluf: "O sr. Maluf está frustrado com a atuação do ator que interpreta o Barão von Strauss na novela* ***Coração Alado****. Ele acredita que teria condições de desempenhar melhor o papel". Quando soube dessa, Jardel ficou num drama de consciência: "Será que eu, em contrapartida, governaria São Paulo melhor do que o Maluf?" Opiniões para o Jardel, na TV-Globo, Rio ★ Os argentinos continuam no ataque: compraram o Flor de Lys, de São Conrado, e vão transformar o local numa casa de tango. Pagaram Cr$ 18 milhões,* ***cash****.*

LEITORES

Gerente da Casas Sendas maltrata funcionários

"Moro em Bento Ribeiro e de vez em quando assisto a alguns casos de covardia, principalmente aqui na Casas Sendas.

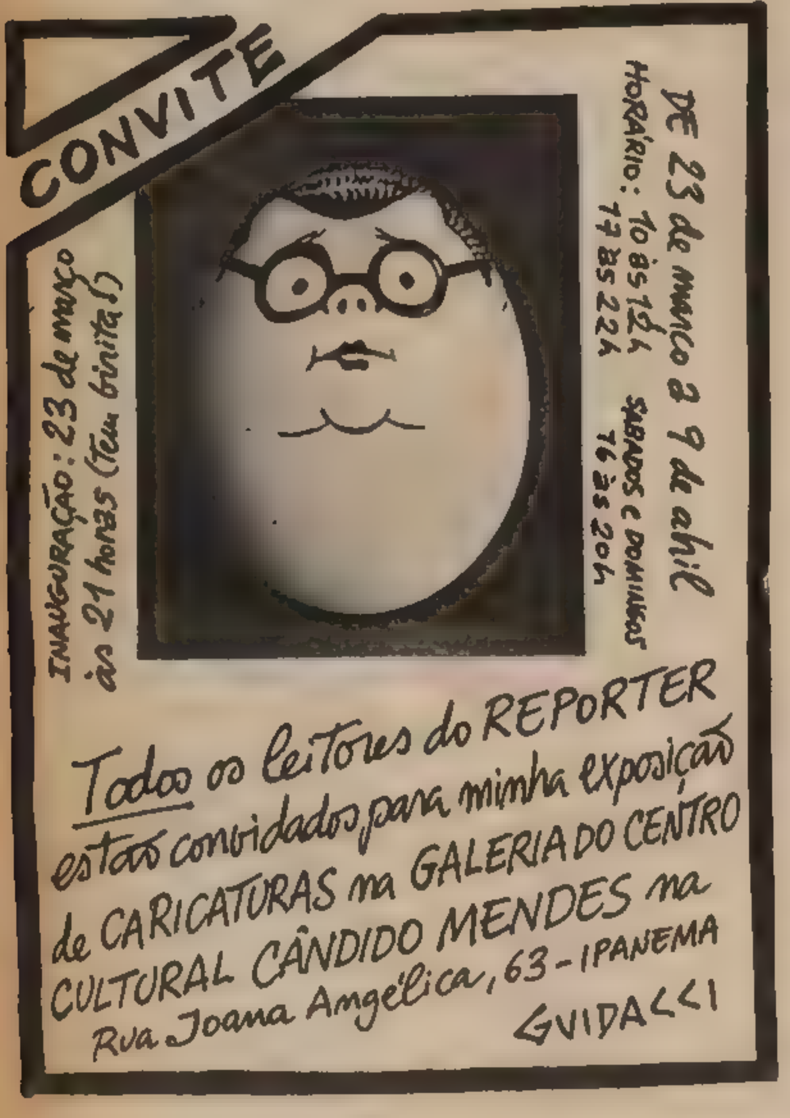
Um sujeito de estatura média, branco, magro, com um vasto bigode, chamado Roberto Gondini é o gerente. Fez uma tremenda grosseria com uma empregada da Sendas, na minha presença e de muitos outros clientes, demonstrando uma terrível falta de educação. Esse tipo de tratamento é bom pra mim, que sou meio analfabeto, e não para um gerente.

Resolvi investigar a vida do dito cujo e dá pra cair de costas. Ele saiu da Sendas de Nova Iguaçu por sujeira, foi para Campo Grande e nesta ele foi mais longe: foi convidado a comparecer à delegacia. Durou três meses lá e correram com ele para Bento Ribeiro.

Aqui prendeu os documentos de um ex-funcionário por ele demitido. Resultado: o rapaz deu parte e veio acompanhado com a patrulha e uma intimação. O tal gerente tirou o corpo fora e botou a banana na mão do subgerente.

Se o sr. Arthur Sendas sabe dessas sujeiras e não toma providências, brevemente a Casas Sendas será um fantasma dos mercados." **Turenos Maldonado — Rio de Janeiro — RJ**

★★★★★★★★★★★★★★★★★★



DISTRIBUIDOR DE CURITIBA DESMENTE DENÚNCIA

"Foi a maior surpresa constatar o texto inserido na página 23 da edição nº 37, sob o título "Distribuidor acha quem nos lê subversivo".

a) Temos a esclarecer que o jornal sempre foi lançado em Curitiba nas datas do recebimento, desde a sua primeira edição.

b) Não temos notícia de nenhum leitor do jornal que tenha vindo solicitar esclarecimentos sobre datas de lançamento.

c) Nunca houve discussões, muito menos a presença de efetivos policiais em nossas instalações.

d) Na família Ghignone ainda não nasceu ninguém chamado "Waldemar Ghignone".

e) Nossa Distribuidora não fica na rua Quinze, e sim na avenida Iguaçu, 624. Finalmente, temos a lamentar que V. Sas. publiquem qualquer texto recebido, uma vez que bufões portadores de delírios mentais têm seus lugares assegurados em outras instituições e não nas páginas de um jornal. **J. Ghignone CIA. LTDA. Curitiba — PR**

● **Nota da Redação:** caro senhor J. Ghignone, não costumamos pedir atestado de sanidade mental aos nossos leitores para publicarmos suas cartas, desde que eles nos forneçam nome e endereço, referências indispensáveis a uma eventual confirmação. Por isso, divulgamos sua resposta sem exigir nenhum laudo especial. Quanto à nota a que o senhor se refere, temos a dizer que não a endossamos; ela reflete o pensamento de Wilson da Silva, que a assinou.

Soelbra põe dedo-duro pra vigiar empregados

"Escrevo-lhes para denunciar o que vem acontecendo na firma Soelbra – Sociedade Eletroquímica Brasileira Ltda., localizada à rua Toledo Barbosa 430, Tatuapé, São Paulo.

O que tenho a dizer é: 1) A firma acima citada tem uma política desigual do sindicato; é dado aumento três vezes, mas no cômputo geral a percentagem é inferior à oficial e os empregados não percebem essa jogada. 2) A firma mantém em seu quadro alguns empregados para "vigiar" os demais; esses vigias são denominados os DDD – Departamento de Dedos Duros. A função do dedo-duro é verificar qualquer coisa contrária à determinação da Diretoria, como, por exemplo, ultrapassar os 10 minutos "dados" para tomar café, quem reclamar, etc, etc. As pessoas deduradas, além de tomarem "advertências", perdem "pontos" para receberem menos no reajuste salarial. É uma verdadeira perseguição. Além de toda vigilância fascista, é feita a coisa de tal forma que muitos empregados têm o "Diretor" e o "Gerente" como "bons" e "amigos". 3) A maioria dos empregados recebe salários inferiores ao mínimo da categoria, sendo pago o mínimo da região, e como é pago o mínimo, os empregados, por não saberem que é errado, recebem sem reclamar, e se souberem não reclamarão para não perderem o emprego, pois sabem que a política é: se não estiver contente, vai embora. 4) Os empregados que pertencem à chefia pertencem ao DDD, mas nem todos os DDD são chefes e esses são crias da firma – são doutrinados para serem DDD. 5) Não há segurança com os produtos fabricados, produtos químicos e de alta periculosidade; não há nem mesmo a "Cipa". **Trabalhador Consciente – São Paulo – SP**

"Quero saber do ministro da Justiça por que o Mário Tieppo, o do escândalo da corretora, não é enquadrado na Lei de Segurança Nacional. Agora, o Lula e outros líderes sindicais têm que sentar no banco dos réus para ouvir conversa fiada de alguns militares." **R. Silva — Rio de Janeiro — RJ**

● ● ● ● ● ●

● *"Eu, como leitor desse conceituado jornal, quero tomar a liberdade e pedir-lhes que façam uma entrevista com um arcebispo, de preferência com o de Porto Alegre. Gostaria de saber por que a Igreja (os arcebispos) é contra todo e qualquer tipo de anticoncepcional: desde o tradicional comprimido até a vasectomia? O que a Igreja prefere: crianças abandonadas ou não geradas por determinação dos próprios pais?"* **R.V. Carvalho — São José dos Campos — SP**

● "Gostaríamos de saber quando termina a nossa assinatura nesse precioso jornal, pois teremos o prazer de reassiná-lo pelo fato de nos dar uma visão mais ampla daquilo que realmente acontece com o nosso povo, que mais parece com farrapo humano. Vocês, do jornal, estão de parabéns pela maneira autêntica como esclarecem as coisas que a situação tanto procura esconder. Esperamos resposta, pois é do nosso interesse continuar recebendo-o." **Lúcia D. dos Santos — Santa Fé — PR**

ASSINE REPORTER E GANHE UMA CAMISETA

Assinatura por 24 edições: Cr$ 1.050,00
Envie cheque nominal ou Vale Postal para:
MARGEM S.A. Editora e Gráfica
Rua Miguel Couto 134/11º — CEP 20070 — Rio de Janeiro

Nome: ....
Profissão: ....
Endereço ....
CEP ....Cidade:.... ..Estado: ...
Indique o tamanho de sua camiseta: de 42 a 52.......

O CARNAVAL ESTÁ VIVO

A festa apenas mudou, não tem corso nem confete, é mais individual, um grito contra o sufoco 81

No trem, a batucada esquenta os passistas que vão desfilar

Dona Cecília cansou, mas voltou pro samba

Fotos de Chiquito Chaves

Mais uma vez o carnaval carioca revelou a incompetência da Riotur. Na sexta-feira à noite, abertura oficial da festa, o Rei Momo estava perdido na avenida Rio Branco. Ao mesmo tempo em que ele procurava o prefeito Júlio Coutinho, que, aproveitando o clima, fora tomar um chope e por isso houve o desencontro, pedia também mais atenção dos seguranças da Riotur para acalmar a rapaziada que passava a mão na bunda de sua rainha, Marli Mendes. Momo chegou, inclusive, a ficar sem a chave simbólica que abre o carnaval. Isso o deixou preocupado por alguns instantes, mas ela logo reapareceu. Minutos depois, numa cerimônia careta, o Rei e o prefeito deram por aberto o carnaval carioca.

Mas abertura mesmo ficou por conta do Berro da Paulistinha, com seus 9 mil litros de chope e uma garrafa de uísque escocês em cada mesa. A avenida Gomes Freire, onde fica o prédio da Secretaria de Segurança, estava engalanada. Tinha policiais, banqueiros de bicho, jornalistas, intelectuais, bicões e alguns artistas. Quem "arrasou" foram as bonecas com seus peitos e bundas de silicone, vindas de Paris e da velha Lapa. Na passarela exibiam seu físico torneado para o delírio da platéia, tentando abiscoitar os prêmios que chegavam a Cr$ 110 mil, oferecidos pelos banqueiros Manola e Zinho, os donos da festa.

No sábado de manhã, até o Rei Momo reconheceu, o bloco mais animado era o da boate Escandinávia, da Praça Mauá, que após o término do incrementadíssimo Baile do Biquíni, em que as mulheres dançavam nuas em cima das mesas, saíram mostrando os peitos até a Cinelândia. Do Cordão da Bola Preta e do Bloco dos Cornélios, que não sai há dois anos, ficou apenas a marca da tradição.

Tanto na Banda de Ipanema como no Bloco das Piranhas, do jogador de futebol Moisés, do Leblon a Campo Grande só dava homem vestido de mulher. Os foliões assumiram outro comportamento, mais aberto, mais escancarado e, por isso mesmo, mais agressivo. As mulheres nisso tudo só podiam observar, como na Banda de Ipanema, que era puxada por um caminhão da PM repleto de soldados. Na Zona Norte, em Madureira, por exemplo, ainda se via algumas meninas do bairro ensaiando uns passos, sem entrar na folia.

Os bailes do Vermelho e Preto (Flamengo) e do Monte Líbano, que espelham uma parte do carnaval do Rio, davam direito a um cavalheiro e duas damas por ingresso. Com isso, muitos homens tinham o poder de mostrar ao público os peitos, as bundas e meter a língua e o dedo em qualquer orifício que as mulheres que os acompanhavam oferecessem. Muitas curtiram horrores. Queriam era mais. No ar, o cheiro de lança-perfume. Até artistas famosos estavam zuretas. Os seguranças tomavam lanças de alguns otários e vendiam pra outros, sem negar uma "presença". Quando o relógio marcava 5 horas da manhã e a orquestra tocava a marcha **Cidade Maravilhosa**, ninguém mais se agüentava em pé.

No domingo, toda a cidade, desde cedo, já vivia o desfile das escolas de samba. No "palco iluminado" da rua Marquês de Sapucaí, tudo era mais que uma festa. Um espetáculo. Entre uma escola e outra, a pista era invadida por uma montoeira de gente de todos os tipos, entre **jet-sets** e anônimos, jornalistas e "seguranças", turistas e penetras, credenciados ou não, que também desfilavam. Tinha até criança. Todo mundo querendo aparecer. Dos artistas globais ao tira de aluguel que abusava da autoridade.

Nas arquibancadas, a multidão espremida aplaudia o desfile "numa noite de raro esplendor", como dizem as letras dos sambas de enredo. Dona Cecília, de 70 anos, da ala das baianas da Mangueira, ficou emocionada com a homenagem que a verde-e-rosa prestou a seu filho, o compositor Pelado, que morreu no ano passado. Atendida no posto médico, o coração da velha sambista resistiu. Pouca gente presenciou a dor de dona Cecília, que voltou à passarela e desfilou até o fim.

Os que falam que o carnaval morreu, estão enganados. Ele mudou. Não adianta reclamar, com saudosismo, dos tempos do corso, do confete, das serpentinas. A festa muda de acordo com a situação da massa. Hoje, o carnaval é sair do sufoco, gritar contra o desespero, é o carnaval do eu-sozinho, coisa individual, que sai de dentro, como a vontade de brincar de mulher. Para os que vão à folia, a festa é isso, mais lança-perfume e sacanagem tipo vitrina, em que o quente não é o sarro, mas ser olhado. Pros outros, também filhos de deus, loucos pra sair na rua e encontrar alguém, os três dias são época de passear, levar avó, tia, criança e passear de braço dado na avenida. Um grande **footing** na cidade grande.

Não há por que chorar. O carnaval está vivo. Vai viver sempre como explosão popular, retrato de cada época.

Tim Lopes

Prefeitura gastou 800 milhões

A Prefeitura do Rio gastou no carnaval deste ano quase Cr$ 800 milhões, e não apenas Cr$ 400 milhões, como anunciou o presidente da Riotur, João Roberto Kelly.

A informação foi dada ao REPORTER por fonte parlamentar do governo federal, que assegura que pelo menos Cr$ 200 milhões foram investidos para financiar o desfile das escolas de samba que apóiam a candidatura do deputado Miro Teixeira para governador. Entre elas estão o Salgueiro, a Unidos de São Carlos e a Mangueira.

Em relação às escolas de samba, foi apenas o desdobramento de uma estratégia política posta em prática por Chagas Freitas no carnaval do ano passado, quando nenhuma agremiação do chamado grupo 1-A desceu para o 1-B. Os recursos aplicados este ano nas escolas não aparecerão aos olhos do público e, com certeza, do Tribunal de Contas do Estado, uma vez que não são verbas orçamentárias.

O carnaval do Rio, seguramente, é o mais caro do mundo. Embora João Roberto Kelly tenha declarado que o carnaval é autofinanciável, ele tem razão apenas em parte. As despesas com o desfile das escolas de samba, de fato, são cobertas pela arrecadação da venda de arquibancadas e camarotes. Os bailes promovidos pela Riotur não são deficitários, mas não trazem qualquer lucro para os cofres municipais.

Há, no entanto, os investimentos irrecuperáveis. Trata-se, basicamente, da fortuna que Chagas Freitas autorizou a Riotur a gastar para atender às reivindicações dos vereadores e deputados do Partido Popular (PP) que têm bases eleitorais no município. A fórmula é simples: nos bairros em que esses parlamentares exercem influência – sobretudo a área suburbana – foram construídos coretos e contratadas bandas para tocar durante todo o carnaval. Detalhe: onde o PP não manda – é o caso, por exemplo, de 25 municípios, inclusive Niterói – as prefeituras não receberam um centavo sequer do governo estadual.

Com os ingressos para o desfile das escolas de samba também houve manipulação política: cerca de 18 mil bilhetes foram distribuídos pelo PP a seus cabos eleitorais e correligionários. Este ano, para evitar tumultos, Chagas Freitas fixou um critério: cada político ganhou um número de ingressos correspondente à sua representatividade eleitoral. Foram excluídos da lista o próprio Miro Teixeira, o presidente da Assembléia Legislativa, deputado Jorge Leite, e os deputados federais Márcio Macedo e Marcelo Medeiros, que gozam de prestígio junto ao comando político do governador. Os quatro requisitaram a quantidade de ingressos que quiseram.

Alegria feita de grito, desabafo, exibição, prazer.

Foto Custódio Coimbra

Assah! Venci! Paulistinha

Foto Chiquito Chaves

Quase morreu afogado no banho a fantasia

Foto Chiquito Chaves

Aqui, nunca! Banda de Ipanema

Foto A. Mesquita

O berro de Kelly, eufórico

Foto Custódio Coimbra

Parto sem dor. Piranhas de Campo Grande

Foto Custódio Coimbra

As três mosqueteiras. Paulistinha

Foto Chiquito Chaves

Calma, nenen. Arpoador

Talento no pé é alma do grande negócio, o desfile.

Foto de Cristina Villares

A vontade de sambar

Foto Custódio Coimbra

Balena da Portela, maravilha

Foto Valdir Afonso

Que homem, deus meu!

Foto Chiquito Chaves

Desaba camarote na Sapucaí

Foto Chiquito Chaves

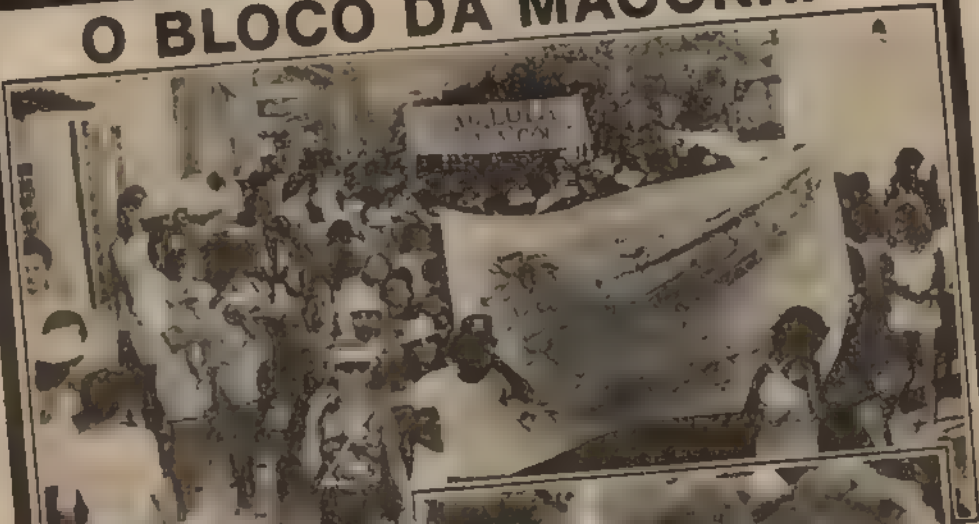
Chorou e voltou pra pista

Foto Custódio Coimbra

Devagarinho dá

O BLOCO DA MACONHA

Fotos Pitt



O bloco Segura a Coisa desfilou na quarta-feira de cinzas em Olinda, pedindo a liberação da maconha. A coisa correu solta entre os foliões.

Escola vira empresa de samba

O reinado dos bicheiros nas escolas de samba do Rio ainda é absoluto. No dia da apuração dos resultados do desfile, no Pavilhão de São Cristóvão, estavam lá Orlando Careca, da Unidos de Vila Isabel; Castor de Andrade, da Mocidade Independente de Padre Miguel; Carlinhos Maracanã, da Portela; Anísio Abrahão Davi, da Beija-Flor; Luisinho Drumond, da Imperatriz Leopoldinense; Osmar Valença, do Acadêmicos do Salgueiro; e Gentil, da Unidos de São Carlos.

Mas, por mais incrível que possa parecer, a época dos bicheiros talvez esteja chegando ao fim. Os gastos das escolas de samba, que eles em grande parte financiam, estão se tornando pesados demais. Este ano as escolas do grupo 1-A gastaram nada menos que Cr$ 350 milhões, e no ano que vem o carnaval das 10 principais escolas não deve ficar por menos de Cr$ 800 milhões.

Como fazer frente a gastos tão elevados? A solução, ao que parece, foi encontrada pela União da Ilha. Quando a Riotur anunciou, nos microfones da avenida, a entrada da escola, o texto destacava que ela agradecia ao grupo Peixoto de Castro (com poderosos interesses na área petroquímica) por financiar seu carnaval. Não será surpresa, portanto, se daqui a algum tempo a Mocidade Independente for financiada pela fábrica Bangu (de tecidos), a Mangueira pela Casas da Banha, a Portela pela Souza Cruz e por aí vai.

As escolas de samba se transformaram num grande negócio. E num grande negócio de ampla repercussão popular, só comparável ao futebol e às novelas. Nada mais natural, portanto, dentro das regras do jogo do sistema capitalista, que o grande capital – as empresas – acabem controlando essa atividade. Afinal, financiar uma escola de samba pega muito bem para a formação de uma imagem simpática de qualquer empresa, mesmo que na prática ela atue de maneira safada.

O domínio dos grandes grupos empresariais deverá significar o aprofundamento do "modelo Beija-Flor": escolas muito luxuosas, com carros alegóricos gigantescos, fantasias caríssimas e um número imenso de desfilantes. As escolas de samba virarão, enfim, verdadeiras empresas de samba, e o passista, aquele que sabe levar o samba no pé, será apenas uma pequena peça nessa complexa engrenagem.

Ricardo Bueno

Os camarotes, com segurança própria, birita à vontade e homens cercando muita mulher, eram a orquestra que animava o pessoal lá debaixo com orgias teatrais.

Foto Custódio Coimbra

Foto Custódio Coimbra

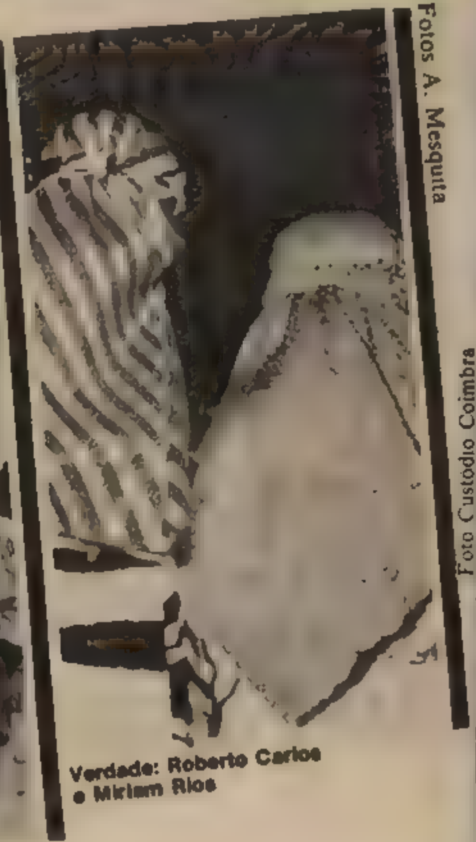
No Elite foi assim

Foto Custódio Coimbra

Cuidado com enfarte

Quenta Fafá

Fotos A. Mesquita



Verdade: Roberto Carlos e Miriam Rios

Foto Custódio Coimbra

Bicão ganhou presença da lança

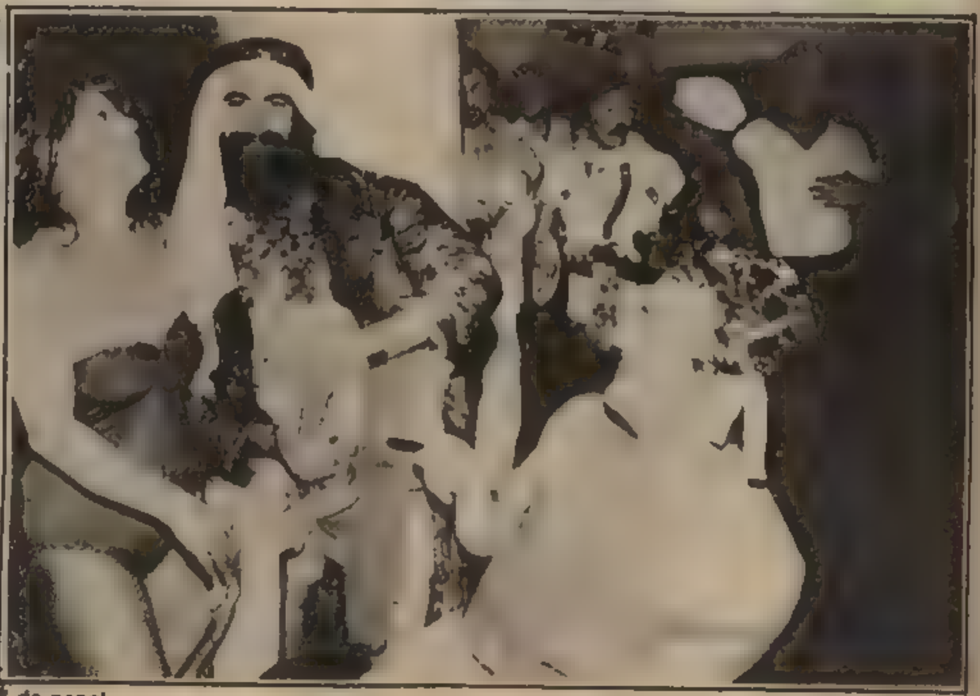
Foto Custódio Coimbra

Pescocinho cheiroso

Foto Custódio Coimbra

Salto imortal

Foto Cristina Vilares



É de pano!

Nos bailes, ninguém sabia onde estavam os músicos. Não tem mais essa de dançar, pular agarradinho. Cada um fica na sua, à espera de um lance, de ganhar companhia.

Foto. Chiquito Chaves

Desse baile saiu a banda das Peitudas

Foto Chiquito Chaves

Tipo tábua, mas cheia de graça

Foto A. Mesquita

Vesgo, de tanta força

TRAVESTIS NA PRAIA

Fotos Wagner Avancini

Domingo de carnaval, na praia de Copacabana, [redacted] improvisaram um [redacted] de fantasias. Tinha noiva, freira, melindrosa e até locutora oficial.

Foto: Custódio Coimbra

Os quatro são dele

Foto Custódio Coimbra

Embaixo, delírio da galera

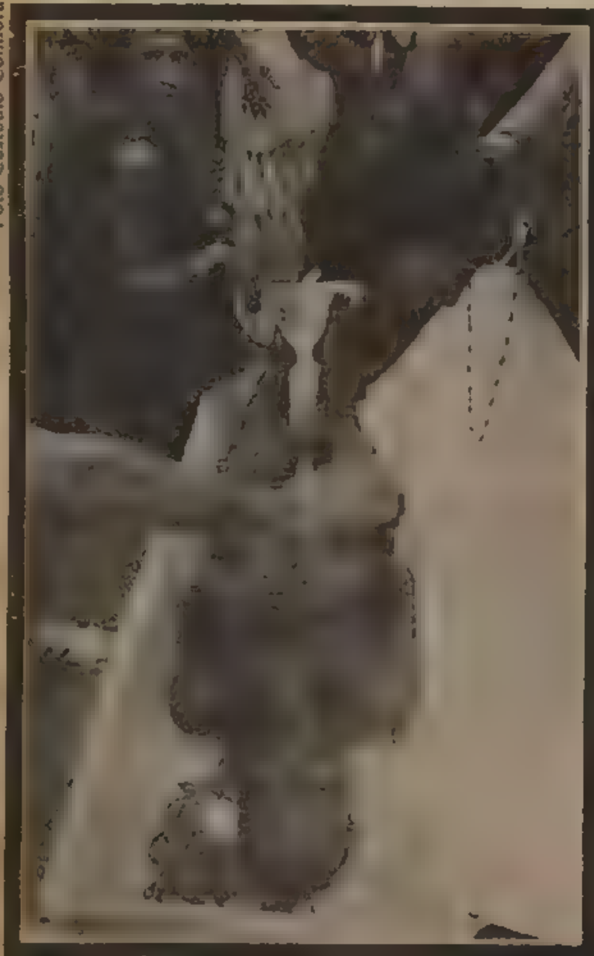
Foto A Mesquita

O peito dele não cai mesmo

HUMOR NO CARNAVAL

O folião faz humor com os problemas que enfrenta durante o ano e critica com ironia a violência da polícia, a falta do feijão...

Foto Custódio Coimbra



Mendigo enterrado como 'pau-less'

Foto Luiz Torok

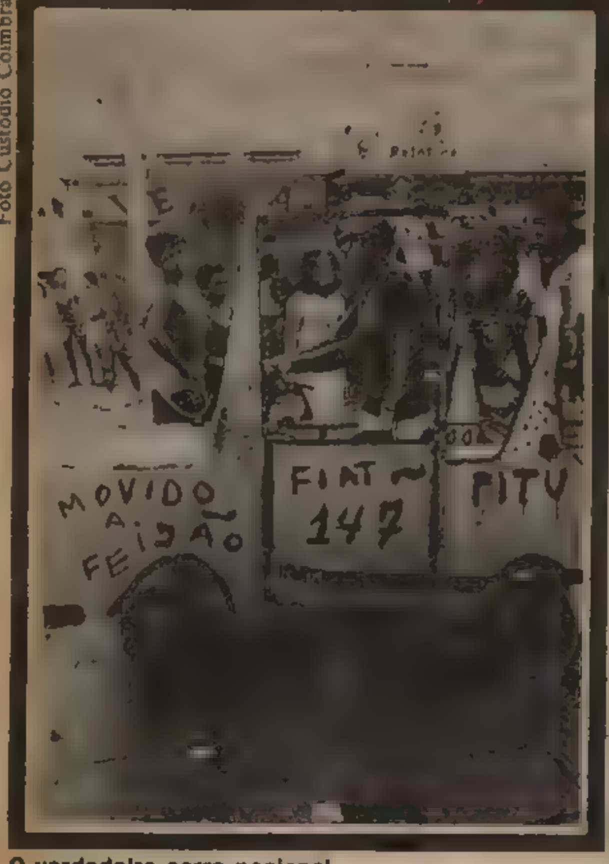
Ela quer se casar

Foto Wagner Avancini

A escada na cadela era alta

REPORTER

Foto Custódio Coimbra



O verdadeiro carro nacional

Foto Valdir Alonso

Figueiredo dança com o povo

Foto Wagner Avancini

Nem o bumbo segurou ele

REPÓRTER
agora quinzenal

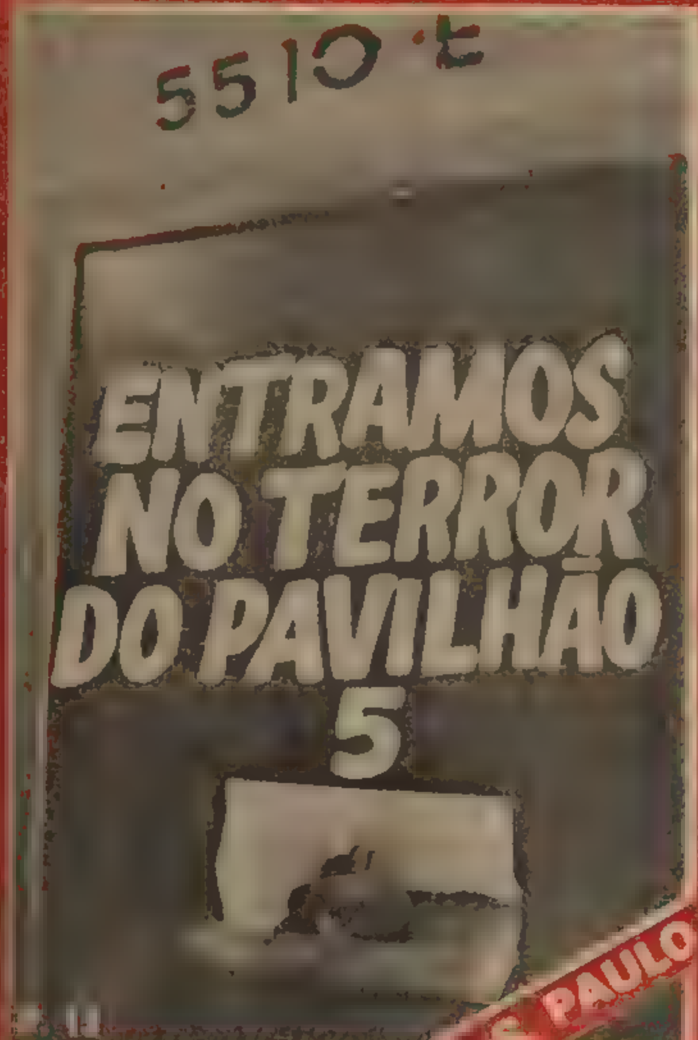
De 1 a 14 de abril de 1981 — nº 41 — ano IV — Cr$ 50,00

AUTÔNOMO INDEPENDENTE

Violência contra a mulher no Rio

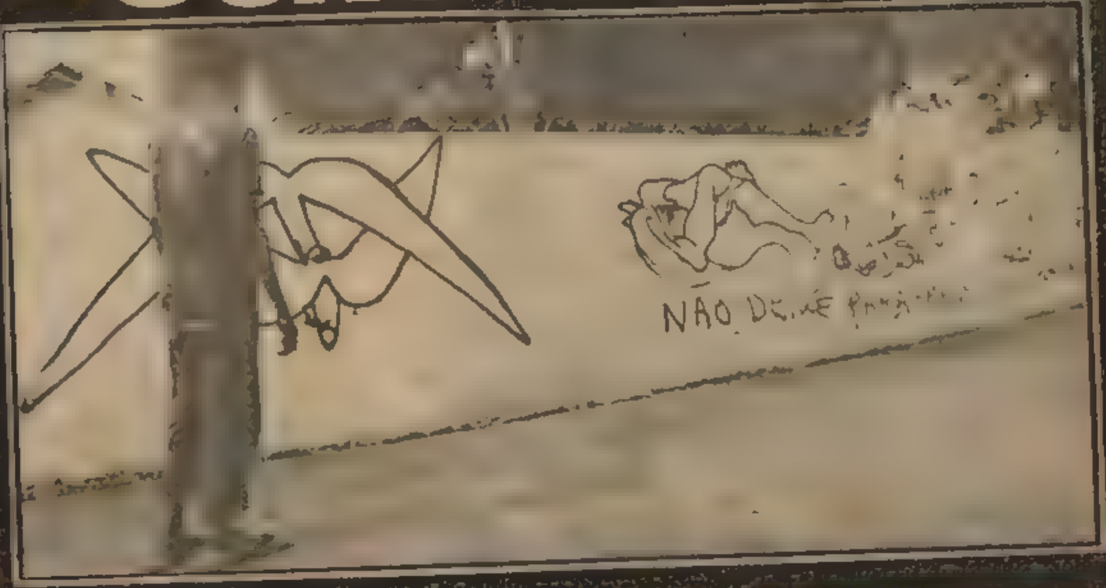
RECORDE DE CURRAS EM N. IGUAÇU

P. 9



Sexo mural

P. 16



Depois de 3 meses de entressafra

Começou a colheita da maconha

P. 19

Golpe de 64

JANGO PODIA RESISTIR

P. 4

GOVERNO DO RIO

BRIZOLA LANÇA CAMPANHA A 1º DE MAIO EM VOLTA REDONDA

A candidatura de Leonel Brizola ao governo do Estado do Rio de Janeiro será lançada oficialmente no dia 1º de maio, em Volta Redonda, num comício que já está sendo organizado pelo PDT, para o qual se pretende juntar pelo menos 30 mil pessoas. Já estão sendo preparados cartazes e folhetos, além de 10 mil plásticos adesivos para carros.

A decisão de lançar a candidatura no Dia do Trabalhador foi tomada na segunda quinzena de março, dias antes de Leonel Brizola se encontrar em Brasília com o ministro da Justiça, Ibrahim Abi-Ackel. Isso porque Brizola considerou o encontro como "o fim de uma era de ressentimentos entre governo e Oposição", o que, em sua avaliação, afastou, ou pelo menos amenizou, o temor de que sua candidatura fosse entendida pelo Palácio do Planalto como uma forma de revanchismo, a qual, se vitoriosa, as autoridades federais não dariam posse efetiva no cargo.

O comando da campanha do presidente do PDT está entregue a dois políticos sem mandato e de sua mais estreita confiança: os ex-deputados Lisâneas Maciel e Neiva Maciel. Semanalmente Brizola reúne-se com eles e traça a estratégia da campanha, até aqui mantida em absoluto sigilo.

Já está confirmado também que no comício de Volta Redonda estarão presentes deputados federais do PDT e, mesmo, políticos do PMDB que apóiam o nome de Brizola.

EXPERIÊNCIA NO RAMO

O deputado e coronel Erasmo Dias confessou, durante intervenção na Comissão Parlamentar de Inquérito que apura atos de terrorismo de direita promovidos em todo o país no segundo semestre de 1980, que já teve vontade de incendiar o REPORTER. Referiu-se ele ao "jornaleco que o pressionou com acusações". O depoimento só surpreende pela franqueza porque, experiência no ramo de explosivos o deputado tem: como este jornal noticiou na sua edição nº 12 (dezembro de 1978), o coronel participou de um grupo militar que explodiu com bomba, em 1968, o primeiro andar do prédio onde funcionava o jornal **O Estado de S. Paulo**. Desde então, e por não ter obtido na Justiça a retaliação que pretendia, o deputado nos brinda com lances de seu temperamento, digamos, histriônico, tempestuoso, sincero.

NOTA DA REDAÇÃO

*Na seção **São Paulo não pode pirar**, de última edição, saiu o nome do jornalista Mino Carta como envolvido numa rusga entre sócios da Editora Três. Foi erro de revisão. Referíamo-nos, na verdade, a Luís Carta. Mino, há algum tempo, desligou-se da editora.*

Grupo armado explode a Tribuna

Com panfleto que atribuía a ação a um suposto Comando Herzog, grupo de 10 homens encapuzados até o pescoço e equipados com revólveres, rádio e algemas plásticas importadas explodiu na madrugada do último dia 26 a rotativa do jornal carioca Tribuna da Imprensa, **máquina confiscada pelo governo federal para pagar dívidas com a previdência social. O bando retirou os funcionários do prédio, reteve-os em outro local para evitar que alguém se ferisse, mas esqueceu no prédio o velho vigia, Napoleão Brasil, atirado no meio da rua pela explosão.**

Queremos Biggs de volta!

O seqüestro, no Rio, do assaltante Ronald Biggs, é um atentado à soberania nacional, como foi o caso de Lilian Celiberti, retirada clandestinamente de Porto Alegre por oficiais do Exército uruguaio. Biggs estava protegido por decisão da Justiça brasileira e custodiado pela Polícia Federal. O hábito de calar diante de tais atos só estimula violências semelhantes, o que é estranho para um governo que se mostra tão cioso da segurança nacional.

TÃO BONZINHO O SÍLVIO SANTOS!

Assessoria do grupo Sílvio Santos, contemplado com a concessão de novos canais de televisão, divulgou nota pelo jornal relatando encontro entre o presidente da empresa, o presidente do Sindicato dos Radialistas de São Paulo e um representante dos ex-empregados da Rede Tupi de Televisão que, no ano passado, teve cassada suas concessões por dívidas com o governo federal. Luciano Calegari, vice-presidente do grupo, anunciava que, só no setor de jornalismo, Sílvio Santos iria absorver mais de 30 pessoas que trabalhavam na Tupi. Na verdade, o grupo ofereceu foi o salário mínimo da categoria (Cr$ 28.500,00) a todos os jornalistas, profissionais com muitos anos de carreira e que, em média, ganhavam cerca de Cr$ 100 mil nos cargos que ocupavam. Sílvio Santos quer mão-de-obra barata e ainda fatura a imagem de empresário preocupado com o mercado de trabalho.

REPORTER

EDITORES — Alex Solnik, Luiz Alberto Bettencourt, Pipol (Arte)

CHEFIA DE REPORTAGEM — Ricardo [illegible]

REPORTAGEM — **Rio de Janeiro:** Tim Lopes. **São Paulo:** Rivaldo Chinem, Sílvio de Souza, Hélio Belik, Teresa Moreira. **Recife:** Eduardo Homem, Beth Salgueiro: **Salvador:** Mariluce Moura

FOTOGRAFIA — **Rio de Janeiro:** Chiquito Chaves. **São Paulo:** Wagner Avancini, Eliana Pastore, Valdenir Benedetti. **Recife:** Valdir Afonso, Xirumba

ARTE — Analuce Estrella, Ana Maria Martins, Guidacci

CIRCULAÇÃO — Simeão Marques

PUBLICIDADE — Lucília Braga (Rio), Isaías Justo Reis (São Paulo)

DEPARTAMENTO JURÍDICO — Luís Celso Araújo (Rio), Carlos Eduardo Costa Pereira (Recife)

REPORTER Autônomo Independente é uma publicação da MARGEM S.A. EDITORA E GRÁFICA. **Rio de Janeiro:** rua Miguel Couto 134/11º, tel.: 253-5038, 253-5077. **São Paulo:** rua do Seminário, 155/sala 30, tel.: 227-7175
Recife: Av. Conde da Boa Vista 121/grupo 707, tel.: 222-1224
Composição — Editora Mory, rua do Resende 65, e Inúbia Editorial e Industrial S.A., rua André Cavalcanti 86 — RJ
Impressão — Cavaliere Publicações Editora Gráfica Ltda. Tel.: 231-2921 (Jornal Hoje) — RJ

FIGUEIREDO CRIA 'SISNE' PARA CONTROLAR INFORMAÇÃO

NOVA SUPERAGÊNCIA COMANDA SNI, CENIMAR, CIEX, CISA, CIE

Reportagem de Rivaldo Chinem

O governo já criou um superórgão de informações. Trata-se do **Sisne**, subordinado diretamente ao presidente Figueiredo. Seu objetivo é coordenar todo o trabalho dos múltiplos órgãos de segurança que atuam no país: SNI, ligado diretamente à Presidência da República, CIE e CIEX, do Exército, Cisa, da Aeronáutica, e Cenimar, da Marinha.

A informação foi dada ao REPORTER por um agente da Polícia Federal que visitou o **Sisne**, instalado no porão do próprio Palácio do Planalto, quando esteve, há três meses, fazendo um curso na Escola Nacional de Informações. Segundo a mesma fonte, o **Sisne** é um centro-modelo de informações e contra-informações, funcionando como um supercentro de espionagem. Além dos funcionários, cuidadosamente selecionados, só têm acesso ao local o presidente Figueiredo, ministros militares e alguns raros convidados.

A centralização dos órgãos de informação é uma imposição do processo de abertura política no país. Com a nova realidade que lentamente se delineia, o governo passou a ter necessidade não apenas de órgãos especializados em espionar e reprimir, mas, principalmente, de um superórgão de assessoria que atue em todos os níveis: economia, política e segurança.

Para se ter idéia de como os órgãos de informação influenciam a vida do país, basta dizer que, atualmente, segundo cálculos oficiosos, mais de 200 mil pessoas estariam ligados a eles, sejam como agentes, informantes fixos ou através de meros serviços esporádicos, além, é óbvio, do pessoal e as equipes de ação ostensiva. É uma área cercada do maior sigilo, com verbas e pessoal só conhecidos de alguns poucos ministros e militares com acesso aos orçamentos secretos das Forças Armadas e órgãos de segurança.

A ausência de coordenação de todo esse pessoal — que centraliza grande capacidade de poder em suas mãos — sempre foi fonte de atritos dentro do próprio governo. Há episódios recentes que mostram o alcance do choque entre os próprios órgãos de informação e segurança. O mais grave ocorreu na época da sucessão do general Geisel, quando o então ministro do Exército, Sylvio Frota, transformou o CIEX num centro de poder e de alimentação de sua campanha.

O choque interno atingiu particularmente os centros de informação subordinados à Marinha, Exército e Aeronáutica. Deles, o mais eficiente — particularmente nas ações repressivas — é o Cenimar. Criado antes mesmo do golpe de 1964, ele é inspirado no serviço de informação inglesa "M7", considerado o mais perfeito do mundo. O Cenimar é, inclusive, considerado mais perfeito que o SNI, o mais conhecido dos serviços de informação, atuando sempre de forma isolada e ultra-sigilosa. Em seu arsenal, o Cenimar dispõe, entre outras armas sofisticadas, de uma que dispara um pó químico capaz de permitir fotografias à noite, sem que o olho humano perceba qualquer sinal. Nos navios, há sempre um agente do Cenimar, sem que o comandante conheça sua identidade.

Doi-Codi em SP: no prédio de 2 andares, à direita, as salas de tortura.

Foto Abril Press

CONTROLE INTERNO DATA DE 64

A história da criação dos chamados órgãos de informação está intimamente associada à história do regime militar pós-64 no Brasil. O Cenimar, estruturado antes de 64, só tomou feições definitivas após o golpe que derrubou o regime constitucional. Em 1971, o Cenimar foi reestruturado para fazer frente à luta armada. Em 1967, no auge da primeira grande crise interna do regime, surgiu o CIE, Centro de Informações do Exército. E, em 1970, nasceu o Cisa, da Aeronáutica. O Serviço Nacional de Informações (SNI) data de 1964. Seu criador é o atual chefe da Casa Civil da Presidência da República, Golbery do Couto e Silva. Na verdade, Exército, Marinha e Aeronáutica sempre tiveram seus serviços de informação. A diferença é que, antes do golpe de 1964, eles atuavam apenas a nível internacional, tratando apenas de questões de interesse militar. As chamadas atividades de segurança interna ficavam sob a responsabilidade das secretarias de segurança publica, através dos Departamentos de Ordem Política e Social. A situação só começou a se inverter a partir da ascensão dos conspiradores de 64, que formularam a chamada ideologia da segurança nacional, baseada nas teses dos generais Golbery do Couto e Silva e Meira Matos. Com isso o controle político passou a ser parte importantíssima das atribuições das Forças Armadas.

Rivaldo Chinem

Na casa à direita do ginásio, o Doi-Codi torturava no Rio. É o quartel da Polícia do Exército.

Foto Chiquito Chaves

MÉDICI OFICIALIZOU DOI-CODI

Criado pelo general Mi[redacted] Tavares de Souza, atual comandante do II Exército, o Doi-Codi (Departamento de Operações e Informação, vinculado ao Centro de Operações de Defesa Interna) é, entre os órgãos de informação, o de pior fama no país. Toda sua história é associada à tortura de presos políticos. De todos, o mais ativo na prática de tortura foi o Doi ligado ao II Exército de São Paulo, que, na época mais cruel da repressão (governo Medici), ganhou o estigma de "sucursal do inferno".

Os Doi-Codi nasceram da igualmente cruel Oban (Operação Bandeirantes), organizada em fins de 1968 com recursos de empresarios paulistas para enfrentar a luta armada em São Paulo. A Oban funcionava no mesmo local onde hoje funciona o Doi-Codi paulista: um prédio atrás da 36ª Delegacia de Polícia (bairro de Vila Mariana), na rua Tutoia, 921. É formado por agentes do Exercito, Marinha, Aeronautica, DPPS, polícia civil e Polícia Militar. Há informações de que atualmente o orgão transformou-se num "cabide de empregos" por falta de ocupação para os funcionarios, a grande maioria absorvida por tarefas burocráticas. Só recentemente é que algumas das atrocidades mais secretas do Doi no Rio começam a vir à tona, como é o caso de um centro de torturas que existia em Petrópolis, denunciado pela ex-presa política Inês Etiene Romeu. Inês teria sido a única sobrevivente das presas que estiveram recolhidas à casa da morte em Petrópolis.

A oficialização dos Doi-Codi ocorreu em 1970, quando Médici resolveu institucionalizar a Oban. As transferências para este órgão sempre foram um processo sigiloso, e nos últimos três anos toda a precária documentação sobre o assunto teria sido queimada.

Segundo um relatório preparado por exilados brasileiros e pelo Comitê Brasileiro pela Anistia, entre 1966 e 1969, 11 pessoas morreram sob tortura nas dependências do Doi, em São Paulo: de 1970 a 1973 o número de mortos sob tortura subiu a 70, a maioria apresentada à opinião pública como vítima de "tiroteios" e "atropelamentos".

No governo Geisel houve 47 pessoas desaparecidas após passarem pelo Doi. Dois casos, na época, tiveram repercussão nacional: as mortes do jornalista Vladimir Herzog e do operario Manoel Fiel Filho, ambos em conseqüência de torturas. Em 1977, o Doi torturou o ex-presidente da UNE, Aldo Arantes.

Selma Abrantes

Políticos do PDS reagem à ação do SNI na área da seca

"Evitar conflitos." Esta filosofia que o SNI vem pondo em prática no Nordeste desde 1979, para evitar desgastes desnecessários ao governo, não conseguiu resultados positivos este ano na área flagelada. O exemplo mais expressivo dos fracassos foram as declarações do ministro do Interior, Mário Andreazza, atribuindo a invasão de cidades por flagelados famintos à infiltração de elementos de esquerda, entre eles o ex-líder estudantil Vladimir Palmeira, o bispo de Crateús, dom Antônio Fragoso, e a deputada Maria Luíza Fontainelli, do PMDB.

O equívoco nasceu de uma informação errada que o coronel Décio, da segurança do Ministério do Interior, passou para o superintendente da Sudene, Valfrido Salmito Filho, que, por sua vez, a transmitiu a Andreazza. Fotografias comprovavam as informações. Só que o ministro não as analisou atentamente e por isso não percebeu que as fotos não eram de invasores, nem de Vladimir Palmeira. O que o SNI fotografara fora uma manifestação em Garanhuns, onde o único "elemento estranho" era um jornalista, em missão profissional na região desde muito antes do agravamento da seca.

O episódio envolvendo Andreazza foi apenas um dos muitos problemas que vêm sendo acumulados secretamente nos bastidores do governo. Disfarçados como funcionários da Sudene, agentes do SNI vêm, desde 1979, gravando conversas com prefeitos, governadores, agricultores e fazendeiros para elaborar um dossiê. O resultado é que agora os informes recolhidos contrariam interesses do próprio PDS. De posse dos dados, o governo tem condições de desmascarar as manobras de políticos de seu próprio partido para usar a seca como forma de barganhar recursos, escassos nestes tempos de crise econômica.

É aí que surge o impasse. Os governadores e prefeitos, que antes obedeciam disciplinadamente ao SNI, se rebelaram, conseguindo evitar que os relatórios dos agentes viessem a público. E tudo indica que podem criar obstáculos para o trabalho preventivo do SNI, pacientemente articulado desde 1979, quando o general Octavio Aguiar de Medeiros, chefe do Serviço Nacional de Informações, deslocou-se para a Paraíba e conseguiu evitar um conflito de graves proporções entre a polícia do governador Tarcísio Burity e dos fazendeiros, com os camponeses de Alagamar.

Contra o SNI há também reações dos técnicos da Sudene, insatisfeitos com a intromissão indevida em suas áreas de trabalho. O desfecho do choque dentro do próprio governo é imprevisível no momento, devido à tensão reinante na área flagelada pela seca. Tudo indica que o SNI pode vir a ter uma atitude mais discreta e refletida para evitar equívocos como o que envolveu o ministro Andreazza, que teve de se retratar publicamente. Mas é certo que sua ação persistirá. Foi o general Octavio Medeiros quem induziu o governo a criar o programa canavieiro, após a primeira greve de camponeses na Zona da Mata, em Pernambuco. E esse programa é um instrumento poderoso para controle do próprio PDS. É a Sudene quem dá os recursos às prefeituras, mas a liberação obedece a critérios políticos. Quem é filiado à Oposição fica de fora.

Pelo menos é o que denuncia o prefeito Marcos Odilon, de Santa Rita (Paraíba). Segundo ele, as prefeituras contrárias ao PDS na Zona da Mata não estão recebendo as verbas. Esta é uma queixa que o SNI não escuta.

Terezinha Nunes

O GOLPE DE 1964

JANGO PODIA RESISTIR

A verdade sobre nossa história

Reportagem de Francisco Viana

A insubordinação do general Mourão deu ao presidente o pretexto pra organizar sua resistência militar, mas ele preferiu negociar, foi envolvido e fugiu.

Segundo militares e políticos que apoiavam o governo — e foram ouvidos por REPORTER — o presidente João Goulart poderia ter resistido, com êxito, ao golpe militar de 64. O levante precipitado, e ainda sem respaldo, das tropas do general Mourão dava-lhe condições militares e políticas para reprimir os setores das Forças Armadas que queriam depô-lo. A indecisão, fruto da instabilidade de um governo que se sustentava em forças populares e se aproximava de governadores e militares da direita, favoreceu a estratégia dos conspiradores, que agiam abertamente, acenando o perigo dos comunistas e da república sindicalista. Eles queriam derrubar o governo eleito, evitar reformas econômicas de base e assegurar o mercado brasileiro para a produção de bens sofisticados, tecnologia externa, salário controlado, paz garantida por um regime ditatorial.

31 de março, 1964. O telefone toca no Palácio Guanabara e um ordenança se apressa em chamar o governador Carlos Lacerda. Do outro lado do fio, o chefe do Estado Maior do Exército, general Castello Branco, está muito nervoso.

— Governador, o senhor tem de fugir com urgência. O Mourão se precipitou e pôs tudo a perder

— O que está acontecendo, general?

— O Mourão pôs a tropa na rua e vai ser esmagado. O senhor tem que fugir para não ser morto. Vamos precisar de sua ajuda, como político, para organizar a contra-revolução

— O senhor tem dados concretos ou está apenas fazendo uma suposição, general?

— É uma suposição, governador

Tenso, Lacerda desligou o telefone e consultou os militares que se aglomeravam no Palácio sobre as possibilidades de resistência. A resposta foi positiva e Lacerda resolveu ficar, apesar das advertências do general Castello Branco e da ameaça dos Fuzileiros do almirante Aragão, que apenas aguardavam ordens para a invasão

Naquele dia, o Palácio Guanabara não foi invadido, nem Lacerda foi morto. Pelo contrário: virou herói nacional, disputando as manchetes com o general Mourão Filho. Castello Branco também nada sofreu, como temia, quando soube que o golpe contra o governo Goulart fora antecipado. Poucos dias depois, 15 de abril, Castello tomava posse na Presidência da República e, mais uma vez, seu destino cruzaria com o de Lacerda. Dessa vez, de forma bem diferente da jornada de março: Lacerda acabaria cassado, liderando a oposição moderada contra o governo militar, e Castello Branco terminaria completamente dominado pela linha dura

Se os destinos desses dois personagens não são suficientes para esclarecer os rumos que o golpe tomou, o diálogo aflito que travaram no dia 31 de março, quando Castello não dispunha sequer de um ordenança para mandar uma mensagem ao Palácio, dá a medida exata de dois grandes problemas dos golpistas: a falta de articulação para o caso de resistência e a luta interna na UDN Magalhães Pinto e Lacerda se digladiavam silenciosamente pela Presidência, só tendo pela frente um adversário de peso: o ex-presidente Juscelino Kubitschek

Dezessete anos depois da conversa telefônica entre o general Castello Branco e o governador Carlos Lacerda, se compararmos as versões de vencedores e vencidos, concluiremos que a história poderia ter sido diferente Políticos e comandantes militares fiéis a Goulart não têm dúvida. o governo era politicamente instável, mas o golpe era perfeitamente evitável.

— Foi um erro de avaliação — diz o ex-comandante dos Fuzileiros Navais, almirante Cândido Aragão, hoje com 74 anos.

Quando o general Olímpio Mourão Filho levantou as tropas do Exército sob seu comando em Juiz de Fora, Goulart equivocou-se. Na opinião de Aragão e de outros militares legalistas, seu erro foi não compreender que o levante das tropas colocava o problema militar em primeiro plano. Havia necessidade de uma ação enérgica e não apenas de negociações políticas para deter as tropas que avançavam para o Rio

Era o fim de um processo extremamente contraditório, que vinha ganhando contornos cada vez mais sombrios desde o famoso comício da Central, com a presença de Goulart, Brizola e Arraes Era o princípio de uma arrancada para as reformas de base, com comícios monstros nas principais capitais do país. E o **slogan** "Reformas no Congresso ou na Marra", com o passar do tempo, ficaria confinado apenas aos livros de História ou às recordações das 250 mil pessoas que, protegidas por tropas do Exército fortemente armadas, ouviram durante oito horas oradores inflamados anunciarem as esperadas reformas de base: eleitoral, administrativa, tributária, agrária, urbana, bancária, cambial e universitária

O comício tinha duplo objetivo reagrupar as forças populares, divididas por fortes antagonismos em todas as frentes, e intimidar a extrema direita, que conspirava abertamente Era uma fórmula para tirar o governo do isolamento político, que se agravava com pressões de todas as frentes: da classe média, do empresariado e do clero que, com rumorosas marchas da família com Deus, brandia terços e preces contra a "comunização iminente". A grande imprensa e parte da oficialidade engrossavam a onda desestabilizadora contra o governo, clamando contra a ameaça de uma suposta "cubanização" do Brasil e a quebra da hierarquia nas Forças Armadas

Castello, presidente; Geisel, chefe da Casa Militar. Entre um e outro, o capital estrangeiro dominou o país.

Na voz de Lacerda, a direita isolou Jango da classe média. O governador queria ser presidente e

A revolta dos sargentos em Brasília (setembro de 63) foi o primeiro passo para divisão dos militares.

O governo começou a cair com o motim dos marinheiros. Aragão (no centro) não conseguiu evitar a quebra da hierarquia, que apavorou a oficialidade.

Politicamente, o comício da Central foi um êxito. Um importante militar — ele prefere manter seu nome em sigilo — que naquela época exercia o comando de parte das tropas legalistas no Rio, conta que uma semana após o comício foi chamado à residência do general Assis Brasil, chefe da Casa Militar de Goulart, para discutir uma nova manifestação de apoio ao governo Dessa vez, o movimento partiria dos sargentos

— Na reunião — diz o militar — encontrei o Assis Brasil e o chefe da Casa Civil, Darcy Ribeiro. Conversamos e fui contra a manifestação Achava que politicamente estávamos avançando, mas militarmente a situação era cada vez mais débil Prevaleceu a tese de que Goulart não podia recusá-la, sob pena de, em seu lugar, os homenageados serem Brizola e Arraes, líderes populares que ofuscavam a figura do presidente. A homenagem dos sargentos, no Automóvel Clube do Brasil, foi a gota d'água para o golpe e, seguramente, o último lance da hábil infiltração da Central de Inteligência dos Estados Unidos (CIA) nas camadas inferiores do Exército, através do famigerado cabo Anselmo, agente da CIA que liderou o **motim dos marinheiros.** Fato que dividiu as Forças Armadas e precipitou o golpe contra Jango.

Poucos dias antes do golpe, vários militares importantes advertiram Goulart para a crise que se aprofundava nas Forças Armadas Era uma questão muito antiga, que vinha desde a redemocratização em 45, quando o jogo democrático foi reaberto, mas a estrutura do aparelho militar e de repressão, herdada do Estado Novo, se manteve intacta. Não foi por acaso que, desde 50, com o fim do governo Dutra, as crises militares se sucederam. Eleito pelo povo, Getúlio Vargas só tomou posse graças ao apoio do Clube Militar e, particularmente, dos generais Newton Estilac Leal, de formação progressista, e Euclides Zenóbio da Costa. Getulio viria a se suicidar no auge de uma crise militar, e seu sucessor. Juscelino, só tomou posse porque o general Lott deu um golpe preventivo

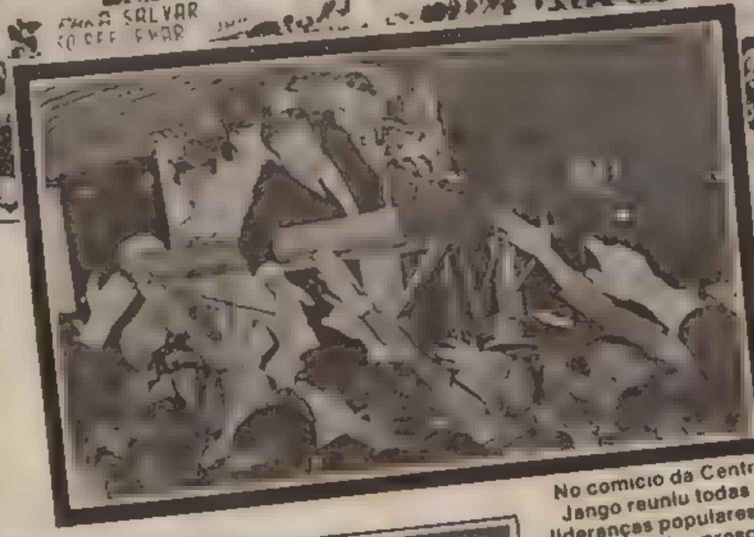
Em 25 de agosto de 1961, o golpe quase deu certo. Não fosse a campanha da legalidade liderada pelo governador do Rio Grande do Sul Leonel Brizola, os ministros militares de Jânio (marechal Odylio Denys do Exército; Sílvio Heck, da Marinha; e Grun Moss, da Aeronáutica) e a direita teria tido êxito. Goulart compôs com os militares e assumiu, com a espinha do parlamentarismo atravessada na garganta Conseguiu derrubá-la num plebiscito em janeiro de 63, mas continuou sendo um governo oscilante. O golpe, enquanto isso, era artesanalmente montado pelos futuros ideólogos da segurança nacional, entrincheirados no Instituto Brasileiro de Ação Democrática — IBAD — e no Instituto de Investigações Sociais — IPES — sob a direção do general Golbery do Couto e Silva.

A crise militar só viria a se agravar em meados de 63, quando o general Osvino Ferreira Alves, homem de grande prestígio no Exército e fiel a Goulart, foi aposentado compulsoriamente. Nesse episódio, segundo militares nacionalistas, faltou habilidade ao presidente Goulart

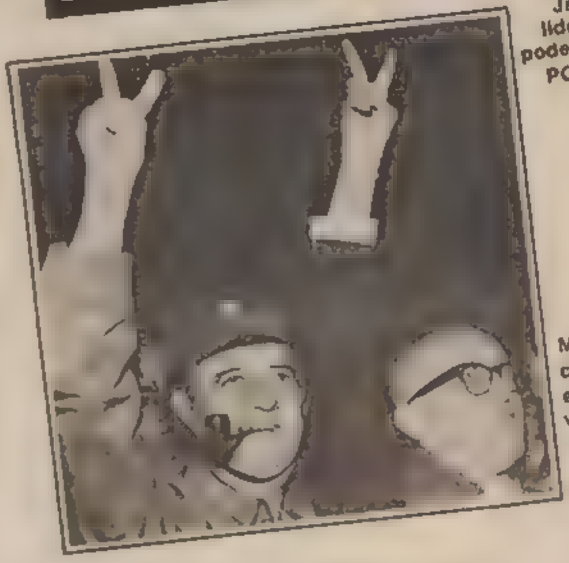
Às vésperas da aposentadoria do general Osvino, um grupo de militares nacionalistas, com a assessoria do ministro da Justiça, Abelardo Jurema, conseguiu uma fórmula para garantir Osvino na ativa. Bastava um ato do presidente Goulart recusou Estava, na verdade, cedendo a pressões do ministro da Guerra, general Jair Dantas Ribeiro, que não nutria simpatias pelo general Osvino, comandante do I Exército Na fórmula proposta, com o endosso do próprio Osvino — hoje com mais de 80 anos e graves problemas de saude — ele deixaria o I Exército e passaria a comandar o III Exército, no Rio Grande do Sul, ficando, assim, longe do centro político do país

Com Osvino na reserva, o esquema militar passou a depender de um único personagem: o general Assis Brasil E foi um fracasso. No dia do golpe, ficou constatado que seu esquema militar, tão propalado, era apenas uma miragem. Seus críticos atribuem parte de seu fracasso ao gosto pelo álcool: o general tinha o hábito de tomar violentos porres de gim quando se sentia atormentado

Encaixadas todas as pedras do quebra-cabeça, é até fácil constatar agora que, em 64, o país não caminhava para a "cubanização", nem para uma republica sindicalista Mourão Filho, herói do levante que logo caiu no ostracismo, diz claramente em suas memórias que Goulart não era um comunista, nem desejava o comunismo. É um depoimento dos mais importantes Anticomunista feroz, de um idealismo juvenil, Mourão disputa com a UDN Magalhães Pinto e Lacerda o papel de principal inocente útil do golpe Fizeram tudo e acabaram entregando o poder ao general Costa e Silva O mesmo poder que hoje está nas mãos do general Golbery



No comício da Central, Jango reuniu todas as lideranças populares. A poderosa CGT, o proscrito PCB, Brizola, Arraes e os operários. Dava a impressão de que ganhava forças para fazer as reformas



Mourão e Magalhães chegaram ao Rio exultantes com uma vitória que não era deles. Trocaram o poder por garrafas de Coca-Cola no Maracanã.

De todos os grupos que se movimentavam no agitado cenário pré-64, talvez os conspiradores dessas instituições de direita tenham tido capacidade para perceber claramente o que estava sendo concretamente colocado como opção histórica para o país Ou seja: as alternativas de um regime de liberdades democráticas e o capitalismo selvagem. Venceu a ultima alternativa, a mais favorável aos interesses americanos

Não foi à toa que a **bancada** do IBAD — financiada pela CIA — chegou a ter 111 deputados na Câmara; nem foi desperdício os seus gastos para financiar campanhas de mais de 850 deputados estaduais e federais em todo o país Isto, sem falar na farta ajuda financeira americana que desfrutaram, durante todo o período Goulart, governadores golpistas como Carlos Lacerda, da Guanabara, Magalhães Pinto, de Minas, Adhemar de Barros, de São Paulo, e Ildo Meneghetti, do Rio Grande do Sul

Vitorioso o golpe, o embaixador americano no Brasil, Lincoln Gordon, exultou: "A revolução brasileira passará à história como um dos grandes acontecimentos do século, podendo ser colocada ao lado do Plano Marshall, do fim do bloqueio de Berlim, da derrota da agressão comunista na Coréia e da solução da crise dos foguetes em Cuba"

É só olhar para seus resultados nestes 17 anos para ver que o embaixador, antes fiel amigo e conselheiro de Goulart, tinha razão. Todos os lucros que o governo Goulart queria reter aqui foram para os Estados Unidos

Lincoln Gordon se fez de amigo de Jango, mas só pensava em derrubá-lo.

Nova ordem mudou o país em 17 anos

1964

- *Cai o governo constitucional. São feitas prisões em massa nas principais cidades do país. Oficiais legalistas, políticos, líderes populares e estudantes são confinados em navios, prisões e quartéis, sob severa vigilância Casos de torturas e assassinatos se multiplicam; em Recife, o líder comunista Gregório Bezerra é preso e espancado pelo major Darci Vilocq, sendo depois arrastado pelas ruas da cidade*
- *É anulada a lei que limitava a remessa de lucros das empresas estrangeiras para o exterior.*
- *É anulada a nacionalização das refinarias de petróleo*

1965

- *Dissolução dos partidos políticos Em lugar do pluripartidarismo que existia desde 1945, surgem dois partidos: a Arena e o MDB*
- *São abolidas as eleições diretas para a Presidência da Republica*
- *É assinado acordo com o governo americano garantindo indenização ás empresas de exploração de minério e montagem de fábricas, em caso de revolução ou inflação que prejudique seus lucros. Prazo do acordo: 20 anos*

1966

- *O senhor Roberto Campos, então ministro do Planejamento e hoje embaixador em Londres, elimina uma das mais importantes conquistas da classe trabalhadora: a estabilidade no emprego. Passa a haver demissões em massa e alta rotatividade nas empresas*
- *O aumento do custo de vida supera, em larga escala, a correção dos salários. É o tempo do arrocho salarial*

1968

- *O AI-5 torna o presidente da República o homem mais poderoso de toda a história do Brasil Com uma simples assinatura, ele fechou o Congresso, cassou mandatos parlamentares, decretou intervenções federais nos Estados, demitiu funcionários públicos, aposentou juízes e levou às cadeias centenas de pessoas*

1969/1971

- *É aprovada pela Junta Militar a nova Lei de Segurança Nacional, reintroduzindo a pena de morte e a prisão perpétua, e fixando em dez anos a pena para um crime inédito a manifestação do pensamento*
- *As universidades perdem mais de 100 professores, aposentados compulsoriamente Mais de 500 peças teatrais ficam nas prateleiras da Censura, que ocupa redações de grandes jornais, como* **O Estado de S. Paulo**, *e da revista* **Veja.**
- *Os órgãos de segurança fazem uma devassa na Oposição: milhares de pessoas são presas, torturadas e muitas são banidas do país, depois de trocadas por embaixadores estrangeiros sequestrados por organizações de esquerda*
- *O ministro da Justiça do general Médici, Alfredo Buzaid, implanta o terror: qualquer discussão em torno do modelo econômico fica proibida em todo o país São abolidas as eleições para os governos estaduais e prefeituras das capitais.*

1973

- *O senhor Antônio Delfim Netto, ministro da Fazenda, comete uma fraude: manipula os índices de inflação e do aumento do custo de vida para não aumentar corretamente os salários dos trabalhadores As perdas salariais vão a mais de 20%.*

1974/1976

- *São mortos 10 membros do comitê central do Partido Comunista Brasileiro. Em São Paulo, nas dependências do Doi-Codi do II Exército, são torturados e mortos o jornalista Vladimir Herzog e o metalurgico Manoel Fiel Filho*

1977

- *O Congresso é fechado mais uma vez. O governo aprova na marra a reforma judiciária. Surgem os senadores biônicos, a Lei Falcão impede o acesso dos candidatos às rádios e televisões*

1978/1981

- *Agravam-se os problemas econômicos. A dívida externa alcança a 70 bilhões de dólares; o dólar chega a ser cotado a cerca de Cr$ 80; a inflação e o custo de vida disparam — 120% ao ano, segundo os índices oficiais*
- *O governo inicia a recessão: há demissões em massa no país; as greves são reprimidas violentamente, sobretudo no ABC paulista Líderes sindicais e deputados federais são processados com base na Lei de Segurança. Atentados terroristas contra os jornais da imprensa alternativa atingem as bancas de jornais, a Ordem dos Advogados do Brasil e a Associação Brasileira de Imprensa. Os culpados não aparecem*

Governo de Reagan muda política e recomeça guerra-fria

— Reagan e Carter são como Pepsi e Coca-Cola. Não são poucos os partidários desta comparação, entre eles figuras como Lula, o jornalista Paulo Francis e quase toda a crônica política americana. Se for na base do refrigerante, a comparação não parece ser das mais felizes. Pelo menos é o que têm mostrado os primeiros meses do governo Reagan, onde, ao contrário de Carter, a política de direitos humanos e defesa da paz mundial foi rapidamente substituída pelo clima de guerra-fria e ameaças de confronto com a União Soviética.

No plano interno, Reagan está rompendo com uma tradição americana que data dos anos 30, quando começou a surgir grande número de mecanismos de controle para evitar que os capitalistas pudessem agir livremente no próprio país. Reagan está também querendo amenizar o controle de normas técnicas na produção, de poluição ambiental e limitar programas de saúde e educação. Detalhe: vai reduzir — é fato já anunciado — à metade o funcionalismo das agências de controle de qualidade, todas surgidas a partir de fortes movimentos populares.

O novo presidente quer cortar investimentos de 54 bilhões de dólares. Para isso, está pondo em prática o primeiro dos quatro pontos de seu programa: a diminuição violenta do peso do governo federal na economia. Haverá cortes nos programas de assistência social que favorecem velhos, crianças, pobres e minorias raciais — 1/3 do total dos cortes atingirá tais programas; reduzirá os gastos com defesa do meio-ambiente; demitirá 122 000 funcionários públicos até 1984; dará reajustes mais baixos que a inflação para os aposentados; diminuirá os investimentos estatais em obras de infra-estrutura, em ajuda externa e diminuirá as verbas para pesquisas nas áreas de ciências sociais e arte. Serviços públicos tipo correios e a aeronáutica civil também sofrerão cortes.

De seu programa há ainda outros pontos funestos para a política interna americana. Durante três anos, o imposto de renda será reduzido 30%. A redução vai beneficiar os ricos que, nos Estados Unidos, são os que efetivamente pagam o imposto. Assim, quem tem dinheiro vai ficar mais rico. E os assessores do governo procuram amenizar o jogo: "Com o corte nos impostos, estimularemos os investimentos e não o consumo". Não satisfeito com todo o apoio que está dando aos capitalistas, Reagan quer também "perdoar" dívidas acumuladas junto ao Estado, desde que haja "compromisso" em aplicar o dinheiro na produção. O "perdão" alcança dívidas de 12,1 bilhões de dólares.

Isto é o plano interno. No plano externo, as diferenças entre o ex e o atual presidente americano já atingem indistintamente países de todos os continentes. Reagan não havia ainda se recuperado das atribulações da cerimônia de posse e já enviava armas e assessores militares para reprimir a luta popular em El Salvador; não poupou ameaças ao governo revolucionário da Nicarágua — que derrubou a ditadura de Somoza após sangrenta guerra civil — e de Cuba; começou a treinar grupos paramilitares para reprimir movimentos populares na América Central e mandou o general Vernon Walters, homem forte da CIA, negociar com as ditaduras do Cone Sul apoio ao seu governo.

Suas ameaças contra a União Soviética e o socialismo, de um modo geral, reeditaram o clima da guerra-fria, amenizado no governo Carter. No programa de governo, apresentado em fevereiro último ao Congresso, Reagan não poupou os planos armamentistas: armas, bombas, aviões e navios de guerra terão produção aumentada. O pior é que tudo isso ocorre em meio à ampla campanha dos meios de comunicação de massa para mobilizar o povo americano: "É o novo começo da América!"; "Não há nada de errado na América que não possamos corrigir!", "O programa de governo é nossa única alternativa!". Por trás da propaganda fica o seguinte: Reagan quer romper os controles sociais do sistema e deixar que os problemas se resolvam no campo da economia. Só que nesse campo o capitalista é o grande beneficiado, enquanto o trabalhador fica só com mais trabalho. Depois de tudo isso, não fica muito difícil constatar que entre Reagan e Carter as diferenças não são tão tênues como entre a Pepsi e a Coca-Cola. A diferença está bem mais para a distância entre a política de direitos humanos e a guerra-fria.

Daniel Aarão Reis Filho

TRÁFICO DE INFLUÊNCIAS:

Maluf compra voto e ganha presidência da Assembléia

No último dia 15, o governador Paulo Maluf conseguiu, numa barganha política com alguns de seus adversários, ganhar a presidência da Assembléia Legislativa de São Paulo, que estava em poder da Oposição (PMDB) desde 1975. Seu candidato, o deputado Januário Mantinelli Neto, do PDS, ganhou num jogo de cartas marcadas que Maluf armou à custa do tráfico de influências.

Três dos quatro supostos oposicionistas aliciados pelo governador são conhecidos. O primeiro deles é Vicente Botta, do PTB. Em troca do voto, Botta ganhou o cargo de segundo-secretário da mesa da Assembléia e as simpatias de seu mentor político, o ex-presidente Jânio Quadros, que sonha chegar ao governo paulista com votos do PDS

O segundo nome: Nabi Abi Chedid. Isolado por seus atos de rebeldia, Nabi, que sonhava com a primeira secretaria, teve que se consolar com a segunda vice-presidência. Antes de compor com Maluf, o parlamentar tentou, sem êxito, impor seu nome como candidato da Oposição à presidência.

Por fim, o terceiro nome que barganhou voto com o governador: o folclórico José Bustamante, do PMDB. Foi talvez o voto mais fácil para Maluf. Custou apenas uma festa de carnaval no bairro da Penha, organizada por ordem do prefeito Reinaldo de Barros. Com a festa, Bustamante acredita ter crescido no conceito de seu eleitorado.

Feitas as contas, Maluf conseguiu 40 dos 79 votos da Assembléia, onde a bancada do PDS ocupa 37 cadeiras. Há ainda um último voto que favoreceu Maluf, mas este ninguém sabe de quem é. Foi o único voto em branco da eleição. O deputado Alberto Goldman, do PMDB, seguramente sabe quem é seu autor. Foi ele quem marcou e recolheu as cédulas dos oposicionistas. No entanto, tem mantido reservas. Talvez porque o nome seja de um colega oposicionista. E, obviamente, não convém revelar.

João Marcos Guimarães

Oficial controla tropa na greve da PM na Bahia

Cabos e soldados só obedeceram;

Na assembléia que votou pela greve da Polícia Militar em Salvador, 11 de março, foi assumido o compromisso de que oficiais e sargentos se apresentariam presos no Quartel dos Aflitos, nos fundos do palácio do governo, caso algum companheiro fosse preso. No dia 16, quando a greve acabou, havia o saldo de um oficial morto, outro ferido em estado grave e cinco oficiais presos, mas a decisão não foi posta em prática. O que teria ocorrido?

Entre a deflagração da greve, no dia 13, e seu fim, um fato ficou claro: o movimento foi solidamente hierarquizado, com os oficiais controlando totalmente a situação, enquanto soldados e sargentos se limitavam a aguardar ordens no Clube dos Sargentos. Isto aumentou temores entre as camadas inferiores de que, no final, acabariam sendo as únicas prejudicadas. E acabou pesando na balança para que o apelo do governador Antônio Carlos Magalhães fosse atendido, sem novos atos de rebeldia.

Este foi um aspecto da greve da Polícia Militar baiana. O outro, ainda não bem esclarecido, é o alcance de seu objetivo político. Ninguém tem dúvida de que os salários da corporação são irrisórios: o salário-base de um soldado é Cr$ 7 mil. Os sargentos ganham entre Cr$ 9 e Cr$ 10 mil; um tenente, Cr$ 14,5 mil; um capitão, Cr$ 16,8 mil; e um coronel, Cr$ 23 mil. A razão das dúvidas é o perfil dos líderes da greve, responsáveis pelo controle das camadas mais baixas da corporação e por todas as decisões, que envolveram 90% dos 13 mil PMs participantes do movimento.

Notório direitista e violento – este é, em resumo, o perfil de um dos líderes mais destacados do movimento, o coronel Otto Aguiar, comandante do Policiamento do Interior, que perdeu o cargo e foi preso logo no primeiro dia do movimento. Foi Otto quem comandou a invasão da favela de Marotinho, em 1976, quando a PM, com violência, expulsou 4 mil pessoas de seus barracos.

Outro personagem sombrio é o major Etiene Falcão, que teve a ousadia de tomar de assalto viaturas de sua corporação em poder de fuzileiros. Sua folha de serviços ao regime de 64 é ampla. Em Salvador, não há quem não tema o major Etiene Falcão. A lista de figuras de passado desabonador não termina aí. Exemplo: o capitão Jesus. É ele quem habitualmente comanda a repressão contra os movimentos populares em Salvador. No início dos anos 70, quando ainda atuava no Doi-Codi (era tenente na época), especializou-se em tortura. A maioria de suas vítimas era de militantes da chamada Ação Popular Marxista-Leninista, extinta pela repressão.

Tudo isso levou alguns observadores a acreditarem que a greve poderia servir mais às intenções da linha dura, que prega o fechamento do regime, do que aos movimentos populares. Independente da margem de acerto destas análises, a verdade é que o movimento da Polícia Militar deixou cicatrizes profundas: para a corporação – que perdeu um oficial, o tenente Walmir Alcântara dos Santos, morto num tiroteio com fuzileiros, e está com outro oficial gravemente ferido, o tenente João Mário de Almeida Lima, também em tiroteio – e para o governo do Estado.

Ninguém desconhece as ambições políticas de Antônio Carlos Magalhães, um dos governadores de mais prestígio junto ao Planalto e homem de confiança de Figueiredo. A greve contribuiu muito para desgastá-lo junto à Polícia Militar, em cujas assembléias oradores pediam abertamente para que a corporação não votasse no PDS. Há informações de que na madrugada de sábado o governador tentou desesperadamente, por telefone, fazer recuar os grevistas, mas não conseguiu. Ficou também muita dúvida quanto ao saldo político do movimento dentro da corporação. Logo após seu encerramento, um oficial que participou da greve afirmava que não pensaria duas vezes no caso de receber ordens para reprimir qualquer movimento popular. Resta saber se há idêntica disposição nas camadas inferiores da corporação, onde a maioria dos soldados vive em favelas e tem péssimas condições de vida

Colocado à parte também o saldo político, resta apenas a dura realidade da vida da corporação, sempre convulsionada por movimentos reivindicatórios. Em julho do ano passado, 70 soldados do 7º Batalhão, no estádio da Fonte Nova, foram demitidos porque se recusaram a ir às ruas. Queriam melhores condições de trabalho e salário. Um pouco antes, o 6º Batalhão, no Centro, também se recusou a trabalhar. A reivindicação era idêntica. Além disso, houve o caso do sargento José Carlos Carneiro, preso porque deteve um oficial que dirigia embriagado

Foto Agência JB

Major Paulo Ramos, ao centro, preso por protestar contra o estilo de comando do coronel Cerqueira.

APÓS A PRISÃO DO MAJOR RAMOS, RIO:

Comandante endurece pra conter reações

No dia 17 de março, o boletim de serviço da Polícia Militar publicou a punição imposta ao major PM Paulo Ramos Barbosa: 30 dias de prisão em regime de semi-incomunicabilidade, o que significa que ele só pode ser visto por seus parentes.

A punição não chegou a causar surpresa a alguns oficiais, pois uma semana antes o comandante-geral da PM, coronel Nilton Cerqueira, numa reunião com coronéis, afirmou em altos brados ter conhecimento de que o major era "subversivo", ou seja, tinha ligações com organizações de esquerda.

A verdade é que Cerqueira, matador do capitão Lamarca e ligado à linha dura do Exército, não gostava de Paulo Ramos por suas ligações com o extinto MDB. Em 1978 ele tentou, inclusive, ser candidato a deputado pela Oposição e acabou não conseguindo. Outro que também estava de olho em Paulo Ramos, e possivelmente influenciou o comandante-geral da PM, era o governador Chagas Freitas. Em 78 ele consultou a liderança do PDS, em Brasília, sobre a possibilidade do major ter uma legenda nas eleições à Câmara Federal. A questão chegou ao Exército, que nada opõe à candidatura. Os chaguistas procuraram, então, por conta própria, dificultar de todas as maneiras a pretensão do major (nessa época Chagas pertencia ao MDB).

Além disso, Paulo Ramos foi um dos oficiais que mais se destacaram no cerco ao Palácio Guanabara em 1980, quando a PM lá entrou à força para falar com Chagas. Ele foi eleito pelos 600 oficiais que lá estavam como seu representante para dialogar com o governador (que ficou preso durante alguns minutos) e tentar arrancar dele a promessa de aumento.

A razão alegada para a punição do major Paulo Ramos foi um documento que ele encaminhou ao comandante-geral — em obediência às regras do regimento militar — desaprovando o grande estardalhaço em torno da punição de oficiais da corporação que vem sendo feito por Cerqueira. Segundo o major, isso cria insegurança entre os oficiais e poderá afetar o princípio da hierarquia.

Quem recebeu primeiro o documento foi o coronel Frazão, que chefia o 15º Batalhão da PM em Caxias, ao qual Paulo Ramos está diretamente subordinado. Frazão, então, ligou para Cerqueira e ele, tomando conhecimento do teor do documento, mandou aplicar imediatamente a punição a Ramos, que vai cumpri-la em Campos.

Além da punição de oficiais, que sem dúvida cometeram irregularidades graves, Cerqueira está criando mal-estar na PM pelas ordens que vem dando sobre como devem ser realizadas as batidas por toda a cidade. A orientação é para atirar ao menor sinal de resistência, pois, para Cerqueira, dentro de qualquer veículo pode esconder-se um criminoso comum ou até um perigoso comunista. O que os oficiais da PM temem é que, agindo assim, a reputação da corporação, que já é péssima, em especial devido à violência com que atua, piore.

Afastando Paulo Ramos do convívio com a oficialidade, na qual ele ocupa posição de liderança, Cerqueira deu uma prova de força e mostrou que não está disposto a tolerar resistências a seus métodos. A punição causou, porém, constrangimento em toda a corporação, pois Paulo Ramos sempre foi considerado um oficial corretíssimo, tendo sido o único até hoje a chegar ao posto de major com apenas 33 anos.

Sua punição causou mal-estar também aos moradores de Realengo, onde ele nasceu e mora até hoje. Paulo Ramos é muito conhecido no bairro, tendo inclusive fundado em 1963 o **Bloco dos Beijoqueiros**, do qual é presidente. O pessoal de Realengo chegou a pensar em fretar vários ônibus para ir visitá-lo em Campos, mas desistiu quando soube da semi-incomunicabilidade imposta.

A punição a Paulo Ramos visa também coibir qualquer idéia de rebelião na PM do Rio para a obtenção de maiores salários. O exemplo da PM da Bahia, que entrou em greve, ainda está bem vivo, e alguns oficiais da corporação do Rio de Janeiro chegaram a elaborar um manifesto de solidariedade a seus colegas baianos. Além disso, circularam informações de que as PMs do Ceará e do Rio Grande do Sul iriam também cruzar os braços, criando condições para um movimento em nível nacional. Tal hipótese preocupou muito altos escalões das Forças Armadas, pois as PMs em conjunto têm um efetivo de nada menos que 300 mil homens.

Vinicius Bueno

'PLANO ACISO' REPETE A TÁTICA DO ARAGUAIA

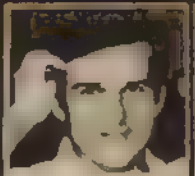
Depois de mobilizar praticamente todo seu efetivo para o que chama agora de "combate dinâmico contra o crime" — ou seja, a intensificação das velhas batidas — a polícia carioca esboça os primeiros passos de sua mais nova estratégia: conquistar a população, para que ela também participe do trabalho policial. O plano chama-se "PM-Rio" e, se ainda não tem o apoio da população como um todo, pelo menos obteve o aval de um segmento considerável — os empresários. Eles já se comprometeram a financiar o ponto principal do plano: a instalação de minidelegacias em vários locais do centro da cidade, especialmente na zona comercial e nos bairros. As minidelegacias funcionarão em cabinas de fibra de vidro e serão equipadas com armamento pesado, sistema de comunicação e policiais, é claro. Cada cabina custará Cr$ 200 mil, mas dinheiro não é problema — a primeira já foi doada pelo presidente do Clube dos Diretores Lojistas do Rio, Sílvio Cunha.

A idéia não é nada original, como reconhece o coronel Geraldo Penteado, assessor para Assuntos de Segurança da Secretaria de Segurança Pública do Rio: "Será um sistema de policiamento com função social similar à Operação Aciso, realizada no sul do Pará". Para quem se recorda, a Operação Aciso (Ação Cívico-Social) foi montada pelo Exército para dar respaldo popular às operações militares deflagradas contra os guerrilheiros da região do Araguaia. A estratégia básica era a manutenção de forças militares na região sob a capa de uma atuação assistencial (distribuição de remédios, vacinas, identificação das pessoas, etc). Mas não escondia seu principal objetivo, que era isolar os camponeses das forças de guerrilha. Mesmo que para isso fosse preciso incentivar a delação entre os habitantes da região.

Transplantada para o meio urbano, a Operação Aciso veste roupagem nova — o Plano PM-Rio — para enfrentar não o guerrilheiro, mas o "banditismo armado". A filosofia, porém, é a mesma: integrar o policial com a população. Ou, como diz o chefe de Relações Públicas da Polícia Militar, coronel Artur Delamare, "substituir, tanto quanto possível, a repressão legal pela reprovação social". Em outras palavras, fazer de cada cidadão uma espécie de policial.

Genilson Cezar de Souza

Ô da política!



Daniel Aarão Reis Filho

Avanço, pressão, recuo. Eu já vi a peça antes.

De repente as sombras clarearam no céu e o governo, que estava com cara de mau, começou a ficar bonzinho.

O general Figueiredo, comemorando o 2º aniversário de governo, declarou: "Reafirmo o que disse como candidato: entregar ao meu sucessor um país normalmente democratizado, mesmo que seja obrigado a combater a desconfiança e os que querem o pior para o país".

No mesmo dia houve um acontecimento ainda mais importante, embora quase não noticiado pelos jornais: a visita do brigadeiro Délio Jardim de Mattos, ministro da Aeronáutica e homem da mais absoluta confiança do general Figueiredo, ao senhor Magalhães Pinto, presidente de honra do Partido Popular – PP. O ministro fez questão de conversar com testemunhas, ou seja, queria que a conversa fosse para os jornais. Disse o ministro, entre outras coisas, que "Figueiredo aposta tudo na abertura política" e que "não tem dúvidas de que, em 1984" (quando será eleito o sucessor do atual presidente), "nenhum partido isoladamente teria condições de fazer o presidente". O recado foi claro: depois das eleições de 1982, o governo vai ter que arranjar alianças. E o PP, como partido de oposição "confiável", poderia participar ativamente do jogo.

Essas declarações serviram para apoiar e sustentar a "missão" do ministro Abi-Ackel, que começa a conversar com as lideranças dos diversos partidos de oposição. O diálogo estende-se ao Congresso Nacional, onde Cantídio Sampaio, líder do governo, e Odacir Klein, líder do PMDB (o maior partido de oposição do Ocidente), trocam palminhas nas costas e "transam" a composição das comissões técnicas. Ao mesmo tempo, o líder da Oposição no Senado, Marcos Freire, clama por um "grande acordo nacional". E o vice-presidente da República, Aureliano Chaves, fala compungido: "O governo peca por não ouvir o povo" (qual é a penitência por esse pecado, "seu" padre?).

Quer dizer que tudo clareou? Podemos respirar aliviados?

Ainda não, porque há caras amarradas no fundo do palco.

Estão amarradas as caras dos juízes e promotores que enquadraram os deputados Genival Tourinho e João Cunha pelo "crime" de terem feito discursos "desagradáveis" aos homens do governo. Estão mal-humorados os homens que tentam tascar os líderes sindicais de São Paulo e o padre Reginaldo. Os dirigentes operários cometeram o "crime" de batalhar os interesses dos trabalhadores, enquanto o padre foi enquadrado por protestar contra a expulsão de um outro padre que, por sua vez, cometera o "crime" de defender camponeses contra usineiros. No meio de todas essas caras mais amarradas do que nunca surge o general Mílton Tavares anunciando a marcha da subversão: apresenta cinco fuzis à imprensa, levanta a hipótese de que a "subversão" esteja querendo tomar o poder pela via armada (com cinco fuzis?), e afirma singelamente, "embora não tenha provas", que "é muito provável que seja coisa dos subversivos". E diz isso sem rir.

Ou seja, no centro do palco, diálogo, risos, acordos, boas intenções. No fundo do palco, caras amarradas. Se a gente vacila, as caras amarradas vêm pra frente e o diálogo vai pro fundo.

Mas essa peça já não foi encenada uma vez?

Dinheiro público pra deter ação de moradores do Butantã, SP

Prefeitura suborna líder de favela

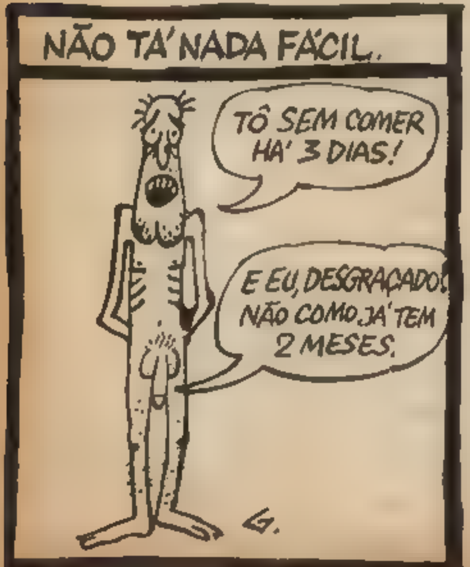
Todas as lideranças das favelas do Butantã foram compradas pela Prefeitura de São Paulo. Tudo começou com a decisão da Prefeitura de comprar todo barraco que estivesse à venda para, a seguir, revendê-lo por um preço mais baixo. Na transação, lucraram assistentes sociais e presidentes de associações de favelas, que ganharam propinas de 10 mil a 20 mil cruzeiros, isto é, a diferença entre os preços de compra e venda.

A manobra foi hábil. Deixando o dinheiro na mão dos líderes, a Prefeitura conseguiu controlar o movimento das favelas do Butantã, que ganhou fama por seu pioneirismo e força na cidade. Os efeitos da mudança de realidade não se fizeram demorar. Uma das primeiras vítimas foi Luiz Viotti, da favela São Remo. No Natal, ele quase foi linchado pelo povo quando tentava vender presentes que a Rádio Capital doara às crianças.

Viotti já foi um personagem de fama na vida dos favelados. Chegou até a ser apresentado certa vez pela TV-Cultura como líder das favelas de São Paulo. Começou a perder prestígio quando derrubou dois barracos na favela São Remo, sob alegação de que abrigavam marginais. Na verdade, ele queria era tomar posse dos barracos. Mas tarde ele apareceu na favela com uma Brasília zero quilômetro. Foi tão criticado que teve de vendê-la. Com o dinheiro, comprou um terreno em Osasco. Hoje, está completamente queimado.

O exemplo de Viotti é seguido por todos os presidentes de favelas do Butantã. Não há quem não tenha terrenos em locais como Jandira, Carapicuíba ou Barueri. Com recursos da Funaps – um programa que a Prefeitura criou para atender favelas em casos de emergência – construíram casas. Na esteira dos aproveitadores, as assistentes sociais também obtiveram seus lucros. Ganham propinas para influir nas decisões das associações. Tudo isso mudou bastante a feição do movimento das favelas do Butantã. Em dois anos os favelados perderam a independência e, hoje, o administrador do bairro, Ivo Carottini, é quem dá as cartas. Os votos das favelas são trocados por montes de cascalho e cerquinhas de arame farpado.

Hélio Belik



Falso coronel rouba pro PP títulos eleitorais

"Vocês não querem entrar para o partido da 6ª zona?" Assim falando, como se houvesse apenas um partido político se organizando na 6ª zona eleitoral, o "coronel" Romeu subiu a ladeira da favela que fica no número 117 da rua do Bispo, no Rio Comprido, Rio. Há quem diga que não se trata de um coronel de verdade e que o tal Romeu não passa de um funcionário burocrático da Secretaria de Agricultura. Um encosto transado pelo deputado Miro Teixeira.

Junto com ele, apoiado na "patente" que sempre é útil para intimidar os menos avisados, ia o conhecido cabo eleitoral do Partido Popular, Etevaldo de Oliveira, também chamado de China. Trata-se de um tipo malcriado, que já agrediu um morador do 117 só porque o viu distribuindo folhetos de outro partido político na favela.

O falso chinês e o "coronel", que ninguém sabe se já bateu continência alguma vez na vida, queriam filiar os moradores do 117 ao partido do governador Chagas Freitas. Mas sem abrir o jogo, sem falar claramente. Levaram o pessoal no papo de que participar de um partido político é uma ótima. Eles estavam ali para facilitar as coisas. "O partido daqui da 6ª zona vai fazer convenção. A hora de entrar é agora."

Resumindo: meteram a mão em todos os títulos eleitorais registrados na 6ª zona, obrigaram todos a assinar em branco as fichas de filiação e desapareceram. Foram mais de 100 títulos que sumiram nas mãos de China e do "coronel". Os próprios moradores não sabem ao certo quando, mas fala-se em cerca de 160.

Isso foi logo no início do ano. Quando o pessoal do PMDB esteve no 117, ficou sem saber o que fazer. Agora é a turma do Partido dos Trabalhadores (PT) que está tentando conversar com os moradores para esclarecer as coisas. Quem entrou para um partido político sem saber o que estava fazendo pode inscrever-se em outro. A justiça eleitoral só considera as fichas de filiação que tenham data mais recente.

Marcos Aarão

Servidor chia contra só 73% de aumento

"No Partido Popular, servidor não vai votar". "Abaixo da inflação, é conta de ladrão". Miro está na mira, 73% é uma mentira". Foram frases berradas por cerca de mil servidores municipais que ocuparam, contra a vontade de Chagas Freitas, as galerias da Assembléia Legislativa no dia em que foi votado o aumento de 73% proposto pelo governo do Estado. Foi um reajuste frustrante para os 265 mil servidores civis cariocas, por dois motivos: seus colegas do funcionalismo federal obtiveram 82,4%, e a inflação este ano já anda acima de 110%. Preocupado com o desgaste político, no dia seguinte o jornal **O Dia**, *do governador Chagas Freitas, não deu a notícia do aumento na primeira página. E o secretário de Administração, Mauro Dias, se apressou em ligar para as redações de vários jornais procurando justificar percentual tão baixo. Nos últimos meses, Chagas Freitas fez esforços para evitar o desgaste de um reajuste tão inferior à inflação. Sob sua orientação, o secretário de Fazenda Heitor Schiller, lançou mão de vários artifícios para arrecadar mais: exigiu rigor na fiscalização do ICM; voltou com a história da "notinha, por favor", para dificultar a sonegação de impostos pelos comerciantes, e elevou a taxa judiciária em 80%. Este último fato, de tão inusitado, causou tantas reclamações que o Supremo Tribunal Federal acabou derrubando o aumento. Além disso, foram suspensas obras prioritárias no Estado e tentados, em vão, empréstimos com o governo federal. Atualmente, o funcionalismo público carioca não dispõe sequer de um plano de cargos e vencimentos definitivo, vantagem que os servidores federais dispõem desde 1974. O que existe é um plano provisório, considerado desastroso porque dá margem a enormes distorções salariais. Por exemplo: muitos médicos com 25 anos de serviço recebem Cr$18 mil, o mesmo que ganha um colega em início de carreira. Um funcionário que em 1962 recebia três salários mínimos, hoje está com seus vencimentos reduzidos à metade. Uma diretora de escola, em final de carreira, que ganhava em 1963 o mesmo que um major das Forças Armadas, agora não ganha o equivalente a um sargento; se for aposentada, seu salário quase não ultrapassará o salário mínimo. Não há gratificação de produtividade, nem gratificação para o pessoal de nível universitário. A insatisfação só não transparece mais claramente porque Chagas e Miro Teixeira manipulam as entidades ligadas ao funcionalismo. Seus dirigentes são escolhidos entre cabos eleitorais chaguistas que, em contrapartida, ganham cargos bem remunerados na administração estadual. Qualquer tentativa de sair do esquema é duramente reprimida. Foi o caso da recém-formada Associação dos Servidores da Procuradoria Geral do Estado, que teve sua diretoria dissolvida e seus membros remanejados. Seu "crime": exigir melhoria salarial e funcional.*

Ricardo Bueno

Bairros pedem tarifa social de transporte

O último aumento de 10% nas passagens, dia 16/3, agravou sensivelmente o problema de transporte urbano no Rio. O preço médio das passagens passou a ser Cr$25 e Cr$60, totalmente fora do alcance da grande massa trabalhadora.

Esta é uma das conclusões dos debates que mais de 80 associações de bairro vêm realizando sob a coordenação da Federação das Associações de Moradores do Rio — Famerj. O objetivo é organizar a população e reivindicar tarifas sociais para os transportes públicos, como já existe em São Paulo, Porto Alegre e Curitiba, onde as passagens custam entre Cr$10 e Cr$11.

— Nós queremos evitar movimentos espontâneos — diz Jô Resende, conselheiro da Famerj — tais como quebra-quebras, que só fazem prejudicar a população. O objetivo dos debates é organizar a comunidade para reivindicações concretas.

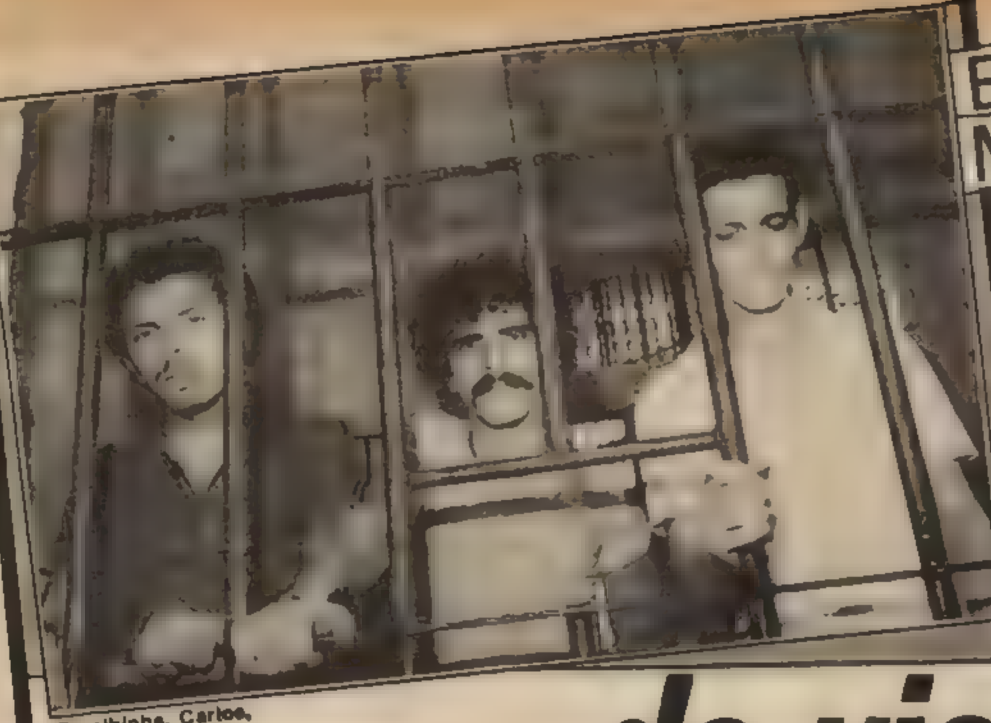
A Famerj vai encaminhar aos secretários de Obras (Município) e de Transportes (Estado) um documento denunciando o "descaso" e a "omissão" das autoridades no serviço de transportes do Rio.

— A política de transporte da cidade não atende aos interesses da população — diz Jô Resende. O transporte de massa está sendo deixado de lado, enquanto é dada prioridade ao transporte por ônibus e automóvel. O metrô, a rede ferroviária e as barcas não vêm merecendo atenção.

Pelos levantamentos dos dirigentes das associações de bairro, a falta de transporte está levando a população ao desespero. Nos subúrbios, o deslocamento para o Centro dura, às vezes, mais de duas horas, com custo exorbitante das passagens. É uma situação extremamente contraditória: o sofrimento e o desgaste cotidiano do usuário são as fontes da renda dos empresários de ônibus que, distribuídos por 50 empresas, controlam todo o setor.

As queixas contra tal situação não são novas. A novidade agora é que, com a crise econômica, os reajustes são realizados de três em três meses, enquanto, para obter mais lucros, os empresários retiram ônibus das linhas menos rentáveis e superlotam os veículos em circulação. Não há horários nem qualquer obrigação com relação aos passageiros. Para estes, as alternativas não existem. No Rio, os ônibus ainda transportam 75% da população, apesar de se ter gasto Cr$150 bilhões, a preços atuais, na construção do metrô.

Por enquanto, as associações de bairro querem apenas que haja tarifas socializadas, fiscalização nas empresas e horários para os ônibus. É apenas uma parte das reivindicações. Para que o transporte de massa funcione, seria necessária a integração tarifária de ônibus, metrô, trens suburbanos e barcas, com a centralização dos órgãos do setor de transporte num só comando. No documento que entregarão às autoridades, as associações de bairro, através da Famerj, chamam a atenção para o fato de que a população está no "limite da resistência".



Paraibinha, Carlos, Saulo, criminosos

ESTUPRADORES ATACAM MAIS DE 3 VEZES POR DIA

Reportagem de
Mariza Biglo e Tim Lopes
Fotos Chiquito Chaves

N. IGUAÇU
Um recorde de violência sexual

Está registrado na delegacia: em Nova Iguaçu, o maior município da Baixada Fluminense, aconteceram 864 casos de violência sexual em 1980, um dos maiores índices do mundo. As mulheres vivem com medo e, de noite, só voltam pra casa acompanhadas por homem. REPORTER ouviu vítimas, candidatas a vítimas, criminosos, policiais e um juiz. Três páginas sobre o triste recorde nacional.

Na véspera do Natal do ano passado, Maria de Lurdes da Silva, 24 anos, moradora na rua Carnaúba, 170, bairro Jardim Tropical, sentiu-se mal e foi levada por parentes, desacordada, para a Fisabem (serviço de pronto-socorro mantido pela prefeitura de Nova Iguaçu, município do Estado do Rio de Janeiro). Eram 8 horas da noite. Às 11 horas, uma ambulância da Fisabem chegou apressada ao posto policial da rua Carnaúba (um posto do 20º Batalhão da Polícia Militar), onde um enfermeiro e um motorista (que os policiais não identificaram) deixaram Maria de Lurdes, saindo depois à toda velocidade. A moça estava ensangüentada e mal conseguia falar. Dias depois, orientada pelo padre Renato Chiera, da Igreja de Santa Rita de Cássia, a família deu queixa na 52ª DP: Maria de Lurdes tinha sido estuprada por um homem "vestido de branco" (como disse ela) – um enfermeiro ou médico da Fisabem.

Quem sabe da história é d. Elisanda de Jesus Gomes Medeiros, dona do quarto onde Maria de Lurdes morava e amiga de sua família:

– Ela é meio doente da cabeça, acho que é epilética. De vez em quando tinha esses ataques, ficava desacordada. É uma boa moça e era virgem. Ela contou que, quando acordou do desmaio, na Fisabem, estava deitada numa cama pequena (que imagino ser uma mesa de parto, pela descrição) e que havia um homem em cima dela. Ela diz que é capaz de reconhecer esse homem: um senhor já grisalho que estava com o uniforme branco da clínica.

Regina (nome falso) foi violentada no mato. Leda, Margot, Norma e Vera têm medo (foto no alto à direita)

Dona Elisanda conta o caso com horror. Ela tem duas filhas, de 13 e 19 anos, e a mais velha já sofreu um ataque sexual, mas conseguiu correr e gritar, afugentando o atacante:

– A mãe de Maria de Lurdes me mostrou o estado em que ela ficou: suas roupas estavam empapadas de sangue e ela toda arrebentada, na frente e atrás. Estava tão mal que foi internada no dia seguinte na Casa de Saúde Nossa Senhora de Fátima, em Nova Iguaçu. Depois piorou da cabeça e foi levada para o hospital de loucos de Coroa Grande.

Este é um dos mais terríveis casos de estupro que já aconteceram em Nova Iguaçu, município que deteve no ano passado o triste recorde mundial de violências sexuais: 864 casos em um ano, quase três por dia. Como a maioria das vítimas não registra queixa – por medo, vergonha ou falta de confiança na polícia – o número certamente foi muito maior.

As vítimas que registram queixa dão, freqüentemente, nome ou endereço errado, talvez por vergonha de serem procuradas mais tarde. É o caso de Gilvaneide Barros de Albuquerque, que deu como endereço a avenida Nilo Peçanha, 120. Este número não existe. No 128, no 122 e no 89, ninguém a conhece. No 89, as balconistas da loja Brasil Roupas não escondem o terror em que vivem:

– Aqui no centro o perigo não é grande – diz Margot – mas nos bairros há muitos terrenos baldios, casas em construção, a iluminação é precária e não há policiais nas ruas.

Margot mora no bairro Rosa dos Ventos e nunca vai sozinha para casa. Grávida de seis meses, diz que vive com medo. Ela mora no Parque São Marcelo, na Estrada de Madureira.

– Há uns sete meses – diz Leda, também balconista – uma moça que trabalhava no Parque dos Brinquedos foi violentada e morta na Estrada de Madureira. Nós todas a conhecíamos e ficamos apavoradas.

O pavor do estupro é maior entre as mulheres que estudam à noite. É o caso de Regina, estudante da Faculdade de Nova Iguaçu:

– Moro três ruas depois da faculdade, mas mesmo assim meu pai vem me buscar todos os dias, porque já aconteceram vários casos perto da faculdade e eu nunca vi guarda por lá.

Muitas dessas moças, se estupradas, não dariam queixa à polícia:

– Para quê? – pergunta Neuza. – Com a polícia no meio a gente não tem paz, fica conhecida, é chamada a depor toda vez que prendem um suspeito. A gente perde o direito de esquecer o que passou. E eles não prendem ninguém mesmo

Muitas das vítimas de estupro, para fugir da polícia e dos comentários dos vizinhos, mudam de endereço. Outras dão nomes falsos. É o caso de Cláudia Maria Alves de Sena,

C. B. O. quer combater o medo das mulheres

15 anos, que na delegacia falseou o nome, mas deu o endereço certo. Sua casa – a mais bonita do bairro Carmari, o que indica ser a jovem de uma família de posses – está fechada.

Uma prima de Cláudia, Regina (nome também falso), conta que ela foi atacada por dois homens, arrastada até um matagal e violentada.

– Eu conheço esses caras – confessa Regina, depois de muita hesitação. – Eles cresceram comigo, fomos colegas de escola.

Regina não quer falar, parece muito amedrontada, seu rosto fica pálido, as mãos tremem. Sua vizinha, uma senhora que também não quer revelar seu nome (dá apenas as iniciais C.B.O.), a estimula a contar o que sabe, "porque é do medo que esses safados se aproveitam".

A violência sexual é uma constante no bairro Carmari. Os mesmos homens que violentaram Cláudia já atacaram várias garotas das vizinhanças (inclusive Regina, há um ano – mas ela não admite ter sido estuprada e diz que conseguiu fugir).

– Quase todo sábado acontece um caso desses – diz Regina. A última foi a Lucinha, de 15 anos, há duas semanas.

Ela não dá o endereço de Lucinha, mas conseguimos localizar a casa, no alto do morro, perto da rua onde morava Cláudia. A casa de Lucinha, como a de Cláudia, esta fechada. Uma vizinha diz apenas que a família viajou.

M.B.

PEDRO VIOLENTOU ANA PRA ELA NÃO "CONTAR VANTAGEM DEPOIS"

Aos 25 anos de idade, Pedro Paulo Martins já foi preso duas vezes como estuprador e uma vez como homicida, passando cinco anos na cadeia. Olhos verdes, a pele bem tratada, Pedro Paulo parece ter tido uma infância comum, sem maiores problemas. Os olhos sempre para baixo, ele parece que gosta de responder a todas as perguntas e aparentemente tem convicção de que o prazer é bom e o ato sexual um grande espetáculo, onde a violência não pode faltar.

A primeira vez que foi preso tinha 18 anos, acusado de ter violentado uma jovem de 15, em Três Rios (RJ). Aos 21 anos voltava à cadeia, desta vez em Nova Iguaçu, acusado de ter assassinado um juiz, em companhia de um comparsa. Seqüestrado na porta do Forum de Três Rios, o juiz foi morto em Japeri, bairro de Nova Iguaçu, e sua morte presenciada por duas jovens, Ana e Paula, sequestradas na Via Dutra na mesma ocasião em que ele foi raptado.

Sobre as duas jovens, Pedro Paulo nada esconde. Diz, inclusive, que comeu Ana porque ela estava no carro com ele e que a violência não havia sido programada.

Pedro Paulo conta que, durante o seqüestro e a morte do juiz, a viagem (no carro da vítima) estava muito tensa: "O doutor estava com medo de morrer e a gente com medo de ser preso".

— Nós pegamos as duas garotas na estrada, na altura de Barra do Piraí (RJ). Mas não estávamos com a intenção de comer, não. Era só pra elas tranqüilizarem um pouco a viagem...

Mas você já foi preso uma vez por estupro. Você gosta ou não?

— Gostar é relativo. A primeira vez que eu fui preso, acusado de estuprar a Andréa, foi injustamente. Foi ela quem me chamou. Tem garota que atiça a gente, diz que tá doida pra dar. Era um caso desses. Eu, não sou otário, comi. Mas o pai dela ficou sabendo. E antes dele tomar uma decisão, ela correu pra ele e disse que eu tinha comido à força. Mas eu tenho certeza de que ela gostou.

Você bateu nela?

— Não. Não houve violência. Eu saí com ela e comi. Isso porque ela disse que queria dar. Se eu não comesse, ela ia dar pra outro.

E as garotas seqüestradas junto com o juiz, elas pediram pra transar com você?

— Eu transei com uma, meu parceiro transou com outra. Decidimos comer as garotas pra depois elas não saírem espalhando que saíram bem de uma aventura, que foram seqüestradas, que viram um homem ser eliminado (o juiz) e que não foram sequer tocadas pela gente.

Você bateu na que ficou com você?

— Foi preciso dar um beliscão. Ela ficou com medo e eu disse que ia matar ela também. Depois que eu abracei...

Foi no meio do mato?

— Foi no carro. Eu abracei ela, dei uns beijos e botei. Aí ela começou a gemer e dizer que tava bom. Depois que eu dei duas, ela pediu pra dar outra. Então eu não quis mais.

Pedro Paulo hoje está solto, estuda num curso supletivo e mora num bairro de Nova Iguaçu, que ele pediu pra não ser mencionado. Ele diz que a vida de crime é coisa passada e que não foi julgado ainda pela morte do juiz.

Luis Ferrão

Na cadeia, o criminoso é cantado, vira Brigite

Os estupradores não são bem recebidos na cadeia. Um preso de Nova Iguaçu conta como a barra pesa para eles:

– Em qualquer cadeia, quando aparece um estuprador, currador ou coisa parecida, ele é logo testado. Ninguém gosta do cara que faz isso, nem mesmo a bandidagem, porque isso pode ser feito com a mãe, com a irmã ou com a filha de um cara que está preso. Por isso os estupradores são logo ameaçados de entrar na vara, segurar um grosso. Porque na prisão existe uma hierarquia: se o cara entra no (artigo) 121 (homicídio), ele é respeitado; no 157 (assalto à mão armada) ele também impõe um certo respeito. Agora, se entra no 59 (vadiagem), é totalmente desmoralizado. Ou ele barbariza na cadeia, aí ele não vai sair tão cedo, ou ele é barbarizado e vai pedir até "seguro do cu".

Seguro do cu? O preso explica o que é:

– É o cara que não tá agüentando a provocação. Neguinho tá toda hora convidando pra dormir junto na **caxanga** ou no **come quieto** (cubículo). Aí ele não segura a barra e pede o **seguro**, quer dizer, pede pra ser transferido de cubículo. Mas tem os que acabam dando e até gostando, aí viram devotos de Deus, ficam mais humildes, perdem a violência. Eles caem do pedestal e viram crentes, mudam da água pro vinho. Nesses casos estão muitos caras que estão puxando uma vadiagem, cana de otário, como se diz. E se ele não for valente, esperto, vai virar putona do xadrez, vai lavar o boi (privada), fazer favorzinho e desfilar na frente dos outros escutando fiu, fiu

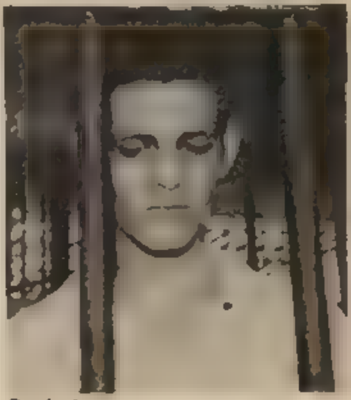
O preso conclui:

– O cara que entra na vadiagem não sabe as manhas da cadeia. Ele entra numa de babaca, de robô, de teleguiado. O **xerife**, que tá cansado de puxar cadeia, vai estudando a vítima: manda apanhar um cigarro, alcançar um fósforo. Se o cara for malandro, é claro que não vai ficar dando uma de bonzinho, senão acaba virando **Brigite**.

T.L.

[illegible]

Carlos José



Saulo Lopes

Testemunha acusa, eles evocam Deus

"Sou inocente. Deus é o juiz dos juízes. Sou crente, não mato nem uma barata. A justiça divina vai dizer que eu não matei ninguém. Vocês é que são pecadores." Cínico, provocando ao mesmo tempo risos e raiva nos policiais que se amontoavam na sala do delegado Élsom Campelo, em Nova Iguaçu, **Saulo Lopes Filho, de 19 anos, está preso há 4 meses. Além de ser acusado de estupro, ele matou a mulher de um veterinário com uma facada no coração em setembro do ano passado. "Ele agora é santinho, diz que não faz nenhuma barbaridade. Ele e mais dois entraram aqui na delegacia sem prova de trabalho. Por coincidência um casal dava queixa de roubo e estupro ocorridos um pouco antes. Violentaram até o rapaz. O casal não teve dúvidas em apontá-los como os criminosos", diz o delegado Campelo. Além de Saulo, estão presos Francisco de Souza Freitas, de 23 anos, o** Paraibinha, **e Carlos José Alves de Rego, que, segundo os policiais, são responsáveis por inúmeros atos de violência sexual. O delegado manda buscar** Paraibinha **Ele chega com um retrato de mulher pendurado no pescoço e, assim que entra na sala, assustado, vai logo dizendo: "Isso é uma perseguição. Eu nunca faria isso pra ninguém. Tenho mulher e dois filhos. Sou fiel a minha esposa. Não seria capaz de uma coisa dessas". Um policial retruca: "A vítima reconheceu vocês. Deixa de mentiras, seu nojento".** Paraibinha **baixa a cabeça, mas continua proclamando inocência: "Lá no juiz a moça não me reconheceu. Não sou de fazer isso, doutor. Uso essa roupa cáqui, igual a de trocador, pra não pagar passagem e porque estou desempregado". Os policiais se entreolham, balançam a cabeça e riem. Quando o delegado Élsom Campelo vai sair da sala, Saulo se despede: "Ô doutor, um abraço pro senhor, pra sua esposa e seus filhos. Deus lhe acompanhe". O delegado torce a boca e reclama: "E a gente ainda tem que ouvir isso".**

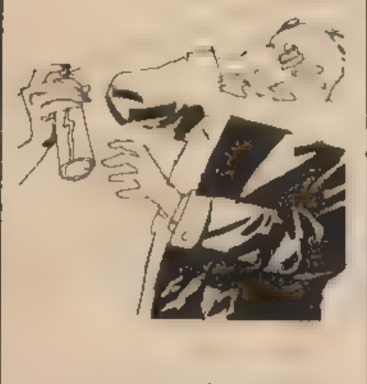
T.L.

Apite, grite, agrida. SOS Mulher ensina

"O estupro é um crime que precisa ser denunciado e punido. O silêncio é amigo da violência." Sob este lema, o SOS Mulher, de São Paulo, está desencadeando uma campanha que pretende chamar a atenção da opinião pública para a impunidade desse crime, sofrido exclusivamente por mulheres. Para isso, o SOS Mulher publicou um folheto com 17 conselhos ilustrados sobre como evitar um ataque sexual e como se defender, no caso do ataque se consumar. À primeira vista o folheto parece muito primário, pois não leva em consideração a possibilidade de o agressor estar armado. Mas, afinal, ele se torna eficiente quando lembra às mulheres, por exemplo, que golpeiem o agressor no saco com o joelho, pois, se o fizerem com o pé, podem perder o equilíbrio.

O folheto aconselha, também, que não adianta gritar por socorro quando se está ameaçada: grite fogo! fogo! que é mais provável o atendimento. Outro recurso que as mulheres devem utilizar é um apito bem escandaloso para chamar a atenção em caso de perseguição. Este recurso, aliás, já é utilizado pelas mulheres americanas e canadenses, que estão organizadas há mais tempo. Mas importante mesmo é o serviço prestado pelo SOS Mulher atendendo às vítimas não só de estupro, mas de todo tipo de violência e discriminação. O telefone do SOS Mulher: 813-9520 (São Paulo).

Se voce quiser atingir seu agressor no sexo, bata com o joelho, pois com o pé você pode perder o equilibrio.



Um frasco de laquê, desodorante ou água de colônia em "spray" podem fazer arder os olhos do agressor, assim como pimenta, vinagre, suco de limão, etc.

Juiz quer pena de morte pra combater o estupro

O juiz Alfredo Marinho Filho, da 2ª Vara Criminal, que está estudando os casos de **Paraibinha**, *Saulo e Carlos José, não faz rodeios: "Eu sou pela pena de morte, porque não acredito no sistema penitenciário. Vou condenar esses três. As provas são evidentes, principalmente o* **Paraibinha**, *que foi reconhecido na delegacia e aqui no Forum. Para o Saulo, vou pedir exame de sanidade mental. Com essa miséria que existe atualmente, o cara não se contém com nada; se a vítima está sem dinheiro, é agredida e violentada. Não aumentaram os estupros; aumentaram os registros deles.*

T.L.

Juiz Marinho não acredita em cadeia

CURRADOR PEGOU O RETRATO DA VÍTIMA. ELE QUERIA NAMORAR

Marly — o nome é falso — 19 anos, disse que era virgem, que perdeu a coisa mais importante que tinha na vida, está desgraçada. Relutou muito em falar, pediu pra ir embora muitas vezes, chorou cada vez que fixava a memória nas cenas que queria esquecer. É impossível ainda entender o que sentiu, o que sente. O mais forte é raiva, ódio, um ódio incrível. Seu depoimento:

— Desci no quilômetro 8,5 da (via) Dutra mais ou menos às 7h10m da noite, como faço todo dia. Andei uns 20 metros, passei por um cara de bigode, cabelo curto, camisa preta, calção branco, sandália havaiana. Ele deu uma volta, eu nem percebi, colou nas minhas costas e disse que era um assalto. Minhas pernas ficaram bambas, falei que só tinha 100 pratas. Ele tomou a bolsa e descobriu logo os 2 mil que eu tinha pra pagar o colégio. Ficou nervoso, passou a mão no meu ombro, "vamos andando", mandou, "pra fingir que somos namorados". Mexeu outra vez na bolsa, achou retratos 3x4 da carteirinha de estudante e pegou pra ele. Quis conversar. Eu pedi pelo amor de Deus pra ir embora, chorei, perguntei o que ele queria de mim, ainda não sabia direito. "Se reclamar, eu te mato! Pára de chorar, tô nervoso!" Ele se agitou, disse que estava procurando um tal de Luisinho que tinha sacaneado ele com uma grana de tóxico e além disso tinha **cagüetado** pra polícia. "Mas onde é que a gente vai?", chorei outra vez. Ele ameaçou me matar. Com a mão esquerda, espetou o cano do revólver na minha barriga. Fomos andando e saímos da Dutra. Eu já tinha entendido, estava desesperada. Paramos no meio de um campo de futebol, naquele abrigo da torcida, acho. Ele recomeçou a história dele: "Tá vendo essa marca na testa? É porrada da polícia. Eu levei cana, mas pego aquele filho da puta. Soube que ele anda por esses lados, você conhece?" "Eu não, só moro aqui há um mês, não conheço ninguém." "Um mês e já é assaltada?" Ele me sacaneou, disse que queria conversar, que depois me deixava ir embora. Eu tava tremendo, uma escuridão, esperando já o que ia acontecer. Aí ele tirou o calção, meio rindo, e mandou: "Chupa aqui". "Tive vontade de vomitar, chorei, pedi pra ele esperar, ele ameaçou, me puxou, eu comecei. Demorou, demorou, ele não gozava, de repente mandou parar: "Tira a roupa". Eu fiquei louca, soluçava, supliquei um tempo. Ele disse que podia me enforcar, perguntou se eu queria morrer. Eu pensei: vou fugir, sair correndo, mas tinha medo dele atirar, tinha medo de morrer. Fui tirando a roupa devagar, chorando, fiquei nua, me senti perdida. Ele me mandou ficar de quatro com o corpo pra frente apoiando no banco do abrigo. Meteu. Eu gemi, gritei que doía muito, ele disse que não tinha motivo pra gritar tanto, só tinha enfiado um pouquinho e continuou. Não gozou, mas ficava de pau duro o tempo todo. Reclamou que eu estava gritando muito: "Quer morrer? Então vira de frente." Eu não sabia mais o que dizer, expliquei que era virgem, chorei, pedi, supliquei. Ele tava com raiva, disse que tava cagando pra minha virgindade. "Vai lá", e abriu minhas pernas. Eu estava sentada no banco. Ele veio com tudo, entrou, pediu pra fazer carinho. Eu sentia dor, ódio, ele se mexia que nem louco. Eu não sabia mais onde estava, sentia muitas coisas diferentes ao mesmo tempo, muitas sensações juntas, Maneiras diferentes de ódio, raiva de ser fraca. Pensei em fugir outra vez, mas perdi a coragem, fui ficando. Hoje eu sairia correndo, arriscando tudo, não ficaria de jeito nenhum. Ele demorou, se mexeu muito tempo, gozou. Quando ele saiu eu olhei pra mim, toda molhada nas pernas. Sangue e porra. Me senti morta, quis me suicidar, me jogar embaixo do primeiro carro. Ele mandou eu me vestir, queria me acompanhar, falou de um jeito que eu não entendi: "Você pode ser apanhada por outro, vou te levar em casa". Foi andando com a mão no meu ombro, outra segurando o revólver. "Da próxima vez eu vou te dar, não vou tirar", e foi comigo até a porta do conjunto. Eu saí correndo como louca, louca mesmo, não é maneira de falar, sem saber onde estava. Meu pai queria fazer alguma coisa, ir à polícia, minha mãe, não. Ela foi legal, meu pai também. Lá em casa nunca teve esse negócio de carinho, beijinho, entre ele e eu. Depois disso ele se aproximou mais de mim. Eu até hoje — cinco meses depois — não sei o que penso, e quando lembro é pior. Sangra. Fiquei desconfiada de homem. Se eu contar, que reação eles terão? Fiquei com nojo de beijar, abraçar, agora é que está melhorando, mas a marca ficou. Perdi o que queria dar. Perdi minha vida.

Luiz Alberto Bettencourt

Um dia com Yara Barros, ex-agente do Dops, agora policial de rondas

A 'pantera' brasileira

Liberetes ou panteras foram os nomes dados às 20 policiais que, há 2 meses, rondam as ruas de São Paulo. Por ordem do chefe, delegado Rubens Liberatori, do Degran, que controla as delegacias da cidade, elas usam sapatos baixos, calça comprida e cabelo preso. Trabalham uma semana em cada distrito, das 9 às 16 horas, procurando flagrantes de drogas e jogo-do-bicho. Todas têm pelo menos 10 anos de polícia e vieram do Departamento de Investigações Criminais (Deic). Yara Barros, a Yara Pistoleira, é uma das mais experientes. 32 anos, casada com um major da PM, ex-agente do Dops, é tarada por Roberto Carlos.

Fotos de Wagner Avancini

Em casa, Yara solta os cabelos, se pinta, vira mulher, mãe de Ana Margarida. Se diz católica, gosta de amar. O gozo "é azul com bolinhas cor-de-rosa".

Baixinha, gordinha, cabelos mal cuidados, voz grossa e usando uma linguagem cheia de gírias e palavrões. Odeia preto e motorista de táxi. Assim é Yarinha, a **Pistoleira**, pantera da polícia de São Paulo. Afastada da rua há quase cinco dos doze anos que é polícia, nenhuma das outras três investigadoras da equipe — Magda, Ariete e Elisabete — está mais entusiasmada que ela para começar a ronda. Mal consegue disfarçar tanta euforia e tensão pela volta, esquece o talão de saída e confere várias vezes as **máquinas** (algemas e revólveres)

— Sou Yarinha, a **Pistoleira**, pô! Comigo não tem onda, moral

Liga a sirena e sai à toda pelo centro de São Paulo. Xinga os motoristas de táxi — "ô raça!" — e ameaça um **office-boy** negro: "Negão, sai da minha frente senão vou te pegar". Reconsidera e pára na garagem do Degran para lavar o carro. O dr. Liberatori, "o nosso Charlie" (chefe do grupo de panteras do seriado de TV norte-americano), quer que as moças saiam com a **barca** bem limpinha. O lavador leva um **galeto** (50 cruzeiros), enquanto a conversa entre as **liberetes** (algumas não gostam de ser chamadas assim, pois lembra chacretes) é animada

— Dizem por aí que os delegados comem as **tiras**. É mentira. É a gente quem come, e come quem quer

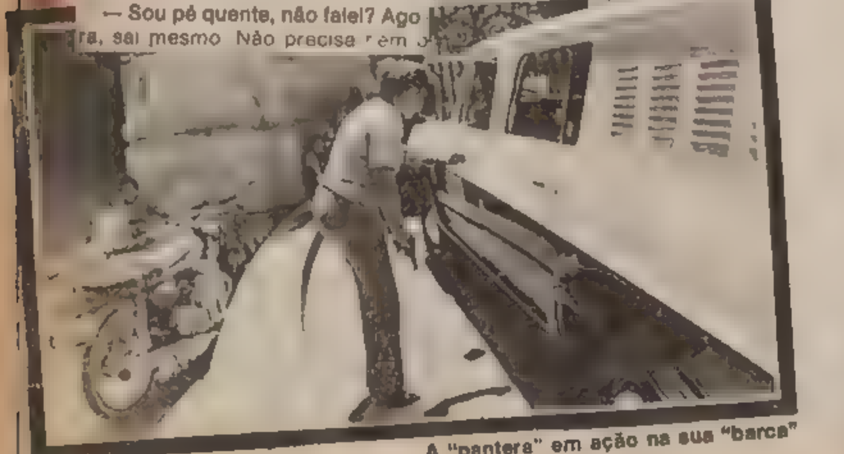
Sempre que o assunto esquenta, um apertão nas bochechas da repórter e um aviso: "Vê lá o que você vai pôr aí, xuxu. Senão vou te pegar, viu xuxu?" O plantão começa pela porta do Mappin. Zona ruim. Só tem **espianto** (ladrão de loja), **chorros** ou **pungas** (batedores de carteira). Depois de umas voltas, a boa notícia as moças vão para a Seccional Oeste. Lá, sim, que é bom. Tem até homicídio

— Sou pé quente, não falei? Agora, sai mesmo. Não precisa nem o **Tavinho** molhar a mão — em referência ao prêmio que o secretário de Segurança prometeu para o primeiro flagrante das panteras

Para confirmar, Yarinha conta o caso das 800 **garrafas** (ampolas) que trocou por seis dias de folga. Foi assim:

— O delegado prometeu: "Quem der um bom flagrante tem o carnaval livre". Ah, não deu outra. Tivemos uma boa dica. Chegamos lá, estava tudo em cima. Pegamos as 800 **fantas**. Maravilha. Passei seis dias só curtindo.

Maravilha não foi quando levou um murro do traficante **Carioca**, o rei da boca de fumo da Bela Vista, acordou no **Agacê** (Hospital das Clínicas) com o maxilar quebrado. **Pistoleira** chegou na casa de **Carioca** e bateu na porta. Assim que abriram, gritou para os colegas avançarem. Ninguém foi. Antes de fugir, o traficante jogou fora os 40 quilos de maconha e deu um soco em Yarinha, o único que levou em toda a carreira



A "pantera" em ação na sua "barca"

Ela quer morrer na cama. Com homem.

Cabelos soltos, olhos pintados de verde para dar um realce, vestido comprido. As gírias foram substituídas por palavras corretas. Em casa, assim é Yara Barros, 32 anos, casada com um major da PM e mãe de Ana Margarida, de 2 anos e meio. Na vizinhança, ninguém sabe que a dona Yara é **tira**. *Pudera, é ela quem vai ao supermercado, à feira, cozinha e até costura suas roupas. Dela, apesar do muro de 3 metros de altura (faz questão da metragem exata: "são 25 metros de frente"), os vizinhos só devem saber que é fã, ama e tem verdadeira tara por Roberto Carlos, de tão alto os discos são repetidas vezes tocados*

Yara interrompe a narrativa, empposta a voz e acompanha Roberto Carlos. Aí confessa: "Queria ser atriz". Amiga do irmão de Walter Hugo Khoury, Willian Khoury, fez dublagem para um dos filmes do cineasta. Achou que "estava com a corda toda" e foi fazer um teste na TV-Record de São Paulo: reprovada logo de cara. Na hora de dizer o texto, de tão nervosa, ficou muda. Nervosismo só comparado quando ganhou uma rosa e foi beijada na mão por seu ídolo de adolescência, o galã Hélio Souto. Teve de sair correndo, tamanha foi a dor de barriga, de tanta emoção

Só lhe restou ser **tira**, *opção que fez aos 13 anos, quando acompanhava a mãe enfermeira nos plantões. Yara gostava de "ver os* **tiras** *transando no hospital". Aos 18 anos, um delegado, amigo da mãe, fez o convite: "Você quer ser carcereira?" Passou então dez meses na ala das presas políticas do Presídio Tiradentes. Esse seu trabalho ela classificou de "liberal"*

— Deixava as meninas fazerem até sessões espíritas à noite.

Do Tiradentes saiu direto pro Dops, depois de passar no exame com uma das melhores notas. Foi em 1968, ano que marcou o início dos atentados à bomba, seqüestros de embaixadores e passeatas de estudantes. Até seu irmão mais velho foi "badernista". Apesar de se dizer sem ideologia política, sua posição é: Hay gobierno, soy a favor!

Confessa que vivia assustada nesses dois anos de Dops. Tinha medo de sair às ruas e ser reconhecida. Do convívio com as presas políticas prefere dizer apenas que foi "bom", mas que sentia "verdadeira repugnância" por uma delas, acusada de ter matado um agente da CIA: "Só quem pode tirar a vida é Deus". Estranho comentário para uma pantera que, apesar de jurar que nunca torturou ninguém nessa época, reconhece que, uma vez só, montou a **máquina** *(pau de arara) só para assustar um traficante.*

Do Dops, saiu direto, em 1970, para a Delegacia de Entorpecentes. Agora é Yarinha, a boa policial:

— Nós só queremos chegar aos traficantes. Os viciados são vítimas. Existe sempre um drama atrás de cada viciado

Yarinha se diverte muito com flagrantes de tóxico:

— Vou te contar um que você vai morrer de rir. Um artista plástico trouxe dos Estados Unidos mais de 400 ácidos. Não era traficante. Tudo pra consumo próprio e de amigos. Dois investigadores conseguiram ficar íntimos da figura e ir morar com ele. Teve uma festa e eu fui como convidada. Tinha de tudo, mas queríamos os ácidos. Quando apareceram, demos voz de prisão.

Imitando a voz dos **malucos**, *ela volta a ser Yarinha, a* **Pistoleira**. *Não pára de contar seus casos. Quando percebe que ainda é dia de folga, faz um convite: "Vamos todos à sala de música". E toca Roberto Carlos. Aproveita a mensagem de "uma luz que vem do alto" e declara: "Sou católica". Ela crê em Deus, e não dorme nem sai de casa ou vai para a ronda sem antes rezar.*

Fé cristã, espiritualismo e reencarnação são seus assuntos preferidos. Só comparados ao amor. Não o amor ao próximo, mas "trepar mesmo". Como amou na vida a pantera Yarinha. De todas as experiências, a primeira, aos 18 anos, é a única que não repetiria. Perdeu a virgindade "só pra ver como é que era". Mas, depois dessa, todas foram ótimas. Seus olhos se iluminam:

— Tudo é azul com bolinhas cor-de-rosa. É tão gostoso! Como se batesse um sininho. Dá um branco total na cabeça. Quando estou apaixonada, trepo em qualquer lugar. Até em carro

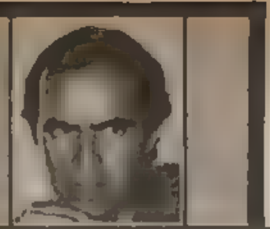
Chega o "dono da pensão". Os dois se beijam afetuosamente e ela diz como que emocionada: é ele o meu marido. Enquanto o major troca de roupa, Yara revela mais um de seus sonhos:

— Não tem essa de morrer em ação. Eu quero é morrer trepando.

Maria José Arrojo

UMA COLUNA DE POLÍCIA

SIRENES & CAMBURÕES



Aroldo Machado

Delegado do Esquadrão não apura execuções

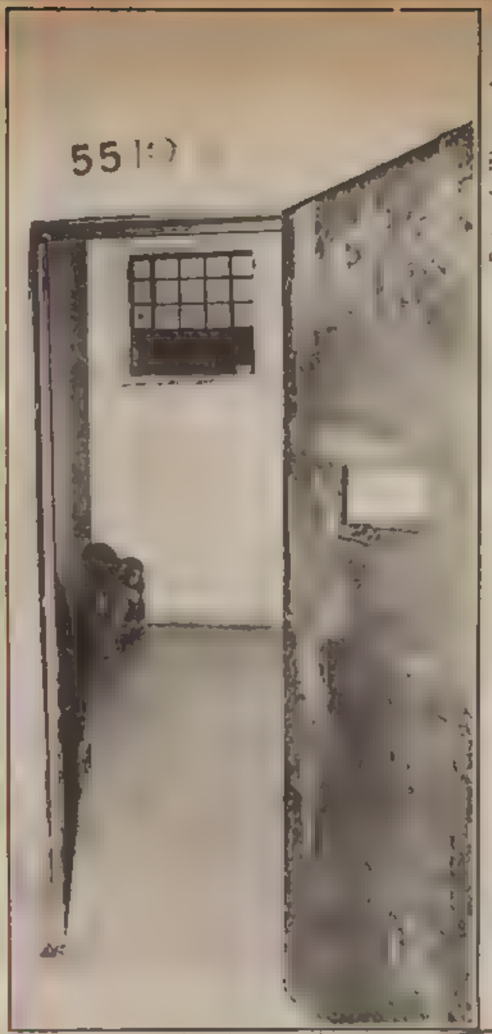
O secretário de Segurança do Rio de Janeiro, general Waldir Muniz, como homem de informações (SNI), deveria saber que o delegado Odilon Castelães sempre apoiou os grupos de extermínio, sem que ninguém lhe pedisse para apurar a autoria dos crimes. Agora, aos 63 anos e próximo da aposentadoria, Odilon foi surpreendido, em seu gabinete, na delegacia de Nova Iguaçu, com a ordem de apurar e prender os autores de vários assassinatos ocorridos em sua área nos últimos dias. O velho delegado só teve uma saída: "Não posso esclarecer crimes em que não aparecem testemunhas". Ocorre que as vítimas foram seqüestradas em suas casas por homens fortemente armados e que se identificaram como policiais. Interessante em tudo isso é que, durante um ano, enquanto o delegado Élson Campelo esteve lotado naquela delegacia, não ocorreu uma só desova em Nova Iguaçu. O segredo de Campelo foi, logo após tomar posse, chamar em seu gabinete alguns homens (policiais e alcagüetes) e informar: "Se aparecer algum corpo aqui, eu vou apurar e os autores vão **segurar** outros, antigos". Nessa época as execuções ocorreram em série, mas em Queimados e Belford Roxo, onde Odilon Castelães, chefe dos ex-**homens de ouro**, trabalhava.

Enquanto Odilon, apontado por muitos como o chefe do Esquadrão da Morte, era removido para a Corregedoria de Polícia (o "museu"), seu colega Sérgio Azeredo saía da delegacia da Tijuca e assumia a 9ª DP, no Catete. Sua falta foi informar que "não tinha condições de esclarecer o assassinato de um porteiro, durante um assalto". Fica a pergunta: no Catete não há assaltantes ou faltam porteiros para serem assaltados?

Para diminuir a criminalidade no Rio já se fala na volta das Delegacias de Vigilância. Há quem diga que "o coordenador das vigilâncias será o dr. Gomes Sobrinho". Mas a volta dessas delegacias somente contribuirá para o aumento da corrupção policial, brigas internas de delegados por sua titularidade. É reativar uma fábrica de marginais "fechada" há poucos anos. É que os **camburões** das famigeradas Delegacias de Vigilância saíam às ruas sem qualquer orientação, e qualquer trabalhador que estivesse sem documentos era recolhido a uma cela fria, onde permanecia sem alimentação e misturado com marginais até uma semana, tempo que o Instituto Félix Pacheco leva para informar se a vítima possui ou não antecedentes criminais.

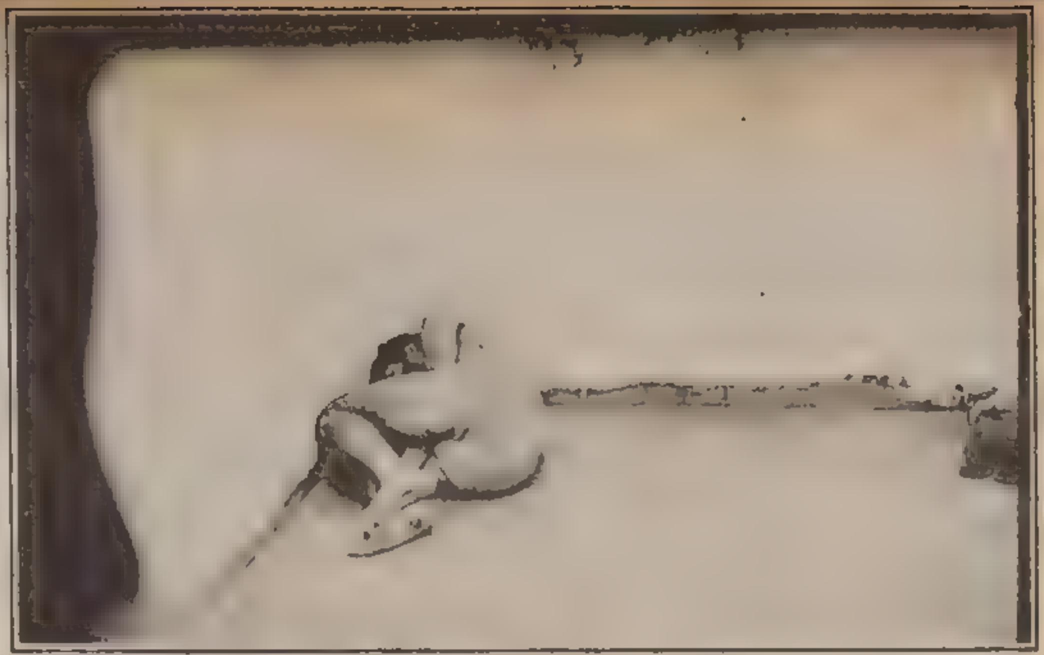
Por outro lado, haveria um choque entre a Polícia Militar, encarregada do policiamento das ruas, e a polícia civil, que tem função judiciária e cujos agentes estão, no momento, mais preocupados com os **bicos** em firmas e pontos do chamado **jogo-do-bicho**, onde trabalham como segurança, o que é fácil de ser constatado.

Logo após a sua criação, o Departamento Geral de Investigações Especiais – DGIE – passou a investigar os pontos de bicho para relacionar os policiais que trabalhavam em sua segurança. Na época, era polícia com medo de polícia. Os do DGIE eram vistos como agentes secretos, etc. Até declaração de bens muitos foram obrigados a apresentar. Mas o tempo foi passando e os "agentes secretos do DGIE" foram entrando na intimidade de seus colegas e dos próprios banqueiros do bicho. Hoje, o novo secretário de Segurança, a exemplo de outros que já passaram pelo prédio da rua da Relação, promete combater a criminalidade e a corrupção. O que não será difícil, desde que ele saiba escolher seus assessores.



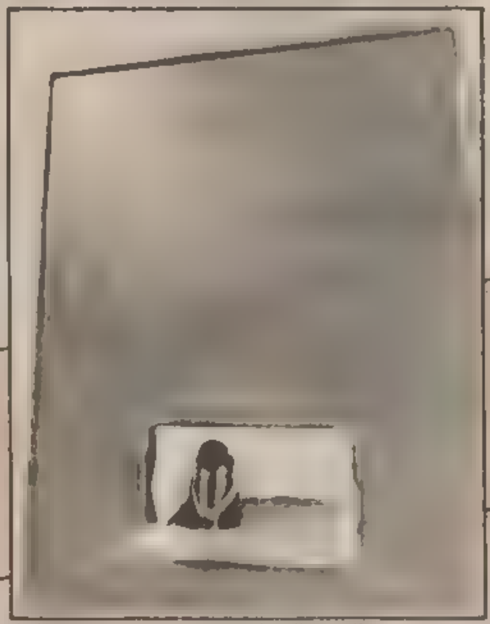
Os loucos só podem tomar sol

Fotos de Wagner Avancini



Os doentes mentais dormem no chão frio, quase nus, mesmo no inverno

REPORTER entrou no setor mais perigoso da Casa de Detenção de S. Paulo.



O isolamento faz parte do dia-a-dia

Comida e água chegam por um buraco

O PAVILHÃO 5 É UM INFERNO!

Luisão, o diretor, quer impor disciplina

A frase, na entrada, é puro humor negro

Presos sadios, loucos, tuberculosos e até alcagüetes vivem em condições deprimentes

Nenhum dos 7 mil homens que estão amontoados na Casa de Detenção de São Paulo, onde cabem apenas 2.500, gosta de ouvir falar do Pavilhão 5. Um pavilhão tristemente famoso por misturar, até recentemente, doentes mentais, tuberculosos e dedos-duros. Agora lá estão 40 presos, todos doentes mentais, que gemem e gritam dia e noite e são atendidos apenas por um médico e uma enfermeira. As condições em que vivem são deprimentes: jogados em celas individuais ou dois em cada cela-forte, que tem apenas um buraco na porta, por onde entra a comida e a água. No corredor, há um forte cheiro de fezes e quem o percorre ouve freqüentemente gritos alucinantes. Alguns dos doentes mentais deixam a cama-beliche, preferindo dormir no chão frio, de pedra. Outros rasgam a roupa e andam nus, mesmo durante o inverno. Até os funcionários da Casa de Detenção têm medo de circular pelo Pavilhão 5. "Eles jogam bosta na gente", diz um carcereiro. "Fazem com as mãos uma bola de bosta e jogam." Por isso, algumas celas ficam totalmente fechadas. Essa situação, ao que parece, vai mudar em breve. Pelo menos é o que garante o diretor da Casa de Detenção, Luís Camargo Wolfmann, o **Luisão**, que tem 25 anos de experiência, sendo 10 como chefe de disciplina da Penitenciária do Estado. Ao assumir, há 7 meses, **Luisão** encontrou um verdadeiro inferno no Pavilhão 5. Misturados aos doentes mentais estavam tuberculosos, chefes de quadrilha e dedos-duros. Sua primeira providência foi transferir os chefes de quadrilha para outros pavilhões, depois chegou a vez dos dedos-duros e, finalmente, a dos tuberculosos. "Tinha um monte de tuberculosos vivendo com gente sadia. A contaminação era inevitável. Arrumei 38 celas com beliches para 38 presos no pavilhão de baixo, o 4, e providenciei o pátio de arejamento para tratamento intensivo dos tuberculosos. Formei um sanatório penal de tuberculosos. Aliás, há muitos tuberculosos por aqui. A malandragem come mal, vive jogada por aí, tomando sereno. **Luisão** decidiu fazer a "limpeza" do Pavilhão 5 quando, durante um jogo de futebol, um dos jogadores parou para escarrar sangue. Agora ele anuncia outra novidade: vai transferir os doentes mentais para o Manicômio Judiciário, no Juqueri. Sairão 10 de cada vez: 'A única coisa que se fez pelos loucos daqui foi tirá-los das celas para tomar um solzinho. Sempre disseram que não tinha vaga no manicômio. Daí, traziam pra cá. Tudo que era louco que encontravam na rua jogavam aqui."

Rivaldo Chinem

Tortura e comida cara. É rotina em Água Santa

Na carceragem de Água Santa há 30 presos que não têm direito algum. Somos nós, os chamados presos-problema. Vivemos isolados dos outros presos na galeria E, em celas pequeninas, muito abafadas e revestidas de concreto e ferro. São verdadeiros fornos, onde o ar e o sol entram em doses muito escassas, imprensados por pequenos orifícios abertos na laje

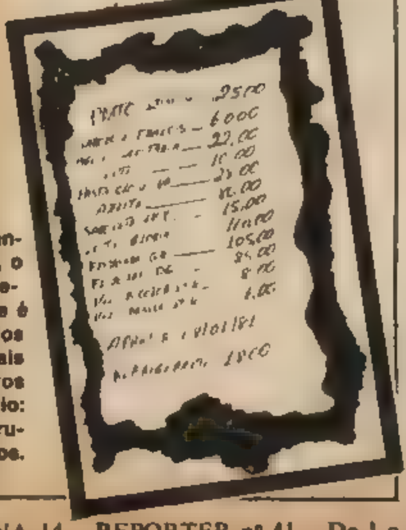
Quando chove, a situação é igualmente péssima. O forno vira geladeira. Quando reclamamos, os soldados da PM e os guardas do presídio nos espancam. Como se não bastasse a tortura física e psicológica, temos também de nos submeter à exploração dos altos preços dos alimentos vendidos na cantina do presídio.

A manobra é a seguinte: para forçar o preso a usar a cantina, o presídio serve alimentação de péssima qualidade. Com a fome, o preso se vê obrigado a recorrer à cantina, onde funciona uma espécie de supermercado clandestino, com preços exorbitantes. Um pão de 100 gramas custa Cr$ 5; o leite custa Cr$ 24; um bife é Cr$ 60 e a linha Anne, para artesanato, Cr$ 180. É fácil calcular o lucro da cantina: só de pão e leite são vendidas 3.500 unidades por dia. Ao todo, a cantina tem como clientes 2.000 presos e os familiares destes.

Tudo isso transforma a carceragem de Água Santa num campo de concentração em tempos de paz. Vez por outra os próprios administradores admitem que só usam a força e cometem tantos desatinos com os presos porque não têm estrutura na carceragem. O clima de terror mantém o preso em estado permanente de tensão e medo e, assim, fica mais fácil controlá-lo.

Nós estamos cansados de tanta desumanidade. É contra a lei a manutenção de presos, mesmo por períodos curtos, numa carceragem desestruturada como é Água Santa. Nosso objetivo, com a denúncia das condições em que vivemos, é conseguir das autoridades um tratamento mais humano. Pelo menos, queremos ter o direito de respirar, tomar sol e não sermos mais espancados.

William da Silva Lima/Carlos Alberto Meskitta



Na cantina, o refrigerante é um dos mais caros do Rio: 18 cruzeiros.

Os clientes do fliperama; as máquinas não param

Fotos de Alvaro Stein

Menores, executivos, desempregados, jogadores profissionais. São os...

VICIADOS DO FLIPERAMA

Lojas faturam até Cr$3 milhões por mês

Reportagem de Maria Ferreira e Fátima Cardeal

Às 7 da manhã já há fila de fregueses esperando que o fliperama da rua São Bento, em São Paulo, abra, diz Odete Silveira, gerente da loja. Nos 300 fliperamas do centro da capital paulista o movimento não pára até tarde da noite. Muitos fregueses passam o dia inteiro jogando. São os viciados

Desses, nenhum tem cara de rico. Mas, através de uma série de truques, conseguem jogar inúmeras fichas por dia, cada uma custando 20 cruzeiros e que duram poucos minutos – o suficiente para se cometer um erro no jogo.

Odete, a gerente, diz que é proibido jogar a dinheiro:

– Se pego alguém jogando a dinheiro, mando desligar a máquina e ponho o freguês pra fora.

Pegar alguém jogando a dinheiro realmente é difícil, mas só a grana que corre nos fliperamas explica a presença de garotos pobres misturados com executivos. Sabe-se, por exemplo, que muitos desses executivos financiam o jogo desses garotos.

Um viciado manjado no fliperama da rua São Bento é José Roberto, de 27 anos. Ele diz ser dono de duas lojas e formado em Física. Procura disfarçar: só joga há 5 meses, não gasta mais de 100 pratas por dia – apenas 5 fichas. Mas não consegue esconder o tique nervoso do jogador: enquanto olha o jogo dos outros, seu corpo se movimenta, como se ele estivesse jogando. Mais relaxado, José Roberto dá um perfil dos fregueses do fliperama:

– 90% são desempregados ou jogadores profissionais, que comercializam fichas e acabam ganhando com isso.

Um menino de 15 anos, que ganha Cr$ 9 mil por mês, confessa que joga todo dia:

– Quase não gasto do meu bolso – diz César Augusto. – Ganho muita ficha. Agora mesmo aquele rapaz me deu uma – afirma, apontando para Domingo Savio da Silveira, gerente de vendas.

Uma das maneiras de lucrar é o que se chama "agiotice", revela um office-boy de 18 anos chamado Edilson da Silva Ferreira.

– Empresto dinheiro para os viciados jogarem e depois eles me devolvem em dobro.

Ele não explica, porém, como tem dinheiro para emprestar, ganhando apenas salário mínimo, e como fica o dia inteiro no fliperama, apesar de estar empregado.

Mas quem fatura mesmo são as lojas. A de Odete, por exemplo, vende de 2.500 a 3.000 fichas por dia. São mais ou menos Cr$ 50 mil por dia, quase Cr$ 1,5 milhão por mês. E esta não é a maior loja da Taito – firma japonesa que importa as máquinas e possui 80% dos fliperamas de São Paulo. A que mais fatura é a da rua 15 de Novembro, que comercializa

O garoto procura os alvos espaciais

5.000 fichas nos dias de bom movimento, segundo o gerente Jorge Matos:

– Este é o fliperama que mais fatura na América Latina – assegura.

Os lucros são fabulosos. Cinco mil fichas correspondem a Cr$ 100 mil por dia e cerca de Cr$ 3 milhões por mês. O aluguel da loja é de Cr$ 300 mil, os gastos de luz são de Cr$ 27 mil e as despesas com empregados envolvem Cr$ 70 mil. No total, algo em torno de Cr$ 400 mil. Mesmo levando-se em conta os gastos com impostos, reposição de máquinas, etc, dificilmente a loja da 15 de Novembro dá menos de Cr$ 2 milhões de lucro líquido mensalmente.

Nos gastos com empregados estão incluídos os salários dos que fazem a segurança das lojas. Reginaldo Feliciano Bispo exerce essa função na rua São Bento, além de ser encarregado do conserto das 29 máquinas:

– Eu luto judô e karatê. Os trombadinhas já me conhecem e não tentam roubar por aqui

O problema do roubo é realmente sério. O 1º Distrito Policial diz que recebe quatro queixas de roubo em fliperama por dia Além disso, a polícia tem certeza de que nos fliperamas acontecem muitas transas de tóxicos.

– Essas casas são antros de drogas – assegura o delegado-titular do 1º Distrito, Gildo Datri

O mesmo delegado – que tenta fiscalizar a entrada de menores de 14 anos – afirma que corre tanto dinheiro nos fliperamas que os autos de infração por ele lavrados são derrubados pelos juízes. Por isso, ele acha muito difícil que o projeto do deputado Rui Codo, proibindo a presença de menores de 18 anos nos fliperamas, seja aprovado.

O certo é que os fliperamas continuarão sendo um negócio altamente lucrativo, com suas lojas sempre cheias de meninos e homens. Mulheres são raras, pois os fliperamas funcionam quase como verdadeiros clubes do Bolinha ("menina não entra"). Uma das exceções é Rosângela, uma loura de 16 anos que não gosta de dar o sobrenome para que sua mãe não saiba que ela é viciada. Diz ela

– É só não dar uma de gostosa que o pessoal não mexe.

Rosângela chega a gastar Cr$ 500 por dia, fora o que ganha:

– Os meninos me dão ficha. O gerente, também. Às vezes ele abre a máquina e joga um monte de fichas na minha mão

"Sapos" olham, "babilus" paqueram

Além dos office-boys, dois tipos freqüentam os fliperamas do centro de São Paulo: sapos e babilus. Sapos são os que não vão para jogar. Ficam só olhando. Babilus são os homossexuais, que estão a fim de pegar alguém. Eles ocupam a porta de entrada ou circulam dentro dos fliperamas, sacando o jogo e se encostando nos garotos sem a menor cerimônia. As máquinas, em geral, dão para 4 jogadores de uma vez. Por isso, as apostas são feitas comumente entre quatro. As apostas se baseiam nas fichas, e o limite de pontos depende de cada máquina. Em algumas, o número máximo de pontos é de 800 mil, em outras, 200 mil. Cada ficha dá direito a 5 bolas e o jogador que completa o limite de pontos pode pegar nova ficha. Os melhores conseguem fazer o máximo de pontos até três vezes seguidas. Há outras maneiras de ganhar nova ficha: pelo "especial" — o que significa realizar uma determinada seqüência de jogadas (batendo com a bola em determinados cilindros); ou por "sorteio": quando a quinta bola é perdida, acende-se na máquina um determinado número e, se ele coincidir com os últimos algarismos do número de pontos feitos, o jogador ganha uma ficha. As máquinas preferidas são aquelas em que as bolas, impulsionadas por flaps que o jogador aciona através dos botões laterais, vão batendo em cilindros e a cada batida marcam pontos. A partida acaba quando a bola escapa dos flaps e cai dentro da máquina. O que muda nessas máquinas é o desenho que as enfeita, que pode ser, inclusive, a reprodução de mulatas do Oba, Oba. Outras máquinas consistem de alvos que aparecem num visor onde o jogador tem de acertar. Outra variação é a corrida de automóvel, em que o jogador tem que completar o percurso sem esbarrar nos carros que a toda hora aparecem pela frente. Há ainda máquinas que reproduzem viagens espaciais: o jogador viaja pelo espaço, desviando de objetos espaciais.

Sem sede, ginásio cheio de goteiras, Marechal Hermes não tem título de posse, arquibancadas duram mais 2 anos, 53 protestos em cartório, o clube deve 18 bi ao FGTS, fora o açougue.

O time, segundo a torcida do Vasco, virou Bostafogo

O campo de General Severiano

Fotos de Chiquito Chaves

O BOTAFOGO VAI ACABAR!

A torcida do Vasco foi impiedosa. Num jogo contra o Botafogo, realizado no ano passado, abriu uma faixa: "Bostafogo". É uma realidade. Os próprios botafoguenses reconhecem, amargurados, que o time da Estrela Solitária está muito mal. A administração Charles Borer levou o clube ao caos, administrativo, econômico e financeiro.

O pior é que a torcida não acredita que muita coisa mude se a Oposição ganhar as próximas eleições. Russão, chefe da torcida, diz que a Oposição não tem grana e que durante muito tempo apoiou Borer:

— Foi ela quem elegeu Borer em 1976 e participou com ele da primeira gestão e uma parte da segunda. Só então é que começou a se [redacted]

O advogado Luís Fernando Maia, um dos líderes da facção Botafogo, Força e Renovação, compreende esse ceticismo, pois ele mesmo pertenceu, até 1979, ao Departamento Jurídico do clube, tendo então se demitido. Mas ele acredita que, se todas as correntes de oposição se unirem, podem vencer Borer e pouco a pouco tirar o Botafogo do atoleiro em que o atual presidente o deixou.

Um atoleiro que inclui a perda da sede, na rua General Severiano — fato inédito entre os clubes cariocas. O campo de Marechal Hermes, onde o Botafogo está agora, não tem título de propriedade; apenas foi cedido ao clube por 10 anos. As arquibancadas, que foram aproveitadas de um desfile de carnaval, têm vida útil de 5 anos e já estão no terceiro.

O Botafogo possui um terreno em São Gonçalo, que foi doado sob a condição de que se construísse um parque esportivo em 2 anos. Já transcorreram 6 meses e nenhuma iniciativa surgiu. Quanto ao Mourisco, um conjunto esportivo em Botafogo, está em precárias condições, com grande número de goteiras no teto. A tal ponto que um jogo de voleibol pelo campeonato carioca teve que ser suspenso, pois a quadra ficou impraticável.

Para Carlos Imperial, ex-diretor de futebol, a administração de Borer não é um primor, mas para substituí-lo só um homem de grana. Como tal pessoa não existe, ele acha que o melhor é manter o atual presidente.

— O Borer é necessário, pois o problema do Botafogo é financeiro; quando chega o fim do mês ele bota do seu bolso 1 ou 2 milhões de cruzeiros para cobrir as despesas. Já a Oposição é uma oposição de merda, onde todo mundo é duro.

Mas, para Luís Fernando Maia, que mostra documentos para comprovar o que diz, a atual penúria do Botafogo se deve principalmente à falta de competência administrativa de Borer, que iniciou sua primeira gestão com Cr$ 16 479 826,31 em caixa, dos quais Cr$ 9 734 083,23 da venda da sede — acertada 28 dias depois que ele assumiu. O próprio Borer admite hoje em dia que vendeu General Severiano para a Companhia Vale do Rio Doce por um preço bem inferior ao valor real do imóvel. Na época ninguém protestou e o prejuízo passou despercebido.

Graças aos desacertos de Borer, o clube já teve protestadas, de 1976 para cá, 53 duplicatas e triplicatas, de acordo com o relatório do 7º Ofício de Registro e Distribuição. Até o açougue e o material esportivo o clube já ficou devendo. Atualmente, segundo cálculos otimistas, o rombo com o FGTS é de Cr$ 18 milhões, adicionando-se os atrasos com o INPS e impostos a pagar.

Luís Fernando Maia diz que, além de devedor, o Botafogo, para vergonha de seus torcedores, está com fama de ladrão, por ter tentado ficar ilicitamente com o passe do jogador Renato Sá, do Grêmio.

O advogado Maia, um líder da Oposição

— Foi a maior derrota do clube na Justiça esportiva. Dez a zero no Superior Tribunal de Justiça Desportiva e sete a zero no CND. E ainda tivemos que pagar 1 milhão de cruzeiros ao Grêmio porque utilizamos o jogador contra ele.

Para Carlos Imperial, a saída viável para o Botafogo seria convencer Borer a "se livrar de um bando de puxa-sacos, sem talentos, deslumbrados e que só atrapalham". A solução de Imperial não é original, pois em cinco anos de mandato o que Borer mais fez foi mudar gente. De 1976 para cá já contratou 55 jogadores, 15 técnicos, 11 preparadores físicos e 6 supervisores. Além disso, 39 diretores, dos quais 17 vice-presidentes, se afastaram.

Recentemente o presidente do Botafogo fez outra das suas. Contratou Daniel Pinto como supervisor para policiar os jogadores. A nomeação, que desagradou a alguns dos mais íntimos colaboradores de Borer, foi feita sem consulta à diretoria e enquanto o vice-presidente de futebol passava férias em Punta del Este. O desagrado está relacionado não apenas à maneira como o presidente agiu, mas também ao fato de que Daniel tem um passado sujo. Ele esteve envolvido, como principal acusado, em um caso de suborno num jogo de juvenis entre Vasco e Olaria.

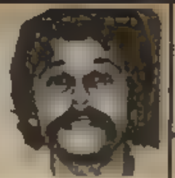
O Botafogo anda numa fase tão ruim, que até mesmo seus torcedores mais famosos estão morrendo. Nas últimas semanas baixaram à sepultura Ney Cidade Palmeiro, ex-presidente, Salim Simão, uma espécie de torcedor-símbolo, e o legendário Carlito Rocha, que faz parte do folclore do futebol carioca. No enterro de Simão, Borer compareceu. Já no de Ney Palmeiro não compareceu e nem sequer mandou representante. Além disso, não adiou o baile de carnaval do clube, o Black and White, realizado no dia em que o ex-presidente morreu. Nem mesmo bandeira a meio pau foi providenciada. No enterro, a revolta era geral. Até a bandeira que envolvia o caixão teve que ser emprestada por um amigo do morto, que aliás fazia cerrada oposição a Charles Borer.

Jorge José de Melo

UMA COLUNA DE FUTEBOL

FOLHA SECA

Luiz Alberto Bettencourt



Não seja teimoso, Telê! Escale o time titular

Raul, Edevaldo, Edinho Luisinho e Júnior; Falcão, Sócrates e Zico; Zé Sérgio, Reinaldo e Éder. Esta é a seleção que a maioria dos que se ligam ao futebol, como torcedores ou jornalistas, gostaria de ver escalada por Telê. No gol, um jogador experiente, seguro, em grande forma; na zaga, força, impulsão, vigor e talento; no meio-de-campo, o que há de melhor no mundo, superior, na minha opinião, a Ardiles, Maradona e Kempes, da Argentina; o ataque, com dois pontas que sabem o caminho da linha de fundo e um craque com faísca de gênio, embora frágil fisicamente. No banco, jogadores como Leão, Leandro, do Fla, Cerezo, Dirceu, hoje na Espanha, João Paulo, Careca, Pita.

Em suma, um elenco e um time claramente ofensivos, que retratem o verdadeiro espírito do futebol brasileiro, o ataque. Só ganhamos copas do mundo quando jogamos pra frente, colocando problemas pros adversários – não resolvendo as equações que eles impõem – tirando partido de uma tradição: todos os times que enfrentam a seleção brasileira partem de uma posição defensiva de jogo. Até a Argentina, um dos grandes times do mundo no momento, orientada por um técnico competente, começou a partida contra o Brasil no Mundialito com quatro jogadores no meio-de-campo. Menotti escalou Barbas pra jogar atrás de Gallego, ajudando Olguin a marcar Zé Sérgio e fechar o caminho de Júnior. A Argentina – a imprensa de Buenos Aires admitiu – jogou na defesa, como já havia feito em Rosário, na Copa de 78.

Telê, você que é um sujeito sério, dedicado, competente pra armar um time de futebol, acredite nisso que lhe escreve este modesto colunista: defina claramente uma filosofia de jogo e um time titular pra executá-la; acabe com as dúvidas entre Éder e Zé Sérgio – isso prejudica o rendimento dos dois; convoque os melhores goleiros do país – concordo com você que Leão, principalmente, também não sabe sair do gol, mas transmite mais confiança que o jovem Marola e o atabalhoado Valdir Perez; exija Falcão e Dirceu, e abandone o cabeça de área. O que justificaria um jogador tipo Batista é o fato de jogarmos com dois laterais ofensivos. É uma falsa razão, mesmo porque Batista não pode dar cobertura a Júnior e Edevaldo; se o esquema for esse, a faixa de campo que ele tem que cobrir faz com que um único atacante – como o chileno Caszely – ponha em pânico toda a defesa. O sistema de cobertura no nosso campo de jogo é que tem que mudar. Os beques não podem jogar em linha, os zagueiros têm que chegar mais próximo dos laterais na cobertura dos avanços, você deve saber disso. Escale os cobras, futebol ainda é talento. Falcão sabe marcar e sabe o que fazer com a bola dominada. Não abra mão disso, não seja teimoso. Se ele puder chegar um mês antes da Copa, vale porque ele é craque, se afina logo ao grupo; aliás, Zico e Sócrates não lhe são estranhos, já jogaram juntos muitas vezes.

É isso aí, Telê; não dê chance aos adversários. Vamos jogar com nosso time principal. Os outros assistem, do banco ou da arquibancada, e batem palmas.

ACADEMIA **FAIXA PRETA** 1 e 2

Aulas de:
taekwon-do, kung-fu, capoeira, karatê, aikidô, boxe, ginástica feminina, nunchaku.

ACADEMIA 1 — rua General Roca 847, sobrado. Tijuca - Sãens Pena, Rio. Tel: [redacted].
ACADEMIA 2 — rua São Francisco Xavier 196, sobrado. Tijuca (em frente ao Colégio Militar) Rio. Tel: 284-5639.

REPORTER ENTREVISTA

TAVARES DE MIRANDA

COLUNISTA SOCIAL DIZ QUE RICO NÃO TEME REVOLTA POPULAR

NO BRASIL SÓ DÁ QUEBRA-QUEBRA

Depoimento a Márcia Fadul   Fotos Wagner Avancini

Mesma língua, mesmos desejos, mesma TV. Para ele, a unidade nacional é "indestrutível"

José Tavares de Miranda, colunista social da Folha de São Paulo, foi da Juventude Comunista aos 16 anos. Em 1945 publicou um poema em homenagem ao líder comunista Luís Carlos Prestes. Hoje, ele diz gostar da política de Delfim Netto, acha Jânio o melhor candidato ao governo de São Paulo e Paulo Maluf o maior líder nacional e futuro presidente. Em 64 ele esteve na Marcha da Família, mas considera a revolução "traída" e o governo Geisel "calamitoso".

Como era o soçaite quando você começou e como é hoje?

– O soçaite, quando eu comecei, era assim do meu quadrado tempo. Você sabe perfeitamente que eu sou um homem de 61 anos, nascido em 16 de novembro de 1919. Então tinha que ser um soçaite de quadrados, não é?

Quem são os novos-ricos de São Paulo?

– Épa, você quer me botar na boca do lobo? Novos-ricos de São Paulo ou de qualquer parte do mundo são como são. É a cortiça que sobrenada, é o azeite que não se mistura, fica sendo sempre novo-rico...

E como se reconhece o novo-rico?

– Eles adoram crônica social...

Existe gente de esquerda na sociedade?

– Na sociedade, tem. Por exemplo, Caio Prado Jr. é um homem de esquerda e é um homem de sociedade do velho São Paulo, do velho Brasil.

Você, que é um homem bem informado, diga lá: é verdade que o Comitê Central do PCB (Partido Comunista Brasileiro) se reúne no Jockey Club de São Paulo?

– Eu não sabiaaa... (risos)

Conte como foi sua passagem pelo PCB.

– Muito jovem, 16 anos, eu trabalhava num jornal em Pernambuco, *A Folha do Povo*...

Com essa idade, já trabalhava em jornal comunista?

– Bidu! Eu fui da Juventude Comunista e tem mais: fui secretário-geral da Federação da Juventude Comunista. Dizem que eu troquei a Coluna Prestes pela coluna social (risos).

E por que a mudança? O que te levou ao outro extremo?

– Mudei por causa da fé que eu tenho. Sou um homem católico, apostólico, romano, de missa e comunhão diária e terço no bolso. Você pode ver aqui.

Conte uma passagem do Luís Carlos Prestes, aquela em que você escreveu um poema dedicado a ele.

– Eu uma vez estava no *Diário de S. Paulo* vendo o arquivo e deparei-me com uma foto do Luís Carlos Prestes ainda no Tribunal de Segurança Nacional, diante do general Mainar de Araújo, que era o presidente... Prestes havia sido espancado e estava com a boca completamente ensangüentada. Me lembro de que afastei-me e comecei a escrever um poema que publiquei quando houve a anistia em 1945, *A espada de fogo*.

Em 64 você participou da Marcha da Família.

– Participei da Marcha da Família em 64. A marcha foi motivada por mulheres do movimento feminino. Eu, naquele tempo, estava absolutamente ao lado das Forças Armadas, que se manifestaram depois... (risos)

Você participaria hoje de marcha semelhante?

– Eu sou da marcha da Família e da Propriedade...

São uns loucos, Tavares... TFP... Uma maldição...

– Não, são legítimos, são ótimos... Acho que existe um líder anticomunista no Brasil, chamado Plínio Correia de Oliveira, que eu tenho a maior admiração...

Os militares freqüentam a socie[illegible]

– Os militares fazem parte. Tenho grandes amigos militares. O general Sizeno Sarmento, por exemplo, é um grande amigo meu que freqüenta a sociedade. Assim como o general Jurandir Mamede, o general Ednardo (*Nota da redação*: que Geisel tirou de São Paulo após a morte de Vladimir Herzog, em 1975)... São tantos...

Como a sociedade (e você) vêem o governo Maluf?

– Eu, particularmente, sou partidário de Paulo Salim Maluf. Primeiro porque ele é filho de imigrantes e eu amo o imigrante por várias circunstâncias. Eu sou um homem que quero somar... O Brasil é uma soma de todos nós... Eu sou bi-paulista porque nasci em Pernambuco e estou em São Paulo. E sou partidário de um paulista na Presidência da República e de Paulo Salim Maluf, que é bi-paulista... (risos)

Quem é o candidato da "alta" ao governo de São Paulo?

– Eu não tenho problema de candidato da alta; eu sou Jânio da Silva Quadros e, para Presidência, Paulo Maluf. O Jânio não pode ser, não pode queimar essa etapa, será o futuro governador...

Tavares, acho que você está pirado... não é possível...

– Espera aí, eu não estou falando bem do governo. Eu sou contra a revolução traída, mas sou partidário do Maluf, que é um revolucionário autêntico...

Qual o presidente que está com tudo e qual está por fora?

Com tudo, o presidente João Baptista de Figueiredo e, por fora, o calamitoso governo Geisel...

Quem tem capacidade de liderança no Brasil, hoje?

– No momento, o homem que pode liderar é Paulo Maluf. Seria eu próprio. Se tivesse elementos, eu me candidataria à Presidência da República hoje mesmo...

O que você acha do Delfim Netto?

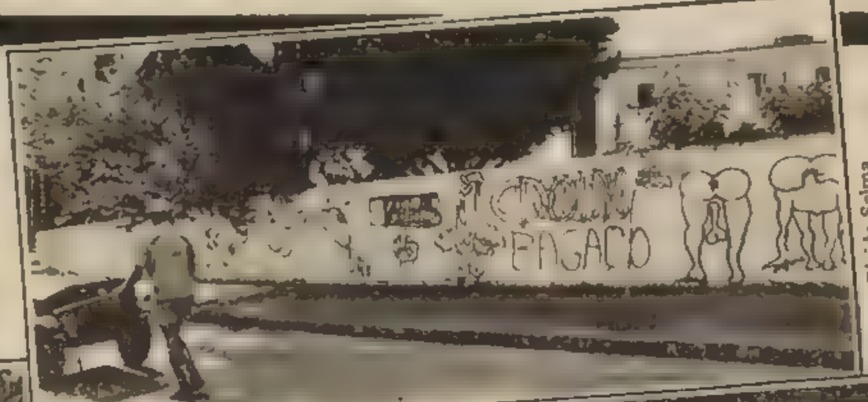
– Eu gosto imensamente do Delfim, acho um homem inteligente, e se ele fosse, por exemplo, ministro da Marinha, nós teríamos a maior esquadra do mundo com a maior facilidade... Ele sabe charlar como ninguém...

Os ricos (e você) temem uma revolta popular no Brasil?

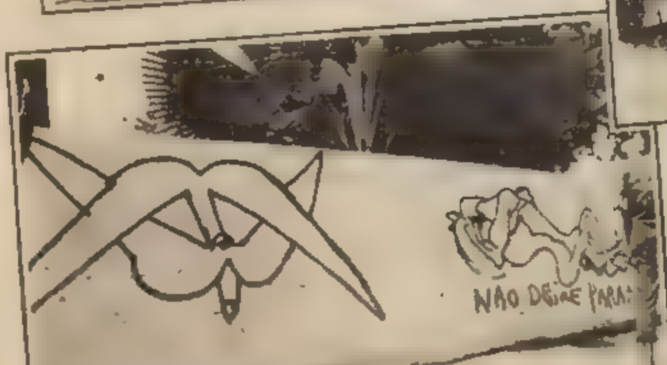
– Eu não creio em revolta popular. O que há possibilidade no Brasil são as Sabinadas, Balaiadas, quebra-quebra de modo geral. O sonho de minha juventude, quando eu era da Juventude Comunista e acreditava na revolução harmônica, mesmo que fosse desarmônica, da revolução orquestrada, essa não é possível. Inclusive a formação do povo brasileiro não dá pra isso. Nós somos um país pelágico, um arquipélago constituído por várias ilhas de Norte a Sul. São Paulo é São Paulo, Pernambuco é Pernambuco. Esse diálogo Norte-Sul precisa ser estabelecido o quanto antes, isso é que é necessário para a integração nacional. O Sul está cada vez mais rico e o Norte cada vez mais pobre. Inclusive, a unidade nacional que tanto sonhamos, ela existe e é indestrutível. Por uma coisa só: nós falamos não só a mesma língua, como curtimos os mesmos desejos. E agora temos a TV, que é uma coisa muito séria...

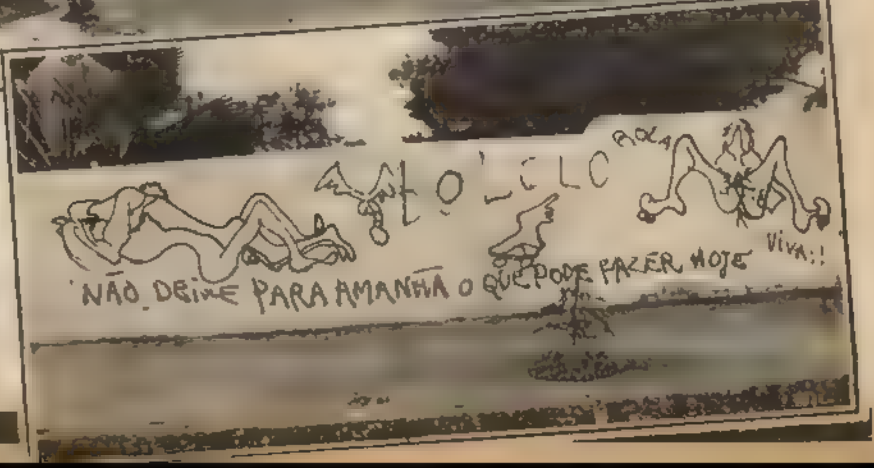
Convite ao sexo nos muros de Recife

A pichação é obra de um inspirado e anônimo artista pernambucano e apareceu no dia 8 de março, Dia Internacional da Mulher. A Secretaria de Bem-Estar Social da Prefeitura de Recife, que tinha acabado de caiar seus muros, não gostou da obra, nem as feministas. Pouco gente pôde vê-la porque, já no dia seguinte, foi apagada.



Fotos Gleide Selma





PASSARELA

Jorge Segundo

Pobres compositores!

Eles são os chamados "compositores da calçada". Fazem ponto no Centro do Rio, na calçada mesmo. São mais de mil. E do talento de alguns deles o Brasil inteiro tem cantado grandes sucessos: **Resto de Esperança** (Dedé da Portela), **Vou Festejar** (Dida), **Ai, que Vontade** (Beto sem Braço), **A Nêga é Minha** (Marinho da Muda), **Reunião de Bacana** (Ari do Cavaco), **Conto de Areia** (Toninho Nascimento), **Chico Rei** (Geraldo Babão), **Fruto do Amor Proibido** (Heraldo Faria), **Alô, Alô, tai Carmen Miranda** (Meneco do Império) e muitos outros mais. Muitos passam fome, moram em barracos infectos, não têm como educar os filhos. Tudo por causa do tal sistema de arrecadação do direito autoral. Eles estão nas paradas, mas não recebem a grana! Agora resolveram gritar. Entregaram documento ao interventor do ECAD (Escritório Central de Arrecadação e Distribuição) e esperam que o doutor Luiz Roberto Fontoura de Carvalho acabe com a bandalha de um sistema que, até agora, só beneficiou a turma da panelinha. Uma coisa é certa: os Compositores da Calçada fazem muita fé no interventor.

A CHANCE DO "CANAL LIVRE"

Se segurar um pouco as pontas e não cristalizar o hábito da "reunião de família", o Canal Livre (TV-Bandeirantes, domingo depois das 10 da noite) vai continuar faturando o horário sem grandes problemas. Programa de entrevista (tipo ao "vivo", com gente perguntando, encostando o entrevistado na parede), é uma raridade na TV tupiniquim. E a maravilhosa chance dessas entrevistas dominicais, tão bem mediadas pelo Roberto D'Ávila, não pode ser anulada por inibição ou até pelo desejo do entrevistador ser simpático ao entrevistado. Uma recente entrevista, que poderia ter sido ótima e virou reunião de amigos: a do Ricardo Amaral. Não por culpa do entrevistado, mas porque a turma que foi lá caiu de diplomacia e elogios em cima do Amaral. Dois exemplos, apenas: o Daniel Más, tão incitador, ficou mudo e, no fim, elogiou; o fleumático Zózimo Barroso do Amaral (bela imagem no vídeo) pouco participou.

★★★★★★★★★★

É preciso cantar...

1 — Há um ano, a Ariola entrava no mercado brasileiro com um apetite de cão. Pagou muitos milhões pelos passes de Chico Buarque, Milton Nascimento e outras estrelas. O mercado do do disco se assustou, mas todos nós, consumidores, que nada decidimos na briga de multinacionais, ficamos apenas torcendo por bons lançamentos. Algumas respostas vieram logo: Milton, MPB-4, Alceu Valença, Toquinho, Kleiton & Kledir (ótimo o disco da dupla), Moraes Moreira, Marina. Faltou um, importantíssimo: Chico Buarque! E agora que a Ariola comemora o primeiro aniversário com um LP de seus cantores brasileiros, a ausência de Chico é lamentável. Afinal, o passe de 10 milhões de cruzeiros (foi isso mesmo?!) foi pra valer ou não?!

2 — **Vai ser agora, nesta quinzena, um lançamento muito especial: o LP que comemora os 60 anos de vida de dona Ivone Lara. Ela estréia na WEA e parece que não vai fazer vergonha em termos de produção musical: seu disco foi entregue ao competente Sérgio Cabral. Maria Bethania, Rosinha de Valença e Jorge Ben, alguns dos convidados que enriquecem o LP dessa maravilhosa sambista, destaque do Império Serrano e Estandarte de Ouro do último carnaval.**

3 — E foi cantando que o time da Portuguesa, de São Paulo, mostrou que sabe rebolar. Seguinte: os paulistas estavam concentrados no hotel das Paineiras, Rio, esperando o jogo com o Fluminense (1 x 1); descobriram, então, aquela musiquinha da Gretchen, a tal da "conga, conga, conga!"; e o time todo, incentivado pelo técnico Mário Travaglini, passou a cantar, em uníssono, o "conga, conga, conga"... e todos mexiam os traseiros loucamente, com um molejo de fazer inveja à própria Gretchen. Esse negócio de ficar mexendo o traseiro em concentração que só tem homem, não sei não...

★★★★★★★★★★

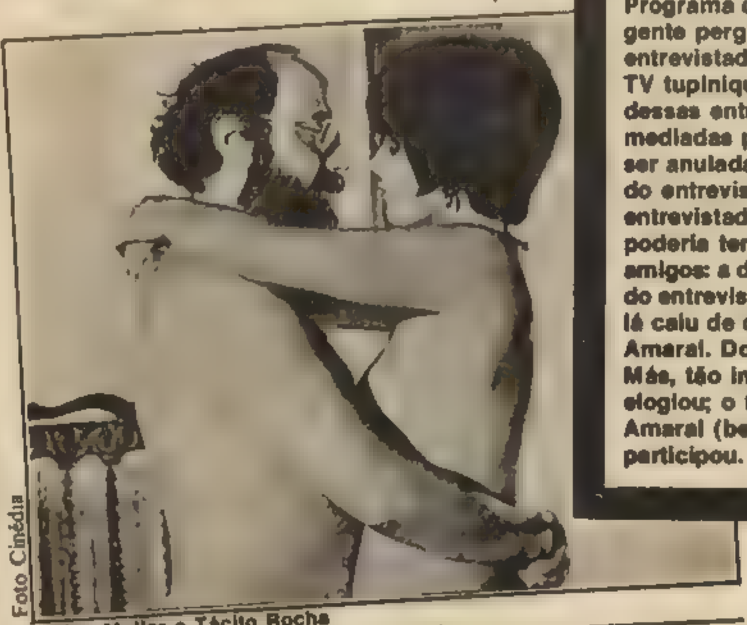


Foto Cinédia

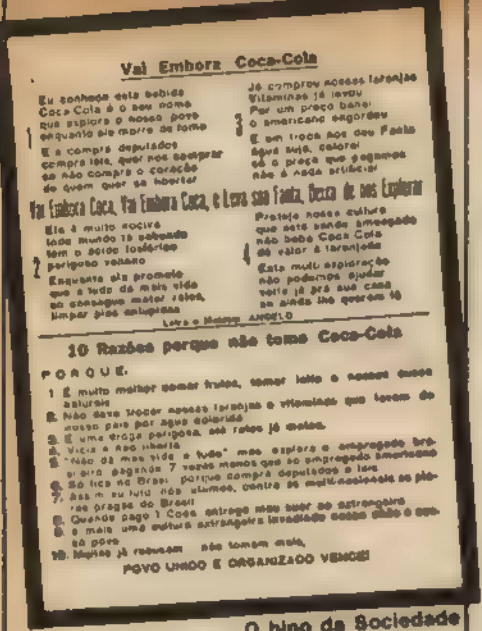
Aldine Muller e Tácito Rocha

Todo mundo fornica na TV?

Nesta quinzena, os cinemas do Rio (e acredito que das principais cidades brasileiras) estão vendendo um nome com muita insistência: Aldine Muller. Ela está brilhando em nada menos de três filmes em cartaz: **Bacanal** *(óba),* **Boneca Cobiçada...** *e* **Consórcio de Intrigas**; *e é sobre este que a gente vai dizer alguma coisa, porque fala do espetáculo dentro do espetáculo.* **Consórcio de Intrigas**, *projeto corajoso de Alice Gonzaga, da velha Cinédia, trata de alguns aspectos dos bastidores da Televisão, mas "bastidores" mesmo, pois todo mundo só pensa em ir pra cama. Será que a TV é assim? O respeitável diretor Miguel Borges garante que está se questionando sobre o velho problema da prostituição: "Estariam estrelas da TV – diz ele – algumas, poucas e boas, talvez poucas e certamente boas, se dedicando, paralelamente, à mais antiga profissão do mundo?" Será que lá nos "bastidores", onde se resolvem contratos, onde se discutem papéis, a TV é assim tão despudorada, tão venal, como mostra o filme de Miguel Borges? Seguramente, não! Se toda a trepação do filme, toda aquela impassível tesão eletrônica, tivesse conotações reais, meu Deus, coitados dos diretores televisivos, estariam todos caindo pelas tabelas, de tanto gozo. A chantagem sexual existe, claríssimo, mas não é menor nem maior na Televisão e no Cinema. Proporcionalmente, a nível de mercado de trabalho, a sacanagem é igual, numa e noutro, só que menos impetuosa e mais discreta do que sugere (sugere uma ova!) o* **Consórcio de Intrigas**. *Ainda bem que o filme tem Aldine Muller, uma mulher que (perdão, leitor!) não se pode oferecer um bom emprego sem se pensar numa boa fornicação.*

Oitenta e três pontos no IBOPE num primeiro capítulo de novela é negócio de doido, coisa jamais vista; e, no segundo capítulo, aumentar para 85 pontos, loucura maior ainda. Foi assim (e continua sendo) com **Baila Comigo**, de Manoel Carlos. De todos os filões da história, apenas um (os gêmeos vividos por Tony Ramos) está provocando discussão nesses primeiros dias. O texto folhetinesco do Manoel é ótimo; a direção do Talma e do Ubiratan é excelente, cinematográfica, até... mas a interpretação do Tony Ramos é que é uma coisa muito boa, bonita. As verdades dos dois irmãos, intelectual e socialmente diferentes, passam sem esforço para a gente. Um belo ator. Do drama da novela ao novo humor das segundas-feiras na Globo, Jô Soares apenas reafirma que é o melhor. Um ator de drama pode, mas a pior coisa de um humorista é transmitir antipatia. Com Jô, isso não acontece. Ao contrário, ele é simpático em todos os personagens. O exilado (com dor-de-corno), a Bô Francineide (Zezé Macedo não seria uma pornomãe mais engraçada?), o Reizinho — maravilhas que só confirmam a competência desse gordo querido.

— Vamos chegando mais próximo da crítica que interessa ao povão: o que pensa o espectador comum de um espetáculo? Gorki, por exemplo! Foi o que fizemos na estréia de **Pequenos Burgueses**. Depois da sessão, ouvimos a opinião de duas turistas, duas espectadoras que vieram de Aracaju, uma de nível universitária, a economista Theresa Cristina Almeida Santata, e outra, funcionária pública, Vera Lúcia Freitas Ferreira. De saída, destacaram os trabalhos de Ariel Coelho e Betina Viany como os melhores em cena. Sobre Fernanda Torres, nada a dizer: papel pequeno (e ela não esteve bem na estréia, tropeçou em algumas falas). Theresa gostou do cenário e do guarda-roupa (de Biza Vianna, uma das atrizes da peça), fez restrições à iluminação (em alguns momentos, mal direcionada). Vera Lúcia apaixonou-se pela direção do Jonas Bloch; e preferiu, "por respeito", deixar sem comentário os trabalhos da Lourdes Mayer e do Hélio Ary. Apesar da opinião das nossas "críticas", o bom mesmo é ter um Gorki na praça (Teatro Gláucio Gil, Copacabana) e poder aplaudir, principalmente, a coragem do Fábio Sabag em bancar a parada ★ **Zico, o salvador da pátria e da honra nacional, recebeu, no hotel das Paineiras, uma visita inusitada: de Evandro de Castro Lima. Na véspera do jogo com a Bolívia, Evandro subiu a serra e foi presentear o craque. Zico ficou comovido e agradecido ao "Macobeba" (ele próprio se referiu ao personagem que Evandro desfilou, na Marquês de Sapucaí, pela escola da Tijuca), ao receber um quadro — um desenho em que o Zico, num trono, aparece carregado (como merece) por todos os clubes cariocas** ★ Clara Nunes recebeu mais um disco de ouro, o sexto da coleção. O primeiro foi em 74, quando ela, com **Conto de Areia** (música de um compositor da calçada), quebrou o tabu de que mulher não vendia disco no Brasil: vendeu 500 mil cópias na época. E **Clara Mestiça**, o show da cantora, também serve para justificar o ouro de tantos discos ★ **Tomara que seja permanente a presença de Dulce Monteiro na locução do 1981, noticioso (10 da noite) da TV-Educativa. Dulce, uma locutora segura, charmosa, excelente visual.**



Vai Embora Coca-Cola

Eu conheço esta bebida
Coca Cola é o seu nome
que explora o nosso povo
1 enquanto ele morre de fome
E a compra deputados
compra tela, quer nos comprar
se não compra o coração
de quem quer se libertar

Vai Embora Coca, Vai Embora Coca, e Leva sua Fanta, Deixa de nos Explorar

Ela é muito nociva
todo mundo já sabendo
tem o ácido fosfórico
2 perigoso veneno
Enquanto ela promete
que é tudo da mais vida
só consegue matar ratos,
limpar pias entupidas

Já comprou nossas laranjas
Vitaminas já levou
Por um preço banal
3 o americano engordou
E em troca nos deu Fanta
água suja, colorida
só o preço que pagamos
não é nada artificial

Protege nossa cultura
que está sendo ameaçada
não bebe Coca Cola
4 dê valor à laranjada
Esta multi exploração
não podemos ajudar
volte já pra sua casa
se ainda lhe querem lá

Letra e Música: ANGELO

10 Razões porque não tomo Coca-Cola

PORQUE:

1. É muito melhor comer frutas, tomar leite e nossos sucos naturais
2. Não deve trocar nossas laranjas e vitaminas que levam do nosso país por água colorida
3. É uma droga perigosa, até ratos já mata.
4. Vicia e não liberta
5. "Não dá mais vida e tudo" mas explora o empregado brasileiro pagando 7 vezes menos que ao empregado americano
6. Só fica no Brasil porque compra deputados e leis
7. Assim eu luto nós alunos, contra as multinacionais as piores pragas do Brasil
8. Quando pago 1 Coca entrego mais lucro ao estrangeiro
9. é mais uma cultura estrangeira invadindo nosso chão e nosso povo
10. Muitos já recusam não tomem mais.

POVO UNIDO E ORGANIZADO VENCE!

O hino da Sociedade

Crateús, Ceará:

UMA CIDADE BOICOTA A COCA-COLA

Crateús, no Ceará, já não toma Coca-Cola. A campanha começou em 1979, quando seus moradores descobriram que as multinacionais estavam levando embora todas as frutas naturais da região e introduzindo maciçamente a Coca-Cola. "O que se via há um tempo atrás, aqui – conta uma senhora – era só caminhão da Coca-Cola, com megafone gritando pra todo lado "beba a delícia refrescante". Você podia ir pro meio do sertão que sempre encontrava uma placa vermelha da Coca-Cola". Hoje, quase nenhum bar da cidade vende a bebida, e quem estiver vendendo os moradores logo procuram boicotar.

Padre Alfredinho, da Sociedade Amigos do Servo Sofredor, um dos idealizadores da campanha, conta que já está preparando uma festinha para o dia que a Coca-Cola for expulsa do país. A data marcada foi o dia 7 de setembro, "quando comemoraremos a verdadeira independência do Brasil" – garante o padre. E prossegue: "Nesse dia, todas as cidades terão uma faixa assim: Brasil Livre, Finada Coca-Cola. Imaginem se este ano o Brasil fosse o primeiro país do mundo a se libertar da Coca-Cola. Seria uma glória maior que o título de tricampeão mundial de futebol. Todos dizendo **não** à Coca-Cola".

E, para não deixar os funcionários da Coca-Cola desempregados, Alfredinho propõe que o povo tome todas as fábricas e produza um suco de laranja natural, bem barato. "Por que não? Seria o nosso Laranjabrás", explica o padre.

Bernardo Kucinski, no livro **Fome de Lucros**, conta que em 1960 a Coca-Cola comprou a Companhia Americana Minute Maid, de sucos de frutas, que hoje consome 90% da produção de laranja do Brasil. Em troca nos vendem a Fanta Laranja, corante de sabor artificial. "Como estranhar que nossos filhos sofram de carência de vitamina C, num país que é o maior produtor de laranja do mundo?" – pergunta padre Alfredinho.

O padre afirma ainda que nas eleições de 1978 a Coca-Cola manobrou para eleger 20 deputados federais. "Pelo menos no Ceará, em Fortaleza, o sr. Cláudio Filomeno, da gerência da Coca-Cola, foi eleito deputado federal."

Hélio Belik

GOVERNO USA A SECA PRA GANHAR VOTO

Para a Oposição, só resta a polícia e o rigor da lei

A sede se incorporou na rotina cotidiana

Fotos Eduardo Homem

O cartaz dá a medida exata da situação

— Eu prefiro trabalhar com boi a trabalhar [illegible].

A primeira vista, a declaração do agrônomo Paulo Helder Brito, feita com a maior naturalidade, surpreende por causa do posto que ele ocupa: é o coordenador do Grupo Especial de Socorro às Vítimas das Calamidades Públicas (Gescap), com jurisdição nos municípios de Crato, Nova Olinda, Santana do Cariri, Altamira, Faria de Brito, Várzea Alegre e Granjeiro, todos na área flagelada do Ceará. Mas a preferência do agrônomo não é tão inusitada quanto possa parecer: ele é o responsável pelo alistamento dos flagelados da seca e está revoltado com a manipulação das frentes de trabalho pelos políticos e prefeitos ligados ao PDS.

— Prefiro o boi, porque boi não vota.

Nos sete municípios cearenses sob a responsabilidade de Paulo há 11.741 homens alistados pelo Gescap, recebendo Cr$ 3.000,00 por mês para realizarem serviços de desmatamento, construção de cercas e pequenos açudes em propriedades rurais de até 100 hectares. Como são empregados, no máximo, 3 trabalhadores do sexo masculino — mulher não pode porque fica em casa e não trabalha — por propriedade, a maioria da população flagelada fica sem ocupação. Ano passado, em todo o Nordeste, foram alistados apenas 726 mil trabalhadores, menos de 8% do número de homens, mulheres e crianças da área rural onde [illegible].

Daí as filas que desde o início de março se formam nas portas dos escritórios do Serviço Nacional de Emprego, no Crato e no Juazeiro do Norte. Os milhares de homens que para lá se dirigem só encontram uma oferta de emprego: da construtora Camargo Corrêa, que recruta nordestinos para trabalhar na construção da barragem de Tucuruí, no Pará. Numa só noite de segunda-feira, 136 lavradores partiram para Tucuruí, mais de 2 mil quilômetros longe de [illegible].

A partir desses dados, é possível compreender a preferência do chefe do Gescap pelos bois. Cada emprego nas regiões de seca é disputadíssimo por muitos camponeses e, em geral, ganha aquele que tem um padrinho no PDS local. Vereadores, prefeitos, deputados e até os simplesmente candidatos a alguma coisa disputam os empregos para seus eleitores, cabos eleitorais e parentes. Enquanto a seca dizima o milho, o feijão, o algodão, o arroz, a mandioca e o gado, os políticos governistas aproveitam e cultivam favores para colher votos nas eleições do ano que vem.

A situação se repete em todo o Nordeste. No município de Tauá, um dos mais atingidos pela seca no Ceará, o coordenador do Gescap local, Valdemir Prata, se diz constrangido ao ver o prefeito Joaquim Souza, do PDS, mudar o itinerário dos caminhões-pipa da Sudene para atender aos proprietários rurais amigos. Prata não reclama para não perder o emprego, pois o prefeito é afilhado político do governador Virgílio Távora.

Aliado do prefeito, o deputado Júlio Rego, em plena seca, louva todos os governantes. A safra do deputado, contudo, independe da chuva ou do verde. O que lhe interessa são os votos em 1982, cultivados desde já.

— Apesar do município estar sofrendo a pior seca dos últimos anos, a frente de emergência não foi criada aqui e o governador até retardou a chegada dos caminhões-pipa. Não estamos sendo tratados nem a pão e água por Virgílio — suspira o prefeito.

Esse é o tratamento dado a políticos do PDS que não lêem na cartilha do governador Virgílio Távora. Para os membros da Oposição, sobram a polícia e os rigores da lei. Em Tauá, o pároco local, Bernard Holmes, irlandês, foi denunciado como subversivo, e o delegado da cidade chegou a pedir sua expulsão do país. Na cidade, os funcionários públicos que forem flagrados nas reuniões das associações de bairro organizadas pela Igreja são sumariamente demitidos.

Reportagem de Antônio Magalhães e Valdir Afonso

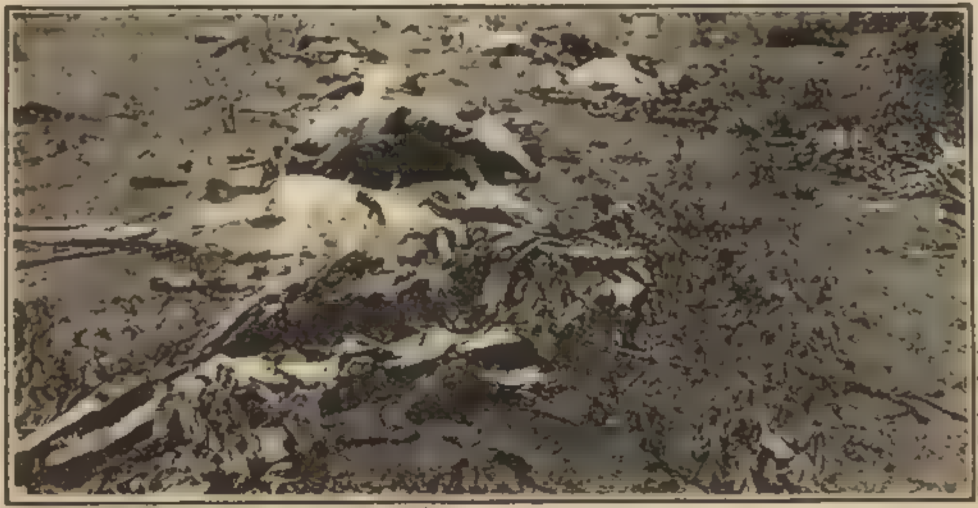


Foto Pedro Luís

A seca devastou o campo e matou o gado

Andreazza não cumpre promessa

Este é o terceiro ano seguido de seca no Nordeste. No fim de 1979, início de 80, o ministro do Interior fez uma viagem pela região e, como agora, anunciou a concessão de verbas astronômicas para acudir os flagelados e uma grande novidade: a partir daquele momento, todos os ministros do governo iriam "agir solidariamente" em relação ao Nordeste seco. Ele prometia uma ação conjugada nas áreas de saúde, educação, transporte, construção de moradias, abastecimento, tudo sob a coordenação de seu ministério, o do Interior. Das 20 mil casas prometidas então — o mesmo número anunciado pelo mesmo ministro este ano — apenas 3.100 foram construídas; na área de saúde nada foi feito além do programado; quanto à educação, nenhuma escola foi construída ou melhorada fora dos orçamentos anteriores à seca; na área do Ministério dos Transportes, um metro sequer de estrada foi aberto ou pavimentado além do previsto. Pior que tudo, a perda de 1.460.472 toneladas de arroz, feijão, milho, mamona, mandioca representou um prejuízo de 52 bilhões 690 milhões de cruzeiros para a região, e a "ação solidária" do governo federal só resultou num investimento de 43 bilhões de cruzeiros no Nordeste. E nesse dinheiro estão incluídos todos os recursos orçamentários destinados ao Fundo de Investimento do Nordeste — Finor — aos programas tipo Polonordeste, Projeto Sertanejo, etc. Em 81, Andreazza acena com mais de Cr$ 100 bilhões para a região. Faz como D. Pedro II que, em 1877, depois da morte de mais de meio milhão de nordestinos, afirmava solene: "Venderei a última gema de minha coroa, mas nenhum cearense morrerá mais de fome". A coroa imperial repousa tranqüila e intacta no Museu de Petrópolis, e os cearenses e seus irmãos de todo o Nordeste continuam morrendo de fome.

Foto Pedro Luís

Faminto, o gado é recolhido aos currais

Nordestinos abandonam a cidade grande

SÃO PAULO É PIOR QUE O SERTÃO

Alex Solnik

Fotos Cristina Villares

A volta pra casa, da Estação do Glicério, SP

Seca tem sempre, ela prefere

João Firmino e família

Apesar da seca, que destruiu plantações e pastagens e deixou muita gente na miséria, grandes contingentes de nordestinos que moram em São Paulo continuam voltando para o Nordeste. Nos guichês da Estação do Glicério, em São Paulo, os funcionários das empresas de ônibus dizem que o movimento não diminuiu. A Itapemirim, por exemplo, tem três ônibus por dia para o interior da Paraíba — Picos, Ouricuri e Floriano. Cada um deles pode transportar 30 passageiros e estão sempre lotados. São 56 horas de viagem, e a passagem sai por mais de 3.600 cruzeiros.

Os nordestinos que saem de São Paulo voltam para sua terra com toda confiança. No ônibus que parte às 17 horas para Xique-Xique (Bahia), quase todos os passageiros são homens. Estiveram em São Paulo tentando ganhar a vida. Não deu. Partem com alegria:

— Seca é aqui em São Paulo — diz um deles — porque aqui chove, chove, mas só tem crise e assalto.

João Firmino, mulher e cinco filhos, está indo para Alagoas depois de 2 anos em São Paulo, percorrendo fazendas do interior. Trabalhando de 7 da manhã às 6 da tarde todo dia, não descansando nem aos domingos, ele não conseguiu juntar dinheiro sequer para pagar as passagens de volta.

— Só estou conseguindo ir embora porque meu tio e meu irmão ajudaram. Em São Paulo trabalhava mais do que em Alagoas, só que ganhava a mesma coisa.

A decepção do nordestino com São Paulo começa logo que ele desembarca na Rodoviária. Ao descer do ônibus ele pode ser abordado por um fotógrafo que exibe a última maravilha: a máquina de tirar retrato na hora. Uma foto colorida sai por 200 a 250 cruzeiros.

— O preço varia conforme a cara do freguês — reconhece o fotógrafo.

E dá muitas fotos por dia?

— Os guardas não deixam ficar aqui — ele se queixa — mas, se deixassem, dava pra fazer umas 50 por dia.

Se conseguir escapar do fotógrafo, o nordestino encontra coisa pior: os motoristas de táxi. Os guardas procuram avisar: tomar táxi, só numa fila especial, onde todos os carros que saem têm o itinerário e a placa anotados. Senão, os motoristas arrancam o couro.

Um dos truques é começar a corrida com o taxímetro marcando 400 cruzeiros. Ou então, a corrida é combinada, sem levar em consideração o que o taxímetro marca. Aí o motorista cobra 1.000 cruzeiros por um trajeto que daria apenas 300 pratas.

Os motoristas que agem assim na estação do Glicério formam uma verdadeira **máfia**. Se um motorista novo quiser entrar, logo sofre represálias: os outros furam seus pneus e riscam a pintura.

DEPOIS DE 3 MESES DA ENTRESSAFRA:

Começou a colheita da maconha

Em Belém de São Francisco, no sertão pernambucano, há plantações muito especiais. São de maconha. E, passada a entressafra (que vai de dezembro a março), a maconha viceja na caatinga e já começa a ser colhida. Em breve estará abastecendo os centros consumidores.

Os plantadores de Belém de São Francisco não gostam, porém, de abrir o jogo e falar sobre isso. Normalmente o camponês é muito hospitaleiro. Qualquer pessoa que chega a sua casa é bem recebida, logo convidada a tomar café, o papo rola com facilidade. Ali não, todos são arredios e extremamente desconfiados. Mesmo mostrando um exemplar do REPORTER e dizendo abertamente que queria conversar com um plantador sobre os efeitos da seca nas plantações de maconha, o repórter não quebra o gelo. Para os camponeses, qualquer estranho pode ser um "federal", e o negócio é ficar quieto.

Um transeiro deu as indicações de como chegar ao sítio de um plantador. A referência mais importante era um Opala, e lá estava o carro, estacionado sob uma garagem de palha, contrastando com a pobreza das casas de sapê. Ali deveria morar o Tonho, que, segundo o transeiro, "é simpático, gente fina". Depois de muitos berros, um rapaz, uma menina e uma velha saíram de uma das casas para atender ao nosso chamado. Maconha? "Nunca vi, não senhor, só quando a Federal prendeu lá em Belém de São Francisco num dia de feira", foi a resposta unânime de todos a quem perguntamos sobre as plantações. Ali todo mundo diz que planta cebola e cria umas vaquinhas.

Como Tonho não deu as caras, voltamos para Belém de São Francisco. O comissário da delegacia de polícia local, Paulo Madeira da Silva, ocupa o cargo há 4 meses e diz que nunca viu Polícia Federal por lá. Quanto ao destacamento da cidade, "não tem condições de reprimir os plantadores. Não temos viatura, e até nosso telefone vive trancado a cadeado. Para dar força a suas opiniões diz, em tom de crítica ao delegado (um sargento da PM), que "outro dia prendemos 10 fumadores de maconha aqui na cidade, mas o delegado, depois de identificar e fotografar os viciados, mandou soltar todo mundo". O cabo diz que não sabe por que o sargento agiu assim, mas logo depois solta uma frase que praticamente esclarece tudo: "A polícia tem autoridade, prende, mas aí chega a política e manda liberar".

Esse é também o problema do juiz de Belém de São Francisco, Alexandre Gadelha, que em novembro de 1979, recém-chegado na cidade, declarou solenemente ao REPORTER: "Ou eu acabo com a maconha ou a maconha acaba comigo". Agora ele reconhece que a maconha acabou com ele: "De dez inquéritos que eu fiz contra plantadores, só consegui condenar um réu. E assim mesmo porque era réu confesso. Depois, o Tribunal de Recife anulou minha pena, alegando cerceamento do direito de defesa. Sabe em quê ele se baseou? Três testemunhas de acusação, das dez que eu arrolei, não compareceram para depor. E eram três vereadores da cidade.

Derrotar a maconha em Belém de São Francisco não é, realmente, tarefa fácil, pois depois da cebola a erva é o produto agrícola que proporciona mais renda para o município. Em tempo de seca ou de enchente — quando os agricultores perdem suas plantações de cebola, milho, feijão e o gado morre de sede — resta o jererê para aliviar a barra dos plantadores do comércio.

Mesmo que a Prefeitura quisesse e contasse com a ajuda da Polícia Federal para acabar com as plantações de maconha, teria dificuldades enormes para executar a tarefa. Para prender os plantadores, é preciso que eles saiam do mato para as cidades, já que qualquer aproximação de estranhos é percebida a quilômetros de distância. Prender, porém, pouco adianta porque, dias depois, os caras são soltos, pois se beneficiam do **habeas-corpus**. Quanto às plantações, para destruí-las é preciso em primeiro lugar saber onde estão. Mas como elas ficam no meio do mato brabo da caatinga, só serão descobertas mesmo se algum camponês se dispuser ou for forçado a mostrar o local.

Opala preto, pista do plantador

Fotos Eduardo Homem

O suposto depósito da erva

Foto Valdir Afonso

Juiz Gadelha

Repórter é recebido a bala

Depois de irmos a Belém de São Francisco, resolvemos voltar ao sítio do Tonho. Chegamos e ele não estava lá. Fomos, então, caatinga a dentro, em busca de outra casa onde ele poderia estar. Havia um Opala na porta. Ninguém por perto. Casas fechadas e aparentemente vazias. Nenhuma resposta aos nossos chamados.

Nisso, aparece um velho do outro lado da cerca que separa o terreiro da estrada. Vou em direção a ele, que pergunta: "Hômi, que qui vocês tão rondando por aqui?" Respondo que estamos procurando o Tonho. "Que Tonho que nada", diz e levanta o três-oitão, cano longo, a uns 10 metros de mim, e atira.

O tiro ecoou na caatinga. Eu me abaixei, botei as mãos na cara num gesto instintivo e inútil de proteção e pernas pra que te quero. Disparei na estrada, animado pelo fogo do revólver. Atrás de mim, Valdir (o fotógrafo) entrou no carro e arrancou, adivinhando o caminho com o canto do olho. Uns cem metros na frente diminuiu pra me pegar. Antes de entrar no carro me virei e vi o cara lá atrás, parado no meio da estrada, pernas abertas, braço levantado, revólver na mão direita.

Se ele atirou pra pegar ou só pra assustar, se a bala era de verdade ou de pólvora seca, não dá pra saber. Tínhamos, afinal, encontrado o Tonho, o plantador que estávamos procurando. Mas a entrevista teve, é claro, que ficar pra outra vez.

Reportagem de Eduardo Homem e Valdir Afonso

AICE
Digitação
-x-
Programação
Centro — Sen. Dantas, 117
Sobreloja 215
Ilha Gov. — Estr. do Galeão, 2500 — B — s/213

ESTOQUE DE PRODUÇÃO AMEAÇA GREVE NO ABC

Pelo menos nas multinacionais, o recurso da greve não deve ser utilizado este ano pelos metalúrgicos do ABC paulista para garantir uma melhor negociação salarial. Motivo: a recessão nas vendas fez com que as fábricas pudessem acumular grandes estoques, fato que não vinha ocorrendo nos últimos dois anos, quando os próprios metalúrgicos das montadoras recusavam fazer horas extras para evitar que a produção excessiva prejudicasse as greves.

Na melhor das hipóteses, a paralisação do trabalho deve servir como fator estratégico nas negociações, levando-se em consideração que nas mais de 1000 empresas de porte médio e pequeno, o nível de produtividade atual precisa ser mantido. Sufocadas pelas crises, tais empresas não poderiam sofrer queda brusca na produção, sob pena de enfrentarem problemas econômicos ainda mais graves.

Além dos estoques, que são particularmente expressivos na Volkswagen e na Brastemp (aparelhos eletrodomésticos), os metalúrgicos este ano enfrentam também dificuldades por causa das férias coletivas concedidas pela Ford, em cáráter excepcional, a 6 mil trabalhadores: Tal fato levou os operários, pelo menos no caso da Ford, a considerarem a greve inócua.

As negociações salariais no ABC paulista começarão na primeira semana de abril.

Antônio Carlos Félix Nunes

Venda de carro cai em março

Desta vez é para valer. Em março, as vendas de automóveis caíram 30% em relação a igual período do ano passado e, por isso, as fábricas estão com os pátios congestionados. Não é como nos anos anteriores, quando os patrões usavam o argumento dos estoques para amedrontar os operários e dissuadi-los de fazer greves.

Basta passar em qualquer revendedor – autorizado ou de carros usados – em São Paulo para constatar que os estoques existem. Eles dizem, com as lojas cheias de carros.

– Nunca foi pior.

Um comerciante tradicional no ramo, Sérgio Sartori, dono da 5 Rodas, já pensou até em fechar:

– O aumento da gasolina afastou a freguesia.

Mas e o álcool?

Ele não está confiante. Seu argumento: por quanto tempo o governo vai conseguir manter o preço do álcool nos limites estabelecidos? Teme que não haja condições de suportá-lo por muito tempo. Motivo: o álcool de cozinha (que é o mesmo usado no automóvel) custa três vezes mais que o álcool motor.

As fábricas estão alucinadas. A Volkswagen diz: "Pago Cr$ 40 mil a mais na troca de um carro antigo por um novo"; a Ford também está pagando mais por carros usados, em casos de troca. E o problema não fica só no ABC. Em Minas, a Fiat tem o mesmo problema: carros encalhados.

O único modelo cuja venda não caiu foi o Ford Landau, um dos mais caros e de pequena produção. Custa em torno de Cr$ 1 milhão. A Ford já comunicou, também, que seus engenheiros já têm uma previsão do preço do Corcel, válida até o fim deste ano: quase Cr$ 1 milhão. Atualmente, o preço é Cr$ 600 mil.

Os carros mais baratos atualmente são os Dodge e os Landau velhos, de 1970 a 76. Podem ser comprados de Cr$ 10 mil a Cr$ 30 mil. Quem compra são operários, mas, claro, não usam gasolina: instalam bujões. Já há oficinas que por Cr$ 10 mil instalam o dispositivo: tanto o gás quanto a gasolina podem ser usados. E os carrões são ideais: o bujão cabe folgado no porta-malas. Um Fusca equipado com bujão chega a fazer mais de 300 quilômetros com a carga de um bujão de 13 quilos.

Alex Solnik

Dia 16, o protesto do presidente do sindicato na Cinelândia

Faixas e cartazes contra os cortes

Fotos Luiz Alberto Bettencourt

GLOBO demite mais de 40 jornalistas

No último dia 16, **O Globo**, indiscutivelmente o jornal de melhor situação financeira no país, demitiu jornalistas em massa: 41 ao todo — cerca de 15% da redação — atingindo indiscriminadamente todas as editorias do jornal.

Não se sabe ao certo o motivo das demissões. Há várias versões circulando na imprensa, atribuindo o fato desde a motivos econômicos, alegados pela direção, até à tentativa de afastar do jornal profissionais com declarada militância no Sindicato dos Jornalistas do Rio de Janeiro.

Independente das causas reais do corte, o fato é extremamente grave. **O Globo**, dos grandes jornais cariocas, era o único que até o momento vinha mantendo uma política de não demissão, limitando-se a não preencher as vagas dos profissionais demitidos por motivos de trabalho ou que se afastavam voluntariamente da empresa. Todos os outros já tinham feito cortes substanciais em seus quadros, demitindo em três anos mais de 200 jornalistas.

As demissões foram anunciadas após uma reunião do diretor de jornalismo do **Globo**, Evandro Carlos de Andrade, com todos os editores do jornal. Não se sabe o critério para elaboração das listas, nem como os editores participaram na sugestão de nomes. Ao que tudo indica, as demissões fazem parte de uma estratégia mais ampla da empresa para reduzir os salários de seus profissionais, que vinham tendo relativos benefícios com os reajustes semestrais e a ação sindical, responsável, no mês de fevereiro, por duas vitórias: o pagamento de mais 3% por produtividade, retroativo a fevereiro do ano passado, e o pagamento de 25% das diárias por republicação de matérias. Sintomaticamente, o editor local, Iran Frejat, tentou responsabilizar o sindicato pelas demissões: ele disse que a direção resolveu fazer os cortes depois que o presidente do sindicato, Carlos Alberto Oliveira, informara que a redação do jornal tinha o dobro de pessoal da redação do JB. No mínimo, uma brincadeira de mau gosto. Inquirido por telefone pelo presidente do sindicato quanto à explicação do editor, o próprio dono do jornal, Roberto Marinho, desmentiu tal fato. Afirmou que as causas eram econômicas, mas não quis negociar com o sindicato nenhuma alternativa econômica em troca da garantia dos empregos dos demitidos.

Tudo indica que as demissões são uma mistura de diversos ingredientes, entre eles a vitória do sindicato na questão da republicação de matérias, antiga reivindicação da redação. Esta é particularmente importante. No jornal **O Globo**, os repórteres sempre fazem matérias com cópias para os outros órgãos da rede: a **Rádio Globo**, a **TV-Globo** e **Agência Globo**. Ninguém reclama nem recorre à Justiça, temendo represálias num mercado onde a perda do emprego equivale quase à exigência de mudar de profissão.

A experiência para reduzir os salários começou no ano passado. O balão de ensaio foi a revisão. Todos os revisores foram demitidos e convidados a assinar novos contratos de trabalho, com salários menores. Nos contratos novos, a empresa já vinha tomando idêntica atitude: pagava um salário menor e o complementava com duas horas extras. Na verdade, tal acordo é mero formalismo. No **Globo**, à exceção da editoria internacional — única onde a lei que obriga o jornalista a trabalhar apenas cinco horas é cumprida — todas as editorias, particularmente a local, trabalham de oito a dez horas, sem pagamento de extraordinário. Nos fins de semana, a situação se agrava: o jornal não paga os domingos em dobro. E a jornada de trabalho geralmente ultrapassa as 10 horas, desrespeitando todas as leis trabalhistas.

Com a abertura política e a movimentação dos jornalistas em defesa de tais direitos, a empresa começou a se reciclar. E as primeiras vítimas foram justamente aqueles que têm garantidos seus altos lucros, facilmente constatáveis através de dois indicadores: os recordes de venda, freqüentemente anunciados nas primeiras páginas do jornal; e o volume de anúncios, particularmente grande na sua edição dominical.

Francisco Viana

Ninguém quer o pelego dos têxteis

As pressões para afastar os sindicatos da órbita do governo estão infernizando a vida de alguns pelegos. É o caso do vice-presidente do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria da Fiação e Tecelagem de São Paulo, Eduardo Lusknvik, que já foi homem todo poderoso na época do governo Geisel, quando, inclusive, entregou à polícia alguns de seus companheiros mais combativos. Como em agosto haverá eleições, ele, é óbvio, está tentando ser candidato para não perder as mordomias e um salário que, hoje, está acima de Cr$ 170 mil (se somados os Cr$ 70 mil que ganha como vogal na Justiça do Trabalho). Tentou na chapa da Situação, não conseguiu vaga; procurou a Oposição e também foi preterido. Agora ele resolveu fazer chapa própria. Assim, em agosto, haverá três chapas disputando o sindicato. Quem vai ganhar não se sabe, mas a menos votada já é conhecida: a chapa do velho pelego.

Antônio Carlos Félix Nunes

Operário biônico perde a eleição

Não adiantou os usineiros financiarem a "Oposição". O presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Rio Formoso, José Paulo da Silva, líder da greve que no ano passado parou a colheita na Zona da Mata, em Pernambuco, foi reeleito com maioria absoluta de votos: para cada voto de seu adversário, obteve oito.

A campanha foi das mais difíceis. Como não tinham quem lançar, os usineiros aliciaram um motorista de táxi, Firmino André da Silva, e o barbeiro João Francisco Filho. Este, para provar que tinha vínculos com as usinas, chegou, por orientação dos usineiros, até a entrar com um processo na Justiça do Trabalho reclamando pagamentos atrasados da Usina Trapiche, da família Brennand. A questão foi ganha e a "dívida" paga. Não faltaram também ameaças do motorista de táxi Firmino ao líder grevista. Firmino, para entrar na chapa, ganhou uma carteira assinada dos engenhos Laranjeira e Barro Branco, "provando" que ele trabalhava lá há dois anos.

Índio perde terra no Nordeste

Reunidos pela primeira vez numa assembléia, índios de dez nações do Nordeste chegaram a uma dramática conclusão: gradativamente estão perdendo o que ainda resta de suas terras para os grandes fazendeiros da região e até para o próprio governo, como ocorre com os **Truká** (Pernambuco).

A situação dos **Truká** dá a medida exata do abandono a que a Fundação Nacional do Índio (Funai) relegou as tribos do Nordeste. Suas terras, na Ilha de Assunção, em Cabroró, estão desde 1979 sendo ocupadas por uma empresa estatal, a Semempe, que produz sementes para exportação, sem que qualquer indenização tenha sido paga à tribo. A conseqüência é que a tribo não tem mais onde plantar para sobreviver.

– O diretor da Semempe, Expedito Andrade – denuncia o índio Miguel João Delfino – mandou destruir nossas roças com máquinas pesadas. O governo diz que quer nossas terras porque elas são férteis, mas não nos paga nenhuma indenização.

A história dos **Truká** foi apenas uma das muitas histórias dramáticas relatadas pelas tribos nordestinas reunidas pelo Conselho Indigenista Missionário do Regional Nordeste II, no Centro de Treinamento de Garanhuns. Em Alagoas e Pernambuco, a nação **Pankararus** está sendo roubada por fazendeiros ricos. Eles invadem roças e pastos, derrubando cercas, sem que a Funai tome qualquer atitude. Também em Alagoas, os **Waçu** estão sendo agredidos; a polícia ajuda os grileiros a invadir suas terras. Na Ilha de São Pedro, em Porto da Folha (Sergipe), a família Brito, grande proprietária de terras da região, está tentando isolar os **Xokó**: mandou fechar com cercas todas as entradas que dão acesso aos locais de comércio, à escola e ao resto da cidade.

Não é diferente a situação dos **Kariri-Xokó**, de Porto Real do Colégio, e dos **Xukuru-Kariri**, de Palmeira dos Índios (ambas as tribos em Alagoas); dos **Potiguara**, da Baía da Traição (Paraíba) e dos **Kapinawá**, de Buique (Pernambuco). Estes últimos vêm sendo perseguidos pelos fazendeiros Zuzu Tavares e Ernestino Pedro Bezerra. No ano passado eles invadiram a aldeia dos índios, auxiliados pelo delegado João Dias, queimando casas, roças e derrubando cercas. Não satisfeitos com os estragos, levaram o pajé José Índio como refém, numa tentativa de intimidar a tribo. O caso, por sua violência, acabou tendo grande repercussão pública, e o secretário de Segurança de Pernambuco se viu obrigado a remover o delegado João Dias.

Todos esses problemas levaram as tribos do Nordeste a pedir à Funai providências para demarcação e defesa de suas terras. Querem que o presidente do órgão, coronel João Carlos Nobre da Veiga, respeite o Estatuto do Índio, evitando falsas emancipações de tribos e a utilização da mão-de-obra barata e desqualificada de universitários do Projeto Rondon para demarcação de terras. Foi o que propôs a I Assembléia Indigenista do Nordeste.

Beth Salgueiro

Foto Angelo Lima

Os Kapinawá são perseguidos pelos fazendeiros Tavares e Pedro Bezerra

EMPRESÁRIO QUER ACABAR COM VILA OPERÁRIA

José João Abdalla, 80 anos, paralítico, empresário que ficou conhecido pelo terror que infundia aos operários, pretende derrubar a Vila Carioba, em Americana (SP), para construir sobre seus escombros um novo bairro, com 3 mil lotes, largas avenidas e modernos edifícios.

Carioba surgiu em 1910 como uma das primeiras vilas industriais do país. Foi projetada pelo comendador alemão Franz Müller, que construiu, em torno da Fábrica de Tecidos de Algodão Carioba, 220 casas operárias, casas patronais, clube, campo de futebol, posto de saúde, igreja e uma barragem e hidrelétrica para o abastecimento de água e luz. Seu projeto pretendia integrar todas as funções e necessidades do cotidiano – o trabalho, o lazer e a assistência médica.

Em 1945, com a penetração das fibras sintéticas no mercado, a Fábrica Carioba sofreu uma grave crise econômica e acabou sendo vendida aos Abdalla. Com a intervenção federal nos bens da família, a fábrica foi obrigada a fechar em 1970, ficando os Abdalla só com a exploração dos aluguéis dos moradores da vila. Mas, como os moradores andavam subalugando suas casas, José João preferiu destruir Carioba e implantar ali o projeto de um novo bairro.

No ano passado, apesar dos acordos entre o prefeito de Americana, Waldemar Tebaldi, e o grupo Abdalla, mais duas casas foram demolidas, sendo uma delas a mais antiga da vila. Esta foi a gota d'água para os moradores, que começaram então a organizar o Comitê Pró-Carioba. Como primeiro passo, fizeram contatos com todas as entidades e igrejas da cidade, procurando apoio na luta contra as desapropriações e pela preservação do local. Depois passaram um abaixo-assinado, que foi encabeçado pelo próprio prefeito, e encaminharam ao Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico.

O Conselho afirma que será difícil o tombamento, pois a Vila Carioba está descaracterizada. Já Lino Bragnolli, um dos líderes do movimento, não concorda:

– Carioba é um caso inédito no Brasil. Em 70 anos de história, quase nada foi alterado.

O estudante Paulo Eduardo Zanetinni, do Comitê Pró-Carioba, não acredita que alguma coisa seja feita:

— O Conselho do Patrimônio e a Prefeitura de Americana sofrem pressões incríveis dos Abdalla — conta o estudante. — Eles são donos de quase tudo aqui. A maior parte dos loteamentos na periferia da cidade é dos Abdalla. O prefeito tem medo de comprar esta briga.

Hélio Belik

serviço REPORTER pro trabalhador

Cehab fecha inscrição pra casa própria no Rio até 83

Você ganha de 1 a 5 salários mínimos? Mora na Cidade do Rio de Janeiro e sonha em comprar sua casa própria num conjunto habitacional? Pois então tire essa idéia da cabeça, pelo menos até 1983.

A Companhia Estadual de Habitação (Cehab) só vai reabrir inscrições para casa própria daqui a uns dois anos porque ainda há 23 mil pessoas na fila, aguardando que novos conjuntos habitacionais sejam construídos. Quando a Cehab abriu inscrições em 1975, cerca de 73 mil pessoas se candidataram à casa própria. Dessas, a Cehab só atendeu até agora a umas 50 mil.

Por que tanta lentidão? A Cehab alega que há falta de terrenos grandes a preços acessíveis. Caso compre um terreno a preço muito alto, a Cehab não poderá oferecer casas a preços reduzidos para atender aos que ganham até 5 salários mínimos. E é a esse pessoal (ou seja, ao grosso da população) que ela tem que atingir. Quem ganha mais de 5 mínimos participa de outros programas, que não estão sob a responsabilidade das Cehabs.

- Os que moram fora do Rio, nos municípios de Nova Iguaçu, Barra Mansa, Nova Friburgo, etc, precisam ficar de olho vivo, pois de vez em quando a Cehab inicia a construção de um conjunto e só os moradores do município têm direito a se candidatar à aquisição de uma casa. Para entrar na fila, basta comprovar, através de contracheque ou carnê do INPS, que ganha até 5 mínimos, pagar uma taxa de inscrição de Cr$ 50,00 e apresentar a relação de dependentes. Além disso, não pode possuir imóvel residencial.

Para os que residem no Rio, o acesso à casa própria é possível desde que o cidadão disponha de um lote de terreno. Nesse caso, a Cehab concede financiamento de até Cr$ 369 mil a famílias cuja renda não supere 5 salários mínimos. Esse é o esquema do programa **Ficam**, *que está implantado também em Itaguaí, Rio Bonito, Araruama, Casemiro de Abreu, Barra Mansa, Nova Friburgo, Cordeiro, Itaperuna, São Fidélis, Natividade e Cambuci.*

No Rio, o interessado deve procurar o posto central de atendimento do **Ficam**, *que fica na rua do Mercado nº 37, na Praça Quinze. A documentação a apresentar compreende: título de propriedade do imóvel (duas cópias), registro da propriedade no Registro Geral de Imóveis (duas cópias); certidão de quitação de débitos fiscais da Prefeitura (duas cópias), contracheques, carteira de trabalho atualizada, CPF, carteira de identidade e a planta do terreno, com a localização e as dimensões.*

O próprio interessado pode escolher o modelo e o construtor de sua casa, bastando apenas que este seja cadastrado na Cehab. Ao construtor escolhido caberá fornecer o projeto da casa, o orçamento dos serviços a serem executados e um cronograma de obras indicando as etapas a serem cumpridas no processo de construção.

Caso não disponha de uma firma empreiteira para a execução do projeto, o candidato ao empréstimo **Ficam** *poderá recorrer a uma das diversas empreiteiras de obras já cadastradas pelos técnicos da Cehab. Dentre elas poderá até optar pelas que trabalham com modelos de casas pré-fabricadas.*

O financiamento pode ser pago em até 25 anos, em parcelas mensais. Para abater o débito gerado pelo empréstimo, o candidato pode usar o saldo do FGTS. Além disso, durante as obras e três meses após sua conclusão, não são cobradas as prestações.

Criado há pouco mais de um ano, o **Ficam** *tinha atendido até o final do ano passado a 1.340 candidatos, dos quais 665 conseguiram financiamento. Desses, 53 já tinham acabado de construir sua casa.*

LEITORES

Protesto contra atentado ao povo de El Salvador

A Comissão de Solidariedade aos Povos Latino-Americanos – Cosplam – em vias de registro, de acordo com seus princípios, que são as normas estabelecidas pela ONU sobre os Direitos Humanos, vem denunciar às Nações do Nosso Continente os constantes atentados contra o povo SALVADORENHO por parte da junta fascista imposta ao país irmão e das organizações paralelas de direita que agem à sombra da mesma, com a intenção de sustar o avanço das forças democráticas.

Estas contínuas ocorrências – por todos conhecidas através da imprensa, que divulga os assassinatos, mortes e exílios, assim como a heróica luta do povo de EL SALVADOR – tem inteira confirmação através de documentação a nós enviada pela oposição democrática salvadorenha, que comprova o verdadeiro genocídio que se abate sobre seu valoroso povo.

Diante disto, conclamamos todos os brasileiros e, em especial, os trabalhadores, lideranças sindicais e estudantis, entidades, parlamentares e, enfim, todos aqueles engajados na luta pela Democracia de nosso país, a repudiar, protestar, exigir o fim desses bárbaros acontecimentos, principalmente agora, quando a administração REAGAN concede apoio material e político à junta fascista institucionalizada em EL SALVADOR, tornando-se, portanto, co-responsável por esses crimes que atentam contra os verdadeiros princípios democráticos do homem.

Bayard Demaria Boiteux
Carmelo di Lorenzo

Por ter publicado carta na imprensa defendendo policiais que haviam morrido em defesa do povo brasileiro e ter denunciado o governo gaúcho de geralmente só promover policiais que não merecem as promoções (enquanto outros que morrem com tiros disparados por delinqüentes não o são), fui sumariamente demitido pelo governador Amaral de Souza. Sou dos melhores policiais, sendo muito querido entre toda a população do distrito policial onde trabalho há 3 anos e resido há 35. Como policial, prestei 15 anos de bons serviços ao povo gaúcho, sem nunca ter faltado ao serviço ou tirado férias e nem mesmo ter requerido a licença-prêmio a que faço jus. Me foi dito: "Por ordem do governador, é para entregares tua carteira de polícia e teu revólver, pois teus serviços na polícia foram definitivamente dispensados". Não por mim, mas pelo povo que sempre tenho defendido, algo tem que ser feito, mas posso adiantar que não será por mim, pois estou enojado e cansado de tudo. Vale salientar que, devido a **Folha da Tarde** ter publicado a carta referente às promoções, a empresa foi ameaçada, por ofício da chefia de polícia, de fechamento. A falada liberdade de expressão do livre pensamento só existe para certos políticos cafajestes que fazem e dizem o que bem entendem, pois sabem que estão protegidos pela imunidade parlamentar.

Sérgio José Toniolo — Porto Alegre — RS

"Considerando a gravidade das notícias veiculadas por importantes jornais do Rio de Janeiro e de São Paulo em 10/02/81, que afirmam que o antropólogo Terri Vale de Aquino está sendo procurado pela Polícia Federal no município de Tarauacá [illegible] índios kaxinauás a receberem à bala os participantes do citado Projeto, a Comissão Pró-Índio do Rio de Janeiro vem a público protestar contra a arbitrariedade e a ausência de fundamento legal desta medida policial, que visa principalmente afastar de maneira compulsória Terri Aquino da região, cerceando o livre exercício da profissão de antropólogo e atendendo aos desejos inconfessáveis de seringalistas inescrupulosos que cobiçam as terras indígenas."

Comissão Pró-Índio do Rio de Janeiro

Comando da Petrobrás é entreguista desde 1964

Sr. Redator:
Número recente do REPORTER apresentou matéria contendo pequeno dicionário da exploração das riquezas minerais brasileiras por empresas multinacionais. Considerei admirável a pesquisa de vocês e espero que prossigam a campanha patriótica e popular ora iniciada. Desejo, porém, colocar ligeiro reparo no item PETRÓLEO, onde creio ter havido certa impropriedade no tocante à questão dos contratos de risco. Concordo inteiramente com a observação de que representaram vitória do capital estrangeiro sobre a Petrobrás e o monopólio estatal dessa riqueza estratégica. Mas vejo o problema de ângulo diferente do de vocês, quando afirmam que o Brasil é pobre em petróleo e, depois de toda a luta que tiveram para romper o monopólio do Estado, as multinacionais se teriam frustrado diante da conclusão de que estariam malhando em ferro frio. Em minha modesta opinião, o Brasil possui petróleo em abundância. Dou-lhes um exemplo apenas: a Amazônia peruana e colombiana é rica em petróleo, razão por que custo a crer na hipótese de o destino nos haver pregado uma peça e interrompido o fluir do ouro negro para território brasileiro. O mais provável é que os Estados Unidos, potência capitalista e imperialista, tenham o propósito de reservar para seu uso e conveniência o nosso petróleo. Seríamos, chego a supor, mero depósito dos EUA, guardando para eles a passagem de ida-e-volta para o futuro deles, às expensas da nossa viabilidade como nação. Enfatizo a Vossa Senhoria a necessidade de ser examinado o problema por esse instrumental, os contratos de risco vieram, concedidos pelo governo entreguista de Ernesto Geisel, para que determinadas áreas antes submetidas ao Estado brasileiro passassem ao controle das multinacionais. Quanto mais contratos forem celebrados, maior será a porção do Brasil fora do raio de ação da Petrobrás e, conseqüentemente, menor será a nossa chance de alcançar a auto-suficiência tão almejada. Como o Brasil gravita — pelo menos tem gravitado — em torno dos EUA, desde que se mantenha o **statu quo** vigente, nosso petróleo, na ótica dos contratos de risco, deixaria de ser utilizado em benefício do nosso povo, para servir de reserva estratégica para o imperialismo. Outra discordância que desejo expressar refere-se ao fato de que o REPORTER isenta a Petrobrás de culpa, relativamente à crise energética por que passa o Brasil. Essa empresa estatal, Sr. Editor-Chefe, foi propositalmente desviada de seus pressupostos básicos, ou seja, a exploração, a pesquisa e a lavra de petróleo. Graças aos "quinta-colunas" que se enfiaram em seus gabinetes para sabotá-la, virou empresa produtora de lucro, vendendo e comprando bugigangas no exterior e deixando de lado, em boa medida, a tarefa de encontrar o petróleo que os norte-americanos bem sabem que possuímos. A Petrobrás desequipou-se, destreinou-se intencionalmente e, com isso, perdeu credibilidade junto à opinião pública, que aceitou mais ou menos passiva a deslavada manobra dos entreguistas e dos vende-pátria. Tem, assim, culpa a Petrobrás no cartório; melhor dizendo, são culpados os seus administradores pós-64, que se esforçam ao paroxismo para desmontar a conquista do povo brasileiro na década de 50.

Alexandre Farah — Rio de Janeiro — RJ

CORONEL MEDINA DA PM MATOU MESMO GILVAN

"O tenente-coronel Otávio Fraga Medina, ex-comandante do 5º Batalhão da Polícia Militar do Rio de Janeiro, e mais 10 capangas seqüestraram Gilvan Pate de Souza e Iran Costa Lima nas respectivas residências, sendo que o primeiro foi assassinado dentro do próprio quartel, com três tiros desfechados nas costas. Iran foi levado por dois capitães para um lugar ermo da cidade de Xerem, com o propósito de ser assassinado também.

Agora diz-se inocente, em entrevista dada a **O Globo** do dia 03/02/81, esquecendo-se dos depoimentos por ele dados na promotoria, que deixa, sem margem de dúvida, as contradições neles contidas. O que bem mostra a qualidade deste tipo de pessoa, como os demais capangas por ele requisitados.

Em vista disso tudo, torno a dizer: a certeza da impunidade é o que leva, principalmente a Polícia Militar, a cometer diariamente delitos de todas as espécies.

Caso fossem severamente punidos os maus policiais, e/ou transferidos para longínquos postos de serviço, de acordo com as faltas cometidas, e expulsos da corporação os que assim merecessem, certamente pensariam duas vezes antes de se envolverem em casos que viessem denegrir o bom nome da Polícia Militar, bem como os próprios.

Obviamente baixariam em números bem significativos as notícias envolvendo policiais da briosa corporação, que tantos serviços presta à cidade. E, com essa atitude, os abnegados militares sentir-se-iam orgulhosos de fazerem parte desse contingente, bem como a população em poder confiar nos mesmos, onde quer que os encontre, e também a estimá-los e não a andar atemorizada com a sua presença.

Tentam, no caso em pauta, desvirtuar os andamentos do processo arranjando vinte e duas testemunhas forjadas; e, o que é mais vexatório, é que as mesmas se fixam mais em tecer elogios ao Medina; e, às vítimas, imputando-lhes as maiores calúnias, sem que tenham provas para tal medida, assim como eles não têm provas para se defender do covarde crime.

Pensam eles que, com essa atitude, poderão fugir das punições, as quais terão que receber." **Giovanne de Souza – Rio de Janeiro – RJ**

ASSINE REPORTER E GANHE UMA CAMISETA

A camiseta você recebe junto com o primeiro jornal.

Assinatura por 24 edições: **Cr$ 1.050,00**
Envie cheque nominal ou Vale Postal para
MARGEM S.A. Editora e Gráfica
Rua Miguel Couto 134/11º — CEP 20070 — Rio de Janeiro

Nome
Profissão
Endereço
CEP:..............................Cidade Estado
Indique o tamanho de sua camiseta: de 42 a 52

Livro prova que controlar natalidade pra reduzir a fome é uma...

CHANTAGEM ALIMENTAR

Uma intensa campanha em favor do controle da natalidade vem sendo feita no Brasil. Culpa-se o excessivo crescimento da população pela situação de penúria em que vivem milhões de famílias no país. O governo, os meios de comunicação, entidades médicas, economistas, etc, insistem que é fundamental que haja um número menor de nascimentos para que a fome e a miséria sejam pouco a pouco extintas neste país tropical. Será uma tese verdadeira? Não, como mostra o economista Antônio Estevam Sobrinho no livro *Fome: Agricultura e Política no Brasil*, a ser lançado em breve pela editora Vozes. Ele simplesmente comprova que não há nenhuma relação obrigatória entre fome e população grande: "É espantoso verificar que os países que apresentam forte densidade populacional necessariamente não passam fome. Por exemplo: na França (onde a fome é rara), o número de habitantes por hectare cultivado é praticamente o mesmo que na Índia (onde a fome é um problema seríssimo). Em Taiwan, onde a maior parte das pessoas não passa fome, a população por hectare é duas vezes maior que a de Bangladesh, onde se morre de fome. Na China, onde a fome já foi banida há 25 anos, há duas vezes mais habitantes por hectare cultivado que na Índia". Porém, em certos países com fraca população por hectare cultivado, "a maior parte da população está subalimentada. Na Africa, no sul do Saara, uma das piores regiões de fome do mundo, há cerca de 1 hectare de terra cultivada por habitante, portanto, mais que nos Estados Unidos ou URSS e seis a oito vezes mais que na China", diz Antônio Estevam. Os motivos pelos quais tanta gente passa fome são outros que não o tamanho ou a densidade da população. Bangladesh é, por exemplo, apontado freqüentemente como um país em que a população precisa ser reduzida, pois não haveria recursos naturais para sustentar tanta gente. Um estudo realizado por uma entidade da Organização das Nações Unidas (ONU) revelou, porém, que Bangladesh tem, "sem dúvida", a maior reserva do mundo de peixes de água doce. Grande parte da população poderia ser alimentada com esses peixes. "Mas, atualmente, as zonas de pesca são propriedade de uns poucos, que se contentam em comercializar pequenas quantidades de peixe para uma rica clientela, a preços elevadíssimos. Como estão satisfeitos com seus lucros, julgam inútil investir para melhorar seus métodos de pesca", observa Antônio Estevam. Nesse caso, portanto, a concentração da riqueza nas mãos de uns poucos é a grande culpada pela fome. Aliás, se população pequena significasse riqueza, a região mais desenvolvida do Brasil deveria ser a Norte (Amazonas, Pará, Acre, Amapá e Rondônia), cujá densidade populacional é baixíssima: 1,2 habitantes por quilômetro quadrado (muito inferior à de São Paulo, Estado mais próspero do país). Mas essa é a região mais pobre e atrasada do Brasil, com grande parte de sua população sofrendo de desnutrição crônica e anemia. Diante de dados como esse, o que o livro de Antônio Estevam comprova é que para acabar com a fome no Brasil o caminho não é apelar para o controle da natalidade. O fundamental é multiplicar a produção de alimentos a preços baixos. Mas isso só será possível acabando com a ociosidade das terras — que vivem sobrando nos latifúndios improdutivos controlados por alguns poucos proprietários. Uma evidência de que, sem a distribuição de riqueza, a fome continuará fazendo vítimas no Brasil.

Ricardo Bueno

Manda a vontade do gerente

LOJAS SOBEM PREÇOS QUANDO QUEREM EM SP

Mais do que a inflação galopante e os sucessivos aumentos da gasolina, é a vontade soberana dos donos e gerentes de supermercados de São Paulo que rege a alucinante dança dos preços.

— É só ouvir um boato de que qualquer mercadoria vai aumentar, corro rápido para remarcar meus preços. Antes, podia até chegar um estoque novo que esperávamos as mercadorias acabarem nas prateleiras. Agora, não dá mais.

Quem fala é o dono da Mercearia Cristal, estabelecido na esquina da alameda Tietê com Bela Cintra, a duas quadras da sofisticada rua Augusta. Ele é um dos comandantes do exército de funcionários diariamente encarregados de remarcar os preços nos supermercados, seguramente os que mais trabalham. Não há critério. Do macarrão às perfumarias, nenhum produto tem preço fixo. Aumentam de acordo com a cotação do dia.

— Eu mando remarcar os preços diariamente — afirma o gerente do supermercado O Fino, na rua Consolação. E, sorridente, acrescenta: o macarrão e os ovos são os produtos que mais sobem de preço. Cinco a dez por cento por semana.

Os aumentos atingem indistintamente os supermercados das zonas Leste e Sul. A diferença é que nos bairros ricos os aumentos quase não afetam o movimento. Mas, nos bairros operários, os efeitos dos aumentos indiscriminados já se fazem sentir. No Belém, bairro de operários e migrantes nordestinos, no supermercado O Barateiro, o maior do local, o gerente não fez segredo: as vendas caíram bastante, mas os preços vão continuar subindo.

— Tudo aumentou: a conta de água, de luz, de telefone. Assim, nossos preços também têm que aumentar

No O Barateiro, os aumentos são semanais. É a mesma rotina da Casa de Frutas Tietê, na alameda do mesmo nome. Ali, todas as semanas os preços aumentam em média 20%. Resultado: o movimento caiu em 25%. A onda de aumentos não fica restrita apenas aos supermercados e mercearias. Atinge generalizadamente todo o comércio paulista, com remarcações quase cotidianas de preços em lojas de artigos escolares, óticas, farmácias, lojas de roupas e até camelôs. Entre os artigos escolares, a borracha é o que mais aumenta: 30% ao mês. Os produtos farmacêuticos, apesar de tabelados, aumentaram em geral 42,7% nos últimos dois meses. Informam os empresários que haverá uma alta ainda maior: 100%. Há casos de haver diferença de até Cr$100 num mesmo produto, de uma farmácia para outra:

— Quem é esperto remarca logo.

— É o que diz Nicolau, funcionário da Farmácia e Drogaria Bom Jesus.

A regra ditada por Nicolau parece ser o único critério válido para as remarcações, rotina cada vez mais arraigada no comércio paulista.

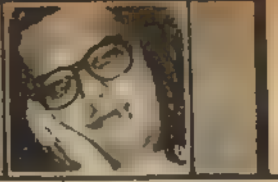
Maria José Arrojo

Foto de Wagner Avancini

Remarcação no "O Fino" é sempre feita em duplas

UMA COLUNA DE ECONOMIA

caixa 2



Ricardo Bueno

Salário diminuiu em 80. Querem arrochar mais.

Você possivelmente faz parte do time dos que estão apertando o cinto até o último furo para sobreviver. Menos compras nos supermercados (poucos enlatados, nada de sobremesas), nada de comer fora, cinema só pela televisão, etc. Um sufoco.

Mas como pimenta nos olhos dos outros é refresco, os empresários ainda acham pouco. Eles querem que a gente morra sem respiração ou fique raquítico, pois andam fazendo uma campanha furiosa contra o reajuste semestral dos salários. Contando com a indisfarçável simpatia do ministro Delfim Netto, eles estão pressionando o governo para que tome a iniciativa de propor ao Congresso o fim da atual política salarial e sua substituição pela livre negociação entre patrões e empregados. Para justificar a mudança, dizem que a atual política salarial é inflacionária. Mais uma vez os nossos salários são culpados pela inflação.

Muito estranho, meus amigos, porque estudos realizados pela Confederação Nacional da Indústria (uma entidade empresarial) mostram que, no ano passado, os salários que mais subiram foram os do pessoal que ganha até 3 mínimos. O reajuste não passou, porém, em média, de 101%. Como a inflação chegou a 110%, isso significa que os salários subiram menos que a inflação. Foram arrochados.

Fica difícil, portanto, acreditar na história dos reajustes semestrais de salários como causa da inflação. Além disso, as empresas já têm muito bem como se defender contra aumentos salariais que julgam excessivos: despedem o empregado e contratam outro para a mesma função com salário mais baixo.

A proposta de livre negociação entre patrões e empregados, sem que o governo meta a colher, sempre foi uma reivindicação dos trabalhadores. Afinal, a interferência do governo só servia para ajudar os patrões. Os empresários sempre recusaram a proposta de livre negociação, mas agora fazem dela sua bandeira contra os reajustes semestrais do salário. Será que ficaram loucos? A não ser que você veja seu patrão comendo merda e queimando notas de mil, é bom não acreditar.

O que há é que os empresários sabem muito bem que a economia anda numa má fase, com o nível de desemprego subindo rapidamente. Numa situação dessas, nada mais cômodo para as empresas do que a negociação livre. Elas estarão com a faca e o queijo na mão para impor aos empregados aumentos salariais baixíssimos. Quem não aceitar, dança. Certamente haverá um candidato para sua vaga disposto a receber um salário mais baixo. Além disso, em muitas empresas é provável que os patrões conseguissem dar apenas um reajuste salarial por ano. Com uma inflação de 120% ao ano, isso seria simplesmente uma tragédia.

A proposta dos empresários é, portanto, malandríssima. Caso seja aceita, tem muita gente que, nem mesmo fazendo das tripas coração, vai poder viver com um mínimo de conforto. E podem anotar: quando, um dia, a economia voltar a crescer rapidamente e as empresas tiverem necessidade de contratar muita gente, aí os empresários vão dizer que a livre negociação é um absurdo, que o governo precisa impor regras para evitar que os salários disparem, etc, etc.

O ministro Delfim Netto disse que o governo não tomará a iniciativa de propor a modificação da lei salarial. Mas que o debate é livre. Se os trabalhadores concordarem com a mudança proposta pelos empresários, aí sim ... O ministro, posando de democrata, é algo ainda mais estranho que empresários defendendo a livre negociação. Portanto, assalariados, fiquem de olho vivo, pois essa turma lá de cima está querendo meter a mão no bolso de vocês. E meter pra valer, transformando seu salário num atestado mensal de óbito.

HÁ 17 ANOS EM CARTAZ

De 14 de abril a 5 de maio de 1981 — ano IV — nº 42 — Cr$ 50,00

AUTÔNOMO INDEPENDENTE

REPÓRTER

agora quinzenal

Droga da seringa ataca no Rio

PICO NA VEIA

PRAZER QUE MATA

Polícia anuncia que vai tratar viciado como doente

P. 4

Entrevista com o maior travesti do país

Judas não traiu Cristo

P. 19

ROGÉRIA POR DENTRO

P. 12

Corinthians está em crise P. 20

Brasil tem 40 milhões de desempregados P. 21

Chagas triplica impostos P. 10

MODA & BELEZA
Leia coluna de Evandro Castro Lima P. 15

Terror já tem casa própria

Ao terrorismo de direita que assola o país só falta fixar domicílio e pedir alvará de localização. Que o diga o deputado federal Marcelo Cerqueira (PMDB — RJ), que está prestes a ganhar troféu pouco ambicionado: o mais aterrorizado do ano. Meses atrás explodiram seu carro, estacionado em frente à sua casa, em Santa Teresa, no Rio; agora, explodiram sua casa. Tais atentados, mais o que atingiu o prédio da *Tribuna da Imprensa* e a gráfica de um ex-exilado político, Dimas Perrin, continuam impunes. É escandaloso que o governo federal mostre tanta passividade na apuração dos crimes, principalmente porque ainda não saíram da memória as investidas terroristas do ano passado contra a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e a Câmara dos Vereadores. Mas, infelizmente, o nosso é um governo habituado a conviver com escândalos (ler também coluna *Ô da Política*, pág. 11). Senão, vejamos alguns exemplos, pinçados [redacted]

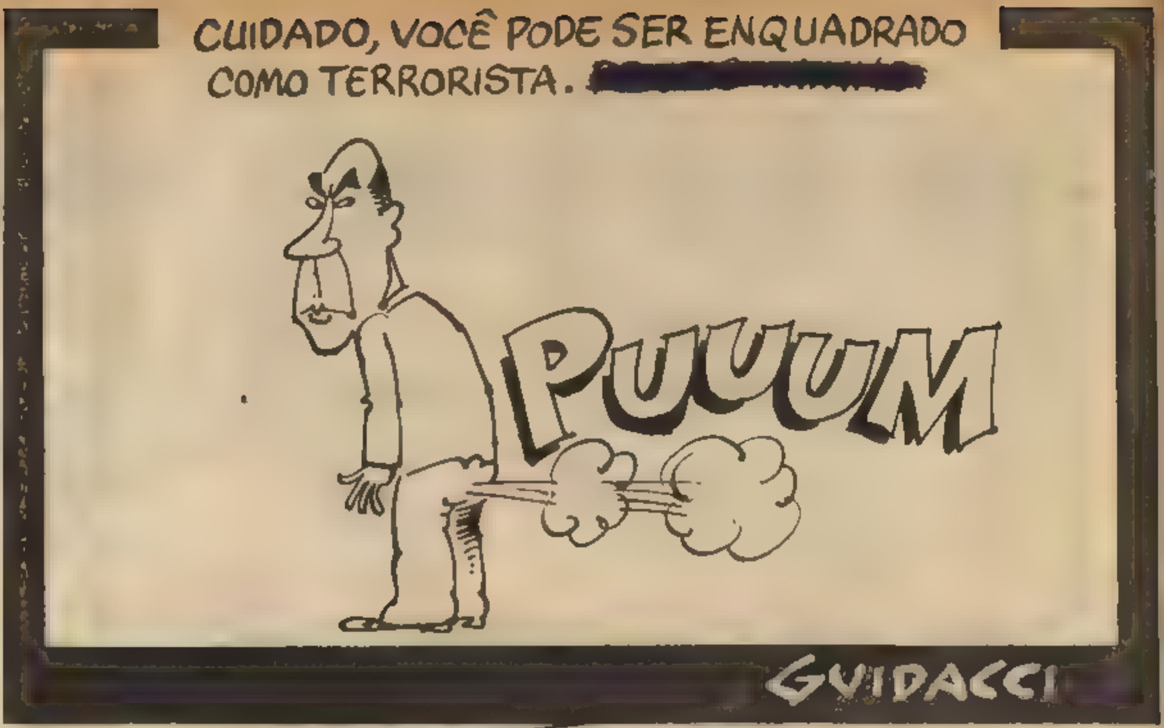
[redacted], aterrorizado

1 No dia 19 de janeiro de 81, o advogado da Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor (Funabem), Cláudio Magalhães, encarregado de apurar denúncias de torturas a internos na entidade, foi assassinado. Este jornal e O Globo publicaram nomes de inspetores acusados pelos maus tratos. Nós registramos espanto pelo fato de o interventor — Cláudio era da própria Funabem, mas em missão especial — ter sido morto, logo após iniciar investigações, por pessoas que não se interessaram em roubá-lo: nem o relógio levaram. Não eram ladrões, eram vingadores. No dia 8 deste mês, o pai de Cláudio, o ex-secretário de Justiça do antigo Estado do Rio, Agenor Magalhães, denunciou, em entrevista à imprensa, a verdade sobre o crime: seu filho foi morto porque ia denunciar as atrocidades que os inspetores cometem contra os menores da Fundação. Estava na cara, as evidências eram de domínio público, mas a polícia não fez sequer uma diligência para apurar o assassinato do advogado.

2 Vai mal a ex-CPI da Corrupção, desde que ministros, ex-presidentes e governadores foram cogitados para depoimentos gitados para depoimentos. Os eventuais convidados se mobilizaram pretendendo, por exemplo, que a investigação sobre gastos excessivos da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, presidida pelo coronel Advaldo Boto, seja arrastada ainda por muito tempo, adiando, para não se sabe quando, investigações já sugeridas sobre o famoso empréstimo do BNDE ao grupo Lutfalla e outras irregularidades praticadas por governadores estaduais.

Paulo Maluf, por exemplo, ficou irritadíssimo quando soube da possibilidade de sua convocação. Reagiu aos repórteres: "Se você disser que a mãe de um deputado é prostituta, seria certo trazê-la para depor e provar que não é?"

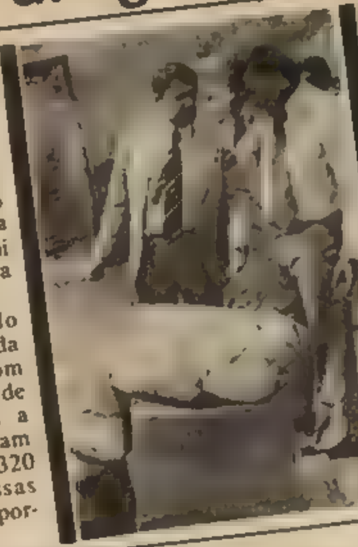
Incerto é o futuro das atividades da Comissão: vai parar no esbanjamento do 18.º Congresso da União Postal ou continua averiguando o leque de denúncias para as quais foi criada? Por via das dúvidas, o deputado Nelson Marchezan, presidente da Câmara, tratou de mudar o nome da CPI para "Comissão Parlamentar de Inquérito destinada a investigar denúncias de atos de corrupção que teriam sido praticados na esfera da administração direta e indireta da União".



Queima de drogas

No início deste mês, como faz periodicamente, a Delegacia de Entorpecentes do Rio incinerou material apreendido pelos distritos policiais: 44 quilos de maconha e 288 gramas de cocaína, no valor de Cr$ 15 milhões. A maconha, quilo a Cr$ 300/400 mil no mercado, foi avaliada em Cr$ 14 milhões; a cocaína, em Cr$ 600 mil.

Acrísio Peixoto, chefe do departamento de fiscalização da Secretaria de Saúde — que com Walterson Botelho, delegado de Entorpecentes, presenciou a queima — informou que foram apreendidas também 320 ampolas de morfina, essas doadas a hospitais (ver reportagem na pág. 4).



Fotos Chiquito Chaves

SEMPRE ALERTA!

Foto S. Roberto

A moça [redacted] ótima, o biquíni minúsculo, o PM esqueceu a violência do Rio e olhou tudo o que tinha direito

MOVIMENTO faz apelo

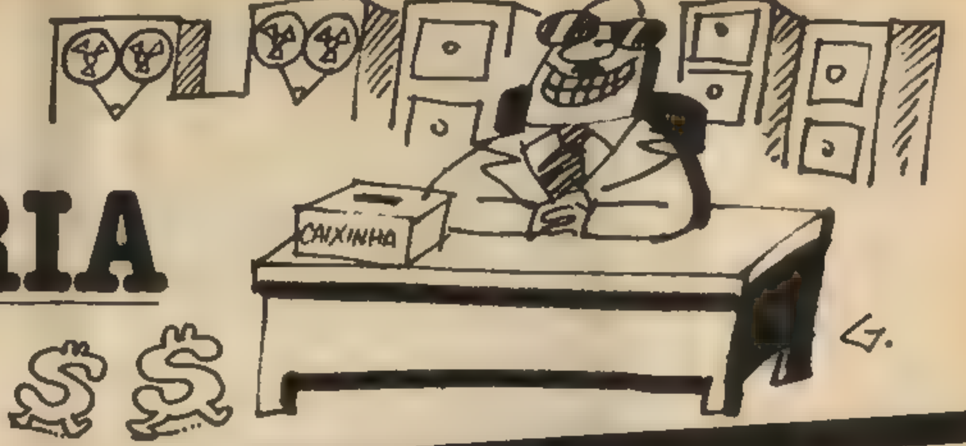
O semanário **Movimento** poderá ser fechado caso não receba contribuições em dinheiro ou novas assinaturas de apoio. O jornal vive hoje a pior crise dos seus 5 anos de existência. Segundo o editor, Raimundo Pereira, os atentados terroristas contra jornaleiros no 2.º semestre do ano passado foram a principal causa da difícil situação. Antes, **Movimento** vendia 8.500 exemplares em banca, mais 6.000 através de assinaturas; com as bombas a venda de banca caiu para 5.000. Raimundo explica que, com o aumento das assinaturas, pretendia superar a queda das vendas, mas "infelizmente não deu". Raimundo faz um apelo: "todos os que acreditam na importância do jornal contribuam com urgência; se não o **Movimento** vai acabar".

REPORTER

EDITORES — Alex Solnik, Luiz Alberto Bettencourt, Pipsi (Arte
CHEFIA DE REPORTAGEM Francisco Viana
REPORTAGEM — Rio de Janeiro Tim Lopes, Ricardo Bueno. São Paulo Rivaldo Chinem, Sílvio de Souza, Hélio Belik, Teresa Moreira. Recife Eduardo Homem, Beth Salgueiro Salvador Mariluce Moura
FOTOGRAFIA — Rio de Janeiro Chiquito Chaves São Paulo Wagner Avancini, Eliane Pastore, Valdenir Benedetti Recife Valdir Afonso, Xirumba
ARTE — Analuce Estrella, Ana Maria Martins, Guidacci
SECRETARIA GRÁFICA — Manoel Hernandes de Azevedo
CIRCULAÇÃO — Simeão Marques
PUBLICIDADE — Lucília Braga (Rio), Isaías Justo Reis (São Paulo)
DEPARTAMENTO JURÍDICO Luís Celso Araújo (Rio), Carlos Eduardo Costa Pereira (Recife)
REPORTER Autônomo Independente é uma publicação da MARGEM S.A. Editora e Gráfica Rio de Janeiro Rua Miguel Couto 134/11.º and. Tel 253-5038/253-5077. São Paulo rua do Seminário 155/sala 30 Tel 227 7175 Recife av. Conde da Boa Vista, 121/grupo 707. Tel. 222 1224
Composição e Impressão — Editora Mory, rua do Resende 65, RJ

DIRETOR DESVIA VERBA E MATERIAL DA MICROFILMAGEM NO RIO

CORRUPÇÃO NA SECRETARIA DE SEGURANÇA



DENÚNCIA DE LEITOR

Funcionários pedem inquérito ao general Muniz

Coronel, sou funcionário do Serviço de Microfilmagem. Gostaria de saber se o senhor tem alguma novidade sobre nossa carta?

– Nossa carta?

É. A carta que enviamos denunciando o capitão Luiz Carlos Porreca, responsável por nosso setor. O senhor prometeu tomar providências.

– Mas eu pedi alguma coisa a vocês. Foi você quem ligou para mim da outra vez?

Não. Foi um outro colega.

Pois é. Eu disse que manteria sigilo, mas precisava me encontrar com vocês. A pessoa então desligou. Dou toda cobertura, mas quero conversar para saber alguma coisa mais, que eu sei que tem.

O senhor tem que entender a posição da gente. Temos medo de perder o emprego.

Eu já disse a vocês que dou cobertura. Nós marcamos um encontro aí fora, vamos conversar. Entendo isso, já militei na área de informações.

O senhor já apurou alguma coisa com relação à carta?

– Já.

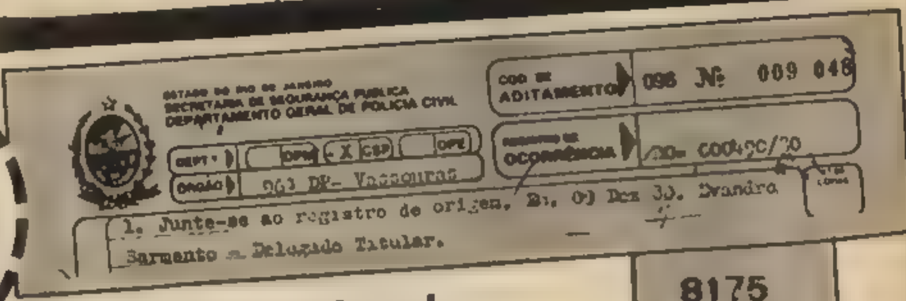
Confirmou o que a gente disse?

– Já.

Quer dizer que tá confirmado, então?

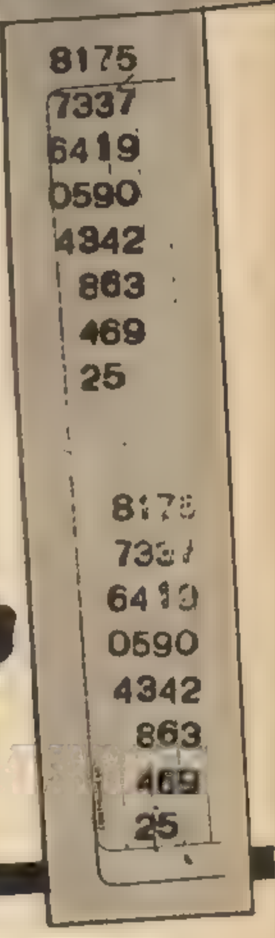
– Não sei.

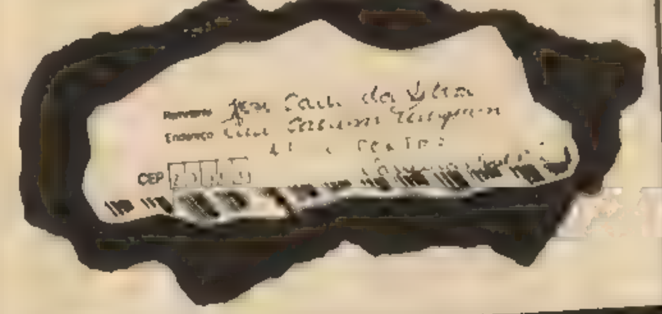
● *O diálogo foi travado entre um repórter nosso – que se fez passar por um funcionário do Centro de Microfilmagem e gravou a conversa – e o coronel Arigan, assistente militar do secretário de Segurança do Rio, general Waldir Muniz. O coronel Arigan tem, segundo os funcionários do Centro, autorização do general Muniz para apurar uma carta denúncia que eles enviaram à Secretaria de Segurança contra o diretor do Centro de Microfilmagem, o capitão PM Luiz Carlos Porreca. A carta foi entregue no dia 24, na recepção da Secretaria. Todos os redatores da carta omitiram seus nomes, tanto no original como na cópia enviada à nossa redação. Procuramos o assistente militar do general Muniz por sugestão dos próprios funcionários para comprovar a existência da denúncia. A seguir, o resumo das principais acusações feitas contra o diretor do Centro de Microfilmagem.*



Bicho é publicado no papel da polícia

Não é preciso dizer mais nada. As fotos falam por si só. Em Vassouras, o jogo-do-bicho chegou a ter popularidade tal que seus resultados são divulgados em papel timbrado da própria polícia. A denúncia chegou ao REPORTER através do leitor José Carlos da Silva, que acusa a polícia local de conivência com os bicheiros. Ele denuncia o doutor Victor Matuchelle como comandante dos bicheiros em Vassouras. E garante: "Podem publicar com meu nome porque não tenho rabo preso com ninguém"





Equipamento milionário não é usado

No Centro de Microfilmagem, a situação é a seguinte: os funcionários recebem remuneração (Cr$10.185,00) muito abaixo da importância do serviço, são perseguidos pelo diretor, trabalham em condições precárias e frequentemente sofrem punições.

Por interesses financeiros pessoais, o diretor Luiz Carlos Porreca não obedece a nenhum planejamento. Sem utilidade alguma, existem aqui inúmeros equipamentos. Temos, por exemplo, uma microfilmadora TDC Documante II, que custou mais de Cr$3 milhões em 1977 e que nunca serviu para nada. Há uma processadora Datagrafix, inadequada para nosso trabalho, que acabou virando balcão da seção de laboratório. Idêntica é a situação de mais de cem rolos, de duzentos pés, de filme 105mm, da marca Ilford, e quantidade considerável de químico-aditivo; de um emendador de filme de 16mm, nunca utilizado porque não é resistente, partindo-se facilmente; de um montador de jaquetas; de duas duplicadoras e processadoras de microfilmagem; de um grupo gerador, quase sempre com defeito; e de dois estabilizadores que não estabilizam.

Foram comprados filmes Ilford de 105mm. Puro interesse do diretor. É o caso dos produtos químicos da Kodac e dos filmes — já que filme de uma marca e químico-aditivo de outro não combina — que não têm como ser utilizados. A compra foi feita na Commicromation, que oferece dinheiro a seus clientes.

As irregularidades ocorrem também na armazenagem de filmes. No frigorífico do Centro existem filmes estocados desde 1976, quando o prazo de validade é de dois anos. Como estão estragados, os filmes freqüentemente criam problemas para a microfilmagem. Podem ocorrer alterações no registro dos documentos originais, levando a equívocos, como o fornecimento de atestado de bons antecedentes a um criminoso.

Há ainda o uso de equipamentos do Centro para serviços particulares do diretor, feitos normalmente à noite, quando os funcionários estão ausentes. Os serviços são feitos pela duplicadora e processadora de filmes "diazoicos" 105mm da NCR. Utilizando material do Centro, foi também feito um trabalho para a Federação Espírita Brasileira.

Como se não bastasse tudo isso, o diretor vive dando cantadas em funcionárias, proibiu que os funcionários fizessem consultas no Diário Oficial, usa seu gabinete para encontros sexuais e exonerou, por motivos de ordem pessoal, dois funcionários que tinham função gratificada. Além disso, costuma cortar o ponto dos funcionários que chegam ao trabalho com mais de 15 minutos de atraso, embora saiba que o Centro, na Barra da Tijuca, fica num local de difícil acesso, onde os ônibus são poucos e freqüentemente viajam superlotados. Houve época em que colegas tiveram de pedir ao delegado Rui Dourado, da 16ª DP, para impedir que funcionárias fossem curradas por peões que se masturbavam nos ônibus da linha 753 (Cascadura-Barra).

Enquanto nós, funcionários, enfrentamos todos esses problemas, o diretor utiliza uma das cinco viaturas do Centro, duas outras para os chefes de serviço em Cascadura e na Praça XV. Temos duas outras viaturas, mas estas estão sempre quebradas. Não há aqui nenhum conforto. As instalações sanitárias são péssimas e não há refeitório decente. Os funcionários são obrigados a comer de pé num balcão de serviço, na seção de material, onde funciona um frigorífico para armazenagem de filmes, a seção de recebimento de material e o depósito de pastas velhas. O diretor não enfrenta tais problemas. Tem até sanitário privativo, sempre muito bem cuidado.

Nós estamos escrevendo para pedir que estas denúncias sejam apuradas através de inquérito. Temos certeza de que o senhor acabará com essas corrupções na Secretaria de Segurança Pública do Rio de Janeiro. Desde já pedimos garantia de vida, porque o capitão Luiz Carlos Porreca e seus companheiros serão capazes de tudo após estas denúncias.

Delegado Walterson, de gravata, um dos maiores especialistas da polícia, acredita no novo serviço

SERVIÇO MÉDICO PARA ATENDER TOXICÔMANOS

Polícia vai tratar viciado como doente

ANUNCIADA NOVA FILOSOFIA DE COMBATE AS DROGAS

Caminhando nas ruas de Ipanema e Copacabana, nas manhãs de sábado e domingo, não é difícil tropeçar numa seringa hipodérmica. Em muitos casos foram usadas para injetar cocaína destilada nas veias de um viciado, freqüentemente misturada com bicarbonato, que tiram a pureza do pó, tornando-o por isso mais perigoso.

Recentemente os jornais noticiaram a morte da milionária Denise Martins dos Santos, de 20 anos, numa festa em sua casa, na Lagoa (Zona Sul do Rio). Segundo a polícia, ela tomou drogas em excesso, pois foram encontradas em seu apartamento seis seringas, sendo três usadas. No fim do mês de março, um estudante de Direito, Mauro Roberto Franceschi da Silveira, foi preso em Copacabana, drogado. Passou mal na Delegacia de Entorpecentes e morreu a caminho do hospital.

Umas três semanas antes de Mauro Roberto morrer, o delegado Walterson Botelho, da Delegacia de Entorpecentes, considerado um dos maiores especialistas em drogas dentro da polícia, solicitou ao diretor do Departamento de Polícia Especializada a transferência do serviço médico existente na Delegacia de Entorpecentes de Niterói desde 1970, para a sede, na Praça Mauá. O objetivo é prestar assistência médica a viciados presos pela polícia, em especial aos que estiverem muito doidões. A morte do estudante apressou o processo de instalação desse serviço.

Segundo o diretor do Departamento de Polícia Especializada, delegado Rogério Mont Karp, a intenção é tentar uma nova filosofia de combate ao entorpecente.

— O dependente precisa ser tratado na fase policial da mesma forma que a Justiça o trata quando o condena a um tratamento médico. Uma delegacia de entorpecentes tem que ter um serviço médico, não pode deixar de ter. O que a gente não pode fazer é botar no xadrez um doente, um dependente. Ele fica numa situação terrível quando entra em crise de abstinência. Quer se morder, se arranhar todo. Ao invés de termos um carcereiro para receber o viciado, teremos um médico, um assistente social e um psicólogo.

Apesar das boas intenções, os recursos com que conta a Delegacia de Entorpecentes para prestar assistência médica são escassos. E a mentalidade do atendimento é mais policial do que médica ou psicológica. A maior prova disso é que, para implantar o serviço no Rio, teve que desativar o de Niterói — uma das maiores cidades do Estado. Tudo foi transferido, e a chefia do serviço continuará nas mãos do doutor Osmar Santos, chefe do Serviço de Psiquiatria da Secretaria de Segurança e autor do livro "Um Grito de Alerta".

Por outro lado, comandando o serviço em Niterói desde que foi inaugurado, o doutor Osmar tem uma visão extremamente severa e preconceituosa do problema da toxicomania. Para ele, o "monstro do vício" está rondando os jovens, e os grandes traficantes deveriam, inclusive, correr o risco da condenação à pena de morte. Quanto ao viciado, tem um destino sem dúvida terrível, variando entre a impotência sexual, a morte súbita, a alienação, a prostituição e a prisão.

Lidando com viciados há muito tempo, ele ficou chocado especialmente com dois casos:

— O primeiro foi o de uma menina-moça, viciada de último grau, em estado caquético, de uma palidez cérea e magreza cadavérica, delirando, internada em trabalho de abortamento. O outro foi o caso de uma moça de 16 anos, que embora sendo lésbica, vendia o corpo a um tio degenerado para comprar maconha.

A causa mais freqüente da dependência de drogas, segundo o dr. Osmar, são os desajustes "sócio-familiais", que afetam principalmente indivíduos de constituição mental deficiente, geralmente portadores de disritmia' cerebral. Para combater essa dependência, ele sugere como arma mais eficiente a implantação de um método antitóxico de ensino nas escolas:

— A escola poderia ser a primeira a descobrir o problema. Os professores, se devidamente readestrados, podem se constituir no mais precioso elemento, capaz de prevenir e detectar os casos ainda no início.

Quanto aos demais cidadãos, seu dever ao descobrir um caso de toxicomania é denunciar:

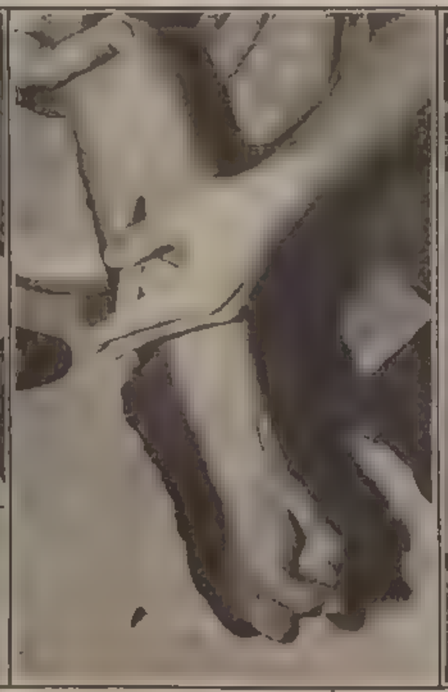
— Denunciar à família, ao médico ou à polícia.

É dentro dessas limitações — de dinheiro e de concepção do problema — que a nova atitude que a polícia diz pretender — assistir o viciado, e não puni-lo — pode ser julgada.

ELES SE PICAM

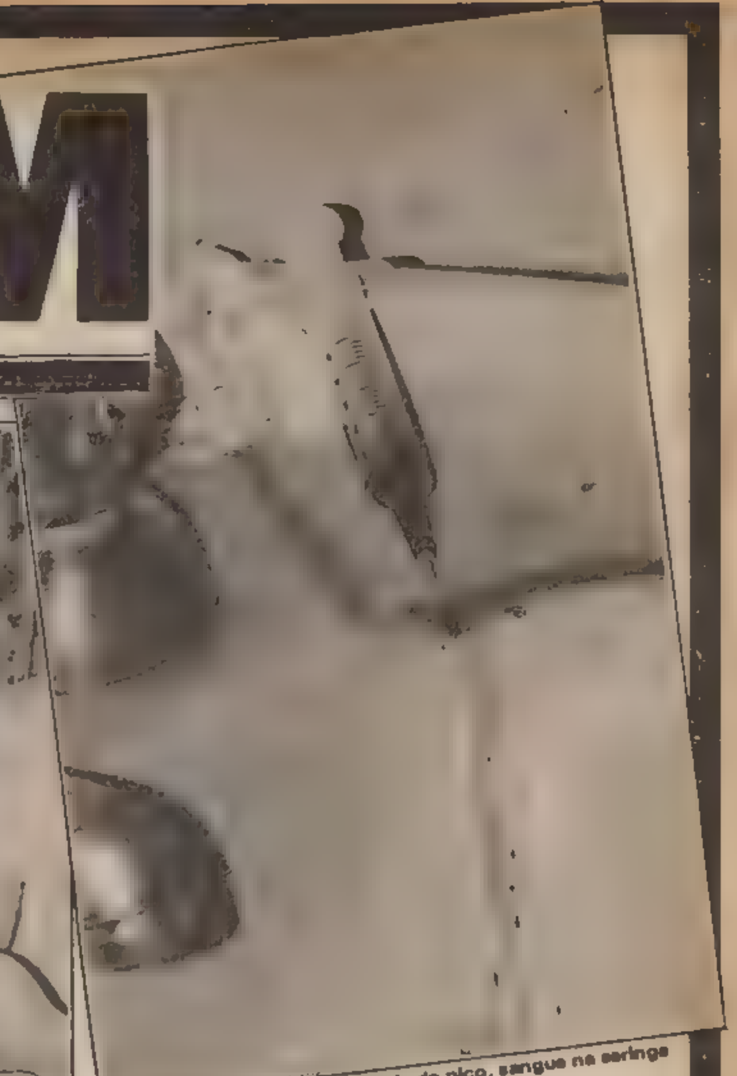
Tirando ar da seringa

Procurando a veia



Injetando nos "canos"

Braço apertado, o início da viagem



Depois do pico, sangue na seringa

Uma vez Valy furou 30 vezes o braço, que já estava cheio de calos, e não encontrou a veia. Acha que a polícia é corrupta, que vício é problema clínico, será feliz quando puder resistir a uma seringa.

Valy tem 21 anos, foi pára-quedista e ainda exibe um corpo de atleta. Está nervoso, agitado, suando. A forte chuva não consegue refrescar o ambiente abafado do apartamento, localizado num edifício de uma deserta rua do bairro do Méier, no Rio de Janeiro. Ele lava as mãos na pia do banheiro, põe o papelote de cocaína que acabou de comprar por mil cruzeiros contra a luz e rasga com cuidado para não deixar cair nada. O grau de pureza do pó com certeza é de 10%, **malhadíssimo**, mas não importa. Derrama o pó dentro da seringa descartável, vendida em qualquer farmácia por 25 cruzeiros, e mistura com uma quantidade de água de uma colher de cafezinho. Balança o aparelho e levanta contra a luz, experimenta a agulha para ver se não está entupida. Nem se fala em desinfetar, e é exatamente por isso que muitos dos toxicômanos, dos **piqueiros**, como são chamados, pegam hepatite.

Ele relaxa o braço direito, soltando em direção ao chão, sacode, abre e fecha a mão com força. O suor escorrendo pelo rosto. Está fissurado. Senta na tampa do vaso sanitário e procura desesperadamente a veia do braço. Vai espetando, espetando. Sua mão treme ao tentar enfiar a agulha nas veias intumescidas. Balbucia algumas palavras sem nexo, como se estivesse falando com ele mesmo. Fala mais claro, de olhos arregalados.

— Pô, não tô acertando a veia, a carne tá dura. Isso é castigo. Eu jurei que não ia tomar mais **pico**.

Ele espeta mais uma vez a agulha e não consegue achar a veia. Dá um tempo com a seringa na mão, querendo ficar calmo. Conta uma história:

— Teve uma vez que furei trinta vezes o braço para acertar uma. De tanto você furar o braço, fica um calo, vai calejando, chega uma certa época que você, por mais que queira, não acerta mais a veia. Conheci uma mina que se aplicava no peito do pé.

O desespero e a angústia de Valy cresce. Ele pede que o ajude.

— Faz um garrote aí, meu irmão. Não precisa nem cordinha, nem elástico, com a sua mão mesmo.

Outro viciado segura o braço dele, um pouco abaixo do ombro, com força. A veia salta, pula, incha. De repente, numa carpada, o sangue aparece, tingindo o branco da dose. A fisionomia dele relaxa, uma cara de prazer. Ele injeta a cocaína de uma só vez e lamenta que a agulha é de 5cm e não é tão boa quanto a que existia, de 2cm. Tinha o bico fino e deslizava melhor quando achava a veia, diz ele.

— Tô ligadão.

Fica logo em pé, pede para abrir a porta do banheiro, quer sair. Roda o apartamento.

Qual a sensação?

— A sensação é que você vive 24 horas que correspondem a uma semana. A gente se sente mais forte, cheio de disposição, anda a cidade inteira, não come nada. Você tá sabendo que tá fazendo um troço errado, cada tentativa errada é um sofrimento. Alguma coisa dentro de você tá dizendo pra você não tomar, não toma . Embora você esteja ali naquela ânsia, não sente o toque pra pular fora. Quando a agulha encosta na veia e injeta, aí vem aquele lance. Vem o gosto da droga na boca. É a mesma coisa que você mergulhar no vazio

Como começou?

— Primeiro comecei fumando uns **baseados**. Mas rapidinho passei pra picada. Tinha 13 anos. Foi um Nembutal de 15 miligramas, fiquei 48 horas ligado. Na hora do lance, levantou até os cabelinhos do dedo do pé. Arrepia tudo, mesmo. Com essa droga você fica ligadão, sai firme que nem um lorde, fala até com o presidente da República, numa boa. Quando surge a idéia de comprar um papelote de cocaína, tomar um **pico**, o estado normal da pessoa se modifica na hora, a batida do coração é outra, a pressão sangüínea muda. O sistema nervoso fica alterado, quando vai se aproximando a hora da gente se aplicar. Vai mudando cada vez mais seu estado normal, o estado físico, o estado psicológico muda completamente. É uma picada grilante, aparece uns macaquinhos e tudo na tua mente. Às vezes você vê um carro azul ao longe e pensa que é o camburão. O tóxico confunde as coisas, corta o reflexo.

Ele gesticula, fala alto, rápido, às vezes fica confuso.

Já viu alguém morrer?

— Morrer, não, já vi cara tomar **pico** e parar no ar, paradão, abobalhado. Eu tive que jogar água gelada na cabeça dele, dar tapa na cara pro elemento voltar a si. Pegar o senso dele próprio.

O que você acha da polícia em relação ao viciado?

— São uns corruptos. É a única coisa que posso dizer. A metade deles usa algum tipo de tóxico. A polícia usa, dá cobertura. Acho que o viciado é um problema clínico. Só é da polícia quando tem bandidagem no meio. Se o elemento estiver numa pior, num estado precário, sabendo que vai morrer, ele procura o médico, ele sabe que é a última salvação. Não tem mais saída e nem saúde, o cara fica em frangalhos.

Valy tá doidão, mas faz força para que o raciocínio não o traia. Termina a frase na ponta dos pés. Os olhos brilham. O papo continua, ele vai falando com rapidez.

— O mundo entrou numa doideira que até hoje não saiu. É o sufoco da cidade, a multidão, o medo que isso provoca. Você quer sentir um barato para fugir dessa barra. Fugir, fugir. Conforme for nascendo gente, mais viciados vão surgindo. Se tornou praga mundial São poucos os que conseguem sair do vício. Parece que querem te empurrar pra baixo, te levar pro lado da loucura. Você quer parar, largar tudo, mas sempre aparece aquela força negativa, aquela fatalidade de ter caído no mundo do vício. De tomar a picada e depois pintar a rebordosa, que é o final do efeito. Aí é a hora da angústia, você até chora.

Isso não é sentimento de culpa?

— É o sentimento de culpa, justamente. Porque o elemento sabe que está se autodestruindo, destruindo a si próprio. Mas quando ele entra nessa não percebe, tem 12, 13, 15 anos, e quando se dá conta já está envolvido. Sorte daquele que consegue sair desse universo.

Mora com os pais?

— Meus pais são separados. Eu sei que uma das causas de eu entrar no vício foi isso. Eu também tenho culpa, mas se na minha adolescência alguém me tivesse dado uma trava, as possibilidades ficariam mais curtas. Sempre existe um problema psicológico, sempre há um fundo. Às vezes tem elemento com vida plena, dispõe do bom e do melhor, com família constituída e cai numa dessa. É cabeça fraca. Eu sou contra o tóxico, acho errado. Não sou contra a maconha, que é relaxante. Sou contra o tóxico pesado. Acho que quem ainda não entrou nessa que não entre. Eu quero sair e não consigo. Junto forças, mas quando vejo uma agulha, não resisto.

Você é feliz?

— Eu tento ser, luto pra ser. Acho que ninguém é. Mas o dia que conseguir me libertar do vício vai ser uma felicidade. É a chance de tomar um ritmo, seguir um caminho mais criativo, sem fugir do real.

Carpenter já viu um cara morrer, um pancadão só, 5 picadas. Tem medo da morte, roubava pra se aplicar. Seus braços estão roxos.

Carpenter é como quer ser chamado pela reportagem, em "homenagem" a um médico de quem um primo roubou o bloco de receitas para comprar bolinhas. Foi há 5 anos e ele nunca mais esqueceu esse nome. Magro, imberbe, 17 anos, só de ouvir falar em cocaína, seringa e agulha fica agitadíssimo, se transforma. Diz que está dando um tempo no vício, mas é impossível acreditar, pois os braços têm calos, de tanta picada que já tomou; são roxos, de cor meio azulada

Filho único, a mãe internada com câncer num hospital e o padrasto também com problemas de saúde, ele diz que "sujou geral":

— As pessoas não entendem por que alguém gosta de tóxicos.

Carpenter baixa a cabeça e tenta esconder o rosto com os cabelos que caem na testa Fica mudo por instantes e fala sem esconder o pavor de ter que lembrar a morte do parceiro que se aplicou até morrer:

— Não gosto de falar nisso. Fico estranho o dia inteiro Ele morreu na minha frente, olhão aberto. Eu estava na favela Veira Fazenda me aplicando quando encontrei um neguinho pedindo para fazer um garrote porque não estava encontrando a veia. Quando injetou tudo, foi um pancadão só. Uma mina disse que ele já tinha tomado cinco picadas. Morreu na hora, segurando a seringa. Saí correndo, apavorado

Carpenter não esconde o medo da morte. Admite que foi por causa desse episódio que tenta, às vezes inutilmente, evitar o pico. Deixou até de roubar:

— Eu começava a roubar às duas horas da tarde. Encostava em qualquer carro que estivesse com toca-fitas dando sopa e e saía para uma boca qualquer para comprar um papelote, destilar e jogar nos canos. Dormia às duas, três horas da manhã e, de tarde, ia fazer os mesmos trabalhos

A primeira picada tomou aos 14 anos. Ele diz

— Foi aos 14 anos, com Desbutal, fiquei espirocado. A gente tem que parar com isso. O único tóxico injetável que está pintando é a cocaína, e você tem que furar o braço de cinco em cinco minutos. Ela produz uma pancada no cérebro. As bolas destiladas, ao invés da pancada no cérebro, deixam a pessoa temporariamente bem com todo mundo, querendo o mundo em sua volta

Que é que você acha do posto médico na Delegacia de Entorpecentes?

— Pode até adiantar se você entrar em cana doidão. Às vezes a gente sente que vai morrer e não quer, não quer, o coração fica apertando .

O calo, a pele dura de tanta aplicação

A mancha roxa

Reportagem de Tim Lopes. Fotos Chiquito Chaves

SIRENES & CAMBURÕES

Aroldo Machado

Zé do Bigode estudou na Academia de Polícia

Ficou provado que o ex-guarda de segurança José Jorge Saldanha aproveitou melhor que os detetives as aulas na Academia de Polícia, na qual, nos anos 70, se inscreveu como guarda bancário. Após os primeiros dias de serviço ele e outros companheiros formaram uma quadrilha de assaltantes de bancos. Descobertos, foram presos e enviados para o Presídio Cândido Mendes, na Ilha Grande. Lá, José Jorge ficou conhecido como **Zolhudo**, passando a trabalhar na zeladoria. Em 1977, quando a **Falange Comando Vermelho** iniciou o processo de domínio dos presídios cariocas, **Zolhudo** recebeu ordens de matar Mário Kalil Gaze, encarregado da projeção dos filmes no cinema do presídio da Ilha Grande. A seguir, ele e nove membros da **Falange** tentaram a fuga, embrenhando-se nas matas até a Praia da Parnaoca, onde todos foram recapturados.

Durante os três últimos anos, José Jorge Saldanha, que a polícia passou a chamar de **Zé Bigode**, ocupou uma posição de liderança dentro do **Comando Vermelho**. No início do ano, com as mortes de Apolinário de Sousa, o **Nanal**, e Waldomiro Alves de Jesus, o **Dudu**, ele assumiu a liderança do grupo, formado por assaltantes de bancos, incursos na Lei de Segurança Nacional. Em janeiro, José Jorge fugiu da Ilha Grande e juntou-se aos companheiros que vinham assaltando bancos e enviando parte do dinheiro para a **Caixa de Pecúlio dos Internos**.

Não foi difícil para a quadrilha alugar o apartamento no conjunto residencial dos bancários, na Ilha do Governador. Lá, José Saldanha era visto "como um homem de bem, respeitador e que gostava de brincar com as crianças". Mas, quando o QG foi descoberto pela polícia, **Zé Bigode**, sozinho, enfrentou 400 policiais, e só quebraram sua resistência quando o apartamento foi completamente destruído pelo incêndio provocado pelos policiais.

Durante as 10 horas de tiroteio, foram mortos três detetives, outros quatro saíram feridos, juntamente com um oficial e um soldado da PM. Além de revólveres, pistolas, metralhadoras e escopetas, os policiais fizeram uso de granadas, bombas e até de armamento pesado, como uma bazuca, que foi levada para combater o ex-guarda de segurança. Incrédulo, o comandante da Polícia Militar, coronel Nílton Cerqueira, disse aos repórteres: "É inacreditável como os nossos davam mais de 100 tiros e não acertavam, enquanto aquele bandido, com uns 15 tiros, matou três policiais".

Mas a falta de comando e organização foi a causa das mortes dos detetives e ferimentos em seus companheiros, pois se, ao invés de gastarem munição e se arriscarem, os policiais tivessem apenas cercado o prédio, aguardando o dia clarear, não haveria mortes. Bastavam 30 homens com um comandante que, através de um megafone, convenceria **Zé Bigode** a se entregar. Caso ele resistisse, bastava esperar até sua munição acabar e, sem outra saída, ele acabaria se entregando. Mas, ao contrário, os agentes da lei tentaram **estourar** o apartamento. Acuado, **Zé Bigode** atirou. Após matar o primeiro detetive, ele sabia que não teria qualquer chance e resolveu resistir até a morte. Fato idêntico ocorreu no ano passado, quando uma turma de policiais da Delegacia de Entorpecentes tentou prender um birosqueiro no morro do Juramento. Na ocasião, morreram o birosqueiro, seu filho de 14 anos e o detetive Galante (matador de Perpétuo de Freitas). O delegado Aloísio Russo foi baleado. Para justificar a diligência, os policiais disseram que "o birosqueiro era um perigoso traficante". Mas, na verdade, Severino da Silva, o **Severo**, como era conhecido, não passava de um informante dos policiais da 27.ªDP. Por isso, estava jurado de morte por delinqüentes do morro e, ao ver sua casa cercada pela polícia, pensou tratar-se de bandidos e resistiu.

Capitão De Paula, acusado de roubo, está livre e o processo parado

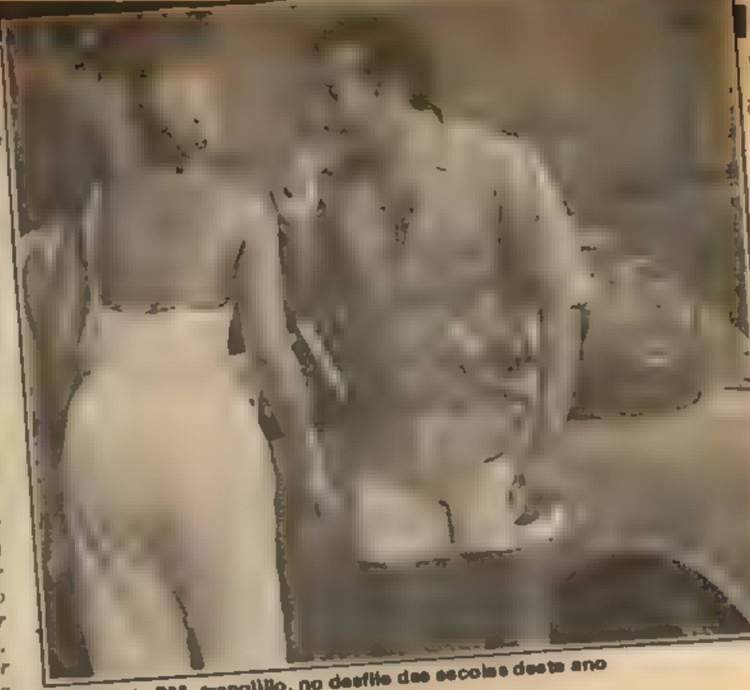


Foto de Chiquito Chaves

O oficial de PM, tranqüilo, no desfile das escolas deste ano

Em 1977, o capitão da PM Antônio Francisco de Paula chefiou o policiamento da Riotur durante o desfile das escolas de samba. Este ano o capitão, bermuda bege e camisa estampada, trocou de posição: ao invés de dar segurança, viu o desfile como um folião qualquer. Mas não foi por isso que o fotógrafo Chiquito Chaves se apressou em registrar sua presença no local. O capitão, em 77, foi acusado de desviar Cr$900 milhões da Riotur, verba destinada ao pagamento dos seguranças, em sua maioria soldados que nada puderam reclamar do superior. No Natal, o capitão foi novamente envolvido em acontecimentos policiais. Desta vez ele acabou preso e acusado de chefiar uma quadrilha de ladrões de automóveis que trocava carros por cocaína vinda da Bolívia

Como se vê na foto nada aconteceu com o capitão. Quando ele foi preso e fichado, sob o número 13.593, na Divisão de Roubos e Furtos, sequer chegou a ser fotografado de frente e perfil, como é de praxe. Em lugar da foto, ficou uma anotação "Deixou de ser fotografado por ordem superior e por ser militar da ativa". Apenas suas impressões digitais foram anexadas ao processo, que corre desde fins de 1977 na 12ª Vara Criminal, sem qualquer solução. Atualmente De Paula não aparece apenas nos desfiles de escolas de samba. É funcionário da 2.ª CPA (Comando de Policiamento de Área), no Batalhão Marechal Caetano de Faria.

Em Igarassu, Pernambuco:

VIGIA MATA MENINO DE 6 ANOS QUE CATAVA MANGA

— Que é que vocês estão fazendo aí, seus vagabundos?

Sem esperar resposta, o vigia Odilon Muniz de Almeida fuzilou, com tiros de seu rifle 44, Ednaldo Nascimento dos Santos, o Nadinho, de seis anos, que caiu morto com um balaço no peito. O crime ocorreu em Igarassu, Pernambuco, na *Fazenda das Cobras*, onde o garoto e seu padrasto estavam apanhando uma manga, caída no chão. Foi no dia 8 de fevereiro passado.

O assassino fugiu imediatamente, ajudado por seu patrão, o advogado Rui Guimarães, que tem fama de homem violento, e pelo sargento de polícia José Joaquim de Azevedo Leite. Quando se apresentou, mais tarde, na delegacia, o vigia alegou legítima defesa:

— O homem (padrasto de Nadinho) estava roubando coco e, quando reclamei, ele tentou me agredir. Atirei nele, mas a bala foi atingir o menino — disse o [illegible]

O padrasto de Nadinho, Erivaldo Melo dos Santos, dá outra versão para o crime:

— Nós íamos pegar passarinho e cortamos caminho por uma picada que passa pela fazenda. Nadinho e seu irmão, Carlinhos, 8 anos, viram a manga e foram pegá-la. O vigia apareceu e foi logo atirando. Matou o garoto.

O proprietário da fazenda sequer pagou as despesas do enterro.

— Nós tivemos de tomar Cr$8 mil emprestados na mão de um parente, e agora não temos como pagar. O corpo do menino ficou dois dias no Instituto Médico Legal porque não tínhamos como enterrá-lo.

Quem fala é a mãe de Nadinho, Severina Nascimento dos Santos. Ela tem seis filhos e vive com Cr$2.008,85 de pensão do Funrural, deixada pelo marido, morto no ano passado.

Severina, mãe de Nadinho, a vítima

Erivaldo, o padrasto, foi testemunha do crime

Na cidade, o crime deixou a população revoltada. No dia do enterro de Nadinho, as histórias sobre a *Fazenda das Cobras* se multiplicavam. Por exemplo, o povo dizia que o vigia João Pereira tinha ordens de atirar em quem se aproximasse da divisa da fazenda

— Nunca passei, nem nunca vou passar por lá — afirmava revoltado o avô de Nadinho, Alfredo dos Santos, 85 anos. E acrescentava:

— Acontece uma coisa dessas e ninguém toma providências. Nós somos pobres, mas o dono da fazenda é rico e tem poder. Quem é que vai fazer justiça?

A dúvida do avô de Nadinho é a mesma dos policiais da delegacia de Igarassu. Quando Rui Guimarães, o dono da fazenda onde morreu Nadinho, foi depor, houve tumulto. O advogado falou grosso, ameaçou queixar-se ao secretário de Segurança e só se acalmou quando alguém o fez ver que estava ali como indiciado no Código Penal por dar fuga a um criminoso.

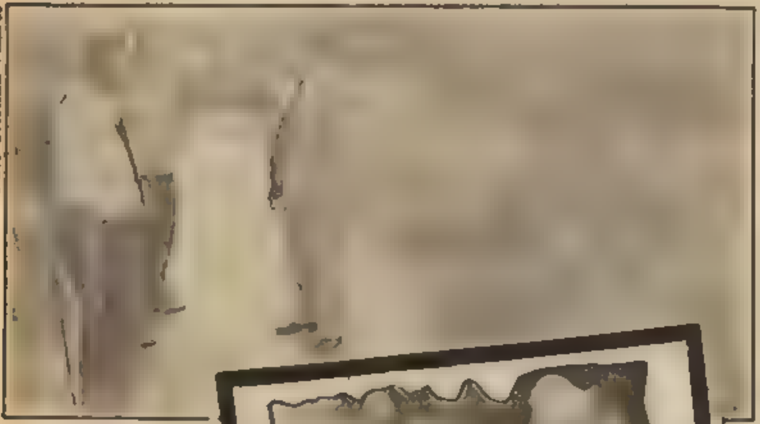
Segundo os policiais, tudo vai depender do promotor que cuidar do caso. Se for uma pessoa corajosa, poderá se repetir o que ocorreu em 1979, no Rio, onde o dono da *Granja Campista*, em Campos, foi obrigado a pagar, durante 65 anos, 50% do salário mínimo, despesa de funeral, luto, 13º salário e ainda o salário-família aos pais de um menor, Genilson Francisco Machado Rafael, 9 anos, morto em sua propriedade.

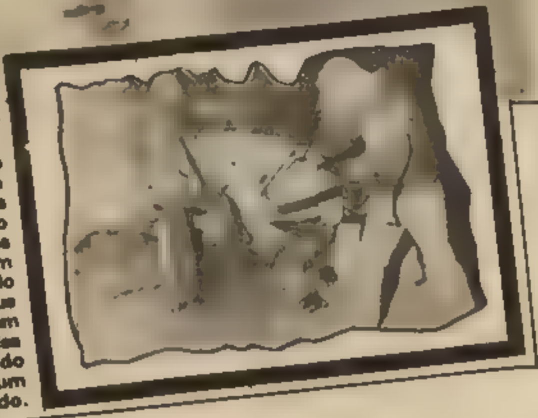
Reportagem Beth Salgueiro

Fotos Valdir Afonso

Repórter, amigo do delegado de Diadema, ABC paulista, inventou história que apavorou a cidade

Foto Cristina Vilares





Na foto à direita, que o *Diário do Grande ABC* não quis vender, a montagem: o carro era do fotógrafo, os encapuzados eram amigos do jornalista, que aparece, acima, em mangas de camisa ao lado do delegado e um policial armado.

Patrulha da Morte era uma farsa

A cidade de Diadema, encravada na região do Grande ABC, em São Paulo, ocupou as primeiras páginas dos jornais, recentemente, com a suposta existência de uma **Patrulha da Morte** O delegado titular da cidade, Benedito Marcos Labriola, é quem mais vibra com o desfecho inesperado da história Ao telefone, ele conta o caso detalhe por detalhe, interrompido apenas com as gargalhadas que dá Afinal, tudo não passou de uma fantasia bolada por seu amigo, o repórter Antônio Miguel, 35 anos, do **Diário do Grande ABC.**

Desde o começo eu achei que tudo não passava de uma fantasia O Antônio Miguel não tem culpa Os culpados são os que o cercam Quero ver como é que fica a direção do jornal, que aproveitou a deixa pra escrever editoriais contra a policia

O que aconteceu foi o seguinte depois das 7 da noite, ninguém conseguia andar pelas ruas na **Favela do Caixote**, periferia de Diadema É lá que se concentrava o maior índice de criminalidade da região, segundo as estatísticas da própria policia A população armou sua própria segurança Para agravar a situação, no carnaval o bandido mais procurado na região Geraldinho, assassinou durante um baile um inspetor da policia local

Adão Cristóvão de Freitas, morador na avenida Marginal, no Jardim Amália, vizinho da última vitima da lista de Geraldinho, resolveu criar a **Patrulha da Guarda** Num manifesto distribuido entre o povo da cidade, ele convocou todos para colaborarem com a policia Houve uma tentativa de prender Geraldinho, mas o cerco de 101 policiais militares e 60 civis foi inútil

O radialista Gil Gomes, que apavora São Paulo às 8 da manhã através da rádio Record contando casos policiais com muito suspense, explorou o caso E Antônio Miguel, repórter com algumas passagens pelas redacões dos jornais de São Paulo, ultimamente a principal estrela do **Diário do Grande ABC** e colaborador da revista **Fatos & Fotos**, ouviu o programa e ficou impressionado Resolveu levar o caso adiante

Antônio Miguel saiu a campo Voltou com histórias de arrepiar os cabelos Segundo ele, existia uma taxa de proteção dos comerciantes, que se haviam unido e formado a **Patrulha da Morte**, uma espécie de Esquadrão da Morte paulista. Foi mais além, contou que os integrantes da **Patrulha** haviam entrado em contato com ele, convidando-o para assitir à execução de dois perigosos delinqüentes, **Marrom** e **Zé Bandoleiro**

Junto com o fotógrafo Arivaldo Reis, Antônio Miguel contou que chegou encapuzado ao local da execução Tinha um Fusca no fundo, uma caveira para ajudar a dar o clima de ritual e um pequeno perfil de alguns integrantes do bando

Depois de estampada a denuncia, a policia começou a investigar Os policiais chegaram a pelo menos dois culpados em toda a história repórter e fotógrafo O carro que aparecia na foto era do repórter por sinal o identificado como um dos patrulheiros, a caveira era de Rita Capeta, dona de um centro de macumba que faz evocação ao diabo (onde, aliás, o repórter Antônio Miguel era secretário), **Marrom**, o bandido prestes a ser executado, era um funcionário daquele centro

Não tendo como fugir dessa, o repórter teve que confessar que tudo não passara de encenação, "para criar mais impacto". Agora, demitido do jornal, está escondido em Ouro Fino, como informou o seu amigo delegado de policia. E paira sobre ele o enquadramento na Lei de Segurança Nacional, por **"subversão à ordem pública"**, e na **Lei da Imprensa**

Para resguardar seu nome nisso tudo, o jornal em que Antônio Miguel trabalhava, o **Diário do Grande ABC**, da família Polosi, procura o máximo de discrição, como a proibição de venda de fotos da suposta execução para outros jornais e um silêncio total sobre o caso

Maria José Arrojó

PM alega defesa social para prisões em massa

NO RIO, OAB AFIRMA QUE ANDAR SEM DOCUMENTO NÃO É CRIME

Em uma semana, 1 400 pessoas foram presas em **batidas** policiais no Rio. Numa cidade onde os índices de violência têm crescido assustadoramente, tal número parece até modesto Há, no entanto um detalhe dos presos, apenas 200 foram acusados de prática de algum ilícito penal, como porte ilegal de armas, tráfico de tóxicos, roubo ou vadiagem

O fato tem provocado reações Segundo o advogado Francisco Costa Neto, presidente da seccional Rio da Ordem dos Advogados do Brasil, uma pessoa que não tem documentos não pode ser presa como criminosa No caso brasileiro o problema, na sua opinião, se torna ainda mais grave quando a acusação é vadiagem

Não há nenhum mérito para a polícia em prender uma pessoa por vadiagem No Rio, o índice de desemprego já ultrapassa 8 por cento

Além disso, o advogado acusa as **batidas** de discriminar as pessoas só são abordados pobres, mulatos ou negros A morte do comerciário Francisco Barbosa, após ser preso numa **batida** no Flamengo, e a humilhação ao preso Rogério da Cunha Ribeiro, obrigado a desfilar vestido de mulher no Morro do Adeus, atestam a existência de irregularidades Ou "formas de tortura", como define o advogado Costa Neto

Para a policia, as **batidas** (ou "operações de combate dinâmico") ainda são o meio mais eficiente para enfrentar a onda de criminalidade Nesta entrevista, o chefe de Relações Publicas da Policia Militar coronel Artur Delamare, explica como age a PM

É crime andar sem documentos?

Não, mas todos têm que se identificar

Como são feitas as prisões?

– Só é preso quem se recusa a se identificar, não tem documentos ou não apresenta prova de trabalho. Enquanto alguem iluminado não aparecer com uma fórmula melhor, ficaremos com a nossa

Se a policia prende com base em suspeitas, não estaria usando um critério subjetivo?

A suspeita é subjetiva, mas é profissional E quanto mais suspeita houver, maior deve ser o profissionalismo O elemento marginal tem postura diferente É ladino Há casos em que mesmo a carteira profissional é discutível, pode ser falsa Por isso, temos de entrar na questão subjetiva

A PM deteve em uma semana cerca de 1.400 pessoas, das quais apenas 200, após o processo de triagem, foram presas. Não é constrangedor para as pessoas que foram liberadas terem passado pelo vexame da prisão inutilmente?

Talvez o vexame da prisão seja o mau menor A sociedade está sendo agredida pelos marginais Nessa situação o incomodo causado pelas operações militares é mínimo em relação aos ganhos sociais que se obtém

Há queixas contra as batidas policiais nos morros. Geralmente, barracos são arrombados sem mandado judicial

Na PM, quem comete arbitrariedade responde por ela Há poucos dias, o comandante geral da corporação recomendou que os policiais respeitassem, nas operações, princípios elementares de urbanidade Ele quer que a PM aja com energia, mas evite arbitrariedades e irregularidades

A invasão de barracos sem autorização judicial não é uma arbitrariedade?

Antes de uma operação militar nos morros, fazemos um levantamento trabalhoso Mapeamos, inclusive, locais possíveis de ocorrência de ilícitos Muitas vezes, porém, quando chegamos lá, não encontramos mais nada Aí, ficamos sem saber o que fazer A PM faz tais operações usando a lei, seu objetivo é proteger a sociedade Se formos respeitar todas as filigranas legais, na realidade não vamos prender ninguém Eu pergunto, se houver decisão para a PM cumprir rigorosamente a lei, só detendo em flagrante ou com mandado judicial, como fica a defesa social?

Genilson Cezar de Souza

Discriminação

Fotos de A. Mesquita

Cel. Delamare, a defesa da PM

Pé-de-chinelo. Suspeito

Só de calção. Em cana

Negro e menor. Uma conversa

Foto Marko — Agência Tempo

SHOW DE VIOLÊNCIA AO VIVO

O bloco 7 do Conjunto dos Bancários, na Ilha do Governador, está isolado com cordas, sob vigilância da PM. Foi lá, no apartamento 302, onde o bandido José Jorge Saldanha, o Bigode, se entrincheirou e manteve durante mais de [illegible] horas violento tiroteio com 400 policiais. Seus 50 moradores, num total de 11 famílias, hoje já esqueceram o pânico do tiroteio e têm outra preocupação: querem saber se o Estado [illegible] prejuízos causados pela operação policial [illegible]. Além de perfurar as paredes do bloco [illegible] moradores, a polícia incendiou o apartamento 302 e as chamas se propagaram por outras dependências do prédio. O que não ficou destruído no tiroteio foi atingido pelo fogo [illegible] pela demora dos bombeiros [illegible] hora de debelar as chamas. No apartamento 302, onde morava [illegible] Saldanha, não sobrou [illegible] foi destruído.

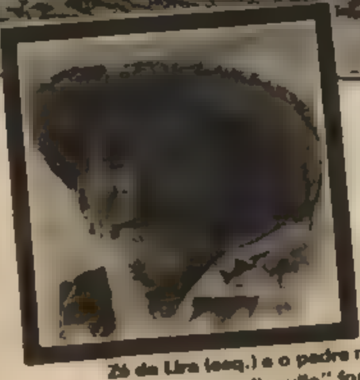
Ilha do Governador quer barcas de volta

A Ilha do Governador tem 300 mil habitantes, população maior que a grande maioria das cidades brasileiras, mas não possui transporte de massa. Tudo depende dos ônibus das empresas Paranapuã e Ideal, que colocam frotas reduzidas em operação, não cumprem horários e cobram passagens caríssimas. É por isso que os moradores da Ilha querem a volta das barcas, transporte extinto há mais de 30 anos, para levá-los de Cocotá à Praça XV. O projeto vem sendo anunciado desde 1975, mas nunca chegou a ser executado. Tudo o que foi feito, sem que os moradores tivessem direito de opinar, foi um estacionamento, um parque de esportes e uma passarela que faria ligação com o pier de atração das barcas. O resto ficou no esquecimento e não há previsão para se concretizar tão cedo, porque o governo federal cortou violentamente as verbas para o projeto hidroviário do Rio: em 1980 liberou apenas Cr$ 8 milhões, de um total de Cr$ 400 milhões, este ano não liberará nem Cr$ 60 milhões. Insatisfeitos, os moradores resolveram se mobilizar. E já enviaram uma carta ao presidente da República. Em breve voltarão à carga: vão enviar um abaixo-assinado, com 30 mil assinaturas, para o ministro dos Transportes, pedindo a volta imediata das barcas para a Ilha, onde os moradores têm até dificuldades de conseguir emprego no Centro porque não conseguem chegar a tempo para bater o ponto. Quem fala é a presidente da Associação de Moradores da Ilha, Nair Busmayer, coordenadora da campanha pelas assinaturas, que já atingiu 15 mil pessoas: "As barcas vão beneficiar todo mundo. Atualmente, para ir até o Centro, nós gastamos entre uma hora e meia e duas horas, quando não se gasta mais. É muito comum, até as 9 horas da manhã, haver engarrafamento em todas as ruas da Ilha, impedindo que os moradores de Guanabara, Dendê e Guarabu (os principais bairros locais), cheguem à avenida Brasil, também já congestionada. Segundo a Associação de Moradores, a desculpa de que faltam verbas para o projeto das barcas ligando a Ilha à Praça XV não convence. Constataram que o projeto do governo é caro porque é sofisticado, como aconteceu com o terminal de Cocotá, feito sem consulta à população. Detalhe: os moradores descobriram que do projeto constam até bóias com radares, o que, afirmam, é totalmente dispensável. Como não há nevoeiros na área, as bóias com radar não teriam utilidade alguma.

FRUSTRADO O PROJETO ASA BRANCA

Em Pernambuco, chuva destrói 42 barragens

Sacos de areia colocados, sem êxito, para reforçar o arame da barragem



Zé da Lira (esq.) e o padre não acreditavam que "aquilo" fosse se sustentar pelo próprio peso

As chuvas que caíram em todo o Estado de Pernambuco trouxeram alegrias e esperanças para os camponeses, duramente castigados pela seca, mas criaram um grande problema para o governador Marco Maciel. Motivo: destruíram parte das barragens do chamado Projeto Asa Branca, retirando das mãos do PDS seu grande trunfo para as próximas eleições. Ele é o principal projeto do governo no sertão pernambucano.

A fragilidade das barragens vem sendo duramente criticada pela Oposição, mas Marco Maciel tem evitado entrar em detalhes sobre o assunto. Para não favorecer a campanha que o PMDB vem movendo contra as obras, ele tomou a precaução de orientar os parlamentares do PDS no sentido de evitar qualquer resposta aos oposicionistas, entre eles o deputado Sérgio Longman, que o acusou de desperdiçar dinheiro dos contribuintes.

O incidente com as barragens frustrou todos os planos do governador de Pernambuco com relação ao Projeto Asa Branca. Ele tinha planejado inaugurar ainda este mês as primeiras 42 barragens, de um total de 53, projetadas para garantir, durante este ano, a perenização de cinco dos principais rios do sertão de Pernambuco. Se desse certo, o projeto teria permitido a irrigação de 12 mil hectares, espalhados por 560 propriedades. As barragens atingidas pelas chuvas custaram cerca de Cr$ 820 milhões.

Os críticos do Asa Branca atribuem o seu fracasso justamente à importância política que a obra ganhou. Em outras palavras: na pressa de apresentá-lo ao eleitorado como prova de eficiência, o governo esqueceu de criticar o projeto apresentado por uma firma paulista, a Tecnosan Engenharia, para que houvesse sua adaptação às condições nordestinas.

E isto realmente ocorreu. O contrato para construção das barragens foi assinado no dia 4 de novembro de 80, com a fixação de prazos bastante rígidos: cada construtora dispunha de apenas 90 dias para terminar o serviço. De nada adiantaram as queixas de técnicos envolvidos no próprio projeto e da Secretaria de Obras. Marco Maciel tinha pressa em concluir as barragens para garantir a água que alimentaria o gado do sertanejo durante a estiagem que se avizinhava. Tinha planejado uma inauguração festiva, onde o PDS capitalizaria os dividendos políticos.

Não teve sorte. As barragens não resistiram à impetuosidade dos rios e foram poucas as que não ficaram abaladas. Quando as chuvas aconteceram, a situação piorou e, agora, a expectativa é de que as águas baixem para que se possa fazer um inventário dos prejuízos e recomeçar tudo de novo. O pior é que ninguém vai ser responsabilizado pelo que aconteceu. Não há como responsabilizar a Tecnosan pelo fracasso das barragens de Asa Branca. Ela não é culpada pelo fato de o governo não ter criticado seu projeto. Usou tecnologia de domínio universal e, se Marco Maciel resolveu aceitar o projeto como foi apresentado, não é problema da firma.

— O problema todo é que nós, nordestinos, somos culturalmente subdesenvolvidos. Como o projeto foi feito por uma firma de São Paulo, ninguém ousou contestá-lo.

Quem fala é um conhecido engenheiro pernambucano, Gérson Teixeira. Igualmente crítico é o bispo de Afogados da Ingazeira, dom Francisco Austregésilo.

— O erro é que a barragem ficava solta nas margens, sendo sustentada apenas pelo próprio peso. Eu desconfiei que não daria certo desde o início da obra.

O fracasso das barragens foi motivo de riso para os matutos da região, a quem ninguém lembrou de consultar. Um deles, Zé da Lira, diz ironicamente: "Nunca vi tanto engenheiro de idéia curta".

Reportagem de Eduardo Homem
Fotos Valdir Afonso

Só pedra, vidro e arame na obra

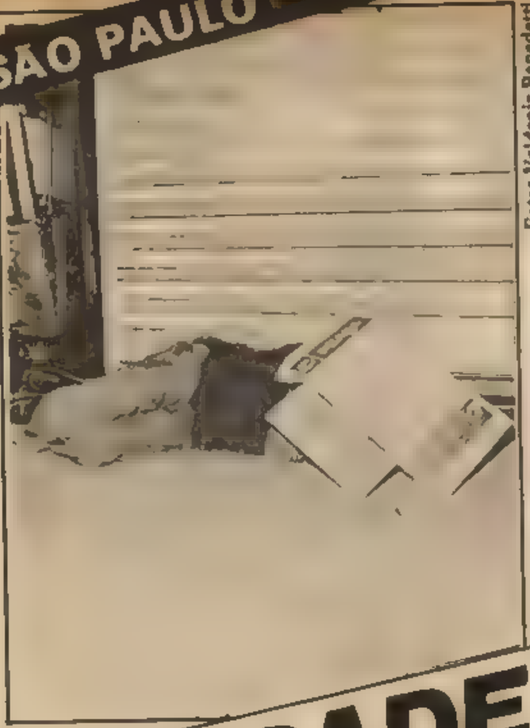
No rio Pajeú, desastre

Não é muito difícil entender o projeto das barragens que evitariam que os rios do sertão de Pernambuco secassem. À primeira vista, a história de uma barragem solta nas margens, sustentada no próprio peso, pode parecer coisa de ficção científica, mas não é. Para entender o que são as barragens, basta entender duas palavras: *gabião* e *bidim*. Gabião é uma malha de arame que envolve toneladas de pedra; bidim é um tapete de fibra de vidro, impermeável, que envolve a malha de arame para evitar a corrosão.

Resumindo: as barragens são milhares de toneladas de pedra imersas nos rios e em repouso nas margens. Não entra cimento na obra. O princípio é de que o peso da estrutura a mantém sólida e represa a água. Foi justamente este o erro, segundo engenheiros que trabalham no projeto e camponeses da região do Pajeú, visitada pela nossa reportagem. Na opinião deles, as barragens deveriam ficar presas às estruturas das margens. Assim, evitaria que fossem danificadas com as chuvas.

E eles parecem ter razão. Os poucos locais onde não ocorreram problemas foram justamente aqueles em que as duas estruturas estavam interligadas.

SÃO PAULO



Fotos Valdenir Benedetti

CIDADE DORMITÓRIO

Dizem que uma cidade é dormitório porque nela as pessoas só dormem — e trabalham em outro local. Em São Paulo, porém, a qualificação tem sentido literal. Dorme-se em qualquer lugar na maior metrópole do Brasil. Bancos de igreja ou jardim, cinemas, cemitérios, pontes, viadutos, marquises, onde for possível encostar o corpo.

ELETROCUTADA NA SORVETERIA

Falta de segurança causou acidente

Elizabeth Pereira Domingues, 17 anos, moradora na Zona Leste de São Paulo, trabalhava na sorveteria Soraya, no bairro do Bangu, em Santo André, há um mês e três dias, mesmo assim sem registro em carteira. Ela, como as outras colegas de fábrica, não tinha nenhuma segurança para desempenhar seu trabalho. O encanamento do prédio apresentava vazamento, a máquina em que trabalhava estava defeituosa. Um dia essa máquina deu curto-circuito e a menina morreu eletrocutada.

Constatou-se que a jovem estava completamente molhada, sem botas de borracha, sem luvas, e com pulseiras, correntes e anéis metálicos. O médico que foi ao local disse que, devido ao tipo de serviço, deveria ser terminantemente proibido o uso de objetos metálicos. A Polícia Técnica verificou a máquina e constatou que ela estava com defeito e instalada em local precário.

A mãe de Elizabeth, Maria Pereira Domingues, participa do clube de mães do Jardim Zona Leste. A comunidade toda rezava o terço diante do corpo da vítima quando o patrão chegou. As paredes tinham várias frases-denúncia. Furioso, o patrão procurou o tio da menina e, juntos, arrancaram os cartazes. Depois, foi embora. O tio disse que a coisa "pegou mal" porque ele trabalhava ligado a muitas firmas e dizia ser necessário "abafar a coisa" para que a mãe recebesse todo o dinheiro direitinho. O que não é verdade, já que a legislação obriga ao pagamento da indenização.

Fernando Altemeyer Jr.

Invenção poupa 80% de combustível

Carro a carvão

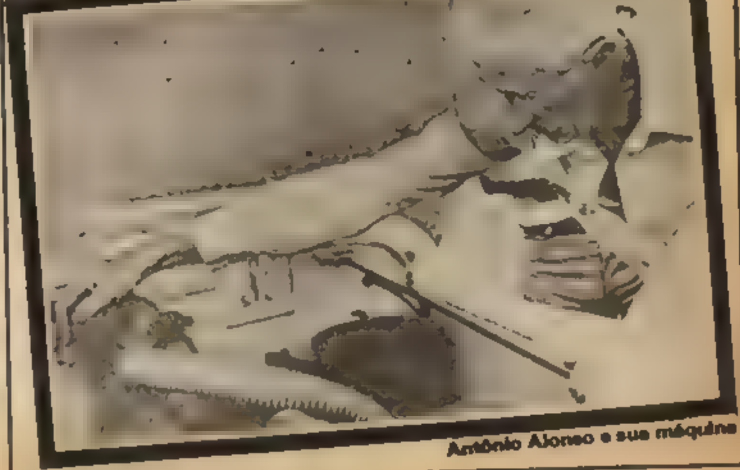
O inventor Antônio Alonso Quinhoneiro, morador em Garça, interior de São Paulo, apresentou sua última novidade: un **pick-up** Ford F-75, que funciona tanto a carvão como a gasolina, e permite a reversão de combustível em plena marcha. O sistema permite uma economia de 70 a 80%, já que um quilo de carvão custa Cr$ 5,00, enquanto o litro da gasolina está na casa dos Cr$ 60,00. Ambos têm o mesmo poder energético, garante o inventor.

O equipamento pesa 80 quilos e consiste em um queimador, um resfriador, um filtro de água, que elimina as impurezas de gás, tubulação e um carburador de gás desenvolvido pelo próprio Antônio, que vai sobre um carburador comum de gasolina. Também há uma ventoinha, que proporciona a oxigenação necessária para o início da queima do carvão.

Operar esse equipamento é fácil: liga-se a ventoinha, que é de acionamento elétrico, depois coloca-se fogo no carvão, espera-se uns 4 minutos e se dá a partida como se o motor estivesse posicionado apenas para funcionar com gasolina. Funcionando o motor, nos minutos seguintes realiza-se 4 ou 5 mudanças da gasolina para o gás de carvão, com o veículo acelerado. Concluído este ritual, o veículo já está pronto para funcionar com o gás de carvão e apenas o pequeno percentual de gasolina. Fácil.

Antônio Quinhoneiro apresentou sua invenção para os oficiais e praças do 2.º Batalhão do Policiamento Rodoviário de Bauru. Os repórteres do **Diário de Bauru**, que andaram no carro, constataram que deu certo.

Rivaldo Chinem



Antônio Alonso e sua máquina

CHAGAS TRIPLICA IMPOSTOS E AUMENTA ARRECADAÇÃO EM 200%

O governo reclama falta de dinheiro, mas a arrecadação do Estado vai crescer em 81, embora os serviços públicos só tendam a piorar

O carioca está trabalhando para pagar os impostos e taxas cobrados pelo governo Chagas Freitas. Nos primeiros meses do ano, o aumento médio dos tributos foi de cerca de 300%, o que permitirá ao Palácio Guanabara arrecadar mais do que o triplo da receita do ano passado e investir os lucros na campanha eleitoral do deputado Miro Teixeira, do Partido Popular (PP), a governador, em 1982.

Com as alterações feitas pelo governador no Código Tributário do Estado, em dezembro de 1980, e aprovadas pela bancada de 45 deputados do PP na Assembléia Legislativa, eleva-se a 74 o número de taxas cobradas por "serviços prestados por órgãos estaduais".

Mas não são apenas essas taxas que estão onerando o bolso do contribuinte. Sem qualquer explicação oficial, subiram os preços de outros serviços controlados pelo governo estadual. As barcas para Niterói aumentaram de Cr$ 5 para Cr$ 8. As tarifas telefônicas da Telerj estão 25% mais caras desde o dia 1.º de abril. Os bondes da CTC para Santa Teresa custam Cr$ 16; as passagens dos ônibus da mesma companhia — que foi criada para baratear o transporte coletivo — subiram, em média, para Cr$ 14.

Para estacionar o carro nas milhares de vagas da Coderte (empresa que controla o aluguel do espaço) em toda a cidade, o carioca está pagando, desde fevereiro, 50% mais caro. Por duas horas de estacionamento, cobram-se Cr$ 30, com adicional de Cr$ 20 por hora excedente. Nas áreas sob responsabilidade de guardadores autônomos credenciados pela Coderte, o abuso é ainda maior: até o começo do ano, o estacionamento no horário comercial custava Cr$ 30; hoje, subiu para Cr$ 50.

A Cedae (Companhia Estadual de Águas e Esgotos) elevou a taxa de consumo de água e serviços de esgotos de 40 a 60%, conforme o bairro. Em Madureira, por exemplo, o proprietário de uma casa de dois quartos, sala, banheiro e cozinha vai pagar, em quatro cotas, Cr$ 6 mil. Mas em Copacabana, onde o poder aquisitivo é maior, um apartamento com um cômodo a menos pagará menos do que a casa de Madureira. Motivo: a falta de critério da Cedae, que estabelece o valor da taxa conforme a área do imóvel.

A Companhia Estadual de Gás também majorou em 25% as suas contas. O aumento surpreendeu porque a CEG, segundo entrevista recente de seu presidente, Roberto Silveira, é das poucas empresas estaduais que dão lucro. Em 1980, o faturamento líquido foi de Cr$ 2 bilhões. E mais: o secretário estadual de Obras, Emílio Ibrahim, acaba de anunciar que, com a utilização do gás natural de Campos no sistema canalizado do Rio, a CEG economizará anualmente 90 milhões de dólares (cerca de Cr$ 4,5 bilhões). Portanto, o aumento nas contas não se justifica.

O Imposto Predial aumentou, em média, 65,5%. Como o total a pagar duplicou e, em alguns casos, quase triplicou, a Secretaria de Fazenda resolveu parcelar o imposto em oito cotas. A oscilação do cálculo do tributo foi tão grande que um morador da Tijuca pagará 38% a mais, enquanto o do Recreio dos Bandeirantes recebeu suas guias com um aumento de 80% em relação a 1980. Há outros absurdos: em Paciência, um dos bairros mais pobres do Rio, o Imposto Predial subiu 60%; em Ipanema, o aumento não passou de 41,7%. A arrecadação referente a 1 milhão de prédios (casas, apartamentos, salas, lojas e galpões) renderá aos cofres do governo mais de Cr$ 12 bilhões.

A cobrança de uma taxa de Cr$ 519 para emplacamento de veículo (troca da plaqueta) dará um lucro de Cr$ 600 milhões. No ano passado, a plaqueta era fornecida por uma empresa particular a Cr$ 37,50. O aumento exorbitante foi possível porque a Justiça impugnou a concorrência pública para o fornecimento do material, que havia sido vencida pela mesma empresa. O preço que iria ser cobrado era sensivelmente menor.

Tem taxa até pra reclamar

Com as alterações no Código Tributário, Chagas Freitas autorizou a cobrança de taxas por serviços até então prestados gratuitamente nos órgãos estaduais. E obrigou os contribuintes que tenham dúvidas sobre a natureza, procedência ou alcance das novas disposições do Código Tributário a pagarem uma taxa de Cr$ 1 mil 360, para "consulta de natureza jurídico-tributária".

São novas as taxas para pedidos de concessão de regime especial para emissão e escrituração de documentos fiscais (Cr$ 1 mil); para a emissão da primeira via da carteira de identidade expedida pelo Instituto Félix Pacheco (Cr$ 170); renovação da carteira de habilitação, com exame de vista (Cr$ 510); transferência de propriedade de veículos usados (Cr$ 1 mil 700); guias de embarque, desembarque ou entrega, em alfândegas, estações ou trapiches, de explosivos, armas, munições e produtos químicos (Cr$ 320 por guia).

Entre as taxas que subiram 300% estão a de emissão de certidões, que passou de Cr$ 114 para Cr$ 346; a de perícia policial por interesse das partes, que subiu de Cr$ 1 mil 140 para Cr$ 3 mil 460. A taxa judiciária aumentou de Cr$ 627 para Cr$ 5 mil 190. A medida provocou protestos da Ordem dos Advogados do Brasil e, no momento, se encontra em apreciação no Supremo Tribunal Federal, que, como medida preliminar, suspendeu a cobrança majorada. Quanto ao Imposto de Transmissão (legalização de doações e heranças), subiu mais de 100%. Com isso, a estimativa de receita para 1981, que era de Cr$ 5 bilhões, saltou para Cr$ 10 bilhões.

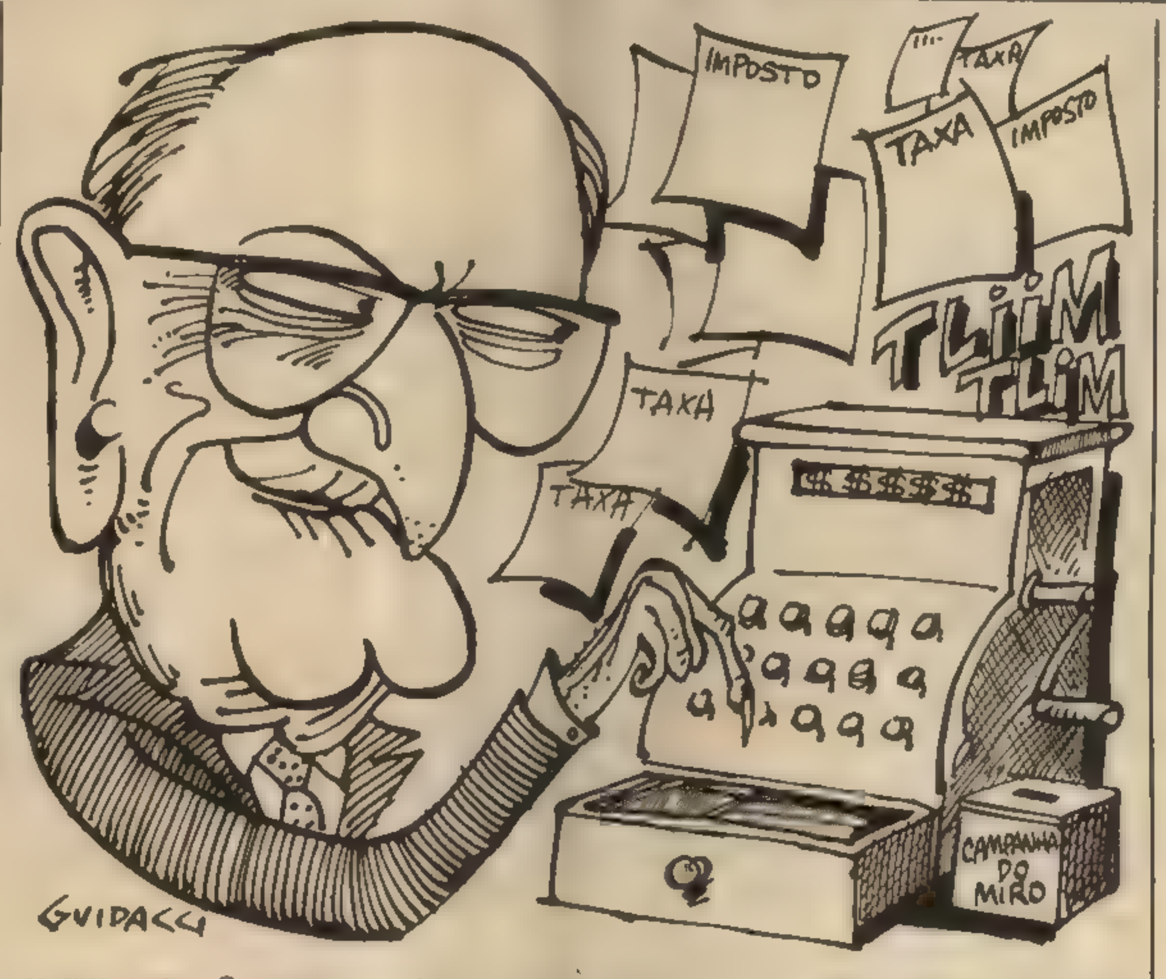
A concessão de licenças para laboratórios farmacêuticos manipularem psicotrópicos aumentou de Cr$ 170 para Cr$ 800 (600%). A taxa que maior elevação sofreu foi a cobrada pela vistoria de locais onde se realizarão bailes com ingressos pagos: passou de Cr$ 340 para Cr$ 2 mil 550, uma variação de quase 800%.

Os hotéis também foram atingidos. O Código Tributário determina que se pague pela vistoria anual Cr$ 10 mil por estrela. Ou seja: um hotel com a classificação de cinco estrelas (a maior), feita pela Embratur, pagará Cr$ 50 mil. Os de três estrelas desembolsarão Cr$ 30 mil, e assim por diante.

O governador Chagas Freitas prejudicou o contribuinte ao suspender a isenção do pagamento da Taxa de Prevenção e Extinção de Incêndio aos proprietários de imóveis com área construída superior a 50 metros quadrados. O limite caiu para 30 metros quadrados. Quanto ao valor da Taxa de Incêndio — instituída pelo próprio Chagas Freitas em 1980 — foi aumentado em 50%, variando de Cr$ 255 a Cr$ 1 mil 530, de acordo com a área do imóvel.

Na área de censura e diversões públicas, a vistoria anual de estabelecimentos (teatros, cinemas e até motéis) teve sua taxa aumentada de Cr$ 850 para Cr$ 5 mil 100. No setor de saúde, criou-se a taxa para controle e análise prévia de alimentos, matérias-primas e embalagens, no valor de Cr$ 6 mil 800. Quem encaminhar ao Instituto Estadual de Saúde Pública um pedido de análise de controle químico e físico-químico ou uma análise biológica e toxicológica, terá que pagar Cr$ 13 mil 600 por cada uma. Preço superior ao cobrado por qualquer laboratório particular.

A renovação anual do alvará de funcionamento de escritórios de profissionais liberais subiu de Cr$ 3 mil 648 para Cr$ 5 mil 436. As taxas de fiscalização, arquivamento, registro, matrícula e cadastro de documentos comerciais foram aumentadas em 50%. A taxa mais alta cobrada pelo Estado por seus serviços é a de "exame de documentação em pedido de reconhecimento de propriedade plena de imóvel". O aumento foi de 50%: de Cr$ 17 mil, passou para Cr$ 25 mil 500.



EMPRESAS ESTATAIS MANIPULAM ORÇAMENTO

Para controlar o orçamento do Estado — Cr$ 218 bilhões — o governador Chagas Freitas conseguiu que a bancada do PP aprovasse na Assembléia uma espécie de AI-5 administrativo que lhe dá poderes para criar, extinguir ou transformar emprêsas estatais em empresas de economia mista. É uma fórmula que ele conseguiu encontrar para dispor do orçamento do Estado sem ter que prestar contas a ninguém, segundo denúncia do líder do PMDB na Assembléia, deputado Paulo César Gomes.

— À primeira vista — diz o parlamentar — os novos poderes de Chagas podem parecer benefícios como forma de conter gastos. Não são. Os órgãos da administração indireta controlam 70% do orçamento do Estado e não prestam contas a ninguém que não seja do esquema de Chagas. Assim, as verbas poderão perfeitamente serem desviadas para a atividade política de Chagas sem que ninguém saiba.

Para garantir a eleição de Miro, Chagas Freitas está mobilizando toda a máquina do Estado. Pelas estimativas de Paulo César, mais de 30 mil pessoas já foram empregadas na administração direta e indireta para servirem de cabos eleitorais de Miro. E não é só. Há ainda as arrecadações de impostos que o governo subestima para aplicar o excedente sem prestar contas.

— É o caso do ICM (Imposto sobre Circulação de Mercadorias). Este ano a previsão é de Cr$ 94 bilhões, mas a verdade é que a arrecadação vai ultrapassar Cr$ 100 bilhões.

Segundo Paulo César, o Estado está com problemas de recursos porque administra mal o dinheiro disponível e só obtém verbas federais através de conchavos de cúpula.

— Não há dinheiro para obras de saneamento, abertura de novas escolas e assistência social na Baixada Fluminense, mas o Estado gasta Cr$ 1 bilhão (sem contar as despesas com desapropriações) na estrada Lagoa-Barra. A imagem que eu faço de Chagas é de um pai de família que precisa dar sapatos a cinco filhos, mas prefere dar um sapato de cromo alemão para o seu predileto e deixa os outros quatro descalços, ao invés de comprar tênis para todos. No caso da Lagoa-Barra, os prediletos são as imobiliárias.

No plano federal, o Estado este ano está pleiteando Cr$ 45 bilhões, contra apenas Cr$ 3 bilhões no ano passado.

— Esse dinheiro nunca entra nos cofres do Estado através de campanhas que mobilizem a população, mas através de acordos de cúpula. É muita coincidência que o governo tenha conseguido verbas federais para o metrô, que estava parado, e para a estrada Lagoa-Barra, também parada, logo após a eleição do Marchezan para a presidência da Câmara. Aqui na Assembléia, os deputados do PP não fazem segredo do que aconteceu: Chagas liberou 12 deputados federais para votar no candidato do governo, enquanto Miro Teixeira dava entrevistas defendendo o outro candidato, Djalma Marinho.

Foi o SNI que demitiu o presidente do Mobral

Bastou um telefonema do ministro da Educação, general Rubem Ludwig, para demitir o presidente do Mobral, Arlindo Lopes Corrêa, que estava no cargo há sete anos. Horas antes, o Serviço Nacional de Informações (SNI) tinha apresentado ao presidente Figueiredo um dossiê sobre as atividades que o Mobral vinha desenvolvendo, com a participação da comunidade, na alfabetização de adultos.

O Plano de Ação Comunitária foi lançado por Arlindo no segundo semestre do ano passado, de maneira espalhafatosa: nas principais ruas do Rio foram colocadas faixas mal pintadas anunciando a nova experiência. A idéia básica era aproximar o Mobral de associações comunitárias para que elas o ajudassem a alfabetizar um número maior de pessoas.

Os órgãos de informações, no entanto, não gostaram da experiência, que quebrava a tradição do Mobral de só ensinar àqueles que o procurassem. Com um dos maiores orçamentos na área da Educação, temia-se que o Mobral pudesse iniciar um trabalho de massa, ampliando seu currículo com debates sobre os problemas nacionais, como já vinha ocorrendo em algumas escolas.

A solução foi simples: trocou-se o professor Arlindo pelo engenheiro Cláudio Joaquim Moreira. E mais: o Plano de Ação Comunitária foi arquivado, e já se anuncia dispensa de funcionários do órgão, sobretudo os mais envolvidos no planejamento da educação comunitária.

Há os céticos e os que são contra, mas em minoria. REPORTER foi ao grande reduto eleitoral do ex-presidente e sentiu que, lá, ele ainda é rei.

Fotos Wagner Avancini

Carlos Eduardo — Batista — Américo

SÓ DÁ JÂNIO NA VILA MARIA

Vila Maria, nas margens da Via Dutra, não é apenas um lugar cinzento, poluído, habitado por caminhoneiros e portugueses donos de botecos. É, na realidade, muito mais que isso: na história paulista, Vila Maria é conhecido como o principal reduto janista. Com a volta de Jânio ao cenário político, as opiniões se dividiram: Jânio continua ou não com o apoio dos 350 mil eleitores do bairro?

— Não continua — é o que afirma o ex-deputado janista José Storopoli.

A população parece pensar diferente. Na Vila Maria, Jânio continua sendo querido, prestigiado e, sobretudo, lembrado, como nos anos 50 e 60, quando ele chegou a ser batizado como "o filho da Vila Maria". Tudo porque fez uma ponte sobre o rio Tietê, ligando o bairro à cidade. Na época, o ex-presidente — que renunciou em 1961 numa tentativa de voltar com poderes superiores aos do Congresso — apenas iniciava sua carreira política: era vereador.

Um janista típico é Batista. Tem 65 anos, é dono de uma banca de jornais.

— Jânio é um homem muito simpático. Honesto. É o tipo de pessoa de quem o Brasil precisa. Sou janista desde 1948 e voto no homem pra qualquer coisa. Há quem critique ele por causa da renúncia, não é? Foi um ato de nervosismo. Todo mundo ficou muito abalado. Depois ele raciocinou melhor, mas aí já era tarde. Ele devia ter tido mais calma, mas o culpado foi o ministro da Justiça, que não segurou a carta por mais tempo.

Américo, antigo cabo eleitoral de Jânio, tem 56 anos. Costuma travar polêmicas intermináveis defendendo o ex-presidente. Passa parte do tempo jogando dominó e discutindo.

— Jânio foi o melhor presidente que o Brasil teve.

Há quem discorde, mas são poucos. Carlos Eduardo, 40 anos, amigo de Américo, é uma dessas poucas vozes.

— Se estamos na pior — diz — é por causa da renúncia dele. Votei nele e me arrependi. Com seis milhões de votos, ele devia ter sustentado a situação. Não fosse a renúncia, o Exército não teria tomado o poder e nós estaríamos numa democracia.

Não são só os mais velhos que defendem Jânio. Entre os jovens, embora muitos desconheçam seu nome, muita gente votaria nele. É o caso de Jorge Luís, 27 anos, que trabalha numa loja de sapatos. Ele viu o ex-presidente uma vez na TV-Record e gostou.

— Fala bem o homem. Votaria nele, sim, para governador. Não gosto do Maluf. Ele não serve pra nada.

Rita — ela prefere não dar o sobrenome — 25 anos, também votaria em Jânio.

— Na época dele eu era pequenininha. Como meu pai fala muito, acho que votaria no Jânio. Sim, votaria nele.

É o que pensa muita gente jovem.

A dúvida sobre o nome do ex-presidente para o governo do Estado, porém, existe. Maria José, 31 anos, simboliza o eleitor marcado pelo ceticismo.

— Jânio ou qualquer outro, é tudo a mesma coisa. Voto porque sou obrigada.

Deise de Castro

UMA COLUNA DE POLÍTICA

Ô da política!

Daniel Aarão Reis Filho

Um triângulo amoroso: direita, terror, governo

As bombas recomeçaram a explodir — o terror de direita está de volta, e quem diz isto é o próprio coronel Erasmo Dias, ex-secretário de Segurança de São Paulo e ex-contrabandista de armas: "A escalada é muito bem programada. Bem premeditada. Não há dúvidas de que ela tem conotações direitistas".

A escalada começou com a "apresentação de armas" em São Paulo. O general Milton Tavares, do II Exército, mostrou meia dúzia de trabucos e fuzis apreendidos pela polícia e deu a entender que eram de organizações de esquerda. Mas a denúncia não pegou. O governo, utilizando a polícia e o coronel Erasmo Dias (esse homem sabe das coisas!), revelou a farsa — as armas, na verdade, tinham sido importadas ilegalmente (ou seja, contrabandeadas) por um empresário de altas rodas. O general Milton caiu no ridículo, mas como o ridículo não mata no Brasil, não pediu demissão e nem foi demitido.

E começaram as bombas.

As primeiras estouraram na **Tribuna da Imprensa**. Destruíram parcialmente o prédio onde funcionava o jornal e a máquina de impressão. Os terroristas chegaram em quinze, dois ou três carros, algemas plásticas, encapuzados. Agiram na maior tranqüilidade, certos da impunidade.

O governo não ligou a mínima. O chefe do SNI, general Octavio Medeiros, perguntou: "A quem interessa?", dando a entender que o pessoal da própria **Tribuna** teria cometido o atentado. O ministro da Aeronáutica entrou na mesma linha: "Foi atentado ou foram eles mesmos?" Dois dias depois, o general Ayrosa, ex-chefe do Estado-Maior do Exército, declararia sem rodeios: "Foram eles mesmos", ou seja, as vítimas acabaram levando a culpa pelo atentado que sofreram. E um recado foi dado à polícia carioca: "Não investiguem, meninos, que isto é assunto de gente grande".

O festival de ordens-do-dia que assola o país em todos os aniversários da "redentora" (afinal, foi em 31 de março ou em 1.º de abril?) confirmou a tendência: nenhum ministro, nenhum general, falou no terror de direita. Todos meteram o maior pau na esquerda, coitada, que está mais pela bola sete. O ministro do Exército condenou a subversão de esquerda e o revanchismo. O da Marinha gritou: "Revanchismo, não!" O da Aeronáutica esculhambou o velho Prestes e os comunistas. O general Coelho Neto, de Minas Gerais, declarou que não "esquece" a esquerda. Um outro general da área do I Exército lamentou que os anistiados não demonstrassem "arrependimento e gratidão" por seus torturadores. Paulo Maluf fechou o coro com uma mensagem erótica: "O Brasil está aberto, mas não arrombado!" Foi uma artilharia com endereço certo.

Os terroristas de direita entenderam o recado: dia 1.º de abril, lançaram violenta bomba contra a casa do deputado Marcelo Cerqueira, no Rio de Janeiro. Dois dias depois voltaram à carga: explodiram uma pequena gráfica, também no Rio, pertencente a um ex-exilado, o "ingrato" advogado Dimas Perrin.

Enquanto a poeira das explosões estava baixando, duas declarações chamaram a atenção: o general Antônio Ferreira Marques, do III Exército, e que acabou de ser transferido para a chefia do Estado-Maior do Exército, em Brasília, afirmou que "os atentados não impedirão a marcha da abertura", "mas", acrescentou enigmaticamente, "podem retardá-la". Dias depois, "altas fontes militares" (será que foi a assessoria do próprio general Marques?) veiculavam a informação de que "nem tudo é um mar de rosas" (disso sabemos nós!) e que "anormalidades podem entravar a abertura".

Quer dizer, o governo, depois de acobertar os atos de terror, está manipulando o terrorismo de direita (e isto pode custar vidas humanas!) pra ficar numa de bonzinho e ameaçar a Oposição. O general Octavio de Medeiros perguntou: "A quem interessa?" Nós respondemos: ao governo!

REPORTER ENTREVISTA

Eu sou Narda, a mulher do Mandrake!

Astolfo Barroso Pinto, aliás, Rogéria, o maior travesti do Brasil. Macho por nascimento, fêmea por vocação, homossexual assumido, transa homem — até muitos e ao mesmo tempo — mas não ousa profanar mulher. Tentou algumas vezes, um desastre. Prefere o mato como cama, desconfia dos amantes, já amou, mas desistiu, agora transa e esquece. Acha sexo sujo, mas quanto mais porco melhor. Odeia direita e esquerda, se confessa um moralista. Neste depoimento, ela despiu para nossos leitores sua "personalidade fascinante".

ROGÉRIA

Foto Luiz Alberto Bettencourt

Você ganhou o prêmio Mambembe de ator ou atriz?

— A arte não tem sexo, queridos. Como sou rapaz, ganharei sempre prêmios como ator, é claro.

Quem é sua maior performance: Astolfo ou Rogéria?

— O que é que vocês acham?

O Astolfo não seria a grande performance da Rogéria?

— É o contrário (risos). O Astolfo é quem bota a Rogéria para fora. Se fosse dessas pessoas ditas normais, seria Astolfo e não Rogéria. A Rogéria é o produto do *show business* muito bem elaborado por seu Astolfo.

Por que você faz sempre questão de dizer que é homem?

— Eu sou homem. Eu não sou fanático por ser homem.

Mas você não transa mulher.

— Acho mulher a coisa mais sensacional da face da terra. Se não existissem mulheres, não existiriam Rogérias, nem machões. Mas não gosto de mulheres para transar. Sou homossexual e, por isso, prefiro os homens. Já tive transações com mulheres e foram todas catastróficas.

Por exemplo.

— Tive um caso com Vilma Dias, a mulher da banana.

O que foi que te atraiu nela?

— O olhar. Forte e penetrante.

Não foi a Vilma Banana?

— Nosso caso foi antes dela ser conhecida. Foi na estréia do Alta Rotatividade, na boate Sucata. Eu gosto muito de banana, mas prefiro a Vilma. É uma amiga e mulher sensacional.

Você não transaria uma mulher nem para ter um filho?

— Não. Eu prefiro não procurar mulher. Eu e minha mãe estamos pensando em criar um garotinho. Botar ele pra estudar e fazer dele um grande homem na vida. Um dia ele vai se lembrar de mim e dizer: "Um viado fez de mim um grande homem".

Você vê alguma vantagem em ser homem?

— Homem sai a rua às 4 horas da manhã. Não precisa dar satisfação, nem pedir opinião a ninguém do que faz ou deixa de fazer.

E o seu caso: ter ao mesmo tempo a identidade de homem e mulher, é vantajoso?

— Claro que é. Posso dar, comer, fazer e acontecer.

Você faz tudo isso?

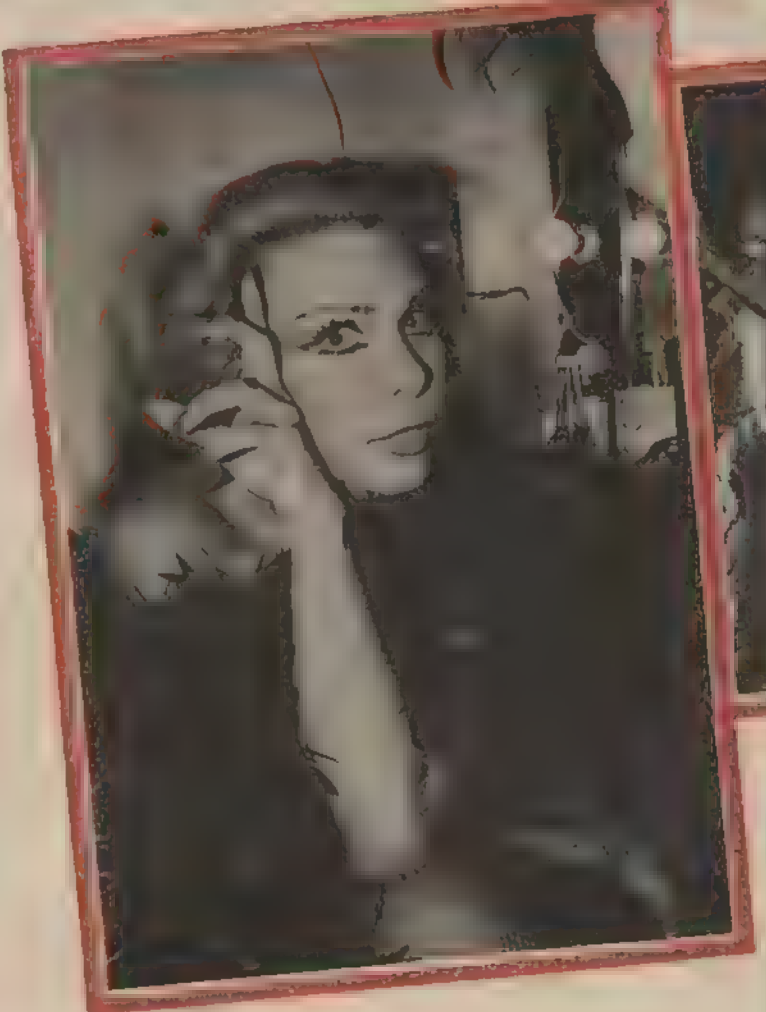
— Faço.

Sua posição política?

— Não tenho posição política.

Mas em Paris você participou de uma marcha contra a extrema-direita, não foi?

— Participei e achei lindo. Entrei porque sou homossexual e na marcha estavam representadas todas as minorias. Uma amiga minha, intelectual, pessoa maravilhosa, chegou pra mim e disse: "Rogéria, a vida não se resume a plumas, paetês e prêmio Mambembe. Você precisa também se engajar neste tipo de coisa". Fiquei meio puta da vida e fui protestar contra as bombas jogadas na sinagoga. Estava todo mundo lá: negros, judeus, homossexuais... Por que isso? Por que ser contra os judeus? Afinal, Jesus perdoou todo mundo, não foi? Escreva aí: Rogéria quer é paz. Muita paz, muito amor, e que a família viva numa boa. É isso que eu quero.



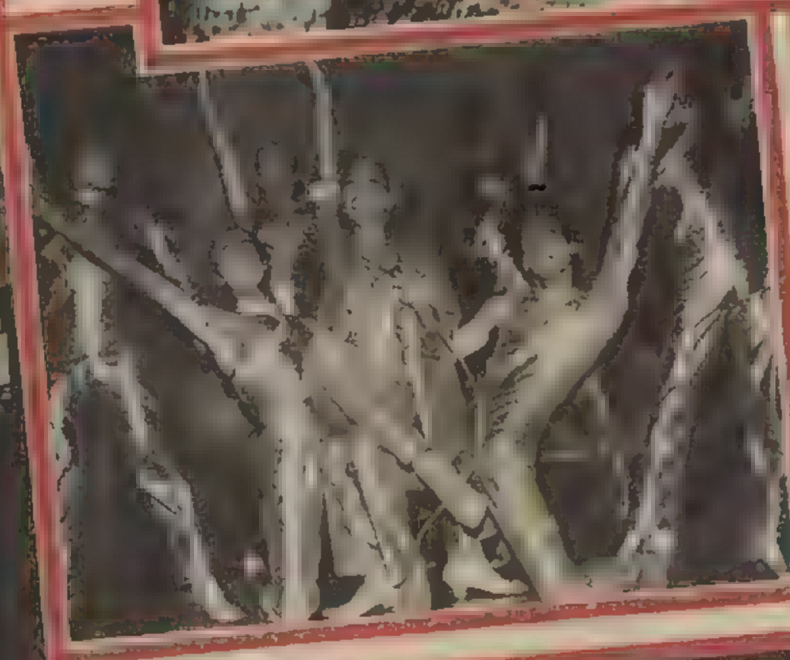


Foto Luiz Alberto Bettencourt

Você é uma pessoa de esquerda, Rogéria?

— Odeio a esquerda. Comunistas, quero que morram. Quero ter o direito de fazer o que quero. Não acredito nesse negócio de planejar uma coisa para um povo viver bem.

E dos facistas, você gosta?

— Quero que sejam trucidados, como foi Mussolini. Ele teve um fim maravilhoso.

Você é contra ou a favor do aborto?

— Sou a favor. É preferível tirar do que deixar a criança crescer na marginalidade.

O menor abandonado a deprime?

— Sim.

Você vê solução?

— O país precisa entrar nos eixos.

Como?

— Distribuindo a renda.

Vamos esquecer esse negócio de política. Você gosta do Telê?

— Eu tenho um pedido pra fazer a ele: "Telê, meu bem. Se você está no cargo, assuma. Bote um time guerreiro em campo. Por favor, não me venha com malabarista de circo, jogando com pezinho pra cá, pezinho pra lá. No dia que tivermos um time guerreiro, nunca vamos perder outra copa.

E sua seleção?

— Raul, Edinho, Luisinho, Falcão, Zico, Cerezo, Júnior. Reinaldo não pode sair. Sócrates também não.

É verdade que todo travesti que vai para Paris vive em cortiços, se prostitui em Pigale e volta dizendo que foi grande estrela?

— Só quem é muito baixo astral vive em cortiço. Geralmente, ficam milionários fazendo prostituição. Lá a prostituição não é essa pobreza da Vieira Souto: são 12, 20 mil cruzeiros por dia.

Você tem algum tipo preferido de homem?

— Gosto de quem tenha pau grande.

Defina: sexo, amor e sacanagem.

— Sexo já é sacanagem. Amor é quando junta sexo e coração.

Onde é mais excitante transar: no muro, na cama ou no chão?

— No mato.

E como você prefere? A transa a dois ou em grupo?

— Não tenho preconceitos. Já transei com muita gente. Só não gosto é de suruba com *gays*, homossexuais e com mulher no meio. Se tiver 20 homens, roço com os vinte.

Quando você vai pra cama com um homem, você come ele?

— Acho uma merda pedir a um homem pra comer ele. Não pega bem. Se ele quiser, eu faço, mas meu negócio é outro.

Como são suas transas? Você transa com todo mundo ou transa só quem você ama? Tem relação afetiva, coisa assim?

— É muito difícil amar uma pessoa. Sou muito exigente. Fico sempre na defensiva. Penso que o cara tá me achando com cara de babaca, do viado que tem grana que ele pode usufruir. Enquanto eu pensar assim, prefiro trepar com o cara e mandar ele embora.

Quer dizer então que você não está preocupada em se ligar em ninguém?

— Não. Tenho muita coisa pra fazer. Muito trabalho pra terminar.

Seu lado masculino nunca aparece nas transas?

— Eu sempre fui Narda, a mulher do Mandrake. Sei esconder muitíssimo bem o que não agrada as pessoas. Não, meu lado masculino eu escondo.

Mas você também era Lotar em outras épocas. Foi você mesmo quem disse.

— Nunca. Eu não tenho aqueles músculos todos.

Mas os homens não exigem que você aja como homem? Você não diz que é homem?

— Não. Nem todos exigem. Eu só seria capaz de ser ativa com um macho.

Você acha que o sexo suja?

— Suja, sim. Só não suja quando você tem um contato muito prolongado e profundo com a pessoa. Aí, você consegue mesclar o amor espiritual com o amor carnal. Mas, hoje, prefiro relações que não exijam de mim grandes compromissos. Já tive experiências envolventes quando tinha 16 anos e quando tinha seis anos e meio. Eu gozava e amava ao mesmo tempo.

Então, o tesão é uma coisa suja?

— Pra mim, quanto mais porco, melhor o sexo.

Se você acha que o sexo é sujo e transa só por tesão, como é que você ama a pessoa com quem você transa?

— Quando é amor, bate sem precisar botar o pau pra fora. Um beijo já vê o amor. Agora, sexo é uma coisa suja.

O tesão não pode provocar amor?

— Não acredito.

Mas isso não seria moralismo seu?

— É. É um erro meu. Nunca disse que era perfeita. Eu tenho grandes erros.

E o moralismo é um deles?

— Talvez venha de família. Eu moro com a mamãe até hoje. Acho lindo virgem casar com véu e grinalda na igreja. Uma beleza.

Você diz que é homem, mas se acha linda. Não é verdade?

— Não sou linda. Sou fascinante.

Defina artistas de sua preferência pelo caráter de cada um.

Machão: não acredito. Todo machão é viado.

Gay: Clodovil.

Travesti: Rogéria.

Mulher: Fernanda Montenegro.

Sapatão: Oriana Falacci.

Sapatão não é uma palavra machista?

— É tão gostosinha! Acho maravilha. Deixa as meninas se assumirem. Dar as porradinhas delas. Não acho machista, não. E se for machista? Os homens também não são machistas? Por que então os sapatões da vida não podem ser?

Entrevista a
Chiquito Chaves, Luiz Alberto
Bettencourt e Tim Lopes
Fotos Chiquito Chaves

Todos dizem que não, mas sonham com eles

Calçadão do prédio da IBM, Lapa, Rio, a nova passarela das mulheres de silicone

Impossível desconfiar

Você transaria com um travesti? A pergunta surgiu na cabeça de muita gente neste carnaval. Os travestis, belíssimos, estavam por toda parte: nos clubes, nas ruas, nas escolas de samba, nos blocos e, principalmente, nas capas das revistas. De tão bem feitos de corpo, levaram muito machão a ficar em dúvida: é homem ou mulher? Daí a questão: transa ou não transa. Na hora de responder ao repórter, quase todo mundo fez rodeios, deu explicações de fundo psicológico e emocional, mas ficou claro que poucos desperdiçariam a oportunidade de ter experiências sexuais com travesti.

Entrevistamos homens e mulheres

A SEDUÇÃO DO TRAVESTI

Reportagem de Marisa Cardoso
Fotos de Chiquito Chaves

No **Circo Fantastico**, baile de carnaval da francesa Régine, o professor de karatê Carlos Faustino, 24 anos, teve uma experiência inusitada. Ainda não tinha sequer sentado na mesa onde brincaria o baile com sua namorada, quando foi subitamente abordado por uma mulher belíssima. "Era uma morena, muito gostosa. Seios duros, coxas torneadas, uma beleza", lembra Carlos, ainda sob o impacto da emoção. **A mulher começou a dançar e foi-se chegando para perto dele, dando bola, dizendo coisas gostosas, chamando ele para transar. Carlos ficou assustado. Temia uma reação da namorada. E não era só isso: descobriu que a bela mulher era um travesti.**

— Fiquei perplexo. Como era possível um travesti tão gostoso?

A mulher foi-se chegando, esfregando as coxas nas costas dele. Carlos resolveu agir

— Olha, você fica quieta. Minha mulher pode te dar uma bolacha e não vai ficar legal, né?

O travesti recuou alguns passos. Ficou olhando ele. Quando Carlos foi no sanitário, ele correu atrás:

Você vai deixar escapar uma delicia dessa? — disse, levantando parcialmente o biquíni e mostrando a vagina

— Era igualzinha a uma vagina de mulher — lembra Carlos. — **Ela mostrou pra mim e disse: "Sou operada. Você vai me deixar de lado?"** Eu sorri e disse pra ela: "Olha, você é linda, linda mesmo, sabe. Dá tesão na gente, mas não dá pé, não. Minha mulher taí, sabe ..

Carlos pára de falar e reflete um pouco.

— Se eu transaria com o travesti? É difícil responder. É uma coisa muito psicológica. A história do carnaval mostrou isso. Ela era gostosa pacas. Saiu até na capa da **Manchete**, se não me engano. Eu fiquei com tesão, mas talvez não transasse. Se não soubesse que era travesti, aí não tinha problema. Sabendo, é diferente. A gente tem tesão, mas fica bloqueado. Não é preconceito. É bloqueio mesmo, sabe?

Faustino diz que resistiu

• **Valério Ferreira, 30 anos, ator:** "O travesti é válido como arte como trabalho artístico. Na cama o melhor é mulher, ou mesmo homem, se for esta a opção do indivíduo. Se ele prefere um corpo com jeito feminino, voz feminina e roupa feminina, vai transar com um travesti, por quê? É melhor transar com uma mulher, que já tem todos esses lados que ele está procurando."

• **Maria Rosa, 40 anos, secretária:** "Tem uns que a gente não sabe que é travesti Vai lá e só descobre depois Aí, tudo bem. Mas, se eu soubesse que é, não transaria, porque viado não faz meu gênero Eu não sou contra o travesti, porque cada um dá o que quer Mas não tenho tesão por travesti Só em saber que o pau dele transa com homem, não está com nada Porém, acho que trepar com travesti não deve ser ruim, porque deve ser igual a outro homem qualquer. Mas, quando eu me lembrar que ele transa com homem, meu tesão vai baixar."

• **Antônio Macedo, 40 anos, jornalista:** "Em princípio, eu não transaria Porém, é uma possibilidade que eu não fecho Eu não iria buscar esta transa, mas não digo que ela seja impossível. Eu não procuraria, porque meus preconceitos prevaleceriam, minha formação a tornaria inviável Eu teria medo do ridículo, e não poderia esquecer que do outro lado da transa tem um ser biologicamente homem, travestido de mulher Mas não nego a possibilidade de, numa situação qualquer que eu não tenha procurado, conhecer uma pessoa fisicamente bonita, emocionalmente atraente e intelectualmente interessante, e aí a transa poderia acontecer com a maior tranquilidade. Porque estas são as solicitações que eu tenho em relação à mulher e, neste momento, o fato de ser travesti não teria importância."

• **Ricardo de Andrade, 24 anos, tradutor:** "Se soubesse que era travesti, não transaria. Mas, no momento que eu descobrisse, teria um choque e não sei qual seria a minha reação Sou condicionado Por repressão machista, por valores culturais. Além disso, o fato de estar esperando uma mulher na cama e encontrar metade homem e metade mulher, seria um fator inibidor. Mas admito que um travesti possa me atrair, porque ele se assemelha a uma mulher O que eu não admito é a relação homossexual que eu me sentiria vivendo com um travesti Acho que se um dia eu quisesse uma relação homossexual, eu procuraria logo um homem, e nunca um travesti "

• **Pedro de Souza, 43 anos, publicitário:** "Não tenho nenhum preconceito contra travesti, nem contra homossexual Em todos os aspectos eu os trato como seres humanos iguais a mim. Eu nunca transei com travesti, e acho que mesmo na transa homossexual é preciso haver amor. E até hoje não tive nenhuma aproximação com nenhum travesti que me despertasse amor. Mas admito que poderia me apaixonar por um travesti. A nível racional, seria para mim uma relação natural, mas emocionalmente, até por uma questão de educação, talvez houvesse conflitos. Porém, tenho certeza de que jamais evitaria uma aproximação com um travesti por medo de me apaixonar por ele."

• **Fernanda Rezende, 25 anos, estudante de Medicina:** "É só uma questão de se ter atração física. Eu transo com as pessoas quando me sinto atraída sexualmente, independente de ser ou não travesti Esta atração depende do conteúdo de cada pessoa, e eu posso senti-la até por um travesti. Neste momento, eu me sentiria transando com um homem. Eu nunca transei, mas acho possível viver com um travesti as mesmas emoções de uma relação heterossexual."

• **João Mário, empresário artístico:** "Não transaria. Deus me livre Muito obrigado, mas de jeito nenhum eu falo sobre isso "

• Aos 14 anos, o advogado L.B (o nome é falso, por motivos óbvios) teve uma experiência homossexual Comeu um homem de mais ou menos 30 anos. "Um sujeito muito distinto e asseado que, antes de transar, usava uma sonda para ficar limpinho e não transmitir doença nenhuma", recorda ele. Foi uma experiência gostosa, mas L.B. a manteve em segredo durante anos. Naquela mesma época, comeu ainda um garoto. Também gostou. O garoto ele lembra bem: tinha até horário marcado para receber o pessoal. L.B. comia o garoto e gostava. Hoje, já com 46 anos, ele não sabe dizer se repetiria a experiência com um travesti: "Não me despertaria tesão. Acho bonito, admiro que eles se assumam, mas não treparia com um travesti Naquela época, transei com homem por carência. Sentia falta de transar. Papai era muito possessivo e afastava todo mundo que se aproximava da gente.

Psicanalista diz por que eles atraem

O psicanalista Eduardo Mascarenhas explica o jogo psicológico que leva as pessoas a terem relações sexuais com travestis:"Travesti é uma pessoa do sexo masculino, que tem várias aparências de uma mulher, podendo chegar, em casos extremos, ao transexualismo, que seria a própria estirpação dos órgãos genitais. A maioria das pessoas que têm relação sexual com travesti é do sexo masculino, muitos deles sem nenhum outro tipo de relacionamento homossexual As razões não são difíceis de se entender Ao mesmo tempo em que se realiza a própria homossexualidade, ela determina menores conflitos, pois,afinal, tudo se assemelha tanto a uma mulher O mesmo tipo de motivação psicológica pode levar algumas mulheres, particulamente aquelas com inclinação homossexual, ao relacionamento com os chamados travestis — continua Eduardo Mascarenhas. — É um homem, mas parece-se muito com uma mulher Já os homossexuais militantes freqüentemente hostilizam e desprezam o travesti, porque ele representa uma ameaça da perda de sua identidade masculina. Para os homossexuais não travestis, isto pode ser uma questão de honra. Eles pensam "Posso transar com outro homem, desde que não seja uma mulher" Decorre daí, freqüentemente, uma apatia erótica dos homossexuais pelos travestis, enquanto entre eles próprios, homossexuais, isto já não acontece com a mesma freqüência No último Gala Gay apareceu um travesti que ostentava a estirpação de seus próprios genitais. Nestas circunstâncias, ele estará para sempre inabilitado, por razões fisiológicas, a ter qualquer tipo de orgasmo físico, pois somente o pênis e o clitóris, quando devidamente excitados, proporcionam orgasmo. Mas a fascinação por tornar-se uma mulher pode ser para certos homens tão grande que esta circunstância pode gerar neles um orgasmo psíquico — explica Mascarenhas.

COLUNA DO

EVANDRO DE CASTRO LIMA

moda&beleza UNISSEX

Fotos Silvana Bocalatto

Mário e, acima, em primeiro plano, um aparelho que, na boca, libera energias

Nova terapia para os dentes cura até impotência

Mário de Almeida, bancário, 24 anos, foi salvo por um dentista. Há oito anos ele vivia atormentado, visitando consultórios médicos à procura, sem êxito, de cura para doenças as mais variadas: dores nos pés, na cabeça, depressão crônica e até impotência sexual. Quando já estava desesperançado, acabou encontrando uma psicóloga que lhe recomendou procurar um dentista.

— Imagine! Depois de tanto tratamento ir a um dentista.

Mário foi e, para sua surpresa, ficou curado. Milagre?

Não é nada disso. Mário teve a sorte de encontrar alguns dos poucos dentistas brasileiros — seu nome ele prefere manter em sigilo — que, juntamente com outros colegas, estão tentando ver o tratamento dentário sob um novo ângulo. É uma visão semelhante à que têm os especialistas em do-in, acupuntura, entre outras técnicas orientais largamente aceitas, que procuram ver o corpo como um conjunto. Assim, o dente também é visto como parte do conjunto do corpo, com ligação íntima com cada um de seus orgãos. O segredo em torno de tal trabalho tem fundamentos: os pesquisadores temem o conservadorismo do Conselho Nacional de Odontologia.

— O que existe de novo — diz um dentista — é o fato de estarmos olhando a boca como parte de um todo do corpo, e não apenas como uma boca.

Por isso, há hoje dentistas que não querem nem ouvir falar em arrancar dentes. Eles explicam: os centrais têm relação com a personalidade, os caninos, com a circulação do sangue, e o segundo molar, que surge aos 12 anos, comanda as glândulas sexuais.

Tai conclusões levam tais profissionais a investirem contra a odontologia tradicional. Defendem que os dentes, ao invés de serem corrigidos dos 12 aos 18 anos, como normalmente ocorre, devem ser alvo de atenções a partir dos três anos, para que as dentições não apresentem irregularidades no futuro. Há casos de dentições irregulares que tornam necessária a extração de até quatro dentes, para que os outros, que estavam tortos, possam caber nas arcadas. O resultado desse tipo de tratamento é que, às vezes, há retração da língua e a pessoa, forçada a fazer respiração bucal, acaba contraindo inúmeras doenças.

Segundo os dentistas, os dentes são engrenagens bastante precisas. São como os pés: se um pouquinho afastados, levam a pessoa a mancar. No caso dos dentes, há um detalhe precioso: através da mastigação, eles fazem uma espécie de massagem revitalizadora no cérebro, cuja ausência acaba provocando problemas para a postura corporal, atingindo a coluna e, consequentemente, outros órgãos.

Ulisses Tavares

Fuxicos contra o Gui-Gui, na foto, ao lado do [illegible] Pierre Cardin

AÍ VEM A MARINHA!

A curiosidade é grande: todo mundo quer ver, na prática, como vão ficar, dentro de seus uniformes, as moças que sentaram praça na Marinha. As escolhidas já foram convocadas e, a esta altura, praças e oficiais de saias estão passando pelas primeiras marolas.

Com as eleitas da Marinha, tudo bem! Verdadeiro céu de brigadeiro e mar de almirante! Mas a tempestade, o mar alto, continua a açoitar o barco do criador dos uniformes das marujas nacionais. Vocês devem estar lembrados, os modelos são do costureiro Guilherme Guimarães, escolhidos sem nenhuma concorrência, o que seria recomendável em se tratando de lançamento de um serviço público.

Vocês também se lembram: a grita foi geral, principalmente depois que o Gui-Gui (Guilherme Guimarães, na intimidade) mostrou seus figurinos. Espanto geral: as roupas foram consideradas, nos bastidores da Alta Costura, como verdadeiras cópias dos uniformes femininos dos filmes de Betty Grable, nos anos 50. Aliás, os figurinos da Marinha feminina brasileira são, na verdade, impróprios e pouco funcionais.

Como a rapaziada da agulha e da linha não perdoa, o Gui-Gui que se cuide, pois vem muito fuxico por aí, quando a marujada aparecer de saia.

O CONFORTO DO BERMUDÃO

Uma moda para todas: o bermudão! Simples de fazer. Barato de comprar. Prático de usar. Uma pena que as repartições públicas não aceitem que suas funcionárias trabalhem de bermudão, pois é roupa ideal para o nosso clima, para ambientes fechados, em geral sem refrigeração, e, o que é mais importante, seu preço pesa pouco no já sacrificado orçamento das mulheres (funcionárias, bancárias, comerciárias, etc) que recebem salário mínimo profissional. Em linho, shantung, tergal, enfim, todos os tecidos leves. Confeccionar um bermudão é uma tarefa fácil para qualquer mulher. Mãos à obra, queridas!

Beki usa o que pode e deslumbra a família

alinhavando

● Beki Klabin vestiu um pijama vermelho de crepe da China, modelo Halston original (maior costureiro americano), todo confeccionado com tecido enviesado. Beki estava, assim, deslumbrante, no jantar em casa de Vanda e Paulo Klabin, em homenagem a um grupo de paulistas quatrocentões. Quem pode, pode! ● Enquanto isso, prolifera por todo o Rio de Janeiro a febre das liquidações. Tudo quanto é loja está queimando, com até 50% de desconto, seus estoques. Quem não pode vestir Halston, veste Alfândega-Street! ● Carlos Alberto Mota, do Rio Grande do Sul, estilista exclusivo da butique *Rosa de Ouro*, de Pelotas, esteve no Rio vendo as modas, comprando tecidos, bijuterias, plumas e paetês; sim, porque lá em Pelotas esses artigos são de primeiríssima necessidade. ● Lá no Nordeste, a seca e as cheias não abalaram o prestígio de Marcílio Campos, o papa da moda no eixo Maceió-Recife-João Pessoa. O estilo de Marcílio faz escola pelo requinte da broderie (bordados) de suas criações. ● A afetação imperdoável do estilo: já começou, também por aqui, a imitação dos cabelos de Lady Di, a futura princesa dos ingleses. O corte até que é adaptável ao nosso clima tropical. Quer dizer: desta vez a macaqueação até que é aconselhável.

Vou apresentar, em todas as colunas, um modelo, meu ou de um colega, para nossas queridas leitoras. O primeiro é meu: vejam abaixo o modelito, um vestido leve, fim de estação, pra ser executado em linho ou *shantung* nos tons de bege e manteiga.

Vamos torcer pela frescura!

Só mesmo com clima fresco, temperatura lá pelos 10 graus, as bonecas (boneca, aqui, é mulher mesmo!) da sociedade vão poder usar os modelitos lançados pela Camille-Boutique, em noite de muito brilho na boate New Jirau. Camurça, tecidos imitando pelo de onça, todos bastante quentes, foram a tônica da coleção. Todos, justiça a Camille, muito elegantes, apesar de tão quentes; pedem muito frio para serem usados com propriedade. Uma sensação da noite: Marlene Paiva, desfilando com classe e elegância e valorizando os modelos, sob o lusco-fusco das luzes do Jirau. Marlene mostrou, na passarela, por que foi Miss Elegante Bangu, além de grande campeã dos desfiles de fantasia. Vejam só alguns momentos do desfile: chapéus de feltro estilo cow-boy adornados com strass (pedrinhas brilhantes); saia-calça em madras de algodão (cuidado com esse tipo de roupa: só vai bem em mulheres altas, esguias; as gordinhas, as cadeirudas, esqueçam); muita blusa de seda com laços fartos no pescoço — tudo fazendo a delícia da coleção esportiva. Maria Alice Paquet, autora da coleção, fiquem sabendo, é umas das estilistas preferidas das nossas [illegible].

A verdade no espelho

Joãozinho Miranda, o menino mimado da costura nacional, aconselha: toda mulher, quando for escolher o vestido que vai usar, procure ver toda a verdade através do espelho, porque só ele, um amigo fiel e mudo, pode dizer o que realmente lhe cai bem. Importante, para "atender" o espelho, é irrecusável que você tenha autocrítica.

Castel adere à bossa carioca e promove boca livre

Pelé e Christiane Torloni, de amor novo, foram os destaques

Fotos de A. Mesquita

Aberto em dezembro do ano passado e habitualmente vazio, o Chez Castel, clube noturno que disputa o mercado do Rio com o Regine's e o Hippopotamus, resolveu aderir à bossa carioca aproveitou o grande prêmio de Fórmula 1 e promoveu uma B.L.T. (boca livre total), método infalível que as boates usam para se promoverem, oferecendo comida, bebida, dança e prazer de graça a colunáveis, personalidades e jornalistas. Quando se instalou no Rio, Castel, dono de uma cadeia internacional de casas noturnas, declarou se contra a B L T e anunciou um *marketing* mais discreto. Queria pouca gente, mas de muito nome e dinheiro. Ao que parece, a estratégia falhou e Castel aproveitou a noite para convidar Danusa Leão gerente do Hippopotamus, a dirigir sua casa. Poucos pilotos compareceram (apenas o argentino Carlos Reutemann, vencedor da corrida, o veterano Emerson Fittipaldi, o italiano Ricardo Patrese e o francês Jarrier). O destaque da noite foi Pelé e seu novo par, a bela Christiane Torloni, atriz da TV Globo. O Rei, ao que parece, esqueceu definitivamente os pudores que tinha de ser fotografado em lances mais comprometedores, e agora até posa. Transformou se numa das grandes locomotivas da noite, e seus domínios se estendem por vários capitais do mundo.

Emerson e Castel

De preto, Cito Caldeira. Danuza, de lenço

Tigres, sultões, vampiros. Todos B.L.T

Baixinha tem 17 anos, só goza com porrada, acha que "amor e ódio vivem na mesma casa"

Jane rouba os clientes

A BOATE DOS PEÕES

Fica no meio do mato, perto de Resende, Rio de Janeiro, é a única diversão dos trabalhadores da Ferrovia do Aço

Flor tem 100 mil na poupança

Chega Mais não é uma boate qualquer. Tem música, mulher e bebida como qualquer outra, mas sua clientela é exclusiva: são os 3 500 peões que trabalham na Vila da Fumaça, em Resende (a 150 km do Rio), na abertura da chamada Ferrovia do Aço, que vai ligar São Paulo a Belo Horizonte. É um negócio muito particular: seu dono, Luisinho, 42 anos, é especialista em boates para peões, e vive entre um Estado e outro, sempre à procura de grandes obras para vender "amor e diversão".

Chega Mais fica a meia hora de Vila da Fumaça, numa fazenda escondida no mato. Na Vila, com apenas 300 habitantes, a boate foi muito bem recebida. Desde que começou a funcionar, há quatro meses, o índice de violência caiu.

— Antes, os operários trabalhavam duro a semana inteira — conta dona Helena, 60 anos — e nos fins de semana, como não tinham o que fazer, ficavam perambulando bêbados pelas praças, arrumando confusão e procurando [illegible]

Luisinho trabalha com boates há 16 anos. Herdou o conhecimento do ramo de seu pai. Há três anos ele teve o que chama de "grande saque": criou uma zona itinerante e começou a ganhar dinheiro.

— Onde tem obras — diz orgulhoso — eu tô lá. Tem meninas que estão comigo há três anos. Têm tudo aqui: casa, comida proteção. Não me meto na vida de ninguém.

Para os peões, **Chega Mais** é a única alternativa de diversão. Vindos de outros Estados, a exemplo dos operários do metrô do Rio, não têm qualquer assistência das empreiteiras da ferrovia. Assim, nos fins de semana só resta a **Chega Mais**, onde, pelo menos, tem mulher, comida e bebida.

São dez quartos. A limpeza e a comida são feitas em sistema de rodízio. Na ansiedade de diversão, os peões andam até três horas para encontrar a boate. Apesar do grande número de frequentadores, nem todas as mulheres conseguem faturar bem. Há quem ganhe até Cr$ 60 mil por mês e quem tenha de recorrer ao suadouro para pagar a comida.

— O que eu ganho não dá pra nada — reclama Jane. Ela tem 28 anos, mas a aparência de uma velha. Para ganhar algum dinheiro, ela se aproxima sempre dos peões bê-[illegible]

— Levo eles pro quarto, remexo os bolsos e tiro o dinheiro. Tenho sempre o cuidado de deixar alguma coisa, senão eles não voltam. Eu já fui muito bonita e gostosa, sabe? Agora é que fiquei assim, velha.

Deusinha e Flor, fora do expediente

O caso de Jane não é comum na boate. Flor, que diz ter morado em Ipanema e fugido da família para ter independência, afirma toda orgulhosa que tem Cr$100 mil na Caderneta de Poupança.

— Eu trabalho com o meu corpo — observa ela — É um trabalho tão honesto quanto o feito por você com a máquina de escrever (e aponta para o repórter).

Os peões vêem a boate como um refúgio. As condições de trabalho na ferrovia são muito duras porque as empreiteiras (Noronha Engenharia, Engefer, Geobrás, Rabello, Convap e Alcino Vieira) não proporcionam nenhuma diversão, superexploram o trabalho deles e não oferecem condições seguras de trabalho. Além disso, as cantinas cobram tudo muito caro. Uma refeição simples pode custar Cr$200, enquanto um pacote de biscoito pode chegar a Cr$70. Muito caro para quem ganha salário mínimo.

Na boate, os peões, só acham uma coisa estranha. As mulheres geralmente gostam de apanhar. Feias ou bonitas, magras ou gordas, todas só gozam na porrada. Uma das moças, **Baixinha**, 17 anos, é quem fala.

— Eu sou meio esquisita, sabe? Só sei gozar na porrada. O peão me bate, eu grito, peço mais. Ele bate mais. Depois eu caio no canto, ele vem pra cima de mim, pede desculpas, diz que perdeu a cabeça. A gente fica numa boa, eu fico excitada e tudo bem. Ódio e amor vivem na mesma casa, né?

Quem ouve as meninas da boate falarem pensa que elas vivem alegres e enfrentam a barra pesada com tranquilidade. Não é assim. Deusinha, 19 anos, não faz segredo de que só trabalha para economizar, juntar um dinheiro e ir tentar a vida como secretária.

— Aqui é muita loucura. Eu tenho que tomar bola para güentar a barra. Quando puder, saio pra outra e vou ser secretária. Não amo ninguém, nem tenho planos de vida. Mas não quero ficar levando peão pra cama a vida toda.

Reportagem e fotos de Custódio Coimbra

PASSARELA

Jorge Segundo

ESTA COLUNA LANÇA UMA ELEIÇÃO:

QUEM É O REI DA NOITE?

Durante trinta anos Carlos Machado reinou, absoluto, como o **Rei da Noite**, um título que ele ganhou do Rio e que tinha repercussão e poder nacional Machado fez espetáculos inesquecíveis, lançou estrelas gloriosas, matou a sede (de **scotch** e **champagne**) e a fome (de caviar e salmão) de multa gente famosa. Já que agora se cogita, nos bastidores da noite, de eleger-se um outro **Rei**, um herdeiro de Carlos Machado, PASSARELA entra na jogada Eleições ultrademocráticas, votos a descoberto. Os primeiros candidatos votados **Ricardo Amaral, Chico Recarey, Sérgio Cavalcanti** e **Mário Prioli**. E os os votantes e seus candidatos ★ Os atores Moacyr Deriquém e Jacira Silva; os jornalistas Reinaldo Loy e Ely Halfoun elegem como **Rei da Noite** Chico Recarey. Loy e Halfoun têm a mesma justificativa para seus votos: Recarey é, além de um modelo de empresário da noite, um homem que dá emprego aos artistas em suas casas, mantendo música ao vivo (a última casa que ele inaugurou foi o **Café Nice**, no Centro do Rio!. ★ As atrizes Leina Krespi e Suzana Queiroz; os diretores Paulo Ubiratan (novela) e Arnaldo Jabor (cinema); o empresário Arlindo Pinna; os jornalistas Glória Maria, Luiz Vilarinho e Ana Maria Faria, estes votam em **Ricardo Amaral**. E, de todos, o voto mais entusiasmado foi do Paulo Ubiratan, que vê o RA como um Rei, não só nosso, mas, também, um Rei de França ★ Os jornalistas Justino Martins e Sandro Moreira; a sra. Marlene Paiva, e Marina Montini (recém-chegada da Alemanha), eles acham que a coroa é do **Sérgio Cavalcanti**, particularmente pelo talento e o peito dele em manter sua casa (**New Jirau**) por 26 anos ★ Mas aqui, num único voto, a grande surpresa: o **Rei** Carlos Machado diz, textualmente: "Abdico de minha coroa em favor do homem que eu acho que a merece; ele mantém o espetáculo vivo em sua casa, faz o que eu fiz durante 30 anos; o turismo exige diversão noturna, espetáculo Meu voto é para o **Mário Prioli**".

★ A votação continua. Vai ferver

1 — A linha nitidamente farsesca (texto e direção) da peça **Mãos ao alto, Rio!** confere a Paulo Goulart, autor, um **lugar próximo de João Bethencourt**, até então o único autor brasileiro preocupado com o riso solto, frouxo, do espectador. Nada de comédia surrealista, hermética; é humor tipo chanchada mesmo. E isso Paulo Goulart (com a adequada direção de **Aderbal Júnior.**) consegue com sua peça, que é um trabalho ligeiramente reescrito (já foi vista pelos paulistas, como **Mãos ao alto, SP!**), para se adaptar ao clima carioca. Ary Fontoura, por si só, vale o espetáculo. Márcia de Windsor surpreende: deixa de ser a "mulher nota 10" e cai na gandaia em grande estilo, superando, inclusive, Suely Franco, uma comediante mais experiente A gorda Martha Pietro tem seus dotes físicos (e interpretativos) bem explorados pelo diretor Os dois assaltantes — Paulo Guarnieri e Ivan de Almeida — cumprem bem seus papéis. Nos figurinos de Dalton, a impressão de que houve uma troca de roupa entre os personagens de Márcia e Suely: uma devia estar mais **negligée** e a outra mais **chic**, porque à espera do sonhado amante. O cenário, também de Antônio Pedro, tem uma graça especial, particularmente na porta mourisca colocada dentro da casa de estilo indefinido; feio, desconfortável, só o sofá em que todo o elenco passa a peça inteira se sentando. Confira

2 — Arnaldo Jabor, o cineasta, assinou com a TV-Globo. Vai dirigir para a **Première Nacional**. Começa a gravar em junho um roteiro dele mesmo: ficção científica cômica, uma história do fim do mundo, só que de um mundo que se acaba no Brasil Jabor quer fazer o telespectador pensar e se mijar de rir, ao mesmo tempo

3 — Milton Nascimento ganha os argentinos. **Clarin**, **La Prensa** e **La Nacion** enchem suas páginas com o sucesso dos **shows** do Mituca, no Teatro Presidente Alvear, em Corrientes. Só a venda do LP **Sentinela**, na Argentina, vai valer mais um Disco de Ouro para o Milton. Com ele, em cena, o grupo mineiro Uakti. E Milton diz: "Meu canto é uma mistura. Minha inspiração está imersa no canto gregoriano". Falou

Foto Wagner Avancini

A Sodré, na pista da Marquês de Sapucaí

Tereza...e a TV-Quente

Premiada com alguns comentários que a colocam como imitadora de si mesma, na antiga "Cló", de *O Astro*, e na "Martha", de agora, em *Baila Comigo*, Tereza Rachel subiu à PASSARELA e reagiu assim: "Dizer que os dois personagens são iguais, a mim pouco importa. Acho apenas que são duas mulheres ricas, a Cló e a Martha. Nisso elas se parecem. Além de ricas, mulheres fortes, dominadoras. E se elas têm personalidades idênticas, a culpa não é da atriz!" E Manoel Carlos, autor de *Baila Comigo*, concorda com a Tereza Ele acha uma injustiça dizer que a atriz está copiando o personagem anterior. Humildemente, Maneco afirma: "Se há culpa, é do autor!" No caso, ele mesmo

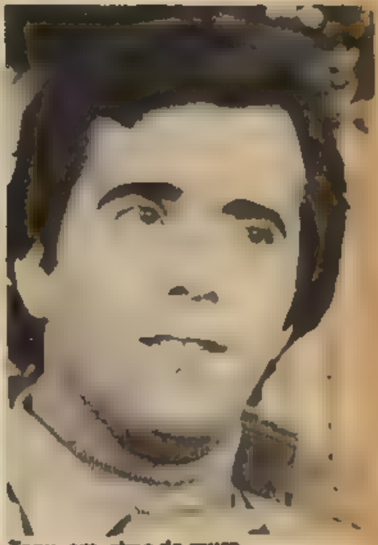
TV-Manchete, mansamente, mineiramente, entra na briga Pedro Jack Kapeller, o Jaquito, está nos Estados Unidos Foi a Las Vegas ver as novidades de uma feira de eletrônica, escolher e comprar equipamento. Depois da feira, alguns dias em Nova Iorque, vendo TV ao vivo, estúdios, conversando com técnicos. Já nesta viagem Jaquito espera contratar dois técnicos televisivos americanos. Os melhores do mercado, não importa o preço

Terezinha Sodré troca boa vida nos Estados Unidos pelo realce que a TV-Globo (até agora, em pequenos papéis) lhe dá. Carlos Alberto, o marido da atriz e jogador do Kosmos, critica a bobeira da mulher de ficar por aqui, correndo atrás de empregos de que não precisa. Mas a Sodré prefere trabalhar seis meses no Brasil e viver seis meses nos Estados Unidos Carlos Alberto já avisou: "Nêga, não agüento seis meses de separação "

Reginaldo Faria, mais do que qualquer outro ator, não gosta de ser perturbado na hora em que está *batendo* texto Ele lê seguidamente todos os *bifes*, põe o *script* de lado e começa um exercício de mentalização, andando acima e abaixo Nestas horas, ninguém o perturbe. Quando está concentrado, Reginaldo deixa até de ser uma pessoa afável com os que o interrompem.

Nery, bom humor

Foto Roberto Musauer



Tony, em cima do muro

Dois brilhantes momentos do **Canal Livre**, da Bandeirantes: as entrevistas do jornalista Sebastião Nery (bem-humorado, mordaz, verdadeiro) e da economista Maria da Conceição Tavares (que mulher maravilhosa, sô!) **Anotem: Carlos Machado está cansado da reclusão. Seu trabalho atual, como assessor especial do Kelly, na Riotur, pode até ser a ponte para a volta, num grande espetáculo. Será que o *Rei* não que perder a coroa?** ★ Depois das duas grandes festas, no **Ponto de Encontro** e no **Chiko's Bar**, não pararam ainda as homenagens ao Aérton Perlingero pelos 25 anos de jornalismo. ★ TV-Bandeirantes ganhou exclusividade da transmissão do casamento do Príncipe Charles e Lady Di. Walter Clark comemora a vitória, e nós, os súditos de Sua Majestade, estamos molhadinhos de emoção, à espera do **show** de pompa (e circunstância) que será o casório. ★ **Antes de Lady Di, casório fino mesmo foi o da repórter do *Fantástico* Martha Ronchi. Ela e Augusto Angelo Vianna Pecly, o marido, estão *al mare*, longe de olhos curiosos. Fazem bem!** ★ Xaxado, reisado, esquenta muié e pastoril: um show de folclore alagoano no lançamento do livro do jovem (e belo) prefeito de Maceió, Fernando Collor de Mello. Os grupos folclóricos foram estilizados pelo figurinista Di Menezes. A festa foi na Galeria Paulo Klabin, Rio. Antes, o livro — **Desafio de Maceió** — foi lançado em São Paulo (The Galery) e Brasília (Hotel Nacional). Todas as noites entupidas de políticos e grã-finos. Acompanhando o prefeito, sua mulher, Lilibeth Collor de Mello (ex-Monteiro de Carvalho) e a Ibrahim Sued de saias de Alagoas, a colunista social Cândida Palmeira. ★ **Já é certo: Walter Avancini assinou com a TV-Globo. E o homem voltou muito forte, para desespero de alguns "muy amigos"** ★. Marina Montini, mulata sensação, explica o corpo bem ajustado, todas as peças no lugar: "Fiz tratamento homeopático em Paris. Aqui, logo que cheguei, entrei para a academia do Lennie Dale. Como vê, eu me cuido com ervas e dança!" ★ **Um voto meio mineiro, na eleição do *Rei da Noite*, foi o de Tony Ramos. Ele se dividiu entre Ricardo Amaral e Chico Recarey. "Estou com os dois e não abro." Tony acha que cada um, a sua maneira, pode ficar com a coroa.**

LEITORES

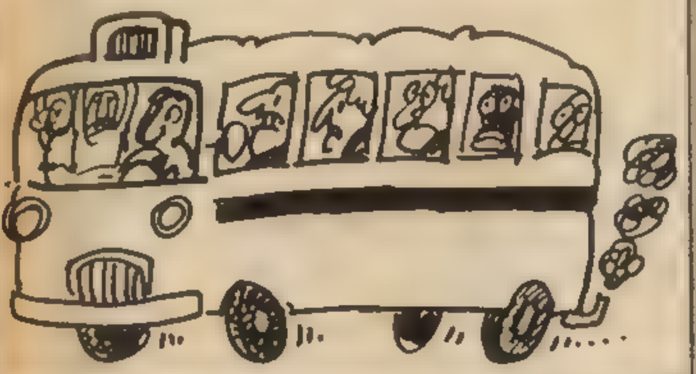
LUXOR EXPLORA MORADOR DE CAXIAS

A Associação de Moradores do bairro Cidade-Parque Paulista, em Caxias, está preocupada com o abandono do bairro pelas autoridades e a exploração de seus associados pela companhia de ônibus Luxor, que monopolizou as linhas para a Central do Brasil, cobrando passagens diretas a preços exorbitantes para o assalariado, que comprometerá seu magro orçamento ao pagar a seguinte tabela

Piabetá (Imbariê) à Central	Cr$ 63,00
Piabetá à Central	Cr$ 51,00
Raiz da Serra à Central	Cr$ 48,00
Santa Cruz da Serra à Central	Cr$ 45 00
Santo Aleixo à Central	Cr$ 80,00
Ipiranga à Central	Cr$ 58,30
Imbariê à Central	Cr$ 42 50
Xerém à Central	Cr$ 46,40

Não sabemos o que é mais odioso: se a imperícia e o desleixo das autoridades, ou se a exploração pelas firmas de transporte coletivo para todos os bairros não servidos por estrada de ferro como: Parque Paulista, Solar Campos, Inhangá e outros. O Parque Paulista necessita urgentemente de uma linha de ônibus que funcione em horário regular e com preços de passagem racionais para os passageiros. Bem como uma seção do Parque Paulista até a Central do Brasil. A Luxor é a dona dos ônibus, e a população desse bairro e de outros fica à sua disposição e dos cobradores, que nunca têm troco. E como as tabelas dos novos preços das passagens não são atualizadas ou são escritas a máquina, impossibilitam a leitura pelos passageiros. Além disso, o talão da passagem não é impresso com as novas tarifas e nem carimbado. Além dos passageiros pagarem um preço extorsivo pela passagem, paga o roubo dos trocadores, que seguem o exemplo do patrão. Somos uma coletividade à disposição da Luxor e não esta a serviço da coletividade

Argemiro do Nascimento — presidente provisório.



O corpo é doido
O corpo é louco
É louco
É doido
Porque?
Porque
Ele é doido
mesmo

"Fiquei muito satisfeita com as novas mudanças do REPORTER e parabéns por mais uma batalha vencida. Só espero que ganhem a guerra." Vera Lucia Soares — São Gonçalo — RJ

Todo mundo aqui em São Paulo sabe quem são os chefes da quadrilha de ladrões do Detran paulista, pois tudo que o coronel da PM Sidney Palacios falou foi verdade. Agora, quem vai prender o Maluf, o Calim Eid e outros? O Maluf escondeu o Miguelzinho e está ameaçando todos os jornalistas que tentam ressuscitar os fatos. Mas é assim mesmo. Quem devia tomar as providências, anda por aí abraçado com o ladrão da Lutfalla.

(Antônio Lins — São Paulo — SP)

Funcionários comem sobras de clientes na Sendas

Envio a esta redação mais uma da Casas Sendas. Essa é da matriz ou escritório central

Surgiu como se fosse boato que a Sendas havia pedido concordata ao governo. Não! Não foi boato porque muitos funcionários assistiram e tiveram notícias (tipo de concordata). A firma demitiria a quantidade de funcionários que quisesse, pagaria 20% (vinte por cento) de seus direitos daqui a um ano, isto é, se demitisse em abril de 1981, só pagaria 20% da indenização em abril de 1982

Bolas, eu como funcionário antigo, faço essa denúncia porque não há motivo para que isso aconteça, e vou mais longe: diariamente há filas enormes para inscrição de novos funcionários

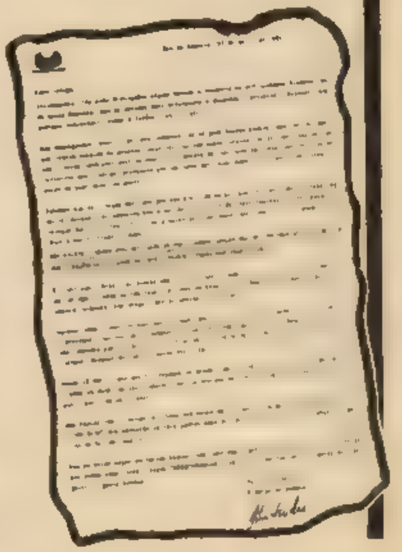
Recentemente foi construído o SHOPPING SENDAS. A firma está trocando balcões de frios em várias lojas. O SEMED (Serviço Médico Sendas), desde que foi criado, é criticado e, ultimamente, está uma imundície. Nossa alimentação é sobra daquilo que o cliente rejeita; entre nós é chamado de "avaria", chefes de açougue, quitanda e salgados comem a mesma comida porque são salados e porcos. O que vai de mercadoria estragada para o refeitório não está no gibi (Diga-se de passagem, não são todas as filiais que agem assim.)

Há funcionários que têm dois tipos de cartão de ponto. Um é o que vai para o Ministério do Trabalho, é marcado no relógio e não pode marcar hora extra, porque os relógios são travados. O outro cartão é preenchido a mão. Serve para controle da firma e vem marcadas as horas extras, pois não vai para o Ministério, sendo que os funcionários recebem produtividade, não hora extra

De mais a mais, o que o sr. Artur Sendas e Cia. vão tanto fazer nos EUA? Será que Sendas já é multinacional? Fica aqui uma pergunta que só ele poderá responder

Se o governo abrir mão desse tipo de concordata, será o caos da sem-vergonhice

Caro senhor redator, fica aqui um pedido de desculpas pelos erros. Segue com esta carta um folheto distribuído por Sendas, desmentindo a concordata e uma possível falência, já cogitada por todos nós



REPORTER é o jornal mais vendido da imprensa alternativa.

No primeiro semestre de 1980, nossa venda foi superior a 50 mil exemplares. Um recorde entre os jornais de oposição.

No segundo semestre, apesar das bombas dos terroristas, o interesse dos leitores segurou a barra e garantiu nossa circulação

A aceitação do jornal nos estimula a lançar mais de uma edição por mês em 1981.

REPORTER está cada dia mais vivo. Fique do nosso lado. Faça sua assinatura.

assine **REPORTER**

Assinatura por 12 edições. Cr$ 400,00
Envie cheque nominal ou Vale Postal para:
MARGEM S.A. Editora e Gráfica
Rua Miguel Couto 134/11º — 20070 — Rio de Janeiro

Nome ...
Profissão ...
Endereço: ...
CEP ... Cidade: ... Estado: ...

JUDAS NÃO TRAIU CRISTO

A verdade sobre a história

De 12 (domingo de Ramos) a 19 de abril (domingo de Páscoa), estaremos todos comemorando a semana santa da religião católica, que tem também como pontos de destaque a quinta-feira santa (prisão de Jesus Cristo) e a sexta-feira santa (crucificação). Para muita gente, porém, a comemoração principal é a que se realiza no sábado de Aleluia: tem baile de carnaval e a tradicional malhação do Judas, o "traidor" de Jesus Cristo

Quem foi Judas? Quem será este desgraçado que a humanidade cristã condena a levar cacete há quase dois mil anos? Será que ele traiu mesmo Jesus Cristo?

Há muita coisa obscura nesta história

Judas, chamado o Iscariote, do nome da cidade em que nasceu, era um dos doze apóstolos de Jesus Cristo e exercia a função de tesoureiro do grupo que deu origem ao cristianismo. Segundo a lenda, teria levado os soldados romanos ao Jardim ou Horto das Oliveiras (granja Getsêmani), para prender Jesus naquela fatídica noite de quinta-feira Dois evangelhos — São Mateus e São Marcos — mencionam o fato de que Judas teria identificado Jesus dando-lhe um beijo na face, em troca do que recebeu 30 moedas de prata. No evangelho de São Lucas, o beijo fica na tentativa, e no de São João não é mencionado. Mas, em todos, Judas figura como supremo traidor

Arrependido pelo que fizera, ainda segundo São Mateus (que é o único dos evangelhistas a se referir a Judas depois da prisão de Cristo), o "traidor" tentou devolver o dinheiro recebido e acabou se enforcando no desespero da maior dor. Mas os cristãos não perdoaram. E até hoje, todos os anos, mandam o pau no Judas

Mas será mesmo que houve traição?

Alguns autores levantam a hipótese de uma rivalidade entre Judas e Jesus Cristo. Na época, a Palestina (nome dado pelos romanos à terra onde habitavam os judeus) estava ocupada pelos exércitos de Roma — eram os norte-americanos de então. Judas seria um nacionalista judeu e teria imaginado que Jesus poderia dirigir um poderoso movimento nacionalista judeu contra o invasor estrangeiro. Mas Jesus via as coisas de um ponto de vista mais religioso e, ao mesmo tempo, mais global Sua pregação volta-se no sentido da organização de uma nova religião e de uma nova Igreja. Ora, este comportamento ameaçava as elites religiosas tradicionais judias, que começaram a ver no Cristo um inimigo imediato. Judas entrou em pânico: Jesus não só NÃO mobilizava o povo contra os romanos, mas estava dividindo este mesmo povo entre partidários da religião de Cristo e partidários da religião tradicional. O que fazer? Entregar Jesus aos romanos, convertendo-o em mártir do povo judeu na sua luta contra o imperialismo romano. Daí a "traição".

Pode ser até que a rivalidade apontada tenha aspectos de verdade. Mas uma coisa estes autores não questionam teria havido mesmo a traição?

A análise dos evangelhos confronta-nos com duas hipóteses: a religiosa e a política

Do ponto de vista religioso, todos os relatos enfatizam que "estava escrito" que Jesus Cristo seria preso e crucificado. Inclusive, a narração dos quatro grandes evangelhistas revela isto com toda a clareza: Jesus **sabia** que ia ser preso. Ou seja, não havia a menor necessidade de um "traidor" para que isto se efetivasse. A prisão de Cristo fazia parte de sua "missão" na terra.

Do ponto de vista político, a "traição" é totalmente inverossímel. Vejamos alguns argumentos

1) Jesus não fazia nenhum mistério de suas pregações — agia publicamente, conversando no templo da forma mais aberta possível. Jerusalém, onde ele foi preso, não era uma cidade enorme, nem podia sê-lo, na época. Ou seja, TODO O MUNDO conhecia Jesus Cristo.

2) No domingo anterior a sua prisão, Jesus Cristo havia comandado uma gigantesca passeata, a marcha de Ramos, o que permitiu que até os cegos o conhecessem

3) O lugar em que se deu a prisão — o Horto das Oliveiras — não era nenhum "aparelho" secreto. Jesus e seu grupo reuniam-se ali habitualmente Diz São Lucas: "... Foi (Jesus Cristo) **segundo o seu costume**, para o Horto das Oliveiras..." São João confirma "Jesus tinha ido lá (no Horto) muitas vezes". Nada mais natural, na medida em que Jesus não se escondia de nada e de ninguém

Ou seja, para prender Jesus Cristo não era necessário nenhum "traidor" ou "infiltração" do tipo que o Doi-Codi vive tentando fazer nas organizações de esquerda

4) A história do beijo também não convence. São João, aliás, nem se refere a isto. O próprio Cristo identificou-se quando viu os soldados, assumindo suas responsabilidades de dirigente da nova religião. Se a polícia política romana precisasse de alguém para identificar Cristo, não teria o controle do mundo de então. E por que o beijo e não o popular dedo-duro?

A "traição" de Judas seria então pura lenda..

Mas por que então este ódio? Nos dicionários, "Judas" virou substantivo comum, sinônimo de "pessoa pérfida", "que trai seus amigos". Seu perfil psicológico é assustador: "olhar torvo, sobrolhos franzidos, felpudo de cara introvertido, obsessivo, autista, tendência à ruminação e à prática de atos repetitivos

Por que esta curtição em cima de um homem só?

É que as pessoas concentram em Judas o desprezo e o ódio que sentem por si mesmas, atribuindo a ele o que elas próprias gostariam de fazer. Judas é o popular bode expiatório... está apanhando há quase dois mil anos pelas culpas de quem está batendo nele. Não estaria na hora de dar um refresco pra ele descansar?

Daniel Aarão Reis Filho

AICE Digitação -x- Programação

Centro — Sen. Dantas, 117
Sobreloja 215
Ilha Gov. — Estr. do Galeão, 2500 — B — s/213

VISTA A CAMISA DO REPORTER!

APENAS Cr$ 300,00

Envie cheque, seu nome, endereço e o tamanho de sua camiseta (de 42 a 52), para **MARGEM S.A. Editora e Gráfica.**

Rio: Rua Miguel Couto 134/11 — CEP 20070 — RJ
Sao Paulo: Rua do Seminario 155 sala 30 -- CEP 01034 — SP
Recife: Av Conde da Boa Vista 121 sala 707 — PE

FOLHA SECA

Luiz Alberto Bettencourt

Cartolas paulistas atacam outra vez

Corinthians, Palmeiras e Portuguesa ficaram de fora das finais do campeonato brasileiro. O Santos perdeu o vigor do tempo em que Formiga levou o time ao título e o São Paulo, mesmo com os desfalques dos jogadores da seleção, foi a exceção. Não anda bem o futebol paulista, e a origem da crise me parece não ser técnica. O problema é dos cartolas. Despreparados, politiqueiros, desorganizados, vaidosos, administram os clubes de acordo com suas conveniências. São autoritários e ultrapassados. Isto é particularmente verdade no caso do Corinthians e do Palmeiras. No primeiro, o clã dos Matheus, Vicente à frente, domina a situação há mais de 10 anos como um chefe mafioso. O Corinthians é uma **coisa dele** e, diante dos inevitáveis fracassos, os recursos de sempre: jogadores marginalizados e novas contratações de impacto, ao melhor estilo dos pacotes de medidas políticas ou econômicas com que o governo federal costuma brindar o país. Amaral não desaprendeu, é um excelente zagueiro, e se for pra outro clube vai mostrar isso; Zenon é bom – desculpem a rima – mas não é salvação. Vamos parar de enterrar os craques ou de expô-los a responsabilidades que não são deles. Os tempos do AI-5 já acabaram, senhor Matheus, e que se lembre disso também o Palmeiras, que em um ano acabou com um timaço armado por Telê e fez liquidação de seus principais jogadores. Está até hoje procurando substitutos e amargando derrotas.

Tudo pronto pra Espanha ganhar

E o Didi, hein? Voltou, como sempre, cheio de sabedoria, avisando que está tudo preparado para a Espanha ganhar a Copa de 82. O campeonato é uma grande jogada comercial e os europeus não gostariam de ver o caneco com Argentina ou Brasil. De quebra, Didi levantou a lebre: por que não voltar os aspirantes, aperitivo dos espetáculos, celeiro de craques? Fica a pergunta do criador da folha seca, que deu nome a esta coluna.

A violência começa no tapetão

O presidente Giulite Coutinho diz que os responsáveis pela violência são os juízes. Ora bolas, o que eu acho é que o torcedor está cansado de meias verdades, porque elas são também meias mentiras. É certo que a maioria dos árbitros não apita o jogo segundo as regras que, na teoria, permitem um Zezé enfrentar um Marião, do Colorado; eles inventam uma arbitragem, ignorando uma falta perigosa contra o time da casa aqui, dando outra inexistente ali no meio do campo. Fazem um jogo de compensações com o objetivo de empatar omissões com invenções. E chamam a isso **conduzir** uma partida. Mas é certo também que tal comportamento existe porque nenhuma federação estadual dá independência aos juízes. Interessa aos cartolas que eles sejam manipuláveis. Vamos dizer a verdade toda, doutor Giulite!

Fora da Taça de Ouro, clube vai às urnas

IRMÃOS BRIGAM PELO PODER NO CORINTHIANS

NINGUÉM CONFIA NA OPOSIÇÃO DE ISIDORO

Dois irmãos disputam a presidência do Corinthians. Um é Vicente Matheus, 73 anos, poderoso chefão do clube há dez anos, o outro é seu irmão mais novo, Isidoro Matheus, homem muito rico, mas que ninguém leva muito a sério.

Matheus vai disputar a eleição na vice presidência, mas não é segredo para ninguém que o cabeça da chapa, Valdemar Pires, é homem de sua confiança. Quer dizer mesmo na vice-presidência, é Matheus quem vai mandar no clube.

– Não há divisão na família – diz Vicente, quando fala sobre as eleições – Matheus só existe um, e sou eu. O Isidoro, eu puxo a orelha dele e fica tudo certo outra vez.

Há 30 anos Vicente Matheus luta com todas as suas armas para conquistar a presidência do Corinthians. Considera o cargo tão importante quanto uma cadeira no Senado ou o governo do Estado. Seu trabalho começou na década de 50, quando se uniu a Wadi Helu para derrubar o então presidente Alfredo Ignácio Trindade. A união durou pouco. Wadi Helu assumiu a presidência, transformando-se num ditador, e afastou Matheus. Helu ficou no cargo dez anos e saiu deixando saldo dos mais negativos: não construiu o estádio que prometera, aplicou irregularmente dinheiro do departamento social na compra de jogadores, entre os quais Garrincha, e não conseguiu ganhar um título de campeão para o Corinthians.

Foi a chamada fase negra do clube. Deu até música de sucesso "Faz-me rir". A Helu sucedeu Miguel Martinez, dono de uma pequena indústria de móveis. Outro fracasso: o clube chegou a uma situação de decadência tal que até suas contas de água não eram pagas. Certa vez foi feita uma campanha popular para arrecadação de fundos destinados à compra do passe de Paulo César **Caju**, mas nem o dinheiro nem o jogador apareceram. As dívidas se acumularam. O cerco dos oficiais de Justiça obrigou o clube a tomar medidas drásticas: os funcionários chegaram a esconder o ônibus **Mosqueteiro**, que transportava os jogadores, para evitar que fosse apreendido. Matheus soube aproveitar a crise. Há rumores de que chegava a pagar aos jogadores para que não se empenhassem nos jogos para o clube perder.

Finalmente, em 1971, Matheus teve sua chance. Assumiu, num mandato-tampão, o lugar de Martinez e ficou até hoje no clube. Ou melhor: é uma espécie de dono do Corinthians. Desta vez, mesmo se ficar na vice-presidência, não perderá o poder. Afinal, é o nome de maior prestígio entre os 300 conselheiros que elegerão a futura diretoria do clube, o de maior popularidade entre a população pobre de São Paulo.

Vicente Matheus, fala tudo errado e se finge de engraçado, um ditador

Isidoro, irmão de Vicente, na oposição, ninguém o leva a sério

OS MALDITOS

A ESPERANÇA

Amaral, quarto-zagueiro, 3 anos de clube, agora marginalizado

Vaguinho, ponta-direita, dez anos de Corinthians, protegido de Matheus

Dr. Sócrates, médico ortopedista, ponta-de-lança, 2 anos de clube

● Amaral voltou da Copa de 78 consagrado. Evitara a volta antecipada da delegação, salvando um gol da Espanha em cima da linha, Leão batido. Até dois meses atrás, quem oferecesse uns 30 milhões por ele seria escorraçado do clube, hoje, por 15 milhões, vendem fácil. Amaral está marginalizado, virou maldito. Na hora de renovar contrato, o presidente Matheus lhe disse que "jogador de defesa não tem valor porque não faz gol". E mais: "Você não é mais aquele". É verdade que ele caiu de produção, mas há explicação, uma desgraça pessoal. Amaral teve um filho com uma associada do clube, e a mulher, com quem ele não se casou, pôs advogado, exigiu 35 mil mensais de pensão. Afetado pela situação, ele se reunia com os amigos em Campinas e exagerava no uísque. Matheus então o forçou a mudar-se para São Paulo, mas ele já não era o mesmo. Deu azar, machucou-se gravemente, foi afastado. Está esquecido, embora continue a ganhar seus 600 mil mensais.

● *Dedo-duro, Don Juan, vida irregular, conspirador. Vaguinho já foi acusado de tudo pelos próprios companheiros, desde que em 1971 Vicente Matheus, então vice-presidente de Miguel Martinez, desembarcou com ele na Fazendinha, concentração do clube. Mesmo assim, foi titular absoluto da ponta-direita por 10 anos, força que alguns conselheiros dizem derivar do leito de uma importante senhora do clube com quem ele mantém relações sexuais. Verdade ou não, ele nunca tem problemas na hora de renovar contrato, ao contrário de craques famosos, Sócrates, por exemplo. Agora, o reinado do protegido de Matheus chegou ao fim. Foi condenado pelo presidente e pelo técnico Brandão a deixar o clube, poucos meses antes de completar 10 anos de trabalho e 32 de idade. Pra arranjar novo time, a fama não o ajuda muito, apesar de garantir que fez mais gols que Luisinho – "meia-de-ligação" do grande time de 54 – e que participou de 70% dos gols do time nesses 10 anos.*

● Nas entrevistas antes do jogo, Sócrates já mostra por que é tudo para o Corinthians. Chega a citar Marx para lembrar que o clube é uma multidão dispersa, sem consciência da própria força. A torcida já tentou agredi-lo, quebrou seu carro, ele não liga, acha a revolta natural e diz que recebe mais carinho que agressões. Salário de 1,5 milhão por mês, título de maior jogador do Brasil, ele vai vencendo as artimanhas de Matheus, que procura incompatibilizá-lo com os torcedores na hora de renovar contrato. Tática de quem quer pagar menos do que pede o craque. Numa dessas, ele chegou a se desentender com o presidente e jurou que não vestiria mais a camisa do clube. Brandão teve que conversar com o pai dele pra contornar a situação. A outra esperança do Corinthians agora é Zenon, comprado por 35 milhões a um clube da Arábia Saudita, para onde se tinha transferido, vendido pelo Guarani de Campinas.

Reportagem de Fran Filho

Lula chama presidente da Fiesp de mentiroso, culpa empresas de forjarem crise artificial na indústria e denuncia:

BRASIL TEM 40 MILHÕES DE DESEMPREGADOS!

GOVERNO FALSIFICA E ESCONDE ESTATÍSTICAS

O ex-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e presidente do Partido dos Trabalhadores (PT), Luís Inácio da Silva, o Lula, tem opinião formada sobre o presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, Luís Eulálio Bueno Vidigal:

— Ele é um mentiroso — diz Lula.

Pelos cálculos de Vidigal, em São Paulo existem 40 mil desempregados na indústria. Pelos cálculos de Lula, o número de desempregados é bem maior. E tudo por culpa dos empresários, que estão forjando uma crise, por necessidade de sobrevivência das empresas.

E não é só em São Paulo que os dados estão sendo manipulados. Segundo Lula, a questão do desemprego vem sendo mistificada em todo o país:

— Quando se coloca que hoje no Brasil existem cerca de 3 milhões de desempregados, tenta-se encobrir algo muito mais grave, que é uma população de cerca de 40 milhões de pessoas que ainda não conseguiram sequer o primeiro emprego. Este país não tem uma política econômica voltada para a criação de empregos, algo que possa atender o crescimento demográfico. Necessitamos de cerca de 1,5 milhão de empregados por ano. Mas os empregos não são criados.

Outra desculpa que irrita Lula é aquele velho argumento do governo, de que a seca é culpada da desgraça do brasileiro:

— Sempre existiu seca no Nordeste. Eu mesmo vim pra São Paulo em 1950 por causa da seca. Dizer que ela agrava o problema do desemprego é bobagem. O desemprego é agravado pela questão da terra. Enquanto não existir uma política agrária que dê acesso ao trabalhador rural a um o pedaço do solo, esse problema continuará persistindo. E isso só se resolve com reforma agrária.

Wagner Avancini

Lula quer política de empregos e distribuição da terra no Nordeste

Os números da crise em S. Paulo

Em São Paulo, um dos setores mais atingidos pelo desemprego é a indústria automobilística. Só nos três primeiros meses deste ano foram feitas 5 mil homologações de recisões de contratos na sede do sindicato da categoria. E este número não corresponde à realidade: muitas homologações foram feitas sem que se comunicasse nada ao sindicato e à DRT.

No setor de eletroeletrônica, a situação se repete. O presidente da Associação Brasileira da Indústria Eletroeletrônica, Firmino Rocha de Freitas, calcula que nos últimos meses 22 mil trabalhadores foram demitidos. Isto corresponde a 10% da categoria.

Não é diferente a situação dos têxteis. O presidente do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria da Fiação e Tecelagem, Gervásio Pereira da Silva, é pessimista: ele acredita que metade da categoria será afastada das fábricas e terá de mudar de profissão. Em parte suas previsões estão se concretizando: o setor já tem 12 mil desempregados, o que corresponde a 20% da categoria.

Para ele, a alternativa da redução da jornada de trabalho não vai resolver o problema:

— O salário dos têxteis já não dá sequer para comer. Se reduzirmos ainda mais o salário, o que será que vai acontecer?

Fotos Chiquito Chaves

Desempregados disputam vaga no grito

Anúncio de jornal não ajuda

A fila do desespero no Rio

Parece filme de uma cena só. Todos os dias, dezenas de pessoas procuram a agência de empregos da Delegacia Regional do Trabalho, no Rio, com um único objetivo: conseguir uma colocação. Todas têm um problema comum: estão desempregadas há meses. Há casos de gente desempregada há um ano, gente que cansou de procurar emprego através de anúncios de jornais. Reclamam do excesso de gente para poucas vagas: sempre que chegam nos locais indicados pelos anúncios, já há inúmeros pretendentes. Às vezes, mais de 50.

A agência de empregos da Delegacia Regional do Trabalho é apenas uma pequena amostra da situação do mercado de trabalho carioca. Quantos são os desempregados? Não há resposta. A própria DRT não tem números. Seu titular, o delegado Luís Carlos de Brito, evita tocar no assunto. Limita-se a dizer, através de assessores, que o ministro do Trabalho, Murilo Macedo, é quem tem os dados.

Postura quase idêntica tem o chefe da Secretaria de Emprego e Salário, João Costa Neri. Ele também não tem dados, por um motivo: a exemplo do Departamento Nacional de Mão-de-Obra, o órgão que dirige está sendo desativado no Rio. Em Brasília também ninguém sabe nada. O próprio subsecretário de Emprego e Salário do Ministério do Trabalho, Carlos de Souza Morgado, admite que não tem estatísticas.

Assim, a fila que se repete todos os dias na DRT se transforma num retrato bem mais expressivo da situação do desemprego na cidade que o depoimento das chamadas autoridades responsáveis. Entre os primeiros da fila está Aurélio Cruz, 25 anos, motorista. Ele veio de Santa Cruz e está desesperado: há um mês anda de um lado para outro, com jornais na mão, procurando uma vaga.

— Não agüento mais. Quero trabalhar e não tenho como.

Ao seu lado, a comerciária Isabel Costa, 20 anos, está nervosa. Há seis meses gasta dinheiro de passagem de ônibus à procura de emprego. Mora na Penha, tem um filho e precisa trabalhar. Precisa ajudar o marido. Ele é cobrador de ônibus e ganha apenas Cr$ 11 mil. Só de aluguel paga Cr$ 5 mil.

— Quando a gente chega num escritório, já pode até adivinhar o que vai ouvir: não há vagas. Estou pegando qualquer coisa.

A fila é muito grande. Num dos primeiros lugares está Genival Antônio, 18 anos. Para ele, o problema não é só a falta de vagas. Pesa também a inexperiência.

— Tenho curso de auxiliar de contabilidade, mas pego qualquer coisa. Até de contínuo. Preciso estudar. O problema é que, além de todos dizerem que não há vaga, quando consigo alguma coisa não sou aceito, dizem que me falta experiência.

Na fila, tem pessoas desempregadas há mais de um ano. Um caso dramático: Hélio Antônio, 24 anos, desempregado há dois anos. Ele fez curso de encadernação no Senai, mas não adianta de nada.

— É sempre a mesma coisa: os empregadores dizem que estão cortando pessoal. Não contratam ninguém.

Na prática, a agência é mais uma esperança. A DRT não tem vagas para oferecer a ninguém. Apenas indicações: algumas empresas dizem o tipo de trabalhador de que precisam, o candidato preenche um formulário e se apresenta. Se vai conseguir ou não a vaga é uma questão de sorte. Mesmo com o agravamento da crise de emprego, nada mudou na rotina da agência. O número de candidatos também não é revelado: o delegado Luís Carlos de Brito se recusa a mostrar as estatísticas. Talvez, para esconder os fracassos.

Reportagem de Antônio Pavone e Mariza Cardoso

DO SAMBA AO COMÉRCIO

BEIJA-FLOR LANÇA CADEIA DE BUTIQUES

Depois de ganhar quatro desfiles carnavalescos e criar fama internacional, a escola de samba Beija-Flor, vice-campeã do carnaval deste ano, prepara-se para dar um salto nunca imaginado por nenhum de seus sambistas. Entusiasmada com a popularidade do carnê Beija-Flor, seus dirigentes estão planejando agora abrir uma rede de butiques no Rio para vender chaveiros, sacolas e roupas. E não é só: a escola quer entrar no ramo de seguros de vida e acidentes pessoais, vendendo apólices de uma empresa do setor.

A idéia de lançar a escola no campo empresarial passou a ser acalentada a partir do carnê Beija-Flor, que vendeu 60 mil unidades em apenas 14 dias. Pelos cálculos de seu diretor de promoção, Ivan Pacheco, isto é apenas um começo: a escola quer vender 400 mil carnês em dois meses, o que quebraria todos os recordes no ramo. O carnê **Vascão**, o mais popular de todos, precisou de seis meses para vender 220 mil unidades; seu concorrente mais próximo, o **Botafogo**, vendeu 280 mil carnês no ano passado, mas só 58 mil foram pagos até o final.

Para a escola, a venda de carnês é uma fonte de renda que garantirá suas obras sociais. Pelo menos é o que afirma seu carnavalesco, Joãozinho Trinta:

— Com o dinheiro dos carnês, vamos poder ampliar a capacidade da nossa creche de 60 para 300 crianças. Poderemos construir um orfanato, também para 300 crianças, e a casa do pequeno artesão, uma escola profissional para meninos a partir de 14 anos.

Resta saber se a escola terá no setor empresarial a mesma habilidade que vem demonstrando nos desfiles na avenida. Recentemente, Aniz Abrahão David, seu presidente de honra, recebeu vários telefonemas da rede **Globo** cobrando o pagamento das publicidades sobre o carnê Beija-Flor. Aniz é o avalista da escola.

Jorge José de Mello

Fotos de Chiquito Chaves

Joãozinho: carnê pra creche

Anísio: paga as contas

A VIDA DIFÍCIL DOS INQUILINOS EM SÃO PAULO

Pelo anúncio do jornal, o interessado em alugar um apartamento gostou, achou que ele serviria. Procurou o corretor, que o levou ao apartamento, mostrou tudo, disse que a proprietária estava viajando. O preço até que era bom. O cliente deu um sinal de entrada, o corretor entregou as chaves e depois não deu mais sinal de vida.

Francisco Camilo do Nascimento, porteiro do edifício Humaitá, na Zona Sul, conta esta história:

— Vi um casal abrindo a portaria do edifício e achei estranho. Nunca tinha visto eles. Perguntei o que era, logo na entrada. A moça explicou que tinha alugado o apartamento e me mostrou as chaves. Falou que tinha alugado de uma tal dona Santa. Não conhecia essa mulher. Coincidentemente, a dona do apartamento estava no prédio; pedi pra moça que esperasse e fui falar com ela.

Final da história: a polícia baixou no prédio e foi a maior confusão. Os policiais aconselharam o porteiro a trocar a fechadura do apartamento. Mas o caso não parou aí. No dia seguinte chegou outro senhor, já com a mudança e a família dentro do caminhão. Queria subir de qualquer jeito. Mais um que fora enganado.

RECEITA PARA EVITAR OS GOLPES

Estes são os cuidados para não se cair no conto do aluguel, segundo o gerente do Serviço de Proteção do Inquilino, Leonides Klein.

1 — Ter cautela com a palavra "imobiliária". Nos anúncios, os escritórios irregulares parecem preferir esta palavra, em vez de administradora.

2 — Ter certeza de que qualquer anúncio que ofereça aluguel sem fiador ou ofereça a venda de fiança é uma arapuca.

3 — Ao comparecer a um escritório, deve-se observar se ele tem alvará afixado em local bem visível.

4 — Desconfie de qualquer pessoa que pedir adiantado, seja em depósito ou não. No caso de entregar dinheiro, exigir recibo em papel timbrado.

5 — Pedir documentos originais e nunca aceitar xerox. E tomar cuidado com as assinaturas ilegíveis. Geralmente o estelionatário só faz um rabisco.

6 — Enfim, acreditar no ditado popular: "Se alguém lhe oferece muita vantagem, desconfie logo".

IMOBILIÁRIA TRABALHA COM A POLÍCIA

Alugar uma casa ou apartamento através de imobiliária em São Paulo é se submeter a verdadeiro sacrifício. As administradoras fazem uma minuciosa investigação sobre a vida do inquilino. Se for solteiro, viúvo ou não apresentar certidão de casamento, dificilmente alugará um apartamento na região do Largo do Arouche, Santa Cecília, Vila Buarque ou Consolação.

Como o centro da cidade abriga prostitutas, travestis e pederastas, as famílias pressionam as imobiliárias para que se estabeleça um rigoroso controle de seus clientes.

A imobiliária manda a ficha de seus clientes para o Deops. Uma prática que surgiu em 1969, período cruel do governo Médici. Os órgãos de segurança queriam ter o controle total de onde estavam morando os membros das organizações clandestinas. Hoje, essas fichas não têm mais função, mas mesmo assim elas continuam vigorando. É o chamado "atestado ideológico do inquilino".

Alugado o apartamento, o inquilino terá de enfrentar outro problema: o síndico, figura mais detestável do prédio. É ele quem controla a entrada e a saída dos moradores. Essa figura começou a ganhar forma em 64, com a lei que regulamentou o condomínio e a incorporação de imóveis. Seu papel é o de representar e administrar o condomínio, ver no que estão infringindo a lei do prédio e aplicar sanções aos infratores. Verdadeiro xerife.

Tem síndicos que vivem do salário dos condôminos. Pela lei, é ele quem estipula as taxas de condomínio, que incluem a limpeza, pagamento de funcionários e conservação do prédio. Mas, muitas vezes, entre estas despesas, o inquilino poderá encontrar contas de supermercado ou cabeleireiro da mulher do síndico.

Hélio Belik

Aluguel segue inflação e quase dobra até dezembro

O governo decidiu que este ano os aluguéis vão acompanhar o Índice Nacional de Preços ao Consumidor (do IBGE). No ano passado, eles foram reajustados pela correção monetária — bem inferior à inflação. Em 81 não, vão marchar passo a passo com a inflação, o que significa que os percentuais de reajuste subirão mês a mês e, em dezembro, devem estar na casa dos 90%. Quer dizer, o aluguel vai quase dobrar.

No Rio e em São Paulo, alugar um apartamento é um verdadeiro sufoco. Até 1975, a cidade de São Paulo era considerada o paraíso dos inquilinos. Um apartamento de 2 quartos, na região dos Jardins, podia ser alugado por metade do preço de um apartamento da Zona Sul do Rio. Hoje em dia a situação mudou, pois nos últimos 5 anos os aluguéis em São Paulo subiram com grande rapidez. Um apartamento de 2 quartos, para uma família de classe média, na área dos Jardins, não sai por menos de Cr$ 30 mil. Na periferia da cidade o aluguel de uma pequena casa gira em torno de Cr$ 10 mil, quando em 1977 não passava de Cr$2 mil.

Mas além de aluguéis extorsivos, o inquilino tem de enfrentar uma série de outros golpes e obstáculos que infernizam sua vida. Corretores desonestos, síndicos ladrões e repressivos, proprietários arbitrários e ameaçadores e imobiliárias preconceituosas. Isto, sem falar nas fichas que tem que preencher e que vão para o Departamento de Ordem Política e Social (Deops) — um verdadeiro atestado ideológico do inquilino.

Sendas esteve mesmo à beira da concordata

No dia 1.º de abril, a Casas Sendas divulgou pela televisão um anúncio com o ator Flávio Migliacio dizendo: a Casas Sendas faliu. Um outro sujeito olha para ele, espantado. Então Migliacio completa: piada de 1.º de abril. Depois o sujeito que fora enganado faz a mesma brincadeira com outro cara e, no final, aparece uma porção de gente gargalhando com a "piada". Só que a "piada" tem um tremendo fundo de verdade. A Casas Sendas esteve mal em janeiro e começou a atrasar os pagamentos de seus fornecedores. O fato foi do conhecimento de muita gente e a história de que a Casas Sendas ia pedir falência ou concordata (no valor de 1 trilhão de cruzeiros) espalhou-se por quase todo o Rio de Janeiro. A grande imprensa investigou o fato, só que não deu nada, a pedido da MPM — uma poderosa agência publicitária (a maior do Brasil) que, além da Casas Sendas, controla muitas outras importantes contas. Quem desse a desagradável notícia sobre os apertos da Sendas corria o risco de entrar na lista negra da MPM e ver seu faturamento publicitário reduzido. O que aconteceu com a Sendas foi que ela se estocou demais, comprou mercadorias em excesso, e ficou de repente sem condições de pagar em dia a seus fornecedores. O problema, a essa altura do campeonato, já está em grande parte resolvido, pois a Sendas reduziu seus estoques e foi pouco a pouco colocando os pagamentos em dia. Além dos estoques excessivos, a Sendas foi prejudicada por um recuo em suas vendas — o que de resto está acontecendo com quase todos os supermercados. Com o aumento galopante do custo de vida, os consumidores cortaram uma série de gastos, e certos produtos, como queijo e iogurte, tiveram suas vendas reduzidas em quase 50%. Prova disso é que os fabricantes desses produtos vão em breve começar uma campanha publicitária para induzir o pessoal a comprar mais. Mas a 500 pratas o quilo do queijo, vai ser difícil que a campanha tenha sucesso. Uma outra prova de que a Casas Sendas estava (e ainda está) com problemas é que ela conta com um financiamento de Cr$2 milhões do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDE) e teve que renegociar os prazos de pagamento para não ficar num grande sufoco. Quanto ao anúncio de 1.º de abril, foi provavelmente uma burrice sem tamanho. No dia seguinte, várias donas-de-casa diziam que depois dele tinham ficado com a pulga ainda mais atrás da orelha. Outras, só a partir do anúncio ficaram sabendo da situação da Sendas, pois com sua curiosidade despertada foram se informar junto a amigas sobre o que estaria acontecendo com a mais poderosa rede de supermercados do Rio de Janeiro. Afinal, quase todo mundo ainda acredita no velho ditado que diz que onde há fumaça há fogo.

Ricardo Bueno

COCA-COLA DÁ CÁRIE

A Coca-Cola faz o consumidor brasileiro de trouxa. Nos Estados Unidos, a fórmula de sua mistura aparece de forma legível nas latinhas, e nenhum elemento que a compõe é omitido. Está lá: água carbonatada, açúcar, cor caramelada, ácido fosfórico, temperos de plantas e cafeína. No Brasil, a fórmula é impressa, de forma quase ilegível, nas chapinhas enrugadas, e diz apenas o seguinte: acidulante H III, flavorizantes FI e FIII.

Para começar, essa é uma linguagem que ninguém entende. Pouca gente sabe, por exemplo, que acidulante H III é o ácido fosfórico. Além disso, três elementos que figuram na fórmula norte-americana não são mencionados na brasileira. Um deles é a cafeína, considerado um poderoso excitante.

Há mais. O decreto-lei nº 986, que regulamenta a industrialização de produtos alimentícios, estipula que devem "os rótulos dos alimentos destituídos, total ou parcialmente, de um de seus componentes normais, mencionar a alteração autorizada (Artigo II, parágrafo 3º). A Coca-Cola omite vários componentes de sua fórmula, desrespeita a lei e não é punida por isso.

O decreto-lei 986 afirma, também, que só é permitido o emprego de aditivo intencional (como o ácido fosfórico) quando comprovada sua inocuidade no organismo humano. Acontece que os cientistas da Universidade de São Paulo divulgaram, há oito anos, uma pesquisa feita em seus laboratórios provando que o ácido fosfórico da Coca-Cola é um poderoso descalcificante, que contribui vigorosamente para a cárie dentária e menor resistência da estrutura óssea.

Para chegar a essa conclusão eles fizeram experiências com ratos, que foram divididos em dois grupos. Ao primeiro grupo foi administrada Coca-Cola desde o período de gestação até a fase adulta. Ao segundo, apenas água da bica. No final da experiência, os dois grupos passaram por uma rigorosa análise. O número 1 apresentava maior fragilidade na estrutura óssea e os dentes rompiam-se mais facilmente. Repetida a experiência, os resultados voltaram a se confirmar.

Talvez por saber disso é que a Coca-Cola não fala em ácido fosfórico, mas em acidulante H III, e o coloca nas chapinhas em caracteres tão pequenos que só com lente de aumento dá para enxergar. Mais uma vez o decreto-lei 986 é desrespeitado. Em seu artigo 11, item VI, ele estipula que "os rótulos deverão mencionar em caracteres perfeitamente legíveis a indicação do emprego do aditivo intencional", como o ácido fosfórico.

O que não deixa de ser irônico, depois de se saber que a Coca-Cola provoca fortemente a cárie, é que toda a propaganda desse refrigerante é feita na base da Coca-Cola e do sorriso. Nesses anúncios, aparecem jovens com dentaduras maravilhosas, perfeitas. Dá até para desconfiar que eles jamais tomaram Coca-Cola em toda sua vida.

UMA COLUNA DE ECONOMIA

caixa 2

Ricardo Bueno

Petróleo brasileiro agora é das multis

No dia 1º de abril, a Petrobrás transformou o monopólio estatal do petróleo numa piada de mau gosto. O superintendente encarregado dos contratos de risco, numa entrevista à imprensa, anunciou que a bacia de Campos seria aberta às multinacionais. Elas poderiam perfurar numa área a 200 quilômetros de onde a Petrobrás está realizando seus trabalhos.

A bacia de Campos (por falar nisso, bacia é um conjunto de campos de petróleo) é a mais importante do Brasil, e calcula-se que quando toda ela estiver explorada poderá produzir 300 mil barris por dia. Para se ter uma idéia do que isso significa, basta dizer que *toda* a produção brasileira de petróleo atualmente é pouco superior a 200 mil barris por dia.

A decisão da Petrobrás de permitir que as multis, através dos contratos de risco, entrem na bacia de Campos é uma loucura total. Só para você ter uma idéia, leitor, a empresa estatal brasileira já perfura em Campos com sucesso, domina a tecnologia de perfuração em águas profundas (a bacia de Campos fica em alto mar) e sabe que os riscos de trabalhar lá são pequenos, pois abrindo mais poços certamente será descoberto mais petróleo.

Para que, então, dar Campos de bandeja para as multinacionais? Só um governo muito burro e muito entreguista faz isso. Aliás, no dia anterior ao anúncio sobre a bacia de Campos, a Petrobrás divulgava toda satisfeita que assinara mais 6 contratos de risco com as multinacionais. Com isso, já foram acertados desde 1975 uns 90 contratos. Pois bem, sabem quanto eles já nos deram de petróleo? Zero vírgula zero zero. Nada, nadinha.

Esse troço não deixa de ser engraçado, pois quando o general Geisel anunciou há seis anos que o Brasil iria fazer contratos de risco com as multinacionais, eles foram apresentados como a salvação nacional.

Para encerrar o assunto petróleo, só mais uma observação: no dia em que a Petrobrás anunciou que mais 6 contratos acabavam de ser assinados (31 de março), uma série de entidades estudantis estavam fazendo manifestações em defesa do monopólio estatal do petróleo. Era o dia nacional de luta pelo monopólio. O idealismo dos estudantes não merecia ser desrespeitado de forma tão calhorda.

Mais desemprego, o plano do FMI

Um economista amigo meu dizia outro dia que o Fundo Monetário Internacional (FMI) — que detesta qualquer coisa que beneficie os trabalhadores — não estava preocupado em pressionar o governo brasileiro para que mudasse a política de reajuste dos salários de 6 em 6 meses.

Estranhei, pois sempre achei que o FMI detesta essa política e adora o arrocho salarial. Mas esse economista, que teve acesso aos trabalhos do Fundo sobre o Brasil, observou que os caras querem é que o governo continue apertando o crédito das empresas privadas e cortando os investimentos das empresas públicas. Por quê? Assim, as empresas terão que aplicar menos em máquinas e novas instalações. Logo, vão empregar menos gente e, isso, combinado com a queda nas vendas em vários setores (que já está havendo), levará a uma diminuição do total de pessoas trabalhando.

O objetivo do FMI de desaquecer a economia e desestimular a demanda (obrigando as pessoas a comprarem menos) será, portanto, alcançado sem que se mexa na política salarial. O caminho escolhido (e aceito pelo governo brasileiro) foi outro: trabalhadores no olho da rua.

É uma estratégia brutal e cruel. Mas os economistas do FMI fazem parte daquele grupo que, segundo o ex-ministro da Indústria e do Comércio, Severo Gomes, anda com um livro numa das mãos e uma metralhadora na outra. Sempre que podem, eles passam fogo nos trabalhadores.

Aleluia! Aleluia! Depois da quaresma o novo sú
PEGAÇÃO DO JUDAS
NÃO PERCA
Autoridades, personalidades, políticos, colunáveis, homens lindos, fantasiados, mulheres esvoaçantes, quase despidas, *gays*, travestis deslumbrantes, embriagados, todos, pelo luxo, a música, o *champã*. Será assim, sem tirar nem por, o grande baile que reabrirá a temporada alegre, uma noite para ficar na memória dos que freqüentam a sociedade. Digna homenagem à mais sibilina das figuras do alto escalão desta República.
UII, BEM... VAI DEIXAR MARCA.
HUMM... QUE ESPADÃO!
QUER QUE EU BATA OU ENFIE?
AIII! QUE DE-LÍ-CIA SER JUDAS!
REPORTER
Bate, mas nem sempre mostra o pau

AUTONOMO INDEPENDENTE

REPORTER

agora quinzenal

De 6 a 19 de maio de 1981 - ano IV - nº43 - Cr$50,00

MARINHA DERRUBOU JANGO
P.4

ENTREVISTA

CASSANDRA RIOS

P.12

EU SOU MORALISTA!

EXCLUSIVO

O DRAMA DE FIGUEIREDO

Evandro de Castro Lima

Receita pra noiva ter cara de virgem

P.16

ELEIÇÃO DIRETA

SANDRA GANHA PRÉVIA NO RIO

P.8

MORAL, o codinome do arbítrio

A ordem veio de Brasília. O delegado da Polícia Federal, William Barth, de plantão no meio feriado da quinta-feira santa, confirmou secamente a segunda apreensão deste jornal em menos de cinco dias. Antes, ele alegara desconhecer qualquer medida, mas, diante da insistência dos incômodos interlocutores, "foi lá dentro" e voltou com a notícia. Pela manhã — isso já se passava à tarde — o superintendente regional, Roberto Felipe Porto, mandou dizer que não estava, e um agente que atendeu telefonemas da redação garantiu que lá "não estavam apreendendo nada". "Não temos viaturas na rua fazendo o serviço", justificou. A irritação do delegado Barth, portanto, era compreensível: ele se sentiu como aquele para quem outros empurram uma tarefa desagradável, num dia de quase descanso, durante o qual apenas reles falsificadores de barões interromperam a madorna. Explicar algo a insistentes jornalistas era decididamente a última coisa que ele queria, e fez questão de evidenciar isso. Voltou, admitiu a apreensão, identificando a origem da ordem, e saiu da sala indicando o caminho da rua. Qualquer indagação "extra", a partir daí, ele considerou uma exorbitância e, nervoso, subia na ponta dos pés e, quando descia, explicava que já tivera boa vontade, fizera o possível, nos recebia como deferência ao colega — referia-se ao nosso advogado — "porque aos outros (referia-se ao diretor do jornal)"... e se conteve para não dizer o que pensava deles.

Dias antes, para explicar os motivos da apreensão do número 42, pela primeira vez em mais de 3 anos, o superintendente da Polícia Federal no Rio concedeu cerca de 20 minutos a nosso representante, para lhe explicar, "por alto", os motivos do recolhimento de edição. Alegação: atentado à moral e aos bons costumes do povo.

Assim a polícia, no caso preposta da autoridade do ministro da Justiça, trata a imprensa da qual não gosta: às vezes explica, às vezes não explica; ora apreende, ora ignora. Faz o que quer, respaldada no poder dos decretos-leis que garantem ao governo legislar, e explica como e quando quer.

Ferimentos da moral é o que argumenta o ministro para nos punir; sabemos bem o que ele, na verdade, pretende: impedir a circulação de um jornal, crítico e independente, com forte penetração popular, que resistiu ao ataque das bombas terroristas durante quatro meses e que, com a edição de carnaval, reconquistou seus pontos de venda, as bancas de todo o país.

A alegação de imoralidade nos textos, fotos e charges publicadas é o biombo já esfarrapado da perseguição "implacável", para usar o termo do presidente da Associação Brasileira de Imprensa, Barbosa Lima Sobrinho. Impassível, o ministro acompanhou os atentados aos jornaleiros, em que a Falange Pátria Nova (e outras) punha em risco vidas de pessoas; ativo, ele coíbe, com a irrecorrível sentença de apreensão, o suposto atentado aos costumes, que ele diz serem da população.

Conhecemos as duas faces do ministro. Ele as exibe de acordo com a conveniência, de modo que vamos deixar que outros discutam as ligações da moral com o Estado (ver matéria na página ao lado). Vamos discutir a questão do arbítrio. Na legislação sobre a imprensa, ele está presente e forte. A atual lei da segurança nacional pode tudo, desde apreender até prender, processar e cassar jornalistas e jornais. O que lhe falta atingir é suprido pelo decreto-lei de imprensa, muito pior que o último vigente. O poder máximo de impedir a impressão de uma publicação ou retirá-la de circulação está ao alcance de uma portaria do ministro. Ele decide. Aos lesados, resta o pequeno espaço do protesto legal, abafado pela pouca repercussão que lhe dá a maioria dos jornais diários, pelas pressões sobre o Judiciário, pelas leis de exceção.

Vamos, é claro, lutar por nossos direitos na Justiça, mas propomos aos nossos leitores um outro caminho. A teimosia. Teimamos em manter vivo este jornal, e queremos aumentar sua circulação, duplicar sua periodicidade. Já o vemos, no horizonte, como semanal. Vamos fazer com que ele cresça como realidade palpável de jornalismo profissional, sem compromissos com o poder. Somos apenas teimosos, senhor ministro. Nossa intenção é fazer um jornal cada vez mais importante socialmente — e um jornal influente de oposição não o agrada. Vamos ser francos, ministro Ibraim. É disso que se trata: o governo quer enfraquecer, com métodos biônicos, jornais, partidos, grupos, associações, organizações que não se atrelem a seus interesses num ano pré-eleitoral.

A moral, coitada, não tem nada com isso.

INVESTIGAÇÃO CENTRÍFUGA:

O suspeito é secreto

Comoção no enterro de D. Lyda

"Usamos investigação centrífuga." A simples menção desse nome leva a conclusão de que se trata de algum assunto relacionado com a física ou com a química. Não é nada disso. Trata-se de uma citação literal do delegado federal Armando Costa sobre o método que vem utilizando para descobrir os responsáveis pelos dois violentos crimes de terroristas de direita no Rio: as cartas-bombas que mataram a secretária da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Lyda Monteiro, e mutilaram, na Câmara de Vereadores, o jornalista José Ribamar de Freitas. Tais fatos ocorreram há oito meses. Nada ainda foi apurado.

Há um acusado: Ronald James Watters, golpista de 64, reacionário notório e acusado por um frustrado atentado a bomba, em 1962, contra uma exposição soviética no Rio. Não é só o advogado de Watters que considera "uma farsa" o processo contra seu constituinte. A própria OAB, uma das vítimas dos atentados, qualifica o inquérito de "pantomima" ou "embuste mal montado". E não está exagerando. Que provas existem contra Watters? No seu método centrífugo (que parte do centro dos acontecimentos para a periferia), o delegado Costa culpou unicamente Watters pelos atentados, sem tentar chegar a nada mais profundo. Ele próprio afirmou, em relatório, que não queria culpar a direita ou a esquerda pelo crime. O advogado Seabra Fagundes, ex-presidente da OAB, detectou aí a primeira contradição: a polícia, concluiu ele, não quer desbaratar a rede de terrorismo que aterroriza o país.

Não foi o único equívoco do delegado. Ele desprezou depoimentos de funcionários da OAB, que fizeram um retrato falado de um suspeito, mais jovem que Watters; não fez nenhuma relação entre a bomba que explodiu na OAB e artefato idêntico que não explodiu na sede da Sunab, no prédio da ABI. Seguramente, a bomba não explodiu porque não era para explodir. E o pior: o único culpado foi descoberto através de um telefonema anônimo e indiciado graças ao testemunho do comerciário João Ferreira Lima. Ele teria vendido a máquina com que Watters escrevera, na versão da polícia, a carta da Vanguarda de Caça aos Comunistas, enviada à Rádio Jornal do Brasil, reivindicando a autoria dos atentados. Ele não só reconheceu Watters, como o acusou de pagar com cheque sem fundos. Detalhe: não tinha nota de venda da máquina, uma Remington, nem pediu nenhuma identidade ao acusado. Outro detalhe: a perícia desmentiu que o cheque, de Cr$ 6 mil, tivesse sido preenchido por Watters.

O resultado da investigação centrífuga de Armando Costa é um retrato fiel do "esforço" da polícia para elucidar os atentados terroristas no país. Seguramente por isso é que eles continuam a se multiplicar no Rio e também em outros Estados. Exemplo: no último dia 29, duas bombas explodiram quase simultaneamente em duas bancas de jornais e revistas em Belém, no Pará, danificando prédios e ferindo pessoas. A Falange Pátria Nova assumiu o atentado. E onde está a polícia?

Sobre o terror no Riocentro, veja coluna de política na p. 7.

REPORTER

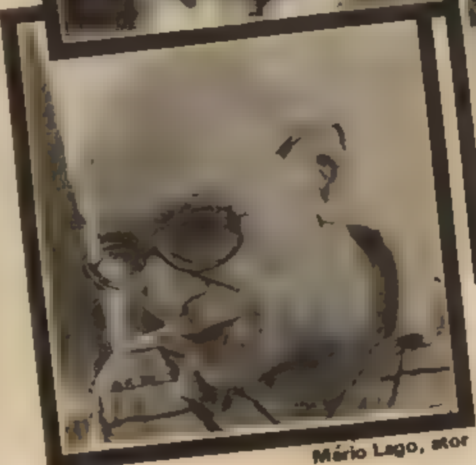
EDITORES — Alex Solnik, Luiz Alberto Bettencourt, Pipsi (Arte)
CHEFIA DE REPORTAGEM — Francisco Viana
REPORTAGEM — Rio de Janeiro: Tim Lopes, Ricardo Bueno. São Paulo: Rivaldo Chinem, Sílvio de Souza, Hélio Belik, Teresa Moreira. Recife: Eduardo Homem, Beth Salgueiro. Salvador: Mariluce Moura
FOTOGRAFIA — Rio de Janeiro: Chiquito Chaves. São Paulo: Wagner Avancini, Eliane Pastore, Valdenir Benedetti. Recife: Valdir Afonso Xirumba
ARTE — Analuce Estrella, Ana Maria Martins, Guidacci
SECRETARIA GRÁFICA — Manoel Hernandes de Azevedo
CIRCULAÇÃO — Simeão Marques
PUBLICIDADE — Lucília Braga (Rio), Isaías Justo Reis (São Paulo)
DEPARTAMENTO JURÍDICO
Luís Celso Araújo (Rio), Carlos Eduardo Costa Pereira (Recife)
REPORTER Autônomo Independente é uma publicação de MARGEM S.A. Editora e Gráfica. Rio de Janeiro: Rua Miguel Couto 134/11.º and. Tel. 253 5038/253 5077. São Paulo: rua do Seminário 155/sala 30. Tel. 227 7175. Recife: av. Conde da Boa Vista, 121/grupo 707. Tel. 222 1224
Composição e Impressão: Editora Mory, rua do Resende 65, RJ

REPORTER, apreendido 2 vezes em 5 dias, lança debate sobre lei de costumes, que conclui:

SÓ JÚRI POPULAR DEFINE A MORAL

Este jornal virou notícia: responde a 12 processos, movidos pelos governos federal e fluminense, por supostos atentados aos bons costumes do povo brasileiro nas matérias e fotos publicados. A alegação das autoridades lança um debate sobre o que é moral e imoral. Ouvimos personalidades e populares. Uma conclusão: a moralidade de um país não pode ser decretada pelo Estado.

Raimundo Faoro, jurista



Mário Lago, ator

Marcelo Cerqueira, deputado

O que é a moral? O jurista Raimundo Faoro, ex-presidente da Ordem dos Advogados do Brasil, é taxativo

— Um padrão de moral é muito variável. Veja o caso do Brasil: temos uma autoridade vitoriana dentro de uma sociedade que se aproxima dos padrões contemporâneos.

A opinião de Faoro, conhecido por suas posições progressistas, não é diferente do que pensam outros intelectuais brasileiros. Diz Nelson Pereira dos Santos

— Estou acostumado a ver muitas coisas que não considero morais nas maiores redes de televisão do país. Não há repressão. Por quê? É muito simples: o conceito de moral está ligado às relações de poder.

É por isso que Raimundo Faoro defende a tese de que a sociedade é quem deve decidir o que é moral ou imoral

— Esta é a tradição anglo-saxônica: a decisão deve vir do júri popular. Na antiga lei de imprensa havia, no Brasil, o júri popular, que desapareceu com a nova lei. A volta do júri é fundamental. Assim se evitaria que a moral oficial resolvesse os conflitos. E mais: deixando o Estado de decidir o que é moral ou imoral, o povo não ficaria na dúvida de que por trás do conceito de moralidade está algum interesse político.

Um exemplo histórico: quando os europeus chegaram ao Brasil, se apressaram em alterar a cultura indígena que lhes era hostil. O professor de sociologia da Pontifícia Universidade Católica, José Nilo Tavares, usa esse pequeno detalhe para defender um ponto de vista: a moral é um código que a classe dominante usa, em última instância, para perpetuar seus interesses, criando mitos e tabus que seriam intocáveis.

— Quando os portugueses aqui chegaram, tentaram destruir a cultura indígena. Por quê? Precisavam de força de trabalho gratuito. Assim, a nudez dos índios virou imoral. O mesmo aconteceu com as formas indígenas de união conjugal e até seus hábitos alimentares. Resultado: destruíram uma riquíssima cultura em nome da moral européia e da moral do papa Alexandre.

O deputado federal Marcelo Cerqueira, do PMDB, acrescenta

— No Brasil de hoje, o que prevalece é a moral da ditadura.

E explica

— Os conceitos de moral foram pervertidos pela Lei de Segurança Nacional. Prevalece o que interessa à classe dominante.

O escritor Mário Lago, apóia Cerqueira

— Imoral é o custo de vida altíssimo e os salários baixos para o povo, para quem tem altos lucros, essa situação que considero imoral é moral.

Mário Lago usa essa contradição para explicar o seguinte: a moral é patrimônio da classe dominante e esta a utiliza de acordo com o momento

— Depois de 17 anos de sufoco, é claro que, para o povo, moral é mudar o que virou imoral. Como a moral imposta é outra, a classe dominante tem que se apoiar nos seus próprios valores. Ninguém quer admitir que imoral é o preço do feijão.

Sérgio Fonta, teatrólogo, afirma

— Imoral é a violência, a corrupção, com a gente sendo obrigado a vê-las e senti-las na pele sem poder combatê-las.

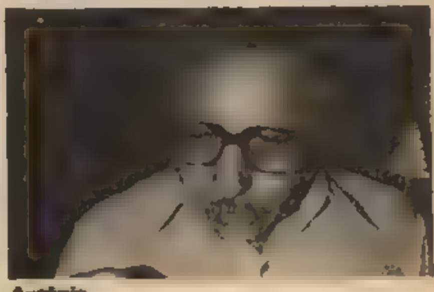
Fonta é dos que não concordam com a chamada moral oficial. E indaga

— Por que o que é bom para mim tem que necessariamente ser bom para os outros? Só quem pode julgar o que é moral ou imoral é o consenso da sociedade. Pessoalmente, não me sinto chocado com nada dessas coisas ditas "atentatórias à moral e aos bons costumes". A realidade existe para ser mostrada.

Mariza Cardozo

Walter

Mathias



Antônio

Julgamento das ruas diz que imoral é a crise econômica

Gravador em punho, a repórter Mary Guarilho passou dois dias na Central do Brasil tentando ouvir o carioca sobre a moral. Um resumo dos principais depoimentos mostra o que o povo pensa sobre o assunto:

João Marcílio, 52 anos: "O governo não tem moral pra dizer o que é imoral. Imoral é a carestia".

Carlos Cordeiro da Silva, 68 anos: "Imoral é tudo que atenta contra os direitos do povo".

Marcos, 23 anos: "Imoral são os baixos salários".

Mathias Dias, 45 anos: "O carioca não tem moral. Por isso, é desprovido de bons costumes. Agora não venha me dizer que a imoralidade está na imprensa, que cumpre seu papel; a imoralidade está é no governo e no povo, que aceita essa situação em que vivemos".

Josemar, 18 anos: "Imoral é ter roubar o pão pra alimentar os filhos".

Max, 23 anos: "Imoral é tudo que atenta contra os costumes: o **topless**, por exemplo".

Jorge, 23 anos: "Imoralidade é eu não poder me virar nas horas vagas como camelô. A fiscalização devia me deixar em paz".

Francisco Castidio, 32 anos: "Carestia e intranqüilidade atentam contra a moral. Abatem os que trabalham honestamente. Imoral é mexer com as mulheres na rua".

Moacir, 40 anos: "Imoral é o que o governo faz com nossa fome".

Roberto, 22 anos: "Imoral é essa abertura sexual falsa".

Antônio, 43 anos: "O caos em que vive o país é imoral. Esse jogo de forças políticas que prejudica o povo é imoral. Pra mim, falta moralidade ao povo e respeito às moças que fazem **topless**.

Walter, 18 anos: "Roubar e matar são atentados contra a moral e os bons costumes do povo. Eles fazem isso porque precisam de casa e comida".

Nossa legislação decreta que o real não é legal

*Em 1980, 65% da produção cinematográfica nacional foram de pornochanchadas e de filmes considerados eróticos, mas com algum valor artístico. Em todos os bairros elegantes e no centro da cidade, multiplicam-se as casas de massagens, com anúncios nos jornais. Nas bancas de jornais, as chamadas revistas de mulheres nuas disputam espaço com os manuais sexuais. Nos **trailers** e cartazes de cinema anunciam-se cenas de sexo explícito. Atrizes de telenovelas invadem os lares, nos horários nobres, para desmistificar um velho tabu: a masturbação. Tudo feito com requinte, sem inibição e com boa receptividade de crítica e público.*

*Você seria capaz de dizer que país é este? O Brasil mudou. Ou melhor: os conceitos de moral e de bons costumes já não são mais os mesmos. Trata-se de um processo recente, acelerado pela abertura política, que trouxe o **topless** e incorporou à rotina discussões sobre homossexualismo, política do corpo, sexo grupal e "amizade colorida" (transa sem compromisso).*

*Está cada vez mais distante o tempo em que a classe média era obrigada a cruzar o Atlântico para ver **Emmanuelle** ou curtir prazeres proibidos. Em Angra dos Reis, no litoral fluminense, há ilhas de nudismo. E na paradisíaca ilha de Itaparica, na Baía de Todos os Santos, Régine, a rainha da noite parisiense, instalou um oásis de prazer, disputado avidamente por figuras que vão de Pelé ao banqueiro e ex-ministro da Fazenda Angelo Calmon de Sá, sem contar as legiões de executivos, dondocas e gente da alta classe média.*

Tudo isso, no entanto, se choca com fatos que beiram o surrealismo. Vejamos: no carnaval da Bahia, a maconha foi liberada oficiosamente. Quer dizer: o governador Antônio Carlos Magalhães não assinou decreto nesse sentido, é claro, mas a polícia também não prendeu ninguém. No Rio, o curador de menores, Carlos de Mello Porto, obrigou as revistas eróticas a vestirem capas de plástico — uma medida moralizadora, segundo ele. A decisão teve vida curta: em menos de três meses o plástico foi abolido pela maioria das revistas, que estampam, ao lado das fotos sensuais, entrevistas com personalidades como o senador Tancredo Neves, o ministro Delfim Netto e o governador Paulo Maluf.

Há ainda um dado a considerar: o próprio governo federal reconhece que a moral social está em mutação. Uma comissão de juristas foi encarregada pelo Ministério da Justiça de elaborar o projeto da reforma da legislação penal vigente. Uma das decisões mais fáceis de serem tomadas foi em relação ao adultério, que deixa o Código Penal para ocupar apenas o "foro íntimo" do casal. Atualmente, o crime de adultério é punido com 15 dias e 6 meses de detenção.

Ao sabor de uma legislação ultrapassada e quase sempre casuística, a grande culpada acaba sendo a imprensa — principalmente a alternativa — frequentemente punida com base na Lei de Imprensa e, às vezes, na Lei de Segurança, por discutir temas polêmicos, como o amor livre, o aborto e as violências sexuais, entre outros. Aliás, a Ordem dos Advogados do Brasil, ao se pronunciar sobre a legislação de imprensa, considerou-a arbitrária e antidemocrática, porque, entre outras coisas, permite que um jornal seja apreendido e recolhido com base no discutível argumento de publicar algo contrário à moral e aos bons costumes. E, se o povo aceita a discussão dos problemas que o envolvem, a única explicação para as constantes perseguições aos jornais é esta: o convívio com a liberdade de expressão ainda não é tolerado por quem se empenha tanto em dar provas de que o país caminha para a democracia.

GOLPE COMEÇOU

Marinheiros mal pagos, sem direito a casar e perseguidos pelos oficiais se

O último ministro da Marinha do governo Goulart diz que, em 64, a maioria de seus colegas era de tendência monarquista, contra qualquer reforma e hostilizava até Juscelino. Ele quis resistir, mas o general Assis Brasil o desaconselhou.

1.º de abril, 1964. São 18h30m. O ministro da Marinha, almirante Paulo Mário da Cunha Rodrigues, chega a seu gabinete e toma as últimas providências como titular da pasta: manda desmobilizar todos os fuzileiros que cercavam o prédio, armados para enfrentar as tropas golpistas, e suspende a partida de três destróieres que iriam para o Rio Grande do Sul ajudar o presidente João Goulart a organizar a resistência. Era o princípio do fim da mais rápida e tumultuada administração de um ministro da Marinha em toda a história do país.

Minutos depois — conta o almirante Paulo Mário, hoje com 86 anos — chegaram dois ex-alunos meus, os almirantes Aragão Reis e Mello Batista, e eu entreguei o cargo a eles. Foram muito distintos e até me deram uma lancha para eu voltar para casa, em Niterói, já que havia uma greve de ônibus e ninguém conseguia se locomover na cidade.

A sorte do almirante Paulo Mário e de todos os oficiais e praças legalistas da Marinha e do Corpo de Fuzileiros Navais fora decidida exatamente às 16 horas daquele mesmo dia. Naquele momento, o ministro fora chamado ao gabinete do chefe da Casa Militar de Jango, general Assis Brasil, coordenador de um suposto dispositivo militar do governo, que ordenara a capitulação.

— A ordem é a rendição. Pelo amor de Deus, o senhor não resista. Nós todos vamos sofrer muito, mas o presidente não quer que haja resistência.

— Assis Brasil — recorda o almirante Paulo Mário — estava muito tenso e só faltou se ajoelhar a meus pés. Eu quis resistir. Além de contarmos com parte da oficialidade da Marinha, os praças e os fuzileiros de Aragão, havia o pessoal da Aeronáutica e da Vila Militar. Era só Jango querer e a gente resistiria. Os golpistas estavam apavorados e, inclusive, tinham até plano de fuga.

Dezessete anos depois do dramático diálogo com Assis Brasil, Paulo Mário não alterou seus pontos de vista.

— Jango não resistiu porque era um estancieiro e não um estadista. Não há dúvida de que era uma pessoa íntegra. Mas está claro que não era um estadista. Um estadista de verdade jamais entregaria o poder sem luta, numa situação como a de 1964.

O almirante Paulo Mário assumiu o Ministério da Marinha no dia 27 de março, em meio à mais grave crise militar do governo Goulart: a chamada rebelião dos Marinheiros, no Palácio dos Metalúrgicos, na rua Ana Nery. O episódio começou no dia 26 quando, pressionado pelo Almirantado, o ministro da Marinha, Sílvio Motta, ordenou a prisão dos marinheiros que comemoravam ruidosamente o segundo aniversário da Associação de Marinheiros e Fuzileiros Navais do Brasil. O comandante dos Fuzileiros, almirante Cândido Aragão, recusou-se a cumprir as ordens do ministro. As tropas que se deslocaram para lá, ao invés de prenderem os revoltosos ou atirarem neles, como queriam os oficiais, acabaram aderindo ao movimento. O resultado foi a intervenção do Exército, com a prisão de mais de 1600 praças e a demissão do ministro da Marinha.

A crise não foi provocada pelos praças — diz o almirante Paulo Mário — e sim pelo Almirantado. Na véspera da festa, o Almirantado decretou a prisão de 12 líderes da Associação dos Marinheiros, criando um clima muito tenso. Isto só veio agravar os ânimos na Marinha, onde a situação era das mais dramáticas, repetindo naquela época um clima bem semelhante ao que favoreceu à chamada Revolta das Chibatas em 1910.

Foi por isso que quando assumiu o ministério no dia 27 de março, o almirante Paulo Mário se recusou a punir os praças.

Jango queria punir só a marujada

— Era uma situação muito delicada e eu sabia que os praças não tinham culpa. Quando Jango me convidou para o ministério, eu estava há cinco anos no Tribunal de Justiça Marítima e conhecia, por experiência própria, os problemas da marujada. Era querido por eles porque nunca dava punições sem antes fazer uma investigação rigorosa. Não seria num momento daqueles que eu cometeria injustiças só para satisfazer o Almirantado.

Antes da posse, Jango ordenara ao almirante Paulo Mário que punisse severamente os praças, mas este recusou. O diálogo foi mais ou menos assim, segundo recordações do almirante:

— Almirante — disse Goulart — estou comprometido com o Almirantado a impor severa punição aos praças.

— Eu fico embaraçado com as ordens, senhor presidente, porque teria de começar pelos almirantes.

Jango refletiu alguns segundos e respondeu:

— Então o senhor tem carta branca para agir.

O almirante Paulo Mário era um dos poucos militares de alta patente com quem Jango podia contar na Marinha. Ele estava vinculado às forças legalistas desde 11 de novembro de 1955, quando assumiu o comando do I Distrito Naval, apoiando o marechal Lott no golpe preventivo que garantiu a posse de Juscelino Kubitschek.

— Até aquele dia — recorda Paulo Mário — eu era uma pessoa que me dava bem com todo mundo na Marinha. Como fiquei do lado de Lott e apoiei o novo ministro da Marinha, Antônio Alves Câmara Júnior, ganhei inimigo em todos os lados, principalmente na Marinha, onde a oficialidade é muito reacionária e de clara tendência monarquista.

Data de 11 de novembro de 1955 o princípio das insubordinações na Marinha. Naquele dia, os almirantes Ernesto de Araújo e Fernando de Almeida Silva quiseram bombardear o Palácio Tiradentes, sede do Congresso Nacional — atual Assembléia Legislativa do Rio — em represália ao bombardeio do Tamandaré pela artilharia de costa.

— Na verdade — afirma Paulo Mário — eles queriam depor o governo. Lott me contou que jamais pretendeu afundar o Tamandaré. Tanto é que os tiros não o atingiram. O pesssoal da artilharia de costa tem boa pontaria e, se quisesse acertar, destruiria o navio. O que Lott queria (e conseguiu) era manter o Tamandaré à distância, na bala, enquanto controlava a situação em terra.

A partir de 1955, Paulo Mário ligou-se ao chamado grupo nacionalista e começou a atuar no Clube Militar. Em 1964, segundo ele próprio afirma, Jango só o escolheu para o ministério por falta de opções.

— Ele não me escolheria para o cargo se tivesse outra alternativa. Eu era tido como comunista, e isto fazia com que ele tivesse prevenção contra minha escolha. Na verdade, eu não era comunista, mas sim um democrata. A pecha de comunista vem desde 1956 e 1957, quando a campanha em defesa do petróleo me aproximou de brilhantes oficiais, também tachados de comunistas: Paulo Werneck, Thales Godói, Magarinos Torres, Pindário Alencar Osório e o brigadeiro Francisco Teixeira. Nenhum deles era comunista, apenas defendiam os interesses nacionais.

Quando assumiu o ministério, o almirante Paulo Mário tinha dois planos: conseguir uma fórmula de conciliação para evitar punições a todos os insubordinados, atingindo indistintamente almirantes, oficiais e praças, ou expurgar, de imediato, todos os insubordinados.

Ia haver expurgo na Armada

— Eu ia fazer uma limpeza. Ia expurgar praticamente todo o Almirantado e grande parte da oficialidade. Eles eram os responsáveis pela indisciplina dos praças porque vinham frequentemente quebrando a hierarquia, perdendo força moral para impor disciplina aos subalternos. Havia casos escabrosos, como a troca de mulheres entre oficiais na base de Natal. Eu ofereci uma saída honrosa, através de um documento repudiando os atos de indisciplina, mas nem o Almirantado nem a oficialidade aceitaram. Assim, não me deixariam outra alternativa senão afastá-los. Infelizmente o governo não resistiu e não pude fazer nada.

Na opinião de Paulo Mário, na época atento observador do quadro político, na Marinha a desestabilização do governo aconteceu de forma muito particular e espontânea.

— Quase todo mundo afirma que o cabo Anselmo foi responsável pela articulação do motim dos marinheiros que acabaria levando o governo à desestabilização. Eu tenho dúvidas se naquela época Anselmo já era um agente da CIA, como é certo que veio a ser mais tarde. Para mim, ele não passava de um sujeito brilhante, com muita vocação para liderança, que tinha problemas concretos para resolver.

— E esses problemas estavam diretamente ligados — prossegue o almirante — à própria situação da Marinha, dominada por uma ideologia elitista e reacionária. Na Marinha, qualquer tentativa para diminuir as diferenças entre as classes sempre foi vista com maus olhos. Um ministro de Juscelino, o almirante Matoso Maia, me disse certa vez: "Não fazermos aumentos escalonados dos soldos para não quebrar a hierarquia". Essa questão do soldo era a principal reivindicação dos marinheiros, como os aumentos eram uniformes, quem ganhava mais sempre teria salário maior, enquanto os praças viviam sempre com soldos baixos, passando necessidades.

Mas não eram só os soldos que preocupavam os marinheiros em 1964. Havia outros problemas, enumerados pelo almirante:

— Havia o problema do casamento. Os praças não podiam casar. Só de cabo para cima. A disciplina era muito rígida, a comida não era das melhores e os marujos não tinham outra diversão senão a zona do meretrício do Mangue ou os bares, nos dias de folga.

— Esse estado de coisas pode ser suportável se a tropa estiver sempre em movimento. Mas,

NA MARINHA

rebelaram e deram pretexto para os almirantes derrubarem o presidente

A verdade sobre nossa história

Fotos de Chiquito Chaves

O almirante Paulo Mário deixou a política após o golpe, mas não esqueceu dos marinheiros. Está escrevendo uma carta para o presidente Figueiredo pedindo solução para antigos problemas.

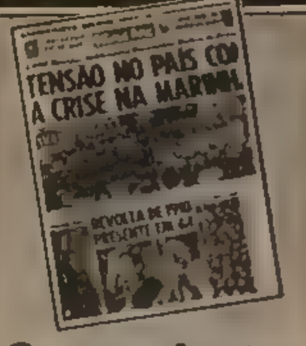
naquela época – lembra Paulo Mário – a Marinha era como a porca que asfixia os porquinhos Quer dizer tinha um contingente grande demais para uma esquadra pequena e desaparelhada.

No entender do almirante, os antecedentes de 64 estão no governo Juscelino

– Naquela época, começaram as insubordinações. Os almirantes proibiam Juscelino de entrar em navios da esquadra, devolviam condecorações, recusavam convites para festas onde o presidente estivesse, não aceitavam comissões e evitavam até apertar a mão de JK nas solenidades em que compareciam. O rancor por Jango vinha dos tempos em que ele fora ministro do Trabalho de Getúlio e acabou sendo deposto pelo manifesto dos coronéis porque defendia os trabalhadores. Ele nunca foi perdoado

No dia em que tomou posse, o almirante Paulo Mário tinha planos para superar todos esses problemas Não conseguiu concretizá-los porque ficou apenas seis dias no cargo. Antes de tomar posse, sua primeira providência foi mandar tirar os tanques do Exército da frente do Ministério da Marinha e mandar soltar os 1600 marinheiros que se encontravam presos no quartel do Exército, em São Cristóvão

Eles (os marinheiros) cometeram um erro terrível. Foram sendo soltos em grupos e ficaram aguardando os companheiros, ao invés de retornarem a suas unidades. Com isso, acabaram vindo em passeata para o ministério. Tive de tomar providências: mandei os almirantes Aragão e Pedro Paulo de Araújo Suzano dissuadi-los a vir até o ministério me agradecer por soltá-los. Não tive êxito. Vendo Aragão e Suzano, os marujos resolveram carregá-los nas costas, e isto teve má repercussão entre a oficialidade. Foi uma ingenuidade fazer aquela passeata e carregar os dois almirantes, que eram realmente muito queridos.



Comandantes provocaram o motim

Na avaliação que faz hoje de todos os acontecimentos que envolveram a Marinha em 1964, Paulo Mário tem uma conclusão definida. Jango errou por não substituir o ministro da Marinha mais cedo

Se eu tivesse assumido em setembro, haveria condições para arrochar os almirantes e controlar a situação. Infelizmente, só assumi quando a situação estava já completamente deteriorada. Sílvio Motta precisava ser substituído antes porque estava muito envolvido pelo Almirantado

No dia 31 de março, Paulo Mário estava preparado para reagir.

– Eu só não poderia era reagir sozinho

A pedido do próprio governo, ele equipou três destróieres para mandar ao Rio Grande do Sul e colocou a tropa de prontidão.

– A situação era tensa e haveria derramamento de sangue. Os destróieres foram imediatamente ocupados pelos praças que queriam partir, mas parte dos oficiais reagiu Eles estavam inclinados a irem de encontro ao governo. Isto, inevitavelmente, levaria ao confronto

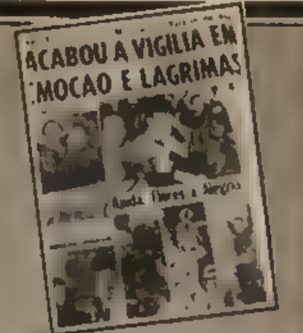
Além dos destróieres, Paulo Mário colocou fuzileiros nas ruas para defender os sindicatos que estavam sendo metralhados por oficiais

A insubordinação na Marinha era terrível. Só depois do golpe é que eu soube de um fato que a história não registra. 800 oficiais e almirantes marcharam até o ministério para tentar tomá-lo, não recordo se no dia 30 ou 31 Desistiram porque um oficial encarregado da guarda os dissuadiu com metralhadoras. Este oficial me contou o episódio mais tarde, quando o governo já tinha sido deposto. Isto dá a medida dos problemas que existiam na Marinha, onde a tropa vivia uma situação muito especial, se comparada com outras forças.

Até o dia 1.º de abril, às 16 horas, quando conversou com Assis Brasil, Paulo Mário estava disposto a reagir

– O próprio Assis Brasil me fez justiça certa vez numa entrevista que deu ao **Globo**. Ele foi muito honesto ao afirmar que eu queria resistir. E eu não resisti porque não recebi ordens

O almirante Paulo Mário vive atualmente em Niterói, onde cultiva frutas no quintal de sua casa. Está preparando uma carta para enviar ao ministro da Marinha e ao presidente Figueiredo, defendendo melhores condições de vida para mais de 5000 praças da Armada.



Resistência seria vitoriosa

Paulo Mário tem pontos de vista definidos sobre os últimos dias de 1964 e dois de seus principais personagens na Marinha: o almirante Aragão e o cabo Anselmo

– Eu tenho certeza de que Anselmo só entrou para o serviço de informação depois de 1964 Há um fato que me leva a esta conclusão: depois do golpe, um sargento chamado Washington, meu amigo, veio ficar de guarda em minha casa porque Sílvio Heck queria invadi-la. Dizia que o Aragão estava aqui e que viria prendê-lo. Pois bem: tempos depois, este rapaz foi expulso da Marinha e comprou um táxi. Foi preso num incidente montado pela Polícia Um delegado quis convencê-lo a ser **tira**, em troca da liberdade. O rapaz não aceitou. Creio que aconteceu a mesma coisa com Anselmo. No tempo em que fui ministro, estive com todo o arquivo do Serviço de Informações da Marinha e não encontrei nenhum indício de que Anselmo fosse agente infiltrado.

Quanto a Aragão, Paulo Mário faz muitas críticas

– Eu já disse a ele: Aragão, você sempre foi um mau almirante porque não sabia obedecer ordens. Somos amigos e ele sabe que cometeu muitos erros por agir por conta própria, como no episódio do "roubo" de metralhadoras da Ilha das Cobras para garantir o comício de Brizola em Belo Horizonte Em 1964, Aragão apreendeu jornais nas bancas contra minha vontade. O episódio da invasão do **Globo** também não era do meu conhecimento. Eu, inclusive, tive sérios atritos defendendo a liberdade de expressão naqueles dias

No dia 31 de março e 1.º de abril, os fuzileiros navais cercaram o Palácio Guanabara, onde Lacerda estava entrincheirado com inúmeros militares e políticos, defendendo o golpe e clamando pela deposição de Jango. Paulo Mário mandou que as tropas aguardassem o rumo dos acontecimentos porque o ataque, a seu ver, só poderia ser feito com apoio da aviação

– Além de não haver ordens para atacar o Palácio, eu não poderia ordená-lo por problemas de natureza militar. A invasão pela rua das Laranjeiras colocaria em risco a vida de muitos civis, porque os tiros de metralhadora atingiriam as casas. Pelos fundos, os carros não poderiam alcançar o palácio porque os militares que estavam lá dentro tiveram o cuidado de jogar azeite no morro. Isto não quer dizer que o Palácio não pudesse ser tomado. Eu tinha e continuo tendo certeza de que nós teríamos vencido se Jango autorizasse a resistência

O almirante Paulo Mário está afastado da vida pública desde que deixou o Ministério da Marinha, na noite de 1.º de abril de 1964. Demitido do Tribunal Marítimo (logo que tomou posse, Castello Branco o afastou do cargo por considerá-lo "incompetente"), ele, em várias ocasiões, escreveu artigos nos jornais defendendo os marinheiros que foram julgados e punidos pelo novo governo, por causa dos acontecimentos dos últimos dias de março

– No final – conclui o almirante – só fica uma questão a responder: por que Jango não resistiu? Eu soube, tempos depois do golpe, que San Thiago Dantas o desaconselhara a resistir, afirmando que, se isso ocorresse, os americanos transformariam o Brasil num novo Vietnã

Reportagem de Francisco Viana

Ele é chamado de "secretário Torre de Babel"

MALUF JÁ TEM SUCESSOR

— Me sinto como uma Torre de Babel, parece que vou cair, mas continuo firme

Francisco Rossi, 40 anos, secretário de Esportes e Turismo do Estado de São Paulo, ex cantor de música evangélica, ex-deputado federal, ex-prefeito de Osasco, agora um virtual sucessor de seu chefe, costuma proferir frases como esta

Ele tem estranhas manias Gosta de trabalhar ouvindo o ruído da água caindo em cascata. Como seu gabinete fica bem no centro velho de São Paulo e não dá para ter uma cascata como gostaria, ele mandou fazer dois bebedouros que fazem saltar jatos dágua, como uma réplica dos velhos chafarizes do interior. "O verde me faz bem" diz a seus assessores

Numa recente viagem ao sul do Estado, seu carro atolou na estrada de Itapeva. Ao chegar na cidade já estava nervoso, e acabou se desentendendo com o prefeito Abandonou, aos gritos, o jantar que lhe era oferecido Depois, trancou-se no quarto do hotel e não quis nem dizer se cumpriria o resto do programa O prefeito da cidade telegrafou para o governador Paulo Salim Maluf, lamentando "a atitude grosseira e deselegante" de Rossi Mas ele se dá bem no governo Maluf Só tem se desentendido com o secretário Rubens de Vaz Costa, do Planejamento, que, não solta verbas para ele. Mas Rossi desmente a briga

Se eu dissesse que houve algum atrito, eu estaria mentindo

Seu trabalho é medido pelo número de visitas que recebe diariamente em seu gabinete Chega até a procurar uma maquininha de calcular na gaveta. Não acha e chama a secretária, que o atende prontamente. Faz, então, as continhas

— Nesses últimos três meses recebi a visita de 76 deputados estaduais, 583 vereadores, 1 751 prefeitos e 5 159 particulares Visitei 300 municípios

Quando falam que ele é um candidato a senador, dá um sorriso e balança a cabeça afirmativamente

Fotos de Wagner Avancini

Rossi tem o estilo do governador paulista e quer ser senador

Tudo vai depender dos delegados escolherem o meu nome Posso garantir que os prefeitos e secretários no interior estão satisfeitos Ganhei o diploma de "secretário do ano", atribuído por votos de 456 dos 571 prefeitos do Estado

É um **self-made-man**: perdeu o pai aos 5 anos, em Caçapava, onde nasceu, transferiu-se sozinho para Osasco, então com 14 anos de idade Venceu sozinho, casou e foi morar nos fundos da casa do sogro. Hoje tem uma das melhores casas do bairro, em Osasco mesmo Frequentemente o acusam de ter enriquecido na Prefeitura daquela cidade Ele desmente

— Sou um homem pobre Saí paupérrimo da Prefeitura, tanto que pago as dívidas da minha campanha pra deputado federal até hoje

Foi acusado por seus amigos do ginásio, e mesmo da Faculdade de Direito de Osasco, de ter jogado bomba nos comunistas

Sempre, sempre defendi uma política que se identificasse com a democracia Não existe algo mais contra a democracia do que o comunismo O Afeganistão e a Polônia que o digam Ieie havia citado a lugos ávia e depois corrigiu! Já fiz pregação anticomunista, sim Sempre fui contra a doutrina marxista

Um ex-assessor de Francisco Rossi, o delinquente Roberto Ferreira da Silva, o **Robertão**, também namorado de sua irmã, Ana Maria Rossi foi assassinado recentemente, após se ter envolvido num roubo misterioso de 100 mil dólares. A seu enterro compareceram algumas centenas de autoridades, políticos, pessoas influentes, até mesmo um general e um gerente de banco que comprava os dólares do assaltante

Rivaldo Chinem

CASO CAMOLEZ

TFR dá esperança a militar cassado

No mês passado, os quase 6 mil militares cassados pelo golpe militar de 64 viram renascer esperanças quanto a uma anistia real O motivo: o Tribunal Federal de Recursos — TFR — deu ganho de causa ao capitão-tenente José Miguel Camolez, cassado em 1973 pelo AI 5, cuja reintegração na ativa, com direito a promoções, fora negada pelo ministro Maximiano da Fonseca Insatisfeito, o ministro anunciou que recorrerá da decisão por considerar o oficial um esquerdista indesejável, mas a verdade é que o parecer do TFR foi festejado como vitória pelos militares cassados

A situação deles é tão difícil quanto a de Camolez Dos 6 639 militares cassados, apenas 34 oficiais retornaram à ativa e outros 1 060 foram reformados Nas chamadas camadas subalternas, a anistia não existiu, salvo para seis soldados do Corpo de Fuzileiros Navais, que puderam voltar à ativa. A grande massa de soldados, cabos e sargentos e os marinheiros que participaram do chamado Motim dos Marinheiros, nos últimos dias de 64, ainda não foram beneficiados

É por isso que desde 1979, todas as terças feiras, grupos de militares cassados se reúnem no 10.° andar da ABI Eles contam com o apoio do presidente da entidade, Barbosa Lima Sobrinho, que, em março último, fez um pronunciamento no Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana, em Brasília, defendendo a anistia para os militares que apoiaram Goulart em 64

Os subalternos sempre foram anistiados no Brasil, mesmo quando os líderes não foram perdoados. Na Revolta dos Alfaiates (1917), os cabeças do movimento foram duramente punidos, mas Dom João VI anistiou seus seguidores O próprio Euclides Figueiredo, pai do presidente Figueiredo, foi anistiado e reintegrado ao Exército, com todos os seus direitos, após a revolução constitucionalista de 32, em São Paulo. Por que não anistiar também os militares cassados em 64?

Barbosa Lima Sobrinho vai mais adiante: critica a lei da anistia por não prever vencimentos para as famílias dos militares já falecidos, ou pelo menos aposentadoria

Entre os militares, o clima é de tensão, temem que o reingresso na ativa ocorra em "condições desfavoráveis", quando não "humilhantes". É por isso que a decisão do TFR beneficiando Camolez repercutiu bem

O caso do oficial da Marinha abre uma nova perspectiva para nós que estamos ainda sob o impacto dos anos em que nossas queixas não tinham eco. A vitória de Camolez mostra que a justiça é para todos. Por essa brecha poderão passar um a um os militares cassados — diz, sem disfarçar o otimismo, o vice presidente da Associação de Militares Cassados, capitão tenente Fernando de Santa Rosa.

Márcia Guimarães

Governo forma manicuras pra trabalhar no sertão

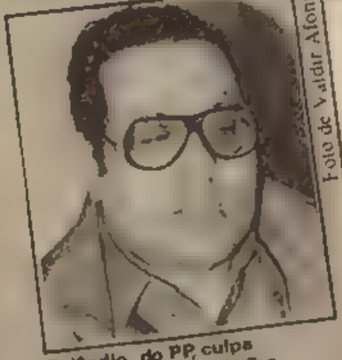


Foto de Valdir Afonso

Zelândio, do PP, culpa o secretário de Trabalho

Os números são expressivos 4.050 auxiliares de cabeleireiro e 6.870 manicuras, formadas em apenas um ano. Não pense que se trata de alguma escola profissional de um centro desenvolvido como Rio ou São Paulo, ou de um esforço inusitado da Socila para expandir seus serviços. Os dados são relativos aos resultados obtidos no ano passado pelo Departamento de Formação para o Trabalho, órgão da Secretaria de Trabalho e Ação Social do governo de Pernambuco, em dez dos mais pobres municípios do Estado. Trocado em miúdos, o exército de cabeleireiros e manicuras corresponde a 10% da população local, onde não há a mínima condição de absorção de pelo menos uma parte ínfima dos recém formados.

— A culpa é do secretário de Trabalho, José Tinoco. Ele está querendo cuidar de seu futuro político

Quem acusa é uma vítima de Tinoco Trata-se de Zelândio Marques, ex diretor do Serviço Social Agamenon Magalhães, órgão ligado à Secretaria de Trabalho. Atual secretário-geral do Partido Popular em Pernambuco, Zelândio foi demitido pelo governador Marco Maciel após desavenças com o secretário Tinoco Motivo o secretário queria colocar os centros sociais urbanos, administrados pelo Serviço Social Agamenon Magalhaes, a serviço das pretensões políticas do PDS. Zelândio não concordou e foi demitido.

— O que adianta gastar milhões para formar manicuras e cabeleireiros no sertão? É o mesmo que formar reparadores de rádio e de TV em Águas Belas, onde não há esse tipo de mercado É um desperdício criminoso do dinheiro público, além de mais uma ilusão que a Secretaria de Trabalho cria para o povo, denuncia Zelândio

Gastar dinheiro da assistência social com cursos desnecessários é uma tradição antiga em Pernambuco O antecessor de José Tinoco, Sebastião Martiniano, inventou, no governo Eraldo Gueiros, uma novidade curso de escafandrista, em pleno sertão Agora, José Tinoco "aperfeiçoou" a idéia está empenhado num programa de massificação do ensino das técnicas de cabeleiros, manicuras e pedicuras. Em Camocim de São Félix, um município muito pobre, em pouco mais de 10 mil habitantes, os cursos de sua secretaria, no ano passado, formaram 570 auxiliares de cabeleireiros e 750 manicuras pedicuras

Eduardo Homem

PP alicia 6 sindicatos no Rio

O Partido Popular (PP), do governador Chagas Freitas, está empenhado em controlar o maior número possível de sindicatos fluminenses, para reforçar a campanha do deputado Miro Teixeira à sucessão estadual, em 1982. E já conseguiu seis adesões importantes: estão em suas mãos os sindicatos dos Motoristas, dos Comerciários, dos Petroleiros, dos Gasistas, dos Eletricitários e parte da diretoria do Sindicato dos Médicos.

A estratégia do PP para cooptar líderes sindicais é simples: quem se filia ao partido recebe favores (empregos para amigos e parentes e até ajuda financeira extra-oficial) e tem maior acesso à máquina administrativa do Estado.

As primeiras filiações ocorreram logo após a reformulação partidária, quando sindicalistas que militavam no extinto MDB — são os casos de Sebastião Ataíde (presidente do Sindicato dos Motoristas) e Ronaldo Cabral Magalhães (presidente do Sindicato dos Petroleiros) — ingressaram no PP, após entendimentos com Miro Teixeira

Com isso, o PP pôde criar seu departamento trabalhista, que passou a ser coordenado pelo ex-presidente do Sindicato dos Médicos e atual representante junto à Federação Nacional dos Médicos, João Carlos Serra. A primeira ação concreta desse departamento foi na greve dos metalúrgicos do ABC paulista, em maio de 1980, quando alguns dirigentes sindicais, liderados por Miro, estiveram em São Bernardo do Campo para prestar solidariedade aos grevistas.

De lá para cá, a presença do PP no movimento sindical aumentou consideravelmente, embora sua influência se limite apenas às cúpulas dos sindicatos, já que as bases, em sua maioria, condenam o chaguismo e preferiram se filiar aos partidos de oposição, como o PMDB, o PT e o PDT

No começo deste ano, a ofensiva chaguista conquistou mais adesões: Maurício Rangel, presidente do Sindicato dos Gasistas, ingressou no partido depois de se ter aproximado do PMDB. Em seguida foi a vez do pelego Roma, presidente do Sindicato dos Comerciários, assinar a ficha de filiação partidária.

Na verdade, os objetivos de Miro Teixeira não se esgotam no ato de filiação dos dirigentes sindicais. O que se pretende é contar com o respaldo deles para tentar mudar a desgastada imagem de Miro e Chagas Freitas junto aos trabalhadores, cansados das promessas de véspera de eleição. Afinal, foi Chagas quem pediu ao Palácio do Planalto que decretasse a suspensão das atividades do Centro Estadual dos Professores (CEP), entidade que defendia os interesses do magistério fluminense.

O comando chaguista também quer impedir, através da cooptação dos sindicalistas, que haja novos movimentos grevistas no Estado, como ocorreu com os médicos e os professores em 1979 e 1980. Isto porque qualquer greve expressiva no Rio, antes de 1982, poderia trazer resultados negativos à campanha de Miro, cuja meta principal é desvinculá-lo da velha máquina eleitoral do governador e apresentá-lo como candidato independente e de posições progressistas

A infiltração do PP nos sindicatos atende, por fim, a outra ambição de Miro conquistar a hegemonia no Conselho de Unidade Sindical, que reúne mais de 70 sindicatos do Estado do Rio de Janeiro e que se caracteriza por uma forte oposição ao modelo econômico, ao arrocho salarial e pela defesa da liberdade sindical e da democracia

Foto de Chiquito Chaves

Miro quer controlar sindicatos para garantir sucessão

Atende pobres, menores, indigentes

Foto Levi Mendes Júnior

Camas enferrujadas, superlotação, mau atendimento. O hospital sem verbas

Mãe solteira tem casa em S. Paulo

Empregadas domésticas despedidas do emprego, adolescentes expulsas de casa, mulheres separadas dos maridos, indigentes, migrantes que não têm para onde ir todas elas acabam no Amparo Maternal, a única sada de saúde de São Paulo que atende a todas as mulheres antes e depois do parto, indistintamente Atualmente, o Amparo não tem mais lugar para abrigar tanta gente. Até o quartinho de despejo do fundo do quintal está ocupado Por ano são feitos 10 mil partos, e seus 330 leitos acolhem mulheres que ou vão dar à luz ou já tiveram seus filhos e esperam trabalho e local de moradia Mas a maioria delas é mãe solteira

Os quartos estão cheios de camas Há filas de mulheres barrigudas disputando um único banheiro por andar Por seus corredores perambulam mulheres que os hospitais psiquiátricos não aceitaram Nem sabem se estão grávidas. Não falam. Ficam seminuas pelos cantos, ou largadas nos bancos

Há menores infratores, muitos deles agressivos, que foram trazidos da Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor (Febem), e que ficam distantes uns dos outros O Amparo Maternal não tem dinheiro para contratar os serviços de psicólogos

Ilair Onofra Lopes, 21 anos, conta como foi parar ali

Eu trabalhava no hotel Holliday Inn, em São Bernardo, como telefonista Quando os donos souberam que eu estava grávida, me mandaram embora, sem direito a nada Como não tinha onde ficar a Prefeitura me mandou pra cá, pra ter meu filho

Como Ilair, muitas outras mulheres chegam sem emprego e sem saber onde vão morar O serviço social se encarrega de arrumar trabalho, comprar barraco para as famílias que chegam do interior e de outros Estados, ou organiza pequenas comunidades de mães solteiras

Maria Aparecida Gomes, 25 anos, foi expulsa de casa só porque engravidou Foi do Paraná, onde morava, diretamente para o Amparo Maternal Trabalhou na recepção, mesmo depois de ter o filho Hoje mora com outras cinco m[illegible] numa casa alugada, perto [illegible] Ana Rosa, do metrô

Fundado há 42 anos por um grupo de senhoras católicas, o Amparo Maternal já não tem mais lugar para abrigar tanta gente E, o que é pior a situação, que [illegible] mantém assim há vários anos [illegible] piorar, segundo a irmã Ar[illegible] Gomes, diretora da entidade porque o governo dá uma subvenção mínima

O Estado paga uma diária por leito de Cr$ 194, quando só um frasco de penicilina está custando Cr$300 Você acha que dá pra pagar ao menos a alimentação dessas mulheres? Mesmo que a Prefeitura, que parece estar mais sensibilizada com nossos problemas, ajude, ela contribui com apenas Cr$ 3 milhões por mês, quando a gente precisa de uns Cr$ 8 milhões

A freira ressalta que o atendimento do Amparo não é burocrático Lá elas atendem pessoas que ficam horas nas filas dos hospitais públicos, "que são refugos dos particulares" Com tanta gente, prossegue, é impossível se manter um ótimo atendimento

Ela reconhece que faz um trabalho assistencial, e tem noção muito clara de quem é o culpado por essa situação

É o governo, que aliás não precisava fazer nada pelo Amparo Bastava ele dar um salário digno pra essa gente, pra cada trabalhador ter uma casa pra morar, boa comida e nutrição Mas o governo é burro Prefere gastar uma grana fabulosa pra implantar o controle da natalidade

Teresa Moreira

Fábrica da ASA expulsa pescador

A ASA, uma fábrica de alumínio de propriedade da multinacional ALCOA, está expulsando os pescadores da cidade de Igarassu, em Pernambuco Instalada às margens de um braço de mar, a fábrica lança nas águas uma borra de alumínio que desprende gases fortíssimos, envenenando peixes, camarões e crustáceos que alimentam a população. Resultado: os pescadores ficam sem ter o que comer e são obrigados a abandonar o local.

Algumas pessoas têm tentado sobreviver catando a borra de alumínio que, nos dias de maré baixa, se acumula no fundo da fábrica. Não têm tido êxito: os vigias prendem e até atiram em quem se aproxima do local para recolher o lixo industrial Recentemente, o coronel Ferraz, segurança da fábrica, prendeu 16 pessoas e levou todas para a delegacia como ladrões, embora a borra de alumínio não tenha utilidade alguma para a ASA.

Outra vítima dos seguranças foi Adelita Maria da Silva, grávida de sete meses. Ela levou um tiro no pé esquerdo quando tentava tirar restos de alumínio dos fundos da fábrica. Todos esses fatos foram denunciados pelo vereador Yves Ribeiro, do PMDB, que trabalhava como chefe de controle da ASA. Um dia após as denúncias, Yves foi demitido. A empresa quer o lixo industrial para nada, mas também não permite que ninguém o utilize. Mesmo que seja para matar a fome que a própria fábrica tem ajudado a aumentar, como no caso dos pescadores.

Beth Salgueiro

Bispo defende ação de posseiro

Em março, posseiros de Pacatuba, nas margens do São Francisco, em Sergipe, tomaram as armas de 60 jagunços que formam o exército particular da Vieira Sampaio empresa de Aracaju responsável pela invasão de suas terras Não houve feridos, mas o secretário de Segurança Pública, que até o momento vinha se mantendo distante dos conflitos entre posseiros e jagunços da empresa, apressou-se em abrir inquérito O principal acusado o bispo de Propriá, dom José Brandão, visto como subversivo e instigador da ação dos posseiros Na verdade, dom José Brandão tem sido o único a defender os posseiros, há 16 meses perseguidos pela Vieira Sampaio

Os problemas começaram a se agravar em fevereiro. No dia 28, os jagunços invadiram a fazenda Santana dos Frades, onde vivem 86 famílias, 410 pessoas. Vieram de canoa, pelo rio Silveira, e foram derrubando cancelas, cortando arames, matando animais e batendo, sem respeitar ninguém Velhos, crianças, mulheres. Todo mundo entrou no pau Invadiram casas, quebraram portas e móveis Eram comandados pelo diretor da empresa, José Augusto

Segundo testemunhas dois posseiros quase foram mortos. Tiveram sorte porque suas mulheres estavam próximas e intervieram A destruição só não foi maior porque algumas mulheres e crianças se deitaram no chão impedindo a passagem de dois tratores que arrasariam as plantações Terminada a ação destruidora do exército de jagunços, José Augusto reuniu os posseiros e ameaçou

Estou dentro e daqui não vou sair Vocês dizem que são posseiros, mas o posseiro aqui sou eu Sou eu quem tem a escritura

E, ironicamente

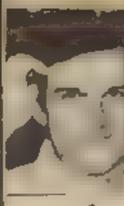
Na Justiça, não há saída para vocês. Só ganham a parada na violência

Dias depois, os posseiros, desarmados, tomaram as armas dos jagunços e recuperaram as terras. E aí a polícia resolveu agir Por que a Secretaria de Segurança não interveio antes?

Beth Salgueiro

UMA COLUNA DE POLÍTICA

Ô da política!



Daniel Aarão Reis Filho

No Riocentro, governo é cúmplice ou refem

O terror voltou a atacar na noite de 30 de abril: explodiu duas bombas no Riocentro, em Jacarepaguá, Rio de Janeiro, por ocasião de um show organizado por forças de oposição ao governo em homenagem ao 1.º de maio, dia dos trabalhadores.

A primeira delas explodiu num Puma de chapa fria ocupado por dois militares: o sargento Guilherme Pereira do Rosário e o capitão Wilson Luís Chaves Machado, ambos do DOI-CODI, órgão de repressão política. O sargento morreu no ato. O capitão, levado com vida para o hospital Miguel Couto, deu nome e endereço falsos quando atendido. Constatada a inverdade de suas informações, limitou-se a dar o telefone do seu "serviço", aduzindo que "nada tinha a declarar." Logo em seguida cerca de 40 homens, colegas de trabalho do capitão, chegavam ao hospital para "garantir e controlar a situação."

Enquanto isso três equipes de peritos trabalhavam no local da explosão, embora a turma mais competente, do Instituto Carlos Éboli, tivesse chegado em último lugar, já encontrando o local completamente "desarrumado". A perícia saiu muito prejudicada mas a imprensa pôde colher uma informação importante: no carro fora encontrada uma outra bomba não deflagrada, imediatamente desativada pelos técnicos. Esta bomba chegou a ser filmada pela TV Globo e a informação seria depois confirmada por duas fontes: o chefe da equipe de peritos, também filmado e fotografado pelos jornais, e o senhor Petronio Henrique, delegado da 16.ª Delegacia, para quem a bomba desativada fora levada para o Instituto de Criminalística Carlos Eboli.

Em Brasília reina a perplexidade. "Fontes do Planalto" citadas pelo Jornal do Brasil afirmam que as bombas, "ao menos neste episódio, teriam sido colocadas por um capitão e um sargento do serviço de informações do I Exército." O Sr. Abi-Ackel exclamou surpreso: "Esta bomba explodiu dentro do governo". "Não me causa estranheza o envolvimento dos militares, mas sim o fato de a bomba ter explodido".

Já o comandante do I Exército. General Gentil Marcondes, não pensa assim: "Os militares estavam a serviço do I Exército... é óbvio que foram vítimas de um atentado lamentável". A nota oficial do I Exército ao mesmo tempo em que abre um "rigoroso inquérito" declara que "os militares foram vítimas de um atentado...." O secretário de Segurança do Rio de Janeiro, general Waldir Muniz, faz coro: "Os militares estavam cumprindo missão, tentando descobrir os autores de ameaças anônimas recebidas pelo Riocentro". (Só que nenhum funcionário do Riocentro confirma ter recebido qualquer ameaça.) O general Waldir desceu a detalhes: "O sargento chegou a dizer: capitão, há um petardo aqui... e aí o artefato explodiu..." Mas as testemunhas não confirmam esta reconstituição dos fatos: nehuma delas ouviu tal diálogo. Quanto à existência de mais de uma bomba no interior do carro dos militares, o secretário é enfático: "trata-se de uma notícia absolutamente falsa".

O governo federal assume uma posição de expectativa. Aguarda o resultado do inquérito. Vários generais, porém, já têm uma posição firmada: o general Ary Pires, chefe do gabinete do ministro do Exército afirmou "não tenho a menor dúvida de que as bombas foram colocadas no carro dos militares". O general Maia Pinto, chefe do Departamento de Material Bélico foi mais longe: "São elementos subversivos, radicais de esquerda, que usam tradicionalmente esses métodos". O general Coelho Neto, da 4.º divisão, completou: "a explosão foi mesmo um atentado, seus autores estão do outro lado, fazem parte da esquerda marxista".

Enquanto os jornais e a TV continuam demonstrando a existência de mais de uma bomba no carro dos militares, o I Exército solta uma segunda nota oficial: "são improcedentes as notícias de que o carro sabotado teria outros artefatos no seu interior".

O chefe do I Exército, Gentil Marcondes, está agora numa sinuca: ou prova que os militares sofreram realmente um atentado ou assume oficialmente o comando de uma ação de terror (o sargento e o capitão não estavam em missão?). E como é que fica o governo federal no jogo? Vai patrocinar um setor do exército comprometido com o terror? Demitirá o chefe do I Exército? Ficará como seu refém? Ou como seu cúmplice?

Urnas por 3 dias na Cinelândia, Central e Praça XV

GANHA PRÉVIA NO RIO

Reportagem da Equipe REPORTER
Fotos Chiquito Chaves

inexpressivos. PT e comunistas merecem simpatia. Foi o veredito de 1.654 cariocas

Discussão na hora de escolher

A apuração no Sindicato dos Jornalistas

Estação D. Pedro II, Central

Em 65, apoio a Negrão contra os fuzis

Além do fato de ter sido a última ocasião para a escolha direta de governadores estaduais, a eleição de 3 de outubro de 1965 no então Estado da Guanabara teve também outro significado político importante foi a primeira manifestação de repúdio popular ao regime imposto no país pelos militares brasileiros a 31 de março de 1964 A eleição do ex prefeito do Rio de Janeiro, o embaixador Francisco Negrão de Lima, apoiado pela coligação dos partidos oposicionistas PTB PSD PST, foi sem dúvida expressiva Negrão obteve 52,7% (572 184 votos) do total de 1,3 milhão de eleitores que participaram do pleito votação significativa, especialmente levando se em conta que a Guanabara, juntamente com o Estado de Minas Gerais, foram, em março de 1964, os chamados baluartes do movimento militar, através dos governadores Carlos Lacerda e Magalhães Pinto

Foi certamente, uma vitória ...ada E repleta de obstáculos Logo no início do processo eleitoral, o governo do marechal Castello Branco editou um novo Código Eleitoral, que exigia maioria absoluta no pleito E, mais importante, baixou a Lei das Inelegibilidades, atingindo candidaturas anteriormente cogitadas pela Oposição Duas delas, inclusive, foram fundamentais para que a escolha final do candidato oposicionista recaísse sobre o até então inexpressivo Negrão de Lima Foram praticamente cassadas as candidaturas do ex ministro de Viação no governo João Goulart, exgenheiro Hélio de Almeida, sob a alegação de que ele pertencera a governos "contra revolucionários", e a do ex-ministro da Guerra, marechal Teixeira Lott, sob o pretexto de que Lott havia transferido seu título eleitoral para Petrópolis

Embora adoçada pela presença do embaixador Negrão de Lima, a candidatura oposicionista conseguiu canalizar o tradicional sentido de oposição do carioca Com seu jeito tranqüilo, sempre bem vestido e com cigarro permanentemente à boca, Negrão conseguiu derrotar uma das mais bem montadas máquinas de poder – e de grande força corruptora – a do então governador Carlos Lacerda, que visava eleger o candidato udenista Flexa Ribeiro

A Oposição não conseguiu evitar, no entanto, que a eleição de Negrão fosse facilmente absorvida pelos setores militares, inquietos com o que, segundo eles, poderia vir a transformar a Guanabara "numa pequena Cuba dentro do Brasil". Dois dias antes das eleições, no dia 1.º de outubro, o presidente Castello Branco, numa forma de intimidação do processo eleitoral, bradava numa cadeia de rádio e televisão: "O governo federal jamais permitirá que qualquer parcela de poder seja usada para fins inconfessáveis e capazes de comprometer a continuidade da Revolução de 31 de Março"

De fato, não permitiu Depois de 24 dias de intensa agitação nos quartéis – cujos efetivos desejavam impedir a posse do governador eleito – Castello resolveu decretar o Ato Institucional n.º 2 Extinguia os 13 partidos políticos existentes, cassava mandatos, suspendia direitos políticos e ameaçava os recém-governadores eleitos com intervenção federal Ameaça feita, ameaça sentida Todos os 11 governadores eleitos em 1965, incluídos os dois da Oposição – Negrão de Lima, na Guanabara, e Israel Pinheiro, em Minas – foram fiéis servidores do governo federal e do movimento de março de 64. Negrão, é certo, nunca chegou a entrar para o novo partido governista, a Arena, mas desistiu de eventuais veleidades oposicionistas

Genilson César de Souza

●SANDRA CAVALCANTI – era uma simples professora quando conheceu Carlos Lacerda. Entrou para a UDN, apoiou o golpe de 64 e ganhou notoriedade por defender a remoção criminosa de várias favelas da Zona Sul Foi presidente do BNH, de onde saiu por desentendimentos com o então ministro do Planejamento, Roberto Campos. Obscura deputada estadual em duas legislaturas, pela Arena, foi derrotada, em 1978, nas eleições para o Senado. Teve 1 milhão de votos mas foi vencida pelo senador Nélson Carneiro por uma diferença superior a 1 milhão e meio de votos Entrou para o PDC (Partido Democrata Cristão) e logo o trocou pelo PDR (Partido Democrático Republicano). É a lacerdista típica: moralista, conservadora e anticomunista

●SATURNINO BRAGA economista, foi deputado federal pelo extinto Partido Socialista Brasileiro (PSB), fez fama no fim da década de 60 por denunciar na Câmara o envolvimento do grupo americano Time Life com o empresário Roberto Marinho, na época da implantação da TV Globo. Eleito senador em 74 pelo MDB do antigo Estado do Rio, fez campanha em 20 dias pela televisão, derrotando o favorito, marechal Paulo Torres Tem tido uma atuação discreta no Senado, dedicando se aos temas econômicos. No PMDB, é ligado à facção moderada

●LEONEL BRIZOLA – ex-governador do Rio Grande do Sul, deputado federal mais votado do antigo Estado da Guanabara (teve 240 mil votos em 1962), era considerado por seus inimigos, antes de 1964, como o líder popular mais expressivo da América Latina, depois de Fidel Castro. Exilado durante 15 anos, voltou ao Brasil com a proposta de transformar o PTB num grande partido de massas. Perdeu a sigla e fundou o PDT. Polêmico, trocou uma eleição fácil para o governo gaúcho por uma disputa acirrada pela sucessão fluminense: "O Rio – explica é o tambor que faz eco no resto do Brasil."

●AARÃO STEINBRUCH – advogado, foi cassado quando exercia o mandato de senador pelo MDB da Guanabara. De origem trabalhista, foi o autor da lei que instituiu o 13.º salário Embora lançado candidato pelo PTB ao governo do Estado, dificilmente continuará no páreo até novembro de 1982 Deve disputar uma cadeira na Câmara dos Deputados ou aceitar uma composição com outros partidos de oposição

●WELLINGTON MOREIRA FRANCO – sociólogo, 36 anos, genro do senador biônico Amaral Peixoto, elegeu-se deputado federal em 1974, pelo MDB, com mais de 100 mil votos. Era considerado uma das esperanças da esquerda do MDB Sua atuação parlamentar, no entanto, foi quase decepcionante. Moderado e pessedista, foi para a Prefeitura de Niterói, em 1976, com metade dos votos que teve no primeiro pleito. Aderiu ao PDS em troca do apoio financeiro do governo federal à sua administração – uma das mais criticadas dos últimos anos

●MIRO TEIXEIRA – aos 35 anos, jornalista e advogado, é o herdeiro político do governador Chagas Freitas, que o vem preparando desde 1974 para sucedê-lo no governo fluminense Deputado federal em duas legislaturas, elegeu-se em 1978 com mais de 520 mil votos (recorde nacional). Antes, um dos parlamentares mais apagados do MDB, no PP tornou se mais agressivo, esforçando se por vender a imagem de político oposicionista. Conta com o apoio da máquina administrativa do governo do Estado, além do rolo compressor do chaguismo: dezenas de deputados e centenas de prefeitos e vereadores

A INDÚSTRIA DO TERROR

Equipamentos sofisticados, lucros crescentes, um exército de empregados. Empresas que vendem segurança à classe média e alta do Rio prosperam explorando o clima de medo

CENA 1 — Há uma longa fila na rua Alcindo Guanabara, no centro da cidade São pessoas que querem entrar na Câmara de Vereadores para falar com algum político ou assistir às sessões Perdem meia hora na fila porque são obrigados a se identificar (deixam os documentos com os agentes de segurança)

Antigamente — explica o agente Jerônimo — qualquer um entrava aqui Mas, depois do atentado do ano passado, reforçamos as medidas de segurança Já pensou se um vereador é assaltado em pleno gabinete?

Isto é um absurdo — replica o comerciário aposentado João Pacheco da Silva, 60 anos. Aqui não é casa do povo? Como podem exigir da gente documentos? Confundem o povo com marginais

CENA 2 — Um cidadão chega a um prédio na avenida Vieira Souto, em Ipanema. Sem desconfiar de nada, ele está sendo investigado de cima a baixo pelo **videoport**, uma espécie de circuito interno de tevê que permite aos porteiros verificar, a vários metros de distância, se o visitante está armado. O vidro da portaria é à prova de bala. O desconhecido jamais entrará no prédio, pois a portaria é fechada por um sistema automático, acionado pelo porteiro

Nanhuma das duas cenas se passa em filmes de ficção. Fazem parte, há algum tempo, da realidade do Rio O clima de violência mudou significativamente o cotidiano do carioca. As lojas que vendem armas a particulares aumentaram seus lucros em mais de 40% As firmas que fazem segurança de casas, bancos e edifícios comerciais prosperaram tanto que os próprios vigilantes — que ganham pouco mais do que o salário mínimo — resolveram se organizar numa associação de classe

Principalmente na Zona Sul da cidade, a segurança passou a ser um dos itens que mais onera o bolso da classe média Fechaduras, trancas, alarmes, interfones e para os mais privilegiados — circuitos eletrônicos de tevê foram comprados, transformando alguns prédios em verdadeiras fortalezas Nas empresas especializadas em equipamentos de segurança, as vendas subiram cerca de 50%

Alguns não se contentaram apenas com portões automáticos e sistemas de alarme, e resolveram recorrer aos cães de guarda. Nos bairros mais elegantes, várias casas são protegidas dia e noite por cães pastores alemães e cadelas da raça Rottweiler. Em Ipanema, o condomínio de um edifício na Vieira Souto chegou ao ponto de manter um pastor alemão numa área de serviço, à qual não têm acesso os moradores Se suspeitar de algum visitante, o porteiro imediatamente solta o cão, segura-o pela corrente de ferro e vai na direção do cidadão para interpelá-lo

Nos condomínios da Barra da Tijuca, São Conrado e Recreio dos Bandeirantes, as alternativas de segurança são múltiplas — e quase sempre caras. No condomínio Recreio das Canoas há uma guarita ocupada dia e noite por um guarda Além disso, à noite, dois outros guardas fazem a ronda. No Povoado das Canoas, onde houve assaltos no ano passado, os seguranças noturnos andam de **walkie-talkies** e armados. Há também guaritas e interfones na [illegible]

No Portinho de Massaru, o porteiro fica numa guarita improvisada e anota as placas dos carros que entram Só depois é que suspende os cavaletes que interditam a rua Khalil Gibran À noite, dois guardas armados rondam o condomínio. Na Casa das Pedras — onde já houve até um assassinato ainda não esclarecido as casas são protegidas por dois empregados e um vigia noturno No Village das Pedras, só há um vigia na portaria, mas dentro do prédio existe um alarme eletrônico Há um plano de, no futuro, cercar os 40 mil metros quadrados de terreno com arame eletrificado

Cada morador do Nova Ipanema paga uma média de Cr$ 5 mil mensais para desfrutar de um sistema de segurança sofisticado Na entrada, dois guardas, munidos de rádio, se comunicam o dia todo com uma patrulha que percorre a área. Há mais três guardas espalhados em pontos estratégicos À noite, só entra quem deixar a carteira de identidade no portão principal (há, inclusive, cartões de estacionamento para os visitantes) No Village Oceanique, para manter 12 vigilantes (trabalham em turnos), paga se Cr$ 10 mil por mês, o que eleva o condomínio para Cr$ 18 mil Os visitantes têm que se identificar na portaria

A segurança coletiva não acabou com antigos métodos de proteção individual. O governador Chagas Freitas, por exemplo, se faz acompanhar de dois carros com agentes de segurança. O empresário Roberto Marinho não abandonou o antigo hábito de andar numa Veraneio, de chapa fria, entre agentes de segurança

Há métodos mais dissimulados. É o caso do adotado pelo Clube dos Diretores Lojistas, nos quarteirões comerciais do Saara e no interior das grandes lojas, tipo Sears e Mesbla Os seguranças agem discretamente, como olheiros, detendo os suspeitos e prendendo quem pratica pequenos furtos. São antigos policiais, egressos dos órgãos de repressão. Um caso curioso: na igreja do Rosário, na rua Uruguaiana, nos dias de maior movimento há sempre dois homens à paisana rondando o local. Eles dão proteção aos fiéis e evitam que as caixas de donativos sejam arrombadas, como ocorreu anteriormente

Nos prédios de empresas estatais (Petrobrás, Furnas e Nuclebrás, entre outras), o cidadão tem que cumprir uma verdadeira romaria para conseguir chegar ao seu destino: recebe um crachá na portaria, depois de deixar seus documentos. Em cada andar, guardas de segurança retiram os crachás originais e os substituem por outros, que só permitem o acesso ao departamento desejado Se, por acaso, houve engano no número da sala, o visitante é obrigado a voltar à segurança e apanhar novo crachá. Quando se quer trocar de andar, um segurança leva o estranho até o elevador, outro guarda o acompanha à saída do elevador

E, para sofisticar ainda mais a "neurose da segurança", como definiu certa vez o psicanalista Hélio Pellegrino, surgiram no Brasil os importados **sprays** de gás paralisante Por Cr$ 3 mil, estão à venda no mercado, anunciados como arma eficaz para se evitar assaltos em vias públicas e nos bancos. A venda do produto, embora ostensiva, é proibida pelo decreto 55 649, de 21 de janeiro de 1965 O efeito do produto químico dura cerca de dez minutos e — diz o texto, em francês — "bloqueia instantaneamente o agressor por seus efeitos cegante e sufocante"

Foto de Chiquito Chaves

Os guardas ganham [redacted] de Cr$ 10 mil por mês e são "analisados" por detectores [redacted]

MÃO-DE-OBRA É BARATA. OS CHEFES SÃO EX-MILITARES

O Rio tem hoje um verdadeiro exército de guardas de segurança São 45 mil homens, contratados por cerca de 30 empresas. Esse efetivo supera o da Polícia Militar menos de 40 mil homens — e o do Corpo de Bombeiros — algo em torno de 15 mil homens

Treinados precariamente recebem apenas instruções sobre como agir em casos de assaltos os guardas de segurança vigiam desde simples casas comerciais até os maiores bancos do país. Pesquisa recente feita pelo **Jornal do Brasil** revela que a maioria deles é formada de ex biscateiros, migrantes do Nordeste e, em geral, mão de obra completamente desqualificada Ganham menos de Cr$ 10 mil mensais. Os instrutores dos vigilantes são militares da ativa e da reserva

As empresas de segurança surgiram no começo dos anos 60, quando Cecil Borer, irmão do presidente do Botafogo, Charles Borer, e que pertenceu à polícia política do Estado Novo (1937 a 1945), fundou a primeira Mas foi a partir de 1968, quando aumentou o número de assaltos a bancos e a grandes empresas, que essas empresas prosperaram. Hoje, cada uma delas tem um capital social exigido de mil salários mínimos

Os guardas usam revólveres calibres 32 e 38, carabinas calibre 16 (de caça) e carabinas Urco, calibre 22 Por lei, uma empresa pode registrar 600 revólveres e 70 espingardas de competição ou carabinas Pode ter estocados 7 mil cartuchos para revólveres e 700 cartuchos para carabinas

Algumas empresas — particularmente indústrias — preferem manter em seus quadros guardas de segurança próprios Nesse caso não é necessário cumprir a exigência legal de um mínimo de 200 vigilantes, já que eles se tornam simples funcionários. Adotaram essa fórmula empresas como a Petrobras, a Refinaria de Manguinhos, a Rede Globo de Televisão entre outras

Os proprietários das empresas de segurança, em geral, são militares da reserva ou reformados A Agents, uma agência de segurança, tem como diretor-presidente o oficial reformado da Marinha Francisco Gama Lima Neto Já a Sbil é presidida pelo brigadeiro João Paulo Penido Burnier, na reserva há alguns anos

E, em algumas empresas, a sofisticação da aparelhagem eletrônica chega ao requinte de utilizar um detector de mentiras Voice Analyzer para saber se os candidatos a guarda mentem quando são submetidos a testes de admissão Também existe um aparelho, do tamanho de uma lanterna, que, detonado, dispara dois dardos que, num raio de seis metros, provocam choque que adormece a pessoa atingida durante um minuto

CONFIRMADA DENÚNCIA DE LEITORES

Capitão acusado de corrupção é afastado

O PM Luís Porreca saiu da Secretaria de Segurança do Rio, mas substituto nega investigação

No dia 24 de março último, funcionários do Serviço de Microfilmagem da Secretaria de Segurança do Rio de Janeiro mandaram uma carta anônima aos responsáveis pela Secretaria denunciando uma série de irregularidades praticadas pelo capitão Luís Carlos Porreca, diretor do serviço, acusado de ter adquirido máquinas e materiais absolutamente inúteis. Diziam ainda que Porreca utilizava filmes com prazo vencido, que se aproveitava dos equipamentos do Serviço de Microfilmagem para fins particulares (inclusive serviços para a Federação Espírita Brasileira), e "cantava" as funcionárias, utilizando do seu gabinete para encontros.

O Serviço de Microfilmagem funciona na rua General Ivan Raposo, na Barra da Tijuca, em 13 salas anexas ao prédio da 16.ª Delegacia de Polícia. As portas e janelas são todas gradeadas. Lá é feita a microfilmagem dos documentos de todos os órgãos da Secretaria de Segurança, inclusive os registros civis do Instituto Félix Pacheco, boletins de ocorrência do Departamento de Polícia Metropolitana, diários oficiais e boletins de serviço.

A denúncia contra o capitão Porreca foi recebida, apurada e confirmada pela Secretaria de Segurança, resultando no seu afastamento do Serviço de Microfilmagem. Quem reconheceu ter conhecimento da denúncia foi o assessor militar do secretário de Segurança, coronel Angan. Procurado por um repórter deste jornal, ele acusou o recebimento da carta e a comprovação das acusações, pensando tratar-se de funcionário do Serviço de Microfilmagem. Uma semana depois, abordado novamente pelo repórter, negou sequer conhecer a carta, ao saber desta vez que estava falando com um jornalista. E completou:

– Arrancaram-me uma informação de forma desleal. Se tivessem falado normalmente, eu teria respondido. Agora não sei mais do que se trata e não sei a quem cabe apurar coisa nenhuma.

Para substituir o capitão Porreca foi designado seu ex-assistente, Paulo Codeceira, que se declarou inteiramente "surpreso" com as denúncias contra Porreca. Sempre alegando desconhecê-las, disse que o capitão tinha retornado à PM para fazer um curso de aperfeiçoamento, ao final do qual seria promovido. Mostrando-se muito agradecido a Porreca por ter assumido o cargo, "já que vim do nada", ele acrescentou:

– Quem tem que apurar alguma coisa não somos nós. Aliás, se o capitão já retornou à PM, não vejo motivos para apurar. Cheguei aqui depois de muito trabalhar e, se estou aqui, é porque o antigo diretor confiou em mim.

Delamare informou que Porreca está agora no quartel-general da PM

Codeceira negou que os equipamentos comprados por Porreca estejam fora de uso. Segundo ele, todos os materiais são aproveitados, "só que com menor intensidade".

– Não tenho autorização para falar, mas posso dizer que esses equipamentos são usados com menos freqüência porque realizam trabalhos específicos, inclusive a microfilmadora e a processadora Datafix. O estabilizador não está parado, é com ele que controlamos os geradores. A processadora sempre funcionou. Outros dependem de manutenção e testes para serem usados. Por exemplo, há uma máquina específica para microfilmagem de plantas. Nós não a usamos todo dia, mas ela é necessária.

Codeceira admitiu, porém, que os funcionários não têm lugar apropriado para almoçar – ficam em pé, junto às máquinas – mas acrescentou que as acomodações não dependem da direção do serviço. Ele garantiu que a firma que faz a manutenção das instalações sanitárias "é boa", mas foi obrigado a reconhecer que o prazo de validade do contrato venceu há algumas semanas e que a verba para renová-lo ainda não saiu ("essas coisas de burocracia").

Para Codeceira, as denúncias contra Porreca partiram de algum funcionário pessoalmente insatisfeito. Assim, a corrupção (comprovada) no Serviço de Microfilmagem não passaria de uma futrica contra o ex-diretor. Este, ao que tudo indica, está tranqüilo, pois agora trabalha na Assessoria de Planejamento do Quartel-General da PM, segundo o coronel Delamare, relações públicas da corporação. Um indício de que os métodos pouco ortodoxos que Porreca andou usando para administrar podem ter contribuído até para aumentar seu prestígio.

Neiva Rodrigues

FREIRAS VÊEM TUDO

PM agride preso e se mata sem querer na Ilha Grande

Na Ilha Grande, as agressões a presos acontecem até por acidente. Foi o caso do dia 15 de dezembro do ano passado. Estava tudo pronto para a inauguração das novas dependências do presídio local, quando, sem querer, um guarda do Desipe acionou o alarme. Tomados de pânico, os soldados da PM começaram a agredir os presos, sem respeitar sequer as três freiras que prestam assistência religiosa ao presídio. Resultado: no conflito, o soldado da PM Antônio José de Almeida Santana morreu com um tiro no peito, disparado de seu próprio rifle, quando, com a coronha, agredia o interno Vitor, que estava estirado no chão.

O tumulto começou quando o frei João — que veio do Paraná para inaugurar as novas dependências do presídio da Ilha Grande — estava se preparando para celebrar missa. O alarme soou e a tropa da Companhia

O soldado Antônio José

Independente da PM, sediada no presídio, correu para as novas dependências, mas foi recebida a bala pela guarda local. Era noite, e como não há iluminação, o sentinela que estava de plantão na guarita assustou-se e começou a disparar sua metralhadora. Houve troca de senhas, gritos de alerta dos dois lados e, finalmente, o tiroteio cessou. Os portões foram abertos, a tropa entrou.

No interior do presídio, o pânico também tomou conta dos soldados. E eles passaram a agredir os presos. Na confusão, a irmã Mariana desmaiou e outra irmã, Maria Emília, foi empurrada quando tentava impedir o massacre dos presos. Horrorizada com as cenas de violência, a terceira irmã, Maria, ainda teve ânimo para socorrer alguns presos e recolher os pedaços do violão que seria usado para celebrar a missa.

Foi esse o clima do chamado "batismo" das novas dependências do presídio da Ilha Grande, que começou a ser ativado em fevereiro último. Naquele mês, a crônica de violência começou a ser escrita: seus primeiros internos, de um grupo de 160, foram transferidos para as novas celas vestindo apenas sunga, e lá permanecem, até hoje, como castigo.

Aroldo Machado

UMA COLUNA DE POLÍCIA

SIRENES & CAMBURÕES

Aroldo Machado

Mudanças na polícia são sempre políticas

"Grandes mudanças" estão sendo anunciadas na Secretaria de Segurança do Rio de Janeiro. A primeira é a saída do delegado Rogério Mont Karp da direção do Departamento de Polícia Especializada — DPE — para o Departamento Geral de Investigações Especiais — DGIE. O policial, como todos os delegados do antigo Estado do Rio, é político. O maior exemplo foi, sem dúvida Péricles Gonçalves. Delegado da Baixada Fluminense e apontado como membro do **Esquadrão da Morte**, foi eleito deputado federal, graças ao apoio recebido de Aniz Abraão David, o **Anísio**, presidente de honra da Escola de Samba Beija-Flor de Nilópolis e um dos mais cotados banqueiros do chamado jogo-do-bicho.

Para o DPE deverá ser indicado o delegado Sílvio Ribeiro Ferreira, também apontado como membro do Esquadrão nos anos 60. Já Nílton Costa, delegado com 45 anos de polícia e 68 de idade, que já deveria estar aposentado, poderá deixar o DGIE para uma delegacia policial. Nílton Costa, que tem curso na Escola Superior de Guerra, foi um dos delegados que mais colaboraram com o Doi-Codi durante o período de repressão. Na época delegado da Roubos e Furtos, ele colocou seus policiais à disposição do I Exército no combate à subversão.

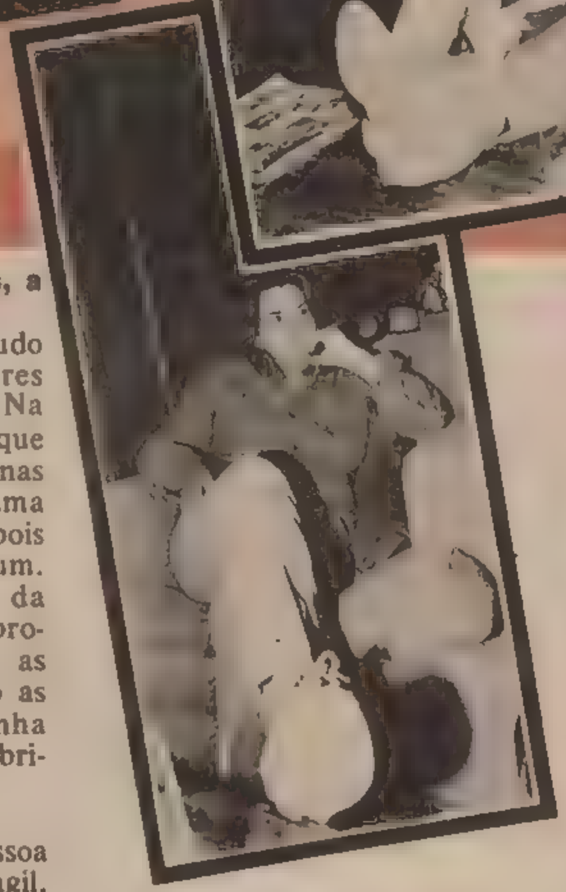
Nos próximos meses, dependendo dos estudos de uma comissão criada na SSP, toda a estrutura da Secretaria de Segurança poderá ser mudada, sendo extinto o DPE e reativado o Departamento Técnico-Científico, órgão extinto há 20 anos.

A maior polêmica da polícia no momento é, no entanto, o delegado Arnaldo de Poli Campana. Aos 42 anos ele é chamado de Poli-delegado. Em seus dois anos à frente da Delegacia de Homicídios, ele conseguiu esclarecer o seqüestro e morte do juiz Luís Carlos Rangel, além de prender alguns grupos de extermínio e desmontar o império da família de Júlio Avelino, responsável por vários assassinatos, cuja apuração nunca despertou o interesse das autoridades. Transferido para a Divisão de Roubos e Furtos, Arnaldo Campana foi personagem do noticiário policial nos últimos meses, devido aos seqüestros de Luís Carlos Jatobá e Misaque Gonçalves. Sua maior dificuldade foi indiciar os policiais acusados, todos envolvidos com o banqueiro **Anísio**, que teve sua casa roubada.

Em março passado, o policial Adilson Changai, lotado na 74.ª DP e que possui uma loja em Araruama, onde compra ouro, foi procurado por Paulo César Ferreira Domingos, que lhe ofereceu alguns pedaços de um medalhão de ouro. Rapidamente o policial prendeu Paulo César e, já com o auxílio do delegado Celso Miranda (cunhado do detetive Sérgio Iris, um dos envolvidos nos seqüestros), deteve Júlio César Reis e Vanderlei Conceição Passos. O medalhão foi reconhecido como sendo do banqueiro Anísio. Na DRF, para onde todos foram levados, Adilson Changai teve a maior surpresa de sua vida: Arnaldo Campana o autuou como intrujão. Tudo isso, aliado ao fato do delegado Campana estar aparecendo muito na imprensa, embora sempre se negasse a dar entrevistas, gerou seu "afastamento do posto que ocupava. Há quem diga que por trás de tudo estão "as forças ocultas" do jogo-do-bicho (Anísio, de Nilópolis).

REPORTER ENTREVISTA

Eu sou uma moralista!



Uma escritora maldita. 48 livros publicados. Várias passagens pelas delegacias de policia e pelo Forum paulista. Uma das mais censuradas romancistas do país, considerada também a rainha das lésbicas ou a papisa do homossexualismo.

Hoje, aos 48 anos, Cassandra Rios vive com Pabla Ortega, sua "cria". Mora num apartamento de cobertura, bem no centro de São Paulo, perto do *Minhocão*. Nas paredes, recobertas de cortiça para isolar o som, estão penduradas tapeçarias egípcias com mais de 500 [illegible]

Seu telefone, que antes tocava sem parar — eram fãs ligando dos mais diferentes pontos — agora já não soa com tanta insistência. Cassandra, ou Odete Rios, seu nome verdadeiro, pediu à Telesp a mudança do número "para não me importunarem altas horas da madrugada".

Além do apartamento — pequeno, um quarto apenas — ganho com os direitos autorais de um único livro — *O bruxo espanhol* — ela tem uma casa com piscina nos arredores de São Paulo, dois carros e um razoável saldo bancário.

cassandra rios

Quem é Cassandra Rios, a escritora maldita?

— Cassandra Rios é tudo aquilo que meus leitores querem que eu seja. Na imaginação deles, só. Porque sou Cassandra Rios apenas quando estou diante de uma máquina de escrever; depois me torno uma pessoa comum. Levanto sempre às 8 da manhã às voltas com problemas familiares, com as minhas filhinhas, que são as minhas **poodles**, a minha pequinês, as minhas sobrinhas. É isso aí.

Fale de Odete Rios

— A Odete é uma pessoa que, apesar de muito frágil, tem um coração de aço. Vive para muitos e tem para si uma coisa que a apóia muito, pois quando acontece qualquer coisa ela pensa apenas: deixe nas mãos de Deus.

Do que é que você mais gosta?

— De animais, de crianças, de tudo, e, principalmente, de frango assado.

Você bebe, fuma?

— Não. A fumaça do cigarro me intoxica, não gosto de multidões.

E seus grandes amores?

— Sem amor a vida não é nada. Sem paixões violentas, não há razão de viver. Amo com toda garra.

Você se considera uma moralista?

— Eu me considero. Eu sou uma moralista. Gostaria, às vezes, de não ser, pois vejo que o moralista é atacado de moral, e o falso moralista é tido como moralista. Eu vejo uma distinção entre as pessoas, por isso é que me isolo. Gosto de viver isolada. Tenho um vocabulário todo meu, um modo de ser todo meu, que não consigo modificar. Eu sou muito diferente de todos os meus personagens. Tanto que vou dizer uma frase muito comum: quanto mais escrevo, mais me distancio de minha arte, não posso me comparar a ninguém, nem a mim mesma. Por acaso alguém já me ouviu falar palavrão?

Como? Você não fala palavrão? Só escreve?

— Eu vou até contar um detalhe importante sobre isso. Quando o Olivier Perrois me procurou para fazer o filme baseado no meu livro **O bruxo espanhol**, que fiz o roteiro, durante a conversa ele disse um palavrão. Depois, soltou um segundo e começou a rir. Eu não entendi por que ele estava rindo. Falou o terceiro palavrão e o quarto. Eu quis saber por que ele estava rindo, ele falou que não acreditava que Cassandra Rios, ao ouvir palavrões, ficaria corada, toda vermelha. Eu estava ficando tão vermelha que parecia que ia explodir. Você vê, eu não gosto. Num ambiente onde as pessoas começam a falar muita besteira, palavrões, me sinto mal.

A que você atribui essa forma de reagir?

— Na realidade, eu tive uma educação muito rígida. Por aí você pode notar que é arte, que é dom, que não adianta nenhuma rigidez, nenhum castigo, nada, nada pode transformar aquilo que a pessoa é dentro de sua arte. Você pode notar, por outro lado, que nenhuma repressão me inibe, me cerceia, nem consegue me derrubar.

Qual é sua religião?

— Sou batista. Na minha literatura há somente mensagens de retidão de caráter e de bem, e, principalmente, amor.

Como você vê a reação contra a sua obra?

— Quando uma pessoa se assusta com alguma coisa, por exemplo, com uma barata, ela grita. Ela está procurando chamar a atenção dos outros para aquilo que está vendo. É uma indignação só pra chamar a atenção. As pessoas sabem que a barata existe. Mas continuam fingindo, e aí é porque estão fingindo que

estão chocadas. São hipócritas. É um falso moralismo, pois nunca leram a Bíblia.

O que você aprendeu na Bíblia?

— Aprendi a crer na palavra de Deus, e que a verdade, por pior que seja, deve ser dita.

Qual é o maior problema da sua geração?

— Acho que é o que precisamente serviu de publicidade pra mim. Tinha um index colado nas portas das igrejas alertando: não leia os livros da Cassandra Rios.

E quem fazia o index?

— Não sei, pois tive muitos

amigos padres. Um deles me defendeu no processo no Forum, argumentando que eu era profundamente realista e lírica.

O fato de ser mulher dificultou alguma coisa na sua vida?

— O problema da mulher em relação à minha geração como um todo foi sempre o mesmo: o dela romper amarras, derrubar tabus e se colocar numa posição de ser vista como ser humano. Não ser classificada como aquela expressão pesada de "machona" ou "mulher-macho". Isso só porque algumas mulheres tinham mais habilidade que o homem. Era feio uma mulher trabalhar. Na época eu tinha um Skodinha, e quando passava pela avenida São João dirigindo todo mundo gritava indignado: "Olha, uma mulher dirigindo um automóvel!" Eu tive uma das primeiras lambretas. As pessoas se sentiam ofendidas quando me viam de lambreta e gritavam: "Olha, uma mulher de lambreta!"

Por que você escreve sobre sexo?

— Eu não escrevo sobre sexo. Quem escreve sobre sexo são os sexólogos. Apenas retrato meus personagens da maneira mais real possível. Eu não faço como os românticos, tipo José de Alencar, que deixavam seus leitores imaginando as cenas mais fortes. Eu escrevo tudo.

Você acha que seus livros podem ser excitantes?

— Se eles forem isso, não fará nenhum mal à saúde de ninguém. A masturbação não faz mal a ninguém. No meu tempo, as menininhas iam se confessar e o padre ficava perguntando: você fez isso, fez aquilo? Ele era libidinoso. A primeira vez que fui me confessar, o padre me perguntou se eu fazia tal coisa assim, assim.. Eu saí e não voltei mais.

Como você reage às pessoas que vêem nos seus livros mensagem de corrupção social?

— Minha reação é de tristeza, pois vejo nessas pessoas os verdadeiros corruptores. Essas pessoas são cegas. Mal lêem e mal interpretam.

Você faz livro sob encomenda?

— Não, nunca fiz. Só traduções de livros e crônicas para revistas, a pedido, mas isso é diferente. Vivo dependendo de minha inspiração. Se eu quiser forçar, posso perder um ano ou dois diante da máquina de escrever que não sai nada. É questão de inspiração, mesmo.

Você acha que seus livros ajudam os homossexuais a se assumirem?

— Sim. Muitos homossexuais me mandam cartas agradecendo. Muitos pais de homossexuais também me escrevem agradecendo. Eles falam em reintegração social, mas eu mostrava que isso não existia, que o importante era deixar viver.

Você se acha uma revolucionária?

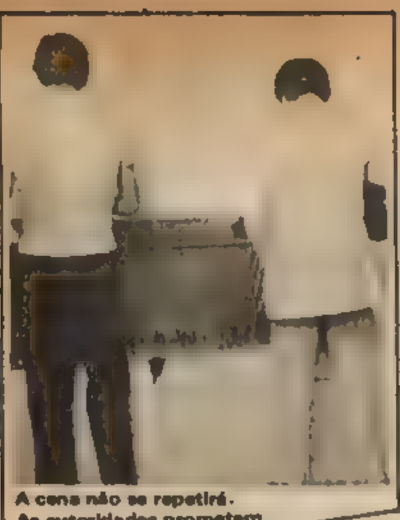
— Eu não me acho uma revolucionária. Sou apenas uma pessoa que mostra as coisas como elas são. Se isso é ser revolucionária, então eu sou.

Como você explica o fato de seus livros serem censurados?

— Meus personagens são todos políticos. Eles se identificam com pessoas reais. Meus livros sangram fome e revolta.

Entrevista a Antônio Pavone
Fotos Wagner Avancini

Foto de Wagner Avancini



A cena não se repetirá. As autoridades prometem

BANHEIRO PÚBLICO PAULISTA VAI SER 'MORALIZADO'

Os freqüentadores dos banheiros públicos do centro de São Paulo estão apavorados. A Prefeitura, a polícia e os guardas do Metrô resolveram lançar uma operação-conjunta de "limpeza e moralização" nesses locais. Alguns foram fechados, e os que ainda permanecem abertos ao público são vigiados constantemente pela Polícia Militar. Copiando o exemplo dos banheiros da estação rodoviária, a Emurb — empresa de economia mista — resolveu explorar comercialmente o banheiro da galeria Prestes Maia.

Agora, o papel higiênico do banheiro da galeria é cobrado. E a Emurb determinou que seja feita uma vigilância permanente dentro dele. Geraldo, o zelador, que poucas vezes pode ser encontrado com os olhos abertos, diz que "agora os punhetinhas não terão mais vez", e que "freqüentador que for pego com o *piru* na mão vai tomar chá de [redacted]".

Mas existe gente contente com a mudança. Serafim, carregador de cartazes do viaduto do Chá, é um deles. Não se importa em pagar para usar a privada. "Quem trabalha no centro tem que ter um lugar de respeito para fazer as necessidades. Antes, além do fedor, tinhamos que agüentar a sacanagem."

Na estação Sé e estação São Bento, a administração do Metrô colocou guardas fardados dentro de cada banheiro. Os freqüentadores começam a se intimidar com a presença deles.

Na praça da República e no largo do Arouche, a polícia invadiu os banheiros públicos. Todos os homossexuais que ficarem postados ali serão caçados. "Acabou a festa", diz o guarda do banheiro da praça da República. "O cheiro do detergente é tão forte que ninguém consegue ficar aqui dentro mais de um minuto."

O banheiro público que ficava em cima do túnel da avenida 9 de Julho foi fechado recentemente. Era o local preferido das bichas insones. Muitos consideravam que ele era uma espécie de "território livre da maconha e da sacanagem". Contam que nas altas madrugadas aconteciam verdadeiros bacanais, regados a chá de lírio e muita cocaína.

Os frequentadores profissionais dos banheiros operários desempregados que descobriram que é fácil viver das bichas (é só mostrar e aguardar o dinheiro) — têm que se contentar com o banheiro da estação rodoviária. Robertinho, conhecedor do assunto, garante que esse é o melhor deles, mas adverte:

— É bom tomar cuidado com os profissionais. Eles ficam alisando o *piru* até arrumar um freguês. Muita gente acaba indo pro hotel com eles e volta com a carteira vazia. Os profissionais costumam ser violen[redacted].

Mesmo assim, o banheiro da rodoviária é o mais tranqüilo da cidade. A calma só é quebrada com os gritos do faxineiro, isso, vez ou outra

Vamos acabar logo com isso, seus punheteiros!

Hélio Belik

Não deixaram travesti falar no congresso de homossexuais

Foto de Gleide Selma

Viviane, travesti de batalha, critica os intelectuais que teorizam sobre o prazer e discriminam um igual

O travesti Viviane, um moreno de 24 anos, tipo **violão**, foi a maior vedeta do I Encontro de Grupos Homossexuais Organizados do Nordeste (I Eghon), porque, no dia do encerramento, se levantou contra a mesa diretora e fez o maior discurso reclamando da discriminação que sentia, ali mesmo, naquele salão, por estar vestido de mulher

— Eu pedi a palavra pra falar em nome dos 150 travestis de Pernambuco e eles disseram que quem estava escalado pra nos representar era Lara, atriz do Vivencial Diversiones Ora, travesti para eles era quem se vestia de mulher no palco. Eu estava falando do travesti como eu, de rua, que leva pedrada dos meninos e corre da polícia. Um cara da Bahia, um nojento, mandou eu me calar senão mandava me retirar do local Eu insisti e levei uma grande vaia

Viviane "ferveu" e subiu na cadeira para discursar: "Falei tudo que tava na garganta. Que eles eram tão viados quanto eu, que se a gente saísse na rua ia ser discriminado igualmente como bichas, tanto eu, que me vestia de mulher, quanto eles; que eles estavam muito mais interessados em teorias e técnicas de prazer do que na bicha pobre que tinha sido presa por arbitrariedade da polícia. Falei, falei, até cansar Porque sou assim, sou de Gêmeos e tenho o verbo solto"

Viviane chamou até a comissão de "fascista", que não reprimia mais porque "não tinha o poder na mão". Alguém foi defendê-la, e também teve a palavra cassada Viviane se retirou, arrastando atrás de si mais da metade do auditório

— Eu sei que andaram espalhando que eu tinha ligações com a polícia, mas é isso mesmo. Esse pessoal do Gatho (Grupo de Atuação Homossexual) é uma panelinha de intelectuais que não admite nenhuma crítica às suas teorias fora da realidade. Antigamente, quando alguém discordava, era comunista Hoje, é da polícia

A discriminação contra travestis, no próprio meio homossexual, também não surpreende Viviane "Fui a muitas reuniões desse Gatho, e nunca vi nenhum travesti além de mim, nem nenhuma discussão sobre os nossos problemas. Fala-se muito de orgasmo, do último livro de fulaninho e sicraninho, só isso. O viado procura ignorar o travesti na rua; é como se não conhecesse"

Discriminação, contudo, que não chega a ser tão pesada quanto a do resto da sociedade Viviane faz **pegação** na rua Antônio Falcão, em Boa Viagem, local onde existem alguns motéis Já levou muita pedrada e ovo podre na cara, dos **boys** que passam de carro e a tratam como se fosse bicho selvagem. As mulheres também batem nos travestis, que muitas vezes lhes roubam os clientes A polícia é quem mais se aproveita dessa situação. "A gente paga uma grana preta pros policiais do delegado João Accioly. Eles passam por aqui e dizem que vão levar um ou outro preso. Só não vai, quem pagar. É de mil pra cima Isso, todo dia. Já pensou?"

Depois do I Eghon, Viviane foi presa. Passou de nove da noite até duas da manhã levando um papo com o delegado-auxiliar Claudemir, "uma bicha enrustida que desconta os complexos em cima da gente", e saiu depois que deixou mil pratas com ele Uma amiga dela, de nome Jacira, foi estuprada por três homens e, quando foi dar queixa, ouviu gracinhas e não ficou detida porque também pagou mil cruzeiros

— Isso tudo a gente tá acostumada. É a batalha da sobrevivência Mas ser desconsiderada até pelos companheiros, que deviam dar a maior força, é muita pobreza de espírito, não acha?

Beth Salgueiro

Ninguém queria se identificar

O Primeiro Encontro de Grupos Homossexuais Organizados do Nordeste, chamado I Eghon por seus organizadores, realizado durante a semana santa, não foi propriamente um acontecimento de grande importância no Recife

Os participantes, na maioria homens, demonstrando o problema que é o sujeito segurar a barra de se dizer homossexual, recusaram-se a fotografias de frente, e nenhuma entrevista publicada nos jornais trazia o nome do entrevistado

No fim, os grupos organizados de homossexuais participantes — **Grupo Gay**, da Bahia, **Nós Também**, da Paraíba, **Dialogay**, de Sergipe, além do **Gatho** (Grupo de Atuação Homossexual), acabaram se desentendendo com o travesti Viviane

Ainda que tumultuado, o I Eghon acabou prometendo lançar uma revista para homossexuais chamada **Bichana**, que irá incrementar o trabalho de divulgação dos grupos **gays** organizados

"NA GLOBO, NEGRO NÃO TEM CHANCE"

O grito de Vera Manhães contra o desemprego

Foto de Chiquito Chaves

Ela já foi a coluna do colunista social

*Ela já foi professora de dança e expressão corporal. Entre suas alunas havia muita gente famosa, como Dina Sfat, Maria Bethania, Regina Duarte, Renata Sorrah e Marieta Severo. Trabalhou em várias novelas da Globo (**O Cafona**, **O Bofe** e **Bandeira 2**) e fez filmes no Brasil (entre eles **A Moreninha**), na Itália (**Navegador Fantástico**) e na França (**Um Animal Dotado de Razão**). Já atuou como cantora (na boate Monsieur Pujol, em São Paulo) e como modelo (tendo desfilado, inclusive, para Courrèges, quando o famoso costureiro francês esteve no Brasil)*

Seu nome Vera Manhães, uma negra alta, esguia e bonita Seu "crime": justamente ser negra e bonita, diz ela Razão pela qual não consegue emprego há muito tempo como atriz de novela, nem qualquer outro tipo de colocação.

Se eu fosse feia, horrorosa, estrunchada, se estivesse velha e caquética, acabada, aí conseguiria trabalhar em novelas da Globo Como empregada doméstica ou em outro papel qualquer absolutamente secundário, sem expressão. Aí os responsáveis pelas novelas poderiam ser paternalistas Tudo bem, tudo ótimo (nas três novelas de que participou, Vera fez papel de doméstica, o que não é casual) Mas sendo charmosa e bonita, como eu sei que sou, não tenho vez

Para Vera Manhães, a discriminação, a falta de oportunidades, está fazendo com que os negros pirem

O Chico Buarque, por exemplo, fala, fala, mas jamais lançou uma cantora negra Quando eu dava aula para a Marieta (mulher do Chico), apresentei uma fita minha para ele Ele prometeu me ajudar, mas nada . Acho que a Marieta ficou preocupada Mas eu sou uma pessoa que não tem necessidade de comer outras pessoas, pois sou casada com um homem maravilhoso, que tem bom físico e boa cuca (o ator negro Antônio Pitanga)

Num desabafo, que revela todo seu trauma por não conseguir trabalhar, ela não poupa também o que chama de "intelectuais brancas" — cantoras e artistas que se dizem preocupadas com o problema do negro, mas que não movem uma palha para ajudá-los

— Eu ia ser a Gabriela na novela da TV Globo (mostra recortes de jornais em que isso chegou a ser anunciado). Mas acabaram dando o papel para a Sônia Braga, que acho uma pessoa maravilhosa e a quem não condeno por ter feito o papel porque ela tem que defender o pão dela Mas para poder ser Gabriela ela teve que tomar banho de raio ultravioleta (para escurecer a pele), fazer jogadas para engrossar o cabelo e uma série de outras adaptações

*Em sua batalha para aparecer, para ser novamente lembrada, Vera Manhães decidiu, no dia do desfile das escolas de samba, ir ao camarote dos artistas montado pela Riotur, e cuja organização ficou por conta de Hildegard Angel, que escreve uma coluna de televisão no jornal **O Globo***

— Fui barrada A Hildegard andou dizendo que eu era "pouco representativa"

Humilhada, Vera não aguentou e chorou em plena avenida Marquês de Sapucaí Essas e outras humilhações só contribuíram para torná-la amarga

Não quero arrebentar com o sistema, mas quero ter pelo menos o direito de trabalhar, ganhar um dinheiro, poder viver bem na Zona Sul, ser uma moça charmosa da Zona Sul. Mas o que o sistema quer é que eu acabe pobre numa casa de subúrbio Mas eu, pela minha formação, não nasci para isso e não escondo, falo abertamente Mas nem viver bem querem me deixar O sistema tranca tudo e não dá para ir contra ele. O Pelé, por exemplo, é um cara maravilhoso. Mas nem ele pode aguentar essa barra em cima dos negros, e tem mesmo é que fazer o jogo do sistema

Vera Manhães não esconde que está passando "por um momento de desespero"

Preciso voltar a produzir Uma mulher dependente, sem trabalhar, começa a engordar e acaba até sendo abandonada pelo marido

*Uma perspectiva melancólica para quem já foi uma das "divinas" de Carlos Swan (cronista social de **O Globo**) No dia 10 de julho de 1975, a foto de Vera, batida pelo famoso David Zing, dominava a coluna de Swan. O texto-legenda dizia apenas: "Vera Manhães, beleza de atriz"*

Ricardo Bueno

PASSARELA

Jorge Segundo

Fotos de Chiquito Chaves

Marina diz que Paulo César tem complexo de cama

MARINA MONTINI E GLÓRIA MARIA: ELAS NEGAM AMOR COM PAULO CÉSAR

Paulo César, o jogador de futebol, deu entrevista à **Playboy** para não ser acusado, sexualmente, de racista (dizem que só gosta de louras), ele disse: "Já transei com negras lindíssimas, como a Marina Montini, a Ana Davis, a Edir das Frenéticas. A Glória Maria da TV-Globo... Tudo num **love** legal." O bravo atleta sexual cita ainda como uma de suas conquistas a condessa Luana. Ele diz que não tem preconceito nenhum e que já papou todas elas. E que ganhou a Luana numa aposta, depois de, jogando pelo Botafogo, meter dois gols no Bahia, em Salvador. Mas duas das negras "papadas" pelo jogador foram ouvidas por PASSARELA e garantem que tudo não passa de um grande chute de Paulo César. A repórter Glória Maria reagiu assim: "Ele disse que transou comigo? Mentira! Eu conheço bem a cabeça do Paulo César. Prefiro não entrar em detalhes, não comentar essa alegada transação, porque iria certamente magoá-lo. E eu não quero isso." **Marina Montini**, a outra nossa entrevistada, se encheu "de indignação e de pena". E jura mesmo que jamais transaria com Paulo César: "Uma apelação torpe a dele. Deve ter algum complexo (de cama) e então cita mulheres conhecidas, com quem jamais teve qualquer relação sexual, só para se promover. Depois, eu conheço Paulo César en **passant**, de encontros em boates, em festas. O que ele disse é mentiroso e vulgar. Só poderia sair dele. Jamais esperaria, por exemplo, de um Pelé, de um Carlos Alberto. São **gentlemen**. São homes de verdade."

Foto de A. Mesquita

Ricardo, bem votado

Eleição continua

A noite ainda não tem rei

Com os votos a descoberto de gente que conhece a noite, que freqüenta boates, restaurantes, **shows**, esta coluna vai eleger o REI DA NOITE, o moderno substituto do grande Carlos Machado. Na primeira apuração, que saiu na coluna passada, o resultado foi o seguinte: **Ricardo Amaral**, 8 votos; **Chico Recarey**, 4 votos; **Sérgio Cavalcanti**, 4 votos; e **Mário Prioli**, 1 voto. Mais gente importante votando, hoje:

* O ator Jorge Dória, o pintor Albery, o colunável e **play-boy** Luiz Alberto Diniz Carneiro e a jornalista Leda Nagle votam em **Ricardo Amaral**. "É ele, sem dúvida, quem faz os grandes agitos da noite", diz Leda Nagle, confirmada pelo Albery.

* Carlos Eduardo Dolabella, Pepita Rodrigues, o fotógrafo Alcyr Cavalcanti, o locutor Berto Filho, estes votam em **Chico Recarey**. Berto acha que, "guardadas as proporções com o que o Machado fazia", Recarey é "o grande empresário que merece ser o **Rei da Noite**".

* A jornalista alagoana **Maria Cândida** (colunista social da **Gazeta de Alagoas**), o empresário da noite Eduardo Barcelos (proprietário do **Poker Bar** e do **La Cueva**), o jornalista Bosco Viegas, eles dão seu voto ao **Sérgio Cavalcanti**. Eduardo, colega do Sérgio, justifica: "É mais um voto do coração. Respeito-o como um homem bravo, batalhador, refinado, símbolo da noite carioca."

* O escritor Roberto Freire (autor da novela **O Amor é Nosso**) e o **maître** Quintanilha, do **Chez Castel**, acham que o **Rei da Noite**, no momento, é o **Mário Prioli** (Canecão). "É a única casa, no Rio, aberta aos **shows**. O Prioli é o Machado dos dias atuais", afirmam os dois eleitores. A votação continua. Mais surpresas na próxima PASSARELA.

****

É preciso contar...

Deriquem, indignado

1 Não convidem para a mesma mesa os atores Moacyr Deriquem e Maria Helena Dias. Briga feia entre os dois, por causa dos 25 anos de carreira da atriz. Seguinte: noticiou-se que a festa das bodas artísticas de Maria Helena seria organizada pelo Deriquem. Ele nega: "Jamais pensei em organizar festa nenhuma para ela. Estão usando meu nome. Agora virou moda: quando as pessoas querem badalar suas festas, dizem que eu estou organizando, convidando. Tem muita gente blefando por aí e usando meu nome." E o curioso é que, num desses blefes em que se usou o nome do Deriquem, a festinha quase terminou num motel. Foi assim: um senhor ligou para uma jovem atriz dizendo que ia pegá-la em casa para uma festa organizada pelo Moacyr Deriquem. Ela acreditou. O senhor pegou a moça em casa e tocou o carro pela avenida Niemeyer. Quando ia subindo a rampa do motel Vip's, a jovem atriz gritou por socorro, saltou do carro e voltou pra casa de ônibus. Deriquem recomenda: "Olho vivo!"

2 A posse da senadora Laélia Contreiras (Acre), em Brasília, rendeu festa no Rio, no Solar da Pedra, do pintor Wálmy Ferreira. O artista é baiano como a senadora e amigo de infância dela e de seu irmão, o professor Carlos Afonso Agra. A senadora é do Acre, mas a noite foi da Bahia: muqueca de peixe, vatapá e fritada de camarão, para alegria de convidados como os pianistas Oriano de Almeida, Iris Bianchi e Arnaldo Rebello, e a declamadora Zoraide Aranha.

3 "Uma excelente campanha de difamação!" Foi assim que o Mussum reagiu à trapalhada de seu colega Renato Aragão, que espalhou ter ele comprado uma ilha em Angra dos Reis. Mussum garante que, por enquanto, "comprou apenas um barquinho", e que a história da ilha "não passa de uma molecagem do Renato para me indispor com o Imposto de Renda".

4 "Quem dera que eu também fosse de Apipucos!", suspirou Roberto Freire, autor, junto com Wilson Aguiar Filho, da novela das sete da TV-Globo. De Apipucos, Pernambuco, é Gilberto Freyre. Todo mundo pensa que eles são parentes. "Não temos nenhuma ligação de sangue. O meu Freire é com "i" e o dele é com "y". Tá explicado.

MULTIDÃO

Um cartão personalizado, assinado pelo Boni (vice-presidente da Rede Globo) foi a peça de resistência do jantar de aniversário do Maurício Tavares, editor do **Fantástico**. O cartão passou de mão em mão entre todos os convidados e a curiosidade era natural: continha elogios ao trabalho do aniversariante. ★ **Albery, o pintor, com exposição marcada para Nova Iorque. E lá, na noite do *vernissage*, vai aprontar mais uma de suas loucuras: chegará na galeria montado num elefante, especialmente decorado por ele mesmo.** ★ Três belíssimos momentos do **Canal Livre** da TV-Bandeirantes: as entrevistas do cineasta Arnaldo Jabor (o recado final dele foi contundente, maravilhoso); do jornalista Ziraldo (politicamente corajoso, emocionalmente verdadeiro); e do governador Paulo Maluf (dando brilhantes dribles em calejados comentaristas políticos, como Carlos Chagas e Sebastião Nery); a participação do deputado (PMDB) e advogado sindical (ABC) Almir Pazianoto foi instigante, a melhor do programa; como foi, do ponto de vista humano, emocional, excelente o discurso do Ademar Ferreira da Silva, preocupado com a situação do negro no Brasil. Ele, uma personalidade do atletismo brasileiro — e negro — encostou os políticos na parede. Aguarda-se uma resposta ao seu clamor. No fim, Maluf abriu o jogo sobre as minorias sexuais: "Pra mim, homossexualismo é doença. Vocês podem até me criticar, mas homem tem que andar mesmo é atrás de mulher!" Quer dizer: a viadagem que se cuide, se o homem for presidente! ★ **Helcius Pitangui, filho do cirurgião-plástico, foi o jovem que fez maior sucesso na festa que a produção da novela *O Amor é nosso* deu no *Chez Castel*. Uma noite em que os grã-finos fizeram figuração para a novela das 7.** ★ Quem se liga, como a gente, nos jornalísticos da TV, siga este roteiro: **Jornal Bandeirantes** (às 7 e meia), **Jornal Nacional** (às 10 para as 8) e **1981** (TV-Educativa), às 22 horas. No comando do jornal da TV-Bandeirantes, Joelmir Betting se revela no grande **anchorman** (editor e apresentador) brasileiro. ★ **Fábio Sabag queimando gordurinhas no *cooper* do calçadão da avenida Atlântica. "Não sou um corredor. Sou um andarilho", diz ele, e sai a passos largos.**

COLUNA DE

Evandro de Castro Lima

moda & beleza UNISSEX

NOIVA:

Não perca a cara de virgem!

Diante do altar, na hora do "sim", a noiva tem que ter cara de virgem. Tem que ter um ar de pureza, de castidade, mas sem perder o toque feminino, a exuberância que a ocasião certamente inspira — e pede. Por isso, a maquilagem da noiva é um detalhe muito importante — e nem sempre observado a gosto. Aqui, exclusivo para vocês (noivas de maio e futuras noivas sem data marcada), a lição de **Madame Campos**, a maior autoridade em beleza dos trópicos. E ela lembra, numa frase genial, uma coisa muito importante: "Beleza não é só faceirice. É profunda terapêutica emocional". E como todo mundo muda de acordo com os tempos, as noivas de hoje podem usar a maquilagem mais em voga, menos marcante do que a que se usa para os acontecimentos badalativos da vida mundana do dia a dia. Prestem atenção que o Outono-Inverno 81 comanda a maquilagem.

Noiva de pele clara: sombra azul hortência, com leve toque de azul cobalto (nada de sombra branca, já superada), recomendando-se para debaixo da sombrancelha o bege ou o rosa **mauve** (lilás suave), leve toque de prateado no canto externo dos olhos, tom do pó da base mais escuro, para acentuar o colorido, e a noiva, por sua pele branca, não ficar com cara de gueixa, **blush** rosado, batom rosa acentuado com brilho de lábios natural, se o vestido for sofisticado, um toque de pó de arroz dourado e prateado (exclusividade de Madame Campos na América Latina, o mesmo pó que Cardin usa em seus manequins).

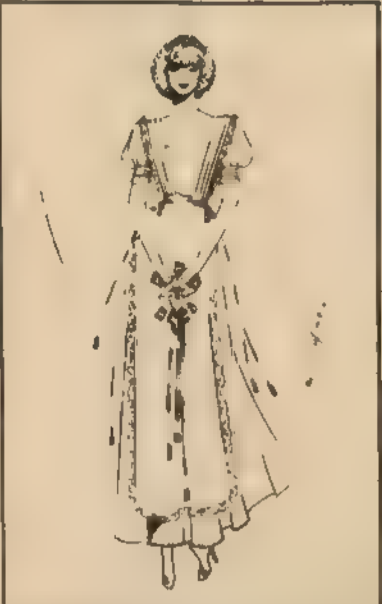
Noivas morenas: sombra vinho no meio dos olhos, debaixo das sobrancelhas, bege dourada em cima das pálpebras, sombra verde, todos esses tons têm que ser bem esfumaçados, se a morena (ou mulata) tiver tipo sofisticado, for alta e naturalmente elegante, recomenda-se um traço preto, rente aos cílios inferiores, esfumaçando para o canto dos olhos, batom cereja e brilho também cereja, pó cintilante dourado. Em ambos os casos (brancas e morenas), usar o estabilizador de maquilagem, que mantém a pintura por até 10 horas. No mais, feliz lua de mel. hummmm!

alinhavando

Cada vez mais sexy a moda dos homens para a praia (atenção: homens de 15 a 25): calções de jérsei transparente, deixando muito pouco escondido. Como se isso não bastasse, as tatuagens, com mil bolações, cobrem os braços e peitos desnudos. A rapaziada acha tudo isso uma forma de transar o corpo, numa boa e muito legal. Sei! ● **A Trevira anuncia a vinda dos franceses. Eu, modestamente, perguntei: quando irão os brasileiros?** ● Aplausos para Humberto Saade: finalmente apareceu um empresário com garra para levar moda brasileira para o exterior. Ele e a mulher, Madeleine Saade, considerada uma das mulheres mais elegantes do mundo (tem o voto do Ibrahim Sued), estão dominando o mercado **prêt-à-porter** da moda elegante que os gringos estão comprando do Brasil. ● **Kenzo, o agulhinha-japonês que invadiu Paris, descobriu cedo a vocação de muitos brasileiros que fazem moda: são copistas. E, por causa dessa desconfiança (oucerteza?), Kenzo proibiu que a televisão brasileira filmasse o desfile de sua coleção, para que a rapazida daqui não visse os modelitos dele na TV e logo, logo copiasse. Uma triste fama que precisa de uma reação imediata!** ● Admirável que o Kenzo considere os brasileiros copistas, logo ele, um japonês — e os japoneses copiam a nossa moda carnavalesca e a transformam em borboletas noturnas, inusáveis. O caso do Kenzo, do Yakamoto e outros é o que se pode chamar de "perigo amarelo"... e como dizem que o do japonês é quadrado e mais embaixo, o francês que se cuide!

Camurça nelas!

Os costureiros estilistas, figurinistas (a turminha que decide como vai enfeitar as mulheres para os homens) já decretaram: na próxima temporada Outono-Inverno, a camurça vai predominar no guarda-roupa feminino (e até mesmo no dos homens). As últimas coleções, lançadas no eixo Paris-Nova Iorque, já deram os sinais: camurça em vestidos, saias, blusas e ainda detalhando golas, bolsas, cintos e sapatos. A camurça fina e suave, bem curtida, serve até para babados, recortada em forma de renda.



Uma graça de modelito: em renda e organdi, num estilo simples, jovial. Criação de Carlos Marques, estilista-Assuf.

CLODÓ FECHOU!

*Deslumbrante, funcional e altamente adequada a coleção que Clodovil mostrou no aniversário de TV Mulher. Muito modelo **chic** para o nosso clima. Apreciando o trabalho de Clodó, compreende-se por que ele, muitas vezes, como Dom Quixote, investe contra os moinhos de vento e diz que a moda no Brasil nunca foi levada a sério. Quando se sabe que a moda é a terceira fonte de divisas da França e que as etiquetas francesas são sempre tão valorizadas no Brasil, fica-se a duvidar da boa intenção das autoridades, quando deixam sair nosso dinheiro para patrocinar etiquetas nem sempre recomendáveis, se vistas pelo lado do bom gosto. Será que Cardin e Saint Laurent são melhores do que os nossos criadores? Claro que todos são iguaizinhos! Acontece que os menos informados pensam que eles, os franceses, também não dormem com camisa de **chiffon** e gola de plumas!*

Valho-me do padim Ciço
Da divina providência
Apelo pra consciência
Para contar um momento
Um caso de sofrimento
Que foge a toda ciência

Foi num domingo tristonho
Dia cinco de abril
O Santa Cruz perdeu feio
Nem parecia ter brio
Humilhou sua torcida
Despedaçou minha vida
Vergonha do meu Brasil

O tricolor do Arruda
Para ser classificado
Podia perder de quatro
Levou cinco gol safado
Entrou de sapato alto
Caiu e não deu o salto
Terminou esgulepado

O autor do livreto, jornalista Homero Fonseca, protesta contra a "vergonha"

DERROTA DO SANTA VIRA CORDEL

O Bahia precisava ganhar por diferença de 5 gols do Santa Cruz, de Recife, para passar às oitavas de final do último campeonato brasileiro. Ninguém acreditava, mas os baianos conseguiram e a torcida do Santa reagiu, pedindo machos no time. O protesto saiu num livreto de cordel, vendido nas feiras.

FOLHA SECA

Luiz Alberto Bettencourt

São argentinos os que defendem esse torneio

Foi um fracasso técnico e financeiro o campeonato nacional. Os grandes times de massa ficaram de fora das finais e poucas partidas chegaram a entusiasmar. É claro que as atividades da seleção brasileira, durante dois terços do torneio, o colocaram em segundo plano para jornais e torcedores. Os clubes foram sacrificados pelo calendário da CBF, mas a verdade é que não foi esse o único motivo da apagada disputa. Tem muito clube que não podia ter entrado e muitos outros, de primeira linha, que, em outras condições, não teriam saído. Não entendo por que mudar critérios de competição universalmente aceitos como os melhores para avaliar tecnicamente os concorrentes. Todo torcedor sabe quais são os grandes times do país; o negócio é pô-los em campo, eles não passam de vinte — e olhe lá! — um jogo na casa de cada um, disputa corrida, soma de pontos ganhos, gol feito no campo do adversário vale mais — pra estimular o ataque — e pronto. Os últimos colocados descem para a divisão inferior, que classifica seus ganhadores para a próxima disputa na primeira categoria. Não vale virar a mesa, e aí qualquer time, poderoso ou não, de grande ou pequena torcida, não tem condições esportivas pra reclamar nada. Não é simples? O caminho tem sido insistentemente indicado por muitos jornalistas, mas até agora os interesses políticos prevaleceram. E os fariseus (ou argentinos gozadores?) enchem a boca pra saudar "o maior campeonato do mundo", esse mesmo que esgota os craques, esvazia os cofres dos clubes e nivela nosso futebol por baixo.

A fineza do craque

Luís Pereira deu uma de craque também fora do campo. Chegou ao Flamengo fora de forma, foi criticado, vaiado, sentou no banco depois de uma bronca do Rondinelli, que não aceitava ser preterido, mas não saiu da linha. Recuperou a forma, voltou a jogar seu grande futebol, reconheceu as raízes do "deus da raça" no clube e está negociando do seu passe com o Palmeiras. Parabéns, Luisão, pela elegância, pelo bom-senso, pouco comuns nos astros.

Meio campo, meio expediente

A diretoria do Vasco, eleita com a promessa de fazer o grande time, até agora realizou exatamente o oposto do que prometera: vendeu o grande time. Leão, Marco Antônio, Pintinho, Jorge Mendonça, Paulo César foram afastados, o clube pôs à venda todos os seus pontas, inclusive Silvinho, que não quis ir para a Argentina. Zagalo, o técnico que trabalha meio expediente e ocupa só a metade do campo durante os jogos — a de trás — continua prestigiado.

O time do Castor quer ser campeão

Paulo Borges, Bianchini, Parada e Mateus. O Bangu ainda se lembra de 1966 e seu maior patrono promete o título carioca de 81

Quem vai ser o campeão carioca de 1981? O Flamengo? O Vasco? O Botafogo? Ou o Fluminense? Nenhum deles O título ficará com o Bangu Quem diz isso é um dos mais famosos dirigentes do Rio de Janeiro, o industrial e banqueiro de jogo do bicho, Castor de Andrade Uma figura já lendária, que tem importância decisiva na história do clube de Moça Bonita há uns 20 anos Depois de 10 anos afastado, Castor voltou com força total em 1980, exercendo a presidência do Conselho Deliberativo

Quando ele assumiu a folha de pagamentos do Departamento de Futebol, ela era de Cr$ 350 mil Hoje, passa de Cr$ 2 milhões. O Bangu, que andava por baixo disputando os últimos lugares do campeonato carioca, mudou de figura e fez uma campanha razoável na Taça de Ouro Do antigo time foi aproveitado apenas o desengonçado, mas eficiente centroavante Luisão. Como queria um time para jogar logo Castor contratou jogadores experientes e considerados por muitos como "irrecuperáveis", como Mirandinha, Moisés, Carlos Roberto e Tobias. Pouco depois essa lista passou a contar com Renê (que estava no Botafogo) e Marco Antonio (do Vasco)

A volta de Castor ao Bangu foi motivada pela vitória de Antenor Correia Filho, seu amigo de infância, nas eleições para a presidência do clube, cargo que começou a exercer em janeiro de 80 Com o retorno de Castor, a pequena, mas fiel torcida do Bangu espera reviver dias de glória como os de 1963 a 1966, quando o clube teve um time conhecido e respeitado em todo o Brasil. Disputando o título de campeão em 63/64 e em 65, a glória veio em 66, quando o Bangu venceu o Flamengo numa final que ninguém esquece em Moça Bonita O ataque desse time é lembrado constantemente por muitos torcedores, até pelos que não são bangüenses. Paulo Borges, Bianchini, Parada e Mateus

Era comum naquela época comentar-se que o Bangu não tinha garra para chegar a uma final Faltava camisa, o time tremia Castor resolveu acabar com esse tabu e jurou que seu time seria campeão em 66 Para chegar lá não mediu esforços No início do campeonato o Bangu contratou no interior de São Paulo o atacante Cabralzinho. O jogador não queria, porém, vir para o Rio. Castor não teve dúvida deu-lhe uma lancha de presente.

Com Castor em cena, o Bangu passa não apenas a ter um melhor time, mas também uma presença de peso na Federação de Futebol do Rio de Janeiro e no Departamento de Árbitros. Quando o juiz erra ele fica possesso, como aconteceu em 66 num jogo de seu time contra o América, último obstáculo para que o Bangu fosse à final. O time de Moça Bonita vencia por 2 a 0 e o juiz deu não somente um gol de impedimento como um pênalti meio estranho a favor do América. Castor puxou o revólver para o juiz Por influência ou não do revólver, o certo é que o Bangu ganhou o jogo por 3 a 2, com um pênalti que o América até hoje não engoliu

Fotos de Chiquito Chaves

Castor de Andrade, bem acompanhado, o dono do Bangu

"Sou o único dirigente que não é vaiado"

Castor de Andrade é um dirigente paternalista, que monopoliza a relação com os jogadores e influi na escalação do time, mais até do que o próprio técnico. Ninguém ousa contestá-lo. O próprio presidente do Bangu, Antenor Correia Filho, reconhece isso:

— Todo mundo que está ao lado do Castor se apaga, porque ele brilha mais do que todo mundo. É por isso que aqui ele não tem oposição.

Castor sorri quando ouve isso e completa:

— O que eu sei é que sou o único presidente de clube que não é vaiado pela torcida.

Quando ele chega ao Bangu, pára tudo. A algazarra dos jogadores dá lugar ao silêncio. A expectativa toma conta de todos no pequeno vestiário do estádio de Moça Bonita. Castor entra, faz uma preleção, dá as recomendações de praxe antes de um feriado longo (semana santa e Tiradentes) e chama alguns jogadores para uma conversa sigilosa. Para um, promete uma passagem para visitar os familiares em outro Estado, em outro dá uma bronca por causa da má condição física, e assim vai tomando conta de tudo sem que ninguém interfira.

Atualmente Castor tem uma dor-de-cabeça, que se chama Luís Carlos Gaúcho:

— Ele tem tudo pra acertar, tem um fino toque de bola, sabe driblar, lança como ninguém, se coloca em campo com perfeição, mas não consegue atingir o peso ideal, tá sempre gordo. Também, farrista do jeito que é! Meu medo é mandar ele embora e ele desabrochar em outro clube.

[illegible]ônio, o reforço

Mas se Luís Carlos Gaúcho não emagrecer, Castor já tem outra solução para o meio-de-campo do Bangu. Numa conversa, um intermediário diz que já sondou Rubens Feijão, do Santos, e que o jogador se dispôs a vir para o Bangu. Castor fala baixo, mas é taxativo:

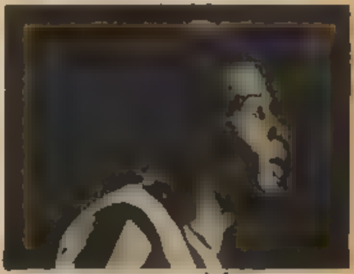
— Você não conversa com a diretoria, não. Vai direto ao jogador. Diga-lhe que ofereço Cr$ 10 milhões mais os 15%. Se ele disser que não quer mais jogar no time do Santos, fica mais fácil de ser liberado.

Enquanto fala, Castor assiste ao treino do Bangu, acompanhado de dois guarda-costas, sentados atrás dele. O treino é fraco e Castor sonha em voz alta com Rubens Feijão:

— Sabe tudo de bola, é craque, vai dar uma nova vida a esse time.

Castor não gosta muito de falar sobre por que ficou tanto tempo longe do Bangu, pois isso envolve sua vida particular. Mas acaba contando

— Como todo mundo sabe, com o AI-5 (baixado em 1968) fui preso e mandado para a Ilha Grande (acusado de contravenção, pois nessa época Castor era o maior bicheiro do Rio). Passei três meses lá. Quando voltei, resolvi me dedicar inteiramente aos meus negócios particulares. Foram 12 anos de distância, mas de uma distância próxima, pois eu nunca deixei de acompanhar o clube



Renê, pra compor a defesa

Em sua volta ele aposta que terá sucesso e revela seu segredo:

— Trabalho e dinheiro. Não o meu, mas o dinheiro que eu consigo com amigos e doações, como a Fábrica Bangu (de tecidos).

Para conquistar o campeonato carioca em 81, ele acha que está no caminho certo.

— A base do time eu já tenho. Só falta agora alguns ajustes. Não concordo com quem diz que fomos mal-sucedidos na Taça de Ouro. Nosso objetivo era entrar na Taça e provar que somos um dos vinte melhores do Brasil. E isso nós [illegible]

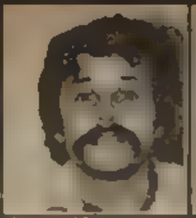
Mas Castor quer ir mais longe:

— Vou montar um time de craques para ir às finais, como em 66. E, o que é mais importante, vou contratar um cracão para ser ídolo. Toda torcida precisa de um ídolo.

Mas em Bangu muita gente diz que a torcida já tem um ídolo: o próprio Castor, hoje em dia um próspero industrial que tem uma metalúrgica que fabrica apetrechos para as Forças Armadas e exporta até para o Oriente Médio.

Jorge José de Melo

FOLHA SECA



Luiz Alberto Bettencourt

São argentinos os que defendem esse torneio

Foi um fracasso técnico e financeiro o campeonato nacional. Os grandes times de massa ficaram de fora das finais e poucas partidas chegaram a entusiasmar. É claro que as atividades da seleção brasileira, durante dois terços do torneio, o colocaram em segundo plano para jornais e torcedores. Os clubes foram sacrificados pelo calendário da CBF, mas a verdade é que não foi esse o único motivo da apagada disputa. Tem muito clube que não podia ter entrado e muitos outros, de primeira linha, que, em outras condições, não teriam saído. Não entendo por que mudar critérios de competição universalmente aceitos como os melhores para avaliar tecnicamente os concorrentes. Todo torcedor sabe quais são os grandes times do país; o negócio é pô-los em campo, eles não passam de vinte — e olhe lá! — um jogo na casa de cada um, disputa corrida, soma de pontos ganhos, gol feito no campo do adversário vale mais — pra estimular o ataque — e pronto. Os últimos colocados descem para a divisão inferior, que classifica seus ganhadores para a próxima disputa na primeira categoria. Não vale virar a mesa, e aí qualquer time, poderoso ou não, de grande ou pequena torcida, não tem condições esportivas pra reclamar nada. Não é simples? O caminho tem sido insistentemente indicado por muitos jornalistas, mas até agora os interresses políticos prevaleceram. E os fariseus (ou argentinos gozadores?) enchem a boca pra saudar "o maior campeonato do mundo", esse mesmo que esgota os craques, esvazia os cofres dos clubes e nivela nosso futebol por baixo.

A fineza do craque

Luís Pereira deu uma de craque também fora do campo. Chegou ao Flamengo fora de forma, foi criticado, vaiado, sentou no banco depois de uma bronca do Rondinelli, que não aceitava ser preterido, mas não saiu da linha. Recuperou a forma, voltou a jogar seu grande futebol, reconheceu as raízes do "deus da raça" no clube e está negociando do seu passe com o Palmeiras. Parabéns, Luisão, pela elegância, pelo bom-senso, pouco comuns nos astros.

Meio campo, meio expediente

A diretoria do Vasco, eleita com a promessa de fazer o grande time, até agora realizou exatamente o oposto do que prometera: vendeu o grande time. Leão, Marco Antônio, Pintinho, Jorge Mendonça, Paulo César foram afastados, o clube pôs à venda todos os seus pontas, inclusive Silvinho, que não quis ir para a Argentina. Zagalo, o técnico que trabalha meio expediente e ocupa só a metade do campo durante os jogos — a de trás — continua prestigiado.

O time do Castor quer ser campeão

Paulo Borges, Bianchini, Parada e Mateus. O Bangu ainda se lembra de 1966 e seu maior patrono promete o título carioca de 81

Quem vai ser o campeão carioca de 1981? O Flamengo? O Vasco? O Botafogo? Ou o Fluminense? Nenhum deles O título ficará com o Bangu Quem diz isso é um dos mais famosos dirigentes do Rio de Janeiro, o industrial e banqueiro de jogo do bicho, Castor de Andrade Uma figura já lendária, que tem importância decisiva na história do clube de Moça Bonita há uns 20 anos Depois de 10 anos afastado, Castor voltou com força total em 1980, exercendo a presidência do Conselho Deliberativo

Quando ele assumiu a folha de pagamentos do Departamento de Futebol, ela era de Cr$ 350 mil Hoje, passa de Cr$ 2 milhões. O Bangu, que andava por baixo, disputando os últimos lugares do campeonato carioca, mudou de figura e fez uma campanha razoável na Taça de Ouro Do antigo time foi aproveitado apenas o desengonçado, mas eficiente centroavante Luisão Como queria um time para jogar logo Castor contratou jogadores experientes e considerados por muitos como "irrecuperáveis", como Mirandinha, Moisés, Carlos Roberto e Tobias Pouco depois essa lista passou a contar com Renê (que estava no Botafogo) e Marco Antônio (do Vasco)

A volta de Castor ao Bangu foi motivada pela vitória de Antenor Correia Filho, seu amigo de infância, nas eleições para a presidência do clube, cargo que começou a exercer em janeiro de 80 Com o retorno de Castor, a pequena, mas fiel torcida do Bangu espera reviver dias de glória como os de 1963 a 1966, quando o clube teve um time conhecido e respeitado em todo o Brasil Disputando o título de campeão em 63/64 e em 65, a glória veio em 66, quando o Bangu venceu o Flamengo numa final que ninguém esquece em Moça Bonita O ataque desse time é lembrado constantemente por muitos torcedores, até pelos que não são bangüenses Paulo Borges, Bianchini, Parada e Mateus

Era comum naquela época comentar-se que o Bangu não tinha garra para chegar a uma final Faltava camisa, o time tremia Castor resolveu acabar com esse tabu e jurou que seu time seria campeão em 66 Para chegar lá não mediu esforços No início do campeonato o Bangu contratou no interior de São Paulo o atacante Cabralzinho. O jogador não queria, porém, vir para o Rio Castor não teve dúvida deu-lhe uma lancha de presente.

Com Castor em cena, o Bangu passa não apenas a ter um melhor time, mas também uma presença de peso na Federação de Futebol do Rio de Janeiro e no Departamento de Árbitros. Quando o juiz erra ele fica possesso, como aconteceu em 66 num jogo de seu time contra o América, último obstáculo para que o Bangu fosse à final O time de Moça Bonita vencia por 2 a 0 e o juiz deu não somente um gol de impedimento como um pênalti meio estranho a favor do América. Castor puxou o revólver para o juiz Por influência ou não do revólver, o certo é que o Bangu ganhou o jogo por 3 a 2, com um pênalti que o América até hoje não engoliu

Fotos de Chiquito Chaves

Castor de Andrade, bem acompanhado, o dono do Bangu

"Sou o único dirigente que não é vaiado"

Castor de Andrade é um dirigente-paternalista, que monopoliza a relação com os jogadores e influi na escalação do time, mais até do que o próprio técnico. Ninguém ousa contestá-lo. O próprio presidente do Bangu, Antenor Correia Filho, reconhece isso.

— Todo mundo que está ao lado do Castor se apaga, porque ele brilha mais do que todo mundo. É por isso que aqui ele não tem oposição.

Castor sorri quando ouve isso e completa:

— O que eu sei é que sou o único presidente de clube que não é vaiado pela torcida.

Quando ele chega ao Bangu, pára tudo. A algazarra dos jogadores dá lugar ao silêncio. A expectativa toma conta de todos no pequeno vestiário do estádio de Moça Bonita. Castor entra, faz uma preleção, dá as recomendações de praxe antes de um feriado longo (semana santa e Tiradentes) e chama alguns jogadores para uma conversa sigilosa. Para um, promete uma passagem para visitar os familiares em outro Estado, em outro dá uma bronca por causa da má condição física, e assim vai tomando conta de tudo sem que ninguém interfira.

Atualmente Castor tem uma dor-de-cabeça, que se chama Luís Carlos Gaúcho:

— Ele tem tudo pra acertar, tem um fino toque de bola, sabe driblar, lança como ninguém, se coloca em campo com perfeição, mas não consegue atingir o peso ideal, tá

Marco Antônio, o reforço

sempre gordo. Também, farrista do jeito que é! Meu medo é mandar ele embora e ele desabrochar em outro clube

Mas se Luís Carlos Gaúcho não emagrecer, Castor já tem outra solução para o meio-de-campo do Bangu. Numa conversa, um intermediário diz que já sondou Rubens Feijão, do Santos, e que o jogador se dispôs a vir para o Bangu. Castor fala baixo, mas é taxativo.

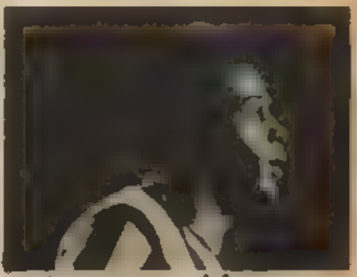
— Você não conversa com a diretoria, não. Vai direto ao jogador. Diga-lhe que ofereço Cr$ 10 milhões mais os 15%. Se ele disser que não quer mais jogar no time do Santos, fica mais fácil de ser liber[illegible]

Enquanto fala, Castor assiste ao treino do Bangu, acompanhado de dois guarda-costas, sentados atrás dele. O treino é fraco e Castor sonha em voz alta com Rubens Feijão:

— Sabe tudo de bola, é craque, vai dar uma nova vida a esse time.

Castor não gosta muito de falar sobre por que ficou tanto tempo longe do Bangu, pois isso envolve sua vida particular. Mas acaba contando:

Como todo mundo sabe, com o AI-5 (baixado em 1968) fui preso e mandado para a Ilha Grande (acusado de contravenção, pois nessa época Castor era o maior



René, pra compor a defesa

bicheiro do Rio). Passei três meses lá. Quando voltei, resolvi me dedicar inteiramente aos meus negócios particulares. Foram 12 anos de distância, mas de uma distância próxima, pois eu nunca deixei de acompanhar o clube.

Em sua volta ele aposta que terá sucesso e revela seu segredo:

— Trabalho e dinheiro. Não o meu, mas o dinheiro que eu consigo com amigos e doações, como a Fábrica Bangu (de tecidos).

Para conquistar o campeonato carioca em 81, ele acha que está no caminho certo:

— A base do time eu já tenho. Só falta agora alguns ajustes. Não concordo com quem diz que fomos mal-sucedidos na Taça de Ouro. Nosso objetivo era entrar na Taça e provar que somos um dos vinte melhores do Brasil. E isso nós provamos.

Mas Castor quer ir mais longe:

— Vou montar um time de craques para ir às finais, como em 66. E, o que é mais importante, vou contratar um cracão para ser ídolo. Toda torcida precisa de um ídolo.

Mas em Bangu muita gente diz que a torcida já tem um ídolo. o próprio Castor, hoje em dia um próspero industrial que tem uma metalúrgica que fabrica apetrechos para as Forças Armadas e exporta até para o Oriente Médio.

Jorge José de Melo

TRAGÉDIA ERA ESPERADA

População briga por novos bondes

Os moradores de Santa Teresa temiam que algum dia o desastre ocorresse. Mal conservados, com maquinaria obsoleta e abandonados por uma sistemática e estranha má vontade dos últimos governos estaduais, os bondes da CTC estão trafegando precariamente. Infelizmente, o resultado não poderia ser outro: no dia 28 de abril, o bonde nº 8, que descia superlotado a ladeira da rua Almirante Alexandrino, perdeu os freios, saltou dos trilhos, bateu no muro de contenção da encosta e virou. Duas pessoas mortas — a freira Marie Madeleine Agnes Bardot, de 78 anos, e a estudante Maria Cristina de Jesus Cervo, de 16 — e 50 feridas.

O governo Chagas Freitas, através de nota oficial da CTC, lamentou o desastre e prometeu abrir sindicância para apurar as causas do acidente. Providências de praxe, que nem de longe confortavam as famílias das vítimas e uma comunidade que há 20 anos cresce e sofre com a falta de transporte e o abandono dos bondes.

A CTC se esqueceu de informar que, desde outubro do ano passado, técnicos da Fundrem e da Secretaria de Transportes tinham enviado ao Palácio Guanabara um projeto de recuperação da frota de bondes (19 carros), em menos de seis meses, e por um custo muito abaixo das obras desnecessárias que estão sendo financiadas pelo Tesouro do Estado, com fins nitidamente eleitoreiros. O projeto foi engavetado. Ou por outra: enviado para Brasília, atrás da liberação de verbas pela Empresa Brasileira de Transportes Urbanos. Até hoje não chegou a resposta ao pedido de financiamento. Pior: o governo estadual acomodou-se no argumento formal da falta de verbas, lavando as mãos para a possibilidade de ocorrer um acidente.

Considerados ultrapassados no início dos anos 60, mas sempre prestigiados e defendidos pela população, os bondes foram banidos da vida do Rio, restando apenas a linha para Santa Teresa. Arrancaram fora 400 quilômetros de trilhos — o que equivale à rede do metrô de Paris, por exemplo.

No começo dos anos 70, os bondes foram lembrados pelos planejadores do pré-metrô, que viam no novo meio de transporte seu sucessor legítimo. Gastaram alguns milhões de dólares na construção do pré-metrô, mas a obra foi abandonada pela metade.

Ao assumir a Secretaria de Transportes, em 1975, Josef Barat prometeu ampliar a linha dos bondes de Santa Teresa, começando pela rua Francisco Muratori, esquina com rua Riachuelo, e terminando no Silvestre. No fim, o secretário só conseguiu levar os trilhos do antigo terminal de Dois Irmãos até o quartel do Corpo de Bombeiros do bairro — menos de 400 metros, portanto. E nunca mais se falou em melhorar os serviços dos bondes. Que forças impediram Barat de concretizar seu plano? Quem exerce pressão para que os bondinhos sejam amaldiçoados de vez? O governo do Estado está com a palavra.

Foto Luiz Alberto Bettencourt

Dois mortos, dez feridos graves, o bairro parado. A culpa é da CTC

PM PUNIDO FICA NO 8º BATALHÃO

O major Paulo Sérgio Ramos Barbosa, líder do cerco ao Palácio Guanabara durante recente campanha salarial da PM, vai ser transferido para o 8º Batalhão, em Campos. Ele vem de uma dura punição disciplinar: 30 dias de prisão, em regime de semi-incomunicabilidade. Paulo Sérgio se tornou conhecido por sua atuação na PM em defesa da equiparação de melhores soldos para os praças e a equiparação dos salários dos oficiais a seus colegas das Forças Armadas. Há comentários de que, hoje, o oficial já teria prestígio suficiente entre a tropa para tentar uma cadeira no parlamento. Por enquanto, tal perspectiva não passa de conversa nos quartéis.

José Argolo

Nas ruas, o retrato do abandono
Carrinho de rolimã contra automóveis

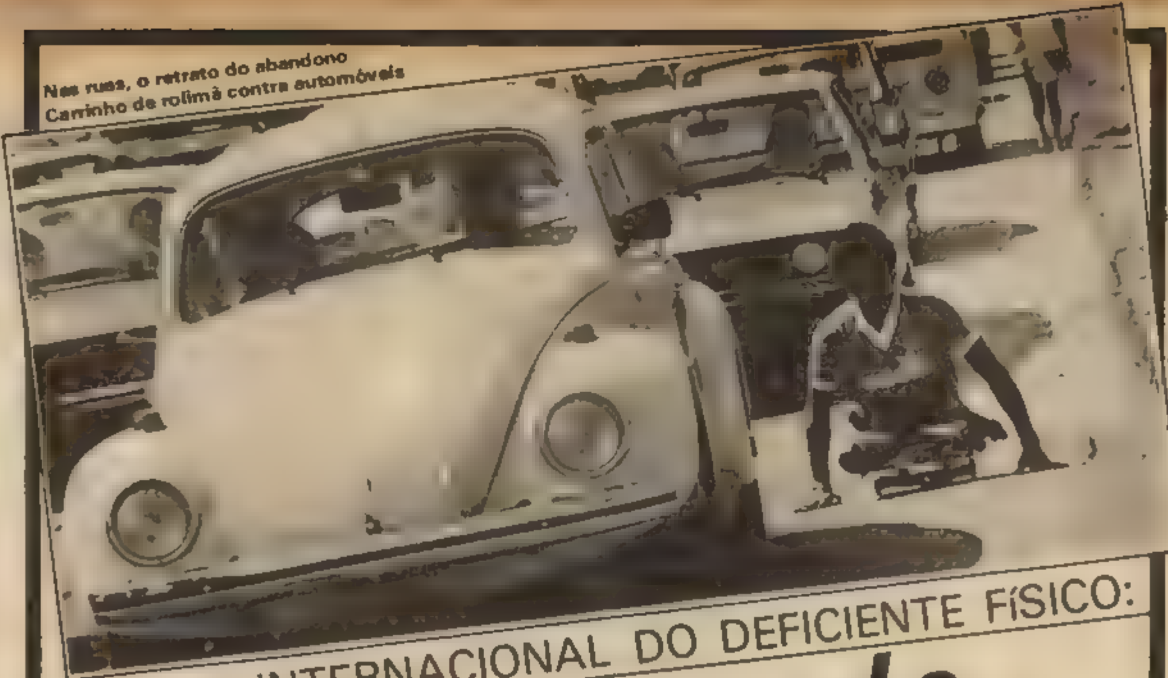


Foto de Xirun ba

NO ANO INTERNACIONAL DO DEFICIENTE FÍSICO:

ABBR corta pessoal e piora atendimento

Quem vê a propaganda maciça na televisão, rádio e jornal está geralmente longe de imaginar que, no seu ano, o deficiente físico vive ameaçado de ter assistência bastante reduzida. Pelo menos é este o caso da Associação Brasileira Beneficente de Reabilitação — ABBR — onde está sendo cogitado um corte da metade do pessoal, com redução do número de convênios e do atendimento gratuito. Há duas versões para os cortes: a administração argumenta que a instituição está com déficit de Cr$ 3 milhões e tem folha de pagamento no valor de Cr$ 8 milhões. Atribui ainda um peso excessivo ao atendimento gratuito, que representaria hoje 62% dos pacientes; considera os convênios de assistência médica excessivamente baratos e lamenta que os preços das consultas particulares, recentemente elevados, venham afastando clientes potenciais. Para os funcionários, tais argumentos não prevalecem. Eles atribuem a crise da ABBR a um único fator: má administração. E enumeram suas razões: os pacientes gratuitos poderiam financiar parte do tratamento executando pequenos trabalhos, que teriam, inclusive, a vantagem de servir como terapia ocupacional, evitando passividade durante longas internações; as consultas particulares são pouco procuradas atualmente porque a administração elevou excessivamente os preços, levando vários clientes a procurar outras clínicas, mais baratas. No caso do argumento da folha de pagamento, também discordam da administração: existem apenas 90 especialistas — fisioterapeutas, fonoaudiólogos e terapeutas educacionais — trabalhando, todos com salário de, em média, Cr$26 mil. A crise na ABBR chegou aos funcionários em março. Todos os chefes de serviço receberam ordem para relacionar seus funcionários com número de horas de trabalho e salários. Imediatamente começaram a circular rumores de que viriam "cortes drásticos" do pessoal especializado e serventes, além do chamado pessoal de apoio. Conhecida por sua eficiência, a ABBR é um dos mais importantes centros de recuperação de deficientes do país. Agora, esta característica se vê ameaçada. Os cortes deverão começar no próximo mês, atingindo indistintamente todos os seus serviços. Desde os setores de recuperação de pacientes portadores de doenças crônicas ou agudas, a consultórios de clínica geral, centros cirúrgicos, internação (a maior parte através de convênios com instituições particulares) e até a escola para crianças com problemas físicos e mentais. Coincidentemente, a crise ocorre no Ano Internacional do Deficiente Físico e justamente quando a ABBR, pela primeira vez, é administrada por um médico, Geneson Amado, da Pós-Graduação da PUC. Na verdade, o fato de um médico estar à frente da administração conta pouco. A direção da instituição é formada por pessoas da sociedade e beneméritos, sem grandes conhecimentos do assunto. Aí talvez esteja a raiz da política de contenção e da ilusão de que se pode substituir pessoal especializado, num tratamento delicadíssimo como é o do deficiente físico, por pessoal de nível médio. Entre os funcionários, o anúncio dos cortes provocou reação imediata. Encaminharam um documento à direção, ainda sem resposta, fixando posição contrária a qualquer corte de pessoal. Eles partem do princípio de que não será este o caminho para equilibrar o orçamento. Chegaram, inclusive, a propor que a instituição seja mais realista e aproveite a capacidade ociosa de seus laboratórios de análises clínicas, da oficina ortopédica, da carpintaria e do centro cirúrgico, para realizar trabalhos externos. Da parte da direção, já está tudo pronto para os cortes. Há um organograma propondo a substituição do pessoal técnico por mão-de-obra mais barata, que seria recrutada nas escolas do Senac ou entre residentes, internos e estagiários, que ganham dois salários mínimos ou menos. No caso dos residentes, a instituição já realizou algumas reduções de salário; a tática não deu certo entre o resto do pessoal especializado, que se insurgiu contra a redução da jornada de trabalho e, conseqüentemente, a queda dos salários. Até junho, a crise na ABBR chegará a um desfecho. O que ninguém sabe é como ficará até lá o atendimento ao doente, que já começa a se ressentir das deficiências da instituição. Em alguns setores, como o de Terapia Ocupacional, o paciente, às vezes, é obrigado a esperar semanas para ser atendido. E tudo isso num ano em que a TV e os demais meios de comunicação tratam com ufanismo a assistência ao deficiente físico.

Celeste Cintra

TRABALHADOR COME MENOS E MAIS CARO NO RIO

Centro do Rio, meio-dia. Um milhão de pessoas se prepara para almoçar. Restaurantes e lanchonetes estão cheias, mas o número de pessoas que se alimenta bem é mínimo se comparado com o exército de comerciários, bancários, auxiliares de escritório e secretárias que comem de marmita, em pé, nos cantos dos escritórios, ou engolem apenas um sanduíche para enfrentar o restante da jornada de trabalho. Para quem ganha até Cr 20 mil, pagar entre Cr$ 180 e Cr$ 480 por uma refeição é impossível. A única alternativa é comer pouco e mal.

É o caso de Regina dos Santos, 28 anos, que trabalha no edifício avenida Central. Ela ganha apenas Cr$ 8 mil e consumiria mais da metade de seu salário se comesse na rua.

— Pra mim, só resta a marmita ou o sanduíche.

Todas as colegas de Regina, com salários entre Cr$ 6 e Cr$ 15 mil, têm os mesmos problemas. Uma delas, Joselita Gertrudes de Oliveira, Cr$ 15 mil de salário, não tem despesas de aluguel porque mora com os pais, mas, mesmo assim, não pode comer num restaurante: fica muito caro.

— A situação está preta. Só com sanduíches, laranjada e refrigerantes gasto Cr$ 5 mil por mês. Almoçar em restaurante custaria o dobro ou mais.

A situação piora quando o trabalhador tem despesas com aluguel, ajuda a família. Teresa Maria da Silva, 22 anos, salário de Cr$ 6 mil, mora num barraco no morro de Quintino com mais 11 pessoas. Seu pai é inválido e ganha apenas o salário mínimo.

— Não dá pra comer. Como tenho que economizar, ao meio-dia como apenas um croquete de Cr$25, tomo um guaraná com pão e espero até chegar em casa.

Teresa é o que se pode chamar de trabalhador-padrão do Centro. Sai de casa com café preto e pão com margarina no estômago, nunca toma leite e, apesar das dificuldades, se esforça para estudar. Cursa o segundo grau, pagando Cr$ 750 num colégio em Jacarepaguá:

— Às vezes fico desesperada. Vejo as crianças chorando com fome no barraco e tenho vontade de morrer.

Neiva Rodrigues

Teresa e Regina almoçam sanduíches. Ir a restaurantes é impossível. Nas lanchonetes, a comida é cara e quase ninguém gosta.

RESTAURANTE VAZIO, GARÇOM SEM EMPREGO

A alta do custo de vida não afetou apenas a alimentação de quem trabalha no Centro do Rio. Os garçons também estão se vendo diante de um grande dilema: a queda do movimento nos restaurantes aumentou o desemprego, prejudicando principalmente aqueles — a maioria — que vivem de gorjetas. E o pior: se tornam cada vez mais raras as grandes festas e recepções, hoje limitadas apenas a quem realmente tem muito dinheiro.

— Nós vivemos no desamparo. Os restaurantes assinam nossas carteiras, mas só pagam o dinheiro das gorjetas; assim mesmo com desconto de 3%, que vai para o **maître**. Quando um garçom se aposenta, tem que viver com o salário mínimo, o que é muito difícil.

Quem fala é Nazaré, nome de guerra de uma das dezenas de garçons que diariamente se reúnem para conversar no largo de São Francisco. Ele critica os restaurantes e casas noturnas por não pagarem as horas extras pela tabela do sindicato. Na opinião de um de seus colegas, Celso dos Santos, o drama dos garçons chegou ao ponto deles necessitarem recorrer a agenciadores para conseguir emprego:

— É uma droga ter que recorrer a agenciador, porque temos de dar a ele 10% do nosso salário — diz Celso.

Na sua opinião, o garçom não pode continuar mais vivendo só de gorjetas. Necessita também de um salário mínimo. De gorjetas podem viver apenas aqueles que trabalham nos grandes hotéis, restaurantes e casas noturnas famosas. Mas estes são exceção.

Neiva Rodrigues

ADVOGADOS LUCRAM COM DEMISSÕES EM S. PAULO

A lei é clara: todo advogado que usar agenciador para atrair clientes corre o risco de ser cassado. Em São Paulo, o risco não conta e o mercado de agenciamento, que atrai justamente o empregado não sindicalizado que é demitido, proporciona altos lucros. Há sete grandes escritórios disputando a clientela: Cleusa M Gimenez, Aide Del Papa, Adiba Canis, · Cidalma, Antônio Cardoso Gomes, Cesaroni e Maria Dilma, e Tsuyoki Mori, mais conhecido como o "rei das reclamações trabalhistas".

Todos trabalham com o chamado **paqueiro**, isto é, o homem que paquera o cliente desorientado na porta do trabalho em troca de 10% de comissão. Por seu trabalho, o advogado recebe honorários entre 30 e 40% e o cliente paga as despesas com taxas e cópias xerox. Como nas juntas de conciliação as empresas normalmente optam pelo acordo, com a liberação pura e simples do FGTS, o negócio se torna altamente lucrativo.

Para o advogado José Célio Manso Vieira, conselheiro da OAB-Seção de São Paulo, um caminho para enfrentar o problema é a sindicalização. Assim, o trabalhador passa a ter apoio jurídico de seu sindicato. Mas há ainda o outro dado: é a morosidade da Justiça do Trabalho paulista. No ano passado, deram entrada ali 4 mil processos, mas 1 500 deles ainda continuam pendentes. E o resultado é uma nova classe de "trabalhadores": os gigolôs da Justiça trabalhista.

Hélio Belik

Caetano Salário Mínimo não ganha para viver

O dia 1.º de maio, Dia do Trabalho, não foi um dia de festa para o operário Caetano Siqueira, 31 anos, servente da Egered, empreiteira da Light. Seu salário subiu 50,82%, o que significa que no fim deste mês ele receberá Cr$ 8.464,80, mas na prática tal aumento não tem valor algum. Para ganhar o suficiente para ter um mínimo de conforto e alimentação razoável para si, sua mulher e seu filho, Caetano teria de trabalhar 24 horas por dia, sem ter um minuto de descanso, nem de lazer durante o mês inteiro.

— É claro — comenta ele — que não dá pra trabalhar assim. O jeito é trabalhar mais duas ou quatro horas diariamente e tentar chegar a Cr$ 12 mil por mês, com os descontos.

Caetano é um dos milhões de brasileiros — as estimativas são de 10 milhões — que vivem do salário mínimo. Pela lei, ele deveria ganhar um salário que permitisse, pelo menos, satisfazer suas necessidades básicas com alimentação, saúde, educação, moradia e transporte. Com o salário que ganha, ele não consegue satisfazer sequer um desses itens.

— Como fazer tudo isso com o salário mínimo? Nem roubando.

Caetano mora em Magé, cidade próxima do Rio. Vem trabalhar no Centro todos os dias de trem. Gasta, por mês, Cr$300 de transporte. Ônibus, nem pensar. Custaria quatro vezes mais e o impediria até de seu único prazer: comer carne nos dias de pagamento.

— Se viesse de ônibus, não podia nem comer. E repare que eu como pessimamente: é só arroz, feijão e farinha. Raramente tem ovo. A comida da marmita que trago pra obra só fica mais agradável porque tem aqui um ambulante que vende espremedor de laranja e dá pra gente o suco que faz de propaganda pros clientes. Não fosse isso, a comida tinha era que descer a seco.

Há muitas estatísticas sobre a vida dos que ganham salário mínimo. A vida de Caetano parece sintetizar todas elas e ainda acrescentar elementos novos: ele está casado há seis anos, mas só foi uma vez ao cinema com a mulher. Não tem televisão e só vê algum filme ou programa de humor na televisão do vizinho. Assim mesmo, nos fins de semana. De segunda a sexta-feira não tem tempo: acorda às quatro para pegar o trem e estar às sete no Centro; só chega em casa depois das 22 horas. Assim, sobra apenas o tempo para restabelecer parte das forças dormindo e voltar ao trabalho no dia seguinte.

— É uma rotina desgraçada; não tenho ânimo pra nada.

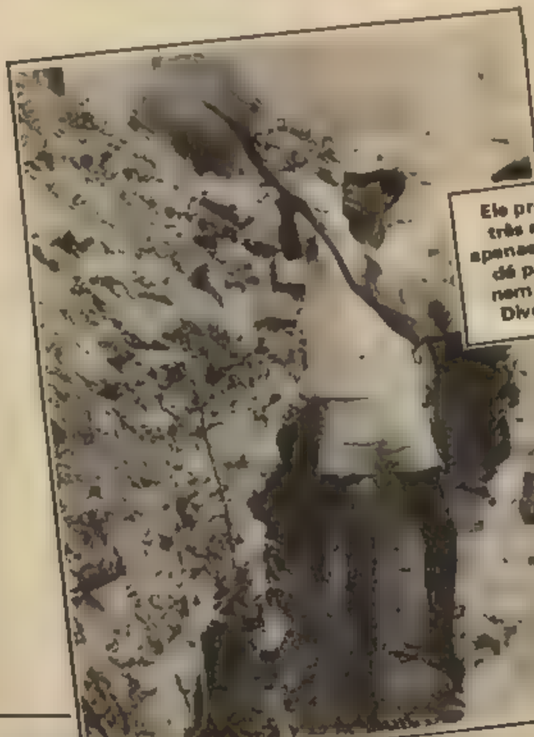
Mesmo assim, Caetano ainda se considera um homem de sorte. Motivo: tem um barraco pra morar nos fundos da casa de seu pai. Não fosse isso, não teria algum dinheiro nem para comprar uma roupa de quando em vez ou um remédio para o filho.

— Pode parecer até ironia eu dizer que tenho sorte, mas é verdade. Nunca caí doente. Trabalhador como eu, se cai doente é um inferno. Não tem assistência, não tem dinheiro, não tem quem ajude. Resultado: ou morre, ou quando sara vira ladrão. Não quero nem uma coisa nem outra pra mim.

Caetano trabalha desde os 12 anos. Sempre teve vontade de comprar uma geladeira, uma televisão e uma casa própria. Não há condição.

— Pra isso eu teria de ganhar três vezes mais e os preços não poderiam subir tanto. Meu novo salário não vai dar pra nada. Vou ter aumento, mas tudo vai aumentar também. Então eu pergunto: de que adianta o aumento?

Francisco Viana



Ele precisaria trabalhar três meses para viver apenas um. O dinheiro não dá para pagar aluguel, nem para alimentação. Diversão, nem sonhar

LEITORES

NO SUL, TREVO EXPLORA OS PASSAGEIROS

Notei um erro no numero 41. O engano se refere ao preco das passagens de ônibus de Porto Alegre. Não sei por que razão vocês colocaram Cr$ 10,00. Este preco já não é mais o mesmo há muito tempo, pois as passagens subiram para Cr$ 14,00 e depois para Cr$ 16,00, e os serviços das empresas de transporte urbano cairam de 25% de razoável para 100% de inutilidade. Acontece o seguinte: o secretário de Transportes, Jarbas Macedo Haag (que deve estar engordando com o que leva por baixo, dado pelas empresas de ônibus porto alegrenses) determinou uma operação tartaruga violentíssima. A primeira que aderiu foi a Trevo. Ela detem o monopolio dos transportes na Zona Sul da cidade. O tempo que um ônibus leva normalmente para atingir o Centro é de 40 minutos. Se uma pessoa for de carro a 60 quilômetros por hora, não leva mais de 10 minutos. Os cobradores são grosseiros. Os ônibus novos tiveram seus lugares acrescidos, o que diminuiu o espaço entre um banco e outro, fazendo o usuário ficar curvado o tempo todo e descer do coletivo com dores na coluna. O secretário não recebe ninguem. Ri muito. Manda recados. Diz que não pode fazer nada."

Luiz Augusto Santos — Porto Alegre — RS

●●●●●●●●●●●●

Numa das páginas do jornal vocês fazem a oferta de assinatura, prometendo uma camiseta para quem assinar o jornal. E a gente, como fica? E nossa camiseta, quando vamos ganhar por "sermos tão fiéis assinantes" do REPORTER? Será que não merecemos um "prêmio" também? Olha que não é fácil "segurar" o REPORTER quando ele aparece.

Egon A. Weiner — Sobradinho — RS

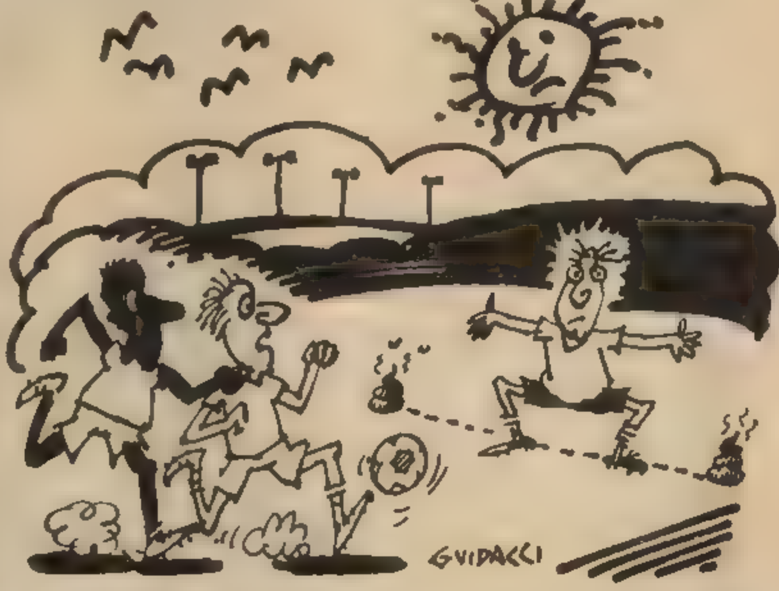
● E isso aí, Egon; quem chia, é ouvido, quem se desloca, recebe. Você nos dá a idéia de ofertar uma camiseta a todos os nossos assinantes para estimulá-los a renovarem suas assinaturas. Você já tem a sua garantida.

●●●●●●●●●●●●

Futebol e vôlei não têm rede no Aterro

"Gostaria de fazer, por intermédio deste conceituado jornal, uma reclamação junto aos responsáveis pela área de lazer existente aos domingos nas pistas do Aterro do Flamengo. Há pouco tempo, havia nas pistas balizas de futebol de salão com redes de vôlei, onde era grande a afluência de pessoas com o propósito de jogar um vôlei ou uma pelada. Inexplicavelmente, há questão de um mês, nunca mais apareceram as balizas e as redes, afastando dali um grande número de pessoas que aos domingos sempre freqüentavam o local. Gostaria de pedir às autoridades competentes que tomassem as providências colocando novamente as balizas e as redes."

Procópio P. Papanis — Flamengo — RJ



Chapa 2 dos têxteis SP nega acusação

"No jornal REPORTER, edição de 1 a 14 de abril, página 20, foi publicado que o companheiro Eduardo ganha a fabulosa quantia de Cr$ 170.000,00 por mês, acostumado a mordomias e de, na época em que foi presidente do Sindicato, ter entregue companheiros à polícia.

O jornalista que disse isso tudo é muito amigo da diretoria do Sindicato e ligado a grupos divisionistas porque deve ter sido pago para fazer mais estas calúnias.

Nós, da "Chapa 2", não precisamos de mentiras para sermos eleitos e confiamos no trabalhador, que é quem produz as riquezas da nação. Este senhor deveria respeitar mais a nossa categoria e deixar de se meter nos nossos assuntos internos.

Nossa chapa condena este tipo de chantagem e mais do que nunca reafirmamos nossa disposição de luta, na certeza de que os trabalhadores farão vitoriosa a sua luta até a vitória da "Chapa 2", que não pertence a mais ninguém pessoalmente, mas sim à categoria.

Eis a verdade e suas provas:

1) O companheiro Eduardo é o único diretor do Sindicato que não recebe salários para exercer a sua função de 1.º secretário. Quando foi presidente (outubro de 1975 a setembro de 1978), não houve uma só perseguição ou prisão política na categoria, e a confiança no seu trabalho foi tão grande que o número de associados aumentou de 8.000 para mais de 24.000 nessa época.

3) Ele é vogal da Justiça do Trabalho há dez meses, porque foi eleito pelos trabalhadores têxteis numa eleição em que venceu seus adversários, sem ofender nem difamar ninguém, apesar de muito caluniado.

4) Para surpresa, o companheiro Eduardo é um dos mais novos diretores do Sindicato, com apenas 7 anos de diretor, enquanto existem outros com mais de 14 anos de diretor.

5) Apesar de ser um dos diretores mais novos, ele tem 34 anos de sócio do Sindicato, ou seja, desde os 15 anos de idade.

6) Muita coisa o Eduardo está impedido de fazer porque os outros 6 diretores, que são a maioria, não permitem, como por exemplo: realizar cursos para os trabalhadores no Sindicato."

Noemi de Camargo Brito — pela Chapa 2

● *O sindicato a que o jornalista Antônio Carlos Félix Nunes se referiu na matéria citada é o dos Trabalhadores na Indústria de Fiação e Tecelagem de São Paulo. Nela, ele acusa o atual vice-presidente, Eduardo Lusknvik, de pelego e de ter, no governo Geisel, entregue outros dirigentes sindicais mais combativos aos órgãos de informação.*

ELE QUER MAIS ALCOOL NAS FERIDAS

"Primeiramente, meus cumprimentos pela persistência em derramar álcool na ferida de quem bem merece e pela melhora sensível do jornal nos últimos números. Torcemos para que continuem assim.

Em segundo lugar, não obstante o atraso, quero dizer que estou recebendo normalmente desde o primeiro número do REPORTER em minha casa, e assim espero continuar até o final da minha primeira assinatura.

Gostaria de saber se posso colaborar com este jornal, com matérias sobre as sujeiras acontecidas aqui, e que, por falta de uma imprensa que se possa dar crédito, nunca sobem à tona, apagadas pelos interesses e pelos rabos presos de nossa imprensa sustentada pelo governo."

Lineu Portela — Curitiba — PR

● **Escreva, Lineu, escreva. Mande endereço ou telefone para facilitar um contato e conte tudo. O que você enviar será publicado aqui mesmo na seção de leitores ou em outro espaço, com o selo Denúncia do Leitor. Ou então nos servirá de pauta para reportagens.**

ASSINE REPORTER E GANHE UMA CAMISETA

A camiseta você recebe junto com o primeiro jornal.

Assinatura por 24 edições: Cr$ 1.050,00
Envie cheque nominal ou Vale Postal para:
MARGEM S.A. Editora e Gráfica
Rua Miguel Couto 134/11º — CEP 20070 — Rio de Janeiro

Nome: ....
Profissão: ....
Endereço: ....
CEP .... Cidade: .... Estado: ....
Indique o tamanho de sua camiseta: de 42 a 52..........

VÃO LOTEAR GAIBU, PARAÍSO TROPICAL PERTO DE RECIFE

BANQUEIRO COMPRA PRAIA E DESALOJA OS PESCADORES

Os pescadores de Gaibu, no município do Cabo, perto de Recife, estão apreensivos e sem saber o que fazer a praia em que muitos deles vivem há mais de 60 anos foi comprada por um grupo [illegible] banqueiros de Pernambuco e vai virar loteamento para os executivos [illegible] industrial de Suape, em [illegible]trução a poucos quilômetros

Desde o princípio do ano, a [illegible] Laureta Armstrong [illegible]presentante do grupo que [illegible]uiriu a Fazenda Gaibu — com [illegible] hectares, dos quais 500 [illegible]ão de praias quase selvagens [illegible] visita casa por casa da praia, tentando fazer a cabeça dos pescadores "Ela disse que cada [illegible] de nós vai receber uma casa de alvenaria, com água luz e um quintal, de papel passado e tudo, com a condição de sair daqui sem reclamar revela Satu, viúva, que não pretende se mudar

As praias selvagens eram dos pescadores e alguns veranistas. Jeová, professor, quer resistir à expulsão

Para onde eles vão exatamente, ninguém sabe dizer, nem mesmo os novos proprietários No momento eles estão apenas curtindo o grande negócio que acabam de fazer "Era um presente dos céus A gente tinha de comprar Os problemas que aparecerem a gente resolve depois", sorri com a boca inteira o industrial Hélio Coutinho Filho, quarto sócio da Gaibu Empreendimentos S/A Os outros são os banqueiros Jorge Batista da Silva, do Banco Nacional do Norte, Armando Monteiro Filho, do Banco Mercantil de Pernambuco, e Aldir Maia, do Banco Industrial de Pernambuco A propriedade foi adquirida à família Arruda Câmara por Cr$ 30 milhões, dos quais Cr$ 10 milhões pagos na assinatura da escritura de compra, Cr$ 10 milhões no final de 1980 e Cr$ 10 milhões em 1982, sem correção monetária

Hélio Coutinho, que é porta-voz do grupo, pega um mapa da praia e começa a sonhar "Gaibu agora vai ter água encanada, rede de esgotos, luz pra todo mundo, telefone, além de vias de acesso largas e dentro dos melhores padrões nacionais Aqui na orla vão ficar os lotes menores, e aqui em cima os lotes grandes. Quem comprar uma terra aqui vai fazer um ótimo negócio"

Ele diz que o empreendimento vai custar quatro ou cinco vezes o preço que foi pago pelo terreno "Só o processo de transformar a propriedade rural em propriedade urbana é uma nota" Mas vale a pena "Esses lotes vão ser vendidos rapidamente, inclusive já conversei com as autoridades e elas concordam que Gaibu se apresenta como alternativa de moradia para os executivos de Suape"

No meio da conversa, Hélio Coutinho, que é irmão do falecido deputado Joaquim Coutinho, diz que vai ser candidato a uma vaga na Câmara Federal pelo PDT, o partido do Brizola, em 82, e logo em seguida, como se uma coisa tivesse a ver com a outra, divaga sobre o destino dos pescadores "Ninguém pretende expulsar os pescadores de Gaibu Eles, com as suas casas e os coqueiros, fazem parte da paisagem, e nós queremos preservar a natureza. No máximo, vão ficar lá atrás, em casas decentes que vamos construir e doar para eles Não vai ser muito longe, porque os homens podem ser necessários na época das construções. E as mulheres podem conseguir bons empregos domésticos quando a praia estiver bem habitada. Aqui só vai ter gente fina. Nada de maconheiros em barracas"

Os pescadores duvidam que a promessa de "casas decentes" seja cumprida "Eu só acredito vendo E, quando vir, ainda vou comparar com a casa em que moro hoje. Só saio dela pra uma casa melhor", diz seu Neno, pescador que mora em Gaibu há mais de 50 anos e que construiu com muito sacrifício uma casa de alvenaria, terminada o ano passado

"Eles dizem que os filhos casados também vão ganhar casa num terreno de 10x20m Eu, que nunca tive nada, acho bom Mas não pode ser longe do mar O que um pescador vai fazer longe do mar?", pergunta Severino Gomes da Silva, o seu Dudu

A advogada Laureta Armstrong diz que a mudança ainda vai demorar alguns anos, que eles podem ficar tranqüilos Mas os pescadores estão preocupados. "Desde que a gente soube dessa história, acabou-se o sono", diz João da Calheta, 38 anos, nascido e criado em Gaibu Ele, como a maioria dos pescadores, equilibra o orçamento doméstico, abalado nos meses em que a pesca é fraca, alugando a casa em que vive a veranistas do Recife e passando a morar em casebres de palha construídos no quintal Esses veranistas pagam até Cr$ 30 mil por um mês de praia, no verão Com o loteamento, esse bico vai acabar

O pessoal mais jovem da praia está tentando se mobilizar para resistir à expulsão Jeová Rosa, 22 anos, professor do grupo escolar, é o mais ativo Conta que "desde o ano passado os novos donos não querem mais receber o foro, que o pessoal sempre pagou e que é a única garantia de que moram aqui Por que será? Isso não me cheira bem

Eles tentam argumentar com os mais velhos que os pescadores da praia de Porto de Galinha ganharam uma causa muito parecida na Justiça, o ano passado, e que afinal o loteamento foi feito em outro lugar Ninguém saiu da beira da praia "Mas aqui, as pessoas são muito acomodadas Quando abrirem o olho, é tarde."

Jeová pensa mesmo em se unir aos veranistas que alugam por preços simbólicos as casas do fim da praia — uma espécie de vila, muito confortável Esses veranistas, em sua maioria usineiros, souberam que a vila não vai ser derrubada e entraram na Justiça com uma ação de preferência de compra das casas Eles também não querem sair

Reportagem de Beth Salgueiro
Fotos Gleide Selma

NO PARANÁ, ESTADO TOMA POSSE DA ILHA DO MEL

A Ilha do Mel já foi dos pescadores Hoje, alegando "a preservação do meio-ambiente", o Estado se apossou dela Com isso, acabou a possibilidade das imobiliárias invadirem suas praias. Por outro lado, os pescadores perderam a autonomia, e já não podem decidir mais nada sobre suas terras.

Era a única praia de veraneio dos turistas paranaenses há até algum tempo. Hoje, seus freqüentadores são os jovens que chegam nos barcos e acampam na praia ou alugam os barracos dos pescadores. Ao todo, são 35 quilômetros de praias no litoral leste do Paraná.

Há muitas placas que advertem: "Não compre e não venda terrenos. Consulte antes o escritório do Instituto de Terras e Cartografia". O ITC, como é mais conhecido, é um órgão do Estado encarregado de fiscalizar as terras da Ilha do Mel.

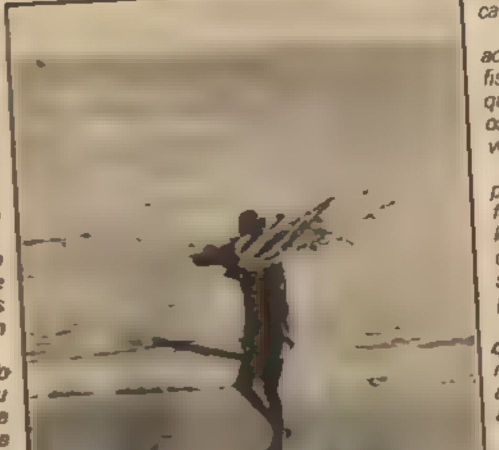
Os planos de ocupação da ilha são recentes. Datam de pouco mais de um ano Seus habitantes eram aposentados da Marinha e pescadores. Em abril de 1980, um empresário curitibano de nome Airton Cornelson lançou um projeto mirabolante, de transformar a Ilha do Mel num "pólo turístico internacional". Ele queria construir casas de estilo barroco com piscinas, quadras de jogos, ancoradouros para iates, centros de convenções e congressos e até um heliporto.

Tudo isso destruiria uma parte da ilha, que é considerada a "reserva biológica do Estado do Paraná". O projeto atingiria exatamente as casas dos pescadores, que seriam transferidos para outro local Cornelson fez questão de frisar que não esquecia o lado humano de seu empreendimento Para isso, idealizou uma reserva de pescadores na Ponta D'Oeste, lugar de difícil acesso, no meio do pântano e dos mosquitos, para onde os pescadores seriam transferidos.

A empresa de turismo do governo do Estado do Paraná — Paranatur — aprovou esse projeto. Mas os ecologistas locais se manifestaram através de suas associações e isso impediu que o projeto fosse adiante. E teve o fim de muitos projetos brasileiros: a gaveta. Dizem que não por muito tempo.

Com essas pressões todas, o governo foi obrigado a instituir uma comissão formada por técnicos de vários órgãos estaduais. Entre esses órgãos está a própria Paranatur, que continua com a mesma mentalidade do projeto grandioso dos hotéis. Sua justificativa: é sempre necessário o equilíbrio entre o interesse turístico e o ecológico. Ou seja, tem que devastar um pouco a ilha para se conseguir lucros.

O biólogo Eládio Del Rosal, do Instituto de Terras e Cartografia, diz que o trabalho da comissão é impedir que os especuladores imobiliários desfigurem as ilhas do litoral. Ressalta que, até agora, a Ilha do Mel só sofreu desfigurações Primeiro, pela falta de fiscalização da Marinha e do Serviço do Patrimônio da União, que davam título de ocupação para qualquer [illegible] que requeresse terreno na ilha Não existe título de propriedade na ilha, só título de ocupação em caráter precário. Segundo, porque muitos pescadores começaram a vender as terras para turistas de Curitiba Isso se configuraria mais tarde numa ocupação caótica da ilha



Agora, a ilha é da Paranatur

Tudo isso está sendo cumprido rigorosamente. Para se ter uma idéia, basta lembrar que o delegado do ITC, sargento Thirço Del Corso, anda uma média de 30 quilômetros por dia para dar conta da fiscalização.

— Logo serão construídos locais para acampamento, declara Thirço. Vai haver fiscalização rigorosa para aquelas pessoas que tomam banho nuas na praia e contra os maconheiros. A ilha já tá uma pouca-vergonha

Thirço é a figura mais odiada da ilha Os pescadores o acusam de ser um testa-de-ferro das empresas, que querem expulsá-los de suas terras. Vitor Conde, tomando uma cerveja no bar do Perigoso, estende sua acusação não só a Thirço, mas ao próprio órgão:

— O ITC é uma empresa particular que quer se arranchar aqui e tirar a terra de todo mundo. Quem é que não vê que o Estado e a Paranatur não têm dinheiro pra fazer nada aqui?

Apontando para os buracos do teto de seu bar, Perigoso, 46 anos, diz que foi proibido de fazer reformas. Tem que pedir permissão para construir até a casa do filho, que vai se casar agora:

— Desde que me entendo por gente, nunca pedi nada a ninguém. Moro aqui desde nascido, e até minha mãe agora tem que pedir permissão para aumentar o roçado, lá na praia Grande (na própria Ilha do Mel)

Poucos moradores se dedicam ao roçado. Preferem trazer a comida de Paranaguá, que fica a duas horas de distância, via barco. Aqueles que ainda insistem em plantar uma hortinha nos fundos da casa, sofrem a proibição da fiscalização do ITC, que impede o desmatamento.

Teresa Moreira

LOJICREDE SOBE PREÇOS NO BALCÃO

A Lojicred, situada na avenida Nossa Senhora da Lapa, em São Paulo, encontrou uma fórmula capaz de roubar pelo menos três vezes do freguês na entrada com as balconistas, no caixa com o gerente, e ainda no crediário, cobrando juros acima de 200% ao ano. Foi o que aconteceu, por exemplo, com Juarez da Silva, morador do Rio Pequeno, bairro da Zona Oeste, que entrou na loja atraído pelas plaquetas anunciando "preços baixos, possibilidade de pagamento parcelado em até 30 meses".

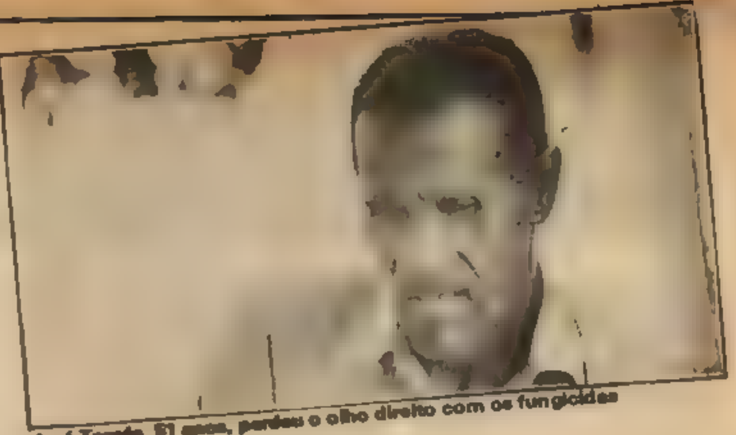
Juarez comprou todo o enxoval para o filhinho recém-nascido, roupas de cama e mesa, cobertores e travesseiros. A balconista, ao anotar os preços, o assustou. Uma coberta anunciada a Cr$ 990,00 passava a custar Cr$ 1.200,00, um jogo de cama que estava marcado a Cr$1 500 custava Cr$ 3 mil, e assim por diante. A conta de Cr$ 16 mil virava Cr$ 20 mil. Revoltado, ele explodiu, foi levado ao caixa.

Gentilmente, a conta de Cr$ 20 mil foi acrescida de uma nova despesa, a do transporte das mercadorias. Mais Cr$ 1 mil e 100. O gerente explicou que "quem quer um atendimento personalizado deve se sujeitar a pagar um pouco mais". No final das contas foi informado de que deveria pagar Cr$ 2 888,00 por mês, num total de 15 parcelas. Ou seja, depois de 15 meses, a mercadoria custará Cr$ 63 320 00.

Hélio Belik

VÍTIMAS DO MERCÚRIO REAGEM

Sindicato processa multi por contaminação



José Tomás, 51 anos, perdeu o olho direito com os fungicidas

Todo ano milhares de trabalhadores brasileiros são envenenados por fungicidas à base de mercúrio (fungicida é um produto químico usado para combater os fungos que atacam a lavoura). O mercúrio penetra no organismo causando vários tipos de doenças e até a morte. Em diversos países, vários tipos de fungicidas tiveram sua utilização proibida, pelos danos que causam à saúde humana. No Brasil, a fiscalização praticamente não existe e as multinacionais comercializam esses produtos livremente.

Agora, pela primeira vez, as multinacionais e os empregadores que utilizam fungicidas e põem a vida de seus trabalhadores em risco poderão ser enquadrados em cinco artigos do Código Civil e condenados. O Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Campos está movendo uma ação de reparação de danos causados a 21 trabalhadores, contaminados por substâncias mercuriais aplicadas indiscriminadamente na lavoura de cana de açúcar.

A contaminação dos trabalhadores foi comprovada pelo Instituto de Tecnologia do Ministério da Indústria e do Comércio através de exames de urina e sangue solicitados por técnicos do ISOP — Instituto de Seleção e Orientação Profissional (órgão da Fundação Getúlio Vargas) — que estavam realizando um projeto nas plantações de cana de açúcar. Graças a essa providência, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Campos teve base para mover a ação contra as multinacionais e os patrões. Além disso, entrou com ação paralela contra o Ministério da Previdência e Assistência Social pedindo, para os 21 prejudicados, reparação de danos por acidente de trabalho.

Análises feitas pela Secretaria de Vigilância Sanitária do Ministério da Agricultura revelaram que o problema da contaminação por mercúrio é gravíssimo, pois nada menos que 72% da população examinada na área de plantio da cana de açúcar "estão comprometedoramente envolvidos com a possibilidade de intoxicação crônica por mercúrio"; quer dizer, podem vir a ter no sangue e na urina quantidades da substância acima do limite tolerável. Os fungicidas foram encontrados até nos caldos de cana que a população de Campos toma despreocupadamente nos bares e lanchonetes da cidade.

Para Adão Pereira Nunes, médico, deputado cassado em 64, nascido e criado em Campos, "a tragédia só poderá ser compreendida em toda sua extensão se multiplicarmos por 10, 20 ou 30 mil os laudos obtidos com as 21 vítimas do processo. São quase um milhão os que manipulam esse veneno (o fungicida) no Brasil". Ele observa que "o fungicida mercurial sobrevive à chuva e ao sol. Infiltra-se no chão e retorna nos frutos das plantações. Impregna as águas dos rios e fontes. No corpo humano penetra nos pulmões, boca, olhos e pele. É tão difícil identificá-lo como neutralizar sua ação nefasta".

Uma das vítimas do mercúrio é José Tomás, de 51 anos, que há 7 anos perdeu um dos olhos quando trabalhava com fungicidas. "É um remédio louco. Me atacou a vista e o corpo. Dos que trabalhavam comigo, uns têm tremores nas pernas e nos braços. Outros, paralisia parcial, insônia, perda de cabelos e feridas no corpo. Mas a gente precisa trabalhar, não tem jeito. Uns largaram antes, outros ficaram e acabaram pior, como eu."

Antônio Conceição dos Santos também teve sua saúde danificada pelo mercúrio. Ele diz que em sua casa todos sofrem de insônia e dores de cabeça. "No ano passado nem minha horta vingou. Os aviões jogaram veneno nas lavouras aqui por perto e, só com o vento, todas as hortas que nós tínhamos secaram. Não ficou nem um pé de quiabo em pé. Morreu tudo."

Reportagem e foto de Custódio Coimbra

Advogado acusa fraude de financeira

A Haspa S.A. Crédito Imobiliário, aliada ao estelionatário Argeu Lage, está tentando enganar milhares de pessoas que possuem cotas do Gávea Tourist Hotel, empreendimento localizado na Zona Sul do Rio de Janeiro. A denúncia foi encaminhada ao juiz de Direito da 5.ª Vara Cível pelo advogado Fredímio Trotta.

A história começa em 1972, quando a falida Companhia Califórnia de Investimentos, controlada por Argeu Lage, vendeu os terrenos e as benfeitorias do Gávea Tourist Hotel a terceiros, em prejuízo dos cotistas. A venda foi, porém, anulada pelo juiz da 5.ª Vara Cível, não só pelas perdas dos cotistas, mas também por falsidade ideológica cometida três vezes por Argeu contra o INPS.

Mas Argeu Lage voltou à carga e em 7 de março de 1980 vendeu o controle acionário da Califórnia de Investimentos para a Haspa. "Em tese, nenhum defeito existe na venda de ações de uma empresa falida. Todavia, no caso presente, desde logo há que se indagar como podem ser vendidas as ações da Companhia Califórnia de Investimentos, numa transação que envolve mais de Cr$ 100 milhões, quando só há na massa falida um único bem, o Gávea Tourist Hotel, construído com as economias de milhares de cotistas ludibriados?", diz o advogado Fredímio Trotta no documento encaminhado ao juiz da 5.ª Vara.

O golpe de Argeu Lage e da Haspa, segundo o advogado, consiste em querer levantar a falência pagando aos credores apenas Cr$ 187.150,20 por um patrimônio avaliado em Cr$ 300 milhões. "Para lograrem êxito, iniciou Argeu Lage o tumulto do processo, procurando confundir os valores apresentados pelos credores. Nessa atividade audaciosa, não vacilou em peticionar pretendendo que se tomasse como valor em cruzeiros velhos importância de crédito expressa em cruzeiro novo, reduzindo-o para mil vezes menos", observa Fredímio Trotta.

Na escritura pública em que Argeu e a Haspa acertaram a venda da Califórnia de Investimentos, está dado como líquido e certo que o Gávea Tourist Hotel passará para o controle da Haspa, que, inclusive, deu Cr$ 15 milhões a Argeu pela transação, através do cheque n.º 281230, sacado contra o Banco do Brasil, agência Centro. Ora, isso é totalmente irregular, pois a liquidação do ativo da Califórnia (ou seja, o Gávea Tourist) deverá ser feita em hasta pública. Logo, qualquer um poderá arrematar o hotel.

A ousadia de Argeu e da Haspa não pára por aí. Na escritura de venda da Califórnia está dito, também, que Argeu terá que obter do juízo falimentar alvará judicial para a alienação do Gávea Tourist, que seria então vendido à Haspa. Isso, apesar do inquérito policial existente contra Argeu ter concluído que, ao tentar vender a Califórnia pela primeira vez (em 72), ele "infringiu todas as normas da moral, violentou dispositivos legais". Com base nesse inquérito, o Poder Judiciário garantiu os direitos dos cotistas. Mas Argeu Lage e a Haspa, ao que parece, não dão muita bola para as decisões da Justiça e querem repetir a manobra de alguns anos atrás.

Medicamentos aumentam mais de 100% em um ano

Em 12 meses (fevereiro de 80 a fevereiro de 81), o pacote de algodão subiu 187%, passando de Cr$ 10,97 para Cr$ 31,53. Um determinado analgésico — remédio para tirar dor — muito usado em São Paulo, teve seu preço elevado em 185%. Curar uma gripe ficou 128% mais caro e livrar as crianças de assaduras, dependendo da pomada, passou a ser 110% mais dispendioso. Até mesmo um simples curativo está pela hora da morte, pois uma caixa de esparadrapos (ban-aid) aumentou 157%.

Os dados foram levantados pelo Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Sócio-Econômicos (Dieese), para tentar saber se o trabalhador tem condições de cuidar de sua saúde e de sua família. Diante de dados como esses, a resposta é evidentemente negativa. Uma lástima, pois, como observa o Dieese, os locais de trabalho insalubres — com alto nível de ruído, poeira e calor — e o excesso de horas-extras para compensar os baixos salários acabam com a saúde do trabalhador. E acabam rapidamente, pois este não pode se tratar.

Em sua análise, o Dieese observa que, como componente do orçamento familiar, o item "Saúde" divide-se em "Assistência à Saúde" e "Medicamentos". "Assistência à Saúde" compreende os gastos com consultas médicas, tratamentos dentários e exames de laboratório. "Medicamentos" são os comprimidos, injeções, pomadas e remédios em geral.

As famílias de menor renda gastam uma parcela maior do que ganham em medicamentos do que as famílias de rendimentos mais elevados. "Isso acontece porque as famílias de menor renda enfrentam condições de trabalho insalubres, moram em locais sem higiene e, diante disso, acabam precisando de mais remédios", diz o Dieese. Suas pesquisas indicam que uma família que recebe mais de Cr$ 10 mil por mês divide seus gastos em "Saúde" da seguinte maneira: 67,9% em "Assistência à Saúde" e 32,1% em "Medicamentos". Já nas famílias com renda até Cr$ 20.157,00, as despesas com "Medicamentos" abocanham 52,8% dos dispêndios com "Saúde".

Para estas famílias, o período fevereiro de 80 a fevereiro de 81 foi um sufoco, pois os medicamentos subiram em média mais de 90%. Junte-se a isso as disparadas nos preços dos alimentos — que obrigaram o pessoal a comer menos — e dá para sentir que trabalhador pobre e saudável só mesmo por milagre.

QUANTO CUSTA FICAR DOENTE (PREÇOS EM SÃO PAULO)

	Fev. 80	Fev. 81	Aumento em 12 meses
Analgésico A	1,62	3,62	123%
Analgésico B	2,42	6,89	185%
Anti-reumático	7,68	15,74	105%
Antidiarréico	6,01	11,23	87%
Antiasmático	3,69	6,48	76%
Antigripal	4,53	10,35	128%
Dermatológico	41,47	87,23	110%
Atadura	6,49	16,68	157%
Algodão	10,97	31,53	187%
Estomacal	1,26	2,45	94%
Obturação Simples	615,00	1180,00	92%
Cons. Médica	912,00	1546,59	69%
Exame de Laboratório	541,79	938,81	73%

Fonte: Dieese — Informe Estatístico — fev./81

DEZ IMOBILIÁRIAS DÃO O GOLPE

CONTO DA CASA PRÓPRIA EM MINAS GERAIS

Mais de 20 mil pessoas lesadas

O maior conto da casa própria já aplicado no Brasil lesou 21 463 pessoas, todas de baixa renda e nível de instrução precário, em Minas Gerais Os autores de façanha são 17 donos de 10 empresas imobiliárias, que vendiam carnês de prestação de serviços, montepios ou seguros de vida, como se estivessem vendendo a casa própria O prejuízo causado contra a economia popular é calculado em Cr$ 200 milhões

Para atrair os incautos, a propaganda oferecia casas de até três quartos, com suítes e jardins, ou apartamentos em edifícios com play-ground, por prestações suaves, entre Cr$ 1 e Cr$ 5 mil mensais As dez empresas vinham anunciando planos fabulosos que indicavam o que eles chamam de "o caminho mais rápido e seguro em direção à casa própria". Essas propagandas eram feitas pela televisão, rádio e folhetos espalhados pelas ruas de Belo Horizonte

"Casa própria não é brincadeira", apregoava as propagandas da firma Gentil L Nascimento, que indicavam como, onde e quando as pessoas poderiam obter um plano vantajoso "O primeiro passo é associar-se ao Montepio Nacional dos Artistas e adquirir o carnê de pagamentos Você dá a entrada de Cr$ 2 050,00 e começa a pagar as prestacões de Cr$ 1 025,00 por mês Em 18 a 24 meses, você recebe as chaves de sua casa, em bairros de sua escolha "

A verdade é que a maioria dos folhetos assegurava vários tipos de facilidades, e para os que procuravam as firmas, elas mostravam maquetes de casas, com fachadas suntuosas e tratores trabalhando nos terrenos onde seriam construídos os conjuntos habitacionais

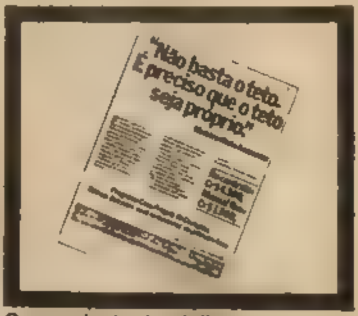
Foi o caso do pedreiro Leci dos Santos Coelho, que começou a pagar sua "casa própria" através da aquisição dos carnês em outubro de 1979 Ele foi à Gentil L Nascimento, onde lhe mostraram as maquetes das casas que seriam construídas e entregues em 18 meses Com uma renda mensal de Cr$ 7 mil, ele pagou Cr$ 1 025,00 por mês até o começo deste ano Quando voltou à empresa, disseram-lhe que as casas ainda não tinham sido construídas e que ele teria que pagar o seu terceiro carnê

Em todas as histórias, na realidade, mudam apenas os personagens, pois o enredo é o mesmo

As pessoas iam até as firmas e eram informadas de que estavam comprando casas, depois de pagarem os carnês com 12 prestações, recebiam outros pelo correio, com instruções para continuarem pagando mensalmente, e que no final receberiam as chaves de suas propriedades que, entretanto, nunca chegavam sequer a ser construídas

Até dois cegos e um paralítico foram lesados Joaquim Domingos Magalhães, aposentado por ter perdido a visão em 77, adquiriu um plano do Monartis para comprar uma casa na periferia da cidade Com renda mensal de Cr$ 11 mil, pagou o carnê durante um ano Quando foi até a firma, informaram lhe de que ele deveria optar por um apartamento e pagar Cr$ 9 900,00, porque as casas já estavam lotadas O apartamento seria entregue dentro de um prazo de 60 dias

O comerciante Odivan Gomes de Oliveira, 32 anos, adquiriu o plano e foi até a empresa para resgatar as notas promissórias assinadas por ele e já pagas. Viu que outras pessoas também queriam o mesmo e não eram atendidas Estavam conversando, quando um funcionário da Norteplan chamou um guarda da segurança interna, que passou a agredi lo Foi chamado de ladrão, mas escapou com vida e deu queixa na polícia



O anuncio das imobiliárias citava o ministro Andreazza

A polícia não sabe quem paga os prejuizos

Todo o escândalo das imobiliárias veio a público quando a Procuradoria Geral da República, de Minas Gerais, recebeu uma representação do Conselho Regional dos Corretores de Imóveis (Creci), pedindo uma investigação em empresas do setor que estavam atuando irregularmente, ou seja, sem registro e, conseqüentemente, sem a autorização do Ministério da Fazenda A Procuradoria solicitou à Polícia Federal em Minas a abertura do inquérito. Isso, há três meses. Agora, o inquérito chega à sua fase final. Tem 2.423 folhas, distribuídas pelos 11 volumes.

Foram ouvidas até agora 780 pessoas, sendo que 14 mil já compareceram à Polícia Federal. Os 17 empresários estão sendo indiciados como incursos no artigo 171 do Código Penal, pela prática de estelionato, um crime que prevê penas de 1 a 5 anos de reclusão Estão envolvidos, por exemplo, Gentil Lopes Nascimento, com 35 anos de experiência no ramo imobiliário e proprietário de uma das maiores empresas do setor em Belo Horizonte. O industrial Carlos de Lima Cavalcanti, dono da Codeplan Imobiliária e presidente da Confederação Nacional de Automobilismo, também está indiciado no inquérito da Polícia Federal

O delegado Pedro Alves Dimas, que tem concentrado todos os seus esforços somente neste inquérito, diz:

— O mais curioso é que os empresários alegam que não vendiam casas, e sim prestações de serviço ou montepios; já seus funcionários alegam que eram instruídos para vender os carnês como se estivessem vendendo casas. Todas as pessoas que pagaram até 2 anos de prestação mensal alegam, por sua vez, que compraram a casa própria.

Só que a polícia não cuida da questão dos prejuízos, alegando estar cuidando apenas da parte criminal. Afirma o delegado Dimas:

Os prejuízos? Cada um deve se virar como puder. Talvez constituindo um advogado, para tratar disso na área cível

Investigações da polícia chegaram a alguns resultados. Como o de ter comprovado que, além de muitas das empresas envolvidas não terem sequer o registro no Conselho, nenhuma delas possuía qualquer terreno para a construção dessas casas. A Gentil L. Nascimento, por exemplo, anunciava que seu conjunto habitacional seria construído no bairro Barreiro, na zona industrial de Belo Horizonte.

O empresário chegou a montar uma placa com os dizeres: "Casa própria para os associados do Monartis", num terreno da Construtora Andrade Valadares que, de fato, vai construir casas no local, mas sem ter qualquer ligação com o Monartis ou com a Gentil L. Nascimento.

A lista das empresas indiciadas é esta: Plan-Hab, de Luiz Eugênio de Castro Vilela, Paulo José Chediack Filho e Sérgio Marcos Baêsse de Souza; Gentil L. Nascimento, de Gentil Lopes Nascimento e Marcos Pinto Furtado; Dimensão Imobiliária, de Alvacir Ferreira Costa Filho, Leopoldo Eustáquio Costa e Caio Lúcio de Lucena Pereira; Monteminas e Incorpol, empresas filiadas, de Cláudio Jaqueira Loiola; Prohab e Promorar, de Virgílio de Mendonça Cuchoa Neto e Marco Aurélio Junqueira Starling; Norteplan e Procasa, de Carlos Alberto Pereira de Faria, Ailton de Oliveira Faria e Expedito Gomes de Lima, Plan Morar, de Sílvio Francisco Gomes Pereira da Silva; Codeplan, de Carlos de Lima Cavalcanti; Promobel, de Danilo Horta Nonato de Oliveira; e D.H. Imóveis, também do mesmo Danilo Horta de Oliveira.

Reportagem de Amadeu Costa

UMA COLUNA DE ECONOMIA

caixa 2

Ricardo Bueno

Recessão já chegou. Quem afirma é o IBGE

O ministro Delfim Netto é realmente um notável cara-de-pau. Em diversas entrevistas à imprensa ele continua negando o óbvio ululante: a economia brasileira já entrou numa recessão brabá, que afeta todos os setores. O ministro, porém, diz que o negócio não é bem assim e que só a indústria automobilística e a de eletroeletrônicos estão entrando pelo cano.

O ministro provavelmente pensa que este é um país de idiotas, em que ninguém sabe de nada. Mas as estatísticas estão aí para provar que a recessão é generalizada e que pouca gente vai escapar dela. Dados do IBGE mostram que nos dois primeiros meses de 81 a produção industrial subiu apenas pouco mais de 2% em relação ao mesmo período do ano passado. As vendas dos supermercados recuaram 15%. Em São Paulo, nos três primeiros meses do ano, cerca de 100 mil trabalhadores foram mandados para o olho da rua. No Rio, as vendas do comércio em março caíram 30% em relação a março do ano passado. E por aí vai.

Quem circula um pouco pelo Rio ou São Paulo, em lugares freqüentados pela classe média e os assalariados mais pobres, sabe que o papo de desemprego está aparecendo a toda hora. Pouca gente tem certeza absoluta de que daqui a um mês ainda estará empregada. Mas o ministro diz que tudo isso é ilusão, fricote, pânico injustificado, e que as coisas até que não vão muito mal... Para ele, que come e bebe do melhor, certamente não vão, mas para o trabalhador a situação está chegando a um ponto insuportável.

Delfim Netto não é tolo. Cada um pode chamá-lo do que quiser, menos de bobo. Ao negar a recessão, ele na verdade está dando uma de espertalhão. Afinal de contas, se não há recessão, se o desemprego ainda é pequeno, o governo não precisa tomar providência alguma para garantir a sobrevivência dos trabalhadores que estão na rua da amargura. Estes que se virem sozinhos.

Delfim aposta na ingenuidade

Por falar em recessão, há muita gente bem intencionada que anda acreditando no papo do governo de que é preciso provocar a recessão para combater a inflação e resolver o problema da balança comercial (com a recessão daria para importar menos e exportar mais). Para quem está caindo nessa conversinha fiada, é bom lembrar que em alguns casos a melhor maneira de combater a inflação é aumentar a produção e não reduzi-la. O problema do abastecimento de gêneros alimentícios está aí mesmo para provar isso. Os preços do arroz, do feijão, do milho, etc. só subirão menos quando tivermos safras abundantes desses produtos. Com safras pequenas, insuficientes para atender o consumo, os preços disparam. Foi o que aconteceu nos últimos anos.

Essa tese de que a recessão é necessária também para reduzir as importações precisa ser olhada com muito cuidado. Com a economia crescendo menos, realmente importaremos menos máquinas, menos petróleo, etc. Mas — e isso Delfim e sua gang não dizem — há outras saídas para reduzir importações sem provocar a recessão. Como? É muito simples. Multiplicando os investimentos em ferrovias, por exemplo, vamos economizar petróleo, na medida em que parte das cargas transportadas por caminhões passem para os trens. Assim, será possível gerar mais empregos na indústria de material ferroviário e ao mesmo tempo resolver o problema da balança comercial.

Portanto, tudo o que Delfim disser (tudo mesmo) deve ser encarado com muito cuidado, pois em geral é mentira. Quem esquecer disso, acaba dando uma de ingênuo. E o ministro é daqueles que sempre apostam na ingenuidade alheia.

Da série

ESPELHO, ESPELHO MEU

REPORTER

De 20 de maio a 2 de junho de 1981 — nº 44 — ano IV — Cr$ 50,00

AUTONOMO INDEPENDENTE

REPORTER

agora quinzenal

ENTREVISTA

CRISTIANE TORLONI P.12

EU SOU UMA MULHER SENSUAL

CABO ANSELMO ERA ESPIÃO DO FLEURY P. 4

Insegurança castra afeto na classe média

CAMA SEM AMOR JÁ CANSA

Operários de fora da maratona erótica

AS PELADAS DO RIO P.19

BOMBAS

BRIGA NO EXÉRCITO P.3

PRÉVIA EM S. PAULO:

LULA GANHA ELEIÇÃO P.7

Roberto Campos, embaixador na Inglaterra:

Figurão do governo ferido no embalo P.10

A política do poder

As coisas são mais claras do que parecem. Desde a metade do governo Geisel, grupos armados de direita promovem atentados. Foram atingidas então a Associação Brasileira de Imprensa, a Ordem dos Advogados do Brasil, a Confederação Nacional dos Bispos, o bispo de Nova Iguaçu, dom José Hipólito, o empresário Roberto Marinho. A bomba do Riocentro é sucessora da que explodiu na sala da dona Lyda Monteiro, da OAB, e da que mutilou José Ribamar de Freitas na Câmara de Veredadores do Rio.

O governo não tem uma política para combater o terrorismo. Há seis anos o problema existe, tempo suficiente para o grupo, que evidentemente detém o poder no país, determinar uma diretriz, elaborar uma atitude. O problema não é falta de força militar para punir culpados, que pertencem aos organismos de segurança interna, formados por membros das três Armas e policiais civis. O problema é falta de interesse.

O governo tem uma política para o terrorismo de direita. Para se manter no poder, ele, que é de centro-direita, situa o grupo de militares reunidos em torno do Palácio do Planalto como a alternativa política viável para o país. Ir além do liberalismo deles seria imprudência diante da pressão dos "bolsões radicais".

A direita precisa existir, forte e atuante, até como ameaça que justifique a democracia relativa e a reforma eleitoral que o Executivo pretende impor para evitar derrotas na eleição direta de 82 — na qual serão indicados os membros do Colégio Eleitoral que, dois anos depois, vão nomear o sucessor do general Figueiredo.

Nada será de fato investigado, mesmo porque não é preciso; os indícios apontam o óbvio. Nenhum militar implicado será execrado, e o centro, no meio de tantos incêndios, acabará sendo mesmo a única saída, até que as organizações civis e populares ganhem força social para abrir novos caminhos.

VIVA A MENTIRA

O representante brasileiro em Londres, embaixador Roberto Campos, foi ferido por golpes de peixeira há quase um mês em São Paulo Figura ilustre, ex-ministro do Planejamento no governo Castello Branco e agora candidato a senador pelo PDS, Campos sofreu a agressão durante uma festinha íntima, segundo versão oficiosa da própria polícia paulista.

Ninguém sabe ao certo o que se passou no apartamento em que o embaixador foi ferido. A própria polícia está impedida de investigar o crime, com certeza para manter as aparências da moral e dos bons costumes, que nosso governo não se cansa de defender. Esse esforço governamental é comprovado pelas constantes apreensões de jornais e processos contra jornalistas, como tem acontecido freqüentemente com REPORTER.

Não interessa o que o embaixador Roberto Campos e amigos faziam no seu embalo particular Isso é da conta e risco deles Só não é possível acreditar na versão oficial da tentativa de roubo em via pública e ficar impassível diante de tanta benevolência com o verdadeiro criminoso, apenas porque a vítima não pode ter seus prazeres desnudados.

Mas a política da mentira não é restrita à moral No episódio das bombas no Riocentro verificou-se, desde logo, o mesmo esforço em despistar as investigações dos mais prováveis culpados. O ponto alto desse esforço foi, sem dúvida, a sagração do sargento morto em herói nacional. Feito isso, quem o apontasse, e ao capitão que o acompanhava, como portadores das bombas, incorreria no risco de ser processado pelo governo.

Aconteceu com os jornais **Movimento** e **Hora do Povo**, cujas edições foram apreendidas pela Polícia Federal, em nome da Constituição.

Esses dois episódios, aparentemente tão distantes entre si, se interligam na disposição do governo de não deixar transparecer a menor de suas mazelas interiores No caso, sexo e política são faces da mesma moeda e, ao puritanismo moral consagrado na Lei de Imprensa, se junta o autoritarismo da Lei de Segurança.

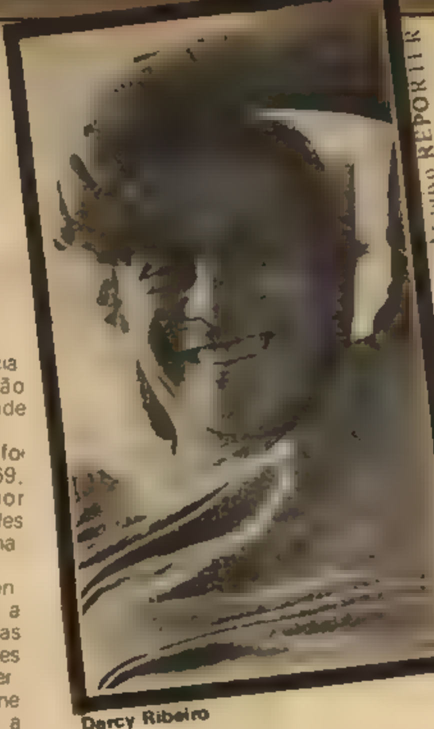
Quando, apesar do aparato legal que protege as "imoralidades" dos homens que estão no poder, algum "acidente de trabalho" vitima um de seus membros ou mesmo um dos que cuidam de sua segurança, o jeito é recorrer à mentira e conferir em que o brasileiro tem memória curta.

Os poderosos: da esquerda para direita, Délio de Mattos, ministro da Aeronáutica (cigarro na mão), general Moraes Rego (de costas), general Golbery, Geisel, Figueiredo, Heitor de Aquino (com papel na mão), Antônio Carlos Magalhães, governador da Bahia, general Venturini, chefe da Casa Militar, e coronel Paiva Chaves, assessor da Presidência.

REPORTER

EDITORES — Alex Solnik, Luiz Alberto Bettencourt, Pipsi (Arte)
CHEFIA DE REPORTAGEM Francisco Viana
REPORTAGEM — **Rio de Janeiro.** Tim Lopes, Ricardo Bueno **São Paulo:** Rivaldo Chinem, Silvio de Souza, Hélio Belik, Teresa Moreira **Recife:** Eduardo Homem, Beth Salgueiro **Salvador** Mariluce Moura
FOTOGRAFIA — **Rio de Janeiro** Chiquito Chaves. **São Paulo:** Wagner Avancini, Eliane Pastore, Valdemir Benedetti **Recife:** Valdir Afonso, Xirumba
ARTE — Analuce Estrella, Ana Maria Martins, Guidacci
SECRETARIA GRÁFICA — Manoel Hernandes de Azevedo
CIRCULAÇÃO — Simeão Marques
PUBLICIDADE — Lucilia Braga (Rio), Isaias Justo Reis (São Paulo)
DEPARTAMENTO JURIDICO — Luis Celso Araújo (Rio), Carlos Eduardo Costa Pereira (Recife)
REPORTER Autônomo Independente é uma publicação da MARGEM S.A EDITORA E GRÁFICA. **Rio de Janeiro** rua Miguel Couto 134/11 ° Tel 253 5038, 253 5077 **São Paulo** rua do Seminário 155/sala 30 Tel 227 7176 **Recife** av Conde da Boa Vista 121/gr 707 Tel 222-1224
Composição e Impressão — Editora Mory, rua do Resende 65 RJ

Doi-Codi não presta contas nem ao SNI



Arquivo REPORTER

Darcy Ribeiro

O antropólogo e chefe da Casa Civil do governo João Goulart, Darcy Ribeiro, acha que o general João Baptista de Figueiredo só conseguirá dar continuidade ao processo de abertura política se determinar uma "ampla reorganização do sistema de nformacões do país

Na realidade – diz Darcy Ribeiro o que está havendo é uma guerra entre os órgãos de informações vinculados às Forças Armadas – que atuam como verdadeiros organismos autônomos – e o Serviço Nacional de Informações (SNI) Dessa guerra surda nasceram os atentados, que são, em última análise, a expressão que esses organismos autônomos encontraram para expressar seu inconformismo

O SNI, para Darcy Ribeiro, "é incômodo aos órgãos de informações das Forças Armadas, já que controla – ou pelo menos devia controlar – a ação dos outros"

Este fenômeno, de haver um serviço de informações independente dos demais existentes no país, é o único no mundo civilizado Trata-se de uma invenção do general Golbery do Couto e Silva

O ex-chefe da Casa Civil conclui que o presidente Figueiredo terá que optar pelo fortalecimento do SNI para diminuir as atribuições dos órgãos de informações das Forças Armadas, particularmente aqueles sobre os quais recaem suspeitas de envolvimento com atos terroristas

Na opinião de Darcy Ribeiro, "uma das maiores contradições do sistema de informações vigente desde 64 foi colocar nas mãos do SNI o controle sobre o que se passa no país e, ao mesmo tempo, transferir para cada Doi Codi as atribuições operacionais"

Na prática, a repressão é exercida pelos órgãos de informações das Forças Armadas, que têm verbas fartas e autonomia de comando. O fato de ser órgão operacional é que torna o Doi-Codi temível Se se limitasse a analisar informações, desempenharia a mesma tarefa de seus congêneres em alguns dos chamados países democráticos Mas a realidade é outra de órgãos treinados para o combate à subversão (na ótica do regime), passaram a ser peças essenciais para estabelecer o equilíbrio entre Forças Armadas e SNI

Não haverá democracia neste país – diz Darcy – enquanto não forem afastados de suas funções os elementos que traman um golpe pela via do terror O fortalecimento do SNI também não atende aos interesses nacionais A nação quer a democracia não importa qual seja a solução proposta para a crise na comunidade de informações

O general Pery Bevilacqua, que foi aposentado pelo AI-5 em 1969, quando era ministro do Superior Tribunal Militar, defende a simples desativação dos órgãos de informações

Esses órgãos não podem conviver com um regime legal, em que a lei é soberana As Forças Armadas precisam voltar às suas atribuições constitucionais. Algumas ações terroristas começam a envolver o nome do Exército Não podemos manchar a instituição, que visa a preservar os valores da democracia É um absurdo que o Doi-Codi continue existindo Houve época em que ainda se procurava justificar sua existência, mas agora é injustificável Se quisermos democratizar o Brasil, teremos que eliminar tudo aquilo que atenta contra a Constituição É o caso do Doi-Codi

O filólogo e presidente do Sindicato dos Escritores do Rio, Antônio Houaiss, teme que os órgãos de informações acabem desestabilizando o processo de redemocratização. E explica

– Creio que esses instrumentos de espionagem militar sobre a população e sobre contingentes militares mesmos constituem um foco progressivamente desestabilizador da nação Por conseguinte, creio que sua existência só deveria perdurar se todos compreendêssemos que eles só deveriam ser criados pela soberania popular. Em outros termos por uma Constituição emanada dos representantes do povo, pelo povo e para o povo

Para o jornalista Pompeu de Sousa, vice-presidente da Associação Brasileira de Imprensa (ABI) em Brasília, órgãos como o Doi-Codi devem ser desativados para dar passagem à abertura política

Eles são órgãos de exceção para situações de exceção Não se pode pensar em aberturas, se eles são mantidos

Sobre a participação de tais organismos na promoção de atentados terroristas, o jornalista acha que, apesar de evitar conclusão apressada, a "verdade é que o envolvimento do Doi-Codi é evidente quanto aos indícios"

Os atentados, lembra Pompeu começaram ainda durante o governo Geisel a ABI sofreu atentado que, feito em hora movimentada, teria matado pessoas, o bispo de Nova Iguaçu, dom Adriano Hipólito, foi sequestrado, sendo quase notórios os autores do crime, sem que nada tivesse sido apurado, a bomba na CNBB, no Rio, na casa de Roberto Marinho, o petardo que foi colocado na Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) durante a formação de 400 novos advogados e que, por sorte, não explodiu

Segundo o vice-presidente da ABI, o propósito de todos os atos era o mesmo: impedir a conquista de instituições democráticas

Até agora o governo não demonstrou a mesma eficiência dos terroristas no combate ao terror. Mas entre querer e poder há uma diferença A nação espera que o governo queira e possa eliminar os criminosos

Cap. Zamith, na missa pelo sargento morto no Riocentro

Zamith foi rezar e fugiu da foto

"Agora chega!" Falando alto e gesticulando muito, Zamith partiu para cima de alguns fotógrafos que o seguiram Nisso, outro oficial do Exército (uniformizado) veio por trás e segurou o fotógrafo Rogério Reis (JB) pelo braço e lhe deu um soco na barriga, do tipo "chega pra lá" Ao perceber os *flashes*, o coronel se conteve e gritou: *"Vamos parar com essa brincadeira!"* E se retirou apressado A atitude do coronel Zamith na saída da igreja marcou bem o clima de tensão e nervosismo que cercou a missa de 7.° dia pela alma do sargento Guilherme Pereira Rosário, morto pela explosão de uma bomba no Riocentro

José Ribamar Zamith já é conhecido Foi denunciado publicamente pelo jornal *Movimento*, com base em informações do I Exército, por ter liderado o sequestro do bispo de Nova Iguaçu, dom Adriano Hipólito, e de ter ligações com o antigo Esquadrão da Morte Na época da denuncia, uma bomba havia explodido na catedral de Nova Iguaçu, e dom Hipólito declarava que toda essa violência premeditada iria se repetir em outras ocasiões se o governo continuasse deixando de apurar as atividades dos grupos de extrema direita que agem no país Passados quatro anos, o sequestro de dom Hipólito não foi apurado e os culpados permanecem soltos e agindo livremente

Texto e foto
Custódio Coimbra

Briga no Exército

INFORMAÇÕES CONTRA TROPA

Para dois jornalistas que cobrem a área militar desde o governo Geisel, o noticiário da grande imprensa omitiu um dado importante para a interpretação dos recentes atentados terroristas: o acirramento das disputas entre comandos de tropa do Exército e a chamada comunidade de informações

Ele próprio um oficial com carreira em órgãos de informações (foi chefe do Gabinete Militar no governo Médici e chefe do SNI no governo Geisel), Figueiredo adotou medidas liberalizantes, mas não se esqueceu de reforçar os mecanismos de controle político, atendendo a uma preocupação da "linha dura". Prestigiou o sistema de informações, promovendo a quatro estrelas generais a ele ligados, algumas vezes em detrimento de militares de tropa. O objetivo do Palácio do Planalto era permitir uma descompressão social, mas mantendo sob vigilância os partidos oposicionistas, entidades que lutam pela democracia, líderes sindicais e estudantis, e os ex-exilados que voltaram com a anistia

Na avaliação dos dois observadores ouvidos pelo REPORTER, mesmo prestigiados, os órgãos de informações, sobretudo os que atuam no Rio, São Paulo e Recife, continuam resistindo à abertura. E com um trunfo nas mãos. ao invés de serem coibidos com a liberalização do regime, suas tarefas foram ampliadas. Antigos agentes do Doi-Codi, envolvidos com torturas e sequestros nos governos anteriores, foram transferidos para setores burocráticos; em compensação, os quadros desses órgãos foram substancialmente reforçados com a contratação de alunos da Escola Nacional de Informações, criada pelo general Golbery do Couto e Silva após o golpe de 1964. Isto, sem falar no completo reaparelhamento do sistema de informações, com a compra de equipamentos cada vez mais sofisticados.

A comunidade de informações se tornou tão forte — argumenta um jornalista — que praticamente se elevou à condição de Arma (como a Infantaria, a Artilharia e a Cavalaria). Seus oficiais foram colocados acima de qualquer suspeita. Exemplo disso: a proteção dada ao coronel Jorge Aragão, então chefe da Divisão de Segurança e Informações do Ministério das Minas e Energia, quando do episódio do vazamento do dossiê apontando os inimigos do Acordo Nuclear. Não se permitiu que ele fosse depor na Câmara dos Deputados. Outro caso lembrado foi o de um coronel que tinha sido afastado do Doi-Codi do II Exército por suas notórias ligações com ações terroristas. Hoje, ele serve no SNI em Brasília.

Os privilégios da comunidade de informações equivalem-se e às vezes superam os dos comandos de tropa. Dos dez comandantes de Regiões Militares, pelo menos seis foram recrutados em órgãos de informações. E dois dos quatro comandantes de Exército — os generais Gentil Marcondes Filho e Nilton Tavares de Souza — são oficiais com ampla bagagem nos mesmos órgãos

O apoio a Figueiredo, explicam os observadores, não está, de maneira geral, em questão. Os generais em comando o apóiam. Há, inclusive, um fato que reforça essa afirmação. metade do Alto Comando já foi renovado por Figueiredo e o restante o será até 1982. A questão parece ser outra. quem são os oficiais graduados que estão com o presidente e com a abertura? O almirante Maximiano da Fonseca, ministro da Marinha, o brigadeiro Délio Jardim de Mattos, ministro da Aeronáutica, e o general Walter Pires, ministro de Exército, seguramente estão com as duas alternativas, até por dever de ofício.

Os órgãos de informações são, no entanto, incógnitas. Não são monolíticos e até — como lembrou Darcy Ribeiro — "disputam entre si a hegemonia na espionagem". Mais grave é que alguns deles agem de forma autônoma dos comandantes militares da região. O chefe do SNI, general Octávio Medeiros, se declara favorável à abertura, mas não se pode dizer, com segurança, o mesmo em relação ao discreto general Armando Patrício, responsável pelo Doi do I Exército.

Uma coisa é certa, dizem os dois jornalistas: o fortalecimento dos órgãos de informações os colocou fora do controle até mesmo do Planalto — o que talvez explique a presença de um sargento e um capitão no Puma em que explodiu uma das bombas do Riocentro.

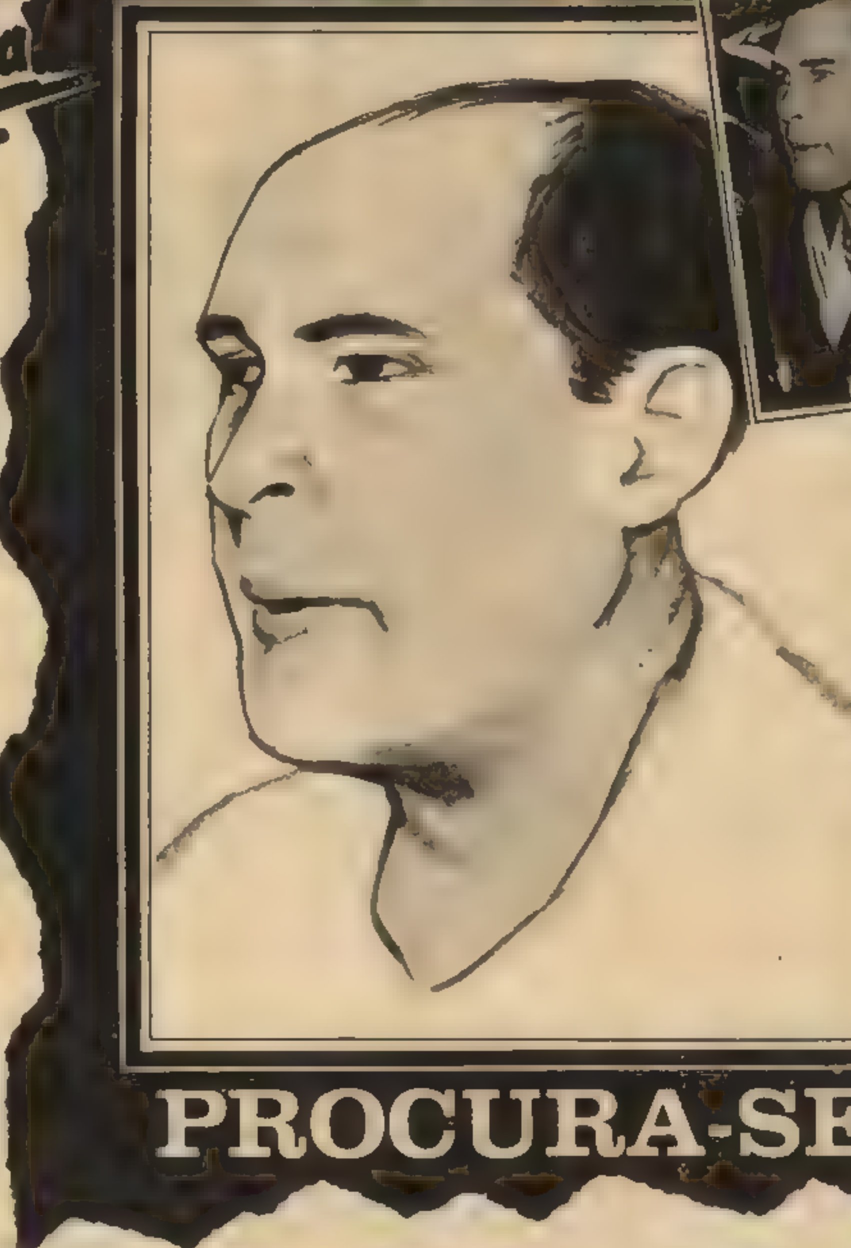
INÉDITO: ADVOGADO CONTA A TRAMA QUE LIQUIDOU GRANDE

CABO ANSELMO FOI

A verdade sobre nossa história

Reportagem de Francisco Viana

Ilustração de Guidacci



Marinheiro em 64, hoje, com 39 anos, Anselmo deve ser assim

Um homem gordo, acentuadamente calvo, usando japona preta para se proteger do frio, se destacou subitamente de um grupo de policiais que falava alto, se aproximou do delegado Fleury e anunciou:

— Este mês vamos ter muito trabalho. Vão chegar mais 50 caras de Cuba.

Estamos no ano de 1973, mês de maio. Ao lado de Fleury, um preso político que fora torturado durante 45 dias no Dops, o advogado José Carlos Brandão, começa a temer pela vida. Minutos antes ele tinha avaliação totalmente diferente: achava que seria solto dentro de apenas algumas horas, graças às pressões da Ordem dos Advogados do Brasil. O próprio Fleury já tinha anunciado a decisão de libertá-lo. Faltava apenas ter uma última conversa pessoal. Agora, tudo parecia depender do novo personagem que Brandão reconheceu imediatamente: era o legendário Cabo Anselmo, seu velho conhecido dos anos do governo Goulart.

— Eu fiquei com medo de que ele me reconhecesse e mandasse me matar, como fez com todas as outras pessoas — admite Brandão, hoje com 42 anos, sem tentar disfarçar a angústia do dia do encontro.

Seu temor era plenamente justificado. Quatro meses antes, Anselmo fora responsável pela morte, em Recife, de sete militantes da VPR (Vanguarda Popular Revolucionária), entre os quais sua própria mulher, a paraguaia Soledad Barret Viedman, a **Sol**, de 27 anos, que estava grávida de sete meses. Naquela época havia apenas fortes suspeitas da traição de Anselmo, mas Brandão já tinha conhecimento de como tudo ocorrera. Seqüestrado no Rio pela equipe de Fleury, ele foi jogado numa cela do Dops onde estavam duas importantes vitimas de Anselmo: o irmão de Soledad, Jorge Barret Viedman, e o ex-marinheiro Edgar Aquino.

Jorge Viedman, de 18 anos, viera ao Brasil como elemento de ligação entre os militantes da VPR exilados no Chile e o grupo que Anselmo dirigia em Recife. Tinha dupla missão: trazia uma carta dos exilados advertindo os companheiros de Recife com relação a Anselmo, contra quem se multiplicavam as acusações de colaboração com a repressão, e uma outra carta de um importante dirigente da VPR, o ex-sargento Onofre Pinto, que era íntimo do ex-marinheiro e o vinha defendendo ardorosamente dos acusadores. Edgard Aquino, companheiro de Anselmo nos idos de 64, fora quem o hospedara quando de sua chegada em São Paulo, em 1971. Aquino estivera exilado em Cuba, mas naquela época não tinha mais atividade política. Vivia sob o nome de Ivan Marques Lemos, trabalhando como corretor da Bolsa de Valores de São Paulo, e só aceitava receber o companheiro em homenagem ao passado comum:

— Quando eu encontrei Aquino ele estava preocupado com o destino de Anselmo. Logo depois encontrei Viedman e ficou tudo claro: Anselmo era um agente duplo. No dia da chacina em Recife, ele disse ao grupo que ia voltar ao Chile para esclarecer pessoalmente as acusações que vinha sofrendo, e convidou Jorge Viedman para ir a um **ponto** com ele. O **ponto** furou e o rapaz foi preso dentro de um bar, enquanto o resto do pessoal era morto friamente.

Logo que soube da história de Viedman, Aquino começou a temer por sua vida:

— Vou morrer. Eu sou testemunha de que ele é um agente duplo — confidenciou ele a Brandão.

Era o mesmo temor de Viedman, que até então estava preocupado com a sorte do companheiro Anselmo.

— Viedman — conta Brandão — era **pombo-correio** da VPR. No dia da prisão, Anselmo, sabendo que o garoto era apaixonado por guitarras, o deixou 15 minutos em frente a uma loja de instrumentos musicais e fez de conta que ia a um **ponto**. Voltou falando em novo **ponto** num bar, deixou o garoto sentado de costas para a rua e aguardou a polícia.

Ambas as testemunhas das traições de Anselmo figuram hoje em listas de desaparecidos. Quanto a Brandão, ele não sabe dizer se o cabo não o reconheceu ou se foi orientado para o ignorar, permitindo que ele fosse libertado como esperava:

— Eu conheci muito o Anselmo, porque fui dos que lutaram para elegê-lo presidente da Associação de Marinheiros e Fuzileiros Navais do Brasil. Dos marinheiros, a figura mais atuante era Marco Antônio, assassinado em 1969, quando militava no PCBR; Anselmo mereceu as preferências porque era a figura que unia todas as correntes políticas que se digladiavam entre os marinheiros.

Naquela época, Brandão tinha 25 anos. Era bancário, vice-presidente da UNE e participou, junto com Anselmo, de inúmeras manifestações, inclusive a chamada rebelião dos marinheiros, que precipitou o golpe militar em 64.

— Eu lembro bem daqueles últimos dias e de Anselmo. Nunca esqueci o dia 2 de abril de 1964, quando ele foi encontrar líderes populares e militares que acompanhavam o rumo dos acontecimentos na sede dos Correios e Telégrafos, no Rio, para propor um ato suicida: a tomada do Ministério da Marinha e dos quartéis da avenida Brasil. Anselmo estava armado de metralhadora e conseguiu empolgar metade dos presentes, inclusive eu, que era imaturo.

José Carlos Brandão guardou sua história por 8 anos

PARTE DA ESQUERDA ARMADA

AGENTE DE FLEURY

DUAS OUTRAS TESTEMUNHAS, PRESAS NO DOPS PAULISTA, ESTÃO "DESAPARECIDAS"

Cap. Lamarca escapou por pura sorte

O cabo Anselmo foi José Anselmo dos Santos, marinheiro de primeira classe e estudante de Direito promovido a cabo graças a equívoco da imprensa, que confundiu as divisas da Marinha com as do Exército) foi responsável pela prisão dos principais militantes de uma das mais importantes organizações da época da luta armada no Brasil. Trata se da Vanguarda Popular Revolucionária, a VPR, comandada pelo ex-capitão Carlos Lamarca, assassinado na Bahia. O próprio Lamarca esteve ameaçado por Anselmo, que o visitou num aparelho na cidadezinha do Rio D'Ouro, no antigo Estado do Rio. Foi o capitão quem impediu — sem querer, é claro — uma ação mais rápida do agente duplo, vetando seu ingresso no comando da VPR. Na época, Lamarca sequer suspeitava de Anselmo, vetou seu nome apenas porque ele estava recém chegado ao Brasil.

O primeiro e único conflito de Lamarca com Anselmo foi por ocasião do sequestro do embaixador da Suíça, Giovanni Enrico Bucher. Na época, o governo Médici recusou-se a ceder às exigências da VPR e a organização se dividiu, com opiniões favoráveis e contra a execução do diplomata. Do lado dos que queriam a execução destacava se Anselmo; Lamarca impediu que isso acontecesse impondo sua vontade, como chefe.

É muito extensa a lista das vítimas do ex-marinheiro. Sua ação mais macabra foi em Recife, quando liquidou com o que ainda restava da VPR no país, matando inclusive sua mulher. Já infiltrado no comando da organização, Anselmo organizava um foco de guerrilha no Nordeste, vivendo como fotógrafo e procurando ampliar o máximo sua penetração na esquerda pernambucana. Na época, as suspeitas do papel de agente infiltrado já estavam bastante robustecidas graças à ação de uma das dirigentes da VPR, Inês Etiene Romeu, que o denunciara da prisão. A carta de Inês, ao chegar no Chile, provocou sérias polêmicas entre os militantes, neutralizada pelo ex sargento Onofre, líder da organização, que mantinha conversas telefônicas quase diárias com Anselmo no Brasil, quebrando as normas mais elementares de segurança.

Quando a notícia da chacina chegou ao Chile, Anselmo e Onofre foram condenados à morte, mas a sentença nunca pôde ser cumprida. Onofre de Santiago fugiu com o dinheiro da VPR e nunca mais foi localizado. Anselmo estava muito bem protegido no DOPS paulista, trabalhando para acabar de destruir o que ainda restava das organizações de esquerda empenhadas na luta armada no país.

Marinheiro tramou queda de Jango

No dia 18 de março de 1964, o Conselho de Segurança Nacional encaminhou ao presidente João Goulart um documento sigiloso com o nome de todos os conspiradores que tramavam a queda do governo. Da lista constava o nome do cabo Anselmo, contra quem já havia inúmeras acusações do Serviço Secreto da Marinha.

A informação é do capitão de mar-e-guerra Paulo Silveira Werneck, chefe de gabinete do ultimo ministro da Marinha do governo Goulart. Werneck, que está escrevendo um livro sobre o golpe de 64, ainda sem data de publicação, não tem dúvidas quanto as ligações de Anselmo com os conspiradores que derrubaram Goulart:

— Anselmo foi preso em abril de 64 e teve todas as regalias. No mínimo, tal fato é uma contradição muito grave se levado em consideração que nós, oficiais legalistas, fomos duramente tratados. Eu mesmo fiquei dois meses preso, junto com mais 300 oficiais da Marinha, Exército e Aeronautica, no navio Princesa Leopoldina. Nas raras vezes que saía do camarote ia um praça atrás de mim, armado de fuzil. Por que Anselmo, líder do motim dos marinheiros, teria tratamento tão distinto de nós que não tínhamos feito motim nenhum e só cumprimos nosso dever?

Werneck tem notícias de Anselmo desde a sua primeira aparição como líder, na Marinha. Foi em 1962, quando os praças do Centro de Instrução Almirante Wandenkolk se recusaram a ir ao refeitório, protestando contra a alimentação. Naquela época, Anselmo respondeu a um IPM.

— A reivindicação não era justa. A comida na Marinha era igual à servida na maioria das casas burguesas. Só não era perfeita porque todos sabem que é muito difícil cozinhar para muita gente. Mas não significa que não fosse uma comida boa e substancial.

Segundo Werneck, o motim dos marinheiros, em março de 1964, foi o segundo lance de uma montagem muito hábil para desestabilizar o governo, iniciada um ano antes com a chamada revolta dos sargentos em Brasília.

— Se o movimento dos sargentos não teve maiores repercussões, o movimento dos marinheiros, onde Anselmo se destacou, foi decisivo para a queda de Goulart. A quebra da hierarquia jogou contra o governo todos os oficiais que se mantinham alheios aos conspiradores.

Quem recrutou Anselmo e quando isto ocorreu, Werneck não sabe. Mas isso não o impede de apontar o ex-marinheiro como um dos agentes que desestabilizaram o governo:

— Não é só por causa das regalias que ele teve na cadeia em 64, nem por seu comportamento na embaixada do Mexico, onde fazia telefonemas sabendo que o aparelho estava sob censura e que assim prejudicaria seus companheiros. Quando foi preso, ele tinha um *colt* 45 que disse, num IPM, ter sido lhe dado por mim. No entanto, à imprensa, Anselmo dissera antes que o *colt* fora roubado. É um exemplo bem ilustrativo de seu caráter, já que eu fui um oficial legalista que defendera o governo.

A história do roubo do revólver foi assim: na última semana do governo Goulart, logo após o motim dos marinheiros, o novo ministro da Marinha, almirante Paulo Mario da Cunha Rodrigues, chamou Anselmo e disse:

— Aqui você não é líder de coisa nenhuma, mas apenas um marinheiro. Não vai haver perseguições contra você, mas tambem não vai haver nenhuma regalia.

Anselmo perfilou-se, bateu continência e saiu. Logo depois, voltou apavorado e procurou Werneck:

— Tentaram me seqüestrar — denunciou.

Werneck limitou-se a responder assim:

— Se quer ficar em segurança, recolha-se à sua unidade.

Anselmo saiu apressadamente. Com ele, levava a arma do militar que roubara num momento de descuido.

Falange Vermelha não existe, diz ex-preso político

A Falange Vermelha é uma invenção da polícia. Não são apenas os assaltantes que fazem esta afirmação. Também ex-presos políticos, acusados de organizá-la na época em que conviveram com presos comuns, por força da Lei de Segurança Nacional, são refratários à idéia de uma quadrilha desse gênero, nos moldes dos [illegible] clandestinos que participaram da luta armada [illegible] regime militar.

A [illegible] é uma coisa tão fantasiosa quanto o **Mão Branca**, criado pelo sensacionalismo de alguns jornais para encobrir a ação dos grupos de extermínio da Baixada Fluminense — diz o ex militante Paulo Roberto [illegible].

Sua opinião é compart[illegible] por outros ex militantes. [illegible] há dúvida de que o convívio de presos políticos com presos comuns teve algumas consequências. Mas daí a nascer uma organização com os poderes que a polícia alardeia possuir a Falange vai uma distância muito grande. A origem do convívio dos presos políticos com presos comuns está na tentativa do governo de descaracterizar os assaltos a bancos praticados pelas organizações clandestinas, forma que essas organizações encontraram para enfrentar o regime militar nos anos 70. Que conseqüências teria essa estratégia?

Para ambos os lados (presos comuns e políticos) não foi uma convivência fácil, reconhecem ex-militantes. Especialmente porque o preso comum não considerava nada interessante ter que passar pelo mesmo processo de repressão a que eram submetidos os militantes. Exemplo: ter que passar pelas mãos de órgãos muito mais duros do que a polícia, como Doi Codi, Cisa, Cenimar, entre outros. Além disso, os presos comuns não estavam acostumados à disciplina dos militantes, que viviam comunitariamente na prisão.

O convívio maior se dava nos horários de refeições, banho e futebol, ou em função da precariedade das prisões, onde faltava tudo — conta um ex-preso político (que prefere não se identificar).

Nas prisões — prossegue ele — não havia sabonete, papel higiênico, e a comida era péssima. Os presos políticos começaram então a se organizar para reivindicar melhores condições de vida. Chegaram até a fazer uma cooperativa para compra de cigarros e comida, que eram divididos. Mas, aí ocorreu um fato imprevisto: os presos comuns foram aumentando de número e os presos políticos perderam a hegemonia. Surgiram os primeiros conflitos e roubos. Resultado: houve a divisão dos dois grupos, com os presos comuns achando que o convívio não era bom e preferindo fazer reuniões em separado.

O conflito ocorreu, ainda segundo a mesma fonte, devido à posição dos recém chegados. Eles eram contrários a distribuir tudo, partindo do princípio de que "quem era otário devia ser explorado".

Outro militante parte do princípio de que seria muito difícil organizar militarmente um grupo de presos comuns. Isto porque, entre outros motivos, cada organização política e as próprias quadrilhas (presos comuns) tinham métodos de ação diferentes. Na sua opinião, o aprendizado das quadrilhas tem outras fontes. Exemplo: a própria polícia.

Para reforçar as afirmações do pessoal da esquerda, há o depoimento do assaltante Sérgio Silva dos Santos, acusado de pertencer à Falange Garante ele: "Essa história de Falange não existe. Eu quero ver é a polícia explicar quem joga bombas no país".

O que existe, então, por trás da Falange? É um ex-preso político quem responde: "A Falange é a desculpa que a polícia está apresentando para uma repressão à criminalidade mais dura do que vem sendo feita e, também, para justificar a compra de novos e mais sofisticados armamentos".

Celeste Cintra

Lisâneas Maciel, do PDT

José Eudes, do PT

ELEIÇÃO NO RIO DÁ O QUE FALAR

Só a turma do PP contesta o resultado

Os resultados das eleições diretas para o governo do Estado do Rio de Janeiro promovidas pelo REPORTER (n.º 43) provocaram polêmica entre os partidos. O líder do PP na Assembléia, deputado Cláudio Moacir, foi o único que levantou a hipótese da manipulação dos resultados, devido à pequena votação do candidato de seu partido, Miro Teixeira (155 votos), que ficou em quarto lugar, sendo superado com ampla margem de votos por Sandra Cavalcanti (442), Leonel Brizola (391) e Saturnino Braga (322).

— Miro Teixeira não podia ficar na posição que ficou, pois ele não é impopular. Dois fatos concorreram para prejudicá-lo: as urnas foram colocadas na Praça XV, Central e Cinelândia, onde não mora ninguém e estudantes do PMDB devem ter votado várias vezes para favorecer o senador Saturnino Braga, já que não havia controle como numa eleição de verdade.

No mínimo, as justificativas do deputado são frágeis. Nos locais onde as urnas ficaram não há residências, mas todos são pontos de grande afluência de trabalhadores; em segundo lugar, o PMDB não tentou qualquer manipulação da eleição porque, se assim tivesse feito, seu candidato sairia vencedor, o que não ocorreu. Lisâneas Maciel, um dos principais articuladores do PDT, tem opinião totalmente diversa da de Cláudio Moacir:

— O resultado me pareceu extremamente correto. O fato de Sandra Cavalcanti ter merecido as preferências do eleitorado, seguida de Leonel Brizola e Saturnino Braga, mostra que o esquema chaguista, apesar de sua força, não está funcionando para eleger Miro. Pelos meus cálculos, Miro detêm apenas 10 por cento do eleitorado, enquanto Brizola, por exemplo, só tende a crescer, pois, ao que tudo indica, o povo não o esqueceu. A pesquisa do REPORTER confirmou levantamentos anteriores feitos por institutos do porte do Gallup.

De um modo geral, todos os líderes manifestaram surpresa com os resultados das eleições. Seja pelo fato de Sandra Cavalcanti ter tido a maioria dos votos, seja pelo fato de Saturnino Braga ter tido votação inferior à do presidente do PDT, Leonel Brizola, que ficou 15 anos fora do país e, consequentemente, quase saiu do cenário político nacional.

— Não quero desmerecer a Sandra — diz o deputado Paulo César Gomes, líder do PMDB. — Mas a verdade é que até 1982 muita água vai correr, e o quadro político vai mudar. No Rio, Sandra conta com uma desvantagem: o eleitorado aqui é nitidamente de oposição; além disso, ela, apesar de toda sua habilidade, não conseguiu se desvencilhar de sua imagem de governista.

Jorge David, líder do PDS, concorda com as observações do líder do PMDB e acrescenta:

— A desvantagem da Sandra é que ela não dispõe de uma máquina partidária. Ela é muito hábil: ataca o governo do Estado e o governo federal, angariando com isso a simpatia do eleitorado que vota na Oposição. Mas isso não chega a ser vantagem com relação a Miro Teixeira, dono da maior máquina eleitoral do país.

Para David, a surpresa do pleito foi a votação maciça em Leonel Brizola:

— Creio que isso tem muita relação com a idade do eleitorado. Há muita gente jovem que desconhece o passado de Brizola e vota nele. Não sabem o mau que ele fez à democracia.

É uma opinião totalmente contrária à do líder do PT, deputado José Eudes:

— Brizola amadureceu muito e a votação que obteve é resultado dessa evolução. Além disso, ele é uma figura popular, enquanto Miro é a encarnação da política antipovo do Chagas Freitas.

Lisâneas Maciel também concorda com Eudes: "Brizola teve boa votação porque o povo sabe lembrar quem luta".

Na enquete junto aos líderes políticos pode-se observar, também, grande interesse pelo recrutamento de Sandra Cavalcanti. É o caso do PTB, cujo líder na Assembléia, Emanoel Cruz, foi bem objetivo: "Sandra é uma ótima candidata. Só falta vir para o PTB". Fez, no entanto, a ressalva de que o candidato do partido continua sendo Aarão Steinbruch, que obteve apenas 85 votos na pesquisa do REPORTER, só superando Wellington Moreira Franco, do PDS, que obteve apenas 65 votos. Independente do modo com que viram o resultado das eleições promovidas pelo REPORTER, um fato ficou bem claro nas declarações das lideranças oposicionistas: o importante em 1982 é a frente antichaguista. Frente que possivelmente incluirá até o PDS.

Jorge José de Melo

EM S. PAULO

PMDB e

LULA

CANDIDATO

Deu Lula na cabeça. Não é certo ainda que ele seja candidato, mas na prévia realizada por este jornal no centro de São Paulo — a urna ficou dois dias em frente ao Mappin — o operário do ABC conseguiu 303 votos em 1 000 votantes, ficando à frente de Franco Montoro, que teve 240.

A prévia foi realizada nos dias 9 e 11 de maio. Dia 9, um sábado, véspera do Dia das Mães, havia muita gente no calçadão por onde passam, diariamente, perto de 1 milhão de paulistanos. A votação deu-se na parte da manhã, com um grande comparecimento. Todos que tinham mais de 18 anos puderam votar, não sendo obrigados a apresentar documento de identidade ou título eleitoral a intenção da pesquisa era verificar a tendência popular, sem preocupação de se chegar a uma conclusão definitiva.

Sete candidatos lançados oficial ou oficiosamente ao governo de São Paulo foram selecionados para a eleição do REPORTER. Franco Montoro e Orestes Quércia, senadores do PMDB, Olavo Setubal, ex-prefeito da capital paulista, hoje no PP, Jânio Quadros, pelo PTB, Lula, do PT; José Maria Marin, vice-governador atual; e Laudo Natel, pelo PDS.

Jânio Quadros, que muitas pesquisas apontam como o segundo colocado na preferência popular, já ameaçando o prestígio de Montoro, teve 160 votos, quase metade dos dados a Lula e bem abaixo do senador emedebista. Olavo Setubal ficou com o quarto lugar, com 132 votos. Natel, com 58, puxou o carro do PDS, seguido por Quércia, que só conseguiu 50, e pelo vice do Maluf, José Marin, o lanterninha, com 8 votos.

Houve ainda um voto para Fernando Henrique Cardoso, Mário Covas, Luís Carlos Prestes, dois para João Amazonas, líder do PC do B. Tieppo, Ronald Biggs, Miguelzinho e o Capitão Levi foram lembrados pelo eleitorado. Houve até 23 pessoas que anularam seu voto e 12 que deixaram a cédula em branco.

A indicação mais precisa apontada pela eleição é o isolamento do candidato malufista, José Maria Marins, que não é reconhecido pela população nem mesmo como atual vice-governador do Estado. A outra hipótese é que ele seja bem conhecido e, por isso mesmo, quase ninguém vota nele. Outra indicação é a força da união PMDB/PT que, juntos, somam 593 votos, quase 60% do total. Essa união deixa longe uma outra, muito comentada, a do PTB de Jânio com o PP de Olavo Setubal. Juntos, somam apenas 292 votos. Os nulos e brancos também não tiveram grande significação em São Paulo, demonstrando talvez a vontade popular de escolher seus governantes e a confiança no processo eleitoral como a melhor forma para isso.

Foto de João Bittar

Lula assusta um pouco, mas está crescendo

PT juntos têm 60 por cento dos votos

ELEITO GOVERNADOR

DE MALUF É O LANTERNINHA

Reportagem da Equipe REPORTER

REPORTER OPINIÃO PÚBLICA

A eleição atraiu a atenção de muita gente

Resultado final da prévia de São Paulo

Votantes. 1022

LULA	303 votos
MONTORO	240 votos
JÂNIO	160 votos
SETUBAL	132 votos
NATEL	58 votos
QUÉRCIA	50 votos
MARIN	8 votos
NULOS	23 votos
EM BRANCO	12 votos

OUTROS CANDIDATOS . . 36 votos (Tieppo, Biggs, Miguelzinho, Maluf, Renato Aragão, José Ibraim, Marcos Cortes, Capitão Levi, João Amazonas, Mário Covas, Fernando Henrique Cardoso)

Jânio se acha o melhor

Montoro está certo de que ganha

Povo desconfia de político, mas quer votar

Pode-se afirmar que, em São Paulo, a maioria das pessoas está louca pra votar. Pelo menos, na amostra que fizemos, poucos demonstraram medo ou desconfiança em relação à urna. Muitas vezes se formavam filas para votar e alguns leitores agradeciam à "emoção de poder votar pela primeira vez".

Na boca da urna nasceram muitas discussões. Janistas e ademaristas discutiam as vantagens das eleições diretas. Os mais jovens duvidavam da honestidade dos candidatos. Poucos nomes da lista mereciam elogios dos votantes. "Bando de raposas", "corruptos", "ladrões" eram os adjetivos mais freqüentes. Mas até as pessoas que xingavam os candidatos votavam.

Sobre Lula houve muitos comentários de que, para ser governador do Estado, "precisa ter mais cultura". "No mínimo, dois cursos universitários", como declarou uma dona-de-casa. Lula era visto como o candidato mais honesto, porém menos culto.

O mais culto, na opinião geral, era o Jânio. "Nacionalista", "o melhor político do Brasil" eram outros elogios ao ex-presidente. Mas muita gente também o chamou de "bêbado", "louco" e "entreguista". Uma senhora disse que, se Jânio fosse eleito, era bom "deixar um barco ou um avião de sobreaviso para o caso de uma fuga".

Montoro era elogiado por funcionários públicos e mulheres. Definido como "a grande figura da Oposição". Críticas não recebeu de ninguém, ao contrário de Olavo Setubal, que era admirado pelas realizações do tempo em que foi prefeito e criticado por ser "banqueiro".

Quércia e Natel não foram muito comentados. O máximo que se falava deles era que seriam "burgueses". José Maria Marin era, então, quase um ilustre desconhecido.

Um operário comentou que, se a prévia tivesse sido feita na porta das fábricas, o vencedor seria, sem dúvida nenhuma, João Amazonas, presidente do PC do B.

Algumas pessoas chegaram a perguntar quanto tinham de pagar para poder votar. Outros, mais provocadores, afirmavam que promover prévias eleitorais era "coisa de subversivos". A polícia, no entanto, não apareceu. Bem perto da urna, nos dois dias da prévia, permaneceram dois policiais da PM, mas nem chegaram perto. O que pode ser um bom sinal.

Todo mundo tem opinião pra dar

- **"Sou português, só voto no meu país. Mas, se pudesse votar, seria nos candidatos da esquerda." (Antônio, 56 anos)**
- **"Acho que se houverem muitos candidatos isso vai favorecer o governo. A Oposição deveria ter um candidato único."** *(Joaquim, 37 anos)*
- **"Adoro o Lula. Mas acho que ele não está preparado para governador. Setubal tem mais experiência." (Denise, 33 anos)**
- **"Deviam fazer essa eleição pra presidente."** *(Carlos, 21 anos)*
- **"O Jânio está senil."** *(Diogo, 38 anos)*
- **"Não vou votar nada. O negócio é metralhar todos os candidatos."** *(Pedro, 28 anos)*
- **"Com exceção do Lula, todos os outros são candidatos burgueses."** *(Heloísa, 19 anos)*

[illegible] dá o que pensar

Ela foi às compras e gostou de votar

Franco Montoro é apontado por especialistas e em pesquisas como o mais provável futuro governador de São Paulo, se houver mesmo eleições diretas. Politicamente, Montoro é cria do Partido Democrata Cristão, onde militou até o golpe de 64. No momento do golpe ele fazia parte do governo João Goulart como ministro do Trabalho. Com o fim dos partidos, passou para o MDB, ficando sempre na Oposição, embora o tom de seus discursos nunca tenha sido muito além do moderado. Em 1974 foi um dos senadores mais bem votados de todo o país. Hoje no PMDB, não é ainda o candidato oficial do partido, pois há um outro pretendente.

Orestes Quércia, político jovem, o cargo mais alto que já ocupou foi o de prefeito de Campinas, uma das maiores cidades do interior de São Paulo. Depois de 64 ficou na Oposição, mas sempre provocou reservas em muitos militantes do PMDB. Em 78 elegeu-se com facilidade para o Senado, e hoje diz que vai disputar na convenção partidária a candidatura ao governo de São Paulo.

Jânio Quadros é o candidato mais velho. Já foi governador de São Paulo na década de 50 e, eleito presidente com 6 milhões de votos, renunciou, ninguém sabe até hoje direito por quê. Volta à política 20 anos depois com o mesmo estilo: está se formando, de novo, o Movimento Popular Jânio Quadros, que existiu pela primeira vez em 1953. Apoiado financeiramente por poderosos industriais, ele ainda se considera imbatível e desafia qualquer candidato, ao mesmo tempo em que não admite as insinuações (e indícios) de que por trás de sua candidatura haja um dedo do general Golbery.

Laudo Natel já foi governador nomeado. Inimigo do atual governador, está irremediavelmente taciturno desde que Maluf tirou de sua boca a eleição indireta ao governo de São Paulo. Viaja muito pelo interior e pretende disputar a próxima eleição, contando com o apoio maior do banco de que é um dos principais acionistas, o Bradesco.

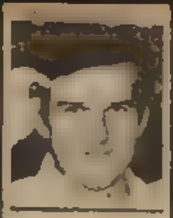
Olavo Setubal é outro candidato de banco, só que do Itaú (embora não goste que se diga isso). Já foi prefeito nomeado de São Paulo e, ao deixar o cargo, entrou para o Partido Popular, abandonando a Arena. Chegou à política pelas mãos do ex-governador Paulo Egydio Martins.

José Maria Marin foi um beque do São Paulo F.C. Conseguiu chegar a vereador, ficou popular no bairro de Santo Amaro, um dos maiores redutos eleitorais da cidade. Com seu jogo de cintura, ganhou a vice-governança de Maluf e sonha mais alto. Mas não tem tradição nem pique para tanto.

Lula não se definiu ainda. Se for candidato, terá muita votação e pode mesmo manter uma boa disputa com o favorito Montoro. Pernambucano de nascimento, operário (despedido há pouco mais de um mês), é, sem dúvida, a liderança mais forte que surgiu depois de 64. Muito jovem, tornou-se figura popular no Brasil depois de comandar duas greves de metalúrgicos do ABC. Criticado nos meios empresariais por ter virado político, não perdeu prestígio, ao contrário, parece crescer cada vez mais.

Ô da política!

Daniel Aarão Reis Filho



A Oposição deu, mas o governo não quis

Foi tocante o encontro dos partidos políticos em Brasília para entregar solidariedade ao presidente da República e marcar a confiança de todos na capacidade de Figueiredo encontrar os responsáveis pelo terrorismo que assola o país. Lado a lado, os presidentes dos partidos representavam a unanimidade da "classe política" nacional (não há dúvida de que se trata de uma verdadeira "classe"). Choveram os elogios de praxe: "O encontro político mais expressivo dos últimos vinte anos", "A reunião política do século". Só ficou faltando o tradicional ufanismo do tipo "O maior encontro da América Latina" (já temos o maior túnel, o maior estádio e a maior sapataria da América Latina; por que não o maior conchavo do continente?)

A reunião fora convocada para debater o terrorismo e definir a estratégia de ação dos partidos políticos, mas a euforia adesista tomou conta dos participantes. Publicamente, mais ou menos constrangidos, todos acabaram por entregar a alma nas mãos do criador, digo, do presidente da República, general João Baptista de Figueiredo. Alguns, mais afoitos e entusiasmados pelo clima de "concórdia nacional", quiseram levar pessoalmente ao presidente a expressão de seus sentimentos. Sugeriu-se uma entrevista privada com o chefe do governo: excitação geral! Foi preciso que um aviso do general Golbery (só faltava esta!) segurasse literalmente pela aba do paletó a "fúria" conciliatória dos parlamentares. O mago do Planalto suplicava às aflitas lideranças partidárias: "Não me ajudem, excelências!" A partir daí começou a haver a vaga sensação de que a dignidade fora perdida. Um cheiro de podre pairava no ar.

O partido do governo vibrou de satisfação. Numa reviravolta surpreendente, o presidente saía de uma situação desconfortável, pressionado por todos os lados para revelar e punir os responsáveis pelo atentado do Riocentro, para a posição cômoda de principal beneficiário político da crise aberta pelo acidente de trabalho que vitimou o sargento e o capitão. E foram justamente os partidos de oposição que urdiram o passe de mágica, salvando o presidente. Não estamos num país curioso? Ou somos um país curioso?

Mas o pior ainda estava por vir (como à Oposição sofre neste país!): o presidente não apenas se recusou a receber a embaixada adesista. Dias depois tratou quase a pontapés o presidente do PDS, sr. José Sarney, que lhe foi levar a mensagem de "solidariedade e confiança" dos partidos de oposição. Na verdade, Figueiredo está muito mais interessado em se compor com os comandantes do Exército do que com os presidentes de partidos, o que, aliás, não deixa de ser natural: afinal, quem elegeu o presidente? Algum **bidu** quer responder?

A reação do Palácio do Planalto decepcionou os partidos de oposição. A dor-de-cotovelo flagela as principais lideranças. Alguns já vieram a público declarar que se sentem ludibriados. Todos começam a se sentir frustrados.

Os partidos estão, agora, diante de perguntas que deveriam ter sido feitas e respondidas antes do "encontro do século": Por que ter confiança em Figueiredo? Já não houve dezenas de atentados no país? Sim, dezenas de atentados. Algum foi apurado? Nenhum. Houve alguma demonstração prática de que o acidente de trabalho no Riocentro será apurado? Nenhuma. Por que entregar solidariedade ao presidente? Há alguma evidência de que ele esteja empenhado em descobrir os responsáveis? Nenhuma. De que esteja disposto a puni-los? Nenhuma.

As Oposições estão amargando uma derrota política séria. A maior demonstração de cretinismo parlamentar da América Latina. Deram, sem o governo pedir. E o pior é que o governo não quis.

Lei de Segurança garante o arbítrio

ABI, JUIZ E MÉDICO CONDENAM APREENSÃO

O presidente da Associação Brasileira de Imprensa, Barbosa Lima Sobrinho, condena a apreensão de jornais e revistas sob alegação de atentado à moral e aos bons costumes, como tem ocorrido com o REPORTER:

— Tal atitude é arbitrária. Para haver liberdade de imprensa, é preciso que uma decisão dessa natureza seja determinada pelo Poder Judiciário. A própria Lei de Imprensa prevê recurso imediato à Justiça, o que infelizmente fica invalidado pela Lei de Segurança Nacional.

O juiz Álvaro Mayrink da Costa, professor de Direito Penal e Criminologia da Universidade Gama Filho, também é favorável à ampla liberdade de expressão:

— Triste do país em que uma parcela daqueles que episodicamente utilizam o poder pode criar obstáculos para o desenvolvimento cultural e a livre informação. Não há outro suporte para interpretação da lei que não seja a realidade sócio-cultural. É por isso que, prudentemente, a legislação brasileira não define o que é obsceno e deixa que as definições fiquem ao arbítrio do juiz. Historiadores, psicólogos, padres e intelectuais ouvidos pelo REPORTER foram unânimes em defender a liberdade de expressão e a definir moral e bons costumes como conceitos muito elásticos, que variam de sociedade para sociedade e de acordo com as diferentes épocas. É o caso do psicanalista Alfredo Macedo Dias, defensor da abertura democrática e da liberdade de expressão:

— Defender a liberdade de expressão não significa abolir com as normas que regem o comportamento humano. A questão é outra: assim como qualquer grupamento humano precisa de organização, é necessário também que haja espaço para o desenvolvimento da capacidade crítica, que vai permitir a transformação de leis que não mais se adaptam à realidade e evitar que a sociedade ganhe feições autoritárias e elitistas.

— É importante destacar — acrescenta o psicanalista — que normas de moral por demais restritivas inibem o indivíduo. Este, para se desenvolver, não pode viver sufocado. Precisa de liberdade. As regras de conduta moral são apenas um instrumento para a convivência produtiva, sejam de que ordem for. Detalhe: a psicanálise tem sua origem justamente num período de sufoco da história da humanidade, a época vitoriana. Freud foi muito atacado: era chamado de pervertido, inimigo da sociedade. Lutou, venceu e acabou dando uma das contribuições mais importantes para a história da humanidade: a psicanálise.

A advogada e feminista Branca Moreira Alves também é taxativa:

— A sociedade brasileira é uma sociedade de classes. Assim, sua ideologia e sua moral são um reflexo dessa situação.

Mariza Cardoso

Sexo não faz mal a ninguém

Antônio, 39 anos, motorista: "Masturbação, homossexualismo, sexo oral, nada disso é imoral discutir em público. Não leio revistas que tratam de sexo porque não tenho tempo."

Carlos Alberto, 32 anos, fiscal de coletivos: "A imprensa deve debater sexo. Não tenho nada contra. Por que não discutir o sexo oral, a masturbação? Eu sou leitor assíduo dessas reportagens."

Fernando dos Santos, 36 anos, vigilante: "Por que proibir o sexo? Com 14 anos, hoje, qualquer pessoa já sabe o que é sexo. Precisa mais é de orientação. Por que não?"

Hilton Barbosa dos Santos, 20 anos, normalista: "Se houvesse educação sexual, as doenças venéreas diminuiriam. Sexo não prejudica ninguém. Acho os jornais e as revistas que falam de sexo melhor do que as fotonovelas. Leio tudo detalhadamente."

José Carlos da Silva, 40 anos, motorista: "Não leio, mas sou a favor."

Orlando Manuel, 34 anos, eletricista desempregado: "Quero saber tudo sobre sexo."

Reinaldo, 54 anos, policial portuário: "A imprensa instrui e deve acompanhar o tempo. A Igreja não acompanha o tempo? O papa não foi à URSS? Leio normalmente reportagens de revistas que falam de sexo."

Claudine Miranda Silva, 49 anos, passadeira: "Há revistas que são realmente imorais, mas não acho imoral discutir sexo pela imprensa. Pessoalmente, não leio essas revistas porque me chocam."

Aparecido Cabral, 52 anos, ferroviário: "Sou a favor da abertura sexual. Não leio revistas, nem jornais sobre sexo. Mas encaro tudo com naturalidade."

Celso, 22 anos: "Cada um lê o que quer. Não há imoralidade em discutir sexo nos jornais. Não sei por que o governo tem tanto medo de debates abertos. O que se quer é pregar uma moralidade que não existe."

Mary Guarilha

Partidos se organizam para disputar as eleições

A menos de 18 meses das eleições de 1982, o país começa a viver o mesmo clima de expectativa que existia no tempo em que os governantes eram eleitos pelo povo o que não ocorre há 16 anos. Com o restabelecimento do pleito direto para os governos estaduais, a realidade política, gradualmente, está mudando: em vez de se preocuparem com o debate dos grandes temas nacionais, os partidos estão abrindo espaços para as especulações sobre seus prováveis candidatos a governador e senador. As campanhas eleitorais já estão nas ruas.

As bandeiras políticas que governo e oposições defendiam há um ano de repente foram postas de lado, ou pelo menos esquecidas momentaneamente. A partir de agora, a palavra de ordem é organizar os partidos no maior número de municípios, ocupar espaços nos meios de comunicação e, no caso do PDS (Partido Democrático Social), conseguir o maior apoio possível do governo federal para realizar obras em áreas densamente povoadas, principalmente as cidades de médio porte do interior, já que as capitais, com raras exceções, são redutos oposicionistas.

Na maioria dos Estados o PDS saiu na frente: tem diretórios em pelo menos 3 600 municípios (o país tem cerca de 4 mil, ao todo). É majoritário em 80 por cento das Câmaras Municipais e em 70 por cento das Assembléias Legislativas. Para ganhar as eleições, o Palácio do Planalto está investindo tudo o que pode: empregos não faltam aos correligionários, recursos são aplicados para atender as bases partidárias, e o aliciamento de deputados oposicionistas não cessou desde a posse do presidente João Baptista de Figueiredo.

O PMDB maior partido da Oposição herdou a máquina eleitoral do extinto MDB, o que facilitou a organização de bases em mais de 3 mil municípios, notadamente no Nordeste e Centro-Sul. É o partido que reúne as chances de eleger o maior número de governadores e senadores na área oposicionista. Tem fortes candidatos em Pernambuco — Marcos Freire; Pará — Jader Barbalho; Goiás — Iris Resende; São Paulo — Franco Montoro; Paraná — José Richa; Santa Catarina — Jaison Barreto; Rio Grande do Sul — Pedro Simon.

O PP é o terceiro maior partido e ainda não chegou a formar diretórios em 2 mil municípios. Está se preparando para 82 com a estratégia de fortalecer ao máximo sua representação nos Estados em que seus candidatos a governador são os favoritos: Rio Grande do Norte Aloisio Alves; Paraíba Antônio Mariz ou João Agripino; Minas Gerais — Tancredo Neves; Rio de Janeiro — Miro Teixeira; e Piauí — Alberto Silva.

O PDT e o PT são os partidos oposicionistas que menos diretórios organizaram. O PDT já passou de 1500, o PT formou cerca de 700. O PDT tem trunfos em dois Estados: Rio de Janeiro, com Leonel Brizola, e Rio Grande do Sul, com Alceu Colares, mas só deverá disputar as eleições majoritárias com melhores possibilidades no pleito de 1986. Quanto ao PTB, é inexpressiva sua organização: não tem mais do que 500 comissões municipais, embora sua presidenta, Ivete Vargas, diga o contrário. Em muitos Estados Alagoas, São Paulo e Paraná, por exemplo — seus diretórios são formados com a ajuda de políticos do PDS. No Estado do Rio, o PP (do governador Chagas Freitas) também colabora com o PTB.

De todas as sucessões estaduais, a do Rio de Janeiro parece ser das mais imprevisíveis. Maior partido do Estado, com mais de 100 mil filiados, o PP é um verdadeiro rolo compressor: tem 17 deputados federais, 46 deputados estaduais, dezenas de prefeitos e centenas de vereadores.

Em Nova Iguaçu, 150 mil pessoas vivem na pior

Favela nasceu na linha do trem

A três minutos do centro de Nova Iguaçu fica uma das paisagens mais miseráveis da Baixada Fluminense. São os bairros de Entre Rios, Nova Piam e Piam, onde 150 mil pessoas disputam lugar nas ruas com valões fétidos, lixo, buracos e casebres amontoados nos terrenos baldios. Nova Iguaçu é a sétima cidade mais populosa do país, mas em termos de saneamento básico é uma das últimas: fica no 255.° lugar, segundo pesquisa do Movimento de Amigos dos Bairros de Nova Iguaçu, uma das associações de moradores mais poderosas do Rio. Entre Rios, Nova Piam e Piam é o que existe de mais abandonado naquele município. O repórter Tim Lopes passou um dia lá convivendo com o cotidiano de incerteza da população, vítima do descaso das autoridades e da violência, que se acentua nas madrugadas. Seu relato:

Apenas os dormentes apodrecidos dão conta de que por ali um dia passou a velha Maria Fumaça que ligava Belford Roxo a Xerém. Junto à linha, desativada há anos, os barracos brotam da terra e aparecem os primeiros rostos de gente castigada pela vida. Não há água, luz ou esgoto.

Os três bairros, entre os rios das Botas e Maxabomba, ficam em Belford Roxo, um dos mais populosos distritos de Nova Iguaçu. Num dos barracos que se multiplicam desordenadamente vive Marli de Souza Brito, 40 anos, mãe de dois filhos. Mora num único cômodo, atravancado por uma cama de casal que divide com as crianças. Seu marido fugiu e nunca mais apareceu.

— Construí o barraco com muito esforço. Assim, não preciso mais morar na casa dos outros. É difícil, mas melhor do que não ter teto e ficar sendo sempre o último a comer, o último a dormir. Liberdade é ter um teto.

Justamente o mais difícil para a população local, onde a miséria e o esquecimento dos poderes públicos é retratado em depoimentos dramáticos, é o caso de Gilsélia do Nascimento Santiago, 27 anos. Ela também é mãe de dois filhos e vive numa casa de cômodos construída em regime de mutirão por trás de um antigo terreno da Prefeitura, que servia como campo do Esporte Clube Independente.

— Tive de vender minha aliança — relata ela — pra dar de comer às crianças. Um dos meninos, que tem quatro anos, está com uma mosca varejeira no ouvido, não dorme, tem sempre febre. Minha menina está com o lado direito todo paralisado. O pior é que não tenho dinheiro sequer para o ônibus. Às vezes dá vontade de sumir no mundo, largar marido e filhos, desaparecer.

Em Nova Iguaçu não tinha favela. Agora, gente como D. Marli, sempre cheia de filhos, não tem outra solução. Seu Nestor, que veio da Bahia, vai limpar vala até morrer.

Fotos de Chiquito Chaves

Hugo Martins é o líder

Mas Gilsélia resiste. Como resiste quase toda a população local.

— Vou morrer limpando vala.

Quem fala é José Nestor do Nascimento, 60 anos, pai de 10 filhos. Ele está aposentado pelo Funrural e ganha só Cr$4 340. Houve tempo em que José era só esperança. Foi quando jovem levou seis dias viajando de Salvador, Bahia, para o Rio, no navio Capela, cheio de ilusões de melhorar de vida. Encurvado, segurando uma enxada, José perdeu completamente as esperanças.

— Estou há 28 anos na vila Entre Rios e não faço outra coisa além de trabalhar. Quando não estou limpando vala, estou vendendo bolinhos de aipim pelas redondezas.

Os números de Nova Iguaçu são desoladores: apenas 10% das habitações têm rede coletora de esgotos. As doenças se multiplicam: diarréia, pneumonia, desnutrição. E o pior: o Movimento dos Amigos dos Bairros de Nova Iguaçu constatou que nenhum dos chamados órgãos competentes do Estado tem qualquer plano ou levantamento sistemático para avaliar as necessidades da população e enfrentá-las.

— Com o tempo, o povo daqui vai perder o medo e entrar para a associação. Não é mais possível a gente viver no meio do esgoto, sem médicos, com as ruas todas esburacadas — desabafa o líder local, o comerciante Hugo Mathias de Souza, insatisfeito com a resistência da população para lutar por seus direitos.

Não é só o abandono que castiga os moradores. Há o problema dos impostos pagos sem que haja retorno, a violência e o desemprego.

— Quando chove, isto aqui vira uma desgraça — conta Marlene Azevedo dos Santos, mãe de cinco filhos, mulher de um sargento da Marinha.

— Nós pagamos impostos, mas ninguém liga pra gente. Quando chove, fica tudo inundado. As águas baixam e ficam as poças de água parada cheias de mosquitos.

A vida só se torna possível, na maioria das vezes, por causa da solidariedade. Não fossem os amigos, hoje Almir Angelo da Costa, 28 anos, seria um marginal. Ficou um ano desempregado, sem poder pagar aluguel. Teve que se mudar, construiu uma casinha com a ajuda de amigos para viver com a mulher e os três filhos, até que conseguiu novo emprego.

— Você já imaginou uma situação dessas? Não tivesse tido ajuda eu teria pegado um revólver e saído por aí metendo bronca. Agora, só quero é agradecer a quem impediu que eu, desesperado, segurasse uma arma para assaltar.

Tim Lopes

Trilho partido descarrilou o bondinho

Não foi apenas a falta de freio que causou o desastre com o bonde de Santa Teresa, no último dia 28 de abril. No local do acidente, o trilho estava quebrado e não tinha profundidade nem largura suficiente para aguentar o aro da roda que se encaixa e desliza por seu sulco. Além disso, as curvas dos trilhos são todas quadradas porque foram feitas à base de macaco, que contorcia o aço e fixava o ângulo da curvatura — e não através de uma bitola.

As informações foram prestadas pelo ex-motorneiro da Companhia de Transportes Coletivos (CTC) Paulo Lopes Aguiar, demitido no início deste ano porque a empresa o considerou responsável pelo acidente com um bonde no dia 21 de dezembro de 1980, no qual morreram duas pessoas e cinquenta saíram feridas.

Paulo, que antes de trabalhar na Divisão dos Bondes da CTC já era morador antigo do bairro, conta como, na sua opinião, aconteceu o desastre:

— A roda saiu do sulco do trilho porque ele era pequeno e pouco profundo. Naquela curva (perto da 7.ª Delegacia Policial), como em todas as outras, o bonde tem que dar um solavanco porque a curvatura não é perfeita — se a curva é pra direita, o bonde vai primeiro pra esquerda e depois dobra, e vice-versa. Quando virou, já sem poder de freio, só parou no muro em frente.

Segundo Paulo, antigamente existia um funcionário da CTC responsável pela limpeza dos trilhos e um areeiro, que jogava areia nos sulcos para garantir maior adesão da roda ao aço. No acidente com o bonde que dirigia, ele diz que havia muita folhagem obstruindo os trilhos.

— O problema principal dos bondes é a falta de manutenção técnica. Dos 19 que existem, apenas 6 estão andando. Treze estão no estaleiro. Se houvesse hoje uma perícia, nenhum deles sairia das oficinas. O chefe da manutenção é um fiscal, Oliveira, que não tem conhecimento do assunto. Os mecânicos não podem fazer nada porque não mandam. Muitos vagões saem pra trafegar sem balança, que é o coração do freio, pondo em risco a vida dos passageiros.

O ex-motorneiro conta como os funcionários que informavam seus superiores sobre as condições precárias de funcionamento dos bondes eram pressionados:

— Trocar bondes era considerado tumulto, boicote ao trabalho. Uma vez, quando subia na direção da Paula Mattos, eu senti que os freios não estavam bons, mas pra subir dá porque eles são usados apenas pra evitar que o bonde desça quando o motor é desligado, o que já os desgasta um pouco. Na descida, o freio acabou, eu informei ao chefe de tráfego e pedi pra trocar. Subi, deixei o vagão na garagem, peguei outro com o qual aconteceu o mesmo: freio desajustado, desgastou-se nas paradas da subida, acabou na descida. Troquei mais duas vezes o vagão, mas recebi uma repreensão do chefe de tráfego: "Você não está a fim de trabalhar, está tumultuando o serviço". O ideal, pra eles, é que os poucos bondes em uso não parem; quem se recusa a levar passageiros nessas condições é agitador. O próprio Oliveira, chefe da manutenção, disse na minha cara, pra justificar o depoimento que fizera contra mim no inquérito interno sobre o meu acidente: "Eu tenho que puxar a brasa pra minha sardinha; não posso admitir que os bondes estejam ruins; eles estão ruins, eu digo que estão bons".

Além da falta de freio e dos trilhos quebrados, Paulo aponta outras deficiências graves no serviço de bondes:

1 — A rede aérea. Em alguns pontos, como Vista Alegre e Portinha, na saída do aqueduto da Lapa, os curto-circuitos são freqüentes, interrompendo às vezes o fornecimento de força. Há algum tempo, os moradores do Largo do Guimarães tiveram seus eletrodomésticos parados porque não havia força depois de um curto na fiação do bondinho.

2 — Insegurança de condutores e motorneiros. O funcionário que conduz o bonde trabalha em cima de uma caixa de dispositivos que recebe 450 wolts. Como os bondes não têm proteção lateral adequada, quando chove pode entrar água na tal caixa superaquecida e causar um desastre. Há dois anos o motorneiro Haroldo quase ficou cego porque a caixa explodiu.

3 — Superlotação. Os moradores mais antigos lembram, com saudade, que acertavam os relógios pelos horários dos bondes. Hoje não há mais horário, os bondes são poucos e andam superlotados. A ocupação normal, de 51 passageiros, não é respeitada, freqüentemente os bondes levam até 105 pessoas. Os passageiros não têm conforto, nem mesmo segurança.

Luiz Alberto Bettencourt

POSSEIROS PERDEM TERRA PRA BARÃO

64 famílias do sítio do Fragoso, área rural da cidade de Olinda, estão sendo ameaçadas de expulsão pelos corretores da Imobiliária Lar Empreendimentos, que quer fazer da área um loteamento para mansões. O sítio do Fragoso tem cerca de 12 quilômetros quadrados e é formado de pequenas propriedades com cultivo de frutas e legumes. Seus ocupantes são posseiros que, de comprovante de posse têm apenas um cadastramento feito pelo Incra no ano passado. Alguns estão ali há pelos menos 40 anos. Nenhum a menos de 10.

Há poucos dias chegaram em alguns sítios dois corretores chefiados por um engenheiro chamado Luciano, que começou a fazer ameaças. Conta João Batista de Mendonça, 53 anos, há 20 cultivando seu sítio no Fragoso: "O barão veio e disse que queria comprar meu sítio. Eu disse que não vendia e ele ameaçou colocar três tratores pra destruir as minhas plantações. Então, queria ver se eu não saía".

Nas terras de Augusto Felipe Santiago, 48 anos, 17 na posse de terra, o trator chegou a entrar, destruindo uns 3 mil pés de macaxeira e 42 bananeiras, de cuja safra Augusto dependia para alimentar a família. Os sítios vizinhos já estão sendo demarcados com estacas de cimento, e as famílias do sítio do Fragoso não têm muito a quem apelar.

Beth Salgueiro

PROSTITUIÇÃO DE LUXO EM S. PAULO

CAFETÃO AMERICANO TEM 40 MULHERES

Dá a impressão de ser uma coisa muito sofisticada. O anúncio colorido, convidativo, tem uma mulher nua com um champanhe na mão e promete mulheres "as mais sensuais, as mais excitantes, as mais finas". Publicado em revista que circula nos hotéis internacionais de São Paulo, o anúncio avisa que tem "acompanhantes, escorts de' alto· nivel" e, o que é mais importante, "disponíveis a qualquer hora". Para "qualquer evento ou necessidade comercial". O toque final: "hablamos español, on parle français, english spoken". Uma agência internacional mesmo. Que afirma: "nossos serviços são confidenciais, rápidos e garantidos".

Mas não é bem assim. O escritório da Cover Girl se localiza numa rua pouco tradicional — a Conselheiro Brotero, no bairro da Barra Funda — num prédio comum, sem requintes. A agência não esconde nada: na porta há uma placa. De qualquer modo, a secretária responde à campainha, primeiro olhando a cara do freguês pelo olho mágico.

Para todos os efeitos, a secretária deveria ser bilíngüe. Mas se atrapalha quando o cliente fala em inglês. E chama logo o "patrão", que se apresenta como Mr. Tony, norte-americano, 45 anos.

Ele introduz o candidato a uma sala confortável, onde vai exibir, num aparelho de tevê, o mostruário de mulheres de que dispõe. Ao entrar na sala, ninguém mais fala em mulheres "para eventos" ou "fins comerciais". Fica claro que é mulher para transa.

Diz Mr. Tony que dispõe de umas 40 mulheres. Mas, se o freguês se interessa pela que posou para o anúncio, ele desconversa:

— Está viajando. Foi pra Colômbia.

A exibição dos video-tapes dura uma hora. As mulheres aparecem sozinhas, a maioria vestida, outras com, no máximo, o busto de fora. Algumas cenas são mais íntimas, um **close** do traseiro, por exemplo. Mr. Tony vai dando os detalhes de cada mulher:

— Esta serve pra dar umas voltas também, pois se veste muito bem e tem uma cabeça muito boa. Mas só está disponível depois das 4 da tarde. Trabalha no Forum, como secretária.

— Esta outra (diz que tem 18 anos, mas parece 15) serve apenas pra levar pra cama; tem corpo perfeito, mas não coordena duas frases.

E por aí vai. Mr. Tony garante que a agência não trabalha com prostitutas, e sim com moças de família que trabalham e estudam — o que as imagens dos filmes não confirmam. Também faz questão de dizer que a agência está perfeitamente dentro das leis brasileiras:

— Só trabalhamos com meninas de mais de 18 anos, única condição exigida no Brasil para as garotas trabalharem à noite e freqüentarem hotéis.

Como se vê, apenas 8 anos de Brasil bastaram para Tony captar o espírito dasleis brasileiras. Ele acha que está fazendo um bem às moças porque, "no emprego delas, elas não ganham num mês o que podem ganhar aqui num dia". Por falar nisso, chega a hora de falar nos preços. Ele os escreve nas costas de um cartão de visitas: três horas — Cr$ 7 mil; seis horas — Cr$ 10 mil; a noite toda — Cr$ 15 mil; viagens — Cr$ 15 mil por dia. Ele não diz o quanto fica para as moças:

— Depende de cada uma. Depois que adquirem experiência, podem ganhar o que quiserem, pois os fregueses dão caixinha por fora.

Rinaldo Campos de Oliveira

A boazuda do anúncio funciona como isca. "Foi pra Colômbia", diz Mr. Tony

Arquivo REPORTER

Maluf deu 24 horas para apurar crime contra Campos. Já passou um mês e... nada

Embaixador foi esfaqueado em festa de embalo

Passado menos de um mês do dia em que o embaixador Roberto Campos foi esfaqueado em São Paulo, 28 de abril, nada parece mais distante da realidade do que a versão oficial segundo a qual seu agressor é um desses assaltantes comuns, habituados a freqüentar a crônica policial Há uma outra versão, mais comprometedora, de que o embaixador teria sido esfaqueado por um garotão numa festinha de embalo organizada no apartamento do deputado federal João Paulo Arruda, do PDS, localizado na avenida 9 de Julho, bem em frente ao Hospital Iguatemi, onde a vítima ficou internada

Sem querer entrar em detalhes, o delegado Romeu Tuma, diretor do Deops, confirmou a versão da festinha para jornalistas, só que atribuindo as facadas a dois autores diferentes: numa oportunidade, incriminou Marisa Tupinambá, funcionária da embaixada brasileira em Londres onde trabalha Roberto Campos, mais tarde, o mesmo Romeu Tuma revelou, com pedido de que nada fosse publicado, que o autor do crime fora um garotão

Verdadeiras ou não as afirmações do delegado, o fato é que ele ainda mostrou a jornalistas uma lista com os nomes de alguns participantes da festa, entre os quais se destacam o humorista Jô Soares, Bartoldo Salum assessor da diretoria da Telesp (Telecomunicações de São Paulo), o pianista João Carlos Martins, Marisa Tupinambá e um tal de Salzano, que a polícia ainda não identificou

É uma versão totalmente diferente da que circulou logo após a internação do embaixador Ou seja: ele teria sido esfaqueado às 20h30m, na avenida São Luís, na companhia de seu primo Márcio Campos Quem se apressou a transmitir tal versão aos jornais sintomaticamente, foi um ex assessor do embaixador, Alberto Tammer, atualmente trabalhando como editorialista do jornal **O Estado de S. Paulo**. Aí talvez esteja a primeira contradição por que o embaixador, ferido na avenida São Luís, teria sido levado para um hospital na avenida 9 de Julho, distante cerca de 40 minutos de carro quando há outros hospitais no Centro? Além disso, o crime teria ocorrido às 20h30m, mas o prontuário do hospital só registra a internação do embaixador após as 22 horas

Independente das circunstâncias em que Roberto Campos foi efetivamente esfaqueado, o fato é que algumas das pessoas relacionadas na lista do delegado Tuma freqüentaram assiduamente o hospital onde ele ficou internado. Exemplos Bertoldo Salum, que se apresentou como amigo da família Campos; o pianista João Carlos Martins, que alegava estar tocando no Teatro Municipal do Rio na noite do incidente, e Jô Soares Sobre este último personagem, há informações da polícia de que teria sido ferido com uma facada nas costas Jô Soares limitou se a informar que no momento do incidente ele se encontrava gravando um programa de TV na Globo Reforçou seu argumento com a presença de um guarda costas, que chegou a dar alguns safanões num fotógrafo que tentava registrar a presença do humorista no hospital Irritado, o segurança ainda abriu a braguilha para mostrar o pênis e disse "Fotografem isso"

Segundo a polícia, há um personagem que pode esclarecer bem toda a história é o motorista do hospital que fez a remoção de Campos, sr. Otávio Assustado, Otávio vive fugindo dos jornalistas e pede às recepcionistas para informar erradamente seu horário de serviço Os médicos também não falam Alguns apenas esclarecem um fato. Campos foi golpeado com uma peixeira na altura do abdôme, e não com uma faca, como se divulgou originalmente No mais, não há nada que esclareça com exatidão o incidente que envolveu Roberto Campos. Detalhe: a polícia até hoje não descobriu seu agressor, embora o governador Paulo Maluf tenha sido bem taxativo, fixando em 24 horas o prazo para que tudo fosse resolvido

Rivaldo Chinem

DIRETOR DECRETA FIM DA CORRUPÇÃO NO PRESÍDIO

Logo que o preso chega na Casa de Detenção de São Paulo, vai direto para a barbearia cortar o cabelo. É aí que ele é disputado pelos chamados *leões de cela* ou *xerifes*. Vendido, negociado, transado como mercadoria. No pavilhão 9, para onde vai em seguida, ele é recepcionado pelo *leão*. Se oferecer alguma resistência, poderá ser morto.

Agora foi introduzida pelo diretor da Casa, Luís Camargo Wolfman, o Luisão uma novidade: todo preso que for réu primário, sem antecedentes criminais, vai para o Pavilhão 4, que tem 238 celas individuais. São celas-fortes, com uma cama-beliche em cada uma delas

Para o Pavilhão 4 vão os que o diretor da Detenção chama de "pessoas de bem". Os primários e ocasionais, gente que deixou de pagar ação de alimento, por exemplo. Ou os viciados em tóxicos que não estavam traficando ao serem presos.

Os menores de idade também acabam no 4. Percorremos este pavilhão e encontramos alguns menores presos, embora a legislação reze que problema de menor é com a Febem. O diretor da Detenção explica:

— O garoto é flagrado roubando um carro, assaltando uma casa, e assina inquérito na delegacia. Ao chegar aqui a gente vê logo que é menor, falta barba, o menino tem traços e um ar de que é menor de idade. Então verificamos sua ficha no Departamento de Investigações Criminais (Deic) e o mandamos para fazer exame comprobatório no Instituto Médico Legal. E isolamos esse menino dos outros, senão isso aqui vira uma fábrica de bandidos.

Outra providência tomada por Luisão: ele liberou o uso do radinho de pilha. E só ter boa conduta pra ganhar esse direito. Apesar das melhorias que introduziu desde que assumiu, ele sabe que há muitas irregularidades na Casa de Detenção, e muitas delas ele fica sabendo através de cartas enviadas pelos presos (tira do bolso uma, sem assinatura, com várias denúncias, e garante que já mandou investigar) Mas ele não confia em todas as informações que os detentos lhe trazem:

Aqui, o mais trouxa tira a pinta da onça com benzina

A enorme quantidade de material apreendido nas camas, tais como facas, espadas, estiletes e até uma destilaria — os presos faziam uma bebida de nome *Maria Louca*, com fermentação de arroz ou laranja, que dizem ser tão forte que dava pra subir pelas paredes — reforça essa idéia do diretor da Detenção com relação aos detentos

Ele não confia, também, nos funcionários da cadeia. Conta que mandou abrir 70 inquéritos por tráfico de entorpecentes desde que assumiu o cargo há 7 meses, a maioria com funcionários seus envolvidos

Digo para eles que não vim desenterrar defuntos, mas os previno de que quem comprou fazenda, quem comprou sítio, quem comprou chácara, que se satisfaça com isso. Agora já não vai ter mais. Até diretores eu coloquei para fora

Luisão atribui a esses funcionários punidos por ele as manifestações de desagrado feitas por familiares de presos depois da tentativa de fuga ocorrida no Dia das Mães, na qual um preso foi morto. O problema maior, entretanto, é a superlotação da Casa de Detenção, que piora muito a triste vida de cada presidiário.

Rivaldo Chinem

Cardápio de presidiário é alimento para as fugas

O cardápio acima é o seguido pelo Desipe na hora de preparar o rango dos presidiários do Rio de Janeiro. Quem vê assim, até pode achar que os detentos comem mais ou menos. Mas se o arroz normalmente chega bichado, se o feijão é duro de quebrar dente e, depois de frio, de preto vira branco tanta é a gordura, se a carne é pouca e cheira mal, a galinha é nenhuma e a linguiça parece de petróleo, o estômago chega a embrulhar.

A péssima alimentação servida nos presídios cariocas, aliada aos maus tratos, superlotação das celas, falta quase completa de higiene e o fato de que o preso não está lá pra fazer graça, acabam aumentando o índice de criminalidade dentro das penitenciárias e cadeias, e ajuda o sujeito a sonhar com a fuga. Aqui fora, depois de um furto qualquer, ele pode pelo menos comer um bom bife com fritas.

O novo secretário de Segurança do Rio, general Waldyr Muniz, logo que ocupou o cargo formou uma comissão encarregada de estudar uma maneira de melhorar a alimentação dos presidiários e, além disso, abriu a possibilidade de as delegacias comprarem a comida dos detentos em bares próximos ou de empresas especializadas. Se der certo a idéia, pode ser que os 3 mil detidos em delegacias passem a fazer três refeições diárias, porque hoje só janta quem guarda o resto do almoço e tem sorte da comida não estragar. Ou, então, quem tem dinheiro suficiente para pedir ao carcereiro que mande comprar na rua, o que faz o custo de vida subir muito para o preso. Tem que pagar o serviço do policial e de quem ele mandar às compras. Quer dizer, qualquer coisa passa a custar pelo menos o dobro. Mesmo quando familiares levam qualquer alimento para melhorar a ração do pobre que está detido têm que pingar na caixinha da delegacia, porque os regulamentos proíbem visitas. Elas, em geral, são feitas depois das 18 horas, quando já se retirou o delegado titular. Aí é normal se ver extensas filas na porta das DPs, formadas por pessoas com sacos de biscoito, cigarros, leite em pó, todas a mendigar a boa vontade dos policiais de plantão.

Por essas e muitas outras é que, só este ano, já fugiram 128 detidos das delegacias cariocas, enquanto outros 20 foram agarrados na correria para a liberdade.

Aroldo Machado

Detetive particular briga pela profissão

Foto de Valdenir Benedetti

J. Amaral lidera detetives paulistas

A polícia atua através de caguetes, faz pouca campana, age montada no poder que tem. Já nós, detetives particulares, nada temos a não ser nossa habilidade, nossa perspicácia, nosso sigilo. Sobretudo, muita discrição em tudo.

J. Amaral é o líder dos detetives particulares de São Paulo, fundador da associação de classe, um dos maiores batalhadores pela regulamentação da profissão, cujo projeto de lei está no Senado desde 1972. Amaral só não concorda com dois artigos colocados no projeto através de emendas: "Um diz que todo policial aposentado poderá exercer nossa profissão, e outro que as Secretarias de Segurança poderão cassar a licença dos detetives".

A oposição aos dois artigos revela um certo conflito que existe entre os policiais e os detetives particulares. J. Amaral conta que, ao se decidir a entrar no ramo, em 1975, colocou anúncio nos jornais oferecendo serviços de detetive. "Pra que", diz ele. "Todos os colegas vinham e me aconselhavam a anunciar ***investigações confidenciais****, pois, segundo eles, o Doops não tardaria a me procurar por causa da palavra* ***detetive****.*

No ano seguinte, quando já articulava a associação e escrevia seu estatuto, J. Amaral foi convidado pelo Deops para responder a uma sindicância.

"O argumento deles é que detetive é coisa de filme, de literatura, algo que não existe na verdade. E passaram a me acusar de reunir desocupados e marginais em meu escritório.

J. Amaral hoje firmou conceito na praça, mas reconhece que só deve haver em São Paulo uns 10 detetives confiáveis. "Muita gente acha que basta ter uma carteirinha de detetive pra entrar de graça nos cinemas ou se passar por policial." Ele diz que esses profissionais se formaram em escolas sem qualificação, "infelizmente a maioria, hoje em dia".

Segundo Amaral, a receita para ser detetive particular é a paciência. "É necessário muita perseverança, pois quem não cansa de ficar dez, doze horas observando, por exemplo, um carro numa esquina? É preciso também ter bons reflexos, iniciativa própria, bom papo e relacionamento com profissionais das áreas de psicologia, engenharia, direito, química, sempre necessários em muitas investigações." Amaral afirma que a primeira coisa a colocar sob controle de um suspeito é seu telefone, e que o detetive deve manter uma conduta profissional irreparável. "Dizem que há detetives que fazem acordo com as pessoas que eles estão investigando para nada revelar ao cliente. Não sei se isso existe, mas posso garantir que é crime."

Ameaças, Amaral afirma que recebe muitas, de morte, inclusive. "Só que já nem ligo, porque entendo que se alguém quiser me matar não vai avisar, porque aí eu me preparo."

Rivaldo Chinem

UMA COLUNA DE POLÍCIA

SIRENES & CAMBURÕES

Aroldo Machado

Insucesso da polícia é causado por desativação

O reaparelhamento da polícia não pode ser feito somente com a aquisição de novas armas e carros velozes. O mais importante foi, até hoje, esquecido por aqueles que se propuseram a baixar o índice de criminalidade. Trata-se do arquivo datiloscópico do Instituto Félix Pacheco, onde o autor de um crime só tem seu nome revelado caso o perito consiga recolher no local as impressões digitais de seus dez dedos, o que jamais ocorreu.

O arquivo monodatilar, o mais importante para a descoberta de um criminoso, está desativado há vários anos. Para identificar-se o autor de um crime que tenha deixado somente a impressão digital de um de seus dedos, é necessário que se tenha um suspeito. Desta forma, sua digital é recolhida e confrontada com a do local do crime. Foi o que ocorreu com José Carlos Ferrão, acusado da morte de Maria Inês Chermont Rayol, cujo corpo foi encontrado, em 1977, enterrado na praia de Grumari. O Passat de Maria Inês foi abandonado na Tijuca e, em seu espelho retrovisor, os peritos recolheram uma impressão digital. José Carlos, amante da mulher e apontado como suspeito, teve sua digital comparada com a recolhida no automóvel. Para os policiais que trabalham na Delegacia de Homicídios, caso o arquivo monodatilar do IFP estivesse em funcionamento, grande parte dos 6 mil inquéritos que lá estão se arrastando poderiam ser solucionados.

Hoje, ninguém quer ser testemunha de um crime. Todos sabem os aborrecimentos e as despesas que isso implicará. Primeiro é o comparecimento na delegacia para a feitura do registro de ocorrência. Dias depois, quando a testemunha acredita que o caso está esquecido, é chamada para prestar depoimento. Geralmente permanece de pé na DP várias horas, aguardando o policial atendê-la, ou mesmo que ele chegue para trabalhar. Isso, quando não tem que voltar outra hora porque não há escrivão para tomar o depoimento. Passados alguns dias, a testemunha se assusta ao ver em sua porta um **camburão**.

Depois de uns seis meses, a testemunha é surpreendida com um "convite" para comparecer à Delegacia de Homicídios, no Centro. Lá, ela conta tudo de novo; responde às mesmas perguntas e, na maioria das vezes, é ameaçada de ser colocada no xadrez ou de espancamento, porque os policiais acham que "ela está mentindo, escondendo detalhes, etc". Dois meses depois, ao ser novamente "convidada" para ir à Delegacia de Homicídios, a testemunha recebe um ofício para comparecer ao Departamento Geral de Polícia Civil, onde deverá fornecer elementos para a confecção de outro retrato-falado.

Passada a fase policial, a testemunha passa a ser chamada em juízo, onde é obrigada a comparecer e contar novamente tudo o que já dissera aos policiais; isto, quando o criminoso é preso e depois de ter que reconhecê-lo cara a cara. Além disso, durante o julgamento, ela é bombardeada com perguntas, muitas vezes capciosas, feitas pelos advogados de defesa. Por outro lado, existem outros métodos, muito usados pela polícia carioca, para levar alguém ao banco dos réus, como autor de um crime: trata-se das torturas. Pau-de-arara, esticador, choques elétricos, afogamento, são os métodos mais utilizados para se obter a "confissão" do suposto criminoso, que somente escapará da cadeia se tiver dinheiro e um bom advogado.

O grande interesse dos policiais pela prisão cautelar é que eles preferem prender para investigar do que investigar para prender, como ocorre nos países mais desenvolvidos. No Rio, como em São Paulo, a polícia prende uma pessoa que é levada para a delegacia. Lá ela é espancada e torturada para "confessar seus crimes". Tudo gira de acordo com a vontade dos policiais. O preso, muitas vezes um operário sem a carteira assinada, é indiciado como autor de assaltos ou furtos, encontrados às centenas nas DPs, sem qualquer solução.

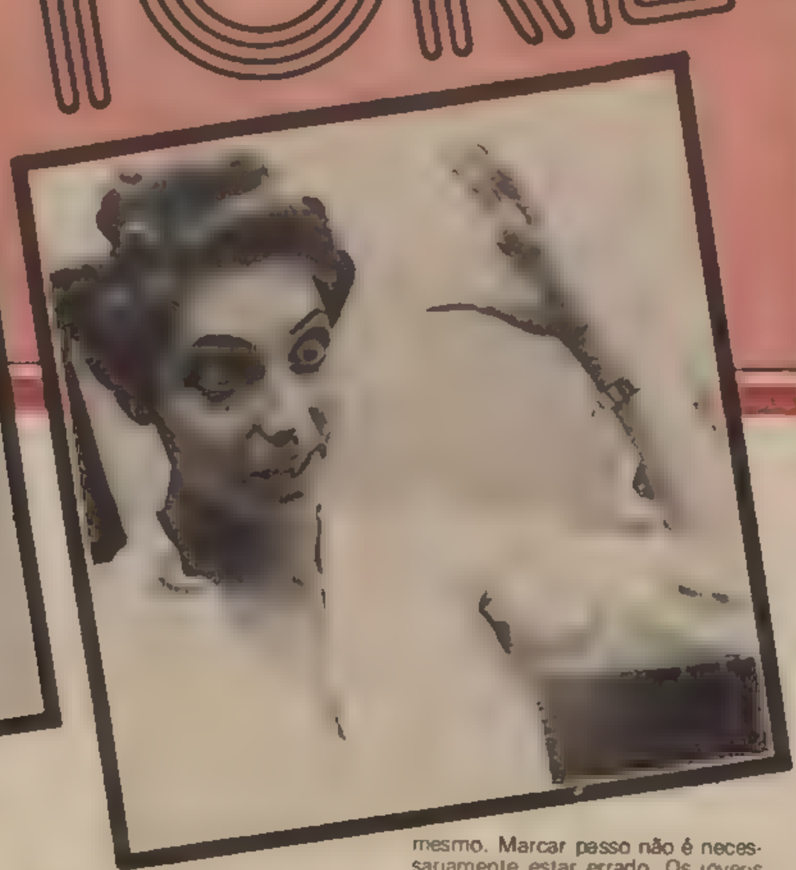
REPORTER ENTREVISTA

Eu sou uma mulher sensual!

É boêmia, mas gosta das manhãs, as de maio, principalmente É séria, mas não é formal, é arrojada, mas não é tiete, nunca foi porra louca Arrisca, paga pra ver, mas tem confiança no seu cacife É profissional, mas é rebelde, acredita que decide seus caminhos Nem amizade colorida, nem morar junto com o namorado, a saída é o novo casamento, o amor cotidiano, cada um tendo o seu canto É mãe há dois anos, mas agora é que conseguiu chegar a ser solteira Diz que nos últimos anos quando não puderam falar os jovens da classe média criaram uma nova moral burguesa Houve uma revolução de costumes a partir da nova posição da mulher Ela é mais livre, escolhe com quem dorme e com quem mora Se coloca na sociedade como se coloca na cama Ela não quer ser um símbolo sexual, mas acha que se tornou uma mulher sensual, forte diante do homem A revista **Status** a elegeu mulher 81 e pagou 1 milhão pra que ela posasse nua e desse entrevista A nossos leitores, ela falou de graça

CRISTIANE TORLONI

Entrevista a Luiz Alberto Bettencourt
Fotos de Chiquito Chaves



Signo?

Aquário

Ascendente?

Touro

Qual a parte do corpo do homem que você mais gosta?

As costas, depois os quadris, o ombro, a nuca A parte de trás, talvez porque sejam as partes em que eu sou mais sensível Quando o meu acupunturista massageia a parte de trás das pernas, eu grito pulo Minha sensibilidade está toda aí

Tem superstições?

Quem não tem? Mas nada de específico; aquelas de todo brasileiro, tipo mau olhado.

Qual o seu santo de cabeça?

Oxum, eu acho.

Cor preferida

Azul

Você gosta da noite?

Eu sou uma boêmia inveterada

Você sai todas as noites, mesmo quando está cansada?

Eu gosto das madrugadas Do final de noite num bar

Você gosta mais de noite do que [illegible]

– Eu gosto de horas do dia, das manhãs, por exemplo. Agora, em maio, elas são incríveis Às vezes eu não durmo pra não perder a manhã

O seu dia é organizado?

– Não Mas às vezes eu tenho compromissos marcados por 1 mês, a semana começa e já acabou porque está tudo determinado Isso me agonia; se eu tivesse que enfrentar a rotina de um escritório todo dia, acho que morreria A Globo me propõe uma coisa livre, não trabalho todo dia A única coisa certa é o teatro e aí é até bom Eu não precisaria ficar aqui uma hora me maquilando, mas gosto, é um momento meu, tranquilo no meio de tanta agitação Quando eu não gravo pela manhã – quando gravo, o dia tá perdido – e não fui dormir muito tarde, acordo, leio jornal, telefono pra quem preciso, coisas de trabalho, de amigos Meus amigos às vezes me telefonam às 2 da manhã porque é a única hora pra me encontrar

Até 79/80, você, nas novelas, era menina, moça; de repente virou mulher. Mudou você ou a proposta da Globo para o seu trabalho?

– Você quer saber se eu fui produzida?

Se a mudança foi sua ou dos interesses da televisão

Foi minha Em 79 eu fui mãe,e essa posição muda tudo. Agora sou mãe dos meus filhos, amiga dos meus amigos, mulher do meu homem. Se quiser ser maternal com meu namorado, é opção, não confusão – e isso tudo reflete na hora no meu trabalho. Dois meses depois do parto, fui fazer teatro pela primeira vez; nunca tinha subido num palco, isso em 79 Conheci Marília Pera, mulher incrível, uma presença forte pra mim. Foi bom porque eu tava com a estrutura abalada, o vulcão precisava de trabalho Em janeiro de 80 fiz cinema, **Ariela**, homossexual Outra porrada; afinal – o que há de mal nisso? – eu era uma menina, cria da Globo, bochechuda, de quem a maternidade tirou os medos Medo é de parir, depois você peita qualquer coisa E foi assim fiz a **Ariela**, me separei do Denis (Denis Carvalho, ator e diretor), passei sete semanas filmando o **Beijo no Asfalto**, com Bruno Barreto, fiz o **Das Tripas Coração**, da Ana Carolina e, ao mesmo tempo, fazia a novela **Chega Mais**, que foram seis meses de gravação

Ter feito uma homossexual mexeu com você?

– Ter aceito fazer mostra que eu queria me jogar mais Quando você representa, aparece uma série de coisas que você não conhece e a personagem desperta em você A gente brinca com isso

Você diz isso por ter feito psicanálise?

Talvez Todo o meu processo de trabalho é sustentado pela psicanálise Logo depois de ter meus filhos (os gêmeos Leonardo e Guilherme, hoje com dois anos eu voltei pra análise, que já tinha feito entre 77 e 79 Muito assim sou da direita ou da esquerda? Não só no sentido de saber se era comunista ou fascista, PMDB ou PT, mas querendo saber como ia encaminhar meu trabalho. A serviço de quem sou famosa? Pra quem estou falando e trabalhando? Hoje eu faço uma proposta de direita,mas quero saber que é de direita Quando você se peita, você peita as coisas No início do ano, eu estava vivendo três personagens ao mesmo tempo E sustentei a homossexual da **Ariela**, a filiada da Tradição, Família e Propriedade do **Beijo no Asfalto** e a cocadinha da **Chega Mais**. Foi um mergulho profundo, um caminho sem volta desde que eu pari – e todas as minhas mudanças estão indicadas no meu trabalho

Trabalhar na Globo muda a sua vida, horários, atitudes?

– Esse é um problema difícil Eu não sou **free-lance**, sou contratada Quase tudo que faço tenho que pedir licença à Globo Um filme, uma peça; eu sou cedida Aqui mesmo (no teatro), quando eu tenho que apresentar o Festival da MPB, não tem espetáculo Isso mostra bem como são as coisas Agora, quanto à empolgação pelo sucesso, não me atinge muito, não. Eu nasci no meio de grandes estrelas, Tonia Carrero, Fernanda Montenegro Paulo Autran, nunca mitifiquei ninguém, não fico besta pelo sucesso, não me mitifico Mesmo porque os mitos – veja o caso de John Lennon – estão sendo mortos Uma vez cheguei a pensar quero ser a Fernanda Montenegro, mas entendi que, assim, estaria, desde o início, matando a Cristiane O cara pensa em ser alguém, apaga suas verdadeiras possibilidades, vai lá e mata o responsável por isso Eu tenho uma relação absolutamente profissional com a Globo, é claro que minha vida gira em torno dela porque ela não tem horários certos e eu fico à disposição Aliás ela deveria me remunerar por isso

Quando você faz, digamos, uma virgem na novela das 8 e uma homossexual no cinema, a Globo não reclama da confusão de imagens para o público?

– No contrato existe uma cláusula sobre isso. Não podemos usar um personagem num comercial e você tem que tomar cuidado pra não confundir a opinião pública com isso Mas isso é estranho porque, ao mesmo tempo, eu sou uma pessoa livre, não posso me patrulhar com essas restrições Eu nunca fui à Globo perguntar se podia fazer **Ariela**. Eu fui fazer, porra Eu sou séria, nunca fui tiete, não brinco com trabalho Minhas coisas de brincadeira, criança, estão em outro lugar, não na coisa profissional A minha experiência, maturidade como atriz, acaba favorecendo a Globo Eu não me preocupo mais com a exclusividade, não penso mais nisso A própria estação me põe em novela, fazendo um tipo de papel, me oferece o papel de mulher sensual no **Amizade Colorida**, me convida pra apresentar [illegible]

Você acha que a Globo prepara você pra ser um símbolo sexual?

– Toda empresa pode querer fazer isso Aí teriam que me dar um grande papel, produzir Mas se eu for uma babaca, uma sem sal, elas nunca conseguirão isso

Mas a proposta da empresa em relação ao seu trabalho é essa?

– Não, nunca houve uma coisa assim, proposta formal Mas acho que ninguém consegue transformar alguém,e eu não quero ser transformada em símbolo Eu acho que me tornei uma mulher sensual Isso foi uma coisa minha, que se reflete no trabalho,e a Globo vai aproveitar de alguma forma com a qual eu não estou preocupada porque é um problema dela A não ser que isso me castre, me rotule Por exemplo, quando fui falar com o Bruno Barreto, convidada pra fazer a Selminha do **Beijo no Asfalto**, a primeira coisa que ele me disse foi não, você é muito bonita, não pode fazer a Selminha Eu reagi, pedi um teste e fiz o papel Claro, eu estava fazendo a novela **Chega Mais**, cabelinho **punk**; virar mulher conservadora de subúrbio não é fácil Mas não tinha nada a ver

A Globo tem análises de mercado para seus principais atores. O que está envelhecendo, a que tem que subir, o galã que mais emociona. Como é isso?

– Em relação a mim, não sinto Isso existe para os primeiros nomes, eles têm que ser tiros certos, não podem errar. Quando fiz a Gina, puxando o elenco, havia uma coisa maciça pra fixar a imagem dela como tinha que ser Mas eu me sinto um pouco alternativa na Globo Não é coisa infantil, assim não quero fazer parte desse jogo! Tem um lado meu rebelde, ao lado do profissional Eu julgo que estou me transformando e que qualquer coisa que eu faça será filha disso Não sinto também uma proposta definida da Globo, como houve com a Sandra Bréa esta será Sandra Bréa! E ela, que tinha começado em novelas com muito talento no **Bem Amado**, virou estrela de **show** e não conseguiu voltar A produção impediu que o talento dela se estendesse de outras formas

Como é vista a Globo entre os atores?

Os que estão lá, tentam transar a empresa, buscando melhores condições de trabalho A Globo é uma empresa muito legal em muitos aspectos Tive meus filhos numa maternidade que ela ofereceu Tenho muito apoio, nunca deixaram de pagar 1 dia de trabalho, pagam [illegible] dia Tem outras sacanagens, [illegible]s que também existem no cinema e no teatro Os que estão de fora falam mal, é claro Quem está fora de um sistema quer entrar pra modificá-lo ou desfrutá-lo O problema é que a Globo é o único mercado de trabalho para ator no Rio Para quem não está lá, é tenebroso

Tem patotinha, panelinha, espírito de corpo?

– E me diga onde é que não tem! De uns 2 anos para cá houve muita mudança na Globo e, se havia panelinhas, elas foram desmembradas porque acabaram os núcleos específicos onde pessoas mandavam. Nenhuma empresa gosta de grupos fortes, coisas polarizadas [illegible]núcleos agora têm outra subordinação Eu sou de novela, faço **show**, senado, tenho trânsito – e vejo outros atores também assim, o que não existiria se houvesse grupinho E claro que existem diretores que só trabalham com certos atores, mas, como os atores mudam de núcleo, eles têm que mudar de atores

Você escolhe pra quem trabalha com critérios políticos ou profissionais?

Profissionais E não poderiam ser políticos porque nós estamos no Brasil e você tem que estar dentro do sistema pra transar com ele Estar fora, não dá Acompanhei teatro alternativo, é legal, mas acho que apita pouco, influi pouco Você tem que estar dentro das coisas, ser efetivo pra poder modificar

Você é política a partir do profis[illegible]

Meu trabalho é meu maior porta-voz Acho que um ator deve também ter o seu partido político, se acreditar nele Eu, que sou filha de classe média, frequento o Antonio's e o Hippopotamus, não entraria pro PT, seria demagogia Eu me sinto uma trabalhadora, mas não sou operária, não me visto como, não ajo como

Qual é o teu partido,então?

– O PMDB Tá mais perto

Pra tua geração, esse é o momento de falar, fazer política?

– Claro, só falando besteira é que você vai poder saber o que é certo Todos os nossos líderes foram exilados, voltaram desatualizados com o Brasil, têm que se reciclar; e a nossa juventude, que não formou lideranças, tem que retomar o fio da meada, repetir muito Eu, por exemplo, cheguei a me cansar das assembléias da PUC, no início era emocionante, os helicópteros voando, nós achando que seríamos todos **édsons luíses** (referência a Édson Luís, estudante morto pela polícia no restaurante universitário do Calabouço em 1968, no Rio); depois cansou, parecia repetição Mas acho que é isso mesmo. Marcar passo não é necessariamente estar errado Os jovens estiveram perdidos algum tempo, aí pintaram as drogas, não conseguiam ocupar um espaço na sociedade

Em que época esses problemas pintaram pra você?

Eu comecei a pensar aos 16 anos, não via muita alternativa Agora, minha situação é muito particular na minha geração Eu sou filha de artistas, tinha algo a fazer desde cedo, um trabalho ligado à arte, à polêmica, à discussão Eu nunca fui muito porra-louca. Vivi num meio no qual, mesmo a portas fechadas, sempre houve debate, informação. Poucos da minha idade (24 anos) tiveram essas oportunidades; aí foram pra droga, pro **pier**, (praia de Ipanema), pegar **surf**

Você nunca foi pro pier nem pegou surf?

Não Eu fui à luta muito mais cedo do que o pessoal da minha geração. Aos 16 anos já pensava e trabalhava. Aos 18 peguei minha mala e disse pros meus pais: vou pra Nova Iorque! Como? Perguntaram eles. Não agüento mais, estou sufocada, preciso sair do Brasil uns tempos, eu disse. Passei três meses sem fazer nada e voltei querendo fazer sociologia. Eu podia falar, queria falar, mas não sabia o que dizer

Mas você não disse que tinha informação?

Informação é uma coisa, esteio cultural é outra No meio dos políticos eu ainda me sinto burra Quem são esses nomes todos, da minha história, que eu não conheço Eu me sinto uma anta Por isso te digo que eu e minha geração procuramos nos colocar politicamente, criar novas lideranças

As atuais são muito solenes, formais, não consideram temas importantes como sexo, mulher, moral. E por isso?

Os donos da política são os mesmos há 15 anos com pequenas mudanças Embora uma massa de jovens se filie a alguns grupos de esquerda, é difícil encontrar um que tenha consciência maior do que está fazendo Você pergunta o que ele acha, ele não sabe, agora, se você pergunta sobre sexo, amizade colorida, moral, etc, ele te responde de forma clara Os jovens, que nesses anos não puderam falar, criaram novos costumes Houve uma revolução de costumes no Brasil, foi sendo formada uma nova moral burguesa, em contrapartida à moral dos homens do poder Não é só esquerda que é formal, a direita também. Hoje, a juventude é liberada, bonita, solta, fértil para o exercício político do pensamento A política tem que estar perto disso

A revolução de costumes não foi só na classe média e alta? Nas classes mais pobres não há ainda conservadorismo moral?

É verdade, há uma moral antiga que se mantém,mas eu tenho um pressentimento, uma intuição, não sei se certa as pessoas de menor renda são mais politizadas, encaram com mais seriedade sua organização porque precisam dela Partidos populares são mais fáceis de organizar. As pessoas sabem exatamente o que não querem mais Na classe média já não é assim; até os partidos têm os programas muito parecidos

Algum partido encara com mais sinceridade essas questões de costumes?

– O PT vai se ligar a questões físicas (salário, emprego, custo de vida). Acho que o PMDB vai ter que tratar de coisas como moral, sexo, mulher. Ele vai propor o quê?

Como são as relações sexuais dessa nova moral?

– A nova moral permite que você seja casada com um homem sem morar com ele e sem ser amizade colorida. Porque há diferenças entre uma relação tipo ver hoje e só aparecer daqui a 15 dias e uma transa cotidiana que não envolve morar junto, como no antigo casamento. A nova relação sexual é criada pela mulher livre, independente

A amizade colorida é a independência dela?

– É assim: de repente a mulher só dá pra quem quer – a pílula é maravilhosa – quando quer e, a partir daí, só mora com quem quer

Você não acha que está falando de duas coisas: uma, a mulher livre; outra, a organização das novas relações entre homem e mulher?

– Mas é a nova posição da mulher que é a base das novas relações, da nova moral Sair da cozinha pra máquina de escrever, pro **set** de filmagens modifica muito os costumes

Isso não é privilégio da mulher de classe média alta?

É, mas as grandes mudanças não começam pela maioria Alguém tem que começar

Você disse que os mais pobres são os mais politizados. Não são eles os mais atingidos pela falta de educação?

É claro, mas numa bola de neve isso chega até a classe média e aí é o grande bode, porque enquanto os pobres estão na merda tudo bem, nada muda porque eles sempre estiveram

A consciência do papel político do ator é coisa nova no teu meio?

– Romantismos à parte, acho que um ator conhece sua função política Até na televisão é visível isso o Jô Soares falando com o Delfim, o Chico Anísio com o Golbery. E a televisão é importante

No caso, esse político não é a favor da televisão?

– Mas também é a favor do espectador. A TV é a única verdadeira forma de comunicação de massas no Brasil, muito mais que a escola, a universidade, o teatro O cinema agora quer se organizar como empresa pra informar, mostrar o país aos brasileiros

Você é feminista que procura definir a nova mulher ou é feminista que procura uma nova relação com o homem?

– Eu não sou feminista, mas não entendo como separar as duas coisas. A maneira que eu durmo com um homem é a maneira que eu me coloco na sociedade. Você deita na cama como vai pra mesa, com a mesma disposição

Mas as amantes dos nossos pais tinham relações sexuais fortes e não sentavam na mesa com a mesma desenvoltura com que iam pra cama?

– Mas isso está mudando

Qual dos feminismos, então, é o seu?

– Se houvesse um partido feminista, eu não aceitaria muitas das suas posições. Eu, por exemplo, estou pessoalmente interessada na relação com um homem,e a forma como eu vou me relacionar com esse cara vai ditar todas as minhas outras relações. Isto é verdade Se você engole sapos na sua vida pessoal, é muito difícil dar a virada na esfera profissional

Você não declarou guerra aos homens?

– Não, acho absurdo. Esse negócio de solidão é meio relativo. Eu gosto de estar sozinha, ter o meu canto pra receber alguém, estar perto dele, o que não seria possível se eu não tivesse a minha casa

Você acha que morar separado é o casamento possível entre homem e mulher atualmente?

– A mulher durante séculos, compartilhou o que não quis Não havia direitos pra ela, as fronteiras eram ditadas pelos homens. Eu acho que estou muito mais perto do casamento tendo minha casa do que quando estava casada de fato. A (revista) **Veja** me perguntou se eu estava vivendo uma amizade colorida, eu disse que não, mas que achava do cacete Foram entrevistar

o meu namorado, Eduardo (Eduardo Mascarenhas, psicanalista), ele também disse que não. Aí eles não publicaram as respostas; só podia aparecer quem acreditasse naquilo como única forma de relação

O morar junto, com respeito aos espaços de cada um, ainda não é possível?

— O primeiro casamento que você desfaz é com seus pais, mas a gente só consegue essa separação depois de se separar do segundo casamento, que é feito com um homem

Quer dizer que são necessários três casamentos?

— Pelo menos dois pra você partir pro primeiro que seja real. Você não sai da casa dos pais e casa, você sai de um casamento e entra noutro. Quando você se separa e não volta pra casa da mãe, você encontrou um lugar pra você no mundo. Pode entrar numa relação nova

Isso, na verdade, não é dizer que você casou cedo demais?

— Não. O problema foi que eu dei uma volta pra chegar a ser solteira. Era casada com meus pais, depois com meu marido — aí já era mãe. Hoje sou mãe e solteira. Não sou mãe-solteira. Me credenciei, como mulher, a bancar uma relação com homem sem me sentir em desvantagem, como se fosse uma competição

Sua vida profissional intensa dificulta a transa com os filhos?

— Dificulta, mas eu tenho que me organizar. Horários e cabeça. Eu procuro estar com meus filhos quando estou com vontade, não apenas porque posso. Às vezes eu posso, mas não tenho vontade, quero, por exemplo, ir almoçar fora, não quero almoçar com criança. Aos dois anos, elas solicitam o tempo todo. Eu transo a minha individualidade. Logo depois que eles nasceram eu pensei: se eu não fizer o que quero agora, não faço mais. Eu não devo nada a meus filhos nem vou cobrar nada deles. Antes de fazer teatro, quando queria passar um fim-de-semana fora, deixava eles com o Denis, que é ótimo na transa nem os filhos e tudo bem. Eu não quero ser mãe e pai. Às vezes eu tenho muita saudade das crianças e aí nos encontramos com muito prazer, passamos um dia juntos, vamos à praia. Eles também não me querem o tempo todo, têm lá as brincadeiras, a vidinha deles

A empregada então é indispensável à liberação da mulher?

— Algumas amigas minhas têm problemas com isso, não podem pagar a babá, aí, em muitos casos, os homens ajudam. Muitas vezes eu achei que um amigo meu, o Fábio Barreto (irmão de Bruno Barreto, diretor) era melhor mãe que eu; ele me ensinava como trocar as fraldas de outro jeito, dava receitinhas. A mulher dele trabalhava, tinha que dividir

Num casal como esse, que vive junto, como se dividem as tarefas?

— Olha, quando eu estava casada, várias vezes propus mudar: você me dá a grana, eu faço tudo, os pagamentos, as compras, e você vai conversar com as empregadas, dizer como quer o almoço, como quer passar a camisa. Foi aí que eu descobri uma maneira ótima de fazer compras: ia ao supermercado com o gravador de fone nos ouvidos e sala do clima

Namorar o próprio analista não é, de certa forma, procurar o pai outra vez?

— Primeiro, eu não namoro o meu analista. Tenho um analista que não é o Eduardo, segundo, quando eu estava fazendo análise com ele, eu não estava namorando. Eu fazia parte de um grupo. Esta história é boa de contar. Eu comecei a namorar pessoas com quem acabava falando muito sobre o Eduardo; ele passou a ser uma figura muito importante. Aí comecei a namorar um psicanalista, achei engraçado, depois namorei um cara que tinha feito seis anos de análise com o Eduardo. Aí não precisava ser analista pra perceber a bandeira

Você preferiu o original?

— Eu disse: não estou fazendo uma transferência, estou fazendo uma substituição, e, como a análise não substitui a vida, vou sair do grupo pra entrar na vida. Não adianta, eu disse pro grupo, vir pro 23.° andar de um aquário pra discutir uma coisa que eu não estou vivendo. Quiseram discutir, eu me neguei: não quero colocar isso como abstração, é dar um tiro nisso. A análise discute sentimentos e, se você está apaixonada pelo analista, não vai discutir a paixão lá

Você não queria discutir com eles o fato de ser candidata à posse do analista, que é como eles sentiriam a coisa?

— E não haveria outra maneira de sentir. É um pai, afinal. Então seria incesto. Pra não ser, eu tinha que sair. Quando defini meu sentimento pra mim, saí angustiada; muitas coisas poderiam acontecer, inclusive perder um analista e a relação com ele não acontecer. Eu adorava fazer análise com o Eduardo, ele é um puta analista. O fato de dizer a um cara que estava apaixonada não significava que ele fosse se decidir. Seria uma onipotência filha-da-puta minha presumir isso

Você pagou pra ver?

— Como em tudo. Acho que nunca agi de outra forma. Isso me dá respeito por mim. Mas, também, o que eu tinha a perder?

E ele, teve a mesma idéia?

— Isso você deve perguntar a ele

Eu pergunto como foi o encontro.

— O Eduardo é um cara que você encontra no Antonio's, no Hippopotamus, nos lugares que ele frequenta. Ele está na vida. Quando eu fazia análise não podia chegar perto, ficava aquele embaraço. Aí nós nos encontramos, conversamos, transamos. Depois houve um processo de quebrar a figura do analista, que ele já não era mais. Eu não podia fazer análise em tempo integral. Eu pensava: ele é um homem, eu sou uma mulher

Deixar de considerá-lo sagrado foi difícil?

— É. Para cacete. E a gente pode descobrir algo assim: você vai me desculpar, Eduardo, mas era aquele lá do consultório que eu gostava. Eu tive a grata surpresa de ver que meus sentimentos apontavam na direção certa. Eu gostava daquela pessoa, atrás da poltrona, que eu não via, mas sentia. Eu sou muito intuitiva, mas vou sempre na boa. O Eduardo, que só me conhecia dali, também conheceu uma outra pessoa. Ele podia ter dito: que merda, hein, você é uma empulhação, que teatro você faz lá! Mas essa de seguir o sentimento é muito bonita

Você é competente pra tratar de você?

— Sou, mas gostaria de ser mais objetiva pra transar algumas coisas e trabalho. Agora até que consegui. Fechei um contrato com a **Status** assim, só sai se eu aprovar tudo, texto, fotos. . .

Você vai posar nua?

As fotos foram do Tripoli, que viajou há uns meses pra Nova Iorque

Quanto eles pagaram?

— Um milhão líquidos, mais uma passagem pros Estados Unidos ou Europa utilizável durante três anos

O contrato compreendia entrevista e fotos?

— E mais capa. Eu fui convidada pra ser a mulher do ano (81), e tem toda uma programação, que eu farei. Eu posei pra **Status** porque ela me ofereceu melhores condições psicológicas. A **Playboy** poderia ter pago a mesma coisa. Eu disse pro Daniel Más, da **Status**: quero isso, quero aprovar até a diagramação, tudo, escolher com quem fotografo, como fotografo, não quero me sentir violentada. De outra forma não faria, podiam procurar outra pessoa. Ele foi muito legal, topou, disse que me atenderia

Constrangeu você posar nua?

— Não, porque posei como e com quem queria. O Tripoli e eu conversamos muito antes de fazer as fotos. Eu acho ele da maior delicadeza e sensibilidade. Não teve aquele papo: agora você vai ficar de quatro! Ora, vá pra puta que o pariu que a uma altura dessa do campeonato eu não vou ficar de quatro, abrir as pernas. Não dá. Eu senti ele seguro, e eu só tinha dito o que não queria, deixei nas mãos dele. Mas aí entra um lado feminino, você sabe quando tá na frente de um homem. Eu gosto que me respeitem, mas gosto de respeitar quem sabe o que diz, de obedecer ordens quando sinto que indicam o caminho certo. O Tripoli também não tinha por que me derrubar; se eu não gostasse, não sairia — e ele foi um profissional supercriterioso. Fotografamos um dia inteiro, saí arrebentada do estúdio, e ele só deixou 9 fotos pra eu escolher. Acho que definir claramente as coisas me ajudou e acho que as pessoas têm que dizer o que ganham, isso valoriza. Quando a **Playboy** soube que eu ia posar, foi uma guerra

Você tinha recebido outros convites?

— Pelo menos oito vezes em quatro anos. Mas nunca aceitei porque estava insegura, supunha que podia comprometer minha imagem de atriz. A matéria da **Status** agora terá esse valor: saia como sair, eu estou fazendo pra mim. O público, daqui a 6 meses, não se lembra mais

Sobre minorias. O que você acha dos comunistas?

—. Não sei o que dizer. É como se me perguntassem o que eu acho da China. Nunca fui lá

E os gays?

— Essa é mais fácil. Um barato. Na verdade, não são minoria; são maioria enrustida

Homossexualismo não te choca?

— Só quando me ameaçam de morte

Já chegou a esse ponto?

Já. Depois do **Ariela** aconteceram coisas do arco da velha. Eu ando muito por aí, é fácil de chegar e as pessoas fazem confusão entre pessoa e personagem. Embora, sob certo ponto de vista, eu seja um homem: moro sozinha, sustento minha casa, transo com quem me der vontade, não tenho que dar satisfações. Isso, no início do século, era ser homem

Mas agora, no final do século, já te reconhecem como mulher?

Nem sempre. Muita gente diz que eu sou um belo sapatão. Se fosse, também não teria o menor problema porque ninguém tem nada com a qualidade da minha sexualidade. Eu só me choco com o homossexualismo quando me tocam, do tipo "vem cá, malandra", e seguram. Não vou, a minha não é essa, mas poderia ser, por que não?

Você é a favor da descriminalização da maconha?

Acho que o fumo é melhor que o cigarro. Não é papo de maconheiro muito doido, não. Cientificamente está provado que o fumo faz menos mal. Eu, de modo geral, prefiro guaraná em pó à cocaína. É mais saudável

Mas você não cheira guaraná?

— Não. Eu não gosto de me sentir anestesiada. Eu bebo legal, mas você não me encontra bêbada

A sua droga é o álcool?

— É, eu não sei. Nunca consegui me viciar em porra nenhuma. Ontem saí do MPB na maior euforia, falava pelos cotovelos, numa excitação, parecia que tinha cheirado 35 gramas de cocaína. Pra relaxar, o processo é parecido. Daqui a uma hora, depois do espetáculo, eu tomo uma caipirinha de vodka, numa boa, vendo o que estou tomando, medindo. Bola, eu tenho pavor, pânico. Ano passado eu fiz uma operação e a anestesia me chocou muito

Operação de quê?

— Plástica nos seios, vai fazer um ano. Fiquei lelézinha. Me internei no domingo à noite, operei segunda de manhã. Dormi até quarta, aí disse pro Pitangui: tenho que sair daqui, esse quarto me dá a sensação de morte, tenho que voltar pra vida. Fui pra casa, passei a pior quinta-feira da minha vida, mas na sexta já estava ensaiando. Louquinha, mas com os pés no chão

O resultado da plástica foi bom?

— Foi ótimo. É como te disse: pago pra ver. Sou uma atriz, se os peitos estão me incomodando depois de dois filhos, se ficaram enormes, eu opero, se alguma coisa me incomoda, minha cabeça, eu transo, vou ao analista. Procuro me sentir bem comigo. Se tenho uma gangrena na mão, eu vou morrer? Não. Amputo a mão

AICE Digitação -x- Programação
Centro — Sen. Dantas, 117
[illegible] 215
Ilha Gov. — Estr. do Galeão, 2500 — B — s/213

ADHEMAR ELLIOT PINTO
PSIQUIATRIA E PSICOTERAPIA
CRM 22 807
Av. Geremário Dantas, 142, sala 205 — Tel: [illegible]

BARBAS
RESTAURANTE
INFORMAL — DESCONTRAÍDO
Especialidade carne de sol — Comida brasileira
Serviço de quentinha para viagem
Rua Álvaro Ramos, [illegible] — Botafogo — Tel.: [illegible]

PASSARELA

Jorge Segundo

Eleição do Rei da Noite

Recarey passa Amaral e Deriquem é votado

Está dando o maior pé a eleição do *Rei da Noite* que esta PASSARELA vem promovendo. Cabos eleitorais se movimentam. Gente liga pra votar. Computadas três votações (a cada quinzena uma), *Ricardo Amaral* perde a dianteira para *Chico Recarey*, com uma bela diferença: 26 (Recarey) a 16. *Sérgio Cavalcanti* está com 10 votos e *Mário Prioli* com 4. Mas, na última tomada de votos, um grupo de artistas entendeu que *Rei da Noite*, hoje, não é só dono de casa noturna, que a coroa pode ser de quem badala, promove, agita, recebe. E, assim entendendo, os artistas deram de saída, 15 votos ao *Moacyr Deriquem*. *Osvaldo Sargentelli* também aparece, com 2 votos. Os votantes de hoje:

● Estão com Chico Recarey: o jornalista Édson Pinto, o *big-boss* Amílcar Moraes, os colunistas Roy Sugêr, Walter Magalhães, Fernando Moreno, Ricardo Portas, Gilberto Torres, o empresário J. Ramalhete, o diretor Maurício Sherman, os cantores Tom e Dito, o cinegrafista Maurício de Oliveira, o operador de câmera e garotão badalado da noite Afonso Henriques, as atrizes Maria Pompeu, Vanda Moreno e Ana Maria Sagres, o executivo Paulo Varelli, a produtora Luiza Blá.

● Votos para Ricardo Amaral: o advogado Ricardo Saldanha, as atrizes Isis de Oliveira e Sílvia Salgado, a produtora Marilena Curi.

● Eleitoras de Sérgio Cavalcanti: Márcio Silbert Sobrinho, as atrizes Lílian Lemmertz e Monique Lafond.

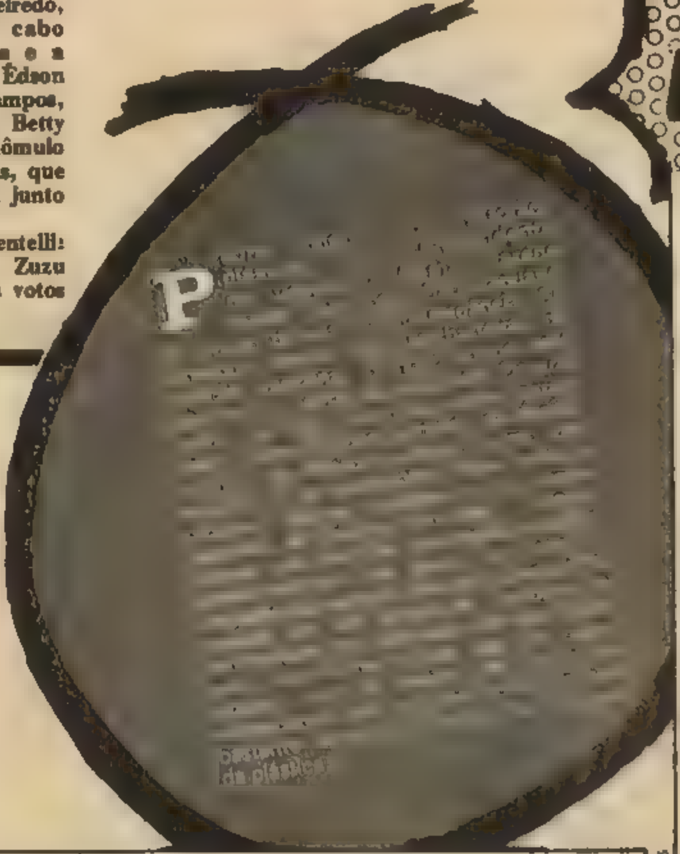
● Votos para Mário Prioli: do diretor Régis Cardoso.

● Os eleitores do Moacyr Deriquem: Reginaldo Faria, Paulo Figueiredo, Fábio Sabag (um vibrante cabo eleitoral), Reinaldo Gonzaga e a mulher dele, Lúcia Helena, Édson Silva, Osmar Prado, Cidinha Campos, Yolanda Cardoso, Eva Todor, Betty Prado, Vilma Dias, o repórter Rômulo Casali e a colunista Tetê Nahas, que puxou a votação do Deriquem junto com Sabag.

*** Votaram no Osvaldo Sargentelli: os jornalistas Sérgio Cinelli e Zuzu Vieira. Na próxima coluna, os votos dos colunáveis do soçaite.**

Bety, 40 anos, uma paixão

São os 40 anos mais alegremente festejados, os de Bety Faria. Ela os revela com uma irradiante jovialidade. Enxuta. Bonita. Inteligente. Rica. Depois do grande jantar que deu em casa, a festa continuou no jantar, este menor, preparado pelo Beto Paraíso, grande amigo da atriz. O menu: carne com chili, um delicioso prato mexicano. Mas nem só de barriga cheia e de badalações sociais vive uma bela mulher quarentona. Bety, conta-me o Moita, está apaixonada por um homem belíssimo, quase da idade dela (38 anos), riquíssimo (tem 16 empresas), desquitado e, garantem todos os amigos dele, um incurável mão aberta. Só as iniciais do charmoso apaixonado da atriz: J.M.C.R. Quem é? Quem é ele?



Tony Ramos e a esposa, Lidiane, nas extremas; no meio, Renata Fronzi e Paulo Varelli

De quem era a mão-boba?

1 Classe artística em noite fina, no **Cave aux Fromage** carioca. Quem recebia era o Moacyr Deriquem. Numa mesa enorme, alguns casais de altíssima audiência. Tony Ramos (Lidiane, a mulher dele, é muito querida) Reginaldo Faria, Reinaldo Gonzaga, Osmar Prado, Paulo Figueiredo, além de alguns solteiros, não menos famosos, como Fábio Sabag, Lady Francisco, Édson Silva e a jornalista Tetê Nahas. Além do grupo fixo, algumas pessoas, também famosas, andaram parando na estelar mesa. Depois de muitas rodadas de queijos e vinhos, uma mão-boba começou a passear por baixo da mesa. Espanto! Comentários ao pé do ouvido! O sexo da mão não é identificado logo. Maridos se previnem. Mulheres ficam apreensivas. Só se sabe mesmo é que a mão-boba deitou e rolou. Uma mão, afinal, não identificada. Ou, por precaução, não revelada.

2 O soçaite artístico esteve em grandes badalações nos últimos dias. Para ver filme em cabina especial, no Hotel Meridien, quem recebeu foi o Paulo Varelli e a Maria Emília Saldanha. Depois de assistir na tela **A Sombra de um Idolo**, um filme que começa bem, fica morno no meio e tem um final belíssimo, todo mundo foi encher a barriga. Um **buffet** caprichado. No meio da comilança, "parabéns pra você". Haroldo Botta e Fábio Massimo apagaram velinhas. É desta noite a foto.

3 – Marina Montini interrompeu as aulas de alemão com o professor José Eduardo Pinheiro e foi para Nova Iorque filmar. Uma produção alemã dirigida por Jazz Kozlowsky. O filme se passa nos Estados Unidos e na Alemanha, onde ela mora. Só em julho ela estará de volta a Berlim, para terminar as filmagens e iniciar temporada do seu **show** anual, que os alemães se babam só de pensar.

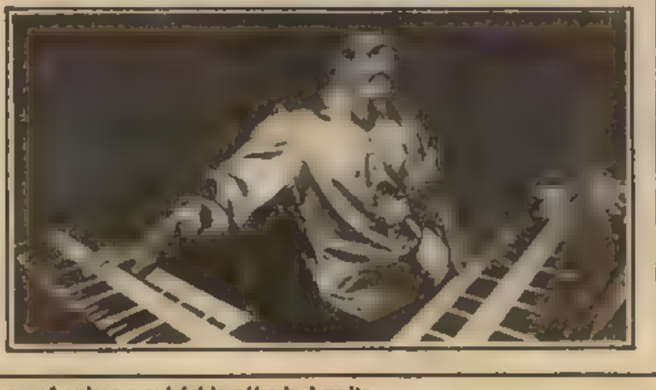


Foto: de Chiquito Chaves

Araryрê anima o subúrbio sábado à noite

Baila comigo a noite toda

Ele e sua turma são, certamente, os donos da festa. Nos grandes embalos de sábado à noite, nos bailes dos clubes do subúrbio e do interior, Ararypê e seu Conjunto são presença certa. E agora o grupo está com compacto novo na praça e preparando LP, um presente de fim de ano para quem curte Gustavo (flauta e tenor), Waldecir (piston), Ivan (bateria), Toni (baixo), Rito (guitarra), os vocalistas Wander Silva, Jorge Corrêa, Anthony e Éridan, e o próprio Ararypê, a estrela maior, no seu teclado e com seus arranjos vibrantes.

MULTIDÃO

Fim do mês, Angela Leal volta a Portugal. Pra ela, Rio-Lisboa virou ponte aérea. É o resultado da popularidade que a atriz conseguiu lá em cinco das sete novelas que a TV-Globo vendeu aos portugueses. De Lisboa, Angela voa para os Estados Unidos. Tudo boca-livre, e ainda faturando **algum** por fora. ● **"Todo imbecil escreve sobre música", garante Caetano Veloso. É o velho ímpeto do artista de desmoralizar a crítica. Sobre o show dele no Canecão, é bom que se diga: pena que tenha sido temporada tão curta; um espetáculo bonito, vivo, emocionante, que todos os imbecis que escrevem sobre música certamente gostaram.** ● Atenção para uma música classificada na segunda eliminatória do MPB-global: **No nosso é refresco**, de Accyoli Neto. Promete. Mas o que muitos esperam mesmo é a participação, como cantora, da Beth Goulart na última eliminatória do festival. Os críticos (esses imbecis!) já estão dizendo que ela é, no Brasil, um caso raro de atriz que sabe cantar. **● Camburão de Copacabana, o combativo bloco do Posto 5, agora, além do carnaval, também entrou firme no futebol de praia. E começou bem: deixou de quatro na areia o Dínamo, time do Tião Mequelé — um homem que divide a vida artística com o prazer de ver seus pupilos bailando na areia.** ● Em Juazeiro, Bahia, o brilho de uma pessoa muito querida. Sandoval Duarte Filho, que o Nordeste todo conhece como **Sanduarte**, artista plástico, advogado e professor, orgulho da Bahia. Agora, o vibrante e cativante Sanduarte em múltiplas funções, como diretor de Turismo e assessor de Imprensa da Prefeitura de Juazeiro. E manda dizer que **PASSARELA** é leitura obrigatória, dele e do prefeito, Arnaldo Vieira do Nascimento. **● A amizade colorida entre Pelé e o manequim Xuxa rendeu, para ela, um bom emprego. Pelé arranjou-lhe uma excelente boca na imobiliária em que é garoto-propaganda. Agora, os dois fazem comerciais juntos.** Além de outras cositas.

Só liberdade sexual não satisfaz a classe média

O filme Eu Te Amo, de Arnaldo Jabor, recorde de bilheteria em todas as capitais brasileiras, coloca em questão um tema pouco discutido: a crise afetiva, o desencontro e a solidão do brasileiro. Entre as muitas reflexões que suscitou, uma merece atenção especial. Trata-se da possível vinculação entre a crise das relações afetivas e a repressão política que marca o cotidiano brasileiro desde 1964.

Geralmente, os jovens ouvidos à saída do cinema fizeram essa vinculação. O estudante João Afonso, 18 anos, se identificou com o filme, dizendo saber que "está havendo esse tipo de repressão entre as pessoas porque a repressão afetiva é interessante para o sistema". O engenheiro Hélio Marcos, 27 anos, diz que "minha geração não está conseguindo se relacionar, e isto é também um problema político".

Sem querer entrar no mérito do filme, o psicanalista Eduardo Mascarenhas parte do princípio de que não é possível, sem ser simplista, traçar relações do gênero repressão política igual a repressão afetiva.

— Um sistema repressivo como o da Alemanha nazista produziu conseqüências eróticas e afetivas completamente distintas do salazarismo nos portugueses ou do franquismo nos espanhóis. E a própria democracia liberal brasileira dos anos 1946/64 produziu um clima de restrição ou repressão sobre as relações pessoais maior do que a tirania política pós-64.

Com isso, Eduardo Mascarenhas não está querendo dizer, como ele próprio faz questão de destacar, que o sistema político fechado proporciona relações afetivas abertas. Não é isso. O que ele quer deixar claro é que não há uma relação mecânica entre a situação política e as relações de afeto. No caso do Brasil, há muitos dados a considerar. Um deles é o crescente processo de industrialização, que colocou a mulher no mercado de trabalho, introduziu o uso da pílula anticoncepcional e desmoronou a antiga moral burguesa.

É claro que com o fechamento político, particularmente a partir de 1968, com o AI-5, houve muitas mudanças no país. No entanto, o fechamento político teve um efeito paradoxal sobre as relações afetivas. Fechados os grandes canais sociais de expressão e participação social, restou ao cidadão investir sobre suas relações afetivas. Somado ao grande desenvolvimento das comunicações, o resultado das mudanças que o país sofreu, tão bem retratadas por Cacá Diegues em Bye Bye Brasil, foi a liberalização das práticas sexuais, a proliferação dos motéis, o advento do sexo explícito nos teatros e nas casas noturnas. É claro que essas transformações no comportamento afetivo do brasileiro estão restritas à classe dominante; ao proletariado resta a contemplação da festa, vendo a banda passar com aqueles olhos compridos de criança numa loja de doces.

Foto de Chiquinho Chaves

Jabor discute a solidão com Sônia Braga em "Eu Te Amo"

Há ainda outro ingrediente na realidade brasileira que Eduardo Mascarenhas gosta de destacar: é o efeito da crise econômica sobre as relações de afeto.

— A classe média está se proletarizando. E isso transformou o Rio, antiga capital da cultura, da indústria, do comércio, da poesia e da beleza, numa cidade de rancores e ressentimentos contra o processo acelerado de decadência em todos os níveis. Criou-se um clima de apatia e desesperança, onde a ausência de perspectiva favorece a antropofagia que a sexualidade sem afeto proporciona. É algo que se traduz mais ou menos assim: resta comer uns aos outros rapidamente. A fome é grande e não há certeza do amanhã.

Essa fome de erotismo, que também aparece no filme Eu Te Amo, é que provocou em espectadores como Maria do Socorro, mãe de dois filhos, comentários do tipo: "O amor não é isso. Só visa o sexo. Na minha época de juventude era muito melhor. Só em pegar na mão já dava choque". Ou como o de Paulo Santos, 61 anos, aposentado: "Achei fraco. Quando era jovem havia romance, hoje tudo é sexo".

Eduardo Mascarenhas, entretanto, acha que esse consumismo erótico é mais complexo.

Liberados os costumes, a sexualidade, faminta há milênios, teria mesmo que desembestar. Já aparecem, por outro lado, sinais claros de um certo empanturramento erótico.

Nesse quadro traçado por Mascarenhas ficam muitas questões em aberto. Entre elas, a própria origem do consumismo nas relações afetivas, problema que parece tender a se tornar cada vez mais freqüente no cotidiano brasileiro, onde seguramente a maioria não chega a vivê-lo na sofisticação de Eu Te Amo, onde Vera Fischer e Sônia Braga fascinam as platéias. Talvez a resposta esteja numa frase do próprio Eduardo Mascarenhas quando insinua que a revolução dos costumes encontrou o brasileiro faminto. E este começou a comer tão apressadamente que se lambuzou todo.

Mariza Cardoso

Pesquisa de opinião revela que o carioca não é mais alegre

NÃO SOBRA TEMPO NEM PARA O AMOR

Você está satisfeito com sua vida?

A pergunta feita pelo REPORTER numa pesquisa de opinião que atingiu 579 pessoas chegou à triste conclusão de que o carioca anda muito insatisfeito, envolvido com preocupações que oscilam entre o medo do desemprego, a impotência ante o alto custo de vida e a falta de perspectiva ante o futuro.

Na grande maioria dos questionários preenchidos na pesquisa, era comum a associação direta entre a situação caótica do país e a desesperança dos cidadãos. Em Madureira, uma lavadeira, de 66 anos, escreveu num formulário: "É uma imundície. Só tem ladrão, e o maior é Delfim Netto. Ele tirou o feijão da panela do povo". Ela foi uma das dezenas de pessoas que protestaram contra o desemprego e o alto custo de vida.

No mesmo bairro, um farmacêutico, 33 anos, reclamava: "A situação do Brasil é crítica, o caos é evidente. Ou o governo encontra uma saída ou teremos guerra civil. Com tanta gente passando fome, a violência só tem que aumentar". Ainda em Madureira, um estudante, 17 anos, escrevia num dos formulários: "O Brasil está cada vez mais caro. Aqueles que não

Foto Sérgio Cardoso

Em Ipanema e Madureira, 579 pessoas foram ouvidas pela equipe do REPORTER e ninguém disse que está satisfeito com a vida.

podem, tem mais é que roubar. Se eu não tivesse dinheiro, acho que roubaria".

A pesquisa mostrou alguns dados surpreendentes. Dos 579 entrevistados, apenas 78 disseram estar satisfeitos com a vida. Mesmo assim, era comum as ressalvas quanto à insatisfação social. É o caso de uma estudante, 26 anos, de Ipanema, que se declarou satisfeita pessoalmente, mas fez esta observação no formulário: "Terror, fome e miséria formam o quadro brasileiro. A luta é para um povo conscientizado e forte. Só ele fará um Brasil melhor". Ou de uma fotógrafa, 31 anos, que também em Ipanema fez esta observação num formulário da pesquisa: "Sou uma pessoa privilegiada, mesmo assim acho difícil viver este momento. A grande maioria já está morrendo de fome. Será que há alguém que queira realmente pensar nesta maioria?". Em Madureira, um industrial, 54 anos, limitou-se a afirmar: "Não há como estar satisfeito. Falta vergonha, que é o princípio de tudo; da liberdade e da igualdade".

Outros dados: dos entrevistados, 243 se declararam sem emprego; 159 sem tempo para amar; 203 sem tempo para diversão, 436 insatisfeitos com o custo de vida e 212 criticaram a falta de perspectiva na vida. Os dados frios da pesquisa são pouco expressivos para revelar o sentimento dos que dela participaram. A verdadeira causa da insatisfações está nas observações feitas pelos entrevistados nos formulários. Disse uma professora, 27 anos:

— Como posso andar satisfeita se no meu trabalho, além das preocupações com salário e aluguel, tenho que me preocupar com as pressões da própria cúpula do setor educacional, que só pensa em prender, calar, conformar o estudante, quando educação é liberdade, diálogo e raciocínio?

Há depoimentos mais objetivos que o da professora: "Com esse sistema de exploração, infelizmente não podemos viver como seres humanos", de um estudante de 19 anos. As observações ácidas e as críticas diretas ao governo foram traço comum tanto no Campo de São Cristóvão, onde havia grande concentração de militantes de partidos de oposição, como também em Ipanema, bairro de alta classe média, ou em Madureira, bairro proletário. Quase todos os entrevistados estavam preocupados com o futuro: "Se o governo não tomar uma atitude, não sei onde vamos parar. Com o custo de vida subindo, a violência e os assaltos aumentam. O povo está sem emprego", observação de um mecânico, 40 anos, que respondeu a pesquisa em Madureira. No mesmo bairro, um desempregado, 30 anos, clamou: "Tirem esses homens do poder. Duas pestes: Delfim e Figueiredo".

Quebrando um pouco a rotina de queixas e críticas diretas ao governo, um economista, 27 anos, desempregado, disse: "Tenho tempo para amar e me divertir, mas não tenho dinheiro, nem futuro imediato. Na minha frente só vejo um funil e perspectiva zero". Em Ipanema, as queixas também se multiplicaram, com um detalhe: dos 127 entrevistados, 126 acharam o custo de vida absurdo. As perspectivas de futuro também não andam boas: 50 dos entrevistados se declararam sem perspectivas.

Mary Guarilha

Só liberdade sexual não satisfaz a classe média

O filme Eu Te Amo, de Arnaldo Jabor, recorde de bilheteria em todas as capitais brasileiras, coloca em questão um tema pouco discutido: a crise afetiva, o desencontro e a solidão do brasileiro. Entre as muitas reflexões que suscitou, uma merece atenção especial. Trata-se da possível vinculação entre a crise das relações afetivas e a repressão política que marca o cotidiano brasileiro desde 1964.

Geralmente, os jovens ouvidos à saída do cinema fizeram essa vinculação. O estudante João Alonso, 18 anos, se identificou com o filme, dizendo saber que "está havendo esse tipo de repressão entre as pessoas porque a repressão afetiva é interessante para o sistema". O engenheiro Hélio Marcos, 27 anos, diz que "minha geração não está conseguindo se relacionar, e isto é também um problema político".

Sem querer entrar no mérito do filme, o psicanalista Eduardo Mascarenhas parte do princípio de que não é possível, sem ser simplista, traçar relações do gênero repressão política igual a repressão afetiva.

Um sistema repressivo como o da Alemanha nazista produziu conseqüências eróticas e afetivas completamente distintas do salazarismo nos portugueses ou do franquismo nos espanhóis. E a própria democracia liberal brasileira dos anos 1946/64 produziu um clima de restrição ou repressão sobre as relações pessoais maior do que a tirania política pós-64.

Com isso, Eduardo Mascarenhas não está querendo dizer, como ele próprio faz questão de destacar, que o sistema político fechado proporciona relações afetivas abertas. Não é isso. O que ele quer deixar claro é que não há uma relação mecânica entre a situação política e as relações de afeto. No caso do Brasil, há muitos dados a considerar. Um deles é o crescente processo de industrialização, que colocou a mulher no mercado de trabalho, introduziu o uso da pílula anticoncepcional e desmoronou a antiga moral burguesa.

— É claro que com o fechamento político, particularmente a partir de 1968, com o AI-5, houve muitas mudanças no país. No entanto, o fechamento político teve um efeito paradoxal sobre as relações afetivas. Fechados os grandes canais sociais de expressão e participação social, restou ao cidadão investir sobre suas relações afetivas. Somado ao grande desenvolvimento das comunicações, o resultado das mudanças que o país sofreu, tão bem retratadas por Cacá Diegues em Bye Bye Brasil, foi a liberalização das práticas sexuais, a proliferação dos motéis, o advento do sexo explícito nos teatros e nas casas noturnas. É claro que essas transformações no comportamento afetivo do brasileiro estão restritas à classe dominante; ao proletariado resta a contemplação da festa, vendo a banda passar com aqueles olhos compridos de criança numa loja de doces.

Foto de Chiquito Chaves

Jabor discute a solidão com Sônia Braga em "Eu Te Amo"

Há ainda outro ingrediente na realidade brasileira que Eduardo Mascarenhas gosta de destacar: é o efeito da crise econômica sobre as relações de afeto.

— A classe média está se proletarizando. E isso transformou o Rio, antiga capital da cultura, da indústria, do comércio, da poesia e da beleza, numa cidade de rancores e ressentimentos contra o processo acelerado de decadência em todos os níveis. Criou-se um clima de apatia e desesperança, onde a ausência de perspectiva favorece a antropofagia que a sexualidade sem afeto proporciona. É algo que se traduz mais ou menos assim: resta comer uns aos outros rapidamente. A fome é grande e não há certeza do amanhã.

Essa fome de erotismo, que também aparece no filme Eu Te Amo, é que provocou em espectadores como Maria do Socorro, mãe de dois filhos, comentários do tipo: "O amor não é isso. Só visa o sexo. Na minha época de juventude era muito melhor. Só em pegar na mão já dava choque". Ou como o de Paulo Santos, 61 anos, aposentado: "Achei fraco. Quando era jovem havia romance, hoje tudo é sexo".

Eduardo Mascarenhas, entretanto, acha que esse consumismo erótico é mais complexo:

— Liberados os costumes, a sexualidade, faminta há milênios, tenta mesmo que desembestar. Já aparecem, por outro lado, sinais claros de um certo empanturramento erótico.

Nesse quadro traçado por Mascarenhas ficam muitas questões em aberto. Entre elas, a própria origem do consumismo nas relações afetivas, problema que parece tender a se tornar cada vez mais frequente no cotidiano brasileiro, onde seguramente a maioria não chega a vivê-lo na sofisticação de Eu Te Amo, onde Vera Fischer e Sônia Braga fascinam as platéias. Talvez a resposta esteja numa frase do próprio Eduardo Mascarenhas quando insinua que a revolução dos costumes encontrou o brasileiro faminto. E este começou a comer tão apressadamente que se lambuzou todo.

Mariza Cardoso

Pesquisa de opinião revela que o carioca não é mais alegre

NÃO SOBRA TEMPO NEM PARA O AMOR

Você está satisfeito com sua vida?

A pergunta feita pelo REPORTER numa pesquisa de opinião que atingiu 579 pessoas chegou à triste conclusão de que o carioca anda muito insatisfeito, envolvido com preocupações que oscilam entre o medo do desemprego, a impotência ante o alto custo de vida e a falta de perspectiva ante o futuro.

Na grande maioria dos questionários preenchidos na pesquisa, era comum a associação direta entre a situação caótica do país e a desesperança dos cidadãos. Em Madureira, uma lavadeira, de 66 anos, escreveu num formulário: "É uma imundície. Só tem ladrão, e o maior é Delfim Netto. Ele tirou o feijão da panela do povo". Ela foi uma das dezenas de pessoas que protestaram contra o desemprego e o alto custo de vida.

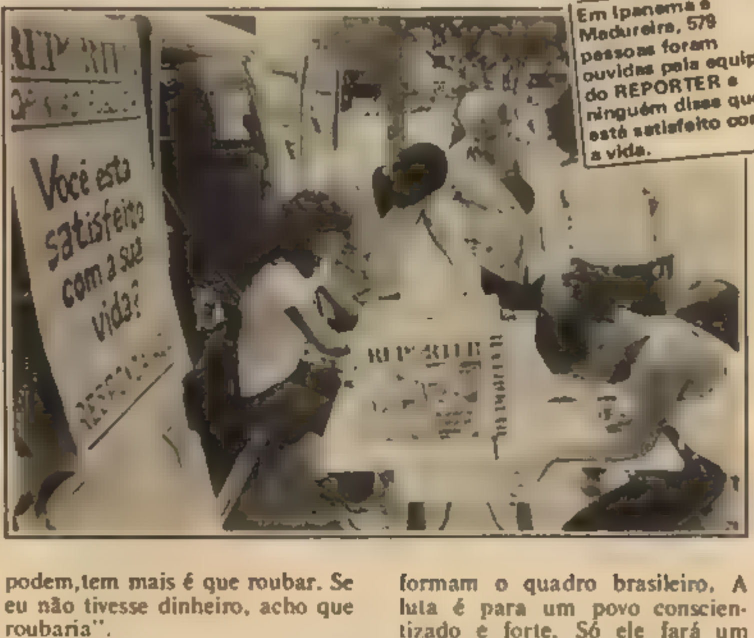


Foto Sérgio Cardoso

Em Ipanema e Madureira, 579 pessoas foram ouvidas pela equipe do REPORTER e ninguém disse que está satisfeito com a vida.

No mesmo bairro, um farmacêutico, 33 anos, reclamava: "A situação do Brasil é crítica, o caos é evidente. Ou o governo encontra uma saída ou teremos guerra civil. Com tanta gente passando fome, a violência só tem que aumentar". Ainda em Madureira, um estudante, 17 anos, escrevia num dos formulários: "O Brasil está cada vez mais caro. Aqueles que não podem,tem mais é que roubar. Se eu não tivesse dinheiro, acho que roubaria".

A pesquisa mostrou alguns dados surpreendentes. Dos 579 entrevistados, apenas 78 disseram estar satisfeitos com a vida. Mesmo assim, era comum as ressalvas quanto à insatisfação social. É o caso de uma estudante, 26 anos, de Ipanema, que se declarou satisfeita pessoalmente, mas fez esta observação no formulário: "Terror, fome e miséria formam o quadro brasileiro. A luta é para um povo conscientizado e forte. Só ele fará um Brasil melhor". Ou de uma fotógrafa, 31 anos, que também em Ipanema fez esta observação num formulário da pesquisa: "Sou uma pessoa privilegiada, mesmo assim acho difícil viver este momento. A grande maioria já está morrendo de fome. Será que há alguém que queira realmente pensar nesta maioria?". Em Madureira, um industrial, 54 anos, limitou-se a afirmar "Não há como estar satisfeito. Falta vergonha, que é o princípio de tudo: da liberdade e da igualdade".

Outros dados dos entrevistados, 243 se declararam sem emprego; 159 sem tempo para amar; 203 sem tempo para diversão; 436 insatisfeitos com o custo de vida e 212 criticaram a falta de perspectiva na vida. Os dados frios da pesquisa são pouco expressivos para revelar o sentimento dos que dela participaram. A verdadeira causa das insatisfações está nas observações feitas pelos entrevistados nos formulários. Disse uma professora, 27 anos:

— Como posso andar satisfeita se no meu trabalho, além das preocupações com salário e aluguel, tenho que me preocupar com as pressões da própria cúpula do setor educacional, que só pensa em prender, calar, conformar o estudante, quando educação é liberdade, diálogo e raciocínio?

Há depoimentos mais objetivos que o da professora: "Com esse sistema de exploração, infelizmente não podemos viver como seres humanos", de um estudante de 19 anos. As observações ácidas e as críticas diretas ao governo foram traço comum tanto no Campo de São Cristóvão, onde havia grande concentração de militantes de partidos de oposição, como também em Ipanema, bairro de alta classe média, ou em Madureira, bairro proletário. Quase todos os entrevistados estavam preocupados com o futuro: "Se o governo não tomar uma atitude, não sei onde vamos parar. Com o custo de vida subindo, a violência e os assaltos aumentam. O povo está sem emprego", observação de um mecânico, 40 anos, que respondeu a pesquisa em Madureira. No mesmo bairro, um desempregado, 30 anos, clamou: "Tirem esses homens do poder. Duas pestes: Delfim e Figueiredo".

Quebrando um pouco a rotina de queixas e críticas diretas ao governo, um economista, 27 anos, desempregado, disse: "Tenho tempo para amar e me divertir, mas não tenho dinheiro, nem futuro imediato. Na minha frente só vejo um funil e perspectiva zero". Em Ipanema, as queixas também se multiplicaram, com um detalhe: dos 127 entrevistados, 126 acharam o custo de vida absurdo. As perspectivas de futuro também não andam boas: 50 dos entrevistados se declararam sem perspectivas.

Mary Guarilha

Publicidade é bonita, mas demagógica

MÃE QUE TRABALHA NÃO PODE AMAMENTAR

Não poderia acontecer campanha de aparência mais inocente. Uma mãe bem nutrida aparece na TV e proclama os méritos da amamentação natural. Até aí, nada mais louvável. As contradições começam a aparecer quando a mãe do filmete da propaganda do governo fixa o prazo de amamentação: seis meses. Como amamentar por período tão longo se as licenças concedidas pelo próprio governo para mães que trabalham não chegam a três meses?

— A campanha é tão bonita quanto incoerente — condena a química Ana Craveiro, 30 anos. Na opinião dela, a legislação brasileira, no que diz respeito à assistência da criança nos primeiros dias de vida, é completamente estranha à realidade. A começar pelas creches que as empresas não providenciam, embora sejam obrigadas por lei.

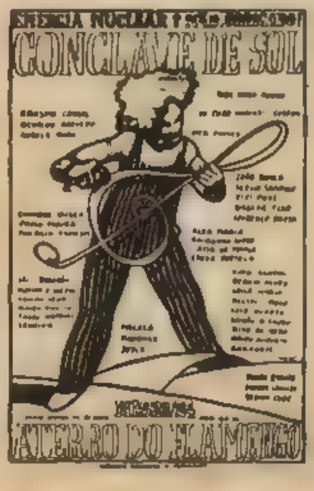
Tal situação cria geralmente pânico para as mães quando termina a licença concedida por lei, após o parto. E quem leva a pior, geralmente, é a criança. Teresa dos Santos, 27 anos, desenhista, quando teve que voltar a trabalhar foi obrigada a mudar tão radicalmente a alimentação do bebê que este teve problemas de metabolismo. Aí ela teve que mudar os horários de almoço para cuidar da criança e, mais uma vez, teve problemas: a empresa resistiu à idéia.

Vários sindicatos têm tentado ampliar o prazo de amamentação. Na maioria dos casos, a reivindicação é de seis meses, período considerado ainda conservador se levado em consideração que num país como a Polônia, por exemplo, a licença é de um ano. Como se não bastassem as limitações de ordem legal, há ainda um outro ingrediente que prejudica a amamentação natural: é o verdadeiro bombardeio de propaganda exaltando a alimentação artificial. A Nestlé é uma das mais ativas defensoras desse tipo de alimentação. Não podia ser diferente: é uma das empresas que mais lucra com a venda de alimentos para crianças.

Tudo isso ocorre numa época em que naturalistas proclamam as miraculosas vantagens dos alimentos naturais. No caso de recém-nascidos, a alimentação natural é decisiva para suas condições de saúde. Isto porque só o leite humano fornece anticorpos em quantidade suficiente para tornar a criança resistente a infecções. Além disso, o leite materno é mais facilmente digerido. Psicologicamente, a amamentação natural tem também suas vantagens: fortalece os laços de mãe e filho, já que ambos passam a conviver mais tempo juntos. Nada disso parece ter sido considerado pelos autores da campanha de amamentação, que acabou se transformando numa mensagem vazia. Esteticamente é bonita, mas na prática é completamente inviável, porque ninguém consegue licença de seis meses.

Mary Guarilha

Diga não à Energia Nuclear. Participe do CONCLAVE DE SOL, no Aterro do Flamengo, dias 23 e 24 de maio (sábado e domingo), em frente ao Hotel Glória. Lá estarão reunidos artistas e ecologistas com o objetivo de despertar a população para a utilização das chamadas Energias Alternativas. Além de exposição de materiais e debates, haverá apresentação de diversos músicos e cantores, como Erasmo Carlos, Eduardo Dusek, Angela Ro-Ro, Zizi Possi, Raimundo Sodré, Paulo Moura, João Bosco, Elza Maria, Geraldo Azevedo, Joyce e muitos outros. SEJA ATIVO HOJE PARA NÃO FICAR RADIOATIVO AMANHÃ



COLUNA DE

Evandro de Castro Lima

moda & beleza UNISSEX

Os conjuntos resolvem o problema

Uma ótima solução para o seu guarda-roupa outono-inverno: os CONJUNTOS. Altamente funcionais, suas peças são descartáveis (apenas tire, não jogue fora!) e você pode usá-las ou não, de acordo com a temperatura. Se está frio, você se agasalha, com elegância, com o conjunto inteirinho. Se esquenta um pouco, você pode eliminar uma peça, até mesmo carregá-la displicentemente nos ombros, fazendo o gênero descontraído.

Quando se escolhe um CONJUNTO atualizado, não há o perigo de errar. Um elegante terninho ou um **tailleur** são as boas indicações. Pode-se perfeitamente usar a calça comprida com a saia, fazendo o jogo com o paletó, jaqueta, bleizer, ou, então, uma blusa **chic**, confeccionada com tecido leve — madras, **voile**, **shantung**... O resultado é sempre ótimo, permitindo a você valorizar o visual e poder enfrentar qualquer situação de emergência (social, claro!), desde a simples esticada depois do trabalho para um drinque, até o jantar sofisticado, o teatro e mesmo o cineminha. Além disso, outra vantagem: as peças podem ser combinadas com outras do guarda-roupas, formando, a cada dia, novas idéias e **looks**. Com os CONJUNTOS, você estará sempre podre de **chic**!

Sugestão para moças que trabalham em escritórios ou lojas. Blusa listrada com bermudas por baixo, também listradas. Saia removível, em cor lisa e traspassada. Confortável, elegante, prática, barata. É uma criação exclusiva para você, que lê a [illegible], do Rui, estilista da casa Gebara. Qualquer dúvida, procure-o com o recorte deste desenho, que ele dará todas as dicas.

DONDOCAS VENDEM MODA

Mulheres ricas, algumas bem nascidas, têm juntado seus belos e bem cuidados braços à força de trabalho produtiva do país. Isso é bom, mesmo quando se sabe que a maioria trabalha pra preencher o tédio de um dia inteirinho em casa, sem fazer nada, pendurada no telefone, no blá-blá-blá de quem não tem e não precisa ter o que fazer. No trabalho elas encontram a saída. A lamentar nesse esforço, a sociedade que não deu certo (não por culpa delas) entre a Martha Rocha e a Helô Amado. Elas começaram vendendo verde (plantas), mas já foram à falência. Mas das muitas dondocas que estão vendendo alguma coisa, registre-se a classe e o bom gosto de ***Maria Cora Bório*** *e* ***Maria Alice Halfin****. Cora surpreendeu-nos com sua coleção de* ***robes****, pijamas e camisolas, peças belíssimas para mulheres de todas as idades, e todas elas fugindo do desenho tradicional das famosas (e às vezes entediantes) coleções de* ***lingerie****. A vedete da coleção foi a* ***liseuse****, que é o casaquinho curto que substitui o* ***robe*** *longo. E a outra coleção é de uma mulher muito badalada, uma mulher do mundo, que é a sra. Halfin. Ela lançou sua versão de alta costura para biquínis. E provou que, mesmo com biquíni, é possível fazer coisa nova, graciosa, usável, feminina, de gosto invejável.*

Muita gente estranhando o meu comentário, aqui na coluna, sobre a invasão japonesa em Paris. Mas a verdade é que os japoneses, hábeis como são, já estão causando um certo mal-estar em algumas agulhinhas famosas de lá... e, verdade, a coisa já está extrapolando por cá. Eles, os do sol nascente, estão chegando também pelos lados tupiniquins, e os nossos agulhinhas já estão se tomando de **frisson** pela evidente ameaça. Brasileiro é muito bonzinho, mas não tão bonzinho a ponto de não acreditar que possa haver o Pearl Harbor da moda. Se tal acontecer, só há um jeito: rodar a baiana pra cima deles!

alinhavando

● Proliferam por todo o Rio de Janeiro e São Paulo as casas de chá. Elas voltaram a ser ponto obrigatório nos fins de tarde. E um dado curioso e bom: os jovens já são em grande número, casais bonitos, coloridos, viçosos, mesclando os grupos mais tradicionais (e idosos) dos adoradores do **tea**.

● Numa roda de gente de moda — gente que faz e gente que compra — uma dúvida: será que François Mitterrand, o socialista novo presidente da França, vai padronizar a moda francesa — um costume dos comunas? A turminha daqui está torcendo: "Tomara! Tomara!" Só assim Paris vai se render aos encantos do estilo dos nossos costureiros! Não custa sonhar, né?

● Mais uma vez, a coleção de Regina Lebelson, lançada nos salões do Hotel Rio-Palace, foi um sucesso. Nos lançamentos nacionais, Lebelson sempre ocupa merecido lugar de destaque. Uma graça os esportivos, com blusões e calças de camurça franjadas, jaquetas e as saias em perfeitos cortes e belos modelos. Nos modelos para a noite, muito babado, muito bordado. Aliás, eu que sou, modestamente, a maior autoridade nacional em **broderie**, acho os bordados da Regina Lebelson sempre de um equilíbrio fantástico, de um finesse extraordinário.

● Por falar em *finesse* e bom gosto, fica o registro da qualidade do guarda-roupa que o Arlindo Rodrigues e o Marco Aurélio fizeram para o novo *show* do Hotel Nacional, Rio. Quem quiser ver o que são roupas, [illegible] saias, corpos colantes, bem estruturadas, tem que dar uma sacada no *show*. É um trabalho digno da Broadway, de Paris, aliás, uma confecção muito mais limpa do que a que eles fazem lá. Nisso tudo, uma grande responsável: Neuza Iracema, contramestra das melhores do país, braço direito do Arlindo. Ela sabe das coisas!

● Conselhinho: se o zíper não anda, não se desespere; esfregue em toda a sua extensão um pouco de sabonete e tente lentamente movimentá-lo. Ele correrá logo.

WALDIR VIEIRA

Foto de Chiquito Chaves

"A Globo é um canhão que eu tenho nas mãos"

— Boa tarde, minhas amigas. Boa tarde, meus amigos. Boa tarde para Rosana, autora do pedido qua abriu o nosso programa de hoje: foi *Minha história de amor*, do nosso querido Roberto Carlos.

"Waldir Vieira, o amigo da dona-de-casa."

Uma hora em ponto. A Rádio Globo acaba de dar as últimas notícias quando entra no ar, mansamente, como se tivesse estado sempre ali, defronte à mesa redonda do estúdio A, entre os microfones vermelhos, verdes e amarelos, um tipo conhecido O timbre metálico, contundente, identifica o dono da voz, enquanto segue o **jingle**:

Até as 14 horas, um milhão de pessoas no Grande Rio — e mais ainda em todo o país — estarão ouvindo as canções de Roberto Carlos, relacionadas à **História de Cada Um**. Você escreve ou telefona contando a sua história e depois pede a música que mais tenha a ver com ela É a faixa de maior audiência do programa, que consegue prender donas de casa e motoristas de táxi ligados a seus aparelhos, antes dos apelos irresistíveis da televisão "Eu acho que tenho um canhão na mão" — aponta Waldir Gomes Vieira, 36 anos, pescador e leiteiro de São Fidélis (interior do Estado do Rio) quando criança

— Meu canhão é a Rádio Globo, com 200 quilowatts pegando o Brasil inteiro. Se eu tenho um microfone a meu dispor, se eu posso falar para uma média de um milhão de pessoas, só no Grande Rio, então posso pedir o que quero e posso ajudá-las E elas acreditam mais no veículo que represento do que nas autoridades. Se alguém procurar o secretário de Obras para resolver um problema, ele não recebe Agora, se Waldir Vieira for até ele, sim, a gente acaba conseguindo que resolva o problema, que mande água para Queimados ou ordene que o lixo de Vila Kosmos seja recolhido

Fome, nunca passou. Mas o melhor peixe que vinha na rede tinha que vender, para poder ganhar o dinheiro que pagaria seus estudos, no curso para professor primário. Foi inspetor de ensino e um dia, aos 22 anos, já namorando Ângela (sua mulher, hoje), achou que era a hora de sair para longe. Com um sítio de 3 mil metros quadrados em Rio do Ouro, cerca de 100 quilômetros do Rio, onde passa todos os fins-de-semana com os filhos de 11 e dois anos; dois Passats, um apartamento em Santa Teresa, dono de uma agência de publicidade que tem o seu nome, Waldir diz que não é "um cara rico", ganha "cento e poucos mil cruzeiros por mês" e se identifica com a dona-de-casa e o trabalhador

Alto, moreno, usando sempre roupas de tecido sintético, o sorriso cativante, Waldir — quando chegou ao Rio queriam chamá-lo Waldir Vieira Souto, mas ele se negou porque "queria ser reconhecido lá, no lugar onde nasci" e porque, na verdade, "nem sabia quem era Vieira Souto" — é o quarto comunicador da Globo em audiência, depois de Haroldo de Andrade, Paulo Giovanni e Luciano Alves, nos horários da manhã. "Tremendo profissional, aplicado, ligado, que chega na rádio às oito para começar seu programa à uma" — sentencia o diretor de programação da emissora, Mário Luís.

Há 11 anos, depois de começar na rádio de São Fidélis como faxineiro e chegar a diretor, ele entrou na Globo como auxiliar de Haroldo de Andrade. Num dia 3 de fevereiro, dia de São Brás, protetor da garganta, foi ao ar com a surpresa e o improviso de quem havia sido avisado apenas na véspera Fora **premiado** com um programa de 14h30m às 17h e, no início, sem **script**, tocava música, conversava com as pessoas que telefonavam, falava bastante As diferentes atrações que hoje apresenta foram surgindo pela experiência com sua platéia imaginária

No relógio são 16 horas, quando começa um outro quadro de grande audiência: são as cartas escritas por pessoas que se buscam, maridos que procuram mulheres, irmãos que procuram irmãos, filhos que querem achar suas mães, comoventes depoimentos transformados em narrativas novelescas pela equipe da Globo "As coisas que eu falo são realmente minhas" — garante o locutor — "Não sou um cara que fala de Deus pensando no diabo, que reza Ave Maria segurando uma mulher Falo o que sinto" Religioso, sincero, honesto — "eu sou uma pessoa boa, ou melhor, eu não sou uma pessoa boa, sou uma pessoa honesta" — inseguro, tímido, excessivamente preocupado em agradar, em não ofender, em ser cortês, é um Waldir Vieira crítico que fala "desta cidade, do Rio de Janeiro, onde o general Gentil zela por nossa segurança", ou comenta, irônico, num texto que glorifica a figura da mãe: — Mãe é capaz de descobrir o mistério do Puma e não revelar pra ninguém, se isso for prejudicar seu filho.

"Pobre é igual a pneu. Quanto mais trabalha, mais liso fica. Na crise do feijão, o povo é que engole o caroço. Ser bígamo é tremenda burrice, e o castigo é ter duas sogras." Retiradas das cartas dos leitores, estas contribuições legítimas e diretas são transformadas em pequenas seções dentro do programa. São as **filosofias** ou os **quebra-cucas** (adivinhações), cujo objetivo é o de amenizar o ambiente depois de uma história pesada, dramática, restabelecendo o tom certo para o sucesso: — É como dar Melhoral com açúcar para a criança — define este "titular absoluto de seu horário"

Ingressos de circo, vales de supermercado, pares de patins, Waldir Vieira vai atendendo a quem acerta as adivinhações ou simplesmente a quem escreve, pedindo alguma coisa. Quatro horas no estúdio, de segunda a sexta na parte da tarde, e aos domingos, pela manhã, não fazem o garoto que irradiava o jogo de futebol dos amigos, na infância, sentir-se fora da realidade. "Ao contrário, eu estou aqui, mas estou lá fora, participando, vivendo com toda essa gente que me ouve." E como o radialista os imagina?

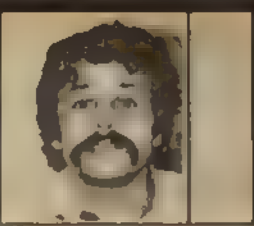
— Bem, a dona-de-casa média é como minha mulher Nem besta, nem muito chão Agora, se eu quero atingir aquela ouvinte mais simples, bem simples mesmo, penso na sogra da minha irmã, que mora nos fundos da casa dela, velhinha que ainda lava roupa no tanque

Às cinco horas, enquanto as ouvintes se preparam para o **Muito Obrigado** final, Waldir Vieira junta os papéis que lhe foram passados durante todo o tempo de um programa montado a cada instante, sem esquema fixo, e se apressa em voltar a ser pessoa, e não personagem. Vai ao banheiro da rádio, esvazia a bexiga, entra no Passat branco para chegar em casa simplesmente como Didi

Thaís Mendonça

FOLHA SECA

Luiz Alberto Bettencourt



Falta explosão, mas quem explode antes da hora...

Como colunista de jornal pobre só viaja a passeio, vi-me obrigado a acompanhar nossa seleção na Europa pela TV, com assessoria dos trepidantes repórteres das rádios. De dois jogos — fechamos a edição antes da partida contra a Alemanha — me ficou a impressão de que essa é a melhor seleção brasileira depois de 70, mas ainda não explodiu. O que talvez seja até bom porque, nesse caso, ao contrário de recente explosão no Rio, a bomba deve estourar na hora certa, a Espanha em 82.

Contra a Inglaterra, o problema começou fora do campo, no provincianismo dos dirigentes e de parte da imprensa. Nunca uma seleção sul-americana havia vencido em Wembley! Eles queriam dizer que nenhuma seleção do mundo havia realizado tal feito, mas, dois meses antes, a Espanha encaçapou dois a um nos ingleses, lá dentro do cinquentenário estádio e tirou o gostinho. Mas o desafio da partida era vencer o pavor de entrar no campo famoso.

Eu acho que, ao contrário, a partida era uma oportunidade de a Inglaterra ver se levava alguma coisa porque, em mais de 10 partidas, só ganharam uma do Brasil. Resultado: o tabu atrapalhou o time, que não teve confiança, não acreditou que o adversário era mesmo aquele time desorganizado, com uma defesa fraquinha, sem ataque. Perdemos uma oportunidade histórica de fornecer novos recordes aos estatísticos nativos.

Os ingleses vieram pra cima, nosso meio-de-campo recuou, jogamos na defesa. Aí ficou claro como alguns problemas concorrem para que o time se perturbe com facilidade. O Brasil não joga pelas pontas. Quem por ali aparece, na hora de atacar, são seus dois laterais que, a continuar assim, estarão tísicos antes da Copa, além de abrirem na nossa defesa duas magníficas avenidas que nem um meio-de-campo formado por Batista, Batista e Batista poderia cobrir.

Zé Sérgio tem que entrar, na esquerda ou como tentativa na direita, que Isidoro não freqüenta. Ele torna a jogada com Júnior mais efetiva, estica a seleção no campo.

No jogo com a França, o time também recuou no segundo tempo, mas aí o problema não foi a escrita do campo; foi falta de seriedade. Vinte minutos de futebol de lantejoula e purpurina, com todo mundo rebolando.

Zico nunca tinha jogado tanto em seleção, Sócrates é o líder, acalma, arma, Cerezo só sai pra Falcão. Com ele, e com Leão, arrumando os buracos, o Brasil tem time para, novamente, disputar uma Copa.

Na cidade, falta espaço pra bola

PELADAS

Os terrenos livres do Rio estão acabando e, quem gosta de jogar futebol, tem poucas opções: salão, praia ou "soçaite". Leia em três páginas como sobrevive, nas ruas, a grande paixão nacional

Até a década de 60, era comum ver-se no jornal *A Gazeta Esportiva*, tradicional matutino de São Paulo, duas ou mais páginas reservadas à publicação gratuita de pequenos anúncios de times de futebol de várzea se oferecendo pra jogar, em seu campo ou no do adversário, nos fins de semana e nos feriados. Tal expediente trazia para o jornal prestígio entre os leitores e uma vendagem que compensava amplamente a gratuidade dos anúncios.

Com o passar dos anos, a quantidade de "convites para jogar" (era este o título que encabeçava as páginas) foi decrescendo, até que desapareceu por completo, deixando atrás de si apenas gratas recordações de uma época em que era possível a um bando de rapazes de rua comprar um jogo de camisas e se mandar, num sábado ou domingo, pro lado oposto da cidade, tomando até mesmo duas ou três conduções, pelo simples prazer de correr atrás de uma bola.

Tal prática, comum também no Rio, está quase extinta porque os grandes espaços, as chamadas várzeas, desapareceram com o passar do tempo, pois a produção econômica do país, erroneamente concentrada no Sudeste, provocou grandes correntes migratórias de outras regiões com destino a São Paulo e ao Rio, onde as oportunidades de se ganhar a vida eram — e ainda são — bem maiores.

Assim, até o lazer preferido do homem brasileiro, a prática do futebol, acabou por sofrer transformações. Se, antes, era fácil a um *olheiro* de clube profissional ir buscar na várzea o futuro craque (e quantos jogadores não se revelaram nessas condições!), hoje essa tarefa ficou difícil, já que o futebol que se pratica nas grandes cidades se limita à rua, ao salão e aos campos de pelada, o chamado futebol-soçaite, que não tem a mesma dimensão dos antigos campos de várzeas, tornando difícil para o *olheiro* uma real avaliação do jogador. Hoje, o peladeiro bom de bola que tiver pretensões de se tornar um profissional tem mesmo é que se submeter às tradicionais peneiras nos clubes porque, se pretender ser "descoberto", vai é morrer peladeiro. O que, aliás, não é demérito para ninguém. Afinal, a pelada é o amor nosso de cada dia.

O Aterro do Flamengo é o único lugar onde se pode jogar uma pelada as 24 horas do dia. Lá está o peladeiro típico, que parte pro drible, carrega no peito e arremata de trivela

Fotos de Chiquito Chaves

Tudo começa no par ou impar. O cobra é logo escolhido e o cabeça-de-bagre fica por último ou sobra

Quem não gosta de bola, bom sujeito não é

O peladeiro é, antes de tudo, um apaixonado A bola é o seu grande amor Por ela ele mata a aula, enforca o trabalho, joga pro alto um promissor encontro com uma garota e não vacila em transformar a calça do terno impecável numa improvisada bermuda O apelo de uma bola rolando em sua direção é irresistível É o momento de sua maior alegria, o explodir da infância ou da adolescência ou seu reencontro com elas Enfim, o seu mais puro e fecundo lazer Se "para termos bons adultos é necessário que toda criança esgote sua capacidade de brincar" (frase de um famoso educador inglês), então o peladeiro jamais será um bom adulto, porque é inesgotável sua capacidade de correr atrás de uma bola. Se "quem não gosta de samba bom sujeito não é", como o poeta falou naquele samba, quem não gosta de bola é visto com desconfiança por qualquer peladeiro Nada como o futebol no Brasil para nivelar as classes sociais Jogando um racha ou simplesmente assistindo a uma partida no Maracanã, o brasileiro amante da bola derruba fronteiras, sejam elas econômicas ou raciais

Isso não impede, no entanto que o peladeiro, notadamente o talentoso, o bom de bola, se tome um Coronel Vila Rica na hora do par ou impar, na hora da escolha dos times. Nessa hora, regra geral, ele se incorpora no Gérson daquele anuncio da tevê e procura levar vantagem em tudo. quer sempre os melhores jogadores do seu lado, sem levar em conta que a graça da pelada está exatamente no equilíbrio, na disputa, que fica mais acirrada, tornando o jogo mais interessante O nivelamento social que se apresenta antes da bola rolar dá lugar a critérios de escolha puramente elitistas, sendo privilegiado nessa hora o fator técnico, com o Tião da favela se impondo e sendo respeitado por seu trato com a bola Nessas horas o campo de futebol reproduz o campo social, criando categorias e classes que são a tônica da sociedade

Outra característica do peladeiro é seu individualismo O campo é seu palco, a bola sua parceira e os demais jogadores meros figurantes, que somente são acionados quando o drible fica difícil, as soluções escassas. Esse indivi-

Peladeiro, João Nogueira nunca deixa de tentar o drible...

... e quando faz o gol é a glória

dualismo, no entanto, tem sido o responsável pelo sucesso do futebol brasileiro no confronto com outras escolas, notadamente da Europa, pois a improvisação é o fator que desequilibra a nosso favor. E isso é apurado nas peladas, onde o jogador, dentro de seu individualismo, arrisca um novo drible, um novo efeito, dando asas a seu talento.

Uma coisa que o peladeiro brasileiro detesta: jogar no gol. É tão desmoralizada a posição de goleiro nas peladas que isso acaba se refletindo na carência de bons jogadores para a posição no profissionalismo. Enquanto na Europa e na maioria dos países sul-americanos os goleiros são grandes ídolos, no Brasil isso não acontece. Por mais defesas que realize numa partida, ele imediatamente será esquecido e deixado de lado na comemoração de uma vitória, toda ela do atacante, do artilheiro. A própria crônica esportiva reflete essa preferência, encarregando-se de valorizar mais a ação do atacante que a do goleiro. Diz-se que o gol é **perdido**, negando-se mérito ao goleiro que evitou a entrada da bola. Há um programa na tevê domingo à tarde, todo ele dedicado ao "grande momento do futebol", o GOL. Muito assistido, principalmente pelos atletas profissionais nas concentrações, jamais ocorreu ao produtor do programa inverter, um dia sequer, o foco das atenções para as grandes defesas dos nossos goleiros. É tão desvalorizada a posição nos campos de pelada que mesmo o jogador que tem um certo talento para o ofício tira o corpo fora na hora do quem é quem. É comum se ouvir o brado "último a agarrar", no momento da escolha da "vítima". O que significa que o **marraio** não vai agarrar nunca, pelo menos naquela partida.

Quanto aos defeitos que mais se notam no peladeiro brasileiro, três chamam particularmente a atenção: cabeceia mal, só "trabalha" com um pé (de preferência o direito) e se realiza mais no drible ou na jogada de efeito do que na concretização do gol. Esta última característica retrata bem o comportamento de um emérito driblador que o futebol brasileiro teve no final dos anos 40 e início dos 50. Chamava-se Mário, ponta-esquerda que jogou no Bangu e no Corinthians, compondo neste último um ataque com Cláudio, Luisinho, Baltazar e Carbone. O jogo já estava 6×0 para o Corinthians e meio time já tinha comparecido às redes. Menos o Mário, que não gostava de fazer gol. A torcida era grande por parte de seus companheiros e da platéia. Até que o Mário, debaixo dos paus, não teve outro recurso senão empurrar a bola pra dentro. Delírio da torcida e tristeza do Mário, que depois explicou: "O gol pra mim não tem graça, é a mesma coisa que enterro, é o fim da emoção". Isto é: para ele, o gol seria o fim de algo mais vibrante, mais vivificador, que era a própria construção da jogada. Como no amor, pra muita gente, o grande barato é o antes.

Goleiro, a posição maldita

No Aterro tem parceiro toda hora. Mas nunca leve a bola.

Se você mora no Rio e de repente cisma de bater uma bola, seja que hora for, de dia ou de noite, não esquente muito a cabeça: pegue um tênis e um calção, ponha um documento no bolso, o dinheiro necessário para a condução e um refrigerante, e se mande pro Aterro do Flamengo. Se você não conseguir jogar uma pelada, passe aqui na redação e reclame uma assinatura do REPORTER. O único dia da semana em que bater uma bola no Aterro se torna problemático é domingo à noite. Afinal, ninguém é de ferro, nem mesmo o peladeiro.

Trocar a roupa não tem mistério. Em qualquer canto você pode tirar sua calça e vestir o calção que não será preso por atentado ao pudor. Feito isso, faça um embrulho de suas coisas e tente convencer qualquer vendedor com carrocinha a guardar seus pertences. Não vai ser fácil, mesmo prometendo uma propina, pois o que eles mais receiam é entrar numa "fria" por tomar conta de alguma coisa "quente" (objeto roubado, revólver ou tóxico). Talvez lá pela terceira ou quarta vez, quando você ficar manjado na parada, ele concorde em guardar suas coisas. Se ele concordar, marque bem a cara dele e o número ou o tipo da carrocinha, porque eles se revezam no trabalho e acidentalmente seu embrulho pode *dançar*. Melhor ainda: pergunte a hora que ele vai largar. Se você nada conseguir com algum vendedor, o remédio é colocar suas coisas na lateral entre dois campos, no chão mesmo. Junto do gol é risco porque pode pintar algum desquidista encostado no poste e ói você voltando pra casa de calção e de carona.

Fotos de Chiquito Chaves

Se você ficar de fora, não desanime. Mostre sua classe, faça umas embaixadas, que é pra quem tá perto ver sua intimidade com a bola. Você vai acabar entrando e, aí, comece devagar até esquentar. Só não deve é correr de uma dividida. Você sabe, futebol é pra homem.

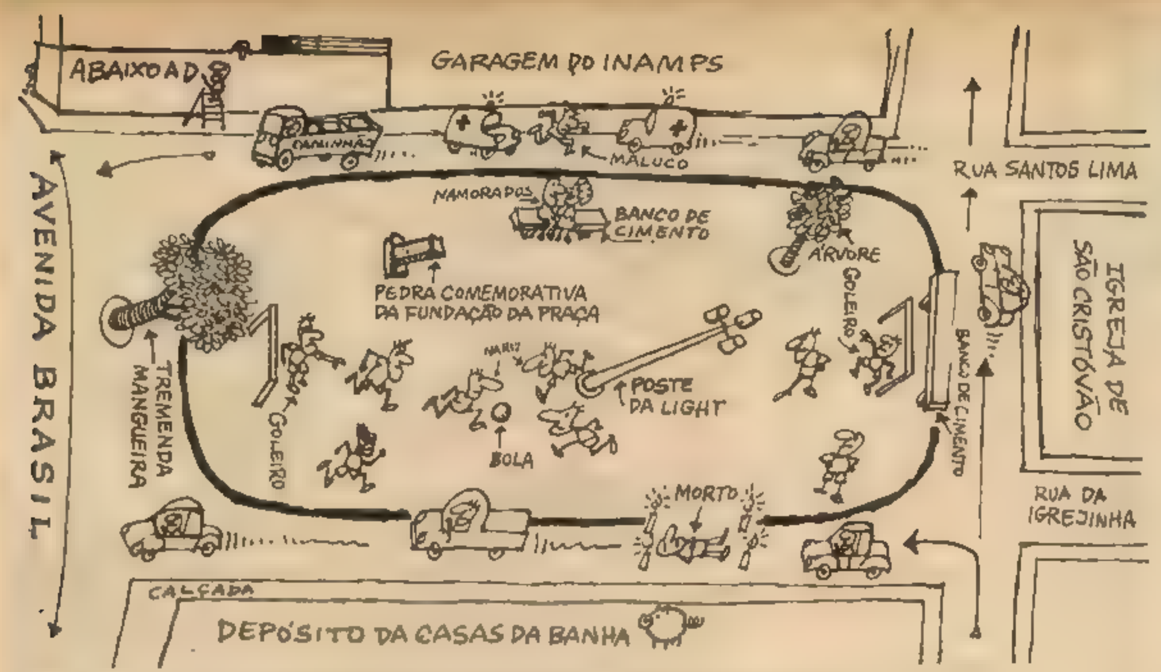
Bem, agora é arranjar uma vaga. Procure um bolinho de gente batendo bola e conte quantos tem na roda. Se tiver 16 ou menos, você tá dentro. Se tiver mais, tente a sorte. Vá se chegando. Se você for bom de bola, vá logo fazendo umas embaixadas que é pra impressionar. Aposto que você será um dos primeiros a ser escolhido. Mas se sua bola não for lá essas coisas, troque uns passes despretensiosamente com alguém, batendo de banda ou arriscando uma trivela (lado de fora do pé). Cuidado com essa trivela porque um peruano foi tentar imitar o Didi nesse chute e acabou quebrando o pé. Mas isso não vai acontecer com você, não é mesmo? Afinal, você é um peladeiro brasileiro, o que significa que não é cego a esse ponto.

Se você der azar e acabar indo pro gol, não se deixe mofar debaixo dos paus. Ao primeiro gol pra qualquer lado saia andando para o meio do campo e deixe o resto da turma brigar entre si pra ver quem vai ocupar o seu lugar. Agora, não faça crocodilagem, deixando a bola passar só pra sair do gol. Mostre empenho, sinal de bom caráter. No momento em que você for pra linha, toque a bola de primeira no começo pra só depois arriscar uns dribles. Isso lhe dará mais confiança para jogadas mais criativas.

No caso de haver muita gente pra jogar, não force a barra. Veja quem é o *xerife* e faça com que ele o veja. Não diga nada, mas fique por perto com cara de pidão. Se não for escolhido, tudo bem. Sente no banco que a partida é de quatro. Arme um time do lado de fora e torça pra pelada não demorar. Enquanto isso, estude os pontos fracos dos times que estão jogando e escolha a faixa de campo em que você vai atuar. Em qualquer circunstância, procure sempre uma pelada onde não haja patotas, pois fica mais fácil arranjar uma vaga. Agora, se você sentir muita indecisão por parte da rapaziada na hora do par ou ímpar, tire uma de líder e escolha o time.

Dia e hora ruins pra pintar no Aterro: sábado à tarde e domingo de manhã. Um sufoco, companheiro. É gente que não acaba mais e pouco campo disponível, pois a maior parte é reservada no começo da semana. Se você optar pela madrugada, tudo bem. Embora a maior parte do pessoal que lá pinta seja de patota (motoristas de praça, às terças-feiras, garçons e pessoal de hotelaria, às segundas e quintas, jornalistas, às quartas — nada muito rígido, é claro), sempre sobra uma vaguinha para um peladeiro. Afinal, não se nega uma bola a um brasileiro. Um último conselho: jamais, em tempo algum, leve bola pro campo. É porque o dono da bola é sempre mal visto pela rapaziada. Fica parecendo que ele só arranja vaga por isso. Além do mais, sendo o dono da bola, você se torna escravo dela. Só pode ir embora quando todo mundo tiver jogado, do contrário vai ter que ouvir muito palavrão. Há também o risco de um chute de mal jeito fazer a bola cair na pista de rolamento e um ônibus acabar com a vida dela. Por isso, esqueça. Apenas calção, tênis e seu talento.

Existem mais algumas opções para o peladeiro *free-lance*, o peladeiro franco-atirador, o que resolve bater sua bolinha quando bem entende, sem qualquer programação, sem estar preso a qualquer tipo de compromisso e, melhor ainda, sem gastar dinheiro com aluguel de campo, bola e outros bichos. Uma dessas opções é o Parque da Catacumba, nome meio chegado ao fúnebre, mas que de fúnebre não tem nada. Fica na Lagoa Rodrigo de Freitas, no pedaço onde Copacabana se liga à Lagoa, mais precisamente no Corte do Cantagalo. Se você pegar a rua Toneleros e for toda vida, vai sair lá. Os ônibus que passam por ali: 433, 434 e 473. É um lugar maravilhoso, com parque infantil, quadras de tênis, de basquete e de futebol de salão, piso pra patinação e... e... três campos de futebol-soçaite que podiam ser ótimos se aquele prefeito que morreu, o Marcos Tamoyo, que teve a feliz idéia de construir o tal parque, não se precipitasse em faturar politicamente a obra, inaugurando-a apressadamente. Resultado: poucos meses depois o parque todo começou a afundar e a entortar, e hoje não há cristo que dê jeito. O problema ficou crônico. A Prefeitura mete terra, tenta nivelar, mas uma semana depois lá estão as manilhas pondo em perigo as pernas do peladeiro. Tem um campo então que é perigo de vida: três crateras provocam de vez em quando o desaparecimento de um ponta-esquerda. O último que caiu lá dentro apareceu três dias depois na lagoa. Felizmente estava vivo. Um outro campo tem um tremendo parafuso exatamente no meio. Que que ele tá fazendo lá? É que numa dessas tentativas pra rebaixar o



A ilustração é pra rir, mas a pelada na Praça Sève, em São Cristóvão, é de lascar. Todo tipo de obstáculo na frente de quem parte pro gol. E nem adianta o peladeiro invocar o santo da igreja ao fundo porque ele é São Cristóvão, padroeiro dos motoristas.

Fotos de Chiquito Chaves

Chico construiu o "Mundão da Barra" e é craque do Politheama

Difícil é pegar a camisa 10

lençol de água, a Prefeitura instalou uma torre, parecida com a de petróleo, e quando retirou a peça deixou lá o tal parafuso, responsável hoje por inúmeras fraturas, traumatismos e torções. Além disso, os pisos dos campos estão pura pedra. Tudo porque, estando hoje inclinado, o parque sofre os efeitos da água da chuva, que arrasta tudo para a lagoa, incluindo a terra que reveste os campos. Mas, apesar de todos esses contratempos, vale a pena dar uma passada lá de vez em quando. A bola começa a rolar depois das 3 da tarde, indo até a meia-noite. De noite, pintam algumas reservas de campo, mas se você tiver paciência conseguirá bater uma bola. Pela manhã, só aos sábados e domingos.

Outras opções existem, mas não recomendamos, porque os próprios peladeiros evitam. Uma é um campo que fica ao lado do Tivoli Park, na Lagoa. O pessoal não gosta de jogar lá porque a bola cai na água toda hora (o campo é rente à lagoa), além de o lugar ser um pouco isolado. Ao lado tem uma quadra de futebol de salão. Uma terceira opção estava pra ser inaugurada por esses dias. É um campo também perto da Lagoa, logo na saída do túnel Rebouças. Era uma praça que a rapaziada do lugar deitava e rolava uma bola. De tanta pelada, a grama se foi e a Prefeitura não teve outro remédio senão transformar o local em mais um estádio socaite.

Agora, o pessoal da Zona Norte, que não tem essas mordomias, tem que botar a boca no trombone pra arrancar dos políticos áreas de lazer como as do Parque do Flamengo e da Lagoa. Ano que vem vai ter eleição e nada como uma boca de urna pro povo conseguir as coisas. Infelizmente neste país o negócio funciona assim. A iniciativa tem que partir das associações de bairro. Área na Zona Norte não falta.

Chico Buarque dá o campo e muita cerveja

No quilômetro 18 da avenida Sernambetiba, na Barra da Tijuca, Rio, dois campos de pelada, um pouco menores dos encontrados no Parque do Flamengo, fazem a alegria da multidão de amigos, conhecidos e vizinhos do compositor Chico Buarque de Holanda. Eles para lá se deslocam nas tardes de sábado com mulheres e filhos transformando o hoje conhecido "Gigante do Recreio", ou "Mundão da Barra", numa praça de festa, onde a bola e a cerveja são o centro das atenções e do apetite dos convidados. Um ambiente que Chico sempre sonhou, mas que só há alguns anos se tornou possível com a transformação do primeiro terreno comprado na Barra em campo de pelada, obra realizada pela gravadora Philips em troca das "luvas" a que tinha direito o compositor pela renovação de um contrato.

Antes, a quadra de futebol de salão do Carioca (clube da rua Jardim Botânico) era o cenário das peladas da patota de músicos, cantores, compositores, atores, professores, médicos, sociólogos, profissionais das mais diversas áreas, que se fundiam numa única paixão: a bola. Bola que gerava atritos, discussões, uma delas constante: quem jogaria com ou sem camisa, já que às vezes o frio se fazia presente e os mais gordos queriam queimar o excesso (numa delas o Chico entrou pelado na quadra sugerindo a solução). Bola que também sofria restrições, já que não quicava, impedindo a explosão dos talentos. Chico compensava isso com peladas históricas em sua casa, numa miniquadra de grama que acabou cimentada por causa do apetite voraz de um lagarto. Quatro de cada lado e bola de vôlei, que quicava. Quicava tanto que as matas da Gávea devem abrigar hoje dezenas de bolas, isoladas pelo talento da rapaziada. Assim, nada mais aconselhável do que apressar o campo da Barra.

Mas logo este se tornou pequeno também... e careca. E uma nova área foi agregada, permitindo a realização simultânea de peladas e de um campeonato, cujo título o time do Chico, o Politheama (nome de um antigo cinema "poeira" do Largo do Machado), persegue obstinadamente há várias temporadas, apesar das "contratações vultosas" e da forte pressão da "massa" tricolor. Tudo inútil. O Pelotudo, um dos concorrentes, continua sendo o papão da Barra, pra desespero de Chico e seus Blue Caps, que armaram uma final de campeonato pra ninguém botar defeito: churrasco pra 300 pessoas, chope a dá no pau, fogos de artifício, bandeiras, bandeirinhas e bandeirolas, e um cerimonial de fazer inveja à final de Copa do Mundo. Fora do campo, a galera vibrante, o tocar de hinos dos clubes e do Brasil. No gramado, perfilados, os 12 jogadores, que escondiam atrás das brincadeiras uma tensão igualzinha a de qualquer integrante da seleção brasileira antes de uma partida importante.

Hoje, o cenário comporta até calçada da fama, com os craques de nossos gramados, do passado e do presente, deixando no cimento a marca indelével do instrumento de sua fama (a maioria) e de sua fortuna (a minoria). Ao lado, como não podia deixar de acontecer, a marca travessa de pés infantis, que talvez um dia venham a ser tão famosos. Campo pra isso não lhes falta.

Os craques batem no Caxinguelê

Ermelino Matarazzo é o dono da bola

Stepan Nercessian, Sílvio César e outros cobras

Dificilmente se encontrará um peladeiro da Zona Sul do Rio que não conheça a rua Pacheco Leão, no Jardim Botânico. Isso porque é lá que se encontram dois dos mais famosos campos de pelada da cidade – o Condomínio Esporte Clube, fundado em 1936 e também conhecido por campo do seu Lili (Luigi Chicarino, presidente do clube e uma espécie de Dom Corleone da comunidade), e o Grêmio dos Funcionários do Horto e do Jardim Botânico, nome que se oculta atrás do popular Caxinguelê (esquilo que habita as matas da região), situado numa área pertencente ao Ministério da Agricultura (todo o lado esquerdo da Pacheco Leão). São dois campos de futebol soçaite, mas neles se joga dois estilos de pelada completamente diferentes, em razão das dimensões e do piso.

No Condomínio, limitado pelo terreno irregular (afunila num dos lados), a bola nunca sai pelas laterais, o que obriga o peladeiro a tabelar com os paredões pra ultrapassar o adversário ou ser achatado contra eles caso tente forçar passagem diante de um Moisés da vida. Além disso, o piso é mais fofo (areião) e, no lado mais estreito do campo (o funil), o escanteio é batido com a mão, o que provoca um **deus-nos-acuda** no time que se defende daquele lado. Esses contratempos, no entanto, são compensados pelo aluguel do campo (Cr$ 560,00 a hora, com direito a bola e redes) e por sua maior disponibilidade, o que não significa dizer que seja muito fácil encontrar horário. Há mesmo peladeiro que não troca o campo do seu Lili por nenhum outro, porque lá os rachas têm um charme todo especial, em razão das próprias dificuldades que o "trapézio" apresenta. Jorge Savio, conhecido empresário do setor gráfico, é um desses. Toda noite de quarta-feira, com chuva ou tempo frio, lá está ele com seus quase 20 companheiros fazendo da pelada um jogo de vida ou de morte, disputando a bola em cada centímetro de terreno, bola que é mais leve em razão dos telhados das casas vizinhas e por correr melhor no areião. Tem-se a impressão, à primeira vista, de que as condições do campo acabam por nivelar os jogadores por baixo, isto é, que o peladeiro de poucos recursos técnicos acaba se saindo bem diante do mais talentoso. É só impressão. O craque joga bem em qualquer lugar, encontrando apenas maior ou menor dificuldade para desenvolver seu jogo.

Já o Caxinguelê, por ser um retângulo perfeito e de boas dimensões (do tamanho dos campos 1 e 2 do Aterro do Flamengo), atrai o peladeiro mais exigente, que paga bem por isso (Cr$ 600,00 durante o dia e Cr$ 1 000,00 à noite, por hora, além da quadra de futebol de salão, cujo aluguel é Cr$ 200,00 de dia e Cr$ 300,00 à noite). Considerado o melhor campo de pelada do Rio, excluindo-se, é claro, os particulares, nele é comum ver se jogadores profissionais como Paulo César, Adílio, Cafuringa, misturados com artistas de televisão, músicos e peladeiros famosos. Abrindo às 14 horas, é difícil não se encontrar uma bola rolando no excelente piso de terra do Caxinguelê durante o resto do dia e à noite, sendo mesmo uma das coisas mais difíceis para o adepto da pelada conseguir um horário no clube presidido pelo **Moleque** (Cândido de Almeida). Nem mesmo o prestígio do **Tainha** (Ricardo Alves Dias), nascido e criado no local, é trunfo para se conseguir uma reserva do campo. Às terças e sextas, das 14 às 18 horas, são os dias em que pintam os artistas da Globo (Miele, Fábio, Mário Gomes, Dan Reis). Às quintas à tarde jogam os Novos Baianos. Mas um dos grupos mais antigos a frequentar o Caxinguelê é o do milionário Ermelino Matarazzo (antigo goleiro do Botafogo), time em que jogam muitos jogadores do passado, como Pampolini, Beto, Richard. Os fins de semana no Caxinguelê são reservados a sócios (mais de 500 tem o clube).

Reportagem de Jorge Zilberberg

INDÚSTRIA E COMÉRCIO DEMITEM EM MASSA NO RECIFE

"Só há uma saída: ir pra São Paulo ou comprar um revólver pra tirar dinheiro de quem tem."

Severino Galdino da Silva, 35 anos, casado, pai de cinco filhos, torneiro mecânico por profissão, hoje desempregado, trabalhou durante seis anos na Açonorte. Em setembro, um corte de funcionários o atingiu e, desde então, não parou em lugar algum; foi cobrador de ônibus, motorista, pedreiro, servente de grupo escolar e quando, afinal, estava conseguindo uma vaga de embalador de supermercado, quebrou a perna e perdeu o emprego

A história de Severino é comum no Grande Recife. Todos os dias, filas de homens e mulheres se formam nas portas das fábricas, dos sindicatos e das agências de empregos, em busca de uma ocupação. No Sine — Serviço de Informação Nacional de Emprego — órgão ligado ao Ministério do Trabalho, estão sendo atendidas cerca de 500 pessoas por dia, a maioria absoluta sem nenhuma qualificação profissional

"Tem gente aqui que espera há mais de uma semana. Nunca vi tanta gente por aqui como agora", diz Aline Xavier, a encarregada da seleção. O perfil médio de quem procura emprego no Sine, segundo ela, é o trabalhador casado, com alguns filhos, que atualmente vive de biscates, porque não tem especialização. As vagas mais procuradas são para motorista, balconista, caixa e servente.

Pelos seus dados, no primeiro trimestre deste ano, 14.818 candidatos disputaram as 7.858 vagas oferecidas pelas empresas, a quem serve de intermediadora. No mesmo período do ano passado, a situação era inversa: as vagas eram 4 574 e puderam ser distribuídas entre os 2 880 candidatos.

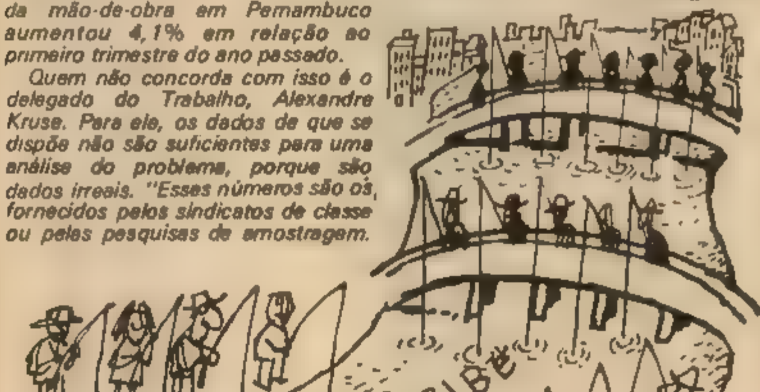
"Não acho que exista desemprego em Pernambuco", diz o coordenador do Sine, José Luís Cavalcanti de Lima. "Pelos dados de que dispomos, podemos verificar que tanto as empresas estão demitindo — com mais assiduidade a partir de fevereiro — quanto admitindo. Quer dizer, não se caracteriza uma situação de desemprego, e sim uma maior rotatividade da mão-de-obra." Para exemplificar melhor seu raciocínio, José Luís mostra dados do Conselho Nacional de Política de Emprego, órgão também do MT, onde se verifica que o índice de rotatividade da mão-de-obra em Pernambuco aumentou 4,1% em relação ao primeiro trimestre do ano passado.

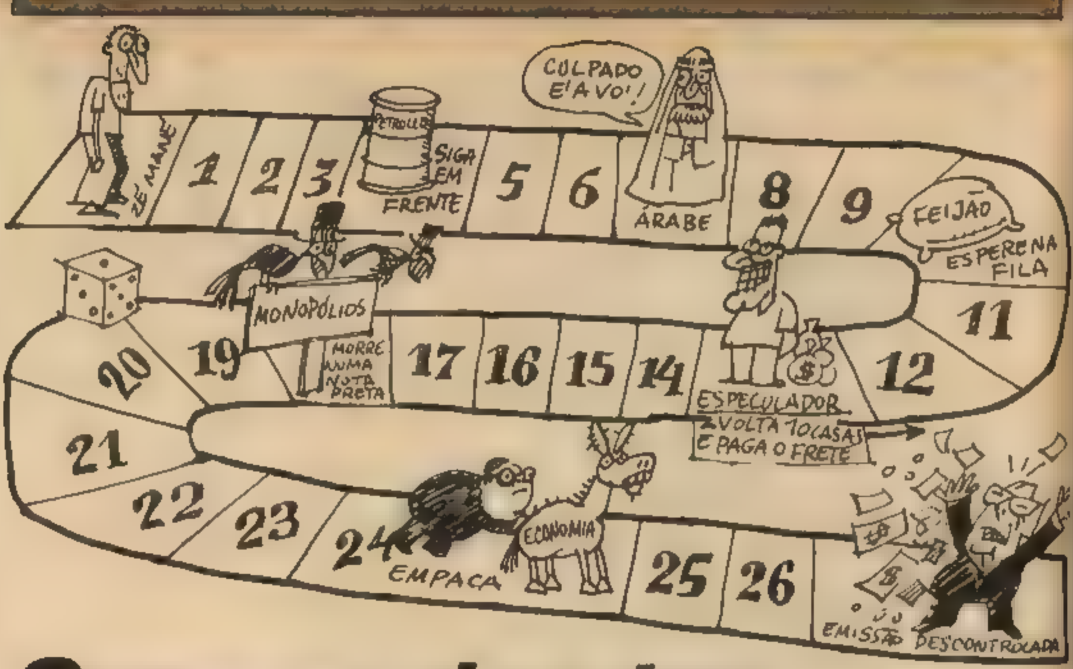
Quem não concorda com isso é o delegado do Trabalho, Alexandre Kruse. Para ele, os dados de que se dispõe não são suficientes para uma análise do problema, porque são dados irreais. "Esses números são os fornecidos pelos sindicatos de classe ou pelas pesquisas de amostragem. Ora, para os sindicatos, as empresas são obrigadas a fornecer apenas os nomes dos desligados com mais de um ano de serviço, quando se sabe que a maior faixa de demissões é antes de um ano. Então, como se pode saber o que acontece realmente? As pesquisas de amostragem também são falhas porque se baseiam no número de empresas, sem levar em conta o setor. E tem setores, como o comércio, que são basicamente os responsáveis pelo maior número de desemprego."

Enquanto isso, os números fornecidos pelos sindicatos são assustadores: no sindicato dos comerciários, categoria que abrange 1/5 da população do Recife, foram 3 mil os demitidos no primeiro trimestre. Na construção civil, onde a oferta de emprego é bem maior do que a procura, houve 50,7% de demissões a mais do que no primeiro trimestre do ano passado. Os bancários estão sendo despedidos em grande número, sendo o Bradesco o banco que mais demite. No sindicato dos motoristas, a informação é de que são mais de 2 mil os que perderam o emprego no primeiro trimestre. Só a Empresa de Transportes Urbanos, da Prefeitura, extinguiu toda a frota de ônibus elétricos, deixando na rua 700 empregados. Na indústria a crise é mais séria. Os patrões se utilizam do argumento de "excesso de produção e contenção nas exportações" para cortar pessoal. A indústria de tubos Brasilit demitiu 100 empregados e propõe atualmente uma redução na jornada de trabalho dos que ficaram. A Açonorte colocou alguns setores de produção em férias coletivas e demitiu 200. O sindicato dos metalúrgicos acusa 3 mil demissões no primeiro trimestre. A indústria têxtil, das mais importantes no Estado, demitiu 5 mil funcionários até o mês de abril.

Enquanto as filas nos sindicatos aumentam a cada dia, em busca de novas vagas ou de requerimento para auxílio-desemprego, os dirigentes afirmam com unanimidade que a situação só será regularizada quando houver a volta da estabilidade. "Enquanto isso não acontecer, vamos continuar a ver os patrões forjarem crises, manipulando números oficiais e fazendo o peso mais forte das decisões cair, como sempre, nas costas do trabalhador", diz Leovigildo Soares, presidente do sindicato dos tecelões

Beth Salgueiro





Governo despista, mas é o único culpado pelo custo de vida

Por que será que os preços disparam tanto no Brasil? Como explicar uma inflação de 110% no ano passado? Por que em 81 os preços também vão dobrar? São perguntas que estão na cabeça de muita gente, mas que raramente são respondidas com clareza Entre outras coisas, porque a resposta não é fácil, já que há uma infinidade de causas contribuindo para que os preços cheguem às nuvens, corroendo os salários do cidadão brasileiro

Eis algumas pistas para entender a inflação brasileira

Pista n.° 1: Aumentos do petróleo — O Brasil importa cerca de 80% do petróleo que consome. Petróleo que é queimado nos carros de passeio, no transporte rodoviário, na indústria petroquímica, etc Sempre que o preço do petróleo sobe lá fora, os preços da gasolina, do diesel, do óleo combustível, etc, são reajustados aqui dentro. Esses reajustes atingem a praticamente todos os setores da economia, encarecendo o transporte de mercadorias, os produtos de plástico, os tecidos sintéticos, etc

É exagero, porém, atribuir toda culpa da inflação brasileira ao petróleo, como certos representantes do governo brasileiro costumam fazer Cálculos do IBGE mostram, por exemplo, que se no ano passado o petróleo importado não tivesse subido um tostão de preço, ainda assim a inflação brasileira chegaria a 90%. Em 81, os preços do petróleo praticamente não subiram e, apesar disso, a inflação já ultrapassou 30% de janeiro a abril

Pista n.° 2: Baixa produção e especulação com alimentos — Durante os últimos anos, em especial até 1979, o governo brasileiro praticamene abandonou as culturas alimentícias voltadas para o mercado interno. Os produtores de feijão, milho, mandioca, batata, etc, ficaram entregues à própria sorte. No período 1973/79, a produção de feijão ficou estagnada e a de arroz, batata e milho cresceu muito pouco Como a população aumentou na base de 2,6% ao ano, os alimentos produzidos não deram para alimentar todas as bocas. Com a escassez, seus preços subiram (como costuma acontecer com qualquer produto que está em falta)

Além disso, e igualmente grave, os intermediários manipularam essa escassez Eles compram barato dos produtores, estocam os produtos e os soltam só nos momentos que julgam mais conveniente Assim, conseguem aumentar os preços dos alimentos em mais de 500% entre o produtor e o consumidor, ganhando rios de dinheiro e engordando a inflação. Foi o que aconteceu com o feijão no ano passado

Essas jogadas dos intermediários são particularmente prejudiciais às famílias pobres, que gastam mais de 50% do que ganham em alimentação

Pista n° 3: A escalada dos juros — Os banqueiros obtêm dinheiro de graça de seus depositantes e emprestam a juros muito superiores à inflação Esses empréstimos são destinados a empresas (em especial indústrias). Pegando dinheiro caríssimo, as empresas ficam com custos financeiros elevadíssimos, que acabam jogando pra frente. Vendem mais caro o que produzem, jogando os custos em quem compra. A inflação dispara, é claro. Atualmente no Brasil os banqueiros não cobram taxas de menos de 150% por um empréstimo, isto é, 30% acima da inflação, que anda na casa dos 120% ao ano Em nenhum lugar do mundo o dinheiro é tão caro

Pista n.° 4: O poder dos monopólios — Em boa parte dos setores industriais, poucas empresas dominam o grosso da produção. E essas empresas impõem preços altos ao consumidor, mesmo quando suas vendas não vão muito bem (o que teoricamente deveria provocar quedas de preços) O exemplo da indústria automobilística está aí mesmo Apesar de suas vendas terem despencado 30% este ano, os preços dos carros continuam subindo E subindo mais rapidamente do que a inflação

Pista n.° 5: Burrice de política econômica — Em certos momentos, a inflação é alimentada pela burrice do governo, que toma medidas desastrosas. Um exemplo disso foi a maxidesvalorização do cruzeiro, adotada no final de 1979 Com a desvalorização do cruzeiro em 30%, os preços de todas as mercadorias importadas pelo Brasil ficaram 30% mais caras Como esperar, então, uma queda da inflação?

A elevação nos preços das mercadorias importadas é fácil, de compreender. Um importador que comprasse uma mercadoria de 10 dólares pagaria 100 cruzeiros por essa mercadoria se o dólar estivesse valendo 10 cruzeiros. Mas teria que pagar 130 cruzeiros pela mesma mercadoria se o cruzeiro fosse desvalorizado em 30% e 1 dólar passasse a valer 13 cruzeiros Foi o que aconteceu no Brasil

Pista n.° 6: Emissão descontrolada de dinheiro — Quando o governo bota a maquininha pra funcionar e solta grandes quantidades de dinheiro novo, sem que isso provoque com alguma rapidez um aumento correspondente na produção de mercadorias, os preços sobem

No Brasil, foram emitidas fábulas de dinheiro para tocar projetos gigantescos, que levam vários anos para entrar em funcionamento. Projetos que, diga se de passagem, não beneficiam o grosso da população A Ferrovia do Aço é um exemplo disso. O Programa Nuclear, outro. Em breve, o governo começará a enterrar rios de dinheiro no projeto Carajás — para explorar uma gigantesca reserva de minério de ferro no Pará. A inflação continuará de vento em popa

Esses são apenas alguns exemplos de por que os preços sobem no Brasil, beneficiando banqueiros, grandes grupos nacionais e multinacionais que controlam setores industriais e intermediários. Uma prova de que nem todos perdem com a inflação. Quem entra pelo cano mesmo é o assalariado, que tem de apertar cada vez mais o cinto para sobreviver

Ricardo Bueno

Governo garfou trabalhador em 1º de maio

Salário deveria ser de 27 mil

O governo brasileiro roubou Cr$ 266,40 de milhões de trabalhadores que ganham um salário mínimo. Todos esperavam que o salário mínimo, no dia 1.º de maio, fosse reajustado em 110% do Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC). Afinal, esse é o percentual estipulado na política salarial para os que ganham até 3 salários mínimos. Assim, o mínimo passaria de Cr$ 5.788,80 para Cr$ 8.731,20. Mas o governo decidiu que o mínimo deveria ser reajustado em apenas 100% do INPC e alcançar Cr$ 8.464,80. Basta, então, comparar Cr$ 8.731,20 com Cr$ 8.464,80 para verificar que a diferença é de Cr$ 266,40.

Essa medida prejudicará também os que recebem mais do que o mínimo. Um trabalhador que entre numa fábrica para ganhar 3 mínimos, por exemplo, receberia Cr$ 26.193,60 se o reajuste do mínimo tivesse alcançado 110% do INPC (Cr$ 8.731,20 x 3). Com o mínimo decretado de Cr$ 8.464,80, ficará com apenas Cr$ 25.393,40. Perderá, portanto, quase 800 cruzeiros. Pode parecer pouco, mas 800 pratas permitem comprar mais de 20 litros de leite.

Mesmo que o governo tivesse elevado o mínimo para Cr$ 8.731,20, isso não significa que estaria proporcionando ao trabalhador brasileiro um salário que lhe permitisse viver condignamente. Para que tal coisa fosse possível, o mínimo precisaria ser três vezes maior do que é atualmente. Um trabalho recente do Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Sócio-Econômicos (Dieese) — órgão mantido pelos sindicatos de trabalhadores — calcula quanto deveria atingir o mínimo hoje.

"Há diversas leis e decretos que permitem o cálculo do verdadeiro salário mínimo. A Constituição Federal diz que o salário mínimo deve satisfazer as necessidades do trabalhador e sua família. O decreto 399, por sua vez, estabelece que os gastos mínimos de um trabalhador com sua alimentação são determinados por uma ração mínima essencial, composta por 13 alimentos.

"O custo dessa ração, em março de 81, em São Paulo, era de Cr$ 4.539,96. Se considerarmos uma família pequena, casal e dois filhos, os gastos mensais com alimentação irão para Cr$ 13.079,88. Mas as despesas mensais de uma família não se restringem à alimentação. Há gastos com aluguel, transporte, vestuário, higiene, etc. Considerando que os gastos com alimentação representam 48,1% da despesa total de uma família, sua remuneração mínima deveria ser, em março de 81, de Cr$ 27.193,10."

NOSSO MÍNIMO É MENOR QUE O DO PARAGUAI

A desculpa do governo e dos empresários brasileiros para pagarem salários tão baixos é que "o Brasil é um país pobre, atrasado", e assim os trabalhadores têm que ser sacrificados. Até que ponto tal desculpa é verdadeira? O Dieese resolveu verificar essa história de perto e comparou o salário vigente no Brasil em março deste ano (Cr$ 5.788,80) com os mínimos de 9 outros países da América Latina no mesmo mês. Pois bem, apenas no Peru os trabalhadores ganhavam menos do que no Brasil (Cr$ 4.313,94 foi o que deu, transformando-se a moeda local em cruzeiros).

Na Argentina, o mínimo é de Cr$ 13.668,62. Na Venezuela, de Cr$ 15.938,37 (o maior da América Latina). No atrasadíssimo Paraguai, de Cr$ 13.749,31, e no Equador de Cr$ 12.184,00. Mesmo o salário mínimo peruano é, na verdade, maior do que o brasileiro, pois, como observa o Dieese, o trabalhador daquele país recebe 15 salários por ano, tem direito a uma compensação de Cr$ 761,50 pelo aumento do custo de vida, ganha Cr$ 1.218,40 a título de bonificação adicional e Cr$ 304,60 como subsídio de despesas de transporte. Somando-se isso tudo, chegamos a Cr$ 6.601,44.

O Dieese também observa que "o salário mínimo brasileiro é, para 48 horas semanais de trabalho, jornada que só é seguida pela Venezuela. Nos outros países, as jornadas variam de 40 a 46 horas semanais, sendo que quatro têm jornada de 40 horas, dois têm jornada de 44 horas, um tem jornada de 45 horas e outros de 46 horas".

Perante esses resultados, alguns poderiam alegar que o salário mínimo nos outros países pode ser mais alto, mas as coisas também são bem mais caras, o que anularia a diferença salarial. O Dieese resolveu checar isso também, calculando quantas horas um operário de salário mínimo tem que trabalhar em cada país para comprar um quilo de pão, um litro de leite e um quilo de carne. Mais uma vez a posição do Brasil é péssima. No caso do pão, apenas na Colômbia o trabalhador tem que batalhar mais para adquiri-lo do que no Brasil. Lá, são 2 horas e 46 minutos. Aqui, 2 horas e 12 minutos. Em compensação, na Venezuela o operário precisa de apenas 48 minutos para ter ao seu alcance um quilo de pão.

Quanto ao leite, a situação é parecida. Apenas no Peru a transa é pior do que no Brasil. A aquisição de um litro de leite exige do trabalhador peruano 1 hora e 27 minutos de batalha. No Brasil, são necessários 20 minutos menos, ou seja, 1 hora e 7 minutos. Já no Equador, com apenas 29 minutos de trabalho o operário compra o seu litro de leite. No que diz respeito à carne, só no Chile e no Peru é que a barra está mais pesada do que no Brasil. No Chile, um quilo de carne consome 10 horas e 35 minutos de trabalho, no Peru 12 horas e 13 minutos, e no Brasil 9 horas e 49 minutos. Já no Paraguai, bastam 3 horas e 24 minutos.

Ricardo Bueno

SALÁRIO MÍNIMO

AMÉRICA LATINA — MARÇO DE 1981

PAÍSES	EM MOEDA LOCAL	EM DÓLARES	EM Cr$
ARGENTINA	414 457,00	179,496	13 668,62
BRASIL	5 788 80	76,018	5 788,80
CHILE setor público	4 548,87	116,638	8 881,98
COLÔMBIA	5 600,00	112,000	8 528,80
EQUADOR	4 000,00	160,000	12 184,00
PANAMA	125 40	125,400	9 549,21
PARAGUAI	22 750 00	180,556	13 749,31
PERU	22 506 00	56,690	4 313,94
URUGUAI	1 385 00	133,816	10 190,12
VENEZUELA	900,00	209,302	15 938,37

FONTE: DIEESE

NUMERO DE HORAS DE TRABALHO NECESSÁRIAS PARA UM TRABALHADOR QUE RECEBE SALÁRIO MINIMO COMPRAR PÃO, LEITE E CARNE EM PAÍSES LATINO-AMERICANOS

PAISES	PRODUTOS: PÃO	LEITE	CARNE
ARGENTINA	01h 54min	00h 37min	06h 41min
BRASIL	02h 12min	01h 07min	09h 49min
CHILE	01h 12min	00h 38min	10h 35min
COLÔMBIA	02h 46min	00h 49min	05h 31min
EQUADOR	00h 51min	00h 29min	04h 33min
PANAMÁ	00h 50min	00h 40min	06h 47min
PARAGUAI	01h 12min	00h 45min	03h 24min
PERU	01h 43min	01h 27min	12h 13min
URUGUAI	00h 57min	00h 35min	03h 41min
VENEZUELA	00h 48min	00h 40min	06h 56min

FONTE: DIEESE

UMA COLUNA DE ECONOMIA

caixa 2

Ricardo Bueno

Só o trabalhador não fatura com a inflação

1 — O ministro Delfim Netto continua negando que o desemprego seja motivo para preocupação. Enquanto isso, o presidente da Federação do Comércio de São Paulo, José Papa Júnior, revelava que na Grande São Paulo existem atualmente 350 mil desempregados, considerando-se a indústria, o comércio e outras atividades.

Há pouco mais de um mês, o industrial Cláudio Bardella dizia que as indústrias haviam mandado 93 mil pessoas embora, contingente que "não cabia no Pacaembu, só no Morumbi". Agora, com a revelação de Papa Júnior, pode-se dizer que nem o Pacaembu, o Morumbi e o Parque São Jorge (campo do Corinthians) somados conseguiriam abrigar os que foram demitidos.

2 — Um escritor alemão (Brecht) disse certa vez que melhor do que roubar um banco é fundar um banco. Afinal, os banqueiros não são molestados pela polícia e podem assaltar seus clientes todo dia sem que corram o mínimo perigo. Quem achar que isso é exagero, dê uma olhada no que anda acontecendo no Brasil. Os banqueiros captam depósitos à vista, pelos quais não pagam um tostão de juros, e emprestam o dinheiro cobrando juros que, em alguns casos, chegam a 200% ao ano.

Eles alegam que cobram caro pelos empréstimos porque a inflação está alta. Mas a inflação anda em 120% ao ano. Como justificar, então, a cobrança de juros de 150%, por exemplo, nada menos que 30% acima da inflação? O governo não anda dizendo que todos têm que apertar o cinto? Essa regra não vale, é claro, para os banqueiros, que em 1981 vão ter lucros realmente fabulosos. No ano do sufoco, os banqueiros fazem a festa metendo a mão no bolso dos clientes.

Brecht tinha ou não tinha razão? Perante os banqueiros, os rapazes da Falange Vermelha não passam de desajeitados amadores.

3 — Quem anda danado da vida são os donos de algumas grandes redes de supermercados do Rio. A Secretaria Estadual de Fazenda decidiu dar-lhes um arrocho para acabar com a sonegação do Imposto de Circulação de Mercadorias (ICM), que atingiu níveis escandalosos.

A manobra era muito simples: os hortifrutigranjeiros não pagam ICM. Os donos dos supermercados, então, vendiam uma série de produtos que são taxados com ICM e registravam essas vendas como sendo de hortifrutigranjeiros. Assim, deixavam de recolher aos cofres públicos bilhões e bilhões de cruzeiros de impostos.

A Secretaria de Fazenda decidiu acabar com essa brincadeira e colocou fiscais nos supermercados. Num deles (o Leão), a participação do faturamento com hortifrutis nas vendas totais era de 35%. Um mês depois de iniciada a fiscalização, caíra para 15%.

Essas e outras mutretas é que permitiam, em parte, que os supermercados comprassem áreas gigantescas nos pontos mais valorizados da cidade para abrirem novos postos de serviço. Agora, a mamata está mais difícil.

4 — Já que estamos falando de roubos e mutretas, é indispensável mencionar uma pesquisa feita recentemente pelo economista João Sabóia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, para verificar as taxas de juros cobradas no crédito direto ao consumidor, no Rio e em São Paulo. Os resultados foram notáveis: as taxas variavam de 162,4% a 231,2%.

O financiamento mais "barato" era de uma geladeira, vendida em 15 meses sem entrada, em São Paulo. O recorde em matéria de assalto ficou mesmo no Rio. Na venda de um lava-louças em 9 meses, com pagamento de entrada, os juros atingiam 231,2%. Isso significa que para adquirir um lava-louças o comprador pagava o preço de dois.

"Se gritar pega ladrão,
não fica um, meu irmão...
Se gritar pega ladrão..."

ATENÇÃO, CHAMUSCADOS DE TODO O PAÍS:

DESCOBRIMOS OS TERRORISTAS

REPORTER

AUTÔNOMO INDEPENDENTE

REPORTER

agora quinzenal

De 3 a 16 de junho de 1981 — nº 45 — ano IV — Cr$ 50,00

Comandante acusa: Major/PM é do MR-8

P.5

MULHER DE BANDIDO

PRISÃO FORA DAS GRADES

P.9

RAINHA DO PORNÔ ENTREGA A COROA

P.19

...ou na Itália
...ião Militar e
...tor do Exército
...a de
...seu apoio à
...decidir, está
...ue ele fizer".

segurança
...de seu-
...no

CAETANO

"Jesus tem a resposta"

P. 12

PRAÇA MAUÁ

FIM DO CAIS ESVAZIA A NOITE

A ORDEM É ESQUECER!

Exército e governo criam agora suas versões. Na verdade, não há por que suspeitar que capitão e sargento fossem, eles mesmos, os terroristas que iam lançar bombas no dia 30 de abril no Riocentro. Não há por que admitir que a explosão foi acidente de trabalho e que os organismos de segurança interna das três forças armadas estejam participando de ataques semelhantes. É desprovido de sentido acreditar que houvesse mais duas bombas no Puma dos militares, como informou o perito Humberto, da polícia carioca, e confirmou o delegado Petrônio, da 16.ª delegacia. Que bombas? Que Puma? Que militares?

Os termos da nota do I Exército, liberados em parte para os jornais e originalmente dirigidos aos oficiais da tropa, antecipam o desfecho da cena e advertem: é proibido informar, especular, no sentido de instigar investigações. O fato, o episódio, tem que ser apagado de nossa memória, tal como ele realmente se passou e, em seu lugar, surgirá um novo, reconstruído, refeito, cuidadosamente montado para evitar contundências, perguntas, incriminações, atentados à imagem da instituição militar. Preservá-la é o pretexto com que as autoridades justificarão, para o público militar e o país, o silêncio.

A imprensa é irresponsável no tratamento do caso, já disse o comando do Exército.

A ordem foi para calar, esquecer.

FLAGRADOS OS AGRESSORES

A agressão dos agentes de segurança do governador Paulo Maluf contra estudantes da Universidade de Botucatu foi assistida e documentada pelo fotógrafo Sérgio Francischini. Segundo seu depoimento, e como demonstram as fotos, os estudantes não jogaram pedras, tomates ou qualquer outra coisa na comitiva do governador. Limitavam-se a gritar *slogans* do tipo "1,2,3,4,5, mil, queremos que Maluf vá pra fora do Brasil" e a portar cartazes onde se lia "Fora Maluf". Mas a segurança, com ou sem ordem superior, resolveu limpar a área para que seu chefe, na saída da universidade, não ouvisse os protestos. Quem primeiro começou a bater foi um agente com uma mancha no rosto, bem acima do olho direito. Daí para frente, mais de 50 homens, armados com porretes, avançaram batendo a torto e a direito, rasgando cartazes. Agora, como sempre, neste país, o inquérito do Dops coloca os estudantes no banco dos réus e esquece a violência de Maluf e seus asseclas. É apenas mais um inquérito de faz-de-conta.

Os "slogans" dos estudantes foram silenciados a porretadas pela segurança de Maluf

REPORTER

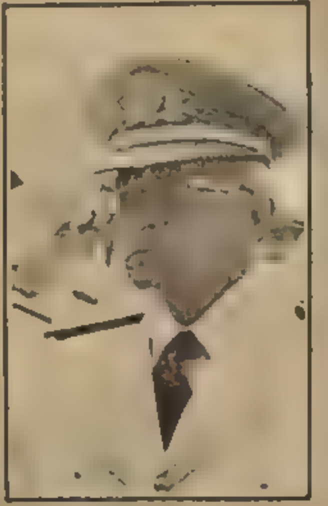
EDITORES - Alex Solnik, Luiz Alberto Bettencourt, Pipsi (Arte)
CHEFIA DE REPORTAGEM Francisco Viana
REPORTAGEM Rio de Janeiro Tim Lopes, Ricardo Bueno São Paulo Rivaldo Chinem, Sílvio de Souza, Hélio Belik, Teresa Moreira Recife Eduardo Homem, Beth Salgueiro Salvador Marluce Moura
FOTOGRAFIA Rio de Janeiro Chiquito Chaves São Paulo Wagner Avancini, Eliane Pastore, Valdonir Benedetti Recife Valdir Afonso, Gleide Selma Xirumba
ARTE Analuce Estrella, Ana Maria Martins, Guidacci
SECRETARIA GRÁFICA - Manoel Hernandes de Azevedo
CIRCULAÇÃO Simeão Marques
PUBLICIDADE Lucilia Braga (Rio) Isaias Justo Reis (São Paulo)
DEPARTAMENTO JURIDICO Luís Celso Araujo (Rio), Carlos Eduardo Costa Pereira (Recife)
REPORTER Autônomo Independente é uma publicação da MARGEM S A EDITORA E GRAFICA Rio de Janeiro rua Miguel Couto 134/11 º Tel 253 5038/253 5077 São Paulo rua do Seminário 156/sala 30 Te 227 7175 Recife av Conde da Boa Vista 121/gr 708 Te 2.. 1224
Composição e Impressão Editora Mory, rua do Resende 65 RJ

DOIS GRUPOS DISPUTAM O PODER DESDE 64

OS HOMENS QUE MANDAM NO EXÉRCITO

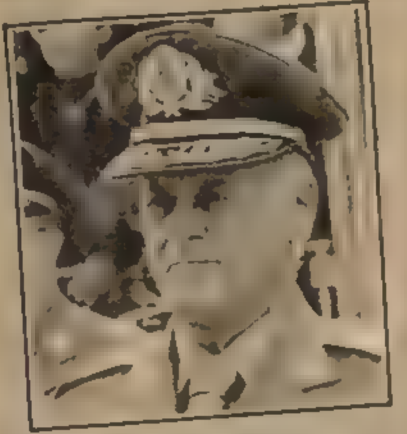
Os atentados terroristas, particularmente o do Riocentro, os pronunciamentos de militares sobre a abertura — alguns tímidos, outros favoráveis — a própria influência que o Exército exerce sobre o processo político pós-64, tudo isso leva a indagações: o que é o Exército brasileiro? Quem são seus verdadeiros chefes? Quais as idéias dos militares sobre o futuro do país? Para responder a essas e outras questões, o repórter Dênis de Moraes ouviu um especialista em assuntos militares, o sociólogo Eurico de Lima Figueiredo.

WALTER PIRES — 66 anos, foi promovido a quatro estrelas no fim do governo Geisel, o que permitiu sua nomeação para ministro do Exército de Figueiredo. Em 1964 era tenente-coronel e formava num dos pelotões que se deslocaram de Juiz de Fora para o Rio. Enigmático, é muito respeitado pelos comandos de tropa, mas são escassas as informações sobre seu relacionamento com os órgãos de segurança regionais.



OCTÁVIO MEDEIROS — [redacted] general Golbery após o golpe de 64, colaborando na criação do Serviço Nacional de Informações, que hoje chefia. Foi adido militar em Israel e, desde então, praticamente só exerceu funções em órgãos de [redacted] Amigo de Figueiredo há mais de 20 anos, por ele foi promovido a general-de-divisão. Politicamente, é uma incógnita. Considerado um "duro", diz apoiar a abertura. É um dos presidenciáveis para 1985.

MÍLTON TAVARES DE SOUZA — 64 anos, foi um dos militares que combateram a rebelião da Ação Nacional Libertadora e dos comunistas, em 1935, na Escola de Aviação Militar. Integrante da Força Expedicionária Brasileira na campanha da Itália, é da mesma turma de Figueiredo na Escola Militar de Realengo. É considerado um "duro".



TULIO CHAGAS NOGUEIRA — 64 anos, comandante do III Exército. Ganhou a quarta estrela quando comandava a 2.ª Região Militar, São Paulo, no atual governo. É um oficial com carreira na tropa, marcada sempre por um discurso anticomunista. No Alto Comando é um dos avalistas da abertura.

GENTIL MARCONDES FILHO — 65 anos, comandante do I Exército, cargo do qual se afastará no fim deste mês, por completar o tempo de permanência na ativa. Oficial de informações, foi diretor do Departamento de Material Bélico do Exército e sob seu comando está o Doi-Codi mais bem organizado do país, no momento.

FLORIMAR CAMPELO — 66 anos, comandante do IV Exército. Lutou na Itália pela FEB, comandou a 5.ª Região Militar e foi vice-chefe do Estado Maior do Exército. Com livre acesso junto à área de informações, tem reiterado seu apoio à abertura: "O que o presidente decidir, está decidido; nós acataremos o que ele fizer".

O Exército está dividido em torno de dois tipos de comando: o dos oficiais que se formaram na Escola Superior de Guerra (a chamada "Sorbonne" brasileira) e o do grupo "autoritário-nacionalista", tradicionalmente de linha dura e que controla a comunidade de informações.

Esta é a opinião do sociólogo Eurico de Lima Figueiredo, professor de Ciência Política na Universidade Federal Fluminense, autor de **Os Militares e a Democracia** e especialista em questões militares.

Ele lembra que o Exército, como todo grupo social, "mostra tendências conflitantes, que naturalmente se aguçaram quando a corporação — que oficialmente se autodesigna como apolítica — passou a ocupar o vértice do processo de decisão do Estado, após 1964". Daí surgiram, segundo Eurico, as concepções diferentes dos grupos "sorboniano" (dos egressos da ESG) e "autoritário-nacionalista".

— Pelo menos desde meados da década de 50 — diz ele — grande parte dos oficiais que se formaram na Escola Superior de Guerra tinha estabelecido uma comunhão de idéias políticas que mais tarde se corporificaria na chamada doutrina da Segurança Nacional. Figuras como o marechal Castello Branco e os generais Ernesto Geisel e Golbery do Couto e Silva são membros notórios deste grupo. No nível da participação política, eles são favoráveis ao que se poderia denominar de uma "democracia tutelada", isto é, um regime com o Executivo forte, controlado direta ou indiretamente pelas Forças Armadas, mas mantendo algumas das instituições do poder civil (governo representativo, liberdades públicas). No nível da economia, esses militares se identificam com a modernização da sociedade brasileira sob a égide da internacionalização do capital, enquanto ao nível da política social confiam em que a ação do Estado, combinada com "a boa consciência" do empresariado, pode resgatar o povo brasileiro do subdesenvolvimento. O Banco Nacional da Habitação (BNH) e o Mobral, entre outros, são instrumentos dessas intenções.

Em relação à oficialidade "autoritária-nacionalista", Eurico de Lima Figueiredo afirma que não tem ligações mais profundas com a ESG e não dispõe de um dispositivo doutrinário tão eficiente como a Lei de Segurança Nacional, no que diz respeito ao seu posicionamento político (o que não quer dizer que se opõnham a ela).

— Os adeptos dessa corrente permearam a chamada comunidade de informações e segurança, embora também aí se encontre a penetração de membros do primeiro grupo. Em termos de participação política, esta facção é "dura", sendo favorável à militarização dos centros de poder por tempo indefinido. Rejeita, nesse sentido, qualquer abertura realmente democrática, não obstante possam identificar-se com concessões menores. É mais difícil caracterizar seu posicionamento econômico, mas é possível que seja favorável a um capitalismo de Estado e a um maior controle da participação estrangeira no processo de desenvolvimento (o que não quer dizer absolutamente que seja contrária a ela). Socialmente, é provável que defenda uma maior participação estatal na área do bem-estar coletivo, o que não implica uma socialização das instituições que cuidam do setor. São figuras preeminentes nesse grupo os generais Emílio Médici, Sylvio Frota, Mílton Tavares de Souza (comandante do II Exército) e Gentil Marcondes Filho (comandante do I Exército).

Essas duas facções do Exército, no entender do sociólogo, "sempre se digladiaram no interior do aparelho do Estado; o próprio atentado do Riocentro parece ser uma indicação expressa deste confronto, muito nítido a partir do governo Castello Branco". Segundo Eurico, "é quase impossível tentar-se entender o processo de sucessão presidencial no Brasil sem levar esse dado em consideração".

Para reforçar o que sustenta o professor da UFF, é bom lembrar que os ex-presidentes Geisel e Médici passaram anos sem se falar, desde que o primeiro assumiu a Presidência da República. Reconciliaram-se formalmente — e quem disse isso foi o presidente do Senado, Jarbas Passarinho, num programa de televisão — há algumas semanas, na missa pelas bodas de ouro de Médici.

Do ponto de vista meramente militar — continua Eurico — "é legítimo supor que a abertura se apóia em alguns preliminares e que se deve processar segundo uma escalada de concessões previamente traçadas". Pelo menos, é essa a concepção do grupo que obedece à estratégia do general Golbery.

— A abertura não significa, segundo essa concepção militar, a plena desmilitarização dos centros de energia política; significa o controle indireto, tutelar, das instituições políticas por parte das Forças Armadas. Ainda de acordo com essa concepção, a abertura não deve levar à desmontagem dos dispositivos de segurança e informação, nem à dispersão de seu pessoal. Ao contrário, neles se apóia, no sentido de que sua atuação é vital aos eventuais "desvios de rota".

— A abertura — prossegue o sociólogo — baseia-se no controle do aparelho militar (comandos de Exércitos, Regiões Militares, 2.ªs Seções de Informações, Secretarias de Segurança, comandos das PE e PM, Serviço Nacional de Informações, etc) por oficiais identificados com o passado do Movimento de 31 de março, inclusive (e, em certos casos, principalmente) no que diz respeito ao esquema de repressão política. Creio que a não satisfação de qualquer um desses três preliminares não é admissível pelos estrategistas da abertura. Por isso mesmo, acho que o processo de abertura só adquirirá dinâmica própria quando tais preliminares começarem a ser descumpridos, o que, tendo em vista a atual correlação de forças, é muito difícil de acontecer.

— Daí — conclui Eurico de Lima Figueiredo — poderemos nos referir, embora ainda podendo falar em facções diferentes do Exército brasileiro, com mais relevância à unidade corporativa das Forças Armadas. As facções se digladiam, certo, mas isto não leva nunca (ou pelo menos não levou até agora) à desunião em relação aos aspectos chaves da dominação do Estado militar. E isto parece se constituir num dos grandes segredos do controle marcial face à classe política: enquanto esta última não consegue se manter unida (em relação, é óbvio, às questões essenciais), os militares brasileiros souberam inventar os meios de coesão e união.

Edmar Morel luta há 53 anos contra a censura

A imprensa tem que discutir sexo

Em 69 anos de vida e 53 de jornalismo, foi processado 12 vezes. Não pensem que se trata de um marginal incorrigível. Vejamos os seus crimes

1 — Em plena Segunda Guerra Mundial, quando não havia no Brasil leite para crianças, gestantes e doentes, ele surpreendeu a égua Farpa tomando quatro litros de leite de vaca, adoçados com açúcar, outro produto racionado. Escreveu a reportagem "A égua Fárpa não entra na fila". Acabou processado e demitido do *Diário da Noite*

2 — Denunciou uma quadrilha de portugueses que, com o apoio de autoridades sanitárias, misturava urina no leite, para dar consistência ao produto. Processado

3 — Descobriu que um escroque chamado Gabriel Inelas, que se intitulava Príncipe de Clazomene e Rodosto, vendeu à prestação títulos de comendador para centenas de pessoas, inclusive oficiais das Forças Armadas. Processado

4 — Conseguiu uma autorização do ministro da Justiça de Getúlio Vargas, Tancredo Neves, para visitar os xadrezes do Rio. E foi numa dessas visitas que testemunhou o assassinato do repórter Nestor Moreira pelo policial conhecido como *Coice de Mula*. Manchete da *Última Hora*: "Campo de concentração a 100 metros da avenida Rio Branco". O jornal vendeu 330 000 exemplares. Ele foi processado e demitido.

Foto de Chiquito Chaves

Edmar Morel, a censura nunca o calou

Edmar Morel, um dos maiores jornalistas brasileiros, foi absolvido na Justiça de todas as acusações, a maioria das quais sob o pretexto de ter atentado contra a moral e os bons costumes. Mesmo assim, continuou sendo perseguido. Em 1964, após o golpe, foi cassado e demitido do cargo de redator-chefe da assessoria de imprensa da Rede Ferroviária Federal. Motivo: pouco antes tinha publicado *A Revolta da Chibata*, um relato sobre a histórica revolta dos marinheiros, em 1910, liderada por João Cândido, o *Almirante Negro*, para acabar com os castigos corporais na Armada. A revolta foi esmagada, os marinheiros foram barbaramente torturados, levados de navio para a Amazônia e vendidos como escravos — ou simplesmente fuzilados

A tentativa de calar a imprensa popular com processos judiciais e apreensões de jornais é antiga; remonta talvez ao fim do século passado, embora se tenha acentuado a partir dos anos 30, já no Estado Novo — diz Morel, que hoje trabalha numa pequena agência de publicidade, escreve artigos e prepara um livro sobre a exploração das multinacionais na Amazônia

Ele lembra que, de 1930 até o fim do governo do marechal Dutra, os meios para intimidar a imprensa popular eram um pouco diferentes dos atuais

No passado, o jornal estava sujeito à importação de papel. Quando havia interesse de tirá-lo de circulação, a Carteira de Comércio Exterior do Banco do Brasil (Cacex) simplesmente negava autorização para a empresa comprar papel lá fora. No Brasil, fabricava-se uma mínima parcela de papel de imprensa, que não atendia a um centésimo do consumo.

As apreensões de jornais, segundo Edmar Morel, já ocorriam nessa época:

Um jornal da expressão da *Imprensa Popular*, que era porta voz do Partido Comunista, foi invadido à luz do dia pela polícia, que chegou ao requinte de interditar a rua para facilitar a apreensão dos exemplares. O espetáculo mais dantesco foi a destruição da redação, que funcionava na avenida Antônio Carlos. Os policiais jogaram as máquinas de escrever pela janela. O governo estava certo de que tinha fechado o jornal. Enganou-se: no dia seguinte, lá estava ele nas bancas, no formato 18 por 24

Morel sorri, recosta-se numa poltrona de seu modesto apartamento na Praia do Flamengo (que é alugado, pois ele nunca teve condições de comprar um imóvel) e fala sobre as arbitrariedades cometidas contra a imprensa no primeiro governo de Getúlio Vargas:

Foi instituído o Conselho Nacional de Imprensa, com a finalidade de moralizar a imprensa. O que significa moralizar a imprensa? Se hoje ninguém entende o que é atentar contra a moral, imagine naquele tempo. O Conselho não fez outra coisa se não fechar jornais e apreender edições, sempre alegando que as publicações feriam a moral e os bons costumes. Claro que protegia os grandes jornais que defendiam Getúlio. Isto para não dizer que jornais como *A Noite* recebiam subvenções governamentais. Na verdade, essa repressão contra a imprensa popular tinha uma razão de ser, como tem nos dias atuais: a imprensa independente aborda os temas que interessam ao povo, denunciando as mazelas de um regime incapaz de resolver o drama social brasileiro

A partir de 1964, recorda Morel, foram fechados vários jornais: *O Semanário*, *Novos Rumos*, *A Luta*, *Panfleto* e *Paz e Socialismo* (de Francisco Julião). Segundo ele, não havia propriamente uma ordem do governo para processar aqueles jornais; "o terror policial é que se apressou em arrasar redações e prender jornalistas". Mas foi no governo do general Emílio Médici que a perseguição à imprensa alternativa "chegou a níveis insuportáveis":

— Invadiram jornais, quebraram tudo e processaram jornalistas, enquadrando-os não mais na Lei de Imprensa, mas sim em códigos militares. Foi o terror institucionalizado. Não adiantou nada: logo depois surgiram *Movimento*, *REPORTER*, *Em Tempo*, *Coojornal*, *Hora do Povo* e tantos outros. Claro que alguns foram massacrados, mas outros resistiram à ditadura.

Para Morel, temas como aborto, amor livre, prostituição e homossexualismo, "mesmo que choquem as gerações antigas, devem, obrigatoriamente, ser discutidos pela imprensa, sem que isso represente um atentado à moral e aos bons costumes".

Morel acha que a discussão sobre problemas sexuais "reflete exatamente o que acontece na sociedade". Ele considera normal que, no processo de abertura política, esses temas ocupem um espaço maior na imprensa:

— Se o aborto e o homossexualismo hoje estão sendo tratados com realismo e até com certa frieza, é porque o período ditatorial iniciado em março de 1964 quis esconder tudo. Censurou a imprensa, proibiu qualquer discussão sobre a vida das pessoas. Os fatos já existiam e agora cresceram em dimensões gigantescas. A mim, às vezes, choca ler uma matéria sobre homossexualismo, mas isso não que dizer que a imprensa deva ocultar o que existe. Em meio século de jornalismo, aprendi que um jornalista não deve ter medo de nada, desde que esteja procurando a verdade. Pensa que estranhei o assassinato de Wladimir Herzog? Pois não estranhei. Em 1934 seqüestravam jornalistas e os matavam na Floresta da Tijuca, como ocorreu com o jovem repórter Tobias Warzeg. Por que isto? É que a imprensa sempre traz à luz o desemprego, a inflação, o analfabetismo, a fome e a miséria, a despeito das coações e das injustiças que um governo pode cometer.

Dênis de Moraes

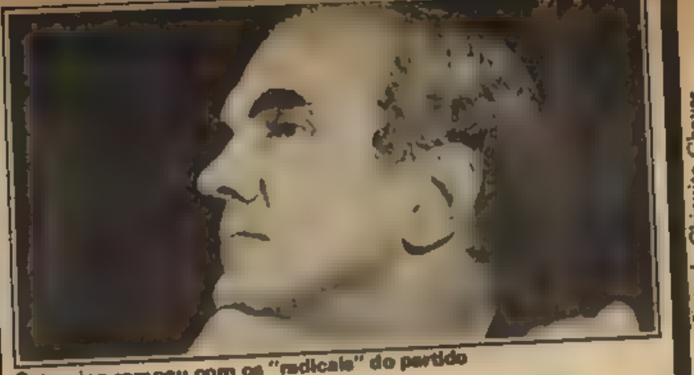


Foto de Chiquito Chaves

Saturnino rompeu com os "radicais" do partido

BOMBA PROVOCA CRISE NO PMDB CARIOCA

As divergências entre radicais, liberais e remanescentes da ex-UDN, de direita, voltam a se agravar dentro do PMDB. Desta vez a crise tem feições bem mais graves que os problemas surgidos em alguns diretórios da Zona Sul, há alguns meses. Agora, os problemas vieram a público na voz do representante mais autorizado do partido no Rio, o senador Saturnino Braga, seu candidato ao governo estadual em 82. Ele reuniu a imprensa no último dia 25 para anunciar que não vai aceitar nenhuma tentativa de alguns militantes para levar o PMDB ao confronto com o governo e, particularmente, com os órgãos de repressão.

Aparentemente, a advertência foi a fórmula que Saturnino encontrou para impedir, no último dia 29, uma passeata antiterror que alguns militantes do PMDB estavam programando, à revelia sua e da direção do partido, para a Cinelândia. Foi a impressão que ficou por causa da polêmica que o assunto motivara, no sábado anterior, durante seminário do PMDB. Na ocasião, vários liberais de grande influência no partido, entre eles a economista Maria da Conceição Tavares, discordaram do ato público, partindo do princípio de que acontecimentos dessa natureza são prejudiciais à Oposição porque, geralmente, não chegam a mobilizar 5 mil pessoas.

Evidentemente, Saturnino Braga não se apressaria a convocar a imprensa para fazer advertência tão veemente por causa de um ato público, mesmo levando em consideração a delicadeza do assunto — as bombas do Riocentro — que motivaria a manifestação. Na verdade, sua posição reflete acontecimentos de passado bem mais remoto e que se resumem num choque de estratégias oposicionistas que hoje ocorre no PMDB: de um lado, militantes que querem uma política oposicionista agressiva, de confronto com o regime militar; de outro, liberais, pessoas de centro-esquerda e remanescentes da ex-UDN, aglutinados em torno do vice-presidente do partido, Rafael de Almeida Magalhães (um dos herdeiros do espólio político de Lacerda), que defendem uma política mais cautelosa. Nesse quadro, a hegemonia é dos liberais.

Quem assistiu à entrevista do último dia 25, saiu com a impressão de que duas coisas são certas: primeiro, os liberais, o pessoal de centro-esquerda e os ex-udenistas que cercam Saturnino ganharam uma importante cartada na luta interna pelo poder. A outra impressão é de que a candidatura de Saturnino está mais do que nunca ameaçada, devido à influência e à capacidade de mobilização dos setores radicais do partido que, sem nenhuma dúvida, são os que têm popularizado sua candidatura ao governo, apesar dos erros que vêm cometendo na avaliação do movimento de massas

Durante toda a entrevista, Saturnino parecia ter plena consciência do caráter do jogo de que estava participando tenso, dando socos leves na mesa e falando sempre em tom discursivo, ele evitou fazer acusações diretas a qualquer grupo, não fez nenhuma ameaça de expurgo, mas foi bastante claro ao afirmar que, a partir de agora, a direção do PMDB no Rio assumirá o comando do partido. "Nós não somos responsáveis pela apuração do atentado. O responsável é o governo, e se suas conclusões no inquérito não forem convincentes, quem vai se desgastar é o presidente da República", disse ele para justificar sua oposição à manifestação do dia 29

Como que para dar a entender que o problema era mais grave, fez uma crítica geral aos militantes que usam *slogans* radicais em manifestações, condenou atos que reúnam apenas militantes e defendeu a propaganda da Oposição em cima de questões concretas de interesse do povo, através de associações de bairros, sindicatos e entidades de classe. Num determinado momento ele chegou a afirmar: "É preciso não confundir Saturnino com Sandino"

Antes e depois da entrevista, alguns militantes envolvidos com a organização da manifestação afirmaram que Saturnino fora pressionado por liberais do partido, que estariam interessados em esvaziar sua candidatura. Assessores mais ligados a Saturnino refutam essa colocação e lembram que o choque de estratégias vem ocorrendo há algum tempo, limitando a ação do próprio Saturnino, que está cercado por assessoria de alto nível, empenhada na discussão de problemas concretos do povo, que vão do elevado custo de vida ao uso de tóxicos, dos aluguéis e do transporte ao jogo-do-bicho.

No final de tudo, o que se conclui é que o senador resolveu virar a mesa, temendo que a precipitação de um confronto, num momento tão delicado quanto o atual, venha a prejudicar as eleições de 1982, considerada por ele como "ponto de partida para a democracia".

CABO ANSELMO ESTÁ NOS EUA EM REFÚGIO DA CIA

O cabo Anselmo (ou José Anselmo dos Santos, marinheiro de primeira classe, promovido a cabo por equívoco da imprensa) fez uma operação plástica no rosto, conseguiu documentos falsos e mora há pelo menos seis anos na Califórnia, na costa oeste dos Estados Unidos, onde trabalha numa empresa de construção naval. Anselmo é um dos muitos agentes estrangeiros que caíram em desgraça e vivem sob a proteção da CIA (serviço secreto americano), nesse reduto da Califórnia.

A revelação foi feita ao REPORTER pelo historiador Moniz Bandeira, autor de *O Governo Goulart*, *A Presença dos Estados Unidos no Brasil* e *Cartéis e Desnacionalização*. Moniz, que freqüentemente viaja aos Estados Unidos para cursos de política brasileira em universidades locais, descobriu o paradeiro do cabo Anselmo no começo deste ano.

Anselmo foi responsável pela prisão dos principais militantes de uma das mais famosas organizações de esquerda que aderiram à luta armada a partir de 1968 — a Vanguarda Popular Revolucionária (VPR). Mas as acusações de que ele era um agente infiltrado no movimento popular surgiram antes mesmo do golpe de 1964, quando ele presidia a Associação dos Marinheiros e Fuzileiros Navais do Brasil.

— Na Califórnia — conta Moniz Bandeira — vivem os protegidos da CIA. Se quiserem, esses agentes queimados em seus países podem ficar lá pelo resto da vida, pois não correm o menor risco. Recebem identidades e passaportes falsos, são empregados em grandes empresas e gozam de todas as regalias. Pelas informações que recebi, o cabo Anselmo foi para os Estados Unidos pouco depois de ter sido denunciado como espião pelos remanescentes da VPR. Dizem que ele ficou praticamente irreconhecível após a operação plástica.

Em 1964, Moniz Bandeira tinha 28 anos, era editor político do *Diário de Notícias* e assessorava o deputado Sérgio Magalhães, líder do PTB e que chegou a ser candidato a governador na extinta Guanabara, sendo derrotado por Carlos Lacerda. Naquela época, lembra o historiador, já havia suspeitas sobre as ligações do cabo Anselmo com a CIA — e, conseqüentemente, com os conspiradores que tramavam a queda de Goulart:

— Pessoalmente eu não conhecia o cabo, embora acompanhasse de perto o movimento que ele liderava. A verdade é que não se tinha uma visão clara sobre o verdadeiro papel da Associação dos Marinheiros. A primeira pessoa que acusou Anselmo de ser agente infiltrado foi Osvaldo Pacheco, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do Rio e dirigente do Comando Geral dos Trabalhadores (CGT). Pacheco era contra a agitação dos marinheiros porque temia que o motim de março de 1964 pudesse favorecer o golpe que se tramava. Ele percebeu que Anselmo estava fazendo uma provocação, incitando os praças à rebelião, com um único objetivo: desestabilizar o governo.

Segundo Moniz, a denúncia de Osvaldo Pacheco não foi levada a sério "porque ainda prevalecia a velha prática stalinista de acusar de policial, dedo-duro e agente infiltrado qualquer adversário". Mas — como já tinha revelado ao REPORTER o capitão-de-mar-e-guerra Paulo Werneck, que foi chefe de gabinete do último ministro da Marinha de Goulart, almirante Paulo Mário — pouco depois foram confirmadas as suspeitas sobre Anselmo:

— Nas vésperas do golpe — garante Moniz Bandeira — soubemos que Goulart tinha sido informado de que Anselmo trabalhava para a CIA — fato confirmado pelo próprio Goulart no exílio, em Montevidéu. Quando decidi escrever o livro sobre o governo de Jango, fiz uma pesquisa e ouvi do almirante Ivo Acioly Corseuil, que em 64 era subchefe da Casa Militar da Presidência da República, a revelação de que, efetivamente, se sabia que Anselmo era um agente provocador, a soldo da CIA. Não se tratava de conjeturas, e sim de informações oriundas da própria Marinha. A CIA dava assistência ao Cenimar (órgão de informações da Marinha) e ao Dops da Guanabara, com o beneplácito do governador Carlos Lacerda. Os agentes se infiltraram no movimento dos marinheiros, chegando ao ponto de vestirem uniformes e darem apartes nas assembléias. Depois eu vim a saber que foi o Serviço de Informações e Contra-Informações do Conselho de Segurança Nacional que levantou a verdadeira identidade de Anselmo.

Em 1973, Moniz Bandeira foi preso e levado para um quartel da Polícia Militar. Ali, ele e outras pessoas detidas ouviram de um policial, que tinha trabalhado no presídio da Quinta da Boa Vista, um relato surpreendente: quando esteve preso nos dias seguintes à queda de Jango, o cabo Anselmo gozava de tantas regalias que à noite saía para dar batidas policiais. Antes que o dia amanhecesse, voltava à sua cela.

— O mais espantoso — diz Moniz — é que Anselmo, quando saía à noite, participava de ações repressivas contra marginais comuns, sem qualquer ligação com o que chamavam de subversão.

Moniz Bandeira recorda-se também de um episódio que ocorreu na redação do Correio da Manhã, no dia 1.º de abril de 1964:

— Um jornalista político, cujo nome prefiro não citar, chegou à redação do Correio da Manhã e comentou: "O almirante Rademacker (que assumira o Ministério da Marinha com a queda de Jango) não é uma pessoa tão dura como se diz. Hoje, testemunhei um encontro dele com o cabo Anselmo, no corredor do ministério. Ele disse para o cabo: 'Suma da minha frente senão vou ter que mandar prendê-lo'. Esse jornalista, que hoje ocupa um alto cargo no governo federal, era honrado e tinha bom coração. Ele acreditou mesmo nesse gesto de boa vontade.

Entrevista a Dênis de Moraes

Foto de Xirumba

Moniz Bandeira, escritor, descobriu o esconderijo do traidor da esquerda

Crise nos bastidores da PM do Rio de Janeiro

Coronel acusa major de pertencer ao MR-8

Acusado pelo comandante-geral da Polícia Militar de "ter ligações com o Movimento Revolucionário Oito de Outubro (MR-8)", o major PM Paulo Sérgio Barbosa está interpelando judicialmente o coronel Nilton de Albuquerque Cerqueira, para que este confirme a acusação feita durante reunião no gabinete do comando, na qual estiveram presentes oficiais superiores e comandantes de unidades operacionais.

O advogado do major, Alexandre José Farah, solicita em sua interpelação, já distribuída à Justiça, que o coronel Cerqueira "esclareça o sentido das expressões que proferiu a respeito do interpelante, as quais podem, conforme o caso, tipificar o ilícito de calúnia, difamação ou, simplesmente, demonstrar que o autor das mesmas não está preparado para a grande responsabilidade das funções que exerce".

Ao narrar os fatos que justificaram a medida judicial do major Ramos contra o comandante da PM, Nilton Cerqueira, o advogado Farah diz que, "na manhã do dia 16 de março passado, o major, ao apresentar-se para o serviço em sua unidade, recebeu voz de prisão e foi conduzido, sob escolta, ao QG, na rua Evaristo da Veiga onde foi introduzido no gabinete do coronel Cerqueira. Lá, este último disse que lhe seria aplicada a pena disciplinar de 30 dias de prisão por haverem sido considerados inconvenientes os termos de um documento reivindicatório que encaminhara e, mais, que o interpelante teria ligações com o MR-8.

O advogado segue dizendo que o coronel parecia "referir-se à organização política clandestina Movimento Revolucionário 8 de Outubro, afirmativa que o major repeliu com veemência e com a serenidade possível nas circunstâncias..." .. Atônito ante a absurda conduta do seu superior (pois é inadmissível que um coronel faça, ante um major, acusação de tamanha gravidade sem dispor de provas, ou, em possuindo estas, que se limite a uma declaração verbal), ficou o interpelante ainda mais surpreso quando, ao retirar-se preso da sala, soube, por comentários de terceiros, que, em reunião que naquele mesmo dia se realizara, no auditório do QG, o interpelado teria repetido tal acusação, gravíssima e sem o mais remoto fundamento, para uma assistência composta por todos os comandantes, chefes e diretores de OPMs."

"O fato, em tese — prossegue o advogado Alexandre Farah — tipifica crime de calúnia ou de difamação. Se o interpelado atribuiu ao interpelante a filiação aos quadros do MR-8, caracterizou-se o delito de calúnia, previsto no artigo 138 do Código Penal.

José Argolo

Foto de A. Mesquita

Major Ramos reclamou e foi preso

Coronel Cerqueira acumula problemas com oficiais da PM

A BRIGA ANTIGA

No dia 12 de março último, o major Paulo Ramos, na época lotado no 15.º BPM (Duque de Caxias), encaminhou ao comandante daquela unidade, coronel PM Ricardo Frazão, um documento em que reivindicava do comandante-geral da corporação, coronel Nilton Cerqueira, que "tomasse providências no sentido de evitar que as punições disciplinares, aplicadas a oficiais e praças, extrapolem os limites da PM". Ao fazer sua reivindicação, o major Ramos arrolou 23 considerandos, dos quais destacamos o último:

— Não basta falar das tradições e do bom nome da PM, é preciso, a todo custo, encontrar ou respeitar os mecanismos capazes de resguardar a corporação e seus integrantes, principalmente no que concerne a seus misteres internos, dos escárnios e dos achincalhes, pois as boas intenções constantes dos discursos somente serão dignas de crédito se acompanhadas de ações que delas não se distanciem.

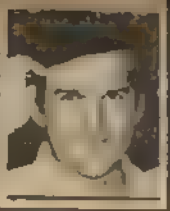
Seu documento foi considerado pelo coronel Ricardo Frazão "irreverente e acintoso" tendo ainda "uma conotação de incitamento à desordem e à indisciplina contra atos manifestamente legais do comando geral da PM (Boletim Reservado número 009 do 15.º BPM) e, em conseqüência, lhe foi aplicada uma punição de 30 dias de prisão

De qualquer maneira, mesmo punido, o major viu satisfeita sua principal reivindicação ou seja, de que as punições impostas aos oficiais da PM não tenham divulgação pública e se restrinjam ao conhecimento da corporação. Em nota número 172.551 de 26 de março de 1981, o comandante Cerqueira determinou "o cumprimento do artigo 12 do Regulamento de Salvaguarda de Assuntos Sigilosos tendo em vista o grande número de publicações internas que ultimamente são constantemente veiculadas pela imprensa"

UMA COLUNA DE POLÍTICA

Ô da política!

Daniel Aarão Reis Filho



Qual é a tua, Oposição?

Apesar das bombas, o ministro da Justiça, sr. Abi-Ackel, continua firme com o seu roteiro de discussões para 1981: primeiro, o Estatuto dos Estrangeiros (por que não um estatuto para os brasileiros?), em seguida a discussão das prerrogativas dos parlamentares (por que não as prerrogativas dos trabalhadores?) e, finalmente, chegará a hora da reforma eleitoral (por que não a reforma agrária?). Assim, o governo define os temas e o calendário das discussões. É como escolher o campo de jogo, o juiz e os dois bandeirinhas para a partida decisiva do campeonato.

Mas não há partidos de oposição? O que fazem eles?

Em 1980, cuidaram do registro provisório na Justiça Eleitoral. Em 1981, estão cuidando do registro definitivo. Todos os partidos de oposição já têm manifestos, estatutos, parlamentares, aspirantes a governadores, líderes, caciques, chefes e dirigentes. E só pensam nas eleições de 1982. Hoje em dia, e apesar das bombas, a principal preocupação dos partidos de oposição é a chamada "reforma eleitoral", ou seja, as "regras do jogo" eleitoral: haverá mesmo eleições? Ou os mandatos serão, mais uma vez, prorrogados? E quem ganhar, leva? Poderão os partidos disputar juntos uma mesma eleição (são as chamadas "coligações partidárias")? E as sublegendas — cada partido poderá lançar mais de um candidato ao governo ou ao Senado? E o voto vinculado? Todos serão obrigados a votar em candidatos de um mesmo partido? Todo o mundo desconfia que o governo está preparando um pacotão eleitoral de forma a garantir sua vitória — os homens do Planalto argumentam que desde 1964 nunca perderam eleições — por que haverão de perder agora?

Mas o que fazem os partidos de oposição?

Reúnem. Discutem. Voltam a reunir para tornar a discutir. Soltam manifestos vibrantes e fazem comícios esbravejantes contra o governo. E começam a dividir áreas para ver quem vai se candidatar onde e quando e para que mordomia. Surgem candidatos a candidatos em todos os cantos e esquinas. Dispostos ao sacrifício, naturalmente. Talvez esteja aí um dos segredos da abertura: abriu luz verde para centenas de carreiras sindicais e políticas. E os homens de oposição parecem bem mais interessados em "ocupar esses espaços" (lugares ou mordomias) do que propriamente na luta do povo por seus interesses. É por isso que a discussão da reforma eleitoral interessa mais do que a luta dos trabalhadores por emprego e por liberdade sindical e política.

Negócio seguinte: não adianta ficar discutindo os temas do governo na hora em que ele determina. A Oposição poderia, pelo menos, começar as discutir o que realmente interessa: emprego, salário, lazer, custo de vida, liberdade sindical e política, reforma agrária, multinacionais, etc. E também dar uma mãozinha na luta prática dos trabalhadores, ao invés de só se assanhar na hora de disputar cargos (sindicais ou parlamentares). Só assim é que saberemos que é **mesmo** oposição, só assim é que os partidos de oposição poderão ser reconhecidos pelo povo como seus legítimos representantes. Porque uma coisa é certa: sem um movimento social de trabalhadores realmente forte, a Oposição jamais chegará ao governo: pode até ganhar, mas não levará.

D. Pelé, bispo da Paraíba, disse curto mas falou certo: os partidos estão é prejudicando o movimento popular. Conversam muito, pensam muito na disputa dos cargos, mas não gostam de sentir o cheiro do povo. Que o partido do governo faça isto, tudo bem. Afinal de contas, o presidente gosta mesmo é de cavalos. Mas a Oposição também vai montar na sela e entrar neste jogo? Vai se limitar a combater os projetos do governo nos salões atapetados? Qual é a dos partidos de oposição? Vão sair das nuvens e se aproximar das bases ou vão continuar brincando de fazer política?

ELEIÇÃO DIVIDE PARTIDOS EM SP

PDT ironiza Lula, que tem apoio do PTB

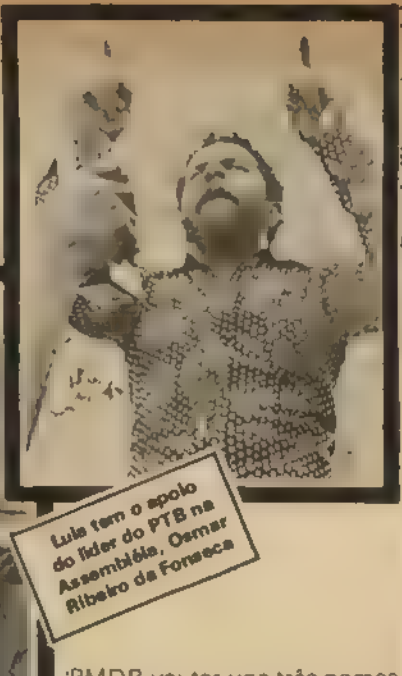


Foto de Wagner Avancini

Foto de João Bittar

Lula tem o apoio do líder do PTB na Assembléia, Osmar Ribeiro da Fonseca

— A publicação dessa prévia é um desserviço às Oposições!

Isso foi o que disse o líder do PDT na Assembléia paulista, Reginaldo Valadão, ao saber que Lula tinha vencido a eleição para governador realizada pelo REPORTER. O deputado Valadão — entre sério e bem-humorado — disse também que Lula só ganhou porque militantes do PT souberam da prévia e foram em peso votar. (O que na realidade não ocorreu.)

Esse pessoal do Lula é fogo — disse Valadão — foram todos votar nele. E o pior foi vocês publicarem o resultado, porque o Lula vai ficar empolgado, sai candidato mesmo e divide ainda mais as Oposições. Já tem Montoro, já tem Setubal. E isso que o Golbery quer

Na nossa prévia não havia nenhum candidato do PDT. O partido já tem candidato? Valadão diz que "a intenção do partido é somar, não estamos preocupados com nomes, temos é que unir as Oposições"

Valadão concluiu que a "eleição" de Lula é impossível: "Brincadeira tem hora Imagina se ele ganha do Montoro!"

Mas, se ganhar, Valadão promete mandar pra ele um telegrama de congratulações nos seguintes termos: "Você é o mais maior"

O líder do PT, Marco Aurélio Ribeiro, soube do resultado da prévia no dia 21 de maio. Imediatamente dirigiu-se ao plenário levando o jornal. E diz que foi o maior rebu. Os deputados dos outros partidos não acreditaram no que viam. Mas Marco Aurélio achou o resultado normal.

— O resultado foi representativo de uma camada da opinião pública, a mais atingida pelo modelo econômico, que é a dos trabalhadores. Eles vêem no Lula a única opção

Marco Aurélio diz que o partido considera a possibilidade de lançar Lula pra governador, mas nada está decidido. Mesmo porque nem se sabe se ele será absolvido no processo. Se for condenado, não poderá concorrer a nada. Se for candidato mesmo, Lula não vai dividir as Oposições

— A pesquisa de vocês mostra — diz Marco Aurélio — que as Oposições podem ganhar em São Paulo, mesmo se apresentarem três candidatos. Tanto que os dois candidatos do PDS, na pesquisa, tiveram juntos 64 votos. Em São Paulo, é desnecessário haver candidato único das Oposições E negócio de dizer que Lula vai dividir é uma balela

Como governador ele poderá fazer um governo com participação popular Não digo que fará grandes mudanças, mas já será um avanço tomar decisões junto com o povo, em discussões amplas

O líder do PP, Waldemar Chubassi, também gostou do resultado da prévia, em que Olavo Setubal ficou no quarto lugar

— Tá bom pra nós. O partido é novo e pra começo, tá muito bom

Ele crê que o resultado da nossa prévia não ficou muito distante de outras pesquisas:

— Veja — diz ele — somando-se os votos da Oposição, teremos 78,5% dos votos

— Chubassi é dos que acham que a Oposição não deve apresentar muitos candidatos em 82

— Um ou, no máximo, dois Na hora "H" o povão vai votar no candidato das Oposições mais viável, que parece ser o Montoro. Setubal, porém, está em ascensão. Tenho a impressão de que quando a casa começar e ferver ele estará bem colocado. Tanto ele como o Montoro e o Jânio têm condições de vencer. Q[illegible] Jânio sair, vencerá aquele que tiver o apoio dele

Lula não sairá candidato a governador, no entender de Chubassi: "Ele pode fazer uma boa bancada federal pro PT, se for candidato a deputado".

Quanto à briga Montoro x Quércia, ela está mais acirrada do que nossa prévia indica, diz Chubassi. "Principalmente no interior, a diferença entre os dois é bem apertada. Tudo depende, porém, do próximo pacote eleitoral. Se vier a sublegenda, por exemplo, o PMDB vai ter uns três nomes pra candidato. Já o PP, não."

O líder do PMDB, Luís Máximo, não coloca em dúvida a honestidade de nossa prévia, mas tem uma ressalva: "Em pesquisas assim, feitas na rua, pode haver mobilização de grupos, que passam a votar nos seus candidatos. Isso acontece muito no interior Na prévia de vocês pode ter acontecido isso"

Máximo acredita que Montoro, numa eleição de verdade, ganha de Lula. "Na minha região, o Vale do Paraíba, onde temos 500 mil eleitores, a preferência por Montoro é clara. Lula não desfruta de tanto prestígio Em cidades como São José dos Campos, pesquisas indicaram Montoro em primeiro e Lula apenas em quarto, superado por Natel e Setubal.

A colocação de Quércia em nossa pesquisa (penúltimo) não causou surpresas a Máximo: "Como líder do partido, não posso ter preferência, mas nesse momento Montoro seria o candidato preferido pelos diretórios do interior".

Quanto à sublegenda, Máximo é contra: "Se vier, o PMDB não deve usá-la, pois só propicia divisão"

Quem gostou da vitória do Lula em nossa prévia foi o líder do PTB, Osmar Ribeiro da Fonseca. E explicou

— Achei o resultado ótimo. Uma prova de que o PT está popular. Só posso louvar essa pesquisa. Lula está à altura de ser governador de São Paulo. Seu nome é benquisto, ainda mais entre os petebistas, que pelo menos aqui, na Assembléia, estão bem unidos com o PT

Diz Osmar que o PTB e o PT já conversaram sobre a possibilidade, até, de Jânio apoiar Lula pra governador E a colocação de Jânio na nossa prévia (terceiro lugar) não surpreendeu Osmar "Jânio só vai subir quando disser que é candidato mesmo"

Alex Solnik

REPORTER

OPINIÃO PÚBLICA

PMDB no Recife une Oposições e tem 75% dos votos

ELEIÇÃO CONSAGRA MARCOS FREIRE

A prévia eleitoral promovida pelo REPORTER no dia 20 de maio no Recife foi, a exemplo do Rio de Janeiro e de São Paulo, muito concorrida. Em dois locais dos mais movimentados do centro da cidade votaram 1 378 pessoas de todos os setores sociais: executivo, funcionário público, freira, padre, soldado, camelô, madame, mendigo, paralítico em cadeira de roda. Muitos pensaram que era eleição de verdade, alguns chegaram mesmo a se lamentar de não terem o título eleitoral na mão.

"Essa é barbada, dá Marcos Freire na cabeça", foi o comentário mais frequente. E, na verdade, correspondeu ao resultado. Na apuração realizada na sede do Sindicato dos Jornalistas, o senador do PMDB sagrou-se vitorioso com 734 votos, que, somados aos 301 do ex-governador Miguel Arraes, dão ao PMDB, carro-chefe das Oposições em Pernambuco, 75 por cento dos votos.

Esse percentual está perfeitamente dentro da realidade política da região metropolitana do Recife, cidade cuja história a caracteriza como francamente oposicionista. Nas duas últimas eleições majoritárias para o Senado, em 74 e 78, Marcos Freire e Jarbas Vasconcelos, respectivamente, tiveram mais de 70 por cento dos votos.

Na legenda governista, o mais votado foi o prefeito do Recife, Gustavo Krause, com 113 votos, o que também não é surpresa, pois ele vem procurando pautar sua atenção no atendimento às populações faveladas da cidade, estratégia que visa exatamente roubar votos das Oposições no seu principal bastião. Moura Cavalcanti mostrou que ainda tem algum prestígio — 88 votos — e, por último, o atual senador e líder do PDS, Nilo Coelho, com 55 votos, que é realmente ruim de urna na capital.

A eleição promovida pelo REPORTER está servindo também para que os dirigentes do PMDB avaliem a repercussão junto à população do episódio das fotos tiradas durante o sequestro de que foram vítimas a esposa do senador Marcos Freire, Carolina, e o deputado federal Fernando Lira. Nas fotografias, que ainda não tiveram divulgação pública, ambos aparecem despidos e elas foram feitas com o objetivo de chantagear o senador. Na boca da urna, sem que fosse provocado, o assunto surgiu naturalmente e à acusação de que Marcos Freire é corno sempre aparecia quem o defendesse dizendo: "Pode ser corno, mas é cabra macho, é um homem de respeito, que merece ser governador".

Outro fantasma que ronda o PMDB também estava na urna. Chama-se Miguel Arraes e ele continuará assustando os dirigentes do partido enquanto não definir publicamente seu apoio à candidatura Marcos Freire, o que não fez até agora.

Embora a prévia tenha demonstrado o desejo das pessoas em eleger seu governador, muitos ainda não acreditam que isso será possível. "Só se for de brincadeira, como estamos fazendo agora", disse um office-boy que nunca votou na vida. A descrença nos políticos, de uma forma geral, também apareceu, como no comentário de uma senhora que votou acompanhada dos cinco filhos: "A gente vota neles pensando que vão fazer muito por nós, mas quando eles chegam lá em cima se comportam igualzinho aos outros".

Até o soldado faz questao de votar

CANDIDATOS	N.º DE VOTOS
Marcos Freire	734
Miguel Arraes	301
Gustavo Krause	113
Moura Cavalcanti	88
Nilo Coelho	55
Votos nulos	43
Em branco	8
Marco Maciel	9
Geraldo Melo	8
Outros	18

Frente do Recife tornou possível vitória de Arraes

A última eleição direta para governador que apaixonou os pernambucanos se deu em 1962, quando Miguel Arraes foi escolhido, numa campanha das mais radicalizadas entre a direita e a esquerda de que se tem notícia no Estado.

Com Arraes estava a Frente do Recife, uma espécie de coligação não oficial entre trabalhistas, socialistas, comunistas e demais forças de oposição. Contra ele, a direita radical, a aristocracia da cana de açúcar, a sociedade tradicional pernambucana, a indústria e o comércio. Era governador o usineiro e industrial Cid Sampaio, que apoiava o candidato da UDN, João Cleofas, utilizando para sua campanha as verbas do IBAD.

Recife fervia durante a campanha. Comícios, passeatas, debates em praça pública, uma saudável e acirrada disputa pela televisão, nesse ano utilizada pela primeira vez em debates eleitorais no Recife. Os partidários da Frente iam folhetos de cordel com microfones em praça pública, onde ridicularizavam o candidato João Cleofas pelas suas duas derrotas anteriores (contra Agamenon Magalhães e Etelvino Lins), chamando-o "João Três Quedas". Os da direita construíram um grande muro de madeira no centro do Recife, numa alusão ao muro de Berlim, dos comunistas.

Arraes ainda não se definiu

Freire é o candidato mais forte

Preocupada com sua votação no interior, a Frente do Recife partiu para uma ação arrojada, que foi decisiva na vitória de Miguel Arraes: aproveitando-se das contradições internas do PSD, conseguiu para compor a chapa o fazendeiro e criador de gado Paulo Guerra, que entrou como vice de Arraes. Com ele veio o apoio de coronéis do agreste e do sertão, de peso decisivo nos resultados eleitorais do Estado.

Durante a apuração, a tensão era muito grande. Como havia poucos juízes eleitorais, foi feita primeiro a apuração dos votos do interior, dando grande vantagem para o candidato da UDN. Sua vitória chegou a ser comemorada antecipadamente, mas ainda faltavam os "votos da poeira", da periferia da cidade do Recife, de onde Arraes tinha sido prefeito. E foram esses votos que lhe asseguraram a vitória, com quase 15 mil de diferença sobre João Cleofas.

• **MARCOS FREIRE** — O maior trunfo de sua candidatura ao governo de Pernambuco é o fato de que ele une em torno de si todas as correntes oposicionistas do Estado. Do PT ao PTB, todos estarão cerrando fileiras com Freire em 82, seja porque concordam que, politicamente, esta é a melhor opção para as Oposições, seja porque nenhum outro partido tem um nome com alguma possibilidade de vitória. Dentro do PMDB sua força advém da combatividade que sempre pautou sua atuação no Legislativo, aliada à capacidade do senador em sensibilizar setores que, normalmente, são arredios e até mesmo adversários do partido. Na festa que promoveu para comemorar seus dez anos de atuação parlamentar, ano passado, podiam se ver sentados na Assembléia Legislativa desde o líder comunista Gregório Bezerra até o presidente do Sindicato dos Bancos do Estado.

• **MIGUEL ARRAES** — O ex-governador cumpre atualmente sua determinação de visitar cotidianamente os bairros pobres do Recife para conversar com a população. Convicto de que um mandato popular só se encerra quando o próprio povo assim o determina — como tem dito continuadamente —, o ex-governador já está conseguindo passar essa mensagem à população, e não será de espantar se ele apresentar seu nome à convenção partidária que irá escolher o candidato do PMDB ao governo estadual. Por enquanto, só se tem contato com sua candidatura a deputado federal, o que engordaria a legenda oposicionista — ninguém duvida de que ele pode vir a ser o deputado federal mais votado no Estado —, mas Arraes, ao mesmo tempo em que se recusa a apoiar abertamente a candidatura Marcos Freire, vai alimentando esperanças de vir a ser o escolhido na convenção.

• **GUSTAVO KRAUSE** — 34 anos, atual prefeito do Recife, é um candidato natural do PDS a deputado federal nas eleições de 1982, mas também pode integrar uma sublegenda na eleição para governador, pois ele é o mais capaz de garantir para o governo pelo menos 20 por cento dos votos da oposicionista região metropolitana do Recife. Krause, além do fato de ser sobrinho da esposa do ex-governador Moura Cavalcanti, foi escolhido para a Prefeitura com o objetivo de fazer uma política voltada para a população pobre dos morros e alagados da capital. Sua orientação principal é incentivar a população pobre a melhorar suas condições de vida, mediante sistemas de mutirão, em que a Prefeitura fornece o material e as pessoas interessadas, a mão de obra. Tem conseguido resultados satisfatórios, embora alguns locais lhe sejam inteiramente adversos, como o morro da Conceição, onde, sempre que ele sobe para fazer inaugurações, as comunidades organizam manifestação dizendo que o povo não quer fachadas e sim o pão. Krause é formado em Direito, foi colega do presidente do PMDB pernambucano, Jarbas Vasconcelos, e, na época, era tido como ferrenho direitista.

• **MOURA CAVALCANTI** — O ex-governador, 54 anos, ex-ministro da Agricultura, ex-presidente do Incra, ex-governador do Amapá, só disputou uma eleição direta em toda sua vida. Foi no seu município, Macaparana, em 1946, quando concorreu como candidato à Prefeitura. Foi eleito. O grande trunfo de Moura, hoje, é que durante o seu mandato ele fez a maioria dos prefeitos pernambucanos e, por isso, depois que deixou o governo, recebeu títulos de cidadania em 156 dos 164 municípios do Estado. Sua candidatura foi lançada à revelia do governador Marco Maciel, de quem é inimigo político, e à qual compareceram 29 dos 32 deputados estaduais do PDS.

Reportagem da Equipe REPORTER

SANDRA CAVALCANTI

A normalista que perdeu o noivo e virou política

*É difícil fazer com que dona Sandra fale de outra coisa fora da política. Não, política **não** é uma obsessão em sua vida, como faz questão de ressaltar. Mas não há outro jeito de contar a trajetória dos acontecimentos que conformaram essa mulher forte, vigorosa, decidida, a não ser desfiando as atividades que, desde os seus tempos de professora de Português no Instituto de Educação, já denotam uma preocupação com os problemas sociais e econômicos do país. Pois não era ela quem "curava" as frequentes crises existenciais das normalistas, suas alunas, levando-as a conhecer a **dura realidade** dos hospitais públicos, de preferência aqueles que atendiam crianças?*

O raciocínio rápido, a agilidade nas respostas, a capacidade de empreender soluções arrojadas para questões de longo prazo, quase tratamentos de choque que surpreendem a todos. A falta de modéstia – "é verdade, conheço este Estado como poucos"; uma liderança inata – "nunca me limitei àquela história de só dar lição, sempre exerci minha liderança numa boa"; o idealismo dos jovens – "parte de pureza que eu ainda conservo". As características políticas, morais e psicológicas desta mulher de 49 anos, oriunda de uma família de quatro irmãs – duas casadas e uma freira – costumam ser violentamente atacadas por seus adversários. E eles são muitos, desde o ex-embaixador Roberto Campos, passando pelo almirante Faria Lima e pelo falecido Marcos Tamoyo.

Se a língua ferina de Sandra Martins Cavalcanti de Albuquerque não lhes poupa adjetivos implacáveis – "Roberto Campos quis fazer do BNH uma agência de agiotagem"; "Faria Lima conseguiu promover a total desindentificação do Estado do Rio de Janeiro, em sua época de governador" – responde com igual veemência às acusações. Autoritária? "Não, sou uma pessoa que sabe mandar, que tem coragem de assumir decisões, designar os caminhos e convencer os outros a virem junto. É muito importante convencer as pessoas a virem junto."

"Bem careta e bem quadrada", como se classifica, dona Sandra pode receber em seu escritório do Centro – cedido pelo ex-noivo, Maurício Cibulares, em quem os detratores teimam ver maneiras delicadas – personalidades da extrema-direita como da extrema-esquerda. "É esta a arte do político: dar-se bem com todos", explica, ressalvando porém que fica "possessa" quando a chamam de reacionária de direita: "Já depus em muita auditoria militar pra tirar gente presa". Ela apoiou a Revolução de 64 – "claro, o Rio de Janeiro vivia numa grande baderna" – mas atualmente se integra na corrente dos que se consideram "os grandes traídos de 31 de março".

As desilusões políticas fazem com que dona Sandra se lembre de que é professora. Nessa ocasião, exatamente em 58, quando terminou o primeiro mandato de vereadora, retornou a seu lugar no Instituto de Educação e se abrigou nos braços inocentes das normalistas. Hoje, ela já não pode contar com esse recurso, pois recebe mensalmente os proventos de sua aposentadoria: Cr$ 19 mil. Família de classe média, mora com a mãe

*– que tem renda própria – numa casa construída pelo pai, e administra os ganhos vindos das conferências que realiza nas universidades brasileiras (de Cr$ 20 a Cr$ 40 mil cada uma), de um apartamento alugado e de sua atividade jornalística: participa do debate diário do programa de Haroldo de Andrade, na rádio Globo, e mantém uma coluna no jornal **Última Hora**.*

– Aprendi que o que não falta é dinheiro – assegura, dando um acento de firme determinação à voz impostada que aperfeiçoou num curso da CBS News, especial para aparições em televisão, realizado numa de suas idas aos Estados Unidos. "O dinheiro existe, só que é mal aplicado", continua. "Como toda dona-de-casa, é uma questão de tirar daqui e botar ali, promovendo um remanejamento das finanças para que os setores mais carentes sejam favorecidos. As mulheres são mestras em demonstrar que esta receita dá certo: economizar no vestuário, para poder comprar comida, abandonando o supérfluo pelo essencial."

Um "vale do Tennessee", uma terra de promissão aqui mesmo no Estado do Rio de Janeiro, no vale do rio São João. Uma ação "quase psicológica" para recuperar as características de "um Estado que, ao perder sua identidade, fez-se totalmente dependente – 96 por cento do que comemos vêm de outros lugares – e já não confia em si mesmo". O direito à informação correta sobre tudo o que acontece nos âmbitos político, econômico e social. A redistribuição de terras não aproveitadas, a começar dos terrenos ociosos do Grande Rio e estendendo-se pela área rural, numa verdadeira reforma agrária. São idéias de uma política perplexa com o que fizeram a seu Estado, para o qual promete até "fazer um reestudo para reduzir os impostos escorchantes".

Dona Sandra confia em sua habilidade de descobrir onde o dinheiro está. E pela primeira vez, dando um tempo de silêncio entre a pergunta e a resposta pensada, na qual se pode notar, entretanto, uma ligeira irritação, ela nega que receba verbas de empresas para financiar quaisquer de seus planos passados, presentes ou futuros.

*– Proponho que se faça uma auditoria no meu Imposto de Renda, que se mande verificar os meus gastos. Eu não recebo, como não recebi, ajuda de ninguém. Para a campanha, utilizei a casa de um amigo, emprestada. E os únicos cheques que me chegaram às mãos foram de amigas, companheiras de escola, professoras como eu, que ofereceram suas pequenas contribuições. Eu não acho que todas as pessoas do mundo estejam à venda. Acredito no idealismo, e felizmente me nutro dele para ser bem diferente de **uma grande leva** de políticos que **está** por aí.*

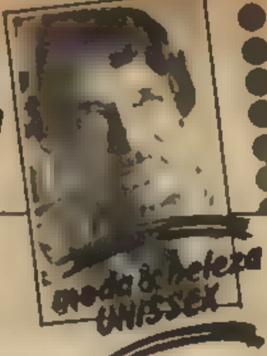
A política, para a fundadora do Partido Democrático Republicano, "é subproduto de uma enorme vocação para a participação na vida comunitária". Ela fala de sua formação na Escola Alemã como criadora de uma consciência coletiva: "Nós somos muito mais responsáveis pelo que acontece do que pode parecer à primeira vista". Com uma roda de amigos fiéis – "me dou muito bem com eles para conviver, trabalhar e me divertir" – Sandra não sabe explicar por que não se casou. "Casar apenas por decisão racional é uma loucura", afirma, acrescentando que, agora, dobrou o cabo da boa esperança e está muito bem.

*Cabelos em processo de embranquecimento – que ela aproveita para tingir de louro claro – discreto chemisiê de flores lilazes, colar de pérolas de bijuteria, Sandra, católica, apostólica, romana, devota de Santa Mônica, não acredita que o porte másculo de sua figura, os ombros grandes e fortes que disfarça com as mangas compridas, o rosto de linhas duras e seu próprio **approach** político inibam as iniciativas dos homens a seu respeito. Ela nunca é vista em colóquios amorosos com prováveis parceiros, enquanto os boatos de que suas companhias preferidas sejam as mulheres circulam à rédea solta. Depois de alguma insistência no assunto, enfim ela desenterra uma história de folhetim para justificar sua inapetência: foi noiva aos 19 anos, o noivo pegou pneumonia, depois meningite, terminou lesado em suas faculdades mentais e morreu.*

Thais Mendonça

COLUNA DE

Evandro de Castro Lima



O CHARME FEMININO NAS CASERNAS

A moda pegou. Depois da Marinha, que já efetivou seus rabos de saia na tropa, todas as outras forças militares estão se movimentando para sentir o cheirinho de mulher na caserna. Não temos dúvida de que a abertura foi salutar, até nesse ponto: o charme feminino venceu a famosa carranca militar... e invadiu os quartéis. Exército e Aeronáutica já se preparam para admitir também o seu corpo feminino. Chefes das duas Armas já declararam: queremos mulher! E o sinal mais positivo de que está faltando mulher nas armas já foi dado pela Polícia Militar do Rio de Janeiro. O comandante da PM fluminense, coronel Nilton Cerqueira, deu o sinal verde para a admissão de 300 mulheres, de diferentes especialidades funcionais, que formarão a Companhia de Polícia Feminina. O salário inicial da mulher na PM será o mesmo de um soldado: 33 mil cruzeiros. Tudo bem! Agora, aos srs. chefes militares, do Exército, Aeronáutica e PM do Rio, um pedido de competentes figurinistas e costureiros brasileiros: na hora de criar os uniformes das mulheres que vão servir em suas corporações, façam um convite aos profissionais do ramo, uma concorrência pública; não repitam o exclusivismo da Marinha, para que os uniformes não fiquem sendo uma cópia dos filmes antigos de Hollywood. Uma concorrência só servirá para eleger o melhor, evitando a cópia disfarçada.

A Feira Nacional da Indústria Têxtil deste ano, mais do que em suas edições passadas, funcionou como verdadeiro termômetro do que o Brasil vai usar na moda do próximo verão. A Fenit que o Anhembi acaba de mostrar foi uma feira prática, comercial, sem as loucuras (a moda inusável) que costumava mostrar. A moda feminina, masculina e infantil foi passada a limpo pelas grandes indústrias de roupa pronta e pelos criadores donos de pequenas confecções. As cores para a próxima estação: os tons de verde e os cáqui, os bege e o terra. Também o ameixa e o *bordeaux*. O algodão, o linho são os tecidos vedetes, e o *nylon* vai continuar nas paradas das roupas esportivas. Para as mulheres, uma tendência: no próximo verão, saias mais curtas e o domínio das bermudas e dos *shorts*. Os modelos jovens continuam inspirados nos conjuntos esporte, de que falamos hoje aqui na coluna, e acentuam-se os uniformes militares de guerra, estilizados em cáqui e verde. Vamos aguardar que vem muita novidade por aí!

★★★★★★★★★★★★

A MODA FAZ GINÁSTICA

*Os conjuntos esportivos para ginástica vieram para ficar. Eles estão aí mesmo ao alcance de todos – homens e mulheres – em muitas versões, algumas bem simples (e mais baratas), outras sofisticadas (e caras), com aplicações em cetim e até pedrarias. Logo surgirão adornados com missangas e paetês! Para homens e mulheres modernos que sabem vestir o gênero esportivo, nada melhor do que esses conjuntos de ginástica, de **jogging**, de **cooper**, pois eles caem muito bem e despojam as pessoas de uma falsa seriedade que, em geral, as roupas tradicionais dão. As mulheres jovens, sofisticadas, têm, nesse guarda-roupa esportivo, uma variação mais requintada: o **knicker**, que é uma roupa modelada a partir dos uniformes dos jogadores de golfe ingleses. Vale dizer que esses são conjuntos bem extravagantes, de variadas combinações de cores, estamparias e tecidos, e que é preciso muito cuidado na hora de harmonizar as peças, para que não se saia por aí com jeito de bruxa ou espantalho. Bem combinado e usado pela mulher certa, o **knicker** é uma tentação.*

★★★★★★★★★★★

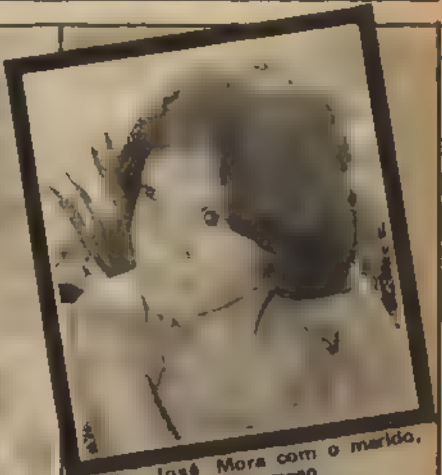
● Uma beleza de bijuteria artesanal que você encontra em qualquer barraca de camelô são os colares e brincos feitos de conchinhas do mar e de algumas sementes especiais. Algumas dessas pequenas jóias já aparecem em versões que misturam missangas e vidrilhos. Algumas são muito bonitas e de bom gosto e você não vai pagar mais de 200 cruzeiros. E também tem o seu isoterismo, bem próprio do nosso misticismo, porque vem do mar, dos domínios de Iemanjá. Saravá! ● Muito cuidado: mulher para usar bermuda (daquelas folgadas) e saia curta, há que ter pernas bonitas. Botar cambitos de fora e achar que está fechando, é ridículo! Cuidado, muito cuidado! ● Muito cuidado também: as cadeirudas (quadris largos, grandes culotes), não podem usar as calças no gênero bombacha, pois elas só fazem acentuar os excessos físicos, apesar de dar a falsa idéia de que os estão escondendo. Todo cuidado é pouco! Correspondência: Evandro de Castro Lima, Rua Barata Ribeiro, 396 – Copacabana

MULHER DE BANDIDO AMA, SOFRE E LUTA

Só no Rio de Janeiro, mais de 12 mil homens vivem nos presídios, encarcerados. Quase todos eles têm família, pai, mãe, irmãos e muitos têm uma companheira. Aqui fora, a mulher é, para o bandido preso, "ao lado de Deus e do advogado de ofício, a única esperança" (Valdina).

O advogado de ofício é a possibilidade legal de liberdade. Deus, o infinito, o desconhecido, e a mulher a maior ligação com o mundo. Com ela ele faz o sexo em celas às vezes chamadas ***solitárias****, chora as angústias de quem vive atrás das grades, faz os planos do futuro de liberdade, às vezes através de fugas em que o papel dela é fundamental.*

O repórter Tim Lopes e o fotógrafo Chiquito Chaves conversaram com muitas mulheres de presos. Viram que tem aquela que procura um bandidão solteiro 6 meses antes do malandro ser solto — "porque sabe que comigo lá fora ela vai ter a maior boa vida". Há a que consegue juntar amor e solidariedade pelo preso com uma vida independente, em que nem o sexo é reprimido. A maioria, entretanto, vive sua vida em função do homem na cadeia, não admite um namorado do lado de fora e sequer arruma emprego, muito por causa de preconceitos, como se a companheira de um presidiário fosse ***mulher de malandro.***



Maria José Mora com o marido, mas o amor está preso

Neuzimar não sabia que o marido era "bicho solto", mas o ajuda nessa "travessia"

Na fila, a angústia de [redacted] era que, depois, na hora da revista, se transforma em revolta.

Eles acham porque o marido da gente tá em cana que a gente é cúmplice. Tem certas paradas que a gente como mulher é a última a saber. Eu nem sabia, ele tava condenado há seis anos porque deu uma porrada de mau jeito na primeira mulher, que ficou ali, mortona. E tem outras broncas, mas não vai ser por isso que eu vou ser confundida como vagabunda. Qualquer um está sujeito a uma rebordosa dessas. Os guardas, pra humilhar, ainda mandam essa: mulher de malandro tem que sofrer. E dizem mais: que o marido da gente vai virar garoto de cadeia.

Cláudia está na fila de visitas aos presos recolhidos no presídio Ari Franco, a pior cadeia do Rio de Janeiro, conhecido por Água Santa, nome do bairro onde foi construído. Considerado de segurança máxima pela direção do Departamento de Sistema Penitenciário, ele tem 3.200 metros quadrados, onde estão confinados 1.703 homens, que dividem as 76 celas coletivas. De manhã cedo já tem mulheres de presos, mães, parentes na fila para pegar os números. Pela ordem de chegada apresentam sua carteira plastificada de direito à visita aos três presos de bom comportamento, que usam uma camiseta com as iniciais S.J.P.A.F. no peito e a palavra *Humanização* escrita nas costas.

A revista, feita por policiais femininas, é rigorosa e, segundo o depoimento de muitas mulheres, a sacanagem começa aí:

A visita, pra mim, é uma humilhação. Você tem que ficar nuazinha; se você estiver menstruada, tem que tirar o modess, botar no lixo e descer para a visita sem qualquer proteção. E papel higiênico sempre está em falta. Você fica deitada numa cama, abre as pernas, elas examinam com uma lâmpada, examinam com bico de pato. Metem o dedo revestido com uma borracha em você pra ver se tem algum bagulho. Acho a maior pantomima

Nelzimar transa há 10 anos com Naú, preso por assalto e tráfico de tóxicos. Trabalha em boates da Praça Mauá, que conheceu com 15 anos, pouco depois que foi expulsa de casa pela mãe

Meu padrasto não tirava o olho de mim. Tava ficando mocinha e o homem só me cercando. Aí minha mãe achou melhor me mandar embora. Tenho três filhos, mas de Naú é só um. Quando eu conheci ele, não sabia que era bicho solto. Tô aí dando uma cobertura pra ele. Apressando a travessia.

"Travessia" é o termo usado pelos parentes dos internos que tentam transferi-los logo para outro estabelecimento penitenciário, menos rigoroso. A alta rotatividade e a superlotação também fazem parte do presídio Ari Franco. Na fila, a empregada doméstica Valdina Celestino reza para que chegue o dia da "travessia". De mão dada com Flávio, de 4 anos, filho que teve com Valtair, preso por tráfico, ela diz que na vida tudo é rotina e justifica a prisão do marido:

— É vida de sofrimento. Ele fez isso, mas mal ou bem ele trabalhava. Era uma outra mão.

E o seu filho?

— Ele leva isso como escola. Vem na escola ver o pai dele. Vou tapeando ele, dizendo que é colégio interno. Um dia ele reclamou dizendo que nunca tinha visto criança ali.

Maria José está acompanhada da filha de oito anos, reclama dos preços cobrados pela cantina do presídio, que é arrendada pela administração a um comerciante. Um refrigerante custa 35 cruzeiros, um sabonete 50, uma agulha 10 cruzeiros. Maria diz que vive dividida

— Tô casada aqui fora há nove anos, um cara legal. Mas eu conheci o Jorge com 13 anos, eu me perdi com ele. A gente nunca morou junto, mas eu sinto que é dele que eu gosto. Apesar do outro ser pai da minha filha. Eu tenho até medo quando ele sair daqui. Disse que vai tirar satisfação. Na última vez eu soube, pela minha irmã, que ele, quando chegou no Forum algemado, a primeira pessoa que ele perguntou foi por mim. Isso é uma prova, não é mesmo? A maior alegria da minha vida será um dia sair daqui com ele e sumir, sumir mesmo, não pensar em mais nada. É dessa esperança que a gente vive.

Enquanto umas vivem da esperança, outras cansam e pensam em entrar em outra. Um pouco como Branca, que visita Valério, preso por assalto:

— Quando ele tava na rua, me dava a maior cobertura. Hoje eu sinto falta dele, me sinto muito solitária, principalmente quando vou dormir. De outra vez que ele foi condenado, pegou 14 anos e eu tirei ele, me virei de um lado pro outro, vendi minha Brasília e consegui tirar ele. Comprei um compressor, montei uma pequena oficina pra ele trabalhar, mas não adiantou nada, entrou em cana de novo. Ele é carinhoso, é dado. Eu saía pra trabalhar, ele arrumava a casa. Se tivesse que lavar um prato, ele lavava, passava uma vassoura no chão. Mas tô cheia, sabe, chega de sofrimento. É como se você esquecesse de você. Isso a gente acaba aprendendo. Vou viver é a minha.

Desconfiada, Neuzeli dos Reis, 29 anos, veio visitar o marido que está preso há dois meses. Enquanto tira o leite em pó da lata e coloca num saco plástico, ela diz como segura a barra:

— Pra me sustentar, tive que fazer uma barraquinha no fundo do quintal e tô vendendo bala, cachaça e cigarro a varejo. Tenho uma filha com ele, de dez anos; quando eu venho pra cá, digo pra ela que vou ver o pai dela no hospital. Eu não quero que ela saiba. Quero ver se a gente consegue ultrapassar esse momento. Me sinto infeliz, sozinha, sem ele. Assumir de repente o papel de homem e de mulher ao mesmo tempo é difícil. Mas tem uma vibração que vem de dentro, que te dá força, você cresce.

Vitória da Silva, 30 anos, doméstica, mãe de uma menina de quatro anos, moradora em Caxias, chegou cedo à carceragem da Água Santa. Ela é mulher de um lanterneiro, preso há três meses por assalto. Inconsolável, de olhos inchados, ela defende o marido:

— Ele errou, eu sei que ele errou. Mas fez pra me ajudar, ajudar a nossa filha. Não adiantou eu falar que era preferível a gente passar fome do que tirar dos outros. O desespero tomou conta dele. Depois de um dia procurando emprego, ele chegou em casa e viu Mônica chorando, não parava de chorar. Doente, sem comida e uma febre que não baixava. Fraquinha. Ele deu meia-volta, bateu com a porta e botou o pé na rua. Voltou no outro dia com um *barão*. Imaginei o que ele tinha feito. No outro dia tentou de novo, mas deu azar, foi preso. Estou aqui sofrendo e minha filha continua doente e chorando, sentindo a falta dele

A portuguesa Maria de Jesus, do Chico's Bar, já se acostumou com as lamentações de seus fregueses. Às cinco horas, quando acaba a visita, seu bar vai ficar movimentado. São as mulheres que deixaram suas bolsas e sacolas guardadas ali. Maria fala com [redacted]

— Eu não me meto na vida delas. Elas contam o sofrimento, choram, desabafam, ficam revoltadas aí no balcão. A gente sabe que também há inocentes. Nós aqui vamos tentando distrair e, no mais, ficamos ouvindo, ouvindo .

Depois de casados, partem para a lua-de-mel, um dos poucos momentos de felicidade do casal

Kátia guarda em casa os quadros pintados por Fernando na cadeia. Para ela, são mais que obras de arte

A polícia fez de meu marido um marginal

O nome de Fernando Gomes de Carvalho, o Fernando C.O., surgiu pela primeira vez na crônica policial em 1971: era um dos assaltantes marcados para morrer pelo Esquadrão da Morte. Desta mesma lista faziam parte os irmãos Lúcio Flávio Vilar Lírio e Nijini Renato Vilar Lírio, cunhados de Fernando E mais Liece de Paula Pinto. Dos quatro, Fernando C.O foi o último a morrer, assassinado na manhã de 22 de dezembro de 1978 com 19 estocadas. Deixou mulher e dois filhos. Kátia Vilar Lírio, 29 anos, prende a emoção quando fala orgulhosa de seu irmão Lúcio Flávio, mas, ao se referir ao marido, Fernando C.O., não consegue esconder os olhos cheios de lágrimas. Ela olha pra fora da janela do apartamento, num prédio modesto do bairro de Olaria, na Zona Norte do Rio, como se estivesse se recompondo

No decorrer da entrevista que deu ao REPORTER, ela deixou transparecer o ódio que tem pelo juiz Francisco Horta, e se recusa até em pronunciar o nome dele, acusa maus policiais de terem incentivado a vida de crimes de seu marido e dos irmãos, e diz que o sistema penitenciário está falido Hoje ela só pensa em educar os filhos, Fernando Gomes de Carvalho Júnior, de 13 anos, e Kátia Fernan do Lírio de Carvalho, de 11 anos, que não conheceram o pai em liberdade

Seu marido era bandido?

– Não. Meu marido, como meu irmão, são consequência de maus policiais. Se eles, na época em que cometeram o primeiro delito, que foi pegar um carro pra passear, fossem presos e pagassem, talvez estivessem vivos e regenerados. Não, eles (os policiais) foram à casa de meus pais e disseram é tanto... e foram soltos, meu marido e meu irmão. Talvez o erro tenha sido nosso em colaborar para isso, mas era uma maneira de gente se livrar do sofrimento. Acho que o erro maior foi da polícia, que recebia o suborno lá em casa. Eles foram presos depois de tantos anos por quê? Nós demos um basta, não tem mais acordo, chega. Aí entro viraram marginais, como diz a sociedade.

Você ajudou algumas vezes o Fernando a fugir?

– Nunca precisei. Ele conseguia ajuda lá dentro. Como meu irmão, que foi o único a fugir 36 vezes Por quê? Porque a penitenciária facilitou. Meu irmão não tinha poderes sobrenaturais para ultrapassar os portões, porque ninguém consegue isso. A falha está no sistema penitenciário, que não dá trabalho, não dá meios pro interno se manter, produzir pra pagar o erro que cometeu. Ficam na ociosidade as 24 horas do dia e, quando saem, vão fazer o quê? Penitenciária é a escola do crime, não recupera ninguém.

Como morreu seu marido?

Meu marido morreu covardemente, de madrugada, com a ajuda de um guarda que bateu na porta do cubículo. Quando ele abriu, quatro presos entraram, empurraram ele em cima da cama Foram 19 facadas, todas pelas costas. Me entregaram a roupa dele banhada em sangue. Roubaram tudo de valor que tinha no cubículo: uma aparelhagem de som, uma televisão e dinheiro para as tintas e telas que ele pintava. Só não conseguiram levar a aliança porque não saiu do dedo

Nos nove anos que ele passou na cadeia, seu amor alterou?

Meu amor aumentou. Eu tive mais certeza que gostava dele Quanta falta ele me fazia! Tudo na minha casa lembrava ele. Nós éramos muito unidos. Eu tinha verdadeira adoração por ele. Eu quero é educar meus filhos nesse momento. Tenho isso em mente Quero que eles estudem, quero mostrar a eles o melhor caminho que eu puder. Sei que isso que passou sempre vai ficar, sempre será lembrado. Mas eu quero também que no futuro eles, de uma outra forma, apaguem tudo isso. Quero mostrar pra meus filhos que os erros não estão com eles, e sim com os adultos, e não deixar que a revolta tome conta do coração dos dois

Eles sabiam da situação do pai?

– Numa conversa com ele o meu filho perguntou: "Papai, por que você não vai pra casa nunca?" Ele respondeu: "Vai demorar um pouco, porque papai assaltou, mas nunca matou ninguém. O que seu pai fez foi talvez por falta de maturidade, de pensar. Independente do que você possa pensar, o que o pai sente por você não vai mudar. Eu quero que você saiba a verdade."

Como era o amor com Fernando na cadeia?

– Era um lugar isolado, onde tínhamos a nossa visita, era onde ele vivia. Então, no momento que eu entrava no cubículo e a porta fechava, eu pensava nele, era o momento mais importante. Além de nos gostarmos, havia um complemento total. Não há preconceitos, se você ama profundamente

E quando você ia embora?

– Dava uma sensação horrível. Nós tínhamos a preocupação de ficar olhando para o relógio e saber que aquilo ali terminaria. Então, isso no fundo machuca, porque a coisa estipulada, marcada, é diferente.

Sente saudades dele?

– Às vezes me vem uma saudade! Eu sinto que ele me faz falta, mesmo ele na cadeia estando, como ele ficou, distante de mim. Eu sinto falta, porque eu sabia que naqueles dois dias de visita eu encontrava nele o que me faltava a semana inteira. Aquela palavra, aquele conforto, aquele carinho, aquela compreensão, eu encontrava naqueles dois dias. Era horrível a visita. Porque ir e ficar quatro horas com uma pessoa, depois deixar aquela pessoa que você ama de verdade, deixar ali, num lugar daqueles e, pior ainda, na incerteza. Será que na próxima semana vai encontrar ele ali? Eu digo encontrar ele vivo. A incerteza que eu tinha era essa. O medo me acompanhava 24 horas por dia. Era chegar no sábado e ficar na expectativa de uma notícia ruim. Todas as notícias que falavam do Fernando no rádio eu escutava. Por incrível que pareça, no dia em que ele morreu eu não escutei. Vim saber dentro do presídio

Qual a definição da mulher de um preso?

– Vai do julgamento de cada pessoa. Em mim, não mudou nada Eu me considerei sempre a mesma mulher. Porque minha relação com Fernando era muito franca, aberta. Então, era mais uma situação na nossa vida.

A família já era marcada. Lúcio Flávio, Nijini

– Eu tive problemas com meus irmãos, não com meu marido. Eu achei, e acho, que toda mulher deve lutar em qualquer situação, sendo mulher de um preso, de um gari, de um militar. Você quer o bem daquela pessoa, tem que lutar. Você vai tirar ela daquela situação, pelo menos fazer enxergar as coisas diferentes, para que os erros não se repitam. Meu marido teve uma vida errada, mas não me levou para essa vida errada. Ele sempre soube separar. Ele errou, mas não quis que eu errasse. Quando eu tive que censurar, eu censurei, tentei tirar ele desse caminho. Mulher, pra ser mulher, tem que chegar a esse ponto.

Você se une com mulheres de outros presos para brigarem pelos direitos?

– Depois que o Fernando morreu, eu passei um dia com uma amiga na Vara de Execuções e tinha umas quinze mulheres na sala, com problemas sérios. Uma me disse que os presos na Ilha Grande estavam sendo espancados. Elas já estavam ali há vários dias e não tinham sido atendidas. Eu disse que se ficassem ali não iam resolver nada, que botassem a boca no mundo, existe a imprensa e através dela tentassem chegar a uma autoridade maior que ouvisse. Só podia falar isso, eu não tinha mais por quem lutar

Um recado para as mulheres dos presos

– Que elas sejam amigas, companheiras.

A segurança do preso é a mulher ser honesta

Na parede da sala do apartamento existe uma foto colorida onde se vê Adilson de Souza e sua mulher Maria de Souza, entre eles, a filha Ana Paula É a foto do casamento, realizado no dia 21 de novembro do ano passado, no Forum de Nilópolis Depois de três separações e dezesseis anos de relação, resolveram casar Momentos depois, Adilson voltou para o cubículo da delegacia de Nilópolis Maria diz, com tristeza, olhando pra foto

Nosso amor merece casamento na igreja

Adilson de Souza, ou **Adilson do Pó**, 32 anos, é considerado pela polícia um dos maiores traficantes da Baixada Fluminense. Passou três anos na cadeia, suspeito de crime de morte Ficou nove meses na rua e foi preso novamente, tendo sido condenado por um crime de morte a 14 anos de prisão Não gosta de samba, tem poucos amigos e vivia acuado, assim como vive hoje sua família – a mulher Maria e os filhos, Ana Paula e Nélson, de 10 anos

– Agora em Nilópolis tão matando, tem tóxico e não aparece culpado nenhum! Se meu marido estivesse na rua, o acusado era ele Isso me revolta

Maria de Souza jura que o marido é inocente Adilson cumpre pena na penitenciária Lemos de Brito, depois de uma passagem pela carceragem da Água Santa

O barulho dos carros que passam pela avenida Mirandela, no centro de Nilópolis, entra pela janela do apartamento. A porta de vidro da entrada do prédio está varada por um balaço. Existe medo e desconfiança Ana Paula, 16 anos, filha do casal, lembra da escola, onde pela primeira vez viu seu pai ser acusado

– Tô bem assistindo a aula, aí uma menina vira e fala assim "Professora, o pai dessa garota matou um homem lá na Mirandela na semana passada". Levei o maior choque. Comecei a chorar, fiquei tremendo. E falei que era mentira Os garotos ainda ficam assim· pá pá-pá, de longe, dizendo que eu sou filha de pistoleiro Mas eu não esquento, me orgulho muito do meu pai

Um veleiro e uma casa construída com palitos e enrolada cuidadosamente em papel celofane aparece na sala com destaque Trabalhos de artesanato feitos por Adilson na cadeia Maria olha fixo para o chão da sala

Mulher de bandido? – Ela se surpreende com a pergunta. – A sociedade é que diz isso. Tenho nojo dela O preso é um ser humano, ninguém tá livre disso Tratam como animal. Cumpre pena, mas não adianta, é um ex preso e fica o estigma. Vira suspeito de qualquer coisa. E a mulher vira mulher de preso, mulher de bandido. Nem todo mundo tem cabeça feita, tem coragem para enfrentar. A família fica passando fome e aí começa a errar novamente

Ana Paula gosta de soltar pipa, jogar bola de gude, mas quando fala no pai seu jeito muda, fica desconfiada, arredia, adulta

-- Eu não ligo pra festa, não gosto de baile, de clube Primeiro por causa da vida que a gente tá levando. Tô vendo muita maldade Então eu procuro me resguardar pra deixar meu pai tranqüilo Procuro estudar bastante, ser amiga dele, amiga da minha mãe, quero apoiar eles em tudo Nunca na minha vida quero dar um desgosto a eles dois, porque sei que eles esperam tudo de mim. Eu vou mostrar a muita gente que fala que eu sou filha de bandido! Vou ser médica, eles vão ver!

Adilson de Souza foi preso sem prova de trabalho, quahdo estava há nove meses na rua, depois de cumprir três anos por suspeita de homicídio. A mulher conta como foram os primeiros dias na delegacia e depois no presídio

No início, tudo bem Eu levava almoço, levava janta Depois baixou uma ordem que eu não podia entrar com mais nada. Só entrava pro marido das outras. Eu acho que foi porque o dinheiro acabou. Gastei muito nessa delegacia, gastei muito mesmo. Isso me revolta, gastei o que tinha Todo dia era quinhentos pra entrar

Adilson, a filha e Maria numa fotografia guardada com carinho, enquanto o "chefe" da família não volta pra casa

o almoço, quinhentos pra entrar a janta. Em três meses meu dinheiro foi todo. E solta o meu marido, hoje, e solta meu marido amanhã, e essa canalhice toda, essa mentirada.

Seu marido foi preso por quê?

– Vadiagem. Nunca vi prender por vadiagem em dia de feriado. Prenderam meu marido à toa. Ele nunca teve vez aqui em Nilópolis. Quando tava na rua, a patrulhinha cansou de parar ele. Com o carro cheio de mercadoria, de roupa que a gente comprava em São Paulo pra revender aqui. Ou dava dinheiro ou tudo o que tinha dentro do carro. No dia que tinha pra dar, tudo bem; no dia que não tinha, vinham as ameaças: "porque eu vou matar teu marido hoje", "vou matar amanhã". Saiu o nome dele até na lista do **Mão Branca**.

A primeira vez que foi visitar o marido no presídio da Água Santa, Maria ficou indignada. A humilhação tinha sido demais. Ela conta:

– A cena que mais me chocou aconteceu com uma moça chamada Lúcia. Ela desceu chorando para a visita. Lá, o pátio da visita fica no subterrâneo. Ela estava com problemas, recém-operada. Conforme ela abaixava para ser revistada, caía aquelas placas de sangue na frente de todo mundo. Eu não aguentei, reclamei, falei que aquilo não era humano. Moça, senhora, velha e criança, todo mundo na frente de todo mundo. Tinha senhoras que choravam ao tirar a roupa, se recusavam até, mas quando lembravam do marido, do filho preso, só podiam se sujeitar.

A reclamação, através de uma representação feita pelo advogado Luís da Rocha Brás, que cuida da causa de Adílson, à direção do presídio Ari Franco, custou a suspensão por quinze dias da guarda que desrespeitou os familiares dos presos.

E depois da visita?

Maria de Souza suspira e retoma o ritmo, nervosa:

– Não sei. Eu acho que é um pedaço da gente que fica ali. Saio sem destino. Aí minha vida já muda. Quando boto o pé dali pra fora já me transformo. Estando perto dele me sinto segura. Quando saio dali, fico supernervosa, agressiva. Então eu já acho que todo mundo que olha pra mim é com segunda intenção. Pessoas que passavam por mim e davam bom dia já viraram meus inimigos. Hoje eu passo e viro as costas, cuspo, me benzo. Há pessoas canalhas, ruins.

O que é ser mulher de um preso?

– É um sofrimento. A gente chegar ali e ver o marido da gente. Eu escrevo todo dia, mas todo dia conto pra ele tudo que faço. Ele sabe a barra que eu estou enfrentando. É tão horrível uma casa sem o dono dentro. A mulher precisa ser uma supermulher. Se não for, ela cai, ela precisa ter muita moral, muita fé, muita força de vontade, muita compreensão, porque, se não tiver, ela cai. Também tem mulher canalha. O marido tá no maior sofrimento lá dentro e ela aqui fora numa boa. Parece que pra ela isso foi uma glória, essa desgraça. Quando a visita tá acabando ela tá chegando. Se o marido olha desconfiado, ela diz logo que amanhã não vem mais e fica naquela marra. "O que você quer que eu faça?" Você quer que eu me vire?" "Que faça, que aconteça ..."

Maria é diferente. Evita até mesmo andar na rua sozinha.

Porque tenho muito medo da língua dos outros. Sei lá. Seria um choque muito grande se ele lá dentro soubesse que "eu vi tua esposa sozinha". Então, o que ele vai pensar de mim? Por que que ela estava sozinha? O que ela foi fazer? Essa preocupação eu não quero que ele tenha. A maior segurança de um preso, um marido, um homem, é saber que tem mulher honesta lutando por ele em qualquer circunstância.

Na Ilha Grande, as mulheres se unem para brigar

Na Assembléia, o aplauso para quem denuncia a situação dos presos

Se existisse o Comando Falange Vermelha, como organização de presidiários, as mulheres dos internos na colônia penal da Ilha Grande seriam sua ala feminina. Organizadas na defesa da integridade física de seus companheiros, constantemente castigados e até espancados por uma guarda penitenciária corrupta e arbitrária, elas compareceram recentemente à Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro para ouvir o deputado Raimundo de Oliveira pedir providências às autoridades da Secretaria de Justiça.

Outra ação das mulheres dos presos da Ilha Grande foi encaminhar à Ordem dos Advogados do Brasil um abaixo-assinado pedindo a interferência da OAB em casos como o do interno Paulo da Cunha Franco, que viu sua filha, Valdinéia, de 13 anos, ser morta por um tiro de escopeta disparado por um PM durante uma tentativa de fuga de dois outros presos. Até hoje sequer o nome do PM foi levantado pela direção do presídio. Há na Ilha Grande, também, dezenas de casos de condenados que já cumpriram bem mais da metade da pena e que não obtêm livramento condicional porque seus advogados, quase sempre de ofício, não se mobilizam para soltá-los. O absurdo é tanto que, em fevereiro, o preso Tavares, depois de cumprir toda a pena, se viu obrigado a fugir para se apresentar ao juiz e ser solto.

Com seu movimento, essas mulheres estão conseguindo atrair a atenção de entidades como o Comitê Brasileiro pela Anistia, muito ativas durante a luta pela anistia aos presos políticos, mas que nunca se interessaram pelos direitos dos presos comuns. E serão as mulheres desses presos que, sem dúvida, darão repercussão à mais recente reivindicação de seus maridos: o direito de participarem do processo político do país pelo voto.

Se ter o marido na cadeia já é uma angústia, a prisão na Ilha Grande aumenta todos os problemas. A visita se dá de 30 em 30 dias, durante 3 dias seguidos, se o preso não está no *castigo*. Embora esses três dias proporcionem um maior tempo para a reunião do casal, impedem, por exemplo, que a mulher trabalhe, porque "quem vai me dar emprego se eu vou ter que faltar 3 dias seguidos todo mês?", pergunta Ângela, esposa do interno Severino Sales.

A atividade das mulheres tem causado problemas para seus maridos, pois a guarda do presídio não gosta de ver as denúncias de maus tratos publicadas nos jornais. Além das porradas sempre gratuitas, há a ameaça constante de transferência para o presídio da Água Santa, que consegue ser pior que o da Ilha Grande, tanto para quem cumpre pena como para os familiares. Recentemente elas passaram a ser revistadas também na saída da Ilha, numa tentativa da direção do presídio de evitar que carreguem documentos de denúncia e abaixo-assinados.

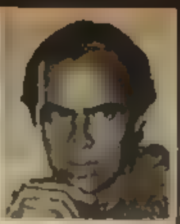
"Nossos maridos aprenderam com os presos políticos que deviam se organizar para melhorar as condições de vida e convivência dentro da cadeia. Nós estamos aprendendo com eles que só agindo juntas vamos poder ajudá-los", sintetiza Sandra.

Eduardo Homem

UMA COLUNA DE POLÍCIA

SIRENES & CAMBURÕES

Aroldo Machado



Sumiram 642 gramas da cocaína apreendida

"O perfeito entrosamento entre as polícias militar e civil", tão anunciado pelo secretário de Segurança, general Waldir Muniz, não está ocorrendo. Há dias, o cabo Matos e o soldado Manoel, da RP-540142, do 19.º Batalhão da PM, estiveram no apartamento 601 da rua Cinco de Julho, em Copacabana, onde a empregada Sandra Venâncio Santoro entregou-lhes pequena quantidade de maconha. O cabo ficou no apartamento, enquanto o soldado rumou para a 12.ª DP. Lá, o inspetor Peçanha informou que tanto o delegado de plantão como o titular estavam ausentes. Diante disso, o PM ficou 60 minutos aguardando, até que o delegado titular, Rui Dourado, chegou e foi taxativo: "Pode encerrar a ocorrência. Mais tarde mandarei uma turma de ronda ao local".

Ao saber das pretensões do delegado, o cabo Matos achou melhor comunicar o fato à Central de Operações da PM, informando "que havia uma total falta de cooperação dos policiais civis". Pouco depois chegava o tenente Josias. Ele foi surpreendido quando a empregada lhe fez entrega de uma caixa lacrada, contendo cocaína. O oficial rumou para a 12.ª DP, regressando pouco depois com o delegado Roberto Salamar. A seguir, nas buscas realizadas no prédio, foram encontradas duas bolsas de supermercado contendo cocaína.

Já era noite quando chegaram ao apartamento os peritos Frascali e Santiago. Após minucioso exame, eles informaram que "estavam em dúvida se aquele pó branco era tóxico ou explosivo". Os peritos pediram ao delegado que chamasse os técnicos do Departamento Geral de Investigações Especiais — DGIE. Às 20 horas, com a chegada do perito Josemar Pinto, é que foi constatado que o material apreendido era cocaína, avaliada em mais de Cr$12 milhões.

Cercada de toda a segurança, a cocaína foi levada para a 12.ª DP, juntamente com uma balança, também encontrada no apartamento. Estranhamente, o professor de química Pedro Rui Fonseca, que dormia num dos quartos do apartamento, desapareceu. Sobre ele recaem acusações de ser o dono da droga.

Já o cabo Matos informou a seus superiores que, durante o tempo em que esteve guardando o local, uma pessoa telefonou e lhe ofereceu Cr$2 milhões para que deixasse a droga ser retirada.

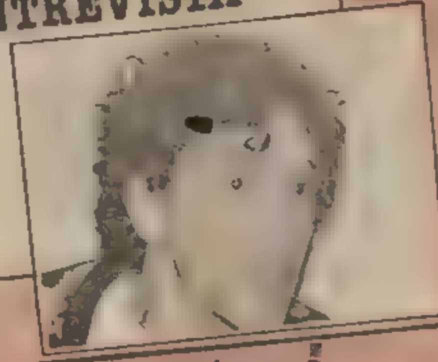
Na 12.ª DP, o delegado Rui Dourado, após pesar a cocaína apreendida, informou que o total era de 5 quilos e 642 gramas. Foi o próprio delegado quem dispensou a patrulha da PM que iria escoltar a cocaína até o Instituto Carlos Éboli, no Centro. Para justificar seu ato, o delegado disse ao capitão Humberto Campiã: "Em 35 anos de carreira, esta seria a primeira vez que policiais estranhos à delegacia iriam escoltar ou conduzir mercadoria apreendida". Coincidência ou não, o fato é que, ao ser pesada no ICE, constatou-se a falta de 642 gramas de **pó**. Rui Dourado apressou-se a explicar: "Aqui na delegacia a cocaína foi pesada com os invólucros". Ao perceber que dera uma resposta infantil, já que os invólucros eram de plástico, ele arriscou outra: "Eu pesei numa balança marca Yara, apreendida no apartamento". O delegado poderia, ao menos, dizer que iria enviar a balança para perícia no Instituto de Pesos e Medidas, ou coisa parecida.

O mais estranho em tudo é que o secretário de Segurança não mandou apurar as diversas irregularidades ocorridas, tais como: a omissão do plantão da 12.ª DP, quando o soldado fez a comunicação; o estranho desaparecimento do professor, apontado como traficante, e o desaparecimento de parte da cocaína apreendida. Ocorre que, em quase todas as grandes apreensões de drogas, fatos "estranhos" ocorrem, sem que qualquer providência seja tomada para apurar possíveis irregularidades.

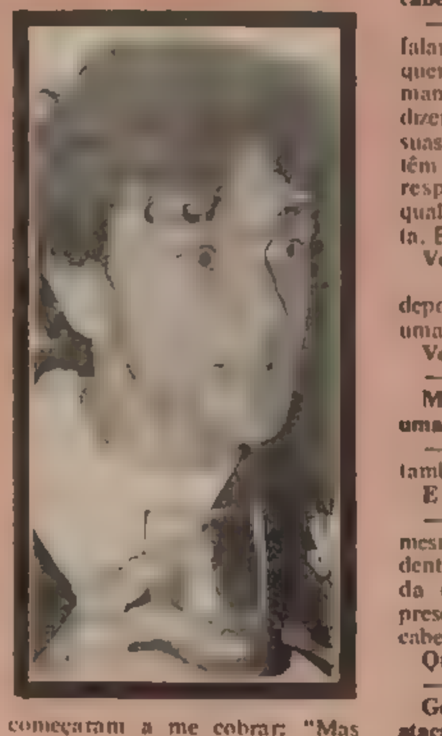
O MANO CAETANO

Na casa pintada num tom laranja-cheguei, no alto do Jardim Botânico, onde vive com Dedé, sua mulher há 14 anos, e seu filho, Moreno, 8 anos, Caetano descansa do sucesso de seu último show, Outras Palavras, recorde absoluto de bilheteria no Canecão, no Rio. Fora do palco é quase um homem comum, totalmente diferente do homem que se solta no palco e curte se exibir para a platéia. Está com 38 anos, é muito afável, gentil, cheio de dúvidas quanto à vida, as relações com o mundo e a política. Se surpreende quando um dos entrevistadores pergunta por que ele está trêmulo. "Não é mais do que o meu normal, mas você falou, fiquei grilado", se explica. E logo volta a sorrir, sem se negar a falar de nada.

REPORTER ENTREVISTA



Ser ateu é uma burrice



Como você se sente em cima de um palco?

— Bem, muito bem, eu adoro cantar no palco. Acho o maior barato. "minha alma cheira a talco como um bumbum de bebê"

E o que é que faz você curtir tanto? Exibicionismo?

— Claro, exibicionismo. Já menino, tinha sonho de ser celebridade respeitosa, como um sábio, um cientista, um pensador, um homem importante.

Você tem uma visão mística do seu papel, como um guia de multidões, numa tarefa evangélica?

— Não, eu não gosto muito disso, não.

— O que você espera que as pessoas sintam? Prazer?

— É, mas também algumas dificuldades que levem a um engrandecimento delas. Apresento problemas, sei disto. O modo como eu apareço, como transo a profissão

E a maneira feminina de você se apresentar no palco?

— Comportamento, definição sexual, isto já é outro problema. Um **show** pode se transformar num momento de comunhão feliz o que é genial. Eu canto **Terra** e a platéia toda canta comigo. Na hora do **Rapte-me, Camaleoa**, aquela ligação entre todas as pessoas dançando é uma alegria, isto também é um prazer e um problema que fica contraposto à falta de harmonia do cotidiano. As minhas letras, o modo de eu me comportar, o sentimento que passa através de minhas canções lançam questões sobre as pessoas. Acontece com todos os artistas e não pode deixar de ser assim.

Este comportamento seu, mais solto, jogando para fora esta coisa feminina...

— Por que você acha que é mais solto? O Nelson Gonçalves, que é bem masculino, é menos solto do que eu?

Você é uma pessoa capaz de explorar em cena atitudes que as pessoas chamam de femininas, uma forma de inquietá-las. Foi sempre assim, ou este resultado foi fruto de uma evolução?

— Foi sempre assim. Na época em que eu comecei a cantar, todo mundo botava **smoking**. Chico nunca entrou no palco da Record sem usar **smoking**. E eu fui com uma camisa de gola rolê cor de laranja. Foi tão escandaloso quanto é possível alguma coisa ser escandalosa. Mais tarde, quando eu cantei **É Proibido Proibir** e a platéia ficou toda de costas, vestia uma roupa de plástico brilhante verde e preta, cheio de colares de dentes de animais, miçangas, tomadas elétricas, com um cabelo enorme, jamais ousado nesse tempo. E eu já rebolava

A temporada que você passou em Londres contribuiu neste processo?

— De volta ao Brasil, em 72, eu repeti o que fazia num **show**, lá. Quando eu cantava **O que é que a baiana tem?** largava o violão e fazia uns gestos de Carmem Miranda, fazia uns gestos e parava. Para dar uma ironia da música de exportação brasileira, ao mesmo tempo em que rendia uma homenagem à Carmem. Quer dizer, era um gesto bem tropicalista, dúbio, irônico, uma paródia. E foi bastante comentado. Em 74, na época do LP **Araçá Azul**, fiz a excursão inteira de batom vermelho. Eu terminava o espetáculo cantando **Tropicália**, simulando um **strip-tease** como se fosse de mulher de boate ou cabaré barato, ou de bicha. Era bem violento. Aí, sim, a encenação ia muito além do meu próprio jeito de ser, transformando-se numa caricatura. Era uma tropicália travesti

E qual foi a reação?

— Era meio assustada, uns ficavam entusiasmados outros se calavam, uns aplaudiam, outros ficavam quietos. As pessoas ficavam como que decepcionadas mesmo porque a tropicália já estava virando uma instituição cultural, com todas aquelas teses de doutorado feitas nas universidades, estudando-a como um assunto sério. Então, todo o meu comportamento batia meio esquisito na cabeça da platéia. Não era um **show** de **rock-and-roll**, a moçada roqueira não encontrava ali uma identificação. E as pessoas tinham muito mais problemas a pensar do que propriamente prazer.

O público é conservador, moralista, careta, para aceitar determinadas idéias?

— Mais ou menos. Agora, muitas destas idéias já entraram no repertório do normal, do habitual. O Ney Matogrosso é muito curtido por uma platéia de classe média comum, mais do que por gente desbundada.

E o artista, ele deve entrar para um partido político?

— Eu sou democrata, acho que o sujeito tem o direito também de não participar. Não se pode exigir participação política de ninguém.

Uma vez você disse que Elis Regina, no show Transversal do Tempo, "vendia esquerdismo em embalagem de bombom". O que queria dizer exatamente com isto?

— Entre as coisas que dão **status** de qualidade está a participação política. Uma vasta faixa da classe média se sente consumindo matéria de alto nível se vem com o crachá da participação política. Em alguns casos, uma opinião de esquerda, uma opinião contra isto ou aquilo pega bem, funcionam como enfeites, assim como a coleção de vestidos que Elis Regina encomendou a Clodovil para estrear o espetáculo em São Paulo, depois de ter corrido o Brasil. Pura embalagem. Eu acho que aqui se dá demasiada importância à visão política de se encarar o mundo, que não é necessariamente a mais importante

E o intelectual... ele não procura muito o apoio do Estado?

— Eu acho que isso é uma verdade. Antipatizo muito com a idéia. Nós brasileiros ainda temos um pouco aquela tradição ibérica do grande pai, estamos sempre à procura de Franco ou Salazar. As Américas espanhola e portuguesa estão sempre voltadas para esta figura de detentor do poder, a quem se atribui todos os bens e todos os males. É preciso acabar com isso, criar uma sociedade descentralizada, madura. Eu sei que para resolver a fome no Nordeste tudo tem que ser feito, mas o brasileiro tem que aprender a não atravessar a rua no sinal vermelho e não ficar xingando o governo. É do brasileiro classe média que estou falando. O público que vai ao **show** da Elis Regina tem que aprender a parar no sinal vermelho e no sinal verde para ver se alguém vai passar ou não. É preciso ter responsabilidade

Já que você tocou na questão, se tivesse que escolher hoje o governador do Estado, em quem votaria: Brizola, Saturnino Braga ou Sandra Cavalcanti?

— Brizola. Eu vejo Brizola com alguma simpatia; foi um sujeito que, embora tivesse retornado ao Brasil de uma maneira que me pareceu meio confusa, hoje encontro nele uma vontade realmente democrática.

Você tem admiração por algum personagem político?

— Sim, o prefeito de Curitiba, Jaime Lerner. Eu adoro esse homem, acho-o genial no modo de pensar nas pessoas reais e nos problemas reais da área onde atua, resolvendo de maneira humana, coerente, razoável. Isto parece uma coisa tola, mas é o fundamental, porque a política brasileira é tão retórica! As pessoas, na verdade, são bustos que falam, não são pessoas, dão tédio, não parecem gente viva, parecem o busto de um homem que morreu em 1856. Uma coisa antiga, ibérica, católica, careta, monoteísta e monolítica, patriarcal. Chata. O Lerner, de seu lado, vê a pluralidade da situação, como um administrador. É um cara do PDS, mas é o político de quem mais gosto no Brasil

Caetano, em 74 houve toda aquela mobilização em torno das eleições, falava-se muito em política. As discussões chegaram a te envolver? Você ficou interessado?

— Para ser sincero, estava muito mais desvinculado da política naquela época do que hoje. Duas pessoas contribuíram para que eu me interessasse um pouquinho mais. Uma foi o presidente Geisel e a outra, o Gláuber Rocha. Eles fizeram aquele **show** de abertura, com o pulso do Geisel — ele fez tudo com uma limpidez impressionante e teve atitudes realmente muito dignas — e o Gláuber dizendo loucuras. O Gláuber adivinhou que o Geisel ia soltar e eu fiquei fascinado. Agora, chegando perto das eleições, talvez eu me sinta motivado. Outro dia, conversando com Dedé, falei em transferir o meu título para o Rio, para eu poder votar. Santo Amaro está longe

A diferença entre o Geisel e o Figueiredo é a diferença entre o alemão e o carioca?

— Talvez seja. Mas não me pergunte muito sobre política que eu não sei. Teve uma época em que os jornalistas me procuravam, achavam que estava me furtando ao assunto, mas eu havia decidido não acompanhar mesmo. Não quero saber, nunca tive vocação para isto, não devo explicação a ninguém

Vai ver que por causa disto mesmo você tenha sido sempre visto como político.

— Bem, eu fui preso e exilado, o que é uma coisa estúpida para a minha cabeça

Nessa época, a esquerda gostava mais de você?

— Não, nem uma gotinha a mais, até a menos. Até o dia de eu ser preso, não. Me vaiavam, me jogavam bomba — bomba mesmo — bananas na cara, me xingavam, escreviam artigos contra. Quando voltei do exílio, começaram a me cobrar: "Mas você, que era de esquerda..." Não, nunca fui. Me chamaram de alienado sempre. O tropicalismo foi visto como um movimento suspeito de anarquismo de centro-direita

Qual seria o papel político de sua arte?

— Eu acho que está fora do meu controle. Há todo um diálogo inconsciente entre o artista e o público. Por exemplo: a canção do Geraldo Vandré, **Pra não dizer que não falei de flores** (que por acaso não gosto), uma espécie de hino da esquerda estudantil, foi citada por um ministro militar, textualmente, entre aspas, no aniversário da Revolução de 64. Suponho que o autor não tenha gostado que seus versos fossem usados dessa forma, mas isto está fora de seu controle.

Agora, mudando de conversa, você acha que na classe média ainda conservadora e careta, como você mesmo admitiu, existe hoje uma espécie de crise de amor, uma crise afetiva?

— Outro dia li um artigo que vinculava os movimentos feministas, de libertação de homossexuais e dos negros à fase atual do capitalismo, que precisa incentivar o consumo de um número sempre crescente de pessoas para poder sobreviver. E este processo leva à dissolução da família como núcleo. Eu achei o artigo fascinante, mas moralista. Pessoalmente, tenho os vínculos de família bastante sólidos. Tenho meus pais, irmãos, tios, primos, com quem mantenho até hoje ligações afetivas profundas, constante comunicação, conversa, intimidade, carinho, como também constitui uma nova família — me casei, tenho um filho — e sou completamente ligado a esta vida. Mas, como perspectiva do homem, não vejo necessariamente o vínculo como eterno. Tudo pode mudar

Que posição ocupam, em sua cabeça, tantas dúvidas?

— Do jeito que eu acabei de falar: como questões. Claro, só quem pode responder é a humanidade como um todo. Quer dizer, os grandes filósofos têm suas respostas, alguns políticos têm projetos onde julgam estar as respostas. Mas, mais do que qualquer um, Jesus tem a resposta. Buda é a resposta

Você é religioso?

Sou, sou. Eu era ateu, depois não deu, achei que era uma burrice.

Você acredita em quê?

— Não sei, em tudo

Mas pelo que se sabe você é uma pessoa cética, crítica...

— Eu acredito em tudo, mas também sou cético.

E um bom polemista.

— Tem muito disto em mim mesmo: Esta contradição está dentro do homem, a contradição da crença e da descrença; a presença do ceticismo está na cabeça das pessoas.

Qual é o seu signo?

— Leão.

Gosta de elogiar, mas quando ataca, sai debaixo.

— É, quando ataco eu arraso, porque lanço luzes sobre os defeitos do outro.

Caetano, o que é ser tiete?

— Esse movimento começou com uma palavra pejorativa, com o significado da fã que fica atrás do artista. Mas acontece que tanto eu como o Gil fazemos muitas amizades com pessoas que se interessam pelo nosso trabalho. Meninos e meninas que pintam e acompanham trechos da excursão e dão esperança no futuro da humanidade. Então, o Gil inverteu o sentido da palavra, virando elogio. Eu e o Gil, quando a gente fala, hoje, em tiete, se refere a uma coisa boa.

E não há pessoas que te fazem desconfiar do mundo e não ter esperanças na humanidade? São em maior ou menor número que as outras?

— Claro. Você sabe que são menos. Mas são fortes. No fim, fica pau a pau

Você é uma pessoa que se protege junto dos amigos, que tende a se isolar?

— Não, eu estou sempre nos lugares, vou à praia, ao Baixo Leblon, ao cinema. De futebol não gosto muito. Sou Flamengo, aqui, e Bahia, lá. Eu acho bonitos os jogadores em campo, aqueles pulos, mas nunca joguei futebol

Caetano, você é rico?

— Eu, no Brasil, sou rico, porque o povo é muito pobre. Comprei esta casa e tenho uma casa na Bahia, menor que esta. Tenho um automóvel, algum dinheiro que boto no banco e vou gastando e vou ganhando. Rico não sou, com posses, não. Não tenho muito jeito para lidar com dinheiro. E passei muitos anos sem ganhar muito dinheiro. A música ainda não rendia, quando fomos para Londres. E o tropicalismo durou um ano, no máximo. Logo, nós fomos presos e ficamos quatro meses sem trabalhar e, ao voltar, tivemos que começar tudo de novo. Eu ganhei mais dinheiro com o Chico Buarque, o Roberto Carlos, a Maria Bethania e a Gal, porque eles venderam muito.

Observando você e Bethania, alguns chegam a dizer que vocês têm os sexos trocados.

Bom, depende de quem olha, não é? Eu olho para Bethania e vejo ela bem mulher, bonita, tem uns seios lindos, muito fina colorida no modo de ser, muito terna, sensível. Agora, ela é forte, tem um ar guerreiro que se costuma atribuir muito aos homens. Acho que o escritor argentino Julio Cortázar, quando diz que nós somos a mesma pessoa — Bethania e eu — tem toda a razão

Você é fiel, transa fora do casamento?

— Se tivesse que esconder isto de Dedé, não poderia estar aqui falando para você, numa entrevista.

Numa matéria de *Veja*, você e Regina Casé eram apontados como exemplos de amizade colorida. O que acha disto?

— Eu fiz duas músicas para ela.

Ela é sua tiete?

— Eu é que sou tiete dela. Sim, ela também é minha tiete, é recíproco.

Vocês transam?

— A Regina está vivendo com um rapaz chamado Carlos, Carlão, que é médico

E daí?

(silêncio)

Entrevista a Thais Mendonça e Luiz Alberto Bettencourt
Fotos de Chiquito Chaves

Boates vazias, faltam os marinheiros estrangeiros e os brasileiros bebem pouco

PRAÇA MAUÁ

O antigo cais do porto sai das principais rotas comerciais

Tem boate fechando a uma da manhã, os shows são ruins e as mulheres, que sustentavam boates e hotéis, agora só sustentam hotéis. O freguês, sem dinheiro, vai direto ao assunto, córta a bebida. Falta público. Os marinheiros brasileiros só podem consumir cinco dias por mês e os estrangeiros não chegam mais à praça Mauá. A especialização dos portos do Estado do Rio de Janeiro esvaziou o cais; petroleiros entram pelo terminal da Petrobrás, em Angra dos Reis, minérios saem pelo terminal da Mineração Brasileiras Reunidas, em Sepetiba. O porto do Rio ficou com maior movimento de carga geral, formada de bens de consumo, das quais o governo restringiu importações. O porto, hoje, é mais automatizado; esteiras, e não guindastes, transportam carros, por exemplo. Resultado: entram menos navios, que ficam menos tempo parados. O porto de Niterói, em funcionamento, atraiu mais cargas, e o de Sepetiba, a ser inaugurado em dezembro, praticamente condena à morte o terminal do Rio. Ao mesmo tempo, talvez por coincidência, o grupo imobiliário João Fortes prepara-se para demolir um dos últimos prédios da antiga avenida Rio, o Castelinho, que faz uma das esquinas da praça e que abrigou as boates Vikings e Mr. John. Resta, da praça antiga, apenas o prédio hoje ocupado pela Petrobrás, empresa estatal. O clima mudou. Alguns empresários culpam até o fim da guerra do Vietnã por sua terrível situação comercial; outros supõem que as taxas do porto do Rio são mais caras, o que não é verdade. O fato é que houve uma mudança econômica: o chamado cais do porto deixou de ser importante no tráfego marítimo; nem transporte de passageiro há mais porque o Brasil não tem navios para tal fim e os estrangeiros são apenas dois ou três por ano, no verão.

Reportagem de
Luiz Alberto Bettencourt
Fotos de Chiquito Chaves

Charleston, D. Jardel, Grega, Hong Kong, Mr John Vikings, Night Samba, Europa à Noite, Zaratustra, Cowboy, Flórida, Escandinávia. A Mauá era um centro de diversões, uma praça movimentada pelos marujos estrangeiros, pelos brasileiros que tinham dinheiro pra gastar e pela bandidagem em geral. Era mais perigosa, reconhecem todos

De 1965 a 1970 isto aqui era um bangue-bangue — lembra Antônio Afonso, fotógrafo que há mais de 15 anos trabalha no local vendendo postais dos grupos de marinheiros e prostitutas. Hoje tá devagar, bebida mais cara, a praça virou **mamãe**

Nos tempos de **Zica**, acusado de ser um dos maiores contrabandistas do país e que dominou a área por mais de 20 anos, o ambiente era até febril. Seu sobrinho, Agostinho Abreu, dono da boate Scandinávia e do hotel Barão de Teffé, defende o tio das acusações, diz que ele era um homem bom, que cultivava grandes amizades "Como a do marechal Dutra, por exemplo."

Dessa época ficaram famosas a Flórida, base das operações de **Zica**, a Odalisca, a Anglo American e o restaurante Hanseática, ponto de encontro do pessoal da rádio Nacional. Com agitação, tiros, muita malandragem, a verdade é que as vitrolas não paravam de tocar. Não havia **shows** nem discoteca, o som vinha das máquinas de música com moedinhas

Daise, a Capetinha, reclama que ninguém quer fazer "strip" Angelita, à direita, reivindica assistência médica para evitar gonorréia.

Agostinho admite que as mulheres eram piores, mas os marinheiros nativos participavam do movimento e chegavam mais navios ao cais

Agora, há dias em que a Scandinávia, sucessora da Anglo American, fecha a uma da manhã por falta absoluta de clientes Além dela restaram a Flórida, o Cowboy e a Broadway, onde a bebida é mais barata e que só recebe marujos brasileiros e mulheres "de terceira", vindas da **zona**. Entre os dias 20 e 23, quando a Marinha paga, ela enche No resto do mês, como as outras "internacionais", vive com mais mulheres que fregueses

– O carioca, atualmente, tem dinheiro como mulher tem menstruação. Cinco dias por mês – lamenta Alfeu Pena, dono do Cowboy, da lanchonete Chickens Brush e dos hotéis Magé e Arouca

O clima é de pessimismo, conformismo Daise de Paiva, 26 anos, a **Capetinha**, atriz de revistas, dirigindo os dois **shows** que o Cowboy ainda teima em apresentar, não sabe explicar o declínio da Mauá, mas acha que ele é evidente

– Nem as mulheres querem fazer nu nos cabarés Elas preferem sair com os poucos clientes depois do trabalho do que ganhar Cr$ 500 ou Cr$ 400 por cada **strip (tease)**

As mulheres (a maioria vem do Espírito Santo) também reclamam mas vão ficando até arranjar coisa melhor, comportamento que, aliás, é regra na Praça. Angelita, morena, 25 anos, acha que o governo deveria fazer coisa alguma pelas prostitutas da Mauá porque, afinal de contas, "elas ajudam a incrementar o comércio" Assistência médica — "os fregueses se queixam muito de gonorréia" como a que dá a polícia de Porto Alegre, é a principal reivindicação dela E não seria de graça, não "No fim do mês a gente pagava"

Teresa fala mal do cansaço, da música alta, do perigo, mas admite que não pode largar a vida Como recepcionista da Secretaria de Fazenda, ganhava Cr$ 9 mil, na noite, ganha Cr$ 30 mil Dorme pouco, não aguenta mais, e vai largar a Secretaria. Caso parecido é o de Bianca, filha de japoneses, ex secretária do Bradesco, grávida de dois meses

A barra tá pesada, mas aqui na Scandinávia só vem estrangeiro, eu posso até escolher só saio com japonês Onde é que vou ganhar uma nota dessas?

Natanael Araújo, garçom na Mauá há 15 anos, diz que as mulheres ainda são a maior fonte de faturamento das casas, pelas bebidas que levam seus acompanhantes a consumir Por isso, algumas se dão bem. Mas, pra ele, o clima mudou

As taxas do porto são muito caras e a situação financeira do povo não tá mole Antes tinha 9, 10 casas aqui; hoje tem 4 Os brasileiros sustentavam metade do movimento do pedaço, hoje, quem sustenta são os estrangeiros

E eles vêm cada vez em menor número. Segundo Alfeu Pena, que já teve participação acionária em 13 casas na Mauá, as razões disso vão desde o fim da guerra do Vietnã até a abertura política, passando pela redução das importações

Em 65/70 havia a bronca da guerra, e os navios e porta-aviões que vinham dos Estados Unidos eram obrigados a parar no Rio para escala ou abastecimento. Hoje, navio de guerra não vem ao Brasil nem a passeio. Além disso, as maiores cargas foram pra Santos, e o terminal rodoviário da Central e a nova Rodoviária (a Novo Rio) tiraram da Mauá o movimento de passageiros. Aqui ficaram apenas as linhas de ônibus que vão pra Baixada Fluminense, e esse pessoal, em termos de consumo, é nota 3. Pra piorar, o governo reduziu as importações, diminuiu o movimento e as taxas do porto (do Rio) aumentaram. A Broadway é a que está se dando melhor Vive da freguesia de pé inchado

José Pereira, gerente da Broadway, não precisa nem confirmar. Repórter e fotógrafo deste jornal visitaram sua boate no dia 21 (de maio), dia de pagamento Estava cheia, mas o resultado, mesmo numa noite quente, segundo ele, não é compensador a casa fatura entre Cr$ 20 e Cr$ 22 mil, fora as despesas e o cachê de oito dançarinas salário mínimo, que trabalham quatro horas por noite

A NOITE EM CRISE

Edy Star canta para um público só de mulheres, mas discorda de Agostinho, que diz não ser possível concorrer com o cinema. Acima, a bailarina solitária do Cowboy.

pra distrair os fregueses, todos brasileiros. Cada um costuma **enrolar** com um drinque — custa Cr$100 — a noite toda, economizando para a mulher e o hotel

- O normal aqui é faturar Cr$ 10 mil por noite — confessa Pereira, para quem as taxas mais baratas de Santos atraíram os navios e esvaziaram a Mauá

Alfeu lembra que, antigamente, o freguês nota 3 dava pra todas as boates e engordava o fim-de-semana delas Agora a redução de publico é enorme

A tradicional boemia, a malandragem, que bebia cerveja e tocava na caixinha, acabou. Agora é o bandido Malandro pra mim era Morengueira (compositor Moreira da Silva), que vive há 50 anos na noite e só fez amigo. Hoje, quem tá na noite tá correndo atrás ou já fez seu ganho. Não tem mais classe média neste país O cara é faxineiro ou dono do prédio. Aí pinta o boato que aqui é violento, isso enfraquece

Então a Mauá é tranqüila?

Aqui tem segurança, duas delegacias (a 1.ª e a de Entorpecentes) e a Polícia Federal, dificilmente tem crime Parada de Lucas, Irajá, Rocha Miranda são lugares muito mais inseguros. Aqui estaciona o pilantra que já fez a dele e só tá querendo uma **chacrinha**. E ele não vai arranjar confusão no lugar que faz **chacrinha** E tem mais a inflação e o preço da gasolina influíram muito Quem sai à noite sai de carro, o que já aumenta a despesa, porque a inflação no governo Figueiredo pegou todo mundo de surpresa e a primeira coisa a cortar foi a diversão

O show erótico não pode atrair público?

- Boate não pode competir com cinema, revista. Se você pode, com 200 pratas, ver a Sônia Braga nua em pêlo dar o que tem, o que meu **show** vai mostrar? A abertura prejudicou o cabaré que, antes, mostrava sozinho o que todos queriam ver. Agora ele não pode concorrer com grupos econômicos como os que atuam no cinema

Edy Star, cantor, homem-**show**, lançado pelo próprio Alfeu no espetáculo **Cabaret é o 10.º Show** (1973), que atraiu multidões e colunáveis da Zona Sul ao Cowboy, não concorda com o ex-patrão

— O pessoal ainda gosta mesmo é ao vivo e em cores E não tem essa de que não tem mais o que mostrar Homem com homem não tem casa que faça (o próprio Alfeu admite que homem nu vende mais do que mulher) O problema — continua Edy Star — é que falta investimento. Ninguém investe nem Cr$ 20 mil. À noite pagam muito mal, mas como tá todo mundo na pior, ninguém reclama, segura o que tem. Não há renovação do pessoal de teatro de revista; as mulheres preferem os hotéis. O Antuan Serafim (diretor dos **shows** da boate Flórida) está ilhado Veja só quanto ele gasta Cr$ 580 por pluma, e são 120 em cada arranjo. Malha de mulher custa Cr$ 3 mil, com bordado, vai a Cr$ 10 mil

Antuan, ele mesmo, não parece muito preocupado. Diz que gasta Cr$ 20 mil por noite com três **shows** e que a casa "está sempre cheia"

Edy admite, porém, que falta publico à noite carioca, mas que não é problema só da Mauá Na Zona Sul também falta Se pudesse, ele tentaria um caminho, velho, mas de sucesso garantido

- Faria um espetáculo pra classe alta. Um **show** erótico, com graça, molho, muita piada

Agostinho, da Scandinávia, e Alfeu, do Cowboy, não acreditam mais em chamariz pra sair do buraco atraindo a classe média Falta turista, e o marujo nacional, ao que parece, não tem bom conceito junto a dono de boate

Marinheiro brasileiro é duro e é militar Encrenca na certa

Alfeu engrena uma tese

A prostituição ainda sustenta a Mauá. Os hotéis são as casas que mais faturam É como diz o poeta todos os rios correm para o mar Você já viu nêgo saindo de boate pra entrar em hotel, mas o caminho contrário ninguém faz O pessoal prefere ir direto ao assunto porque a grana é curta

Agostinho, que também é dono de hotel, confirma que os hotéis estão faturando mais A diferença, entretanto, é pequena: "Duvido que algum fature perto de Cr$ 40 mil por noite"

Faturamento é coisa que ninguém fala com facilidade. Agostinho apenas concorda com a cabeça quando o repórter pergunta se a Scandinávia fatura, mais ou menos, Cr$ 30 a 40 mil por noite Alfeu desconversa, lembra o imposto de renda Vanderlei Costa, gerente da Flórida, é o único, entre todos os entrevistados, a não reclamar da situação, revelando sua performance na primeira pergunta

— De Cr$ 120 a 150 mil por noite, menos cerca de Cr$ 15 mil por cada um dos quatro **shows** da noite Um ganho líquido de Cr$ 60 a Cr$ 90 mil Na boate, porém, dois dias depois, o repórter soube que o faturamento não passava de Cr$ 70 mil, menos os Cr$ 20 mil que o diretor Antuan admitiu gastar com o **show**. Números bem mais razoáveis, a olho nu, do que os de Vanderlei: nos quatro dias em que foi visitada, a Flórida tinha mais mulher e polícia — bebendo de graça — do que clientes

A tabela de preços d... fotógrafo Antônio Al... melhor espelho pra most... vão realmente os negócio... Mauá Em 1965 ele col... por três fotos Até 1970, ... um postal, e aí perdeu ... briga contra a inflação

Em 73 eu cobrava 20 ... por um postal e, em 78, o preço ainda era de 50 pratas Em 79 subi pra 150 e, este ano, passei pra 200 Antônio diz que fatura Cr$ 30 mil líquidos por mês e que sobrevive com a mulher e o filho

Alfeu tem ainda uma outra razão pra explicar as boates vazias

As massagens esvaziaram as boates de "clínica geral", as que oferecem tudo: música, dança, **show** e mulher, e melhoraram as condições de trabalho da prostituta Nas saunas e relax, tudo é mais discreto, pra ele e pra ela Ninguém passa a noite em claro, com som alto, risco de cana. A mulher tem um expediente certo, arruma sua vida, o cara gasta menos Na sauna ele paga Cr$ 4 mil por mulher de primeira; na Mauá, com bebida e hotel, vai a Cr$ 2 200 e a mulher é de terceira

Sobre o porto, os empresários da Mauá são bem informados Recebem diariamente cópias da escala de navios, mas as notícias não são boas Esquadras não chegam há muito tempo e, agora em dezembro, vai ser inaugurado o porto de Sepetiba, que vai esvaziar ainda mais o cais do Rio. Agostinho Abreu, pensando no futuro, comprou um terreno no local para construir a Scandinávia-Sepetiba, na qual pretende que seus filhos trabalhem. Apesar de tudo, a família continua no ramo

E o que resta da malandragem, também Eles acham que, talvez, o futuro da Mauá seja apenas manter se acesa

Depois da meia-noite fecha a Cinelândia Botequim pra mijar só tem na (avenida) Mem de Sá e aqui

SACANAGENS DE CABARET EMPOLGARAM A SOCIEDADE

Em 1973, a noite da praca Mauá viveu certamente um dos poucos periodos de sua história em que foi frequentada pela classe média e até pela sociedade elegante O espetáculo **Cabaret é o 10.° Show**, com muita mulher nua, piada e sacanagem à vontade, enchia diariamente a boate Cowboy, as lotações da casa se esgotavam com 15 dias de antecedência Na Zona Sul era moda, e muitas personalidades, como Jorginho Guinle, se deslocavam pro centro da cidade para assistir à coisa proibida As colunas sociais registravam o fenômeno que, na opinião de Alfeu Pena, dono da casa e produtor do **show**, não é difícil de explicar

Naquela época a censura era braba Normalmente o espetáculo seria proibido, mas o doutor Orestes Mandarino, delegado da censura federal, entendeu que, como o publico era prevenido e o horário (duas da manhã) bom, podia liberar Aí eu lancei **strip-tease** sem tapa sexo, transa de homem com homem, homem se masturbando, fanchonagem, beijo de mulheres na boca, coisas que só eram vistas aqui Quando o general Antônio Bandeira assumiu a Polícia Federal, em Brasília, contam que ele deu ordens ao recém nomeado superintendente regional do Rio, Osvaldo de Souza, pra interditar o espetáculo mesmo sem assistir Eles impuseram uma censura igual à que vigorava para o Canecão, me obrigando a um **show** água-com açucar Eu parti então para uma produção mais cara Gastei Cr$ 80 mil pra montar **O 1.° Tango na Mauá** fui buscar um balé em Buenos Aires, mas quebrei a cara, não era o que o pessoal queria Eu ainda esperei porque, afinal, **Cabaret** só tinha engrenado depois de três meses, antes eu tinha até decidido parar Mas **O Tango** não deu mesmo

Alfeu diz que começou a montar **shows** eróticos no Cowboy em 1970 **Cabaret** era o décimo daí o nome Quando o grande publico chegou, três anos depois, ele faturou pegou quadros dos **shows** anteriores, inéditos pro pessoal da Zona Sul, botou a revelação Edy Star satirizando Liza Minelli no início, meio e fim do filme **Cabaret**

Por que aqueles *shows* repercutiram tanto na classe média?

Eles tinham uma utilidade, ajudava a abrir as relações explica Alfeu. — Diante do **show** erótico, os casais estremeciam (a

Alfeu, dono do Cowboy: "Em 73, show erótico ajudou a liberar a classe média"

atriz era vista fazendo de 'tudo) e, quando chegavam em casa, eles queriam repetir o espetaculo A mulher, pra encher a boate foi fundamental Na noite o homem é bengala, otário, dirigido pela mulher Ele sai para atendê la, de missa encomendada, e ela tinha fortes motivos pra vir ao Cowboy Lembrem se de que a época era outra Vendo a atriz livre sexualmente, a espectadora se estimulava A mulher casada passou a fazer de tudo, também, não dando mais chance pra prostituta E via homens nus, também, ela, que só conhecia o marido Homem nu é mais negócio que mulher nua Foi a chave do sucesso A mulher avalia o material que está em cena pensa no do marido e dá um risinho de desprezo pra mesa Brasileiro não tinha mentalidade pra suportar isso O Sidney Magal, que fazia **O Tango** antes de estourar dava enjôo nos homens Mas não fui eu só quem fez isso, não O Alfredão (dono das primeiras boates de Copacabana a aceitar homossexuais) ganhou dinheiro casando viado Ele deu uma abertura pra [redacted]

A febre de submundo passou logo pelas personalidades e colunáveis e foi substituída por outra A partir de 1975, as boates do Beco das Garrafas, em Copacabana, comecaram a exibir **shows** de relacões sexuais quase clandestinos Não tinham hora, as luzes todas se apagavam, o boato corria boca a boca Resistiram até os tempos da abertura

Agostinho Abreu não se surpreendeu nem com a moda nem com o esquecimento Pra ele, cada local tem sua caracteristica

A Mauá é cais do porto, quem sustenta é o marujo É assim no mundo todo

Mulher gosta mais de grego e japonês

O trabalho das mulheres ainda sustenta o que resta do movimento noturno da Mauá Os donos de boate admitem que "dependem delas". E foram elas que, a pedido dos jornalistas, traçaram uma espécie de perfil de seus principais clientes, os que mais pintam.

Gregos. São os grandes amantes, os melhores fregueses sexuais. Amáveis, apaixonados, mais malandros que os cariocas porque mais viajados, só têm palavras de carinho. Mas pra soltarem dinheiro é difícil Alexandre, grego, 24 anos, 2.° engenheiro, cruzou com o repórter de madrugada:

Elas dizem que vocês são os mais quentes na cama

Ele riu e respondeu·

Aqui está todo mundo trabalhando

Mas elas dizem que vocês também não gostam de pagar

É que, primeiro, nós fazemos amor, depois pensamos em dinheiro

Muitas mulheres, como a conhecida *Vera Grega*, só saem com eles

Japoneses. Andam em grupos, são os bonzinhos, corretos, ou otários. Não dão volta em ninguém, pagam certinho, dão trepada de galo e têm pau pequeno. O freguês ideal, preferido das mulheres equilibradas — a maioria prefere os gregos.

Alemães. Andam sozinhos, bebem em pé, no balcão. São autoritários, se impõem, dão valor ao que são, mas pagam bem, não têm pena de gastar Adoram negras, com quem nunca regateiam

Os *noruegueses* foram também citados como bons amantes e clientes corretos

Em matéria de esquadras, porém, as mulheres são unânimes: as melhores são as norte-americacas e inglesas. Muitos oficiais, moeda forte, homens diretos

★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★

PM transformou a Mauá em praça de guerra pra se proteger de marinheiro bêbado e de alguns populares que o defendiam

A POLÍCIA TEM MEDO!

Incrível aperato policial para prender um [redacted] provocou revolta nos populares e acabou estragando a festa

Repórter e fotógrafo estavam na boate Flórida, o dia era quinta-feira, 21 de maio. No canto, à direita de quem entra, um grupo de policiais da Delegacia de Entorpecentes bebericava, gratuitamente, como de hábito. De repente, dois detetives agarraram dois rapazes da mesa ao lado e os arrastaram escada abaixo. Na correria, dois tiros. O bochincho, incluindo as mulheres que acompanhavam os agredidos, foi parar na porta do Ministério da Indústria e do Comércio, espantando curiosos e jogando motoristas pra cima do capô de seus táxis. O fotógrafo foi registrando e um policial se irritou. "Pra que foto?" E partiu pra cima A intervenção do repórter e de um policial mais calmo tranqüilizou um pouco a parada que, a essa altura, já era mais importante que a confusão anterior. Juntou gente, as mulheres saíram dos cafés, as da Flórida já estavam lá há muito tempo. Jornalistas discutindo com policiais. Um detetive, da Entorpecentes, não aceitou explicações, xingou o repórter, que retribuiu o palavrão. Tensão no ambiente. O detetive pediu pra repetir, o jornalista repetiu, mais baixo, e ele foi tomar satisfações. Nisso o fotógrafo chegou junto, deu uma palavra, pediu calma e esfnou a cabeça do homem. Na verdade, ele não queria agredir repórteres. Aí uma mulher deu um cachacão no cangote do repórter; reinício de tumulto, o policial mais calmo interveio e evitou a briga. O detetive da Entorpecentes, já de cuca fresca, pediu desculpas, lembrou a colaboração que deve existir entre imprensa e polícia, e até deu o nome — Carlos. Começou um papo. Eles andavam nervosos porque o pessoal da 1.ª (delegacia de polícia) era desmoralizado na área, e isso os atingia. As mulheres não respeitavam. Mais tarde, um dono de estabelecimento comercial na praça confirmaria ao repórter um dos delegados da 1.ª é amaziado com mulher da área, o que, na opinião dele, tumultua, tira seriedade

Quando parou a agitação de um lado, não passaram nem três minutos e mais tiros. Um homem saiu da boate Broadway ferido de raspão na cabeça. Atrás dele, dois PMs empurravam pra fora da boate dois marinheiros. Um se acalmou logo, mas o outro reagiu; os policiais estavam nervosos, esqueceram que a delegacia era do outro lado da rua e que não precisariam botar o preso na patrulhinha. Uma roda se formou em torno do carro da polícia. O rapaz, instigado pela mulher que estava com ele na boate, começou a resistir, forçar Jogaram a mulher dentro do carro, ele se agitou mais ainda e aí o cacete baixou: porrada no pescoço pra botá lo de quatro e arrastá lo pro banco de trás. A massa protestou, ameaçou fechar o cerco. Os dois policiais estavam literalmente aterrorizados. Um deles, mais gordo, o Guimarães, sacou o revólver e ameaçou

Abre, porra, que eu mato um!

O outro, pelo rádio, pediu auxílio. E começou o espetáculo

Em menos de cinco minutos, 17 viaturas da Polícia Militar cercaram a praça Mauá, pela rua Sacadura Cabral, avenida Rio Branco e Rodrigues Alves. Cerca de 70 homens, fortemente armados, abriram um branco no asfalto. Fuzis, metralhadoras, revólveres, rádio ambulante, o diabo

Tudo pra conter um marinheiro bêbado. Foi então que se lembraram que tinham que tirar ele do carro porque a delegacia era em frente

Na escada da 1.ª DP, repórter e fotógrafo cruzaram com o PM Guimarães, chamado a depor na ocorrência

Uma foto para a imprensa, por favor. Nós vimos que você não queria ser violento (o que foi verdade). O PM agradeceu

Ainda bem que tem gente que vê

E, com a camisa em farrapos, segurou seu quépi e posou para o REPORTER

O preso entrou e saiu logo do carro. A delegacia era muito perto

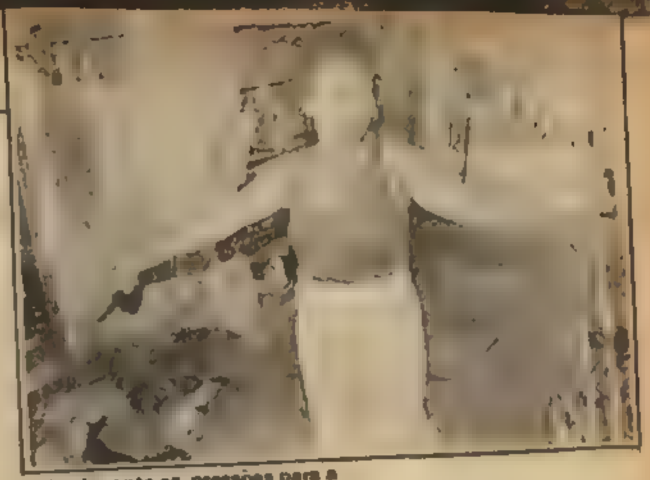
Guimarães se atracou com o marinheiro e acabou todo rasgado

★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★

Um caso de corrupção administrativa pra garantir reeleição de deputado

Beto Gama é o dono da Pavuna

O deputado estadual Beto Gama do Partido Popular (PP), usa todos os órgãos públicos com atuação nos bairros de Pavuna e Anchieta (entrada da Baixada Fluminense) em benefício de sua campanha eleitoral. Arrecada fundos através de extorsões praticadas por fiscais do distrito de fiscalização da Secretaria de Fazenda do Estado, cujo diretor indicou, faz obras que lhe interessam pelo Departamento de Obras, troca limpeza e coleta de lixo por votos com a Comlurb, distribui pontos de água e empregos pela Cedae. A 22.ª Região Administrativa funciona como seu comitê eleitoral – denuncia o presidente da Associação de Moradores do Conjunto Nova Pavuna. O domínio de Beto Gama, apoiado pelo governador Chagas Freitas, tem tradição na área: agora, em abril, ele reinaugurou uma escola, a Eugênia Dutra, que em 1970, seu irmão, o então deputado Wilton Gama, havia inaugurado. No momento, há faixas de propaganda de Gama em qualquer obra no bairro, sem elas, nada começa a funcionar. Anchieta, ao lado da Pavuna, é, segundo estatísticas da Secretaria de Saúde estadual, o local de maior mortalidade de crianças no primeiro ano de vida, no Rio



D. Lenir conta as pressões para a Associação de Moradores entrar no esquema do PP

Ivan Rosa, do Departamento de Obras, sempre manda procurar o Beto Gama

Faixas como a da foto ficam na sala do fiscal da Fazenda, Fernando Lírio

"O Beto Gama é pior que o buraco do metrô." Hadilson Figueiredo, presidente da Associação de Moradores do Conjunto Nova Pavuna, não faz por menos: ele acha que o comportamento do deputado Beto Gama, exigindo apoio eleitoral para atender reivindicações, traz mais prejuízos ao bairro do que a enorme cratera cavada pelo pré-metrô, obra abandonada há um ano e meio.

— A 22.ª Região Administrativa e a fiscalização da Secretaria de Fazenda são comitês eleitorais do deputado Beto Gama, que vem protelando obras até com verba aprovada porque não fizemos acordo pra trabalhar no seu esquema político. Iluminação do conjunto, terreno para a sede da associação, área de lazer, coleta de lixo, limpeza, recapeamento das ruas, Beto Gama tomou conta de tudo. É o administrador regional de fato. E pôs na administração um testa-de ferro dele, o Raimundo.

Raimundo Melquíades de Melo nega, indignado, que a Região Administrativa esteja sendo usada como instrumento eleitoral, político e partidário:

— Isso é mentira. Vim para congraçar, unir; acabei de chegar de um almoço com mais de 30 comerciantes. Não há interferência do deputado Beto Gama nas decisões da administração.

Em relação à Secretaria de Fazenda, muitos comerciantes, porém, dizem o contrário. Um deles, que não quis se identificar temendo represália, chamou repórter e fotógrafo pra dentro de seu estabelecimento e denunciou a extorsão

— Ali na beira do rio havia uma feira clandestina que o Fernando Lírio (diretor de fiscalização) mandou fechar com o aviso de que ela só seria reaberta se os donos das 30 ou 40 barracas pagassem Cr$ 300 mil adiantados e, depois, Cr$ 1.500 cada um por semana. Aí, tudo bem, ninguém pagava imposto. Em outro local, ele cobrou Cr$ 30 mil na bucha e mais Cr$ 2 mil por semana de cada um pra deixar abrir mais 30 barracas. O dinheiro vai pra campanha do Beto Gama; foi ele quem tirou da fiscalização o professor Aristóteles, que era honesto, e botou o Lírio. Quem recolhe a grana é o *Paulo Camelô*

Na sede da 22.ª Região, que Raimundo defendera de manipulação, a impressão é outra. Gentilmente um funcionário mostra o gabinete vazio do administrador que "estava na cidade" — mas se anima com a pergunta sobre o deputado Beto Gama:

— Ele esteve aqui, ontem, num almoço com comerciantes. Talvez esteja no escritório, mas eu também sou do esquema dele, o que é?

Hadilson diz o que é: "Beto Gama é um mau político, só pensa no seu interesse. Se não puser faixa dele, nenhuma obra é inaugurada atualmente na Pavuna"

Hadilson não aceita acordo político com a associação. Acha que, pessoalmente, todos os diretores podem ter partido político, mas investido em alguma função, ninguém deve ter "rabo preso". O Estado, segundo ele, tem deveres com os cidadãos, deveres que não podem ser barganhados por interesses partidários. E adverte: — Vamos denunciar quem faz pressão.

No distrito de fiscalização da Secretaria de Fazenda, o diretor, Fernando Lírio de Sousa Lima, advogado, anel de doutor em evidência, gordo, bigode cuidadosamente fino, reage com calma à indagação sobre interferência do deputado Gama na sua atividade.

Eu tenho boas relações com o deputado, mas a recomendação dele e da secretaria é para atender todas as reivindicações populares. Nunca usei esse departamento com objetivos partidários, nem pressionei associação de moradores, entidades que, acho, devem ser estimuladas, não coagidas

Lenir Liberato, presidente da Associação dos Moradores de Anchieta e Redondezas, ao lado da Pavuna, conta diferente. Em abril, ela recebeu um bilhete, num papel sem timbre — não oficial, portanto — pedindo a presença de representante da associação do conjunto Nova Pavuna, em que reside, na Secretaria de Fazenda.

Por impedimento de Hadilson, o presidente da associação, Lenir atendeu à convocação. Fernando Lírio, diz ela, tinha achado insuficiente a documentação da entidade, queria que ela obtivesse alvará, se legalizasse

— Mas nós funcionamos em sala de casa particular, pra que alvará? — perguntou Lenir.

— Mais um motivo pra não funcionar — respondeu Lírio, que continuou:

— Veja, dona Lenir, estamos num momento de organização eleitoral, temos que apoiar o político da área, ele tem que ser reeleito. Como poderemos fazer para trabalharmos junto com a associação? Aí vocês terão mais apoio

— Será que a comunidade vai aceitar essa política partidária, doutor Lírio?

— O deputado tem apoio do governador na região. A partir do acordo, ele dá o que quisermos. Entenda, digamos que cheguem, ao mesmo tempo, uma reivindicação de vocês e outra de amigo nosso; nós atrasamos a de vocês e atendemos a outra. É natural. Aos nossos amigos, tudo; aos inimigos, que se cumpra a lei

Lírio desmente tal diálogo, dá lhe outro sentido. Afirma que apenas recebeu um pedido de calçamento e explicou que o apoio do político da área facilitaria o atendimento. E, para mostrar que não havia perseguições, mostrou ao repórter um ofício da Associação de Anchieta pedindo a limpeza de um terreno abandonado. O pedido entrou na Administração Regional em 27 de março e lá ficou até 6 de maio, quando foi protocolado na Secretaria de Fazenda, encarregada de localizar o proprietário do terreno, a quem caberia limpá-lo. No dia 15, na frente dos jornalistas, ele despachou teatralmente o pedido para o departamento imobiliário da secretaria, que poderia localizar o proprietário

Vocês estão vendo? Não há ingerência de ninguém aqui e, aliás, como eu poderia usar essa divisão contra moradores?

— Que faixa é aquela, doutor? a pergunta foi do repórter, ao ver numa estante, ao lado da mesa de Lírio, uma faixa semelhante à do deputado Beto Gama, saudando o Dia das Mães, e exposta bem perto do prédio do distrito de fiscalização

Lírio ficou vermelho, gaguejou:

— Não sei, não vi.

— Mas está do lado de sua mesa.

— Mas oficialmente eu ainda não a recebi; só recebo por despacho

— Como ela veio parar aqui?

— Foi apreendida pela Comlurb.

— Mas por que a Comlurb a mandaria pra cá?

— Não sei, talvez seja propaganda de alguma firma que deve impostos.

— Mas a Comlurb sabe quem não paga impostos?

— Não sei, isso você deve perguntar à Comlurb.

— Posso olhar a faixa, doutor?

— Não, não; oficialmente ela ainda não me pertence.

Por que o senhor não olha pra ver o que é?

Não quero.

A faixa era propaganda do deputado Beto Gama, mas Lírio, retomando o tom tranqüilo, argumentou que estava há pouco tempo no bairro e que nos postos anteriores tinha feito bons trabalhos

A utilização de órgãos públicos para fins eleitorais na Pavuna e em Anchieta acontece também no Departamento de Obras, na Secretaria de Desenvolvimento Social, na Comlurb e na Cedae, essas duas como cabides de emprego, afirmam moradores e comerciantes

O responsável pela ação comunitária da Secretaria de Desenvolvimento Social, Áureo Gama, irmão do deputado Aluísio Gama, também do PP, prometeu colocar em 15 dias uma bica de água no morro do Juca Ferreira, Anchieta, se os moradores levassem fichas de inscrição do partido para distribuir. A comunidade recusou o acordo e entrou com o pedido na secretaria em 29 de setembro de 80. Até agora, nada

O Caminho do Padre, rua principal do bairro, só foi limpo depois de muita pressão. O engenheiro Ivan Freitas Rosa, diretor de conservação do Departamento de Obras, negou, nervoso, que tenha mandado os moradores procurarem o deputado Beto Gama para que o serviço saísse. Repórter e fotógrafo subiam a escada para sua sala, quando ouviram um berro: "Vai dizendo que não dou entrevista!" À primeira pergunta, respondeu com um discurso:

— Eu disse aos moradores que o deputado Beto Gama podia dar apoio a eles. Meu serviço é só de conservação, não faço obras novas. Exerço um cargo de confiança do governador, tenho que ter vínculos com os políticos da área. Eu sou apenas um técnico, até agora tive liberdade pra fazer o que quis. Quero que me deixem trabalhar. Eu não gosto de política, de repórter, acho que vocês vão me prejudicar, olha lá, hein! E agora, com licença, eu tenho hora pro almoço.

Foi exatamente na hora do almoço, quando esperávamos o deputado Beto Gama para uma entrevista em frente à sua casa, na Pavuna, que o vereador Valdemar Pazzini, sem partido, de São João de Meriti (município vizinho) e morador na mesma rua, deu uma boa explicação para os métodos eleitorais de seu colega:

– Não tenho nada, pessoal ou politicamente, contra o Beto Gama, acho que ele está usando as melhorias trazidas pelo planejamento do metrô em benefício próprio; eu faria o mesmo. Acontece que ele está preocupado com a reeleição, que está difícil. Em 78 ele se elegeu com cerca de 18 mil votos, 11 mil dos quais obtidos através de acordo político com o prefeito de São João de Meriti, Celestino Cabral. Agora eles brigaram e o Beto sabe que, com a Pavuna só, não se reelege. Mas tem que tirar daqui tudo o que puder.

Reportagem de Luiz Alberto Bettencourt
Fotos de Chiquito Chaves

BONECA É OPÇÃO DE SEXO SOLITÁRIO

Foto de Wagner Avancini

Com o sucesso das bonecas de plástico, os fabricantes já pensam em lançar o homem

Acho que essas bonecas de plástico nunca vão poder substituir a mulher A mulher é muito mais "quente", tem tudo que um homem possa desejar. Essas bonecas são para maníacos sexuais, para loucos Elas nunca virão a fazer concorrência para nós

Marislei, dançarina de uma boate do centro de São Paulo, pensa como várias "damas da noite" a respeito da mais nova atração dos pornô-shops nacionais. a boneca inflável, batizada **Baby Doll** por dois jovens empresários, proprietários de uma firma de artefatos eróticos, que resolveram lançá la no mercado brasileiro

O sucesso foi estrondoso, conforme afirmaram os donos da empresa, que já está com a produção — mil por mês — vendida por dois meses A boneca, feita de PVC (um plástico cor-de-rosa que imita a pele), tem 1m 65 de altura, depois de inflada, e três orifícios o ânus, a vagina e a boca Custa Cr$ 5 800,00

Aqui recebemos todo tipo de gente à procura das bonecas A maioria é muito tímida Há também os solitários, como um cliente que trabalha num farol costeiro e achou a boneca a parceira ideal. Disse que já tinha até preparado uma cama de casal para dormir com a boneca Além do faroleiro a perigo, muitos compram a boneca para fazer farras, bacanais, festas de embalo e outras coisas desse tipo

A boneca inflável brasileira tem um rosto chapado e não em três dimensões, como as importadas Ela pode ser encontrada com perucas de diversas tonalidades, a única peça opcional, por enquanto, segundo garantem os fabricantes

— Nós tivemos muitas dificuldades para fabricar a boneca aqui no Brasil — afirma um dos sócios pois nenhuma fábrica de plásticos, aparelhada com a solda elétrica necessária para a industrialização, se dispunha a realizar o serviço Muitas alegavam que tinham mulheres e crianças na linha de produção e que isso os impedia de fabricar a boneca Finalmente, conseguimos uma fábrica pequena com um método artesanal, que funciona em Pirituba

A empresa pretende lançar o modelo **Mulata** e o modelo **Oriental** Também está nos planos o lançamento de um homem plástico, no mesmo estilo da mulher, só que com uma réplica de pênis avantajado

O empresário acha ainda que a **Baby Doll** seria a solução para os problemas sexuais dos criminosos encarcerados

— Com a boneca, o preso encontraria uma solução para seus problemas. Os casos de homossexualismo diminuiriam e haveria até maior clima de paz Já que as mulheres dos presos não podem ser admitidas no presídio, por que não levar bonecas para eles?

Elas não têm bateria de aquecimento, que proporciona a reprodução da temperatura do interior da vagina Como conselho para os que desejarem "esquentar" a boneca, o proprietário da empresa erótica recomenda que se esquente uma banheira de água e depois se mergulhe a boneca Assim ela ficará "quentinha"

Antônio Pavone

Tribunal autoriza caça aos travestis

Foto de Juca Martins

Prisão de travesti agora tem amparo do Supremo Tribunal Federal

Em São Paulo, prostitutas e travestis vivem clima de terror Decisão recente do Supremo Tribunal Federal garante à polícia o direito de reprimi-los, partindo do princípio de que o *trottoir* é atentatório à moral e aos bons costumes "e fonte de constrangimento para transeuntes e residentes". A decisão foi tomada com base num acórdão do desembargador Ítalo Galli, da 1.ª Câmara Criminal do Tribunal de Justiça de São Paulo.

O *trottoir* é imoral. Se assim não fosse, a prostituta não se desnudaria na rua. E, se é imoral, a lei não pode proteger. Além disso, o *trottoir* é contravenção penal, é vadiagem. É um meio ilícito de sobrevivência

A opinião de Ítalo Galli é contestada pelo juiz corregedor dos Presídios e da Polícia, Renato Laércio Talli

As prostitutas não são contraventoras. São infelizes que necessitam de compreensão acima de qualquer coisa. Claro, o *trottoir* acintoso tem que ser reprimido. Por exemplo, quando a mulher está despida na rua ou com o busto de fora, tem que ser recolhida mesmo. Agora, dentro da normalidade da conduta, a polícia não tem o direito de combater as prostitutas. Se agir assim, está cometendo uma arbitrariedade

Alheias às discussões sobre a legalidade ou não da repressão de que vêm sendo alvo, prostitutas e travestis redobraram suas precauções em São Paulo. Só as prostitutas formam um exército de mão-de-obra de mais de 100 mil pessoas, cuja grande maioria vive do *trottoir*. Kátia, que faz a vida na avenida Rio Branco, é uma das prostitutas que hoje fogem ao menor sinal de aproximação de um carro de polícia

Os *tiras* fazem da gente gato e sapato. Já tentei ser empregada doméstica, mas não deu pé. O travesti Milla, 21 anos, dos quais três sobrevivendo no *trottoir*, também reclama muito da polícia.

— Para não ser preso eu dou dinheiro aos policiais. Mas não adianta, há uns sádicos que batem na gente mesmo quando pagamos.

Nos corredores da Delegacia Seccional Centro, de onde saem os rondões do delegado Richetti, famoso por sua perseguição aos travestis e prostitutas, circulam outras versões. Um delegado, que não quis se identificar, explicou: "No momento, a orientação é apenas para prender prostitutas e travestis que estejam utilizando o *trottoir* para o chamado *abraço de tamanduá*, isto é, envolver o transeunte com um abraço, mesmo que não seja um cliente, para lhe roubar a carteira

O mesmo policial afirmou que a polícia não está preocupada com o *trottoir* porque sabe que há outros envolvidos no negócio, como os donos de motéis, os gigolôs e os advogados de porta de xadrez, que dão *habeas corpus* preventivo, no valor de Cr$15 mil, para prostitutas e travestis.

Rivaldo Chinem

SOS homossexual é criado no Recife

O Grupo de Atuação Homossexual, o Gatho, de Olinda, ficou muito irritado com as declarações da travesti Viviane publicadas no REPORTER número 42, em que ela denunciava que teve a palavra cassada no I Encontro de Homossexuais Organizados do Nordeste, realizado em Olinda na última Semana Santa.

— Viviane não falou porque não quis. Ela é assim mesmo, individualista, e cheia de rancor contra os outros. Acho que ela queria mesmo era fazer um escândalo para aparecer — diz Almir Guilhermino, porta-voz do Gatho.

Na sua versão, Viviane sempre foi amiga do pessoal do grupo, inclusive tendo participado assiduamente das reuniões durante os cinco primeiros meses. "Mas ela ficava realmente isolada, não por conta do grupo, mas porque sempre evitou se abrir, contar as suas experiências de travesti de rua. Quando nós falamos do prazer, algumas vezes, ela se recusava a entrar nas discussões, alegando que não tinha nada para contar. Mas a gente desconfia mesmo é que ela nunca gozou."

As dificuldades que o Gatho vem encontrando no relacionamento com travestis não é só com Viviane Eles próprios reconhecem que "como membros da classe média", sentem dificuldades em se comunicar com os "que precisam batalhar para sobreviver", como é o caso dos travestis. Essa distância incomoda o grupo, tanto que este mês eles vão partir para projetos mais audaciosos

O SOS Homossexual é um deles. Concebido à semelhança do serviço de atendimento por telefone utilizado por grupos feministas, o SOS gay vai oferecer assistência médica, jurídica e psicológica gratuita aos que se sentirem necessitados Inicialmente, estão programados dois plantões de atendimento — nas terças e quintas

O outro serviço, que começará a funcionar a partir de julho, são as reuniões em bairros da periferia. Ressaltando que "não se trata de um trabalho planfletário, mas de uma necessidade transmitida pela própria população", Almir Guilhermino acredita que dessa maneira se chegará a um contato mais direto com os homossexuais marginalizados.

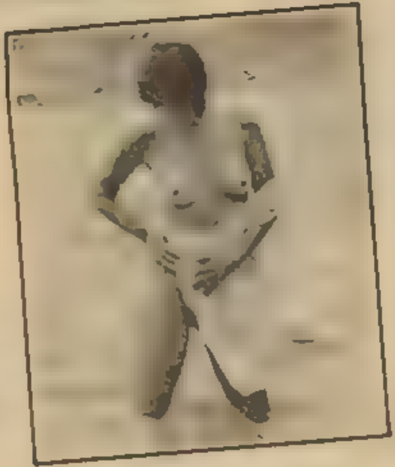
"Existe muito homossexual que se interessaria em participar das reuniões do Gatho, em conversar com um semelhante sobre seus problemas. Mas acreditamos que o deslocamento para Olinda, e até mesmo o ambiente estranho, que não é o deles, inibe e afasta essas pessoas. Então resolvemos ir em grupos de 4 ou 5 até os bairros, para uma conversa descontraída com quem estiver interessado."

Beth Salgueiro

ALDINE MULLER, RAINHA DO CINEMA ERÓTICO:

A pornochanchada já está saturando

Aldine Rodrigues Raspini, Aldine Muller, 27 anos, 5 de cinema, ex modelo fotográfico, gaúcha de Caxias do Sul, 33 filmes, a rainha da pornochanchada. Seus fãs acham que ela só vive o sexo, que tudo nela exala sexo. Mas Aldine quase não é reconhecida nas ruas. É muito diferente pessoalmente. Nas telas dá a impressão de ser um mulheraço, dessas de 1m80. Na verdade, tem 1m66, magra, rosto miúdo, e não é nada exótica como parece na tela. Seus pais nunca foram vê-la no cinema. Inicialmente o pai foi contra — "imagine ter uma filha fazendo filmes de mulher nua no cinema!" — mas a mãe sempre torceu por ela. Dona de um restaurante naturalista pelos lados da avenida Faria Lima, Zona Sul de São Paulo, Aldine tem recusado alguns papéis no cinema. Como também recusou um papel importante na novela das 7 da TV-Globo, por achar que não iam pagar o que ela queria. Acha que ator mesmo é aquele que representa no palco de um teatro.



Aldine não se incomoda de ficar nua, mas está cansada. Quer fazer teatro

Por que você é a rainha da pornochanchada?

— Faço uma linha de cinema, um cinema erótico. Tem gente que só vai ao cinema pra ver mulher pelada. Aliás, em 90% do cinema nacional é muito difícil não ter cenas de nudismo. **Bye Bye Brasil**, que acham o máximo, e **Eu Te Amo** são pornochanchadas. O povão vai ver porque acha a Sônia Braga gostosa.

É um bom caminho pro cinema nacional?

— É um caminho que fez bem ao cinema. Foi uma fase em que o cinema nacional entrou e está dando certo. Mas agora já está saturando. Tudo o que é demais cansa.

Ficar nua em cena te constrange?

— De jeito nenhum. Não tenho nada contra o nu. Sou a favor dele, mas desde que tenha uma história por trás. Este ano, por exemplo, já peguei 6 roteiros na mão e não filmei nenhum deles. Não tinham história, era só sexo.

Pagam bem por cada filme?

— O critério do cinema nacional é: há um preço determinado por figurante. Para o ator que está começando, um xis, pro ator que fez um filme, outro xis, e se ele fez mais filmes, o preço é maior. O último filme que fiz, **Consórcio de Intrigas**, em maio do ano passado, me rendeu Cr$ 500 mil, por 30 dias de trabalho. Está contado também o trabalho de dublagem, de uma semana, porque em São Paulo quase não se filma com som direto, devido aos ruídos.

Já deram cano em você?

— Só uma vez. É um tal de Rafaele Rossi, o pior do pior do pior sujeito que existe. Um diretor metido a produtor. Fiz uma pornochanchada, **Boneca Cobiçada**, com ele e não me pagou até hoje.

O que você fazia antes de fazer cinema?

— Era modelo, trabalhava numa agência, e o Hélio Jorge me propôs: você não tá a fim de fazer cinema? Ele era irmão de um gerente da Embrafilme, que me recomendou pro Cláudio Cunha. Aí o Cláudio Cunha não tinha mais personagem e disse: não tem problema, e criou um personagem pra mim.

É verdade que a atriz tem que dormir com todo mundo pra fazer cinema?

— Se no primeiro filme você transar com o diretor ou o produtor, isso vai se espalhar muito, sabe. A boca (boca do cinema) é pequena, é um escritório grudado no outro. E depois, os homens, sabe como é, deu pra um ele espalha mesmo. Eu nunca precisei transar com ninguém. Estou me propondo a fazer um trabalho de atriz, não a dormir com o diretor.

Você é muito cantada pelos atores, pessoal da equipe téc-[illegible]?

— Quando estou andando nua, as pessoas agem como se eu estivesse vestida. Trabalhei com muita gente, fiz 33 filmes até hoje, em 5 anos de carreira, nunca pintou de algum ator querer transar. Já pintou namoro, sim, mas dois meses depois das filmagens. Mas uma coise não teve nada a ver com a outra.

E fora do cinema, com os teus [illegible]

— Tem gente que chega e puxa a carteira se anunciando: sou advogado, vim conversar com você, meu patrão me mandou, ele quer te conhecer. Papos assim. Querem jantar, conversar, nunca dizem que querem dormir comigo. Querem me levar num restaurante tradicional com muita gente, querem que eu desfile com eles. Fiz **A Força dos Sentidos**, uma menina desprotegida, aí choveu proposta. Ligavam dos mais diferentes lugares, meninos de 18, 20 anos, ou homens com 40 anos pra cima, todos se dizendo apaixonados por mim. Teve até um rico que procurou uma agência de publicidade pra contatar comigo. Queria me fotografar nua, só pra ele, "sem segundas intenções", me garantia.

Você participaria de um filme que mostrasse tudo?

— Eu tenho uma formação muito moralista. Em casa ainda rezamos antes das refeições. Mamãe pega o terço, todo mundo reza. Não tenho estrutura pra tanto; quer dizer, estrutura psicológica. O sexo explícito me dá náuseas. O **Império dos Sentidos** me chocou muito. Acho que pra fazer um filme desses o homem tem que ter um sangue-frio incrível. Por mais que a mulher esteja preparada, ela não tem a obrigação de dar a impressão de que está com tesão, mas o homem tem o membro, ele vai ter que mostrar que está a fim. E se não estiver? Vai arrumar um membro postiço? Eu não faria nunca o sexo explícito no cinema.

Podemos falar da abertura, política evidentemente.

— Foi positiva para o cinema nacional. Agora você pode abordar certos temas antes tabus. O incesto, por exemplo. Mas não sou politizada, não gosto de política.

Inflação...

— Não agüento mais.

Maluf...

— Se votaria nele? (Pensa um pouco, faz careta, sorri.) Até votaria.

E o Figueiredo?

— Acho um homem simpático, muito simpático, mais nada.

Lula? É um símbolo sexual?

— Não é um símbolo sexual, não. Ele fica bem como pai de família que é, com o filhinho no colo.

Rivaldo Chinem

POLÍCIA IGNORA FILMAGEM DE SEXO NOS MOTÉIS

— As investigações estão paradas por ordem superior. Não temos mais nada a dizer.

Assim o chefe do Serviço de Fiscalização da Divisão de Controle de Diversões Públicas, detetive Humberto de Matos, ex-Homem de Ouro, encerrou, na semana passada, um dos casos policiais mais insólitos da crônica policial carioca. Trata-se das filmagens de hóspedes em motéis, denunciada no princípio do mês passado, com certo estardalhaço, pelo diretor da Divisão de Controle de Diversões Públicas, delegado Dilermano Amaro.

O fato ganhou os jornais e, em alguns motéis, os fiscais encontraram filmes e equipamentos de filmagem. Não foi, no entanto, divulgado o nome de nenhum dos motéis onde a fiscalização esteve, com exceção do Motel Palazo, avenida Brasil 32 000, onde foram apreendidas uma máquina de exibição de video-tapes, uma fita virgem e outra gravada. Segundo um empregado do motel, que não quis se identificar para o REPORTER, no dia seguinte da apreensão a polícia devolveu todo o material.

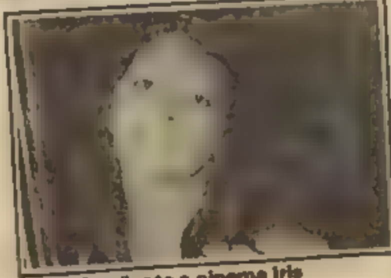
A história dos filmes começou tão rápida como terminou. O início de tudo foi uma denúncia feita por uma mulher que se encontrava num motel. Foi filmada sem saber e resolveu procurar a polícia depois que uma amiga sua viu o filme pornográfico, tendo ela como personagem. A mulher teria sido filmada na Zona Sul e o filme exibido num motel da Zona Norte. Como todos os nomes foram mantidos em sigilo, não há como provar a veracidade das denúncias, nem até onde chegaram as investigações policiais.

Verdadeiras ou não, as denúncias não chegaram ao Sindicato dos Empregados de Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares. Seu presidente, Milton de Carvalho, não recebeu nenhuma notificação da polícia, nem dos seus 6 mil sócios. No final da história, apenas um dado concreto: a frequência dos motéis caiu. Mas isso Milton de Carvalho atribui mais à crise econômica do que às denúncias quanto às filmagens.

Tim Lopes

Sacanagem na tela pode custar muito mais caro

O Ministério da Justiça está estudando a possibilidade de criar salas especiais para filmes pornográficos, cujos ingressos seriam pelo menos 50% mais caros que os dos cinemas comuns. Essa medida, destinada a dificultar o acesso do público aos filmes pornô, se adotada, provavelmente não terá grandes efeitos práticos. Há poucos meses o cinema Vitória — do Centro do Rio de Janeiro — cobrou preços especiais enquanto exibia **O Império dos Sentidos** (filme, aliás, erroneamente considerado pornográfico), e o afluxo de público foi imenso, com quase todas as sessões cheias. As salas para exibição de filmes pornô já existem, na prática, pois muitos cinemas no Rio e em São Paulo exibem quase sempre esse tipo de produção. E os freqüentadores não parecem dispostos a abdicar dos filmes pornô, caso tenham que pagar mais Cr$ 100,00 por uma entrada.



Sônia freqüenta o cinema Iris

As emoções que sentem compensam o sacrifício de um ingresso mais caro. Cícero Alves dos Santos, casado, pai de quatro filhos, é um grande apreciador de filmes pornô. Um dos primeiros a deixar a sala de projeção logo após a exibição de **A Monja que Pecou**, ele se qualifica como um cara evoluído, que gosta de ver os filmes pornô para aprender novas posições e variações do ato sexual. Cícero diz que não se masturba durante os filmes, mas não esconde que vibra com cenas picantes e eróticas. "Homem que é homem", afirma, "tem que sentir alguma coisa". As lições que aprende no cinema aplica em casa, mas não admite que sua mulher vá a esse tipo de produção e nem sequer que saiba que ele os assiste.

Sônia, um travesti que freqüenta o cinema Íris — velha sala da rua da Carioca especializada em filmes pornô e produções do tipo **kung-fu** — acha uma bobagem criar salas especiais e elevar preços para filmes pornô. E explica: "Até os hotéis já estão passando filmes de sacanagem para sua clientela!" Um que não ataca o governo por querer exercer maior rigor para os filmes pornô é G. Polaty, um húngaro que já trabalhou em casas de projeção no Japão, Espanha e Alemanha, e que atualmente é assistente de diretoria da poderosa distribuidora de Luiz Severiano Ribeiro. "Nos países menos desenvolvidos, a censura é muito forte porque a maior parte do público tem menos educação e o governo sente necessidade de controlar (filmes, revistas e outras formas de expressão) para não haver descontrole. "A gente aprende é na vida. Não existe nada de imoral hoje em dia", afirmou, pouco antes de assistir **Amantes Violentos**, no cine Pathé, na Cinelândia.

Paulo Roberto Marinho

PASSARELA

Jorge Segundo

ELEIÇÃO DO REI DA NOITE

Kelly vota em Priolli

Ele não é dos mais votados, mas tem tido votos muito importantes nesta badalada eleição do **Rei da Noite** Mário Priolli, do Canecão, teve o voto de Carlos Machado, o Rei que entregará a coroa, e agora é votado pelo presidente da Riotur, João Roberto Kelly "Ele merece ser o novo **Rei** diz Kelly — pelo que tem feito como empresário que movimenta a noite, o meio artístico, apresentando em sua casa grandes atrações". Outros votos da quinzena

● Para **Chico Recarey**, o líder, o voto do Fernando Zerlotini, que é um dos dois responsáveis pela coluna **Carlos Swann**, do **Globo**, do economista Élcio Salomão Marques e do decorador Aloysio Queiroz. Agora, Chico está com 29 votos

● **Ricardo Amaral** ganha mais os votos das colunáveis Heloísa Machado Sobrinho e Zuleika Vianna de Vasconcellos e do geólogo Nilo Pereira de Assis — e fica com 20 votos.

● **Mário Priolli**, contando os votos do Kelly, da jornalista e escritora Arlene Miranda, que recebeu com elogiadíssimo almoço de pratos alagoanos para comemorar aniversário, de Dulce Alenquer, da professora Mariazinha Salomão Marques e da repórter Martha Ronchi, tem agora 9 votos

● A votação dos outros candidatos, sem alteração: **Sérgio Cavalcanti**, 10 votos, **Moacyr Deriquem**, 15 (ele é o candidato de uma ala de artistas que acha que Rei da Noite não tem que ser propriamente dono de casa noturna), e **Osvaldo Sargentelli** 2 votos

● Atenção: mais um voto fresquinho, chegado de última hora. O da colunável [illegible] **Helô Amado** Ela vota em **Ricardo Amaral** e diz por quê: No eixo Rio São Paulo-Paris, e logo Nova Iorque e Buenos Aires [illegible] grande sensação com suas [illegible] suas festas. É o nosso **Rei** internacional

FAGNER NO OLYMPIA

No fim deste mês (dias 25 e 26), o nosso Fagner estará cantando no Olympia de Paris. Quem passa por lá e faz sucesso, garante público na Europa. E é esse o sonho de Fagner, que os europeus já estão tomando conhecimento através do LP totalmente gravado em espanhol — *Corazón Alado*. As apresentações de Fagner em Paris (além do Olympia, ele canta no *Palais des Arts*) foram precedidas de um bem montado esquema promocional na Espanha, em que a CBS jogou seu cantor brasileiro nos mais importantes programas da televisão espanhola. É o começo da conquista do Velho mundo!

Lídia Brondi e Simone Carvalho, as duas ninfetas do momento

AS NINFETAS COM TUDO DE FORA

Simone Carvalho e Lídia Brondi, duas castiças ninfetas da televisão, estão como o diabo gosta nos cinemas da cidade: nuazinhas! O **Gosto do Pecado** é o mais audacioso filme de Simone, dirigida pelo próprio marido, Cláudio Cunha. Nu total, frontal, lateral, "traseiral" — um luxo de corpo mostrado, com talento, em todos os ângulos. Em pré-estréia especial, para convidados, o filme foi exibido para uma platéia que curtiu ver Simone Carvalho fora dos padrões estéticos da TV-Globo; e outro da aldeia global, descambando para o sexo explícito, a surpresa do desempenho de Jardel Melo, que muita gente só conhece como diretor. Depois da sessão especial, um jantar com o elenco e um pequeno grupo de convidados, no **Davinci**, em São Conrado. O advogado Ricardo Saldanha era um dos anfitriões da noitada. Já o **Beijo no Asfalto**, da peça homônima de Nelson Rodrigues, revela tudinho da Lídia Brondi, pela primeira vez no cinema, e logo assim com todo seu talento à mostra. A qualidade do filme é garantida não só pelo elenco (além da Lídia, tem Tarcísio Meira, Ney Latorraca...), mas pela direção do Bruno Barreto. O nu frontal de Lídia Brondi é um negócio muito bonito. Recomendável para todas as idades.

Um momento especial dos 21 anos de jornalismo de Odilon Coutinho, repórter do **Fantástico**: ele foi entrevistado por Gary Richman, correspondente do **National Enquirer**, dos Estados Unidos. Odilon contou tudo: da profissão, das experiências pessoais, dos amigos ★ Edilberto Coutinho, **doublé** de jornalista e escritor, comemorando os dois prêmios literários que recebeu da Academia Brasileira de Letras: o "Afonso Arinos", para o melhor livro de contos do ano, **Maracanã, adeus**, e o "Assis Chateaubrand", de jornalismo literário, a **Criatura de Papel**. É fato raríssimo a Academia conceder dois prêmios a um mesmo autor num mesmo ano. Daí as alegrias maiores do Edilberto Coutinho ★ Paulo Max, que foi o apresentador oficial dos concursos de Miss Brasil, quando eles eram sucesso na **Rede Tupi de Televisão**, garante que foi bolado pelo Silvio Santos o novo concessionário das Misses. Paulo trabalhou 16 anos com mulher bonita na passarela e foi chamado pelo Silvio Santos, que lhe acenou com um contrato. Paulo ouviu, deu dicas, armou esquemas. Quando a TVS fechou o último dos contratos, com o Miss Universo, tirou o experiente Max da jogada, contratando uma ex-secretária do Miss Brasil, em São Paulo, para fazer a coordenação que seria dele ★ Terezinha de Jesus já está gravando seu terceiro LP. Promete: tem músicas inéditas de Capinam, João do Vale, Moraes Moreira, Robertinho do Recife, Cacaso e Sivuca. E ela sabe do ofício: canta bem! ★ Muita gente intrigada com as iniciais JMCR que **PASSARELA** publicou na edição passada como sendo da paixão de Betty Faria. As pessoas não se conformam e querem saber o nome todo do milionário que a atriz ama. É isso aí: José Mariano Camargo Raggio! 37 anos, bonito, rico, mão aberta. Mas há quem garanta que tem outro ricaço, este sim, apaixonado pela atriz: Décio Pelagio! ★ Badalação em Jacarepaguá: o churrasco de aniversário de Marcelo (5 anos), filho de Sérgio Bastos, supervisor de operações da Rede Globo. Foi um dia inteiro de carne, bebida e música ★ Correspondência para PASSARELA: Jorge Segundo, Rua Djalma Ulrich, 110, Copacabana

● *Uma confessada apreensão do jornalista Marcelo Rezende, um dos integrantes do* ***Bola na Mesa****, da TV Bandeirantes: as pessoas estão sendo pressionadas a não ter mais assunto para a conversa amigável de rua de bar. Ele explica: com o aumento dos preços dos ingressos do Maracanã e a liberação dos preços da cerveja, vai acabar a matéria-prima do futebol e o incentivo (a cervejinha) para as conversas de botequim. Sem ir ao Maracanã, por causa do ingresso caro, e sem poder ir ao botequim, também pelo preço da cerveja, acaba o bate-papo esportivo, uma das poucas alegrias da classe média para baixo. Tá certo o Marcelo!*

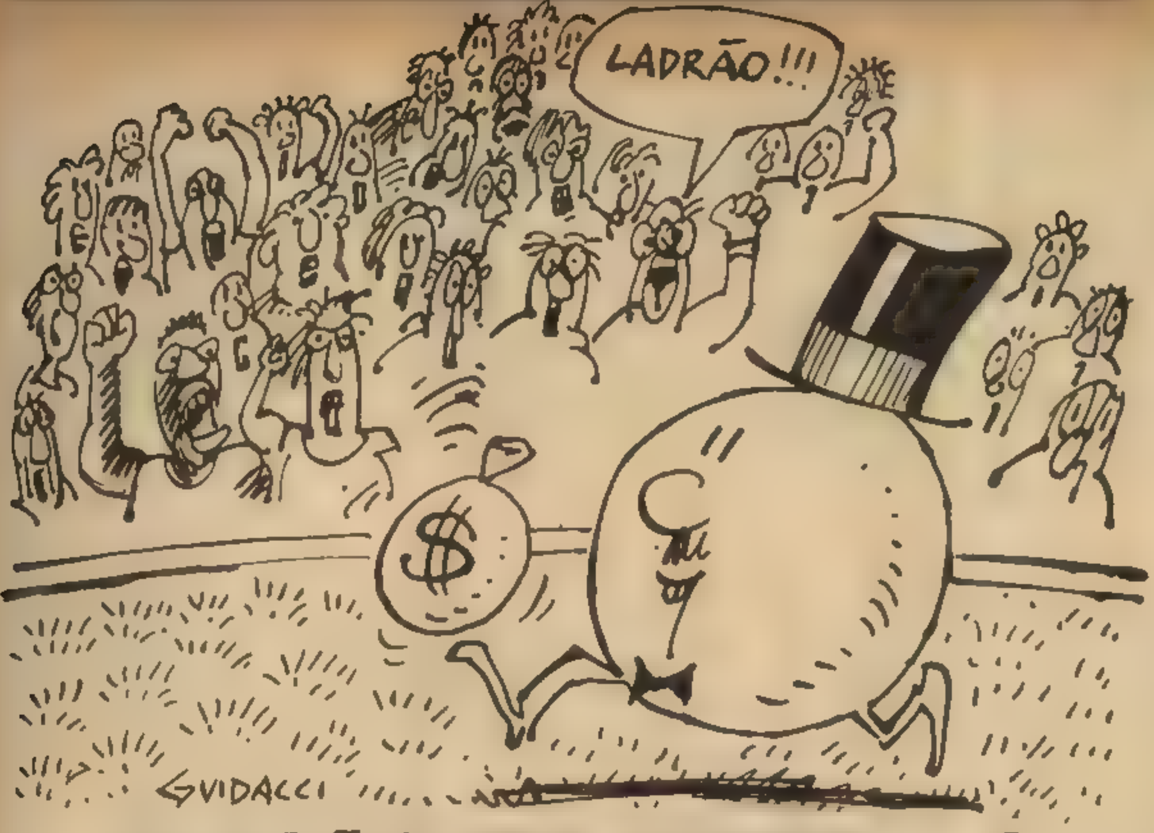
●●●●●●●●●●●

No ar: TV-Manchete

Já é certo: o jornalismo da TV-Manchete será dirigido pelo Alexandre Garcia. Vocês se lembram dele? É aquele que era porta-voz do Palácio do Planalto e perdeu o emprego porque se deixou fotografar, para uma revista, sob os lençóis de uma alcova. A Bloch não pensou duas vezes e logo contratou o Alexandre que, hoje, já é o redator-chefe da revista *Manchete* e prepara a equipe jornalística para entrar no ar nos próximos três meses, com a benção do mesmo Planalto, que o despediu.

Momento de arte nobre

Quem assistiu a *Coppelia*, no Teatro Municipal do Rio, certamente se deslumbrou com um grande momento de balé, uma produção brasileira de nível internacional. Ana Botafogo, Áurea Hammerli e Nora Esteves, que se revezaram no papel principal, estiveram perto da glória e do entusiasmo do público, como o Municipal não via há quase 20 anos. Foi a consagração do artista brasileiro, a começar pelo trabalho da diretora Dalal Aschar. O Municipal devolveu gente em todos os espetáculos, tal o sucesso de *Coppelia*, que o secretário de Educação fluminense, Arnaldo Niskier, quer levar para São Paulo, Belo Horizonte e Brasília. Em vitoriosa temporada do balé puxou a ópera. Já está sendo ensaiada *O Barbeiro de Sevilha*, regência, cenografia e figurinos de Gianni Ratto. Estréia 18 de junho. E a grande atração brasileira, num elenco de convidados estrangeiros, é o tenor Nelson Portela. Aguarda-se nova onda de vibração, de entusiasmo, no Municipal.



EVASÃO DE RENDAS É ESCÂNDALO EM S. PAULO

Estádio de futebol parece feito de borracha. Enche com qualquer lotação. Num dia, um cronista esportivo anuncia: "Tem gente saindo pelo ladrão". E fixa a assistência em 60 mil pessoas. No outro dia diz a mesma frase e a assistência é 40 mil. Mais tarde a frase volta a ser repetida com a mesma ênfase, mas a assistência já aumentou novamente 50 mil. E assim sucessivamente.

Quem vê essa dança de números pode pensar que se trata apenas de erros de avaliação dos cronistas. Não é. Na recente final do campeonato brasileiro, no Morumbi, entre São Paulo e Grêmio, havia, segundo dados oficiais, 95 mil pessoas. O estádio estava tão lotado quanto em 1977, na decisão do campeonato paulista, quando 146.087 pessoas compareceram ao Morumbi. Entre uma lotação e outra, uma diferença considerável: 50 mil torcedores.

Como explicar o mistério? Não é nada indecifrável. É a evasão de torcedores que vai se traduzir num problema bem maior: a evasão de rendas, que só agora começa a figurar nas preocupações da Federação Paulista de Futebol. Não há números concretos. Só um documento da própria FPF admitindo o problema. Números existem é sobre o aumento e a redução da capacidade de estádios lotados, embora, na verdade, suas capacidades se mantenham inalteradas. O caso do Pacaembu é bem típico. Em 24 de maio de 1942, quando o Corinthians empatou de 3 x 3 com o São Paulo, num jogo histórico que marcou a estréia de Leônidas no tricolor, as bilheterias registraram lotação recorde: 63.281 torcedores. Logo depois o estádio foi ampliado, mas sua capacidade encolheu: o recorde de público passou a ser 57 mil torcedores.

Na Federação Paulista de Futebol, há um setor encarregado da arrecadação. É o chamado Departamento de Arrecadação, que, durante 40 anos, ficou sob a responsabilidade de Alfo Leança. Quando Nabi Abi Chedid assumiu a presidência da FPF, ameaçando extirpar o "câncer da evasão de rendas", Leança, inexplicavelmente, se desligou do cargo, sem tentar sequer garantir seus direitos trabalhistas. O que teria levado Alfo Leanca a tal atitude, ninguém sabe explicar.

Seu sucessor, Flávio Brás, quase não fala de evasão de renda. Só toca no assunto com cautela, chegando inclusive a afirmar que evasão não existe.

— Os jogos são de muito baixo nível — diz, deixando claro que a queda de arrecadação está vinculada a uma queda de público.

Apesar disso, ele admite que algumas providências foram tomadas para conter a evasão: venda de apenas cinco ingressos para cada torcedor e a numeração de todos os lugares no estádio. Medidas paliativas, no entender do próprio Brás, que só vê solução para o controle da renda com a instalação de catracas eletrônicas, semelhantes às que existem na Europa.

As catracas, que custam muito caro, já estão nos planos do administrador do Pacaembu, embora o estádio não tenha condições técnicas para recebê-las. Mesmo assim o administrador, Joaquim Alonso Esteves, já está providenciando um estudo sobre a instalação.

— Nenhum estádio brasileiro foi construído para funcionar com catracas eletrônicas. O Pacaembu não é exceção — diz ele, se defendendo dos críticos.

Ao que tudo indica, o problema da evasão das rendas não precisa de solução tão sofisticada e demorada quanto as catracas. Dependeria de controle bem mais simples. Por exemplo: evitar os penetras oficiais. Nesse sentido, há informações de que o secretário municipal de Esportes, Francisco Rossi, já tentou várias vezes discutir algum tipo de controle com a Federação Paulista de Futebol. Não teve êxito.

A Federação é a grande responsável pela evasão das rendas, distribuindo fartamente convites. Além disso, há em todo estádio uma entrada para autoridades, por onde entra todo mundo: delegados, juízes, promotores, cartolas, etc... No final, ninguém sabe ao certo qual foi a lotação.

Houve tempos em que a Federação requisitava um determinado número de ingressos para distribuir. Mas isso faz parte do passado. Se a renda não é compatível com a lotação do estádio, quem tem de arcar com os prejuízos são os clubes: pagam 24% da arrecadação para a Federação, em todos os jogos, através das mais diversas taxas, sem contar aluguel, luz, impostos e funcionários.

A. Borges

UMA COLUNA DE FUTEBOL

FOLHA SECA

Luiz Alberto Bettencourt

Zico tem que ficar. É a Copa do Mundo em jogo

Muito boa para a seleção brasileira a renovação do contrato de Zico com o Flamengo. Não só porque isso assegura a participação dele em todo o período de preparação para a Copa — e nos livra das hienas que fatalmente diriam que "se é pra vir um mês antes, preferimos o Renato" — como também por uma razão, digamos, psicológica. A ida pra Itália enfraqueceria nosso futebol, daria moral aos adversários, o que também aconteceria com a Alemanha se o Internacional, por exemplo, comprasse o Rummenigge.

A realidade econômica do futebol brasileiro não permite, porém, o sonho, e os italianos sabem disso. Vieram oferecendo por baixo, aumentaram a proposta, tentaram envolver o próprio jogador com muito dinheiro pra ele, mas o Flamengo agiu certo.

Os argentinos, ano passado, quando perceberam o esvaziamento para os clubes e para a seleção que a venda de Diego Maradona ao Barcelona da Espanha representaria, também recuaram. Sob pressão do técnico Menotti, a Associação de Futebol da Argentina proibiu a transferência e, através da colaboração de empresários, o empréstimo para o Boca Juniors evitou prejuízos para o craque e para seu antigo clube, o Argentino Juniors.

Não se vende ídolo, muito menos um ano antes de Copa.

A tuberculose de Júnior

Não vamos nos iludir: nem tudo está acertado na seleção. Reinaldo tem que mostrar mais, Valdir Perez precisa provar que o jogo na Alemanha não foi uma espécie de noite da gata borralheira, e nós precisamos atacar pelas pontas com extremas. Se quisermos salvar Júnior e Edevaldo da tuberculose, devemos, como posição inicial de jogo, atacar com pontas e defender com os laterais. Atualmente, dá-se o inverso: é comum vermos Eder atrás de Júnior e Isidoro protegendo Edevaldo. Tudo bem: nenhum time do mundo poderia prescindir do apoio fabuloso de Júnior à jogada de gol; mas ele também não substitui o avanço pela linha de fundo do campo, nem pode defender ao mesmo tempo. Por que não tentarmos Zé Sérgio na direita? Assim, pelo menos, teríamos um ponta.

A mágica de Zagalo

Se na seleção os meias são transformados em pontas pra suprir a falta, no Vasco é o contrário. Zagalo pegou um dos bons extremas pela esquerda, o Silvinho, e transformou-o em centro-avante. De outro modo, não teria vaga. Como Wilsinho, o ponta-direita, tem ordens pra ajudar na cobertura, o Vasco ataca com dois — Cesar e Roberto — e defende com nove. Mas o treinador diz que vai ser campeão carioca. O pior é se ele for, mesmo.

Médico trabalha quase 100 horas por semana

E.J.B. — o nome ele prefere omitir para não se expor a repressões — é médico de dois grandes hospitais: o Universitário, da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), e o hospital de Ipanema, do Inamps. Somadas, as duas jornadas de trabalho representam 60 horas semanais. Além disso, para sobreviver, ele ainda tem que trabalhar num consultório, junto com outros colegas. Ao todo, trabalha cerca de 80 a 100 horas, o que significa que não sobra praticamente tempo para nada.

— Eu ando sem tempo pra [illegible] Nem livros eu leio. Vou comprando e guardando, esperando uma oportunidade. O dinheiro é pouco e eu tenho que dar muito duro — diz, mostrando contas atrasadas de gás, luz e telefone, para ser mais convincente.

A situação de E.J.B. se repete com a grande maioria dos médicos do Rio. Os hospitais pagam pouco, as condições de trabalho são precárias e o número de clientes para atendimento é muito alto: mais de 20 por dia, quando a Organização Mundial de Saúde estipula em 12 o atendimento máximo diário. São essas as razões das sucessivas greves de médicos, segundo Eraldo Bulhões, do Sindicato dos Médicos do Rio de Janeiro.

— O próximo passo será uma campanha pela melhoria do atendimento à população. Vamos fazer um levantamento das condições de trabalho nos hospitais, com a verificação dos aparelhos quebrados, da falta de material, da insalubridade do ambiente, da falta de funcionários e das deficiências das instalações. Nós só vamos à greve como último recurso. Não queremos fazer nada que pareça que estamos contra os interesses da população.

A denuncia sobre as condições de atendimento dos hospitais é uma forma de atenuar o desgaste provocado pelos sucessivos movimentos grevistas. O último deles, entre 28 e 4 de maio, resultou na paralisação dos serviços médicos em todo o país, com exceção das unidades de emergência, mobilizando entre 60 mil e 80 mil profissionais. Só no Rio pararam 20 mil médicos, deixando de ser realizadas 200 mil consultas.

Preocupados com a imagem junto à opinião pública, os médicos distribuíram mais de 1 milhão de cartas à população. Explicavam suas grandes dificuldades para justificar suas reivindicações, no sentido de um salário nacional igual a 10 salários mínimos, além de reajuste semestral, pagamento de 13º salário, regulamentação da Residência Médica e o enquadramento de categoria no Plano de Classificação de Cargos.

Apesar do desgaste e das ameaças de punição por parte do governo, o movimento teve alguns êxitos. Foram feitas promessas, por parte do governo, de pagamento de adicional de 20% como taxa de insalubridade; mais 20% pelo nível universitário (este último de 60% para os médicos que concordem em trabalhar no interior), e o enquadramento de acordo com o Plano de Classificação de Cargos para médicos nos quatro últimos níveis de carreira. Como não se chegou a conclusões definitivas é possível que surjam novas greves. Principalmente porque os médicos não estão concordando com as propostas do governo de aumentar para 10% (atualmente são 8%) os descontos de salário para atendimento médico e, ainda, cobrar consultas ou uma taxa extra dos milhões de clientes do Inamps. Uma espécie de taxa de saúde.

Foto de Custódio Coimbra

Salário médio é inferior a 40 mil

No Brasil, mais de 50% dos médicos têm rendimento mensal inferior a Cr$ 40 mil, sendo que as mulheres recebem ainda menos que os homens. A Secretaria de Saúde que melhor remunera este profissional é a de Roraima — Cr$ 25.390,00 por 20 horas semanais de trabalho — e a que paga menos é a do Ceará — apenas Cr$ 10.080,00 pelo mesmo tempo de serviço.

A maioria dos médicos — quase 50% — concentra-se no eixo-Rio-São Paulo, onde estão apenas 20% da população brasileira. Dos 84.036 médicos brasileiros em atividade, 51.652 estão em capitais e apenas 32.384 no interior do país. A relação médico-habitante é de 1/ 1424 habitantes.

Os dados fazem parte de um estudo que está sendo preparado pela Câmara Federal e que será transformado em projeto de lei, instituindo o salário profissional do médico — o mínimo não deverá ser inferior a 10 salários mínimos por quatro horas diárias de trabalho.

Cliente paga caro por serviço ruim

— Quando se fala em tubarões da Medicina é preciso separar bem as coisas: há os que lucram em cima dos pacientes, cobrando por uma internação mais do que se gastaria num hotel de luxo, mas pagam aos médicos e procuram manter um sistema de regular a bom de atendimento; e há os que pagam menos que o mínimo profissional, não assinam a carteira dos médicos e exploram os pacientes.

A afirmação é de um médico do movimento Reme-Mais, que não dá o nome "para não fechar mais ainda o mercado de trabalho", mas que aponta entre os tubarões da Medicina as seguintes instituições: HPS - Hospitalização Proteção e Saúde (no Centro); Pró-Med (em vários bairros, inclusive Botafogo); Amico (que, inclusive, é uma multinacional); Cemic (em Botafogo); Samoc (vários locais, inclusive Niterói e São Gonçalo); Cemec (no Centro); Med-Grupo (vários bairros, inclusive Centro, Botafogo, Tijuca, Madureira, etc).

Estas cobram um dinheirão dos pacientes, pagam aos médicos abaixo do mínimo profissional (que é de Cr$ 17 mil) e não assinam carteira. E se algum médico reclama, é demitido, sendo muitas vezes substituído por acadêmico de Medicina, mão-de-obra mais barata.

ADHEMAR ELLIOT PINTO

PSIQUIATRIA E PSICOTERAPIA

CRM 22 807

Av. Geremário Dantas, 142, sala 206 — Tel: 392-3833

BARBAS

RESTAURANTE

INFORMAL — DESCONTRAÍDO

Especialidade carne de sol — Comida brasileira

Serviço de quentinha para viagem

Rua Álvaro Ramos, 408 — Botafogo — Tel.: 286-8815

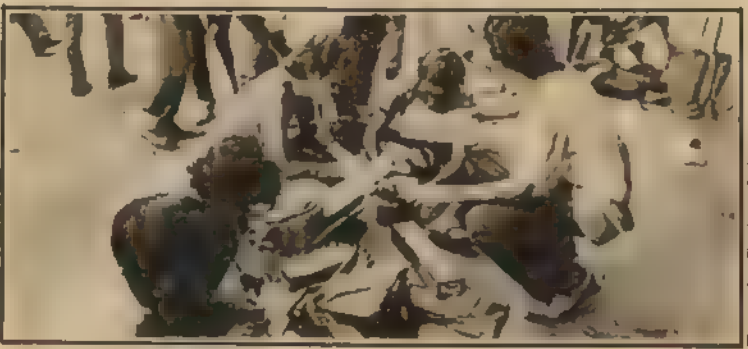

A luta pela vida em Recife

Foto de Gleide Selma

PAI DE 5 FILHOS VIVE DE FIGURINHAS

Manuel Vitorino da Silva, 38 anos, todos os dias distribui a mulher e seus cinco filhos na porta das lojas para uma tarefa muito especial: recolher notas de venda esquecidas pelos clientes. Desempregado há dois anos, ele sobrevive à custa de uma campanha da Secretaria da Fazenda para controlar a arrecadação, feita através de um álbum de figurinhas que, quando preenchido, trata da vida de dois personagens — Perna e Buco — inspirados no nome do Estado. Cada nota de venda no valor de Cr$ 300 vale um pacote de figurinhas. É disso que Manuel sobrevive: ele cata as notas, vai às agências do banco do Estado, troca por figurinhas e revende. Como tem muita gente interessada em preencher o álbum e participar do sorteio, que distribui até carros, Manuel seleciona as figurinhas mais difíceis e sai à cata de compradores. "Tem dias que faturo até Cr$ 150 por figurinha", conta ele, cercado pelos filhos. Manuel já fez de tudo: foi ambulante, guardador de carro e vendedor de amendoim. Agora, como vendedor de figurinha, ele faz parte de uma categoria totalmente nova dos miseráveis subempregados de Recife.

Beth Salgueiro

DESEMPREGO AUMENTA FILAS NO RIO

"Secretária, com boa aparência, bom nível cultural." O anúncio dizia para tratar com o sr. Paulo César, na rua do Carmo 9, 14.º andar. Li o jornal domingo. Na segunda-feira, no primeiro horário, estava disputando lugar na fila com mais 50 mulheres no escritório da Fenix Empreendimentos e Participação. Não esperava tanta gente, mas o que me surpreendeu foi a disposição da maioria de aceitar qualquer salário.

— Até Cr$ 20 mil eu pego — diziam as moças.

— O mercado está muito ruim — admitiu outra.

No meio das conversas, uma loura se destacava: dava informações sobre boas ofertas de emprego, falava de bons salários, garantia que a situação não estava tão ruim assim, e quem não sustentasse Cr$ 15 mil não era secretária que se garantisse.

— Recebi um convite para o Iraque e só não aceitei porque sou casada. É oportunidade boa para moças solteiras.

Como a fila crescia muito, percebi logo a tática da lourinha: estava tentando diminuir o número de concorrentes.

— Eu estava ganhando Cr$ 30 mil numa empresa na Tijuca, mas o patrão me mandou embora para não aumentar o salário — me confidenciou uma das moças.

Quis saber quanto era o salário, mas ninguém soube me informar: comentava-se que deveria ficar entre Cr$ 15 e Cr$ 25 mil. Neste momento, uma moça interveio e [illegible]

— Fui procurar uma vaga de telefonista e pedi Cr$ 15 mil, junto com outra colega, duas moças que pediram salário mínimo foram selecionadas.

Na fila, as histórias eram quase iguais: a falta de êxito na busca pelo emprego. Havia quem tivesse sido atraída pelos mais diferentes anúncios falsos. Todos anunciando bons empregos, quando na verdade era para venda de livros, carnês, recepcionista. Nada que oferecesse bons salários ou qualquer perspectiva.

— Esse negócio de venda de carnê — me disse outra moça — é uma enrolação. Eles botam você pra vender carnê como teste, e como você não chega à cota pedida eles acabam ganhando de graça, em cima do seu trabalho. Não pagam as comissões.

Finalmente chegou minha vez. A funcionária que mandou eu entrar para ver meu currículo estava apavorada com o movimento.

— Esperava no máximo 30 candidatas e já atendi, em poucas horas, mais de 120 — reclamou.

— Para quantas vagas?

— Apenas duas.

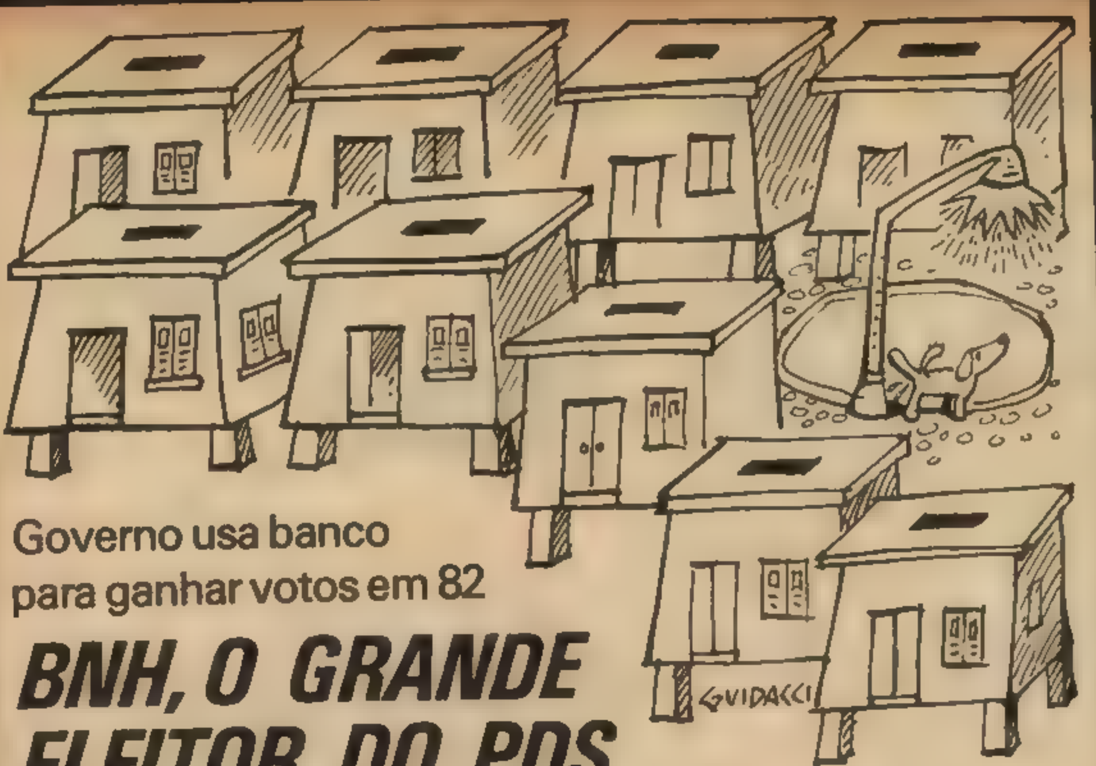
Não fiquei entre as selecionadas. O salário era de apenas Cr$ 10 mil. Uma das classificadas no teste, Adalgisa, no final do expediente, estava contente.

— Ganhava Cr$ 20 mil, mas não estou triste ganhando Cr$ 10 mil. É melhor que ficar desempregada.

Seu conformismo contrastava com a irritação das outras concorrentes. Quase todas reclamando contra a política do governo.

— Eu faço de tudo, sou motorista, professor de jiu-jitsu, porteiro, garçom e guarda de segurança. Só consegui emprego de Cr$ 6 mil como garçom no Leme. Desisti e vivo de biscate — me contou outro desempregado numa das dezenas de filas de emprego que se repetem cotidianamente no Rio. Seu nome é Francisco Maurício Farias, 29 anos. É apenas mais um dos milhares de desempregados que diariamente perambulam pelo Rio e voltam para casa, à noite, sem emprego, como as meninas da fila do escritório na rua do Carmo.

Neiva Rodrigues



Governo usa banco para ganhar votos em 82

BNH, O GRANDE ELEITOR DO PDS

O Banco Nacional da Habitação (BNH) está sendo usado pelo governo federal para investir em áreas e programas que dêem resultados eleitorais para o seu partido, o PDS. Na maioria dos Estados, do Norte e Nordeste, principalmente, é a bancada de deputados federais da agremiação que decide sobre as aplicações, com poderes até para aprovar projetos vetados pelos técnicos do banco.

— A economia interna do BNH foi profundamente alterada, a partir de 1980, para se adaptar aos interesses eleitorais do governo. A informação é de um alto funcionário do banco, em Brasília.

O orçamento do BNH para o triênio 79/81 destina 60,9% de seus recursos para aplicações em habitação, incluindo financiamentos subsidiados de programas como o Promorar, cujo objetivo é substituir favelas por habitações de melhor nível, cobrando juros abaixo da inflação. Como a meta do banco é a habitação, a atual política — antes o BNH aplicava mais em moradias para a alta classe média — não pode ser encarada como distorção. O problema está em que tudo é feito de acordo com a rentabilidade eleitoral do investimento.

Exemplo disso foi a duplicação do número de gerências regionais. Antes, existiam dez; hoje, há uma em cada Estado, apesar do volume global de recursos de que o banco dispõe ter diminuído, o que indicaria a necessidade de economizar.

As novas gerências e as nomeações decorrentes para preenchimento dos cargos representaram, entretanto, a necessidade de dar espaço e representação aos poderes regionais do PDS. A indicação dos gerentes foi feita pelos governadores, senadores e deputados do partido, ultrapassando inteiramente os quadros técnicos e os critérios profissionais. A ingerência política é de tal ordem que o presidente do banco, José Lopes de Oliveira, quis, mas não conseguiu, demitir o gerente de Belo Horizonte, Paulo Gaetane, protegido do governador Francelino Pereira.

A vontade de Oliveira era plenamente justificável: para os técnicos do BNH, a administração do gerente é simplesmente calamitosa, até mesmo por ser ele, ao mesmo tempo, dono da firma de materiais de construção que fornece para os obras financiadas pelo banco.

O resultado da estranha duplicidade de papéis é que as liberações de recursos em Belo Horizonte há muito deixaram de obedecer os crônogramas das construções. Como o BNH enfrenta uma época de escassez de dinheiro, a determinação da diretoria é soltar financiamento em etapas, de acordo com o andamento das obras. Na gerência de Gaetane, porém, a pretexto de "dinamização", isso não é cumprido, embora as conseqüências sejam nefastas: há algum tempo ele teve que suprimir 231 residências de um conjunto habitacional porque o dinheiro do contrato de financiamento havia sido integralmente gasto e a obra ainda não terminara.

Em Belém, o senador Jarbas Passarinho indicou o gerente local, e o ministro do Interior, Mário Andreazza, bloqueou os investimentos do BNH repassados pelos órgãos estaduais porque o governo federal rompeu com o governador Alacid Nunes, que está com um pé no PTB, depois de ter brigado com Passarinho.

Em Manaus, o gerente foi indicado pela bancada do PDS no Congresso que, aliás, também aprovou a segunda etapa do projeto do conjunto habitacional Cidade Nova, desaconselhado pela opinião dos técnicos do banco. O terreno para a obra foi comprado de forma irregular, seu preço foi artificialmente aumentado, numa operação especulativa que acabou sendo financiada pelo próprio banco.

A idéia do governador Ench Reis era construir 15 mil moradias, mas a falta de recursos mudou os planos: na primeira fase foram erguidas mil casas e, numa segunda, mais 2 mil, apesar do preço do terreno ter elevado em muito o preço da construção.

No Maranhão, a companhia estadual de habitação participou de emissão de faturas frias de obras, que não existiram, mas foram financiadas pelo BNH. O episódio foi abafado porque o governador João Castelo tem parentes na direção da companhia.

Recentemente, o comitê que aprova os créditos a serem concedidos pelo BNH recebeu uma recomendação: teria que aprovar uma operação porque ela era do interesse do ministro-chefe da Casa Civil, Golbery do Couto e Silva. Zaven Boghossian, que presidia o comitê — ele é dirigido cada mês por um diretor do banco — e é homem de confiança do ministro Andreazza, transmitiu o recado.

A informação foi prestada a este jornal por pessoa que participou da reunião.

O exemplo mais expressivo, em termos administrativos, da transformação do BNH em grande eleitor do PDS é, porém, a agência volante. Criada para atender de forma imediata às situações de calamidade no Nordeste, ela é um corpo estranho dentro da hierarquia do banco. Tem uma espécie de orçamento próprio porque compra materiais, contrata obras e funcionários e não está obrigada a prestar contas aos órgãos de controle das demais agências. Os responsáveis por ela são pouco conhecidos — ao que se presume, reportam-se diretamente à presidência — e os documentos sobre sua atividade que chegam aos técnicos "são os mais estranhos possíveis", na palavra de um funcionário que teve acesso a alguns deles. Não se sabe, na verdade, o que faz a tal agência. Supõe-se que se trate de um instrumento que o governo pode manejar com mais autonomia e manter à distância dos canais técnicos do banco.

Foi criada também uma agência especial em Recife, onde já existia uma agência normal. Bem-humorados, os técnicos do banco concluíram que a *especial* cuida da seca e a *volante*, das enchentes do rio São Francisco. A agência especial, entretanto, foi logo desativada, mas a volante, e misteriosa, continua a operar.

Em São Paulo, uma operação estarreceu os técnicos do banco porque foge inteiramente às linhas tradicionais: o banco emprestou Cr$ 600 milhões, pagáveis em 15 anos, para a Delfin Crédito Imobiliário, de São Paulo, saldar seu débito com o Fundo de Assistência de Liquidez (FAL) do próprio banco. O BNH, como se sabe, exige que as empresas financeiras depositem uma parte de seus depósitos no Fundo, que as socorre quando elas têm problemas de caixa. Assim, se a Delfin São Paulo devia muito ao FAL, é porque estava captando muito junto aos investidores em cadernetas de poupança. Como justificar, assim, um empréstimo de tal monta?

A resposta é: trata-se de um favorecimento político e ilícito.

Luiz Alberto Bettencourt

UMA COLUNA DE ECONOMIA

caixa 2

Ricardo Bueno

Política de transporte marginaliza o coletivo

1 — É difícil acreditar que o governo federal esteja realmente interessado em reduzir a dependência do petróleo importado, que este ano vai custar pelo menos US$ 9 bilhões. Prova disso é o completo abandono a que continua condenado o setor ferroviário.

Uma historinha ilustra bem esse abandono: o presidente da Associação Brasileira da Indústria Ferroviária, Marcos Xavier da Silveira, constatou que em abril sua empresa (a Cobrasma) não vendera um único vagão no mercado interno. Surpreso, resolveu consultar outras empresas para ver o que acontecera com elas. Adivinhem. Também não tinham vendido sequer um vagão aqui dentro.

O governo não fez encomendas e está deixando o setor de material ferroviário às moscas. É espantoso, pois é fundamental substituir o transporte rodoviário pelo ferroviário, já que este queima muito menos petróleo e o Brasil precisa economizar esse combustível, pois produz apenas pouco mais de 20% do que consome.

2 — Aliás, já que estamos falando de economizar petróleo, isso deveria ter provocado um decidido avanço dos transportes coletivos nos centros urbanos. Um avanço que colocasse para escanteio o transporte individual, que reina nas cidades. É no mínimo uma sacanagem centenas de pessoas, mais esprimidas que sardinha em lata, num ônibus, olharem pelas janelas vendo carros de passeio com um ocupante dentro.

Mas tanto o governo federal como a maioria dos governos estaduais e prefeituras pouco fizeram pelo transporte coletivo. Basta ver o caso do Rio. O Metrô só cumpriu uma pequena parte de suas metas. As obras estão totalmente atrasadas, em muitos pontos paralisadas, e a companhia do metrô já carrega nas costas uma dívida de US$ 90 milhões, que não tem como pagar. Os trens suburbanos continuam caindo aos pedaços, chegando atrasados e transportando apenas 700 mil pessoas, quando precisariam deslocar 3 milhões de pessoas por dia. O sistema de ônibus é irracional, com excesso de empresas e trajetos estupidamente longos. E os bondes de Santa Teresa estão sendo dizimados pela CTC (companhia estatal), talvez pelo "crime" de terem sido eficientes por tanto tempo...

3 — É o caos completo, gerando desconforto para a população e despesas inúteis com o desperdício de petróleo. Mas há mais: alguém já parou para pensar que o cidadão brasileiro deveria ter o direito de viver em cidades menos sufocantes? Rio, São Paulo, Belo Horizonte, etc, são hoje lugares infernais, com um trânsito moroso, irritante e barulhento. Lugares onde atravessar uma rua é, freqüentemente, tão emocionante como cruzar um penhasco equilibrando-se numa corda. É o caso de perguntar: e se muito menos carros estivessem em circulação? E se os usuários dos carros contassem com transportes coletivos tão bons que deixassem suas máquinas na garagem e só as utilizassem no fim de semana? O que aconteceria?

A resposta é: ruas livres, trânsito fluente, viagens mais rápidas de casa para o trabalho e vice-versa, ar menos poluído, redução dos acidentes de trânsito, possibilidade de fechar ruas para áreas de lazer e por aí vai. Utópico? O prefeito de Curitiba, Jaime Lerner, está conseguindo isso através de serviços eficientíssimos de ônibus, que incluem pequenos ônibus especiais movidos a álcool para buscar o pessoal que tem carro em casa.

Pois é... Há alguns séculos a cidade era considerada um lugar onde se respirava liberdade. Dizia-se que "o ar da cidade faz o homem livre", pois a vida no campo era opressiva. Hoje em dia, o ar da cidade faz o homem tossir e ficar com os olhos ardendo graças à poluição nossa de cada dia. Você gosta disso?

RESULTADO DO INQUÉRITO E' SUCESSO NAS PARADAS
BUUM
NÃO EXISTE PECADO DO LADO DEBAIXO DO EQUADOR...
BUM
REPORTER

Quinzenal - De 17 a 30 de junho de 1981 - ano IV - Nº 46 - Cr$ 70,00 AUTÔNOMO INDEPENDENTE

REPORTER

Copacabana

DRÁCULA FAZ SHOW ERÓTICO

P.16

Madrugada quente na Prado Júnior

P.14

FÊMEAS-FEMINISTAS

Pergunte se elas gozam!

P.12

5% DOS CARIOCAS VIVEM DO BICHO

P.10

MR-8 X PCB

Briga de comunistas divide PMDB

P.6

O coronel Coelho, chefe da Polícia Federal, deixou de ser coadjuvante no espetáculo do Riocentro e passou para o primeiro plano dos acontecimentos. Ocupou o lugar do mágico e sacou da cartola uma lista de subversivos infiltrados na Imprensa Alternativa.

Coelho, para usar uma expressão jornalística, fez trabalho de foca. Além de leviana, a lista do coronel é incompleta e desatualizada. No que diz respeito ao REPORTER, o único colaborador apontado teria cometido o crime de ir à União Soviética. Acontece que há mais de ano ele não escreve no jornal e, afirma, nunca foi à Rússia.

Por outro lado, se o critério do chefe da PF para descobrir subversivos é a consulta a seus fichários, deveria ter relacionado dezenas de outros colaboradores do REPORTER, centenas de jornalistas do restante da Imprensa Alternativa, milhares de profissionais que vivem de seu trabalho em todos os jornais do país, milhões de brasileiros que, nesses 17 anos, têm, de alguma forma, discordado e protestado contra os governos militares.

Mas o rigor na apuração dos fatos não importa ao coronel Coelho. Nessa jogada, ele está aí para confundir. Sua lista foi distribuída depois que o comando do I Exército denunciou à Imprensa, de maneira geral, de estar fazendo a cabeça da opinião pública para incriminar o capitão Wilson e o sargento Guilherme no atentado terrorista do Riocentro. E é essa orquestração que preocupa.

Não resta dúvida. Os mágicos do regime preparam-se para "prender e arrebentar" não os terroristas, mas aqueles que, profissionalmente, tratam de estabelecer a verdade.

Pior é que os partidos políticos, hipnotizados pela miragem das eleições de 82, abdicam do dever de exigir a punição dos criminosos. A essa altura, como já transformaram o sargento morto em herói, a tentação é fazer um coro e gritar em uníssono:

CONDECOREM O CAPITÃO!

UNIVERSIDADE AMEAÇADA

As aulas transcorriam normalmente na Universidade Federal do Rio de Janeiro, no dia 25 de maio, quando um telefonema causou pânico geral: aqui é da Ação Democrática Nacional. Tem uma bomba que vai explodir na Escola de Engenharia. Imediatamente a Escola foi esvaziada e os peritos chamados para examinar o local. E enquanto esta operação transcorria, outros telefonemas avisavam da existência de outras bombas, e assim foram sendo esvaziados sucessivamente os prédios da Escola de Química, do Instituto de Física, do bloco da área de tecnologia (todos no Fundão), até que a Reitoria achou por bem suspender as aulas. Nenhuma bomba foi achada.

O filme de suspense não acabou aí: no dia seguinte, novos telefonemas, novas ameaças, novos prédios com atividades suspensas, nova paralisação geral, novamente os peritos. Desta vez, segundo as ameaças telefônicas, as bombas estariam na Escola de Economia, na Praia Vermelha, e no bloco G da Coppe. Nada foi achado.

Aos telefonemas, seguiram-se cartas ameaçadoras, assinadas pela Ação Democrática Nacional. Essas cartas, enviadas à Reitoria, a professores, alunos que têm atividades nos diretórios, e aos diretores de faculdades, foram colocadas no Correio do Posto 5 e no da rua Dias da Rocha, ambos em Copacabana, no dia 25 (primeiro dia do telefonema das bombas). Nelas é dito que 33 professores da UFRJ — entre eles todos os membros da Associação de Docentes — são ligados "a idéias incompatíveis com as tradições cristãs e ocidentais de nosso povo".

E a Ação Democrática Nacional ameaçava: "usaremos todos os métodos para chegarmos aos fins que reputamos os mais conseqüentes com o bem da UFRJ e do Brasil".

A Ação diz que a Associação de Docentes "é um sindicato ilegal dominado por uma ativa minoria que quer desestruturar o pouco que resta da Universidade", e aponta como solução para os problemas financeiros e administrativos a adoção do regime de fundação.

"Alguma coisa precisa e deve ser feita" diz a carta. "Esta minoria ativa não pode falar em nome do professorado e não o fará, haja o que houver. Estamos perfeitamente preparados para, numa próxima fase, caso não consigamos sensibilizar os verdadeiros estudantes, os docentes democratas, os ocupantes de cargos de direção na UFRJ e as autoridades federais responsáveis, tomar medidas contra a ação dos comunistas na UFRJ."

Sugere-se aos autores da carta que, quando passarem à ação, comecem pelas autoridades.

Celeste Cintra

MAIS CENSURA

O senador Saturnino Braga, presidente do PMDB do Rio de Janeiro e candidato ao governo estadual, proibiu a venda de jornais alternativos em todas as dependências do Partido e em solenidades por ele patrocinadas. Espera-se que o senador, se eleito governador, não proíba a venda desses jornais em todo o Estado.

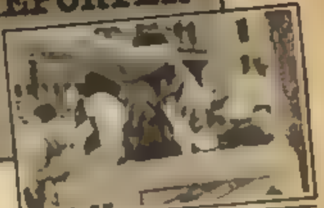
REPORTER

EDITORES [illegible] Alberto [illegible] (Arte)
REPORTAGEM Rio de Janeiro [illegible] São Paulo [illegible] Recife [illegible] Salvador [illegible]
FOTOGRAFIA Rio de Janeiro [illegible] São Paulo [illegible] Recife [illegible]
ARTE [illegible]
CIRCULAÇÃO [illegible]
PUBLICIDADE [illegible] (Rio), Isaías Justo Reis (São Paulo)
DEPARTAMENTO JURÍDICO [illegible] Celso Araujo (Rio) [illegible] Pereira (Recife)
REPORTAGEM Autônomo Independente [illegible] publicação da MAI [illegible]
Rio de Janeiro [illegible]
São Paulo [illegible] Recife [illegible]
Composição e Impressão — Editora Mory, rua do Resende 65 RJ

BOMBAS NO RIOCENTRO

CAPITÃO É CULPADO MAS NÃO SERÁ PUNIDO

REPORTER



OPINIÃO PÚBLICA

O capitão Wilson é culpado ou inocente? O carioca acha que ele é culpado.

O governo vai puni-lo ou inocentá-lo? O carioca acha que vai inocentá-lo.

Este foi o resultado de uma pesquisa de opinião feita pelo REPORTER no dia 7 de junho, na Quinta da Boa Vista. 438 pessoas votaram sobre a responsabilidade na explosão de duas bombas no Riocentro no dia 30 de abril. Um agente do Doi Codi, sargento Guilherme Pereira do Rosário, morreu e o capitão Wilson Machado, também do Doi-Codi, ficou gravemente ferido.

Na pesquisa sobre a responsabilidade dos implicados no episódio que ocorreu no dia em que o Riocentro estava lotado por causa de um show comemorativo do Dia do Trabalho — os entrevistados que inocentaram o oficial foram minoria: apenas 157 pessoas contra 281 condenações. Muitas pessoas que absolveram o capitão justificavam sua posição com ironia: "Foi acidente de trabalho".

Além disso, ficou constatado também o ceticismo quanto ao rumo das investigações. Das pessoas que votaram, 307 disseram acreditar que o capitão não será punido. Exaltadas, algumas pessoas enchiam os formulários da pesquisa querendo dar seus nomes e fazendo questão de fazer declarações: "É pena que o assunto vai ser esquecido", diziam alguns; outros indagavam: "Agora eu quero ver como o Figueiredo vai se sair desta. Ou ele admite a culpa de alguém do seu lado ou se desmoraliza de vez". Alguns xingavam os envolvidos no episódio do Riocentro: "Assassinos! Queriam matar um monte de gente!". Outros eram mais moderados: "É nessas horas que a gente vê que Deus existe".

Da pesquisa, há também outra conclusão. Trata-se do sentimento antiterrorista e da vontade do carioca de que sejam punidos os responsáveis, seja quem for, na realidade, pelas bombas que explodiram na véspera do Dia do Trabalho. A pesquisa atingiu pessoas de todas as classes: gente da classe média, operários, biscateiros, estudantes, enfim, o pessoal que procura a Quinta aos domingos.

Mary Guarilha

Cruzada moralista

Senhora paulista censura filha e marido é que manda

— Alô, aqui é do REPORTER. Eu queria falar com a Maria do Carmo. Nós queremos ouvir as filhas das senhoras paulistas, saber o que vocês pensam do movimento contra o erotismo e das idéias de suas mães...

— *Agora eu estou ocupada, você poderia ligar amanhã às 6 da tarde?*

— Mas, escuta, você poderia falar com outros filhos das colegas de sua mãe, reuni-los. Nós poderíamos nos encontrar em algum lugar aí em Santana, numa lanchonete, por exemplo, e faríamos uma entrevista com vocês todos.

— *Acontece o seguinte: fora eu, as outras filhas e filhos são todos adultos, casados, já com filhos, ou então são nenenzinhos de colo. Então fica difícil, mas vou tentar. Você me liga amanhã sem falta.*

— Só uma coisa, Maria do Carmo. Não fale com a sua mãe, tá bom? É porque a entrevista é com vocês, filhos, e não com as mamães. Dá pra entender?

Dia seguinte, seis da tarde. Quem atende ao telefone desta vez é a mãe da jovem Maria do Carmo, dona Maria Helena Maluf, 39 anos, três filhos, uma das 25 mulheres que pediram maior rigor na censura ao ministro Abi-Ackel, da Justiça, com base numa suposta lista com 100 mil assinaturas coletadas em 15 Estados. Ela insiste em saber quem é, faz questão de atender e se mostra inteirada da situação:

— *Eles não vão dar entrevista. Nós decidimos que vamos parar de dar declarações aos jornais. Não podemos ficar nesta rodaviva o tempo todo. Temos que partir pra outra.*

— Não se trata de ouvir vocês, mas suas filhas. Saber o que pensa a Maria do Carmo e outros adolescentes na faixa dos 15 anos...

— *Nada disso. Nossos filhos estão conosco desde o começo, eles vivem o clima da campanha e, quando nós decidimos que não iríamos mais dar entrevistas, isso se estendia a eles também.*

Em seguida, dona Maria Helena Maluf tentou explicar que o objetivo da campanha do grupo ao qual ela pertence não era bem esse que estão falando, que eles apenas se pronunciaram, e isso é um direito de todos; não queriam que a censura fosse mais rigorosa, apenas que houvesse critério nas programações de televisão, revistas, jornais. E passou o telefone para o marido, Fauzen José Maluf.

Ele se apresenta, diz um solene "boa-noite", tenta convencer o repórter de que não seria válido ouvir seus filhos, repetiu que "eles viveram o clima da campanha e, como tudo isso sai pos osmose, eles absorveram". Sugere que se entreviste outros jovens. Dá uma espécie de currículo, contando que já foi preso no tempo de estudante — "dava status, era época do Getúlio Vargas" — diz que hoje é cirurgião-dentista, frisando que é bem mais velho que a esposa. "Se sou parente do governador Maluf? Tem inúmeros Maluf por este Estado afora, mas quem sabe sou um parente dele?" No fim, deixou escapar uma informação importante:

— *Dizem que se trata de um grupo de senhoras, mas somos nós, os maridos, que damos cobertura. Nós é que carregamos nas costas a cesta do piquenique. O que pretendemos é a defesa da moral, e a moral é imutável.*

Rivaldo Chinem

CHAGUISMO É PRODUTO

O golpe de 64 cassou os líderes populares do Rio e abriu

São 17 deputados federais, 48 deputados estaduais, 44 prefeitos, mais de uma centena de vereadores e uma legião de cabos eleitorais espalhados pelos 63 municípios do Estado do Rio de Janeiro. Estamos falando do chaguismo. Ou melhor: da máquina eleitoral montada, após o golpe de 1964, por um homem que foi um deputado federal sempre bem votado, mas que, ao se tornar poderoso, preferiu concorrer a cargos pela via indireta do que disputar nas ruas o voto popular. Este homem é o governador Chagas Freitas. Como foi que ele conseguiu formar o grupo político que há quase 17 anos reina absoluto na política fluminense? REPORTER ouviu a socióloga Eli Diniz, professora de Ciência Política, que está escrevendo um livro sobre o chaguismo. Entre as razões que ela aponta para o crescimento do chaguismo destaca a eliminação de lideranças oposicionistas autênticas, através das punições impostas pelo AI-5, favorecendo o grupo de Chagas, que durante alguns anos ganhou os votos do extinto MDB sem nunca ter feito, efetivamente, oposição ao regime.

Foto de Chiquito Chaves

Chagas se faz de oposicionista, mas sempre esteve afinado com os generais

Nas eleições para a Câmara Federal, em 1958, Chagas Freitas, do Partido Social Progressista (PSP), obteve 94.999, perdendo apenas para o primeiro colocado, Carlos Lacerda, da UDN, por uma diferença de 48.013 votos. Eram os primeiros passos de Chagas Freitas para formar aquela que seria a mais poderosa máquina eleitoral do país em nível estadual — o chaguismo.

Já em 1958, segundo a socióloga Eli Diniz, professora de pós-graduação em Ciência Política do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (Iuperj), Chagas "detinha considerável poder de penetração junto às camadas populares através dos jornais **O Dia** e **A Notícia**". Quatro anos depois, a votação de Chagas cairia para 56.657 votos, ficando em terceiro lugar, atrás de Leonel Brizola, que obteve 270 mil votos, e de Amaral Neto, da UDN.

Veio o golpe de 1964 e foram extintos os antigos partidos. No antigo Estado da Guanabara, os partidos mais fortes — a UDN e o PTB — tomariam rumos distintos. Os udenistas, em sua maioria, ingressaram na Arena e os egressos do PTB preferiram o MDB. O PSP de Chagas, quase todo, filiou-se ao MDB.

Nas eleições seguintes, em 1966, Chagas Freitas concorreria a deputado federal pelo MDB, tendo obtido votação expressiva: teve o dobro do número de votos do segundo colocado, Raul Brunini, também do MDB. Pode-se dizer que foi nesse pleito que a máquina chaguista começou a ganhar espaço. Chagas ajudou a eleger para a Assembléia Legislativa cinco ex-vereadores do PSP Telêmaco Maia, Miécimo da Silva, Ubaldo de Oliveira, Nelson Salim e Átila Nunes. Os nomes desses candidatos apareceram, durante a campanha eleitoral, diariamente no jornal **O Dia**. A propaganda os apresentava como "candidatos populares". Era um expediente que seria muito explorado a partir de 1970, quando alguns parlamentares chaguistas, depois de eleitos, se tornam colunistas do mesmo jornal, escrevendo sobre a alta do custo de vida, inflação e direitos trabalhistas, em geral.

— Nessa primeira fase — explica Eli Diniz — o grupo chaguista emerge das eleições proporcionais para os legislativos federal e estadual como um setor cujo peso estaria circunscrito à Assembléia Legislativa. Dessa forma, os limites de sua força parlamentar estavam contidos no âmbito da política estadual. O grupo representava um segmento minoritário da bancada do MDB.

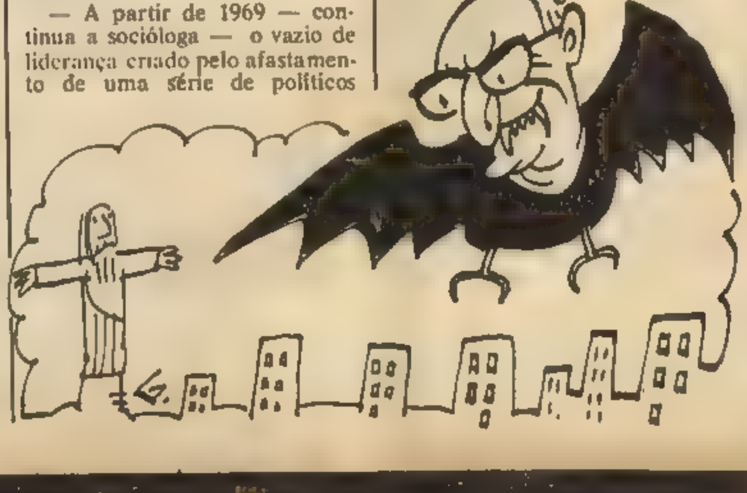
De 1966 a 1970, paralelamente ao fechamento do regime (particularmente após a edição do AI-5, em dezembro de 1968), a facção chaguista, segundo Eli, amplia seu espaço político, consolidando algumas posições e conquistando outras, através de uma ação simultânea em três esferas: a parlamentar, a partidária e a do executivo estadual.

— Em termos de ação parlamentar, observa-se uma tática de reforço da posição dos representantes do chaguismo no interior da chamada ala governista do MDB carioca, mediante uma política de boa convivência com o governador Negrão de Lima. Na Câmara Federal, Chagas Freitas inaugura um estilo, que se tornaria posteriormente o modelo seguido pela representação chaguista no Congresso: o não enfrentamento com o governo federal, sem, ao mesmo tempo, entrar em conflito com a direção nacional do MDB. Essa posição se traduziria numa prática de omissão e não participação no debate parlamentar. Esse tipo de procedimento seria, aliás, bastante coerente com a sua meta de afirmar-se como força preponderante ao nível da política estadual.

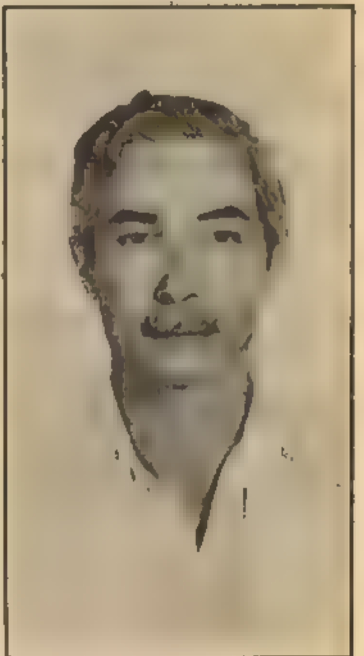
— A partir de 1969 — continua a socióloga — o vazio de liderança criado pelo afastamento de uma série de políticos oposicionistas de várias tendências, punidos pelo AI-5, determinaria uma eliminação artificial da competição interna pelo poder, o que favoreceria a ascensão de Chagas Freitas ao controle do partido, sem enfrentar qualquer oposição. Assim, o grupo chaguista se tornaria dominante nas várias seções do MDB, desde os diretórios zonais até o diretório regional.

Por falta de oposição, diz Eli Diniz, a apresentação de nomes à sucessão do governador Negrão de Lima se faria de forma consensual no interior do MDB, que tinha uma posição amplamente majoritária na Assembléia Legislativa (40 deputados, contra 15 da Arena). Em outubro de 1970, depois que foram suspensas as eleições diretas para os governos estaduais, Chagas Freitas e Erasmo Martins Pedro seriam eleitos governador e vice-governador da Guanabara.

— A ascensão de Chagas ao governo estadual completaria o quadro das mudanças que desequilibrariam a correlação de forças, no âmbito da política carioca, a favor da corrente



Chagas é um medíocre, diz ex-adepto



Otime dos Santos

Otime dos Santos, do PMDB, e Emanuel Cruz, líder do PTB na Assembléia, têm um ponto de identidade política. São deputados que romperam com o chaguismo e não vêm qualquer possibilidade de reconciliação:

— Chagas foi muito safado comigo — diz Emanuel Cruz

Otime não é menos ácido:

— Chagas é um medíocre.

Os dois deputados romperam com o atual governador por motivos parecidos. Não tiveram suas reivindicações atendidas.

— Chagas queria oferecer empregos para meus filhos, mas atender as reivindicações da região dos Lagos, que me elegeu, não queria sequer ouvir falar — conta Otime

O parlamentar do PMDB, eleito com os votos de 19 mil pessoas ("votação expressiva, se considerado que a região dos Lagos tem apenas 56 mil eleitores"), tinha, entre outras, duas reivindicações junto ao atual governador: a construção de uma autoestrada ligando Niterói a Rio das Ostras, facilitando, assim, o acesso à região dos Lagos; e a abertura de inquérito para apurar desvio de verbas da Cedae na administração Faria Lima, ocorrido, segundo Otime, durante a construção da estação de Jurtunaíba, também na região dos Lagos.

— A obra estava orçada em Cr$ 500 milhões, mas pelo menos Cr$ 200 milhões foram desviados. Eram justamente as verbas destinadas às obras de reflorestamento junto aos mananciais. Além disso, o projeto, anunciado para resolver o problema de abastecimento de água até o ano 2000, não chegou a atender demanda de um mês — desabafa Otime dos Santos.

E acrescenta:

— O Chagas prometeu apurar, mas nunca apurou nada. Quanto à autoestrada que desenvolveria o turismo na região, ele arquivou o projeto. Prefere gastar dinheiro em obras eleitoreiras, como o Lagoa-Barra, que vai custar o dobro da ligação Niterói-Rio das Ostras.

Emanuel Cruz, que se orgulha de ter sido o primeiro parlamentar a romper com Chagas, afirma:

— Nunca houve, da parte do Chagas, respeito por seus compromissos. O Israel Klabin (atual presidente do Banerj) nunca poderia ter sido indicado para a Prefeitura. É incompetente. As nomeações para o segundo escalão foram todas feitas visando a candidatura Miro Teixeira.

Além disso, Emanuel critica a

DA DITADURA

caminho para o dono de "O Dia"

Foto de Xirumba

Emanuel Cruz

interferência de assessores do governo na administração direta:

— É o caso da CTC, Comlurb, Secretaria de Educação, etc... Miro é quem manda. Eu trabalhei seis anos para eleger o Chagas e não vou aceitar esse tipo de coisas. Aliás, nunca devia ter me enganado. Conheci o Chagas antes de 64. Ele era deputado. Apresentou um projeto para oficialização dos cartórios e na hora H votou contra.

Tanto Otime como Emanuel Cruz dizem que são assediados por Chagas para uma reconciliação. Emanuel Cruz, por exemplo, conta que já recebeu mais de 20 convites para aderir ao PP, mas não vai aceitar, nem se reconciliar com Chagas.

— Ir para o PP está fora de cogitação. Apoiar o Chagas, só quando ele assumir o governo do Estado, o que ele ainda não fez.

chaguista. É então que o MDB carioca se torna o partido situacionista a nível estadual, aguçando-se o contraste com a cúpula nacional do partido. É a partir desse momento que se verifica o salto político do chaguismo.

Nas eleições de 1970, a corrente chaguista elege 7 dos 13 deputados federais pelo Estado da Guanabara. E faz a maioria na Assembléia Legislativa, elegendo 29 dos 34 deputados estaduais. A ampliação da bancada federal chaguista, segundo Eli Diniz, aumentou o poder de barganha junto à direção nacional do partido e serviu como um instrumento de defesa contra tentativas de intervenção no diretório carioca ou qualquer ação contrária aos interesses de Chagas.

Nas eleições de 1974, a maioria da representação chaguista na Câmara Federal e na Assembléia é mantida; porém, em termos relativos, o grupo perde espaço, enquanto a corrente de oposição a Chagas (que ficaria conhecida como "grupo autêntico") aumenta a sua votação, conseguindo 21% da votação emedebista, contra os 10% obtidos nas eleições de 1970.

Com a fusão da Guanabara com o antigo Estado do Rio, o quadro político se alterou porque foi necessário reestruturar o diretório regional do MDB. Surge então uma terceira corrente, o amaralismo, que tinha raízes no antigo Estado do Rio graças ao prestígio de seu líder, o hoje senador biônico Amaral Peixoto. Depois de conflitos entre os três grupos, a corrente chaguista assume o controle do MDB fluminense.

A escolha de Chagas Freitas para governador do novo Estado do Rio, em 1978, sucedendo o interventor nomeado pelo governo federal, almirante Faria Lima, teve uma conseqüência imediata: o fortalecimento de seu grupo político. Nas eleições daquele ano, os chaguistas elegem 12 dos 35 deputados federais e 42 dos 70 deputados estaduais. Esses dados revelam que o chaguismo perdeu terreno na bancada federal, mas consolidou a sua posição majoritária na Assembléia.

O estudo de Eli Diniz mostra que em 1978 o chaguismo penetrou expressivamente no interior do Estado, ampliando as suas bases políticas. Na capital, a proporção de votos dados aos candidatos chaguistas foi bastante alta tanto para a Câmara Federal como para a Assembléia. Nos demais municípios, os chaguistas obtiveram alta percentagem de votos para a Assembléia, mas foram menos votados em relação aos demais grupos.

— A expressiva votação chaguista nos municípios da Baixada Fluminense, além de Niterói e São Gonçalo, pode ser em parte explicada pelo perfil socio-econômico da população local, que guarda certas semelhanças com as características das zonas suburbanas cariocas, onde o chaguismo sempre manteve um bom desempenho eleitoral. Como ocorre nos subúrbios, a população desses municípios é bastante sensível à imprensa chaguista.

Outro fator que contribuiu para a vitória chaguista no interior do Estado, na opinião de Eli Diniz, foram as alianças que Chagas firmou com políticos dessas regiões que não pertenciam ao seu grupo.

— A importância dessas alianças é fácil de ser explicada: no antigo Estado do Rio, a votação de cada município tende a se concentrar nos candidatos com tradição de atuação política local. Uma prática comum, em época de eleições, era a divisão de áreas de influência entre as várias lideranças municipais mediante um acordo tácito, segundo o qual, para efeito de campanha eleitoral e propaganda, cada candidato respeitava as bases dos demais. O esquema se manteve com Chagas, com a diferença de que em 78 já tinha havido a fusão dos dois Estados.

A professora do Iuperj conclui sua pesquisa afirmando que, nas eleições de 1978, o eleitorado dos subúrbios do Rio se constituiu na principal base eleitoral do chaguismo. Os deputados federais chaguistas — com exceção de Marcelo Medeiros, Miro Teixeira e Erasmo Martins Pedro, que foram bem votados em todo o Estado — foram eleitos com 75% dos votos concentrados no município do Rio de Janeiro, particularmente nas zonas suburbanas da Central e da Leopoldina. Já os deputados estaduais que seguem as ordens de Chagas Freitas conquistaram 60% de suas votações nos mesmos redutos.

A RESPOSTA DO "DONO DA PAVUNA", NO RIO:

Deputado Beto Gama

Gama nega corrupção, mas dá preferência a obras para amigos

O deputado estadual Beto Gama PP do Rio de Janeiro disse ao REPORTER que o diretor de fiscalização da Secretaria de Fazenda na Pavuna, Fernando Lírio, acusado de extorquir comerciantes para financiar sua campanha à reeleição em 82, é homem incapaz de ser corrompido.

— Ele pediu demissão do posto que ocupava na Penha porque não quis receber dinheiro para aliviar a cobrança de impostos.

A acusação de que a diretoria da Secretaria de Fazenda na Pavuna é usada para arrecadar fundos de apoio à reeleição do deputado Hildeberto Gama, o Beto, foi feita na edição anterior deste jornal por um comerciante da área. O diretor Fernando Lírio foi acusado pela associação de moradores de Anchieta, bairro ao lado da Pavuna, de pressioná-los para se incorporar ao esquema de Gama.

Segundo o presidente da associação dos moradores do conjunto Nova Pavuna, Hadilson Figueiredo, todos os órgãos públicos da região são manipulados pelo deputado, inclusive a 22ª região administrativa, cujo chefe, Raimundo, ele nomeou.

— Depois de oito anos de luta — responde o deputado — eu consegui tirar a família do ministro do Tribunal de Contas, Fontes Romero, da administração. Era ele quem indicava o administrador, que nunca tinha sido um morador da área. O Raimundo está lá pra me atender, é claro, mas também pra servir à comunidade.

E a denúncia contra Lírio?

— Eu acho que o comerciante deve fazer a denúncia por escrito para que a Secretaria de Fazenda abra inquérito e apure. Eu não tenho nada com isso. Apenas não concordei que os camelôs (donos de barracas que acusam Lírio) trabalhassem nas calçadas das ruas. A solução foi ficarem na beira do rio, num local que eu mandei asfaltar. Foi só. Agora, devem examinar os antecedentes do Lírio. Ele não é disso. Pode até ter tentado convencer o pessoal de Anchieta a participar do meu esquema, mas isso é outra coisa. Foi só pra me ajudar.

Beto Gama admite que faz pressão política para obter material necessário ao funcionamento do departamento de obras no bairro que, por fazer apenas manutenção e conservação, tem pouca verba. Confirma que tem faixa sua em todas as obras inauguradas porque nada foi conseguido sem ele.

Todos os departamentos do governo da área estão trabalhando para a sua campanha?

— Todas as ruas do bairro serão pavimentadas. Pode levar 30, 40 anos. Agora, as que eu indicar vão ser pavimentadas na frente.

Por quê?

— Porque são indicadas por mim. Faço parte do governo pra quê? Se eu não puder fazer primeiro as ruas dos meus amigos, vou fazer de quem? Se não puser iluminação primeiro na rua do meu amigo, vou pôr na de quem? Do inimigo? Quando indico obras, dou [illegible] prioridade.

Isso não é abandonar o critério administrativo pela manipulação política?

— Não, eu dou a lista [illegible] Secretaria de Obras [illegible] podem atender em termos técnicos e administrativos.

Mas sua lista de obras é política

— [illegible] também e [illegible] a região. Veja o caso [illegible] principais [illegible] sendo iluminadas. Tem o lado administrativo [illegible] o político [illegible] três juntos. Eu tenho amigos nas principais ruas.

Moradores da Pavuna e de Anchieta dizem que você distribui cargos na companhia estadual de águas e na limpeza urbana entre [illegible] amigos

— Não, não é bem assim. Ofereço emprego a qualquer um. Isso todo mundo faz, não é mistério. Qualquer deputado, qualquer vereador, qualquer presidente da República faz. [illegible] presidente agora não, porque é nomeado, mas ele dá estrela.

Disse o deputado que as associações da Pavuna e de Anchieta reclamam dele porque não são representativas e que, agora, atropela mesmo entidades desse tipo e busca contato direto com as bases. Na Pavuna, pouca gente votou nele em 78, portanto, não podem protestar agora. Sobre os problemas políticos do país, Gama não acredita em eleições diretas pra governador em 82 porque o governo federal tem medo, acha que o futuro é imprevisível, embora, como homem de centro, preferisse a estabilidade, defende a legalização do Partido Comunista Brasileiro (PCB) e acha que Brizola seria adversário perigoso para Miro Teixeira na disputa pelo governo fluminense se tivesse máquina partidária para apoiá-lo. A perda do poder de compra do consumidor é sua grande preocupação doutrinária; contra ela, quer "levantar as comunidades". Confessa-se um político de bairro, é o "seu espaço".

— Não dou armas aos que vão me tirar votos.

Luiz Alberto Bettencourt

Eleição de 82 divide o PMDB carioca

A briga é entre o PCB e o MR-8

"Nós queremos esfriar o assunto." A frase do deputado Raimundo Oliveira, um dos poucos parlamentares que assume publicamente sua condição de socialista, dá a medida exata da estratégia para abafar a crise, mas está muito longe do saldo negativo deixado para a Oposição pelo conflito que envolveu o senador Saturnino Braga, candidato ao governo do Rio, e o MR-8 (Movimento Revolucionário Oito de Outubro, data da morte de Che Guevara), uma das muitas organizações de esquerda que são obrigadas a atuar na semiclandestinidade porque a abertura democrática ainda não permitiu que existam legalmente

O conflito prejudicou a todos Saturnino teve suas declarações públicas repudiadas por quase todos os diretórios; o PMDB saiu do episódio dividido em pelo menos duas grandes correntes de ação política; e o MR-8 foi exposto à repressão policial. Uma fonte parlamentar contou ao REPORTER que o presidente do PMDB no Rio, senador Nelson Carneiro, de tendência moderada, repreendeu Saturnino severamente. Após considerar seu pronunciamento "muito salgado", Nelson Carneiro deu o seguinte conselho

Saturnino, quando você estiver nervoso, vá dormir, e só dê entrevistas no dia seguinte Descanse a cabeça. Se precisar, me procure que eu falo. Candidato é candidato, não tem nada que ficar brigando com ninguém

O episódio ocorreu em Brasília, logo após a entrevista do senador 'O conflito só aconteceu porque a comissão executiva se absteve, deixando a iniciativa de organizar as ações do partido nas mãos dos militantes", diz o deputado Raimundo Oliveira. Ele acusa o ex vice-governador da Guanabara, Raphael de Almeida Magalhães (que assumiu o cargo após o golpe de 64, sendo eleito pela Assembléia Legislativa), de ter levado Saturnino a entrar em choque com militantes ativos do partido para fazer prevalecer sua estratégia de gabinete Como prova disso, lembrou o fato de que a manifestação antiterror, que teria sido a gota d'água para a crise, já tinha sido desmarcada dois dias antes das declaracões de Saturnino Braga à imprensa

- É bom que fique claro que o PMDB é um partido amplo porque acolhe até aqueles que, como Raphael, em 64, estavam de chicote na mão perseguindo os democratas. É por isso que o PMDB é amplo, e não por causa dos comunistas que estão aí sofrendo há 17 anos, batalhando em defesa do povo.

Raimundo se diz muito à vontade para fazer tais declarações porque era dos parlamentares que se opunham à manifestação antiterror "Da forma como o ato seria organizado, acabaria sendo estreito, e isso não interessa", diz. "Em agosto, quando fará um ano da morte da secretária da OAB, d. Lyda, vítima do terrorismo, vai ser organizado um grande ato público no Rio, como parte do Dia Nacional de Repúdio ao Terror", acrescenta Raimundo

Suas opiniões são compartilhadas — pelo menos no que trata dos grupos interessados em jogar Saturnino contra a esquerda — por vários outros parlamentares do PMDB, entre eles Paulo César Gomes, líder da bancada, de tendência liberal, e o vereador Antônio Carlos, de tendência socialista

A roupa suja do partido tinha que ser lavada em casa Saturnino errou com a entrevista — diz Paulo César

Antônio Carlos vai mais adiante

Setores vindos da ex-Arena, liderados por Raphael de Almeida Magalhães, queriam provocar os militantes e entidades de classe que mobilizam o partido. Imaginavam que haveria reações do gênero "vamos romper com Saturnino" e, assim, Raphael teria trunfos para abrir caminho para um expurgo Nada disso aconteceu e Saturnino, apesar da entrevista, continua sendo o melhor candidato

Raimundo Oliveira (que também mantém o apoio a Saturnino) é dos mais ácidos críticos de Raphael de Almeida Magalhães. Segundo ele, o ex-vice-governador quer ser uma espécie de general Golbery da candidatura Saturnino Braga

Como vice-presidente do partido no Rio e responsável pela executiva durante o período em que o senador Nelson Carneiro esteve afastado por problemas de saude, Raphael fez tudo para desmobilizar o partido. Há dois meses estamos tentando fazer um ciclo de debates na Zona Sul. Sem direção, os militantes passaram a agir por iniciativa própria

Entre os militantes do partido, a tese da falta de direção é aceita, mas se comenta que os problemas são bem mais amplos Fontes do MR-8 admitem que a organização está sendo vítima de uma montagem para expor seus quadros à repressão injustificada, através de provocações que vão desde uma onda de boatos de que haveria preparação para focos de guerrilha no país (o que é totalmente falso), até episódios do gênero como o que ocorreu no PMDB do Rio

"No caso específico do PMDB, o quadro é mais ou menos o seguinte: os grupos que se digladiam hoje pelo controle dos diretórios no partido têm aumentado, por força do processo de abertura e da inexistência de legalidade para as esquerdas; o resultado são os choques sucessivos. Nesses choques, duas grandes correntes afloram. De um lado, ex-udenistas, ligados ao Raphael de Almeida Magalhães — que desmarcou três vezes uma entrevista com o REPORTER — a ex-deputada Sandra Cavalcanti — que não pertence ao PMDB, mas pode ser um dos trunfos desse grupo nas eleições de 82 — e membros do Partido Comunista ligados ao Comitê Central. De outro estão setores ligados ao MR-8, liberais progressistas e de centro-esquerda, e a ala prestista do PCB. Nessa mistura heterogênea há tendências das mais diversas, com quase todo mundo querendo monopolizar a influência sobre Saturnino Braga; um grupo, ligado ao PCB (Comitê Central), faz campanha silenciosa pela candidatura de Miro Teixeira (Partido Popular). Há deputados, como Marcelo Cerqueira, Alves de Brito e Heloneida Studart, que apoiaram a posição de Saturnino com relação ao episódio envolvendo o MR-8, mas — dizem alguns observadores — talvez não apóiem sua candidatura no futuro

O problema é que o grupo que defende Miro é difícil de identificar, porque quase não possui expressão parlamentar. À parte especulações, há indícios claros das alianças que estão sendo feitas para marginalizar os setores (ligados ou não à esquerda) mais combativos do partido. Por que o ex-deputado Hércules Correia, ex-membro do CC do PCB (fato já amplamente divulgado pelos jornais), disse reservadamente a alguns jornalistas que os nomes dos oitistas do PMDB seriam revelados se eles insistissem em fazer o ato antiterror? Nenhum jornal divulgou esse episódio, mas a verdade é que Hércules falou em *off* para um grupo de jornalistas, na Assembléia Legislativa. Por trás da declaração de Hércules, que quer se lançar candidato a deputado federal pelo PMDB, está um fato que ninguém desconhece: a disputa pelas zonas eleitorais do Rio, onde atualmente o PCB (ala do Comitê Central) exerce pouca influência.

As acusações de que o partido está infiltrado pelo MR-8 — diz um parlamentar do PMDB — têm muito este ingrediente: a disputa pelo voto

Francisco Viana

UMA COLUNA DE POLÍTICA

Ô da política!

Daniel Aarão Reis Filho

Operários da Fiat mostram um novo caminho

A bomba do Riocentro explodiu no colo do governo, matou o sargento, feriu gravemente o capitão, mas é a abertura que está sofrendo as suas consequências. De fato, a bomba definiu os contornos do projeto democrático do general Golbery.

Para começo de conversa, ficou evidente que os órgãos de repressão — os conhecidos Doi-Codi — não serão desativados e muito menos desmantelados. Em segundo lugar, seus integrantes poderão fazer o que quiserem — até mesmo jogar bombas — seguros de que não sofrerão nenhum tipo de punição. Ao contrário do que dizia o general Figueiredo — "prendo e arrebento quem se meter no caminho da abertura" — os integrantes dos Doi-Codi poderão até se arrebentar, mas não serão presos. E quem se meter no caminho deles é que verá o sol quadrado — que o diga o tenente-coronel Nivaldo Dias, nas grades por vinte dias só por ter desconfiado daquilo que todos já sabem: que o IPM do Riocentro não dará em nada. Ou seja, se depender dos "homens", a democracia no Brasil será mesmo relativa, tutelada pelo "público interno" das forças armadas. Assim, o acidente de trabalho do Riocentro não serviu para neutralizar a ação dos terroristas — apenas desvendou a força dos Doi-Codi e fixou os limites atuais da abertura.

E agora, José?

O presidente está mudo como uma porta desde que a bomba explodiu. Não há indícios de quando começará a falar. E nada garante que as coisas melhorem quando resolva dizer alguma coisa. Os políticos governistas estão em sua posição habitual — de cócoras. E a maioria da Oposição começa a fingir que a bomba não existiu, de olhos voltados para as eleições de 1982. Estão brincando de fazer política, "enquanto seu lobo não vem".

Mas a política não se resume aos políticos profissionais. Nem o parlamento atual exprime o que se passa na sociedade como um todo. Passando por cima da perplexidade e da inércia dos partidos; tem gente querendo e começando a se mexer.

É o caso, por exemplo, dos trabalhadores da Fiat-Diesel de Xerém, no Estado do Rio de Janeiro, há mais de um mês em greve, apesar das ameaças patronais, das pressões policiais e do escasso apoio dos políticos. O pessoal da Fiat, uma empresa italiana, trabalha com um nível de produtividade equivalente aos operários italianos, mas ganha um salário e enfrenta condições de trabalho incomparavelmente piores. E não tem sequer o emprego garantido. Sua luta por estabilidade no serviço e pela readmissão de companheiros demitidos é um exemplo de como tomar a iniciativa num momento de pasmaceira geral.

Também os médicos, em seu quarto movimento grevista este ano, protestam contra suas condições de vida e de trabalho, exigindo melhoria do atendimento hospitalar para a população.

Médicos e operários da Fiat-Diesel retomam a forma de agir e o estilo que marcaram no ano passado a luta dos trabalhadores de São Bernardo, dos professores e dos camponeses em vários estados do Brasil. É que diante da insensibilidade das autoridades o pessoal vai compreendendo que não tem saída senão confiar em si mesmo. Porque a verdade é que os trabalhadores se encontram completamente "esquecidos" pelos partidos políticos, que se limitam a soltar tímidas notas de apoio ou a vender bônus para arrecadar dinheiro para o movimento, como se fossem agências de assistência social.

Na luta desses trabalhadores não estão em jogo resultados imediatos, nem cargos ou postos, políticos ou sindicais. Mas se estas iniciativas não se multiplicarem e se fortalecerem, como se poderá, amanhã, **garantir** resultados conquistados em eleições? Como enfrentar as ameaças dos Doi-Codi da vida? Não será esta, afinal de contas, uma nova e mais inteligente forma de fazer política para combater e evitar as bombas do terror de direita?

Manifestação pela reforma agrária realizada pelas Ligas em setembro de 1960, no Recife. Retratos de Fidel e Arraes e espadas de pau aumentavam o pavor dos latifundiários.

O Movimento Revolucionário Tiradentes – que era formado por militantes de organizações de esquerda e das Ligas Camponesas – criou, entre 1961 e 1962, 12 bases guerrilheiras no país. Embora a experiência tenha durado quase um ano, com envio de armas e alimentos para as bases, não foi feita nenhuma ação armada e só houve duas prisões, no norte de Goiás. Só agora, 20 anos depois, a história é revelada pelo ex-padre Alípio de Freitas, que na época era secretário de organização das Ligas Camponesas. O objetivo era tomar o poder inspirado na experiência cubana. Alípio tinha deixado a Igreja anos antes, depois que chegou de Portugal e se envolveu com o movimento camponês no Maranhão. Ligou-se a Francisco Julião, o organizador das Ligas em Pernambuco. Foi preso duas vezes antes de 64, fugiu com o golpe e voltou na clandestinidade, durante o governo Médici. Novamente preso, foi torturado e passou oito anos na cadeia. Hoje, aos 52 anos, Alípio é jornalista e se prepara para lançar *Resistir é Preciso*. Seu depoimento:

Foto de Leonardo Cavalcanti

Alípio de Freitas

LIGAS CAMPONESAS

Grupos de esquerda queriam fazer um partido político

As Ligas Camponesas não nasceram do movimento camponês propriamente dito, e sim da necessidade que os camponeses da região da Galiléia, em Pernambuco, tiveram de se organizar. Nessa época, o engenho da Galiléia tinha sido desativado e os camponeses que lá viviam como posseiros resolveram fundar a Associação de Socorros Mútuos, que era uma entidade de caráter assistencialista. Providenciava enterros, amparava os mais pobres e coisas do gênero. A certa altura, o engenho é vendido. Os camponeses, então, iniciam a luta para não sair de lá. Zezé da Galiléia foi quem deu os primeiros passos para organizar essa resistência. Começa a luta legal para eles não serem despejados do engenho, e aí aparece Francisco Julião, que se torna advogado dos camponeses. Surge desse movimento o embrião das Ligas Camponesas.

A partir daí, o movimento camponês, de uma maneira geral, ganhou feições novas. Um dos méritos das Ligas foi o de dar aos camponeses uma forma de organização própria, sem qualquer vínculo com o Ministério do Trabalho. Houve um tempo em que nós, das Ligas, travamos uma luta contra a transformação das associações camponesas em sindicatos. Achávamos que os sindicatos acorrentariam o movimento camponês ao Ministério do Trabalho. As associações livres de camponeses tinham um caráter mais amplo: não só podiam reivindicar a posse da terra como também lutavam por melhores salários.

As Ligas prosperaram em Pernambuco no governo de Cid Sampaio, que não tinha complacência: mandava invadir as casas e prender os camponeses. A luta tornou-se muito acirrada e quase sempre violenta. Em outros Estados houve um fenômeno diferente: as Ligas não cresciam tanto como em Pernambuco. Como força política, as Ligas só existiram mesmo em Pernambuco e na Paraíba. No governo de Arraes, a Polícia Militar não invadia mais as terras dos camponeses, houve aumentos de salários e pagamento do 13.º salário.

No governo de João Goulart, o [illegible] bandeira da sindicalização dos camponeses, na época em que João Pinheiro Neto era presidente da Supra (Superintendência da Reforma Agrária). Jango, que era um burguês, populista e conciliador, preferia que as associações camponesas ficassem vinculadas ao Ministério do Trabalho. De qualquer forma, o movimento camponês prosperava onde a polícia estadual não o reprimia. Foi o que aconteceu em Goiás, quando era governador Mauro Borges, e em Sergipe, com Seixas Dória, ambos políticos progressistas.

Com o movimento de criação dos sindicatos rurais, as Ligas começam a perder força política. Em Pernambuco, os sindicatos rurais, como era de se esperar, passaram a ter espírito de Ligas, com as mesmas posições e mantendo a combatividade. Em outros lugares, no entanto, tiveram uma atuação apenas assistencialista.

Houve uma questão não completamente esclarecida em relação às Ligas: eram organizações de massa ou organizações revolucionárias? Esse problema surgiu a partir do momento em que as Ligas ganharam força política. Muitos dos militantes que organizaram as Ligas pertenciam ao PC, e o objetivo deles era transformar o movimento em uma espécie de partido. Eu defendia a posição de que as Ligas eram um movimento de massa, e não um partido, mesmo que tivessem disposição revolucionária. O Julião sempre ficava em cima do muro nas questões internas das Ligas. Tentava ser uma espécie de elo de conciliação entre as duas posições.

A consequência imediata da hegemonia da posição mais radical dentro das Ligas foi que em Pernambuco se formou um grupo, liderado por Clodomir de Moraes, que queria transformar o movimento em partido político revolucionário. Para mim, isso era um absurdo. Mas, enfim, essa pretensão não se consumou porque logo depois veio o golpe e acabou com tudo.

No tempo em que estávamos mais fortes, entre 1961 e 1962, as pequenas organizações de esquerda, como o PC do B, a Polop – Política Operária – a AP – Ação Popular – quiseram fazer das Ligas o seu movimento de massa. Surge então o Movimento Revolucionário Tiradentes (MRT), cujo manifesto de fundação foi lido por Julião em Ouro Preto, junto à estátua de Tiradentes. O MRT tinha como base social as Ligas Camponesas e seu objetivo político era criar um partido revolucionário. Nesse tempo, o único partido não burguês expressivo era o PCB, e o MRT pretendia ocupar o espaço vazio deixado pelo PC, considerado revisionista. Acontece que cada grupinho de esquerda do MRT pretendeu se apossar das Ligas. A Polop, por exemplo, tomou conta das Ligas em Minas Gerais e até fortaleceu o movimento camponês na região do São Francisco. Mas também queria se apossar das Ligas no Estado do Rio e no Rio Grande do Sul.

INÉDITO! Guerrilha acabou sem dar um tiro

Foi nesse clima que ocorreu a história não contada das Ligas. Entre 1961 e 1962, os dirigentes do MRT mais ligados a Julião começaram a preparar a infra-estrutura para deflagrar um movimento guerrilheiro no Brasil. Criam-se 12 bases guerrilheiras, deslocando-se gente para lá. Lembro-me de que foram organizadas bases no norte de Goiás, Mato Grosso, Maranhão, Bahia, Estado do Rio, São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul, no Vão dos Anjicos, a 150 quilômetros de Brasília, e — se não me engano — no Pará. A idéia partiu de muita gente ao mesmo tempo, porque todo mundo queria fazer guerrilha naquela época. As armas? Acho que eram de fabricação nacional, mas não tenho certeza.

O pessoal partiu para as bases a fim de conhecer o lugar, travar conhecimento e levar os meios de sobrevivência, enfim, essas coisas do chamado método guerrilheiro. Mas não sei se porque não estavam bem assistidos, ou por má orientação política, ou ainda porque as pessoas subjetivamente não estavam preparadas para a guerrilha, o certo é que surgiram problemas entre os próprios militantes, na maioria das bases. Havia divergências políticas, mas o que deve ter causado o insucesso da experiência foi o fato de terem ficado lá, indefinidamente (alguns ficaram um ano nas bases), sem que nada se definisse.

A pessoa encarregada de visitar esses aparelhos era o Clodomir de Moraes. A certa altura, Clodomir passou a fazer o seguinte: ia na base de Goiás e dizia para os companheiros: olha, as coisas lá em Mato Grosso vão muito bem, aqui é que está ruim. Depois, aparecia em Mato Grosso e dizia: olha, as coisas em Goiás vão bem, aqui é que estão mal. Ele conseguiu manter em todos os lugares a falsa impressão de que as coisas só não iam bem em determinada base. Foi essa a forma que ele encontrou de controlar o movimento. Era um sujeito maquiavélico. Em certo momento surgem problemas e alguns companheiros abandonam as bases. É preciso lembrar que esses quadros que iam para as bases, em sua maioria, pertenciam às organizações de esquerda; camponeses mesmo, foram poucos. Quando se percebeu que a situação estava se deteriorando e que não era possível fazer a guerrilha, o que acontece? Na campanha para a eleição de Miguel Arraes — quando Julião concorria a uma cadeira de deputado federal — muitos militantes que estavam nas bases desistem e vão para Pernambuco. E aí se desmobiliza o esquema da guerrilha. As razões, não as conheço bem, porque, nessa época, eu não pertencia ao comando militar do MRT, e sim ao comando de massa. Mas não é difícil concluir que a organização da guerrilha foi um fracasso porque não levaram os planos adiante.

A situação ficou mais grave porque as organizações que participavam do MRT exigiram da direção nacional uma explicação para o fracasso. Clodomir de forma alguma queria participar dessa discussão sobre a guerrilha que não aconteceu. Só ele poderia explicar por que o esquema foi desmobilizado, depois de um ano de funcionamento. Quando estava para haver a reunião do MRT, Clodomir, que estava no Rio e se recusava a participar das discussões, pega uma Rural, coloca uns fuzis dentro dela e inicia uma viagem para o norte de Goiás. Um dos pneus da Rural fura exatamente no Viaduto de Lucas, próximo à antiga Invernada de Olaria. Claro, um carro parado ali, com fuzis dentro, era muito suspeito. Clodomir foi preso e deixou de comparecer ao plenário do MRT.

Se era um provocador infiltrado? Não sei. O Clodomir era um megalomaníaco, que achava que ia dominar tudo. Acho que a história de sua prisão foi propositalmente montada. A reunião foi rapidamente desmarcada, já que o Clodomir tinha sido preso. Ele ficou preso um ano e depois voltou a Pernambuco. E nunca se soube exatamente o que ocorreu.

Era o fim do MRT. E de uma guerrilha que não chegou a disparar um só tiro. Se houve prisões? Apenas de dois companheiros da base de Goiás. Ocorreu o seguinte: a polícia prendeu duas pessoas lá da cidadezinha que conheciam os planos da guerrilha. Os companheiros souberam a tempo e iniciaram a fuga para a Bahia. No caminho, o Exército os prendeu.

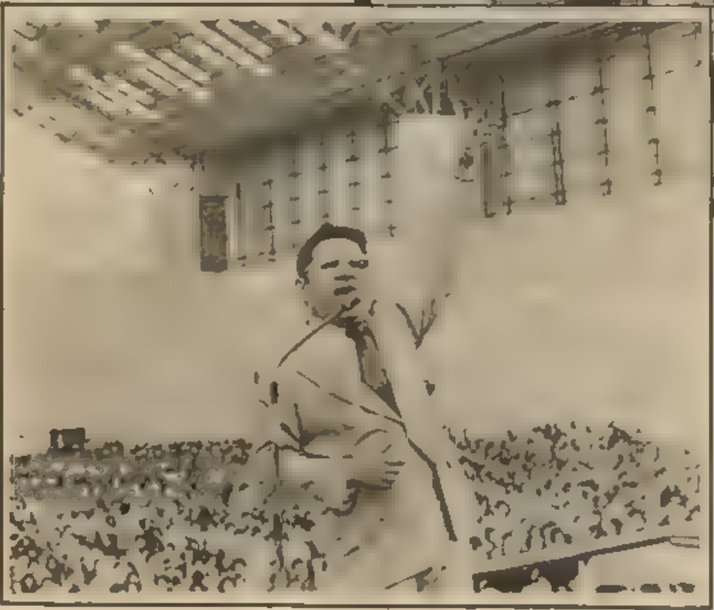
O fracasso do MRT marcou também o fim das Ligas como organização nacional. Ela passa a definhar e, quando vem o golpe de 64, só existia de fato em Pernambuco.

Picaretas da fé faturam o diabo em nome de Cristo

Fotos de Wagner Avancini

Manoel de Mello oferece o Paraíso e seu auxiliar fecha o negócio distribuindo carnês

Se Cristo fosse vivo ainda hoje, com certeza viveria de direitos autorais. Usando de suas palavras, surgem dezenas, centenas, milhares de igrejas de crentes, que mantêm programas de rádio, editoras, gravadoras de discos, lojas que vendem crucifixos, bíblias e todo apetrecho da "fé". Faturam milhões por dia e não pagam impostos, pois se declaram obras assistenciais sem fins lucrativos. A imagem é velha: em torno do pregador, com a bíblia na mão e o surrado paletó e guarda-chuva, se aglomeram os fiéis que esperam e anunciam a vinda de Cristo à terra. Fome, miséria, guerra, crise são sinais de "fim dos tempos", do "apocalipse". Tudo isso para eles é inevitável. Sua missão é apenas a de salvar almas, alegam. Pentecostais, batistas, outro, mais distante Jeová, todo mundo acha que o reino de Deus não será exatamente neste mundo, mas em outro, mais distante. Enquanto isso, menos atentos à fé, mas usando ela para conquistar seus adeptos, duas grandes igrejas disputam o fabuloso mercado da fé: **Brasil para Cristo**, sob a responsabilidade do missionário Manoel de Mello, e **Deus é Amor**, de Davi de Miranda. Elas prometem curas milagrosas, divinas, mediante o pagamento de seus fiéis, é lógico.



Os diáconos do missionário Davi de Miranda, da igreja Deus é Amor, são "capatazes", que auxiliam na coleta do dinheiro e na preservação do seu patrimônio pessoal. O repórter tentou entrevistá-lo, mas foi expulso na porta do salão por um diácono que berrou: "O missionário não quer aqui as pessoas que não pregam o amor!" "Estava na hora da contagem do dinheiro.

Davi de Miranda perguntava: "Quem quer receber a cura divina?" E o povo levantava as mãos, acenando com notas que iam de Cr$ 100 a Cr$ 500. Seus "capangas" passavam pelo salão com sacos plásticos de lixo, de 10 litros, e o povo ia jogando o dinheiro dentro.

Logo na entrada do templo, o fiel recebe uma ficha com seu nome e o valor de sua contribuição. Quando esta contribuição alcança o valor de Cr$ 1 mil, ele "recebe a graça solicitada". Ao lado da livraria há um museu de apetrechos que foram vomitados pelos fiéis. São cacos de vidros, cabelo, vermes, giletes. O responsável pelo museu explica que "são coisas do diabo", e relata que foi assim que o missionário curou os fiéis.

No começo do ano Davi de Miranda percebeu que a sede de sua igreja, na rua Conde de Sarzedas, na Liberdade, já não comportava o número de fiéis. Então comprou uma fábrica abandonada ao lado da estação de ônibus do Glicério, onde levantou a sede nacional da igreja. O salão comporta 30 mil pessoas e tem cultos pela manhã, de tarde e à noite. Seus fiéis são calculados em cerca de 2 milhões.

A vendedora de sanduíches na porta da igreja, dona Ana, confirma o milagre de Davi de Miranda. A sua história:

Eu estava na miséria, meu marido tinha morrido e me deixou com 5 filhos. Aí me falaram que o missionário podia resolver o meu problema. Fui à igreja e percebi de cara que ele era um charlatão. Mas tive uma idéia. Pensei em vender sanduíche de mortadela na porta da igreja. Hoje posso dizer que ele faz milagre mesmo. Estou rica vendendo sanduíche. Não é um milagre?

Entrada no Céu é vendida em carnê garantido por autoridades

O missionário Manoel de Mello levou [illegible] anos para construir o edifício sede de sua igreja ***Brasil para Cristo.*** *Com certo orgulho [illegible] diz que o esforço não foi só seu [illegible] A sede mais parece um estádio [illegible] 30 mil pessoas. [illegible] Manoel de Mello [illegible] senta no [illegible] trono de veludo vermelho. Embaixo, uma série de espelhos [illegible] fontes luminosas e mais alguns fachos de luz dão a impressão de que ele está levitando nas nuvens. Suas palavras são transmitidas por caixas acústicas de grande potência.*

Somente este ano ele já participou de 6[illegible] concentrações, reunindo [illegible] de 10 mil fiéis em cada uma delas. Para isso ele conta com uma estrutura [illegible] bem montada, com [illegible] propaganda aérea e venda de mão em mão de material religioso. Seu objetivo é alcançar 1.500 con[illegible] 1980 [illegible] transmissão de seus programas [illegible] rádio Tupi e ***Jornal de São Paulo*** *[illegible] para outros países como Paraguai, Argentina e Uruguai.*

Para construir esta obra de [illegible] diz ele [illegible] que distribuímos milhares de carnês por dia. Cada carnê rende de Cr$ 50,00, para crianças, a até Cr$ 1 mil por família, depositados mensalmente nos bancos Bradesco ou Itaú.

O secretário da igreja, Raul Lincoln Yong Fong, garante que ela nada tem a ver com a política. Só que na entrada do salão há uma parede enorme, forrada de telegramas de ministros, governadores e militares. Entre as celebridades que se congratularam com o missionário Manoel de Mello estão os ministros Abi Ackel, da Justiça, Maximiano da Fonseca, da Marinha, general Danilo Venturini, da Casa Militar, [illegible] presidente da República [illegible] Chaves.

Os políticos e os militares admiram muito o trabalho do nosso missionário, porque ele contribui para a ordem no Brasil [illegible] diz, orgulhoso, o diácono [illegible] Eu [illegible] e o Brasil [illegible] gente [illegible] paca[illegible]

Reportagem de Hélio Belik

Dona Ana também lucra com os "milagres" de Davi de Miranda

CUIDO DE GENTE, NÃO DE ESPÍRITO

O padre Mauro Batista [illegible] organizador [illegible] pastoral [illegible] SP [illegible] cultos [illegible] Manoel de Mello [illegible] Davi de Miranda.

No Brasil esses cultos [illegible] 1910 [illegible] Assembléia de Deus, Congregação Cristã do Brasil etc mas ganharam força a partir de 1940. Um dos aspectos importantes nesses cultos é que a maioria de seus membros é pobre. Eu caracterizaria o pobre em quatro tipos: aquele que não tem, aquele que não pode, aquele que não sabe e aquele [illegible] Dentro de uma sociedade capitalista, só pode quem tem. Você pode ser um [illegible] cem por cento, mas não vale nada se não tiver dinheiro. Então, esses cultos, à medida em que têm apelo para a população pobre, despertam na pessoa a possibilidade de ser alguma coisa, de se afirmar dentro de sua comunidade. E a explicar também o mundo, o mundo do poder, da força, da riqueza, exatamente o mundo que os rejeita.

Nesse mundo religioso prossegue o padre Mauro eles são alguma coisa. Eles são chamados de irmãos, quando antes eram apenas peões, bóias frias, Zés, Marias, vagabundos.

Claro que reina uma mentalidade sacral, eles explicam todos os fenômenos daqui debaixo, da terra, a partir do mundo do além. Eu nunca vi espíritos andando por aí, nunca cuidei de espíritos, cuido de gente. A doença, para eles, é explicada como uma manifestação maligna, coisa do demônio, dos espíritos maus, etc. Se a doença é explicada por sua origem do além, a terapia também tem que vir de um mundo religioso. Muitos vão a esses cultos em busca da cura.

O mundo dos pentecostais está dividido, assim, em mundo do bem — Deus, Cristo — e mundo do mal — demônio, satanás, poder, riqueza, dinheiro. Uma forma de alienação? Para o padre, não:

[illegible] nesse tipo de culto de [illegible] no emocional exagerado [illegible] apelo emocional que está baseado [illegible] o mecanismo de funcionamento das religiões [illegible]

O padre Mauro não concorda com a idéia de que fazem uma espécie de psicoterapia de grupo nesses cultos.

Psicoterapia subentende se tratamento e as pessoas ali não estão agindo como psicoterapeutas, que seria uma gente honesta, procurando o equilíbrio do homem que está meio arrebentado. Ali não há esse tipo de preocupação.

Quanto às acusações de enriquecimento ilícito dos pastores, o padre Mauro Batista tem um ponto de vista:

Tudo é feito dentro da categoria e da visão dos ministros desses cultos. Não sei se há desvio de dinheiro. Ouço falar, mas acho que, se houver comprovação, que se processe o camarada. A religião não tem nada a ver com isso.

Rivaldo Chinem

OPÇÃO POLÍTICA DIVIDE ARTISTAS

Zezé Mota é do PT. La Brondi nem quer falar

Zezé Mota distribui fichas de filiação ao Partido dos Trabalhadores, preocupa-se em fazer um *show* em benefício do Partido, apóia o Movimento Negro Unificado. Zezé Mota é uma exceção no meio artístico, onde a maioria se desculpa com o clássico "não sou uma pessoa politizada", para se eximir de uma participação mais concreta ou mesmo definir uma posição política.

Talvez o pensamento do compositor Edu Lobo sintetize o de muitos outros artistas: "As coisas ainda estão muito vagas, misturadas". Lídia Brondi, ao tomar conhecimento do assunto da entrevista, foi enfática:

— Se eu soubesse que era sobre política, nem teria recebido você. Não pretendo me ligar a partido algum, não sou uma pessoa politizada. No momento, política não é uma coisa que me chame a atenção, não faz parte das minhas preocupações. Depois, não falo sobre assuntos que não domino.

— Esta é uma questão de vocação — pensa o ator Stênio Garcia (o padre Léo da novela *O amor é nosso*, da TV-Globo), confessando que já procurou várias vezes em si mesmo (uma raiz política, sem encontrar mais que um interesse pela participação, "não pela militância".

Para Stênio Garcia, a prova de seu interesse foi providenciar a mudança de seu título de São Paulo para o Rio, onde mora atualmente, para poder votar em 82. No mais, ele se sente inclinado para o PT — "estou investigando" — dentro de sua convicção de que "um partido deve procurar o atendimento às principais necessidades sociais, com ênfase na questão salarial, porque ligada ao problema básico da fome".

— É meio cedo — desculpa-se o compositor Edu Lobo, acreditando que, provavelmente, ficará "mais sensibilizado na época das eleições", quando já haverá "definições concretas dos próprios partidos a cerca de suas posições".

— Pode ser até que eu venha a me filiar a um partido, mas o trabalho em tempo integral não me permite colaborar, atuar de verdade. Além de tudo, esta é uma questão de aptidão, e eu nunca dei para a política.

A cantora e compositora Joyce (*Clareana*) reclama que "tudo gira muito em função de um jogo de poder", que prefere observar de longe: — O tipo de política que me interessa ainda não está sendo levantado. Seria uma política ecológica, ligada às questões de preservação da natureza e do futuro do homem, o futuro dos nossos filhos, questões que se relegam a segundo plano neste contexto de discussões acerca de emendas, prerrogativas e reformas inócuas, vazias, de pouco interesse real.

"Sou um artista, não um político" — contesta outro compositor, Sérgio Ricardo, cujo trabalho musical, nos anos 60, era constantemente atacado pela censura.

— Quando eles me cortavam, me castravam, eu saía pelo Brasil fazendo *shows*, como única forma de mostrar o meu trabalho aos milhares de estudantes que o tomavam como forma de expressão de seus próprios anseios e expectativas. Nessa época, *eles* (o sistema) me achavam agressivo, perigoso, porque eu fazia música de protesto. Agora me permito hibernar.

Foto de Chiquito Chaves

Lídia Brondi

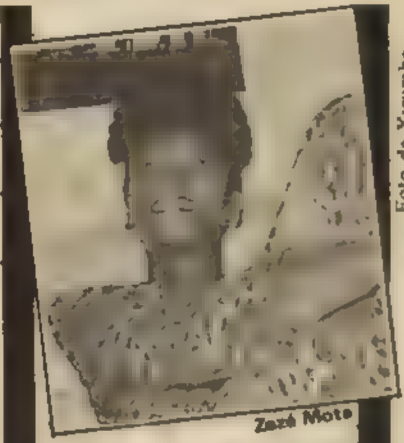


Foto de Xirumba

Zezé Mota

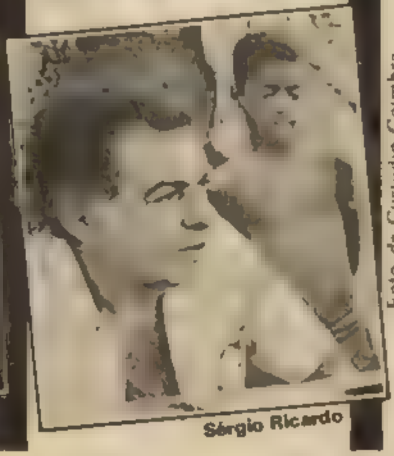


Foto de Custódio Coimbra

Sérgio Ricardo

Em 1976, Sérgio Ricardo comprou um barraco no Morro do Vidigal. Quando todos interpretavam sua atitude como mais um gesto de agressão ao poder ditatorial, uma forma de fazer política dentro da favela, ele esclarecia que "quis apenas ter um estúdio num lugar bonito, com uma incrível vista para o mar a preço módico". No entanto, o acaso acabou por mobilizá-lo: o governo marcou seu barraco junto com dezenas de outros, a serem demolidos para "reurbanização". E o compositor acabou se integrando à Associação dos Moradores da Vila do Vidigal, que, fortalecida, ganhou a briga.

Caetano Veloso pensa que "a questão do engajamento político pode servir ao artista como um caminho para enriquecer a criação", e o compositor Luiz Gonzaga Júnior, o Gonzaguinha, prefere não se filiar "para não ficar atrelado a normas e regras. Não abro mão da liberdade de me expressar, de poder criticar inclusive o PT — o qual ajudo — quando não concordar com determinadas idéias".

— Aqui se dá excessiva valorização ao ângulo político de ver a realidade, e este não é o único — frisa Caetano. — Engajar-se ou não é uma questão absolutamente pessoal, não vejo como se possam estabelecer regras a respeito. Não se pode exigir participação política de ninguém, artista ou não-artista. Não há obrigatoriedade de engajamento, do mesmo modo como não há necessidade de indiferença.

— Minha tendência se concentra mais numa filosofia humanista — assevera a atriz e psicóloga Jacyra Silva, confessando ser "atenta aos problemas de violência e agressividade", embora não saiba aonde vão levar. — É lógico que o homem é um animal político por excelência e ninguém se exime de preocupações, mesmo que seja com o vizinho do lado. Minha contribuição está no meu trabalho junto a uma camada carente, os menores da Funabem, aos quais dedico todas as manhãs.

Apesar de sua filiação ao Partido dos Trabalhadores ter virado notícia de jornal e de receber em casa muitas pessoas que a vêem como referência para se filiarem ao Partido, a atriz e cantora Zezé Mota ("Chica da Silva") não se considera uma militante. Ela diz que seu interesse pela política começou há 15 anos, quando a primeira peça em que atuava profissionalmente — *Rodaviva*, de Chico Buarque de Holanda — foi proibida pela censura e atacada por grupos direitistas. Depois disso, Zezé percorreu o país em excursão e, nos *shows*, sempre dedicava uma música aos presos políticos, "um pretexto sério para lembrar às pessoas de que havia repressão".

Hoje, Zezé Mota faz parte também do Movimento Negro Unificado, e entrou para o PT porque acredita nas intenções de Lula:

— A política brasileira precisava de lideranças novas, de sangue novo. Pessoalmente, Lula tem um pique no qual confio.

Já o ator e teatrólogo Mário Lago acha que "todo mundo deve entrar para um partido, porque é obrigação do homem ser participante. O homem tem que opinar diante da vida, não é? O partido representa uma luta organizada, com a qual as pessoas podem se identificar". Integrado ao PMDB há um ano, Mário Lago afirma que o escolheu por ser "a proposta mais equilibrada no momento", e conclui: — De porralouquice estou cheio.

Thaís de Mendonça

UMA COLUNA DE POLÍCIA

SIRENES & CAMBURÕES

Aroldo Machado

Se prendem coronel, o que farão com soldados?

"Se estão prendendo coronel, o que farão com soldados?" A pergunta, feita por um soldado da PM carioca, deixa claro o temor daqueles que estavam acostumados a agir impunemente. O soldado se referia à prisão de seis coronéis, ocorrida após o coronel Nilton Cerqueira assumir o comando da PM. Mas, além dos seis presos, outros quatro pediram reforma, ao que tudo indica para não serem também "recolhidos". Há quem diga que, a portas fechadas, o comandante da Polícia Militar perguntou-lhes: "Preferes pedir reforma ou ser preso?" Isso, no entanto, não é confirmado. O fato é que, nos últimos dias, foram reformados os seguintes coronéis: Jordan Barroso, do Batalhão de Choque; Cecílio Mendes, da Diretoria-Geral de Pessoal; Luís Dias, do Comando de Policiamento de Área, e Teodoro Rodrigues, do 20.º BPM.

Utilizando o método visitas de surpresa, o atual comandante da PM foi ao 19.º Batalhão, em Copacabana. Ao encontrar as instalações sujas, ele afastou o comandante, Jorge Felipe da Cruz Filho, prendendo-o por 30 dias no Batalhão da Ilha do Governador. Outros comandantes, ao saberem do fato, determinaram a seus subordinados a imediata limpeza dos quartéis. Mesmo assim, o comandante-geral achou o 12.º BPM sujo. Seu comandante, Lédio Ribeiro, foi igualmente afastado e preso, por 30 dias, no Regimento de Choque. Mas não só por sujeira coronéis foram presos. O ex-comandante do 4.º BPM, em São Cristóvão, teria sido afastado por medida rotineira. Ao fazer a passagem de comando a seu colega Naércio Tavares, ele não teria agido de maneira correta. Isso provocou não só a sua prisão, mas também a do subcomandante, tenente-coronel Marcos de Almeida. Outro que foi punido com prisão foi o coronel Valter Medeiros.

Exatamente no dia em que assumiu o comando do 18.º BPM, o tenente-coronel Ile Marlen foi surpreendido com as explosões no Riocentro. O fato ocorreu em sua área de ação e, por esse motivo, ele foi chamado ao I Exército para prestar depoimento. Dessa incômoda **visita** ao QG do I Exército escapou o coronel Sebastião Faria de Paula, que fora afastado do comando daquela unidade. Segundo consta, ele perdeu o comando porque uma **patrulhinha** de sua unidade extorquiu um casal na Barra da Tijuca. Na ocasião, os dois soldados ficaram com o toca-fitas do carro.

Mas, também por causa de um toca-fitas, o tenente-coronel Otávio Fraga Medina está indiciado em inquérito por homicídio, seqüestro e cárcere privado. Na época, ele mandou prender dois rapazes, que teriam furtado o aparelho de seu carro. Um dos rapazes, Gilvan Pates de Sousa, ao tentar fugir do 5.º BPM, onde Medina era o comandante, foi morto. O outro rapaz foi colocado num carro e levado para Xerém, em Duque de Caxias, onde escapou da execução ao se jogar num matagal, onde ficou até o dia seguinte, quando denunciou o fato às autoridades. Na época, o coronel Nilton Cerqueira não era o comandante-geral da Polícia Militar.

Talvez, graças a isso, é que o tenente-coronel Otávio Medina e alguns de seus comandados não foram presos, a exemplo do que ocorreu, recentemente, com o tenente Laires, do 9.º Batalhão da PM, em Rocha Miranda. O oficial foi preso por 30 dias por usar de violência. Seu superior, capitão Ronaldo, também do 9.º BPM, recebeu igual pena por ter dado em juízo um depoimento diferente ao prestado na delegacia, quando da prisão de um assaltante. Outro que foi preso foi o tenente Carlos Alberto, do 5.º BPM, visto conversando com um guardador de carros, no Centro, e finalmente o tenente Luís Antônio foi punido com 30 dias de prisão por "ter tido problemas durante uma manobra militar".

Tudo isso justificaria a pergunta do soldado?

Maconha ia ser colhida quando a Federal apareceu

Nos primeiros dias do mês de maio, a Polícia Federal apreendeu no sertão pernambucano um total de 221.581 pés de maconha, pronta para ser colhida, além de 750 quilos já prontos para comercialização e mais 30 quilos de sementes, numa operação considerada como das mais importantes já realizadas nos últimos anos. Oitenta por cento da erva foi apreendida no Sítio Malhada Grande, no município de Ouricuri, em terras que pertencem a Arlindo Honorato de Souza, um dos plantadores mais procurados pela Polícia Federal no Nordeste. Mas Arlindo, avisado a tempo, desapareceu dois dias antes.

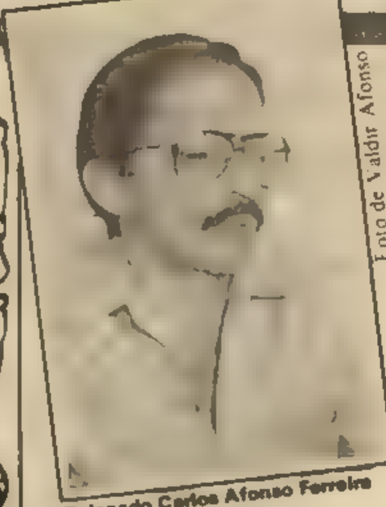


Foto de Valdir Afonso
Delegado Carlos Afonso Ferreira

Arlindo de Souza, aos 60 anos, é considerado o maior plantador de maconha do sertão nordestino. É um homem muito caçado, não só por suas atividades com a maconha, como também porque há três anos fugiu a nado da Penitenciária de Itamaracá, onde cumpria pena por homicídio. Assim, não é novidade a presença de policiais na cidade.

Só que, desta vez, a chegada deles foi um verdadeiro carnaval. Primeiro chegaram por Ouricuri, mas foram recebidos a bala e voltaram.

Três dias depois resolveram atacar por Trindade, município colado com Ouricuri, onde fica metade do sítio Malhada Grande. E vieram com estardalhaço. Fecharam a saída da cidade com quatro de seus seis carros e os outros subiram a serra. Soltaram bombas de São João para amedrontar os mais afoitos. "Parecia uma guerra", relembra dona Etelvina, vizinha da delegacia. A mulher do prefeito Otacílio Leocádio da Silva, dona Marina, que tem uma propriedade colada com a de Arlindo, foi detida porque pensaram que tinha parte nas plantações. Depois da intervenção do marido, foi solta.

Na cidade, os boatos corriam: "Balearam o Arlindo. Ele morreu".

Ninguém viu, mas o próprio prefeito e o delegado Robson Coelho admitem que os federais espancaram muitas pessoas lá em cima da serra, numa tentativa de encontrar Arlindo. O soldado Manoel Cordeiro de Lira diz que quem cruzou o caminho deles levou pancada. Quem devia e muito mais quem não devia. Teve uma mulher que ficou bem machucada, mesmo. Mas Arlindo já tinha sumido, junto com o filho, Antônio Arlindo de Souza, e o empregado, Raimundo Euder de Araújo.

De seu sítio os federais trouxeram 201 100 pés arrancados ainda sem floração, e mais 750 quilos de maconha já ensacada, pronta para comercialização, e 30 quilos de sementes.

Conta o soldado Cordeiro, da delegacia de Trindade: "Os federais estavam todos cheios de si, pra pedir uma ajuda pra carregar a erva. O prefeito emprestou um trator pra arrancar as verdinhas e um caminhão caçamba pra trazer tudo pra cidade. Seis homens da Prefeitura ajudaram no trabalho e receberam cada um Cr$ 500,00 no fim do dia".

De noitinha eles chegaram em procissão. "A caçamba e os automóveis cheios de maconha". Um cheiro danado "envolve o soldado". Trouxeram também o Corcel novinho de Arlindo. Não se sabe o que fizeram com o carro.

A procissão seguiu para Ouricuri, onde fica sediado o batalhão da Polícia Militar, e lá a maconha foi incinerada, depois de devidamente fotografada e embebida em gasolina. O escrivão Wilson Moura, daquela cidade, ainda ressentido com o fato de a força policial local não ter sido solicitada para ajudar, "pois a gente conhece tudo e todos por aqui", relembra que essa é a terceira vez que eles vêm prender Arlindo, sem sucesso". Se chegassem devagar, discretamente, pode ser que conseguissem. Porque não acredito que o velho tenha uma rede de informantes tão eficiente. O que acontece é que até o gato da vizinha fica sabendo que eles são os federais. Gritam, telefonam, falam alto, dão ordens, arrancam nos carros, pensam que são artistas de filme de tevê.

Alguns dias depois, quando o assunto já estava quase esquecido, Arlindo apareceu na cidade disfarçado de americano. Quem primeiro o viu foi dona Marina, a mulher do prefeito: "Ele chegou aqui na porta, falando um inglês, com uma peruca loura, aí eu pensei: oxente, quem é esse gringo? E fiquei com uma cara tão de espanto que ele botou a rir. Aí eu falei: e não é que é o Arlindo?"

Essa familiaridade toda da mulher do prefeito com o maior plantador de maconha do pedaço é explicável, quando se leva em conta que a cidade tem apenas 10 mil habitantes e todo mundo se conhece.

As pessoas ouvidas foram unânimes em exaltar as qualidades de Arlindo como homem leal aos amigos, mão aberta, um camarada em quem se pode confiar na hora da necessidade. "Ele ajuda quem precisa, é capaz de tirar o cumê da boca pra dar a quem pedir", diz Dora, que trabalha no Funrural. "Tem muito dinheiro e um grande criatório. Acho que planta maconha só pra encher o saco da Federal. Porque precisar mesmo ele não precisa, não."

"É tão bom como dinheiro achado na rua", completa Severino, mendigo há muitos meses ajudado pelo plantador. O próprio delegado confirma que nunca viu Arlindo metido em briga, nem criando confusão na cidade, apesar de se encher de cachaça nos bares e ficar contando lorotas pro povo. O prefeito elogia sua valentia e o qualifica como ótimo vizinho: "Arlindo não faz mal a ninguém, mas também não escuta nada. Só comigo é diferente".

Bicho tem 60 mil empregados no Rio

Quando criou o *jogo-de-bicho*, no século passado, o barão de Drumond — fundador do primeiro jardim zoológico carioca — estava longe de imaginar que aquela brincadeira inofensiva seria um dia fonte de grandes lucros e ganha-pão de boa parte da população da cidade. Foi justamente o que aconteceu. O inofensivo *jogo-do-bicho*, criado pelo barão, é hoje o responsável pela sobrevivência de 300 mil pessoas, o que totaliza cerca de 5% da população do Rio — seis milhões de habitantes — segundo levantamento do PMDB, que está querendo colocar sua legalização na plataforma da Oposição para a campanha eleitoral de 1982.

Os tempos mudaram, o *jogo-do-bicho* mudou. Quem dá duro trabalhando de anotador não gosta desse nome: prefere denominar o jogo de *contravenção*. E aí a palavra não tem a mesma conotação que tem para a polícia: para o *bicheiro*, a *contravenção* é um serviço como outro qualquer.

— Por que entrei para a *contravenção*?

Seu L. não dá o nome de jeito nenhum. "Há 33 anos sou contraventor. Tinha duas opções: ou virava marginal ou entrava pra *contravenção* e criava minha família honestamente."

Ele está com 53 anos e até hoje, quando fala do *bicho*, não deixa de mostrar orgulho. Em 1948, L. foi o terceiro colocado num concurso do Dasp para o cargo de cliptógrafo (cifra e decifra mensagens). Até hoje não foi chamado.

— Fiquei revoltado. Eu via um camarada comendo bife com fritas todos os dias, quando eu só podia fazer isso de vez em quando. Ganhava 90 mil réis como sapateiro. Se comesse um bife com fritas, tinha que ficar dois dias sem comer.

Graças ao *bicho*, L. não caiu na marginalidade e criou os dois filhos.

— Nenhum dos dois me recrimina. O rapaz está com 27 anos e é oficial da Marinha Mercante; a moça está cursando o magistério.

A história de L. se repete com frequência. Um de seus colegas diz que ser contraventor é ter fartura em casa e ganhar um salário razoável. Insinua que ganha em torno de Cr$ 35 mil por mês.

— Está tudo bem, moça. Polícia? Depende da política. Já aconteceu de eu passar onze meses na cadeia, mas agora a maré tá mansa. Mas a rotina de *bicheiro* é essa: chega a polícia, a gente vai em *cana*, o juiz vê que não temos nada contra a sociedade, solta a gente. Se vale a pena? Claro.

No *bicho* não tem salário-mínimo, "o sujeito vai sendo aumentado de acordo com as aptidões". Quem faz essa observação é d. Carmem, 82 anos. Sua última profissão foi *apuradora de bicho*. Era época da Segunda Grande Guerra e ela tinha menos de 40 anos. Foi o *bicho* que a ajudou a sustentar a casa, enquanto os filhos serviam ao exército.

— Vivi do *bicho* durante dez anos. Trabalhava em Olaria, no *ponto* do Juvenal. Comunicava o resultado da apuração, pelo telefone, para os *pontos*. O serviço começava às 9 e ia até 21 horas.

— A polícia aparecia e eu escondia as listas do *bicho* nos fundos falsos dos móveis. Eram muito delicados os policiais. Um deles, o detetive Pêssego, me dava sempre conselhos: "Esse negócio não é para a senhora". Mas só larguei o *bicho* porque um de meus filhos casou e me levou pra morar com ele.

No *jogo-do-bicho* não há aposentadoria, nem carteira assinada. Mas quase ninguém faz questão disso. É o caso de Jorge, 27 anos, sete de *contravenção*.

— Eu sou eletricista de automóvel. Ganhava uma miséria. Aqui, além do salário bom (ele não diz quanto é) tem as gorjetas. Sempre que alguém acerta um palpite *molha* minha mão com uns Cr$ 2 mil.

Trabalha entre 11 e 12 horas por dia e, às vezes, também aos domingos, quando então recebe uma comissão de 10%.

No *bicho* só conta uma coisa: a palavra empenhada. É essa a garantia trabalhista. O trato é todo feito de boca: quem acerta com o dono da banca, o capitalista, para receber por mês, recebe. O 13.° salário, que nem funcionário público tem, o *bicheiro* ganha. Detalhe: há reajuste semestral e férias.

Não é que o *bicho* seja um paraíso trabalhista. Para o *bicheiro*, o negócio é uma alternativa para fugir de profissões que remuneram mal. Orlando, *carimbador de listas*, 41 anos, 11 na *contravenção*, desabafa:

— Não adianta a gente trabalhar na profissão da gente (ele é mecânico), porque o dinheiro não dá. Ninguém pode viver com o salário-mínimo. E o *bicho*, pelo menos, é coisa honesta.

PMDB QUER LEGALIZAÇÃO

A legalização do jogo do bicho, dos motéis e da prostituição são alguns dos temas que o PMDB está estudando para colocar em sua plataforma na disputa das eleições ao governo do Estado. Os dados que seus assessores levantaram são bastante expressivos. Só do bicho dependem diretamente 60 mil pessoas no Rio de Janeiro, número elevado para 300 mil se somados os dependentes dos bicheiros. Com essas medidas, o PMDB entende que acabaria com a "relação perversa" que existe entre os que vivem das chamadas contravenções penais — aceitas pela moral média da população, como é o caso do jogo do bicho, dos motéis e da prostituição — e a polícia. O dinheiro arrecadado de impostos serviria para criar uma espécie de caixa para melhoria dos salários e condições de trabalho da polícia. Aí, seria eliminada mais uma relação perversa: as ligações econômicas da polícia com os bicheiros.

Maria Luiza Franco

CANDIDATOS A GUARDA NADA SABEM SOBRE A PROFISSÃO

Fotos de Chiquito Chaves

Mais de 10 mil querem ser carcereiros, sem saber o que se passa atrás das grades

Carcereiro passa 12 anos na cadeia

A vida de guarda penitenciário não é mole Pelo menos é o que diz Álvaro Barbosa, presidente da Associação dos Guardas de Presídio do Rio de Janeiro, entidade que congrega 600 dos 900 guardas que trabalham nos estabelecimentos penais do Estado Diz ele.

— O guarda de presídio, quando se aposenta com 35 anos de serviço, passou 12 anos na cadeia sem ser condenado. Ele fica 24 horas em contato com o preso.

Álvaro, que é advogado e professor de Organização Social e Política do Brasil, fala com segurança sobre os problemas dos carcereiros, auxiliares de portaria, vigias, inspetores que tomam conta dos presos, etc.

— Geralmente a família de um guarda de presídio não gosta do cargo que o chefe da casa ocupa, e isso gera brigas, irritações e até separações com freqüência. Por mais que você chegue em casa e tente esquecer seu serviço, é difícil, é muita responsabilidade. Qualquer barulho estranho você bota a mão na arma, fica sobressaltado, e vive nessa fronteira entre fora e dentro da cadeia.

Apesar disso, nada menos que 10 mil candidatos se apresentaram para preencher 350 vagas de guarda de presídio oferecidas pela Secretaria de Justiça. A contratação dos novos guardas, de ambos os sexos — que devem ter entre 21 e 35 anos, altura mínima de 1m70 para homens e 1m65 para mulheres — faz parte do plano de emergência do Estado para melhorar as condições das prisões

Entre os dias 25 de maio e 5 de junho, essas 10 mil pessoas se inscreveram para o concurso na Frei Caneca, na Ilha Grande, em Niterói e em Bangu. Candidataram-se médicos, auxiliares de escritório, estudantes de línguas, enfermeiras, domésticas, bombeiros hidráulicos, professores, desenhistas, carteiros, manicuras, etc. A maioria, porém, era de desempregados, que estava ali atraída pelo salário de Cr$ 22 mil.

Apesar do elevado número de candidatos, guardas antigos acreditam que as 350 vagas não serão preenchidas. O mesmo aconteceu em 1977, quando de 295 vagas apenas 80 foram ocupadas. Os que têm mais chances e a preferência das autoridades penitenciárias são os filhos de policiais, que possuem alguma noção das dificuldades que envolvem o trabalho de guarda penitenciário. A maioria dos que se candidatam não tem qualquer informação sobre as tarefas que a função envolve, e acabam reprovados por demonstrarem incapacidade para exercê-la.

Uma rápida enquete entre os candidatos que se aglomeravam na porta da Coordenação de Saúde do Sistema Penitenciário, que fica na rua Frei Caneca, indica que os guardas mais antigos parecem ter razão. Paulo Sérgio, 28 anos, desempregado, diz:

— Não sei o que me espera. Sei que é arriscado o trabalho de guarda, mas eu trabalhei seis meses numa ilha de gás liquefeito da Petrobrás, que podia explodir a cada momento. Sei que o ambiente é tenso.

Já o operador de telex Jorge Pereira, desempregado há um ano, diz:

— Eu acho que é para transportar presos. Não sei bem o que é. O que interessa é o salário.

Solange Ignácio da Silveira, técnica em contabilidade, 24 anos, também tem apenas uma vaga noção do que a espera, caso seja aprovada:

— Nós, mulheres, temos que ser independentes. Precisamos trabalhar para nos sustentarmos. Vai ser uma barra. Não sei se as presidiárias vão se adaptar e a gente com elas.

Marinalva Figueiredo Reis é outra que nada sabe sobre a função a que está se candidatando:

— Tô desempregada, mas sou mesmo é caixa registradora. Tenho um curso de corte e costura, mas isso não adianta. Só dá pra cortar um vestidinho nosso. Eu nunca entrei em presídio. Vamos ver o que vai dar. Eu preciso é de trabalhar. Espero dar o melhor de mim. Fiz de tudo pra meu filho ser polícia e ele não quis. Mas eu estou aqui tentando.

Os que são aprovados treinam apenas durante quatro semanas e, nesse prazo, não se tornam especialistas em normas e administração penitenciária, como exige a lei 3 274, que rege o sistema penal brasileiro. Os guardas que passaram no último concurso foram divididos em duas turmas, orientadas por Álvaro Barbosa, o presidente da associação dos guardas do Rio de Janeiro. Eles assistiram a um ciclo de 20 palestras, com duração de uma hora por dia, de que participaram advogados, médicos, psicólogos, psiquiatras e diretores de estabelecimentos penitenciários. Além disso, conversavam durante uma hora e meia todo dia com guardas experientes, com 20 ou 30 anos de serviço. Na parte da tarde eram entregues aos chefes de segurança dos estabelecimentos penais e, durante um mês, corriam todos os postos, indo quatro vezes a cada um deles.

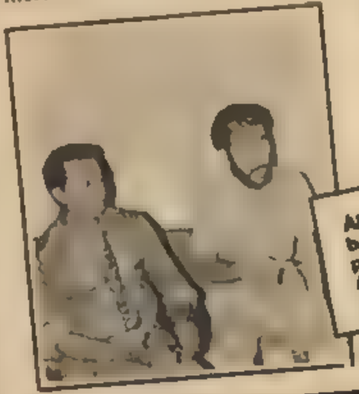
O próprio Álvaro Barbosa reconhece que esse tipo de preparação é extremamente deficiente. Ele dá um exemplo:

— Todo guarda que trabalha no atendimento ou ingresso das visitas deveria fazer um curso de relações públicas, o que não acontece. Não existe um critério para se escolher esses guardas. Muitas vezes o elemento, sem credencial de boas maneiras para atender o visitante, abusa. Às vezes a família traz uma macarronada para o preso, um bolo. É evidente que essas coisas têm que ser examinadas com todo cuidado. Pegar um garfo, mexer no macarrão, cortar direitinho com uma faca o bolo. Revistar com cuidado uma bolsa, sem dilacerar, sem raiva.

Para Álvaro Barbosa, do jeito que as coisas estão atualmente, o sistema penitenciário oferece poucas perspectivas para o guarda e os demais servidores que nele trabalham (médicos, advogados, enfermeiras, assistentes sociais, engenheiros, etc). Um dos objetivos da associação que preside é mudar esse quadro:

— Queremos criar uma categoria funcional a nível superior, que seria chamada de técnico penitenciário de níveis A, B e C. Tomamos como exemplo o guarda penitenciário, que para chegar a inspetor de segurança penitenciário deve passar pelos níveis A, B e C, ficando três anos em cada categoria. O guarda que atingisse tal nível, passaria pelas categorias de técnico previdenciário e com isso somaria 20 anos de serviço. Assim, estaria apto a integrar a direção do presídio.

Reportagem de Tim Lopes



Álvaro, de barba, o presidente da Associação, e José Oliveira

Fernando Antônio

"Aqui, só nós continuamos atrasados"

O guarda Fernando Antônio, chefe da portaria da penitenciária Lemos de Brito, afasta os curiosos que se aproximam do portão do presídio Milton Dias Moreira. Com um revólver atravessado na cintura, diz

— Vamos limpar a área, foi rebate falso Telefonaram pra cá e disseram que cinco presos estavam tentando fugir pelo bueiro, mas não era nada disso

Guarda há 10 anos, Fernando reclama que não vai em casa há seis dias

— A gente fica mais tempo na cadeia do que com a família.

Enquanto ele fala, a rua Frei Caneca está interditada Um forte [illegible]ma policial cerca o presídio, e o helicóptero da Secretaria de Segurança chama a atenção dos curiosos PMs, detetives, camburões se mexem apressados Fernando continua falando:

— O sistema penitenciário em relação aos que trabalham dentro dele tem que melhorar muito Os presos estão reivindicando, os parentes estão mais solidários e nós continuamos atrasados. Temos que aguentar essa descarga, trabalhar puxado. Acontecem fugas, tentativas, agressões, choros, e quem sente isso é o guarda penitenciário

Essa descarga já se abateu sobre Fernando, que mostra a cicatriz de um tiro que [illegible] no tornozelo esquerdo, resultado de um incidente entre a guarda e internos que tentavam fugir:

— Falta uma modernização completa Precisamos ter mais segurança, modernizar as cadeias com vigia eletrônica e circuito fechado de televisão. A vida do presídio mudou e o sistema precisa ser reaparelhado.

Mulher liberada...?

O título, Espelho de Vênus, sugere algo muito maçante, muito acadêmico. Não é nada disso. Só primeira impressão. O livro do grupo Ceres (Branca Moreira Alves, Jaqueline Pitanguy, Leila Linhares Barsted, Mariska Ribeiro e Sandra Boschi) é um depoimento de 55 mulheres do Grande Rio, das mais diferentes classes sociais, todas contando a experiência de viver o corpo, sua sexualidade. Não traz nenhuma fórmula mágica para o prazer, nem procura incentivar modismos tipo masturbação é a solução, homem não presta, muito ao gosto de algumas feministas norte-americanas. Desmistifica também a velha tese — muito difundida entre nossas feministas — de que operária e mulher pobre não têm preocupações com sexo. "Têm e muita", dizem as autoras. Nossos repórteres conversaram com três delas — Branca, Leila e Mariska. O papo se prolongou por mais de duas horas e foi assim:

REPORTER ENTREVISTA

sexo não tem classe social

Vocês fizeram uma pesquisa sobre a mulher brasileira. Qual é o perfil do comportamento sexual dessa mulher?

Leila — Não tivemos a pretensão de fazer nenhum relatório Hite (livro sobre a mulher americana que teve muito sucesso no Brasil). Nosso trabalho se [illegible] apenas a entrevistas com 55 mulheres do Grande Rio.

E quais foram as conclusões?

Leila — O sexo não tem fronteiras. É um detalhe muito [illegible]noso. Em 75, quando se começou a discussão sobre feminismo no Brasil, uma das coisas que se dizia era que a mulher operária não tinha problemas com a sexualidade. Era alienação tocar nesse assunto. A questão da sexualidade era só com a mulher pequeno-burguesa. Não é nada disso.

Branca — A vivência [illegible] através do corpo é muito semelhante.

Mariska — A mulher tem um desejo muito ativo, tem vontade de ir ao encontro do homem [illegible] outro. O problema é que para chegar a isso, precisa de uma estratégia. Tem que ser disfarçado. O tempo todo a mulher se coloca como não tendo desejo, como sendo objeto do desejo do outro.

"Eu acho errado o fato da mulher não poder ter relações sexuais e o homem poder ter. Eu acho isso totalmente errado. Porque da mesma forma que o homem tem vontade, a mulher também tem, não é? A gente vive numa sociedade, né?, que impõe isso. Existe preconceito. Algumas pessoas vêem o sexo na menina como um horror. Eu acho isso totalmente errado. (Marta, em *Espelho de Vênus*)

Numa das entrevistas, há uma mulher que diz ter encontrado um parceiro muito gentil na sua primeira relação sexual, mas mesmo assim ela teve problema de penetração. Esse problema é comum?

Leila — Não exatamente com penetração e, sim, como a penetração acontece. A penetração só importa do ponto da relação [illegible]. Aliás, nenhuma das mulheres que entrevistamos tinham problema com penetração. O que achavam problemático era a relação em si com o companheiro. Uma relação de dominação, onde há um forte e um fraco, onde há uma mulher que tem de esperar o que o companheiro espera dela e que tem que usar uma série de disfarces. Uma relação que não consegue [illegible].

Um contraste nos chamou muito a atenção: vocês usaram uma linguagem direta, falando de sexo abertamente. Quando olhamos as fotografias de vocês, fomos encontrar mulheres de aparencia respeitável, daquele tipo que parece nunca dizer palavrão. Aí pintou a dúvida como reagiriam se fossem feitas a elas as mesmas perguntas que fizeram às entrevistadas? Será que elas falam de suas intimidades sexuais?

Branca — [illegible] bem [illegible] mas [illegible]

Leila — O livro tem um pouco de [illegible] de nós. Nesses anos todos muita coisa aconteceu nas nossas vidas: casamentos, abortos, filhos, relações paralelas, mil coisas.

Por que não falar abertamente? Vocês se definem como feministas. Então, não há por que não ter coragem para assumir publicamente suas vidas.

Branca — Os nossos depoimentos seriam em vários episódios, iguaizinhos aos das entrevistadas.

Mariska — Se a gente desse um depoimento desses [illegible] se de duas uma: ou sensacionalmente achamos que nossa vida é tão maravilhosa, tão interessante, tão fora do comum que merece ser lida, ou estaríamos querendo nos promover à custa de nossa vida particular. É como a Branca diz: Uma relação sexual envolve duas pessoas. Eu só vi uma pessoa falar abertamente de sua vida íntima. Foi a Danusa Leão no Pasquim.

O Ney Matogrosso deu na Playboy uma entrevista das mais definitivas sobre a sexualidade de um homem. Ele assume tudo, até seu homossexualismo. Não é maravilhoso?

Mariska — Ney Matogrosso é um artista. É muito bom que os homens estejam assumindo a sexualidade deles, que deixem de ser só [illegible].

Por que o Ney Matogrosso pode falar da intimidade dele e vocês não?

Mariska — Eu já disse que [illegible] quero chocar ninguém.

Mas o Ney Matogrosso não estava querendo chocar ninguém.

Nós gostaríamos de saber quem são essas pessoas que assumem o papel de críticas das relações afetivas.

Leila — Não somos críticas de coisa alguma.

Branca — A gente nunca se coloca em relação às mulheres como nós e elas. O tempo todo a gente se coloca como nós mulheres.

Leila — Nós tivemos a menstruação como uma surpresa, como um choque, como uma coisa que dói.

Se vocês dessem um depoimento e assinassem o nome de vocês, o problema seria com a sociedade ou com o marido de cada uma?

Branca — O problema seria com a gente mesmo.

Vocês ainda engolem o desejo? É isso que a gente quer saber.

Branca — Nós não acreditamos em mulher liberada.

E a mulher feminista, o que é?

Leila — Não é a mulher que resolveu tudo: problemas sexuais, profissionais, afetivos, enfim, não é a supermulher.

Branca — As feministas procuram uma saída. Não significa que tenham encontrado sua saída pessoal. O que nós temos feito é assumido nossas [illegible]. Nisso o homem tem [illegible]. É muito co[illegible] mulher dizer a outra [illegible] transa foi uma merda. [illegible] os homens continuam [illegible] o tamanho do pau [illegible] na medida em que eles estão medindo o tamanho do pau [illegible] que eles [illegible].

Sandra Boschi

"... Eu acho que os homens, de maneira geral, acham que o pau deles é uma coisa tão importante, que só o fato deles estarem de pau duro já faz a gente, já tem que estar gozando. É um negócio assim estonteante. Enquanto que eu acho que a gente precisa de um algo mais. Anita, em *Espelho de Vênus*

Mariska — [illegible] que [illegible] fosse diferente. O [illegible] as diferentes é [illegible] a gente começou [illegible].

Leila — Não é da noite para o dia, em 20 anos, que a gente [illegible] um discurso secular.

Mas vocês ainda engolem o desejo?

Branca — A gente tenta [illegible] pra reformular o [illegible]. Tudo é um [illegible] muito grande.

Como vocês reagiriam se a filha de 15 anos de uma de vocês chegasse em casa com um garotão e dissesse: "Mamãe, ele vai dormir aqui"

Branca — [illegible]

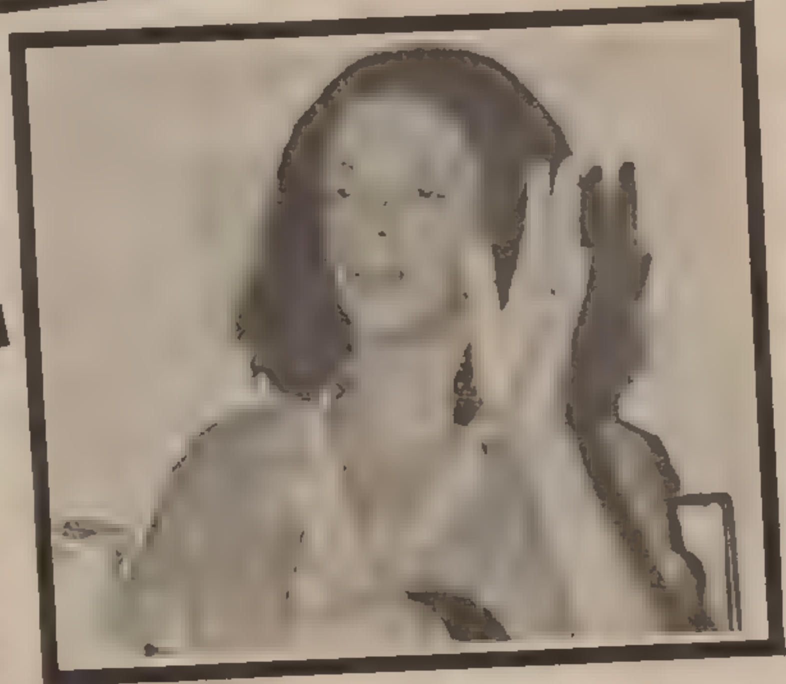
Mariska — [illegible]

Leila — [illegible]

Branca — [illegible]

O ressentimento nas transas parecem hoje atingir muito mais o homem. É comum ouvir uma mulher dizer que tal homem está gasto, que aquele homem ali é vassoura.

Branca — O que é gasto? [illegible]



Branca Moreira Alves

Mariska Ribeiro

[illegible] ela. Vocês mesmo disseram que sexo sem amor cansa (REPORTER nº 44).

Mariska — Não interessa transar com o homem que faz da vida sexual uma conversa [illegible]. Aquele que diz ser o melhor trepador do Rio de Janeiro. Outro dia conversei 20 minutos com um amigo e ele me falou de quatro [illegible] mulheres, sempre com o subtítulo: fulana de tal, com quem eu já dormi, cicrana de tal, que eu já comi, fulana de tal, que cansa de deixar recados na minha secretária eletrônica... É brochante. Na quinta mulher eu já tinha perdido qualquer desejo por ele. Eu sabia que eu seria apenas mais um recado na secretária eletrônica.

Uma boa noitada conta muito?

Mariska — Sem dúvida a noitada conta. Mas como é que você pode ter boa noitada com alguém que está ali apenas pra botar seu [illegible]?

Branca — Nós e os homens [illegible]

Leila — A gente [illegible]. De repente a gente começou a falar a nossa [illegible].

Se o marido de vocês falasse que a relação tá ruim e que gostaria de uma transa colorida

Mariska — Hoje em dia não me proponho mais a [illegible] transa. Transa [illegible] é transa [illegible]. Não fico me aguardando a alguém [illegible] simplesmente porque não há alternativas melhores.

Branca — Você tá sendo radical!

Mariska — Eu sou uma mulher [illegible] transa.

Branca — É impossível manter uma relação monogâmica por [illegible] tempo. O ideal seria que a [illegible] não fosse tão [illegible] que não envolvesse [illegible] você pudesse [illegible] pessoas.

Leila — [illegible]

"Eu imagino... o orgasmo para mim... eu faço uma ideia que seja uma tremedeira incrível no corpo da gente... e que a gente fica pulando que nem canguru de satisfação." (Bernadete, em *Espelho de Vênus*)

A mulher tem mais complexo de culpa que o homem, não?

Branca (dizendo que quer ir embora para se dedicar ao prazer) — [illegible] A gente tem [illegible] tudo. Se [illegible] é [illegible] culpada.

Leila — A mulher que tem [illegible] para trabalhar tem culpa [illegible]

Branca (voltando a insistir [illegible] sair, pois [illegible] ir a uma [illegible] em Campos e precisa [illegible] um pouco de tempo para [illegible]. Mãe, então! Ser mãe é [illegible]

Mariska — A culpa não é da [illegible]. O código [illegible] flagrante [illegible] as adúlteras eram lapidadas ou apedrejadas.

Esse negócio de grupo Ceres, só de feministas, não cheira a clube da Luluzinha?

Branca — Não. Todo grupo minoritário tem que se organizar para enfrentar os opressores. É o caso do movimento negro.

Todo homem é opressor?

Branca — É. É uma questão de vivência. Eu não sei a vivência do negro porque sou branca. Eu sei a vivência da mulher. Agora, minha proposta não é um mundo só de amazonas, nem um mundo só de negros. Isso seria uma proposta inviável e imbecil. É fundamental que homens e mulheres conversem entre si. Nós começamos a falar porque somos a parte oprimida.

Neste momento, Branca Moreira Alves, muito agitada, desliga o gravador. Risos. Antes de sair, ela se dirige aos jornalistas: É uma pena que vocês vão sair frustrados daqui. Não conseguiram descobrir quantos orgasmos tivemos, quantos homens tivemos.

Mais risos.

Leila — Isso só o grupo Ceres é que sabe.

Risos. Branca sai apressada [illegible].

Entrevista a Francisco Viana, Eduardo Homem e Tim Lopes
Fotos de Xirumba

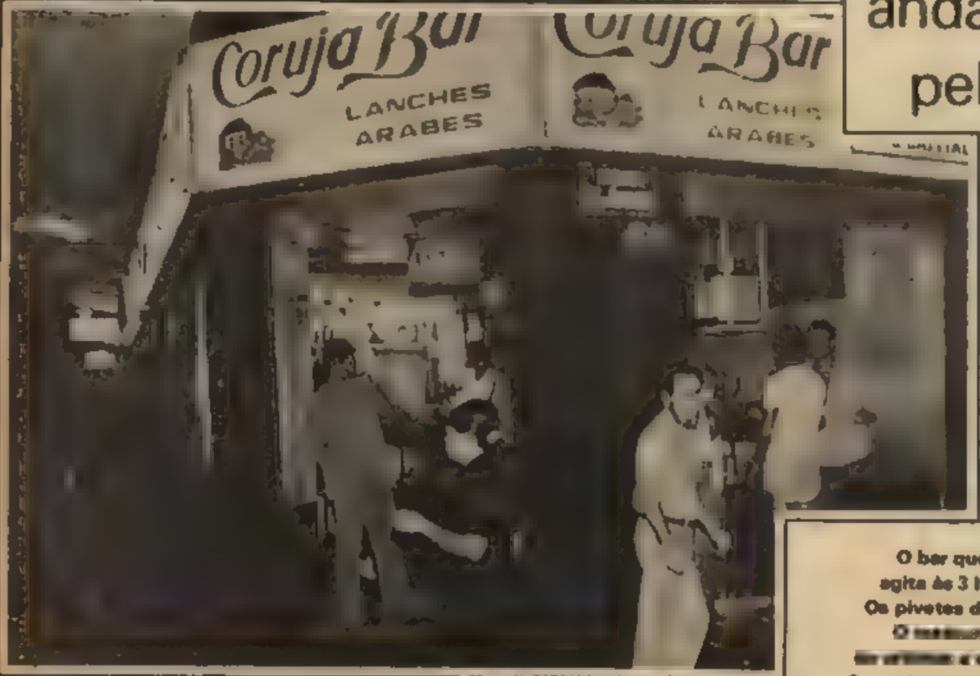
Como se os homens têm medo dos nossos desejos.

PJ, uma das mais famosas ruas de Copa, vive depois de 1 da manhã

É MADRUGADA NA PRADO JÚNIOR!

Reportagem de Luiz Alberto Bettencourt
Fotos Chiquito Chaves

Dois repórteres andaram uma semana pela noite da área.



O bar que se agita às 3 horas.
Os pivetes do Lido.
[redacted]
O movimento é quente

Há poucas semanas, um morador do n.º 120, prédio que abriga os bares Mustafá e Coruja, jogou um balde d'água pela janela para esfriar o ânimo da rapaziada que fazia barulho. O atingido, nervoso, quis invadir a portaria e, na impossibilidade de identificar o agressor, dispunha se a tocar fogo na lixeira Severino, vigia, já se acostumou ao movimento e acha hoje "até mais calmo" do que antigamente

Jogam garrafas lá de cima conta ele. O pessoal que frequenta o bar de madrugada quer subir no edifício pra tirar a forra. De fato, a cena se repete com frequência Na madrugada do dia 4 de junho, quando repórter e fotógrafo estavam no local, pesada garrafa de detergente foi arremessada do alto do 120 caindo no teto de um táxi, a poucos centímetros da cabeça do motorista, que ainda se feriu na canela porque o vasilhame rolou e foi ao chão. A lataria do Fusca afundou, para revolta de *Indio*, rapaz que se criou na rua e hoje é tido como malandro, com passagens pela polícia e cinco meses de cana por vadiagem, diz ele Estava ao lado do motorista e foi tomar satisfações na portaria

Pouco tempo depois, madrugada alta, uma mulher quis esfaquear um rapaz moreno, alto, de bigode, que lhe tirara da cabeça o lenço que cobria os bobes do cabelo Mesmo contida por um homem e duas colegas, ela partiu pra cima com tanta fúria que o brincalhão correu pra trás, bateu na traseira de um táxi e rolou sobre a tampa do motor, o que o salvou de, pelo menos, ameaça de tétano, porque a faca estava bastante enferrujada O carro foi amassado pela violência do golpe. A mulher, que voltou ao bar pra recolher copos e garrafas, foi convencida a acalmar-se por Charles, dono do Coruja, e saiu, explicando à comadre que ele não a conhecia, que não tinha o direito de fazer aquilo. O homem já tinha abandonado a área rapidinho

Metros adiante, parado em frente à boate Erotika, um camburão da 12.ª Delegacia nem se mexeu. Para um malandro da rua, 5 processos por porte de tóxico, 1 ano de cadeia, hoje operário, é assim mesmo: - Tem muita polícia aqui de bobeira

Parece verdade, porque não são apenas os táxis que se arranham na noite da Prado Junior

Em fevereiro, a famosa *Tripa*, de nome Nilza, 40 e poucos anos, prostituta, 18 anos presa na Penitenciária Talavera Bruce, em Bangu, foi assassinada com tiro na nuca pelo homem de um viado, que ela tinha arrochado. A vingança ocorreu na avenida Atlântica e, até agora, nada foi apurado, segundo informação obtida na área e confirmada por duas fontes.

Antes da briga dos bobes, um homem, meia idade, grisalho, barba por fazer, levou um trambulhão no balcão do Coruja e, quando coçou a perna, o moleque já ia longe com sua carteira. No dia anterior, um grupo de marinheiros ingleses havia dado um beiço de Cr$ 40 mil no restaurante Mab's perto do 2.º ponto de bicho da rua, na Atlântica, esquina de Prado Júnior - quem conta é Messias, vendedor ambulante

Já em relação aos Estados Unidos, a coisa foi pior: na segunda noite de andanças pelo pedaço, repórter e fotógrafo foram procurados por um atônito marinheiro americano, com cara de quem perdera algo muito importante, que perguntou: — *Have you seen a man with a yellow shirt?* O camisa amarela era o *Indio* e passou por trás dele com o passo apertado

Na rua acontece de tudo. Recentemente moradores jogaram uma panela de sopa no PM que trabalhava na esquina com avenida Copacabana; pivetes fazem diariamente pequenos roubos, como pulseiras de madame e compras de supermercado Um casal de loucos, com intensa vida sexual, morava num beco formado pelas paredes do 120. Brigas de mulheres levam, como a do dia 2 de junho, em frente ao *Crack do Bacalhau*, mais de uma hora. Delei Sandra, amazonense com menos de 20 anos, 9 filhos, um dos quais carrega o dia inteiro pela rua, e Jorge Moreira de Azevedo, o *Papel*, lavador de carro que vive bêbado e saiu da cadeia em janeiro, fazem parte do folclore noturno. Depois das 3 das manhã, Sandra larga o filho e vai pra batalha, que a norte ainda corre

Quem quiser fazer negócios, que suba a P.J., como a chamam os moradores, da Barata Ribeiro à praia, caminhando pela esquerda, com apenas um pulo à direita, no primeiro quarteirão, se quiser jogar no bicho na 1.ª banca da rua. No segundo quarteirão, o bom observador vai encontrar fumo de trouxinha e, no terceiro, cocaína Papel de Cr$ 1 mil ou peso, Cr$ 2 mil a grama ou 5 mil por 8 gramas, a informação é de um consumidor com mais de 10 anos de experiência no local. Pelo preço, estima ele que o pó esteja *malhado*, com mais de 50% de impureza. "Mas é bom", garante. Funcionário do prédio no qual o tráfico se consuma, com muito medo admite: 3 30 da manhã é a hora quente.

Ele quer o local interditado pela polícia à noite

O comércio clandestino trabalha ainda com outros artigos. A maioria dos porteiros ouvidos pela reportagem reclama: — Aqui não escapa nem automóvel, nem toca-fita, nem rádio Eles *puxam*, e quem é que vai se meter pra tomar um tiro? O pior é que depois os donos vêm em cima da gente — disse um deles

As transações são rápidas, por baixo dos balcões, tem de tudo pra comprar e vender. Fala um frequentador antigo da rua: — Tem relógio e máquina de fotografar a dar com pé. Os jornalistas sentiram o movimento: numa noite, em menos de uma hora, ofereceram ao fotógrafo uma câmara Nikon por Cr$ 10 mil e uma filmadora, cotada a Cr$ 40 mil no início e oferecida por Cr$ 15 mil no último apelo.

Há ainda as guerras de *gangs*. Segundo o *malandro* (criado na P.J.) *dos cinco processos*, hoje vem curtir a Prado Júnior de noite a garotada do Catete. Botafogo e Chapéu Mangueira, o morro do Leme. Diz o *Indio* que vem também o pessoal de Botafogo, do Galo (morro do Cantagalo) e do Méier. É ele quem explica:

A rapaziada das outras *Alemanhas* chega mal na parada. Deviam chegar em paz, humildes. Ai não dá pra aturar. Isso quer dizer que qualquer motivo é bom pra brigar com patota de desconhecidos que desembarcam na terra. A última batalha, conta *Indio*, foi há uns dois meses

De madrugada, mesmo o pessoal da Galeria Alaska (o outro pólo da vida noturna de Copacabana) desce pra aqui — afirma um garçom do restaurante Nogueira, que serve a artistas e gente famosa — "até o finado Zé

[redacted], até 4 horas, tudo acontece. A garrafa atirada do prédio podia matar os três. Eles querem briga. As mulheres saem da boate, vão jantar no Cid

Fernandes (jurado que fazia papel de mau num programa de TV) vinha". Manoel Correia, dono do Nogueira, que junto com o El Cid fica aberto até 3.30 da manhã, confirma: 50% do faturamento do dia é feito entre 1 e 3 horas da madrugada. O mesmo acontece com Juan Carlos, argentino, dono do bar Kiko, na avenida Princesa Isabel, porta da galeria que atravessa para a Prado Júnior é que, segundo muitos comerciantes, é o novo *Beco da Fome*, conjunto de bares que serviam comida barata de madrugada e que ficou famoso na década de 60, sendo fechado em 76. Pondera ele: — Meu movimento é mais de madrugada, depois das 2, quando o pessoal começa a sair das boates

Cabarés, na verdade, quase todos, à exceção de um que talvez, por isso mesmo, vai virar discoteca *gay*. Eles cercam a Prado Júnior pelo lado da avenida Princesa Isabel, e os *shows* eróticos continuam sendo a atração (ver reportagem a seguir), apesar do cansaço de atores e empresários. Sem eles, no entanto, o faturamento cai, reconhece a maioria dos dez donos de boate entrevistados.

Às 3 horas, quando as cenas sexuais e outros lances acabaram, a P.J. acende. Atores, atrizes, bailarinas, *girls* e mulher de boate nos bares que servem comida; mulheres que vieram da batalha na praia, malandros com ganho feito ou a fazer, cafetões desempregados, boêmios, filósofos e admiradores nos bares que só servem bebida. Policiais, amigos de mulheres e cagüetes enturmados também aparecem.

– Aqui os amigos se encontram, todos se encontram — explica um malandro, como ele mesmo se define: "Eu não sou flor que se cheire". Ele próprio sentiu um "tal de Roberto" agonizar nos seus braços

— Na esquina com Copacabana. O cara levou uma garrafada na cara, cambaleou, passou a mão no rosto pra sentir o sangue, levou um tiro na nuca. Morreu na minha mão

Tudo talvez se explique pela razão simples de Giovani, o jornaleiro da madrugada: — A Prado Júnior é a mais movimentada porque aqui se reúnem vários tipos de pessoas.

Moradores declaram guerra à malandragem, que se defende

Isso aqui, de dois anos pra cá, virou zona, baixo meretrício, submundo. Esses bares abertos à noite toda atraem mulheres, meninas, menores. A malandragem atira nos prédios. É um faroeste!

O protesto é do conhecido Clóvis Bornay, dos desfiles de fantasia, morador da Prado Júnior há mais de 30 anos. Ele, que é diretor do Prado Júnior Praia Clube, time de futebol da rua, estava numa reunião informal com seus atletas, mas não se furtou de comentar.

Ela já foi rua famosa por seus moradores, jogadores como Amarildo, Manfrini, Samarone, artistas como Chico Buarque, Dercy Gonçalves, Nélia Paula, Russo do Pandeiro, Toni Tornado, filho da famosa Lindaura, que servia caldo verde no extinto *Beco da Fome*. Personalidades e políticos como Sandra Cavalcanti, Marcos Tamoyo e até o Mariel Mariscott.

Outros moradores se declararam em guerra contra a malandragem, anunciaram que vão pedir, em abaixo-assinado, o fechamento dos bares Coruja e Mustafá que, segundo eles, não têm permissão no alvará para funcionar 24 horas.

– Não adianta reclamar na administração (regional) porque a polícia que eles mandam recebe *p.p.* (pagamento) do comerciante.

Charles, dono do Coruja, 28 anos, com passagem pelo curso de sociologia, explica diferente. Para ele, de início, Bornay é do tipo "faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço", e não entende a realidade atual da Prado Júnior.

Ela é lugar de refúgio da boemia, é por isso que os bares estão abertos, pelo movimento da P.J. Aqui os malandros se agruparam, mas vão sucumbir. Tem a boa e a má malandragem, como tudo, mas é esse movimento de resistência que abre os bares. A Prado Júnior não quer se transformar numa rua de cidade grande.

Num sentido, ela já conseguiu: apenas dois prédios foram construídos nos últimos vinte anos. É possível que a reconstrução da Copacabana dos anos 50 comece pela Prado Júnior, atualmente formado por edifícios com quase 40 apartamentos por andar, já antieconômicos para seus proprietários, pelo alto custo da administração. A malandragem pode ser expulsa, como aconteceu no Catete, na Lapa; mas, até lá, continua.

Para Charles, a rua é tão importante que tem sua geografia e sua sociologia. Da Atlântica até a avenida Copacabana, é a Alta Prado Júnior, da classe média mais estabilizada; entre Copacabana e Viveiros de Castro, são as favelas, com 50 apartamentos por andar; entre Viveiros e Barata Ribeiro, na Baixa Prado Júnior, aparece gente mais equilibrada.

O *malandro dos 5 processos* completa a hierarquia da área:

— A Viveiros de Castro, parte da Barata Ribeiro, é ponto de operário, malandro, gente da-encolha. No outro lado, bares Nogueira e El Cid, tem olheiro, polícia e artista.

A contravenção não respeita muito a hierarquia, é verdade, porque a barra mais pesada está justamente no quarteirão nobre; mas a P.J., defende Charles, tem um mérito: o espírito da rua resiste à especulação imobiliária. Robson, freqüentador do Coruja, arquiteto, amigo de Charles, confessa que quem conhece a Prado Júnior volta sempre. Ela tem charme,

Bornay diz que as mulheres eram mais bem vestidas. *Aleluia*, uma das mais famosas mulheres do pedaço, respeitada por enfrentar homem e polícia que lhe pisavam nos calos, afirma que elas, as da batalha, se respeitavam mais e, por isso, os malandros as respeitavam mais. E lembra de Dalva Reis e Norma Terremoto. "Briga na mão, era na mão, deixava o cano", afirma Charles. "A intelectualidade foi embora, o movimento caiu", diz Evaldo, pianista desde 1962, trabalhou na boate Metrô, depois Tabariz, hoje Erotika.

A lembrança é boa; realmente, apenas o restaurante Cervantes, na esquina com Barata Ribeiro, manteve o público tradicional da noite: boêmios, artistas, estudantes, gente que vai ao cinema de arte, ao lado. A Prado Júnior ficou mais marginal depois da destruição do *Beco da Fome*, que atraía gente de todo tipo e glamurizava o local. calor, nisso todos concordam.

— O que acontece — explica Charles — é que a P.J. mudou, como mudou Copacabana e a sociedade brasileira. Mudou a frequência, mudou a malandragem, mudaram as mulheres:

— Agora é o malandro coca-cola. Antes era o malandro inteligente. Pedro, do bar na porta do mercado baiano da Viveiros de Castro, concorda e lamenta que a noite atualmente só tenha bunda-mole bebendo água e muita mulher.

O malandro dos cinco processos, com medo que os jornalistas fossem informantes da polícia, lamentou com ar de conhecimento:

— Há dez anos, tinha de tudo aqui no *Beco*. Era o submundo, tráfico de tóxico, viciados, mulheres, assaltantes, criminosos. Mas pessoal de responsabilidade. Hoje tem *playboy* da área, maconha, cocaína; antes, tinha LSD, mescalina, anfetamina, bolinha.

Na Atlântica, jogaram ovo nela

O antigo freqüentador da rua diz o que mudou, na sua opinião;

A prostituição diminuiu, tem muita cocota querendo desafiar, mas as mulheres de antigamente eram mais firmes, mais perigosas. Marta, Terezão, *Aleluia* (hoje, mais que trabalha como copeira numa repartição pública, o que foi confirmado por outra fonte), Marlene Elas quebravam vitrinas e saqueavam butiques

Bornay cita também *Aleluia*, Rosinha dos Peixes, Madame Pitu:

A Pitu era desquitada de um antigo presidente da General Electric no Brasil. Falava 18 línguas, ficava bebendo cachaça até de madrugada, o bar fechava, ela saía, esperava abrir e voltava.

Meton Matias de Sousa, na área desde 1955 (é ajudante de frete, dorme no próprio caminhão, que estaciona na Viveiros de Castro, esquina com Prado Júnior; tem dinheiro na caderneta e, como biscate, lava carros), vai mais longe e lembra, no início da década de 60, a fama da *Maria Navalha*, assim chamada por usar com frequência o instrumento. Era respeitada, enfrentava polícia, arranjava mais homem, uma rainha

Mudaram as mulheres, mudou também o dia-a-dia do malandro.

— Antes — diz o tal freqüentador antigo —, a noite começava na boate Balalaika (mais acima, na rua Siqueira Campos, hoje um supermercado) e depois a gente ia pro *Beco*, dava um beiço, tomava um caldo verde na Lindaura e ia pro (bar) Cantinho do Leme, esperando a mulher levar dinheiro, já de manhãzinha. Tavam lá o Toni Tornado, o Toninho, baterista do Jerry Adriani, Dom Um (baterista famoso, hoje radicado nos Estados Unidos), o *Reizinho*, baterista do Sérgio Mendes, o Osvaldo Nunes, o Ataulfo Júnior, e até o Jorge Ben. Era o encontro da Máfia. Hoje, a noite começa nas boates e acaba na *P.J.*, no Coruja ou no Mustafá. Em 1970, no Rose Bar, Copacabana quase esquina com Prado Júnior, policiais do Esquadrão da Morte — Carlinhos, *Bundinha*, *Tigrão*, Mariel — se reuniam antes das saídas pra ripar bandido. Isso impunha respeito, ninguém brincava na nossa área (sem querer, o freqüentador se incluiu no grupo dos matadores, ao contar a história).

Ele concorda com o *malandro dos 5 processos*; os pilantras da antiga foram mortos ou estão foragidos. Vai citando: Adilson, assassinado em Niterói, Max, em cana por tráfico de drogas, *Negro Rosa*, *Cigano*, Carlinhos da Marlene. *Índio*, um outro, antecessor do atual, já mencionado, era tão forte que tinha que levar tiro no joelho pra entrar no camburão. Encarava até cinco patrulhas, mas apanhou muito do exército e da polícia, como a *Aleluia*, e virou mendigo. Mas ele era covarde também, batia em velho. Conta a lenda da rua que *Índio*, o primeiro, foi o único homem a ganhar de Mariel na mão. O freqüentador nega, diz que Mariel nunca perdeu a moral ali, e que ainda vai com frequência à Prado Júnior, agora pela manhã, tomar um cafezinho.

— Hoje tem caguete — diz o frequentador. — Antes ninguém cagüetava. Polícia e bandido eram bem diferente, cada um fazia o seu trabalho.

Sobre tóxico, ele desmente o malandro:

— Tem ácido, sim. As diferenças são outras. Antes, era a maconha que fazia a cabeça da rapaziada, maconha boa. Hoje é cocaína. No pedaço tem duas bocas: pó e fumo; mas quem transa é *avião* (*vapor de asfalto*, segundo um outro depoimento, ou *3º intermediário*, segundo um comerciante). Os donos da mercadoria são do Santa Marta, que

abastece a Prado Júnior, e passam de carro pra recolher a grana.

Na época do *Beco*, a transação era feita na rua, com mais discrição, entre gente conhecida. Agora pinta qualquer um, é escancarado. Só as compras maiores de pó são feitas em apartamento pra poder pesar.

— A bebida, porém, por ser mais barata, ainda é o centro. E malandragem atualmente é roubar bêbado.

Meton dá a opinião de um trabalhador, que via a malandragem de longe, nas histórias que contavam; nos barulhos de brigas e assaltos que ouviu, dormindo no caminhão.

— Melhorou 200%. O *Beco* juntava tudo que não prestava, piranha, maconheiro, assassino. Agora está mais calmo. Tem muito roubo, mas tem polícia

Os comerciantes também mudaram na Prado Júnior. Gil, dono do bar Periquito, hoje Mustafá, batia nos fregueses que não pagavam, mas "era da política". Hoje, reclama *Índio*, o segundo, eles tratam brasileiro como bandido, uma "coisa desumana" que, segundo diz, o fez desanimar de uma "batalha séria. Eles só querem se aproveitar da gente, agora".

Os comerciantes, donos de boates e lanchonetes têm, entretanto, outras opiniões. Sidnei Bondin, do Hi-Fi, que só fecha às 6 da manhã e recolhe fregueses de outros cabarés, tem saudades do *Beco da Fome*

Ele trazia mais gente; hoje a freguesia é mais jovem e violenta A Prado Júnior, entre Barata Ribeiro e Viveiros de Castro, está morta, o acesso é difícil. Vasco Araújo, um dos donos da boate Capricórnio, partiu pra faixa de público *gay*, segundo ele, um bom negócio

Manoel *Careca*, dono do Barbarella, uma das casas mais frequentadas da região, diz que, para as boates, pouco mudou. O freguês do *Beco* era de botequim freguês da madrugada é mais de restaurante. Jonacy Teixeira, o *Titio*, dono da boate Swing, é da mesma opinião: o pessoal do *Beco* se espalhou pelas duas galerias da rua

Os comerciantes reclamam da recessão econômica: poucos estão consumindo, comprando. A noite de Copacabana está esvaziada. Caiu 40%, diz Noel Magioli, gerente de promoções de um fabricante de bebidas; quem comprava 30 caixas de uísque, está comprando dez. Um comerciante informa: 60% das bebidas que as casas comerciais consomem estão sendo compradas no câmbio-negro, mais barato. Édson, ambulante, vendia três máquinas de café; agora vende 60 copos, no máximo. As boates da área cancelam *shows* por falta de público.

A Prado Júnior sente o problema que aflige o bairro e o país. Mustafá Osman, dono do bar Mustafá, diz que há uma crise de dinheiro, que a inflação come os lucros. Um dono de boate faz graça:

— Na Zona Sul, atualmente, metade da féria é cheque e metade dos cheques não tem fundo. E você não pode protestar o malandro porque a despesa não compensa ou porque ele é escorado numa autoridade qualquer. É duro embrulhado pra presente

A crise já provoca os primeiros exílios, voluntários, é verdade. O travesti Cláudia anuncia que vai deixar o país com destino à Itália no dia 30 de junho; Tânia, prostituta, informa que vai correr a Europa, tentar a vida. Segundo elas, a crise é braba, muitas mulheres estão emigrando. Cláudia tem um Chevette 78, sustenta família, paga colégio do irmão, faturava mais de Cr$ 100 mil; hoje, nem 60 mil. Ela não admite cair de vida e, assim, com endereços dados por fregueses italianos, vai pra Roma, batalhar. Arrisca tudo, vende carro, mas acredita.

Para as mulheres, a situação é pior, lamenta uma delas, que acabara de levar um ovo na cabeça, atirado de um prédio da avenida Atlântica. Em janeiro, o michê do programa estava a Cr$ 5 mil; caiu pra 3 mil, 2 mil por cada meia hora. O preço diminuiu e os fregueses também. Há 10 anos, turistas pagavam em dólar só pra tomar chope; agora sai briga pra disputar um interessado.

Segundo José Messias, dono da boate Holiday, na Atlântica, que fechou o mês de maio no prejuízo, é a pior crise dos últimos 20 anos. Ele, espanhol, está no Brasil há 26.

Copacabana mudou e, com ela, a Prado Júnior; há mais miséria. Uma ambulante que vende rosas trazidas de ônibus de Nova Iguaçu sugere ao governo reunir os pobres e tocar fogo neles. Vitório, da boate Coelho Doido, acha que a salvação da noite é liberar o jogo em cassinos. A repressão policial também esvaziou muito a madrugada; mas ela ainda vive.

Na praça do Lido, extensão da P.J., um bando de pivetes, menores aparentemente abandonados, com passagem pela Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor, se deixa fotografar. Eles são acusados de roubo e perturbação da ordem por comerciantes da área. Mas se defendem: levam porrada da polícia, dormem com um vigia pra não serem roubados. Um deles, rosto de cinco anos, mostra a mancha roxa na canela, calos na mão:

— Foi chute e porrada da polícia. Eles quebraram as costas de um garoto na minha frente.

Os malandros estão indo embora, os cafetões foram para Ipanema e Leblon atrás das coroas endinheiradas, a boemia mudou de ponto. Restam os resistentes, os pilantras, mulheres mais caídas, pivetes. Quando eles se forem, a noite vai virar dia, durante o qual, segundo Clóvis Bornay, tudo é diferente na rua famosa.

— Aí dominam os moradores. A Prado Júnior fica família

Drácula e castração são novidades do "show" erótico em Copacabana

ELES ENCHEM BOATES, MAS JÁ CANSAM

Para um espanhol, gerente da boate Bacará, Botafogo é lugar de comida caseira, Leblon, de restaurantes, a galeria Alaska, de *gays*, e o resto de Copacabana vive da noite. O travesti Cláudia e o dono da Holiday, José Soares, acham que quem sustenta 80% da noite de Copa é o turista, bicho muito sensível às variações do câmbio e inexistente na praça, no momento. Um vendedor de bebidas, que preferiu não se identificar para manter as amizades, informa que um dos gerentes do Othon Hotel anunciara ter perdido mais de 300 reservas depois que o peso argentino se desvalorizou frente ao dólar. Falta turista, faltam brasileiros, e a solução, como há quase 10 anos, continua sendo os *shows* eróticos para atrair público.

As boates Swing, Frank's, Coelho Doido, Erotika, na Princesa Isabel e Prado Júnior, e New Munich, Don Juan e Bacará, mais acima, na rua Duvivier, no antigo Beco das Garrafas, apresentam esse tipo de espetáculo. Sem eles, reclamam José Soares e Ester Tarcitano, conhecida atriz de revistas e diretora de *show* não erótico da boate Bataclan, os fregueses vão embora da porta. Tarcitano está endividada — na sexta-feira, 28 de maio, apenas quatro pessoas assistiram a seu *show* "montado" - e vai levar sua produção para o teatro Carlos Gomes, na praça Tiradentes, mantendo-o também no Bataclan, para reduzir prejuízos.

Um pequeno plantão dentro de uma boate que não mostra as acrobacias sexuais confirmou a preferência de brasileiros e estrangeiros. No Lucy's, pelo menos cinco clientes, em uma hora, fizeram meia-volta quando souberam que não tinha. Lucy diz que seu movimento maior é de tarde, mas uma mulher, lésbica, que contrata garotas para *shows*, garantiu que ela lhe havia pedido um espetáculo só de mulheres, mas que ofereceu apenas Cr$ 300 por cada apresentação. A lésbica, então, não quis procurar ninguém.

Mulher com mulher (a maioria dos que estão sendo apresentados) e homem com travesti (ainda tabu) são as combinações mais pedidas pelos executivos nacionais e internacionais. A consumação obrigatória varia de Cr$ 750, no Coelho Doido, a Cr$ 1.200, no Swing, que apresenta o *show* mais falado da temporada: *terror erótico*.

Nesse espetáculo, apresentado a partir da meia-noite, Drácula, rindo, com os caninos vampirescos à mostra, entra em cena vestido com minúscula sunga. Acompanham-no cinco mulheres, uma das quais é sua parceira. Duas outras são amarradas com os braços para cima e beijadas no corpo inteiro pelas duas que restaram. Estão nuas. Elas se agarram, se batem, gemem, enquanto Drácula as açoita, entretido ele também pela moça que lhe tira a sunga e lambuza calorosamente o que lhe veio às mãos; ele retribui e a excita, ela sussurra de prazer. Os dois estão em cima de um caixão; afinal, trata-se de um vampiro que acabou de acordar. Um japonês estica o pescoço pra ver por onde anda a mão do Drácula e a boca da parceira; as luzes estão apagadas, ele não quer perder os detalhes. O ritmo da cena cresce. Entra um rapaz, as quatro mulheres correm, agarram-no, tiram a sunga, e encobrem. Uma delas se volta e mostra à platéia um consolo, tingido de vermelho pra imitar sangue. O homem foi castrado. Saem todos de cena, mesmo porque Drácula e a companheira tinham feito tudo a que tinham direito. Voltam. O castrado está deitado no caixão, o membro viril coberto por ataduras. As mulheres comemoram, gritam.

Foi inspirado no filme *Império dos Sentidos* — explicou Jonacy Teixeira, um dos donos da casa e idealizador do *show*. Ele reclama do moralismo das autoridades e diz que os empresários da noite são vistos como marginais, a mesma opinião de Soares, do Holiday, que se defende, dizendo que seu estabelecimento sustenta mais de 30 chefes de família

Aliás, os *shows* parecem ser apreciados apenas pelos espectadores; os donos de boate, quase todos espanhóis radicados no Brasil, fazem restrições e dizem montá-los porque dão mais dinheiro. Vasco Araújo, português, recusa a "depravação", e "pra não cair na pornografia" vai transformar o seu Capricórnio (em frente ao Cinema 1) em discoteca *gay*. O que, segundo outro empresário da área, não vai salvá-la porque "aquele pedaço da Prado Júnior está em coma há muito tempo. Ali só tem *gay* muquirana, e viado duro é maluco. O Vasco bateu perna em pescoço de otário".

Os artistas também estão desanimados Ganham de Cr$ 400 a 700 por apresentação, os gerentes descontam qualquer atraso, a platéia é inconveniente, joga gelo, amendoim, faz pressão, e eles têm ordem pra não se indispor com os frequentadores, a não ser em último caso. Angélica, do Coelho Doido, diz que quanto mais fingida, melhor é a cena. Elogia Vitório, o gerente, que evita exageros dos assistentes, mas tem vontade de sair da noite e trabalhar de dia Ela morava em Caxias, vendia livros, veio tentar a vida, foi ficando Fares Rahal, 30 anos, árabe, reclama da invasão dos "amadores" e procura parceira pra voltar ao palco; está desempregado. Carlinhos, do D. Juan, bebe pra trabalhar, evita gozar, está há dois anos no ramo. Uma de suas parceiras no *show*, que também transa com mulher, declara detestar o lesbianismo. Faz por necessidade

A lei, dizem os empresários, limita a publicidade dos *shows* eróticos, restringe público. Bira, porteiro da boate Graaf Bobby, diz que eles não são mais negócio, só atraem turistas no início, como é o caso atual do Swing, que lota com japoneses. Os donos de cabarés procuram novos apelos. Albino Coquejo, da Erotika, acha que o futuro são os *shows* típicos brasileiros, como o do Oba-Oba, do Sargentelli, caminho que a boate Barbarella vem tentando com relativo sucesso: ela não tem *show* erótico e mantém bom público. A boate D. Juan, entretanto, vai prosseguir seu rumo. Artistas e donos de outras casas dizem que ela vai fazer um *show* erótico mostrando homem com travesti, a suprema atração, até agora proibidíssima.

Segundo Jonacy Teixeira, a coisa agora não tem mais o charme do início, no New Munich em 1973, quando começou:

— O *Gaúcho*, dono da boate, havia montado a casa com pouco dinheiro, comprado tapetes e cadeiras de segunda mão. Não deu retorno, ele quase afundou. Comprava uísque no copo nos bares ao lado pra servir o freguês que chegava. Uma noite, um grupo de conterrâneos dele, que não encontrou lugar no restaurante em frente, foi à boate matar o tempo. Foram bem recebidos, *Gaúcho* comprou uísque como sempre, chamou meninas da rua, o clima ficou bom. Estavam só eles na boate, embora a porta estivesse aberta. O negócio esquentou, virou orgia. No dia seguinte os caras avisaram que voltariam, aí *Gaúcho* teve tempo de preparar um esquema. As mulheres eram melhores, a festa foi melhor ainda e quem entrava na casa achava o troço inacreditável para a época. Aí a sacanagem, que começara naturalmente, passou a ser exibida; ele teve a idéia de montar o *show* Assim começaram os espetáculos eróticos de Copacabana.

PASSARELA

Jorge Segundo

Cid Moreira

Célio e Cid de caras novas

Os irmãos Moreira, respeitados locutores da televisão brasileira, estão com novo visual. Primeiro o **Célio Moreira**, da TV-Educativa, fez sua plasticazinha facial e agora já está usando óculos no **1981**, o principal informativo da TVE. O **Cid Moreira** resistiu até quanto pôde, mas acabou também fazendo a operação. De cara nova (sem os papinhos sob os olhos e com as bochechas mais lisinhas), Cid está pronto para compor o realce da nova dupla do **Jornal Nacional**, ao lado do Sérgio Chapellin.

Coroação do Rei será no programa do Kelly

No momento em que a eleição do *Rei da Noite* está virando assunto nacional, uma confirmação que muito orgulha PASSARELA: o eleito, substituto do grande *Carlos Machado*, será coroado no programa do *João Roberto Kelly*, da TV Bandeirantes. E já está certo, também: o próprio Machado vai passar a coroa — por sinal, uma coroa muito especial e que está sendo confeccionada, com todo brilho e bom gosto que o *Rei* merece, pelo *Evandro de Castro Lima*. Como vêem, é um pleito nobre, levado a sério! E quando dissemos lá em cima que ele está virando assunto nacional, é verdade: quatro leitores (eleitores) ligaram para votar em seus candidatos; dois votos de *Maceió*, dois de *Salvador*. E dentre os muitos votantes da quinzena estão o presidente do Iperj, *João Troncoso y Troncoso*, e o colunista social sergipano *João de Barros*, que esteve badalando no Rio. Vejam como está a eleição

★ *Chico Recarey* continua liderando, agora com *32 votos*, novos eleitores dele: o relações publicas *Marco Heleno Vieira;* o advogado *Ricardo Saldanha*, que ligou para reformular seu voto (democracia é isso!), antes dado a Ricardo Amaral; e o pintor, figurinista e decorador *Di Menezes*

★ *Ricardo Amaral* passa para *28 votos*, com a ajuda de entusiasmados cabos eleitorais: o artista plástico *José Sá Peixoto*; a produtora da TVE *Ana Maria Peters Garcia*; os colunistas sociais *Irio Informal* (do Rio) e *João de Barros* (de Aracaju); um homem que conhece a noite e é considerado um de seus grandes dançarinos. *Carlos Alex de Oliveira; Léa Salomão Marques*, curtidora dos agitos noturnos; pelo telefone, *Bráulio Pughesi*, relações públicas do Luxor-Alagoas; também pelo DDD-Salvador, o voto da escultora *Madalena Rocha* e do jornalista *Sílvio Lamenha*.

★ *Sérgio Cavalcante* ganha dois votos: da colunável *Lucy Sá Peixoto* ("é um voto do coração", justifica ela), e da economista *Janisse Albuquerque*, mulher de realce na administração do governo de Alagoas — e fica com *12*.

★ *Mário Priolli* agora está com 12, somados os sufrágios do economista *Ronildo Tabiriça Cesário Silveira* e sua mulher, *Tânia Costa Cesário Silveira*

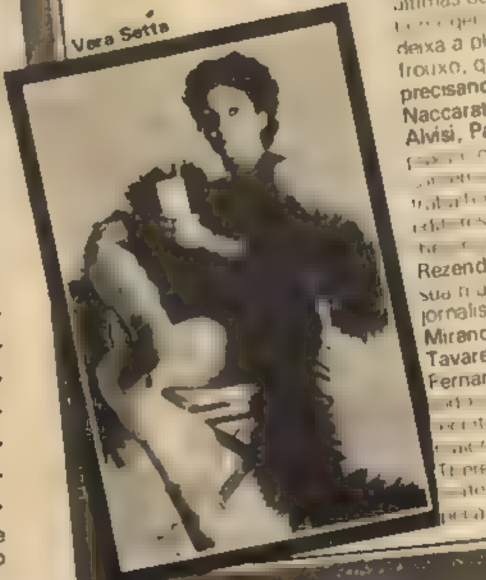
★ *Moacyr Deriquem* (o votado que não é dono de casa noturna, mas um homem que promove grandes badalações na noite) tem o voto de *Tony Ferreira*, o ator, e de *Vera Setta*, a atriz — e fica com 17

★ *Osvaldo Sargentelli* fica com os mesmos *2 votinhos*.

De todos os eleitores de hoje, um, *João Troncoso y Troncoso*, pró-Ricardo Amaral, justifica: "Ele merece a coroa, por sua casa, o *Hipopotamus*, pelos *shows* que está produzindo no *Golden Room* do Copacabana Palace"; e lamenta: "Uma pena que, pelas condições atuais de vida, ele não possa oferecer ao Rio todo aquele brilho dos espetáculos de Carlos Machado, sempre repletos de mulheres bonitas."

1

Vera Setta



A Receita do Sucesso, desconexa, louca, divertida, sem compromissos com tramas [illegible]dêmicas ou inovadoras — é o [illegible] do Teatro Casa Grande, Rio. A [illegible] do texto é fazer rir, e o [illegible] **Jorge Fernando** leva isso às últimas consequências [illegible] elenco [illegible] bem trabalhado, não deixa a platéia respirar. É riso frouxo, que todo mundo tá precisando mesmo! **Duse Naccarati, Vera Setta, Marcos Alvisi, Paulo Bacelar** (o Paulinho) [illegible] o elenco. E para [illegible] em particular, o trabalho de **Vera Setta** na peça, os [illegible] do **Fantástico** ofereceram [illegible] **Edson Rezende Filho**, que recebeu com sua [illegible] **Theresa** [illegible] jornalista (Bloch) **Lola** e **Macedo Miranda Filho, Bibi** e **Maurício Tavares, André Motta Lima** e o **Fernando Bacarin**, marido da Vera [illegible] saboreando a excelente [illegible] do sucesso da atriz e, com [illegible] sobre [illegible], da cozinha da Theresa e do Edson Rezende. Uma [illegible] divertida como a própria peça.

2

Caetano Veloso

Foto de Chiquito Chaves

Outra transa, de sucesso, reúne no palco um casal famoso: **Caetano Veloso** e sua mulher, **Dedé Veloso**. Ela, finalmente, transando o corpo como atriz; ele, fazendo as músicas da peça de estréia da mulher. **O Percevejo**, de Maiakovsky, que está no Teatro Dulcina, Rio, direção de Martinez Correia, pode dar uma dupla consagração a **Dedé Veloso**. Além de estar no palco, Dedé foi uma das responsáveis por todo [illegible] exaustivo trabalho de pesquisa e produção que a peça exigiu. Ela avisa: "Minha carreira artística não tem nada a ver com o Caetano. Eventualmente elas podem se encontrar no mesmo cenário, como agora. Mas, lá em casa, é cada um na sua."

Amizade colorida?

***Ricardo Blat*, o ator, fez incríveis badalações em Porto Alegre. No hotel em que ele estava hospedado, porteiros e camareiras ficaram sem entender como Ricardo, tão pequenininho, tão magrinho, agüentava tantos agitos. As badalações no apartamento do ator eram tantas que uma camareira, com gaúcho ar de inocência, perguntou a um outro hóspede, também famoso: "É isso que lá no Rio vocês chamam de *amizade colorida*, tchê?!" Ficou sem resposta.**

MULTIDÃO

Em julho, lançamento do novo LP de **Elba Ramalho**, orgulho da Paraíba. Elba promete um disco mais romântico que o anterior. Torcemos para que esse anunciado romantismo não desfigure a garra da cantora e a maneira muito pessoal da Elba cantar! ★ **O álbum de João do Vale, produzido por Fernando Faro, também sai daqui a pouco. Participação especial de Fagner, Amelinha e Zé Ramalho.** ★ Aliás, o **Fagner** foi uma das presenças mais lúcidas no **Canal Livre** em que João do Vale foi o entrevistado. Como entrevistador, Fagner promete ★ **O programa Decisão Pública, da TV-Educativa, discutindo com o povo um tema da maior magnitude: a Reflexologia. Os especialistas que estavam lá debatendo falaram o tempo todo "reflexologicamente"... e a platéia do programa ficou sem entender nada. Valeu a observação de uma integrante do chamado "júri popular": "Tadinho do povo, vai continuar neurótico!"** ★ Sucesso do **Pixote** nos Estados Unidos deixa o **Fernando Ramos**, o garoto que fez o papel-título do filme de Hector Babenco, muito feliz. Ele, que está na novela das sete da TV-Globo, fica encabulado quando é abordado nos corredores para receber elogios. ★ **Lady Francisco tem um admirador na Ilha Grande! Mas não se assustem, ele é um homem da lei, fardado, um sargento que escreveu para PASSARELA dizendo da "louca paixão" que tem pela atriz. O homem serve há muitos anos na famosa Ilha, acostumado a lidar com bandido, mas é, no fundo, um romântico, e fez até uma poesia em homenagem à "deusa Lady". Na próxima quinzena a gente publica o nome dele e a poesia.** ★ **Tempo Quente**, novo programa da TV-Educativa, tem o charme da apresentadora **Marisa Urban**. Vale conferir. ★ **Fernado Eiras desconhecendo todos os amigos, inclusive pessoas que muito o ajudaram em sua carreira. Todos dizem: "Está um pernóstico, virou um saco". Dizem que tudo começou depois que ele se tornou amigo do Milton Nascimento. Desde então, Fernando Eiras não pára de cantar a** Canção da América.

Correspondência para PASSARELA: Jorge Segundo, Rua Djalma Ulrich, 110, Copacabana.

NORDESTE DECORA A FRANÇA

Dois nordestinos — um baiano, outro alagoano — vão dar o brilho num território francês que os brasileiros curtem muito, no Rio. Seguinte: os artistas plásticos ***Adelson do Prado*** *e* ***Di Menezes*** *são os novos decoradores do Regine's, contratados por Marcelo Figueiredo e Claude Delletré. O primeiro teste da dupla na boate de Regine foi a Noite dos Namorados; e o tema da decoração foi "amizade colorida", com muitos corações, cupidos, brocal vermelho, flores, folhagens. Di Menezes garante que a Claude e o Marcelo Figueiredo se apaixonaram pela decoração.*

anúncios selecionados

CASA DO PAPEL Ltda
• MATERIAL PARA ESCRITÓRIO
• PAPELARIA EM GERAL
• IMPRESSOS E LIVROS FISCAIS
Apresentando este anúncio você terá 10% de desconto
Rua Minuel Couto 102 CGC 33 965 609 0001 54 ... 81 177 341
Tels 253 6773 253 6775 Rio de...

PANFOTO
Materiais fotográficos, cinematográficos, gráficos, raio X
aluguel de equipamentos, audiovisual
revelações, ampliações e consertos
Matriz R Buenos Aires 145 tel 252 1687 Rio
CGC 33 136292 0001 43 Inscr Est 81 173 249
Filial n.º 1 R Buenos Aires, 177 tel 224 8587 - Rio
CGC 33 136 292/0002 24 Inscr Est 81 173 230
Filial n.º 2 R Bue... Aires 156 ... 1 1618 Ri...
CGC 33 136 292 0003 05 Inscr Est 81 169 764
Apresentando este anúncio você terá 15% de desconto

LIVRARIA BRANDÃO
Insc Est 81 202818 C G C MF 34 042 168 0001 81
Livros de Bolso — Gibis — Revistas
Compra-se e Vende-se
Hélio Brandão
Rua Luiz de Camões, 51-A
Recados: Tel.: 359-5382 Centro — Rio de Janeiro
Apresentando este anúncio você terá 20% de desconto

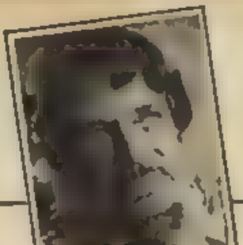
Jorge Teixeira
LIVROS NOVOS E USADOS
COMPRAMOS E VENDEMOS
LIVRARIA IMPÉRIO LTDA
34 148 755/0001-20
Rua Teatro, 25 - Tel
C G C
Inscrição 424 875-00
Descontos a partir de 10% para os portadores do anúncio

OPTICA AHRENS Ltda
FABRICAÇÃO PRÓPRIA
CRÉDITO NA HORA
TEL. 252-0832 Rio de Janeiro — RJ
Caixa Postal 1694 RUA BUENOS AIRES, 82
Apresentando este anúncio você terá 30% de desconto

VCN
PRODUÇÕES ARTÍSTICAS E CINEMATOGRÁFICAS
Rua Sampaio Viana, 375
Esquina de Paulo de Frontin — Rio Comprido
Bolsas de estudos para teatro
Apresentando este anúncio na aquisição da apostila você concorrerá a uma bolsa de estudo

COLUNA DE

Evandro de Castro Lima



moda & beleza UNISSEX

Vestido para casamento ou jantar. Cores: preto, vermelho, marrom, azul marinho ou estampado com fundo escuro. Blusa até 10 cm abaixo da cintura, mangas justas, botões nos ombros e nos punhos. Saia em três babados em espiral. Tecido: crepe romano ou musselina. Criação do famoso Joaozinho Miranda.

USE, MAS NÃO ABUSE

Nem tudo que é mostrado e preferencialmente lançado na devoradora bolsa de valores da Moda faz realmente sucesso. De uma centena de bolações, no ... audazes lançamentos, apenas 10% vão ser consumidos pelo publico

Temos visto nos últimos lançamentos das coleções ***Jeans*** *verdadeira coqueluche dos lançadores de moda, alguns até com respeitáveis nomes na chamada* ***haute couture****, mas que se deixam seduzir pelos* ***royalties*** *fáceis da moda pronta — algumas excentricidades não de muito bom gosto*

Pecas de metal dourado, botões na lateral das calcas, acabamentos em tecido prateado e dourado, que tiram das peças justamente seu jeito descontraído e funcional

Como se tudo não bastasse, as etiquetas são cada vez maiores e mais chamativas, colocadas nos lugares menos discretos, obrigando os que as usam a fazer uma ridícula propaganda daquilo que pagaram, e na maioria das vezes até bem caro De péssimo gosto andar com os letreiros nas partes mais variadas do corpo, lembrando a todo momento o bum bum do Clodó ou do Gui Gui, numa mistura pouco elegante com os Staroup e os Kukiê Quem é ***chic*** *não usa esses verdadeiros* ***out-doors****, que tanto enfeiam a roupa*

alinhavando

O destaque social da quinzena, na Zona Norte, ficou por conta do belíssimo casamento de Dima e Cieber ela filha da famosa Vilma da Portela a porta estandarte nota dez A solenidade, na igreja da Candelária, obedeceu ao requinte e pompa dos tradicionais casamentos ali realizados

As calças confeccionadas por Miro Rocha estão fazendo grande sucesso entre a turma jovem Confecção perfeita e aquele toque mágico que só os grandes artistas da tesoura sabem dar para realçar as belas formas masculinas. Atenção: eu disse calças para HOMEM!

A moda e o futebol

Há uns três anos, alguns jornais publicaram sugestões para a troca dos modelos das camisas dos grandes clubes de futebol. Muitas das sugestões eram assinadas por nomes respeitáveis da nossa alta costura e artes plásticas, como por exemplo o costureiro Joãozinho Miranda e o pintor Luís Jasmin.

Agora estamos voltando outra vez ao assunto, e desta feita são senhoras com pouco o que fazer, evidentemente, que, protegidas por figurões que dirigem os clubes, investem contra as camisas das nossas mais tradicionais agremiações esportivas

Danuza Leão, figura muito conhecida e badalada do nosso soçaite e com afazeres que nada têm a ver com o futebol, aproveitando-se da influência do dr. Pedro Valente, tenta mudar a bela e gloriosa camisa do Vasco da Gama (eu sou Flamengo), no que não concordam alguns diretores e associados do clube, que acham que, além do mau gosto, pois a tradicional é mais bonita, dizem trazer um incrível azar para o resultado dos jogos. O dr. Pedro Valente que tome juízo e a Danuza Leão que vá realizar seu lado criativo desenhando modelitos para as jaquetas dos jóqueis dos cavalos do citado cirurgião. O mais curioso é que ninguém se propõe a mudar a camisa do Olaria ou do São Cristóvão. É, vontade de aparecer é um negócio muito sério.

DE MÃO EM MÃO

Da encantadora e esfuziante Porto Alegre chega uma notícia tendente a abalar corações e cérebros dos amantes da arte e do bom gosto A sempre bela e querida Yeda Maria Vargas Atanásio, ex-Miss Universo, para quem eu tive a honra de dar o meu voto (pois fazia parte do júri) quando de sua escolha para Miss Brasil, auxilia a promoção do Leilão de Arte que será realizado na primeira quinzena deste mês nos salões da Associação Leopoldina Juvenil daquela cidade Do acervo a ser leiloado pela Bolsa de Arte Angelo Guido, nome importante no cenário artístico do RGS, fazem parte algumas obras de Volpi, Aso Malagoli, Ianelli, Gotuzo, Tarsila do Amaral e até Iberê Camargo, que andou ultimamemnte muito citado na crônica menos artística da cidade Anuncia-se que muitas das peças pertencem a coleções particulares, gerando comentários sobre a necessidade de se desfazerem de bens de família, em peças valiosas, diante da situação econômica Não é que sejamos pessimistas, porém aí se evidenciam mais uma vez mostras de que a situação do país já atinge até mesmo aqueles que têm tempo e dinheiro para formar patrimônios artísticos valiosos, mudando apenas o velho ditado "Nada se perde, nada se cria, tudo se negocia"

MENDIGO DEVE TER EMPREGO

A Fundação Leão XIII está com um plano original para dar assistência aos mendigos do Rio: quer criar ambulatórios volantes e albergues que possam dar assistência gratuita e permanente, sem marginalizar ainda mais ou cometer qualquer tipo de violência contra os mendigos.

O projeto está sendo discutido há alguns meses mas até agora a Fundação ainda não conseguiu apoio do governo. Talvez porque, segundo alguns de seus técnicos, a nova orientação de assistência aos mendigos venha recebendo oposição de setores acostumados a uma prática mais simples e barata: recolhimento dos mendigos nas ruas. Na Fundação Leão XIII, há vários relatórios de administradores de bairros reivindicando a volta dos velhos métodos.

Há mais de dois anos a Fundação Leão XIII deixou de recolher os mendigos na rua. Parte do princípio de que aquele método, além de policialesco, não recupera ninguém porque marginaliza o mendigo ainda mais ao encarcerá-lo num dos chamados centros de reabilitação, todos superlotados. A idéia dos assistentes sociais da Fundação no momento é tentar convencer a população, através, inclusive, das associações de bairro, para integrar o mendigo no local onde ele vive.

Segundo funcionários da Fundação, o problema da mendicância tem aumentado muito no Rio por causa do desemprego. Famílias inteiras chegam diariamente à cidade procedentes de outros estados e, aqui, não encontram trabalho. Sem emprego, a alternativa é ir morar no Aterro do Flamengo — transformado hoje numa grande colônia de mendigos — sob os viadutos ou na Zona Sul, onde dormem, lavam roupa e cozinham.

A grande maioria sobrevive catando papel. Na Fundação Leão XIII, o pensamento predominante é de que todos os esforços têm de ser feitos no sentido de conseguir emprego para os mendigos. Pesquisas feitas mostram que a grande maioria tem profissão e está disposta a trabalhar. Daí a importância dos albergues, onde o mendigo poderia dormir, comer e sair durante o dia para trabalhar. Os ambulatórios-volantes resolveriam outra parte do problema: a assistência médica.

Pai engravida filha e culpa a televisão

Maria Nazaré Mendonça, casada há 20 anos com Antônio Joaquim da Nóbrega, com quem teve 10 filhos, foi à polícia da cidade pernambucana de Igarassu no mês passado para denunciar, muito constrangida, o marido: ele tentou estuprar a filha Marisa, de 14 anos, e além disso é o pai do bebê que a outra filha, Maria, de 16 anos, teve há 2 meses.

Nazaré conta que Maria tinha 12 anos quando foi seduzida pelo pai. Ainda era uma menina, pois sua primeira menstruação só veio no ano seguinte. A cena de sedução foi violenta, na versão de Maria:

"O pai me pegou à força e começou a me beijar. Eu quis gritar, mas ele amarrou um fio elétrico no meu pescoço e começou a apertar, dizendo que se eu gritasse me matava. Eu fiquei calada."

— A culpa de eu ter engravidado minha própria filha é da televisão — diz Antônio. — Maria ia todo dia no vizinho ver as novelas e quando chegava em casa queria repetir as cenas de amor que tinha visto. Como ela não tinha namorado, eu me ofereci pronto.

Nos primeiros meses depois disso a vizinhança começou a fofocar, mas Maria Nazaré [illegible] quis nem ouvir o que diziam: "Não queria acreditar. Essas coisas só acontecem com os outros." O tempo foi passando e [illegible] Maria [illegible] que estava tudo [illegible], ela até gostava de namorar o pai. Seu irmão mais velho, Fernando, [illegible] é que não dava sossego. Implicou tanto que depois do ano novo de 1980, ela fugiu de casa. Todo mundo se lamentou, procuraram em tudo que é lugar, mas nada.

No Dia das Mães, Maria voltou. Estava com saudades da mãe, disse. E continuou o namoro com o pai. **No mês de junho estava grávida.** Primeiro, ela disse que a criança era de um homem de Abreu e Lima, cidade próxima de Igarassu. "Eu não acreditei. Maria não tinha namorado, vivia trancada em casa. Só saía pra ver televisão", duvidou a mãe. E o irmão casado um dia deu-lhe uma surra, sem nem ligar pro bucho de cinco meses que ela já mostrava a todo mundo, até que ela confessou: tava grávida do pai.

Fotos de Valdir Afonso

[redacted] o filho de Maria vai chamar Antônio: pai-vovô?

A mãe fez um escândalo, o filho quase bate no pai e chegou-se a uma solução: "Maria foi comigo pra casa de Fernando, até nascer o nenê, e Antônio ficou em casa com os outros filhos", conta Nazaré. No princípio de março nasceu Walter, um bebê bonito e muito saudável.

Agora, quando a família estava preparada para esquecer tudo e voltar a viver junta uma vida razoavelmente tranquila, pois casos como esse de incesto são comuns no quotidiano nordestino, surge Marisa, a filha de 14 anos, com outro escândalo: o pai tentou estuprá-la, aproveitando-se de um momento em que estava sozinho com ela em casa.

"Marisa foi uma isca que a mãe dela jogou pra cima de mim", diz Antônio, preso na delegacia de Igarassu. "Ela é uma moça muito atirada, tem umas brincadeiras esquisitas com os rapazes, todo mundo fala mal dela. Ela vivia me tentando todo dia. Ela é quem me seduziu e não eu."

Nazaré não se arrepende de ter entregue o marido nas mãos dos policiais, que é "pra ver se ele se emenda". Marisa está na casa de parentes. Maria, aparentemente, não tem raiva do pai. Sorri marotamente quando fala dele. Só Antônio é que está profundamente arrependido, depois de ter sido preso na Paraíba, para onde fugiu: "Quero pagar o mal que fiz à minha família. Quando sair daqui vou trabalhar pra ajudar Maria e meu filho. Só espero estar com os nervos em melhor estado, pois agora ando muito nervoso. Mas continuo dizendo que a culpa de tudo é da televisão."

E, referindo-se a uma cena de parto de um programa da série **Carga Pesada**, da TV Globo, diz indignado: "Onde já se viu mostrar coisas como essa para uma mocinha sonhadora de 14 anos?"

Beth Salgueiro

NÃO SE MATE! DISQUE 571-4141

Uma vez por semana, Anecy, uma loura dona de casa de 28 anos e seu marido Gustavo, um engenheiro de 36 anos, deixam seu confortável apartamento no Leblon e vão para a Tijuca. Aí eles ficam diante de telefones atendendo a pessoas que, desesperadas, pretendem se suicidar. Não ganham nada por isso. Pelo contrário, pagam uma taxa mensal. Eles são plantonistas do CBV Samaritanos — organização fundada em Londres em 1953, com ramificações pelo mundo todo e que se propõe à prevenção do suicídio.

Leonidas Klein, um advogado de 46 anos, plantonista há 10 anos e uma espécie de coordenador do grupo no Rio, diz que o CBV atende em média a 180 chamados por dia nos dois postos — rua General Roca, 158, Tijuca, e edifício Avenida Central, 156, sala 720. Nos plantões de cada voluntário (4 horas e meia por semana) os telefones 571-4141, 208-4141 e 262-2275 não param de tocar. São maridos e mulheres abandonados, adolescentes incompreendidos, jovens envolvidos com drogas, homens e mulheres solitários. O papel do plantonista é apenas ouvir. Ele não pode sugerir soluções. Deve fazer o pessoal falar sobre seus problemas e compreender como a pessoa é, sem interferir ou julgar. Desabafando, a pessoa encontra a solução do seu problema. Nem mesmo se a pessoa afirma que vai se matar logo o plantonista pode interferir dizendo "não, não faça isso".

Ele deve procurar fazer com que a pessoa encontre motivos para viver, mas de outra forma. O cliente permanece livre para traçar seu próprio destino. Pode rejeitar o auxílio ou romper o contato bruscamente.

Segundo Leonidas, não tem fundamento a suposição de que os que realmente se suicidam não avisam antes e que, portanto, nada poderia ser feito para ajudá-los.

Em cada 10 pessoas que se suicidaram, 8 anteciparam que o fariam, revelam as estatísticas. Eles dão avisos que geralmente passam despercebidos. Também não é verdade que a pessoa que tenta se matar vai tentar de novo se não conseguir. O instinto de conservação existe até o último momento e, depois de recuperada, a pessoa dificilmente volta a tentar a autodestruição.

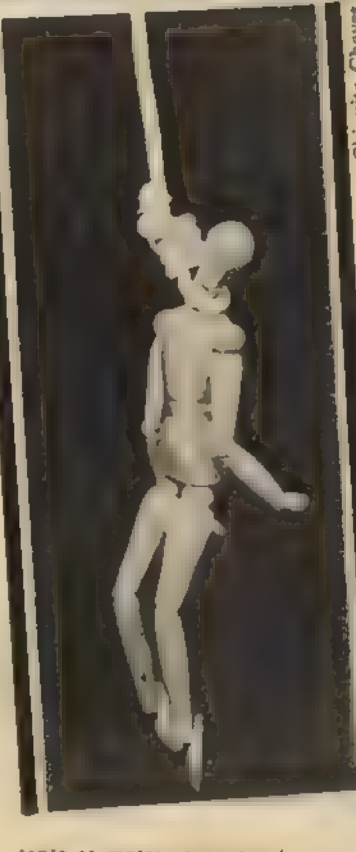
No Rio, 30 a [illegible] pessoas já recorreram aos 123 plantonistas do Centro, e os que mais ligam estão na faixa de 35 a 50 anos. A solidão é o problema mais comum, seguida dos dramas familiares (incompreensão entre marido e mulher e entre pais e filhos). Queixas devido à falta de dinheiro ou desemprego quase não aparecem, e casos difíceis surgem todos os dias, especialmente de madrugada.

O caso que mais abalou Anecy foi o de uma senhora de 50 a 60 anos que ligou de Registro (São Paulo), dizendo que ia se matar, mas que queria, em seus últimos momentos, despedir-se de alguém.

Ela falou durante uns 15 minutos, dizendo que a vida nada mais significava para ela, que se sentia abandonada pela família. Não deu o nome, e eu só soube que era de Registro por causa da telefonista. Quando ela desligou, chorei, mas não fiquei deprimida, porque tinha consciência de que não havia mais nada a fazer.

Esses e outros casos barra pesada tornam a carga emocional difícil de suportar para um plantonista. Por isso, não é de estranhar que, após algumas semanas, cerca de metade dos voluntários desista do serviço.

Neiva Rodrigues de Almeida



Chiquito Chaves

● Em 1978, segundo o IBGE, 4125 brasileiros se suicidaram, dos quais 2832 eram homens e 1293 mulheres. Entre os suicidas havia 1801 solteiros e 1728 casados. Os métodos utilizados foram enforcamento (1114 pessoas), envenenamento por substância tóxica (949), armas de fogo (984), precipitação de lugar elevado (209), arma branca (208), fogo (110), precipitação contra veículos (570) e outros meios não especificados (179). Dos suicidas, 1622 tinham instrução elementar, 320 de nível médio, 425 não tinham instrução alguma, 43 de nível superior e 1715 não especificados. Dados sobre a faixa etária mostram que 110 eram menores de 15 anos, 1131 estavam entre 15 e 24 anos, 1646 entre 24 e 44 anos, 627 entre 45 e 59 anos e 360 mais de 60 anos. Quanto às tentativas, as mulheres (6548) foram duas vezes mais insistentes que os homens (3161 tentativas). Dos que tentaram, 5156 eram solteiros e 2977 casados, a maioria tinha instrução elementar e o tóxico foi o meio mais utilizado. Os Estados mais ricos são os que contam com mais suicidas. São Paulo ocupa a liderança, com 974 suicídios. Em 2.º lugar fica o Rio Grande do Sul (686) e depois o Estado do Rio de Janeiro, com 527 suicídios.

LEITORES

Aumento das passagens revolta leitor

Peço que denunciem o abuso que as empresas de ônibus estão fazendo com a população de Niterói. Não sei como eles ainda usam o termo reajuste, se na verdade é um verdadeiro assalto ao nosso micro-salário.

Quando me refiro às empresas, é principalmente à empresa Nossa Senhora do Amparo, pois em vez de nos amparar está nos empurrando para o desespero total.

Veja que não tem 90 dias, uma passagem de São José para Niterói custava Cr$7,00. Quando nós estávamos mais ou menos acostumados, passou para Cr$ 33,50. Isso, sem avisar.

Mas agora é que vem o grosso. De Cr$33,50 vai passar para Cr$48,00. Veja se pode. Agora me digam o que se vai fazer.

Outro detalhe importante é que de Tribobó até Maricá essa empresa é a dona de todas as linhas, pois só tem ela.

Agora, pergunto: será que a Prefeitura não vê isso? Será que o nosso querido prefeito tem alguma sociedade com essa empresa? Depois que você sai de Tribobó pela Amaral Peixoto só tem a empresa citada, pois todas as linhas são eles que fazem. Então, tem que dançar de acordo com a música.

José Carlos da Silva — Niterói — RJ

Meus parabéns pela reportagem dos embalos de sábado à noite do embaixador Roberto Campos. É isso aí, os homens que fazem parte do nosso governo não podem ter "moral" abalada em briguinhas de embalos.

Partindo do princípio da veracidade desta afirmação, o caso das bombas no Riocentro também está explicado. Só não vê isso quem não quer. Porque um simples sargento e um capitão seriam escolhidos como alvos, sendo que há pessoas mais importantes e também acessíveis a um atentado? Este caso das bombas no Riocentro jamais será esclarecido, pois não é de interesse que a Nação fique sabendo oficialmente que parte do Exército fica soltando bombas por aí. E agora, João? Sois rei ou não?

Gostaria de destacar a reportagem do cabo Anselmo, também. Para mim, até há pouco tempo ele era um herói, quando aí no Rio ouvia um cabo da Marinha contar muitas histórias a respeito dele. O mesmo marinheiro me afirmou que ele ainda está vivo e que morava na época (1978) em Nilópolis.

Mas nem só de bombas da direita, embaixador de embalos e cabo Anselmo vive um jornal. Gostaria que fizessem uma reportagem com o economista Marco Antônio Rocha. Ele sabe das coisas.

Dimas Rosa — Belém — PA

AICE
Digitação
-x-
Programação
Centro — Sen. Dantas, 117
Sobreloja 215
Ilha Gov. — Estr. do Galeão, 2500 — B — s/213

"Em paz,
Qualquer hora de qualquer dia,
Em tempo, eu parti
Primeiro a ladeira, depois a pista
Parei, na poeira, um carro passou como tufão,
Só "Deus" sabe pra onde
Meus cabelos se agitam enquanto prossigo
Deixo atrás um lar,
Uma prova que existo, razão de mim,
À frente sei que o mundo ruge
E se agita pedindo mais,
A mordomia é total,
A miséria também,
À empregada ordeno pagando,
Disfarçando a escravidão.
No luxuoso bar, o caviar, a cerveja e futebol.
No "lixo", o lerdo chega procurando o que comer.
O desemprego impera, o mundo gira.
Eu acompanho em coletivo
Surgi aqui e acolá, cumprimentos e papos banais que acompanho mudo e observo.
É difícil ser total,
Trago meu corpo cansado,
Das doze horas puxadas,
Atravesso a pista que agora é deserta,
Desço a ladeira solitário na noite,
Vejo a lua, as estrelas
Os cães latem
Um lar me acolhe."

Pedro da Silva — RJ

Jussara Albuquerque, secretária-executiva da filial pernambucana da Datamec Sistemas e Processamento de Dados, foi demitida de suas funções porque, segundo o gerente José Vivas, seu chefe, ela cometeu uma falta imperdoável: estava lendo o REPORTER na empresa, bem na vista dos outros funcionários.

— Esse jornal é indecente e imoral! O que vão dizer nossos clientes, se souberem que a secretária do chefe está lendo uma imoralidade dessas? E ainda por cima você está dando mau exemplo pros outros funcionários — disse o gerente numa reunião convocada especialmente para demiti-la, tentando justificar sua atitude.

Mas Jussara não acredita que tenha sido essa a causa de seu desligamento da Datamec. Logo depois dela foram mandados embora mais 27 funcionários, sob a alegação de "contenção de despesas", caracterizando a situação geral de corte de pessoal para evitar o reajuste semestral de salários. E Jussara conta mais:

— Ele diz que o REPORTER é imoral. Mas levou o meu exemplar pra casa e ficou com ele uma semana, na certa curtindo muito as reportagens.

PROFISSIONAL DE PROCESSAMENTO FAZ CONGRESSO EM JUNHO

A APPD PE promoverá de 8/6 a 11/6, às 20 horas, em sua sede, na rua General Semeão, 52 — Boa Vista, a II Semana de Debates, como preparação ao II Congresso Nacional dos Profissionais de Processamento de Dados, que será realizado em Curitiba, Paraná, no período de 18 a 21 de junho.

Durante os quatro dias serão discutidos os seguintes temas: Regulamentação da Profissão e Formação Profissional, Problemas Trabalhistas, Organização Profissional e Mobilização, Política Nacional de Informática. Também serão escolhidos os delegados que representarão a APPD-PE no II CNPPD.

I FEIRA DO DISCO INDEPENDENTE

Até o final de julho, os artistas que produzem discos independentes estarão mostrando seus trabalhos nos Centros de Atividades do Sesc (Serviço Social do Comércio), localizados em Três Rios, Copacabana, Madureira, Petrópolis, Ramos e Nova Friburgo. Cerca de 100 discos serão exibidos na 1ª Feira do Disco Independente, criada a partir de uma idéia do grupo Maria Déia.

Os artistas que escolheram o caminho do disco independente não o fizeram por acaso. Suas razões são bem claras: resistência cultural às gravadoras multinacionais e ao tipo de música que impõem, possibilidade do músico se tornar patrão de si mesmo, liberdade total de escolha do repertório e maiores horizontes para a música instrumental.

Para produzir os discos com custos menores, os músicos independentes sabem como realizar a prensagem mais barata. Alguns músicos participam das gravações e não cobram nada pelo serviço, e o próprio artista se encarrega da divulgação e de montar um esquema para as vendas. O cantor, instrumentalista e compositor Francisco Mário — irmão do humorista Henfil — teve que fazer um empréstimo bancário em 1979 para produzir seu primeiro long-play (**Terra**), que vendeu 4 mil cópias. Mas, devido ao esquema de produção artesanal, com a venda de 2.500 cópias já foi possível cobrir os custos.

As grandes gravadoras não vêem o movimento dos músicos independentes com bons olhos, é claro. "A Odeon já me negou a participação de Ivan Lins e Toninho Horta", diz Francisco Mário. Mas o movimento está se solidificando. O grupo Boca Livre, por exemplo, conseguiu vender mais de 100 mil cópias de seu primeiro disco e agora quem acaba de gravar um disco no sistema independente é Emilinha Borba. Um dos sócios da cantora em seus empreendimentos, Vilson Oliveira, explica por que Emilinha fez essa escolha: "Até hoje ela sempre esteve presa aos esquemas das gravadoras tradicionais e nunca havia escolhido o repertório. Se estivesse amarrada a uma gravadora, Emilinha não teria gravado **O Herói da Noite**, de Míriam Batucada e Renato Barros. Essa música é uma experência nova em sua carreira, e o pessoal das grandes marcas não gosta de correr riscos."

Paulo Roberto Marinho

Júlio Villani, Flávio Rodrigues (sentados), Marcos Vianna, Peninha e Juca Peixoto (em pé)

Espírito Santo canta bonito

Após 8 anos de estrada, ao longo dos quais realizou aproximadamente 150 concertos pelos Estados do Rio, Espírito Santo, Minas e Goiás, o grupo FLAVIO Y SPIRITO SANTO lança seu primeiro disco, independente como tudo que fez até agora.

Fundado pelo capixaba Flávio Rodrigues, 32 anos, compositor de todas as músicas, cantor, guitarrista (ritmo) e gaitista (harmônica), o FLÁVIO Y SPIRITO SANTO atualmente é formado também por Marcos Vianna, principal guitarra (solo); Jorge Varella, baixo elétrico; Peninha (Marcus Vinicius), baterista, e Júlio Villani, tecladista.

O LP independente, que leva como título o nome do grupo, sai por sua própia etiqueta, Produções MU Ltda, e foi gravado em 16 canais, estéreo, nos estúdios Transamérica, no Rio, e prensado na Tapecar. Além da banda, participam do disco como músicos convidados Beto Saroldi (saxofones), Paulo Pizziali (percussão), Antônio Krisnas (flauta) e as cantoras Malu, Angela e Isabel Vianna nos vocais de apoio.

ASSINE REPORTER E GANHE UMA CAMISETA

A camiseta você recebe junto com o primeiro jornal.

Assinatura por 24 edições. Cr$ 1.500,00
Envie cheque nominal ou Vale Postal para:
MARGEM S.A. Editora e Gráfica
Rua Miguel Couto 134/11º — CEP 20070 — Rio de Janeiro

Nome....
Profissão..
Endereço
CEP:..........Cidade:.......Estado:....
Indique o tamanho de sua camiseta: de 42 a 52.......

Dulce Rosalina, da Renovascão, e Eli, da Força Jovem

Onça, da Flachopp

Fotos de Chiquito Chaves

TORCEDOR QUER SÓ UM JOGO POR SEMANA

O preço baixou, mas ainda tá [illegible]

C[illegible] presidente d[illegible] [illegible] ciante Rui Leite [illegible] cartolas por alguns [illegible] ajudar a conter o [illegible] torcedores [illegible] [illegible] [illegible]

[illegible] A [illegible]

[illegible] Cr$ 1[illegible] [illegible] Cr$ [illegible] A [illegible] fez greve protestou. Os [illegible] passaram para Cr$ 250 [illegible] Cr$ 200.

Quando a [illegible] foi anunciada, o [illegible] da Federação [illegible] todo poderoso Otávio Pinto Guimarães foi procurado por [illegible] [illegible] Arbitral. Chegaram até a explicar que os quatro maiores clubes do Rio — Vasco, Flamengo, Botafogo e Fluminense — haviam proposto uma fórmula alternativa [illegible] os ingressos só subiriam de preço nos [illegible] entre eles. No final, ainda [illegible] as explicações dos [illegible] gentes, prevaleceu a pressão do conjunto dos clubes, que rejeitaram a proposta do escalonamento do preço do ingresso de arquibancada.

— Se fosse mantido o aumento o torcedor teria de deixar de comer ou ter que roubar para companhar o Flamengo. Mesmo com o preço que está, vai ser muito difícil o torcedor ir a dois jogos por semana — afirma Rui Leite, líder da única torcida organizada com estatuto e registro publicado no **Diário Oficial**.

Os aumentos de preços começaram a ter reflexo desde o primeiro dia. E agravou-se na segunda rodada da Taça Guanabara, quando foi registrada a ausência de 5 mil torcedores em relação à rodada anterior. A renda, obviamente, também caiu: cerca de Cr$ 1 milhão a menos.

Torcedores do Flamengo comemoram a vitória quanto ao preço dos ingressos

O [illegible] de todas as [illegible] baixarem os preços. O[illegible] Rui Leite.

[illegible] a primeira vez que acon[illegible] [illegible] Dragões Rubronegros. Ele distribui um manifesto, que circulou em toda a cidade, contendo várias reivindicações dos torcedores. As principais são: o fim do voto unitário, que iguala todos os clubes, independente de seu peso junto à torcida, a organização de um campeonato regional e um campeonato nacional (a Taça Brasil) com menor número de clubes e com jogos só nos fins de semana. Além disso, querem ser consultados sobre qualquer decisão que implique a redivisão do Maracanã e fixação de preços dos ingressos.

— Nós temos que nos organizar para acabar com o futebol no meio da semana.

Quem fala é outra entusiasta da vitória das torcidas. Seu nome: Dulce Rosalina. É a mais antiga chefe de torcida da cidade. Há 25 anos acompanha o Vasco da Gama e hoje divide suas atividades entre o comando da Renovascão e o trabalho de relações públicas da recém-criada Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro.

— Ninguém aguenta mais futebol quarta, quinta e domingo. Além disso, os cartolas têm que compreender que futebol é divertimento de pobre e de gente da classe média. Ninguém aqui tem dinheiro pra boate, cinema e teatro [illegible]

A disposição das torcidas de enfrentar os cartolas ficou claramente evidenciada no chamado Clássico dos Milhões, Vasco e Flamengo, [illegible] torcedores já estavam pagando Cr$ 250. Era fácil perceber os grandes vazios nas arquibancadas. O público não [illegible] metade da lotação normal [illegible] tipo de clássico, geralmente [illegible] de 80 a 100 mil pessoas. Nem de longe lembrava o Maracanã lotado dos tempos de Dida e Almir, o Pernambuquinho, estrelas do Mengão e do Vasco. Não havia nada da casa cheia e bandeiras desfraldadas como [illegible] os [illegible] de rádio. A torcida tinha repetido a tática do jogo Flamengo e Americano, quando os ingressos ainda estavam a Cr$ 300. No jogo Flamengo e Vasco, dia 7, a queda de preços já tinha ocorrido, mas mesmo assim os torcedores fizeram questão de mostrar que ainda continuam insatisfeitos. Alguns deles faziam questão de advertir os cartolas para a força das torcidas. E lembravam que no jogo Flamengo e Americano, pela primeira vez, a geral, onde normalmente não se vê o jogo direito e o desconforto é total, tinha mais torcedores que a arquibancada. Os dados são oficiais: 3.954 torcedores na geral contra 3.006 na arquibancada.

Tim Lopes

Os cartolas não deveriam se preocupar com o título. Eles já passam a vida erguendo taças

UMA COLUNA DE FUTEBOL

FOLHA SECA

Luiz Alberto Bettencourt

Adeus Carpegiani, craque que a covardia escondeu

Paulo César Carpegiani, craque do Internacional, Flamengo e seleção brasileira, abandonou o futebol. Quer ser técnico, e já iniciou a nova atividade, no Flamengo mesmo. Para nós, admiradores de sua arte, é uma pena. Na minha opinião, ele foi o maior organizador de jogo do país depois da Copa de 70. O sucessor de Gérson. Só que deu azar porque seu apogeu coincidiu com uma das épocas mais tristes do nosso futebol. Nas Copas de 74 e 78, a seleção, dominada pela mentalidade de Zagalo, jogava pra se defender, perder de pouco, e Carpegiani, apesar de seu brilho, nunca teve o prestígio e o reconhecimento internacionais que devia. Seu ímpeto ofensivo, sua vontade de levar o time pra frente com toques, tabelinhas e lançamentos, sua ojeriza à posição estática do cabeça de área, que Zagalo consagrou, o condenaram. Ele só voltou à seleção quando Coutinho, arrependido do defensivismo de 78, resolveu jogar pra frente, como recomenda a tradição do futebol brasileiro — mas já estava no fim de carreira, não chegou a se firmar.

Adeus Carpegiani, obrigado pelos momentos de beleza que você construiu com a bola no pé; no seu lugar, ali no meio, fica Falcão. Que ele tenha mais sorte e conquiste os títulos que você merecia.

A ofensiva dos europeus

Eu já tinha avisado: época de Copa do Mundo, parece coincidência, mas não é, clubes europeus começam a virar a cabeça de alguns jogadores brasileiros mais importantes. Já foi Zico e, em apenas uma semana, eles tentaram Tita, Careca, Lela, da seleção de novos, e Júnior. Isso, sem falar em Sócrates, cobiçado pelos árabes. Muita conversa e pouco dinheiro, como o Milan demonstrou. Parece que os jogadores brasileiros estão em leilão. Trata-se apenas de manobra organizada para intranqüilizar o ambiente.

Triste escolha

Por falar em Zagalo, há, de fato, movimento articulado para derrubá-lo. O móvel da trama, porém, não é a insatisfação pelos maus resultados do Vasco. O objetivo é derrubar o vice-presidente Antônio Soares Calçada, único na diretoria que não pertence ao bloco político que domina o clube, e que indicou o técnico. Caindo Zagalo, ele estaria por um fio. O pior é que, se com Calçada está ruim, sem ele o time estaria entregue a dirigentes que até agora não deram nenhum sinal de competência. Além do mais, ele tem muito dinheiro investido no clube, o que dificulta sua queda.

RUMOR

CLARK PENSA DEIXAR A BANDEIRANTES

O clima na TV-Bandeirantes é de nervosismo. Há rumores de que Walter Clark deixará a direção da emissora. Não é nenhuma briga com seus proprietários. Fontes ligadas à direção da casa informam que a decisão, se posta em prática, teria origens em motivos puramente pessoais. Verdadeiras ou não as especulações, o fato é que no princípio deste mês Walter Clark faltou vários dias ao trabalho.

O nervosismo não se prende pura e simplesmente ao vazio que Walter Clark deixará se pedir demissão. Está diretamente ligado ao destino do esquema de produção que vem sendo montado por Clark, particularmente na área de jornalismo. Nesse setor, a grande cartada foi a contratação de Rose Nogueira, que respondia pela TV-Mulher na Globo. A mudança elevou de menos de Cr$100 mil para Cr$450 mil o salário de Rose, responsável, na Bandeirantes, por dois programas de notícias diárias, um dirigido à mulher e outro às crianças.

A contratação trouxe novo alento para o jornalismo da Bandeirantes. Em menos de uma semana, 177 candidatos desfilaram diante do chefe do departamento, Paulo Mário Mansur, na expectativa de conseguir uma vaga. A expectativa de melhores dias não se restringe ao setor de jornalismo. A apresentadora Cidinha Campos está negociando um novo programa. Nelson Motta já acertou o seu. O diretor de teatro José Celso Martinez Correia está discutindo a transmissão, com exclusividade para a Bandeirantes, de seu **Rito de Passagem**, a partir de agosto. Está também com o projeto de uma novela e da exibição de seu filme **Rei da Vela**. Tudo isso pode acabar em nada se confirmadas as especulações sobre a saída de Walter Clark.

Alex Solnik

Foto de Rosely Oliveira e Silva

FALTOU COMIDA NA GREVE DA FIAT

Os 3 mil operários da Fiat, de Xerém, em greve há mais de 40 dias, estão com um grave problema para resolver: não têm dinheiro para comprar alimentos. Foram gastos, no fundo de greve, cerca de Cr$ 2 milhões em alimentação, mas o prolongamento excessivo da paralisação — os diretores da multinacional se recusam a readmitir operários demitidos e a pagar os dias de greve — acabou exaurindo todos os estoques de comida.

A alternativa tem sido racionar a distribuição de alimentos, através de pacotes de comida que devem durar 15 dias. Segundo o Sindicato dos Metalúrgicos do Rio, a greve vai continuar até que a empresa se disponha a negociar a volta dos 185 operários demitidos sem nenhuma razão concreta. A fábrica alega ter tido prejuízos, mas na verdade vem tendo lucros, diz o Sindicato. Um levantamento feito pela entidade mostra que a Fiat, em 1980, vendeu 3.171 caminhões, contra 2.161 no ano anterior. No mercado externo, as vendas atingiram US$81 milhões, contra US$70 milhões em 1979. O aumento global da produção foi de 44%, justamente porque as vendas não caíram.

Na última proposta encaminhada à empresa, os operários reivindicaram, entre outras coisas, readmissão dos demitidos, estabilidade por sete meses e o desconto de 15%, de julho a dezembro, dos dias de paralisação, para se criar uma bolsa de alimentação, administrada pelos trabalhadores.

Rosely Oliveira e Silva

A seca deixou o Sertão com fome

Trinta e cinco sindicatos rurais, representando cerca de 15 mil trabalhadores do Sertão e do Agreste pernambucano, estão pedindo em abaixo-assinado a volta das frentes de emergência criadas pelo governo federal, desativadas depois das chuvas que encheram alguns açudes, mas que não foram suficientes para salvar as lavouras, já totalmente queimadas.

A situação agora está mais braba do que antes de chover, porque os agricultores gastaram o ganho da colheita anterior comprando sementes para tentar uma nova lavoura, mas não choveu. Depois, choveu demais e estragou os brotos que conseguiram sobreviver. "Tem gente aqui que está pedindo esmola, pois não tem nem uma cuia de feijão pra dar de comida aos filhos", diz o presidente do sindicato rural de Trindade, no sertão do Araripe, Antônio Pereira de Souza, ele próprio duramente atingido pela seca, pois perdeu toda a colheita de milho e feijão com que esperava se recuperar da seca anterior.

A situação se repete ao longo de todo o Estado. No sertão do Pajeú, no município de Afogados da Ingazeira, 3 mil trabalhadores estão passando fome, sem falar no gado que morreu. No sertão central, que tem como pólo o município de Serra Talhada, 14 sindicatos se reuniram para cobrar uma providência para a situação de calamidade em que se encontram os agricultores. Até mesmo no Agreste, normalmente pouco afetado por alterações da natureza, este ano está seco, faltando água até nas cidades. Em Surubim, outros 14 sindicatos concluíram que 95% da colheita foram perdidos e que a situação é muito difícil.

● Que sejam alistados todos os trabalhadores rurais, homens e mulheres, acima de 14 anos;
● Que o alistamento seja coordenado pelo Sindicato, que é quem sabe melhor quem é realmente trabalhador rural;
● Que o salário pago pela emergência não seja menor que o salário mínimo da região;
● Que o trabalhador rural não seja deslocado de sua comunidade para trabalhar;
● Que as obras construídas beneficiem o povo, como, por exemplo, pequenos açudes, estradas, escolas, etc;
● Que o Sindicato, como órgão que nos representa, seja o fiscalizador do plano de emergência.

Todos esses sindicatos acreditam que as frentes de emergência se apresentam como a solução, neste momento, desde que sofram algumas modificações na sua forma de atuação. Por exemplo: no critério sobre quem será beneficiado. "Eles só deixam se alistar quem não tem nada. O possuidor de uma vaquinha é considerado rico. Se eu não tivesse uma vaquinha, não ia me alistar, ia era comprar um caixão de defunto", brinca Raimundo José de Souza, 14 filhos, que "sobrou" no último alistamento.

Ninguém concorda também que apenas uma pessoa da família, e assim mesmo se for homem e maior de 18 anos, possa receber pelo trabalho o salário de Cr$ 150,00 por dia. A maioria tem muitos filhos menores de idade e mulher ansiosa para ajudar no orçamento. Essa reivindicação, inclusive, está sendo cobrada pelas próprias mulheres: "Tô cansada de carregar água na cabeça pra lá e pra cá. Quero é fazer logo um açude pra mim e meus vizinhos", explica Anailde Raulino de Souza.

Mas a reivindicação mais importante para os trabalhadores é a que pede que a fiscalização e a coordenação das frentes sejam tiradas das mãos da Emater e das prefeituras locais, e que cada um possa trabalhar perto de casa, para poder cuidar da própria roça. Como diz João Pedro do Nascimento, secretário do sindicato de Araripina. "Na seca, todo mundo fica a fim de trabalhar e pega a primeira oferta sem discutir. Então, o que a gente vê é que se alista primeiro quem não precisa, os amigos e parentes dos grandes proprietários, beneficiados também com as obras. A gente trabalha na terra alheia, quando chega a chuva, ninguém plantou nada e tá morrendo de fome de novo. Que é que adianta?"

Beth Salgueiro

DESCONFIE DO VERDE, ELE ESTÁ CHEIO DE DDT

Foto de Valdenir Benedetti

Dr. Waldemar Ferreira de Almeida

— Verdura bonita às vezes pode ser veneno. A advertência é do presidente da Sociedade Brasileira de Ecologia, Waldemar de Almeida, que está alarmado com a proliferação do uso de DDT — inseticida capaz de causar grandes males ao organismo humano — entre os agricultores brasileiros, particularmente em São Paulo. No ano passado, em São Paulo, técnicos do Instituto Biológico constataram também o uso de **Dieldin** e **Alrin** — ambos bastante prejudiciais ao homem — nas frutas e verduras comercializadas na Ceasa.

— A dona-de-casa não deve hesitar em comprar verduras um pouco queimadas, com marcas de presença de larvas. Isto às vezes é indício de que não há contaminação — recomenda Waldemar de Almeida.

Segundo ele, a dona-de-casa tem que tomar todas as precauções para reduzir o efeito da contaminação. Alguns conselhos: lavar bem as verduras e legumes para retirar os resíduos de **DDT** ou de outros inseticidas, e até mesmo resíduos de água contaminada, muito comum em produtos vindos de chácaras. A maçã, por exemplo, deve ter sempre sua casca retirada. Além dos fungicidas, é muito comum se aplicar algumas substâncias químicas para dar maior brilho à casca.

Todos nós temos, no sangue, DDT em quantidades já próximas dos limites aceitáveis. Além dos riscos de intoxicação aguda, há sempre a possibilidade de graves lesões hepáticas — informa o presidente da Sociedade Brasileira de Ecologia.

Os inseticidas como **DDT** contaminam o solo por períodos que vão de cinco a 30 anos e têm efeito cumulativo. Daí o risco da proliferação desenfreada do uso de inseticidas sem qualquer controle por parte do governo.

Diz Waldemar:

No Brasil, a falta de controle conduz ao uso de inseticidas proibidos pela legislação, como é o caso do **BHC**, muito utilizado no combate a pulgas. Há um equívoco da parte dos lavradores: preocupados em acabar com as pragas, eles acabam aplicando inseticida de modo incorreto. E há ainda a pressão dos vendedores das indústrias, que ganham comissões pelas vendas. O mais incrível é o seguinte: quanto maior a quantidade de inseticida aplicada, maior resistência adquirem as pragas. Assim, os excessos de nada adiantam.

Segundo Waldemar, seria muito mais prático — e benéfico para o consumidor — o controle biológico das pragas:

Era só ter um pouco de paciência — diz ele — e nos livraríamos das pragas sem o risco da contaminação. A terra tem seus próprios mecanismos de defesa. São os bichinhos que comem as larvas predadoras. Se houver equilíbrio biológico, não há pragas.

Lúcia Araújo

Mesmo a Cr$130, vai faltar feijão

O quilo do feijão preto nos supermercados cariocas anda custando, [illegible] média, Cr$ [illegible] basta dar uma [illegible] de pretinho [illegible] Levantamentos da Bolsa de Gêneros Alimentícios do Rio de Janeiro mostram que uma [illegible] 60 quilos está sendo [illegible] 5 400,00 a Cr$ [illegible] feijão no at[illegible] de Cr$ 80,00 a Cr$ 96,00. Como para o consumidor o preço é de 130 pratas, cada quilo dá até 40 pratas de lucro. Portanto, se o feijão preto estivesse sendo vendido a Cr$ 110,00 o quilo, os supermercados ainda [illegible] lucros [illegible]. Mas, para chegar lá, o governo teria que tabelar os preços do feijão preto, e o Ministério da Agricultura já deixou bem claro que não tomará tal medida. Sua alegação: com preços tabelados no varejo, os [illegible] pressionados pelos intermediários e são obrigados a vender sua safra a preços baixos. Assim, seriam desestimulados a plantar no segundo semestre, e a safra de feijão preto 81/82 seria ruim, agravando ainda mais o problema do abastecimento. O consumidor carioca não deve, portanto, ter esperanças de adquirir o feijão preto barato tão cedo. Nos próximos meses a situação pode piorar, pois a safra 80/81 começará a chegar ao fim e o feijão vai escassear — o que dará oportunidade aos intermediários e supermercados de jogar os preços para as nuvens. Agora o Ministério da Agricultura já admite que [illegible] não será suficiente para atender ao consumo, que é de 700 mil toneladas. Antes, o Ministério dizia que iria até sobrar feijão este ano. Como, além de não tabelar os preços a nível de consumidor, o governo afirma que não importará feijão preto para complementar a produção interna e equilibrar a oferta e a procura, não será surpresa alguma se daqui a um mês o quilo do produto estiver a pelo menos 160 pratas. Desse jeito, feijoada vai virar mesmo comida de rico.

Ricardo Bueno

UMA COLUNA DE ECONOMIA

caixa 2

Ricardo Bueno

Ninguém mete o bedelho no Programa Nuclear

1 — É um gênio o ministro do Trabalho, Murilo Macedo. Ele arranjou a saída para combater o desemprego que se alastra nos centros urbanos. Sugeriu ao pessoal que volte para o campo, porque nas áreas rurais haveria muitas oportunidades de trabalho.

Garoto esperto. Só que se ele tivesse examinado os dados do Censo de 80, realizado pelo IBGE, teria verificado que a população rural caiu de 41 milhões para 38 milhões de pessoas nos últimos anos. Há cada vez menos gente trabalhando no campo. Não chega a ser surpreendente, pois as grandes propriedades engoliram as pequenas, expulsando milhões de posseiros e pequenos proprietários. Além disso, a produção anda cada vez mais mecanizada (em especial no Centro-Sul), o que reduz as oportunidades de emprego. Foi exatamente o que aconteceu no Paraná, com o avanço das grandes propriedades de soja.

Moral da história: para criar empregos no campo, só mudando esse quadro através da reforma agrária. O negócio é liquidar com os latifúndios improdutivos e dar terra a quem quer plantar. Aí, sim, pintarão muitas chances de trabalho no campo. O resto é papo furado de ministro desinformado.

2 — No último dia 5 foi comemorado o Dia Mundial do Meio-Ambiente. No Brasil, as baboseiras de praxe. Uma autoridade planta uma arvorezinha aqui, outra acolá. Uma terceira faz um discurso enaltecendo a necessidade de defender o meio-ambiente, e as grandes empresas nacionais e multinacionais publicam anúncios com textos poéticos de gosto duvidoso enaltecendo a Natureza.

É muito cinismo, rapaziada. Vocês sabiam que no Espírito Santo a devastação das florestas chegou a tal ponto que há populações em certa áreas com sérias doenças de pele por excesso de exposição ao sol?

Vocês sabiam que na Amazônia 7 milhões de hectares já foram devastados pelas grandes empresas nacionais e multinacionais, que exportam a madeira que dá bons lucros e queimam as árvores que não servem para o mercado internacional?

Vocês sabiam que no Paraná a destruição do solo (erosão) em áreas outrora muito férteis chegou a tal ponto que as populações que lá plantavam tiveram que abandoná-las? E que para reparar esse dano o governo do Paraná teria que gastar todo seu orçamento durante 7 anos?

Como diria Jô Soares, "eu quero aplaudir".

3 — O presidente da Nuclebrás, Paulo Nogueira Batista, apareceu na TV-Globo e falou durante mais de uma hora defendendo o programa nuclear. Lá pelas tantas perguntaram ao distinto o que é que ele achava dos movimentos populares contra os programas nucleares, que existem em vários países. A resposta da mencionada "otoridade" foi que em coisas desse tipo o povo não devia se meter, pois cabia à elite orientá-lo.

A resposta foi a melhor prova de que o povo precisa se meter mais do que nunca no programa nuclear — um elefante branco de US$ 30 bilhões — e, como primeira medida, exigir a demissão de Paulo Nogueira Batista. Um sujeito com tal índice de periculosidade não pode continuar dirigindo um programa que tem a chance de liquidar com a vida de centenas de milhares de pessoas. Basta um acidente sério numa usina [illegible] pra lá.

4 — Anote na sua agenda. Vão subir em breve o café (o quilo vai para quase 400 pratas), o leite (o mais barato ficará por 46 pratas o litro) e talvez o pão (a bisnaga dispararia para 12 cruzeiros). A gasolina passará de 66 para 72 cruzeiros o litro.

Não se preocupe. Não reclame. Afinal, o ministro do Trabalho diz que o assalariado está comendo melhor do que há alguns anos. É verdade, principalmente se sua refeição preferida for engolir sapos devidamente acompanhados de generosos pedaços do pão que o diabo amassou.

DA SÉRIE BONS PARTIDOS
ÊTA CASAMENTAÇO!
PP
PTB
PP
PTB
PP
RE'... RE'... RE'... VOU PENETRAR NO SEU PARTIDO!
PÁRA!! ELE JÁ TÁ COMPROMETIDO COMIGO!
REPORTER
EU QUERO APLAUDIIIR!!!

AUTÔNOMO INDEPENDENTE

REPORTER

Quinzenal - De 1 a 14 de julho de 1981 ano IV - Nº 47 - Cr$ 70,00

ANGELA RÔ-RÔ ABRE O JOGO: "Quero novo amor homem ou mulher"

P.12

SEIS CRIMES PERFEITOS DA POLÍCIA

P. 10

REPORTAGENS DE ARREPIAR OS CABELINHOS:

- Barata Ribeiro 200, drama no prédio maior que uma cidade P. 4
- CLASSE MÉDIA JÁ ROUBA PRA COMER P11
- ACABOU O BRILHO DA BOCA DE SANTOS P. 8
- Madame e executivo se agarram no salão P. 3

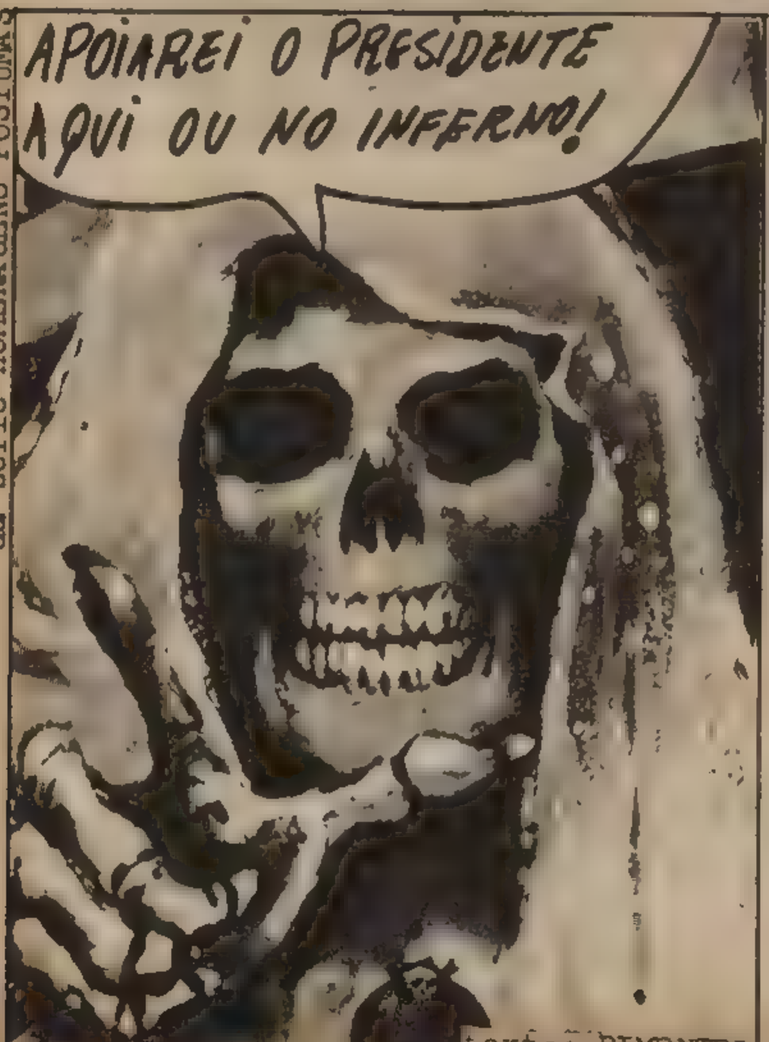
Olho-vivo do general só não vê terroristas

O general Figueiredo vai operar as pálpebras este mês. Não se sabe se a preocupação do presidente é meramente estética ou se sua capacidade de enxergar está prejudicada.

Na aparência, o general piorou muito nesses dois anos e pouco de governo. Sua face está nitidamente marcada pelo insucesso da sua gestão. Pode ser que uma operação plástica melhore o visual do presidente, mas nada indica que os próximos tempos serão mais brandos, menos tensos, de forma a facilitar o rejuvenescimento do general.

O segundo semestre do ano começa ainda assombrado pelos fantasmas que explodiram centenas de bombas país. afora, culminando com a tentativa de homicídio em massa praticada no dia 30 de abril, no Riocentro. O custo de vida do brasileiro continua subindo descontroladamente e ninguém mais acredita que será possível baixá-lo com a política econômica atual. Em matéria política, a preocupação do governo é armar o que for necessário, em termos de legislação eleitoral, para manter a maioria no colégio eleitoral que irá indicar o sucessor do general Figueiredo em 1984. E por isso o regime está cada vez menos tolerante com os movimentos sociais que reivindicam pão e liberdade.

Do lado de cá, os opositores do governo e do sistema andam meio perplexos e impotentes. A sociedade civil, através de seus partidos políticos e demais entidades de representação, não conseguiu ainda tomar a rédea dos acontecimentos. E isso preocupa, porque a deixa como vítima fácil das violências perpetradas pelo governo, aberta e clandestinamente, mas sempre impunes.



Doutor do PDS não é aceito em sindicato

O médico Guilherme Romano, um muito bem sucedido comerciante da medicina — ele é dono da lucrativa Casa de Saúde Santa Lúcia — tentou ingressar no quadro social do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Município do Rio de Janeiro. Como "prova" de sua condição de jornalista, o dr. Guilherme Romano, que é o articulador político do PDS no Rio de Janeiro, apresentou xerox de um "contrato de trabalho" com a extinta **Folha Carioca**, na qual ele teria sido admitido, como "colaborador" sem remuneração especificada, em 7 de novembro de 1952.

A Comissão de Sindicância do Sindicato dos Jornalistas recusou aprovação à proposta do falso jornalista. Aliás, a vida pregressa do dr. Guilherme Romano não é lá muito boa: em outubro de 1964 ele foi demitido dos quadros funcionais do antigo Estado da Guanabara "a bem do serviço público, por improbidade administrativa, emprego irregular de verbas, concussão, peculato, corrupção passiva".

Chagas foi expulso da Associação de promotores

Assembléia-Geral Extraordinária da Associação do Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro, realizada no dia 11 de junho último, aprovou por aclamação a exclusão dos quadros da Amperj de seu filiado Antônio de Pádua Chagas Freitas, governador do Estado.

As razões da drástica medida são explicadas em Resolução da Amperj, de número 16/p/81:

— Considerando que as razões que ditaram a medida residem na circunstância de que o mencionado associado, à frente do Governo do Estado, mantém conduta visivelmente contrária aos interesses e dignidade da Classe, tornando-se ***ipso facto, persona non grata à categoria.***

Resolve

Cancelar a inscrição nos quadros da Associação do Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro do Dr. Antônio de Pádua Chagas Freitas, membro aposentado do Ministério Público, na forma do artigo 13-II dos Estatutos.

Leôncio de Aguiar Vasconcellos
Presidente

Assessor de Maluf acusado de ladrão

Afanázio Jazadji, ex-colaborador deste jornal, está sendo processado por Calim Eid, chefe da Casa Civil do governador Maluf. Afanázio tem um programa policial diário, às 8 da manhã, na rádio Globo de São Paulo. Um dia desses, mais ou menos um mês atrás, ele disse, no ar, que Calim Eid, Miguelzinho e Tieppo eram ladrões. Miguelzinho e Tieppo colocaram a carapuça, mas Calim não se intimidou: exigiu que o repórter se retratasse, também no ar. Afanázio não concordou de maneira nenhuma, confirmou o que falou no programa, "pois todo mundo sabe que o senhor é ladrão, pois jornais como **O Estado de S. Paulo** já publicaram isso". Calim Eid ficou furioso e duas atitudes foram tomadas de imediato: o governo do Estado suspendeu a publicidade para a rádio e o repórter foi processado por injúria e difamação. O fato, porém, não afetou a audiência do programa: ela continuou justificando os Cr$ 8 milhões mensais que o programa de Afanázio fatura com os anunciantes.

REPORTER

EDITORES Luiz Alberto Betten[illegible] (Arte)
REPORTAGEM Rio de Janeiro T[illegible] Lopes, Francisco Viana, Ricardo B[illegible] São Paulo Alex Solnik R[illegible]do Chinem Recife Eduardo Hom[illegible] Beth Salgueiro Salvador Marluce Moura
FOTOGRAFIA Rio de Janeiro Chiquito Chaves São Paulo Wagner Avancini Eliane Pastore V[illegible] Benedett Recife Vald[illegible] A[illegible]so, Gleide Selma Xi[illegible]mba
ARTE A[illegible] Estrella Ana Maria Martins, Guidacci
CIRCULAÇÃO — Simeão Marques
PUBLICIDADE — Lucília Braga (Rio), Isaías Justo Reis (São Paulo)
DEPARTAMENTO JURÍDICO Luís Celso Araujo (Rio), Carlos Eduardo Costa Pereira (Recife)
REPORTER Autônomo Independente é uma publicação da MARGEM S.A. EDITORA E GRÁFICA Rio de Janeiro rua Miguel Couto 134/11.º Tel 253 5038/253 5077 São Paulo rua do Seminário 155, sala 30 Tel 227 7175 Recife av. Conde da Boa Vista 121/gr 708 Tel. 222 1224

Composição: Editora Mory

Novas atrações nas tardes cariocas

FESTAS PARA EXECUTIVOS

Entre 16 e 20 horas, em boates, bailes para entreter profissionais liberais, funcionários públicos, políticos e senhoras casadas em busca de emoções mais fortes.

Isaura, uma senhora que freqüenta com assiduidade as tardes dançantes de quinta-feira do Cassino Royale, em São Conrado, Zona Sul do Rio, explica que vai porque ali sua filha pode dançar, tirar um sarro, beber, brincar, fazer tudo o que quer sem pagar. As mulheres entram de graça porque são a atração das festas, observa a *Dama das Camélias,* senhora que promove a concorrida *Mamãe eu vou ao dentista,* às quartas e sextas no Club 49, em Copacabana

A animação da filha de Isaura, jovem de uns 23 anos, exibindo um sumaríssimo colã de oncinha, confirma: a festa é familiar, afinal a própria *Dama das Camélias* leva o filho. As famílias é que se adaptaram ao tempo e à necessidade

As mulheres chegam às 16h 30m. Para a produção da promotora, elas são fundamentais; entre amigas, mulheres que divertem clientes na boate à noite, conhecidas, há que ter umas trinta. Homem gosta de ver mulher quando chega, elas gostam de se exibir, diz a *Dama.* Depois vêm as outras, quarentonas, coroas, jovens já desiludidas com o casamento, com raiva do marido, senhoras ávidas por aproveitar o curto expediente, umas controladas, charmosas, outras muito loucas, bonitas, quietas, feias

Roda o *Lança-Perfume* da Rita Lee, a dança do *Bum-Bum,* quando todos os traseiros se tocam, *Conga-Conga,* corre chope e cuba-libre. As mulheres bebem, mais que os homens, estão mais ansiosas. No carnaval, levam fantasia pra trocar na hora; na discoteca, esperam os homens ensinando passos às amigas. Tem alguns sapatões na área, mas eles ficam na deles para não perturbar o outro lance

Os homens chegam depois das 17 horas. Garotões de vários pontos da cidade desejosos de entrar em contato imediato com as famosas coroas da Zona Sul, alguns simpáticos, outros vaidosos da primeira impressão que causaram. No 49, o salão é pequeno e quem chega fica quase na pista, diante da qual se costuma parar com cara de otário até descobrir o caminho da bebida As mulheres fazem o primeiro julgamento, de início crítico. Chegam os primeiros executivos. *fardados,* quer dizer, de terno e gravata fouxa no colarinho; às vezes o paletó já vem na mão. Muitos funcionários de responsabilidade levam camisa esporte e trocam no carro pra não dar bandeira. Os homens, sentencia a *Dama,* são mais tímidos, andam em grupo. São técnicos da Petrobrás, do Ministério da Fazenda, do Banco do Brasil, advogados, médicos, juízes,

Foto de Custódio Coimbra

No Cassino, mais popular, dominam os garotões. No 49, a "Dama das Camélias" esconde o rosto

generais, militares de várias patentes, políticos, até prefeito

A vodka começa a correr mais forte junto com o uísque As moças já não estão recatadas, as senhoras que eram quietas estão paquerando, não há mais gravata. As cabeças estão quase feitas, os critérios de escolha da primeira investida são mais tolerantes. Está claro que ninguém está ali apenas para dançar, mas também não se trata de prostituição; é um encontro que pode esticar num jantar, na cama, num telefonema. Pode ser só ali e apenas durante alguns minutos, parte da festa. Há espaço para tudo

Quem está fora não entra, quem está dentro não sai Quase 19 horas, auge da animação, todo mundo já bebeu o que tem direito, o copo é o que estiver mais próximo, os pares se trocam com facilidade, alguns homens tiram a camisa, os abraços são fortes, os beijos demorados. No pátio externo da casa em que fica o 49 leva-se o papo que o som impede lá dentro, coisa séria.

Aí pintam as raras músicas românticas, os famosos *melacuecas,* que atualmente são consideradas músicas para cardíacos. Mas só porque as transas já estão feitas, a festa já incrementou. Sarros, chupões, piscadelas, linguadas, mordidas, beliscões, mão-boba com alguma ou sem nenhuma discrição, um conjunto contagiante de carícias, contidas pelo juízo de cada um e por eventuais intervenções da dona da festa A sorte foi lançada, já existem os que se deram bem, os que ainda estão atrás, os que querem segurar um programa; há as senhoras que continuam quietas, mas estão bêbadas, as que eram quietas, mas enlouqueceram, as que já entraram loucas e passaram da conta, algumas delas procurando companhia desesperadamente. Há a maioria, para quem o embalo está fervendo Temos então uma hora de efervescência, ao cabo da qual, às 20 horas, um *strip-tease* completo coroa a aventura A música ainda volta, mas a hora do dentista acabou, as mulheres pensam em se arrumar, vão ao banheiro, repõem a maquilagem, param de suar, agora só bate-papo, arrufos mais leves Algumas têm *habeas corpus* para continuar porque estão em casas de amigas ou o marido está viajando e declaram ser a noite ainda uma criança

Diz a *Dama* que sessões espíritas e cursos são as desculpas que mais dão aos maridos Elas parecem de fato alunas de alta espiritualidade, porque raramente faltam ao compromisso semanal

No Cassino Royale, a festa maior e mais famosa também está acabando Duas senhoras que beberam demais são levadas com todo o cuidado por dois seguranças. Davegna Matteoti diz que seus homens são da PM, policiais federais, lutadores experientes. São capazes de dar toda a tranquilidade que os clientes ilustres exigem

O salão enorme, que no carnaval abrigou mais de 7 mil pessoas, está vazio. Centenas de copos quase cheios nas mesas — os donos de boate reclamam que, depois das tantas, cada freguês dá um gole no drinque e pede outro porque mudou de lugar, derramou Duas jovens discutem alto por causa de um cara, é o último tumulto

Matteoti diz que a sua é uma festa popular, com muita diversão. Drive In, o popular *sapinho,* para quem quiser alongar o sarro no carro com a ajuda de um cachorro-quente, um conjunto de diversões eletrônicas e, pasmem, um *stand* de arco e flexa. Tudo isso com companhia feminina, bebida à vontade e salgadinhos das 6 às 20 horas por apenas Cr$ 800. Com a atual situação econômica, onde é que as pessoas podem se divertir tanto por tão pouco? A pergunta de Matteoti é a chave de um baú, como ele mesmo admite que seja o seu negócio

Outros donos de boate não são tão otimistas, mas garantem que a tentativa é válida para atrair clientes ao movimento normal da casa, de noite. Para Parrudo, da boate Topless, que já foi famosa e hoje está quase falindo, as festas são uma saída A noite está vazia e Alfredo, dono do Club 49, acha que os encontros vespertinos fazem propaganda, mas não dão lucro Agora, depois de 1 ano, é que a festa da *Dama das Camélias* está equilibrando: quando a lotação está cheia, ela mesma afirma que tem uns 50 homens, Cr$ 50 mil. Ele dá a ela uma comissão em cima do faturamento, paga bebida, porteiro, garçom, discotecário, copeiro, não sobra nada e até vinha faltando. A *Dama* retruca que, se fosse tão mau assim, Alfredo não teria bancado a festa, muitos outros não teriam ido atrás. Sua festa é mais nova que outras, mas deu certo. Tinha o *Clube dos Lobos,* na boate Escargot, em Ipanema. O famoso Júlio *Cabeça Branca* foi pioneiro nesse tipo de promoção. Hoje, na linha do 49 tem a Zoom, que promove o *Pintinho de Ouro* em incertas segundas-feiras, o Le Bateau, com feijoada-dançante às terças, o Maracujina, na Barra, às quintas até a meia-noite, a Equus, às sextas-feiras. Sueli, recepcionista de boate, desempregada, já promoveu festas para vários sexos em boate ou na casa dos clientes. Acha que o negócio é lucrativo e altamente profissional: anúncio no jornal oferecendo o serviço, encontro apenas com o interessado, pagamento. A *Dama* diz que sem amizades não se dá festa. Seja em boate, iate ou casa de campo. As reuniões particulares, aliás, só promovem, não têm rentabilidade

O negócio, entretanto, prossegue. E embora sejam os homens, isto é, os executivos que pagam a conta, as mulheres aproveitam melhor a oportunidade. Na saída do Cassino, uma delas perguntou à outra se não tinha medo dos tarados. Ela respondeu que ia sair sozinha: "Eu sou mais tarada, engulo eles." (E foi embora rindo.)

Reportagem de Luiz Alberto Bettencourt (texto) e Chiquito Chaves (fotos)

Um edifício em Copacabana tem população maior que muitos municípios

Barata Ribeiro 200

Corrupção, drogas, sofrimento e exploração de moradores no condomínio que arrecada mais de 20 milhões por ano

O utro dia, **Airton Ainy**, que vende mercadorias roubadas na porta do prédio, entre os bares Comanche e Posto Três, e também é **avião** (intermediário) do tráfico de drogas no local, foi depenado pelo malandro de nome Sérgio, conhecido como **Preto** e **Incrível Hulk**, primo de um bandido famoso na Zona Sul, atualmente aposentado e dono de um apartamento no edifício. **Hulk**, um negão volumoso, surrou Airton, tirou-lhe os **cabritos** (produto de assaltos) e as roupas, obrigando-o a subir nu pelas escadas até o segundo andar. Eram 3 horas da manhã e o homem que lhe emprestou uma cueca para tampar as coisas, acordado pela campainha, não demonstrou estranhar a cena.

Carlinhos, irmão de Airton, a quem **Hulk** aconselhara que sumisse da área, foi tomar satisfações. Deu-se mal. O negão desferiu-lhe soco tão violento na cara que a cabeça virou para trás, provocando forte torção no pescoço e fratura completa do nariz. Passou uma semana no hospital Rocha Maia, sendo depois enviado ao Miguel Couto para remontar o osso partido e fazer cirurgia plástica.

Russo, fotógrafo ambulante, tira fotos de aniversários sem usar filme na máquina e cobra adiantado. Quem reclama uma vez a demora da entrega é insultado; quem insiste é agredido.

Num certo apartamento do décimo andar, de madrugada é comum ouvirem-se os gritos finos de um dos 20 travestis que se amontoam nas vagas. — Ai, tô loooca. — As veias esguicham o sangue da picada e os lixeiros recolhem seringa, ampolas e algodão no dia seguinte. Numa das lixeiras, os repórteres encontraram — e fotografaram — mais de cinco seringas.

Entre os travestis, o síndico, Sebastião Ferreira Soares, radiologista, civil, da Marinha, aposentado, 63 anos, no cargo desde 1974, é conhecido como **Dona Sebastiana**. Quando o encontram nos corredores ou elevadores, é um deus-nos-acuda. **Não vem que eu me corto toda, sua velha cansada**, de um lado; **eu sou um homem de moral inatacável**, do outro.

Sebastião não se deixa fotografar, mas responde às perguntas com atenção. Combate a imoralidade, é antipatizado, difamado, acusam-no até de ser homossexual. — **Seria o fim da picada, na minha idade, pelos meus princípios.** Ele parece indignado. — **Sordidez, baixeza, calúnias!**

São quase 11 horas da manhã. Encostados na porta de uma das

Fundos do 200

A rapaziada se aplica e joga as seringas no pátio interno

tapeçarias que ficam no térreo do prédio, confabulam o português Acácio e Luiz Teixeira, almoxarife aposentado do Departamento de Estradas de Rodagem, ex-síndico, destituído por Sebastião a 10 de maio de 1974, depois de uma primeira votação quase empatada. Agora Luiz e o português estão na oposição. Acácio, quase surdo, e Luiz, olhos inchados, acusam o síndico de roubar o condomínio e falsificar procurações de outros proprietários para dominar as Assembléias. Segundo eles, há um clima de terror no edifício: quem denuncia o roubo é perseguido por Sebastião e por um bombeiro, que recebe Cr$33 mil do prédio para lhe servir de guarda-costas. Luiz foi agredido cinco vezes e ameaçado de morte: Acácio foi espancado oito vezes.

O síndico diz que Acácio se finge de surdo, mas é perfeitamente saudável, apenas não trabalha porque é sustentado por sua mulher, alta costureira. E que Luiz é bêbado. O português, afirma, é quem picha as paredes dos prédios de Copacabana e até da Zona Norte, acusando-o de ladrão. Foi surpreendido pelo faxineiro inventou a história da agressão. Bateu neles, sim, mas porque foram à porta de seu apartamento para desacatá-lo. É um homem estabilizado na vida, instruído, não precisa roubar. E desafia a reportagem a conferir nota por nota da contabilidade dos sete anos de sua gestão. Pede para fotografar os arquivos na estante.

Guilhermina, enfermeira, mulher de Luiz e proprietária do apartamento onde moram, revela que o condomínio é uma grande fonte de renda assaltada por Sebastião. Ex-policial conhecido na área confidenciou ao repórter: — **O síndico ganha Cr$ 300 mil por mês para acobertar o movimento de jogo e drogas do edifício.**

A polícia não se mete porque ganha pp (pagamento) dos traficantes. E porque, ele concorda com o repórter, **entoca cachorrinhos ali** (esconde seus cagüetes no prédio).

Sebastião reage. Não se prestaria a esse papel; quando toma conhecimento de droga, reprime. Acabou, inclusive, com o carteado do 1030.

O ex-policial confirma: malandros e cagüetes gozam de uma certa impunidade. A 12.ª (delegacia) prende e arrebenta na frente da autoridade, mas alivia em seguida. Lugar de informante é na rua.

Sexta-feira, por volta de 19 horas. O tal bandido famoso, primo mais velho do **Hulk**, diz ao repórter na porta do bar Posto Três que já matou e assaltou. Agora está tranquilo, tem dois apartamentos, é proprietário, precisa zelar pelo patrimônio, dele e de sua companheira, cafetina que já largou a batalha. Ele defende o síndico, não porque tenha sido indicado para o conselho que vai fiscalizar compra de materiais para obras no prédio, mas porque todo mundo só critica para destruir. Ele vai botar mármore em toda a portaria do edifício. Uma beleza!

O papo esquenta. Pessoal da antiga malandragem faz questão de informar que agora aquilo ali é uma família, apesar de alguns ratos continuarem sendo mortos a tiros nos corredores. Antigamente, recordam, o Hélio Vigio (então detetive, hoje delegado e preparador físico do Vasco, do Rio) e o Mariel entravam até com escopeta para prender bandidos como o **Gabi** nos apartamentos: as festas do **Viu**, Wilson, de muita saudade, juntavam bancários, funcionários, assaltantes, policiais, viados, fanchonas. Um coquetel. Falam do grupo da pesada que já pendurou as chuteiras: Vivi, **Caixote**, mestre de capoeira, Carlinhos da Marlene, dono da munição, **Bolacha**, dono do jogo, **Grande**, dono da droga. Hoje, se tem bicho brabo, tá encubado, não tem mais boca, tem movimento de viciado, nada de tráfico. Pro que já foi, é elevado o padrão de moralidade do ambiente, juram os malandros-moradores. Em 71, o viado (na época chamava

assim! Yara fazia até strip-tease completo na portaria.

A moralidade atual, entretanto, é relativa.

A moradora do 514, uma senhora que se disse espírita, pediu aos repórteres para não transmitirem má impressão do prédio. Lá há liberdade, tem viado e travesti como em qualquer outro lugar, mas ninguém se mete na vida de ninguém. Ela vai comprar seu apartamento e não gostaria que uma das senhoras da sociedade que frequentam suas sessões soubessem das más ocorrências. Ela não vê nada demais.

Talvez porque não queira se incomodar. Outra moradora, que preferiu ser designada como **Maria Faz Favor**, dá notícia de que uma pessoa também de formação religiosa não teve a mesma sorte da do 514. Iolanda, crente, temente a Deus, atendeu a porta do apartamento de Anita e um malandro que se disse mandado por um tal de **Bolinha**, vizinho de andar, foi logo entrando. Ia esperar Anita, já que ela não estava. Iolanda disse que não, mas ele mostrou o revólver e mandou: **— Faz o que eu mando ou te deixo uma azeitona de presente.** A crente pegou a Bíblia nas mãos trêmulas, andou para trás, ele avançou **um vem cá gostosona**, agarrou-a e violentou-a.

Deus disse: ai daquele que tocar num filho meu. Eu o castigarei com todá a minha ira. Ela clamava vingança com as comadres, pelos corredores e, quem sabe por coincidência, o **Bolinha**, amigo do estuprador, cruzou o caminho do **Incrível Hulk** e, por um desentendimento, recebeu um murro que lhe criou um caroço na cabeça.

Por uma janela do quinto andar, garotão de 20 anos, nome ou codinome Haroldo, atira bala de chumbinho com a espingarda de ar comprimido nos transeuntes. Arremessa ainda ovos podres, garrafas, plásticos com xixi e cocô, quem conta é **Maria Faz Favor**.

Há três anos, quando o oficial de justiça invadiu um apartamento para executar despejo por falta de pagamento de aluguel, encontrou o corpo de uma enfermeira, morta há sete meses no local. O cadáver, estranhamente, estava seco, como se estivesse sido submetido a tratamento. Um outro, de ex combatente, esquecido por muito tempo, liberou água, quando se decompôs, e só foi descoberto porque o líquido inundou o cômodo e vazou por baixo da porta. Mais recentemente, um homem morreu de ataque cardíaco na escada interna do edifício. Foi levado para a portaria, onde se formou curioso velório, porque não sabiam em que apartamento morava o morto. Era sozinho. Outro morador, um judeu, morreu na França e seu procurador, segundo o síndico, não se interessou pelo imóvel, o que o levou ao nobre gesto de oferto o ao porteiro como moradia, mediante pagamento do condomínio de Cr$ 3 mil, igual aos outros.

Este rato morreu, mas há milhares de parentes seus vivíssimos no prédio

Maria [illegible] travesti [illegible] Maria Faz Favor [illegible] outro dia pela portaria disposto a [illegible] um ganho fácil. De [illegible] e noventa rendeu um [illegible] pouco mais de um e [illegible].

— É um assalto!

[illegible]

— Um assalto, porra!

O japonês então entendeu, desceu do carro, fez um gesto rápido e deu um balão no travesti. Michele olhou novamente, não acreditou e tornou a encarar. Garfou então uma rasteira e, do chão, viu o japonês cruzar os braços e dar um pulo gritando [illegible]. Fugiu em desabalada carreira e quando se reuniu às amigas deu a seguinte declaração: **— Nunca mais assaltarei japonês.**

Incrível. A lixeira dá para a cozinha do apartamento e às vezes entope

Neste quitinete moram oito pessoas

E[illegible] Barata Ribeiro 200 [illegible] men [illegible] que tra[illegible] vagabundos [illegible] Tem [illegible] quel, proprietár[illegible] que [illegible] aquele teto [illegible] Cr$ 1,5 [illegible] Cr$ 3 [illegible] Copa [illegible] o transp[illegible] Tem [illegible] que [illegible] que [illegible] bombeiros [illegible] atividade [illegible] [illegible] grande [illegible].

[illegible] 507 apartamentos, 12 [illegible] aproximadamente três mil pessoas [illegible] 10% que praticam [illegible] e [illegible] sol. A [illegible] O [illegible] Cr$ 1,722 [illegible] por mês, mais de Cr$ 20 milhões por ano, faturamento de uma pequena empresa. O ex-policial explica a economia política do local:

— Isso aqui é muito grande, comporta muitas atividades. Tem malandro que vive de alugar vagas em apartamento. Paga Cr$ 15 mil de aluguel, fatura mais de Cr$ 30 mil, já tem um troco. É também um bom lugar para a polícia misturar **seus** cagüetes na malandragem, e muitos ex bandidos são, na verdade, informantes **free-lances** dos [illegible] em troca de um movimento. O que, comparado com a agitação que já provocaram, é até [illegible] negócio para o Estado. [illegible] **brizola** [illegible] A polícia [illegible] O síndico [illegible] Cr$ 300 mil por mês pra [illegible]. Não sei se a [illegible] condomínio (a Casa S.A.) sabe da transa de [illegible], mas o síndico está no esquema dela para roubar as contas.

Henriques, morador, síndico antes de [illegible] diz que o interesse da Casa é manter tudo como está: aumentos exagerados de condomínio, prestação incompleta de contas. Luiz, o ex-síndico, destila um rosário de irregularidades.

Todas as vezes em que o contrato do condomínio com a Casa S.A. vence, a assembléia [illegible] decidir [illegible]. Aqui, [illegible] o aumento do valor do prêmio do seguro feito para o [illegible] pode ser autorizado [illegible] síndico. Ele assume até poderes do Estado ao multar moradores por pendurarem objetos nas janelas. Tal punição é de iniciativa do município.

Henriques, em 1977, pediu a Justino Correa Pereira, auditor independente, uma investigação sobre as contas de Sebastião entre 75 e 76. O resultado indicou seguidas diferenças entre o saldo de caixa registrado e a realidade do movimento e despesas não comprovadas.

Dionísio, bombeiro da Secretaria de Segurança, biscateiro por fora, diz que Sebastião não presta contas porque tem a maioria das procurações. Luiz lembra que, pela lei do condomínio, quem atrasa pagamentos não pode votar nem ser votado, mas na hora da assembléia, ninguém confere se as delegações de votos a Sebastião são legítimas. Ele apresenta xerox de documentos já vencidos, muda dia de pagamento de condomínio para validar procurações e quem o nomeia representante passa a ser protegido.

No quarto andar, inquilinos se untam para denunciar a pouca vergonha, dizem, ao **repórter**. A maioria deles é contra o síndico, ele apanha dinheiro do condomínio. São quase Cr$ 2 milhões por mês, ele não apresenta serviço, mas é uma espécie de presidente perpétuo. Ele e a imobiliária dominam.

O doutor Valter Mendes, diretor da Condomínio Arrendamento e Superintendência de Aluguel, Casa S.A., que administra também o condomínio de outro edifício famoso na crônica policial carioca, o **Rajá**, em Botafogo, defende o síndico Sebastião: "Ele tem mais procurações porque os proprietários confiam nele. O condomínio

Sebastião Ferreira, o síndico

Luiz Teixeira, [illegible]

não tinha crédito na praça antes dele porque devia aos fornecedores. Hoje compra a prazo. Aluguéis e preço de venda do imóvel subiram, a prostituição acabou, a polícia não fica mais na portaria e a contabilidade está organizada, o que os síndicos anteriores não tinham. As notas de despesas estão assinadas por Sebastião e seu conselho: um subsíndico e uma conselheira, isso indica um comportamento honesto. Sebastião é um homem sério, mas quem tem poder de repressão não é muito simpático. Hoje o condomínio está livre de encargos, tudo funciona. É uma loucura, um absurdo pensar que ele acoberta jogo e drogas. O que ele toma conhecimento, comunica à polícia, os moradores são todos fichados".

Maria Faz Favor diz que o síndico não gosta de distribuir fichas porque quer impedir que o número de moradores aumente. Ela e mais quatro mulheres, também moradoras, reclamaram da brutalidade de Sebastião no trato com as pessoas e da sujeira, um funcionário do condomínio admite que, se ganhasse Cr$ 0,10 por rato morto, ficaria rico.

No 200 tem muriçoca, lacraia, rato, barata, mosca varejeira e nos fundos já foi encontrada uma cobra. A infiltração nas paredes provoca umidade, e uma estranha doença atacou quase todos os ocupantes de um apartamento no segundo andar, uma infecção tipo pneumonia. No 203, uma jovem foi morta por uma lacraia, foi pro pronto socorro e no apartamento foram mortas mais seis lacraias. O sobrinho de Dona Elvira, que dá pensão no quarto andar, morreu há um ano picado pelo bicho de Chagas, que não se sabe de onde apareceu. As áreas de ventilação são usadas como lixeira, não há vedamento e as pessoas jogam tudo pelos basculantes da cozinha e do banheiro. No segundo andar o lixo se acumula e tem que ser retirado por um buraco que sai na própria cozinha. Os ratos disputam a fartura durante a noite e impedem o sono. Tirar a montoeira, inclusive ratos mortos, é constrangedor até para os faxineiros habituados à rotina. Nas cozinhas, não há ralo de esgoto, a tubulação é precária, entope com facilidade, a água sobe pela pia e inunda os apartamentos. Falta água. Funcionários do condomínio reclamam atraso no salário. O bombeiro guarda-costas não atende ninguém.

Há pouco tempo, um estrangeiro agrediu mulher grávida na portaria, a socos e pontapés, chegando até a danificar algumas portas. Foi autuado, mas a mulher é quem pagou Cr$ 35 mil da reforma. Rômulo, que gosta de um carteado, foi assaltado a dentadas por dois pivetes que lhe tomaram a bolsa e o morderam no corpo inteiro. Ele tomou vacina anti-rábica no Rocha Maia, pequenos ladrões arrombam portas, fazem furtos rápidos.

Os marginais daqui — acusa **Maria Faz Favor** — são apoiados pela 12.ª (delegacia). No 10.º teve um que cobrava pedágio no corredor. **Incrível Hulk** foi preso em flagrante ao matar um cara no posto de gasolina no pé da Ladeira do Leme, que fica atrás do prédio, mas só ficou 17 dias em cana. O síndico faz a política da malandragem e chamou até o Carlinhos para o conselho de obras. Vagabundo fuma maconha com a porta aberta e desfila armado. O síndico é racista e não gosta de criança chorando no corredor.

Sebastião atribui os ataques a inimizades pessoais, inveja, mas se diz cansado e promete abandonar o posto em maio do ano que vem. Anuncia, porém, que vai fazer o seu sucessor, não quer que a zona volte.

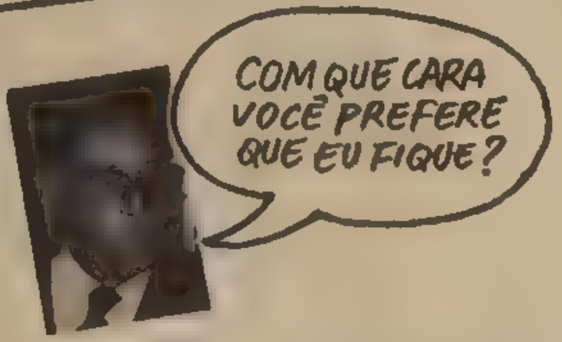
O 200, na verdade, não amansou, como pretendem os espertos malandros: não é a paz que imagina a moradora espírita nem apenas reduto de marginais. Mudou como Copacabana, as diferenças sociais aumentaram, a briga pela vida é mais cruel. Trabalhadores e inquilinos, no fundo sustentam traficantes, aproveitadores, alguns supostos empresários. Tudo parece funcionar, as aparências são convenientes. O tal bandido famoso costuma dizer que o **Chico Preto**, apelido da sua Magnum, pode matar alguém que passe na rua e ninguém vai ouvir nada. O barulho da rua não deixa e, se deixasse, era melhor tampar os ouvidos e fechar os olhos.

Os moradores do prédio, para desfazer a imagem, mudaram o número do prédio para 194, mas a história e a lenda da cidade batizaram para sempre o edifício Richard. Ele ainda é e será o 200 da Barata Ribeiro.

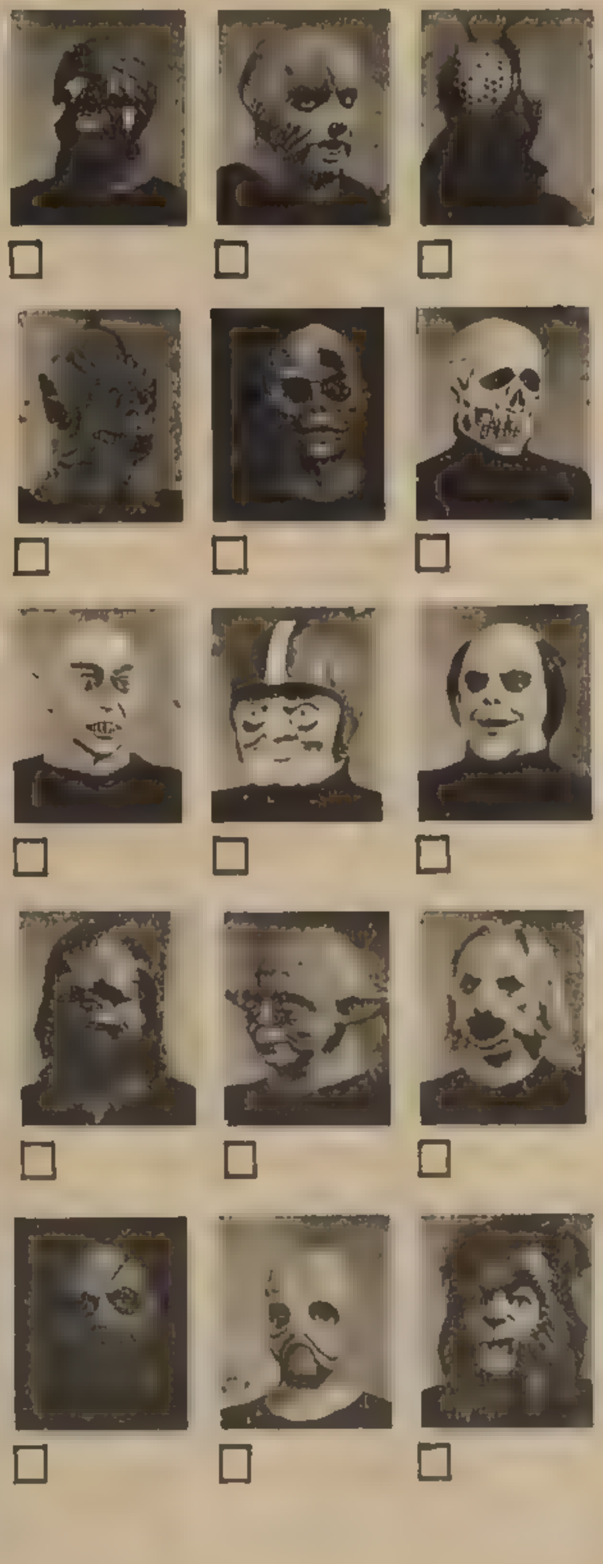
Reportagem de
Luiz Alberto Bettencourt
Fotos de Chiquito Chaves

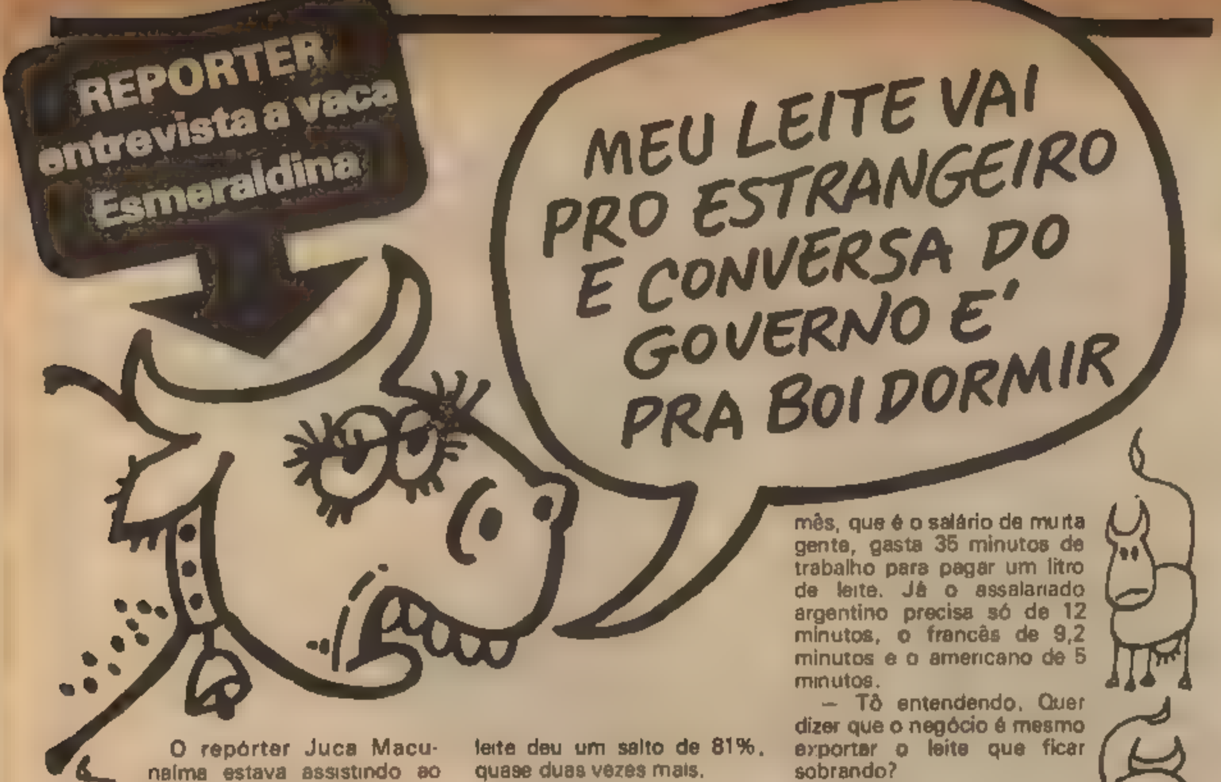
O namoro das baratas. No 200, elas estão em casa

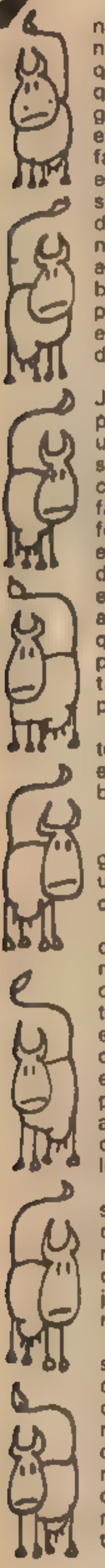
Figueiredo opera pálpebras em julho



Escolha uma dessas assinalando com um X e envie para o REPORTER







O repórter Juca Macunaíma estava assistindo ao noticiário na televisão e quase caiu da cadeira quando ouviu um técnico do governo dizer: "Vamos exportar leite e carne para faturar dólares". Juca não entendeu nada. Pensou com seus botões: mas, que diabo, exportar leite e carne num país em que tanta gente anda doida pra comer um bife e tomar um litro de leite por dia? Por que não usar esse leite e essa carne aqui dentro?

Por mais que matutasse, Juca não encontrou a resposta e resolveu procurar uma especialista para tirar suas dúvidas. Como não confia nos economistas, que falam muito complicado, ele foi à fazenda de seu tio entrevistar a vaca Esmeraldina, uma senhora tranqüila e experiente que há muitos anos produz leite da melhor qualidade. Encontrou-a pastando e foi logo perguntando, de gravador em punho.

Esmeraldina, que história é essa de exportar leite e carne? Isso agora tá sobrando aqui no Brasil?

– Tá, sim.

– Mas como, se há tanta gente doida por um bife e um litro de leite, tanta gente comendo mal?

Olha aqui, Juca, já vi que de economia você não manja nada. Para comer carne e tomar leite precisa ter dinheiro para comprar essas coisas, e no Brasil o dinheiro para alimentação está cada vez mais curto. O pessoal está tendo que apertar o cinto, reduzir o consumo. Daí a sobra de leite e carne.

– Mas, Esmeraldina, os salários também sobem. Não dá, então, para comprar pelo menos a mesma quantidade de leite e carne de antes, que já é muito pouca para a maioria?

– Os salários sobem, de seis em seis meses, é verdade, mas os preços da carne e do leite sobem muito mais rápido. Você veja o caso do leite, que é um negócio que eu acompanho de perto: nos últimos seis meses, os salários aumentaram 44%. Já o preço do leite deu um salto de 81%, quase duas vezes mais.

– Nossa!

Isso não é nada. Com a extinção do leite tipo C, que era o mais barato, e a criação do tipo chamado especial, o preço do leite subiu 333% em 18 meses

Quer dizer, Esmeraldina, que para o trabalhador comprar leite tá cada vez mais impossível?

É claro, Juca. Com o mais recente aumento do leite, que passou a valer a partir do dia 16 de junho, a situação piorou ainda mais. Um litro de leite do mais barato custa agora 46 pratas. Imagina então a situação de uma família de cinco membros que precise consumir dois litros de leite por dia e em que o chefe de família ganhe salário mínimo. Dois litros de leite por dia custam 92 cruzeiros. Multiplicando isso por 30 dá mais de 2.700 cruzeiros por mês. Ora, isso é quase um terço do salário mínimo.

– O negócio então é comprar menos. É o único jeito para...

– Juca, o pessoal depois do último aumento cortou ainda mais o consumo de leite. Outro dia eu escutei no rádio que em algumas padarias da Zona Norte do Rio as vendas despencaram 50%; e mesmo na Zona Sul, onde o pessoal em geral tem mais grana, a queda foi de 25%

– Tudo isso?

Você se admira? Olha, outro dia eu estava conversando com uma vaca holandesa que tem aqui na fazenda. Ela me disse que no Brasil um trabalhador que ganha 17 mil cruzeiros por mês, que é o salário de muita gente, gasta 35 minutos de trabalho para pagar um litro de leite. Já o assalariado argentino precisa só de 12 minutos, o francês de 9,2 minutos e o americano de 5 minutos.

– Tô entendendo. Quer dizer que o negócio é mesmo exportar o leite que ficar sobrando?

– Que nada, o negócio é baratear o leite para o consumidor brasileiro. Essa história de exportar é uma besteira, porque o leite brasileiro é caro para ser exportado e em quase todo mundo os governos agem para baixar o preço do leite para os consumidores. O governo devia fazer o mesmo por aqui.

– Como?

– Com um pouco de imaginação, a solução aparece. Vou te dar um exemplo, Juca. No Brasil, o consumo de refrigerantes é quatro vezes maior do que o de leite. Então, bastava o governo taxar os refrigerantes em Cr$ 2,50 por garrafa. Com quatro garrafas de refrigerante para um litro de leite, daria para arrecadar o suficiente para baixar o preço do litro de leite em 10 cruzeiros.

– Bem bolado.

– Gostou? A Esmeraldina aqui é fogo. Te digo mais: o governo podia separar um dinheiro e comprar grandes quantidades de leite para distribuir para famílias pobres através do Inamps e da Legião Brasileira de Assistência, ou então usar nos programas de merenda escolar, para alimentar crianças pobres.

É mesmo...

É mesmo, Juca. Só que provavelmente nada disso vai acontecer.

– Por que, se seria tão bom para...

Seria bom, mas o governo não está preocupado em encher a barriga do pobre. Essse tal de Delfim Netto me irrita, é um... Deixa pra lá. Não vou falar mais nada pra não me aborrecer. Até logo.

Virou as costas e saiu pastando.

Ricardo Bueno

UMA COLUNA DE ECONOMIA

caixa 2

Ricardo Bueno

Diretor de banco ganha 60 salários de bancário

1 — Já andei dizendo por aqui que nada melhor para ganhar dinheiro do que ser banqueiro. Quem ainda duvidar (provavelmente algum louco de pedra) deve dar uma olhadinha num estudo recente preparado pelo Dieese e o Departamento Econômico do Sindicato dos Bancários do Rio de Janeiro, que analisa os balanços dos maiores bancos comerciais do país. Está lá que 240 diretores de bancos receberam no ano passado, a título de participação nos lucros, Cr$ 647 milhões.

Fazendo as continhas, verifica-se que cada um deles recebeu anualmente Cr$ 2,6 milhões de gratificações (esta é a média, uns ganham mais, outros menos). Quer dizer, cerca de Cr$ 216,6 mil cruzeiros por mês. Acrescente-se a isso os honorários, as ajudas de custo, as comissões de representação e os dividendos recebidos como acionistas, e dá para sentir que dificilmente um diretor de banco ganha menos de Cr$ 1 milhão por mês.

Um diretor de banco fatura, portanto, quase 120 salários mínimos por mês. Já um trabalhador que ganha 2 salários mínimos terá que suar durante 60 meses para receber o mesmo que o diretor consegue em um. Quer dizer, vai batalhar durante 5 anos para botar no bolso o que o banqueiro põe em um mês.

2 — A sede de poder do ministro Delfim Netto não tem limites. Apesar de controlar quase toda a máquina oficial na área econômica, ele ainda não está satisfeito e agora quer puxar o tapete do (medíocre, diga-se de passagem) ministro da Indústria e do Comércio.

Delfim já criou caso com Camillo sobre que rumos dar à política cafeeira, controlada pelo Ministério da Indústria e do Comércio (MIC) através do Instituto Brasileiro do Café. Um dos garotões da patota de Delfim, o secretário-geral da Fazenda, Carlos Viacava, disse que o Brasil ia abandonar a Organização Internacional do Café — que controla a oferta mundial do produto — porque queria desenvolver uma política mais agressiva de vendas de café no mercado internacional. Camillo entendeu a jogada de Delfim de querer assumir o controle do IBC e disse a Viacava que ele não devia falar sobre o que não entendia.

Delfim, que estava nos Estados Unidos com Camillo, devolveu a alfinetada dizendo que a política cafeeira não era atribuição apenas do MIC, mas de todo o governo. Dias depois, estourou o problema do Proálcool. Acabaram os recursos para o programa este ano e Delfim está resistindo para soltar mais dinheiro. Seus assessores dizem que o pessoal de Camillo anda aprovando projetos em excesso e que a brincadeira tem que acabar.

Além disso, Camillo quer de qualquer maneira mais recursos para as siderúrgicas que, por falta de grana, estão com seus programas de expansão atrasados. Delfim disse que vai dar, mas na base do conta-gotas, muito pouco e muito devagar.

Dia a dia a briga esquenta e Camillo sabe que o adversário é pesado. Ele tem um padrinho poderoso no governo, que é o vice-presidente da República, Aureliano Chaves. Mas Delfim já derrubou gente com mais prestígio que Camillo (Simonsen, por exemplo) e, com mais uns dois ou três golpes bem colocados, pode mandá-lo à nocaute.

3 — As vendas de calçados populares despencaram no Rio. Estão 30% abaixo do ano passado. As pessoas pobres já nem sonham mais com sapatos de couro, que andam caríssimos. Passaram a apelar para as alpargatas, as sandálias e os sapatos de plástico.

A classe média também está apertando o cinto. Começou a virar moda no Rio comprar roupas usadas em bazares (calças de veludo a 100 pratas, por exemplo) e reformar. Fica bonito e barato. Em São Paulo, o pessoal diminuiu as compras de roupas prontas e aumentou as de tecidos. Sinal de que muita gente voltou a fazer roupa em casa ou a apelar para costureiras barateiras.

REPORTER n.º 47 — De 1 a 14 de julho de 1981 — PÁGINA 7

Foram-se os bons malandros, as grandes prostitutas, os exímios dançarinos. Ficaram os peões em busca de sexo barato, os marginais malvados e as piores mulheres.

O repórter Adelto Gonçalves, autor do livro Os Vira-Latas da Madrugada, *lançado mês passado, conhece a Boca desde os anos 60. É ele quem conta suas glórias passadas e misérias atuais.*

a boca de Santos era rica e ficou pobre

Da Boca de Santos de 1958, quando aqui desembarcou o dinamarquês Knud Gregergen, o grande Tatoo Lucky, o que resta na Boca de Santos de 1981? Não há mais qualquer boate daquele tempo. Nem bares e restaurantes famosos. O velho **Chave de Ouro**, com sua mobília em estilo **belle époque**, desapareceu. O Bar ABC resiste só no nome: as periódicas agressões à paisagem urbana do velho beira-cais o arrancaram de seu ponto tradicional para transformá-lo num botequim qualquer, com mesas de fórmica substituindo o mármore e os quadros famosos que retratavam cenas do porto. Também os costumes, as pessoas, as ruas, os cheiros da noite e as coisas mudaram de fisionomia. O humor ficou mais ácido, desumano. E o que é pior: a Boca perdeu seu código de honra, que fazia malandro respeitar malandro e qualquer bandido respeitar o morador do lugar. Agora, ninguém respeita ninguém. Foi por isso que Knud Gregergen, o tatuador, que tinha banca armada no final da rua General Câmara, nos fundos do **Chave de Ouro — Golden Key, my friend!** — foi embora há pouco mais de três anos. Foi para Itanhaém, morar bem próximo do mar. Como sempre gostou de viver.

Fotos de Araquém Alcântara

Tatoo Lucky deixou a Boca em busca de paz

Os letreiros ainda brilham, mas cada vez atraem menos fregueses

A vida na Boca agora está por um fio. Tatoo Lucky, o aventureiro que conheceu mais de cinquenta países, vagabundeou por muitos portos, conheceu os mais perigosos piratas de Marselha e dormiu com princesas orientais, ficou com medo. Antes ele era respeitado: os homens e as mulheres da Boca, quando iam visitá-lo em seu atelier, eram cerimoniosos como se estivessem adentrando um templo. Todos admiravam seu trabalho e não saíam de lá sem uma tatuagem gravada no corpo, ainda que fosse um simples coração atravessado pela frase "amor de mãe"

A tatuagem, a arte das linhas e das sombras, Knud Gregergen aprendeu com o pai, ainda quando morava em Kopenhagen: o próprio pai lhe tatuou todo o corpo e lhe ensinou todos os segredos do ofício. Mas, artista incansável, Tatoo Lucky o aperfeiçoou ainda mais: aprendeu outras linhas com um velho bruxo oriental, outros segredos.

Mas, nos últimos tempos, Tatoo Lucky já não andava sossegado pela Boca: tinha receio de que em qualquer esquina alguém pudesse lhe enfiar uma faca à traição, só por alguns trocados. E, depois, já nem mais o seu atelier respeitavam: nos últimos anos de existência de sua pequena loja, certa vez, entraram dois bandidos, que estavam, só a fim de levantar um troco, assaltá-lo. Dois bandidos completamente desconhecidos no cais. Várias vezes seu atelier foi assaltado por pivetes, moleques apavorados que mal sabiam segurar o revólver. A fome do povo rasgara o velho código de conduta que pairava invisível sobre a Boca de Santos

Boca que está condenada à morte pelos tecnocratas, que já elaboraram um projeto que prevê a passagem de uma avenida portuária exatamente por uma faixa que abriga as velhas boates Mas, antes que esse projeto seja executado, a Boca poderá desaparecer por causa da miséria do povo. No máximo, só ficará a Love Story, uma casa noturna dividida em três ambientes: um restaurante de algum respeito, uma boate tradicional com shows eróticos e um bar aberto, onde quase todas as noites estouram brigas entre marinheiros estrangeiros — quase sempre os filipinos, que são de fingir brigas entre eles só para, na confusão, se mandarem sem pagar a conta.

Além da Love Story, que fatura muito todas as noites, só restarão os puteiros de ínfima categoria que foram armados nos sobradões que antes abrigavam famílias burguesas e até barões do café no início do século. Nesses puteiros só entram os peões que ajudaram a construir as indústrias de Cubatão. Uma mulher custa Cr$300, o quarto incluído

Jonas, que era motorista de praça até há pouco tempo, depois de inutilmente tentar colocacão numa frota de táxis, decidiu arrendar o antigo 500 da rua General Câmara, um bordel que até o começo dos anos 70 ainda tinha mulheres muito disputadas. Deu Cr$ 50 mil de luvas e está obrigado a pagar Cr$ 2.500 por dia ao proprietário da casa. Mas, por enquanto, Jonas está encontrando dificuldades, porque dispõe de apenas três mulheres. "O jeito será mandar vir umas cinco de Santa Catarina", diz.

O único puteiro tradicional que sobrevive — e ainda muito mal — é o 275 da rua General Câmara, que foi dirigido durante quase cinquenta anos por madame Ivonne, que morreu há pouco mais de um ano. Ela foi a cafetina mais famosa do cais de Santos. Na Boca, os mais antigos ainda contam que, quando ela apareceu pela primeira vez, era tão bonita e trazia aquele inconfundível sotaque de Marselha que nenhum homem do cais ousou faltar-lhe com o respeito. Era uma dama, e ninguém no cais conheceu-a puta. Aos 25 anos já parecia uma veterana a comandar as suas meninas

Seu primeiro bordel, montado nos altos de um casarão da rua da Constituição, bem próximo à rua General Câmera, tinha as melhores mulheres do cais: todas escolhidas a dedo. De São Paulo vinham industriais, como o velho Baby Pignatari, Chiquinho Matarazzo e o conde Siciliano. Até figurões da Velha República, que eram capazes de fechar o bordel por toda uma semana. Lá dentro derramavam-se champanhas francesas, vinhos portugueses e licores finos.

Com a Segunda Guerra Mundial, madame Ivonne passou algumas dificuldades. E, depois de uma perseguição do governo do Estado contra aquelas casas que tinham lanternas vermelhas na porta, ela saiu de circulação para aparecer alguns anos mais tarde. Mas sua casa já não mostrava o luxo de antes.

Vivia-se os apressados anos 50 e madame Ivonne instalara seu bordel no número 275 da rua General Câmara. Já não tinha mulheres selecionadas. Mas a decadência viria mesmo nos anos 60: o crescimento industrial de Cubatão despejava, à noite, peões em busca de sexo a preços módicos. E o último instante de algum esplendor foi há quase vinte anos, quando a velha Ivonne manteve na casa uma nissei, gestos e voz meiga de gueixa, que atraiu gente de todos os lados. Tanto que muitos figurões de hoje tiveram sua iniciação sexual com ela.

Agora, porém, o puteiro está numa fase de completa decrepitude. É dirigido por uma antiga ajudante-de-ordens de madame Ivonne. Mas só atrai os desesperados. Há um forte cheiro de mofo e as mulheres são as mais baratas da zona.

Gaspar diz que fim vem em 2 anos

Gaspar, que viveu doze anos na Boca como cantor e gerente de boates e agora virou agente de segurança de um político muito importante em São Paulo, garante que em dois anos, no máximo, a Boca de Santos desaparecerá. Uma boate como a The Fugitive, a mais luxuosa do cais do porto, diz Gaspar, tem Cr$ 30 mil de despesas todas as noites, mas durante a semana só arrecada Cr$ 20 mil por dia. "A diferença é recuperada nos fins de semana. Mas, muitas vezes, o movimento só empata. A situação está ruim", reconhece.

Gaspar acha também que a imagem de violência que a imprensa projeta da Boca afasta a classe média. "A pornografia, as revistas de sacanagem e esses filmes acabaram com tudo. Aqui, as mulheres são mais recatadas do que essas menininhas de família que desfilam pela praia. Além disso, as menininhas estão fazendo tudo ou mais que as putas faziam. E de graça. Por isso, quem é que vai vir aqui atrás de mulher?", argumenta.

Segundo Gaspar, as mulheres da Boca de Santos foram para Belo Horizonte, onde a noite está cada vez mais movimentada. "Lá em Belo Horizonte há mais repressão moral. E talvez por isso os homens procuram mais as boates. Além disso, lá há mais dinheiro: além das indústrias, há fazendeiros que vêm do interior para farrear na capital", diz Gaspar, chamando Kate, uma mineira de 25 anos, para comprovar suas palavras. "Toda mulher que trabalha aqui só vem porque é obrigada. Não tem outra saída. Quase sempre ela tem um ou mais filhos para cuidar ou a mãe ou o pai doente. Aquela história do cafetão que levava todo o dinheiro das mulheres da Boca não existe mais. Ninguém mais aqui é trouxa. Essa história de cafetão é folclore inventado por gente que vem aqui, fica uma ou duas horas na Boca e sai por aí escrevendo bobagens", diz Gaspar.

E Kate confirma: "Trabalho à noite porque tenho de mandar dinheiro para Minas, para a minha mãe doente. E tenho ainda de sustentar as minhas filhas, dar estudo para elas. Não quero que elas cresçam analfabetas como eu. E tenham de vir para cá toda noite", diz Kate, com um sorriso bonito e olhos muito grandes. E garante que não tem marido, nenhum homem fixo: "Se eu me casar e ficar só em casa, quem é que vai sustentar minha família lá em Minas? Qual é o homem que vai querer isso?"

Em seguida, Gaspar conta que cada striper ganha Cr$ 700 por noite e mulheres como Kate, que ficam zanzando pela boate, recebem Cr$ 400 ou Cr$ 500 e mais uma porcentagem nos drinques que bebem quando algum cliente concorda em pagar. "Mas aqui o cliente só tem companhia de mulher se quiser. Se você quiser vir aqui com a sua mulher ou namorada, vai ser muito mais respeitado do que em qualquer um desses clubes sociais. Aqui ninguém mexe com você. Briga é coisa que não existe por aqui", diz.

Maika e sua cobra, uma das últimas atrações

Kiko e Maika, as atrações

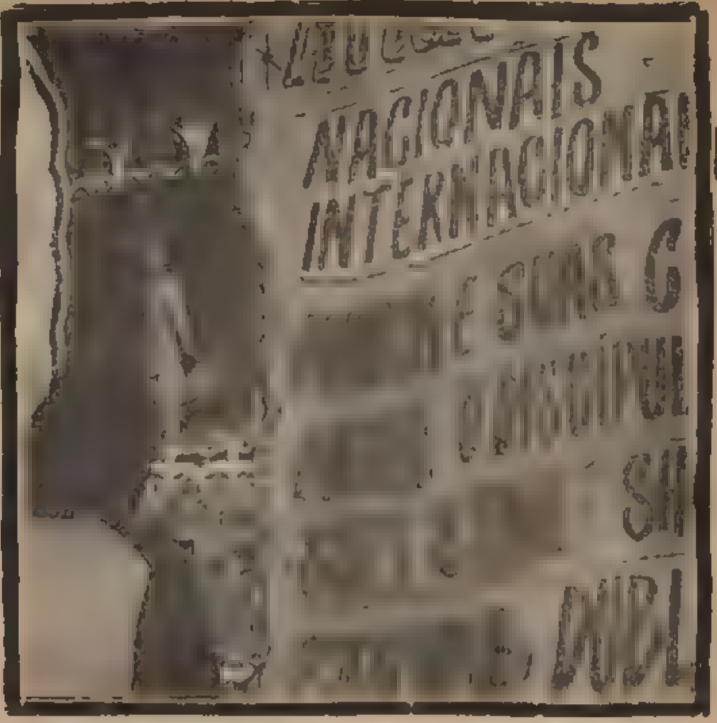
Aurélio de Almeida, um português que está na Boca desde 1955, é o dono da sofisticada The Fugitive e da Beer House, uma casa mais popular que recebe muitos marinheiros. Mas está pensando em mudar de ramo. A Boca que ele conheceu e onde ganhou um bom dinheiro não existe mais. Era uma Boca rica que reunia muitas opções: a orquestra de J. Pinto no Samba Danças, o bandoneon de Ramon Torrevra ou o violino de Tobias Troisi no El Moroco, ou o conjunto de Cabral & Seus Cumancheiros, que se apresentava em várias casas, ou Elvira Rios no Old Kopenhagen ou no Casablanca, ou ainda Sílvio Caldas no Flamingo. Uma Boca que nos fins de semana sempre trazia atrações como Gregório Barrios, Nelson Gonçalves, Caubi Peixoto, Cyro Monteiro, Moreira da Silva e tantos outros.

Agora, as boates não trazem mais nenhum artista de nome. O show mais procurado hoje é a dança erótica de Kiko Brasília e sua mulher. Kiko é magro, corpo de toureiro espanhol. E sua mulher, uma loira, linda. Kiko despe a mulher, vai tirando a roupa, fica só de cuecas um bom tempo, até que se despe por inteiro, coloca o seu sexo na boca de sua mulher e pratica o ato sexual diante de uma platéia nem sempre bem comportada. Ambos estão casados há quase dois anos e fazem duas vezes por noite o mesmo show nas casas de Aurélio de Almeida: Beer House, à uma e meia, e The Fugitive, às duas horas. Ganham Cr$ 3 mil por [illegible].

Outro show que faz sucesso na Boca é o de Maika, uma dançarina que ficou conhecida depois que foi acusada no programa O Homem do Sapato Branco de ser agente de uma misteriosa máfia que aliciaria mulheres brasileiras para torná-las escravas brancas no Japão. Contra Maika, não houve qualquer bronca. Ela diz: "No Japão, a gente só faz show. Não tem essa de prostituição. E tem mais: depois de seis meses a gente é obrigada a voltar", explica. "No Japão, nós somos bem tratadas. Máfia, se existe, é em Taiwan. Ou em Hong-Kong. Mas eu nunca fui lá. Agora, eu soube de duas mulheres que tiveram de fugir para escapar de lá. Mas eu nunca fui para esses lados", diz.

Maika não é uma striper comum. Ela, enquanto se despe, vai deixando que três cobras se enrolem por todo o seu corpo. Foi há uns três anos que ela começou a trabalhar com cobras: são três gibóias que ela alimenta como se fossem crianças. "As pessoas são mais ruins do que as cobras. Elas gostam de mim. E me atendem. Uso uma palavra mágica, uma palavra que me identifica com elas. Aprendi isso com os índios. As cobras conhecem o dono pela voz e pelo cheiro", diz.

Maika é uma mulher estranha. E na Boca as outras mulheres parecem ter medo dela. Em tudo o que faz existe um sentimento de morbidez: em seu apartamento, ao lado da cama, há uma caveira pintada de branco, com cera vermelha de vela escorrendo. Nas paredes há cartazes de revistas de terror, painéis japoneses de cores fúnebres. Numa mesa há livros sobre os rosa-cruzes, sobre como interpretar os sonhos, o Livro de São Cipriano, a Bíblia, os Salmos Proverbiais.



Apesar de famosa no cais de Santos, Maika também está pensando em abandonar tudo. "A Boca já não dá mais nada. Eu quando quero ganhar um pouco mais de dinheiro, vou para Foz do Iguaçu. Aqui já era."

A melhor explicação para essa decadência da Boca quem tem é Aurélio de Almeida, o dono do The Fugitive e do Beer House: "O que houve é que a modernização dos navios estragou tudo. Antes, os navios vinham com uma tripulação de mais de cem homens. Hoje, no máximo, trazem vinte. Porque tudo é automático. Até o início dos anos 60, os navios eram menos modernos e traziam mais tripulantes. Além disso, demoravam mais tempo no porto."

Chico Linguiça, um ajudante de despachante aduaneiro que passou quase toda a sua vida desembarcando mercadorias no porto, concorda com Aurélio, mas acrescenta: "Santos se transformou num porto exportador. Antes, quando havia muita importação por aqui, os navios ficavam mais tempo no porto. Até no Rio, que era um porto importador, o movimento caiu. Mas o que aconteceu foi que a importação caiu muito por decisão do governo". Além disso, segundo Chico Linguiça, com a queda do movimento, as empresas armadoras passaram a utilizar melhor o espaço dos porões do navio, racionalizando a estivagem das cargas. "Com isso, os navios passaram a navegar mais cheios e outros mudaram de linha, não vêm mais para cá", diz.

Aurélio de Almeida tem ainda outra explicação — e talvez a mais certa: "O problema é que o poder aquisitivo do brasileiro caiu muito. Aqui, o grosso do movimento sempre veio dos estrangeiros, mas pelo menos 40% vinham dos brasileiros, de gente que vivia em função do porto, conferentes de carga e descarga, despachantes aduaneiros e seus ajudantes, agentes fiscais, os corretores de café. Nos últimos tempos, esse pessoal desapareceu. Ninguém vem mais aqui para festejar nada. A classe média desapareceu. Agora, só existem o rico e o pobre. E rico não vai vir aqui: prefere ir às boates ricas de São Paulo", diz Aurélio.

Aurélio tem razão. E não existe mais também a figura tradicional do boêmio. O último a deixar a noite foi Pescadinha, um dançarino exímio que, segundo a lenda do cais, era capaz de dançar um tango em cima de um tijolo. Pescadinha agora é funcionário público municipal.

Nos bares vazios, mulheres sozinhas

Inquéritos de 6 homicídios rolam nas delegacias de Niterói

CRIME É PERFEITO SE POLICIAL É SUSPEITO

Volumosos e propositalmente confusos, seis inquéritos sobre crimes de morte, ocorridos em Niterói, viajam entre os cofres de segredos das Delegacias de Polícia e as silenciosas prateleiras ou gavetas da Terceira Vara Criminal. A omissão e a indiferença de delegados, inspetores e detetives, permitindo tornar insolúveis esses "mistérios", têm explicação numa razão íntima: os suspeitos são policiais que também habitam os ambientes nebulosos das delegacias niteroienses.

Surdos e mudos como os agentes responsáveis pela apuração dos seis homicídios, os arquivos guardam peças e pistas criminais como essas:

1 — a bala de ouro do tiro de misericórdia no *alcagüete* Marino Ribeiro da Silva, morto por policiais na hora da divisão de frascos de lança-perfume contrabandeados;

2 — o bloco de concreto que levou ao fundo do mar o corpo do farmacêutico Alcebíades Martins da Silva, ligado à maçonaria;

3 — o chapéu-de-palha, tipo mexicano, usado por um detetive antes de ser esquecido no local em que dois revólveres silenciaram o advogado e empresário Fernando de Carvalho Cunha;

4 — a farda de sargento abandonada pelo homem que tocaiou o casal Domingos da Silva Ramos e Jurema Barcelos Silva;

5 — o retrato-falado de quem — "bastante prático no manuseio de arma de fogo" — acertou quatro tiros no dentista Uberlan Santarém Rios;

6 — os preciosos informes sobre o misterioso desaparecimento de Agostinho Lopes da Silva Filho, o *Guto*, banqueiro do jogo-de-bicho, cujos pontos foram ocupados por um oficial do Exército e policiais civis. Todos esses fatos foram minuciosamente informados pela própria polícia, depois silenciada.

Fotos Arquivo REPORTER

Retrato-falado, feito para inocentar o detetive Fulgêncio?

Delegado José Alberto de Andrade

Castrinho, o homem do chapéu de palha

Coincidência ou não, nos últimos dois anos, de maio a maio, período de ocorrência dos *crimes perfeitos*, os mesmos agentes de investigação não deixaram de esclarecer 90% dos assassínios praticados por criminosos comuns, até mesmo os considerados difíceis, como a morte violenta do cabeleireiro Paulo César Pereira Lima, há pouco mais de um mês. Coincidência ou não, alguns policiais suspeitos dos seis crimes de morte são os mesmos personagens que desenvolvem, direta ou indiretamente, os episódios da mais intrincada novela policial dos nossos dias, encenada no palco de Piratininga — o sequestro e desaparecimento de Misaque José Marques e Luís Carlos Jatobá

Vivo exemplo é João Carlos Castro Filho, o detetive *Castrinho*, cujo nome, ao ser pronunciado na 79.ª Delegacia Policial, em Charitas, fez tremer os delegados. O inquérito 126 79, em que *Castrinho* é citado como suspeito de morte do advogado e empresário Fernando de Carvalho Cunha, passou por mãos de mais de vinte detetives e inspetores e de quatro delegados: José Alberto de Andrade, Cícero Pereira, Luiz Carlos Sarmet e Sérgio Fontoura de Carvalho. O primeiro tomou inesperada decisão: *"Nesta brasa eu não me queimo"*. O segundo pediu remoção ao receber relatório de um *tira*, evidenciando "dois matadores profissionais com técnica do disfarce e da emboscada"

Na época do crime novembro de 79 — *Castrinho* era sócio, em um bar no centro da cidade, de Mário Milton Pimentel Novaes, sócio (em litígio) de Fernando na boate Pirata, em Piratininga. A este mesmo balneário, onde residia, na noite de 8 de novembro, o advogado-empresário chegava em seu Passat marrom, placa AJ-6936. De uma casa em construção, dois homens saíram atirando com revólver 38 e pistola 7,65 e Fernando tombou ali mesmo. Os chapéus de palha, abas largas, que os pistoleiros usavam e abandonaram na fuga não foram suficientes para esconder o rosto de Mário Milton, reconhecido pela mulher da vítima, Alda Maria Loredo Moreira de Souza

Era ele mesmo; o outro era mais baixo e menos claro

Mário e *Castrinho*, naquele mesmo dia, à tarde, foram vistos em Piratininga usando chapéus idênticos. A polícia informou tudo isso; depois, calou-se

Bala de ouro no tiro de misericórdia em Bodinho

Na mesma delegacia instaurou-se o inquérito de outro *crime perfeito*: Marino Ribeiro da Silva, *alcagüete*, segurança de clube, faixa preta de judô e camelô de jóias, conhecido por *Bodinho*, jogava peteca na praia de Icaraí, na manhã de 9 de fevereiro, um sábado antes do carnaval de 80 Convidado, partiu num *Fusca* branco, em companhia de quatro homens, naturalmente seus conhecidos, para ser morto a tiros, friamente, uma hora depois. Caído numa plantação de bananas, apenas de sunga, tal e qual saíra da praia, e com cinco perfurações, seu corpo foi encontrado no fim de uma rua sem saída, no Engenho do Mato/Itaipu, entre seu próprio sítio e o Centro de Recuperação de Mendigos. Um disparo de escopeta arrancou-lhe o olho direito, e de seu crânio os legistas recolheram uma cápsula de ouro que, para os detetives, deve ter sido usada no tiro de misericórdia

De hipótese em hipótese, os delegados José Alberto de Andrade e Luiz Carlos Sarmet eliminaram as que falavam em vingança de traficantes e/ou assaltantes. As versões que sobravam

[illegible]

envolveram policiais: desentendimentos, na Polinter, por causa do sumiço de quilos de ouro recuperados de um assalto à família cigana Stanesco, ou na subdelegacia de Itaipu, onde era discutida a partilha de caixas de lança-perfume, produto de ataque a contrabandistas em Maricá. Esta última hipótese foi perseguida pelo delegado Sarmet, pois seu colega José Alberto desistiu do inquérito até ser substituído. O delegado que chegou, Sérgio Fontoura de Carvalho, nem tomou conhecimento. Apenas, indagando, sentenciou:

Para que apurar, perder tempo, se contra policiais não se consegue provar nada!

Sarmet ainda foi mais longe e apurou que o policial Luiz Carlos Alves Ribeiro, *"louro, de olhos verdes, de barbicha e parecido com Reginaldo Farias"*, era um dos passageiros do *Fusca* branco E só isso!

Bodinho, morto sem piedade

Investigação parou no retrato-falado

Sobre a mesa do *plantão*, na 77.ª Delegacia Policial, em Santa Rosa, um cartão religioso alerta que "o pior não é o crime; é a falta de castigo". O inspetor Salvador se defendeu: *"É coisa de um tal Padre Vieira, baiano do início da República. Por é o crime; depois não adianta nada"*. Em um único ponto tinha razão o inspetor. A frase é do Padre Vieira, mas lisboeta, não baiano; da Monarquia, não da República. Salvador é considerado responsável por estarem sem solução os assassinatos do farmacêutico Alcebíades Martins da Silva e do dentista Uberlan Santarém Rios

No caso do dentista, morto numa tarde de domingo de novembro passado, a simples suposição de que "então, pode ser um policial o matador de Uberlan, por ter demonstrado ser prático no manuseio de arma de fogo" (mirou com o 32 nas duas mãos e acertou quatro tiros), provocou o abandono de pistas por parte de Salvador

No caso do farmacêutico, herança mais negativa que a 77.ª DP deixa para a Delegacia de Homicídios, a polícia faz mistério, há nove meses, para descobrir quem o sequestrou de sua farmácia, na avenida Roberto Silveira 313, Icaraí, na noite de 1.º de setembro. As suspeitas recaíram, inicialmente, sobre três sócios de Alcebíades no Laboratório Almar (Instituto Químico e de Biologia), em Alcântara/São Gonçalo: os médicos Luiz Fakouri, Marcos Marchiori de Macedo e Henrique Prates Peçanha, em fase de rompimento na sociedade. Os rumos das diligências mudaram a partir do momento em que o cadáver da vítima boiou, cinco dias depois, próximo à Ilha Cachambi, em Ramos, amarrado a um bloco de concreto, detalhado com alces cilindradas para facilitar o manejo nos exercícios abdominais

Após comandar busca de informações em academias de ginástica e, com base em informações da única testemunha do seqüestro, Adalberto Cavalcanti Valim, gerente da farmácia, o detetive Salvador aconselhou, sigilosamente, em 13 de setembro, seus comandados no SAO (Setor de Apoio Operacional) da 77.ª DP, a levantar os passos do detetive Fulgêncio Gama, "dono de academia e alto, corpulento, olhos claros, mais de 40 anos e acostumado a usar boné xadrez, de pala, tipo Sherlock Holmes".

A seqüência das investigações foi tumultuada: o homem do retrato-falado, peça importante para reconhecimento, foi traçado sem o boné; a polícia não deu atenção a uma carta-denúncia que relata os lances do transporte de Alcebíades, imobilizado, em lancha que saiu do *pier* improvisado na *marina* de São Francisco, e, ainda, sem fundamento, acrescentaram como suspeitos os nomes do detetive Edir Marins, o *Bizoca*, e Silon, burocrata da SSP e dono de farmácia em Icaraí O advogado Waldir Santana, amigo da família da vítima, com apoio da maçonaria, protesta: *"Só com a presença de um promotor será possível levantar o crime"*

Os episódios da novela de Piratininga são cópias de outra iniciada em 22 de junho de 79, noite de sexta-feira Principal personagem: *Guto*, o *banqueiro*. Sequestrado e desaparecido, ele não pode confirmar se seus algozes são o capitão Ailton Jorge Guimarães e policiais civis que detêm, agora, o comando do jogatina em Niterói, Maricá, São Gonçalo e Itaboraí. A polícia, depois dessas suspeições, esqueceu da existência deste inquérito.

Reportagem de Mauro Costa

CLASSE MÉDIA FURTA MAIS PARA COMBATER INFLAÇÃO

A corrosão dos salários, provocada por uma inflação de 120% ao ano, está ocasionando um rápido aumento dos roubos em supermercados. Pelo menos é o que dizem os gerentes, para quem o problema se agravou muito nos últimos dois ou três meses. A prática agora anda amplamente difundida, inclusive entre famílias de classe média, que vêm sendo obrigadas a apertar violentamente o cinto.

Segundo Antônio de Andrade, gerente da filial do Peg Pag da rua Visconde de Pirajá, Ipanema, a situação de sua loja é "calamitosa", mais pela proximidade da Cruzada São Sebastião. Homens e mulheres misturam se aos fregueses e conseguem sair – pelo lado, sem passar na caixa nos dias de mais movimento, com uísque, azeite e outros itens importados dentro de bolsas e sacolas. "A maioria dos furtos é malandragem mesmo, para vender", diz ele, acrescentando que o consumidor comum também furta.

– Nesta loja pegamos uns 20 por dia. Na semana passada, duas caixas com 24 garrafas cada de uísque Passport desapareceram como por encanto em poucas horas. Não podemos parar todos os suspeitos porque dá briga. Na semana passada pegamos um com uísque e apareceram cinco para defender. Já o consumidor comum leva miudezas, lataria, perfumes.

No Carrefour da Barra, o gerente, Dominique Henri Cangeux, diz que também seus fregueses – situados entre os de maior poder aquisitivo do Rio – furtam. Quando isso acontece, o descuidado é chamado à parte e paga. Se o preço vai acima de Cr$ 20 mil, não há contemplação: o destino é a delegacia. O supermercado não pode evitar um prejuízo de Cr$400 mil por mês. Há muito furto de perfumes, cigarros e canecas, mas, bem de acordo com a posição social dos "esquecidos", 90% são de roupas e discos. A média de furtos é de 10 por dia, mas nos sábados este número sobe a 50.

O gerente da Casas da Banha da rua Senador Vergueiro em Botafogo, diz que esse tipo de furto sempre existiu, mas que de dois meses para cá "somos visitados por gente que entra para roubar – geralmente mulheres queijos, bebidas e azeite importado, para revender". É um tipo de roubo mais profissional, que está começando a assustar. As pessoas apanhadas alegam desemprego, mas Josesito Farias não gosta de falar sobre o [redacted]

– Dizer isso hoje em dia é meio comprometedor, não é?

Os caras de pau

– Eu apanhava doce-de-leite, queijo, manteiga. De vez em quando uma latinha de caviar, como curtição e como forma de protesto. Um dia meti na bolsa meio quilo de carne de primeira, de outra vez apanhei meio quilo de feijão. Muito sabonete, pasta de dente, cremes. Tudo servia para diminuir a despesa, que era grande. A gente ganhava muito pouco, na época.

O relato é de Sônia A., professora, 27 anos, uma das muitas pessoas que, por necessidade – imediata ou não – são obrigadas a recorrer ao furto em supermercados para diminuir a despesa mensal. Ela continua apanhando coisas em supermercados e conta sua tática.

Uso uma bolsa a tiracolo, de material rústico, meio mole, sem tampa. São as melhores. Boto atravessada no pescoço, porque facilita. Entro normalmente, apanho uma cestinha e vou botando coisas dentro: as que vou "levar", e as que compro, porque sempre passo pela caixa. Apanho as coisas menores, que são justamente as mais caras: latana, sabonetes, queijo, salaminho. Caminho bem atenta pelo supermercado e quando não tem ninguém olhando, nem freguês – porque esses podem delatar – vou enfiando, um de cada vez. Ao menor sinal de perigo, devolvo tudo às prateleiras, por maior que seja a vontade. Por isso, nunca fui apanhada. Minto: fui uma vez, em Copacabana. Mas eu me descuidei. Havia sempre um rapaz perto de mim, fingindo que escolhia alguma coisa. Passei na caixa e saí. Já na calçada, ele me abordou, me mandou lá para cima, eu morrendo de vergonha. Mas tive cara-de-pau, disse que era cleptomaníaca. Me fizeram pagar tudo. Fiquei uns tempos meio retraída, mas depois comecei de novo, em outros locais. Se você sabe fazer, é muito seguro.

Certa vez Sônia conseguiu apanhar, num supermercado de Copacabana, duas xícaras com os respectivos pires, um vidro de xampu e uma lata de sardinhas. Passou pela caixa, pagou por um quilo de arroz e um de açúcar que comprara e saiu, mas não estava satisfeita.

Deixei a sacola na recepção, entrei de novo e consegui apanhar dois vidros de queijo, um de doce, pilhas de rádio e uma lata de Toddy. Passei de novo e apanhei a outra sacola na recepção sem problemas.

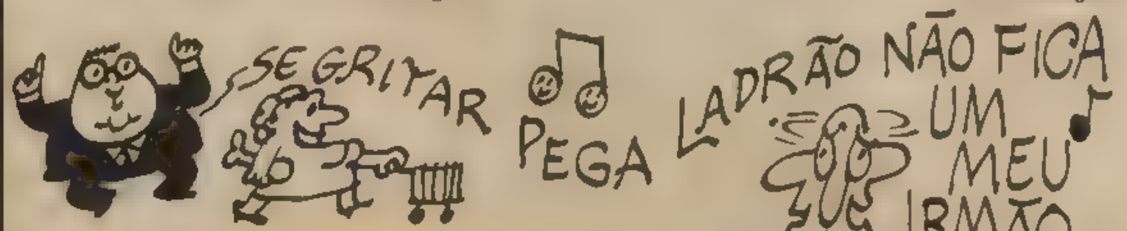
Lúcia A., assistente social, [redacted]

Sempre que íamos ao supermercado, meu marido fazia questão de levar "de graça" os tubos de pasta de Fulminset. E ele ganhava bem, Cr$ 150 mil. Punha o invólucro no carrinho, e enquanto eu disfarçava ele rasgava o invólucro e guardava os tubos na capanga. Dizia que fazia isso como uma forma simbólica de protesto, pois não queria "sustentar os fabricantes". Vejo isto também como uma forma de compensação: as coisas estão tão caras que mesmo quem pode pagar fica com vontade de apanhar muita coisa e pega o que pode. Acho até que os que ganham melhor roubam mais do que os pobres. O pobre, se for apanhado, não tem dinheiro para pagar e acaba na delegacia.

Oito entre dez pessoas interrogadas confessaram já ter, em alguma ocasião, "esquecido" de pagar mercadorias em supermercados. Há os caras-de-pau, como Aluísio N., um contador aposentado de 51 anos, que conseguiu sair de um deles, sem passar pela caixa, com um peru Sadia debaixo do braço. Tentou repetir a proeza, mas foi barrado. "Eu disse apenas ao rapaz: tá bom, cara, um a zero pra você. E paguei o peru", conta ele.

Maria C M., de 23 anos, confessa se assustada com o número de pessoas que já viu apanhando coisas em supermercados. "Certa vez foi uma moça, com o namorado, que meteu qualquer coisa dentro da saia, como se esta tivesse um bolso por dentro. Outra vez vi uma velhinha, parecendo muito pobre, meter coisas na bolsa. Confesso que já apanhei alguma coisa, mas sempre com muito medo", diz [redacted]

Neiva Rodrigues



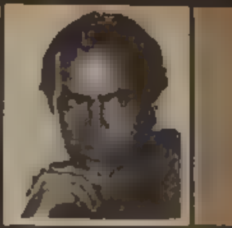
OS DELFINIADAS OU CLASSE MEDIA × CAMÕES

As almas e os "barões" assinalados
pela ocidental inflação à brasileira
nos açougues, nas farmácias, nas feiras
que não vão além dos supermercados.
Olho esquerdo de Camões, voz do Brasil
que faço com esta notinha tão vil?
Não curo o resfriado ou o treponema.
Adeus chope gelado em Ipanema,
Filme de Glauber, disco de Gil.

Luis Pimentel

UMA COLUNA DE POLÍCIA

SIRENES & CAMBURÕES



Aroldo Machado

Esquadrão volta ativo na Baixada Fluminense

Sem muito alarde (não estão colocando cartazes e nem avisando as redações dos jornais), os grupos de matadores voltaram a agir na Baixada Fluminense, sem que as autoridades façam algo para detê-los. É que, até o momento, as execuções somente mereceram um restrito noticiário da imprensa. Por esse motivo é que o secretário de Segurança, general Waldir Muniz, ainda não se manifestou. Por outro lado, com a ascensão do delegado Rogério Mont Karp ao cargo de diretor do Departamento Geral de Polícia Civil — DGPC — espera-se que a onda de violência aumente. É que os matadores, que sempre agiram impunemente, já conhecem Mont Karp de outras épocas, quando ele era delegado na Baixada e, se não apoiava, também não atrapalhava a ação do Esquadrão da Morte.

Os crimes na Baixada geralmente ocorrem nos fins-de-semana, quando nas delegacias estão somente os policiais de plantão. Nessas ocasiões não há turmas de ronda e o delegado titular sempre está ausente. Disso se aproveitam os grupos de extermínio. Ocupando carros particulares, geralmente com placas **frias**, eles começam a fazer sua "ronda sinistra" na noite de sexta-feira, só parando na madrugada de segunda.

Os humildes moradores sabem que não adianta trancar portas e janelas, porque elas são facilmente arrombadas e, na presença de mulheres e crianças, as vítimas são assassinadas.

No domingo, 21 de junho, quatro homens foram assassinados na Estrada do Caçador, altura do quilômetro 42 da Rodovia Presidente Dutra, em Itaguaí. Um deles, além das torturas e espancamentos, ainda teve o corpo carbonizado. Em todos os casos, as vítimas receberam, pelos menos, 10 tiros de armas de grosso calibre, além de serem estranguladas com cordinhas de náilon. Para justificar as execuções, o detetive Castilho, da 50ª DP, disse aos repórteres que "as vítimas eram assaltantes de bancos e, por qualquer motivo, se desentenderam com o restante da quadrilha, sendo então eliminados". Essa explicação, no entanto, sempre foi a arma da polícia para desviar o noticiário da imprensa e creditar a marginais os crimes do Esquadrão da Morte. Mas se a possibilidade dos quatro homens executados em Itaguaí terem sido vítimas de comparsas for verdadeira, o detetive Castilho bem que poderia ser transferido para a Delegacia de Homicídios. Lá estão cerca de 5 mil crimes insolúveis que o policial, com seu faro, rapidamente poderia esclarecer. Esta solução, porém, está longe de ocorrer, pois todos os administradores que passaram pela SSP falaram de sua preocupação para o problema. Mas não saíram das palavras e dos planos de estudo. Nesses planos, inclusive, constava a implantação de uma projeção da Delegacia de Homicídios em Caxias ou Nova Iguaçu, coisa que até hoje os pacatos moradores da Baixada estão esperando.

A chamada **Polícia Mineira**, responsável por dezenas de assassinatos na Baixada Fluminense, continua com seu QG instalado em Belford Roxo. Até hoje nenhum delegado que por lá passou foi capaz de acabar com sua impunidade. Muito pelo contrário, alguns deles, como Odilon Castelães, na época em que lá esteve, trabalharam "amigavelmente" com seus integrantes, em sua maioria alcagüetes já ambientados com a rotina policial. Além disso, os próprios policiais temem transitar, mesmo em camburões e fortemente armados, por determinados bairros de Belford Roxo, como Calundu. Devido a isso é que, muitas vezes, os corpos de vítimas de execuções permanecem nas ruas ou em terrenos baldios por vários dias, sob olhares perplexos de adultos e crianças, prejudicando, desta forma, o trabalho da perícia. Esta, então, só vai ao local para cumprir as formalidades.

ANGELA RÔ RÔ

REPORTER ENTREVISTA

Eu sou pacifista, quase uma criança

Num dia qualquer do ano de 1968, a menina Maria Diniz Gonçalves — que hoje todos chamam de Angela Rô-Rô tomou um ácido, entrou num barato e foi pra escola. Quando entrou na sala, o professor estava falando "pela 50.ª vez" sobre a queda de Constantinopla. A menina não se conteve: "Mas Constantinopla ainda não caiu? Ouço falar que ela tá pra cair desde o primário". Foi aquela confusão. E Angela resolveu trocar os bancos escolares pelo mundo. Foi *hippie*, cantora de praia, animadora de festinhas, cantora de boates em Londres. "Quando sai de lá, em 1974, estava com a agenda cheia de compromissos." Há dois anos, Angela Rô-Rô vem sendo sucesso. Fez dois discos: *Angela Rô-Rô* e *Só nos resta viver*. Está partindo, agora, para o terceiro disco: *Perdoai-os, pai. Eles só sabem o que fazem*. E uma resposta da cantora aos que tentaram, como ela mesma afirma, "destruí-la" após os incidentes do dia 29 de abril último, quando foi presa e processada, sob acusação de agredir três PMs e a cantora Zizi Possi, com quem tinha um caso de amor. Nesta entrevista, Angela, pela primeira vez, quebra o silêncio e conta sua história.

Quantos anos, Angela?

— 31.

Uma idade difícil, não?

— Estou vivendo uma puxada muito grande. É a primeira vez que sou apenas protagonista da minha vida. Antes, sempre tive uma pontinha na direção.

Quem é o diretor?

— Bem, houve aquele fatídico 29 de abril. Pensei que estava ganhando uma caixa de orquídeas, mas quando fui ver era um **toletão** de cocô, enorme. Estou tentando jogá-lo na privada, mas o infeliz volta sempre. É ensinado.

29 de abril, o dia da briga com Zizi Possi?

— Não houve briga nenhuma. Foi tudo uma grande calúnia. Não vou te dizer que sou santa. Já dei e levei tapa. Apenas eu não tenho preparo físico para agredir três PMs e uma cantora. Não sei artes marciais. Sou até uma menina flacidazinha (e pega nos braços para mostrar a flacidez das carnes).

Como não houve briga, Angela? Os jornais publicaram, você foi presa.

— Eu não toquei em ninguém. Fiz questão que a Zizi fizesse exame de corpo de delito. Não tinha um arranhão. No final, só quem saiu perdendo fui eu. A Zizi se promoveu como vítima. Os PMs saíram como heróis. Não sei por que eles fizeram tanta questão de me humilhar e me machucar (aponta para os braços e as coxas, dizendo que ficaram cheios de marcas por causa da força com que os soldados a seguraram). Eu disse que entraria na **joaninha** numa boa. Não precisava tanta chacoalhação comigo. Eu sou uma artista, não um marginal.

Se não houve briga, o que foi que houve?

— Eu até hoje estou querendo descobrir. Se tivesse brigado com a Zizi, eu assumiria. Só tenho uma cara, só tenho um cu pra fazer cocô e uma **xoxota** pra dar. Eu gosto muito de mim, sabe? Quando olho minha cara, meus olhos, quando me vejo no espelho, eu fico muito contente. Sinto que confio muito em mim. Agora, aquela briga não houve.

Você tá muito magoada, né?

— Até aquele dia fatídico eu conhecia a mentira. Não conhecia a calúnia, nem a injúria. Agora, eu sei que as pessoas são capazes dessas coisas todas. Talvez a culpa seja minha. Eu sou uma menina, me exponho muito. Gosto de me misturar com as pessoas.

Quanto tempo você e a Zizi viveram juntas?

— Um ano e meio. Agora, eu nunca vivi com a Zizi Possi porque nunca fizemos **shows** em casa. Eu vivi foi com Maria Izildinha Possi, uma moça que foi muito legal pra mim. O nome dela é de uma santa portuguesa, sabe?

Por que vocês se separaram?

— Não importa se o amor é homossexual, heterossexual, grupal... Desgastou, tem que acabar. Nosso amor tinha chegado ao fim e não havia por que continuarmos juntas. Nos separamos muito civilizadamente. Pelo menos, eu pensava que fosse assim.

E o dia 29 de abril? O que aconteceu?

— A história toda começou quando eu saí de casa e fui morar no Sheraton. Zizi começou a me telefonar, dizendo que eu devia ir buscar meus móveis. Insistiu tanto que chegou até a ligar pra mim em Vitória, onde eu fui fazer um **show**. Disse pra ela: "Menina, eu não posso tomar um táxi aqui e ir pra sua casa". Voltei, saí pra curtir com uns amigos e, no dia seguinte, encontrei novo recado da Zizi. Ela tinha telefonado mais de 15 vezes.

Aí, você foi à casa dela.

— É. E aconteceu toda aquela coisa horrível. Quando cheguei, ela estava trancada no quarto, grudada no telefone, aos berros, com as roupas íntimas todas penduradas na janela, feito uma napolitana. Gritava: "Tira essa mulher daqui, ela é perigosa! Chamem novamente a polícia!" Eu fiquei me sentindo como uma torturadora e fui até o quarto do lado. Disse: "Zizi, você tá chamando muito a atenção". Ela não parava de gritar, com a porta trancada.

Então, você não chegou a tocar nela?

— Eu vi Zizi duas vezes. Pela janela do quarto, quando ficamos a um metro e meio de distância, e quando os PMs chegaram. Ficamos a três metros uma da outra.

Quem chamou a polícia?

— Foi a Zizi. Como ela berrava muito, eu fui pra sala e fiquei lá, aguardando. Não tinha ilusões de levar a mobília porque estava apenas com meu Chevette e não poderia levar os 70% da casa que eram meus. Pensava levar uns quadros, quando a campainha tocou uma vez. Eu atendi. Era uma amiga nossa (o nome dela Angela prefere não dizer, alegando que a moça já foi muito assediada pelos jornais, sem ter nada com o peixe). A moça me disse: "É melhor você ir embora". Resolvi ficar, e quando a campainha tocou novamente eram os PMs. Aí eu perdi a calma e arranquei o fio do telefone, que era meu. Foi o único gesto de violência que eu fiz. Estava com raiva. Meu telefone tinha sido usado contra mim.

(Neste momento, uma amiga de Angela interrompe a entrevista para elogiá-la: "Você tá falando feito Rui Barbosa, minha menina". Angela sorri.)

A Zizi tá processando você?

— Quem tá me processando são os PMs. É uma ação pública por desacato e agressão à autoridade. A Zizi, quando viu a merda que fez, se recolheu. Ela chegou toda embonecada na delegacia três horas depois de mim, sentiu a barra e caiu fora. Eu é que fiquei lá enfrentando o diabo: o escrivão fazendo perguntas (faz o gesto com a voz, emitando o policial), os PMs me processando e mais de 50 repórteres enfiando o microfone na minha boca.

A imprensa foi injusta com você?

— A imprensa escreveu o que quis. Ninguém teve sensibilidade para ver que eu sou uma moça, uma atriz. Eu estava muito nervosa e muito abatida. Não tinha dormido. Disseram que eu estava bêbada, mas não era verdade. Fiz questão de fazer exame de alcoolismo. O resultado foi negativo.

E o dia seguinte, como foi?

— Foi uma merda, cara. Eu fui pro **show** do Dia do Trabalho no Riocentro e desabafei. Havia uns caras dizendo: "Olha a sapatão que bateu na moça". Eu peguei o microfone e contei tudo pra platéia. Precisava desabafar. As pessoas me trataram com carinho.

(Angela interrompe a entrevista e põe "Atrás da Porta", de Nana Caymmi na radiola. Diz: "Esta música explica tudo o que aconteceu. Só que eu não estava atrás da porta, como a imprensa fez o grande público pensar.)

O incidente causou muitos prejuízos?

— Não quero nem falar nisso. Nas rádios, minhas músicas deixaram de ser tocadas, sabe? Mas o pior são as chanchadas de mau-gosto feitas com meu nome. Outro dia liguei a tevê no Chacrinha e lá tava ele com a buzina dizendo: "Zizi vai na frente e a Rô-Rô vai atrás". Um negócio pra machucar. Fiquei triste porque gosto do Chacrinha. Tinha até um prêmio pra receber no programa dele junto com a Zizi. A Zizi foi lá e recebeu o prêmio, eu não fui. Estava fora do Rio e o programa não me mandou a passagem de avião. No canal 11 também fizeram uma brincadeira grosseira comigo. Num programa apareceu um quadro assim: uma mulher fazendo macumba, dizendo pra um negão: "Como é. Angela Rô-Rô, não vai baixar o porrete?" Quer dizer: eu era o elemento de agressão, saca?

Não ficou ninguém do seu lado?

— Gibraltar não se derruba com pazinha. É preciso muita dinamite. Eu sou muito dura na queda. Nelson Motta, Daniel Filho têm me estimulado e ajudado muito. São meus aliados, aliados fortes.

(A amiga de Angela volta a interromper para aplaudi-la, mas desta vez Angela não gosta e pede para a moça se retirar. A moça insiste e Angela reage com energia: "Você não tem o direito de fazer isso comigo. Afinal, não somos tão amigas assim". A moça sai magoada, Angela comenta: "Veja como as coisas são difíceis. Ela veio para uma reuniãozinha e acabou acampando na minha casa...")

Como foi que sua família reagiu a essa história toda?

— Eu tenho pais maravilhosos. Mamãe é mineira, dessas mineiras típicas de Uberaba. Papai é baiano, exótico. Não bebe, não fuma, não fala palavrão. Os dois me deram todo apoio. Mesmo se eu tivesse matado uma pessoa, eles ficariam do meu lado. Nosso amor tá acima de tudo. Quando eu deixei de estudar, papai me sustentou durante dez anos. Eu desbundei no fim da década de 60. Virei **hippie**, vivia fazendo **shows** nas praias, nas casas dos amigos. Depois eu fui pra Londres e comecei a fazer biscate como cantora. Só há dez anos é que eu realmente comecei a acertar, a ganhar algum dinheiro.

(A moça volta para junto de Angela e ela reaje novamente. Desta vez, com mais energia: "Olha, eu tou dizendo pro moço que sou pacifista. Você tá quase fazendo eu perder a paciência. Eu estou dando uma entrevista, coisa séria, muito séria. Saia daqui". A moça sai, Angela volta a sorrir. "Ela me torra o saco. É de fazer qualquer um perder a paciência.)

Você faria as pazes com Zizi?

— Zizi agiu assim comigo: me deu adeus e eu aceitei. Ela ficou surpresa e, quando eu dei as costas pra ir embora, ela me apunhalou, me bateu com um tacape deste tamanho (abre os braços para dar idéia do que está dizendo). Foi isso mesmo, ela disse que a relação tava desgastada, eu concordei, arrumei minhas trouxas e fui embora. Aí ela entrou, em pânico e fez aquela palhaçada toda. Agora eu não vou ficar guardando coisas negativas dentro de mim. Eu desejo que ela seja muito feliz e que não morra de úlcera do duodeno por ficar guardando rancor no estômago. Eu faço as pazes se as pazes pintarem. A gente só tem uma vida, e eu não vou ficar guardando rancor no estômago. Estômago só serve pra guardar comida e bebida, não é isso?

(A cachorra Frufru passa pela sala correndo. Angela grita: Meu deus, a cachorra... Vem cá Frufru, vem! Olha em volta e desabafa: a casa ainda está uma bagunça. Não tive tempo ainda pra arrumar tudo.)

Você esta namorando?

— Eu ainda tô machucada. Por enquanto, só estou namorando a mim mesmo. Quero me conhecer melhor. É mais fácil sair pelas rádios pedindo pra tocar minhas músicas, explicando o que aconteceu, do que reconstituir os pedaços quebrados dentro de mim.

E o trabalho? Tem alguma coisa nova?

— Estou tentando me botar inteira, fiz questão de não parar de trabalhar. Não tenho nada de porralouca. Eu sou louca, mas porralouca eu não sou não. Estou com uma música rascunhada pra um novo disco. Tô pensando em dar um título bem brejeiro. Coisa assim: **"Perdoai-os, pai. Eles só sabem o que fazem"**. A capa do disco vai ser um cruz enorme de jacarandá, ladeada por uma taça de champanha e um livro de poemas de Rimbaud.

Você mistura muito sua vida com seu trabalho, não?

— É esse meu orgulho. Eu sou revolucionária porque levo minha vida para o palco e não o palco para minha vida. Não vivo em função da glória, nem querendo ser um tipo hollywoodiano. Eu subo no palco e choro se tiver de chorar, rio se tiver le rir. Eu sou a diretora do meu **show**, sabe? Muita gente já quis botar o nome nos letreiros pra dizer que me dirige. Muita gente quis pagar pra isso, mas eu nunca topei. Como é que alguém vai poder bolar tudo o que eu digo no palco? Não é possível, porque não há nenhuma diferença entre eu no palco e eu na vida real.

Se você tiver de escolher, o namorado vai ser homem ou mulher?

— Não faço distinção entre um e outro. Posso amar um homem com a mesma intensidade que uma mulher. Não faço distinção, e acho a maior pobreza de espírito quando alguém me chama de sapatão. Homens e mulheres têm que acabar com essa guerra sexual. A gente tem que se unir, trabalhar junto pra acabar com essa paranóia toda que só faz piorar o mundo. É bom que fique claro que eu não tenho nenhum preconceito contra homem. Agora, é evidente que eu tenho meu tipo de homem. E este não é o machão.

(Angela pede desculpas e encerra a entrevista. São 19h30m e ela já está atrasada para uma gravação na Globo.)

Entrevista a Francisco Viana
Fotos Custódio Coimbra

MACHÕES MATAM 21 MULHERES NO RECIFE

N[illegible] dia 4 de abril, sexta-feira, os jornais de Recife [illegible] com muita discrição um dos mais violentos crimes contra a mulher registrado pela polícia local o assassinato de Iraci Ferreira dos Santos, uma empregada doméstica de 23 anos Ela foi encontrada morta, na véspera, numa rua residencial do bairro de Boa Viagem, onde trabalhava Estava com o ventre rasgado e os órgãos internos espalhados pelo chão O assassino chegou ao requinte de recortar cuidadosamente sua vagina e espetá-la, como se fosse um estandarte, num pedaço de pau

O crime mereceu apenas 20 linhas na imprensa local Foi atribuído a uma quadrilha de assaltantes que age no bairro Na verdade foi o 21.° assassinato de mulher ocorrido no Recife entre janeiro de 1980 e abril deste ano

Todos os crimes têm razões muito parecidas as mulheres querem se separar dos companheiros e estes não admitem o fim da relação Como as mulheres insistem em mandá-los embora, eles reagem violentamente e matam A maioria dos crimes atinge gente pobre Mas há também os casos de vítimas da classe média, como aconteceu com a economista Maria das Dores Vieira de Lima, 38 anos Separada do marido, ela procurou a polícia no dia 8 de janeiro do ano passado para pedir garantia de vida No dia seguinte, escoltada por dois policiais foi a sua antiga casa pegar alguns objetos de uso pessoal Foi surpreendida e [illegible] pelo marido José Salviano de Lima Quando ela entrou em casa, ele saiu subitamente de trás de uma cortina e a alvejou com três tiros no peito

A crônica desse tipo de crime passional contra a mulher no Recife é extensa No [illegible] seguinte à morte da economista, Maria Lúcia Ribeiro da Silva, 20 anos, discutiu com o marido, José Carlos da Silva Acabou morta com um tiro no rosto O mesmo aconteceu com a corretora de imóveis Iracema Moreira da Silva Foi assassinada pelo ex-namorado, um [illegible] da Conceição morreu com uma facada no peito Seu crime trocou o marido, Ramiro Batista da Luz, por uma mulher Ao depor na polícia, o marido disse que se sentia ferido no seu "brio de homem

Eliane Maria da Conceição, 26 anos, grávida de três meses, morreu com [illegible] facadas O crime foi em março [illegible] Seu amante, Severino Ramos da Silva, resolveu assassiná-la, com ciúmes do vizinho O ciúme foi também a causa da morte de Rita Vitalina da Conceição, de [illegible] anos Cansada das bebedeiras do amante, Sebastião de Lima, resolveu se separar dele Um dia, Sebastião bebeu demais, foi procurá-la A mulher acabou morta com cinco facadas Neide Santos Costa 16 anos, [illegible] conhecia direito o namorado, José Eugênio dos Santos Foi morta com três tiros na cabeça Seu crime segundo o namorado, dançara na festa de seu [illegible] um primo

Há outras histórias igualmente dramáticas A mendiga Raimunda Tomé da Silva, morreu tentando não ser currada por dois rapazes, o mesmo aconteceu com a prostituta Maria José Gomes da Silva Seu agressor, o pescador Armando Severino da Silva, matou-a com uma paulada na cabeça

Houve casos de crimes terem sido praticados em plena rua Exemplo Maria do Socorro da Silva Costa morreu na rua do Hospício, depois de ser espancada pelo marido Detalhe a rua do Hospício fica no centro do Recife Cláudia Marli da Silva Bernardino, 17 anos, e Maria do Socorro da Silva Costa, 23 anos, morreram estaqueadas pelos ex-companheiros. Ambas gritaram inutilmente por socorro, enquanto se esvaíam em sangue na rua Não houve quem quisesse socorrê-las

Beth Salgueiro

ASSALTO É BRINCADEIRA DE CRIANÇA

Todos os dias a polícia prende cerca de 200 crianças nas ruas de Recife. São meninos que roubam carteira, cheiram cola ou simplesmente pedem esmolas. Têm entre 6 e 14 anos. Suas histórias são quase todas iguais: as mães, geralmente muito pobres, saem para trabalhar e eles se reúnem em bandos. Não estudam, vivem perseguidos. Não têm qualquer perspectiva de futuro. Recentemente, a morte de um vigilante revelou a existência de uma quadrilha que aterrorizava a cidade, praticando assaltos drogada com cola de sapateiro — substância que dá alucinações bem parecidas com as provocadas por éter e lança-perfume. A repórter Beth Salgueiro ouviu um dos exmembros dessa quadrilha, S., 11 anos. É um menino que já fez de quase tudo: fugiu de casa, assaltou, cheirou cola, fugiu da polícia e apanhou no Juizado de Menores, onde foi levado pela própria mãe, após a morte do vigilante, que abastecia a quadrilha com cola. A história de S. equivale a um perfil dos meninos marginai de Recife.

Carona de pára-choque é um barato mais perigoso que a cola, curtido pelo engraxate sem freguês

Fotos de Glenda Selma

Até a idade de dois anos S. viveu com a mãe, empregada doméstica no bairro de Nova Descoberta, sem nunca ter sequer ouvido falar no pai. Depois a barra ficou pesada e a mãe entregou S. a uma mulher desconhecida. Com essa mulher ele ficou até os 9 anos: "Era uma mulher boazinha, mas só às vezes. Pra eu ter direito de comer, eu tinha de trabalhar, lavar banheiro, varrer quintal. E ela me batia de cabo de vassoura. Então eu abusava mesmo", conta ele

E abusou tanto, que um dia a mulher o trouxe de volta para a mãe. S. não gostou: ("não gostava dela, que dizia que era minha mãe") e fugiu. Pegou um trem, foi pro interior, se escondendo do fiscal, descendo na cidade que lhe dava na telha. E assim ficou um ano inteiro, trabalhando aqui e ali. Dizia pra quem lhe perguntava pela família: "Minha mãe e meu pai morreram num desastre. Caíram da ponte embaixo"

A mãe procurou por ele desesperadamente. Um dia ele voltou. Assim, sem falar nada. Mas não gostou nem um pouco do lugar onde ia morar. "Nova Descoberta é um lugar onde a gente não tem onde brincar. Só tem escada. Tinha um pedaço de terra por ali, que eles chamavam Mororó, onde dava prá jogar bola, mas aterraram e construíram."

Foi aí que apareceram outras crianças abandonadas do bairro, que já formavam um grupinho, e chamaram S. pra ir até o centro da cidade, "se divertir". Então ele aprendeu todas as artimanhas que as crianças usam para sobreviver no meio da bandidagem da cidade grande. Andavam todos devidamente armados de faca — apenas o chefe, de 15 anos, usava revólver. Para chegar ao Centro se escondiam por debaixo do ônibus: iam cinco agachados no pára-choque traseiro e quatro suspensos por debaixo, segurando nos ferros do ônibus. Na cidade, desciam e começavam a procurar o que fazer.

— A gente tinha de cheirar cola primeiro, porque aí todo mundo ficava igual ao super-homem, ninguém segurava a gente. Depois se escolhia os otários e se começava a bater carteira.

Como é difícil menor comprar cola de sapateiro, eles tinham um fornecedor. Era um vigilante de um banco no bairro de Casa Amarela, que fez um trato com a turma: "Ele tinha uma barraca na feira de Nova Descoberta, mas era meio duro. Então a gente roubava na feira de Casa Amarela e dava as verduras pra ele; e ele pagava com muitas latas de cola". A cola era entregue ao chefe do bando, o **Bóia**, de 15 anos. Por isso é que S. não sabe o nome do vigilante. Mas teve um dia que ele acompanhou o amigo na transação e, por azar seu, foi exatamente o dia em que o vigilante foi assassinado. "A gente tava pra chegar nele, era de noite, tudo escuro. Aí vimos que tinha outro homem lá, e os dois estavam discutindo. Então o homem pegou o revólver e deu um tiro. Pum! Foi certinho no coração. A gente tirou o corpo pra não dar bandeira."

Desde então a cola ficou difícil; e o grupo começou a roubar de todos os sapateiros do bairro. Depois, passaram a roubar de outros lugares. "Sem cola não dá", diz S. Com a turma e a cola, aprendeu a fugir da polícia, deixando só a camisa na mão dos homens. Aprendeu a dar um empurrão e correr em ziguezague pelas ruas, sem olhar pra trás para não ver o desespero do otário que teve a carteira batida ou a bolsa roubada. Aprendeu a pular no rio Capibaribe e ficar debaixo das pontes, escondido, até passar a barulheira das pessoas, procurando ele lá em cima

Um dia botou uma faca na garganta de uma mulher que parou num sinal fechado e ficou dando risada do pânico dentro do automóvel: "Eu tava doidão, tava vendo tudo de dois. E tinha bastante criança dentro do carro. A mulher chorava e me pedia pelo amor de Deus pra eu não fazer nada com ela. E eu só ria. Aí eu vi um saco enorme de bombons, e não quis mais nem saber de dinheiro. Roubei as balas das crianças todinhas".

Depois dessa, em plena operação de bater a carteira de um velho, S. foi preso. Não deu pra correr deixando a camisa na mão. Foi levado para o Juizado de Menores, junto com mais 15 crianças, depois de rodar o dia inteiro pelas ruas da cidade dentro de um camburão. "Quando cheguei no Juizado, o guarda falou que quem tivesse dinheiro não precisava ficar preso. Então eu dei os trezentos contos da carteira do velho e logo depois tava na rua", conta ele.

A última de S. foi há três meses. A mãe mandou ele buscar a mesada do irmão mais novo, que tem pai conhecido. Ele não resistiu, gastou tudo com latas de cola, que distribuiu generosamente entre os amigos. No dia seguinte, a mãe levou S. para o Juizado, "para aprender o que é uma mão de homem".

Lá, S. apanhou muito: "Fui pendurado de cabeça pra baixo até perder os sentidos, tomei tapa na boca e quase me fraturaram uma costela de tanta porrada de cabo de vassoura nas costas". Quem batia, do sábado até a segunda-feira que lá ficou, era um policial gordo, que ele não sabe o nome. Na segunda, a mãe foi buscá-lo. S. estava outro menino. Tinha ferimentos que precisavam ser curados, mas a mãe preferiu ele assim. "Ele tava manso e tá manso até hoje. Tá até a fim de estudar, graças a deus. Eu não me arrependo de nada do que eu fiz."

Quem não concorda é P., seu irmão de 6 anos que segue seus passos. Além de não querer ir na escola, P. já quebrou os dentes de um amiguinho de 4 anos, numa briga no meio da rua. Anda armado com um cabo de aço e já ameaçou: "A mãe não pense que eu sou bobo que nem meu irmão. Se ela quiser me levar pro Juizado eu dou uma rasteira nela, saio correndo e ela nunca mais me vê".

Beth Salgueiro

Tony Vieira fez fama e fortuna com bang-bang erótico

Tony Vieira em ação

Nos anos 70 a moda eram os filmes de *bang-bang* à italiana Muitos tiros, muito sangue, muita morte, mas nada de sexo. Na imaginação de Tony Vieira, recém saído das novelas do extinto canal 9 e desempregado, haveria público para um *bang bang* diferente, erótico. Surgiu a fita *Gringo, o Ultimo Matador, escrita*, dirigida, interpretada, montada e com trilha sonora do próprio Tony Vieira. Foi um sucesso enorme, como conta o próprio autor

Os espectadores gostaram tanto que metade do cinema achou que era filme italiano dublado para o português

Como ainda não tinha nome para se firmar nas telas, Tony Vieira inventou um trio que ficaria famoso nas outras fitas: ele, Claudete Jobert (com quem se casou mais tarde) e Heitor Gaiotti. Partiu para o segundo filme, desta vez abordando a problemática do marginal de rua brasileiro, o malandro com ginga toda nossa. Título: *Sob o Domínio do Sexo*

Sempre insisto na anticultura artística do brasileiro. O gosto artístico. O brasileiro é meio tapadão. Se ele vê *A Prostituta, Bacanal*, ele entra disposto a ver tudo. Por isso, faço a linguagem do povo. Claro que me baseio fundamentalmente no cinema americano. Afinal, quer queiramos ou não, eles são o pai do cinema

Tony não concorda com a chancela "pornochanchada". Acha que não são fitas pornôs, mas eróticas. O pornô está lá fora. Cita como exemplo o filme *Eu Te Amo*, que foi oferecido em Roma, mas que o consideraram "ingênuo"

Já que não podemos fazer um *Guerra nas Estrelas*, vamos botar mulher pelada na tela. Fiz *O Ultimo Cão de Guerra*, que é um malho comercial do americano *Selvagens Cães de Guerra*, reconheço. A história é de um general que contrata mercenários e rapta a filha de um fazendeiro Vêm ex-guerrilheiros do Vietnã, que descem de, pára-quedas e botam pra quebrar. Seria um filma legal se fosse filmado com a técnica que os americanos têm

Quem cria os filmes é o próprio Tony Vieira. Ele conta que a inspiração vem a qualquer hora. E como a inspiração para a música

Estou deitado, a coisa vem e digo, pô, legal. Leio o *Noticias Populares*, que estampa manchetes de crimes, ouço o programa do Gil Gomes, que conta casos policiais, e aquilo é filme toda hora, tem bandido que faz

cada assalto que mereceria até prêmio. Pode ser de bom ou de mau gosto, depende do diretor

Os amigos e sócios de Tony Vieira contam que ele tem uma obsessão por sexo na tela. Em qualquer situação, quer botar cena de sexo, mesmo que não tenha nada a ver. Mas ele diz que não, que o sexo desvia a intenção original de sua fita

O publico é que me obriga a pôr sexo na tela. Se houver um arrocho no cinema, iremos à falência. Serão 10 milhões de desempregados. Creio que a censura não pode apertar muito, tem que deixar a coisa afrouxar um pouco

Independente disso, Tony Vieira confessa que vai parar Pelo menos, por uns dois anos. Conta que tem 19 fitas na praça, todas andando. Acontece que o exibidor pede um mínimo de três meses de distância entre uma fita e outra, e ele não está disposto a ficar com um capital empatado de Cr$10 bilhões

Vou esvaziar um pouco Tony Vieira. Vou partir só para produções, sem ser ator, sem aparecer na tela. Sabe que tenho alguns convites para voltar a fazer telenovela? Mas não vou. Quem vê Tony Vieira de graça, na tevê, não vai pagar pra ver Tony Vieira no cinema

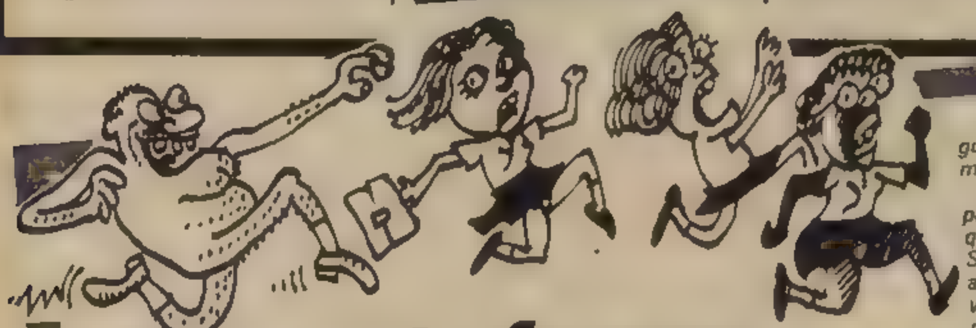
O próximo filme do diretor Tony Vieira será *As Amantes*, sobre lesbianismo. Um dramalhão, que ele classifica já de *pornolágrimas*. Desta vez o Charles Bronson do cinema nacional — aquele sujeito que aparece humilde e de repente mata 8 de uma só vez — não vai aparecer. Mas Tony Vieira tem certeza do sucesso que a fita vai fazer. Afinal, até agora tudo deu certo na sua vida, iniciada aos 12 anos como baleiro de circo. Foi trapezista, locutor, ator de dramalhões no circo, e descobriu aos 20 anos de idade que ainda era analfabeto. Fez o ginásio em 2 anos e passou para o curso de teatro, em Minas Gerais, onde sempre viveu

Hoje, aos 43 anos, desquitado de Claudete Jobert há 3, um filho engenheiro, Tony Vieira diz que sabe do prestígio de que desfruta. E, se fizer algo de mal, esse prestígio vai pro buraco Com ele vão também as 6 salas de sua produtora e montadora, que movimenta uma razoável despesa e envolve, direta e indiretamente, 40 famílias

"Embrafilme é vergonha do cinema brasileiro"

Tony Vieira está movendo uma ação contra a Embrafilme, classificada por ele como "a vergonha do cinema nacional". Ele acha que o órgão federal não existe para o pequeno produtor, não faz nada e é controlado por meia dúzia de falsos intelectuais: "Eles me devem Cr$ 3 milhões de prêmios adicionais, que é lei. Acontece que alguém lá de dentro pegou esse dinheiro e o gastou indevidamente. O que devem, não me pagam. Então, entrei com uma ação na Justiça. Apresentei um só projeto na Embrafilme, fui tão mal recebido que não voltei mais lá, de tão envergonhado. Não financiam os meus filmes porque meia dúzia de falsos intelectuais acham que meus filmes não levam a nada. Eu também acho o mesmo do filme deles. As minhas fitas pelo menos têm público". Qual deveria ser a função da Embrafilme? Tony Vieira sugere que o órgão fiscalizasse de fato o cinema nacional, que ele controlasse as borboletas, que importasse negativo a preço de custo. Acha também que o produtor brasileiro teria que participar das discussões, das idéias do cinema nacional. Mas nada disso acontece, e ele diz desolado: "A Embrafilme foi uma idéia linda, só que deu tudo errado".

Rivaldo Chinem



Colegiais fogem de tarado no Mangue

Tarados que agarram as meninas à saída das aulas, gente fumando maconha e andando armada pelos corredores, merenda estragada, banheiros imundos e sem luz, janelas quebradas — eis o que é a Escola Municipal Martin Luther King, na Cidade Nova, que fica próxima à zona de prostituição do Mangue e ao Morro de São Carlos, no Rio

Depois que os jornais denunciaram os perigos que corriam os alunos devido aos marginais que invadiam a escola, foram colocados dois PMs nas imediações. Eles ficam, porém, a 200 metros do prédio, debaixo de um viaduto, e dão pouca atenção ao que acontece à saída, E o que acontece é que meninas de 11 a 13 anos são perseguidas por tarados e vivem em permanente sobressalto. Um deles, um homem grisalho de 40 a 50 anos, já chegou a tirar a roupa em frente ao colégio É · que conta M., de 12 anos, que no mês passado quase foi agarrada

Ele ficou tarado mesmo Tirou a camisa, desceu o fecho-éclair e ficou esfregando o pau no poste Vi que era o mesmo que tinha corrido atrás da gente, quando brincávamos de queimada no pátio. Ele mostrava o pau e fazia assim com a mão (abre e fecha os dedos), me chamando Como fiquei para trás, quase me agarrou.

Há cerca de dois meses uma outra menor, de 14 anos, foi atacada no banheiro por um marginal. Ela conseguiu se livrar, mas ficou com um ferimento no seio

Por falta de espaço, a ginástica é feita parte na quadra do colégio e parte na quadra da Escola de Samba Unidos de São Carlos, a 500 metros. Marginais assistem a tudo de cima de um muro, às vezes queimando um fumo, e quando a professora se distrai pulam para a quadra e tentam agarrar as garotas.

Os banheiros da escola são nojentos, vivem alagados e imundos. No das meninas não há luz elétrica. As salas de aula são sujas e poeirentas O vestiário e o banheiro usados após a ginástica foram fechados no início do ano e estão abandonados. A merenda é uma calamidade: no macarrão com carne só tem sebo e pelanca, o arroz é velho, o leite de canjica freqüentemente vem estragado, a dobradinha azeda e o Nescau com gosto de barata. O macarrão é lavado no tanque e a água dos bebedouros ninguém toma, pois "sai com bichinhos vermelhos".

— Outro dia veio uma asa de barata na minha salsicha Eu larguei o prato — conta Kátia, de 12 anos

A diretora do turno da tarde, que enfrenta os maiores problemas, dona Berta, alega não poder falar nada e recomendou que se procurasse a professora Dircéia Brito Cunha, secretária do 2.º Departamento de Educação Escolar, que funciona no mesmo prédio da escola. Esta diz que com a implantação do metrô os assaltos na área diminuíram muito e que não há planos para pedir reforço de policiamento e garantir a integridade das alunas. A única coisa que deseja é que o município construa um centro de esportes junto a cada DEC, para que a ginástica não seja feita mais fora da escola:

— A maioria das escolas não tem espaço para ginástica, e a educação física é obrigatória por lei. Várias escolas enfrentam este problema. Na Mário Cláudio as aulas de ginástica são dadas dentro da própria sala de aula. E a Rivadávia Correia manda os alunos para o Campo de Santana.

Para os alunos da noite (19 às 22 horas), os problemas de segurança são menos agudos que os do turno da tarde, pois dois PMs fazem a vigilância dentro da escola. Seu grande temor é o boato de que o supletivo noturno vai acabar, pois mesmo com os PMs os riscos para os alunos ainda são considerados grandes

Confirmar a informação com o diretor do supletivo, professor Altamir Paes, que também leciona na Gama Filho, é difícil, pois em geral ele só aparece às sextas-feiras. O coordenador, Célio de Oliveira, não acredita, porém, no boato de extinção do curso Para ele, com a colocação dos dois PMs os problemas de segurança no turno da noite estão resolvidos.

Neiva Rodrigues

BAR DO ARNAUDO

Comidas típicas nordestinas

EXPOSIÇÃO DE FOTOGRAFIAS
DE 1 A 15 DE JULHO

Rua Almirante Alexandrino, 316-B

Matou o filho pra não perder pensão

Adelice Rodrigues Leite da Silva, 37 anos, viúva, há algum tempo passando uma vida de privações, enforcou com palhas de milho o bebê do sexo masculino que tinha acabado de parir, porque pensou que, com isso, não perderia a pensão do INPS, no valor de Cr$ 9.754,00, com que vive e sustenta mais seis filhos. Ela agora está presa na cadeia pública do município de Ouricuri, no sertão pernambucano, onde chora e se diz muito arrependida. Com o crime, perdeu não só a pensão, como também a possibilidade de se alistar numa das frentes de emergência que o governo do Estado está prometendo criar na sua terra, queimada pela seca. Adelice é viúva de um mineiro de ouro que trabalhava em Minas Gerais, onde nasceram seus seis filhos, o mais novo com 8 anos. Com a morte do marido, há dois anos, ela se viu sem sustento e resolveu voltar pro sertão. Quando chegou, foi morar no sítio dos pais, próximo do centro de Ouricuri, e foi lá que conheceu um rapaz, por quem se apaixonou e de quem ficou grávida. Sem saber ainda da barriga e sem falar nada pro namorado, ela veio morar na cidade. "Minha mãe vivia me dizendo que eu era viúva e que tinha que me dar o respeito, não podia namorar, essas coisas. Que eu tinha seis filhos e não devia fazer vergonha pra eles, essas coisas. Aí eu vim embora", conta ela. Quando chegou em Ouricuri é que ela descobriu que estava grávida. Na cidade, já tinha alugado uma casinha, pobre, mas decente, e vivia com os filhos como uma senhora do maior respeito. "Quando eu vi que estava grávida, só faltei enlouquecer. Pensei em tirar, mas como, numa cidade desse tamanho?" relembra, ainda angustiada, na cela que ocupa, com as paredes cheias de artistas de cinema. Daí ela resolveu ter o bebê assim mesmo. Então começaram outras preocupações: "Li uma vez num jornal que uma viúva só teria direito à pensão do marido enquanto permanecesse fiel a ele. Se eu tivesse um filho do outro, eu ia perder a pensão, né? E como ia ser a vida da gente, com seis crianças, escola e tudo o mais, essa carestia danada do jeito que está?" Adelice, então, decidiu esconder de todos os primeiros sintomas da gravidez. Apertou a barriga até a hora do parto. Ela é magra e pequena, ninguém desconfiou, nem as crianças. No fim de maio pariu sozinha, à noite. "O bebê foi saindo e na minha cabeça só vinha aquela idéia doida de que era um segredo muito grande, que ninguém devia saber. Foi ele saindo e eu apertando o pescoço dele com duas palhinhas de milho que eu catei do terreiro. Ele nem chorou. Assim que eu vi o que estava fazendo, me dei conta de que tinha matado meu filho e me arrependi e fiquei louca, mas aí não dava mais jeito. Se eu pudesse morrer pra ele viver de novo, eu morria. Depois, Adelice colocou o corpo numa caixa e saiu devagar pra levá-la até próximo do açude, onde a população joga lixo. Se sentiu fraca demais, pedindo ao menino da vizinha, que estava passando, que jogasse o pacote fora pra ela. Foi a sua perdição, pois o garoto abriu a caixa, viu o que continha e foi direto contar na polícia. Adelice chora muito na prisão. Suas crianças estão com os avós, que pensam até em vender o sítio para custear as despesas do processo.

Beth Salgueiro

Desenhistas e projetistas
Usem a cabeça!!!
Comprem na

MOREIRA

Ela ajuda a desenhar! Tenham sua própria mesa. GRANDE PROMOÇÃO: Mais de 2.000 mesas serão vendidas a preços que todos podem pagar.

PROMOÇÃO 1

PROMOÇÃO 2

PROMOÇÃO 2 A

GANHE UM DESCONTO DE 10%

ATENÇÃO!!!

Bicho em SP tem resultado pelo telefone

Resultado do jogo-de-bicho, em São Paulo, agora se consegue por telefone. Basta ligar para 263-9388. Uma moça atende:

— Com quem se pode pegar o resultado do bicho de hoje?

Ela diz apenas alguns números:

— 2462,3862, 7803, 3654, 9549.

Ligando para 864-5349, também dá para saber o resultado. Um homem atende e, à indagação do que é que deu no bicho, cita os mesmos números que a moça.

Esses telefones foram passados ao REPORTER, em São Paulo, por um informante anônimo, que afirmou pertencer à Polícia Militar. Ele ligou para dizer que a matéria sobre as relações entre o governo de São Paulo e os bicheiros, publicada no REPORTER n.º 40, estava absolutamente correta. E passou a dar as dicas, citando mais de 20 endereços onde se faz o jogo. Alguns com telefone.

O 263-9833 é de uma casa lotérica na rua Joaquim Machado, 231, e pertence a Ivo Noal, um dos três maiores banqueiros de bicho de São Paulo. O 864-5349 é da rua Vespasiano, 40 (Lapa), e está em nome do banqueiro Alfredo Parisi, conhecido como *O Velho*, pois tem mais de 80 anos. Ele é o maior banqueiro de São Paulo e controla a loja mais importante da cidade (10% do movimento total), que fica na Xavier de Toledo 34 e tem 26 guichês. Do trio dos grandes faz parte ainda Walter Spinelli, apelidado Marechal, diz o informante.

O movimento global do jogo-de-bicho atinge Cr$ 15 milhões por dia, em São Paulo. Todo dia tem dois sorteios, menos nos domingos. Para subornar a polícia, diz o informante, os banqueiros pagam Cr$ 7 milhões por mês. Portanto, com meio dia de trabalho cobrem o suborno do mês. Um "imposto" bem suave.

— Todos os distritos policiais recebem a caixinha — assegura o informante. São 50 na capital. Fora isso, há outros departamentos como Garra, Deic, etc. Ao todo, são 70 órgãos que recebem dinheiro do bicho. Os três grandes banqueiros, que representam 70% do faturamento, são os que pagam mais. Banqueiros médios e pequenos pagam em média 5, 10 mil cruzeiros. Os médios são sete, entre eles Marco Aurélio, Carlos Nerachi, José Córido e Davi Chibabo. Os pagamentos são feitos de maneira bem discreta, muitas vezes através de advogados.

Quando uma loja é "estourada" pela polícia — segundo o informante — o banqueiro gasta mais ou menos Cr$ 100 mil com advogado. O cambista pego em flagrante vai para a rua em troca de uma fiança de Cr$ 2 mil a Cr$ 5 mil. Diz o informante:

— Esses "estouros" dão em nada. Os delegados não fazem as coisas direito. Apenas prendem os cambistas e estes, é claro, não dizem o nome dos banqueiros, embora saibam. O delegado se dá por satisfeito e o processo morre ali. Se quisesse, o delegado poderia fazer mais: verificar em nome de quem está alugada a loja ou comprado o telefone e abrir contra o proprietário um processo por portaria.

Os delegados que agiram assim se deram mal, pois foram removidos de seus postos. Dessa lista fazem parte Alcides Cavalari (estava no 7.º Distrito, Lapa), Alberto Barbour (34.º Distrito, Vila Sônia) e Luis Carlos Barros Nuevo (no 12.º, Pari). O delegado Maurício Guimarães processou Ivo Noal 8 vezes, nos últimos 10 anos, por portaria. No começo de 81 perdeu seu posto. Outro que já processou os três grandes banqueiros de bicho é o delegado Renan Bastos.

As áreas em que o jogo-do-bicho é mais forte são o centro da cidade — que fica sob a responsabilidade do 3.º Distrito, comandado por Richetti — com 30% do movimento, e a Lapa (20% do movimento). O jogo come solto também na rua Augusta (4.º Distrito), no Brás (8.º Distrito) e no Bom Retiro (2.º).

Segundo o informante, da imensa rede de suborno montada pelos bicheiros escapa apenas a Polícia Militar. É a única, afirma ele, que não está na caixinha:

— No Rio, a PM está na caixinha. Por isso, o jogo lá é mais livre.

Alex Solnik

DISCOS
O. BITTENCOURT
★ Discos e Fitas ★
Gravadas e Virgens
DESCONTO DE 10% AOS PORTADORES DO ANUNCIO
R. dos Andradas, 59 Tel.: 224-6446

SILENCIOSOS E AMORTECEDORES
AUTO CENTER CLAVIER — TEL. 269-3246
CLAVIER
Originais e esportivos
VIDRACEIRO ELETRICISTA MECANICO
Rua Dois de Fevereiro, 21 esq. c/ Amaro Cavalcanti
10% DE DESCONTO AOS PORTADORES DESTE ANUNCIO

ADEMAR ELLIOT PINTO
Psiquiatria e Psicoterapia
Hipnose — Stress — Alcoolismo
Drogas e Distúrbios nervosos
ATENDIMENTO DOMICILIAR
Av. Geremário Dantas, 142 s/205 — Tel.: 392-3833

PASSARELA

Jorge Segundo

Ana Maria Kreisler está no *Gosto do Pecado*, de Cláudio Cunha. E, melhor ainda, está hoje aqui com a gente, desfilando na PASSARELA

NASCE UMA ESTRELA

Anotem o nome dela Ma[illegible] [illegible]. A televisão está precisando de caras bonitas e, depois da perda (temporária) da Bruna Lombardi e do atual sucesso da Christiane Torloni, parece que a TV Globo resolveu investir no que os especialistas consideram o rosto mais bonito, que mais cativa pela beleza que é o da bela Maitê. Quem acompanha as novelas viu a atriz recentemente como uma das Marias [illegible]s 6 da tarde. E não fez feio artisticamente, no trio, completado por Nádia Lippi e Glória Pires. Pra Ma[illegible] P[illegible] está reservado um belo futuro na passarela global, a não ser que ela própria abdique dessa estelar imagem.

POVÃO VOTA NO REI

Hoje, abrimos espaço para os primeiros votos populares na eleição do Rei da Noite. Pessoas que ligam e algumas até já escrevem e pedem que seus votos sejam registrados. Teve uma leitora de Botafogo, Cláudia dos Santos Ramos, que deu uma sugestão: a publicação de um cupom para que todos, numa aristocrática democracia, votem. Assim será. Vocês já sabem que o Rei eleito, substituto de Carlos Machado, será coroado no programa do João Roberto Kelly (TV Bandeirantes)!

Os candidatos: Chico Recarey, agora com 33 votos, com mais um que teve da leitora Dora dos Anjos Mafra, de Niterói.

R[illegible]ardo Amaral ganhou mais dois votos — Paulo M.C. Belo e Noêmia Abrantes — e fica com 30.

Mário Priolli mais um voto — de Maria das Graças Miranda, de Bangu — e agora está com 13.

Sérgio Cavalcanti continua com os mesmos 12 e uma leitora pergunta: "Quem é Sérgio Cavalcanti? Nunca ouvi falar nele! É irmão do Flávio?" Respondo: Não, minha cara Ivone da Silva Pinto. O Sérgio é um bravo homem da noite, dono da boate [illegible], a casa que mais resiste no Rio. Por isso, tem eleitores.

[illegible] ganha mais dois votos: o da Ivone, que não conhecia o Sérgio, e o de Rodney Araújo, de Jacarepaguá, e passa para 4 votos.

Moacyr Derquem continua com seus 12 votos. Pra quem quiser votar, o cupom abaixo. O leitor (eleitor) pode votar nos candidatos já votados ou, se desejar, escolher outro, representativo da noite carioca.

REI DA NOITE

Voto em: ____________________

____

Nome do eleitor: ____________________

____

Endereço: ____________________

____

Controle de qualidade

Zezinho, sócio do *Chico Recarey*, garante que vai controlar (leia-se selecionar) o público de fim-de-semana do *Café Nice*. Tem havido uma invasão de clientes estranhos, curiosos — e não é bem isso que o Zezinho está querendo por lá. Vai ser difícil fazer esse "controle de qualidade", a não ser com cartão como fazem outras casas. Há o risco de comprar broncas com os ricos que descem da Zona Norte para se divertirem na Cinelândia onde fica o *Nice*.

PARCEIROS DA NOITE

Depois do filme — **Parceiros da Noite** (por sinal, confuso: uma excelente história, mal realizada) — a moda agora é [illegible]co de couro preto. Os estoques das [illegible]as do Rio e de São Paulo estão no fim. E os compradores estão em todas, inclusive acompanhados de mulheres bonitas, como **Fernanda Bruni**. E foi ela que a gente viu chegando no **Regine's** carioca, de moto, trazendo como carona um aderente à moda: casaco de couro — aliás, um supercasaco mesmo, que mais parecia uma armadura preta. Só que, lá dentro, na [illegible] de dança, os leves passos, a competência de dançarino [illegible] o faziam o pesado casaco parecer uma leve blusa de chiffon.

Gilberto Gil — a gente o viu, dias atrás, em Salvador — mobilizou uma incrível e alegre massa numa série de recitais no Teatro Castro Alves. O Campo Grande inteiro virou festa com a presença do artista. Um público eclético, multiforme, um arco-íris tão vivo, encantatório, como o próprio Gil no palco. E, mais do que a música, o som e o gingado do GG, o artista multifacetado em trezentas fotografias, mostradas no hall do teatro. Um bonito trabalho do fotógrafo Mário Luís Thompson. O show de Gil, depois de Salvador, está correndo 65 cidades brasileiras — uma pena que a exposição fotográfica também não acompanhe o espetáculo!

D. Yolanda e os búzios

Búzios e cartas são as manias de muitas colunáveis que não têm paciência para esperar o dia de amanhã; elas querem sempre apressar o futuro, sabê-lo hoje, agora. E quem está na moda, para essas colunáveis, é *D. Flor*, dizem, uma mulher incrível, que diz tudo, no jogo de búzios e das cartas. Dona *Yolanda Costa e Silva* sabe o endereço de Dona Flor, em Copacabana, de cor. Outras duas senhoras que frequentam os mistérios de Dona Flor: *Regina Berardo* e *Dayse Bezerra de Menezes*.

O ANTIPORNÔ

Vocês sabiam que o [illegible] passa mal quando vê fotos de revistas pornográficas daquelas bem brabas? Se for revistinha dinamarquesa, então o Velho Guerreiro tem calafrios! O Clóvis Bornay conta que já assistiu ao Chacrinha vomitar, depois de folhear uma dessas revistas. E tava lá, em página dupla, uma transa entre um porco e uma mulher, o flagrante exato do estranho clímax sexual. Seu Abelardo não aguentou. Chamou o [illegible] rapidinho.

Manoel Cavalcante Neto, [illegible] pais ★ Pedro Scherer, gaúcho radicado no Rio, volta ao colunismo social e comunica à PASSARELA que está escrevendo em dois jornais e uma revista. Manda recortes e, num deles, tá lá a foto de um casal muito querido: Leopo[illegible] Marúcia Lima ★ Fernando Ramos, o Pixote do cinema [illegible] filho adotivo de Tônia Carrero [illegible] das sete da Globo [illegible] ★ [illegible]e Mascarenhas, assíduo atleta do calçadão, reciclando para aguentar a tríplice atividade na TV-Sílvio Santos: como jurado do programa do Raul Gil, na produção do Almoço com as Estrelas (sugestão de assuntos e nomes cariocas) e escrevendo as notícias do boletim da emissora. ★ Já o Hilton Abihian, [illegible] Rádio Nacional, também no cal[illegible] de Copacabana, pedalar[illegible] Calór Cecy — e justificando a delicada [illegible]tária: "E da minha mulher!" ★ Maluf toca... Simonsen canta... e quem dança?... o povo! (entreouvido numa conversa, em noite agitada na Fiorentina; como sempre, por lá, o Maurício Shermann e o Jece Valadão). ★ Don Caymmi, excelente papo, grande músico, gravando número para o Fantástico. Um momento de qualidade musical no **show** da vida. Aliás, o velho Caymmi, Dorival, [illegible] foi à festa de Caribé, em Salvador, uma festa que teve até a sacerdotisa Menininha do Gantois. Caymmi não foi não porque estivesse doente, como se justificou, mas porque, segundo co[illegible]enta a intelectualidade baiana, é a ele, Caymmi, que a Bahia deve uma real e grande homenagem.

Correspondência para PASSARELA: Jorge Segundo, Rua Djalma Ulrich, 110, CEP 22071 — Copacabana, Rio.

CARGA PESADA É A

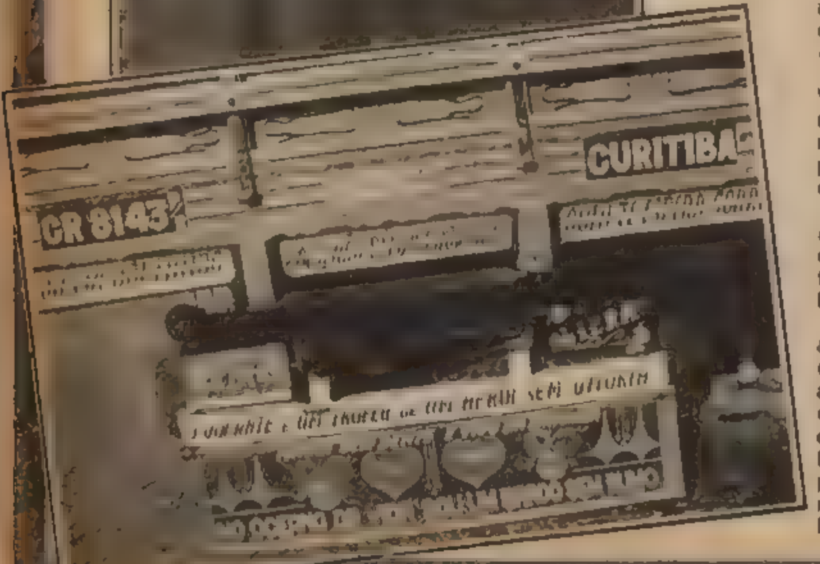
VIDA DE CAMINHONEIRO

NÃO SOU BATOM MAS ANDO NAS BOCAS

Posto 13, Via Dutra. Um ponto conhecido pelos caminhoneiros em todo o Brasil. No imenso pátio, centralizado pelo restaurante Bons Amigos, chegam e saem caminhões de todos os pontos do país. Além dos motoristas, as chapas, os socorristas e os agenciadores de carga andam de um lado para o outro. Poucos dos que fazem parte desse formigueiro humano estão satisfeitos da vida. Os caminhoneiros reclamam do preço dos fretes, da alta do combustível e dos pneus e, principalmente, da falta de cargas. Reclamam também dos achaques que sofrem da polícia, de dores na coluna, dos abalos do sistema nervoso e da solidão das longas viagens.

O Posto 13 é parada de caminhoneiros de todo o país

João Sílvio economiza fazendo sua [illegible] e o chimarrão



Filosofia de estrada

Apesar da dureza, gostam da estrada; maldizem a profissão, mas não querem abandoná-la. E, não raro, se dopam para aguentar a parada. As vezes perdem a batalha. Nos primeiros cinco meses deste ano ocorreram 755 acidentes na Via Dutra, na área do Rio de Janeiro, segundo a 7.ª Divisão Rodoviária Federal. Nada menos que 613 caminhões de carga estavam envolvidos nesses acidentes, em que 125 pessoas ficaram feridas e 54 morreram

Arrebite é o nome dado pelos caminhoneiros às drogas que muitos tomam para aguentar o rojão no volante, dia e noite *Paulista*, 32 anos, tarracudo, guia no pescoço e bigode mexicano, abre o jogo. E de noite, as fachadas dos motéis na beira da Via Dutra estão iluminadas

— As empresas dão as cartas. Você tem quatro dias pra fazer uma entrega no Recife; se atrasar paga multa e se chegar adiantado ganha prêmio. Aí, meu irmão, é um tal de caminhoneiro sair grudado no volante, dia e noite. E tome *arrebite* Você vê até bicho na estrada. Fica ligado mesmo. Basta tomar Lipomax, Dietrex ou Preludim

Olindo Magote diz que não toma *arrebite* de jeito nenhum ("não quero estragar minha saúde"). Mas apesar de se cuidar reclama de esgotamento nervoso e de dores na coluna e nos rins, além do preço do frete que, segundo ele, não compensa. Já Daniel Mayer, 31 anos, natural de Ponta Grossa, no Paraná, 19 anos de estrada, diz que às vezes tem que ingerir um estimulante

— É o desespero. Moro há 3 mil quilômetros daqui e tenho que levar dinheiro para os bichinhos. São três filhos, 2, 4 e 6 anos. A gente fica 45, 60 dias sem ir em casa, passando necessidade, sem carga, muita concorrência das multinacionais, que dominaram o setor

Ficar muito tempo longe de casa às vezes provoca grandes surpresas. *Saudade* deixou a mulher grávida de três meses e, quando chegou em casa, seis meses depois, era pai de gêmeos. Essa permanência prolongada na estrada é que leva, diz ele, muitos motoristas a apelarem para o *arrebite*

— O que acontece é que muita gente que vive pela estrada não tem estrutura para tomar estimulante Esta vida é muito dura. Já pensou tu passar quatro, seis meses, um ano, fora de casa, sozinho dentro de um caminhão? É preciso muito equilíbrio. E tem gente que não resiste, fica revoltado, triste, e bate aquela solidão Aí, em vez de tomar um *arrebite* enche a mão e enfia tudo na boca. Isso é suicídio

A compensação por enfrentar essa vida dura é pequena, em matéria de grana. José de Oliveira, por exemplo, está no Posto 13 há 3 dias esperando uma carga para Goiás. Ele conhece o Posto há 10 anos, desde que começou a dirigir seu caminhão, que considera o mais bonito da estrada. Seu FNM, batizado *Lampião do Sul*, tem sofá-cama, rádio, televisão e mesinha. De maio a junho ele puxa arroz de Santa Vitória do Palmar, fronteira com o Uruguai, para o Rio e São Paulo, e o resto do ano se manda para a Belém-Brasília, onde transporta toras de madeira. Diz ele:

— Quem manda mesmo são as multinacionais do transporte. Eu vim da fronteira carregado de arroz e me pagaram Cr$ 5.200 por tonelada. Daqui pra lá é só Cr$ 2.600. Quem é que agüenta? Pra encher o tanque de óleo diesel a gente gasta cerca de 10 mil cruzeiros, que é o preço de 300 litros. Por mês vai a Cr$ 100 mil.

Alceu Sandrino tem uma sugestão contra a exploração dos caminhoneiros:

— O que eu acho é que a categoria devia reivindicar uma tabela nacional por quilometragem, com fiscalização por tonelada transportada e quilômetro corrido. Aí acabava o golpe do retorno, que é uma exploração. Olha, de Ponta Grossa pra cá pagam 2.400 ou 2.500 cruzeiros por tonelada, e daqui pra lá 1.400 cruzeiros. Tá na cara que só dá pra cobrir as despesas. As peças são todas caras, os pneus e o combustível também. Só as grandes empresas vão ter condições de resistir. Nós, motoristas autônomos, estamos esperando dias cada vez piores.

Para economizar um pouco nesses dias difíceis e fugir da exploração dos restaurantes de beira de estrada, os motoristas procuram frequentemente fazer sua própria comida. José de Oliveira e *Saudade*, por exemplo, improvisam uma cozinha no *Lampião do Sul*, e no estacionamento do Posto 13 preparam um arroz a carreteiro José explica.

— Quando os gaúchos tocavam gado para outras pastagens, passavam três, quatro dias viajando. Então, levavam arroz e charque (uma espécie de carne seca, mais fresca). Aí, era só parar perto de um córrego, ou na beira de um rio, e fazer o boião. Esquenta água para o chimarrão e pronto. A saída para o caminhoneiro é fazer sua própria comida. Você não viu o português (do Bons Amigos) querer me vender três bifes crus, que nem um quilo tinham, por 520 cruzeiros? É roubo, só tem ladrão.

Além dos comerciantes que metem a mão, há outros ladrões que povoam as estradas, diz José de Oliveira

José carrega sua televisão, Alceu e família e Daniel e solidão

Acontecem muitos assaltos nas estradas, mas é mais pra lá, pelos lados do Norte do Paraná, de Mato Grosso do Sul, por causa da fronteira com o Paraguai. Carga de café (a mais visada) podem me oferecer um milhão de cruzeiros que eu não carrego.

José foi assaltado uma vez, na Belém-Brasília

– Um homem me pediu carona, eu dei. O cara entrou dizendo que era vendedor e me ofereceu uma máquina de fotografar e vários outros objetos pra fazer troca. Eu estava sem dinheiro. Teve uma hora que ele me ofereceu um rádio, bonito mesmo. Disse que podia dar o meu revólver e ele prontamente aceitou. Tirei as balas e dei a máquina na mão dele. Já fazia três horas que o cara estava viajando comigo. Eu nem desconfiava. Aí ele disse: "O que vou fazer com revólver sem bala? Me dá pelo menos uma." Quando dei aquela bala na mão dele, senti a mancada. Fiquei esperando. Não deu outra: o cara me expulsou do caminhão. Saí correndo pra dentro do mato. Esperei o dia clarear. Tava lá o *Lampião* na estrada, todo aceso. Aí, um colega que havia parado com o caminhão dele pra ver o que tinha acontecido, me perguntou: "Foi cagar tão longe?"

Há alguns metros do caminhão de José de Oliveira se movimentam os chapistas e os agenciadores de carga. São homens que vivem em torno dos motoristas de caminhão. Quando chega algum caminhoneiro para descarregar em algum bairro da cidade, ele chama o chapista, que além de indicar o caminho ajuda a retirar a carga, ganhando com isso, em média, mil cruzeiros. Já os agenciadores de carga são os que entram em contato com as empresas e arranjam fretes para os caminhoneiros, em troca de uma percentagem.

João Lázaro é um agenciador que trabalha há 20 anos no Posto 13. Como quase todo mundo, ele não anda satisfeito:

— Os agenciadores de carga já tiveram tempo bom. O dólar não estava tão caro, os empréstimos eram melhores. Agora os juros são altos. Você pede um empréstimo no banco e o banco quer ganhar mais do que você, que está trabalhando. Nosso país não tem dinheiro, está com a corda no pescoço.

Milton Teixeira é o mais antigo chapeiro do Posto 13. Trabalha lá desde 1950. Ele também diz que os tempos já foram melhores.

— O ramo está muito explorado. Hoje, só aqui, são 25 ou 30 chapeiros. Até 1960 deu pé pra gente ganhar dinheiro. Agora, meu filho, é motorista, chapa, agenciador e socorrista, tudo na pior.

Milton diz que o português Mascarenhas, que veio de Angola e é gerente do bar e restaurante Bons Amigos, tentou prejudicar os que trabalham no Posto 13:

— Ele chegou e quis expulsar daqui os chapas, os agenciadores e os socorristas. Implicou até com motoristas. Mas daqui eu não saio, nós chegamos primeiro

Mascarenhas não foi encontrado para responder a acusação. Mas o segurança do Bons Amigos, que anda com uma vareta na mão, acha que tudo não passa de "onda do pessoal", e que a maior preocupação da casa é em relação aos assaltos ("a gente não pode dar bobeira").

No Posto 13 ganham sua vida também uns 20 socorristas, que são chamados para consertar caminhões ou mesmo carretas com problemas na estrada. Marcelo é um deles:

– A Polícia Rodoviária passa por aqui e chama a gente, quando acontece um acidente na estrada Eles ganham uns 30% do preço que a gente cobra para desvirar um caminhão, consertar alguma coisa Somos, depois da polícia, os primeiros a chegar. Geralmente prestamos os primeiros socorros Quando chove, a gente já fica de sobreaviso, é quando há mais trabalho.

No caso dos motoristas, quem "morde" dinheiro não é a Polícia Rodoviária, mas a Polícia Militar. Todos reclamam. O mais exaltado fala em tom de desabafo:

– Caminhoneiro nenhum gosta de vir aqui pro Rio. Porque ela polícia pra "morder" a gente! Eles sempre arranjam uma coisinha pra te ferrar, e só aceitam se você der *barão*. Se você der 200 mangos, é tentativa de suborno. A Polícia Rodoviária nem tanto, porque sabe como a gente sofre. É certo que às vezes a gente tem que molhar a mão deles, mas a PM é muito pior. Entrou aqui na cidade, tá frito Teve um que implicou com o pisca-alerta. Aliás, este é o único Estado que exige isso. Eu pergunto: se fosse necessário mesmo, a empresa que fabrica o caminhão já tinha introduzido o acessório, não é mesmo?

Esse motorista, que já foi diversas vezes achacado pela PM, lembra bem de uma "mordida" que considera "o cúmulo"

– O PM me pegou em Bonsucesso. Eu disse que só tinha um *barão*. Ele falou: "Não faz mal". Entrou no caminhão e fez eu parar em frente ao Bob's, na Avenida Brasil. Trocou o dinheiro, me deu 200 pratas e ficou com 800

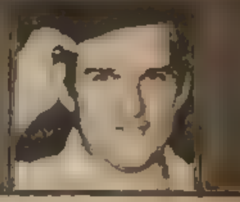
"Saudade" quer uma empregada que durma no emprego

Reportagem de Tim Lopes
Fotos de Chiquito Chaves

UMA COLUNA DE POLÍTICA

O da política!

Daniel Aarão Reis Filho



Movimento sindical vai dividido para a Conclat

A divisão do movimento sindical é um dos temas que deveriam estar merecendo maior atenção por parte de nossos políticos.

No Rio de Janeiro, os operários da Fiat saíram parcialmente derrotados de uma prolongada greve. É chover no molhado dizer que a greve mal mereceu o apoio dos diversos partidos políticos. O mais grave é que nem mesmo o movimento sindical deu uma sólida retaguarda ao movimento. No final das contas, os líderes da greve e os diretores do Sindicato dos Metalúrgicos saíram no pau entre si e o fato deu a medida dos desentendimentos. O sindicato acusa a liderança grevista de ter adotado uma atitude "irresponsável" na condução da luta, levando-a ao impasse. Já os operários da Fiat respondem que o sindicato nunca assumiu o apoio efetivo à greve e que acabou assinando um acordo ruim e, pior do que tudo, sem o assentimento dos grevistas, que se deixaram convencer por não terem agüentado a barra de um período longo de isolamento. É penoso observar que os dirigentes sindicais, agredidos, foram se queixar à polícia que, amanhã ou depois, estará pronta a descer o cacete nuns e noutros sem a menor cerimônia...

Enquanto isso, em São Bernardo, centro e principal base de luta do movimento sindical, duas chapas disputam a direção do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema. De um lado, a maioria da antiga diretoria, agrupada em torno de Luís Ignácio da Silva, o Lula, sustenta a continuidade de um trabalho desenvolvido com inegável sucesso há vários anos. De outro lado, duas lideranças da Comissão de Salários de 1978 e 1979 — Ormarzinho e Alemão — pretendem construir uma alternativa ao até aqui principal líder sindical do país. As divergências não estão propriamente no terreno sindical. O problema é que Osmarzinho e Alemão, por estarem comprometidos com o PMDB (o primeiro na moita e o segundo às claras), resolveram estabelecer um teste de força com Lula dentro de sua principal base. O objetivo seria o de enfraquecer a proposta política encarnada por Lula: a organização do PT — Partido dos Trabalhadores. Ou seja, a opção político-partidária estaria servindo de pretexto para semear a divisão no seio do movimento sindical, cuja força depende, em larga medida, da unidade que se possa conseguir em torno de uma linha comum de ação.

Tanto o arranca-rabo que houve entre os operários da Fiat e o Sindicato dos Metalúrgicos do Rio de Janeiro como a divisão que se esboça em São Bernardo são aspectos de um processo mais amplo de luta, que se desenvolve em torno da organização da I Conferência da Classe Trabalhadora — Conclat — prevista para agosto de 1981. A Conclat está sendo convocada por 192 sindicatos e visa a estabelecer uma coordenação nacional para o movimento sindical. Com isso, se estaria superando o que vem sendo considerado como o principal problema das lutas populares: seu isolamento e dispersão. Duas coisas tornam particularmente importante a Conclat: vai reunir trabalhadores urbanos e rurais e está sendo organizada sem a tutela estatal, ou seja, trata-se de uma iniciativa sob controle dos próprios dirigentes sindicais.

O que é que vai acontecer na Conclat? Socos e pontapés? E, neste caso, os vencidos tornarão a se queixar à polícia? Esta é uma hipótese que faria sorrir os homens do Planalto e enfraqueceria o movimento social dos trabalhadores em todo o país. E se a Conclat for capaz de superar suas divisões e rearticular a unidade do movimento sindical num nível superior? Hipótese possível ou sonho fora da realidade?

COMITÊ CENTRAL GARANTE:

MR-8 só apóia Saturnino enquanto ele for digno

"ESTAMOS CONTRA A LUTA ARMADA"

A recente entrevista do senador Saturnino Braga, candidato ao governo do Rio, denunciando pressões de grupos radicais dentro do PMDB, desencadeou uma avalanche de críticas ao MR-8: seus militantes foram chamados de inconseqüentes, circularam boatos de que a organização estaria preparando a luta armada e, sob o estigma de grupo radical, sua sigla tornou-se assídua freqüentadora das páginas dos jornais. Nesta entrevista, um membro da direção do MR-8 fala pela primeira vez

Há muitos rumores de que o MR-8 está se preparando para a luta armada. O que existe de verdade nisso?

— Nós gostaríamos que alguém descobrisse onde estão nossos campos de treinamento de guerrilha e nos ensinasse como ir até lá. Ninguém fez isso até agora, simplesmente por um motivo: não temos campos de treinamento de guerrilha, nem estamos pensando em luta armada.

Como é que se coloca a questão da luta armada para vocês?

— Não podemos pensar em derrubar a ditadura pela via armada. Uma opção dessa natureza hoje ficaria limitada apenas a setores vanguardistas.

A que vocês atribuem a onda de boatos, inclusive dentro da Oposição, de que o MR-8 estaria se preparando para o confronto com o governo?

— Na realidade, essas histórias são uma fuga à realidade. Como acreditamos que, neste momento de crise, as massas podem derrubar a ditadura, querem nos atribuir uma concepção golpista. Assim, pensam estigmatizar nossa política.

Quem está querendo estigmatizar a política de vocês?

— O SNI, elementos do Doi-Codi e setores egressos da ex-Arena. O objetivo é paralisar a ação dos oposicionistas mais conseqüentes na luta contra a ditadura.

Mas há na esquerda muitas críticas à atuação de vocês. O pessoal do Comitê Central do Partidão não tem poupado críticas ao MR-8. O Partidão também está empenhado numa campanha contra vocês?

— Nós não diríamos que o Partidão está fazendo campanha contra nós. Mas há muitos setores do Partidão interessados nessa campanha.

Por exemplo?

— O pessoal que escreveu editorial na **Voz da Unidade** (N.R.: a **Voz da Unidade** é o jornal oficioso do PCB, setor ligado ao CC) nos chamando de grupo de radicais.

Qual seria a vantagem que esses setores do Partidão poderiam tirar de uma campanha contra o MR-8?

— Eles querem se apresentar ao regime como pessoas confiáveis. Tentam isso através de uma política de paralisação do movimento de massas. Na verdade, esse pessoal é vítima da ilusão de classe: sonham com a integração do capital com o trabalho.

Vocês têm insistido muito em definir o governo brasileiro como uma ditadura. Há quem diga que o regime mudou de fisionomia e hoje estaria reduzido a um governo do tipo autoritário. Por que o conceito de ditadura?

— É claro que vivemos ainda sob a ditadura. Quem manda no país são os altos comandos militares. As decisões são tomadas nas reuniões do Palácio do Planalto, às nove horas da manhã, todos os dias.

Qual é a estratégia do MR-8 para derrubar a ditadura?

— Nós queremos uma Frente Ampla Democrática. Nosso objetivo é organizar um Governo de Salvação Nacional que ponha em prática um programa baseado nos seguintes pontos: a) Congelamento da dívida externa; b) Reforma agrária; c) Nacionalização dos bancos e das empresas que não se integrem aos planos do novo governo, no sentido de promover o bem-estar social e a melhoria da qualidade de vida do povo; d) Democratização do país.

Como vocês explicam o fato de terem sido apontados como pivô da crise que abala o PMDB carioca?

— O PMDB não está em crise. Estamos vivendo convulsões, como todo corpo sadio. São convulsões típicas do atual momento da sociedade brasileira.

E a entrevista do senador Saturnino Braga? Como é que vocês explicam as acusações que ele fez, só faltando citá-los nominalmente?

— Nós fomos associados à crise por sermos a organização comunista que vem defendendo a mobilização das massas. O senador fez uma avaliação do movimento de massas diferente da nossa. Os pemedebistas acham que, para o partido, o melhor seria se o assunto fosse discutido internamente.

Há muitos parlamentares e observadores políticos atribuindo a atitude de Saturnino Braga à influência do ex-vice-governador Raphael de Almeida Magalhães.

— Saturnino Braga não é criança. É o melhor candidato ao governo do Estado do Rio de Janeiro nas eleições de 1982. Ele não foi induzido por ninguém. Ele é o responsável pelo erro que cometeu.

O apoio de vocês a Saturnino Braga é incondicional?

— Nós apoiaremos o senador Saturnino enquanto o considerarmos digno de tal. Quanto mais os setores populares ampliarem seu apoio ao senador, mais ele se convencerá de que deve assumir inequivocamente o compromisso de atender as reivindicações populares.

Por que o nome de Saturnino Braga para o governo do Rio?

— Ele é o melhor candidato. O que lhe falta é uma vinculação mais íntima com o movimento de massas.

Qual é a posição do MR-8 com relação à questão militar? Há muitas críticas quanto à posição do partido tentando forçar a apuração, até o fim, do atentado terrorista do Riocentro.

— Chegou o momento de acabar com os preconceitos contra os militares. É um preconceito até justificável, porque as Forças Armadas, em 64, derrubaram um governo constitucional e garantiram governos que defenderam os monopólios, os latifúndios e as multinacionais. Com a crise, a situação mudou. Os militares têm mulher e filhos. Suas mulheres vão aos supermercados e vêm a alta do custo de vida; seus filhos estudam e sentem as dificuldades de seus colegas, a precariedade do ensino.

Quer dizer que a tropa não apoiaria um golpe de estado?

— A democratização do país e a apuração do atentado do Riocentro não serão feitas contra os militares. Os altos comandos é que têm procurado estabelecer fronteiras entre a sociedade civil e as Forças Armadas. Eles estão interessados em fazer com que as Forças Armadas acreditem que seus destinos estão ligados ao destino da ditadura. Não é nada disso. As Forças Armadas não têm motivo para temer a democratização.

Qual será a repercussão do atentado do Riocentro?

— Está evidenciado o caráter antidemocrático do Doi-Codi. Quem diz isso agora não é somente a voz dos torturados. É o eco da bomba colocada no assento do carro do capitão e do sargento. É bom que fique claro que não existe nada em comum entre esses elementos antidemocráticos do Doi-Codi e a tropa.

Por que o MR-8 não assume legalmente sua existência?

—Nós somos uma organização nacional com penetração no operariado e no campesinato. Estamos trabalhando para reunificar os comunistas e não atuar sob uma sigla. O movimento comunista no Brasil existe desde 1922, quando da criação do PCB.

O Partidão está assumindo sua existência legal. Qual é a diferença entre o Partidão e vocês?

— A decisão do Partidão é irresponsável. Sobre o MR-8 e o Partidão pesa a Lei de Segurança Nacional. A diferença entre nós corre por conta das próprias contradições do Partidão. A festa da **Voz da Unidade** foi violentamente reprimida, mas não houve nenhum repúdio veemente contra a atitude do governo. Além disso, há essa história de fazer o VII Congresso na legalidade. Achamos até válida a discussão pública das teses, mas fazer o congresso na legalidade põe em risco a segurança dos militantes.

Vocês vivem na ilegalidade ou na semilegalidade?

— Nós não temos nada a esconder. A Lei de Segurança Nacional é que considera ilegal o direito de nos expressarmos como organização. Nós acreditamos, porém, que do ponto de vista de nossas responsabilidades e colocações políticas, quem tem de nos julgar é o povo. Nós não precisamos do aval do governo.

Francisco Viana

PARTIDOS QUEREM LEGALIZAÇÃO

• Vereador Clemir Ramos, da Executiva Regional do PDT-RJ

— O MR-8 deve ter direito de se expressar. Cabe à direção do PMDB, como a organização atua lá, dizer se eles podem se expressar como organização ou não. Eu discordo daqueles que dizem que a atuação do MR-8 pode prejudicar a abertura democrática. Só vai existir democracia quando todas as correntes de pensamento puderem se expressar sobre a realidade do país.

• Ivete Vargas presidente do PTB

— Vou falar com toda a sinceridade. Do MR-8 só sei o que li nos jornais. Sei que é um grupo de esquerda que atua no PMDB e briga muito com o PCB. Gostaria até de conversar com alguém da organização. Sou democrata e quero conviver com todas as correntes de opinião.

• Heloneida Studart, PMDB-RJ

— Não considero o MR-8 uma organização marxista-leninista. O MR-8 é blanquista ou proudhonista (pré-marxista). Como é uma organização que atua no PMDB, acho que deveria ser leal ao programa do partido que não é um programa revolucionário, mas singelamente democrata. Agora, sou é contra expurgos. O PMDB é um partido democrático e não pode (nem deve) pedir atestado ideológico a ninguém. Aliás, unanimidade de idéias é coisa do autoritarismo.

• Deputado José Eudes, líder do PT-RJ

— Não vou discutir se a linha do MR-8 é boa ou ruim. Eu quero discutir a liberdade de organização para a esquerda, que não existe neste país. MR-8, PCB, PC do B, MEPE (Movimento de Emancipação do Proletariado), todos têm direito de se expressar livremente. A clandestinidade existe porque vivemos sob uma ditadura.

• Deputado Francisco Lamelino, PDS-RJ

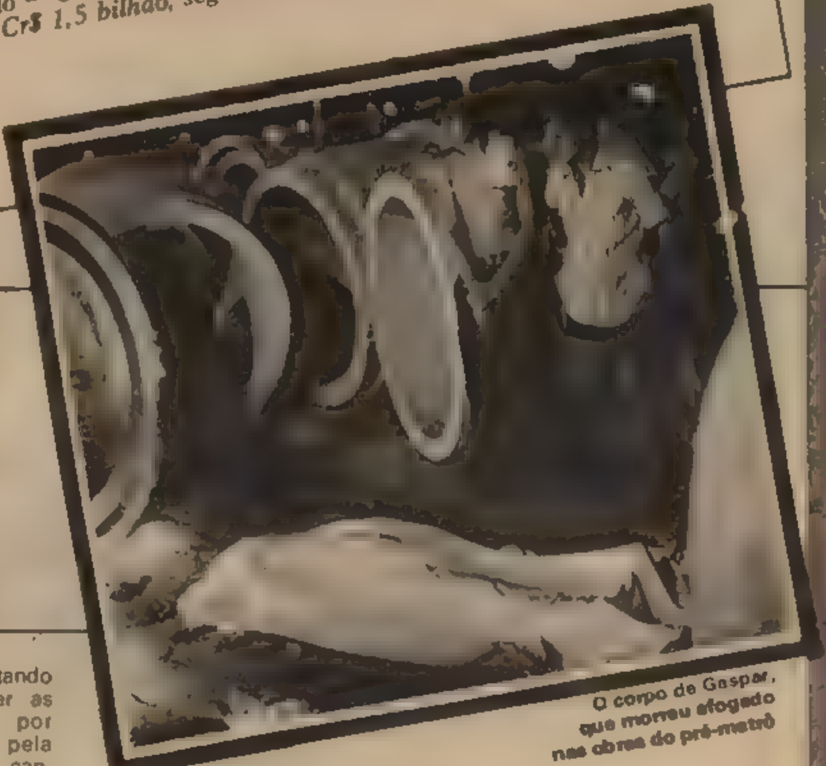
— O MR-8 existe e tem que se expressar através de um partido legal, que mais se aproxime do seu ideal. Sou é contra a clandestinidade. Não aceito também que o MR-8 use o partido de sua escolha como biombo. A organização tem que aceitar o programa. Como democrata, sou contrário a discriminações, sejam elas contra a direita ou a esquerda.

• Deputado Murilo Maldonado, vice-líder do PP-RJ

— O MR-8 é um movimento revolucionário que tentou derrubar o governo pela violência. Agora, com a abertura, está disposto a disputar o voto popular, abandonando a violência. Assim, acho que deve merecer espaço dentro da Oposição democrática. Sou a favor de sua legalização, como sou a favor da legalização do PCB. Sobre a linha do MR-8, prefiro não opinar. Não quero falar sobre uma coisa que não conheço bem.

Estado fatura com terrenos

Aconteceu o que se esperava a maioria dos terrenos desapropriados para a construção do metrô será vendida pelo governo do Estado a empresas imobiliárias. A decisão consta do relatório — ainda mantido em sigilo — da comissão criada pelo governador Chagas Freitas para definir o destino dos terrenos. Com a venda dos imóveis — muitos localizados em áreas das mais valorizadas do Rio — o Estado terá um lucro superior a Cr$ 1,5 bilhão, segundo avaliou o secretário de Transportes, Adhyr Veloso. A reivindicação das associações de moradores dos bairros cortados pelo metrô — principalmente as de Botafogo, Catete e Tijuca — que queriam transformar alguns desses terrenos em áreas de lazer, foi esquecida. Ou melhor só serão destinados a esse fim imóveis sem grande valor comercial, quase todos situados em locais distantes das áreas residenciais.



O corpo de Gaspar, que morreu afogado nas obras do pré-metrô

Metrô provoca mortes e não indeniza

Seis famílias estão lutando na Justiça para receber as indenizações devidas por acidentes provocados pela falta de segurança nos canteiros de obras do pré-metrô Embora tivesse anunciado pelos jornais que pagaria as indenizações antes mesmo que tramitassem as ações judiciais, o presidente do Metrô, Carlos Theophilo de Souza e Mello, até agora não procurou as famílias

Os acidentes ao longo dos 14 quilômetros da linha do pré-metrô ocorreram porque as obras foram abandonadas há mais de um ano, devido à falta de verbas. Com isso, buracos não foram tapados e os riscos de acidentes aumentaram

O caso mais grave aconteceu em julho do ano passado: o corretor de imóveis Gaspar de Vasconcelos, de 60 anos, foi ao supermercado, próximo à praça Copérnico, na Pavuna, em companhia dos netos Cristiano, de 3 anos, e Patrícia, de 9. Deixou-os brincando na praça, enquanto ia fazer compras. Na volta, Patrícia correu em sua direção para avisar que Cristiano tinha caido dentro de um buraco (na verdade, era uma manilha) cheio de água. Gaspar viu o neto debatendo se na água e foi ajudá-lo, mas acabou escorregando e caiu no mesmo buraco. Morreram os dois

A familia de Gaspar – diz o advogado Luiz da Rocha Braz, contratado para processar o Metrô — jamais foi procurada pela direção do Metrô, cuja responsabilidade civil nas mortes de avô e neto é absoluta Havia total falta de segurança no canteiro. A indenizacão varia de acordo com a idade e os ganhos de cada vítima. No caso de Cristiano, estamos exigindo uma pensão mensal para a mãe, além de uma indenizacão em torno de Cr$ 5 milhões Quanto ao Gaspar, o Metrô terá que pagar cerca de Cr$ 2 milhões a seus parentes. Não há a menor possibilidade de perdermos na Justiça

A certeza do advogado é explicável: o sogro do corretor Osvaldo Andrade de Costa, que mora a 300 metros da praça Copérnico, fotografou o local do acidente, como era na época das duas mortes e como ficou depois. Assim, a Companhia do Metropolitano não terá como negar a sua culpa por não cercar de garantias uma área em que circulavam diariamente centenas de pessoas

Os outros acidentes no pré-metrô foram quase idênticos O primeiro ocorreu em 18 de agosto de 1978, quando o menino Wlamir, de 10 anos, morreu afogado num lago formado pelas escavações, em Inhaúma. O processo está em fase adiantada e o juiz da 2.ª Vara de Fazenda Pública, Sérgio Cavalieri Filho, citou o Metrô como réu

Em dezembro do mesmo ano morreu Edson de Oliveira, de 15 anos, morador no Engenho da Rainha. Ele se afogou num buraco da avenida Automóvel Clube, quando brincava com amigos A terceira vitima foi Edvaldo Cosme da Silva, de 17 anos, que morreu num poço próximo à estacão de Del Castilho. A água acumulada nos buracos fez outra vitima, a funcionária do Hospital Getulio Vargas, Zilma Lucas Brandão, que se afogou numa vala da avenida Automóvel Clube, nas proximidades da estação de Colégio

Finalmente, em 13 de novembro de 1980, o menino Renato Dias, de 11 anos, escorregou e caiu dentro de um lago, ficando preso na lama formada no fundo. Sua mãe, d. Maria da Penha Dias, entrou com uma acão da 4.ª Vara de Fazenda Pública contra o Metrô. Seus advogados, Jorge Beja e José Carlos Cataldi, calculam a indenizacão em Cr$ 350 mil (além de juros e correção monetária pelo tempo perdido no processo) e uma pensão mensal com base no salário mínimo, já que Renato era [illegible]

O Metrô reluta em pagar as indenizações, mas não hesitou em liberar Cr$ 200 milhões para refazer o viaduto de Triagem (ligação da linha 2 com o pré-metrô), devido a erros de cálculo. Nem se incomoda com o fato de ter que recuperar todas as estações do pré-metrô, que foram depredadas após ficarem tanto tempo sem uso.

UMA COLUNA DE FUTEBOL

Futebol

Luiz Alberto Bettencourt

Torcedores fazem greve contra a mediocridade

Todos falam na crise econômica do futebol brasileiro. Muitos jogos, estádios vazios, clubes sem caixa, no vermelho, salários de craque inflacionados, bancarrota. Está certo, a situação é crítica, aliás, como a do país no qual o esporte se pratica; mas não é nova. O público vem diminuindo há algum tempo, há algum tempo se fala no baixo faturamento, no excesso de jogos e clubes, os pequenos a sugarem os grandes. Os times do interior, apadrinhados por políticos governistas que buscam votos, participam de competições para as quais não estavam tecnicamente preparados, os campeonatos se desnivelam, as rendas caem.

Tudo isso já era conhecido. O que me parece mais novo este ano no melancólico panorama é o desinteresse do torcedor. Não me lembro, na minha geração, faixa de 30 anos, de algo assim. Nos grandes centros, a notícia é que não há motivação, a não ser em relação à seleção brasileira. É o único time que atualmente leva gente mesmo ao estádio — e o amistoso do dia 8 contra a Espanha, em Salvador, vai mostrar isso. De resto, colher de chá para Flamengo e Atlético, que a massa ainda prestigia um pouco, é verdade que menos do que em anos anteriores.

No Rio Grande do Sul, Grêmio e Internacional começam a rotineira disputa que, na verdade, se resume numa melhor-de-três entre os dois; em São Paulo, a bagunça é completa. O presidente da Federação é acusado de corrupção, na evasão das rendas de jogos, e de coação a juízes, como na semifinal do campeonato brasileiro entre Botafogo e São Paulo. Tem jogo cinco dias por semana, o São Paulo joga dia sim, dia não, e ninguém entende por que cada turno tem que ser decidido através de um octogonal (?) No Rio, o Vasco vende Jorge Mendonça, Guina, Pintinho, Leão, Abel, Cesar e compra Ticão, Amauri e Renato Sá; o Botafogo vai de Mirandinha, Ademir Lobo e Gaúcho Lima; e joga pra empatar porque, se empatar todas, ainda tem chance; o Fluminense espera que o torneio acabe pra começar a jogar. A novidade é o Bangu, ora, ora, e a segunda melhor equipe da cidade é o aspirante do Flamengo.

Em todos os lugares, ninguém está interessado nas disputas regionais. O torcedor que lê jornal, acompanha com mais interesse o encontro de Telê com Falcão e a revolta de Tita do que o jogo do Maracanã. No Rio, os preços do ingresso foram aumentados na hora errada; ninguém consegue aumento quando está pra ser demitido, e a retração do público aumentou. Mais do que protesto contra a entrada mais cara, a ausência é uma vaia monumental à mediocridade. Uma greve.

LEITORES

"Gostaria de dizer aos leitores do REPORTER que, embora eu não seja jornalista faço imprensa e defendo sua liberdade através das seções de cartas dos jornais e revistas do Brasil, mesmo sofrendo as maiores represálias, entre elas inquéritos, processos e até mesmo várias prisões.

Lamentavelmente, o mesmo não vem ocorrendo com a grande maioria dos órgãos de imprensa do Brasil, pois não fazem uma imprensa livre como REPORTER e, inclusive, admitem gente totalmente contrária a seus interesses chefiando suas redações e, fantasticamente no próprio Fantástico ocorre o mesmo, pois, devido a uma entrevista que concedi através desse programa de televisão no dia 31/8/80, o editor local, Delmo Moreira, foi sumariamente demitido pela TV-Gaúcha.

Inclusive a partir desta data gradativamente todos os jornais do Brasil passaram a deixar de publicar minhas cartas devido a terem sido ameaçados pelas nossas autoridades que ironicamente, a todo instante dizem que o país está em abertura e que há liberdade de imprensa.

Felizmente ainda existem jornais como REPORTER, que é totalmente independente e não se intimida com ameaças e nem mesmo com bombas e ainda continua a fazer uma imprensa livre em defesa do sofrido povo brasileiro.

A propósito, sou criador de um personagem de reconhecimento mundial (Papai Noel Criança), que centenas de pessoas tem escrito sobre ele para diversos jornais porém a todos vem sendo negada a publicação de suas cartas."

Sérgio José Toniolo
Porto Alegre-RS

Companheiros. Parece que o *REPORTER* eliminou a página que mostrava – para o "público externo" – as cartas dos leitores. Se foi isso mesmo, então abram uma exceção para mim porque a informação que quero dar não é destinada apenas ao "público interno" que faz o REPORTER. O negócio é o seguinte: o Moniz Bandeira cometeu um engano durante a entrevista que saiu no nº 45. Ele disse que "a primeira pessoa que acusou Anselmo de ser agente infiltrado foi Osvaldo Pacheco, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos e dirigente do Comando Geral dos Trabalhadores (CGT)". Como o Moniz Bandeira agora é historiador, não fica bem que ele cometa certos enganos históricos. O Osvaldo Pacheco é estivador, foi presidente da Federação Nacional dos Estivadores e não do Sindicato dos Metalúrgicos. Sugiro que o REPORTER entreviste o Pacheco, que é um ótimo papo e, além de poder falar sobre esse assunto levantado pelo Moniz Bandeira, terá muita coisa interessante para contar sobre o sindicalismo e a política. Aliás, é bom lembrar que o Osvaldo Pacheco foi deputado federal.

Arthur Cantalice – Rio de Janeiro – RJ

Na minha opinião, o REPORTER deveria lançar uma coluna uma vez por mês, com o título **Minha cidade é assim**, em que o leitor(es) abordaria a administração do prefeito. Boa ou má? O que está faltando? O que fazem os vereadores? A situação do ensino. Se tem indústrias. Se existe muito desemprego. Qual a renda principal? O que se precisa fazer para melhorar o aspecto da cidade? Um pedido do(s) leitor(es) ao prefeito de sua cidade, porque em muitas cidades existe um só jornal, que nada critica. Outras têm mais, mas ... ficam escondendo, com notícias bem disfarçadas. Aqui temos três com posição moderada. Brevemente enviarei uns exemplares.

Aglaé O. Pinheiro – MG

● **A idéia é ótima, Aglaé. Que tal você começar falando de Nanuque? A gente publica e estimula os leitores a seguirem seu exemplo.**

LEITOR DEFENDE EROTISMO NA TV E NOS CINEMAS

Acho absurdo o movimento das senhoras paulistas contra a pornografia na televisão, porque

1 – nas bancas de jornais as revistas com fotos de nudez são vendidas abertamente.

2 – a corrupção está agindo abertamente em nosso país.

3 – as mulheres de "vida fácil" fazem [illegible] abertamente nas avenidas e ruas principais da cidade, onde as famílias transitam.

4 – vários estudantes de ambos os sexos, quando saem das escolas e dos colégios transitam em [illegible] coletivos dizendo palavras obscenas e até fumando. Alguns não têm ainda 12 anos.

5 – muitos jovens que [illegible] má orientação sexual em seus lares e à menoridade, não podem assistir a um espetáculo proibido nos cinemas, mas quando saem de [illegible] vão para os motéis ou até em seus próprios carros, munidos de livrinhos pornográficos e passam a satisfazer seus desejos.

Qualquer cinema tem condição de exibir filme pornográfico, desde que tenha uma rigorosa fiscalização a cargo do Juizado de Menores.

O Conselho Superior de Censura deixa de liberar alguns filmes para a televisão por motivo de público imaturo e desprevenido, o que não deveria acontecer. **As Amiguinhas** foi interditado para a televisão por mostrar o homossexualismo entre mulheres, o que já acontece há muito tempo nas [illegible] famílias br[illegible] **Amor e Traição** [illegible] cenas de muita violência [illegible] é justo porque [illegible] apresentam cenas via Embratel.

O Conselho Superior de Censura [illegible] ordena interditar os filmes [illegible] os programas de televisão [illegible] aprendam [illegible] e fiquem mais alertas quanto aos problemas do dia a dia. Existe um bom filme que deveria ser exibido na televisão, em versão em Português, que é **Linguagem de Amor**, da Paris Filmes, por se tratar de um ótimo filme sobre orientação sexual e não filme pornográfico. Ele deveria, inclusive, ser exibido até em colégios, pois o mesmo é narrado por quatro médicos especialistas.

O movimento das senhoras [illegible] melhor [illegible] orientação sexual de seus [illegible] viver como puritanos [illegible] que seus filhos podem estar [illegible] fora de seus lares. [illegible] Conselho Superior de Censura se esquece que é devido à [illegible] formação moral dos pais que muitas tragédias acontecem com os filhos.

[illegible] taria que produtores e [illegible] do cinema brasileiro [illegible] em contato comigo para que eu pudesse lhes [illegible] em defesa do cinema [illegible]

Geraldo Louzada Pereira
Itaquera I – São Paulo – SP

S[illegible] sinantes pudéssemos partici[illegible] desse jornal, com[illegible] exemplo em [illegible] de pesquisa de opinião [illegible] indagados. Creio que despertaria maior [illegible] Participariam [illegible]

Antonio S. Sorratini – Dois Córregos – SP

● **A dificuldade é o tempo. Mas vamos tentar programar as pesquisas de forma a poder anunciá-las em uma edição e aguardar respostas dos leitores para publicar os resultados.**

SALVADOR PROMOVE OFICINA DE DANÇA NO MÊS DE JULHO

De 18 de julho a 2 de agosto, Salvador será sede da Oficina Nacional de Dança Contemporânea. Este ano vai haver uma novidade muito especial: são os laboratórios de criação coletiva, que reunirão até 50 pessoas, entre dançarinos, coreógrafos e professores de dança. Entre os participantes com presença assegurada destacam-se o artista japonês Takao Kusuno, Klauss Viana, Graciela Figueroa, Ilvaldo Bertazzo, Hugo Rodas, Bocanha e Joãozinho Trinta. A coordenadora da Oficina, Dulce Aquino, acredita que a experiência dos laboratórios coletivos "será das mais ricas". A Oficina Nacional de Dança Contemporânea, que deverá reunir mais de 500 artistas, é promovida pela Universidade Federal da Bahia.

O poeta, trovador, andarilho, cineasta, teatrólogo, músico e tocador de viola Bráulio Tavares, natural de Campina Grande, Paraíba, mas radicado no Recife, como todo mundo, gosta da coisa. E foi pra ela que ele fez esses versos.

E também me recordo da maconha,
Que é uma planta que dá no meio do mato,
Se é fumada produz um tal barato
Que é a coisa melhor que a gente sonha.
A viagem muitas vezes é medonha,
Dá suor, dá tontura e dá frieza,
Quase sempre, porém, é uma beleza.
E eu por num experimento todo dia
Se pintasse uma agora eu bem queria,
Como é grande o poder da natureza!

ASSINE REPORTER E GANHE UMA CAMISETA

A camiseta você recebe junto com o primeiro jornal.

Assinatura por 24 edições **Cr$ 1.500,00**
Envie cheque nominal ou Vale Postal para
MARGEM S.A. Editora e Gráfica
Rua Miguel Couto 134/11º — CEP 20070 — Rio de Janeiro

Nome
Profissão
Endereço
CEP ______ Cidade ______ Estado ______
Indique o tamanho de sua camiseta: de 42 a 52

I CONCURSO DE CONTOS ERÓTICOS DO REPORTER

Prêmios de Cr$ 35 mil para o 1º colocado
Cr$ 15 mil para o segundo
Cr$ 10 mil para o terceiro

NORMAS DO CONCURSO

1.º — Os contos devem ser inéditos,

2.º — O texto deve ter no máximo 150 linhas de 70 batidas

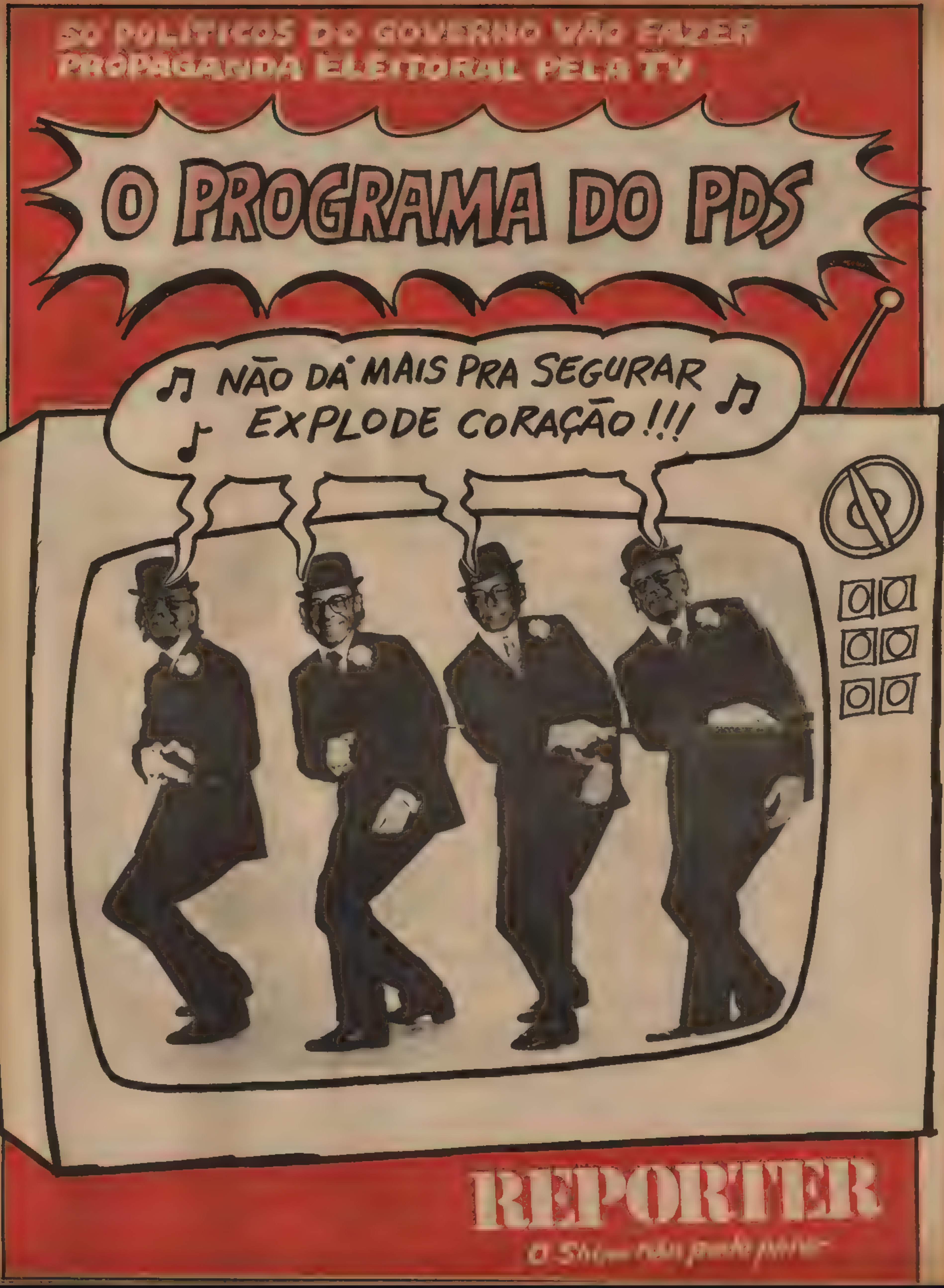
3.º — Quinzenalmente, a partir da primeira edição de agosto, a equipe do REPORTER selecionará um conto para publicação no jornal. Os trabalhos poderão ser enviados até 30 de novembro, para concorrerem à publicação até a primeira edição de dezembro. O autor que tiver seu conto publicado receberá Cr$ 2 500,00.

4.º — Os contos publicados serão julgados por três escritores brasileiros, a serem escolhidos pelo REPORTER. Os três contos vencedores serão publicados na última edição de 1981,

5.º — Os leitores do jornal também terão oportunidade de votar no seu conto predileto, em cédula própria que circulará na primeira edição de dezembro próximo. O autor do conto mais votado pelos leitores receberá como prêmio um crédito de Cr$ 10 000,00 em livros,

6.º — Os autores devem assinar seus trabalhos com pseudônimo e enviar nome completo, CIC e endereço em envelope fechado, anexo ao conto;

7.º — Os autores cedem à MARGEM S/A EDITORA E GRAFICA o direito de preferência para publicação dos trabalhos em livro ou em edição especial do REPORTER. Esse direito de preferência terá validade até o fim de marco de 1982 e, em caso de ser editado o livro ou o número especial do REPORTER, os autores serão remunerados segundo a Lei dos Direitos Autorais


SÓ POLÍTICOS DO GOVERNO VÃO FAZER PROPAGANDA ELEITORAL PELA TV
O PROGRAMA DO PDS
NÃO DÁ MAIS PRA SEGURAR EXPLODE CORAÇÃO !!!
REPORTER

AUTONOMO INDEPENDENTE

REPORTER

Quinzenal - De 15 de julho a 4 de agosto de 1981 - ano IV - Nº 48 - Cr$ 70,00

Turismo: CONHEÇA A TETALÂNDIA P. 22

DONAS-DE-CASA BUSCAM PRAZER

TERROR

Puma ataca em S.P.

P. 3

HUGO CARVANA EXCLUSIVO:

P. 12

RIO

PDS BOICOTA HOSPITAL NA BAIXADA

P. 20

PESQUISA SEXUAL

HOMENS PREFEREM BETTY FARIA E LADY FRANCISCO

A liberdade é uma espécie de recreio, que o governo acaba com um apito

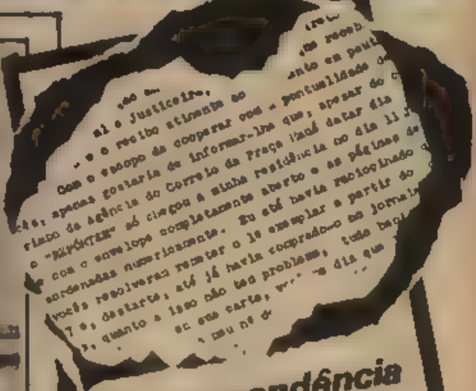
SOB TUTELA!

Decididamente, o projeto de abertura política do regime militar já não engana mais a ninguém. Está claro — como já advertia, nas entrelinhas, o general Golbery, em sua conferência na Escola Superior de Guerra — que sua aparência cordial não esconde a estratégia de conceder algumas franquias em troca de um permanente controle sobre o que diz, pensa e aspira a sociedade. Quer o governo manter intacta a tutela sobre o país, permitindo ou proibindo o que for conveniente a seus interesses é ao de seus parceiros, nessa aventura que já dura 17 anos.

Ao mesmo tempo em que o presidente Figueiredo renovava, durante sua visita ao Peru, as promessas de fazer do Brasil uma democracia, o sindicato dos Médicos do Rio era posto sob intervenção e preso o seu presidente, sem mandado judicial, como determina a lei. Enquanto os principais jornais tinham condições de desmontar a versão oficial do I Exército sobre o atentado do Riocentro — com o cuidado de não estabelecer qualquer ligação dos terroristas com os mandantes — quatro jornalistas do Coojornal, de Porto Alegre, eram condenados pela Justiça Militar por terem divulgado os documentos do Exército sobre a guerrilha no Vale de Ribeira, ocorrida há uma década. Reconheceu a auditoria militar que eles não cometeram crime de prevaricação. Ou seja: os documentos eram legítimos e foram obtidos de forma ética e lícita. Foram punidos os jornalistas, simplesmente porque publicaram o que não era para ser publicado — um segredo militar.

E, assim, vai em frente o que chamam de abertura. Orgulham-se de ter acabado com a censura e prendem jornalistas. Prometem eleições livres, mas elaboram um projeto com casuísmos eleitorais para garantir a vitória da Arena — perdão, PDS. E, para quem achar tudo isso, no mínimo, estranho, a lei de Segurança Nacional. Um código repressivo e autoritário, que pode punir desde um simples ladrão de bananas a um jornalista no exercício legal de sua profissão.

Foto de Horacio publicada na revista *Vencer*, dos montoneros peronistas



Correspondência violada

Continuam as violações da correspondência do REPORTER. Desta vez, um leitor de Olinda, zona norte do Rio, denuncia que recebeu seu jornal com o envelope aberto e as páginas fora de ordem. Alguém da Empresa Brasileira de Correios fez uma leitura preliminar. Mais censura?

O BRASIL ESTA ABERTO AS POLÍCIAS AMIGAS

Este montonero foi seqüestrado no Galeão, Rio

Em carta enviada de Buenos Aires ao REPORTER, o Movimento Peronista Montonero lembrou o aniversário do seqüestro, no aeroporto do Galeão, Rio de Janeiro, de um dos seus dirigentes, o estudante Horacio Domingo Campiglia, que ocorreu no dia 12 de março de 1980. Junto com Horacio, foi também seqüestrada a montonero Monica Susana Pinus de Binstock.

O fato ocorreu quando os dois montoneros desembarcaram no aeroporto do Rio, procedentes do Panamá e Caracas, no vôo 944 da companhia aérea da Venezuela VIASA. Na carta, o Movimento Peronista responsabiliza a ditadura militar argentina pelo seqüestro, "numa possível combinação com elementos brasileiros".

O Movimento Peronista Montonero — proscrito desde o golpe militar que derrubou do poder a mulher de Peron, Isabelita, em março de 1976 — re[illegible] argentinas e brasileiras, quanto ao desaparecimento dos seus dois militantes. Até agora, mais de um ano depois do seqüestro, nenhuma autoridade dos dois países deu qualquer esclarecimento sobre o paradeiro dos dois desaparecidos.

Segundo a carta, no Brasil foram seqüestrados mais dois outros militantes montoneros: Norberto Habegger, secretário de Imprensa e membro do Conselho Superior do Movimento Peronista Montonero, e Jorge Oscar Adur, padre argentino. Os dois foram seqüestrados entre julho e agosto [illegible].

Na carta, enviada também à ONU e várias entidades defensoras dos direitos humanos na América Latina, o Movimento Peronista Montonero relaciona ainda vários militantes políticos brasileiros desaparecidos na Argentina. São eles: Jorge Alberto Basso, Sidney Fix Marques dos Santos, Maria Regina Marcondes Pinto, Roberto Rascado Rodrigues, Francisco Tenório Júnior, Juan Batista Rita, Joaquim Pires Cerveira, Luis Renato do Lago Faria, Walter Kenneth Nelson Fleury, Daniel José de Carvalho, Edmur Péricles Camargo, Joel José de Carvalho e José Lavechia.

O seqüestro de estrangeiros em território brasileiro é, aliás, uma rotina que mostra como as polícias dos regimes militares do sul do continente agem conjuntamente. Nesse caso, eles esquecem a doutrina da segurança nacional.

REPORTER

EDITORES — Luiz Alberto Bettencourt, Pipsi (Arte)
REPORTAGEM — Rio de Janeiro Tim Lopes, Francisco Viana, Ricardo Bueno São Paulo: Alex Solnik Rivaldo Chinem. Recife. Eduardo Homem, Beth Salgueiro Salvador: Mariluce Moura
FOTOGRAFIA — Rio de Janeiro Chiquito Chaves São Paulo: Wagner Avancini, Eliane Pastore, Valdenir Benedetti Recife: Valdir Afonso, Gleide Selma, Xirumba
ARTE — Analuce Estrella, Ana Maria Martins, Guidacci
CIRCULAÇÃO — Simeão Marques
PUBLICIDADE — Lucília Braga (Rio), Isaías Justo Reis (São Paulo)
DEPARTAMENTO JURÍDICO — Luis Celso Araújo (Rio), Carlos Eduardo Costa Pereira (Recife)
REPORTER Autônomo independente é uma publicação de MARGEM S/A EDITORA E GRÁFICA Rio de Janeiro rua Miguel Couto 134/11.° Tel 253 5038/253 5077. São Paulo: rua do Seminário 155, sala 30 Tel 227 175 Recife av Conde de Boa Vista 121/gr 708 Tel 222 1224
Composição e Impressão: Editora Mory, rua do Resende 65, RJ

Parece incrível, mas é verdade: uma enorme onça preta anda solta dentro da fábrica dos carros em São Paulo e apavora os operários.

O TERROR DO PUMA

Um puma de verdade está aterrorizando os operários da fábrica de automóveis Puma, instalada no bairro do Ipiranga, em São Paulo. Diante da queixa dos empregados, a diretoria da fábrica confinou o animal numa sala, perto dos escritórios. Ele faz suas necessidades fisiológicas ali mesmo, o que ocasionou outro problema para os funcionários, da parte burocrática, que não aguentam mais o mau cheiro. Os donos da fábrica escondem a existência do puma, e procuram burlar a fiscalização.

O diretor do sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, Paulo Facundini, atendeu alguns operários da fábrica em seu gabinete. Anotou tudo, sem se preocupar com os nomes dos reclamantes, para evitar futuras demissões. Uma moça grávida o impressionou muito.

— Ela disse que abortou, de tanto susto que levou da onça. Até me trouxe um atestado médico, recomendando que não trabalhasse enquanto a onça estivesse solta.

Os operários contaram, ainda, que o bicho está na fábrica desde pequeno. No começo, tratava-se de um filhotinho, era uma gracinha, imaginem um filhote de puma, uma espécie de gato crescido. Todo mundo passava a mão na sua cabeça, brincava com ele. Até que o puma foi crescendo, crescendo... hoje está uma verdadeira onça, e das maiores.

Estive na fábrica duas vezes. Na primeira vez, vi o bicho solto. Daí o prenderam numa sala. Na segunda vez, eles me falaram: "Quer ver"? E me levaram para a sala, onde ele estava preso, próximo à portaria. Me disseram que ele andava solto e aí rola as cadeiras da firma. Eu disse pros diretores e pra um tal de Dr. Carlos, advogado da fábrica: "Enquanto ele rói as cadeiras tá bom, mas, se assustar operários, fica mal".

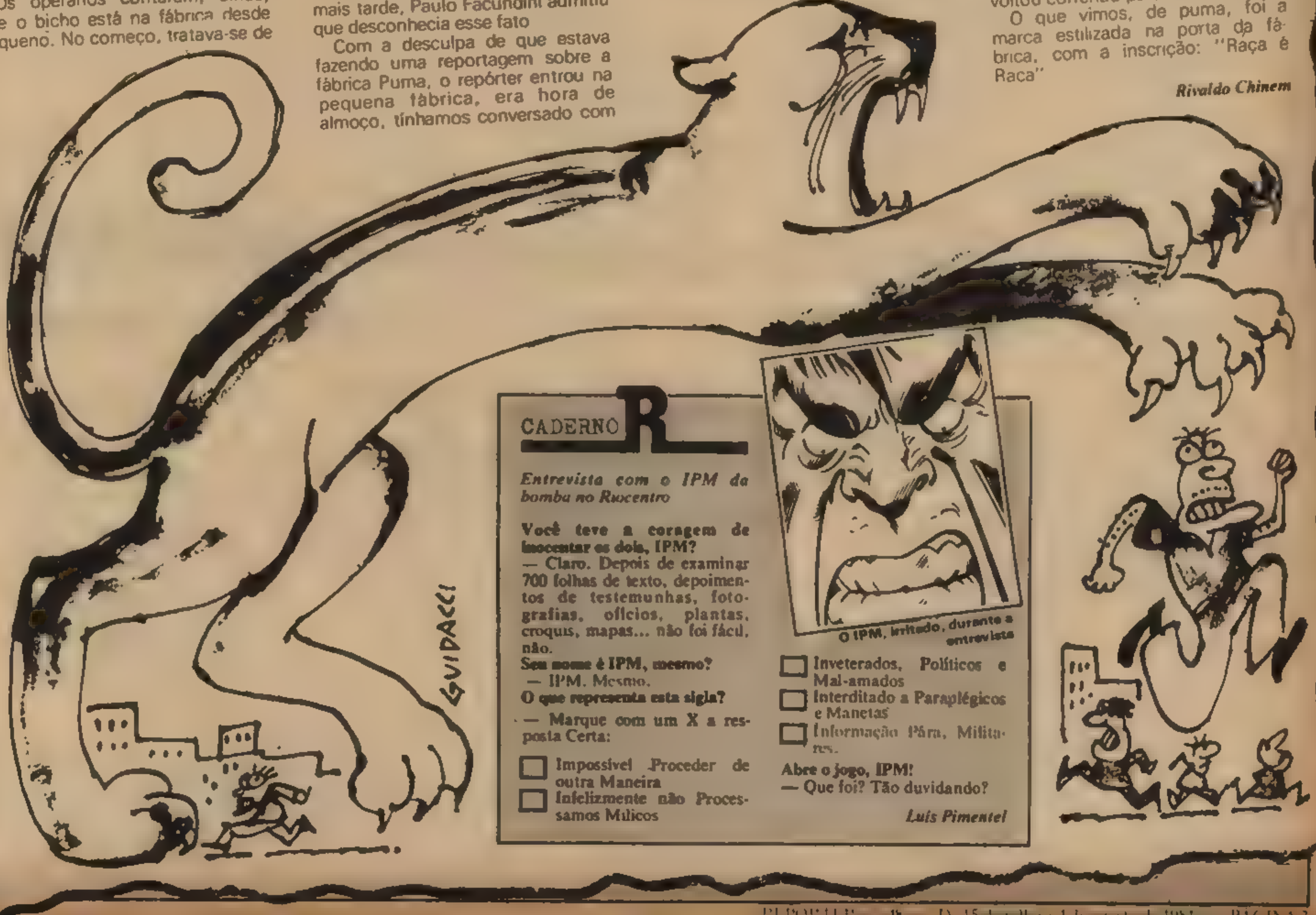
Os diretores da fábrica garantiram para o sindicalista que o puma estava ali provisoriamente, mas que seria transferido para Caçapava, interior de São Paulo, tão logo a fábrica mudasse de instalações. Ele engoliu a história. Acontece que esta mudança vai levar pelo menos cinco anos e, mais tarde, Paulo Facundini admitiu que desconhecia esse fato.

Com a desculpa de que estava fazendo uma reportagem sobre a fábrica Puma, o repórter entrou na pequena fábrica, era hora de almoço, tínhamos conversado com alguns operários na rua e obtido a confirmação de que ali dentro reinava um clima de verdadeiro pavor. A recepcionista marcou a entrevista para o dia seguinte. Insistimos e alegamos que talvez pudéssemos adiantar as fotografias, pelo menos. A moça nos colocou em contato com duas pessoas que se auto-intitulavam diretores, José Maria Hellmeister e Milton Masteguin. Enquanto esperávamos na ante-sala, um dizia para o outro: "Então, precisamos esconder direitinho...". Fomos convidados a sentar. Veio um bombardeio de perguntas por parte deles.

Os diretores da fábrica anotaram nossos nomes, funções, o nome do jornal. A entrevista ficaria para o dia seguinte, eles se queixaram muito da falta de crédito para financiamento: "Sabe, somos uma indústria nacional e competir com as multinacionais não é fácil". Indicaram um funcionário, Roverbal, para nos acompanhar. Percorremos toda a fábrica e não vimos o puma. O único lugar onde não pisamos, um corredor no final do escritório, bem em cima da linha de produção, dava para fotografar todos os carros sendo montados. Provavelmente, ali estava o bicho. Fizemos algumas perguntas sobre a existência do animal. Roverbal se calou. Fazia questão de mostrar que estava ficando irritado com as nossas perguntas. E nos levou até a portaria, de onde se despediu e voltou correndo para o escritório.

O que vimos, de puma, foi a marca estilizada na porta da fábrica, com a inscrição: "Raça é Raça".

Rivaldo Chinem



CADERNO R

Entrevista com o IPM da bomba no Riocentro

Você teve a coragem de inocentar os dois, IPM?

— Claro. Depois de examinar 700 folhas de texto, depoimentos de testemunhas, fotografias, ofícios, plantas, croquis, mapas... não foi fácil, não.

Seu nome é IPM, mesmo?

— IPM. Mesmo.

O que representa esta sigla?

— Marque com um X a resposta Certa:

- [ ] Impossível Proceder de outra Maneira
- [ ] Infelizmente não Processamos Milicos
- [ ] Inveterados, Políticos e Mal-amados
- [ ] Interditado a Paraplégicos e Manetas
- [ ] Informação Pára, Militares.

O IPM, irritado, durante a entrevista

Abre o jogo, IPM!

— Que foi? Tão duvidando?

Luís Pimentel

OS GRANDES JORNAIS FIZERAM JORNALISMO E CONTESTARAM O PODER

JB desmonta versão do governo sobre Riocentro

No dia 30 de abril, uma bomba explodiu no interior de um Puma que estava parado no estacionamento do Riocentro — onde iria ser realizado um show musical em homenagem ao dia do Trabalhador. A explosão provocou a morte do sargento Guilherme Pereira do Rosário e feriu gravemente o capitão Wilson Luis Chaves Machado, que foi removido para o hospital Miguel Couto. Ambos pertenciam ao I Exército e trabalhavam para o Doi Codi, o serviço de repressão política. Estavam em missão de segurança no Riocentro.

O general Gentil Marcondes Filho, comandante do I Exército, desde o primeiro momento, afirmou que os militares tinham sido vítimas de um atentado, o que excluía a hipótese de terem levado a bomba para o Riocentro, para utilizá-la um pouco antes ou durante a realização do show, provocando um tumulto gigantesco que poderia ocasionar a morte de centenas de pessoas, já que a multidão lá presente foi calculada em cerca de 20 mil espectadores. [illegible] comprovar que acreditava na inocência do sargento morto, o I Exército o enterrou com honras militares e o próprio general Gentil Marcondes segurou uma das alças do caixão.

Mas, já no próprio dia do atentado, o Jornal do Brasil, num paciente trabalho de investigação, começou a desmontar metodicamente a versão oficial, desafiando o Exército — fato raro no jornalismo brasileiro pós-64. O JB centrou suas atenções em dois pontos básicos: um deles é que o sargento Guilherme Pereira do Rosário estava com a bomba no colo quando ela explodiu, razão pela qual seu abdômen fora dilacerado e as pernas, braços, olhos e mãos sofreram graves lesões, o outro é que havia mais de uma bomba no Puma, sendo que a segunda não explodiu e foi desativada por um técnico do Departamento de Polícia Política e Social. "O chefe da equipe explicou que ela só não explodiu porque não foi afetada pelo deslocamento de ar da outra explosão" — dizia o JB dois dias depois do atentado.

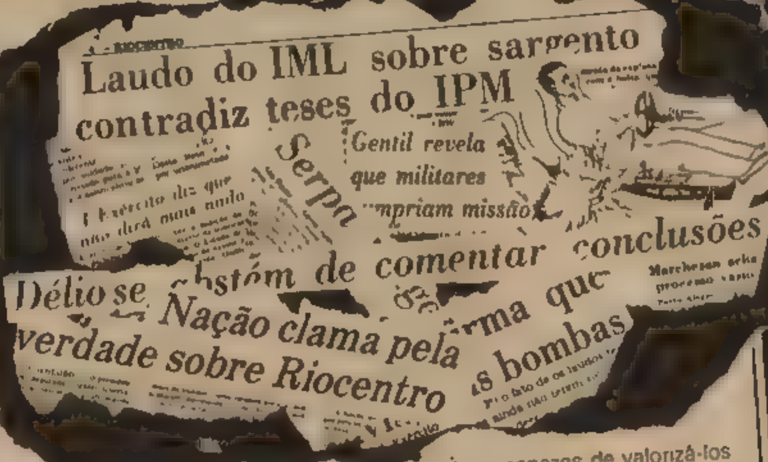
Assim, o jornal procurava mostrar que era fantasiosa a versão do I Exército, segundo a qual o sargento Guilherme não estava com a bomba no colo. Bomba que, aliás, teria sido colocada no carro por terroristas, sem que ele e o capitão Wilson Barbosa percebessem. Quando eles entraram no carro, notaram, depois de algum tempo, que havia uma bolsa comprimida entre a porta e o banco do automóvel. Quando o sargento pegou a bolsa, a bomba explodiu. Quanto à 2.ª bomba, jamais existiu, dizia o I Exército.

Para "apurar" o que acontecera, o I Exército instaurou um inquérito, cujo resultado foi divulgado por seu encarregado, o coronel Job Lorena, no dia 30 de junho — exatamente dois meses depois da bomba ter explodido no Riocentro. As conclusões eram as esperadas: os militares estavam inocentes e tinham sido vítimas de atentado por parte de um grupo terrorista que o governo não conseguira identificar. Durante sua exposição, ilustrada por "slides", o coronel Job Lorena procurou o demonstrar que o sargento Guilherme não morrera com a bomba no colo. Prova disso é que sua "genitália" estava intacta e que apenas um de seus olhos fora atingido pela explosão. Além disso, o coronel Job Lorena afirmou que, no momento da explosão, o sargento não estava olhando para a bomba, sinal de que ela não repousava em seu colo.

O JB checou minuciosamente as conclusões a que chegara o I Exército e descobriu uma série de erros na exposição do coronel Job Lorena. Três dias depois da divulgação do resultado do IPM, o jornal revelava que o laudo cadavérico do Instituto Médico Legal comprovava que a genitália do sargento fora dilacerada e que os dois olhos (e não apenas um) tinham sido atingidos pela explosão. Além disso, o JB colocou de novo em dúvida a possibilidade da bomba ter sido posta no carro sem que os militares a vissem. Em sua edição de 2 de julho, afirmava: "As conclusões do IPM chegaram à minúcia de reconstituir um simulacro de bomba e, num desenho, projetado em "slide", foi mostrada a posição do artefato. Tomando como base a lata (de Havoline) usada para preparar o petardo, o Jornal do Brasil reconstituiu o simulacro e viu-se diante de duas alternativas. Reconstituindo as medidas do simulacro, ele não cabe no carro. Reduzindo-se a lata a um quinto de sua altura, cabe. Em ambos os casos, o volume é visível e dificilmente alguém poderia entrar no Puma sem vê-lo". Assim a hipótese de que terroristas teriam colocado a bomba no carro sem que o sargento Guilherme e o capitão Wilson a tivessem notado, quando nele entraram, é difícil de engolir.

Segundo Paulo Henrique Amorim, editor-chefe do JB, o jornal não tem o mínimo interesse em badalar sua excelente cobertura. "O jornal adota tradicionalmente uma posição discreta e não vai mudá-la nesse caso. O que fizemos foi apenas verificar os fatos e, sempre que tivermos provas sobre o que acontecera, publicamos o que conseguimos apurar. Levantamos muita coisa que não foi possível comprovar com segurança e, nesse caso, não publicamos".

Além do Jornal do Brasil, o semanário Movimento (da imprensa alternativa) também procurou esmiuçar o que acontecera no Riocentro, conversando com militares dissidentes. Graças a esse trabalho, um dia antes do coronel Job Lorena falar à imprensa, Movimento antecipava os resultados do inquérito. Na edição seguinte à divulgação das conclusões do IPM, Movimento mostrava que o inquérito tinha 8 furos graves, que invalidava suas conclusões.



Os mandantes, ninguém apurou. É proibido

Não foi o Jornal do Brasil o único órgão da imprensa que se empenhou em desmontar a versão do comando do I Exército sobre o atentado do Riocentro. Na verdade, outros três jornais de porte — O Globo, O Estado de S. Paulo e a Folha de São Paulo — as revistas Veja e Isto É, além da sempre prudente TV-Globo, dedicaram espaços cada vez maiores ao assunto, com uma preocupação definida: condenar o terrorismo, como expressão do inconformismo de minorias extremadas, ou mesmo como estratégia de ação política.

Por que a chamada grande imprensa trocou a sua habitual apatia no trato de temas polêmicos — sobretudo os que envolvem os militares — por reportagens até certo ponto audaciosas? Não é difícil perceber que o processo de abertura política, com suas conhecidas limitações, permitiu que a imprensa se exercitasse mais livremente em sua tarefa de informar. E a conseqüência disso já pôde ser notada em outras ocasiões: os principais jornais e revistas tiveram que completar o noticiário frio e impessoal com matérias capazes de valorizá-los na concorrência de mercado.

Evidentemente, no caso do Riocentro, esta não foi a razão predominante para o tipo de cobertura adotado pelos principais jornais. Com certeza, o objetivo de seus proprietários, ao admitirem uma maior liberdade de investigação aos repórteres, foi o de rejeitar explicitamente o terror e resguardar a figura do presidente da República. É interessante observar que os editoriais, em momento algum, cogitaram da hipótese do terrorismo ser uma espécie de botão mágico, só acionado quando a situação do país ameaçasse a solidez do regime. Embora se trate de uma simples especulação, a sua omissão, ainda que para efeito de raciocínio, por mais absurdo que fosse, é um sinal de que os jornais preferiram manter o terror apenas como ameaça à estabilidade das instituições.

De qualquer forma, o empenho em contestar a versão do I Exército, se foi um fato novo, na história da imprensa, nesses 17 anos de autoritarismo, não deixou de ter um limite definido: o de evitar a publicação de qualquer matéria que pudesse levantar as ligações dos terroristas com os mandantes do atentado. Estes, não se sabe até quando, ficarão protegidos em seus porões.

NOSSO ESPIÃO NA EUROPA INFORMA:

Exército da Polônia apóia setor democrático do Partido

Há algumas semanas que vosso agente secreto internacional, após haver-se infiltrado em Varsóvia, lhes chama a atenção para a importância do que aí se passa. Infiltrado até mesmo no alto comando militar, o "secreta" lhes deu a dica: atenção com os milicos poloneses, tudo depende deles. Daqui até o final de julho e, talvez durante muito tempo, alguns dos acontecimentos mais importantes do mundo se passem na Polônia. Eis as últimas, diretamente de Varsóvia.

Pra desmoralizar a direção do Partido polonês, os russos mandam os agentes deles para a Polônia, a fim de organizarem provocações, dentro e fora do Partido, assim mais ou menos como os norte-americanos usaram o Cabo Anselmo aí, só que o Exército polonês não é o Exército brasileiro, nem os sindicatos poloneses reunidos em Solidariedade são a velha CGT brasileira. Primeiro, os durões do partido polonês se reuniram em Cracóvia, uma cidade importante de lá, e publicaram um documento violentíssimo, contra a ala renovadora do Partido, contra o Solidariedade, quase pedindo uma invasão russa. Diziam eles que tal documento refletia a opinião do Comitê da cidade.

Imediatamente, todas as bases da cidade se sublevaram e a maioria do Comitê publicou um outro documento afirmando que nunca tinha redigido nada daquilo. O Comitê Central do Partido não vacilou: severas punições aos elementos fracionistas, durões de Cracóvia. Em seguida, os russos utilizaram os agentes provocadores de outra maneira. Mandaram eles profanarem os túmulos dos soldados russos mortos na guerra contra os nazistas em território polonês. O Solidariedade não vacilou: em autêntica demonstração de internacionalismo, afirmou a amizade do povo polonês com o povo russo, denunciou as provocações e ordenou a seus membros que consertassem imediatamente tudo que fosse destruído pelos agentes provocadores.

Nesse ínterim, a União Soviética publica uma carta duríssima, quase ameaçando invadir a Polônia, exigindo que cabeças rolem, que a direção do Partido seja mudada etc. Tudo isso por três razões: o fracasso das provocações anteriores, a decisão dos soldados e dos policiais de começarem a criar um sindicato, a decisão do Comitê Central de liberar todos os prisioneiros políticos. Em resposta à carta russa, o Comitê Central se reúne com urgência. Os "duros" e os "democráticos" se enfrentam com violência. Acusações chovem. Discute daqui, discute dali, de repente os militares do Comitê Central se levantam e saem da sala. O "secreta" aqui torce que nem em Fla-Flu de antigamente. Logo depois os militares voltam: apoio total aos "democráticos". Total. Se os russos invadirem a Polônia, vai ser uma guerra muito pior que a de El Salvador, vai ser o começo da terceira guerra mundial.

O que quer dizer a vitória **total** dos democratas poloneses? Direito de discussão das bases do Partido entre elas, direito de greves econômicas, respeito estrito à legalidade partidária e nacional, maior liberdade e maior responsabilidade à imprensa, apoio total ao Solidariedade. Enfim, tudo o que desejam os democratas do mundo inteiro. Aguardem o próximo capítulo.

***Nosso espião na Europa*: é como designamos o correspondente deste jornal no velho continente. Sediado em Paris, ele passa a contribuir regularmente, com crônicas e informações, para o nosso noticiário internacional.**

Mais um, na lista dos estranhos candidatos do PDS à sucessão de Maluf

Foto Paulo Adario

Erasmo, a última bomba

Foto Wagner Avancini

Marin, com peruca, sem voto

Foto Luiz Bittar

Reinaldo, o do cine-pornô

ERASMO DIAS GOVERNADOR!

Dizem, na polícia, que a campanha é financiada pelo bicheiro Parisi

Na segunda-feira, 29 de junho, o PDS de São Paulo ganhava o quinto candidato a candidato ao governo do Estado: o deputado Erasmo Dias. Mais original que todos os outros, sua campanha começou com cartazes de rua, que são geralmente usados para anunciar shows musicais. Foram colados, inclusive, nos mesmos tapumes e muros utilizados para promoção de cantores. Com a diferença de que o papel dos cartazes de Erasmo era muito melhor e a impressão também. No mesmo dia, o deputado negou sua candidatura. Sugeriu até que podia ser coisa de inimigos tentando queimá-lo. Uma hipótese esdrúxula, pois um inimigo não precisaria gastar tanto, para queimá-lo: cartazes do gênero custam aproximadamente Cr$ 29 mil o milheiro, de acordo com informações de algumas gráficas. E, para cobrir os espaços onde foram colados, seriam necessários, no mínimo, 5 mil deles — que é, também, a média de cartazes que geralmente se utiliza para lançar algum show do nível de Elis Regina, por exemplo. Seria, portanto, uma despesa em torno de Cr$ 150 mil.

No fim da semana, Erasmo aparecia nos jornais com outra versão. Na sexta-feira, 3 de julho, disse ele:

Fui lançado por amigos (conforme saiu n'**O Estado de S. Paulo**)

Quem seriam os amigos? "São muitos", ele afirmou. Mas quem se lembra de 1978, quando ele foi eleito deputado, com 70 mil votos, se lembrará também que, na ocasião, um dos financiadores de sua campanha foi o rei do jogo do bicho, Alfredo Parisi: cinzeiros da Construtora Parisi (a firma que é fachada dos negócios dele) apresentavam o candidato a deputado Erasmo. E quem denunciou a existência desses cinzeiros foi um policial, mais precisamente o delegado Wilson Richetti, que hoje é chefe do policiamento do centro de São Paulo. Se foi Parisi um dos financiadores em 78, por que não seria agora, se aquela campanha foi vitoriosa? Em cír . os policiais de São Paulo, comenta-se que é mesmo do grande bicheiro o dinheiro gasto com os cartazes. E tem-se como certo que a campanha não vai parar por aí, será ativada nas próximas semanas.

Até agora, Erasmo Dias é o único nome do PDS já testado nas urnas. José Maria Marin, atual vice de Maluf, é outro que já foi votado mas não pode voar muito alto: seu eleitorado não se expande muito além do bairro de Santo Amaro. Chegou a ser comentado como possível candidato, mas a essa altura, a escolha de Maluf parece definida, é o prefeito Reinaldo de Barros. Marin, que hoje usa peruca e já foi ponta-direita do São Paulo F.C., deve ser indicado por Maluf ao Senado.

Reinaldo, o prefeito, nem sabe o que quer dizer urnas. Sabe apenas, talvez, por herança: é sobrinho do arquicorrupto Adhemar de Barros e um de seus herdeiros. Publicamente, ficou conhecido por ser um dos proprietários de um cinema que apresenta números de **strip-tease** antes dos filmes e fica no centro de São Paulo — zona de prostituição que seu velho tio mantinha sob controle e de onde retirava grande parte de sua famosa caixinha.

O público do seu cinema — que abre às 9 da manhã — poderia fazer parte de seu eleitorado. O problema é que Reinaldo não quer assumir e já escreveu até uma carta a este jornal, negando ter alguma coisa a ver com o Cine Áurea. Se não pode contar com esse promissor eleitorado, ataca a periferia de São Paulo e, para isso, conta com a ajuda do Dr. Amparo, inesquecível assessor de Maluf, organizador dos famosos "governos de interação" (inclusive o de Freguesia do Ó). Com muito conhecimento da área, portanto, o Dr. Amparo acabou de ser acoplado ao gabinete do prefeito. Recebeu um cargo com nome exótico — Negócios Estraordinários — mas sua missão é conseguir votos para o prefeito. O Dr. Amparo já disse à **Folha de SP**, inclusive, que o voto é a única coisa que leva em conta pra gostar de alguém:

— Gosto de quem tem votos.

Assistido por esse filósofo da democracia, o prefeito já avança na periferia desde o começo do ano, instalando, por exemplo, umas casinhas que seus propagandistas insistem em chamar de creches e que já foram mostradas aqui no REPORTER. Também está iluminando tudo que é rua. O pessoal periférico deve estar gostando e morrendo de rir, pois é fato sabido que o PMDB e o PT há muito tempo dominam essas áreas afastadas do centro. Dificilmente um candidato governista terá boa votação aí.

Laudo Natel, um candidato com ar soturno, garimpa seus votos no interior, pois pra chegar ao interior não precisa andar de avião, coisa que detesta. Natel nunca viu uma urna na vida, pois até hoje só foi eleito presidente de time de futebol (São Paulo F.C.), diretor do Bradesco e governador indireto (duas vezes). Na única eleição um pouco mais aberta que disputou — convenção da Arena — perdeu feio pra Maluf. De qualquer modo, continua sendo considerado o candidato mais forte de seu partido, principalmente por causa de sua amizade com Figueiredo. E por causa de votos que afirma ter no interior.

Outro virgem de urna, mas louco pra ser eleito, é Miguel Colassuono. Sua campanha foi lançada em Ribeirão Preto, a mais rica cidade do interior de São Paulo, ex-maior produtora de café e hoje rainha da cana-de-açúcar. Os amigos de Colassuono bolaram até um logotipo, pra mostrar que seu candidato é um jovem: uma motocicleta é o símbolo da campanha, acompanhada do "vrrruuummm". E Classuono de fato curte moto, até tinha uma bem potente. Em matéria de eleições, porém, Colassuono só ganhou uma, no Instituto dos Economistas, recentemente. Nas indiretas, já chegou a prefeito de São Paulo mas nada do que realizou a cidade se lembra. Hoje é presidente da Embratur, onde a principal discussão é a abertura ou não dos cassinos, coisa que ele às vezes defende e às vezes ataca. Se os cassinos forem realmente abertos, Colassuono poderá fazer uma grande dobradinha com Erasmo Dias — que jamais lutará, no entanto, pra legalizar o jogo de bicho.

Alex Solnik

UMA COLUNA DE POLÍTICA

Ô da política!

Daniel Aarão Reis Filho

O Riocentro e a bomba da reforma eleitoral

Pouco mais se pode dizer, além do que foi dito, sobre o episódio do Riocentro. A não ser a coincidência, talvez simbólica, de que o encarregado do IPM, coronel Job Lorena, "revelou" suas conclusões no mesmo dia em que o Senador Sarney, presidente do PDS, entregava ao presidente Figueiredo o "pacote" da reforma eleitoral proposta pelo partido do governo.

Haverá algo mais do que um simbolismo nesta coincidência? Ou haverá mesmo uma relação entre os resultados do IPM e as eleições de 1982?

As eleições de 1982 vão escolher, pela via direta, os governadores estaduais, a totalidade da Câmara de Deputados e 1/3 do Senado Federal, além de renovar todas as prefeituras e câmaras estaduais e municipais. Claro, ninguém espera que elas coloquem em risco a burguesia e o capitalismo no Brasil, mas ninguém duvida que balançarão o coreto do grupo atual que reina no Planalto. Em tese, eleições servem para isto mesmo: manter, renovar ou mudar os homens que estão governando um país. Mas no Brasil é diferente. Um líder governista já declarou para todo o mundo ouvir: "Tudo pode acontecer nestas eleições, menos o governo perder." Ou seja: "A oposição pode ganhar, mas não vai levar."

Como enfrentar esta contradição: organizar eleições, baseadas em voto secreto, com a certeza de poder ganhá-las? "Muito simples", responderia o general Golbery a essa pergunta ingênua, "basta formular e fazer aprovar uma reforma da lei eleitoral de modo a garantir a vitória do governo antes mesmo das eleições". Ingredientes: **sublegendas**, permitindo que o partido do governo tenha vários candidatos nas eleições para governador e senador; **vinculação de votos** para "municipalizar" as eleições: o sujeito será obrigado a votar nos candidatos em função do voto que der ao vereador. Como o partido do governo tem a maioria esmagadora dos vereadores no país, espera já sair ganhando com este "dispositivo"; **proibição das coligações**, com o objetivo de impedir a união dos partidos de oposição e, finalmente, uma **lei de propaganda eleitoral**, enquadrando direitinho os partidos de oposição, dificultando ao máximo a transmissão da sua mensagem política ao povo.

O "problema" é como fazer o Congresso Nacional engolir a sopa indigesta. O PT e o PTD já falaram contra. Dr. Ulysses, do PMDB, também. Tancredo Neves, presidente do PP, político moderado por excelência, já soltou os cachorros em cima da "reforma". Jânio Quadros, que não pode ser acusado de subversivo, fez o mesmo. Até políticos governistas, como os senadores Luiz Cavalcanti, de Alagoas, e o reacionaríssimo Dinarte Mariz, do Rio Grande do Norte, assim como o deputado Álvaro Valle, do Rio de Janeiro, entre outros, já se insurgiram contra certos aspectos do "pacote" que vem por aí. A revolta é geral e a confusão, como se vê, se estabelece até nas fileiras do partido do governo. Como fazer?

É aí que entra a armação sinistra do IPM, revelando as relações entre o inquérito e as eleições de 1982, entre o coronel Job e o Senador Sarney, entre o Doi-Codi e a reforma eleitoral.

Os resultados do IPM revelam a determinação do presidente-general e dos generais do presidente de manter intacto o aparelho repressivo. Os homens do Planalto querem o Doi-Codi vivo, atuante, intocado. Por duas razões: para enfrentar qualquer "eventualidade", em caso de uma derrota esmagadora em novembro de 1982. Ou para evitar mesmo esta "eventualidade", pressionando o Congresso para que aprove a tal reforma eleitoral. A coisa funcionaria assim: "Os senhores aprovam a "reforma" e nós controlamos as pressões "sinceras, mas radicais" dos rapazes do Doi. E, desde já, garantimos: não haverá mais bombas! Não é digno do gênio do Golbery?

REPORTER faz prévia da disputa que vai reabrir o mais importante sindicato do país

ELEIÇÃO NO ABC

GANHOU A CHAPA 1, DO LULA

Entre os dias 3 e 7 de agosto próximo, haverá eleições para formar a diretoria do sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo — o *B* do ABC —, o mais importante do país e que está sob intervenção do governo federal desde o ano passado, quando foram cassados todos os seus dirigentes, com Luís Inácio da Silva, o Lula, à frente. Um mês antes de os trabalhadores irem às urnas, REPORTER fez uma prévia eleitoral nas portas das quatro maiores fábricas da cidade: Volks, Ford, Mercedes-Benz e Scania. Na cédula distribuída, constavam as duas chapas que se defrontam: a de número 1, encabeçada por Jair Meneguelli, tem o apoio de Lula; a 2 é liderada por ex-companheiros de Lula Osmar Trindade, o Osmarzinho e Emilson Simões, o Alemão, ligado ao jornal *Hora do Povo*

Os dois grupos, por manterem posições divergentes, não conseguiram formar uma chapa única, mas têm uma coisa em comum: são chapas de oposição ao governo e à estrutura sindical controlada pela legislação trabalhista

Na area, existem cerca de 142 mil metalurgicos mas, depois das últimas demissões, apenas 125 mil estão trabalhando e, deles, só 30 mil são sindicalizados e podem votar Nossa "eleição", porém, não considerou a situação legal do votante; procuramos indicar, com a reportagem, a tendência da categoria e não apenas do pessoal sindicalizado

As eleições foram feitas entre 14 e 18 horas, horário que pega a saída dos horistas, a entrada do turno da noite e os mensalistas, que trabalham em funções burocráticas Pôde-se notar que não há grande interesse em votar, falta mobilização para as duas chapas, há muita desinformação e muitos operários confundem os programas e as filosofias dos dois grupos. Alguns até acham que Lula apóia a chapa 2, de Osmarzinho, que destacou-se ano passado, quando ajudou a segurar a greve depois que todos os líderes metalúrgicos do primeiro escalão foram presos.

Na prévia, que durou três dias, ganhou a chapa 1 por larga diferença de votos (ver quadro) mas a apuração foi difícil, porque ninguém queria se responsabilizar pela fiscalização. O primeiro contato foi realizado com o presidente da junta governativa do sindicato, Afonso Monteiro da Cruz, que por edital convocou as eleições, mas não quis que os resultados da prévia fossem apurados no sindicato: "Vão dizer que eu estou protegendo uma das chapas, a que vencer, é lógico"

Outra tentativa foi feita junto ao Fundo de Greve, que tem um prédio e movimenta um número razoável de pessoas a ele ligado. Mas o presidente Gilson ficou meio assustado. Ele é ligado à chapa 1 e não quis que se fizesse lá a contagem dos votos

Júlio Grammont, diretor de publicação do ABCD Jornal, cedeu suas instalações. E a apuração foi feita na noite de 30 de junho. Foram convidados os dois candidatos que encabeçam as duas chapas. Eles não compareceram. Jair Meneguelli estava percorrendo as portas de fábricas e Osmar Mendonça disse que não iria, porque o ABCD Jornal é sede do PT (o que não é verdade) e ele tinha se desligado recentemente daquele partido

Alguns integrantes da chapa 2, que compareceram à apuração e tiveram a fineza de abrir todas as urnas, juntamente com os integrantes da chapa 1, acharam que o resultado da pesquisa foi positiva num ponto: agora eles terão de se desdobrar mais. Os integrantes da chapa 1 já pensam diferente, acham que eles também terão de se esforçar bastante, mesmo com a vitória

A batalha vai ser iniciada em agosto. Quem ganhar, vai assumir a sucessão de Lula, cuja cadeira de presidente continua vaga, intocada, porque até o presidente da junta nomeado pelo ministro Murilo Macedo se recusa, até hoje, a sentar-se nela. Jair ou Osmarzinho? A categoria é quem vai decidir

Na Volks, muita gente parou pra votar

Fotos Fernando Rodriguez

Os resultados, por fábrica:

	Chapa 1	Chapa 2	Brancos	Nulos
Volkswagen	470	27	3	0
Ford	447	70	[illegible]	0
Mercedes	[illegible]	32	0	0
Scania	274	29	7	1
TOTAL	1.481	158	14	1
Em %:	89,5	9,6	0,84	0,06

Jair e Osmar. Debate entre 2 candidatos

Jair Meneguelli, 34 anos, casado, três filhos, ferramenteiro da Ford, salário de Cr$ 75 mil mensais, encabeça a chapa 1. Osmar Mendonça, 30 anos, casado, 1 filho, funileiro de Autorama, salário de Cr$ 20 mil, lidera a chapa 2. Aqui, a entrevista com os dois candidatos:

Vocês poderiam dar uma síntese do programa das chapas?

Jair: *Não tem novidade. As metas fundamentais são: a luta contra o desemprego e pela conquista de estabilidade nas fábricas. São as mesmas palavras de ordem de 1978: salário mínimo real unificado, delegado sindical, liberdade de autonomia sindical e contra a Lei de Segurança Nacional. Estamos nos reunindo, trocando idéias, mas basicamente são essas as reivindicações.*

Osmarzinho: *Lutar contra o desemprego, contra o salário de fome, acabar com as favelas. O índice de favelados aqui no ABC é muito grande. Em sua maioria, são funcionários da prefeitura e metalúrgicos, que acabam morando em barracos. O último grande ponto: pelo fim da ditadura militar e pela instauração da democracia no país*

Vocês se consideram oposição?

Jair: *A 2 é uma chapa de oposição. Mas não acredito que eles sejam contra o peleguismo. Para mim, eles são oposição ao Lula e a todo trabalhador. Quem é o interessado em destruir a imagem da diretoria cassada do Lula? Eles, que estão ao lado dos patrões e do governo*

Osmarzinho: *Somos oposição, porque é difícil se imaginar uma chapa de situação dentro de um regime político em que a essência é o arrocho salarial, a repressão política contra a sociedade. O Lula tem misturado partido com sindicato. Estivemos juntos, mas hoje divergimos em alguns pontos.*

Os operários identificam vocês como chapas apoiadas pelo Lula?

Jair: *Nós somos apoiados por Lula. Pelo que se percebe nas portas de fábricas, a confusão diminuiu um pouco.*

Osmarzinho: *O Lula só apóia a chapa 1 por conveniência política. Tendo como referência o seu passado, ele se identifica conosco.*

Como surgiram os nomes dos componentes das chapas?

Jair: *Discutimos alguns pontos na sede do Fundo de Greve, como a questão da diretoria cassada do Lula não poder se candidatar a cargos. Pensamos na formação de uma chapa e consultamos a diretoria cassada. Eles concordaram em nos apoiar.*

Osmarzinho: *Quem nos indicou como seus herdeiros, eu e o Alemão, foi o Lula, em 1979, no Rio Grande do Sul e aqui no sindicato. A categoria nos vê como continuadores da obra do Lula e não entende essa divisão que a chapa 1 fez.*

Vocês temem uma possível intervenção depois de eleitos?

Jair: *Acho que a intervenção está preparada para qualquer momento, em qualquer sindicato. Temos de conviver muito tempo ainda com a possibilidade disso acontecer. Com qualquer movimento que avance um pouco mais do permitido, pode acontecer isso.*

Osmarzinho: *A idéia da nossa chapa é consolidar uma profunda organização sindical nas fábricas, capaz de dar continuidade às lutas, mesmo que a intervenção venha a ocorrer. Toda vez que os trabalhadores se movimentam, a ditadura intervém, isso é claro.*

Peões reagem com medo e curiosidade

A peãozada, como é denominada pelos próprios operários (ou horistas, já que recebem seus salários por hora de serviço), se mostrava curiosa com a faixa do REPORTER e as urnas nas portas das fábricas. Eis a opinião de alguns deles, na porta da Volks (31 mil operários):

- Não conheço nenhuma das duas chapas. Falta interesse, não sou sindicalizado, não sei do que se trata
- Votar? Eu voto na 2, é tudo massa mesmo, qualquer uma das duas
- Nem sei o que é sindicato. Adoeci aí dentro (aponta para a fábrica) e meu ordenado é pouco..
- Sei lá do que se trata. Por que? Ora, isso é um problema meu.
- Chapa 1 ou 2? É questão de se pensar um pouco, né?
- Não conheço o programa nem de uma nem da outra
- Somos da segurança, não podemos votar. Dá sujeira pra nós
- Ih, nego, vou dar uma estudada nisso

Porta da fábrica Mercedes-Benz (17 mil operários). Um pessoal meio ressabiado. Muitos saem correndo Outros ficam olhando de longe Um operário, aos poucos, foi explicando o motivo disso tudo: "É que a diretoria da empresa não admite mais que fiquem dois operários conversando". "Vamos dispersar", diz logo. "Está ocorrendo um verdadeiro regime militar lá dentro". Para ir ao banheiro, um operário tem que avisar seu chefe, que, por sua vez, colocará outro no seu lugar

Começa a votação. Há curiosidade por parte de alguns operários. Eles ficam vigiando em quem o colega votou. Se votou na chapa 2, por exemplo, é advertido:

— Menino, não tá vendo que o Lula tá lascado por causa de vocês?

Outros gritam:

— Olha a traição, meu irmão.

A mesma reação tiveram os operários da fábrica Ford (12 mil operários) e da Saab-Scania (3.200 operários). Nesta última, uma moça que saía às 17:30 horas, mensalista, toda arrumadinha, chamada a votar, começou a gritar: "Ahhhhhnnnn...". Quase desmaiou, fez careta, olhou para o repórter, virou os olhos. E entrou correndo no ônibus.

Rivaldo Chinem

MORDIDA cinema

A NOITE DOS GENERAIS — Produção de suspense tupiniquim, de 1981. Direção de Goll Berry, com um grande elenco de 4 estrelas.

•Uma bomba explode dentro de uma carroça, na pequena cidade de Riobonito, na Austrália. Na explosão, um sargento búlgaro vai pelos ares e um capitão javanês perde a fala. Generais de Pingapura reúnem-se, a portas fechadas, para investigar causa e origem do atentado. No final, chegam à uma conclusão inesperada e surpreendente: a bomba foi colocada por um grupo de marcianos, infiltrados na imprensa local. Feito para a TV Globo.

Luís Pimentel

FEDERAÇÃO DE MORADORES É NOVA FORÇA POLÍTICA

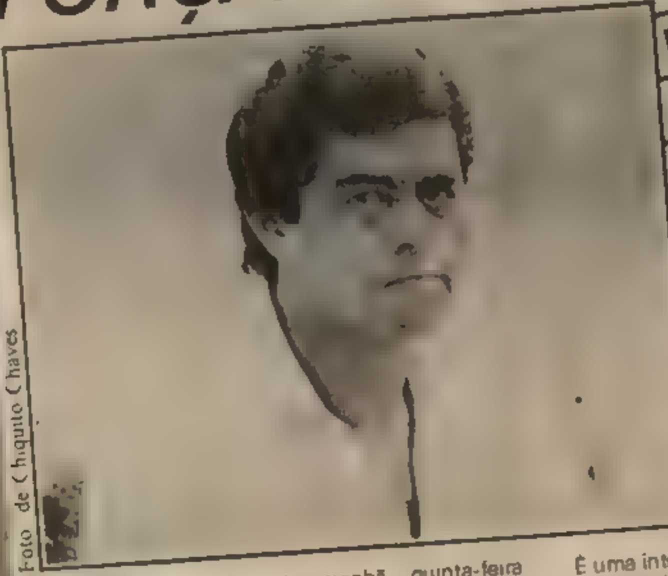


Foto de Chiquito Chaves

Dia 25 de julho, posse de outro presidente, o Jó Resende, a Famerj parte pra buscar sócios em todo o Estado. Ela já atinge 1,5 milhão de pessoas

Jó: trabalho sem parar

Oito horas da manhã, quinta-feira. Em seu apartamento, no Cosme Velho, o novo presidente da Federação das Associações de Moradores do Rio (Famerj), Jó Resende está agitado. O prefeito está dando uma entrevista na rádio Jornal do Brasil e ele não quer perder a oportunidade para fazer publicamente uma pergunta.

Diz o prefeito a um ouvinte:

— Eu acho muito importante a participação das comunidades de bairros nos planos da prefeitura.

Jó se apressa e rascunha num papel uma pergunta:

— O Sr. diz que é receptivo à nossa participação, mas nós temos tido muitas dificuldades em nos fazer ouvir. Por que não podemos participar do planejamento da cidade?

Segundos depois, a pergunta está no ar e o prefeito, antes de respondê-la, hesita um pouco, elogia Jó Resende, as associações. Acaba entrando no assunto:

— O Jó está sendo severo demais comigo. Há um certo nível onde a participação da comunidade é impossível por ser excessivamente técnico. Mas nós queremos contar com uma presença cada vez maior das comunidades na prefeitura.

O presidente da Famerj ouve a resposta e não esconde a decepção:

— Está ouvindo? — diz, dirigindo-se ao repórter. Sem acesso aos projetos, continuaremos à margem, como ocorreu com a Via Paralela de Laranjeiras, que a prefeitura vai fazer, contra a vontade do bairro.

Jó Resende vai tomar posse, por dois anos, no próximo dia 25. A festa será num clube em Padre Miguel e vai marcar a terceira etapa da história da Famerj que, agora, se prepara para lançar suas raízes em todo o estado do Rio. Fundada em 1977, ela só tem feito crescer. de cerca de 20 associações de bairros, que reunia inicialmente, hoje evoluiu para 59 filiações, de um total de 120 associações existentes no Rio e Niterói. Brevemente, registrará uma importante adesão: a do Movimento de Amigos de bairros de Nova Iguaçu, que congrega cerca de 80 associações.

O crescimento faz da Famerj uma entidade das mais poderosas no Rio. Atualmente, seus diretores teriam quase tanta ou mais influência do que qualquer parlamentar bom de voto no estado: a área de penetração da Federação abrange atualmente bairros com mais de 1.5 milhão de habitantes, em seu conjunto, a maioria distribuídos por localidades como Santa Teresa, Campo Grande, Santa Cruz, Realengo, Duque de Caxias, Ilha do Governador, São Gonçalo, Niterói e a própria zona sul.

Do programa da nova diretoria, constam três objetivos básicos: saúde, habitação e transporte. Explica Jó Resende:

— Nós queremos trabalhar muito unidos aos sindicatos. Veja o caso dos médicos: nossa integração está muito avançada e estamos travando lutas comuns. Já temos comissões de saúde formada por moradores, trabalhando com os médicos, em hospitais como o Pedro Ernesto, em Vila Isabel, Andaraí, Miguel Couto, Rocha Maia e no hospital de Nova Iguaçu.

É uma integração que a Famerj quer estender a todas as outras categorias profissionais.

No caso da saúde, a meta do momento é questionar o Plano Municipal de Saúde. A primeira grande campanha será para obter a conclusão das obras do hospital Albert Schweitzer, em Padre Miguel. Até setembro, 100 mil assinaturas serão coletadas junto à população.

— Nós analisamos o Plano Municipal de Saúde, e chegamos à uma conclusão estarrecedora: a situação é das mais difíceis, segundo diagnóstico da prefeitura, mas as medidas propostas são muito distantes da realidade. Exemplo: na zona oeste (Bangu, Campo Grande e Santa Cruz) há carência de 2.800 leitos, enquanto na zona sul há um excesso de 1.220 leitos. No entanto, a prefeitura propõe apenas a construção de 20 consultórios médicos nas regiões administrativas.

No caso do transporte, o primeiro passo é a defesa da estatização. O trabalhador, hoje, segundo levantamento da Famerj, consome um terço do salário mínimo só em transporte, sem computar o desgaste provocado pelos longos percursos e a espera nas filas de ônibus.

— As empresas recolhem os ônibus durante o dia e só os coloca na rua nas horas de pico. Assim, economizam gasolina e salário dos empregados, tarefeiros que ganham pelo que produzem. A economia com FGTS, férias, 13.º salário etc., é grande fonte de lucro para as empresas.

O trabalho no setor de trasnporte ainda está embrionário. As comunidades, informa Jó, têm grande dificuldade de acesso aos planos oficiais, daí, não poderem, por exemplo, ter qualquer conhecimento sobre os critérios para concessão de linhas no DGTC (Departamento Geral de Transportes Concedidos).

A habitação é outro problema que a Famerj tem enfrentado. Como se não bastassem as precárias condições dos conjuntos habitacionais, o último aumento de 72,8% das prestações do BNH, tornou impossível o pagamento dos imóveis.

— Nós estamos tentando encaminhar duas propostas junto ao banco: o congelamento das prestações, no nível anterior ao último aumento, em 1.º de julho, até que as associações de bairro proponham uma forma de pagamento que esteja ao alcance de todos e a saída das financeiras do circuito habitacional. O BNH precisa ser um banco de primeira linha, de crédito direto, sem precisar de intermediários.

Nesse plano, a luta é mais difícil: tem que evitar os despejos.

— Temos conseguido evitar todos aqueles de que tivemos conhecimento, mas não podemos parar aí. É necessária uma solução concreta.

Jó Resende, 34 anos, formado em Administração, é especialista em Informática e estudante de Psicologia. Foi eleito por unanimidade, com o voto das 46 associações de bairro que compareceram à recente eleição da nova diretoria da Famerj. Normalmente, seu dia começa às sete e não tem hora para terminar.

Francisco Viana

UMA COLUNA DE POLÍCIA

SIRENES & CAMBURÕES

Aroldo Machado

Superlotação de cadeias vai forçar uma anistia

A criação de um Doi — Destacamento de Operações de Informações — na Polícia Militar e a implantação de um sistema de policiamento, imitando as rondas do Departamento de Investigações Criminais (Deic) paulista, que, em breve, será posto em prática pela polícia civil fluminense, deverão acabar de superlotar os xadrezes das delegacias policiais. Há quem diga que o Doi da PM funcionará com fins políticos, a exemplo dos órgãos de segurança das Forças Armadas. Contudo, fontes da PM garantem que os trinta homens lá lotados estão encarregados de fazer, apenas, levantamentos de traficantes de drogas e quadrilhas de assaltantes de bancos. Por outro lado, há uma grande preocupação da polícia civil que poderá, até mesmo, recusar a receber presos do Doi da PM, depois de 24 horas, quando termina o "estado de flagrância". Além disso, os delegados poderão recusar também presos machucados, antes de submetê-los a exames de corpo de delito.

Pelas recentes tentativas de fuga, tem-se uma idéia de como andam as celas das delegacias cariocas. As chamadas "concentradoras" — delegacias que possuem maior número de xadrezes — estão superlotadas. O problema vai da Zona Sul (14ª. DP) à Ricardo de Albuquerque (31ª. DP), passando pela 20ª. (Grajaú), 19ª. DP (Tijuca), 3ª. DP (Centro) e 39ª. DP (Pavuna). Em todas elas, os presos reclamam da má alimentação e da falta de espaço, até mesmo para dormir.

Por outro lado, a PM recebeu bazucas e outros armamentos pesados para combater a criminalidade — e levar mais gente ainda aos presídios cariocas. Sobre o problema, o secretário de Segurança, general Waldir Muniz, ameaçou "abrir as portas das celas e soltar os presos", caso não haja solução. Diante disso, autoridades da Secretaria de Justiça e do órgão que controla as penitenciárias, iniciaram estudos para a libertação de grande parte dos encarcerados. A medida deixou apreensivos dezenas de internos das penitenciárias do Rio, alguns deles com suas penas acabadas. Muniz, ao fazer a ameaça, generalizou o problema mas, posteriormente, declarou: "Solto mesmo, mas só os **pés-de-chinelo**, é claro". E os primeiros, de uma leva de 1.500 homens, começaram a ser libertados, mesmo contra a vontade de algumas autoridades do judiciário e de toda a polícia. Ninguém acredita que esses homens não voltarão a delinqüir. Mas é necessário dar-lhes um voto de confiança e, por isso, não se pode julgá-los antecipadamente.

A polícia não pode negar que a "escola do crime" é a própria cadeia. Ao ser preso pela primeira vez, o indivíduo é colocado numa cela da delegacia, misturado com homens já acostumados ao convívio do cárcere. São os chamados **cadeeiros**. Ali o preso, muitas vezes, é submetido a violências físicas e sexuais, passando a ficar revoltado contra o sistema e a sociedade. A seguir, ele é transferido para a Divisão de Capturas e Polinter — DC-Polinter —, na Avenida Marechal Floriano, Rio. Lá, como na delegacia, recebe apenas uma refeição diária e não tem direito a visitas. Posteriormente, é removido para o presídio de Água Santa, que fornece alimentação, embora deficiente, duas vezes por dia. Passa a ter direito a visitas, desde que não contrarie os regulamentos disciplinares.

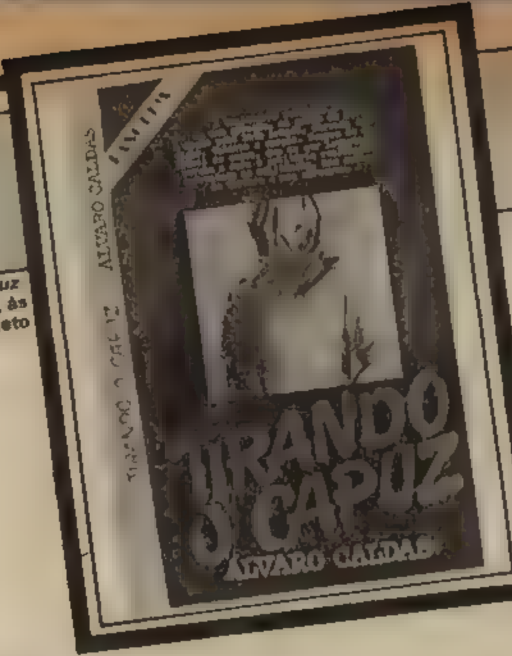
No presídio de Água Santa não há ocupação para 90% dos internos, que são obrigados a ficar 24 horas por dia na cela úmida e fria, sem ouvir rádio, assistir televisão ou ler revistas e jornais. Ali, eles só podem aprender o que "os mais experientes podem ensinar: o crime".

Outras alternativas são: seis meses depois de permanecer nas celas coletivas de Água Santa, o preso poderá ser transferido para o presídio Evaristo de Morais (Galpão da Quinta da Boa Vista) ou Presídio Hélio Gomes, onde terá mais espaço para se locomover, embora o tratamento seja o mesmo. O percurso bem mostra que é impossível recuperar alguém atrás das grades.

livros

Tem orgulho do passado, mas quer idéias novas

Tirando o Capuz relato sincero, às vezes incompleto



Comunista diz que agora é o comitê central dele mesmo

"A geração que viveu o golpe militar e o AI-5 não tinha outra opção senão a luta armada" — afirma o jornalista Álvaro Caldas, 40 anos, autor de **Tirando o Capuz** (Editora Codecri, Cr$ 450, 217 páginas), no momento um dos livros mais vendidos do país. Sua primeira edição, com três mil exemplares, esgotou-se em apenas três semanas.

Álvaro, que militou 15 anos no movimento comunista, é hoje um homem de esquerda independente, mas se nega terminantemente a renegar seu passado guerrilheiro, dos tempos em que atuou pelo PCBR (Partido Comunista Brasileiro Revolucionário).

— Muitos amigos têm-me criticado por não ter, no livro, condenado veementemente a luta armada. Não vou fazer nunca tal condenação. Naquele momento, a gente não tinha outra alternativa. Estávamos sob o impacto do golpe de 64, do AI-5 e muito decepcionados com o PCB (Partido Comunista Brasileiro), que tinha deixado os militares tomar o poder, sem resistir

A história da decepção de grande parte da juventude comunista, com relação ao PCB, é a grande novidade do livro de Álvaro. É a primeira vez que vem a público o processo de gestação da chamada **dissidência do PCB**, causa do maior racha da história do partido e origem da pulverização da esquerda brasileira em inúmeras facções, que se subdividiriam sucessivas vezes, durante o processo de luta armada. O trabalho de Álvaro praticamente se limita ao meio universitário, onde o autor atuava, mas isso não diminui o seu mérito, se bem que deixe o leitor no ar quanto às raízes das divergências que levaram militantes do porte de Mário Alves, Apolônio de Carvalho, Jacob Gorender, Marighela e centenas de quadros jovens a abandonar o chamado Partidão.

— O grande divisor de águas foi 64. Nós estávamos acostumados aos informes grandiloqüentes do partido, que dizia ter o controle geral da situação: controlava os militares, os sindicatos, o próprio Jango etc. Por que não resistiu? Ninguém aceitava a tese de que houve excesso esquerdista. Naquela época, as organizações chamadas esquerdistas, a AP e a Polop, eram muito frágeis. Existia um ou outro político mais à esquerda, como o Brizola, mas não foi a atuação deles que conduziu ao golpe. O que houve foi um movimento muito bem articulado da direita, que o Partidão não soube perceber e se preparar para resistir.

Álvaro Caldas não tira o capuz apenas para narrar a história desse doloroso processo de ruptura com o PCB, que se arrastou por três longos anos e acabou se concretizando às vésperas do VI Congresso do partido, em 1967. Ele vai mais adiante: faz um verdadeiro diário do seu amadurecimento político e de parte da geração que sobreviveu à mudança da década, tendo que enfrentar a cadeia, o choque da descoberta da bestialidade da tortura e, o que é pior, as suas próprias fraquezas e a lenta constatação de que a revolução social não se concretizaria de forma tão rápida e fácil como imaginavam.

Para Álvaro, na época, luta armada era a opção

— Nós acreditávamos ser homens de ferro. A cadeia mostrou que tudo era muito diferente. Eu mesmo tive de entregar uma pessoa que tinha me dado abrigo na clandestinidade, mas que não tinha vínculos partidários, para dar tempo da minha mulher fugir. Foi aí que comecei a perceber quanto sectarismo existia da nossa parte, onde o negócio era calça de veludo ou bunda de fora. Ou o sujeito estava com a gente ou não estava. Neste último caso, era isolado, discriminado.

É justamente neste aspecto, que está outra grande virtude do livro de Álvaro Caldas. Ele não fez como Fernando Gabeira (**O que é isso companheiro?** e **Crespusculo do Macho**), que usou seu talento jornalístico para expor ao ridículo os militantes da esquerda armada, procurando pinçar o que havia de mais negativo e mais retrógado nas organizações. Não escreveu também um livro da densidade dos **Carbonários**, de Alfredo Syrkis, onde a aventura e a política parecem não ter limites dentro dos aparelhos onde foram escondidos os embaixadores da Alemanha e da Suíça. Falta também a elaboração literária de dois outros livros que fizeram sucesso no gênero: **Câmara Lenta**, de Renato Tapajós, e **Fornos Quentes**, de Reynaldo Guaranys, ex-militante da VPR. O livro de Álvaro é um relato, com fortes cores emocionais, de quem viveu a luta armada atrás das grades, vendo sua organização esfacelar-se rapidamente, tendo que se abster de quase tudo, inclusive do convívio com sua mulher e filhos, bastante limitado e vigiado. Suas cartas eram lidas sistematicamente e as conversas com sua mulher na cadeia ouvidas por praças e oficiais, que se postavam a curtas distâncias do casal. As visitas íntimas, permitidas pela justiça, foram negadas pelos comandantes dos quartéis por onde Álvaro peregrinou com seus companheiros de prisão.

— Eu escrevi quase que num fôlego só. Acordava de manhã cedo e ia para a máquina quase que compulsivamente — revela Álvaro, que foi preso quando se preparava para assumir a direção do Comitê Regional do PCBR, com jurisdição no Rio, Espírito Santo e Minas Gerais.

Talvez a pressa com que foi escrito tenha levado o autor a cometer algumas pequenas omissões, como é caso do aprofundamento da história e do programa do PCBR. A organização ainda é uma incógnita.

— Eu não quis fazer um trabalho de pesquisa. Ia tomar muito tempo. O PCBR era uma organização nacional, com grande influência no Rio e no Nordeste, que, num determinado momento, chegou a ter 800 militantes. A diferença entre nós e demais organizações era a de que não tínhamos uma visão **foquista** da realidade. No final, acabou prevalecendo o **foquismo**. Mas Mário Alves, líder do partido, tinha bem clara a necessidade de conjugar a ação política com a ação militar.

Caldas ficou 30 meses na cidade e foi duramente torturado. Em 73, ele viria novamente a ser preso, desta vez através de um seqüestro que só não lhe custou a vida porque Leônidas, na época técnico do Botafogo, confirmou seu depoimento na cadeia, sem sequer saber que ele estava preso. Na época, Caldas trabalhava normalmente como jornalista e não tinha nenhum vínculo com a esquerda armada. Toda esta experiência não levou Caldas a renegar o comunismo, como fizeram Gabeira e Syrkis, mas o tornaram um ácido crítico dos partidos tipo leninista:

— Uma das grandes frustrações da minha geração foi ter condenado o sectarismo e o burocratismo do PCB, sem conseguir evitá-lo nas novas organizações que surgiram. Nós fizemos, talvez, algo pior do que acontecia nos tempos do PCB. Queríamos casar a militância com a vida normal e colocar o homem como centro de tudo. Mas acabamos descambando para o sectarismo e nos dividindo muito.

Politicamente, Álvaro é um independente que se sente atraído pelo PT. Na sua opinião, partidos do gênero PCB, PC do B e MR-8 — este último particularmente — estão politicamente envelhecidos.

— Eu continuo sendo comunista, mas não fiz ainda opção por nenhum partido. Não aceito mais coisas prontas. A nova geração também não aceita mais isso. Enquanto não me decido, tenho muita tranqüilidade para dizer que, após 15 anos de militância, me sinto muito à vontade em ser o meu próprio comitê central.

Francisco Viana

2 ANOS DE CADEIA POR ESCREVER UM HINO

Padre foi condenado antes do julgamento

O julgamento do padre Reginaldo Veloso, enquadrado na lei de Segurança Nacional e condenado pela auditoria militar de Recife, foi uma farsa. Veloso foi punido por ter escrito um hino contra a expulsão do Brasil de um outro padre, Vito Miracapillo, italiano, que se recusou a celebrar missa em homenagem ao dia da Independência.

A informação sobre a montagem do julgamento de Veloso foi dada por pessoa acima de qualquer suspeita: o empresário Joel Câmara, único preso político do governo Miguel Arraes em Pernambuco, deposto pelo golpe de 64.

Segundo o empresário, algumas semanas antes do julgamento, os militares sediados no Estado se reuniram para discutir como resolver o caso do padre Reginaldo. Existiam duas correntes, que defendiam pontos de vista diferentes. Uma brigava pela absolvição do padre, para evitar que ele se transformasse num novo "Cajá", assessor de Dom Helder, preso e condenado em fins do ano passado, e que na cidade virou um "mártir". A outra corrente, mais numerosa, achava que uma absolvição era perigosa porque, implicitamente, os militares estariam condenando até mesmo o processo de expulsão do padre Vito Miracapillo, expondo em demasia os interiores da doutrina de segurança nacional.

Essa corrente ganhou, dizia Joel Câmara, enquanto o Conselho de Justiça Permanente da Marinha se achava reunido na sala secreta. Ele deu até o resultado:

— O padre vai ser condenado a dois anos de reclusão e vai cumprir a pena em liberdade.

Cinco horas depois, os juízes, com a cara mais limpa, repetiam as previsões, como se tudo tivesse sido decidido naquele momento.

Beth Salgueiro

INFLAÇÃO À BRASILEIRA

Definhinho
Nato. Ed. Planalto. 10 págs, Cr$10.000.

Tese de doutorado, defendida pelo autor, na Universidade de Rimpimbaca, na Parafuseta. Prêmio Ensaio Casa de tu Madre, 1981. Tomando como base de estudo sua gorda experiência pessoal, o indivíduo tenta provar que você, leitor, pode continuar vivendo onde vive (?), comendo o que come (?), com o salário que recebe (?). Encerra o trabalho com um versinho espirituoso, que eu não entendi: "Feliz é a hiena/Que não tem paladar/Não vê diferença/Entre merda e caviar/Por isso não sabe/Se deve rir ou chorar". Eu, hein?!

Luís Pimentel

ZAGALO DEPOIS DA GLÓRIA

Ele foi o maior técnico do futebol brasileiro, na década de 70. Depois da copa, virou rei, sua palavra era santa, sua tática infalível. A maior parte da imprensa esportiva transformou-o no guru do nosso futebol. Ele e sua teoria de que a melhor defesa é a defesa mesmo. Em 74, dizia que o time era ruim, tinha que jogar atrás, fez disso uma filosofia: na Alemanha, o Brasil ficou escondido no campo e na concentração, isolado, cercado pela polícia. À imagem do técnico. Fomos pro buraco, ele perdeu o cargo, passou a ser odiado, recolheu-se, mas manteve sua influência. Agora, pela primeira vez em sua carreira, sai, é mandado embora de um clube e pior: Zagalo, que não rimava com gol nem alegria, não rima, também com vitória. Conheceu a derrota, que sua retranca sempre quis evitar.

Sua capacidade para "OBSERVAR MELHOR" os detalhes, faz com que Você seja mais inteligente que os demais

Neste grupo de 10 ATABAQUES, dois são idênticos.
Marque-os com um "X" e envie HOJE MESMO esta folha com todos os seus dados.
PELA VOLTA DO CORREIO, RECEBERÁ UMA AGRADAVEL SURPRESA.

Só basta saber ler e escrever • ESTUDE hoje e TRIUNFARÁ amanhã!

CURSOS QUE ENSINAMOS

☐ ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS ☐ BELEZA FEMININA ☐ ELETRICIDADE ☐ RELOJOARIA
☐ DESENHO HUMORÍSTICO ☐ CORTE E COSTURA ☐ CONTABILIDADE ☐ FOTOGRAFIA
☐ SECRETARIADO COMERCIAL ☐ ARTE DOCEIRA ☐ ENFERMAGEM ☐ INGLÊS

NÃO IMPORTA SUA IDADE

MÉTODOS QUE ENSINAMOS

☐ HIPNOTISMO ☐ MEMÓRIA ☐ DEFESA PESSOAL
☐ MÁGICA *(para divertir-se)*

PARA AMBOS [illegible]

PROMOTORA PROFISSIONAL BRASILEIRA
R. Barão do Flamengo, 32 – 2º andar – Rio

ENVIE SUA CARTA OU CUPOM À
Caixa Postal 16121
20.000 - RIO DE JANEIRO - R. J.

401

Solicito, GRÁTIS e sem compromisso, Folhetos Informativos
Nome ______
Endereço ______
Cidade ______ *CEP* ______
Estado ______
Curso que deseja estudar. ______

UMA COLUNA DE FUTEBOL

FOLHA SECA

Luiz Alberto Bettencourt

Era melhor treinar do que jogar com a Espanha

O jogo tinha cheiro de pelada e não deu outra. Os espanhóis no bagaço, faziam uma excursão exaustiva, depois do término de seu campeonato e num período em que normalmente estariam de férias. No Brasil, tinha gente pulando do campo pro avião, como Zico e Júnior, sete dias antes. Faltou Reinaldo, que, mesmo manco e com cinco mulheres embriagadas a persegui-lo com punhais enquanto joga, é melhor do que Baltazar. Cerezo não tinha condições físicas. Getúlio mostrou que, com aquele futebolzinho, não esquenta nem o banco.

Fica, então, difícil a análise das condições reais da Seleção Brasileira no momento, mas uma coisa é fácil de ver: sem pontas não dá. Telê. Isidoro é bom, mas joga no meio; Éder está em boa fase mas também não faz a jogada de linha de fundo. Nosso extrema foi o Perivaldo, que só jogou 45 minutos e, mesmo com toda a saúde que ostenta, ainda não aprendeu a voar.

A torcida confia na Seleção — provou isso em Salvador — mas ainda tem um pé atrás. Não cometam a besteira de ir à Espanha sem extremas.

Vamos aplaudir

Em São Paulo, o humor não tem limites. O deputado do PDS que dirige a Federação, anunciou a tabela do segundo turno, pela qual o campeonato de 81 terminará em fevereiro de 82. Como conseqüência, os principais clubes do Estado não participarão do próximo campeonato nacional. Segundo o deputado Abi Chedi, trata-se de uma tentativa de tornar mais rentável a disputa regional.

Trata-se, na verdade, de uma espécie de retorno à monarquia, pra acabar com os prejuízos. Abi quer ser o soberano da Liga, manter os clubes sob sua influência e eles o apóiam: a decisão de estender o campeonato foi tomada pelo conselho arbitral.

Só nos resta rezar para que os homens se lembrem que Pedro II já morreu, assim como o herdeiro do trono, falecido em Petrópolis no final de junho último.

O medo atrapalha

Nas duas páginas seguintes, o leitor vai encontrar uma reportagem sobre a violência no futebol carioca, nos últimos anos. O retrato vale pra todo o Brasil: os Abi Chedi da vida (ele, aliás, está sendo processado, sob acusação de corrupção, por um ex-juiz paulista, o Alfredo Gomes) pressionam os árbitros, que apitam segundo as conveniências e são coniventes com o clima de terror em campo. O craque não pode jogar, porque, como explica o Zezé, tem que fugir do pau; botinudo pratica um outro esporte, vai no corpo do adversário, a bola não interessa.

Na taça Cidade de SP, de juvenis, o goleiro do Fla quebrou a perna de João Alves, do Corinthians

Perivaldo nunca perde a viagem

O FUTEBOL DO MEDO

'O defensivismo aumentou a violência, o drible virou ofensa e, quem sabe jogar não pode. Depois perguntam porque os craques estão sumindo. Eles foram pras enfermarias. Não são de ferro.

Reportagem de Jorge José de Melo

Reinaldo, Zico, Careca, Gilberto, Zezé, Zé Sérgio, Joãozinho. Os grandes jogadores, os dribladores, os que empurram seu time são os mais visados. A porrada come solta no futebol brasileiro. Os juízes, pressionados ou corruptos, às vezes nem marcam falta. Dirigentes e técnicos mandam bater e até o Atlético Mineiro, time de cobras, baixou o pau no último jogo

1

O atacante Zezé dribla facilmente o lateral direito Perivaldo, na sua primeira intervenção no tradicional clássico e é derrubado com uma rasteira. O juiz marca apenas a falta. Zezé reclama com o juiz e com o zagueiro: "Vê se entra na bola". Perivaldo responde sorrindo: "Futebol é pra homem".

Zezé está saindo de uma contusão e teme uma recaída. O jogo corre. Na metade do primeiro tempo, ele recebe uma bola na entrada da área e, com um drible curto, tira o zagueiro central da jogada e é novamente calçado por Perivaldo. A entrada dura lhe atinge o tornozelo. Ele sai de campo para ser atendido e volta revoltado, reclama mais uma vez com o juiz e é ameaçado de expulsão. Perivaldo, no final do primeiro tempo, ameaça: "Pra segurar esse empate vou dar até na cabeça".

Zezé ignora as ameaças e pega uma bola na corrida, pela meia esquerda e recebe mais uma entrada dura do zagueiro, que não lhe dá trégua. Ele fica ainda mais irritado e reclama mais uma vez com o juiz. Acaba o primeiro tempo.

No segundo tempo, Perivaldo começa a catimbar, segura-lhe o calção, chuta seu calcanhar depois de cada ataque desperdiçado, lhe dá cotoveladas na corrida e o empurra nas disputas de cabeça. Quase no final do segundo tempo, Zezé entra pela ponta esquerda, dribla Perivaldo e corre com perigo em direção ao gol. É derrubado deslealmente por trás, com uma meia-tesoura. Ele perde o controle e atinge Perivaldo sem bola; o lateral se joga no chão fingindo e fazendo cera. Zezé é expulso.

2

O atacante Rui Rei, depois de uma longa fase de maré baixa, conseguiu se firmar no time e ir à final do Campeonato Estadual. Ele já conhece Moisés, zagueiro central do time adversário e nacionalmente famoso pela sua "virilidade" e veia literária. Rui tem tristes recordações, ainda marcadas nas suas canelas, dos últimos encontros com Moisés, nos vários turnos do campeonato em que foi obrigado a enfrentar o temível zagueiro.

Fala-se da venda de Rui Rei para um grande clube, por um bom preço. Talvez seja o momento de arrumar o pé-de-meia. Ele não quer se contundir mas também quer ganhar o campeonato, para valorizar seu passe. O técnico do seu time, com medo de uma derrota, arma o time jogando atrás, com Rui isolado entre os dois zagueiros de área.

Moisés, percebendo que ele está nervoso, ameaça logo no início do jogo, "pra ganhar no psicológico": "Te cuida, neguinho, que hoje a gente ganha de qualquer maneira, nem que eu tenha que te botar pra fora". Não faz por menos e cumpre a promessa. Na primeira intervenção, derruba Rui Rei com violência, pra mostrar que não está brincando".

Rui tenta recuar para ter mais espaço e fugir ao corpo-a-corpo com Moisés. Mas o técnico exige que ele jogue entre os zagueiros, para prendê-los atrás. Já começou a jogar mais preocupado com Moisés do que com a bola, provavelmente pensando no contrato que o esperava e não queria arriscar demais, embora a vontade de ganhar o campeonato fosse grande.

No entanto, com cuidado não dá pra jogar e a vantagem é sempre de Moisés, que, mesmo sendo senhor da área, de vez enquanto dá um toco, um carrinho por trás ou aterra o atacante, não deixando que ele jogue. Rui está cada vez mais nervoso e não consegue completar uma só jogada com sucesso. A torcida o vaia, o técnico se revolta com a sua atuação e diz, na frente dos companheiros, que ele está fugindo do pau.

No final do jogo, Rui Rei, descontrolado, atinge o goleiro adversário e é expulso. O atacante põe as mãos na cabeça e chora como criança. Moisés tenta consolá-lo, dizendo que o que aconteceu "são coisas do futebol".

3

O meio-de-campo Gilberto é conhecido pela facilidade com que se movimenta em campo, encontra espaços vazios, lança e dribla. Por tudo isso, é responsável por pelo menos 80% das jogadas de ataque de seu time. E, também por tudo isso, é muito visado, porque a sua saída representa a diminuição do poder ofensivo do seu time.

Ele está jogando uma das partidas finais de uma das intermináveis fases do campeonato nacional e o seu time vence com certa facilidade. A defesa do Paissandu já absorveu a derrota, mas tenta evitar que o placar seja ampliado e resolve anular Gilberto, com violência. Imediatamente, começa o rodízio de faltas. O primeiro é o cabeça de área, que lhe dá um carrinho no tornozelo. Gilberto chega a sentir as travas da chuteira do adversário nas suas canelas. Cai sentindo muita dor. Levanta com dificuldade e custa a se recuperar.

No entanto, é só ele pegar uma bola perigosa na cabeça da área, que o agressor lhe dá um toque certeiro no pé de apoio e o atira no chão. Resumindo: nos 35 minutos finais de partida, Gilberto esteve mais deitado do que em pé e sofreu mais de 10 faltas,

Médico chia, juiz culpa técnico e o pau continua

Hoje, diz o médico Arnaldo Santiago, do Fluminense, os Departamentos Médicos se transformaram em verdadeiros pronto socorros. "De repente, pescoções, gravatas, pontapés sem bola e outros tipos de agressões se tornaram comuns". Culpados, afirma ele, são os dirigentes despreparados e juízes medrosos. Para ilustrar o que diz, Arnaldo Santiago cita o caso de um dirigente de um dos principais clubes baianos que, antes de um jogo do seu time com o Fluminense, recomendou a seus jogadores que "dessem até na cabeça, mas não deixassem passar nada"

O juiz Walquir Pimentel acha simplista atribuir à passividade dos árbitros o aumento da violência no futebol brasileiro. A violência, diz ele, "não se resume às quatro linhas". Ela é estimulada, alimentada, por dirigentes que pressionam para a realização de jogos em campos sem as mínimas condições de segurança, por dirigentes que incitam jogadores a baixarem o pau e por técnicos que pedem vitórias a qualquer preço, mesmo à custa da integridade física dos jogadores adversários

Para Walquir Pimentel, o próprio Código Esportivo, elaborado há 40 anos, estimula a violência, pois as penas aplicadas contra jogadores desleais e indisciplinados são muito brandas. Diz ele

— Os dirigentes afirmam que querem acabar com a violência, mas descaracterizam os instrumentos capazes de contê-la. O cartão amarelo, por exemplo, já foi desmembrado em dois: técnico e disciplinar. Isso facilita a violência. Como se não bastasse, querem passar a suspensão automática de três para cinco cartões. E, depois, ainda dizem que a culpa é dos árbitros.

A própria Confederação Brasileira de Futebol, que deveria ser a mais interessada em coibir a violência, às vezes puxa o tapete dos árbitros. Walquir Pimentel confidencia

— Eu, por exemplo, expulsei quatro jogadores numa partida do Campeonato Nacional e um dirigente da Confederação ficou irritadíssimo, dizendo que eu tinha estragado o espetáculo

O mais comum, porém, é que os juízes se acomodem e deixem o pau comer. Nelsinho, técnico do Fluminense, diz que o Campeonato Nacional virou "uma verdadeira guerra"

— Para se ter uma idéia, no jogo contra o Paissandu, Gilberto (meio campo do Fluminense) foi atingido com um chute nas costelas, diante do nariz do juiz, que não tomou nenhuma atitude, nem advertiu o agressor

Essa impunidade dos jogadores violentos leva-os a usar e abusar dos pontapés e pescoções para barrar jogadores habilidosos ou, simplesmente, criar confusão. Moisés, zagueiro do Bangu, ex-jogador do Vasco, do Flamengo e do Corinthians, é um dos que não hesitam em usar a violência "só para tumultuar"

— Uma vez — conta ele — dei um chute na cabeça do Paulo César Lima, num jogo entre Vasco e Fluminense, mas não foi por maldade. Eu já tinha sido expulso por ter dado uma entrada dura, então chutei ele pra criar confusão

Apesar disso e do seu apelido de "xerife", ele não se considera um jogador violento

— Em 16 anos de futebol, eu não fui expulso nem 16 vezes. Isso prova que não sou violento. Jogo de forma viril, mas na bola.

Os jogadores habilidosos não têm certeza se acabarão inteiros uma partida, quando entram em campo. O ponta-esquerda Zezé, do Fluminense, atacante frágil e arisco, se contundiu 10 vezes nos últimos três anos, sendo que seis vezes por entradas violentas. Frequentador assíduo da enfermaria de seu clube, ele aponta Merica e Orlando, zagueiro do Vasco, como exemplos de jogadores violentos

— Em todos os jogos do Fluminense com o Vasco, o Orlando sempre bate muito e sempre promete me quebrar

Segundo Zezé, a maior preocupação de um jogador é o tornozelo, parte mais frágil da perna e região especialmente visada pelos beques quando querem tirar alguém da partida. Quando o jogo é num campo pequeno, a preocupação aumenta

— Sem espaço, é muito difícil escapar do pau.

Para Zico, atacante do Flamengo e da Seleção Brasileira, essa caçada aos atacantes habilidosos continuará enquanto os juízes não se tornarem mais rígidos e a Justiça Desportiva mais rigorosa, punindo os botinudos com cinco, seis ou mesmo sete partidas de suspensão:

— Se isso não resolver, vai fazer com que, pelo menos, o jogador violento pense duas vezes antes de agredir, pois ficar fora cinco partidas representa financeiramente um prejuízo enorme

Zico acha que os juízes deveriam ter um critério único de arbitragem, pois quando cada um apita à sua maneira, "quem acaba favorecido é o jogador violento". Ele não admite, porém, que os juízes sejam os únicos culpados pelo pega pra capar que reina no futebol brasileiro

— Eles precisam ser mais protegidos, porque são submetidos a estádios pequenos e sem segurança e, para defenderem sua integridade, acabam ajeitando as coisas para o time da casa

Para Lídio, nada piorou. Há 20 anos é assim.

Um dos poucos que não acham que o futebol brasileiro está cada vez mais violento é o doutor Lídio Toledo, chefe do Departamento Médico do Botafogo e ex-médico da Seleção Brasileira. Diz ele:

— A violência é a que sempre houve. Há vinte anos que eu [illegible]

Lídio Toledo admite, porém, que a atual forma de jogar facilita as contusões

— Com os novos esquemas táticos, que se baseiam na ocupação de todos os espaços, em não deixar jogar, os jogadores ficam mais próximos e isso propicia mais choques.

Lídio Toledo conhece a violência do futebol de perto. Ele foi o responsável pela recuperação do centro-avante Nílson Dias, atualmente no Internacional de Porto Alegre, que sofreu em 1978 fratura e luxação no tornozelo, num choque com o lateral Zé Maria, do Corinthians. Além disso, ele cuidou de duas fraturas no pé de Jairzinho, ex-ponta-direta da Seleção Brasileira (agora de volta ao Botafogo), provocadas por pisadas. Lídio também lembrou Garrincha:

— Ele encerrou a carreira mais cedo, não só pela alteração do eixo de suas pernas, mas também pela violência com que era marcado, o que lhe valeu, entre outras coisas, a perda dos meniscos e eternos problemas nos joelhos.

[redacted]

com o Flamengo, pela Libertadores da América. Telê quer coibir a violência mas, fora da Seleção, a ordem é evitar as derrotas. De qualquer maneira.

[redacted]

das mais de 40 marcadas, só no segundo tempo, contra o Paissandu.

Já no final do jogo, Gilberto recebe uma bola na intermediária e vence três adversários. E, no entanto, parado com um chute à altura da cintura por um beque, que já o havia caçado durante os quase noventa minutos de partida. A torcida pede a expulsão do zagueiro, mas o juiz prefere dar apenas falta.

4 O ponta esquerda Zezé, por procurar a linha de fundo com insistência e ser uma das armas do seu time para furar as retrancas, tem sido, ao longo de sua carreira, uma presa fácil nos pés do zagueiros. E, por isso, sofreu algumas contusões sérias. Pra ele, a violência é mais um artifício que os zagueiros utilizam para parar os ataques adversários, porque num jogo de futebol vale tudo. Puxão de cabelo, provocação, pisada no pé, na mão, dedo na bunda, normalmente quando o jogador está caído, cama-de-gato, que na maioria dos casos o juiz não vê, ou então, escorar o adversário para lhe tirar o equilíbrio. Segurar o calção, a camisa por trás etc.

No entanto, são nas divididas que os atacantes sofrem mais, porque recebem o impacto e também porque, nesse caso, vale tudo e normalmente o juiz não dá falta. São comuns também as cotoveladas e, do último jogo que participou, Zezé ainda tem uma marca roxa à altura da cintura, presente de um zagueiro.

Nas canelas de Zezé, podem ser vistos inúmeros "ovos", lembranças desagradáveis dos últimos três jogos. Zezé chegou a ficar incompatibilizado com o seu clube durante algum tempo, porque, depois de uma contusão séria, levou bastante tempo para recuperar o seu melhor futebol. Além disso, o medo influiu definitivamente no seu rendimento. Zezé, a princípio, não foge do pau, mas confessa com honestidade:

— Em certas jogadas, tem-se que fugir, pois a gente é profissional, vive de futebol e, em alguns momentos, sabe que o beque vem para quebrar.

A cotovelada provocou comoção cerebral em Gilberto

Sebastião Marinho — A Globo

Rui Rei apanhou e ainda levou esporro do técnico

Chiquito Chaves

Moisés pisa Paulo César. Só pra agitar

Luiz Dantas — A Globo

Hugo Carvana

Você foi um ator de muito sucesso no cinema. E agora, na televisão, como é que tá sendo a experiência com o Valdomiro Pena? Ele está te fazendo mais famoso que o cinema?

— O trabalho feito na televisão tem uma repercussão muito maior. Um filme brasileiro de sucesso vende 3 a 10 milhões de ingressos. 10 milhões eu faço com cada programa na televisão. Aí é que está a diferença.

O trabalho compensa?

— Tem uns lados altamente fecundos, positivos, do caralho. A grande vantagem para mim, nesses três anos de televisão como Valdomiro Pena, tem sido o contato permanente com a arte de representar, que eu tinha abandonado um pouco. Quando eu produzo e dirijo um filme, me dedico 3, 4 anos a esse filme e grande parte do meu tempo é tomado pela atividade empresarial do projeto. Na televisão não, eu sou apenas ator. Ator todos os dias, o dia inteiro. Além disso, nos últimos 3 anos, eu devo ter trabalhado com mais de 200 atores, quase 300, das mais diversas escolas, estilos e tendências. Esse contato semanal com estilos variados de representação é altamente enriquecedor.

E o Valdomiro Pena? Você se identifica com ele?

— O Pena é oriundo das camadas mais populares. Ele nasceu nas calçadas, no asfalto, na urbe. Ele tem uma ideologia ligada aos sentimentos populares, ao comportamento popular, quer dizer: uma média e pão com manteiga não é só um alimento, tomar a média é um ato cultural também. Isso está muito ligado aos personagens que eu fiz nos meus filmes, porque eu venho dessas áreas (Carvana nasceu no subúrbio carioca de Lins de Vasconcelos), eu também tenho esse tipo de informação. Então, as coisas acabam se misturando: a minha personalidade, com a criação do personagem, vinda dos autores.

Quer dizer que você se identifica muito com o Pena?

— Eu não sou o Pena sempre, evidentemente. Algumas vezes, eu posso até discordar dele. De qualquer forma, ele é um herói popular. Quando eu digo herói, é no sentido de que ele se destacou lá dessas camadas populares, mas, na verdade, ele recria elas mesmo. Ele não perde essas características culturais dele. Torcedor do Vasco, nascido no Estácio, morador num apartamento pequeno no Flamengo, freqüentador de terreiro espírita, tomador de cerveja.

E a relação do Pena com a polícia? Pras camadas populares, de onde o Pena vem, a polícia é um negócio repressor, violento, que assusta o pessoal. Já o Pena é um pouco condescendente com a polícia. Você acha que há alguma contradição entre as origens populares do Pena e esse relacionamento com a Polícia?

— Ele não é condescendente com a polícia. Em 70 a 80 programas, eu não tenho o número certo, somente em 10 a 15% deles o Pena foi condescendente com a Polícia. Em 40%, ele foi absolutamente intolerante e, no restante, procurou se manter distante da polícia. O Pena é um repórter de polícia e o repórter de polícia está fundamentalmente ligado à polícia. Ele não consegue viver sem a polícia ao lado, ele vive no acontecimento, na delegacia de polícia. Então, o Pena tem que ter uma ligação com a polícia, é inevitável. Nesses 15% de programas que o Pena foi condescendente com a polícia, eu não permiti que ele fosse condescendente por submissão. Isso eu não permitiria, enquanto cidadão e ator. Ele pode ser condescendente por malandragem, para conseguir alguma coisa jornalisticamente — e eu acho que, nesse caso, vale.

Quer dizer que o Pena nunca pegaria um PP da polícia por exemplo?

— Não. Já provou e demonstrou em várias histórias que se recusou a aceitar. Eu não deixaria. Ia discutir muito com a Globo, com os autores.

Você já teve problemas com a censura no "Plantão de Polícia"?

— Pra cacete. Por exemplo: você pode falar mal, pode fazer uma crítica a um policial, mas não à instituição.

Quer dizer que é preciso individualizar a crítica?

— É, individualizar. E, assim mesmo, com muito cuidado. O primeiro programa da série "Plantão de Polícia" contava a história da polícia matando um operário inocente, chamado Paraibinha, confundindo-o com um marginal. Quando o programa acabou, o Petrônio Portella (então ministro da Justiça) ligou, falando: "Que é isso? Como é que vocês estréiam uma série com a polícia matando um operário inocente?" Foi um rebuceteio. Logo no primeiro programa, o pessoal foi obrigado a amansar

A censura continua incomodando? A série "Amizade Colorida" tem sido cortadíssima, o "Bem Amado" também. E "Plantão de Polícia"?

— Também tem problemas, a partir desse monstruoso documento das mulheres paulistas (defendendo a "moral e os bons costumes"). No caso do "Plantão de Polícia," as acusações são de exaltação à violência, contestação do sistema policial e penitenciário, críticas ao sistema desigual, a revelação com realismo dessas comunidades pobres onde nasce a violência

Quer dizer que não dá pra brincar com a moral?

— O peso da cristandade na nacionalidade, nas nossas costas, é muito grande. Eles já chegaram no Brasil com uma cruz nas mãos. Então, você pode brincar com tudo, mas não brinque com a moral. Na televisão, você não pode botar, como botamos no "Plantão de Polícia," um sujeito que come a mãe e depois a filha. E não era numa suruba. Isso é você querer dinamitar um dos pilares em que se sustenta a família brasileira. Não pode, também, ter nas segundas-feiras, nos lares brasileiros, um cidadão (o fotógrafo da série "Amizade Colorida") que se dá ao desplante de, a cada semana, estar comendo uma mulher. Na cabeça da mulher conservadora brasileira, isso é perigosíssimo. E elas têm poder.

Essas mulheres são uma desgraça, então?

— Elas fazem documento, mandam para o ministro e eis a pressão. Qual é o político que vive da demagogia eleitoreira, que vive desses cem mil votos, que vai dizer pra elas que não é nada disso? Além dessas mulheres terem cerceado a liberdade de expressão no país, elas, ao liquidarem com a série "Amizade Colorida", vão fechar o mercado de trabalho. Eu acho que isso tem de ser denunciado, porque as quatro séries, com quatro histórias por semana, movimentam uma média de 50 a 60 atores por semana.

"Plantão de Polícia" vai sobreviver?

— Eu acho que ele resiste um ano e não aguenta mais. Quer dizer, eu acho que tenho gás para fazer o Pena até metade do ano que vem. Depois disso, quero voltar a fazer um filme, que é o meu negócio, que é a minha paixão mesmo.

O "Plantão de Polícia" deu uma demonstração de fôlego recentemente, com os quatro episódios do "Caminho das Estrelas", que mostravam o contrabando internacional de tóxicos, com a droga saindo da Colômbia, passando pelo Brasil e indo para os Estados Unidos. O tráfico de tóxicos é condenado, mas nada é dito sobre o consumo. Qual a tua postura pessoal em relação ao consumo individual de tóxicos? Se o problema surgir com teus filhos, como é que fica?

— Eu acho, em primeiro lugar, que é um direito deles. Eu não posso interferir na liberdade individual de ninguém, mas ao mesmo tempo eu sou pai. Então, tem até um lado legal, eu sou responsável por um menor. Eu poderia usar essa liberdade e dizer que, como ele é livre, pode fazer o que quiser. É bom, porque me descompromete e não me dá trabalho, entendeu? Então isso é um mau uso da liberdade. É a liberdade de você dizer pra um aleijado: pode atravessar aqui na Rio Branco com a Presidente Vargas, que é barra-limpa. Você pode dizer pra um cego: vá em frente, que tudo jóia. Se você puder, você diz: vem por aqui que é mais fácil. Então, eu acho que, por obrigação, tenho que dizer pra eles que tem uma bela *trip* (viagem) dentro disso, mas também tem esse outro lado e saiba que tem esse. Eu posso ir até um momento, depois dali é com eles. Se eles forem lidar com esse fenômeno, terão todas as informações que eu puder passar pra eles.

Você já usou tóxicos?

— Já. Tomei LSD, fiz umas setenta, oitenta viagens, sei lá...

Foram boas?

— Algumas sim, outras não.

E o Valdomiro Pena gostaria de que, de um LSD?

— Eu tenho a impressão de que o Pena ia preferir um gererê.

E o feminismo? Você acha que é um movimento político importante?

— Eu acho. Acho pra cacete. O que eu tenho medo é de que essas minorias organizadas criem um código, uma linguagem própria e dissociem essa luta delas de uma luta maior. Eu tenho medo de que a luta das feministas vire uma luta contra o homem, perdendo o lado da luta contra o sistema que gera essa deformação do homem. Afinal, o homem tem nas costas essa porra desse peso, de ter dois culhões entre as pernas. Nós não temos culpa. Eu talvez preferisse até ter uma xoxota, mas ninguém me consultou, eu tenho dois culhões e isso pesa. Então, a gente tem uma história. A gente foi formado pra ser homem, macho. Nós também temos uma luta nossa. Então, eu acho que essa é uma luta junta e não separada. A luta grande mesmo, que teni na minha cabeça, a minha fixação é a luta em favor da liberdade e da democracia. Essa é a nossa luta verdadeiramente e eu acho da maior importância a presença da organização dessas minorias nesse processo de pré-democratização.

Você não é um porco-chauvinista? Como é a transa com a Marta, tua mulher, com quem você vive há 15 anos?

— Não sou e aprendi a não ser. Eu acho que uma das coisas que a análise me ajudou muito foi eliminar em mim toda minha história de homem no sentido mais tradicional da palavra. O homem castrador, violento, repressor. Isso foi um longo trabalho de reformulação interna. Entender a minha mulher como um ser que eu amo, igual a mim, livre, com direitos individuais inatacáveis, nos quais eu não devo nem interferir. Eu acho que, a partir daí, quando isso começou a ficar claro na nossa relação, ela melhorou.

Quer dizer que a análise abriu a tua cabeça?

— O importante foi o contato comigo mesmo através da análise. A análise é uma rua através da qual você vai pra dentro de você. É o atalho da viagem pra dentro. Eu peguei o atalho da análise, tem gente que pega ácido lisérgico. Embora eu tenha tomado muito, o meu atalho mesmo foi a análise Nesses oito anos de análise, eu cheguei nesse lugar, descobri uma porção de coisas minhas e reformulei. Isso ajudou a minha relação com a Marta, porque não é uma coisa fácil. Viver o décimo-sexto ano é tão difícil quanto viver o primeiro.

Você, em função dessa experiência de 15 anos de casado, não acredita na tese, muito difundida atualmente de que o casamento acabou?

— Porra nenhuma, porra nenhuma... Qual é o malandro que comprova isso? Cadê as estatísticas para comprovar isso? Isso é o tipo do modismo em que eu não embarco. Dizem que o casamento acaba porque prende o sujeito, é uma prisão. Só é uma prisão se você fizer dele uma prisão. Você pode viver livre e ser casado. E os caras que não são casados, também não estão numa prisão? Não são prisioneiros da solidão? Tem muitos amigos meus que vem aqui em casa e ficam até meia-noite. Sei lá, você querendo mandar o cara embora e ele não vai de jeito nenhum. Eu já descobri que eles não querem ir embora porque não querem ir pra casa, porque lá não tem ninguém. Eles não querem enfrentar a solidão.

Mas o casamento não acaba com a tesão?

— Ah, não... Você está sempre descobrindo a outra pessoa. O amor é inesgotável

Você é um cara muito paquerado? As mulheres dão muito em cima de você?

— Eu não sou paquerado. Primeiro, porque eu não sou nem nunca fui um cara mulherengo. Segundo, porque o negócio do meu casamento ficou famoso e isso desestimula aproximações.

Além da análise e dessa estabilidade familiar, o que é que faz a tua cabeça? Quais são as pessoas que você gosta, por exemplo, que te dizem alguma coisa?

— Ah, eu sei lá, tanta gente... Carlos Drummond de Andrade, Vinicius de Morais, Chico Buarque... Eu aprendo muito, também, com pessoas do povo. Com o meu jardineiro, com um sujeito que eu vi vendendo remédio pra levantar pica na beira de uma estrada na Bahia. Eu gosto muito de Ho Chi Minh, que fez a minha cabeça, gosto de Che Guevara, gosto muito de Fidel Castro. Eu adoro o Fidel, vibro com Fidel. A revolução cubana foi a revolução da minha vida.

Por falar nisso, qual é a tua relação com a política? Você se sente mais ligado a que partido?

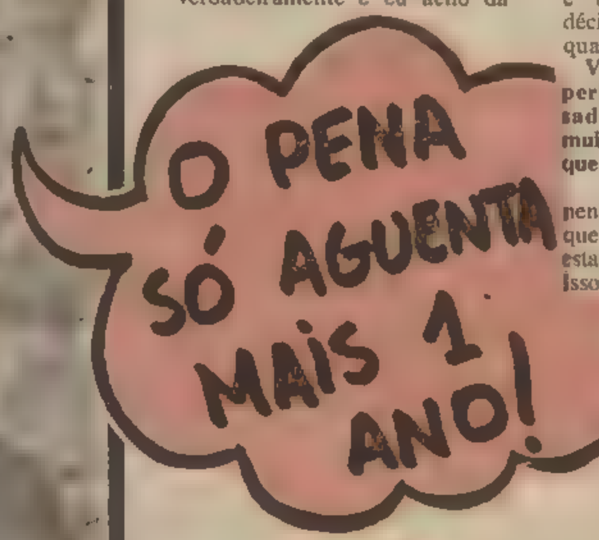
— Essa pergunta é fantástica. Eu me faço sempre, quando escovo os dentes de manhã.

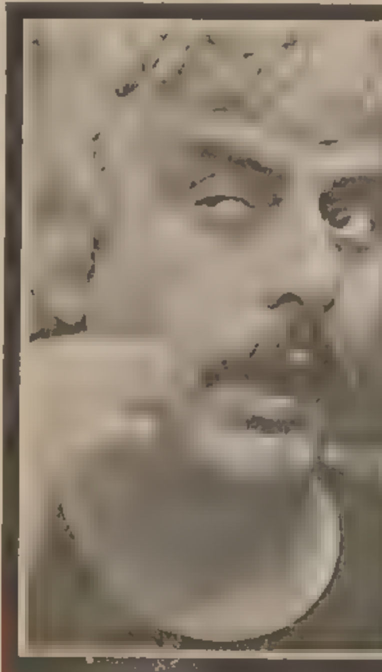
E qual é a resposta?

— Eu adoro política, eu sou fascinado. Sou fascinado por agremiações políticas. A minha ideologia política, a mais perto dos meus anseios, é a ideologia socialista. Quer dizer, depois da minha última vitória na França, eu ando de cabeça erguida. Acho que no Brasil não tem ainda um partido que, no seu programa, tenha se aproximado do que eu acho que seria pra mim o ideal, que é o socialismo, ou seja, na mão do Estado os bens fundamentais de produção, democracia, liberdade, direitos iguais, justa distribuição da renda, liberdade de expressão, de opinião e de agremiações partidária.

Você não vai se filiar a partido nenhum, então? São todos umas bostas?

— Vamos por etapas. O PMDB, por exemplo, por que é que eu não me entusiasmo com ele? Porque é um partido de velhas lideranças, que nos seus quadros tem velhos oligarcas, é um partido de dupla militância, é um partido transitório. O PTB





REPORTER ENTREVISTA

e fruto da ditadura, tem que morrer. Fatalmente ele acabará adiante, porque nasceu de uma jogada. Do PT eu não participo, primeiro porque ele não coloca no seu programa a luta pela Assembléia Constituinte como prioritária e eu, ao contrário, acho que a luta pela Constituinte é prioritária. Além disso, o PT, posso estar errado, espero estar errado, tem um pequeno ranço elitista. Ele me cheira a um certo elitismo de esquerda. Isso me amedronta um pouco. O PP, bom... esse nem se fala, porque não é oposição, é linha auxiliar.

E o PDT, do Brizola?

— Me sobra o PDT, que, antes daquela confusão com o Partido Trabalhista Brasileiro, teria como idéia ser ligado à Internacional Socialista e trazer no seu bojo o programa da Internacional Socialista. Então, seria o partido a que eu iria me filiar. Mas aquele racha, aquela perda de identidade e a não filiação à Internacional Socialista, transformaram o PDT num saco de gatos que você não entende muito.

Porque a Constituinte é a coisa mais importante pra você?

— Ela é importante porque esses partidos acabarão depois dela. Se a gente conseguir chegar a uma Assembléia Constituinte, então vai criar uma nova Constituição pro país, dando, com essa Constituição, permissão a todos para se organizarem politicamente. Aí é que vão surgir, finalmente, os verdadeiros partidos políticos brasileiros, que serão formados de baixo pra cima. Eu não estou acusando os partidos atuais, estou até entendendo a fragilidade deles. Eles são partidos de exceção, autorizados a funcionar por decreto. Então, eu te confesso que vou aguardar as eleições de 82 e vou escolher meus candidatos entre aqueles que defendam a Assembléia Constituinte. A partir da Constituinte, vou ver quais os partidos que se formarão e então vou me engajar na luta.

Com a democracia, você acha, então, que as coisas melhoraram? Essa violência toda que existe no Rio, cidade que você ama, é, por exemplo, fruto da ditadura?

— O carioca era alegre, era irreverente, adorava encostar num poste, tinha prazer em estar na rua. Nós vivemos numa época onde não há mais prazer em estar na rua. A especulação imobiliária acabou com a esquina, a esquina virou lugar pra botar carro. A cultura popular, o malandro, foi sendo afastado, porque a cidade foi-se transformando, através de um tenebroso processo de repressão política, que veio acompanhado, casado, com o desenvolvimento econômico. A cidade foi entregue à sanha dos construtores, foi descaracterizada. Os bairros habitáveis ficaram inabitáveis.

A especulação imobiliária assinou o atestado de óbito do malandro carioca? É isso?

— Esse tipo de pessoa você ainda encontra sim, mas lá no subúrbio. Que nem na Bahia. Eles pegaram os pobres pretos e jogaram lá pra cima. Tiraram os caras da praia e puseram no Brega. Eles ficaram confinados em guetos. No caso do Rio, os guetos são os subúrbios. O Sérgio Dourado não quer botar um prédio em Bangu. Então, nesses lugares, você encontra esse habitante, o malandro, que não tem nada a ver com o habitante do lado de cá, esse urbanóide louco, neurótico, competitivo, egoísta, violento. Isso sem contar a violência que o sistema estimulou. Vivemos num regime de repressão há 17 anos e o recado que eles mandam é esse: "vai ganhar dinheiro", "se manda", "se vira", "se cuida sozinho". Espírito comunitário não tem, foda-se.

Essa repressão política de que você falou te[...]flexos sérios na área em que você mais atuou até hoje, que é o cinema. Agora, está havendo mais liberdade. Essa abertura é que explica a avalanche de pornochanchadas? Só pornochanchada é que dá grana?

— O fenômeno da pornochanchada está mesmo ligado à liberdade política. Foram dezessete anos de repressão. No que abriu, nego quer mais e quer ver todas as sacanagens que não viu nesses anos. Acho que está certo. É isso mesmo. O negócio agora é criar as salas especiais para as pornochanchadas. Quem quiser ver putaria, paga o seu ingresso e vai nos cinemas especiais. Acho democrático esse troço. Quando abrirem as salas especiais, a pornochanchada vai se estabilizar, vai se restringir àquele espaço e sobreviver. E tomara que sobreviva, porque ela gera emprego pra muita gente.

E quanto à grana? Só pornochanchada é que dá lucro?

— O cinema brasileiro é uma indústria rentável, o que ele precisa, basicamente, é de recursos para a sobrevivência. De cada ingresso vendido, ele carreia para os cofres públicos, através de impostos, um volume considerável de recursos. Mas o Estado não devolve para a Embrafilme os recursos no valor que deveria devolver.

Por que não devolve?

— O ministro da Educação (Eduardo Portela) saiu porque não conseguia recursos pra educação no Brasil. Você imagina que o cinema brasileiro vai conseguir sensibilizar esta figura que está tomando conta da nossa grana (Delfim Netto)? Ele vai dizer: eu vou dar grana pra esses vagabundos fazerem cinema? Dou pra uns dois ou três que tenham acesso às fontes de poder e tal. Então, o cinema brasileiro, na sua totalidade, se defronta com isso.

E a Embrafilme, pra que é que serve?

— A Embrafilme não tem lobby político. A gente não tem político em Brasília. A gente nunca elegeu alguém que fosse pra lá defender nossos interesses, como o industrial do café ou de outros mais. A gente está sempre com o pires na mão, já tem uma velha imagem de mendingo. Isso é terrível. Dos meios de comunicação, o cinema e o teatro são uns miseráveis. Não, miserável é o circo. O cinema e o teatro são uns fudidos. É isso. É um impasse brabo, eu acho.

Nesse panorama, como é que você fica? Você vai se dar [redacted]

— Eu vou me dar bem porque eu sou cobra criada. Eu sou cobra de carregar na coleira. Vou me dar bem porque vou me dar bem mesmo. Se me puserem no deserto, eu viro xeique em seis meses. Com "Se Segura, Malandro", e "Vai Trabalhar, Vagabundo", eu abri um mercado. Então, se eu me der mal, é porque eu sou um babaca. Pra mim, o cinema é um bom negócio. Eu não tenho dificuldades em montar um bom projeto, porque sou capaz de sensibilizar alguns setores da iniciativa privada pra investir num projeto meu. Eu tenho um mercado potencial, através dos filmes que eu fiz e mais esse programa de televisão.

"Se Segura, Malandro" e "Vai Trabalhar, Vagabundo" deram lucro?

— Foram filmes de relativo sucesso. Filmes de sucesso relativo são aqueles que se pagam, que dão lucro, mas num espaço de tempo muito maior do que um grande sucesso, que dá muito dinheiro num pequeno espaço de tempo.

O teu próximo filme está programado pra quando?

— Eu estou há um ano tentando terminar um roteiro que eu comecei a escrever com Euclides Marinho, Denise Bandeira, Marta Alencar e Armando Costa. Por excesso de trabalho na televisão, não consigo terminá-lo. Devo acabar em outubro ou novembro e aí vou começar a preparação pra filmar em julho do ano que vem.

No Rio? Você nunca pensa em ir pra outro lugar?

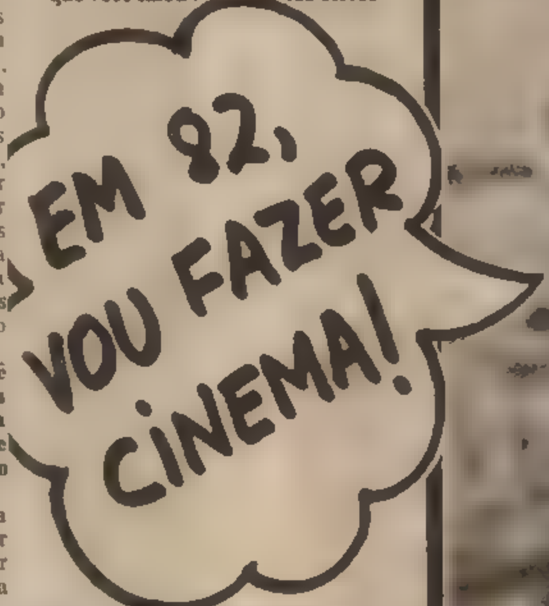
— É aqui que eu tenho minhas raízes. Esse problema do lugar onde você mora é um negócio muito pessoal. O Pablo Neruda (poeta chileno) morava numa ilha com um vento gelado de matar, mas era de lá que ele gostava, era lá que ele passava grande parte do tempo. Além do Rio, a única cidade em que eu moraria seria Porto Seguro, na Bahia, que é uma beleza.

Essa ligação com o Rio, muito forte, é que explica a tua dificuldade para viver em Paris, quando esteve lá? Dizem que você parecia um peixe fora d'água...

— Eu estive em Paris duas vezes. Na primeira, exilado, acompanhando a Marta, minha mulher, que tinha atividades políticas clandestinas. Paris, pra quem está na merda, é pior do que o Rio de Janeiro. Aqui, se você chega num bar e pede a alguém pra te pagar um cafezinho, o sujeito paga. Comida sempre pinta, de um jeito ou de outro. E tem a praia pro sujeito ficar. Em Paris, se você chega duro num bar e pede alguma coisa, o sujeito te bota pra fora. Então, Paris não tinha nada que ver comigo. Eu me alimento da cultura brasileira. O que é que eu ia fazer em Paris?

E na segunda vez, como é que foi?

— Na segunda vez, eu fui a Paris com um filme premiado, ganhei prêmios, apareci em festival e outras coisas. Aí foi diferente. Paris é uma puta.



Entrevista a Ricardo Bueno
Fotos Chiquito Chaves

PASSARELA

Jorge Segundo

Foto Chiquito Chaves

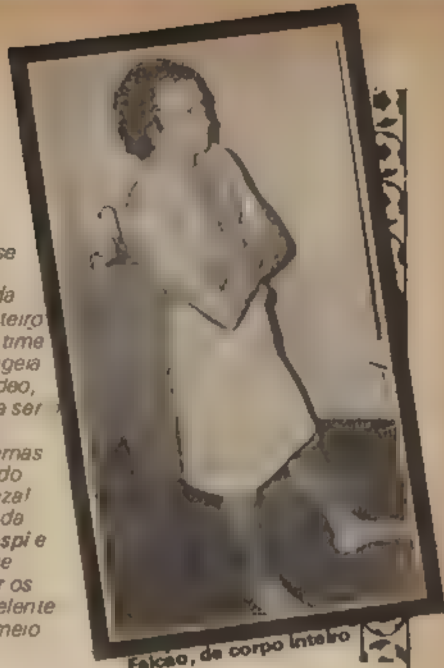
Os homens querem fazer amor com Lady Francisco e Betty Faria

LADY E BETTY, AS CARAS PORNÔS

Uma pesquisa de mercado nacional indicou, os homens querem as caras de **Lady Francisco** e **Betty Faria** nas bonecas infláveis que serão vendidas nas lojas-pornôs. Nos Estados Unidos, essas mesmas bonecas, "brincadeiras" de homem solitário, têm cara de **Rachel Welch, Farrah Fawcet Majors** e **Bô Derek**, principalmente elas, que também foram as campeãs de uma pesquisa entre os homens americanos, só que elas receberam uma belíssima nota para permitir que as bonecas tenham suas caras. Aqui, deu Betty e Lady na cabeça: todos os homens, na faixa dos 25 aos 30 anos, querem acariciar — numa amizade colorida imposta pelo consumismo — as bonecas com as caras delas. Os consumidores desse tipo de prazer garantem que a boneca inflável tem temperatura igual à do corpo humano e "é quase igual" a uma mulher. Quem fez a pesquisa nacional sobre a cara brasileira das bonecas foi o industrial **Jorge Kufa**, que vai lançar 200 produtos em pornô-shops, nas principais cidades do país. Ele só não sabe se a Betty e a Lady vão querer servir de cara da boneca! E quanto vão cobrar por isso!

FALCÃO FAZ JOGO DE PERNAS

*Apesar dos buxixos europeus, caixa de ressonância dos fuxicos gaúchos, comprova-se agora que o **Falcão** joga mesmo no time dos machos nacionais! E, quando se trata de pelada feminina, então, o craque domina o campo inteiro dribla e chuta a gol de todas as posições. Em time de mulher (bonita) Falcão faz tudo, até massagem. E foi assim pensando que as estrelinhas do vídeo, das telas e da noite, convidaram o Falcão para ser padrinho do time que elas, glamurosamente, fizeram — um time só de bonitos pares de pernas (de fazerem inveja às pernas do Falcão ou às do Leão, que já foram campeãs mundiais de beleza! Lembram-se?) como as da **Terezinha Sodré**, da **Monique Lafond**, da **Vilma Dias**, da **Leina Krespi** e da **Adele Fátima**. Pois este é parte do time que estará dia 25, em Porto Alegre, para enfrentar os modelos gaúchos. Será, sem dúvida, um excelente jogo de pernas! Falcão levará as suas para o meio de campo e dará o **kick-off** da partida!*



Falcão, de corpo inteiro

O RISO FROUXO DAS LOUCAS

O cineminha do Hotel Meridien (Rio) foi pequeno para os ávidos convidados do Paulo Varelli, **da United Artists. E sabem por que foi preciso colocar cadeiras extras? Na tela estavam** Hugo Tognazzi e Michel Serrault, na Gaiola das Loucas **(parte 2). Morrendo de rir, todos os astros globais, inclusive o** Jorge Dória **e o** Carvalhinho, **as loucas que fizeram, no teatro, a mesma gaiola. O sucesso dessa tragicomédia homossexual vem comprovar que sorrir é preciso e que nem só os super-homens da vida, ou as batalhas interestelares, dão caldo suficiente para um repeteco.** Eduardo Molinaro **é, mais uma vez, o diretor do espetáculo em que Tognazzi e Serrault são as grandes estrelas.**

SALVE O REI

Sergio Cavalcanti avisa qualquer que seja o resultado do **Rei da Noite**, que PASSARELA está promovendo, o eleito será homenageado com um jantar no **New Jirau**. Ele é candidato, mas aceitará, democraticamente, o real resultado das urnas. E **Heloisa Machado Sobrinho**, a colunável colaboradora da **Riotur**, garante que está tudo em cima para a coroação do **Rei**, substituto de **Carlos Machado**, no programa do **João Roberto Kelly**, na TV Bandeirantes.

De Belo Horizonte, dois votos para **Ricardo Amaral** da atriz e produtora **Márcia Bicalho Xavier** e do produtor da Itatiaia (AM FM) Rede Transamérica de Belô, **Marcos Bastos**. Os dois têm a mesma opinião: "Só Amaral tem pinta de Rei"! Na próxima PASSARELA, os votos dos leitores. As cartas estão chegando e a gente está contando os cupons.

REI DA NOITE

[illegible] ____________

____

Nome do eleitor: ____________

____

Endereço: ____________

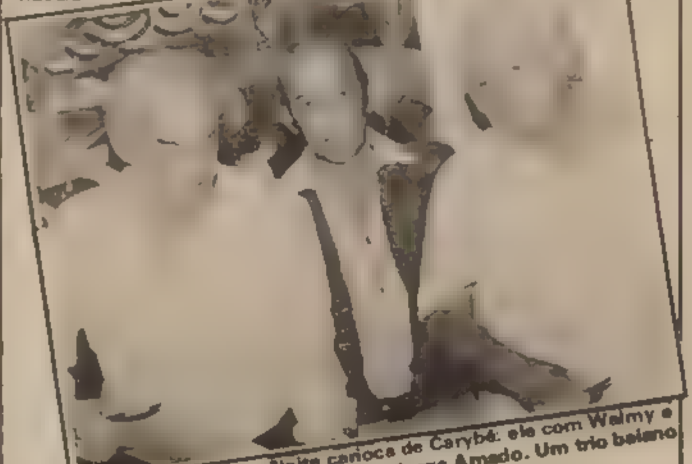
____

MULTIDÃO

• A estilista **Ângela Zimbardi** [illegible] sua coleção outono-inverno. Foi na boate New Jirau um show de moda no lusco fusco da pista espelhada. • **De Ibiza, Espanha, PASSARELA recebe cartão de Marina Montini. Ela confessa: "Estou amando a nudez total daqui. Isto sim que é liberdade"!** • Com o TV Criança, na Bandeirantes, **Daniel Azulay** dá mostras da sua competência para fazer programa infantil. Todos os sobrinhos da gente aplaudiram. • **Gal Costa fez retiro artístico, para só aparecer agora, com** Fantasia, **no Canecão. Antes do show, ela recusou todo tipo de compromisso. O Fantástico grava um número, no cenário do espetáculo, com direção de Guto Graça Melo.** • Gente boa da Bahia **Firmino de Itapoã**, compositor e cantor, estourando no Norte. • **Correspondência para PASSARELA: Jorge Segundo, Rua Djalma Ulrich, 110, CEP-22071 Copacabana, Rio.**

OS DEUSES DE CARYBÉ

*Carybé é reconhecida autoridade em deuses e santos do candomblé — todos os que habitam o populoso sincretismo baiano. Quando estivemos recentemente na Bahia, fazendo algumas reportagens para o **Fantástico**, entrevistamos Carybé sobre os eguns de Itaparica, uma sociedade tribal que ainda vive nos moldes dos antepassados africanos, uma seita fechadíssima, [illegible]deira maçonaria. O **Fantástico** furou o cerco. Carybé criticou, por achar que os eguns (espíritos que andam vestidos como se fossem gente") devem permanecer invioláveis, não podem ser [illegible]strados. Já no Rio, o artista plástico Carybé reuniu baianos famosos na Galeria Maria Augusta, para lançamento do seu livro [illegible]grafia dos Deuses Africanos no Camdomblé da Bahia. Belíssima obra, de uma belíssima figura humana, que é Carybé. **Walmy Ferreira**, outro artista baiano, recebeu os convidados entre eles **Jorge Amado**. **Martha Rocha** também esteve lá. Aliás em agosto, Walmy estará expondo na Galeria Portinari, em Maceió.*



Noite carioca de Carybé: ele com Walmy e Jorge Amado. Um trio baiano

Arco-Íris mineiro

De Belô, a dica: o lançamento, esta quinzena, do **Projeto Arco-Íris**, uma feira de cultura e arte. Tem teatro, dança livre, sapateado, jazz, artes plásticas, artesanato, livros. A mocidade mineira leva muita fé no projeto, que tem o empenho direto (e palaciano) do **Jack Corrêa**, chefe do cerimonial do governo de Minas.

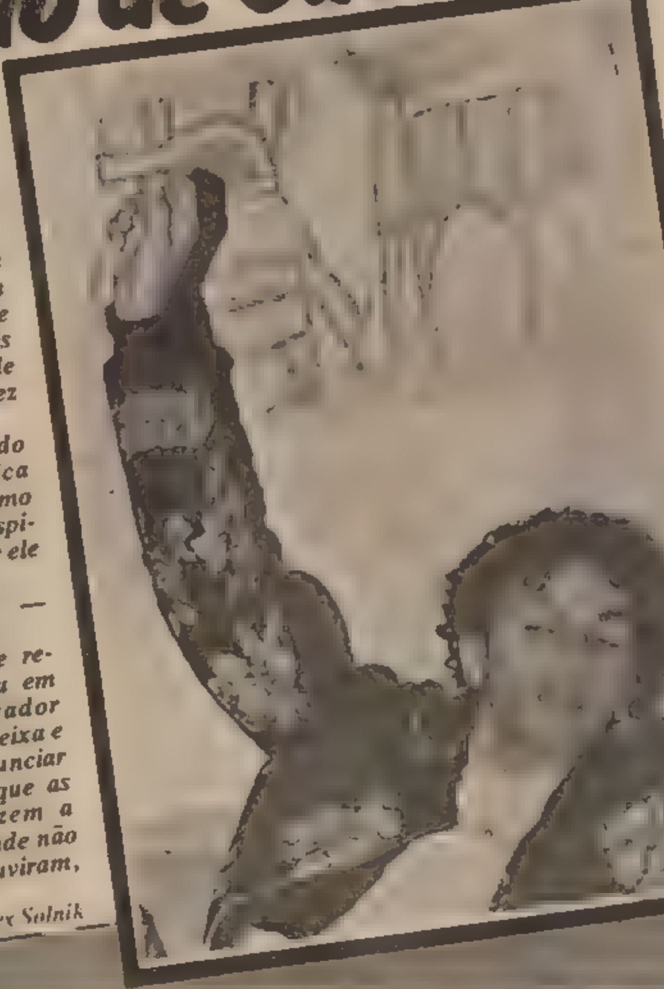
MOCIDADE EM 2 TEMPOS

1 Eu não sei de [illegible]ocidade tão injusticada [illegible] do Brasil. Há escassez de horizontes para ela contemplar o futuro. Não há mercado de trabalho. É difícil falar à mocidade com a linguagem da franqueza, da lealdade" (Senador **Tancredo Neves**, lembrança do **Globo Revista**, TV Globo.)

2 Na Bandeirantes **Nelson Motta**, menos pragmático, pouco conciliador, radical mesmo, faz **Mocidade Independente** — uma mocidade que Nelson quer polêmica, fora do modelo oferecido ao público enfim, uma reunião que não seja careta. E, para não ter que fazer "caretice" ele resolveu fazer um programa, inteligente sim, mas para a patota. A Mocidade, Independente de Padre Miguel, e a Mocidade, de Vila Matilde (só para simbolizar a carioca e a paulista) — será que elas entenderam o programa do Nelsinho? Certamente não, porque elas, como a maioria do telespectador médio-brasileiro, ainda não fazem parte da família, do grêmio (como prefere **Maria Helena Dutra**, do JB) do jornalista e compositor Nelson Motta. **Mocidade Independente**, boa sacada, está devendo uma abertura para todos nós, moços e velhos telespectadores!

DEU NO RÁDIO...

O palavrão de Caetano



Está inaugurado o palavrão no rádio brasileiro.

O pioneiro é Caetano Veloso. Dia 15 de junho, num programa na rádio Globo de São Paulo, transmitido ao meio-dia, ouvidíssimo, mais um daqueles "campeões de audiência", o cantor proferiu com todas as letras e sem nenhum susto a palavra "viado". Falou sem agredir. De qualquer maneira, os entrevistadores — Braga Jr. e Castilho de Andrade — caíram na gargalhada. Talvez pra relaxar.

O comentário surgiu quando Caetano falou de uma música chamada "Cajuína", de seu último LP. Explicou que a letra foi inspirada num sertanejo de idade, que ele conheceu.

— Mas não é coisa de viado — Caetano disse, com bom-humor.

Alguns segundos depois, ele repetiu a dose. Dessa vez, falou em "viadagem". E o entrevistador Braga Jr. já não riu: pegou a deixa e também fez questão de pronunciar "viadagem" no ar. Tomara que as senhoras paulistas que fazem a campanha contra a imoralidade não tenham ouvido. Ou, então, ouviram, mas nem repararam.

Ilex Solnik

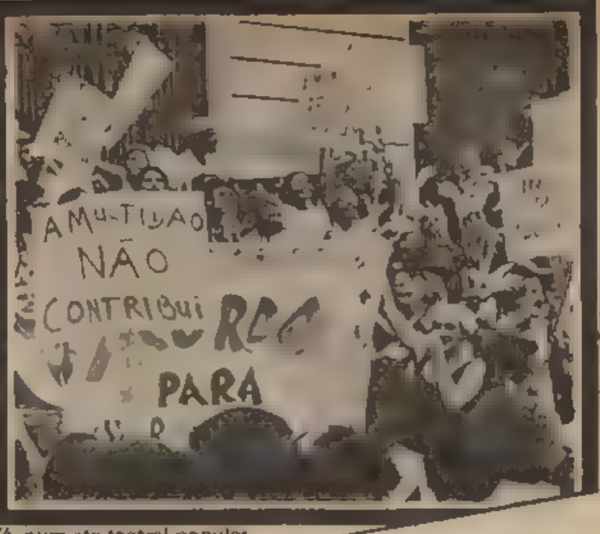


Foto Rogério Carneiro

Zé num ato teatral popular, na Cinelândia

Zé Celso defende a pornochanchada

O mais polêmico diretor de teatro do Brasil assiste até pela TV, enquanto faz amor

Toca o telefone vermelho.

— É de Minas. Você atende, Zé?

— Atendo.

José Celso Martines Correia, diretor de teatro, pega o aparelho e manda.

— Alô. Olha, estamos sem dinheiro nenhum. Quando tivermos algum, te mandamos. Realmente, estamos sem nada

Na cantina do Teatro Oficina, em São Paulo, além de Zé, estão Noilton, cineasta, e outro rapaz. Noilton come um pouco de salada. Pó de café ainda tem. Açúcar também. Algumas notícias pintam animadoras: o financiamento da Embrafilme, de Cr$ 200 mil, vai sair. Fazem-se planos. Espera-se, nessa noite, um encontro com um homem da Embrafilme

O resto do teatro está às escuras. O que movimenta são as cartas que Zé recebe depois da entrevista no "Canal Livre" na TV Bandeirantes. Gente contra, gente a favor

— Uma senhora me escreveu — conta Zé — que eu tenho energia demais e, em vez de esbanjá-la, devo economizar

A entrevista repercutiu mesmo. Zé Celso não gostou muito, achou que foi muito inocente, pouco agressivo: "Aquilo era uma sala de visitas". Nesse programa, quem não tivesse conhecido antes o diretor, deve ter pensado que é um louco que não fala coisa com coisa Pois toda hora algum entrevistador comentava. 'Será que meu pai está entendendo isso''? ''Será que o público entende''? Passou também a impressão de que Zé Celso ia botar todo o Teatro Oficina abaixo, construindo, em seu lugar, um centro de artes. Mas não é isso. O que ele vai fazer é derrubar apenas a parede de fundo do palco. Esta parede dá para um quintal, onde, em dois andares, se acham várias salas (que servem como camarins) e a cantina. Do palco, portanto, vai dar pra se ver o céu. O cenário vai servir para montar a nova peça "O Homem e o Cavalo", de Oswald de Andrade, também proibida há muitos anos (antes da "abertura") como o "Rei da Vela". Primeiro, Zé tinha imaginado montar "O Homem e o Cavalo" num estádio. Mas resolveu que era melhor no Oficina mesmo.

O Oficina, aliás, vai ter o nome trocado para Uzyna. Porque, além de teatro, vai ter também a mais, pelo menos, cinema. O filme "Rei da Vela" — que está há anos em finalização — breve deverá ficar pronto: só falta filmar letreiros, mixar o som e tirar as cópias. Para isso, o Uzyna precisa do dinheiro da Embrafilme

Zé Celso não tem ido ao teatro. Mas não é verdade que ele seja contra o teatro, que ache que o teatro acabou. Não é verdade também que ele ache que texto já era. Em junho, ele disse ao REPORTER·

— Eu adoro Nelson Rodrigues. Ele é o maior texto do teatro brasileiro. Ele é Oswald. Nunca montei Nelson por medo: sempre tive medo de não corresponder, na encenação, à grandeza de seu texto.

Sobre teatro, hoje, ele diz que falta "transa";

Teatro é transa, sexo Isso está faltando

Apesar de ser visto como, um "artista de vanguarda", ele tem surpreendente opinião sobre cinema nacional

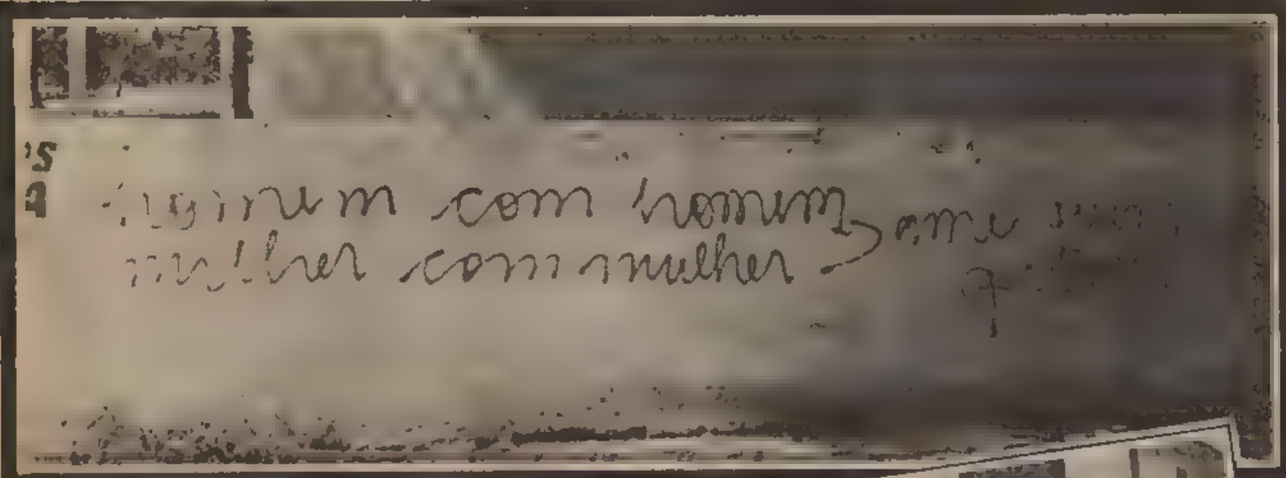
Adoro pornochanchada. É ótimo. Mais ainda na tv. Outra noite, estava vendo aquela "sessao especial", do canal 7, que só passa pornochanchadas. Assisti trepando. Foi muito bom

Sobre política, ele tem uma visão particular. Inscreveu-se no Partido dos Trabalhadores, mas disse claramente a razão, na presença dos políticos

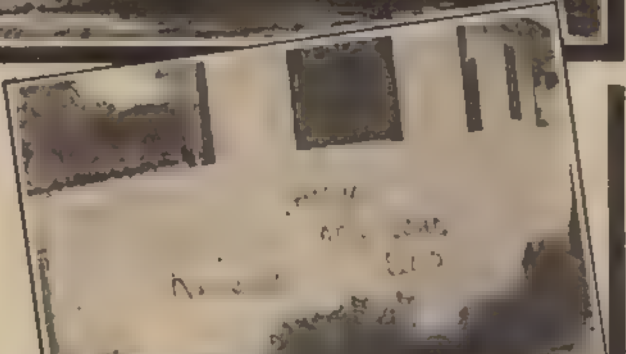
Estou me filiando ao partido porque me contaram que vocês estavam precisando de número de filiados Mas não vou trabalhar. Acho que a organização partidária é uma coisa muito velha, coisa de começo do século

Ele disse isso mais bonito, mas quis dizer mais ou menos isso

Ilex Solnik



Pichação celebra dia do orgulho gay em Pernambuco



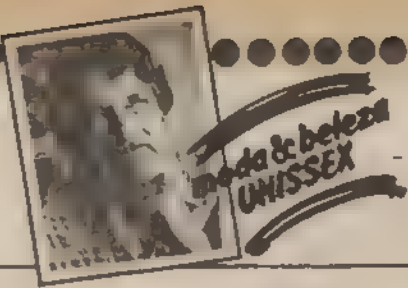
O Dia Internacional do Orgulho Gay, comemorado em todo o mundo no último 28 de junho, ganhou no Recife várias inscrições nos muros, algumas das quais chocaram bastante. "Nós pensamos em fugir das tradicionais comemorações cívicas, festivas, que só iam atingir os interessados. Queríamos fazer alguma coisa que atingisse a população como um todo, mostrando, ao mesmo tempo, que não temos nenhuma vergonha de sermos homossexuais" — diz Almir, do Gatho — Grupo de Atuação Homossexual, responsável por todas as agitações gays da cidade.

E parece que eles conseguiram o que desejavam. As inscrições foram comentadas até mesmo na Assembléia Legislativa, se bem que algumas delas não resistiram dois dias ao ar livre, porque foram imediatamente cobertas de cal pelo dono do muro. Em compensação, o Gatho, por causa disso, ganhou oito novos sócios e a adesão de dois médicos psiquiatras ao seu serviço de SOS, pelo telefone.

Beth Salgueiro

COLUNA DE

Evandro de Castro Lima



Júnior (do Flamengo e da Seleção) tem também a sua loja de artigos esportivos, na Galeria do Apart-Hotel, na Barata Ribeiro. Com variado material, selecionado e de ótima qualidade, ela tem constantemente um grande movimento, e é agitada por inúmeros fãs

É O MAIOR!

Silvinho, o mais famoso cabeleireiro brasileiro, o maior nome no gênero, irá a Porto Alegre, nos dias 15 e 16 de julho, para uma breve temporada e atenderá as deslumbradas gaúchas no salão de Danilo, à Rua Jerônimo Coelho. Só com hora marcada

Silvinho, que é reconhecidamente um grande cara, certamente deixará com o seu visual muitos corações dilacerados. Portanto, a postos e muita audácia, pois o tempo para o amor será pouco

A MARAVILHA ELKE

No aeroporto de Congonhas, preparando-se para voltar ao Rio, a bela e esfuziante Elke Maravilha chamava a atenção pela sua elegância. Conjunto de camurça na cor havana, franjado, estilo apache, com botas altas no mesmo tom e elegantíssimo chapéu de feltro verde-musgo, de abas largas, batido na frente, no mais perfeito estilo das grandes vedetes de Hollywood

Aliás, Elke encanta a todos com sua beleza e inteligência, merecendo, como ninguém, o sobrenome que leva

A MODA SAPATÃO

Muitas butiques, por não terem o que inventar, ou querendo fazer sensação, andam insistindo que o uso de peças do vestuário masculino, como complemento para as "toilettes" femininas, está em moda.

Casacos, calças, chapéus, camisas e até gravatas entram na estoria, em detrimento do charme e da feminilidade, pois a mulher, com tais acessórios, dá uma tremenda sensação de pobreza, vulgaridade e equívoco.

Para a mulher, nada melhor que usar sempre o oposto do homem, não esquecendo nunca o seu "chic" de fêmea. Já dizia a famosa madame de Maintenon: "Entre o sublime e o ridículo, a diferença é um passo".

E viva a diferença...

A [illegible] sinceramente, que dessa vez, a "roupa [illegible] confecção brasileira, [illegible] já realmente introduzir [illegible] sucesso no mercado internacional da moda A marca Dijon está a todo vapor, preparando-se para isto e o que já existe é deveras promissor Achamos que, sem o blefe e o vedetismo dos nossos costureiros, a coisa vai Humberto Saade sabe das coisas, tem "know how" internacional [illegible] e, como se [illegible], tem a [illegible] uma das mulheres mais elegantes deste país Madeleine Saade

CHEZ KARREJE o su...do momento

Assisti, semana passada, a insinuante apresentação da coleção primavera-verão da Chez Karreje. Até o momento, foi o que de mais colorido, leve, alegre e funcional apareceu nos atuais lançamentos.

Muito tom laranja, cereja e coral. Azuis fortes (em nuances) e verdes escandalosos e provocantes. Certamente uma coleção para jovens incrementados e bastante atualizados.

Casacos de cetim, estilo *boxeur*, que também apareceram com muita freqüência e beleza na coleção da Mc Keen, em várias cores, para serem usados com mini-saias discretas e saias-calças confeccionadas em algodão branco

Uma moda alegre e funcional, para quem trabalha fora e tem de apanhar as mais diferentes e variadas conduções

A Chez Karreje tem a direção altamente segura de Rejane, famosa modelo das passarelas carnavalescas e fica na Av Copacabana n.º 500/707

Vistoso modelo em babados, com terminações em renda. O material usado é o organdy ou organza. Para jovens que debutam ou se preparam para as festas de meio de ano.

alinhavando

Muita gente, interessada nas calças feitas por Miro Rocha, escreveu perguntando o seu endereço. Aí vai: Av. Prado Júnior, n.º 297, apto. 1004 — Telefone: 275-4094.

● ***Comentadíssimos, entre os profissionais da alta costura, o mau gosto e a péssima qualidade dos vestidos apresentados na eleição de Miss Rio de Janeiro, todos exclusivos do costureiro Roger. Comentário de um dos nossos mestres da agulha e linha: "Ele é tão exclusivo, que ninguém conhece."***

BAR DO ARNAUDO
Comidas típicas nordestinas
EXPOSIÇÃO DE FOTOGRAFIAS
DE 1 A 15 DE JULHO
Rua Almirante Alexandrino, 316-B

ADEMAR ELLIOT PINTO
Psiquiatria e Psicoterapia
Hipnose — Stress — Alcoolismo
Drogas e Distúrbios nervosos
ATENDIMENTO DOMICILIAR
Av. Geremário Dantas, 142 s/205 — Tel.: 392-3833

Desenhistas e projetistas
Usem a cabeca!!!
Comprem na
MOREIRA
Ela ajuda a desenhar! Tenham sua própria mesa. GRANDE PROMOÇÃO: Mais de 2.000 mesas serão vendidas a preços que todos podem [illegible]
PROMOÇÃO 1: Mesa de madeira apto 0,80 x 1,00 mt forrada em verde com banco estofado Cr$ 4 950 00
PROMOÇÃO 2 Mesa de aço esmaltada Archimedes apto., forrada em verde 0.80 x 1 00 mt com banco de madeira estofado Cr$ 9 900,00
PROMOÇÃO 2-A Mesa de aço esmaltada Archimedes apto , forrada em verde 0 80 x 1,00 mt com banco de madeira estofado e régua-paralela Cr$ 11 900 00
GANHE UM DESCONTO DE 10% na compra de qualquer material de Desenho com a apresentação deste anúncio, exceto as promoções
ATENÇÃO!!! Todas as mercadorias vendidas nesta Promoção serão retiradas pelo cliente
ENDEREÇO Rua Teófilo Otoni, 62 A TEL 253-6779

ANUNCIE AQUI! SÓ FALTA VOCÊ!!

AICE Digitação -x- Programação
Centro — Sen. Dantas, 117
Sobreloja 215
Ilha Gov. — Estr. do Galeão, 2500 — B — s/213

ASSINE REPORTER E GANHE UMA CAMISETA

A camiseta você recebe junto com o primeiro jornal.

Assinatura por 24 edições: **Cr$ 1.500,00**
Envie cheque nominal ou Vale Postal para:
MARGEM S.A. Editora e Gráfica
Rua Miguel Couto 134/11º — CEP 20070 — Rio de Janeiro
Nome. ....
Profissão: ....
Endereço: ....
CEP. .... Cidade: .... Estado: ....
Indique o tamanho de sua camiseta: de 42 a 52

NO RIO, A LUTA DE 4 MULHERES PELO

donas de casa buscam

Elas não são feministas liberadas, nem prostitutas, mas não estão paradas. São mulheres que, elas mesmo explicam, não querem mais engolir seus desejos. Querem viver. Todas têm casa, família, um grande amor já vivido, muitas desilusões, esperança, energia. Nós as encontramos quando fizemos a reportagem sobre as festas vespertinas, para executivos, em boates ou casas particulares, publicada na edição anterior. Chamavam a atenção pela disponibilidade do momento: mobilizadas pela vontade de fazer o sexo, elas estavam na luta, na rua, pelo prazer. Resolvemos, então, reunir quatro delas para uma conversa sobre a vida de mulher casada, viúva ou divorciada, que deseja ser livre, dona de seu corpo. Mulheres, como se disse numa das entrevistas, que fazem da liberdade uma coisa bonita.

Entrevistas a Tim Lopes e Chiquita Chaves
Ilustração Guidacci

Gostosíssimo. M. pronuncia a palavra saborosamente, morde os lábios e espreme os olhos. Como no gozo. E continua:

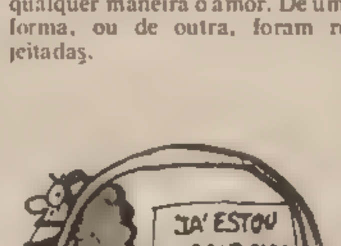
— Olha, ele se sente tão dependente da gente, uma coisa tão boa... A mulher quer proteger, principalmente a gente que é mãe. Eles procuram dar tudo de si, eles querem ser homens. Que maravilha!

M. é mulher de uns 40 anos, separada do marido, com quem viveu quinze anos, mãe de uma moça de 17. É psicóloga, mas não exerce a profissão: trabalha numa loja de presentes finos. Ela está em volta de uma mesa, com mais três senhoras, contando as delícias da aventura com um garotão. Estão todas reunidas numa sala improvisada no segundo andar de uma boate, em Copacabana. Elas preferem não se identificar, para não dar bandeira — mas falam livremente de suas angústias e seus desejos. S., de 46 anos, bacharel em Direito, separada do marido, com quem viveu 19 anos; K., de 31, divorciada, vive da pensão do marido, tem dois filhos adolescentes e morre de medo de tudo e L., de 23 anos, mãe de três filhos, cujo pai, um homem de 54 anos, segundo ela, não dá mais conta do recado.

S., mãe de cinco filhos, três advogados, um médico e um engenheiro, não perde festas nas boates ao entardecer, o chope no Barril 1.800 (Arpoador) e os bailes do Cassino Royale. Lembra também, como M., o caso que teve com um rapaz

— Aconteceu comigo no Cassino, eu tinha bebido, estava animadinha e dançando com um rapagão, abraçadinha. Tocada e incentivada pelas colegas, acabei indo para um motel. De manhã cedo, quando acordei, olhei pro lado e disse: "Minha Nossa Senhora"! Ele olhou pra mim e respondeu com aquele ar de machão: "Tem algum motivo para se queixar?". Que charme, meu Deus

S. e suas amigas não são exatamente mulheres em processo de liberação e nem vivem mercantilizando o corpo, em busca de alguma vantagem. Com certeza já tiveram uma experiência amorosa consistente, conheceram de qualquer maneira o amor. De uma forma, ou de outra, foram rejeitadas.



— Da minha parte, não existe amor — diz L. — nunca existiu, vejo ele como pai, como irmão, como amigo. Não sou feliz, tenho tudo e ao mesmo tempo não tenho nada. Até o sexo está pesando, são 31 anos de diferença

Ela passa horas contorcendo o corpo, fazendo boquinha, dançando, sempre sozinha no congestionado salão da boate.

Porque não cai fora?

— Não tenho coragem, tenho muita amizade por ele, sinto ele como o pai que perdi e que me deixou algum dinheiro. Portanto, foi por isso que fiquei. Ele me ama. Agora, eu amo da minha maneira. Saio mesmo, invento mil desculpas. Todas as terças e quintas, à tarde, eu digo que tenho sauna, já entrei para uma academia de ginástica na parte da manhã e descubro inúmeros chás de panela

S. aproveita para contar mais detalhes sobre as desculpas que são dadas em casa:

— Tem as que dizem que vão ao dentista, as que aparecem com sacolas de compras, tem as quem chegam com lenço na cabeça e soltam o cabelo aqui. As casadas novinhas dizem que vão ao chá de panela. Teve uma que apareceu apavorada esses dias e dizia: "Levei uma bronca do meu marido. Ele não acredita mais em tanto chá de panela, todas as quinta-feiras".

As mulheres riem. K., tímida, fala com os olhos e desabafa:

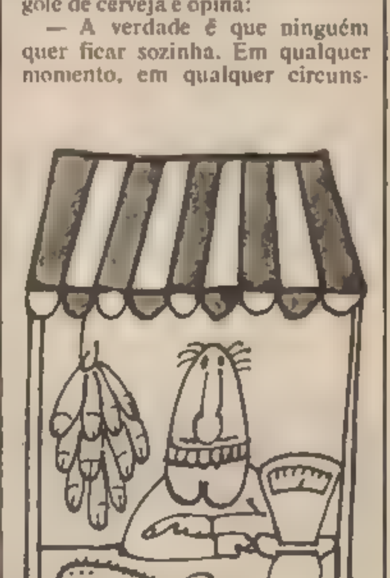
— O homem sempre tolheu a mulher. Ela sempre foi escrava. Sou divorciada há dez anos, quando me casei tinha 15 anos e o meu marido 21. Era uma coisa bonita. Já estava casada há sete anos, quando apareceu uma mulher na minha porta e disse. "Sou noiva do seu marido". Foi um choque, eu era aquela mulher maravilhosa, prendada, dedicada, pensava que fosse. Até hoje moro com a minha sogra, que acabou de me criar. Cresci com os meus dois filhos, que são como meus irmãos.

Ainda gosta dele?

— Não gosto mais dele, o tempo passa, a gente vai esquecendo. Mas aquele sentimento permanece, aquele amor jovem, de menina, sem ambição. Eu curto essas boates, esses programas, danço, me divirto. Tiro um sarro, mas parece que nunca mais vou renovar esse sentimento. Se encontrar alguém, vai ser por interesse, tudo vai ser por interesse, gostar por interesse. Eu tenho medo, fiz quatro anos de análise. Tenho medo de tudo, da noite, da solidão, de me envolver com outras pessoas.

K. balança a cabeça, os cabelos escondem seu rosto. M. toma um gole de cerveja e opina:

— A verdade é que ninguém quer ficar sozinha. Em qualquer momento, em qualquer circuns-



DIREITO À SATISFAÇÃO SEXUAL

PRAZER

tância, estamos querendo alguém ao nosso lado. Existe muita falta de carinho. Não há amor. É uma procura desesperada, todas as noites, todos os dias. No balanço de uma música, carne com carne se toca, às vezes dá repugnância, outras vezes, só de segurar a mão, a gente fica louca. Muita tesão sem amor, muito carnal. Acho que é um bem necessário, porque o sexo é como se você tivesse a necessidade de comer uma determinada comida. Uma sede

S., olhos azuis, agitada, proclama a sua energia.

— Eu tenho vontade de vida. É como eu tivesse 18 anos, o que vale é o meu estado de espírito. Quando venho pra cá me divirto, danço, se aparecer alguma pessoa interessante a gente troca uma idéia e vamos nos trancar num quarto. Mas nada de ficar de beijinho e não acontecer nada. Entre quatro paredes tem que acontecer tudo. Você sabia que tem mulher que nunca praticou o coito anal e muitos homens que nunca foram chupados? Eles ficam loucos.

Pode existir uma relação de casal que vive bem mas transa por fora?

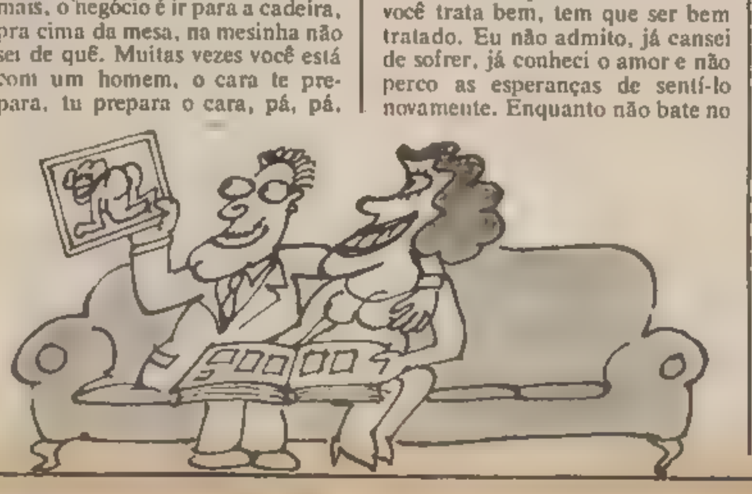
— Existe sim. Muito, por sinal. Isso tudo, em si, é a busca da tesão. Quando a cama não dá mais, o negócio é ir para a cadeira, pra cima da mesa, na mesinha não sei de quê. Muitas vezes você está com um homem, o cara te prepara, tu prepara o cara, pá, pá, uma surra e nada, uma sauna filha-da-puta e você não consegue. Aí então, a saída é cair no tapete, no chão, pra ver se pinta gostoso — completa S.

Todas elas não perdem festas, se arrumam da melhor maneira possível. Estão sempre na pista de dança, lançam olhares provocantes, brincam entre elas mesmas. As mais tímidas ficam em volta das mesas, nos cantos mais escuros, sempre de frente para a porta de entrada. Como se estivessem vigiando. No início da noite anterior, houve princípio de tumulto. Um grupo de quatro homens mineiros ficou inconveniente de repente e isso gerou protestos de algumas mulheres — conta M.

— Por isso é que nasce a revolta. A mulher tem que ser respeitada em qualquer lugar, em qualquer circunstância. Os homens não evoluíram a tal ponto de saber que uma mulher é uma mulher, seja ela nova, velha, como for. Ele pode ser do interior, tacanho e tudo, mas tem que respeitar. Em Minas, aqui e onde for. Ninguém puxa mais a cadeira para a mulher.

Você acha que tá na hora da mulher puxar a cadeira pro homem?

— Acho a recíproca verdadeira, em todos os pontos de vista. Se você trata bem, tem que ser bem tratado. Eu não admito, já cansei de sofrer, já conheci o amor e não perco as esperanças de sentí-lo novamente. Enquanto não bate no coração, a gente vai gozando os prazeres das companhias.



M., S., K., e L., estão mais alegres depois de uns copos de cerveja, ficam sensuais. Todas afirmam que não transam em casa, umas pela própria impossibilidade e outras, as separadas, por causa dos filhos, da vizinhança e de guardarem o lar como a igreja.

— Não levo ninguém pra casa. Deus me livre, a minha casa é como se fosse a igreja. Prefiro no corredor, no muro, na areia e, logicamente, nos motéis, a invenção mais maravilhosa... aqueles desenhos, aquela luz vermelha, aquele ar de coisa proibida.

Segundo S., a maioria mesmo gosta é de ficar tirando um sarro, na esfregação, excitadas. No meio do salão, as mãos escorregam por todo o corpo e, ali, o máximo que acontece é chupão demorado. São poucos os homens, muitos garotões.

— Você vai ver mulheres mais coroas do que eu, dançando, se divertindo, numa boa. Mulher não é só pegar no cigarro, tomar um drinque. A mulher tem que saber fazer da sua liberdade uma coisa bonita, não é se depravar, ela tem que se colocar numa posição de feminina e fêmea. Nós estamos vivendo numa época em que tudo está acontecendo. Agora, você tem que ter uma vivacidade, uma compreensão para entender isso que está passando. Nós não queremos mais engulir os nossos desejos.

Todas elas concordam com o ponto de vista de M., fazem questão de não serem confundidas com feministas, mesmo porque estão muito longe disso. Afinal de contas, armam desculpas, dizem que vão ao médico, ao dentista e às compras, para irem a essas festas. Curtindo uma fantasia, o fruto proibido.

— A mulher vem pra festa em busca de carinho, de uma palavra, encontrar alguém. Às vezes, o marido falhou, ela está sozinha em casa, sem conversar com ninguém. Eu, agora mesmo, cheguei no banheiro e tive um diálogo com uma moça. Ela estava reclamando que não gostava do marido, estava desiludida com o casamento, deixou a filha com a babá e veio pra cá. Eu disse pra ela: "Porque você não se liberta? Você tem medo de lutar, de amar? De perder aquele dinheiro? Isso mostra o teu fracasso. Você não pode se relacionar com uma pessoa, se você tem ódio dela." Eu mesmo tive um grande amor que não foi o meu marido. Esse homem eu conheci depois que me separei e me apaixonei perdidamente. Foi através desse homem que eu conheci a vida, vamos dizer assim.

E ele, onde anda?

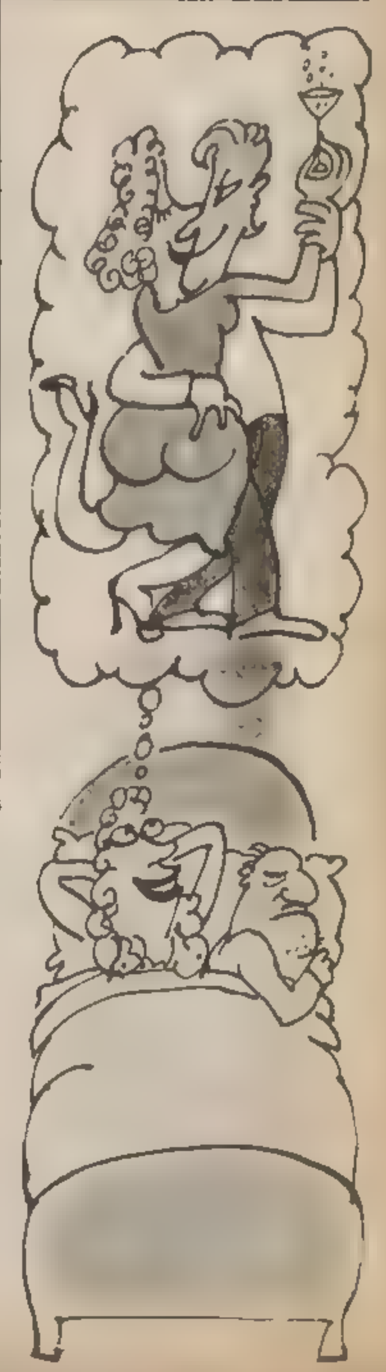
— Anda por aí, galinhando. Ele não se satisfazia só comigo. Eu já tive muitas experiências amorosas, não quero mais me comprometer com ninguém, quero é vibração com o meu corpo — fala S.

M. não esconde a sua decepção com o marido, ao lado de quem viveu 15 anos.

— Ele não respeitou a nossa casa. E eu sou egoísta, se não é só meu, eu não quero. Tenho esperanças, sim, de encontar alguém. Acho que nunca é tarde para a gente encontrar. A minha falecida avó, depois de 40 anos curtindo uma viuvez, reencontrou o seu namoradinho do tempo de criança e casou com ele.

M. volta a lembrar do estudante da PUC, os momentos que passou com ele.

— Foi gostoso demais. Tive medo que ele tivesse problemas por minha causa. Eu gosto dele, mas essa maldita diferença de idade é fogo, a gente fala que não influi, mas influi bastante. Você pode estar com a a maior energia, no maior fogo, mas exteriormente a idade vai aparecendo, é impossível deter.



Políticos sabotam hospital público pra enriquecer casa de saúde

Na baixada fluminense, grupos de pressão impedem inauguração de unidade do Inamps e garantem mercado de 3,5 milhões de pessoas para a rede particular

A N. Senhora de Fátima fatura 15 milhões por mês e o hospital de Posse não abre

Reportagem de Francisco Viana e Chiquito Chaves (fotos)

Há dois anos, o hospital da Posse, do Inamps, em Nova Iguaçu, está pronto, mas não é aberto ao público por causa das pressões de grupos políticos e proprietários de casa de saúde, que têm altos lucros centralizando grande parte do atendimento que deveria ser feito pela rede ofifical. Com 300 leitos e capacidade para atender 1.500 pessoas por dia, o hospital será o unico da rede oficial na baixada Fluminense, onde o atendimento médico de 3,5 milhões de pessoas depende de casas de saúde particulares ou de penosos deslocamentos para hospitais do Rio

O hospital só vai ser inaugurado próximo das eleições. É o grande trunfo do PDS — diz Azuleika Sampaio, coordenadora do Movimento Amigos de Bairros de Nova Iguaçu.

Localizado num prédio moderno, muito confortável e com condições de empregar mais de 1.000 funcionários na área médica, o hospital da Posse — comprado do grupo particular Serviços Médicos da Indústria e Comércio — teve sua inauguração marcada para abril, pelo próprio ministro da Previdência Social, Jair Soares. Adiada, a inauguração só será possível talvez em dezembro, segundo o grupo de trabalho do Inamps que está tratando do assunto. Porque o hospital não é aberto imediatamente ao público?

– É muito fácil explicar — responde a secretária-executiva da Caritas (instituição de caridade) e da Comissão de justiça e Paz de Nova Iguaçu, Sada David. O novo hospital vai diminuir substancialmente os lucros das casas de saúde particulares da baixada Fluminense, entre elas a toda poderosa Casa de Saude Nossa Senhora de Fátima, de propriedade de um influente grupo ligado ao PDS, partido do governo federal, do qual participa o líder da agremiação na assembléia legislativa, deputado Jorge David e o superintendente do Inamps no Rio, Yassushi Yonshiquexe.

Apesar de possuir 3,5 milhões de habitantes, distribuídos por quatro municípios — Nova Iguaçu, Caxias, Nilópolis e São João de Meriti — todos muitos pobres e onde grassam os mais diversos tipos de enfermidades, a baixada Fluminense não possui um único hospital oficial. Existem apenas os pronto-socorros municipais e os postos de triagem do Inamps, que se limitam a fazer um primeiro exame, geralmente superficial, por causa do grande número de pacientes, encaminhando-se os pacientes para clínicas particulares. Os pronto-socorros, além disso, transportam doentes mais graves para o Rio, a chamada reboqueterapia.

– É uma situação desesperadora. Se alguém for atropelado na Via Dutra e cair nas mãos de um pronto-socorro, necessitando de atendimento de urgência, pode morrer. É a que dizem dois médicos com experiência de nove e 11 anos de trabalho na baixada. Eles pedem sigilo sobre seus nomes, temendo represálias:

– Recentemente, os colegas fizeram um movimento para melhoria do pronto-socorro de Nilópolis e foram duramente reprimidos. O prefeito João Batista da Silva, do PP (Partido Popular, do governador Chagas Freitas), demitiu 21 médicos e sete dentistas e ameaçou novas demissões, caso o movimento continuasse. A situação de pânico chegou a tal ponto que os colegas passaram a evitar o pessoal do sindicato.

Os hospitais privados, entretanto, prosperam. A Casa de Saúde Nossa Senhora de Fátima, sem dúvida uma das mais bem aparelhadas do Rio, centraliza todo o atendimento de Nova Iguaçu, faturando entre Cr$13 e 15 milhões, dos cerca de $100 milhões que o Inamps aplica mensalmente na baixada, segundo cálculos do seu próprio diretor-presidente, o médico Newton Papaleo Montes:

– É só começar a puxar o fio que liga os grupos que dominam a região, para a gente descobrir o que acontece com a medicina aqui. Vejamos: o dono da faculdade de Medicina de Nova Iguacu, Fábio Rauinhetti, é irmão do deputado federal Darcílio Ayres Raujnhetti. Foi a influência do irmão que levou o governo a conceder o alvará para funcionamento da faculdade

Os dois médicos que falaram em caráter reservado ao REPORTER, garantem que há uma intenção deliberada de políticos e grupos locais, ligados à medicina privada, para esvaziar qualquer iniciativa de melhorar a rede hospitalar oficial

– Um exemplo prático foi o que aconteceu com o pronto socorro de Nilópolis. O prefeito tanto fez, que a situação chegou a um ponto onde os colegas escreviam no livro de ocorrência:: "falta gaze, material de limpeza e vergonha... "Resultado: o pronto-socorro virou especialista em "reboqueterapia."

Um levantamento feito pela diocese de Nova Iguaçu junto a 922 pessoas, em 19 bairros, dá a medida exata da trágica situação de saúde da baixada Fluminense Basta citar essa amostragem de Belford Roxo 60% da população depende do Inamps; 28% das famílias (a maioria) têm entre sete e dez pessoas e 15% delas ganham apenas uma salário mínimo. A maior parte da população — 54% — tem renda entre um e três salários mínimos, muito baixa para um lugar onde falta tudo: transporte, segurança e habitação.

– Esses dados — diz Sada David — poderiam pertencer a qualquer um dos municípios da baixada. É verdade que há algumas exceções dramáticas, como é o caso do bairro de Viga, onde 90% da população sofre de tuberculose

O bairro de Viga é um amontoado de barracos, na beira de esgotos, onde mais de três mil pessoas vivem miseravelmente.

– Há sete anos eu ouço falar que a baixada vai ter um hospital oficial, do tipo dos que tem no Rio, mas este hospital nunca aparece. O hospital da Posse está pronto, mas não é inaugurado — diz o padre Mateus Vivalda, vigário geral de Nova Iguaçu e pároco de Heliópolis.

Só Heliópolis justificaria um hospital: tem 100 mil habitantes.

Conta o padre Mateus:

– Conheci uma senhora, cujo filho tinha poliomelite. Até um ano de idade, ela pôde tratar da criança no Rio. Depois, não teve mais condições. Aos cinco anos, quando se viu novamente obrigada a reiniciar o tratamento, a criança estava completamente aleijada.

Em torno do hospital da Posse, vem sendo exercida grande pressão dos grupos locais. De um lado, a comunidade não tem medido esforços para garantir a imediata inauguração do hospital: em dezembro do ano passado, foi encaminhado ao ministro da Previdência Social, Jair Soares, um documento nesse sentido, com mais de dez mil assinaturas

– Os donos das casas de saúde não querem a inauguração do hospital, porque isto reduziria drasticamente seus lucros. Aqui em Nova Iguaçu, por exemplo, a gente só pode recorrer à Casa de Saúde Nossa Senhora de Fátima. É a única que presta. Por isso, centraliza todo atendimento. Mesmo sem querer, você tem que acabar indo para lá. Foi o caso da minha família: todos os meus sobrinhos nasceram lá

A Casa de Saúde Nossa Senhora de Fátima ocupa um quarteirão. Possui 16 sócios e é muito bem equipada: tem CTI (Centro de Tratamento Intensivo), é uma das

No bairro de Viga, 90% são tuberculosos

Espera no posto sem recursos

Padre Mateus espera o Inamps há 7 anos

Newton Montes, dono da casa de saúde

poucas da baixada com monitores cardíacos; enfermarias amplas, com televisão na enfermaria das crianças, farmácia, laboratório e seis salas cirúrgicas, uma das quais para os casos de doenças contagiosas. Existe há sete anos e tem crescido tanto, que seus formulários são impressos numa pequena *off-set*: mais de 300 tipos de impressos.

— Nós não temos interesse nenhum em impedir a inauguração do hospital da Posse — diz o médico Newton Montes.

E logo acrescenta.

— Nova Iguaçu tem um *deficit* de mais de 2.000 leitos. Mesmo com dois hospitais da Posse, ainda haveria clientes em quantidade para nós. A Nossa Senhora de Fátima está sempre cheia. Nossas enfermarias são para 7 pacientes, mas nós estamos internando 11 para não deixar de atender a população

Muito solícito, ele não se nega a mostrar todas as dependências da casa de saúde, não hesita em responder às acusações de que a clínica monopoliza a assistência médica na baixada e até reclama dos prejuízos:

— O Inamps está pagando muito pouco. Cr$2.500, em média, por dia, incluindo todas as despesas. Ora, o preço devia ser, no mínimo, Cr$20 mil, porque a medicina está muito cara: os remédios, controlados pelas multinacionais, custam caríssimo; os equipamentos custam caro, os salários dos médicos estão cada vez mais elevados.

A opinião do doutor Newton não é compartilhada pelo Movimento de Amigos de Bairros de Nova Iguaçu, nem pela Caritas, nem por alguns médicos, que temem falar abertamente, com medo de represálias:

— Um colega que participou do movimento para melhoria do pronto-socorro em Nilópolis teve que conseguir emprego fora da cidade. Todas as portas se fecharam. Se alguém fala contra o grupo que controla a medicina na baixada, vai ter que se mudar. Ninguém vai lhe dar emprego e as perseguições vão ser muitas.

Sada David é mais objetiva:

— Quando o hospital da Posse for inaugurado, ninguém mais vai querer recorrer às casas de saúde, nem aos hospitais que existem na baixada. São todos muito ruins. No mínimo, vai haver uma descentralização. Quanto à politicagem feita às custas da saúde do povo, a gente não liga. Nós queremos é conscientizar a população de que saúde é um negócio integral e envolve não só a medicina, mas saneamento básico, habitação e salário.

Este ano, a campanha da fraternidade tratou do tema saúde. É ainda Sada quem fala.

— Nós fizemos uma grande pesquisa e constatamos que a maioria da população da baixada é subnutrida. Mora pessimamente e ganha pessimamente. Tem gente que come apenas feijão e arroz. As vezes, o feijão é luxo

Durante a campanha da fraternidade, a equipe de pesquisa que Sada coordenou colheu depoimentos dramáticos. Um deles é da família de João Antônio da Rocha, que tem mulher e seis filhos

— João — conta Sada, lendo um papel com o depoimento escrito — veio aqui na Caritas e nos contou toda sua história, juntamente com a de várias outras pessoas. Só para ir ao trabalho, em Botafogo onde tem que chegar às seis da manhã, ele é obrigado a tomar seis ônibus e gasta Cr$123 por dia. Como ele só ganha Cr$192, o que sobra é apenas Cr$69 Como João, vive a maioria da população da baixada

— Nós aqui — observa Azuleika Sampaio — vivemos feito pião no jogo da política. O PDS não inaugura o hospital da Posse, porque quer tirar partido eleitoral, às vesperas da eleição; o PP está fazendo a adutora do Guandu também para tirar partido. A briga tá feia e o PP parece que tem um trunfo mais forte: só a melhoria da água vai acabar com 50% das doenças da baixada

A observação de Azulaika tem fundamento: mais da metade da população da baixada bebe água de poços contaminados. Também quase não há saneamento

— Heliópolis — diz o padre Mateus — retrata bem essa situação. Mais de 70% bebem água de poço. O saneamento só existe na rua principal, a avenida Heliópolis. Assim é em toda a baixada.

8 horas da manhã. O operário Waldemar Ribeiro de Carvalho, 40 anos, respira aliviado e vai tomar um café, num bar que fica ao lado do posto do Inamps, na rua Dom Walmor, Nova Iguaçu.

— Eu cheguei aqui às 3h30 e fiquei na fila até as sete, para pegar a ficha número cinco. Eles só distribuem 50 fichas na parte da manhã e eu não posso ficar para a parte da tarde. Tenho que trabalhar

O operário teve que recorrer ao Inamps, porque vinha tendo fortes dores de estômago. De posse da ficha, ele vai começar a enfrentar um drama ainda maior que a espera na fila, sob a chuva e o frio

— Agora é ver a clínica que eles vão escolher para mim e ir lá. Talvez a consulta demore um mês

Estaria Waldemar Ribeiro exagerando? Não. Na baixada, os hospitais e as casas de saúde funcionam como verdadeiros hotéis em tempo de veraneio. Estão sempre cheios. Apesar da rotatividade, não há condições para atendimento do grande volume de pacientes e as filas de espera crescem

E, na medida que a demanda aumenta, o atendimento decai. Há casos do atendimento ser tão ruim, que a simples menção do nome do hospital inspira verdadeiro pavor. Exemplo: O Sase, sigla pela qual é conhecido o Serviço Social Evangélico, mantido por Isaías de Souza Maciel, pastor que preside a Ordem dos Ministros Evangélicos do Brasil.

Dizem que o Sase é um açougue. Ele se acha um pára-raio

— Só vai pra lá quem tá pra morrer. O SASE é um açougue. Uma casa da morte — afirma Azuleika Sampaio

O administrador do hospital, Samuel Alves da Silva, discorda:

— Nós somos um pára-raio. Como o pronto-socorro municipal não tem estrutura, manda tudo para cá. Nós não negamos internação a ninguém: tenha ou não tenha Inamps, atendemos a todos

Casa da morte ou pára-raio, não importa. O Sase está muito mais próximo de um abandonado asilo de velhos, do que de um hospital. Suas enfermarias, com 178 leitos, estão em péssimo estado: cobertores rasgados e sujos, camas velhas, chão imundo e doentes, em sua grande maioria, velhos, com jeito de quem está à morte. São todos muito magros e com aparência cadavérica, reforçada pelos cobertores cheios de buracos com que se cobrem. Numa das camas, a indicação de que o doente é diabético está escrita num pequeno pedaço de papel, preso por um durex.

— Ninguém quer ir para o Sase — diz Azuleika. Outro dia, nós tivemos de socorrer um vizinho que esteve lá, recebeu alta e quase morre. Teve que vir para o Hospital Pedro Ernesto, no Rio, onde ficou oito dias internado no CTI. Estava com uma grave doença nos pulmões. Ninguém no Sase viu isso?

Como se não bastassem todos esses problemas, a mercantilização da medicina na baixada Fluminense tem também contribuído para aviltar o salário dos médicos. Um deles (que pede para não ser citado), com mais de dez anos na baixada, possuindo experiência em vários hospitais de Nilópolis e Nova Iguaçu, conta que as casas de saúde normalmente pagam apenas três a quatro salários mínimos ao médico, não importando o volume de trabalho que ele desempenhe

— É regra descontar sempre 30 a 40% do valor das cirurgias pagas pelo Inamps. É muito raro uma casa de saúde deixar que o Inamps deposite o dinheiro diretamente na conta do médico. Geralmente, controlam o pagamento. O resultado é que, com o excessivo volume de trabalho, o atendimento decai e a população acaba se voltando contra nós, que somos tão vítimas quanto os clientes

O Sase não deixou o fotógrafo entrar

caixa 2

Ricardo Bueno

Riqueza das multis e miséria dos bóias-frias

1 O presidente da subsidiária brasileira da Nestlé, Alexander Mahler, foi à Escola Superior de Guerra falar sobre industrialização e comercialização de alimentos. O garoto da poderosa multinacional suíça entregou o ouro ao bandido, mas praticamente ninguém noticiou. Num dos capítulos de sua palestra, intitulado "O falso monopólio do leite em pó", Mahler procura mostrar que a Nestlé não domina a produção de leite em pó no Brasil. Mas, com os dados que citou, conseguiu provar exatamente o contrário.

É isso mesmo. Mahler mostrou que a Nestlé, sozinha, tem capacidade para produzir 40,5% do total do leite em pó fabricado no Brasil. As outras 17 organizações, em conjunto, ficam com 59,5%. A capacidade de produção da Nestlé é de 3.850.000 litros. A segunda colocada, a Cooperativa Central dos Produtores de Leite (CCPL), não consegue fabricar nem 900 mil litros — quatro vezes menos que a Nestlé.

Se isso não é monopólio, o que é? Ou será que o presidente da Nestlé julga que, neste país, somos todos idiotas para engolir suas lorotas?

2 Por falar em multinacionais, acabou de ser realizada, em Brasília, a reunião do comitê empresarial Brasil-Estados Unidos. Empresários brasileiros e americanos se reuniram para decidir o que é melhor para o Brasil (e para os bolsos deles, é claro). Sabem o que as multinacionais pediram? Que o governo brasileiro torne mais liberal a lei de remessa de lucros.

É o seguinte: a lei de remessa de lucros brasileira, uma das mais liberais do mundo, permite que as multinacionais remetam para o exterior, anualmente, 12% do capital aplicado aqui (incluindo os investimentos feitos com lucros obtidos no Brasil). Quer dizer: em menos de 9 anos, as mocinhas podem mandar, para seus países de origem, **tudo** que aplicaram neste generoso país tropical.

Um maná. Mas as moças são gulosas e querem mais. Os empresários americanos, durante o encontro com seus coleguinhas brasileiros, apresentaram um documento pedindo mais colher de chá, mais facilidades para mandar grana para o estrangeiro.

O que os empresários americanos esqueceram de dizer é que, além das remessas de lucros permitidas por lei, eles roubam escandalosamente o Brasil, através de uma série de mutretas, que são utilizadas para remeter grana disfarçadamente. Por exemplo: as subsidiárias das multinacionais compram matérias-primas de suas matrizes. Só que pagam por essas matérias-primas preços altíssimos, muito acima dos vigentes no mercado internacional. Uma compra de 100 mil cruzeiros sai por 300 mil. Ora, 100 mil representam os gastos com a matéria-prima. Os outros 200 mil são dinheiro remetido por baixo do pano, o que transforma a lei de remessa de lucros numa piada — já que as multis podem burlá-la sem dificuldades.

3 Acredite quem quiser, mas o ministério do Trabalho realizou um ótimo trabalho sobre os bóias-frias. Bóias-frias são os trabalhadores e pequenos proprietários que foram expulsos de suas terras, vieram morar na cidade, mas continuam trabalhando no campo. Ganham salários miseráveis, só conseguem ocupação durante alguns meses do ano, não têm qualquer tipo de direito trabalhista e são transportados para os locais de trabalho em caminhões apinhados de gente, que freqüentemente viram, matando vários deles.

Pois bem, o ministério do Trabalho concluiu que existem nada menos que 8 milhões de bóias-frias no Brasil, expulsos de suas terras devido à mecanização da agricultura e ao avanço do latifúndio, que engoliu as pequenas propriedades. Se a coisa continuar assim, se essa modernização estúpida não for detida, "nos levará a um amontoado de máquinas, cercado de um exército de desempregados" — afirma o secretário de Mão-de-Obra do ministério do Trabalho, Renato Simplício Lopes. É preciso dizer mais?

Nosso repórter econômico escreve uma fábula sobre um lugar imaginário...

o país dos mamadores

Era uma vez um país chamado Tetalândia. Muito grande, com terras em abundância e enormes riquezas minerais. Abrigava, porém, uma população que vivia em grande parte com fome. Um dos culpados por esse estado de coisas era o ministro Deu Fim Pateto, que, como planejador-mór, adotou uma política salarial tão cruel que muita gente não ganhava sequer o salário mínimo, também conhecido como morte-lenta — pois não dava sequer para o cidadão de Tetalândia comprar um quilo de carne e feijão todo dia.

Um dia o ministro Deu Fim Pateto foi fazer uma palestra na Escola Superior dos Grandões e, como andava meio chateado com alguns empresários que tinham criticado certas medidas suas, os acusou de "mamar nas tetas do governo". Nesse dia, o presidente de Tetalândia estava viajando, visitando uma nação amiga. Ficou muito surpreso, quando voltou, com o discurso do ministro. Como não entendesse bem o que ele quisera dizer com "mamar nas tetas do governo" e achasse isso até pornográfico, pediu ao seu Serviço Nacional de Intrigas que lhe apresentasse, em uma semana, o Dossiê dos Mamadores, para que pudesse avaliar se Deu Fim Pateto estava certo.

No dia marcado, o relatório chegou às mãos do presidente. Lendo-o atentamente, o presidente ficou sabendo que havia cinco grandes grupos de mamadores no país.

1) **Empresários industriais** — Esses, durante muito tempo, tinham recebido empréstimos a juros baratinhos, para criar e ampliar suas fábricas. Ou seja: empréstimos com taxas de juros bem inferiores à inflação. Esses empréstimos eram de responsabilidade do Banco Nacional da Destruição Econômica (BNDE), que deu rios de dinheiro aos empresários — em especial aos do setor de máquinas e equipamentos.

2) **Exportadores** — Mamadores vorazes. Para vender uma mercadoria ao exterior, recebiam uma série de vantagens, como isenção de impostos, financiamentos a juros baratos e facilidades para compra de matérias-primas. Graças a isso, podiam vender um sapato lá fora por metade do preço que cobravam no mercado interno. A diferença, quem acabava pagando era o governo.

3) **Grandes fazendeiros** — Eles mamavam de todas as maneiras. Tinham crédito baratíssimo para plantar, para comprar máquinas e para comercializar sua produção. Se sua safra se perdesse, devido a problemas climáticos, o governo cobria todos os prejuízos. Se não tivessem comprador para o que produzissem, o governo adquiria sua safra por preços lucrativos. Dentre os fazendeiros, os mamadores mais notáveis eram os plantadores de soja. Numa época em que a inflação estava em 120% ao ano, os fazendeiros pagavam, no máximo, 55% pelos empréstimos que obtinham do governo.

4) **Banqueiros** — Para muitos, os maiores mamadores de todos. O governo emitia títulos públicos e, para que os banqueiros os comprassem, pagava juros elevadíssimos e correção monetária, que acabavam sangrando os cofres do Tesouro Nacional. Além disso, o governo permitia que os banqueiros pegassem dinheiro de graça, junto ao público ou pagando taxas de, no máximo, 85% ao ano e que emprestassem esse dinheiro, cobrando juros de pelo menos 170% ao ano (em alguns casos mais de 200%).

5) **Burocratas** — Os técnicos do governo, que ocupam funções generosamente remuneradas, também fazem parte do time dos mamadores. Além de altos salários, têm direito a cartões de crédito, mansões com piscina, viagens de graça, gratificações e outras vantagens. Desse grupo, fazem parte todos os ministros da área econômica e fora dela, além dos seus assessores diretos.

Quando acabou a leitura do relatório, o presidente compreendeu tudo. Os empresários realmente mamam nas tetas do governo, mas o ministro Deu Fim Pateto também. E isso ele não disse em sua conferência na Escola Superior dos Grandões.

O presidente tinha, porém, ainda algumas dúvidas. Mandou chamar os autores do relatório e perguntou: "Mas de onde vem todo esse dinheiro que o governo doa aos mamadores?" Um dos assessores se adiantou e respondeu rapidamente: "Dos impostos arrecadados do povo. Este, na verdade, na sua santa sabedoria, é que paga tudo."

"Muito bem" — disse o presidente. "Mas, se o povo paga tudo, ele também teria direito a mamar? Porque o povo não está na lista dos mamadores? Esquecimento, senhores"?

"Não" — respondeu o assessor. "O povo não mama, presidente, o povo só toma".

"Toma?" — perguntou o presidente. "Toma o quê e onde?"

Os assessores ficaram ruborizados, sem jeito, e nenhum deles ousou responder à pergunta.

O presidente até hoje não entendeu porque.

Ricardo Bueno

• **Nota da redação**: Esta é uma obra de ficção. Qualquer semelhança com o ministro Delfim Netto e com a palestra que pronunciou recentemente na Escola Superior de Guerra, acusando os empresários de mamarem nas tetas do governo, não passa, asseguramos, de mera coincidência.

I CONCURSO DE CONTOS ERÓTICOS DO REPORTER

Prêmios de Cr$ 35 mil para o 1º colocado
Cr$ 15 mil para o segundo
Cr$ 10 mil para o terceiro

NORMAS DO CONCURSO

1.º — Os contos devem ser inéditos;

2.º — O texto deve ter, no máximo, 150 linhas de 70 batidas;

3.º — Quinzenalmente, a partir da primeira edição de agosto, a equipe do REPORTER selecionará um conto para publicação no jornal. Os trabalhos poderão ser enviados até 30 de novembro, para concorrerem à publicação até a primeira edicão de dezembro. O autor que tiver seu conto publicado receberá Cr$ 2 500,00;

4.º — Os contos publicados serão julgados por três escritores brasileiros, a serem escolhidos pelo REPORTER. Os tres contos vencedores serão publicados na última edição de 1981;

5.º — Os leitores do jornal também terão oportunidade de votar no seu conto predileto, em cédula própria, que circulará na primeira edição de dezembro próximo. O autor do conto mais votado pelos leitores receberá como prêmio um crédito de Cr$ 10.000,00 em livros;

6.º — Os autores devem assinar seus trabalhos com pseudônimo e enviar nome completo, CIC e endereço, em envelope fechado, anexo ao conto;

7.º — Os autores cedem à MARGEM S/A EDITORA E GRÁFICA o direito de preferência para publicação dos trabalhos em livro ou em edição especial do REPORTER. Esse direito de preferência tera validade até o fim de marco de 1982 e, em caso de ser editado o livro ou o numero especial do REPORTER, os autores serão remunerados segundo a Lei dos Direitos Autorais

FÉRIAS DE JULHO

TERRORISTAS ESTÃO NUMA "NAICE"

REPORTER

AUTÔNOMO INDEPENDENTE

REPORTER

Quinzenal — De 5 a 18 de agosto de 1981 Nº 48 ano IV — Cr$ 70,00

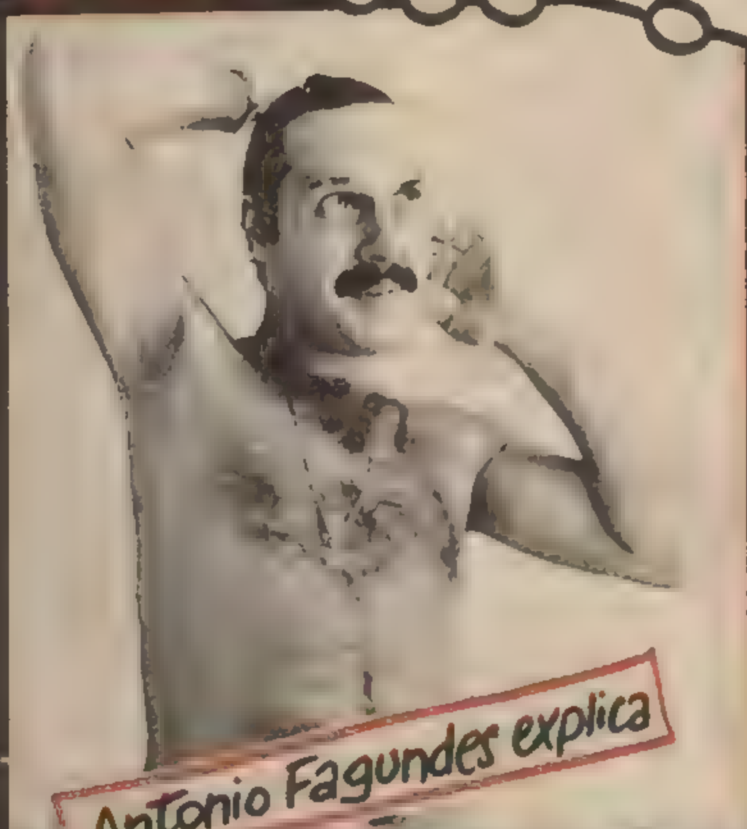
Doutrina rejeita e padres aceitam

A IGREJA E OS HOMOSSEXUAIS

ELA NÃO ATIRA A PRIMEIRA PEDRA

P.4

JAIRZINHO
Saldanha é o maior!
P.11



Antonio Fagundes explica

NOSSO REPORTER CORREU A MARATONA

O FIM DE AMIZADE COLORIDA

P.12

PROVOCAÇÃO ORGANIZADA

Basta de Farsas! Era enérgica, a nota assinada por um suposto *Comando Rubem Paiva*, dirigida ao povo brasileiro e distribuída na rua São José, centro do Rio, por um menino. Numa sacola das Casas da Banha, ele passava os 500 panfletos que "um homem gordo e velho" lhe havia entregue, com a promessa de Cr$200. O fato ocorreu pouco antes da divulgação das conclusões do IPM sobre a explosão no Riocentro. O teor da nota explicava tudo: "demonstramos que as forças populares organizadas podem enfrentar e vencer a repressão. O justiçamento que fizemos no Riocentro é apenas o início da caminhada para a implantação do Socialismo em nossa Pátria". Pincando chavões dos manifestos de grupos de esquerda, o tal "comando" compôs um mosaico que bem poderia ser atribuído ao crioulo doido, com erros de concordância, inclusive "os esbirros da ditadura militar que nos espionavam, sofreram na própria carne a ação infamante que perpetraram contra indefesos representantes da Vanguarda do Proletariado". A provocação, que procurava incriminar os grupos de esquerda no atentado e justificar a conclusão do IPM, não teria maior importância se não fosse sucedida por outras. Depois que o Exército divulgou o fim de suas investigações, nos quartéis de São Paulo começou a circular uma outra nota. Dessa vez, um *Comando Alfa* anunciando falar em nome de muitos outros grupos, militares também, proclamava inconformismo com os resultados do inquérito e convidava ao protesto. Segundo um oficial da ativa, ouvido em São Paulo, o objetivo era fazer com que algumas cabeças se levantassem para serem cortadas.

Pele já pendurou as chuteiras, mas os articuladores da reforma eleitoral ainda acreditam que "o povo brasileiro não está preparado para votar". Daí, o prestativo Tribunal Regional Eleitoral de Minas, pra facilitar as coisas, projetou a Máquina do Voto — êta trem doido, só! A bichinha tem o formato de uma pistola automática, e servirá para o "despreparado eleitor" perfurar um cartão com o número do seu candidato. A idéia, pra variar, não é original *lá nos States* já tem. Segundo o JB, 23 07 o general Golbery já encomendou um protótipo da maquininha ao Serpro. Será que é pra ir treinando? Deixe de modéstia general, de eleições o senhor manja. Afinal de contas, elegeu 5 Presidentes da República, em 17 anos

COMENTARIO POETICO·

É general na Casa Civil
e tanto governador biônico,
que não me surpreende
o Voto Eletrônico

Luís Pimentel

Uma população ativa de 5 milhões de pessoas. Aproximadamente 2 milhões delas — 1,8 milhões exatamente — estão subempregadas ou desempregadas. Os dados são de um levantamento do Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Sócio-Econômicos (Dieese) e se referem, apenas, à região da Grande São Paulo. O ministro do Planejamento, Delfim Netto, diz que não aceita pressões nem dos empresários, contra a política econômica. Imagine se os trabalhadores reclamarem. O ministro é um gozador.

REPORTER

EDITORES - Luiz Alberto Bettencourt Pos...

REPORTAGEM - Rio de Janeiro ... Lopes Francisco Viana Ricardo Bueno São Paulo Alex Sol... Chinem Recife Eduardo ... Salvador

FOTOGRAFIA — Rio de Janeiro Chiquito Chaves São Paulo ... Pastore ... Recife Valdir Afon...

ARTE - Analuce Estrella Ana Mari...

CIRCULAÇÃO Simeão Marques

PUBLICIDADE Lucília Braga (Rio) Isaias Justo Reis (São Paulo)

DEPARTAMENTO JURIDICO Luis Celso A... Eduard...

REPORTER Autônomo independente é uma publicação de MARG... EDITORA E GRAFICA Rio de Janeiro rua Miguel Couto 134, 11° Tel 253 5038/253 5077 São Paulo ... nário 155 sala 30 Tel 227 7175 Recife av Conde de Boa ... 121 gr 708 Tel 222 ...

Composição Editora Mory, rua do Resende 65 ... R...

Impressão Cavaliere Publicações Editora Gráfica Ltda Tel 231 ... Jornal Hoje) – RJ

O jornalista Tim Lopes entrou na disputa e conta que, antes de tudo, é uma viagem que dá prazer. Nos últimos metros, ele não sentia mais os próprios pés.

Um repórter na Maratona

Os corredores estão cruzando a linha de chegada. É como se viessem de uma guerra; uns não conseguem falar nada, espumando; alguns choram de pura emoção, outros riem. Há os que gritam o nome da mulher, do filho, do amigo, como último esforço. Todos exaustos, ofegantes, zonzos. As pernas perderam o comando e o corpo balança, procurando um apoio. As pessoas vão se aproximando para dar parabéns, jogando a toalha, agasalhando. Pra muitos participantes, o importante é chegar, nem que seja andando.

Falta uma hora para a largada. A área destinada aos participantes da 2.ª Maratona Atlântica Boa-Vista, no Rio, parece um padoque. Os corredores se aquecendo, pulando, pulando; cheiro de Gelol, Polmagex, pomadas lambuzando pernas. Ninguém está parado. Todos se mexendo, fazendo alongamentos, relaxando os músculos. Um procura alfinete para pregar o número, outro perdeu o cartão. Um moreno se agacha passando vaselina no meio das pernas, para evitar irritações. A corredora exibindo seus dotes, cheia de flexibilidade. O gringo dando a última amarrada no cadarço do New Balance. Tem gente calçando Books, Nike, que dão personalidade aos pés — afinal de contas, tem corredor que só respeita o outro pelo tênis, aliás, pelo sapato de corrida. Não tiro o olho do relógio. Nos pulsos dos corredores há cronômetros de todos os tipos.

"Será que eu chego?" — pergunta um; "Vou ser se consigo fazer em menos de 3 horas" — fala o outro com otimismo. "Chegar já é importante" — concorda a maioria. Eles falam de suas possibilidades e dos seus medos. Está quase na hora. Começam as despedidas, dos parentes, dos amigos, da mulher, do filho. É o começo da viagem. Até a volta!

São quatro horas. É dada a partida. Os "cobras" estão lá na frente; entre eles, Bill Rodgers, o "Pelé das maratonas". Saio devagar, para não ser atropelado, não dar trombadas. Os uniformes são vistosos, calções de nylon, camisetas com nomes de equipes, de empresas, de academias de ginástica, de escolas. Tiaras nas cabeças. Preto, branco, rico, pobre, jovens, velhos. Aquela massa humana cobrindo toda a pista, entra na Princesa Isabel, ondulando.

Os corredores vão procurando as melhores posições. Passamos pelo túnel Novo, em frente ao Rio Sul, em direção à Praça XV. A corrida ainda está confusa, cada um procurando o seu ritmo. Quando entro na pista do Parque do Flamengo, o visual ajuda. Há mais espaço para os movimentos. Aparece a enseada de Botafogo, aquela linha de gente no meio-fio, nas passarelas. Incentivando, dando força. A paisagem, o Pão de Açúcar. De cinco em cinco quilômetros, um posto de água. Um gole não faz mal. Sentir sede pode ser o fim. Passamos por baixo da Perimetral. Quase em frente ao prédio da Legião Brasileira de Assistência está a marca dos primeiros dez quilômetros. Deixo o primeiro cartão da série de três ao longo do trajeto, para controle da prova. Já tem gente com a respiração ofegante, passando por mim. O meu tempo está oscilando entre 5 e 5.5/minutos por quilômetro. Já estamos passando de volta pelo morro da Viúva, em direção a Copacabana e está anoitecendo. Entramos novamente no túnel. Um corredor que está ao meu lado se benze, quando passa em frente à Igreja Santa Terezinha. A etapa do aterro do Flamengo já está cumprida. Entro na Avenida Atlântica. No meu ritmo, dosando as energias. Um senhor oferece água, uma velhinha pede a Deus que me acompanhe. O ritmo é marcado na batida do pé, na cadência da sua passada. Os meus sentidos estão todos aguçados. Sinto o suor pingando pelo meu rosto, escorrendo pelas pernas. Intensamente vivo.

— Mantenha o ritmo, mantenha, tá bom. Mantenha o ritmo.

Um rapaz vai falando, gritando, está rouco e ainda dá força para os que passam na sua frente. Passamos pelo Rian, pelo Rio Palace e entramos na rua Francisco Otaviano. Os que estavam prevendo completar o percurso em menos de três horas estão voltando, na reta final. Duas horas e quinze de corrida. Ipanema desponta. Os prédios iluminados, a multidão no meio-fio, gritando. A rua Vinícius de Morais, o Country Club, o Jardim de Alá, se aproximando. Dobro no "Postinho", à direita, rumo à lagoa Rodrigo de Freitas. O trecho mais difícil da Maratona. Muitos ficam por ali mesmo, outros começam a ver suas possibilidades de tempo a partir daquele trecho. É ali, no meio da Lagoa, a barreira dos 30 quilômetros. Quem não treinou com determinação, não armazenou energias, terá dificuldades de continuar. É o momento que pinta o "muro". É um branco que dá e você não consegue dar mais um passo. O corredor para, chora, tenta ir caminhando. Tenta. A maratona, na realidade, é uma competição com você mesmo.

No meio da lagoa, na altura do Clube Piraquê, um corredor, na minha frente, perde as forças, o ritmo dele cai, as pernas começam a bambear, o corpo vai caindo para frente, como se estivesse querendo morder o chão. Um grupo de pessoas na beira da calçada, com gelo nas mãos, copos de água, acompanha o movimento angustiado do corredor. Estagnado. Já sem forças, o participante se estatela no chão. Quem conseguiu sair da Lagoa e chegar ao Jardim de Alá com reservas, está com chances de chegar ao final. Nessa hora, a "turma do apoio" é fundamental; é o pessoal que acompanha o corredor durante todo o percurso, dando forças, água, dizendo o tempo, quanto falta, dando coragem. É o amigo, a mulher, o pai, o companheiro, o ilustre desconhecido. Os moradores da Cruzada São Sebastião torcem também:

— Vai nessa, moreno!

Bate um vento frio quando alcanço a Delfim Moreira, em direção ao final do Leblon. Entrego o último cartão da série. A partir daí, ficam faltando oito quilômetros. Só tenho vontade de chegar. Todos incentivam, quando penso em titubear, acho que vou cair, vem um toque, uma força, aí recupero. Nessa hora lembro quando comecei a correr: pesadão, pachorrento. 90 quilos, mal aguentava correr mil metros e agora estou no fim dos 42 quilômetros. Em menos de quatro horas, comendo distância, testemunhando a minha capacidade de resistir.

Entro na Francisco Otaviano, de volta. Aparece o posto 6, o clube Marimbás e a orla de Copacabana iluminada. Último trecho; estão faltando quatro quilômetros exatamente. Tento parar e a cabeça faz zuzzzzzzzzzzzzzzum. Roda tudo, numa questão de duas passadas. Recupero o ritmo rapidinho. A máquina voltou a funcionar, thioc, thioc, thioc; o tênis está encharcado de suor. Está doendo tudo, uma dor de desafio que vai do joelho à mente. Passo pelo hotel Othon, lembro dos treinamentos e dos colegas de corrida Haroldo e Matias que, a essa altura, já chegaram, em menos de três horas e meia. Está se aproximando o Copacabana Palace, o estímulo levanta o moral. Há sempre uma palavra, está cada vez mais próximo. O foco de luz do Leme, sinal da chegada.

Chegar já é a glória

A frase dita pelo senhor de meia idade, parado no meio fio da avenida Atlântica, em frente ao Meridien, me emociona. Agora só faltam mil metros. Respiro fundo, resgato a última força. Abro as passadas, levo os braços pra frente. Me solto e não sinto mais os pés tocarem no chão, naqueles seiscentos metros finais. O clima é de festa, de recepção a heróis. Entro naquel funil bufando. Incrível correr naquele ritmo alucinante, durante quatro horas sem parar. Sinto como se estivesse rompendo uma parede de papéis de seda. Desbravando. Cruzo a linha de chegada. Solto os braços — você conseguiu! De repente parei, mas na realidade continuo correndo. Estou meio tonto, uma tonteira suave que me leva para fora da realidade. Estou extasiado. Consegui soltar por dentro de mim a armadura que me faz ter resistência. Desmonta tudo. Esse relaxamento me deixa zonzo do esforço feito. Uma sensação de euforia, de euforia mesmo.

Foto Chiquito Chaves

O repórter Tim Lopes cruzando a linha de chegada

IGREJA E

Doutrina rejeita,

Os repórteres Francisco Viana e Thais Mendonça, dizendo-se homossexuais, com problemas de culpa e vergonha, procuraram padres em diversas paróquias do Rio, para saber como, na realidade, a Igreja trata a questão.
O nome dos sacerdotes foi mantido em sigilo, porque eles não sabiam que estavam falando com jornalistas mas, por isso mesmo, seus depoimentos foram espontâneos. Eles falaram como falariam a qualquer cristão em situação idêntica. Sobre o que ouviram durante a reportagem, a conclusão dos jornalistas foi a seguinte: a prática da Igreja é muito menos preconceituosa do que sua posição oficial sobre o assunto, que é condenar o homossexualismo, como anormalidade que fere as leis naturais e a vontade de Deus. No contato direto com os supostos pecadores, a Igreja é liberal, aceita o homossexual como pessoa igual às outras e está até disposta a encará-lo como fenômeno dos tempos modernos. No plano oficial, entretanto, a abertura é pequena. Os homossexuais, embora não sejam mais vistos como criminosos, são considerados "pessoas que sofrem", portadoras de uma doença. Ainda podem aproximar-se de Deus, mas devem sublimar seus impulsos e não assumir abertamente seus desejos. Nesse caso, o arrependimento depois do ato sexual e a tentativa de auto-controle são considerados positivos para a aceitação do cristão na comunidade religiosa. Entre os próprios padres, o homossexualismo é um tabu e não existe sinal de relaxamento. Quem for descoberto é cassado por uma espécie de AI-5 interno, que o impede de rezar missas, celebrar batizados e casamentos.

O travesti *Vargem* luta por seu direito de cristão

HOMOSSEXUALISMO

padres aceitam

— Padre eu sou homossexual

Não houve nenhuma reação imediata. O padre ficou alguns segundos fitando o rosto do rapaz (o repórter), à sua frente, com perplexidade. Pegou um exemplar da Bíblia, folheou alguns páginas, tomou fôlego e resolveu finalmente falar:

— Esse, meu filho, é um problema horrível. Nos Estados Unidos, na Inglaterra, tá uma podridão de dar nojo. No dia do juízo final, tudo será destruído. A ressurreição do corpo será espiritual. O paraíso será dos que viverem para o bem.

— O senhor pode me dar alguma orientação?

Estamos numa igreja do centro do Rio. O padre é um senhor idoso, bem falante e não parece nada constrangido com o tema. A impressão de perplexidade inicial logo se dissipa e ele toma a iniciativa do diálogo, falando quase sem interrupção:

— É preciso evitar a tentação. O problema não é pensar no mal. É praticá-lo. Seu caso é o mesmo do sujeito que quer deixar de beber e vai para uma zona de botequim testar sua força. Chega lá e se embriaga. Ocorre a mesma coisa com o sexo. Se você fizesse como os padres e as freiras, se elevasse espiritualmente, acabaria esquecendo o sexo. Na clausura não penetra nada. Mas o diabo, em que muita gente não acredita, está sempre rondando. É por isso que eu digo: "Não quero nem ver o rosto das freiras". Assim, não me sinto tentado em cair no pecado. O diabo se infiltra por toda parte.

Ele faz uma pausa, volta a folhear a Bíblia. Levanta-se, abre a porta de um armário e retira um pequeno livro de capa marrom.

— É a **Imitação de Cristo.** O livro mais importante da igreja, depois da Bíblia. Abra e leia ao acaso, ensiste: abra-o.

O rapaz hesita um pouco, mas acaba cedendo. Abre na página 331 e lê:

"Filho, não te deixes levar pelos belos e sutis discursos dos homens, porque c reino de Deus não consiste nas palavras, mas na virtude".

— Esse livro — diz o padre — fala sozinho.

O livro é de autoria do cônego Tomás Kempis e teria sido escrito no século XV.

O padre se detém alguns minutos falando das vantagens da sua leitura e da sua sabedoria. Se empolga e acaba voltando ao tema do diabo, desta vez para contar a história do pecado original:

— O diabo é ardiloso. Veja: ele procurou Eva no paraíso e a induziu a convencer Adão a desrespeitar a Deus. Disse a ela: "Se você comer da maçã, você vira Deus. É por isso que Ele proibiu vocês de comê-la". E Eva procurou Adão, contou a história do diabo. Quando Cristo soube que eles tinham comido a maçã, Adão ainda tentou desculpar-se: "Foi culpa da mulher que o Senhor me deu". Veja que safado! Cristo não o perdoou. Expulsou ele e a mulher do Paraíso. E fez bem feito. O pecador tem que ser punido.

— O que eu não entendo — argumentou o rapaz — é porque o homossexualismo é pecado. Por que Deus proíbe que dois homens se amem?

— Não é amor. E Deus, para proibir, não tem que explicar nada. Ele é o Todo-Poderoso. Ele é superior. E a mesma coisa da maçã. Por que não comer da maçã? Não tem explicação. Nós estamos aqui para amar e servir a Deus. Tudo o mais é para facilitar essa tarefa. Se o desejo sexual a prejudica, vamos sublimá-lo; se ser rico prejudica nossa tarefa, vamos ser pobres; se a saúde prejudica nossa tarefa, é preferível ser entrevado.

Para teólogo, não é crime. É pecado

A posição do padre da Igreja do Centro, que também não será identificado, não é comum entre os padres, quando se trata da questão homossexual.

Feminino ou masculino, o homossexualismo tende individualmente a ser visto com certa complacência e até boa dose de simpatia, num choque flagrante entre a postura dos sacerdotes e a doutrina da Igreja, que não tem quase nenhuma flexibilidade em temas como o aborto, o divórcio, o adultério, a masturbação e o sexo antes do casamento. O homossexualismo é pecado e fere as leis divinas.

"O homossexualismo é uma aberração", sentencia o teólogo Dom Estêvão Bettencourt, 61 anos, monge do Mosteiro de São Bento.

É ele mesmo quem explica:

— O homossexualismo é pecado, porque significa a volta do homem sobre si mesmo, do ponto de vista sexual. A natureza fez dois sexos para se completarem mutuamente e gerar filhos. A relação entre dois homens não é fecunda. Por isso, é anti-natural. Daí a condenação.

Oficialmente, a Igreja não tem uma política definida para enfrentar a questão do homossexualismo. A última vez que a questão foi tratada formalmente aconteceu em 1975, quando a Congregação da Doutrina da Fé publicou um documento abordando três grandes temas da sexualidade moderna: a masturbação, o sexo antes do casamento e o homossexualismo. A intenção do documento era condenar as três práticas que, constatavam os teológos, vinham tornando-se habituais, de forma "natural e até inocente", como faz questão de frisar com Estêvão.

— Na questão homossexual — observa ele — houve uma mudança rio enfoque da igreja. Antes, o homossexual era visto como um bandido, um pecador, um criminoso. Hoje, nós entendemos que nem todos aqueles que têm inclinações homossexuais são criminosos. Há pessoas que nascem com tais tendências; outras são induzidas ao homossexualismo na infância, na adolescência, muitas vezes sem saber o que estão fazendo.

Dom Estevão Bittencourt, vice-reitor da Faculdade Eclesiástica, no Rio

Como tratar estas pessas? Elas sofrem, elas têm um coração. Nós procuramos nos aproximar delas, não para dizer: procure um companheiro, se realize como homossexual! Não. Nós propomos que elas procurem sublimar suas tendências. Que canalizem suas energias para algo que as empolgue, como a música, o esporte, as artes. O problema é que, para muita gente, o império do sexo é inelutável e não há alternativa senão dobrar-se a ele, sem luta.

Dom Estêvão faz uma pequena pausa e prossegue, sempre com a voz tranqüila:

— Eu coneço muitos homossexuais. Conheço um rapaz que é casado, tem um filho.. ele largou a mulher e o filho para viver com um outro rapaz. É incrível. Como explicar isso? É uma obsessão. Alguma coisa aconteceu com a cabeça ele. Eu não sei explicar. Só sei é que, nesses casos, nós temos que forçar um pouquinho, tentar recuperá-lo. É difícil a recuperação. Principalmente numa época como a nossa, onde o sexo está em toda parte. Antigamente, ninguém queria falar em sexo. Hoje, se não há sexo, não serve. Até numa fita de São Francisco e Santa Clara (**Irmão Sol, Irmã Lua**) tem sexo. Se não tivesse sexo, não teria valor, não teria gosto. Estamos no extremo oposto.

Uma aberração, como o fumo e a bebida

— E você, moça bonita? Estamos numa igreja de Botafogo. A repórter se apresenta com o nome de Gina e conta sua história: é casada, tem uma filha e gosta de uma amiguinha.

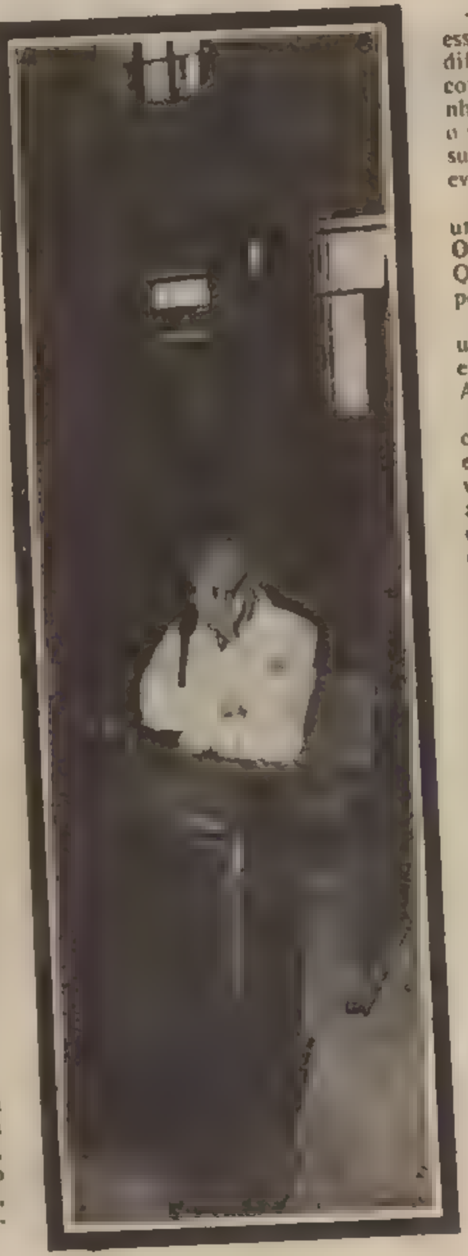
Baixinho, nordestino, a barba por fazer há dias, mais de 50 anos, o padre veste o paletó, enrola o cachecol no pescoço, coloca o boné de couro na cabeça e avisa ao sacristão:

— Vou com a moça para a sacristia.

Senta-se no sofá cor de púrpura, um pouco afastado, tira os óculos, cruza, com alguma dificuldade, uma perna sobre a outra.

— Mas você não gosta de fazer com seu marido? Ah, não? Sabe como é, o homem não pode ficar sem essas coisas, senão procura outras na rua. É uma coisa biológica, todo homem gosta de sexo — é a única vez que pronuncia essa palavra e tem um jeito especial para dizê-la, mudando o tom de voz para uma freqüência de sussurro.

Assumir sem culpas foi a orientação mais aberta



A igreja dá conforto, mas pode sublimação dos instintos

Ele diz:

— Pela lei e pela Igreja, a mulher tem que satisfazer ao homem, ela tem de servi-lo. Mas você não gosta do seu marido, não é?

— Não sinto prazer com os homens — diz ela. Sinto nojo, às vezes. As mulheres se entendem melhor.

— Sua amiga é masculina, tem jeito de homem?

Gina conta: quando ficou grávida, a amiga não gostou. Está muito tensa. O padre mexe o corpo no assento, chega mais para perto. Dá a impressão de que se sente excitado com a história, toca a moça no ombro para confortá-la·

— Não. Deus não vai castigá-la por isso — garante, recobrando o tom grave da voz. Aí, há dois lados: o psicológico e o biológico. Se você já tentou sair, se arrepende, Deus a perdoará. Isto é uma tendência. Deus jogou esse pessoal todo no mundo, cada um é de um jeito, existe também homossexualismo entre os homens. No lado psicológico, você deve esperar seu marido e atendê-lo. Senão, ele vai ficar louco, qualquer homem endoidece. Deve procurar gostar dele um pouquinho. E afastar-se da sua amiga, aos poucos, evitando procurá-la. Não precisa ficar nesse nervosismo. Se quiser, venha confessar. Então, fique aí, sentadinha. Vou te dar a absolvição.

De pé, o padre fica mais alto do que realmente parecia ser, ali, sentado na sala. Toma uma das pontas do cachecol de lã, faz o gesto da cruz, benzendo a pecadora, contrita, em posição inferior à dele.

— Que Deus perdoe seus pecados. Em nome do Pai, do Filho...

Para a Igreja, o homem tem três deveres fundamentais: para com Deus, para com o próximo e para consigo próprio. O homossexualismo, segundo sua doutrina, fere os dois últimos: os parceiros homossexuais estariam ferindo a si próprios e ao próximo. Qual é a origem dessa posição? Cristo alguma vez referiu-se aos homossexuais no Evangelho?

Dom Estêvão diz que não, mas não vê contradição no fato da Igreja condenar uma prática sobre a qual Cristo nunca se referiu em seus ensinamentos:

— Nos Evangelhos não há nada quanto ao homossexualismo. Mas a sua condenação depende de um plano mais profundo que o plano da fé. Uma pessoa que não tem fé é capaz de perceber que o homossexualismo é uma aberração contra a natureza

A Igreja não estaria indo de encontro ao direito individual de cada um dizer o que é melhor para si?

— Quem quiser, pode matar, roubar — responde Dom Estêvão. A Igreja não vai colocar a polícia atrás de ninguém, mas tem o dever de dizer o que é certo e o que é errado. Se o sujeito quer optar pelo homossexualismo, que opte, mas a Igreja vai dizer que está errado. O prazer, que muita gente usa como argumento para justificar a prática homossexual, não é critério de validade moral. Nem todo prazer é sadio. A bebida dá prazer, mas faz mal. O cigarro também.

Ele não vê diferença entre a bebida, o uso do cigarro e o homossexualismo. E explica:

— Há o argumento de que a bebida pode incapacitar o homem para a produção, o homossexualismo não. Ora, se formos raciocinar assim, vamos ter que concluir que a produtividade é critério de valor moral. O homem não pode ser avaliado pela produtividade. Há pessoas que não produzem, mas que são excelentes. No leito de um doente, podemos aprender colossalmente. E o doente não produz nada. No entanto, há pessoas que produzem, mas são destruidoras.

Conselhos: rezar e esconder da mulher

A Igreja admite que o homossexual possa ser cristão praticante?

Passa das 16 horas. Numa das igrejas da Lapa, o padre, jeitão de estrangeiro, está concentrado nas contas do livro no qual anota os pagamentos de batizados e casamentos. Aparenta pouco mais de 60 anos, fala português com alguma dificuldade e não esconde o espanto quando um desconhecido (o repórter) se aproxima dele e pede orientação para um problema particular: homossexualismo.

— Meu filho, vem muita gente com esse tipo de problema aqui. É muito difícil resolver. Alguns confessam, comungam, às vezes melhoram. O senhor não é casado? O melhor é controlar o vício, sublimar, aproximar-se mais de sua mulher. O senhor deve ler a Bíblia, evitar pecar contra as leis de Deus.

Enquanto falava, escreveu o nome de um livro numa pequena folha de papel: **O Sentido da Vida, de** Valfredo Tepe. Qual é a utilidade do livro? Em que poderia ajudar?

— Estou recomendando porque tem um sentido. O senhor vai lê-lo e vai entender porque estou recomendando. Agora vá.

A Igreja seguinte também foi no centro do Rio, perto do metrô. O padre estava acabando de celebrar a missa vespertina, quando o "rapaz" se aproximou dele e explicou o problema: estava querendo tomar uma decisão. Era casado, mas queria largar a mulher para viver com um amigo. O padre não demonstrou surpresa, apenas declarou-se incompetente para auxiliá-lo:

— Eu tenho um conhecido em Del Castilho (zona norte) que pode orientá-lo. Ele é um especialista, uma pessoa aberta.

E rascunhou o nome e o endereço do conhecido, também padre, num pedaço de papel.

— O senhor não poderia me dizer nada?

O padre não parecia apressado, mas deixava visível que a situação o constrangia:

— O senhor é ativo ou passivo?

— As duas coisas.

— É melhor procurar a pessoa que indiquei. Eu fui educado numa visão da coisa e, quando me dei conta, vi que estava tudo errado. O seu problema não tem mistério algum. Não é pecado. Tem gente que já nasce com isso. A pessoa que indiquei vai esclarecer melhor.

Gina, a repórter, teve menos sorte. Em Laranjeiras, um padre recusou-se a atendê-la fora do horário das confissões. Em Ipanema, um frade, por duas vezes, despediu-se dela, tentando livrar-se da devota que o constrangia, alegando ter alguns doentes para visitar. Finalmente, no Convento de Santo Antônio, no Largo da Carioca, conseguiu ser ouvida pelo confessor de plantão

Repete a sua história.

O padre responde·

— Se afaste desta moça.

— Eu não consigo.

O padre.

— Vai conseguir sim. Ouça. Hoje, à tarde, na missa, vou pedir por você. Vou pedir também pela sua amiga. É para que ela enxergue o caminho que está seguindo e vá pelo caminho certo. Você, que é religiosa, procure vir à missa todos os domingos. Reze. Venha se confessar.

E aconselha.

— Coragem (antes mandou que rezasse dez Ave-Marias, pensando em não mais cair em pecado).

Bem diferente foi o comportamento do padre de uma igreja da Lagoa, zona Sul do Rio, ao receber um rapaz (o repórter) que o procurou num dia de terça-feira, na parte da tarde, para tratar de uma questão idêntica à de Gina. Bem apressado, muito calmo, interrompendo freqüentemente o diálogo para atender ao telefone, que não parava de tocar, o padre não quis tratar do assunto como sendo algo pecaminoso, sequer tocou em algo do gênero rezar Ave-Marias, fazer penitência ou assistir à missa

— Sua idade?

— 29 anos

— É casado?

— Sim.

— No religioso?

— Não.

— No civil?

— Também não. Nós vivemos juntos.

— Ela sabe da sua situação?

— Não. Eu quero justamente decidir se devo contar ou não pra ela.

— Você tem filhos?

— Tenho.

— Satisfaz sua mulher?

— Sim.

— De verdade?

— Eu sou perfeitamente normal. Gosto de mulher.

— Mas gosta de homem também?

— Sim.

— Então você não é homossexual. É bissexual.

— Como o Ney Matogrosso. Só que ele pode assumir isso em público e eu não?

O padre fica momentaneamente sério.

O rapaz prossegue:

— É esse o problema. Eu não tenho culpa. Acho que minha situação é normal, normalíssima. Mas eu não posso dizer a ninguém, falar pra ninguém,

As mulheres têm que servir ao homem, diz a doutrina

Pois, se falar, vou ser discriminado. Se o senhor fosse meu pai, dificilmente aceitaria, não é? É esse o meu drama: será que minha mulher vai aceitar?

— Seu caso é difícil. Você deveria procurar um psiquiatra. Talvez ele pudesse orientá-lo.

— Mas eu não me considero doente.

— Não, você não é doente. Também não deve se sentir culpado. Você não é um pecador. O que você tem é um desvio. Alguma coisa que deve ter nascido com você. Há quanto tempo você pratica homossexualismo?

Levanta-se. Atende o telefone. Pede desculpas.

— Desde os 15 anos? Você tem uma vantagem. Pelo menos seu grau de anormalidade não é dos mais elevados. Você pode casar-se, ter filhos. É preciso autocontrolar-se. Ter força de vontade. Talvez o psiquiatra possa ajudá-lo.

— É justamente o conceito de normalidade que eu discuto.

— O homem — repete o padre — foi feito para ter relações com o sexo oposto. Relações com o mesmo sexo são anormais.

— É aí que eu discuto. Se o instinto sexual faz parte do homem, uma pessoa como o Senhor, um sacerdote, por exemplo, não poderia viver na abstinência. Seria anormal também, não?

— O sacerdote de verdade não deveria e não tem relações sexuais. Eu mesmo (diz com ar de sinceridade) não conheço mulher.

— Mas isso é normal? Pelo critério natural de que o senhor me fala, não é.

— Você está se referindo ao casamento dos sacerdotes. Veja: normalmente, as pessoas sentem dificuldades de entender a nossa abstinência. Cristo, num dos seus sermões, viu sua mãe junto da multidão e disse: "Aquele é o meu pai, aquele é meu irmão, aquela é minha mãe". Quer dizer: a família dele era a multidão. O padre também faz assim. Ele opta pelo povo. O povo, quando sente que o sacerdote é autêntico, o respeita. Eu sinto isso. Mas vamos voltar ao homossexualismo? Você deve ter tido algum desvio genético, quando ainda estava no útero da sua mãe. É uma questão delicada.

— O senhor acha que eu deveria falar para a minha mulher?

— Não. Não vejo vantagem. No meio em que você vive, as pessoas sabem que você é homossexual? Não. Então, não vejo vantagem. Poderia trazer nojo para a relação. Por que vocês não se casam na Igreja?

— Nós vivemos muito bem, sem sermos casados.

— Dizem que os casamentos fracassam. As estatísticas são realmente assustadoras, mas muita gente vai em frente. Eu conheço muitos casos.

— Nossa questão não é do casamento ser bom ou ruim. É uma opção pessoal.

— É, mas se vocês casassem, acho que daria mais solidez à relação. Você poderia ser mais auto-controlado. A responsabilidade do matrimônio poderia ser positiva para o seu problema.

A conversa terminaria aí. Houve troca de cumprimentos amigáveis e o padre se declarou à disposição do rapaz para futuros aconselhamentos:

— A Igreja não discrimina ninguém, mas não pode admitir publicamente o homossexualismo. Há quem defenda a legalização da união de pessoas do mesmo sexo. Nenhum país ainda adotou isso. A Igreja vê o homossexual como uma pessoa igual às outras. Tem o direito de ser ouvida, de ser respeitada, de ser considerada como uma pessoa normal. Mas não podemos abrir mão de um princípio: a prática do sexo tem de ser entre pessoas do sexo oposto.

Sobre sexo, o cristão não pode ser oprimido

Bispos reprimem padre homossexual

Segundo Dom Estêvão, a Igreja realmente não discrimina o homossexual, seja ele cristão ou não. Mas há condições que devem ser obedecidas:

— No caso do cristão, ele poderá se integrar na comunidade, se ele se reerguer, se não viver abertamente na prática homossexual Se alguém vive acintosamente uma vida homossexual, é claro que não pode ser integrado. Não vamos repudiar ninguém, mas vamos guardar algumas definições. Um cristão não pode ser alguém que procure a Deus e procure, ao mesmo tempo, aquilo que Deus não quer. Não pode ser alguém que viva conscientemente alimentado pelo pecado.

Para Dom Estêvão, o movimento gay e o aumento do número de homossexuais no Brasil e em outras grandes capitais do mundo têm sua origem na onda de erotismo que invade a sociedade. Na raiz de tudo, está, afirma ele, o conceito pansexualista de Freud, que define o homem como "um joguete dos instintos sexuais".

— Freud — diz dom Estêvão — professava o pansexualismo. Ora, se alguém aceita esta filosofia, dirá que, imperiosamente, deve render-se ao sexo. Dirá também que qualquer prática do sexo derivada dos instintos é sadia. E se não praticá-la, desta ou daquela forma, se tornará doente.

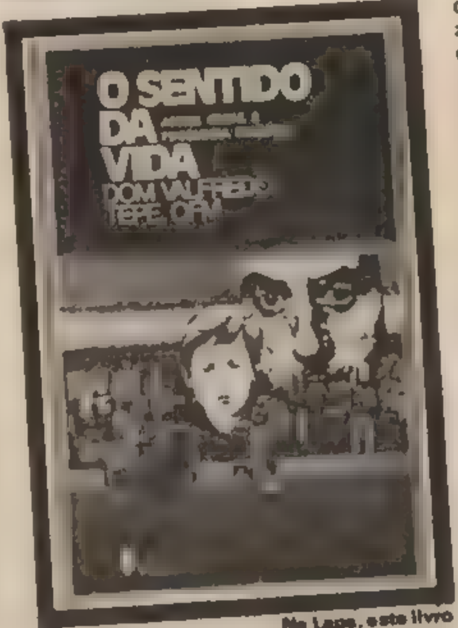
Consciente ou inconscientemente, ainda no entender de Dom Estêvão, a televisão, o cinema, enfim, os meios de comunicação social insuflariam esta filosofia de vida pansexualista, criando a onda de erotismo. Para reforçar tal tendência, contribuiria também a psicanálise, ao adotar a tática de colocar o "dedo na ferida" dos psicanalizados Posição totalmente oposta à da Igreja, que prega a sublimação ou o desvio das energias sexuais para o trabalho.

Diz Dom Estêvão:

— O que a psicanálise faz é tremendo. Quando o psicanalista diz: "Se você é homossexual, deve deixar que seus instintos se manifestem", ele está afastando o homem da luta. Está afastando alguém de lutar contra si mesmo. Está fazendo o homem de joguete. E é a isso que a psicanálise de fato reduz o homem. Diz simplesmente: "se o homem tem a dimensão homossexual, que fique nela!" A Igreja prega uma coisa diferente: quer que ele lute contra suas inclinações, para alçá-lo a uma posição de grandeza. Dizer que ele aja apenas por instintos é afogá-lo.

É uma posição que suscita críticas de todas as partes: do próprio clero e dos homossexuais. O padre de Del Castilho indicado por seu colega do centro, deixa bem claro esta tendência:

— Se você é homossexual e quer se assumir — sugeriu ele — não deve hesitar. A hesitação é fruto da dúvida e da culpa. Se você sabe o que quer, deve assumir, mas com compostura. Com decência. Não deve fazer como muitos homossexuais que eu conheço, que se desrespeitam, vivem a relatar seus casos, a contar o tamanho do sexo dos homens com quem têm relações E ele faz o gesto algumas vezes, enquanto conta o caso de um conhecido. Deus vai entender sua posição e conversará diretamente com você.



Na Lapa, este livro foi recomendado para ajudar o fiel

De todos os padres, o de Del Castilho foi o que teve posição mais clara, mais aberta e o que deixou mais bem definida a contradição que existe entre a posição dos padres e a doutrina oficial da Igreja. A conversa com o repórter se prolongou por cerca de 20 minutos, antes da missa. Muito calmo, quase didático e sem tocar em nenhum dos chavões tradicionais do gênero homossexualismo é pecado, ele disse:

— Eu fiz um estudo, certa vez, baseado em documentos da Igreja européia, nos quais se constatava que a metade da humanidade era de homossexuais ou de pessoas que tinham tendência para tal. Aí eu pergunto: quem pode atirar a primeira pedra? Em matéria de sexo, ninguém pode atirar a primeira pedra. Além disso, a Igreja não está aqui para oprimir ninguém.

Para ilustrar sua tese, ele cita o drama de religiosos homossexuais. Conta o caso de um conhecido que teve cassado o uso de ordens, o que significa ficar proibido de celebrar missas, casamentos, bati-

Uma carta pastoral sobre o tema pode ser evolução

zados, enfim, exercer qualquer atividade como religioso. E só recentemente teve "anistia", graças a um bispo compreensivo que o aceitou na sua paróquia.

— O drama do religioso homossexual é terrível. É pior do que o drama dos fiéis. A repressão é muito grande. Os bispos fazem grande pressão. Não há qualquer tolerância. E não é só a Igreja. Eu tenho um amigo protestante, também homossexual, que um dia surpreendi saindo de um hotel da Lapa. Ele chegou para perto de mim e pediu: "Olha, quando você for lá em casa, não fala nessas coisas. Se o meu pastor souber disso, me expulsa da Igreja."

Na opinião do padre, a questão homossexual não é nenhum bicho de sete cabeças; trata-se apenas de um desvio em relação à moral cristã, sem que isto signifique uma anormalidade.

— A Igreja precisa ter maior compreensão com relação a esse tipo de questão. Veja, por exemplo: o que eu posso dizer no caso do marido que tem preferência pelo ânus de sua mulher? Seria um pecado? Nós padres sentimos os problemas no confessionário e temos a obrigação de entender que o barro humano é fraco, as dificuldades são grandes. Ninguém deve meter-se na vida de ninguém para condenar.

Mudar alimentação ajuda as lésbicas

Numa igreja da Gávea, a linguagem do padre se identifica com a linguagem do seu colega de Del Castilho, embora menos liberal. Ele vê a moça (a repórter) que se declara homossexual e se apressa em afirmar que ela não deve se estigmatizar. Suas mãos magras, de ossos aparentes, se abrem e fecham em gestos redondos:

— Vergonha? A vergonha é uma ocorrência social. Ela existe em função dos outros. Perante Deus, não há vergonha.

Fala que Deus fez os sexos diferentes para que o homem se reproduzisse, mescla um discurso progressista com ingredientes conservadores e, subitamente, ataca com esta questão:

— Minha filha, como é que você se alimenta?

— Igual a todo mundo: arroz, feijão e carne.

Gosta de saladas, de doces?

E sem esperar pela resposta.

— Quando você se relaciona sexualmente, exerce o papel masculino ou feminino?

A moça afirma: é feminina, gosta de saladas e doces. Não esconde a perplexidade diante das perguntas. O padre se explica:

— Você precisa mudar a alimentação. Precisa comer coisas mais fortes, mais coisas **yang** (positivas).

É um adepto da macrobiótica. Diz que o homossexualismo está incluído no sexto mandamento: não pecar contra a castidade. Mas não parece levar isso muito a sério.

— Não pense no assunto como estigma. Existem muitas outras pessoas no mundo com problema igual ao seu.

Na missa, um homem travestido de mulher não pôde entrar

Travesti brigou pra se confessar

Oficialmente, a Igreja fala uma linguagem. Na prática, se revela mais liberal, mais descontraída e disposta a dialogar. Oficialmente, a Igreja diz o seguinte sobre o homossexualismo dentro da instituição:

— O homossexualismo dentro da Igreja tem que ser condenado (quem fala é Dom Estêvão). Muita gente procura o seminário porque não pode casar-se, quer um caminho na vida. Eu sei de muitos candidatos ao sacerdócio que procuram o seminário porque são homossexuais. Dessa maneira, pensam que poderão encobrir um pouco seus problemas. Essas pessoas não são aceitas.

O caso de sacerdotes homossexuais é mais complicado, mais difícil de enfrentar. Se, nos seminários, a questão pode ser facilmente evitada com o afastamento do candidato, no caso de a ordenação sacerdotal já ter sido feita, é impossível uma atitude drástica: ela é vitalícia. Assim, admite Dom Estêvão, tudo vai depender do bispo que terá de se "empenhar para que não haja prática homossexual"

— Nós temos uma experiência muito ilustrativa da situação do padre homossexual: é uma pessoa que vive na diocese de Volta Redonda e morre de medo dos seus colegas, todos muito conservadores, virem a descobrir que ele tem tais tendências.

Quem fala é o escritor e jornalista Aguinaldo Silva, editor do jornal **Lampião**, que circulou pela última vez este mês (ver reportagem na página 9).

— O padre era assinante do jornal e freqüentemente vinha ao Rio conversar com a gente. Ele se sentia muito isolado porque a Igreja reprime muito o homossexualismo, embora não sejam segredo para ninguém as preferências homossexuais de muitos padres. É uma atitude hipócrita.

Cabe a pergunta: diante do fato consumado, não seria mais prático a Igreja enfrentá-lo? Explica Dom Estêvão:

— Não é o fato consumado que faz a verdade das coisas. A violência, os motéis, o lenocínio, tudo isso são fatos consumados que têm se alastrado, mas não são verdades autênticas. Infelizmente, a verdade não se calcula pelo número de seus adeptos.

Entre os homossexuais, esta posição não encontra ressonância.

Um travesti, argentino, nome de guerra Vergem del Vallie, reclama da discriminação contra os homossexuais que têm de transar para viver:

— Eu vou sempre à missa, aos domingos. Nunca como eu estou hoje (e mostra os trajes espalhafatosos, a maquiagem igualzinha à de mulher), tiro a pintura e vou rezar, faço sempre isso. No ano passado, na missa do galo, o padre não queria me confessar. Eu briguei, discuti e ele acabou cedendo.

Outro travesti, Sara:

— Eu fiz a primeira comunhão vestida de menina. Desde os cinco anos sempre usei roupa de garota. Quando o padre descobriu que eu não era homem, não teve problemas: ele também era homossexual. Quando posso, eu vou à Igreja e rezo. Mas prefiro mesmo é o candomblé. Lá não tem discriminação. Eu sou filha de Iansã, a deusa do fogo. Sou do fogo.

Outro homossexual, Antônio Carlos Moreira, 23 anos, com formação universitária, também evita a Igreja:

— Não há como dialogar com a Igreja. É uma estrutura muito rígida, conservadora.

Antônio Carlos é homossexual assumido há oito anos. Quando tinha 15 anos, ele resolveu ter sua primeira experiência sexual. Rodou pela Cinelândia, centro do Rio, à procura de uma mulher, mas acabou tomando coragem e se decidiu por um homem. De lá para cá, ele tem sido sempre um militante homossexual, mas não nega que tem sofrido grandes desilusões com o movimento:

— Eu já militei em vários lugares. Nos tempos da faculdade, estive ligado à esquerda. Tentava colocar o problema, mas o pessoal fazia de conta que o problema não existia e adiava a discussão. Estive no PT (Partido dos Trabalhadores). Houve tentativa de criação de uma ala homossexual, já que tem muita gente homossexual no partido, mas a idéia não vingou. Prevaleceu a tese de que, no momento, era necessário privilegiar a organização. Estive também no Grupo Somos — Grupo de Afirmação Homossexual — que foi o mais forte do Rio e hoje está reduzido apenas a sete pessoas. No tempo que militei lá, eram mais de 90.

Antônio Carlos é cético quanto às possíveis mudanças na Igreja com relação ao homossexual, da mesma forma que não acredita numa mudança na posição dos partidos:

— Há apenas dois partidos que têm se preocupado com as minorias: um é o PDT, que está querendo discutir o assunto; o outro é a Convergência Socialista, que tem uma ala homossexual organizada e influente. Da Igreja, eu não quero nem ouvir falar.

A posição fechada que a Igreja sustenta com relação a temas como homossexualismo, aborto, sexo antes do casamento masturbação e o divórcio, evidentemente afasta os fiéis. Dom Estêvão não parece preocupar-se com esse distanciamento:

— A Igreja é a reserva moral. Os homens se afastam, mas acabam voltando, quando percebem que erraram.

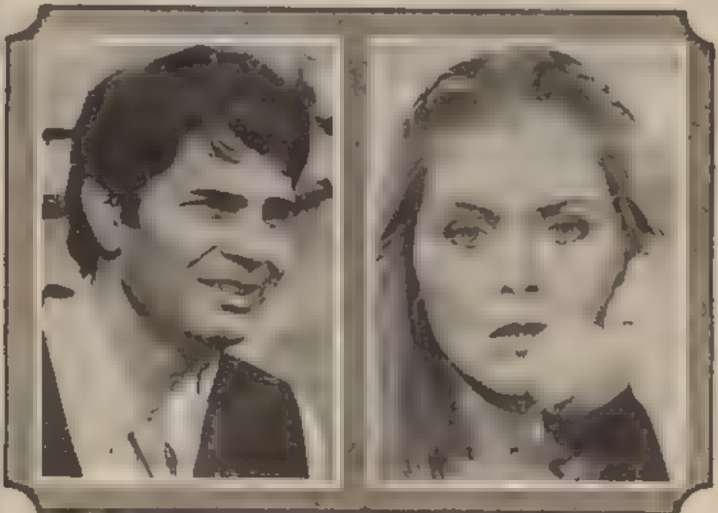
É uma postura formal que parece fadada a evoluir, mesmo que lentamente. O próprio Dom Estêvão admite que a Igreja, mais tarde, possa ter uma forma de diálogo mais concreta com os homossexuais. Algo como uma pastoral.

Reportagem de
Francisco Viana (texto)
e Thais Mendonça

PASSARELA

Jorge Segundo

Novo par



Vera

Confirmando: Tarcísio Meira e Vera Fisher farão o casal romântico da próxima novela das 8, na TV Globo. Não se pensa mais em Sonia Braga que, sem contrato com a emissora, está inteiramente voltada para Hollywood, mercado que se abriu para ela, depois de seus últimos filmes. Faz até curso de inglês.

LADY FRANCISCO

a musa da Ilha Grande

A nota sobre as bonecas pornô, infláveis, com caras de Betty Faria e Lady Francisco, publicada em primeira mão aqui nesta PASSARELA — e que deu muita matéria para a imprensa não alternativa continua dando dividendos. Betty se refere à possibilidade de vir a emprestar sua cara às desvairadas bonecas com refinada diplomacia ("Será que a pesquisa que me indicou está correta mesmo?"), enquanto Lady sente grande orgulho ("Como é bom saber que eu, uma mulher quarentona, desperto essas sensações nos homens") e um indeclinável senso comercial ("Se eu vou permitir? Tenho que conversar muito sério com esse empresário que vai lançar as bonecas"). De toda a repercussão dessa história (safada) de bonecas, uma descoberta: Lady Francisco é a musa da Ilha Grande, a do presídio mesmo! E não é só a maioria dos presos que tem a atriz como seu símbolo sexual; os home, os da lei, também alimentavam devaneios sexuais com ela. A prova: PASSARELA recebeu do sargento Joel, que serve na Ilha Grande, os versos abaixo — **Utopia**, "à minha deusa Lady". Vejam como a polícia, quando quer, é romântica!

"Tua pele, a graça de teus cabelos
enfim, todos teus movimentos, por demais felinos
tanta graça tens em teu andar charmoso
Tudo em ti é belo, é feminino

De repente senti uma louca vontade
de te sentir toda minha, cheia de paixão
eis que de repente desperto desse lindo sonho
fico triste, tudo era apenas uma ilusão

Contudo, continuei te adorando mais e mais
mesmo me sentindo no mais triste abandono
continuas em meus sonhos todo tempo
Ah! Se pudesse, jamais teria fim esse meu sono!

Esta solidão, quem sabe? Um dia terá fim
e junto a ti, bem juntinho, vou estar
te colocarei, cheio de veneração, num pedestal
serás minha Deusa... e só irei te adorar!"

Leitores votam

A eleição do **Rei da Noite** fica mais animada com os votos dos leitores. E você, que ainda não votou, mande o cupom abaixo, com o nome do seu escolhido. Para quem não estava acompanhando a votação, o **Rei da Noite**, que a gente está elegendo, vai suceder o **Carlos Machado**, que foi o grande Rei do passado no Rio. O próprio Machado, já confirmado, vai coroar o vencedor. Na última apuração, estava assim: **Chico Recarey**, 33 votos; **Ricardo Amaral**, 32 votos; **Mário Priolli**, 13; **Sérgio Cavalcanti**, 12; **Moacyr Deriquem**, 12 e **Sargentelli**, 4 votos.

De São Gonçalo (RJ), uma família inteira do Jardim Catarina manda seus cupons: o casal **Augusto** e **Lourdes Bastos** e os filhos Sérgio Murilo, Jorge, Fernando, Gustavo e Beatriz. Eles se dividem: são mais 3 votos para o Deriquem e 4 para o Sargentelli. De Copacabana, **Lurdinha Santana** ("uma sergipana badalando pelo Rio") vota em Sargentelli. De Botafogo, **Romeu Augusto Dantas** vota em Ricardo Amaral. De São João de Meriti, **Isaura Santos da Silva** e **Jane Vasconcelos** dão seus votos para Moacyr Deriquem. E o **Antonio Sperandini**, secretário do Evandro de Castro Lima, telefona para votar no Sargentelli. Continuem votando. Enviem o cupom.

MULTIDÃO

Palmas para *Dina Sfat*, no melhor dos seus papéis: como entrevistadora do general *Dilermano Monteiro*, no *Canal Livre* da TV Bandeirantes. Muita coisa que ela tinha a dizer, é verdade, ficou engasgada, presa, mas na hora da explosão fez o discurso mais bonito do programa. Apesar do medo que, declaradamente, continuou sentindo diante do general. * *Anselmo Vasconcellos* foi homenageado, com queijos e vinhos, pela *Spot Light*, agência que cuida dos negócios do ator. A torta foi pelo primeiro prêmio que ele recebeu, no Festival de Cartagena, pelo trabalho no filme *República dos Assassinos*. * O *Rock Horizonte* continua enchendo estádios em Belo Horizonte. No último, Raul Seixas, Jorge Ben, Moraes Moreira, Diana Pequeno, Roupa Nova. *Willer Butika*, o promotor dos concertos, já pensa em espetáculos iguais no Rio e SP. * *Paulo Gracindo* teve a maior consagração que Alagoas já tributou a um artista. Todas as personalidades do Estado e o povo foram mobilizados numa semana de festas, comemorativas dos 50 anos de carreira do ator. Puxando os aplausos da grande platéia, o governador *Guilherme Palmeira*. Gracindo até chorou. Não esperava tanto realce à sombra dos coqueirais.

*** Correspondência para passarela: *Jorge Segundo* — Rua Djalma Ulrich, 110 — CEP: 22071 — Copacabana, Rio.**

Um cantor na moda

Tabela de Fábio Jr.

O ator e cantor Fábio Jr. está cobrando 800 mil cruzeiros para fazer show fora do Rio e São Paulo. Isso além de mais 20 passagens de avião, hospedagem e pagamento de 60 cruzeiros por cada quilômetro rodado pelo caminhão que leva instrumentos e equipamento de som.

O [illegible] também já tem seu *Menino do Rio*: *Ricardo Graça Melo*, 19 anos, filho mais velho de *Marília Pera* (com Graça Melo, já falecido). Ricardo é o personagem central do filme que Antônio Calmon está dirigindo: um adolescente que sai do interior e se defronta com a magia, com os horrores da cidade grande. O filho de Marília se esforça para vencer sozinho, sem a ajuda da mãe: "Não quero empurrão. Evito, inclusive, de sair com ela, para não me beneficiar da sua fama."

REI DA NOITE

Voto em: ____________________

____

Nome do eleitor: ____________________

____

Endereço: ____________________

____

Em 9 jogos, a pior equipe da 1ª divisão pernambucana

ESTE TIME LEVOU 51 GOLS E SO' MARCOU UM

O ibis Zuca, tecnico, é o gordo com prancheta na mao. Ozir, presidente, está com a criança. A única bola do time furou e nao houve treino

Vava começou no Ibis e Rildo, aquele lateral do Botafogo e da seleção, foi ate reserva. Hoje, ele tem apenas um torcedor, e salvo pela participação nas rendas do campeonato nacional e por não ter que pagar nem bichos. Perde sempre. Para compensar as injustiças do tribunal esportivo do Estado, o presidente falsifica a identidade dos jogadores punidos e eles entram em campo.

Pode um clube de futebol profissional disputar o campeonato da primeira divisão do seu Estado sem ter uma sede, sem ter campo proprio para treinar, sem ter um sócio sequer e nem mesmo uma torcida? Pode existir um time de futebol profissional em que nenhum atleta receba um tostão para jogar, apesar de ter a carteira assinada e um contrato registrado na Federação?

No Brasil, pode E um dos exemplos é o Ibis, o pior time de futebol profissional da 1.ª divisão do campeonato pernambucano. No primeiro turno do campeonato, encerrado mês passado, o Ibis levou 51 gols em nove jogos e so marcou 1, fechando o turno com 18 pontos perdidos e nenhum ganho

Mas uma campanha desse tipo não chega a ser novidade. Desde 1945, quando passou para a primeira divisão do campeonato pernambucano, o Ibis sempre foi um dos times que disputavam a lanterninha. No inicio, as coisas caminharam melhor, porque o time pertencia à Tecelagem de Seda e Algodão de Pernambuco, seus jogadores eram profissionais de verdade e havia um campo para treinamento. Depois, em 1958, a fábrica perdeu o interesse em continuar mantendo o time — que só continuou existindo graças à persistência de um funcionário da empresa, *seu* Ramos, que tornou-se presidente do clube

"O Ibis é a herança que meu pai me deixou" — diz Ozir Ramos, atual presidente (melhor seria dizer dono) do clube. "O velho lutou a vida inteira para manter o Ibis e eu não vou deixar a herança de lado A gente luta com todo tipo de dificuldade, não recebe subvenção, nem ajuda de ninguém, mas vai levando É como se fosse um vício, uma cachaca. E meus filhos já estão pegando a doidice Esse aqui aponta para Omar — é médio volante, o Junior é meia direita e o goleiro do time juvenil também é meu filho" — diz Ozir

Para provar como é árdua a sua batalha, Ozir, dono de uma pequena e velha gráfica no Recife, mostra ao repórter os borderôs dos jogos do primeiro turno A maior renda foi no jogo com o Santa Cruz — Cr$ 219.900, dos quais o Ibis recebeu Cr$ 32.201 Os jogos com o Sport e com o Nautico também deram um saldo positivo para o Ibis, mas, nos outros seis, o prejuízo foi grande, principalmente quando o compromisso era no interior e o clube tinha que alugar ônibus e pagar a alimentação dos jogadores

Silva, lateral direito, o jogador mais antigo do Ibis — seis anos — conta outra história: "No campeonato, o Ozir tem prejuízo, mas quando chega o Nacional, nós disputamos o classificatorio e ai a receita é garantida Este ano, cada time vai receber dois cruzeiros por ingresso vendido e não precisará pagar a despesa. No ano passado, o Ibis faturou mais de um milhão Quer dizer, o time é um ótimo negócio, porque não paga os jogadores e, como a gente ganha raramente ou empata um jogo tambem não tem bicho."

Outra grande reclamação do presidente do Ibis é contra as arbitragens: "No ultimo jogo contra o Sport, o juiz era o Cantalice Antes de começar a partida, ele foi fazer a preleção para os jogadores e, na maior cara-de-pau, ameaçou: "O Jogador do Ibis que encostar num do Sport eu boto prá fora". Ozir conta, ainda, que, num jogo contra o Santa Cruz, o tempo regulamentar terminou e o placar indicava 2 a 2. "Pois não foi que o juiz continuou o jogo por 15 minutos, ate o Santa Cruz marcar o terceiro gol?"

Para ele, de nada adianta reclamar no tribunal de justiça esportiva do Estado: "É gastar tempo e dinheiro à toa. Esse é o tribunal mais desmoralizado da face da terra Jogador de time grande so recebe multa de Cr$ 40,00, enquanto nossos atletas são suspensos por quatro, cinco partidas. Meu filho Omar está suspenso quatro jogos, por uma bobagem"

Silva, o lateral direito que é o terror dos atacantes pernambucanos — "Dario, perto de mim, não pegava na bola" — confirma a desonestidade dos juízes e do tribunal pernambucano, mas diz que Ozir quase sempre dá um jeito: "O homem tem uma gráfica e, como nossos jogadores não são conhecidos, quando um titular é suspenso, ele entra no jogo seguinte com os documentos do reserva Eu mesmo já recebi seis cartões amarelos nesse campeonato e não deixei de disputar nenhuma partida"

E assim, o Ibis, nome do pàssaro sagrado da deusa Isis, no antigo Egito, continua sua sina de eterno perdedor Nem por isso, entretanto, deixa de ter suas glórias, como o fato de ser o time no qual o bicampeão do mundo Vavá deu seus primeiros bicos a gol. E onde Rildo, o lateral-esquerdo do Botafogo e da seleção, era barrado

Para Ozir Ramos, a questão é de poder: "Se eu fosse o Vicente Mateus (do Corinthians), o Ibis estava lá em cima"

TÁTICA É A DO PASTEL:

Atacar em massa e defender em bolo

Ivanildo, zagueiro, levou porrada e saiu de maca

Jose Olivio da Silva — o Zuca — e o novo técnico do Ibis, contratado para ajudar a melhorar a campanha do time no segundo turno. Zuca policial lotado na delegacia de crimes contra o patrimônio, comecou no futebol em 1946 e o orgulho do seu currículo é um campeonato na categoria de aspirante, levantado na década de 50 Como todo o time do Ibis não é muito versado nas novas taticas do futebol, no vestiário (não houve concentração), antes do jogo com o America ele recomenda aos seus pupilos: "Não quero ver bola na nossa area Vamos segurar o time deles nos primeiros quinze minutos, que eles ficam nervosos e aí é mais facil Olha o pensamento positivo."

Ao reporter, curioso em saber a tatica a ser empregada, Zuca explica que, "como o campo do America é muito pequeno, não vai dar para adotar o esquema tatico que nos temos treinado " E brinca, contando a tatica da pastelaria: "O negócio é atacar em massa e defender em bolo

Os jogadores estão no vestiário, uma sala quente como o diabo onde, alem da tábua de massagens, so ha duas latrinas e três chuveiros O cheiro de balsamo benguê que o massagista fricciona nas pernas dos atletas impregna o ar. O repórter pergunta a Zuca a escalação do time e, estranhamente, ele chama Omar o medio-volante, filho do presidente Ozir — para ler a relação Ivanildo I, Silva, Ivanildo II, Hélio e Amaral; Vicente, Beto e Toinho Fael, Fausto e Valdisio São dois soldados da PM, quatro estudantes, um funcionário público estadual, um relações publicas, um serralheiro, um professor de educacão fisica e um vendedor de material de segurança para construção. No banco de reservas há mais dois PMs, um estudante, um corretor de imoveis e um manequim profissional

Os soldados da PM reclamam do repórter: "Bota aí que eu sou estudante, esse negocio de PM não dá". Diante da curiosidade que a atitude provoca, eles esclarecem que estão no Ibis como trampolim para um time melhor, mas que, em geral, os torcedores e, mesmo os dirigentes não gostam de ter soldados da PM nos seus clubes "Sabem como é — diz o goleiro Ivanildo — tem muito soldado que faz o que não deve, e aí todos ficam marcados. Depois, tem gente que acha que PM dá azar"

O jogo vai começar. O Ibis entra em campo, forma no meio e sauda a torcida. Tem umas cem pessoas no estadio e nenhum torcedor do passaro sagrado. Onde estara seu Chico, o motorista de táxi que não costuma perder um só jogo do Ibis? Ele é o único torcedor do time e de tão fanatico, já conseguiu ser expulso do estadio pelo juiz, cansado de ouvir sua mãe ser ofendida Ozir conta que, nesse dia, o juiz chamou o chefe do policiamento e mandou expulsar "aquele cara". O policial perguntou: "Qual dos dois, o repórter que esta na cabine ou torcedor?" Era o seu Chico

Começa a partida e bola na área do Ibis O campo é realmente pequeno, de forma que a tatica de pastelaria funciona. Onde vai a bola forma se um bolo de jogadores e o pau come solto, principalmente no setor esquerdo do ataque do América, onde um ponta habilidoso não consegue passar pelo Silva Falta contra o Ibis O atacante do America cobra, a bola bate na barreira e vai a escanteio Zuca esta nervoso no banco, grita pra marcar em cima, todo mundo atras Mas dessa vez não deu, o centro é escorado de cabeça pelo ataque do time da casa, dentro da pequena área do Ibis. Gol do América

"Levanta a cabeça", grita o Zuca O Ibis vai ao ataque e Fausto completa de primeira para a defesa do goleiro americano. O jogo esquenta. Bola centrada sobre a area do America, o bandeira assinala alguma irregularidade e piiii, o juiz dá o pênalti Pênalti a favor do Ibis. Tensão no time, que perdeu um pênalti na última partida Agora tem de novo a chance de marcar um gol, o segundo do campeonato. Vicente corre pra bola e chuta Goleiro prum lado e a pelota entra no outro: é goooool do Ibis

O jogo segue, está equilibrado, o América que e, afinal, o quarto time de Pernambuco, se descontrola e não consegue ameaçar o gol do Ibis Termina o primeiro tempo. No vestiário, Zuca esta contente com seus jogadores: "E assim que eu gosto, moral alta, todo mundo correndo". Pinta uma discussão entre dois jogadores, um acusando o outro de chupar o sangue, o treinador intervem: "Que é isso, não vamos quebrar a corrente, calma que, se continuar nesse ritmo, vamos levar uma vitoria, se Deus quiser"

Os jogadores estão mais animados, mas o diabo da água mineral que eles pediram não chega Silva promete ao repórter: "Você vai ver, vou tirar aquele ponta de campo", e ri um sorriso simpatico

O jogo recomeça e, logo nos primeiros minutos, pênalti contra o Ibis. Atrás do gol, um torcedor americano aposta uma cerveja como o atacante vai perder E ganha a aposta: o goleiro Ivanildo faz sensacional defesa Cresce o entusiasmo, mas cresce demais e o PM Helio, quarto-zagueiro, e expulso, aparentemente de graça. O reporter vai esperá-lo fora do campo e pergunta o que houve: "Eu cuspi na cara de um deles, o juiz não viu mas o sujeito reclamou e ele me botou pra fora"

Aí não dava mesmo pra segurar e o América acaba fazendo mais dois gols. Até que o resultado não foi ruim No primeiro turno, a derrota foi de seis. Zuca concorda e elogia seu time: "E assim que eu gosto de perder: lutando". Os jogadores também não se incomodaram com a derrota. Afinal, eles estão ali porque gostam de jogar futebol e, quem sabe, pode aparecer um olheiro de um time grande pra descobrir um deles Já aconteceu antes: em 72, o time inteiro foi pra Portugal e muita gente se deu bem

Reportagem de Eduardo Homem
Fotos Glede Selma

SALDANHA É O MAIOR!

JAIRZINHO

Foto Chiquito Chaves

Em 1970, suas arrancadas pela ponta (ou pelo meio) eletrizaram o Brasil. Jairzinho, ponta-direita do Botafogo foi uma das sensações da seleção brasileira que se tornou campeã mundial no Mexico. Quatro anos depois do fracasso da seleção dirigida por Zagalo, na Alemanha, ele foi vendido, pelo Botafogo, para o Olimpique de Marselha (França) Com 30 anos, Jairzinho era considerado por muitos um jogador acabado

Sete anos depois, apos ter jogado na França, Venezuela, Bolívia etc ele retorna ao mesmo Botafogo, como a grande esperança de gols de um time que há muito tempo não conquista títulos. Com 37 anos, o Furacão acha que ainda tem fôlego para jogar por muito tempo, incomodando as defesas adversarias com sua técnia e impetuosidade

Fora de campo, o Furacão não justifica o apelido. É um homem cauteloso. Antes da entrevista para o REPORTER ser iniciada, foi logo dizendo: "Só falo de futebol. Fora disso, não digo nada. Vocês têm de compreender que sou funcionário do clube e não quero criar problemas. Tenho de pensar na continuidade da minha carreira" Quando o gravador foi ligado, Jairzinho cumpriu a promessa. Só falou de futebol. E disse até algumas coisas interessantes.

Copa de 70 — Pra mim, quem ganhou a Copa de 70 foi o João Saldanha e não o Zagalo. O futebol brasileiro estava muito por baixo, por causa da Copa de 66, e foi o Saldanha quem nos deu moral. Ele é o maior técnico do Brasil. Os jogadores adoram esse homem. Dando instruções, ele age da mesma maneira que comenta um jogo

Copa de 74 e depois — Os europeus nos surpreenderam em 1974. Além disso, foram beneficiados pelas arbitragens Depois de 74, que foi uma copa muito mais violenta que a de 70, os homens que estavam no comando do futebol brasileiro buscaram uma forma de fazer que ele fosse mais veloz e mais corrido, se esquecendo da parte técnica Eles aprisionaram a parte técnica, a habilidade do jogador brasileiro. Aí nosso futebol decaiu.

França 1975 — O presidente do Olimpique era um homem de uma visão tremenda. Ele trabalhava como um homem de promoção, lidando com jogadores de futebol e com pessoal de cinema. Ele passou a convidar o Alain Delon para assistir jogo de futebol e Jairzinho para assistir lançamento de filme do Alain Delon. Os presidentes de outros clubes ficaram enciumados Aí começou perseguição em cima de mim, porque, dos jogadores sul americanos que estavam na França, eu era o cara que estava metendo mais gols. Num jogo com o Paris Saint Germain, eu já tinha voltado para o vestiário e já estava me preparando para ir embora, quando recebi a notícia que um dos bandeirinhas havia dito que eu tinha agredido ele, depois que terminou o jogo. Isso não foi comprovado nem por fotos, nem por video-tape, nem por nada O próprio delegado de linha testemunhou a meu favor Mas não teve jeito. Peguei 1 ano de suspensão. Fui embora da França.

Brasil, 1981 — O futebol sempre foi bruto, viril e ainda não vi nada de alarmante no futebol brasileiro, em matéria de violência hoje em dia Alguns jogadores são desleais e têm o propósito de aniquilar o seu companheiro de profissão, mas isso sempre houve. Eu quebrei o pé duas vezes. Uma vez foi o Oldair a outra o Moisés, um cara de quem eu não gosto porque tentou me assassinar. De maneira geral, o sul-americano é mais malicioso do que o europeu, entra para quebrar mesmo, para aleijar. Nos jogos, parece que os europeus são mais desleais, mas eles sempre disputam as jogadas embaixo. Aqui, no futebol, o cara vai sempre um gomo cima da bola, sempre no tornozelo, no joelho do cara A bola está no chão e o cara tá indo no teu peito

Craques — Garrincha e Pelé foram os dois maiores jogadores de todos os tempos. Não sei quem foi melhor, pois os dois não jogaram na mesma posição. Garrincha, no auge da sua forma, foi um ponta direita melhor do que eu no auge da minha forma. Ele fazia tudo certo.

Dirigentes — Nunca joguei obrigado por um dirigente, mas já entrei em campo machucado, para não deixar os companheiros na mão. Dirigentes meus amigos? Não tenho amigo dirigente

Seleção brasileira — O Telê está realizando um trabalho muito bonito, com o rodízio entre o Zico, o Sócrates e o Cerezo (o ponta de lança mais fixo). Voltar à seleção brasileira? Sinceramente, não sonho com isso

O futuro — Quando acabar minha carreira de jogador, vou continuar no futebol como treinador. Já recebi várias propostas do exterior.

Ricardo Bueno

Jogadores avisam:

TÉCNICO DO FLAMENGO TEM QUE SER DEMOCRATICO

A direção do Flamengo demitiu repentinamente o treinador Dino Sani alegando que ele usava métodos autoritários para lidar com os jogadores A demissão, que surpreendeu a todos, teve como estopim aparente a substituição do zagueiro Mozer no jogo contra o Serrano Mozer rebolou duas vezes e foi substituído A imagem que a direção do Flamengo procurou vender era que Dino (há 4 meses no cargo), tinha um péssimo ambiente entre os jogadores, devido a suas atitudes intempestivas

Mas, a julgar pelo que dizem os jogadores, isso não passa de conversa fiada O REPORTER esteve na concentração do Flamengo no dia seguinte à demissão de Dino Sani e constatou que ele era muito estimado pelos craques do time rubro-negro O que os jogadores mais apreciavam, em Dino, era sua franqueza. Ele discutia abertamente suas atitudes e sabia voltar atrás quando ficava convencido de que cometera um erro

Essa sinceridade, rara nos medrosos treinadores que dominam atualmente o futebol brasileiro, punha os jogadores do Flamengo muito à vontade com Dino e sua saída deixou o time cabisbaixo e bastante desanimado para o jogo com o Olimpia, pela taça Libertadores da América Segundo o lateral esquerdo Júnior, titular do Flamengo e da seleção brasileira, "o Dino era um cara fabuloso, fora de série mesmo, muito querido pelos jogadores. Mas ele já tinha comentado que, em futebol, está dando cada vez menos para o treinador agir com sinceridade"

Para o lugar de Dino entrou o ex jogador Paulo César Carpegiani, que, segundo Júnior, é muito estimado pelos jogadores e um homem dado ao diálogo Aliás — diz o lateral — treinador, no Flamengo, que não conversar com os jogadores e não discutir suas decisões, dificilmente sobrevive, pois eles já estão acostumados a isso "Desde o Coutinho que é assim O Coutinho era um treinador democrático, que explicava suas decisões, conversava muito com os jogadores. Um cara espetacular Acho que com o Paulo César também não teremos o mínimo problema"

Ricardo Bueno

UMA COLUNA DE FUTEBOL

FOLHA SECA

Luiz Alberto Bettencourt

Atenção, *treineiros:* a torcida quer gols!

Pra mim, o fato mais importante — e novo — dos últimos meses, no futebol brasileiro, foi a festa que a torcida do Fluminense fez ao Nelsinho, que deixou o clube desgastado com críticas de alguns diretores ao seu trabalho.

O time não ganha nada há meses, mas a galera entendeu que a culpa não era do treinador e o apoiou. Na verdade, acho que foi dado um recado: a torcida quer futebol ofensivo e prestigia os profissionais que adotam, na prática, a tática que leva aos gols. Nas entrevistas, todos os "treineiros" (que dão treinos) jogam no ataque. No campo, é aquilo que temos visto — até o Carpegiani, que se inicia no ramo numa situação conturbada, tira um ponta (Baroninho) e bota um beque (Carlos Alberto), quando precisava ganhar a partida contra o Olímpia no Maracanã.

Com Nelsinho, o Fluminense sempre jogou pra frente mesmo. Foi um time alegre, brasileiro.

Chega de retranca e 0x0. Quem não entender isso, será discriminado pela massa.

Torneio sem sentido

Como sempre, não é boa a participação dos clubes brasileiros na taça Libertadores da América. Escrevo depois do jogo do Atlético com o Olimpia, do Paraguai, atual campeão mundial, em Belo Horizonte. A impressão que se tem é que os próprios jogadores não vêem sentido na disputa e o treinador Carlos Alberto Silva achou que um a zero já era ótimo. Tirou Palhinha — cansado — e pôs um armador, o De Rossis, com a missão de atrasar a bola para o goleiro (?). O Atlético podia ganhar de três ou quatro, mas jogou sem motivação.

O Flamengo, que atribui importância à desastrosa competição e quer ser campeão mundial, talvez para reforçar o "marketing" do centro comercial que vai construir na Gávea, demitiu o técnico no dia do jogo e perdeu um ponto em casa.

Para Éder ler

Meu caro Éder: confesso que seu futebol demorou a me convencer. Na seleção, ainda prefiro o Zé Sérgio, acho que ele é mais parecido com o ponta dos meus sonhos, que conheci cedo, nos jogos do Botafogo, ainda na década de 60. Ele abre o ataque brasileiro, penetra por um setor mais vulnerável da defesa adversária. Mas você ganhou o lugar na bola, por seu empenho, talento e por um chute fabuloso. Não jogue tudo fora. Em quatro partidas na Libertadores, você levou quatro cartões amarelos absolutamente justos — e mais um vermelho que, aliás, já podia ter pintado no primeiro jogo em Assunção. Nós sabemos que você é homem, Éder. Macho gaúcho. Não precisa dar pontapé a toda hora, sem necessidade, pra provar. Além do mais, você tem dado uma de inexperiente, de malandro otário: bate na frente do juiz, com estardalhaço.

antonio fagundes

Oito da noite. É a hora em que Antonio Fagundes atende repórteres, roteiristas e dramaturgos que o procuram. Nos bastidores do teatro de São Paulo, onde está co-produzindo e interpretando *O Homem-Elefante*, Fagundes marca encontros com muita gente ao mesmo tempo. Quando chego, está no telefone, mas não demora. Me recebe de bom humor, roupa esportiva, tênis. Me leva até a tesouraria pra conversar. No meio da conversa, dá uma entrevista por telefone, é procurado por um repórter do interior (muito humilde), por um fotógrafo muito bem equipado da revista *Homem*, pelo cineasta Hélio Porto. Depois do *Amizade Colorida*, tornou-se uma estrela. Não no sentido fresco da palavra. Ficou famoso. Mas, bem antes desse programa, tudo já vinha dando certo pra ele. O que fazia, virava sucesso. Foi assim com o filme *Gaijin*, no qual fazia o papel masculino principal. Filme premiadíssimo. A novela que fez, *Dancing Days*, foi a de maior Ibope de todas as novelas da Globo. Agora, num mês péssimo como julho, todo mundo sem dinheiro, consegue lotar um teatro em São Paulo — pequeno, é verdade — todas as noites.

No camarim, mostro a ele o REPORTER n.º 48. Vê imediatamente o nome de Hugo Carvana na capa e repete em voz alta o que está escrito:

— Valdomiro Pena vai mor[redacted]..

Sim, mas só daqui a um ano — aviso. E Fagundes, incrédulo:

— Vai ficar até o ano que vem?

Ligo o gravador, aviso que a entrevista já começou.

Vamos falar de "Amizade Colorida." Por que acabou?

— Não sei, esse é um negócio que a gente nunca sabe, sabe como é? Oficialmente, a gente nunca acaba sabendo. Porque quem determina essas coisas é a Globo, né? Como eu não sei, até hoje, porque parou "Carga Pesada" também. não é? Então, a gente nunca sabe. Mas eu calculo que tenha sido alguma coisa com a censura.

Foi depois do abaixo assinado das senhoras de Santana

— Eu não acredito no abaixo-assinado... eu não acredito que cem mil pessoas sejam alguma coisa representativa no Brasil, que tem 120 milhões de habitantes. Mas eu acredito que aquilo tenha detonado um processo qualquer, né, que tenha levado a Globo a tirar o programa do ar ou até a se interessar nisso.

O que a censura vinha cortando no "Amizade Colorida"?

— Nada de significativo. A gente não pode esquecer, nunca, que a televisão é alvo da censura. O simples fato de ser uma concessão do governo já implica numa censura, pô. Ou seja: se você colocar no ar algo que não interessa ao Sistema, o Sistema corta a concessão

Por que logo o "Amizade Colorida"? Uma coisa leve, descompromissada

— Essa é uma pergunta que eu acho que todo mundo faz... É natural que o governo, que o Sistema, se preocupe com a televisão, porque é um veículo de penetração muito grande. A televisão não inova, no sentido de trazer idéias novas. A não ser pra uma criança, realmente. Mas eu digo se, por um acaso, alguma senhora, que esteja interessada em preservar o seu filho da "mensagem nociva" que a televisão possa estar fazendo, é simples mudar de canal, desligar, simples até exercer a repressão dela sobre a família dela. Agora, não é justo — isso é um problema de justiça — que uma senhora queira que cem milhões de pessoas sejam reprimidas.

Como aconteceu o fim da série? Como vocês foram comunicados?

— Em princípio, o programa ia parar — como todos os seriados pararam — em julho. Nós tínhamos programas gravados até o fim de junho e o programa ia retornar em agosto. Nós íamos ter folga em julho. E, aí, fomos comunicados que o programa não ia continuar. Isso no fim de junho.

Sem nenhuma justificativa? E como ficam os contratos de vocês?

— Bom, eu sou contratado. Inclusive, gostaria de aproveitar o ensejo e agradecer às senhoras, porque eu tô de férias até o fim do ano. Se foram elas as responsáveis

Que exigências você faz num contrato com a Globo?

— Não faço nenhuma. Porque acredito na capacidade empresarial da Globo. Se ela me contrata pra ser protagonista de um seriado e não quiser botar meu nome, deve ter as suas razões. Se bem que ela será burra, se não colocar. E ela não tem sido burra, ela coloca meu nome. Mesmo porque grande parte do meu nome eu devo à TV Globo. Foi feito lá dentro.

Você tem feito bastante anúncios?

— Não, não costumo fazer muito comercial. Na verdade, a única coisa que sobra no comercial é o cachê. Não te acrescenta nada. Ao contrário: estão usando uma imagem que você já criou. Mas, ultimamente, tenho feito alguns. Acho que é a nossa profissão. Nossa profissão é isso. É fazer comercial, cinema tv, circo, rádio... Rádio eu gostaria muito de fazer. Qualquer coisa, um programa qualquer, bater papo, entrevista É um negócio que eu adoraria fazer. Porque o rádio tem uma penetração muito maior que qualquer outro veículo. Se alguém quiser me contratar, tô a fim

Mas escuta: eu queria falar mais de "Amizade Colorida".

— Se você dissecar Amizade Colorida, você vai chegar à conclusão de que era o programa mais moralista e mais ingênuo da televisão nos últimos 15 anos. Porque, por mais chocante que pudesse ser uma relação sentimental entre homem e mulher, ela era apresentada sempre sob o ponto de vista cômico, de forma muito bem humorada e sempre com uma crítica muito grande a esse tipo de relação. O programa não propunha a revolução dentro do casamento, a destruição do casamento como instituição. O que propunha era a perplexidade de um personagem diante de uma relação cada vez mais difícil, num mundo cada vez mais difícil de se viver..

"Amizade Colorida" significa amar duas ou mais pessoas ao mesmo tempo, não é? Mas o programa nunca mostrou isso.

— Amizade Colorida é menos do que isso e... mais do que isso. É menos do que isso, porque é uma relação descompromissada. Mas não implica em que deva ter duas ou três pessoas ao mesmo tempo. Nós fizemos 11 episódios e nenhum deles tinha essa característica. Amizade Colorida foi um termo que tava no ar e a Globo pegou. Um termo interessante, que provoca discussões. Ou seja: é um produto ideal pra ser consumido. Como Dancing Days. De repente, alguém pergunta assim: por que uma novela se chama Dancing Days? E não Dias Dançando? Porque Dancing Days é uma coisa que, nós íamos saber depois, quatro meses depois, ia ser a última novidade no país com o boom das discotecas. A TV Globo simplesmente se apropriou de uma coisa que já estava no ar e jogou numa novela, que foi o maior sucesso comercial. Exatamente porque entrava de sola nesse tipo de consumo. Vendeu meinha, sapatinho, discos, promoveu discotecas e fez o diabo. Depois, veio Água Viva. Água Viva, o que era? Era windsurf. Eu nunca tinha visto windsurf antes da apresentação da novela. A TV Globo, como qualquer televisão que se propõe a fazer um trabalho sério, dentro do sistema em que ela tá trabalhando, faz isso mesmo: pega coisas que estão no ar e joga, como Amizade Colorida. Fizemos apenas 11, podíamos ter feito 30 e em alguns desses, talvez uma vez o personagem poderia ter quatro, cinco amizades coloridas de uma só vez. Mas não era essa a base do programa. Acima de qualquer coisa, Amizade Colorida era uma comédia urbana.

Como as pessoas dentro da Globo reagiram ao fim do seu programa?

— Eu prefiro encarar a saída de Amizade Colorida como uma coisa que foi boa pra empresa pra qual eu trabalho, não como uma atitude da censura, sacumé? É claro que é extremamente desagradável quando qualquer trabalho é retirado pela censura... é ruim, faz mal, deve ser combatido... Nós estamos, inclusive, agora, a classe teatral inteira, brigando com a censura, porque ela tá surgindo novamente, não só em programas de televisão, como em teatro, cinema, voltou tudo. É claro que a gente tá se movimentando contra isso. Mas é o tal negócio: acho que quem deveria brigar, nesse caso específico, é a TV Globo

Como é a história dos fãs? De "Carga Pesada" pro "Amizade Colorida" mudaram os seus fãs?

— Muda, muda. Normalmente, a televisão tem um tipo padrão de fã. Mas, dependendo do programa que você faz, você acaba atingindo outras faixas. Com Carga Pesada, acho que atingi um público que não acompanha normalmente televisão: chofer de táxi, garçom

Você recebia cartas de motoristas?

— Não, eu nunca recebi. Quer dizer, não posso dizer que nunca recebi. Mas não é significativo Não tem aquele negócio de "recebe 10 mil cartas por dia"

REPORTER ENTREVISTA

Nem com Edu?

Nem com Edu. Nem com Dancing Days, nem com nada Não sei também o que que faz uma pessoa escrever carta pra alguém. Deve ser algum tipo de apelo do personagem, da personalidade que a pessoa tem, que faz com que você se sinta bem de escrever pra ela. Mas eu senti, depois de Carga Pesada, que meu público ampliou, porque pessoas que não me reconheciam passaram a reconhecer

Você vai tranquilo pra qualquer lugar, anda na rua, tudo?

— É uma festa, é uma festa Sou reconhecido, mas não chega a ser um problema

E aí a vida do cara muda? A tua mudou?

— Muda? Muda até que ponto? No Brasil não existe isso, não é igual à Europa, Estados Unidos: Marlon Brando ficou famoso, irremediavelmente ele vai ganhar 3 milhões de dólares cada vez que fizer um filme Aqui, não

Qual a diferença?

É que, nos Estados Unidos, a coisa é encarada como indústria mesmo. É mais ou menos como a Globo faz aqui Ela pega, contrata um ator... eu me lembro que, quando eu trabalhava na Tupi, quando a Tupi fazia publicidade das novelas, nunca citava o nome dos atores, citava só o nome dos personagens, porque era uma forma de esconder o ator Porque, na mentalidade empresarial imbecil deles, se o ator ficasse famoso, ia pedir mais dinheiro. Realmente, ia pedir mais dinheiro, mas ia valer mais dinheiro também. A Globo, ao contrário, se contratava um cara, dava capa de todas as revistas e botava o nome dele a cada segundo, a ponto de, numa novela, o cara ficar famoso nacionalmente. De forma que, na segunda novela, é só falar que tem fulaninho e todo mundo vai querer ver. Eu trabalhei três anos na Tupi e ninguém sabia

Você é muito procurado. Pelo menos pra entrevistas

Sim, mas eu me pergunto serei procurado pra entrevistas toda hora, depois que eu sair da Globo? E as pessoas estão me entrevistando ou estão entrevistando uma pessoa que, por acaso, faz sucesso na Globo, nesse momento? Sacumé? O que tá acontecendo é que, sendo a Globo líder de audiência, eu trabalhando na Globo e fazendo um programa de sucesso, numa emissora líder de audiência, eu passo a ser líder de audiência, por consequência

Em alguma fase de sua vida você foi conquistador como o Edu?

Não. Eu sempre liguei mais pra trabalho do que pra qualquer outra coisa

Você foi criado dentro de qual moral?

Eu sou classe média, né? Urbana. De São Paulo, capital Na verdade, eu deveria ter até rasgos dessa moral vitoriana Mas é que, hoje em dia, não dá. Eu acho que é imoral você ser moralista com o nível de informação que a própria televisão te dá. De repente, você tá jantando e vê a guerra do Vietnã Não dá pra você ser rígido, com uma coisa terrível dessas acontecendo no teu jantar. Esse tipo de colocação é anacrônico

Como é tua vida em casa? Você tem filhos?

Tenho um casal de filhos

Você adotou um filho recentemente?

É, adotei os dois

Você adota eles há quantos meses?

Isso não quero falar não Isso é irrelevante (sorri). Não é que seja irrelevante; não é uma coisa boa de se falar

Como você vê a amizade colorida?

Eu concordo com a Fernanda Montenegro: amizade colorida é uma coisa velha. novo é o casamento, novo é aguentar a barra ali, novo é ficar 20 anos com uma pessoa, isso é novo, a descoberta do relacionamento com o outro é nova. Amizade colorida é fácil, tudo bem, estamos aí, tiro de letra. Amizade colorida acho que vai ser uma coisa passageira. O casamento é a transa nova. Porque você não é sempre a mesma pessoa. Eu mudo a cada segundo E, se eu mudo ao lado da mesma pessoa, isso é novo pra mim. É estimulante demais. É como fazer uma peça de teatro todo dia. Não é a mesma peça que você faz todo dia, porque não está com o mesmo espírito você não é a mesma pessoa todo dia. E o público é diferente todo dia. A única coisa que se repete é o texto que, de vez em quando, você até erra

E se, junto a essas duas, pintar uma terceira pessoa? Você acha que isso quebra o encanto?

É outra coisa. Pode ser até uma relação a três, vai ver que a três é mais difícil ainda. É que não é essa a nossa estrutura. A gente teria que demolir toda a civilização cristã ocidental pra chegar a esse ponto. Não sei se a gente tem estrutura pra aguentar isso, a nível definitivo. É muita coisa pra ser destruída Eu coloco essa coisa no mesmo nível do machismo e feminismo Por mais que eu concorde com a mulher brigando por seus direitos, com razão, tô do lado dela pra ajudar, mas eu continuo sendo homem, continuo com o poder na mão há milhões de anos. Então, a minha cabeça pode tar numa boa mas, atavicamente, eu sou homem desde o homem das cavernas. Então, eu acredito que a mulher vai atingir um ponto dentro da sociedade em que ela vai ser igual ao homem. Eu acredito nisso, faço força pra isso, mas não vai ser em dois anos. Se eu puder, inclusive, eu faço coisas dentro de casa, mas não é uma coisa normal dentro de mim Porque eu, normalmente, sou homem, meu Deus. Por mais que a minha cabeça reaja de outra forma. O casamento na civilização cristã é assim: é um negócio de muito tempo. Então, a gente, pra destruir isso aí, tem que se alicerçar muito mais do que uma amizade colorida faz. A família é uma instituição decadente? Então, tem que ter alguma coisa pra botar no lugar Que organização social é essa que substitui a família? E, também, de amizade colorida eu não tenho nenhuma prática. Mas conheço até gente que pratica

Nunca teve medo de você virar bicha, se fizesse teatro?

Não é bem o teatro que faz as pessoas virarem bichas ou não. Pode ser até que nem seja problema ser bicha. Eu acho que não é. Então, de repente, nunca teve esse tipo de colocação Sempre foi uma coisa muito pra cima. Minha mãe, meu irmão,

sempre me incentivaram. Meu irmão, Jorge Fagundes, é corretor no Rio e gosta de teatro por causa de mim. Mas a única ovelha negra da família sou eu. Ovelha negra, não: cor-de-rosa.

Você tem quantos anos?

— 32.

Tá brincando. É mesmo?

— Eu aparento 48, mas tenho 32. Ninguém acredita.

Como é tua relação com dinheiro? Você gasta tudo? Guarda?

— De uns anos pra cá, eu tenho me controlado. Eu sempre fui muito esbanjador. Tenho me controlado porque tenho vontade de produzir, de fazer a peça de que gosto. Pra isso, é preciso que você tenha um certo lastro. Ou muita coragem e muita sorte. Confesso que, até hoje, só perdi. Todo o dinheiro que ganhei até hoje, eu perdi em teatro.

Que coisas você consome? O que compra? Roupa, carros?

Não compro nada. Só gasto em viagem. Já fui pro Japão, Índia, China. Eu acho que sou um bom consumidor. Mas não compro. Eu gosto de saber que tem não sei o que, mas não compro. Paro pra pensar, vejo minhas prioridades e não compro.

Não compra porque acha as coisas caras?

Não. Roupa, por exemplo, eu não curto. Compro, daí a pouco tô sentado no chão, já fudeu a roupa toda. Pra comprar roupa, você tem que curtir estar bem vestido. Não é uma coisa que eu curto. Então, eu compro uma roupa que seja bonita etc. Mas ela vai durar o que durar, oito, dez anos. Não sou consumidor de roupa, aquele cara que vai e compra um terno por mês. Carro, pra mim, tem que ser condução. Durante oito anos tive um fusca. Agora tenho um Fiat há dois, que espero que dure mais seis. Pra que um carrão? Pra ir de casa ao teatro? No máximo, pra ir, de seis em seis meses, ao Guarujá? Então, eu não sei se não sou um consumidor ou se realmente não preciso.

Mudando de assunto: como você era na escola? Bom aluno, mau?

Eu tinha a nota suficiente pra passar. Sempre fui vagabundo. O ensino no Brasil é uma coisa estranha; eu aprendi (se é que aprendi alguma coisa) depois de velho. Porque eu comecei a me interessar. Até então, ninguém tinha feito eu me interessar em alguma coisa. Eu acho que o ensino no Brasil é uma briga de status: você está brigando pra ter um diploma, nunca pra saber nada. O que a gente aprende no colégio? A gente, quando é criança, a gente é burro. Se eu tivesse aprendido francês com 8 anos, hoje estaria falando fluentemente. Mas o ensino do francês era uma coisa tão terrível, dado de uma forma tão cacete, que tirou a graça. Colégio, pra mim, sempre foi uma tarefa que eu tinha que cumprir, que eu saberia até cumprir bem. Tinha época que eu me enchia o saco e, pra família parar de encher, tirava 10 em tudo, só pra mostrar pra eles. Era possível tirar 10, mas isso também não mudava nada. Estudei no Colégio Rio Branco, um dos melhores de São Paulo (e dos mais caros). E não é por culpa do Rio Branco, é por culpa do ensino no Brasil.

Você estudou até quando?

— Fiz até o científico. Fiz cursinho, cheguei a entrar no Mackenzie, em Engenharia, mas nem fui lá pra ver. Desisti.

Há quanto tempo você produz peças?

Faz cinco anos. Faz seis que faço televisão. Tudo que ganhei em televisão eu joguei em teatro e perdi, como te disse. Perdi mesmo, feio, de ficar devendo, de ter que trabalhar mais pra pagar.

Mas você entrou com dinheiro na peça que está fazendo, "O Homem Elefante". E está fazendo o maior sucesso!

Graças a Deus (bate na madeira).

Você acha que... sei lá... tem uma porção de fatores pra uma peça dar certo.

Já sei o que você quer dizer. Mas o sucesso da peça não é por causa da Globo. Se fosse assim, eu só faria sucessos. Mas depende da peça. Como também depende da novela que a Globo apresenta pra ser sucesso ou não. Não é toda novela que faz sucesso. Elas têm uma média de sucesso garantida. Elas fazem 40 de Ibope garantido. Agora, acima de 40, só o sucesso faz. Tem novela que dá 95 de Ibope. Essa o público gosta. A que o público não gosta dá 60. Esses 30 pontos de diferença fazem uma enorme diferença. Como no teatro.

O que é mais caro numa peça, por exemplo, "O Homem Elefante"?

A madeira. E a única coisa que a gente não consegue nunca desconto. Nesse cenário (um cenário simples), foi gasto Cr$600, Cr$700 mil, em madeira. Essa produção é uma produção de Cr$5 milhões. Só pra abrir o pano. Depois, gasta mais uns Cr$500 mil por mês; Cr$200 a Cr$250 mil só de aluguel. A gente faz teatro num país que, quando chove, o público não vai assistir. Nós somos a peça de maior sucesso em São Paulo, tá lotando diariamente, mas nós somos os únicos na cidade com essa tranquilidade. Porque os outros, quando chove, ficam apavorados. Quando tem um futebol, ficam apavorados.

Mas o futebol também está meio por baixo.

— Eu sei mas, hoje em dia, tudo tá por baixo. A indústria tá por baixo. De repente, o Luís Eulálio (presidente da Fiesp — n.r.) falou que tava mal o negócio. Então, tudo está mal. Agora, como o teatro é o reflexo dessa sociedade, o teatro está pior.

Você acha que a televisão roubou público de teatro?

— Olha, me desculpa, não é verdade. O que tá acontecendo não é que a televisão tenha um poder muito grande: é que o Sistema que cerca a televisão não dá outra opção. Sacumé? Eu me lembro que, certa época, as pessoas falavam muito mal da pornochanchada. E pra mim era um erro de visão, porque a pornochanchada é uma forma de cinema. O que era ruim naquela época é que o Sistema, o governo, só permitia que fosse feito pornochanchada. Se o filme fosse político ou social, não deixavam. Então, a pornochanchada é necessária, porque ela serve a um público muito grande. Tem muita gente que adora pornochanchada. E que só vê pornochanchada. Você não pode, de repente, negar pra essa pessoa a diversão dela. Você tá sendo fascista. O que acontece, na verdade, é que falta no nosso Sistema outras opções. Então, o cara fica só com pornochanchadas. Os que não gostam, são obrigados a ver, porque não tem outra coisa. Ou então não vão ver mais nada. Eu acho que aconteceu com o teatro isso também: a gente deixou de ter opção. Com literatura, também. Então, de repente, não é que a televisão tenha roubado o público de outras áreas, é que não tem mais nada pra fazer. E se tem, é caro demais.

Quando você foi pra Globo, sentiu alguma rivalidade pelo fato de ser paulista? Existe a rivalidade cariocas versus paulistas, entre os atores?

Eu, particularmente, não gosto do Rio. Trabalhei seis anos lá, tenho muitos amigos, mas não me dou bem no Rio. Não consigo viver no Rio. Eu acho o Rio — e não tem um carioca que me desminta — uma cidade muito cara, uma cidade onde você não tem nenhum conforto pra viver. Os apartamentos, lá, são necessariamente pequenos, o espaço é limitado. É claro, tem apartamentos de 6 quartos, mas esses eu não tenho poder aquisitivo pra frequentar. Então, eu sentia que pagava muito por pouco. Eu morava em Ipanema, não por ter praia, mas por ser um bairro central. Só que me custava os olhos da cara. Aqui em São Paulo, tem bairros centrais que não custam os olhos da cara. Então, de repente, é por isso que não gosto do Rio ou porque passei grande parte do tempo no Rio trabalhando. E nem todas as pessoas têm a mesma disponibilidade pra trabalho que eu tenho. Então, eu acho o Rio uma cidade fantástica pra passar fim de semana, férias. Não é uma cidade ruim; eu é que não me dou bem.

E entre os atores, há rivalidade? Você sentiu isso na Globo?

Mais a nível de gozação. Além disso, 90% dos que tão na Globo, hoje, vieram de São Paulo: Tarcísio Meira, Glória Menezes, Regina Duarte, Dina Sfat, Paulo José. A rivalidade não existe, porque hoje a gente tá lá; amanhã, eles tão aqui. Não pode ser sério isso.

Quando você escolheu que ia ser ator?

Foi no colégio, fazia aquelas peças... Na verdade, escolhi ser ator dois anos depois que me profissionalizei. Aí, larguei tudo.

Com quem você aprendeu?

— Não tenho um professor. O Arena me ensinou muito. No sentido de que era uma coisa moderna de representação. Existe um estilo de representação, mais descontraído que o do Arena, pelo fato do público, no Teatro de Arena, ficar a dois passos dos atores. Não era uma coisa de um estilo ser melhor que os outros. Ia melhor com o espaço do teatro e com a minha cabeça na época. Era uma coisa nova, gostosa, que o Arena desenvolveu e eu entrei nessa loucura aí. Então, eu tenho uma marca muito grande de ter trabalhado lá. Agora, a escola do Arena era a escola de cada um. Cada um entrou e absorveu essa forma de sua maneira, encaminhou pra seu lado. A minha me levou ao que eu sou hoje, a de Juca de Oliveira levou pra outra, a da Dina Sfat levou pra outra. Mas a televisão me deu outra coisa que o teatro não tinha dado. O cinema deu outra.

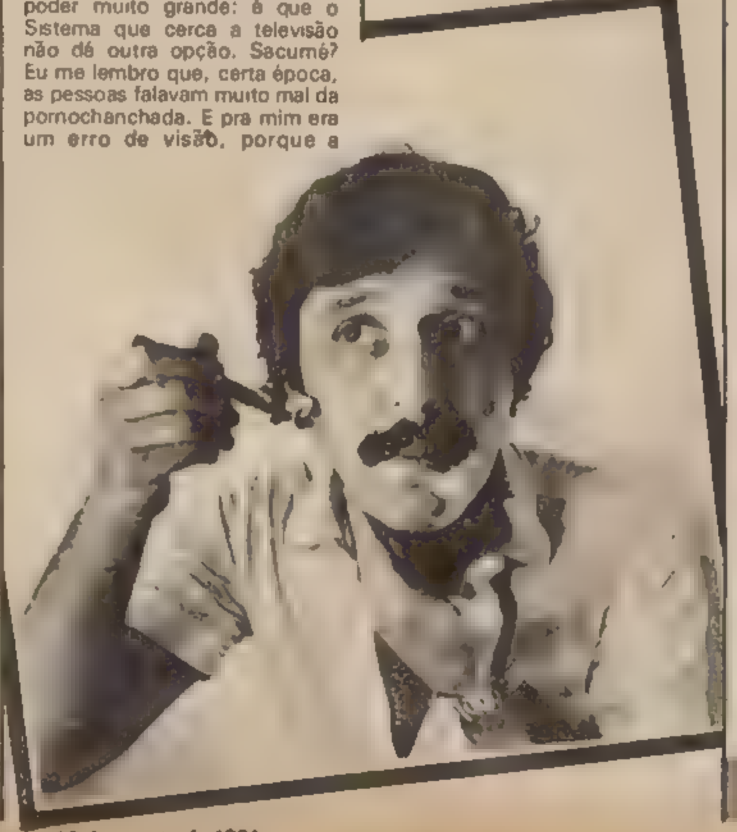
Em quanto tempo vocês faziam um episódio de "Amizade Colorida"?

Dois dias e meio. Dez horas por dia. É um ritmo puxado. Mas, no teatro, você ensaia um mês, dois meses, um texto, oito horas por dia. Às vezes, dependendo do diretor, até 18 horas por dia. A televisão cansa menos, embora ocupe mais tempo. Na televisão, você pode ter uma irresponsabilidade maior diante do que você está fazendo, no sentido de que a televisão capta a tua alma. Não no sentido de fazer de qualquer jeito. Não. No sentido de que você está se entregando, em termos de alma mesmo. Ela tá indo no teu olho. Se o teu olho não estiver brilhando certo, não adianta você fazer o trabalho que você fizer, porque a televisão pegou aquilo. É um momento que a televisão fixa e você tem que estar preparado pra dar, em termos de processo de trabalho. Por isso, ela desgasta tanto a imagem do ator. Porque ele faz tudo o que ele sabe.

O que você acha de teus antigos colegas do Arena estarem quase todos na TV? Naquela época, eles conseguiam sobreviver fazendo só teatro.

— Não é que conseguiam. Eles não conseguiam, não. É que, naquela época, a televisão não tinha o impacto de hoje. Televisão, aqui, ainda é uma coisa nova. Só que, naquela época, os engajamentos políticos e ideologias afastavam as pessoas da televisão. As pessoas queriam ver, mas seriam cobradas se vissem. Então, isso criou um certo preconceito, da parte de algum setor da intelligentzia brasileira, contra esse veículo. Mas não é bem o veículo que deve ser criticado e, sim, o Sistema no qual ele está inserido. Acho que há uma pequena confusão das pessoas de esquerda no Brasil. Eles são contra o futebol, contra tudo que é bom. E na verdade não é isso. Eles têm que ser contra o Sistema, que usa o futebol de uma maneira ruim, porque o futebol é maravilhoso: você dá uma distração barata pra 150 mil pessoas. Você não pode falar: futebol é alienante. Não é alienante. É o uso que é feito do futebol que aliena. E que, infelizmente, o Sistema não dá leitura no mesmo nível que dá o futebol. Não é o futebol que é ruim; é esse sistema que faz do futebol uma diversão barata e faz do teatro uma diversão cara. A gente não deve discutir assim ah, o bom é o teatro, o futebol não é. O ideal seria, inclusive, que o teatro tivesse esse mesmo público do futebol. Só que o teatro, por circunstâncias do Sistema em que estamos inseridos, tem que ser caro. Porque custa caro. Por mais idealismo que você tenha, você não tem o dinheiro pra financiar.

Entrevista a Alex Solnik
Fotos de Valdenir Benedetti



MORREU LAMPIÃO, O JORNAL DAS BICHAS

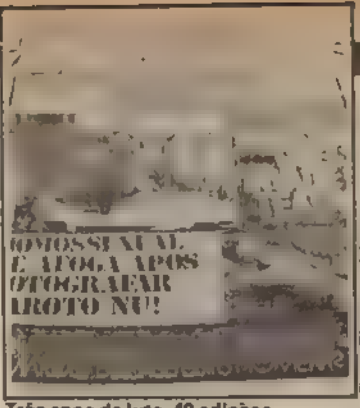


Foto Chiquito Chaves

Três anos de luta, 40 edições. As *bichas*, na expressão dos editores, não apoiaram.

O jornal **Lampião**, a principal publicação **gay** do país, deixa de circular este mês. Morre após três anos de vida, por causa das divergências internas que separaram os colaboradores paulistas dos seus colegas cariocas e, por paradoxal que pareça, por falta de interesse dos próprios homossexuais que, nos últimos meses, não vinham comprando o jornal com a regularidade dos primeiros dois anos.

O homossexual brasileiro é muito conservador, é uma mistura de burguês com monarquista. Ele quer casar e ter uma relação em casa do gênero a "mulher" faz a tarefa doméstica e o homem trabalha. Discrimina os próprios homossexuais, preferindo transar com heterossexuais e, politicamente, ainda está muito desorganizado, dividindo-se e subdividindo-se em várias tendências, igualzinho aos partidos.

Quem desabafa é o jornalista e escritor Aguinaldo Silva, editor do jornal e responsável por mais de 90% da sua feitura. Nos bons tempos, o jornal chegou a vender 15 mil exemplares, mais que **Movimento** e **Em Tempo**, ambos jornais políticos, número que caiu para 10 mil e, posteriormente, foi reduzido a 8 mil. Além das divergências internas e da falta de dinheiro para se viabilizar profissionalmente, o jornal encontrou também problemas com a distribuição, que sempre foi feita de forma artesanal, em todo o país.

Conta Aguinaldo:

— Em matéria de sexo e costumes, **O Lampião** sempre esteve à esquerda da esquerda. Todos nos discriminavam por isso: do distribuidor aos entrevistados e à Igreja. Por várias vezes, tentamos uma entrevista com Dom Paulo Evaristo Arns, mas nunca conseguimos nem uma afirmativa nem uma negativa. Simplesmente fomos ignorados.

As divergências internas têm ingredientes dos mais diversos: ciúmes, divergências pessoais e, principalmente, discordâncias quanto à linha editorial do jornal. Seu idealizador, João Antônio Mascarenhas, estancieiro gaúcho, desligou-se do projeto logo nos primeiros números. Achava que o jornal devia ser só de artigos.

O editor do jornal explica:

Esta discussão persistiu até o fim do jornal. O pessoal de São Paulo (Darcy Penteado, João Silvestre Trevisan, Peter Fry) são basicamente articulistas. O João Silvestre, por exemplo, discordava do jornal por não considerá-lo de vanguarda. Achava que a única publicação de vanguarda que existe no país é um negócio chamado Barbárie, uma dissidência do jornal anarquista **Inimigos do Rei**, publicada na Bahia, que vende 500 exemplares. O Peter Fry deixou de colaborar com o jornal depois que publicamos pela primeira vez uma foto de homem nu (número 27).

Nesse clima, o jornal conseguiu tirar 40 edições, das quais três são extras. O último número é o 37, com uma reportagem que indaga: **"Viado Gosta de Apanhar?"**

— Desde o número 30 que estávamos tentando botar a reportagem na dianteira dos articulistas. Fizemos trabalho sobre masturbação, prostituição, o carnaval e a repressão homossexual em Cuba. Foi a gota d'água. O pessoal de São Paulo discordou, quis sair e eu disse: "É melhor ninguém sair, a gente acaba o jornal".

E assim **Lampião** morreu. Foi, na opinião de Aguinaldo, "uma experiência fascinante".

O jornal mostrava a muitas bichas que elas não estavam sós. Nós temos aqui montes de cartas. No interior, o jornal era esperado com ansiedade. Infelizmente, com o tempo, o jornal começou a ser alvo de muitas críticas por parte dos próprios homossexuais, a não ter mais a penetração que tinha antes. Talvez porque nunca tenhamos conseguido fazer realmente um jornal popular e profissional. Com a crise econômica, todos os problemas se juntaram.

Francisco Viana

Sua capacidade para "OBSERVAR MELHOR" os detalhes, faz com que Você seja mais inteligente que os demais

Neste grupo de 10 ATABAQUES, dois são idênticos.
Marque-os com um "X" e envie HOJE MESMO esta folha com todos os seus dados.
PELA VOLTA DO CORREIO, RECEBERÁ UMA AGRADÁVEL SURPRESA.

Só basta saber ler e escrever • ESTUDE hoje e TRIUNFARÁ amanhã!

CURSOS QUE ENSINAMOS

☐ ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS ☐ BELEZA FEMININA ☐ ELETRICIDADE ☐ RELOJOARIA
☐ DESENHO HUMORÍSTICO ☐ CORTE E COSTURA ☐ CONTABILIDADE ☐ FOTOGRAFIA
☐ SECRETARIADO COMERCIAL ☐ ARTE DOCEIRA ☐ ENFERMAGEM ☐ INGLÊS

MÉTODOS QUE ENSINAMOS

NÃO IMPORTA SUA IDADE ☐ HIPNOTISMO ☐ MEMÓRIA ☐ DEFESA PESSOAL PARA AMBOS OS SEXOS
☐ MÁGICA *(para divertir-se)*

PROMOTORA PROFISSIONAL BRASILEIRA
R. Barão do Flamengo, 32 – 2º andar – Rio

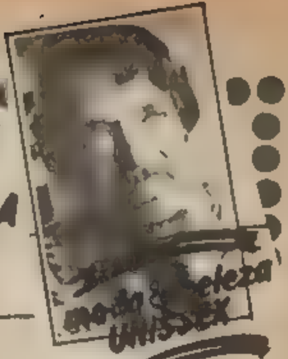
ENVIE SUA CARTA OU CUPOM À
Caixa Postal 16121
20.000 - RIO DE JANEIRO - R. J.

401

Solicito, GRÁTIS e sem compromisso, Folhetos Informativos
Nome ______
Endereço ______
Cidade ______ *CEP* ______
Estado ______
Curso que deseja estudar ______

COLUNA DE

Evandro de Castro Lima



VOLTA À AFRICA E AO ORIENTE

Os coloridíssimos tons do verão-82

O verão deste ano deverá ser
mais alegre e colorido que se
possa imaginar. Pelo menos é o
que sugerem as coleções até
agora apresentadas.
Quase toda baseada nos
jeans, que continuam a proliferar
de forma incrível e com acei-
tação cada vez maior, o desfile
teve momentos de muita beleza,
com a apresentação de outras
criações, algumas em estilo
oriental que lhe deram um ar de
jovialidade e muita adequação
ao calor que está por vir.
Outras coleções mostram
ousadas combinações dos tons
de terra com os mais variados
tons de verde, azul e preto.
A moda inspirada em motivos
africanos será a peça de resis-
tência de todo o verão, com
tecidos coloridíssimos, com-
binados com ouro e prata. Por
isto, quem tiver colares exóticos,
pulseiras de madeira, chifre
cintos adornados com búzios
etc., vá desde logo tirando do
baú e dando uma mexida em
tudo, pois vai ter muitas chances
de usar.
A linha "safari" volta também,
com suas alinhadas saia-calças
para as mulheres e as calças
normais ou bermuda para os
homens, tudo em cáqui. A moda
lembrará a África misteriosa e
distante. Aliás, todas as propos-
tas elegantes para o verão de 82
estarão ligadas à África e além
disso, ao Oriente em geral.
O Oriente aparecerá ainda
sob a forma de amplos vestidos
brancos com entremeios de
renda, bem larga, para contras-
tar com o tom da pele queimada
pelo causticante sol de novem-
bro a março. Saias de barras
assimétricas, terminadas em
babados e muitas túnicas
escandalosamente coloridas. As
camisetas também serão muito
usadas com calças bufantes
(**bloomer**) e até com calças tipo
pirata, terminadas em pontas
irregulares.

AS MEIAS DA CIRANDA

Muito bonito o guarda-roupa da novela global "Ciranda de Pedra". Só me chamou a atenção uma coisa: por que será que os homens só usam meias brancas? Claro que, na época, lá para os anos 45, foi moda, principalmente para os **dandys** (playboys), mas, só brancas, gostaria de saber, por quê? Acho que o público também, já que esta pergunta me foi feita várias vezes.

Crítica ao Gui-Gui:

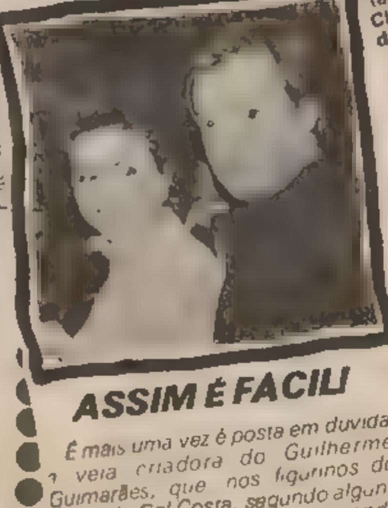
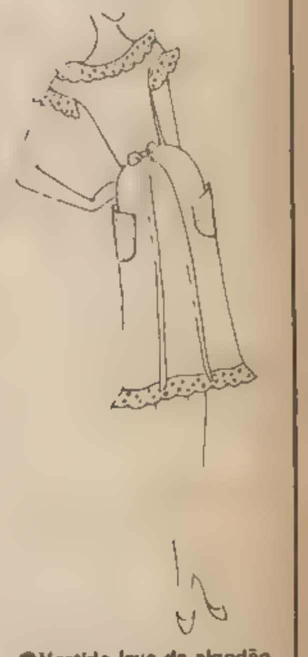


Foto Alcyr Cavalcanti

Guilherme Guimarães (acusado de plágio) e Claudine de Castro, do soçaite carioca

ASSIM É FACIL!

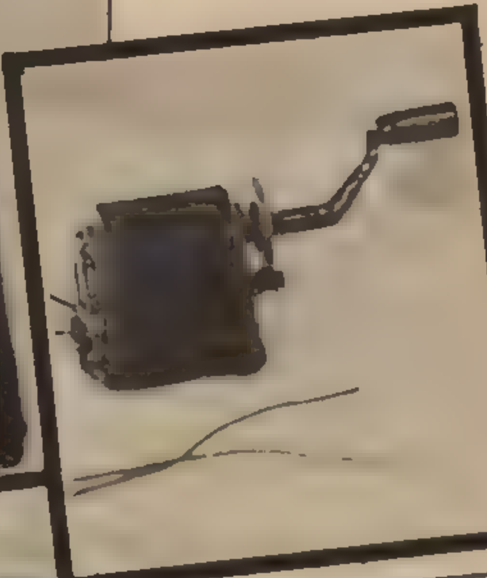
É mais uma vez é posta em dúvida
a veia criadora do Guilherme
Guimarães, que nos figurinos do
show da Gal Costa, segundo alguns
entendidos, andou se inspirando
demais nos vestidos apresentados
pela Diana Ross em seu último
musical e até revivendo um
famoso vestido azul marinho, re-
camado com estrelas prateadas,
usado por Carmen Miranda em seu
filme Serenata Boêmia. Gui Gui
sabe muito bem que a turma da
agulha e linha não perdoa. Fala
mesmo.
Coincidência ou não, o fato é
que na alta-costura, como na
televisão (segundo Chacrinha),
nada se cria tudo se copia.



• Vestido leve de algodão para os dias mais quentes, confeccionado em tecido liso, tendo, como detalhe, babados na blusa e na saia em "petit-pois", além de grandes bolsos na altura dos quadris, no mesmo material dos babados.

ELES NÃO SE CALARAM

Reportagem de Rivaldo Chinen



Agência Folha de São Paulo

Agência Folha de São Paulo

Fermino, Conceição e Divino (da esquerda para direita) contaram as torturas. Receberam choques elétricos com a "máquina" (acima), enquanto estavam pendurados no pau-de-arara (ao lado).

Socos no peito do servente pra ver se ele caía

O servente de pedreiro José Osvaldo de Souza, 44 anos, pai de 6 crianças ainda menores de idade, estava trabalhando na pavimentação de uma rua quando viu dois carros pararem, dez metros adiante. Era seu patrão, Antonio Pita, e o encarregado dos serviços, Pedro. O dois apontaram para ele com o dedo. Os ocupantes do outro carro desceram de arma em punho

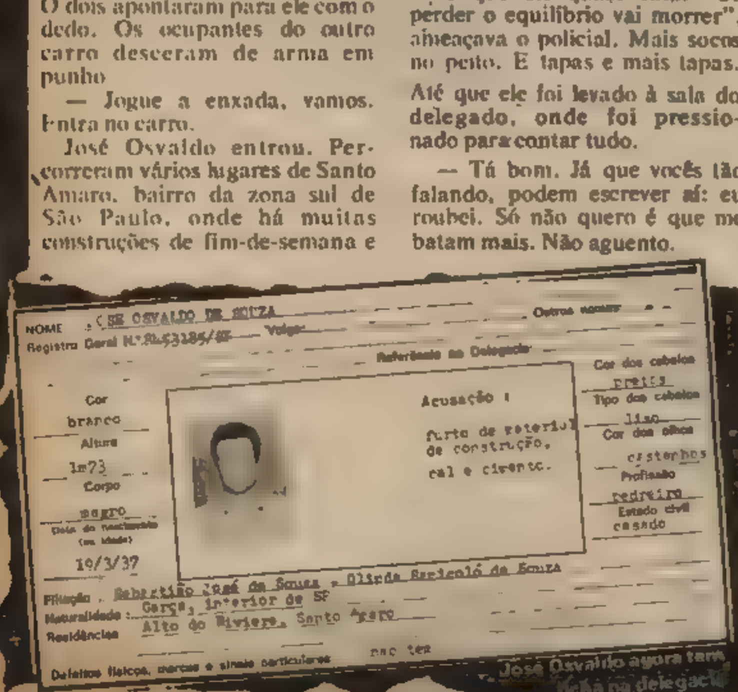
— Jogue a enxada, vamos. Entra no carro.

José Osvaldo entrou. Percorreram vários lugares de Santo Amaro, bairro da zona sul de São Paulo, onde há muitas construções de fim-de-semana e pararam num posto de gasolina. Entrou mais um homem no carro, que viajou ao lado de José Osvaldo. Esse homem fazia as perguntas. A acusação que faziam ao pedreiro: furto de 7 sacos de cimento, 7 de cal e algumas ferramentas, como fio de prumo e colher

Delegacia do 47° Distrito Policial. José foi levado para uma sala e ganhou logo um murro no peito. Depois outro. E mais outro. Viu, atrás da porta, uma chave pendurada num fio enorme. Os investigadores saíam e voltavam. A cada vez que abriam a porta, seguia-se uma série de murros. Um soco foi tão forte que ele quase caiu. "Se perder o equilíbrio vai morrer", ameaçava o policial. Mais socos no peito. E tapas e mais tapas.

Até que ele foi levado à sala do delegado, onde foi pressionado para contar tudo.

— Tá bom. Já que vocês tão falando, podem escrever aí: eu roubei. Só não quero é que me batam mais. Não aguento.



NOME : CSE OSVALDO DE SOUZA — Outros nomes
Registro Geral N.° 20.53186/SP — Vulgo
Referência na Delegacia
Cor: branco
Altura: 1m73
Corpo: magro
Data do nascimento (ou idade): 19/3/37
Acusação: furto de material de construção, cal e cimento.
Cor dos cabelos: pretos
Tipo dos cabelos: liso
Cor dos olhos: castanhos
Profissão: pedreiro
Estado civil: casado
Filiação: Sebastião José de Souza e Olinda Aparecida de Souza
Naturalidade: Garça, interior de SP
Residência: Alto do Riviera, Santo Amaro
Defeitos físicos, marcas e sinais particulares: não tem

José Osvaldo agora tem ficha na delegacia

Despiram a doméstica e ligaram os fios

A empregada doméstica Conceição Maria Pedro da Silva, 21 anos, também foi torturada na delegacia. Embora alegasse estar grávida de um mês, os policiais não a pouparam dos choques e do pau-de-arara. Foi a sua patroa, Anita Leme da Rocha, médica da Beneficência Portuguesa, em São Paulo, quem a acusou de ter roubado, junto com seu namorado de nome Fermino, Cr$ 24 mil em dinheiro, uma pistola Beretta, um relógio e alguns dólares.

— Várias vezes a patroa me disse que, se eu tivesse grávida do Fermino, ela tiraria meu filho da barriga. Até que ela me acusou e, antes de ser presa, vi os policiais recebendo um cheque assinado por ela, ali na hora.

Conceição foi recepcionada na delegacia com alguns tapas no rosto. Depois, foi levada para uma sala cheia de investigadores e um delegado, que ela identificou apenas pelo nome: doutor Jaciro. Foi ele quem deu as ordens. Primeiro, ela tirou os chinelos de borracha, depois o vestido, a blusa, a calcinha, o sutiã. Foi amarrada no pau-de-arara:

— Fiquei com os pés juntos e a mão amarrada. O fio saía direto da luz e ia para uma maquininha daquelas usadas nas máquinas de costura. Conforme eles iam apertando, o choque era mais violento. O delegado ficou sentado no sofá, com um monte de investigadores em volta, olhando tudo. Faziam uma pergunta e davam um choque. Levei choque no corpo inteiro.

O namorado de Conceição, Fermino Correia Filho, 23 anos, caminhoneiro, também foi preso. Primeiro, entrou numa sala cheia de investigadores. Eles o colocaram numa roda. Levou tantos tapas, que hoje acha impossível contar quantos foram. Depois de esmurrado por três investigadores, ele viu que fecharam a porta, juntaram duas escrivaninhas, colocaram uma barra [illegible] ferro entre elas e ele foi pendu[illegible]

— Eles enfiaram um pau de uns 60 centímetros, com um nó na ponta, na minha boca. Depois, davam cacetada no meu saco. Em seguida, ligaram a maquininha e me deram choque no braço, perna, costa, onde eles alcançavam. Fiquei no pau por uns 15, talvez 20 minutos.

Depois dessa delegacia, em Jandira, ele foi levado para Itapevi, onde um investigador berrou:

— Você não contou nada lá em Jandira, mas agora nós vamos te fuder, tá entendendo?

E Fermino foi para o pau-de-arara de novo. Só que, desta vez, a maquininha de choque tinha variações. Ficava no colo de um investigador que a manejava à medida em que ele ia falando. Quando os investigadores per-

São três casos em que a vontade de protestar contra a violência da polícia foi mais forte que o medo. É comum o trabalhador ser preso por uma acusação sem provas, com direito a porrada, pau-de-arara, choque elétrico e ficha criminal. Verificado o erro, ninguém reclama, temendo vingança. José Osvaldo, Conceição, Fermino, Divino e José Carlos preferiram falar.

Metalúrgico ganhou lambadas de cassetete

Como faz todos os dias, o caldeireiro de metalúrgica José Carlos da Silva, 25 anos, solteiro, deixou o serviço às 17:45, foi para a academia de capoeira, em Campo Limpo (São Paulo) e esperava o ônibus de volta, para Osasco, onde mora. Conversava com três colegas de academia, todos negros. Parou uma viatura do Tático Móvel, Polícia Militar, a uns 5 metros deles, e desceram três policiais armados com metralhadora e revólver:

— Documento. Mão na cabeça. Ninguém se mexe.

Todo mundo mostrou a carteira de trabalho e, na hora de guardar o documento, José Carlos ouviu de um policial:

— O que há, rapaz? Alguma coisa errada?

Ele explicou que não havia gostado da atitude dos PMs, que eles não precisavam gritar tanto. Eles retrucaram que também estavam trabalhando e que, para eles, os bandidos nunca trazem na testa o que são. Houve um ligeiro bate-boca, até que um policial virou a mão para dar um tapa na sua cara. José Carlos se defendeu com os dois braços. O PM tentou bater de novo. Ele se defendeu mais uma vez. Então o policial virou as costas e foi até a viatura pegar um cassetete de borracha, tamanho família. Bateu várias vezes no operário. Ele contou pelo menos 12 lambadas.

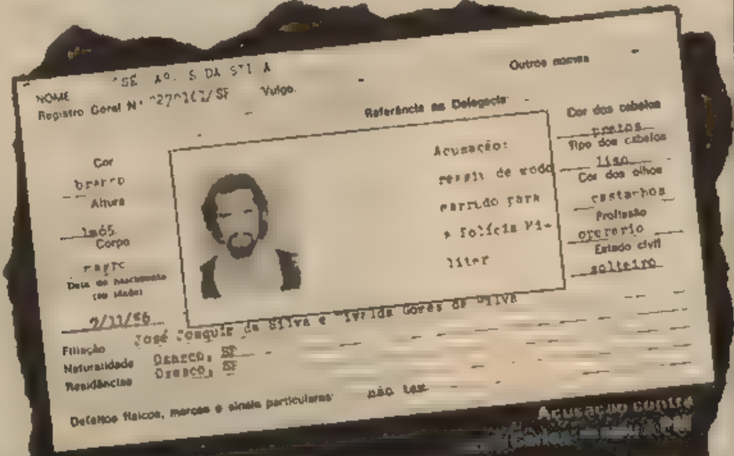
— Isso é pra você aprender a não ser marrudo.

E foram embora. José Carlos enfiou a mão no bolso, pegou uma caneta e um pedaço de papel na sua bolsa. Os policiais olharam pelo espelho retrovisor e viram que ele estava anotando a placa da viatura. Voltaram:

— Vamos levar esse cara pra darmos uma lição nele, pra ele ver como se lida com um policial

José Carlos foi atirado na viatura. Levou novas lambadas com o cassetete de borracha. Quando fecharam as portas da viatura, ele começou a sentir medo: "Eles podiam me levar pra um mato e dar sumiço".

A viatura do Tático Móvel rodou bastante. Até que parou na porta da delegacia de Campo Limpo. Mais tarde, o delegado o dispensou. As dores persistiram por mais quatro dias, embora as marcas das borrachadas tivessem desaparecido no dia seguinte



ceblam que seus olhos saiam de órbita, querendo pular pra fora, paravam. E entao jogavam água nele. Ficou nesta angústia por mais de uma hora. Até que entregou seu próprio irmão, Divino.

Os policiais foram à casa do pintor de parede Divino Correia Filho (34 anos, 2 filhos) e, no caminho da delegacia, falaram várias vezes que iriam sumir com ele. Na sala do delegado, só perguntaram: "Cadê as coisas?". Ele respondia não saber de nada. O delegado ordenou: "Bota ele no pau-de-arara".

Ainda no corredor da delegacia, ele levou alguns socos e pontapés. Foi algemado e levado para outra delegacia. No caminho, ainda algemado, tentou fugir. Correu do chiqueirinho da viatura policial, mas um investigador viu e atirou. A bala pegou no ânus, chegou no intestino e acabou no pênis, onde saiu devagarzinho. Ele se arrastou pelo mato a noite toda. Bateu na casa de uma cunhada, que o socorreu e o levou para o Hospital das Clinicas, onde foi operado. Mas ainda não está bom de saúde.

Advogado diz que Justiça é fraca e governo boicota

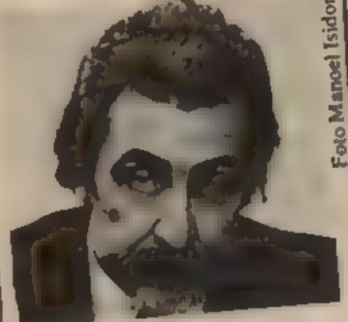


Foto Manoel Isidoro

O criminalista Laertes Torres

Ao ser torturado na polícia, o trabalhador inocente tem que procurar um advogado, que dispõe de formas legais para acionar os chamados setores competentes. A denúncia vai para a Corregedoria da Polícia — uma espécie de polícia da polícia — que funciona no Forum. Mas nunca se chega a um resultado satisfatório a partir daí. Por que?

Para o advogado Laertes Macedo Torres, criminalista há mais de 20 anos, defensor de presos comuns, a culpa é do próprio sistema administrativo:

— O juiz-corregedor manda averiguar, apurar, investigar, da melhor maneira que pode fazer. Mas são duas esferas separadas. Ele, juiz, pertence ao Judiciário. O acusado e a polícia, ao Executivo. Somente neste fato já há uma divisão de funções e de esfera. O poder Executivo vai fornecer os informes na medida de seu interesse. Daí a ação do juiz-corregedor, que pouco ou nada pode fazer.

O advogado diz que o mal deste país é que a polícia tem todos os poderes nas mãos. É ela quem prende, investiga e julga. Faz um julgamento antecipado, toma partido. Diante de casos assim, como é que o advogado pode fazer uma representação contra um policial? — pergunta Laertes Torres. A começar pelos próprios torturados, que muitas vezes têm receio de denunciar seus algozes. Temem uma revanche.

— Além disso — diz ele — o torturador tem seus cuidados, como o de não deixar marcas, lesões corporais, que podem constituir uma prova a mais. Quando o torturador tem, sob sua guarda, um preso que sofreu tortura física, ele segura esse preso, toma cuidados, até que seja solto. E tem mais: a tortura contra o preso não é só física. Ela também é psicológica. Se uma pessoa é levada para a delegacia e, apesar de inocente, fica dias e noites sendo pressionada para pagar uma coisa que não praticou, isso é também uma forma de violência.

UMA COLUNA DE POLÍCIA

SIRENES & CAMBURÕES

Aroldo Machado

Morte de dançarina abala comércio de coca no Rio

Pela terceira vez — e provocando as mesmas reações das pessoas — uma jovem morre num apartamento no Rio, após aspirar excessiva dose de cocaína. Primeiro foi Cláudia Lessin Rodrigues, que morreu no apartamento do milionário Michel Frank. Ele colocou o corpo no carro e levou-o para a Avenida Niemeyer, para jogá-lo do penhasco. Depois foi a gaúcha Flávia de Almeida, que morreu no Hotel Papillon, na Barra da Tijuca. Seus acompanhantes, dois pequenos traficantes de Copacabana e Jacarepaguá, puseram o corpo na mala de um Maverick, jogando-o numa estrada a caminho de Grumari. No mês passado, a dançarina Iracema Esteves "meteu o nariz no pote", como dizem os traficantes, e morreu. Apavorados, seus acompanhantes repetiram as mesmas cenas dos dois outros casos. Colocaram o corpo na mala de um Maverick e o retiraram do motel Vip's. Depois foram para a praia de Grumari, depois da Barra da Tijuca e atiraram o corpo na Grota Funda. No dia seguinte, já de **cara limpa**, duas outras dançarinas, que também foram contratadas para a festinha no motel, ao preço de Cr$ 5 mil, resolveram contar tudo para a polícia.

Logos nos primeiros dias, o noticiário dos jornais mostrou que a morte da dançarina estava intimamente ligada a uma rede internacional de tráfico de cocaína. O fato soou como um despertador nos ouvidos da polícia, que passou a fazer investigações na zona sul. Uma outra dançarina apareceu para dizer que "a cocaína é consumida abertamente em todas as boates do Rio, da Praça Mauá à Barra da Tijuca."

Os traficantes bobearam. Todo esse aparato seria evitado e talvez nada fosse descoberto, se os acompanhantes de Iracema tivessem chamado um médico ou até mesmo a polícia, pois, no máximo, iriam constatar que ela ingeriu drogas. Após a denúncia das duas outras dançarinas, os policiais foram ao apartamento dos envolvidos e descobriram passaportes falsos, armas, cocaína e até o que eles informaram ser um mini-laboratório para destilar a droga. Além disso, encontraram muitos dólares e documentos que comprovam as ligações dos supostos traficantes com pessoas residentes em Santa Cruz de La Sierra, na Bolívia, maior fornecedora de cocaína do mundo.

Nos dias seguintes à morte de Iracema, vários detetives da delegacia de entorpecentes começaram a **baixar** na zona sul. Eles estavam querendo os "peixes grandes" e até fingiam não ver alguns viciados queimando um **baseado** na Avenida Atlântica. De informação em informação, eles descobriram que um engenheiro do Departamento Estadual de Rodagem vendia cocaína, em seu apartamento, no Jardim Botânico. Descobriram ainda que grande número de atores e funcionários de uma emissora de TV frequentavam o local como clientes. A prisão de um viciado possibilitou a localização do apartamento. Em troca, ele foi liberado, mesmo porque não havia flagrante. Para a imprensa, o delegado Walterson Botelho dizia que "foi um pai desesperado, por ter um filho viciado, quem denunciou o engenheiro."

Quando o apartamento foi invadido pelos policiais, lá estavam um ator, uma arquiteta, um agente de turismo, a mulher de um músico e a namorada do médico Jairo Luciano Cabral, que, segundo a polícia, era sócia do engenheiro Roberto Cláudio Silva da Silveira. Os dois foram autuados em flagrante, depois que os policiais lá encontraram 847 gramas de cocaína pura. A seguir, eles passaram pela carceragem da Polinter e foram colocados na prisão do Ponto Zero, onde têm TV, telefone, biblioteca, esporte e visitas todos os dias.

Sem dúvida, a prisão dos dois traficantes causou mais impacto no meio artístico do que a morte da dançarina no Vip's. Mas, para a tranquilidade dos intranquilos consumidores de pó, o delegado Walterson Botelho não forneceu à imprensa a agenda dos traficantes.

JÂNIO

Reportagem de Dênis de Moraes e Francisco Viana

30 anos de renúncias

Um homem que já provou todos os sabores do poder. Foi vereador, deputado estadual, deputado federal, prefeito, governador e presidente da República. E sempre renunciou a seus cargos. Ora por uma ambição desmedida (que o leva, aos 64 anos, a pensar em disputar, pela terceira vez, o governo de São Paulo), ora por razões que só ele foi capaz de entender.

Agora, 20 anos depois de frustrar o país com sua renúncia ao mandato presidencial, o qual conquistou com cerca de seis milhões de votos (diferença de três milhões de votos para seus adversários, marechal Henrique Lott e Ademar de Barros), Jânio renuncia de novo. Abandonou o PTB, depois de passar meses aliciando antigos correligionários e divulgando o programa partidário. E já admite renunciar à sucessão do governador Paulo Salim Maluf, se ficar convencido de que o banqueiro Olavo Setúbal, do PP, é o melhor candidato.

A inexplicável saída do PTB reforça a tese de que Jânio sempre desprezou os partidos políticos, preferindo atuar numa faixa própria, mantendo um vínculo partidário apenas formal, para cumprir a lei eleitoral. Dos antigos partidos, Jânio só não se filiou ao PSD. Mudava de legenda às vésperas de eleição e logo já estava em outro partido.

De todos os cargos públicos que exerceu, só completou o mandato de governador de São Paulo. Começou sua carreira elegendo-se vereador, pelo Partido Democrata Cristão. Foi o segundo mais votado, com 1.707 votos. Não chegou à metade do mandato, pois, em 1950, conquistava uma cadeira na Assembléia Legislativa, ainda pelo PDC. Renunciou outra vez. Liderando a oposição, elegeu-se, em 1953, prefeito de São Paulo, recebendo o dobro da soma dos votos dados aos demais candidatos. No exercício da Prefeitura, licenciou-se três vezes. Com fama de político honesto e de administrador severo e incorruptível, combateu Ademar de Barros e o derrotou nas urnas, em outubro de 1954 (teve quase 700 mil votos). Não concluiu, portanto, o mandato de prefeito. Em 1958, elegeu seu sucessor no governo paulista, o udenista Carvalho Pinto. Disputou uma cadeira na Câmara Federal, já pelo PTB, ao qual, como homem das fileiras udenistas e democratas cristãs, sempre se opusera. A traição não durou muito. Na campanha presidencial, Jânio voltou-se contra o PTB, que apoiou o marechal Lott, concorrendo como candidato de uma coligação formada pela UDN, PDC, PTN (Partido Trabalhista Nacional, dissidência do PTB) e PL (Partido Libertador). Pouco lhe interessava a legenda, desde que estivesse disposta a sustentá-lo em seus próprios projetos e conveniências.

A campanha de Jânio à presidência da República foi marcada por mensagens nitidamente demagógicas e por uma hábil exploração da situação econômica do país, no fim do governo de Juscelino Kubitschek. O Brasil do começo dos anos 60 assemelhava-se ao atual: inflação alta, desemprego e recessão econômica — esta última, exigência do Fundo Monetário Internacional (FMI), para conceder novos empréstimos e renegociar a nossa dívida externa.

As bandeiras eleitorais de Jânio foram escolhidas com perfeição: o combate à inflação e à corrupção administrativa sensibilizou a classe média; a política externa não-alinhada dividiu o apoio das esquerdas a Lott; e a obsessiva preocupação com a moral e os bons costumes garantiu os votos da direita. Como se não bastasse a identificação do descontentamento popular com sua candidatura, os dois símbolos da campanha de Jânio ganharam as ruas. A vassoura era sinônimo de rompimento com os erros do passado e também de guerra à corrupção. O "tostão contra o milhão" opunha a pobreza de Jânio à fortuna de Ademar de Barros.

Ele queria uma espécie de AI-5

Em Janeiro de 1961, tomou posse. Era um dos poucos presidentes da República que chegava ao poder com amplo respaldo popular. Governou sete meses. E o Brasil conheceu um estranho modo de administrar. O presidente mandava bilhetinhos a seus ministros, ordenando determinadas medidas. Começou uma austera campanha contra a inflação. Cortaram-se os subsídios para importações essenciais, como o trigo e o petróleo, acarretando a elevação dos preços do pão e da gasolina. Os esforços para conter os índices inflacionários conquistaram — como sempre — a simpatia do FMI, que renegociou a dívida externa e liberou um empréstimo de mais de 2 bilhões de dólares.

Ao mesmo tempo em que procurava soluções para os grandes problemas nacionais, Jânio perdia tempo com medidas como a proibição das brigas de galo, de lança-perfume no carnaval e de biquinis nas praias cariocas. Relaxou a exigência de terno e gravata no serviço público (ele próprio despachava vestindo conjuntos de duas peças, tipo safari). Reduziu o uso de carros oficiais e preferia andar no seu velho Fusca pelas ruas de Brasília.

As contradições de Jânio eram ainda mais graves na política externa. Perseguia os comunistas, mas esforçou-se para reatar relações diplomáticas com a União Soviética. Condecorou Che Guevara com a Ordem do Cruzeiro do Sul e enviou missões diplomáticas aos países do leste europeu. Mas, quando tinha alguma dificuldade, recorria imediatamente aos conselhos da embaixada americana, ou aos banqueiros internacionais.

No dia 25 de agosto de 1961, às 15 horas, enviou mensagem ao Congresso comunicando a sua renúncia. Horas depois, divulgou uma carta explicando os motivos de seu gesto: "Fui vencido pela reação. Forças terríveis levantaram-se contra mim, e me intrigam ou infamam, até com a desculpa da colaboração". A reação do país foi de perplexidade. Houve protestos no Rio, 500 pessoas apedrejaram a Embaixada dos Estados Unidos. Estudantes organizaram manifestações na Cinelândia, mas foram dispersados com bombas de gás lacrimogêneo.

Dois dias depois, como se nada tivesse acontecido, o homem de seis milhões de votos parte, a bordo do vapor inglês **Uruguay Star**, para um passeio na Europa.

Nunca explicou convincentemente porque renunciou. Hoje, tem-se como certo que Jânio considerava indispen-

Agência JB

Em 81, novamente ativo, pela câmera de Fernando Pereira

Desde 1950, abandona mandatos que ganha em eleições

Em 61, ao deixar a Presidência, na foto de Erno Schneider

No poder, um homem de contradições

sável uma reforma constitucional, que lhe conferisse poderes mais amplos, autoritários, como o de emitir decretos-leis sobre matérias urgentes, principalmente na área financeira. A estratégia era simples: com sua renúncia, as Forças Armadas impediriam que o vice-presidente João Goulart assumisse a presidência, criando-se assim, as condições para a volta de Jânio ao poder. Fecharia o Congresso e faria as mudanças que desejasse na Constituição. Os planos falharam e Jango tomou posse, após a campanha pela legalidade, liderada pelo governador do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola, com o apoio do III Exército e de setores populares.

De qualquer forma, ainda há dúvidas quanto aos motivos da renúncia. Alguns crêem que Jânio renunciou por pressões dos militares, que estariam descontentes com os rumos da política externa e os modestos resultados obtidos no combate à inflação. O historiador americano e **brazilianista** Thomas Skidmore acha que Jânio superestimou sua popularidade como político, imaginando que o Congresso e os militares não teriam outra alternativa senão pedir que continuasse como presidente, aceitando seu programa de governo. "Se a renúncia visava a desafiar os políticos profissionais e os altos quadros militares, foi um desafio oco, pois Quadros se mostrara impotente para organizar o apoio popular a seu favor", diz Skidmore.

O sociólogo Paulo Schilling, hoje filiado ao PT, vê a renúncia sob outro aspecto: "Enredado na trama das grandes contradições nacionais e nas suas próprias, Jânio caiu melancolicamente. Sua queda não teve nada da grandeza da de Getúlio Vargas. Ao contrário, teve aparência de ópera cômica ou de farsa".

Figura controvertida, Jânio ainda é uma incógnita. Dizem que, quando ele escreveu a carta-renúncia, estava alcoolizado. Quem esclarece o fato é o ex-ministro das Minas e Energia, João Agripino, em entrevista publicada em agosto de 1971: "Jânio bebia, diria mesmo, mais do que qualquer um de nós. Enquanto tomávamos dois ou três uísques, ele poderia beber cinco ou seis, mas em nenhuma oportunidade saía do normal. No trabalho, nunca bebia e era comum vê-lo com um copo de leite na mesa de despachos". Há ainda a versão de que Jânio, uma vez por semana, passava o dia ao telefone, avisando aos amigos que pretendia renunciar.

O homem que se dizia "trabalhista histórico", ao ingressar no PTB de Ivete Vargas, ainda não encontrou uma autodefinição capaz de justificar seu provável ingresso no PP. Talvez pelo convívio ou mesmo por simples observação, o general Carlos Luiz Guedes, um dos militares que se levantaram em Minas contra João Goulart, em 1964, escreveu em seu livro de memórias algo interessante sobre Jânio da Silva Quadros: "Desafortunadamente, era apenas um histrião consumado, aliando a uma vivacidade incomum a veia inata do comediante".

Ô da política!

Daniel Aarão Reis Filho

Governo tem planos para 82 e reboca a oposição

No ócio do recesso parlamentar, o grupo do Planalto vai definindo os contornos de uma estratégia política que tem como objetivo principal assegurar a maioria parlamentar nas eleições de novembro de 1982, para eleger, em 1986, o próximo presidente da República.

A estratégia parte da seguinte premissa: estabelecer as eleições como principal etapa do processo de "abertura" política. Trata-se de "fixar" o conjunto das forças de oposição no terreno do enfrentamento eleitoral. Pode-se dizer que o governo já obteve, neste aspecto, uma vitória extremamente importante: a grande maioria dos partidos de oposição, sobretudo depois da bomba do Riocentro, passou a considerar as eleições como um "objetivo fundamental" a ser alcançado. Basta ver as declarações de Brizola: "O importante não é ganhar ou perder as eleições, é que existam eleições..." No mesmo sentido interveio Rafael de Almeida Magalhães, guru do PMDB e diretor do futebol do Fluminense: "A realização de eleições é o objetivo central da oposição". Os homens do Planalto raciocinam como chefes de Estado-Maior: numa batalha, e mesmo numa guerra, um dos fatores decisivos é a escolha do terreno. O fato de a oposição ter definido como "objetivo central" um terreno escolhido pelo governo, já significou um ponto ganho por ele. Ou seja, aquilo que as oposições figuram como conquista a ser alcançada, já é, desde o início, uma premissa de que parte o governo.

Definido o terreno, o governo passa a preparar suas armas.

Em primeiro lugar, a reforma eleitoral. A oposição está louca para conhecer o conteúdo do projeto. Enquanto isso, o governo, fazendo o gato que brinca com o rato, cultiva a indefinição. Os mais ingênuos (e os mais espertos) atribuem o fato à confusão que estaria reinando no Planalto. Na realidade, a indefinição é uma componente essencial do jogo, porque conserva a iniciativa do lado do governo. E, na política, assim como na guerra (que é a política feita com armas na mão), a iniciativa, depois da escolha do terreno, é o dado mais essencial.

Mas o governo ainda conta com outras armas. Por exemplo: suas tetas. Gordas e volumosas tetas. Apesar das declarações em contrário de Delfim (quem acredita em Delfim neste país?), tudo leva a crer que, em 1982, o governo será generoso: mamadinhas em troca de votos. Assim, pode-se prever que as medidas anti-inflacionárias irão, no máximo, até dezembro deste ano. Em 1982, vai funcionar o velho estilo do PSD: ano de eleição, é ano de inflação, de verbas gordas, de grandes investimentos sociais: construção de casas populares, infra-estrutura de transportes coletivos, injeções maciças em cima de projetos e de candidatos que fortaleçam o governo. Já há gente querendo até distribuir comida de graça... A inflação passará, decididamente, a segundo plano. Ao contrário de muitas forças da oposição, o objetivo do governo não é, propriamente, fazer eleições, mas ganhar as eleições...

Finalmente, o Planalto ainda conta com a articulação do Partido Popular (PP), que é o comitê político da finança e dos bancos nacionais. Os ataques virulentos do moderado Tancredo Neves, e de Miro Teixeira, braço direito de Chagas Freitas, ambos do PP, não inviabilizam este partido como oposição "confiável". Ao contrário: afirmam-no como "reserva estratégica" nos planos de Golbery.

O governo parece estar com toda a bola. É certo que não goza da confiança popular. Mas onde estará a competência política para transformar a insatisfação geral em uma alternativa de poder? A verdade é que, enquanto a oposição se mantiver no terreno escolhido pelos homens do Planalto e sem iniciativa política, só lhe restará o caminho das denúncias inócuas e do esperneio inútil.

O afastamento de Marcos Heusi Neto, da Justiça, mostra que as questões de segurança são decididas apenas por militares. Eles não admitem contestação.

SNI MANDA DEMITIR SECRETÁRIO DE CHAGAS

Um ato de rotina desde 1964
O secretário de Justiça do Estado do Rio, Marcos Heusi Neto, demitiu-se do cargo, após sofrer pressões dos órgãos de segurança. Seu erro. envolveu-se numa polêmica com o secretário de Segurança, general Waldyr Muniz, sobre a prisão-albergue. Heusi esqueceu-se de que decisões nessa área há muito passaram às mãos dos militares, mais particularmente dos secretários de Segurança nomeados pelo governo federal A eles cabe o controle da vida nos Estados. Por isso, não precisam justificar seus atos e pairam acima de tudo e todos — inclusive dos governadores

O secretário de Justiça, Heusi Neto, afastado pelo telefone

O general Muniz queixou-se ao general Medeiros, do SNI

Fotos Agência Globo

A queda de Marcos Heusi foi rápida. Em três dias, ele enfrentou, através da imprensa, o general Waldyr Muniz, que se opunha à adoção da prisão-albergue, cujo projeto de lei foi redigido pelo próprio secretário de Justiça Na verdade, o primeiro a criticar Muniz foi o juiz da Vara de Execuções Criminais, Francisco Horta Duas frases de Horta irritaram profundamente o secretário de Segurança: "O general Muniz não entende nada de Direito. Ele é um general da Petrobrás" (antes de ser indicado para o cargo, Muniz era chefe da Divisão de Segurança e Informações da Petrobrás)

Heusi endossou as palavras de Horta e detonou a crise. Com o apoio do comandante da Polícia Militar. coronel do Exército Nilton Cerqueira, o general Muniz atacou duramente juristas e o secretário de Justiça Mas, no auge da polêmica, surpreendentemente, Muniz recuou e evitou fazer novas declarações

É que o plano já havia sido traçado. O secretário de Segurança queixou-se ao Serviço Nacional de Informações (SNI). Circulou também a versão de que Muniz teria relatado o episódio ao ministro-chefe do Gabinete Militar da presidência da República, general Danilo Venturini, que se encontrava no Rio acompanhando a operação plástica do presidente Figueiredo

Na manhã de quinta-feira (23/7), um telefonema do chefe do SNI, General Octávio Medeiros, a Chagas Freitas, selou a sorte de Marcos Heusi No breve contato, o governador foi informado de que as declarações de Heusi tinham repercutido mal em Brasília, sobretudo no Quartel General do ministério do Exército. Como não pode sobrepor-se aos órgãos de segurança, Chagas cumpriu o seu papel: chamou Heusi no gabinete e praticamente lhe pediu a carta de demissão No dia seguinte, tomava posse no cargo o desembargador Vicente de Faria Coelho, de 75 anos, que, aparentemente amedrontado, disse logo: "Entro para colaborar com o secretário de Segurança"

A demissão de Heusi teve também um aspecto político, o que explica o fato de o governador Chagas Frietas não ter tentado qualquer acordo para mantê-lo no cargo. Professor de Direito Constitucional, autor de vários livros sobre Direito Eleitoral e advogado de prestígio, Marcos Heusi não se enquadrava no que se poderia chamar de secretário ideal para um governo chaguista, embora fosse amigo do deputado Miro Teixeira. Não admitia intromissões políticas em sua pasta e tratava os parlamentares chaguistas com respeito — mas à distância. Ultimamente, o Palácio Guanabara vinha recebendo constantes queixas de setores do PP, sobre o comportamento apolítico de Heusi. A gota d'água foi o adiamento do projeto de construir presídios de médio porte, em alguns municípios do interior Os chaguistas contavam com isso para ganhar mais votos

Patrões no ABC controlam cooperativa de operários

Elas dão crédito para compra de alimentos e, nas greves, poderiam fazer estoques. Mas os empresários nomeiam ilegalmente os diretores e negam autonomia. Só três associações reunem mais de 400 mil pessoas.

As cooperativas de crédito, para consumo dos trabalhadores nas indústrias automobilísticas da região do ABC, em São Paulo, são controladas pelos patrões que, desobedecendo a lei, chegam até a nomear os dirigentes, em vez de realizar eleições.

O cooperativismo é regulado por legislação específica. Para administrar uma cooperativa de assalariados, é eleita, pelo voto de todos os empregados de uma empresa, a diretoria, conselho de administração e conselho fiscal. O associado poderá gastar até 40% de seu salário, em compras na cooperativa, para descontar no pagamento do mês seguinte.

Pela lei, as cooperativas têm que dar estabilidade, no emprego, aos seus dirigentes eleitos, pelo tempo em que eles estiverem na função (geralmente quatro anos) mais um ano após o término do mandato. Na prática, essa imunidade só é respeitada se o diretor da cooperativa obedece à orientação da empresa

A acusação é do metalúrgico André Felipe Dardis, 35 anos, diretor da cooperativa da Mercedes-Benz, demitido da empresa durante a greve de 1980 no ABC. Ele entrou com ação de reintegração às suas funções, na junta do ministério do Trabalho, em São Bernardo do Campo e ganhou, mas a Mercedes recorreu à delegacia do ministério em São Paulo, onde tramita o processo até hoje, sem decisão.

O controle das cooperativas é um grande instrumento de pressão contra os operários. Otávio Roberto Pereira, assistente social, especialista em cooperativismo explica:

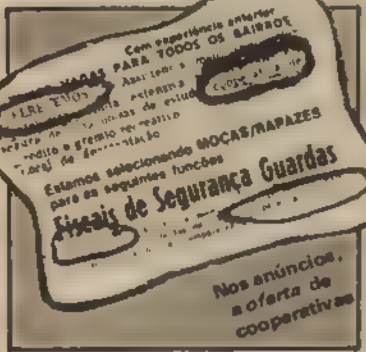
— Na greve do ano passado, a Volkswagen limitou as compras a Cr$ 2 mil. A Mercedes quis impor um teto aos associados, mas não deu certo. A primeira preocupação do grevista é a comida; sem poder comprar na cooperativa, ele perde forças rapidamente.

Logo que entra numa indústria, o operário assina a ficha de associação à cooperativa, no departamento de pessoal. Daí ele pensar que aquilo é iniciativa dos empresários.

Os preços são mais baixos que os do supermercado. A Mercedes atende 22 mil empregados, a Volks 40 mil. Para Otávio, as cooperativas têm grande poder econômico e poderiam pressionar o governo, como fazem os grandes produtores rurais, por exemplo.

— Você já imaginou se as cooperativas das três maiores indústrias, Volks, Mercedes e Chrysler juntassem seus 400 mil beneficiados, entre sócios e familiares?

Isso explica o que aconteceu com André. Ele era programador de produção da Mercedes há 14 anos. Em 1980, fez parte da chapa única que concorria ao conselho fiscal da cooperativa. A chapa foi registrada no dia 28 de março e, a partir daí, ele passou a usufruir da estabilidade. No dia 1º de abril, foi deflagrada a greve. Durante os 41 dias em que ela durou, André trabalhou na sede do Fundo de Greve, junto com Lula. Organizou a entrega de alimentos, controlou a entrada do material enviado por outras categorias profissionais em solidariedade ao movimento, e voltou para o serviço no dia 13 de maio, quando acabou a greve. Na Mercedes, cerca de 80% dos funcionários participaram da paralisação.



Nos anúncios, a oferta de cooperativas

Logo que chegou na fábrica, André recebeu o recado de que deveria se dirigir ao departamento pessoal. Acusação: "falta grave". Um mês depois, ele soube que tinha sido demitido, mas se recusou a assinar a dispensa da firma, por entender que tinha estabilidade. Afinal, tinha sido eleito diretor da cooperativa.

Rivaldo Chinen

Briga afasta PT e PMDB em Pernambuco

A candidatura do senador Marcos Freire (PMDB), ao governo de Pernambuco, foi solene e festivamente lançada no último dia 30, no Recife Com a presença de todas as mais expressivas lideranças oposicionistas do Estado, a festa serviu para reiterar que, nas eleições do ano que vem, pelo menos em Pernambuco, os partidos de oposição estarão unidos em torno de um só candidato para tentar o governo estadual

Nos bastidores, entretanto, cresce a preocupação com uma briga que vai ganhando corpo a cada dia: PMDB X PT. Por incrível que possa parecer, os dois partidos, em Pernambuco, estão em processo de afastamento e a agressividade entre seus militantes de base apenas não contagiou ainda as direções partidárias

O conflito não é novo Vem desde o lançamento do Partido dos Trabalhadores no Estado, quando Lula, seu presidente nacional, fez algumas declarações tidas como ofensivas aos principais líderes do PMDB, Jarbas Vasconcelos, Marcos Freire e Miguel Arraes. Daí para a frente, com a estruturação dos setores trabalhista, estudantil e feminino no PMDB, bem como o início do trabalho de organização do PT, aumentaram em número e intensidade os choques entre os dois partidos Esses choques, inclusive, ultrapassam os limites propriamente partidários e chegam aos sindicatos de trabalhadores, às entidades estudantis, às associações de bairro

A Fetape — Federação dos Trabalhadores Agrícolas de Pernambuco — por exemplo, é apoiada pelo PMDB e combatida pelo PT Manoel da Conceição, líder camponês do Maranhão antes de 64, hoje radicado no Recife e membro do PT, é abertamente acusado de incentivar o sindicalismo paralelo, pela Fetape, para fortalecer seu partido no movimento dos trabalhadores rurais. Em recente eleição para o sindicato rural de Quipapá, pequeno município da Zona da Mata pernambucana, os peemedebistas aliaram-se ao padre da cidade, José do Patrocínio, em oposição à diretoria do sindicato, cuja reeleição acabou garantida pela corrupção e por dezenas de pistoleiros armados pelos plantadores de cana da região Segundo os peemedebistas, os militantes do PT também apoiaram a diretoria reeleita

Em contrapartida, na eleição do Sindicato dos Metalúrgicos de Pernambuco, realizada mês passado, o setor trabalhista do PMDB apoiou o antigo presidente, notório pelego e conhecido por suas ligações com os donos das indústrias, a quem dava informações sobre os operários mais combativos da categoria Já os militantes ligados ao PT fizeram a campanha da chapa de oposição e acabaram vitoriosos por larga margem de votos

Os exemplos se multiplicam e, pelo menos entre os trabalhadores, o divisor de águas é o apoio ou não à chamada Unidade Sindical Os militantes do PMDB defendem a Unidade Sindical e os do PT a condenam A partir daí, as rivalidades, brigas e ofensas ganham corpo pelo menor motivo. A tal ponto, que muitos militantes do PT já hostilizam abertamente a candidatura do senador Marcos Freire ao governo: "Esse cara é um burguês e não merece confiança" dizem, enquanto, no PMDB, já há quem tema que o PT deflagre uma campanha de voto nulo, no ano que vem, ou então lance um candidato suicida ao governo pernambucano, só para marcar sua posição divergente

O que alimenta o conflito são as divergências entre as várias organizações políticas clandestinas, que se abrigam em cada um dos dois partidos e que disputam, entre si cada vez mais acirradamente, o controle dos diversos movimentos sociais que acontecem no Estado

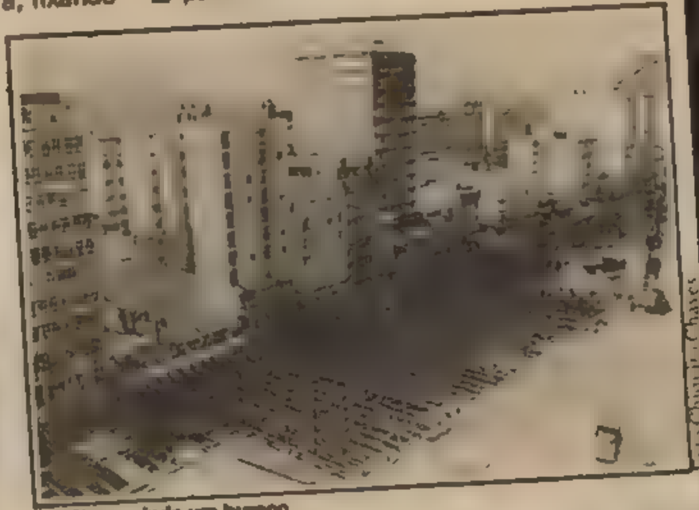
Eduardo Homem

METRÔ NO RIO:

Obra agora é dos bancos e empreiteiras

O metrô do Rio está nas mãos das empresas de construção e dos banqueiros internacionais. Com uma dívida externa calculada em cerca de US$ 1 bilhão (cerca de Cr$ 100 bilhões), os 37 quilômetros de sua rede básica (Botafogo-Pavuna) só serão concluídos se os governos estadual e federal concordarem em pagar os juros estipulados pelos credores — uma média de US$ 150 milhões (Cr$ 1,5 bilhão) por ano. Em relação aos empreiteiros, a situação também é grave. Como o metrô fecha contratos por lote de obra, fixando o pagamento dos serviços num prazo de 90 dias, as empreiteiras passaram a sofrer prejuízos com os sucessivos atrasos na liquidação das faturas. Isto porque o metrô, normalmente, custa a receber as verbas federais para aplicar nas obras. No segundo semestre do ano passado, os empreiteiros reuniram-se e chegaram a um entendimento: só continuariam a executar as obras se tivessem a garantia de que os atrasos seriam compensados com o pagamento de juros. Ganharam a parada.

1



Na Tijuca, ainda um buraco

O esquema de compensação às empreiteiras passou a funcionar da seguinte maneira, de acordo com uma fonte ouvida pela REPORTER: ao calcularem o orçamento das obras, as empreiteiras incluem uma determinada taxa de juros, por conta dos atrasos de pagamento. Assim, o metrô é obrigado a pagar uma quantia superior ao que seria justo pela tarefa. Com um detalhe: as empreiteiras não especificam no orçamento que o acréscimo será cobrado como juros — o que seria ilegal.

Assim, as empreiteiras fizeram um verdadeiro *pool* e impõem suas condições ao metrô, que não tem outra alternativa senão acertá-las. Se não o fizesse, a consequência seria uma só: as obras — já bastante atrasadas — parariam, com prejuízos para a população, que há quase dez anos vive na expectativa da inauguração da linha básica.

Desse *pool*, segundo a fonte, participam as construtoras Queiroz Galvão, Mendes Júnior, Cetenco e Esusa. Para evitar problemas, não existe nada formalizado entre elas. Mas a realidade mostra que, sempre que há um atraso de pagamento de faturas, as empreiteiras se unem e lançam um ultimato ao metrô. Foi assim em maio último, quando o Sindicato Nacional da Indústria da Construção Civil enviou nota aos jornais, advertindo o metrô de que as obras seriam interrompidas e os operários acabariam demitidos, se não fosse regularizado o pagamento.

Os juros cobrados pelas empreiteiras variam de acordo com o lote de obra. Esse artifício permite às empreiteiras não só obterem altos lucros, como também se livrarem dos prejuízos que teriam com os atrasos. A explicação é simples: com os juros, os empreiteiros são ressarcidos das despesas que têm, quando adiantam verbas para a compra de material a ser utilizado nos canteiros e o pagamento de pessoal. É como se fosse uma caderneta de poupança de três em três meses, têm um rendimento garantido às custas do metrô.

2

Um bilhão de dólares em dívidas externas

Em 1976, o então presidente da Companhia do Metropolitano, Noel de Almeida, anunciou que o metrô custaria, até a sua inauguração, US$ 1,1 bilhão — quantia já superada. Estima-se que um quilômetro de linha terá um custo final de US$ 40 milhões de dólares (cerca de Cr$ 4 bilhões). Será o metrô mais caro do mundo, superando o de Tóquio, que escandalizou a opinião pública quando foi construído.

Em janeiro, a dívida chegará a US$ 1 bilhão. Terá de ser paga até 1993, de acordo com as cláusulas contratuais. Até o momento, segundo o presidente do Banerj, Israel Klabin, só têm sido pagos os juros das amortizações.

Os principais credores do metrô são o Eximbank, o Fuji Bank, a Societé Generale de Bank, o European Brazilian Bank e o Deutsche Bank. Desde 1973, são concedidos empréstimos, desde que haja o aval do governo federal para a realização das operações financeiras.

O metrô é hoje uma das cinco empresas estatais com elevadas dívidas externas (as demais são a Rede Ferroviária, a Sunamam, a Eletrobrás e o DNER) e sem perspectivas de reverter esse quadro desfavorável. Ao contrário: as dívidas devem aumentar nos próximos anos, já que, mesmo com a conclusão da linha, a receita continuará sendo bem inferior às despesas. A companhia tem mais de 2.500 funcionários e seus diretores ganham salários acima de Cr$ 300 mil. E o movimento diário de passageiros esperado — algo em torno de 800 mil pessoas — proporcionará uma arrecadação que mal dará para conservar as estações com mármore, vidros fumê e equipamentos eletrônicos altamente sofisticados.

MORDIDA HORÓSCOPO

LEÃO

Sua casa astrológica está um pouco desarrumada, leonino. Falta feijão, farinha, sal e açúcar. O que é isso? E não me venha com a baixo-astral desculpa de que o salário não está dando. Conheço muitos ministros que têm sobrevivido com salários até menores. Vejo uma influência negativa de Vênus em sua vida sexual. Seria recomendável comprar camisas novas. Marte também não está favorável. Evite, portanto, "programinhas lunáticos" com meninas marcianas.

PEDRA — Nos rins, para os médicos; no sapato, para os pobres; no caminho, para os poetas.

Nº DE SORTE — 1234. Mas não adianta jogar no bicho. Isso é milhar cotada.

Luís Pimentel

NO ANO DO DEFICIENTE...

ABBR demite 93 empregados e reduz o atendimento

A ABBR, entidade responsável pelo atendimento e reabilitação dos deficientes físicos no Brasil, demitiu, em junho, 90 funcionários, além dos chefes dos setores de psicologia, foniatria e serviço social.

Para justificar as demissões, o administrador da ABBR, médico Geneson Amado, alegou "mau desempenho profissional" — esquecendo-se de que um dos dispensados, a chefe da área de psicologia, tinha 21 anos de trabalho na casa, tempo (ao que se presume) mais que suficiente para que a tivessem, então, demitido mais cedo.

A situação é de crise. Há ameaças de cortes nos serviços essenciais ao atendimento dos deficientes, como a fisioterapia. Os funcionários estão inseguros e se uniram a onze entidades sindicais da área médica, para protestar contra as dispensas. Para eles, o grande problema da ABBR é a má administração. Muitos setores importantes, como o de correção de defeitos pequenos, ficam parados, ociosos — e aí a direção pensa em juntá-los com outros, piorando a qualidade do atendimento, em vez de explorar melhor cada um deles.

O administrador não respondeu formalmente ao manifesto escrito pelos funcionários, com apoio sindical, mas, quando recebeu o documento, justificou a crise pela péssima situação financeira da ABBR. Há, segundo ele, um déficit de Cr$ 3 milhões, entre receita e despesa, provocado principalmente pelo excessivo atendimento gratuito — 62% do atendimento global, afirma.

Os funcionários dizem que, nessa percentagem, estão incluídos também os que são atendidos por convênios (na verdade, pagos à ABBR pelas entidades que desfrutam dos serviços).

O administrador Geneson assegurou que não haverá mudanças na área de reabilitação, mas admitiu que, no setor médico, as coisas vão mudar. E pediu aos funcionários que tivessem "muito amor ao trabalho". Parece difícil.

A deficiente física Gilda Alves, que trabalhava na cozinha, insistiu em não mudar de seção, como queria a administração da ABBR. A moça, que não tem uma das pernas, ponderou que, se fosse necessária mesmo uma mudança, outro funcionário, sem problemas físicos, poderia ser transferido e se adaptaria mais rapidamente à nova função. Foi demitida.

Celeste Cintra

LIVRARIA BRANDÃO

Insc. Est. 81 202818 — C.G.C. MF 34 042 168/0001-81

Livros de Bolso — Gibis — Revistas
Compra-se e Vende-se

Hélio Brandão

Rua Luiz de Camões, 61-A
Recados: Tel.: 388-5382 Centro — Rio de Janeiro

Apresentando este anúncio você terá 20% de desconto

caixa 2

Ricardo Bueno

Três crimes da política econômica

O Brasil é um país de tecnocratas assassinos. Apenas uma frase de efeito? Não. Olha aí os exemplos: **Assassinato n.º 1 —** O pessoal da Secretaria da Receita Federal chamou os dirigentes das empresas que produzem cigarros (todas multinacionais) e pediu que façam maciças campanhas publicitárias para aumentar as vendas, que caíram 2,5% este ano (em relação a 1980).

A razão do pedido é simples: cerca de 80% do que o consumidor paga por um maço de cigarro é arrecadado pelo governo, sob a forma de impostos. Assim, se você fuma um cigarro que custa 60 pratas o maço, saiba que 48 pratas vão para os cofres do governo. Ora, o governo está precisando arrecadar muita grana este ano e, quanto maior a venda de cigarros, melhor pra ele.

É lógico que muita gente talvez ache uma sacanagem induzir o povo a fumar mais, através de propaganda maciça, pois cigarro dá câncer, enfisema pulmonar, enfarte etc. Enfim, o cigarro mata. Mas os tecnocratas não se importam que os cemitérios fiquem cheios, desde que os cofres do Tesouro Nacional também fiquem.

Assassinato n.º 2 — Os ministros da área econômica estão em plena campanha contra a política salarial. Delfim quer mudá-la. Ernane Galvêas, da Fazenda, também, e Camillo Penna, da Indústria e Comércio, idem. Camillo quer acabar com os 10% acima do INPC a que têm direito os que ganham até 3 salários mínimos. Segundo ele, o mecanismo está provocando uma redistribuição da renda muito rápida e as indústrias que produzem bens de consumo popular não conseguem aumentar a produção no mesmo ritmo da demanda.

Além disso, afirmou Camillo, os assalariados que ganham bem (o pessoal da classe média alta) está sendo muito penalizado pela política salarial, já que seus salários são reajustados abaixo do custo de vida. Uma injustiça, diz o ministro.

O que Camillo Penna não disse é que os 10% a mais, para os que ganham até 3 mínimos são, em grande parte, uma ilusão. As empresas mandam empregados embora, na época dos dissídios salariais, e contratam outros com salários mais baixos. Quando contratam, pois, do jeito que as coisas estão, muitos empregados são mandados embora e ninguém ocupa seu lugar. A miséria anda cada vez mais intensa, mas o ministro da Indústria e Comércio, em vez de se preocupar com os pobres, anda angustiado com os apertos dos ricos e quase-ricos.

Ao que parece, falta ao ministro, entre outras coisas, compaixão — que, como disse certa vez o economista Chico de Oliveira, é uma qualidade que distingue o homem de outras espécies animais.

Assassinato n.º 3 — O presidente do Banco Central — Carlos Geraldo Langoni — e outros tecnocratas, andam esfregando as mãos de alegria com as geadas que atingem o sudeste e o sul do Brasil. Os rapazes adoraram a destruição de grande parte da safra de café, pois, com a escassez do produto, seus preços subirão no mercado internacional. Como o Brasil é grande exportador de café, isso é sinônimo de mais dólares.

Pois é... Só que, com a escassez de café em 82, os preços vão disparar também no mercado interno, prejudicando o consumidor brasileiro. Além disso, a geada não destruiu apenas parte da safra de café. Atingiu também plantações de feijão, batata, milho, girassol etc. No caso do feijão e da batata, já surgiram algumas informações de que terão de ser importados, pois a produção nacional não dará para atender à procura.

Ora, qualquer um sabe que, quando os produtos agrícolas escasseiam no Brasil, seus preços disparam. Os especuladores fazem a festa: formam estoques e jogam os preços para as nuvens. É o que provavelmente acontecerá com o feijão, a batata e até com o café.

Mas os tecnocratas esfregam as mãos de satisfação, por causa de uns dólares a mais. O problema é que o povo brasileiro não come dólares — e sim feijão e batata.

DESCOBERTO O REMÉDIO CONTRA INFLAÇÃO E QUEDA DOS SALÁRIOS

Governo faz miniaturas de alimentos para reduzir preços

Juca Macunaíma estava lendo distraidamente o jornal, quando deu de cara com a seguinte notícia o ministério da Indústria e Comércio recebeu solicitação das empresas de torrefação e moagem para autorizar a venda de café em pó, em embalagens de 100 gramas. Alegam elas que, atualmente, com os níveis de preço, a população, especialmente no Nordeste, está sem condições de adquirir de uma vez as embalagens de 250 gramas, as menores admitidas pelo governo

Juca achou a idéia genial Já que não revela o governo a mínima intenção de garantir aos trabalhadores salários mais altos ou alimentos a preços mais baixos, o negócio é partir para a redução das quantidades e tamanhos. Se o salário do pobre está minguando, o que ele compra também deve minguar, pensou Juca. É uma questão de lógica

Ele começou, então, a imaginar como poderiam ficar as coisas. O açúcar também deveria ser vendido em embalagens de 100 gramas para empatar com o café· As embalagens de leite poderiam ser reduzidas de um litro para um quarto de litro. A bisnaga, incômoda de carregar, ficaria muito menor, de maneira a caber na mão da dona de casa O pão francês deveria ser tão pequeno que pudesse sumir com apenas uma dentada Se os salários continuassem a diminuir, novas adaptações seriam feitas e se poderia atingir um ponto em que o pão francês deixaria de existir e em que a bisnaga ficaria do tamanho do pão francês

Para que a idéia funcionasse, o ministério da Agricultura teria que dar uma grande colaboração Seriam iniciadas, imediatamente, uma série de pesquisas para reduzir o tamanho dos alimentos. O limão deveria ficar do tamanho de uma azeitona. A abóbora, do tamanho de uma laranja e as batatas pequenas e graciosas como as ervilhas. Banana só nanica. O ovo de galinha minguaria e ficaria do mesmo jeito do ovo de codorna. E assim por diante. O ministério da Agricultura, acompanhando os novos tempos, passaria a se chamar ministério da Miniatura

Alguns produtos de grande consumo popular já não são muito pequenos e dificilmente poderiam ficar ainda menores. É o caso do arroz e do feijão. Aí, a solução é vender quantidades menores Quanto ao feijão, por exemplo essas exageradas e anacrônicas embalagens de 1 quilo teriam que ser eliminadas. O feijão passaria a ser vendido em grãos. Uma mulher pobre, com uma família de 4 membros, compraria apenas 10 grãos de feijão. Cada membro da família teria direito a 2,5 grãos por semana. Não é muito, mas é melhor do que nada, pensou Juca Macunaíma

É provável que muita gente não gostasse da idéia e começasse a achar que o povo estava sendo roubado pelo governo e pelos empresários — e que, por isso, estava tendo que comprar comida em miniatura Para liquidar com esse equívoco, o governo, através de campanhas publicitárias, procuraria mostrar que o "negócio é ser pequeno", que "nas pequenas bananas é que estão os grandes sabores", que "feijão em grão é a solução" e assim por diante

Além disso, caberia ao governo lembrar às famílias pobres os malefícios causados pelo excesso de comida Quem come muito, engorda demais e fica sujeito a ataques do coração. Arrisca-se, também, a ter sérios problemas de coluna. E quem não sabe que o gordo é um sujeito com pouco fôlego e grandes problemas respiratórios?

O saudável, portanto, é ser magro, raquítico, seco. Ser assim traz também a vantagem de ter um corpo de acordo com os mais rigorosos padrões estéticos de nosso tempo. Alguém já viu algum galã de novela ou de cinema que seja obeso?

Perante tal argumentação, o povo compreenderia as vantagens de comer cada vez menos e de adotar os alimentos em miniatura. O governo brasileiro estaria, portanto, matando vários coelhos com um golpe só resolvendo o problema da redução dos salários e, ao mesmo tempo, zelando pela saúde e pela beleza física do povo deste país Uma iniciativa tão humanitária e com propósitos sociais tão elevados, pensou Juca Macunaíma, que tornaria o governo brasileiro um sério candidato ao prêmio Nobel da Paz

Não se deve esquecer, também, o fato de que a experiência brasileira certamente interessaria muitíssimo aos governos de diversos países da Ásia, África e América Latina, nos quais, a exemplo do Brasil, a população não tem condições de comprar alimentos tão grandes como os que são produzidos hoje em dia. Portanto, a iniciativa nacional alcançaria repercussão mundial, contribuindo poderosamente para melhorar nossa imagem no exterior

Ricardo Bueno

CODAL
EQUIPAMENTOS COMÉRCIO E REPRESENTAÇÕES LTDA
BAZAR — PAPELARIA
ARTIGOS PARA ESCRITÓRIOS EM GERAL
Rua S. Francisco Xavier, 989 loja F * Tel 281-1011
DESCONTOS DE 10% AOS PORTADORES DESTE ANUNCIO

Você pode enviar seus contos eróticos para o I Concurso do REPORTER até o dia 30 de novembro

SILENCIOSOS E AMORTECEDORES
AUTO CENTER CLAVIER — TEL. 269-3246
CLAVIER
O silencioso pelo menor preço
Originais e esportivos
VIDRACEIRO - ELETRICISTA MECÂNICO
Rua Dois de Fevereiro, 21 esq c/Amaro Cavalcanti
10% DE DESCONTO AOS PORTADORES DESTE ANUNCIO

Começamos a divulgar os trabalhos enviados para o I Concurso do REPORTER. Os autores publicados nesta página podem receber Cr$ 2.500 cada, conforme as normas estabelecidas.

CONTOS ERÓTICOS

TRÊS POR QUATRO

Não consigo dizer como sou! Como é difícil falar de mim mesmo! Tenho de me apresentar por meio de palavras e uma fotografia 3 x 4 (o que pode dizer realmente uma fotografia em branco e preto?) Pouca coisa (**pele clara**) Exprime quase nada (**1,65 m/63 kg, na última vez que me pesei**) Acrescenta muito pouco ao que diz uma carta

"É uma carta bem escrita merece uma resposta" (**correspondência com pessoas compreensivas**). As cartas são como as fotografias não transmitem senão o que sentimos quando tentamos entendê-las (**para amizade ou algo mais**). "Devo dizer que recebi com satisfação Não! Satisfação e surpresa'"

A fotografia nega o que diz a carta (**olhos castanhos claros**) Ela não registra sentimentos (**sagitário**) O que é uma fotografia? Uma reprodução (**alegre**) . uma [illegible] inanimada de uma pessoa (**cabelos escuros**)... ima[illegible] distorcidas às vezes . **sensível**) uma cópia infie[l] pois a fotografia [illegible]o capta emo[illegible] **28 anos**) traços chapados em 3x4, que não envelhecem

Como é complexo o relacionamento humano! As ruas estão cheias de pessoas [illegible] qual será o tamanho da solidão que atira as pessoas nas esquinas, nas (**Caixa Postal, 58034/São Paulo SP / CEP: 01000**)?

As cartas são pessoas sem rosto nem língua "Morando na mesma cidade, não é justo que não nos conheçamos pessoal e intimamente" (um convite que seduz quebra a cautela da idade)

Como serão os castanhos de seus olhos?" — o coração [illegible] mais covarde de meus órgãos, mal toquei a campainha ele disparou

'Gostarei dos dedos de suas mãos?" - deve ter saído Por que não atende? "Cabelos negros são sensuais ou sexuais?" — o barulho da chave, lambendo metalicamente as entranhas da fechadura, me deixa tenso

Você

Eu. . Posso entrar?

Desculpe, entre Não repare

Não se preocupe ..

(Experimento a impressão de que estou tendo um enfarto)

- Beber[illegible]

. Qualquer bebida .

(Suas mãos tremem, seus olhos têm um brilho que a fotografia não fixou)

Obrigado

(Posso escutar seu coração)

De natureza ativa

(Preciso tomar alguma iniciativa é sempre complicado transformar palavras em gestos)

- Alguma decepção?

- Não.. o retrato não me fez reparar em seus lábios seus cabelos pareciam mais lisos

Sua está quente!

O licor de menta refresca o hálito a sua boca e[illegible] os meus lábios Suas mãos em movimentos longitudinais per[illegible]

Descobrimos nossas inti[mi]dades estranho pedaço do corpo, de sensibilidade tão intensa (sua língua desliza pescoço abaixo na direção dos mamilos que se a[illegible]entam na volúpia de seus lábios em sucção) [illegible] querdo é mais excitante (sua língua tépida desvenda me[u] umbigo fui engolido pelo calor de sua boca as extremidades dos dentes aveludam-se nos lábios contraídos estímulos deslizan[tes] prazerosos movimentos de pressão e alívio) .. estou chegan[do] ao ponto máximo da excitação [illegible] a perícia dos engolidores de fogo expulsa da boca o membro incadescente! descubro nuances de sensação que jamais imaginara existirem... (da mesma natureza astuta que a papa-ovo sua língua circunda a espera em brasa que choca em sua boca, os movimentos circulares das mãos em conchas estimulam as nádegas, meus dedos se afundam em ternas pressões . [illegible]acancia, o médio ao esfíncter, em contrações) .. os gemidos vazam seu corpo (a saliva torna lúbrica a delgada abertura)

Ai!

Seu corpo estremece, percorrido pela labareda de um arrepio, enquanto os dedos se sucedem.. relaxante reconhecimento! A mão dirige-o!

Ai!

Estou machucando?

Não

(Seus suspiros citam nomes que eu não decifro. .)

É impossível penetrar!

(Salivo a glande... o seu corpo serpenteia... a fenda cede ao membro em chama. .)

Ai!

(Um repouso deixa que o músculo se acostume à dilatação ao estranho pedaço que alarga o vulcânico conduto ..)

Ai!

É a primeira já não lembrava do anúncio tua carta me fez sair correndo para comprar a revista

Ai!

Estou sendo tragado pelo mesmo vulcão que me expele

(Com as estocadas, os ais se golpeiam no silêncio do quarto mal iluminado!

Sou conduzido ao limiar do clímax

(Despejo-me de forma mágica dentro do seu corpo... nossos corpos experimentam um orgasmo intenso mas não se sa[illegible] dentadas leves mastigam [de]licados lóbulos das orelhas [illegible] dedos semeiam fogo em toda parte do corpo. lambendo o pescoço, a nuca as costas. .)

- Ai que gostoso!

Nossos corpos alcançam a mesma cadência, em encontrados exercícios

Ai

(Gritam os corpos saciados Sinto o dolorido e irritad[illegible] teimando em ficar assim, espigad[o]

- Um banho morno acalma

(Cubro-lhe as costas de espumas a corrente de água deleita o peso e a sensação da água que cai a toalha macia sorve as gotas suas [illegible] acariciando o [s]ua boca tragando o guloso[illegible]

A.

(Suas pernas se abrem sobre minhas coxas. . seu peso auxilia-se da mão para devorá-lo .. nossas bocas não se bastam)

Ai! Ai! Ai !

(O chuveiro desligado, o frio da água empoçada.. despertamos, agora serenados ..)

Quando nos veremos novamente?

É só marcar a hora e o dia!

- Por favor, me devolva a fotografia, já não precisa dela para imaginar como eu sou, pessoalmente

Pseudônimo: Zefa

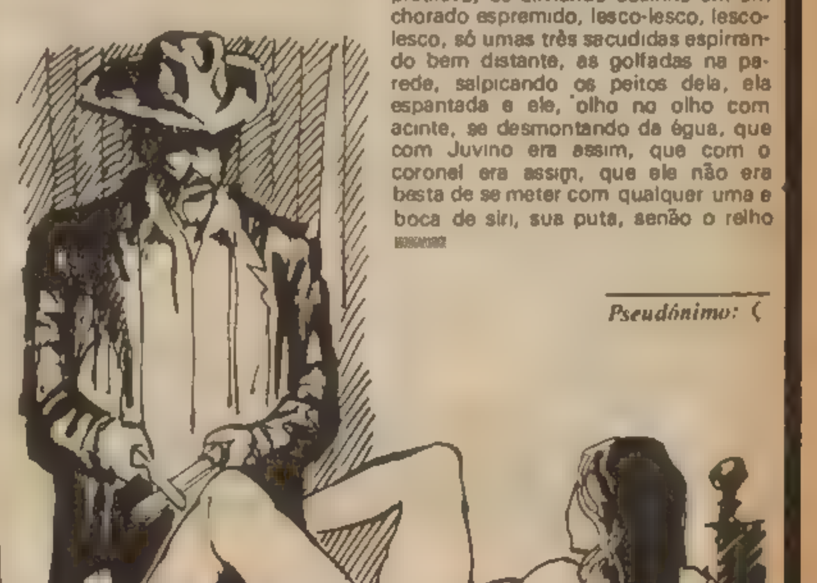
O CORONEL JUVINO

Dia do coronel Juvino chegar na casa de Maria da Fé era dia de rabuliço, as meninas apertando as priquitinhas, ai meu Deus, que o coronel era cheio de segredos, bastava ver a tristeza que cala sobre a tal da escolhida, assim que ele se ia. Sempre queria a mais nova, isso de tempos em tempos, para afogar a viuvez, as com cara de anjo, de menina no primário. Mil sussurros, mil silêncios e ai daquela que atrapalhasse seus gostos e contragostos, porque, dia menos dia, aparecia gemendo, lanhada de chibatadas. E mal ele ia chegando, os quiquiquis pelos cantos, porque era público e notório que vara maior não tinha nos baixios de São Francisco. Maria da Fé com respeito, no penhoá cor-de-rosa: olhe essa, coronel, chegada do Gararu e essa outra, da Barra de S. Miguel, meninas novas ainda de cabaço recém-rebentado — que as de cancela aberta ele não gostava não. No seu paletozão branco, o chapelão no cabide, com o olho experimentado escolhia a mais branquinha com corpinho de criança, rosto de santa menina, e só com a sobrancelha e o franzido da testa apontava a direção, o quarto já preparado — que Maria da Fé era a única a saber de seus preceitos. A menininha, assustada, tremelicava de medo, só de ouvir a sua voz. E o medo mais aumentava quando via o velho abrindo a pasta preta e, de navalha em punho, dizia: tire a calcinha qu'é pr'eu fazer meu serviço, raspar você — jogando dinheiro na cama, que boca se cala assim. a espuma ele mexendo, para pincelar os pentelhos, que ia raspando lento, com cuidado, com carinho, afastando bem as pernas, vez em quando uns lambitoques, dedo na perolinha, para, assim que terminasse, a bichinha já estar no ponto.

Passado o primeiro susto, a menina se entregava à sorte do deus-dará, já toda escorrendo babas pelos dedos do coronel, já toda se contorcendo e até rindo dos carinhos, o jeito dele engraçado, dizendo que cajarana era fruta que não chupava e pentelhuda só uma, sua finada Liquinha, que só lhe deu filho homem, Deus a tenha, que bom mesmo devia ser era xibiu de anjo e vai ver que era por isso que se cercava deles

Depois do trabalho pronto, a língua vistoriava as pontinhas atrevidas, que de couro de toucinho ele também não gostava. E lá vinha lambe-lambe, a língua mole visguenta, pedindo para que a mocinha se conservasse quieta, se remexesse apenas o que fosse necessário e, aos poucos, aos pouquinhos, os dedões, de cada lado da pomba depenadinha, escancelavam com gosto, procurando carocinho de carambola sumarenta, o repinicar da língua na flor de açucena aflita, o roxo se transformando no vermelho luminoso, a quentura almiscarada que ele puxava com gosto, os olhos bem fechadinhos, é hoje que me acabo, sem o paletó, sem a camisa, paciência, minha filha, afastando a mão dela que, aos tatos, procurava, pela frouxidão das calças, o pinto tão afamado. Agora — dizia — venha, conduzindo a putinha pr'uma bacia com água que Maria da Fé preparava com folha de manjericão A putinha toda nua, ele agora de cuecas, a tentação era grande dela pegar na estrovenga, mas ele logo afastava mão que fosse atrevida, que o coronel não era homem de dengues e redendengues, que precisasse de alguém pra punhetar seu instrumental. Sente agora levezinho, qu'é pra água não espanar, se agachando ao lado dela, alisando a raspadinha, a testa toda lisinha, limpinha que só uma criança podia ter parecida, os dedos afundando, lavando compenetrado, abrindo vales, caminhos, se perdendo nos atalhos, o fura-bolo siriricando no pinguelinho brilhante, o cheiro subindo forte e ele sentindo agora sua macheza se erguendo, furando quase a cueca, como se pronta a jorrar sua cascata de leite. O cheiro de maresia e do manjericão destilavam seus venenos, que ele sorvia aos goles, a boca toda afundada no mel, no sal e nas gomas, o borbulhar das carícias, já um dedo correndo doido pela picada da bunda, o orifício afamado, a pobrezinha pedindo a Deus que acabasse com aquele inferno de gozo, vendo ele segurando a mandioca, arregaçando o pelame, saltar de dentro a bolota, vermelha que nem pimenta, mas ainda tinha tempo, ele guardando a bitela, pra ir pegar a toalha pra enxugar a fofinha, num transe mediúnico, pedindo só paciência, qu'inda faltava o talquinho, ela deitando na cama, as pernas escancaradas, o pó voando no quarto, os dedos dele melados do talco Johnson & Johnson, quase já fora de si com perfume tão gostoso, ela querendo acabar e ele sem querer ajuda, nem de boca nem de mão, até que, finalmente, o cavalão decidia se montar em cima dela e logo se arqueando como segurando um cabresto, empunhava a pratileva, se aliviando sozinho em um chorado espremido, lesco-lesco, lesco-lesco, só umas três sacudidas espirrando bem distante, as golfadas na parede, salpicando os peitos dela, ela espantada e ele, olho no olho com acinte, se desmontando da égua, que com Juvino era assim, que com o coronel era assim, que ele não era besta de se meter com qualquer uma e boca de siri, sua puta, senão o relho [illegible]

Pseudônimo: (



TV REPORTER apresenta
O MELA-CUECA DAS 8
SINOPSE DE GOLBERTO CLER
QUEM É MEU PAI, PORRA?
SEI LÁ, CACETE! SOU DA NOVELA DAS 7!
REPORTER
LEVOU 100 PONTOS NO IBOPE UI!

Quinzenal - De 19 de agosto a 1 de setembro de 1981 - Nº50 - Ano IV - Cr$ 70,00 AUTÔNOMO INDEPENDENTE

REPÓRTER

O RENDEZ VOUS DA RUA ALICE P. 10

Fernanda Montenegro diz que pior de tudo é a desilusão

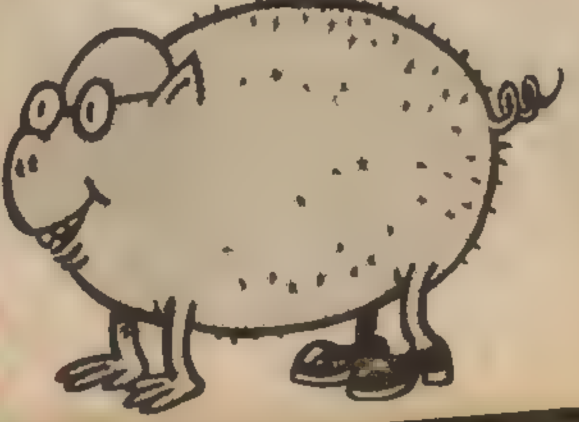
O RISO AMARELO DA CLASSE MÉDIA

Dina Sfat lança moda homem-mulher pra alegrar verão P. 4 a 8

JUNIOR, CABEÇA DA CORRENTE P. 14 a 17

DELFIM MORDEU GOLBERY!!

LADY DU em O REI, A RAINHA E O LEITÃO P. 12



A prova do Puma

Na edição 48, REPORTER falou do enorme puma que aterroriza os operários da fábrica de carros do mesmo nome, em São Paulo. Aí está ele, na foto de Clovis Cranchi Sobrinho.

O GENERAL INTELIGENTE

O general Golbery saiu antes que o mandassem embora ou o circo pegasse fogo. Ele mesmo confessou que tem medo de postes. Seu raciocínio é o seguinte: fora de um regime político tutelado por um governo forte, que a seu gosto franquia ou restringe liberdades, não há salvação. Há instabilidade, violência do Estado, reação, cabeças cortadas. Ele confia em que a idade o salvará da cruz, mas não quis arriscar. Retirou-se, para voltar ao terreno no qual se mexe com desembaraço. A articulação, por trás da cena. Eis aí um fato interessante. Fica registrado na biografia deste importante general de centro-direita que ele não é centro-avante; joga mais atrás. E Figueiredo, ao contrário de Geisel, o expôs, e acabou oferecendo-o ao grupo dos duros, de Octavio Medeiros, Delfim, Andreazza. Este é outro registro no currículo: Golbery precisa de um par, alguém que encarne autoridade para que ele, protegido, exerça o poder fluentemente. Figueiredo não é Geisel, o general desafinou.

A história de sua derrubada, que ainda não foi contada, mostrará com detalhes a precariedade dos arranjos políticos de um governo autoritário, fechado à participação popular. Os fatos espocam como furúnculos para surpresa de todos, mas os novos beneficiados juram que nada mudou — e fica tudo por isso mesmo. Brasília é tão longe de todos nós, tão inacessível, que é como se estivéssemos tomando conhecimento de um terremoto na Austrália. A coisa nos toca, mas a distância aplaca a curiosidade.

No entanto, o fato deu-se no nosso país e o atingido foi o primeiro-ministro, que, por achar que o Brasil não é a Bolívia, preferia controlar a malta do que ser devorado por ela.

• *Mais Golbery nas págs. 3, 8, 12, 21 e 22*

Foto Chiquito Chaves

O general Octavio Medeiros, chefe do SNI, candidato à sucessão indireta de Figueiredo, durante o desfile das escolas de samba, no Rio. Agora, ele pôs o próprio bloco na rua.

15 anos da bomba no Guararapes

Dia 24 de julho fez 15 anos que terroristas, até hoje não identificados, explodiram uma bomba no aeroporto dos Guararapes, no Recife, matando uma autoridade militar e um jornalista pernambucano que aguardavam a chegada do general Costa e Silva, ministro do Exército do general Castello Branco.

Para comemorar a data, um grupo de pessoas desconhecidas promoveu uma panfletagem no mesmo aeroporto acusando o "urso soviético" como responsável pelo atentado e, de lambuja, afirmando que o tal urso fora também o autor das explosões do Riocentro.

Presente à panfletagem, o diretor da Bloch Editoras em Pernambuco, Fernando da Câmara Cascudo, que, segundo se diz, estará à frente da TV-Manchete do Recife. Câmara Cascudo é conhecido desde os tempos em que, durante a guerra colonial portuguesa, assessorava o líder guerrilheiro Holden Roberto, da Frente Nacional de Libertação de Angola, FNLA, facção guerrilheira financiada pela CIA nos governos de Nixon e Gerald Ford.

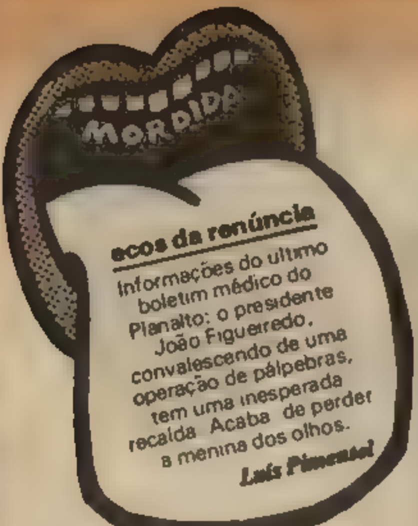
Um padre, que naquele dia 24 embarcava para a Holanda, depois de ler o panfleto, recusou um segundo exemplar, sendo agredido verbalmente pelos manifestantes; outro senhor, confundido com D. Pedro Casaldáliga, quase foi agredido fisicamente.

Eduardo Homem

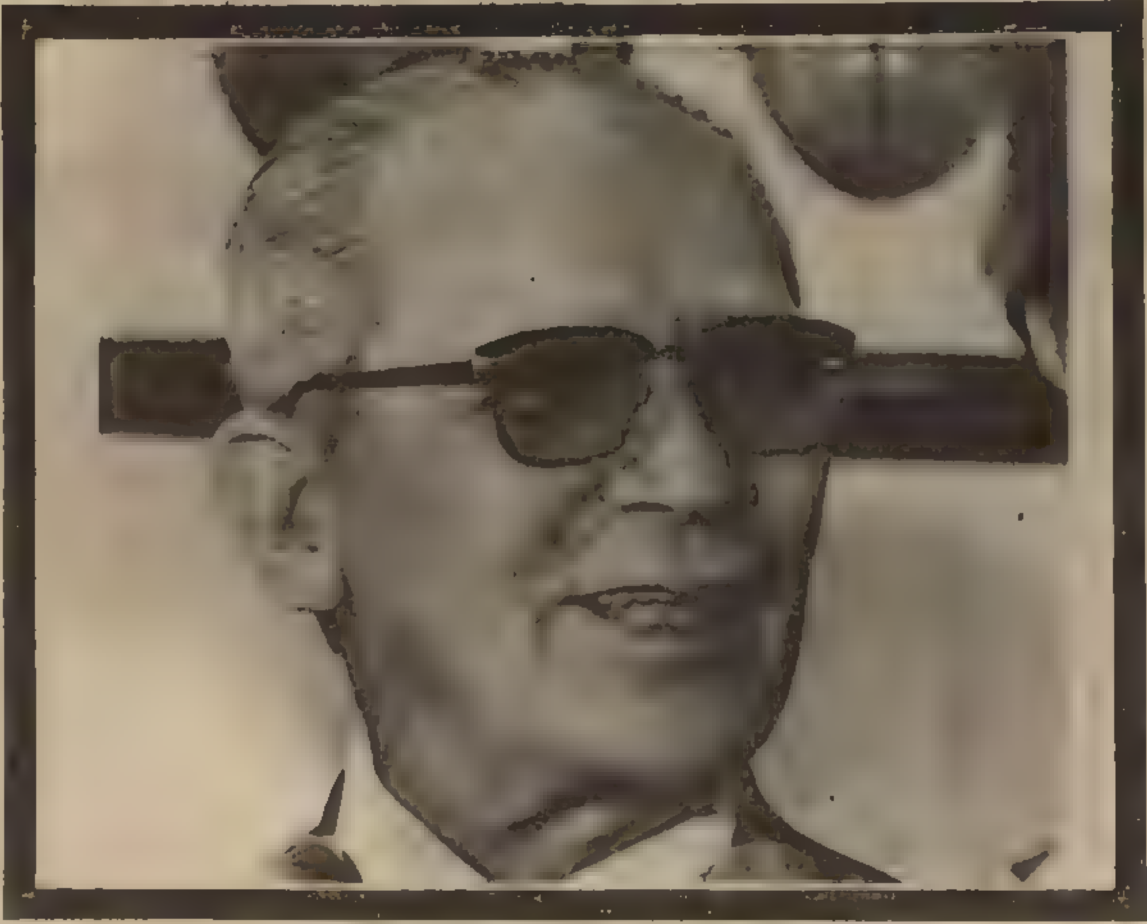
Foto Agência Arj

REPORTER

EDITORES ... Alberto Betten ... Pps Arte
REPORTAGEM — Rio de Janeiro ... São Paulo ... Recife Eduardo ... Beth Salgueiro Salvador ...
FOTOGRAFIA — Rio de Janeiro Chiquito Chaves São Paulo Wagner Avancini ... Pastore, Valdenir Benedetti Recife Vaidir Afonso, ...
ARTE — Analuce Estrella, Ana Maria Martins, Guidacci
CIRCULAÇÃO — Simeão Marques
PUBLICIDADE — Lucília Braga
(Rio) ... Justo Reis (São Paulo)
DEPARTAMENTO JURÍDICO
Luís C... Araújo (Rio) ... Eduardo Costa Pereira (Recife)
REPORTER Autônomo independente é uma publicação de MARGEM S/A EDITORA E GRÁFICA Rio de Janeiro rua Miguel Couto 134/11.° Tel 253 5038/253 5077 São Paulo rua do Seminário 155, sala 30 Tel 227 7175 Recife av Conde de Boa Vista 121/gr 708 Tel: 222 1224
Composição Editora Mory, rua do Resende, 65 — RJ
IMPRESSÃO
Gráfica e Editora Jornal de Hoje Ltda Rua Kennedy, 101-111 Nova Iguaçu Tel 767-...

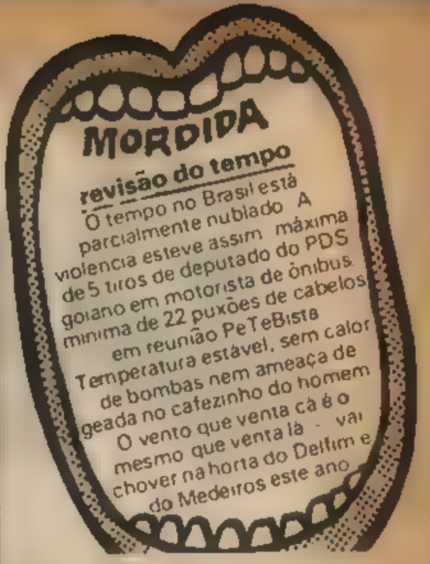


Livro mostra que o general Golbery era o cérebro do movimento militar



Até o SNI sai do fichário dele. Hoje, sua criatura o devorou

FOI-SE O PAI DO GOLPE DE 64



A saída de Golbery do governo foi, sem dúvida, uma vitória das forças de extrema-direita, mas representou também o mais duro golpe já sofrido pelo grupo militar que tomou o poder em 64 Quase todo o grupo chegou ao poder pelas mãos de Golbery Figueiredo, Medeiros (SNI) Venturini (Casa Militar), Aquino (secretário do presidente), Pires (ministro do Exército), Mário Andreazza (do Interior), todos es ses Golbery comandava no IPES. O Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais que preparou e deflagrou o golpe de 64 — abrindo-se daí para frente as portas do governo para os empresários e militares desse instituto

Quem conta é o historiador René Dreiffus, que fez uma tese sobre o golpe de 64 no Brasil para a Univer sidade de Glasgow, na Escócia. O trabalho virou livro

O começo do IPES se deu com o fim do governo Jânio Quadros Enquanto durou, Jânio ainda era uma esperança para os grandes grupos econômicos norte-ameri canos, associados a capitalistas nacionais, que ocuparam os mais importantes ministérios de Jânio: o ministro da Fazenda era da diretoria da Light (Clemente Mariani); o ministro da Indústria e Comércio representava a Westinghouse e o The Royal Bank of Canada (Arthur Bernardes Filho); o representante do grupo Rockefeller, Walter Moreira Salles, era o embaixador brasileiro nos Estados Unidos. O grupo Mellon, através de seu "funcionário" Oscar Pedroso Horta, estava no Ministério da Justiça.

O empresário João Batista Leopoldo Figueiredo (navegação), tio do Figueiredo atual, era membro da Câmara Americana de Comércio e, com Jânio, foi presidente do Banco do Brasil. Paulo Ayres Filho foi, na época, diretor do Banco do Brasil. Os dois últimos, mais o empresário norte-americano Gilbert Huber Jr., que morava no Rio, foram praticamente os primeiros a formar o IPES, quando João Goulart assumiu. E na primeira leva de generais veio Golbery, pois o grupo queria ter oficiais da Escola Superior de Guerra. E ele foi um dos fundadores do Instituto, ao lado de outros nomes hoje conhecidos, todos caracterizados como sendo de direita ou centro-direita. Militares de extrema-direita não participaram muito das etapas até 64. só em 64, representados pelo coronel Jaime Portella e pelo general Costa e Silva, eles tentaram aliciar o general Mourão (que pensava estar fazendo a revolução independente do IPES) e conseguiram o Ministério da Guerra, no governo Castello, para Costa e Silva.

As diferenças entre os grupos militares de direita e de extrema-direita só aparecem na prática, quando um ou outro assume o governo. Pois, no fundo, a confusão é muito grande. O IPES, por exemplo, se foi fundado para defender a "democracia", mantinha estreitas ligações com a extrema-direita através de importantes associados como Júlio de Mesquita Filho (do jornal o *Estado de S Paulo*) e Paulo Egydio, ex-governador paulista. Diz o historiador René Armand Dreiffus no seu *1964, A Conquista do Estado* que, entre os militares, "os extremistas de direita eram basicamente um grupo marginal" e, como pessoa que representa o grupo, cita o hoje brigadeiro João Paulo Moreira Burnier, coronel na época.

No exército, o contato desse grupo era o coronel Jaime Portella "Esses oficiais — diz o livro — estavam ligados a alguns dos mais agressivos membros do IPES-São Paulo e a Júlio de Mesquita Filho. O grupo paulista de "linha dura" era formado, segundo Abreu Sodré, pelo tenente-coronel Rubens Resteel, Júlio de Mesquita Filho, seu filho Ruí, Flávio Galvão (jornalista de *O Estado*), brigadeiro Brandini, Paulo Quartim Barbosa, Paulo Egydio Martins, Luiz Carlos Mesquita (irmão de Júlio) e outros.

Faziam parte também do IPES, "atividades secretas" e "atividades pouco acadêmicas", as quais Golbery chefiava. É difícil dizer o que Golbery não fazia dentro do Instituto. No atacado, ele organizava um imenso fichário com 400 mil nomes (número a que chegou em 64) de pessoas de esquerda, arquivo que, depois do golpe, deu início ao Serviço Nacional de Informações, cujo primeiro chefe foi Golbery — e cujos chefes, daí para frente, se tornaram presidentes da República, evidenciando a força autônoma que obteve o aparato de informações

Golbery também comandava a escuta de 4 mil telefones, infiltrava agentes no movimento estudantil, preparava projetos para depois serem apresentados no Congresso por deputados "comprados" pelo IPES e ainda "plantava notícias anticomunistas nos grandes jornais Conseguiu ainda ser apontado como envolvido com grupos paramilitares de extrema-direita, como o MAC — Movimento Anticomunista. A acusação aconteceu em fevereiro de 62 Os acusados eram Golbery e Gilberto Huber Jr., Jr., um dos cabeças do IPES. O Instituto, por meio de líderes como Glycon de Paiva (hoje no Ministério das Minas e Energia), achava que "os acusados deviam se defender sem nunca citar o nome do Instituto, pois a equação MAC-IPES era letal".

O IPES, portanto, nunca negou a participação nessas atividades: apenas recomendava que tudo deveria permanecer em segredo No governo Jango, quem apurou essas acusações foi o ministro da Justiça, Alfredo Nasser, que, segundo Gilberto Huber, "estava apavorado e embromado" pelas acusações, pois era amigo do IPES, via Glycon

Muitos outros grupos de extrema-direita apareceram no início dos 60, como o OPAC — Organização Paranaense Anticomunista — que se reunia dentro de entidades ligadas ao IPES, como o Serviço Social do Comércio (SESC), da Indústria (SESI) e Associação Comercial do Paraná. Outro associado do IPES, Henning Boilessen, "incluía-se entre os responsáveis pela consolidação de um esquema de apoio financeiro ao aparelho repressivo da polícia e das forças armadas. Ele reuniu um grupo de empresários que contribuía financeiramente e fornecia equipamentos para as organizações de segurança". Havia suspeitas de que Boilessen fosse agente da CIA (isso, dentro do próprio IPES), quando ele começou a pedir dinheiro para uma nova organização, que seria chamada Operação Bandeirantes. A OBAN. O general Menna Barreto, também do IPES, foi o criador do DOI-CODI, que substituiu a OBAN.

O IPES tinha um setor que trabalhava com a finalidade de "perturbar violentamente as atividades" do governo de Jango em São Paulo. Figuras políticas conhecidas, "e até ministros de Estado, foram amedrontados", conta o sócio do IPES Herman de Moraes Barros. O general Agostinho Cortes, que comandava as operações, tinha apoio de um dos setores do IPES, o de opinião pública de São Paulo, "e de maneira especial de Fernando e Roberto Levy, filhos do empresário, então no IPES, Herbert Levy (hoje dono do jornal *Gazeta Mercantil*), do Instituto de Engenharia e da polícia de Adhemar de Barros

A necessidade de armas também era resolvida dentro do IPES Havia o GAP — Grupo de Ação Patriótica — que transportava armas entre São Paulo, Rio e Minas Uma das pessoas envolvidas nesse trabalho era a deputada Sandra Cavalcanti (como foi apurado pelo Serviço Federal de Informacões e Contra-Informações), e ela estava nisso ao lado do coronel norte-americano Vernon Walters, dos irmãos Borer, Cecil e Charles (presidente do Botafogo, do Rio), de João Leopoldo Batista Figueiredo (que através da Leopoldo Navegações, sediada em Nova Iorque, transportava armas), de Alfredo Byngton, sogro de Paulo Egydio Martins, que em companhia de Adhemar de Barros e de Júlio de Mesquita Filho tratava não só de conseguir armas para os militares, mas também para os próprios empresários. Os empresários "deveriam armar-se uns aos outros", dizia Jorge Behring de Matos, um dos líderes do IPES

"Sem seu trabalho, a revolução de março não seria possível" Palavras de Glycon de Paiva a respeito de Golbery. No IPES, ele estava encarregado da coordenação das operações militares e de informação, e seu grupo civil-militar era consultado em todas as questões militares e políticas. De acordo com o livro *1964*, Golbery "não era simplesmente o chefe nacional do setor encarregado da preparação estratégica do IPES, para a qual havia sido contratado pelos empresários em fins de 61. Ele desempenhava também um papel central na campanha militar para a deposição de João Goulart, como coordenador da articulação encoberta entre os vários líderes do movimento. Segundo Glycon de Paiva, Golbery foi quem realizou a parte cerebral do golpe, e havia sido incumbido da direção de uma variedade de operações de natureza menos acadêmica do que aquelas normalmente creditadas ao IPES.

Como se vê, se do governo Geisel para cá Golbery foi o chefe da "abertura", em 64 ele foi o líder do "fechamento" — e usou de todos os meios, limpos ou sujos, para esse fim. Sabia tomar o poder (fechando) e conservá-lo (abrindo lenta e gradualmente). Sem sua presença, o governo pode tomar mais fortemente o rumo da direita, mas também se enfraquecerá. O fim de Golbery pode ser o fim de um ciclo.

Alex Solnik

DESILUSÃO

Reportagem de Francisco Viana. Fotos Chiquito Chaves

A classe média da zona sul do Rio enfrenta a crise econômica sem esperanças. Já há histórias de pequenas tragédias, e até na praia, antes reduto de humor e filosofia, o astral baixou: é lá que se reúnem o empregado feliz, o subempregado na fossa e o desempregado em desespero. Chocante. A mulher, pressionada pelas despesas, assume os trabalhos domésticos pra fazer economia e adia ou retarda sua independência. Se frustra. As relações conjugais ficam mais tensas. Apesar de tudo, há quem espere que, no verao, a coisa melhore. A atriz Dina Sfat, por exemplo, propõe muito romantismo e beijo na boca. Ela ainda acredita no par heterossexual e quer que o verão-82 seja do homem e da mulher.

O verão da crise vai ser de fato menos alegre que o verão da abertura? Ninguém sabe. É muito difícil prever. O certo é que será um verão difícil para a classe média da zona sul. O emprego está ameaçado. Só escapa quem é rico, dono de empresa ou coisa equivalente. O dinheiro está curto para todo mundo, mesmo para quem ganha mais de dez salários mínimos. O que fazer? As reações são as mais diversas: os desesperados lamentam, se queixam de ter de voltar a morar com os pais, de estarem mais apertados do que nunca; os mais afoitos ou esquerdistas anunciam a queda imediata do regime; os mais politizados resolvem, talvez num ato de desespero, promover o general Golbery do incômodo posto de mágico do governo para guardião, fiador da abertura, e não se cansam de prognosticar o inevitável fechamento do regime como conseqüência de sua saída da Casa Civil da Presidência da República. Os mais pragmáticos simplesmente resistem. E cortam. Fazem as contas e cortam. Cortam os custos, como sugere uma oportunissima propaganda da televisão.

O Aterro do Flamengo é opção barata de lazer

Carro do ano. Corta.
Viagem para o exterior. Corta.
Uísque escocês. Corta.
Vinho estrangeiro. Corta.
Jantar fora várias vezes na semana. Corta.
Roupa da moda. Corta.

O que sobra para a classe média da zona sul do Rio?

— O pânico — sentencia a atriz Fernanda Montenegro.

Exagero de Fernanda?

— Não. A situação é de pânico, mesmo — garante Míriam Pereira Fonseca, 42 anos, mãe de três filhos, casada com um funcionário público que ganha mais de 120 mil cruzeiros por mês, uma renda elevada, mesmo na classe média.

Fernanda e Míriam chegaram a uma mesma conclusão por caminhos diferentes. Motivo da posição de Fernanda: só vê desesperança. Fala a atriz:

— Eu sou da geração que viu as principais crises das últimas décadas. Na época da guerra, eu vi a recessão, as filas para comprar um quilo de arroz. Na época do desenvolvimentismo de Juscelino Kubitschek, vivemos uma inflação mostruosa. A culpa era a construção de Brasília, para onde iam todos os recursos. Mais tarde, com a renúncia de Jânio, também houve dificuldades. Mas sempre havia esperança. A gente dizia: vai melhorar. Na época de JK eu trabalhava no Teatro Brasileiro de Comédia, vivia mal, comia mal, dormia mal, mas tinha certeza de que as coisas iam melhorar. Agora não, o traço comum é a desesperança.

Míriam:

— A classe média tá em desespero porque está perdendo **status**. Do pobre eu nem falo, porque não sei como ele vive.

A dona-de-casa e a atriz têm outro ponto em comum, além das idéias: vão à feira, fazem compras, pagam impostos, enfim, vivem o drama cotidiano da perda de poder aquisitivo. Como dona-de-casa, Míriam, moradora de Copacabana, é o que se pode chamar de uma **expert** em inflação doméstica: sabe de cor o preço dos diferentes produtos que consome, enumerando com espantosa agilidade as variações de preço nos supermercados, armazéns e nas próprias feiras.

— Eu compro tudo o que está em oferta. Se é o óleo, eu compro o óleo para três meses. Se é o frango, eu compro frango para uma semana. E assim vou economizando, fazendo as contas, tentando equilibrar receita e despesa.

Míriam interrompe a conversa para apresentar a filha e mostrar um catálogo de produtos de beleza. Explica: a menina está vendendo entre as amigas para complementar a mesada com as comissões. Esse negócio de mesada está nos dificultando a vida. Agora mesmo vão começar as aulas de um dos meus filhos e vamos ter de gastar, em média, Cr$ 350 por dia para ele ir à Faculdade e voltar, na Ilha do Fundão, e fazer um pequeno lanche.

Mesmo controlando o orçamento, Míriam gasta Cr$ 1.500 por semana só de frutas e legumes. Há dois anos, essa mesma quantia era suficiente para ela fazer toda a feira e ainda comprar 20 dúzias de laranja, 10 dúzias de bananas, abacaxi, abacate e mais filé de peixe.

— Agora eu gasto todo esse dinheiro pra comprar apenas cinco dúzias de laranja, seis dúzias de banana, os legumes e algumas frutas mais. O filé de peixe eu tive que cortar, pois está custando Cr$ 350.

Como vive Míriam?

— A coisa só não está pior porque o apartamento é próprio e meu marido trabalha num lugar onde tem cooperativa e [illegible] despesas com remédio s[illegible] reembolsadas em 50 por cent[illegible] Mas a gente vive no maior co[illegible]trole: nunca janta fora, quas[illegible] nunca vai ao cinema e os me[illegible]ninos não fazem nenhum despe[illegible]dício. Nosso apartamento ainda não foi pago. A prestação subi[illegible] de Cr$ 6 mil para Cr$ 15 mil.

Para quitar o apartamento, Míriam tem de pagar ainda Cr$500 mil. Mas ela não culp[illegible] o governo pela crise. É di[illegible]ferente de Fernanda Mon[illegible]tenegro, que politiza [illegible] questão: "A polêmica em torn[illegible] desse aumento do desconto d[illegible] Previdência (mais 2 por cento[illegible] mostra que a maré é muito for[illegible] e contra o bolso do povo. Não s[illegible] se, passadas as eleições, a [illegible]tuação piora"

Na feira, ar preocupado

Frustração de cònsumo afeta 1,3 milhão de pessoas

Na zona sul, os sinais da crise são bem evidentes: restaurantes vazios, grande número de liquidações, uma legião de desempregados e subempregados se queixando na praia e reclamações contra a inflação e o governo ouvidas em toda parte.

— O pessoal da zona sul tá levando o problema da crise numa de muito baixo astral — reclama Ivone Mattos, 26 anos, que se autodefine como subempregada.

É dia de sábado, sol fortíssimo, praia cheia. Ela interrompe um mergulho, vê um amigo no calçadão e corre para abraçá-lo, quando é surpreendida com a pergunta sobre a crise.

— Crise (ar de espanto)?

— Olha, eu desisti de entender o Brasil. Tudo aqui é decidido na sala de jantar no Planalto. Você vê o exemplo do Golbery? Ele saiu alegando motivos pessoais e eu fico na dúvida: vem aí um golpe de direita ou o homem vai voltar com mais força? Sinceramente, eu não sei.

O modo com que o carioca está assimilando a crise (ou o modo com que não a está assimilando) deixa Ivone perplexa:

— Eu estive recentemente no sul e lá o pessoal tá vendo as coisas numa boa. Tá certo, tá difícil, mas não é preciso desesperar. Aqui não, tá todo mundo apavorado. Todo mundo de cuca fundida. Eu temo que o verão seja um reflexo disso, com a moda gay prevalecendo e todo mundo dizendo que a transa homossexual é coisa nova. Eu não quero desesperar, nem sou dessas de defender o amor homossexual. Cada um deve dar para quem quer.

Não é só através da cuca das pessoas e do subemprego que a crise atinge Ivone. Ela tem um filho e este ano o colégio do garoto já subiu três vezes:

— E o proprietário diz, sem nenhum pudor, que é assim mesmo: ele tem de repassar o custo para alguém, e esse alguém somos nós, os pais.

Preocupação de Ivone: o fechamento político.

— Como já disse, não entendo nada do que tá acontecendo, mas, pior do que está, não pode. Se vier o fechamento, o jeito é a gente não vir mais à praia, botar um cadeado pra não transar mais e ficar em casa.

É muito difícil definir o que é a classe média na zona sul do Rio. Copacabana Ipanema, Leblon, a Lagoa e a Barra da Tijuca, somadas, devem te. população em torno de 1,3 milhão de habitantes, excluindo os favelados. A maior concentração fica em Copacabana: mais de 400 mil pessoas, com níveis de renda que oscilam entre dois e três salários mínimos até mais de 30 salários, e condições de vida que vão de simples vagas e modestos conjugados até os confortáveis apartamentos da avenida Vieira Souto. Se incluídos os bairros de Botafogo, Laranjeiras, Flamengo e Glória, também considerados zona sul, a população cresce mais ainda e os problemas também.

— A solução do pessoal tem sido ficar mais junto, mais unido. Por enquanto, o resultado prático mais expressivo são as cooperativas pra venda de alimentos. A vantagem é dupla: a comida sai 50 por cento mais barata e as pessoas ficam se conhecendo mais, participando da vida do bairro.

Quem fala é Laura Oliveira, do movimento que está tentando reorganizar a Associação de Moradores da Praça Cardeal Arcoverde. É um problema a mais no quadro da crise: infiltrada pelos **chaguistas** (ligados ao esquema do governador Chagas Freitas), a associação acabou se autodissolvendo e agora tenta se reorganizar, tendo como meta inicial a venda direta de alimentos aos moradores.

A família de Laura — ela, o marido e duas filhas — tem renda superior a 20 salários mínimos. Pelas estatísticas, faz parte de um clube fechadíssimo, ao qual têm acesso apenas 2 por cento da população do Rio, isto é, 166 mil bem-aventurados cidadãos que ganham entre 15 e 30 salários mínimos. Os dados são do Estudo Nacional de Despesa Familiar, realizado pelo IBGE em 1975. No caso de Laura, a realidade desmente as estatísticas: ela realmente participa de um clube fechado, mas não vive com as facilidades que uma renda tão elevada deveria propiciar.

— Nós, aqui em casa, cortamos tudo. Até o Molico (leite desnatado que não engorda) foi cortado. Está custando muito caro

Mas o que angustia Laura não são os cortes dos chamados supérfluos, do gênero carro novo, uísque importado, viagem ao exterior, salgadinhos para servir aos amigos, etc.... Sua preocupação são as filhas:

— Tem duas coisas que considero básicas: a boa alimentação e a educação das meninas, importante para criar uma pessoa nova, uma pessoa aberta para o mundo. Ultimamente temos tido, eu e meu marido, uma outra coisa com que nos preocupar na relação com as meninas: a pressão do consumo. As meninas compreendem bem a situação, mas não podem fugir à tentação de ter um tênis Adidas, uma roupa da moda. Outro dia, uma delas me perguntou: "Quando é que o papai recebe dinheiro?" Em outras épocas, isto nunca teria acontecido aqui

A preocupação com a moda está na cabeça de todo mundo. Diz a psicóloga Dorathy Fraenkel:

— A crise não está levando a classe média apenas a uma situação de desespero, angústia e desesperança. Criou também uma frustração muito grande: a classe média é psicologicamente preparada para o consumo, mas agora está sendo impedida de consumir. Já imaginou o que é você ver o anúncio de uma geladeira novinha, bonitinha, toda bem ajeitada e não poder comprar?

Para quem não trabalha e vive de mesada, acompanhar a moda, fazer programas à noite, se tornou quase impossível.

Priscila de Albuquerque, 19 anos, estudante de Direito da Universidade Federal do Rio de Janeiro, vive com Cr$ 7 mil de

mesada. Ainda não trabalha e está tendo que descobrir sua própria maneira de enfrentar a crise:

— Há um ano eu pegaria o dinheiro da minha mesada e gastaria todo no Michel comprando um macacão rosa-choque, que eu usaria três vezes e depois deixaria jogado lá no armário. Agora, é diferente: eu procuro escolher roupas sóbrias, bem feitas, que possam durar seis meses, sem que saiam da moda.

Bonita, desinibida, moradora do Baixo Leblon, Priscila é uma garota típica da zona sul: gosta de passear, ir ao cinema, teatro, usar a última moda, jantar fora. Tudo isso está tendo que se adaptar à crise. Exemplo: no verão de 82, não vai poder usar o biquíni de laicra dourado, anunciado como a grande sensação da temporada.

— Vai custar muito caro e eu não vou comprar. É um negócio que eu quase não poderia usar fora da temporada, salvo no carnaval. Tenho que comprar coisas mais práticas.

Os hábitos também mudaram: sair à noite, agora, só no fim de semana. O jantar foi substituído por uma parada no Big-Bier, restaurante tipo Gordon, onde se servem bons sanduíches a preços baratos.

— É isso que minha filha está fazendo — diz a atriz Fernanda Montenegro. Antes, dava para cada um comer uma pizza, uma lazanha. Agora, o pessoal jovem, que ainda não trabalha, tem que dividir uma pizza para quatro. É o que minha filha diz que tem feito.

— Outra alternativa para enfrentar a crise é comprar roupas em série — conta Priscila. Antes, ninguém queria nem ouvir falar na CIA, uma loja de roupas em série de Copacabana. Agora, a moçada tá correndo pra lá. Uma amiga minha até disse que ainda não viu ninguém com roupa igual à dela.

Corte nos custos. Carro usado agora é moda

Não significa que a crise tenha entrado diretamente no cotidiano do jovem da zona sul. Preocupa, o pessoal sabe que existe, sente o dinheiro mais curto, o pai mais preocupado em casa, mas há muita gente que está se lixando para a chamada conjuntura.

— Crise?

A interrogação é de Cristina, 11 anos, e Vera, 16 anos.

Sim, a crise econômica: significa alguma coisa para vocês?

Cristina ouve a pergunta pela segunda vez, faz um biquinho dengoso, olha para Vera, que pensa uma resposta. Toma a iniciativa:

— Olha, crise é lá com o papai. Ele é que trata dessas coisas.

Ivone reclama da "tragédia da praia": o clima é de fossa

Mas você não sente diferença nenhuma?

Vera: a turma da gente tá ligada em outra.

Cristina: eu tô preocupada é com os **paraíbas** lá da praia, que vão estragar o meu dia.

Que praia?

— Arpoador.

E por que os paraíbas vão estragar a praia?

— Eles sujam tudo, melam tudo de farinha, de comida. Uma coisa horrível. Pedem desculpas e saem.

A indiferença que caracteriza a posição de Cristina e Vera não é monopólio dos adolescentes. Gente adulta também tem posição quase idêntica, embora formule em cima dos fatos, faça observações e reconheça que a barra está pesada.

Thomas Newland, 30 anos, morador da Lagoa

— A perda de poder aquisitivo da classe média é relativa. A gente sente uma certa diferença, mas não é todo mundo que está sendo prejudicado. Eu, por exemplo, trabalho numa firma de exportação e não fui atingido. É muito diferente de quem trabalha numa indústria de automóvel e está no centro da crise.

Entre os comerciantes e as pessoas que têm algum tipo de negócio na zona sul é que as queixas são unânimes.

Clóvis Sahione, sócio do motel Mayflower, 11 anos no ramo:

— Os motéis estão sofrendo muito com a inflação. Dois fatos concretos: a freqüência de gente jovem caiu muito. E os casais normalmente só fazem um programa no fim de semana. Sexta-feira ou sábado. Falta dinheiro e também falta gasolina. Quem enche o tanque na sexta, domingo não tem mais como sair de casa.

Araken Santos Lima, presidente da Associação Comercial da zona sul, é didático: ele explica que os 12 mil estabelecimentos comerciais da região estão tendo sérios prejuízos, mas, como os motéis, estão sendo obrigados a conviver com ela.

— Em pouco menos de seis meses os juros bancários subiram de 3,5 por cento para 9 e 10 por cento. Normalmente, a população pensa que o empresário lojista é o responsável pela alta dos preços. Não é. Não somos tubarões. Nós estamos aumentando os preços porque estamos pagando mais caro pela mercadoria, com juros mais elevados.

O resultado do aumento dos preços é muito fácil de ser notado em toda a zona sul, mesmo em lojas e restaurantes que andam freqüentemente cheios: o movimento caiu e as liquidações se multiplicam em cada quarteirão

— Se os preços não baixam, ninguém compra — diz Ana Angélica Santana, secretária.

Araken Lima.

— Além de presidente da Associação, eu sou também dono do Fiorentina (um restaurante tradicional freqüentado pela boemia, por artistas, jornalistas), e lá posso perceber quanto o consumo agora é seletivo. Antes, eu vendia lagosta, camarão e carne. Esse tipo de consumo caiu muito: o pessoal agora come pizza, massas e outras coisas mais baratas.

O mesmo aconteceu com as lojas. A seleção do que se vai comprar provocou queda de 40 por cento nas vendas, única exceção para os artigos esportivos, que continuam sendo a grande coqueluche do carioca, cada vez mais absorvido pelo **cooper** e por práticas esportivas, seja em academias ou nas praias.

Araken Lima:

— O pessoal de classe média teve que cortar muita coisa. A prioridade agora é para o aluguel, a alimentação e a gasolina, quando se pode ter e usar o carro. Uma prova dessa mudança é a volta da compra do automóvel usado pela classe média. Os consórcios, que viveram um grande **boom** a partir de 1966, estão saindo de moda. Eu mesmo tenho uma Veraneio que estava querendo vender para comprar uma nova. Desisti. Gastei Cr$ 50 mil e renovei o carro. Em dezembro, uma Veraneio nova estava custando quase Cr$ 600 mil; agora, está por Cr$ 1,5 milhão. É muito dinheiro, não? O carro velho cumpre a mesma finalidade e me poupa a despesa

Pânico. O patrimônio está perdendo valor

Uma coisa que atormenta a classe média nesse período de crise são as excessivas despesas com aluguel, médico, impostos, telefone, o alto custo da diversão. Diz Flávio Sá Gameira, 27 anos, médico, casado, em véspera de ter um filho

— Eu não vou dizer que vou deixar de ter um filho por causa da crise. Seria absurdo, uma mentira. Mas que a situação me grila, eu não posso negar. Antes, a gente tinha um filho e podia colocar num colégio do governo; agora, não. O colégio do governo normalmente não presta; o particular é menos ruim e custa caro. Creche é dificílimo. Custa caríssimo. Acaba a mulher tendo que ficar em casa porque sai mais barato e prático: economiza dinheiro com creche e empregada. Não é o que eu quero, nem o que minha mulher quer. Mas é o que muita gente acaba tendo que fazer por falta de opção.

Cortar o supérfluo virou uma neurose quase tão grande quanto consumir. Cortar tornou-se uma palavra mágica, uma espécie de cura milagrosa para todos os males. E quem trabalha com supérfluo ou algo parecido está sendo atingido. Uma das poucas exceções parece ainda ser a cirurgia plástica — um ramo considerado caro e sofisticadíssimo da Medicina. Pelo menos, é o que afirma o cirurgião Abrahão Snichmacher, que atende em Ipanema, embora não negue que o movimento caiu e que os clientes normalmente fazem uma peregrinação por três ou quatro consultórios tentando obter preços acessíveis:

— É óbvio que o movimento caiu, mas há muita gente que ainda prefere fazer uma cirurgia plástica, mesmo tendo que tomar um financiamento para pagá-la, do que fazer, por exemplo, uma viagem à Europa. E é muito fácil explicar: com a crise, ir à Europa ficou muito caro, o esforço às vezes não é tão recompensado quanto corrigir um antigo defeito ou melhorar a aparência e parecer mais jovem, podendo até melhorar as opções de trabalho. Tem muita gente recorrendo à cirurgia plástica, inclusive muitos homens, por esse motivo: tornar-se mais apresentável fisicamente para competir com os jovens

Constatação importante: com a crise, a classe média descobriu que seus bens perderam muito o valor. Um exemplo ilustrativo dessa realidade é a experiência da atriz Dina Sfat. Ela se separou do marido, o também ator Paulo José, e resolveu dar uma guinada na vida: mudar de casa, voltar ao teatro. Voltar ao teatro ela conseguiu e está com planos muitos ambiciosos: acaba de estrear uma peça — **As Criadas**, de Jean Genet — no teatro Maison de France. Dentro de 60 dias estreará outra — **A Adorável Júlia** — e brevemente fará uma excursão pelo Brasil. Pois bem, mudar de casa, Dina ainda não conseguiu Ela conta:

— Eu reuni todos os meus bens e saí em campo pensando em trocar tudo o que tinha por coisas do mesmo valor, só que diferentes. Engano meu: o que eu tinha, conseguido com duros anos de trabalho, valia apenas a metade do que eu imaginava valer. Para conseguir alguma coisa igual ao que eu tinha, teria de trabalhar mais para cobrir os

50 por cento que faltavam. Uma loucura!

Para Dina, a crise tem duas leituras

— Uma é a que a gente toca: 12 mil do colégio de uma das minhas três filhas, 25 mil da conta do telefone, o salário dos empregados, que eu tenho de manter, pois trabalho fora e trabalho muito. Cr$ 14 mil de gasto com aquecedor por mês, etecetera, etecetera, etecetera. A outra é o pânico, a necessidade de pensar com otimismo para não se deixar apavorar, não perder a disposição.

E ela continua

— Lá em casa só se fala de crise. Eu reúno as meninas e digo: "Vocês têm que usar o aparelho nos dentes. Pago Cr$ 4 mil de aluguel por cada um deles e vocês não vão deixá-lo jogado no canto". É a primeira vez que eu estou fazendo orçamento, colocando tudo no papel, cortando os excessos, tentando não desperdiçar nada. Antes, lá em casa, havia muito desperdício; fazia parte do próprio modo de vida meu e do Paulo, que trabalhávamos muito e não tínhamos tempo para cuidar dessas coisas. Mamãe, que sempre foi uma dona-de-casa controladora das coisas, ficava apavorada. Reclamava. Agora, mudou.

E acrescenta:

— Eu entro em pânico quando constato que meus bens perderam o valor. Para fazer o que eu quero fazer, eu teria de dar um salto no escuro, como um amigo meu, que vendeu o apartamento para comprar outro e na hora H o vendedor desistiu. Ele perdeu dinheiro, pois o que ganhou com a venda não dava para comprar outro apartamento igual.

Atriz lança homem-mulher, receita pra desbancar gay

No verão, para espairecer a cuca, Dina vai lançar uma moda O que é? É a moda do homem e da mulher:

— Eu ainda continuo acreditando num bom par. Fui casada 17 anos e fui muito feliz. Não abro mão de um bom par.

A história da moda homem-mulher no verão faz parte do espaço que Dina pode ocupar na crise. Ela vai estrear uma peça, **A Adorável Júlia** ("que termina com um romântico beijo na boca"), e pretende aproveitar a oportunidade para tentar influir no comportamento das pessoas:

— Está todo mundo muito agressivo. Gente dando tiro no outro. Gente de cara amarrada. Crise econômica é coisa muito séria. Na **Grande Depressão** de 29, nos Estados Unidos, as pessoas ouviam discos que eram apenas gargalhadas gravadas. Dava ânimo. Eu já ouvi um desses discos. É incrível. Ninguém resiste. Cai na risada. Como acho que tenho de pensar com otimismo, quero fazer alguma coisa: esse negócio de moda homem-mulher é para quebrar a monotonia e ressuscitar uma coisa antiga que ficou esquecida nos dois últimos verões, um dos retornados e outro da moda **gay**.

Na verdade, a proposta de Dina foge aos limites da crise econômica e se aventura por terrenos menos áridos: ela quer questionar o próprio papel da mulher no cotidiano moderno.

— A mulher fica sempre com papel secundário em tudo. Eu não sou contra a moda **gay**, mas não aceito o fascismo **gay**. O fascismo **gay** é barra.

Se a moda homem-mulher vai pegar no verão, só na época para se tirar a prova dos nove. Menos otimista, Fernanda Montenegro recorre a Arrabal, famoso teatrólogo espanhol, para dar a versão de suas expectativas para o verão: "Apesar da crise, as praias vão lotar, é claro, mas a alegria vai ser triste. Arrabal, vendo as escolas de samba desfilar, disse que o espetáculo se assemelhava ao **cabuqui** (gênero teatral japonês), no qual se representa o ritual da alegria sem que ela exista"

E vai adiante: "No verão, existe muito isso. A pessoa vai à praia para ver aquele espaço imenso diante de si, o espaço que ela não tem, nem no campo político, nem no campo econômico".

Tanto problema, tantas queixas, tanta fossa acumulada transformam os anos do chamado milagre econômico numa miragem distante, inatingível. O que está acontecendo? A pergunta pode ser óbvia, mas é a que muita gente da zona sul não cansa de repetir, lamentando a perda do **status**, a proletarização, a neura de perder o emprego, o temor do dinheiro não dar para a gasolina, pelo menos no fim de semana.

Foto agência marKo

Dina vai em frente, Fernanda explica, Araken lamenta, Dorathy acha terrível e Priscila (embaixo, à direita) vai ficar sem biquíni de laicra

— Uma coisa curiosa — é Fernanda Montenegro quem chama a atenção — é que, apesar de todas as dificuldades, o Rio assiste a uma série de temporadas teatrais de sucesso, apesar do elevado custo do ingresso. Tem gente que deixa de se alimentar direito para ir ao Teatro Municipal ver um Béjart ou um Cláudio Arrau, espetáculos caros, com ingressos que custam até Cr$ 2.500.

Dina Sfat não se surpreende tanto com o fenômeno:

— A indústria da diversão é a única que não cai nos tempos de crise. É uma verdade comprovada. As pessoas sentem necessidade de desabafar, de se divertir. E saem

Mesmo com essa certeza, ela não deixa de admitir que está fazendo uma opção difícil: trocar a televisão — onde tinha salário fixo — pelo teatro, num momento de crise.

— A diferença do teatro para a tv é que agora eu dependo da bilheteria. Posso ganhar muito dinheiro, mas posso não ganhar nada. Mas mudou a década e eu quero mudar de vida. Mesmo com a crise econômica.

João Sabóia, professor da Faculdade de Economia e Administração da UFRJ, tenta resumir tudo:

— Veja o que ocorreu: após 1964, o novo governo formulou um modelo econômico baseado em bens de consumo duráveis. Como, num país pobre como o nosso, se pode desenvolver a economia com base num setor como esse? Só havia a alternativa de criar um mercado restrito e, para isso, foram eleitos 20 a 30 por cento da população, que no caso brasileiro, é um mercado considerável. Agora, com a crise, a produção tornou-se insuficiente e o governo resolveu apertar o cinto da classe média: assim, faz média com os assalariados, reduzindo os salários mais altos e elevando os mais baixos, por exemplo. Mas não atinge os interesses de seus principais aliados, que são os grupos multinacionais e o grande capital privado nacional.

A crise vem sendo protelada desde 74. Segundo Sabóia, o governo conseguiu adiá-la com inversões no setor de bens de capital (máquinas que fazem máquinas) e garantindo a demanda através das obras públicas. Mas acabou criando um círculo vicioso: empréstimo externo para adiar a crise, novas dívidas, os problemas estourando ali adiante, novos empréstimos, novas dívidas... e assim sucessivamente.

— Por que a classe média foi penalizada? Em primeiro lugar, porque o governo não quer correr o risco de tornar os miseráveis mais miseráveis ainda. Os 20 ou 30 por cento da população que foram beneficiados pelo milagre tiveram vantagens em razão da exclusão do restante da população. É uma situação bem diferente da dos Estados Unidos, onde a classe média é realmente maioria. Além disso, a realidade política mudou: só dá para tornar os miseráveis mais miseráveis em tempo de ditadura. O resultado disso? O governo pode perder o apoio de parte da classe média, mas ganha ali adiante, quando eleva os salários mais baixos, em detrimento dos salários mais altos.

País segue à direita ou à esquerda? Ninguém sabe

É um jogo, um jogo complicado.

E o que acontece nesse jogo?

O carioca zona sul corta o uísque. Causa: o cruzeiro está se desvalorizando muito em relação ao dólar, a taxação dos produtos importados subiu. Resultado: o uísque, o vinho importado, ficaram duas ou três vezes mais caros, quando não mais, que o similar nacional.

Com a viagem para o exterior ocorre a mesma coisa: o dólar subiu, o preço ficou muito mais elevado: a alternativa é trocar Paris pela Bahia, que antes custava mais caro do que uma viagem à França, de resto uma grande atração pelo consumo de alta qualidade, tanto de comidas e bebidas como de espetáculos culturais e filmes, aqui proibidos. Corta-se a viagem a Paris.

está acontecendo no país. A crise tem levado muita gente a criticar o governo, muita gente a se aproximar mais, a compartilhar os problemas; mas são poucos aqueles que realmente sabem o que está acontecendo, que têm uma opinião formada

O carro do ano não foge à regra. Só que o problema não é o custo, que efetivamente subiu, mas a manutenção: a gasolina e as peças de reposição estão cada vez mais caras. Assim, o carro virou luxo. Corta-se o carro do ano. O mesmo ocorre com a moda. A produção diminuiu, os preços subiram. Corta-se a moda, pelo menos na medida do necessário

Na zona sul, tudo isso está se incorporando ao cotidiano, mas as sutilezas da política econômica normalmente passam despercebidas ou são substituídas por piadas que mostram que a irreverência ainda sobrevive. Diz uma piada recente: "Você sabe qual é a diferença entre o Delfim e o Atlético Mineiro? Nenhuma. Os dois querem fuder com a vida do cruzeiro". Ou: "Qual é a diferença entre a bomba do Riocentro e a inflação? Nenhuma. O governo garante as duas"

Poucas são as pessoas — comenta Laura Oliveira, da Associação de Moradores da Praça Cardeal Arcoverde — que racionalizam o que realmente

De quem é a culpa da classe média estar sofrendo?

Priscila

— Dizem que o governo é culpado, mas ele faz o que pode

Flávio, o médico que está esperando um filho.

— A culpa é dos 17 anos de autoritarismo. Na greve passada (ele se refere à recente greve dos médicos), uma enfermeira estava nos criticando pelo fato de termos permitido a ida do Lula a uma de nossas assembléias. Um colega nosso a chamou e disse: "É isso mesmo, a gente tá virando proletário". E o quadro mudou mesmo. E o pior é que no momento as perspectivas são péssimas, as piores possíveis.

Dorathy Fraenkel

Eu hoje não sei se o país caminha para uma posição conservadora ou para uma posição mais aberta. Só sei que alguém tem culpa pelo drama de toda uma geração, esse pessoal que está na faixa dos 30 a 40 anos e, de repente, se vê desempregado. É uma grilação de cuca terrível: o sujeito se sente rejeitado, entra em parafuso, se torna carente, cada vez mais exigente. Eu tenho um amigo que perdeu tudo com a crise econômica e agora está morando com os pais. É um drama terrível

Foto Custodio Coimbra

A mesa está posta e a lanchonete vazia. O movimento caiu mais de 40%

Sem Golbery é o fim, pensam alguns. Falta um líder.

Histórias de pequenas tragédias e de grandes angústias que a crise tem produzido na zona sul são intermináveis. "A tragédia da praia", conta Ivone Mattos, "é que tá junta todo mundo: o cara que tá empregado, feliz da vida, o subempregado, que tá na fossa, e o desempregado no desespero. Aí, dá aquela merda, é o baixo astral total".

Talvez a grande questão do momento seja a seguinte: quem é que vai tirar proveito do caos que se instalou na classe média?

Há aí um ingrediente muito curioso: psicologicamente, o sujeito que se sente carente, frustrado, ansioso, é mais vulnerável ao consumismo, segundo a explicação de Dorathy Fraenkel. E no plano político? Como é que essa vulnerabilidade se apresenta? Em 64, a direita usou de uma situação muito menos instável para tomar o poder e derrubar o governo constitucional de João Goulart. Talvez, o êxito da manobra deva ser creditado, em parte, ao ingrediente do anticomunismo que dividiu a classe média, as forças armadas, e colocou grande parte da Igreja contra o governo Goulart.

E agora? O que pode acontecer?

Alguns mais afoitos afirmam que o governo está no fim, que Golbery abandonou o barco antes dele afundar. Mas são apenas conclusões apressadas. Na prática, parece que a situação está muito difícil, mas politicamente ninguém ainda conseguiu tirar algum proveito dela; o próprio governo, que virou caixa de pancada — e é o grande responsável pela crise — não parece, na zona sul, ter sofrido tanto desgaste quanto aparentemente se possa imaginar.

É a socióloga Maysa Machado, atualmente desempregada, quem explica:

— Essa questão me fez conversar com amigos, alguns também sociólogos. Quem vai capitalizar a crise? Teoricamente, a classe média deveria tender à direita, como aconteceu em 64. Mas, na prática, ela vai seguir o mestre que gritar mais alto. E esse mestre tanto pode ser a direita quanto a esquerda. Não acredito que a classe média se alie à esquerda por questões ideológicas, mas sim para recuperar o que perdeu. É uma possibilidade.

No grupo que Maysa reuniu para discutir o assunto, um dos participantes levantou uma tese curiosa: a influência que a eleição de Mitterrand, na França, pode ter no Rio; na zona sul, por exemplo.

— O argumento desse amigo meu é muito curioso. Dizia ele: na França, quem sustenta o socialismo é a classe média. Aqui, a classe média vê seu poder aquisitivo minguar e, ao mesmo tempo, observa na tv que o socialismo não destruiu a liberdade na França, não quebrou a economia. Pelo contrário. Ora, a classe média lê, reflete, pensa (e expõe seus pensamentos, como o fez recentemente o juiz Francisco Horta, em entrevista à **Folha de São Paulo**, quando disse que só o socialismo resolve o problema brasileiro). Tem que sofrer alguma influência. Pessoalmente, eu acho que a classe média tanto pode ir para um lado como para o outro; mas existem indícios de que, hoje, o quadro é bem diferente do existente nos anos 60. Inclusive, os partidos políticos de oposição são, em sua maioria, impulsionados por gente de classe média. Uma espécie de contra-elite. Mas isso não quer dizer, por exemplo, que a Sandra Cavalcanti não seja uma candidata poderosa. Quem é que lembra o que ela fez com as favelas do Rio? Pouca gente.

Numa postura menos reflexiva que a de Maysa, o ator Sérgio Fonta, 29 anos, vê a crise por um ângulo menos político e mais emocional:

— Uma coisa me assusta: é a facilidade com que ultimamente as pessoas se apaixonam e desapaixonam; tudo é muito rápido. Talvez seja a falta de expectativas que faz aumentar a necessidade de troca. As pessoas se consomem entre si.

É um tipo de angústia muito comum, mas que não impede que a zona sul continue consumindo o que pode. No dia seguinte à queda de Golbery, sexta-feira à noite, havia engarrafamentos em todo lugar, os bares estavam lotados e, imediatamente, as piadas começaram a circular: "Figueiredo mandou ele embora porque abriu os olhos". E, no sábado, véspera do Dia dos Pais, as lojas encheram. Um sinal de que a crise é contornável?

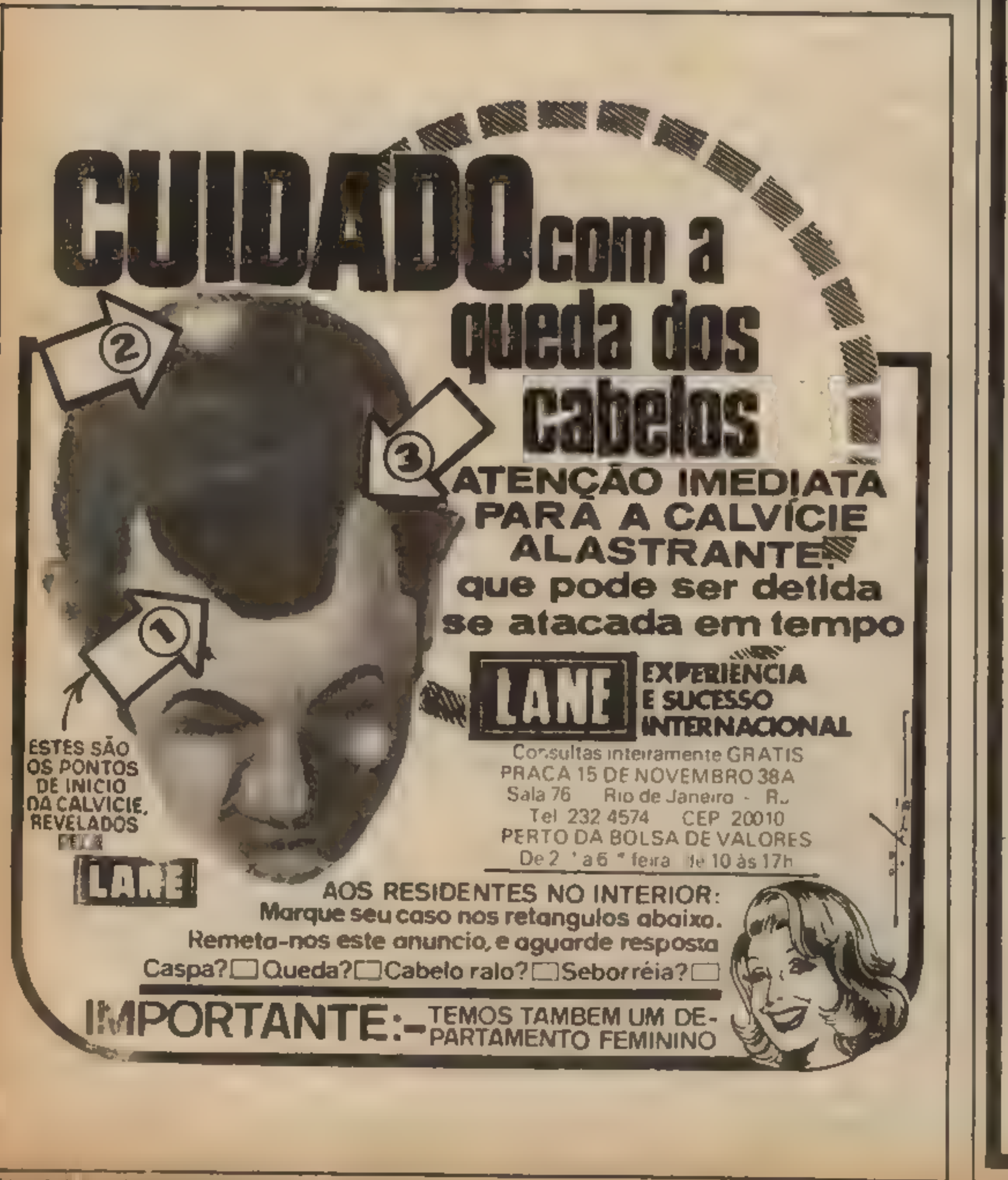
— Evidentemente que não — lamenta Araken Lima. — Este ano não há perspectivas de melhora. Nem no verão.

Para as feministas, também não há razões de otimismo. A racionalidade nas despesas que a crise impõe complica a vida da mulher comum da classe média. Ela ficar em casa corta os custos também, como afirma o médico Flávio Sá. E aí o problema: sem possibilidade de sair, trabalhar, ter sua vida profissional, a mulher se frustra, sufocada pela lógica da poupança doméstica. As relações conjugais ficam mais tensas, explosivas, tristes.

Casais ouvidos sobre esta questão falaram com sinceridade: poucas são as mulheres que, nos dias atuais, podem dar a virada que deu a atriz Dina Sfat: cuidar da própria vida, com os próprios recursos. Salário e comida de uma babá, no caso de haver filhos, chegam a Cr$ 25 mil; é difícil encontrar, no mercado, salários superiores a Cr$ 40 mil para profissionais sem qualificação, caso de muitas mulheres.

Não é uma situação confortável, e decididamente o verão não poderá mudá-la, apesar de que, com muito calor, não há quem agüente ficar dentro de quatro paredes.

Nem as donas-de-casa por convicção. As que a necessidade cria, saem antes.



PASSARELA

Jorge Segundo

É DURO SER MADRASTA!

Um besta nas intrigas: Myrian adora os filhos de Roberto

Desmentindo comentários de que não se dá bem com os filhos da "outra", *Myrian Rios* garante que não é verdade que os filhos do *Roberto Carlos* com a *Nice* sejam uma pedra no caminho da felicidade dos dois. Ela (Myrian) e ele (Roberto) continuam afinadíssimos, e os futuros enteados da atriz estão atrapalhando em nada. Alguns fuxicos dão conta de que a Nice estaria incentivando os filhos a jogar água fria na fervura amorosa da atriz e do cantor. Mas até isso é desmentido pelos que conhecem o bom relacionamento da Myrian com os filhos da Nice.

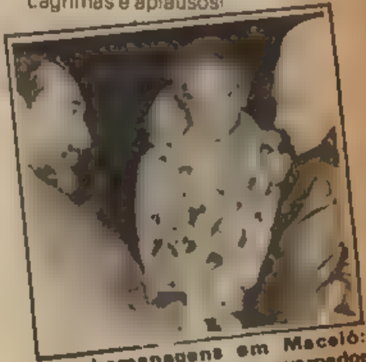
Flávio e Hebe contra o Fantástico?

Experiências anteriores, não muito consagradas, parece que desestimularam a idéia de lançar o **Flávio Cavalcanti** pela TV-S, no mesmo horário do **Fantástico**. Primeiro, falou-se na dupla **Flávio-Hebe Camargo** para, juntos, enfrentarem o **show** da vida global. Mas parece que a receita não passou das boas intenções, porque se concluiu impossível juntar num mesmo programa o brilho estelar da Hebe e do Flávio. De qualquer maneira, é certo que **Sílvio Santos** tem interesse mesmo em fazer um programa, das 8 às 10 da noite, aos domingos, para minar o sólido terreno do Fantástico. É a melhor solução, acredita SS, apesar dos desentendimentos já esboçados, é reunir Flávio e Hebe. E eles querem fazer isso logo, para que não aconteça o que aconteceu com a **Gretchen**, que a Globo tirou da boca do Sílvio, retardando o projeto de lançamento de um programa jovem que ela faria ao lado de **Dudu França**. E tem mais uma novidade: a Rede Globo tem um trunfo para a programação-82 — um homem que, no gênero programa de auditório, tem a medida exata do emocional, um apresentador que sabe entrevistar, que sabe dizer as coisas **vis-a-vis** com a câmera e com o próprio telespectador: **J. Silvestre**. Ele vai voltar!

DOIS VINHOS VELHOS:

Gracindo e Brieba.

Um mês inteiro de festas, no eixo Rio-SP, não foi o bastante para a classe artística e o público se sentirem agradecidos a **Paulo Gracindo** (Bodas de Outo) e **Henriqueta Brieba**, comemorando incríveis 74 anos de profissão artística. Como o vinho, os dois estão cada vez melhores e maiores como profissionais, como seres humanos — brilhantes, cultos, sensíveis... Brieba, com 80 anos de idade (ela pisou num palco aos 6), garante estar fazendo o papel mais divertido de sua carreira televisiva: o de mãe da **Bô Francineide** — a maravilhosa pornomãe escolhida a dedo por **Jô Soares** (na estréia do quadro, muita gente, inclusive nós aqui, reclamou da presença, no papel, de Zezé Macedo; ledo engano: a porno-mãe não poderia ser outra, senão a sensível, a frágil a "pouca sombra" Brieba!) E o Gracindo, garante, guarda dois momentos em todas as homenagens que recebeu até agora: primeiro, a recepção que teve em sua cidade natal, Maceió, onde, no calor da festa, conseguiu reunir num mesmo comes e bebes — fato raro em Alagoas — políticos do Governo e da Oposição, e o outro foi no Rio, na boate Carinhoso, onde, festejado pelo elenco da TV-Globo, presente, inclusive, o vice presidente Boni de Oliveira, Gracindo dançou, emocionado, uma valsa com Iara Cortes. Lágrimas e aplausos!


Nas homenagens em Maceió: Paulo Gracindo entre o governador Guilherme Palmeira (direita) e o diretor do Teatro Deodoro, Bráulio Leite. No fundo, a meia face do senador oposicionista Teotônio Vilela.

Betty e Susana Quem baila melhor?

A Vieira dança desde criancinha

Sempre que se fala [illegible] bailarina, todo mundo [illegible] lembra de *Betty Faria*. [illegible] modelo da artista que começou dançando e continuou fazendo carreira explorando o filão da dança. Mas outra atriz de igual porte [illegible] também é bailarina: *Susana Vieira*, e com mérito: ela é formada em balé clássico, sabe tudo dessa profissão, que começou a exercitar aos três anos de idade. Susana sempre quis ser bailarina, antes mesmo de ser atriz e de pretender ser arqueóloga (a outra paixão profissional dela). Agora, as poucas pessoas que sabem [illegible] Vieira dança [illegible] bem [illegible] que têm intimidade com *Manoel Carlos*, vão pedir ao autor de *Baila Comigo* que não termine a história sem um confronto da Betty e da Susana na escola de dança da novela. Tem muita gente torcendo por esse duo das [illegible]

O marinheiro roubou Ibope do Clodó

AUDÁCIA DO POPEYE!

*Quando soube que o diretor da TV-Studios (emissoras Sílvio Santos), **Moysés Weltman**, andava brandindo dados estatísticos (Ibope) que davam o **Popeye e Maguila, o Gorila** como líderes de audiência, no Rio, exatamente no horário em que esté no ar, pela **TV-Mulher**, a reação do **Clodovil** foi simplesmente graciosa: "Audácia do Popeye!" Clodó, certo do seu brilho, do insuperável realce, todo dia, no final das manhãs, não admite perder preciosos pontinhos "para um gorila imbecil, retardado", nem para "um marinheiro alienado, de mau-gosto, que namora uma magricela horrorosa e que já não é tão valente e engraçado como antes*

MULTIDÃO

1 — Há quatro meses, quando ainda não tinha ganho o primeiro prêmio do Festival de Moscou com **O Homem que Virou Suco**, o diretor **João Batista** cobrava 250 mil para dirigir um **Globo Repórter**. Agora, ele já mandou avisar que o cachê dobrou. 2 — Depois da crise que acabou com a demissão do diretor **Alcino Diniz** e da apresentadora **Marisa Urban**, o programa **Tempo Quente**, que era ao vivo, esfriou total: não é mais ao vivo, agora é gravado = perdeu, de certa forma, o ser o de sua proposta, que é (era) de debates de temas de interesse popular, com a participação imediata do telespectador 3 — **Maria Helena Dias** comemorou seus 25 anos de carreira artística com uma noitada de muito realce na boate **Jirau**. À frente das homenagens o dono da casa, **Sérgio Cavalcanti**, um dos candidatos a **Rei da Noite**. 4 — Debate (muito bom) no **Big-Close**, da TV-E, apresentação de **Roberto D'Ávila**, realçou as presenças do crítico **Arthur da Távola** e de **Homero Sanchez**, diretor da Rede Globo. E o comentário de Sanchez sobre o fato de que, em Recife, 65% dos telespectadores que acordaram de madrugada para ver o **Príncipe Charles e Lady Di** se casarem eram da classe 'C': "Isso prova que o Joãozinho Trinta é mais sociólogo do que todos nós juntos". Quer dizer pobre gosta mesmo é de luxo, de pompa.. mesmo de barriga vazia. 5 — Fica para a próxima PASSARELA uma nova apuração da eleição do **Rei da Noite**. Estão chegando muitos votos dos leitores e teremos mais votos dos artistas. Os candidatos, vocês sabem, são **Ricardo Amaral, Chico Recarey, Mário Prioli, Sérgio Cavalcanti, Sargentelli, Moacyr Deriquem**. Votem no cupom ao lado • Correspondência para PASSARELA: Jorge Segundo, Rua Djalma Ulrich, 110 — Copacabana, Rio — CEP 22071.

REI DA NOITE

Voto em: ____________________

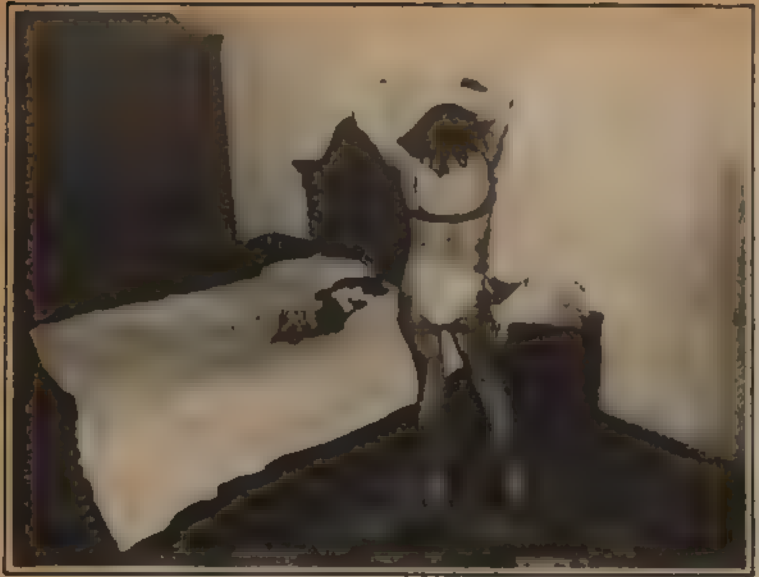
____

Nome do eleitor: ____________________

____

Endereço: ____________________

____



A mulher tira a roupa rápido.
Cada freguês, 15 minutos

O rendez-vous da rua Alice

Hi, hoje ele está exigente. Ô Jorge! Tem loira, morena, preta, mulata, argentina. Se define, meu filho!

A cena incomoda. Pra disfarçar, todo mundo ri. O retardado mental, arrumadinho, de bolsa capanga embaixo do braço e o dinheiro amassado na mão direita, fica de cabeça baixa, inofensivo, diante da brincadeira cruel da mulata vistosa, encostada no meio da pilastra que divide os dois salões do rendez-vous da rua Alice, no bairro de Laranjeiras, no Rio.

O rapaz balbucia algumas palavras e continua dando voltas no salão. Os fregueses vão aparecendo na porta de entrada, as mulheres dão os últimos retoques na frente dos espelhos, se ajeitam, se olham. O casarão construído no início do século foi, até 1936, residência de um comendador. Depois virou "casa de tolerância", para usar a expressão da época. Hoje, só vive depois das 4 horas da tarde, quando as mulheres começam a chegar.

Jorge estava esperando a casa abrir. Ele entrou, ficou longo tempo sentado numa cadeira, levantou de repente como num ato de coragem e demorou olhando para as mulheres, escolhendo. Não tomou decisão alguma. Em duas oportunidades conseguiu quebrar a timidez, mas foi evitado. Uma fez cara de nojo e saiu de perto, a outra esboçou um riso torto, mostrando indiferença

— Ele é doente e gosta de vir por trás, aí a gente pede mais mil cruzeiros. Pra ficar excitado ele demora muito, passa de 15 a 20 minutos, ele acaba indo sem gozar.

Fala a mulher que resolveu aceitar o convite, dando a entender que ia arrumar um troco mole, mole. Ele pega o tíquete de caixa no valor de 800 cruzeiros, preço único, pra dar "umazinha". Os dois desaparecem do ambiente de luz de boate para entrar num casarão de fantasmas que tem as paredes descascadas, mesas e cadeiras molengas, sinal de decadência. As portas dos quartos sem trincos, as banheiras quebradas pelo chão, papel higiênico de várias cores. Camas, armários, mesinhas de cabeceira, os móveis antigos mantêm o ar de nobreza. Na notinha da caixa está escrito "Palácio Cor-de-Rosa".

Palácio Cor-de-Rosa, 44 anos de prostituição

Seu João Careca, como é conhecido pelos moradores da rua Alice, trabalha na casa há 40 anos e desfaz lendas de que grandes políticos a tenham freqüentado. Lembra-se apenas de um excêntrico da família de Getúlio Vargas que obrigava três, quatro mulheres a lhe darem banho. E ressalta a passagem do compositor mexicano Agustin Lara, autor de *Granada*

— O resto é invenção, é lenda. Aqui vinha muita gente de bem, muito doutor, tinha mulheres lindíssimas, coisa fina, meu filho. Começou a cair depois que a capital mudou para Brasília. Tinha um movimento danado. Me lembro do navio Missouri que atracou aí no Cais do Porto. Essa rua ficou infestada de marinheiros — diz seu João.

Pra quem não conhecia a casa da rua Alice a não ser de nome, foi uma decepção. Afinal, ela era conhecida como *Bucetinha de Ouro*, um dos mais chiques prostíbulos da cidade. Tinha um certo nível, e continuou imperando até o final dos anos 60, quando as polacas e francesas da Lapa já não causavam sensação como no pós-guerra. O *rendez-vous* da rua Alice vive da fama e conta a seu favor com o desaparecimento de outras casas que infestavam o centro da cidade e que foram substituídas pelas clínicas de massagem.

O lugar lembra mais um cabaré de cidade de interior, pobre e sem alegria. Os homens, encostados nas paredes, sentados nas cadeiras, num silêncio só quebrado pelo salto das mulheres que andam de um lado para outro do salão. A impressão é de que aquilo mais parece a sala de espera de um hospital. A freguesia hoje é menor e restrita aos tímidos, aos feios, aos defeituosos físicos, aos desesperados e aos tarados

— Ele é assim. Espera o freguês vir comigo e vem logo atrás. Paga na caixa e fica escondido do lado de fora do quarto. Depois que o cara sai, ele entra e me lambe toda.

Quando Soninha é solicitada por um freguês, o velho que estava na porta do lado direito sai apressado, com a mão no bolso. Atrás do prazer. Outro senhor, de terno, bem vestido, entra com sua pasta tipo James Bond e cumprimenta uma das mulheres com beijo na mão. Cavalheirescamente. E vão direto para a caixa registradora.

— Ô meu gostosão! Onde pensa que vai? Vem aqui com a mãezinha!

O jovem com roupa de judoca, uns 17, 18 anos, bonito, fica sem graça e se dirige para a loura, que pega ele pela mão e leva para o quarto

Nos dias de grande movimento, de quinta-feira em diante, a casa funciona com aproximadamente 50 mulheres e chega a receber de 100 a 150 homens. Os fregueses pouco gastam, até porque ali só servem cuba-libre, que custa 80 cruzeiros a dose. Marlene, mulher de cara inchada, seus 50 anos, é quem atende as mesas e dificilmente você será servido duas vezes: trata-se de uma pensão e não de um bar, conforme alvará concedido pela prefeitura municipal.

No início da tarde, a freqüência é de senhores, operários especializados, porteiros, comerciários; na parte da noite, a freqüência muda, aparecem rapazes, homens de meia idade e os ditos "punheteiros", que ficam horas olhando o movimento.

— De quinze em quinze dias ele traz o filho aqui. Ele é deficiente. Um dia desceu a rua dando a maior bronca no pai: "Você me deu uma velha! Você me deu uma velha!"

O motorista de táxi, morador na rua Alice, conta a história, meio constrangido, dentro da quitanda Santa Alice, de propriedade do português José da Silva, o morador

Foi famoso, muito freqüentado, existe desde 1936. Hoje é o único bordel do Rio com tradição para se manter em plena área residencial de primeira, o bairro de Laranjeiras, na Zona Sul. O brilho não é o mesmo, mas nos fins de semana ele enche.

mais antigo da rua, que se orgulha do lugar onde mora

— A casa sempre foi lá em cima, nunca incomodou os moradores. Essa rua representa a minha vida. Era uma movimento danado, subia aquele cortejo de marinheiros de todas as partes. A casa cor-de-rosa da rua Alice chegou a ser conhecida mundialmente.

Com um riso maroto, José da Silva diz que nem quando era caixeiro e percorria as ruas do bairro frequentou o Palácio Cor-de-Rosa. Cita Carlos Lacerda, seu amigo de infância, que nasceu na rua que hoje tem vida própria, tem juízes, desembargadores, diz ele.

Antigamente as pessoas tinham vergonha de dizer que moravam na rua, principalmente as mulheres. Os meninos, quando viam as mulheres subindo a rua, mexiam e passavam a mão. Hoje elas chegam de táxi, os garotos só espiam pelas telhas da casa, propositalmente quebradas. E agora a aventura ficou ainda mais difícil; o policial Ricardo, gerente da casa, colocou cacos de vidro em toda a volta do muro.

Descendo a rua Alice vem um rapaz, quase menino, uns dezesseis anos. Um carro passa zunindo e vem um grito:

— Aí, hein! Foi lá afogar o ganso!

O rapaz, como se entregando, cheira o dedo, coça o saco e finge não ter escutado. E resmunga. Ao ser abordado pelo repórter, leva um susto, mas não consegue esconder qual foi o seu destino. Aliás, era a segunda trepada de sua vida.

— É a segunda vez que venho aqui. Na outra vim com um amigo. Eu não pude entrar porque sou de menor. Mas o moço da portaria mandou que esperasse do lado de fora, que ia me arranjar uma garota bonitinha. Apareceu uma menina de minissaia que mais parecia um garoto. Eu até me grilei e mandei ela abrir as pernas pra ver o que tinha. Mas foi gostoso. Tenho que voltar rápido pra Bangu, antes que fique tarde, e contar pro pessoal a minha transa. Tive que dar 100 cruzeiros na mão do porteiro, na

Seu Miguel é o porteiro do Palácio Cor-de-Rosa. Vende maço de cigarros a 100 cruzeiros, chicletes, balas, e sempre pede um troco para auxílio a Cosme e Damião, que ficam num nicho na entrada da casa.

— Tá vendo? Me deu 100 pratas. Tem uns aí que chegam de carro, mandam tomar conta, eu quero que se danem. Passam por aqui direto, nem boa noite dão. Esse menino veio aqui na primeira e não sabia que tinha aumentado de 500 pra 800 cruzeiros. Completei pra ele.

E o prostíbulo da rua Alice resiste, principalmente nas noites de sexta feira, quando em frente ao portão principal se estende uma fila de táxis. Lá dentro, quando chega 11 horas, não existe mais nenhuma mulher no salão; estão todas nos quartos. Os homens estão ansiosos. O zelador da casa, de gestos delicados, vai batendo nas portas.

Mais rápido, meninas! Os homens estão reclamando. A casa está cheia.

Reportagem de Tim Lopes
Fotos Chiquito Chaves

João Careca, famoso na área

O quitandeiro José

O ônibus das mulheres

O motorista, só rindo

Quem fala é Miranda, ex-motorista:

— Tem piranha, velha solteirona, coroa comprometida, menores, mulher casada, que quer casar, sapatão. Tem umas de língua afiada. Era uma boa época, me lembro da alegria.

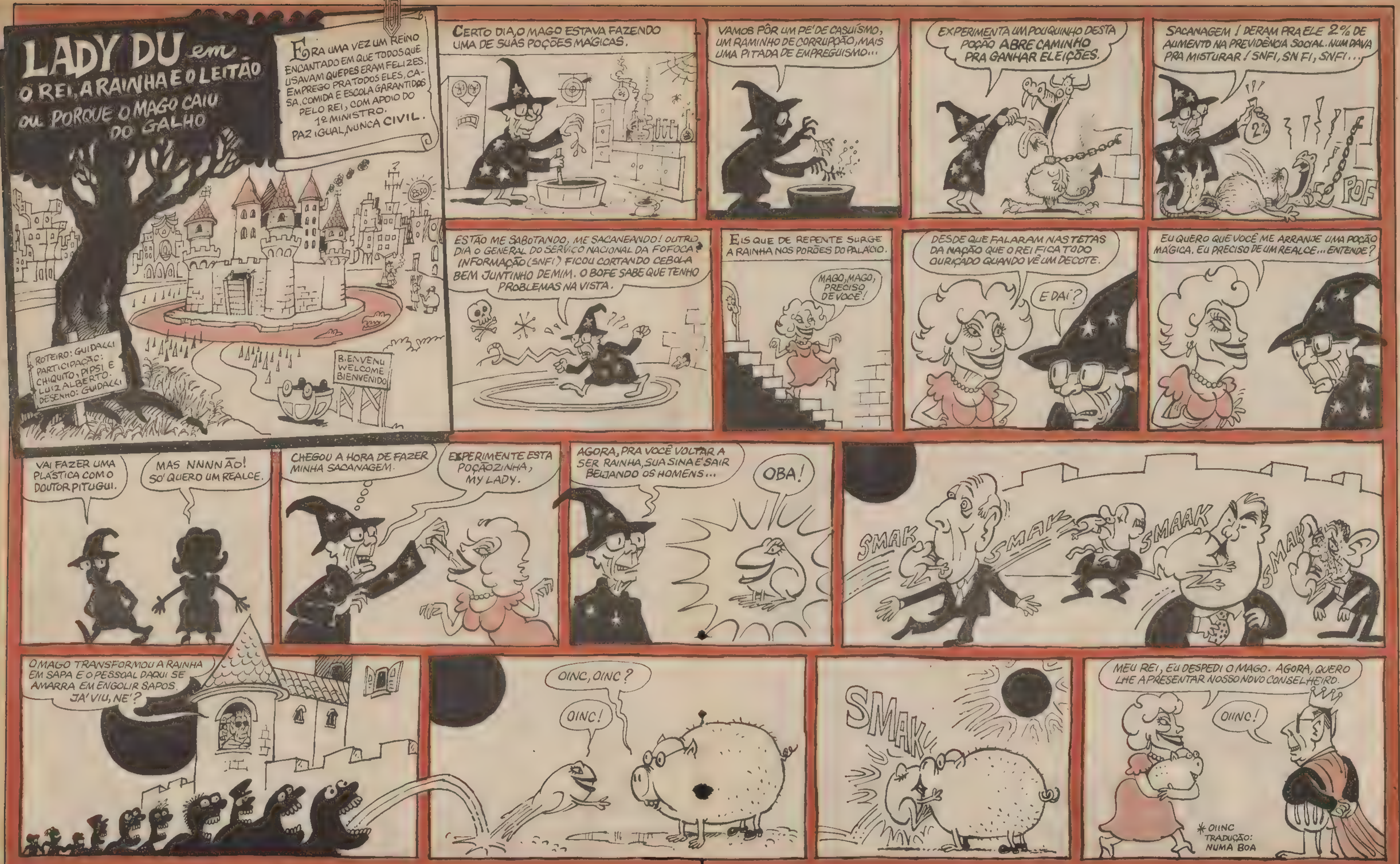
Todas às quintas-feiras, da Praça Quinze, no centro do Rio, e da rua Dias da Cruz, Meier, Zona Norte, saem dois ônibus conduzindo, de graça, as mulheres que vão participar, também graciosamente, do baile vespertino para executivos promovido por uma boate da Zona Sul. O clima é de euforia feminina. As mulheres estão em maioria, o motorista vai quieto, só ouvindo, elas mandam, acontecem. O vendedor Celso, que trabalha numa loja em frente ao ponto do ônibus que sai do Meier, já desistiu de entender o que se passa. Registra apenas seu espanto diante dos muitos tipos que desfilam no pedaço semanalmente.

14h55m. Rua Dias da Cruz. Chega uma senhora gorda com duas sacolas e duas filhas, que as outras mulheres juram que ela põe na vida pra faturar. Chega outra, a fila vai se formando. Algumas são desinibidas, outras se escondem, com medo de serem notadas. Vão entrando no ônibus, todas procuram o primeiro banco, na janela, perto do motorista, que a essas alturas já está com alguém no colo. O ponto é estratégico.

Sentada, a senhora das duas filhas grita pro lado de fora:

— O velho brocha! Isso aqui é o ônibus das piranhas!

O brado é a largada para o percurso até São Conrado, perto da Barra da Tijuca. A zona é total no interior do veículo. Vem cá tesão pra cá, o trocador é vigarista, quero a bunda do motorista pra lá. Num sinal, a menina de olhos claros, cara de estudante do segundo grau, se estica pra fora da janela, entra com a cabeça pela cabine de um caminhão. Pede um cigarro ao encantado motorista, dá-lhe um beijo roçado, diz uma gracinha e se retrai. O homem fica maluco, começa a rir sem parar. Viagem que segue, uma das filhas da já citada senhora suspeita de cafetinagem arremessa um ovo podre numa velhinha que passava na calçada. A atitude divide o mulherio, sai discussão, porrada, e acabam jogando a culpa no motorista, que fica rindo, calado. Acaba a briga, começa a cantoria. O marimbondôôô mordeu a vereca da vovóóó... A pancadaria recomeça e não pára até o final. Chiliques, palmas, empurrões, descem todas e vão rápido se trocar no banheiro. Voltam com colãs, shorts, biquínis; excitadas. Algumas já entram no salão de topless.


LADY DU em
O REI, A RAINHA E O LEITÃO
ou PORQUE O MAGO CAIU DO GALHO
ERA UMA VEZ UM REINO ENCANTADO EM QUE TODOS QUE USAVAM QUEPES ERAM FELIZES. EMPREGO PRA TODOS ELES, CASA, COMIDA E ESCOLA GARANTIDOS PELO REI, COM APOIO DO 1º MINISTRO. PAZ IGUAL, NUNCA CIVIL.
ESSO
ROTEIRO: GUIDACCI PARTICIPAÇÃO: CHIQUITO, PIPSI E LUIZ ALBERTO. DESENHO: GUIDACCI
BIENVENU WELCOME BIENVENIDO
CERTO DIA, O MAGO ESTAVA FAZENDO UMA DE SUAS POÇÕES MÁGICAS.
VAMOS PÔR UM PÉ DE CASUÍSMO, UM RAMINHO DE CORRUPÇÃO, MAIS UMA PITADA DE EMPREGUISMO...
EXPERIMENTA UM POUQUINHO DESTA POÇÃO ABRE CAMINHO PRA GANHAR ELEIÇÕES.
SACANAGEM! DERAM PRA ELE 2% DE AUMENTO NA PREVIDÊNCIA SOCIAL. NUM DAVA PRA MISTURAR! SNFI, SNFI, SNFI...
2%
POF
ESTÃO ME SABOTANDO, ME SACANEANDO! OUTRO DIA O GENERAL DO SERVIÇO NACIONAL DA FOFOCA E INFORMAÇÃO (SNFI) FICOU CORTANDO CEBOLA BEM JUNTINHO DE MIM. O BOFE SABE QUE TENHO PROBLEMAS NA VISTA.
EIS QUE DE REPENTE SURGE A RAINHA NOS PORÕES DO PALÁCIO.
MAGO, MAGO, PRECISO DE VOCÊ!
DESDE QUE FALARAM NAS TETAS DA NAÇÃO QUE O REI FICA TODO OURIÇADO QUANDO VÊ UM DECOTE.
E DAÍ?
EU QUERO QUE VOCÊ ME ARRANJE UMA POÇÃO MÁGICA. EU PRECISO DE UM REALCE... ENTENDE?
VAI FAZER UMA PLÁSTICA COM O DOUTOR PITUGUI.
MAS NNNNÃO! SÓ QUERO UM REALCE.
CHEGOU A HORA DE FAZER MINHA SACANAGEM.
EXPERIMENTE ESTA POÇÃOZINHA, MY LADY.
AGORA, PRA VOCÊ VOLTAR A SER RAINHA, SUA SINA É SAIR BEIJANDO OS HOMENS...
OBA!
SMAK
SMAK
SMAAK
SMAK
O MAGO TRANSFORMOU A RAINHA EM SAPA E O PESSOAL DAQUI SE AMARRA EM ENGOLIR SAPOS. JÁ VIU, NÉ?
OINC, OINC?
OINC!
SMAK
MEU REI, EU DESPEDI O MAGO. AGORA, QUERO LHE APRESENTAR NOSSO NOVO CONSELHEIRO.
OIINC!
* OIINC TRADUÇÃO: NUMA BOA

Ele tem 27 anos, 1 metro e 74 cm, pesa 70 quilos e se chama Leovigildo. Começou no futebol de praia, em Copacabana, no Juventus, jogando como meio-campo. Hoje é lateral-esquerdo do Flamengo e titular absoluto da seleção brasileira. Esses são os dados mais conhecidos da biografia de Junior, um dos maiores talentos do futebol brasileiro na atualidade.
Muita gente não sabe, porém, que Junior fez até o 2.° ano do curso de Administração de Empresas e que, por sua inteligência e nível cultural, é um dos jogadores mais conscientes do nosso futebol. Num papo de duas horas com REPORTER, ele comprovou isso: respondeu a dezenas de perguntas, desde futebol a política, tóxico e homossexualismo. Não fugiu de qualquer questão, jamais perdeu o bom-humor e a fluência. Um sujeito de cuca tranqüila, que sabe se mover na selva do futebol brasileiro. Essas qualidades fazem dele um líder no Flamengo e na própria seleção, o que nem

A cuca está feita, mas os companheiros brincaram: ele é ruim de taco

JUNIOR

Entrevista a Ricardo Bueno (texto) e Chiquito Chaves (fotos)

todos dirigentes vêem com bons olhos. Mas Junior não se importa com isso e procura não deixar de dizer o que pensa. E ele afirma, por exemplo, que o futebol brasileiro está precisando de um Lula para motivar os jogadores a lutarem por seus direitos a partir da organização sindical. Qüe o futebol é uma válvula de escape para os que freqüentam os estádios, e que o país mergulharia no caos se de repente acabassem com o esporte preferido dos brasileiros. Apesar de algumas decepções com a profissão, em especial com a insensibilidade dos dirigentes no trato com os jogadores, Junior não nega que seria outra vez jogador de futebol se estivesse começando de novo. Não tanto pelo dinheiro, mas porque correr atrás de uma bola é uma das coisas que lhe dá mais prazer na vida. A entrevista foi feita na concentração do Flamengo, em São Conrado. O ambiente estava tenso. No dia anterior, o treinador Dino Sani fora demitido.

a cabeça

Existe no Brasil uma vigilância muito grande sobre a vida particular dò jogador. Se ele for visto numa boate, é considerado quase um criminoso. Agora pintou um probleme com o Reinaldo, que andou ameaçado de ser cortado da seleção por gostar de uma farras. Como é que você vê esse negócio? O jogador de futebol tem direito a freqüentar uma boate?

— Nós jamais vamos deixar de ser vigiados, em função da estrutura que existe dentro do futebol brasileiro. O jogador de futebol é visto de uma maneira completamente diferente das outras profissões. O exemplo que sempre dão é: pô, o cara tá aí, ganhou dinheiro e agora está largado. Eles nunca pegam o cara que jogou futebol tantos anos e hoje largou, tem a sua vida independente, numa boa. Nossa profissão é uma passagem, nós temos uma vida útil muito pequena, de 10, 15 anos, no máximo. Essa vida útil cai justamente na parte da tua juventude, que vai dos 20 até os 30 e poucos anos. Quer dizer, você não vai deixar de tomar uma cerveja, de ir a uma boate, de ir a um samba. Você não vai deixar de ter a tua vida sexual, mesmo não sendo casado.

Você é casado?

— Não, sou solteiro

Você acha que é justo barrar o Reinaldo porque ele gosta de uma boate ou porque sai com travestis, como andaram dizendo?

— Eu acho que, a partir do momento em que a vida fora do campo estiver prejudicando, ele tem que se tocar. Se não prejudicar o rendimento dele em campo, você não pode fazer nada.

Você, que já conviveu com o Reinaldo. Você acredita que ele transa com travestis?

— Pelo contrário, o Reinaldo é o maior garanhão. Ele não pode ver mulher que fica logo ligado. O *Testão* é um cara legal, sabe por quê? Porque ele fica na dele. Ele é um cara até meio estranho. Ele fica na dele, evita até brincar. Mas quando está na brincadeira ele tá na sacanagem. Ele é um cara que lê muito, que se liga em política

Essa perseguição ao Reinaldo não mostra que o futebol brasileiro é meio fascista? Esse esquema de concentração longa, por exemplo, não é uma babaquice? Não leva o sujeito a se desgastar, ficar tenso, só pensando no jogo? Se o jogador estivesse em casa, vendo televisão, conversando com os amigos, ele não entraria em campo mais tranqüilo, mais descarregado?

— No nosso caso, aqui no Flamengo, você poderia adotar esse tipo de coisa. A maioria dos jogadores é casada, e isso quer dizer que o cara não vai sair com mulher e filho pra fazer outras coisas. Mas eu acho que não dá pra abrir mão da concentração, porque é na concentração que você consegue aquela intimidade com o companheiro. Às vezes o cara chega na hora do treino puto da vida, você não sabe o que aconteceu. Aí, a primeira bola que ele acha que você foi pra machucar ele fica injuriado, já quer discutir e apelar. Na concentração você passa a conhecer o companheiro, que às vezes chega com a cara meio amarrada, você diz pô, o que é que houve, e já sabe a melhor maneira de tratar ele. O aspecto positivo que existe na concentração é esse. O negativo é a monotonia

Você acha que um jogador que se concentra deveria poder trazer a mulher pra ficar com ele?

— Seria fundamental

Você acha que o fato de o jogador trazer a mulher e ter relações sexuais um dia antes do jogo prejudica o futebol dele?

— Isso é conversa pra boi dormir. Não tem nada... Claro que se você ficar em altas orgias, você vai se desgastando. Mas se você tiver relações com a mulher normalmente não tem porra nenhuma

Mas ainda tem dirigente e técnico que pensa que sexo antes dos jogos prejudica

— Tem muitos. Esses caras, se pudessem, teriam uma chavezinha em que eles te ligavam e aí te botavam pra jogar. Te botavam pra treinar, pra concentrar. Você saindo disso eles te desligavam. Aí eles iam curtir na boate, tomando altos uísques, fazendo altas festas com altas mulheres e dizendo pô, eu fui campeão e o caralho. E o cara que foi à luta não pode ter esse tipo de coisa

Você acha que esse problema do jogador estar grande parte do tempo viajando e concentrado atrapalha o casamento? Você conhece jogadores que acabam até se separando devido a essas ausências prolongadas?

Ele puxa a corrente que o time faz no vestiário antes de entrar em campo

— Eu acho que pinta demais. Não precisa você ser casado. Até com namorada mesmo ou qualquer relacionamento que você tenha, realmente pinta. Às vezes a mulher se sente solitária, ainda mais a gente, que viaja muito, fica quinze dias fora. Pinta um grilo com a mulher no trabalho, na escola, ela não tem às vezes ninguém com quem possa conversar. As vezes a mulher, por exemplo, a esposa do Zico, tem que ser o homem da casa, porque o cara está viajando e ela tem que resolver os problemas Se não resolver, vai criar mais problemas ainda. Eu acho o relacionamento deles um troço legal, porque ele realmente consegue dar pra ela toda [illegible]

Então você acha que é melhor ter uma mulher liberada, inteligente, que segure essas barras? Isso é essencial?

Claro Se você casar com uma mulher tapada, que viva completamente dependente de você, eu acho que você não vai conseguir nada. Tem que ser uma pessoa totalmente liberada e que assuma realmente todos aqueles problemas que surjam no caso de você não ter condições de resolver.

Quer dizer que você vê o feminismo com simpatia?

— Eu acho importantíssimo

Você se sentiria bem, casando com uma mulher que fosse feminista e te exigisse dentro de casa, cobrando a divisão de tarefas?

Acho muito legal. Há pouco tempo eu estava lendo sobre um banco, na Inglaterra ou nos Estados Unidos, no qual só trabalhavam mulheres. A maioria dos clientes é homem e a produtividade do banco cresceu muito mais Não tenho nada contra e acho muito legal que as mulheres reivindiquem isso. Acho que esse negócio de machismo, principalmente dentro da vida profissional de cada um, é coisa de mil novecentos e antigamente. Você não pode deixar que a mulher viva exclusivamente como dona de casa. Eu, quando casar, não quero que a minha mulher viva exclusivamente como dona-de-casa, de novelinha e fotonovela, comprando roupinha. Eu acho que ela tem que ter uma vida profissional dela, que ela possa ajudar no orçamento. No dia em que

REPORTER ENTREVISTA

um disser que não gosta mais do outro, vai embora e acabou.

E a fidelidade? É importante para um casal?

— Bem, eu acho que em relação à fidelidade esse é o ponto culminante para você acabar uma relação entre um homem e uma mulher. Eu acho que briga dentro de casa, sogra, dinheiro, qualquer coisa você supera. A única coisa que você não consegue superar é a infidelidade. Se a mulher chega a esse ponto, não existe mais nada, porque a complementação de um casal é na [redacted]

E se a mulher descobre que o homem está transando com outras mulheres? Ela também pode se mandar?

— Ela também tem o mesmo direito. Eu acho que isso não vai partir só do homem. É por isso que estou dizendo que eu acho que a mulher deveria trabalhar, ter o seu sustento, a sua luta. No dia em que acontecer esse tipo de coisa, ela não vai ficar debaixo da saia da mãe dizendo: "pô, ele me largou e eu fiquei sem nada, com uma mão na frente e outra atrás". Não. Tem que ter condições de subsistência.

Você leva muita cantada como jogador de futebol? As mulheres cantam muito? Você é um símbolo sexual?

— Nunca cheguei a ser tachado de símbolo sexual. Existe sempre uma certa relação com isso, principalmente por parte daquelas pessoas que se ligam muito no físico. Principalmente por a gente ter a musculatura completamente diferente. Algumas pessoas se ligam. Até escrevem: pô, suas pernas, seu corpo.

Você já recebeu cartas assim?

— Já. Já recebi algumas cartas. O Leão deve ter recebido mil. Eu acho que pra gente, você sendo uma pessoa pública, tem que se acostumar. A gente dribla, não faz grosseria, trata com respeito. Às vezes a pessoa vem com a intenção de te querer cantar. Aí você dá uma volta, fica naquela de "cerca Lourenço" pra que a pessoa não ache que você está desfazendo dela.

Recentemente, numa pesquisa para a fabricação de bonecas eróticas, os homens escolheram a Betty Faria e a Lady Francisco como suas preferidas. Quais são as artistas que te atraem mais?

— Sensualidade é a Sônia Braga. Em matéria de beleza, a Bruna Lombardi

Em relação ao homossexualismo, qual a tua posição? Há algum tempo surgiu a Flagay, e a torcida do Flamengo, de maneira geral, não aceitou o Flagay dizendo que, se os caras fossem ao Maracanã, iam entrar na porrada. Mas os jogadores revelaram simpatia por ela. Qual a tua posição sobre isso? Era uma boa?

— Eu acho que nós, brasileiros, somos muito conservadores. A gente não aceita de jeito nenhum esse tipo de coisa, como existe nos Estados Unidos e na Europa. No caso da Flagay, pra gente era indiferente; o importante era o incentivo, independente do cara ser um homossexual, uma lésbica, um homem, uma mulher ou qualquer outra coisa. O importante pra gente seria o cara gritar "mengo" e dar uma força na hora em que a gente estivesse ali. Nós iríamos tratar eles da mesma forma. Mas há os torcedores que dizem que a torcida do Flamengo é a torcida da porrada e que solta o bicho mesmo, que só tem homem... Aí, vendo um cara torcendo do lado de jeito meio esquisito, o cara fica injuriado.

Nos clubes de futebol de salão, em geral, quem dirigia a garotada era um cara homossexual. Existe muito homossexualismo dentro do futebol?

— Eu acho que existe. Claro que pouco visível, porque os próprios jogadores repelem muito esse tipo de coisa. Nós temos uma certa facilidade em ter contato com o sexo oposto. Quer dizer, pô, que você não vai precisar ficar trocando uma mulher por um cara. Eu acho que principalmente nas divisões inferiores o homossexualismo é mais abundante. Talvez no profissional isso não ocorra tanto, até em função das pessoas que dirigem.

Se aparecesse um grande jogador de futebol que fosse declaradamente um homossexual. No Flamengo, por exemplo, ele teria ambiente para viver na concentração? Alguém aceitaria dividir o quarto com esse cara?

— Talvez sim. Eu não sei. Acho que é muito difícil dizer, porque esse tipo de experiência o pessoal nunca passou. Eu, pessoalmente, não teria nada contra e até dividiria o quarto com ele. Eu acho que ele seria o primeiro a não querer que houvesse qualquer problema. Quando acontece isso, o cara se torna discreto em relação aos amigos. Em relação aos estranhos ele se abre, assume, fica numa boa

Você leva cantada de homossexuais? Já te aconteceu isso como jogador de futebol?

— Nunca tive esse tipo de coisa. Eu não sei nem qual seria a minha reação.

Além do homossexualismo, um problema que anda provocando muita discussão é o dos tóxicos. Você acha que um cara pode queimar fumo e ser um jogador profissional?

— Eu acho que é meio fora do ritmo da vida que o jogador leva. Você sempre fica naquela dúvida se faz mal ou não. Quer dizer que, por isso, eu prefiro levar pro lado que faz mal. Existem casos, que eu ouvi falar, de pessoas fumarem maconha e jogarem bem durante muito tempo.

Quer dizer que você não se amarra num fererê?

— O tóxico é um tipo de fuga. O cara às vezes entra nesse tipo de coisa mesmo não querendo. É aquele ditado: a ocasião faz o ladrão. Às vezes ele está num lugar onde todo mundo fuma e ele se acha na obrigação. Se ele não tiver uma personalidade forte, se ele não tiver uma estrutura, está perdido. Eu fui criado junto com meus amigos que fumavam maconha, mas eu nunca fumei. Você sabe, aquele negócio de você nunca ter vontade de fazer.

Você acha que o cara que fuma maconha ou usa um tóxico qualquer deve ser reprimido pela polícia?

— Aquele cara que trabalha, que estuda, que tem uma vida ativa e é um toxicômano, eu acho que não tem problema. Acho que esse cara não faz mal nenhum à sociedade. Mas aquele cara que não faz porra nenhuma, que é um parasita, que vive exclusivamente pro vício, esse cara acho que não tem jeito. Esse cara realmente vai levar o teu filho, o teu irmão, o teu sobrinho pro vício. Minha maior preocupação era isso: eu tenho um irmão que andava comigo, e a minha preocupação era com ele, pra vagabundo não botar ele no vício. Além de ter uma personalidade formada, outra coisa principal pra não cair nessa é o papo dentro da tua casa. Você ter livre acesso a seus pais pra discutir os problemas. Você pega o jornal hoje e vê que qualquer crime, qualquer violência, está sempre associada ao tóxico. Eu não recrimino meus amigos que fumam. Só acho que os caras me respeitam. Se eu estiver num lugar e eles tiverem que fazer qualquer negócio, dizem "pô, o Junior está aí". Isso é que eu acho legal. Os caras são incapazes de fazerem a coisa pra me incriminar, sabendo que eu sou uma pessoa pública e que alguém pode ver e até tirar partido disso.

O jogador está sempre com o temor de estar sendo vigiado... Você não acha que está na hora de os jogadores saírem um pouco dessa atitude passiva e passarem a reivindicar uma série de direitos? Em outros países eles fazem greve, exigem respeito às suas férias e uma porção de outras coisas. Por que no Brasil os jogadores esperneiam tão pouco?

— Não dá pra fazer uma comparação desse tipo, porque no Brasil o sindicato praticamente não existe. Os jogadores em pior situação, que seriam os maiores beneficiários do sindicato, não participam.

Por medo?

— Não. Os caras não se ligam nesse troço. O jogador não está vendo que pode pintar um sufoco. Ele está vendo aquela horinha boa. O nível cultural do futebol brasileiro está bem abaixo do da Inglaterra e da França. Realmente, os sindicatos desses caras lá fora são fortes e o que eles disserem é pra valer. Eu faço parte da direção do sindicato do Rio. E quem vai lá? Eu, Zico... mas o pessoal que realmente precisa não vai. A gente esperava que os outros jogadores, dos clubes menores, dessem mais apoio. Depois o cara vai reivindicar dizendo que ninguém faz nada. Claro que não faz! Por que ele não vai à luta do que ele quer?

Você não acha que, na plataforma de luta dos jogadores, deveria estar o fim da lei do passe? O jogador não devia ser o dono de seu passe?

— Isso é muito relativo. É um assunto muito difícil. No meu caso, por exemplo, eu fui jogador criado dentro do Flamengo e por isso o clube investiu pouco. Hoje eu sou um cara que tenho uma certa qualificação dentro daquilo que eu faço, sou um cara que tenho o preço do meu passe alto. Mas, em compensação, eu não tenho, na hora de reivindicar no meu contrato, o direito de ter os 15% que ganharia, se fosse vendido. Na hora de estipular o preço do passe para um clube comprar, o cara bota uma exorbitância, mas na hora dele fazer o teu contrato ele vai lá e bota na tarraqueta, te desvaloriza

Quais são as pressões que o clube faz contra o jogador na hora de renovação do contrato? O que é que pesa na hora de renovar?

"O Telê era fechado, mas sentiu que não haveria sacanagem."

Ler jornal ajuda a passar o tempo, antes do jogo

— Primeiro, a tua condição de titular ou reserva. Isso é fundamental. O teu estágio técnico dentro da equipe, o fato de você ser ou não prata da casa. Se você for um cara criado dentro do clube, vai ter um tratamento diferente...

Pior ou melhor?

— Sempre puxando pro lado do clube, nunca pro lado do jogador.

Os dirigentes sempre acham que o jogador tem uma dívida com o clube...

— Claro. Que foi o clube que te deu uma porção de coisas. Eu tive há pouco tempo esse tipo de problema. Eu voltei da seleção, o Flamengo disputava o campeonato brasileiro, ia jogar contra o Atlético Mineiro e aí o presidente do clube disse: "O Junior é mal-agradecido". Só porque eu não quis jogar sem contrato. Ele me chamou de mal-agradecido sem fundamento nenhum, sem saber o que estava se passando. Ele não sabe o que aconteceu na gestão passada, na qual eu joguei 58 dias sem contrato. Se eu quebrasse minha perna, estava largado, ninguém ia bater na porta do Junior pra dar uma força. Ele não sabia disso. Foi lá e falou que eu era mal-agradecido. Eu tive condições de explicar que estava vendo meu lado profissional. Eu saí do juvenil, nunca tive um problema disciplinar dentro do clube, sempre fui um cara que ajudou muitas vezes na hora dos sufocos do clube. Sou o cara que mais jogou dentro do Flamengo de 74 pra cá. Dificilmente eu me machuco. Tudo isso você tem que contar na hora da renovação. Meu plano técnico naquela época estava ótimo, eu voltava de uma excursão da seleção brasileira na qual eu tinha feito excelentes exibições e teria que buscar disso aí o meu salário. Realmente, eu fiquei chocado pelo não reconhecimento desse tipo de coisa. Ser tachado de mal-agradecido pelo que o Flamengo fez por mim! Ele não vai contar o que é que eu fiz pelo Flamengo? Quantas vezes eu já ajudei o Flamengo, os próprios filhos dessas pessoas que me tacharam de mal-agradecido! Pra minha felicidade, o Flamengo ganhou do Atlético. Eu estava lá no Maracanã, vendo os 2 a 1. Porque, se o Flamengo não ganha aquele jogo, eu...

Ia ser crucificado...

— Claro. Porque o torcedor não quer saber. O torcedor quer ver o seu time ganhar. Ele está cagando e andando solenemente pro que vai vir. Ele quer é ganhar. Ele ganhou, está satisfeito, você é o maior. Se ele perdeu, você é um merda.

Você não acha que os jogadores deveriam ter direito, por exemplo, de opinar na escolha do técnico? O clube não devia fazer uma eleição entre os jogadores? Eles não poderiam dizer qual o melhor técnico pra desenvolver um determinado tipo de trabalho?

— Pô, eu acho que é um sonho.

No Flamengo eles perguntam aos jogadores sobre que técnico preferem? O que acham da contratação de fulano ou sicrano?

— Perguntam, mas a poucos. Eu acho que a mim, ao Zico, ao Rondinelli. Eles não fazem realmente um tipo de eleição...

Você acha justo os jogadores opinarem sobre quem vai comandá-los?

— Claro. Eu acho que seria importantíssimo. Eu acho que seria válido se o dirigente fosse profissional, porque aí o dirigente ia depender também do treinador que ele escolhesse. O cara amador não depende do treinador. Ele bota um cara aí e, se acha que o cara não está legal, vai lá e saca o treinador. O prejuízo não vai ser pra ele, e sim para os jogadores

O que é importante para um treinador?

— Pra gente, é importante saber que tem um cara mais ou menos do mesmo nível da gente, discutindo as mesmas coisas, brigando pelos mesmos direitos

Quer dizer que é melhor um treinador democrático do que um treinador autoritário?

— Dentro do Flamengo um treinador autoritário estaria morto. Eu acho que ele não conseguiria ficar dez dias.

E na seleção, o Telê é cara de diálogo?

— No começo, o Telê era um cara meio fechado. Eu acho que falaram muito a ele sobre as outras seleções e aí ele entrou grilado. Ele não sabia como ia se conduzir. Acho que, depois, ele conseguiu realmente conversar com a gente, e sentiu o tipo de coisa que havia entre os jogadores, que a aceitação era mútua, que não havia aquele negócio de você fazer uma sacanagem com quem estivesse ali. Ele hoje é um cara aberto, que conversa com a gente. Tem suas idéias, a gente respeita, e ele procura ajudar a gente de uma maneira completamente diferente daquela de quando entrou. Quando ele entrou, talvez estivesse meio inseguro. Hoje não, é um cara seguro. Sabe que, independentemente de qualquer resultado, de qualquer coisa, ele vai completar o trabalho dele.

Quem tem liderança na seleção, entre os jogadores?

— Sócrates, Zico...

E você?

— Geralmente estou nessa. Esse negócio de liderança acontece.

Existe critério político na seleção dos jogadores? Um jogador que se filie a um partido de oposição está fora da seleção?

— Eu acho que o Telê não está se ligando

nisso, não. Eu não acredito que um jogador seja barrado por assumir uma posição política. Eu garanto que ele escala e convoca. Ele está se preocupando muito mais com a vida pessoal do cara, com a imagem do cara, com o que o cara está fazendo.

Já que tocamos em política, o que é que você acha desse negócio de dizer que o futebol é uma válvula de escape pro pessoal mais pobre, que assim esquece os seus problemas. Isso é verdade?

— Eu acho que o dia em que se tapar essa válvula de escape, nós teremos um caos total no Brasil. A gente não sabe nem o que acontece. Não só no Brasil, mas em todos os lugares, em todos os países apaixonados pelo futebol, onde o povo é realmente fanático. Quanto a nós, jogadores, realmente a gente tem uma parte meio sofrida do povo. A gente leva isso com a gente durante, sei lá, longos anos. Talvez até por frustração daqueles que estão lá em cima, que não sabem fazer o que a gente está fazendo ou que não tiveram oportunidade. Eu acho que eles sofrem tanto quanto a gente e a gente entende às vezes a revolta do torcedor. Ele não quer saber quanto está custando nada. Ele quer é aplaudir. Se o cara chutou mal, ele quer vaiar. Eu acho que a partir do momento em que o cara entra no Maracanã pra torcer, ele esquece completamente o preço de qualquer coisa, esquece se o ônibus está caro... Ele quer ver o Flamengo ganhar, o Zico meter gol, o Cantarelli fazer grandes defesas. Ele está querendo mais é ver o time dele ganhar, pra na segunda-feira encarnar no camarada amigo dele. Na terça-feira ele já começa a pensar no sufoco que ele vai passar durante a semana toda até o domingo pra ele comprar outra entrada.

Você já fez isso como torcedor?

— Não, porque graças a Deus a minha família é de classe média. Eu nunca tive esse problema de pobreza. Penetrei muitas vezes no Maracanã com aquele negócio de entrada. Dá três e entra dez, driblava o cara da roleta, numa muito mais de aventura do que propriamente por não ter grana. Eu acho até difícil a gente fazer uma comparação desse torcedor que vai pra geral com o torcedor da arquibancada. O pessoal que vai pra geral, vai pra lá sempre. Ele não tem ambição de ir pra arquibancada. Ele prefere ficar ali do lado, na geral, porque talvez ele fique mais perto do cara que ele se amarra, do cara que ele grita o nome.

1982 está chegando. Dizem que vai haver eleição direta pra vereador, deputado e governador. Como é que você se situa politicamente? Dos partidos que estão aí, qual o que te agrada mais?

— Eu tenho lido alguma coisa. Realmente, não tenho ainda uma definição política. Acho que o Partido dos Trabalhadores realmente será de grande proveito. Pelo menos, os ideais.

O Lula é um cara que te agrada?

— Eu acho o Lula um cara legal, principalmente porque ele é uma pessoa que não se acomoda a apenas escutar. Ele é um cara que procura conversar, se impor em função da classe dele, e por isso ele é um cara importante. Se nós jogadores tivéssemos um cara como o Lula, que se impusesse da maneira como ele se impõe, seria importante pra nós. Mas o Lula tem aquela força do resto dos metalúrgicos. Já nós não temos nossos camaradas pra dar aquela força.

Em função dessa crise da economia que está aí, com aumento do desemprego e inflação altíssima, você acha que muita coisa precisaria mudar no Brasil? Você redistribuiria a renda, por exemplo?

— Primeiramente, a redistribuição da renda. Se eu conseguisse dar uma solução, eu tava lá do lado do Delfim, tava lá dando uma força pra ele, o que seria de muita valia, porque ninguém consegue realmente pensar num plano objetivo de redistribuição da renda. Eu acho também que realmente o problema do desemprego no Brasil é muito sério. A gente vê a quantidade de universitários que saem formados, que passam tanto tempo desempregados. Aquele que tem um apadrinhamento, que tem uma força, consegue se colocar. Mas aquele que não tem, que tem que sair à luta, fazer um concurso, batalhar, fica difícil. Você vê que todo mundo está pegando qualquer coisa. A maior prova disso foi aí, agora, na Polícia Militar. Eu estava lendo no jornal que eles colocaram 3 mil vagas e apareceram não sei quantos mil candidatos pra fazer o concurso. Isso realmente mostra as dificuldades, o nível do desemprego. E aquele negócio da oportunidade. Eu tenho um amigo que diz que a oportunidade só tem cabelo na frente, se você não pegar, não tem jeito, não vai conseguir mais nada.

"Tem doping, corrupção, violência. Eu mesmo sou muito visado."

Você acha que, do jeito que estão as coisas, trabalhador brasileiro tem que fazer greve pra reivindicar seus direitos?

— Bem, eu acho que o cara pra chegar a uma greve realmente deve ter passado por um período de sufoco, estar reivindicando há algum tempo. Ninguém vai fazer greve de um dia pro outro, de graça. Ele está vendo que seria muito mais fácil pra ele conseguir as coisas através do diálogo, de um representante dele junto com um representante do empregador. Mas às vezes ele não consegue isso e aí ele faz a greve, talvez como fuga das condições que ele não encontrou ao buscar aquilo que ele queria.

Na tua opinião, o trabalhador brasileiro é um cara que consegue viver bem com o que ganha?

— É difícil realmente o trabalhador viver em função daquilo que ele ganha. Eu acho que seria mais indicado pro trabalhador, talvez, o salário por produção, não só aqui no Brasil, mas em todos os lugares. Se você fizer um parafuso, você ganha tanto. O negócio é pagar pela produção do cara dentro do seu trabalho. Eu acho que o cara teria muito mais motivação, eu acho que ele teria muito mais prazer em fazer aquilo. Ele não faria, sabe, como ele faz hoje, que ele trabalha exclusivamente pensando no final do mês, porque ele não tem prazer em fazer aquilo.

Fala-se muito, no Rio de Janeiro, em assaltos, violência urbana, etc. Você acha que isso decorre da miséria, da falta de emprego?

— Bem, eu não sei qual é a solução pra esse problema. A gente se sente muito oprimido de sair de casa à noite, de parar no sinal depois da meia-noite. O problema é que o cara não consegue batalhar, não consegue arrumar nada. O que é que ele faz? Ele não tem outro recurso que não seja roubar. Não são muitos, mas é claro que existem aqueles que realmente só sabem roubar. É questão de índole do cara. Mas se o cara batalhou dez anos e de repente ficou no sufoco, pra ele roubar vai ser meio difícil. O cara vai ter que estar numa extrema necessidade. Mas aquele cara que nunca trabalhou, que viveu no ócio, de bobeira mesmo, esse vive da oportunidade. E a oportunidade pra ele é de dia, de noite, a qualquer hora, ele não quer saber.

Além dessa violência geral, o jogador de futebol pode ser vítima de violência na sua profissão. Como é que você vê um companheiro agredindo outro companheiro dentro de campo?

— O problema é que nos clubes pequenos o jogador tem que sobreviver de qualquer maneira. A gente no Flamengo sente isso muito mais de perto. Eu passei a sentir isso mais agora, porque antigamente os caras não se preocupavam muito com o Junior, que era apenas mais um jogador do Flamengo. Hoje os caras já descobriram que marcar o Junior é importante. Eu passei a ser um cara marcado. No nosso primeiro jogo depois da seleção, contra o Americano, acho que eu tomei mais pontapé do que o Zico, mesmo sendo um jogador de defesa. Existem treinadores que mandam dar. A gente vê isso quando joga em campo pequeno, quando a gente está partinho, ainda mais que eu jogo pela lateral. Os caras mandam mesmo. Dizem: *aí, dá porrada mesmo, mete a porrada*, achando que isso vai intimidar.

Os juízes não são complacentes com a violência?

— O que é que o juiz vai fazer? Ele não pode fazer porra nenhuma. Se o juiz fosse profissional, se vivesse exclusivamente do futebol, ele teria uma reação completamente diferente. Mas não, o cara tem casa de roupa, tem sua imobiliária, é professor de educação física. Pra ele, aquilo é muito mais satisfação pessoal. O cara não sente a profissão dele realmente como um profissional e fica difícil pra gente, porque a gente está fazendo daquilo o próprio sustento.

O jogador toma porrada continuamente. Mesmo quando não se machuca gravemente, é um show de porrada. Você não acha que isso prejudica a saúde do sujeito a longo prazo?

— O jogador de futebol não pode parar repentinamente. Ele tem que se manter sempre em atividade, em função do corpo dele estar acostumado durante aquele tempo em que ele passa jogando, levando porrada e fazendo física. Ele não pode parar de uma hora para outra. Você vê muitos casos de jogadores que já pararam com perna torta, um joelho meio baleado. A gente vê o Vavá, o centro-avante da seleção, que quando joga pelada com a gente dá pra notar que ele tem um joelho todo ruim, joelho que quando ele parou não estava tão ruim assim.

E o homem da mala, existe no futebol?

— Existe. Existe demais. Isso jamais vai acabar. Eu acho que o homem da mala pra você ganhar não tem problema. Mas o homem da mala pra você perder...

O doping continua sendo muito aplicado no futebol brasileiro? Você, por exemplo, já jogou contra cara que estivesse dopado?

— Muitas vezes. Não só em jogos do campeonato nacional, mas também em amistosos. Você sente o cara com o olho vidrado, que não consegue falar nada, baba escorrendo. Pô, você sabe quais são os sintomas. Uma vez eu estava jogando com um cara, não me lembro onde, o cara estava completamente louco. Me dava cotovelada, estava alucinado.

Qual é o teu balanço? Tua profissão vale a pena? Se você estivesse começando agora, seria de novo jogador de futebol?

— Eu jogo futebol por prazer. Eu jogaria até de graça. Sempre joguei. Fugia pra ir pra praia, pra jogar pelada. Sempre fui assim.

Vai dar pra você ficar rico com o futebol?

— Eu não estou pretendendo ficar rico com o futebol. Acho muito difícil, nas condições aqui do Brasil. As exceções são poucas e você não consegue enriquecer com o salário do clube. Você consegue ficar rico com publicidade que você faz, com os contratos que você consegue por fora, mas, pra mim, isso é difícil, porque eu sou jogador de defesa.

Você gostaria de jogar no exterior?

— Gostaria, gostaria muito. Jogar no exterior amplia teu conhecimento do mundo, te dá uma outra visão.

Fora do futebol, qual é tua diversão principal? O que é que você mais gosta?

— Praia, tudo na praia.

O rango estava ótimo, um elogio à cozinheira

O carro dele é um Puma, mas é só coincidência

FOLHA SECA

Luiz Alberto Bettencourt

Zico é mais importante que o genial Maradona

Zico ou Maradona? Semana passada, a revista Placar referiu-se ao argentino como o maior jogador da América. E o Galo, como fica? Aqui na redação, chegamos às seguintes conclusões: Zico se fez craque; batalhou, aprendeu a buscar jogo o tempo todo. Maradona nasceu feito, joga menos tempo, com menor intensidade, mas o brilho do gênio ofusca, desequilibra. Um está pronto, no apogeu; o outro vai crescer. No momento, minha opinião, Zico é melhor que Maradona.

E você, leitor, o que pensa? Cartas para esta seção.

Didi vai suar

O velho craque foi saudado por todos na sua volta ao futebol brasileiro, mas terá que molhar a camisa. Querem ver? Gasperin, Carioca, Wagner, Luís Carlos e Cláudio Mineiro; Toninho, Jair e Eudes; Carlinhos, Edmar e Macedo. Quantos vocês conhecem? É dose o time do Cruzeiro, e o **Príncipe Etíope** tem um desafio pela frente. Está pondo sua competência em jogo e, se tiver sucesso, passa logo a ser ministeriável. Isto é, candidato em potencial a um posto na comissão técnica da seleção brasileira.

É demais!

Está provado — como mostra a reportagem da página 19 — que existe uma organização nacional que programa resultados de jogos da Loteria Esportiva, subornando jogadores. Na esfera policial, o caso sequer é investigado e, na área esportiva, as autoridades não se julgam na obrigação de fazer alguma coisa. O Conselho Nacional de Desportos e a Confederação Brasileira de Futebol deveriam se preocupar mais com a credibilidade do futebol. Não se finja de morto, doutor Giulite.

O profissional

Lendo a entrevista do Junior publicada nesta edição, cheguei a uma conclusão: ele representa, ao lado de Zico, Sócrates, Zé Mário, Leão, a fina flor da mentalidade profissionalista do jogador brasileiro. É um líder sindical e um atleta talentoso e exemplar. Bola pra frente, garoto!

Torneio mundial

O campeonato carioca, como diz o João Saldanha, é uma disputa internacional. Na semana passada, o Flamengo disputou dois jogos no Paraguai e o Vasco jogou em Portugal. O Botafogo foi apenas a Belo Horizonte. A decisão será em Tóquio, como na taça mundial de clubes.

FALCÃO

O famoso jogador, que está no Roma, acha que no Brasil há mais liberdade sexual do que na Itália. Ele é um homem preocupado com sua imagem.

Muitos torcedores brasileiros sonham ver Paulo Roberto Falcão no meio-campo da seleção brasileira, o que talvez não seja possível, porque Falcão está no Roma, longe dos campos nacionais. Na Itália, o ex-meia do Internacional de Porto Alegre, hoje com 27 anos, goza de grande prestígio, e por isso deu muito o que falar a acusação de que ele era homossexual, já que levara seu relações públicas (Pato) para morar com ele. Alguns meses depois, Falcão voltava em grande estilo ao noticiário das revistas e jornais, envolvido num suposto romance com a atriz Ursula Andress. Em entrevista ao REPORTER, o meio-campo do Roma fala desses dois assuntos, mas é muito mais cauteloso quando a conversa passa para o plano político. Afirmando que não é alienado, Falcão se recusa, porém, a dar qualquer opinião, alegando que por falta de informações pode induzir pessoas que confiam nele, que dele têm uma boa imagem, a cometerem erros. Essa preocupação com a imagem é constante em Falcão. Desde que começou a se tornar conhecido, ele passou a selecionar cuidadosamente suas roupas, medir suas opiniões, e montou um esquema de relações públicas que procura transmitir a imagem de um jogador sensato, tranquilo, dedicado, responsável. Algo oposto, portanto, à imagem que está associada a Reinaldo, considerado um rebelde.

A acusação de que você era homossexual, feita pelo jornalista Giusepe Morabito, da revista *IstoÉ*, te preocupou? Atingiu tua imagem?

Não. Me preocupou no início, quando recebi a notícia. Disse assim: "Mas não é possível!" Comecei, então, a conversar com os jogadores do Roma. Quando senti que o pessoal do Roma estava brincando, ironizando o assunto, senti que a Itália é assim, um país que vive de escândalo. Estão sempre fazendo escândalo. Eu me preocuparia, a ponto de não render no meu futebol, se sentisse nos jogadores do Roma um certo arredio.

Quer dizer que os jogadores do Roma não acreditaram na história?

Um cara me disse: "Falcão, não te preocupa, porque eu aqui também tive problema quando não estava numa fase boa e aí começaram a dizer que minha mulher tinha saído com [illegible]. Se tu é casado hoje, amanhã é chamado de outra coisa, tua mulher está na boca de todo mundo". Então, quando peguei a reação dos outros jogadores, senti que realmente era assim.

Por que você levou o Pato, seu relações públicas, para a Itália?

Levei o Pato porque ele é meu amigo, [illegible] comigo. Como é que eu ia fazer com minha mãe lá? Seria um problema. Teria que viajar e deixar ela sozinha. Levei ele para auxiliar.

— Já que estamos na área sexual, como é que é a liberdade sexual da mulher na Itália?

É muito menor do que no Brasil.

Isso te espantou?

É verdade. A liberdade no Brasil está bem maior do que na Itália, no relacionamento íntimo. Existe lá uma menor liberação nesse sentido. Na Itália, como no Brasil, o problema não é virgindade, mas a liberação da mulher.

O que é diferente?

Acho que, por lá, o italiano é muito machista. A mulher italiana ainda pensa no casamento. Mas tem mulher inteligente, com muita sensibilidade, que percebe que, de repente, descasou. A italiana quer viver, é tranquila. Se der problema, parte pra outra. Nós aqui somos muito sentimentalistas.

E o teu caso com a Ursula Andress?

— Foi um caso... Inclusive me perguntaram, quando cheguei aqui, por que saíram as fotos com a Ursula, se não foi para provar alguma coisa. Eu disse: só provo quando tenho necessidade de provar. Foi um esquema de publicidade.

— Então, não houve relacionamento com ela?

Não, ela é minha amiga e tal. Mas se eu tivesse necessidade de provar alguma coisa, faria em seguida, não deixaria para oito meses depois (da acusação de homossexualismo). E não faria com a Ursula. O que eu faria? Faria outro esquema. Não seria a Ursula Andress que provaria que eu não sou homossexual. Basta estar ao lado de uma mulher. E não ao lado de uma mulher famosa, porque pensariam: "Arrumou um esquema".

A revista Placar disse que você só pode transar com mulher dentro de garagem...

Quando o cara me perguntou, eu fiz uma brincadeira com ele: "O troco está tão difícil que eu tenho que transar na garagem". Mas isto não quer dizer que eu estou indo na garagem. É como o cara perguntar: "Como é que tu faz pra ir em boate? Eu, pra ir em boate, tenho que construir uma na minha casa".

Você já declarou que na Itália há mais liberdade política do que no Brasil. O Enéas, na Itália, disse que era comunista. Isto é comum lá?

— Eu nunca vi jogador de futebol lá manifestar posição política. Não acredito que o Enéas tenha falado isso. Não sei. Cheguei na Itália e li uma declaração do Enéas. Cheguei no Brasil e vi a declaração de outra forma.

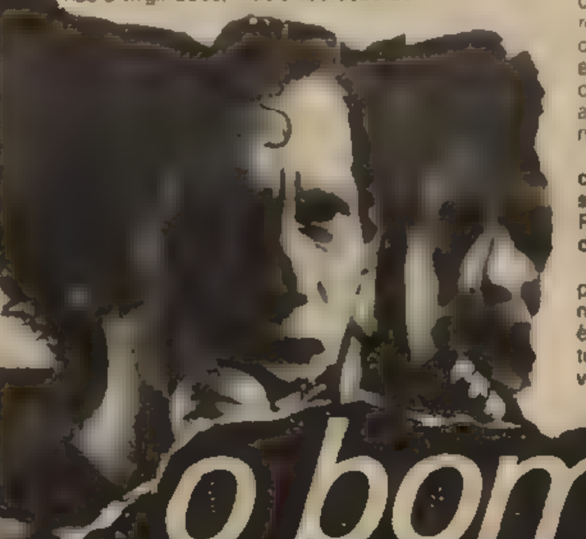
Quer dizer que sobre política você não opina?

Não que eu não esteja sabendo da situação do Brasil ou da situação da Itália, mas porque, realmente, eu posso estar errado em minha opinião, errado a respeito daquilo que eu penso, e posso estar conduzindo gente a embarcar comigo num erro. Muita gente diz que eu sou alienado. Não é alienado. É que, no momento, não tenho condições de dar uma opinião.

Você sempre foi um cara muito preocupado com a tua imagem. Quando você foi para a Itália, se preocupou em manter uma imagem aqui? O Pato está mandando matérias para os jornais daqui?

— Os caras pedem pra ele. Não houve esta preocupação. Acho que a imagem tem que ser mantida naturalmente. Tudo o que o Pato manda é pedido por aqui. Criei uma imagem aqui e não teria necessidade. A imagem é fruto daquilo que você fez, daquilo que faz.

André Jockyman



o bom moço

A QUADRILHA DA LOTERIA

Portuguesa santista denuncia organização nacional que frauda resultados dos jogos

Mais uma tentativa de suborno de jogadores pela "máfia" da Loteria Esportiva foi frustrada. Mas, a exemplo do que tem ocorrido com freqüência, dificilmente alguma investigação policial será feita, porque não há provas.

Tudo começou quando o técnico Olavo Martins, ex-jogador do Corinthians e do Santos, atual treinador da Portuguesa santista, percebeu um ambiente estranho entre seus jogadores, dias antes do jogo contra o Radium, em Mococa, pelo campeonato da Segunda Divisão do futebol paulista, que constava do Teste 558 da Loteria Esportiva.

— Havia muitas conversas à meia voz entre os jogadores. E eu comecei a ficar preocupado, porque o nosso diálogo no clube sempre foi muito aberto. Até que o João Carlos, o capitão do time, veio me contar o que estava acontecendo. Então eu soube que cinco jogadores nossos tinham sido procurados por um ex-jogador do Santos para facilitarem o jogo diante do Radium, porque o nosso time era o favorito na Loteria. Aí decidi colocar as cartas na mesa, numa conversa com os jogadores. E levei o caso ao conhecimento da diretoria do clube — explicou Olavo.

Também preocupado em não revelar o nome do aliciador, o quarto-zagueiro João Carlos — ex-jogador do Palmeiras — contou que tinha recebido uma proposta de 100 mil cruzeiros, enquanto ao goleiro Marquinhos — um juvenil recentemente promovido ao time principal — havia sido oferecida uma motocicleta. O lateral Zé Luís, o ponta-direita Zezinho, o centroavante Roberto e até o ponta-esquerda Tulco — que sequer iria participar daquele jogo, porque tinha de cumprir suspensão automática — foram procurados pela "máfia".

Todos os jogadores citados confirmaram aos jornalistas que haviam sido procurados por pessoas interessadas em suborná-lo para perderem o jogo contra o Radium, mas ninguém se atreveu a revelar o nome de algum integrante da "máfia". O ponteiro Zezinho, por exemplo, contou que, após participar do treino dos jogadores na praia, estava num ponto de ônibus quando foi abordado por duas pessoas que não conhecia. "Eles estavam num Corcel cinza e eram dois caras fortes. Tentaram me cantar, oferecendo um bom dinheiro, mas eu não concordei", disse.

Na verdade, apenas o diretor de futebol da Portuguesa, José Cassiano Tavares, em entrevista ao jornal *Cidade de Santos*, apontou um nome: o do ex-jogador Negreiros, que fez parte do time do Santos no final dos anos 60. "Que palhaçada do Negreiros! Não esperava isso desse cidadão", comentou o dirigente.

Apesar disso, a Portuguesa sequer registrou queixa policial: apenas expediu um comunicado à imprensa, em que denunciava a tentativa de suborno de que tinham sido vítimas seus jogadores e, ao mesmo tempo, enviou um ofício à Caixa Econômica Federal, responsável pela Loteria Esportiva, ressaltando que o clube "não se sente vítima da torpe tentativa de suborno: seus atletas são homens de caráter, profissionais honrados, e o ousado e amoral procedimento dos bandidos jamais poderia ter êxito junto a eles".

"No entanto — diz o ofício — o episódio parece descortinar a existência de uma quadrilha de âmbito nacional, que busca assegurar pela corrupção o resultado de jogos, para se locupletar com os vultosos prêmios da Loteria Esportiva."

Além da Caixa Econômica, a Portuguesa enviou ofício também à Federação Paulista de Futebol, pedindo providências e colocando-se à disposição da entidade para as possíveis investigações que venham a ser feitas.

Acusado pelo diretor de futebol da Portuguesa, José Cassiano Tavares, e pelo correspondente de uma emissora de rádio de São Paulo, o ex-jogador Negreiros desmentiu que tivesse tentado subornar qualquer jogador daquele clube. "Isso é uma loucura! Eu estive viajando e não sabia nada disso! Depois, acho incrível que alguém possa pensar em subornar jogadores da Portuguesa santista, um time que normalmente perde quando joga no interior" disse.

Preocupado com os "prejuízos morais" que essa acusação vem lhe causando, Negreiros já procurou um advogado, pensando em abrir processo contra o dirigente da Portuguesa. "Não sei como as pessoas podem fazer acusações desse tipo sem qualquer prova. Não posso permitir que meu nome seja injuriado dessa maneira", disse o ex-jogador.

Olavo vê uma utilidade no escândalo: vai ter paz.

— Sempre que o nosso clube passa a fazer parte de algum teste da Loteria Esportiva, nossa vida se torna um inferno: durante toda a semana recebemos telefonemas anônimos dizendo que há vários jogadores na *gaveta*. Isso acaba criando um clima psicológico de muita intranqüilidade, que só prejudica a produção da equipe.

Enquanto isso, por toda Santos, cidade que hoje abriga uma legião de ex-jogadores famosos, correm muitos rumores sobre a corrupção no futebol, principalmente envolvendo antigos jogadores do Santos. Na Vila Belmiro, por exemplo, sede do Santos, correm até hoje histórias fantásticas sobre os motivos que teriam levado Pelé a abandonar o clube em 1974. Uma delas se refere a um certo zagueiro que aliciava companheiros para que o Santos perdesse determinadas partidas que constavam da Loteria Esportiva. Irritado com o comportamento desse jogador, Pelé teria preferido deixar o clube, depois de ter percebido que os dirigentes pouco faziam para evitar aquele ambiente de sordidez.

Outra história lembra que um dos motivos da saída do goleiro argentino Cejas, logo após Pelé ter deixado o Santos, teria sido esse: o mesmo zagueiro, durante uma partida importante, procurou o goleiro e, com a promessa de uma boa quantia em dinheiro, pediu para que ele provocasse um pênalti. Desgostoso ou não, a verdade é que Cejas forçou até o último instante a venda de seu passe para o Hurecán, da Argentina.

Curiosamente, o nome do tal zagueiro, que inclusive já abandonou o futebol, voltou a ser associado ao escândalo que eclodiu na Portuguesa santista. Mas, publicamente, ninguém o acusa. Afinal, não há provas.

O zagueiro chama-se Oberdã.

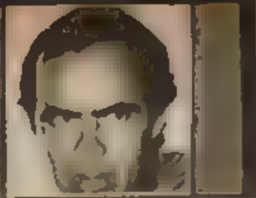
Olavo, técnico, estranhou tanto cochicho no treino

A João Carlos, capitão do time, oferecem 100 mil

UMA COLUNA DE POLÍCIA

SIRENES & CAMBURÕES

Aroldo Machado



Crime agora é técnico. Acabou a malandragem.

"O velho malandro aposentou a navalha", como diz Chico Buarque, que "foi à Lapa e perdeu a viagem". Atualmente "novos malandros" passaram a ocupar as ruas cariocas, o que obrigou a polícia a comprar armamento sofisticado e carros velozes, encostando os velhos revólveres e os **camburões** antigos. Hoje, a malandragem, ao contrário dos tempos passados, usa pistola, escopeta e carro roubado para garantir a fuga.

As pessoas que entram numa agência bancária não mais se preocupam com o "malandro" que as esperava na esquina para aplicar o **conto do paco** — um pacote de tiras de jornal capeado com uma nota de mil. Os tempos mudaram e, ao entrar num banco, o cliente pensa logo na possibilidade de haver um assalto naquele exato momento. Ao sair, ele trata de esconder o dinheiro e olha, assustado, para os lados, temeroso de ser assaltado.

Os golpes antigos, como a tentativa de vender uma jóia que o "malandro" garante ser ouro, já não colam mais. Ninguém dá chance de falar. Até mesmo os mais inexperientes contínuos — outrora principais alvos dos "contadores de história" — já estão escolados e sentem logo que a proposta não passa de um golpe.

"Ventanista" foi, há tempos, uma profissão rendosa. Mas, com a instalação de grades nas janelas, eles foram obrigados a optar pela "aposentadoria ou por outra arma". Além disso, as poucas casas que têm suas janelas para a rua, e ainda não possuem grades, estão sempre trancadas, impedindo qualquer tentativa do "ventanista".

Para romper essa barreira, Silvan Canuto Lemos, filho do delegado Santos Lemos, da Baixada Fluminense, no Rio, bolou nova tática, rapidamente adotada por dezenas de marginais. Silvan, junto com seus comparsas, passou a tocar a campainha das casas e, quando a porta era aberta, eles sacavam revólveres e imobilizavam os presentes. A seguir, todos eram amarrados e trancados numa das dependências. O saque era feito com calma e o carro da própria vítima passou a ser utilizado para a fuga.

Os arrombadores, ou "cilindreiros", como são chamados pela polícia, hoje encontram sérias dificuldades para entrar num prédio de apartamentos. Há homens atentos nas portarias e até porteiros eletrônicos. Além disso, fechaduras mais sofisticadas, à prova de alicate de pressão, foram colocadas nas portas. Já os "descuidistas", que antigamente entravam tranqüilos nas lojas e "enrolavam" os vendedores até conseguirem furtar, "estão em fim de carreira". Hoje, qualquer loja possui, além de vendedores experientes, "leões de chácara e guardas de segurança" que, inclusive, orientam os balconistas, numa espécie de prevenção do furto.

Esses "seguranças" quase sempre são policiais, que aproveitam as horas de folga para ganhar mais dinheiro, com um emprego extra, sem qualquer vínculo com a firma ou empresa. Até mesmo os cartões de crédito e cheques até há pouco tempo muito utilizados pelos "golpistas", já não possuem a mesma credibilidade. Em sua maioria, as lojas não aceitam cheques como pagamento, e aquelas que aceitam fazem uma série de exigências. Por outro lado, os cartões de crédito são conferidos na chamada "lista negra", enviada mensalmente às principais lojas, o que levou os malandros a desistirem de comprar os cartões roubados pelos "punguistas". Eles, que agem nos pontos e no interior dos ônibus, raramente conseguem êxito, porque a maioria das pessoas "pungueadas" anda com pouco dinheiro.

Com a extinção de toda essa classe dos chamados "velhos malandros", as delegacias de vigilância não mais puderam manter sua estatística de combate bem sucedido ao crime. Talvez, por isso, tenham acabado também.

A mulher que perdeu as pernas no acidente do bonde:

FOI VONTADE DE DEUS!

Ela acha que a CTC é o demônio

"Foi Deus." Ela diz que foi um aviso, está conformada, se mostra aparentemente tranqüila. A doméstica Marlene Ricardo da Silva não anda mais. Perdeu as duas pernas no acidente de bonde ocorrido no dia 26 de abril deste ano em Santa Teresa. Arruma o lenço na cabeça, esboça um riso, misto de timidez e constrangimento, e se mexe na cadeira de rodas procurando uma posição. Ela espera pernas mecânicas. "Poderia ter acontecido o pior e eu não estar aqui falando com você." A passividade da crente evangélica Marlene surpreende quem esperava encontrar uma pessoa revoltada, levando em consideração as conseqüências do acidente, originado pela falta de conservação e abandono a que a Companhia de Transportes Coletivos relegou os bondes de Santa Teresa. "Aquele dia acordei cedo como sempre, dei de mamar a Ana Paula e orei, orei muito, como faço todas as manhãs. Depois, desci o morro pra pegar o bonde e aconteceu o acidente. Eu vi tudo, minhas pernas esmigalhadas, aí pensei na minha filha que tinha que criar." Ela dá um abraço apertado na filha de um ano e seis meses. E continua: "Quem sabe Deus não tirou as minhas pernas e de outra pessoa tirou a vida? Essa casa mesmo, de repente estou aqui dentro, quem sabe ele não tirou o coração de um, o lar de alguém e me deu a casa? Eu morava na casa da minha vó, lá no alto de Santa Teresa." O conformismo de Marlene ameniza de alguma maneira a angústia de sua prima Sônia, que a ajuda em pequenos serviços na casa nova. Os móveis ainda não foram

Com a filha. Muita angústia.

arrumados na sala acanhada, chama a atenção a cortina estampada, esvoaçante com o vento quente que entra pela janela. Depois da tragédia, Marlene foi uma única vez a Santa Teresa e não pensa mais em voltar lá. Diz que sentiu "uma coisa ruim, uma dor esquisita". Ela põe a mão naturalmente na altura do coração e cerra os olhos por segundos. Responde com dificuldade, procurando palavras para exprimir seu sentimento: "Sabe, eu subia e descia por aqueles becos, atalhos, lá no alto do morro. Aí, de repente, estou numa cadeira de rodas sem poder andar. Dá uma tristeza na gente! É o mesmo que estar aqui dentro da minha casa, ver as coisas e não poder fazer, não poder mexer, alcançar algum objeto. Isso me chateia." Marlene é natural de Caratinga, Minas Gerais, e está, desde de pequena, no Rio de Janeiro. Toda a família é ligada à igreja evangélica, cujos seguidores são proibidos de dançar, ir à praia. As mulheres só usam vestidos na altura dos joelhos, sem o mínimo decote, e os homens não bebem, nem fumam. Música, só os cânticos religiosos. "Eu queria mesmo era continuar andando, mas Deus quis assim, o que vou fazer? Vou continuar orando, lendo a Bíblia." Para casar com Paulo, Marlene ficou cinco meses fora de qualquer compromisso com a igreja e sua religião. Foi à praia, ao samba, organizava festas e tudo. Ela hoje diz que não pensa em nada disso e faz questão de ressaltar que, quando aconteceu o acidente, já fazia seis meses que se entregava de corpo e alma a Deus. Apesar da tragédia, sente se feliz, recebe salário do INPS e não pensa no momento em trabalho, a não ser cuidar da filha. Lembra do bonde, que tantas vezes a levou até o trabalho: "Eu gostava tanto, agora quero distância. Já fiquei sabendo que o mesmo bonde que virou vai entrar em funcionamento outra vez. Vai matar mais gente. Os motorneiros, eu sei que não são os culpados, mas eles correm demais. Tem um então que a criançada, quando ele passa, grita: "Genésio, bota no oito" (velocidade máxima do bonde). Mas eu perdôo todos. Só não perdôo a CTC, que pra mim ela é o demônio. Nesse momento o marido Paulo entra na conversa: "Quero esclarecer que essa casa quem conseguiu não foi a CTC, como está aparecendo nos jornais. Ela só pagou o quarto durante trinta dias no Hospital Evangélico. A casa foi conseguida através do deputado estadual Josias Meneses, do PMDB, dirigente evangélico e diretor da Rádio Copacabana." É servida uma bandeja de Q-suco. O ambiente se descontrai um pouco. Ana Paula está dormindo no colo da mãe. O marido e algumas vizinhas que estavam lá no momento se despedem da reportagem. Marlene olha pela vidraça da casa nova. Transmite uma solidão, uma tristeza de quem nunca esperou o aviso de Deus.

Texto de Tim Lopes
Foto Chiquito Chaves

rādice
LUTA & PRAZER

JÁ!

O seu prazer é um ato político
Lute, resista, não deixe de viver
LUTA & PRAZER
Rádice sempre, numa nova fase
Um incrível jornal para você

A primeira edição já está nas bancas. Leia sobre: **Como a esquerda vai pra cama** tchan tchan tchan **Alternativas em Educação** ponto e vírgula **Opções da militância em 68 e 81** agora é ponto **Miçangas Nucleares** vire a página **Encontro Nacional de Comunidades** simples vírgula **A Psicologia vai ao subúrbio**, sem culpa travessão **Qual sua luta, qual seu prazer?** digamos... parêntesis **Quanto custa ser brasileiro** ponto parágrafo **Deixe Comigo crianças que cuidam de crianças** uff dois pontos **Música em cooperação**. Acabaram-se as pontuações seções charmosas **Espalhafato Emoções Baratas Botaqui Toque Cartas Tremendo Visual**. Na LUTA, no PRAZER.

ESTE JORNAL TRAZ O NOVO, A VIDA. EXPERIMENTE

Sua capacidade para "OBSERVAR MELHOR" os detalhes, faz com que Você seja mais inteligente que os demais

Neste grupo de 10 ATABAQUES dois são idênticos.
Marque-os com um "X" e envie HOJE MESMO esta folha com todos os seus dados.
PELA VOLTA DO CORREIO RECEBERÁ UMA AGRADÁVEL SURPRESA

Só basta saber ler e escrever • ESTUDE hoje e TRIUNFARÁ amanhã!

CURSOS QUE ENSINAMOS

ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS · DESENHO HUMORÍSTICO · SECRETARIADO COMERCIAL · BELEZA FEMININA · CORTE E COSTURA · ARTE DOCEIRA · ELETRICIDADE · CONTABILIDADE · ENFERMAGEM · RELOJOARIA · FOTOGRAFIA · INGLÊS

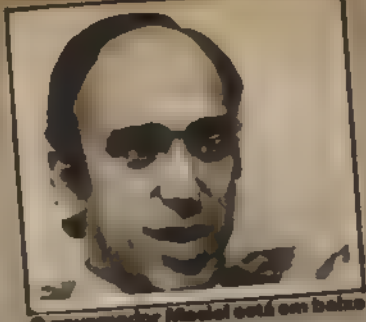
MÉTODOS QUE ENSINAMOS

NÃO IMPORTA SUA IDADE · HIPNOTISMO · MEMÓRIA · [redacted] · MÁGICA *(para divertir-se)* · PARA AMBOS OS SEXOS

PROMOTORA PROFISSIONAL BRASILEIRA
R. Barão do Flamengo, 32 2º andar Rio
ENVIE SUA CARTA OU CUPOM A
Caixa Postal 16121
20.000 - RIO DE JANEIRO - R. J.
401

Solicito GRÁTIS e sem compromisso, Folhetos Informativos
Nome
Endereço
Cidade CEP
Estado
Curso que deseja estudar

QUEDA DE GOLBERY ENFRAQUECE MACIEL



O governador Maciel está em baixa

Agosto está sendo trágico para o governador de Pernambuco, Marco Antônio Maciel, até então apontado como a menina dos olhos do palácio do Planalto. Primeiro, o ex-governador Cid Sampaio formalizou seu ingresso no Partido Popular (PP), pondo por terra a esperança do governador de vê-lo disputando sua sucessão por uma sublegenda do PDS. Cid Sampaio no PP significa um novo e importante reforço à candidatura Marcos Freire ao governo do Estado, como candidato das oposições.

Segundo, demitiu-se do Poder o mais importante admirador do governador Marco Maciel, o general Golbery Leitão de Abreu, novo chefe do Gabinete Civil da Presidência, não é inimigo de Maciel, mas também não é amigo, e esse detalhe é de fundamental importância para quem gostaria de ser presidente biônico em 1984

Sem Golbery no Planalto, é ainda mais importante para o governador Marco Maciel vencer as eleições de 82 em Pernambuco. Seria o seu cacife no jogo da indicação do sucessor de Figueiredo. Mas essa possibilidade parece muito difícil. O PDS não tem nomes à altura do senador Marcos Freire, embora a sublegenda permita até três candidatos. O sonho de Maciel era ter uma chapa somando o senador Nilo Coelho, forte de votos no sertão, o prefeito da capital, Gustavo Krause, para tomar votos da Oposição na região metropolitana, e o ex-governador Cid Sampaio, ainda uma personalidade importante em todo o Estado.

Mas Cid foi para o PP e Nilo Coelho fez saber ao governador que não está interessado em disputar o governo estadual, prefere gozar seus outros quatro anos como senador. Fica o prefeito Gustavo Krause, que, embora esteja conseguindo penetrar em alguns redutos oposicionistas do Recife, é um anão político diante do senador Freire

O outro candidato declarado do PDS é o ex-governador Moura Cavalcanti, que divide o partido com Maciel e tem o apoio da maioria dos prefeitos do interior. O problema é que Moura é tio do prefeito Krause, o que inviabiliza o lançamento das duas

Restam figuras políticas de menor expressão, como alguns secretários de governo e um ou outro deputado federal, nenhum com força eleitoral suficiente para entrar no jogo contra Freire.

Enfraquecido eleitoralmente, há quem aposte que o governador Marco Maciel comece a endurecer politicamente, ou seja, entre no time dos que não querem eleições no ano que vem. Como Maciel não é de tomar atitudes claras em tempo de incertezas, acompanhar seus passos daqui em diante vai ser importante pra sentir de que lado sopra o vento do Planalto

Eduardo Homem

O delegado Bonchristiano

Delegado acusado de falsificação

A polícia paulista vive dias de grande tensão o delegado de primeira classe João Paulo Bonchristiano, titular da seccional sul, foi indiciado em inquérito sob a acusação de falsidade ideológica. Ele teria falsificado a assinatura do delegado chefe de polícia da Grande São Paulo (Degran), Rubens Liberatori, em uma ordem de serviço na qual os próprios investigadores do departamento eram acusados de terem extorquido donos de motéis da área. Quando a ordem de serviço chegou ao delegado-chefe, foi aberta uma sindicância, o delegado Bonchristiano foi afastado do cargo, substituído por Adipe Abmussi imediatamente e os investigadores foram suspensos das funções

Além de ter falsificado documentos, Bonchristiano se envolveu na venda de diplomas falsos no Colégio Princesa Isabel, em Moema — o que originou a abertura de um inquérito policial. Ele é apadrinhado pelo vice-governador, José Maria Marin, virtual candidato do PDS ao governo do Estado, que o colocou na zona sul justamente por sua "influência" eleitoral. Um investigador com conhecimento da área comentou "O majorengo (delegado) se ferrou: agora, nem mesmo o José Maria Marin pode quebrar essa".

Inicialmente correu um inquérito sigiloso de falsificação de diplomas da escola, em que estavam envolvidos o delegado e a maioria de seus investigadores. Sabe-se, extra-oficialmente, que a escola teria pago Cr$ 4 bilhões para que o processo fosse engavetado. Uma mulher de nome Denise é a primeira vez que seu nome vem a público, depois de mais de dez anos de falcatruas nos meios policiais — tentou extorquir dois policiais, pensando que eles estivessem envolvidos. Um deles não estava e o clima na delegacia começou a ficar insuportável. O delegado titular se indispôs com alguns de seus investigadores, o que acabou originando uma ordem de serviço falsa, evidentemente

Enquanto isso, a própria Denise mostrava para os dois policiais que pensava estar no esquema de corrupção uma ordem de serviço do delegado Rubens Liberatori. Um deles procurou Liberatori, perguntando sobre a ordem de serviço e afirmando ter visto o documento, com a sua assinatura, nas mãos de Denise. Liberatori negou ter assinado qualquer documento nesse sentido

Tida como uma "mulher venenosa", Denise é conhecida nos meios policiais como a amante de alguns delegados. Loura, baixa, meio gorda, ela conhece toda a hierarquia policial a ponto de merecer comentário de um investigador: "Se ela abrir a boca, metade da polícia paulista vai pra cadeia"

Outra mulher envolvida na história foi a secretária do delegado Bonchristiano, de nome Zaira, que alegou ter conhecimento da falsificação da ordem de serviço. Ela procurou o delegado-chefe Rubens Liberatori para relatar o que sabia. A partir de seu depoimento é que Bonchristiano foi chamado ao Degran, para ser indiciado em inquérito pela Corregedoria de polícia

Sabe-se que o delegado Bonchristiano disse no inquérito que a falsificação teria como objetivo afastar os investigadores que estavam envolvidos no derrame de diplomas falsos. A maioria, diga-se de passagem, vendidos para os próprios colegas, muitos dos quais pretendem "melhorar" de cargo na polícia, através de concurso para delegado

O inquérito corre sigilosamente na polícia, e quem forçava o silêncio para a imprensa era justamente o secretário de Segurança Pública de São Paulo

Rivaldo Chinen

AMERICAN BAR CLUB
música ambiente e ao vivo
seresta, bossa nova
samba, MPB variada
classe A
Aberto após às 14 horas
Av. São Luís 153 / loja 16 — subsolo
GALERIA METRÓPOLE — São Paulo
Reservas: 258-6448 (com a senhorita Lúcia)

AICE
Digitação -x- Programação
Centro — Sen. Dantas, 117 Sobreloja 215
Ilha Gov. — Estr. do Galeão, 2500 — B — s/213

UMA COLUNA DE POLÍTICA

Ô da política!

Daniel Aarão Reis Filho

Chicago não é Paraíba, Figueiredo não é Geisel

No princípio foi o pânico, e o pânico habitou entre nós. Telefonemas, e telegramas entrecruzavam-se nos ares: Golbery renunciou! Tancredo Neves, chefe supremo da Cruzada do Vale do Jequitinhonha, gemeu: "Estamos perdidos!" Ulysses Guimarães (cada odisséia tem o Ulysses que merece) ecoou: "Perdidos estamos!" Houve, como de hábito, manifestações de cretinismo parlamentar. Um mais afoito exclamou: "Golbery tangenciou a santidade!" Mais uma mágica do bruxo do Planalto: de algoz se transformava em vítima, de coveiro em salvador, de auxiliar de ditador a condestável da democracia...

Então, a abertura acabou?

Não, ela continua aí. Só mudaram as moscas? Também não. Mudaram a linha da abertura, sua concepção, seu ritmo.

Golbery encarnava uma linha. Procuramos aqui na coluna comentá-la várias vezes. Consistia basicamente no seguinte: investir tudo nas eleições de 82, mobilizar os casuísmos possíveis e impossíveis ("o ideal seria uma legislação para cada Estado") para ganhá-las — e manter uma articulação com o PP — Partido Popular — para, se fosse necessário, compor com ele depois de novembro de 82. Tanto na distribuição das pastas ministeriais quanto na sucessão de Figueiredo em 84.

A linha tinha como peça essencial Petronio Portella, cogitado e preparado para ser o presidente civil ideal da transição da ditadura para a democracia burguesa. Assim pensava Golbery. O erro foi ter imaginado que suas concepções predominassem até recentemente no interior do governo. Hoje é evidente para todos que esta linha se enfraquecia.

E houve então o Riocentro. Parece que Golbery sugeriu a Figueiredo a demissão imediata do general Gentil Marcondes. Curto e grosso. Como Geisel fizera com o general Ednardo, no assassinato de Vladimir Herzog, em São Paulo. Mas, assim como Chicago não é a Paraíba, Figueiredo não é Geisel. Em conseqüência, o time do general Medeiros, chefe do SNI, que já crescia nas sombras do Planalto desde a morte de Petronio, se fortaleceu de forma clara.

O curioso é que este grupo poderia ter ficado definitivamente enfraquecido com a punição de Gentil. Mas ela não veio e em futebol é assim: há momentos decisivos em que, depois de perder um pênalti a favor, o time melhor se desmoraliza e acaba perdendo feio a partida...

O time de Golbery perdeu o pênalti do Riocentro. Perdeu a cabeça. Logo no ataque seguinte o time contrário, do general Medeiros, fez gol: não deu a reforma eleitoral que Golbery pedia. Depois foram vindo outros gols: a negação do 13.º salário para os funcionários públicos, a recusa dos planos assistencialistas com objetivos eleitorais. Golbery sentiu vir a goleada e jogou a toalha: se mandou. Perdera para Medeiros, chefe do SNI. A criatura comendo o criador...

Mas qual é a linha de Medeiros? Tem ritmos e prazos distintos. A grande diferença, porém, está em que o ministro-chefe do SNI quer virar presidente. E sabe que, num Congresso eleito em 82, ele não terá vez. Quem disser que o plano é prorrogar as eleições parlamentares do ano que vem está perto da verdade. Os homens "darão", em troca, as eleições para governadores. Mas não vão querer largar a Presidência.

Vai ser difícil convencer as classes dominantes deste país de que o projeto é bom para os seus interesses. Mas, quem sabe? Se a crise econômica apertar (ver também página 22), se a situação internacional piorar, não dará pé para mais uma prorrogaçãozinha?

Olho nesta gente! O dispositivo militar está armadinho. Basta olhar as recentes nomeações de chefes militares para ver que puseram as eleições na alça de mira e estão aguardando o melhor momento.

Segurem as calças, irmãos, que o barco vai começar a jogar...

UMA COLUNA DE ECONOMIA

caixa 2

Ricardo Bueno

Crise econômica dificulta fechamento

1 — A abertura vai se transformar numa fechadura? Há muita gente apostando que sim, depois da queda do general Golbery do Couto e Silva, o poderosíssimo chefe da Casa Civil. Perigo de que a abertura naufrague há, mas apesar das manobras de certos elementos da linha 'dura, que se fortaleceram com a desgraça de Golbery, duvido muito que a abertura vá pra casa do carvalho.

Por quê? Ora, belo e faceiro leitor que está aí do outro lado (salvou-o o Rum Creosotado?), o que dificulta muito qualquer jogada de fechamento é que o processo de abertura política já avançou um bocado e o general Figueiredo, em diversos pronunciamentos, já se comprometeu com as eleições de 82. Portanto, uma fechadura terá que vir precedida de um golpe que mande Figueiredo para casa. E isso não vai ser muito fácil, porque boa parte do Exército não embarcaria numa aventura dessas.

2 — As dificuldades dos golpistas em potencial não param por aí. A crise econômica, ao contrário do que muita gente pensa, poderá apressar a implantação de um governo democrático no Brasil (ou de algo muito parecido com isso). Por quê Para sacar melhor as coisas, voltemos ao tempo do milagre econômico (1968-73). Tudo ia de vento em popa para os empresários, os tecnocratas e a classe média; só os trabalhadores estavam entrando pelo cano.

Nos anos do milagre, a produção industrial estava disparando, o crédito direto ao consumidor era muito generoso, a fabricação de automóveis se multiplicava rapidamente, as oportunidades de emprego eram muitas até mesmo para a mão-de-obra pouco qualificada (embora os salários fossem miseráveis). O governo arrotava as glórias do milagre na área econômica e, sob o comando do general Médici, descia o cacete na área política. Liberdade de imprensa não havia, presos desapareciam, o Congresso vivia sob permanente ameaça. O governo, apesar de repressor e antipopular, tinha apoio em vários setores da sociedade. Um desses era a classe média, embalada pelo sonho de que o consumismo não tem limites e de que a tv preto e branco de hoje seria facilmente substituída pela tv a cores de amanhã. Delfim era um gênio.

3 — E hoje, como estão as coisas? Delfim virou uma figura que o povo chama de tudo, menos de gênio. A classe média está amargurada, pois as prestações da casa própria estão subindo violentamente, os salários perdem a corrida contra a inflação, o desemprego é uma ameaça permanente e, com o preço da gasolina, o negócio é vender o carro ou então deixá-lo com freqüência na garagem. O governo não tem mais o apoio político da classe média.

Os empresários (com raras exceções) gemem sob o peso da recessão, que provoca quedas nas vendas e nos lucros, e querem mudar o modelo econômico. E muitos militares já se convenceram de que a chamada "Revolução" de 64 desembocou numa rua sem saída e que o poder precisa voltar aos civis. Assim, a base de apoio social do governo é mínima e pouca gente mais neste país tem saco para suportar o autoritarismo vigente desde 1964. Quase todo mundo quer respirar, debater, votar, tentar influir nos rumos da política econômica, sair do sufoco, enfim. Poucos acreditam que a solução para a crise que está aí seja mais autoritarismo, mais fechadura. Logo, os golpistas teriam contra si o grosso da sociedade civil e parte do Exército. Quanto tempo agüentariam no poder? Duvido que muito.

4 — Assim, o negócio é o seguinte: o governo está mais fraco do que nunca, ao contrário das aparências. Ditaduras podem se agüentar em épocas de prosperidade, em que compram a consciência de parte da sociedade através das benesses que distribuem. Em tempo de crise, as benesses não funcionam mais e chega a dura hora da verdade, a dura hora de apertar o cinto. Aí, as ditaduras, sem apoio popular, começam a tremer nas bases e ministros muito fortes num dia, nada valem no dia seguinte, liquidados que são pela democracia. Não é mesmo. dr. Delfim?

NOSSO ESPIÃO NA ECONOMIA REVELA:

A última conversa entre Delfim e Golbery

"Foi uma decisão de foro íntimo. Não há o que discutir", disse o ministro Delfim Netto em entrevista à TV-Globo, comentando a renúncia do general Golbery Como nunca acreditou muito no ministro, Juca Macunaíma resolveu investigar a história mais a fundo. Leu atentamente os jornais, conversou com amigos em Brasília e conseguiu falar pelo telefone com uma fonte do Planalto ligada ao general Golbery, e que hoje está, inclusive, ameaçada de cair do cavalo. Juntando os fios, puxando aqui e ali, Juca Macunaíma, resolveu fazer uma brincadeira e imaginar como teria sido o pega-pra-capar entre Delfim e Golbery. O encontro final que convenceu o chefe da Casa Civil de que não havia outra saída senão renunciar. Eis o que descobriu nosso espião na economia

O general Golbery estava tenso em seu gabinete. Cortinas semicerradas, janelas fechadas, ele acabara de fazer uma inalação para aliviar seus problemas respiratórios e esperava por Delfim Este chegou, com uma pasta cor-de-rosa debaixo do braço. Nela, os documentos sobre o rombo da Previdência Social (Cr$150 bilhões) e as propostas encaminhadas ao presidente para cobri-lo. Delfim entrou, cumprimentou Golbery sem muito entusiasmo e sentou-se. Parecia tranqüilo. Golbery começou jogando pesado:

— Delfim, você quer afundar o PDS em 82?

— Por que, ministro Golbery?

— Por quê? Eu acertei com o Figueiredo e o Medeiros (general Octavio Medeiros, chefe do Serviço Nacional de Informações) o pagamento do 13º salário ao funcionalismo público; o José Carlos (do Dasp) anunciou publicamente que isso ia ser adotado e você sai, dois dias depois, dizendo que não vai ter 13º coisa nenhuma, nem este ano, nem em 82! Assim não vai dar pra ganhar as eleições.

— As soluções têm que ser econômicas, ministro Golbery, e não políticas. Não há dinheiro para pagar o 13º ao funcionalismo e não adianta querer agradar ao PDS sem ter dinheiro em caixa. Conversei com o presidente e com o general Medeiros e eles concordaram comigo Por isso desmenti o 13º. O presidente Figueiredo me autorizou a fazer isso.

- Eles estão . contigo, Delfim... Sei, sei... Mas eu sei também que dinheiro se arranja Mas sem o 13º não se vai arranjar uma maneira de os funcionários votarem no PDS em 82 E agora, essa história de aumentar de 8 para 10 por cento dos salários a contribuição de empregados e empresários para cobrir o déficit da Previdência Assim não dá! Já há recessão, desemprego, a classe média em apertos e você ainda quer tirar mais um pouco do salário dos trabalhadores! Essa medida é um desastre eleitoral!

— Eu e o general Medeiros estamos de acordo que essa é a única saída para arranjar 150 bilhões, ministro Golbery.

— Ah, o Medeiros também está de acordo com isso, hein? E as eleições de 82, como é que vamos ganhar? Fazendo milagres? O PDS apresentou uma proposta, que é a de taxar o faturamento das grandes empresas pra arranjar o dinheiro da Previdência, e ela não está sendo levada em consideração, Delfim.

— Essa proposta é tecnicamente falha, ministro. Cobrando mais das empresas, elas vão elevar seus preços para compensar essa despesa, e isso é inflacionário.

— Tecnicamente falha, Delfim? Esse problema é político e só em segundo lugar econômico. Do ponto de vista político, a proposta do PDS é muito melhor que a sua e do Medeiros.

— O problema é econômico em primeiro lugar, ministro Golbery É um problema de recursos, de arranjar dinheiro da maneira mais conveniente para o governo Arrancando esses 2% do salário vamos desestimular a demanda, o pessoal vai comprar menos e isso será bom para combater a inflação.

— Mas, Delfim, se você aprofundar ainda mais a recessão, o PDS está perdido...

- A única maneira do PDS ganhar em 82 é o governo conseguir baixar a inflação, mesmo que o preço disso seja alto, mesmo que muita coisa impopular tenha que ser feita

- Delfim você não me parece muito preocupado com as eleições de 82 Nem você, nem o Medeiros.

— Estou, sim, mas subordino as eleições ao sucesso na área econômica Eleições, só com bons resultados na área econômica; caso contrário, vamos nos dar mal A resolução dos problemas econômicos supera tudo nesse momento .

— O quê? Espero que você não saia dizendo isso por aí, Delfim. A abertura não pode ficar subordinada à área econômica Isso é uma idiotice!

- Idiotice? Idiotice é querer tomar medidas demagógicas sem ter dinheiro Eu e o general Medeiros estamos convencidos disso.

— Vocês são uns... Nossa conversa terminou! Peço ao senhor que se retire de meu gabinete imediatamente!

Delfim se levantou e saiu. Golbery abriu a gaveta de sua escrivaninha e releu a carta de demissão que mandaria ao presidente. Seu reinado chegava ao fim.

Ricardo Bueno

MELANCOLIA TRANQUILA

— tudo parece girar em torno de nossos corpos num círculo vicioso... embora sejamos apenas partículas de pó que teimam em evitar espectros...

Me retraio... volto a caminhar... o encontro... de repente.

Estamos atrás de pedras. Pessoas passando, rindo, sem se preocupar com a gente. Sinto medo de que nos surpreendam, mas minha excitação é muito forte. Seu corpo moreno, em minúscula sunga. De costas para mim. Massageio sua nuca, costas, em movimentos tensos, quase, frenéticos. Minhas mãos deslizam por suas coxas, enquanto minha boca procura sugá-lo indiscriminadamente. Meus mamilos apertando suas costas, enquanto meu corpo procura posição para uma roçada de corpo todo. Sinto ansiedade. A calcinha do biquíni já molhada e uma sensação de necessidade, que me obriga a juntar as coxas e forçá-las, ao mesmo tempo cadenciando movimentos na parte mediana mais baixa do tronco. Largo-o. Não vejo seu rosto. Não sei qual expressão dissimula ou manifesta. Algumas pessoas estão nos observando, mas desviam o olhar tão logo eu as encaro.

— Gente ridícula...

— Quisera estar no lugar deles — afirma uma voz distante.

Desviro seu corpo. Beijo e sugo lábios, mamilos, enquanto minhas mãos novamente o percorrem e meu corpo, coberto apenas com a parte inferior do biquíni, é esfregado loucamente por toda a extensão de seu corpo. Enfio minhas mãos dentro da sunga e sinto meus dedos perspassando os seus pelos, os quais percorro com a boca e mordisco por entre dentes. Está latejando. Arranco sua sunga e o envolvo com a mão. Polegar e indicador unidos, num movimento de vai-vém. Com a outra mão, massageio de leve e enfio um dedo em seu ânus. Minha boca procura engoli-lo e acabo sendo inundada por um jato. Faço malabarismos para beber o mais que posso de sua seiva. Seu corpo vibra, mas ele está apático, como se todo seu ser fosse um robô controlado. Solto-o e continuo meu caminho.

Eu sofro...

As imagens se diluem... eu me transmuto, sentindo seletas ambivalências.

Minhas mãos se agitam...

Penso em meus filhos... talvez um com a idade daquele garoto. Bom, quanto a isso, posso me tranquilizar, não os possuo.

Talvez alguém possa nos haver filmado ou observado toda a nossa transa com binóculos, ou telescópio potente... também... nada a perder... tudo bobagem!...

Tentarei conseguir mais outro na primeira tentativa de me ausentar temporariamente de circunstâncias banais, ou estarei tentando conseguir uma transa firme.

O tempo teima em apressar-se, meus dias estão contados. Tentarei saciar-me fartamente, valha a tentativa ou não, custe o que for necessário.

Celeste Rodrigues

O autor de trabalho publicado pode apanhar Cr$ 2.500 aqui na redação tão logo o jornal chegue às bancas. O I Concurso do REPORTER está aberto até o dia 30 de novembro. Escreva, no máximo, 150 linhas.

CONTOS ERÓTICOS

A PRIMA

Pensando bem... É o tal negócio. Nada melhor do que ser primo. Todo mundo suspeita — até a namorada da gente — mas ninguém tem coragem de dizer nada.

Êta caminha gostosa essa da prima, sô!! Pra giboiar, então, não tem igual; principalmente depois dum rango pesado como esse. Ah! que delícia! É esse cheirinho da Cláudia, então... hum!... Ainda bem que a titia não pode ler meus pensamentos. Velha chata, sô!!! É bom que fique mesmo lá pra casa da vovó. Que os bons ventos levem também pros quintos essa "saminha" desse Zequinha. Putz! Parece até sacanagem. Deus fez a prima, veio o diabo atrás e tascou uma tia e um primo fedelho pra cozinhar o nosso saco em banho-maria... mas o que se há de fazer? Paciência... Êpa! Barulho no assoalho! Ué! São passos dela.. Aaaaii! Me desmancho todo!! — Oi! Tudo bem, primo? — Tudo bem, meu bem. Hã, quero dizer... e você? — Estou boa, mas cansada pacas. — Splaft! — Êpa, desse jeito você quebra essa cadeira! (Ela sentou de qualquer jeito... finjo displicência, que não estou vendo nada... mas bem que estou.. calcinha rosa mimosa, transparente... que indecente! E olha no meio! Meio úmida e amarelada... arretada! Diabo, ela tá que nem quiabo! Quiabo gostoso de se lamber. Parece até baba de jaca... Ai, como a carne é fraca!!!... Vem cá, travesseiro! Cafetão alcoviteiro! Fica aqui em cima... esconde da prima esse volume indecente... Isso, fica aí, bem na frente, faz de conta que vem gente!... Ah, como é triste ser tímido! Pô, e ele continua subindo. Daqui a pouco nem o travesseiro vai dar pra tapar. Ah! Mas essa prima é sacana mesmo, pô!!) — Paulô! M'empresta o travesseiro pra eu escorar a perna? (Ah, meu Deus, que situação!... Ah, seja lá o que Deus quiser... Tapar com a mão? Ah, isso não. Vai aparecer... Ah, foda-se!!... Ué, ela viu! Viu e não se assustou! Será que gostou?... Agora ela começou a tirar fiapo da minha camisa... Mas a Cláudia, logo agora! Sentar do meu lado e abotoar minha camisa? Com um calorão desses! Ela sabe que estou quase explodindo de... Ai! Será que ela tá também, uai? Ai! Essa saia de uniforme plissada, curta e armada, subindo, subindo feito preço do feijão! Descobrindo essa pernoca grossa, morena, lisa e cheirosa, roçando o braço desse pobre coitado... Pô, nem se eu fosse viado! Ai, Claudinha... você me mata! Meu amor, não faz isso! Tira esse cabelão sedoso do meu rosto. Pára de fingir que quer apenas espremer cravos!!! Puxa essa saia e cobre essa perna, senão eu não entro pra vida eterna!) — Não, Cláudia! Que cê tá fazendo? A camisa já tá abotoada! Não! Sua mão não pára... Não responde nada? .. (Ah! Esse cheiro de colegial...) Pára, Cláudia! E se a titia chega Não! Não! Aaai! Fsss! Assim já é demais!. Ah! Foda-se, tira ele pra fora. — Tira o que, seu peralta? — Nada, tô só pensando em voz alta... Ai, fss! Desabotoa! — Quê? — É... a camisa!!! (Ai, como ela é lisa!) — Ei, primo, que isso! Tira a mão da minha... Não, primo!! Que indecência! — Que indecência o cacete, meu amor!... Põe a mão aqui, meu amor... a... assim, isso, segura ele com força... iiisso, esfrega, meu anjo. — Ai, primo, eu nun... nunca fiz isso. — Tá fazendo agora, meu amor!... Ah! que pernão.. pode subir? — Não! Não, primo!... Olha que eu vou gritar... — Soc! Plaft! — Cala a boca aí, sua filha da puta! Cê fica me provocando e agora não quer... Deita aí... Toma isso... e mais isso., — Plaft! Plaft!... — Abre as pernas... Isso, vira os olhinhos! — Ai, primo... Não agüento, vou tirar ele pra fora... — Abre a boquinha... não se assuste, amoreco, nunca viste esse treco? Chuuupa, meu amor, a... assim!!! Ai, como é quentinha sua boca! — Ai, primo, agora vem! Vem todo que eu tô meladinha!!!. .

— Tiáa! — Quê, menino! — A senhora não falou que só o padre pode confessar a gente? — Falei. E falei também que é pecado a gente contar pros outros que uma pessoa foi confessar. — Hi, titia, então eu vou pro inferno, porque eu já contei pra todo mundo que o Paulinho tá confessando a Claudinha lá no quarto dos fundos!!!

Zé Coelho

EXCLUSIVO!
Observador atento confirma:
ABERTURA CONTINUA!
REPORTER
De olho na notícia.

REPORTER

Quinzenal — De 2 a 15 de setembro de 1981 — Nº 51 — Ano IV — Cr$ 70,00 AUTÔNOMO INDE

BANQUEIRO GANHA ATÉ 3 MILHÕES POR MÊS

P. 20

Abertura amorosa só na teoria

O SEXO NA UNIVERSIDADE

a solidão dos estudantes

P. 3 a 9

A ENTREVISTA POLÍTICA DO DR. SÓCRATES

P. 14

Prostitutas que deram certo

P. 10

MORDIDA: fabulinha

O menor André, de cinco anos, neto do general José Ramos de Alencar, inspetor-geral das Polícias Militares, é um gênio. Conta o general-avô que passeava com o pimpolho às margens do Memorial JK, em Brasília, quando o danadinho apontou para o pedestal do monumento e disse: "Vovô, olha uma foice ali". O inspetor-geral logo completou a imaginação do precoce, adicionando um martelo e visualizando o monstruoso símbolo comunista. Em certas delegacias policiais costuma-se erguer um monumento para ocasiões especiais. Mostra ao menino, se gritar: "Olha lá, vovô, um pau-de-arara", não resta a menor dúvida. É de pequenino que se torce o pepino do bambino, general.

Luiz Pimentel

MENTIRAS, MENTIRAS, MENTIRAS!

É assustador. Neste país, cultiva-se a mentira como verdade histórica, como memória dos mortos e como análise política.

1 — Estamos no mês da independência, supostamente proclamada a 7 de setembro de 1822, com o suposto berro de D. Pedro I. Os livros com que o Ministério da Educação ensina às crianças apagam fatos e processos fundamentais. Em 1822 não se consumou libertação alguma — a não ser a das elites; os movimentos realmente populares de emancipação foram esmagados. Deixamos de ser colônia num sentido muito restrito, já que nosso comércio continuava monopólio da Inglaterra. Somos, hoje, mais dependentes do que há 150 anos. Nossa economia está visceralmente ligada aos interesses do sistema internacional, a política dos nossos governantes preocupa-se com tudo, menos com a autonomia. Importamos tecnologia, o capital estrangeiro domina os setores industriais mais importantes e estamos à beira de entregar às multinacionais nossa maior riqueza mineral, depositada na Serra dos Carajás. Será, certamente, a grande capitulação do século em termos econômicos, sem exagero algum.

No entanto, temos paradas, feriados prolongados, discursos militares e o governo até já expulsou do país um padre que se recusou a rezar missa pela independência, que nunca existiu.

2 — Os movimentos conservadores, nas artes, nas ciências e na política, perseguem a liberdade de expressão com tanta ferocidade quanto o Estado autoritário. Mas, feita a vítima, o morto é celebrado como herói. A atitude seria cínica se não fosse bufa. O perseguido é adorável, desde que esteja morto, algo como aqueles prédios históricos iluminados de amarelo. Celebra-se o fim da vida, a morte, e proclama-se a eternidade da obra. O autor, o movimento, o impulso, o desejo, a liberdade acabaram de ser destruídos, mas a hipocrisia é a política dos que, além do assassinato físico, querem a aniquilação das idéias. Sim, porque esse tipo de memória dos mortos, por ser hipócrita, é curta. Aliás, este é o seu objetivo: apagar do povo a verdadeira noção de sua história.

Glauber Rocha agora é o gênio do cinema moderno, com direito a Globo-Repórter e tudo o mais. Então, por que não passaram antes seus filmes na TV? Por que o isolaram como louco? Por que os conservadores — nesse sentido, a esquerda, inclusive — recusam dar espaço ao intelectual independente, não partidário, não militante? Ao artista que faz política a partir do seu talento? Levam flores ao cemitério, mas continuam a enchê-los com sua intolerância.

Não se trata de necrológio amigável de Glauber. Mas de reconhecer que a polêmica no meio da qual ele se colocou não pára. É toda essa infernal sacralização de sua lembrança, do seu trabalho, continua impedindo de o vermos na sua realidade.

O cerco continua.

3 — O povo baiano protestou violentamente contra o aumento de preço do transporte coletivo em Salvador. Mas, muito mais do que isso, protestou contra o sufoco, contra a fome, o descaso, a arrogância. Pois não é que tem ministro achando que a solução do problema do transporte é acabar com o trocador, que ocupa espaço demais nos veículos e ganha muito! As pessoas protestaram contra isso, como já tinham feito em São Paulo, saqueando supermercados, quebrando trens; ou no nordeste, invadindo cidades pra roubar comida. E vem a Presidência da República dizer que, se a desordem continuar, não teremos eleições. O povo, dizem eles, tem índole pacífica e está sendo manipulado por agitadores profissionais.

O embuste ganha força de realidade, é discutido no Parlamento e então, todos — muitos setores da esquerda, inclusive — passam a aconselhar a moderação para que nada impeça a votação de 82. Nada de provocações!

Em que país vivem esses senhores? Em que país vive o governo?

Em Brasília, respondemos nós. Distrito de uma terra longínqua, capital da pre-potência.

Foto marKo

A MORTE DO CINEASTA
por Glauber Rocha

REPORTER

EDITORES Luiz Alberto Bettencourt, Pips (Arte)
REPORTAGEM — Rio de Janeiro: Tim Lopes, Francisco Viana, Ricardo Bueno **São Paulo:** Alex Solnik, Rivaldo Chinem **Recife:** Eduardo Homem, Beth Salgueiro **Salvador:** Marilúce Moura
FOTOGRAFIA — Rio de Janeiro: Chiquito Chaves **São Paulo:** Manoel Isidoro, **Recife:** Valdir Afonso, Gleide Selma
ARTE Ana Maria Martins, Guidacci
CIRCULAÇÃO Maria Izabel Rodrigues Azedo (Rio) Isaías ... (São Paulo)

DEPARTAMENTO JURÍDICO — Luiz Celso Araújo (Rio), Carlos Eduardo Costa Pereira (Recife)

REPORTER Autônomo Independente é uma publicação da MARGEM S A EDITORA E GRÁFICA **Rio de Janeiro** rua Miguel Couto 134/11 ° Tel 253 5038/253 5077. **São Paulo:** rua do Seminário 155, sala 30. Tel 227 7175 **Recife:** av Conde de Boa Vista 121/gr 708 Tel 222 1224

Composição Editora Mory, rua do Resende 65, RJ
Impressão Gráfica e Editora Jornal de Hoje, rua Kennedy 101/111, Nova Iguaçu, RJ

A regra é o desencontro. Cada um na sua

O universitário carioca dos anos 80 está insatisfeito com sua vida sexual e afetiva. REPORTER visitou quase todas as universidades do Rio — PUC, Universidade Federal, Estadual, Gama Filho, Uni-Rio, Hélio Alonso, Santa Úrsula, Bennett — e observou: homem ou mulher, lésbica ou bissexual, de esquerda ou de direita, o estudante está angustiado. Sente-se só porque todos se fecham, passam rapidamente pela escola; e, ao mesmo tempo, ouve falar cada vez mais em sexo, prazer, emoção na universidade. Pessoal ou coletivamente, porém, não há movimentos para realizar a discutida liberdade afetiva.

O estudante sabe que em algumas faculdades as mulheres já tomam a iniciativa de paquerar os homens; que o homossexualismo saiu da clandestinidade, embora ainda seja discriminado; que a mulher não tem mais medo de perder a virgindade. Lê Fernando Gabeira falando do corpo, da liberação sexual, mas não entende por que o cotidiano da massa universitária é de miséria sexual.

Este é o drama, para o qual, é claro, existem muitas explicações: a repressão política do regime militar, a moral conservadora dos grupos políticos de oposição, para quem a referência de um relacionamento é mais ideológica que pessoal, a falta de dinheiro, de locais para encontro.

Aqui e ali grupos se juntam em torno de alguma brincadeira ou esporte, como o pessoal do *sexobol* da Faculdade de Arquitetura do Fundão (UFRJ). A maioria só se vê durante as aulas, tem que sair rápido pra trabalhar ou, em outros casos, porque não tem saco.

Um dado é animador: dentro dos grupos políticos de esquerda e oposição no meio estudantil já existem correntes liberais que colocam o prazer como luta política. Criticam o militante sisudo, retórico, que só se ocupa da conjuntura, e acham que objetivos de felicidade pessoal são compatíveis com a atividade social. Captam o desejo geral de discutir sexo e afetividade e influenciam a União Nacional dos Estudantes (UNE) e os partidos políticos. Afinal, essas são, também, questões da juventude — não apenas do universitário.

Os banheiros, como sempre, refletem o debate de forma sincera. No de mulheres, também da Arquitetura do Fundão, lia-se:

"L'amour entre garotas — experimente!

Experimente tu, renegada!"

Solidão no campus

Reportagem de Francisco Viana (texto) e Chiquito Chaves (fotos)

Isolamento é regra. Sexobol, a exceção

Na Faculdade de Arquitetura, todos os dias, entre meio-dia e duas da tarde, os alunos da turma 792, quinto período, trocam as pranchetas e os livros pelas chuteiras para se dedicarem a um original jogo de futebol: o **sexobol**. Homens e mulheres participam de igual para igual, sem discriminação ou constrangimento: no jogo não há sexos, costumam dizer os jogadores, que há três anos conseguem manter o clima festivo das partidas, em que as grandes jogadas e as grandes gafes são sempre motivo de brincadeiras e risos.

— O pessoal das outras turmas costuma criticar o **sexobol**. Dizem que é alienação. Não é. Foi a maneira que encontramos para tornar mais descontraído o dia inteiro que passamos aqui na faculdade.

Quem fala, cercado de garotas, é Marcelo Carneiro, 21 anos, um estudante bonitão, bem falante, que teve a idéia de organizar o jogo com outros colegas para tentar impedir a dispersão da turma. A 792 sempre teve o hábito de viver junta: o pessoal vai à festa, viaja, namora, estuda, passeia, sempre em grupo. Mas, mesmo assim, a dispersão começou a aparecer e o jogo passou a ser um ponto de referência:

— Nós passamos oito horas por dia na faculdade. Tem colegas que trabalham, outros foram para outras turmas. Assim, o **sexobol** passou a ser o ponto de encontro. O pessoal sabe que vai ter o jogo e aparece. É gostoso porque mantém a gente próximo. Nossa turma sempre se curtiu muito — volta a explicar Marcelo. Os colegas, homens e mulheres, não param de aplaudi-lo.

Contada a estudantes de outras turmas do Fundão, a história do **sexobol** pareceria uma grande mentira. Bem próximo ao prédio da Arquitetura, no Instituto de Química, a realidade é totalmente oposta. E o clima de descontração cede lugar à tensão propiciada pelo desentrosamento, o isolamento e até mesmo a dificuldade de uma conversa ou um namoro entre colegas de uma mesma turma ou de um mesmo curso.

— Vida universitária?

Milton Salles, 22 anos, estudante de Química, faz a interrogação, um tanto sério, e ele mesmo responde:

— Aqui quase não existem essas coisas.

Sua colega, Isabella Faria, 22 anos, concorda:

— Não há como a gente se reunir. O Fundão é muito isolado, não tem vida noturna, não tem vida cultural. O pessoal que às cinco da tarde não conseguiu uma carona para ir embora vai penar muito no ponto do ônibus. Além disso, aqui as classes sociais são muito distintas. O choque é muito grande.

Isabella é uma das poucas estudantes que namora um colega na faculdade. Quando ela entrou, existiam três casais assim: ela e o namorado resistiram; os outros dois se dispersaram.

— Tem gente aqui no Fundão que passa seis anos na faculdade e não transa com uma garota sequer. É muito difícil — intervém outro estudante de Química, Miguel Fernandez.

Diz Isabella:

— Aqui não existe liberdade sexual. No máximo se discute o assunto, mas, na hora da prática, as coisas se complicam. Tem gente de tudo quanto é lugar: da Baixada Fluminense, da Tijuca, da zona sul. Quando se tenta misturar, não dá certo. É difícil. O pessoal de Nilopólis ou de Nova Iguaçu tem uma formação diferente do pessoal da zona sul, por exemplo. Não é que um seja melhor ou pior que o outro. É que são diferentes, têm famílias diferentes, visão de mundo diferente, padrões morais diferentes.

Certa vez Isabella tentou organizar uma festa no apartamento de sua família em Copacabana e não deu certo: só conseguiu reunir o pessoal da própria zona sul e da Tijuca. Seus colegas de Nilópolis, Campo Grande, Xerém e outros bairros mais afastados não puderam comparecer.

— Falta é oportunidade de encontro. Não tem festas, não há lugar onde o pessoal possa papear após a aula. Ou você vai encontrar o pessoal em Xerém ou o pessoal vai te encontrar na zona sul. E aí fica difícil: quase ninguém tem carro, o transporte é impossível.

Essa dificuldade é comum a todas as unidades do Fundão. O pessoal de Química não conhece o pessoal de Medicina, o pessoal de Medicina não conhece o pessoal de Física. E assim sucessivamente.

Não é um fenômeno isolado, nem restrito única e exclusivamente ao Fundão. Atinge direta ou indiretamente todos os universitários da geração que está começando a despontar neste princípio de década, a geração da abertura.

— A situação é de miséria existencial, sexual e afetiva — sentencia Álvaro Luís, estudante de Filosofia da PUC.

Álvaro tem 21 anos e um relacionamento universitário melhor que seus colegas do Fundão. Talvez porque a universidade seja mais homogênea socialmente; na PUC os debates se multiplicam e, de certa forma, aglutinam mais. Há também um detalhe que ajuda: é a própria liberação da mulher que a leva a tomar iniciativas. Ela paquera os colegas, quebra os tabus. Mas mesmo assim as coisas não se tornam mais fáceis, nem mais comunitárias:

— Eu sinto que há muita solidão — conta Álvaro. Eu mesmo me sinto sozinho, embora me relacione bem com os colegas. Se debate, se discute muito, mas a prática é difícil. Quando passou o filme o **Império dos Sentidos**, a discussão sobre a sexualidade se acendeu e houve muita gente transando, em função do filme, eu inclusive. É um sinal de que há abertura, há um desejo de participar, uma vontade de integração. Mas a verdade é que a vida universitária ainda não preenche o vazio existencial de cada um.

Uma coisa que preocupa Álvaro é a dificuldade de diálogo, mesmo por simples amizade: é muito difícil fazer amigos, falar de coisas íntimas, aprofundar as conversas.

— Individualismo? Sim, há uma boa dose de individualismo nas relações. É um dado que salta aos olhos. Você fica se perguntando o que fazer, descobre que é preciso encontrar um caminho e constata que é difícil, é muito difícil. A minha geração está espremida entre os anos de pura repressão e essa abertura; entre as duas há um fosso que a gente ainda não conseguiu pular.

Paulo Sérgio Dória de Miranda, 24 anos, estuda direito na UERJ — Universidade do Estado do Rio de Janeiro — não conhece Álvaro, nem o pessoal de Química do Fundão, onde fica a Universidade Federal do Rio de Janeiro, mas fala como se estivesse acostumado a discutir com eles os mesmos problemas. Solidão, dificuldade de relacionamento, desejo de participação mais ativa na vida universitária são sonhos que a cada dia se tornam mais difíceis de se concretizar para ele e, isso, o torna um tanto atormentado:

— Eu estudava pela manhã e me sentia vazio, isolado. Mudei para a noite e piorou. No turno da noite só existe o pessoal que quer se formar logo, sair logo da faculdade. Não se discute nada. Liberdade sexual? Gabeira? O desbunde do ex-presidente da UNE, Rui César? Eu não sei se o pessoal ouve falar dessas coisas. É muito estranho, sabe? Muito isolamento.

— Isolamento e individualismo — acrescenta Heloísa Bernardes Rodrigues, 22 anos, estudante de Arquitetura da Faculdade Santa Úrsula.

— Isolamento e medo — diria uma amiga sua, Lídice Matos, 29 anos. A diferença entre Lídice e Heloísa não é apenas de idade. Há entre as duas uma diferença de gerações: Lídice estudou Arquitetura no princípio dos anos 70, na mesma Santa Úrsula, e fez parte da geração que vivia sob o impacto direto da repressão, tanto política quanto sexual.

— Eu lembro que minha turma era dividida em dois grupos: as mulheres honestas, certinhas, que não transavam, e as que faziam programas, vistas com preconceito pelos próprios rapazes. Quando vi uma lésbica pela primeira vez foi como se tivesse visto um monstrinho, um ser de outro planeta. Ela era tão estranha, tão exótica, tão diferente, que eu não falava com ela. Não era por preconceito não, era por algo pior: eu não sabia o que falar com ela, não havia nenhuma identidade, entende?

Era uma época em que os alunos recebiam orientação para não se reunir em grupos com mais de dez. A barra estava muito pesada, a luta armada ainda comendo solta, o AI-5 arrochando o país, e o universitário, que vinha na oposição desde os primeiros momentos do golpe de 64, vivia sob eterna suspeita.

E esse clima tenso, obscurecido pelas notícias sobre a tortura, neurotizado pelo temor de cair nas mãos da repressão, sufocou o pouco que ainda sobrevivia dos movimentos libertários dos anos 60, que, no caso brasileiro, não foi tão libertário quanto se imagina. Pelo menos em questão de sexo.

— Naquela época, não havia condições para se discutir esse tipo de assunto — lembra Mauro Fernando de Souza, 38 anos, ex-militante do MR-8 e estudante de Agronomia na Universidade Rural entre 1966 e 67. Hoje, com 38 anos, Mauro estuda Economia na Universidade Federal do Rio e se sente muito à vontade para fazer algumas constatações:

— Nos anos 60-70 se falava de sexo, mas era difícil assumir. Principalmente para quem estava na militância. No meu caso, que atuava numa organização muito fechada, esse era um tema inexistente. Não tínhamos a mesma facilidade

Só mulheres no lance

No Fundão, o grupo e um apelo: a pelada é gostosa!

Ele segurou ela. Sem fazer falta

Muitos têm que trabalhar logo. E se cansam

Opressão inibe, discurso cansa. E falta tempo

do pessoal da Ação Popular (grupo político que reunia cristãos e comunistas), que vivia na semilegalidade, no meio da massa. Na minha organização, inclusive, quase não havia mulheres. Talvez, porque fosse muito difícil assumir uma barra política pesada como aquela. Já era difícil assumir as relações fora do casamento, a independência; imagine a barra de um aparelho clandestino.

Das últimas duas décadas para cá, o comportamento do universitário mudou muito. E isto o próprio Mauro, que participou dos dois períodos e, agora, vivencia um terceiro, pode facilmente constatar:

— Há um detalhe curioso: o pessoal se aproxima mais por uma questão pessoal, não pela questão política, como no meu tempo. Antes, era a posição ideológica, o grupo, o trabalho universitário que aglutinava; agora não. O relacionamento é mais solto, os tabus estão caindo.

Outro dia Mauro se surpreendeu: na sua faculdade, o Diretório fez uma pesquisa sobre os temas de debate que interessariam aos estudantes e eles incluíram itens como a droga, o homossexualismo, a sexualidade.

— Não fiquei surpreso porque tenha qualquer tipo de preconceito. Não tenho. A surpresa é constatar que no meu tempo inicial de faculdade esse tipo de discussão não existiria. Se um presidente da UNE (União Nacional dos Estudantes) desbundasse, como fez o Rui César, estaria liquidado. Não falo pessoalmente. Não tenho nada contra a opção dele. Quero dizer é que ninguém aceitaria. Agora, não. Existem muitos grupos e muitas indefinições. O comportamento das pessoas reflete esse clima; na década de 60 nós estávamos convencidos do que fazíamos e, talvez, por isso, o espaço para determinadas questões, como o sexo, por exemplo, fosse restrito.

O universitário dos anos 80 é muito diferente dos seus colegas das duas gerações anteriores. Marx, Lenin, Mao e a própria esquerda continuam tendo o seu público, mas o antigo fascínio que exerciam sob o ângulo afetivo-ideológico caiu muito de cotação: a figura do intelectual de esquerda que atraía as menininhas com um papo profundo, procurando iniciá-la nos segredos do marxismo-leninismo, tem um sério rival no gabeirismo, o ideólogo do corpo, que fascina a grande massa de universitários, embora muita gente não tenha sequer lido os seus livros, nem tenha também muita clareza sobre suas propostas. E há um novo ídolo que vem ganhando popularidade no meio feminino universitário: é Lula, o metalúrgico, presidente do PT, partido que dentro da esquerda tem ganho adesões por estar quebrando atitudes mais conservadoras, como algumas do MR-8, vistas particularmente pelos seus adversários do PT como de monges seiscentistas. Figuras mais próximas dos crentes do que de um revolucionário tipo Che Guevara, a quem a organização dedicou o nome. MR-8 quer dizer Movimento Revolucionário 8 de Outubro, data do assassinato de Che na Bolívia pelos rangers americanos.

— Marx continua sendo o filósofo dos estudantes, mas o marxismo-leninismo não atrai mais tanto quanto antes: o que une mesmo o estudante é o papo do dia-a-dia, as dificuldades de emprego, o vazio que a faculdade cria na gente. Não existe mais a vida acadêmica de 68, quando o universitário era o intelectual, o sujeito iniciado. Minha geração não tem mais tempo de ficar olhando pro céu, lendo, questionando: a gente tem pressa de trabalhar, sair de casa, arrumar emprego, ficar independente.

Isabel de Lima Moulim, 21 anos, estudante de Jornalismo da Faculdade Hélio Alonso, pensa assim. Para ela, a independência econômica é tão importante quanto a independência sexual: acha que deve transar fora do relacionamento com o namorado. Aliás, tem certa dificuldade de manter relacionamentos longos, estáveis; um dos mais longos que teve foi com um estudante paulista. Ela aqui, ele em São Paulo. Também não tem preconceitos do gênero "não transo com rapaz que tem noiva ou namorada". Outro dia pintou um caso desses e ela foi ver a lua com o rapaz na praia do Flamengo, depois de uma noite inteira papeando e tomando cerveja. "Foi um barato", lembra ela. "A gente começou a conversar e pintou a transa. Ele falou que gostava de mim, mas se sentia inibido por causa da namorada e a gente começou a se beijar."

Isabel está na universidade desde 1979. Quando entrou, o clima era diferente: quem não queria ficar isolado tinha que entrar para a política. Agora, não é mais como há dois anos: tem grupo de homossexuais, grupo de lésbicas, movimento da mulher, enfim, muitas frentes. E isso tornou o militante menos influente, valorizou o Gabeira, que ela define como "grande combatente", isolou a esquerda mais ortodoxa em termos de comportamento.

— Eu, se fosse falar da esquerda sob esse ponto de vista, diria o seguinte — observa Isabel. — Homens e mulheres do MR-8 são como se fossem Testemunhas de Jeová. É aquela figura do revolucionário que faz política 24 horas por dia, uma coisa tensa; acho até que alguns deles são . meio doentes, meio perturbados. Onde já se viu sair daqui pra dar porrada em operário em São Paulo, gente? Não tá com nada. Mas de um lado tá esse pessoal, retrógrado, com posições horríveis sobre homossexualismo, gente que não puxa fumo, que não aparece nunca nos barzinhos pra papear; de outro lado tá o pessoal do PC, altamente intelectualizado, liberal; e finalmente o PT, onde se discute tudo, sem preconceito.

Isabel é meio suspeita para falar do PT: é petista, vidrada no Lula.

— Se ele dá tesão na gente? Eu acho que não; já tive até uma amiga com uma quedinha nele; agora, se ele me chamasse, eu não diria não. Eu tinha que ir. Mas isso é fora de cogitação: para a gente do movimento estudantil, Lula é uma espécie de mito, uma figura intocável. Sabe? Alguém como o Chico Buarque.

Isabel — Jornalismo Hélio Alonso — critica as "Testemunhas de Jeová" do MR-8

Isabel sempre foi do movimento estudantil. Critica a esquerda, até sorri quando fala das organizações mais ortodoxas imaginando "os problemas que vai criar"; é liberada, desinibida e já foi até presidente do Diretório de sua faculdade. Tem dramas: não se considera ainda uma revolucionária porque não conseguiu ainda romper com suas origens de classe; considera a classe operária a alavanca da revolução, mas é totalmente contrária à tese de que o revolucionário tem que ser feio, sujo e carrancudo. "Operário nenhum gosta de andar sujo. Se gostasse, pra que ele estaria querendo fazer a revolução?" Outro drama de Isabel: a pouca receptividade que a militância política tem entre os estudantes:

— Oitenta por cento do pessoal não participam, nem querem participar do movimento. Há muita desconfiança. No semestre passado organizamos um boicote contra o aumento das mensalidades, mas só 700 dos 2300 alunos participaram. Mesmo assim foi um movimento grande: incorporou muita gente na política, houve muita discussão, muita mobilização, muita gente deixando de pagar os carnês com o aumento. Só não teve foi vitória concreta. E isso abalou muito os ânimos. Para fazer novo movimento teremos de trabalhar muito, três vezes mais.

Revolucionário? Reformista? Militância? Que significam essas palavras para o universitário dos anos 80, personagem que começa a entrar em cena, devagarzinho, na vida brasileira através da UNE, das Uniões Estaduais, dos DCEs, dos centros acadêmicos?

— O militante é um pentelho — sustenta Luís d'Orleans, 20 anos, modelo fotográfico, estudante de Psicologia da UFRJ e teatro (Uni-Rio).

— Não, o militante não é um pentelho — discorda Paulo Sérgio Dória, Direito UFRJ.

— É um chato. Ou é visto como um chato — comenta Isabel, que só não sente a marca desse estigma na Hélio Alonso porque circula muito, conhece todo mundo, é comunicativa.

— A política não interessa — afirma Heloísa, da Arquitetura Santa Úrsula. E explica.

— A juventude se sente assim porque tem consciência de que é muito espectadora: não participa de nada, não decide nada. Vai para uma profissão que lhe é imposta, vive angustiada quanto ao futuro e, quando vai ao Diretório, acaba se chateando. Vai pensando em se enriquecer, em se conscientizar e acaba saindo frustrada, de saco cheio. É por isso que o Gabeira virou popular: ele está expressando um sentimento de opressão interior que ninguém sabe muito bem o que é, mas que existe.

— O pessoal desconfia do militante porque o cara entra na sala e diz: tem manifestação na Cinelândia, tal hora. Todo mundo lá. E sai. Não discute. O pessoal não aceita e se retrai — Magda Muniz, Publicidade Hélio Alonso.

Ou simplesmente a militância interessa tão pouco quanto a própria universidade.

Angela Tostes, 19 anos, Comunicação da Hélio Alonso:

— Eu não me sinto uma universitária. A universidade é o lugar onde eu vou, falo com as pessoas e saio. Quero me formar e é só. Não participo de nada porque acho o movimento estudantil muito restrito, limitado. Acho que as coisas só surtirão efeito cá de fora, partindo de gente que trabalha, profissionalizada.

Apatia geral: ninguém reage a nada

— De militância e política não entendo nada. Preciso até aprender porque quero ser ótima jornalista— diz Vera de Oliveira Vidal, 22 anos, também estudante da Hélio Alonso.

Vera se autodefine como revolucionária, mas admite que sua revolução foi feita em moldes bem diferentes da revolução de que falam suas amigas: ela é virgem e não faz segredo da sua virgindade, nem tem nenhuma inclinação para perdê-la numa transa pela transa, sem [illegible].

— Eu me considero revolucionária porque batalhei muito pela minha independência: trabalho, participo do meu sindicato, estudo sério, em casa consegui acabar com esse negócio de controle de horários, perguntas sobre onde eu estava quando chego tarde, enfim, conquistei minha liberdade

E a virgindade?

— Não é tabu, não. Antes, eu era virgem e me considerava superior às outras mulheres. Agora eu vejo que não sou melhor do que ninguém, que a mulher que não é virgem é tão mulher quanto eu, tem os mesmos problemas meus, ama, sofre, tenta se melhorar como pessoa. Não perdi a virgindade ainda porque só quero perdê-la para o homem que eu amo. Eu tinha um namorado, ele saía para transar e eu ficava na minha. Ele também só queria transar comigo quando tivesse certeza de que a coisa era séria. Não sou contra o amor antes do casamento. Já falei nisso até com minha família; sou contra é sair transando por aí

Vera fala com voz firme, não disfarça o carinho quando fala do namorado e defende com firmeza posições antiaborto e antipílulas anticoncepcionais: acha que ambas são antinaturais. Não se considera discriminada pelas suas posições: são suas e ela as defende

— A coisa que eu acho muito importante é o amor, sabe? Para mim, é a coisa mais linda. Eu não sou uma pessoa preconceituosa. Apenas quero amor, defendo o amor. Aliás, se eu pudesse eu mandava um recado para meu namorado: volte para mim.

Nos anos 60-70, até um pouco antes da repressão política destroçar a vida universitária, haveria pouco espaço para pessoas como Luís D'Orleans. Naqueles anos, a militância era tudo ou quase tudo: Luís, que se autodefine como monarquista, embora seja bastante preciso e lúcido nas suas opiniões políticas, estaria inexoravelmente catalogado à direita. E discriminado. Não é isso que ocorre agora, nem tão pouco Luís está preocupado com os conceitos de direita e esquerda: não faz segredos de que tem preocupações com o geral, mas afirma que, antes de tudo, está preocupado com ele próprio, com o seu enriquecimento interior, sua evolução. O que aconteceu com Luís.

— Ele é de uma geração que voltou com medo de se abrir, com desconfiança dos colegas — insinua o músico Pedro Tornaghi, 25 anos, estudante de Música da Uni-Rio, bissexual assumido, contrário a qualquer forma de repressão político-sexual, um dos fundadores do centro acadêmico de sua escola. Ele explica:

— A minha geração, que é a mesma do Luís, levou uma porrada muito grande. Nos anos 60 o pessoal se aproximava do cabeludo ou do guerrilheiro. Era aquela loucura toda, perplexidade total; perplexidade política, social, filosófica, os caras lendo Reich e enfrentando os fuzis com flores. Até o Che Guevara se entusiasmou e mandou dizer que achava uma boa; topava aderir ao esquema, dizia ele, porque tinha de resolver antes o problema da América Latina. Barra pesada. E o pessoal optava: saía de casa, trepava, puxava fumo, se virava. Com o tempo o pau foi cantando dos dois lados: pro guerrilheiro e pro hippie, e se descobriu que não era "saudável" andar com um, nem com outro. E foi todo mundo voltando pra casa, passando a depender dos pais, absorvendo seus valores. Quando o pessoal começou a voltar, estava mudado. É por isso que o estudante desconfia um do outro, é por isso que o pessoal tem medo de se abrir, de se transar numa boa, de se engajar politicamente.

— Simplista — é como Luís vê essa tese. Ele prefere ir muito além do movimento hippie e da guerrilha. Sente o processo individualista, a angústia, o medo, a retração das pessoas, a neurose, e até tem uma tese ecológica para isto: o ser humano é como as camadas da terra; tem também seus períodos glaciais, de apatia. É no que ele acredita, dizendo que ele mesmo vivencia este processo e o mundo já o vivenciou várias vezes: por exemplo, o advento do Cristianismo que, no seu entender, acabou com um mundo e construiu outro. Outro exemplo: o Renascimento, que não significou a volta de antigos valores progressistas em oposição ao medievalismo, mas, sim, uma coisa nova, fruto de uma época nova. Pelo menos, no seu entendimento. E depois do período glacial que ele agora vivencia virá "outra revolução, bem mais violenta, para destruir com tudo e construir tudo novamente"

Este é o seu posicionamento filosófico. No plano prático, da chamada realidade propriamente dita, Luís se sente roubado:

— Eu sou da geração 64. Naquele ano, eu tinha 3 anos. E sabe, eu olho pra trás e me sinto roubado. Não transo política, não sei nem o nome dos partidos direito: tem o PT, O PP, o partido do governo como? É P..PDS? P todos os partidos têm que ter, não? É assim mesmo, eu sou alienado, mas sei que, em 64, nossa geração foi roubada no direito de participar.

Fábio, presidente do Diretório da Química UFRJ, é contra homossexualismo

Alvaro, Filosofia PUC, fala em "miséria existencial"

Pessoal da Química: aqui não tem nem papo. Imagine liberdade sexual!

Nos anos 60, amar era...

Nos anos 60, o sexo era tabu na universidade, apesar da grande efervescência revolucionária e da participação ativa da mulher no movimento estudantil. A liberação existia Mas era muito mais verbal que prática. Mulher que transava sem ter namorado era mal vista. E ninguém, com raríssimas exceções, transava simplesmente porque era gostoso, nem punha em prática as idéias libertárias de Reich, ideólogo da revolução sexual, ou dos bolcheviques da União Soviética, precursores do amor livre já no princípio do século.

Era época em que o movimento estudantil ainda não tinha sido esfalecado pela repressão militar e a esquerda tinha grande influência na universidade. Os sisudos Marx, Lenin e Mao-Tse-Tung, por paradoxal que possa parecer, eram os grandes conquistadores da época, abrindo caminhos com suas idéias para a aproximação entre casais. Havia tímidos movimentos de discussão sobre a moral político-sexual na esquerda. Mas entre a teoria e a prática se erguia um fosso: era uma época em que a grande massa de mulheres entrava virgem para a faculdade, vinda, em sua maioria, de colégios só de meninas, e os homens ainda se iniciavam nos prostíbulos ou com as empregadas domésticas

Mesmo assim havia progressos, e as mulheres se esforçavam para vencer os tabus: o simples virgindade, fonte de dolorosos complexos de culpa, já bastava A questão do prazer não estava tão em jogo quanto parece estar nos anos 80. Tudo isso coincidia com um dos maiores rachas da história do PCB na universidade, a sua fragmentação em vários grupamentos revolucionários e novas linhas de orientação política.

Havia então quatro grandes grupos à esquerda do Partido Comunista: a famosa DI (a Dissidência da Guanabara) que deu origem ao MR-8, o PC do B, a AP e o PCBR. "Cada organização era muito influenciada no plano sexual pelo seu ponto de referência filosófico", explica Luís Eduardo Prado de Oliveira, hoje com 35 anos, psicanalista radicado na França. No ano de 67, Luís Eduardo dirigiu a União Metropolitana dos Estudantes, a UME, e foi um dos dirigentes da Dissidência. Ele explica assim a questão das referências filosóficas e a sua influência no comportamento dos militantes:

— A DI, que tinha Marx como referência, era mais relaxada nesse plano sexual, chegando mesmo a tentar discutir o assunto, embora nunca tivesse traçado uma linha de comportamento. O PC do B e a AP, um maoista e outro com tendência maoista e vinculação à Igreja eram mais conservadores; e o PCBR era uma mistura de Marcos Medeiros (presidente do diretório da Faculdade de Filosofia), grande conquistador

Luís Eduardo, hoje psicanalista, diz que em 68 poucos se preocupavam com o problema afetivo e que, hoje, muitos se iludem com a liberação

gente, que só teve sua primeira relação sexual aos 22 anos, porque foi praticamente currado por uma menina

Em outras palavras, ocorria o seguinte: organizações como o PC do B, a AP e o PCBR, cujo referencial era a organização do partido, tinham menos abertura para a discussão da questão sexual. Na DI o referencial marxista abria um campo maior para a colocação do problema do sexual, que começava a se insinuar no Brasil, na época

Assim, explica Luís Eduardo, acontecia o seguinte: a sexualidade era pensada em termos políticos. O militante raciocinava: "Eu tenho uma relação estrategica com fulaninha; beltraninha. Na minha relação com fulaninha aparecem várias contradições principais, contradições secundárias e contradições primárias. Não era uma questão de simplesmente botar o peru na buceta da mulher e comê-la. Não era isso. O afetivo era sacrificado em função do político, que prevalecia"

— Eu mesmo — prossegue Luís Eduardo — na época estava transando com uma garota. E eu dizia a mim mesmo: Ela é a minha mulher. É uma relação estratégica, vai virar, vai crescer, ela vai ser militante. Nós dois vamos ser militantes a vida inteira. E a minha relação principal. Tem uma contradição secundária nessa relação: o fato ela ainda não ser militante, de

Luís é do tipo emotivo, que não deixa muito transparecer as emoções. Fala pausadamente, quase que num mesmo tom, talvez herança da sua origem aristocrática, que ele exibe com muita naturalidade e uma pontinha de orgulho.

— Veja bem. Em 64 os jornais falavam de política, o povo tinha uma conscientização, mesmo que fosse incipiente. Depois só se falou de futebol. Eu, quando entrei pra faculdade, sabia tudo de futebol. E eu detesto, odeio futebol. Mas eu ouço falar de futebol desde os dez anos. O que eu descubro é que minha geração é muito diferente da de 68, que tinha acesso a livros, que lia, que participava, uma geração que vinha de uma militância. Quando eu vejo o panorama universitário em que eu vivo, descubro: o governo conseguiu o que queria. Tá todo mundo na maior apatia e se amanhã houver um golpe ninguém vai reagir. A única batata quente que ameaça os homens é a economia: a mesma batata quente da Argentina.

— Tá, todo mundo procurando um caminho, querendo sair do sufoco — desabafa Pedro Tornaghi.

E cita, para ilustrar, o caso da sua escola: as pessoas são fechadas, mesmo a política é transada fora da universidade, as alternativas são poucas, o curso é chato, o programa desestimulante, as inovações muito raras. Quando o movimento estudantil recomeçou, em 77, Tornaghi era um entusiasta: sua faculdade foi coberta de cartazes, com todo mundo falando, botando angústia e idéias para fora. Houve um amigo dele, seu ex-namorado, Marcelo, que divulgou alguns manifestos, como parte de um movimento, o **Maldoror**, que exigia um Diretório Acadêmico com o nome de Edson Luís, estudante assassinado pela polícia em 1968 no restaurante universitário Calabouço, Rio, e que entrou para a história do movimento estudantil como símbolo da resistência. O manifesto afirmava poeticamente.

"Exijo respeito com a utilização do nome de Edson Luís, e exijo a minha participação no CA (centro acadêmico), que só será livre se me acolher.

Porque desde agora eu existo,
nas suas cabeças
e nas suas barrigas
E Viva a Esquerda."

O outro manifesto, sob o título **Esclarecimento**, bradava contra qualquer tipo de repressão e manifestava seu desejo de ver um centro acadêmico livre de partidarismo:

"caretice,
preconceito para com a Criatividade
preconceito para com os nossos grilos
moralismo repressivo
agressão
ranço."

O movimento murchou tão rápido como floresceu. "Quando veio a abertura política e a repressão deixou de existir, pelo menos diretamente, o pessoal ficou meio abobalhado, sem saber o que fazer da liberdade", admite Pedro Tornaghi, ele próprio testemunha de que os preconceitos contra os quais o movimento nascente se insurgia continuam existindo, discriminando, castrando.

— Se eu assumo meu bissexualismo? Olha, na minha faculdade eu sou um pouco exceção. Quando entrei, era o único homem que namorava mulher. Agora, que o preconceito existe, é claro que existe; o homossexual é discriminado, visto de lado, não como uma coisa muito ostensiva, sacana. É um negócio mais silencioso, que o pessoal convive, não hostiliza, mas não trata como igual.

Pessoalmente, Pedro acha que não precisa assumir seu bissexualismo. Quer dizer: não tem nada que sair explicando, esclarecendo coisas às pessoas.

— Elas se quiserem é que se assumam, que se conscientizem de que eu sou diferente e tenho o direito de ser diferente.

O homossexualismo é uma das questões atuais mais candentes da universidade. Não que seja tema de debates, discussões e grandes reflexões por parte de grupos ou mesmo dos partidos que exercem sua influência dentro da universidade. Não. Ele é um fato novo, uma novidade que ganhou formas concretas e feições próprias no comportamento dos estudantes.

— Quando eu entrei na Hélio Alonso — lembra Magda Muniz — eu ficava chocada vendo as minhas colegas se beijando na frente de oitenta pessoas, andando de mãos dadas, namorando. Achava incrível. Depois acostumei e hoje não me surpreende mais.

Reunião, só na sala de aula

lutar junto pela revolução

ainda não estudar Marx. Mas ela vai crescer, vai estudar, vai evoluir politicamente. Eu tenho também uma relação tática com a outra moça, que é uma militante, mas com quem eu não quero transar a minha vida Não dá pé por várias razões, então essa relação já é limitada, e só interessa na medida em que for fortalecer minha relação com a minha garota. A outra também tem suas relações secundárias

Dentro dessa racionalização político-sexual, os militantes chegavam a um comportamento que hoje pode parecer absurdo: "programavam" a troca de companheiras como forma de mostrar abertura para o mundo e também como um caminho para um conhecimento maior dos outros. Era o que se pode chamar de poligamia programada. Luís Eduardo discorda da terminologia *poligamia programada* e prefere optar por uma definição mais sofisticada: "O que existia era a ilusão de que o pessoal estava se libertando, quando, na realidade, estava "afundando mais no esquema burguês. Quer dizer: se usava a mulher como objeto de troca".

Toda essa preocupação em unir uma linha política a uma determinada prática sexual acabava criando contradições das mais absurdas:

— Há um dado que não pode ser esquecido: até 66, a moral era muito conservadora, muito repressiva. E a idéia básica era a seguinte: o cúmulo da repressão era a idéia de amor vigente Você tem o direito de trepar com a mulher se você ama ela e ela te ama. Não se pensava assim: você come ou não come se estiver a fim. O amor era outra coisa. o amor era o trabalho que se ia fazer junto.

— Aí estava mais um equívoco — aponta Luís Eduardo. A gente tentava combater a idéia de amor porque pensava nele como uma coisa que ia formar um novo militante, engajar uma mulher

Naquela época, o curioso também era a contradição entre a moral teórica e a moral prática. Ocorria o seguinte: se dizia que o amor devia visar o casamento, mas, na prática, se praticava o sexo os homens, claro, de forma "debochada". Luís Eduardo: "Um certo militante que presidiu a UNE era um caso típico. Tinha uma mulher em Pernambuco, outra na Bahia, outra no Rio e outra em São Paulo E não via nenhuma contradição entre isso e os pensamentos dele. Na verdade, se impunha ao sujeito ser casado, mas na prática era impossível ser casado. E embananava tudo".

Por outro lado, a monogamia era imposta de tal forma por organizações como o PC do B e a AP que, quando descoberto um militante que tinha transado fora da relação com um companheiro, era convocada uma reunião com os três para discutir o problema. Quer dizer: o sentimento de culpa era mantido e reforçado.

Mesmo na DI, mais aberta, a poligamia às vezes suscitava problemas: havia casos de militantes que transavam com várias pessoas serem impedidos de assumir determinadas tarefas por conta do que se chamava instabilidade emocional.

— As contradições — afirma Luís Eduardo — que existiam dentro do movimento de esquerda como um todo acabaram explodindo também dentro do MR-8, cuja antecessora, a Dissidência, era a organização mais aberta da esquerda, atraindo gente como o Gabeira, liberal, e o Franklin Martins, conservador. O resultado foi que o MR-8 acabou virando a TFP da esquerda, enquanto o Gabeira, que rompeu com a organização, passou a levantar o problema da sexualidade, no campo político. Franklin e Gabeira são, na minha opinião, pólos opostos da mesma ilusão: o primeiro acha que é possível esquecer simplesmente o problema sexual; o segundo crê na liberação, nas condições de uma sociedade [illegible]

Nos anos 70, a situação não mudou muito. E a repressão contra a esquerda, a mais violenta já registrada na história do país (muito superior à que se seguiu ao movimento de 35, liderado pela Aliança Nacional Libertadora e o PCB, com insurreições em Natal, Pernambuco e Rio de Janeiro), só serviu para tornar o quadro ainda mais negro. Foi a década da luta armada e dos desbundes. Uma estudante de Medicina da UERJ, Regina, assim definia o clima: "Sexo na faculdade só o dos cadáveres na aula de anatomia. Mesmo assim, o trato com o corpo humano era de forma a disfarçar a sexualidade do homem e da mulher. Parece que tínhamos vergonha e agíamos como se o pau e a xoxota fossem órgãos iguais a qualquer outro"

Irene Fonseca, advogada, 35 anos, fez Direito na então Universidade do Estado da Guanabara no final da década de 60. A pedido da reportagem ela consultou dez amigas, que também foram universitárias na mesma época, em outros cursos, sobre como sentiam sua sexualidade. A maioria delas tinha atuação política. Conta Irene, relatando as impressões das amigas:

— A preocupação fundamental era encontrar um companheiro. Não era sentir prazer. Ninguém ia à luta pelo prazer de um transação. Ia pra buscar companhia, alguém com quem dividir a barra. Esse era o objetivo revolucionário.

Cama, só com namorado:

— E assim mesmo quando não tinha outra coisa pra fazer. O escolhido como parceiro tinha que ser inteligente, culto, charmoso, versado nos problemas da revolução. Beleza não entrava. Quem não se engajava politicamente não tinha saída. Discutir a repressão sexual marginalizava mais que alienar-se das conjunturas nacionais.

Debate: a UNE deve falar sobre sexo?

— Eu, transar com uma mulher?

Isabel, líder estudantil da Hélio Alonso, reflete um pouco e responde, com dúvidas: transaria, eu transaria.

Reflete um pouco e corrige.

— Não. Só na hora é que eu posso dizer. Não tenho preconceito nenhum contra homossexualismo, cada um pode fazer o que bem entende, mas só na hora é que eu poderia dizer. Agora, com homem homossexual eu não tenho preconceito nenhum: basta que ele seja homem no lado que me toca e eu não discrimino; só discrimino homem burro, porque eu detesto homem burro.

Isabel representa o pensamento liberal da universidade. Há, em resumo, três grandes correntes: a liberal, a conservadora e a ortodoxa. A conservadora pode ser bem representada por este diálogo travado entre anônimos estudantes num dos banheiros femininos da faculdade de Arquitetura do Fundão:

"L'amour entre garotas — experimente. Experimente tu, renegada."

A corrente conservadora não é monolítica, como nada na universidade é monolítico nestes anos 80. O conservadorismo aí se manifesta menos como

um preconceito e mais como uma oposição à moda gay, que estimula relações homossexuais. Esta corrente não parece ter força, nem influência. Influente mesmo é a corrente ortodoxa, que não concentra sua munição apenas no homossexualismo, mas na questão sexual como um todo, opondo forte reação moral, de esquerda, ao liberalismo que, segundo ela, grassa, apesar de todo isolamento e falta de participação coletiva na vida universitária.

— Ser macho não significa limitar as sensações sexuais ao pênis. O homem começa a perceber isso. E o homossexual deixa gradativamente de ser visto como um doente. A repressão a esse tipo de comportamento sexual, como a qualquer outro, é vista a cada dia como maior causadora de patologia e desajustes.

O autor da afirmação é um personagem famoso: Rui César, ex-presidente da UNE, alvo de críticas da esquerda ortodoxa, a exemplo de Gabeira, depois que resolveu assumir a sua bissexualidade e dar o que se convencionou chamar de desbunde, caindo de pau na repressão afetiva-sexual no meio universitário, investindo contra a esquerda tradicional e trocando a militância pelo teatro, em Salvador, na Bahia. É justamente no centro da tese de Rui (repressão é igual à patologia e desajustes) que está a raiz da oposição que ele sofre por parte dos militantes ortodoxos do movimento estudantil.

— O homossexualismo é fruto do sistema capitalista — sentencia Fábio Augusto, presidente do Centro Acadêmico do Instituto de Química, no Fundão.

Ele explica sua tese, que define como científica, com perguntas:

— Por que o homossexualismo ocorre geralmente entre a burguesia, e não entre os operários? Por que só nas cidades grandes é que o homossexualismo é difundido? Por que nos países socialistas não há praticamente homossexuais?

Para Fábio, questões como sexo, lesbianismo, homossexualismo, drogas fogem ao âmbito da UNE, que deve ficar concentrada apenas em questões concretas da realidade brasileira: ensino pago, abertura política, defesa dos interesses nacionais, etc...

É um ponto de vista que suscita muitas divergências. Mauro Fernando, militante com larga experiência política, é contrário a esse tipo de tese

— Eu não tenho por que não ser muito franco. Aliás, minha franqueza vai a um plano muito mais profundo que o plano apenas existencial: é preciso que o universitário evolua e descubra que o que está em jogo no Brasil não é mais o que estava em jogo na minha época, quando procurávamos uma classe, a operária, para fazer a revolução. Agora, a questão é outra: o que determina o revolucionário é a sua consciência, não a sua classe. No plano dos costumes é a mesma coisa. Eu não trocaria um debate sobre a Amazônia por um debate sobre sexualidade; para mim, a Amazônia interessaria mais porque a sexualidade eu encaro como coisa normal. Mas há muita gente que quer discutir isso, que tem sede dessa discussão. Eu creio que não é só o movimento universitário que precisa evoluir para discutir esse tipo de assunto; são os próprios partidos.

Outra opinião

— Na atual situação, discutir sexo seria uma faca de dois gumes para a UNE: atrairia muitas simpatias de pessoas, mas criaria reações, principalmente da direita, que é contra o movimento e aproveitaria a chance para hostilizar o movimento — comenta Rogério Carneiro, estudante de Química do Fundão. O caminho não parece ser por aí

— A UNE e nós, estudantes, precisamos discutir estas questões. Normalmente elas atraem muito mais interesse do pessoal do que quando se vai travar uma discussão sobre um assunto político — contra-ataca Álvaro Luís, da PUC. — O que parece existir é o seguinte: há consciência de que o problema sexo, existência, afetividade, tem que ser discutido, mas existe a prudência, ditada pela novidade do assunto.

— Se a UNE deve ou não assumir este tipo de questão eu ainda não parei para pensar — observa Cláudio, estudante de Economia e presidente do Diretório do Bennet. — Por isso, seria leviano dar uma opinião apressada, do gênero "deve ou não deve tomar a iniciativa". Agora, o que eu sei é que essas questões atraem muito interesse dos alunos: sexo, drogas, homossexualismo, problema do negro, problema do índio, são temas que interessa a muita gente

Essa constatação não impede Cláudio de chamar atenção para o assunto que mais preocupa hoje a universidade, principalmente os institutos de ensino pago que surgiram após a chamada reforma universitária. Trata-se do aumento das anuidades.

— É uma questão prioritária, que interessa a todos e é, no momento, o assunto mais importante para a UNE Não quer dizer que a existência de uma prioridade dessa natureza impeça a discussão de temas ligados diretamente à existência do estudante. A universidade e o universitário precisam discutir a política e a vida. É muito importante que o estudante vá ao diretório, participe da reunião do seu partido, mas namore também e tenha uma vida normal, uma vida pessoal.

Teoricamente, a abertura sexual-afetiva é fácil. Na prática é difícil. Militantes mais ortodoxos como Fábio, do Fundão, não fazem segredo da posição que defendem

— O sexo — afirma Fábio — é necessário quando consciente e bem feito.

O que é o sexo bem feito?

— É o sexo — acrescenta Fábio — que contribui para o crescimento. É o sexo com amor. Fazer sexo como trocar de vestido desgasta muito. Homem e mulher têm um papel na sociedade e têm de cumpri-lo

Fábio é contra modismos do gênero amizade colorida e se opõe ao homossexualismo. E se o homossexual se declara satisfeito com a sua condição? É aí que surge o impasse: na sua opinião, o fenômeno homossexual é fruto da contradição da sociedade e, se o sujeito for consciente disso, tem capacidade de superá-lo

— Deu nos jornais que o pessoal que fugiu de Cuba, quando chegou nos Estados Unidos deu para roubar, entrou para a marginalidade. Ficou constatado que a maioria era homossexual. Houve inclusive um que deu entrevista, reconhecendo as vantagens da revolução cubana, mas admitiu que não tinha, como homossexual, espaço para viver lá. Por isso fugiu.

Na opinião de Fábio, a política só não fascina o estudante universitário na proporção que deveria porque há grupos que a encaminham mal: encaminhar uma discussão política erradamente é tão catastrófico quanto levar uma discussão sobre homossexualismo de forma errônea.

Qual o papel reservado aos homossexuais que estejam satisfeitos com a sua condição numa sociedade nova, sem contradições capitalistas? Ele pára um pouco, perplexo com a pergunta, e responde

— Sinceramente, eu ainda não parei para pensar nisso. A realidade exige muito a prática cotidiana e eu não posso saber qual será o papel do homossexual na sociedade futura. Não sei, sinceramente não sei; é a mesma coisa que alguém me perguntar o que fazer com o capitalista que explora o operário. Eu também não sei.

Fábio só parece ter uma certeza. É ele mesmo quem fala

— As experiências ou estão certas ou estão erradas. Tá certo que o povo cubano, o povo russo, o povo chileno, o povo argentino, todos esses povos são muito diferentes do brasileiro, mas, no fundo, os problemas são os mesmos. Mudam as culturas, mas os anseios são muito semelhantes. Quem dizia que havia gente diferente era Hitler, com a ideologia nazista: ele é que vivia alardeando que o povo alemão era diferente dos outros.

Contra este tipo de postura escreve um universitário anônimo num dos banheiros masculinos da Faculdade de Arquitetura do Fundão:

Stalin era viado. Eu dou e não sou stalinista.

Um colega desse militante homossexual anônimo foi menos agressivo, mas nem por isso foi poupado. Escreveu:

— Quero ser livre.

Logo abaixo, a resposta·

— Só se for da burguesia nacional.

No sanitário de Física, a direita contra-ataca ameaçadora:

— Se você é viado, cuidado. Sou corta-testitulo

A esquerda gabeirista revida com Jesus Cristo:

— Ele falou: seja gay. Está na bíblia.

No sanitário das mulheres, o debate não é menos acirrado. Está escrito na Arquitetura:

— Abaixo o lesbianismo. Ser mulher é acima de tudo gostar do que é certo: homem.

O significado dessa guerrilha de banheiro?

— É a insatisfação, o desejo de gritar — diz Álvaro Luís, da PUC. O pessoal tem muito medo de se abrir e desabafa nos banheiros.

No banheiro ou fora dele, a questão sexual preocupa.

Na opinião de Rui César, trata-se de um fenômeno dos anos 80.

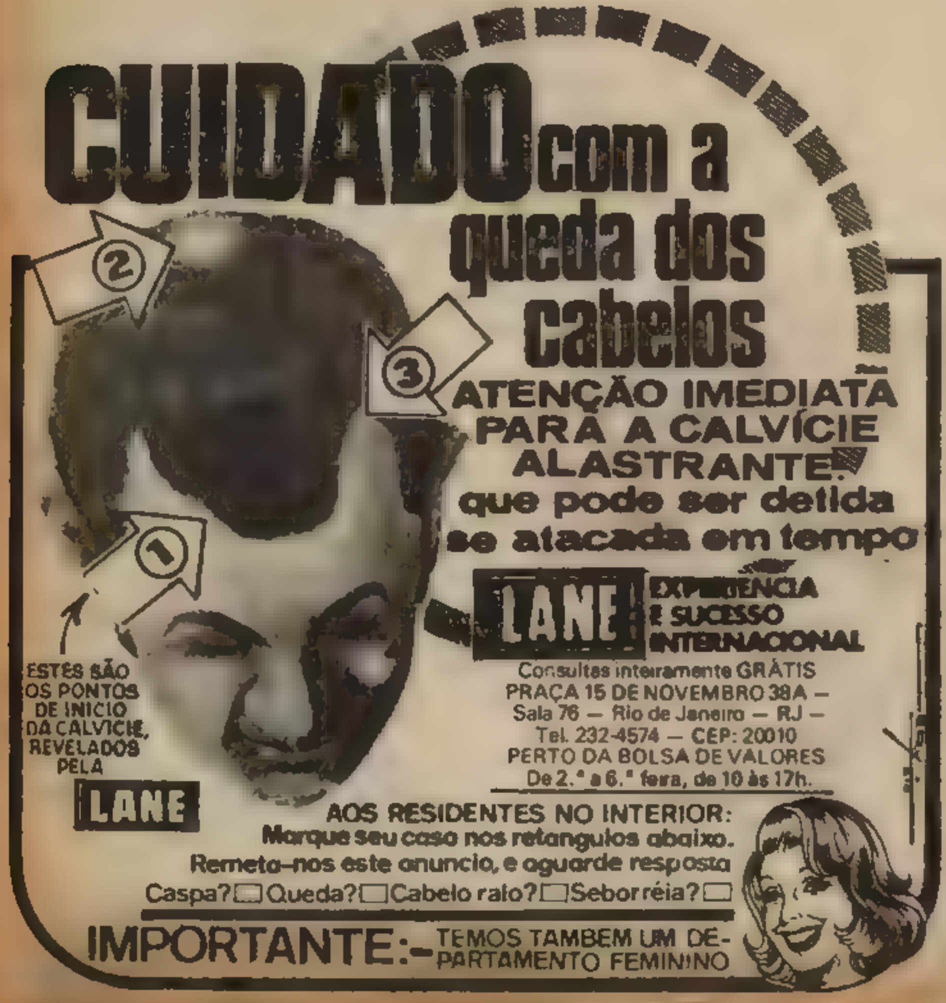
— A situação política de 68, a violenta repressão de 71, 72, por aí, criou uma certa imagem do mito-militante: magro, pálido, roupas puídas e um certo ar assexuado. Na verdade, a tensão era tanta que não se tinha relaxamento para constantes abraços, beijos e manifestações de carinho. Até hoje, algumas lideranças estudantis mantêm essa imagem, que, mesmo na época dura, já era quebrada por um ou outro líder mais espontâneo.

Rui é frontalmente oposto ao comportamento ortodoxo. Ele parte do princípio de que os estudantes, com muita luta, alcançaram um espaço e já têm condições para começar a retomar o seu lugar. Em outras palavras: o universitário calado à força, precocemente envelhecido e austero começa a dar lugar a um universitário mais jovial, alegre, festivo. Mais libidinoso.

— O amor, o sexo, retomam a sua importância social entre os universitários, que começam a ter suas primeiras experiências. E o padrão companheiro, companheira começa a ser do tipo mais normal, menos mito e mais homem.

Não é tão fácil assim. O homem universitário normalmente enfrenta esse novo desafio com dificuldades:

Rui César, ex-presidente da UNE, acha que amor e sexo agora são importantes



Sem conhecer o jovem, não se faz política

— Uma coisa que a gente nota muito é o medo da sexualidade — diz Álvaro Luís. O homem normalmente tem ânsia de fazer a mulher ter prazer e, às vezes, esquece o próprio prazer. Tem muita gente que raciocina assim: bem, se eu acertar na primeira, isto é, fizer a garota gozar, na segunda eu posso ir tranqüilo e gozar também.

Outro problema do homem:

— Eles não aceitam que a mulher transe fora da relação — comenta Isabel, da Hélio Alonso. — Na teoria é tudo muito bonitinho, muito aberto, mas na prática a coisa muda. O cara fica puto, briga, se revolta. O machão continua existindo — e como!

Mais outro problema:

— A dificuldade da transa com afeto é muito grande. Eu mesmo já me esborrachei várias vezes. Sabe, eu sou do tipo romântico, que gosta de namorar, mas não dá; já notei que é muito difícil transar assim. Agora eu monto meu esquema, vejo o que eu quero e vou em frente.

A afirmação é de Luís d'Orleans. Ele tem uma tese para explicar o que está ocorrendo:

— O medo do pessoal é tão grande que se foge após a primeira experiência negativa. E isso estimula muito o individualismo. A mulher diz: quero te comer; e, na hora da verdade, ela dá uma desculpa, foge, desaparece. O universitário baixa muito a cabeça para os conceitos: é por isso que tem muita gente trepando muito, mas trepando mal. Nas faculdades, transação entre colegas se torna particularmente difícil por causa do individualismo, do isolamento: as pessoas desacreditam tanto na faculdade que preferem transar fora. Tem gente que não suporta nem encontrar um colega na esquina; o cumprimenta e sai apressado.

É uma explicação válida, coerente, mas nem sempre assimilada com facilidade. Aristóteles Morais, 20 anos, Geologia do Fundão, é incisivo:

— O que eu lamento é não conseguir fazer amigos. Não existe nem quem te passe um apontamento no dia seguinte se você falta a uma aula.

Pedro Queirós, 19 anos, Engenharia da Universidade Gama Filho, também reclama.

— Eu vim do Mato Grosso e até hoje não consegui me entrosar. Estou aqui há mais de um ano e tenho chegado a constatações que nunca imaginei: há muitos grupos fechados, muita discriminação de quem vem de uma dificuldade de convívio muito grande. Eu já transei com algumas garotas aqui no Rio, mas nunca consegui namorar uma menina da faculdade.

Pedro e Aristóteles são pessoas completamente diferentes: Pedro se esforça para acompanhar os novos padrões de relacionamento, quer conhecer as colegas, viajar, enfim, ter uma vida acadêmica normal, como a que sempre ouviu falar que existia no Rio. Aristóteles é diferente: de religião Batista, ele se nega a ter relacionamento sexual antes do casamento, confessa que sublima o desejo quando se sente atraído por alguma colega e não tem qualquer interesse em romper com suas convicções

— Na minha faculdade — informa — sei que existe até certa facilidade para as amizades coloridas. Eu fico de fora. Eu sou a favor do namoro, quero ter uma namorada, casar, essas coisas todas. Mas sem romper nada do que determina a minha religião. Pessoalmente, não tenho nada contra o que o pessoal pensa e faz. Se me perguntassem o que acho desse liberalismo todo, diria que sinto nele um grande vazio; falta preocupação com o espiritual, essa é a minha preocupação.

Pedro:

— Muita gente, eu inclusive, apostou nas comunidades rurais. O negócio não deu certo: pintou a neura do relacionamento autoritário, a neura de só falar de comida natural, o vazio de ficar muito tempo fora da cidade grande e muita gente viu que tava numa errada, voltou. Além disso, há o grilo da gente aqui só inventar as coisas depois que outros países já inventaram; para nós, as modas chegam sempre tarde, quando nos outros países já começam a fracassar.

Luís d'Orleans:

— Esse negócio de comunidade é puro papo furado. O pessoal tem mais é que meter as caras, enfrentar a realidade e batalhar. De que adianta fugir de um esquema capitalista na cidade pra entrar num sistema capitalista no campo? Sabe de uma coisa? Eu estou certo de que não há mais lugar para a **beautiful life**, para a vida dourada.

Numa tentativa de superar as dificuldades de relacionamento, dois estudantes da UFRJ, Alfredo Bangel, Matemática, e Heitor Bahiense, Engenharia, resolveram colocar a criatividade para funcionar e inventaram uma versão tropical dos **dzibaos** —, jornais murais chineses. No princípio, a questão não funcionou como se esperava. Os autores da idéia tentaram colocar humor no mural e foram reprimidos. Fizeram uma montagem do João Amazonas, dirigente do PC do B, vestido de vedete. E o trabalho foi destruído. Resolveram partir para a crítica ao governo: Figueiredo com corpo de cavalo. Também foi rasgado. Partiram para uma gozação com a Igreja e o Irã: o papa beijando a bunda do Khomeini, líder da revolução iraniana. Não agradou. Mas o mural não morreu, continuou tentando, misturando humor a temas sérios; a vantagem é que os artigos deixaram de ser danificados e o pessoal passou a ter um canal de expressão cotidiano para atenuar as tensões.

— Esse tipo de iniciativa — comenta Alfredo — é necessário porque nosso nível de entrosamento, como ocorre em toda universidade, é muito fraco. Há muita gente conservadora em matéria de sexo, principalmente as mulheres, vindas em sua grande maioria do interior do Brasil.

Nos banheiros ou nos murais, a guerrilha entre os ortodoxos e liberais é um fato, uma realidade. Assim como é realidade a presença do ingrediente sexo em todos os escritos políticos que tendem ao humor.

Enquanto a revolução não vem, parece que está muito difícil sair do sufoco. E essa dificuldade, diz Pedro Tornaghi, tem muita vinculação com o nível cultural do pessoal.

— Outro dia — conta — eu disse a um colega: leia Reich. Ele disse: O quê? Eu repeti: Reich! E expliquei que era o ideólogo da revolução sexual, o cara que tinha sido a bíblia da geração dos anos 60. Um ano depois voltei a encontrar o cara, ele se aproximou e disse: "Olha, cara, o Reich mudou minha vida, você mudou minha vida." Como é que pode um universitário não conhecer Reich?

Gabeira substituiu Reich?

Evidentemente, não. Muita gente se declara simpático a Gabeira, mas não há nada que evidencie um modismo, gênero política do corpo: é claro que nas faculdades mais ricas o cuidado com o corpo, com a roupa, é um dado que chama atenção, uma postura muito diferente dos anos 60, quando mesmo nas faculdades de elite o pessoal se travestia de proletário para tentar chegar mais perto da massa, se identificar mais com a classe. E mais do que filósofos, velhos ou novos, parece preocupar muito ao universitário a falta de líderes. No Diretório de Química no Fundão, para comprovar essa necessidade, um estudante, Miguel, se levanta em meio a uma acirrada discussão sobre o movimento estudantil e indaga:

— Quem é aqui que sabe o nome do presidente do DCE?

Silêncio.

— Eu também não sei — diz Miguel. — O que eu sei é que na universidade não tem hoje um líder como Wladimir Palmeira, saca? Aquele cara que todo mundo conhece, sabe quem é, identifica como líder. Um cara assim faz muita falta.

É verdade que muita coisa mudou. O homossexualismo saiu da clandestinidade — o que não quer dizer que seja bem visto; muitas mulheres já não têm medo de perder a virgindade. O sexo não é mais um tabu, embora incomode à grande maioria. Como luta, a busca do prazer já foi colocada para as minorias politizadas. Fala o baiano Rui César, ex-presidente da UNE:

— Tenho esperança de que as lideranças políticas, porque milhares de pessoas neste país estão pensando assim, dêem atenção para a seguinte questão: será que é possível trabalhar politicamente com a juventude brasileira sem entender nada de seus problemas afetivos, dos seus anseios, suas inquietações culturais, existenciais, suas aspirações sociais? Este me parece um tema sério de discussão. E não ficção científica.

[redacted] (Recife), Luiz Alberto Bettencourt e [redacted]

O mural sexual de Heitor e Alfredo, Engenharia UFRJ, foi reprimido pelos colegas "políticos"

Namoro entre colegas é difícil, mas quando pinta é ótimo

as prostitutas que

Andrée, agora o brilho

Tânia, uma das mais ricas da noite

1 — Prostituta que venceu na vida? É mais fácil você falar de prostituta que ficou pobre da noite para o dia. Te arrumo pelo menos umas cem. A dona de uma boate da rua Nestor Pestana, centro de São Paulo, nas imediações do Hilton Hotel, que vive de turistas, fez o comentário, pedindo para não ser identificada, ela e sua boate. O primeiro nome que lhe veio à cabeça foi o de Laura Garcia, proprietária da boate La Licorne. Depois vieram outras, como Tânia, da boate Kilts; Andrèa, do Vagão, e Lu, do Recanto Nostálgico. Ela disse que arriscaria outro nome, embora essa não fosse dona de boate, como as quatro citadas: Desirée, que ainda faz ponto no La Licorne.

— Quando a prostituta deixa de fazer ponto na noite ela se casa com algum coronel e daí parte pra Europa, pros Estados Unidos, não fica mais por aqui. Resta então procurar essas mulheres que te indiquei.

Rua Major Sertório, Boca do Luxo de São Paulo, em pleno centro da cidade. A calçada imita as paredes, toda a fachada é de cor cinza, parece mármore. La Li, como é conhecida, já foi a maior boate de São Paulo. Seus frequentadores eram políticos, fazendeiros, executivos, militares, juízes, personalidades nacionais e internacionais. Até que um dia a polícia — sabe-se lá por quê — resolveu estourar a casa. E encontrou uma destilaria nos fundos: os funcionários injetavam uísque falso nas garrafas de *scotch* com seringas. O escândalo acabou nos jornais e a freqüência caiu bastante.

O La Licorne ficou também conhecido como um dos pontos de distribuição de cocaína. Duas redes da Máfia se cruzam ali: a siciliana, que a abriu, há 14 anos, tendo à frente Laura Garcia, que trabalha com lenocínio e por princípio não mexe com drogas; e a União Corsa, que tem como um dos pontos fortes de sua atuação a venda e o tráfico de drogas. Hercílio Paiva, o *Gravatinha*, é quem dá os acordes nesse sentido, convivendo com as duas ramificações da Máfia. Os policiais mais antigos asseguram que ele conheceu Laura na cadeia. *Gravatinha* estava preso, respondendo a crime previsto no artigo 171 do Código Penal (estelionato), pois era batedor de carteira, e Laura, por infringir o artigo 229 (exploração de lenocínio). Alguns investigadores ainda na ativa se lembram de terem conhecido Laura Garcia fazendo ponto nas ruas da chamada Boca do Lixo (rua Aurora e imediações).

Há um grande canteiro de flores plásticas logo na entrada do La Licorne e inúmeros *spots* no teto de ripas. Suas paredes são todas espelhadas. As mesas são de tampo de vidro sobre pés de aço inoxidável, como em quase todas as boates, e as poltronas são forradas com tecido tipo camurça. O *maitre*, Miguel Nastari, sempre de *summer* branco, gravata borboleta de bolinhas, é quem atende os jornalistas, ressaltando que Laura Garcia não dá entrevistas. "A não ser para as revistas dos Bloch, que são amigos dela", ressalta. Nastari é quem ficou encarregado de fornecer os dados para os jornais, como o preço da dose de uísque — "só trabalhamos com *scotch*: Cr$ 800,00 a dose e Cr$ 800,00 de *couvert* artístico", o que se justifica, segundo ele, porque a musica ali é — ao contrário das demais boates — ao vivo.

Fora a Laura, que ficou rica cafetinando meninas que trazia de outros Estados, quem mais poderia dar entrevista? Só ele, diz o próprio Nastari, que dá um cartão com seu endereço e faz o convite: "Aparece lá no meu apartamento para tomarmos um uísque" — mas não fala nada sobre sua patroa. Ultimamente Laura está curtindo uma amargura muito grande: descobriu que *Gravatinha* tem dois filhos com outra mulher, informam alguns cabeleireiros acostumados a fazer seus penteados. Ele tem 200 telefones e 102 apartamentos, citam esses mesmos cabeleireiros, que ainda comentam:

— O maior *hobby* da dona Laura é ler as colunas sociais e sua maior dor de-cotovelo é não sair na página do Tavares de Miranda.

Como Laura é impossível, tentamos a Desirée, a rainha do La Licorne. Mas Miguel Nastari de cara descarta a possibilidade de ela conceder entrevista. Ficou rica, sim, informa ele, mas tem seus compromissos com fazendeiros e políticos. Uma mulher aqui cobra Cr$ 10 mil pra sair com um freguês, acrescenta Nastari, mas tudo depende: numa noite mais fraca, conforme o caso, pode-se barganhar e dormir com uma mulher por bem menos.

— As mulheres daqui — diz Nastari — são exclusivas do La Licorne. Se soubermos que alguma delas apareceu numa outra boate, nós a demitimos. Temos 150 mulheres, todas bem vestidas, universitárias, doutoras... Sabe que muitas doutoras de São Paulo se formaram enquanto faziam ponto aqui? Uma coisa te garanto: elas não transmitem doenças venéreas, são mulheres finíssimas, para chefes de família.

2 Tânia, proprietária da boate Kilts, na rua Nestor Pestana, é, talvez, a segunda mulher mais rica da noite paulista. Dizem que ela tem 80 apartamentos, fazendas por todos os Estados brasileiros, contas na Suíça e indústrias. Ela mesmo nega isso tudo. Como também não fala — dá um sorriso apenas — sobre seu passado de prosti-[illegible]

— Como eu comecei? Estava a fim de abrir uma butique e acabei comprando essa boate, em julho de 1971. O que eu fazia antes? Era assim tipo casada, né? Fiquei 4 anos casada, estudei, aprendi inglês, fiz pós-graduação nos Estados Unidos.

Tânia, ou Jeraci Batista Maciel, 40 anos — ela não revelou seu nome, nem sua idade, "é segredo", disse — começou cedo na vida. Aos 13 anos fazia ponto na rua. "Era uma verdadeira caixa registradora", disse um ex-patrão seu. Mais tarde ela passou pelo La Licorne, onde a Laura Garcia a viciou em cocaína. Ainda hoje, após algumas passagens pelo hospital, na tentativa de se curar do vício, Tânia está sempre acesa, embora diga que não bebe absolutamente nada. Ela se diz "bem formada":

— Fiz um curso de formação familiar na Igreja, com o padre Calazans, e depois me casei, aos 20 anos. A noite é muito puxada, sabe, a gente fica sem dormir, troca a noite pelo dia. Durmo às 6 da manhã, sou eu quem fecha o caixa todos os dias e levanto às 2 da tarde. Isso é uma profissão de fé.

O segredo de ter ficado rica? Tânia diz que tem algumas fór-[illegible]

— O que atrai o cliente numa boate é ter bebida boa, honesta, e ter bons *shows*.

Na verdade, a fortuna de Tânia começou quando ela se tornou a amante do traficante e contrabandista *Nelsinho da 45*, que não podia apresentar bens e por isso passava tudo para seu nome. Até que um dia ele ficou preso e Tânia pouco se empenhou em arrumar advogado para tirá-lo da cadeia. Iori Yamamoto, conhecido por *Tutu*, sócio-proprietário do Liberty Plaza, talvez a maior boate de São Paulo em tamanho, conta que conheceu o bandido, que lhe confessou muitas vezes sua mágoa pela ingratidão de Tânia.

Hoje, Tânia emprega de 80 a 100 bailarinas, que se revezam. Elas começam a dançar nuas, completamente nuas, a partir das 22 horas. A casa está sempre cheia. Um dos freqüentadores da Kilts, de memorável passagem para a dona, foi o coronel Erasmo Dias, hoje deputado pelo PDS. Todo mundo na polícia e na noite paulista sabe que eles tiveram um caso. Aliás, as más línguas — e na noite não falta gente desse tipo — asseguram que Tânia é chegada a bandidos. Teve uma filha com um nissei, mas, perguntada a respeito, ela nega terminantemente. Há anos teve de se mudar às pressas de sua casa, no Pacaembu, com medo de ser assaltada de novo: os ladrões entraram altas horas da noite e surpreenderam a garota sozinha. Tânia mudou-se para um apartamento na rua Augusta. Ela tem uma frase pronta sobre seus clientes:

— Tudo o que sou devo aos homens. Eu os acho maravi-

ELAS COMEÇARAM NA CALÇADA E VENCERAM NA VIDA

deram certo

Lu, ar triste, mas vida [illegible]

lhosos. Sou uma empresária muito cobiçada, sabe? Os homens ficam me propondo casamento, mas não tenho tempo para amores.

3 Lu, dona da boate Recanto Nostálgico, na rua Amaral Gurgel, ao contrário de Laura Garcia — sua ex-patroa — vive nas altas rodas da sociedade. Frequenta o Jóquei, alguns clubes fechados de carteado, anda de Gálaxie preto com motorista particular e volta e meia está em Guarujá com seus amigos ricos. Na verdade, Lurdes de Magalhães, 38 anos, orgulha-se de não ter feito operação plástica até agora. É por isso que ela adora uma música feita por um compositor que trabalha em sua casa — que oferece música ao vivo, coisa rara na noite paulista — e que fala de uma "cara de criança com jeito de senhora"

Outros proprietários de boates afirmam que Lu fatura Cr$ 450 mil por noite no Recanto Nostálgico, que abre às 10 da noite e se estende até as 10 horas da manhã seguinte. Um dos clientes de Lu é o governador Paulo Salim Maluf, mas ela esconde os nomes de seus freqüentadores. Como também esconde sua condição de ex-prostituta do La Licorne.

— Como eu comecei na noite? Fui manequim, depois dona de butique, passando antes por comerciais na televisão. Descansei um ano, refresquei minha cuca, até que resolvi entrar nesse ramo. Sempre fui boêmia. Hoje tenho dois nomes a zelar: Lu e Recanto Nostálgico, porque meus amigos vêm aqui me ver e visitar a casa

Ela conta que é muito cantada por seus clientes, mas ressalta que "não costumo misturar as estações". Dona de casa que tem um nome a zelar não pode dar bandeira. É proprietária da boate há 6 anos. Tem uma filosofia.

— Gosto de mandar. Nasci para mandar.

Tem um apartamento, terreno, chácara, uma bela casa, dois carros para uso pessoal. Não diz quanto fatura — "olha o imposto de renda" — como também nunca fala nos nomes dos clientes. Recentemente adotou, com papel passado e tudo, um garotinho de 2 anos de idade, que apareceu na porta de seu escritório. Tem uma filha de 20 anos, casada, que foi criada em Natal com os avós.

Lurdes de Magalhães, ou Lu, como é conhecida, por viver nas altas rodas chegou a uma conclusão

— Os ricos estão apavorados. Mais apavorados do que duros. É que eles têm medo de que o dinheiro suma de vez. Isso mete um medo neles de arrepiar.

4 Andréa, dona do Vagão, faz questão de dizer que não tem nome de guerra, que tem 36 anos de idade, um filho de 19, um marido há 14 e, ao contrário das demais donas de boates, não esconde nunca sua condição de ex-pros[illegible]

Há 8 anos como dona de boate e 16 na vida, Maria Andréa Godoy conta que veio de Goiás para São Paulo, grávida e solteira. Foi trabalhar de cabeleireira e descobriu, num belo dia, que podia faturar numa noite o que ganhava em um mês no salão. Chegou a fazer 26 programas numa só noite

— Eu era uma moça tipo *peg-pag* Mas guardava tudo. Nunca tive coronel. Cafetina, sim, trabalhei para algumas delas. Tem muita garota que fica rica na noite Algumas moram nos Jardins, outras têm carro último tipo, apartamentos, mas o mal delas é se envolver com cafetão, agora é com lésbicas, e tomar droga

De vez em quando Andréa é confundida na sua boate com mulher que faz michê. Mas ela mesma faz questão de esclarecer que não faz ponto, não fatura [illegible]

— Tenho meu marido, meu filho, uma irmã casada e formada em Medicina, que eu criei, tenho dois irmãos que tomam conta de outra boate minha, aqui do lado, a Locomotiva. Então, pra que é que eu vou desrespeitar isso tudo? Na verdade, nunca me senti bem faturando.

Ela conta que um dia estava se lavando, o freguês esperando na cama, quando ouviu ele gritar bem alto: "Se lava logo, sua porca!" A partir daí começou a ter ódio dele "Fiz amor com ele com tanta mágoa, mas não o maltratei", ela lembra. Mesmo assim, acha os homens "maravilhosos". Sua boate costuma amanhecer molhada de champanha francesa — Cr$ 15 mil a garrafa — e é normal um cliente sair com 3 a 5 mulheres.

— O difícil hoje, na minha casa, é alguém sair com uma só mulher.

O patrimônio de Andréa, dito por ela mesma, gira em torno de 5 carros; um apartamento de cobertura em São Paulo; outro que comprou para o filho em Miami Beach, Estados Unidos, onde ele vai estudar aviação; um cavalo no Jóquei Clube de São Paulo e duas boates — Vagão e Locomotiva — que empregam 84 pessoas. O resto, concluí ela, foi conseguido através do aluguel de seu corpo: "Por isso é que eu não toco muito no assunto Isso me traz dolorosas recordações"

Reportagem de Rivaldo Chinem
Fotos Manoel Isidoro

UMA COLUNA DE POLÍCIA

SIRENES & CAMBURÕES

Aroldo Machado

Pistolões agitados. Hora de promoções na polícia

As promoções para a carreira de delegado de primeira categoria serão anunciadas no dia 28 de setembro, mas desde os primeiros dias de agosto era grande a expectativa em toda a polícia. Muitos delegados que não possuem os pontos necessários para a promoção começaram a movimentar seus "padrinhos", que podem ser desde um general até um político, pois nessa **guerra** vale tudo. Um delegado de segunda categoria, e que tem pretensões de ser promovido, informou que foi apresentado um plano, não se sabe por quem, para favorecer alguns concorrentes. Segundo ele, em todo direito administrativo internacional, procura-se mesclar antigüidade com merecimento. Os promovidos por merecimento são aqueles que possuem serviços prestados no combate à criminalidade ou os "apadrinhados".

As promoções sempre foram realizadas sob o seguinte critério: dois terços por merecimento e um por antigüidade. Mas, segundo o que corre à **boca-pequena** no meio policial, a sugestão apresentada é para concorrerem todos os delegados que possuam mais de cinco anos de serviço. Em suma, todos os 220 delegados de segunda categoria concorrerão às 9 vagas de delegado de primeira, já que não há delegado com menos de cinco anos de atividade. Com isso, os delegados que trabalham nos luxuosos gabinetes da Secretaria de Segurança, onde desfrutam de mordomias como cafezinho, secretárias, ar condicionado, viaturas com motoristas para trazê-los e levá-los em casa, etc, irão concorrer com os que tiram plantão nas delegacias policiais.

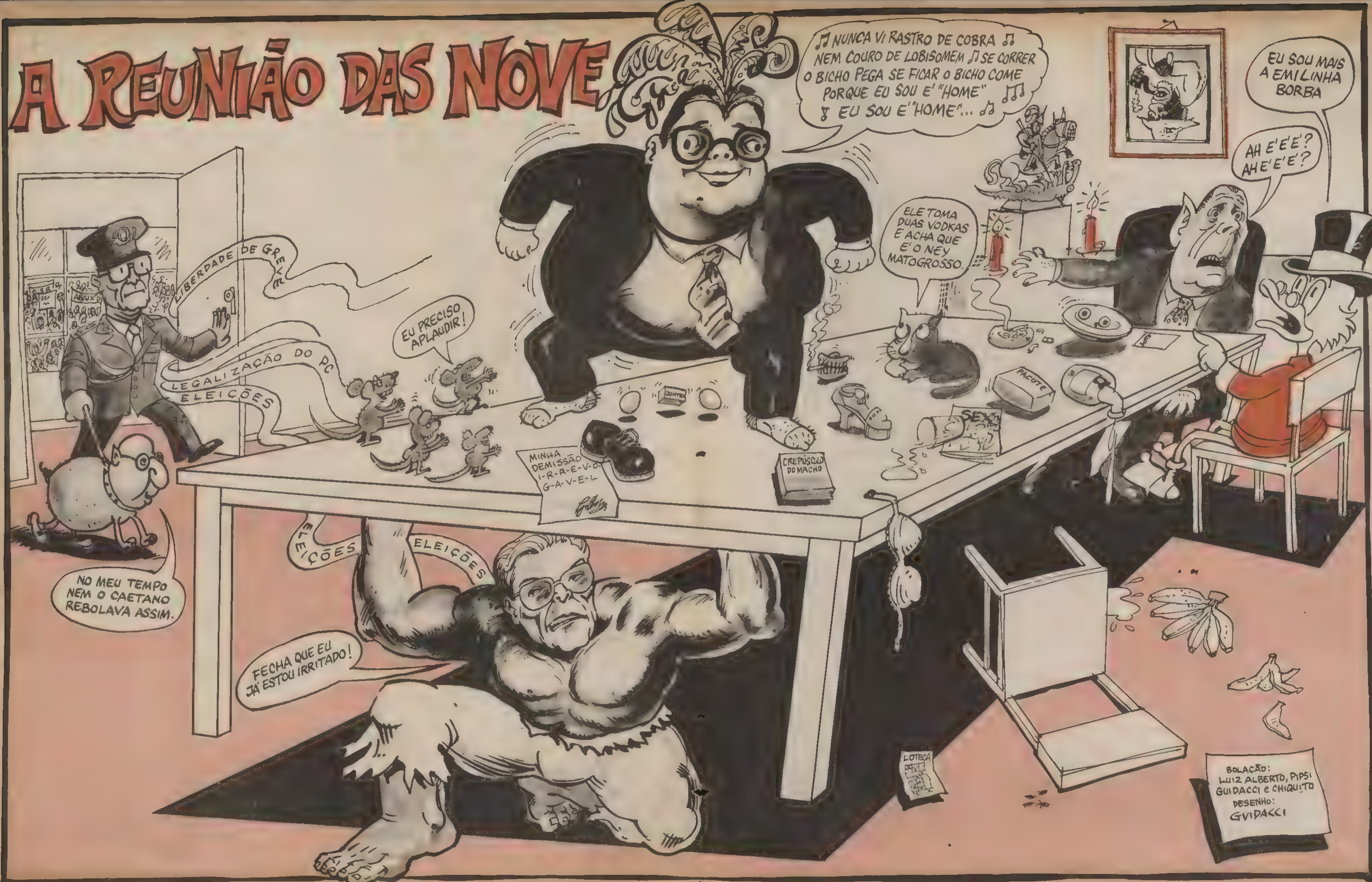
Mas o grande problema é que os "delegados de gabinete", como eles são chamados, possuem gratificações, tais como: DAS (direção de assistência superior), que conta 3 pontos por ano, e CAI (chefia de assistência intermediária), que soma 1,5 pontos. Já os que trabalham nas delegacias policiais recebem, apenas, um ponto por ano. Eles tiram serviço de 24 horas numa delegacia que pode ser no subúrbio, zona sul, baixada fluminense ou Niterói. Além disso, não há carros para levá-los, eles trabalham em salas empoeiradas, mal iluminadas.

Tudo isso sem contar as incômodas correições, realizadas pela Corregedoria de Polícia, que quer ver o andamento dos processos e das investigações. Caso fique constatada alguma irregularidade, o delegado de plantão poderá responder desde a uma simples sindicância, até a um inquérito administrativo ou criminal. Nesses casos, geralmente, o delegado titular é chamado na Secretaria de Segurança e transferido para o **museu** (a Corregedoria).

A partir daí, outros delegados titulares evitarão ter em sua equipe o delegado que causou a **queda** do colega. Note-se que delegado de segunda categoria só pode ser titular em delegacias do interior, onde tudo é precário e a falta de recursos vem juntar-se aos problemas da área.

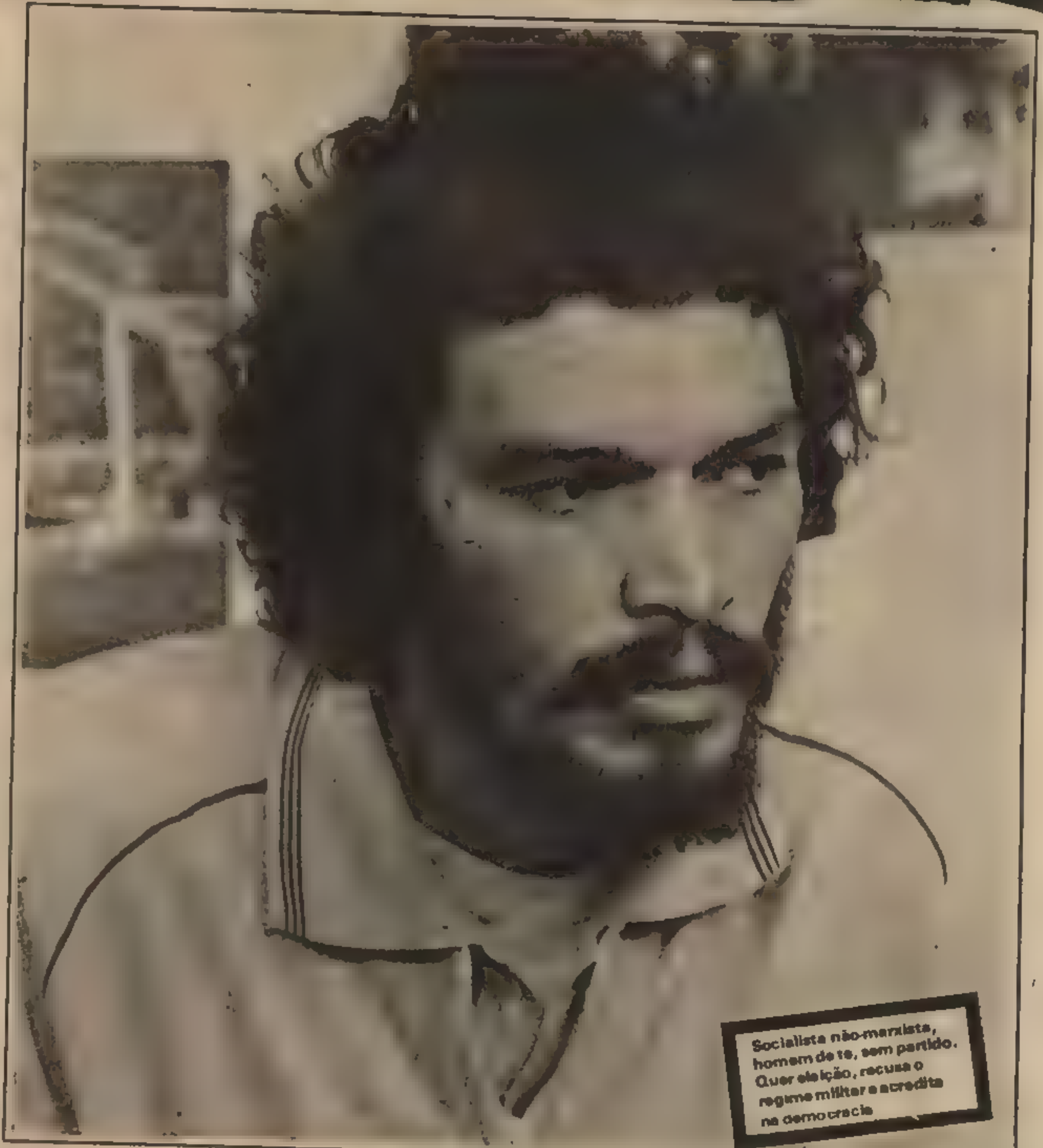
Recentemente, o diretor do Departamento Geral de Polícia Civil, delegado Rogério Mont Karp, enviou circular a todas as delegacias ameaçando punir os delegados que não forem encontrados em seus postos. Ele prometeu dar incertas nos distritos para fiscalizar os registros de ocorrência e as equipes de plantão.

O critério para as promoções, segundo a maioria dos delegados de segunda categoria, deveria ser por antigüidade e para aqueles que possuem "serviços prestados", como prisões de grandes quadrilhas de assaltantes e traficantes. Contudo, eles aguardam que o bom senso venha a vencer os "pistolões", que, garantem, não são poucos.


A REUNIÃO DAS NOVE
♫ NUNCA VI RASTRO DE COBRA ♫ NEM COURO DE LOBISOMEM ♫ SE CORRER O BICHO PEGA SE FICAR O BICHO COME PORQUE EU SOU E' "HOME" ♫ EU SOU E' "HOME"... ♫
EU SOU MAIS A EMILINHA BORBA
AH E'E'E'? AH E'E'E'?
ELE TOMA DUAS VODKAS E ACHA QUE E' O NEY MATOGROSSO.
LIBERDADE DE GREVE
LEGALIZAÇÃO DO PC
ELEIÇÕES
EU PRECISO APLAUDIR!
MINHA DEMISSÃO I-R-R-E-V-O-G-A-V-E-L
JONTEX
CREPÚSCULO DO MACHO
PACOTE
SEX
ELEIÇÕES
ELEIÇÕES
NO MEU TEMPO NEM O CAETANO REBOLAVA ASSIM.
FECHA QUE EU JÁ ESTOU IRRITADO!
LOTECA
BOLAÇÃO: LUIZ ALBERTO, PIPSI GUIDACCI E CHIQUITO
DESENHO: GUIDACCI

SÓCRATES

Parque São Jorge, às margens do rio Tietê, pelos lados do bairro Tatuapé, zona leste de São Paulo. Dia de treino do Corinthians. Os jogadores vão chegando, cada um em seu carro. Sócrates é cercado por um bando de meninos, em busca de autógrafos. Atende aos admiradores, escreve numa camisa para uma senhora gorda, de óculos escuros. Sem o ranço de alguns colegas seus, que chegam a negar autógrafos para a garotada, o **Doutor** dá um aperto de mão firme no repórter, concorda de imediato com a entrevista, "legal, legal" e vai para a enfermaria. Duas horas mais tarde termina o treino. Todo mundo vai para o vestiário. Repórter e fotógrafo são impedidos de entrar. Sócrates sai da enfermaria. Procura se manter em equilíbrio, sem poder apoiar com firmeza o pé direito no chão. "É um problema antigo que tenho no calcanhar do pé direito, uma bursite crônica." Precisou fazer uma infiltração com o médico do Corinthians. Estava ali o segredo da contusão famosa Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira, paraense de Belém, 1,90m, 80 quilos, 27 anos e formado em Medicina. Gosta de cantar, "tanto quanto de jogar futebol" tem lido Pablo Neruda ultimamente e é tido como um dos jogadores mais politizados deste país — coisa rara. Eis uma entrevista política com o Dr. Sócrates, um artilheiro da seleção.



Socialista não-marxista, homem de te, sem partido. Quer eleição, recusa o regime militar e acredita na democracia

Você é um cara politizado?

— Talvez em relação à maioria do nosso povo eu seja um cara politizado. Mas acho que estou longe disso

Mas você tem curso universitário, formação profissional...

Só que tudo isso é alienante, sabe? No período em que eu estava na escola tive meu tempo todinho voltado para a literatura médica. Em relação a toda uma estrutura em que você convive, não se pode conhecer tudo. Mas, a partir do momento em que pude ver isso, procurei tomar contato com tudo o que está a minha volta. Mas acho que ainda está longe de eu ser um cara politizado.

Qual é a tua opção política hoje?

— Eu tenho visões, tenho pensamento. Mas não tenho e nem posso ter uma atividade política. Porque eu acho que tenho que preservar isso pra depois, pra mais tarde. Não agora. Porque hoje eu sou uma figura popular, em virtude do futebol. E não quero, de modo algum, aproveitar isso e tentar extrapolar essa popularidade com outros fins. Tentar fazer a cabeça de alguém, de alguma pessoa ou de muitas pessoas, sobretudo porque essas pessoas me consideram alguma coisa. Tenho muitas preocupações com isso.

Mas, por outro lado, você também não quer alienar o povo, como fez o Pelé.

- Eu nunca procuro me comparar com alguém. Tenho pensamentos proprios. Se não coordenar com outras pessoas, eu também não sei. Eu tenho um pensamento político em termos sociais, um pensamento idealista.

Qual é esse pensamento?

— O ideal, a meu ver, seria aquele em que todas as pessoas pudessem viver da mesma maneira, com os mesmos ideais, com os mesmos deveres, numa total igualdade.

[illegible]

— Seria um socialismo não-marxista. Mas muito ideológico. É difícil a gente aventar uma hipótese de colocar isso em prática, porque o ser humano em si tem sempre propensão ao poder. Numa estrutura dessas que você está tentando enfrentar, sempre vai ter alguém que vai querer estar acima dos demais.

Mas isso não seria em virtude da própria estrutura em que a gente vive?

— Não. Numa hipotese: se acabássemos com todas as estruturas que nós temos, direita, esquerda, centro, e tentássemos implantar um sistema de igualdade, sempre teria alguém acima dos demais, alguém que estaria no comando.

Por que um socialismo não-marxista?

— Porque a realidade em que nós vivemos, em termos

POLÍTICO

Entrevista a Rivaldo Chinem
Fotos de Manoel Isidoro

de socialismo marxista, não mostrou, até agora, sociedades bem sucedidas.

Quais foram essas experiências?

— Teoricamente, a estrutura comunista russa, claro que adaptaria, muito modificada. Como ideologia realmente marxista, foi. Mas acho que ela não foi bem sucedida em termos globais. Falo dos pontos que conheço. Do pouco que eu leio, que eu acompanho.

Você leu Marx?

— Não tanto que pudesse me transmitir conhecimento pleno de todos os seus pensamentos. Li alguma coisa. Acho que ele é um grande pensador. Um cara que deve ser lido. Lido como um ponto de partida para alguma coisa.

Como você vê o Brasil?

— O Brasil está renascendo. Tivemos um período muito grande de total alienação política do nosso povo. Apesar das tentativas de se voltar à normalidade democrática, isso ainda vai demorar um pouco. Mesmo que amanhã a gente tenha pleito direto, como se briga hoje, na realidade nós vamos precisar de um tempo ainda maior para chegarmos a uma estrutura concreta. O povo não acompanha política. Mesmo a geração mais nova, a dos jovens, os que mais discutem esses problemas, é prejudicada nesse aspecto. Não tem conhecimento do que foi todo esse período. O que sabe é nas entrelinhas. Só atingiremos esse processo, lenta ou rapidamente, daqui a algum tempo, a médio prazo.

Você acredita nos mi-[redacted]

— Bem, eu... bem... sei lá, é muito difícil. Você não conhece as pessoas. Mas eu as respeito. Qualquer indivíduo que chega a ser general de quatro estrelas tem que ter uma cabeça. Tem que ser um cara acima do normal. Mesmo que eles não sejam inteligentes, eles são esforçados. Culturalmente eu acredito: são as pessoas mais bem informadas deste país, esses homens que passaram pela Escola Superior de Guerra.

[redacted]

— Ocorreu uma revolução no país, tá? Se ela ocorreu, e por algum motivo, é porque houve uma certa atividade da população, da massa. Então, alguma coisa estava acontecendo de errado. Essa revolução ocorreu pra isso, pra tentar solucionar algum problema. Discordo do tempo que está demorando pra voltar à normalidade. O objetivo primordial, teoricamente, seria a revolução. Mas, daquele ponto pra frente, solucionado o problema, tudo deveria voltar ao normal. E o povo poderia participar, em todos os níveis. Esse tempo é que discordo.

Você acha que está na hora de entregar o poder para os civis?

— Acho que deve haver, sim, uma opção. Não é devolver aos civis, porque se o povo escolher um militar, é esse homem que deve ser o nosso governo. Ele pode ganhar, ora. Aberto o pleito, pode vir um militar da reserva e tentar, e, quem sabe, ganhar. O que discordo é do militar governar, se não foi escolhido pelo povo. Muitas vezes o Pelé falou que o povo não estava preparado para votar. Temos que respeitar a opinião dele. Mas a minha é a seguinte: sabendo ou não, é o povo quem deve escolher.

Todo mundo deve votar?

— Claro. Defendo o voto do analfabeto. Acho que todo mundo deve, tem que escolher. Não adianta você excluir o cara que não sabe ler, nem escrever, isso não altera nada. Porque ele vive o problema que todos nós vivemos. Então, tem o direito de escolher.

Qual é o teu candidato em [redacted]

— Tenho algumas pessoas com quem me identifico. O Mário Covas, do PMDB, por exemplo. Eu conheço ele e o pensamento dele. Mas não tenho nenhum partido, nenhuma proposta que atenda às nossas reivindicações. O grande problema é das pessoas pensarem em termos individuais; tem que se pensar na maioria.

Muitas pessoas acham que a torcida corintiana é alienada. Como você vê a [redacted]

— Isso é próprio de um país novo. Nós não temos civilização ainda. Não temos algo que prenda a nossa população ao país. A partir daí, temos uma despreocupação em relação aos problemas que nós enfrentamos. Nós convivemos com grandes problemas, mas há pouca tentativa de se encontrar solução. Isso talvez seja próprio do espírito do brasileiro.

Como é esse espírito?

— O brasileiro é um cara acomodado. Dá um jeito. As coisas estão ruins prum lado, ele tende pro outro. Em vez de tentar uma solução, ele arranja uma forma de compensar.

Na seleção brasileira, um líder

REPORTER ENTREVISTA

E como você se situa nisso tudo?

— Me situo como um brasileiro que, por algumas razões, participa desse processo. Acho que isso não é degradante pra mim, porque é uma atividade que não exige muito, em termos intelectuais. Você falou que eu sou um ídolo, mas eu discordo. Eu não quero ser ídolo.

E o que você é, então?

— Sou um cara popular; o ídolo é um cara que ninguém conhece, que ninguém vê e, ao mesmo tempo, todo mundo acha que é perfeito. Quero que entendam que eu tenho defeitos, que tenho limitações. Não sou um super-homem.

Qual é a tua opção religiosa?

— Sou um cara que tem muita fé. Meu livro de cabeceira é a Bíblia. Leio a Bíblia com certa freqüência. Rezo.

Como você vê a Igreja?

— Acho que ela tem que ter uma preocupação social, sim. Antes ela se preocupava em manter sua estrutura, não defendia os problemas dos indivíduos. A Igreja deve dar uma orientação, deve mostrar um caminho para seus fiéis. Em todos os aspectos da vida.

Dizem que no futebol tem muito homossexualismo. É [redacted]?

— Eu nunca vi. Vi, sim, muita especulação. Essa especulação existe porque o futebol é como o presídio: só dá gente de um sexo. A partir daí, a tendência para o homossexualismo é grande. Mas homossexuais há em todas as atividades.

Outra idéia é a de que há droga no futebol.

— Ah, isso eu já vi. Mas não é um negócio profissional. É de um indivíduo ou outro que está ligado ao futebol. Mas de uns cinco anos pra cá já não vi mais. A droga, por ser um estimulante, é prejudicial para o atleta. Traz conseqüências drásticas para o indivíduo.

Como é a vida na concentração?

— Existem aspectos para serem abordados nesta questão: eu acho que a concentração é desnecessária. Digamos que eu esteja em São Paulo, onde eu vivo. A melhor maneira de me preparar física e psicologicamente é na minha casa. É lá que eu estou tranqüilo, com minha mulher e meus filhos (de 6, 4 e 2 anos de idade). Agora, em termos de seleção, temos que encontrar uma saída. São pessoas que vêm de várias partes do país e que têm de ficar juntas. Como encontrar um local pra isso? Eu não tiraria meus filhos da rotina da vida deles pra me acompanhar por esses estados afora. Porque essa não vai ser a vida deles, nem a minha. Um dia eu caio fora.

Tem prazo para isso?

— Definido, não. Meu primeiro prazo vai se extinguir no ano que vem, depois da Copa do Mundo. A partir daí eu pretendo fazer especialização em Medicina.

Qual é o teu salário, hoje?

— Trezentos mil cruzeiros por mês.

Comercial dá muito dinheiro?

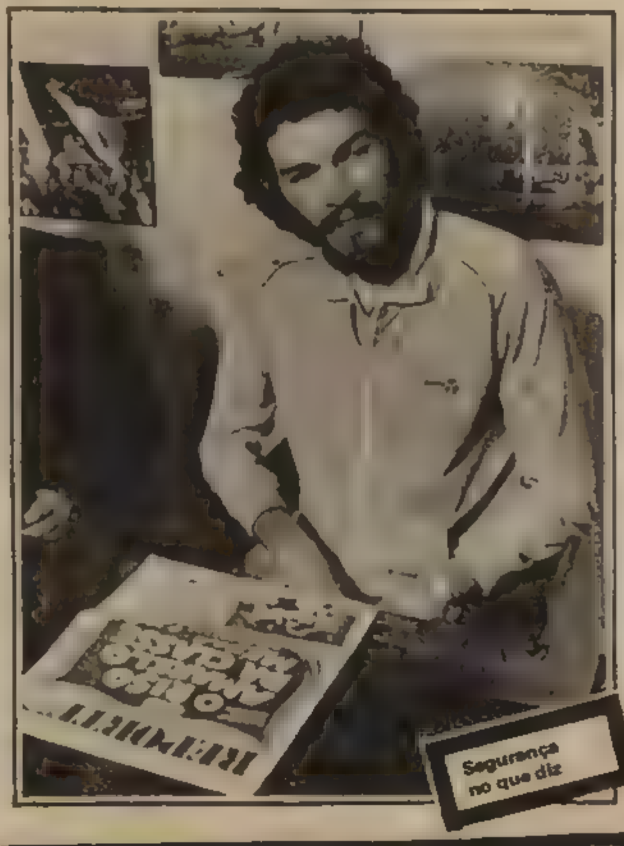
— Sempre gera alguma coisa. Eu tive dificuldade de fazer propaganda porque não sou ator. Além disso, sou um cara feio. Mas tenho minhas imposições. Por exemplo, não propago cigarro, nem remédio. Bebida? Talvez.

Dá pra ficar rico com futebol ou com propaganda?

— Olha, eu estou me preparando pra viver como residente médico. Talvez isso vá me custar três anos de baixo salário, hoje por volta de Cr$ 30 mil. Mas não é o dinheiro que me prende ao futebol.

E o que é?

— Eu gosto de jogar, né! Jogar dá uma sensação de liberdade (abre os braços), é como se jogar de asa delta. Futebol me dá uma sensação de vôo, eu me sinto feliz jogando futebol.



Segurança no que diz

Como ídolo, você também não ajuda nessa alienação?

— Eu tenho consciência, né, realmente. O futebol, por ser algo que pretende ser o que é, o mais popular de todos os esportes, tem o efeito de alienar. É o circo desse país. Mas acho que ele é necessário para um país como o Brasil.

Necessário pra quê?

— Pra segurar. Se não houvesse o futebol, teríamos que arrumar outra coisa pra substituir. Se não tivéssemos o futebol, teríamos uma guerra civil. Não tem outra saída.

Futebol segura a massa?

— Acho que tem grande importância. A gente nota a diferença do que o futebol produz no povo. Quando a seleção vai bem, noutro dia todo mundo está alegre, trabalha mais, rende mais. Se o time perde, noutro dia o cara fica triste, não trabalha. Não digo isso de chute, já existe até um estudo sociológico sobre isso. Já vi, já senti isso bem de perto.

FOLHA SECA

Luiz Alberto Bettencourt

Sem pontas, jogo duro até contra Austrália

Está certo: Zico, Sócrates, Isidoro e Cerezo estavam no bagaço, mas isso não explica o morno empate com o Chile. A meu ver, a partida expôs a principal deficiência da seleção. Não temos pontas.

Isidoro, apesar de cansado e machucado, repetiu o que fez sempre: cerca a saída da defesa adversária, rouba umas bolinhas no meio de campo mas, quando ataca, embola o jogo e livra-se burocraticamente de responsabilidades, dando um toque pro lado. Jamais abre pra fazer a jogada de fundo.

Pela esquerda, embora Éder seja muito mais efetivo no ataque, também não temos penetração. A jogada do ponteiro do Atlético é o cruzamento em diagonal, de curva, mais ou menos do bico da grande área. Ou o chute forte. No jogo com o Chile, como Zico e Sócrates se cansaram, Éder chegou a armar jogo pelo meio.

Nas pontas, as baratas ou os fantasmas das centenas de presos políticos assassinados pela junta militar, general Pinochet à frente, que há alguns anos derrubou o presidente eleito Salvador Allende e transformou o Estádio Nacional de Santiago num monstruoso campo de concentração.

Fico ainda mais preocupado porque o treinador Telê Santana declarou num programa de TV que não pode jogar com dois pontas abertos e ainda ter no meio de campo três armadores ofensivos. Se jogarmos com Robertinho e Zé Sérgio, por exemplo, teremos que ter Batista — e não Cerezo.

O circo

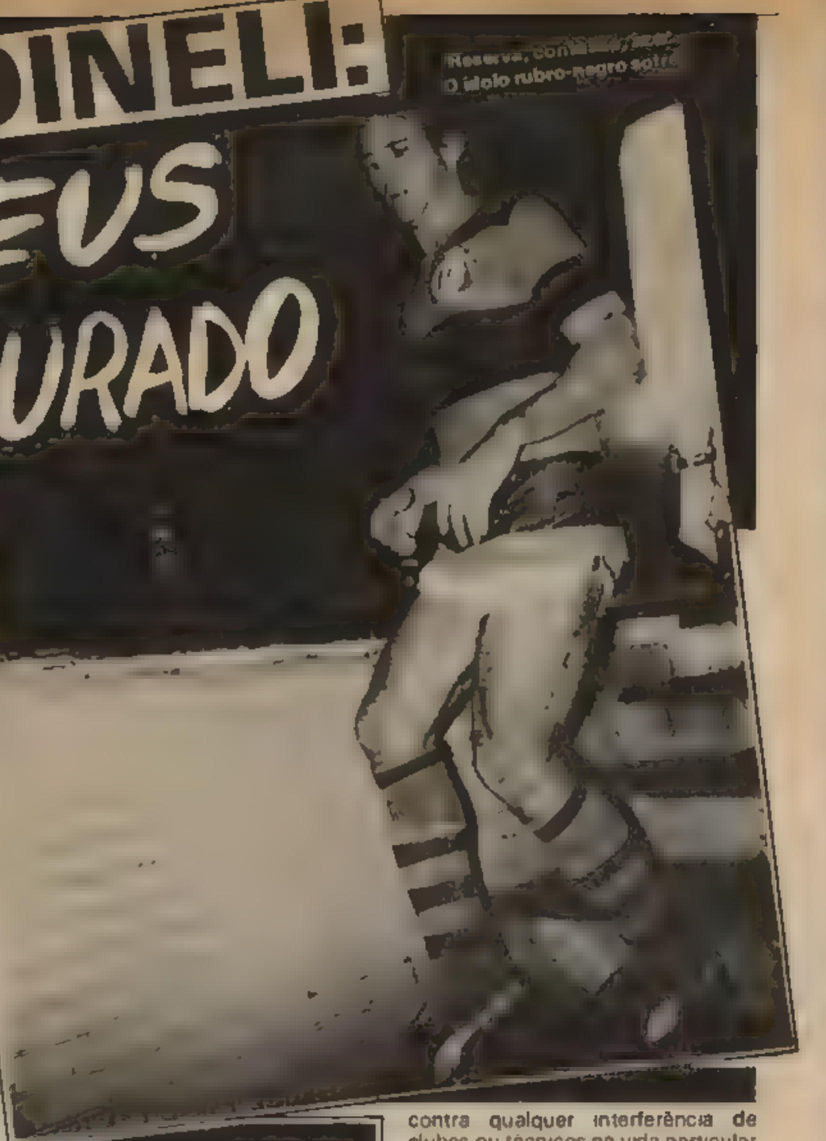
Por falar em Telê, ele me pareceu muito precipitado ao criticar o juiz José Roberto Wright por expulsar Reinaldo na partida contra o Flamengo, pela Libertadores. Realmente, a falta não era desclassificante mas, se analisarmos as circunstâncias que envolveram a decisão, o menos culpado foi o juiz. Os dirigentes do Atlético, secundados pelos do Flamengo, estimularam o clima antiesportivo. O Atlético, na gestão de Chicão e Éder, agora o cobrão, é um time violento, intimidador, que, desde o início, aplica uma tática: bate no adversário para amedrontá-lo e parar as jogadas e coage o juiz. Depois, o seu tresloucado presidente reclama das injustiças, apoiado até pelo (des) governador Francelino Pereira, que também denunciou um compiô do Flamengo com a CBF.

Ou o Telê diria tudo isso, pra depois criticar com razão o lance específico, ou não diria nada. Fazendo o que fez, disse apenas um terço da verdade.

Maradona

O leitor Gustavo Barros me escreveu, defendendo Maradona no confronto com Zico. Pra ele, o argentino é "o legítimo sucessor de Pelé no futebol mundial". Brasileiro com futebol é assim: não tem bairrismo; aplaude o que acha melhor.

RONDINELI: O DEUS AMARGURADO



O zagueiro central Rondineli personificou, durante muito tempo, o sangue, a garra rubro-negra, chegando mesmo a ser tema de um livro: *O Deus da Raça*. No entanto, apesar de ser símbolo e ídolo, caiu na reserva com a contratação de Luís Pereira em 79, e mesmo depois da ida do Pereirão para o Palmeiras continuou no banco, só voltando ao time em virtude da contusão do quarto-zagueiro Marinho

Rondineli é do signo de Touro da persistência, da luta, e em nenhum momento se conformou com a reserva: brigou, esperneou, sofreu, pressionou para ser vendido, mas acabou ficando. Tudo isso serviu para formar um novo Rondineli, amargo, arredio, com medo de dar declarações, que mede as palavras, que se esconde, mas que, ao mesmo tempo, continua lutando por se firmar novamente no time. Ia bem, tinha voltado a ser titular, mas se machucou no jogo do Flamengo contra o Cerro, em Assunção, pela Taça Libertadores Está parado, se tratando. Mais amargura

Dos seus 26 anos, Rondineli dedicou 11 ao Flamengo, onde chegou em 1970, vindo de São José do Rio Pardo, interior de São Paulo E pelo menos dez, desses onze anos, foi titular absoluto, em todas as divisões e com diversos técnicos, como Zé Nogueira, Joubert, Fleitas Solich. E foi com muito esforço e treinamento que manteve a posição, ganhou o carinho da torcida e se tornou um símbolo: "Tudo isso foi pela minha maneira de encarar os jogos, sem fazer distinção entre grandes e pequenos, sempre com o mesmo empenho e o mesmo entusiasmo. Eu acho que é assim que os torcedores gostariam de fazer, e por isso é que houve e há essa identificação entre eu e a torcida"

Quando se toca em reserva, a expressão de Rondineli se contrai, deixando claro que é um assunto no qual não gosta de falar, mas mesmo assim procura descrever a sensação que sentiu quando foi para o banco pela primeira vez:

— É uma coisa com a qual ninguém se conforma, eu não me conformo, e quando estava no banco treinava bastante para ter vez. É uma coisa dura, principalmente para mim, que em onze anos ganhei onze títulos. Fui da seleção de amadores, fui campeão brasileiro, eu não aceitava aquilo, sentia uma coisa incômoda dentro de mim, que eu não conseguia tirar. Eu senti muito, principalmente pelo que eu já fiz, já produzi e pelo que eu represento

Mesmo falando do passado, o incômodo da reserva ainda ronda o zagueiro.

— Mágoas do futebol? Tenho muitas, mas quem não tem mágoas de alguma coisa? — É por tudo isso que Rondineli evita falar de assuntos como o seu relacionamento com dirigentes e Lei do Passe: "Quanto aos dirigentes, sempre me dei com eles, mas sempre existem divergências, que no entanto nunca chegaram a desavenças. Com relação à Lei do Passe, prefiro evitar esse assunto, é uma faca de dois gumes, tem gente que tem o passe na mão e não consegue clube e gente que quer trocar de clube e não pode porque o passe está preso."

Depois de um jogo, antes de se machucar

Fora do futebol, Rondineli é o que se pode chamar de brasileiro padrão médio: não se considera conservador, mas em termos de moral não chega a ser avançado: "Eu procuro aceitar tudo com naturalidade, mas tenho as minhas convicções e procuro viver dentro da média, sem ser quadrado nem avancado." É contra qualquer interferência de clubes ou técnicos na vida particular do jogador: "O jogador de futebol tem que ser julgado dentro das quatro linhas; fora do campo, ninguém tem o direito de patrulhar ou perseguir ninguém, como acontece frequentemente. Se o jogador cumpre as suas obrigações, ninguém tem o direito de interferir nas suas opções".

Rondineli também não gosta de política "Eu não morro de amores, não participo, pra mim é besteira falar em política, eu acredito que os homens que dirigem o Brasil têm consciência do que estão fazendo e sabem o que estão fazendo Quanto às eleições de 1982, não estou preocupado, nem me lembro quando votei, nem se votei no governo ou na Oposição; pra mim, isso não tem importância"

O zagueiro do Flamengo tem algumas opiniões bastante controversas. Embora tenha estudado até o científico, não acha que seja importante um melhor nível cultural e de informação dos jogadores para uma melhor gestão da carreira: "Hoje em dia não tem mais ninguém bobo, as coisas estão muito claras, só não vê quem não quer". E continua: "Eu acho que a minha geração já está mais conscientizada sobre o futebol e as suas possibilidades, e sabe aproveitar melhor as vantagens, como bons salários, fama, etc. E também aprendeu a conviver com as desvantagens, a carreira curta, as contusões. Nós aprendemos muito com os exemplos do passado"

Rondineli também não acredita em crise de valores no futebol brasileiro: "Se existe crise, é de qualquer outra coisa, menos de valores. Os europeus continuam atrás dos nossos jogadores, nós continuamos a ganhar das seleções mais importantes da Europa. O problema é que no Brasil ou é tudo ou nada"

Apesar da má sorte, ele ainda sonha com a seleção brasileira. Quer ir à Espanha em 82

Reportagem de Jorge José de Melo
Fotos Chiquito Chaves

PASSARELA

Jorge Segundo

CENSURA NÃO DEIXOU
ROGÉRIA TRANSAR O CORPO

Rogéria — a gay fantasy do Brasil — está morta de tédio; p. da vida. A Censura federal cassou-a do júri do programa do **Chacrinha** (TV-Bandeirantes), sob a alegação, consta, de que "homem de cabelo de mulher, peitinho de mulher, roupa de mulher, andar de mulher, trejeito de mulher... e voz de homem"... não pode aparecer no vídeo via Embratel. É mau exemplo. Pode contaminar os filhos brasileiros. Só que a derrota da Rogéria foi, por tabela, a derrota do Chacrinha, que tinha dito publicamente que o travesti ia ficar no programa, transando o corpo livremente, até quando ele quisesse; e que a Censura não ia intervir. O Velho Guerreiro se achava fortalecido em seu argumento usando como parâmetro (para Rogéria) a **Bô Francineide** que o **Jô Soares** faz todas as segundas, na Rede Globo. O apresentador da Bandeirantes acha tudo a mesma coisa: se há mau exemplo, a Bô e a Rogéria devem ser punidas, tiradas do vídeo, as duas. Mas não é assim que a moral e a Censura brasileira entendem. Saiu a Rogéria. E a Bô vai continuar transando o corpo, numa **nice**!

Rogéria, cassada na TV. A Francineide de Jô continua

Kleiton e Kledir
fogem de Pelotas

O sucesso já pintou para eles: os dois irmãos gaúchos que fazem dupla e já têm por todo o Brasil uma boa legião de fãs — *Kleiton e Kledir!* Só que os rapazes, ao que PASSARELA soube com exclusividade, estão fugindo de Pelotas, a terra que os embalou e lhes deu todo o frescor artístico. E a fuga é por uma dívida muito séria: *K e K* sumiram com valioso objeto de uso pessoal (coisa bem feminina) de uma das senhoras mais conhecidas da cidade, *Solange Ruschel*, mulher de famoso médico pelotense. Já faz tempo, isso... e ainda hoje ela e a família esperam a volta dos irmãos canoros para prestar contas. E eles, se é que não erraram o caminho de Pelotas, parece que não sabem mais é como chegar na casa dos Ruschel!

Boni e Mílton Gonçalves, os televisivos dò ano

Vai ter festa de arromba (melhor diria, supimpa) para comemorar as duas maiores premiações de televisão de 1981, dadas a dois profissionais da Rede Globo: o Prêmio **Golfinho de Ouro**, para **José Bonifácio de Oliveira Sobrinho** (Boni), e o **Estácio de Sá**, para **Mílton Gonçalves**. Os dois prêmios são atribuídos pelos Conselhos Estaduais de Educação e Cultura do Rio de Janeiro, não só para a área de Televisão, mas para todas as artes — Comunicação, Esportes, Educação e Ciências No cinema, por exemplo, o **Golfinho de Ouro** ficou com **Sônia Braga** e o **Estácio de Sá** foi para **Bruno Barreto**. Os amigos desses artistas preparam-se para um grande rebu etílico-gastronômico. E o Mílton Gonçalves, grande figura de artista e de homem, muito feliz com tudo isso

Mulher de malandro...

Fuxico corrente nos bastidores artísticos famosa cantora que se separou recentemente do marido não "fê-lo porque qui-lo"; diz-se que ela foi obrigada porque já não agüentava mais de tantas surras; era pau de manhã, de tarde e de noite Agora, a moça está bem — de vida noya, de amor novo. Acabou o medo do constante baixar o pau, inadvertidamente!

Salve o Rei da Noite

Na última apuração, a eleição do Rei da Noite estava assim Ricardo Amaral 36 votos; Chico Recarey: 33 votos; Mário Priolli 16 votos; Sérgio Cavalcanti: 14 votos, **Moacyr Deriquem** (deu um pulo): 17 votos, **Sargentelli** (outro pulo): 11 votos. Com a votação livre dos leitores, no cupom, a tendência tem sido aumentar a votação do Denquem e do Sargentelli. E a conclusão que a gente tira é que, sendo os dois do meio artístico, badalados, mais conhecidos do que os outros candidatos, estão levando vantagem com o voto do povão. Além dos dois, só o Ricardo, que apesar de não ser artista também vive em grandes agitos, tem sido votado pelos leitores. Com os novos votos computados, fica assim o concurso que vai escolher o substituto do grande **Carlos Machado** no reinado da noite do Rio

Ricardo Amaral fica com 38 votos, com mais os dois das leitoras Ana Conceição Mendes e Veronique, de Niterói; **Moacyr Deriquem** passa para 20, com o "sim" de parte de uma família da Saúde (Rio): Laura Freixiela (a mãe), Hemilson Freixiela e Jaira Freixiela; outros da família: Ico Freixiela, Renato Freixiela e Orlando Freixiela (o pai) votaram em **Sargentelli**, que também teve dois votos de São Paulo: Mara Assumpção e Roger Santos Silva Sargentelli agora está com 16 votos. Continuem mandando o cupom

REI DA NOITE

Voto em: ______________________

____

Nome do eleitor: ______________________

____

Endereço: ______________________

____

MULTIDÃO

Waltinho Magalhães, o colunista, promete vida nova em 82 vai estrear num grande **show** em março e, com isso, também ficar vulnerável aos olhos críticos dos artistas que ele tanto observa e critica. Mas o Waltinho, que sempre foi **doublê** de colunista-e-ator, diz que não teme e está se preparando de forma a que a estréia seja uma glória ★ De novo juntos, **Vanuza** e **Antônio Marcos** Consta que **Sílvio Santos**, grande amigo dos dois, deu grande força para que o casal se reconciliasse Por várias vezes, Antônio Marcos, mesmo quando Vanuza ainda estava casada com o Vanucci, fez sinceras e emocionadas referências públicas à ex-amada (sem citar o nome dela), numa demonstração de que continuava apaixonado. ★ **Ana Maria Sagres** mandando montes de beijos para **Manoel Carlos**, autor de **Baila Comigo**, porquê nesses dois últimos meses da novela o papel dela, Mercedes, cresceu muito "Os despeitados não tardaram por esperar!", desabafa La Sagres Houve uma época em que ela andou muito chateada porque, de par com o pequeno rendimento do papel, alguns "inimigos" ainda ligavam de madrugada para passar trote: "Você não fala na novela, meu bem? Entra muda e sai calada!", diziam alguns. Agora, Ana Mana Sagres acha que chegou a hora da resposta: "Ela está no ar!" ★ Correspondência para PASSARELA, Rua Djalma Ulrich, 110 CEP 22071 — Copacabana, Rio Endereçada a **Jorge Segundo**, evidentemente

[redacted] patrocínio do Paulo Verelli, a Maria Helena Dias (25 anos de carreira), a Ana Maria Sagres (rindo à toa) e o Haroldo Botta (acertando o passo, com incríveis botas de sete léguas).

Mais cuidado, Pablo!

Pablo, o diretor artístico do **Sílvio Santos**, precisa tomar mais cuidado com a maquilagem dele próprio Domingo desses houve reclamações nos estudios da TV S, em São Paulo, e todo mundo viu no vídeo as sombras coloridas do Pablo escorrendo pelos cantos dos olhos, enquanto ele se esforçava nas costumeiras dubiagens. Será que a maquilagem que o rapaz usa não é de boa qualidade?!

MAGDA CASOU COM A POLÍCIA

A investigadora não sente falta de marido e acha que forma com seus colegas uma "verdadeira família"

Conjunto esportivo, 38 na bolsa

O trombadinha passou correndo pela rua Barão de Itapetininga, área do calçadão do centro de São Paulo. Viu uma moça de óculos escuros, *training*, bolsa a tiracolo e um relógio de ouro numa corrente, no peito. Não hesitou um segundo: arrancou a jóia e correu por uma galeria. A moça foi atrás, sacou a arma — a "máquina", diria mais tarde — e ameaçou atirar. Uma mulher meteu a cabeça na frente, ela gritou: "Sai daí!",mas não puxou o gatilho. O trombadinha corria, ela atrás. Até que um faxineiro meteu o cabo de vassoura na cabeça dele e a moça o agarrou pelo braço com o clássico "tá preso". Botou a algema nele, puxou pelo braço e levou até a viatura, parada na esquina.

Foi muito azar do trombadinha (menores saídos da Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor — Febem — que dão trombada nas pessoas pelas ruas de São Paulo): a moça de quem ele arrancou a jóia era Magda Barbato, 34 anos, solteira, investigadora de polícia. Ainda mais ela, que costuma dizer para suas amigas que é bastante atirada e que "no 38 não é dedo-mole não", o que, em outras palavras, significa dizer que ela atira pra valer.

Nas palavras do delegado-geral da Grande São Paulo (a cidade e mais 37 cidades vizinhas), Rubens Liberatore, a investigadora Madga é uma das melhores do quadro de policiais mulheres de que dispõe (cerca de 500).

— A Magda é dessas mulheres de coragem, que enfrentam qualquer parada, dessas que topam até dirigir um caminhão.

Quem a ouve conversando com alguém pelos corredores da 15.ª Delegacia, na área dos Jardins, não tem essa impressão. Sua voz é jeitosa, ela costuma ser muito educada, ao contrário do que acontece nas ações, como da prisão do trombadinha, na qual foi vítima pela primeira vez na vida, confessa. Nessas horas Magda se empolga, faz gestos, ri alto, fala gíria

É uma investigadora eficiente, dizem seus colegas de trabalho, alguns até com preconceito de ter que trabalhar com mulher. "Aqui em casa estamos precisando de uma lavadeira", responde um policial a um pedido feito pelo microfone da viatura onde está Magda. É lógico que o investigador ouve uma resposta na mesma altura. Mas isso tudo está mudando, observa ela.

— Fui criada na polícia, ao lado de delegacia, filha de investigador, Armando Barbato, que foi *tira* por 38 anos, até morrer, há 2 anos. Dos cinco irmãos, só eu tive vocação pra [illegible]

Quando ela falava que iria ser investigadora como o pai, o velho Armando não gostava da idéia. Formou-se no curso normal mas, ao tentar ensinar para garotinhos de 7 anos, não aprovou muito a profissão. Entrou na Faculdade de Direito, mas não concluiu o curso. Até que, em 1970, entrou na Academia de Polícia de São Paulo, na primeira turma. Fez concurso e foi aprovada, daí foi lotada na delegacia de São Caetano do Sul, no ABC, sob as ordens do delegado Wilson Richetti (mais tarde, o terror das prostitutas e dos travestis do centro de São Paulo), a quem ela considera "gente boa"

A partir daí, Magda foi lotada na Delegacia do Interior, Departamento de Investigações Criminais (Deic), setor de entorpecentes, comandada pelo delegado Raul Nogueira de Lima, o *Raul Careca*, recentemente condenado a 12 anos de reclusão por ter assassinado um soldado do Exército. Depois ela foi transferida para o serviço alfandegário do Deops, no aeroporto de Congonhas.

— Para mim, esta é uma profissão como outra qualquer A gente é um pouco de tudo Você encontra um corpo, começa a investigar. Ontem mesmo estive às voltas com uma criança abandonada Tive que arrumar leite, levá-la pra casa pra arrumar uma roupinhas, essas coisas.

Como todo policial, Magda vive dos informantes, dedo-duros, cachorrinhos, essa rede de alcagüetes que dão o serviço em troca de algum favor, ou mesmo pessoas que vendem por dinheiro uma informação para a polícia. Tem uma favelada nas proximidades de sua delegacia que, quando tem algum fato novo na vizinhança, telefona para ela. Se algum favelado entrar com uma televisão a cores altas horas da noite barraco a dentro, logo a mulher liga. Pode não dar em nada, se o rapaz apresentar nota fiscal de compra. Mas não custa tentar, diz [illegible].

Magda afirma que não é violenta com os presos. Quando vai interrogar alguém, acrescenta, a primeira lição é se fazer respeitar. Com faz isso ela não explica, mas assegura que o *pau-de-arara* não existe mais

— Nunca vi um *pau-de-arara*. Acho que isso é coisa do passado. Nunca usei de violência na delegacia. Como também nunca matei ninguém em ação de rua, em tiroteio, em entreveros com marginais. A investigadora faz outro tipo de serviço: "De modo geral, faço o serviço de infiltração, e é aí que a gente descobre muita coisa. Estelionato, por exemplo, ou furto, tudo isso se consegue descobrir entrando mais nas pessoas. Outro dia conheci um rapaz, amigo de uns amigos meus, que assinava cheque e botava outro nome Mas isso eu só vi porque sou *tira*; tenho perspicácia suficiente pra ver o que as pessoas normalmente não vêem

Aos 34 anos, Magda se considera uma mulher realizada na profissão. E fora dela, mesmo, apesar de ser solteira

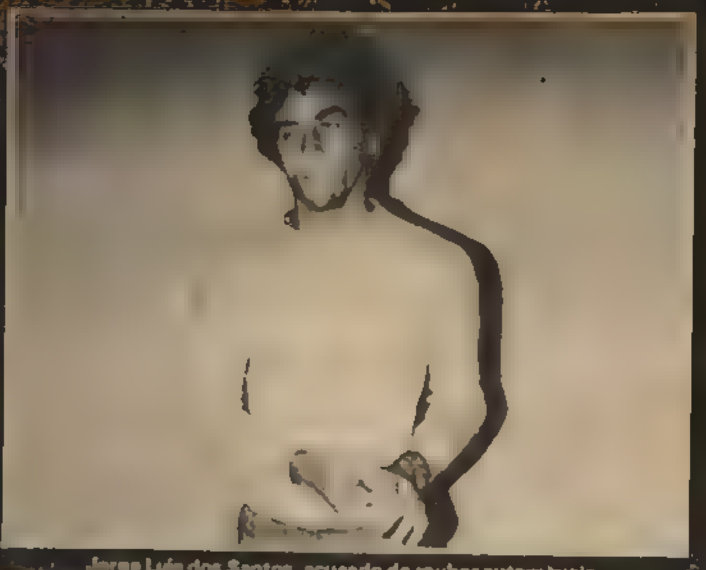
— Já tive dois namoros firmes, desses de levar a gente pro altar. Mas na hora do *vamos ver* os caras perguntaram se eu escolheria eles ou a polícia. Aí não tive dúvida: a polícia, respondi pra eles. Disse isso de coração aberto. Marido não me faz falta

Sem marido, Magda diz que gosta de sair muito. Dança, vai à praia, à montanha ("adoro Campos de Jordão"), e estádios ("sou vidrada em futebol"), não bebe uma gota de álcool e lê alguns *best-sellers*, como o livro *O Que É Isso, Companheiro?* do Fernando Gabeira. ("O que eu achei? Senti nele um cara atormentado")

— Enfim, levo duas vidas paralelas, a social e a profissional. Qual delas encaro com mais perseverança? A profissional, é claro. Atualmente o salário de investigadora está por volta de Cr$50 mil inicial, mas, considerando-se os riscos da profissão, o desgaste, acho que deveríamos nos aposentar com 25 anos no máximo, porque 35 é muito. Apesar de tudo, pode escrever aí: nós, na polícia, somos uma família.

Reportagem de Rivaldo Chinem
Fotos Manoel Isidoro da Silva

O trombadinha deu azar. Roubou a mulher errada



Jorge Luís dos Santos, acusado de roubar automóveis

Todo mundo mentiu no caso de Jorge 2000

No dia 24 de agosto, o delegado de Roubos e Furtos de Automóveis, Heckel Miranda Raposo, anunciou a prisão de uma quadrilha de ladrões de carros integrada por seis pessoas: José Pereira, Mauro Menezes, Jaime Barbosa, Daniel Caldas e Ailton Tavares, chefiados por Jorge Luís dos Santos, o Jorge 2000. Segundo o delegado, eles agiam pelas redondezas de Irajá, Colégio, Vigário Geral e Madureira, subúrbios do Rio

Seria apenas mais um caso resolvido se o tio e advogado de Jorge, major reformado da PM Pedro dos Santos Cunha, não tivesse ido aos jornais denunciar que seu cliente não era ladrão — e, sim, trabalhador — e que tinha sido sequestrado pela polícia A partir daí, pelo que REPORTER apurou, todas as informações dadas pela Roubos e Furtos, pelo preso, por sua mãe, pelo advogado e publicadas na imprensa foram contraditórias.

Pedro Cunha tomou conhecimento do caso através dos pais de Jorge e, em seguida, mandou às redações dos jornais a cópia de notificação feita ao juiz João Gonçalves Neto, da 14.ª Vara Criminal denunciando: a Roubos e Furtos havia sequestrado Jorge na porta de sua casa, rua João Machado, 153, Irajá. Jorge era inocente, trabalhador com carteira, e nunca havia sido preso antes.

O próprio Jorge, entrevistado pelo repórter na Roubos e Furtos, disse o seguinte:

Não sou inocente como todos supõem, Estou envolvido em tudo o que a polícia anunciou. Não ganhei porrada aqui e já fui preso outras vezes por coisas simples, como falta de documentos. Estou meio confuso com o desenrolar do caso. Foi meu tio quem iniciou minha defesa a pedido dos meus pais.

Confuso ficou o advogado Pedro Cunha que, ouvindo as declarações do sobrinho, antes tão querido, ligou para nossa redação dizendo se desanimado com o caso e pedindo para que nada fosse publicado: "Para não prejudicar minha imagem e a da firma multinacional em que trabalho". Na verdade, Pedro trabalha na sede do Banco Cidade de São Paulo, já acusado de ligações suspeitas com o general Golbery do Couto e Silva, mas nunca de ser empresa multinacional.

Curiosamente, o advogado não tinha tantos motivos assim para abandonar o cliente porque, ao que tudo indica, ele foi de fato sequestrado e tomou porrada na delegacia — não daquela que deixa marca, porque o próprio delegado Heckel convidou o repórter a fotografar Jorge, mesmo que fosse nu, para constatar.

No auto, estranhamente chamado de flagrante, já que o próprio não ocorreu, os detetives que prenderam Jorge dão as seguintes informações: a prisão foi feita no dia 21, por volta das 10h 30m, na rua Otranto, em Parada de Lucas. Eles tiveram a "atenção despertada pelo acusado, que se encontrava em plena ociosidade, e que o mesmo era vadio contumaz que provém sua subsistência através roubo"

Alem das agressões à língua portuguesa, o paragrafo contém uma evidente agressão à verdade: se estava sem fazer nada, não havia flagrante. A prisão foi ilegal, embora os policiais pudessem ter certeza de que Jorge 2000 era o chefe da quadrilha de ladrões.

Quando o repórter mostrou as declarações dos detetives à mãe, dona Marlene, e às testemunhas do acusado no caso, a revolta foi geral Elas confirmaram o local do sequestro, anunciado pelo advogado com dia e hora: 20 de agosto 8 da noite Jorge, segundo elas, foi preso junto com Daniel Caldas e um outro homem, Jaime Barbosa, que há uma semana o procurava para fazer um conserto no seu carro. Jorge seria mecânico.

Dona Marlene fez questão de mostrar a carteira de trabalho do filho — que estava sem anotações — seu bloco de trabalhador autônomo — que não havia sido tocado — e o recibo de compra de um carro dele — que estava em nome de um tal Nilo Sérgio, que nem mesmo ela conhecia.

Todos mentiram: o preso, ao dizer que não apanhara, a polícia, que o escondeu uma noite para ajeitar a história; o advogado, que se disse surpreendido pelos acontecimentos, e a mãe, que jurou ser seu filho trabalhador com uma carteira de trabalho em branco.

A verdade é que Jorge tem mesmo experiência no ramo de furtos de veículos e a polícia o prendeu porque sabia disso, embora não tenha como provar.

Reportagem e fotos de
Chiquito Chaves

AMARAL DE SOUZA, DO RIO GRANDE DO SUL:

Governador compra avião com dinheiro de habitação

O governador do Rio Grande do Sul, Amaral de Souza, é popularmente conhecido como Amoral que Ousa. E, a julgar pelas contas do exercício de 1980, encaminhadas por seu governo ao Tribunal de Contas do Estado, o apelido não é injusto. O juiz encarregado de elaborar o relatório sobre as contas oficiais, Marcelo Moreira Tostes, desfia ao longo de 302 páginas um enorme rosário de irregularidades que conseguiu detectar. Entre elas está um desvio do Fundo de Habitação Popular (Fundhap), que acabou servindo, inclusive, para comprar um avião Xingu para uso particular de Amaral de Souza

Além disso, Marcelo Tostes constatou a inexistência de balanços financeiros em 58% das empresas de economia mista analisadas e a utilização irregular, pela Secretaria de Educação e Cultura, dos recursos do salário educação (Cr$ 1 bilhão, pelo menos)

As contas de Amaral podem ser vetadas pela Assembléia Legislativa

Apesar das irregularidades, o juiz recomenda, estranhamente, que as contas de Amaral de Souza sejam aprovadas. Mas seu relatório já repercutiu na Assembléia Legislativa, que deverá votar o balanço do Estado em outubro Embora os parlamentares quase não falem sobre o assunto, é possível que o PMDB e o PDT (que têm maioria na Assembléia) tentem uma composição com setores do PDS para conseguir os 12 votos adicionais de que necessitam para vetar as contas do governador. Façanha realizável apenas se 2/3 dos deputados votarem contra Amaral de Souza Já o líder do governo, Rubi Diehl, discursou a favor da aprovação das contas, com base na "idoneidade do Tribunal de Contas" que na realidade é nomeado pelo governador

O fato, porém, é que no momento em que as contas do governo do Rio Grande do Sul forem passadas a limpo no Legislativo gaúcho, desaparecerão muitos mistérios que rondam as operações financeiras da administração Amaral de Souza — a começar pelo Fundo de Habitação Popular, criado em 1973 pelo então governador Euclides Triches, com o objetivo de "eliminar no Estado o déficit habitacional para famílias de renda situada entre um e três salários mínimos". Só que a lei foi criada, mas não regulamentada, uma vez que Triches deixou o cargo dois meses depois.

A não regulamentação é apresentada no relatório do Tribunal de Contas como a "razão pela qual as expressivas dotações consignadas em orçamento não vêm sendo utilizadas como deveriam". O mais estranho, observa Nivaldo Soares, presidente da Comissão de Justiça e Paz da Assembléia Legislativa gaúcha, é que bastaria que um dos governadores assinasse um decreto estabelecendo as minúcias protocolares para detalhar a execução da lei.

Levantamento realizado pelo Gabinete de Assessoria Superior da Assembléia Legislativa mostra que os recursos do Fundhap vêm sendo utilizados indevidamente desde 1975. O ex-governador Sinval Guazelli, que ocupou o Palacio Piratini de 1975 a 1979, alegando motivos éticos — Amaral de Souza era seu vice se recusa, porem, a tocar no assunto. "De mais a mais, minhas cuntas foram aprovadas sem restrições", lembra ele

O descontrole em relação aos usos do Fundhap chegou a tal ponto que, enquanto o relatorio de Marcelo Tostes mostra que as dotações do Estado para esse fundo foram de Cr$ 262,8 milhões em 1980 (dado confirmado pelo GAS da Assembleia Legislativa), o Balanço Financeiro do Rio Grande do Sul, no capítulo "Endividamento do Estado", indica que o Fundhap recebeu Cr$ 680,5 milhões

A destinatária do Fundhap, a Companhia de Habitação do Rio Grande do Sul (Cohab-RS), também aparece no relatório do Tribunal de Contas — e mais de uma vez. Na primeira vez ela é mencionada por não ter atingido suas metas devido à escassez de verbas. A explicação encontrada por Marcelo Moreira Tostes para o fracasso é de que, a partir de agosto de 1980, o BNH teria deixado de aprovar a contratação de novos empreendimentos. Mais adiante o relatório constata — sem no entanto investigar as causas — que, das 23.859 unidades habitacionais contratadas pela Cohab (e, portanto, aprovadas pelo BNH), apenas 8.955 foram concluídas

A Cohab volta a ser citada na lista das empresas de economia mista que não enviaram ao Tribunal de Contas balanços para avaliação de sua situação financeira. Marcelo Tostes observa, porém, que tal procedimento não é inédito. O Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem (Daer), que também não alcançou suas metas, há 3 anos vem repetindo a façanha de não mandar seus balanços

Da relação das empresas que acharam supérfluo apresentar seus balanços fazem parte, entre outras, a Companhia Estadual de Desenvolvimento Regional e Obras, a Companhia Estadual de Silos e Armazens e a Vinicola do Sul (Vinosul). No caso dessas três empresas, foi constatada uma coincidência incômoda: há pelo menos quatro anos elas vêm registrando deficits operacionais Pelo jeito, não desejam que olhos estranhos tenham acesso aos números que dão uma radiografia de sua situacão. Afinal, isso poderia levantar questões muito delicadas

Quanto à Secretaria de Educacão. o relatorio do Tribunal de Contas assinala algo que é bastante curioso. Desde 1964, ano em que foi instituído o salário-família, a Secretaria vem utilizando a cota parte do Rio Grande do Sul "diretamente, à margem do orçamento", diz Marcelo Tostes Nos documentos enviados pela Secretaria, ele observou que, nos ultimos três anos, o número de crianças com idade para frequentar o 1.º grau cresceu 4,6%. Já o total de matrículas oferecidas pelo Estado diminuiu 2%. Com relação ao 2.º grau, a oferta de matrículas declinou 2,8% de 1977 a 1979 Enquanto isso, o número de pessoas com idade para cursar esse nível aumentou 8,5% Quanto ao total de estabelecimentos escolares, recuou de 14 832, em 1976, para 14.446, o que significa menos 3,3%

Apesar das irregularidades que constatou, o relator Marcelo Tostes não gosta de falar sobre as contas de Amaral de Souza, alegando ética profissional. "Qualquer explicação deve ser dada pelo presidente do Tribunal, uma vez que o material já foi entregue à Assembléia Legislativa". O presidente do Tribunal de Contas, Luciano Machado, depois de muito resistir, acabou concordando em responder a algumas perguntas, desde que de caráter "eminentemente técnico" e feitas por escrito. Depois de alguns dias, voltou atrás e negou-se a prestar qualquer esclarecimento. Uma atitude que só reforça o clima de suspeita em que estão mergulhadas as contas da administração gaúcha, que freqüentemente parece acreditar que dois e dois são cinco

Reportagem de Antero de Souza

UMA COLUNA DE POLÍTICA

Ô da política!

Daniel Aarão Reis Filho

Se não houver eleição, a culpa será do povo

Já disse aqui, na última coluna, que a renúncia do general Golbery iria abrir um período de turbulências. Num primeiro momento, os mais ingênuos pensaram que não. De fato, mal o bruxo do Planalto arrumou as malas, o país começou a dormir e a acordar ao som de um coro fantástico e inédito de generais apoiando a realização das eleições de novembro de 1982 e o prosseguimento da abertura democrática. A situação só não clareou de todo porque a Oposição cismava de pôr em dúvida a sinceridade dos generais. Mas não seria esta a prova definitiva de que a Oposição no Brasil é mesmo pirracenta? Não seria o caso, argumentavam os crédulos, de a Oposição tomar sal de fruta Eno e deixar de ser do contra?

Mas a situação não era, infelizmente, tão simples assim. O general Venturini, chefe da Casa Militar, veio a público declarar que as eleições seriam realizadas "se dependesse do governo". A minha pergunta foi a de todos: mas se os generais e o governo querem eleições, quem poderá impedi-las?

"O povo", mugiu o simplório secretário de Imprensa do presidente da República. Carlos Átila, guardem o nome da figurinha, trocando em miúdos, disse o seguinte: se o povo se comportar mal, como fez na Bahia; se resolver protestar de forma clara contra aumentos abusivos; se decidir deixar de ser carneiro, protestando contra as medidas que os tecnocratas vivem imaginando no alto de suas mordomias; bem, se fizer isto, então, meus camaradinhas, tenham paciência, mas não haverá boa-vontade de general, nem generosidade governamental capazes de bancar a realização de eleições.

O povo deve, portanto, segurar o rojão da inflação, da alta do custo de vida e do desemprego. E em silêncio. Senão, senão... será o culpado pelo adiamento da abertura...

Mas foi o general Walter Pires, ministro do Exército, na saudação do Dia do Soldado, quem sombreou ainda mais o quadro. Eu imaginava que o pessimismo de todo mundo era devido às dificuldades da situação atual, e para as quais ninguém vê com segurança uma solução. Também pensava que a insegurança geral era função do medo de perder o emprego, de não ter dinheiro para pagar o aluguel no fim do mês, de não ter condições de alimentar a família ou ainda de ser assaltado. Nada disso. O general Walter Pires, além de não falar uma palavra sobre eleições e abertura, declarou (por escrito) que "o pessimismo e a insegurança... se inserem em plano ardilosamente arquitetado para predispor a opinião pública contra o governo e as instituições militares..." Quer dizer, é o mesmo pessoal que colocou a bomba no Puma do Riocentro. (lembram-se? o coronel Job Sant'Ana não falou também numa ardilosa armadilha?) que está agora causando medo, pessimismo e insegurança na população. Como é que podemos ter eleições num clima desses?

Como se não bastasse, ainda foi necessário curtir o espetáculo que as forças e partidos de oposição estão dando semanalmente nas ruas e nas disputas por cargos e posições nas associações e sindicatos. O que seria da Oposição sem a polícia? Mês passado foi o vexame no Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo; seria impossível apurar as urnas sem a intervenção policial. No Congresso das Classes Trabalhadoras (Conclat), boa parte do tempo foi consumido em vociferações entre as correntes em disputa. Finalmente, houve o lance de três partidos de oposição (PMDB, PDT e PTB), lutando que nem urubus em volta do cadáver ou do busto de Getúlio Vargas. Disputando para ver quem tem o "direito" de falar em SEU nome. Mais uma vez a polícia foi chamada para apartar a briga. Seria pra rir, se não fosse pra chorar. Já não se pede lucidez a estes senhores, mas noção do ridículo. Será que não sabem que o ridículo mata? Quando é que vão saber seus verdadeiros objetivos? Quando vier o próximo golpe?

Os bancos milionários

Parece que eles estão em outro país. Não há sinal de aperto, lucros crescem em até 500% e altos executivos chegam a ganhar Cr$ 3 milhões por mês

Nem todos os setores da economia estão em crise. Enquanto as indústrias do Rio, de São Paulo, Belo Horizonte, Salvador, Recife e Porto Alegre demitem operários — e até executivos de alto salário — as empresas do sistema financeiro estão convocando assembléias para aumentar, em muito, a remuneração de seus diretores.

Os bancos comerciais, de investimento, financeiras e demais empresas do sistema financeiro jamais ganharam tanto dinheiro como no primeiro semestre deste ano. Pela Lei das Sociedades Anônimas, os diretores de empresas podem receber, a título de gratificação, até 10% do lucro ou quantia igual à remuneração do semestre A menor entre as duas opções

Como os lucros de alguns bancos cresceram mais de 400% entre o primeiro semestre deste ano e o primeiro semestre do ano passado, por conta da liberação das taxas de juros — que provocou recessão na indústria e no comércio e o desemprego em massa — suas diretorias querem propor o aumento dos salários mensais.

Nos 10 maiores bancos comerciais do país, os menores salários para cargos de diretoria são pagos pelo Banerj e Banco do Brasil. No Banco do Brasil, como em todas empresas e autarquias do governo federal, os vencimentos mensais não podem superar os Cr$ 337 mil recebidos pelo presidente Figueiredo (40 salários-mínimos).

Mas, embora não disponham das mordomias do presidente da República, todos os diretores do Banco do Brasil (são 14, fora três vice-presidentes) têm carro com motorista e gasolina em qualquer região de atuação no país. No caso do Banerj, o salário-teto para 11 diretores e seis vice-presidentes é de Cr$ 250 mil mensais, que é quanto ganha o riquíssimo governador Chagas Freitas, dono do jornal *O Dia* e um dos maiores proprietários de imóveis do Rio de Janeiro. Todos os vice-presidentes e diretores também gozam de mordomias: carro com motorista e gasolina farta. Alguns desses diretores, que acumulam outros cargos no próprio Banerj ou no sistema financeiro do Estado do Rio de Janeiro — como os vice-presidentes Pedro José da Matta Machado, funcionário aposentado do Banco Central, Ronaldo do Valle Simões, Paulo Sande e Matheus Schnaider, ex-secretário municipal de Planejamento do Rio — recebem outras compensações financeiras.

Os altos salários do BB e do Banerj, no entanto, são, porém, pequenos, se comparados ao que estão pagando os maiores bancos do país: Bradesco, Itaú, Real, Nacional, Unibanco, Bamerindus, Econômico, Mercantil de São Paulo e os bancos estrangeiros com filiais no Brasil.

O ministro da Fazenda, Ernane Galvêas, preocupado com a saída de técnicos do Banco do Brasil, Banco Central e Caixa Econômica Federal — também assustados com a possibilidade de a aposentadoria só ser concedida depois dos 60 anos — propôs ao presidente da República que o teto de Cr$ 337 mil seja desrespeitado para o funcionário que continuar trabalhando, mesmo tendo condições de se aposentar. Ele teria os direitos da aposentadoria, mais a remuneração pelo exercício atual da função

Nos departamentos de câmbio e mercado aberto dos grandes bancos privados, em que os funcionários graduados ainda não têm *status* de diretor, já se encontram salários superiores aos dos diretores do Banco do Brasil e do Banerj embora sem concessão de mordomias, exclusivas para os diretores

Um chefe de mesa de *open market* ganha um mínimo de Cr$ 300 mil mensais, sem contar a participação nos altíssimos lucros proporcionados pelas variações das taxas de juros dos títulos federais (Letras do Tesouro Nacional e Obrigações Reajustáveis do Tesouro Nacional), letras de câmbio, certificados de depósito bancário e debêntures, negociados no mercado aberto em operações sucessivas de financiamento por um dia. Muitas vezes, é o próprio Banco Central, ao comprar ou financiar essas carteiras de títulos, que proporciona altos lucros às instituições

O enorme volume de dinheiro que circula nesse mercado — mais de Cr$ 1 trilhão por dia — já deu margem a muitos casos de suborno e operações irregulares. Nem todos os golpes foram descobertos pelo Banco Central, apesar da onda de intervenções que atingiu o mercado financeiro no último trimestre do ano passado e nos primeiros meses deste ano.

No Bamerindus, o sexto grupo financeiro privado do país, o salário dos diretores foi reajustado recentemente para Cr$ 600 mil mensais. Os diretores que acumulam cargos no banco comercial e demais instituições do grupo são José Carlos Pupo Persson, Roberto Coutinho de Gouvêa, Otto Jaime Beckert e Ottorino Manni. Pupo Persson, por exemplo, acumula a diretoria do banco comercial com a diretoria da financeira e do banco de investimento do Bamerindus. Mas, nesses três cargos, só ganha Cr$ 600 mil. O mesmo ocorre com Coutinho de Gouvêa, diretor do banco comercial e das empresas de crédito imobiliário do Bamerindus. Gouvêa também representa o Bamerindus no Conselho de Administração do Banco Financial de Mato Grosso, do qual o Bamerindus detém 40% do capital

Com a distribuição de resultados do primeiro semestre, o salário mensal desses executivos foi dobrado para Cr$ 1.200 mil

No Unibanco, quinto maior grupo privado da área financeira, os salários são ligeiramente maiores do que os do Bamerindus. Um diretor ganha cerca de Cr$ 700 mil. Com administração profissional — pois há quase 10 anos o principal dono do Unibanco, o ex-embaixador Walter Moreira Salles, não tem função direta no negócio — o Unibanco tem algumas estrelas em sua diretoria

Vice-presidentes como Tomas Tomislav Zinner, Marcílio Marques Moreira, Israel Vainboim, Júlio Cesar Belisário Vianna e Gabriel Jorge Ferreira, que acumulam diversos cargos nas demais empresas do grupo, recebem em torno de Cr$ 1 milhão mensais. Com a distribuição do lucro semestral, esse salário é duplicado para Cr$ 2 milhões mensais. Ainda que o Imposto de Renda leve 55% — Cr$ 900 mil em 106 salários-mínimos — trata-se de uma quantia fantástica. Todos os vice-presidentes do Unibanco ainda contam com carro, motorista e gasolina.

No Bradesco, Itaú e Real, o nível salarial ainda é mais elevado. O lucro disponível do Bradesco cresceu 535% entre o primeiro semestre de 1980 e o primeiro semestre de 1981. O do Itaú, 321,9% no mesmo período. O do Nacional, 409%; o do Bamerindus, 482%; o do Banerj, 332%; o do Unibanco, 218,9% e o do Real, 1.000,2%

Esse crescimento foi transferido, em parte, para a diretoria. Computando-se a distribuição semestral, os principais diretores do Bradesco receberam (bruto) cerca de Cr$ 3 milhões mensais no primeiro semestre

No Itaú, o salário e gratificações dos principais dirigentes — Luiz Queiroz Guimarães, Alex Cerqueira Leite Thiele, Jairo Cupertino e Marcos Konder Camparato vão de Cr$ 2 milhões a Cr$ 2,5 milhões mensais

No Real, terceiro grupo financeiro privado, o nível salarial, incluindo gratificações dos principais dirigentes, está em torno de Cr$ 2 milhões mensais. Acima desse nível, porém, está o vice-presidente Juarez Soares, hoje principal executivo das instituições financeiras Real.

Entre os 10 maiores bancos privados, o menor nível salarial é o do Nacional. O banco do deputado Magalhães Pinto (PP-MG), hoje dirigido por seus filhos, que o controlam, paga Cr$ 300 mil mensais a seus diretores. Com a gratificação semestral, o rendimento dobra para Cr$ 600 mil. Os principais diretores do Nacional também acumulam cargos em outras empresas do grupo, recebendo um salário simbólico, o mínimo, às vezes. Todos, porém, têm carro, com gasolina e motorista à disposição

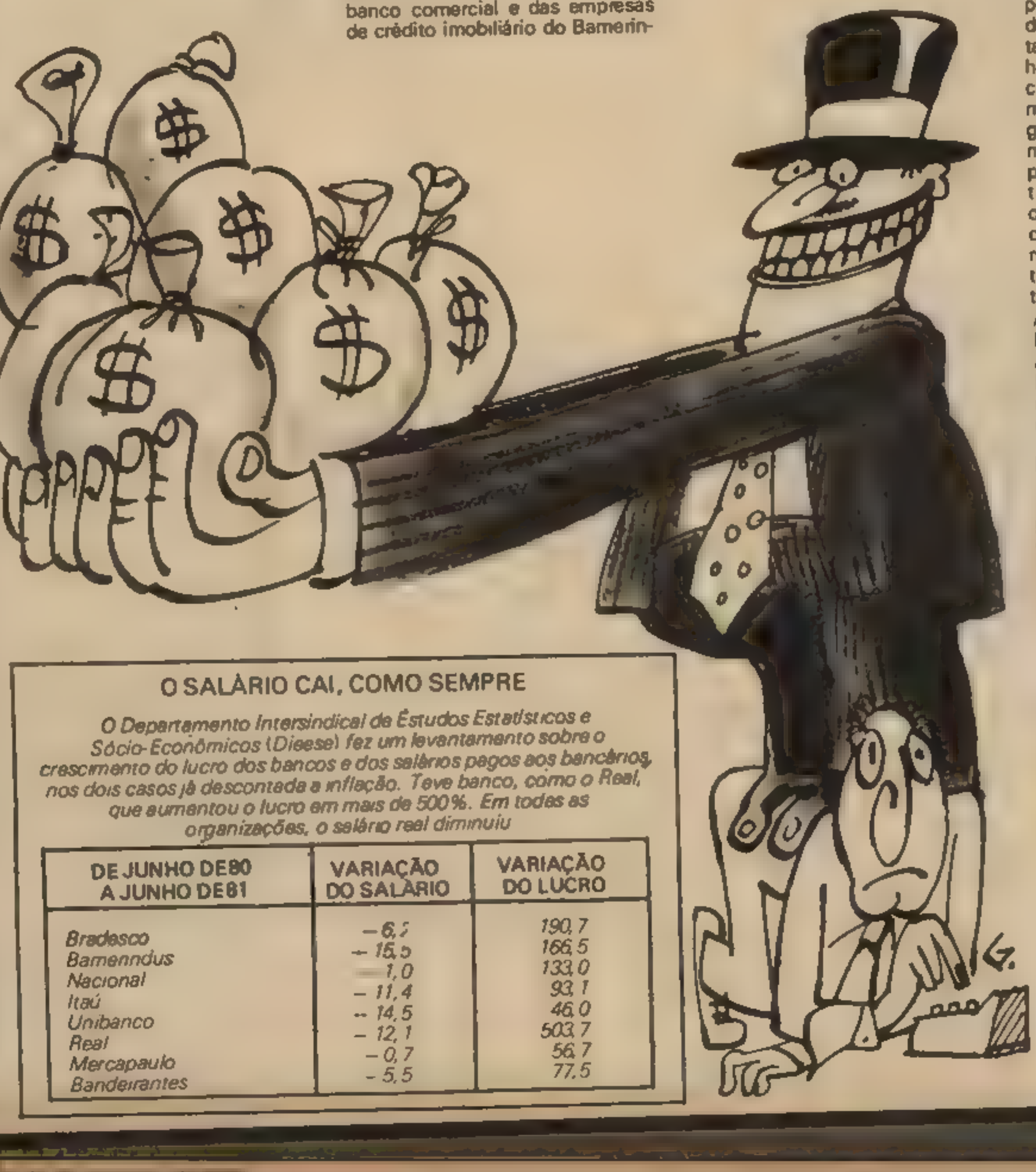
Apesar do salário menor, o Nacional tem uma política flexível. Até hoje o ministro do Trabalho, Murilo Macedo, ex-funcionário, recebe um pró-labore simbólico mensalmente.

Quem paga muito bem são os bancos estrangeiros. Seus representantes no Brasil recebem em dólares. O salário varia de US$ 5 mil a US$ 10 mil por mês — Cr$ 500 mil a Cr$ 1 milhão. E os diretores de bancos estrangeiros instalados aqui, incluindo as gratificações, não ficam muito atrás, embora seja regra quase geral o pagamento em cruzeiros.

Os diretores do Citibank e do Lar Brasileiro, os dois maiores bancos estrangeiros no Brasil, recebem em torno de Cr$ 700 mil mensais, fora gratificações

E, como é proibido a bancos concederem empréstimos a seus diretores ou acionistas com mais de 10% do capital, há entre os bancos estrangeiros — como entre os nacionais, em menor escala — uma intensa *troca de chumbo*: diretores do Lar Brasileiro têm limites de *cheque especial* de até Cr$ 400 mil no Citibank, concedidos antes de o Banco Central fixá-los, no início do ano, num máximo de Cr$ 50 mil. A recíproca é verdadeira.

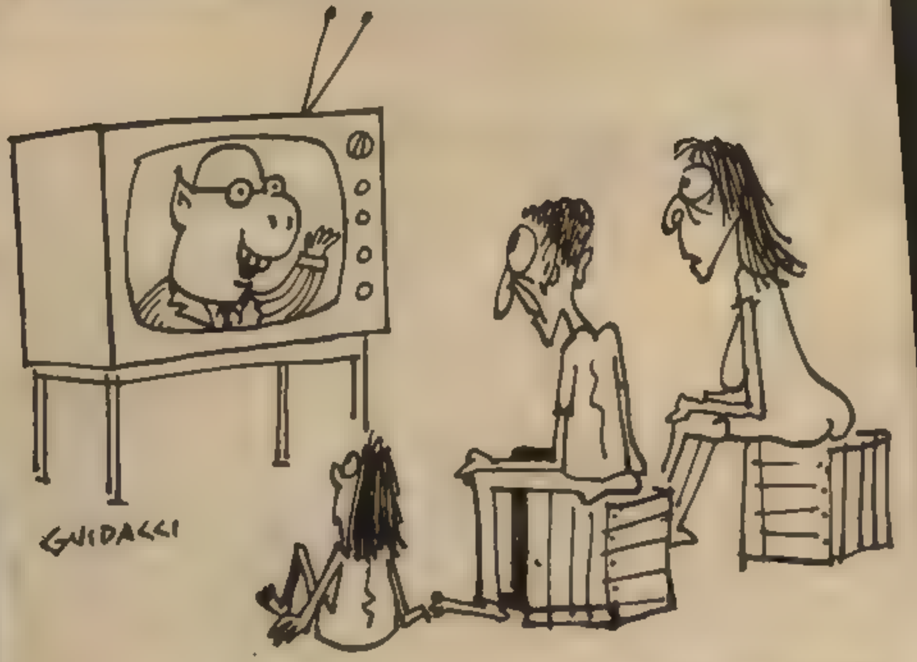
Gilberto Menezes Cortes



O SALÁRIO CAI, COMO SEMPRE

O Departamento Intersindical de Estudos Estatísticos e Sócio-Econômicos (Dieese) fez um levantamento sobre o crescimento do lucro dos bancos e dos salários pagos aos bancários, nos dois casos já descontada a inflação. Teve banco, como o Real, que aumentou o lucro em mais de 500%. Em todas as organizações, o salário real diminuiu

DE JUNHO DE 80 A JUNHO DE 81	VARIAÇÃO DO SALÁRIO	VARIAÇÃO DO LUCRO
Bradesco	– 6,[illegible]	190,7
Bamerindus	– 15,5	166,5
Nacional	– 1,0	133,0
Itaú	– 11,4	93,1
Unibanco	– 14,5	46,0
Real	– 12,1	503,7
Mercapaulo	– 0,7	56,7
Bandeirantes	– 5,5	77,5



Programa pra explicar por que a fome é necessária:

TELECURSO DO ÚLTIMO GRAU

A maré não anda, sabidamente, pra peixe. Juca Macunaíma estava pensando isso logo após ter lido as mais recentes estatísticas sobre desemprego, que vêm engordando mês a mês (e daqui a pouco estarão mais gordas que o ministro Delfim Netto). Já o povo continua emagrecendo, pois as compras de alimentos estão se tornando cada vez mais minguadas. Um sacrifício necessário, diz Delfim, para que o país enfrente os problemas da inflação e da dívida externa. Muito bem, muito bem... Então, pensou Juca Macunaíma, como estamos (ao que dizem) em plena época de abertura política e já que temos à disposição esse poderosíssimo meio de comunicação de massas que é a televisão, por que não explicar ao povo claramente por que é preciso apertar o cinto? A imaginação de Juca se agitou e logo o nome do programa ideal para isso surgiu claro à sua frente. *Telecurso do Último Grau*, ou seja, do *Último Grau de Inanição.* Na primeira aula o governo deveria explicar por que liberou neste momento o preço do café para o consumidor brasileiro, fazendo com que em alguns casos o quilo do produto vá a 380 pratas. O governo poderia mostrar, então, que o brasileiro toma cafezinhos demais por dia e que isso faz mal à saúde. Além disso, é preciso guardar café para o futuro, pois com a geada haverá pouco café para exportar no ano que vem. E o consumidor estrangeiro tem sempre preferência sobre o consumidor brasileiro, pois paga em dólar. No caso do pão, o governo mostraria com gráficos que uma simples bisnaga está custando, pelo menos, 200% mais do há um ano, o que é muito justo. Afinal, diria o governo, para fabricar pão barato temos que gastar os tubos importando trigo. Como precisamos cortar importações, decidiu-se aumentar fortemente o preço do trigo para reduzir o consumo aqui dentro e, conseqüentemente, os gastos em dólar com a compra desse cereal. Mais uma vez o consumidor brasileiro estaria sacrificando sua saúde por uma boa causa. Se algum aluno perguntasse por que não se procurou estimular, já há vários anos, outras culturas (como o milho), que podem ser facilmente produzidas aqui e que substituem o trigo, ou por que o governo não corta os gastos com o programa nuclear em vez de tirar o pão da boca do povo, este cara seria devidamente punido. Durante três dias teria que comer no almoço e no jantar a famosa sojoada, lançada no ano passado pelo Ministério da Agricultura. O *Telecurso do Último Grau* poderia ser aproveitado, também, para despertar no brasileiro um tremendo instinto de repúdio à alimentação excessiva. Durante vários dias seriam exibidos filmes sobre a vida dos mais famosos faquires do mundo e de como suas façanhas lhes granjearam respeito e fama internacional. Além disso, o *Telecurso* daria um prêmio valioso (um enterro de primeira classe, com direito até a honras militares) aos 10 primeiros colocados no concurso *O Faminto Padrão-1981*. Quem agüentasse mais tempo s[illegible] comer nada seria considerado vencedor. É preciso, porém, ser realista. Os planos oficiais podem não dar certo. Talvez o povo não goste muito dessa idéia de passar fome para gerar dólares. Talvez o povo — esse ingrato — menosprezaenterros de primeira classe e alguns subversivos certamente lançarão o *slogan: Feijoada ou Porrada* para incitar as massas contra as medidas de contenção alimentar propostas pelo governo. O que fazer, então? Bem, nesse caso, pensou Juca, o governo será obrigado a reconhecer que está perdido e que, provavelmente, algumas das mais altas autoridades da República e alguns tecnocratas brilhantes correm o risco de serem assados como leitões (perdão, cabritos) nos caldeirões populares. Como o *Telecurso do Último Grau* jamais negará, porém, seu sentido de utilidade pública, [illegible] caso a última aula deverá explicar detalhadamente como fazer bons assados e como tornar macias carnes enrugadas e pelancudas. É claro que essa é uma hipótese remota. Mas desde já é recomendável, por medida de segurança e para evitar maus exemplos, que ministros excessivamente redondos sejam submetidos a rigorosos regimes macrobióticos ou substituídos por ministros secos e que não tenham tendência a engordar. Ministros com nomes apetitosos, que dêem água na boca do povo, também devem ser cuidadosamente postos de lado. Afinal, pensou Juca Macunaíma, maus exemplos como esses não contribuem em nada para melhorar a imagem do governo junto à faminta opinião pública.

Ricardo Bueno

caixa 2

Ricardo Bueno

Este país podia ser melhor. Dizia Glauber

A morte do cineasta Glauber Rocha significa, entre outras coisas, o fim de um intelectual que procurava pensar o Brasil de um ponto de vista brasileiro — e não a partir da mera cópia de modelos importados. Glauber (amargurado) cansou de dizer que a intelectualidade brasileira não podia continuar deslumbrada com o que acontecia na Itália, na França, nos Estados Unidos, etc, e que precisava voltar os olhos (e a cabeça) para o Brasil.

O que é que isso tem a ver com a economia? Muita coisa, pois no momento está sendo cruelmente aplicada aqui uma fórmula trazida prontinha de países desenvolvidos, com uma estrutura econômica completamente diferente da nossa. Essa fórmula é a recessão. Obedecendo aos desejos dos banqueiros internacionais, a quem devemos dezenas de bilhões de dólares, o governo brasileiro cortou investimentos públicos, encareceu brutalmente o custo do dinheiro, cortou crédito para as empresas. Em resumo, empurrou a economia para o buraco.

Essa fórmula — a recessão — é aplicada nos países ricos por economistas conservadores que trabalham para governos igualmente conservadores. Milhões de pessoas vão para o olho da rua a pretexto do combate à inflação. Só que, nesses países, o sujeito que vai para o olho da rua tem direito ao seguro-desemprego, a selos que dão direito a alimentos de graça. Sua situação não será completamente trágica se outros membros da família estiverem empregados, garantindo uma renda razoável.

No Brasil o papo é outro. O desemprego conta com o FGTS e só (quando conta). Acabando a grana do fundo, pinta o desespero, a fome, não há mais como pagar a prestação da casa própria. Não existe seguro-desemprego, nem distribuição gratuita de alimentos; e mesmo que outras pessoas da família trabalhem, a situação fica negra.

Assim, a recessão no Brasil — um país em que o grosso da população é pobre — tem efeitos muito mais cruéis do que num país rico. Mas nossos economistas oficiais não dão bola para isso e falam do desemprego e da recessão com uma frieza glacial. As bestas dizem, tranqüilamente, que ela é inevitável, senão a inflação iria para os cornos da lua e a dívida externa dispararia como um foguete desgovernado.

Será verdade? Essa é uma das mais grossas mentiras já vendidas à opinião pública nacional. Recessão é a única saída se mantido esse modelo econômico que atrelou a sorte do Brasil à sorte da economia mundial. Aí, se a economia mundial vai mal, como vai no momento, o Brasil também entra pelo cano. Esse processo de internacionalização da economia brasileira, essa história de abrir a economia para o exterior, levando o país a se endividar cada vez mais e a desprezar de forma crescente as potencialidades de seu mercado interno é que está matando a pau o trabalhador brasileiro.

Imaginemos um quadro diferente. Um governo democrático no poder. Em primeiro lugar, ele renegociaria a dívida externa para sair do sufoco. Pediria prazos mais longos para pagar e juros menores. Então, poderia tranqüilamente mudar toda a política econômica para combater a inflação e, ao mesmo tempo, gerar mais empregos. Investimentos em transportes de massa, reforma agrária para distribuir terras e multiplicar a produção de alimentos, aplicações maciças na área social (saneamento, água, energia elétrica, casas populares, creches, escolas, hospitais, etc).

Essas aplicações gerariam muitos empregos e, se adequadamente planejadas, não seriam inflacionárias. Partir para isso é pensar o Brasil longe da recessão, é pensar o Brasil como um país pobre, que precisa desesperadamente se desenvolver, é pensar o Brasil como um país que precisa dar mais alimentos, condições de saúde, casas, lazer ao grosso de sua população. Agir assim é pensar o Brasil colocando os interesses de seu povo em primeiro lugar. É pensar, enfim, um Brasil em que Glauber Rocha não teria tanta amargura de viver.

LEITORES

Estão acabando com o SENAI

A quem possa interessar e queira ajudar famílias desesperadas.

. . . — Estão acabando com o SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial).

As denúncias que aqui faço poderão ser todas comprovadas por empregados lotados nas escolas do Senai ou em sua sede, na avenida Paulista, 750, bem como alunos das escolas.

Quando se ouve falar, nas emissoras de rádio ou TV, que as Volks e GMs da vida estão demitindo adoidado, eu não saberia que adjetivo usar para o Senai, que de fevereiro até o fim de maio demitiu aproximadamente 250 (duzentos e cinquenta) funcionários, e até o final deste mês (junho) deverá demitir cerca de 500 (quinhentos).

Se somarmos, teremos 750 elementos, o que é um número pequeno, comparando com a Volks e a GM. Mas, analisando, veremos que para uma entidade que possuía perto de 4.200 (quatro mil e duzentos) funcionários, esta quantidade é realmente muito grande.

1. O Senai é uma entidade voltada para o ensino; no entanto, sua força atual é a administração. O Senai possui 16 divisões, sendo que 3 (três) se dedicam plenamente ao ensino e 13 (treze) são administrativas.

2. As demissões atuais afetam por completo as três divisões de ensino, enquanto as administrativas pouco são prejudicadas.

3. A diretoria do Senai virou "cabide de emprego" na administração do dr. Paulo Ernesto Tolle. São cunhados, sobrinhos e outros parentes e amigos ocupando cargos de chefia.

4. Um grande exemplo é o prof. Jair da Costa Neves, diretor adjunto, que acumula o cargo de secretário de Educação do Município (ganhando dos dois lados).

5. Funcionários estão sendo coagidos a solicitar diminuição de horário de trabalho como, por exemplo, as telefonistas, que passaram a trabalhar 5 horas por dia, tendo um prejuízo salarial de quase Cr$6.000,00 por mês.

6. Supervisores de Ensino estão sendo coagidos a pedir reversão de cargo, voltando a ser professores, instrutores-chefes ou mesmo simples instrutores. Esta reversão implica diminuição salarial de até 50% e demissão de um elemento, para onde ele for ocupar o cargo. A não aceitação do supervisor na reversão de seu cargo leva-o à imediata demissão. Esses supervisores são funcionários que, no mínimo, possuem de 10 a 12 anos de serviços prestados à entidade.

7. O dr. Vidigal, em recente entrevista, afirmou que, devido à crise por que passa o Senai atualmente, havia paralisado todas as obras. No entanto, gasta-se aproximadamente 100 milhões de cruzeiros mensalmente na construção de escolas, como por exemplo a de Suzano, Piracicaba e Americana. Assim, enquanto são demitidos 750 funcionários por falta de verbas para pagá-los, constroem-se escolas. É possível isto?

8. No início do ano foi colocado nas escolas técnicas do Senai um material didático de Química e História (apostilas), porém, em fins de março, esse material foi totalmente recolhido para o almoxarifado, inclusive aquele utilizado pelos alunos. Esse material — 3.000 (três mil) coleções de cada disciplina — foi, por ordem do dr. Paulo Ernesto Tolle, destruído porque a redação não o agradava. O material custou aos cofres do Senai mais de Cr$3.000.000,00 (três milhões de cruzeiros). Como confirmação, entrevistem os alunos nas escolas técnicas.

9. Convém esclarecer que das 500 demissões previstas para o fim do mês de junho, a maioria será de professores e instrutores.

10. A Grade Curricular foi modificada e os professores sofreram uma redução de 30% em suas aulas (Matemática, Desenho, Ciências e Português).

11. O curso noturno, que atende adultos (trabalhadores, em sua maioria), pode-se dizer que praticamente acabou, pois foi reduzido em aproximadamente 70%.

POLÍTICA ANTI-INFLACIONÁRIA CRIMINOSA!

Estive lendo o comentário de Ricardo Bueno sobre os constantes aumentos dos produtos alimentícios de primeira necessidade. Entretanto, devo informá-lo de que a política antiinflacionária de Delfim Netto visa a controlar a inflação com aumentos de tudo; quando ele matar metade da população brasileira de fome terá alcançado sua meta ambiciosa de pagar a dívida externa e reduzir a inflação.

A inflação acumulada em 12 meses caiu de 120,2% para 117,3%. O INPC de junho caiu 4%. Os reajustes de salários de agosto serão de 38,9%.

Desta forma, o trabalhador contará com salários menores (a inflação caiu e, com ela, o INPC) para se sustentar e à família, adquirindo produtos com preços majorados com antecedência pelo bem nutrido ministro Delfim Netto.

A história da queda da inflação é bem fácil de ser contada: de janeiro a meados de maio houve uma queda na venda de alimentos em São Paulo da ordem de 47%.

A inflação caiu porque o brasileiro reduz a compra de produtos alimentícios de primeira necessidade e a queda da inflação acaba de achatar o salário de todo mundo.

Os admiradores do Rasputin brasileiro vêem a televisão dizer que a inflação baixou porque o brasileiro, finalmente, está aprendendo a programar suas compras e a gastar (o seu dinheiro) melhor, evitando a compra daquilo que é superficial ou supérfluo.

É gozado: a indústria de eletrodomésticos anda em recessão e desempregando gente há muito tempo. A queixa do comércio, de que as vendas vêm caindo, foram feitas

Edson Hilário Freitas
Ribeirão Pires (SP)

Recado ao repórter

Tim Lopes, meu menino!

Fiquei muito emocionado com a narração contida na sua matéria ("Um repórter na maratona"). Ao ler, fiquei impressionado com o tipo de narração e pensei: "Agora tenho certeza, é isso o que eu quero ser: jornalista". Uma forma linda, emocionante. Admiro você desde que fizeste uma reportagem sobre o trabalho no Metrô, em que você se travestiu de trabalhador e fez a reportagem. Você ficou sendo o meu melhor jornalista, junto com a Aninha Bahiana, o Tárik de Souza e o Carlinhos de Oliveira. Me decidi a ser jornalista recentemente, apesar de sempre ter gostado de jornais, informação e de muita gente ter gostado de coisas que eu escrevi. Diziam que eu levava jeito para escrever. Mas quando acabei o 2.º grau, não sabia ao certo qual carreira escolher. Optei no meu primeiro vestibular por Economia, por ter um currículo mais perto de Ciências Políticas, que me interessa muito. Mas não passei, então dei um tempo para pensar no que realmente pretendia profissionalmente. Nesse intervalo estou fazendo um curso de teatro. Essa fase de indecisão, acho que foi superada definitivamente hoje com a leitura da sua matéria. Mas uma coisa que ainda penso é como eu posso ajudar mais imediatamente as pessoas, já que acho que o jornalismo não dará isso às pessoas. Deixa eu me explicar: é que, por exemplo, um psicólogo pode ajudar mais rápido um doente do que eu, denunciando as causas que levaram essa pessoa a adoecer. Ainda que esta denúncia sirva para preparar a sociedade para receber essa pessoa.

Falarei agora do REPORTER. Nos dois primeiros anos eu não perdia um número, mas depois o jornal começou a ter uma variação de qualidade, piorando e melhorando, como se ele não fosse editado pela mesma pessoa.

Detesto a seção **Passarela**. Podia ser artisticamente mais informativa e menos coluna social. Acho também dispensável a coluna do Evandro de Castro Lima, mas é suportável. Acho que outros leitores se desestimularam porque a seção de cartas não tem mais peso. Ou não existe?

Até logo e um beijo no coração.

Nilo Sérgio — Rio de Janeiro — RJ

Sua capacidade para "OBSERVAR MELHOR" os detalhes, faz com que Você seja mais inteligente que os demais

Neste grupo de 10 ATABAQUES, dois são idênticos.
Marque-os com um "X" e envie HOJE MESMO esta folha com todos os seus dados.
PELA VOLTA DO CORREIO, RECEBERÁ UMA AGRADÁVEL SURPRESA.

Só basta saber ler e escrever • ESTUDE hoje e TRIUNFARÁ amanhã!

CURSOS QUE ENSINAMOS

☐ ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS ☐ DESENHO HUMORÍSTICO ☐ SECRETARIADO COMERCIAL
☐ BELEZA FEMININA ☐ CORTE E COSTURA ☐ ARTE DOCEIRA
☐ ELETRICIDADE ☐ CONTABILIDADE ☐ ENFERMAGEM
☐ RELOJOARIA ☐ FOTOGRAFIA ☐ INGLÊS

MÉTODOS QUE ENSINAMOS

NÃO IMPORTA SUA IDADE

☐ HIPNOTISMO ☐ MEMÓRIA ☐ DEFESA PESSOAL ☐ MÁGICA *(para divertir-se)*

PARA AMBOS OS SEXOS

PROMOTORA PROFISSIONAL BRASILEIRA
R. Barão do Flamengo, 32 — 2.º andar — Rio

ENVIE SUA CARTA OU CUPOM À
Caixa Postal 16121
20.000 - RIO DE JANEIRO - R. J.

401

Solicito, GRÁTIS e sem compromisso, Folhetos Informativos
Nome ______
Endereço ______
Cidade ______ *CEP* ______
Estado ______
Curso que deseja estudar ______

AMERICAN BAR CLUB
música ambiente e ao vivo
seresta, bossa nova
samba, MPB variada
classe A

Aberto após às 14 horas
Av. São Luís 153 / loja 16 — subsolo
GALERIA METRÓPOLE
Reservas: 258-6448 (com a senhorita Lucia)

CONTOS ERÓTICOS

O autor de trabalho publicado pode apanhar Cr$ 2.500 aqui na redação, tão logo o jornal chegue às bancas. O primeiro concurso do REPORTER está aberto até o dia 30 de novembro. Escreva no máximo, 150 linhas.

O CONFESSIONÁRIO

Hoje é sexta-feira, dia do padre Antônio aparecer por aqui. Madame Lúcia recomenda que eu mantenha a cama arrumada, troque os lençóis e dê uma geral na bagunça do quarto. O padre é freqüentador da casa há mais de vinte anos, e sabe-se que ele é homem de bons modos, com mania de asseio. Merece atenção e cuidados dobrados: a madame diz que todas as mulheres que vivem no castelo — é assim que ela chama a casa — bem como todas que aqui viveram, já foram sacramentadas nas mãos do padre. No dia em que a novata chega, é logo reservada para ele; a primeira noite é sempre dele. A única chance que a mulher tem de escapar dessa é o caso do padre Antônio não gostar dela. Mas isso nunca acontece, nunca aconteceu, pois o bicho é mulherengo mesmo. Papa todas, como se diz. Madame Lúcia é puta velha, tarimbada na arte de sacanagem, com mais de trinta anos dentro de casas de zona. Conhece direitinho os hábitos e as manias de cada freguês. Já foi famosa; inclusive, uma das mulheres mais famosas de sua época, procurada por tudo quanto era macho. Dizem que era endiabrada, fazia amor de todo jeito, na posição que o homem desejasse, com quantos homens lhe procurassem. Hoje já não faz mais nada disso, coitada, só cuida da casa e zela pelas meninas.

O padre chega cedo, disfarçado sempre, no mais tardar sete horas da noite. Também tem uma coisa: nunca fica até depois de nove horas. Faz o que veio fazer, se realiza direitinho, depois pega o caminho de casa. Que é o caminho da igreja, né? Ninguém sabe muito bem sobre a vida dele, pois é freguês de pouca conversa. No domingo nós vamos todas pra igreja, na missa de dez horas da manhã. Eu fico olhando o padre Antônio celebrar a missa e fico pensando: como é que pode, safado desse jeito, ficar aqui falando em nome de Cristo? Mas a vida é assim mesmo, ninguém é do jeito que aparenta ser, todos nós temos nossas culpas, nossos desvios. Não sei se estou certa, mas é assim que eu penso.

Padre Antônio é muito cismado. Ele não vem só pra afogar o ganso e dar o fora, não. Faz umas exigências que, no começo, nas primeiras vezes, eu estranhava. Depois acostumei, ou não acostumei, mas a verdade é que não me importo. Eu deixo. Não gosta, por exemplo, que a mulher que vai ficar com ele tome banho no dia, na sexta-feira. Diz que gosta do cheiro de suor, "do cheirinho natural da xoxotinha". Natural ou não, pra mim ele gosta é de sujeira. Enfia a cara entre as pernas da gente e fica lambendo e resmungando, falando umas coisas que não dá pra escutar. Aliás, eu gosto disso, viu. Disso eu gosto, você pode até escrever aí. Qual é a mulher que não gosta de uma língua quentinha brincando lá dentro, um bigode grosso fazendo cócegas pra lá e pra cá? E o padre faz isso direitinho; é a melhor coisa que ele faz. Só é ruim quando resolve vir por cima. Pesa feito um porco barrão e tem um fedor de coisa azeda que eu não sei o que é. E o negócio não endurece direito, fica que entra não entra. Mas isso eu não posso falar, não, madame Lúcia não gosta. Ela diz que o confessionário é sagrado. Foi ela quem inventou esse negócio de chamar quarto de puta de confessionário, porque ninguém deve saber o que se passa lá dentro. Só mesmo os dois, ou quantos estiverem lá dentro na hora. E ela tem razão, porque senão os fregueses se afastam da casa, não é mesmo? E dessas coisas a madame entende como ninguém.

Tem outra história que eu queria te contar. Mas essa é sobre o meu homem, homem meu, mesmo. Com ele é que eu vou pra valer, deito na cama cheia de vontade. E isso é preciso, viu, independente de toda safadeza. Nesta vida aqui a gente precisa ter um homem legal, pra foder na base do amor, poder beijar na boca, essas coisas. Um homem assim, como um amante de fé, como se fosse um namorado mesmo. Um namorado, por que não? Ele se chama Ariovaldo, trabalha numa oficina mecânica aqui perto. A gente deita junto uma média de três vezes por semana, às vezes mais, às vezes até perde a conta. Quando ele está com saudades, vem; quando eu estou com vontade, mando chamar na oficina, aí vai a tarde toda. Ele vem sempre à tarde, porque a noite já se sabe que é dos fregueses. É trabalho, né? É horário de trabalho, como se diz. Agora eu achei engraçado. Mas é trabalho mesmo, que é que eu vou dizer! É um carinho só, o meu Ariovaldo. Tem sempre um cheirinho de graxa misturada com gasolina, uma gostosura. Passa o fim de semana inteiro se lavando, coitado, pra tirar a sujeira. O pior é que quando acaba de limpar a última unha, já é segunda-feira. E sempre fica o cheiro, entranhado nas carnes. Até nas partes tem o danado do cheiro. Ele tem mãos grossas, calejadas. Quando alisa meu corpo dá a impressão de que está me arranhando, de leve, no biquinho do peito, na barriga... Ai, meu Deus, homem é a melhor coisa deste mundo. Mas assim, como eu estou falando. Homem que trepa no amor, que não tem nojo da gente, que lambe, morde, chupa, passa horas metido dentro da gente sem pagar nem receber nada. Assim, homem vale muito a pena.

Tem meninas aqui dentro que gostam de mulher. Fazem tudo na cama com os fregueses, mas preferem as iguais. Deus me livre! Boceta, basta a minha, você não acha? Tem duas aí que são como casadas. Dormem juntas, só almoçam juntas, sentem ciúmes uma da outra e tudo. Outro dia eu entrei, sem querer, no quarto delas e peguei as duas no maior amor, no maior carinho, parecendo homem e mulher mesmo. Aliás, deixa eu falar baixo, a madame nem sabe dessa história. Se souber, manda as duas embora na mesma hora. Ela é totalmente contra, diz que desmoraliza o castelo, que é porcaria, não sei o quê. Eu não acho que seja porcaria nem desmoralize coisa nenhuma. Nesse ponto eu sou avançada. Não faço porque não gosto, não é a minha, não nasci pra isso, fim de papo. Amanhã mesmo eu vou passar o dia com o Ariovaldo, numa cachoeirinha que tem aqui perto, que só nós dois conhecemos. Lá não dá outra coisa. É amor a tarde inteira, de todo jeito, espantando a tristeza. Depois eu te conto. Agora me dê licença, são quase sete horas, o padre deve estar chegando.

Katia Cilene

Após o sucesso da primeira operação...

PITANGUY OPERA TODO O MINISTÉRIO

FOTO EXCLUSIVA

REPORTER

Mude você também. Procure o INAMPS!

REPORTER

Quinzenal — 16 de setembro a 6 de outubro de 1981 — Nº 52 — Ano IV — Cr$ 70,00 AUTÔNOMO INDEPENDENTE

MORAL DO ABC

OPERÁRIOS EXIGEM CABAÇO

O único cantor macho do Brasil é a Betânia!

GLAUBER ROCHA
ENTREVISTA INÉDITA
P. 10 e 11

IGREJA INSUFLA AS MASSAS

POSTER P. 12 e 13

QUE SACO!

REPORTER

O Passarinho está querendo crucificar os padres. É, e não adianta dizer que "eu não estou acusando a Igreja". Está sim, porque a Igreja é o Papa, os cardeiais, os bispos, os padres e todos os católicos. E todo mundo sabe que a maioria esmagadora dos bispos, padres e católicos apóia os pobres quando eles invadem os terrenos urbanos ociosos e as terras onde os latifundiários não planta ou quer expulsar gente para colocar boi.

E quem não apóia?

O problema é esse: eles acham que"dão" a abertura, e que ninguém tem o direito de tomar nada ou de querer mais.

O diabo é que as pessoas querem e não se convencem de que não pode. Elas estão querendo há muito tempo e querendo muitas coisas. Claro que o galo esperneia e o passarinho pia quando outros querem invadir o seu terreiro.

Importante, é que eles ficam cada vez mais isolados, até o PP, "o partido dos banqueiros", é da oposição. As federações de empresários, que não morrem de fome, vivem pedindo liberdade de pressão sobre o governo; os pelegos estão sendo expulsos dos sindicatos de trabalhadores e tome greve; a classe média está sufocada pela inflação e pala TV a cores. Os sem-terra, sem-casa, sem-saúde, sem-transporte, sem-emprego, sem-dinheiro, sem-prazer na vida e, sobretudo os sem-educação estão de saco cheio, prezada autoridade.

Agora, não vem dizer que a culpa é nossa se V.Excia. não entende isso por bem. Acaba tendo que entender por mal.

POEMA AO DEUS DARÁ

Situação atual
Comeu a batata
da perna,
Deixou o peru pro natal.

Xirumba

REPORTER

EDITORES — Eduardo Homem, Luiz Alberto Bettencourt, Pipsi (Arte)
REPORTAGEM — Rio de Janeiro: Tim Lopes, Francisco Viana, Ricardo Bueno. São Paulo: Alex Solnik, Rivaldo Chinem. Recife: Beth Salgueiro Salvador: Mariluce Moura
FOTOGRAFIA — Rio de Janeiro: Chiquito Chaves São Paulo: Manoel Isidoro. Recife: Valdir Afonso, Gleide Selma
ARTE — Ana Maria Martins, Guidacci
CIRCULAÇÃO — Simeão Marques
PUBLICIDADE — Maria Izabel Rodrigues Azedo (Rio), Isaias Justo Reis (São Paulo)
DEPARTAMENTO JURÍDICO — Luiz Celso Araújo (Rio), Carlos Eduardo Costa Pereira (Recife)

REPORTER Autônomo Independente é uma publicação da MARGEM S.A. EDITORA E GRÁFICA Rio de Janeiro: rua Miguel Couto 134/11.° Tel· 263-6038/263-6077 São Paulo: rua do Seminário 165, sala 30. Tel. 227-7175
Composição — Editora Mory, rua do Resende 65, RJ
Impressão Gráfica e Editora Jornal de Hoje, rua Kennedy 101/111, Nova Iguaçu, RJ

OS INVASORES

FOTONOVELA DE
CHIQUITO CHAVES E EDUARDO HOMEM

1-Eles chegaram [illegible] estranhas naves...

2-...e seus exércitos invadiram o morro alheio.

3-As autoridades, alertadas, cercaram o inimigo externo.

4-

5-Os invasores atacaram insultando a Lei e a Ordem...

6-...mas foram obrigados a recuar.

7-Estabeleceu-se a confusão entre as hordas inimigas...

8-...e muitos voltaram à nave para reabastecimento.

9-Vitoriosas, as forças do planalto ordenaram a rendição dos invasores..

10-..que recolheram suas armas e foram lançados de volta ao espaço sideral.

O operário.

O casamento é o sonho de homens e mulheres... mas nenhuma escapa da cantada na linha de produção

Foto Vera Simonetti

Qual a moral da classe operária brasileira? REPORTER entrevistou dezenas de trabalhadores do ABC paulista — metalúrgicos, têxteis, químicos — homens e mulheres que batalham juntos no dia-a-dia e que, pelo menos ao nível do trabalho, têm os mesmos problemas. Por suas respostas a questões como virgindade, homossexualismo, infidelidade, direitos da mulher, percebe-se que os operários, como classe social, nada têm estruturado em relação à moral. Ou seja, seus valores são pessoais e não diferem dos da classe média. Variam, isto sim, de acordo com a idade — os jovens são mais abertos — e com o sexo — muitas mulheres estão preocupadas com as coisas que o homem pode e elas não. No conjunto, não seria exagero afirmar que a classe operária é conservadora, como o é a sociedade brasileira. As organizações de esquerda, que têm atuação no meio operário, não discutem as questões da moral nem entre seus militantes, muito menos com a "massa". Acham que a prioridade é a luta pelos salários, pelo direito de greve, etc; e de prioridade em prioridade fazem como se o sexo, o direito ao prazer fossem coisas do outro mundo. Não há, portanto, entre os comunistas, uma política para o assunto, embora eles não se cansem de criticar a moral "burguesa" em nome de uma moral "proletária", que só existe nos livros marxistas. Outro problema é que não há qualquer pesquisa sobre o tema, tanto que Regina Angelli, do Centro de Memória Sindical, interessou-se muito pelas fitas gravadas pelo REPORTER nas portas das fábricas, nos bailes e nas casas dos operários entrevistados. Ela diz ser esse um material inédito.

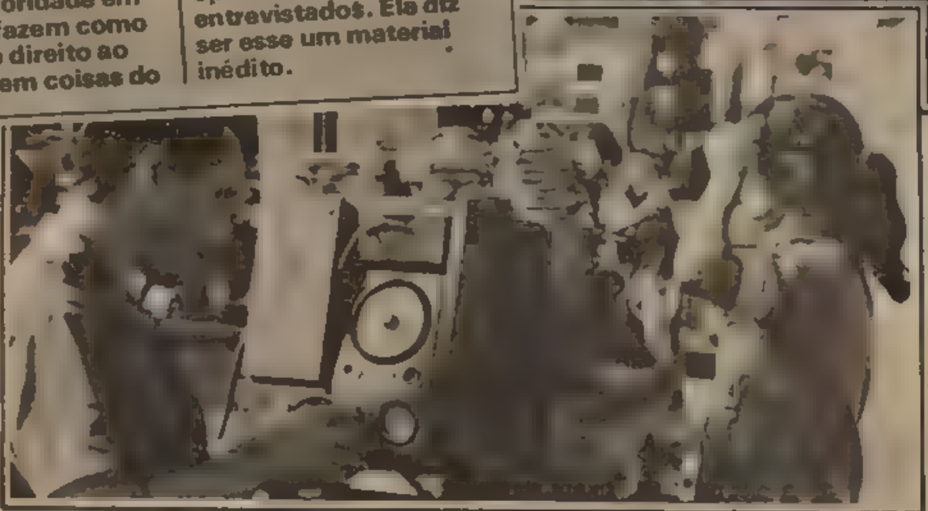


Foto Agnaldo Maciel

É só percorrer as fábricas para ver: as mulheres são em número considerável, quando não estão predominando — como no setor têxtil, por exemplo, onde 70% da categoria são constituídos por mulheres. Como é que o operário encara sua companheira de trabalho?

— A operária faz o mesmo serviço que o homem, mas não tem o mesmo valor — responde o laminador Amaro da Silva, 40 anos, de São Caetano, região do ABC.

Além dessa igualdade, referida por Amaro na frente de sua mulher, Maria Celina, dona-de-casa, há outro aspecto na relação operário/operária: a transação. Um canta o outro? João Batista dos Santos, 26 anos, diz que não:

— Dentro da fábrica, não. Eu, pelo menos, nunca cantei ninguém. Se o pessoal canta, também não fala pra gente. Fica só pra eles.

As mulheres, por sua vez, adotam outro ponto de vista. Como a operadora de máquinas em fiação e tecelagem Benedita Sandrini, que deu a entrevista sentada na mesma mesa que seu marido, também operário:

— Os operários dão em cima das mulheres nas fábricas. Vivem cantando a gente.

Outra tecelã, Sônia Regina de Lima, 20 anos, confirma as palavras de Benedita.

— A gente escuta palavras imorais, gracinhas dirigidas ao corpo da gente, dizendo que a gente é boa, que é isso, que é aquilo. Temos até de chamar os mecânicos algumas vezes, e isso traz problemas, vão dizer que estamos dando em cima deles.

Transação mesmo, dentro das fábricas, é difícil, mas pode acontecer. Manoel Messias conta que na fábrica onde trabalha, uma indústria metalúrgica de grande porte, no ABC, os operários costumam descansar um pouco depois do almoço. Maria, uma viúva, estava a fim de um tapeceiro. Dormiu. Quando acordou, o companheiro estava desabotoando o macacão. Transaram atrás de umas almofadas. Depois veio o cansaço e dormiram, nus mesmo. O segurança veio, pegou os dois dormindo pelados e suspendeu o metalúrgico. Ela, não. Apenas foi transferida de seção.

Francisco José diz que a relação sexual entre operários é coisa freqüente. Ele atribui o fato a um detalhe com relação às mulheres:

— Elas são mais abertas do que o homem. Falam mais palavrões e algumas são atraentes, bastante atraentes, até.

Muitas vezes ela deixa de usar sutiã, "porque atrapalha", diz Solange. Ou porque "lá é quente", diz Neusa. Mas há uma razão para isso:

— A mulher sem sutiã está mais à vontade. Só que o bico do peito fica saliente e isso deixa os homens excitados.

Neusa Maria, tecelã, 28 anos, acha que os companheiros não são o problema:

— São nossos superiores, que querem tirar proveito da gente. Os chefes, engenheiros, monitores dão em cima, e o pior é que muitas aceitam o convite e acabam saindo com eles.

Joaquim dos Santos Andrade, presidente do maior sindicato da América Latina, o dos metalúrgicos de São Paulo, ex-fresador da Matarazzo, diz que "o operário está preso a algumas convenções antiquadas, e um desses princípios é exatamente o da autoridade sobre a mulher".

No ambulatório médico daquele sindicato, a dra. Rosita de Araújo Peixoto, 28 anos, psiquiatra há 5, constata que a relação operário/operária não é muito freqüente como se imagina. A maior parte de seus clientes é de dependentes, e por isso ela assegura:

— As mulheres ficam preocupadas com a possibilidade dos maridos terem uma amante na fábrica. O relacionamento esporádico fora de casa pode acontecer no meio operário, por que não?

De fato, isso é coisa comum no meio operário. Amaro conta que acontece todos os dias. Acha que o fato de o Congresso Nacional ter aprovado recentemente a lei que fez com que o adultério não fosse mais considerado crime é "algo que está de acordo com a época".

— O homem pode trair tanto quanto a mulher, mas deve ser uma traição limitada, não se pode chegar a um exagero — sentencia Nelson Sandrini, operador de máquinas em indústria metalúrgica.

O operário químico Válter Pirollo, 22 anos, prestes a se casar, é mais direto, mesmo diante de sua noiva:

— Se a mulher se esfregar na minha cara, eu pego. Porque, se eu não pegar, eu levo o nome por trás, sou xingado, e não gosto disso.

Algumas mulheres têm um ponto de vista muito conformista nesta questão:

— Eu admito que meu futuro marido me traia. Eu não o trairia — assegura a operária Solange Pereira dos Santos, 26 anos.

As inscrições nos banheiros das fábricas dão uma nítida idéia desse mundo de paixão entre os operários. No banheiro dos homens, as palavras, os palavrões, as filosofias não diferem muito das frases escritas nas portas dos banheiros públicos. Nos banheiros das mulheres há mais criatividade — desenhos, poemas, confissões. E muitas vezes se procura atingir determinada pessoa, especificamente. Vem o nome e a inscrição: "Que vontade de estar com ele na cama". Quando tem um homem pelado, a inscrição é **Severino**, e a mulher é **Xique-Xique**. Ou então: "Fulano é gostoso, que tesão", ao lado de um pênis desenhado em seus detalhes, muito bem desenhado, aliás, como observou a tecelã Sônia Regina.

Mulheres nuas em fotografias de revista não parecem incomodar operários e operárias. Amaro diz que "tem que mostrar tudo, nunca é demais"; João Batista afirma que "de sacanagem eu gosto"; Nelson chama a atenção para que "aquilo é só foto, nada mais", mas confirma que "circula muita revistinha de mulher pelada nas fábricas". Solange acha "que tudo deve ser divulgado, faz bem" enquanto Valter

A mulher é mais aberta que o homem
Bicha é logo chamado de "clodô"
Se não for virgem, até logo...

Reportagem de Rivaldo Chinem

esse conservador!

pondera que "eles soltam tudo isso pra aliviar a tensão da gente".

Com ou sem essa avalanche de mulher nua, o fato é que os operários solteiros ainda têm sua vida sexual nas chamadas "zonas do baixo meretrício". É nos prostíbulos que eles costumam dizer que vão "afogar o ganso", ou "trocar o óleo", ou seja, manter-se em forma sexualmente.

— Quando a gente tem grana, a gente vai. Quando não tem, faz na mão mesmo — informa João Batista, que confessa seu medo de contrair uma doença venérea. Para que isso não ocorra, ele leva sempre dois comprimidos de Tetrex: um para tomar antes da metida, outro para depois. Suas mulheres custam entre Cr$300 e Cr$ 500,00, acrescenta.

Joaquinzão acha que é preciso ter locais apropriados para essa finalidade. Ele lembra que no seu tempo de solteiro freqüentava os prostíbulos do Bom Retiro.

— Sou favorável à existência desses locais, para que o jovem possa ter experiência sexual. Caso contrário, ele terá um casamento precipitado.

Com as mulheres é um problema. No meio operário ainda vigora o tabu da virgindade. Os homens podem falar, da boca pra fora, que aceitam a mulher com alguma ou muitas experiências anteriores ao casamento. Mas, no fundo, querem mesmo é uma virgem.

— Para assumir o matrimônio eles preferem as virgens — fala, desolada, a metalúrgica Silvana Genésio dos Santos, 16 anos.

— Depende de eu gostar — impõe João Batista. — Hoje em dia o cabaço não significa mais nada.

De um modo geral, a idéia, no meio operário, é a de que a mulher, para se casar, tem que ser virgem. Joaquinzão relata ter visto uma cena, há poucos dias: uma moça contou para o namorado que tinha se enganado "com um rapaz pouco trabalhador". O noivo, de casamento com data marcada e tudo, pura e simplesmente tirou a aliança do dedo e a devolveu para a moça.

João Batista: "De sacanagem eu gosto"

Fotos Manuel Isidoro

Solange jura nunca trair o marido

A menstruação é um pavor

A mulher tem verdadeiro pavor quando está no período da menstruação. Isso porque é comum as fábricas adotarem um sistema de chapinha: a operária só vai ao banheiro se tiver essa chapinha, que é controlada pelos chefes. Vai uma de cada vez e tem que pedir autorização. O encarregado normalmente pergunta o que a operária vai fazer no banheiro. Umas se intimidam, outras dizem que vão se trocar, porque estão "sujas de sangue."

Além do problema da menstruação, há as diarréias. Luís Fernando conta que uma tecelã acabou fazendo suas necessidades na própria máquina, tão apertada estava e sem direito de ir ao banheiro:

— Daí o chefe teve que mandar limpar. Quis em seguida mandar ela embora, mas a companheira tinha estabilidade e recorreu ao sindicato Acabou permanecendo na firma

Normalmente as indústrias não têm instalações sanitárias adequadas. Joaquinzão com a palavra

— Temos insistido com as empresas para instalarem bidês nos sanitários femininos. Eles alegam que não adianta, que as moças não saberão usar. Mas, deus do céu, elas não fazem sua higiene em casa, nas bacias? Como não vão usar bidês? Isso é desculpa dos industriais.

Comunistas não têm tempo para o prazer

As várias organizações políticas de esquerda que atuam no meio operário têm um ponto de vista comum na questão do comportamento da classe operária: simplesmente a rejeitam. Não têm uma política que possa orientar suas bases. Nisso, a Igreja fecha com todas elas. Embora fale sempre na possibilidade de alcançarmos uma sociedade mais justa, uma terceira via, em termos de socialismo, ela não discute questões morais entre os operários. "Não temos tempo pra isso", justificou um membro da Pastoral Operária da Arquidiocese de São Paulo.

Um membro do Comitê Central do Partido Comunista Brasileiro — PCB — de muita atuação no meio sindical metalúrgico, reconheceu que "já é hora de pensarmos nesta questão seriamente". Mas lembrou que um companheiro tentou levantar o problema numa reunião recentemente e foi barrado

— A gente não discutiu porque no CC nós achamos que o fazer política é mais importante do que essa questão. Mas, no fundo, eu acho que os companheiros não quiseram discutir a proposta de um outro com medo de perdê-lo. Todo mundo tá entendendo a coisa, mas passa por cima dessas questões.

Esse metalúrgico disse que normalmente o mesmo ocorre com outras correntes de esquerda, embora na Convergência Socialista, na Libelu (Liberdade e Luta) e no MR-8 (Movimento Revolucionário 8 de Outubro) o pessoal transe mais. Quer dizer, transa, mas não discute uma prática sexual

Um membro do MR-8 discorda: no seu partido o pessoal ainda é conservador nessas questões, diz ele. E não poupa acusações às outras correntes, integradas por gente jovem, como a Convergência e a Libelu.

— Você já ouviu falar do trenzinho? Um pessoal arrastando o outro pela cintura? Isso é feito pelo pessoal da Libelu, todo mundo metendo numa boa. Na Convergência também há muito sexo entre o pessoal; tem até uma ala só de fodedores

Um membro do Partido Comunista do Brasil — PC do B — ligado à ala de João Amazonas, diz nunca ter participado de assuntos dessa natureza. Depois de pedir um prazo de pelo menos um dia para consultar os companheiros e a biblioteca do partido, ele chegou à conclusão de que não há absolutamente nada nos anais do PC do B nesse sentido. Nunca se discutiu a questão moral, é como se ela não existisse no meio operário.

E um sindicalista do setor químico, que não quis se definir em termos de linha, advertiu.

— Matérias desse tipo que vocês do REPORTER fazem são perigosas para a classe operária. Vou mais além: são perigosíssimas. Cuidado, hein! Isso pode trazer confusão para os peões, que na questão moral são conservadores

Homossexual é discriminado

O homossexual é, no mínimo, motivo de gozação entre os operários. Ninguém o leva a sério, mesmo aqueles mais discretos, sobre quem recai apenas ligeiras suspeitas

Indignação e até ódio. É assim que os operários metalúrgicos costumam reagir frente ao colega homossexual, informa Joaquinzão:

— Recentemente atendi a um caso de um companheiro homossexual que reclamava da discriminação, de ser mal tratado, de receber ofensas morais e até físicas Era um rapaz comportado, muito educado e, eu acho, até incapaz de assediar seus companheiros de trabalho

Não é essa reação de alguns homossexuais nas fábricas Manoel Messias diz que na fábrica onde trabalha os homossexuais dão a demonstração do que são logo nos vestiários

Ficam querendo pegar o pau da gente, quando estamos nos trocando. Ou então quando estamos tomando banho. É uma pouca vergonha Tem um feitor que é uma bicha descarada. Convida todo mundo pra ir no seu carro Dizem que ele tem uma casa boa, e já levou vários companheiros no papo

As lésbicas também atacam nas fábricas. Neusa foi cantada por uma delas.

Ela me chamou de olho de peixe morto. Entrei no banheiro, ela estava lá Era um homem idêntico, no vestir e no andar. Me puxou e disse "Tesão, vamos tomar uma cerveja aí fora?" Só sei que eu pulei fora

O fato de não ser mais virgem atrapalha bastante a vida dos casais, mesmo daqueles que já ultrapassaram a fase matrimonial. Há perguntas que são feitas volta e meia e com uma insistência louca. "Pra quantos você se entregou antes de mim" é mais freqüente, como nota a dra. Rosita:

— Há um problema muito grande entre a moral vigente, que não aceita mais o tabu da virgindade, e a moral interna, que ainda a crê como algo indispensável. Na teoria não é assim e na prática é. Quem entra na prática com essa teoria geralmente entra bem.

Indiferente a essas questões, a tecelã Neusa reconhece:

— Nós, as mulheres, temos o organismo fraco, né? Quando termina a menstruação, a gente fica mais alterada.

Já Solange, a operária química, é mais franca nessa questão:

— Se ele gostar de mim, vai ter que gostar do jeito que eu sou.

Há operárias que se sentem mais livres com relação a seus corpos. Algumas tomam pílula, outras recorrem ao aborto. Valter sabe disso:

— Lá na minha fábrica elas não discutem o aborto, elas fazem o aborto na prática. E como fazem.

Essas moças levam uma triste fama, quando não são estigmatizadas, como observou Sônia:

— Tem uma garota que sai com vários rapazes e já abortou muitas vezes. Teve uma menina amiga minha que fez isso e foi pixada. Vendo ela, eu acho que a moça tem necessidade disso. Porque, se chamar pra sair, tem sempre alguém que topa. Só que todo mundo fala dela, lá dentro.

O medo do tecelão Luiz Fernando Lima, 63 anos, hoje aposentado, é outro:

— A maior parte das prostitutas é filha de operários. Vieram das fábricas e dos estabelecimentos comerciais para ganhar o pão nas ruas.

Desemprego dá impotência e ejaculação precoce

Não é esse, entretanto, o maior medo dos operários. O que ronda constantemente sua cabeça é o fantasma do desemprego. Agora, então, com mais intensidade ainda.

O casal Nelson e Benedita ficou três meses desempregado, coincidentemente na mesma época. Ela conta:

— Foi um dos períodos mais difíceis da vida da gente. Isso porque a dificuldade abrange várias coisas. Temos muitos compromissos, o maior deles é com o aluguel. Alterou muito nossa vida, até na parte afetiva. Pra mim foi péssimo (a esposa concorda, balançando a cabeça).

Joaquim Luís ficou desempregado seis meses, "depois que começou essa crise aí"; acha que "foi muito dura" a vida e responde à pergunta — como foi que enfrentou o período — com uma questão:

— E como é que você imagina que foi? Duro, é claro. A mulher pede e a gente não pode dar.

Luís Fernando acha que "a classe operária está sobressaltada" diante das inúmeras demissões. "O problema", diz ele, "é que sempre jogamos na defesa, nunca no ataque. E já é hora de jogarmos no ataque".

Por sua vez, Joaquinzão define o desemprego como um homem "alarmado", sobretudo um homem de "perspectiva de vida incerta":

— A qualidade de vida é tão importante que afeta até na produção. Quando o meu primeiro filho estava pra nascer, há 25 anos, estive às voltas com os problemas hospitalares, problemas de fundo econômico. Na fábrica eu estraguei uma peça importante, cara, por meio milímetro. Isso revela, de uma certa forma, a preocupação na vida do operário.

O desemprego é um fantasma tão terrível que os operários criaram até um termo-imagem — "cutelo levantado" — para definir a política atual das empresas. Não se sabe quantos nem quando serão mandados embora. Essa insegurança atinge não só o homem, como sua esposa. A dra. Rosita tem atendido a inúmeros casos desse tipo:

— O operário com um grau maior de politização, de leitura, tem uma idéia mais precisa das fontes de sua angústia. Ele entende o processo, percebe mais o que está por aí. Já o não-politizado culpa o governo e o patrão indistintamente. Mas os dois se sentem angustiados, sem uma resposta para essas questões.

Uma insegurança desse nível traz graves conseqüências. E a impotência é uma delas. Como também a ejaculação precoce, a maior queixa dos metalúrgicos. "Tô com fraqueza", reclamam no consultório, e a dra. Rosita já sabe que se trata de um caso típico de ejaculação precoce. Ela começa perguntando qual foi a última relação sexual, como foi, como fez, se o pênis ficou mole logo, se acabou logo, se tem vontade...

Amor entre mulheres quase não se vê

— Os metalúrgicos são encaminhados para mim como se eu fosse médica "dos nervos". Mas aí eu começo a fazer perguntas sobre o sexo, alguns ficam surpresos, "ah, pode discutir isso aqui?" Muitos procuram o ginecologista, com a idéia de que, se ele trata da mulher, poderá tratar de problemas sexuais dele também. A queixa é motivada pelo excesso de trabalho e muita tensão, por causa do serviço que faz ou que tem para executar. Então, ele se queixa de dor de cabeça (sintomas tensionais) e batedeira, ou seja, o coração dispara, uma transformação dos sintomas psíquicos e físicos. Além da falta de ar, que é uma angústia motivada por uma série de coisas, preocupações das quais ele não tem uma solução efetiva.

A moradia também contribui para esse estado emocional. Isso porque o operário, de modo geral, mora em lugares periféricos da cidade — e mora muito mal. É o caso de Nelson e Benedita, que moram numa casa de cômodo e cozinha. Os filhos dormem no mesmo quarto, a uma distância de menos de dois metros um do outro:

— Se a gente tivesse um quarto só pra nós, era muito diferente. A gente se sentiria mais à vontade. Claro que o ato sexual é uma coisa que as crianças devem aprender, têm que aprender, não é mesmo? Mas ele deve ser evitado na frente delas.

Isso também aconteceu na vida de Joaquinzão. Ele morava numa casa de cômodo e cozinha, e esperava os sábados e domingos para fechar a porta do quarto com a esposa, quando as crianças já tinham levantado. Mas, se isso atrapalhava, ressalta, o pior acontecia, como hoje acontece, com outros companheiros, que muitas vezes confessavam estar trabalhando com a idéia fixa na família, pensando se o barraco não desabaria de uma hora para outra.

Os filhos, são eles a maior preocupação. De modo geral, o operário quer ver o filho acima do nível dele, não quer vê-lo usando macacão. Amaro falou que se esforça para ver seu filho formado em Engenharia. Luís Fernando considera que esta é ainda a grande aspiração do meio operário: ver o filho formado, com grau de doutor. Mas há aqueles que encaram a situação com mais realidade. Como Manoel Messias, que tem um filho de 18 anos que está se formando em ferramentaria:

— Estou contente. Sei que ele vai ser como eu, operário. Mas operário de boa profissão, ferramenteiro, modelador, desenhista. É a altura onde a gente pode chegar. Eu tenho pra mim que meu filho não chegaria a ser doutor.

Nelson e Benedita encaram da mesma forma. Acham que tudo aquilo que queriam para os filhos ficará só na pretensão. Mas sonham:

Lula admite transa fora do casamento

Em quase quatro anos de trabalho jornalístico, REPORTER publicou diversas matérias abordando questões de sexo e comportamento. Em quase todas elas ouvimos homens e mulheres trabalhadores, cujas opiniões é interessante recordar.

Em fevereiro de 79, o jornal publicava a reportagem Lésbicas metem o pau na repressão, *em que a operária Maria Soledade da Costa dizia:*

— Na GE, na minha seção, tinham duas lésbicas, mas na De Millus tem um montão, porque lá tem muita mulher. As meninas ficam à vontade, vão no banheiro, ninguém ficava atrás da gente. Na GE o negócio é mais seguro, tem vigia. Mas o ambiente de fábrica é o que mais tem. É muito difícil você ver bicha. O que mais tem é mulher com mulher mesmo. Eu mesmo acho uma boa, não censuro, não. Quero mais é conhecer uma mulher assim. Se conhecer, sou mais é de ir pra ver como é que é. Deve ser uma coisa diferente. E, se eu gostar, continuo. Mas, ao mesmo tempo, eu acho que esse negócio de mulher com mulher não é normal

Lula, fiel até debaixo d'água

Na matéria Casamento acaba com tesão, *peões da construção civil foram unânimes quando se quis saber deles a reação, caso suas mulheres transassem com outro homem:*

— No mínimo, a gente mata ela.

Francisco Nogueira Nicássero, 30 anos, seis de casado, pedreiro, afirmou que "sinto tesão por outras mulheres e transo, mas ela não sabe. Agora, peço a Deus que ela não transe com outro porque, se isso acontecer, eu dou um tiro nela".

Já Luís Inácio da Silva, o Lula, presidente do Partido dos Trabalhadores, ao responder às questões da reportagem Todo brasileiro é corno, *publicada em fevereiro de 1980, mostrou-se um tremendo liberal, ao contrário de seus companheiros metalúrgicos do ABC:*

— Caso minha mulher transasse com outro homem, eu não sei qual seria minha reação, porque essas coisas vão muito de momento. Mas eu tentaria saber o que a levou a tomar tal atitude. Isso tem que ser entendido, apesar da reação momentânea que eu possa ter. Acho que você deve exigir de você uma atitude que você gostaria que a pessoa tivesse, se você fosse o infiel. Então, iria discutir com ela, perguntar se ela gostou mais de transar com o cara do que comigo. Às vezes é importante a mulher trair a gente pra dar mais valor ao homem que tem.

Em outra parte de seu depoimento, Lula concorda que as mulheres, "no meio em que eu vivo, são mais atiradas do que os homens", mas afirma que, por ser um "cara tímido, nunca cantei uma mulher em toda a minha vida". A seguir, denuncia o machismo: "Existe homem fiel, mas a maioria, se tiver oportunidade, chifra mesmo, nem que seja só pra mostrar para os colegas e amigos que conquistou uma mulher"

— Queríamos que nosso filho fosse médico. Ele ganharia bem e, mais do que isso, trabalharia para salvar alguém. Minha filha seria professora, achamos bacana, faria algo em benefício dos outros.

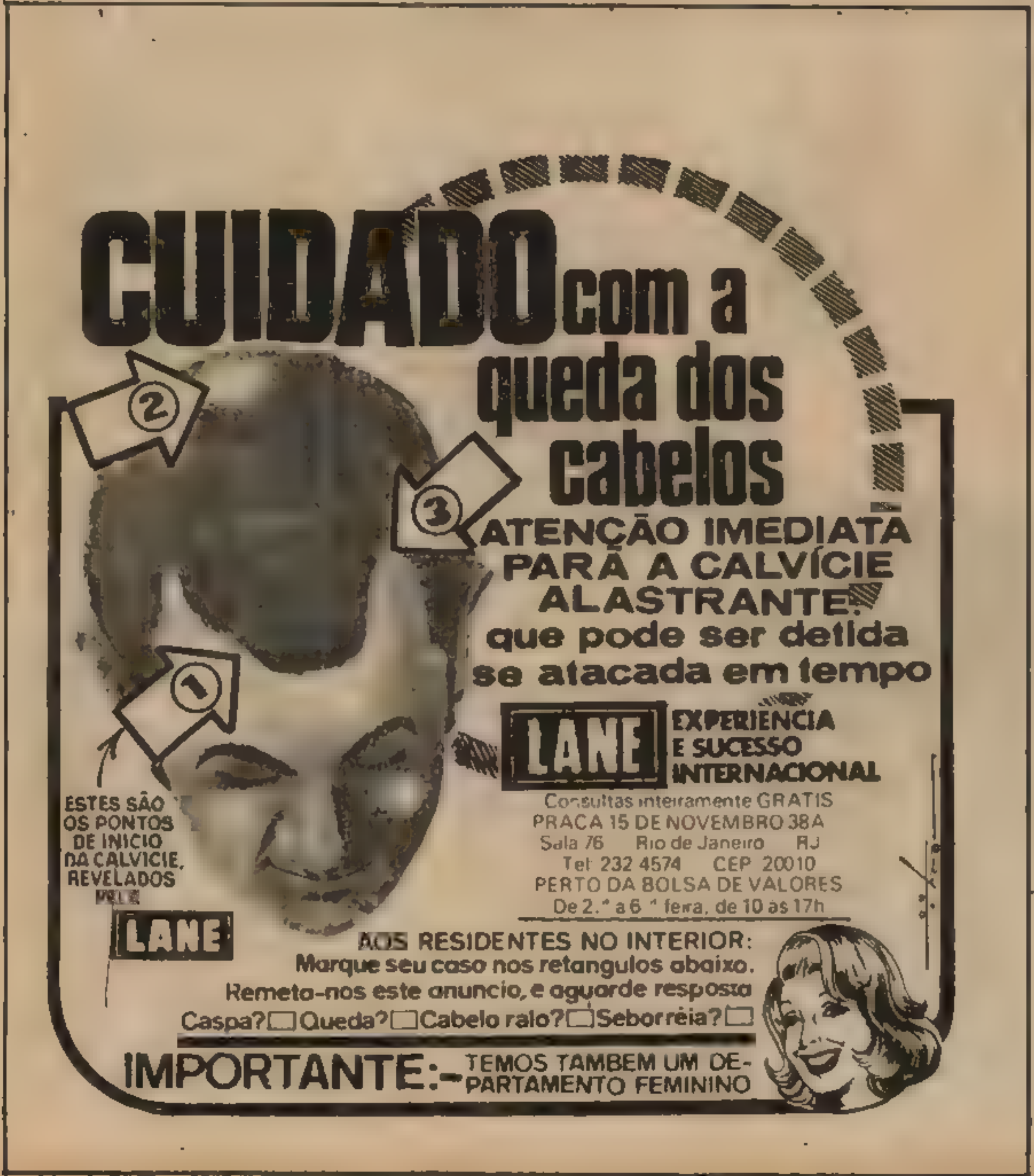
Esse fascínio pelas profissões liberais está acabando, diz a dra. Rosita: "Ele sabe, por exemplo, que nós, os médicos, temos que trabalhar em três, quatro lugares, e que fazemos greve por melhores salários. Acabou a idéia de que doutor ganha bem, essas coisas". As mulheres, informa ainda Rosita, são deixadas de lado. Se não precisar ir pra fábrica, tanto melhor, fica em casa. A preferência recai sobre os meninos:

— O vestibular para o operariado é mais cedo do que para a classe média. É quando ele vai disputar uma vaga no Senai (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial).

Vez ou outra o operariado também tem sua crise existencial. Não que ele saiba do que se trata, mas pergunta para a psiquiatra qual é a função que tem, porque existe, qual vai ser o sentido de sua existência, será que toda a sua vida vai continuar assim. Ou então questionam se são mais importantes do que a máquina.

— E o triste — conclui Rosita — é que ele chega à conclusão de que a máquina é mais importante do que ele. Diante disso, uns se voltam para a família, pensando que, já que não dá pra mudar nada, que se cuide primeiro dos interesses pessoais que estão ao seu alcance. Outros, os mais velhos, descambam para a religião. Mas, de modo geral, é um pessoal de peito, que briga, que enfrenta, que luta por sua sobrevivência.

Desemprego afeta tudo, até o sexo



UMA COLUNA DE POLÍTICA

Ô da política!

Daniel Aarão Reis Filho

A cruz do governo é a luta dos pobres

As aves do governo estão se abatendo firmes contra a Igreja: primeiro foi o senador Passarinho que defendeu, em vôo rasante, sua condição de cristão: "Então", piou lacrimejando, "classe média alta não pode ser também cristão?" Mas, em vez de pedir perdão por seus pecados, resolveu partir para a ignorância, tipo urubu, grasnando contra as comunidades eclesiais de base que estariam "invadindo terras", e contra uma fração da Igreja que teria optado pelo socialismo. A coisa começou a cheirar à orquestração quando, logo em seguida, o coronel Curió atacou os padres como "exploradores dos pobres" e "agitadores".

As aves do governo piaram. Verdade ou mentira?

Basta olhar os jornais dos últimos dias para ver que os padres estão mergulhados na luta dos pobres. Exemplos não faltam: no Maranhão, padre Marcos Passerine apóia a luta dos estudantes pela meia passagem nos ônibus e a dos marginalizados na periferia de São Luís. No Pará, em São Geraldo do Araguaia, são presos dois padres: Aristides Camio e Francisco Gouriou — eles estão ao lado (e não abrem) dos posseiros, contra os exportadores de castanha e grilheiros da área. Em Pernambuco, na Zona da Mata, frei Paulo Severino Faust, pároco de Serinhaem, bate o pé e se recusa a rezar missa para os poderosos do dia. Em Ronda Alta, Rio Grande do Sul, padre Arnildo Fritzen, a irmã Aurélia e o pessoal da Pastoral da Terra denunciam as manobras do governo, que agitou em vão a área tentando "convencer" os agricultores de que a melhor solução para eles era emigrar para a Bahia (já pensou, gaúcho curtindo chimarrão na caatinga do sertão baiano?). Finalmente, padre Ailton dá a maior força na invasão da Fazenda Itupu, na região de Campo Limpo, em São Paulo: o pessoal já não agüentava mais pagar os aluguéis, resolveu, então, tomar um terreno do Estado e distribuir para quem está precisando. Mais de 6.000 pessoas se juntaram e foram à luta.

É isso aí, e eu poderia encher o jornal com exemplos desse tipo. Os padres estão realmente na base, ajudando e apoiando a luta dos sem-terra e dos sem-grana.

Gorjearam certo, então, as aves do governo? Não, cacarejaram mentiras. Os padres não estão "liderando" ou "explorando" a boa-fé do povo. O povo é que está começando a sair da letargia. É como se o gigante ainda estivesse deitado, mas começasse a mexer os dedos dos pés. O pessoal da Bahia, por exemplo, reagiu ao aumento brutal nos transportes e mandou pedra. O governo logo disse que aquilo poderia adiar as eleições. Ninguém acreditou, e o fato imediato é que o quebra-quebra em Salvador adiou mesmo foi o aumento das passagens em outras cidades — os prefeitos de várias delas, depois da baianada, pensarão duas vezes antes de lascar novos aumentos. O mesmo está acontecendo com as invasões de terras. No campo elas já viraram um fato comum. Só não repercutem nos grandes centros porque o governo e a esquerda sempre desprezaram o que se passa no interior. A novidade é que elas começaram a pintar nas cidades. Não podendo pagar aluguéis, o pessoal toma os terrenos que estão sem uso e mandam brasa, distribuem os lotes. Só as aves agourentas do governo é que botam a culpa nos padres, não vendo a barra pesada em que anda metido o povo.

Negócio seguinte: certas autoridades não perdem a saudade do tempo em que padre abençoava inaugurações e desfiles militares e depois ia comer coxinha de galinha na casa dos ricaços. A situação mudou, sobretudo pela atuação da ala progressista da Igreja. E é por isso que o pau vai descer firme nas costas largas dos bispos e padres que estão ao lado do povo.

E só Deus sabe se esta campanha do diabo dará certo...

PASSARELA

Jorge Segundo

SUZANA E TÔNIA:

quem vale mais nua?

Parece que a guerrinha das estrelas televisivas pelos gordos cachês oferecidos pelas revistas especializadas em mulheres peladas vai pegar fogo agora! **Suzana Vieira** e **Tônia Carrero**, há muito assediadas por essas revistas, estão na balança: quem vale mais? Diz-se que Suzana topou fazer as fotos sensuais por um cachê de **1 milhão e 500 mil cruzeiros**; quando soube, Tônia teria comentado: "Se ela pediu isso, eu quero o dobro! Sou mais enxuta!" Ao que Suzana retrucara: "... mas eu sou mais viçosa!" O **Molta**, que contou esta historinha pra gente, diz mais: "Os diretores da revista querem ver o circo pegar fogo. Se a briga entre as duas esquentar, é possível que aí Tônia, ferida na sua vaidade, resolva fazer as fotos... e é isso que todo mundo tá querendo: o Brasil inteiro tá sonhando com a Tônia sem roupa!"

Salve o Rei da Noite

Eleição do *Rei da Noite* ganha um cabo eleitoral: o colunista *Irio Informal*. Foi ele quem apurou os votos de hoje, todos de pessoas colunáveis. E uma delas, *Fernanda Pedrosa*, trouxe, com seu voto, mais um candidato para a disputa da coroa que está com *Carlos Machado: Hubert de Casteja* (homem do *Special*), fica, portanto, com um votinho.

Os outros votos do grupo do Irio: *Lígia Carrato* ("Ele é um brasileiro aplaudido pela noite do mundo!"), *Lucia de Garriga, Paula Canoggia, Silvia Haouche, Tatiana* e *Marco Gervasoni* e *Celia Macedo* (da sociedade do Paraná), todos estão com *Ricardo Amaral*, que agora fica com 46 votos; *Chico Recarey* teve os sufrágios do colunista *Jean Kuriak* e do advogado e professor *João Francisco de Vasconcelos Nogueira* — e agora está com 35 votos. Os outros candidatos continuam na mesma: *Sergio Cavalcanti* (14 votos), *Sargentelli* (16), *Moacyr Deriquem* (20) e *Mário Priolli* (16 votos). Na próxima *Passarela*, votos dos leitores. Continuem enviando o cupom,

Jorge Segundo **(PASSARELA) — Rua Djalma Ulrich, 110, Copacabana — CEP 22071.**

REI DA NOITE

Voto em: ______________________

____

Nome do eleitor ______________________

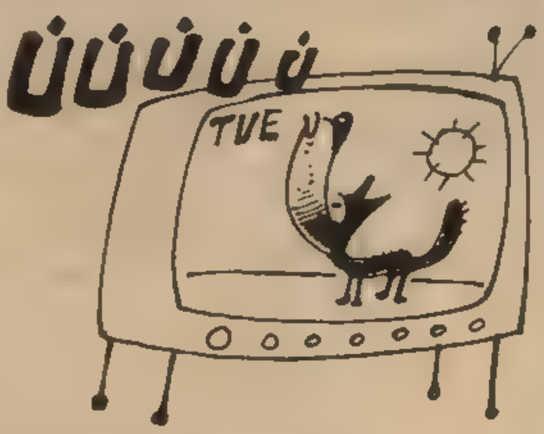
____

Endereço ______________________

____

YONÁ E A SAUDADE DO RIO

Apesar de estar na TV-Bandeirantes ganhando mais do dobro do que ganhava na Globo, Yoná Magalhães (quase 400 mil de salário) não consegue se reintegrar emocionalmente a São Paulo. Amigos mais íntimos da atriz garantem que ela sempre fala numa nova "virada profissional" — só possível com a volta para a Rede Globo. Por enquanto, estrelíssima e faturando bem. Yoná não pensa em mudanças imediatas. Mas já avisou que, no fim do seu contrato, vai pensar muito sobre uma renovação que a obrigue a ficar morando na paulicéia. Saudades do Rio e, certamente, do "plim-plim" global!



Têm estado verdadeiramente inovadores — um belo modelo de jornalismo eletrônico — alguns momentos do texto do **1981**, o principal jornal da TV-Educativa. Juro que o **Luiz Lobo**, correspondente em Natal (RN), está sendo chamado, em pleno ar, assim: "O Lobo das estepes nas areias quentes do Nordeste." E ele entra. O **1981**, aliás, parece que demitiu todos os repórteres. Agora é um jornal feito só por comentaristas. Sem comentários!

OLHO NA DUPLA!

Dois músicos (compositores e letristas) que vão estourar rapidinho: *Gualberto* e *Alfredo Karan*. E, com eles, vai pintar também uma belíssima cantora: *Luciana*. Gualberto é carioca, mas, entre suas melhores experiências musicais, tem uma temporada em Salvador, onde fez três especiais para a TV-Itapuã, trabalhou com músicos da banda de Gilberto Gil, e mais: com Raimundo Sodré, Cassiano e Elber Bedaque. E Gualberto (o ídolo da rua Djalma Ulrich!) é violonista e tem uma ótima particularidade: toca violino com incrível acento popular. Seu parceiro Karan, também violonista, é conhecido, no Rio, em *shows* na Aliança Francesa, de Copacabana e Botafogo. Os dois estão afinadíssimos, trabalhando três excelentes músicas: *Maria Bela*, *Beijo Final* e *Cantiga de Roda*. PASSARELA aplaude.

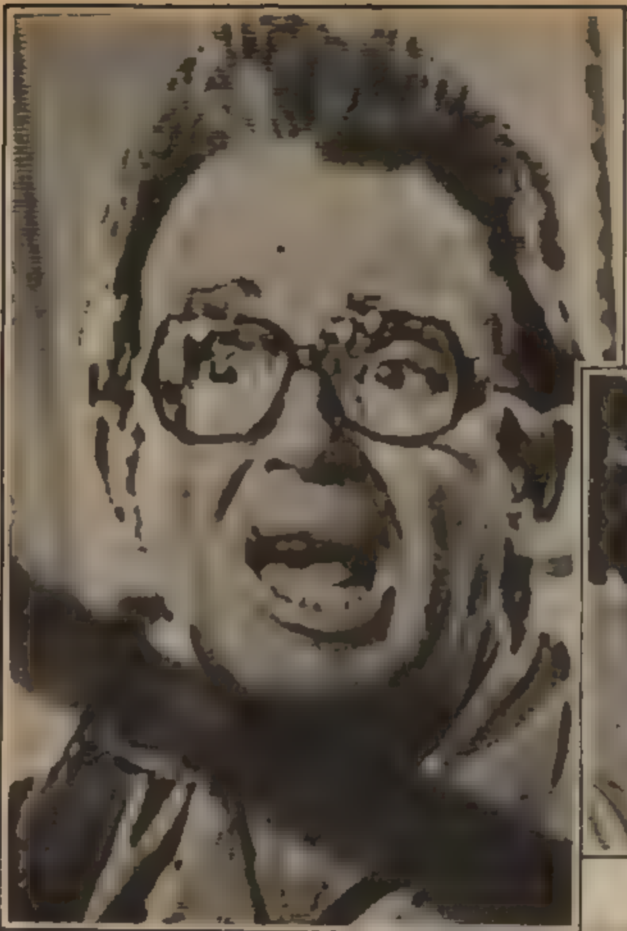
CALA-TE BOCA!

Numa roda em que se discutia a imagem que os grandes ídolos passam para seus admiradores, uma condenação unânime para as vozes de alguns ases do automobilismo e jogadores de futebol: eles deviam dar ao torcedor apenas as alegrias de suas vitórias, jamais falar em público. Um caso atualíssimo: *Nelson Piquet* — com aquela vozinha que não corresponde ao bravo e competente automobilista (no passado era a voz, ainda pior, do *Emerson Fittipaldi*); entre os jogadores, *Pelé* foi citado como "péssimo de se ouvir" (ainda bem que ele já é homem de negócios). E — concordaram todos — existe vozinha mais chata do que a do *Roberto* (um homão daqueles!) do *Vasco?* Dinamite, só nos chutes; quando fala, é traque! Uma conclusão da discussão: as vozes destes ídolos (e existem muitos outros no Brasil) aplacam o tesão de qualquer torcedor, por mais inflamado, fanático que ele seja.

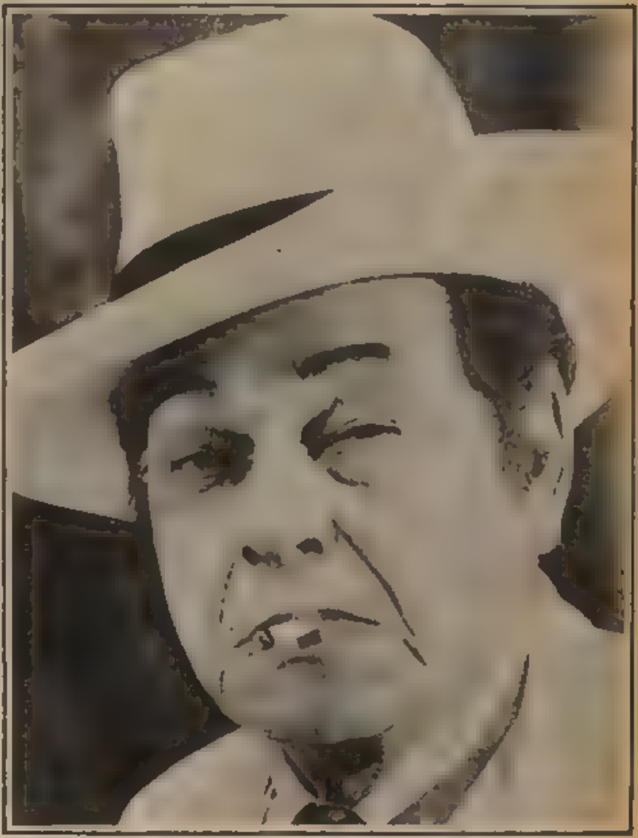
Roberto dinamite, só nos chutes

MULTIDÃO!

Isis Baião manda dizer que o ciclo de palestras "A Mulher na Última Década" só não se realizou na data marcada por falta de grana: o encontro é autofinanciado e poucas pessoas se inscreveram. Nas palestras e debates, mulheres da melhor qualidade, como Fernanda Montenegro, Maria da Conceição Tavares, Heloneida Studart, Henriete Amado, Ana Bella Geiger, Heloisa Buarque de Holanda, Moema Toscano, entre outras. ★ Luiz Carlos O. dos Santos, leitor da Vila São Luís (Duque de Caxias, RJ), escreve pedindo telefone e endereço de artistas. Não é nossa especialidade, Luiz. Mas, como você diz que é músico e quer entrar em contato com a agência do Carlos Imperial, aqui vai o endereço: rua Djalma Ulrich, 229, Copacabana. ★ Já estão acontecendo as reuniões preliminares sobre o programa que J. Silvestre deverá estrear na TV Globo. Walter Lacet, Ghiaroni e Lioy Santos são os responsáveis pelas primeiras sugestões levantadas e discutidas sobre o novo programa. ★ Marisa Alvarez de Lima, nossa ex-coleguinha de Redação, fez um belíssimo trabalho fotográfico sobre Maria Bethania. Pena que, para muita gente, só dê pra folhear e ver de longe: é muito caro! ★ Lady Francisco está transando uma visita à Ilha Grande. Ela, eleita a musa de lá, com direito até a poema do sargento-PM Joel, quer fazer show para presidiários e policiais; enfim, quer transar o corpo numa boa. ★ Maurício Tavares, doublé de editor e diretor (edita no Fantástico e dirige Eventos Especiais globais), recebeu em seu novo apartamento, na Barra, para um churrasco ao luar. Só que a noite fria não permitiu a comilança no deck. Bibi, a mulher dele (com bons ares de Christiane Torloni), também recebendo, só gente do Fantástico: Macedo Miranda Filho e Lola, Edison Rezende Filho e Tereza, além deste escriba



Um retrato vivo do Brasil



Semanalmente, mais de 10 milhões de pessoas assistem às peripécias de Odorico Paraguaçu (Paulo Gracindo), o prefeito de Sucupira e principal figura do seriado *O Bem-Amado*, que vai ao ar todas as terças-feiras, às 10 horas, pela Rede Globo. Como explicar o sucesso desse seriado, que pelo terceiro ano consecutivo mostra em tom de farsa alguns dos principais aspectos da vida política nacional?

Dirceu Borboleta, Neco Pedreira, Padre Onório e Lulu Gouveia falam de o bem-amado

Para Emiliano Queirós — o Dirceu Borboleta (secretário de Odorico Paraguaçu) — o seriado escrito por Dias Gomes "apresenta uma coisa que está pronta para acontecer a qualquer momento". Ele acha que a visão de mundo do autor "é incrível, porque toca em fatos que podem se dar (ou se deram) não apenas no Brasil, nessa ou naquela cidade" E [illegible]

— *O Bem-Amado* é uma síntese do mundo. Para concordar com isso, basta olhar para a parafernália do Ronald Reagan. Enquanto Nova Iorque, na época da eleição, era totalmente contrária ao adversário de Carter, o resto da nação apoiava o candidato republicano. Em Nova Iorque ninguém entendia como estava ocorrendo aquilo. Quer dizer, *O Bem-Amado* propôs uma linguagem nova há oito anos (quando foi apresentado como novela e continua, até hoje, muito atual. Por isso ele é aceito em qualquer país que é exibido.

Já Carlos Eduardo Dollabela — o Neco Pedreira (jornalista que ataca Odorico) — afirma que "a cidade baiana de Sucupira nada mais é do que o microcosmo do país em que vivemos". Ele compara Odorico Paraguaçu ao governador paulista Paulo Maluf, tachando o senado de "profético", uma vez que, em sua opinião, muitas das situações ali acontecidas se repetem na política nacional.

"O maior exemplo — recorda Dollabela — foi o do senhor Maluf, possuidor da minoria na Assembléia, conseguir eleger a mesa com um número de votos onde se incluía os da Oposição."

— A prova de que *O Bem-Amado* é um retrato vivo do Brasil está em que, de norte a sul, de leste a oeste, por onde eu vou fazer *shows*, conferências ou mesmo apresentação de bailes de debutantes, sinto uma identificação incrível da população local com a cidade administrada por Odorico Paraguaçu — diz Carlos Eduardo Dollabela

Ator experiente, que iniciou sua carreira quando a radionovela era mania nacional, Lutero Luís — o vereador Lulu Gouveia (líder da Oposição) — confessa gostar muito de seu personagem no senado global: "Ele é um tipo bem brasileiro". E justifica:

— Cresci vendo os políticos fazendo comícios, ganhando eleições na base de voto de cabresto, na época do coronelismo, enxada e voto. E o Lulu Gouveia, com quem não tenho a mínima identificação, é tudo isso. Não passa de uma realidade brasileira. Da mesma forma que o Odorico, seu ferrenho opositor, tem, em essência, um pouco de todos os políticos, mesmo daqueles que ainda estão na ativa. Ele tem sua importância na sociedade e desempenha um papel semelhante a de muitos políticos que estão aí, atuando na pós abertura

Também Rogerio Froes, que interpreta o progressista padre Honório, classifica *O Bem-Amado* de "a realidade nacional". Ele observa que, "para o vigário conviver dentro de um contexto político como o do seriado, tem de pedir e receber de todos, bem como colaborar com todos, sem limitar seu campo de ação a esta ou aquela ideologia político-partidária"

Já Emiliano Queirós diz que seu personagem representa "todas as pessoas oprimidas que não sabem ter uma parte consciente dentro de si mesmas". Na função de secretário de administração do município de Sucupira, Borboleta faz o jogo do sistema. Não incomoda, comporta-se sempre como um carneiro. "É preciso um Borboleta — ressalta o intérprete — para representar todas as pessoas classe media, não em termos de salário, mas de cabeça, que existem no mundo, dominadas pelos pecados capitais, dominadas, enfim, por tudo."

Depois de soltar uma gargalhada explosiva, Carlos Eduardo Dollabela emite, em voz alta a dicção firme, que "o Neco, hoje, já faz mais parte do contexto sucupirano Deixou de ser tão naturalista, ao adotar guias no pescoço e fitinha no braço. Continua um intelectual de esquerda e forte opositor às sacanagens do prefeito Odorico, mas acabou por ceder ao misticismo baiano"

Para falar sobre o Neco Pedreira, diz Dollabela, são necessárias duas abordagens: a de patrão e de jornalista, que o personagem encarna Como empresário, o ator identifica o proprietário de *A Trombeta* com o jornalista Hélio Fernandes. E indaga: "O que mais significa o Neco que não um político do Partido Popular (PP)?", respondendo que, "apesar de não estar bastante claro, pelo fato de ser ele também jornalista e não apenas patrão, o Neco vive comprometido com o sistema"

Quanto à outra abordagem, a do jornalista em si, o ator acentua que "a profissão e o papel da imprensa, que normalmente tem facilidade de generalizar tudo, dificultam um pouco a concepção do Neco Pedreira". Dollabela confessa já ter discutido este problema com o autor de *O Bem-Amado*, enfatizando que, "*emboramente* o Dias Gomes não tenha confirmado, sei que o defeito que os jornalistas e os jornais brasileiros têm de identificar os problemas com uma pessoa impede um maior envolvimento do Neco com mil e uma situações"

Quanto ao vigário de Sucupira, ele representa um obstaculo ao prefeito. E um padre da linha progressista, dentro das atuais propostas da Confederacão Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e adepto das idéias de dom Paulo Evaristo Arns. O padre Honório não faz o jogo da Oposição sucupirana, podendo, por isso mesmo, aplaudir ou criticar o lider Lulu Gouveia, diz Rogério Froes.

Entretanto, o ator está consciente de que seu personagem, no desenrolar dos episodios, se transforma em um obstaculo superável por Odorico Paraguaçu. "O prefeito — observa — é político por excelência e, como todo bom político, consegue superar ou, no mínimo, conviver bem com todas as barreiras que aparecem à sua frente. Se não fossem essas suas qualidades, ele não seria o bem-amado."

Rogério Froes não vê espaços para o padre Honorio desenvolver política partidária. E expõe suas razões

— A missão sacerdotal significa a opção pelo homem, sendo, em consequência, um ato puramente político e não partidario. A filosofia do meu personagem baseia-se na luta, na busca de meios para elevar as condições de vida do pobre. Mas o padre tem de se manter distante de interesses partidários para não permanecer junto a determinados grupos. Não somente como ocorre na obra do Dias Gomes, mas dentro da nossa atual realidade, o sacerdote não tem de ir ao encontro dos grupos e, sim, estes virem para o lado dele

Reportagem de Carlos Ramos
Fotos de Chiquito Chaves

Fotos de Custódio Coimbra

glauber

Há dois anos Glauber deu esse depoimento à repórter Sílvia Duarte. Seria uma entrevista, mas Glauber falou sem parar durante mais de uma hora. Aí estão suas palavras, sem revisão, como ele pediu.

Morei uma parte da minha vida na Bahia, outra parte na Europa e outra parte aqui. Mas a pior parte da minha vida eu vivo aqui no Rio. Realmente, é insuportável viver aqui. Aqui não há nenhuma segurança, porque aqui não é uma cidade provinciana como são as outras cidades do Brasil, mesmo cidades européias como Paris ou Roma, que são grandes cidades, mas tem as praças, tem o senso de comunidade, uma tradição qualquer de segurança dos indivíduos. O Rio de Janeiro não tem. No Rio você está sujeito ao assalto, ao atropelo. E eu tô falando sem chegar no Brasil inteiro, que aí nem existe, é um faroeste, capitalismo selvagem no seu mais desenfreado delírio. O Rio de Janeiro é a síntese disso. Então, você pensa que isso aqui é uma cidade que foi capital de uma corte, quer dizer, capital de um império. Os portugueses transferiram pra aqui um pouco do que existia de aristocracia portuguesa, que já era uma porcaria, porque Portugal era uma tribo subdesenvolvida. Então, não trouxeram nenhuma cultura. Cultura que eu digo é cultura técnica, arquitetônica, urbanística, medicina. Nada. Instalou tudo mal. O serviço de água e esgoto, tudo mal. Tudo errado. Então, você chega no Rio, é esse desastre.

Chegou a um ponto que aqui é o lugar mais caro do mundo, onde você come as piores comidas. Se você for num hospital público, você é assassinado. Se você for numa clínica privada, você é assaltado... Então, o governo devia pôr um freio nessa especulação econômica que está dentro do Brasil, porque só se pode combater a inflação fazendo reformas mais profundas de caráter econômico, social e cultural, porque o problema no Brasil não é crise só de energia não, é crise de cultura. A maioria das pessoas no Brasil são analfabetas, ou seja, não sabem ler. As que dominam o alfabeto lêem mal, poucas pessoas sabem escrever. Não há gramática, a língua está completamente desarvorada, porque não há conhecimento. Virou uma sublíngua, entendeu? Também não tem Constituição. Nós somos regidos por um ato simples. Então, o Estado é anarquia institucional que, felizmente, está sendo seguro pelo inconsciente brasileiro. Os brasileiros, felizmente, não estão digladiados num apocalipse. Mas é preciso segurar, porque não é só o problema de energia, não, o

Roberto Carlos é um cantor biônico

problema é de cuca. Raríssimas pessoas se alimentaram suficientemente bem pra, poder pensar. Então, estamos num estado realmente desesperador. Quer dizer, eu acho que as aberturas democráticas permitiram a grande invasão cultural no Brasil. Você observe a dialética da censura e da liberdade no cámpo da cultura, porque a guerra econômica do petróleo é apenas uma metáfora da guerra subjetiva, que é a guerra da comunicação, que a dominação é a guerra cultural. Então, por exemplo, nos países socialistas, há censura, e dura. Por exemplo, o sujeito, pra entrar na Rússia, tem que ter passaporte, tem que levantar a ficha dele toda. Pra entrar em Cuba também. A censura nos países socialistas existe, mas é justificada do ponto de vista da segurança nacional. O esquerdista brasileiro, ele é ingênuo, ele fala contra a Lei de Segurança Nacional pensando que nos estados socialistas não há lei de segurança nacional. Basta ver a legislação, os atos institucionais que a União Soviética aplicou sobre Praga, quando a ocupou em 54, pra você ver do que se trata

Não estou julgando a qualidade das leis, estou dizendo da necessidade delas em determinados estágios históricos, quer dizer, aqui é preciso se expor isso. Então, foi levantada a censura. Ora, a cultura brasileira estava liquidada, trucidada, não só porque estava censurada, artistas e cientistas presos, exilados, alguns foram assassinados, mas também porque já estava sufocada pela inexistência de um mercado interno de consumo, de bens materiais e bens espirituais, e estes seriam a cultura, como também com a sua linguagem sufocada pelos modelos multinacionais, sobretudo o modelo anglo-americano, que é o poderoso modelo de dominação sobre o mundo. Então, o que ocorre é que a situação, hoje, é que a censura foi levantada e, no bode, no rastro — por favor, você mantém as minhas palavras, porque a imprensa brasileira tá em crise. Esse negócio de copidesque é invenção de americano pra castrar o pensamento das pessoas — se criou, então, os jornais copidescados, quer dizer, é a asneira copidescada pelo conformismo. A imprensa tem que mudar a linguagem porque não tem nenhum jornal no Brasil que se possa ler. A censura fica livre, não se escreve nada que proste. Os jornalistas são ingênuos. A imprensa brasileira nunca denunciou o esquema da CIA no Brasil. Aliás, o pessoal do REPORTER devia estar nessa onda, de afastar a CIA do Brasil. Quem são os homens da CIA no Brasil? Você não pode acusar ninguém de ser espião e agente, porque isso é crime contra a segurança nacional. Você tem que ter provas. Cumpre à imprensa abrir a jogada. Evidentemente existe um forte esquema da CIA no Brasil dentro do campo cultural, que está se aproveitando das aberturas para veicular a penetração em alta escala. Já se diz que a Warner Brothers vai querer manipular os canais de televisão educativa no Brasil, por exemplo. Você vê, por exemplo, esse cafajeste internacional, o Franco Zefirelli, sendo recebido pelo Figueiredo, sendo prestigiado pela burguesia carioca. Eu não sei. É toda uma transa. A imprensa brasileira tem que transar essa. A imprensa brasileira em vez de falar mal da CIA, da KGB, fica falando mal do SNI. Ela já está manipulada, inclusive internamente, pra fazer o jogo externo. Então, é o seguinte: eu vou continuar fluxo. A censura está aberta. O que está entrando?

A cultura brasileira não está apresentando nada, entendeu, porque a cultura brasileira fracassou. O cantor desse país é o Roberto Carlos, que é uma subimitação dos Rolling Stones, dos Beatles, nem disso. Subimitação do chá-chá-chá do italiano. Um cantor biônico, que canta músicas profundamente reacionárias. Desprendendo energias em guitarra elétrica. A guitarra elétrica é um negócio contra a economia de guerra, quer dizer, tem que acabar. A guitarra elétrica é instrumento do imperialismo. Então, o Roberto Carlos é isso. É um sujeito que, inclusive, não se assume fisicamente; porque não tem uma perna, então aparece de perna falsa, enganando as pessoas. Quer dizer, é uma loucura o negócio. O Pelé loteando o Brasil nos Estados Unidos. Virou uma espécie de moleque-propaganda, entendeu, das multinacionais. Quer dizer, é uma desmoralização pra cultura africana no Brasil. O país fica curtindo Pelé e Roberto Carlos. Eu acho que Pelé e Roberto Carlos pertencem ao passado. Pertencem à época da ditadura. O Brasil novo, aí das aberturas, devia superar essas figuras. No Brasil, os cantores todos cantam baixo, são uns cantores afeminados. Todo mundo canta à la João Gilberto: João Gilberto introduziu o canto afrescalhado na música brasileira. Então, o pessoal perdeu a falocracia canora. Passou a cantar: ah, meu amor, não sei o que... Todo mundo cantando baixinho, ninguém canta alto. É por isso que a ópera italiana domina o Brasil. Cantor baixo no Brasil, por exemplo, é a Betânia. É mulher, canta mais do que qualquer outro brasileiro. Você pode até botar isso aí em destaque: **o único cantor macho no Brasil é a Maria Betânia**. Não estou ofendendo a Maria Betânia, que eu acho um gênio. É a nossa Maria Callas do sertão. Agora, realmente, eu estou preferindo o Brado da Maria Betânia a qualquer pautada dessas bichas que andam cantando, porque o Sidnei Magal é uma tremenda bichona, é o símbolo da masculinidade brasileira. Quer dizer, nós estamos perdidos.

O Figueiredo é muito mais macho que esses caras todos. Eu, realmente, acho que as mulheres brasileiras deviam preferir o Figueiredo ao Sidnei Magal. O Figueiredo faz ginástica, é um cara macho. Inclusive disse que ia fazer a abertura e fez. Enquadrou a direita, deu a anistia, permite hoje a imprensa livre. Luís Carlos Prestes fala pra dentro do Brasil. Também o pessoal que estava metido na luta armada, que está preso, vai ser, mais cedo ou mais tarde, anistiado. O Brasil precisa se virilizar, porque os intelectuais, aqui no Brasil, ficam falando contra o nacionalismo e defendendo a cultura americana. Então, são pessoas ingênuas também, porque ficaram falando contra o Geisel e nunca falaram contra o Carter. Então, toda a esquerda tava fazendo propaganda do Carter, enquanto o Geisel estava fazendo as aberturas. Era óbvio, qualquer pessoa informada sabia que o Geisel fazia as aberturas. Em 74 eu declarei isso de Paris para a revista **Visão**, a esquerda internacional abriu uma campanha contra mim. A direita também. Porque todo mundo estava contra as aberturas. Era o óbvio. Um dia me chamaram de profeta. Não tinha profecia nenhuma. Eu apenas leio os telegramas internacionais das agências. Leio os editoriais dos jornais. Ouço as declarações dos políticos e sei o que está se passando. É uma questão de análise. Então, isso era óbvio, e os burros ficaram. Então, agora, todo mundo aplaude o Figueiredo. É um puxa-saquismo cínico. Agora todo mundo que é de esquerda no Brasil são os piores canalhas de extrema direita, eu

Pelé é uma espécie de moleque propaganda das multis

encontro no Antonio's hoje. Os caras são de esquerda, entendeu? Quer dizer, evidentemente eu acho que o Figueiredo não respeita essa frivolidade superficial. De forma que a dialética da abertura é essa. Quer dizer, o imperialismo está entrando e o liberalismo está correndo solto.

O imperialismo está entrando há muito tempo. O imperialismo

rocha

está entrando desde as naus portuguesas. Agora, o problema é o seguinte: na época da ditadura havia uma censura forte, então, também, a condução cultural imperialista não podia circular. Com as aberturas, a liberdade de censura beneficia a esquerda brasileira, mas beneficia também a cultura imperialista, e essa leva vantagem porque dispõe dos grandes meios de comunicação. Então, qualquer capítulo de novela de televisão destrói setenta mil cursos de marxismo e leninismo que você faça no Brasil, a não ser que houvesse um canal marxista-leninista no Brasil. Aí a situação, inclusive, ia ficar ruim, porque o marxismo e o leninismo precisam ser revisados. No Brasil, todo mundo é discípulo de alguém, de Buda, de Marx. Alziro Zarur é mais importante que Lenin no Brasil, mas as pessoas não entendem isso. Então, o intelectual brasileiro é um alienado, é pobre, não tem dinheiro pra estudar. O Brasil pertence aos brazilianistes.

O mercado de consumo em potencial não existe nem pro feijão. A saída do Brasil é o socialismo. Não há saída para o Brasil dentro do capitalismo. Eu tô falando seriamente, sem nenhuma intenção metafórica de fazer subversão gratuita, nem servir a órgãos ou interesses quais que sejam. É dentro da consciência humana. Qualquer grande intelectual, de Engels a Oscar Wilde, chegou à conclusão de que o socialismo é a solução. Agora, o problema é o seguinte: dentro da perspectiva capitalista norte-

A esquerda no Brasil são os piores canalhas de extrema-direita

americana, porque a toda tese como estou colocando o socialismo é a solução, você dialeticamente pode dizer que a antítese seria o capitalismo americano, que fez uma revolução social na sociedade norte-americana, transformando as estruturas do capitalismo tradicional europeu, quer dizer, criando o neocapitalismo, que funcionou dentro dos Estados Unidos, dentro de determinadas condições de história. Mas esse luxo do sucesso capitalista democrático americano, que chega a ser tão democrático que passa a ser socialista, devido à circulação democrática do capital e do estabelecimento de um mercado altamente bem estruturado e culturalizado, é feito à custa do sacrifício de nós todos do terceiro mundo e também da Europa, que depois da segunda guerra mundial foi colonizada metade pela União Soviética e metade pelos Estados Unidos. Então, pra nós, que somos fracassados como nação capitalista e que a burguesia brasileira não conseguiu realizar um projeto igual ao americano, quer dizer, realizando uma revolução industrial e uma revolução de mercado e também uma revolução social aqui. Nós perdemos o bonde do avanço do desenvolvimento capitalista, entendeu? E não temos nenhuma outra saída senão o socialismo dependente, mesmo que seja do imperialismo.

Eu, hoje, por exemplo, de manhã, estava com o seguinte barato: se eu fosse o Jimmy Carter, eu diria para o povo nicaraguense hoje: estabeleçam uma sociedade socialista que eu ainda dou dinheiro. Porque o modelo capitalista na Nicarágua dançou na cara de todo mundo com a queda do Somoza. Você não vai poder tirar dentro da estrutura capitalista a Nicarágua da sua velha estrutura. Então, você tira da estrutura do socialismo. A prova é essa: 20 anos de revolução cubana. Cuba é qualitativamente o país desenvolvido da América Latina. Eu morei em Cuba e digo isso. Cuba é alfabetizada. O cubano come, estuda, trabalha, não é rico, vive em casas modestas, com uma comida racionada, tem uma roupa racionada, mas tem, inclusive racionada, a lei da necessidade. O socialismo cubano está funcionando do ponto de vista da saúde, da higiene, do desenvolvimento das pessoas. Um jovem de lá é muito mais forte, muito mais bonito, muito mais bem dosado intelectualmente do que qualquer jovem latino-americano. Você sente isso antropologicamente, na qualidade dos desportistas cubanos, inclusive dos soldados cubanos que estão lutando na África, dos intelectuais. Há vários problemas dentro de Cuba, contradições nascidas do processo socialista, mas que não contestam o processo socialista. Então, pra mim, a Nicarágua tinha que ser socialista...

A saída do Brasil é o socialismo

Agora, o capitalismo selvagem, ele não dá certo. Aqui no Brasil não dá. E o socialismo aqui será dependente. Melhor que seja dependente dos Estados Unidos ou da Rússia, do contrário, para fazer sobreviver o capitalismo e tirar o Brasil desse atraso de dois séculos seria inclusive necessário que as próprias multinacionais ocupassem não só economicàmente, mas o espaço administrativo do país. Por isso que a cultura multinacional está chegando, porque eles estão investindo dinheiro, mas o negócio não está andando, então eles têm que vir dirigir. Daqui a pouco eles tomam o poder. Os Estados Unidos do Brasil podem virar 22 multinacionais. E, do ponto de vista humanista, se isso favorecer a felicidade do povo, que seja assim. Você não pode defender modelos antigos em nome de símbolos ultrapassados que geram fome. O melhor seria o Brasil se manter unido como nação, ser realmente um grande país, inclusive um grande país internacional desenvolvido, que os brasileiros pudessem encontrar o seu senso comum.

Mas esse senso está se perdendo. Até a língua tá se dispersando. O bombardeio linguístico dentro do Brasil é terrível. As publicidades se fazem em inglês, o pessoal canta em inglês, todo mundo está escrevendo em inglês, falando inglês, querendo ir para os Estados Unidos. Os brasileiros detestam o Brasil. O Pelé já se picou. O Pelé lá, ficam todos os brasileiros analfabetos que têm na cabeça uma bola de futebol cheia de ar. Você faz o seguinte, alienação é o seguinte: cem milhões de pessoas no Maracanã, são cem milhões de pessoas com a bola de futebol número cinco na cabeça cheia de 'ar, entendeu? Dá um furão, ali não tem nada. As pessoas ficam sendo chutadas pelos pés do Pelé. O Pelé chuta a cabeça de todo mundo. Fica todo mundo alienado pela bola, a bola vazia. Quer dizer, o Brasil realmente está por fora. O carnaval é outra alienação. Tá cada ano mais triste. Cada ano mais decadente. Fica essa burguesia internacional, essas vedetes decadentes... Eu acho que a burguesia internacional, essas vedetes decadentes... Eu acho que a burguesia brasileira, Magalhães Pinto, Walter Moreira Salles, Maluf, é que deviam liderar o processo de socialização no Brasil. Deveria ser responsabilidade deles, que querem ser presidente da República. Eu acho que cada capitão de indústria já possui um Estado. O Banco Nacional, a organização do Magalhães Pinto, é uma coisa mais poderosa, talvez, do que o Estado de Minas. Eu não sei a dimensão disso. O Sr. Magalhães vai fazer um discurso político, que ele gere um pensamento socialista. Porque senão os próprios capitalistas brasileiros vão ficar cada vez mais escravizados pelos americanos. Então, se vocês querem que o Brasil seja um país capitalista realizado, botem Walter Moreira Salles na presidência da República ou Magalhães Pinto. Botem um grande capitalista, um grande administrador: José Ermírio de Moraes. Um cara desses assim. Então, o cara vai entender que ele vai ter que socializar como o Agnelli, que é o tzar da Fiat italiana e que já entendeu e tá entregando aos comunistas. Que os comunistas, na verdade, são os operários que vão administrar, porque o problema é o seguinte: na Rússia não há socialismo, há capitalismo de Estado. Existe a classe operária, e a ditadura lá não é do proletariado, é da tecnocracia dirigente. Como é a tecnocracia dirigente das multinacionais. A TV-Globo é um mini-estado. Então, é o seguinte: o Boni é um tzar, como John Wallack é uma expressão de Estado. Um poderoso Estado tecnológico brasileiro, que dá 24 horas de imagens alienantes e sons alienantes ao povo brasileiro. A Globo é "suporífero", a espuma flutuante do povo brasileiro. Vai adormecendo, como um detergente audiovisual, vendendo publicidade e besteira através dos grandes atores, que são todos hoje uns palhaços. Paulo Autran reduzido ao ridículo atroz. Isso é o mal de um país que não teve Shakespeare, entende, que não tem cultura teatral. Então, os atores todos vendendo anúncio. Entra o ator, sai o ator, entra o anúncio, sai publicidade, manda pra lá, manda pra cá, quer dizer, é uma loucura completa. Aí o esquerdista-nacionalista diz assim: "Você está defendendo a censura"; aí eu digo: "Mas você está sendo liberal"; aí o cara diz: "Mas não, porque a segurança nacional é um instrumento do 'fascismo"; então, a confusão é geral. Ninguém entende nada

Os grandes atores são todos uns palhaços

Caos conceitual, quer dizer, as palavras não correspondem às idéias, e os americanos penetrando no Brasil, entende, as estrelas americanas. Essa jogada é 'a jogada da submissão, quer dizer, eu acho que se eu fosse um Figueiredo eu fazia o seguinte: o problema é energia mineral e energia cultural. Esses dois problema estão integrados, não se pode desvincular um do outro porque, inclusive, a energia cerebral pode gerar a energia mineral descobrindo através da psicografia, por exemplo, onde tem petróleo no Brasil. Eu acho que eu sei, por exemplo, onde tem petróleo no Brasil, mas eu já disse isso no meu filme **Deus e o diabo na terra do sol**. Quem assistiu ao filme direito, mas nenhum técnico da Petrobrás fez uma análise linguística do filme, tem indicação do petróleo lá. Então, o problema é o seguinte: energia cultural. Então, a Comissão Nacional de Energia devia ser Comissão Nacional de Energia Mineral e Cultural. Por exemplo, uma medida cultural séria era cortar a cor da televisão e reduzir a emissão da televisão para economizar a percepção brasileira, que gasta as suas energias audiovisuais consumindo um discurso televisivo inteiramente inútil, que é o da Globo, da Tupi e das tevês todas que estão por aí. Reduz a emissão de televisão para X horas, o brasileiro se vê dispersado da peste televisiva e economiza o tal

Continua no próximo número

A VISÃO DO PLANALTO: "A Igreja está atiçando o povo contra as instituições democráticas"

Antônio Moreira da Silva, o Morengueira, 79 anos de idade, 50 de malandragem na música popular brasileira. Cantor de sucessos como Acertei no Milhar, Amigo Urso e Na Subida do Morro, ganhador de um disco de ouro, "falso ouro", Moreira da Silva não tem medo da morte. Vangloria-se de estar enxuto, sem varizes, e diz que quando chegar a hora do "revertério" não terá dificuldades. Mora ao lado do cemitério, "para facilitar as coisas"

Entrevista de Luiz Pimentel
Fotos de Chiquito Chaves

KID

REPORTER ENTREVISTA

Moreira, quantos anos de batalha na música popular brasileira?

— 50 anos. Comecei profissionalmente em 1931.

Está chegando aos 80, não é?

— Estou com 79 anos de idade.

Ainda dá nó couro?

Opa! Mas vamos falar baixo.

Você é carioca?

— Carioca, da Tijuca.

Pega do comecinho. Como foi que você se envolveu com a musica?

— Aos 19 anos eu já era seresteiro Cantava as valsas de Cândido das Neves, Heitor Catumbi, Hermes Fontes, compositor e poeta genial, que escreveu um belo livro e suicidou-se. Fui cantando aqui e acolá, nas festinhas em casas residenciais, até que um dia apareceu o Getúlio Marinho, o **Amor**, que gostou da minha voz e me levou pra gravar na Odeon. Gravei então o meu primeiro disco, com dois pontos de umbanda: **Irerê** e **Rei de Umbanda**.

E antes da música, qual era a viração?

— Com 18 anos eu tirei carteira de motorista e fui trabalhar na praça. Chofer de praça. O Rio de Janeiro tinha, nessa época, pouco mais de 1 milhão de habitantes. Não tava dando pra continuar na praça. Fui à Assistência e arranjei um emprego de motorista de ambulância. Sou funcionário público até hoje, aposentado.

E como é que está, no dia de hoje, o cidadão Antônio Moreira da Silva, o Morengueira, com 79 anos de idade e 50 de carreira artística? Como é que você está enxergando a vida?

— Pra mim, enquanto o coração estiver batendo, a vida tá normal. Estou aí, cada vez mais enxuto. Não sinto nada de anormal, a não ser uma pressão de 13 por 9, um pontinho a mais.

Conta aquela história do dia em que você foi tirar a pressão...

— Fui num daqueles postos que ficam espalhados pela cidade, tirando a pressão de quem passa. Quando a mocinha me reconheceu, levou um susto e disse: "Nossa! Pensei que o senhor já tivesse morrido!" Eu respondi: "Que nada. A senhora ainda vai ver **comeuduro**". Mas ficou por isso mesmo.

O que está acontecendo na Phonogram, que não lançou até hoje o seu disco? O jornalista Roberto Moura faz esta pergunta e afirma que já está gravado há algum tempo. .

— Vai sair agora. Só espero que não seja o canto do cisne. Trata-se de um álbum duplo, com 24 músicas. Quem gostar do negócio pode bater no peito, porque o número é 24 mesmo. O problema é que gravei um LP anteriormente, e eles estão esperando vender pra poder lançar o álbum. Sabem como são as gravadoras, não arriscam. Eles gostam de mim, mas, se não vender, paciência.

Além da musica "Partido dos Passarinheiros", onde você teve que trocar a palavra "nabiça" por "giló", já enfrentou algum outro problema com a censura?

— Tive outro. Há pouco tempo eu gravei um samba chamado **Idade não é Documento**, onde, no breque final, eu dizia: "Eu sou Moreira da Silva, 78 anos, sem varizes, **afogando o ganso** por aí, com cara de Pavão Misterioso". A mulher da censura escutou e recomendou que eu fosse afogar o ganso noutra freguesia, porque na música não dava certo, não.

O Luiz Fernando Vieira, pesquisador de música e seu amigo, disse que você tem formação francesa com as mulheres, se vangloria de ser lingua treinada. Como é que é esse negócio?

— Você sabe que hoje em dia vale tudo, até **arma secreta**. Mas comigo não tem disso não, não preciso ainda.

E qual é a média? É verdade que ainda dá uma por dia?

— Uma por semana. Na Semana Santa. Fica quieto aí

E sua participação no cinema português?

— Fui a Portugal fazer **shows**, em 1939, e lá me convidaram pra participar de um filme, **Varanda dos Rouxinóis**. Eu aparecia cantando. Passou aqui no Brasil e fez muito sucesso.

Vamos entrar nos temas polêmicos. O que você acha do homossexualismo?

— Não sei bem, não sou especialista no assunto. Há quem diga que é doença, eu acho que tem um pouco de sem-vergonhice também. Tá na moda esse negócio do **n.° 11**, um atrás do outro. Não sei, tiro o meu do caminho e salve-se quem puder.

Você fez mesmo o teste da farinha, ou aquilo foi só uma brincadeira?

— Foi só uma brincadeira do Chico Buarque.

Mas se tivesse que fazer, faria, não é?

— Faria, mas poderia ser que não desse muito certo. Você sabe perfeitamente que às vezes, até pelo fato do cara ter um sofrimento de hemorróidas, comparece um mamilozinho no **olho do orifício pecaminoso.** Esse cidadão pode fazer o teste e não dar muito certo, coitado.

E o feminismo? Eu trouxe uma pergunta feminista, da desenhista Denise

> *Não sou malandro, nunca fui. Sempre trabalhei muito. Aprendi tudo na esquina da vida.*

MORENGUEIRA

Alvarez. Ela quer saber se você concorda com esta máxima: Mulher, Cachorro e Criança é debaixo da mesa. Você é contra as mulheres, Moreira?

— Eu acho que a diferença que há entre o homem e a mulher é pouca, é muito pequena. Gostosa, porém pequena. Sou inteiramente a favor delas, o que não é nenhuma vantagem, pois quem não é? Principalmente eu, que tenho aqui a Dona Mariazinha, com 51 anos de casa, fritando o meu bife direitinho.

E o tóxico, o que você tem a dizer a respeito?

— Sou contra. Acho que não ajuda em nada. Nunca experimentei nenhum, nem sequer conheço. Se você me mostrar talco, dizendo que é cocaína, eu acredito.

Como a maioria dos brasileiros, você gosta do futebol?

— Gosto muito. E sou flamenguista de coração, ganhando ou perdendo

Ainda existe o malandro, Moreira? Se existe, como é que ele está sobrevivendo no Brasil de hoje, no Rio de Janeiro de hoje?

— De jeito nenhum. Hoje existem os vagabundos, os assaltantes, que põem um trinta e oito na cintura e saem por aí barbarizando. O verdadeiro malandro, que cheguei a conhecer alguns, já era, acabou, foi tragado. Não dá mais pra viver na base da vaselina esterilizada.

Você é funcionário público aposentado, ex-motorista de ambulância, casado, morador em conjunto residencial construído pra abrigar servidores do Estado. Onde foi que você aprendeu a linguagem, os gestos, os trejeitos, os truques do malandro? Foi uma aprendizagem pessoal e direta ou realizada por intermédio de outros intérpretes, representantes de uma camada social? Esta pergunta é do escritor Reynaldo Valinho.

— Aprendi na esquina da vida, esperando a descida de quem subiu e fazendo o confronto, entre o malandro pronto e o otário que nasceu pra milionário. A esquina ensina muito. Os professores comparecem lá com os ensinamentos. É só a gente aproveitar o que nos interessa e deixar o resto de lado.

Outra pergunta que complementa a anterior, esta do ator Tonico Pereira: Moreira, com todo o meu respeito, você é o cantor-malandro brasileiro. Assim lhe conheci e aprendi a admirar. Mas gostaria de saber se, fora dos palcos, você é o mesmo malandro, ou se apenas monta um tipo pra enfrentar as platéias e faturar o seu, muito justamente, é claro. Ele quer saber se você é um autêntico malandro ou se tudo não passa de um "mise-en-scène".

— Não passa disso. Não sou malandro, nunca fui, sempre trabalhei muito e corri atrás. Mas o meio-ambiente me fez conhecer tudo isso que o Tonico está querendo saber. Conheci malandros. Conheci Valdemar da Babilônia, João Cobra, Mané da Carretilha, Nina do Estásio, Brancura, Gaguinho Bicheiro, conheci esse pessoal todo. Eu entrava em batucadas, na Praça XI, no meio deles. Armavam aquele círculo e tome rasteira, pra lá e pra cá, Eu era muito magrinho, e quando um vinha me segurar pra derrubar, os outros logo intervinham: "Não, esse aí, não. Deixa o garoto, é gente boa" Convivendo ali tirei as conclusões de malandragem que trago comigo.

Como é que foi a história da tua entrada na Academia Brasileira de Letras?

— Foi um jornalista que armou aquilo tudo. Ele fez uma música. **Clã dos Imortais**, que foi gravada por mim. Então fizemos a jogada promocional. Me preparei todo, com aquele roupão que eles usam lá, e tirei umas fotografias para a imprensa, ao lado dos imortais. Gosto muito daqueles velhinhos

Você sempre se disse o criador do samba de breque. Mas há uma controvérsia a esse respeito, porque existem pessoas que afirmam ser o Heitor Catumbi o verdadeiro desse gênero de interpretação. Gostaria que você esclarecesse isso, a pedido do jornalista e crítico de música Tarik de Souza.

— Heitor Catumbi nunca fez samba de breque. Eu é que colocava o breque nos sambas dele, quando eu gravava. Era um bom letrista, mas gravou muito pouco. O samba de breque foi criação minha, num momento de rara felicidade, ajudado por Deus e pelas Entidades todas que me guiam. Graças a elas consegui o que tenho hoje, que representa a minha tranqüilidade na velhice. Casa própria, arrumadinha como você está vendo, tudo da Dona Mariazinha. Não me falta o vil metal, sujo que só pau de galinheiro, porém necessário.

Continua trabalhando muito?

— Continuo. Agora mesmo estou aí no Projeto Pixinguinha, viajando pra todo lado, fazendo um sucesso danado.

Nesse disco que está pra sair, tem músicas novas?

— Tem algumas. Vou cantar uma, em primeira mão pro REPORTER. **Eu só vou de gíria:** "Ai, eu só vou de gíria/balanço com o coreto e boto pra quebrar/Você não tá com nada, venha devagar/se não vai quebrar a cara./Ô cara, dar mancada pega mal/tiro meu balanço e sempre estou na minha/entro no pagode e faço a guerra só./Dou nó em pingo d'água e tiro minha chinfra/pois meu samba é no gogó./Otário no meu papo vai se machucar/já disse pra quê vim, já vou me mandar/Melhor sair da frente que eu quero passar/Pra vocês o meu abraço e aquele plá".

Já ouvi você ser acusado de "comprousitor". Fala-se muito nesse negócio de autores que compram, ou compraram musicas alheias e registraram em seu proprio nome. Nesse sentido, você é um dos caras mais visados. Qual é a defesa?

Comprei, vendi, dei, tudo bem Nunca neguei. Mas tem compositor aí que não tem a coragem de dizer que tirou melodias inteiras de musicas estrangeiras Tem muito compositor de nome aí que roubou pedaços enormes de músicas italianas. Isso é muito normal. Quem fica por aí falando essas coisas é o sujeito invejoso, que não tem talento pra fazer nem tino comercial pra comprar. Comprei musicas de compositores que precisavam vender a criação, às vezes, até pra comer

Seu maior sucesso foi "Acertei no Milhar" mesmo?

— Foi um dos maiores. Tive grandes sucessos, ganhei até **disco de ouro.** Falso ouro, né, que ninguém vai dar disco de ouro legítimo pra ninguém.

Qual o maior compositor da música popular brasileira, na sua opinião?

—Vivo ou morto?

Diz um vivo e um morto.

— Morto temos Zé com Fome, Wilson Batista, Geraldo Pereira, Ary Barroso. Dos vivos, eu gosto muito do Ciro Aguiar.

E o seu amigo Chico Buarque?

— Ele atualmente faz suas coisinhas, mas não chega a ser genial, não. É um bom compositor, nada mais que isso. Gênio foi Noel Rosa.

Quando da entrevista do Chico Buarque, no programa Canal Livre, você falou mal do João Gilberto como artista. Na mesma hora Chico argumentou ter sido ele mesmo muito influenciado pelo João. Você não acha que a MPB deve muito ao João Gilberto, mesmo com voz pequena e desafinado? Esta pergunta é do desenhista João da França, que é teu admirador.

— A música brasileira não deve nada a esse rapaz. Ele não é cantor nem compositor, não é nada. Fez sucesso tocando o violãozinho dele nos EUA, porque em terra de cego quem tem um olho é rei.

E o Caetano Veloso? Você tem uma certa bronca dele, não é?

— Não é cantor. É do time do João Gilberto, do pessoal que fica na crista da onda recebendo elogios. Como compositor, eu até o respeito, mas ele é muito metido a besta. Outro dia, em São Paulo, eu o vi tentando desfazer do Ary Barroso, perguntando com deboche: "Mulato Inzoneiro, que é isso"? O que é que há, meu amigo? O Ary Barroso foi um compositor genial, um intelectual. Quem é Caetano Veloso pra zombar dele? A língua é o chicote do rabo. Às vezes ele faz versos que também não fazem muito sentido.

É verdade que você ganhou mais dinheiro cantando duas músicas do Chico Buarque do que com qualquer outro trabalho seu?

De receber de uma vez só, foi. O disco dele vendeu como água, aquele do joga bosta na Geni. De cara peguei logo quase quatrocentas milhas.

E na politica, tá afiada à cabeça? Como é que você está vendo aí as mudanças? Quais são as perspectivas pra nós, brasileiros?

Golbery saiu, mas nós tamos aí. Eu gosto do Figueiredo e deixa pra lá

E as eleições de 82, você já tem candidatos?

Quem tá mandando é o PP. É melhor eu não abrir a boca, senão eles me prejudicam. Mas vou votar na Sandra Cavalcanti Acho que é a grande jogada

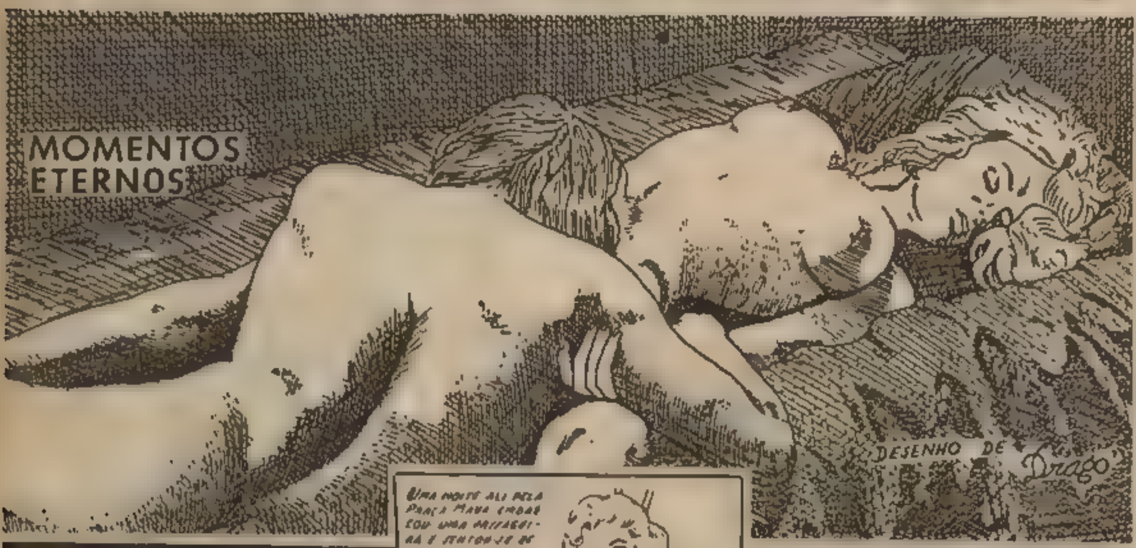
79 anos ja representam uma longa caminhada. Você se sente velho? Como e que está encarando a velhice?

— Não tem erro. Na hora do revertério e **ad locumtum** a gente vai ter que ir mesmo. Pra mim está fácil, pois moro ao lado do cemitério. Fechar o paletó é normal., **c'est la vie.** E o ignorante do lado respondeu: "Pois é, mas a minha não veio até agora".

Grande Otelo, dizendo: "Dá-lhe, Moreira!..."

PRESO PELA FEDERAL, SUCESSOR DE CARLOS ZÉFIRO NÃO DESENHA MAIS

LIVRETOS DE SACANAGEM SÃO SEU MAIOR ORGULHO



Desenho de Carlos Zéfiro

O último original do artista proibido

Era muito comum na década de 50 alguém chegar numa banca de jornal e comprar furtivamente um livrinho de capa cinza, sem qualquer indicação de título ou autor do lado de fora. Assim circulavam por todo o país os livrinhos de sacanagem de Carlos Zéfiro, um desenhista de traços simples e histórias incisivas, que hoje em dia virou lenda, pois ninguém jamais conseguiu descobrir quem é ele. Combinando os desenhos com um texto malicioso e envolvente, Zéfiro revelou os segredos do sexo para muita gente

Em São José do Egito, província de Pernambuco, Nivaldo Pereira de Matos ficou louco com um desses livros Aquele enredo mostrando o envolvimento sexual, a trepada, os ais e uis das mulheres excitou sua imaginação Ele passou, então, a tentar desenhar como Zéfiro. Hoje, com 27 anos e dois filhos, morando em São Paulo, Nivaldo é Drago — pseudônimo com o qual lançou vários livros de sacanagem, até que a Polícia Federal interrompesse sua promissora carreira

Nivaldo casou cedo — aos 16 anos — com uma garota de 13 anos e veio com ela para São Paulo Tentou ser metalúrgico e foi morar em favela, no bairro da Saude Não deu certo. Então partiu para Brasília, onde trabalhou como auxiliar de escritório e escreveu contos eróticos que mandou para vários concursos. Como em Brasília as coisas também andassem mal, ele voltou para São Paulo (há 10 anos) Trabalhou como cartazista num magazine. Seu último salário chegou a Cr$10.mil, mas quando mudou a gerência ele foi demitido A situação começou a ficar preta Aí Nivaldo teve a idéia que tal viver de livrinhos de sacanagem?

Eu peguei meu Fundo de Garantia e, com o dinheiro, aluguei uma máquina xerox. Vi um anúncio no jornal, telefonei pra lá e eles mandaram um vendedor. O vendedor veio aqui em casa e perguntou o que eu tencionava fazer com a máquina. Eu mostrei os originais pra ele e ele disse "Ah, sim, vai dar muito dinheiro". Fechamos o contrato

Assim nasceu Drago

— Eu queria assinar com um nome que chamasse a atenção Como um dragão, algo grande, forte E veio Drago. Drago, simplesmente

Feito o produto, Nivaldo procurou os donos de sebos, de bancas de jornais e os caras que espalham revistas antigas nas calçadas da avenida São João, no fim da noite Essas pessoas em geral são cautelosas e, quando aparece alguém estranho querendo comprar os livrinhos, dizem que não tem. Mas, para os fregueses, vendem por Cr$100,00 em média Diz Nivaldo

— Eu perguntava pro sujeito se ele tinha a mercadoria Ele dizia que não, que ia chegar. Aí eu abria o jogo e oferecia a Cr$20,00 a unidade Para grandes quantidades o preço baixava para Cr$14,00. Tem gente que levava mil revistinhas de cada vez

Nivaldo calcula que fez cerca de 3 mil revistinhas, a partir de 14 livrinhos — cada um deles com 16 páginas e 36 quadrinhos Em cada página, no máximo 4 quadrinhos Nas partes eróticas vinha um desenho só, "pra mostrar bem o trabalho"

Ao contrário de Carlos Zéfiro, Nivaldo jamais usou uma gráfica para reproduzir seus livrinhos Ele vendeu fotocópias tiradas a partir de um desenho original, feito com tinta nanquim

Eu mesmo desenhava, cortava o papel, dobrava, grampeava e distribuía. Isso dá dinheiro, realmente dá Pra você ter uma idéia, eu ganhava Cr$ 10 mil como cartazista. Com os "catecismos", eu faturava de Cr$20 a Cr$25 mil E ainda estava no começo

Os planos de Nivaldo eram vender os livrinhos também fora de São Paulo. Mas a polícia entrou na jogada, antes que isso acontecesse Um dia ele chegou a um jornaleiro do largo do Arouche e foi abordado por dois elementos que se diziam policiais Revistaram sua sacola e ameaçaram fazer um escândalo através da Rede Globo Nivaldo se apavorou Algemado, entrou na viatura e rodou a cidade toda Acabou indo parar na sua casa e fez um acordo com os policiais

- Tirei quase Cr$ 20 mil da caderneta de poupança e dei pra eles

Alguns meses mais tarde ele foi preso na avenida São João por um tal de Luís Carlos, que se identificou como agente da Polícia Federal Horas mais tarde, sete elementos da Polícia Federal estavam examinando sua casa. Levaram tudo revistas, livros e originais de suas histórias Ele mostrou a um Federal o retrato de um dos policiais que havia levado grana na vez anterior. O federal rasgou o retrato na frente de Nivaldo. Além disso, a própria Polícia Federal ligou para o escritório das máquinas xerox e cancelou o contrato em nome de Nivaldo

Ele teve, então, que voltar a trabalhar como auxiliar de escritório. Arrumou essa função num supermercado, onde trabalha agora como cartazista, ganhando Cr$ 13 mil. Mas sua despesa mensal é superior a Cr$20 mil Para completar o orçamento, Nivaldo se vira

Pois é, eu faço estatueta, pinto alguns quadros, faço desenho de pessoas Tudo isso nos sábados e domingos, meus dias de folga

Além disso, ele já compôs 72 músicas. Mandou algumas para a censura, mas todas foram vetadas Mesmo assim ele continua compondo, e também não parou de fazer desenhos eróticos. Quanto aos livrinhos de sacanagem, são o seu maior orgulho

Pelo menos, uma de minhas manifestações artísticas chegou ao povo e é isso que me interessa Meus livros não eram pornográficos. Pornografia é abordar sexo de uma maneira distorcida O cinema brasileiro o faz, com suas pornochanchadas, algumas revistas de mulher pelada por aí fazem isso Eu, não Fazia isso tudo como se ilustrasse um conto de Shakespeare

Esse moralismo de Nivaldo surge, também, quando fala de Jorge Amado, que já foi (ao lado de Cassandra Rios) um de seus autores prediletos

– Depois que ele permitiu que filmassem o seu **Dona Flor**, me afastei, porque o filme pornografou o livro dele

Rivaldo Chinem

UMA COLUNA DE POLÍCIA

SIRENES & CAMBURÕES

Aroldo Machado

A força (oculta?) dos banqueiros do bicho

Em junho, os banqueiros do chamado jogo-do-bicho receberam "ordens superiores" para que o jogo fosse instalado dentro de casas, lojas, etc. Pelo visto, a ordem não foi cumprida à risca, pois no dia 3 passado o secretário de Segurança, general Waldir Muniz, quando passeava (ou fiscalizava) pela rua do Ouvidor, encontrou vários bicheiros escrevendo as apostas em plena calçada. Irritado, ou envergonhado por ter sido reconhecido por várias pessoas como sendo o comandante da polícia carioca, ele não teve outra saída: ordenou ao delegado Mauro Magalhães, diretor do Departamento de Polícia Metropolitana, que prendesse os contraventores. Mas, na verdade, o que ocorreu foi a simples apreensão de material de jogatina. Segundo os policiais, "os bicheiros fugiram, correndo em meio à multidão formada para ver a ação da polícia".

— Eles estavam numa atitude acintosa — dizia o delegado Mauro Magalhães. Mas não é de hoje que polícia e bicheiros vivem em harmonia. Muitos policiais até trabalham para os contraventores, como seguranças de seus pontos ou mesmo como guarda-costas de banqueiros. Na verdade, nos primeiros dias do mês, policiais são vistos conversando, "em atitude suspeita", conforme eles costumam dizer, com gerentes de pontos de bicho. Além disso, há ainda o "almoço", quando, diariamente, os carros da polícia são vistos dando uma meia-parada nos pontos. Rapidamente o gerente se debruça no carro e, um minuto depois, o carro já vai longe. Mas a coisa não pára aí. Existem, ainda, os **free-lances**: policiais que, todos os sábados, em carros particulares, percorrem os pontos de jogatina "para visitar os amigos", garantindo assim a galinha do domingo.

O poder dos banqueiros tornou-se uma coisa muito grave para qualquer administração séria que, porventura, se arrisque a tentar moralizar a polícia. No momento, a força (oculta?) dos banqueiros do bicho é capaz, até mesmo, de transferir delegados e policiais que, porventura, se atrevam a atrapalhar seus negócios. Por esse motivo é que meia dúzia de delegados antigos, com fama de honestos, trabalham em serviços burocráticos ou estão encostados na Corregedoria de Polícia, também chamada de **museu**. Esses delegados, quando são titulares de alguma delegacia, encontram uma série de barreiras, formadas pelas forças ocultas do bicho. A principal delas é a má vontade da **tiragem** (policiais). Estes, sabendo que o delegado não permite o funcionamento do jogo em sua área (há casos de o próprio delegado sair às ruas para prender bicheiros), pedem para ser transferidos para outra DP. Quando não conseguem seu objetivo eles passam a não produzir, aumentando, assim, a criminalidade na área.

Mas, para evitar falar no problema do jogo, a polícia civil encontrou uma esfarrapada justificativa: "o policiamento ostensivo está a cargo da PM". Esta, por sua vez, diz que, ao chegar com um bicheiro numa delegacia, encontra a má vontade dos policiais em fazer o auto de prisão em flagrante. Geralmente é feito apenas o auto de apreensão de material de jogo, libertando-se os bicheiros.

Desse jeito, a única forma de acabar com a corrupção é liberar o jogo-do-bicho. Diminuía a criminalidade, o Estado arrecadava uma grana em impostos e podia, até, melhorar as condições de trabalho e o salário dos policiais, o que também ajudava a eliminar a corrupção. Em Pernambuco e na Paraíba, por exemplo, o jogo é livre, e nos dois estados banca quem quer e quem tem cacife, o que aumenta até o mercado de trabalho, pois muita gente se interessa em passar um joguinho pra faturar a comissão que a **casa lotérica** (bicheiro) dá.

Enquanto isso, no Rio, a pretexto de encarcerar alguns banqueiros apontados como criminosos, foi criada uma Comissão Especial. Depois de alguns meses a Comissão foi dissolvida e nada se apurou. Os banqueiros retornaram a suas atividades e tudo ficou como antes.

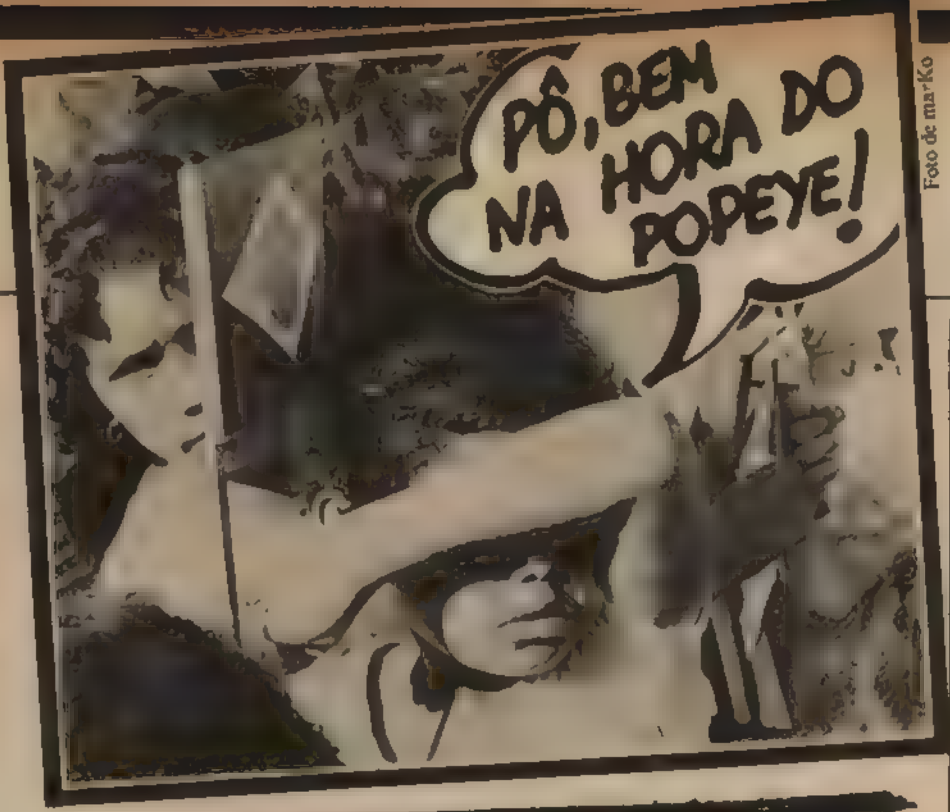
Patrão usa TV para espionar trabalhador

A fábrica Valimoto, que fica no começo da rodovia Bandeirantes, em São Paulo, gastou 8 milhões de cruzeiros para instalar um circuito interno de televisão. E passou a instalar aparelhos em tudo que é canto. Até nos banheiros. As moças foram as primeiras a chiar. Botaram a boca no mundo.

Alertados pelo perigo de serem vistos tomando banho ou fazendo xixi e cocô pelos donos da fábrica, os rapazes engrossaram o coro dos descontentes. E foram ao tal de sr. Joseph, dono da metalúrgica, que não os atendeu. Foram ao gerente de relações industriais, sr. Sérgio, mas nada adiantou. Ou melhor, a fábrica botou tropas da PM e alguns agentes do Deops para circularem nos corredores da fábrica, a fim de que não houvesse mais manifestações contrárias aos tais aparelhos.

A denúncia chegou ao Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo e Barroca, um dos diretores, foi ate lá, obtendo a "promessa" de que, pelo menos dos banheiros, os aparelhos seriam desligados. Não tirados, vejam bem, apenas desligados.

Rivaldo Chinem



Mais de mil crianças fugiram da Funabem nos últimos cinco meses. Estão de parabéns. Do jeito que as coisas andam por lá, com porradas e maus tratos a torto e a direito, a criança que foge revela um grande bom senso e mostra que quer uma oportunidade de continuar vivendo.

Ricardo Bueno

Os direitos cívicos de um gato

"Gato que nasce no forno é biscoito?" me perguntava o vovô Tonico, e eu ficava boquiaberto com minha incapacidade de responder. Na minha cabeça de garoto só ocorria perguntar-lhe se bolacha que mia é gato. O que nunca ousei, temendo a bengala. Hoje, agente secreto do REPORTER, o melhor jornal felino do mundo, fui descobrir o gato que é agente secreto da Inglaterra, no Museu das Guerras Imperiais, de Londres.

O que faz um gato agente secreto? Caça ratos, uai! Mas este meu colega de trabalho, como todos nós, engordou e envelheceu. Vai daí que os pêlos começaram a cair, que ele já não pegava tantos ratos, que roubava a marmita dos demais funcionários do Museu. Os quais funcionários pediram ao chefe deles que fosse dado sumiço no gato. Só que eles não sabiam que todo agente secreto que se preza tem sempre amigos ocupando excelentes cargos. No caso, o chefe do Museu era amigo íntimo do gato. E descobriu o seguinte: que, apesar de secreto, o gato era funcionário público, tinha uma verba só pra ele, pra comprar a comida dele, pagar o veterinário dele, pensão pra ele ficar durante as férias e dias feriados do Museu, tudo direitinho inscrito no orçamento das forças armadas britânicas.

E o que foi que o chefe do Museu respondeu aos funcionários inimigos do gato, certamente agentes comunistas infiltrados no exército inglês? Baixou uma portaria dizendo o seguinte: "Enquanto o gato não apresentar sua demissão por escrito, devidamente assinada, não vejo nenhuma razão imperiosa para aposentá-lo antes da idade oficial para aposentadorias, que é atualmente de 60 anos". E o chefe do Museu mandou esta portaria para o diretor do serviço de pessoal, que baixou outra portaria. Dizia ele: "Tendo em vista o conflito ora existente entre o diretor do Museu, um certo número de funcionários e um gato chamado General Perky, decidi estudar a situação segundo as nossas tradições, isto é, levando em conta a personalidade do gato. Em vista do que convoquei-o para uma entrevista pessoal em meu escritório. Infelizmente, como é de seu direito, o gato recusou-se a me comunicar fosse o que quer que fosse podendo prejudicar sua honra e sua carreira. Fui, então, obrigado a consultar seu dossiê pessoal. É meu bastante parecer que cada ano de vida de um gato sendo equivalente a sete anos de vida de um humano, General Perky, hoje com a idade de nove anos, teria a idade humana de 63 anos. Em vista do que sua aposentadoria foi objeto de negligência dos serviços da Rainha. Decreto assim sua aposentadoria, com salário pleno, todos os atrasados que lhe são devidos por três anos de trabalhos suplementares, acrescentados das somas devidas por circunstâncias atenuantes no não cumprimento do dever. Com efeito, parece que General Perky foi superalimentado por funcionários irresponsáveis. De hoje em diante, General Perky pode ronronar em paz e não mais trabalhar; o Exército continuará a lhe fornecer sardinhas, patês e pires de leite, além de moradie no próprio Museu".

Todo este assunto, como é habitual na velha democracia inglesa, foi discutido pela imprensa. Quando, Senhor Presidente, os funcionários públicos brasileiros terão direito ao respeito que merece um simples gato inglês? Se brasileiro que mia é gato, podemos apresentar nossa candidatura para substituirmos o General Perky.

Luís Eduardo Prado

ESPERTAS

●Um parlamentar fez os calculos: em São Paulo, nas eleições de novembro de 1982, haverá 65 000 candidatos a vereador, 6.000 a prefeito, 18 a senador, 990 a deputado federal e 1422 a deputado estadual, fora os mais esfogueados, que tentarão a governança do Estado mais rico da federação. Já pensaram se esta gente estivesse empenhada na luta pela melhoria das condições de vida e de trabalho do povo? Mas, cadê tempo pra isso? É um tal de convenção, reunião, articulação, composição, fora a coleta de dinheiro, porque a estimativa é que os caras vão gastar mais de 100 bilhões nas campanhas eleitorais.

Daniel Aarão Reis Filho

A direita sai da toca

A direita pernambucana comemorou, do seu jeito, os 50 anos de sacerdócio do arcebispo de Olinda e Recife, D. Helder Câmara. Na mesma semana em que mais de 20 mil pessoas compareceram ao ginásio de esportes Geraldo Melo, no Recife, para assistir à missa concelebrada por dezenas de padres, bispos e cardeais em homenagem a D. Helder, a cidade foi inundada por cartazes com o título *Jubileu Sacerdotal — a união faz a força...para agitação.*

O cartaz estampa 4 fotografias. Duas delas tiradas durante a sessão de encerramento do I Congresso de Delegados Sindicais da Zona da Mata, organizado pela Federação dos Trabalhadores Agrícolas de Pernambuco — Fetape — à qual compareceram líderes políticos como Miguel Arraes, Jarbas Vasconcelos e Gregório [illegible], representantes de outros sindicatos e D. Helder. Em uma das fotos o bispo é visto apertando a mão de Gregório Bezerra e, na outra, Miguel Arraes saudando os mais de 500 trabalhadores presentes.

As outras duas fotos mostram D. Avelar Brandão chegando a Exu, e sua reunião com membros das famílias Sampaio e Alencar, onde conseguiu um pacto que impeça os assassinatos que há 32 anos vitimam membros das duas famílias pernambucanas.

A partir daí, concluem os autores do cartaz: "As missões dos bispos:

- **D. Helder — agitar**
- **D. Avelar — pacificar**
- **D. Helder — incitar a luta no [illegible]**
- **D. Avelar — promover a [illegible]**
- **D. Helder — promover a união da extrema esquerda (MR-8, PCB, PC do B, PMDB e clero progressista)**
- **D. Avelar — evitar o ódio e promover a paz**
- **D. Helder — preocupa-se em ser o cavaleiro da esperança (Prestes)**
- **D. Avelar — preocupa-se em ser o cavaleiro da paz, do entendimento, da bondade, da humildade, deslocando-se da Bahia para Pernambuco numa missão... que deveria ser de quem?"**

Os cartazes, impressos em duas cores e colados aos milhares em toda a região metropolitana do Recife, provocaram evidente mal-estar entre as próprias autoridades estaduais — o governo Marco Maciel compareceu à missa em homenagem a D. Helder e faz questão de ser fotografado ao lado do bispo. Por isso, a prefeitura encarregou-se de arrancar os cartazes, no que foi auxiliada pela população, que nos pontos de ônibus e em outros locais parava para rasgá-los.

A ofensiva direitista se explica por dois movimentos de trabalhadores que têm grande significado em Pernambuco. Já começou o dissídio dos trabalhadores de cana-de-açúcar, que em 1980 deu em uma greve de 250 mil canavieiros, reunidos nos 45 sindicatos da Zona da Mata. O outro dissídio, que deverá mobilizar milhares de trabalhadores em Pernambuco e na Bahia, é dos eletricitários, que ano passado só não pararam a geração de energia em Paulo Afonso porque a Companhia Hidrelétrica do São Francisco atendeu a maioria de suas reivindicações.

Eduardo Homem

Banco	1981	1980	1979
Bradesco	53,9	67 2	72,6
Itau	62,3	66 3	63 0
Banespa	16,4	20,9	24 6
Banerj	43,2	40,6	38 7
Nacional	56,9	66,5	68,2
Unibanco	31,9	39,0	35 6
Bamerindus	45,9	45 7	40,1
Francês Brasileiro	17,9	21,9	21,8
Econômico	34,0	40,0	39,5
Safra	15,6	22,2	21,8
[illegible]	47,4	46 8	45,8
BNC	18,2	25,8	40,7

PARTICIPAÇÃO DOS SALÁRIOS NO CONJUNTO DAS DESPESAS

Enquanto os lucros dos bancos sobem ate 500 por cento entre junho de 80 e junho de 81, as despesas com salários diminuíram sua participação percentual no volume global das despesas bancárias — ver quadro. Este será, seguramente, o principal trunfo dos bancários quando forem discutir com os patrões o aumento salarial de setem[illegible].

Antes mesmo de começarem as negociações, entretanto, o presidente do Sindicato dos Bancos do Rio de Janeiro, Teophilo de Azeredo Santos, já chora miséria e pede ao ministro do Trabalho e ao presidente Figueiredo que revejam a lei salarial que criou os reajustes semestrais. É muito cinismo e vontade de jogar lenha na fogueira [illegible] sociais. Depois vão dizer que os bancários são agitadores e seus dirigentes sindicais, comunis[illegible].

Soneto para uma mulher sonsa

Amada, quando eu te vejo
Percebo que de orgulho o puma treme
Qual rato saboreando o queijo
Pressinto latejar meu IPM.

O teu perfume, linda pequena
Mistura de alfazema e corrimento
Me faz recitar versos de Lorena
Sob a lua bombardeada do riocentro.

Se me abandonas, ó desalmada
Sei que morro com a patente ameaçada
E a genitália de pavor dilacerada.

Esquece o que passou, meu coração
nunca existiu sargento nem capitão
foi tudo intriga da oposição.

Luiz Pimentel

salvador

A índole do brasileiro é pacífica; logo, o quebra-quebra dos baianos foi uma festa. E é assim desde Cabral

Ponto de ônibus em Salvador depois do quebra-quebra

Reportagem de Francisco Viana
Fotos de Silfredo Freitas e Mário Bonfim

CIDADE

Quem chega a Salvador percebe logo o clima de tensão no ar. Nas ruas há muita miséria, muita gente mal vestida, com cara angustiada, e por toda parte se fala mal do governador Antônio Carlos Magalhães. A novidade não são propriamente os quebra-quebras, mas o que sobrou deles: o **ônibus ecológico**, nome mordaz que o baiano inventou para estigmatizar os carros que, após os quebra-quebras, passaram a circular pelas ruas com vidros quebrados e um monte de gente se equilibrando na traseira para viajar de graça e não pagar passagem.

A impressão que se tem é de que a cidade vive um período de insurreição. Uma pessoa já morreu, vítima da repressão policial — o comerciário Arnaudo Eleutério dos Santos, 17 anos — as prisões têm se multiplicado e não há indícios de que a situação vá melhorar. O governador e o prefeito, Mário Kertesz, antes com algum prestígio popular, caíram tanto no conceito da população que foram impedidos, dia 2 de setembro, de inaugurar um viaduto e tiveram de fugir, protegidos pela segurança, sob uma chuva de vaias e pedras.

Para Salvador, um clima desses é traumático. A cidade sempre foi rebelde, é verdade: foi lá que houve a primeira revolta social do Brasil, a Conjuração dos Alfaiates; foi lá onde os holandeses amargaram duas das piores derrotas que sofreram no Brasil, na época da Colônia; e foi lá, também, onde começou e terminou a guerra da independência. Em 1912, a cidade teve que ser bombardeada para que sua rebeldia fosse aplacada, e em 1930 um aumento no preço dos bondes acabou resultando no maior quebra-quebra da história do país. A diferença da rebeldia anterior para a de agora é que a crise é maior e a luta de classes é um fenômeno que se percebe em qualquer ponto da cidade, mesmo nos bairros grã-finos, antes isolados.

A rebeldia que agora explode vem acabar com uma imagem que a Bahia cultivou com grande carinho nos últimos dez anos: a de uma espécie de nirvana verde-amarelo onde tudo era motivo de festa, prazeres e carnavais. Na última década, a Bahia cresceu muito, se industrializou e acabou produzindo uma classe operária jovem, que agora começa a se organizar e a reivindicar melhoria de vida nas fábricas do pólo petroquímico e do Centro Industrial de Aratu.

Paralelamente, sua elite dirigente declinou de prestígio. O grande fenômeno dos últimos 17 anos foi Antônio Carlos Magalhães, que modernizou a cidade quando exerceu o cargo de prefeito, no fim da década de 60. Hábil, bom de voto, destemperado, Antônio Carlos fez carreira rapidamente e criou fama por não medir adversários quando se trata de defender os interesses do Estado. Brigou com o ex-ministro Clemente Mariani, quando este vendeu o Banco da

Pela janela do que foi um ônibus, pode-se observar a índole pacífica do baiano

Bahia, ao Bradesco, assim como brigou com Delfim Netto, quando este se aventurou a ir de encontro aos interesses econômicos do Estado.

Antônio Carlos imaginava que sua boa estrela o acabaria levando até a Presidência da República, pelo voto direto ou indireto. O que ele não contava era com o acidente de percurso, agora materializado nos quebra-quebras. Não é só o desgaste junto ao governo federal que o preocupa. Ele teme principalmente se ver desgastado diante de seus adversários no próprio PDS, que jogam pesado para afastá-lo do poder: Luís Viana Filho é seu antigo adversário e só aceitou compor com ele nos últimos anos por conveniência política recíproca; Lomanto Júnior, também velho adversário, já começa a colocar as mangas de fora e não faz segredo para ninguém que quer (e vai) se candidatar ao governo do Estado, esgrimindo a seu favor o prestígio que supostamente desfruta na região cacaueira.

AICE Digitaçao -x- Programaçao
Centro — Sen. Dantas, 117 sobreloja 218
Ilha Gov. — Estr. do Galeão 2600 — B — s/213

Os agitadores do PC do B e do MR-8 já quebravam bonde em 1930

REBELDE

Nem nos próprios quadros carlistas o governador tem paz. Seus dois herdeiros estão brigando entre si pela coroa: o prefeito Mário Kertesz está jogando pesado para abrir caminho até o governo do Estado, tentando se firmar junto à população. Só corre o risco de não conseguir por causa do aumento de 61 por cento nas passagens de ônibus que a prefeitura acabou concedendo, apesar de todos os cuidados que vem tendo com a imagem.

O outro herdeiro de Antônio Carlos é o ex-prefeito Cleriston Andrade, figura sem nenhum carisma, atualmente na presidência do Banco do Estado da Bahia. Cleriston conta com clara simpatia de Antônio Carlos, mas dificilmente conseguirá se impor. Tudo indica que o único feito que Cleriston conseguirá é deixar um grande rombo nos cofres do Baneb, devido aos gastos excessivos com publicidade nos meios de comunicação de Salvador e com a abertura de inúmeras agências do banco que dirige no interior do Estado.

Para completar o cerco em torno de Antônio Carlos há ainda um outro poderoso e perigoso adversário ganhando Roberto Santos, até recentemente um professor universitário desconhecido que tem crescido no conceito da Oposição por suas posições anticarlistas. Além disso, Roberto conta com o apoio de grande número de prefeitos do interior, prestigiados durante o seu governo. A vitória de Roberto Santos será facilitada se ele conseguir que seu nome seja aceito, mesmo vinculado ao PP, pelos demais partidos de oposição. Dentro do PMDB baiano cresce atualmente a tendência de apoiá-lo, caso o deputado Francisco Pinto anuncie formalmente que não vai concorrer ao governo do Estado.

1

Ô Figueiredo,
Figueiredo
Figueiredo só
Quem te ensinou a governar?
Figueiredo só
O foi o jeito do cavalo
Figueiredo só
O foi o golpe militar
Figueiredo só
Lá vem, lá vem
Figueiredo só
Como ele vem fascista
Figueiredo só
Todo de verde
Com seu bonezinho...

2

O governo quer fazer
O povo andar a pé
A pé, a pé
Uma pedra puxa a outra
pelas ruas do prazer
Bate a polícia
no atirador
Tira A.C.M.
de Salvador
Vale a pena resistir
Vale a pena acreditar
Deixe, deixe
é bom deixar
o quebra-quebra
continuar

Quem já brincou o carnaval em Salvador conhece a violência da festa baiana. Tem blocos, como o dos Apaches, que batem direitinho a troco de [illegible] Pois é, o povo, sobretudo de uns anos pra cá, treinou bastante a porrada ao som do trio elétrico. Nada demais, portanto, que o quebra-quebra de ônibus tenha sido animado pela *Guabiroba*, do Raimundo Sodré, e por outras músicas saídas da criatividade popular, como as letras acima, cantadas ao som de *Marinheiro Só* e do *jingle* da administração Mário Kertesz, *Deixe o coração mandar.*

ABAIXO A ROLETA BIÔNICA!

Ninguém gostou da idéia da roleta biônica que o ministro dos Transportes, Eliseu Resende, quer colocar nos ônibus para substituir os cobradores. Todos são contra: empresários, cobradores, motoristas e passageiros acham que a medida, se posta em prática, só irá beneficiar aos fabricantes de roletas, desperdiçar dinheiro e tumultuar ainda mais o caótico transporte coletivo do país.

— Feitas as contas, se o motorista passar a ser também cobrador, uma viagem de ônibus vai atrasar cerca de 120 minutos. É o tempo que a gente levaria para atender aos passageiros, isto se não tivesse problema de troco, nem qualquer incidente fora do programa — calcula Francisco Mello, motorista da linha de Engenho de Dentro.

Ele acrescenta:

— No Rio, uma idéia como a do ministro está completamente condenada ao fracasso. Não só o povo não tem educação para usar ônibus onde existe apenas o motorista exercendo as duas funções, como o movimento é muito grande. Os ônibus viajam lotados, o motorista normalmente é um sujeito esgotado, superexplorado, e o tráfego é neurotizante. Não há condição de cobrar passagem e dirigir ao mesmo tempo.

A opinião de Francisco é compartilhada por todos os seus colegas. José Xavier, da empresa São Silvestre, afirma:

— A substituição dos cobradores por roletas não vai beneficiar a gente em nada. Pelo contrário, só vai prejudicar. Milhares de colegas ficarão desempregados porque as empresas não vão ter condições, nem vontade, de absorvê-los. O que me surpreende é que uma idéia dessas parta de um ministro, num tempo de crise como o que vivemos

Histórias sobre incidentes com passageiros e os problemas que a existência do cobrador ajuda a resolver se multiplicam. Se a roleta fosse utilizada, os motoristas acham que, de imediato, dois fatos aconteceriam: o aumento do número de assaltos e o atraso da viagens, além, evidentemente, dos problemas com passageiros, principalmente na Zona Norte e nos subúrbios, onde tem aumentado o número de pessoas que se recusam a pagar passagem. Há casos, inclusive, de grupos organizados forçarem as portas para abri-las e permitir que os passageiros saltem pela traseira, sem pagar passagem.

— É um problema sério — dizem os cobradores. A gente não pode dizer nada. Há sempre o risco de uma violência no caso de se tentar reclamar ou impedir a saída pela traseira. O pessoal realmente anda muito revoltado e há muitos casos de falta de dinheiro mesmo para pagar a passagem.

Independente da reação dos motoristas e cobradores, há outras críticas às roletas biônicas. Técnicos de transporte consideram que o fim dos cobradores nos ônibus, mesmo não existindo o problema social do desemprego, só poderia ocorrer se houvesse uma reformulação de todo o sistema de coletivos, com a instituição de tarifa social e de uma integração de transporte real, que permitisse ao passageiro usar um mesmo bilhete em todos os meios de transporte, a exemplo do que ocorre em Paris, onde a figura do cobrador não existe. Caso contrário, a medida está fadada a ser mais um casuísmo, com prejuízos para todos: empresários, empregados e o público.

Tecnicamente, a medida também não tem nenhum fundamento. No caso do Rio, a simples substituição de cobradores por roletas não melhoraria, nem baratearia em nada o custo e a eficiência do transporte. Desde o governo Faria Lima há estudos — que nunca foram postos em prática — sugerindo a eliminação de metade dos ônibus da cidade — em número de sete mil — como forma de eliminar a concorrência ruinosa entre as empresas e dar maior velocidade comercial aos carros

Segundo um técnico que participou dos estudos — seu nome será mantido em sigilo por motivos óbvios — essa medida nunca foi executada porque vai de encontro ao interesse dos empresários do setor e ao próprio interesse do governo, de manter o transporte coletivo como atividade lucrativa. Uma medida desse gênero, se executada, abriria caminho para a estatização dos ônibus, já que os custos operacionais seriam bastante reduzidos, com o consequente barateamento do preço das passagens.

No entanto, o que está ocorrendo é justamente o contrário. Ao invés de fortalecer a presença estatal, o governo do Estado está procurando enfraquecê-la. Funcionários da CTC informam que a empresa, hoje, está reduzida à metade de sua frota, numa situação totalmente contrária à época do governo Faria Lima, quando foram recuperados 400 ônibus e a CTC estava sendo preparada para assumir o controle da maior parte do transporte coletivo do Rio. "Agora, mais da metade dos ônibus está parada nas garagens e a empresa está demitindo em massa", dizem os funcionários, todos contrários à idéia de Eliseu Resende

Raiva, medo, desprezo são os sentimentos do brasileiro quando fala do ministro do Planejamento

DELFIM, o gordo que não faz rir

Reportagem de Francisco Viana
Fotos de Chiquito Chaves

Vocês ainda não viram nada, o grosso está a caminho

Homem fortíssimo do governo, Delfim não tem nenhum prestígio popular. No Rio, o carioca vê nele o símbolo de todos os males: é quem aumenta o preço do feijão, aumenta o preço da carne, aumenta o preço dos legumes nas feiras, aumenta o aluguel, aumenta a gasolina e as passagens de ônibus, enquanto comprime os salários, provoca o desemprego e prejudica os aposentados.

Não há nenhuma reverência, nem solenidade quando alguém fala do todo-poderoso ministro. A única precaução que alguns tomam é esconder o nome, temendo menos o ministro — que virou saco de pancada, mesmo — e mais alguma represália que vá atingi-lo no emprego. Para o ferroviário aposentado Raimundo Santos Amaral, 67 anos, Delfim Netto é uma espécie de canibal que está assando o país inteiro numa enorme panela de ferro: enquanto a água esquenta, ele se prepara para o banquete, um monte de gente que está lá dentro tendo as carnes e as peles arrancadas dos ossos, sem clemência alguma.

— É o pior ministro que conheci. A política dele paralisou o país. — Roberto Morais, 33 anos, publicitário, não tem imagens elaboradas para definir Delfim Netto, mas não é menos enfático:

— Ele está querendo negociar a dívida externa do país com o suor do trabalhador.

— Ele serve aos empresários e às multinacionais. Por isso, nosso trabalho aumenta, os salários diminuem e a inflação só vive crescendo — acrescenta Ronaldo Menezes, 26 anos, também publicitário.

— Delfim é habilidoso, mas não é o ministro ideal para o momento de hoje. Ele quer tratar da inflação com medidas iguaizinhas às que adotam os países ricos. Num país rico, a recessão passa e ninguém nem sente direito. Aqui é o caos: o país se desgraça, enquanto ele fica lá na dele, no Planalto.

Ninguém acredita que Delfim possa resolver problema algum. Quem ganha pouco, é assalariado e está acostumado a fazer as mais incríveis ginásticas para driblar a inflação, se acostumou a ver no ministro o oposto do que esperaria encontrar num dirigente: ele critica os empresários, mas ninguém acredita que ele esteja falando a sério. Ele promete baixar a inflação, mas ninguém acredita que ele vá conseguir. Ele pede para apertar o cinto e o pessoal contra-ataca com sarcasmo dizendo que ele é a mais nova contratação do Atlético para aniquilar, definitivamente, com o cruzeiro.

— Há alguém que eu não sei quem é por trás do Delfim. O Figueiredo não é — diz Marli, 26 anos, mãe solteira, desempregada.

Ela fala com um certo rancor do ministro.

— Ele é o responsável por eu estar no último degrau da vida: não tenho emprego e, para criar o meu filho, tenho que depender de mamãe. Ele só não é culpado de eu ser mãe solteira. O resto é tudo culpa dele.

Se ser conhecido fosse sinônimo de ser popular, Delfim seria popularíssimo. Mesmo quem nunca lê jornal sabe quem ele é, sabe o ministério que ele ocupa e não se sente constrangido em falar mal dele. Se dependesse de voto, há muito tempo Delfim teria arrumado suas malas e ido embora do Ministério do Planejamento.

— Por mim, ele não teria sequer assumido — sustenta o estudante Carlos Macedo, 26 anos.

Tímido, temendo falar de política — "porque a situação não é propícia, no momento" — ele diz ver o superministro assim: **"Um chefe de poder que aparece como líder, mas não é líder de coisa alguma. É apenas um chefe, um comandante que diz que vai resolver os problemas amanhã, mas não resolve coisa alguma".**

Do Delfim milagreiro, o mago do milagre econômico dos anos Médici, negros anos de repressão e euforia econômica, não restou nada. Nem um retratinho três por quatro para matar as saudades. O resquício daqueles tempos áureos do Delfim é sua habilidade e competência, que muitos insistem em colocar na frente das pesadas críticas com que alvejam sem piedade o poderoso mago do milagre.

— É um homem habilidoso, sem dúvida, mas incompetente para o momento atual do Brasil — lamenta um funcionário público que se identifica apenas como João Antônio. E explica: **"Ele aplica no Brasil as mesmas medidas que se costuma aplicar nos países desenvolvidos. Na França, Estados Unidos, vá lá que dê certo. Aqui, só traz miséria".**

— É um homem muito inteligente, mas não serve para o trabalhador: ele só tem feito esfolar a gente. Vai para o exterior, volta cheio de dinheiro, mas não dá nada para o trabalhador. Só mais descontos, mais impostos e comida cara. Para mim, ele não estaria mais lá. Não sei se por mim ele teria chegado lá no Planalto. Eu não entendo dessas coisas. Acredito no Figueiredo, mas não creio no Delfim — fala o motorista de ônibus Roberto Nunes, 39 anos.

— Inteligente ou não, eu passo fome por causa dele — berra o eletricista Job Amaro Santana, 49 anos.

Nas enquetes populares, Delfim é bem diferente de Figueiredo. Figueiredo consegue prós e contras. Mesmo entre trabalhadores, ele não é unanimemente criticado. Há quem o elogie, quem acredite na sinceridade de seus propósitos. Com Delfim, a escrita é totalmente diferente: o perfil das opiniões populares sobre ele é o pior possível. E a partir do caso da Previdência só tem piorado.

Sargento cassado da Aeronáutica, Audinete Ferreira da Costa, 44 anos, não quer sequer ouvir falar do governo perto dele. Em 64 foi acordado no dia 1.º de abril em Brasília com o cano de uma metralhadora na boca, só porque defendia a legalidade. Até hoje não conseguiu esquecer as perseguições de que foi vítima: expulso, é ainda dado como morto, apesar da anistia, e sua mulher recebe apenas a metade de seu soldo, na qualidade de viúva. A Aeronáutica até hoje não deu um certificado comprovando que ele é ex-militar; ele jamais conseguiu parar num emprego por causa das perseguições do Sisa e uma de suas filhas não recebe pensão porque nasceu após o golpe. Tudo isso faz de Audinete um homem amargurado, revoltado contra o regime militar. Quando ouve falar de Delfim ele se apressa a responder:

— A política dele é boa para os Estados Unidos. No Brasil, nunca vai dar certo.

E explica: no Ceará tem gente morrendo de sede; em Salvador se morre afogado; no Rio Grande do Sul se morre de frio, tudo porque o Brasil é um continente. Não adianta copiar dos gringos e aplicar aqui. Não dá certo.

Pessoalmente, o perfil popular de Delfim é pobre: só é conhecido através de imagens na televisão ou fotografias nos jornais. Muita gente não lembra sequer de que ele foi ministro da Fazenda nos anos Médici, e muito menos sabe que ele foi embaixador do Brasil na França. E a imagem dele se confunde com a própria imagem do custo de vida, da inflação e do desemprego. Não seria de estranhar se alguém, na rua, dissesse que o nome do ministro do Planejamento é Delfim Desemprego Inflação Netto. Ou se ele fosse rapidamente esquecido se a situação de sufoco acabasse.

Então, coitadinho do povo

Tá bem. Dou as mãos à palmatória

O povo tá comigo, que estou com o Medeiros, que está com o João

Governo quer acabar com a miséria eliminando os pobres

"Tudo indica que o governo montou um cuidadoso esquema para acabar com a miséria no Brasil", disse um amigo de Juca Macunaíma que não lhe deu muita atenção, pois estava comendo umas sardinhas fritas no bar do Sujinho e tentava localizar o garçom para conseguir um chope. O amigo insistiu, porém, na história e Juca se interessou pelo assunto. Como é que é? Quer dizer que vão acabar com a miséria? Como? perguntou Juca. Qual é a mágica?

— Muito simples — disse o amigo, com ares de quem contava um grande segredo: — matando grande parte dos pobres. Pobres de todas as idades, meu caro. Desse jeito, vai sobrar pouca gente.

— Que negócio é esse rapaz? — disse Juca, assombrado

— Porra, Juca, será que você não lê jornal? Vamos começar pelos pobres mais velhos, os aposentados. Esses levaram uma cacetada violenta. Quem ganha até 3 salários mínimos e está aposentado não tem mais direito aos 10% acima do INPC. O aposentado que voltar a trabalhar, perde grande parte da pensão que recebia. Quer dizer, desse jeito, muito trabalhador pobre e velho vai bater as botas de fome.

— É verdade — disse Juca. — Mas, e os pobres que estão na ativa, que não estão aposentados, esses não vão ficar tão mal assim...

— Tás brincando? — disse o amigo de Juca. — Pra começar, tem gente pra cacete sendo mandada para o olho da rua com a recessão, e aqui no Brasil não tem seguro-desemprego. E, além disso, o governo está dando um jeito pra que as empresas mandem embora gente que elas não revelaram o desejo de mandar

— Pera aí, você está exagerando...

— Tô nada, Juca. Então você não viu a sugestão do ministro dos Transportes, Eliseu Resende, para que as empresas de ônibus mandassem todos os cobradores embora e os substituíssem por roletas automáticas? Só no Rio de Janeiro 12 mil sujeitos vão perder o emprego se essa jogada for feita.

— É mesmo — disse Juca — Que merda!

— E a brincadeira não acaba por aí não, tem mais. O governo também tá cumprindo sua parte e liquidando com os pobres na área estatal.

— Não entendi — disse Juca

— Pois basta você olhar a situação dos funcionários públicos pra entender. Os reajustes salariais desses caras são já há vários anos muito inferiores à inflação; e o Delfim, pouco antes da queda do Golbery, disse pra eles tirarem o cavalo da chuva porque não vão ter direito a 13.º salário tão cedo. Não deu esperança nem pra 82

— Tá legal. O governo quer acabar com os pobres aposentados e os pobres que estão trabalhando. Mas esse plano de liquidar com os pobres não vai dar certo por uma razão muito simples — disse Juca. — Todo dia vão continuar nascendo muitos pobres, a taxa de crescimento demográfico no Brasil é alta

— Pois é, Juca, mas nessa área o governo também já está tomando suas providências. Você está esquecido de que há pouco tempo o ministro da Saúde anunciou o plano de planejamento familiar? O que é isso, senão evitar que as famílias pobres tenham vários filhos? Qualquer mulher que quiser vai poder ligar as trompas e o homem fazer vasectomia. E pra colaborar com o governo está em campo a Benfam, uma entidade particular, ligada a interesses estrangeiros, que distribui pílulas a torto e a direito e esteriliza mulheres que não querem gerar mais filhos.

— Quer dizer que o cerco contra os pobres tá apertando mesmo, né, rapaz? Em vez de montar planos para dar casa, comida, roupas, escolas a todo mundo, o governo decidiu acabar com os pobres. Que loucura!...

— Loucura braba, Juca. Mas no Brasil os caras acham que podem fazer de tudo sem que o povo reaja. Qualquer dia eles vão cair do cavalo com essa teoria.

— Tá certo. Isso se daqui a alguns anos existir povo, porque do jeito que você colocou não vai sobrar muita gente pra contar a história. Pobre vai ser caçado de todo jeito, como se fosse um perigoso criminoso.

— Só falta os caras botarem cartazes pelas ruas dizendo: "Procura-se um pobre, vivo ou morto".

— É mesmo — disse Juca. — Daqui a pouco o pobre vai virar inimigo público número um. Quem ganhar menos de 5 salários mínimos que se cuide porque...

O chope tão esperado afinal chegou. Juca parou de falar e resolveu mergulhar nele antes que seu amigo tentasse dar novos (e terríveis) palpites sobre o futuro dos pobres no Brasil. Afinal, Juca nunca foi muito chegado a filmes de terror.

Ricardo Bueno

UMA COLUNA DE ECONOMIA

caixa 2

Ricardo Bueno

Eles acham que pimenta no dos outros é refresco

1— O ex-ministro do Planejamento, Mário Henrique Simonsen, é um desses sujeitos que realmente não perdem a chance de faturar sempre um pouco mais. Muito requisitado para palestras e conferências, ele não dormiu no ponto: criou uma empresa (a Simposium) para cobrar sempre que for convidado a deitar falação sobre os problemas que afligem atualmente a economia brasileira. Dizem que Simonsen já chegou a cobrar Cr$2 milhões para dar cursos de curtíssima duração. Como tem dezenas de empregos, o ex-ministro deve ganhar muitos milhões de cruzeiros por mês.

Pois bem, em suas palestras, Simonsen adora falar contra a política salarial, que considera excessivamente generosa com os trabalhadores que ganham até 3 salários mínimos. Já ele tem direito a botar no bolso 600 ou 700 salários mínimos por mês, sem que isso possa ser considerado, é claro, "generosidade em excesso".

2— Vocês já devem ter ouvido contar uma série de histórias fantásticas sobre a enorme capacidade de trabalho do ministro Delfim Netto, que às 7 horas da manhã já está em seu gabinete em Brasília, de onde só sai de noite. Os basbaques que vendem a imagem de Delfim procuram apresentá-lo como um herói que se mata de labutar para resolver os problemas do país.

O que pouca gente sabe, porém, é que Delfim só fica em Brasília de segunda a quinta até a hora do almoço. Depois se manda para São Paulo e fica no bem-bom em sua confortável casa, na capital paulista. Quer dizer: o superministro trabalha apenas 3 dias e meio por semana, o que, convenhamos, não dá pra matar ninguém. Um expedientezinho como esse é que o trabalhador brasileiro, que batalha de segunda a sábado, está pedindo a Deus. Ainda mais se vier acompanhado do salário que Delfim ganha e das mordomias, como casa à beira do lago, automóvel, chofer, cartões de crédito e outras coisitas mais. Assim, malandro, é muito fácil. Quero ver o ministro trabalhar 10 horas por dia e depois enfrentar um trem das seis no Rio de Janeiro —

3— Os tecnocratas' oficiais dizem que a recessão (redução drástica do crescimento da economia) é indispensável para combater a inflação. Para fazer com que os preços subam menos, não há jeito senão botar milhares e milhares de pessoas no olho da rua e assim provocar quedas nas vendas e nos preços. Essa regrinha assassina vem sendo seguida à risca no Brasil, e cada vez mais gente anda recebendo o bilhete azul.

Pois bem, apesar de ter reduzido o crescimento da economia quase a zero, o máximo que o governo conseguiu até agora foi baixar a inflação anual de 120% para cerca de 107%. E (note-se) esse recuo da inflação não foi obtido graças à recessão. O que o causou tem outras razões. Uma delas é que a Opep não aumentou um tostão sequer os preços do petróleo este ano. A outra razão está ligada ao aumento da produção de alimentos. Com a oferta mais abundante, os preços dos alimentos passaram a disparar um pouco menos (embora continuem absurdamente altos). Se não fosse isso, estaríamos provavelmente com 120% de inflação ou mais, apesar da recessão.

4— Saiu o pacotão da Previdência. Os aposentados levaram uma trolha monumental. Os que ganham até 3 mínimos não terão mais os 10% além do INPC a que tinham direito, e o aposentado que voltar a trabalhar receberá como adicional (ou seja, além do salário de seu novo trabalho) apenas 25% do que embolsava antes. Um crime. Será que não haveria outras fontes de renda para a Previdência? Que tal taxar mais um pouco os bens de consumo supérfluo (como bebidas e cosméticos), acabar com a roubalheira dos hospitais privados que têm convênio com o Inamps e pegar uma maior parcela do que é arrecadado através dos diversos impostos e dar para a Previdência? Saídas há. Mas o governo, como sempre, preferiu meter a mão no bolso do pobre.

LEITORES

Prefeito de Nilópolis proíbe venda do REPORTER

"No início do mês de junho eu escrevi para vocês, com o escopo de comunicar que, apesar do carimbo da agência do correio da Praça Mauá datar de 5 de junho, o Jornal só chegou em minha residência no dia 11 do citado mês, com o envelope completamente aberto e as páginas desordenadas numericamente. Quanto a essa denúncia, inclusive, essa Direção teve o cuidado e a atenção de publicar um trecho de minha carta anterior na página 2 da edição n.° 48, com o título: "Correspondência violada". Fiquei contentíssimo com o apoio que V.Sas dedicam a seus assinantes. Lamentavelmente minha alegria foi logo transformada em tristeza, com o desprazer de não ter recebido o exemplar n.° 49/1.ª quinzena de agosto

Interessei-me e compareci à agência dos correios em Nilópolis Fiz a devida reclamação, porém foi inútil, haja visto que o funcionário informou-me que eu não tinha razão nem base para reclamar coisa alguma, pois se tratava de "correspondências simples", as quais são distribuídas avulsas aos carteiros, sem a mínima condição de responsabilizar ninguém dos correios, uma vez que não há registro

Vale ressaltar que o prefeito de Nilópolis, João Batista, no início deste ano deu severa ordem proibitiva a todos os jornaleiros de Nilópolis, Olinda, Cabral, Nova Cidade e adjacências, no sentido de não venderem o nosso querido "Jornal da Verdade", pelo fato de o mesmo ter publicado séries irregularidades atinentes ao prefeito em pauta. Com esse clima pessoal, torna-se cabível a seguinte interrogação: "Será que eu, involuntariamente, estou sendo vítima de uma represália da agência dos correios de Nilópolis/Olinda, pelo fato de ter comunicado à eficiente direção deste jornal a violação ocorrida anteriormente, na edição 47? Ou será que o prefeito de Nilópolis ainda guarda mágoa e está agindo invisível por trás de tudo isso, proibindo até nos correios?

Tenho minhas dúvidas. O que sei é que estou muito contristado com esse desvio de correspondência Destarte, senhores diretores do REPORTER, muito respeitosamente solicito a aquiescência de V. Sas no sentido de tomar as devidas providências que o caso requer, com o escopo de apoiar e zelar pela tranquilidade deste assíduo leitor quanto ao recebimento dos próximos exemplares.

Carlos Nogueira de Souza — Olinda — RJ

Imaginando que você conheça, e até já tenha freqüentado a Casa D'Angelo, gostaríamos de colocá-lo a par de acontecimentos que precipitam o fim desta casa e sua tradição.

O D'Angelo foi fundado em 24 de dezembro de 1914, tendo sido freqüentado por figuras como Santos Dumont, Ruy Barbosa, Epitácio Pessoa, Arthur Bernardes, Washington Luís e todos os seus assessores, isso sem contar com todas as outras pessoas, gente finíssima, que seria desnecessário citar aqui. E nós, freqüentadores assíduos, como petropolitanos, temos no D'Angelo toda a nossa memória.

Acontece que atualmente, tendo mudado de dono, a casa sofre transformações que vão totalmente de encontro à sua tradição, e que culminam com um projeto que visa a uma reforma geral no seu interior, e que a transformará numa espécie de lanchonete, com balcões de alumínio, enormes frigoríficos e outras coisas no gênero.

Diante disso, resolvemos formar um grupo de resistência e apelar pro que der; e o nosso primeiro passo está sendo apelar pras pessoas conscientes da imprensa e pedir uma força nesse sentido.

Maria Antonieta D'Angelo e Beatriz Cardoso de Mello — Petrópolis-RJ

Delfim dá o golpe da vaca

..."Aproveito para mandar lhes um exemplar do meu mais recente livro, como também para fazer algumas denúncias sobre coisas absurdas que acontecem por aqui. Uma delas já fiz ao ministro Hélio Beltrão. Na região de Cáceres predomina a pecuária, mais exatamente a criação de bovinos, motivo suficiente para que o filho da do Delfim Netto comprasse sua boa fazenda na região. Até aí, tudo bem Mas é que o Delfim tá dando um golpe incrível! Ele determina uma baixa repentina no preço do gado e, por trás, vem um emissário dele e compra o gado da região a preço de banana Feito isso, o preço do gado sobe misteriosamente e só vendo pra crer O promotor público é um canastrão Não paga nem promessa de areia na beira da praia O sr X matou um posseiro por questões de terra e o promotor público lhe tomou logo 180 mil cruzeiros "emprestados". O homem não foi nem depor. E isto, segundo dizem, é costume velho. A BR-070, que liga Cuiabá a Porto Velho, é sonho que já virou pesadelo Estrada de rodagem intransitável, e o que foi de verba que já "saiu" para que fosse asfaltada não é fácil calcular Mas o filho do presidente Figueiredo comprou uma fazenda a 60 quilômetros de Cuiabá e o asfalto então começou a ser feito Mas, infelizmente, parou na fazenda do "filho do presidente"

Francisco Antenor — Cáceres — MTS

JORNALISTA QUER BRIGAR PELO SEU DIREITO AUTORAL

Concorda comigo, ô meu? Se direito autoral é assunto muito complicado pras nossas moléculas cerebrais, falemos então de amenidades. Que tal o programa de ontem na televisão? E aquela musiquinha "manera" que tantas recordações te trouxe? E os shows e leituras dos fins-de-semana, compensando os infortúnios diários?

Pois é isso, irmão. A gente, mais cedo ou mais tarde, sempre acaba voltando ao ponto de partida. Ao cerne da questão. Ou seja ao direito autoral de todos nós — autores, compositores, músicos, intérpretes, atores, jornalistas, jogadores de futebol, arquitetos e outros que tais. Porque tudo o que se toca e se vê, toda a notícia que se escuta, toda a obra artística que fascina tem uma única e exclusiva fonte: o autor, seja ele um ou vários

É claro que se pode enfeitar de plumas e paetês a apresentação de uma obra, bem como trocá-la, vendê-la ou exibi-la para milhões. Variam, apenas, o tipo e o montante dos negócios. Mas aí é que está: a autoria nela registrada é singular e permanente Tanto que não há, no mundo, duas criações ou duas interpretações exatamente iguais Como não existem duas criaturas perfeitamente idênticas

Daí a gente poder transformar em pergunta o que, no início deste texto, não passou de leviana afirmação. Será que direito autoral é mesmo tão complicado como se diz? Quem é que estaria interessado em complicar o que é, basicamente, simples? Nós — que criamos ou eles, que usam e abusam da nossa criação?

Antes de mais nada, é preciso saber que há muitas leis brasileiras que protegem o direito do autor e também os chamados direitos conexos ao do autor, como é o caso, por exemplo, do direito dos intérpretes musicais e não musicais (atores e radialistas). Em alguns casos, como no da regulamentação profissional dos artistas, de 1978, essa proteção atinge níveis bastante elevados, com uma cláusula de proibição da cessão desses direitos, impedindo, assim, a coação econômica das empresas sobre o artista, no ato da contratação

Um outro dispositivo desta mesma Lei dos Artistas determina que, no ato de ajuste e recebimento dos direitos autorais, os artistas serão representados por suas respectivas associações, criadas para este fim (no caso, só existe a ASA — Associação dos Atores criada em 1975 e reconhecida pelo Conselho Nacional de Direito Autoral (CNDA)

Mas leis, lutas e dispositivos não bastaram para impor o respeito — dentro e fora das categorias artísticas — pelo direito autoral Nem foram suficientes para fazê-lo atingir os padrões internacionalmente adotados. Só muito recentemente, com a Intervenção do CNDA (órgão do MEC que fiscaliza e normatiza a aplicação do direito autoral no país) no ECAD (escritório que arrecada e distribui direito autoral, congregando as diversas sociedades de titulares), é que a área — antes minada pela corrupção — começou a sofrer uma salutar moralização E o que virá à tona para a opinião pública, através de um extenso relatório do CNDA, pode ser literalmente chamado de LIXO DO VELHO ECAD. quantias imensas que sumiram sem deixar rastro, falsificação de planilhas, fiscais corruptos, enriquecimentos ilícitos, enfim, toda uma podridão que deve resultar, segundo os usurpados, em cadeia para os usurpadores

Mas se a gente encerra o papo por aqui, vai ficar faltando, pelo menos, a maior parte da verdade. Porque o erro que está dentro, a gente conserta . Os fiscais corruptos, aqueles que ainda restam, a gente denuncia e manda pôr na rua Assembléia de classe a gente faz Eleições democráticas dentro das nossas sociedades — seja ela UBC, SICAM, SOCINPRO ou outra qualquer — a gente realiza Aperfeiçoamentos no sistema de arrecadação e distribuição dos direitos autorais a gente sugere. Afinal, a Interventoria ainda não terminou e quem está no comando só tem dado mostras de credibilidade Não resta dúvida o CNDA tem se esforçado por limpar e arrumar a casa. Mas se omitimos a pressão dos organismos de comunicação sobre o governo para o não pagamento dos nossos direitos, esta história vai ficar manca pro resto da vida E a gente vai esquecer que está em vigor uma nova tabela de direitos autorais para emissoras de rádio e tevê, estabelecendo o pagamento do percentual de 3,5% sobre o faturamento bruto — tabela esta que os usuários fazem tudo para derrubar

Vamos esquecer, também, dos clubes, hotéis e casas noturnas, que utilizam a nossa criação, exibem as nossas obras, tocam a nossa música, transmitem tudo o que nos pertencem — mas não querem nos pagar melhor por esta utilização

Acho que já é tempo de lutar contra o mais forte, em vez de ficar só nessa de brigas intestinas. Já é mais do que tempo de tirar dinheiro dos Marinho, como dizia outro dia um renomado compositor, em pique de luta contra a usura do Capital

E nós, jornalistas? Seremos acaso uma elite privilegiada, que vai deixar seus tostões para o bolso dos patrões?

Sem essa, companheiro. Tá na hora da gente se juntar aos outros, que já deram seu grito de independência, e formar uma associação para a cobrança de nossos direitos autorais.

Quem é que vai lá, apanha os dados, costura os dados, escreve os dados, dá um toque de estilo às frases e favorece a vendagem maior das revistas e jornais? Quem é que ganha um salário apenas para escrever, mas que acaba transformando o que escreve numa mercadoria cultural, e nada recebe por isso? Ou recebe de uma forma torta e improvisada, ao bel sabor das empresas?

Portanto, à luta!

Cobra que não anda - saibam vocês — não pinica sapo

Sheila Dunaevits

---

70 × 24 = 1.680

assine REPORTER por doze meses (24 edições) e pague apenas Cr$ 950,00

Envie cheque nominal ou vale postal para:
MARGEM S.A. Editora e Grafica
Rua Miguel Couto 134/11.° — CEP 20070 — Rio de Janeiro

Nome: ....
Profissão: ....
Endereço. ....
CEP: ....Cidade:..........Estado: ....

Cr$ 35 mil para o primeiro colocado; 15 mil para o segundo e Cr$ 10 mil para o terceiro. Envie seu trabalho, inédito, com no máximo 120 linhas, até 30 de novembro. Os contos selecionados para premiação são publicados toda quinzena e seus autores fazem jus a Cr$ 2.500 pela publicação. Assine o conto com pseudônimo e envie, em envelope anexo, seu nome e endereço completos.

MASTURBE-SE, POR FAVOR

Genoveva Feiticeira

I CONCURSO DE CONTOS ERÓTICOS

POR TRÁS DAS ELEIÇÕES

CASUISMOS FOTOGRAFADOS NA NOITE DO PLANALTO

BOMBA! BOMBA!

REPORTER

APERTA QUE ELAS PEIDAM

Quinzenal — 1 a 13 de outubro de 1981 - Nº 53 - Ano IV - Cr$70,00

REPORTER

AUTÔNOMO INDEPENDENTE

BRINDE TEM COCAÍNA NA P.10

INICIAÇÃO SEXUAL

A 1ª TRANSA É UM GRILO

P.4e8

EU NÃO ACHO, A MINHA FOI UM BARATO!

ENTREVISTA VERA FISCHER

A NOITE DO BUMBUM

N. IGUAÇU

LUTA PELA TERRA

REPORTER

Figueiredo, como o Brasil, está enfartado. Suas coronárias ficaram entupidas, dificultando a passagem do sangue que irriga o coração. No caso do país, estão obstruídas as vias da participação popular nas decisões nacionais.

As placas que entupiram as coronárias presidenciais chamam-se ateromas. O que enfarta o Brasil é a Lei de Segurança Nacional, a Lei de Imprensa e a Constituição outorgada que tolhem as pulsações nacionais desde 1964.

Para cuidar do presidente foram mobilizados todos os recursos disponíveis pela medicina e os melhores especialistas do país. Tudo bem, que ele se recupere e, se for o caso, volte ao governo.

Fique, porém, certo de que os brasileiros cada vez aceitam menos serem tratados por órgãos de segurança, oficiais ou clandestinos e já começaram a ministrar o seu próprio remédio. Os recursos ainda são poucos, mas a receita é infalível: organização autônoma e muita disposição de lutar pelos seus direitos.

REPORTE

EDITORES – Eduardo Homem
Alberto Bettencourt, Pips (Ari
REPORTAGEM Rio de Ja
Tim Lopes, Francisco Viana
Bacco São Paulo Alex
Rinaldo Clinem Recife
Salgado Salvador Marluce M
FOTOGRAFIA Rio de Jan
Chiquito Chaves São Paulo
Isidoro Recife, Valdir Afonso
Selma
ARTE – Ana Maria Martins,
CIRCULAÇÃO – Simeão Ma
PUBLICIDADE – Maria
Rodrigues Azedo (Rio), Isaías
Reis (São Paulo)
DEPARTAMENTO JURÍDICO
Luiz Celso Araujo (Rio)
Eduardo Costa Pereira (Recife)

REPORTER Autônomo Indep
te é uma publicação da M
S A EDITORA E GRÁFICA
Janeiro: rua Miguel Couto 1
Tel 253 5038/253 5077 São
rua do Seminário 155, sala
227 7175
Composição – Editora Mory
Resende 65, RJ
Impressão – Gráfica e Editor
de Hoje, rua Kennedy 101/1
Iguaçu, RJ

É verdade, a maioria quer o João de volta

O que pensa você do enfarte do presidente Figueiredo? Será que ele volta? E o Aureliano? Foram essas as perguntas de todo brasileiro com acesso aos meios de comunicação nas ultimas semanas. E, apesar da insatisfação manifestada nos quatro cantos do país com a política governamental, é impossível desconhecer que a maioria das pessoas quer que o general Figueiredo se restabeleça logo e volte a ocupar seu cargo. Uns, por puro sentimentalismo, emoção sempre presente quando a morte se avizinha, não importa muito quem ela ameace. Outros, por concordarem com o governo e muitos por acharem que Figueiredo é o homem certo para comandar a dita abertura nesses tempos difíceis de crise econômica e convulsão social. Entre esses últimos se colocam até ferrenhos opositores do governo e do regime, que, em geral, não acreditam em uma sucessão normal caso Figueiredo fique definitivamente impossibilitado de voltar ao posto. REPORTER ouviu dezenas de pessoas pelas ruas do Rio e de São Paulo sobre o assunto. E a regra é o desejo do pronto restabelecimento do presidente. O enfarte não é visto como um fato político e, mesmo, a única entrevistada que manifesta o desejo de "ver o atestado de óbito dele" não o faz por ser comunista, anarquista ou coisa que o valha, e sim por puro ressentimento. Tanto que ela, a seguir, declara que, no mundo, só duas pessoas merecem confiança: "o Papa e o ministro Abi-Ackel, da Justiça". Vejam só!

OPINIÃO PÚBLICA

rio

"Tomara que ele volte, mas acho difícil, com a idade avançada. A vida do presidente da República é cheia de responsabilidades. Nós só sabemos criticar, mas o aperto que ele leva não é mole. Se fosse outra profissão, acho que ele poderia até retomar o ritmo. Na Presidência, não, tem muito trabalho e muita tensão. Eu gostei do Figueiredo. Não por ele ser bonito, mas por ser sincero. E eu ainda dou valor à sinceridade. Não acredito que os militares assumam novamente. O Brasil já está muito adiantado — e o mundo está de olho — para voltarem atrás. O Aureliano parece ser um político maneiro, mas, se o Figueiredo demorar a voltar, ele vai sofrer pressão. O Figueiredo, que era militar, já sofria pressões fortes. Imagina o Aureliano, um civil. Não interessa tirá-lo, porém. Ele vai ficar, mesmo que seja como faz-de-conta." (Joaquim Alves Monteiro, 47 anos, jornaleiro)

"Eu não quero ver o boletim do Figueiredo. Quero é ver o atestado de óbito dele. Por mim, jogava logo uma bomba atômica e matava todo mundo. Não entendo de política, mas não gosto de nada. Fico aqui em pé, de 8 da manhã às 8 da noite, de sandália de salto alto, e quando vou pra casa, em São Gonçalo, não tenho o que comer. Ontem, cheguei, tinha um pouco de arroz, mas não tinha gás. E eu não tenho dinheiro pra comprar um bujão. Ganho esses miseráveis 15 mil cruzeiros, que gasto quase todo de condução. O mundo tem que acabar. Não vale a pena trabalhar. Cada um quer roubar mais que o outro. O Figueiredo apóia os grandes empresários, os donos das firmas dizem o que ele deve fazer. Eu não sou nada, eu não posso fazer nada. Nunca vou chegar a lavar uma meia do Figueiredo. Remarco as mercadorias e vejo os aumentos: a manteiga, de ontem pra hoje, aumentou nove cruzeiros. Quem pode viver desse jeito? Eu não acredito nem em Figueiredo, nem em Aureliano, que a fisionomia dele não traz confiança. De todos, só tenho a agradecer ao ministro Abi-Ackel, que faz a lei das prisões-albergues. Ele, sim, seria um bom presidente. Aliás, no mundo, só duas pessoas merecem confiança: a figura tranquila do Abi-Ackel e o Papa João Paulo II." (Jussara Alcântara, funcionária de supermercado, 28 anos)

"Acho que é verdade essa história da doença. O Figueiredo vai reassumir. Não vejo é o Aureliano com muita capacidade. Me parece uma pessoa muito fácil de ser manipulada. Na verdade, não está mandando porcaria nenhuma. Estou esperando o Figueiredo voltar e aí tudo vai entrar novamente nos eixos. (Régis Rodrigues, subgerente de banco, 30 anos)

"O Figueiredo vai ficar bom, sim. O Aureliano se deu bem, agora vai mandar na política de Minas. Que o Figueiredo vai voltar, isso vai. (José Luís Cardoso, economista e ecólogo da Feema, 32 anos)

"O Senhor do Bonfim vai dar um axé pra ele ficar bom, todos os orixás baianos vão ajudar. Ele ajudou muito todo o povo do Brasil. Não acho nada sobre esse tal de Aureliano, não acredito que ele tenha um axezinho. Agora, o presidente, todo mundo está rezando por ele. Ele vai ficar curado e ainda vai à Bahia agradecer ao Senhor do Bonfim. Quero estar lá pra ver." (Valdevina Pereira da Silva, em missão dos erês na avenida Rio Branco, vinda diretamente da Bahia, 41 anos)

"Isto é tudo um golpezinho pra garantir as eleições de 82, pra todo mundo ficar com peninha dele e votar no PDS no ano que vem. Agora, se ele não voltar, quem vai pegar o lugar dele? O único que havia era o Golbery, que agora já dançou. Mas eu ainda acho que isso é tudo armação." (Cristina Guimarães, secretária-executiva, 27 anos)

"Eu acredito na doença dele e tenho certeza de que ele vai voltar. Depois ele reassume. Sei lá, não gosto nem desgosto do Figueiredo. E, em relação ao Aureliano, sou neutra." (Ana Cristina Ramos, 25 anos, telefonista)

"Eu não gosto do Figueiredo. Ele não gosta de pobre, diz que o pobre tem que andar a pé. Essa história de tomar cachacinha com o povo é cascata. Você acredita nisso? A gente precisa se revoltar. Pobre não tem direito nem de botar o filho pra estudar. Minha filha passou pro Científico, estava doida pra continuar estudando e eu não tive dinheiro. Eu gostava do Médici, sei lá, tinha simpatia por ele. Não falava mal do pobre na cara do pobre. O Figueiredo, não, ele que fique doente. E não bote o meu nome aí, senão ele me acha e manda me prender." (Dona Valdelice, cozinheira, 45 anos)

"Não sei qual doença dele. Eu, sendo índio, espero a saúde dele bom. Não tenho nada contra ele porque Funai tá dando bastante apoio a índio este ano. Gostaria de ter título, mas documento que nós temos é só documento da Funai. Eu não posso votar, senão votava no Juruna; acho que ele ia defender o índio." (Avá Guapurã, filho do cacique Bento, dos Guaranis, artesão, 26 anos)

"Tomara que ele não volte. Não posso dizer nada. Ele não é um bom presidente, porque não manda verbas, roupas, sementes, coisas que os índios estão precisando. E não tenho mais nada pra falar. Só isso." (Avaru, Apediú, irmão de Avá, 21 anos)

"O Figueiredo tá sentado no colo dos outros, só faz o que os outros mandam. Ele vai voltar, vai até o final de 82, não vai morrer nada, é forte, faz física na boa. Não acho que tenha sido um mal presidente. Fez coisas boas, como a anistia. Um outro que venha vai ser a mesma coisa, tem que sentar um no colo do outro. Quem manda é uma comissão — Delfim, todos os governadores e os milicos — e quem está lá em cima só assina." (Almir Santos, estudante, 22 anos)

s.paulo

"A preocupação foi responsável pelo enfarte do presidente, mas acredito que ele volte a assumir seu cargo. Este é o meu desejo, ele é um bom governante. Um civil não seria a melhor opção no momento. O militar dá maior segurança. Um civil não agüenta a barra do Brasil de hoje." (Enésio Esteves Rodrigues, comerciante, [illegible]

"Acho o enfarte normal na vida agitada de hoje em dia. Mas acredito que o João voltará logo para a Presidência. Não sei por que, mas gostaria que nosso presidente voltasse logo. Prefiro militares no governo. Eles estão lá há tantos anos que o conhecem melhor que os civis." (Darci Rosa, jornaleiro, 23 anos)

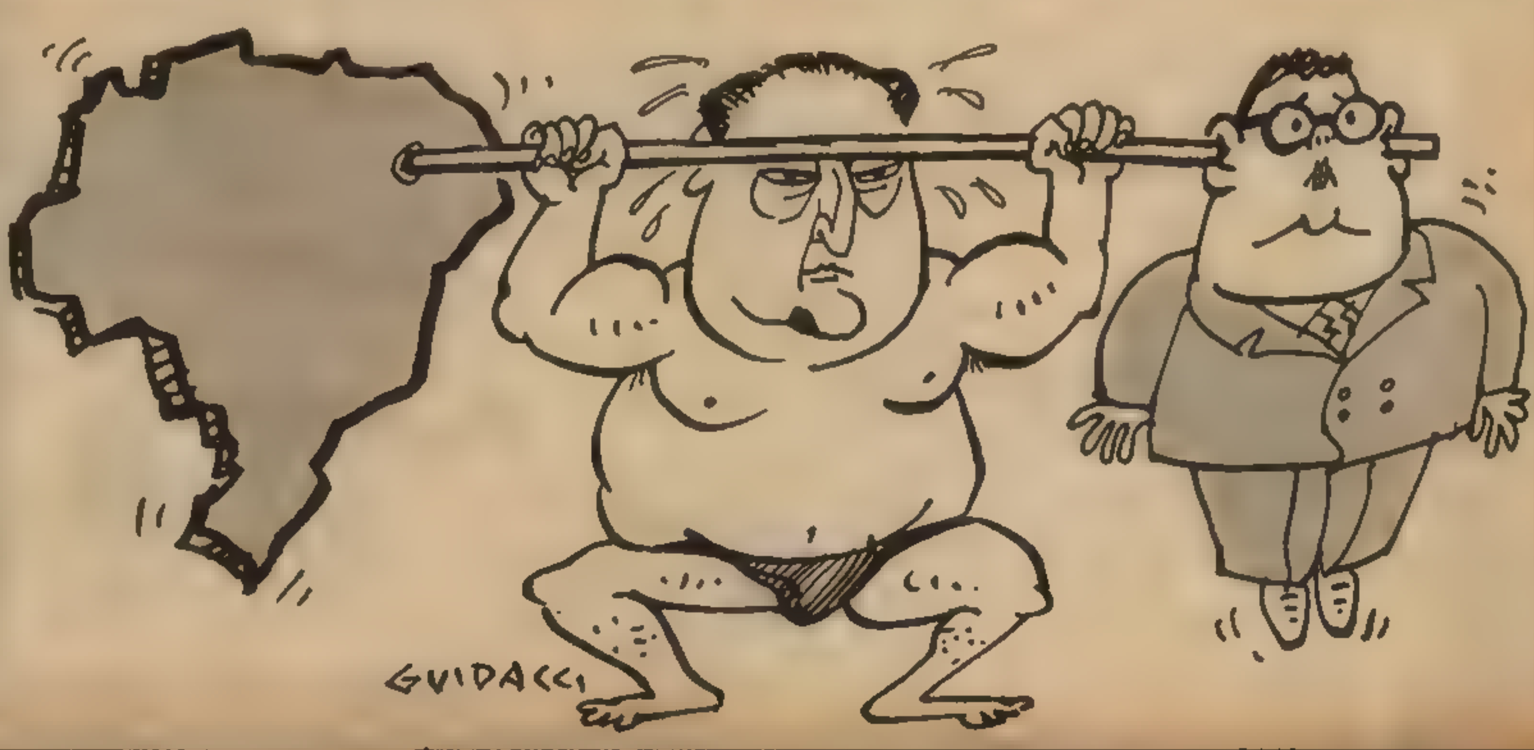
"A desastrosa situação econômica, social e política do país foi a responsável pelo enfarte do presidente. Apesar dos boatos, acredito que ele volte a dirigir a nação e quero que isso aconteça, pois acredito na sinceridade e nos propósitos do João. Quanto ao Aureliano, tendo em vista os anseios do povo, ninguém se atreverá a barrar a rota traçada pelo Figueiredo. O mineiro criador de bois comandará a democracia traçada pelo presidente". (Argemiro Rodrigues, 50 anos, jornalista)

"A tensão nervosa, alguma crise que desconheço está aborrecendo o homem. Mas ele vai voltar logo. Pra ele existem cuidados excepcionais. Agora, pra nós, né... Como cidadão, não desejo mal a ninguém, mas eu preferia um presidente civil, é mais ligado ao povo." (Orlando Ferreira, 52 anos, inspetor de trânsito da CMTC)

"João Figueiredo retorna ao governo, a política está toda articulada pra isso. Um civil teria mais visão do país, mas a política vigente não é das piores. Aliás, o que entrou é civil ou militar?" (Manuel Costa Lima, 36 anos, comerciário)

"O enfarte ocorreu porque ele é muito ruim. Por nós ele não voltaria mais, mas vai voltar, sim. Um civil seria melhor, teria mais identificação com o povo. Só não sabemos é se agüentaria a barra." (Kelly, 24 anos, Selma, 21; Alba, 21, artesãs)

Reportagem de Thais de Mendonça e Gilberto Lobato



Desejo e medo marcam a

Reportagem de Helena Celestino
e Rivaldo Chinem
Fotos de Chiquito Chaves
e Manuel Isidoro

Entre a surra que Alvimar Soares da Silva levou aos oitos anos de idade, quando foi surpreendido pela avó brincando de "médico" com a prima, e a iniciação sexual de Lúcio Henrique passaram-se exatamente trinta anos. Durante esse período, entre os anos 50 e 80, nunca se discutiu tanto sexo, liberdade sexual, liberação da mulher e temas do gênero. No entanto, Lúcio Henrique, de 17 anos, aluno do Colégio São Pedro de Alcântara, e Alvimar, de 49 anos, funcionário do INPS, tiveram a mesma iniciação sexual: os dois foram procurar prostitutas quando quiseram ter sua primeira relação sexual. E os dois saíram decepcionados desse primeiro encontro.

Lúcio Henrique conta que estava tremendo quando chegou na casa da "tia Laura", o velho puteiro da rua Alice. A única lembrança que ele guardou da sua primeira trepada foi a pergunta que a moça lhe fez: "Já acabou?" Alvimar também não tem maiores recordações da moça que o iniciou sexualmente. Ele só lembra que tinha 15 anos e que pagou caro por essa primeira trepada.

— O que eu me lembro bem é da surra que levei da minha avó. Passei três dias com o corpo doendo. Hoje, acho que ela tinha razão; eu também aconselhei meu filho de 9 anos a não começar com essas coisas tão cedo. Não adiantou muito, é verdade. Ele me contou que já transou com uma menina, escondido, na escola.

Essas histórias mostram que em nossa sociedade, dominada por normas e conceitos masculinos, a iniciação dos homens também é um desastre emocional. Em geral ela é até mais desastrosa do que *a primeira vez* das mulheres. Apesar dos tabus da virgindade, a maioria das mulheres, ao se iniciar sexualmente, vai ao encontro de uma experiência desconhecida, mas não de um desconhecido.

A revista **Nova** fez uma pesquisa recente entre 3.600 de suas leitoras e chegou à conclusão de que a maioria das brasileiras ainda não tem sua primeira experiência sexual com qualquer um, apenas porque chegou a hora ou porque quer seguir o exemplo das amigas. "O primeiro homem costuma ser cuidadosamente escolhido, e chega-se à primeira relação após percorrer todo o percurso das intimidades. O amor continua sendo a chave-mestra da primeira posse e da primeira entrega."

Entre as leitoras que responderam ao questionário formulado pela revista, a maioria conhecia o parceiro há mais de um ano, ao ter sua primeira experiência. E, em geral, eles eram seus namorados (56%), seus maridos (15%), ou seus noivos (10%). O que mostra que 1/4 das leitoras ainda vincula virgindade a casamento, ou pelo menos a compromisso de casamento.

Virgindade não é uma grande preocupação para Sara Lopes, 18 anos, Francesca Terranova, 16, Elisa Fonseca, 17, e Lilia Palmeira, 17, todas alunas do Colégio São Pedro de Alcântara, uma escola particular da zona sul do Rio de Janeiro. Nenhuma delas já teve uma relação sexual completa, mas afirmam que não foi por falta de oportunidades ou por preconceitos, e sim porque ainda "não apareceu a pessoa certa, que diga alguma coisa física e mentalmente".

— Os garotos, quando chegam a uma determinada idade, se sentem obrigados a ter relações sexuais. Com mulher é diferente, a pressão é no sentido contrário — diz Elisa Fonseca.

Ela conta que a família nunca sonegou informações sobre sexo, mas que eles não gostam de falar sobre virgindade.

— Meu pai é vinte anos mais velho que minha mãe. Ele é muito ciumento e não gosta de falar sobre virgindade. Minha mãe sempre disfarça e, quando fala sobre o assunto, diz que tem que tomar cuidado, não pode dar pra qualquer um.

Já na casa de Andréa Costa Verde, 13 anos, carioca de Copacabana, o sexo não é tabu: "Minha mãe me ensinou tudo desde pequena, nunca teve esse distanciamento das outras mães. Sempre foi muito aberta comigo, sem grilo". Mesmo assim, Andréa diz que nunca transou: "Sei lá, acho que é preciso ter muito amor na transação. É um negócio de carinho, transar a pessoa certa na hora certa. Não tive essa hora certa, mas acho que não há algo determinado nesse sentido. Se sentir amor por alguém, eu vou".

Essa opinião é compartilhada por todas as outras meninas. Elas acham que a primeira trepada "tem que ser com amor, porque senão podemos nos arrepender e sair frustradas da relação". Estar preparada para ter relações sexuais, ter certeza do amor do companheiro, sentir algo mais que uma simples atração que passa logo são as condições exigidas pelas jovens para que a iniciação sexual seja legal.

— Eu me sinto ansiosa sobre como vai ser minha primeira relação — diz Francesca Terranova. Mas não quero fazer como meu irmão, que transou com uma mulher arrombada. Ele não sentiu nada.

Apesar de terem muitas informações sobre sexo, contracepção, de contarem muitas histórias de amigas que já tiveram relações sexuais, as meninas se sentem ansiosas e inseguras. Reclamam dos pais e dos professores, que reprimem e vigiam os contatos com os meninos da mesma idade.

— A repressão é tão grande que teve uma menina que quase transou com o namorado, mas na hora pintou a imagem da mãe na frente e ela desistiu — conta Lilia Palmeira.

— Aqui no colégio nós não podemos vir de saia nem de *collant* porque as professoras dizem que vamos excitar os meninos — diz Elisa. Se você está a fim de alguém, tem que ser escondido, da esquina pra lá. As professoras ficam no maior olho.

Lúcio Henrique, Sérgio Forstr, de 18 anos, e Otto Vergueira, de 17, também reclamam da repressão na escola. Na família, as coisas são mais fáceis para os meninos. Lúcio conta que, quando disse pra mãe que tinha transado com uma mulher, ela perguntou se "tinha certeza de que não era um travesti".

Sérgio e Otto tiveram sua primeira experiência sexual com meninas da idade deles, "colegas de escola que foram estudar lá em casa". Mas, curiosamente, entre esses jovens, os papéis tradicionais reservados aos homens e mulheres continuam sendo reproduzidos. As meninas ainda são virgens e os meninos já tiveram experiências sexuais. Apesar de os rapazes transarem com as namoradas, Sérgio declara que "gostaria de casar com uma virgem":

— Quero ser o primeiro e o único homem na vida da minha futura mulher.

A iniciação sexual nem sempre é emocionante; muitas vezes é dolorosa. Os homens transam até com bichos; as mulheres se preparam mais para o amor. A família reprime e a escola se cala.

primeira vez

As meninas vaiam e contestam a afirmação do colega: "Tá vendo? Por isso é que a gente tem que saber com quem vai trepar a primeira vez", diz Élisa. Se não eles ainda vão chamar a gente de piranha.

A mesma preocupação com o amor na *primeira vez* teve Maria da Glória Melo, moradora de Carapicuíba, cidade-dormitório da capital paulista. Hoje com 18 anos, Glória diz que começou a transar "há um ano. Virgindade pra mim é coisa do passado, não existe mais isso nos dias de hoje. No momento em que a pessoa tem que fazer amor, ela faz. Afinal, não tira pedaço da gente. Apenas tem que ser com a pessoa certa".

Jaqueline Pereira da Silva, 16 anos, moradora do Brás, ainda não se entregou a um homem, embora ache que "o sexo não é bicho de sete cabeças. Eu não pratico, mas me excito muito com os namoradinhos nos bailes, o que dá uma sensação maravilhosa. Agora, trepar é diferente, é sentir uma atração especial por alguém, daí se conhecer mais. Só vou ter relação com amor"

Enquanto guarda sua virgindade para um grande amor, Jaqueline é obrigada a fugir dos bichos-papões. Inclusive, foi obrigada a abandonar seu último emprego a toque de caixa: "Os velhos não me deixavam em paz. Aliás, é com toda menina nova. Eles pressionam, tentam agarrar a gente na firma".

Elaine Rosa da Silva, 15 anos, teve menos sorte. Até quatro meses atrás ela era virgem. Tinha ido a um baile e se amarrou num rapaz com quem dançava e foi convidada a sair. "Mas um outro cara nos seguiu e, lá pelas tantas, puxou um revólver e mandou meu acompanhante dar no pé. Quis me dar maconha, eu neguei, daí ele me apavorou com uma arma, me puxou para o mato e me violentou. Eu não senti nada, nem reagi, com medo. Apenas me entreguei. Hoje tenho medo do sexo, ele me apavorou."

Apesar de uma conscientização maior das meninas sobre sexo, ainda são as *piranhas*, as prostitutas, empregadas domésticas e viados que iniciam sexualmente os jovens rapazes. Gilberto Braga, autor de novelas da TV-Globo, contou a Heloneida Studart — que recolheu vários depoimentos para o livro **A primeira vez...** — que sua iniciação sexual foi aos 16 anos, quando cursava o primeiro ano Clássico do Pedro II, em 1961.

Viado e puta ainda são iniciadores

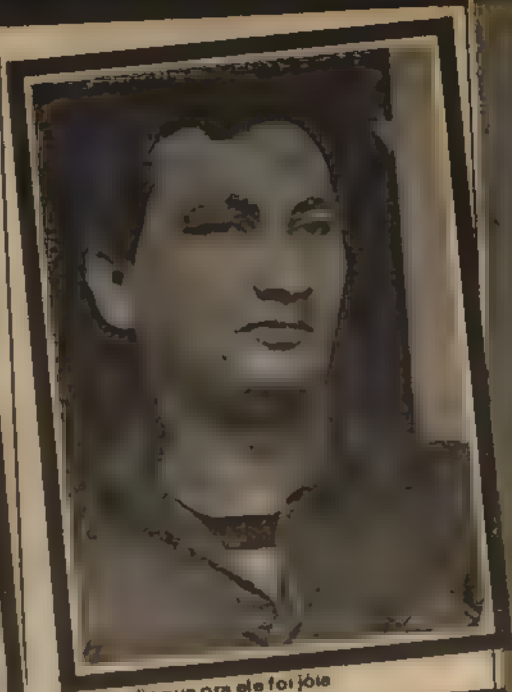
"Acho que não desejava uma primeira vez como a minha nem pro meu pior inimigo... Ela foi uma boa profissional, mais por intuição do que por técnica, acredito. Não tinha mais de vinte anos. Conversou comigo e sacou num segundo que era a "primeira vez". Pudera! Perguntou muito sobre Copacabana, onde ela tinha chegado a ir uma vez, logo que se mudara do interior de Minas para o Rio. Acabou conseguindo me excitar. Muito tempo mais tarde eu viria a aprender que o que fiz naquele dia foi apenas me masturbar dentro de uma vagina."

O cantor Roberto Rossi, 25 anos, conta que sua primeira experiência sexual foi "um pouco negativa". Ele lembra que um homossexual o convidou para sair. "Acabei fazendo amor com ele, não sei bem por quê. Foi mais por simpatia, talvez uma procura do conhecimento, ou levado, talvez, por um gesto diferente, um tipo de tratamento envolvente. Mas só sei que acabei praticando a coisa." Essa relação homossexual foi dos 14 aos 16 anos. Mas, aos 18, ele conheceu uma garota e se apaixonou por ela. Simples: "A partir daí eu me libertei".

Pelo ângulo dos homossexuais, as relações não são tão simples assim. "Pra mim foi jóia, aos 8 anos, mas faz tanto tempo que nem me lembro mais", sentenciou Dario Sidney, hoje com 33 anos, um dos homossexuais que vivem em volta da esquina da avenida São João com Ipiranga, em São Paulo. "Só sei que conheci muitos

As meninas não transam sem amor. Para os meninos, tanto faz

O guarda Nilo se iniciou com uma mula



Sidney diz que pra ele foi jóia

Neuza engravidou e não sabia

Mario Travolta começou com viado

A primeira vez de Roberto Rossi foi com homem

amigos bacanas." Hoje ele mora com a mãe, mas procura distinguir uma coisa da outra: sua vida particular com a condição de homossexual: "Dentro de casa eu sou um, fora sou outro, não dá pra misturar, né?"

Carlos Eduardo, 23 anos, outro homossexual que faz ponto no centro de São Paulo, alto, magro, negro, revela ter começado sua vida sexual aos 14 anos: "Nem me lembro de detalhes; sei que o meu parceiro tinha 18 anos." Diz nunca ter brincado com meninos, ficava longe dos outros moleques da rua e raramente se aproximava deles. Até que um dia...

Neuza, prostituta do largo Paissandu, em São Paulo, 30 anos, conta que sua primeira experiência sexual foi aos 17 anos. Era noiva, "e todo noivo exige isso, né? Ficou grávida, mas a ignorância na questão sexual era tanta que nem notou que tinha engravidado. "Mais tarde eu perdi o neném." A mãe tinha falecido, quando ela tinha 14 anos, e "fiquei sem ninguém pra me orientar nessas questões". Hoje ela não sabe se inicia alguém na vida sexual, mesmo porque "os meninos não costumam comentar esse tipo de assunto com uma prostituta".

Jorge Wilson Pereira da Silva, 13 anos, engraxate, conta que foi "a piranha da minha prima quem trepou comigo a primeira vez".

— Ela era muito mais velha, estava lá dentro de casa, em Paciência. Ela foi ao banheiro, tirou a roupa e eu fiquei olhando por detrás da porta. Aí, ela me chamou. Depois, sumiu, eu nunca mais vi.

Tem gente que vai de bicho na zona rural

Os tempos mudam, mas as formas mudam pouco. Para a turma das zonas mais rurais, pelo menos até recentemente, os primeiros parceiros de sacanagem eram, com freqüência, os animais domésticos. Foi assim com Nilo de Oliveira, hoje com 59 anos, um policial aposentado: uma mula no meio do mato foi sua primeira companheira sexual, em Conceição do Rio Verde, interior de Minas Gerais. O ator Marco Antônio Soares, de 26 anos, conhecido nos círculos do cinema *underground* como Marquinhos Rebu, também teve sua primeira experiência sexual com "umas galinhas", no interior da Bahia.

Edmilson Vieira da Costa, o Cigarrinho, contínuo do jornal *O Globo*, de 36 anos, conta que sua primeira vez foi com um pato:

— Pato ou marreco, não sei; só lembro que ele vinha cantando alegremente e eu quis entrar também no samba: qüem, qüem! Antes, só punheta. Ficava aquela turma sentada na beira do rio apostando quem gozava mais longe, pros peixinhos comerem. Às vezes um mais afoito gozava e caía dentro d'água, de zonzeira.

A primeira mulher Cigarrinho não lembra muito bem em que ano foi: "Quando que a Angela Maria cantava **Babalu**?"

— Eu trabalhava num parque de diversões de Queimados. Nêgo fazia dedicatória de discos, era muito poético. Aí apareceu a Efigênia, já trintona, e ofereceu "**Babalu** para o **Cigano**". Depois, acabou me levando pra casa dela. Acontecia de tudo por lá. Eu tava meio sem jeito, assustado, nunca tinha visto mulher pelada. Mas ela foi me ensinando. Depois tomei gosto e fui com vaca, cabra. Tinha uma cabrinha que era uma beleza, mas morreu eletrocutada num fio de alta tensão.

Depois Cigarrinho passou para os viados. O primeiro era um alemão, que tinha um Cadillac e que acabou dispensando Cigarrinho pelo mecânico que consertava o carro. Mas vieram outros.

— Eu tinha gostado mais de mulher, mas com o alemão eu comprava calça de brim-coringa e fazia o maior sucesso na época do *rock*. Depois, com os outros, já nem era por grana, era pra comer mesmo. No intervalo, aliás, tinha pintado uma segunda vez com mulher, mas era ruim pra diabo. Foi uma velhina que tinha ido pedir esmola na casa de minha mãe.

Apesar do machismo, quando falta grana pra transar com prostitutas, são os viados que socorrem os rapazes. Zé Mário, também conhecido como Travolta, vendedor de um depósito de doces, também teve relações com uns moços, quando tinha 15 anos.

— Por incrível que pareça, foi negócio de bola de gude. O cara me dava bolinhas e eu comia ele.

A mudança que se observa no comportamento sexual é influenciada pela maior divulgação da teoria psicanalítica: muitas mães já aprenderam que as crianças também têm sexualidade e que não devem ser reprimidas. Se, antes, todas as brincadeiras de médico, comuns entre primos, acabavam sempre em surras memoráveis, ou pelo menos em um castigo severo, agora os pais já se sentem mais seguros sobre a sexualidade desses jogos sexuais.

— Mamãe sempre me conta que quando eu era do maternal fui pra trás do armário com um menino e ela me ouviu dizendo: "Só mostro o meu se você mostrar o seu" — conta Francesca Terranova. Ela brinca comigo até hoje por causa disso.

Mas, apesar dos poucos progressos, Cigarrinho tem saudades dos "bons tempos":

— Na época em que as domésticas não comercializavam a coisa, comia-se boas xotas. Agora, a novela acabou com a sacanagem saudável dos bairros. Nêgo fica vivendo a *trip* dos outros. Fica tudo indireto. Agora tem muita revista de sacanagem, o que é legal, mas não quando substitui o contato direto.

Em relação aos filhos (um garoto e uma garota), Cigarrinho diz: "Eles vão comer ou dar pra quem quiserem" Depois, pondera:

— Se bem que comer filha dos outros é fácil; quando chega a da gente é duro. Sacana jovem é moralista velho. E isso é que eu não queria ser.

Aluno se masturba e vê o espermatozóide

Como a minissaia, a educação sexual nas escolas foi uma moda que se alastrou no final dos anos 60, mas não durou muito tempo. Hoje, parece nunca ter existido, pois não faz parte do currículo de nenhuma escola carioca. A discrição com que foi desaparecendo é diretamente proporcional ao estardalhaço com que começou.

Em 1978, um parecer do Conselho Federal de Cultura desaconselhava sua prática. Ninguém sabe por quê. Procurada pelo REPORTER, a secretária de Educação do Município do Rio de Janeiro, Lucy Vereza, preferiu não fazer comentários sobre o assunto.

Será que, como num passe de mágica, acabaram-se os problemas sexuais dos adolescentes? Ninguém mais se interessa pelo assunto? As crianças de hoje são tão espertas que já nascem sabendo tudo?

Henriette Amado, ex-diretora do Colégio André Maurois, na Gávea, Rio, a primeira escola a ter educação sexual como prática educativa da cadeira de Ciências, diz que as aulas duraram pouco mais de dois anos, entre 69 e 71.

— No começo de 72 eu fui afastada da escola e as aulas terminaram. Muita coisa terminou nessa época. (Foi o atual governador, Chagas Freitas, também governador na época, o responsável pelo afastamento da professora Henriette Amado.)

Foi um pouco mais tarde que a professora Letícia Pimentel Duarte, diretora do Colégio São Pedro de Alcântara, recebeu do MEC resposta negativa ao seu pedido de autorização para formação e especialização de professores em educação sexual.

— Criei um Instituto de Sexologia com a finalidade de organizar programas psicopedagógicos de educação sexual. Tinha a intenção de elaborar livros didáticos, formar professores especializados e orientar os jovens. O MEC negou sua autorização e eu desativei tudo. Sozinha não podia continuar dando as aulas.

No entanto, apesar do descaso oficial sobre o assunto, as aulas de educação sexual despertaram grande interesse nos alunos. "Foi bom enquanto durou," diz a professora de Biologia Marisa Linhares. Ela lembra bem que suas aulas estavam sempre apinhadas de alunos curiosos e interessadíssimos. Lembra também do esforço pessoal que teve que fazer para dar o curso.

— Fiz cinco anos de psicanálise pra segurar a barra desse curso. A grande problemática da educação é que ela é transmitida por pessoas insatisfeitas sexual e afetivamente, que vão transmitir visões deformadas às crianças.

Marisa conta que teve uma antecessora, mas que ela desistiu rapidamente. A primeira coisa que as crianças fizeram foi desenhar um pênis em cada carteira e perguntar se isso incomodava a alguém. Na verdade, incomodava, principalmente à professora, que resolveu mudar de assunto.

Como Marisa estava disposta a bancar a parada, as aulas foram reiniciadas. E com sucesso. Ela sempre procurou dar aos alunos "informações genéticas, mas nunca desvinculando isso da emoção". Todos os temas foram abordados em sua sala, menstruação, menopausa, potência, impotência, homossexualismo, polução noturna, doenças venéreas, casamento e ajuste sexual, infância e sexualidade, relações extraconjugais, inseminação artificial, etc.

Uma vez, numa das turmas onde estava sendo estudada a reprodução dos animais, um aluno disse que gostaria de ver o esperma humano no microscópio. Marisa nunca tinha feito um espermograma, mas achou que tinha que atender à curiosidade do aluno. Foi a um laboratório, informou-se sobre o assunto, trouxe todo o material necessário à experiência.

— Expliquei que, para fazer o espermograma, um aluno deveria trazer o esperma e que a maneira de consegui-lo era masturbando-se e colhendo o material. Ele achou tudo ótimo, levou o material esterilizado para casa e trouxe o esperma. Foi interessantíssimo.

Surpresas aconteciam o tempo todo. Tanto em relação às solicitações dos alunos quanto às emoções que as aulas faziam aflorar. Uma experiência com ratos foi realizada a partir das dúvidas dos alunos sobre a ligação entre o álcool, as drogas e a potência sexual.

Injetamos drogas nos ratos para saber se elas provocavam mudança de comportamento. Foi uma experiência trabalhosíssima, acompanhada por médicos enviados pela Secretaria de Saúde, por professores de Química e até por policiais.

Da mesma maneira, a educação sexual levou as crianças a quererem discutir e tratar seus problemas afetivos. Marisa lembra-se de uma aluna, repetente, que tinha enormes dificuldades de relacionamento com os colegas.

— Eu percebia que a menina não sentava junto com os meninos de jeito nenhum. Nunca se interessava pelas aulas e era quase certo que fosse repetir o ano mais uma vez. Depois de algum tempo ela pediu pra conversar comigo e acabou contando qual era seu problema: sendo a mais velha de uma família de seis filhos, com mãe protestante e pai alcoólatra, há seis anos o pai a obrigava a ter relações sexuais com ele, enquanto a mãe ia para a igreja com os irmãos.

Encaminhei-a para o serviço de orientação da escola, que por sua vez conseguiu um tratamento psicanalítico para a menina. Era incrível como as aulas mexiam com as crianças e desbloqueavam emoções muito reprimidas.

Por tudo isso, tanto Marisa Linhares como Henriette Amado e Letícia Pimentel Duarte são fervorosas defensoras da educação sexual nas escolas. Já Teresinha Ferreira, diretora do Centro Educacional Anísio Teixeira, ex-Pueri Domus, tem uma posição diferente. Ela acha que o fato de o assunto ser tratado como tema específico já demonstra uma forma de preconceito.

— Sexo é vida e faz parte da natureza. Se o currículo escolar deve explicar o homem e a natureza, sexo tem que estar incluído em todas as matérias. Não pode ser separado do resto.

MEC proibiu Letícia de fazer instituto de sexologia

— Eu comparo um pouco com o ensino de educação moral e cívica. Não é absurdo termos uma cadeira específica para formar o cidadão? Essa não é uma das funções básicas da escola e não está ligada a todo o trabalho escolar?

Henriette Amado botou o sexo na aula de ciências

Em São Paulo, experiência é sigilosa

Só agora, em 1981, é que as escolas estaduais de São Paulo começam a ter educação sexual. Algumas escolas fazem o que os técnicos chamam de "projeto-piloto", mas na Secretaria de Educação os responsáveis por tal projeto não falam, alegando intermináveis reuniões, falta de tempo e outras desculpas. O secretário, Luís Ferreira Martins, está sempre viajando, de acordo com sua assessoria de imprensa.

Recentemente o secretário disse aos jornais que, independentemente dos resultados do projeto-piloto de implantação do curso de Educação Sexual nas escolas de 1.º e 2.º graus do Estado, a ampliação desse trabalho será "lenta e cautelosa". Apenas 6 estabelecimentos dos 4.500 da rede contam com essas aulas.

Martins revelou a disposição de implantar o curso, mas houve resistência, segundo ele, de diretores de escolas, professores e pais de alunos, o que fez com que ele não revelasse os nomes das 6 escolas onde o tal projeto-piloto está implantado.

O programa tem nome bonito: "Programa Saúde: conhecimento e desenvolvimento humano", como também tem belo nome a tal "Divisão de Currículos e Serviços de Orientação Educacional da Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas", daquela Secretaria, encarregada de implantar o curso. Mas, informações, há poucas acerca do curso. Só dados elementares, burocráticos, como a escolha de três escolas de 1.º grau e três do 2.º, sendo duas sem orientador e uma com orientador.

O trabalho "lento e cauteloso" do secretário Martins não irá recuperar o atraso do sistema educacional. Desde o início da década de 70 tem-se procurado incluir a educação sexual em programas de saúde, sempre de forma excessivamente tímida. Por exemplo: um guia curricular da Secretaria de Educação propunha que, aos 7 anos, a criança devesse ser capaz de "observar animais e pessoas e classificá-los quanto ao sexo". Só na quarta série — por volta dos dez anos — a criança poderia ficar conhecendo a diferença genital entre os dois sexos. E só na oitava série — onde chega com 14 anos, no mínimo — é que "o escolar deverá ter conhecimento sobre fecundação, gestação, parto e puerpério". Presumivelmente, antes deveria contentar-se com histórias de cegonha e resolver sozinho as questões e curiosidade naturais que surgem com as mudanças do seu próprio corpo na puberdade.

TFP e Hare Krishna se abstêm

Um militante da seita fascista Tradição, Família e Propriedade — TFP — abordado na rua, em São Paulo, retirou-se apressadamente ao ouvir a expressão iniciação sexual. É sabido que os rapazes da TFP guardam a virgindade como se fossem a própria Virgem Maria, o que leva os populares a suspeitarem de sua virilidade e, constantemente, a gritarem bicha, bicha, cada vez que os meninos da TFP saem às ruas com seus estandartes vermelhos.

Outra seita que proíbe o relacionamento sexual que não seja para procriação é a dos Hare Krishna. Vibhutman, um jovem adepto de Krishna, 20 anos, mineiro de Belo Horizonte, há 2 anos na seita, diz que "sexo não é a meta última da vida. Cachorro também faz sexo. Só que enquanto cachorro faz na rua o homem faz no vigésimo andar, numa cama confortável e macia", e Vibhutman olha para um prédio em frente ao Mappin, como se pudesse identificar um casal em pleno ato sexual.

Vibhutman jamais experimentou uma relação amorosa, mas é capaz de afirmar, cronometricamente, que "o gozo dura dois segundos, mas nós damos mais prazer que isso cantando hare Krishna, hare, hare". E garante que, "ao perder o sêmen, você perde a inteligência. Não a inteligência de somar dois mais dois e concluir que são quatro, mas aquele brilho espiritual..."

Empregadas não dão pro patrão

Quem é que disse que são as empregadas domésticas que iniciam os rapazes de boa família nas delícias do sexo? Elas, seguramente, não são.

Há mais de cinco anos andei entrevistando empregadas domésticas a granel — mais de cem — para preparar uma tese. Gravei dezenas de horas de fitas e em nenhum momento uma dessas moças contou que já tinha transado com o patrão ou com o patrãozinho. E olha que elas contavam coisas do arco da velha. É bem verdade que tanto empregadas quanto patroas disseram já ter ouvido histórias sobre o assunto. Tinham amigas que tiveram problemas por causa disso. Entre as donas-de-casa, era clara a preocupação de tomar cuidado com os homens quando a empregada da casa era jovem e bonitinha. Algumas exigiam até que as domésticas tivessem uma certa idade, pois isso era uma maneira de garantir a "integridade da família" contra possíveis concorrentes.

Uma das senhoras disse uma coisa fantástica: "Todos os meus amigos contam que começaram a ter relações sexuais com a empregada que tinham em casa quando eram garotos. No tempo do meu avô e do meu pai isso era incumbência delas, mas hoje em dia são elas que querem, são elas que provocam os rapazes".

Essa não é exatamente a opinião que as "desencaminhadoras de menores" têm sobre o assunto. Histórias de empregadas que saíram correndo pra rua, no meio da noite, de camisola e tudo, porque o patrão estava atrás delas aconteciam com freqüência com as amigas das minhas entrevistadas.

Helena Celestino

Marta Suplicy diz que virgindade ainda é tabu

Por conta de sua participação no programa **TV Mulher**, a sexóloga Marta Suplicy recebe grande quantidade de cartas dos telespectadores. O que vem escrito, diz ela, "demonstra uma desinformação generalizada, uma confusão incrível de preconceitos e tabus. As cartas dos adolescentes, por exemplo, revelam uma repetição da ideologia vigente na nossa sociedade. Claro que o adolescente questiona, mas é um questionamento muito superficial, porque eles vivem exatamente os conflitos que são conseqüência dos tabus e preconceitos vigentes".

A própria Marta se declara surpreendida com os conflitos que aparecem nas cartas, "coisas que eu imaginava não acontecessem mais e, sobretudo, a dualidade de que sexo é com o homem e amor com a mulher. Então, fica o homem querendo obter o sexo e a mulher tentando uma forma de negar sem perder o namorado. A questão é sempre a mesma: como obter o sexo da mulher sem responsabilidade alguma e, a mulher, como manipular melhor esse sexo de forma a manipular melhor o homem e levá-lo ao casamento".

O conflito maior, para Marta, é na área da intimidade sexual, quais os limites das carícias, até onde se pode ir. Diz ela que, "no homem, há aquela preocupação de manter a imagem do macho, levando muitos a me perguntarem: A senhora acha que eu devo casar com uma mulher que não é mais virgem? Não vão achar que eu não sou homem? Enquanto as mulheres me pedem conselhos de como fazer para que seus namorados não percebam que elas não são virgens. O eterno dilema: contar ou esconder? Isso tudo é uma reprodução dos chavões da nossa sociedade em relação ao relacionamento homem-mulher".

Sobre a quantidade de revistas eróticas avidamente consumidas desde alguns anos, Marta Suplicy acha que, "de um lado, é bom que existam essas publicações, porque elas dão um pouco de informação no sentido de que começa a ser discutido o que antes não era. Mas elas sempre colocam muita importância no desempenho sexual, na obrigação do homem ter ereção e a mulher orgasmo. Isso aumenta brutalmente a ansiedade do adolescente que vai ter sua iniciação sexual, porque ele deixa de se preocupar em curtir, em ter prazer, conhecer o outro de pouquinho em pouquinho até ter uma intimidade. Ele vai estar preocupado sobretudo em ter um bom desempenho".

Marta Suplicy compara as receitas das revistas eróticas a receitas de culinária: "Elas substituem aquela história de como fazer uma bela macarronada para segurar o seu homem por como dar uma bela trepada para segurar o seu homem. No fundo, a sexualidade da mulher tem que ser vivida em função do homem, e não em função de si mesma".

Vendo a televisão, Marta acha que "o rebolado das chacretes deseduca, programas assim barateiam o sexo. O erótico do corpo é algo muito importante de ser desenvolvido. Mas a informação que se consome leva os adolescentes a viverem uma sexualidade conflitiva, culposa, muito ruim. Até acabam fazendo o sexo, mas não como uma coisa prazeirosa, sem culpa. Fazem-no como se estivessem provocando o fruto proibido".

Sobre a repressão familiar, a sexóloga tem certeza de que "ela não inibe o comportamento, só faz com que as pessoas, ao praticarem o sexo, se sintam mais culpadas".

E Marta não é otimista. Para ela, é pura impressão de que os tempos estejam mudando de maneira substancial: "Essa liberdade apregoada não ajudou a mudar os valores morais dos adolescentes. Os valores morais permanecem o dos pais e o comportamento é aquele apregoado pelas revistas eróticas. Daí o conflito. Não existe conexão entre o que os adolescentes fazem com o que eles sentem. Fazem uma coisa que a cabeça deles acha que tem que ser assim, mas, no íntimo, pensam que não era desse jeito, porque eles têm os valores morais dos pais. Então, a sexualidade é mal vivida".

Tudo poderia ser diferente, acentua a sexóloga: "Os jovens deveriam aproveitar essa época para desenvolverem a sexualidade, para namorar, para ter sexo realmente. Não digo necessariamente a ação pênis/vagina. Desde o beijo já se tem remorsos, porque o beijo vai levar a outras coisas. A menina tentando segurar, o rapaz indo em frente, porque é ele quem tem que fazer a conquista. Como então ter uma relação íntima, boa, prazeirosa, se de um lado ele está tentando ter aquela coisa e do outro ela tenta não dar aquela coisa? Então vamos conversar muito sobre o assunto. Discutir, dialogar, trocar idéias".

Existe disco e cartilha falando de sexo

Para conversar com os jovens, principalmente, outra sexóloga, Maria Helena Matarazzo, usa as ondas da rádio Globo de São Paulo e acaba de gravar um LP chamado **Falando de Sexo**, *pela RGE. No disco, em forma de diálogo, Maria Helena discute a importância da atividade sexual, a questão da virgindade, a masturbação, doenças venéreas, homossexualismo.*

O investimento financeiro de uma gravadora em um disco que fala de sexo é apenas mais um indício do mercado que o assunto dispõe. Até o Mobral e a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil — CNBB — entraram no setor e recentemente lançaram a cartilha **A Transmissão da Vida**, *com 87 páginas ilustradas. Embora não seja especificamente sobre sexo, a cartilha aborda o tema ao dar noções elementares de reprodução humana e planejamento familiar.*

O mercado do sexo também é explorado por inúmeros manuais vulgares, em geral traduzidos para o português. A enciclopédia **Vida Íntima**, *um fascículo da editora Abril, vendeu mais de 300 mil exemplares, embora não se aprofunde nas questões sexuais. Outros guias e manuais sexuais vendem bastante, mesmo parecendo mais guias de automóveis ou turismo. Os livros de um tal dr. Reuben são sucesso e chegaram a ser apreendidos na época do Armando Falcão no Ministério da Justiça.*

LIVRO REVELA MISÉRIA SEXUAL E CRIATIVIDADE POPULAR

Histórias recolhidas por Liedo Maranhão
Fotos de Gleide Selma

Liedo Maranhão é dentista do Inamps na parte da tarde e andarilho do Recife pela manhã. Sai pelas ruas da cidade encontrando e conhecendo pessoas, conversando com elas e escrevendo suas histórias. Isso, desde 1970, quando encheu o saco de ser "manicure de luxo" e fechou seu consultório particular.

De lá pra cá ele já encheu 4.200 páginas de um diário, e é esse material que utiliza para publicar livros como Manual Prático do Ambulante ou Coleção de Ensinamentos e Receitas da Gente Pobre do Recife; Ilustradores de Capas de Folhetos, O Mundo da Camelotagem; O Mundo da Picaretagem e esse incrível O Homem é Sacana ou O Povo, O Sexo e a Miséria.

Fala Liedo:

— Temendo falar de política neste período de 10 anos de repressão e amordaçamento, com mortes, prisões, torturas e achatamento salarial, os artistas da Praça preferiam contar-me o dia-a-dia das feiras, "com o transporte comendo tudo" e o "preço de um guisado pelas alturas". E, aqui e ali, a aventura amorosa, a mulher, o sexo, "porque o resto é bascuio".

Numa pequena área de mil metros quadrados, à sombra de suas árvores, uma multidão de gente humilde, homens, mulheres e crianças, carregados de troços velhos, ao lado de barracas de jogo, bancos de comida, cadeiras de barbeiro, bancos de engraxate, máquinas de fotógrafos lambe-lambe e cornetas de alto-falantes, luta de sol a sol, "pelo cumê dos menino". Outros, à falta de um trabalho, divertem-se encantados com ventríloquos, telepatas, mágicos e acrobatas, remanescentes de circos mambembes. Como uma espécie de Luna Parque Shanghai dos anos 30, com seus saltimbancos, amestradores de pulgas e teatros ao ar livre, a praça, como bem definiu o camelô Severino Bacurau, é o arraial dos marginais.

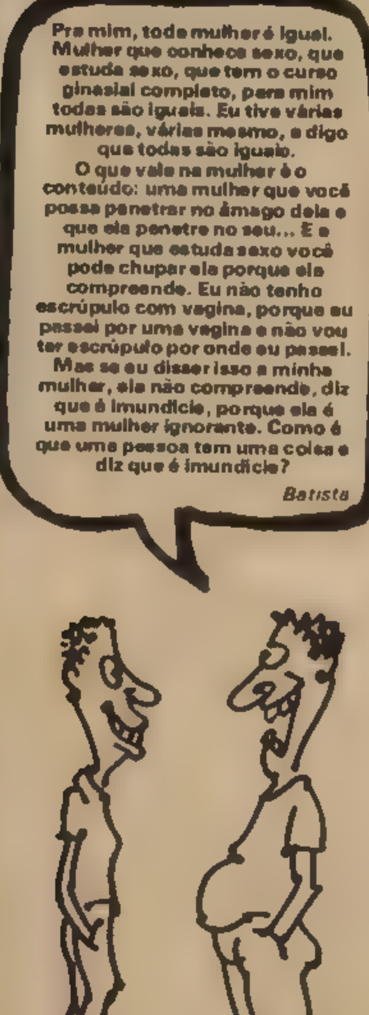
Situada à frente de um majestoso mercado público, de arquitetura francesa do século passado e da suntuosa igreja de Nossa Senhora da Penha, à noite a praça é escura, deserta e perigosa, com seus mendigos e ladrões dormindo e cagando pelas cal-

HOMEM É SACANA!

No Mercado de São José,
Faz raiva a gente se vê.
De tudo que não presta,
Nele já tem pra vender.
No Mercado de São José,
Tem água de prato sujo,
Que dão o nome de café.
Tem sopa de 15 dias,
Que eles vende nos hoté.
Tem carne de sapo cru,
Que dão o nome de sarapaté.
No Mercado de São José,
Tem frango, tem rapariga,
Ninguém não liga,
De mais até.

çadas, uma merda com uma fedentina de quem "comeu urubu recheado".

Abandonada pelos poderes públicos, suja, esburacada e malcheirosa, de dia é alegre, vibrante e colorida, com toques de pandeiros, desafios de cantadores, batidas de zabumbas, rasgos de sanfonas e acordes de cavaquinhos, misturando-se aos berros dos camelôs oferecendo a banha do Peixe-elétrico, o óleo do Jaborandi, a resina da Jeremataia e o óleo do Baiacu-de-espinho, verdadeiros milagres afrodisíacos, transformando o pequeno local numa excitante atmosfera de amor. E, para completar a "festa", centenas de prostitutas famintas, encostadas em veículos estacionados no local, sentadas nos pés da estatua de Dom Vital ou mesmo passeando pela calçada do antigo Cine Gloria, com meia-sopa de macarrão e um pedaço de pão na barriga ou enganando o estômago com um pedaço de jaca ou uma vitamina de banana. Às vezes o dia todo sem "descolar", ficam à espera de um homem que queira "dá um tapa no sapo" ou botar uma "teresa" na sua boca.



Gogó de Sola canta. Na cadeira de rodas, Bacurau e Liedo Maranhão

Histórias do povo no Mercado São José

● O POVO SÓ QUER SABER DE ESCULHAMBAÇÃO

Eu quero ver aparecer um amigo dos senhores e convidar para um culto evangélico. Só aparece é convidando pra tomar cachaça. O povo hoje só quer saber de esculhambação. Eu pergunto aos senhores: "A tentação do Paraíso, foi feita por quem? A mulher, que é a parte fraca". É por isso que as mulheres tão andando quase nua

O home, coitado, é a parte fraca, mas o espírito é forte. Ele passa a semana toda trabalhando Vive com uma mulher velha, das perna inchada, com varizes quebrada e não se pinta. Quando é no domingo vai à missa. Na missa, se ajoelha, na frente dele, uma mulher de vestido curto, que, quando se ajoelha, ainda levanta mais. Com um rolo de perna liso que só bola de bilhar, lhe mostrando todo patrimônio. E ele, coitado, fica também ajoelhado, olhando para o altar, para onde está o padre, mas só ouve a voz de Satanás dizendo: "O bom tá embaixo". A missa termina e ele não vê nada, porque seu sentido era só na esculhambação

(camelô Amadeu)

● O PRAZER DO APOSENTADO

Ele envelhece,
Os cabelos embranquece
O reumatismo aparece
A língua cresce,
Os colhões desce
A rola amolece,
A mulher oferece,
Ele agradece
E vai corcunda
Para o INPS

● ABRIR AS PERNAS PRA LIMPAR A MATÉRIA

Todo catimbozeiro é tarado ou pederasto. Quando não é tarado e pederasto. O pai J. gosta muito de menina nova. Isso é todo ele Chegou uma moça ou uma menina nova no gongá dele, ele descabaça logo, porque elas acredita em tudo que eles dizem. E eles mandam logo abrir as pernas e diz que é pra limpar a matéria

Batista

● UMA JUMENTINHA NOVA É UMA BELEZA

Cachorro eu não como, não, porque quem come cachorro pega uma blenorragia de sangue. O bicho que parece mais com a mulher é a cabra e a jumenta. A gente come ela num barreiro, ele levanta o rabinho, chega o cuzinho ficá pinicando. A jumentinha, quando ela gosta de uma pessoa, ela encarna. Uma jumentinha nova é uma beleza

Gogó de Sola

● MULHER É COISA EXTRA DOS SERVIÇOS BRAÇAL É O MELHOR.

L.B

● FICAR BRINCANDO

Isso é fome, eu sei disso. Isso é um problema social. A fome faz tudo. Lá no Coque tem uma menina com 9 anos que está grávida. Isso o que é? É fome. Você pega 1 quilo de charque e um vestidinho de chita e dá a uma mulher, que ela lhe entrega a filha. Você vai pro quarto com a menina e ela fica na sala costurando, satisfeita. Eu digo isso porque eu já fiz muito isso. Não deflorava, porque eu nunca deflorei ninguém. Eu só fazia levar para o quarto e ficar brincando.

Bat'sta

● MULHER PRA MIM É COMO ALIMENTO

Mulher, como eu uso, fica até econômico pra mim. Mulher pra mim é como alimento: eu só procuro quando estou com fome Eu nunca exagerei com mulher

● TOMA LÁ O TEU E PRONTO

Um homem solteiro, na minha idade, não presta não Eu quero só arrumar uma menina do interior, pobrezinha mesmo. Aqui nesta Praça tem umas 3 que são doida por mim, mas eu não quero conversa nem negócio. Meu negócio com rapariga é: toma lá o teu e pronto! Com uma mulher direitinha, eu alugo uma casinha e boto ela pra vender verdura, confeito, pipoca, cocada, que eu tenho muito jeito pra negociar

J G

● É MUITA CONFIANÇA, DOUTOR!

A pior coisa é a mulher perder a confiança do marido. A semana passada eu peguei uma mulher aqui na praça, muito apertada, e aí feriu a cabeça do membro e eu não vi. No outro dia, que eu fui tomar banho e fui lavar a cabeça do pau com sabão, eu aí senti arder. Eu aí disse: "Épa, só pode ser um corte. Fui buscar os óculos, olhei. Era um corte na cabeça do pau. Eu aí disse para a mulher: "T., vem cá". Ela aí veio e eu lhe mostrei e disse: "Isso é um corte e se não botar qualquer coisa vai inflamar". Ela aí foi buscar Merthiolate e eu passei na cabeça do pau. É ou não é muita confiança, Doutor?

Pereira

● GOSTA MUITO DA SAFADEZA

É um padre quente. Eu gosto muito dele. Ele é assim feito a gente, gosta da safadeza. Um domingo desse, antes dele viajar para São Paulo, ele passou o dia lá em casa, bebendo e tomando cachaça. E eu aí perguntei a ele: "Esse negócio de igreja, é ou não é uma merda, padre?" E ele aí me respondeu: "Eu sei que é, mas não posso dizer"

Batista

● O QUE EU ADMIRO NA MULHER É A CORAGE

Um preto com uma mulher branca é gaia na certa. Quando vê um preto com uma mulher branca, é porque o preto tem dinheiro. Ou então, é uma rapariga que ela tirou da zona. Todo preto tem uma lapa de fumo danada. O que eu admiro na mulher é a corage. Mulher tem, corage de bicho. Eu não sei como ela pega uma lapa de fumo daquela e mete todinha no rabo de uma vez, sem pará em lugar nenhum. Eu não sei como uma mulher branca gosta de um nego.

● ISSO IRRITA OS COSME

Ela apanhou que se mijou, olhe aí no chão o mijo dela. Foi cada tapa que a gente só ouvia os estalo. A culpa mesmo é dessas mulher. Elas estão proibida de estacionar aqui na praça e aí ficam pra lá e pra cá. Isso irrita os Cosme. Eu, aí, dou razão a eles. Mas tem mulher aqui que não merece isso. Tem mulher que nem parece uma rapariga. Tem outras que gosta de anarquia. Mas, por causa de uma, paga as outras.

L.S

● A POLÍCIA ACABA DEPRAVANDO

Na realidade, isso aqui é um caso de polícia mesmo. Mas a polícia vem pra consertá e acaba depravando. Enquanto existir polícia civil, não se acaba nem com ladrão e nem com depravação. Eu vou dizer uma coisa: se o senhor passar um dia nessa esquina comigo o senhor vai vê é policial conversando com marginal e perguntando: "Quanto você tem aí?" E o ladrão diz: "Aqui no bolso eu tenho 200". E o policial: "Tá bom, cai fora!" Outro dia eu vi quando um ladrão cortou a bolsa de uma mulher e com dois dedo tirou 100 cruzeiros. Aí o polícia meteu a mão por cima dele e pegou o dinheiro, que a mulher nem viu. E aí ele fez um sinal para o cara mandando ele embora.

O Homem é Sacana pode ser pedido pelo reembolso postal à Editora Guararapes — R. José de Alencar, 493 sl. 406 — Recife, PE

COCAÍNA

TENHO 27 ANOS. CONHECI TÓXICO AOS 7. HOJE SOU DONO DA BOCA.

Vinte e sete anos, conheceu o tóxico com sete. Vinha da escola, de uniforme e pastinha; no caminho de casa uns conhecidos estavam dependendo de um cara para descolar um bagulho, o cara não pintou e lhe perguntaram se faria o *avião* (transporte). Fez. Na primeira vez, dois quilos. Comerciou e passou a gostar da jogada. Escondia-se no banheiro da escola para fumar um, tem uma história de prisões enquanto era menor e "dava bandeira pra polícia", mas depois cresceu, firmou sua fama. Quinze baseados, no mínimo, por dia, o primeiro em jejum, antes do café da manhã.

A boca está triste. Quem sobe o morro e passa tranqüilo pelo sistema de olheiros mirins em "trabalhos" de bola de gude ou construções na lama suja da trilha é porque já foi identificado: vai comprar fumo ou procurar cocaína. Os olheiros dão o serviço por um sistema de gestos, gritos e sinais aparentemente inocentes. No larguinho, entre as ruínas de uma parede de pau-a-pique e várias janelas, dona Maria aproveita para abrir a cancela do boteco, que é para todos terem motivo para se reunir, ao mesmo tempo em que fatura um troco, com cervejas e refrigerantes

"Tá pintando uma brizola da boa" — anuncia alguém

Nos bons tempos, a boca não parava. Ali, naquela hora, perto do meio-dia e apesar do calor, haveria um burburinho de entusiasmo, com o chefe comandando o jogo. Provavelmente ele moraria numa das casas "nobres" do morro, de alvenaria, com pintura recente em azul-turquesa e vista panorâmica para um dos lados — o lado por onde sobe a polícia. Teria aberta, dia e noite, uma salinha com os santos protetores: São Jorge, Cosme e Damião, Iemanjá, bem cuidados pela mulher. No entanto, este chefe bondoso que usava cordão de ouro, roupas importadas e carro do ano, sempre com algum voluntário para lhe servir de chofer, que distribuía a féria a todos os seus "soldados" (seus funcionários do morro, sua segurança particular) a cada semana, este *padrone* respeitado e temido foi alcagüetado e preso. Sucessor natural ele não tinha. E, assim, é difícil saber logo de cara quem está tomando conta da boca.

A cocaína nunca é cocaína, mas brizola, pó. Fumo, bagulho são os apelidos da maconha. Enquanto a maconha pode vir de qualquer parte do Brasil — "chegou uma do Mato Grosso ótima", "essa é do Maranhão legítima" — a cocaína atravessa o país como uma espécie de escala obrigatória, antes de seguir para outras terras. Como quem vai buscá-la na Bolívia inclui no roteiro um aeroporto brasileiro — por razões de segurança, para investigar o terreno, antes de seguir viagem — é fácil montar um esquema intermediário de distribuição, que garanta o fornecimento em termos de continente sul-americano Até chegar aos grandes centros — diz-se — a coca passa apenas por três mãos: o comprador atacadista, cheio da nota, que recebe a droga diretamente de Santa Cruz de la Sierra, de uma rede quase artesanal de produção. Passada de mãe para filha há infinitas gerações, a coca boliviana é feita mesmo pelas *cholas*, nos fundos dos quintais e dos barracos, segundo processos antiquíssimos, e repassada ao comprador a preço de banana

O comprador revende a mercadoria, com taxas duplicadas ou quadruplicadas, ao traficante que virá trazê-la. E este, por sua vez, a distribui ao retalhista. O retalhista é quem comunica à boca e aos aviões conhecidos que o produto está em cima. Cada um se habilita, então, a pegar uma parte. "Quem mistura são os caras que compram pouca quantidade" — afirma o atual dono da boca que, neste tempo de arrocho, não tem nada da imagem do traficante opulento que se costuma imaginar. Desdentado, magro, com doença de pele, descalço, ele é apenas uma ponta do fio que a polícia tenta desgrenhar, sem conseguir, no entanto, fugir à corrupção.

— Está vendo aquela rua, ali? E a rua do acerto. Ali os homem levam os caras que entram em cana pra dar o dinheiro e sair, morou? A PM sempre aceita arrego, só os samegos da P-2, a Polícia Secreta, é que não. Ou melhor, eles não aceitam arrego de vagabundo, de traficante. As transações vão ocorrer dentro dos distritos. Aí eles entram em contato com os advogados e tudo fica entre eles mesmos. Nos não sabemos de nada.

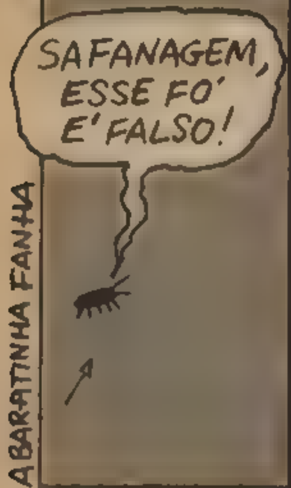
Dançar, mais dia, menos dia, parece ser uma realidade já incorporada ao sistema de vida do traficante. Corajosos, ágeis, mestres no improviso e na criatividade, capazes de escalar uma pedreira no *pinote*, valentes, afirmando que "não pode é ficar com medo da polícia, tem que encarar", eles fazem parte do sistema de distribuição de droga, irmãos dos colegas do asfalto.

— Sentado numa praça, com uns 16 anos, umas quatro ou cinco garotas do lado, eu passava as minhas *dolinha*. Às dez horas da noite pintou o camburão, jogou logo o farol, mandaram o pessoal ficar de pé. Fui me levantando logo e puxando os documentos. Numa de moral. Os *home* revistaram as minas, olharam meus documentos e não me revistaram. E eu estava com 41 dolinhas de fumo nos bolsos.

Se um alarme falso no morro pode fazer surgir, de repente, atrás de uma das vielas, um sujeito branco, magro, mas "forte" graças aos dois revólveres brilhando nas mãos, imagine-se o estado de tensão constante, a que até os velhos se adaptam, assumindo o papel de informantes, pombos-correios, olheiros e protetores de seus netos, sobrinhos, filhos, enteados. Nos morros cariocas dominam os machos e jovens. As mulheres, essas, estão a serviço daqueles. As solteiras, sem filhos, podem trabalhar em casas de família, supermercados, firmas. As casadas ficam mesmo em casa, cuidando do marido, da casa e da criançada. "As mulheres não cheiram e, quando cheiram, não são viciadas. Quando tem, tem; quando não tem, não tem. Agora, fumo pode usar à vontade que faz bem, é bom pra abrir o apetite"

Um baseado ao levantar, outro depois do café, mais um ao sair de casa de manhã para dar um giro, e por aí vai. O dono da boca evita, entretanto, consumir cocaína Por dois motivos: "*Brisa* prejudica o bolso e a saúde Uma grama já deixa o cara fora de si. Se a polícia chegar e eu estiver muito doidão, acabo dando mole pra eles." É preciso lucidez, sobretudo, para enfrentar uma situação como essa, que ele encarou em 1975, na volta de uma "apanha". Nervoso, atropelando as palavras, gaguejando, ele conta como foi:

— De repente eu vinha que-descendo numa rua que o Opala dos home que-vinha andando pra cima de mim, eu nesse dia que-tava com um, morou? embrulho na mão, pé, os home vinha andando pra cima de mim. Se eu corria, que-eu entrava, que eu não tinha lugar pra corrê. que o camarada que tava comigo tentou corrê, eu segurei a camisa dele, ah, é, cumpade? Vamo andando pra cima dos home, vamo jogá com a sorte que eu acho que a gente vai entrá. Vambora que a gente vai se dá bem. A gente fomo e se demo bem.



Reportagem de Thaís de Mendonça

Depois da brizola vem a heroína

A qualidade da maconha se avalia pela cor, pelo cheiro, pelo aspecto. A qualidade da cocaína, apenas por um fator, difícil de determinar a olho nu e que, de resto, lhe dá o apelido: o brilho. De acordo com a ordem, a cor vem em primeiro lugar na identificação da boa maconha: deve estar mais próxima do verde que do marrom, embora por marrom se distinga um seu parente muito valorizado — o haxixe. Raro no Brasil, o haxixe e a maconha possuem cheiros parecidos: perfume forte, doce, penetrante, agradável. Ao comprar fumo, o vendedor pode conceder uma presença (amostra), porque não é tão caro quanto o pó, que as pessoas têm que comprar no escuro. A grama de cocaína, no morro, está a Cr$ 2 mil. Na zona sul do Rio de Janeiro o preço dá saltos: de Cr$ 2.500, em Copacabana, passa a Cr$ 3.500 em Ipanema, mas pode disparar a Cr$ 4 mil ou Cr$ 4.500, se for num final de semana, de noite ou de mês, quando os estoques já se esgotaram. O papelote — Cr$1.500 — é quebra-galho para quem tem pouco dinheiro e pouca fissura. Mal dá para duas carreiras e um barato de meia hora, com uma ligação talvez mais psicológica que química — nunca se sabe o que vem dentro mesmo, se sal de fruta, fermento, talco, maizena ou leite em pó. A maconha, abundante na década de 60, começa a ceder lugar à droga dos anos 70 — a cocaína, a velha brizola do morro. E o LSD, ou ácido lisérgico, começa a ser superado por um tóxico que inicia sua escalada no mercado brasileiro: a heroína.

E homossexual e batia na filha, como muitos pais soltos por aí

JORNALISTA PRESO POR ÓDIO DOS VIZINHOS

Se alguém quisesse fazer um documentário sobre o drama do jornalista Antônio Chrysóstomo não teria dificuldade para montar as primeiras cenas. Poderia começar pelos corredores do prédio 1808 da rua Almirante Alexandrino, Santa Teresa, com a frase que uma de suas principais testemunhas de acusação, Ana Alves, 50 anos, não se cansa de repetir: "Por favor, diga que eu faço qualquer coisa para ajudá-lo. O que houve foi uma trama contra Antônio e eu, inocente, acabei envolvida".

No prédio, só não é mais encontrada a menina Claudinha, de quatro anos, que teria sido violentada por Chrysóstomo em noitadas onde grupos de homossexuais se embriagavam, colocavam a menina para dançar numa mesa da sala do apartamento e abusavam sexualmente dela, tocando em suas partes íntimas. Claudinha foi recolhida à FEEM (Fundação Estadual de Educação do Menor), mas todos os personagens da história de Chrysóstomo permanecem lá.

O fotógrafo Wilton Montenegro, marido da cantora Aline, define Chrysóstomo como um torturador de plantão. Sua definição se baseia nos gritos que ouvia à noite vindos do apartamento de Chrysóstomo, e numa queimadura de cigarro que um dia ele viu num dos braços de Claudinha.

Fala Wilton: "Eu não vi ele abusar da menina, mas é bem provável que isso tenha ocorrido. Sena excesso de legalismo precisar ter uma prova concreta, não? Eu ouvi e todo mundo ouviu os gritos".

Chrysóstomo morava no apartamento 202. Seus vizinhos, Marcos e Beth Cremonezi, também não viram Chrysóstomo abusar da menina. Eram amigos de Chrysóstomo, romperam com ele porque se sentiam molestados por suas bebedeiras e não fazem segredos do que sabem do comportamento do vizinho em relação à filha adotiva:

— Estupro eu não vi. Mas os gritos nós ouvíamos freqüentemente. Nós somos pais e sabemos distinguir choro de manha de choro de pancada.

A empregada do casal Cremonezi, Maria Aparecida Batista, 30 anos, é a principal testemunha contra Chrysóstomo. Foi ela quem descobriu o órgão genital de Claudinha "muito vermelho e inchado", quando dava banho na menina na casa de dona Ana. O fato ocorreu em setembro do ano passado e Aparecida e d. Ana se apressaram em dar queixa na 7.ª Delegacia.

No primeiro mês, o clima contrário a Chrysóstomo preponderou no edifício, com as denúncias se multiplicando. Agora, o comportamento dos moradores começou a mudar. D. Ana voltou atrás e se diz vítima de uma armadilha montada por moradores do prédio, entre eles Wira Newton, uma ucraniana inimiga de Chrysóstomo, que o acusa de promover festas com homossexuais no seu apartamento. Wira, agora, se recusa a tocar no assunto e vive a telefonar para sua vizinha, Ana, tentando forçá-la a sustentar as acusações que chegaram a ser feitas em juízo. Ana sempre foi muito discriminada no prédio por um motivo: é empregada e mulher do homem com quem teve um filho. Diz ela:

— Se eu pudesse, voltava atrás e retirava todas as acusações. Não suporto mais tanta pressão e tanta intriga. A Wira está por trás de tudo. Ela e muita gente mais. Vivem até dizendo que eu sou maluca.

Aparecida também não fala mais nada sobre o assunto. Continua sustentando o que disse na polícia, mas prefere não tocar publicamente no caso Chrysostomo. Sua alegação: os jornais não publicaram nada do que ela disse.

Uma outra testemunha de acusação resolveu também voltar atrás. Trata-se de Mário Constantino da Silva. No princípio, ele acusou Chrysostomo de colocar a menina para dançar em cima da mesa e de bater nas suas partes íntimas. Recuou, e agora está querendo depor a favor de Chrysóstomo. Mário viveu com Chrysóstomo e certa vez foi denunciado por ele na polícia por ter roubado uma televisão do apartamento.

A história de Chrysóstomo começa em fevereiro de 1979, quando ele conseguiu do Juizado de Menores autorização para adotar provisoriamente a menor Cláudia, de três anos, filha da mendiga Maria José Pinheiro Santana. Claudinha vivia na rua, junto com a mãe, que é doente mental. Na época, Chrysóstomo trabalhava na revista *Veja*, onde era editor de Artes e Espetáculos e tinha boa situação financeira. Perdeu o emprego, começou a beber e a desequilibrar-se emocionalmente. Foi aí que teve início a campanha organizada dos moradores do prédio, que já viviam a vigiar-lhe os passos, a inspecionar o comportamento da criança e a fazer as mais variadas perguntas sobre possíveis abusos sexuais por parte do pai adotivo. D. Ana, que cuidava da criança a pedido do próprio Chrysóstomo, passou a chefiar a campanha e chegou a denunciá-lo formalmente.

— Eu sou tão vítima quanto ele — afirma Ana. — Perdi a criança e todos os vizinhos estão me olhando atravessado. Eu tenho muita pena do Antônio e tenho pena principalmente de Claudinha, que perdeu tudo. Pelo menos aqui ela tinha uma família.

É um argumento que não une os moradores do prédio. Montenegro acha que a FEEM é melhor para a criança:

— Lá, o pessoal que vai torturá-la é gente da idade dela. Aqui, não: o torturador era um adulto e estava de plantão. Aliás, eu ainda não sei como Chrysóstomo conseguiu trazer essa criança para casa. Uma amiga minha que trabalha no Juizado fez uma investigação e apurou que o juiz não deu autorização nenhuma.

Pelo menos neste ponto Montenegro está equivocado. A autorização para Chrysostomo adotar Claudinha data de 1º fevereiro de 1979. E está nos autos do processo, onde o promotor Luiz Fernando de Freitas Santos acusa Chrysóstomo de, ao adotá-la, já ter "o objetivo de transformá-la em símbolo de seus desequilíbrios sexuais e fazê-la vítima de toda sorte de perversões".

Se o promotor tem ou não razão, só o julgamento — ainda sem data marcada — dirá. Por enquanto, só existe de concreto o laudo do Instituto Médico Legal, de número 20.124/81, assinado pelos médicos Sérgio de Figueiredo Romano e Erasmo de Carvalho, afirmando que "o hímen róseo de Claudinha Pinheiro Santiago (uma menina de quatro anos) não foi molestado; e o próprio depoimento de Claudinha não se refere a orgias sexuais, nem torturas, afirmando apenas que o pai batia nela quando bebia, chegando até a dar-lhe um soco no nariz (que sangrou). Mas não fala em ter sido obrigada a ingerir álcool, nem dançar nua, nem de ter sido violentada por outros homossexuais amigos do pai. No máximo ela diz que costumava tocar e ser tocada pelo pai, mas não faz referências aos órgãos genitais."

Seu depoimento é confirmado pela assistente social Elizabeth de Lemos Leoni Castro e Perez, da FEEM. Segundo ela, a criança tem o "passado reprimido" e não gosta de falar.

Na prisão, também sob segredo de Justiça, Chrysóstomo não fala do caso. Aos amigos, no entanto, tem confidenciado a angústia que sente pela impossibilidade de rever a filha, agravada pelos prejuízos morais e financeiros: perdeu o emprego que tinha como colaborador de *O Globo* e está sem dinheiro para pagar suas contas, pois não pode produzir.

Uma situação bastante dramática, já que todos os indícios são de que ele está muito menos para um perigoso violador de menores do que para uma vítima de uma muito bem articulada e bem sucedida intriga de vizinhos, como sustenta sua principal testemunha de acusação, Ana.

Reportagem de Francisco Viana
Foto Chiquito Chaves

Chrysóstomo na janela do presídio

UMA COLUNA DE POLÍCIA

SIRENES & CAMBURÕES

Aroldo Machado

Delegado paga caro a liberdade do falsário

Nunca a prisão de um estelionatário deu tanto corre-corre como no dia 11 de setembro, quando Ariston Paz de Aguiar, seqüestrado no Rio pela polícia paulista, foi trazido de volta e entregue à Delegacia de Defraudações. Nesta ele ficou alguns minutos, tempo suficiente para "convencer" os policiais de que era inocente e que, por isso, deveria ser imediatamente posto em liberdade. Ocorre que Ariston é acusado de ser o chefe de uma quadrilha de falsários, especializada na falsificação de ações da Petrobrás e de cheques especiais de diversos bancos. Por esse motivo ele vinha sendo procurado pelo delegado Borges Fortes, chefe do Departamento Geral de Investigações Especiais — DGIE.

Naquela tarde, Borges Fortes destacara seus melhores agentes para, no aeroporto Santos Dumont, aguardar o falsário, que viria escoltado por policiais da 14ª Delegacia Seccional de São Paulo. Depois de várias horas de espera os policiais desistiram e retornaram ao departamento. Lá, vários telefonemas foram dados para São Paulo, até que se descobriu: o homem viera num vôo mais cedo e fora entregue na Delegacia de Defraudações.

Enquanto os agentes do DGIE o aguardavam no Santos Dumont, Ariston estava confortavelmente instalado no gabinete da Defraudações. Ali, ele ficou apenas alguns minutos, num animado bate-papo, conseguindo "convencer" policiais de que era um homem inocente, embora respondesse a alguns inquéritos. Posto em liberdade, Ariston desapareceu. Mas, pouco depois de sua saída, chegaram os policiais do DCIE para buscá-lo. Houve, então, um corre-corre geral. Dezenas de agentes, inclusive chefiados pelo próprio diretor do Departamento de Polícia Especializada — DPE — delegado Peter Gersten, ao qual está subordinada a Defraudações, foram para as ruas. Começou uma vigília nos aeroportos do Galeão e Santos Dumont, na Rodoviária Novo Rio, enquanto eram dadas buscas em hotéis e nas ruas do Centro e da Zona Sul. Uma semana depois, como o preso não aparecesse, o delegado Sílvio Ribeiro Ferreira, titular da Delegacia de Defraudações, foi chamado na Secretaria de Segurança, onde recebeu o "bilhete azul".

"Desta vez, tudo indica, ele está inocente" — dizia um delegado da SSP, referindo-se a seu colega Sílvio Ribeiro. Mas, nos corredores da SSP, os comentários eram de que muito dinheiro teria corrido para Ariston ganhar a liberdade em tão pouco tempo. Por outro lado, os partidários do delegado da Defraudações afirmavam que "tudo foi feito de acordo com a lei: o homem não estava condenado e não havia ordem legal de prisão. Por isso ele foi solto". Na verdade, o delegado Sílvio Ribeiro começou a entrar em crise quando, no início do ano, deixou a Defraudações e foi para o DPE. Posteriormente ele voltou a sua delegacia e, agora, foi transferido para a 7ª DP, em Santa Teresa, um local onde até o jogo-do-bicho é escasso e por onde dificilmente passarão grandes estelionatários. Ocorre que, ao reassumir a Defraudações, ele transferiu três auxiliares diretos, com os quais vinha trabalhando havia vários anos e que ocupavam as principais chefias da delegacia. A saída dos três foi motivo de comentários, e o próprio Sílvio Ribeiro se encarregou de dizer que "eles o estavam passando para trás". Fatos como esse, talvez por se terem tornado tão comuns na polícia, não são apurados em sindicâncias ou inquéritos administrativos. Além disso, a Corregedoria de Polícia, órgão encarregado da fiscalização, parece não dar muita importância ao problema, e até a cobrança dos inquéritos e investigações em andamento é feita de uma "fórmula generosa". Tudo isso sem falar nos almoços, nos melhores restaurantes, que a equipe da delegacia faz questão de pagar para seus colegas encarregados de fiscalizá-los.

TV REPORTER apresenta

A rabada que enfartou o guarda

Fotos de Chiquito Chaves

Fotos de Custódio Coimbra

EXCLUSIVO! INÉDITO!

glauber

Bom, agora eu vou

Já houve muita violência no Brasil, quer dizer, se matou muito no Brasil. Ainda está se matando muito em termos de fome. O Brasil tem quarenta milhões de pessoas famintas,, inclusive já foi dito mil vezes em livro, em romance, em televisão, o brasileiro convive descaradamente com a miséria. O brasileiro é tão miserável que vive em pleno clima de sacanagem, daí a pornochanchada. A pornochanchada representa o inconsciente do brasileiro. O brasileiro já está viciado nisso. Por isso é que a democracia liberal pode vir a ser uma espécie de leucemia que contamine as últimas resistências nacionais e crie uma legião de escravos. Esse negócio é sério. De forma que eu acho que essas são as contradições que eu falei aqui, pode ser analisado como algumas contradições em torno dos primeiros cem dias das aberturas, quer dizer, é necessário realmente que as forças revolucionárias progressistas brasileiras também apagassem o passado. Acabar com esse negócio de signo, essas organizações todas que fracassaram, esses partidos políticos que ficaram pra trás, essas idolatrias a pensadores europeus, são althusserianos, trotskistas, marxistas. Tudo isso, o pensamento materialista dialético, aliás, é grego, é um pensamento em crise, hoje, porque a dialética está na área do materialismo, do perceptismo e as indagações da natureza humana já estão hoje... O imperialismo dialético praticado pelos praxicistas economicistas fazem a guerra, que eles chamam a "guerra da subjetividade". Quer dizer, o pessoal que não leu Sartre, esses teóricos do marxismo brasileiro como Carlos Nelson Coutinho.

A luta interna no Brasil é uma luta falocrática pelo poder, de pequenos senhores de engenho, de filhinhos de papai alçados aos Che Guevaras de PUC. Uma coisa inteiramente ridícula, entende, como Nelson Rodrigues diz: "As grã-finas gostam do Che Guevara porque, quando elas olham para a metralhadora, elas gozam". O negócio é esse, entende? Então, esse marxismo castrado, careta, já era. As pessoas têm que descobrir a dimensão da subjetividade sexual. O Oscar Wilde, ao contrário do que a esquerda pensa, não era de direita, ele era um teórico de esquerda superior a Engels. Disse num de seus ensaios mais célebres, "A alma do homem sobre o socialismo", que aliás deveria ser estudado aqui pela Convergência Socialista, que o fundamental do socialismo é desenvolver o individualismo do homem. O problema é que o socialismo permite o desenvolvimento do individualismo, inclusive do sexualismo do homem. O Oscar Wilde foi chamado de viado porque esculhambou tanto o capitalismo e foi muito mais além do que Marx e Engles. Inclusive os comunistas e os capitalistas cortaram o cara e meteram na cadeia como bicha, quando na verdade o cara era um revolucionário. E acontece que todas as bichas herdeiras de Oscar Wilde são de direita, não sabendo que o mestre era de esquerda. Então, por exemplo, toda bicha brasileira é de direita, poucas são de esquerda, então fica um negócio horrível. Esse negócio de Guilherme Guimarães, essa coisa. A viadagem e os cantores que vão cantar na corte dos ricos. O Roberto Carlos. Essa coisa toda aí. O Brasil é um país de sacana. Quem não foi pra guerrilha, que era um pessoal mais sério. Esse negocio de ácido, de eletro. .., de contracultural foi tudo propaganda da CIA pra ocultar os ruídos do Vietnam. O pessoal que foi pra guerrilha é um pessoal sério, heróico. Agora, foram equivocados, colonizados por Regis Debray, Che Guevara, Chris Market, Julio Cortázar, Asperot, uma série de intelectuais franceses inspirados. De Gaulle queria criar a guerrilha na América Latina pra poder criar um território independente dos Estados Unidos. O Fidel Castro queria fazer uma barganha também com a dissidência do PC soviético pra criar uma abertura. Então, aí, o Che Guevara foi sacrificado nessa jogada. Por isso que eu acho que os guerrilheiros devem ser anistiados, reintegrados na vida política. Alguns, inclusive, deviam até.... dos governamentais, porque grandes valores intelectuais brasileiros estão entre algumas das pessoas que participaram da luta armada. Agora, as pessoas ficam também com esse negócio de revanchismo, querer punir o torturador, quem prendeu, quem não prendeu. Os policiais, os agentes de segurança executam ordens, são braços armados do grande poder econômico. Os caras que mandam matar estam freqüentando aí colunas sociais, de forma que essa mentalidade da burguesia tem que acabar com essa mentalidade de jagunço no Brasil. É por isso que eu defendo o exército, as forças armadas.

Harry Stone é um eficiente propagandista da cultura americana e um observador político aqui dentro. O mal é o seguinte: a colonização. O culpado não é o colonizador. O culpado é o colonizado, é aquele servil que se deixa comer, pra você usar uma metáfora grotesca-erótica, um sujeito que se deixa enrabar. Esse aí é o colonizado. O colonizador tá no fluxo dele. No Brasil, chega aqui um americano que se saltar aqui em Ipanema com rádio de pilha e Bob de Niro, Liza Minelli, porra, todo mundo sai correndo atrás. O pessoal prefere o Carter ao Geisel. A jogada é essa. É muito colonizado mesmo. Então, intelectuais que se dizem de esquerda, mas são de direita, ficam fazendo propaganda contra o nacionalismo. Dizer que os intelectuais nacionalistas são uns loucos, que o Brasil não é uma nação, que é multinacional, porque a cultura.... nada disso. Aqui, qualquer movimento político sólido só vai poder existir a partir do momento em que existir uma consciência nacional, uma intensidade de propósitos em busca de um agente, de uma alma nacional. Isso não tem nada a ver com fascismo, com integralismo, com nazismo. Isso são interpretações ainda da direita, por exemplo, dizer que nacionalismo é fascismo, que o romantismo brasileiro é influenciado pelo romantismo francês, tudo isso é conversa fiada de intelectuais a serviço das multinacionais. Eu não vou nomear nomes aqui porque eu não sou do SNI. Não tô pra dar nome de nêgo, porque nêgo diz que eu tô dedando, você entende? Aqui no Brasil, realmente, eu só acredito na juventude intelectual. Meu papo agora é com a juventude, as novas gerações intelectuais, a chamada "geração abertura". O pessoal que aproveite, meta o pau fundo, porque as velhas gerações estão corrompidas. A esquerda da geração de 60 anos está corrompida, salvo poucos nomes, pouquíssimos. Os que estão entrando pra Academia Brasileira de Letras escrevendo aí umas memórias mentirosas, compactuando com o fascismo, agora se dizem democratas. A minha geração, uma parte está corrompida, fazendo cinema comercial, pornochanchada, fazendo novela de televisão, péssima. Todo mundo defendendo o modelo americano. Então, eu acho que a nova geração tem que tomar consciência do novo Brasil. Eu não acredito em velhos líderes políticos, inclusive. Eu acho

MULHER DEVIA FAZER SERVIÇO MILITAR

que sou contra líder político. Eu admiro Brizola, Arraes, gosto do Julião. Quero até fazer um filme sobre a vida do Prestes, que o Jorge Amado me deu aquele livro dele, "O Cavaleiro da Esperança" pra fazer, que eu acho que dá um filme. Seria melhor se fosse dirigido pelo João Foon, mas ele morreu, de forma que talvez até eu faça isso, não sei. Mas isso não quer dizer nada. Não podemos ficar com os velhos líderes, nem novos líderes, porque a liderança masculina é o fetichismo falocrático. Mulher no Brasil precisa estudar. O problema do negócio de feminismo é estudo, inclusive sou favorável à extensão do serviço militar obrigatório. Achava que o serviço militar no Brasil devia ser maior para os homens, quer dizer, abranger um número maior de homens. E mulher devia fazer serviço militar. Seria uma grande forma de lutar contra a prostituição no interior, a fome das nordestinas, que pelo menos aprenderiam o básico: como cozinhar, como escrever o nome, dar injeção, o mínimo de higiene. Não é um serviço militar de treinamento de guerra não; que o exército criasse um serviço militar feminino, que desenvolvesse legiões femininas, que dizer, absorvia essa grande massa feminina brasileira pra dar o mínimo de instrução e cultura básica. Essas feministas que vivem falando do lesbianismo e essas coisas são da CIA. Essas vagabundas, essas vacas da CIA que foram pro Irã protestar contra o Ayatolá, essas são as vacas tipo a Jacqueline Kennedy, a Bianca Jager, que está defendendo o Somoza aí. É preciso dar um pau nessas prostitutas do imperialismo, porque mulher também é bandido. Nêgo fica pensando que vai na onda do feminismo, tem que entrar nesse assunto. Nenhuma dessas feministas vai fazer uma campanha contra a prostituição ou vai tentar aí um movimento de solidariedade às cozinheiras que estão limpando as latrinas dos grã-finos. Então, eu acho que esse negócio de hippie de butique, que se veste com roupa de Carnaby Street, mulher — sapatão que vive aí ouvindo rock, cheirando pó e dizendo besteira... não estou me referindo a ninguém... não estou fazendo referência a pessoas... cada qual que meta a carapuça onde quiser.

Eu vou aproveitar o REPORTER pra dar um escracho geral, inclusive para esculhambar o *Pasquim*, que ficou um jornal escroto. Outro dia eu disse para o Tarso de Castro — aliás, publiquem o nome de Tarso porque ele é proibido em todos os jornais; a maior sacanagem contra a imprensa brasileira é não publicar o nome do Tarso de Castro. Então, eu disse a ele outro dia no Antonio's. Ele vai lançar um novo jornal aí, *Enfim... Enfim*, não confundir com

Fotos de Custódio Coimbra

rocha

calar a boca.

Termina nesta edição o depoimento dado por Glauber à repórter Sílvia Duarte, há dois anos. Metade dele foi publicado na edição anterior do jornal, e respeitou-se o pedido do cineasta de que não houvesse revisão no texto.

Henfil. Eu disse: olha aqui, você fundou o *Pasquim* e eu vou fechar esse jornal, porque esse jornal ficou escroto. O Jaguar é um moleque-propaganda. Um jornal ignorante, imbecil, de direita. Quer dizer, o *Pasquim* faz parte de tudo isso. Então, a gente tem que esquecer isso, jogar isso no canal, no lixo, acabar com esse velho Brasil, mas pensar num Brasil socialista. Mas um Brasil socialista a partir de um partido socialista brasileiro. Nada de sectarismos, trotskismo, babaquismo. Esses líderes todos dançaram. Eu acho que o socialismo nasce da consciência individual de cada pessoa. Eu acho que o problema é filosófico e o núcleo de qualquer partido depende de um processo, de uma postura filosófica que vai gerando a prática e a teoria. O pessoal está por fora.

Não confundir o individualismo fascista, egocêntrico, falocrático, religioso, automítico com a individualização, quer dizer, a liberação do indivíduo. Só quando você se desenvolve pessoalmente, intelectual e fisicamente de saúde é que você pode ser mais socialista. Só quando você tem consciência que

O COLONIZADO É UM SUJEITO QUE SE DEIXA ENRABAR

você tem direito ao seu espaço e que deve respeitar o espaço do vizinho e que a liberdade é uma relação dialética; só a partir da consciência dos ocupados, do desenvolvimento individual do ocupado. O escravo tem que ter consciência de que ele é escravo para poder se libertar. Isso o Marx diz, isso é que é o desenvolvimento do indivíduo. O indivíduo anulado é um escravo. Se ele toma consciência, ele se desenvolve como indivíduo, como ser para se libertar da escravidão.

Qualquer rebelião se faz de um conjunto de relações. Então, você tem que se desenvolver. Pra dançar, tem que acordar as pessoas dormindo. Então, só através do desenvolvimento do indivíduo que você pode chegar ao socialismo. Porque o indivíduo desenvolvido lutará contra a opressão e estabelecerá uma sociedade socialista sem necessidade de polícia, porque cada indivíduo, sendo desenvolvido, ele não precisa que haja a polícia, porque um não vai matar e nem roubar o outro. E se o indivíduo estiver subdesenvolvido, quer dizer, ignorante, desinformado, deixado dominar pelas emoções, sem capacidade de pensar, de refletir, de pesquisar, de comparar, de julgar, de influir, de imaginar, de fantasiar, você entende? Se ele não tiver a capacidade de criar ele não pode existir numa sociedade socialista democrática, porque haverá sempre indivíduos querendo matar os outros. É a ilusão do marxismo economicista pensar que a simples eliminação da propriedade privada equilibra todos os homens. Ao contrário, numa primeira fase a eliminação da propriedade privada libera pela própria ausência do capital várias camadas neuróticas, que geram comportamentos inclusive brutais no homem. É essa explicação que você pode dar para o terror do stalinismo, que apesar de fazer uma revolução socialista gerou a morte de milhares de pessoas. E a chamada "angústia existencial" do socialismo hoje vem também do benefício de não ter o capital, a falta de sentido que o homem vai encontrando e a necessidade de criar, então, uma sociedade socialista. Então, com a crise da Tchecoslováquia, duas saídas: aqueles que acham que o socialismo tem que ser na base da mão de ferro, querendo equalizar as pessoas de cima para baixo ou de baixo para cima, quer dizer, forçar uma equalização além da natureza humana, ou aqueles que acham que o socialismo não tem jeito, que o negócio é voltar pro capitalismo. Não. O negócio é o socialismo a partir do desenvolvimento do indivíduo. Acontece que nenhum país até hoje conseguiu levar uma revolução socialista a fundo. Nem a União Soviética, nem a China, porque essas revoluções são recentes. A revolução soviética não tem nem cem anos e acho que ainda é recente, contra uma luta imperialista mundial interna e contra os problemas ancestrais internos da própria civilização. Então, não é fácil, como Mao Tse Tung dizia. A revolução não é um banquete, não é uma festa, não é um carnaval. É uma coisa que exige um funcionamento muito complexo pra gerar uma verdadeira festa, um verdadeiro carnaval, e nesse carnaval dividido em classes, como é o brasileiro, e que a burguesia assiste de camarote o desfile de escravos fantasiados de senhores, que os escravizaram e que não têm nada de altezas, nem de africanos, porque isso foi a Corte portuguesa e o D. João VI, que mandou vestir esses escravos de franceses porque os portugueses achavam ridículo a escravaria nua.

Lenin dizia o seguinte: você tem que ver as contradições principais. Trotski chegou a Paris e disse ao Lenin o seguinte: a revolução está comendo solta na União Soviética. Lenin disse: "Eu quero saber o problema filosófico". Aqui no Brasil, agora o que me interessa, a sociologia, a fenomenologia, a historiografia pra mim não interessa, me interessa a especulação filosófica. Aqui no Brasil a esquerda revolucionária, aliás, esse termo esquerda é um termo superado, as forças revolucionárias no Brasil têm que chegar a um projeto revolucionário brasileiro dentro das contradições do processo político brasileiro e cuja fonte só existe uma: o nacionalismo, como fonte de um socialismo internacionalista. Isso é uma teoria nova que sintetiza as teorias socialistas internacionais fundidas com o pensamento brasileiro. O mal da esquerda brasileira

A ESQUERDA BRASILEIRA É RACISTA!

é que ela não tem cultura brasileira. A esquerda brasileira tem cultura filosófica má, limitada e cultura literária européia e americana. Poucos esquerdistas brasileiros, eles mesmos na universidade, já são educados pra isso. Eu conheço quase todas as pessoas importantes das várias esquerdas brasileiras. Poucos, menos Jorge Amado, Graciliano Ramos, Érico Veríssimo, José Lins do Rego conhecem Villa Lobos, conhecem o folclore, conhecem o Brasil, conhecem Euclides da Cunha. Não conhecem. A esquerda brasileira esculhamba Gilberto Freire sem ler e não pode falar em revolução porque é racista, porque desconhece a raça negra. O partido de qualquer maneira é racista, inclusive o único negro que tinha era o Marighela, que rompeu com o Partido Comunista Brasileiro. Denunciando o caráter burguês do Partido Comunista. O Marighela foi, inclusive, uma grande vítima. Inútil vítima do radicalismo e da burrice da esquerda brasileira, porque Marighela era uma figura genial que não podia ser sacrificado estupidamente como foi pelo radicalismo de elites intelectuais brasileiras ligadas ao.... a Regis Debray, essa colonização internacional do terrorismo que levou Marighela pra tragédia. A responsabilidade da morte do Marighela não é da CIA não, é da colonização da esquerda internacional, do marginalismo diletante da filosofia subversiva francesa, alemã, italiana. Isso é que é a verdade, que tem que ser dita dentro do Brasil. Então, a colonização através da social democracia vem trazendo a social democracia. Traz, importa, importa, importa, importa tudo. Importa a firma americana, importa modelo político, importa tudo. Agora vai ter que parar de importar porque não tem dinheiro pra pagar, porque a economia está falida, não tem petróleo, não tem capacidade tecnológica pra descobrir petróleo e não tem ideologia para mobilizar as massas. E a ideologia que domina é a ideologia multinacional, então o nacionalismo é o ponto de partida. Nacionalismo é a raiz do futuro brasileiro. E quem disser que nacionalismo é uma opção fascista está fazendo a mais sutil, não grossa, propaganda do imperialismo. Então, no momento, eu estou querendo o debate filosófico "tupi or not tupi, that is the question". Oswaldo de Andrade nesse momento continua sendo mais importante do que todas essas teorias. Enquanto a esquerda brasileira não ler o Oswaldo de Andrade. Ler mesmo e não ler os pedaços, como leram os irmãos Campos gigolotando Oswaldo, querendo transformar o Oswaldo num mercador de quinquilharias linguísticas anglo-saxônicas, quando o Oswaldo exatamente está na jogada rumo à concepção do estado-matriarcal, ou seja, do estado-mãe. Isso aí é o que está lá, entendeu, que é o projeto da utopia. As pessoas têm que ler as coisas e aprender. Então, o problema aqui é o seguinte: deve haver no momento uma mobilização para uma revolução cultural. Por isso que a universidade está obsoleta, os estudantes estão perdendo tempo em greves inúteis, porque manipulados por partidos políticos cujas lideranças já sumiram. O MDB já era, a Arena já era e a juventude brasileira tem que ter um partido próprio, independente desses líderes. E acabar com essa demagogia populista, trabalhista, porque tudo isso já era, entende? Qualquer entidade institucional no momento, hoje, é coisa altamente repressiva, e as pessoas são massa de manobra de núcleos diretivos. Qualquer organização política, mesmo a do meu bairro, com quarenta pessoas, tem uma cúpula que pretende o poder. Tem que acabar com isso. Tem que acabar com isso. Não. Estou me incluindo no povo brasileiro, a instituição é nossa nação, é nossa tribo. Você tem que ter é uma unidade nacional, um sentido humanístico. Agora, se você não tem projeto humanístico, quais são os projetos humanísticos do Brasil? O cristianismo ocidental, o candomblé escravocrata e o misticismo hippie da CIA, o comunismo de Moscou, o fascismo nazista, americano, alemão, quer dizer, então, não tem nada. Já que não temos Constituição, não temos modelo. Então, nós temos que buscar no fundo do pântano as raízes de uma existência, é a liberação do insconciente coletivo, a criação de um Brasil novo. Além desse país velho que fracassou com Getúlio Vargas, com Luís Carlos Prestes.

A pornochanchada é um inconsciente coletivo da classe média e da burguesia. Essa representa a minoria do povo brasileiro. A maioria do povo brasileiro nós não sabemos qual é o inconsciente coletivo. Aliás, o inconsciente coletivo do povo brasileiro eu sei qual é. Sabe qual é? Fome. Não é petróleo, não. É fome. Então, fome que caracteriza oitenta por cento dos brasileiros do ponto de vista físico e cem por cento do ponto de vista cultural.

Bom, agora eu vou calar a boca.

(As reticências no texto decorrem de palavras ininteligíveis na gravação)

PASSARELA

Jorge Segundo

Pelotas urgente!

O PROTESTO DE KLEITON E KLEDIR

O maior alvoroço, tempo quente na cidade de Pelotas — a mimosa do Rio Grande do Sul. Tudo por causa de nota que PASSARELA deu sobre a brava e competente dupla, os irmãos **Kleiton & Kledir**. Em tempo: a sra. **Solange Ruschel**, que aparece como vítima na história que envolve os dois cantores e compositores, nada tem a ver com a publicação destas notas aqui na coluna. É bom que isso fique claro, porque soubemos que dona Solange está sendo pressionada, lá em Pelotas, e até ameaçada de processo pelos irmãos KK. Aliás, eles também ameaçam processar esta Coluna e este Jornal, porque, garantem, jamais sumiram com qualquer objeto de uso pessoal da referida senhora, como foi publicado aqui. Só que o nosso **Molta** descobriu mais: o objeto que a sra. pelotense perdeu, depois do empréstimo, foi um valioso casaco de pele; outro detalhe importante: na transação (o empréstimo do casaco) há uma terceira pessoa, cujo nome o **Molta** ainda não apurou e que, já se sabe, tem muito mais culpa no sumiço do casaco do que os irmãos canoros. Continuaremos as investigações!

Cidinha

● *Dando pulos de alegria (gesto pouco comum a seu temperamento calado e arredio) o cinegrafista* Ricardo Straus. *O corredor do Jornalismo da TV-Globo, Rio, parou para ver e ouvir o moço: "Acertei na mosca!" E logo todos ficaram sabendo (e comemorando) o feito. Ricardo estava anunciando que ele e sua mulher, a famosa* Cidinha Campos, *iam ser pais. Cidinha está grávida e, apesar de todos os cuidados, não reduziu ainda o intenso ritmo de trabalho. Agora é esperar o novo herdeiro, que vai fazer dupla com a* Carola, *a filha de Cidinha do casamento com o autor* Manoel Carlos.

Tio Maneco × Trapalhões

***Flávio Migliaccio*, o premiadíssimo Tio Maneco dos filmes infantis, teve a coragem de abrir a boca sobre "o exagerado domínio dos filmes dos *Trapalhões*" nas férias escolares, particularmente no fim do ano. Flávio acha mesmo que "esse monopólio é prejudicial" aos pequenos produtores, como ele, que faz seu Tio Maneco sem grandes recursos técnicos e financeiros; o ator e diretor afirma que os Trapalhões, de repente, "viraram um estereótipo, pouco salutar para os jovens e, em especial, para as crianças". Flávio pediu à Embrafilme, ao governo, "chance para todos, menos para a pornochanchada", que é, na opinião dele, "a excrescência do cinema brasileiro".**

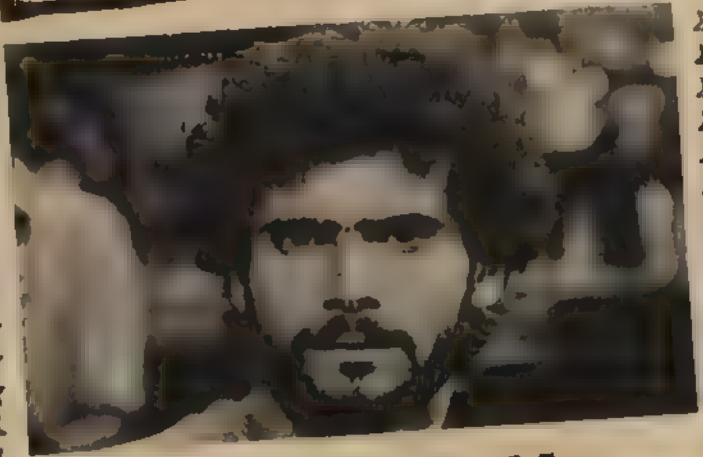
1 — A estréia, este mês, de Eros Acorrentado, filme de Walter Hugo Khouri, traz de volta ao cinema Dina Sfat num trabalho extraordinário. Um filme erótico, de muita beleza, personagens densos, o Eros de Khouri tem, no elenco, outras mulheres incríveis: Lilian Lemmertz, Renée de Vielmont, Norma Bengell, Selma Egrei, Nicole Puzzi, Kate Lira, Denise Dumont, Christiane Torloni ... só para citar algumas das 18. Timaço, não?!

2 — Uma observação que, logo mesmo nas chamadas da novela, as pessoas — os telespectadores — começaram a fazer sobre Renata Sorrah para fazer Brilhante, ela deveria ter mudado o lay-out, se livrado da manjada franja que a persegue faz muito tempo; apesar da bela atriz que ela é, tem-se a impressão de um videotape. As longas melenas e a franjinha podiam ter sido evitadas agora.

● A impressão que se tem, nesses primeiros momentos de **Brilhante**, é que a novela de **Gilberto Braga** vai consagrar definitivamente **Vera Fischer**. Para a gente, aqui desta PASSARELA, que acompanha Vera desde os tempos de Miss Brasil, passando por alguns momentos emocionais da vida dela, até o encontro (incrível caso de amor) com **Perry Salles**, que registramos em matéria de capa no antigo "O Cruzeiro"; e o acompanhamento que fizemos de seus trabalhos nas pornochanchadas, ao amadurecimento nos recentes papéis televisivos... bem, pra gente, a consagração de Vera Fischer só é motivo de alegria. Tomara!

Cala-te boca (2)

O leitor **Miro Rocha** (Av. Prado Júnior, Copacabana) gostou muito, segundo afirma em carta, da nota sobre os ídolos nacionais (principalmente dos esportes), que melhor fariam se nos dessem o prazer de suas vitórias e evitassem falar em público (rádio e tv), pois suas vozes frouxas, finas, sem carisma, são uma ducha de água fria no entusiasmo do torcedor. Tínhamos citado, em especial, as vozes feias de **Nelson Piquet** e **Roberto** (do Vasco). E o leitor Miro Rocha colabora com a lista, mandando alguns nomes, aconselhando-os a "fazer urgente um curso de dicção, para que possam se impor como ídolos nacionais": **Zezé** (Fluminense), **Rosemiro** (Vasco), **Carpegiani** (técnico do Fla — "ele devia fazer dupla com a Betty Faria, são iguaizinhos quando falam"), **Rivelino** ("nem os árabes conseguiram engrossar a voz dele"), **Otávio Pinto Guimarães** (presidente da Federação de Futebol do Rio de Janeiro) e **Zagalo** ("um técnico pra ter uma voz de comando confiável precisa falar mais grosso!").



LAURO CORONA SÓ QUER SUMIR

Pela primeira vez (terá sido mesmo a primeira?), um artista em evidência, sucesso nacional clama loucamente pelo anonimato, pela reclusão familiar, bem longe dos olhos prescientes do público. Nos últimos capítulos de **Baila Comigo**, Lauro Corona já estava de saco cheio da notoriedade, do realce que o belo desempenho de Caê, na novela de Manoel Carlos, lhe deu, confirmando-o como um ator de excelentes qualidades, além de (importantíssimo para a

televisão) uma bonita imagem nos vídeos de todo o Brasil. A evidência em que estava só fazia piorar a situação do ator, depois do lamentável caso do tóxico. A partir daí, todos os companheiros de Lauro passaram a ver nele um jovem diferente do que ele sempre foi triste, amargurado, até mesmo revoltado "com certo tipo de imprensa". Lauro, agora, quer fazer um retiro, esquecer o mundo! "Até que tudo volte ao normal!"

MULTIDÃO

Entendido que é no metier, **Evandro de Castro Lima** não gostou dos vestidos que **Clodovil** criou para **Dulcina de Moraes** na peça **O Melhor dos Pecados**, de **Sérgio Viotti**: "Falta funcionalidade para o palco. Os robes são horrorosos! Muito pano, cores deselegantes para uma mulher chic. Tem até um verde-e-rosa. Pode? E mais excesso de buá em modelos feios, que, ao invés de fazer da Dulcina uma mulher elegante em cena, transforma-a numa verdadeira cacatua imperial", arremata Evandro ★ Sobre a comédia de Viotti, achamos simplesmente que um senador, jovem como o Hélio Souto, jamais bancaria uma mulher que (as aparências são evidentes no palco) podia ser a mãe dele. Se a direção de Bibi Ferreira levasse a história para o lado farsesco, talvez a história fosse crível. Comentário de um espectador, referindo-se ao caso dos personagens da Dulcina e do Hélio Souto: "Isso não é possível: bode velho gosta é de capim novo!" ★ Mudanças no elenco de **As Tias**, também em cartaz no Rio: sai Suzana Vieira, entra **Maria Fernanda**; sai Ednei Giovenazzi, entra **André Valli** ★ Escândalo, música de Caetano Veloso especial para Angela Rô Rô cantar, toca fundo no envolvimento policial recente da cantora. Ela está curtindo adoidado a música, a ponto de transformá-la na faixa-título de seu novo LP. Diz a letra de Caetano: "Não quero quebrar bares como um vândalo/ você que traz o escândalo, irmã luz/eu marquei demais, tô sabendo/aprontei demais, só vendo/mas agora faz um frio aqui/me responda, tô sofrendo". A "irmã luz" da letra deduz-se seja a Zizi Possi! ★ Toda a família **Leite Albuquerque** — ilustre gente do Ceará reunida com amigos na igreja da Imaculada Conceição, em Botafogo, Rio, para homenagem póstuma ao patriarca **Epitânio Leite**, poeta e magistrado. Na ocasião foi lançada sua obra **Últimos Degraus**, edição patrocinada pela Secretaria de Cultura e Desportos cearense e Banco do Estado do Ceará. Um dos anfitriões era **Cleonte Leite de Albuquerque**, filho do homenageado, Epitânio Leite. ★ Na próxima quinzena, mais uma apuração do Rei da Noite. Continuem votando. Enviem o cupom. Os candidatos são Ricardo Amaral, Chico Recarey, Sargentelli, Sérgio Cavalcanti, Mário Priolli, Moacyr Deriquem e, o mais novo deles, com apenas um voto, Hubert de Castejá.

Correspondência: JORGE SEGUNDO — Rua Djalma Ulrich, 110, CEP 22071, Copacabana, Rio.

REI DA NOITE

Voto em: ____________________

____

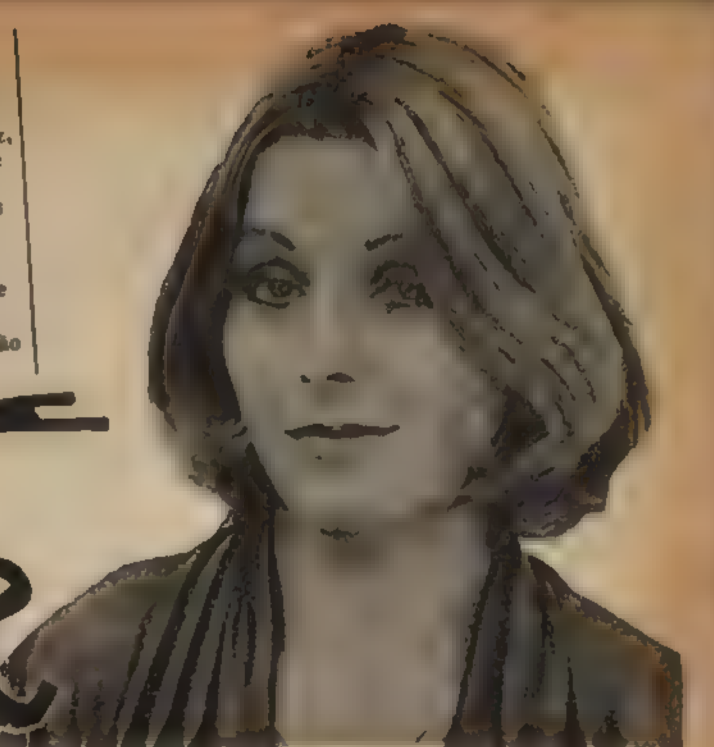
Nome do eleitor ____________________

____

Endereço ____________________

____

"Vera Fischer está vivendo uma vida irregular", na definição de seu próprio marido, Perry Salles. Não para em casa, se comunica com a família por bilhetinhos e não descansa. Acorda às sete, às oito já está gravando e só volta pra casa geralmente por volta das 11 da noite. Ou mais. Tudo por causa da novela *Brilhante*, que vai ocupar o horário nobre da Globo, às oito, durante os próximos seis meses. Vera está excitadíssima. A filha de alemães, catarinense fascinante de olhos verdes, que um dia foi Miss Brasil, está se preparando para festejar 30 anos e vê gradativamente seus sonhos se transformarem em realidade: o mito sexual, a rainha do pornô está se transformando em estrela de verdade. Agora Vera não atrai mais só porque é bonita, tesuda, dessas mulheres de virarem a cabeça de qualquer mortal. *Coração Alado*, *Eu te Amo* e agora *Brilhante* marcam uma nova fase da vida de Vera, mas ela se recusa a assumir a de *superstar*. Entre uma gravação e outra ela falou para o REPORTER sobre sua vida, sua visão de mundo e seu novo personagem, Luisa, "uma mulher sensível, equilibrada, com muitas fraquezas humanas". Luisa, nesse ponto, se identifica com Vera. Talvez, o único ponto que não combine entre as duas seja o mistério: Luisa vai ser envolvida nesses próximos seis meses por um clima de mistério, já que a Globo quer fazer de *Brilhante* uma espécie de novela de Agatha Christie cabocla. Muito mistério, muita emoção e um final feliz. Já a atriz não faz mistério:



Entrevista a Carlos Ramos

VERA FISCHER

Quando começou a morrer a imagem da garotona bonita, gostosa, que mostrava os peitos na TV e no cinema?

Essa garotona começou a morrer em 1976, com o filme *Intimidade*. Isto, para o público. Intimamente, essa garotona estava morrendo desde 1973, quando conheceu o Perry Salles, o marido dela. *Intimidade* foi meu desabafo. Parei tudo pra fazer o filme.

Nomo foi que você chegou ao cinema?

Antes, eu era júri da televisão, uma coisa terrível. Você tanto pode colocar uma pessoa lá em cima, como arrasar com ela. Tudo depende de quem julga. Eu ficava no maior drama: às vezes dava uma nota baixa a um cantor sem saber se não estava dando uma nota errada a uma pessoa boa. Eu resolvi mudar.

E aí veio o cinema...

Fui fazer pornochanchada. Na época eu não tinha consciência nenhuma do que era esse tipo de filme. Achava que o cinema era por aí e ia em frente. Era também uma forma de sobrevivência. Me agradava mais do que o júri, e eu precisava da pornochanchada pra viver. Eu era sozinha e tinha que faturar minha grana. Meu pai queria me dar mesada, mas eu era muito orgulhosa e não aceitava.

Seu reinado como rainha do pornô durou muitos anos?

Um ano e meio como jurada e atriz de pornochanchada significaram uma vida inteira. Precisei batalhar muito pra mostrar que tinha talento. Mas essa é a história de todos que têm que começar sozinhos.

Havia muito machão querendo cantar uma mulher bonita como você, não?

Para eu estrear num programa de televisão como apresentadora eu tive de ir pra cama com o patrocinador.

No cinema era a mesma coisa?

Os produtores de pornochanchada parece que têm essa mania de transar com as atrizes. No meu caso, nunca foi feita essa exigência. É verdade que ninguém nunca chegou pra mim e disse "Ou dá pra mim ou não faz o filme".

Qual foi a época em que a barra pesou mais?

A barra pesou mesmo foi quando eu vim pro Rio, dividindo um quarto em Botafogo com uma amiga. Na época eu estava entrando numa fase de grande melancolia, não sabia ao certo o que ia fazer. Aceitava muitos trabalhos, não me sentia feliz. Estava insatisfeita, pessoal e profissionalmente. Então mergulhei na depressão. O meio campo estava muito tumultuado. Muitas pessoas passavam pela minha vida, mas nenhuma delas era legal. Não havia amor.

Como é que você chegou a Miss Brasil?

Eu tinha 16 anos, mas já era uma mulher feita. Aí pintou o primeiro convite. Eu disse: Imagina, ser miss! E recusei. Não dava. No ano seguinte pintou outro convite. Aí eu repensei. Quem sabe se não vai ser bom? Só o fato de viajar pro Rio já era alguma coisa.

E sua família?

Papai não era contra nem a favor. Lavava as mãos: quer fazer, faz. Mamãe é que foi um pouco contra. Entrava naquela de me proteger. Mas, como ficaram dois — eu e meu pai — contra ela, acabou cedendo. Aliás, ela nunca foi dessas mães de encher o saco. Via as coisas, dava as opiniões dela e pronto.

Sua educação foi muito conservadora?

Minha criação foi muito boa, sabe? Não houve essas coisas repressoras, drásticas. Eu dava satisfação a meus pais porque gostava deles. Não era obrigada, não. Às vezes fico pensando: se tivesse sido educada com repressão, poderia ter trilhado outro caminho totalmente diferente. Fico imaginando isso pelas minhas próprias amigas, gente da minha idade que hoje está louca, neurótica, gente que precisa ir ao analista todo dia porque, se não for, pira. Tudo por causa da educação recebida.

Quer dizer que você estava preparada pra enfrentar a barra do Rio?

Sim, de certa forma eu estava. As cabeçadas que dei aqui me levaram a uma nova visão de mundo, mostraram que a vida não é só um mar de rosas. Mas eu só consegui segurar tudo porque tinha recebido uma boa educação em casa. Meu pai é uma pessoa muito importante em toda essa história. Ele costumava dizer: "Minha filha, você precisa aprender a se defender, porque na vida ninguém vai lhe ajudar. Você é você e acabou".

O reinado de Miss Brasil mexeu muito com sua cabeça?

Eu era meninona, sabe? E ser miss era uma coisa muito sadia. Eu curtia tudo que era moda. Por exemplo: o quente era boate? Então eu ficava no Bateau, no Jirau. Não passava uma noite sem ir lá. Dançava até às cinco da manhã. Aí o pessoal dizia: "Meu Deus, a Vera está transando com todo mundo". Eu ia à boate com um cara e automaticamente já estava transando com ele, segundo as pessoas. Na verdade, não era nada disso. Eu queria era ir à boate jogar pra fora a energia da juventude.

Expor sua vida não lhe mete medo?

Não. Não digo que vou me expor como alguns se expõem, como está acontecendo agora com esses casos das drogas, das pessoas estarem passando cheques, essas coisas. Há um tipo de exposição que é exposição burra. As pessoas fazem determinadas coisas e acabam fazendo grandes cagadas. Eu falo da minha vida porque não gosto de tirar uma de perfeitinha. Sou um ser humano, tenho falhas. Sou a favor de abrir o jogo, entende? É por esse caminho onde, pelo menos, vamos poder nos ajudar. Todo mundo tem muito medo de falar das coisas, de se abrir. Eu não estou nessa.

As pessoas não acabam chocadas com essa sua postura?

Às vezes, sim. Foi o caso da reportagem que fizemos, eu o Perry e a família toda, todo mundo nu. Foi idéia nossa. Tudo muito bem elaborado, muito bem bolado. Mostramos apenas um clima de uma família que se dá bem, que curte a natureza sem pudores, nem escrúpulos. São fotos assim que mostram nosso pensamento. Quis mostrar as pessoas que somos, abertas, sem preconceitos de pai e filho, de marido e mulher. Já que eu posso pousar nua, meu marido e minha filha também podem.

A presença de Rafaela nas fotos foi muito criticada?

Claro que foi. Imagina! Eu fui criticada e muito. Como deixar a filha pequena ser fotografada nua? Ficou aquele negócio: "Até a filha! Coitadinha! Tão usando ela pra isso!" Meu Deus, a gente não usou ninguém. Mas não foram só críticas. Teve muita gente legal, também. Gente que chegava pra gente e dizia: "Trabalho maravilhoso, que coragem a de vocês transar isso em família!"

Você já era muito assediada, nessa época?

Claro que sim. Miss é uma coisa muito cobiçada. É um produto bonito que está à venda, na vitrina. Hoje em dia eu não sei como é, mas no meu tempo era assim. E naquele tempo, plena adolescência, eu estava numa fase de procura muito grande. Naquela de ver o que dá. Nunca tive medo de enfrentar uma coisa nova, sabe? Nunca tive medo de achar que o novo é ruim, ridículo. Sempre me lancei muito nas coisas pra ver no que dava. Acho que quando um não quer, dois não brigam. E assim levei meu reinado: curtia a moda.

"Coração Alado", "Eu te Amo" e agora "Brilhante". O sucesso pode subir à cabeça de Vera Fischer?

Eu sou uma mulher de pés no chão. No Brasil não há lugar pro clima de *superstar*, como nos Estados Unidos. Lá o ator pode usar guarda costas, ter várias casas e não sei mais o quê. Aqui, não. Eu cheguei à conclusão de que sou como qualquer outra pessoa, tenho que ir ao supermercado, ir à praia, enfim, viver uma vida normal, aberta, sem nenhum segredo. Não vejo por que deveria ser diferente. Detesto o clima de *superstar*.

Tive namoradinho desde os dez anos. Muito naquela de amor platônico. E, se não estou enganada, a primeira relação sexual concreta aconteceu aos 15 anos, com um rapazinho de minha idade. Foi muito romântico, apesar de não termos muito jeito para a coisa. Mas foi legal a descoberta. Se fosse com uma pessoa mais velha, acho que não seria tão romântico. Teria sido diferente. Olha, eu acredito que aquela relação também era a primeira dele. Uma estréia, mesmo. É engraçado que perder a virgindade tão adolescente não foi nada grilante pra mim. Claro que eu mantinha aquilo em segredo. E o garoto não era machista, porque manteve a coisa também em segredo, numa cidade pequena como Blumenau. Agiu diferente de toda a rapaziada de sua idade. Foi numa praia em Santa Catarina, na madrugada de domingo, depois da festinha de noite de sábado. Não existia motel. A garotada não tinha apartamento pra levar a menininha. Então o jeito era ir para uma praia ou ficar dentro do carro. Preferi a praia porque estava num lugar mais livre e em contato com a natureza. E foi uma experimentação mesmo. Não foi só brincadeirinha. É importante. Se todas as outras por que passei tivessem sido como a primeira, tudo teria corrido como um mar de rosas.

Zico ...

... Maradona ...

... duas glórias ...

Dou beijo, levo porrada. Sou O beijoqueiro

José Alves de Moura, 41 anos, motorista de táxi. Falando assim, dando esses dados em seco, pouca gente o conhece. Mas o Brasil inteiro já ouviu falar dele. Ele é o *Beijoqueiro*, o homem que beijou o Papa, Frank Sinatra, Roberto Carlos, o general Figueiredo, Chacrinha, Renato Aragão, Zico, Maradona, Pelé, Sílvio Santos, Agnaldo Timóteo e outros.

Apesar de ter ido beijar Zico e Maradona recentemente, no jogo Flamengo e Boca Juniors, o *Beijoqueiro* diz que não tem mais ninguém na sua lista de personagens famosos a serem beijados. A brutalidade policial, os espancamentos que sofreu no Rio de Janeiro, em Minas Gerais, no Rio Grande do Sul, a internação em hospitais psiquiátricos, o desestimularam a continuar praticando o que ele considera um "ato de amor".

Com pelo menos dois processos em andamento contra ele (no Rio e no Rio Grande do Sul), o *Beijoqueiro*, está sem poder trabalhar no momento. Sendo português, ficou lá vários anos, sofreu um processo (não por beijar alguém) e agora as autoridades brasileiras, que teriam condições de regularizar sua documentação, querem dados sobre esse processo e fazem outras exigências que ele não sabe como cumprir. Quando as coisas se acertarem de novo o *Beijoqueiro* pretende fazer com freqüência algo que agora só pinta de vez em quando: *shows* em clubes, para beijar meninos, moças e pessoas idosas. E rapazes? Rapazes, não, diz logo. Conservador, completa: vão achar que eu sou homossexual, e eu preferia morrer a ser um homossexual.

Para bater papo com José Alves de Moura, o REPORTER foi procurá-lo num boteco, em São Cristóvão, bairro onde ele mora, num modesto quartinho, pois está sem grana.

Pra beijar pessoas famosas, você levou muita porrada. Onde é que você apanhou mais?

Apanhei muito no Rio, em Minas Gerais e no Rio Grande do Sul.

Sempre da polícia?

Quase sempre. Às vezes me provocavam na rua. Uma vez aqui no Rio fui agredido por 5 homens quando estava no Amarelinho. Eles me chamaram de bicha, de viado, eu disse que não era e eles passaram a me agredir, me deram pontapés nas costelas. Aí a polícia me processou dizendo que eu estava perturbando a ordem pública e me deixou preso um dia.

Você apanhou também quando beijou o Zico num Fla-Flu...

Apanhei muito. O Zico me deu a mão, pra me ajudar a descer pra geral, pra sair do campo, pra ver se eles não me batiam, desde o túnel até o xadrez. Mas eles me pegaram antes e me bateram muito. Ainda por cima me processaram.

Por quê? Beijar é crime?

O juiz Álvaro Mayrink da Costa já me absolveu nesse processo dizendo que beijar não é crime.

Mas já te internaram até em hospital psiquiátrico por causa disso.

O Álvaro Mayrink me mandou para o Pinel três meses, para descansar e ficar livre da polícia.

Essa foi a única vez que você esteve num hospital psiquiátrico?

Depois do negócio do Zico eu fui parar no hospital. Quando saí de lá, há uns 8 meses, me mandaram pra fazer uns exames na Frei Caneca. Fiquei preso lá e fui examinado pelo doutor Talbane. Me encontrei com ele depois, lá no Instituto Médico Legal, e ele disse que tinha encaminhado os resultados ao Álvaro Mayrink, e que estava tudo bem comigo. Mas lá na Frei Caneca tentaram me matar.

Quem?

Eu tinha que tomar uns dois ou três comprimidos por dia pra me acalmar. Aí um enfermeiro português, chamado Santos, veio um dia e me deu uns 15 comprimidos de uma vez. Os colegas da cela ao lado me advertiram, disseram que eu ia morrer. Comecei a passar mal. Os presos então chamaram o médico de plantão. Eu já não estava vendo mais nada. O médico me deu uma injeção e me salvou.

E em Minas Gerais, quando é que você tomou porrada?

Foi num jogo do Vasco com o Atlético. Eu entrei no estádio sem eles me verem. Estava com uma camisa do Vasco por baixo da minha camisa. Aí fui no vestiário do Atlético e procurei o Osmar (zagueiro do Atlético), a quem eu conhecia do futebol dos artistas. Quando os times entraram em campo eu também entrei porque eu queria beijar o Roberto Dinamite, o Cerezo e o Palhinha. Aí eu tirei a camisa e as calças. Fiquei com a camisa do Vasco e de calção, e estava segurando um retrato do Papa, que estava pra chegar ao Brasil.

Os caras caíram em cima de ti...

Eu estava dando uma volta no campo. Três homens me levantaram pelo pescoço. Um dos guardas à paisana me segurou com tanta força que eu quase sufoquei. Eles me levaram e ficaram os três me chutando na escadaria do túnel que vai do campo para o departamento médico. Quem me salvou foi um segurança do Vasco, que chegou, se identificou e disse "não pode bater assim no rapaz, não".

E no Rio Grande do Sul, como é que foi a história? Você ia beijar o Falcão, não é?

Ia. Era um jogo entre o Atlético Mineiro e o Internacional. Antes de ir para o estádio eu fui comer um galeto no clube Zequinha. Aí um senhor Antônio se ofereceu para me levar ao Beira-Rio. Como ele tinha uma fábrica de talheres me ofereceu um facão de presente, que eu enrolei e guardei debaixo do braço. Quando cheguei na porta do estádio, a polícia, sabendo da minha presença, já estava me esperando. Quando eles me prenderam, o facão caiu. Essa foi a minha desgraça.

O que aconteceu?

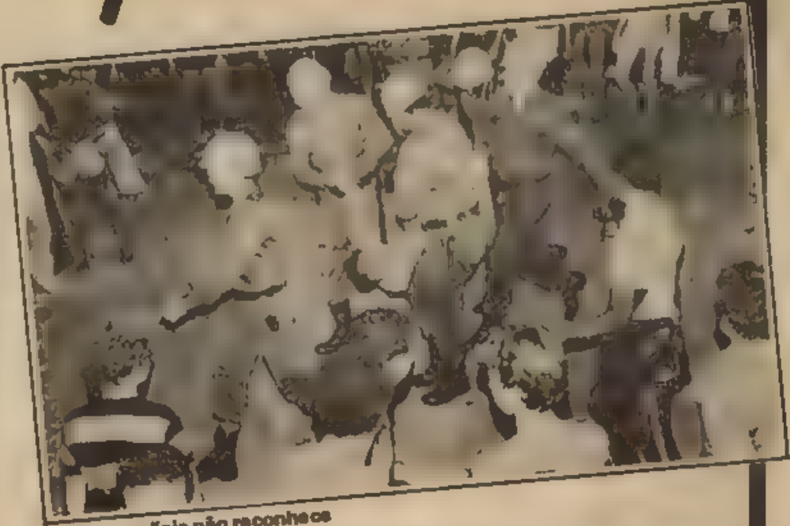
Eles me levaram pra delegacia. Um cabo e dois guardas. Foram me batendo durante 30 minutos num camburão. Cheguei a fraturar duas costelas e perdi dois dentes. O motorista é que disse: parem com isso, chega de bater no homem. Eu estava tão machucado que o distrito não me recebeu. Me levaram pra outra delegacia e o delegado abriu processo contra mim. Ele estipulou uma fiança de mil cruzeiros e me emprestou os mil cruzeiros pra que eu pagasse a fiança. Ele se chamava Ferri e disse que era meu admirador.

Das pessoas que você beijou, quais as que te emocionaram mais?

O Papa e o Roberto Carlos.

Foi muito difícil beijar o Roberto Carlos?

Eu fiz uma primeira tentativa em Caxias. Sabia que ele ia cantar lá e saltei de uma altura de 3 metros, caindo no palco. Aí a segurança me retirou. Mas eu soube que nesse dia o Roberto Carlos disse que "o homem que beijou Frank Sinatra pode me beijar". Isso me estimulou. Eu soube então que no domingo ele ia cantar num hotel em Penedo, num **show** só pra crianças. Fui pra lá e através de uma das crianças mandei um bilhete pra ele dizendo que estava ali e que tinha vindo para beijá-lo. Isso foi no dia 6 de abril de 80. Eu fiquei esperando. Tempos depois mandaram me chamar e ele estava numa sala grande com umas 10 pessoas. Aí eu beijei ele. Quando eu ia saindo, o Roberto Carlos disse: **Beijoqueiro**, volta que está faltando alguma coisa. Aí ele me deu um beijo. Fiquei emocionadíssimo.



... que a polícia não reconhece

E com o Papa, como é que foi?

Eu fui preso 3 dias antes da chegada do Papa. O homem que me prendeu era do Dops. Ele me deu uma gravata, lá no elevador do Dops, e disse: "Aqui você não vai beijar o Papa. Só lá na tua terra, em Portugal". Isso foi no dia 27 de junho de 80. O advogado só conseguiu me soltar no dia 4 de julho. O Papa estava em Aparecida. Fui até lá, mas o Dops de São Paulo me prendeu e o dr. Romeu Tuma me deu dinheiro pra voltar pro Rio. Mas eu fui atrás do Papa em Curitiba e fui preso pelo SNI. O chefe do SNI me deu um cheque pra voltar pro Rio. Eu cheguei no Rio e fui então na Rádio Nacional e disse que tinha desistido de beijar o Papa. Mas disse só pra disfarçar. Eu tinha 12 mil no bolso e fui pro Galeão tentar comprar uma passagem pra Manaus.

Foi lá que você beijou o Papa...

Mas foi difícil chegar lá. Faltavam 1.500 cruzeiros. Fiquei pedindo dinheiro a várias pessoas lá no Galeão, a segurança deu em cima de mim três vezes e só consegui quinhentos cruzeiros. Um jornalista do **Estado de S. Paulo** me viu lá, conversei com ele e depois me avisaram que tinha mil cruzeiros lá embaixo pra mim. Tenho certeza que foi ele. Eram 15 para as 11 da noite. Consegui embarcar e cheguei a Manaus. Lá me reconheceram na Alfândega, mas pedi pra não falarem nada senão a polícia me pegava. Fui depois pra onde o Papa ia aparecer. Estava de óculos e terno e com uma imagem de Santa Edwiges na mão pedindo a ela pra me ajudar a chegar junto do Papa. E acabei conseguindo.

Quem é que você gostaria de beijar e não beijou ainda?

Se eu tivesse dinheiro, teria beijado a Lady Diana. Eu ia pra lá com uma bandeirinha da Inglaterra e no percurso me atiraria na frente da carruagem e me jogaria em cima dela. Tenho certeza que conseguiria. Eu gostaria também de ter beijado o Jimmy Carter (ex-presidente dos Estados Unidos) em Nova Iorque. Se uma firma tivesse me patrocinado eu teria feito isso.

E agora, qual é o teu futuro?

Eu não sei... Estou com um problema aí... Bem, vou contar pra vocês. Eu fiquei em Portugal de 26 de agosto de 73 a 29 de abril de 79, mais de 5 anos. E esses meses que passaram dos cinco anos estão me causando problemas. Além disso eu tenho um processo em Portugal. Eu morava numa cidadezinha de 12 mil habitantes e briguei pra que fosse estendida até lá uma linha de autocarros (ônibus). Hoje essa linha já saiu, mas eu fui preso e as autoridades brasileiras querem saber desse processo. Isto está impedindo que eu tenha documentos e trabalhe.

Não tá dando pra ganhar a vida? Como é que fica?

Eu outro dia fui nos Trapalhões e o cachê está lá, retido na Globo, porque eu não posso comprovar quem sou.

Se regularizar a documentação, em que é que você vai trabalhar?

Vou ver se me apresento em clubes, num esquema assim tipo **Noite do Beijoqueiro**. Quero ganhar dinheiro pra poder trazer minha mulher pro Brasil.

Reportagem de Ricardo Bueno
Foto Chiquito Chaves

Antônio Carlos Magalhães, o brigão governador da Bahia, virou campeão nordestino de vaias. Em breve ele vai superar até mesmo o recordista nacional, Paulo Maluf. Na visita que fez, há duas semanas, à cidade de Juazeiro, na Bahia, o povo não parou de vaiá-lo um só momento. Além da insatisfação contra a administração de ACM, havia também um outro ingrediente: ninguém em Juazeiro gostou das acusações que o governador fez ao bispo local, tachado de comunista. Na véspera da visita de ACM, seus correligionários picharam a cidade toda com o seguinte dizer: *A Igreja é de Cristo e não de Marx*. É claro, ninguém gostou. Mesmo porque a Igreja em Juazeiro não é de Marx. Apenas está deixando de ser dos barões da terra para pertencer ao povo.

Francisco Viana

Engenho leiloado pra pagar trabalhador

Odilon Caetano da Silva, 61 anos, cortador de cana do engenho Pindoba, em Carpina, Zona da Mata, norte de Pernambuco, virou lenda e exemplo entre seus companheiros. Sua história corre de boca em boca e abriu um precedente jurídico que pode ter grande influência na modificação da relação entre patrões e empregados dos canaviais pernambucanos.

Trabalhador do engenho Pindoba desde os 9 anos, Odilon também sofreu todo tipo de irregularidade e pressão pessoal que os senhores de engenho cometem contra seus empregados. Em 79 e 80, Odilon participou das duas greves ocorridas na Zona da Mata e, por causa disso, foi demitido. Aí, resolveu agir: procurou o advogado do sindicato e entrou na Justiça com uma ação onde pedia recolhimento do tempo de serviço de 1929 a 1962, ano em que assinaram sua carteira, e mais férias, descanso remunerado, décimo-terceiro, atualização salarial de acordo com os índices estabelecidos pela convenção coletiva dos canavieiros e mais multas pelo não cumprimento do dissídio coletivo. Tudo isso sobre 52 anos de serviço, dobrados para 104, de acordo com a lei.

Total da ação: Cr$ 4 milhões.

No mês passado, o Tribunal Regional do Trabalho deu ganho de causa a Odilon e determinou que o engenho Pindoba fosse leiloado para pagamento da dívida trabalhista.

Para evitar o leilão, Odilon aceitou receber Cr$ 1.800.000 em dinheiro e uma casa com cinco quartos e piscina. Já recebeu.

Beth Salgueiro

ESPERTAS

Foto de Chiquito Chaves

Argemiro, o guarda ideal: botou telefone público na farmácia, os pontos de ônibus debaixo das marquises e fecha o trânsito para as crianças, enquanto não chega o sinal que ele já prometeu pro Farrula, em Heliópolis.

João Baptista

Luís Carlos Prestes, o cavaleiro desesperançado, anda ameaçando pedir ingresso no PT. As opiniões dentro do Partido estão divididas. Ninguém duvida de que Prestes quer fazer do PT uma escadinha para remontar seu aparelho político, usurpado por Giocondo Dias, o popular "Cabo Dias". Mesmo assim, há gente no PT que aceitaria Prestes, esperando reforçar o cacife eleitoral do Partido, o que, além de ser uma atitude oportunista, é pura ilusão. Trata-se de saber, porém, se Prestes toleraria ser membro de um partido que está solidário com os operários da Polônia, em luta contra a burocracia do PC polonês, e com o povo do Afeganistão, em luta contra a invasão das tropas soviéticas. Muitos setores do PT perguntam se Prestes estaria disposto a engolir esses sapos... E, mesmo que estivesse, como reagiriam os burocratas de Moscou?

Daniel A. Reis Filho

TFP volta à rua para falar mal do Papa

A TFP voltou a atacar em pleno centro de São Paulo, desta vez a favor dos fazendeiros e contra, evidentemente, a Reforma Agrária. A cada dia em menor número, os rapazinhos de cabelo curto, portando estandarte vermelho do leão dourado, uma capa no braço esquerdo, fizeram um barulho na avenida São João, oferecendo um livro luxuoso: **Sou católico, posso ser contra a reforma agrária**, de autoria do presidente da seita, Dominus Plinius, ou Plínio Correia de Oliveira. O preço de capa era alto — Cr$ 1 mil — e ninguém foi otário de comprar.

Mas o importante não é tanto vender. Eles querem doutrinar as pessoas. Cheguei perto, me ofereceram o livro, aleguei não ter dinheiro. Iam folheando o luxuoso álbum e um garoto me mostrava as fotos de alguns bispos da chamada ala progressista do clero: **"Este aqui é D. Angélico, este é D. Cândido Padim, este é D. Tomás Balduíno, este é D. Paulo Arns e este é D. Pedro Casaldáliga"**. Eu perguntava: comunistas? Um membro da TFP aparentando mais idade, talvez uns 30 anos, foi cauteloso: **"Não podemos dizer que são comunistas, mas estão sintonizados com o ideal socialista, pregam a mesma coisa"**. Já outro rapazinho, com sotaque castelhano — disse ser venezuelano — era enfático: **"Sí, son todos comunistas"**.

De presente ganhei uma tesourinha vermelha, de papelão, com a inscrição Itaici, rasgando um título de propriedade de terras. Referia-se ao documento que saiu de uma reunião de bispos — **Igreja e problemas da terra** — realizada em fevereiro de 1980, quando 250 bispos votaram pelo documento, aprovado por 172 a 4, em que falam que a terra não tem propriedade, ela é de todos. O Papa João Paulo II, em sua última encíclica, disse a mesma coisa.

Rivaldo Chinem

Americano vem aí pra fumar nossa maconha

Os outros jornais divulgaram que metade da tropa americana estacionada na Europa para vigiar os russos fuma maconha, toma bolinha e bebe "em serviço".

Os mesmos jornais disseram também que o governo dos EUA está cantando o brasileiro para entrar na Organização do Atlântico Sul, bolada para conter o "avanço soviético" na área.

Quer dizer, os americanos não se satisfazem em tomar quase tudo que é nosso e ainda querem ocupar o país, fumar toda a maconha e beber toda a cachaça dos brasileiros.

Eduardo Homem

Quem quiser ficar rico vá ser cabo-eleitoral

Os milhões vão rolar nas eleições de Nova Iguaçu!

Isso é o que já se diz por todas as esquinas do município, treze meses antes do pleito eleitoral de 1982. Tradicionalmente controlado pelas forças governistas — desde que em 1968 o prefeito do MDB, Ary Schiavo, foi tangido do governo municipal por um "golpe de estado suburbano", que teve como principal articulador o sempre temido militar de extrema-direita Josė Ribamar Zamith — Nova Iguaçu promete ser palco de uma disputa onde a corrupção já se anuncia como a regra geral.

A campanha eleitoral no município é uma verdadeira indústria e os cabos-eleitorais mais competentes chegam a receber 50 mil cruzeiros por mês para fazer o seu trabalho, com seu passe disputadíssimo entre os políticos governistas. No Partido Popular, chaguista, estão os milionários, que giram em torno de três candidatos: Mariano José dos Passos — homem ligado ao jogo-do-bicho e que vem controlando o Detran local; Ernani Boldrim — empresário disposto a transformar a Prefeitura numa extensão de sua rede de lojas de roupas, motéis, churrascarias, cassinos e escolas; e o atual deputado João Lubanco — advogado que virou "tubarão" à custa de muito servilismo ao empresariado local. Cada um desses senhores anuncia ter mais de Cr$ 100 milhões para gastar na campanha. Pelo lado do PDS, que está no poder com o prefeito Ruy de Queiroz, despontam o advogado Elmo Braga, que já foi delegado e tem livre trânsito no submundo iguaçuano; e Carlos Alberto Babo, atual secretário de Fazenda e proprietário de empresa de ônibus.

A grande incógnita continua sendo o comportamento da chamada Oposição, que não tem dinheiro. O único nome até agora definido é o do médico Antônio Ivo de Carvalho, ligado ao Movimento Amigos de Bairro, ao jornal *Hora do Povo* e lançado pela legenda do PMDB. Há ainda uma possível composição em torno de Ismael Lopes, candidato que vem sendo defendido por alguns setores do PT. A única dificuldade com relação a Ismael talvez venha a ser sua conhecida definição socialista, o que lhe pode criar algumas áreas de atrito dentro da Diocese local. O PDT de Brizola e o PTB de Ivete Vargas são forças nulas dentro de Nova Iguaçu.

Enock Cavalcanti

Assassinato fica impune?

A polícia não despacha em gabinetes; vai às ruas e mete a mão na massa. Aliás, vamos fazer justiça, foi-se o tempo de pegar peso. Os policiais de hoje usam outros expedientes, mais conhecidos como "berro". Na noite de sexta-feira, 18 de setembro, mostraram mais uma vez seus relevantes serviços em prol da comunidade: mandaram bala nas costas do mecânico Roberto de Souza Sá, o *Beto*, funcionário do Center Moto Peças, conhecido em Botafogo como um sujeito amigo, pacato e trabalhador. Os moradores do bairro que assistiram à chacina e estão com medo de se identificar (com razão) declararam que os disparos partiram de indivíduos que estavam num Opala preto e branco da PM. No dia do enterro, os amigos de *Beto* saíram às ruas de Botafogo exibindo vários cartazes de repúdio. Entre eles, um que dizia o seguinte: "Cuidado com os policiais da 10.ª DP. Eles são matadores profissionais!" E aí, dr. Fontenele?! Vamos agir ou vamos aplaudir?

Luís Pimentel

UMA COLUNA DE POLÍTICA

Ô da política!

Daniel Aarão Reis Filho

Passeatas, a moda que volta nas manifestações

Só não vê quem não quer: as passeatas começaram de mansinho e hoje já assumem uma certa importância social, atingindo vários pontos e regiões do país.

Em Ronda Alta, no Rio Grande do Sul, os camponeses desfilaram reivindicando terra. As invasões de terrenos urbanos, registradas em São Paulo e no Rio de Janeiro, são outra forma de manifestação coletiva e exprimem a revolta diante do aumento abusivo dos aluguéis. Mas a coisa não pára aí. As associações de bairros e de favelas parecem estar com o saco cheio de encaminhar abaixo-assinados que nunca dão em nada e/ou ter contatos com autoridades que desprezam solenemente suas reivindicações. A solução é desfilar, mostrar em público queixas, críticas e reclamações. O que também tem ocorrido em várias cidades — em São Carlos, SP, o pessoal andou pelas ruas da cidade protestando contra as péssimas condições de transporte. Em Niterói, RJ, o protesto foi contra o desemprego. Em Salvador, os baianos deram um exemplo a ser considerado. Até a União Nacional dos Estudantes — UNE — que parecia morta, sacudiu a sonolência e começou a convocar manifestações contra a política educacional do governo. Para fechar (provisoriamente) o quadro: a Comissão pró-CUT (Central Única dos Trabalhadores), eleita na recém-realizada Conferência das Classes Trabalhadoras — CONCLAT — convocou os trabalhadores para irem às ruas no dia 1º de outubro apoiar a luta pela redução da jornada de trabalho, sem diminuição de salário, contra o desemprego, o aumento do custo de vida, a zorra na Previdência Social e a política econômica do governo.

As passeatas e os desfiles abertos são muito interessantes e tendem a substituir os tradicionais atos públicos, que são de torrar o saco de qualquer cristão. Nesses atos, o pessoal fica obrigado a assistir e a ouvir os discursos mais inflamados e mais chatos proferidos por oradores que muitas vezes não têm o que dizer, ou então não sabem como acabar de falar. Parece que os caras namoram as próprias palavras. Quase sempre são deputados ou aspirantes ao Parlamento. Enquanto falam, as pessoas na platéia se limitam a aplaudir ou a entoar coros, meio abobalhadas, a reboque da baba dos caciques que estão no palanque. Sem contar a terrível luta que se trava pelo controle do microfone. Os organizadores dos atos públicos viram feras na disputa do microfone, parecem urubus esfomeados disputando carniça no deserto. Diante disso o povo vai debandando, pois ninguém agüenta ouvir dez, doze ou quinze chatos falarem de coisas que todo mundo está cansado de saber.

As passeatas são totalmente diferentes. Em primeiro lugar, não tem ninguém para encher o saco de ninguém. O cortejo vai fluindo, incorporando as pessoas, convidando todos a se integrarem, desafiando a criatividade de cada um, quebrando a rotina. De repente sente-se que as lideranças carismáticas não são tão necessárias. Quem quiser pode subir numa banca de jornal, num hidrante, num caixote de feira ou num banco de praça, e até mesmo no braço dos amigos e mandar brasa, deixar o seu recado. Não há microfones, logo, não há luta por eles, e cada ponto da passeata se torna um ponto de encontro, de conversa, de falação. Além disso, e por causa disso, a passeata tem um ar de festa e as autoridades (de direita, de centro e de esquerda) não toleram a festa, a livre expressão das pessoas, o desequilíbrio, a desorganização, o descontrole.

Pode ser que eu esteja enganado, mas 1982 não vai ser apenas um ano eleitoral, apesar dos calhordas que querem ver o povo sentado à espera das eleições. Vai ser um ano de intensas lutas sociais. E as passeatas ganharão um lugar de destaque.

Meninas e meninos, sebo nas canelas porque as passeatas vêm por aí! Sejam bem-vindas, de preferência na contra mão

BRIGA PELA TERRA

Cerca de 10 mil famílias se aglutinam atualmente em torno dos movimentos que reivindicam a posse da terra em Nova Iguaçu. São trabalhadores sem nada o quê perder que buscam uma saída para o drama da miséria que marca esse município e toda Baixada Fluminense. Eles lutam por terra para plantar na *Zona Rural* e terra para morar nos bairros de periferia. No Parque Estoril, onde 300 posseiros invadiram uma área abandonada do Ministério da Agricultura, a forte repressão — oficial e clandestina — não foi bastante para barrar o avanço do povo, que se agarra ao chão conquistado como única opção de sobrevivência. Cobertos de trapos, acomodados em choças imundas, os posseiros — com o apoio dos setores comunitários da Diocese de Nova Iguaçu — resistem a todas as ameaças dentro da área, mesmo que para isso alguns tenham até mesmo que revirar a terra com as mãos nuas. Contra as pistolas e as escopetas, eles opõem o seu trabalho coletivo. E, para os que os acusam de querer provocar uma convulsão social em Nova Iguaçu, eles replicam que "valeria a pena que toda a cidade explodisse, desde que isso viesse trazer a liberdade para o povo". Situado a menos de 10 quilômetros do centro de Nova Iguaçu e a 40 do Rio, a posse dos lavradores foi fincada dentro das terras de um antigo posto agropecuário do Ministério da Agricultura, com 511 mil metros quadrados, que funcionou bem até 1964. Depois do golpe, a área caiu na mão dos latifundiários ligados à Associação Rural de Nova Iguaçu, que planejavam lotear a área e, para atingir seus objetivos, desviaram todo o material do Ministério que se encontrava no local, inclusive uma debulhadora de arroz avaliada em Cr$ 2 milhões.

NOVA IGUAÇU EM PÉ DE

Reportagem de Enock Cavalcanti
Fotos de Chiquito Chaves

— A gente tá disputando a terra no Incra, querendo legalizar nossas posses, mas as pressões dos grileiros podem acabar empurrando a gente pra disputar na base da violência, contra a nossa vontade

Enêas Pinto, lavrador de 56 anos, expressa com frases incisivas o ânimo das 100 famílias que lutam, na região do Parque Estoril, Nova Iguaçu, RJ, pela posse dos 511 mil metros quadrados de terra do antigo posto agropecuário do Ministério da Agricultura. "Eu digo que nisso aqui um caboclo de cabeça mais quente pode chegar ao tiro, porque nossos inimigos já atiraram contra nós, e a PM, o Dops, o Incra, ninguém fez nada. O que a polícia fez foi nos prender e tentar enquadrar como comunistas."

Uma parte do terreno ocupado foi reservada para o feijão coletivo

Muitas das vezes sem nada o que comer durante o dia, se alimentando de raízes, trabalhando com ferramentas toscas, trabalhadores tentam tomar produtiva uma terra que há 17 anos foi abandonada pelo governo federal. Paralelamente, eles estão semeando em Nova Iguaçu o sonho de revigoramento da Zona Rural desse município, que já foi um dos maiores produtores de laranja do mundo. Contra eles está, no entanto, a desenfreada especulação imobiliária que vem transformando toda a região da Baixada num conglomerado de loteamentos clandestinos, onde só quem sai lucrando são os latifundiários, que promovem continuadas grilagens de terra, em acordo com as autoridades locais. Haja visto o exemplo do prefeito iguaçuano Ruy de Queiroz, que, para assessorar sua Secretaria de Obras e Urbanismo, nomeou Mário Pedrosa, o maior testa-de-ferro dos latifundiários na região

O advogado Lehar Rodrigues, presidente vitalício (desde 1964) da Associação Rural de Nova Iguaçu, é apontado por todos como o grande inimigo do núcleo agrícola que os lavradores estão construindo no Parque Estoril, bem como de todas as iniciativas que tragam qualquer benefício para o trabalhador rural.

— Essa associação, presidida pelo doutor Lehar — diz o posseiro Laerte Resende — não tem nenhuma preocupação em melhorar a produção agrícola ou qualquer coisa assim. O negócio deles é controlar a terra para criar boi ou para lotear. A terra que nós ocupamos no Estoril estava sob controle do doutor Lehar, por isso ele mandou a polícia contra nós. Resta saber quando haverá autoridade nesse país capaz de dar um basta nos crimes que homens como esse cometem contra nossa terra, loteada de qualquer maneira, a ponto de Nova Iguaçu ser hoje apontada como uma favela sem morro.

A decisão dos lavradores de entrarem nas terras devolutas do governo foi tomada no final do ano passado, e o Parque Estoril foi a única área ocupada até agora. Inicialmente os posseiros ficaram quatro meses na terra, antes que viessem as tropas da Polícia Militar, no dia 28 de abril deste ano e numa ação coordenada pelo delegado Borges Fortes, da Delegacia de Polícia Política e Social (DPPS), os prendessem com inusitada violência. Homens, mulheres e crianças foram atacados pelos soldados armados até de bazuca, que foram à área "desbaratar ação de guerrilha que estaria sendo organizada por grupos de inclinação trotskista".

— Depois que fomos soltos — conta Antônio dos Santos, de 54 anos, driblando as dificuldades impostas por sua gagueira — teve gente que nos aconselhou a ficar fora da terra, mas não aceitamos o conselho porque, para a maior parte, não tinha outra saída. Era vir para a terra ou ir para a sarjeta mendigar ou para as esquinas assaltar. E nós não somos de confusão, queremos apenas nosso direito de viver. Voltamos para a terra sabendo dos riscos, mas confiando em Deus e acreditando que, se nós parássemos, seríamos desmoralizados como trabalhadores. Agora, dizer que somos

O povo do Parque Estoril quer paz, mas se dispõe à guerra

GUERRA

subversivos nós não aceitamos, porque os grileiros vêm se apropriando de terra há muito tempo, pelos quatro cantos de Nova Iguaçu, e nunca foram incomodados.

Chefiada pelos pistoleiros *Marão* (Mário de Azevedo) e *Zé do Pião*, os grileiros montaram uma tropa-de-choque para reprimir os lavradores, fazendo mergulhar a região do Parque Estoril num clima de continuada tensão. Mesmo tendo a palavra do coordenador do Incra para o Rio de Janeiro, João Ventura, de que o problema está merecendo "exame cuidadoso, dada suas implicações sociais", os posseiros se vêem participando de uma guerra surda, onde as ações violentas patrocinadas pelos grileiros são referendadas pela omissão das autoridades.

— O alimento que nós temos aqui vem das associações e das comunidades que estão solidárias com a gente — informa Neide Oliveira, chefe da improvisada cozinha coletiva. Nós formamos uma comissão pra coordenar a posse e planejar todos os trabalhos do núcleo agrícola. Os dois meses que estamos aqui é muito pouco para a terra produzir e satisfazer as 100 famílias, quanto mais pra dar condição de se vender alguma coisa pra melhorar nossos barracos. Água nós temos improvisada, que vem de uma fonte de um morro próximo. Mesmo assim os homens do Marão de vez em quando vão lá na água e botam veneno. *Seu* Enéas, que é um dos líderes da comissão, quando ia saindo do núcleo foi atacado pelos pistoleiros; levou um bocado de tiros e só escapou porque era de noitinha e ele correu feito um coelho

Os grileiros também mandaram dar uma surra em dois velhos daqui de dentro, quebrando a costela de um deles. Nós vivemos sempre em sobressalto. Quem garante que nós vamos colher o que já semeamos na terra? Só mesmo a nossa resistência, a nossa união, não é?

Xingados de "vermelhos" e "agitadores" pela turma da Associação Rural, os posseiros são, surpreendentemente, em sua maioria, crentes ligados a igrejas da Assembléia de Deus. Sem opção partidária definida, um pouco alheios aos choques entre o governo e os setores da Igreja Católica que apóiam a luta pela posse da terra nos quatro cantos do Brasil, eles pensam mesmo é em cobrir a área do Ministério com muita plantação.

— A proposta do núcleo agrícola — diz Enéas Pinto — é avançar até estabelecermos uma posse coletiva dos diversos lotes. A coisa tá caminhando e, apesar das dificuldades, temos conseguido estabelecer um bom espírito de união. Só conseguimos alugar um trator para cortar um pouco da terra porque todo mundo se cotizou e também porque veio dinheiro de fora, enviado pelo Comitê de Solidariedade que formaram lá no centro de Nova Iguaçu. Num dos barracões, montamos uma cozinha também coletiva pra alimentar as famílias carentes e todo mundo que está trabalhando. É um grande sacrifício pra gente ver nossas crianças famintas aqui dentro, com tanta terra parada ao nosso redor. Será que esse pessoal do governo não vê que, se nós tivermos aqui uma boa plantação de tomate, quiabo, feijão, aipim e verduras, bem perto da cidade, vai se poder pagar muito menos por esses produtos? Aqui no núcleo não tem lugar pra disputa eleitoral, promoção de partido. Muito menos pra agitação. Nosso negócio é plantar e [illegible]

Conjunto da Cohab-RGS é pior que zoológico

Trabalhador gaúcho que for esperar pela Cohab para morar debaixo de um teto pode ir procurando albergue espírita ou reservando vaga na próxima invasão de terras públicas. De acordo com o Tribunal de Contas do Estado, a Cohab construiu em 1980 apenas 8.955 unidades habitacionais; das 23.549 previstas em seu programa de trabalho.

A tradicional desculpa da "falta de verbas" neste caso não dá pé. O mesmo relatório do Tribunal de Contas revela que o BNH liberou verbas para a conclusão de todas as obras contratadas. Talvez por isso o governo estadual venha desviando verbas do Fundo de Habitação Popular — Fundhap — instituído para repassar recursoso à Cohab. Esses desvios de verba, considerando o governo Sinval Guazzelli (hoje no PP) e o atual, do governador Amaral de Souza, somam Cr$ 580 milhões (vide tabela).

Dados da própria Cohab revelam que o custo de uma unidade construída é de Cr$ 405.063,55, o que permitiria a ela já ter entregue mais 1.447 moradias, beneficiando cerca de 7 mil pessoas.

Mas os abusos não param aí. Em Sapucaia, na Grande Porto Alegre, 10 mil pessoas estarão em breve convivendo numa área total de 17 hectares, divididos em 68 blocos com 2.176 apartamentos de 30 e 40 metros quadrados. Em alguns deles, a construtora teve a audácia de erguer paredes de compensado para aumentar o número de dormitórios. E, como todos os conjuntos habitacionais do governo, o de Sapucaia não tem áreas de lazer, sistema de abastecimento, meios de transporte, escolas. Árvores, nem se fala: derrubaram todas e não plantaram uma.

É por isso que as pessoas — os mutuários — quando conhecem sua nova moradia, passam a invejar os animais do zoológico próximo, que dispõem, cada um deles, de um espaço individual muito maior.

Até em termos de segurança os moradores estão mais desprotegidos do que seus vizinhos bichos. Enquanto estes têm guardas para vigiar as criancinhas que os visitam, os habitantes do conjunto Cohab-Sapucaia convivem com a nata da marginália porto-alegrense. As estatísticas da polícia gaúcha registram lá o maior índice de criminalidade da região metropolitana.

O conjunto Cohab-Sapucaia fica na beira da rodovia BR-116, por sinal, recordista em acidentes. E a passarela mais próxima fica exatamente no Jardim Zoológico. Com isso, nos horários em que as pessoas estão saindo e chegando em casa, milhares delas vão atravessar juntas a BR-116. Um sujeito, quando viu aquilo, pensou:

— Vou me estabelecer como agente funerário.

A Cohab, entretanto, não se toca com os problemas. Seus relatórios sempre falam que ela está "erradicando a submoradia no Estado".

Em Gravataí, outra região da Grande Porto Alegre, a Companhia Habitacional do Estado construiu outro conjunto, em tudo semelhante ao de Sapucaia. Um pouco pior, é verdade, porque lá em Gravataí o conjunto está em cima de um banhado e a Cohab se esqueceu de alguns aterros.

Resultado: antes mesmo das autoridades entregarem os apartamentos aos "sorteados", suas paredes começaram a rachar, a pingar água, de tão úmidas. A construtora responsável pela obra consertou o estrago colocando gesso em todas as paredes rachadas.

Mas aí, logo depois de algumas chuvas, as ruas se transformaram num só lamaçal e os esgotos vieram à tona que nem poço de petróleo. E tudo junto se misturou à água potável.

Parece que piorou muito a saúde das pessoas, principalmente das crianças.

Antero de Souza

Os dados que se referem à dotação para o Fundo de Habitação Popular podem ser encontrados no Orçamento Geral do Estado do Rio Grande do Sul, sob o título "Encargos Sob a Supervisão da Secretaria da Fazenda"

	dotação em Cr$	total desviado em Cr$
1974 - Constituição do Fundhap	16.189.000,00	0,00
1975 - " "	24 345.000,00	20.000 000,00
1976 " "	40.000 000,00	[illegible]
1977 - " "	56 879 000,00	52 629 000,00
1978 " "	84 054 000,00	81.958 240,00
1979 " "	131.373.000,00	131.373.000,00
1980 " "	262 369 000,00	260.060.000,00
1981 - " "	468.000.000,00	(?)
	montante desviado de 74 até 78	586 020.240,00

OBS. (1) — Os totais desviados pelo Poder Executivo foram obtidos por uma fonte junto ao Tribunal de Contas, que, por motivos óbvios, mantém-se no anonimato.

OBS. (2) — A explicação oficial para os desvios é que a lei que instituiu o Fundhap não a regulamentou. Como se sabe, a lei foi criada pelo governo do Estado em 1973. Esse mesmo governo, ou qualquer um dos que o sucederam, poderia regulamentá-la, independente de qualquer parecer, que não a do próprio chefe do Executivo.

A TERRA PERTENCE A QUEM NELA TRABALHA

A briga pela posse da terra é uma disposição que está crescendo a cada dia que passa entre as camadas pobres de Nova Iguaçu. O importante espaço geográfico e político conquistado pelas 100 famílias que se apossaram da área do Ministério da Agricultura no Estoril representa uma picada por onde se dispõe a avançar um número imenso de trabalhadores sem terra, que até há bem pouco tempo não viam qualquer solução para seu problema habitacional.

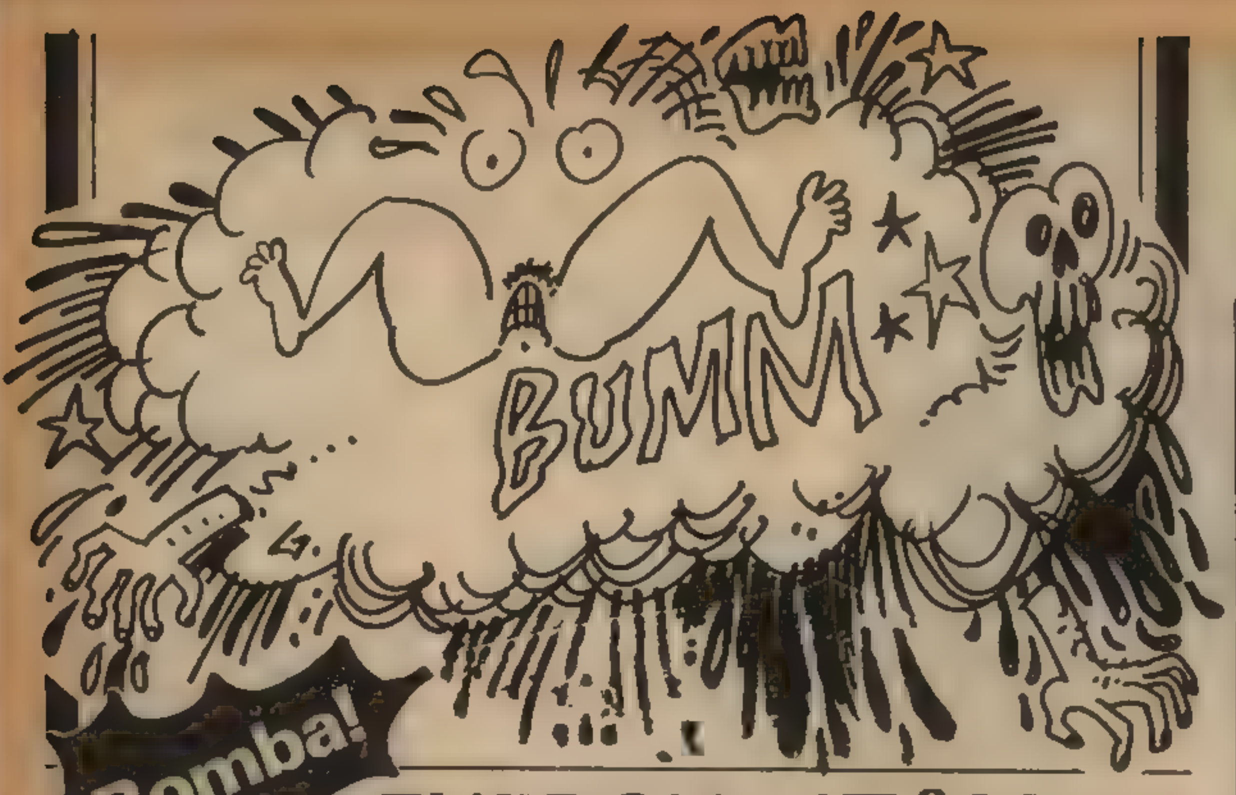
No setor agrário, já existem cerca de 2 mil inscritos no núcleo do Estoril, que começam a se organizar para reivindicar a cessão de novas áreas para a abertura de outros núcleos agrícolas no município. Os 511 mil metros quadrados do Parque Estoril representam uma gota dágua diante das centenas de alqueires de fazendas, como o Dendê, Sítio Velho, Paraíso e Santo Antônio, sobre as quais os lavradores começam a reivindicar seu direito natural de posse, "porque a terra deve pertencer a quem nela trabalha ou queira trabalhar".

O Incra (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) fala em negociar com os pretendentes, com a intermediação da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Rio de Janeiro (Fetag-RJ) e da Comissão Pastoral da Terra, mas, para beneficiar os lavradores, seu poder é pequeno diante dos interesses que vêm caracterizando Nova Iguaçu como área para expansão industrial, onde dificilmente o processo de urbanização poderá ser detido

Mesmo porque, nos bairros de periferia, as camadas mais carentes da população, pressionadas pela perda do poder aquisitivo de seus salários e pelo crescente aumento dos custos dos imóveis e dos aluguéis, já começou também a reivindicar moradia a preços realmente acessíveis. Na região de Nova Aurora, distrito de Belford Roxo, irrequietos pretendentes ensaiaram, por duas vezes, a invasão dos 3 mil terrenos do Loteamento São Jorge, controlado pela prefeitura municipal. Movimentos semelhantes estouraram em Queimados, Lote Quinze e Mesquita. Na tentativa de acalmar os ânimos, o BNH anunciou sua disposição de construir novos conjuntos habitacionais na região, com 35 mil moradias populares Mas o governo planeja estabelecer nesses conjuntos as mesmas relações de compra-e-venda que vigoram hoje, com correção monetária e tudo mais

O povo, contudo, gato escaldado nessa história de moradia, espera, e em Nova Aurora já exige que o BNH entregue o material de construção, para que os próprios moradores construam as novas casas, sem interferência dos gulosos intermediários da construção civil. Nada está definido. O governo procura ganhar tempo, notadamente porque vivemos uma época pré eleitoral, enquanto os sem-casa ganham mais força a cada dia, aglutinando parcelas até então desmobilizadas da população

O certo é que a briga pela posse da terra é um rastilho que já está aceso em Nova Iguaçu. E o fogo se aproxima cada vez mais da carga explosiva acumulada pelos longos anos de injustiça social.



ENERGIA ATÔMICA VAI EXPLODIR O PAÍS

O presidente da Comissão Nacional de Energia Nuclear, Hervásio de Carvalho, adora um humor negro. Falando para jornalistas, recentemente, ele disse: "Usina nuclear é como sexo, só se aprende fazendo". Ele estava muito bem-humorado nesse dia, pois anunciava que até o final do ano o Brasil entraria para valer na área nuclear, já que a usina de Angra I começaria a produzir eletricidade

O que Hervásio de Carvalho não disse é que sexo dá prazer, enquanto as usinas nucleares são tão arriscadas que fazem qualquer um perder o tesão. O pau baixa e não levanta mais. Só para dar uma idéia dos riscos que o cidadão brasileiro corre com a energia nuclear, aqui vão algumas informações para você meditar a respeito:

1 — Segundo o físico Rogério Cerqueira Leite, da Universidade de Campinas, "um único reator que está sendo construído dentro do programa nuclear brasileiro produz, por dia, energia e radioatividade equivalentes a cinco bombas iguais à de Hiroshima (cidade japonesa destruída pelos americanos na Segunda Guerra Mundial). Normalmente, um reator dessa dimensão contém combustível para dez anos. Isto é, o potencial de contaminação, em uma única carga de reator, equivale a 17 000 bombas de Hiroshima". Dá pra fazer o Brasil sumir do mapa

2 — As usinas nucleares geram o perigosíssimo lixo atômico. Trata-se do material radioativo que sobra na reciclagem do combustível usado. Esse lixo é tão perigoso, tão fatal para o ser humano, que só pode ser manipulado a distância, por controle remoto. Pois bem, não foi encontrada até hoje uma maneira segura e com garantia de longo prazo para armazenar esse lixo. Até agora esse lixo é guardado como líquido ou em barras sólidas e mantido em depósitos especiais, até que se veja o que fazer com ele

Em alguns países esse lixo foi jogado no fundo dos oceanos, o que acabou sendo condenado. Essas águas entram em contato com outras águas e podem levar a radioatividade do lixo atômico para todos os mares do mundo. Alguns sugeriram que o lixo fosse depositado na Antártida, outros que o colocassem em foguetes, que seriam mandados para o espaço, etc

3 — A localização das usinas nucleares brasileiras mostra o total desprezo do governo pela segurança dos cidadãos. Estudos da Sociedade Brasileira de Física indicam que nenhum reator deve ficar a menos de 50 quilômetros de centros populacionais com mais de 25 mil habitantes. Pois bem. Angra dos Reis tem quase 50 mil habitantes e a usina de Angra I, na praia de Itaorna, está a apenas 31 quilômetros dela

As duas outras usinas, cuja construção será iniciada em breve no litoral sul de São Paulo, apresentam situação ainda pior. Elas ficarão numa área (onde estão os municípios de Iguape, Juquiá, Miracatu, Pariquera Açu, Registro, Itanhaem, Itariri, Pedro de Toledo e Peruíbe) em que vivem 135 mil pessoas, a uma distância de menos de 50 quilômetros das usinas

4 — E mais: usinas nucleares não duram eternamente. Pelo contrário, em 30 anos o desgaste do material as torna imprestáveis. E o que acontecerá com Angra I e com as demais usinas do programa nuclear brasileiro? Pois bem, desmontar uma usina dessas custa, pelo menos, 100 milhões de dólares e envolve riscos enormes, pois todo material é radioativo. Tanto assim que, em países em que usinas nucleares pararam de funcionar, nenhuma delas até hoje foi desmontada

Esse autêntico mausoléu nuclear cria um novo problema: onde colocar os entulhos radioativos, ou seja, os restos de usina após desmontada?

5 — Mas a questão mais inquietante colocada pelas usinas nucleares é: e se uma merda dessas explodir? E se houver um acidente grave com a usina de Angra I, quantas pessoas morrerão imediatamente? E quantas morrerão, meses ou anos depois, de câncer? Eis o que diz a respeito o físico Luís Pinguelli Rosa, um especialista em segurança nuclear

- Dentro de um reator desses haverá 100 toneladas de combustível irradiado, contendo toda espécie de material radioativo, alguns inexistentes na natureza. Um único acidente, ainda que improvável, liberando esse material para o meio-ambiente, será catastrófico. Segundo um estudo patrocinado pela Fundação Ford nos Estados Unidos, caso a nuvem radioativa atinja uma população de 10 milhões de habitantes dentro de uma distância de 750 quilômetros do local do acidente, na pior hipótese causará, em semanas, 3 300 mortes e 45 000 casos de câncer fatais, em 30 anos ocorrerão outros 45 000 casos de câncer fatais e 240 000 tumores não fatais, em 150 anos ocorrerão 30.000 defeitos genéticos.

Divertido, não? Muito especialmente quando se sabe que um acidente grave em Angra atingiria as populações das cidades do Rio e de São Paulo. Uma catástrofe pra Hervásio de Carvalho nenhum botar defeito

J.J.S.- ENCANADOR ELETRICISTA

Reformas em geral — Consertos de calhas e telhados — Serviços de Pintura — Consertos de aparelhos eletrodomésticos — *Orçamento sem compromisso.*
Atende-se a domicílio em qualquer lugar, inclusive sábados e domingos.

Tel.: 67-8182 — Benedito e Luiz
Rua D. Elza, 116 — Perdizes — São Paulo

UMA COLUNA DE ECONOMIA

caixa 2

Ricardo Bueno

Bancos estrangeiros governam o Brasil

Devemos ou não renegociar a dívida externa? Eis uma questão que vem sendo intensamente debatida nos últimos três meses. O negócio é o seguinte: o Brasil deve cerca de US$ 60 bilhões aos banqueiros privados internacionais e a órgãos governamentais de países estrangeiros. Isso significa perto de Cr$ 6,3 trilhões. Uma nota preta.

A cada ano vence uma parte dessa dívida, que tem que ser paga, e ainda há os juros cobrados pelos banqueiros que nos emprestam a grana. Este ano, juntando a amortização da dívida com os juros, o Brasil vai ter que desembolsar uns US$ 15 bilhões. Como não tem essa grana, o governo brasileiro estimula as empresas estatais e privadas a pegarem esses bilhões de dólares lá fora. Com esses bilhões, o Brasil paga o que deve, mas, como pega novos empréstimos, a dívida cresce cada vez mais. E uma autêntica bola de neve. Um beco sem saída.

O que fazer? O governo diz que está tudo bem, que não tem problema, pois todo ano o Brasil consegue novos recursos para pagar as parcelas da dívida que vencem. O negócio é empurrar a dívida para a frente, com a barriga. Os economistas de oposição afirmam que o buraco é muito mais embaixo, que que é fundamental renegociar para sair do sufoco. Segundo eles, o Brasil não governa mais sua dívida externa. Ela é que governa o Brasil, mesmo se o governo arranja a grana para pagá-la.

O que querem dizer os economistas de oposição? Muito simples. O Brasil está, hoje, nas mãos dos banqueiros internacionais, e adota a política econômica que eles exigem. Os banqueiros adoram uma recessão. O Brasil adota a recessão. Os banqueiros querem que o desemprego aumente, como forma de combater a inflação. O Brasil entra nessa (pelas mãos do dr. Delfim). Os banqueiros querem que o Brasil acabe com o controle de preços. [...] o controle de preços exercido pelo Conselho Interministerial de Preços é praticamente liquidado.

Além disso, para evitar que a dívida cresça ainda mais violentamente, o governo brasileiro tem que conter as importações de mercadorias (caso contrário o Brasil poderá chegar a um ponto que não terá como pagá-las). Como fazer isso? A resposta oficial é: através da recessão. Vendendo menos, as empresas reduzem sua produção e, consequentemente, restringem suas compras lá fora de máquinas, matérias-primas, componentes e por aí vai. Só que o preço da recessão é a miséria e o desemprego.

Assim, para onde quer que um analista da economia brasileira se vire dá de cara com o fantasma da dívida externa. Para sair do sufoco, para ter prazos maiores para pagar, para se livrar da ditadura dos banqueiros internacionais, para pegar lá fora uma quantidade menor de dólares a cada ano, para não ter que embarcar na canoa furada da recessão como forma de conter as importações é que os economistas de oposição pedem a renegociação da dívida.

Em termos simples: o negócio é conseguir prazos maiores para pagar. Em vez de 10 anos, vinte. E uns dois ou três anos de carência, no início — ou seja, um período em que o Brasil nada pagaria aos banqueiros para poder botar a casa em ordem. Depois, os pagamentos seriam reiniciados.

É isso aí. Trata-se de evitar que o Brasil acabe morrendo afogado no maremoto da dívida externa e ganhe tempo para navegar em águas mais tranquilas. O problema é que o governo insiste em não adotar essa saída e promete continuar com a recessão em 82, para não deixar que a dívida externa dispare ainda mais loucamente. Até quando o povo aguentará semelhante estupidez? Cartas para a redação.

I CONCURSO DE CONTOS ERÓTICOS

PARA C., COM AMOR

Acordar é sentir que não se está mais sonhando. A mulher ao seu lado e a lembrança do gosto do beijo, na boca. Fora uma surpresa, o gosto daquele beijo... a saliva tão doce! Mas agora a mulher dormia.

Levantou-se e foi para a sala. Estava amanhecendo, um dia nublado, cinzento. Ela dissera que gostava de dias como este, ele detestava. Que dor no corpo! Por que aquela dor enjoada, sem lugar certo, por toda a parte? Sorriu... fora uma maratona de doze horas de copo, das duas da tarde às duas da manhã. Era natural que doesse. Abriu a bolsa para pegar um cigarro. Quanta desordem! Documentos, dinheiro, chaves, tudo embolado. Odiava desordem. Separou os objetos, dobrou as cédulas e, num gesto desatento, jogou as coisas de volta na bolsa, emboladas. Acendeu o cigarro, mas logo pensou em apagá-lo... é bom estar do lado de uma mulher quando ela desperta, ainda mais quando desperta inteiramente vestida e sem saber direito como chegou até ali. Ela estaria de ressaca, chá hepático e camomila ajudariam a curar.

Foi ao banheiro, urinou e puxou a descarga, o barulho o incomodou. Voltou ao quarto, abriu a porta com cuidado... não seria nada romântico acordar com uma descarga. Se fosse lhe dar uma flor, qual seria? Não sabia. E aquele montinho de coisa viva se aninhando debaixo do cobertor, os cabelos percorrendo as rugas da fronha, seu rosto no travesseiro... como seria este toque? Imaginar já era uma maneira de sentir-se perto dela.

Voltou à sala. Imaginar sentir. Imaginar-se perto... precisava estar sozinho para sentir-se perto. Precisava imaginar para sentir... escrever. E guardou no papel as frases, suas e da mulher, ditas de ponta de língua para ponta de orelha, algumas sussurradas, molhadas... O futuro, melhor acreditar em futuros versos, ou futuros contos... palavras. Exigia uma arquitetura milimétrica [illegible] palavras, seu amor... uma mulher ele poderia amar à distância, mesmo dormindo, com seus sonhos intocáveis. O toque que ele queria imaginar...

Foi até a porta do quarto, ela se mexeu.

— Vem cá, querido! O que estava fazendo?

— Escrevendo.

— Homem doido! Fica na sala fria com uma mulher como eu na cama.

— Você se lembra...

— Você me chamou para dormir com você.

— E você perguntou se o convite estava de pé se fosse só pra dormir, mesmo.

— E você respondeu que sim.

— E você dormiu, não foi?

— Dormi... Você está com cheiro de cigarro.

— Acabei de fumar.

Sentiu vontade de ir ao banheiro de novo. Ao terminar, não deu descarga, deixou o papel boiando. Lavou as mãos e voltou para o quarto. Deitou-se.

Ela o abraçou no momento em que seus corpos se pressentiram próximos. Ele esfregou as mãos, ainda úmidas, para não chocar a pele morna da mulher, um calor que transmitia a vontade de se entregar. Ela aspirou o desejo, no seu hálito.

Pensou em contar que estava precisando de companhia na noite anterior, mas ela não fez perguntas, nem houve tempo para o chá.

— Queria te ter...

Assim e assado. Não era ele quem poderia amar à distância? Mas já jogara palavras fora demais. Palavras são ondas energéticas que se propagam de forma circunscêntrica e crescente, até se diluírem no ar. Um "eu te amo" se dilui numa despedida muda e ele estava só de cuecas.

A blusa da mulher era acetinada. Escorregou... os cabelos quiseram prender, mas era só dengo, os seios já esperavam, endurecidos. Um estalar do fecho de pressão da calça comprida, a calcinha retirada com a ponta dos dedos dos pés. Movimentos profundos.

As roupas da mulher não flutuaram no ar. Se despojaram em dobras e meneios, roçaram no cobertor, atirado ao acaso, e encontraram as dele, que aguardavam cheias de receio, desde a noite anterior. Os tecidos se aconchegaram.

Ele não queria entrar logo, ela não queria esperar. Tomou-o na boca como quem faz o que quer.

— Vem... você vai gostar.

Movimentos densos. Nunca se acerta o caminho de primeira. Um instante para se sentir dentro, é real. Movimentos autônomos, insinuantes buscas, momentâneos desencontros, encaixes e escapadas, ritmos que se alternavam procurando se completar, uma mordida mais brusca, um leve empurrão repreensivo, um olhar desconcertado, um puxar de volta, um afogar no beijo, relaxar, um aperto mútuo, e as roupas, do chão, assistiram a dois corpos se desprenderem.

— Eu gozo tanto... fico envergonhada.

— Do quê?

— Sua cama está toda molhada!

— Verdade... ela nunca foi tão abençoada.

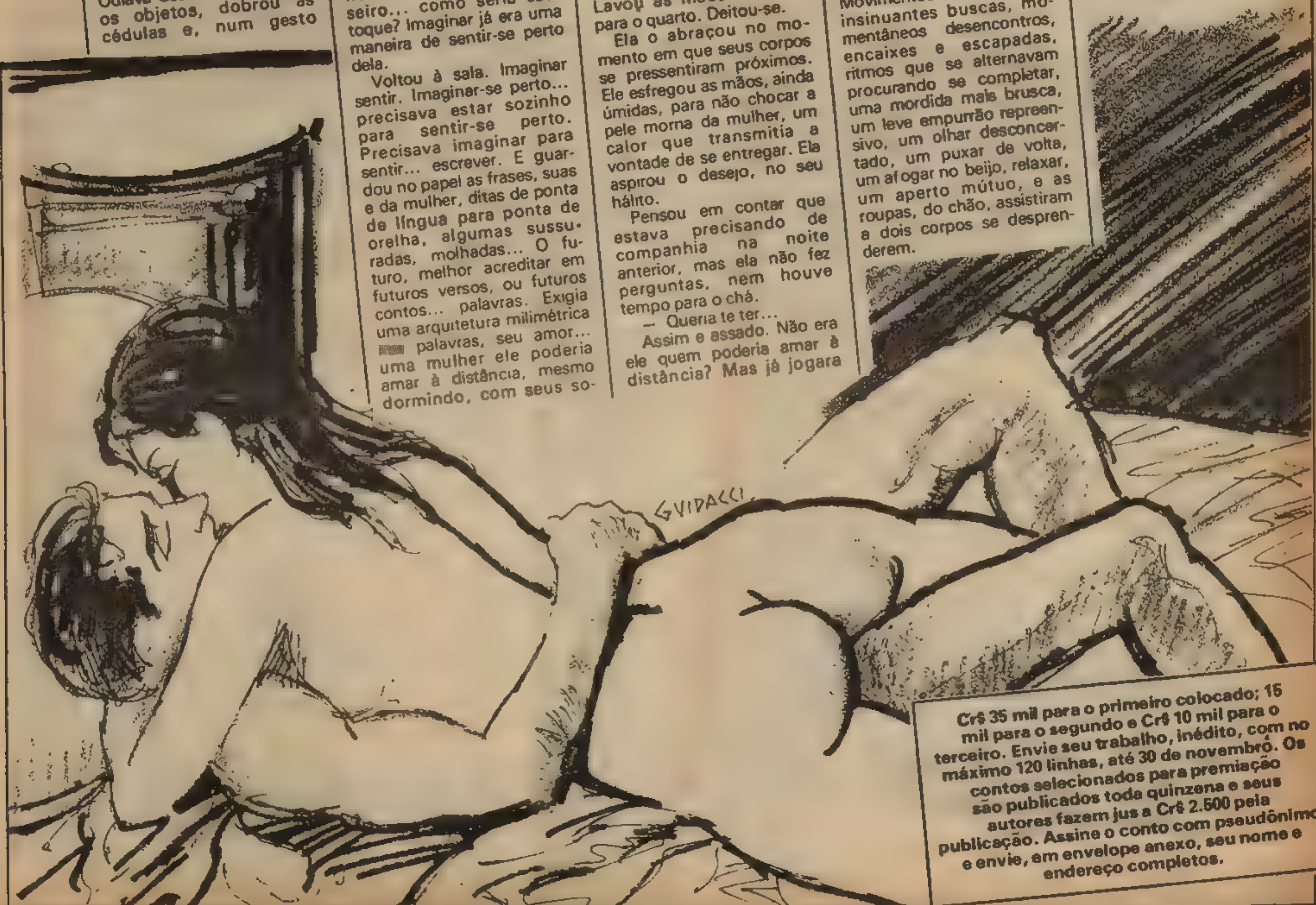
— Você acha isso bonito?

— Acho.

— Eu também.

Ela abraçou seu pescoço, terna, fechou os olhos. Ele deixou seu corpo embeber-se naquela poça... achava bonito! E que importância poderia ter se era amor ou não, se era "o" amor que ele queria receber? A escuridão do quarto compactou-se sem mais adversários para feri-la de nuances com seus movimentos. E ele adormeceu, profundamente, afagando os pêlos da mulher.

Luiz



Cr$ 35 mil para o primeiro colocado; 15 mil para o segundo e Cr$ 10 mil para o terceiro. Envie seu trabalho, inédito, com no máximo 120 linhas, até 30 de novembro. Os contos selecionados para premiação são publicados toda quinzena e seus autores fazem jus a Cr$ 2.500 pela publicação. Assine o conto com pseudônimo e envie, em envelope anexo, seu nome e endereço completos.

O meu dela é a curiosidade

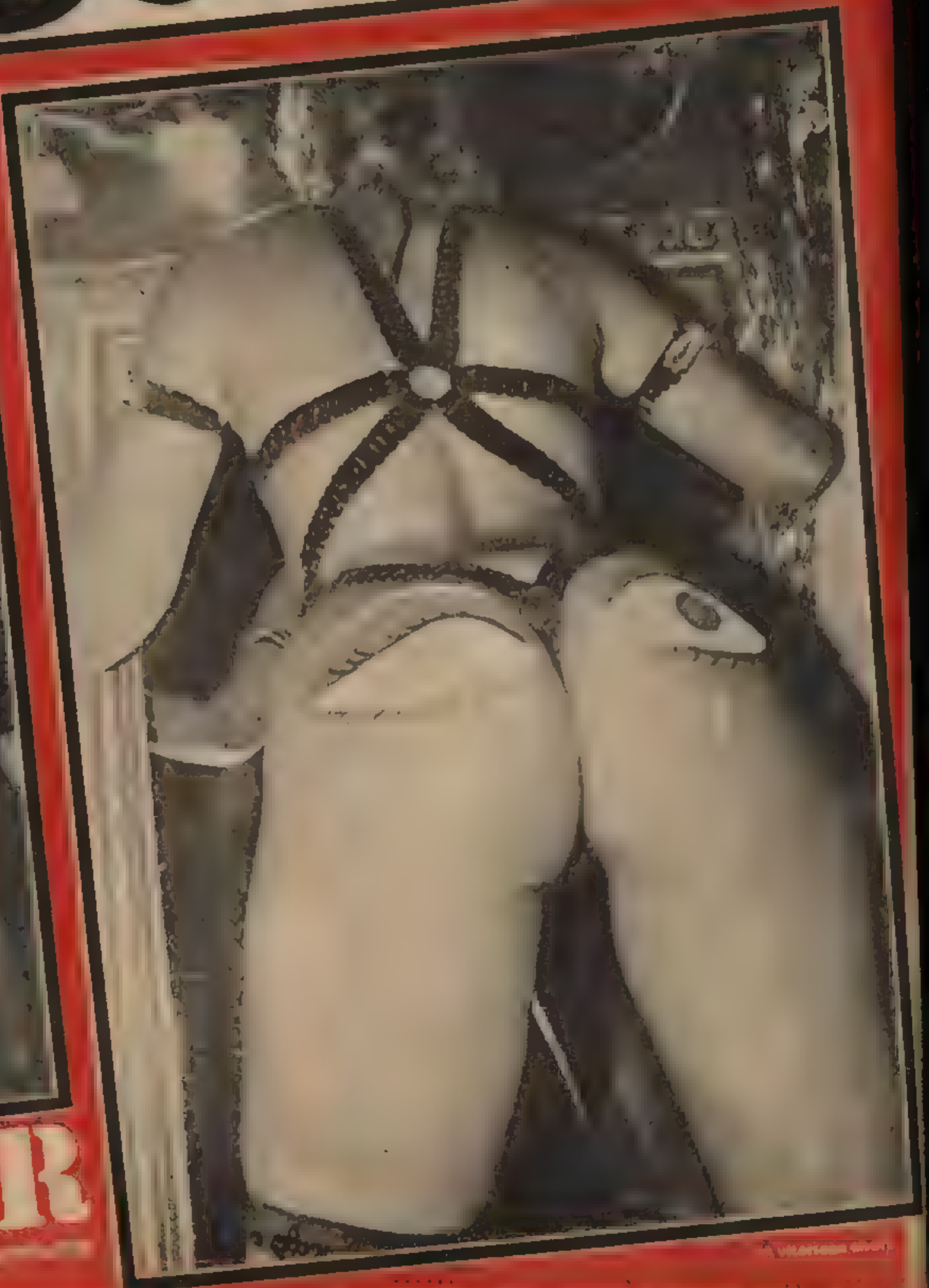
Os peitinhos empolgaram mais que os bumbuns

A NOITE DO BUMBUM

Foi na boate Bataclan, Rio, sexta-feira, 18 de setembro. As meninas do *show* dirigido por Esther Tarcitano desfilaram para um júri onde estavam o ex-senador Aarão Steinbruch e um representante da Caixa Econômica Federal. Concorriam elas aos títulos de *Miss Bumbum* e *Miss Peito*, "uma armação da boate e da Esther para aumentar o faturamento", no dizer de uma das favoritas, que pediu molta ao repórter.

Mas valeu: a casa encheu, a rapaziada se lambuzou com tanto bumbum e as meninas tambem aumentaram seu próprio faturamento.

Eduardo Homem



REPORTER

REPORTER

ESPECIAL

outubro de 1981 - Cr$ 50,00 - AUTÔNOMO INDEPENDENTE

A MORTE DE MARIEL

FOTOS EXCLUSIVAS

2ª EDIÇÃO

O homem de Ouro agoniza. O jogo do bicho o matou. P.7

REPORTER viu Mariel morrer!

Eram aproximadamente 17 h 45 minutos.No bar Sujinho,famoso na rua Miguel Couto,perto da rua do Acre,o repórter ouviu muitos tiros.De repente,dobrando a esquina da rua Mayrink Veiga vem correndo uma mulata blusa amarela,28,30 a - nos,parecia prostituta da praça Mauá,que fica a dois quarteirões. Ela vinha assustada.Trans - tornada.Mexia uma bol - sinha,virava o rosto de um lado para o outro.Todo mundo parou para o - lhar.Era como se ela estivesse fugindo de algo que a assustara.O repórter saiu correndo,foi à redação,desceu com a máquina fotográfica.Achava que ia fazer mais um crime,alguns cadáveres. Talvez desse uma nota . Gastou cerca de três minutos.Quando botou o pé na rua,sentiu o clima . Foi o Mariel!Foi o Mariel!O pessoal gritava e dava força:"Dá-lhe re - pórter!"se deu bem,vai fotografar o Mariel! É isso aí!Aquilo mostrou a importância do momento e o entusiasmou.A rua Alcântara Machado,local do crime,a segunda transversal da rua do Acre,à direita de quem sobe para a praça Mauá, é praticamente um beco que dá ligaçao com as ruas Mayrink Veiga e Visconde de Inhaúma,Um cordão de populares e PMs impedia a aproximaçao.O repórter começou a berrar que era jornallista,pedia passagem. Sentiu um certo apoio Venceu a primeira barreira e chegou à segunda,um grupo de policiais militares,cercava o Passat cinza metálico placa RJ-YQ 3206.O para brisa estava estilhaçado,furos por toda parte,começando pelo lado do motorista.O corpo estava caído,nao se via o rosto,mesmo porque tinha muita gente na frente.O repórter chegou mais perto;o primeiro PM nao facilitou nada.

O segundo, um gordo de bigode, deu espaço. Nesse momento um outro policial levantou Mariel. Ele ainda estava vivo. O repórter sentiu sua agonia e pensou: -Esse cara não dá sorte comigo. Toda vez que eu encontro, ele está numa pior! Mariel teve uns espasmos, a cabeça foi pra frente e prá trás Ele estrebuchou e fechou os olhos. Desde que o repórter deu o primeiro clic na máquina, tinha se passado um minuto. A essas alturas, ele estava com meia cabeça dentro do carro. Ouviu o motor ligado e tempo todo. Mariel estava indo embora, tinha ido à Embrafilme, diziam os populares. Tudo tinha sido uma surpresa. Crime profissional e premeditado. O PM, com o corpo de Mariel seguro por colega seu no banco de trás, pisou no acelerador e arrancou. O PM gordo de bigode gritou pro repórter: -Vamos pro Souza Aguiar! Era o Pronto Socorro mais próximo.

No hospital, muita polícia. No pátio, três Patamos estavam cercando o Passat. O comentário era que Mariel Mariscot, ex-homem de ouro da polícia carioca, membro do Esquadrão da Morte, mito da crônica policial dos anos 70, estava morto. Como na rua, na hora do assassinato, ninguém parecia comovido. Nem os policiais. Todo mundo segredava a notícia. ninguém lamentava. O PM gordo de bigode viu o repórter e começou a comentar em voz alta: -Foi ele que fotografou o Mariel! Sozinho! E pra mostrar reverência, chamou o jornalista a um canto e lhe mostrou, com permissão pra fotografar, umas cápsulas que tinha tirado da camisa de Mariel O repórter lembrou que vira muitas delas no banco de trás do Passat e sentiu que o PM queria alguma coisa, mas não deu importância ao lance. Aí começaram a chegar os jor nais e a televisão. Pela ordem: TV Globo, o Globo e Última Hora. Aumentou a confusão. Depois de fotografar o carro vazio, todo o mundo queria o corpo Nosso repórter lembrou de Mariel, olhos ainda abertos, cheios de sangue, qu até melou seus pulsos. E teve certeza do seguinte: ele não teve tempo de qua quer reação. Na bolsa ca panga levava uma 7.65, um 45 e dois pentes de balas A bolsa estava fechada, n deu tempo de abrir. Há um ano, quando o mesmo repór ter o surpreendera em pleno romance com uma jovem na Cinelândia, ele guardava uma escopeta na mala d um Cercel. Agora tinha ar ma na mão, mas dançara. la situação em que morreu dava pinta de que se julg va muito maior que o beco em que seus três matadore o acertaram.

Nisso, um homem grande paletó, mãos no bolso, se aproximou.

Disse: - Não fique assustado! Foi o Mariel mesmo? Ele morreu? Qual é o seu jornal?

Parecia um daqueles m fiosos que vai ao local d crime pra saber se a víti morreu de fato.

O trabalho do repórter Chiquito Chaves tornou possível esta edição especial.Suas fotos mostram como a notícia ainda pode emocionar os profissionais de Imprensa.

REPORTER

EDITORES — Eduardo Homem, Luiz Alberto Bettencourt, Pipsi (Arte)

REPORTAGEM — Rio de Janeiro: Tim Lopes, Francisco Viana, Ricardo Bueno São Paulo: Alex Solnik, Rivaldo Chinem. Recife: Beth Salgueiro Salvador: Mariluce Moura

FOTOGRAFIA Rio de Janeiro: Chiquito Chaves São Paulo: Manoel Isidoro. Recife: Valdir Afonso, Gleide Selma

ARTE — Ana Maria Martins, Guidac ci

CIRCULAÇÃO - Simeão Marques

PUBLICIDADE — Maria Izabel Rodrigues Azedo (Rio), Isaias Justo Reis (São Paulo)

DEPARTAMENTO JURÍDICO — Luiz Celso Araújo (Rio), Carlos Eduardo Costa Pereira (Recife)

REPORTER Autônomo Independente é uma publicação da MARGEM S.A. EDITORA E GRÁFICA. Rio de Janeiro: rua Miguel Couto 134/11.º Tel 253 5038 253 5077 São Paulo: rua do Seminario 165, sala 30 Tel 227 7175

Impressão Editora Mory rua r Resende 65, R

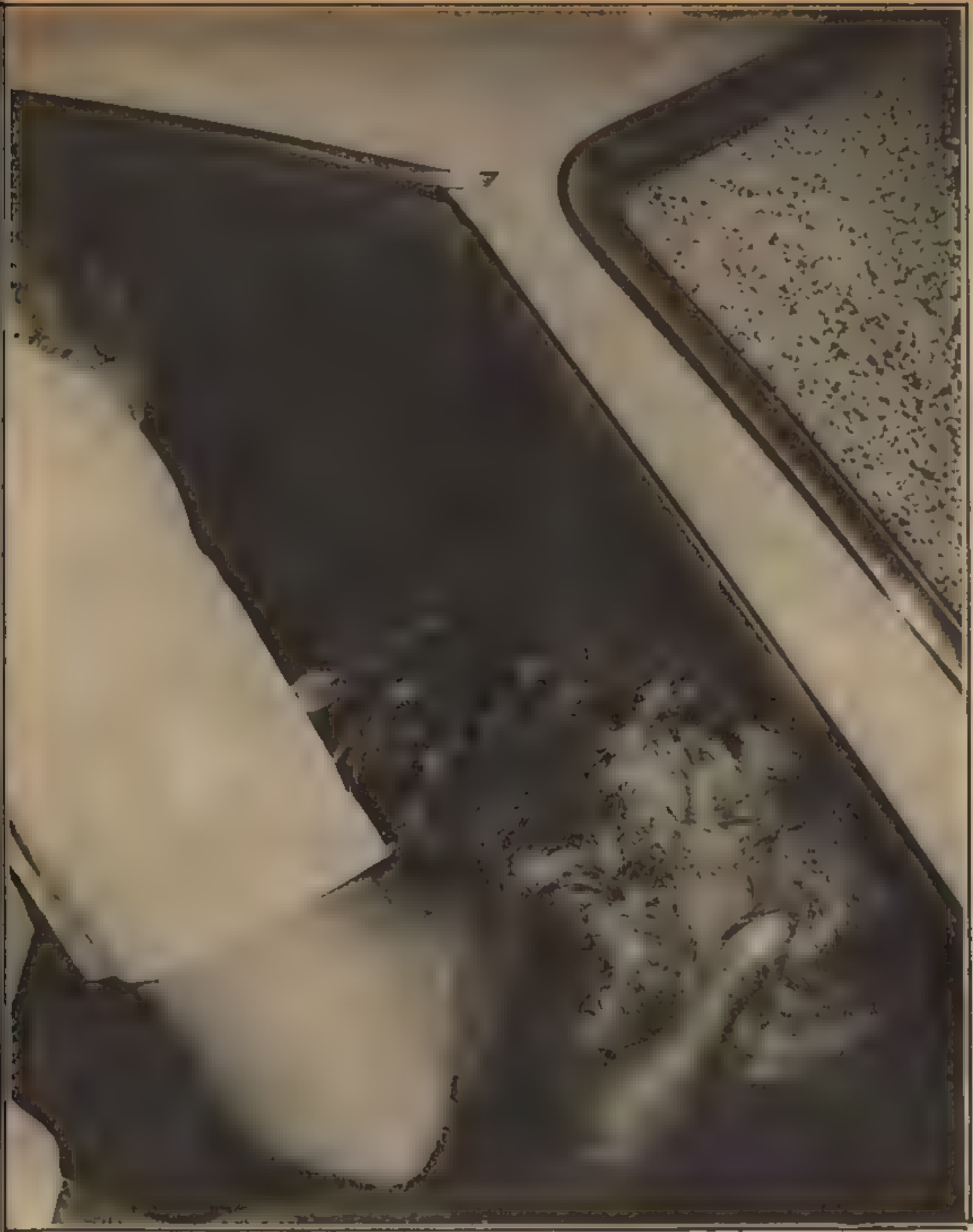
Ele morreu na frente do repórter.Teve um espasmo,os olhos fecharam.

As fotos da morte de Mariel, o policial

Fotos Chiquito Chaves

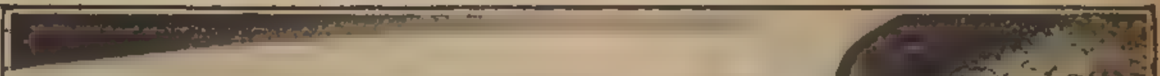
Mariel atingido,tombou sobre o banco do Passat.

O PM tentou levantar o corpo,ferido de morte



Vidro estilhaçado, corpo ainda vivo

Olhos abertos, Mariel estrebuchou...


Logo depois, suspirou

Preso, Mariel pedia a bençao do cardeal Eugenio Sales para melhorar sua imagem.

"Os chefes da polícia são uns bunda-mole"

Mariel Mariscot de Matos, ex-guarda-vidas da praia de Copacabana, entrou para a polícia em 1959. Acusado de ter chefiado uma das facções do Esquadrão da Morte acabou sendo preso em 1971, quando se apresentou para prestar depoimento na Delegacia de Homicídios. Foi, então, enviado para uma cela fria e úmida do DOPS e depois passou por quase todos os estabelecimentos penais do Rio.

Acabou indo parar na Ilha Grande, onde ficou preso dois anos. Fugiu para ser recapturado 73 dias depois. Famoso, arrogante, amante de mulheres bonitas e conhecidas (como a ex-atriz Darlene Glória), Mariel cumpriu grande parte de sua pena na Unidade de Prisão Especial, um pavilhão anexo à Penitenciária Milton Dias Moreira, na rua Frei Caneca.

Lá Mariel viveu numa kitchenete confortável, com televisão, rádio, sofá, quadros na parede, etc. Em súa cela havia uma cozinha improvisada e instalações sanitárias. Além disso, ele tinha liberdade para receber mulheres em sua sala e frequentemente foi visto em liberdade em diversos pontos do Rio de Janeiro apesar de estar condenado a oito anos de prisão. Não chegava a ser uma surpresa, por exemplo, esbarrar com Mariel num dos bailes do Cordão do Bola Preta - conhecido clube carnavalesco do centro do Rio de Janeiro.

Em maio de 1978 (ainda em cana), Mariel - um dos Homens de Ouro da polícia carioca - deu uma entrevista ao REPORTER - em que dizia entre outras coisas o seguinte:

"Já matei mais de 300. Mas só safado".

"Eu já matei diversos, mas não tirando alguém da prisão. Mato e fico no local. Tenho dois crimes assim e fiquei no local. Poderia muito bem ter abandonado os corpos em qualquer lugar. Mas os dois foram morrer no pronto-socorro".

"Bom policial é o que vai pro luta, que vai pra guerra, que troca tiro com bandido e que se mata, em consequência. Homens que têm culhão roxo, que sabem que existe o mal necessário, homens que sabem que a polícia não pode viver apenas de burocratas".

"Quer saber de uma coisa? Os chefoẽs da polícia carioca são todos uns bundas moles".

"O Lúcio Flávio virou herói nacional. Um herói que só está fazendo espalhar o cancer na nossa sociedade. Fazendo com que os jovens ainda inexperientes, ainda sem presonalidade formada, sigam o bom exemplo de um crápula, um canalha".

O encontro com o seqüestrador do embaixador

Três militantes do Movimento Revolucionario 8 de Outubro , MR8, iam de carro pela rua Paulo de Frontin, no Rio Comprido. Era Janeiro de 1970, a Secretaria de Segurança do Rio de Janeiro acabara de lançar os Homens de Ouro, policiais selecionados que iriam combater os bandidos no Estado. Mariel, um deles, parou seu Corcel ao lado do Volks em que estavam os três militantes do MR 8. Djalma, na direção do Volks, havia sido parceiro de Mariel em peladas de praia no Leblon e nas rodas de chope de fim de semana. Djalma, naquele momento era procurado em todo o país como um dos sequestradores do embaixador americano Burke Elbrick. Mariel, naturalmente, olhou para o motorista do carro ao lado, e reconheceu Djalma. Este, pressentindo o perigo, alertou:

- É o Mariel Mariscott e ele me reconheceu.

Automaticamente, os três militantes do MR-8 engatilharam suas armas, mas o sinal abriu. Mariel sorriu e arrancou com seu carro pela Paulo de Frontin, enquanto Djalma e seus companheiros dobravam a Barão de Itapagipe.

Mariel põe a mão no rosto e, depois, ameaçou o fotógrafo

No vidro do carro, o emblema do Esquadrão da Morte

Morte de Mariel esfria guerra do bicho

Foi briga de máfia
mesmo.Num clima de
Don Corleone tupini-
quim,o albergado Ma-
riel Mariscot foi as-
sassinado por três pis
toleiros no centro da
cidade.Ele foi alveja
do quando estaciona -
va seu carro na rua
Alcântara Machado,em
frente a Copa Rio I-.
mobiliária,onde se re
alizaria uma reunião
com os maiorais do jo
go do bicho,entre e-
les,Anísio de Nilópo-
lis,Manola e Zinho e o
anfitrião Raul Capi -
tão,que banca o jogo
no centro da cidade.
A informação foi da-
da por um policial
ligado ao banqueiro Ra
ul Capitão,no pátio
do Instituto Afrânio
Peixoto,para onde o
corpo de Mariel fora
levado.Ele insinuou
que o crime fora en -
comendado pelos con-
traventores Ângelo Ma
ria Longa, e Tio Pa-
tinhas e Miro,os úni-
cos que não estavam
na reunoão que teria
sido convocada para
acalmar os ânimos dos
mais exaltados.O mundo
do bicho está em guer
ra.E tudo é pela ex-
pansão dos negócios.
Começou quando
Marquinhos,um jovem de
25 anos,aproximadamen
te,herdeiro do império
de seu pai,Raul Capi-
tão,um dos mais anti-
gos contraventores do
estado,resolveu ampli
ar os seus domínios.
Se associou com Wilson
Chuchu,filho de Mano-
la e com Mariel Maris
cot,que só entrou com
a disposição e a co
ragem,que nunca perdeu
nem nos piores momen-
tos de Ilha Grande.
Os três atravessaram
a ponte e foram falar
com o Jorge Elefante,
dono dos pontos de Ni
terói.Segundo comen-
tários do pessoal do
mundo da contraven -
ção,era negócio em
torno de 48 milhões.
Chegaram a dar uma
grana de sinal,quan-
do Ângelo Maria Lon-
ga,o Tio Patinhas,que
domina a área de Vila
Isabel e zona sul,
soube da transação e
imediatamente pressio
nou Jorge Elefante pa
ra desfazer o trato.
Na realidade,os pon-
tos são de Jorge,mas
quem faz a descarga,
segura o movimento,e
o Tio Patinhas.A tran
sação desfeita pelo
telefone,deixou irri-
tado o pessoal do Ra-
ul Capitão e mais uma
vez,Mariel apareceu
nas cabeças,comandan-
do a destruição dos
pontos de propriedade
de Jorge Elefante.
Com certeza foi a úl-
tima ação comandada
pelo ex-policial,ex-
homem de ouro,ex-
guarda costa de mi -
nistro,Estava selada
a sua sorte.Até por -
que ele já era aponta
do como suspeito do
desaparecimento do
banqueiro de bicho ,
"China da Saúde",o-
corrido no dia 1º de
setembro,quando ele
foi sequestrado e es-
tá desaparecido ate
hoje.Esse zum-zum-
zum circula entre
alguns policiais,ex-
policiais e informan-
tes que estavam no I
ML,esperando a libera
ção do corpo.O carro
do banqueiro foi en-
contrado abandonado e
com as portas escan -
caradas,no vão central
da ponte Rio-Niterói.
De lá pra cá "caiu"
gente dos dois lados
Eo presunto mais ca-
ro,sem dúvida,foi o
de Mariel.A repercur-
são desse crime deve
esfriar,por um tem-
po,o mundo do jogo do
do bicho,evitando as-
assim,que o poder po
licial dirija suas a
tenções para os pode
rosos chefões.

Até ministro protegia ele

Chefe de Segurança da Usina Nuclear de Angra dos Reis.Em agosto de 79,Reporter denunciava:aColigação Policial entidade que congregava cinco associações,anunciava que o ex-policial estava sob proteção do ministro Mário Andreazza e que,brevemente,seria libertado com ocupação garantida.A informação jamais foi desmentida pelo governo ou pela polícia.O prazo não foi cumprido mas a livre circulação do ex-homem de ouro fica comprovada no flagrante que REPORTER fez em janeiro de 81, na Cinelândia: ele estava em liberdade vigiada,mas namorava tranquilamente.

TESTEMUNHA RECONSTITUI O CRIME:

ASSIM MORREU MARIEL

O Passat parou na fortaleza de Raul 'Capitão', onde estavam os seguranças do Anísio de Nilópolis. O negro, que seguia o carro, virou-se e disparou. A testemunha ainda viu o fogo ser respondido e o matador fugir agachado pela calçada.

2ª EDIÇÃO

REPORTER

Novembro de 1981 — Nº 54 — Ano V — Cr$ 70,00 AUTÔNOMO INDEPENDENTE

Ir ao ponto agora e' perigoso

BICHO, O JOGO DA MORTE

P. 3 a 7

Imprensa militar e' alto negócio

p. 18 e 19

Moça do Bradesco e' obrigada a dar tudo

P. 14 e 15

OS TRAPALHISTAS

HIPOCRISIA!

O assassinato de Mariel Maryscotte trouxe à tona, pela primeira vez no governo Chagas Freitas, a podridão do mundo da contravenção. Mas permite constatar que a ação policial, corrompida e corruptora por excelência, é o que de pior existe na organização do jogo-do-bicho.

O célebre PP (Pagamento da Polícia), ao multiplicar muitas vezes os baixos salários de detetives, escrivães, comissários e delegados, cria um grande obstáculo à legalização do jogo. Muito simples: todos os atuais beneficiarios da jogatina sabem que, removidos os impedimentos legais ao jogo, o governo federal irá arrumar uma maneira de abocanhar a parte do leão nos lucros. Banqueiros, bicheiros, policiais e até apostadores verão seus ganhos serem reduzidos pela insaciável burocracia governamental.

É assim com a Loteria Esportiva – o que ganham os clubes e os jogadores, que são os artistas do espetáculo? É assim com a Loteria Federal e com a Loto, esta criada sob o pretexto de acabar com o jogo-do-bicho de verdade.

Hipocrisia não falta aos nossos dirigentes. Faltou-lhes, até agora, a invenção de uma fórmula que permita ao Estado transformar-se no único banqueiro do país, livre da concorrência dos milhares de bicheiros independentes. Enquanto isso, o bicho continua na ilegalidade e o jogo corre o risco de cair na clandestinidade.

É lamentável ver e ouvir um oficial do Exército, como o coronel Cerqueira, comandante da PM do Rio, dizer que "bicheiro e ladrão é a mesma coisa e devem ser reprimidos", e não ver nem ouvir um pronunciamento do ministro do Exército ou do comandante do I Exército sobre as declarações prestadas pelo capitão Aílton Guimarães ao jornal O Globo. Esse militar, que esteve na ativa do Exército até maio passado, se gaba de estar no bicho há mais de três anos, de ter aprendido a malandragem do crime organizado fazendo contrabando e ainda goza desafiando quem quer que seja a provar que ele é um contraventor.

Como, então, alguém pode levar a sério a repressão que os soldados e oficiais da PM desencadeiam sobre apontadores e apostadores do jogo-do-bicho?

Quisesse o governo resolver o problema, teria ele, em seu próprio partido, o PDS, pelo menos dois governadores com experiência no assunto. Marco Maciel, de Pernambuco, e Tarciso Burity, da Paraíba, deixam o jogo correr solto nos seus estados. Lá, banqueiro não disputa território de outro banqueiro, não existe a propina porque a polícia está proibida de reprimir, e quem quiser recolher apostas basta instalar uma banquinha na porta de um estabelecimento comercial e se filiar a alguma das muitas casas lotéricas existentes. Essas casas lotéricas são as empresas dos grandes banqueiros e o imposto é cobrado pelo Estado, obrigando cada um deles a absorver um número determinado de bilhetes da Loteria Estadual toda semana. Isto, além das doações para hospitais e instituições de caridade.

Desse jeito, ganha todo mundo, menos a polícia e a burocracia do governo. Justo os que complicam a guerra no Rio de Janeiro.

1 A partir desta edição, REPORTER volta à sua periodicidade mensal. Pretendemos, no entanto, intercalar os números normais com especiais, através de reportagens exclusivas, como fizemos com a morte de Mariel ou com coberturas de grandes acontecimentos – a final do campeonato de futebol do Estado, por exemplo. Desde já anunciamos para o final de novembro uma dessas edições: as melhores fotos e fotomontagens publicadas por este jornal nos seus quatro anos, que comemoramos este mês.

Acreditamos que, com a crise econômica e a queda de vendas que atingiu todos os órgãos de imprensa, este é o caminho para oferecer ao leitor trabalhos mais atraentes.

2 A edição especial – A morte de Mariel – O Homem de Ouro agoniza. O jogo-do-bicho o matou – vendeu mais de 20 mil exemplares no Rio de Janeiro em menos de uma semana, e cerca de 15 mil nos outros estados. As fotos do ex-policial, ainda vivo, e a primeira versão sobre os interesses que levaram ao assassinato emocionaram o Rio, cidade na qual a edição circulou desde as primeiras horas de sexta-feira, dia 9 de outubro, junto com os grandes jornais diários. O sucesso de público e a repercussão no próprio meio jornalístico tornaram Mariel uma edição histórica na vida do REPORTER, prova de seu fôlego, fiel à sua origem: a reportagem colada nos fatos, com cheiro de verdade.

REPORTER

EDITORES – Eduardo Homem, Luiz Alberto Bettencourt, Pipa (Arte)
REPORTAGEM – Rio de Janeiro: Tim Lopes, Francisco Viana, Ricardo Bueno. São Paulo: Alex Solnik, Rivaldo Chinem. Recife: Beth Salgueiro. Salvador: Mariluce Moura
FOTOGRAFIA – Rio de Janeiro: Chiquito Chaves. São Paulo: Manoel Isidoro. Recife: Valdir Afonso, Gleide [redacted]
ARTE – Ana Maria Martins, Guidac- [redacted]
CIRCULAÇÃO – Simeão Marques
PUBLICIDADE – Maria Izabel Rodrigues Azedo (Rio), Isaías Justo [redacted]

DEPARTAMENTO JURÍDICO – Luiz Celso Araújo (Rio), Carlos [redacted]

REPORTER Autônomo Independente é uma publicação da MARGEM S.A. EDITORA E GRÁFICA. Rio de Janeiro: rua Miguel Couto 134/11.° Tel: 253-5038/253-5077 São Paulo: rua do Seminário 155, sala 30 Tel: 227-7175

Composição – Editora Mory, rua do Resende 65, RJ
Impressão – Gráfica e Editora Jornal de Hoje, rua Kennedy 101/111, Nova Iguaçu, RJ

Banqueiro arrasa banqueiro
Polícia mata polícia
Secreta da PM invade os pontos
Todo mundo está com medo de arriscar um palpite

Reportagem de Tim Lopes, Francisco Viana, Luiz Alberto Bettencourt, Rivaldo Chinem, Chiquito Chaves e Eduardo Homem. Fotos de Chiquito Chaves.

A MORTE RONDA O BICHO

A redação do REPORTER fica no prédio em que o banqueiro *Raul Capitão* mantém um escritório. A rua é a Miguel Couto, paralela à Alcântara Machado, centro da cidade, onde fica a fortaleza do banqueiro, local do assassinato de Mariel Maryscotte. O movimento da área mudou. É só sair na rua, passar pelo baleiro, sentir o clima da barbearia. O resultado do jogo era colado nas paredes de todos os estabelecimentos comerciais da rua. Agora, ir ao ponto, escrever palpites, virou atividade marginal. Coisa perigosa, cercada de medo — espreita e esquema como comprar maconha em boca. O mundo do jogo-do-bicho está em guerra e já tem muitos cadáveres. Mariel, ex-policial, ambicioso, juntou dinheiro e estimulou a vaidade de dois garotões — Marquinhos, filho de *Raul Capitão* e *Wilson Chuchu*, filho de *Manola*, também banqueiro. Tomaram atitude agressiva, arrocharam pontos, revidaram quando *Jorge Elefante*, banqueiro de Niterói, desfez a venda de alguns pontos e devolveu Cr$ 11 milhões, um de juro. Foi a gota d'água para a cúpula da contravenção — Castor de Andrade, Angelo Maria Longa, o *Tio Patinhas*, Aniz Abraão David, o *Anízio* da Beija-Flor, — *Aroldo da Saens Peña* e *Antônio turcão* — que já tinha decidido abalar o império de *Capitão* no centro da cidade, em proveito da nova patente do jogo, o ex-capitão do Exército Aílton Guimarães, que abandonou a carreira militar e disputa agora a quarta estrela entre os banqueiro de bicho.

Bicheiros e apostadores passaram a ser perseguidos e presos pela PM, sobretudo na área onde Mariel tombou. As fotos mostram uma blitz na rua Mayrink Veiga.

Morte de Mariel impôs trégua entre banqueiros

— Deram um tiro na nuca e jogaram o corpo dele de cima da ponte com um peso de 50 quilos amarrado nas pulseiras (algemas). Foi com *halteres de cadeia*: o preso enche duas latas de cera com cimento, põe uma haste no meio, espera secar e faz exercícios físicos com aquilo. O China foi pro fundo com esse peso.

Foi assim que morreu o **China da Saúde**, segundo um policial ligado à contravenção. E disse mais: que o dono da maioria dos pontos da Lapa, Glória até o Leblon (quem banca é o **Tio Patinhas**) vinha, na noite de 1º de setembro, de uma reunião com outros banqueiros nos balneários de Itaipu e Piratininga, recanto preferido pelo pessoal da contravenção e da polícia. O principal acusado do desaparecimento de China da Saúde teria sido Mariel, que errou o bote. Ou, segundo esse mesmo policial, ele fez o serviço pela metade. Quem iria morrer também era o detetive Francisco Queiróz Ribeiro, o **Chiquinho**, da Delegacia de Roubos e Furtos de Automóveis. Ele fora segurança do banqueiro **Raul Capitão**, tornando-se seu rival ao conquistar-lhe a mulher. **Chiquinho** começou então a trabalhar com **China da Saúde**, passando de seu segurança a sócio. Para **Raul Capitão**, e principalmente para seu filho Marquinhos, foi demais a *gracinha* que **Chiquinho** fez para o herdeiro no Dia dos Pais.

— Não vai me cumprimentar pelo dia de hoje?

O agito da contravenção começou aí. Mas nem todos os corpos desaparecem e nem todos os cadáveres são carbonizados, como dita o figurino da máfia. E a morte de Mariel serviu para provar isso. O assassinato do ex-policial demorou muito para convencer alguns policiais, repórteres de setor e curiosos interessados em investigar o rumo das investigações de que os tiros que acabaram com a coragem do **Ringo de Copacabana** foram disparados pela própria máfia. Era um estorvo muito grande. Não teve nada de contrabando, nada de tóxicos. A emboscada que sofreu o albergado mais notório no entardecer do dia 8 de outubro, foi pra chutar por tabela o **Raul Capitão**, velho, trêmulo e sem forças. E que nunca jogou no primeiro time.

Foto de Custódio Coimbra

Marquinhos se emparava em Mariel para aumentar o território que herdará do pai, Raul Capitão. Anízio estava na Cap-Rio quando o Ringo foi fuzilado.

Afinal de contas, uma área como a Praça Mauá e adjacências não poderia cair — com o afastamento do banqueiro por motivos de doença — nas mãos inexperientes de seu herdeiro, o filho Marquinhos. Até porque o candidato a chefão contava com o apoio de Mariel e de **Wilson Chuchu**, filho do banqueiro **Manola**, da Praça Tiradentes. No meio da contravenção, **Wilson Chuchu** é considerado abusado, desde que tirou carteira de valente quando deu uns tiros, há dois anos, em outro bicheiro, em pleno **Berro da Paulistinha**, uma festa de rua para travestis patrocinada por **Manola** uma semana antes do Carnaval, num trecho da avenida Gomes Freire, centro do Rio.

Esse trio — Mariel, **Wilson Chuchu** e Marquinhos — começou desafiando os maiorais do jogo, principalmente do outro lado da baía, onde quem manda é o capitão Guimarães, convidado para ser banqueiro por Angelo Maria Longa, o **Tio Patinhas**, quando da fusão dos dois Estados. A transação desfeita pelo bicheiro **Jorge Elefante**, por pressão do capitão Guimarães, o **Guima**, como seus colegas de farda o chamavam, provocou uma reação de Mariel e seu grupo, que começaram a quebrar os pontos em Niterói. Apesar do grupo ter recebido o cheque de Cr$10 milhões de volta e mais Cr$1 milhão como ágio. Segundo consta, Mariel teria exigido os Cr$10 milhões e mais Cr$10 milhões a título de juros. Isso reforça a tese de que o dinheiro para a compra dos pontos em Niterói deveria ser do ex-policial, que o teria conseguido com seus *contratos* e percentagens em assaltos realizados por albergados. Mesmo porque seria difícil **Raul Capitão** entregar Cr$10 milhões nas mãos de seu filho para este comprar pontos em outro território, transação geralmente feita a nível de cúpula. E Mariel, que queria ser banqueiro, não ia entrar para o rol dos grandes só com sua disposição. Não seria aceito. Estava declarada a guerra, e que colocou na arena alguns policiais do Rio e de Niterói que vendem proteção e são gerentes de pontos de bicho.

Nas várias reuniões no apartamento da praia de Icaraí, comandadas pelo capitão Guimarães, ex-oficial do Exército processado por contrabando, foram traçados planos de força contra o abuso do grupo do outro **capitão**, o Raul, e seu filho Marquinhos. Nesse momento foi selada a sorte do ex-Homem de Ouro. Outras reuniões e bate-papos antes da execução aconteceram nos bares *Vendaval*, em Piratininga, *Stop* e *Pingão*, em Itaipu, o mesmo cenário do desaparecimento de Misaque-e-Jatobá.

Para chefiar a *operação* contra Mariel, só um homem de confiança, corajoso e exímio atirador, como o delegado Calvino Bucker. Empregado dos banqueiros de Niterói, o delegado estava lotado no DGPC (Departamento Geral de Polícia Civil), chefiado por seu amigo Rogério Mont Karp.

O delegado Calvino — que responde a inquérito sob a acusação de ter comandado o metralhamento de um barco de pescadores, onde dois homens morreram, e por isso deveria estar encostado no "museu da polícia" — tinha, além dessa regalia, um Chevette vinho da própria polícia, um Volks branco e um Jeep de sua propriedade — segundo fonte da Secretaria de Segurança. Foi com essa caravana e com sua turma que o delegado, vindo de Niterói, começou a estourar pontos de bicho no Rio, dando o troco. Para disfarçar, ele chegou a dar três flagrantes: dois na jurisdição da 10ª DP, em Botafogo, e um na 21ª DP, em Bonsucesso. Isso, sem contar com as fortes suspeitas de ter seqüestrado o bicheiro Wagner Stabile, de Campo Grande, e **Chico Ruço**, dono de pontos no Caju, libertados depois de terem pago resgate.

As estrepolias do delegado Calvino já tinham chegado à Secretaria de Segurança, através de diversas reclamações de banqueiros, que não suportavam mais os achaques e as violências cometidas pelo policial e seu grupo. Um dos maiores queixosos era **Raul Capitão**, e os chefes da polícia sabiam que mais cedo ou mais tarde ia estourar uma grande confusão.

A reunião marcada na Cap-Rio para o fim da tarde do dia 8 de outubro (por coincidência, dia da morte de Che Guevara), era para discutir esses assuntos. Era uma reunião de acerto: seria declarada a guerra ou os banqueiros firmariam a paz?

Calvino e seu grupo estavam lá, nas cercanias, prontos para dar o bote ou para cobrar o preço da paz. Nisso, Mariel apareceu, chamado momentos antes pelo telefone.

Ele, com certeza, nunca

pensou que seria morto ali, em território amigo. Além do mais que o lugar está sempre cheio de seguranças e olheiros de **Raul Capitão**, de policiais e ex-policiais que aparecem para recolher o PP de todo dia.

Após o crime, tão logo baixou a fumaça dos tiros, **Raul Capitão** foi visto saindo da Cap-Rio amparado por Aniz Abraão David, o Anízio.

Depois, o silêncio. Um acordo entre os grandes banqueiros impôs a trégua entre os donos do bicho. E já que as suspeitas caíram sobre o delegado Calvino, deixaram que os próprios policiais, seus protetores, se defrontassem entre si, levando com isso o conflito para dentro da instituição policial. O feitiço contra o feiticeiro.

Não é provável, mas com as investigações pode até aparecer quem matou Mariel e, nesse caso, Calvino terá que melhorar sua história para sair da enrrascada em que se meteu. Ele diz que só atirou no assassino, mas o exame de balística prova que foram duas as armas que dispararam no ex-Homem de Ouro. E nem assim a polícia pediu para exame o revólver do delegado.

É tudo muito estranho. No próprio dia do assassinato de Mariel, todo mundo ganhou no *jacaré*. O curioso é que o milhar 4558, sorteado pela loteria *Paratodos* (dos próprios banqueiros), era justamente a placa do carro que, na véspera, serviu aos assaltantes do estaleiro Mauá, de onde foram roubados Cr$17 milhões, no maior assalto já realizado em agência bancária no país e até hoje não recuperados. Sempre que um número é divulgado publicamente, como foi esse (saiu na televisão e em todos os jornais) ele é imediatamente *cotado* nos sorteios, isto é, caso ele seja premiado, o valor do prêmio é menor do que normalmente. O milhar 4558 não foi *cotado* e deu na cabeça às 14 horas do dia 8 de outubro.

Muitos banqueiros pequenos tiveram enormes prejuízos, porque eles só descarregam nos grandes banqueiros apostas altas. E foram surpreendidos por milhares de pequenas apostas no milhar do assalto. Segundo algumas versões, esse prejuízo teria tornado muita gente vulnerável a propostas de compra de pontos, ou seja, favoreceria uma concentração do jogo em algumas mãos poderosas.

A guerra no bicho é sempre por expansão de domínios, o que provoca mortes. Geralmente os cadáveres somem, são incinerados, desovados em lugares de difícil acesso, destruídos por produtos químicos ou até mesmo emparedados. O assassinato de Mariel fugiu à regra.

Nas prisões do Rio, onde Mariel Maryscotte de Matos deveria estar, as pessoas de maior influência sempre sabem o que está para acontecer no submundo da cidade. Para esses presidiários, a morte do ex-Homem de Ouro não foi surpresa. Foi, sim, recebida com frieza e até com alegria por alguns antigos companheiros de cadeia.

Castor, sempre cercado de seguranças, rezou por Mariel e agora comanda o silêncio

Expoentes da bancada do bicho: Murilo Maldonado, de braços abertos, Ruy Queiroz, prefeito de Nova Iguaçu, e Amando da Fonseca, brindando.

Bancada do bicho tem 12 políticos e vai crescer

A bancada parlamentar do bicho é respeitável. No Rio de Janeiro há, pelo menos, 12 parlamentares, entre deputados federais, estaduais e vereadores, eleitos com ostensivo apoio dos bicheiros.

Na bancada, o PP é majoritário, com sete representantes, seguido pelo PDS, com cinco, e o PMDB, com apenas um parlamentar, o vereador Carlos Carvalho.

A influencia do jogo do bicho se estende também a toda política da Baixada Fluminense, onde os três principais prefeitos foram apoiados por bicheiros. São eles: Rui Queiroz, do PDS, prefeito da cidade de Nova Iguaçu: Américo de Barros, de Caxias, e Celestino Cabral, de São João de Meriti. Estes últimos são do PP.

Para o jogo-do-bicho, a eleição de políticos no Rio atualmente representa mais uma questão de **status** *e poder social junto às comunidades onde vivem os bicheiros do que propriamente influência no aparelho de Estado. Um deputado explica isso dizendo que, "politicamente, os parlamentares perderam a influência junto ao aparelho policial, controlado diretamente por brasília, não podendo, portanto, ingerir na nomeação de delegados "amigos" para as áreas de maior concentração do jogo, entre eles o Centro".*

Assim, a eleição dos políticos torna-se um negócio que dá prestígio, em moldes semelhantes ao que acontece com o patrocínio das escolas de samba que, na cidade, são todas custeadas por bicheiros, com uma única e honrosa exceção: a União da Ilha do Governador. Mas se a influência não chega a garantir uma articulação mais profunda com o sistema de poder, ela não é, evidentemente, irrelevante, e varia de bicheiro para bicheiro. Exemplos de bicheiros politicamente influentes: Anísio, de Nilópolis, e Castor de Andrade, este último já metamorfoseado num rico industrial, que se gaba de poder exibir amizades poderosas, como a do filho do presidente da República.

O poder de Anísio não vem apenas dos votos que ele distribui através da escola de samba Beija-Flor. Ele tem dois primos eleitos com seu dinheiro: Simão Sessin e Jorge David, ambos governistas, sendo que Jorge David é o líder do PDS na Assembléia Legislativa. Seu poder se estende a quase toda a Baixada garatindo eleições como a do prefeito Rui Queiroz, de Nova Iguaçu, onde a influência do PDS é muito grande, controlando toda a administração pública e a rede hospitalar.

Se colocada a questão em bom português, praticamente todos os políticos cariocas ambicionam, senão o dinheiro, pelo menos os votos do jogo-do-bicho. São 50 mil pessoas que vivem diretamente da contravenção, representando poderosa fonte de votos, se levado em conta que cada um deles tem família e influência em favelas e bairros pobres.

Todo político carioca conhece, no mínimo, um ou dois banqueiros de bicho. ***Carlinhos Maracanã****, por exemplo, é intimamente ligado a políticos influentes do PP e do PDS. Não faz distinção de siglas e se dá bem com todo mundo: ajuda a eleger os deputados Aluísio Teixeira, do PP, e Heitor Furtado, e o vereador Fleming Furtado, ambos do PDS. Na campanha de Fleming, Carlinhos se esmerou: financiou os cartazes de propaganda mais bonitos e luxuosos do último pleito. Seu esforço foi bem recompensado: na semana em que a morte de Mariel agitou os arraiais do jogo-do-bicho, seu nome figurava nos jornais como* **Idadão Carioca***, homenagem geralmente reservada a personalidades ilustres. Quem indicava Carlinhos Maracanã: Geraldo Araújo, do PP, e Aluísio Teixeira, ambos seus pro-[illegible]*

Na bancada do PP há ainda nomes como o de Ubaldo Oliveira, Joaquim Jóia, Amadeu Chacar — este se elege com votos dos bicheiros do norte fluminense, sem falar no próprio Miro Teixeira, que sempre contou, embora de forma menos ostensiva, com a máquina do bicho para elegê-lo. Não é à toa que no governo Chagas Freitas o bicho passou a ter liberdade consentida, só sendo reprimido em momentos de tensão, como na época que as polícias militar e civil estavam pressionando o governador para obter aumento de salário. A razão de tanto liberalismo oficial é palpável: votos e cruzeiros.

E são esse votos que os partidos vão continuar disputando em 82, agora todos por um mesmo caminho: o da legalização do jogo-do-bicho. Nesse ponto, PP, PDS e PMDB poderiam muito bem formar uma frente. O bicho, direta ou indiretamente, está no programa dos três, seja disfarçado sob a bandeira de acabar com a corrupção policial, seja sob a bandeira de resolver o problema da marginalidade dos bicheiros.

— E não são os partidos e os políticos que estão interessados no bicho — diz um parlamentar, que pede sigilo do seu nome. A Igreja e as instituições de caridade também correm atrás dos bicheiros. Em Copacabana há um padre que se tornou famoso, e todo dia em que há distribuição de propina do bicho ele fica rondando a "fortaleza", à espera do dinheiro que irá para sua igreja. Não é corrupção, não: é contribuição para ajuda aos pobres, como existe em toda Baixada e nos bairros pobres do Rio, onde o bicheiro, para ser bem visto e aceito sempre se empenha em ajudar alguma obra social.

Herança de Albano abre briga na contravenção

A doença e morte de Albano, que controlava absoluto o jogo-do-bicho em Niterói e São Gonçalo antes da fusão da Guanabara com o Estado do Rio, despertou o interesse de banqueiros menores de Niterói e de grandes banqueiros do Rio, que viam uma oportunidade de estender sua atividade a mais duas regiões em grande crescimento popu[redacted].

Passaram, então a penetrar em Niterói o banqueiro Jorge Elefante, ligado a Raul Capitão no jogo do centro do Rio, e um novato no ramo, Aílton Guimarães, cuja patente também é capitão, só que verdadeira, pois o homem, na época, ainda era oficial da ativa do Exército. Guimarães entrou em Niterói apoiado por um dos cinco grandes banqueiros cariocas, Angelo Maria Longa, o Tio Patinhas.

Os pontos de bicho do outro lado da baía foram ganhos na marra, com capangas de todos os grupos quebrando pontos de bicheiros menores para intimidá-los, tudo no melhor estilo da máfia siciliana.

Muita gente tombou na guerra e, entre a arraia miúda, um peixe grande: Agostinho Lopes, o Guto, banqueiro local que foi seqüestrado no Bairro Chique por um grupo de homens fortemente armados, após almoçar com o capitão Guimarães. Guto, que nunca mais foi encontrado, teve seu lugar ocupado por Sérgio Iris, o Serginho, policial lotado na 79ª DP, em Jurujuba, e amigo pessoal do capitão, de quem se diz ser o chefe de segurança. Esse episódio selou a divisão da jogatina na antiga capital fluminense e colocou Aílton Guimarães no primeiro posto da contravenção na região de Niterói e São Gonçalo.

Atrás dele, Jorge Elefante, amigo de Raul Capitão, pai de Marquinhos, o garotão amigo de Mariel que um dia pensou estender os domínios do pai para o outro lado da baía da Guanabara. O lance inicial era comprar os pontos de Jorge Elefante, ao mesmo tempo em que, contando com os serviços do ex-Homem de Ouro, Mariel Maryscotte, estourava pontos do capitão Guimarães para enfraquecer o [redacted].

Homem da capa verde espreitava no Forum

O calibre e as armas que dispararam as balas ainda não foram definitivamente determinadas

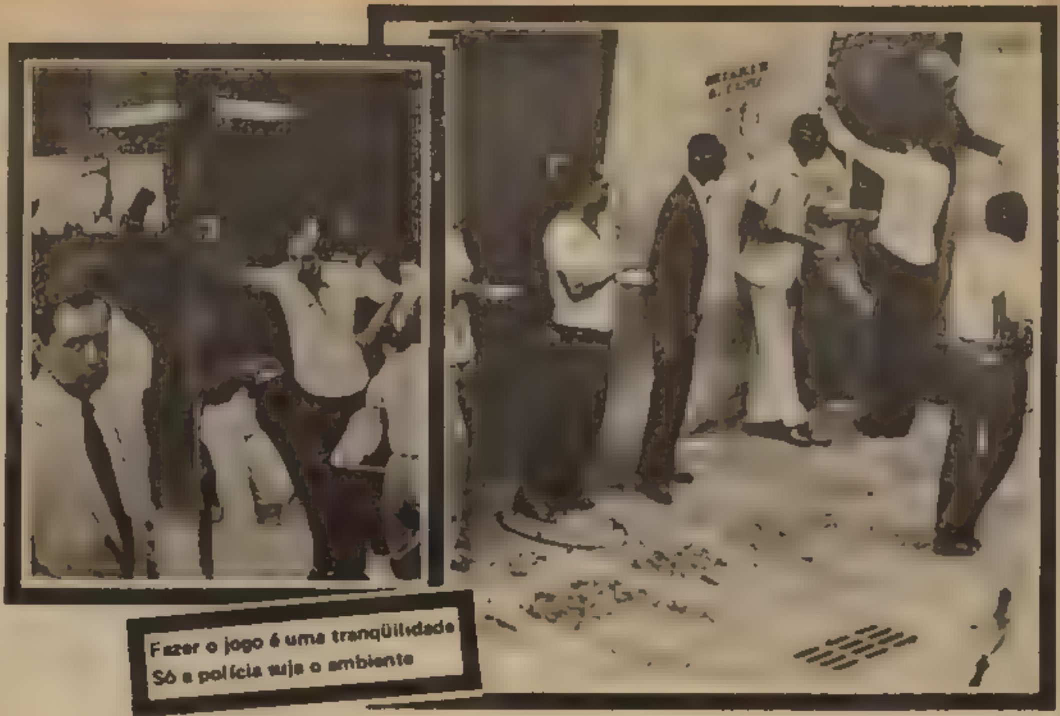
REPORTER descobriu uma testemunha que não pode deixar de ser ouvida no inquérito que apura a morte do ex-Homem de Ouro, Mariel Maryscotte. Trata-se de Marcolino, encarregado de um carrinho da Lanches Guanabara no estacionamento do Palácio da Justiça.

No dia em que Mariel morreu, ele viu um homem moreno, estatura média, de capa verde, rondando o carro do ex-policial. Na véspera, outras pessoas já tinham estado lá rondando o carro. Marcolino não desconfiou de nada, como também não desconfiaria se, logo depois, Mariel não tivesse sido assassinado.

No dia do crime, o homem de capa verde ficou esperando Mariel sair. Quando ele se dirigiu para o Passat, o homem se aproximou, mas logo recuou: viu um dos guardas do local por perto, um PM chamado Maguila (por ser muito forte) e recuou. Sem ser visto por Mariel, o tal homem correu até um táxi que estava estacionado há alguns metros e passou a segui-lo.

Quando leu a notícia do crime nos jornais, Marcolino ligou os fatos e ficou apavorado. No dia seguinte, não foi sequer trabalhar, temendo que alguém fosse tentar ouvi-lo. Quando reassumiu o posto no carrinho de lanches, contou tudo o que sabia a alguns usuários do estacionamento e ao próprio Maguila.

Ao REPORTER, ele negou que tivesse visto o homem de capa verde que seguiu o carro de Mariel no dia do crime, transferindo para outra pessoa a autoria do relato. Mas Maguila confirmou tudo.



Fazer o jogo é uma tranqüilidade. Só a polícia suja o ambiente

Ação da PM só reprime arraia miúda do bicho

– Olha, saí da cadeia, onde passei 20 anos, e o único lugar onde consegui uma ocupação foi no bicho. E agora pinta essa sujeira.

Desiludido, sem saber o que fazer, um ex-presidiário tem certeza de que a paralisação do jogo vai fazer o pessoa ir à luta, sair fazendo ganhos.

Dentro da hierarquia do jogo-do-bicho, a função de olheiro é a menos rendosa e a que requer maior responsabilidade. Entre outras tarefas existe a de escrevente, a de caixa, a de fechador (que recolhe o jogo) e o pessoal da apuração. Isto, sem contar com os gerentes, guarda-costas, seguranças e policiais que protegem o banqueiro ou mesmo o dono do ponto e seus domínios.

Com o número de duas placas de carro escritas na palma da mão e que se supõe estejam a serviço dos secretas da PM, o olheiro, que ganha 700 cruzeiros por dia para desempenhar a sua função, não vacila. Ele fica de *abaju*, campanando, na espreita, desconfiando de qualquer estranho que pise na área. Os empregados, a ralé, são os primeiros a irem para a cadeia quando pegos em flagrante.

– Fechando o jogo! Todo mundo pra casa!

O negão, bem vestido, dá a ordem. A barra tá pesada. Sai todo mundo correndo levando caixotes, escondendo canetas e talonários. Quando um bicheiro é preso, a fiança para colocá-lo em liberdade é, em média, de 3 mil cruzeiros, o que não é muito para uma organização que movimenta aproximadamente Cr$ 300 milhões por mês. Cifra admitida pelos próprios contraventores, que calculam a arrecadação entre as quase 5 mil seções e subseções em quase 10 milhões diários. Os banqueiros não pagam impostos federais, estaduais e municipais. Têm despesas com os 50 mil empregados, com a polícia, e dão injeção de dinheiro para financiar candidatos a cargos políticos.

Para um experiente conhecedor do mundo do bicho, as cifras arrecadadas com o jogo são muito altas, mas não existe um controle rígido de todo esse dinheiro. Existem determinados pontos que o próprio dono banca sem precisar recorrer ao banqueiro da área. Ele banca o jogo que pode pagar. Quando o volume ultrapassa seu limite, ele faz o descarga no banqueiro mais forte.

Mas a ação da PM está levando ao desespero pequenos donos de ponto e muitos empregados, bicões e intrometidos, que vivem no meio da contravenção procurando levar algum de qualquer maneira. Armados de metralhadoras e revólveres, os militares invadem fortalezas e, além de cumprir ordens prendendo os bicheiros, fazem a **limpeza**: relógios, objetos de valor encontrados em poder dos contraventores vão parar em suas mãos. Até garrafas térmicas são arrastadas na operação.

Mas os poderosos, os grandes banqueiros, ficam fora do alvo da polícia. Afinal de contas, fazem questão de dizer que, antes de tudo, são industriais, comerciantes, dirigentes de futebol e amigos, acima de qualquer suspeita, de políticos. Como **Tio Patinhas**, Castor de Andrade, **Aroldo da Saens Peña, Anízio**, considerados do primeiro escalão.

Evidente que agora se conta com a ascensão vertiginosa do capitão Aílton Guimarães, que foi ser testa-de-ferro do **Tio Patinhas** em Niterói logo depois da fusão, e hoje é um dos donos da maioria das seções do lado de lá da ponte. Essa disputa de pontos entre o pessoal de Niterói, Alcântara e São Gonçalo não é de hoje. Angelo Maria Longa e **Antônio Turcão** sempre foram inimigos cordiais. Onde um chega, o outro chega perto. O primeiro a comprar pontos do outro lado da baía foi Turcão, que colocou para gerenciar suas seções um major reformado da PM chamado Vítor, viciado em cocaína. Imediatamente Tio Patinhas convidou o capitão Guimarães para gerenciar seus pontos, que também acabava de adquirir. O reinado do ex-capitão do Exército, formado pelo golpe de 64, começou aí. E, como em todos os setores, ele irá ocupar um lugar que antes sempre fora destinado aos civis.

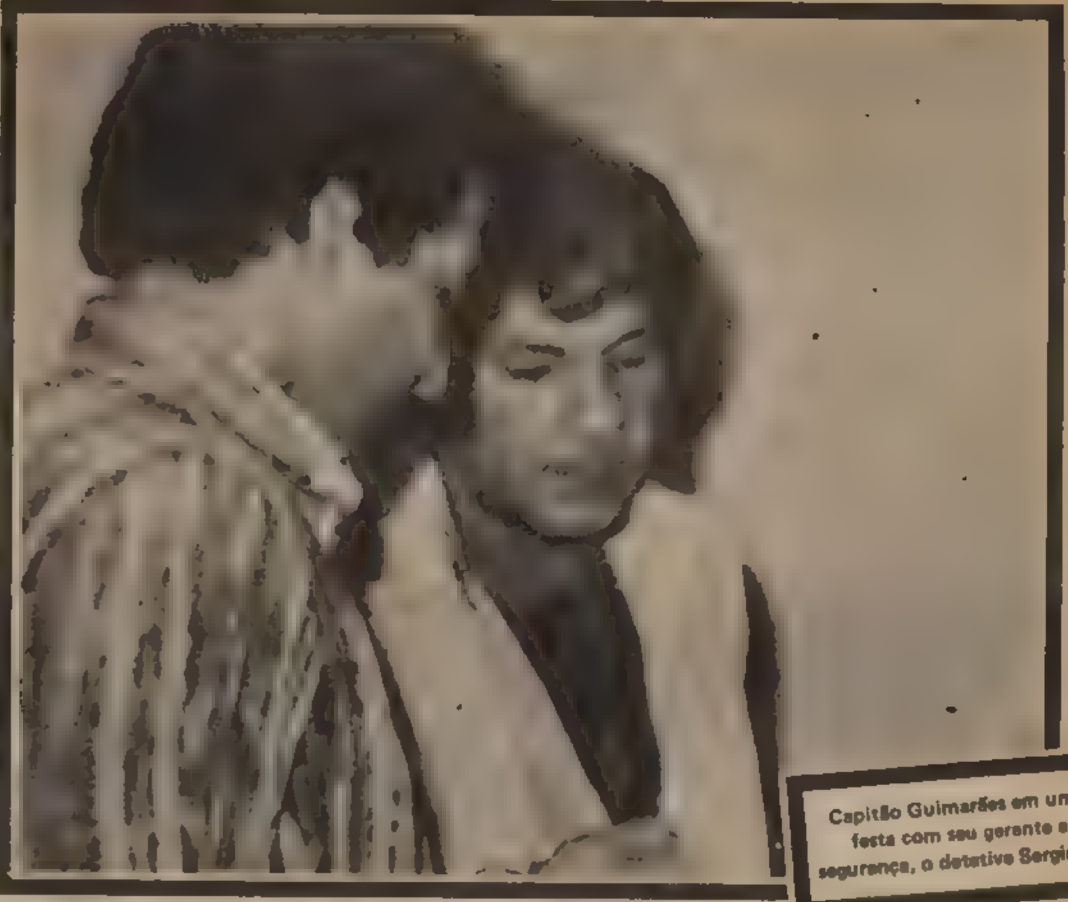
Banqueiros paulistas se reúnem após assassinato

O assassinato de Mariel Maryscotte serviu, de certa forma, para aproximar os três maiores banqueiros de bicho de São Paulo. No dia 20 de outubro, pela primeira vez em muito tempo, os banqueiros Walter Spinelli, vulgo **Marechal** *(que mantinha transações 'comerciais' com o ex-Homem de Ouro), Ivo Noal, o* **Capitão**, *e Alfredo Parisi, o* **Alfredão**, *fizeram uma reunião a portas fechadas numa das fortalezas do bairro de Higienópolis.*

Nada transpirou dessa reunião, mas os **gansos** *(informantes) da polícia paulista suspeitam — conforme disse ao REPORTER um detetive de São Paulo — que ela se tenha realizado devido à preocupação dos chefões paulistas com a entrada em seu território de dois banqueiros cariocas — um dos quais o* **Raul Capitão** *— que estariam tentando entrar no jogo de Guarulhos, cidade operária às margens da via Dutra.*

O mesmo investigador informou também que Mariel Maryscotte esteve há dois meses em São Paulo. Ele foi visto saindo do 3º Distrito, onde funciona o gabinete do delegado Wilson Richetti, conhecido por sua ligação com o jogo-do-bicho. O que se comenta na capital paulista é que Mariel queria conversar com um antigo chefe de investigadores do 3º Distrito, para juntos montarem uma casa de bingo na área. Essa casa serviria de fachada para uma banca de bicho.

O resultado da conversa não vazou, mas depois da visita de Mariel houve troca de chefia de investigadores no 3º Distrito (região Centro), e Walter Spinelli teve a surpresa de ver um de seus pontos na área ser invadido por policiais daquela delegacia.



Capitão Guimarães em uma festa com seu gerente e segurança, o detetive Serginho

Ivo Noal, um dos três grandes de São Paulo

João Parisi Filho já se prepara para suceder o pai, o Alfredão

Militar torturador é novo general do bicho

O capitão do Exercito Aílton Guimarães começou a sair do anonimato em 1969, quando o governo, surpreendido pelas ações armadas de algumas organizações de esquerda, resolveu colocar os órgãos de informação das Forças Armadas no combate aos comunistas. Na época a Marinha saiu na frente, e foi o seu Centro de Informações – Cenimar – quem desvendou e prendeu os seqüestradores do embaixador americano. Como, no entanto, a repressão às organizações clandestinas dava prestígio e poder aos militares e a seus órgãos de segurança, o Exército logo tratou de se aparelhar para retomar a primazia no combate que se iniciava. Antes, porém, de ser criado o Doi-Codi, o comando do I Exército encarregou a 2ª Seção (Informações) da 1ª Companhia de Polícia do Exército, sediada na Vila Militar, para, no Rio de Janeiro, comandar as ações antiguerrilheiras.

E lá se encontrava o capitão Guimarães, não como oficial de informações, mas um simples intendente, isto é, o oficial que cuida do almoxarifado do quartel, do abastecimento da tropa, etc. Acontece que Guimarães era muito ligado aos oficiais e suboficiais da 2ª Seção, que na época se dedicavam a reprimir contraventores, traficantes e contrabandistas da região para se apropriarem de suas mercadorias e vendê-las com bom lucro.

Presos políticos que conviveram com esses militares no início da década de 70 se lembram das inúmeras prisões de marginais, das surras que levavam – apenas como castigo, pois não havia interrogatório – e do regozijo com que Guimarães e seus colegas comemoravam as apreensões de bagulhos e mercadorias. Com os chamados subversivos era diferente: a tortura era metódica e visava a obtenção de informações. Foi na PE da Vila Militar que morreu um militante da Vanguarda Popular Revolucionária – VPR – de nome Chael, que não resistiu às torturas. Maria Aparecida, companheira de Chael, também torturada, ficou desequilibrada mentalmente e, depois de banida do país, suicidou-se na Alemanha.

O capitão Guimarães, entretanto, apesar de participar dos interrogatórios como "colaborador", já que não era sua ocupação funcional na PE, procurava manter um relacionamento descontraído com os presos políticos. Conversava muito com eles, fazia graça e charme para as moças, deixando em todos a impressão de que se tratava de oficial folgazão, embora violento e ambicioso. "Era um tipo latin-lover, parecia um almofadinha, todo empoado, muito cheio de si", lembra um dos presos da época.

As falcatruas do capitão Guimarães acabaram por lhe valer um IPM, em que foi acusado de contrabando, tráfico de entorpecentes e diversos outros crimes. O inquérito envolvia dezenas de oficiais e suboficiais do Exército, mas, como no IPM do Riocentro, acabou inocentando todos os militares.

Guimarães continuou na ativa, mas sua absolvição não convenceu nem mesmo seus superiores, pois ele, que já era capitão em 1969, continuou no posto, sem promoção alguma, até pedir para passar para a reserva em maio último. O sucesso que o capitão não teve na sua carreira militar, entretanto, tem sido compensado por sua ascensão vertiginosa na contravenção. Banqueiro de bicho há menos de três anos, ele já faz parte do estado-maior do jogo, ao lado de Castor de Andrade, Angelo Maria Longa, o Tio Patinhas, Aniz Abrahão David, o Anízio, Aroldo da Saens Peña e Antônio Turcão.

UMA COLUNA DE POLÍCIA

SIRENES & CAMBURÕES

Aroldo Machado

Vedete e pé-frio, Mariel deixou os amigos na pior

Se dessem oportunidade a Mariel Maryscotte de escolher como morrer, sem dúvida ele iria afirmar que "gostaria de ser metralhado no Centro". Talvez não exigisse que fosse na porta da *fortaleza* do banqueiro Raul Capitão. Mas, na verdade, quem conheceu o ex-Homem de Ouro da polícia carioca sabe que sua maior paixão era aparecer no noticiário. Estar sempre nas páginas, como diziam seus amigos que foram ao sepultamento. Nessa ânsia de ser *vedete*, Mariel deixou muita gente em situação difícil, como o ministro Mário Andreazza, de quem foi, durante algum tempo, guarda-costas. Após ser processado por crimes do esquadrão da morte e falsificação de cheques, o ex-policial acreditava que o ministro poderia fazer alguma coisa em sua defesa ou, até mesmo, livrá-lo da cadeia.

Luís Carlos da Silva, o *Tigrão*, que trouxe o suburbano Mariel de Bangu para Copacabana, acabou se tornando uma de suas involuntárias vítimas. *Tigrão* passou a integrar o grupo de Mariel quando ele era um dos Homens de Ouro. Acabou ficando preso oito anos, sendo absolvido dos crimes de que era acusado. Já José Carlos Tavares, o *Carlinhos*, e César dos Santos, continuam presos.

Quando Mariel fugiu da prisão no Ponto Zero, seus companheiros acreditavam que "ele iria trazer as provas para inocentar o grupo". Mas sua fuga só serviu para que seus carcereiros fossem indiciados num rumoroso inquérito, causando a exoneração de dois deles. Recapturado na Bahia, quando vinha passar o carnaval no Rio, Mariel estava em companhia de seu irmão Roberto, na época APJ – agente de polícia judiciária – e do escrivão Carlinhos Tanajura. Ambos foram exonerados da polícia.

Antes, porém, Mariel esteve na concentração da seleção brasileira que se preparava para a Copa de 1978. Os jornalistas e seus particulares amigos Oscar Cardoso e Amado Ribeiro fizeram a "cobertura com exclusividade". Por causa disso foram ouvidos em inquérito.

Ao chegar ao Rio, o ex-policial foi enviado ao Presídio da Ilha Grande, onde foi mantido fora da *tranca*. Ele passou a morar na casa de Jorge Pente Fino, um colono livre que hoje, por ter ajudado Mariel, vive no *seguro* para não ser assassinado pela massa. Outro que caiu em desgraça, morrendo na cadeia, foi Fernando C. O., que carregou as malas de Mariel quando ele chegou à Ilha. Tempos depois o ex-policial foge da Ilha Grande. O diretor e os guardas foram exonerados, após inquérito. Castor de Andrade foi acusado de fornecer a lancha para a evasão, embora Mariel tenha afirmado no inquérito que fugiu a nado. Dois dias depois o extravagante Mariel é preso em Marília, cidade paulista, e sua então mulher, Rita Lemos, é ouvida na polícia, juntamente com o detetive José Guilherme Godinho, o *Sivuca*, seu fiel amigo.

Na Unidade de Prisão Especial, na Penitenciária Dias Moreira, Mariel resolveu passar o tempo escrevendo e pintando. Foi através disso que conseguiu adquirir a simpatia do juiz Francisco Horta, da Vara de Execuções Criminais. Após incessantes pedidos, o juiz resolveu conceder-lhe o privilégio da Prisão Albergue, acreditando que ele estava recuperado. Tal não foi sua decepção ao saber que seu protegido fora assassinado no Centro. Pior ainda, estava com duas pistolas e envolvido com contraventores e em *contratos* para matar, em São Paulo. Um dos contraventores, Raul Capitão, que dava Cr$ 120 mil por mês a Mariel, teve até sua prisão preventiva decretada em outros processos. A contravenção está tendo o maior prejuízo de todos os tempos, já que foi obrigada a paralisar. Os policiais que foram a seu enterro foram punidos pelo secretário de Segurança. E, pior de tudo, a linda Darlene Glória, musa do cinema e símbolo sexual de uma época, virou crente e hoje só dá sermão.

Brilhou no soçaite e escapuliu da Federal

Hosmany Ramos, cirurgião-plástico evadido do xadrez da Polícia Federal no Rio, acusado de contrabando, tráfico de entorpecentes, roubo, estelionato, suspeito de assassinato, é personagem famoso também no soçaite, onde comeu meio mundo. Começou com Beki Klabin, milionária tão excêntrica que, no seu último aniversário, comemorado na quadra da Portela, pediu o escritor Fernando Gabeira de presente. Mas o romance de Beki com Hosmany acabou em meio a um roubo de jóias na casa da milionária, que botou o cirurgião porta a fora e, por via das dúvidas, ainda mandou trocar a fechadura.

A amizade de Hosmany com Pelé terminou no banheiro da mansão de Alfredo Saad, que dava uma festa. Dizem que o negão tirou do pulso um relógio Rolex de ouro para lavar as mãos e nunca mais o viu. O cirurgião tava lá. . . Hoje, o homem sumiu e na Federal ninguém sabe, ninguém viu.

Hosmany com Beki Klabin

Texto e fotos de A. Cavalcanti

com Loretta, ex-gerente do Regine's

com Pelé

NOSSO ESPIÃO NA EUROPA INFORMA:

Incrível, um *tira* socialista!

Vosso agente secreto internacional saiu de seu esconderijo no alto das montanhas cheias de neve, entre a França e a Itália, que não vou dar bandeira, e foi até Paris ver o que se passava com a eleição do Partido Socialista pro governo. É claro, se os socialistas foram eleitos, é porque a maioria dos franceses está de saco cheio do capitalismo selvagem, que não respeita nem pai nem mãe, e agora eles querem um regime socialista, respeitador de pai e mãe, da tradição e dos bebezinhos. Só que, como qualquer agente secreto sabe, pra conseguir as boas informações é preciso encontrar as boas pessoas. E então descobri Pierre Tourlier, guarda-costas do Mitterand, presidente socialista.

Imagina só um garotão desses que fazem *surf* por aí. Metro e 85 de altura, bem forte, sem ser parrudo, cabelinho caído na testa, sorrizinho amigo, uma fera, tigrão. Guardem o nome, Paul Tourlier. Ele ainda vai dar o que falar. Durante três anos foi pára-quedista, no serviço militar. Luta karatê, aikidô e outras mais. Serve-se de um 38 ou de uma 45 como quem palita os dentes. E é socialista. Quer dizer: quando o Paul acabou o serviço militar, ele estava de saco cheio dos fascistas, dos esquadrões da morte (na França se chamam Honra da Polícia), segundo ele, "dos fortões que gostam de abusar dos mais fracos".

O Paul estava de saco cheio e chegou em Paris: era maio de 68. Os estudantes andavam brigando com a polícia. É claro, polícia aqui é pior que aí, basta ver. Os homens parecem uns cavaleiros da Idade Média: escudo, capacete cobrindo a cabeça, cassetete (em francês, *casse-tête*, quer dizer, quebra-cabeça), granada, etc. Mas entre os estudantes tinha um grupo assim como o Paul: chamavam-se os "catangueses", quer dizer, que tinham vindo de Catanga, uma cidade perdida na África onde o pau tinha comido feio mesmo pro lado dos franceses. E quem tinha feito o serviço militar lá não perdoava os militares. E quando os estudantes "catangueses" enfrentavam a polícia nas ruas de Paris, era aquela baba: polícia correndo pra todo lado. Um carinha assim como o Paul quebrava em quatro um meganha todo armado. Dava gosto ver.

Então, pergunta pro Paul o que ele acha do Mitterand. "Olha, proteger, não protejo, que ele não precisa de proteção. É uma jóia. Onde a gente vai, as pessoas tão contentes, felizes, rindo. Todo mundo agradece o Mitterand, agradece a mim. Não sei por quê. Somos nós que deveríamos estar agradecendo a eles". Além disso, o Paul dirige melhor que o Fangio. De vez em quando dá uns dribles nos carros dos jornalistas, no carro dos polícias encarregados de proteger o presidente, e leva o Mitterand pra dar uma voltinha, sozinho, sem aporrinhação, nas florestas em volta de Paris. Pergunta pro Paul se ele e o Mitterand discutem política. "Nunca! A gente fala de futebol, de cinema, qualquer coisa. Ele sabe que sou de extrema esquerda, e ele não é. Mas gosto dele. É jóia". E por que é que o Paul gosta de ser guarda-costas? Por que é que ele é socialista? Ele é casado e tem dois filhos. "Escuta, amizade, é bom saber dar porrada, mas é melhor distribuir flores. E, em vez de levar porrada, é muito melhor ver as pessoas rindo pra gente". Deve ser triste mesmo ser polícia da direita, dos fascistas, dos capitalistas, conclui o Paul. Estão sempre zangados, tristes, vendo gente triste e com medo diante deles. Aposto que na cama brocham, são tristíssimos. Só sabem dar e levar porrada. Quanto a mim, acho que é bom saber isso, mas acho que é melhor não precisar usar. Bom mesmo é dar aperto de mão e abraço. E ver as pessoas rindo.

Luiz Eduardo

Luís Eduardo Prado de Oliveira, jornalista, economista, economista, hoje psicanalista na França, é o correspondente internacional deste jornal.

NELSON MARCHEZAN PRESIDE A CAMARA DOS DEPUTADOS, POSTO QUE O TORNA O SUBSTITUTO DE AURELIANO CHAVES.

O vice-presidente é um menino de recado do Planalto

Nelson Marchezan, deputado federal pelo PDS do Rio Grande do Sul e atual presidente da Câmara dos Deputados é, depois do enfarte do general Figueiredo, o vice-presidente do Brasil, segundo o artigo 78 da Constituição.

Gaúcho de 43 anos, pai de cinco filhos, Marchezan entrou na política pelas portas da igreja católica de Santa Maria, município distante 330 quilômetros de Porto Alegre, onde era sacristão do bispo Dom Vitor Sartori, a quem servia também como motorista.

Eleito vereador pelo antigo Partido Democrata Cristão em 1958, aos 21 anos, o jovem Marchezan integrava a ala progressista do PDC, liderada por Paulo de Tarso, que chegou a [redacted] ministro da Educação no governo João Goulart.

O passo seguinte de Marchezan foi a candidatura a deputado estadual em 1962, ainda pelo PDC, sendo eleito com a menor votação entre os quatro parlamentares de sua legenda na Assembléia gaúcha — 7.679 votos. No exercício desse mandato, Marchezan continuou pautando sua atuação política por posições liberais, tendo sido até mesmo agredido por um policial do Dops depois de discursar em praça pública em defesa de uma manifestação estudantil. Nem o golpe de 1964 pareceu intimidar o jovem político gaúcho, que criticava o regime militar em pronunciamentos duros da tribuna da Assembléia, condenando, sobretudo, a prática da tortura em presos políticos. Marchezan chegou a se notabilizar como um dos políticos que mais se empenharam na elucidação do famoso "crime das mãos amarradas", em que foi assassinado o sargento Raimundo Soares, cujo corpo foi lançado no rio Guaíba.

Nelson Marchezan começou a *virar a casaca* já em 1966. Com a extinção dos partidos políticos, filiou-se à Arena e candidatou-se à reeleição. Sua agremiação, entretanto, estava dividida entre dois postulantes ao governo do Estado: o coronel PM Walter Perachi Barcelos e Ruy Cirne Lima, que viria a ser ministro da Agricultura no governo Médici. Perachi Barcelos tinha o apoio decisivo do general Castello Branco, mas Marchezan preferia Cirne Lima.

Na época, a Arena, dividida ou não, era minoritária na Assembléia gaúcha, o que foi resolvido pelo governo federal cassando os mandatos de oito deputados estaduais do MDB. Diante dessa violência, Marchezan calou e acabou votando em Perachi Barcelos para governador.

O recuo não foi o bastante para garantir sua reeleição, pois Perachi, todo-poderoso, colocou políticos fiéis disputando os votos de Marchezan na sua região, Santa Maria, fazendo com que o ex-sacristão tivesse apenas 9.392 votos, o que o deixou na terceira suplência da Arena.

Nelson Marchezan parece ter tirado uma boa lição dessa derrota, pois nunca mais perdeu o que quer que fosse. Em 1972, adulado e amparado pelo novo governador do Rio Grande, Euclides Triches, foi convidado a assumir a Secretaria estadual do Trabalho, à frente da qual reuniu forças para se eleger, em 1974, como o deputado federal arenista mais votado de seu Estado. Segundo seus críticos, criou na Secretaria um fundo especial de auxílio aos sindicatos, favor cobrado em votos.

Os 81.076 votos obtidos na eleição de 1974 lhe valeram a secretaria-geral da Arena, indicado pelo general Ernesto Geisel, que via nele um "jovem e dinâmico" parlamentar. Marchezan, então, dinamizou seu relacionamento com os homens do Planalto, estreitando as relações sobretudo com o chefe do SNI da época, general João Baptista de Figueiredo.

Nas eleições de 1978, Marchezan foi cogitado para governar o Rio Grande do Sul, mas acabou preterido em benefício do atual governador, Amaral de Souza. Devido a suas ligações estreitas com Figueiredo, chegou a ser apontado como ministeriável, mas o presidente, certo de sua fidelidade absoluta ao regime, preferiu-o no Congresso e deu-lhe o cargo de líder do PDS, que exerceu até o ano passado.

Em 1980, a Câmara dos Deputados foi palco de acirrada luta por sua presidência. De um lado, Djalma Marinho, embora do PDS, apresentava sua candidatura em dissidência às resoluções do Palácio do Planalto; de outro, Nelson Marchezan, apoiado por todas as forças reunidas em torno do Executivo. O país viveu momentos de tensão. O confronto entre os dois candidatos era a primeira prova do governo Figueiredo a nível do Parlamento, e todos os trunfos foram jogados em benefício de Marchezan, desde pressões orquestradas pelos Gabinetes Civil e Militar da Presidência da República, até os fundos do Banco do Estado de São Paulo, distribuídos generosa e escandalosamente pelo governador Paulo Maluf entre os deputados do PDS que ameaçavam apoiar Djalma Marinho.

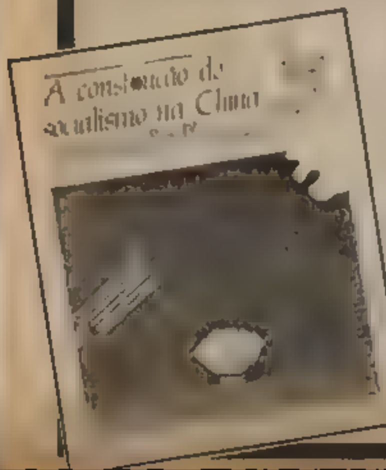
Marchezan venceu, e seu primeiro movimento após proclamada a vitória foi virar as costas para o plenário da Câmara a atender a um telefonema de congratulações do presidente Figueiredo.

Definido por seu colega e conterrâneo, o deputado Waldir Walter, do PMDB gaúcho, como "um policial do Palácio do Planalto no comando da Câmara", Marchezan tem feito por justificar a apreciação: ninguém antes dele foi tão severo na censura aos dircursos dos deputados e, recentemente, proibiu a transcrição do voto do ministro do Superior Tribunal Militar, almirante Júlio Bierrenbach, que pedia a reabertura do inquérito do Riocentro e incriminava o capitão Wilson e o sargento Guilherme no atentado terrorista.

Não há surpresa nesses atos. Afinal, Nelson Marchezan, presidente da Câmara dos Deputados, notabilizou-se, quando ainda líder do PDS, por sua batalha contra o projeto-de-lei que restabelecia as prerrogativas do Congresso, isto é, contra a aprovação de uma lei que daria de volta a deputados e senadores seu verdadeiro poder de legisladores e fiscalizadores do Executivo.

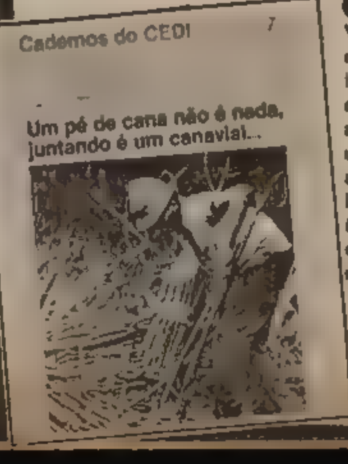
Alternadamente agressivo e simpático, mal-humorado e sorridente, Nelson Marchezan freqüentemente usa de palavras duras e rudes para intimidar seus adversários e, por isso, não são poucos os deputados com quem já se atritou. De qualquer forma, ele é o parlamentar típico entre os que se formaram depois do golpe de 64. Seu adesismo é fruto da subserviência aos poderosos, com a qual pretende reunir o maior cacife entre os políticos gaúchos do PDS para disputar o governo do Rio Grande do Sul. Só que agora, em eleições diretas.

UMA BOA PEDIDA!



Daniel Aarão Reis Filho passou quase dez anos no exílio, divididos entre Chile, França e Moçambique. Além de tudo o que viu, Daniel estudou muito o processo revolucionário chinês, que empolgou gerações de jovens esquerdistas e hoje desaponta quem viu no país de Mao o berço de uma nova sociedade. Daniel conta história e fala disso tudo. O livro é da Brasiliense e custa Cr$ 150,00

Ricardo Bueno, jornalista, acompanha a economia brasileira desde os anos 60 e nesse tempo colecionou as sacanagens que transformaram o mercado financeiro brasileiro num faroeste sem xerife, onde o ladrão sempre leva vantagem. É de dar raiva o que se fica sabendo ao ler Escândalos Financeiros no Brasil, Editora Vozes, Cr$ 180,00.



Beth Salgueiro, repórter, e Valdir Afonso, fotógrafo, cobriram juntos a greve dos [redacted] cana-de-açúcar de Pernambuco, ano passado. Depois, fizeram um lindo audiovisual, que agora foi transformado em livro pelos Cadernos do Cedi. É um documento vibrante da exploração e da luta de 250 mil homens e mulheres.

REMOÇÃO E FOGO

SANDRA CAVALCANTI, candidata ao governo do Rio, posa de boazinha e amiga dos pobres. Mas nos tempos do Lacerda sua política social era outra:

Reportagem de Ricardo Bueno
Pesquisa de Ana Maria Martins

Em 1978, dona Sandra Cavalcanti foi candidata a senadora pela Arena do Rio de Janeiro e levou uma surra de Nélson Carneiro (do MDB), que a venceu por 1,5 milhão de votos. Três anos depois as coisas mudaram para dona Sandra e mudaram para melhor, pois em todas as pesquisas já realizadas ela aparece como a preferida do eleitorado do Rio de Janeiro ,para ocupar o cargo de governador (que será disputado em novembro de 82).

A ascensão de dona Sandra se deve em grande parte aos meios de comunicação de massa. Ela participa de um programa de rádio de enorme audiência (Haroldo de Andrade, da *Rádio Globo*) e mantém uma coluna no jornal *Ultima Hora*. Além disso, aparece com freqüência no programa *O Povo na TV*, do canal 11 (rede Sílvio Santos). Política experiente, boa oradora, dona Sandra procura vender, com sucesso, uma imagem de defensora dos pobres e baluarte da luta contra a corrupção e a má utilização dos recursos públicos.

Crítica do governo estadual e do governo federal, dona Sandra em outras épocas já ocupou cargo em ambos e uma coisa ela certamente não foi: a defensora dos pobres, dos fracos e oprimidos, que hoje em dia alega ser. Em 1962 ela ocupava a Secretaria de Serviços Sociais do governo Carlos Lacerda. Nesse cargo se notabilizou por expulsar favelados da Zona Sul na base da violência e mandá-los para os conjuntos habitacionais de Vila Aliança e Vila Kennedy, em Bangu, onde ficaram completamente abandonados.

Para justificar suas violências, a católica, apostólica, romana, Sandra Cavalcanti (devota de Santa Mônica) dizia que iria retirá-los da sujeira e imundície da favela e dar-lhes casas decentes e confortáveis em conjuntos habitacionais especialmente construídos para recebê-los. Os favelados jamais aceitaram a lenga-lenga de dona Sandra e lutaram para permanecer nos locais em que moravam. Mas dona Sandra foi inflexível e os expulsou da favela do Pasmado (em Botafogo), da Catacumba (na Lagoa) e da Getúlio Vargas (no Leblon), abrindo de propósito espaço para que a especulação imobiliária tomasse conta dessas áreas e realizasse negócios fabulosamente lucrativos.

No dia 25 de janeiro de 1964 o jornal *Ultima Hora* (o mesmo de que dona Sandra é hoje colunista) denunciava como a secretária de Serviços Sociais agira em relação à favela do Pasmado, que no dia anterior pegara fogo.

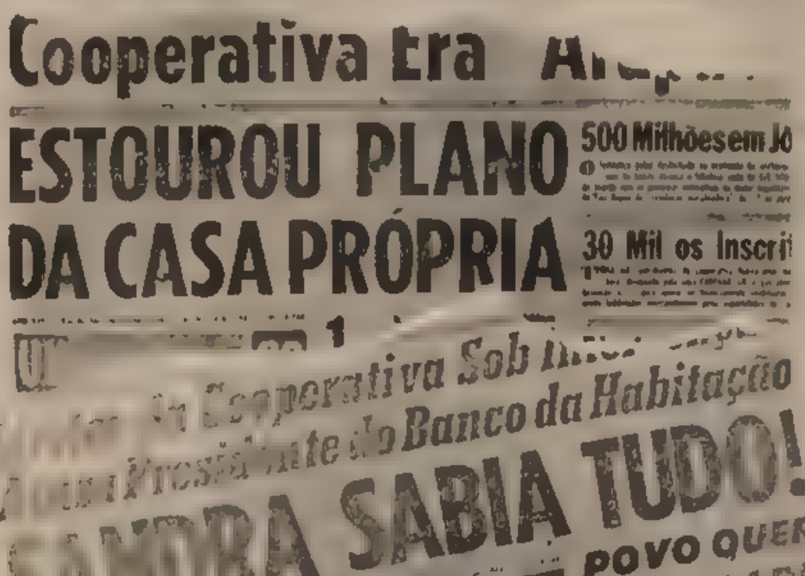
"Utilizando choque da polícia de vigilância para qualquer eventualidade e 50 mil litros de óleo inflamável, dona Sandra Cavalcanti, com poderes delegados pelo governador Carlos Lacerda, requisitou às 16 horas de ontem dez bombeiros, sob o comando de um major, para queimarem a favela do Pasmado, exercendo pela primeira vez no Rio a função exatamente contrária a que lhe é peculiar: apagar fogo. O dispositivo policial foi incumbido de afastar das imediações quaisquer favelados que desejassem aproveitar pelo menos as tábuas de seus barracos ou reaver objetos esquecidos . . . Calcula-se que a queima de toda a favela demorará, no mínimo, três dias. Barraco por barraco está sendo borrifado com óleo inflamável transportado em carros do DER."

No caso da Catacumba, as dificuldades de dona Sandra foram muito maiores, pois havia uma entidade de moradores extremamente bem articulada em defesa da favela. Ao tentar convencer os moradores (cerca de 30 mil) a saírem de lá, ela teve seu discurso interrompido e saiu da favela às pressas. Voltou mais tarde com carros da polícia e do corpo de bombeiros e faz a remoção à força, arrasando barracos. Para remover as 104 famílias que habitavam a favela Getúlio Vargas, dona Sandra também entrou de sola. Segundo a *Ultima Hora* de 14 de março de 1964, moradores da Getúlio Vargas afirmavam que a secretária de Serviços Sociais "tem usado os mais variados métodos — inclusive ameaças de expulsão e espancamentos — para conseguir que os favelados assinem um documento desistindo de seus barracos . . ." Dois dias depois o jornal denunciava: "Lacerda e Sandra comandaram as violências. Polícia destrói favela no Leblon, espanca deputado e prende advogado". As famílias da Getúlio Vargas foram parar em Bangu.

Foto Chiquito Chaves

Sandra Cavalcanti também tentou remover a favela da Rocinha, mas não conseguiu, pois na época já havia 120 mil pessoas morando lá. Daí, procurou atemorizar os moradores da favela da Praia do Pinto, no Leblon. A *Ultima Hora* de 24 de março de 1964 mostrava uma foto de dona Sandra cercada de policiais e dizia: "Polícia abre caminho a bala para dar fuga a Sandra na favela". *UH* explicava que "choques da PM, da radiopatrulha e agentes do 139 DP tiveram de abrir caminho a bala, ontem, para dar fuga à secretária de Serviços Sociais, dona Sandra Cavalcanti (na foto, em crise nervosa), em meio ao tremendo ritifi por ela provocado na Igreja dos Santos Anjos, na favela da Praia do Pinto, onde se haviam reunido aproximadamente três mil moradores locais . . ." Cinco anos depois, sem que dona Sandra ocupasse então qualquer cargo público, a favela da Praia do Pinto foi completamente destruída por um incêndio criminoso.

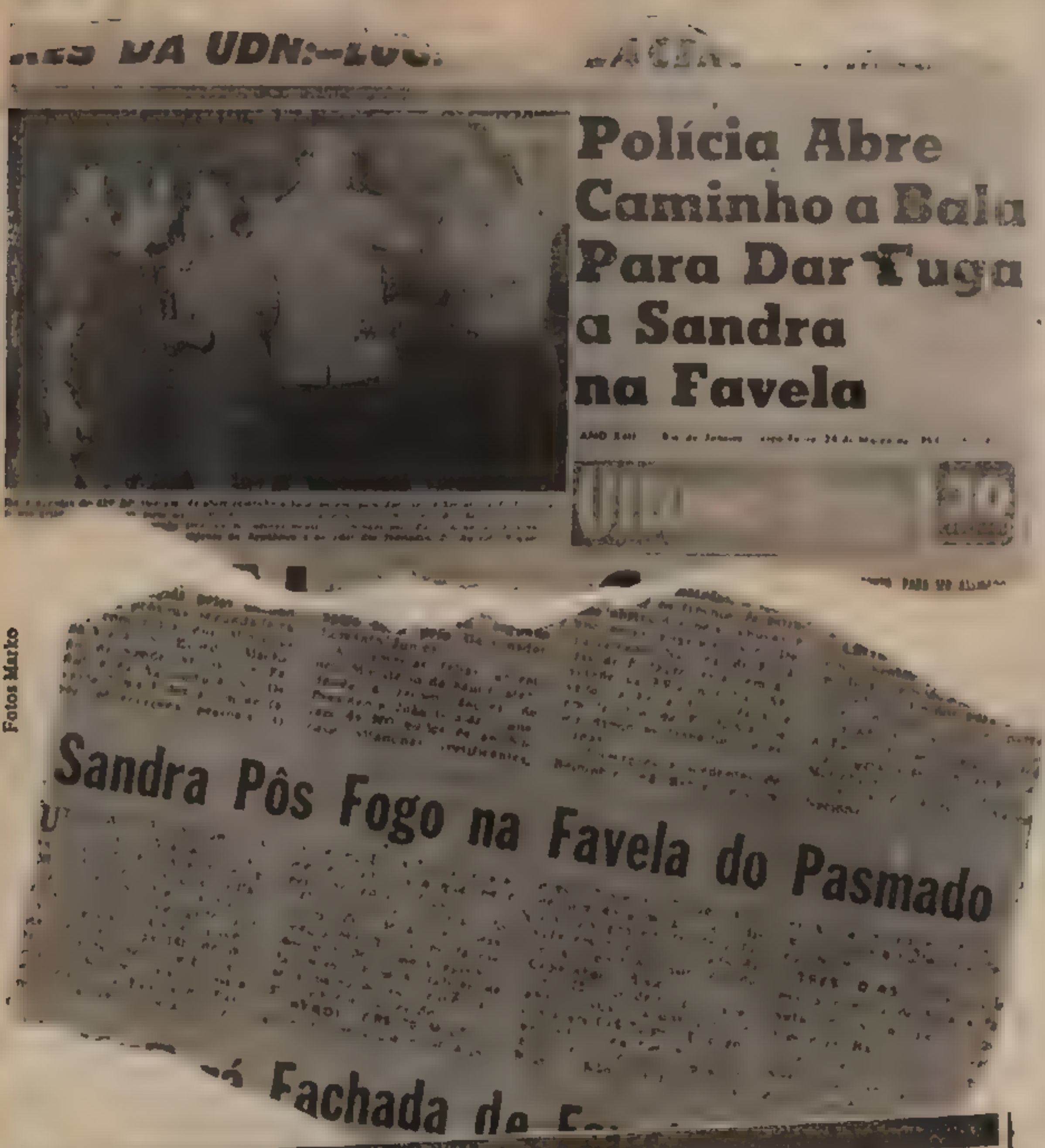
Para arquitetos que no início da década de 60 pertenciam ao Instituto dos Arquitetos do Brasil, tão criminoso quanto os incêndios e espancamentos para expulsão dos moradores foi a remoção deles para conjuntos habitacionais em Bangu, em locais totalmente desprovidos de meios de transporte e mercado de trabalho. Um desses arquitetos, Alfredo Brito, lembra que "um ano depois da remoção do Pasmado estive num desses conjuntos. O clima de tensão era evidente e a desagregação familiar impressionante. Quando morava no Pasmado, o sujeito trabalhava ali por perto ou em locais para os quais se deslocava facilmente. Sua mulher trabalhava como doméstica, lavadeira ou prestava outros serviços aos moradores de Botafogo. As famílias da favela estavam bem sedimentadas. Com a remoção para Bangu, tudo mudou. A mulher perdeu o trabalho. O homem tinha que andar 40 minutos para pegar um trem e chegar ao centro da cidade, onde pegava outra condução para chegar ao trabalho. Resultado: acabou desistindo de ir para casa todo dia e ficou dormindo no emprego. Mais tarde arranjou uma mulher em Botafogo, ou perto de onde trabalhava, para ficar morando por ali. Sua família, segregada nos conjuntos habitacionais, acabou ficando abandonada. Muitas mulheres, para poderem sobreviver, tiveram então que apelar para a prostituição. Algumas se prostituíam na porta de casa, na frente dos filhos. Esse crime monstruoso, de desagregar centenas ou milhares de famílias, dona Sandra e os que agiram como ela jamais pagaram. Agora ela posa de democrata".



Cooperativa Era ...
ESTOUROU PLANO DA CASA PRÓPRIA
500 Milhões em Jo...
30 Mil os Inscri...
... Cooperativa Sob ...
... Presidente do Banco da Habitação
SANDRA SABIA TUDO!
POVO QUER A VERDADE

A atuação de dona Sandra Cavalcanti como secretária de Serviços Sociais do governo Lacerda acabou, porém, sendo premiada depois do Golpe de 64. O governo militar que assumiu em abril de 64, certamente bem impressionado com a remoção das favelas cariocas, nomeou dona Sandra a primeira presidente do BNH. Seu reinado foi curto. Ela assumiu em 16 de outubro de 1964 e pediu exoneração pouco mais de um ano depois (17 de novembro de 1965), por discordâncias com o então ministro do Planejamento, Roberto Campos.

NAS FAVELAS



Fotos Marko

Rota do posseiro urbano:

Da Zona Sul para a Baixada

"Me desculpe a expressão, mas quem nasceu fudido na vida acaba ficando sem opção pras coisas. Na hora de abrigar a família, tem mesmo que invadir um cantinho pra construir seu barraco."

Quem fala assim é Antônio Batista, 52 anos, carpinteiro, um dos cabeças do crescente movimento pela casa própria que, a cada dia que passa, aglutina novas parcelas da população do Grande Rio nas reuniões que promove em Nova Aurora, Nova Iguaçu.

Esse povo que vem aqui é tudo gente como eu, assalariados que mal têm o que comer e pagam os olhos da cara pra ter onde encostar a cabeça. Moço, esse problema de moradia é um inferno. Pobre sempre levou porrada, não adianta dizer que a coisa era melhor ou pior, porque pra mim não tem qualificação. Eu, por exemplo, estou há 30 anos no Rio de Janeiro trabalhando em obra e nunca tive uma casinha minha. Você acredita num negócio desses?

Negro, os cabelos começando a embranquecer no bigode que corta o rosto cansado, Antônio Batista mostra as mãos grossas, verdadeiras lixas de dureza, no momento em que começa a relembrar sua sina de posseiro urbano nos diversos cantos do Rio de Janeiro.

— Quando eu cheguei aqui, em 1952, vindo de Cachoeiro do Itapemirim, foi como socador de Leopoldina e servente de obra. Ganhava mil e duzentos por mês e morava mesmo dentro da construção, junto com uma porção de outros companheiros. Na obra conheci minha mulher e fiquei naquela aperreação porque não tinha dinheiro pra montar casa. Acabei indo morar de favor com minha sogra no Catumbi, dividindo um barraco de estuque numa área que ela tinha se apossado há alguns anos. Eu não posso considerar aquilo morar, sabe? Eram dois cômodos embaixo, dois em cima, com banheiro fora, e a gente não tinha nem 15 metros quadrados para acomodar os trastes. Uma merda.

— Em 1966 as enchentes arrasaram tudo e o governo me levou pra Cidade de Deus. No começo era um conjunto pra abrigar flagelado, mas depois as prestações foram aumentando e os meus ganhos sempre foram salário mínimo. Então acabei passando a casa pra outro, em 68, pela bagatela de 2 mil cruzeiros, que empreguei quase todo, inutilmente, no tratamento da minha mulher, que morreu de doença do coração. Cheguei na Baixada assim, sem mulher, sem dinheiro, praticamente com a roupa no corpo. Podia ter ido parar na beira do rio como muitos por aí, mas ainda tive a sorte de pagar uma meia água no terreno de um parente, que me consome atualmente quase metade dos 15 mil que ganho nos biscates que faço. Porque eu vivo mesmo é de biscate. Com 52 anos, não tem companhia pra me empregar, apesar de toda minha necessidade. Eu sou um biscateado.

Antônio Batista agora integra a Comissão do Mutirão, ao lado de vinte outros semifavelados de Nova Iguaçu, reivindicando da Prefeitura Municipal a cessão de uma área de terra da própria Prefeitura para construção de uma casa própria.

— Essa necessidade me perseguiu a vida toda e agora eu estou disposto a conseguir. O prefeito Ruy de Queiroz tá negociando com nossa Comissão, diz que as terras vão sair, a gente tem o apoio do bispo D. Adriano em nossa luta. São 3 mil lotes iniciais, pelos quais nós queremos pagar apenas 15% do salário, sem correção monetária. O prefeito insiste em colocar empreiteiras na jogada, para construir as casas, mas nós queremos apenas o material [illegible] nós mesmos fazermos as casas, em mutirão.

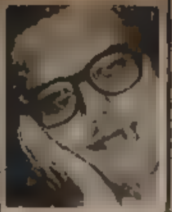
Se o prefeito de Nova Iguaçu tentar enrolar, Antônio diz que os pretendentes aos lotes não vão vacilar: vão partir para a invasão das terras. É a opção dos fudidos.

Enock Cavalcanti

UMA COLUNA DE ECONOMIA

caixa 2

Ricardo Bueno



Especulação com terreno deixa pobre sem casa

O ministro Mário Andreazza gosta de fazer demagogia. Ele vive afirmando que em cinco anos, no máximo, o BNH vai acabar com o déficit habitacional no Brasil, estimado em 6 milhões de casas. O ridículo dessa história é que o BNH, para chegar lá, teria que construir 1 milhão e 200 mil casas por ano, e Andreazza sabe (mas não diz) que o banco não conta com recursos para a metade.

Enquanto o ministro procura embalar a população com a imagem de um radiante futuro habitacional, a realidade segue caminhos bem diferentes. O jornal *O Globo* mostrou recentemente que apenas nos últimos dois anos surgiram 74 novas favelas no Rio de Janeiro. Com esse reforço, agora são mais de 400 favelas, que abrigam 1,8 milhão de pessoas. Este dado bastaria para mostrar como o problema de ter um teto está se tornando cada vez mais grave para o brasileiro pobre. E o que dizer das inúmeras invasões de terras urbanas nos últimos meses? Se o pessoal tivesse um lugar onde morar, iria entrar nessa?

Além disso, é estupidez pensar que o problema habitacional se resume na construção de mais casas. É preciso que as pessoas tenham renda para comprar as casas, e muitos brasileiros simplesmente nem podem sonhar com isso, pois ganham abaixo de um salário mínimo. Não é verdade, ministro Andreazza? Outra coisa: para que as casas a serem edificadas nos grandes centros urbanos não acabem custando caro, as Cohabs teriam que contar com terrenos baratos. A Cohab de Campinas, por exemplo, há alguns anos, ficou de pés e mãos amarrados e não pôde atender a milhares de pessoas que estavam na fila da casa própria. Os preços dos terrenos eram exorbitantes e, como entram no preço final das casas, só famílias ganhando acima de 5 salários mínimos poderiam adquiri-las. Resultado: as favelas se multiplicaram.

Por que os terrenos estavam tão caros? Ora, porque, como em praticamente todos os grandes e médios centros urbanos brasileiros, as terras disponíveis para construção estão nas mãos dos especuladores. Esses especuladores podem ser empresários da indústria da construção, pessoas físicas que vivem da compra e venda de terrenos, donos de imobiliárias, etc. Eles estocam terrenos, sentam em cima e ficam esperando a valorização. Um dia vendem esses terrenos por uma grana preta ou constroem apartamentos, casas, *shopping centers*.

O que fazer contra isso? Como acabar com as jogadas especulativas? Há várias saídas. Uma delas é taxar violentamente os terrenos ociosos. Uma taxação progressiva, que vá crescendo ano a ano e que torne desinteressante estocar terrenos. Mas este é apenas um primeiro passo. Tão importante quanto isso seria transformar o BNH num Banco de Terras.

É muito simples. O BNH passaria a comprar terras nos centros urbanos e a estocar. Ele (e a prefeitura) verificaria em que direção a cidade do Rio, por exemplo, está crescendo e que áreas serão ocupadas daqui a uma década. De posse desse dado, o banco iria nessas áreas e compraria terrenos, que ficariam guardados para futura utilização na construção de casas populares. Assim, o BNH chegaria em muitas áreas antes da especulação imobiliária, antes que elas se valorizassem brutalmente, e teria terrenos para atender às necessidades das Cohabs. Esses terrenos seriam vendidos a elas pelo preço de compra (fazendo-se apenas a correção da inflação). Como custariam pouco, também seriam vendidos por pouco. Com terreno barato, daria para edificar casas baratas.

Há dois anos, técnicos do BNH chegaram a propor esta solução e chegaram a fazer um levantamento dos terrenos ociosos no município do Rio de Janeiro. Entretanto, logo se viram impedidos de continuar o trabalho, pois a gritaria das áreas empresariais seria tamanha, tantos seriam os interesses estabelecidos que só um governo com amplo apoio popular teria condições de resistir a tais pressões.

DEU CUPIM NO TAPETÃO
CLAP CLAP
PARQUE ESPORTIVO MARIEL MARISCOT
ZEBRÃO C$ 700.000,
ZEBRINHA C$ 150.000
VASCO DA GRANA
BANGU BANG
LADRÃO!
LADRÃO!
LADRÃO!
LADRÃO!
LADRÃO!
LADRÃO!
LADRÃO!
EI, CARA, TU NÃO TÁ AGARRANDO?
TÔ, SIM... AGARRANDO UMA NOTA PRETA NA LOTECA.
ADENTRANDO O MEU BOLSO, LÁ VAI BARÃO!
PRIII
ALÔ VALDIR RRR, A GRANA TÁ CORRENDO SOLTA...
VAI LEVANDO CINQUENTINHA, O BANDEIRINHA.
DE PASSAGEM, SEGURA UMA QUINA, O GÂNDULA!
MUTRETA S.A.
ESTE TAPETÃO VAI FICAR BONITO NA SALA DA MAMÃE!
BORER
ALCAGUETE S.A.
FLUMONEY
FLA PP
REPORTER
PRODUÇÕES ARTÍSTICAS S.A.

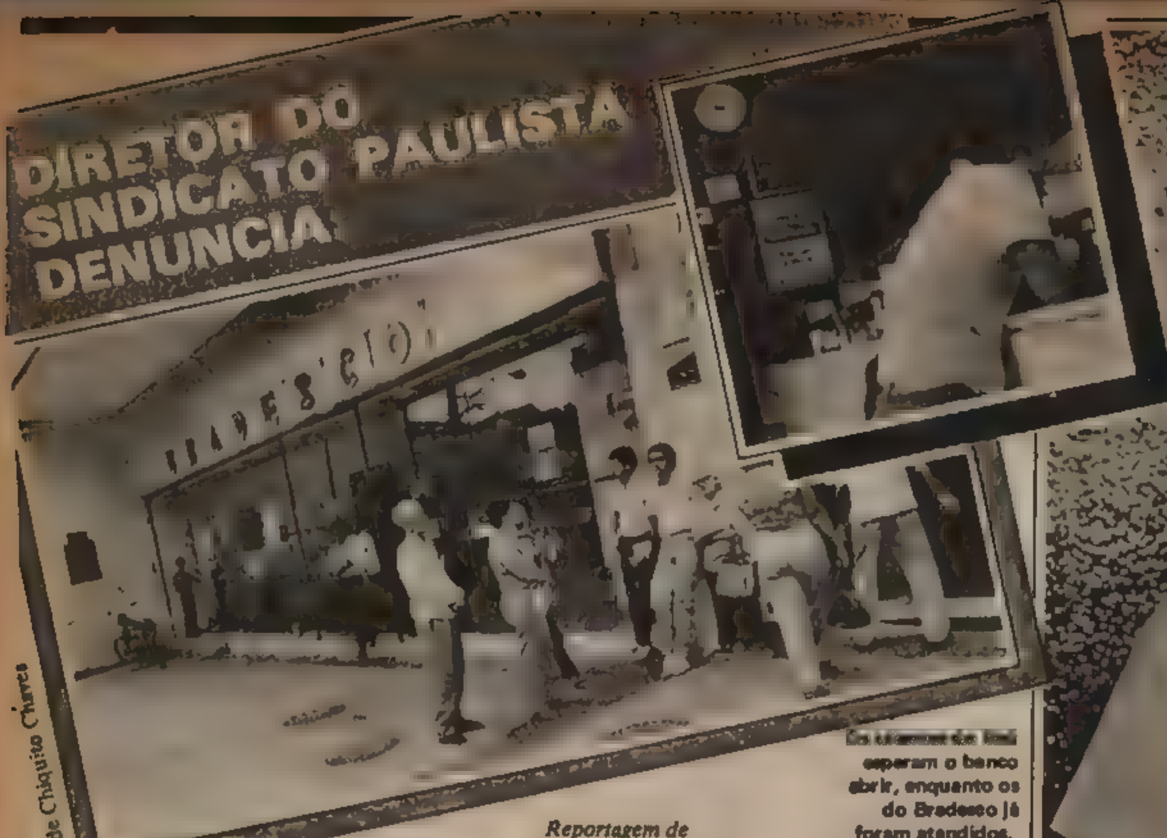


Foto de Chiquito Chaves

Reportagem de Eduardo Homem e Rivaldo Chinem

Os clientes do Itaú esperam o banco abrir, enquanto os do Bradesco já foram atendidos. O relógio marca 8h 45m.

BRADESCO

Fale com a moça, diz a propaganda que enaltece a qualidade dos serviços do Bradesco, o maior banco privado brasileiro. A moça está na agência para resolver todos os problemas dos clientes do banco e, dependendo do tamanho da conta bancária e do caráter dos gerentes, até mesmo seus desejos sexuais.

A denúncia é do diretor do Sindicato dos Bancários de São Paulo, Gilmar Carneiro dos Santos, que afirma já ter sido procurado por diversas funcionárias do Bradesco com reclamações contra gerentes e contadores que as pressionam para sair com clientes ricos depois do expediente. Gilmar diz ainda que a própria roupa das moças do Bradesco foi escolhida para motivar o desejo sexual dos clientes:

– É o próprio banco que dá a roupa para as moças trabalharem na recepção das agências, e essa roupa é uma saia justa que realça o traseiro da mulher e uma blusa de malha fina para mostrar bem os seios. Trata-se de um *marketing* planejado, uma jogada comercial que só aceita as meninas brancas e bonitas. Feias e pretas são para o serviço interno, nada de contato com o público.

Além de induzirem as moças a um tipo de prostituição, onde só quem fatura é o próprio banco, alguns gerentes e contadores do Bradesco cantam em seu próprio benefício.

– Há casos, que chegaram ao meu conhecimento, de gerentes que abordam suas funcionárias, por vezes moças menores de idade, ameaçando-as com a perda do emprego caso se recusem a fazer um programinha com eles. Em pelo menos um caso desses a funcionária, noiva, foi demitida por se recusar a ir a um motel com o contador.

Não só as moças são usadas por gerentes e contadores das agências do Bradesco. Gilmar Carneiro dos Santos também recebeu denúncia de um escriturário que foi apresentado a um cliente homossexual, de forma a facilitar a venda de ações do banco a esse cliente.

Apesar desses fatos serem de extrema gravidade, o Sindicato dos Bancários de São Paulo pouco pode fazer além de oferecer seus serviços jurídicos aos funcionários. Mesmo a denúncia pública é difícil, porque até o momento nenhum funcionário quis assumi-la. A primeira razão é a dificuldade de provar juridicamente o aliciamento ou a indução à prostituição. Não há provas materiais a colher, e conversas desse tipo não têm testemunhas, ficando a palavra da funcionária contra a do chefe.

É também o medo do desemprego, reforçado pela "lei" interna do Bradesco, que leva os funcionários do banco a trabalharem de 10 e 12 horas diárias, num desrespeito, inclusive, a normas do próprio Banco Central e do Ministério do Trabalho. Ivan Pinheiro, presidente do Sindicato dos Bancários do Rio de Janeiro, endossa as denúncias de seu colega paulista, afirmando que, em praticamente todas as agências do Bradesco espalhadas pelo país, o horário de trabalho começa em torno de 7 horas da manhã e o atendimento ao público entre 8h e 8h30m, quando o Banco Central determina que ele comece somente às 10 horas.

Em novembro do ano passado, o Sindicato dos Bancários do Rio fez inspeções em oito agências da cidade, e em todas elas foi constatado que às 8h30m já havia atendimento ao público. Ele diz que "os gerentes, cinicamente, afirmam que preferem pagar a multa do Ministério do Trabalho a respeitar a legislação; e ninguém reclama porque é logo mandado embora"

Em São Paulo, o sindicato já fez inúmeras reclamações à Delegacia Regional do Trabalho, mas ouve a desculpa de que a competência pela fiscalização é do Banco Central. Gilmar Carneiro dos Santos vai além em sua denúncia:

– Há casos como o de um assalto, ocorrido recentemente na agência Pamplona, na área dos Jardins, que se deu às 17h30. Como o seguro contra assaltos vale para o horário de 10h às 16h30m, a companhia poderia se recusar a cobrir o prejuízo do banco. Então, quando acontece esse tipo de coisa, há um conluio do Bradesco com a polícia, que faz o registro da ocorrência como se o assalto tivesse acontecido dentro do horário que o seguro cobre.

O diretor do sindicato paulista afirma ainda que, "se todos os bancários trabalhassem 6 horas, como reza a lei, teríamos 40 mil novos empregos só em São Paulo" Criar emprego onde seus funcionários se sintam bem e estáveis, entretanto, não é a política do Bradesco. Ao contrário, segundo demonstra um levantamento feito pelo Sindicato dos Bancários do Rio de Janeiro, a rotatividade da mão-de-obra no maior banco privado nacional impede que 50% de seus funcionários completem um ano de casa e que 67% deles façam dois anos no banco. Para Ivan Pinheiro, a razão é simples, embora cruel:

– Os banqueiros descobriram que a rotatividade da mão-de-obra é um fator importantíssimo no aumento dos lucros. Assim, eles demitem funcionários mais antigos e contratam novos com salários menores que realizam o mesmo serviço dos que saem.

Maior banco privado do país, o Bradesco é também o que menores salários paga a seus funcionários. Levantamento feito pelo Dieese, a pedido do Sindicato dos Bancários do Rio, com base nas guias de recolhimento da contribuição sindical, prova que os empregados do Bradesco são os que têm a menor média salarial entre os 34 bancos pesquisados. Além disso, o valor abaixo do qual se situam 50% dos funcionários do Bradesco também é o menor entre os 34 bancos. Ainda é o Bradesco o líder em número de funcionários com remuneração de um a três salários mínimos – 68,31%. Recebendo entre um e dois salários mínimos há 52,38% dos empregados do Bradesco no Rio de Janeiro.

Além de pagar mal, a direção do grupo ainda obriga que cada funcionário possua um mínimo de mil ações do banco, pelo que ele é descontado diretamente em seu contracheque no fim do mês.

Banco proibe ação sindical dos empregados

Duas histórias exemplares dão uma ligeira idéia da metodologia utilizada no Bradesco para garantir os maiores lucros e os menores salários possíveis. A primeira delas quem conta é o presidente do Sindicato dos Bancários do Rio de Janeiro, Ivan Pinheiro:

– Primeiro, é bom que se diga que os colegas do Bradesco são proibidos, por seus chefes e gerentes, de qualquer atividade sindical. O índice de bancários sindicalizados do Bradesco é o menor entre os grandes bancos e, mesmo durante as campanhas sindicais, a participação desses colegas é nula, pois o preço dessa participação é o emprego.

– Não bastasse esse comportamento fascista, durante a campanha salarial do ano passado a diretoria do Bradesco organizou uma operação criminosa contra todos os bancários do Rio de Janeiro e contra a liberdade sindical. Apresentamos nossas reivindicações aos banqueiros e estes responderam com uma contraproposta ridícula. Convocamos, então, uma assembléia-geral para discutir a proposta patronal. O que fez a direção do Bradesco: ordenou que seus funcionários sindicalizados comparecessem em peso à assembléia para votar na proposta dos patrões. No dia da assembléia, entre aproximadamente 400 bancários, cerca

Um flagrante do trabalho fora de hora

8h30m da manhã de sexta-feira, 23 de outubro. A reportagem entra na agência Bradesco da Praça da República com Avenida Ipiranga, em pleno centro de São Paulo, onde já começou o atendimento ao público.

Vou direto ao caixa e pergunto à moça se é normal ela começar a descontar cheques, fazer pagamentos antes das 10 horas. Há um rapaz ao lado que se diz supervisor e responde por ela:

– Todo mundo entra às 8 horas, em todos os bancos. O horário para atendimento é a partir das 8h30m. Mas por que o senhor pergunta?

Explico que sou do REPORTER e que estamos constatando a irregularidade do Bradesco, porque o Banco Central proíbe que os bancos atendam ao público antes das 10 horas. A moça tenta responder a pergunta, apesar da presença incômoda do supervisor:

– Ontem mesmo um cliente ligou pra nós às 7h50m, pedindo o saldo. Só não fornecemos porque a listagem não tinha chegado. Só por isso.

O supervisor, entre surpreso e indignado, retruca:

– Até as 8 horas tem que estar todo mundo aqui.

Ao que a moça observa:

– Pelo menos, uns minutinhos antes, né?

Novamente o supervisor, já irritado:

– O trabalho é de 8 às 10. De 10 ao meio-dia é horário de almoço, duas horas. Recomeça ao meio-dia e vai até 18h30m

A caixa prontamente desmente:

– É só uma hora de almoço.

Bigodinho ralo, gravata, calça de tergal, caneta na mão, amparado por um guarda de segurança, surge outra figura por trás de nós. Se diz contador e quer que repórter e fotógrafo mostrem as credenciais. Enquanto ele olha os documentos, insisto na pergunta sobre o horário de funcionamento e ele repete a explicação do supervisor. Nisso, surge o subgerente, que corta a conversa.

– Não damos entrevista. Procure o setor de Relações Públicas, na Cidade de Deus.

Daí em diante o contador se recusa a conversar, e quando-se pede seu nome ele aponta para a mesa do gerente Mário. Dirigimo-nos a ele que, sentado, finge estar trabalhando, alheio ao que se passa na agência. Recebe-nos com um sorriso profissional e diz a mesma coisa que o subgerente. Pede desculpas e justifica.

– Estou trabalhando, é meu horário de trabalho. Você compreende a minha situação, não é? Talvez você também seja funcionário no seu jornal e compreenda essas coisas. Não coloque meu nome, estou muito bem colocado no banco. Já falei demais, com licença.

explora até o corpo das bancárias

de 45% eram do Bradesco, quando nas reuniões anteriores era difícil encontrar um só colega desse banco.

– Percebemos a jogada que, embora imoral, não era ilegal. Começamos as discussões, e era constrangedor ver aqueles colegas calados, apenas esperando a hora da votação para apoiar os patrões. Bem, antes de submeter a proposta patronal aos votos dos presentes, peguei o microfone e falei diretamente aos colegas do Bradesco. Disse que era um prazer poder vê-los no sindicato, mas que era uma tristeza saber que os *chefes*, também presentes, estavam ali para obrigá-los a votar com os patrões, contra toda nossa categoria, contra eles próprios. Falei da exploração de todos nos, que eles também sentiam e sabiam existir, e da necessidade de sermos solidários.

Eu ia falando e vendo os *chefes* ficarem sem graça, se encolhendo pelos cantos. Resultado: na hora da votação, a proposta do sindicato dos banqueiros não teve um só voto favorável. Foi uma bela vitória, da qual participaram os colegas do Bradesco. Ainda assim, eles continuam ausentes do sindicato, pois permanece a ameaça de perderem o emprego.

Por essas e outras histórias, Amador Aguiar recebeu das mãos do ministro do Trabalho, o risonho Murilo Macedo, em 30 de junho último, a Ordem do Mérito do Trabalho, no grau máximo de Grã-Cruz. Ao entregar a medalha, o ministro Macedo afirmou que "Amador Aguiar já é parte da história do Trabalho no Brasil". Ninguém falou do capital dele.

A segunda história é a experiência de um ex-funcionário, demitido antes de completar dois anos de banco:

– Eu comecei a trabalhar muito cedo, era um garoto de 18 anos. Entrei como escriturário e três meses depois fui nomeado *chefe*. Na realidade, meus comandados eram apenas um outro escriturário e dois contínuos, mas o cargo de chefia e um irrisório aumento no meu salário me enchiam de entusiasmo. Eu cumpria e fazia cumprir as ordens com o maior rigor, policiava os horários, as idas e vindas dos contínuos para não lhes deixar espaço de tempo algum livre. Todo o banco funcionava assim. Em cada três ou quatro funcionários, um era chefe. Havia mesmo chefe de um só empregado, coisa de doido. E era uma disputa incrível entre todo mundo para ver quem subia primeiro, coisa, aliás, que os gerentes e contadores incentivavam sempre. Com o tempo e algumas conversas com colegas, fui percebendo que aquilo não era simplesmente uma organização de trabalho eficiente, mas sobretudo uma estrutura que impedia, pela força, a solidariedade entre os funcionários fudidos do banco, a imensa maioria. A gente trabalhava feito louco, obrigava os outros a nos seguirem, não era permitido reclamar, e ficávamos disputando entre nós a próxima promoção. Com isso, a gente queria aumentar nosso salário em cima dos colegas e não pela distribuição mais justa dos lucros dos banqueiros. Ao perceber essas coisas, minha atitude mudou, eu não conseguia ser o mesmo *chefe*, não sacaneava do mesmo jeito os dois contínuos e o escriturário. Resultado: fui mandado embora.

Amador subiu na vida puxado pelo governo

Misterioso, carrancudo, frio, avesso a entrevistas ou pronunciamentos públicos, Amador Aguiar é o milionário excêntrico brasileiro. Ele ama o lucro acima de todas as coisas, mas odeia acontecimentos sociais, desde badalação em festas, até casamentos e enterros. Autoritário por excelência, comanda suas 39 empresas com uma rigidez militar, organizando seus milhares de funcionários segundo uma hierarquia que nada fica a dever à das Forças Armadas. Chega ao requinte de proibir que *seus* homens usem barba, grandes bigodes ou fartas cabeleiras.

Amador Aguiar é extremamente puritano – diz-se presbiteriano, a mesma religião do general Geisel – e foi para fixar essa imagem que batizou o grande complexo administrativo do grupo Bradesco, construído em 1953 em Osasco, SP, de *Cidade de Deus*.

É a partir da *Cidade de Deus* que Amador Aguiar conquista o mundo dos negócios. O velho banqueiro parece ter uma inspiração bíblica para absorver concorrentes, desde os tempos da Casa Bancária Almeida, em 1934, na cidade de Marília. Convidado a trabalhar no banco por seu presidente, o médico José da Cunha Junior, contam algumas versões que Amador se tornou o dono da Casa durante uma viagem do dr. José ao Estados Unidos para tratamento de saúde. Amador tinha uma procuração para cuidar dos negócios.

Verdade ou mera invenção de empresários invejosos de seu sucesso, o fato é que, na Casa Bancária Almeida, Amador Aguiar armou o tripé que sustentou o crescimento do futuro Bradesco: de um lado, Laudo Natel, principal elo de ligação do banco com o mundo da política, duas vezes governador de São Paulo, amigo íntimo dos poderosos, como o atual presidente da República; de outro, Lázaro de Mello Brandão, que ingressara na empresa em 1942, frustrado por não ter passado no concurso para o Banco do Brasil, e que hoje substitui Amador no comando executivo da organização.

O Bradesco, então, iniciou seu crescimento espantoso. Em 1944 abriu a primeira agência na capital paulista, para, em 1950, tornar-se o primeiro banco comercial privado do Estado de São Paulo. Hoje, 38 anos depois de fundado, o grupo Bradesco é o maior entre todos os grupos empresariais privados brasileiros.

Méritos Amador Aguiar tem, como ter sido o pioneiro na utilização de computador nas operações bancárias. Entretanto, sua criatividade e arrojo empresarial sempre se fizeram com o apoio irrestrito do governo, no qual, desde 1967, está solidamente instalado um de seus meninos-prodígio, o ministro do Planejamento, Antônio Delfim Netto.

Em 1973, por exemplo, um grande banco de Minas, o Mineiro do Oeste, passava por graves dificuldades. Só ao Banco Central ele devia Cr$ 600 milhões, muito dinheiro, na época. Pois bem, Delfim chamou Amador e lhe ofereceu um financiamento do próprio Banco Central para o Bradesco incorporar o Mineiro do Oeste. O empréstimo seria pago em 10 anos, com juros anuais fixos de 18% ao ano. Amador fechou o negócio, duplicou a rede de agências do Bradesco no eixo Rio-São Paulo-Minas e, desde então, ganha dinheiro até com o empréstimo do Banco Central, pois a inflação nunca esteve abaixo de 18% ao ano, de 1973 para cá.

Aquele ano – 1973 – último do governo Médici, foi, aliás, muito importante na expansão do Bradesco. Foi quando ele se associou aos grupos seguradores Atlântica-Boavista e Sul América, aliando o poder do maior banco comercial do país ao das duas maiores seguradoras. A partir daí, tornou-se comum no sistema bancário a compra de um seguro como condição básica para o recebimento de um empréstimo.

Também em 1973, Amador Aguiar venceu a disputa com Antônio Carlos Magalhães e Angelo Calmon de Sá, presidente do Banco Econômico, e conquistou a maioria acionária do Banco da Bahia, possuidor da mais forte carteira de câmbio do país, área em que o Bradesco era tido como fraco.

Depois disso, o Bradesco se expandiu pelo interior, inaugurou agências pioneiras em cidades onde ainda não havia chegado a organização bancária, sempre com apoio e incentivos governamentais. Hoje, tem cerca de 1.360 agências, superando em mais de uma centena as do Banco do Brasil. Essa rede lhe permite ser a principal organização arrecadadora de impostos, taxas e carnês do país, e possui a maior captação de cadernetas de poupança depois da Caixa Econômica Federal – quase Cr$ 100 bilhões. Nesse ramo, o Bradesco também entrou comprando empresas falidas com o apoio financeiro do BNH.

Outra importante fonte de lucros do Bradesco é o mercado aberto de títulos. Ele foi um banco pioneiro nas negociações com Letras do Tesouro Nacional, e para isso utilizava um sistema ilegal, mas muito rendoso: convidava seus clientes para aplicarem seus depósitos em LTN, criando uma verdadeira remuneração dos depósitos à vista (o que é proibido pelo Banco Central), mas pagava taxas muito abaixo do verdadeiro rendimento dos papéis, de forma a sobrar para o próprio Bradesco o maior pedaço dos juros pagos pelo governo.

Outra forma de capitalizar as empresas do grupo desenvolvida por Amador Aguiar é a venda compulsória de ações do Bradesco. Não há um só funcionário, do contínuo ao diretor, que não seja obrigado a comprar ações do banco comercial ou do banco de investimento. Além dos empregados, também os clientes são muitas vezes surpreendidos com o aviso do gerente da agência em que têm conta e onde, eventualmente, levantaram empréstimos, de que agora possuem tantas ações do Bradesco. Isso possibilitou ao banco comercial ter, hoje, 1.600.000 acionistas, e ao banco de investimento 800 mil

Quem sabe dessas histórias e de todas as outras que foram ou serão contadas sobre o crescimento do Bradesco não pode evitar o riso, ainda que constrangido, ao se deparar com a frase-lema que Amador Aguiar mandou colocar na fachada do principal prédio da *Cidade de Deus*: "Só o trabalho produz riquezas".

Gilberto Menezes Cortes

Foto Sílvio Cardoso

Murilo Macedo, que até ser nomeado ministro do Trabalho era banqueiro, entrega a Grã-Cruz do Mérito do Trabalho a Amador Aguiar. Eles devem estar rindo da própria [redacted].

Light só dá luz pra quem votar no PDS

O presidente da Light, Luís Osvaldo Norris Aranha, quer se candidatar ao Senado pelo PDS fluminense e já começou a preparar sua campanha eleitoral. Sua estratégia está bem definida: espera conquistar votos com a ampliação da rede de energia elétrica em áreas carentes, particularmente as favelas cariocas e os municípios do interior governados por prefeitos do PDS.

Na mesa de Aranha estão cerca de 100 projetos de iluminação pública, todos escolhidos a dedo e obedecendo, na maioria das vezes, à sua estratégia eleitoral. Assessorado pelo ex-senador Gilberto Marinho, atual diretor da Light, Luís Osvaldo Aranha estabelece quais são os projetos prioritários de acordo com a concentração demográfica de determinada região — o que, obviamente, lhe dará possibilidades de carrear votos para a campanha.

Escolhido o projeto, ele se reúne em assembléia com os representantes dos moradores das favelas. A Light se compromete a ceder os postes e a fiação elétrica, desde que os moradores, em regime de mutirão, façam a instalação dos equipamentos. Esse esquema tem dado bons resultados e, a cada dia, avolumam-se novos pedidos de favelados.

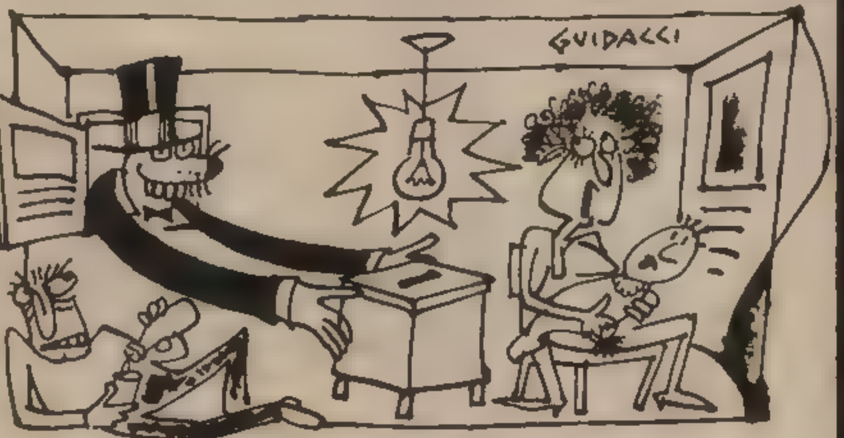
No interior do Estado, o trabalho político da Light é um pouco diferente. Aranha conversa com os prefeitos pedessistas para definir o plano de iluminação, que deve levar em conta os pontos em que se concentram as bases do PDS. Em troca da colocação de novos postes de luz, os prefeitos se alinham na campanha de Aranha ao Senado — o que não é difícil, porque, até o momento, o partido não apresentou qualquer outro candidato ao cargo.

As ambições políticas de Luís Osvaldo Aranha, na verdade, eram outras até o começo do ano. Ele pretendia concorrer ao governo do Estado por uma sublegenda do PDS. Mas acabou mudando de idéia porque enfrentou resistências do grupo ligado ao senador Amaral Peixoto, que controla o diretório regional. Motivo: Aranha é amigo e uma espécie de afilhado político do médico Guilherme Romano, arquiinimigo de Amaral, que exerce um comando paralelo dentro do PDS fluminense. Como a adoção da sublegenda foi rejeitada pelo Congresso, as chances de Aranha se reduziram ainda mais. Para viabilizar sua candidatura ao Senado ele terá de buscar apoio em Brasília.

A penetração da Light no Estado do Rio de Janeiro já está preocupando o PP, que há algum tempo vinha realizando trabalho semelhante nas favelas cariocas, em busca de votos para seu candidato ao governo, o deputado Miro Teixeira. O comando político do PP percebeu que os convênios firmados entre a Light e a Comissão Municipal de Energia estavam esvaziando a presença dos chaguistas nos morros e aumentando o prestígio de Osvaldo Aranha.

Para conter esse avanço do PDS, o Palácio Guanabara decidiu aumentar o orçamento da Cerj (Companhia de Eletricidade do Estado do Rio de Janeiro), que surgiu após a fusão das antigas Centrais Elétricas Fluminenses com a Companhia Brasileira de Energia Elétrica. Enquanto a Light favorece e aprovação de projetos em municípios controlados pelo PDS, a Cerj está levando energia elétrica às regiões em que o PP manda.

Essa disputa entre Light (PDS) e Cerj (PP) já está criando problemas em vários municípios. Em Maricá, na região dos lagos, por exemplo, o prefeito Luciano Rangel oscila entre PDS e PP. Como sua eleição para deputado depende dos votos dos populosos distritos de Bambuí, Inoã e Ponta Negra, ele, há muito, vem tentando colocar postes de luz naquelas áreas. Mas não consegue. Quando pensa em se filiar ao PDS, a Cerj dificulta a aprovação do projeto de iluminação. Se anuncia que vai para o PP, a Light coloca entraves burocráticos. No fim, quem sai prejudicada é a população, que nada tem a ver com a briga partidária.



Balancê do ABC

SÃO BERNARDO INICIA CAMPANHA SALARIAL

O Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema foi o primeiro da região do ABC a se reunir para discutir as estratégias da campanha salarial do próximo ano. Apesar de reafirmarem o compromisso de realizarem a campanha unificadamente, os sindicatos de Santo André e São Caetano ainda não começaram a discutir internamente a questão. No caso de Santo André isto é até compreensível, uma vez que é o conturbado processo eleitoral, para a escolha da nova diretoria, o que está exigindo atualmente as atenções de toda a categoria. Já no caso de São Caetano, nem mesmo os diretores conseguem explicar por que ainda não estão sensibilizados com a campanha salarial.

Para a maioria dos 24 diretores do sindicato de São Bernardo, contudo, apesar do acúmulo de tarefas e problemas que estão enfrentando (dos quais se destaca as demissões em massa), a campanha também merece uma análise atenciosa. Segundo Jair Meneghetti, presidente da entidade, para uma coesão da categoria em torno da campanha serão preciso novas fórmulas, mais eficazes e dinâmicas, que consigam apontar uma pauta de reivindicações consistente e coerente com a realidade atual da categoria.

Segundo Meneghetti, as demissões em massa realizadas e as constantes ameaças de outras virem a acontecer acabaram por desarticular a categoria. "Por isso, não bastará fazermos reuniões usuais nas outras campanhas, como as de setores dentro das fábricas. Para termos bom resultado no processo de levantamento da pauta de reivindicações e para nos aproximarmos mais da base, partiremos também para reuniões em bairros. Vamos para onde reside o metalúrgico", frisou.

A idéia da diretoria é conseguir, nessas reuniões por bairros, unir tanto o metalúrgico como sua companheira, para que ambos discutam as questões salariais e políticas da campanha. "O apoio da mulher é essencial para que o trabalhador se sinta seguro para ir até as últimas conseqüências na sua luta reivindicatória", ressaltou Meneghetti. Um assessor técnico do sindicato já está mapeando os dois municípios que constituem a base de atuação da entidade. Divididos em agrupamentos de bairros, esses locais serão visitados brevemente pela diretoria.

Paralelamente, a diretoria inicia este mês de novembro os contatos com cerca de 30 outros sindicatos — da região e do interior — que também têm como data base 1º de abril. A campanha unificada deverá ser o primeiro acerto desses encontros.

• Dentro de aproximadamente três meses os metalúrgicos da Ford estarão indo às urnas para escolherem os membros de sua Comissão de Representantes. Essa nova comissão substituirá a provisória, criada durante a última greve na empresa e que participou ativamente das negociações pela interrupção das demissões em massa. O estatuto da comissão a ser eleita já está sendo elaborado por representantes do Sindicato de São Bernardo e Diadema e da empresa. A grande novidade desse trabalho: a Ford aceitou que os membros da comissão atuem como representantes autênticos do sindicato dentro da fábrica. Não contando a "encenação" da comissão da Volks, essa é a primeira vez que uma grande empresa abre aos trabalhadores esta espécie de representatividade.

• Caso a comissão de representantes da Ford já estivesse eleita, seus membros teriam um trabalho sério a realizar. Contrariando a disposição da própria Fiesp, que anda debatendo com as Federações de metalúrgicos o final das horas extras, a Ford montou até esquema de transporte para que elas continuem sendo feitas. Já há três sábados consecutivos que a empresa destina 31 ônibus, servindo a vários turnos, apenas aos empregados recrutados para fazerem horas extras.

• Por orientação de sua equipe de engenharia, a Brastemp está fazendo testes para reduzir seu quadro, sem alterar, contudo, sua produção. A primeira novidade desse esquema: — destacar cinco máquinas para cada operador. O sindicato já passou orientação no sentido de que os empregados amarrem a produção. O protesto visa a manter o esquema-padrão de operação: uma máquina para cada operador.

Selma Panazzo

Jarbas deixa chefia do PMDB/PE pra disputar voto

Arraes e Jarbas, briga pelo voto

Jarbas Vasconcelos diz que não será candidato à reeleição para a presidência do PMDB pernambucano. Tal atitute tirou a tranqüilidade dos peemedebistas de Pernambuco, pois foi com o esforço pessoal e liderança inconteste de Jarbas que o PMDB pode ostentar hoje uma organização que abrange 145 dos 164 municípios do Estado e todas as 9 zonas da capital.

O principal motivo da decisão de Jarbas é a necessidade dele se dedicar à sua eleição para a Câmara, onde já esteve entre 74 e 78 como o deputado federal mais votado da história de Pernambuco. Hoje, outros oposicionistas ambicionam esse mérito, a começar pelo ex-governador Miguel Arraes, que há muito trabalha os eleitores em todas as regiões do Estado, inclusive nas áreas onde tradicionalmente Jarbas é bem votado. Isso, além de trazer preocupações ao ainda presidente do PMDB/PE, acirrou o conflito que a candidatura Marcos Freire ao governo de Pernambuco provocou entre Jarbas e Arraes, já que este sempre foi contra o senador.

Para o lugar de Jarbas no comando do PMDB pernambucano deverá ser eleito o padre Mensueto de Lavor, deputado estadual eleito na região sertaneja de Petrolina. Como diz um membro do Partido, "ninguém melhor do que um padre para dirigir o PMDB em um ano eleitoral".

Eduardo Homem

Foto de Chiquito Chaves

Cabaré S.A. (Teatro Rival, Rio, Cr$700, e Cr$400 para estudante), com elenco que inclui globais como Angela Leal e Toni Ferreira, astros como Grande Otelo e Antônio Pedro e gente jovem da pesada como Angela Valério, Jalusa Barcelos, e Sílvia Sangirardi tenta reviver o clima do teatro de revista, que marcou o velho Rival, no centro da cidade, hoje um café-concerto. A iniciativa resulta engraçadíssima em muitos momentos (como na foto em que o delegado toca, com o pé, uma deliciosa siririca na queixosa) e vacilante em outros. Parece que os atores tiveram vergonha de ser revista o tempo todo. Mas o espetáculo vale a pena.

ESPERTAS

HOMOSSEXUAL QUESTIONA OS POLÍTICOS

Os homossexuais do grupo Somos, de São Paulo, dirigiram um questionário para os presidentes dos partidos políticos sobre o movimento de liberação homossexual e a política partidária. O questionário, explica o grupo, faz parte de uma pesquisa mundial que está sendo realizada pelo Grupo Escocês pelos Direitos dos Homossexuais, a pedido do International Gay Association. Os resultados da pesquisa serão apresentados na IV Reunião Geral do IGA em Washington, em 1982, bem como durante o II Encontro Brasileiro de Homossexuais, que deverá ocorrer também em 82, em Salvador, BA.

As perguntas do questionário: 1) Seu partido apóia os direitos dos homossexuais? Tomou ele alguma ação específica em favor dos direitos dos homossexuais?; 2) Seu partido emitiu alguma declaração oficial sobre o movimento homossexual?; 3) Seu partido reconhece a necessidade de auto-organização das pessoas homossexuais? Como você definiria o papel do Movimento Homossexual na evolução social?; 4) Há homossexuais declarados no seu partido?

Pelo menos por parte do PT os homossexuais do grupo Somos estão tranqüilos: Lula, no discurso de encerramento da I Convenção Nacional do partido, no dia 27 de setembro, em Brasília, disse: "Não aceitamos que em nosso partido o homossexualismo seja tratado como doença e muito menos como caso de polícia. Defenderemos o respeito que merecem essas pessoas, convocando-as ao empenho maior de construção de uma sociedade".

Os outros partidos até hoje se mantiveram em silêncio diante da questão.

Saturnino desgastado

Vai começar tudo de novo. Com a derrubada da sublegenda, as candidaturas ao governo do Rio terão que ser revistas, sob pena de a Oposição acabar sendo engolida pela máquina chaguista. O primeiro indício dos novos ventos que estão soprando por aí é a decisão do senador Saturnino Braga de rever sua candidatura. Não é uma atitude elegante, é um cálculo político frio e consciente. Saturnino descobriu que seu nome se desgastou muito: primeiro, ele não conseguiu ir às ruas. A caravana que chefiou até a Zona Sul, no lançamento de sua candidatura, foi um fracasso; depois, eles se desgastou em brigas com o MR-8, não conseguiu se articular bem com outras facções da esquerda que atuam no PMDB e se viu um tanto boicotado pelos udenistas do partido. Mas tudo isso é detalhe se comparado com a falta de um diálogo franco e aberto com o PDT e o PT, ambos com pretensões de lançar candidatos próprios. Renunciando ou não a sua candidatura, o fato é que Saturnino tomou a iniciativa de avançar o sinal e abrir o diálogo com as duas outras fortes correntes da Oposição que, como o PMDB, excluem qualquer possibilidade de acordo com Miro Teixeira, o temido candidato do PP. E, agora, o diálogo vai ser mantido nessas bases: o candidato que tiver mais cacife — pode ser o Saturnino ou o Brizola — sai apoiado pela frente de Oposições, enquanto o que sobrar fica com a legenda para o Senado. A questão do vice-governador volta a ficar em suspenso. E o nome de Paulo Alberto Monteiro de Barros, o Artur da Távola, de **O Globo**, sai de cena tão precipitadamente como entrou.

Francisco Viana

PM agride aleijado em plena Cinelândia

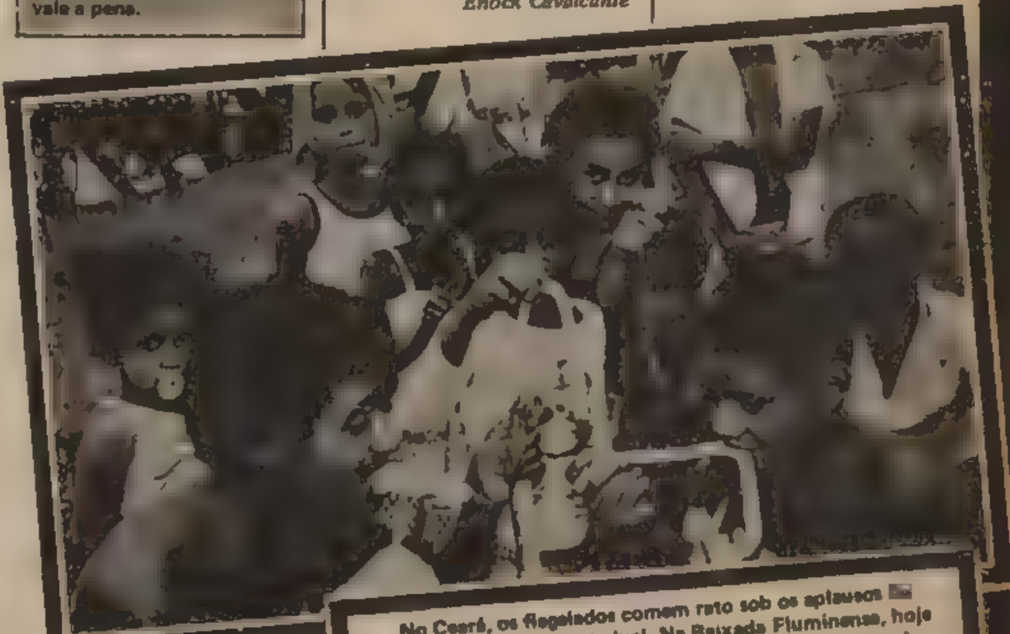
O PM número 12.108 resolveu comemorar o Ano do Deficiente Físico no melhor [redacted] Espancou o paraplégico Gildo Manuel Brito. Foi na Cinelândia, dia 23, 13 horas, Gildo, na cadeira de rodas, [redacted] freqüentadores do Amarelinho. O PM chegou e tentou enxotá-lo aos berros. Gildo argumentou que estava apenas pedindo comida, sem incomodar ninguém. O PM 12.108 engrossou e ameaçou agredi-lo. Gildo não se conformou: argumentou que não estava incomodando ninguém. O PM, então, resolveu dar uma prova de força e virou a cadeira de rodas de Gildo que, [redacted] violência, caiu e bateu com a cabeça no chão. O PM violento quase foi agredido por dezenas de populares que o cercaram. Acabou fugindo covardemente. Gildo foi carregado por populares e recolocado na sua cadeira de rodas, em prantos. É preciso que o coronel Cerqueira puna o PM 12.108. Não apenas pela agressão brutal e covarde a uma pessoa [redacted] principalmente, pelo risco que este louco representa para a coletividade: como um homem que tem coragem de agredir um paraplégico pode proteger e dar segurança a alguém? Fica a PM com a [redacted]

Francisco Viana

★ Nos próximos dias 5 e 6 de dezembro, o Centro de Formação de Líderes, em Moquetá, servirá de palco para o 2º Congresso de Associações de Moradores de Nova Iguaçu. Será uma data vital para o movimento popular em Nova Iguaçu, já que o principal objetivo do Congresso é fundar a Federação de Associações de Moradores, que vai substituir o Movimento Amigos de Bairro — MAB — que, até aqui, vem empentelhando brabo em cima das autoridades corruptas da região. Desde que explodiu no cenário político com sua 1ª assembléia geral, realizada em 78, o MAB tem se destacado como uma das mais fortes articulações envolvendo organizações independentes de bairro em nosso país.

O impasse do MAB, no entanto, nesse momento em que se legaliza, é como manterá sua independência também com relação aos partidos de oposição — PMDB, PT e PDT — que atuam em seu interior. Sob uma maior influência do PMDB, o MAB nem sempre tem sabido conviver com as naturais divergências entre as forças políticas que o sustentam.

Enock Cavalcante



No Ceará, os flagelados comem rato sob os aplausos [redacted] secretário de Saúde estadual. Na Baixada Fluminense, hoje em dia, não há cobra que chegue para a fome da moçada. Eles só temem que o pessoal bem nutrido comece a achar chique comer a carne do réptil, porque aí nem isso vai sobrar pra matar sua fome. Chiquito Chaves fez a foto no Lote XV, em Nova Iguaçu.

★ Atenção leitor que paga prestação de empréstimo pessoal a bancos ou de crédito direto a financeiras: algumas dessas instituições, caso você atrase seu pagamento, estão cobrando 10% de multa sobre o valor em atraso, a título de honorários de advogados. Veja bem, essa multa só é legal se o título estiver em cobrança judicial e jamais quando ele está simplesmente no departamento jurídico do banco ou da financeira.

A artimanha é mais uma forma de faturar em cima do consumidor. Agora que você está avisado, se quiserem lhe cobrar a taxa de 10%, grite, berre, esperneie e, se não der certo, vá ao departamento regional do Banco Central e denuncie a agiotagem. (E.H.)

IMPRENSA MILITAR

ANÚNCIOS SUSTENTAM A PICARETAGEM

Reportagem de Francisco Viana e Ana Maria Martins

A imprensa militar no Brasil não é apenas um forte instrumento de controle ideológico dentro das Forças Armadas. É muito mais que isso. Nestes últimos 17 anos só fez crescer: chegou ao público civil, edita jornais, livros e revistas, com circulação e um volume de publicidade de fazer inveja a qualquer grande editora ou jornal de grande porte.

Revistas importantes como as editadas pelos clubes Militar e Naval e a Defesa Nacional, esta de cunho marcadamente ideológico, não sabem o que significa a palavra crise econômica, fantasma que tira o sono dos donos dos grandes impérios jornalísticos. Em suas páginas, circulam, sem inibição, nomes de anunciantes como **Serpro, Ford, Companhia Vale do Rio Doce, Eletrobrás, Lloyd, Coca-Cola, Brahma, Mannesmann, Sunaman, Sesc**, o empresário **João Fortes**, enfim, a lista é interminável.

O negócio é organizado: a publicidade, planejamento editorial e edição das principais revistas são centralizados na Editora, Promoções e Publicidade, dirigida pelo jornalista Fernando Rodrigues. E, se não chega a ser um negócio milionário, é, no mínimo, bastante promissor e próspero. Uma revista como a **Defesa Nacional**, bimestral, com tiragem de 20 mil exemplares e mais de 50 mil leitores, distribuídas pelas elites militares e civis, exibia no seu número de julho-agosto nada menos que 24 anúncios de página inteira, incluindo desde as poderosas **Volkswagen, Nuclebrás** e **Mercedes-Benz**, até o **Banerj** e a **Caixa Econômica Federal**.

O anúncio numa publicação militar não é barato. A única exceção é a revista **O Expedicionário**, dos ex-pracinhas, o primo-pobre da família, embora ostente orgulhosamente 28 mil assinantes, entre os quais a Presidência da República, os ministérios, casas legislativas de todo o país, empresas e associações de ex-combatentes. **O Expedicionário** cobra 75 mil cruzeiros por uma página, a contracapa e a capa, com quatro cores, variam de 95 a 115 mil. Mesmo assim, a revista só sobrevive à custa de magros anúncios de pequenas e médias empresas, como fabricantes de aguardentes, confecções infantis, veterinários, sindicatos, pequenas construtoras e imobiliárias, ostentando sem assiduidade anúncios de empresas como o **Banco Econômico** ou uma multinacional do porte da **Coca-Cola**.

Bem diferente é a situação da **Defesa Nacional**, das revistas do Clube Militar e do Clube Naval e até mesmo da revista da Escola de Educação Física do Exército, esta última com menor volume de publicidade. De todas, com preços de páginas — os anúncios são geralmente de página inteira — que oscilam entre Cr$100 e Cr$200 mil, a mais cara é a revista do Clube Militar. Sua capa varia de Cr$315 mil a Cr$375 mil, e uma página comum oscila entre Cr$187 mil e Cr$262 mil. Juntas, as quatro revistas têm tiragem superior a 100 mil exemplares, com circulação nacional.

A imprensa militar é desconhecida do grande público, mas é tão antiga quanto as próprias Forças Armadas. Atualmente, há publicações das mais distintas: a Biblioteca do Exército, por exemplo, é uma editora poderosa, com mais de 40 mil sócios, entre civis e militares; a Marinha tem o Centro de Documentação da Marinha, que publica, entre outras, a **Revista Marítima Brasileira** e edita livros.

Na Marinha há ainda o informativo **Marinha Hoje**, muito bem feito, que contém uma espécie de síntese das atividades navais, e as revistas **A Galera**, da Escola Naval, e a **Fragata**, do Colégio Naval. A Aeronáutica também tem sua revista, e há as publicações de particulares, como **Letras em Marcha**, jornal de doutrinação nitidamente anticomunista, tão bem aquinhoado de publicidade como de colaboradores ilustres: o marechal Odylio Denys, ex-ministro do Exército de Jânio, o historiador Pedro Calmon, o general Sylvio Frota, ex-ministro do Exército de Geisel e o sociólogo Gilberto Freyre.

Os jornais e revistas têm de tudo: informação, política, propaganda ideológica, notícias sociais e informes técnicos. Estes predominam nas publicações da Marinha e da Aeronáutica. A **Revista Marítima Brasileira** é uma publicação de grande prestígio nos círculos navais, com conteúdo exclusivamente técnico. É totalmente o oposto da sua congênere **Defesa Nacional**, onde a questão ideológica do combate ao comunismo é o traço marcante da publicação.

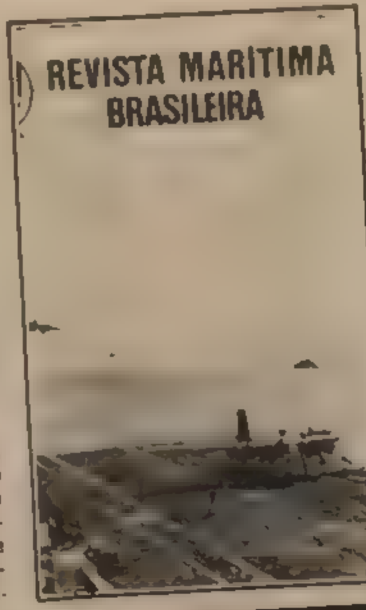
A **Defesa** é totalmente diferente também de **Letras em Marcha**, veículo de doutrinação mal feito, mal escrito e pobre de conteúdo. **Letras em Marcha** existe há dez anos, mas não tem o refinamento nem o corpo de colaboradores da **Defesa**, que é dirigida pelo general-de-brigada Diogo de Oliveira Figueiredo, irmão do presidente da República, funcionando como uma espécie de porta-voz da elite militar e civil do sistema.

Na revista se encontra desde um bem fundamentado artigo sobre a Política Exterior da URSS, evidentemente sob um prisma de direita, do embaixador Ilmar Penna Marinho, e artigos sobre a Estratégia Soviética, a Presença de Cuba, até traduções de entrevistas de personalidades como o secretário de defesa dos Estados Unidos e artigos escritos pelo embaixador do Brasil em Londres, Roberto Campos.

É uma revista densa, bem escrita, onde o comunismo é combatido com inteligência e um paciente trabalho de doutrinação, todo ele feito por ex-estagiários da Escola Superior de Guerra — generais, professores, embaixadores, enfim, gente do primeiro time da burguesia brasileira e internacional.

Letras em Marcha não tem sofisticação, nem didatismo. O texto político sai mesmo no velho estilo panfletário. Exemplo: "As bombas que explodiram no Riocentro nos proporcionaram a observação de um estupendo trabalho de formação de opinião pública. Toda a imprensa, sem exceção, além de estampar as costumeiras manchetes cor-de-sangue, esmerou-se na conclusão interpretativa dos fatos, julgando, a *priori*, os dois militares envolvidos. O capitão Wilson e o sargento Guilherme já foram considerados culpados pela imprensa, que jogou todo o peso de sua credibilidade na tentativa de formar, nesse sentido, a opinião pública". E conclui: "Se não houvessem sido militares os atingidos, mas dois comunistas, eles seriam vítimas. Se não fosse o Puma, mas o carro de um deputado comunista, ele seria a vítima. Nesse caso trágico, as vítimas são os culpados".

Detalhes importantes: **Letras em Marcha** é visceralmente anti-Miro Teixeira. Escreve o jornal: "Se forem candidatos ao governo do Estado do Rio de Janeiro, por exemplo, Miro Teixeira e Sandra Cavalcanti, em quem votarão o ex-capitão Levy, o facínora Sete Dedos, os bicheiros e os policiais corruptos? Se você votar em Miro Teixeira, certamente será um co-votante do ex-capitão Levy, do facínora Sete Dedos, dos bicheiros e dos policiais corruptos. Estará em companhia muito singular. . . Medite! Desde já. . ."



General compara publicações com atos terroristas

"A imprensa militar cresceu, mas não tem penetração", garante o general Nelson Werneck Sodré, autor de uma das mais sólidas obras sobre os militares brasileiros. E explica: "A grande massa dos militares, o militar que é profissional mesmo, lê pouco. O dia-a-dia absorve muito e não sobra tempo. Sempre foi assim."

A única exceção foi a **Revista do Clube Militar**. *Na década de 50, quando o general Stilac Leal, ministro da Guerra de Getúlio (no seu segundo governo), foi eleito presidente do Clube Militar, a revista, até então inexpressiva, ganhou súbito destaque nacional, transpondo as muralhas dos quartéis e indo influenciar o pensamento das correntes nacionalistas e progressistas do país. Era comum oficiais escreverem na revista defendendo a campanha do* **Petróleo é Nosso**, *a mais importante iniciativa nacionalista da época, a campanha pela paz e a defesa dos minérios estratégicos. Ficou famoso o artigo mostrando os interesses americanos na ocupação da*

Há no Brasil inúmeras publicações — livros, revistas e jornais — destinadas principalmente aos militares. Algumas são eminentemente técnicas, mas a maioria usa a desculpa do anticomunismo para mascarar um rendoso negócio editorial.

apoio do ex-presidente da República, marechal Hermes da Fonseca. O grupo ganhou o nome de Jovens Turcos, inspirado num movimento revolucionário que tinha acontecido na Turquia.

— Aqui — conta Nelson Werneck — os jovens turcos eram apenas técnicos, queriam discutir questões técnicas. Nada de política. Eu mesmo trabalhei na edição da revista em 44-45, quando ela vivia em grandes dificuldades. Era fininha e tirava cerca de dois mil exemplares. Agora, ela mudou: é grossa, tem boa circulação e trocou sua linha técnica pela de difusão de propaganda ideológica anticomunista.

A posição da imprensa militar está diretamente ligada à influência do setor nacionalista das Forças Armadas. Enquanto este se manteve equilibrando a balança entre direita e esquerda, a imprensa foi progressista. Um bom termômetro é a Biblioteca do Exército: entre 1940 e 1964, a biblioteca publicou 30 títulos sobre temas brasileiros e problemas geopolíticos, contra apenas quatro tratando de anticomunismo e guerra-fria. Posteriormente, a situação inverteu-se: os títulos sobre guerra-fria e anticomunismo passaram a preponderar, numa proporção de 12 contra 1 apenas nos quatro primeiros anos que se sucederam ao golpe. Só o general Fernando de Carvalho, responsável pelo IPM do PCB, publicou uma extensa obra com nove volumes sobre o anticomunismo.

— A Biblioteca do Exército teve seu período áureo quando foi dirigida pelo general Humberto Peregrino, excelente escritor militar, que a assumiu na segunda metade da década de 40. Vivia com recursos próprios e era aberta à intelectualidade brasileira. Depois de 64, a Biblioteca passou a ser um forte instrumento de luta ideológica, foi aberta aos civis e bem lubrificada financeiramente. É uma instituição abertamente anticomunista e favorável aos Estados Unidos, mas eu tenho muitas dúvidas quanto à influência do material que publica: é péssimo — diz Nelson Werneck.

Politicamente, a Biblioteca, se não tem influência, tem importância: seus livros chegam aos locais mais distantes do interior do país, justamente onde a penetração do mercado editorial formal é pequena ou quase inexistente, seja pela distribuição ou pela falta de livrarias. Assim, mesmo que por inércia, a Biblioteca funciona como um instrumento socializador, complementando com suas publicações a ideologia difundida pelos comandos, gran-

des e pequenos, através de seus boletins.

— É aí — explica Nelson Werneck — que está o centro da questão: o militar brasileiro é normalmente um homem médio que tem uma visão ingênua da realidade. Ele acredita, sem questionar, no que a grande imprensa diz sobre a URSS e os Estados Unidos: acredita que um é mau e que o outro é bom, como acreditava nos filmes sobre a guerra-fria que os Estados Unidos mandavam em massa para o Brasil tentando convencer a opinião pública, no início da década de 50, sobre a necessidade de invadir a Coréia.

Não menos taxativa é a opinião de Nelson sobre a imprensa militar, na forma com que é feita atualmente.

— A imprensa militar virou um negócio, uma picaretagem. Quem é que vai negar uma publicidade a um general ou um coronel?

Nelson está se referindo especificamente às chamadas publicações informais — que não pertencem às instituições militares, mas são editadas por militares — que se multiplicaram nestes 17 anos. E explica:

— Esta imprensa é o mesmo que as organizações terroristas. Uma organização terrorista do tipo da que colocou a bomba do Riocentro não tem limite na sua ação porque não está ligada a instituição alguma. O mesmo acontece com a imprensa informal militar: ela pode pressionar até o limite que desejar, porque não tem vínculo com a instituição.

Coréia, traduzido do jornal francês a Tribuna das Nações e publicado na revista do clube.

— Toda a imprensa brasileira ficou contra nós. O Pentágono, a CIA e as multinacionais passaram a atacar a revista, que perderia sua influência em 52, quando Stilac não conseguiu reeleger-se e foi desencadeada uma série de perseguições contra os oficiais nacionalistas, transferidos para locais distantes dos grandes centros — lembra Nelson Werneck, ele mesmo transferido para a fronteira do Rio Grande do Sul.

A revista do Clube Militar retrata hoje a imagem do próprio clube: uma instituição que já foi a mais influente da República, que está reduzida à dimensão de um clube recreativo e social. As eleições diretas foram abolidas, prevalecendo o critério indireto de escolha dos dirigentes. E o clube passou a funcionar como qualquer clube comum, comercializando até o espaço de seu boletim informativo.

Antes da revista do Clube Militar houve também uma outra revista influente, Defesa Nacional, pioneira na divulgação de assuntos técnicos das Forças Armadas. Sua história é curiosa: na década de 10, um grupo de jovens oficiais foi estudar na Europa, particularmente na Alemanha, e voltou com idéias de defender a modernização do Exército Brasileiro, naquela época muito desaparelhado e sem nem a sombra do prestígio militar e político que hoje possui. Como veículo de propaganda de suas idéias, fundaram a Defesa Nacional, iniciativa de qual participou o pai do presidente Figueiredo, Euclydes, e mereceu o

UMA COLUNA DE POLITICA

Ô da política!

Daniel Aarão Reis Filho

Velharia abunda e manda nos novos partidos

Estou ficando intrigado com a influência e a força dos velhos líderes nos partidos de oposição.

O Partido Popular — PP — é dirigido nacionalmente por dois velhinhos matreiros: Tancredo Neves e Magalhães Pinto. No Partido do Movimento Democrático Brasileiro — PMDB — continua apitando o velho deputado Ulysses Guimarães: quando o pessoal que hoje tem vinte anos estava nascendo, o dr. Ulysses já era ministro. No PTB e no PDR brilham duas balzaquianas: dona Ivete Vargas e dona Sandra Cavalcanti. No PDT, o velho líder populista Leonel Brizola foi eleito governador... há 23 anos... Dois outros exemplos numa lista que é infindável: Jânio Quadros, que está beirando a compulsória, e o velho Luís Carlos Prestes, que está querendo entrar no PT. Quer dizer, quase todos os líderes já passaram ou estão passando dos sessenta anos.

Não é que eu seja contra os velhos. Em princípio eles acumularam experiência e devem poder passá-las aos mais jovens. Mas é no mínimo estranha a concentração de poder nas mãos dos maiores de 60 anos, sobretudo porque o país é majoritariamente jovem e a maioria do eleitorado votará pela primeira vez em 1982.

Mas não é propriamente pela idade que estas velhas lideranças estão se tornando lideranças velhas. É pelo estilo de trabalho, pelos métodos de direção, que estes dirigentes estão cheirando a mofo, cheios de teias de aranha, parecendo múmias saídas de escuras cafuas.

Observe-se, por exemplo, a investida de Prestes no Partido dos Trabalhadores. O velho líder comunista não quis saber de discutir programas e princípios, como recomendariam os autores que gosta de citar. Sua preocupação — transmitida como proposta à direção do PT do Rio de Janeiro — foi a de "reunir-se com as várias tendências existentes no partido e discutir as condições de seu ingresso e a concessão de legendas para si e seu grupo nas eleições de 1982". O velho cavaleiro não faz por menos: quer ser senador e exige também um comício de recepção com a presença de Lula. E ainda deu prazos: se não viesse uma resposta até 27 de outubro, "entraria em outro partido". Prestes teve sua proposta recusada e caiu mais uma vez do cavalo. Claro, a direção regional não veta seu ingresso, nem o de ninguém, mas, para ter legenda, Prestes terá que ganhar os votos necessários na convenção estadual do PT.

No Partido Popular, o balé dos conchavos entre Tancredo e Magalhães é um deboche à inteligência nacional. Ivete e Sandra trocam de partido e de siglas como se trocassem de anquinhas, sem o menor pudor. Jânio Quadros, entortando braços e pés no entra-e-sai partidário, é a caricatura burlesca do Jânio-bufão do início da década de 60. Finalmente Brizola, em sua inglória campanha para obter credibilidade junto aos militares, troca seu velho discurso incendiário, que empolgava o povo, por um açucarado (e rançoso) lenga-lenga que não convence ninguém: Brizola está conseguindo a proeza de perder as bases populares sem ganhar o crédito dos militares. Está se comportando como aquele português que desejou aprender inglês e ficou mudo: não conseguiu dominar a língua estrangeira e esqueceu a língua de origem.

As velhas lideranças que estão se tornando lideranças velhas, surradas, carcomidas, são diferentes entre si, mas têm muito em comum: por exemplo, o estilo personalista, colocando a própria pessoa acima de tudo e de todos; a absoluta falta de princípios, o descaso pelos programas; a prática elitista, demonstrando um profundo desprezo pela participação das bases dos próprios partidos.

É preciso olhar com cuidado esses caciques. A democracia neste país não pode ficar dependendo do humor dos poderosos do dia. Precisa de partidos políticos fortes, coesos, definidos politicamente. E nada pior para um partido e para a democracia do que um "grande" líder sem princípios.

TORCIDA TEM CULPA NO FRACASSO DO PALMEIRAS

O Palmeiras não é mais aquele, já vai longe o tempo em que o time comandado por Ademir da Guia era conhecido como Academia. Hoje é um dos piores times do campeonato paulista e corre sério risco de não participar do próximo campeonato nacional, a Taça de Ouro. Suprema vergonha e uma questão que está na cabeça de jogadores, dirigentes e da torcida: de quem é a culpa?

Para o meio-campista Pires, jogando atualmente no América do Rio e um dos heróis do último campeonato estadual ganho pelo Palmeiras, em 1976, o problema se resume em três coisas: politicagem, um time de baixa qualidade técnica e uma torcida exigente demais.

Segundo Pires, a politicagem é comandada pela famosa Turma da Corneta, integrada por conselheiros, torcedores influentes e palpiteiros, que vive apitando nos ouvidos da diretoria do clube, dizendo que o jogador tal está fazendo corpo mole, não está se empenhando, que está agitando o ambiente ou está fazendo oposição. Essa Turma da Corneta, segundo o meio-campista, foi responsável pela saída de gente como ele, Jorge Mendonça, Leão, Rosemiro, César e muitos outros, que hoje estão brilhando em outros times.

No caso de Pires, a Turma da Corneta o acusou de estar fazendo oposição ao atual presidente, Bríscio Pompeu, em apoio ao antigo presidente Paschoal Juliano. Além disso, Pires foi acusado, por ser o mais antigo do time, de estar acomodo o ambiente. Além do mais, segundo o jogador, de um tempo para cá o Palmeiras começou uma política de comprar jogadores baratos, de nível médio, que não têm condições de vestir a camisa do clube. Por isso o time não vem conseguindo bons resultados.

— Se não bastasse — continua o armador do América — ainda tem a torcida, que é a mais exigente que eu conheci até hoje. Mesmo quando o time estava bem a torcida não se satisfazia apenas com vitórias; queria goleadas. E não perdoava tropeço com time pequeno ou empate em casa: lá vinha vaia, pressão, o diabo.

O ponta-esquerda do Flamengo, Baroninho, concorda com Pires quanto à torcida alviverde e diz mesmo ser este um dos principais problemas que vêm afetando o desempenho do time: "Eles nunca estão satisfeitos com os jogadores. Veja só: em 1979, quando a gente foi à final com o Corinthians, estávamos vencendo de um a zero e a torcida, mesmo assim, não estava satisfeita. Em vez de incentivar o time, reclamava. Os torcedores do Corinthians, ao contrário, gritavam puxando os jogadores pra cima de nós, e eles acabaram virando o jogo e ganhando de dois a um. Quer dizer, foi uma vitória da torcida corintiana".

Antônio Carlos Morbio, 28 anos, presidente da torcida organizada Grêmio Alviverde, sócio do Palmeiras "desde que nasci", família toda de origem italiana e palmeirense roxa, diz que "a torcida é tachada de mais exigente que as outras porque está habituada a glórias desde o tempo do Palestra Itália". Sobre as causas da derrocada da Academia, Antônio Carlos aponta o fato de o Palmeiras sempre ter sido um clube fechado por parte da diretoria e do conselho. Esse fechamento não permite à torcida ficar sabendo das divergências internas do clube e acaba culpando unicamente os jogadores"

Sobre o momento atual, Antônio Carlos desconfia de que não está havendo consenso na diretoria em termos de um objetivo. E conta que, "outro dia, um conselheiro entrou no vestiário do time xingando todo mundo. Quer dizer, falta coesão".Sobre a própria pressão da torcida em cima dos jogadores, Antônio Carlos concorda que foi esse o fator determinante para a venda ou empréstimo de muitos jogadores no fim da temporada passada, atletas que acabaram se firmando em outros clubes. Mas afirma que "hoje ninguém é louco para repetir isso"

Baroninho foi um dos que saíram do Palmeiras este ano. Ele diz que esse é o grande problema do time do Parque Antártica: "O elenco foi todo mudado e, principalmente, depois da saída do Telê, ninguém sabia quem era titular, quem era reserva. Um time assim não pode ter tranqüilidade. E sempre por pressão da torcida, que acabou forçando a minha saída do clube, junto com Jorge Mendonça, Rosemiro e César. Isso, sem falar nos técnicos, que nunca conseguiram trabalhar em paz. Nem o Brandão teve vez". Apesar de tudo, Baroninho se diz "palmeirense doente".

Enéas, há menos de três meses no Palmeiras, concorda que o ambiente está um pouco conturbado: "Acho que deveria haver um pulso maior por parte da diretoria. Ela deveria exigir mais do jogador, porque o esforço físico do treinamento vai ser um benefício na hora de jogar. Acho que esse esforço está faltando um pouco, há jogadores que se empenham e outros que se recusam". Quanto à competência da diretoria e à exigência da torcida, Enéas nada reclama, apenas observa que torcedores oriundos de uma colônia como a italiana têm "sangue-quente, mas é isso mesmo"

Jorge Vieira, o novo técnico (o nono, desde 1977), diz que há uma série de razões para o fracasso do Palmeiras, mas não quer tocar no assunto: "O Palmeiras não está morto. O time tem possibilidades neste octogonal (torneio que apontará o campeão do segundo turno do campeonato paulista, cujo vencedor disputará o título com a Ponte Preta). Além do mais, não vejo nenhum bicho-papão aqui em São Paulo. Os times estão muito nivelados"

Já Luís Pereira, 32 anos, mais uma vez vestindo a camisa verde e branca, pergunta: "Fracasso do Palmeiras? Em que aspecto?" E ele mesmo responde: "Acho que em parte os jornais deturpam. Se formos analisar o futebol paulista no todo, vamos ver que a fase negativa é geral, nada dá certo. Quer dizer, a crise não é só do Palmeiras, mas de todas as demais equipes. O Palmeiras é igual, em nada diferente dos outros times"

Pereirão diz que foi-se o tempo de Pelé, em que havia jogadores e times que desequilibravam um campeonato. Ele afirma que hoje, "na era do Zico, o futebol está nivelado", e aponta um fato verdadeiro e interessante: "Você pode notar que o futebol está voltado para os jogadores de 30 anos para cima. É o Paulo César Caju a nova esperança do Corinthians; o Afonsinho entrou no Fluminense pra armar o meio-de-campo; o Jairzinho voltou ao Botafogo pra fazer os gols que os novos não fazem; Mário Sérgio acabou virando o melhor ponta-esquerda do Brasil; Dicá continua comandando o time da Ponte; Chicão, Palhinha e Nilton Dias são os expoentes do time do Santos e o Vaguinho continua dando trabalho aos laterais, lá em Minas".

Luís Pereira não acha que faltem craques no time do Palmeiras, e afirma existir um bom ambiente entre os jogadores: "Nós conversamos muito, estamos numa fase de transição e, devido à imaturidade da torcida, os caras caem em cima de nós. Os mais novos se abatem, e para levantar o moral de novo é uma parada, porque hoje em dia o jogador tem mais responsabilidade. E, se ele não está confiante em si, acaba com medo de jogar. Estamos tentando recuperar a confiança do time, mas não é do dia pra noite que se faz um campeão".

Rivaldo Chinem e Jorge José de Mello

Enéas

Manoel Isidoro

Luiz Pereira

Chiquito Chaves

Jorge Vieira

No escândalo do futebol carioca, juízes e jogadores são inocentes:

BORER CAIU NO CONTO DO RADIALISTA

Flávio Moreira

O repórter da Rádio Nacional, Flávio Moreira, realmente vendia resultados de jogos a dirigentes de clubes cariocas. De todo o escândalo que abalou o futebol do Estado depois que o presidente do Botafogo, o ex-policial Charles Borer, denunciou a corrupção de juízes e a participação do radialista Moreira como intermediário no esquema, esta é a única certeza.

Nos meios esportivos e jornalísticos, o passado de Moreira é conhecido. Há sete meses ele foi demitido da agência de notícias Sport Press — que programava os testes da Loteria Esportiva — por ter roubado um talão de cheques de seu companheiro de trabalho Eucimar Oliveira e emitido um "voador" de Cr$1,5 milhão. O gerente do banco estranhou o valor porque Eucimar não movimentava quantias tão elevadas e telefonou-lhe, perguntando se não houvera engano. Aí descobriu que a assinatura dele fora falsificada. A investigação chegou rapidamente a Flávio Moreira, logo afastado da empresa.

Segundo fonte bem informada, o radialista era mais um daqueles que resolvem ganhar dinheiro fácil com o futebol, tentativa que se tornou mais freqüente desde que a Loteria Esportiva criou, com o futebol, um movimento financeiro semanal que vai a centenas de milhões de cruzeiros.

Geralmente os dirigentes procurados são os de clubes que estão em posição difícil na tabela dos campeonatos. Este é, há algum tempo, o caso do Botafogo. No último campeonato nacional, quando a situação do clube ainda era oscilante — o Botafogo acabou disputando a semifinal contra o São Paulo, em jogo tumultuadíssimo no Morumbi, no qual dirigentes da Federação e do clube paulista coagiram abertamente a arbitragem — Flávio Moreira procurou a direção do Botafogo. Data dessa época a fita gravada da conversa entre ele e o diretor Olavo Sargentelli, agora apresentada ao Departamento Geral de Investigações Especiais (DGIE) pelo presidente Charles Borer como prova do esquema de corrupção que envolveria juízes e jogadores.

Na verdade, o envolvido — como subornante — foi o próprio Borer. Flávio Moreira vendeu o que não tinha comprado. Provavelmente ele embolsou algum adiantamento e embrulhou o presidente do Botafogo que, sete meses depois e nas vésperas de eleição no clube — ele apóia o candidato Emanuel Sodré Viveiros de Castro — resolveu levantar a lebre. Teve o cuidado, entretanto, de só tirar o coelho da cartola para a imprensa porque, na Justiça, retratou-se de todas as acusações feitas aos árbitros cariocas, Valquir Pimentel inclusive. Mas a cena já estava armada. No dia em que Borer divulgou o esquema da corrupção de juízes e jogadores no futebol carioca, Valquir foi surpreendido por matéria do **Jornal dos Sports** em que lançava a candidatura de Juca Melo Machado à presidência do Botafogo. Machado é, na verdade, o candidato das oposições a Borer, mas Valquir não tinha feito declaração alguma a seu favor. Por telefonema ao jornal, ele descobriu que a matéria fora paga. Era publicidade, e não reportagem feita pela redação.

Borer sabe que na Justiça nada pode provar, mesmo porque, se a investigação andar muito, certamente obterá resposta para a seguinte pergunta: se, como ele afirma, transmitiu ao presidente da Federação, Otávio Pinto Guimarães, e ao diretor da comissão de arbitragens, Constantino Magalhães, a indecorosa proposta de Flávio Moreira no início do ano, e se os dois dirigentes nada fizeram, por que não foi aos jornais denunciar toda a trama, ainda bem quente? Responder a isso pode comprometê-lo. Borer foi hábil, jogou uma espécie de cortina de fumaça: foi ao DGIE — ele certamente goza de boas relações na área policial — e estimulou a abertura de um inquérito que vai dar em nada. Principalmente porque será conduzido por órgão inteiramente despreparado para um caso como esse. Seria a mesma coisa que mandar a PM recolher os cães vadios da cidade. Daqui a alguns dias, o encarregado do inquérito virá a público dizer que não descobriu coisa alguma. E a briga de Borer com Moreira se esvaziará na Justiça.

É claro que há juízes desonestos, jogadores até. Mas eles são certamente manipulados. O esquema de que fala Borer é basicamente constituído por aproveitadores como Flávio Moreira, que envolvem inocentes como supostos subornados e dirigentes metidos a malandro, como o rescaldado presidente do Botafogo.

Sobre isso, uma historinha exemplar. Há alguns anos, o Bangu, que tinha Paulo Borges, Bianchini, Parada, Jaime, Ocimar, time que foi campeão em 1966, jogava, num sábado, com o Bonsucesso. O campo era o de Teixeira de Castro. Jogo duro. Os sociais, entretanto, Castor de Andrade, diretor do Bangu, estava tranqüilo. Segundo comentou com amigos, acabara de comprar o goleiro Cláudio (que foi depois do Fluminense, do Santos e da seleção brasileira):

— "O Cláudio tá na gaveta!"

Um amigo perguntou-lhe se havia feito negócio diretamente com o jogador.

Castor respondeu: — "Não, paguei a um intermediário."

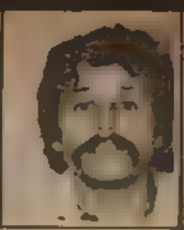
O amigo lhe disse para correr atrás da grana porque acabara de ser enganado. E estava certo. No jogo, Cláudio, que não sabia de nada, defendeu até pênalti de Parada. Nesse momento, Castor saiu correndo das tribunas com cara de quem queria esganar alguém. E nunca mais tocou no assunto.

Se os dirigentes esportivos querem acabar com o clima de descrédito que envolve o futebol carioca, devem encaminhar a investigação pela Justiça Esportiva, começando por examinar suas próprias gavetas.

UMA COLUNA DE FUTEBOL

FOLHA SECA

Luiz Alberto Bettencourt



Culpados são cartolas. Eles fazem o circo.

Os dirigentes esportivos cariocas estão na obrigação de levarem até o fim a investigação sobre corrupção no futebol, sob pena de afastarem mais ainda o torcedor dos estádios — atualmente, mesmo grande clássico não junta mais de 50 mil pessoas. Duvido, porém, que eles façam alguma coisa séria. O motivo é simples: eles seriam o principais visados em qualquer inquérito bem intencionado.

O esquema de que tanto falou o presidente do Botafogo, Charles Borer, não é composto por jogadores e juízes; pode até envolvê-los eventualmente, mas o lance, na grande maioria dos casos, inclui um espertalhão que promete arrumar resultado de jogo — da Loteria ou não — mediante módica quantia. Dinheiro na mão, o malandro espera; se o juiz for infeliz e errar muito a favor do comprador, ele cobra o resto da grana; se não, argumenta junto ao ilustre cartola que não conseguiu armar a jogada.

Nossos cartolas são particularmente sensíveis a uma mutreta, e o suborno só lhes provoca indignação se for contra. É claro que também há exceções, mas a regra é essa: vaidade, incompetência, desonestidade. São homens, como mostraram os jornais nas últimas semanas, que fazem tudo para aparecer, não têm o mínimo tino administrativo e querem dar bravatas à força de argumento.

Em toda essa história, de Eurico Miranda a Michel Assef, para citar os representantes dos clubes de maior torcida na Federação — Vasco e Flamengo — o objetivo foi um só: retomar o poder de indicar os juízes, retornar ao velho esquema das pressões, constranger as arbitragens, fazendo-as diretamente dependentes dos clubes.

Infelizmente, ao que parece, esses senhores continuam à frente de um esporte pelo qual não demonstram apreço. Dele, eles retiram apenas promoção. O futebol, para eles, é uma espécie de picadeiro no qual equilibram algumas bolas no nariz sob a luz dos refletores.

O time da Bulgária que jogou em Porto Alegre é muito fraquinho. Defesa fechada, com até oito homens, apoio do meio de campo, recuo dos pontas, o diabo. Só faltou o chefe da delegação ajudar o goleiro, porque o resto do time raramente passou da linha de meio-campo. Os búlgaros, entretanto, armaram sua forte retranca em linha, de modo que qualquer tabelinha em profundidade punha dois ou três brasileiros frente ao gol.

Mário Sérgio jogou o fino, mas não me parece que ele dispute a ponta esquerda. Se jogarmos com ele e Paulo Isidoro contra defesas bem armadas e times que se fecham atrás vai ser duro. Não temos pontas; a jogada pela lateral, que entorta os beques, é feita por Júnior e Leandro, desde já candidatos a uma tuberculose de tanto ir e vir.

Ao Telê, uma outra sugestão desta coluna: por que não adiantar um pouco a posição de Zico, sem prendê-lo na frente, e formar um quadrado no meio-campo que inclua Cerezo, Mário Sérgio, Sócrates e ele?

"ELAS E MAIS ELAS"

NESSE PROGRAMA, O ASSUNTO É MULHER!

"Juntas podemos fazer coisas fantásticas. Se você tem um recado, uma idéia, quem sabe uma receitinha ou um palpite, telefone pra gente: 767-1716. Ou escreve. Seja mais uma em *Elas e mais Elas*."

O desafio é grande. Todos os dias, Eliane, Maria, Valéria e Nelly estão na Rádio Solimões, fazendo o primeiro programa dedicado às mulheres da Baixada Fluminense. São duas horas de conversa, entre 14 e 16 horas, em que todos os assuntos são tratados de forma pouco convencional: desde "coisas do coração", até violência urbana, associação de moradores, dicas e truques para sua alimentação, música e horóscopo.

Para dar alguns segredinhos de como fazer o colarinho de uma camisa não ficar encardido, Maria Grillo começa dizendo que, cada vez que vê uma camisa suja na frente dela, a vontade que tem é de jogar a camisa fora. "Mas, como nem sempre isso é possível, vou dar pra vocês algumas dicas de como lavar roupa sem se amolar muito."

Alguns minutos depois, Eliane Aguiar está entrevistando um representante da Associação de Moradores de Imbaê, que reclama dessa história dos moradores de Nova Iguaçu fazerem mutirão para pavimentar a rua onde moram: "A gente já trabalha oito, doze horas por dia e no fim de semana ainda tem que ficar trabalhando porque o Estado não cumpre com suas obrigações!? Quero ver alguém dar material para um cidadão que mora na Zona Sul tapar o buraco de sua rua".

Tudo pode acontecer durante essas duas horas de programa. Como telefone na Baixada só mesmo em orelhão, as ouvintes preferem ir pessoalmente conhecer as moças que conversam com elas. E às vezes arrastam junto o marido para ele ver "as mulheres que a estão ensinando a ser mulher". Ou, como D. Alfa, jornalista e poetisa, com quase 90 anos, que foi pedir um espaço no programa para os "moços da patrulhinha", que queriam virar artista e largar essa vida de polícia.

É claro que a reação dos ouvintes nem sempre é tão cordial. Outro dia, Maria estava andando pelas ruas de Nova Iguaçu e foi reconhecida por um rapaz que comentou em alto e bom som: "Aquela senhorita ali está precisando de um cala-boca. Por causa dela a minha mulher outro dia não fez jantar, disse que estava cansada".

— Na verdade — diz Sandra Regina — a gente diz as coisas que as mulheres daqui pensam e não têm coragem de dizer. Procuramos mostrar que a mulher que trabalha fora e dentro de casa tem uma carga maior, duas jornadas, e por isso o marido pode muito bem ajudá-la um pouco. A gente procura valorizar o trabalho da mulher, seja dentro ou fora de casa.

Mas, para isso, nada de sermões ou discursos inflamados. O tom do programa é o de uma conversa entre amigos, onde algumas vezes todo mundo fala ao memo tempo e nem sempre se concorda com o que o outro está dizendo. Lili Discô, a repentista da Baixada, personagem encarnado por Eliane, é a paixão das crianças. O Cestão de Economia, mantimentos no valor de Cr$ 3 mil sorteados entre as ouvintes, provoca um enxame de cartas. As pesquisas de rua feitas pela equipe causam polêmicas que chegam a durar uma semana inteira.

— Um homem nos telefonou — conta Eliane — dizendo que queria trocar sua mulher de 40 anos por duas de 20. Resolvemos perguntar na rua o que as pessoas achavam disso. A briga durou uma semana, as mulheres ligavam indignadas.

A organização do programa é bastante flexível. Não existem chefes e ninguém tem atribuições fixas. Na verdade, quando "as moças" chegam à rádio, pouca coisa já está estabelecida. O programa vai sendo feito na medida em que elas vão recebendo telefonemas, selecionando as notícias do dia, entrevistando os convidados. Existem alguns quadros fixos, como Horóscopo ou Dicas e Truques, mas tudo pode mudar se o Tema do Dia estiver muito interessante e os entrevistados tiverem muita coisa para dizer.

— Isso aconteceu quando a Marli veio aqui lançar seu livro na Baixada, o *Tenho Medo de Barata, de Polícia Não* — conta Valéria Grillo. Foi uma loucura. O auditório, com capacidade pra trinta pessoas, tinha mais de cem, entre deputados, pessoal de editora, feministas e gente de Nova Iguaçu. No meio de toda essa confusão, uma mulher entrou na sala dizendo que tinha um caso pra contar: seu irmão também tinha sido morto por policiais, mas ela nunca denunciou o caso porque a família tinha medo. As duas ficaram conversando e a Marli dizia: "Vai em frente, denuncia que mais forte é Deus".

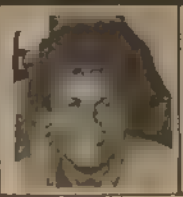
O primeiro desafio foi vencido: as moças que vêm de longe (elas moram na Zona Sul e têm formação universitária) conseguiram conversar intimamente com as donas-de-casa da Baixada. Agora, resta arranjar um patrocinador que permita o programa continuar no ar.

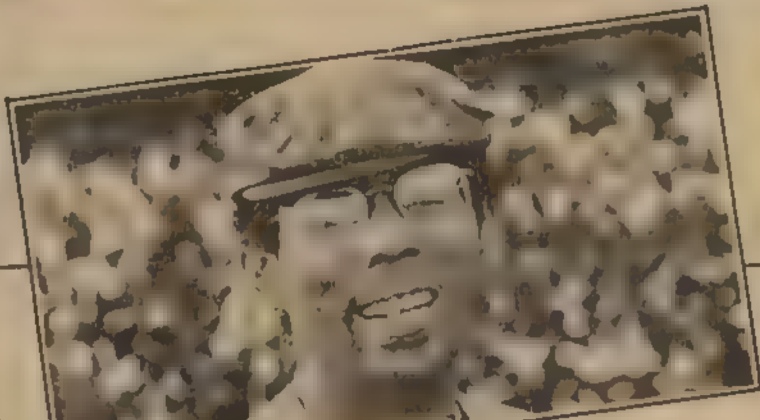
— Até agora — conta Nelli Hudson — só acumulamos dívidas. Pagamos pra trabalhar, pois bancamos a produção do programa e pagamos o horário da rádio.

COLUNA DE TV, CINEMA, TEATRO, SHOW E GENTE

PASSARELA

Jorge Segundo





Macalé processa CBS

Por quebra de contrato, segundo afirma, *Macalé* está processando a gravadora CBS. Ele garante que "a vitória está quase chegando" e que vai receber, terminado o processo, 150 mil dólares, mais de 15 milhões de cruzeiros (no câmbio negro, o prevalecente, chega a quase 20 milhões). Macalé é um músico, um compositor autônomo, enfim, um trabalhador que se vira por conta própria, e isso lhe tira um pouco o brilho (no bom sentido) projetado nos órgãos de divulgação; para o artista independente, é muito difícil vencer a barreira da consegue chegar a um bom público". Outra briga que o compositor está cnamada grande imprensa. Para Macalé, o que interessa mesmo é isso: "Fazer um trabalho pequeno, mas de qualidade. E esse trabalho, se é bom, comprando é com as emissoras de televisão: "Meu cachê é de 70 mil cruzeiros, isso até dezembro. Depois, aumenta de acordo com a inflação. Se me pagarem, eu canto. Se oferecerem menos, fico em casa".

SALVE O REI

Mais um mês de votação e o Rei da Noite do Rio será conhecido. Carlos Machado já está pronto para passar a coroa a seu sucessor. Na última apuração, incluindo os votos dos leitores (através do cupom) e de gente famosa, estava assim: Ricardo Amaral, liderando com 46 votos; Chico Recarey, 35 votos; Sargentelli, 16; Mário Priolli, 16; Sérgio Cavalcanti, 14; Hubert de Castejá, 1 voto; e Moacyr Deriquem (o único do grupo que não comanda nenhuma casa noturna, não promove shows, não emprega músicos e atores, mas que está sendo bem votado pela classe artística e por leitores, "por ser um homem que faz a noite, com suas festas e sua alegria), está com 20 votos.

Com a apuração de hoje, fica assim: Ricardo Amaral, 49 votos; Recarey, 41; Sérgio Cavalcanti, 16; Sargentelli, 22 votos; Moacyr Deriquem, 23. O Priolli e o Castejá continuam com a mesma votação. PASSARELA agradece. CORRESPONDÊNCIA: Jorge Segundo – Rua Djalma Ulrich, 110, CEP 22071, Copacabana, Rio.

REI DA NOITE

Voto em: ______________

____

Nome do eleitor ______________

____

____

MULTIDÃO

Carlos Alberto, tricampeao do mundo, pode ser o treinador do Cosmos, de Nova Iorque, na próxima temporada do futebol americano. A volta ao time que ele deixou, por desentendimento exatamente com o técnico, vai ser por cima; só não será se o Califórnia Surf, seu clube atual, vetar a liberação do contrato que ele ainda tem que cumprir, até o final de 82. * Médicos que cuidam do coração do **Grande Othelo** estão preocupados com o ritmo de trabalho do ator: ele está em cartaz, no Rio, em dois espetáculos (*Viveiro de Pássaros* e **Cabaret S/A**) e ainda faz televisão. Othelo já avisou aos doutores: "Não se preocupem. Meu coração bate mais tranqüilo e feliz quando estou em cena!"

PICASSO NA ULTIMA NOITE

Macedo Miranda, *filho, chefe de redação do* Fantástico, *fez dois bons trabalhos com* Picasso: *primeiro, a adaptação brasileira do* Diário de um Pintor *(o belo e aplaudido documentário). . . depois, reuniu em sua última noite — e sob a égide de Picasso —* a Dina Sfat e o Paulo José: *ele, como narrador, fez o papel do pintor no documentário; ela foi* Fernande, *o primeiro e um dos grandes amores do genial Pablo. Depois desse trabalho e dessa noite, em que conviveram como dois namorados, Dina e Paulo se separaram definitivamente! Ficou a lembrança de Picasso!*

OSTRA

Chegou. Parou na porta como se não pudesse entrar. Bandido, matreiro! Permaneci imóvel na cama. Lá vêm seus olhos apalpando meu corpo. Centímetro por centímetro. Senti os lábios, as mãos, as pernas.,. . o peito ardeu. Há quanto tempo, heim?

Caminhou intrépido sobre o assoalho gemente. Cansado. Não disse nada. Vagou no quarto à meia-luz de um lado a outro querendo dizer o que não sabia começar Esperei o golpe fatal. Não veio. Alimentei esperanças. . .

Alguns homens desceram a rua contando piadas. Ouvi as vozes.O som dos passos pesados tremendo nas paredes. Falavam de mulheres perdidas e riam como crianças. . . Me senti molhada. Um fósforo solitário incendiou os fundos de um cigarro vagabundo. Vi o fogo. Senti o cheiro penetrante da fumaça dissipando-se na esteira. Cadê o homem? Foi à cozinha. Café, talvez. Uma pinga, sei lá! Não o ouvi saindo do quarto. Tirou os sapatos? Já faz tempo que não aparecia. . . Não tenho certeza se sou o que é ou se sou a outra. Não faz diferença. . . Não me importo! Todo mundo fala. As vizinhas todas dão, mas nunca assumem, eu assumo! Dou mesmo, e daí? É ele que acho!. . . Não vou lá em casa mais. Uma cobrança eterna, uma fofocaiada. Falam para casar, para sair desse, arrumar outro. Eu fico! Talvez tenha até um filho. . . uma filha.

Ele está demorando. A descarga! Está no banheiro . . Será que vai tomar banho? Lavar. O que ele pensaria se eu aparecesse lá, agora? Seria bom esfregar-lhe o peito, os pelos, os ombros, os músculos, a bunda. . . tenho medo. Que paixão ridícula! O homem nem fala mais comigo . . Ele não é assim, silencioso, esquisito. . .

A primeira vez. A gente nunca esquece. Como será que ele vai entrar aqui? Vai aparecer correndo nu e pular na cama, sussurando aos berros que me quer possuir, varar, morder, apertar, sangrar, gozar. .. derreter? Um gozo no meu gozo?. . . Me sinto ensopada, distante. . . A primeira vez. . . Oh, meu Deus! Passei a noite toda pensando no homem. No dia seguinte. No mato. A noite toda rolando na cama. . . Pensando no dia seguinte. Febril, meu corpo suave. O travesseiro úmido roçando entre as pernas. Eu amei o travesseiro, a colcha, o lençol. A marca molhada não secou até hoje no colchão de capim. Quantos anos eu tinha? Uns quinze, sei lá! Como o tempo passa. . . Será que esse homem não vem? Já faz uma hora que está no banheiro!!

A primeira vez. Sempre procuro não lembrar, mas não adianta. . . Corri a margem do rio inteira, nua. Me acovardei na hora agá! Era muito grande, grosso. . . não quis mais! Ele não gostou. Também, pudera, fizemos tantos planos. Levamos de comida a mercúrio e papel higiênico. Sonhamos uns quinze dias direto com aquilo e na hora eu recuso fogo. Não quero ir. . . cortadinho. Ele correu atrás de mim, me puxou pelos cabelos. Caímos os dois na areia. Os beijos. As mãos. Os dedos, meu medo. . . meus olhos, meus seios. Não houve fronteiras. Quis fugir de novo, mas minhas pernas se enlaçaram em suas costas. Quis pedir socorro, mas meus lábios só pediam os dele, não quis me entregar, e foi somente, exatamente o que não fiz. Abri. Como se abre uma comporta de uma imensa represa. E foram muitos os rios límpidos e outros barrentos que se formaram a partir da queda destas primeiras águas. . . Seu murmúrio ofegante aqueceu meu rosto. Fui descendo. Sua boca mordia os mamilos rígidos. Os pelos emaranharam-se aos dela. Senti a língua. . . o céu azul escurecia. Puxei-o pelas orelhas. Cravei-lhe os dentes no ombro sentindo-o penetrar até a alma. . . que loucura! Que dor doída maravilhosa! Passei para cima. Cavaguei como se cavalga um alazão fogoso. Cadê as esporas? Só tenho as unhas. Segurei o bruto. Não admito, ninguém admite tombar do galope numa hora desses. Me prendeu pelos cabelos. Senti chegar o pulo. Os corações iam a mil. Minha pressão rompia. Não quero, não agora. . . não! Diminui o ritmo. Baixou a pressão rapidamente. Cessam os movimentos. . . Fiquei ali em cima. Parada. Respirando profundo. Olhando o que pensava ver no céu. Nuvens. Um sol pálido, estranhos pássaros. Sentia-o pulsando dentro de mim. Meu nêgo, olhos vadios, testa franzida, gemia. Eu, ali em cima. Suávamos. . . Um ventinho frio veio como um amigo soprar o suor de nossos corpos, secar a canseira de nossos poros . . restaurar as energias, como se a natureza contemplasse nosso bailar. Bailei incrédula de tudo. Reboleí. Isso, meu nêgo funga. . . funga, meu menino travesso. Meu nêgo arredio. Respira fundo. Beijei-lhe o umbigo. . . um umbigo feio, fundo. Beijei-o, afinal. Segurei como se fosse meu. Era meu. Só eu o tinha. Prendi meus cabelos nele. Passei a língua em volta. Esfreguei o nariz nele. As bochechas, os ouvidos, o fundo dos olhos. . . a boca. Quis engolir. . . engasguei. Olhei meu menino por entre os pelos. Vi seu peito, seu queixo, os furos do nariz, os ossos das costelas forçando a pele. Vem, meu nêgo, vem por cima de mim! Mas o moleque, esse moleque que me botou de quatro e eu não resisti. Como animais. Fez de meus seios seus arreios. De meu cabelo, meu freio. De seus dentes, suas esporas. Ensopada, desta vez foi mais fundo, assentando estranhos desejos de desconhecidas carências. . . Não esqueço. Nunca mais. . .

E nem era tão grande assim, tão grosso assim. . . nem se parece com este outro, agora. . .

Afinal, cadê o homem? Como pode alguém ficar tanto tempo no banheiro desse jeito? Por que estou relembrando tudo isso? Por que ele está calado assim? Está na cozinha, agora. Café ou pinga? Depois vem com bafo. Que venha até sem saco! Esta cama é tão grande. . . seus passos! Está vindo! As cobertas, uma perna de fora. A camisola, um seio mal encoberto. O travesseiro, meus cabelos espalhados. O lençol, meus dedos cravados. Os lábios semi-abertos, obscenos. Querendo murmurar vem, vem, vem. .

Chegou. Parou na porta como se não quisesse entrar. Me olhou com brilho diferente. Um vagabundo aceso no canto da boca. Tragou fundo, baforando no quarto impregnado do cheiro dum bicho no cio. Não sei dizer nada. Permaneço imóvel. Que domínio louco este homem tem sobre mim, meu Deus! O que faço? Bandido! Ordinário! Seja, voz, seja. . . O que fez esse cara sumido aparecer assim, silencioso, misterioso? Sem palavras, sem carinho? Por que calei também? Será a outra? O que ela disse? Que fizeram? Não quero saber! Vem. Me abraça. Chora, se queres chorar. Ama-me, se queres amar, mas não me batas com esta penúria. Este silêncio. Esta angústia. Já é madrugada lá fora. As últimas vozes já se apagaram na neblina, no luar. . . Vem. Meu corpo pede o seu. Meus lábios anseiam seu toque, seu hálito. . . Vem. Não fique parado aí. . . Não consigo pensar em outra coisa, que ódio! Por que me olha assim? Lembra onde nos conhecemos? Aqueles amigos, o bar. . . Lembra-se de nossa primeira noite? Aquela chuva, os relâmpagos. . . Você não disse de outra. Você riu do meu gozo, do meu gemido, do meu arrepio. Você me molhou na cara e foi bom. Os dois juntos, no mesmo momento, lembra-se? Por que isto, hoje? É para sempre? Vai me deixar após tanto tempo, aqui, prostrada na cama? Ao seu deleite e nada?

Silêncio absoluto. Encostado no portal. Atirou o toco do vagabundo num canto qualquer. Deu as costas. Bateu a porta. Os fantasmas da última baforada dissolvendo-se no facho de luz. Seus passos ressoaram rua abaixo. Não ouvi vozes, nem piadas, nem risos. . . Nada! Ninguém jamais disse um adeus tão calado. . . Meus dedos procuram consolar meu corpo. Atingir o ápice roçando, roçando, sonhando. . . Vingança. Meu dedo. Não quero acreditar. Meu pulo. Roçando solitário. . . Roçando. Sonhando, roçando, meu dedo. Eu grito!. . . Roçando. Meu dedo, meu colo, meu gozo, meu gozo, meu grito. . . — Covarde!!

Herbert Hette

I CONCURSO DE CONTOS ERÓTICOS

Cr$ 35 mil para o primeiro colocado; 15 mil para o segundo e 10 mil para o terceiro. Envie seu trabalho, inédito, com no máximo 120 linhas, até 30 de novembro. Os contos selecionados para premiação são publicados a cada edição do REPORTER e seus autores fazem jus a Cr$2 500 pela publicação. Assine o conto com pseudônimo e envie, em envelope anexo, seu nome e endereço completos.

EMPOS E CRISE

Toda crise econômica provoca degeneração moral e psicológica (como em um período pós-guerra) pessoas, independente de seu nível de conscientização.

Mário Pescuma, auxiliar de enfermagem de ferramenteiro, 22 anos, entre os milhares de demitidos da Ford do Brasil, não passou despercebido por este período febril de recessão, pelo qual atravessamos.

— Quatro meses desempregado — comentava ele com um amigo em igual situação — o desespero toma conta da gente. Tenho que me virar. . . tomar uma providência

Embora moralista, de índole religiosa, não suportou tal situação. E, à noite, tomado de pânico e necessidade, resolveu ganhar a vida transando o corpo Aceitou o convite de um amigo já iniciado.

— Ligarei para o Freitas hoje — falou para si, alto, como a se convencer da resolução tomada. A sua voz ecoou pelas quatro paredes do pequeno quarto de pensão da rua Pelotas. — Ligarei já.

O encontro foi realizado em frente ao prédio do MASP. Desceram a alameda Casa Branca, que se estendia ao longe no seu silêncio de carros e sombras de árvores, como lhe sucede costumeiramente nas madrugadas de domingo. Freitas, entusiasmado, narrava-lhe o seu sucesso como prostituto (midnight cowboy), com garotos ricos dos Jardins.

— Pagam bem — alardeava o Freitas — e além disso ficam presos a você. Dá pra fazer uma chantagenzinha. . . Pinta carango na jogada e coisas assim. . .

No trecho que compreende as alamedas Jaú e Itu, um bando de rapazes se perfilava ao longo do muro do Colégio Dante Aleghieri, a espaços consideráveis uns dos outros. Mário, atento, observava a maneira como se portavam os garotos quando abordados por um carro. Não teve que esperar muito para ver uma Caravan estacionada a seus pés. Estremeceu, o coração saltou-lhe no peito. As pernas tremeram num afã de desmaio. Se aproximou. A porta foi aberta. Entrou e o carro disparou em direção à alameda Santos. Uma mão correu-lhe pela perna junto à alavanca de câmbio e subiu em direção ao pênis. A pressão dos dedos e o peso da mão se fez sentir puxando forte o zíper para baixo. O membro vibrou no ar numa explosão de sexo. A carícia cresceu no seu movimento rítmico e Mário estremeu no estertor do gozo.

— Não' por favor, não goze agora!!

— Eu não. . . não. . . agüento — respondeu Mário com a voz entrecortada.

— Então vamos parar — e retirou a mão.

O carro deslizou lento pela rua Pamplona. Mário se arrumou enquanto a brisa da madrugada soprou-lhe no rosto a fragrância leve do perfume de sua companheira.

— Meu nome é Flávia, gostosão, e você, como se chama?

Mário sorriu tímido. O carro entrou na alameda Lorena e estacionou na porta do prédio.

— Moro aqui. . . — indicou Flávia. — Não precisa se preocupar. . . No terceiro andar e sozinha. Como você disse que se chama mesmo?

Mordeu os lábios, pigarreou. . . — Mário — respondeu, por fim.

Flávia trancou o carro, segurou Mário pelas mãos e puxou-o para o elevador, apertou o 3 e subiram.

— Pronto — disse — moro aqui no 35 — e abriu a porta.

— Lindo apartamento você tem — arriscou Mário.

— Fique à vontade — levantou os braços como a indicar todo o espaço.

— Toma conhaque ou uísque?

— Uísque, por favor.

Serviram-se, enquanto Flávia colocava um disco na vitrola. De volta, apagou a luz da sala e pegou a garrafa de Johnnie Walker. A penumbra se apoderou do ambiente em cumplicidade com o som de jazz do saxofone de Illinois Jacquet. Flávia desabotoou a blusa lentamente, deixando à mostra uns seios pontiagudos, brancos e modelados como se esculpidos. Mário serviu-se de mais uma dose enquanto Flávia se despia. Deitou-se, sentiu o calor do hálito e o macio dos lábios de Flávia subindo pelas pernas e por fim engolindo o seu pênis, num turbilhão de carícias. Deixou-se levar por uma gostosa sensação de prazer, com o corpo sendo desenhado em batom vermelho.

— Tire o seu vestido — implorou Mário, delirante — quero lhe chupar inteirinha.

Flávia recuou. Desesperou-se. Tentou levantar-se. Mário a segurou pela cintura, arrancou-lhe as roupas num desvario de loucura e, na cegueira de seu torpor, se lançou de boca em seu abismo de prazer. Sentiu os dedos de Flávia penetrarem em seus cabelos puxando sua cabeça com força. Algo de estranho lhe roçou os lábios. Estremeceu. Resistiu. O pavor, o pânico, lhe tomou conta Um jato quente e viscoso lhe espirrou no rosto. O gosto acre lhe chegou à língua. Soltou-se. Correu para o interruptor de luz. O clarão assomou o ambiente. Flávia(o) ainda se masturbava, o membro na mão, em fausto. Gemeu, mordeu os lábios com força, o filete de sangue escorreu pelo canto da boca. O vaivém da mão assumiu velocidade. Dobrou côncavo o corpo animalescamente. Os olhos em chama. O fôlego opresso, descompassado, berrou de prazer. Caiu-lhe a peruca denunciando um rosto de forma hedionda, espectral. Resfolegou de maneira estranha sobre o sofá. Mário, tomado de pavor, vestiu-se às pressas, lançou-se porta afora, debateu-se escadaria abaixo, lívido ganhou a Av. Nove de Julho e desapareceu na distância.

Elói Bispo

CINEANGEOCORONARIOGRAFIA PRODUÇÕES LTDA apresenta
LADY DU em "O SEGREDO DO TORTO"
IDEIA: CHIQUITO, LUIZINHO, DUDA
ROTEIRO & DESENHOS: GUIDACCI
NÃO ESTOU MAIS AGUENTANDO A NEURASTENIA DO REI. DEPOIS QUE DEIXOU DE FUMAR, POR CAUSA DO CORAÇÃO, ELE FICOU UM CHATO.
ELE TRATA MELHOR OS SEUS CAVALOS.
MEU REINO, MEUS CAVALOS POR UM CIGARRO.
NA GRANJA DO REI, NINGUÉM TINHA SOSSÊGO. ELE PRENDIA E ARREBENTAVA QUEM FUMASSE PERTO DELE.
NÃO QUERO NEM SABER DE GATONAS.
UM BELO DIA, NÃO SE SABE BEM, A CIA METEU-SE NA HISTÓRIA.
PSITE!
SERIA MAIS UM GOLPE? E A ABERTURA IA PRO BREJO? CALMA CORAÇÃO, LEIA O RESTO DA HISTÓRINHA.
NÃO ACREDITO NOS MEUS OLHOS
NHAM NHAM
Olé, olá o rei do torto tá botando pra quebrar ... (REPETE)
QUE TAL, NÃO PAREÇO O NUREYEV?
MAS EIS QUE ENTRA EM CENA, PARA REVELAR O MISTÉRIO DAQUELA TRANSFORMAÇÃO, A BARATINHA FANHA
EU TAVA ESCONDIDINHA E FI TUDO.
DERAM PRO REI ESTE LIVRO E UM FACOTINHO
MACONHA FAZ BEM PARA O CORAÇÃO
MACONHA FODE. É BOM PRAS FEIAS DO CORAÇÃO.
REPORTER
o baratotal

Dezembro de 1981 — Nº 55 — Ano V — Cr$ 70,00

AUTÔNOMO INDEPENDENTE

REPORTER

MENGO, CAMPEÃO DO MUNDO

TUDO SOBRE A GRANDE CONQUISTA

SÓ FALTA A LUA!

Liverpool toma de 3 e entra na roda

ESPECIAL

VITÓRIA DE ARTE E CORAÇÃO!

FOTO CHIQUITO CHAVES

Guerra e talento. Nunes, o herói

Deu samba na área dos Beatles. O Flamengo, campeão brasileiro, derrotou o Liverpool -nome da cidade do conjunto famoso - em ritmo de espetáculo pra japones ver. Foi em Toquio, sim, que Nunes, artilheiro antes execrado, se tornou herói com grande atuação e dois golaços.

O placar foi 3 a 0, mas o placar não teve importancia. Os ingleses foram paralisados pelo toque mágico do esquadrão que sucede o Santos de Pelé na história do futebol brasileiro. Zico deu passes de almanaque, dribles de salão e chute de canhão; Adílio, em alguns momentos, escondeu a bola até do público; Junior, mesmo mancando e com o joelho arrebentado, reinventou a geometria, descobriu espaços antes nunca vistos.

Eles foram grandes. Grandes como Mozer e Marinho, cuja aeronautica superou o tão decantado jogo aéreo do time inglês; como Lico, que apareceu pelo meio, tipo surpresa de fim-de-ano de Carpegiani, técnico que, de auxiliar, foi a campeão mundial em apenas quatro meses; como Andrade, que comandou o rebolado de exibição, mas foi impecável enquanto o jogo ainda não se decidira.

Antes eram Estocolmo, na Suécia, Santiago do Chile e Cidade do México as capitais da glória futebolística nacional. Agora registre-se que também no Oriente longínquo foi composta uma antologia da nossa maior paixão popular. A antologia de Toquio. Foi obra prevista e ate financiada pela empresa automobilística japonesa, a Toyota; mas o patrocínio não arranhou a composição, apenas mostrou que ela é inteiramente profissional amadurecida. Pronta para ser repetida. Sim, porque, como disse o presidente do Flamengo (página 4), a meta agora é o bi-campeonato.

Nem Dalglish, nem Kennedy, nem Johnson. Apenas um atrevido Johnston a atropelar tornozelos, em tão desabalada carreira que nem a linha de fundo o continha. O Liverpool não existiu como adversário de uma final mundial. Foi um "sparring". Irritado em alguns momentos, medroso na maior parte do jogo. Tirou de Raul a oportunidade de ganhar um carro zero quilômetro que a patrocinadora concedia aos destaques da partida. Ganharam Zico e Nunes que aproveitam a oportunidade para pedir à Alfândega liberação imediata de seus veículos.

O Flamengo ganhou a Taça, mas o importante mesmo foi ter tirado, com fúria e talento, o boné do goleiro inglês. O pobre Grobbellar não sabia se lhe incomodava mais o sol ou ter que, com frequência, pegar o protetor no chão, depois que passavam os blindados rubro-negros.

No mundo, não há outro título para um time de futebol. Que o Flamengo suba agora as estrelas - com apoio da NASA - e desafie as galáxias em nome de todos nós, os terráqueos.

REPORTER agradece à SHARP SA Equipamentos Eletrônicos a colaboração que deu a esta edição especial, cedendo um aparelho de TV modelo 2011, que facilitou a cobertura do jogo Flamengo e Liverpool.

REPORTER

EDITORES — Eduardo Homem, Luiz Alberto Bettencourt, Pipsi (Arte)

REPORTAGEM — Rio de Janeiro: Francisco Viana, Ricardo Bueno. São Paulo: Rivaldo Chinem. Recife: Beth Salgueiro. Salvador: Marlluce moura. Paris: Luiz Eduardo Prado

FOTOGRAFIA — Rio de Janeiro: Chiquito Chaves. São Paulo: Manoel Isidoro. Recife: Valdir Afonso, Gleide Selma

ARTE: Ana Maria Martins, Guidacci

CIRCULAÇÃO: Simeão Marques

PUBLICIDADE — Maria Izabel Rodrigues Azedo (Rio), Isaías Justo Reis (São Paulo)

DEPARTAMENTO JURÍDICO — Luiz Celso Araújo (Rio), Carlos Eduardo Costa Pereira (Recife)

REPORTER Autônomo Independente é uma publicação de MARGEM S.A. EDITORA E GRÁFICA. Rio de Janeiro: rua Miguel Couto 134/11º. Tel.: 253-5038, 253-5077. São Paulo: rua do Seminário 155/sala 30 Tel.: 227-7175

Composição: Grafite Studio & Criação Ltda, rua Miguel Couto 134/4º andar — Rio de Janeiro

Impressão — Gráfica e Editora Jornal de Hoje, rua Kennedy 101/111, Nova Iguaçu, Rio de Janeiro

A última edição, nº 54, não foi composta na Editora Mory

Adílio conferiu o rebote.
E comemorou.

Nunes abraça o vento. Era o 1º

Zico criou os 3 gols
Adílio e Nunes sacudiram

FOTOS. CHIQUITO CHAVES

O artilheiro cercado pelo time na comemoração da vitória.

Do bico da área, chutaço de direita no canto. Nunes, 3 a 0

Dos pés de Zico, a bomba que causou o 2º

Foto Custódio Coimbra

O coração na boca

Emoção de Leandro, alegria de Tita

Ser campeão do mundo "é um título importantíssimo para qualquer jogador", diz Tita. "Além da realização pessoal, da gente entrar para a história do futebol, ser reconhecido, apontado pelos torcedores, há uma grande valorização profissional." Mozer tem opinião parecida: "O título vai ajudar não só na renovação do meu contrato, mas do Figueiredo, do Lico, do pessoal que ganha menos aqui. Além disso, é um título histórico. Se a gente que não viveu o tempo do Pelé só ouve falar disso, imagine o Flamengo, que é um time mais popular que o Santos". Além da valorização profissional e do reconhecimento pessoal, Leandro tem outro motivo para vibrar com o título mundial: **"É uma loucura ganhar esse título. Eu, então, que sou Flamengo de ir pra arquibancada assistir jogo, sinto uma alegria incrível comigo mesmo, com o time e com o clube".** Outros, como Figueiredo e Andrade, não se emocionam tanto quanto Leandro. Para Figueiredo, "a emoção passa, não dá pra ficar curtindo ela a vida toda". Já Andrade diz: "Eu não sou pessoa de me emocionar facilmente".

DUNSHEE DIZ QUE META AGORA É O BI MUNDIAL

Foto Chiquito Chaves

Dunshee e Bosco explodem de alegria

Antonio Augusto Dunshee de Abranches, disse ao REPORTER que, depois do título, o time vai partir para o bicampeonato mundial:

– Estamos automaticamente classificados para a Libertadores de 82. Vamos ganhar e chegar novamente às finais.

O calendário do ano que vem está pronto. De 16 de janeiro até 30 de abril, campeonato nacional; depois, o Flamengo joga um torneio de clubes campeões, promovido pela CBF, sem os jogadores da seleção brasileira que, até junho, estarão na Copa do Mundo. No segundo semestre vamos para o campeonato estadual, tentando encaixar também nesse período a Libertadores, como fizemos este ano.

Em agosto, acrescenta o supervisor Domingo Bosco, para compensar o prejuízo dos três meses de seleção, o Flamengo vai participar do mundialito de Milão, Itália, entre clubes campeões nacionais.

Dunshee está otimista:

– Vamos fazer como o Tio Patinhas: economizar no primeiro semestre pra enfrentar o segundo.

Bosco não jogou. O resto ele fez.

Domingo Bosco, supervisor do Departamento de Futebol, é vencedor desde 1975. É hexacampeão carioca, campeão sul-americano e mundial. Só juntou títulos no Fluminense e no Flamengo, neste a partir de 78. Não joga, mas ajuda muito e atribui seu sucesso a algo que nada tem a ver com futebol. A experiência de vida:

– Já fui um homem abastado, depois fiquei pobre, enriqueci de novo. Hoje estou num nível razoável, médio, mas aprendi muito lá fora.

É verdade. Bosco é considerado pelos jogadores como amigo, não tem nada de patronal. Briga por eles com cartola, imprensa e quem mais perturbar. Não cria problemas, resolve.

O que para outros é indisciplina – explica – para ele é um ato humano. Jamais admitiria o que ocorreu com os jogadores Edson e Jérson, do Botafogo, excluídos da partida contra o Flamengo pelo terceiro turno do campeonato carioca por terem tido relações sexuais com uma arrumadeira do hotel Regina, no bairro do Flamengo, onde o Botafogo se concentra.

Se é que existem segredos, aí está um que garantiu a conquista rubro-negra: tolerância.

Bosco explica como tentou contornar o problema da quase abstinência sexual que a maratona de jogos do Flamengo nos últimos meses do ano provocou nos jogadores

– Deixei muitas vezes de concentrar os jogadores casados e permitia que os solteiros chegassem às 10 da noite. Nas viagens, convidei esposas de muitos jogadores. Aqui mesmo no Japão estão todas as acompanhantes que quiseram ou puderam vir: do Adílio, do Zico, do Raul, do Lico, do Nunes, do Cantarele. Pedi à diretoria pra abrir as passagens de volta. Isso significa que eles, como têm um bilhete Tóquio-Rio, poderão fazer as escalas que quiserem. Será quase uma volta ao mundo pra começar as férias. Alguns voltam por Hong-Kong, outros por Los Angeles e San Francisco, na costa do Pacífico, outros vão a Nova Iorque, do outro lado, no Atlântico. Muitos vão parar no Havaí.

O outro segredo do sucesso, segundo Bosco, é a democracia entre técnico e jogadores

– Atualmente, o jogador não aceita mais o autoritarismo. Reage com rebeldia. Essa época já passou.

Bosco não admite, mas a gente sente que ele se refere a Dino Sani, que chegou a tirar do time – por indisciplina tática – um dos destaques da campanha na taça Libertadores: Adílio, o popular Brown *(marrom).*

– Hoje, no Flamengo – explica o supervisor – nada é imposto. O estímulo é outro. O Flamengo paga bem. Na segunda-feira, depois da derrota de 2 a 0 para o Vasco pelas finais do campeonato carioca, cada jogador saiu da Gávea com mais de Cr$ 1,4 milhão nas mãos, entre gratificações, salários e 13º. Teve gente, como Leandro, que preferiu deixar parte no clube pra evitar desconto maior do imposto de renda na fonte. Que outro clube brasileiro pode agir assim?

Bosco admite que, até pra ele, o fato de ganhar salário de Cr$ 800 mil por mês, fora gratificações, é animador. Ele se sente obrigado a dar tudo de si, sabendo que será recompensado.

Pai, jogador, roupeiro, diretor, técnico, amigo. Bosco, segundo Baroninho, é tudo isso junto. "É ele o supervisor que mais conhece futebol no Brasil", garante Lico. Para Marinho, é ele quem cobra o bicho atrasado, acalma o jogador que se sente injustiçado. Ele defende mais o jogador que o clube. Antes do Dino ser contratado, ele quis saber a opinião de todos".

Os elogios avalizam a franqueza do supervisor:

– Pouca gente observou, mas a verdade é que todos os técnicos que trabalharam comigo foram campeões; quando deixaram de trabalhar, não foram mais.

Bosco foi campeão, apesar deles.

Dentro do campo não há líderes

O time do Flamengo não tem um líder dentro de campo. "Todo mundo fala, reclama, xinga, grita com todo mundo", diz Leandro. Marinho é da mesma opinião: "Não há assim uma liderança, embora o Zico, como capitão, seja mais ouvido".

Fora do campo, as reivindicações do time à diretoria são levadas por Zico, Junior e, às vezes, Raul. "Graças a eles chegamos ao acordo de receber o bicho calculado sobre 25% do total da renda do Flamengo", diz Andrade. Para Tita, mais importante que a eventual existência de líderes é o processo de discussão democrática antes de decidir o que pedir à diretoria. "Não há esse negócio de líder ou líderes no time. Quando há uma reivindicação, todo mundo participa das discussões. É verdade que o Zico e o Junior fazem às vezes de porta-vozes do elenco. Mas eles apenas defendem a posição já votada por todos."

Foto Custódio Coimbra

Nunes, Adílio, Nei, Lico, Zico. Grupo solidário

Amizade uniu o time

Para chegar ao título mundial, o Flamengo foi um time solidário dentro e fora do campo. Um time "sem patotas ou patotinhas", como diz Tita, em que todos procuram se ajudar. Criar um ambiente desse tipo foi facilitado pelo "fato da maioria se ter conhecido garoto e estar jogando junto desde o juvenil. Isso faz com que todo mundo se conheça bem dentro e fora do campo", diz Zico. Além dele, são cria da casa Adílio, Andrade, Anselmo, Mozer, Figueiredo, Cantarele, Tita e Leandro. Adílio, por exemplo, começou no Flamengo aos 7 anos. "O fato da maioria dos atuais titulares ser cria da casa não significa que um jogador que venha de fora seja boicotado ou coisa parecida", diz Tita. Realmente, os jogadores que vieram de outros clubes para o Flamengo se sentem muito à vontade na Gávea. "A turma me deu a maior força. Não fosse isso, eu teria voltado", diz Lico. "O negócio aqui é como uma família. Há muita união, muito companheirismo. Se a gente tem um problema qualquer, mesmo de dinheiro, há sempre alguém disposto a nos ajudar, a nos aconselhar", observa Marinho (que veio do Londrina).

É muito comum os jogadores se reunirem fora da Gávea para churrascos e festinhas, acompanhados das namoradas, noivas e esposas. Estas, então, ficam se conhecendo, e quando os jogadores viajam dão força umas às outras. Mais uma prova, segundo Junior, de que o ambiente no Flamento é realmente excelente.

CARPEGIANI Democracia e firmeza na decisão

No início da tarde de sábado, véspera da grande decisão com o Vasco, a Gávea estava vazia. No Departamento de Futebol, apenas o técnico Carpegiani — que marcara a entrevista para as 15h e 30m — com dois amigos. O primeiro a chegar foi o Anselmo. Na porta do vestiário, vendo o jogador trocar de roupa, o treinador brincou:

— O Anselmo está casando rápido demais e na moita. Acho que ele já fez o que tinha de fazer. . .

Quase duas horas depois, falando a jornalistas sobre a escalação de seu time para o dia seguinte, ele foi franco em relação a alguns jogadores: Peu não jogaria porque não o tinha agradado na última partida que disputou; Baroninho estava fora porque o time precisava fazer gols. Ele iria de Leandro e Andrade no meio-de-campo. Dois cabeças de área, repetindo a formação contra o Cobreloa em Montevidéu, mas um time ofensivo, com os melhores jogadores.

Carpegiane é assim. Companheiro dos jogadores, mas firme em suas idéias. Escala os melhores e motiva os outros a disputarem posições. Já foi chamado de Golbery da Gávea por sua habilidade em conduzir as questões do time. Acha que liderança não se compra, vai do temperamento de cada um. Bosco afirma que ele tem um "diálogo excepcional" com o elenco o que é confirmado por todos.

— Sou a favor da democracia. Até por uma questão de respeito, não me interesso pela vida particular dos jogadores. Quero saber dele dentro do campo. Dentro das chamadas quatro linhas, ele vai bem. Confessa que, até para facilitar a compreensão dos jogadores, seguiu a idéia e o termo de Coutinho. O Flamengo deve jogar como uma "teia de aranha":

— O meio-de-campo tem incrível facilidade para armar jogadas, mas marca mal. O jeito, então, é concentrar grande número de jogadores entre as duas intermediárias do campo. Com esse bloco compacto nós avançamos e recuamos.

Ele admite que os laterais e o meio-de-campo são os setores mais bem acabados do time, mas, para Leandro, Carpegiani encontrou a defesa ideal do Flamengo, a melhor dos últimos anos: "a mais técnica e ninguém foge da parada".

Sobre o Liverpool, Carpegiani confirmou o que dissera: jogo difícil, defesa forte, vigorosa, alguns jogadores de grande habilidade, que exigiram muito dos zagueiros rubro-negros.

Paulo Cesar Carpegiani, campeão carioca, sul-americano e mundial em quatro meses de carreira como técnico, diz que não entende nada de política, mas que, em 82, vai votar contra a demagogia:

— Na minha opinião, o país enfrenta uma crise, a vida está muito difícil. Os que enganam o povo não devem ser eleitos.

Foto Chiquito Chaves

Filosofia é escalar os craques. Como ele foi

Foto Custódio Coimbra

Coutinho deu mobilidade. Dino, a marcação

Três técnicos dirigiram o atual time do Flamengo: o recém-falecido Cláudio Coutinho, Dino Sani (agora no Fluminense) e Paulo Cesar Carpegiani. Para os jogadores do Flamengo, Coutinho é quem armou a equipe taticamente, introduzindo um futebol moderno, e competitivo. Coutinho foi um teórico que deu certo na prática. Carpegiani aprendeu muito com Coutinho (para o zagueiro Marinho, ele é um espelho de Coutinho) e leva a vantagem, diz Nunes, de ter sido jogador. Segundo Leandro, "Carpegiani conhece todo mundo de dentro do campo e sabe se estamos mal numa partida ou atravessando um período difícil na vida". Dino Sani teve uma passagem rápida pelo Flamengo, mas foi, diz Baroninho, quem "levou o Flamengo a lutar 90 minutos nas partidas". Adílio, com sua experiência pessoal, resume bem a importância de cada um dos treinadores: "Com Coutinho, aprendi a mobilidade dentro de campo. Com Dino, a marcação, e com Carpegiani a chegar mais na área". Num ponto, quase todos os jogadores do Flamengo concordam: os três técnicos sempre dialogaram com eles e procuraram não ser autoritários.

EM 82, FLA QUER ARRECADAR 150 MILHÕES NO EXTERIOR

O sonho de Eduardo Mota, vice-presidente de futebol, o Delfim Netto do Flamengo, era ser campeão mundial no Maracanã, com o estádio todo vestido de vermelho e preto. Não deu, mas o título de Tóquio vai dar muito dinheiro: em 82, o clube quer arrecadar cerca de Cr$150 milhões em amistosos internacionais, faturando o prestígio do campeonato mundial e obtendo cotas mais elevadas. A idéia é ganhar participação também com a propaganda — os cartazes estáticos — colocada dentro dos campos em que o Flamengo jogar.

— Nosso objetivo não é lucro. Queremos glórias, campeonatos, mais conquistas. Mas, para sustentá-las, a renda só dos estádios não dá. Aprendemos muito com a Libertadores e com este jogo de Tóquio. Vimos pagamentos de 20 ou 30 mil dólares pelos estáticos, ao mesmo tempo em que o Flamengo, razão do espetáculo, ganhava muito menos. Queremos participação nesses negócios, vamos brigar por ela. Vai dar quase tanto quanto a televisão.

Depois de garantir bons negócios com o televisionamento de seus jogos — antes a TV não pagava nada — o Flamengo vai brigar pelo pagamento da exibição dos *video-tapes* e pela propaganda de campo. Tudo para compensar os quase Cr$ 100 milhões que deixará de ganhar durante os três meses de atividades da seleção brasileira.

— Planejamos despesas de Cr$ 400 milhões em 82. Vamos renovar o contrato do Junior em melhores bases, usando o apoio de esquemas publicitários, vamos fazer promoções para atrair público aos campos. Temos que correr atrás, porque receita de clube de futebol é coisa incerta. Às vezes, depende da chuva, de uma briga, que esvaziam um jogo. Temos um plano para financiar integralmente as divisões de futebol amador, a grande base do nosso sucesso, já que 80% do time são de crias da casa.

Para Mota, foi o melhor ano da história recente do Flamengo. O título carioca, o sul-americano e o mundial, e um lucro de Cr$ 50 milhões no futebol, tudo a ser aplicado no próprio futebol em 82:

— Este ano pagamos o prejuízo de Cr$ 13 milhões de 81 e até causas trabalhistas pendentes no clube há vários anos. E provamos que a Libertadores dá lucro. Em 13 jogos, ela deu Cr$ 85 milhões e um lucro de Cr$ 30 milhões. No campeonato brasileiro faturamos Cr$ 60 milhões e no carioca outros Cr$ 60 milhões, mas, nos dois últimos, com muito mais jogos.

O Delfim Netto rubro-negro acha que algumas coisas contribuíram para o sucesso de 81:

1 — Ao contrário de 80, quando a ânsia do tetracampeonato estadual levou a contratações exageradas, este ano o Flamengo voltou à sua política de fazer craques em casa;

2 — Critérios firmes, que dividiam os jogadores segundo faixas de importância no futebol, permitiram a renovação de todos os contratos,

3 — A disputa com as televisões permitiu arrecadação de quase Cr$ 50 milhões em direitos de arena.

Em 82, nada de contratações, garante Mota. Alguns empréstimos de jogadores para compor o elenco e o mesmo time.

Foto Chiquito Chaves

Mota: jogos internacionais pra faturar e manter o time

Política é um assunto de que os jogadores do Flamengo não entendem. "Não sei quem está no governo, nem olho", diz Leandro. "Não me ligo nesse negócio", afirma Lico, e Baroninho fala quase a mesma coisa. Um dos poucos que arrisca algum palpite é Andrade: "Eu votaria num candidato do PMDB, mas não saberia sequer dizer em quem".

Ao contrário da política, música é um assunto no qual os jogadores rubro-negros se ligam e têm preferências definidas. Vários gostam de Roberto Carlos. É o caso de Lico, Nunes e Baroninho. Outros, como Nei Dias e Figueiredo, apreciam Chico Buarque. Adílio se amarra em Gilberto Gil, Mozer em Caetano Veloso e Gal Costa, e Andrade fica com Maria Bethania, porque "a música dela se encaixa nos meus sentimentos. Eu sou um tipo tranqüilo, a música dela traduz tranqüilidade"

Junior gosta de qualquer tipo de música popular brasileira, em especial os sambistas, como João Nogueira, Clara Nunes, Beth Carvalho e Martinho da Vila. Marinho também é chegado a esse tipo de som, "bem brasileiro". Já Tita é um dos raros que apreciam cantores estrangeiros, como Neil Diamond e Nathalie Cole. Entre os brasileiros, aponta Morais Moreira.

O FASTIO DA GLÓRIA

Com a conquista do mundial de clubes, o Flamengo chegou ao máximo que um time de futebol poderia chegar. E agora? Haverá motivação para enfrentar um Serrano e outros times pequenos pelo campeonato carioca? Os jogadores garantem que sim. Para o goleiro Raul, "todo jogador é o que produz na última partida", não dá para viver das glórias do passado. Leandro reconhece que jogar com o Liverpool "é diferente do que jogar com o Serrano, mas a motivação é uma coisa que vem de dentro e na hora do jogo o importante é ganhar"

Para Nunes, a carreira do jogador de futebol é curta e ele não pode se dar ao luxo de ficar desmotivado. Mozer é da mesma opinião e lembra a pressão da torcida, que "está aí, cobrando sempre, empurrando a gente. Time que está acostumado a ganhar não pode dar vacilo, tem que ganhar sempre. Mesmo porque, quem se acomodar dança".

Zico concorda com os companheiros. Astro do time, consagrado internacionalmente, ele convive com a glória com mais intensidade que seus colegas de equipe. Nem por isso se diz desmotivado, "porque no futebol você tem que ter sempre a ambição da conquista".

Bosco foi franco. Diz que a falta de motivação o preocupa muito. É da natureza humana o relaxamento depois de uma grande conquista.

— É muito difícil, depois de ser campeão do mundo, disputar uma Taça Guanabara com 12 clubes.

Maratona afetou até vida sexual

Os jogadores do Flamengo passaram grande parte deste ano longe da família, em viagens e concentrações. Uma maratona que, como quase todos reconhecem, interfere na vida sexual e afetiva de cada um deles. Marinho é sincero: "Sexualmente falando, tem hora que a gente fica mesmo a perigo. No meu caso particular, tenho muito medo de pegar uma doença e me seguro o mais que posso. Mas às vezes não dá e a gente apela, resolvendo o problema sozinho". Para Nunes, o jogador precisa saber com quem casa, "explicar direitinho como é nossa vida e ver se a mulher aceita, pra depois não ter direito de reclamar. Eu tinha relações sexuais três, quatro vezes por semana, reduzi para uma ou duas e, com essa maratona, há uma semana ou outra que nem penso nisso". No caso de Baroninho, "há um problema que complica as coisas: minha mulher é do interior de São Paulo, lá de Bauru, e não conhece quase ninguém aqui. Quando eu viajo, ela se sente muito só". Um dos poucos a quem a maratona de viagens e concentrações "não afetou em nada porque, sexualmente, continuo abstêmio", é Tita. Ele explica: "Minha religião não encara o sexo como prazer, mas como um ato de procriação. Sou mórmon, da Igreja Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias". Mozer é outro para quem "essa puxada dos últimos meses não trouxe muitos problemas. A maioria dos casados, por exemplo, leva as esposas nas viagens. Já os solteiros, como é o meu caso, sempre encontram um tempinho para ir à luta".

MEEEENGÔÔÔÔ!!!

Foi a glória e uma loucura. Nos Arcos da Lapa o povão fez seu carnaval sem inibição: um torcedor dançava completamente nu com uma coroa de folhas na cabeça; as mulheres levantavam suas camisetas e baixavam os calções exibindo peitos e bundas; os gays se agarravam comemorando a vitória. Tudo sob o olhar impassível da polícia.

A chuva que caiu antes do jogo foi pouca para o ânimo dos torcedores, que não se abalaram nem mesmo com a falta de som do único aparelho de tv instalado nos Arcos. A festa começou cedo, as 21 horas, prenunciando a enxurrada de gols do primeiro tempo do jogo. Parecia terça-feira de Carnaval. O trio-elétrico Tapajós, que veio de Salvador, atacou firme nos sambas e todo mundo pulava. Nada da festa bem comportada que a Riotur tinha anunciado, com torcidas organizadas, cantores, telão e dezenas de aparelhos de tv espalhados pela praça.

A chuva estragou a programação, mas o pessoal da Lapa impediu que a grande vitória passasse em branco. Uma mistura incrível de gays, prostitutas, travestis, cafetões, malandros e trabalhadores, quase todos vestidos a rigor: camisa e calção do Flamengo, bandeira numa mão, garrafa de cachaça na outra. Muita animação, nenhuma briga ou prisão.

Havia, no início, um certo clima de tensão. Com o primeiro gol de Nunes, o medo acabou e o povo liberou a alegria. A partir daí era como se todos os torcedores já soubessem antecipadamente o resultado. A gritaria ecoava no espaço dos Arcos e a reclamação – "Márcio Braga, cadê o som?" – cedeu lugar à gozação – 1,2, 3,4,5, mil, eu quero que o Liverpool vá pra p.q.p."

Um torcedor de muleta ria e dançava numa perna só comandando o samba com o apito, e as mulheres em êxtase punham de fora o que tinham pra mostrar, disputando um lugar na foto. Era o início da festa da vitória.

A essa altura a multidão começou a se juntar e, puxados pelo trio elétrico, todos partiram para Copacabana, num cortejo que ia engrossando à medida em que a ele se juntava quem tinha ficado em casa para ver o jogo. Uma passeata cruzou a cidade às duas horas da manhã e a galera viu o dia amanhecer sambando. Em homenagem ao Flamengo, campeão do mundo.

Alucinados pelos gols...

e pelo ritmo do trio elétrico...

milhares de torcedores vão em passeata da Lapa à zona sul

FOTOS CUSTÓDIO COIMBRA

Explosão de alegria e loucura

Olho no lance, coração no campo

A bandeira dá fé no momento de tensão

O pavilhão tremula e une corações

De joelhos, a homenagem aos novos deuses

Na frente da TV, vibração maior que em Tóquio

GUERRA AGORA É NAS ESTRELAS!

OS HERÓIS

Na final, o time andou por música. Zico foi o maestro, Junior segurou a partitura e Nunes jogou o que sabia e o que aprendeu na hora. Um conjunto compacto de artistas da bola que encantou o público japonês. Na memória da torcida estão fixados para sempre o nome dos campeões.

Não perdeu uma na cabeça. Por baixo a bola saiu sempre redonda dos seus pés.

Foto Cmtódia Coimbra

Aos 37 anos, esbanjou categoria em du as bolas, uma rasteira bem difícil.

Raul, o maior Junior, arte Leandro, genial

Notas e comentários publicados no **Jornal do Brasil** e em **O Globo** durante a campanha do mundial — que inclui o Brasileiro de 80 e a Libertadores — indicam: Raul se firmou com a maior média — 7,9 — depois de Zico. Os jornalistas esportivos elegeram, para REPORTER, Leandro como craque-afirmação, e destacaram Junior quase tanto quanto o **Galinho**. **Raul**, com esta, jogou seis Libertadores e disputou o título mundial pelo Cruzeiro. No campo ele é ágil e tem grande senso de colocação. Orienta a defesa e devolve a bola com chutes certeiros. Esfria o adversário, acalma o time. **Leandro** tem técnica excepcional, atua bem nas duas laterais e no meio-de-campo. Tem grande domínio, invejável segurança, dribla bem e sabe partir para o ataque em alta velocidade. Com apenas 22 anos, é titular da seleção brasileira. Um talento. **Junior é**, provavelmente, o melhor lateral-esqu-.do do mundo no momento. Sabe marcar, cercando o adversário ou antecipando-se. Mas seu forte são as arrancadas para o ataque, em alta velocidade. Sabe penetrar com facilidade tanto pela lateral como pelo meio, chuta forte e com efeito. Quando o jogo está fácil, transforma-se num autêntico jogador de meio-campo, com alto poder ofensivo. Jogador de garra excepcional, raramente fica fora de uma partida. Com 26 anos, é atualmente a segunda grande estrela do Flamengo, tendo apenas menos cartaz do que Zico. Para Pelé, **Junior** é o maior jogador em atividade no Brasil.

Mozer

Firmou-se como titular do Flamengo este ano. Calmo e frio como um veterano, sai bem do chão e cobre com segurança o setor de Junior, que sobe muito para o ataque. Jogador de bola técnica, sabe sair tocando com facilidade, mas não hesita em dar chutão para frente quando a situação se complica. Joga limpo, mas com dureza. Logo que entrou no time, gostava de firular demais e acabou sendo substituído num jogo por Dino Sani por causa disso. Aprendeu a lição e hoje joga com mais sobriedade. Nos escanteios a favor do Flamengo, avança para tentar fazer gols de cabeça.

Jogou plantado, foi sóbrio e seguro. Uma atuação de titular da seleção.

Foto Marko

O futebol de Junior deu de sobra para compensar seu mau estado físico. Destruiu, apoiou e quase fez o seu gol.

EM AÇÃO

Brilho e força, rei e Deus.

ZICO! ZICO!

Zico é, sem dúvida, o craque da campanha pelo mundial de clubes. Os jornalistas esportivos o indicaram, e suas notas no jornal O Globo, em 33 jogos, confirmaram: teve 8, 2 — a mais alta média. É o mais talentoso jogador brasileiro, na linhagem dos grandes atacantes que vêm de trás com a bola dominada, arrastando defesas. A violência dos zagueiros faz com que ele jogue hoje bem mais atrás do que no início da carreira, mas, em compensação, ajudou a desenvolver sua visão de jogo. É o homem que, junto com Junior, tem criado as jogadas coletivas do time, com penetrações fulminantes ou passes em profundidade de qualquer distância. Bate faltas ali de perto da grande área com precisão e força, embora a falta de treinos na atual temporada tenha reduzido bastante seu aproveitamento. Está no apogeu da carreira. Foi mal na copa da Argentina, voltou desacreditado, mas, na última excursão da seleção à Europa, jogou muito bem e consolidou seu prestígio internacional. A Copa da Espanha está para ele assim como a de 70 esteve para Pelé — embora o Negão pudesse prescindir dela para sua imortalidade. Zico não pode. Ainda falta um campeonato do mundo entre seleções para ele garantir um lugar no céu.

Fotos de Custodio Coimbra

Zico, mais do que nunca, foi o cérebro do time. Ameaçado de marcação cerrada pelo técnico inglês, deu uma canseira nos jogadores adversários correndo o campo todo. De seus pés saíram os lançamentos para os dois gols de Nunes e foi ele quem cobrou a falta que resultou no gol de Adílio.

Foto Custódio Coimbra

Brigou o tempo todo e, ao cair pela direita, abriu espaço no miolo da área

A goleada podia ser maior. Ao som de Sayonara Liverpool todos bailaram. Tita foi a raça do Mengo em chuteiras.
O time estava tão iluminado que foi até o fim com gás e arranque. No banco, reservas ilustres só aplaudiram.

Figueiredo

Uma das boas revelações do Flamengo este ano. Formou com Mozer uma zaga central segura, rápida e atenta. Jogador de técnica acima da média, marca bem e sabe sair jogando com grande fluência. Seu domínio de bola e visão de jogo permitem que também jogue no meio-campo, como cabeça de área — posição que já ocupou várias vezes.

Foto Chiquito Chaves

Procurou jogo o tempo todo, foi ágil e preciso

Tita

Começou no Flamengo ainda dente-de-leite e, depois da saída de Rondinelli, encarna a alma e a raça rubro-negras. No segundo jogo com o Vasco, fez uma partida memorável. Na lama e na bola. Chegou a dividir um lance com a barreira de quatro jogadores adversários. Tem toque, mas não é tão habilidoso quanto Adílio ou Zico. É baixo — menos de 1,70m — mas sobe e cabeceia bem. Por jogar fora de posição, queria sair do clube agora em janeiro. Com o título mundial, talvez mude de idéia.

Foto Custódio Coimbra

Versátil, compôs o bloco de meio de campo que bloqueou os ingleses.

Lico

Caiu como uma luva no time do Flamengo. Ajuda a compor o meio-campo e desloca-se pelas pontas para abrir espaço aos companheiros. Sabe cabecear bem e tem tranquilidade quando surge uma oportunidade de gol. Não é especialmente veloz, mas sua movimentação constante facilita o trabalho de Zico e Adílio. Disputa as bolas com raça e às vezes faz faltas duras, embora não seja um jogador violento. Sabe jogar em várias posições e tem excelente domínio de bola.

Nunes

O artilheiro enfezado. Teve fases mais técnicas que o levaram até a seleção brasileira, mas problemas particulares o tornaram bem mais instável e ele quase perde a posição de titular. Às vezes a bola bate na canela, mas ele corre atrás. É raçudo como a torcida gosta e chuta forte com as duas. Se segurar seu temperamento, vai voltar a ser um dos bons centro-avantes do país.

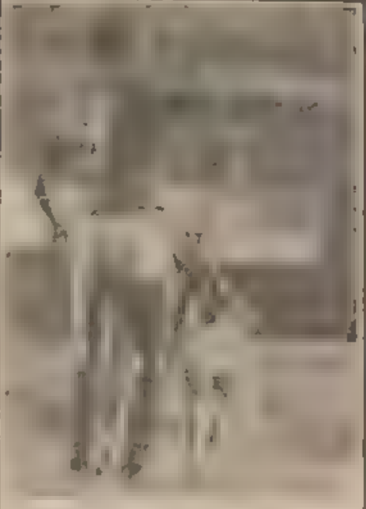
Foto Chiquito Chaves

Esteve perfeito na cabeça-de-área e quase fez o 4º num tiro de primeira.

Andrade

Joga calado, tenso, na frente dos beques. Raramente avança, porque é o encarregado de, junto com Mozer, cobrir as subidas de Junior. Tem grande sentido de colocação, bom toque, e muitas vezes é ele quem sai jogando da defesa, iniciando a armação do ataque. Faz o elo entre os zagueiros e o meio-campo. Introvertido, quando explode — como aconteceu no jogo de Montevidéu contra o Cobreloa — é melhor sair da frente. Tem 25 anos e futuro de seleção

Foto Marko



Um gigante, não deixou inglês cabecear na área

Foto Chiquito Chaves

Imperou no meio-campo e seu gol teve a marca da inteligência e do oportunismo

Baroninho

Na verdade, ele não é ponta. Era meia-esquerda, mas, como depois de Zagalo, quem, no futebol brasileiro, não tinha lugar no time ia pra ponta até a primeira substituição, o Palmeiras o pôs lá. Talvez pelo chute fortíssimo de canhota, sua maior virtude. Chegou ao Flamengo fora de forma, gordo, e até agora não convenceu o técnico Carpegiani. Recua demais e parece distante da época em que era veloz e agressivo

Nei Dias

Veio do time do interior — jogava no XV de Jaú, São Paulo — e ainda parece sentir o peso da responsabilidade. Sua grande partida foi a final da Libertadores, no Uruguai. Foi seguro na marcação e chegou até a apoiar, que não é o seu forte. Seu empréstimo termina no final de dezembro e, com a volta de Carlos Alberto — que está machucado — ele talvez não fique no clube.

Marinho

Zagueiro de bons recursos técnicos, sai bem do chão e é dotado de grande velocidade. Marca os atacantes em cima, procurando sempre que possível antecipar-se nas jogadas. Está aos poucos se firmando no Flamengo, depois de um início hesitante. É calmo e joga com lealdade. Faz faltas quando sente que vai ser batido, mas não é violento. Como os laterais do Flamengo avançam muito, apóia pouco o ataque, embora seja um zagueiro que gosta de ir à frente tentar o gol.

Adílio

Sabe tudo. Chama a bola de você e a trata com carinho e intimidade. Atravessa a melhor fase de sua carreira e, se aprender a chutar mais e mais forte, será um dos grandes jogadores do futebol brasileiro. Aos 25 anos, é candidato a uma vaga entre os 22 que vão à Espanha. Depois de dominar a bola, quase a esconde e dificilmente é desarmado. Com Carpegiani, teve mais liberdade de chegar à área, o que o transformou, junto com Zico e Junior, num criador de jogadas do time.

OS GRANDES GOLS DA CONQUISTA

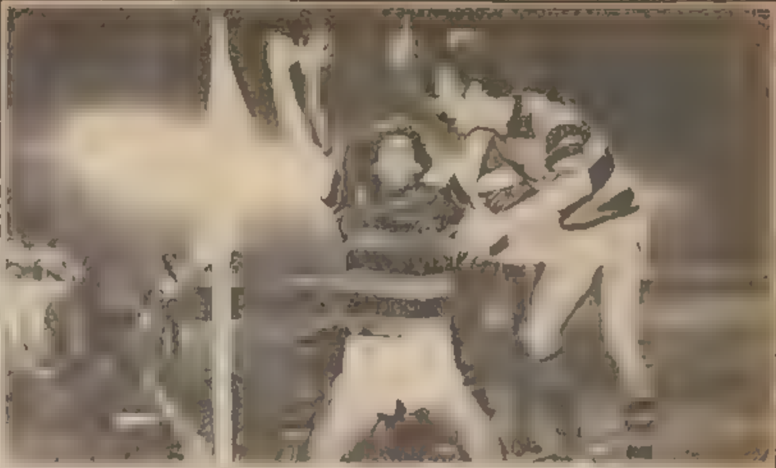
ZICO, O 2º NO COBRELOA

Foto Agência Globo

O goleiro Wirh, do Cobreloa, foi um espectador privilegiado do segundo gol do Zico, que consolidou a vitória e o título da Libertadores. Também, dizia o repórter de rádio, "dali, pro Zico, é pênalti"

NUNES DECIDE O BRASILEIRO

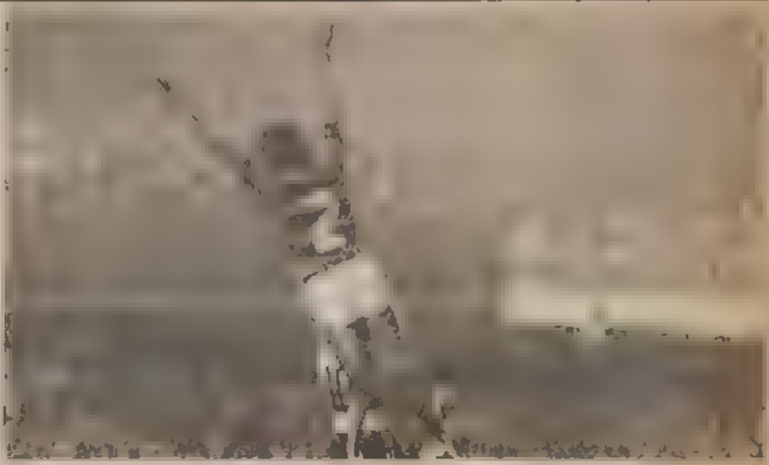
Foto Custódio Coimbra



Reinaldo, mesmo capenga, empatara em 2 a 2. O Maraca silenciou. Nunes avançou pela esquerda, fingiu que ia pra área e partiu pela ponta, enganando um zagueiro. João Leite esperava um centro, ele tocou no campo direito. Uma explosão.

C.ALBERTO, O 3º NO CORITIBA

Foto Agência Globo



O Flamengo enfrenta o Coritiba no Maracanã, depois de derrotá-lo por 2 a 0 no Paraná, pelo direito de ir à final do Brasileiro. Surpresa: Freitas e Aladim devolveram os dois gols no primeiro tempo. O time reagiu, empatou e explodiu no gol, sensacional de Carlos Alberto, o terceiro. O jogo acabou 4 a 3.

NUNES, O 1º CONTRA A PONTE

Foto Agência Globo

A torcida da Ponte Preta calou. Ela, que hostilizara o Flamengo, não acreditava na esquerda de Nunes. O chute deixou Juninho de bunda no chão e deu moral ao artilheiro, que fazia sua primeira partida no campeonato nacional.

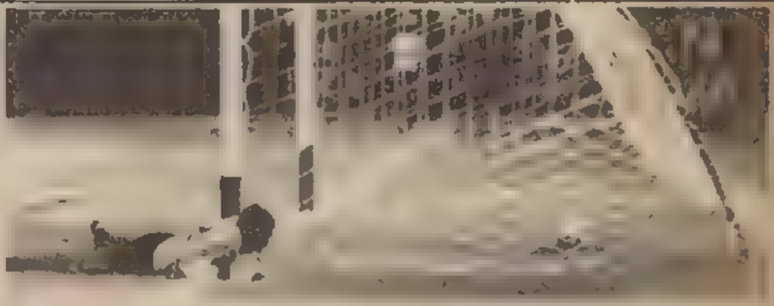
TITA ESFRIA O ATLÉTICO

Foto Agência Globo

Susto. O Atlético fez 2 a 0 em pleno Maracanã. Eram 24 minutos do segundo tempo e a galera estava muda, quando Tita partiu e bateu João Leite. Despertou a alma do time, que chegou ao empate.

BARONINHO ACALMA NA BOLÍVIA

Foto Agência Globo



Baroninho chegou no pico da serra, lá em Cochabamba, quase na hora do jogo contra o Willsterman. Logo aos 13 minutos, falta do lado direito. Baroninho foi lá, cheio de decisão, e bola na rede. Estava aberto o caminho da vitória.

Foto Chiquito Chaves

Na memória da torcida, um iluminado

Morte de Coutinho foi a dor da vitória

As informações eram desencontradas. O corpo estava no Salvamar, em Botafogo. Em Copacabana, no Posto Seis, já tinham remetido para o IML. Na Gávea, Carpegiani, que vira o amigo morto, chorava convulsivamente. Bosco, de olhos vermelhos, mandava que todo mundo saísse de campo. Anselmo tinha um ar de espanto, Raul e Adílio estavam chocados. A TVE fazia entrevistas. A maioria dos jogadores estava trancada no Departamento Médico. Coutinho morreu! — ninguém queria falar.

No Corpo Marítimo de Salvamento, ao lado do Marimbás, lances de desespero. Márcio Braga, Peu, Toninho, Anselmo, Cláudio Adão estavam na sala em que o corpo ficara, coberto por um lençol branco. Do lado de fora, cerca de trinta jornalistas, câmeras de televisão, repórteres de rádio. Todos se acotovelavam na hora em que o corpo de Coutinho saiu na ambulância. Ia para a necrópsia. Parecia mentira que um mergulhador morresse afogado. Logo ele que, no dia anterior, acabara de voltar ao Brasil e até recebera o time do Flamengo no aeroporto, depois da vitória em Montevidéu. Regina, sua mulher, parecia destroçada. As pessoas tinham que providenciar o enterro, embora ainda não acreditassem na morte. No velório, a certeza de que tinha acontecido mesmo. No enterro, a dor foi gritada e se transformou numa tarja negra em cima do escudo da camisa dos jogadores. Foi a única tristeza do Flamengo em 81.

Jogadores investem em terreno e imóvel

Um time de ricos e alta classe média

Mozer, Figueiredo, Nei Dias e Peu são os menores salários do elenco rubro-negro. Ganham entre 55 e 90 mil cruzeiros. Zico e Nunes são, disparados, os que mais ganham – o Galinho, ganhe ou perca no campo, tem assegurados quase Cr$ 3 milhões por mês o pernambucano recebe Cr$ 1 milhão

Depois vem Junior, com Cr$ 420 mil mensais, que ele considera muito pouco e já sonha com milhões na próxima renovação do contrato, que vence agora, em fevereiro. Leandro é outro craque que ganha pouco Cr$ 210 mil – mas conta fazer seu "primeiro bom contrato em maio, quando termina o atual".

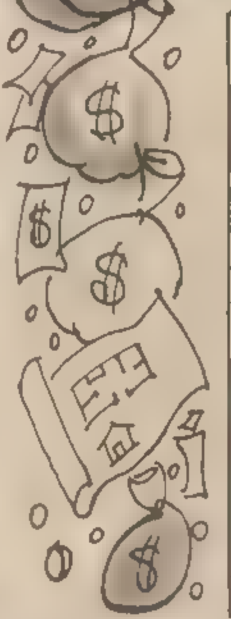
Tenham ou não altos salários, o fato é que todos os jogadores do Flamengo, nos últimos anos, têm ganho um bom dinheiro, se somados os bichos e outros prêmios. Só em novembro o elenco recebeu cerca de Cr$ 1,5 milhão pelas vitórias na Libertadores e no campeonato carioca Com a grana da final em Tóquio – metade da cota de 300 mil dólares pagos ao Flamengo será distribuída aos jogadores, de acordo com o número de partidas disputadas por cada um – os atletas fecham o ano financeiramente muito bem

Por isso, apesar da grande diferença entre os salários mais altos e mais baixos, não há ricos e pobres na Gávea Há milionários, como Zico e Nunes, e daí pra baixo é todo mundo classe média. E ninguém é bobo de torrar tudo o que ganha. Raul diz que "o jogador hoje é esperto. Garrincha foi o último exemplo para a classe De lá pra cá muitas coisas se modificaram. Todo mundo investe o que pode, de preferência em imóveis, pois um terreno ninguém rouba ou estraga".

Raul dá valor aos imóveis, até porque já se deu mal investindo na Bolsa de Valores e hoje é um dos conselheiros mais procurados pelos jogadores mais jovens, como Leandro e Figueiredo, que começaram a ganhar dinheiro agora. Figueiredo, por exemplo, em menos de seis meses comprou um apartamento e um terreno e engordou sua caderneta de poupança

"Zico concorda em que "o jogador é muito mais consciente do que no passado" e, com o conhecimento que tem como presidente do sindicato da categoria, afirma que "não é somente no Flamengo que os jogadores procuram investir para o futuro, mas em todo o futebol profissional". Zico dá também muitos conselhos e agradece a pessoas como George Helal e a seu procurador, João Batista, pelas orientações que recebeu. Zico não declara quanto ganha ao todo por mês, mas sabe-se que, além do que recebe no Flamengo, tem renda das publicidades que faz, de apartamentos e lojas alugadas e de sua loja de material esportivo

Outro que prefere não falar em números é Titã – "ganho razoavelmente bem e aplico em salas comerciais" Ele dá 10% de tudo o que ganha para a Igreja Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, da seita mórmon. Nunes transfere seus investimentos para Pernambuco, onde tem muitos apartamentos e pretende realizar agora seu grande sonho: comprar uma fazenda de cacau na Bahia Lico só agora, aos 29 anos, vê chegar a chance de independência financeira "Joguei muitos anos em times do interior, onde se ganha o suficiente para viver. Pela primeira vez estou tendo oportunidade de guardar alguma coisa e penso em comprar alguns apartamentos"



Peu, a quem a fortuna sorriu este ano, segue os conselhos de Raul e Zico: comprou uma casa, dois terrenos em Maceió e dois telefones. E afirma, cheio de convicção: "Não podemos gastar dinheiro em bobagens"

A idéia geral dos jogadores é, portanto, poupar e investir Anselmo diz que, "quando vejo um bom negócio e não tenho como entrar, abro as portas para outro companheiro, a fim de que ele faça um bom investimento". Esse espírito prevalece e chega a ser comum se observar na Gávea bolinhos de três, quatro jogadores discutindo o que comprar, como investir uma bolada recebida de bicho.

Do jeito que vai o time, essas conversas vão continuar por muito tempo, pois o Flamengo deve seguir acumulando títulos e os jogadores recebendo sempre mais e mais prêmios. A Gávea é, certamente um lugar onde a crise econômica não chegou

QUANTO GANHA CADA UM

[illegible]	[illegible]	Término do contrato
Cantarele	250 mil	31/03/82
Raul	350 mil	18/08/82
Nei Dias	90 mil	31/12/81
C. Alberto	180 mil	13/05/82
Marinho	190 mil	13/06/82
Junior	420 mil	28/02/82
Luís Alberto	100 mil	31/12/81
Andrade	220 mil	31/05/82
Zico	2.916 mil	31/05/83
Chiquinho	70 mil	17/05/83
Nunes	1.000 mil	31/04/82
Baroninho	160 mil	31/01/82
Tita	330 mil	10/01/82
Leandro	210 mil	31/05/82
Mozer	60 mil	31/12/81
Peu	60 mil	15/01/82
Edson	60 mil	15/01/82
Lico	160 mil	31/12/82
Figueiredo	55 mil	01/02/82
Adílio	· 358 mil.	01/06/82

JULIO CESAR

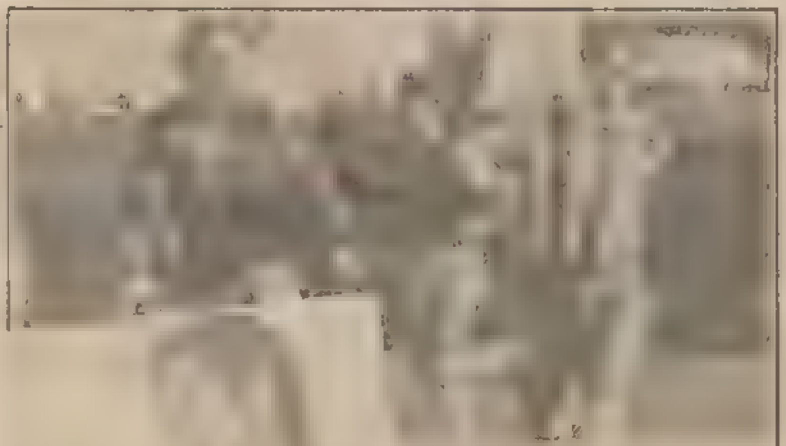
Flamengo tem rei na Argentina

O Flamengo anda tão bem que tem até representante no campeonato argentino. Júlio Cesar, o endiabrado Julinho, o entortador que Cesar Menotti afirmou poder transformar num novo Garrincha, campeão brasileiro pelo Flamengo em 80, jogou o ano de 81 pelo Talleres, de Cordoba. Foi artilheiro, capitão e atração máxima da equipe; virou rei na cidade, mas seu coração rubro-negro bate forte. Às vezes fala como se ainda estivesse na Gávea, quer voltar para o Rio, se possível para o Flamengo, embora Palmeiras e Internacional estejam interessados no seu passe. Sabem que ele fez miséria na terra de Maradona.

– Num jogo lá, o Valencia (ponta-direita da seleção argentina) já tinha batido três faltas para fora. Na quarta, eu fiquei perto da bola e, quando ele correu, eu bati antes, por cobertura, no ângulo. Fiz o gol e daí em diante comecei a bater tudo falta, lateral, córner, tiro de meta. Com sete gols, fui o quarto artilheiro do campeonato. O Angel Labruna, que é o treinador do River Plate e está emprestado ao Talleres, me deu liberdade para correr o campo todo. Foi um sucesso. O pessoal lá não conhecia ainda os meus macetes. Aqui, nos últimos tempos de Flamengo, se eu não fosse vinte vezes à linha de fundo numa partida, diziam que eu estava mal

No campo ele foi bem, mas os cartolas e o povo argentino o decepcionaram. Achou as pessoas frias e os cartolas safados. Devem a Julinho Cr$3 milhões de luvas, mais gratificações, apesar de terem pago o passe - cerca de 300 mil dólares – ao Flamengo. Teve pneumonia por causa do frio, depois uma contusão séria e os dirigentes o abandonaram. Voltou ao Brasil com medo de não jogar mais futebol, e só no dia em que REPORTER o entrevistou na casa da mãe, na Penha – "ela segurou a barra, porque eu tive que alugar minha casa na Ilha do Governador" – é que o médico tinha dito que ele estava recuperado para o esporte. Foram meses de tensão, sofrimento.

– Fui tabelar com o Valencia, ele devolveu meio atrás e, no que me virei, prendi o pé no gramado, que é muito baixo. O Passarella (capitão da seleção argentina e beque do River Plate) veio no carrinho e ajudou a torcer tudo. Tive ruptura dos ligamentos do tornozelo, mas os médicos de lá disseram que era fissura e engessaram meu pé. Isso foi numa quarta-feira. Viajei pro Brasil e o pé começou a inchar dentro do gesso. Parecia um pé de velho, enorme, acho que podia dar até gangrena. Tive que operar correndo porque o médico ao qual o Flamengo me encaminhou disse que a cirurgia deveria ter sido feita logo após o jogo. Hoje ele confessou que não esperava que eu voltasse a jogar, mas a recuperação foi total. O médico disse que o tornozelo operado está melhor que o outro.



Pelo Talleres, ele fez o diabo, até que Passarella estourou seu tornozelo

Sente-se que Julinho poderá voltar à Argentina se Labruna o levar para o River Plate, como prometeu. Mas ele está escaldado com os cartolas. Acha o futebol argentino violento e desorganizado. O Talleres tem cinco jogadores na seleção – Valencia, Baileu, Oliviedo, Ulcán e Galvan – todos eles sem contrato há um ano. Vivem de vales, não recebem todo o dinheiro. Até o Maradona recebeu cheque sem fundo, logo ele que, segundo Júlio Cesar, é o único craque do país. Kempes, que era forte em cima e fino nas pernas, está todo gordo, pesado, sem mobilidade

Aos 25 anos, Julinho vive um momento difícil na profissão. Sente saudades do ambiente na Gávea, é amigo de todos. No primeiro jogo da decisão com o Vasco, ele foi ao Maracanã e o Flamengo perdeu; no segundo, chovia muito, ele confessou que sofria demais, tinha medo de ser pé-frio; no terceiro ficou em casa e o jogo do Japão acompanhou pela TV. Fala com carinho da torcida e dos jogadores, lembra que, junto com Beijoca, agitava mesmo:

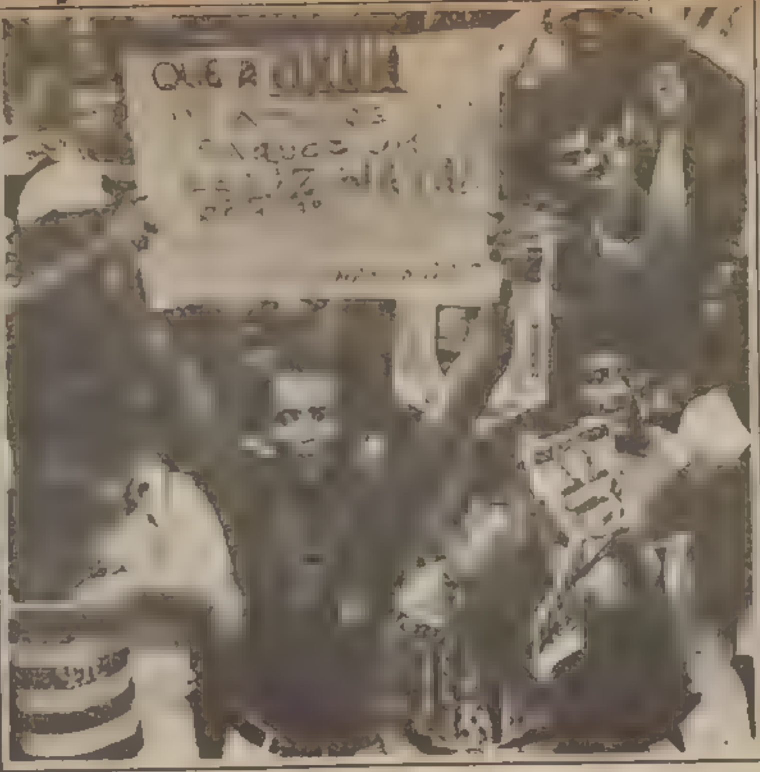
– Em termos de sacanagem, eu revolucionei o ambiente lá da Gávea. Era todo mundo rindo o tempo todo.

É isso. Julinho é alegria e, como ele mesmo diz, era impossível adaptá-lo à função de marcador que os técnicos agora exigem dos pontas. Ele confessa que não tem fôlego, não é o seu jogo:

– No Cooper eu quase empatava com o Raul, que é ruim de doer! Como é que eu podia marcar o Perivaldo, que chegava até antes do ônibus?

PAIXÃO, TEU NOME É FLAMENGO!

Fotos Custódio Coimbra



O craque eterno compara o time atual ao de seu tempo:

Dr. Rubens barra Zico na seleção rubro-negra

– Garcia, Leandro, Pavão, Jadir e Junior; Dequinha, Rubens e Evaristo; Joel, Índio e Babá.

Rubens Josué Costa, hoje com 50 anos, o grande Doutor Rubis, príncipe do time tricampeão em 53, 54 e 55 e ídolo da torcida rubro-negra na década de 50, não tem dúvida em barrar Zico na seleção formada por jogadores de sua época e pelo Flamengo de hoje.

– Se o Zico jogasse naquele tempo, no lugar de quem ele entraria? No do Evaristo? Claro que não.

Rubens ainda lembra que ficariam de fora de sua seleção jogadores como Dida, Moacir, Benitez e Paulinho, e nem pensa em dar lugar a jogadores como Mozer, Figueiredo ou Marinho. Prefere Garcia a Raul, embora ache que o atual goleiro do Flamengo deva ser convocado para a seleção brasileira. Junior ele coloca na sua seleção, mas não admite comparações com Nilton Santos – "Vocês lembram quem o Nilton Santos marcava? Era Julinho, Sabará, Joel. . . E hoje, quem o Junior marca? É o Wilsinho".

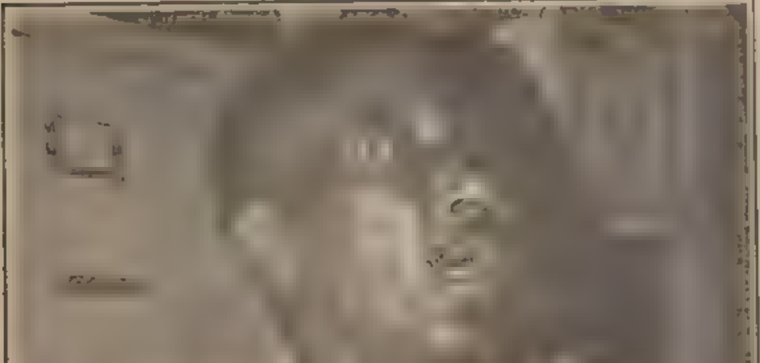
Ao ver Adílio, o herdeiro da camisa 8, jogar, Rubens acha o estilo, hábil e malandro, parecido com o seu, mas concorda que Adílio não chuta bem, enquanto ele, Rubens, batia com as duas com perfeição – "eu era praticamente o segundo artilheiro".

Além disso, Doutor Rubis driblava curto que era uma beleza – "aprendi vendo o Zizinho jogar; ele foi o maior depois do Pelé" – e armava como ninguém, antes do aparecimento do Didi.

Rubro-negro de coração – "vou ao Maracanã quando não é jogo de multidões" – o paulista Rubens concorda que o Flamengo é o melhor conjunto do Brasil, e diz até que "o time de hoje joga um pouco parecido com o meu, é o estilo do Fleitas Solich. Só que o Fleitas não admitia passes laterais. Ele sempre queria que o jogador batesse na bola e acompanhasse para receber. Não podia sair correndo e dar um passe de dois metros. Era um futebol muito bonito".

O antigo meia acha também que o Flamengo está muito bem servido com Carpegiani como técnico, porque "um cara que já jogou futebol leva a vantagem de poder ensinar o jogador a bater na bola, e o time de hoje está na tradição dos grandes times de toque de bola!". Além disso, Rubens, que trabalhou durante quatro anos como auxiliar técnico de Didi na Colômbia, diz que "não tem mistério ser técnico, basta o cara ser esperto e reunir 4, 5 jogadores bons".

Foto Chiquito Chaves



Rubens – com Zizinho e Didi – um dos grandes meias do futebol brasileiro

4 x 2 NO MILAN, EM 63, UM DOS MAIORES JOGOS DO MARACANÃ

O gol de Lima. Almir enlouquece. Chuva, lama, delírio!

Antes, só o Santos tinha ganho o Mundial

Foi no ano em que o Flamengo conquistou seu 14º título carioca – 1963 – que um time brasileiro conquistou pela última vez o mundial de clubes. Campeão um ano antes ao vencer o Benfica em Paris, numa exibição lembrada com muito carinho até hoje pelos franceses, o Santos partia em 63 para o segundo título. Mas não estava bem o time. Perdera a primeira para o Milan em San Siro (4 a 2), um Milan que tinha em suas fileiras nada mais nada menos que Amarildo, Altafini (o Mazzola), Dino Sani (o atual técnico do Fluminense), Rivera, Trapattoni.

O segundo jogo foi no Maracanã, uma noite de quinta-feira véspera de um Vasco e Flamengo no feriado de 15 de Novembro. O tempo estava ameaçador, dentro e fora do campo: Pelé machucado, Zito também, e até o zagueirão Calvet era desfalque. A outra ameaça era o tempo: São Pedro prometia. Mas nem por isso o carioca deixou de comparecer. Afinal, era o Santos que estava na terra, um Santos que era mais uma instituição do que um time de futebol. Um negócio meio chegado ao sagrado para o público do Rio. Prova é que mais de 130 mil pessoas toparam a parada. E um recorde de renda na época: quase Cr$ 100 milhões.

A lembrança daquele jogo é um grande arrepio. Calculem um marcador de 2 a 0 contra no primeiro tempo e levem em consideração o timaço do Milan. Teve gente até que pensou em ir embora. Mas aí a chuva não deixou. O temporal do intervalo continuou no segundo tempo e mudou por completo o panorama do jogo e da torcida, que começou a empurrar o time do Santos, que começou a correr como nunca, com todo mundo se deslocando e gritando presente na hora do passe. O primeiro gol não tardou. Falta no Pepe, barreira de quatro era uma piada para o ponteiro do Santos. Tuuum!! Fez um barulho aquele chute! O empate veio logo em seguida numa cabeçada do Mengálvio. Aí pintou aquele gol, o mais pedido no programa de esportes da antiga Rádio Continental, transmissão do falecido Clóvis Filho. O lance começou com Lima na intermediária do Santos, continuou com Lima e terminou com Lima. Ele veio trazendo a bola, a defesa do Milan recuando, recuando, à espera do passe. De repente o Lima embalou e, na entrada da área, soltou o balaço. O chute dele partiu junto com o de milhares de outros "atacantes". O Maracanã era um verdadeiro caldeirão. Gente que se abraçava, que se rasgava, que chutava poça d'água, um furor apoteótico. Pra dizer a verdade, nem a torcida do Flamengo deve ter chegado algum dia a esse extremo.

Quando o Santos fez o quarto gol (outra cobrança do Pepe), ainda faltavam uns 25 minutos pra acabar o jogo. O resto foi show, bronca do Amarildo e do Mazzola e pensamento na terceira partida, que não deu outra: Santos 1 a 0, gol de Dalmo de pênalti (cavado pelo Almir, que foi o herói do jogo). O time do Santos? Gilmar, Ismael, Mauro, Haroldo e Dalmo; Lima e Mengálvio; Dorval, Coutinho, Almir e Pepe.

OBRIGADO, FLAMENGO!

Aleluia, glória a ti nas alturas, campeão

REPORTER
RUBRO-NEGRO DESDE CRIANCINHA

[illegible]S CUSTÓDIO CO[illegible]

REPÓRTER ESPECIAL

Fevereiro de 1982 – Nº 56 – Ano V – Cr$ 100,00 AUTÔNOMO IN

MAIS DE 120 FOTOS DA FOLIA 82

Foto Chiquito Chaves

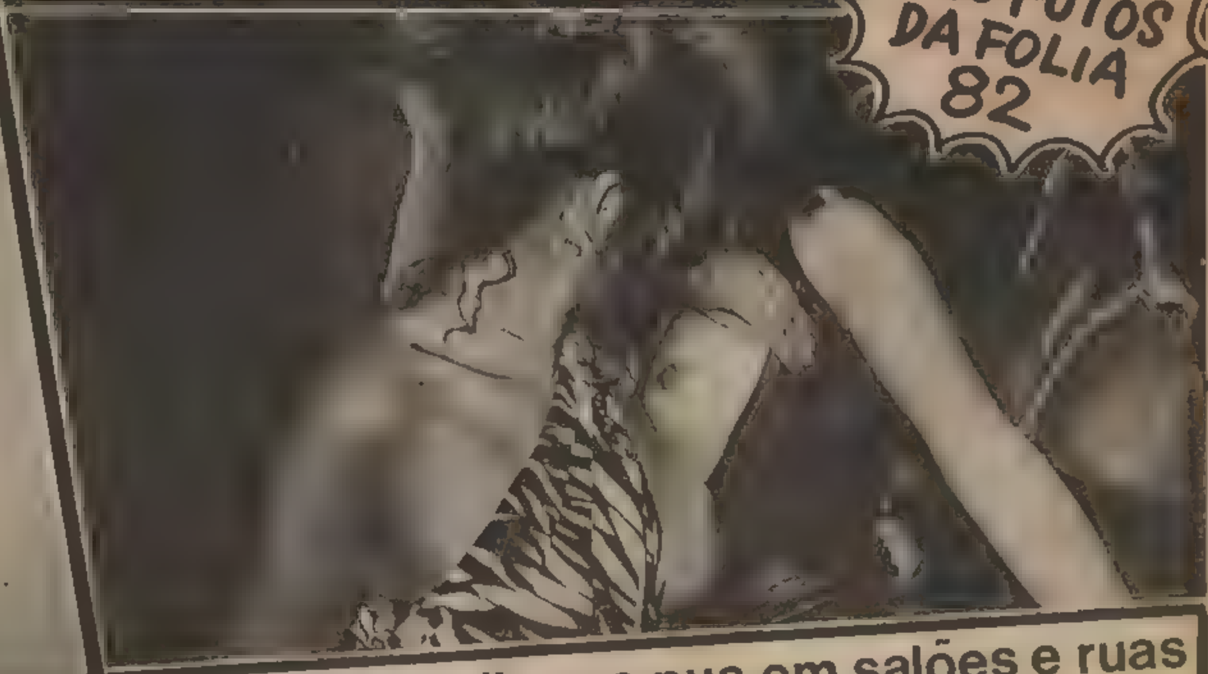


Foto Custódio Coimbra

Muita droga, homens e mulheres nus em salões e ruas

CARNAVAL DOS ALUCINADOS

Foto Américo Vermelho

Foto Chiquito Chaves

Foto Custódio Coimbra

A FESTA DOS LIGADÕES!

Como festa popular, foi menos animada que ano passado. Mas a droga teve papel importante: levou os foliões, na rua e no salão, a verdadeiros delírios.

O carnaval foi dos alucinados. Só entrou na roda quem tinha a cabeça feita com lança-perfume — inteiramente liberado — ou álcool. De careta, ninguém brincou, apenas assistiu, como as famílias que viam bandas e blocos passarem nos bairros ou passeavam pela avenida Rio Branco, no centro do Rio

REPORTER cobriu mais de 30 bailes de clubes, todos os banhos de mar a fantasia, batalhas de confete e os três dias da folia de rua, do Leblon (zona sul) a Campo Grande (zona rural).

Na rua, a brincadeira se deslocou do centro para os bairros, principalmente subúrbio e zona rural — Campo Grande teve o carnaval mais animado, seguido de Madureira. As mulheres — já com combustível na cuca, é claro — participaram mais que em 81, e o *topless* já pode ser considerado censura livre. Mesmo na avenida, ninguém dá mais importância. A novidade, nessa área, foi tirar também a parte de baixo, pondo tudo pra fora.

A explosão de *gays*, bofes, travestis e caricatos, que dominou o carnaval do ano passado, levando a maioria absoluta das mulheres a uma passiva observação, em 82 teve menos força. No centro, houve poucos travestis — na Cinelândia, ponto tradicional, eles quase não apareceram. Os bailes tipo *gay* foram menos concorridos.

Aos salões foi quem estava *ligado*. As mulheres arrepiaram, tiravam tudo antes que lhes fosse pedido. Se exibiram abertamente, soltas, nuas. Os homens, nitidamente com inveja, resolveram também se mostrar. Calção arriado, sexo na mão, eles chegaram a chamar fotógrafo. Na rua, muitos grupos faziam brincadeiras sobre o piru — enormes, de borracha ou pano, exibidos

Os bailes mamãe-com-papai foram pouco animados. Talvez afugentada pela volúpia dos foliões, a família preferiu fazer *footing* pelas ruas, observando a animação alheia.

Na maior parte da cidade, em baile ou banda, a festa foi dos doidões.

Menção honrosa desta edição especial de carnaval — apurada e editada em quatro dias — vai para dois profissionais exemplares: Chiquito Chaves, responsável pela maioria das fotos, e Marko que, no laboratório, trabalhou quase 72 horas sem parar, revelando cerca de 150 de filmes e ampliando quase trezentas fotografias. Agradecimentos da equipe REPORTER ao "seu" Osni, do fotolito, aos contínuos Ivan e Ricardo, e aos motoristas Luís, Harley e Marat. Sem eles, este trabalho não teria sido possível.

Em Madureira, as mulheres assistiram mais do que brincaram

Foto Chiquito Chaves

Muito disputada

Foto Custódio Coimbra

Foto Chiquito Chaves

No centro da cidade, ataque a uma turista italiana

Foto Chiquito Chaves

Homem com homem, domingo à tarde, no centro

Foto Américo Vermelho

Sarro na Banda de Ipanema

REPORTER — **EDITORES** Eduardo Homem Luiz Alberto Bettencourt, Pipsi (Arte) **REPORTAGEM** — Ricardo Bueno, Rivaldo Chinem **FOTOGRAFIA** — Chiquito Chaves, Custódio Coimbra, Américo Vermelho **LABORATÓRIO** — Marko **ARTE** Analuce Estrela, Ana Maria Martins Gudacci **CIRCULAÇÃO** — Simeão Marques **DEPARTAMENTO JURÍDICO** — Luiz Celso Araújo, Carlos Eduardo Costa Pereira. **REPORTER Autônomo Independente** é uma publicação da MARGEM S.A. EDITORA E GRÁFICA. **Rio de Janeiro:** rua Miguel Couto 134/11º **Tel.:** 253 5038/253 5077. **São Paulo.** rua do Seminário 155 sala 30 Tel 227 7175 **Composição** — Grafite Studio & Criação Ltda , rua Miguel Couto 134,4º **Fotolito** Europa Empresa Gráfica e Editora, rua do Riachuelo 109 **Impressão** — Gráfica e Editora Jornal de Hoje, rua Kennedy 101/111, Nova Iguaçu

Foto Custódio Coimbra

Que narizinho gostoso!

MANIA DE PIRU

Os homens fizeram questão de exibir suas coisas no carnaval 82

Agora vai!

Tipo leva vantagem

Olha o laçarote dele

Deixa que é meu!

COBERTURA TOTAL

A TV Piranha e o Aqui e Depois também mostraram a folia

Foto Custódio Coimbra

Nada a declarar

Entrevista exclusiva

Nossos comerciais, por favor

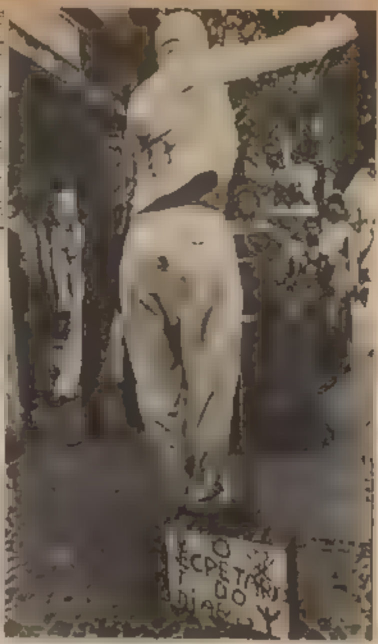
PP USA O SAMBA

O Partido Popular caçou voto no carnaval, financiando blocos, escolas de samba e dando camisetas

Fotos Chiquito Chaves

Foto Custódio Coimbra

RIR É O ÚNICO REMÉDIO



Contra a inflação, o custo de vida, os pacotes e o sufoco geral, o povo joga o humor

Fotos Chiquito Chaves

NA PRAIA

Concurso de fantasia original pra travestis

Fotos Eduardo Homem

FESTA NO CAMBURÃO

Eles resolveram brincar com a polícia

Fotos Custódio Coimbra

Seis pares de seios pra abrir caminho

A banda da boate Flórida, também na praça Mauá, substituiu sua rival, da boate Scandinávia, que este ano não saiu. E as mulheres fizeram esquecer as Peitudas de 81. Mostraram tudo na avenida Rio Branco.

Fotos
Chiquito Chaves

NUAS NA AVENIDA

É minha mesmo!

Desnudou-se de inveja

Pra fazer topless, quase mordeu a língua

Ela abriu o jogo pela frente

No segundo tempo, preferiu a linha de fundo

Eu também tenho!

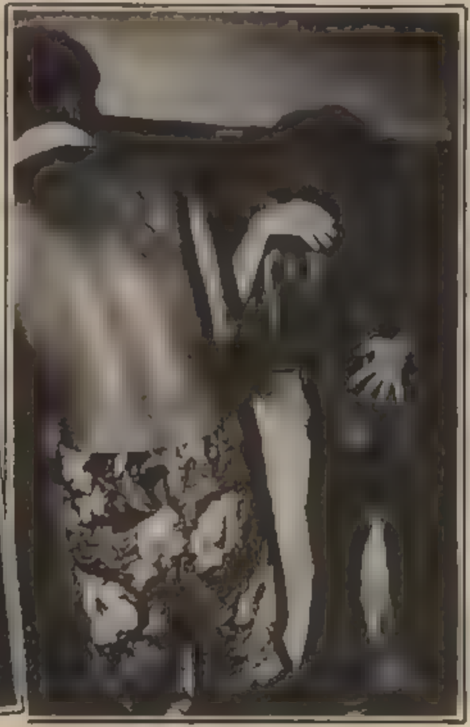
FOI O ÚLTIMO BAILE DAS BONECAS NO CINEMA SÃO JOSÉ, QUE SERÁ DEMOLIDO. CHOCANTE: AMOR DE HOMENS ESCANCARADO!

Fotos
Chiquito Chaves

EN

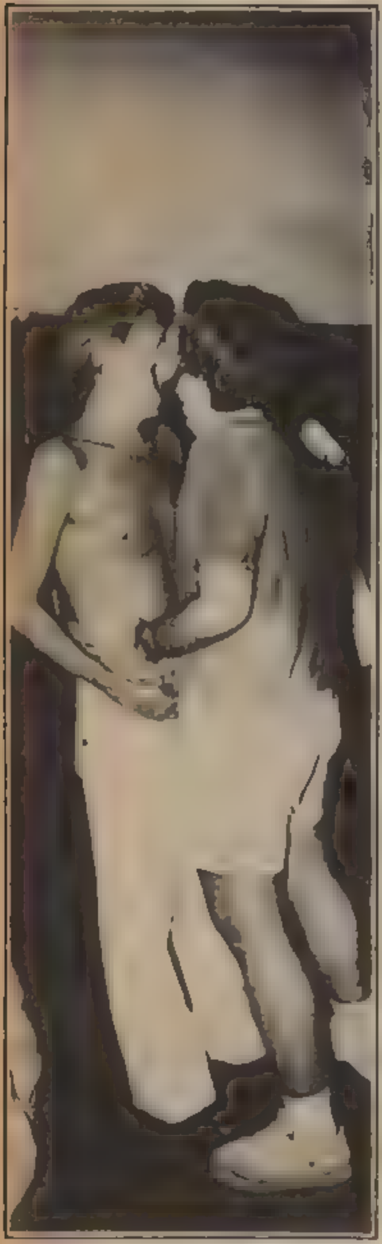
Ela encontrou o que queria

O turista e o mulato...



falaram...

a mesma língua



Não era terra de Arizona, mas os homens se encontraram

Respiração boca-a-boca

Fidel Castro reatando relações

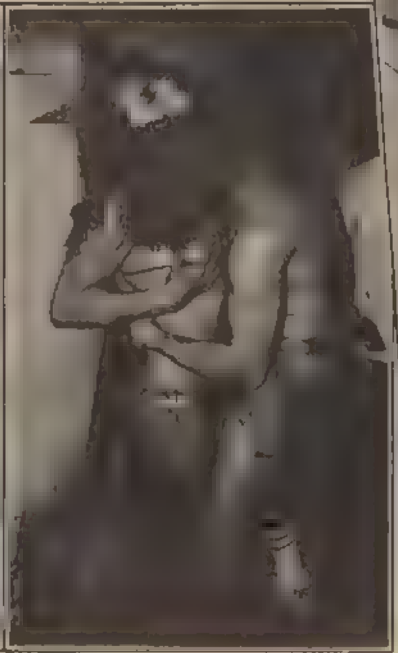
Arlete Salles e Erik, da TV-Globo, viram tudo

Hummmmmm...

XUTOS!

Ela agarrou ...

o diabo, mas...



não foi pelo rabo

Em lua-de-mel

SILICONE

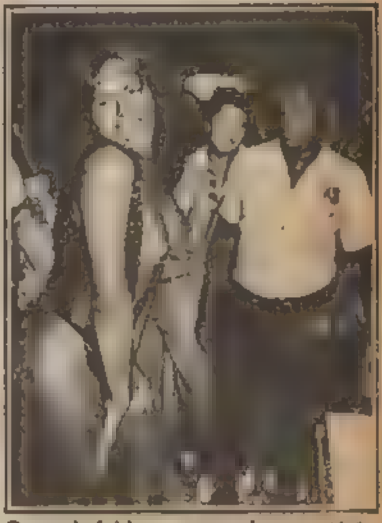
BUNDAS, PEITOS E COXAS DE PLÁSTICO

Brahma, preferência nacional

Ela escondeu o essencial

Nasce uma estrela

Trio elétrico



O guarda foi logo segurando o cassetete

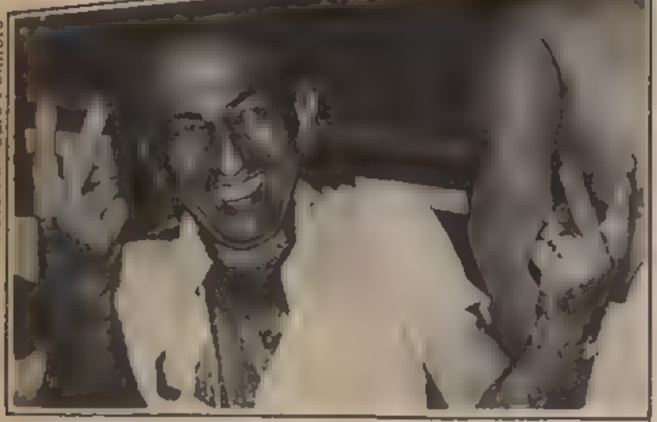
Desfile das Escolas na Marquês de Sapucaí

Fotos Chiquito Chaves

A FESTA VIP DO SAMBA

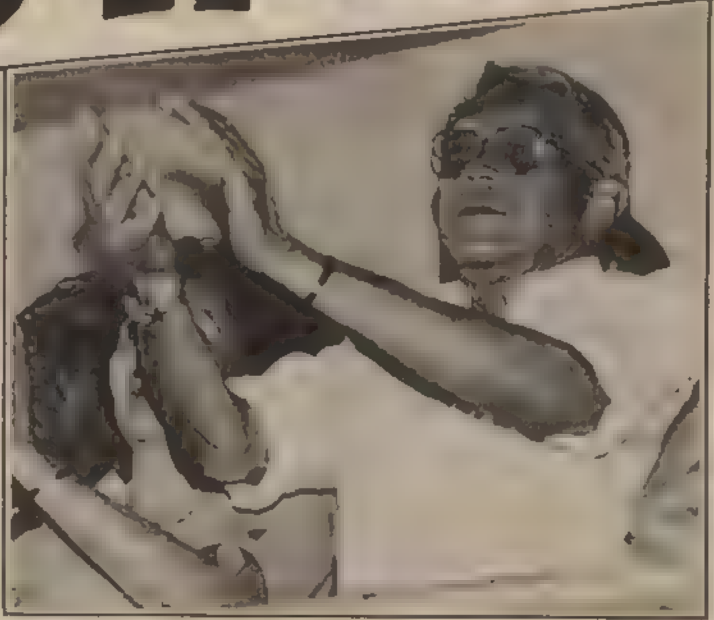
Foram dois desfiles. Do samba e das vaidades. Na noite de domingo, na Marquês de Sapucaí, grande espetáculo do carnaval carioca, personalidades, ministros, candidatos à Presidência da República — estava lá o chefe do SNI, general Octavio Medeiros — artistas, turistas, convidados de camarote saíram das boates e gabinetes e passaram pela pista numa grande festa paralela. A maior concentração de mulheres lindas da folia. Assistentes anônimos, menos ilustres, também tinham sua vez na passarela, numa confraternização dificilmente encontrável em outra época ou lugar. Os ambulantes exploravam a diferença: perto do doutor Pitanguy, médico famoso, a cerveja custava 300 pratas; logo adiante ela podia ser comprada a 150. Nos intervalos dos comes-e-bebes — que nos camarotes eram coisa finíssima — assistia-se à passagem das escolas, com a participação das arquibancadas, que faziam um grande coro de fundo, dando clima às duas festas.

Foto Custódio Coimbra



Anísio, solto e sorridente

Foto Custódio Coimbra



Eu quero aplaudir! (general Medeiros)

A geral dormia, arquibancada atenta

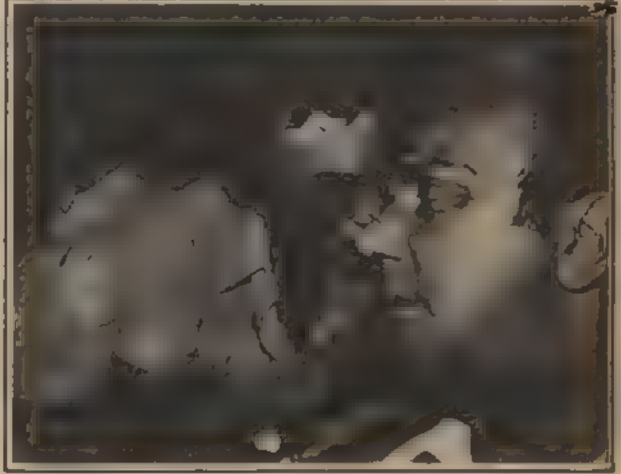
A cuíca do ministro do Trabalho. Samba-canção?

Fafá e o namorado

Foto Custódio Coimbra

Eduardo Mascarenhas e Christiane Torloni fazendo análise na avenida

Eles serraram a noite toda



A narigada de Miro

O italianinho do Pitanguy

Cesar Cals, ninguém é perfeito

Foto Custódio Coimbra

Os cornélios que respondam

Foto Custódio Coimbra

Carlinhos Maracanã (ao centro), o bicheiro da Portela

Foto Custódio Coimbra

Enquanto a escola não vinha, o desânimo

Esse cheirou demais

Jece Valadão e Napoleão Veloso, a confraternização do PP

Andreazza vendo o Salgueiro

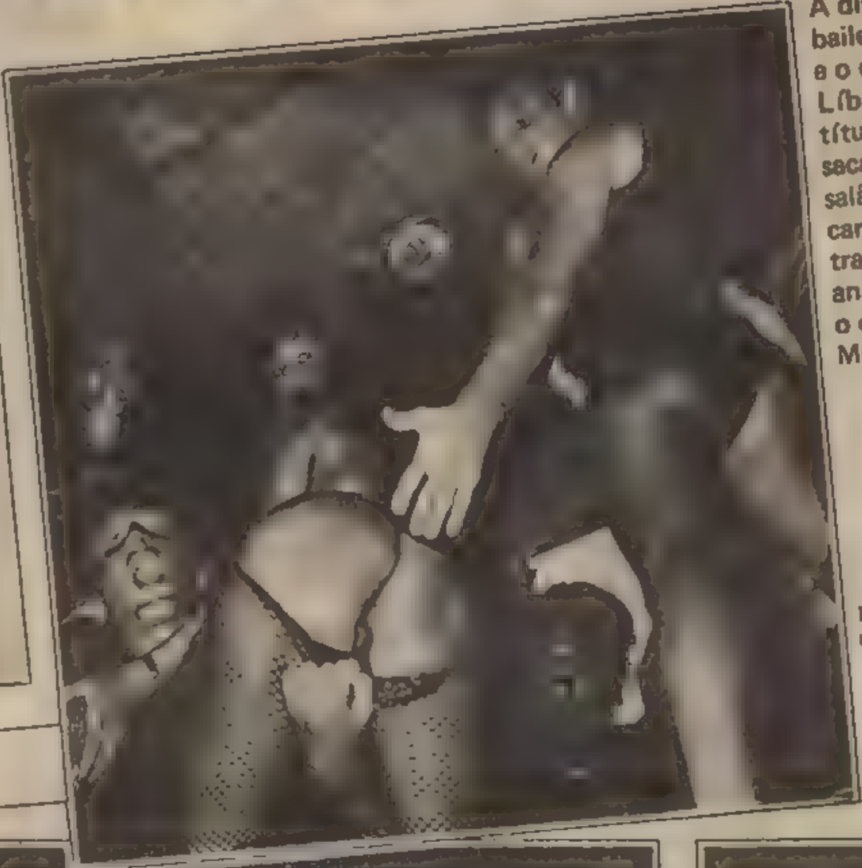
Jane Birkin, atriz francesa, caiu no samba

1ª taça do

Apontando armas

VERMELHO E PRETO

A disputa entre o baile do Flamengo e o do Monte Líbano pelo título de maior sacanagem de salão do carnaval carioca já é tradicional. Este ano, o Fla ganhou o campeonato. Mais um.



Mão biônica

Fotos
Chiquito Chaves

Mulher aranha

Mergulhando fundo

Doutor em lingüística

Até os cavalos mostraram a bunda

Meia volta volver

Esse foi convidado a sair

Mengo em 82

Fotos
Chiquito Chaves

NOITE DO ATLANTIC

Olha a sunga dele

Para 100 talheres

Sinal verde

O caçador da arca perdida

Esse invadiu a reserva indígena

Check-up

Pedindo a bênção

Ó EU AQUI, MÃEE!

No Baile do Ouro, Sírio Libanês, esse rapaz fez tudo para aparecer

Fotos Chiquito Chaves

Romance!

No meio da loucura, abraço e beijo na boca pareciam [illegible]

Vert, Blanc, Rouge

Baile do Turista, Sírio

Noite do Borogodó, cine São José

Noite do Borogodó

Baile do Diabo

Baile do Almirante

TUDO PRA FORA!

Novidade: em 82, as mulheres arrepiaram nos salões

Foto Chiquito Chaves

Homem também pode

Foto Américo Vermelho

Trânsito livre

Foto Chiquito Chaves

Com a delicadeza de um ginecologista

Foto Américo Vermelho

Calça, calcinha e...

Foto Chiquito Chaves

Ele cortou o pênis e ficou assim

Foto Américo Vermelho

Nem resfriado ela pegou

BUNDAS AO LÉU!

Gordas, murchas, rechonchudas, retas

Fotos Chiquito Chaves

De leve

Preparada para o melhor

Pequenina, mas resolve

Campeã do mundo

O biquíni ficou em casa

A dela não é grande coisa

Um palmo e meio

Fotos Chiquito Chaves

Línguas que voam

Quem queria aparecer, lambia o que estava mais próximo

Foto Américo Vermelho

TESÃO!

Cenas de desejo e prazer com birita e lança em cima

Foto Chiquito Chaves

Vem cá, gostoso!

Foto Chiquito Chaves

Aaaaaaaai...

Foto Américo Vermelho

Aperta, neném!

Foto Chiquito Chaves

Que boca!

Foto Custódio Coimbra

Crescendo, cresceu...

Foto Chiquito Chaves

Não, não, não!

Este ano todo mundo molhou o lenço.
Escancarado, sem medo. O lança-perfume foi liberado.

Fotos Chiquito Chaves e Custódio Coimbra

Puxa tudo, meu bem

Esse já decolou

CHEIRA!

E pra mim?

Que barato!

Haja nariz

Tem pra todos

REPORTER